MAHABHARATA

EM PORTUGUÊS

MAHABHARATA

ESCRITO PELO GRANDE SÁBIO KRISHNA DWAIPAYANA (VYASA) APROXIMADAMENTE **5000** ANOS ATRÁS.

UM REGISTRO DE EVENTOS QUE OCORRERAM NA TRANSIÇÃO DA ERA DE BRONZE (DWAPARA YUGA) PARA A ERA DE FERRO (KALI YUGA).

UMA BATALHA ENTRE DUAS GRANDES FAMÍLIAS GOVERNANTES INDIANAS, OCASIONADA POR UM JOGO DE DADOS, A QUAL RESULTOU EM GRANDE DESTRUIÇÃO.

COMPLETO

O MAHABHARATA

Um sumário Capítulo por Capítulo do grande épico Indiano, como um auxílio para encontrar passagens dentro dos originais 18 volumes.

Escrito por Duncan Watson.
(Traduzido do Inglês para o Português por Eleonora Meier em 2011)

14-Dez-92

O MAHABHARATA

Traduções por Kisari Mohan Ganguli e Pratap Chandra Roy. Versão de Pratap Chandra Roy publicada por Munshiram Monohorlal, Nova Delhi, Índia (Caixa Postal 5715, 54 Rani Jhansi Road, Nova Delhi-55): Terceira Edição, Setembro de 1972.

O Mahabharata foi escrito pelo grande sábio Krishna Dwaipayana (Vyasa) aproximadamente 5000 anos atrás. Ele registra eventos que ocorreram na transição da Era de Bronze (Dwapara Yuga) para a Era de Ferro (Kali Yuga). Ele fala de uma batalha entre duas grandes famílias governantes Indianas, ocasionada por um jogo de dados, a qual resultou em grande destruição.

Há 18 Volumes ou Parvas (há 18 Capítulos no Bhagavad Gita, a batalha durou 18 dias):

Livro	Volume	Parte		
I	**I**		Adi Parva	Introdução dos personagens, incluindo nascimento e linhagem.
II	**II**		Sabha Parva	Jogo de dados e exílio dos Pandavas.
	III	I	Vana Parva	Aventuras dos Pandavas na floresta. (Inclui o Ramayana).
III	**IV**	II	Virata Parva	13º ano de exílio dos Pandavas.
IV	**V**		Udyoga Parva	Declaração de guerra.
V	**VI**		Bhishma Parva	Batalha começa. Primeiros dez dias, até a morte de Bhishma (Generalíssimo do exército Kuru). O Bhagavad Gita se encontra no começo dessa parte.
VI	**VII**		Drona Parva	Próximos cinco dias, até Drona ser morto.
VII	**VIII**		Karna Parva	Mais dois dias, até a morte de Karna.
	IX		Salya Parva	Salya morre depois de metade de um dia. Fim da batalha com a maioria dos heróis mortos, incluindo Duryodhana.
	X		Sauptika Parva	Aswathaman destrói o exército Pandava remanescente.
	XI		Stree Parva	Reunião dos Pandavas com o rei Dhritarashtra depois da batalha.
VIII	**XII**	I	Shanti Parva	O agonizante Bhishma fala sobre todos os aspectos do conhecimento.
IX		II	Shanti Parva	Continuação.
X		III	Shanti Parva	Continuação.
	XIII	I	Anusasana Parva	Continuação.
XI		II	Anusasana Parva	Continuação.
XII	**XIV**		Aswamedhika Parva	Aconselhamento do enlutado Yudhishthira. Pandavas voltam para casa.
	XV		Asramavasika Parva	Dhritarashtra se retira para as florestas e morre depois de três anos. Bênção de Vyasa revocando as tropas da batalha por uma noite.
	XVI		Mausala Parva	36 anos após a batalha, morte de Krishna e outros heróis.
	XVII		Mahaprasthanika Parva	Pandavas morrem sucessivamente.
	XVIII		Swargarohnika Parva	Yudhishthira chega ao céu. Término da história.

Livro - um dos 12 livros físicos.
Volume - um dos 18 capítulos/volumes maiores.
Parte - divisões maiores.

A história é narrada por Sauti em um sacrifício de Saunaka. Sauti repete a estória dada integralmente por Vaisampayana, um estudante de Vyasa, para Janamejaya, o bisneto de Arjuna, em um Sacrifício de Cobras. Grande parte da batalha é narrada para Dhritarashtra como visto por Sanjaya através de visão divina.

VOLUME I – ADI PARVA

Prefácio da Tradução Inglesa.

1 Sumário, lamento de Dhritarashtra “nenhuma esperança de êxito”.
2 Visão geral dos capítulos e conteúdo.
3 Janamejaya, filho de Parikshit, provações Brahman, história de Utanka e brincos. Leva ao sacrifício de cobras.
4 Sauti se prepara para começar.
5 Brhigu, Rakshasa planeja levar sua esposa Puloma.
6 Nascimento de Chyavanna. Maldição sobre Agni (por informar o Rakshasa).
7 Resolução da maldição de Agni por Brahma.
8 Ruru e a donzela Pramadvara. Morte dela.
9 Pramadvara volta à vida.
10 Ruru não mata uma cobra que uma vez foi um Brahmana, agora amaldiçoado.
11 História da cobra – volta para forma humana.
12 Ruru pergunta por que Janamejaya quer destruir as cobras.
13 Jaratkaru, pai de Astika, é informado de que deve gerar um filho.
14 É oferecida uma moça, irmã do rei das cobras.
15 Astika deixado por Jaratkaru.
16 Filhas de Prajapati na Era Dourada – mil filhos e dois filhos.
17 Saunaka pergunta sobre o batimento do oceano de leite.
18 Batimento do oceano.
19 Combate com Asuras por causa do Amrita.
20 Kadru e Vinata apostam.
21 Descrição do oceano.
22 Descrição do oceano.
23 Vinata perde a aposta e se torna uma escrava. Garuda se torna uma ave enorme.
24 Surya resolve queimar os mundos.
25 Garuda e sua mãe, Vinata. Divisões de tempo.
26 Indra faz chuva cair sobre os Nagas.
27 Garuda questiona ordem das cobras.
28 Garuda ataca os Nishadas pelo Amrita.
29 Garuda ouve história do elefante e da tartaruga.
30 Garuda devora elefante e tartaruga. Os deuses se preparam para proteger o Soma.
31 Ato de descuido de Indra.
32 Garuda luta com os deuses.
33 Garuda pega o Amrita. Narayana lhe concede bênçãos. Indra pede amizade.
34 Garuda liberta sua mãe da maldição. Soma levado de volta para o céu. Línguas das cobras divididas por lamber erva Kusa.
35 Nomes das cobras são recitados.
36 A cobra mais velha, Sesha, sustenta o mundo.
37 Vasuki consulta com as cobras como evitar sua maldição.
38 As cobras são informadas como Astika abortará o sacrifício.
39 Vasuki planeja entregar irmã para Jaratkaru.
40 O rei Parikshit caçando joga uma cobra em um Muni. Ele é amaldiçoado.
41 A maldição.
42 Parikshit se prepara para evitar a mordida da cobra.
43 Parikshit é mordido.
44 Janamejaya é coroado.
45 Jaratkaru mandado gerar filhos por seus ancestrais.
46 Para Jaratkaru é oferecida a irmã de Vasuki.
47 A esposa de Jaratkaru concebe. Jaratkaru a deixa.
48 Astika cresce.
49 Janamejaya pergunta sobre a morte de seu pai.
50 Repetição da morte de Parikshit; Janamejaya resolve destruir as cobras.
51 Preparativos para o sacrifício.
52 Sacrifício – cobras queimam.
53 Rishis no sacrifício.
54 Astika é avisado de sua missão, e enviado.

55 Louvor ao sacrifício.
56 Para Astika é concedido um benefício: parar o sacrifício.
57 Nomes das cobras levadas pelo sacrifício.
58 Sacrifício das cobras termina.
59 Saunaka pede para o Mahabharata ser narrado.
60 Krishna-Dvaipayana vai até Janamejaya depois do sacrifício, e é pedido para relatar a história dos Kurus e Pandavas.
61 Sumário da história.
62 Sumário da história.
63 Rei Vasu, nascimento de Satyavati, nascimento de Vyasa. Resumo dos nascimentos dos personagens principais.
64 Criação de Parasurama. Era Krita. Terra vai até Brahma porque está ficando superlotada. Brahma promete encarnações.
65 Nascimento de todas as criaturas.
66 Genealogia de deuses e criaturas.
67 Relato da encarnação das divindades na terra, incluindo os cinco Pandavas.
68 Dushmanta, fundador da linhagem Paurava.
69 Vida de Dushmanta, caçando.
70 Dushmanta entra em uma floresta de ascetas.
71 Filha do Rishi, Sakuntala, relata seu nascimento.
72 Término da história do nascimento de Sakuntala.
73 Oito tipos de casamento. Dushmanta se casa com Sakuntala. Rishi retorna.
74 Sakuntala apresenta o filho para Dushmanta, que a recusa. Ela fala sobre a esposa, o filho, a verdade. Voz do céu confirma as palavras dela. Dushmanta a aceita e chama o filho de Bharata.
75 Genealogia de Daksha. Yati troca de idade com Puru.
76 Sukra, Kacha, Devayani. Comido e devolvido à vida.
77 Kacha recusa Devayani, que pede a ele para casar com ela.
78 Devayani é jogada no poço.
79 Sukra para Devayani.
80 Sarmishtha é feita servir Devayani.
81 Yayati se casa com Devayani.
82 Yayati faz Sarmishtha conceber.
83 Yayati é amaldiçoado por Sukra. Para evitar a decrepitude, Yayati pode transferi-la para outro, que será o governante sucessivo.
84 Puru é o único filho a aceitar a velhice de Yayati.
85 Puru recebe de volta sua juventude, e o reino.
86 Yayati na floresta.
87 Pedido por Indra, Yayati relata o que ele disse para Puru.
88 Yayati é derrubado do céu.
89 Yayati questionado por Ashtaka.
90 Yayati relata nascimento.
91 Ashtaka pergunta sobre Grihasthas, Bhikshus, Brahamacharins, Vanaprashthas e modos de vida Muni.
92 Ashtaka e Pratardana oferecem presentes para Yayati – Yayati recusa.
93 Vasumat e Sivi também oferecem para Yayati – todos eles ascendem para o céu.
94 Linhagem de Puru a Santanu.
95 Linhagem mais adiante em maiores detalhes.
96 Ganga e Mahabhisha são amaldiçoados a nascerem sobre a Terra.
97 Pratipa promete Santanu para Ganga.
98 Ganga afoga os primeiros 7 filhos, parte quanto o oitavo nasce.
99 Explicação do pecado (vaca da abundância) que causou o nascimento dele.
100 Santanu, Bhishma, e casamento de Satyavati com Santanu.
101 Santanu morre. Chitranganda morre em combate com Ghandarvas.
102 Bhishma rouba três filhas do rei de Kasi. Concede duas para Vichitravirya, que morre sem filhos logo depois. Oito tipos de casamento.
103 Satyavati pede para Bhishma casar e gerar filhos.
104 Bhishma relata história de Vali.
105 Vyasa é chamado para gerar filhos em Ambika e Ambalika.
106 Vyasa gera três filhos.

107 História de como Dharma veio a nascer. Empalação de Mandavya.
108 Deus da Justiça é amaldiçoado. Nenhum pecado nos primeiros 14 anos de vida das crianças.
109 Crescimento dos três filhos. Pandu se torna rei.
110 Dhritarashtra recebe uma esposa.
111 Kunti recebe bênção de invocar Deuses. Karna nasce.
112 Kunti escolhe Pandu.
113 Pandu recebe Madri. Pandu começa a conquistar o mundo.
114 Pandu vai para as florestas.
115 Cem filhos para Dhritarashtra. Ele é avisado para abandonar Duryodhana.
116 Filha de Dhritarashtra.
117 Filhos de Dhritarashtra.
118 Pandu é amaldiçoado por matar um veado.
119 Pandu se torna um asceta.
120 Quatro dívidas que nós temos neste mundo. Seis tipos de filhos. Pandu manda Kunti produzir descendência.
121 Kunti pede filhos de Pandu.
122 Pandu relata como as mulheres uma vez foram livres, mas devem agora aderir a um homem. Kunti é mandada chamar o Deus da Justiça.
123 Nascem os primeiros três filhos de Kunti. Adorações quando Arjuna nasce.
124 Madri dá à luz aos Aswins: Nakula e Sahadeva.
125 Pandu morre em relação sexual com Madri. Madri sobe na pira fúnebre.
126 O restante da família volta para Kurujungala.
127 Funeral.
128 Vyasa avisa Satyavati da aniquilação da linhagem. Duryodhana conspira contra os Pandavas. Tenta matar Bhima.
129 Bhima retorna depois de beber néctar da força. Todos os garotos são enviados para estudarem sob Gautama (Kripa).
130 Nascimento de Kripa e Kripi.
131 Nascimento de Drona, Aswatthaman. Drona recebe conhecimento de armas.
132 Drupada recusa amizade com Drona.
133 Drona é aceito por Bhishma para treinar os Kurus.
134 Kurus aprendem de Drona. Príncipe Nishada pratica na floresta, mas dá polegar direito quanto pedido. Teste com a ave na árvore.
135 Arjuna salva Drona de jacaré. Recebe arma Brahmasira.
136 Torneio para mostrar façanhas dos príncipes.
137 Torneio.
138 Karna entra na arena. Arjuna e Karna se preparam para combate.
139 Karna coroado rei de Anga.
140 Drupada é levado para Drona como taxa do preceptor.
141 Drona faz Arjuna prometer que lutará com ele quando chegar a hora.
142 Discurso de Kanika para Dhritarashtra sobre como lidar com inimigos. (mau!)
143 Sumário da conspiração para queimar os Pandavas na casa de laca.
144 Duryodhana e Dhritarashtra tramam exilar os Pandavas.
145 Pandavas decidem ir para Varanavata.
146 Duryodhana planeja para a casa de laca ser construída.
147 Pandavas partem para Varanavata, tendo sido avisados por Vidura.
148 Pandavas na casa de laca.
149 Mineiro vai até os Pandavas.
150 Pandavas põe fogo na casa, queimando uma mulher Nishada. Eles escapam.
151 Pandavas fogem em um barco.
152 A notícia do incêndio chega a Dhritarashtra.
153 Bhima consegue água para os irmãos. Eles dormem no chão.
154 Irmã de Rakshasa se apaixona por Bhishma.
155 Bhima luta com Hidimva (Rakshasa).
156 Bhima mata o Rakshasa.
157 Bhima casa com Hidimva; nascimento de Ghatotkacha.
158 Vyasa os manda para Ekachakra.
159 Pandavas moram na casa de um Brahmana.
160 Família do Brahmana dá discursos moralistas a respeito de quem deve ser

sacrificado.
161 Filha e filho pedem para ser sacrificados.
162 Brahmana fala para Kunti sobre Vaka.
163 Kunti promete que Bhima entregará a comida.
164 Kunti tranquiliza Yudhishthira.
165 Luta com Vaka.
166 Cidadãos vêem Vaka morto e questionam Brahmana.
167 Resumo da história de Draupadi.
168 Rememoração de Drona e Drupada (e linhagem).
169 Draupadi (Krishna) e Dhrishtadyumna nascem para Drupada.
170 Kunti e Yudhishthira decidem partir.
171 Pandavas partem para Panchala.
172 Arjuna derrota o rei dos Gandharvas.
173 História de Tapati.
174 História de Tapati.
175 História de Tapati.
176 Lenda de Viswamitra e Vasishtha (linhagem).
177 ...continua.
178 Vasishtha incapaz de se matar.
179 Reconciliado com Kalmashapada.
180 Vasishtha consola filho com história de Kshatriyas destruindo Bhrigus.
181 Aurva decide destruir todas as criaturas.
182 Aurva é apaziguado pelos Pitris.
183 Sacrifício destruidor de Rakshasas de Parasara é parado.
184 Kalmashapada é amaldiçoado por devorar um Brahmana.
185 Pandavas escolhem Dhaumya como seu sacerdote.
186 Pandavas partem para o swayamvara de Draupadi.
187 Cerimônia começa: teste é atirar cinco flechas através de um alvo.
188 Nomes daqueles que tentarão.
189 Tentativas de encordoar o arco. Karna é recusado por Draupadi.
190 Arjuna atira e ganha Draupadi.
191 Monarcas avançam em Drupada com raiva. Arjuna e Bhima resistem para protegê-lo.
192 O combate para. Krishna aquieta a multidão.
193 Todos os cinco decidem se casar com Draupadi. Krishna vai até eles.
194 Dhrishtadyumna segue Draupadi até a residência dos Pandavas.
195 ...continua.
196 Preparação para o casamento.
197 Pandavas revelam sua identidade. Confusão sobre como casá-la com cinco homens.
198 Vyasa aparece para explicar casamento quíntuplo para Drupada.
199 Vyasa explica sobre os cinco Indras, e Deuses de onde Draupadi e os Pandavas surgiram.
200 Drupada consente. O casamento acontece.
201 ...continua.
202 Notícias levadas para Duryodhana e Dhritarashtra.
203 Conspiração contra os Pandavas.
204 Conspiração.
205 Bhishma dá o veredicto – o reino ser dividido ao meio.
206 Drona e Karna falam.
207 Vidura fala.
208 Vidura convida os Pandavas a voltarem para o reino.
209 Aos Pandavas é dada metade do reino. Eles constroem Indraprastha.
210 Narada visita os Pandavas.
211 História de Sunda e Upasunda.
212 Irmãos Asura conquistam o mundo e os céus.
213 Tilottama é criada.
214 Irmãos Asura se destroem por ciúmes.
215 Para capturar ladrões Arjuna entra no aposento onde Yudhishthira estava com Draupadi. Arjuna tem que ir para as florestas.

216 Ulupi recebe Arjuna por uma noite.
217 Arjuna tem um filho com Chitrangada.
218 História de Vaga e quatro companheiras que foram transformadas em crocodilos.
219 ...continua.
220 Arjuna e Krishna se encontram.
221 Arjuna se apaixona por Bhadra, irmã de Krishna.
222 Arjuna rouba Bhadra.
223 Reunidos. Ciúmes de Draupadi. Filhos de todos os Pandavas.
224 Piquenique e festa.
225 Agni vai até Krishna e Arjuna. Explicação do motivo pelo qual Agni deve queimar a floresta.
226 Brahman diz para Agni pedir a ajuda de Krishna e Arjuna.
227 Krishna e Arjuna recebem carro e armas.
228 O fogo começa. Krishna e Arjuna impedem as criaturas de escapar.
229 Eles lutam com os celestiais.
230 O fogo continua. Maya é protegido.
231 Quatro aves, filhos de Mandapala, escapam.
232 Quatro aves pequenas e mãe.
233 Mãe pássaro parte.
234 Agni deixa as quatro aves que se dirigem a ele com um hino.
235 Aves pais retornam. Pai repreende mãe por rejeitá-lo.
236 Agni queima a floresta. Concede benefícios para Krishna e Arjuna. Deixa Arjuna, Krishna e Maya na margem do rio.

VOLUME II – SABHA PARVA

1 Maya pedido para construir um palácio em retribuição pelo salvamento do fogo.
2 Krishna deixa os Pandavas.
3 Maya constrói o palácio.
4 Yudhishthira entra no palácio.
5 Narada questiona Yudhishthira sobre as ações/deveres de um rei.
6 Yudhishthira pergunta sobre salões de reunião celestes.
7 Pushkaramalini (Mansão de reuniões de Indra).
8 Casa de reuniões de Yama.
9 Casa de reuniões de Varuna.
10 Casa de reuniões de Kuvera.
11 Sabha de Brahma.
12 Atos de Harischandra levam-no para a mansão de Sakra. Yudhishthira ouve sobre o sacrifício Rajasurya.
13 Yudhishthira consulta sobre o sacrifício. Ele questiona Krishna.
14 Krishna o adverte do poder de Jarasandha.
15 Eles discutem atacar Jarasandha.
16 Arjuna fala – opinião é lutar.
17 Krishna relata nascimento do filho do rei Vrihadratha.
18 História.
19 Jarasandha obtém o trono.
20 Krishna, Arjuna e Bhima partem para lutar com Jarasandha.
21 Entram na cidade. Derrubam um topo. São recebidos no palácio.
22 Encontro com Jarasandha. Resolvem lutar.
23 Luta começa. Jarasandha se cansa no 14º dia.
24 Jarasandha é morto. Reis aprisionados são libertados. Presentes feitos para Yudhishthira.
25 Pandavas partem para subjugar o mundo – Norte, Sul, Leste e Oeste.
26 Arjuna vai para o Norte.
27 Arjuna.
28 Bhima vai para o Leste.
29 Bhima.
30 Sahadeva no Sul. Rei Nila e Agni cessam uma luta.
31 Nakula no Oeste.

32 Yudhishthira começa o sacrifício.
33 Reis chegam, incluindo Dhritarashtra e Duryodhana.
34 Tributos trazidos.
35 Narada está consciente da verdadeira posição de Krishna e deuses encarnados.
36 Sisupala, rei de Chedi, fala contra oferta do Arghya para Krishna.
37 Yudhishthira e Bhishma falam para Sisupala.
38 Sisupala incita os monarcas a interromper o sacrifício.
39 Yudhishthira consulta Bhishma.
40 Sisupala critica Bhishma.
41 Bhima fica zangado.
42 História do nascimento de Sisupala – ele zurrou como um asno.
43 Sisupala continua criticando Bhishma – compara-o com a ave Bhulinga, a qual prega contra a imprudência, mas come da boca dos leões. Bhishma desafia os reis a combaterem Krishna.
44 Krishna corta a cabeça de Sisupala com seu disco. O sacrifício termina. Monarcas vão para casa exceto Duryodhana e Sakuni.
45 Vyasa fala para Yudhishthira que por 13 anos haverá presságios nas regiões celestes, atmosféricas e terrestres, terminando com a queda dos Kshatriyas. Deprime Yudhishthira que promete nunca discutir com ninguém.

46 Duryodhana volta para casa, ciumento e embaraçado (depois de cair no lago, etc., iludido no palácio dos Pandavas de Maya).
47 Duryodhana e Sakuni tramam contra os Pandavas.
48 Dhritarashtra concorda em deixar o jogo de dados começar com os Pandavas. Vidura enviado para os Pandavas.
49 Dhritarashtra tenda dissuadir Duryodhana.
50 Duryodhana descreve tributos feitos para Yudhishthira.
51 Idem.
52 Idem.
53 Dhritarashtra se dirige novamente a Duryodhana.
54 Duryodhana tenta dominar seu pai.
55 Dhritarashtra cede. Pandavas mandados buscar. Salão construído.
56 Vidura se queixa. Dhritarashtra se resigna ao destino.
57 Pandavas vão para Hastinapura.
58 Sakuni persuade Yudhishthira a jogar.
59 O jogo começa.
60 Jogo. Yudhishthira perdendo tudo.
61 Vidura implora para Dhritarashtra deixar Duryodhana ser morto.
62 Vidura falando.
63 Duryodhana revida.
64 Yudhishthira perde o restante da riqueza, Pandavas e Draupadi.
65 Vidura fala contra a vitória.
66 Draupadi arrastada para o salão.
67 Tentativa de despir Draupadi – Dharma repõe os mantos. Citação de Prahlada sobre responder a pergunta de Draupadi.
68 Bhishma questionado por Draupadi quanto a se ela foi ganha.
69 Pandavas pedidos para falar. Bhima fala.
70 Discussão ulterior. Dhritarashtra oferece dois benefícios para Draupadi. Os Pandavas são libertados.
71 Bhima está furioso.
72 Dhritarashtra liberta os Pandavas.
73 Conspiração para jogar novamente e exilar os Pandavas. Dhritarashtra concorda desconsiderando Drona, etc.
74 Dhritarashtra desconsidera Gandhari.
75 Retorno ao jogo de dados e jogada pelo exílio.
76 Pandavas partindo, prometendo destruir os Kurus em batalha.
77 Partida.
78 Kunti lamenta.
79 Drona prediz grande calamidade pelos maus presságios.
80 Sanjaya se dirige a Dhritarashtra.

VOLUME III – VANA PARVA

(Parte I)

1 Pandavas deixam Hastinapura seguidos pelos cidadãos.
2 Yudhishthira e um Brahmana discutem causas de miséria, apego à riqueza, inação, oito deveres que constituem o caminho verdadeiro.
3 Cento e oito nomes para o sol. Yudhishthira canta hino para o sol para assegurar alimento para os Brahmanas.
4 Vidura fala com Dhritarashtra. Dhritarashtra o desrespeita.
5 Vidura vai até os Pandavas.
6 Dhritarashtra pede para Vidura voltar para casa.
7 Duryodhana e bando partem para matar os Pandavas. Vyasa os faz voltar.
8 Vyasa fala para Dhritarashtra.
9 Vyasa relata história de Indra e Suravi (Mãe das Vacas).
10 Rishi Maitreya chega. Amaldiçoa Duryodhana.
11 História de como Bhima matou o Rakshasa Kirmira.
12 Draupadi desabafa todas as suas aflições para Krishna.
13 Krishna diz que o jogo de dados não teria começado se ele tivesse estado lá.
14 Krishna descreve seu combate com Salwa e Davanas.
15 Salwa atacando Dwaravati (enquanto Krishna estava longe).
16 Filho de Krishna lutando com os Davanas.
17 Pradyumna cai em combate.
18 Pradyumna diz para o cocheiro dirigir de volta para o combate.
19 Pradyumna abate Salwa, mas é impedido de matá-lo.
20 Krishna retorna então parte e começa a lutar com Salwa.
21 Luta.
22 Krishna destrói Salwa. Retorna dos Pandavas para Dwaraka.
23 Pandavas se dirigem mais além na floresta.
24 Vão para o Lago Dwaitawana.
25 Markandeya chega, palavras 'Eu sou poderoso.'
26 Brahmanas vão até os Pandavas.
27 Draupadi se queixa com Yudhishthira.
28 Draupadi usa discussão Vali-Prahlada para falar sobre perdão.
29 Yudhishthira fala sobre perdão e raiva.
30 Draupadi se queixa mais, sobre o destino.
31 Yudhishthira fala em retorno sobre religião e frutos da virtude.
32 Draupadi fala mais sobre êxito, destino de vidas anteriores, prosperidade.
33 Bhima fala longamente sobre virtude, riqueza, prazer. Encoraja Yudhishthira a lutar.
34 Yudhishthira replica, pedindo paciência.
35 Bhima ainda zangado – incita ação.
36 Vyasa chega e avisa Yudhishthira de que Arjuna obterá armas.
37 Arjuna parte. Viaja para o Norte até que encontra Sakra. Pratica austeridades.
38 Viagem de Arjuna através de florestas.
39 Arjuna combate Siva, e perde. Vê Siva.
40 Siva dá para Arjuna a arma Brahmasira. Arjuna vai para o céu.
41 Arjuna recebe armas dos deuses.
42 Arjuna levado para a residência de Indra.
43 Arjuna encontra Indra no céu.
44 Obtém armas. Chitrasena o ensina música e canto.
45 Urvasi enviada para Arjuna.
46 Arjuna recusa Urvasi. Ela o amaldiçoa a passar algum tempo entre as mulheres, desrespeitado, como um dançarino (útil no 13º ano do exílio – Virata Parva XI).
47 Lomasa enviado como mensageiro de Indra para Yudhishthira.
48 Dhritarashtra ouve sobre Arjuna no céu.
49 Dhritarashtra e Sanjaya discutem destino futuro em batalha.
50 Alimento que os Pandavas comem na selva.
51 Batalha discutida mais (entre Dhritarashtra e Sanjaya).
52 Bhima novamente pede para Yudhishthira lutar. Bhima é pacificado. Rishi Vrihadswa chega para narrar história de Nala e Damayanti (pessoa mais miserável).

(--- Nala & Damayanti ---)

53 Nascimento de Damayanti de Bhima. Nala e Damayanti ouvem a respeito um do outro.
54 Damayanti terá seu swayamvara. Deuses e Nala partem.
55 Nala enviado pelos Deuses para Damayanti como um mensageiro.
56 Nala dá o recado, mas Damayanti escolhe Nala na cerimônia.
57 Nala escolhido. Bênçãos concedidas pelos celestiais. Damayanti tem um filho e uma filha (ambos chamados Indrasena).
58 Deuses encontram Kali no seu caminho de volta para o céu. Kali fica zangado.
59 Kali possui Nala no 12º ano quando ele falha em lavar seus pés. Jogo de dados inicia – Nala perde tudo.
60 Nala desconsidera tudo. Filhos transferidos para Vidarbha.
61 Pushkara ganha tudo. Nala banido. Aves voam levando sua roupa.
62 Dormindo em um abrigo, Nala, depois de várias tentativas, deixa Damayanti com metade das roupas deles.
63 Damayanti desperta. Corre procurando por Nala. Uma cobra a captura, mas ela é libertada por um caçador. Ele tenta estuprá-la – a maldição dela o mata.
64 Encontra Rishis que a asseguram de que tudo terminará bem. Encontra comboio de caravana.
65 Caravana é destruída por manada de elefantes. Damayanti vaga na cidade dos Chedis. É aceita pela rainha mãe.
66 Nala liberta um Rishi da forma de cobra. Morde Nala e então muda de forma. Nala instruído sobre onde ir, o que fazer.
67 Nala empregado na cidade de Rituparna.
68 Bhima envia Brahmanas para procurarem Nala e Damayanti. Damayanti é finalmente encontrada.
69 Damayanti retorna para os pais. Procura por Nala fortalecida.
70 Nala localizado. Sudeva enviado com mensagem sobre segundo swayamvara de Damayanti.
71 Nala é cocheiro para Rituparna. Varshneya suspeita que ele seja Nala.
72 Nala troca conhecimento de cavalos por conhecimento dos dados. Kali deixa seu corpo.
73 Rituparna chega e é bem recebido. Nenhum sinal de Nala para Damayanti. Nenhum swayamvara.
74 Kesini enviada por Damayanti para descobrir a identidade do motorista da carruagem.
75 Kesini reconhece Nala pela água, fogo, e gosto da carne que ele cozinha.
76 Nala e Damayanti reunidos.
77 Rituparna volta para casa.
78 Nala leva a melhor sobre Pushkara nos dados. Manda-o embora para sua velha cidade.
79 História concluída. Yudhishthira aprende ciência dos dados de Vrihadaswa.
---
80 Pandavas se afligem pelo retorno de Arjuna.
81 Narada vai até os Pandavas. História de Bhishma e Pulastya.
82 Descrição de onde visitar lugares sagrados.
83 Viagem por lagos, descrições de (Pursa-) Rama e Mankamada (suco vegetal fluiu da mão dele).
84 Viagem por vaus sagrados.
85 Pulastya completa descrição para Bhishma. Termina em Prayaga. Menção de grandes Rishis (Valmiki, Kasyapa, Atreya, Kundajathara, Viswamitra, Gautama, Asita, Devala, Markandeya, Galava, Bharadwaja, Vasishtha, mais Munis: Uddalaka, Saunaka, Vyasa, Durvasas, Javali. Narada, Lomasa).
86 Yudhishthira deseja ir-se embora das florestas.
87 Dhaumya começa a relatar tirthas no leste para Yudhishthira.
88 Dhaumya continua (sul).
89 Dhaumya continua (oeste).
90 Dhaumya continua (norte).
91 Lomasa chega e relata mensagem de Sakra para Yudhishthira.
92 Pandavas partem para visitar os tirthas sagrados.
93 Partem com as bênçãos de Lomasa, Vyasa, Parvata e Narada.
94 Yudhishthira pergunta como é que ele tem mérito, mas também grande tristeza.
95 Começo da viagem aos tirthas. Shamatha conta dos sacrifícios de Gaya.
96 Lomasa relata história de Ilwala, Vatapi (saiu das pessoas depois de ter sido comido por elas), Lopamudra.
97 Agastya se casa com Lopamudra. Ela deseja cama confortável para relação sexual.
98 Agastya parte em busca de riqueza. Todos os reis têm renda e despesa iguais. Vai para Ilwala.
99 Vatapi cozido e oferecido – é digerido por Agastya. Ele recebe riqueza. Concede filha Drishasyu para Lopamudra. Também história de Rama perdendo sua força. Rama encontra Rama.
100 História da era Krita. Dadhicha entrega seus ossos para a construção do Vajra para a destruição de Vritra.

101 Indra mata Vritra. Davanas se retiram para o mar e tramam destruição.
102 Davanas começam a comer Munis à noite.
103 Os deuses vão até Agastya (filho de Mitra e Varuna) pedir a ele para secar o oceano.
104 Agastya impede Vindhya de obstruir o caminho do sol.
105 Mar secado, mas Agastya não pode trazê-lo de volta!
106 História de Sagara – sessenta mil filhos, mais um filho.
107 Sacrifício de cavalos de Sagara. 60.000 filhos queimados por Kapila. Outro filho abandonado. Linhagem de neto.
108 Bhagiratha através de austeridades pede a Ganga para levar os 60.000 ancestrais para o céu. Siva para segurar o retorno de Ganga para a terra.
109 Ganga cai à terra, inunda local dos ancestrais, enche o mar.
110 História do rei de Anga e Rishyasringa – aliviar seca.
111 Mulher vai tentar Rishyasringa.
112 Rishi retorna – filho descreve a visita.
113 Rishyasringa vai para Anga. Chuva cai. Casado com Santa. Vibhandaka apaziguado.

(Parte II)
114 Vaus sagrados.
115 História de Rama (filho de Jamadagni) e Arjuna (Haihaya).
116 Rama mata sua Mãe, então a devolve à vida.
117 Pai de Rama assassinado. Rama extermina todos os seguidores da casta militar. Deixa cinco lagos de sangue.
118 Vaus sagrados. Krishna e Balarama vão até os Pandavas.
119 Balarama fala contra Duryodhana.
120 Satyaki, Krishna e Yudhishthira falam.
121 Viagem continua. Menções às eras Treta e Kali.
122 História de Chayavana, olhos sendo perfurados por Sukanya.
123 Aswins fazem Chayavana jovem novamente. Ele lhes promete suco Soma.
124 Indra tenta impedir oferenda de Soma para os Aswins. Chayavana paralisa seu braço e volve um demônio sobre ele.
125 Indra cede. Demônio libertado (torna-se álcool, jogo, mulheres).
126 Nascimento de Mandhata do lado de seu pai, depois de beber água sacrifical.
127 Rei Somaka tem um filho – Jantu.
128 Jantu santificado por 100 filhos. Rei mais tarde se junta ao sacerdote no inferno por cometer o pecado.
129 Viagem.
130 Campo Kuru, Daksha declara que tudo que morre sobre ele irá para o céu.
131 Falcão e pombo e Usinara.
132 Ashtavakra, filho de discípulo de Uddalaka. Pai derrotado em controvérsia com Vandin e afogado.
133 Ashtavakra ganha admissão a Vandin por responder questões: Trovão, relâmpago, miséria, morte. Cocheiro vento, nuvem ou mente. Peixe = ser masculino sempre consciente. Ovo não se move quando produzido. Pedra, nenhuma essência como uma alma a qual renunciou conexão com o corpo. Rio aumenta por sua própria velocidade, como o coração de um Yogue.
134 **Ashtavakra derrota Vandin em discussão aumentando 1,2, ... 13.**
135 Bharadwaja e Raivya. Yavakri faz austeridades para aprender os Vedas.
136 Morte de Yavakri.
137 Bharadwaja se aflige, amaldiçoa Raivya, e então renuncia à vida.
138 Todos devolvidos à vida.
139 Lomasa avisa Yudhishthira para tomar cuidado no próximo passo da viagem.
140 Parte mais austera da viagem até agora começa.
141 História de Vishnu matando Daitya Naraka, e javali erguendo um mundo afundado na Era Krita.
142 Movem-se em direção ao monte Gandhamadana.
143 Draupadi cai por exaustão. Bhima chama Ghatotkacha.
144 Carregada por Rakshasas para o encantador eremitério de Nara e Narayana.
145 Bhima parte em busca de flores para Draupadi. Macaco (Hanuman) obstrui seu caminho.
146 Bhima não pode deslocar o rabo do Macaco.
147 **Hanuman conta história de Rama em resumo.**
148 Hanuman descreve os 4 Yugas.
149 Hanuman mostra sua forma completa. Descreve deveres Kshatriya para Bhima.
150 Bhima e Hanuman partem.

151 Bhima parte em direção ao lago de lotos dourados.
152 Aproxima-se do lago. Desafiado por guardas Rakshasas.
153 Bhima derrota os guardas; colhe lotos. Kuvera (deus da riqueza) permite isto.
154 Sinais do combate. Bhima é encontrado por irmãos e Draupadi.
155 Retorno ao eremitério de Nara e Narayana.
156 Rakshasa Jatasura sequestra os Pandavas. Bhima o mata.
157 Pandavas viajam para romântica floresta nas montanhas para esperar Arjuna.
158 Recebidos pelo sábio Arshtishena.
159 Draupadi pede a Bhima para ir para o topo. Bhima luta com Rakshasas.
160 Pandavas chegam. Kuvera, senhor dos tesouros, chega. Não está zangado com Bhima. Relata como predestinado, e o liberta da maldição de Agastya.
161 Kuvera fala para Yudhishthira. Parte.
162 Arshtishena e Dhaumya falam para os deuses, dia e noite.
163 Retorno de Arjuna está perto.
164 Arjuna retorna.
165 Purandara visita os Pandavas.
166 Arjuna começa a relatar história: luta com Siva.
167 Arjuna recebe armas de Indra. Enviado para matar Davanas.
168 Luta começa.
169 Luta.
170 Luta com ilusão.
171 Luta terminada.
172 Arjuna também destrói Asuras na cidade flutuante.
173 Conclui história.
174 Arjuna é impedido de exibir armas.
175 Bhima deseja voltar para lutar com Duryodhana. Pandavas partem.
176 Deixam montanha e se dirigem para os Himalayas.
177 Bhima se divertindo nas colinas. Agarrado por uma serpente.
178 Cobra explica maldição. Bhima está fraco.
179 Yudhishthira faz perguntas para a cobra (sábio Nahusha) sobre reconhecimento de Brahma.
180 Mais discussão sobre transmigração da alma, mente e intelecto. Voltam para casa.
181 Estação chuvosa começa.
182 **Krishna, Narada e Markandeya todos vão até os Pandavas. Markandeya fala sobre atos dos homens e resultados neste mundo e no seguinte.**
183 Grandeza dos Brahmanas.
184 Gautama e Atri.
185 Tarkshya perguntando para Saraswati o que é melhor fazer.
186 **Lenda do Peixe. Manu com Arca (similar a Noé).**
187 **Descrição do Kali Yuga, dissolução do Universo.**
188 Criador se dirigindo a Markandeya.
189 Descrição do fim do Kali Yuga.
190 Início da era Krita. Yudhishthira também pergunta do seu dever.
191 Poder dos Brahmanas – história dos corcéis Vami de Vamadeva.
192 Vaka responde para Indra sobre Alegria e Tristeza dos imortais.
193 Grandeza dos Kshatriyas.
194 Grandeza dos Kshatriyas.
195 Grandeza dos Kshatriyas.
196 Rei Sivi, Agni e Indra como Falcão e Pombo.
197 Narada conta para quatro grandes reis quem cairá do céu primeiro, e por que.
198 Pergunta sobre o de vida mais longa. História de Indradyumna, coruja, garça, tartaruga.
199 Muito mais questões: caridade, Brahmanas.
200 História de Dhundhumara. Vishnu fala para Utanka.
201 Vrihadaswa encontrado por Utanka.
202 Criação de Vishnu. Madhu e Kaitaba (Filho Dhundhu).
203 Kuvalaswa mata Dhundhu.
204 Yudhishthira pergunta sobre deveres das mulheres castas.
205 **História de Brahmana Kausika e a garça, e a mulher.**
206 **Caçador discute virtude com Kausika.**
207 **Caçador discute Karma com Kausika.**
208 **Caçador relata nascimento e morte. Karma. Fruto das ações.**

209 17 elementos sutis.
210 5 elementos maiores. Autodomínio.
211 Guna.
212 Fogos vitais (prana).
213 Levado para pais do caçador.
214 Brahmana avisado para voltar para os pais. Existência anterior do caçador.
215 Brahmana volta para casa.
216 Yudhishthira pergunta sobre fogo e deus do fogo.
217 Filhos de Angiras e Subha.
218 Fogos filhos de Vrihaspati.
219 Deuses, incluindo aqueles que obstruem sacrifícios (note Mitra Persa).
220 Mais sobre fogos.
221 Atharvan traz fogo de volta.
222 História de Kartikeya. Indra derrota Kesin.
223 Indra procura por marido para Devasena.
224 Agni se casa com Swaha. Poderoso Skanda nasce (6 esposas de 7 Rishis).
225 Sakra teme matar Skanda.) Referências a 3º, 4º, 5º
) dias, etc. do mês lunar.
226 Indra perfura Skanda com raio. Novo Skanda.
227 Seguidores de Skanda. Mulheres se tornam mães do mundo.
228 Deveres de Sakra. Skanda se casa com Devasena.
229 Maus espíritos que habitam entre os homens: menos que 16; 16-70; livre de 70.
230 Batalha entre Deuses com Skanda, e Asuras. Nomes de Skanda.
231 Draupadi explica para Satyabhama como ela trata seus maridos.
232 Draupadi diz como adorar Krishna como um marido.
233 Krishna e Satyabhama partem.
234 Conversa na corte Kuru dos Pandavas. Frutos de ações.
235 Sakuni fala de ir menosprezar os Pandavas.
236 Karna, Sakuni, Duryodhana tramam visitar gado perto dos Pandavas.
237 Dhritarashtra é influenciado a dar permissão.
238 Duryodhana se aproxima do lago onde Yudhishthira está. Encontra Gandharvas.
239 Combate com Gandhavas.
240 Pandavas são pedidos para ajudar depois que Duryodhana é feito prisioneiro.
241 Yudhishthira promete ajuda.
242 Combate entre Arjuna e Gandhavas.
243 Combate termina abruptamente.
244 Duryodhana libertado – envergonhado.
245 Encontra-se com Karna.
246 Duryodhana relata sua derrota e libertação.
247 Duryodhana e seguidores mergulhados em tristeza.
248 Karna tenta alegrá-lo. Duryodhana deseja morrer.
249 Duryodhana levado perante Davanas.
250 Duryodhana influenciado pelos Davanas a lutar.
251 Mais conspiração contra os Pandavas.
252 Karna subjuga cidades vizinhas.
253 Preparação para sacrifício Vaishnava.
254 Convites para todos os Reis.
255 Término. Karna promete matar Arjuna em combate.
256 Veado pede para Yudhishthira deixar a floresta.
257 Vyasa vai aos Pandavas. Conversa sobre renascimento, frutos das ações.
258 Cereais de Mudgala e Durvasa.
259 Descrição do céu. Mudgala recusa e fixa sua mente em atingir Para Brahma.
260 Durvasa visita Duryodhana. Enviado para os Pandavas.
261 Krishna pega um grão de arroz e satisfaz Durvasa e seguidores, que fogem antes do banquete.
262 Rei de Sindhu se depara com Draupadi.
263 Eles se aproximam de Draupadi.
264 Draupadi fala.
265 Jayadratha convida Draupadi para ir embora com ele.
266 Draupadi é raptada à força.
267 Pandavas voltam e perseguem.

268 Pandavas são vistos se aproximando.
269 Draupadi libertada em luta. Jayadratha foge.
270 Jayadratha capturado e desonrado. Libertado.
271 Yudhishthira pergunta para Markandeya como Draupadi foi capturada.
(--- História do Ramayana ---)
272 Nascimento de Ravana, Rama, Sita.
273 Ravana e seus irmãos ganham bênçãos de Brahma.
274 Nascimento de Deuses para a destruição de Ravana.
275 História de Rama. Exílio.
276 Sita é raptada.
277 Jatayu (rei Urubu) ataca Ravana e é morto.
278 Rama ajuda luta entre Sugriva e Vali. Sita é ressegurada por mulher Rakshasa da chegada de Rama.
279 Ravana tenta seduzir Sita.
280 Tropas de Sugriva procuram por Sita. Hanuman retorna com uma descoberta.
281 Ponte construída sobre o oceano. Vibhishana vai até Rama.
282 Batalha começa.
283 Heróis medem forças uns com os outros.
284 Macacos triunfando. Ravana provoca Kumbhakama.
285 Kumbhakama morto.
286 Indrajit luta. Rama e Lakshmana caem.
287 Indrajit morto. Avindhyu impede Ravana de matar Sita.
288 Ravana é morto.
289 Rama e Sita reunidos.
---
290 Yudhishthira consolado por Markandeya.
291 Mérito puro de Savitri. História começa.
292 Savitri escolhe Satyavan, que morrerá em um ano.
293 Savitri se casa.
294 Dia da morte de Satyavan chega. Savitri vai para os bosques com ele.
295 Savitri obtém bênçãos de Yama, e devolve a vida a Satyavan.
296 Volta para casa.
297 Boa sorte para todos. História termina.
298 Sol tenta dissuadir Karna de doar brincos e armadura.
299 (Idem).
300 Sol recomenda que Karna aceite um dardo infalível em troca da armadura.
301 História de Karna. Filha de Kuntibhoja para servir Brahmanas.
302 Pritha serve Brahmana.
303 Brahmana parte deixando benefício para Kunti.
304 Kunti invoca o deus sol.
305 Sol concede filho para Kunti, deixando-a casta.
306 Kunti dá à luz, coloca criança no rio em um cesto.
307 Karna cresce.
308 Karna dá para Indra sua armadura e brincos em troca de um dardo que destruirá um inimigo poderoso.
309 Pandavas partem atrás de um veado com galho preso em seus chifres.
310 Quatro Pandavas um por vez partem em busca de água. Cada um cai morto perto do lago.
311 **Yudhishthira responde questões do grou. Grou permite que um viva. Yudhishthira escolhe Nakula – todos são ressuscitados.**
312 Grou identificado como Senhor da Justiça. Concede benefícios para Yudhishthira. (Seis: fome, sede, tristeza, rudeza do sentimento mortal, decrepitude, morte – 2 na primeira, 2 na segunda, e 2 na terceira parte da vida).
313 Preparação para viver 13º ano de exílio em disfarce.

VOLUME IV – VIRATA PARVA

1 Pandavas decidem passar o tempo (no reino de) Virata. Yudhishthira como um cortesão.
2 Bhima será um cozinheiro. Arjuna um eunuco.

Nakula treinará cavalos. Sahadeva, vacas. Krishna uma criada.
Instruídos sobre como se comportar em frente a um rei.
Guardam armas na árvore. Entram na cidade.
Invocam e cultuam deusa Durga.
Yudhishthira pega posto como jogador de dados com o rei.
Bhima pega posto na cozinha.
Draupadi como criada para a filha da rainha.
Sahadeva como chefe vaqueiro.
Arjuna eunuco ensinando canto e dança para a filha da rainha.
Nakula pega chefia do cuidado dos cavalos.
Bhima feito combater e bater atletas principais.
General Kichaka tenta cortejar Draupadi.
Draupadi enviada para levar vinho para Kichaka.
Kichaka luta para pegar Draupadi. Ela escapa para o pátio.
Draupadi vai para o aposento de Bhima.
Queixa-se da aflição na corte.
(Idem).
(Idem).
Draupadi pede a Bhima para matar Kichaka.
Arranja para encontrar Kichaka no salão de dança. Ele encontra Bhima que esmaga Kichaka.
Parentes se preparam para queimar Draupadi na pira mortuária. Bhima mata 105 deles. Eles libertam Draupadi.
Alarme no reino. Pedida para partir. Draupadi pede 13 dias.
Os espiões de Duryodhana voltam para casa. A morte de Kichaka é conhecida.
Mais espiões mandados para procurar.
Drona fala.
Bhishma fala das qualidades do local onde os Pandavas residem.
Kripa fala de táticas para o confronto vindouro.
Decidem invadir o reino de Matsya.
Pandavas lutam juntos contra Trigartas (13 anos completados).
Batalha.
Pandavas resgatam Virata, capturam Susarman (rei dos Trigartas).
Retorno à cidade.
Enquanto isso Duryodhana rouba o gado real da cidade.
Arjuna pedido para ser quadrigário para trazer de volta o gado.
Arjuna sobe na carruagem com Uttara.
Encaram o inimigo. Uttara foge com medo. Arjuna o arrasta de volta e se prepara para lutar.
Drona reconhece Arjuna enquanto dirige a carruagem.
Chegam à árvore Sami para recuperar o arco Gandiva e as outras armas.
Uttara sobe na árvore e encontra os arcos.
Uttara se admira por causa das armas e as descreve.
Arjuna explica as armas.
Dez nomes de Arjuna (Arjuna, Falguna, Kiritin, Swetavahana, Vibhatsu, Vijaya, Krishna, Savyasachin, Dhanajaya).
Preparam-se para o combate.
Partem. Drona nota maus presságios para os Kurus.
Duryodhana e Karna desconsideram Drona. Preparam-se para o combate.
Karna se prepara para lutar com Arjuna.
Kripa argumenta com Karna, mas se prepara para lutar.
Aswatthaman se recusa a lutar com Arjuna.
Bhishma acalma todos e os encoraja a lutar.
Bhishma concorda que a promessa de 13 anos foi cumprida. Organiza soldados para a batalha.
Arjuna se dirige para Duryodhana. A luta começa.
Luta. Arjuna derrota heróis, incluindo Karna.
Reprime os heróis. Marcha em direção à Kripa.
Deuses vão assistir.
Kripa vencido.
Luta com Drona. Aswatthaman entra permitindo a Drona se retirar.
Luta com Aswatthaman, sofrendo o rompimento da corda do Gandiva.
Luta com Karna novamente, Karna é ferido e foge.

61 Ataca Bhishma. Também os filhos de Dhritarashtra são feridos.
62 Arjuna derruba milhares de guerreiros.
63 Bhishma e Arjuna têm uma luta terrível. Bhishma desmaia e é levado para longe.
64 Duryodhana fere Arjuna, que o fere em retorno. Duryodhana foge.
65 Tira os mantos de Drona, Karna e Kripa, mastros de bandeira. Arjuna deixa a batalha. Kurus voltam para casa.
66 Arjuna retorna à cidade.
67 Yudhishthira e o rei Matsya conversam. O rei fica furioso por causa dos elogios à Vrihanala. Atinge Yudhishthira no rosto.
68 Filho entra e Virata se desculpa.
69 Uttara fala dos feitos de Arjuna.
70 Os cinco Pandavas se revelam.
71 Louvor aos Pandavas. A filha de Virata é oferecida.
72 É casada com o filho de Arjuna. Reis vizinhos trazem tributo. Krishna chega.

VOLUME V – UDDYOGA PARVA

1 Krishna fala na assembléia, sugerindo que um mensageiro vá até Duryodhana e peça metade do reino.
2 Baladeva fala.
3 Satyaki fala, pedindo batalha.
4 Drupada fala.
5 Pandavas enviam mensageiro pela paz.
6 Drupada fala para o sacerdote mensageiro.
7 Duryodhana e Arjuna vão à Krishna por auxílio. Arjuna obtém Krishna, Duryodhana um exército. Outros reis tomam lados.
8 Salya se aproxima. Concede benefício para Duryodhana para lutar. Concede a Yudhishthira um Karna desanimado em batalha.
9 História de Indra, e luta com o filho de Twashtri.
10 Luta entre Indra e Vritra. Depois da vitória de Indra ele é escondido devido ao Brahmanicídio.
11 Nahusha se torna rei dos celestiais. Volta-se para prazeres sensuais. Persegue a rainha de Indra, Sachi.
12 Sachi obtém a proteção de Vrihaspati. Os deuses a convencem a ir até Nahusha.
13 Por sacrifício Indra é libertado do pecado.
14 Deusa da Divinação leva Sachi até Indra.
15 Sachi pede veículo para conduzir Nahusha até ela.
16 Indra restaurado à forma. Alia-se com Kuvera, Yama, Agni, e Varuna para derrotar Nahusha.
17 Agastya enquanto isso lança Nahusha à terra como uma cobra (ver Vana Parva, CLXXVIX).
18 Termina a história da tristeza de Indra e esposa. Salya, rei dos Madras, volta para casa.
19 Exércitos chegam para Duryodhana e Yudhishthira.
20 Sacerdote vai à Dhritarashtra, pede pela paz.
21 Bhishma e Karna discutem. Dhritarashtra intervém.
22 Sanjaya enviado aos Pandavas.
23 Yudhishthira responde.
24 Sanjaya continua (paz).
25 Mensagem de paz de Dhritarashtra é narrada.
26 Yudhishthira fala, pede Indraprastha como reino, pela paz.
27 Sanjaya roga a Yudhishthira para não ir à guerra de modo algum.
28 Yudhishthira responde e se refere à Krishna.
29 Krishna fala pela paz. Menciona deveres das quatro castas.
30 Yudhishthira dá mensagem de partida para Sanjaya.
31 Yudhishthira falando.
32 Sanjaya vai à Dhritarashtra.
33 **Vidura instrui Dhritarashtra nos caminhos da virtude. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete.**
34 Conselho adicional de Vidura.
35 História de Virochana e Sudharwan.
36 Mais conselho. Dhritarashtra pergunta sobre famílias nobres.
37 Mais conselho. Dezessete tipos de homens.

38 Vidura fala mais sobre virtude.
39 Vidura sobre prosperidade.
40 Mais avisos. Dhritarashtra diz que o Destino é responsável.
41 **Evocam Rishi Sanat-sujata.**
42 **Dhritarashtra questiona o Rishi sobre virtude e vício.**
43 **Perguntas sobre austeridades, renúncia, Alma Suprema.**
44 **Perguntas sobre a realização de Brahman.**
45 **Conselho sobre amigos.**
46 **Alma Suprema.**
47 Conselho dos Kurus se reúne para ouvir mensagem de Sanjaya.
48 Narra a mensagem de Arjuna.
49 Bhishma e Drona falam, mas Duryodhana não responde. Eles abandonam toda a esperança de vida.
50 Sanjaya relata tamanho das forças de combate.
51 Dhritarashtra prevê destruição dos Kurus.
52 (Idem).
53 Dhritarashtra diz que ele deseja paz.
54 Sanjaya afirma que lamentar é inútil.
55 Duryodhana ávido para lutar.
56 Duryodhana pergunta sobre os Pandavas. Sanjaya relata corcéis.
57 Descrição de como os Pandavas repartiram os reis Kurus para serem mortos.
58 Dhritarashtra pede a Duryodhana para fazer as pazes. Duryodhana se recusa e é abandonado por Dhritarashtra.
59 Sanjaya narra mensagem de Krishna.
60 Dhritarashtra pede novamente por paz.
61 Duryodhana fala em orgulho.
62 Karna fala, é ofendido, guarda suas armas.
63 Vidura dá conselhos.
64 Vidura, história das duas aves em uma rede.
65 Dhritarashtra apela mais.
66 Sanjaya relata as últimas palavras de Arjuna.
67 Dhritarashtra pergunta sobre os Pandavas de Sanjaya. Conselho terminado.
68 Sanjaya fala de Krishna.
69 Dhritarashtra recomendado no caminho da salvação. Vyasa presente.
70 Significados dos nomes de Krishna.
71 Dhritarashtra procura refúgio em Krishna.
72 Yudhishthira pede ajuda a Krishna. Krishna vai aos Kurus.
73 Krishna fala expectante de batalha.
74 Bhima pede a Krishna para pedir por paz.
75 Krishna insulta Bhima, dizendo que isto não é típico dele.
76 Bhima responde de forma zangada.
77 Krishna responde sobre ações, destino e esforço.
78 Arjuna pede pela paz.
79 Krishna diz para não esperar paz.
80 Nakula fala.
81 Sahadeva ávido para lutar. Satyaki ávido para lutar.
82 Draupadi fala, querendo guerra.
83 Krishna parte para os Kurus.
84 Presságios ao longo do caminho.
85 Dhritarashtra levanta pavilhões no caminho. Krishna passa por eles.
86 Arranjos feitos para a visita de Krishna.
87 Vidura aconselha Dhritarashtra em recepção apropriada. Nenhum presente.
88 Duryodhana afirma que ele encarcerará Krishna. Bhishma deixa a assembléia.
89 Krishna é bem recebido em Hastinapura.
90 Krishna visita Kunti.
91 Recusa comida de Duryodhana. Janta somente com Vidura.
92 Vidura discute Duryodhana com Krishna.
93 Krishna explica seu propósito em vir.
94 Krishna vai para a assembléia.
95 Krishna profere mensagem de paz.
96 Jamadagnya relata história de Nara e Narayana, e explica isto como Arjuna e Krishna.

97 Kanwa narra história de Matali.
98 Matali e Narada vão até Varuna.
99 Narada descreve a região. Matali não pode encontrar um noivo lá.
100 Considera cidade de Daityas e Davanas. Parte de lá.
101 Região das aves descendentes de Garuda.
102 Rasatala, onde a mãe das vacas mora.
103 Região dos Nagas. Matali vê o jovem Sumukha.
104 Sumukha e Gunakesi se casam. Garuda a fim de devorar Sumukha.
105 Garuda humilhado por Vishnu. Kanwa conclui recomendando paz. Duryodhana dá risada e o desrespeita.
106 Narada fala sobre obstinação. História de Viswamitra e Galava.
107 Galava lamenta ter que encontrar 800 corcéis brancos.
108 Garuda vai até Galava. Oferece-se para levá-lo para os quadrantes. Leste.
109 Descrição do segundo quadrante. Sul.
110 Descrição do terceiro quadrante. Oeste.
111 Descrição do quarto quadrante. Norte.
112 Garuda leva Galava em direção ao Leste em grande velocidade.
113 Garuda perde e recupera suas asas por causa de Sandili sobre o pico de Rishabha.
114 Vai até Yayati.
115 Obtém uma donzela Madhavi. Vai até o rei Haryyaswa.
116 Obtêm 200 corcéis, Madhavi produz um filho, e é uma virgem novamente. Atributos da Dama.
117 O mesmo para Divodasa.
118 O mesmo para Usinara (dos Bhojas).
119 Donzela aceita por Viswamitra como os 200 corcéis restantes. Depois de dar à luz um filho, a donzela vai para casa. Garuda parte.
120 Yayati dá Madhavi para a floresta. Ele ascende para o céu, mas então desrespeita os celestiais.
121 Cai entre Madhavi e seus 4 filhos.
122 Mandado de volta para o céu por meio das austeridades de seus netos.
123 Narada conclui, sobre infortúnio causado por obstinação e vaidade.
124 Krishna pede paz diretamente de Duryodhana.
125 Bhishma, Drona e Vidura mandam Duryodhana fazer como Krishna deseja.
126 Argumentam com Duryodhana.
127 Duryodhana recusa positivamente.
128 Krishna fala, e Duryodhana deixa a corte. Krishna recomenda aprisionar Duryodhana e seus conselheiros imediatos.
129 Gandhari reprova Duryodhana.
130 Trama para aprisionar Krishna. Isto é conhecido e Satyaki se prepara. Duryodhana avisado contra isto.
131 Krishna dá a Duryodhana visão de sua forma completa. Faz arranjos para partir.
132 Pritha dá mensagem para Krishna.
133 Kunti dá história de Vidula e seu filho.
134 Vidula repreende filho sobre deveres de Kshatriya.
135 Filho fala para sua mãe.
136 Término da história, desespero do filho removido.
137 Kunti termina mensagem para Krishna. Krishna deixa a cidade.
138 Conselheiros para Duryodhana falam de maus presságios.
139 Bhishma e Drona se dirigem a Duryodhana silencioso.
140 Krishna conta à Karna sobre seu real nascimento.
141 Karna fala, rejeitando irmãos Pandu, aderindo ao dever, de sua própria morte no sacrifício da batalha.
142 Krishna instrui Karna a respeito do dia em que a batalha é para começar.
143 Discurso de Karna aceitando vitória Pandava.
144 Vidura e Kunti falam. Kunti vai até Karna.
145 Kunti revela a Karna seu real nascimento.
146 Karna afirma sua posição de lutar com Arjuna. Devotado à verdade.
147 Krishna relata palavras de Bhishma para Duryodhana.
148 Drona e Vidura falam (repetido por Krishna). Também Gandhari.
149 Discurso de Dhritarashtra, com linhagem e declaração de Yudhishthira como rei legítimo.
150 Krishna conclui. Duryodhana partindo para a batalha.
151 Escolha de Dhrishtadyumna como líder.
152 Partida para a batalha.

153 No caminho. Descrição da tenda.
154 Duryodhana se prepara para a batalha.
155 Yudhishthira fala a Krishna na véspera da batalha.
156 Descrição do exército de Duryodhana.
157 Bhishma general do exército Kuru.
158 Preparação para primeiro combate com Bhishma. Visita de Rama e tribo Vrishni. Rama se retira da luta.
159 Rei Rukmi com 3º arco celestial também se retira da batalha.
160 Sanjaya fala com Dhritarashtra.
161 Duryodhana manda palavras terríveis para os Pandavas.
162 Uluka se dirige a Yudhishthira e Arjuna com palavras de Duryodhana.
163 Resposta enfurecida dos Pandavas e Yudhishthira.
164 Mensagem volta dos Pandavas para Kurus.
165 Dhrishtadyumna une guerreiros e organiza tropas.
166 Bhishma explica Rathas e Atirathas para Duryodhana.
167 (Idem).
168 Bhishma continua, sobre Aswatthaman e outros. Méritos como Maharatha ou Ratha.
169 Karna e Bhishma argumentam sobre quem é o melhor.
170 Bhishma fala da grandeza dos Pandavas.
171 Maharathas em Pandavas e reis aliados.
172 (Idem).
173 Bhishma termina. Não lutará com Sikhandin (antigamente uma mulher).
174 Bhishma explica porque ele não lutará com Sikhandin.
175 Filha mais velha pede pelo governante dos Salwas (depois que Bhishma as sequestrou).
176 Rei dos Salwas rejeita Amva.
177 Amva vai aos ascetas.
178 Hotravahana manda Amva para Rama.
179 Rama ouve. Longa discussão sobre o melhor curso de ação. Amva deseja a morte de Bhishma.
180 Rama parte até Bhishma com Amva.
181 Rama e Bhishma diferem. Vão lutar em Kurukshetra. Ganga tenta intervir.
182 Batalha entre Rama e Bhishma. Rama cai, Bhishma se compadece.
183 Batalha feroz, ambos os líderes feridos.
184 Mais combate. Armas celestes usadas.
185 Batalha continua por 23 dias.
186 Bhishma descobre em um sonho como vencer Rama.
187 Luta até Bhishma usar arma Praswapa.
188 Deuses proíbem a luta de continuar. Rama forçado a desistir, Bhishma descobre que Arjuna será seu matador.
189 Princesa pratica austeridades. Eventualmente se transforma em metade de um rio.
190 Rudra concede uma bênção a Amva. Ela entra no fogo com seu corpo.
191 A rainha do rei Drupada dá nascimento a uma menina que se torna um menino.
192 Casamento de Sikhandin (uma mulher) com a filha do rei Hiranyavarman.
193 Hiranyavarman desafia Drupada. Drupada se aconselha com sua esposa.
194 Sikhandin entra na floresta onde Yaksha Sthunakarna lhe concede uma bênção.
195 Guerra apaziguada quando Yaksha troca de sexo com Sikhandin. Yaksha amaldiçoado a manter o sexo até a morte de Sikhandin. Bhishma completa dizendo que não lutará com Amva (Sikhandin).
196 Bhishma, Kripa, Drona, Aswatthaman e Karna especificam tempos para destruir o exército Pandava.
197 Arjuna afirma que ele tem arma celeste para aniquilar todos instantaneamente.
198 Exército de Duryodhana parte.
199 Exército de Yudhishthira também parte.

VOLUME VI – BHISHMA PARVA

1 Exércitos em formação. Regras de batalha.
2 Dhritarashtra recusa visão da batalha, então Vyasa dá a Sanjaya visão celeste. Vyasa descreve maus presságios.
3 Vyasa discursa sobre batalha, presságios, Tempo.
4 Sanjaya fala sobre tipos de criaturas (7 selvagens, 7 domésticas, etc.). Porque a Terra é tão vital.

5 5 elementos básicos. Ilha chamada Sudarsana (mente).
6 Descrição da ilha (lugares na região Indra).
7 Descrição das áreas Kuru do Norte e do Leste.
8 Descrição termina com Ele. Dhritarashtra se rende à roda do Tempo.
9 Nomes de rios, províncias, reinos.
10 4 Yugas.
11 Regiões mais distantes (provavelmente Ásia).
12 Sumário da construção do Universo concluída. Incitado a pacificar Duryodhana.

(Bhagavat-Gita Parva segue)

13 Sanjaya relata que Bhishma foi morto por Sikhandin.
14 Dhritarashtra lamenta muito e pergunta a Sanjaya como aconteceu.
15 Sanjaya começa: Duryodhana cuida da proteção de Bhishma.
16 Tropas se levantam ao nascer do sol preparadas para a batalha.
17 Aparência das tropas. Só Karna não lutando. Caminho aberto para o céu do Kshatriya.
18 Barulho se ergue.
19 Tropas Pandavas em formação. Tomam posições. Distúrbios no céu e na terra.
20 Parthas encaram leste, os de Dhritarashtra o oeste.
21 Yudhishthira preocupado sobre maior força de Bhishma. Arjuna diz que a justiça vencerá.
22 Bhishma observa tropas Pandava.
23 Arjuna recita hino a Durga e obtém bênção da vitória.
24 Dhritarashtra pergunta quem desferiu o primeiro golpe.
(Começo do Bhagavad-Gita Capítulo I)
25 **O Desânimo de Arjuna.**
26 **Sankhya Yoga – A Filosofia do Discernimento.**
27 **Karma Yoga – O Caminho da Ação.**
28 **Jnana Yoga – O Caminho da Sabedoria.**
29 **Samnyasa Yoga – Renúncia à Ação.**
30 **Dhyana Yoga – Autocontrole.**
31 **Vijnana Yoga – Conhecimento e Experiência.**
32 **Abhyasa Yoga – A Vida Eterna.**
33 **Sabedoria e Segredo Soberanos.**
34 **Manifestações Divinas.**
35 **A Forma Universal.**
36 **Bhakti Yoga – O Caminho do Amor.**
37 **Matéria e Espírito.**
38 **Os Três Gunas.**
39 **O Espírito Supremo.**
40 **Espiritualidade e Materialismo.**
41 **Os Três Tipos de Fé.**
42 **Conclusão – O Espírito da Renúncia.**
43 Yudhishthira presta tributo a Bhishma, Drona, Kripa, Salya. Yuyutsu se junta aos Pandavas.
(** Números em negrito indicam os dias da batalha **)
44 **(1)** Batalha começa em meio a barulho terrível.
45 Principais reis enfrentam uns aos outros.
46 Infantaria em combate.
47 Alguma luta entre filho de Arjuna e Bhishma.
48 Depois de batalha violenta, Bhishma mata Sweta.
49 Sankha e Arjuna lutam com Bhishma. Bhishma causa devastação. Noite.
50 Yudhishthira fala a Krishna sobre derrota. Novo dia. Arjuna organiza as tropas como uma grande ave.
51 **(2)** Tropas prontas para a batalha.
52 Bhishma e Arjuna lutam igualmente equiparados.
53 Drona e Dhrishtadyumna lutam.
54 Bhima enfrenta exército dos Kalingas. Luta brevemente com Bhishma.
55 Tarde. Arjuna salva seu filho cercado por Drona, Kripa, etc. Noite.
56 **(3)** Dia seguinte luta começa.
57 Pandavas causam carnificina entre Kauravas.
58 Pandavas desbaratando exército com Duryodhana, Kripa, Drona, Bhishma.

59 Arjuna vai lutar com Bhishma. Hesita. Krishna pula do carro e avança em direção a Bhishma. Arjuna o trás de volta. Noite.
60 **(4)** Dia seguinte batalha começa.
61 Arjuna e filho em batalha. Príncipe de Panchala mata filho de Samyamani.
62 Bhima luta com maça, auxiliado por Abhimanyu.
63 Bhima destrói divisão de elefantes e detém avanço do exército inteiro.
64 Bhima mata vários filhos de Dhritarashtra. Enquanto desmaiado em batalha, Ghatotkacha ataca com energia. Bhishma ordena retirada pelo dia. Pandavas vitoriosos novamente.
65 Dhritarashtra pergunta a Sanjaya porque os Pandavas vencem. Em resposta, Sanjaya narra resposta de Bhishma para Duryodhana. Brahman louva o Ser Divino – pede para Krishna nascer para matar Asuras.
66 Brahman fala do plano para matar Daityas e Rakshasas nascidos entre os homens. Bhishma fala a Duryodhana, e porque lutar com Krishna é inútil.
67 Duryodhana pergunta quem Krishna é.
68 Bhishma novamente aconselha paz. Retira-se para a noite.
69 **5)** Batalha. Bhishma evita Sikhandin.
70 Bhima e Bhishma lutam.
71 Batalha.
72 Luta dos heróis uns contra os outros. Morte do quadrigário de Satyaki causa medo nos Pandavas.
73 Arjuna v Aswatthaman. Bhima v Duryodhana. Abhimanyu v Lakshmana, que é levado embora.
74 Dez filhos de Satyaki mortos por Bhurisravas. Noite.
75 **(6)** Novo dia. Pandavas lutam em formação Makara (um animal aquático lendário parecido com um jacaré).
76 Dhritarashtra explica grandes preparações do exército.
77 Sanjaya critica Dhritarashtra por causar a batalha. Bhima e Dhrishtadyumna causam massacre. Drona aparece.
78 Bhima v Duryodhana.
79 Batalha à tarde.
80 Batalha violenta ao pôr do sol. Dushkama morto.
81 **(7)** Bhishma lidera exército, animando Duryodhana, dia seguinte de batalha.
82 Batalha. Herói v herói. Arjuna confunde inimigos com Aindra.
83 Drona mata Sankha. Sikhandin luta com Aswatthaman.
84 Iravat luta com dois príncipes Avanti. Ghatotkatcha foge de Bhagadatta. Sahadeva fere e expulsa Bhagadatta do campo.
85 Yudhishthira põe Srutayush para fugir. Chekitan v Kripa. Abhimanyu se abstém de lutar com irmãos de Duryodhana.
86 Yudhishthira impede Sikhandin de fugir. Bhima ataca Chitrasena a pé.
87 Bhishma enfrenta Yudhishthira - evita Sikhandin. Noite.
88 **(8)** Dia seguinte – na batalha.
89 Bhima mata vários dos filhos de Dhritarashtra.
90 Meio dia, batalha violenta.
91 Iravat, filho de Arjuna com filha do rei Naga luta heroicamente matando grandes guerreiros (filhos de Suvala) até que ele é morto pelo Rakshasa Alamvusha.
92 Ghatotkacha ataca Duryodhana.
93 Duryodhana sob pressão.
94 Ghatotkacha é ajudado. Batalha feroz. Kauravas retrocedem lentamente.
95 Ghatotkacha destroça exército perto do pôr do sol com uma ilusão.
96 Bhagadatta luta com Pandavas.
97 Arjuna tem notícia da morte de Iravat. Batalha até o pôr do sol.
98 Karna afirma que se Bhishma se retirar da batalha em sem dúvida matará os Pandavas. Duryodhana vai até Bhishma.
99 Bhishma jura matar os Somakas. Prepara-se para grande batalha.
100 **(9)** Presságios quando ambos os lados vão para a batalha.
101 Abhimanyu luta com Rakshasa Alamvusha.
102 Abhimanyu derrota Rakshasa. Drona e Arjuna combatem.
103 Arjuna luta com Drona usando armas celestes. Bhima destrói uma tropa de elefantes.
104 Bhishma luta com Dhrishtadyumna e Sikhandin.
105 Batalha violenta com todos os heróis. Drupada foge de Drona.
106 Salya, enviado para proteger Bhishma, é detido por Yudhishthira. Tarde.
107 Krishna diz para Arjuna lutar com Bhishma que está destruindo Pandavas. Arjuna luta brandamente

e Krishna corre até Bhishma. Arjuna o detém.
108 Noite. Pandavas se aconselham com Bhishma a respeito de como eles podem matá-lo! Ele aconselha Arjuna e Sikhandin. Arjuna aflito por seu dever de matar o Avô.
109 **(10)** Bhishma faz formação de batalha de Asuras ou Rakshasas. Arjuna e Sikhandin procedem contra Bhishma.
110 Bhishma jura ser morto ou matar os Pandavas.
111 Todos avançam em direção a Bhishma. Arjuna faz Dussasana se retirar.
112 Batalha feroz em volta de Bhishma. Pandavas se aproximando lentamente.
113 Drona nota presságios. Manda seu filho para a batalha.
114 Bhima lutando com herói dos Kauravas. Arjuna se move em direção a Bhishma.
115 Arjuna lutando com Susarman e outros.
116 Bhishma abandona o desejo de viver.
117 Ambos os lados lutando - por Arjuna ou Bhishma.
118 Dussasana luta corajosamente por Bhishma. Arjuna finalmente segue atacando reis (Kripa, Salya, Vikarna, Dussasana, Vivingsati). Volta-se para Bhishma.
119 Bhishma mata Satanika (irmão de Virata). Bhishma atingido repetidamente.
120 Por escolha de Bhishma (devido à bênção) ele abandona a vida. Atingido incontáveis vezes ele cai perto do pôr do sol. Rishis, celestiais, Ganga assistem. Mantém sua vida até o sol alcançar solstício norte (muitos meses depois).
121 A luta cessa. Drona e o restante dos Pandavas/Kauravas vão até Bhishma em um leito de flechas não tocando o chão. Ele pede um travesseiro.
122 Arjuna faz travesseiro de flechas. Bhishma jaz em um leito de flechas.
123 **11)** De manhã todos vão ao Avô. Arjuna consegue água para ele por atingir o chão com uma flecha. Bhishma avisa Duryodhana para desistir da luta. Duryodhana não escuta.
124 Karna vai até Bhishma e obtém permissão para lutar.

VOLUME VII – DRONA PARVA

1 História continua, Janamejaya questiona Vaisampayana, que narra a discussão de Sanjaya e Dhritarashtra. Karna é chamado.
2 Karna prepara seu carro.
3 Fala com Bhishma.
4 Bhishma diz para Karna lutar. Karna sobe no carro.
5 Karna, pedido por Duryodhana, recomenda Drona como novo líder.
6 Duryodhana pede para Drona ser líder.
7 Drona aceita. Afirma que o filho de Prishata (Dhrishtadyumna) irá matá-lo. Maus presságios. Batalha começa.
8 Resumo de Drona destruindo a maioria das divisões, mas finalmente ele mesmo morto.
9 Dhritarashtra lamenta, pergunta como Drona foi morto.
10 Dhritarashtra desmaia. Pergunta sobre a batalha.
11 Dhritarashtra recita vitórias de Krishna.
12 Duryodhana pede para Drona capturar Yudhishthira. Drona concede benefício contanto que Partha não esteja em combate.
13 Partha promete proteger Yudhishthira. Batalha começa.
14 Batalha. Luta dos heróis. Excelência de Abhimanyu.
15 Bhima e Salya lutam com maça. Kritavarman resgata Salya.
16 Batalha começa iniciada por Vrishasena (filho de Karna). Pandavas tem maior controle até Drona se aproximar. Ele mata Kumara, Yugandhara, Singhasena, Vyaghradatta – se aproxima de Yudhishthira. Arjuna salva o dia. Tropas se retiram.
17 **(12)** Tropas de Duryodhana conspiram. Arjuna afastado em batalha para longe de Yudhishthira para que Drona possa atacar.
18 Arjuna luta com Trigartas. Mata Sudhanwan.
19 Arjuna mata milhares de Narayanas e Samsaptakas.
20 Drona ataca Yudhishthira. Dhrishtadyumna protegendo o rei.
21 Drona provoca devastação. Mata Satyajit e Vrika. Yudhishthira foge. Drona mata Satanika (de Matsya), Chedis, Karushas, Kaikeyas, Panchalas, Srinjayas: Dridhasena, Kshema, Vasudeva, Kshatradeva.
22 Pandavas resistem, liderados por Bhima.

23 Reagrupam-se para lutar. Descrição de corcéis. Irmão de Duryodhana Bhimaratha mata Salwa. Heróis em formação e resistindo uns aos outros.
24 Bhima ataca divisão de elefantes. Bhagadatta sobre elefante enorme destruindo homens: rei de Dasarnas, Ruchiparvan. Bhima levado para longe do campo por corcéis apavorados.
25 Krishna vira Arjuna em direção a Bhagadatta. Arjuna hesita, volta e elimina Samsaptakas com arma Brahma. Volta por Bhagadatta.
26 Arjuna retorna novamente contra Trigartas, mutilando Susarman. Bhagadatta ataca Arjuna. Por luta justa, Arjuna renuncia a uma oportunidade de matá-lo.
27 Bhagadatta lança arma Vaishnava em Arjuna. Krishna a recebe e a neutraliza – explica para Arjuna que por causa da bênção antiga da Terra ela era infalível. **Krishna sobre suas quatro formas (prática de austeridades, ver bons e maus atos, ação, quarta deita em sono por 1000 anos).** Arjuna mata elefante e Bhagadatta.
28 Arjuna mata Vrishaka e Achala. Sakuni usa ilusões, mas foge quando frustrado por Arjuna.
29 Luta se concentra em volta de Drona. Aswatthaman mata rei Nila.
30 Arjuna vai para a batalha. Enfrenta Karna, mata 3 parentes de Karna. Dhrishtadyumna mata Charmavarman, Vrihatkshatra. A noite se aproxima.
31 Arjuna afastado para longe. Sanjaya conta que Abhimanyu foi morto naquele dia.
32 Louvor a Abhimanyu. Dhritarashtra pergunta como ele morreu.
33 Yudhishthira pede para Abhimanyu penetrar na formação de combate circular de Drona.
34 Abhimanyu penetra no círculo.
35 Abhimanyu fere Karna, mata filho de Asmaka, Sushena, Drighalochana, Kundavedhin, fere Salya.
36 Mata irmão mais novo de Salya. Kurus começam a se voltar.
37 Duhsasana declara que ele matará Abhimanyu. Batalha começa.
38 Abhimanyu faz Duhsasana desmaiar e ser carregado para longe. Restante do exército Pandava se aproxima. Karna lutando contra Abhimanyu.
39 Abhimanyu mata irmão mais novo de Karna. Karna foge. Massacres de Abhimanyu.
40 Restante do exército Pandava chega. Por causa de bênção, Jayadratha detém os Pandavas que se aproximavam.
41 Jayadratha luta com 4 Pandavas.
42 Abhimanyu mata Vasatiya. Continua massacre.
43 Mata Rukmaratha (filho de Salya). Usa arma Gandharva. Duryodhana retrocede.
44 Mata Lakshmana (filho de Duryodhana), Kratha. Quase todo o exército desbaratado. Kripa, Drona, Karna, Vrihadvala, Aswatthaman, Kritavarman, próximos.
45 Batalha continua. Abhimanyu mata Vrindaka, regente de Kosala (Vrihadvala).
46 Mata 6 dos conselheiros de Karna, rei dos Magadhas, Aswaketu, príncipe Bhoja Martikavata.Satrunjaya, Chandraketu, Mahamegha, Suvarchas, Suryobhasa. Kurus trocam idéias. Após conselho de Drona o arco, os cavalos e carro de Abhimanyu são cortados. Ele pega uma espada do chão, também quebrada.
47 Com maça mata Kalikeya, mas Buhsasan o atinge na cabeça e o mata com a maça.
48 Noite. Chacais e Rakshasas em direção aos cadáveres.
49 Yudhishthira se aflige por Abhimanyu.
50 Vyasa chega. Yudhishthira pergunta sobre a morte. Narração sobre o rei Akampana e conselho de Narada. Siva vai até Brahma que está destruindo criaturas.
51 Sthanu implora que Brahma deixe as criaturas viverem. O fogo diminui, mas mulher morte nasce – vai para o quadrante Sul.
52 Morte pratica austeridades. Bênção de Brahma – ela não toma criaturas, elas destroem a si mesmas. História termina.
53 Vyasa narra história de Switya, Narada e Parvata.
54 (Sem texto)
55 (Sem texto)
56 Rei Suhotra contado por Narada.
57 Rei Paurava.
58 Rei Sivi.
59 Rei Rama (filho de Dasaratha).
60 Rei Bhagiratha (Ganga e salvação de ancestrais Kapila amaldiçoados).
61 Rei Dilipa.
62 Mandhatri (alimentado dos dedos de Indra).
63 Yayati.
64 Amvarisha.
65 Sasavindu.

66 Gaya.
67 Rantideva.
68 Bharata.
69 Prithu (ordenha da terra).
70 Rama (filho de Jamadagni).
71 Narada consola Srinjaya. Então revive seu filho. Vyasa completa história para Yudhishthira.
72 Arjuna retorna e lamenta.
73 Arjuna jura matar Jayadratha no dia seguinte.
74 Jayadratha procura partir, mas é dissuadido por Duryodhana.
75 Krishna previne Arjuna.
76 Arjuna reitera promessa.
77 Noite inquieta. Krishna consola Subhadra.
78 Subhadra lamenta.
79 Noite insone. Krishna medita sobre batalha do dia seguinte.
80 No sono Arjuna e Krishna vão até Bhava em busca de Pasupata.
81 Arjuna recebe arma.
82 Yudhishthira se levanta.
83 Recebe Krishna. Discute batalha. Krishna prediz a morte de Jayadratha.
84 Arjuna se prepara para a batalha – presságios auspiciosos por toda parte.
85 Dhritarashtra reflete como a situação se desenvolveu, pergunta a respeito da batalha do dia seguinte.
86 Sanjaya explica para Dhritarashtra que *ele* é culpado.
87 **(13)** Drona organiza formação de combate. Duryodhana tranquiliza Jayadratha.
88 Arjuna avança e luta com divisão Durmarshana.
89 Duhsasana ataca, é derrotado. Duhsasana vai até Drona por proteção.
90 Luta com Drona. Arjuna se move adiante conforme a luta fica árdua.
91 Mata Srutayudha e Sudakshina, ainda evitando Drona.
92 Arjuna entorpecido por uma lança. Recuperando os sentidos mata Srutayus e Achyutayus. Niyatayus e Dirghayus. Todos os Mlecchas.
93 Duryodhana vai a Drona por conselho. Drona vai novamente atrás de Yudhishthira, dá a Duryodhana armadura para lutar com Arjuna.
94 Meio dia. Drona v Pandavas liderados por Dhrishtadyumna.
95 Batalha.
96 Dhrishtadyumna luta brevemente com Drona na carruagem de Drona.
97 Satyaki e Drona lutam. Satyaki detém Drona.
98 Arjuna passa rapidamente pelo meio do inimigo. Mata Vinda e Anuvinda. Cavalos descansam, Arjuna reprime inimigo que avança. Cria um lago para beber.
99 Cavalos descansados. Parte novamente em busca de Jayadratha.
100 Se aproximando de Jayadratha. Duryodhana se aproxima.
101 Duryodhana desafia Arjuna.
102 Arjuna reconhece armadura impenetrável. Aswatthaman corta suas flechas que penetram só uma vez. Finalmente destrói carro e corcéis de Duryodhana.
103 Luta com seis protetores de Jayadratha.
104 Estandartes de ambos os lados.
105 Drona luta com Yudhishthira, deixando ele sem carro e se retirando.
106 Vrihatkshatra mata Kshemadhurti. Dhrishtaketu mata Viradhanwan. Sahadeva mata Niramitra, derrota Durmukha.
107 Bhima luta com Rakshasa Alamvusha e o derrota.
108 Ghatotkacha finalmente mata Alamvusha.
109 Yudhishthira manda Satyaki (Yuyudhana) ajudar Arjuna.
110 Satyaki chama a atenção de Yudhishthira para sua proteção como ordenado por Arjuna. Yudhishthira ainda assim o envia.
111 Satyaki parte em direção a Arjuna.
112 Abre caminho através das fileiras de Drona e Kritavarman.
113 Dhritarashtra lamenta. Luta com Kritavarman. Sikhandin desmaia.
114 Satyaki volta. Mata Jalasandha.
115 Batalha violenta, detendo Duryodhana, mutilando Kritavarman.
116 Detém Drona.
117 Mata Sudarsana no caminho até Arjuna.
118 Mata milhares de Mlecchas no caminho.
119 Luta contra tropas vindas de trás.

120 Satyaki luta com Duhsasana e atiradores de pedras.
121 Drona repreende Duhsasana, o manda de volta até Satyaki. Drona mata Viraketu. Dhrishtadyumna enfrenta Drona.
122 Satyaki vence, mas não mata Duhsasana (promessa de Bhima).
123 Pandavas chegam na batalha depois de Satyaki.
124 Drona mata Vrihatkshatra, Dhrishtaketu (governante Chedi), filho de Dhrishtaketu, Kshatradharman (filho de Dhrishtadyumna),
Chekitana parado.
125 Yudhishthira manda Bhima atrás de Arjuna e Satyaki.
126 Bhima parte, matando irmãos de Duryodhana.
127 Yudhishthira fica aliviado ao ouvir gritos de Arjuna e Bhima.
128 Bhima brevemente detido por Karna.
129 Drona e Duryodhana decidem ajudar Jayadratha.
130 Batalha muito feroz entre Bhima e Karna.
131 Batalha entre Bhima e Karna continua. Nenhum dos dois ganhando.
132 Karna quase derrotado. Durjaya morto.
133 Durmukha morto. Karna finalmente foge.
134 Bhima mata Durmarshana, Duhsana, Durmada, Durdhara, Jaya.
135 Karna repetidamente vencido. Mais filhos de Dhritarashtra mortos.
136 Mais sete filhos caem, incluindo Chitrasena e Vikarna por quem Bhima se aflige (31 filhos de Dhritarashtra agora mortos).
137 Karna e Bhima continuam lutando.
138 Karna critica Bhima que está perto. Bhima se abstém de lutar por causa do voto de Arjuna. Karna foge quando Arjuna se aproxima.
139 Satyaki mata Alamvusha.
140 Arjuna nota Satyaki se aproximando.
141 Satyaki prestes a ser derrotado por Bhurisravas.
142 Arjuna corta o braço de Bhurisravas. Debate moral. Bhurisravas aceita voto ascético. Satyaki se levanta e o decapita.
143 História da descendência e de como, no swayamvara de Devaki, Somadatta obtém a bênção de que seu filho abaterá descendente de Sini.
144 Karna luta com Arjuna. Esperando o sol se por.
145 Alcança Jayadratha. Krishna falsamente faz o sol se por. Arjuna corta a cabeça de Jayadratha e a manda ao colo do pai (Vriddhakshatra) cuja cabeça então se parte em 100 pedaços.
146 Arjuna derrota Kripa e Aswatthaman, então se aflige. Karna e Satyaki lutam. Satyaki mais forte.
147 Arjuna repreende Karna. Jura matar filho de Karna. Noite.
148 Notícias levadas a Yudhishthira. Elogia Krishna. Alegre.
149 Duryodhana lamenta para Drona. Deseja desistir da vida.
150 Drona responde. Partem para lutar à noite.
151 Karna e Duryodhana conversam. Karna diz que Drona não tem culpa.
152 Kurus ganhando. Duryodhana lutando ferozmente.
153 Batalha violenta à noite.
154 Drona mata filhos de Dhrishtadyumna, Sivi. Bhima usa punhos para matar príncipe dos Kalingas, e irmão Dhruva, Jayarata, Durmada, Dushkarna.
155 Somadatta luta com Satyaki. Aswatthaman luta com Ghatotkacha, mata seu filho Anjanaparvan. Aswatthaman luta com Ghatotkacha e Dhrishtadyumna. Bhima chega. Filho de Drona mata filho de Drupada Suratha, Sotrunjaya, Valanika, Jayanika, Jaya, Prishdhra, Chandrasena, 10 filhos de Kuntibhoja, Srutayus, Satrunjaya. Ghatotkacha também cai. Afastado de Aswatthaman.
156 Bhima e Satyaki lutam com Somadatta. Matam Valhika, 10 filhos de Dhritarashtra, Satachandra, 5 irmãos de Sakuni. Drona e Yudhishthira lutam.
157 Karna se gaba, e discute com Kripa que o repreende.
158 Aswatthaman é impedido de atacar Karna. Karna e Arjuna lutam, Karna levado ao carro de Kripa. Aswatthaman impede Duryodhana de lutar com Arjuna.
159 Aswatthaman lutando vitoriosamente.
160 Arjuna destroça oposição.
161 Satyaki mata Somadatta. Krishna avisa Yudhishthira contra lutar com Drona.
162 Tropas acendem lâmpadas em todos os carros.
163 Formação de Drona pronta para a batalha.
164 Kritavarman vence Yudhishthira.
165 Satyaki mata Bhuri. Ghatotkacha luta com Aswatthaman. Bhima derrota Duryodhana.

166 Sahadeva derrotado e repreendido por Karna.
167 Virata e soberano de Madras lutam. Satanika é morto. Arjuna derrota Alamvusha.
168 Filho de Nakula reprime Chitrasena. Drupada mutilado por Vrishasena (filho de Karna). Duhsasana luta com Prativindhya.
169 Nakula bate Sakuni. Kripa mutila Sikhandin.
170 Liderado por Dhrishtadyumna, ataca Drona. Drumasena morto. Kurus cercam Satyaki.
171 Pandavas triunfando.
172 Karna e Drona criam massacre. Momento de silêncio em batalha.
173 Ghatotkacha enviado contra Karna.
174 Alamvusha é enviado por Duryodhana, mas é morto por Ghatotkacha.
175 Batalha feroz. Ghatotkacha usando ilusão contra Karna.
176 Rakshasa Alayudha, amigo de Vaka, chega para matar Bhima.
177 Bhima luta contra Alayudha. Krishna organiza tropas.
178 Ghatotkacha mata Alayudha. Duryodhana ansioso.
179 Ghatotkacha morto por dardo de único alvo de Karna, enquanto exército Kuru é completamente desbaratado.
180 Krishna se regozija. Explica para Arjuna que Karna agora pode ser morto.
181 Krishna explica poder de Jarasandha, Nishada (desprovido de polegar, governante dos Chedis) e como medidas especiais foram necessárias para matá-los.
182 Sanjaya e Dhritarashtra discutem uso errado do dardo.
183 Pandavas recomeçam a batalha. Yudhishthira contra Karna. Vyasa diz a Yudhishthira que ele será rei em cinco dias.
184 Arjuna, à meia-noite, chama tropas de volta da luta. Dorme nos campos.
185 Duryodhana tem palavras enraivecidas com Drona.
186 **(15)** Antes do amanhecer batalha começa. Arjuna v Duryodhana, Sakuni, Karna. Drona mata Virata, Drupada, mais Chedis, Matsyas, Panchalas. Bhima leva Dhrishtadyumna contra Drona.
187 Exércitos cansados. Nakula luta com Duryodhana.
188 Arjuna e Drona lutam igualmente. Bhima v Karna.
189 (Sem texto)
190 Duryodhana luta com amigo de infância Satyaki. Drona ainda oprimindo Panchalas.
191 Um elefante chamado Aswattaman é morto. Drona tem notícia. Rishis pedindo para Drona parar porque ele usou arma Brahma indiscriminadamente. Drona pergunta a Yudhishthira sobre seu filho. Aconselhado por Krishna Yudhishthira mente. Seu carro desce ao solo. Drona fica desanimado.
192 Armas celestiais de Drona partem. Dhrishtadyumna luta ferozmente com ele.
193 Bhima diz a Drona que Aswatthaman está morto. Drona depõe armas, entra em Yoga. Morto por Dhrishtadyumna e (visto por 5 somente) ascende por caminho estelar para a região Brahma (com 85 anos de idade).
194 Kurus fogem. Aswatthaman permanece. Kripa conta a respeito da morte enganosa de Drona.
195 Louvor a Aswatthaman, mandado matar Dhrishtadyumna.
196 Aswatthaman furioso invoca arma Narayana.
197 Arjuna furiosamente atribui fraude e mentira a Yudhishthira.
198 Bhima e filho do rei Panchala justificam e discutem o caso com Arjuna.
199 Satyaki enfurecido com Dhrishtadyumna. Dhrishtadyumna justifica. Satyaki impedido de lutar com Dhrishtadyumna. De volta à batalha.
200 Arma Narayana usada por Aswatthaman. Krishna diz que ela é frustrada por depor armas. Todos fazem isso exceto Bhima que a recebe em sua cabeça.
201 Bhima resgatado. Arma pacificada (não pode ser usada duas vezes). Aswatthaman vence Dhrishtadyumna; Satyaki vai resgatar. Mata Sudarsana. Luta com Bhima. Arjuna se aproxima, em quem arma Agneya é neutralizada por arma Brahma. Aswatthaman corre da batalha, até Vyasa que explica origem de Krishna, Arjuna e Aswatthaman. Noite e exércitos se retiram.
202 Arjuna percebe que não é ele quem está tirando vidas. Vyasa explica com nomes e feitos de Siva (nota: um nome é Sankara).
203 -

VOLUME VIII – KARNA PARVA

1 Vaisampayana dá sumário a respeito da morte de Karna depois de dois dias.
2 Sanjaya e Dhritarashtra, que está lamentando.
3 Sanjaya explica como Karna foi feito Generalíssimo, mas finalmente morto.

4 Dhritarashtra desmaia.
5 Sumário das mortes Kuru até agora.
6 Sumário das mortes Pandava até agora.
7 Sumário dos Kurus ainda vivos.
8 Dhritarashtra lamenta a morte de Karna.
9 (Idem).
10 Karna instalado como general por Duryodhana.
11 **(16)** Nascer do sol. Organização para batalha.
12 Batalha. Bhima mata Kshemadhurti.
13 Satyaki mata príncipes Kaikaya Vinda e Anuvinda.
14 Srutakarman mata Chitrasena. Prativindhya mata Chitra.
15 Bhima v Aswatthaman. Igualmente equiparados.
16 Arjuna v Aswatthaman.
17 Aswatthaman se retira para tropa de Karna.
18 Arjuna mata Dandadhara e Danda.
19 Arjuna mata Samsaptakas.
20 Aswatthaman mata Pandya.
21 Karna em combate.
22 Nakula e Sahadeva matam tropas Angas.
23 Sahadeva derrota Dussasana.
24 Karna derrota Nakula. O insulta.
25 Heróis lutando.
26 Kripa derrota Dhrishtadyumna. Kritavarman derrota Sikhandin.
27 Arjuna mata Satrunjaya, filho de Susruta, Chandradeva, Satyasena, Chitravarman.
28 Meio dia.
29 Yudhishthira vence Duryodhana.
30 Batalha contra Karna. Por do sol. Tropas se retiram.
31 Karna resume superioridade e inferioridade de Arjuna enquanto se prepara para lutar com ele.
32 Duryodhana, com dificuldade, convence Salya a ser quadrigário de Karna.
33 Duryodhana narra história de batalha com Asuras e Daityas.
34 Sankara destrói três cidades de Asuras perversos. Avô (Brahma) dirige a carruagem. História seguinte de como Rama (filho de Jamadagni) conseguiu suas armas.
35 Elogia Salya. Ele concorda em segurar as rédeas para Karna, mas ele é permitido falar como quiser (promessa feita a Yudhishthira para desmoralizar Karna).
36 Salya e Karna partem.
37 Karna se gaba. Salya o enfurece com resposta.
38 Karna se gabando.
39 Salya o provoca.
40 Karna responde enfurecido, falando mal dos Madrakas.
41 **Salya conta história do corvo e do cisne.**
42 Karna se gaba. Revela maldições sobre ele de Rama, e que um Brahmana fará a roda de seu carro afundar na terra.
43 Karna repreende Salya rudemente.
44 Karna fala do povo Vahika e seu comportamento desprezível.
45 Batalha verbal segue até Duryodhana intervir.
46 Os dois lados se encontram. Salya se dirige a Karna.
47 Batalha começa.
48 Karna mata Bhanudeva, Chitrasena, Senavindu, Tapana, Surasena. Bhima mata Bhanusena (filho de Karna). Karna e seus filhos em batalha.
49 Yudhishthira mutila Karna. Karna mata Chandradeva e Dandadhara. Karna corta armadura de Yudhishthira. Yudhishthira retrocede, Karna o toca e o insulta. Batalha recomeça.
50 Kurus desbaratados. Bhima vai contra Karna - Karna golpeado sem sentidos.
51 Bhima mata cerca de 20 dos irmãos de Duryodhana. Luta com Karna novamente, Bhima fica sem carro.
52 Batalha.
53 Arjuna luta com Samsaptakas.
54 Sikhandin salvo de Kripa por Suketu, que é morto.
55 Yudhishthira repreende Aswatthaman por lutar como um Brahmana.
56 Batalha. Karna mata Jishnu, Jishnukarman, Devapi, Chitra, Chitrayudha, Hari, Sighaketu, Rochamana, Salabha. Arjuna mata Samsaptakas, com Sudarkshina. Aswatthaman triunfa por um tempo sobre

Arjuna.
57 Aswatthaman jura matar Dhrishtadyumna.
58 Arjuna examina batalha no caminho para Yudhishthira.
59 Arjuna salva Dhrishtadyumna de Aswatthaman, quando sem carro.
60 Krishna relata partes da batalha para Arjuna. Bhima mata príncipe Nishada.
61 Karna vence Sikhandin. Dussasana v Dhrishtadyumna. Vrishasena v Nakula. Uluka v Sahadeva. Bhima vence Duryodhana, massacra exército com armas celestes.
62 Yudhishthira retrocede depois de lutar com Karna.
63 Sahadeva e Nakula levam Yudhishthira para sua cama depois que Karna o mutila severamente. Salya desvia Karna para salvar Duryodhana de Bhima.
64 Depois de batalha feroz, Arjuna derrota Aswatthaman. Karna luta com armas celestes. Arjuna vai ver Yudhishthira.
65 Bhima deixado a cargo do exército. Arjuna chega até Yudhishthira.
66 Yudhishthira pergunta como Arjuna derrotou Karna em combate.
67 Arjuna diz que ele irá atrás de Karna imediatamente.
68 Yudhishthira responde enfurecidamente.
69 Arjuna se dispõe a matar Yudhishthira. Krishna o para e o instrui sobre moralidade. História de Valaka e Kausika. Krishna consegue acordo apropriado para Arjuna.
70 Arjuna mata Yudhishthira e ele mesmo com palavras duras.
71 Resolvido e perdoado.
72 Krishna previne Arjuna a respeito da bravura de Karna.
73 **(17)** Krishna resume batalha para Arjuna.
74 Arjuna recupera confiança. Jura matar Karna.
75 Batalha. Uttamaujas mata filho de Karna Sushema.
76 Arjuna se une a Bhima em batalha.
77 Bhima derrota Sakuni.
78 Karna destruindo Pandavas.
79 Karna manda Kripa e Kritavarman para enfraquecer Arjuna.
80 Arjuna expulsa Kurus para longe de Bhima.
81 Kurus derrotados, contidos por Karna.
82 Karna mata Visoka, Ugrakarman. Sikhandin mata Prasena (filho de Kama), então Kama mata um filho de Dhrishtadyumna. Dussasana derruba Bhima brevemente.
83 Bhima mata Dussasana e bebe seu sangue. Yudhamanyu mata Chitrasena.
84 Heróis Kuru Nishangin, Kavachin, Pasin, Dundadhara, Dhunurgraha, Alolupa, Saha, Shanda, Vatavega, Suvarchasas, caem. Nakula rechaçado por Vrishasena.
85 Kripa mata príncipe dos Kulindas. Outros Kulindas mortos. Arjuna mata Vrishasena (filho de Karna).
86 Krishna e Arjuna se aproximam de Karna.
87 Todas as criaturas tomam lados. Salya jura matar Arjuna se Karna falhar.
88 Aswatthaman pede paz a Duryodhana.
89 Combate entre Arjuna e Karna. Armas celestes.
90 Arjuna v Karna. Cobra Aswasena entra na aljava de Karna, mas Krishna faz carro afundar e somente o diadema de Arjuna é destruído. Karna não atirará cobra duas vezes. Arjuna mata cobra. Kala fala para Karna que seu fim está próximo. Karna é ferido, mas revida as armas de Arjuna. Roda de Karna afunda na terra, ele pede para Arjuna esperar enquanto ele a liberta.
91 Krishna o repreende, Karna continua lutando. Fere Arjuna. Arjuna mata Karna com arma Anjalika enquanto ele tenta libertar sua roda. Luz vai de Karna para ao sol.
92 Kurus deprimidos.
93 Duryodhana tenta reagrupar tropas desbaratadas.
94 Salya descreve a cena, faz Duryodhana se retirar pelo dia. Arjuna e Krishna retornam para o acampamento.
95 Líderes Kuru voltam para o acampamento.
96 Yudhishthira informado. Visita o campo de batalha.

VOLUME IX – SALYA PARVA

1 Sumário do resto da batalha. Morte da maioria das tropas. Dhritarashtra triste.
2 Dhritarashtra lamenta culpando o destino. Pede que a história continue.
3 Duryodhana reagrupa exército – repetição do capítulo 93 do Karna Parva.

4 Kripa tenta dissuadir Duryodhana, quer paz.
5 Duryodhana ainda decidido a lutar. Noite.
6 Salya pedido para ser Generalíssimo.
7 Salya concorda. Krishna pede para Yudhishthira matar Salya (governante de Madras).
8 **(18)** Vão para a batalha. Sumário das tropas restantes.
9 Batalha.
10 Salya ataca. Nakula mata Chitrasena, Satyasena, Sushena (filhos de Karna).
11 Batalha feroz. Sahadeva mata filho de Salya. Bhima ataca, mata motorista de Salya.
12 Luta com maças, Salya e Bhima. Ambos caem ao mesmo tempo. Kripa leva Salya para longe. Duryodhana ataca, mata Chekitana. Yudhishthira mata Chandrasena e Drumasena (protetores das rodas de Salya).
13 Salya mantém Pandavas em xeque.
14 Arjuna v Aswatthaman, que mata Suratha.
15 Satyaki e Salya lutam.
16 Yudhishthira se prepara para atacar Salya. Bhima faz Duryodhana desmaiar.
17 Salya sem cavalos, sem carro, avança contra Yudhishthira que mata Salya com um dardo. Terra parece se erguer com afeição para receber o corpo de Salya. Yudhishthira mata irmão mais novo de Salya. Kurus derrotados.
18 Embora proibidos por Duryodhana, Madrakas avançam para vingar a morte de Salya.
19 Kurus retrocedendo. Bhima mata 21.000 soldados. Duryodhana os reagrupa.
20 Salwa e príncipe elefante são mortos após ataque violento.
21 Kritavarman reagrupa tropas. Satyaki mata Kshemakirti, luta com Kritavarman (filho de Hridika). Kritavarman derrotado. Duryodhana luta sozinho.
22 Batalha continua, tropas de Duryodhana reagrupadas.
23 Sakuni ataca de trás.
24 Arjuna vai para a batalha.
25 Duryodhana recua. Kurus sendo destruídos. Sanjaya levado por Satyaki.
26 Bhima mata (irmãos de Duryodhana) Durmarshana, Srutanta, Jayatsena, Jaitra, Ravi, Bhurivala, Durvimochana, Dushpradharsha, Sujata, Durvishaha, Srutarvan (depois de alguma luta).
27 Duryodhana e Sudarsa só os dois vivos. Arjuna mata Satyakarman, Satyeshu, Susarman. Bhima mata Sudarsana.
28 Sahadeva mata Uluka - Sakuni recorda palavras de Vidura. Sahadeva mata Sakuni.
29 Todos os Kurus mortos exceto Aswatthaman, Kripa, Kritavarman, Sanjaya que é libertado por Vyasa, e Duryodhana que entra em um lago. Mulheres lamentam. Yuyutsu também vai para Hastinapura.
30 Caçadores revelam paradeiro de Duryodhana para Bhima.
31 Yudhishthira chama Duryodhana do lago.
32 Duryodhana se ergue do lago e se prepara para lutar.
33 Krishna repreende palavras duras de Yudhishthira para Duryodhana. Bhima se prepara para a luta.
34 Rama chega para assistir (Balarama, irmão de Krishna).
35 Janamejaya pergunta a respeito da peregrinação de Valarama a Saraswati e vaus sagrados. Maldição de Daksha de tísica sobre Soma (crescimento e diminuição da lua).
36 História de Trita em buraco, em Udapana.
37 Através de Tirthas - Garga (astrônomo) citado. Porque Saraswati se altera em dois lugares. Quatro tipos de ascetas vivendo de grãos.
38 Sete Saraswatis. Mankanka e suco vegetal fluindo de seu ferimento. Advertido por Rudra.
39 Mahadara é atingido na coxa por cabeça de Rakshasa cortada por Rama (de Dasaratha).
40 Como Sindhudwipa, Devapi e Viswamitra adquiriram condição de Brahmanas.
41 Como Vaka quase destruiu o reino de Dhritarashtra.
42 Viswamitra e Vasishtha.
43 Purificação de rio quando fluindo sangue para Rakshasas. Indra livre do pecado de Brahmanicídio.
44 Semente de Maheswara se desenvolve em filho forte.
45 Todos os deuses vão à cerimônia do Generalíssimo. Presentes dados para Kartikeya. Companheiros (todos guerreiros) dados para Kartikeya.
46 Nomes de Mães lá (Kartikeya=Kumara=Skanda). Skanda luta e destrói Daityas.
47 Instalação de Varuna como Senhor das Águas (em um Kalpa anterior). Agni e maldição de Bhrigu.
48 Sruvavati se torna esposa de Sakra.
49 Tirtha de Indra.
50 Jaigishavy e Devala.
51 Dadhicha dá ossos para Indra. Seu filho Saraswat ensina Brahmanas por 12 anos durante tempo de seca.

52 Filha de Kuni-Ganga vive até idade avançada antes de uma noite de casamento.
53 Kuru arando solo de Kurukshetra – aqueles que morrem em batalha, ou por se absterem de alimento com sentidos despertos, vão para o céu.
54 No próximo Tirtha Narada aparece e relata batalha para Balarama. Ele imediatamente vai testemunhar Bhima e Duryodhana.
55 Por conselho de Balarama, eles vão para Samantapanchaka (na planície Kuru) para lutar.
56 Bhima lembra Duryodhana de seus maus feitos.
57 Batalha. Bhima recebe muitos golpes e é derrubado.
58 Krishna percebe que Bhima deve lutar desonestamente para vencer. Finalmente quebra ambas as coxas de Duryodhana. (Citação de Byron - "O Corsário").
59 Bhima chuta Duryodhana na cabeça. É repreendido por Yudhishthira.
60 Balarama furioso. Amaldiçoa Bhima, louva Duryodhana. Yudhishthira indiferente.
61 Enquanto eles partem Duryodhana critica Krishna.
62 Carro de Arjuna reduzido a cinzas, sendo mantido intacto pelo poder de Krishna. Tomam acampamento Kuru. Pandavas e Satyaki deixam o acampamento à noite.
63 Krishna vai até Hastinapura e pacifica Ghandari e Dhritarashtra.
64 Rei Duryodhana se lamenta para Sanjaya.
65 Kripa, Aswatthaman, Kritavarman vão até Duryodhana. Aswatthaman agora instalado como Generalíssimo.

VOLUME X – SAUPTIKA PARVA

1 "Sem dúvida, ó Sanjaya, meu coração é feito de diamante, já que ele não se parte em mil pedaços mesmo depois de saber...". Kripa, Aswatthaman, Kritavarman na floresta descansando depois do por do sol. Aswatthaman vê coruja atacando corvos adormecidos, decide atacar os Pandavas no acampamento.
2 Kripa avisa para ir até Dhritarashtra e Vidura.
3 Aswatthaman afirma sua decisão.
4 Kripa promete lutar de manhã.
5 Kripa contra, mas ele e Kritavarman seguem Aswatthaman quando ele vai.
6 Nos portões Aswatthaman enfrenta grande ser em quem suas armas são inúteis.
7 Aswatthaman oferece seu corpo a Siva. Deus explica que o tempo dos Pancalas está terminado. Ele entra no corpo de Aswatthaman. Criaturas ferozes seguem.
8 Mata Dhrishtadyumna sem uma arma. Uttamanjas, Yudhamanyu, Prativindya, Sutasoma, Satanika, Srutakarman, Srutakirti (cinco filhos de Draupadi), Sikhandin. Aswatthaman corre por todo o acampamento, matando todos. Kripa e Kritavarman ficam no portão e pegam aqueles que fogem. Colocam fogo no acampamento.
9 Os três vão até Duryodhana e relatam sua carnificina. Duryodhana morre.
10 O motorista do carro de Dhrishtadyumna relata carnificina para Yudhishthira.
11 Draupadi resolve praticar Praya até que a pedra preciosa da cabeça de Aswatthaman seja levada para ela. Bhima e Nakula partem.
12 Krishna avisa do perigo da parte de Aswatthaman. Uma vez Aswatthaman pediu o disco de Krishna para matá-lo.
13 Alcançam Aswatthaman, que dispara sua poderosa arma celeste.
14 Arjuna atira arma que neutraliza. Vyasa e Narada aparecem.
15 Arjuna retira arma. Aswatthaman não pode. Oferece sua pedra preciosa, joga arma nos úteros das mulheres Pandava.
16 Parikshit, filho da nora de Arjuna, morrerá, mas reviverá e governará o reino. Aswatthaman sentenciado a 3000 anos vagando sozinho com pus e fedor de sangue. Pedra preciosa é levada para Draupadi.
17 Krishna explica Rudra, e como Aswatthaman foi ajudado.
18 Explica como Rudra foi gratificado por Aswatthaman.

VOLUME XI – STREE PARVA

1 Sanjaya conforta Dhritarashtra.

2 Vidura conforta Dhritarashtra, sobre aflição e morte.
3 Vidura fala sobre a cura da tristeza.
4 Vidura sobre nascimento, sofrimento e morte de todas as criaturas.
5 **História de Brahmana na beira da cova, bebendo mel à beira da morte.**
6 Explicação de símiles de Vidura.
7 Vidura sobre vínculos ao mundo. Analogia da carruagem.
8 Vyasa explica batalha como ordenada pelos deuses. Angústia de Dhritarashtra finalmente acalmada.
9 Sanjaya retorna a Dhritarashtra – discernimento removido.
10 Dhritarashtra sobe no carro – mulheres da casa seguem.
11 Encontra três Kurus retornando. Separam-se e seguem seus caminhos.
12 Encontro com Pandavas. Dhritarashtra enfurecido esmaga uma estátua de ferro de Bhima.
13 Krishna repreende Dhritarashtra.
14 Vyasa adverte Gandhari contra amaldiçoar os Pandavas.
15 Bhima questionado por Gandhari. Sua fúria causa uma ferida no dedo do pé de Yudhishthira.
16 Gandhari vê campo de batalha com visão divina. Mulheres lamentando.
17 Vê Duryodhana e lamenta.
18 Gandhari continua lamentando.
19 (Idem) vendo cada filho por vez.
20 Gandhari vê esposa de Abhimanyu chorando.
21 Gandhari vê Karna no chão.
22 Gandhari.
23 Gandhari vê heróis, incluindo Salya, Kripi com Drona.
24 Gandhari vê Bhurisravas, Sakuni.
25 Gandhari finalmente amaldiçoa Krishna a ver seus próprios parentes morrerem, e ele mesmo a morrer na selva depois de 36 anos.
26 Um bilhão, 660 milhões e 20 mil homens mortos; 240.165 escaparam. Queima dos mortos.
27 Todos vão ao Ganges e realizam rito com água. Pandavas sofrem por seu irmão Karna.

VOLUME XII – SHANTI PARVA

(Parte I)

1 Pandavas vão para a cidade Kuru. Yudhishthira se dirige a Narada a respeito de Karna.
2 Narada relata propósito do nascimento de Karna. Como Karna obteve armas, e foi amaldiçoado por matar a vaca de um Brahmana.
3 Enquanto Rama está dormindo no colo de Karna, verme perfura coxa de Karna. Verme é libertado de maldição: Asura Dansa da era Krita. Rama então percebe que Karna é um Kshatriya, pois um Brahmana não poderia suportar a dor. Karna amaldiçoado a perder arma Brahma quando ele mais precisar dela.
4 Duryodhana rapta uma donzela de seu swayamvara.
5 Karna derrota Jarasandha em um combate único. Dá os brincos.
6 Yudhishthira amaldiçoa Kunti e mulheres a não manterem segredos no futuro.
7 Yudhishthira se queixa para Arjuna. Afirma que ele irá para as florestas.
8 Arjuna fala sobre riqueza.
9 Yudhishthira fala mais da vida de um mendicante.
10 Arjuna não leva em conta as palavras dele.
11 História de Sakra e Brahmanas tentando viver vida de mendicantes.
12 Nakula fala a respeito da vida familiar como o modo de vida mais elevado.
13 Sahadeva fala.
14 Draupadi fala.
15 Arjuna fala sobre segurar a vara de castigo. Quatro tipos de maneiras de punir pessoas (repreensão/sociedade, medo do mundo seguinte, vara de Yama, Reis – tirar posses, propriedade, trabalho pesado).
16 Bhima fala sobre saúde mental e física. Alegria e tristeza.
17 Yudhishthira responde afirmando o apego deles à riqueza.
18 Arjuna relata história de governante Videha repreendido por rainha.
19 Yudhishthira diz que Arjuna é incapaz de compreender.
20 Devasthana encoraja Yudhishthira a sacrificar.
21 Devasthana fala.

22 Arjuna fala.
23 Vyasa narra história do rei Sudyumna e dos irmãos Sankha e Likhita para Yudhishthira, a respeito da vara de castigo.
24 Vyasa fala mais sobre dever de um rei, história de Hayagriva.
25 Vyasa cita Senajit sobre felicidade e tristeza. Aqueles que são muito estúpidos e aqueles que são mestres de suas almas desfrutam de felicidade aqui. Aqueles, no entanto, que ocupam um lugar intermediário sofrem tristeza.
26 Yudhishthira fala para Arjuna a respeito de riqueza.
27 Yudhishthira se queixa de mais aflição. Vyasa fala duramente para ele em retorno.
28 Janaka questiona Asma. Dor, vida, companheiros como viajantes em uma hospedaria.
29 Krishna narra para Yudhishthira a história de Narada relatando para Srinjaya a morte de muitos grandes reis.
30 Narada se apaixona, e maldição de Parvata.
31 Narada relata história do filho morto de Srinjaya, e devolvido à vida.
32 Vyasa fala novamente.
33 Vyasa fala de eventos como curso do tempo.
34 Vyasa sobre atos que atraem pecado.
35 Vyasa sobre atos que atraem pecado.
36 Como se purificar do pecado: homens e mulheres.
37 Alimentos puros e impuros (Brahmana não come vacas; leite).
38 Yudhishthira avisado para ir até Bhishma. Eles partem.
39 Brahmanas usam o som Hun para matar Rakshasa Charvaka que deseja mal para Yudhishthira.
40 Krishna explica bênção de Charvaka na era Krita.
41 Yudhishthira é instalado no trono.
42 Designa deveres para os irmãos.
43 Doa riqueza em honra dos que foram mortos.
44 Yudhishthira louva Krishna (Yugas: Krita = Virtude e Conhecimento, Treta = Renúncia e Domínio, Dwapara = Prosperidade e fama).
45 Príncipes se retiram para respectivos palácios à noite.
46 Yudhishthira vai até Krishna.
47 Krishna meditando sobre Bhishma que está pensando nele. Krishna e Yudhishthira se preparam para ir até ele.
48 Bhishma adora Krishna. Krishna entra em sua alma.
49 Vão até a planície de Kurukshetra. Yudhishthira pergunta sobre Rama matando Kshatriyas.
50 Nascimento de Rama de Jamadagni. Destruição de Kshatriyas.
51 Krishna vai até Bhishma (56 dias para Bhishma – seu conhecimento irá com ele).
52 Krishna dá a Bhishma a bênção de falar sem dor, fadiga, etc. Noite.
53 No dia seguinte Yudhishthira vai até Bhishma.
54 Krishna pede a Bhishma para falar sobre moralidade.
55 Yudhishthira se aproxima de Bhishma com permissão para questionar.
56 Bhishma começa discurso sobre os deveres dos reis.
57 Mais sobre os deveres dos reis. Seis pessoas que todos devem evitar.
58 Mais sobre os deveres dos reis. Fim do dia.
59 Dia seguinte. Origem de Rajan, rei, da ciência de castigo entregue por Brahman (e resumida).
60 Deveres das quatro classes.
61 Quatro modos de vida (para Brahmanas).
62 Yudhishthira pergunta sobre pessoas comuns.
63 Bhishma descreve deveres de Sudras, Vaisyas, e Kshatriyas.
64 Rei Mandhatri pede a Indra por visão de Vishnu.
65 Discurso de Indra sobre deveres Kshatriya – principal de todas as classes.
66 Yudhishthira pergunta mais sobre deveres da realeza.
67 Deveres de um reino. O primeiro é coroar um rei.
68 Vrihaspati inspira Vasumanas, sobre como um rei é um deus.
69 Deveres especiais de um rei. Ciência de castigo. Reis e quatro eras.
70 36 virtudes. Yudhishthira desde aquele momento governa de acordo com o ensinamento.
71 Breve sumário de como o rei deve proteger seus súditos.
72 Sacerdote designado por um rei: relacionamento de Brahmana com Kshatriya.
73 Aila e Kasyapa sobre relação Kshatriya-Brahmana.
74 Rei Muchukunda e Vaisravana.
75 Yudhishthira pergunta sobre aquisição de mérito.

76 Brahmanas não engajados no dever.
77 Rakshasa tenta levar rei dos Kaikeyas, que era totalmente cumpridor dos deveres.
78 Desarranjos de deveres das classes.
79 Sacerdotes em sacrifícios.
80 Quatro tipos de amigos de um rei.
81 Narada e Krishna sobre ganhar corações de amigos e inimigos.
82 Rei de Kosala, Kalakavrikshiya e o corvo.
83 Atendentes de reis, cortesãos e consultas.
84 Amabilidade no falar.
85 Comportamento de um rei – não-confiança.
86 Cidade na qual um rei deve residir.
87 Consolidação do reino.
88 Como um rei recebe taxas do reino.
89 Direitos Brahmana, superioridade sobre outros.
90 Mandhatri e Utathya sobre justiça e dever dos reis.
91 Utathya sobre deveres reais.
92 Vamadeva para o rei Vasumanas sobre comportamento de reis.
93 (Idem).
94 (Idem).
95 Deveres Kshatriya em batalha.
96 O que um rei conquistador deve tomar.
97 Morte em batalha é meritória.
98 Sacrifício de Kshatriyas em batalha.
99 Janaka mostra céu e inferno para as tropas.
100 Dois tipos de sabedoria, empregados em organizar exércitos.
101 Disposição de tropas.
102 Presságios de sucesso. Conciliação com inimigo poderoso.
103 Vrihaspati para Indra sobre lidar com inimigos brandos e fortes.
104 Kshemadarsin e Kalakavrikshiya sobre renúncia e felicidade. Vida na floresta, ou ...
105 ... como recuperar um reino por enfraquecer inimigo via tesouraria.
106 Unido com Janaka.
107 Como surge desunião entre Rei e Aristocracia.
108 Deveres com Pai, Mãe, Preceptor.
109 Verdade e falsidade.
110 Como os homens devem agir.
111 História do Tigre e do Chacal.
112 Camelo com pescoço longo.
113 Junco no rio como analogia sobre lidar com um inimigo poderoso.
114 Como lidar com os que insultam.
115 Yudhishthira pergunta como governar um reino com ministros e servos.
116 História de rishi transformando cão-leopardo-tigre.
117 A elefante, leão, Sarabha. Finalmente amaldiçoado a voltar a ser um cão.
118 Como o rei se comporta com servos.
119 Deveres com os servos.
120 Sumário dos deveres reais.
121 Castigo e Moralidade.
122 Ensinamento de Vasuhoma sobre castigo.
123 Virtude, riqueza e prazer.
124 Bhishma narra Dhritarashtra instruindo Duryodhana em comportamento virtuoso. Prahlada concede bênção de comportamento virtuoso para Indra: Justiça, Verdade, Bons atos, Poder, Prosperidade.
125 Esperança. Sumitra caçando veado.
126 Chega ao retiro ascético. Veado escapou.
127 Rei Viradyumna chega esperando encontrar seu filho.
128 Pouca esperança. Filho volta para Viradyumna.
129 Moralidade.
130 Dever do rei com tesouraria e reino esgotados.
131 Dever quanto atacado por rei injusto.
132 Ação quando nas piores circunstâncias.
133 Enchimento da tesouraria em tais épocas.
134 Kshatriya deve manter o dever.

135 Kayavya o ladrão.
136 Kshatriya recebendo riqueza.
137 História do peixe Sakula procrastinador.
138 História do gato e rato.
139 Confiança: Brahmadatta e ave Pujani cuja filha foi morta por filho de Brahmadatta. Ofensa entre amigos. Hostilidade: 1) Mulher (Krishna e Sisupala) 2) Terra (Kurus e Pandavas) 3) Palavras duras (Drona e Drupada) 4) Incompatibilidade natural (gato e rato) 5) Dano (ave e rei). Amigos naturais: conhecimento, coragem, inteligência, força, paciência. Secundários: casas, metais preciosos, terra, esposa, amigos.
140 Comportamento de um rei quando o Yuga cai em injustiça. Bharadwaja e Satrunjaya. Virtude, riqueza, prazer e suas quantidades apropriadas.
141 História de Viswamitra e carne de cachorro de Chandala. Seca e queda da era Treta para Dwapara.
142 A moralidade deve estar ligada ao juízo e à razão.
143 Mérito de alguém que cuida de um suplicante que anseia por proteção. História da pomba e do caçador perverso.
144 A esposa.
145 Pomba capturada se dirige a seu marido.
146 Pombo macho oferece homenagem ao caçador. Entra no fogo como alimento para o caçador.
147 Caçador se arrepende de seu comportamento.
148 Pomba fêmea também entra no fogo - ambos ascendem ao céu.
149 Caçador também alcança o céu.
150 Janamejaya (dos tempos passados) repreendido por Indrota por Brahmanicídio.
151 Janamejaya pede ajuda.
152 Instruído e purificado de pecados por Indrota.
153 Urubu e chacal – pessoa morta devolvida à vida.
154 Como pessoa de coração brando lida com inimigo poderoso. Conversa entre Salmali e Narada.
155 Salmali se gaba contra deus do vento para Narada.
156 Vento afirma que soprará sobre Salmali.
157 Salmali deixa cair seus ramos envergonhada diante da aproximação do vento.
158 Como o pecado vem da cobiça.
159 Ignorância, causa da miséria, relação com a cobiça.
160 Produtivo de mérito. O defeito do autocontrole é que ele é considerado fraqueza pelos homens.
161 Penitência – abstenção de alimento sendo o tipo mais elevado.
162 13 tipos de verdade: imparcialidade, autocontrole, clemência, modéstia, paciência, bondade, renúncia, contemplação, dignidade, constância, compaixão, abstenção de ferir.
163 13 tipos de inimigos: raiva, luxúria, tristeza, perda da razão, tendência para o mal, ciúmes, malícia, orgulho, inveja, calúnia, incapacidade de tolerar o bem, indelicadeza, medo.
164 Pessoas malevolentes.
165 Pecados e sua expiação.
166 Nakula pergunta sobre espada e a superioridade de armas. Resposta da criação do universo – espada usada por Rudra contra os Danavas. Principal das armas.
167 Retorno da noite. Yudhishthira questiona seus irmãos a respeito de virtude, lucro, prazer: Vidura - virtude; Arjuna, Sahadeva, Nakula - riqueza; Bhima - Desejo. Yudhishthira a favor da emancipação.
168 Amigos e história de Gautama entre ladrões. Parte quando endereçado por um velho amigo.
169 Vem a repousar como convidado de um Grou.
170 Grou o manda para a cidade do rei Rakshasa.
171 Recebe alimento e doações de sacrifício. Volta ao grou.
172 Mata o grou para alimentação. É recapturado pelo rei Rakshasa, cortado em pedaços. Comido por ninguém.
173 Ambos voltam à vida. Gautama volta para casa amaldiçoado.

Mokshadharma Parva

(Parte II)

174 Rei Senajit recebe conselho que dissipa sua aflição.
175 Discurso de Medhavin sobre passagem de tempo, morte, e deveres apropriados.
176 Palavra de Sampaka sobre superioridade da renúncia sobre riqueza e soberania.
177 Manki sobre liberdade do desejo e sede por riqueza. Corvo e fruto de Palmeira.
178 Janaka e Yayati sobre tranquilidade de alma.
179 Brahmana para Prahlada sobre liberdade de tristeza.

180 Kasyapa endereçado por chacal (Indra) sobre razões para não desistir da vida.
181 Como sabedoria e felicidade são obtidas.
182 Bharadwaja obtém descrição de Bhrigu da criação do universo.
183 Como terra, fogo, água, ar surgem.
184 Elementos. Árvores têm cinco sentidos. Cheiro (9) agradável, desagradável, doce, pungente, que vai longe, variado, seco, indiferente. Gosto (6) doce, salgado, amargo, adstringente, azedo, pungente. Forma (16) curta, alta, grossa, quadrada, redonda, branca, preta, vermelha, azul, amarela, avermelhada, dura, brilhante, lisa, oleosa, macia, terrível. Toque (11) quente, frio, agradável, desagradável, indiferente, queimante, suave, macio, leve, pesado. Som (7) sete notas.
185 Fogo e ar dentro da cabeça. Ares surgem disto. Suas funções.
186 Bharadwaja pergunta sobre quando a vida se vai quando os elementos partem.
187 Vida existindo depois que o corpo morre. Transmigração da alma.
188 Quatro classes – a partir de Brahmanas que se desviaram da verdade.
189 Atos das quatro classes.
190 Verdade. Tristeza e felicidade.
191 Quatro modos de vida.
192 Reclusos na floresta. Aqueles que vivem no norte. Conversa de Bhrigu e Bharadwaja termina.
193 Conduta.
194 Qualidades da alma (pureza, paixão, ignorância) e transmigração depois da morte.
195 Meditação Yoga.
196 Meditação, e como ela é eventualmente abandonada por (recitadores de) Brahma.
197 Inferno para os recitadores que falham.
198 Semelhança de outras regiões celestes com o inferno quando comparadas com a Suprema.
199 História do narrador e Ikshavaku, com Tempo, Mrityu, Yama e desejo e ira. Profundo debate moral.
200 Ambos alcançam Brahma.
201 Manu para Vrihaspati sobre conhecimento e frutos de ações.
202 Manu sobre espaço, alma, cinco elementos.
203 Alma – lua usada como alegoria.
204 Alma como separada da mente, compreensão, Supremo.
205 Manu continua sobre tristeza, apego aos sentidos.
206 Nove grandes elementos. Emancipação.
207 Criação do universo. Diferentes eras.
208 Nomes de grandes deuses e Rishis.
209 Krishna, e encarnação como javali.
210 Discípulo de Kasyapa instruído em Atman.
211 Alma separada do resto dos elementos. Verdadeira emancipação.
212 Pureza, paixão e ignorância.
213 Mulheres como Prakriti, homens como almas. Mulheres não devem ser perseguidas.
214 Ser livre de Paixão, não lançar olhar em mulheres. Ducto Manovaha.
215 Vida de ação controlada, sentidos controlados.
216 Sonhos surgindo da mente desconectada com sentidos cansados.
217 Conhecimento da alma levando à emancipação.
218 Rei Janadeva ouve preleção de Panchasikha sobre a alma.
219 Panchasikha fala de emancipação e renúncia.
220 Yudhishthira pergunta sobre felicidade e autocontrole.
221 Jejum, sacrifícios, vegetarianismo.
222 Prahlada para Sakra sobre resultados de atos bons e maus.
223 Exemplo de monarca privado de prosperidade. Indra questiona Vali naquele momento na forma de um asno.
224 Vali fala para Indra de suas ações, não se gabar. O Tempo é o maior governante.
225 Deusa da prosperidade deixa Vali por Indra.
226 Namuchi para Purandara (Sakra) sobre aguentar tristeza e calamidade.
227 Indra e Vali derrotado sobre superioridade do tempo.
228 Como Sree deixou os Asuras quando eles se envolveram em comportamento pecaminoso, por Indra e Narada. Oito deusas com Sree: Jaya e Esperança, Fé, Inteligência, Contentamento, Vitória, Progresso, Clemência.
229 Jaigishavya para Asita sobre caminho para alcançar Brahma.
230 Vasudeva explica virtudes de Narada.
231 **Vyasa para Suka sobre tempo e criação. Extensões de tempo explicadas.**
232 Elementos básicos, deveres nas diferentes eras.

233 Retraimento no fim do yuga.
234 Deveres, particularidade do chefe de família.
235 Como um Brahmana deve agir.
236 Estágios de um Yogin.
237 Aqueles familiarizados com o conhecimento.
238 Conhecimento e deveres nos diferentes yugas.
239 Suka pergunta qual conhecimento leva a Brahma.
240 Vyasa instrui Suka sobre ações a seguir (Yoga) – evitar desejo, ira, cupidez, medo, sono.
241 Suka se atos devem ser feitos ou abandonados.
242 Quatro modos de vida, de Brahmacharin.
243 Vida de um chefe de família.
244 Vyasa fala sobre terceiro e quarto modos de vida.
245 Modo de vida Brahmacharya. Descrição da alma como uma ave com explicação (ouro= chit, nascido do ovo = pertence ao Universo, dentro do ovo = no próprio coração, emplumado = membros presididos por divindades, asas = ausência de apego mais alegria e contentamento).
246 Alma.
247 Adhyatma – tópicos sobre alma. 27 tópicos usuais de discurso filosófico - 5 ação, 5 conhecimento, mente, Chitta, Buddhi, Manas, 5 ares, 5 elementos, Desejo, Atos, Avidya.
248 Posição da mente, discernimento, Alma.
249 Alma permanecendo separada de objetos, atividades.
250 O dever mais elevado – atravessar o rio da vida. Contemplação da Alma, daí ausência de renascimento.
251 Não apego aos objetos dos sentidos.
252 Resumidamente Adhyatma - elementos.
253 Alma, corpo sutil.
254 Analogia do desejo com uma árvore; corpo com uma cidade.
255 Bhishma fala sobre atributos de cada elemento.
256 Yudhishthira pergunta sobre morte. Bhishma narra história de Anukampaka, a quem Narada narrou história (na era Krita). Avô do Universo queimando-o no fogo.
257 Sthanu roga para o Avô parar. Morte (Dama) surge de Brahman.
258 Morte pratica austeridades. Brahma finalmente manda que Morte despache Desejo e Ira contra todas as criaturas.
259 Retidão – não fazer nada errado.
260 Yudhishthira fala sobre retidão, se referindo às diferentes eras.
261 Jajali e Tuladhara sobre retidão. Jajali cria aves sobre sua cabeça.
262 Taludhara sobre moralidade – contra escravidão e crueldade com animais (Todas as criaturas têm Surya, Chandramas, Brahman, Prana, Kratu, Yama. Cabra = Agni, Ovelha = Varuna, Cavalo = Surya, Terra = Virat, Vaca/Bezerro = Soma).
263 Sacrifícios, não ferir criaturas.
264 Fé.
265 Matança imprópria de animais em sacrifícios.
266 Homens levam um longo tempo para refletir sobre ações: filho de Gautama Chirakarin. Mulheres são inocentes (mesmo na idade adulta só os homens são maculados).
267 Reis concedendo punição sem execução.
268 Syumarasmi para Kapila sobre sacrifício e deveres de um chefe de família e yogin.
269 Discurso sobre deveres de emancipação.
270 Os quatro modos de vida todos têm o mesmo fim.
271 História de Brahmana e nuvem Kundadhara para explicar como a virtude é melhor do que Religião, Lucro, Prazer.
272 Yudhishthira pergunta sobre sacrifícios que são somente para virtude.
273 Deveres que levam ao pecado, retidão, renúncia, emancipação.
274 Caminho da emancipação.
275 Narada e Asita-Devala sobre elementos primordiais e criação.
276 Apego à riqueza concernente à batalha.
277 Curso do tempo e morte.
278 Comportamento da vida de mendicante.
279 Yudhishthira pergunta quando sua ronda de nascimentos terminará. Usanas para Vritra depois da queda de Vritra do poder.
280 **Sanatkumara discursa sobre caminho de Jiva. Seis cores. Caminho conforme a alma atravessa inferno, humanidade, divindades, etc. Pandavas destinados a Deuses, então de volta a**

homens.

281 Batalha entre Sakra e asura Vritra.
282 Purificação do pecado de Brahmanicídio de Indra. Quarta parte dada ao fogo, água, árvores, Apsaras.
283 Como a Febre se originou de Mahadeva.
284 Janamejaya questiona mais detalhadamente sobre como Mahadeva destruiu o sacrifício de Daksha.
285 Daksha louva Mahadeva integralmente.
286 Adhyatma – discussão sobre compreensão (pronome feminino).
287 Samanga para Narada sobre liberdade de tristeza e medo.
288 Narada sobre prática por alguém que duvida e não conhece as escrituras.
289 Arishtanemi para Sagara sobre atributos para evitar apego.
290 História de Usanas com Rudra furioso.
291 Parasara para Janaka sobre atos virtuosos.
292 (Idem).
293 Doações, se livrando dos débitos.
294 Cada casta cumprindo os respectivos deveres.
295 Queda de homens da retidão por causa dos Asuras.
296 Penitências como concernentes ao chefe de família.
297 Quatro raças originais (Angiras, Kasyapa, Vasishtha, Bhrigu). Atos.
298 Morte em batalha, corpo adquirido em novo nascimento.
299 Parasara para Janaka sobre caminho da emancipação.
300 Cisne e Sadhyas sobre verdade.
301 Diferença entre sistemas Sankhya e Yoga. Frutos das escrituras. Dieta de yogins.

(Parte III)

302 Yudhishthira pergunta a respeito do sistema Sankhya. 10 propriedades de Sattwa ... do começo ao fim ... 1 propriedade de Sattwa. Também pergunta se há alguma recordação de vidas anteriores depois da morte.
303 Sábio Vasishtha para o rei Karala sobre deterioração e não deterioração no universo.
304 Vasishtha sobre alma se identificando, vagando. Prakriti e Purusha.
305 16 partes de Jiva. 25 de Alma-Mahat. Emancipação ou identificação.
306 Janaka compara Masculino e Feminino a Purusha e Prakriti. Kshara = variedade, Akshara = unidade, indestrutível.
307 Prática Yogin e filosofia Sankhya. Oito elementos chamados Prakriti, 16 modificações = 24. Purusha = Vigésimo quinto.
308 Jiva que percebe Brahma supremo, como oposto à identificação com Prakriti.
309 Vasishtha termina com discussão dos 25 e emancipação.
310 Rei Vasuman instruído a afastar a mente do desejo e buscar a retidão.
311 Yajnavalkya para o rei Daivarati sobre criação: números e elementos de criação.
312 Extensões das diferentes partes da criação.
313 Como o Universo é retraído.
314 Abhibhuta, Adhyatma, Adhidaidaivatum. Gunas.
315 Gunas.
316 Diferença entre Prakriti e Purusha.
317 Yoga – maneiras de praticar exercícios de respiração.
318 Regiões aonde Jiva vai depois da morte. Indicação de quanto tempo uma pessoa tem que viver.
319 Yajnavalkya explica como ele obteve seu conhecimento. Importância de distinguir Purusha e Prakriti.
320 Panchasikha para Janaka sobre decrepitude e morte.
321 Sulabha vai até Janaka mostrar a ele caminho da Emancipação. Longa conversa.
322 Vyasa para Suka e 25 anos de idade, procurar um professor para encontrar emancipação.
323 Ações dando resultados na próxima vida.
324 Nascimento de Suka, filho de Vyasa.
325 Suka recebe Vedas. Aceita o quarto modo de vida, emancipação.
326 Suka vai ao palácio do rei Janaka.
327 Suka pergunta a Janaka sobre emancipação, e necessidade dos três modos de vida.
328 Vyasa e Suka moram juntos em encosta de montanha.
329 Vyasa e Suka pedidos para narrar os Vedas. Sete ares.
330 Narada recita palavras de Sanatkumara para Suka; homem com conhecimento capaz de viver desapegado no mundo.
331 Narada sobre dissipar a tristeza.
332 Narada conclui sobre inevitabilidade da morte. 10 estágios da vida (velhice > 48). Suka coloca seu

coração na emancipação.
333 Suka assume posição de Yoga. Começa jornada.
334 Vyasa se aflige, confortado por Siva. Suka se torna emancipado.
335 Yudhishthira pergunta quem é o mais elevado deus a ser venerado. História da era Krita de Nara e Narayana.
336 Criação dos Vedas – postos aos cuidados de Vrihaspati.
337 Sacrifício do rei Uparichara. Enfurecido ao não ver Narayana. Apaziguado com história de peregrinos.
338 Rei Uparichara cai do céu, e emancipação final.
339 Narada vai para a Ilha Branca em peregrinação.
340 **Narada vê o Senhor Narayana. Narayana descreve como ele nasce através das eras. Yudhishthira pergunta quem é superior - Narayana está acima de Brahman. O Suta conclui esta declaração da história para Saunaka – considera muito esta passagem.**
341 **Saunaka pede a Sauti para descrever como Narayana é o fazedor e desfrutador de sacrifícios. Continua narrando Vaisampayana para Janamejaya depois de alguma questão. Vyasa responde a cinco discípulos (Sumanta, Jaimini, Paila, Vaisampayana, Suka). Criação do universo, lugar de Brahman e Vishnu.**
342 **Nomes de Krishna (Krishna para Arjuna) com significados. Quatro tipos de adoradores e o melhor.**
343 **Agni e Shoma; histórias de Sakra e Vishnu, batalha de Rudra com Nara e Narayana.**
344 Saunaka continua com Narada que voltou depois de ver o Eu.
345 Narada devotado a Narayana, mora no Himavat com eles.
346 Criação de Pitris do lodo de presas de javali (Vishnu).
347 Saunaka completa narrando história de Narayana. Janamejaya prosseguindo com Sacrifício de Cavalo.
348 Sauti para Saunaka sobre como Narayana tomou forma de cabeça equina.
349 Janamejaya questiona Vaisampayana a respeito de almas devotadas a Narayana. Resposta se referindo ao Gita.
350 Nascimento anterior de Vyasa.
351 Janamejaya pergunta a respeito de um ou muitos Purushas. Rudra faz a Brahman esta pergunta.
352 Brahma explica o único Purusha supremo.
353 Yudhishthira pergunta a Bhishma quais são os principais deveres daqueles em modos de vida. Narada para Indra.
354 Narada relata história de Brahmana questionando um convidado a respeito do maior dever do homem.
355 Avisado para ir até Padma, um grande Naga.
356 Convidado parte. Discute renúncia a noite inteira.
357 Brahmana chegado na casa descobre que o dono estava fora – espera na floresta.
358 Brahmana se abstém de alimento durante sua espera.
359 Chefe Naga retorna. Esposa narra deveres dos diferentes modos de vida.
360 Esposa relata propósito do Brahmana. Chefe Naga parte para vê-lo.
361 Questiona Padmanabha a respeito de alma Jiva.
362 Primeiro pergunta sobre Naga puxando a roda de Surya. Resposta a respeito de ser entrando em Surya nos tempos antigos. (como um cometa?)
363 O objeto é um Brahmana alcançando o céu.
365 Brahmana parte resolvendo seguir o voto Unccha.

VOLUME XIII – ANUSASANA PARVA

(Parte I)

1 Caçador, serpente, Kala, Mrityu, Gautami sobre quem é responsável por más ações. Karma. Yudhishthira consolado com relação a instrumento em batalha.
2 História da descendência de Ikswaku, até Sudarsana. Conquista de Mrityu por cumprir os deveres de chefe de chefe de família, um Brahmana é permitido desfrutar de sua esposa.
3 Yudhishthira pergunta como Viswamitra subiu de Kshatriya para Brahmana.
4 Nascimento de Viswamitra relatado, benefícios de Gadhi, mas árvores trocadas para que embora nascido na classe Kshatriya ele fosse destinado a ser um grande Brahmana.
5 Suka (papagaio) e árvore para ilustrar devoção e compaixão.
6 Destino e esforço.

7 Frutos das ações boas e más.
8 Bhishma afirma quão altamente ele considera os Brahmanas.
9 Chacal e macaco que decaíram por não fazerem doações, ou se apropriarem indevidamente de (posses de) Brahmanas.
10 Nobres de nascimento não devem dar instrução para pessoas de casta inferior.
11 Deusa da prosperidade residindo ou evitando certos tipos de homens e mulheres.
12 Rei Bhangaswana transformado em uma mulher por punição de Indra. Mulheres derivam mais prazer que os homens através da relação sexual, têm mais afeição pelos filhos.
13 **O que um homem deve fazer para passar agradavelmente esta vida e a vida após a morte (evitar 3 ações do corpo, 4 da fala, 3 da mente; 10 ações).**
14 Krishna questionado sobre os nomes de Mahadeva. Krishna inicia uma longa descrição de como ele obteve um filho por adorar Mahadeva.
15 Krishna obtém benefícios.
16 Upamanyu completa descrição do Rishi Tandi adorando Mahadeva.
17 Vasudeva canta (detalhadamente) vários nomes e formas de Mahadeva.
18 Rishis contam para Yudhishthira como cada um deles se libertou do pecado por adorar Mahadeva.
19 Yudhishthira pergunta sobre os deveres de todos e união de casamento. História de Ashtavakra pedindo para Vadanya sua filha. Mandado subir para o Norte: ele passa tempo com Kuvera e Apsaras (mencionadas), e também com a dama no palácio que se aproxima dele em busca de sexo.
20 Dama é Brahmacharya, deseja se casar com o Rishi.
21 Ashtavakra se mantém fiel, ela foi enviada para testá-lo. Ele obtém a filha de Vadanya.
22 Conversa entre Yudhishthira e Bhishma sobre glorificar Brahmanas com presentes, e aderência aos deveres.
23 Oferecimento de doações, ritos, conveniência do Brahmana em funerais.
24 Vyasa para Bhishma sobre ações equivalentes ao Brahmanicídio.
25 Angiras para Gautama sobre Thirtas sagrados nos quais se banhar.
26 Bhishma visitado por muitos Rishis. Yudhishthira pergunta sobre o principal dos lugares para se visitar. Rishi para Brahmana sobre o voto Sila, visita Ganga.
27 Yudhishthira pergunta como alguém pode ganhar a posição de Brahmana. História da jumenta e Matanga.
28 Indra tenta deter Matanga. Duração de tempo em cada casta.
29 Matanga finalmente aceita uma bênção, ele não pode obter a posição de Brahmana.
30 Como o rei Vitahavya obteve a posição de Brahmana com palavras de Bhrigu.
31 Narada para Vasudeva sobre aqueles cuja conduta é venerada.
32 História do falcão, pombo e Vrishadarbha sobre os méritos da proteção.
33 Veneração aos Brahmanas é o principal dos deveres reais.
34 Terra para Vasudeva sobre culto dos Brahmanas.
35 Últimas palavras sobre tratamento aos Brahmanas.

(Parte II)

36 Samvara (um Asura) instrui Sakra sobre conduta em direção aos Brahmanas.
37 Virtuosa doação de presentes.
38 Apsara Panchachuda para Narada sobre disposição e defeitos das mulheres.
39 Yudhishthira pergunta por que os homens se associam com mulheres.
40 Bhishma concorda que as mulheres são a incorporação do pecado, incontroláveis. Proteção – Devarsarman pede para Vipula proteger sua esposa de Indra.
41 Indra chega chamando, mas a esposa está protegida.
42 Vipula ouve que ele está severamente em apuro.
43 Aliviado dos pecados. Bhishma conclui que os homens devem desfrutar companhia de mulheres com relutância e liberdade de apego. Somente aqueles de grande alma podem proteger as mulheres.
44 Casamento, entrega de filha, dotes.
45 Herança de riqueza por filhas.
46 Daksha sobre cuidado e proteção das mulheres.
47 Número de esposas aceito por cada classe; partilha de riqueza para descendentes de cada esposa.
48 Mistura de classes dando 15 classes inferiores, e assim por diante. Nenhum dever para as classes inferiores.
49 Mais sobre quem possui filhos, mistura de classes.
50 Compaixão por outros. Chyavana arrastado com peixes enquanto praticando penitências.
51 Comprado por vaca.
52 Yudhishthira pergunta sobre o nascimento de Rama (de Jamadagni). Chyavana e Kausika.

53 Kausika sujeitado a todos os tipos de tormentos por Chyavana.
54 Kausika passa pelas trilhas colocadas por Chyavana.
55 Chyavana explica que ele estava tentando extrair ira. Kausika obtém bênção de neto Brahmana.
56 Linhagem para o nascimento de Rama de Jamadagni, e profecia de ocorrência entre Kshatriyas e Brahmanas.
57 Bhishma vence o desgosto de Yudhishthira por levar modo de vida de chefes de família.
58 Méritos do plantio de árvores e construção de tanques.
59 Doações.
60 Doação para os Brahmanas que pedem e para os que não pedem.
61 Doações e sacrifícios.
62 Fazendo doações de terra.
63 Narada para Bhishma sobre doação de alimento.
64 Narada para Devaki sobre quais doações são dadas sob quais condições.
65 Bhishma sobre doações de água, ouro, etc. para Brahmanas.
66 Sementes de gergelim, (sacrifícios por ações trazendo resultados), doação de terra, vacas.
67 Comida e bebida doadas juntas.
68 Yama para Brahmana sobre doações de sementes de gergelim, água, luz, pedras preciosas.
69 Doação de Vacas.
70 História de Nriga doando vacas, como lagarto no poço após a morte.
71 Uddalaka e Nachiketa na residência de Yama – Yama sobre doações de vacas.
72 Avô para Sakra sobre regiões alcançadas por doar vacas.
73 Avô responde para Sakra.
74 Punição por matar vacas.
75 Méritos ligados a votos, Brahmacharya.
76 Mais sobre mérito, e como doar vacas.
77 Criação da vaca Kapila de Daksha.
78 Vasishtha para Saudasa sobre vacas.
79 Vacas desejaram salvar os mundos.
80 Ghee.
81 Vyasa para Suka sobre culto das vacas.
82 Deusa da Prosperidade, Sri, reside no excremento de vacas.
83 Indra instruído por Brahman sobre vacas.
84 Yudhishthira pergunta sobre ouro. Ouro é a essência do fogo e Soma.
85 História do nascimento do ouro para a destruição do Asura Taraka.
86 Skanda matou Asura Taraka.
87 Yudhishthira pergunta sobre culto dos ancestrais.
88 Oferendas para os Pitris e duração de tempo que elas duram.
89 Sraddhas opcionais.
90 Brahmanas pecaminosos e purificadores e doação de presentes.
91 Nimi realizando Sraddha por seu filho. Ritos de Atri do primeiro Sraddha explicados.
92 O fogo também deve ser honrado junto com os Pitris.
93 História dos Rishis não aceitando doações de pessoas injustas mesmo quando zangadas. Jejum como uma penitência.
94 Maldições por Rishis e Indra quando Agastya tem seus caules de lotos roubados.
95 Yudhishthira pergunta sobre guarda-sóis e sandálias. História de Jamadagni, esposa Renuka, sobre aniquilar o sol.
96 Surya dá para Jamadagni guarda-sóis e sandálias para proteger do calor.
97 Vasudeva instruído no modo de um chefe de família.
98 Manu e Suvana sobre doações de flores e luz.
99 Nahusha como líder dos deuses, maltratando Rishis. Agastya e Bhrigu conspiram contra ele.
100 Nahusha lançado para baixo como uma cobra quando ele golpeia Agastya na cabeça com seu pé.
101 Fim para aqueles que tiram propriedades de Brahmanas.
102 Diferentes regiões alcançáveis após a morte.
103 Jejum como a maior penitência.
104 Ações que aumentam e diminuem a vida.
105 Comportamento de irmãos uns para com os outros.
106 Duração de tempo e mérito de jejuns.
107 Mérito de jejuns como iguais a sacrifícios.
108 Mérito do Tirtha sagrado (banhando-se em sua própria alma).
109 Resultados de sacrifícios.

110 Beleza e disposição – nomes de deuses para partes do corpo.
111 Vrihaspati fala para Yudhishthira sobre vida após a morte e vida no inferno.
112 Fim daqueles que seguem virtude.
113 Vrihaspati relata o maior bem para os humanos, isto é, compaixão. Ascende de volta para o céu.
114 Religião da compaixão: exemplo é a abstenção de carne.
115 Bhishma para Yudhishthira sobre abstenção de carne.
116 Méritos da abstenção de crueldade e carne.
117 Verme e Vyasa sobre medo da morte, apego à vida.
118 Verme renascido como Kshatriya – vai até Vyasa.
119 Finalmente alcança a região de Brahma.
120 Vyasa e Maitreya sobre conhecimento, penitências, caridade.
121 Maitreya sobre doações de alimento.
122 Conhecimento e penitências.
123 Deveres das mulheres castas e boas.
124 Conciliação e doações. Brahmana conciliado com Rakshasa.
125 Pitris explicam ações e grandes méritos associados com certos direitos.
126 Atos e sacrifícios que satisfazem Vishnu.
127 Mais sobre méritos da parte das divindades.
128 Vayu sobre certas observâncias.
129 Lomasa sobre certas observâncias.
130 Esposa de Vashishtha fala.
131 Pramathas (viajantes espectrais) explicam como eles são mantidos longe.
132 Renuka enviado para questionar os elefantes que sustentam o mundo, sobre religião e dever.
133 Maheswara sobre bondade para vacas.
134 Skanda e Vishnu terminam discussão sobre religião e dever.
135 Yudhishthira pergunta sobre as quatro classes aceitando alimento.
136 Como os Brahmanas expiam seus pecados por aceitarem alimento impróprio.
137 Bhishma relata nomes de grandes chefes de família chegando ao céu através da caridade.
138 Cinco tipos de doações (mérito, lucro, medo, livre escolha, piedade).
139 Bhishma relata história de Krishna queimando um topo de montanha.
140 Uma questiona seu marido Mahadeva.
141 Resposta à questão sobre religião, dever, especialmente do chefe de família.
142 Uma pergunta sobre deveres dos ascetas da floresta.
143 Quatro classes, e como elas surgem e caem entre vidas.
144 Deveres dos homens.
145 Uma pergunta quais ações levam ao céu, e quais para o inferno.
146 Uma agora pedida para falar sobre o dever das mulheres.
147 Mahadeva descreve a glória de Krishna.
148 Conclusão do discurso de Sankara e Uma, em culto de Krishna.
149 Bhishma narra os mil nomes de Krishna.
150 Bhishma explica os Mantras Savitri.
151 Culto dos Brahmanas.
152 Recompensas por cultuar os Brahmanas. História de Pavana e Arjuna (não o Pandava).
153 Arjuna aconselhado pelo deus do vento por não cultuar os Brahmanas.
154 Deus do vendo narra feitos de grandes Brahmanas.
155 Façanhas de Agastya e Vasishtha.
156 Façanhas de Atri e Chyavana.
157 Arjuna reconhece a grandeza dos Brahmanas.
158 Yudhishthira pergunta sobre os frutos de Bhishma de cultuar Brahmanas. Bhishma é nublado – louva Krishna e pede a ele para responder.
159 Krishna fala sobre o Rishi Durvasa residindo em sua casa.
160 Krishna relata quem Durvasa é (deus Mahadeva).
161 Krishna louva Mahadeva.
162 Yudhishthira pergunta sobre a maior autoridade: escrituras ou percepção direta. Virtude.
163 Discurso sobre fortuna, atos do passado, obtenção de riqueza.
164 Rumo da Virtude e Iniquidade. Recompensa eterna.
165 Recitação dos nomes dos Deuses e Rishis, para destruir pecados.
166 Pandavas se despedem de Bhishma.
167 Retorno depois do período a Bhishma que tinha estado sobre o leito por 58 noites. Bhishma pede permissão de Krishna.

168 Bhishma morre. Ganga consolada. Bhishma era um dos Vasus.

VOLUME XIV – ASWAMEDHA PARVA

1 Yudhishthira cai em aflição. Aconselhado por Dhritarashtra.
2 Aconselhado por Krishna e Vyasa.
3 Vyasa repreende Yudhishthira.
4 Vyasa fala sobre Rei Marutta.
5 Inveja de Indra por Marutta.
6 Vrihaspati se recusa a oficiar como sacerdote de Marutta. Narada instrui Marutta a procurar Samvarta.
7 Samvarta concorda em realizar sacrifício.
8 Marutta obtém ouro de Kuvera.
9 Indra envia Agni e Vrihaspati para Marutta, mas Marutta os recusa.
10 Término do sacrifício, Indra satisfeito. Yudhishthira deve obter aquele ouro.
11 Krishna relata como Indra destruiu Vritra quando ele se movia Terra-Éter, do corpo de Sakra.
12 Krishna fala para Yudhishthira conquistar a batalha em sua mente.
13 Aviso do poder de Kama sobre a mente.
14 Yudhishthira consolado. Ritos funerários realizados.
15 Krishna pede permissão para partir.
16 Arjuna pergunta para Krishna sobre a verdade dita para Arjuna durante a batalha. Krishna narra história de Kasyapa encontrando Rishi emancipado da região do Avô.
17 Kasyapa pede por explicação quanto a como Jiva obtém e deixa o corpo.
18 Como Jiva entra em um corpo, até a emancipação final.
19 Krishna termina por relatar emancipação e ciência de Yoga.
20 Esposa de Brahmana pergunta para seu marido aonde ela irá após a morte. Resposta inclui ares vitais, 7 tipos de combustível (elemento, mente e compreensão), 7 sacerdotes, etc.
21 Criação do Mundo e Mente.
22 Sete sacerdotes sacrificantes (nariz, olho, língua, pele, ouvido, mente, compreensão). Sua independência.
23 Nenhum dos cinco ares vitais é superior aos outros.
24 Cinco ares vitais.
25 Brahmana continua sobre sacrifício Chaturhotra: alimento reduzido.
26 Cobras, divindades, Asuras, Rishis instruídos por Brahman.
27 Descrição do mundo como 7 eremitérios, árvores, frutos, etc.
28 Yati e Adhawaryu sobre sacrifício de uma cabra.
29 Rama (filho de Jamadagni) destruindo Kshatriyas.
30 Pitris o aconselham a praticar penitências – Yoga, mata os sentidos.
31 ‘Inimigos’: exultação, satisfação, alegria (Bondade), cobiça, ira, ódio (Paixão), lassidão, procrastinação, ilusão (Ignorância). Rei Ambarisha vence a cobiça.
32 Janaka, incapaz de determinar o que pertence a ele (nenhuma idéia de ‘meu’).
33 Brahmana para sua esposa (ver 20).
34 Krishna conclui a história (Brahmana sua mente, esposa sua compreensão).
35 Arjuna pede a Krishna para explicar Brahma.
36 Qualidade de Ignorância, queda e subida de um homem da ignorância.
37 Qualidades da Paixão.
38 Qualidades da Bondade.
39 Discussão sobre as três qualidades em todas as coisas.
40 Mahat – Grande alma.
41 Mahat como "Eu sou tudo isso".
42 Resto dos elementos, seus objetos e divindades presidentes.
43 Dever, governadores sobre diferentes formas.
44 A mais elevada das plantas, homens, universo (Vishnu), etc.
45 Analogia da vida com uma roda.
46 Vida de um recluso, levando à emancipação.
47 Analogia da árvore, duas aves.
48 Diferença entre Purusha e natureza.
49 Avô endereçado por Brahmanas sobre deveres conflitantes.
50 Avô responde. Relação de Natureza e Purusha. Qualidades dos elementos.

51 Analogia com carruagem. Emancipação. Krishna termina instruindo Arjuna.
52 Krishna e Arjuna vão até Yudhishthira e Dhritarashtra. Krishna então parte para sua cidade de origem.
53 Krishna encontra Utanka, que ameaça amaldiçoá-lo por causar a morte dos Kauravas.
54 Krishna explica quem ele é.
55 Utanka recebe visão de Krishna. Bênção de água concedida para Utanka – erro com caçador. Nuvens-Utanka.
56 Austeridades de Utanka. Parte para obter brincos celestiais do rei Saudasa.
57 Encontra Saudasa, e concorda em voltar para ser comido depois de ter obtido os brincos de sua esposa.
58 Utanka obtém brincos, perdendo-os temporariamente para cobra na região Naga. Os oferece para esposa de Gautama.
59 Krishna volta para casa.
60 Krishna resume a história (Bhishma 10 dias, Drona 5, Karna 2, Salya meio, Sakuni).
61 Morte de Abhimanyu discutida.
62 Pandavas também lamentam por Abhimanyu.
63 Yudhishthira manda Pandavas em busca da riqueza enterrada de Marutta.
64 Todos partem e acampam perto de montanhas.
65 Sacrifício, e escavam riqueza.
66 Krishna retorna, porque Parikshit nasce morto de Uttara.
67 Damas pedem que o bebê morto seja revivido.
68 Krishna vai até Draupadi.
69 Uttara lamenta. Krishna afirma que a criança viverá.
70 Presentes feitos para a criança. Pandavas retornam um mês depois.
71 Yudhishthira se prepara para o sacrifício.
72 Sacrifício de Cavalo começa. Arjuna segue. Vyasa preside a cerimônia.
73 Arjuna segue cavalo. Batalha com reis durante este tempo.
74 Arjuna luta com Trigartas.
75 Arjuna enfrenta filho de Bhagadatta.
76 Luta por 3 dias, subjuga (não mata) filho de Bhagadatta.
77 Arjuna com problemas, mas derrota Saindhavas.
78 Arjuna espera, se lembrando das palavras de Yudhishthira para não matar indiscriminadamente. Rainha Dussala finalmente interrompe com o neto de Arjuna, força o fim da luta.
79 Vabrwahana (um filho de Arjuna) traz presentes, mas é forçado a lutar. Arjuna e filho ambos caem desmaiados no chão.
80 Ambos devolvidos à vida.
81 Queda de Arjuna explicada como expiação do pecado de matar Bhishma injustamente.
82 Filho de Sahadeva dá combate e é derrotado.
83 Arjuna atravessa o Sul conquistando muitas cidades.
84 Derrota filho de Sakuni (linhagem de Gandharas) depois de batalha violenta.
85 Preparações para o sacrifício: área sacrifical é preparada.
86 Arjuna fatigado. Numerosos reis chegam ao sacrifício.
87 Arjuna retorna. Krishna atribui sua constante miséria a ossos altos da face!
88 Sacrifício continua, como recomendado por Vyasa.
89 Riqueza doada em abundância.
90 Mangusto aparece no sacrifício com cabeça dourada e relata história de família Brahmana faminta dando alimento para convidado.
91 Vaisampayana para Janamejaya sobre sacrifícios.
92 Explicação do mangusto como Raiva, sendo libertado da maldição.

VOLUME XV – ASRAMAVASIKA PARVA

1 Tratamento do rei Dhritarashtra. Só Bhima tem ressentimento.
2 (Idem.)
3 Bhima secretamente mantém Dhritarashtra em angústia por 15 anos. Dhritarashtra fala para Yudhishthira sobre ir para a floresta.
4 Vyasa avisa Dhritarashtra agora idoso para se retirar para as florestas.
5 Dhritarashtra come com Pandavas, então aconselha Yudhishthira sobre regras de realeza.
6 Dhritarashtra instrui sobre guerra e paz.

7 (Idem.)
8 Yudhishthira dá permissão para Dhritarashtra se retirar. Riqueza dada para Brahmanas.
9 Dhritarashtra se dirige aos Brahmanas.
10 Recebe permissão do povo, que atribui grande batalha ao destino.
11 Vidura pede riqueza aos Pandavas para realizar Sraddha. Bhima contesta.
12 Yudhishthira garante a Vidura toda riqueza.
13 Vidura retorna para Dhritarashtra.
14 Presentes dados em nome de filhos e netos mortos.
15 Mulheres lamentam enquanto Dhritarashtra parte.
16 Kunti resolve ir para as florestas também. Pandavas tentam dissuadi-la.
17 Kunti fala – determinada a ir.
18 Dhritarashtra e grupo passam a primeira noite na floresta.
19 Dhritarashtra iniciado por Vyasa no modo de vida da floresta. Mora com Satayupa.
20 Narada relata que Dhritarashtra tem três anos de vida, então ele alcançará a região de Kuvera.
21 Pandavas mergulhados em angústia.
22 Pandavas partem em grande comitiva para visitar Dhritarashtra.
23 Procedem em direção a Dhritarashtra.
24 Pandavas saúdam Dhritarashtra, Kunti, Gandhari.
25 Sanjaya aponta Pandavas para Brahmanas no retiro.
26 Vidura morre e entra no corpo de Yudhishthira - também parte de Dharma.
27 No dia seguinte Yudhishthira faz presentes para Brahmanas.
28 Vyasa pergunta pelo bem-estar de Dhritarashtra. Fala sobre Dharma.
29 Vyasa deseja conceder alguma bênção para Dhritarashtra.
30 Kunti fala de sua culpa sobre o nascimento de Karna.
31 Vyasa promete que eles encontrarão com os mortos, à noite. Explica origem de: Dhritarashtra do rei Gandharva; Pandu e Bhima dos Maruts; Yudhishthira de Dharma; Duryodhana de Kali; Sakuni de Dwapara; Dussasan e irmãos mais Sikhandin eram Rakshasas; Arjuna é Nara; gêmeos dos Aswins; Surya Karna; Abhimanyu Soma; Dhrishtadyumna do fogo; Drona Vrihaspati; Aswatthaman Rudra; Bhishma Vasu.
32 Vyasa convoca tropas.
33 Todos reconciliados alegremente. Ao amanhecer as tropas partem. Vyasa permite que as senhoras devotadas se unam a seus maridos.
34 Janamejaya questiona Vaisampayana sobre como foi possível os mortos reaparecerem em seus corpos físicos.
35 Vyasa mostra a Janamejaya seu pai Parikshit, quando pedido. Janamejaya termina seu sacrifício.
36 Pandavas retornam para Hastinapura.
37 Dois anos depois Narada vai até Yudhishthira e conta da morte de Dhritarashtra, Kunti e Gandhari em um incêndio na floresta.
38 Pandavas lamentam.
39 Dhritarashtra realmente queimado por seu próprio fogo sacrifical. Ritos fúnebres realizados.

VOLUME XVI – MAUSALA PARVA

1 Trinta e seis anos após a batalha Yudhishthira nota maus presságios. Ouve que os Vrishnis foram todos mortos por dardo de ferro, exceto por Krishna e Rama. Devido à maldição do Brahmana.
2 Maus presságios notados por Krishna e Vrishnis.
3 Em festejo ocorre discussão e Satyaki mata Kritavarman. Satyaki e filho de Krishna mortos por multidão, então Krishna mata todos com grama Kusa transformada em vara de ferro.
4 Daruka mandado buscar Arjuna para proteger mulheres Yadu. Vabhru morto por malho de ferro de caçador. Rama (Naga) deixa seu corpo e é recebido de volta no oceano. Krishna morre, atingido no pé por Jara (um caçador). Ele volta para sua região.
5 Arjuna chega a Dwaraka, e as 16.000 damas de Krishna.
6 Vasudeva explica a situação para Arjuna.
7 Vasudeva morre durante a noite. Arjuna parte com as damas. Quando eles partem Dwaraka é engolfada pelo oceano. Rama e Vasudeva cremados. Devaki, Bhadra, Rohini, Madira sobem na pira mortuária de Vasudeva. Ladrões atacam mulheres sob proteção de Arjuna - Gandiva não tem mais flechas, armas celestes não vêem. Muitas mulheres levadas. Arjuna vai até Vyasa.
8 Avisado por Vyasa que a hora dos Pandava está próxima. Arjuna volta para Yudhishthira.

VOLUME XVII – MAHAPRASTHANIKA PARVA

1 Pandavas, Draupadi e um cachorro partem para a floresta, com Parikshit no trono, Kripa como preceptor, Yuyutsu como ministro. Deus do fogo força Arjuna a abandonar Gandiva e aljavas. Ulupi (esposa de Arjuna) volta para regiões Naga.
2 Draupadi cai (devido à sua parcialidade por Arjuna), Sahadeva (se achava sábio), Nakula (se achava belo), Arjuna (não venceu todos os inimigos em um dia, como ele prometeu), Bhima (não prestava atenção aos outros enquanto comia). Yudhishthira e cão partem.
3 Carro de Indra chega, mas Yudhishthira se recusa a subir nele se isso significa abandonar o cachorro. Segundo teste de virtude. Cachorro é Dharma. Yudhishthira ascende para o céu e pergunta por seus irmãos.

VOLUME XVIII - SWARGAROHANIKA PARVA

1 Yudhishthira vê Duryodhana no céu. Pergunta por seus irmãos.
2 Yudhishthira é levado ao inferno onde seus irmãos estão em tormento.
3 Yudhishthira passa pelo terceiro teste. Pessoas boas passam primeiro pelo inferno, pessoas más primeiro pelo céu. Tudo uma ilusão. Ele se banha no Ganga celeste e deixa pra trás toda aflição humana.
4 Apresentado aos Pandavas, etc., em suas formas celestes.
5 Sauti explica para Janamejaya como cada pessoa foi reabsorvida (exemplo: Bhishma era Vasu Dau). Astika salva cobras. Janamejaya termina sacrifício.
Vyasa compôs 60 lakhs (1 lakh=100.000) (de versos) do Mahabharata: 30 possuídos pelas divindades (Narada), 15 pelos Pitris (Asita-Devala), 14 pelos Yakshas (Suka), 1 por homens, narrado por Vaisampayana.
6 Vaisampayana termina por explicar para Janamejaya como uma pessoa deve ouvir a história, qualidades no narrador, o que deve ser doado a cada Parva.

Lista de Referência de Personagens

Amba – Princesa mais velha de Banaras.
Ambalika – Princesa mais nova de Banaras.
Ambika – Terceira das três princesas de Banaras.
Arjuna – Filho de Indra, um dos cinco Pandavas.
Astika – Filho de uma mulher Naga e um eremita.
Balarama – Irmão de Krishna.
Bharata – Rei Lunar lendário.
Bhima – Filho do Deus do Vento, um dos cinco Pandavas.
Bhishma – Filho do Rei Santanu.
Chitraratha – Rei dos Gandharvas (músicos celestiais).
Devi – Esposa de Shiva.
Dharma – Deus da Justiça, pai de Yudhishthira.
Dhrishtadyumna – Filho de Drupada, nascido do fogo.
Dhritarashtra – Rei cego dos Bharatas.
Draupadi – Filha de Drupada nascida do fogo, esposa dos cinco Pandavas.
Drona - Preceptor em armas dos Kurus.
Drupada – Rei de Panchala.
Duhsala – Única filha de Dhritarashtra.
Duhsasana – Segundo filho de Dhritarashtra.
Duryodhana – Filho primogênito de Dhritarashtra.
Gandhari – Rainha de Dhritarashtra.

Ganga – Deusa do Rio Ganges.
Hanuman – Chefe macaco herói do Ramayana.
Indra – Senhor do Céu (Sakra – saqueador de cidades).
Janamejaya – Rei Bharata governando quando esta história é contada.
Jayadratha – Rei de Sindh.
Kali – Deusa do Infortúnio, Deusa do Mal.
Kama – Deus do Amor.
Karna – Primeiro filho de Kunti, com o Sol.
Kripa - Preceptor dos Kurus na arte de manejar arco e flecha.
Kripi – Irmã gêmea de Kripa.
Krishna – Chefe do clã dos Yadavas, e a encarnação do Senhor Vishnu.
Kritavarman – Parente de Krishna.
Kunti – Primeira esposa de Pandu, mãe de Yudhishthira, Bhima, Arjuna e Karna.
Kuru – Lendário rei Bharata que deu seu nome ao povo e ao campo de batalha de Kurukshetra.
Lakshmi – Deusa da boa sorte e riqueza, consorte divina de Narayana (Vishnu).
Madri – Segunda esposa de Pandu, mãe de Nakula e Sahadeva; irmã de Salya.
Maya - Um Asura.
Nakula – Um dos cinco Pandavas, gêmeo de Sahadeva.
Nara – O primeiro homem, o Espírito do Homem.
Narayana – Senhor Vishnu, preservador do Universo.
Pandu – Irmão mais novo de Dhritarashtra.
Parikshit – Neto de Arjuna, pai de Janamejaya.
Pratipa – Avô de Bhishma.
Sahadeva – Um dos Pandavas, gêmeo de Nakula.
Sakuni – Irmão de Gandhari, tio de Duryodhana.
Salwa – Rei ocidental, escolhido por Amba.
Salya – Rei do povo Madra.
Sanjaya – Cocheiro de Dhritarashtra.
Santanu – Filho de Pratipa, marido de Ganga e pai de Bhishma.
Satyaki – Parente de Krishna.
Satyavati – Mãe de Vyasa.
Saunaka – Ouvinte da história na floresta.
Sauti – Narrador da história na floresta.
Sesha – Serpente de Narayana.
Shiva – Grande Deus, destruidor do Universo.
Sikhandin – Filho de Drupada, originalmente nascido mulher (Amba em vida anterior).
Subhadra – Irmã de Krishna.
Surya – Deus Sol.
Susarman – Rei dos Três Castelos, um aliado de Duryodhana.
Suyodhana – Outro nome para Duryodhana ("Bom Lutador").
Takshaka – Serpente que matou Parikshit.
Ugrasena – Rei Yadava.
Urvasi - Uma Apsara.
Uttara – Filho de Virata.
Uttarah – Filha de Virata, mãe de Parikshit.
Vaisampayana – Narrador da história para Janamejaya.
Vaishravana - Deus da Riqueza.
Vayu – Deus do Vento, pai de Bhima.
Vidura – Irmão mais novo de Pandu.
Virata – Rei de Matsya.
Vyasa – O poeta divino que compôs o Mahabharata.
Yama – Deus dos Mortos.
Yudhishthira – O Pandava mais velho, filho de Dharma.
Yuyutsu – Filho de Dhritarashtra com uma moça do palácio.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 1

ADI PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO
Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
	Prefácio da Tradução Inglesa.	**8**
1	Sumário, lamento de Dhritarashtra “nenhuma esperança de êxito”.	**12**
2	Visão geral dos capítulos e conteúdo.	**25**
3	Janamejaya, filho de Parikshit, provações Brahman, história de Utanka e brincos. Leva ao sacrifício de cobras.	**40**
4	Sauti se prepara para começar.	**51**
5	Brhigu, Rakshasa planeja levar sua esposa Puloma.	**52**
6	Nascimento de Chyavanna. Maldição sobre Agni (por informar o Rakshasa).	**54**
7	Resolução da maldição de Agni por Brahma.	**55**
8	Ruru e a donzela Pramadvara. Morte dela.	**57**
9	Pramadvara volta à vida.	**58**
10	Ruru não mata uma cobra que uma vez foi um Brahmana, agora amaldiçoado.	**59**
11	História da cobra – volta para forma humana.	**60**
12	Ruru pergunta por que Janamejaya quer destruir as cobras.	**61**
13	Jaratkaru, pai de Astika, é informado de que deve gerar um filho.	**61**
14	É oferecida uma moça, irmã do rei das cobras.	**63**
15	Astika deixado por Jaratkaru.	**63**
16	Filhas de Prajapati na Era Dourada – mil filhos e dois filhos.	**64**
17	Saunaka pergunta sobre o batimento do oceano de leite.	**65**
18	Batimento do oceano.	**66**
19	Combate com Asuras por causa do Amrita.	**68**
20	Kadru e Vinata apostam.	**69**
21	Descrição do oceano.	**70**
22	Descrição do oceano.	**71**
23	Vinata perde a aposta e se torna uma escrava. Garuda se torna uma ave enorme.	**72**
24	Surya resolve queimar os mundos.	**74**
25	Garuda e sua mãe, Vinata. Divisões de tempo.	**75**
26	Indra faz chuva cair sobre os Nagas.	**76**
27	Garuda questiona ordem das cobras.	**76**
28	Garuda ataca os Nishadas pelo Amrita.	**77**
29	Garuda ouve história do elefante e da tartaruga.	**79**
30	Garuda devora elefante e tartaruga. Os deuses se preparam para proteger o Soma.	**81**
31	Ato de descuido de Indra.	**83**
32	Garuda luta com os deuses.	**85**
33	Garuda pega o Amrita. Narayana lhe concede bênçãos. Indra pede amizade.	**86**
34	Garuda liberta sua mãe da maldição. Soma levado de volta para o céu. Línguas das cobras divididas por lamber erva Kusa.	**88**
35	Nomes das cobras são recitados.	**89**
36	A cobra mais velha, Sesha, sustenta o mundo.	**90**
37	Vasuki consulta com as cobras como evitar sua maldição.	**91**
38	As cobras são informadas como Astika abortará o sacrifício.	**93**
39	Vasuki planeja entregar irmã para Jaratkaru.	**94**
40	O rei Parikshit caçando joga uma cobra em um Muni. Ele é amaldiçoado.	**95**
41	A maldição.	**96**

42	Parikshit se prepara para evitar a mordida da cobra.	**98**
43	Parikshit é mordido.	**100**
44	Janamejaya é coroado.	**102**
45	Jaratkaru mandado gerar filhos por seus ancestrais.	**103**
46	Para Jaratkaru é oferecida a irmã de Vasuki.	**104**
47	A esposa de Jaratkaru concebe. Jaratkaru a deixa.	**105**
48	Astika cresce.	**107**
49	Janamejaya pergunta sobre a morte de seu pai.	**109**
50	Repetição da morte de Parikshit; Janamejaya resolve destruir as cobras.	**110**
51	Preparativos para o sacrifício.	**113**
52	Sacrifício – cobras queimam.	**114**
53	Rishis no sacrifício.	**114**
54	Astika é avisado de sua missão, e enviado.	**115**
55	Louvor ao sacrifício.	**117**
56	Para Astika é concedido um benefício: parar o sacrifício.	**118**
57	Nomes das cobras levadas pelo sacrifício.	**120**
58	Sacrifício das cobras termina.	**121**
59	Saunaka pede para o Mahabharata ser narrado.	**123**
60	Krishna-Dvaipayana vai até Janamejaya depois do sacrifício, e é pedido para relatar a história dos Kurus e Pandavas.	**123**
61	Sumário da história.	**125**
62	Sumário da história.	**127**
63	Rei Vasu, nascimento de Satyavati, nascimento de Vyasa. Resumo dos nascimentos dos personagens principais.	**130**
64	Criação de Parasurama. Era Krita. Terra vai até Brahma porque está ficando superlotada. Brahma promete encarnações.	**135**
65	Nascimento de todas as criaturas.	**138**
66	Genealogia de deuses e criaturas.	**140**
67	Relato da encarnação das divindades na terra, incluindo os cinco Pandavas.	**144**
68	Dushmanta, fundador da linhagem Paurava.	**150**
69	Vida de Dushmanta, caçando.	**151**
70	Dushmanta entra em uma floresta de ascetas.	**153**
71	Filha do Rishi, Sakuntala, relata seu nascimento.	**155**
72	Término da história do nascimento de Sakuntala.	**157**
73	Oito tipos de casamento. Dushmanta se casa com Sakuntala. Rishi retorna.	**158**
74	Sakuntala apresenta o filho para Dushmanta, que a recusa. Ela fala sobre a esposa, o filho, a verdade. Voz do céu confirma as palavras dela. Dushmanta a aceita e chama o filho de Bharata.	**160**
75	Genealogia de Daksha. Yati troca de idade com Puru.	**166**
76	Sukra, Kacha, Devayani. Comido e devolvido à vida.	**169**
77	Kacha recusa Devayani, que pede a ele para casar com ela.	**173**
78	Devayani é jogada no poço.	**174**
79	Sukra para Devayani.	**176**
80	Sarmishtha é feita servir Devayani.	**177**
81	Yayati se casa com Devayani.	**179**
82	Yayati faz Sarmishtha conceber.	**181**
83	Yayati é amaldiçoado por Sukra. Para evitar a decrepitude, Yayati pode transferi-la para outro, que será o governante sucessivo.	**182**
84	Puru é o único filho a aceitar a velhice de Yayati.	**184**

85	Puru recebe de volta sua juventude, e o reino.	**186**
86	Yayati na floresta.	**188**
87	Pedido por Indra, Yayati relata o que ele disse para Puru.	**189**
88	Yayati é derrubado do céu.	**190**
89	Yayati questionado por Ashtaka.	**191**
90	Yayati relata nascimento.	**192**
91	Ashtaka pergunta sobre Grihasthas, Bhikshus, Brahamacharins, Vanaprashthas e modos de vida Muni.	**194**
92	Ashtaka e Pratardana oferecem presentes para Yayati – Yayati recusa.	**196**
93	Vasumat e Sivi também oferecem para Yayati – todos eles ascendem para o céu.	**198**
94	Linhagem de Puru a Santanu.	**200**
95	Linhagem mais adiante em maiores detalhes.	**202**
96	Ganga e Mahabhisha são amaldiçoados a nascerem sobre a Terra.	**207**
97	Pratipa promete Santanu para Ganga.	**208**
98	Ganga afoga os primeiros 7 filhos, parte quanto o oitavo nasce.	**210**
99	Explicação do pecado (vaca da abundância) que causou o nascimento dele.	**211**
100	Santanu, Bhishma, e casamento de Satyavati com Santanu.	**213**
101	Santanu morre. Chitranganda morre em combate com Ghandarvas.	**218**
102	Bhishma rouba três filhas do rei de Kasi. Concede duas para Vichitravirya, que morre sem filhos logo depois. Oito tipos de casamento.	**218**
103	Satyavati pede para Bhishma casar e gerar filhos.	**222**
104	Bhishma relata história de Vali.	**223**
105	Vyasa é chamado para gerar filhos em Ambika e Ambalika.	**225**
106	Vyasa gera três filhos.	**228**
107	História de como Dharma veio a nascer. Empalação de Mandavya.	**229**
108	Deus da Justiça é amaldiçoado. Nenhum pecado nos primeiros 14 anos de vida das crianças.	**230**
109	Crescimento dos três filhos. Pandu se torna rei.	**231**
110	Dhritarashtra recebe uma esposa.	**233**
111	Kunti recebe bênção de invocar Deuses. Karna nasce.	**233**
112	Kunti escolhe Pandu.	**235**
113	Pandu recebe Madri. Pandu começa a conquistar o mundo.	**236**
114	Pandu vai para as florestas.	**238**
115	Cem filhos para Dhritarashtra. Ele é avisado para abandonar Duryodhana.	**239**
116	Filha de Dhritarashtra.	**241**
117	Filhos de Dhritarashtra.	**242**
118	Pandu é amaldiçoado por matar um veado.	**242**
119	Pandu se torna um asceta.	**244**
120	Quatro dívidas que nós temos neste mundo. Seis tipos de filhos. Pandu manda Kunti produzir descendência.	**247**
121	Kunti pede filhos de Pandu.	**249**
122	Pandu relata como as mulheres uma vez foram livres, mas devem agora aderir a um homem. Kunti é mandada chamar o Deus da Justiça.	**251**
123	Nascem os primeiros três filhos de Kunti. Adorações quando Arjuna nasce.	**253**
124	Madri dá à luz aos Aswins: Nakula e Sahadeva.	**256**
125	Pandu morre em relação sexual com Madri. Madri sobe na pira fúnebre.	**258**
126	O restante da família volta para Kurujungala.	**260**
127	Funeral.	**261**

128	Vyasa avisa Satyavati da aniquilação da linhagem. Duryodhana conspira contra os Pandavas. Tenta matar Bhima.	**263**
129	Bhima retorna depois de beber néctar da força. Todos os garotos são enviados para estudarem sob Gautama (Kripa).	**265**
130	Nascimento de Kripa e Kripi.	**267**
131	Nascimento de Drona, Aswatthaman. Drona recebe conhecimento de armas.	**269**
132	Drupada recusa amizade com Drona.	**271**
133	Drona é aceito por Bhishma para treinar os Kurus.	**272**
134	Kurus aprendem de Drona. Príncipe Nishada pratica na floresta, mas dá polegar direito quanto pedido. Teste com a ave na árvore.	**275**
135	Arjuna salva Drona de jacaré. Recebe arma Brahmasira.	**279**
136	Torneio para mostrar façanhas dos príncipes.	**280**
137	Torneio.	**281**
138	Karna entra na arena. Arjuna e Karna se preparam para combate.	**283**
139	Karna coroado rei de Anga.	**285**
140	Drupada é levado para Drona como taxa do preceptor.	**286**
141	Drona faz Arjuna prometer que lutará com ele quando chegar a hora.	**290**
142	Discurso de Kanika para Dhritarashtra sobre como lidar com inimigos.	**291**
143	Sumário da conspiração para queimar os Pandavas na casa de laca.	**297**
144	Duryodhana e Dhritarashtra tramam exilar os Pandavas.	**299**
145	Pandavas decidem ir para Varanavata.	**300**
146	Duryodhana planeja para a casa de laca ser construída.	**301**
147	Pandavas partem para Varanavata, tendo sido avisados por Vidura.	**302**
148	Pandavas na casa de laca.	**304**
149	Mineiro vai até os Pandavas.	**305**
150	Pandavas põe fogo na casa, queimando uma mulher Nishada. Eles escapam.	**306**
151	Pandavas fogem em um barco.	**307**
152	A notícia do incêndio chega a Dhritarashtra.	**308**
153	Bhima consegue água para os irmãos. Eles dormem no chão.	**310**
154	Irmã de Rakshasa se apaixona por Bhishma.	**312**
155	Bhima luta com Hidimva (Rakshasa).	**314**
156	Bhima mata o Rakshasa.	**316**
157	Bhima casa com Hidimva; nascimento de Ghatotkacha.	**317**
158	Vyasa os manda para Ekachakra.	**320**
159	Pandavas moram na casa de um Brahmana.	**321**
160	Família do Brahmana dá discursos moralistas a respeito de quem deve ser sacrificado.	**323**
161	Filha e filho pedem para ser sacrificados.	**324**
162	Brahmana fala para Kunti sobre Vaka.	**326**
163	Kunti promete que Bhima entregará a comida.	**327**
164	Kunti tranquiliza Yudhishthira.	**328**
165	Luta com Vaka.	**329**
166	Cidadãos vêem Vaka morto e questionam Brahmana.	**330**
167	Resumo da história de Draupadi.	**331**
168	Rememoração de Drona e Drupada (e linhagem).	**332**
169	Draupadi (Krishna) e Dhrishtadyumna nascem para Drupada.	**334**
170	Kunti e Yudhishthira decidem partir.	**337**
171	Pandavas partem para Panchala.	**337**
172	Arjuna derrota o rei dos Gandharvas.	**338**

173	História de Tapati.	**342**
174	História de Tapati.	**344**
175	História de Tapati.	**345**
176	Lenda de Viswamitra e Vasishtha (linhagem).	**347**
177	...continua.	**348**
178	Vasishtha incapaz de se matar.	**351**
179	Reconciliado com Kalmashapada.	**353**
180	Vasishtha consola filho com história de Kshatriyas destruindo Bhrigus.	**355**
181	Aurva decide destruir todas as criaturas.	**357**
182	Aurva é apaziguado pelos Pitris.	**358**
183	Sacrifício destruidor de Rakshasas de Parasara é parado.	**359**
184	Kalmashapada é amaldiçoado por devorar um Brahmana.	**360**
185	Pandavas escolhem Dhaumya como seu sacerdote.	**362**
186	Pandavas partem para o swayamvara de Draupadi.	**362**
187	Cerimônia começa: teste é atirar cinco flechas através de um alvo.	**363**
188	Nomes daqueles que tentarão.	**365**
189	Tentativas de encordoar o arco. Karna é recusado por Draupadi.	**366**
190	Arjuna atira e ganha Draupadi.	**368**
191	Monarcas avançam em Drupada com raiva. Arjuna e Bhima resistem para protegê-lo.	**369**
192	O combate para. Krishna aquieta a multidão.	**371**
193	Todos os cinco decidem se casar com Draupadi. Krishna vai até eles.	**373**
194	Dhrishtadyumna segue Draupadi até a residência dos Pandavas.	**375**
195	...continua.	**376**
196	Preparação para o casamento.	**378**
197	Pandavas revelam sua identidade. Confusão sobre como casá-la com cinco homens.	**379**
198	Vyasa aparece para explicar casamento quíntuplo para Drupada.	**381**
199	Vyasa explica sobre os cinco Indras, e Deuses de onde Draupadi e os Pandavas surgiram.	**382**
200	Drupada consente. O casamento acontece.	**386**
201	...continua.	**387**
202	Notícias levadas para Duryodhana e Dhritarashtra.	**388**
203	Conspiração contra os Pandavas.	**390**
204	Conspiração.	**391**
205	Bhishma dá o veredicto – o reino ser dividido ao meio.	**392**
206	Drona e Karna falam.	**393**
207	Vidura fala.	**395**
208	Vidura convida os Pandavas a voltarem para o reino.	**396**
209	Aos Pandavas é dada metade do reino. Eles constroem Indraprastha.	**397**
210	Narada visita os Pandavas.	**400**
211	História de Sunda e Upasunda.	**401**
212	Irmãos Asura conquistam o mundo e os céus.	**403**
213	Tilottama é criada.	**405**
214	Irmãos Asura se destroem por ciúmes.	**406**
215	Para capturar ladrões Arjuna entra no aposento onde Yudhishthira estava com Draupadi. Arjuna tem que ir para as florestas.	**408**
216	Ulupi recebe Arjuna por uma noite.	**409**
217	Arjuna tem um filho com Chitrangada.	**411**

218	História de Vaga e quatro companheiras que foram transformadas em crocodilos.	**412**
219	...continua.	**414**
220	Arjuna e Krishna se encontram.	**415**
221	Arjuna se apaixona por Bhadra, irmã de Krishna.	**416**
222	Arjuna rouba Bhadra.	**417**
223	Reunidos. Ciúmes de Draupadi. Filhos de todos os Pandavas.	**419**
224	Piquenique e festa.	**423**
225	Agni vai até Krishna e Arjuna. Explicação do motivo pelo qual Agni deve queimar a floresta.	**424**
226	Brahman diz para Agni pedir a ajuda de Krishna e Arjuna.	**428**
227	Krishna e Arjuna recebem carro e armas.	**429**
228	O fogo começa. Krishna e Arjuna impedem as criaturas de escapar.	**431**
229	Eles lutam com os celestiais.	**432**
230	O fogo continua. Maya é protegido.	**434**
231	Quatro aves, filhos de Mandapala, escapam.	**436**
232	Quatro aves pequenas e mãe.	**438**
233	Mãe pássaro parte.	**439**
234	Agni deixa as quatro aves que se dirigem a ele com um hino.	**441**
235	Aves pais retornam. Pai repreende mãe por rejeitá-lo.	**442**
236	Agni queima a floresta. Concede benefícios para Krishna e Arjuna. Deixa Arjuna, Krishna e Maya na margem do rio.	**444**

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

Prefácio da Tradução Inglesa

O objetivo de um tradutor deve ser sempre espelhar a obra do autor. Sendo assim, seu dever principal é representar tanto quanto possível a maneira na qual as idéias do autor estão expressas, retendo se possível, pelo sacrifício da expressão idiomática e elegância, todas as peculiaridades das imagens do autor e da língua também. Em relação a traduções do Sânscrito, nada é mais fácil do que apresentar de maneira atrativa as idéias Hindus, assim como fazê-las agradáveis para gosto Inglês. Mas o esforço do presente tradutor tem sido dar nas páginas seguintes uma versão tão literal quanto possível do grande trabalho de Vyasa. Ao leitor puramente Inglês há muito nas páginas seguintes que soará ridículo. Aqueles não familiarizados com qualquer língua exceto a sua são geralmente muito exclusivos em questões de gosto. Não tendo conhecimento de outros modelos além daqueles que encontram na sua própria língua, o padrão que eles formaram de pureza e critério em composição deve ser necessariamente estreito. O tradutor, no entanto, cumpriria mal seu dever se, pelo motivo de evitar o ridículo, ele sacrificasse a fidelidade ao original. Ele deve representar o autor como ele é e não como ele deveria ser para satisfazer o gosto estreito daqueles não familiarizados com ele. O senhor Pickford, no prefácio da sua tradução Inglesa do Mahavira Charita, defende habilmente uma aderência precisa ao original mesmo com o sacrifício do idioma e elegância, contra as pretensões do que tem sido chamado de “Tradução Livre”, o que significa vestir o autor em um estranho traje para contentar aqueles a quem ele é apresentado.

No prefácio da sua tradução clássica do Niti Satakam de Bhartrihari e Vairagya Satakam, o Sr. C.H. Tawney diz, "Eu sou consciente de que no presente empreendimento eu retive muito do colorido local. Por exemplo, as idéias de adoração aos pés de um deus ou de grandes homens, embora ela ocorra frequentemente na literatura Indiana, sem dúvida causarão o riso dos homens ingleses não familiarizados com o Sânscrito, especialmente se acontecer deles pertencerem àquela classe de leitores que deleitam sua atenção no incidental e permanecem cegos ao essencial. Mas certa medida de fidelidade ao original mesmo com o risco de se fazer ridículo é melhor do que a desonestidade estudada que caracteriza tantas traduções de poetas orientais.”

Nós concordamos completamente com o que está escrito acima, embora, isso deve ser observado, a censura enviada à classe indicada de tradutores é um tanto imerecida, não havendo nada como uma “desonestidade estudada” em seus esforços, os quais procedem somente de uma visão errada dos seus deveres, e como tal revelam somente um erro da cabeça e não do coração. Há mais de doze anos atrás quando Babu Pratapa Chandra Roy, com Babu Durga Charan Banerjee, foi ao meu retiro em Seebpore para me contratar para traduzir o Mahabharata para o Inglês eu fiquei assombrado com a grandeza do esquema. Meu primeiro questionamento a ele foi de onde viria o dinheiro, caso minha competência para a tarefa. Pratapa então desdobrou para mim os detalhes do seu plano, as esperanças que ele podia legitimamente nutrir de ajuda de diferentes partes. Ele estava cheio de entusiasmo. Ele me mostrou uma carta do Doutor

Rost, o qual, ele disse, tinha lhe sugerido o empreendimento. Eu conhecia Babu Durga Charan há muitos anos e tinha a mais elevada opinião sobre sua erudição e senso prático. Quando ele calorosamente tomou o lado de Pratapa para me convencer da viabilidade do esquema eu o escutei pacientemente. Os dois queriam completar todos os arranjos comigo no mesmo dia. Com isto eu não concordei. Eu tirei o tempo de uma semana para considerar. Eu consultei alguns dos meus amigos literários, o principal entre eles era o recentemente falecido Doutor Sambhu C. Mookherjee. O último, eu percebi, tinha sido visitado por Pratapa. O Dr. Mookherjee me falou de Pratapa como um homem de energia e perseverança indomáveis. O resultado da minha reunião com o Doutor Mookherjee foi que eu escrevi para Pratapa pedindo a ele para ir me ver novamente. Naquela segunda entrevista as estimativas foram esboçadas, e tudo o que dizia respeito à minha parte no trabalho foi planejado. Meu amigo deixou comigo um exemplar da tradução que ele tinha recebido do professor Max Muller. Este eu comecei a estudar, cuidadosamente comparando-o frase por frase com o original. Sobre seu caráter literal não podia haver dúvida, mas ele não tinha fluência e, portanto, não podia ser lido com prazer pelo leitor comum. A tradução tinha sido realizada trinta anos atrás por um jovem alemão amigo do grande sábio. Eu tive que retocar cada frase. Isto eu fiz sem prejudicar em absoluto a fidelidade ao original. Minha primeira 'cópia' foi impressa e uma dúzia de folhas foi tirada. Estas foram submetidas ao julgamento de diversos escritores eminentes, europeus e nativos. Todos eles, eu estava contente de ver, aprovaram o exemplar, e então a tarefa de traduzir o Mahabharata para o Inglês havia começado a sério.

Antes, no entanto, do primeiro fascículo ser distribuído, surgiu a questão se a autoria da tradução deveria ser reconhecida publicamente. Babu Pratapa Chandra Roy foi contra o anonimato. Eu fui a favor. As razões que eu apresentei eram principalmente fundadas sobre a impossibilidade de uma pessoa traduzir todo o trabalho gigantesco. Apesar da minha resolução de cumprir até a máxima extensão o dever que eu havia começado eu podia não viver para terminá-lo. Levaria muitos anos antes que o fim pudesse ser alcançado. Outras circunstâncias além da morte podiam surgir por consequência das quais minha ligação com o trabalho poderia cessar. Não era desejável pôr em circulação fascículos sucessivos com os nomes de uma sucessão de tradutores aparecendo nas páginas de rosto. Estas e outras considerações convenceram meu amigo de que, afinal, meu ponto de vista estava correto. Foi consequentemente resolvido reter o nome do tradutor. Como um meio-termo, no entanto, entre os dois pontos de vista, foi resolvido pôr em circulação o primeiro fascículo com dois prefácios, um com a assinatura do editor e o outro intitulado 'Prefácio do tradutor'. Isto, supunha-se, guardaria eficazmente contra concepções erradas de todo tipo. Nenhum leitor cuidadoso então confundiria então o editor com o autor.

Embora este plano fosse adotado, ainda antes que um quarto da tarefa tivesse sido concluída, um influente jornal indiano caiu sobre o pobre Pratapa Chandra Roy e acusou-o abertamente de ser um partícipe de uma grande impostura literária, de posar perante o mundo como o tradutor do trabalho de Vyasa quando, realmente, ele era somente o editor. A acusação veio sobre meu amigo como uma

surpresa, especialmente porque ele nunca fez segredo da autoria em sua correspondência com estudiosos orientais em todas as partes do mundo. Ele escreveu prontamente ao jornal em questionamento, explicando as razões que havia para o anonimato, e apontando os dois prefácios com os quais o primeiro fascículo tinha sido dado ao mundo. O redator logo admitiu seu erro e se desculpou satisfatoriamente.

Agora que a tradução foi terminada não há mais qualquer razão para reter o nome do tradutor. A tradução inteira é praticamente o trabalho de uma mão. Em partes do Adi e do Sabha Parvas eu fui ajudado por Babu Charu Charan Mookerjee. Cerca de quatro partes do Sabha Parva foram feitas pelo professor Krishna Kamal Bhattacharya, e cerca da metade de um fascículo durante minha doença foi feito por outra mão. Eu devo declarar, no entanto, que antes de passar para a impressora a cópia recebida destes cavalheiros eu comparei cuidadosamente cada frase com o original, fazendo as alterações que eram necessárias para manter uma uniformidade de estilo com o resto do trabalho.

Eu devo aqui observar que ao traduzir o Mahabharata para o Inglês eu derivei muito pouca ajuda das três versões Bengali que supostamente foram realizadas com cuidado. Cada uma delas está cheia de inexatidões e gafes de todos os tipos. No Santi em particular, o qual é de longe o mais difícil dos dezoito Parvas, foi feita uma confusão pelos sábios que o traduziram. Centenas de gafes ridículas podem ser apontadas nas seções Rajadharma e Mokshadharma. Algo disto eu indiquei em notas aos pés das páginas.

Eu não posso clamar por infalibilidade. Há versos no Mahabharata que são extremamente difíceis de traduzir. Eu derivei muita ajuda do grande comentarista Nilakantha. Eu sei que a autoridade de Nilakantha não é incapaz de ser desafiada. Mas quando é lembrado que as interpretações dadas por Nilakantha vieram a ele de preceptores dos tempos antigos deve-se pensar duas vezes antes de rejeitar Nilakantha como um guia.

Sobre as versões que eu adotei, eu devo dizer que quanto à primeira metade do trabalho eu geralmente aderi aos textos Bengal; quanto à última metade, à edição impressa Bombay. Às vezes seções individuais, como se acham nas edições Bengal, diferem amplamente, em relação à ordem dos versos, das correspondentes na edição Bombay. Em tais casos eu aderi aos textos Bengal, convencido de que a sequência das idéias está mais bem preservada nas edições Bengal do que na Bombay.

Eu devo expressar minhas dívidas específicas para com Ram Pandit Nath Tarkaratna, o autor de 'Vasudeva Vijayam' e outros poemas, Pandit Shyama Charan Kaviratna, o douto redator de Kavyaprakasha com o comentário do professor Mahesh Chandra Nayaratna, e Babu Aghore Nath Banerjee, o gerente do Bharata Karyalaya. Todos estes estudiosos foram meus árbitros em todos os pontos de dificuldade. A sólida erudição de Pandit Ram Nath é conhecida por aqueles que entram em contato com ele. Eu nunca apresentei a ele uma dificuldade que ele não pôde aclarar. Infelizmente, ele não estava sempre por

perto para consulta. Pandit Shyama Charan Kaviratna, durante minha residência em Seebpore, me ajudou a examinar as seções Mokshadharma do Santi Parva. Despretensioso ao extremo, Kaviratna é realmente o exemplo de um Brahman erudito da Índia antiga. Babu Aghore Nath Banerjee também, de tempos em tempos, me prestou ajuda valiosa em aclarar minhas dificuldades.

Gigantesco como o trabalho é, teria sido extremamente difícil continuá-lo se eu não tivesse sido encorajado pelo senhor Stuart Bayley, senhor Auckland Colvin, senhor Alfred Croft, e entre os eruditos orientais pelo falecido Dr. Reinhold Rost, e Mons. A. Barth de Paris. Todos estes homens eminentes sabiam desde o início que a tradução estava procedendo da minha caneta. Apesar do entusiasmo, com o qual meu pobre amigo, Pratapa Chandra Roy, sempre se esforçou para me encher, eu estou certo de que minhas energias teriam esmorecido e a paciência se esgotado sem as palavras animadoras que eu sempre recebi destes patrocinadores e amigos da empresa.

Finalmente, eu devo mencionar meu chefe literário e amigo, Doutor Sambhu C. Mookherjee. O gentil interesse que ele tomou em meus trabalhos, as repetidas exortações que ele me endereçou inculcando paciência, o cuidado com o qual ele lia cada fascículo assim que era publicado, notando todas aquelas passagens que lançavam luz sobre tópicos de interesse antigo, e as palavras de elogio que ele proferia quando alguma expressão particularmente feliz encontrava seus olhos, serviram para me estimular mais do que qualquer outra coisa a continuar com uma tarefa que às vezes me parecia interminável.

Kisari Mohan Ganguli

Calcutá.

ADI PARVA

1

Om! Reverenciando Narayana e Nara, o mais sublime ser masculino, e também a deusa Saraswati, a palavra Jaya deve ser proferida.

Ugrasrava, filho de Lomaharshana, de sobrenome Sauti, bem versado nos Puranas, se curvando com humildade, um dia se aproximou dos grandes sábios de votos rígidos, reunidos tranquilamente em assembléia, que tinham ajudado no sacrifício de doze anos de Saunaka, de sobrenome Kulapati, na floresta de Naimisha. Aqueles ascetas, desejando ouvir suas narrações extraordinárias, logo começaram a se dirigir a ele que tinha assim chegado àquela reclusa residência dos habitantes da floresta de Naimisha. Tendo sido acolhido com o devido respeito por aqueles homens santos, ele saudou aqueles Munis (sábios) com as palmas unidas, todos eles, e perguntou sobre o progresso do seu ascetismo. Então todos os ascetas estando sentados novamente, o filho de Lomaharshana ocupou humildemente o assento que lhe foi designado. Vendo que ele estava confortavelmente sentado e recuperado da fadiga, um dos Rishis, iniciando a conversação, lhe perguntou, “De onde tu vens, ó Sauti de olhos de lótus, e onde tu tens passado o tempo? Conte a mim, que te pergunta, em detalhes.”

Talentoso em discurso, Sauti, assim questionado, deu em meio àquela grande assembléia de Munis contemplativos uma resposta completa e adequada em palavras consoantes com seu modo de vida.

Sauti disse, “Tendo ouvido as diversas histórias sagradas e maravilhosas que foram compostas por Krishna-Dwaipayana em seu Mahabharata, as quais foram narradas integralmente por Vaisampayana no sacrifício de cobras do nobre sábio de grande alma Janamejaya, e na presença também daquele principal dos príncipes, o filho de Parikshit, e tendo vagado, visitando muitos rios e santuários sagrados e santos, eu viajei para o país venerado pelos Dwijas, (duas vezes nascidos) chamado Samantapanchaka, onde antigamente foi lutada a batalha entre os filhos de Kuru e Pandu, com todos os comandantes da terra alinhados em ambos os lados. De lá, ansioso para vê-los, eu vim até sua presença. A vocês sábios veneráveis, todos os quais são para mim como Brahma; vocês imensamente abençoados que brilham neste lugar de sacrifício com o esplendor do fogo solar, vocês que terminaram as meditações silenciosas e alimentaram o fogo sagrado; e vocês que estão sentados sem preocupações, qual, ó Dwijas, eu devo repetir: eu devo relatar as histórias sagradas reunidas nos Puranas contendo preceitos do dever religioso e do lucro mundano, ou os atos dos santos ilustres e soberanos da humanidade?”

O Rishi respondeu, “O Purana, primeiro promulgado pelo grande Rishi Dwaipayana, e que depois de ser ouvido pelos deuses e Brahmarshis foi muito

estimado, sendo a narrativa mais eminente que existe, diversificado em dicção e divisão, possuindo significados sutis logicamente combinados, e colhido dos Vedas, é um trabalho sagrado. Composto em linguagem elegante, ele contém os assuntos dos outros livros. Ele é elucidado por outros Shastras, e compreende o sentido dos quatro Vedas. Nós estamos desejosos de ouvir aquela história também chamada Bharata, a composição sagrada do admirável Vyasa, a qual dissipa o medo do mal, exatamente como ela foi alegremente recitada pelo Rishi Vaisampayana, sob a direção do próprio Dwaipayana, no sacrifício de cobras de Raja Janamejaya!"

Sauti então disse, "Tendo me curvado ao ser primordial Isana, a quem multidões fazem oferendas, e que é adorado pela multidão; que é o verdadeiro incorruptível, Brahma, perceptível, imperceptível, eterno; que é ambos: um ser não-existente e um ser existente-não-existente; que é o universo e também distinto do universo existente e não existente; que é o criador do alto e do baixo; o antigo, exaltado, inesgotável; que é Vishnu, beneficente e a própria beneficência, digno de toda preferência, puro e imaculado; que é Hari, o regente das faculdades, o guia de todas as coisas móveis e imóveis; eu declamarei os pensamentos sagrados do ilustre sábio Vyasa, de feitos notáveis e adorado aqui por todos. Alguns bardos já publicaram esta história, alguns estão ensinando-a agora, e outros, de maneira semelhante, vão promulgá-la daqui por diante sobre a terra. Ela é uma grande fonte de conhecimento, estabelecida por todas as três regiões do mundo. Ela é possuída pelos duas vezes nascidos em formas detalhadas e resumidas. Ela é o deleite dos eruditos por ser embelezada com expressões elegantes, conversações humanas e divinas, e uma variedade de ritmos poéticos.

Neste mundo, quando ele era desprovido de claridade e luz, e envolto por toda parte em total escuridão, formou-se, como a causa primária da criação, um ovo potente, a única semente inesgotável de todos os seres criados. Ele é chamado Mahadivya, e foi formado no início do Yuga, no qual nós estamos manifestados. Ele era a verdadeira luz Brahma, o ser eterno, extraordinário e inconcebível presente igualmente em todos os lugares; a causa invisível e sutil, cuja natureza partilha de entidade e não-entidade. Daquele ovo saiu o senhor Pitamaha Brahma, o único Prajapati; com Suraguru e Sthanu. Então apareceram os vinte e um Prajapatis, Manu, Vasishtha e Parameshthi; dez Prachetas, Daksha, e os sete filhos de Daksha. Então apareceu o homem de natureza inconcebível a quem todos os Rishis conhecem, e então os Viswedevas, os Adityas, os Vasus, e os gêmeos Aswins; os Yakshas, os Sadhyas, os Pisachas, os Guhyakas, e os Pitris. Depois destes foram produzidos os sábios e os mais santos Brahmarshis, e os numerosos Rajarshis distintos por todas as qualidades nobres. Então a água, os céus, a terra, o ar, o firmamento, os pontos dos céus, os anos, as estações, os meses, as quinzenas, chamadas Pakshas, com dia e noite em devida sucessão. E desta maneira foram produzidas todas as coisas que são conhecidas pela humanidade.

E o que é visto no universo, seja animado ou inanimado, das coisas criadas, no fim do mundo, e depois do término do Yuga, será novamente misturado. E, no começo de outros Yugas, todas as coisas serão renovadas, como os vários frutos

da terra sucedem uns aos outros na devida ordem de suas estações. Assim continua perpetuamente a girar o mundo, sem início e sem fim, esta roda que causa a destruição de todas as coisas.

A geração dos Devas, em resumo, foi de trinta e três mil, trezentos e trinta e três. Os filhos de Div eram Brihadbhanu, Chakshus, Atma Vibhavasu, Savita, Richika, Arka, Bhanu, Asavaha, e Ravi. Destes Vivaswans de antigamente, Mahya era o mais jovem cujo filho era Devavrata. O último teve por seu filho Suvrata que, nós sabemos, teve três filhos, Dasajyoti, Satajyoti, e Sahasrajyoti, cada um deles produzindo numerosa prole. O ilustre Dasajyoti teve dez mil, Satajyoti dez vezes este número, e Sahasrajyoti dez vezes o número da prole de Satajyoti. Destes são descendentes a família dos Kurus, dos Yadus, e de Bharata; a família de Yayati e de Ikshwaku; e também todos os Rajarshis. Numerosas também foram as gerações produzidas, e muito abundantes eram as criaturas e seus lugares de residência. O mistério que é triplo, os Vedas, Yoga, e Vijnana Dharma, Artha, e Kama, também vários livros sobre o assunto de Dharma, Artha, e Kama; também regras para a conduta da humanidade; também histórias e discursos com vários srutis; todos os quais tendo sido vistos pelo Rishi Vyasa são aqui mencionados na devida ordem como um exemplar do livro.

O Rishi Vyasa publicou essa massa de conhecimento em uma forma detalhada e em uma forma resumida. É o desejo dos eruditos no mundo possuir os detalhes e o resumo. Alguns lêem o Bharata começando com o mantra inicial (invocação), outros com a história de Astika, outros com Uparichara, enquanto alguns Brahmanas estudam o total. Homens de erudição expõem seus vários conhecimentos dos institutos em comentários sobre a composição. Alguns são habilidosos em explicá-lo, enquanto outros, em lembrar de seus conteúdos.

O filho de Satyavati (Vyasa) tendo, por meio de penitência e meditação, analisado o Veda eterno, compôs subsequentemente esta história sagrada. Quando aquele Brahmarshi erudito de votos severos, o nobre Dwaipayana Vyasa, filho de Parasara, tinha terminado esta mais grandiosa das narrações, ele começou a considerar como ele poderia ensiná-la para seus discípulos. E o possuidor dos seis atributos, Brahma, o preceptor do mundo, sabendo da ansiedade do Rishi Dwaipayana, foi pessoalmente ao lugar onde o último estava para gratificar o santo e beneficiar o povo. E quando Vyasa, circundado por todas as tribos de Munis, o viu, ele se surpreendeu; e, permanecendo com palmas unidas, ele se curvou e ordenou que um assento fosse trazido. E Vyasa, tendo circungirado ele que é chamado Hiranyagarbha sentado naquele assento notável, ficou perto dele; e sendo ordenado por Brahma Parameshthi ele se sentou perto do assento, cheio de afeição e sorrindo em alegria. Então o imensamente glorioso Vyasa, se dirigindo a Brahma Parameshthi, disse: ‘Ó Brahma divino, por mim um poema foi composto, o qual é muito respeitado. O mistério do Veda e outros assuntos foram explicados por mim; os vários rituais dos Upanishads com os Angas; a compilação dos Puranas e histórias formadas por mim, e que receberam o nome das três divisões do tempo, passado, presente, e futuro; a determinação da natureza da decadência, medo, doença, existência e não-existência, uma descrição dos credos e dos vários modos de vida; regras para as quatro castas, e

a significação de todos os Puranas; a importância do ascetismo e dos deveres de um estudante religioso; as dimensões do sol e da lua, os planetas, constelações, e estrelas, junto com a duração das quatro eras; o Rik, Sama e Yajur Vedas; também o Adhyatma; as ciências chamadas Nyaya, Ortoepia e o Tratamento de Doenças; caridade e Pasupatadharma; nascimento celeste e humano para propósitos específicos; também uma descrição de lugares de peregrinação e outros lugares sagrados de rios, montanhas, florestas, o oceano, as cidades celestiais e os kalpas; a arte da guerra; as diferentes espécies de nações e línguas, a natureza dos costumes do povo; e o espírito que permeia tudo; tudo tem sido relatado. Mas, afinal, nenhum escritor deste trabalho é encontrado na terra.'

Brahma disse, 'Eu te estimo pelo teu conhecimento dos mistérios divinos, perante todo o grupo de Munis célebres eminentes pela santidade de suas vidas. Eu sei que tu tens revelado a palavra divina, mesmo desde sua primeira expressão vocal, na linguagem da verdade. Tu chamaste teu presente trabalho de poema, pelo que ele será um poema. Não haverá poetas cujos trabalhos possam se igualar às descrições deste poema, assim como os três outros modos chamados Asrama são sempre desiguais em mérito ao Asrama doméstico. Que Ganesa seja considerado, ó Muni, para o propósito de escrever o poema.'"

Sauti disse, "Brahma, tendo falado dessa maneira para Vyasa, se retirou para sua própria residência. Então Vyasa começou a lembrar de Ganesa. E Ganesa, o removedor de obstáculos, pronto para cumprir os desejos de seus devotos, imediatamente ao pensamento se dirigiu para o lugar onde Vyasa estava. E quando ele havia sido saudado, e estava sentado, Vyasa se dirigiu a ele assim, 'Ó guia dos Ganas! Sejas tu o escritor do Bharata o qual eu formei em minha mente, e que estou prestes a repetir.'

Ganesa, após ouvir as palavras que lhe eram dirigidas, respondeu assim, 'Eu me tornarei o escritor do teu trabalho, contanto que minha caneta em nenhum momento pare de escrever.' E Vyasa disse para aquela divindade, 'Onde haja qualquer coisa que tu não compreendas pares de continuar a escrever.' Ganesa tendo expressado seu assentimento por repetir a palavra Om começou a escrever; e Vyasa iniciou (a recitação); e a propósito de diversão, ele uniu os laços da composição muito apertados; e fazendo isso, ele ditou este trabalho segundo sua promessa."

"Eu (Sauti continuou) conheço oito mil e oitocentos versos, e assim é com Suka, e talvez com Sanjaya. Por causa do caráter misterioso do significado deles, ó Muni, ninguém é capaz, até hoje, de penetrar naqueles difíceis slokas intimamente entrelaçados. Até o onisciente Ganesa tomou um momento para considerar; Vyasa, no entanto, continuou a compor outros versos em grande abundância.

A sabedoria deste trabalho, como um instrumento de aplicar colírio, tem aberto os olhos do mundo inquisitivo cegado pela escuridão da ignorância. Como o sol dissipa a escuridão, assim o Bharata com seus discursos sobre religião, lucro, prazer, e libertação final, dissipa a ignorância dos homens. Como a lua cheia por meio de sua luz suave expande os brotos do nenúfar, assim este Purana, por

expor a luz do Sruti, tem expandido o intelecto humano. Pela lâmpada da história, que destrói a escuridão da ignorância, toda a mansão da natureza é devidamente e completamente iluminada.

Este trabalho é uma árvore, da qual o capítulo de conteúdos é a semente; as divisões chamadas Pauloma e Astika são as raízes; a parte chamada Sambhava é o tronco; os livros chamados Sabha e Aranya são os poleiros para as aves; os livros chamados Arani são os nós dos ramos; os livros chamados Virata e Udyoga o cerne; o livro chamado Bhishma, o ramo principal; o livro chamado Drona, as folhas; o livro chamado Karna, as flores formosas; o livro chamado Salya, seu perfume doce; os livros intitulados Stri e Aishika, a sombra refrescante; o livro chamado Santi, o fruto vigoroso; o livro chamado Aswamedha, a seiva imortal; o denominado Asramavasika, o lugar onde ela cresce; e o livro chamado Mausala é um epítome dos Vedas e considerado com grande respeito pelos Brahmanas virtuosos. A árvore do Bharata, inesgotável para a humanidade como as nuvens, será como uma fonte de vida para todos os poetas eminentes."

Sauti continuou, "Eu vou falar agora das produções eternas floridas e frutíferas desta árvore, que possuem sabor puro e agradável, e que não podem ser destruídas nem pelos imortais. Antigamente, o determinado e virtuoso Krishna-Dwaipayana, pelas injunções de Bhishma, o filho sábio de Ganga, e de sua própria mãe, se tornou o pai de três meninos que eram como três chamas por meio das duas esposas de Vichitravirya; e tendo assim gerado Dhritarashtra, Pandu e Vidura, ele voltou para sua residência reclusa para dar seguimento ao seu exercício religioso.

Não foi até depois que eles nasceram, cresceram, e partiram na viagem suprema que o grande Rishi Vyasa publicou o Bharata nesta região da humanidade; quando, sendo solicitado por Janamejaya e milhares de Brahmanas, ele instruiu seu discípulo Vaisampayana, que estava sentado perto dele; e ele, se sentando junto com os Sadasyas, recitou o Bharata, durante os intervalos das cerimônias do sacrifício, sendo repetidamente incitado a prosseguir.

Vyasa descreveu totalmente grandeza da casa de Kuru, os princípios virtuosos de Gandhari, a sabedoria de Vidura, e a constância de Kunti. O nobre Rishi também descreveu a divindade de Vasudeva, a retidão dos filhos de Pandu, e as práticas más dos filhos e partidários de Dhritarashtra.

Vyasa realizou a compilação do Bharata, exclusiva dos episódios originalmente em vinte e quatro mil versos; e tanto somente é chamado pelos eruditos como o Bharata. Depois, ele compôs um epítome em cento e cinquenta versos, consistindo na introdução com o capítulo de conteúdos. Este ele ensinou primeiro ao seu filho Suka; e depois ele o comunicou a outros de seus discípulos que possuíam as mesmas qualificações. Depois ele realizou outra compilação, consistindo em seis milhões de versos. Destes, três milhões são conhecidos no mundo dos Devas; um milhão e quinhentos mil no mundo dos Pitris, um milhão e quatrocentos mil entre os Gandharvas, e cem mil nas regiões da humanidade. Narada recitou-os aos Devas, Devala aos Pitris, e Suka os difundiu para os

Gandharvas, Yakshas, e Rakshasas, e neste mundo eles foram recitados por Vaisampayana, um dos discípulos de Vyasa, um homem de princípios justos e o principal entre todos aqueles familiarizados com os Vedas. Saibam que eu, Sauti, também tenho repetido cem mil versos.

Yudhishthira é uma árvore vasta, formada de religião e virtude; Arjuna é seu tronco; Bhimasena, seu ramos; os dois filhos de Madri são seus frutos e flores crescidos; e suas raízes são Krishna, Brahma, e os Brahmanas.

Pandu, depois de ter conquistado muitos países por meio de sua sabedoria e bravura tomou sua residência com os Munis em certa floresta como um esportista, onde ele ocasionou a si mesmo uma desgraça muito grave por ter matado um veado copulando com sua companheira, o que serviu como uma advertência para a conduta dos príncipes da sua casa enquanto eles viveram. As mães deles (dos Pandavas), para que as ordenanças da lei pudessem ser cumpridas, admitiram como substitutos para seus abraços os deuses Dharma, Vayu, Sakra, e as divindades gêmeas Aswins. E quando seus filhos cresceram, sob os cuidados de suas duas mães, na sociedade dos ascetas, no meio de arvoredos sagrados e santas residências reclusas de homens religiosos, eles foram conduzidos por Rishis até a presença de Dhritarashtra e seus filhos, seguindo como estudantes no hábito de Brahmacharis, tendo seu cabelo amarrado em nós em suas cabeças. ‘Estes nossos pupilos’, disseram eles, 'são como seus filhos, seus irmãos, e seus amigos; eles são Pandavas.' Assim dizendo, os Munis desapareceram.

Quando os Kauravas os viram apresentados como os filhos de Pandu a classe eminente de cidadãos gritou muito de alegria. Alguns, no entanto, disseram que eles não eram os filhos de Pandu; outros disseram que eles eram; enquanto uns poucos perguntaram como eles podiam ser filhos dele, visto que ele estava morto há tanto tempo. Ainda assim por todos os lados vozes eram ouvidas gritando: 'Eles são totalmente bem vindos! Pela Divina Providência nós vemos a família de Pandu! Que suas boas vindas sejam proclamadas!' Quando estas aclamações cessaram os aplausos de espíritos invisíveis, fazendo os pontos dos céus ressoarem, foram tremendos. Houve chuvas de flores de perfume doce, e o som de conchas e timbales. Tais foram as maravilhas que aconteceram na chegada dos jovens príncipes. O barulho alegre de todos os cidadãos, em expressão da sua satisfação na ocasião, foi tão grande que alcançou os céus em aplausos calorosos.

Tendo estudado a totalidade dos Vedas e vários outros shastras, os Pandavas residiram lá, respeitados por todos e sem receio de ninguém.

Os homens dirigentes estavam satisfeitos com a pureza de Yudhishthira, a coragem de Arjuna, a atenção submissa de Kunti para com seus superiores, e a humildade dos gêmeos, Nakula e Sahadeva; e todo o povo se regozijava em suas virtudes heróicas.

Depois de algum tempo Arjuna obteve a donzela Krishna no swayamvara, no meio de uma multidão de Rajas, por realizar uma façanha muito difícil de tiro de arco. E daquele tempo em diante ele se tornou muito respeitado neste mundo

entre todos os arqueiros; e em campos de batalha também, como o sol, ele era difícil de ser olhado pelos inimigos. E tendo derrotado todos os príncipes vizinhos e toda tribo considerável, ele realizou tudo o que era necessário para o Raja (o rei, seu irmão mais velho) realizar o grande sacrifício chamado Rajasuya.

Yudhishthira, depois ter, pelos sábios conselhos de Vasudeva e pela bravura de Bhimasena e Arjuna, matado Jarasandha (o rei de Magadha) e o orgulhoso Chaidya, obteve o direito de realizar o grandioso sacrifício Rajasuya, abundante em provisões e oferendas, e repleto de méritos transcendentes. E Duryodhana foi àquele sacrifício; e quando ele viu a vasta riqueza dos Pandavas espalhada por toda parte, as oferendas, as pedras preciosas, ouro e jóias; a abundância em vacas, elefantes, e cavalos; as curiosas texturas, peças de roupa, e mantos; os preciosos xales e casacos e tapetes feitos da pele de Ranku; ele se encheu de inveja e ficou muito descontente. E quando ele viu a sala de reuniões elegantemente construída por Maya (o Asura arquiteto) seguindo o estilo de uma corte celeste, ele ficou inflamado com raiva. E tendo caído em confusão por causa de certas ilusões arquitetônicas dentro daquela construção ele foi ridicularizado por Bhimasena na presença de Vasudeva, como alguém de descendência inferior.

E foi relatado para Dhritarashtra que seu filho, enquanto partilhando de vários objetos de prazer e diversas coisas preciosas, estava se tornando magro, doentio e pálido. E Dhritarashtra, algum tempo depois, por afeição por seu filho, deu seu consentimento para o jogo de dados (com os Pandavas). E Vasudeva, vindo a saber disso, ficou extremamente irado. E estando descontente, ele não fez nada para impedir as disputas, mas deixou acontecer o jogo e vários outros procedimentos horríveis e injustificáveis surgidos deste, e a despeito de Vidura, Bhishma, Drona, e Kripa, o filho de Saradwan, ele fez os Kshatriyas matarem uns aos outros na guerra terrível que se seguiu.

E Dhritarashtra, ouvindo as más notícias do êxito dos Pandavas e se lembrando das resoluções de Duryodhana, Kama, e Sakuni, ponderou por um momento e dirigiu a Sanjaya o seguinte discurso:

'Preste atenção, ó Sanjaya, em tudo o que eu vou dizer, e não te ficará bem me tratar com desprezo. Tu és bem versado na arte dos shastras, inteligente e dotado de sabedoria. Minha inclinação nunca foi para a guerra, nem eu me deleitei na destruição da minha família. Eu não fiz distinção entre meus próprios filhos e os filhos de Pandu. Meus próprios filhos eram propensos à teimosia e me desprezavam porque eu sou velho. Cego como eu sou, por causa da minha situação miserável e por afeição paterna, eu tolerei tudo aquilo. Eu fui tolo assim como o imprudente Duryodhana sempre cheio de tolice. Tendo sido um observador das riquezas dos filhos poderosos de Pandu, meu filho foi ridicularizado por seu embaraço enquanto percorria a mansão. Incapaz de tolerar isso e incapaz ele mesmo de vencer os filhos de Pandu no campo, e embora um soldado, porém sem vontade de obter fortuna por seu próprio esforço, com a ajuda do rei de Gandhara ele planejou um jogo de dados injusto.

Ouça, ó Sanjaya, tudo o que aconteceu depois e que veio ao meu conhecimento. E quando tu tiveres ouvido tudo o que eu disser, relembrando como tudo aconteceu, tu então me reconhecerás como uma pessoa de visão profética. Quando eu soube que Arjuna, tendo curvado o arco, tinha trespassado o curioso alvo e o trazido ao solo, e levado embora em triunfo a donzela Krishna, à vista dos príncipes reunidos, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Subhadra da família de Madhu, depois de captura forçada, tinha se casado com Arjuna na cidade de Dwaraka, e que os dois heróis da linhagem de Vrishni (Krishna e Balarama, os irmãos de Subhadra) sem se ressentirem disso entraram em Indraprastha como amigos, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna, por meio de suas flechas celestes impedindo a chuva de Indra o rei dos deuses, tinha satisfeito Agni por dar a ele a floresta de Khandava, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os cincos Pandavas com sua mãe Kunti tinham escapado da casa de laca, e que Vidura estava engajado na realização dos planos deles, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna, depois de perfurar o alvo na arena tinha ganhado Draupadi, e que os bravos Panchalas se uniram aos Pandavas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Jarasandha, o principal da linha real de Magadha, e resplandecente em meio aos Kshatriyas, tinha sido morto por Bhima somente com seus braços nus, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que em sua campanha geral os filhos de Pandu conquistaram os chefes da terra e realizaram o grandioso sacrifício Rajasuya, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Draupadi, com sua voz sufocada pelas lágrimas e coração cheio de agonia, no período de impureza e vestida com uma única peça de roupa, tinha sido arrastada para a corte e, embora tivesse protetores, foi tratada como se não tivesse nenhum, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o patife vil Duhsasana, se esforçando para despi-la daquela única peça de roupa, somente tirou do corpo dela uma grande pilha de tecido sem ser capaz de chegar a seu fim, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Yudhishthira, vencido por Saubala no jogo de dados e privado do seu reino como consequência disso ainda era servido por seus irmãos de bravura incomparável, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os Pandavas virtuosos chorando aflitos tinham seguido seu irmão mais velho para a selva e se esforçado de várias formas para mitigar seus desconfortos, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito.

Quando eu soube que Yudhishthira foi seguido à selva por Brahmanas Snatakas e de nobres almas que viviam de esmolas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna, tendo, em combate, agradado ao deus dos deuses, Tryambaka (o de três olhos) no disfarce de um caçador, obteve a grande arma Pasupata, então ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o justo e renomado Arjuna, depois de ter ido às regiões celestes, obteve lá armas celestes do próprio Indra então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna venceu em seguida os Kalakeyas e os Paulomas orgulhosos com a bênção que tinham obtido e que os

tornava invulneráveis até para os celestiais, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna, o castigador de inimigos, tendo ido para as regiões de Indra para a destruição dos Asuras voltou de lá bem sucedido, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Bhima e os outros filhos de Pritha (Kunti) acompanhados por Vaisravana, tinham chegado àquele país que era inacessível para os homens, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que meus filhos, guiados pelos conselhos de Karna, durante sua viagem de Ghoshayatra, foram feitos prisioneiros pelos Gandharvas e libertados por Arjuna, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Dharma (o deus da justiça), tendo tomado a forma de um Yaksha propôs certas questões para Yudhishthira então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que meus filhos falharam em descobrir os Pandavas sob seus disfarces enquanto residiam com Draupadi nos domínios de Virata, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os principais homens do meu lado foram todos derrotados pelo nobre Arjuna com uma única carruagem enquanto residia nos domínios de Virata, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Vasudeva da linhagem de Madhu, que cobriu esta terra inteira com um passo estava entusiasticamente interessado no bem-estar dos Pandavas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o rei de Matsya ofereceu sua filha virtuosa Uttara para Arjuna e que Arjuna a aceitou para seu filho, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Yudhishthira, derrotado nos dados, desprovido de riquezas, exilado e separado de suas conexões, ainda tinha reunido um exército de sete Akshauhinis, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu ouvi Narada declarar que Krishna e Arjuna eram Nara e Narayana e que ele (Narada) tinha visto eles juntos nas regiões de Brahma, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Krishna, ansioso pela paz, pelo bem-estar da humanidade, tinha se dirigido aos Kurus e ido embora sem ter sido capaz de efetuar seu propósito, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que quando Kama e Duryodhana resolveram aprisionar Krishna ele mostrou em si mesmo todo o universo, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que na hora de sua partida, Pritha (Kunti) estando de pé, cheia de tristeza perto de sua carruagem, recebeu consolo de Krishna, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Vasudeva e Bhishma, o filho de Santanu, eram os conselheiros dos Pandavas, e que Drona, o filho de Bharadwaja, pronunciou bênçãos sobre eles, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando Kama (Karna) disse a Bhishma: ‘Eu não lutarei enquanto tu estiveres lutando’ e, deixando o exército, foi para longe, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Vasudeva e Arjuna e o arco Gandiva de destreza incomensurável, aqueles três de energia aterradora tinham se reunido, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que após Arjuna ser tomado pelo remorso em sua carruagem e estar disposto a declinar Krishna mostrou a ele todos os mundos dentro do seu corpo, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Bhishma, o desolador de inimigos, matando dez mil quadrigários todo dia no campo de batalha não tinha matado nenhum dos Pandavas, então, ó Sanjaya, eu

não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Bhishma, o virtuoso filho de Ganga, indicou os meios da sua própria derrota no campo de batalha e que os mesmos foram realizados pelos Pandavas com júbilo, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna, tendo colocado Sikhandin diante de si em sua carruagem feriu Bhishma de coragem infinita e invencível em batalha, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o velho herói Bhishma, que reduziu os números da raça de Shomaka a uns poucos, dominado por vários ferimentos estava jazendo em um leito de flechas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Bhishma jazia no chão sedento por água, e Arjuna, sendo requisitado, perfurou o solo e aliviou sua sede, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando Bayu junto com Indra e Suryya se uniram como aliados para o sucesso dos filhos de Kunti, e os animais predadores (por meio de sua presença inauspiciosa) estavam pondo medo em nós, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando o admirável guerreiro Drona, mostrando vários modos de luta no campo, não matou quaisquer dos Pandavas superiores, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os Maharathas Sansaptakas do nosso exército designados para a derrubada de Arjuna foram todos mortos pelo próprio Arjuna, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que nossa disposição de forças, impenetrável para outros, e defendida pelo próprio Bharadwaja bem armado, tinha sido forçada e penetrada pelo corajoso filho de Subhadra sozinho, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que nossos Maharathas, incapazes de derrotar Arjuna, com rostos jubilantes tinham em conjunto cercado e matado o menino Abhimanyu, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os cegos Kauravas estavam gritando de alegria depois de terem matado Abhimanyu e que após isso Arjuna furioso fez seu discurso célebre referente à Saindhava, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando soube que Arjuna tinha prometido a morte de Saindhava e cumprido seu voto na presença de seus inimigos, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que após os cavalos de Arjuna estarem cansados, Vasudeva os soltando fez eles beberem água e trazendo-os de volta e pondo novamente os arreios neles continuou a guiá-los como antes, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que enquanto seus cavalos estavam fatigados, Arjuna permanecendo em sua carruagem deteve todos os seus atacantes, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Yuyudhana da linhagem Vrishni, depois de ter jogado em confusão o exército de Drona tornado insuperável em bravura devido à presença de elefantes, se retirou para onde Krishna e Arjuna estavam, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Karna teve Bhima em seu poder e permitiu a ele escapar depois de somente se dirigir a ele em termos desdenhosos e de arrastá-lo com a ponta de seu arco, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Drona, Kritavarma, Kripa, Karna, o filho de Drona, e o valente rei de Madra (Salya) permitiram que Saindhava fosse morto, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que a Sakti celeste dada por Indra (para Karna) foi, pelas maquinações de Madhava, lançada sobre o Rakshasa Ghatotkacha de rosto pavoroso, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito.

Quando eu soube que no combate entre Karna e Ghatotkacha, aquela Sakti foi lançada contra Ghatotkacha por Karna, a mesma que sem dúvida teria matado Arjuna em batalha, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Dhristadyumna, transgredindo as leis de batalha, matou Drona quando ele estava sozinho em sua carruagem e decidido a morrer, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de sucesso. Quando eu soube que Nakula, o filho de Madri, tendo na presença do exército inteiro se engajado em duelo com o filho de Drona e se mostrando igual a ele dirigiu sua carruagem em círculos, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando na morte de Drona seu filho fez mau uso da arma chamada Narayana mas falhou em realizar a destruição dos Pandavas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Bhimasena bebeu o sangue de seu irmão Duhsasana no campo de batalha sem alguém ser capaz de impedi-lo, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o infinitamente bravo Karna invencível em batalha foi morto por Arjuna naquela guerra de irmãos misteriosos até para os deuses, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito.

Quando eu soube que Yudhishthira o Justo superou o heróico filho de Drona, Duhsasana, e o feroz Kritavarman, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o bravo rei de Madra que sempre desafiava Krishna em batalha foi morto por Yudhishthira, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de sucesso. Quando eu soube que o perverso Suvala de poder mágico, a causa do jogo e da animosidade, foi morto em batalha por Sahadeva, o filho de Pandu, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Duryodhana, cansado, tendo ido para um lago e feito um refúgio para si mesmo dentro de suas águas, estava jazendo lá sozinho, sem forças e sem uma carruagem, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os Pandavas tendo ido àquele lago acompanhados por Vasudeva e permanecendo em sua margem começaram a se dirigir desdenhosamente ao meu filho que era incapaz de tolerar afrontas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que enquanto mostrando em círculos uma variedade de modos curiosos (de ataque e defesa) em um combate com maças, ele foi morto injustamente segundo os conselhos de Krishna, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o filho de Drona e outros, por matarem os Panchalas e os filhos de Draupadi em seu sono, cometeram um ato horrível e infame, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Aswatthaman, enquanto sendo perseguido por Bhimasena tinha descarregado a principal das armas chamadas Aishika, pela qual o embrião no útero (de Uttara) foi ferido, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que a arma Brahmashira (descarregada por Aswatthaman) foi repelida por Arjuna com outra arma sobre a qual ele tinha pronunciado a palavra "Sasti" e que Aswatthaman teve que desistir da excrescência semelhante à jóia em sua cabeça, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que após o embrião no útero da filha de Virata ser ferido por Aswatthaman com uma arma poderosa, Dwaipayana e Krishna pronunciaram maldições sobre ele, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito.

Ai! Gandhari, desprovida de filhos, netos, pais, irmãos e parentes, é de dar pena. Difícil é a tarefa que foi realizada pelos Pandavas: por eles um reino foi recuperado sem um rival.

Ai! Eu soube que a guerra só deixou dez vivos: três do nosso lado, e dos Pandavas, sete. Naquele conflito terrível dezoito Akshauhinis de Kshatriyas foram mortos! Tudo ao meu redor é escuridão total, e um tipo de desmaio me assalta: a consciência me deixa, ó Suta, e minha mente está distraída.'"

Sauti disse, "Dhritarashtra, lamentando seu destino nestas palavras, foi dominado por angústia extrema e perdeu seus sentidos por algum tempo; mas sendo reanimado, ele se dirigiu a Sanjaya nas seguintes palavras.

'Depois do que aconteceu, ó Sanjaya, eu desejo pôr fim à minha vida sem demora; eu não encontro a menor vantagem em mantê-la mais.'"

Sauti disse, "O filho sábio de Gavalgana (Sanjaya) então se dirigiu ao angustiado senhor da Terra no momento em que ele assim falava e lamentava, suspirando como uma serpente e arquejando repetidamente, em palavras de profundo significado.

'Tu tens ouvido, ó Raja, a respeito dos homens imensamente poderosos de vastos esforços, citados por Vyasa e pelo sábio Narada; homens nascidos em grandes famílias reais, resplandecentes com qualidades dignas, versados na ciência das armas celestes, e em gloriosos emblemas de Indra; homens que tendo conquistado o mundo pela justiça e realizado sacrifícios com oferendas dignas (para os Brahmanas), obtiveram renome nesse mundo e no final sucumbiram ao domínio do tempo. Tais foram Saivya; o valente Maharatha; Srinjaya, grande entre os conquistadores. Suhotra; Rantideva, e Kakshivanta, grandes em glória; Valhika, Damana, Saryati, Ajita, e Nala; Viswamitra o destruidor de inimigos; Amvarisha, grande em força; Marutta, Manu, Ikshaku, Gaya, e Bharata; Rama o filho de Dasaratha; Sasavindu, e Bhagiratha; Kritavirya, o imensamente afortunado, e Janamejaya também; e Yayati de bons feitos que realizou sacrifícios, sendo ajudado nisso pelos próprios celestiais, e por cujos altares e estacas sacrificais essa terra com suas regiões habitadas e inabitadas foi completamente marcada. Estes vinte e quatro Rajas foram antigamente citados pelo Rishi celeste Narada para Saivya quando ele estava muito aflito pela perda de seus filhos. Além desses, outros Rajas morreram antes, ainda mais poderosos do que eles, quadrigários poderosos de mente nobre, e resplandecentes com todas as qualidades louváveis. Estes eram Puru, Kuru, Yadu, Sura e Viswasrawa de grande glória; Anuha, Yuvanaswu, Kakutstha, Vikrami, e Raghu; Vijava, Virihorta, Anga, Bhava, Sweta, e Vripadguru; Usinara, Sata-ratha, Kanka, Duliduha, e Druma; Dambhodbhava, Para, Vena, Sagara, Sankriti, e Nimi; Ajeya, Parasu, Pundra, Sambhu, e o santo Deva-Vridha; Devahuya, Supratika, e Vrihad-ratha; Mahatsaha, Vinitatma, Sukratu, e Nala, o rei dos Nishadas; Satyavrata, Santabhaya, Sumitra, e o chefe Subala; Janujangha, Anaranya, Arka, Priyabhritya, Chuchi-vrata, Balabandhu, Nirmardda, Ketusringa, e Brhidbala; Dhrishtaketu, Brihatketu, Driptaketu, e Niramaya; Abikshit, Chapala, Dhurta, Kritbandhu, e Dridhe-shudhi; Mahapurana-sambhavya,

Pratyanga, Paraha e Sruti. Estes, ó chefe, e outros Rajas, nós ouvimos enumerados às centenas e milhares, e outros ainda aos milhões, príncipes de grande poder e sabedoria, abandonando prazeres abundantes encontraram a morte como teus filhos fizeram! Seus feitos celestiais, coragem e generosidade, sua magnanimidade, fé, verdade, pureza, simplicidade e piedade, são difundidos para o mundo nos registros dos tempos antigos por bardos santos de grande conhecimento. Embora dotados de todas as virtudes nobres eles perderam suas vidas. Teus filhos eram malévolos, cheios de ira, avarentos, e de inclinação muito má. Tu és versado nos Sastras, ó Bharata, e és inteligente e sábio; nunca caem sob desgraças aqueles cujas mentes são guiadas pelos Sastras. Tu és conhecedor, ó príncipe, da indulgência e severidade do destino; essa ansiedade, portanto, pela segurança dos teus filhos é inapropriada. Além do mais, não cabe a ti te afligir pelo que deve acontecer, pois quem pode evitar, por meio de sua sabedoria, os decretos do destino? Ninguém pode deixar o caminho marcado para ele pela Divina Providência. Existência e Não-Existência, prazer e dor, todos têm o Tempo como sua base. O Tempo cria todas as coisas e o Tempo destrói todas as criaturas. É o Tempo que queima as criaturas e é o Tempo que extingue o fogo. Todos os estados, o bem e o mal, nos três mundos são causados pelo Tempo. O Tempo ceifa todas as coisas e as cria novamente. Somente o Tempo está desperto quando todas as coisas estão adormecidas; de fato, o Tempo é incapaz de ser superado. O Tempo atravessa todas as coisas sem ser retardado. Sabendo, como tu sabes, que todas as coisas passadas e futuras e tudo o que existe no momento presente são o resultado do Tempo, não cabe a ti perder tua razão.'"

Sauti disse, "O filho de Gavalgana tendo dessa maneira dado consolo ao nobre Dhritarashtra dominado pela dor por causa de seus filhos, então devolveu sua mente à paz. Tomando estes fatos como seu assunto, Dwaipayana compôs um santo Upanishad que tem sido divulgado para o mundo por bardos sábios e santos nos Puranas sagrados compostos por eles.

O estudo do Bharata é um ato de devoção. Aquele que lê mesmo uma margem inferior (de uma página dele), com fé, tem seus pecados totalmente eliminados. Aqui Devas, Devarshis, e Brahmarshis impecáveis de bons feitos, são mencionados; e igualmente Yakshas e grandes Uragas (Nagas). Aqui também é descrito o eterno Vasudeva possuidor de seis atributos. Ele é o verdadeiro e justo, o puro e santo, o eterno Brahma, a alma suprema, a verdadeira luz constante, cujos atos divinos sábios e eruditos relatam; de quem veio o universo não-existente e o universo existente-não-existente, com princípios de geração e progressão, e nascimento, morte e renascimento. Aqui também é tratado do que é chamado Adhyatma (o espírito superintendente da natureza), que partilha dos atributos dos cinco elementos. Aqui também é descrito quem é Purusha que está acima de tais epítetos como 'imanifesto' e semelhantes; também aquilo que os principais yatis livres do destino comum e dotados do poder da meditação e Tapas contemplam habitando em seus corações como uma imagem refletida no espelho.

O homem de fé, dedicado à piedade, e constante no exercício da virtude, ao ler este capítulo é liberto do pecado. O crente que constantemente ouve recitada esta

parte do Bharata, chamada de Introdução, desde o início, não cai em dificuldades. O homem repetindo alguma parte da introdução nos dois crepúsculos é durante tal ato liberto dos pecados contraídos durante o dia ou à noite. Esta seção, o corpo do Bharata, é verdade e néctar. Como a manteiga entre as coalhadas, Brahmana entre os bípedes, o Aranyaka entre os Vedas, e o néctar entre os remédios; como o mar é eminente entre os receptáculos de água, e a vaca entre os quadrúpedes; como são estes (entre as coisas mencionadas) assim é considerado o Bharata entre as histórias.

Para aquele que faz mesmo uma única margem dele ser recitada para Brahmanas durante um Sradha, as oferendas de alimento e bebida para os espíritos de seus ancestrais se tornam inesgotáveis.

Por meio da ajuda da história e dos Puranas o Veda pode ser interpretado; mas o Veda teme alguém que tem menos informação do que deveria.* O homem erudito que recita para outro este Veda de Vyasa colhe vantagens. Ele pode sem dúvida destruir até o pecado de matar o embrião e semelhantes. Aquele que lê este capítulo sagrado da lua lê todo o Bharata, eu penso. O homem que diariamente ouve com reverência este trabalho sagrado obtém vida longa e renome e ascende para o céu.

Nos tempos passados, tendo colocado os quatro Vedas de um lado e o Bharata no outro, estes foram pesados na balança pelos celestiais reunidos para aquele propósito. E como o último era mais pesado do que os quatro Vedas com seus mistérios, desde aquele período ele tem sido chamado no mundo de Mahabharata (o grande Bharata). Sendo considerado superior em substância e gravidade de significação ele é denominado Mahabharata por causa de tal substância e importância de significação. Aquele que conhece seu significado é salvo de todos os seus pecados.

Tapa (disciplina) é inofensivo, estudo é inofensivo, a ordenança dos Vedas prescrita para todas as tribos é inofensiva, a aquisição de riquezas por meio de esforço é inofensiva; mas quando estes são excessivos em suas práticas é então que eles se tornam fontes de mal.”

* “O Veda teme aquele que é deficiente em tradição, pensando 'ele me danificará.'' Vayu Purana.

2

(Parva-sangraha)

Os Rishis disseram, “Ó filho de Suta, nós desejamos ouvir um relato completo e circunstancial a respeito do lugar mencionado por você como Samanta-panchaya.”

Sauti disse, “Ouçam, ó Brahmanas, às descrições sagradas que eu profiro, ó melhores dos homens, vocês são dignos de ouvir a respeito do lugar conhecido como Samanta-panchaka. No intervalo entre os Yugas Treta e Dwapara, Rama (o

filho de Jamadagni) grande entre todos os que manejam armas, impelido por impaciência pelos males, atacou repetidamente a classe nobre de Kshatriyas. E quando aquele meteoro flamejante, por meio da sua própria bravura, aniquilou a tribo inteira dos Kshatriyas, ele formou em Samanta panchaka cinco lagos de sangue. Nós ouvimos que sua razão estando dominada pela raiva ele ofereceu oblações de sangue para os espíritos de seus antepassados, permanecendo no meio das águas cor de sangue daqueles lagos. Foi então que seus antepassados, dos quais Richika era o principal, tendo chegado lá se dirigiram a ele dessa forma, 'Ó Rama, ó abençoado Rama, ó progênie de Bhrigu, nós estamos gratos pela reverência que tu tens demostrado por teus ancestrais e por teu grande heroísmo, ó poderoso! Bênçãos estejam sobre ti. Ó ilustre, peça a bênção que tu desejas.'

Rama disse, 'Se, ó pais, vocês estão dispostos favoravelmente em direção a mim, o benefício que eu peço é que eu seja absolvido dos pecados gerados por ter aniquilado os Kshatriyas em fúria, e que os lagos que eu formei possam se tornar famosos no mundo como santuários sagrados.' Os Pitris então disseram, 'Assim será. Mas fiques apaziguado.' E Rama consequentemente ficou pacificado. A região que se encontra próxima daqueles lagos de água sangrenta daquele tempo em diante é célebre como Samanta-panchaka, a sagrada. Os sábios declaram que todo país deve ser distinguido por um nome significativo de alguma circunstância que possa tê-lo tornado famoso. No intervalo entre os Yugas Dwapara e Kali aconteceu em Samanta-panchaka o combate entre os exércitos dos Kauravas e dos Pandavas. Naquela região sagrada, sem asperezas de qualquer tipo, foram reunidos dezoito Akshauhinis de soldados ávidos pela batalha. E, ó Brahmanas, tendo ido até lá, eles foram todos mortos no local. Assim o nome daquela região, ó Brahmanas, é explicado, e o país descrito para vocês como sagrado e encantador. Eu mencionei tudo referente a como a região é célebre por todos os três mundos."

Os Rishis disseram, "Nós desejamos saber, ó filho de Suta, o que é implicado pelo termo Akshauhini que é usado por ti. Conte-nos integralmente qual é o número total de cavalos e soldados de infantaria, carruagens e elefantes, que compõem um Akshauhini, pois tu estás completamente informado."

Sauti disse, "Uma carruagem, um elefante, cinco soldados de infantaria e três cavalos formam um Patti; três pattis fazem um Sena-mukha; três sena-mukhas são chamados de Gulma; três gulmas, de Gana; três ganas, de Vahini; três vahinis juntos são chamados de Pritana; três pritanas formam um Chamu; três chamus, um Anikini; e dez anikini formam, como é chamado por aqueles que conhecem, um Akshauhini. Ó melhores dos Brahmanas, matemáticos calculam que o número de carruagens em um Akshauhini é vinte e um mil oitocentos e setenta. A quantidade de elefantes deve ser fixada no mesmo número. Ó puros, vocês devem saber que o número de soldados de infantaria é cento e nove mil trezentos e cinquenta, o número de cavalos é sessenta e cinco mil seiscentos e dez. Estes, ó Brahmanas, como totalmente explicados por mim, são os números de um Akshauhini como dito por aqueles familiarizados com os princípios dos números. Ó melhores dos Brahmanas, segundo esse cálculo foram compostos os dezoito Akshauhinis dos exércitos Kaurava e Pandava. O Tempo, cujos atos são

extraordinários, os reuniu naquele local e tendo feito dos Kauravas a causa, destruiu todos. Bhishma conhecedor de uma grande variedade de armas lutou por dez dias. Drona protegeu os Vahinis Kaurava por cinco dias. Kama, o desolador de exércitos hostis lutou por dois dias; e Salya por metade de um dia. Depois durou metade de um dia o combate com maças entre Duryodhana e Bhima. No fim daquele dia, Aswatthaman e Kripa destruíram o exército de Yudhishthira à noite enquanto dormia sem suspeitar do perigo.

Ó Saunaka, esta melhor das narrações chamada Bharata que começou a ser repetida no teu sacrifício foi antigamente repetida no sacrifício de Janamejaya por um discípulo inteligente de Vyasa. Ele é dividido em várias seções; no início são Paushya, Pauloma, e Astika parvas, descrevendo integralmente a coragem e renome dos reis. Este é um trabalho cuja descrição, dicção, e sentido são variados e esplêndidos. Ele contém um relato de vários costumes e ritos. Ele é aceito pelos sábios como o estado chamado Vairagya é aceito por homens desejosos da libertação final. Como o Ser entre as coisas a serem conhecidas, como a vida entre as coisas que são preciosas, assim esta história que fornece os meios de chegar ao conhecimento de Brahma é o principal dentre todos os sastras. Não há uma história circulante neste mundo que não dependa desta história assim como o corpo dos pés que ele usa. Como os senhores de boa linhagem são sempre servidos por empregados desejosos de promoção assim o Bharata é apreciado por todos os poetas. Como as palavras constituindo os vários ramos de conhecimento concernentes ao mundo e os Vedas mostram somente vogais e consoantes, assim esta história excelente mostra somente a mais elevada sabedoria.

Escutem, ó ascetas, aos resumos das várias divisões (parvas) desta história chamada Bharata, dotada de grande sabedoria, de seções e bases que são admiráveis e variadas, de significados sutis e conexões lógicas, e embelezadas com a substância dos Vedas.

O primeiro parva é chamado de Anukramanika; o segundo, Sangraha; então Paushya; então Pauloma; o Astika; então Adivansavatarana. Então vem o Sambhava de incidentes extraordinários e emocionantes. Então vem Jatugrihadaha (incêndio na casa de laca) e então Hidimbabadha (o assassinato de Hidimba) parvas; então vem Baka-badha (morte de Baka) e então Chitraratha. O próximo se chama Swayamvara (escolha de marido por Panchali), no qual Arjuna pelo exercício de virtudes Kshatriyas obtém Draupadi como esposa. Então vem Vaivahika (casamento). Então vem Viduragamana (chegada de Vidura), Rajyalabha (aquisição do reino), Arjuna-banavasa (exílio de Arjuna) e Subhadra-harana (o rapto de Subhadra). Depois destes vem Harana-harika, Khandava-daha (o incêndio na floresta de Khandava) e Maya-darsana (encontro com Maya o Asura arquiteto). Então vem Sabha, Mantra, Jarasandha, Digvijaya (campanha geral). Depois de Digvijaya vem Raja-suyaka, Arghyaviharana (o roubo do Arghya) e Sisupala-badha (o assassinato de Sisupala). Depois destes Dyuta (jogo), Anudyuta (seguinte ao jogo), Aranyaka, e Krimira-badha (destruição de Krimira). O Arjuna-vigamana (as viagens de Arjuna), Kairati. No último é descrita a batalha entre Arjuna e Mahadeva no disfarce de um caçador. Depois disso Indra-

lokavigamana (a viagem às regiões de Indra); então aquela mina de religião e virtude, o muito emocionante Nalopakhyana (a história de Nala). Depois desse último Tirtha-yatra ou a peregrinação do sábio príncipe dos Kurus, a morte de Jatasura, e a batalha dos Yakshas. Então a batalha com os Nivata-kavachas, Ajagara, e Markandeya-Samasya (reunião com Markandeya). Então o encontro de Draupadi e Satyabhama, Ghoshayatra, Mirga-Swapna (sonho do veado). Então a história de Brihadaranyaka e então Aindradrumna. Então Draupadi-harana (o sequestro de Draupadi), Jayadratha-bimoksana (a libertação de Jayadratha). Então a história de 'Savitri' ilustrando o grande mérito da castidade conjugal. Depois destes a história de 'Rama'. O parva que vem em seguida é chamado de 'Kundala-harana' (o roubo dos brincos). Aquele que vem em seguida é 'Aranya' e então 'Vairata'. Então a entrada dos Pandavas (na cidade de Virata) e o cumprimento de sua promessa (de viver desconhecidos por um ano). Então a destruição dos 'Kichakas', então a tentativa de roubar o gado (de Virata pelos Kauravas). O próximo é chamado de ‘o casamento de Abhimanyu com a filha de Virata’. O seguinte, vocês devem saber, é o mais notável parva chamado Udyoga. O próximo deve ser conhecido pelo nome de 'Sanjaya-yana' (a chegada de Sanjaya). Então vem 'Prajagara' (a insônia de Dhritarashtra devido à sua ansiedade). Então Sanatsujata, no qual se encontram os mistérios de filosofia espiritual. Então 'Yanasaddhi', e então a chegada de Krishna. Então a história de 'Matali' e então de 'Galava'. Então as histórias de 'Savitri', 'Vamadeva', e 'Vainya'. Então a história de 'Jamadagnya e Shodasarajika'. Então a chegada de Krishna na corte, e então Bidulaputrasasana. Então a reunião das tropas e a história de Sheta. Então, vocês devem conhecer, vem a briga de Karna de grande alma. Então a marcha para o campo das tropas de ambos os lados. O seguinte é chamado de ‘contando os Rathis e Atirathas’. Então vem a chegada do mensageiro Uluka que acendeu a ira (dos Pandavas). O próximo, vocês devem saber, é a história de Amba. Então vem a emocionante história da instalação de Bhishma como comandante-chefe. O próximo é chamado de ‘a criação da região insular Jambu’; então Bhumi; então o relato sobre a formação de ilhas. Então vem o 'Bhagavat-gita'; e então a morte de Bhishma. Então a instalação de Drona; então a destruição dos 'Sansaptakas'. Então a morte de Abhimanyu; e então a promessa de Arjuna (matar Jayadratha). Então a morte de Jayadratha, e então de Ghatotkacha. Então, vocês devem saber, vem a história da morte de Drona de força surpreendente. O próximo é chamado de ‘o disparo da arma chamada Narayana’. Então, vocês sabem, vem Karna, e então Salya. Então vem a imersão no lago, e então o combate (entre Bhima e Duryodhana) com maças. Então vem Saraswata, e então as descrições de santuários sagrados, e então genealogias. Então vem Sauptika descrevendo incidentes vergonhosos (para a honra dos Kurus). Então vem o 'Aisika' de incidentes dolorosos. Então vem 'Jalapradana', oblações de água para os espíritos dos mortos, e então as lamentações das mulheres. O próximo deve ser conhecido como 'Sraddha', descrevendo os ritos fúnebres realizados para os Kauravas mortos. Então vem a destruição do Rakshasa Charvaka que tinha assumido o disfarce de um Brahmana (para enganar Yudhishthira). Então a coroação do sábio Yudhishthira. O próximo é chamado de 'Grihapravibhaga'. Então vem 'Santi', então 'Rajadharmanusasana', então 'Apaddharma', então 'Mokshadharma'. Aqueles que seguem se chamam

respectivamente 'Suka-prasna-abhigamana', 'Brahma-prasnanusana', a origem de 'Durvasa', e as disputas com Maya. O próximo deve ser conhecido como 'Anusasanika'. Então a ascensão de Bhishma para o céu. Então o sacrifício de cavalos, o qual quando lido elimina todos os pecados. O próximo deve ser conhecido como 'Anugita', no qual há palavras de filosofia espiritual. Aqueles que seguem são chamados 'Asramvasa', 'Puttradarshana' (encontro com os espíritos dos filhos falecidos), e a chegada de Narada. O próximo é chamado 'Mausala', que é cheio de incidentes terríveis e cruéis. Então vem 'Mahaprasthanika' e ascensão para céu. Então vem o Purana que é chamado Khilvansa. Nesse último estão contidos 'Vishnuparva', divertimentos e façanhas de Vishnu como uma criança, a destruição de 'Kansa', e finalmente, o maravilhoso 'Bhavishyaparva' (no qual há profecias com relação ao futuro).

Vyasa de grande alma compôs estes cem parvas dos quais acima há somente um resumo; tendo dividido eles em dezoito, o filho de Suta os recitou consecutivamente na floresta de Naimisha como segue:

No Adi parva estão contidos Paushya, Pauloma, Astika, Adivansavatara, Samva, o incêndio da casa de laca, a morte de Hidimba, a destruição do Asura Vaka, Chitraratha, o Swayamvara de Draupadi, seu casamento depois da derrota de rivais em guerra, a chegada de Vidura, a restauração, o exílio de Arjuna, o sequestro de Subhadra, a doação e recebimento do dote do casamento, o incêndio na floresta de Khandava, e o encontro com (o Asura arquiteto) Maya. O Paushya parva trata da grandeza de Utanka, e o Pauloma, dos filhos de Bhrigu. O Astika descreve o nascimento de Garuda e dos Nagas (cobras), o batimento do oceano, os incidentes relativos ao nascimento do corcel celeste Uchchaihsrava, e finalmente, a dinastia de Bharata, como descrita no sacrifício de cobras do rei Janamejaya. O Sambhava parva narra o nascimento de vários reis e heróis, e do sábio Krishna Dwaipayana, as encarnações parciais de divindades, a geração de Danavas e Yakshas de grande bravura, e serpentes, Gandharvas, aves, e de todas as criaturas; e por fim, da vida e aventuras do rei Bharata, o progenitor da linhagem que recebe seu nome, o filho nascido de Sakuntala no eremitério do asceta Kanwa. Este parva também descreve a grandeza de Bhagirathi, e os nascimentos dos Vasus na casa de Santanu e sua ascensão para o céu. Neste parva também é narrado o nascimento de Bhishma unindo em si mesmo porções das energias dos outros Vasus, sua renúncia da realeza e adoção do modo de vida Brahmacharya, sua fidelidade aos seus votos, sua proteção a Chitrangada, e depois da morte de Chitrangada, a proteção de seu irmão mais novo, Vichitravirya, e a colocação do último no trono; o nascimento de Dharma entre os homens por causa da maldição de Animandavya; os nascimentos de Dhritarashtra e Pandu através da potência das bênçãos de Vyasa e também o nascimento dos Pandavas; as conspirações de Duryodhana para enviar os filhos de Pandu para Varanavata, e os outros conselhos sombrios dos filhos de Dhritarashtra em relação aos Pandavas; então o conselho dado para Yudhishthira em seu caminho pelo benquerente dos Pandavas, Vidura, na língua mlechchha, a escavação do buraco, a queima de Purochana e da mulher adormecida da casta de caçadores, com seus cinco filhos, na casa de laca; o encontro dos Pandavas na floresta

pavorosa com Hidimba, e a morte do irmão de Hidimba (também chamado Hidimba) por Bhima de grande heroísmo. O nascimento de Ghatotkacha; a reunião dos Pandavas com Vyasa e de acordo com seus conselhos sua permanência disfarçados na casa de um Brahmana na cidade de Ekachakra; a destruição do Asura Vaka, e o assombro do povo à visão; os nascimentos extraordinários de Krishna e Dhrishtadyumna; a partida dos Pandavas para Panchala em obediência à injunção de Vyasa, e movidos igualmente pelo desejo de ganhar a mão de Draupadi ao ouvirem as notícias sobre o swayamvara dos lábios de um Brahmana; vitória de Arjuna sobre um Gandharva, chamado Angaraparna, na margem do Bhagirathi, a contração de amizade com seu adversário, e a audição do Gandharva da história de Tapati, Vasishtha e Aurva. Este parva trata da viagem dos Pandavas em direção a Panchala, a aquisição de Draupadi no meio de todos os Rajas, por Arjuna, depois de ter acertado o alvo com sucesso; e na luta seguinte, a derrota de Salya, Kama, e de todos os outros chefes coroados nas mãos de Bhima e Arjuna de grande heroísmo; a averiguação por Balarama e Krishna, à visão daquelas façanhas inigualáveis, que os heróis eram os Pandavas, e a chegada dos irmãos na casa do ceramista onde os Pandavas estavam permanecendo; o desânimo de Drupada ao saber que Draupadi devia se casar com cinco maridos; a notável história dos cinco Indras relatada na sequência; o casamento extraordinário e divinamente ordenado de Draupadi; o envio de Vidura pelos filhos de Dhritarashtra como mensageiro para os Pandavas; a chegada de Vidura e sua visão de Krishna; a residência dos Pandavas em Khandava-prastha, e então seu governo sobre metade do reino; a fixação de turnos pelos filhos de Pandu, em obediência à injunção de Narada, para união conjugal com Draupadi. De maneira semelhante à história de Sunda e Upasunda é recitada nele. Este parva então trata da partida de Arjuna para a floresta de acordo com a promessa, ele tendo visto Draupadi e Yudhishthira juntos quando entrou no quarto para pegar armas para salvar as vacas de certo Brahmana. Este parva então descreve o encontro de Arjuna no caminho com Ulupi, a filha de um Naga (serpente); e ele então relata suas visitas a vários lugares sagrados; o nascimento de Vabhruvahana; a libertação por Arjuna das cinco donzelas celestes que tinham sido transformadas em jacarés pela imprecação de um Brahmana, o encontro de Madhava e Arjuna no local santo chamado Prabhasa; o rapto de Subhadra por Arjuna, incitado a isto pelo irmão dela: Krishna, no maravilhoso carro que se movia na terra e na água, e pelo ar, de acordo com o desejo do passageiro; a partida para Indraprastha, com o dote; a concepção no útero de Subhadra daquele prodígio de coragem, Abhimanyu; Yajnaseni dando nascimento a filhos; então segue a viagem de divertimento de Krishna e Arjuna para as margens do Jamuna e a obtenção por eles do disco e do célebre arco Gandiva; a queima da floresta de Khandava; o resgate de Maya por Arjuna, e a fuga da serpente, e a geração de um filho por aquele melhor dos Rishis, Mandapala, no útero da ave Sarngi. Este parva é dividido por Vyasa em duzentos e vinte e sete capítulos. Estes duzentos e vinte e sete capítulos contêm oito mil oitocentos e oitenta e quatro slokas (versos).

O segundo é o extenso parva chamado Sabha ou a assembléia, cheio de importância. Os assuntos deste parva são a fundação da grandiosa mansão pelos Pandavas; o exame de seus retentores; a descrição dos lokapalas por Narada

bem familiarizado com as regiões celestes; os preparativos para o sacrifício Rajasuya; a destruição de Jarasandha; a libertação por Vasudeva dos príncipes confinados na passagem da montanha; a campanha de conquista geral pelos Pandavas; a chegada dos príncipes no sacrifício Rajasuya com tributo; a destruição de Sisupala na ocasião do sacrifício, em relação à oferenda de arghya; Bhimasena zombando de Duryodhana na assembléia; a tristeza e inveja de Duryodhana à visão da magnificente escala na qual os arranjos tinham sido feitos; a indignação de Duryodhana em consequência, e os preparativos para o jogo de dados; a derrota de Yudhishthira no jogo pelo astuto Sakuni; a libertação por Dhritarashtra de sua nora aflita Draupadi mergulhada em um mar de angústia causado pelo jogo, como de um barco atirado pelas ondas tempestuosas. Os esforços de Duryodhana para envolver Yudhishthira novamente no jogo; e o exílio do derrotado Yudhishthira com seus irmãos. Estes constituem o que foi chamado por Vyasa de Sabha Parva. Este parva é dividido em setenta e oito capítulos, ó melhor dos Brahmanas, e em dois mil, quinhentos e sete slokas.

Então vem o terceiro parva chamado Aranyaka (referente à floresta). Este parva trata da viagem dos Pandavas à floresta e dos cidadãos seguindo o sábio Yudhishthira, a adoração de Yudhishthira ao deus do dia; de acordo com as injunções de Dhaumya, para ser dotado do poder de manter os dependentes Brahmanas com comida e bebida; a criação de alimento através da graça do Sol, a expulsão por Dhritarashtra de Vidura que sempre falava para o bem de seu senhor; a ida de Vidura aos Pandavas e seu retorno para Dhritarashtra por solicitação do último; as conspirações do vil Duryodhana para destruir os Pandavas que vagavam na floresta, sendo incitado a isto por Karna; o aparecimento de Vyasa e a dissuasão da determinação de Duryodhana de ir para a floresta; a história de Surabhi; a chegada de Maitreya; sua declaração para Dhritarashtra do curso de ação; e sua maldição sobre Duryodhana; Bhima matando Kirmira em combate; a ida dos Panchalas e dos príncipes da linhagem Vrishni até Yudhishthira ao saberem da sua derrota no jogo injusto por Sakuni; Dhananjaya acalmando a fúria de Krishna; as lamentações de Draupadi diante de Madhava; Krishna encorajando-a; a queda de Sauva também é aqui descrita pelo Rishi; também Krishna levando Subhadra com seu filho para Dwaraka; e Dhrishtadyumna levando o filho de Draupadi para Panchala; a entrada dos filhos de Pandu na fantástica floresta Dwaita; conversação de Bhima, Yudhishthira, e Draupadi; a ida de Vyasa aos Pandavas e dotando Yudhishthira do poder de Pratismriti; então, depois da partida de Vyasa, a remoção dos Pandavas para a floresta de Kamyaka; as viagens de Arjuna de bravura imensurável à procura de armas; sua luta com Mahadeva no disfarce de um caçador; seu encontro com os lokapalas e recebimento das armas deles; sua viagem para as regiões de Indra em busca de armas e a consequente ansiedade de Dhritarashtra; as lamentações de Yudhishthira na ocasião de seu encontro com o venerável grande sábio Brihadaswa. Aqui se encontra a sagrada e muito emocionante história de Nala ilustrando a paciência de Damayanti e o caráter de Nala. Então a obtenção por Yudhishthira dos mistérios dos dados do mesmo grande sábio; então a chegada do Rishi Lomasa dos céus onde os Pandavas estavam, e o recebimento por aqueles moradores de grande alma nas florestas das notícias trazidas pelo Rishi

de seu irmão Arjuna que estava nos céus; então a peregrinação dos Pandavas para vários lugares sagrados de acordo com a mensagem de Arjuna, e sua obtenção de grande mérito e virtude consequentes de tal peregrinação; então a peregrinação do grande sábio Narada ao santuário Putasta; também a peregrinação dos Pandavas de grande alma. Aqui há a privação de Karna de seus brincos por Indra. Aqui também é recitada a magnificência sacrifical de Gaya; então a história de Agastya na qual o Rishi come o Asura Vatapi, e sua ligação conjugal com Lopamudra pelo desejo de filhos. Então a história de Rishyasringa que adotou modo de vida Brahmacharya desde sua meninice; então a história de Rama de grande bravura, o filho de Jamadagni, na qual é narrada a morte de Kartavirya e Haihayas; então o encontro entre os Pandavas e os Vrishnis no local sagrado chamado Prabhasa; então a história de Sukanya na qual Chyavana, o filho de Bhrigu, faz os gêmeos Aswins beberem, no sacrifício do rei Saryati, o suco Soma (do qual eles tinham sido excluídos pelos outros deuses), e no qual, além disso, é mostrado como o próprio Chyavana obteve juventude perpétua (como uma bênção dos Aswins agradecidos). Então é descrita a história do rei Mandhata; então a história do príncipe Jantu; e como o rei Somaka por oferecer seu filho único (Jantu) em sacrifício obteve cem outros; então a história excelente do falcão e do pombo; então o exame do rei Sivi por Indra, Agni, e Dharma; então a história de Ashtavakra, na qual ocorre a disputa, no sacrifício de Janaka, entre aquele Rishi e o principal dos especialistas em lógica, Vandi, o filho de Varuna; a derrota de Vandi pelo grande Ashtavakra, e a libertação pelo Rishi de seu pai das profundidades do oceano. Então a história de Yavakrita, e então aquela do grande Raivya; então a partida (dos Pandavas) para Gandhamadana e sua residência no retiro chamado Narayana; então a viagem de Bhimasena para Gandhamadana a pedido de Draupadi (em busca da flor de perfume doce). O encontro de Bhima em seu caminho, no bananal, com Hanuman, o filho de Pavana de grande bravura; o banho de Bhima no tanque e a destruição das flores naquele local para obter a flor de doce perfume (que ele estava procurando); sua consequente batalha com os poderosos Rakshasas e os Yakshas de grande destreza incluindo Hanuman; a destruição do Asura Jata por Bhima; o encontro (dos Pandavas) com o sábio nobre Vrishaparva; a partida deles para o retiro de Arshtishena e residência lá; o incitamento de Bhima (para atos de vingança) por Draupadi. Então é narrada a subida nas colinas de Kailasa por Bhimasena, sua magnífica batalha com os Yakshas poderosos liderados por Hanuman; então o encontro dos Pandavas com Vaisravana (Kuvera), e o encontro com Arjuna depois que ele tinha obtido muitas armas celestes para o propósito de Yudhishthira; então o terrível combate de Arjuna com os Nivatakavachas que moravam em Hiranyaparva, e também com os Paulomas, e os Kalakeyas; sua destruição nas mãos de Arjuna; o começo da exibição das armas celestes por Arjuna diante de Yudhishthira, o impedimento do mesmo por Narada; a descida dos Pandavas de Gandhamadana; a captura de Bhima na floresta por uma poderosa serpente enorme como uma montanha; sua libertação das espirais da cobra após Yudhishthira responder certas questões; a volta dos Pandavas para as florestas Kamyaka. Aqui é descrita a reaparição de Vasudeva para ver os filhos poderosos de Pandu; a chegada de Markandeya, e vários recitais, a história de Prithu o filho de Vena, narrada pelo grande Rishi; as histórias de Saraswati e do Rishi Tarkhya. Depois destas a história de Matsya; e

outras velhas histórias recitadas por Markandeya; as histórias de Indradyumna e Dhundhumara; então a história da esposa casta; a história de Angira, o encontro e conversação de Draupadi e Satyabhama; a volta dos Pandavas para a floresta de Dwaita; então a procissão para ver os bezerros e a prisão de Duryodhana; e quando o patife estava sendo raptado, seu resgate por Arjuna; aqui se encontra o sonho de Yudhishthira com o veado; então a reentrada dos Pandavas na floresta Kamyaka, aqui também há a longa história de Vrihidraunika. Aqui também é recitada a história de Durvasa; então o sequestro por Jayadratha de Draupadi do retiro; a perseguição do raptor por Bhima veloz como o ar e a raspagem ruim da cabeça de Jayadratha pela mão de Bhima. Aqui há a longa história de Rama na qual é mostrado como Rama matou Ravana em batalha por meio de sua destreza. Aqui também é narrada a história de Savitri; então a privação de Karna por Indra de seus brincos; então o oferecimento a Karna pelo grato Indra de uma Sakti (arma míssil) a qual tinha a virtude de matar somente uma pessoa contra quem ela fosse lançada; então a história chamada Aranya na qual Dharma (o deus da justiça) dá conselhos para seu filho (Yudhishthira); na qual, além disso, é narrado como os Pandavas depois de terem obtido uma bênção vão em direção ao oeste. Estes estão todos incluídos no terceiro Parva chamado Aranyaka, consistindo em duzentos e sessenta e nove capítulos. O número de slokas é onze mil, seiscentos e sessenta e quatro.

O extenso Parva que vem em seguida é chamado Virata. Os Pandavas chegando nos domínios de Virata vêem em um cemitério nos arredores da cidade uma grande árvore shami na qual eles guardam suas armas. Aqui é narrada sua entrada na cidade e sua estadia lá disfarçados. Então a morte por Bhima do vil Kichaka que, irracional pela luxúria, procurou Draupadi; a designação pelo príncipe Duryodhana de espiões inteligentes; e seu envio para todas as partes para localizar os Pandavas; o fracasso deles em descobrir os filhos poderosos de Pandu; o primeiro roubo do gado de Virata pelos Trigartas e a terrível batalha que se segue; a captura de Virata pelo inimigo e seu resgate por Bhimasena; a libertação também do gado pelo Pandava (Bhima); o roubo do gado de Virata novamente pelos Kurus; a derrota em batalha de todos os Kurus por Arjuna sozinho; a libertação do gado do rei; a concessão por Virata de sua filha Uttara para aceitação de Arjuna em nome de seu filho com Subhadra, Abhimanyu, o destruidor de inimigos. Estes são os conteúdos do extenso quarto Parva, o Virata. O grande Rishi Vyasa compôs nele sessenta e sete capítulos. O número de slokas é os dois mil e cinquenta.

Ouçam então (os conteúdos do) quinto Parva o qual deve ser conhecido como Udyoga. Enquanto os Pandavas, desejosos de vitória, residiam no lugar chamado Upaplavya, Duryodhana e Arjuna foram ao mesmo tempo até Vasudeva, e disseram, ‘Você deve nos ajudar nessa guerra.’ E Krishna de grande alma, após estas palavras serem proferidas, responde, ‘Ó principais dos homens, um conselheiro em mim mesmo que não lutará e um Akshauhini de tropas, qual desses eu darei para qual de vocês?’ Cego para seus próprios interesses o tolo Duryodhana pede as tropas; enquanto Arjuna solicita Krishna como um conselheiro que não lutaria. Então é descrito como, quando o rei de Madra estava

indo ajudar os Pandavas, Duryodhana, tendo iludido ele no caminho por meio de presentes e hospitalidade o induz a conceder um benefício e então solicita sua ajuda na batalha; como Salya, tendo dado sua palavra a Duryodhana, vai até os Pandavas e os conforta por narrar a história da vitória de Indra (sobre Vritra). Então vem o envio pelos Pandavas de seu Purohita (sacerdote) aos Kauravas. Então é descrito como o rei Dhritarashtra de grande coragem, tendo ouvido a palavra do purohita dos Pandavas e a história da vitória de Indra decide enviar seu purohita e ao final despacha Sanjaya como mensageiro aos Pandavas por desejar a paz. Aqui é descrita a insônia de Dhritarashtra por ansiedade ao saber tudo sobre os Pandavas e seus amigos, Vasudeva e outros. Foi nessa ocasião que Vidura endereçou ao rei sábio Dhritarashtra vários conselhos que eram cheios de sabedoria. E foi aqui também que Sanat-sujata recitou para o ansioso e entristecido monarca as verdades excelentes da filosofia espiritual. Na manhã seguinte Sanjaya fala, na corte do rei, da identidade de Vasudeva e Arjuna. É então que o ilustre Krishna, movido por bondade e desejo de paz, vai ele mesmo à capital Kaurava, Hastinapura, para trazer paz. Então vem a rejeição pelo príncipe Duryodhana da missão diplomática de Krishna, que tinha chegado para pedir paz para o benefício de ambos os partidos. Aqui é narrada a história de Damvodvava; então a história da procura de Matuli de grande alma por um marido para sua filha; então a história do grande sábio Galava; então a história do treinamento e disciplina do filho de Bidula. Então a exposição por Krishna, perante os Rajas reunidos, de seus poderes de Yoga após saber dos planos perversos de Duryodhana e Karna; então Krishna colocando Karna em sua carruagem e lhe oferecendo conselho, e a rejeição de Karna do mesmo por orgulho. Então o retorno de Krishna, o destruidor de inimigos, de Hastinapura para Upaplavya, e sua narração para os Pandavas de tudo o que tinha acontecido. É então que aqueles opressores de inimigos, os Pandavas, tendo ouvido tudo e deliberado devidamente entre si fazem toda a preparação para a guerra. Então vem a marcha de Hastinapura, para a batalha, de soldados de infantaria, cavalos, quadrigários e elefantes. Então a contagem das tropas de ambos as partidos. Então o despacho pelo príncipe Duryodhana de Uluka como enviado aos Pandavas no dia anterior à batalha. Então a contagem de quadrigários de diferentes classes. Então a história de Amba. Isso tudo é descrito no quinto Parva chamado Udyoga do Bharata, cheio de incidentes referentes à guerra e paz. Ó ascetas, o grande Vyasa compôs cento e oitenta e seis capítulos neste Parva. O número de slokas também compostos nele pelo grande Rishi é seis mil, seiscentos e noventa e oito.

Então é narrado o Bhishma Parva repleto de incidentes admiráveis. Nele é narrada por Sanjaya a formação da região conhecida como Jambu. Lá é descrita a grande depressão do exército de Yudhishthira, e também uma batalha violenta por dez dias sucessivos. Nele Vasudeva de grande alma por meio de fundamentos baseados na filosofia da libertação final acaba com o escrúpulo de Arjuna surgido da consideração do último por seus parentes (a quem ele estava prestes a matar). Nele o magnânimo Krishna, atento ao bem-estar de Yudhishthira, vendo a perda infligida (ao exército Pandava), desce rapidamente da sua carruagem ele mesmo e corre destemido, com seu chicote de guiar na mão, para efetuar a morte de Bhishma. Nele, Krishna também atinge com palavras cortantes Arjuna, o

manejador do Gandiva e o principal em batalha entre todos os manejadores de armas. Nele, o principal dos arqueiros, Arjuna, colocando Shikandin em sua frente e perfurando Bhishma com suas flechas afiadas o derruba de sua carruagem. Nele, Bhishma jaz estendido em seu leito de flechas. Este Parva extenso é conhecido como o sexto no Bharata. Nele foram compostos cento e dezessete capítulos. O número de slokas é cinco mil, oitocentos e oitenta e quatro como contado por Vyasa conhecedor dos Vedas.

Então é narrado o admirável Parva chamado Drona, cheio de incidentes. Primeiro vem a instalação no comando do exército (Kuru) do grande instrutor em armas: Drona; então o voto feito por aquele grande mestre de armas de capturar o sábio Yudhishthira em batalha para agradar Duryodhana; então a retirada de Arjuna do campo perante os Sansaptakas, então a derrubada de Bhagadatta como um segundo Indra no campo, com o elefante Supritika, por Arjuna; então a morte do herói Abhimanyu em sua adolescência, sozinho e sem ajuda, nas mãos de muitos Maharathas incluindo Jayadratha; então depois da morte de Abhimanyu, a destruição por Arjuna, em batalha, de sete Akshauhinis de tropas e então de Jayadratha; então a entrada, por Bhima de braços poderosos e por aquele principal dos guerreiros em carruagem, Satyaki, nas fileiras Kaurava impenetráveis até para os deuses, à procura de Arjuna em obediência às ordens de Yudhishthira, e a destruição do resto dos Sansaptakas. No Drona Parva se encontra a morte de Alambusha, de Srutayus, de Jalasandha, de Shomadatta, de Virata, do grande guerreiro em carruagem Drupada, de Ghatotkacha e outros; neste Parva, Aswatthaman, excitado além da medida pela morte de seu pai em batalha, dispara a terrível arma Narayana. Então a glória de Rudra com relação à queima (das três cidades). Então a chegada de Vyasa e a narração por ele da glória de Krishna e Arjuna. Este é o grandioso sétimo Parva do Bharata no qual todos os chefes e príncipes heróicos citados são enviados para sua prestação de contas. O número de capítulos neste Parva é cento e setenta. O número de slokas compostos no Drona Parva pelo Rishi Vyasa, o filho de Parasara possuidor do conhecimento verdadeiro depois de muita meditação, é oito mil novecentos e nove.

Então vem o magnífico Parva chamado Karna. Nele é narrada a nomeação do sábio rei de Madra como quadrigário (de Karna). Então a história da queda do Asura Tripura. Então o emprego um ao outro por Karna e Salya de palavras duras em sua saída do campo, então a história do cisne e do corvo narrada em alusão insultante; então a morte de Pandya nas mãos de Aswatthaman de grande alma; então a morte de Dandasena; então a de Darda; então o risco iminente de Yudhishthira em duelo com Karna na presença de todos os guerreiros; então a ira mútua de Yudhishthira e Arjuna; então a pacificação de Arjuna por Krishna. Neste Parva, Bhima, em cumprimento de sua promessa, tendo aberto o peito de Dussasana em batalha, bebe o sangue de seu coração. Então Arjuna mata o grande Karna em duelo. Leitores do Bharata chamam este de oitavo Parva. O número de capítulos nele é sessenta e nove e o número de slokas é quatro mil, novecentos e sessenta e quatro.

Então é recitado o admirável Parva chamado Salya. Depois que todos os grandes guerreiros tinham sido mortos o rei de Madra se torna o líder do exército

(Kaurava). Os combates um depois do outro, de quadrigários, são aqui descritos. Então vem a queda do grande Salya nas mãos de Yudhishthira, o Justo. Aqui também se encontra a morte de Sakuni em batalha nas mãos de Sahadeva. Após somente um pequeno resto das tropas permanecer vivo depois do imenso massacre, Duryodhana vai para o lago e criando para si mesmo um espaço dentro de suas águas deita esticado lá por algum tempo. Então é narrado o recebimento desta notícia por Bhima dos caçadores; então é narrado como, movido pelas palavras insultuosas do inteligente Yudhishthira, Duryodhana sempre incapaz de suportar afrontas sai das águas. Então vem o combate com maças entre Duryodhana e Bhima; então a chegada, na hora de tal combate, de Balarama; então é descrita a santidade do Saraswati; então a continuação do combate com maças; então a fratura das coxas de Duryodhana em batalha por Bhima com (um terrível arremesso de) sua maça. Isso tudo é descrito no maravilhoso nono Parva. Nele o número de capítulos é cinquenta e nove e o número de slokas compostos pelo grande Vyasa, o propagador da fama dos Kauravas, é três mil duzentos e vinte.

Então eu descreverei o Parva chamado Sauptika de incidentes pavorosos. Após os Pandavas terem ido embora, os poderosos quadrigários, Kritavarman, Kripa, e o filho de Drona, vão ao campo de batalha à noite e vêem lá o rei Duryodhana jazendo no chão, com suas coxas quebradas e coberto de sangue. Então o formidável quadrigário, o filho de Drona, de ira terrível, promete: 'Sem matar todos os Panchalas incluindo Drishtadyumna, e os Pandavas também com todos os seus aliados, eu não tirarei a armadura.' Tendo falado estas palavras, os três guerreiros deixando o lado de Duryodhana entram na grande floresta exatamente quando o sol estava se pondo. Enquanto sentados sob uma grande árvore banian (figueira de bengala) à noite, eles vêem uma coruja matando numerosos corvos um depois do outro. À visão daquilo Aswatthaman, com seu coração cheio de raiva ao pensar no destino de seu pai, resolve matar os Panchalas adormecidos. E se dirigindo ao portão do acampamento, ele vê lá um Rakshasa de aparência aterrorizante, sua cabeça alcançando os próprios céus, guardando a entrada. E vendo aquele Rakshasa obstruindo todas as suas armas, o filho de Drona rapidamente pacifica por meio de adoração o Rudra de três olhos. E então acompanhado por Kritavarman e Kripa ele mata todos os filhos de Draupadi, todos os Panchalas com Dhrishtadyumna e outros, junto com seus parentes, que dormiam sem suspeitar à noite. Todos perecem naquela noite fatal exceto os cinco Pandavas e o grande guerreiro Satyaki. Estes escaparam devido aos conselhos de Krishna, então o quadrigário de Dhrishtadyumna leva aos Pandavas a notícia do massacre dos Panchalas adormecidos pelo filho de Drona. Então Draupadi aflita pela morte de seus filhos e irmãos e pai se senta diante de seus maridos decidida a se matar por meio de jejum. Então Bhima de bravura terrível, movido pelas palavras de Draupadi, se decide, para satisfazê-la; e pegando sua maça rapidamente segue em fúria o filho de seu preceptor em armas. O filho de Drona por medo de Bhimasena e impelido pelo destino e movido também por raiva dispara uma arma celeste dizendo, 'Isso é para a destruição de todos os Pandavas'; então Krishna dizendo, 'Isso não acontecerá', neutraliza as palavras de Aswatthaman. Então Arjuna neutraliza aquela arma por meio da sua própria.

Vendo as intenções destrutivas do vil Aswatthaman, Dwaipayana e Krishna pronunciam maldições sobre ele as quais o último responde. Os Pandavas então privam o poderoso guerreiro em carruagem Aswatthaman da jóia em sua cabeça, e ficam muito satisfeitos, e, orgulhosos de seu sucesso, fazem um presente dela para a entristecida Draupadi. Assim o décimo Parva, chamado Sauptika, é recitado. O grande Vyasa o compôs em dezoito capítulos. O número de slokas também compostos (nele) pelo grande narrador das verdades sagradas é oitocentos e setenta. Neste Parva foram colocados juntos pelo Rishi os dois Parvas chamados Sauptika e Aishika.

Depois disso é recitado o Parva muito emocionante chamado Stri; Dhritarashtra de visão profética, aflito pela morte de seus filhos, e movido por inimizade em relação a Bhima, quebra em pedaços uma estátua de ferro destramente colocada diante dele por Krishna (como substituto de Bhima). Então Vidura, removendo a afeição do aflito Dhritarashtra por coisas mundanas por meio de argumentos aludindo à libertação final, consola aquele monarca sábio. Então é descrita a ida do angustiado Dhritarashtra acompanhado pelas senhoras de sua casa para o campo de batalha dos Kauravas. Aqui seguem os lamentos emocionantes das esposas dos heróis mortos. Então a ira de Gandhari e Dhritarashtra e sua perda de consciência. Então as damas Kshatriya vêem aqueles heróis, seus filhos, irmãos, e pais que não retornariam, jazendo mortos no campo. Então a pacificação por Krishna da fúria de Gandhari angustiada pela morte de seus filhos e netos. Então a cremação dos corpos dos Rajas falecidos com os ritos devidos por aquele monarca (Yudhishthira) de grande sabedoria e o principal também de todos os homens virtuosos. Então, depois que o oferecimento de água aos espíritos dos príncipes falecidos tinha começado, a história da confissão de Kunti de que Karna era seu filho nascido em segredo. Tudo isso é descrito pelo grande Rishi Vyasa no emocionante décimo primeiro Parva. Sua leitura atenta comove todo coração sensível com tristeza e até tira lágrimas dos olhos. O número de capítulos compostos é vinte e sete. O número de slokas é setecentos e setenta cinco.

Décimo segundo em número vem o Santi Parva, que aumenta a compreensão e no qual é narrado o desalento de Yudhishthira por ele ter matado seus pais, irmãos, filhos, tios maternos e parentes matrimoniais. Neste Parva é descrito como de seu leito de flechas Bhishma explica vários sistemas de deveres dignos do estudo de reis desejosos de conhecimento; este Parva explica os deveres relativos a emergências, com indicações completas de época e motivos. Por compreendê-los, uma pessoa atinge conhecimento perfeito. Os mistérios também da emancipação final são descritos com detalhes. Este é o décimo segundo Parva, o favorito dos sábios. Ele consiste de trezentos e trinta e nove capítulos, e contém catorze mil, setecentos e trinta e dois slokas.

Próximo em ordem é o excelente Anusasana Parva. Nele é descrito como Yudhishthira, o rei dos Kurus, foi reconciliado consigo mesmo após ouvir a exposição dos deveres por Bhishma, o filho de Bhagirathi. Este Parva trata de regulamentos em detalhes e de Dharma e Artha; então das regras de caridade e seus méritos; então das qualificações dos donatários, e das doações supremas

relativas a transporte. Este Parva também descreve os cerimoniais de dever individual, as regras de conduta e o mérito inigualável da veracidade. Este Parva mostra o grande mérito de Brahmanas e vacas, e elucida os mistérios dos deveres em relação à hora e lugar. Estes estão incorporados no Parva excelente chamado Anusasana de incidentes variados. Nele é descrita a ascensão de Bhishma para o Céu. Este é o décimo terceiro Parva o qual declara com precisão os vários deveres dos homens. O número de capítulos nele é cento e quarenta e seis. O número de slokas é oito mil.

Então vem o décimo quarto Parva, Aswamedhika. Nele está a excelente história de Samvarta e Marutta. Então é descrita a descoberta (pelos Pandavas) de tesouros preciosos; e então o nascimento de Parikshit que foi revivido por Krishna depois de ter sido queimado pela arma (celeste) de Aswatthaman. As batalhas de Arjuna, o filho de Pandu, enquanto segue o cavalo sacrifical solto, com vários príncipes que em fúria o apanham. Então é mostrado o grande risco de Arjuna em seu combate com Vabhruvahana, o filho de Chitrangada (com Arjuna) a designada filha do chefe de Manipura. Então a história do mangusto durante a realização do sacrifício de cavalos. Este é o mais notável Parva chamado Aswamedhika. O número de capítulos é cento e três. O número de slokas compostos (nele) por Vyasa de conhecimento verdadeiro é três mil, trezentos e vinte.

Então vem o décimo quinto Parva chamado Asramvasika. Nele, Dhritarashtra, abdicando do reino, e acompanhado por Gandhari e Vidura vai para as florestas. Vendo isso a virtuosa Pritha também, sempre empenhada em cuidar de seus superiores, deixando a corte de seus filhos, segue o velho casal. Nele é descrito o fenomenal encontro, por bondade de Vyasa, do rei (Dhritarashtra) com os espíritos de seus filhos mortos, netos, e outros príncipes, retornados do outro mundo. Então o monarca abandonando suas tristezas alcança com sua esposa o fruto mais elevado de seus atos meritórios. Neste Parva, Vidura, depois de ter confiado na virtude durante toda sua vida alcança o estado mais meritório. O filho erudito de Gavalgana, Sanjaya, também de paixões sob total controle, e o principal dos ministros, alcança, neste Parva, ao estado abençoado. Neste Yudhishthira o justo encontra Narada e ouve dele a respeito da extinção da linhagem dos Vrishnis. Este é o notável Parva chamado Asramvasika. O número de capítulos nele é quarenta dois, e o número de slokas compostos por Vyasa conhecedor da verdade é mil quinhentos e seis.

Depois disso, vocês sabem, vem o Maushala de incidentes dolorosos. Neste, aqueles heróis de coração de leão (da linhagem Vrishni), com as cicatrizes de muitos campos (de batalha) em seus corpos, oprimidos pela maldição de um Brahmana, enquanto privados de juízo pela bebida, impelidos pelo destino, matam uns aos outros nas margens do Mar de Sal com a erva Eraka a qual (nas mãos deles) se torna (dotada com os atributos fatais do) raio. Neste, Balarama e Kesava (Krishna) depois de causarem o extermínio de sua linhagem, sua hora tendo chegado, eles mesmos não se elevam acima do domínio do Tempo todo-destrutivo. Neste, Arjuna, o principal entre os homens, indo para Dwaravati (Dwaraka), vê a cidade desprovida de Vrishnis e fica muito abalado e extremamente triste. Então depois do funeral do seu tio materno Vasudeva o

principal entre os Yadus (Vrishnis), ele vê os heróis da raça Yadu jazendo estirados mortos no lugar onde eles tinham estado bebendo. Ele então faz a cremação dos corpos dos ilustres Krishna e Balarama e dos membros principais da linhagem Vrishni. Então quando ele estava viajando de Dwaraka com as mulheres e as crianças, os velhos e os decrépitos, os remanescentes da raça Yadu, ele é encontrado no caminho por uma grande calamidade. Ele testemunha também a desgraça de seu arco Gandiva e a inauspiciosidade de suas armas celestes. Vendo tudo aquilo Arjuna fica abatido e, conforme o conselho de Vyasa, vai até Yudhishthira e solicita permissão para adotar o modo de vida Sannyasa. Este é o décimo sexto Parva chamado Maushala. O número de capítulos é oito e o número de slokas compostos por Vyasa conhecedor da verdade é trezentos e vinte.

O próximo é Mahaprasthanika, o décimo sétimo Parva. Nele, aqueles principais entre os homens, os Pandavas, abdicando de seu reino partem com Draupadi em sua grande jornada chamada Mahaprasthana. Nisto eles cruzam com Agni, tendo chegado à margem do mar de águas vermelhas. Neste, pedido pelo próprio Agni, Arjuna o reverenciando devidamente devolve a ele o excelente arco celeste chamado Gandiva. Neste, deixando seus irmãos que caíram um depois do outro e Draupadi também, Yudhishthira segue sua jornada sem olhar uma vez para trás para eles. Este décimo sétimo Parva é chamado Mahaprasthanika. O número de capítulos nele é três. O número de slokas também compostos por Vyasa conhecedor da verdade é trezentos e vinte.

O Parva que vem depois deste, vocês devem saber, é o extraordinário chamado Svarga de incidentes celestiais. Então vendo o carro celeste vindo para levá-lo, Yudhishthira movido por bondade em direção ao cão que o acompanhava se recusa a subir nele sem seu companheiro. Observando a firme aderência do ilustre Yudhishthira à virtude, Dharma (o deus da justiça) abandonando sua forma canina se mostra ao rei. Então Yudhishthira ascendendo para o céu sente muita aflição. O mensageiro celeste mostra a ele o inferno por meio de um ato de ilusão. Então Yudhishthira, a alma da justiça, ouve os lamentos de partir o coração de seus irmãos habitando naquela região sob a disciplina de Yama. Então Dharma e Indra mostram a Yudhishthira a região designada para os pecadores. Então Yudhishthira, depois de deixar o corpo humano por meio de um mergulho no Ganges celeste, alcança aquela região que suas ações mereciam, e começa a viver em alegria, respeitado por Indra e todos os outros deuses. Este é o décimo oitavo Parva como narrado pelo ilustre Vyasa. O número de slokas compostos, ó ascetas, pelo grande Rishi nesse Parva é duzentos e nove."

Acima estão os conteúdos dos Dezoito Parvas. No apêndice (Khita) estão o Harivansa e o Vavishya. O número de slokas contidos no Harivansa é doze mil. Estes são os conteúdos da seção chamada Parva-sangraha.

Sauti continuou, "Dezoito Akshauhinis de tropas se reuniram para lutar. O combate que se seguiu foi terrível e durou dezoito dias. Aquele que conhece os quatro Vedas com todos os Angas e Upanishads, mas não conhece esta história (Bharata), não pode ser considerado como sábio. Vyasa de inteligência

incomensurável falou do Mahabharata como um tratado a respeito de Artha, Dharma, e Kama. Aqueles que escutam a esta história nunca podem aguentar escutar a outras, como, de fato, aqueles que escutaram a voz doce do Kokila (melro) macho nunca podem ouvir a dissonância do grasnado do corvo. Como a formação dos três mundos procede dos cinco elementos, assim as inspirações de todos os poetas procedem desta composição excelente. Ó Brahmanas, como as quatro espécies de criaturas (vivíparas, ovíparas, nascidas da umidade quente e vegetais) são dependentes do espaço para sua existência, assim os Puranas dependem desta história. Como todos os sentidos dependem para seu exercício das várias modificações da mente, também todos os atos (cerimoniais) e qualidades morais dependem deste tratado. Não há uma história corrente no mundo que não dependa desta história, assim como o corpo do alimento que recebe. Todos os poetas tratam o Bharata assim como empregados desejosos de promoção sempre servem patrões de boa linhagem. Assim como o abençoado Asrama familiar nunca pode ser superado pelos outros três Asramas (modos de vida) assim nenhum poeta pode superar este poema.

Ó ascetas, se livrem de toda inação. Que seus corações se fixem na virtude, porque a virtude é o único amigo daquele que vai para o outro mundo. Mesmo o mais inteligente por criar riqueza e esposas nunca pode fazer destes sua propriedade, nem estas posses são duráveis. O Bharata proferido pelos lábios de Dwaipayana é sem paralelo; ele é a própria virtude e sagrado. Ele destrói o pecado e produz o bem. Aquele que o ouve enquanto está sendo narrado não tem necessidade de um banho nas águas sagradas de Pushkara. Um Brahmana, quaisquer pecados que ele possa cometer durante o dia através de seus sentidos, é liberto deles todos pela leitura do Bharata à noite. Quaisquer pecados que ele possa cometer também durante a noite por ações, palavras, ou mente, ele é liberto deles todos por ler o Bharata no primeiro crepúsculo (manhã). Aquele que dá cem vacas com chifres engastados com ouro para um Brahmana bem informado nos Vedas e todos os ramos de conhecimento, e aquele que ouve diariamente as narrações sagradas do Bharata adquirem mérito igual. Como o oceano amplo é facilmente transitável por homens que tem navios, assim é esta extensa história de grande excelência e profunda importância com a ajuda deste capítulo chamado Parva sangraha.”

Assim termina a parte chamada Parva-sangraha do Adi Parva do Mahabharata abençoado.

3

(Paushya Parva)

Sauti disse, “Janamejaya, o filho de Parikshit, estava, com seus irmãos, se dedicando ao seu longo sacrifício nas planícies de Kurukshetra. Seus irmãos eram três, Srutasena, Ugrasena, e Bhimasena. E quanto eles estavam sentados no sacrifício chegou lá no local um filho de Sarama (a loba celeste). E espancado

pelos irmãos de Janamejaya, ele correu para sua mãe, chorando de dor. E sua mãe vendo ele chorando muito perguntou, ‘Por que tu choras assim? Quem te bateu?’ E sendo assim questionado, ele disse para sua mãe, 'Eu fui espancado pelos irmãos de Janamejaya.' E sua mãe respondeu, 'Tu cometeste alguma falha pela qual tu apanhaste!' Ele respondeu, 'Eu não cometi nenhuma falha. Eu não toquei na manteiga sacrifical com minha língua, nem mesmo lancei um olhar sobre ela.' Sua mãe Sarama ouvindo aquilo e muito angustiada pela aflição de seu filho foi ao local onde Janamejaya com seus irmãos estavam no sacrifício de longa duração. E ela se dirigiu a Janamejaya com raiva, dizendo, 'Meu filho não cometeu nenhum erro; ele não olhou para tua manteiga sacrifical, nem a tocou com sua língua. Por qual razão ele apanhou?' Eles não disseram uma palavra em resposta; depois do que ela disse, 'Como vocês bateram no meu filho que não cometeu nenhuma falha, portanto o mal virá sobre vocês, quando vocês menos o esperarem.’

Janamejaya, assim endereçado pela loba celeste, Sarama, ficou muito alarmado e abatido. E depois do sacrifício ter acabado ele voltou para Hastinapura, e começou a ter grandes tormentos na procura por um Purohita que pudesse, por obter absolvição para seu pecado, neutralizar o efeito da maldição.

Um dia Janamejaya, o filho de Parikshit, enquanto caçava, observou em uma parte específica de seus domínios um eremitério onde morava certo Rishi famoso, Srutasrava. Ele tinha um filho chamado Somasrava profundamente engajado em devoções ascéticas. Estando desejoso de nomear aquele filho do Rishi como seu Purohita, Janamejaya, o filho de Parikshit, saudou o Rishi e se dirigiu a ele, dizendo, 'Ó possuidor dos seis atributos, que esse teu filho seja meu Purohita.' O Rishi respondeu, 'Ó Janamejaya, esse meu filho, profundo em devoções ascéticas, ilustre no estudo dos Vedas, e dotado de toda a força do meu ascetismo, é nascido (do útero de) uma cobra fêmea que bebeu meu fluido vital. Ele é capaz de te absolver de todos os delitos salvo aqueles cometidos contra Mahadeva. Mas ele tem um hábito particular, ele concederá para qualquer Brahmana o que quer que seja pedido dele. Se tu puderes suportar isso, então tu o levarás.' Janamejaya assim endereçado respondeu ao Rishi, ‘Será assim mesmo.’ E aceitando-o como seu Purohita, ele voltou para sua capital; e ele então se dirigiu aos seus irmãos, dizendo: 'Esta é a pessoa que eu escolhi para meu mestre espiritual; qualquer coisa que ele possa dizer deve ser cumprida por vocês sem exame.' E seus irmãos fizeram como foram instruídos. E dando estas ordens para seus irmãos, o rei marchou em direção a Takshyashila e trouxe aquele país sob sua autoridade.

Por essa época havia um Rishi de nome Ayoda-Dhaumya. E Ayoda-Dhaumya tinha três discípulos, Upamanyu, Aruni, e Veda. E o Rishi mandou um destes discípulos, Aruni de Panchala, tapar uma brecha em um curso d’água de certo campo. E Aruni de Panchala, assim ordenado por seu preceptor, se dirigiu ao local. E tendo chegado lá ele viu que não podia tapar a brecha no curso d’água por meios comuns. E ele estava aflito porque não poderia cumprir a ordem de seu preceptor. Mas finalmente ele viu um jeito e disse, ‘Bem, vou fazer desse jeito.’ Ele então desceu na brecha e se deitou lá. E a água foi assim contida.

Algum tempo depois, o preceptor Ayoda-Dhaumya perguntou a seus outros discípulos onde Aruni de Panchala estava. E eles responderam, ‘Senhor, ele foi enviado por você mesmo dizendo, ‘Vá, tape a brecha no curso de água do campo.’ Assim lembrado, Dhaumya, se dirigindo aos seus pupilos, disse, ‘Então vamos nós todos para o local onde ele está.’

E tendo chegado lá ele gritou, ‘Ó Aruni de Panchala! Onde tu estás? Venha para cá, meu filho.’ E Aruni ouvindo a voz de seu preceptor saiu rapidamente do curso d’água e ficou diante de seu preceptor. E se dirigindo ao último, Aruni disse, ‘Aqui estou eu na brecha do curso d’água. Não tendo sido capaz de encontrar quaisquer outros meios, eu mesmo entrei para o propósito de impedir que a água escape. E foi somente ao ouvir tua voz que deixando-a e permitindo que as águas escapem, eu estou diante de ti. Eu te saúdo, mestre; me digas o que eu tenho que fazer.’

O preceptor, assim endereçado, respondeu, ‘Porque ao levantar do fosso tu abriste o curso d’água, daqui em diante tu te chamarás Uddalaka como um símbolo da proteção do teu preceptor. E porque minhas palavras foram obedecidas por ti, tu obterás boa sorte. E todos os Vedas brilharão em ti e todos os Dharmasastras também.’ E Aruni, assim endereçado por seu preceptor, foi para o país para o qual queria ir.

O nome de outro dos discípulos de Ayoda-Dhaumya era Upamanyu. E Dhaumya o designou dizendo, 'Vá, meu filho Upamanyu, cuidar das vacas.' E segundo as ordens de seu preceptor ele foi cuidar das vacas. E tendo vigiado elas o dia inteiro, ele voltou à noite para a casa de seu preceptor e ficando diante dele o saudou respeitosamente. E seu preceptor o vendo em boa condição de corpo perguntou, 'Upamanyu, meu filho, do que tu te sustentas? Tu estás muito roliço.' E ele respondeu, ‘Senhor, eu me sustento por pedir esmolas.’ E seu preceptor disse, ‘O que é obtido em esmolas não deve ser usado por ti sem oferecê-lo para mim.’ E Upamanyu, assim falado, foi embora. E tendo obtido esmolas, ele ofereceu as mesmas para seu preceptor. E seu preceptor pegou dele precisamente o total. E Upamanyu, assim tratado, foi cuidar do gado. E tendo cuidado dele o dia inteiro, ele voltou à noite para a residência de seu preceptor. E ele ficou na frente de seu preceptor e o saudou com respeito. E seu preceptor percebendo que ele ainda continuava a estar em boa condição de corpo disse a ele, 'Upamanyu, meu filho, eu pego de ti tudo o que tu obtém em esmolas, sem deixar nada para ti. Como então tu, no momento, consegue te sustentar?' E Upamanyu disse para seu preceptor, 'Senhor, tendo dado a você tudo o que eu obtenho em esmolas, eu vou esmolar uma segunda vez para me sustentar.' E seu preceptor então respondeu, 'Este não é o modo no qual tu deves obedecer ao preceptor. Dessa maneira tu estás diminuindo o sustento de outros que vivem de esmolas. Realmente tendo te sustentado dessa maneira, tu tens demonstrado ser avarento.' E Upamanyu, tendo expressado sua concordância com tudo o que seu preceptor disse foi embora cuidar do gado. E tendo observado o gado o dia inteiro ele voltou à casa de seu preceptor. E ele ficou diante de seu preceptor e o saudou respeitosamente. E seu preceptor observando que ele ainda estava gordo lhe disse outra vez, 'Upamanyu, meu filho, eu pego de ti tudo o que tu obténs em esmolas e tu não vais esmolar

uma segunda vez, e tu ainda estás em condição saudável. Como tu te sustentas?' E Upamanyu, assim questionado, respondeu, 'Senhor, eu agora vivo do leite daquelas vacas.' E seu preceptor então disse a ele, ‘Não é lícito para ti te apropriar do leite sem ter primeiro obtido meu consentimento.' E Upamanyu tendo concordado com a justiça daquelas observações foi embora cuidar das vacas. E quando ele voltou para a residência de seu preceptor, ele ficou diante dele e o saudou como de hábito. E seu preceptor vendo que ele ainda estava gordo, disse, 'Upamanyu, meu filho, tu não te alimentas mais de esmolas, nem vais esmolar uma segunda vez, nem mesmo bebes do leite; mas ainda estás gordo. De que meios tu te utilizas para viver agora? E Upamanyu respondeu, 'Senhor, eu agora sorvo a espuma que aqueles bezerros expulsam, enquanto chupam as tetas de suas mães.' E o preceptor disse, 'Aqueles bezerros generosos, eu suponho, por compaixão por ti, expulsam grandes quantidades de espuma. Tu atrapalharias suas refeições completas por agires como tu tens feito? Saiba que é ilícito para ti beber a espuma.' E Upamanyu, tendo expressado sua concordância com isso, foi como antes cuidar das vacas. E reprimido por seu preceptor, ele não se alimentou de esmolas, nem tinha alguma outra coisa para comer; ele não bebeu do leite, nem provou da espuma!

E Upamanyu, um dia, oprimido pela fome, quando estava em uma floresta, comeu das folhas da Arka (Asclepias gigantea). E seus olhos foram afetados pelas propriedades pungentes, acres, cruas e salinas das folhas que tinha comido, e ele ficou cego. E quando estava se movendo lentamente em volta ele caiu em um buraco. E por ele não ter voltado naquele dia quando o sol estava mergulhando atrás do topo das montanhas do oeste o preceptor observou para seus discípulos que Upamanyu ainda não tinha chegado. E eles disseram a ele que ele tinha saído com o gado.

O preceptor então disse, ‘Upamanyu foi reprimido por mim do uso de tudo, e não veio para casa até agora. Vamos nós então à procura dele.’ E tendo dito isso ele foi com seus discípulos à floresta e começou a gritar, dizendo, ‘Ó Upamanyu, onde tu estás?’ E Upamanyu ouvindo a voz de seu preceptor respondeu em um tom alto, ‘Estou aqui no fundo de um poço!’ E seu preceptor perguntou como aconteceu dele cair lá. E Upamanyu respondeu, ‘Eu comi das folhas da planta Arka e fiquei cego, e assim eu caí nesse poço.’ E seu preceptor então disse a ele, ‘Glorifique os gêmeos Aswins, os médicos em comum dos deuses, e eles restaurarão tua visão.’ E Upamanyu assim instruído por seu preceptor começou a glorificar os gêmeos Aswins, nas seguintes palavras do Rig Veda:

‘Vós existíeis antes da criação! Ó seres primogênitos, vós estais manifestados neste universo maravilhoso de cinco elementos! Eu desejo alcançar-vos pela ajuda do conhecimento derivado da audição e da meditação, porque vós sois Infinitos! Vós sois o próprio curso da Natureza e a Alma inteligente que permeia esse curso! Vós sois aves de belas penas pousadas no corpo que é como uma árvore! Vós não possuís os três atributos comuns de toda alma! Vós sois incomparáveis! Vós, através do vosso espírito em cada coisa criada, permeais o Universo!

Vós sois Águias douradas! Vós sois a essência na qual todas as coisas desaparecem! Vós estais livres do erro e não conheceis deterioração! Vós possuís belos bicos que não golpeariam injustamente e sois vitoriosos em todos os combates! Vós sem dúvida prevaleceis sobre o tempo! Tendo criado o sol, vós teceis o maravilhoso tecido do ano por meio do fio branco do dia e do fio preto da noite! E com o pano assim tecido, vós estabelecestes dois cursos de ação referentes respectivamente aos Devas e aos Pitris. A ave da Vida apanhada pelo Tempo a qual representa a força da alma Infinita, vós libertais para entregá-la à grande felicidade! Aqueles que estão em ignorância profunda, enquanto estão sob as ilusões de seus sentidos, supõem que vós, que sois independentes dos atributos da matéria, sois dotados com forma! Trezentas e sessenta vacas representadas por trezentos e sessenta dias produzem um bezerro entre elas o qual é o ano. Este bezerro é o criador e destruidor de tudo. Buscadores da verdade seguindo rotas diferentes tiram o leite do conhecimento verdadeiro com sua ajuda. Vós Aswins, vós sois os criadores daquele bezerro!

O ano é apenas o cubo de uma roda à qual estão ligados setecentos e vinte raios representando os dias e as noites. A circunferência desta roda representada pelos doze meses é sem fim. Esta roda é cheia de ilusões e não conhece deterioração. Ela afeta todas as criaturas sejam deste ou dos outros mundos. Ó Aswins, esta roda do tempo é posta em movimento por vós!

A roda do Tempo como representada pelo ano tem um cubo representado pelas seis estações. O número de raios anexados àquele cubo é doze como representados pelos doze signos do Zodíaco. Esta roda do Tempo manifesta os frutos dos atos de todas as coisas. As divindades que presidem o Tempo moram naquela roda. Sujeito como eu estou a essa influência aflitiva, ó Aswins, me libertais desta roda do Tempo. Ó Aswins, vós sois esse universo de cinco elementos! Vós sois os objetos que são desfrutados neste e no outro mundo! Tornem-me independente dos cinco elementos! E embora vós sejais o Brahma Supremo, vós ainda vos moveis sobre a Terra em formas desfrutando dos prazeres que os sentidos fornecem.

No início, vós criastes os dez pontos do universo! Então vós colocastes o Sol e o Céu acima! Os Rishis, segundo o curso do mesmo Sol, realizam seus sacrifícios, e os deuses e homens, de acordo com o que foi designado para eles, realizam seus sacrifícios também desfrutando dos frutos daqueles atos!

Misturando as três cores, vós produzistes todos os objetos de visão! É destes objetos que o Universo surgiu no qual os deuses e homens estão engajados em suas respectivas ocupações, e, de fato, todas as criaturas dotadas com vida!

Ó Aswins, eu vos adoro! Eu também adoro o Céu que é vossa obra! Vós sois os ordenadores dos resultados de todas as ações dos quais nem mesmo os deuses estão livres! Vós mesmos sois livres dos frutos de vossas ações!

Vós sois os pais de todos! Como machos e fêmeas sois vós que engolis o alimento o qual subsequentemente se desenvolve na vida criando fluido e sangue!

O bebê recém nascido chupa o seio de sua mãe. De fato sois vós que tomais a forma do bebê! Ó Aswins, me concedeis minha visão para proteger minha vida!'

Os gêmeos Aswins, assim invocados, apareceram e disseram, 'Nós estamos satisfeitos. Aqui está um bolo para ti. Pegues e coma.' E Upamanyu respondeu, 'Vossas palavras, ó Aswins, nunca demonstraram ser falsas. Mas sem primeiro oferecer este bolo para meu preceptor eu não ouso comê-lo.' E os Aswins disseram, 'Antigamente, teu preceptor tinha nos invocado. Nós então demos a ele um bolo como esse; e ele o comeu sem oferecê-lo para seu mestre. Faças tu o que teu preceptor fez.' Assim endereçado, Upamanyu novamente disse a eles, 'Ó Aswins, eu rogo vosso perdão. Sem oferecê-lo para meu preceptor eu não ouso comer esse bolo.' Os Aswins então disseram, 'Ó, nós estamos satisfeitos com esta tua devoção por teu preceptor. Os dentes do teu mestre são de ferro preto. Os teus serão de ouro. Tua visão será restaurada e terá boa sorte.'

Como dito pelos Aswins ele recuperou a visão, e indo à presença de seu preceptor ele o saudou e lhe contou tudo. E seu preceptor ficou muito satisfeito e disse, 'Tu obterás prosperidade assim como os Aswins disseram. Todos os Vedas brilharão em ti e todos os Dharma-sastras.' E essa foi a prova de Upamanyu.

Então Veda, o outro discípulo de Ayoda-Dhaumya, foi chamado. Seu preceptor se dirigiu a ele uma vez dizendo, 'Veda, meu filho, fiques algum tempo em minha casa e sirvas teu preceptor. Isso será para teu benefício.' E Veda tendo mostrado seu assentimento ficou muito tempo na família de seu preceptor atento em servi-lo. Como um boi sob as cargas de seu dono, ele suportou calor e frio, fome e sede, em todas as horas sem um murmúrio. E não muito tempo depois seu preceptor estava satisfeito. E como consequência daquela satisfação, Veda obteve boa sorte e conhecimento universal. E essa foi a prova de Veda.

E Veda, tendo recebido permissão de seu preceptor, e deixando a residência do último depois do término de seus estudos, entrou no modo de vida familiar. E enquanto vivia em sua própria casa ele teve três pupilos. E ele nunca lhes dizia para realizar qualquer trabalho ou obedecer implicitamente suas próprias ordens; por ter ele mesmo sentido muita aflição enquanto residia com a família de seu preceptor, ele não gostava de tratá-los com severidade.

Depois de certo tempo, Janamejaya e Paushya, ambos da classe de Kshatriyas, chegando à sua residência designaram o Brahmana Veda como seu guia espiritual (Upadhyaya). E um dia quando prestes a partir em algum negócio relacionado a um sacrifício, ele encarregou um de seus discípulos, Utanka, para cuidar de sua família. 'Utanka', disse ele, 'O que quer que deva ser feito em minha casa, que seja feito por ti sem negligência.' E tendo dado estas ordens para Utanka, ele partiu em sua jornada.

Assim Utanka, sempre consciente da injunção de seu preceptor, tomou sua residência na casa do último. E enquanto Utanka estava residindo lá, as mulheres da casa de seu preceptor tendo se reunido se dirigiram a ele e disseram: 'Ó Utanka, tua preceptora está naquele período quando a ligação conjugal pode ser frutífera. O preceptor está ausente; então fique em seu lugar e faça o necessário.'

E Utanka, assim endereçado, disse àquelas mulheres, ‘Não é apropriado para mim fazer isso à convite de mulheres. Eu não fui encarregado por meu preceptor de fazer qualquer coisa imprópria.’

Depois de um tempo o preceptor voltou de sua viagem. E o preceptor tendo sabido tudo o que tinha acontecido, ficou bem satisfeito e se dirigindo a Utanka, disse, ‘Utanka, meu filho, que benefício eu te concederei? Eu fui servido por ti devidamente; portanto nossa amizade um pelo outro aumentou. Por isso eu te concedo permissão para partir. Vá, e que teus desejos se realizem!’

Utanka assim endereçado respondeu dizendo, ‘Me deixe fazer algo que você deseje, porque é dito: 'Aquele que concede instrução em desacordo com o costume e aquele que a recebe em desacordo com o costume, um dos dois morre, e surge inimizade entre os dois.' Eu, portanto, que recebi sua permissão para partir, desejo te trazer algum honorário devido a um preceptor.’ Seu mestre, ao ouvir isso, respondeu, 'Utanka, meu filho, espere algum tempo.' Algum tempo depois, Utanka se dirigiu novamente a seu preceptor, dizendo, 'Me mande trazer por honorário aquilo que você deseja.' E seu preceptor então disse, 'Meu caro Utanka, tu tens frequentemente me falado do teu desejo de trazer alguma coisa em reconhecimento pela instrução que recebeste. Vá então e pergunte para tua preceptora o que tu deves trazer. E traga o que ela mandar.' Assim instruído por seu preceptor Utanka se dirigiu à sua preceptora, dizendo, 'Senhora, eu obtive permissão do meu mestre para ir para casa, e eu desejo trazer alguma coisa agradável para ti como honorário pela instrução que recebi, para que eu não possa partir como seu devedor. Portanto, por favor me mande o que eu devo trazer.' Assim endereçada sua preceptora respondeu, 'Vá até o rei Paushya e peça dele o par de brincos usado por sua rainha, e traga-os para cá. O quarto dia a partir de hoje é um dia sagrado quando eu desejo aparecer perante os Brahmanas (que possam jantar em minha casa) enfeitada com aqueles brincos. Então faça isto, ó Utanka! Se tu fores bem sucedido, a boa sorte te acompanhará; se não, que bem tu poderás esperar?’

Utanka assim comandado, partiu. E quando ele estava passando pela estrada ele viu um touro de tamanho extraordinário e um homem de estatura incomum montado nele. E aquele homem se dirigiu a Utanka e disse, ‘Coma do estrume deste touro.’ Utanka, no entanto, estava relutante em concordar. O homem falou novamente, ‘Ó Utanka, coma disto sem escrutínio. Teu mestre comeu disto antes.’ E Utanka consentiu e comeu do estrume e bebeu da urina daquele touro, e ele se ergueu respeitosamente, e lavando suas mãos e boca foi para onde o Rei Paushya estava.

Ao chegar ao palácio, Utanka viu Paushya sentado (em seu trono). E se aproximando dele Utanka saudou o monarca por pronunciar bênçãos e disse, 'Eu venho como um requerente a ti.' E o rei Paushya, tendo retornado as saudações de Utanka, disse, ‘Senhor, o que posso fazer por ti?' E Utanka disse, ‘Eu vim pedir de ti um par de brincos como um presente para meu preceptor. Cabe a ti me dar os brincos usados pela rainha.’

O rei Paushya respondeu, ‘Vá, Utanka, aos apartamentos femininos onde a rainha está e os peça para ela.’ E Utanka entrou no apartamento das mulheres. Mas como ele não pôde achar a rainha ele se dirigiu ao rei novamente, dizendo, ‘Não é adequado que eu seja tratado por ti com falsidade. Tua rainha não está nos apartamentos particulares, porque eu não pude encontrá-la.’ O rei assim endereçado considerou por um instante e respondeu, ‘Lembre, senhor, com atenção se tu não estás em um estado de corrupção por causa do contato com as impurezas de uma refeição. Minha rainha é uma esposa casta e não pode ser vista por alguém que esteja impuro devido ao contato com os resíduos de um repasto. Nem ela aparece na vista de alguém que esteja maculado.’

Utanka, assim informado, refletiu por um instante e então disse, 'Sim, deve ser isso. Tendo estado com pressa eu realizei minhas abluções (após a refeição) em uma postura em pé.' O rei Paushya então disse, 'Aqui há uma transgressão, a purificação não é devidamente efetuada em uma postura em pé, nem por alguém que está seguindo adiante.' E Utanka, tendo concordado com isso, sentou com sua face em direção ao leste, e lavou seu rosto, mãos, e pés minuciosamente. E ele então, sem um barulho, sorveu três vezes da água livre de espuma, e não quente, e apenas o suficiente para alcançar seu estômago e limpou seu rosto duas vezes. E ele então tocou com água os orifícios de seus órgãos (olhos, orelhas, etc). E tendo feito tudo isso ele mais uma vez entrou nos apartamentos das mulheres. E dessa vez ele viu a rainha. E quando a rainha o notou, ela o saudou respeitosamente e disse, 'Bem vindo, senhor, me ordenes o que eu tenho que fazer.' E Utanka disse a ela, 'Cabe a ti me dar esses teus brincos. Eu os peço como um presente para meu preceptor.' E a rainha estando muito satisfeita com a conduta de Utanka, e, considerando que Utanka como um objeto de caridade não podia ser ignorado, tirou seus brincos e os deu a ele. E ela disse, ‘Esses brincos são muitíssimo procurados por Takshaka, o rei das serpentes. Portanto tu deves carregá-los com o maior cuidado.’

E Utanka ouvindo isso disse à rainha, 'Senhora, não fique apreensiva. Takshaka, o chefe das serpentes, não é capaz de me alcançar.' E tendo dito isso, e se despedindo da rainha, ele voltou à presença de Paushya, e disse, 'Paushya, eu estou grato.' Então Paushya disse para Utanka, 'Um objeto digno de caridade somente pode ser tido a longos intervalos. Tu és um convidado qualificado, portanto eu desejo realizar um Sraddha. Fique um pouco. E Utanka respondeu, 'Sim, eu ficarei, e peço que os mantimentos limpos que estejam prontos possam ser trazidos logo.' E o rei demonstrando sua aprovação entreteve Utanka devidamente. E Utanka vendo que a comida colocada diante dele tinha um cabelo, e também que ela estava fria, a considerou impura. E ele disse a Paushya, 'Tu me deste comida que é impura, portanto tu perderás tua visão.' E Paushya em resposta disse, 'E porque tu atribuíste impurezas à comida que está limpa, então tu não terás herdeiros.' E Utanka imediatamente replicou, ‘Não cabe a ti, depois de ter me oferecido comida impura, me amaldiçoar de volta. Te satisfaças por meio da prova ocular.’

E Paushya vendo a comida alegada ser impura, se convenceu de sua impureza. E Paushya tendo verificado que a comida estava realmente impura,

estando fria e misturada com cabelo, preparada como ela foi por uma mulher com o cabelo desentrançado, começou a acalmar o Rishi Utanka, dizendo, 'Senhor, a comida colocada diante de ti está fria, e contém cabelo, tendo sido preparada sem cuidado suficiente. Portanto eu te peço para me perdoar. Que eu não me torne cego.' E Utanka respondeu, 'O que eu disse haverá de passar. Tendo te tornado cego, tu poderás, no entanto, recuperar a visão dentro de pouco. Conceda que tua maldição também não tenha efeito em mim.' E Paushya disse a ele, 'Eu sou incapaz de revogar minha maldição. Pois minha raiva até agora não foi apaziguada. Mas tu não sabes disso. Porque o coração de um Brahmana é macio como manteiga recém batida, embora suas palavras portem uma navalha de lâmina afiada. É o contrário em relação a isso com o Kshatriya. Suas palavras são macias como manteiga recém batida, mas seu coração é como uma ferramenta de lâmina afiada, tal sendo o caso, eu sou incapaz, por causa da dureza do meu coração, de neutralizar minha maldição. Então siga teu próprio caminho.' A isso Utanka respondeu, ‘Eu te mostrei a impureza do alimento oferecido a mim, e eu fui acalmado por ti. Por outro lado, tu disseste a princípio que porque eu imputei impurezas à comida que estava limpa eu não teria herdeiros. Mas como a comida era realmente impura, tua maldição não pode me afetar. Disso eu estou certo.’ E Utanka tendo dito isso partiu com os brincos.

Na estrada Utanka percebeu vindo em sua direção um mendigo ocioso nu que às vezes aparecia e às vezes desaparecia de vista. E Utanka pôs os brincos no chão e foi buscar água. Entrementes o mendigo alcançou rapidamente o local e pegando os brincos correu para longe. E Utanka tendo terminado suas abluções na água, se purificado e tendo também venerado reverentemente os deuses e seus mestres espirituais perseguiu o ladrão com a maior velocidade possível. E o tendo alcançado com grande dificuldade, ele o agarrou à força. Mas naquele instante a pessoa apanhada, abandonando a forma de um mendigo e assumindo sua forma real, a de Takshaka, entrou rapidamente em um buraco grande aberto no chão. E tendo conseguido entrar, Takshaka procedeu para sua própria residência, a região das serpentes.

Imediatamente, Utanka, lembrando das palavras da rainha, perseguiu a serpente e começou a cavar para abrir o buraco com um graveto, mas não pôde fazer muito progresso. E Indra vendo sua aflição enviou seu raio (Vajra) para ajudá-lo. Então o raio entrando naquele graveto aumentou aquele buraco. E Utanka começou a entrar no buraco atrás do raio. E tendo entrado, ele viu a região das serpentes infinita em extensão, cheia de centenas de palácios e mansões elegantes com torrinhas e cúpulas e portões, cheia de lugares maravilhosos para vários jogos e entretenimentos. E Utanka então glorificou as serpentes por meio dos seguintes slokas:

‘Ó serpentes, súditos do rei Airavata, esplêndidos em batalha e despejando armas no campo como nuvens carregadas de relâmpagos dirigidas pelos ventos! Belos e de várias formas e enfeitados com muitos brincos coloridos, ó filhos de Airavata, vocês brilham como o Sol no firmamento! Nas margens norte do Ganges se encontram muitas habitações de serpentes. Lá eu constantemente adoro as grandes serpentes. Quem exceto Airavata desejaria se mover nos raios ardentes

do Sol? Quando Dhritarashtra (irmão de Airavata) sai, vinte e oito mil e oito serpentes o seguem como seus servidores. Vocês que se movem perto dele e vocês que ficam a uma distância dele, eu adoro a todos vocês que têm Airavata como seu irmão mais velho.

Eu adoro a ti também, para obter os brincos, ó Takshaka, que antigamente morava em Kurukshetra e na floresta de Khandava! Takshaka e Aswasena, vocês são companheiros constantes que moram em Kurukshetra nas margens do Ikshumati! Eu também adoro o ilustre Srutasena, o irmão mais novo de Takshaka, que residiu no lugar santo chamado Mahadyumna para obter a liderança das serpentes.'

O Brahmana Rishi Utanka tendo saudado as principais serpentes dessa maneira, não obteve, no entanto, os brincos. E ele então ficou muito pensativo. E quando ele viu que não obteve os brincos embora tivesse adorado as serpentes, ele então olhou em volta e viu duas mulheres em um tear tecendo um pedaço de tecido com uma lançadeira fina, e no tear havia linhas pretas e brancas. E ele igualmente viu uma roda, com doze raios, girada por seis meninos. E ele também viu um homem com um belo cavalo. E ele começou a dirigir a eles os seguintes mantras:

'Esta roda cuja circunferência é marcada por vinte quatros divisões representando tantas mudanças lunares é provida de trezentos raios! Ela é colocada em movimento contínuo por seis garotos (as estações)! Estas donzelas representando a natureza universal estão tecendo sem intervalo um tecido com fios pretos e brancos, e assim trazendo à existência os vários mundos e os seres que habitam neles! Tu manejador do trovão, o protetor do universo, o matador de Vritra e Namuchi, tu ilustre que usas o traje preto e mostras verdade e inverdade no universo, tu que possuis como teu carregador o cavalo que foi recebido das profundidades do oceano, o qual é somente outra forma de Agni (o deus do fogo), eu me curvo a ti, Senhor supremo, Senhor dos três mundos, ó Purandara!'

Então o homem com o cavalo disse a Utanka, 'Eu estou grato por essa tua adoração. Que bem eu farei para ti?' E Utanka respondeu, 'Que as serpentes sejam trazidas sob meu controle.' Então o homem replicou, 'Sopre dentro deste cavalo.' E Utanka soprou naquele cavalo. E do cavalo assim soprado, lá emergiram, de todas as aberturas de seu corpo, chamas de fogo com fumaça pelas quais a região dos Nagas estava prestes a ser consumida. E Takshaka, desmedidamente surpreso e apavorado pelo calor do fogo, saiu rapidamente de sua residência levando os brincos com ele, e disse para Utanka, 'Rogo, senhor, tomes de volta os brincos.' E Utanka os pegou de volta.

Mas Utanka tendo recuperado os brincos pensou, 'Ó, esse é aquele dia sagrado da minha preceptora. Eu estou longe. Como eu posso, portanto, mostrar minha consideração por ela?' E quando Utanka estava ansioso sobre isso, o homem se dirigiu a ele e disse, 'Monte neste cavalo, Utanka, e ele levá-lo-á em um instante para a casa do teu mestre.' E Utanka, assentindo, montou no cavalo e logo alcançou a casa de seu preceptor.

E sua preceptora naquela manhã depois de ter se banhado estava sentada enfeitando seu cabelo, pensando em proferir uma maldição sobre Utanka se ele não retornasse dentro do tempo. Mas, naquele momento Utanka entrou na residência de seu preceptor e prestou seus respeitos à sua preceptora e lhe ofereceu os brincos. 'Utanka', disse ela, 'tu chegaste na hora apropriada e no local apropriado. Bem vindo, meu filho; tu és inocente e, portanto eu não te amaldiçôo! Que a boa sorte esteja sempre diante de ti. Que teus desejos sejam coroados com êxito!'

Então Utanka visitou seu preceptor. E seu preceptor disse, 'Tu és bem vindo! O que ocasionou tua longa ausência?' E Utanka respondeu para seu preceptor, 'Senhor, na realização desse meu propósito obstrução foi oferecida por Takshaka, o rei das serpentes. Portanto eu tive que ir à região dos Nagas. Lá eu vi duas donzelas sentadas em um tear, tecendo um tecido com fios pretos e brancos. (Me diga), por favor, o que é aquilo? Lá igualmente eu vi uma roda com doze raios girada incessantemente por seis meninos, o que aquilo significa? Quem é também o homem que eu vi? E qual o cavalo de tamanho extraordinário igualmente visto por mim? E quando eu estava na estrada eu também vi um touro com um homem montado nele, por quem fui amavelmente abordado dessa maneira, 'Utanka, coma do estrume desse touro, o qual foi também comido por teu mestre?' Assim eu comi do estrume daquele touro em conformidade com as palavras dele. Quem é ele? Portanto, esclarecido por ti, eu desejo ouvir tudo sobre eles.'

E seu preceptor assim endereçado disse: 'As duas donzelas que tu viste são Dhata e Vidhata; os fios pretos e brancos denotam noite e dia; a roda de doze raios girada pelos seis meninos significa o ano encerrando seis estações. O homem é Parjanya, a divindade da chuva, e o cavalo é Agni, o deus do fogo. O touro que tu viste na estrada é Airavata, o rei dos elefantes; o homem montado nele é Indra; e o estrume do touro que foi comido por ti era Amrita. E foi certamente por este (último) que tu não encontraste a morte na região dos Nagas; e Indra que é meu amigo tendo estado misericordiosamente inclinado te mostrou benevolência. É por isso que tu retornaste salvo, com os brincos junto a ti. Então, ó amável, eu te dou permissão para partir. Tu obterás boa sorte.'

E Utanka, tendo obtido permissão de seu mestre, movido pela raiva e decidido a se vingar de Takshaka, foi em direção a Hastinapura. Aquele Brahmana excelente logo alcançou Hastinapura. E Utanka então visitou o rei Janamejaya que tinha algum tempo antes voltado vitorioso de Takshashila. E Utanka viu o monarca vitorioso cercado por todos os lados por seus ministros. E ele pronunciou bênçãos sobre ele de uma forma apropriada. E Utanka se dirigiu ao monarca no momento adequado em palavras de pronúncia correta e sons melodiosos, dizendo, 'Ó tu o melhor dos monarcas! Como é que tu passas teu tempo como uma criança quando há outro assunto que demanda urgentemente tua atenção?'"

Sauti disse, "O monarca Janamejaya, assim endereçado, saudando aquele Brahmana excelente respondeu a ele, 'Ao cuidar destes meus súditos eu cumpro os deveres da minha nobre tribo. Diga, qual é este negócio a ser feito por mim e que o trouxe aqui?'

O principal dos Brahmanas e distinguido mais do que todos por boas ações, assim endereçado pelo monarca excelente de grande coração, respondeu para ele, 'Ó rei! O assunto é teu próprio que demanda tua atenção; portanto faça-o, por favor. Ó tu rei de reis! Teu pai foi privado da vida por Takshaka; portanto vingue a morte do teu pai naquela serpente vil. Chegou a hora, eu penso, para o ato de vingança ordenado pelos Destinos. Então vingue a morte do teu pai magnânimo que, sendo mordido sem motivo por aquela serpente vil, foi reduzido aos cinco elementos assim como uma árvore atingida pelo raio. O perverso Takshaka, o mais vil da raça das serpentes, intoxicado pelo poder cometeu um ato desnecessário quando mordeu o rei, aquele pai divino, o protetor classe de santos nobres. Pecaminoso em seus atos, ele até fez Kasyapa (o príncipe dos médicos) voltar quando ele estava vindo ajudar teu pai. Cabe a ti queimar o canalha perverso no fogo ardente de um sacrifício de cobras. Ó rei! Dê nesse instante ordens para o sacrifício. É desta maneira que tu podes vingar a morte do teu pai. E uma generosidade muito grande também será mostrada para comigo. Pois por aquele desgraçado maligno, ó príncipe virtuoso, um assunto meu também foi, em uma ocasião, obstruído, enquanto eu agia no interesse do meu preceptor.'"

Sauti continuou, "O monarca, tendo ouvido essas palavras, se enfureceu com Takshaka. Pelas palavras de Utanka o príncipe foi inflamado, assim como o fogo sacrifical com manteiga clarificada. Movido também pelo pesar, na presença de Utanka, o príncipe pediu a seus ministros os detalhes da jornada de seu pai para as regiões dos abençoados. E quando ele ouviu tudo acerca das circunstâncias da morte de seu pai dos lábios de Utanka, ele foi tomado pela dor e tristeza."

E assim termina o capítulo chamado Paushya do Adi Parva do Mahabharata abençoado.

4

(Pauloma Parva)

Ugrasrava Sauti, o filho de Lomaharshana, versado nos Puranas, enquanto presente na floresta de Naimisha, no sacrifício de doze anos de Saunaka, sobrenome Kulapati, ficou diante dos Rishis em serviço. Tendo estudado Puranas com devoção meticulosa e assim sendo totalmente familiarizado com eles, ele se dirigiu a eles (aos Rishis) com as mãos unidas dessa maneira, "Eu descrevi graficamente para vocês a história de Utanka que é uma das causas do sacrifício de cobras do rei Janamejaya. O que, veneráveis senhores, vocês desejam ouvir agora? O que eu narrarei para vocês?" Os homens santos responderam, "Ó filho de Lomaharshana, nós perguntaremos a ti acerca do que nós estamos ansiosos para ouvir e tu narrarás as histórias uma a uma. Saunaka, nosso mestre venerável está no momento cuidando do recinto do fogo sagrado. Ele é conhecedor daquelas histórias divinas que se relacionam com os deuses e Asuras. Ele conhece adequadamente as histórias de homens, serpentes, e Gandharvas. Além disso, ó Sauti, neste sacrifício aquele Brahmana erudito é o chefe. Ele é hábil, fiel

para com seus votos, sábio, um mestre dos Sastras e do Aranyaka, um falador da verdade, um amante da paz, um mortificador da carne, e um cumpridor de penitências de acordo com os decretos autorizados. Ele é respeitado por todos nós. Cabe a nós, portanto, esperar por ele. E quando ele estiver sentado em seu assento muito respeitado, tu responderás o que aquele melhor dos Dwijas te perguntar."

Sauti disse, "Assim seja. E quando o mestre de grande alma estiver sentado eu narrarei, questionado por ele, histórias sagradas de uma variedade de assuntos." Depois de algum tempo aquele Brahmana excelente (Saunaka) tendo terminado devidamente todos os seus deveres, e tendo propiciado os deuses com orações e os espíritos dos mortos com oblações de água, voltou ao lugar de sacrifício, onde com Sauti sentado diante dela estava a assembléia de santos de votos rígidos sentados comodamente. E quando Saunaka estava sentado no meio dos Ritwiks e Sadhyas, que também estavam em seus assentos, ele falou o seguinte.

5

(Continuação do Pauloma Parva)

Saunaka disse, "Filho, teu pai antigamente leu o total dos Puranas, ó filho de Lomaharshana, e o Bharata com Krishna-Dwaipayana. Tu também fizeste deles teu estudo? Naqueles registros antigos são narradas histórias interessantes e a história das primeiras gerações de homens sábios, todas as quais nós ouvimos narradas detalhadamente por teu pai. Em primeiro lugar, eu desejo ouvir a história da linhagem de Bhrigu. Narre aquela história, nós te escutaremos atentamente".

Sauti respondeu, "Por mim foi adquirido tudo o que foi estudado antigamente pelos Brahmanas de grande alma, incluindo Vaisampayana, e repetido por eles; por mim foi adquirido tudo o que foi estudado por meu pai. Ó descendente da linhagem de Bhrigu, escutes então a tudo o que se relaciona com a exaltada linhagem de Bhrigu, reverenciada por Indra e todos os deuses, pelas tribos de Rishis e Maruts (Ventos). Ó grande Muni, eu primeiro relatarei devidamente a história daquela família como contada nos Puranas.

O grande e abençoado santo Bhrigu, nós estamos informados, foi produzido pelo auto-existente Brahma do fogo no sacrifício de Varuna. E Bhrigu teve um filho chamado Chyavana, a quem ele amava ternamente. E de Chyavana nasceu um filho virtuoso chamado Pramati. E Pramati teve um filho chamado Ruru com Ghritachi (a dançarina celeste). E para Ruru também com sua esposa Pramadvara nasceu um filho cujo nome era Sunaka. Ele foi, ó Saunaka, teu grande antepassado extremamente virtuoso em seus hábitos. Ele era devotado ao ascetismo, de grande reputação, versado em leis, e eminente entre aqueles que tinham conhecimento dos Vedas. Ele era virtuoso, verdadeiro, e de alimentação bem regulada."

Saunaka disse, “Ó filho de Suta, eu te pergunto por que o filho ilustre de Bhrigu era chamado Chyavana. Conte-me tudo”.

Sauti respondeu, “Bhrigu tinha uma esposa de nome Puloma a quem ele amava afetuosamente. Ela ficou grávida de Bhrigu. E um dia enquanto a casta e virtuosa Puloma estava naquela condição, Bhrigu, notável entre aqueles que são fiéis à sua religião, deixando ela em casa saiu para realizar suas abluções. Foi então que o Rakshasa chamado Puloma chegou à residência de Bhrigu. E entrando na residência do Rishi, o Rakshasa viu a esposa de Bhrigu, impecável em tudo. E vendo ela ele ficou cheio de luxúria e perdeu sua razão. A bela Puloma entreteve o Rakshasa assim chegado com raízes e frutas da floresta. E o Rakshasa que queimava de desejo ao vê-la ficou muito encantado e decidiu, ó bom sábio, raptar a ela que era tão irrepreensível em todos os aspectos.

'Meu plano está realizado' disse o Rakshasa, e assim agarrando aquela bela matrona ele a levou. E, de fato, ela de sorrisos agradáveis tinha sido prometida a ele pelo próprio pai dela, embora o primeiro a concedesse subsequentemente, segundo os ritos devidos, a Bhrigu. Ó tu da linhagem Bhrigu, aquela injúria doía profundamente na mente do Rakshasa e ele achou o momento presente muito oportuno para levar embora a senhora.

E o Rakshasa viu o recinto no qual o fogo sacrifical era mantido queimando brilhantemente. O Rakshasa então questionou o elemento flamejante, 'Diga-me, ó Agni, esposa de quem essa mulher legitimamente é. Tu és a boca dos deuses; portanto tu és obrigado a responder minha pergunta. Esta dama de natureza superior tinha sido primeiro aceita por mim como esposa, mas seu pai posteriormente a entregou ao falso Bhrigu. Diga-me realmente se esta pessoa formosa pode ser considerada como a esposa de Bhrigu, pois tendo encontrado ela sozinha eu resolvi levá-la à força do eremitério. Meu coração queima com raiva quando eu penso que Bhrigu tomou posse dessa mulher de cintura fina, primeiro prometida a mim.'

Sauti continuou, 'Desta maneira o Rakshasa perguntou ao deus flamejante do fogo repetidas vezes se a dama era esposa de Bhrigu. E o deus estava com medo de dar uma resposta. 'Tu, ó deus do fogo,' disse ele, resides constantemente dentro de toda criatura, como testemunha dos méritos e deméritos dele ou dela. Ó tu respeitado, então responda verdadeiramente minha pergunta. Bhrigu não se apropriou dela que foi escolhida por mim como minha esposa? Tu deve declarar realmente se, portanto, ela é minha esposa por primeira escolha. Depois da tua resposta quanto a se ela é a esposa de Bhrigu, eu a levarei embora deste eremitério mesmo em vista de ti. Portanto responda verdadeiramente.'

Sauti continuou, 'O deus de sete chamas tendo ouvido estas palavras do Rakshasa ficou extremamente aflito, estando com medo de dizer uma mentira e igualmente com medo da maldição de Bhrigu. E o deus finalmente respondeu em palavras que saíram lentamente. 'Esta Puloma foi, de fato, escolhida primeiro por ti, ó Rakshasa, mas ela não foi tomada por ti como esposa com ritos e invocações sagrados. Mas esta dama muito afamada foi entregue por seu pai a Bhrigu como

um presente por desejo de bênção. Ela não foi entregue a ti, ó Rakshasa, esta dama foi devidamente feita sua esposa pelo Rishi Bhrigu com ritos Védicos na minha presença. Esta é ela, eu a reconheço. Eu não ouso falar uma falsidade. Ó tu melhor dos Rakshasas, a falsidade nunca é respeitada nesse mundo.'

6

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti disse, 'Ó Brahmana, tendo ouvido aquela palavras do deus do fogo, o Rakshasa assumiu a forma de um javali, e agarrando a senhora a carregou para longe com a velocidade do vento, até do pensamento. Então o filho de Bhrigu que se encontrava no corpo dela, enfurecido por tal violência, caiu do útero de sua mãe, pelo que ele obteve o nome de Chyavana. E o Rakshasa percebendo o bebê caído do útero da mãe, brilhando como o sol, soltou a mulher, caiu e foi instantaneamente convertido em cinzas. E a bela Pauloma, perturbada pela angústia, ó Brahmana da linhagem Bhrigu, ergueu seu filho Chyavana, o filho de Bhrigu, e caminhou para longe. E Brahma, o Avô de todos, viu ela, a impecável esposa de seu filho, chorando. E o Avô de todos consolou a ela que estava unida ao seu filho. E as gotas de lágrimas que rolaram de seus olhos formaram um grande rio. E aquele rio começou a seguir os passos da esposa do grande asceta Bhrigu. O Avô dos mundos vendo aquele rio seguir o caminho da esposa de seu filho deu-lhe um nome ele mesmo, e ele o chamou Vadhusara. E ele passava pelo eremitério de Chyavana. E desta maneira nasceu Chyavana de grande poder ascético, o filho de Bhrigu.

E Bhrigu viu seu filho Chyavana e sua bela mãe. E o Rishi com raiva a questionou, ‘Por quem tu foste identificada para aquele Rakshasa que resolveu te levar? Ó tu de sorrisos agradáveis, o Rakshasa não poderia te reconhecer como minha esposa. Portanto me diga quem foi que disse isso ao Rakshasa, para que eu possa amaldiçoá-lo devido à raiva.’ E Pauloma respondeu, ‘Ó possuidor dos seis atributos! Eu fui identificada para o Rakshasa por Agni (o deus do fogo). E ele (o Rakshasa) levou embora a mim, que gritava como a Kurari (águia pescadora). E foi somente pelo esplendor ardente deste teu filho que eu fui salva, porque o Rakshasa (vendo este bebê) me largou e ele mesmo caindo no chão foi transformado em cinzas.’”

Sauti continuou, “Bhrigu, após ouvir esse relato de Pauloma, ficou muito furioso. E em excesso de ira o Rishi amaldiçoou Agni, dizendo, 'Tu comerás de todas as coisas.'”

Assim termina o sexto capítulo chamado “A maldição sobre Agni” no Adi Parva.

7

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti disse, “O deus do fogo, enraivecido por causa da maldição de Bhrigu, se dirigiu ao Rishi dessa maneira, 'O que significa essa impulsividade, ó Brahmana, que tu mostraste em direção a mim? Que transgressão pode ser imputada a mim que estava trabalhando para fazer justiça e falar a verdade imparcialmente? Sendo questionado eu dei a resposta verdadeira. Uma testemunha que quando interrogada acerca de um fato do qual ela tem conhecimento o relata de maneira diferente da que é, arruína seus antepassados e descendentes até a sétima geração. Aquele, também, que, conhecendo completamente todos os detalhes de um caso, não revela o que sabe quando perguntado, é sem dúvida manchado pela culpa. Eu também posso te amaldiçoar, mas Brahmanas são tidos por mim em grande respeito. Embora estes sejam conhecidos por ti, ó Brahmana, eu ainda falarei deles, assim por favor prestes atenção! Tendo, por meio de poder ascético, me multiplicado, eu estou presente em várias formas, nos lugares do homa diário, em sacrifícios que se estendem por anos, em lugares onde ritos sagrados são realizados (tais como casamento, etc.), e em outros sacrifícios. Com a manteiga que é derramada sobre minha chama segundo as injunções prescritas nos Vedas, os Devas e os Pitris são satisfeitos. Os Devas são as águas; os Pitris também são as águas. Os Devas têm com os Pitris um direito igual aos sacrifícios chamados Darshas e Purnamasas. Os Devas, portanto, são os Pitris e os Pitris, os Devas. Eles são seres idênticos, adorados juntos e também separadamente nas mudanças da lua. Os Devas e os Pitris comem o que é derramado sobre mim. Eu sou, portanto chamado a boca dos Devas e dos Pitris. Na lua nova os Pitris, e na lua cheia os Devas são alimentados através da minha boca, comendo da manteiga clarificada que é despejada em mim. Sendo, como eu sou, a boca deles, como eu posso ser um comedor de todas as coisas (puras e impuras)?’

Então Agni, depois de refletir por um tempo, se retirou de todos os lugares; dos lugares do homa diário dos Brahmanas, de todos os sacrifícios de longa extensão, dos lugares de ritos sagrados, e de outras cerimônias. Sem seus Oms e Vashats, e privados de seus Swadhas e Swahas (mantras sacrificais durante oferendas), todas as criaturas ficaram muito angustiadas pela perda de seu fogo (sacrifical). Os Rishis em grande ansiedade foram até os deuses e se dirigiram a eles dessa maneira, 'Ó seres impecáveis! As três regiões do universo estão confusas pela cessação de seus sacrifícios e cerimônias por causa da perda do fogo! Ordenem o que deve ser feito com relação a este assunto, para que não possa haver perda de tempo.' Então os Rishis e os deuses foram juntos à presença de Brahma. E eles explicaram para ele tudo acerca da maldição sobre Agni e da consequente interrupção de todas as cerimônias. E eles disseram, 'Ó tu imensamente afortunado! Agni foi amaldiçoado por Bhrigu por alguma razão. De fato, sendo a boca dos deuses e também o primeiro que come o que é oferecido em sacrifícios, o comedor também da manteiga sacrifical, como Agni será reduzido à condição de alguém que come de todas as coisas promiscuamente?' E o criador do universo ouvindo essas palavras deles chamou Agni à sua presença. E Brahma se dirigiu a

Agni, o criador de tudo e eterno como ele mesmo, nessas palavras gentis, 'Tu és o criador dos mundos e tu és seu destruidor! Tu preservas os três mundos e tu és o promotor de todos os sacrifícios e cerimônias! Portanto te comporte de maneira que as cerimônias não sejam interrompidas. E, ó comedor da manteiga sacrifical, por que tu ages tão tolamente, sendo, como tu és, o Senhor de tudo? Somente tu és sempre puro no universo e tu és seu esteio! Tu, com todo teu corpo, não serás reduzido ao estado de alguém que come de todas as coisas promiscuamente. Ó tu de chamas, só a chama que está nas tuas partes mais vis comerá de todas as coisas igualmente. O teu corpo que come carne (estando no estômago de todos os animais carnívoros) também comerá de todas as coisas promiscuamente. E como todas as coisas tocadas pelos raios do sol se tornam puras, assim será puro tudo o que for queimado por tuas chamas. Tu és, ó fogo, a energia suprema nascida do teu próprio poder. Então, ó Senhor, por este teu poder faça a maldição do Rishi se realizar. Continue a receber tua própria porção e aquela dos deuses, oferecidas à tua boca.'"

Sauti continuou, "Então Agni respondeu ao Avô, 'Assim seja.' E ele então partiu para obedecer a ordem do Senhor supremo. Os deuses e os Rishis também voltaram em deleite para o local de onde eles tinham vindo. E os Rishis começaram a realizar como antes suas cerimônias e sacrifícios. E os deuses no céu e todas as criaturas do mundo se regozijaram muito. E Agni também se regozijou de tal maneira, pois ele estava livre da probabilidade do pecado.

Assim, ó possuidor dos seis atributos, Agni foi amaldiçoado nos tempos antigos por Bhrigu. E tal é a antiga história ligada à destruição do Rakshasa, Pauloma e ao nascimento de Chyavana."

Assim termina o sétimo capítulo do Pauloma Parva do Adi Parva do Mahabharata abençoado.

8

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti disse, 'Ó Brahmana, Chyavana, o filho de Bhrigu gerou um filho no útero de sua esposa Sukanya. E aquele filho era o ilustre Pramati de energia resplandecente. E Pramati gerou no útero de Ghritachi um filho chamado Ruru. E Ruru gerou em sua esposa Pramadvara um filho chamado Sunaka. Eu relatarei para vocês em detalhes, ó Brahmana, toda a história de Ruru de energia abundante. Ó, ouçam a ela então integralmente!

Antigamente havia um grande Rishi chamado Sthulakesa possuidor de poder ascético e erudição e bondosamente disposto em direção a todas as criaturas. Naquela época, ó Brahmana sábio, Viswavasu, o rei dos Gandharvas, é dito, teve intimidade com Menaka, a dançarina celeste. E a Apsara Menaka, ó tu da linhagem Bhrigu, quando chegou a hora, deu à luz um bebê perto do eremitério de

Sthulakesa. E deixando o bebê recém-nascido nas margens do rio, ó Brahmana, Menaka, a Apsara, sendo desprovida de piedade e vergonha, foi embora. E o Rishi, Sthulakesa, de grande poder ascético, descobriu o bebê jazendo abandonado em uma parte solitária ao lado do rio. E ele percebeu que era uma menina, brilhante como o filho de um Imortal e resplandecente, por assim dizer, com beleza. E o grande Brahmana, Sthulakesa, o principal dos Munis, vendo aquela menina, e cheio de compaixão, a pegou e a criou. E a criança encantadora cresceu em sua habitação sagrada. O abençoado Rishi Sthulakesa de mente nobre realizou na devida sucessão todas as cerimônias começando com aquela de nascimento como ordenado pela lei divina. E porque ela superava todas as de seu sexo em bondade, beleza, e em todas as qualidades, o grande Rishi a chamou pelo nome de Pramadvara. E o virtuoso Ruru tendo visto Pramadvara no eremitério de Sthulakesa se tornou alguém cujo coração tinha sido trespassado pelo deus do amor. E Ruru por meio de seus companheiros fez seu pai Pramati, o filho de Bhrigu, saber de sua paixão. E Pramati a pediu do afamado Sthulakesa para seu filho. E o pai adotivo deu a donzela Pramadvara para Ruru, fixando as núpcias para o dia quando a estrela Varga-Daivata (Purva-phalguni) estaria ascendente.

Então dentro de poucos dias do tempo fixado para as núpcias, a bela donzela enquanto brincava com companheiras de seu próprio sexo, sua hora tendo chegado, impelida pelo destino, pisou em uma serpente que ela não percebeu porque estava enrolada. E o réptil, incitado a executar a vontade do Destino, fincou violentamente suas presas envenenadas no corpo da moça desatenta. E picada por aquela serpente ela imediatamente caiu ao chão sem sentidos, sua cor sumiu e todas as belezas de seu corpo a deixaram. E com cabelo desgrenhado ela se tornou um espetáculo de dor para suas companheiras e amigas. E ela que era tão agradável de olhar se tornou, em sua morte, o que era doloroso demais de se olhar. E a moça de cintura fina jazendo no chão como uma pessoa adormecida, sendo dominada pelo veneno da cobra, uma vez mais se tornou mais bela do que em vida. E seu pai adotivo e os outros ascetas santos que estavam lá, todos a viram jazendo inerte sobre a terra com o esplendor de um lótus. E então lá chegaram muitos Brahmanas notáveis cheios de compaixão, e eles ficaram em volta dela. E Swastyatreya, Mahajana, Kushika, Sankhamekhala, Uddalaka, Katha, e Sweta de grande renome, Bharadwaja, Kaunakutsya, Arshtishena, Gautama, Pramati, e o filho de Pramati, Ruru, e outros habitantes da floresta, foram lá. E quando eles viram aquela donzela jazendo morta no chão dominada pelo veneno do réptil que a tinha mordido, eles todos choraram cheios de compaixão. Mas Ruru, mortificado além da conta, se retirou da cena.”

Assim termina o oitavo capítulo do Pauloma Parva do Adi Parva do Mahabharata abençoado.

9

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti disse, ‘Enquanto aqueles Brahmanas ilustres estavam sentados em volta do corpo morto de Pramadvara, Ruru, extremamente aflito, se retirou para um bosque profundo e lamentou alto. E dominado pela dor ele se entregou a muitas lamentações comoventes. E, lembrando de sua amada Pramadvara, ele deu vazão à sua tristeza nas seguintes palavras, ‘Ai! A delicada e formosa que aumenta minha aflição jaz sobre o solo nu. O que pode ser mais deplorável para nós, seus amigos? Se eu tenho sido caridoso, se eu tenho realizado atos de penitência, se eu tenho sempre reverenciado meus superiores, que o mérito desses trabalhos restaure à vida minha amada! Se desde o meu nascimento eu tenho estado controlando minhas paixões, aderindo aos meus votos, que a bela Pramadvara se levante do chão.’

E enquanto Ruru estava lamentando a perda de sua noiva, um mensageiro do céu chegou até ele na floresta e se dirigiu a ele dessa maneira, ‘As palavras que tu proferes, ó Ruru, em tua aflição são sem dúvida ineficazes. Pois, ó homem pio, alguém pertencente a este mundo cujos dias terminaram nunca pode voltar à vida. Os dias daquela pobre filha de um Gandharva e uma Apsara terminaram! Portanto, ó filho, tu não deves entregar teu coração à tristeza. Os grandes deuses, no entanto, providenciaram com antecedência um meio de sua restauração à vida. E se tu concordares com isso tu poderás receber de volta tua Pramadvara.’

E Ruru respondeu, ‘Ó mensageiro do céu! O que é que os deuses ordenaram? Diga-me o que é integralmente para que (ao ouvir) eu possa concordar com isto. Cabe a ti me livrar da aflição!’ E o mensageiro celeste disse a Ruru, ‘Renuncie à metade da tua própria vida por tua noiva, e então, ó Ruru da família de Bhrigu, tua Pramadvara se levantará do chão.’ ‘Ó melhor dos mensageiros celestes, eu ofereço de bom grado metade da minha vida em favor da minha noiva. Então que minha querida se levante mais uma vez em sua forma alinhada e adorável.’”

Sauti disse, “Então o rei dos Gandharvas (o pai de Pramadvara) e o mensageiro celeste, ambos de qualidades excelentes, foram ao deus Dharma (o juiz dos mortos) e se dirigiram a ele, dizendo, 'Se for tua vontade, ó Dharmaraja, que a amável Pramadvara, a esposa prometida de Ruru, agora jazendo morta, se levante com a metade da vida de Ruru.' E Dharmaraja respondeu, 'Ó mensageiro dos deuses, se esse é teu desejo, que Pramadvara, a noiva de Ruru, se levante dotada da metade da vida de Ruru.'”

Sauti continuou, “E quando Dharmaraja tinha dito isso aquela moça de natureza superior, Pramadvara, dotada com metade da vida de Ruru, se levantou como de seu sono. Esta concessão por Ruru de uma metade do seu próprio período de vida para ressuscitar sua noiva levou posteriormente, como seria visto, ao encurtamento da vida de Ruru.

E em um dia auspicioso seus pais alegremente os casaram com os ritos devidos. E o casal passava seus dias devotados um ao outro. E Ruru tendo obtido tal esposa que é difícil de ser encontrada, bela e clara como os filamentos do lótus, fez uma promessa para a destruição da raça das serpentes. E toda vez que ele via uma serpente ele ficava cheio de grande ira e sempre a matava com uma arma.

Um dia, ó Brahmana, Ruru entrou em uma floresta extensa. E lá ele viu uma velha serpente da espécie Dundubha deitada esticada no chão. E nisso Ruru ergueu em fúria seu bastão, como o bastão da Morte, na intenção de matá-la. Então a Dundubha, se dirigindo a Ruru, disse, 'Eu não te fiz mal, ó Brahmana! Então porque tu vais me matar por raiva?'"

Assim termina o nono capítulo do Pauloma Parva do Adi Parva do Mahabharata abençoado.

10

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti disse, 'E Ruru, ao ouvir aquelas palavras, respondeu, 'Minha esposa, preciosa para mim como a vida, foi mordida por uma cobra; após o que eu fiz, ó cobra, um voto terrível, que eu mataria toda cobra que pudesse encontrar. Por essa razão eu vou te bater e tu serás privada de vida.'

E a Dundubha respondeu, 'Ó Brahmana, as cobras que mordem homens são muito diferentes em espécie. Não cabe a ti matar Dundubhas que são serpentes só no nome. Sujeitas como outras serpentes às mesmas calamidades mas não dividindo sua boa sorte, no infortúnio as mesmas mas na alegria diferentes, as Dundubhas não devem ser mortas por ti sob uma concepção errada.'"

Sauti continuou, "E o Rishi Ruru ouvindo estas palavras da serpente, e vendo que ela estava desnorteada com medo, embora uma cobra da espécie Dundubha, não a matou. E Ruru, o possuidor dos seis atributos, confortando a cobra se dirigiu a ela, dizendo, 'Me diga detalhadamente, ó cobra, quem és tu que estás assim metamorfoseado?' E a Dundubha respondeu, 'Ó Ruru! Eu era antigamente um Rishi de nome Sahasrapat. E foi pela maldição de um Brahmana que eu fui transformado em uma cobra.' E Ruru perguntou, 'Ó tu melhor das cobras, por que tu foste amaldiçoado por um Brahmana enfurecido? E por quanto tempo também tua forma continuará assim?'"

E assim termina o décimo capítulo do Pauloma Parva do Adi Parva.

11

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti continuou, “A Dundubha então disse, 'Antigamente eu tinha um amigo de nome Khagama. Ele era impetuoso em suas palavras e possuidor de poder espiritual em virtude de suas austeridades. E um dia quando ele estava engajado no Agni-hotra (sacrifício do fogo), eu fiz uma cobra falsa de folhas de erva, e em uma brincadeira tentei assustá-lo com ela. E sem demora ele caiu em um desmaio. Ao recuperar seus sentidos, aquele asceta falador da verdade e cumpridor de votos, queimando com fúria, exclamou, 'Já que tu fizeste uma cobra falsa impotente para me assustar, tu mesmo te tornarás uma serpente sem veneno pela minha maldiçãol.' Ó asceta, eu conhecia bem o poder das punições dele; por isso com o coração agitado eu me dirigi a ele desse modo, me curvando com mãos unidas, 'Amigo, eu fiz isso como uma piada, para despertar tua risada. Cabe a ti me perdoar e revogar tua maldição.' E me vendo extremamente preocupado, o asceta foi persuadido, e ele respondeu, com a respiração quente e difícil: 'O que eu disse deve acontecer. Ouças o que eu digo e tomes seriamente em consideração. Ó virtuoso! Quando Ruru, o filho puro de Pramati, aparecer, tu serás liberto da maldição no momento em que o vir.’ Tu és o próprio Ruru e o filho de Pramati. Ao recuperar minha forma natural, eu te direi algo para o teu benefício.’

E aquele homem ilustre e o melhor dos Brahmanas então deixou seu corpo de cobra, e obteve sua própria forma e esplendor original. Ele então dirigiu as seguintes palavras para Ruru de poder incomparável, 'Ó tu principal dos seres criados, em verdade a maior virtude do homem é respeitar a vida dos outros. Por esta razão um Brahmana nunca deve tirar a vida de qualquer criatura. Um Brahmana deve sempre ser compassivo. Esta é a mais sagrada injunção dos Vedas. Um Brahmana deve ser versado nos Vedas e Vedangas, e deve inspirar todas as criaturas com fé em Deus. Ele deve ser benevolente para todas as criaturas, sincero, e clemente, assim como é seu dever supremo reter os Vedas em sua memória. Os deveres de um Kshatriya não são seus. Ser inflexível, brandir o cetro e governar os súditos devidamente são os deveres do Kshatriya. Ouças, ó Ruru, ao relato da destruição de cobras no sacrifício de Janamejaya nos dias de outrora, e a libertação dos répteis apavorados por aquele melhor dos Dwijas, Astika, profundo em conhecimento Védico e poderoso em energia espiritual.'”

E assim termina o décimo primeiro capítulo do Pauloma Parva do Adi Parva.

12

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti continuou, “Ruru então perguntou, ‘Ó melhor dos Dwijas, por que o rei Janamejaya estava decidido a destruir as serpentes? E por que e como elas foram salvas pelo sábio Astika? Eu estou ansioso para ouvir tudo isso em detalhes.’

O Rishi respondeu, ‘Ó Ruru, a importante história de Astika você ouvirá dos lábios dos Brahmanas.’ Dizendo isso, ele desapareceu.”

Sauti continuou, “Ruru correu de um lado para outro à procura do Rishi desaparecido, e tendo falhado em encontrá-lo em todas as florestas, ele caiu ao chão, fatigado. E revolvendo em sua mente as palavras do Rishi ele estava muito confuso e parecia estar privado de seus sentidos. Recuperando a consciência, ele voltou para casa e pediu a seu pai para relatar a história em questão. Assim pedido, seu pai relatou tudo a respeito da história.”

Assim termina o décimo segundo capítulo no Pauloma Parva do Adi Parva.

13

(Astika Parva)

Saunaka disse, “Por que razão aquele tigre entre os reis, o nobre Janamejaya, resolveu tirar as vidas das cobras por meio de um sacrifício? Ó Sauti, nos conte integralmente a verdadeira história. Diga-nos também por que Astika, aquele melhor dos regenerados, aquele principal dos ascetas, resgatou as cobras do fogo ardente. De quem era filho aquele monarca que celebrou o sacrifício de cobras? E de quem era filho também aquele melhor dos regenerados?”

Sauti disse, “Ó melhores dos oradores, esta história de Astika é longa. Eu a narrarei devidamente na íntegra, ouçam!”

Saunaka disse, “Eu estou desejoso de ouvir minuciosamente a história fascinante daquele Rishi, aquele Brahmana ilustre chamado Astika.”

Sauti disse, “Esta história (primeiro) recitada por Krishna-Dwaipayana, é considerada um Purana pelos Brahmanas. Ela foi antigamente narrada por meu sábio pai, Lomaharshana, o discípulo de Vyasa, diante os habitantes da floresta Naimisha, a seu pedido. Eu estava presente no recital, e, ó Saunaka, já que tu me pediste, eu narrarei a história de Astika exatamente como eu a ouvi. Ó, escutem enquanto eu recito integralmente esta história destruidora de pecado.

O pai de Astika era poderoso como Prajapati. Ele era um Brahmacharin, sempre engajado em devoções austeras. Ele comia frugalmente, era um grande asceta, e tinha sua luxúria sob controle completo. E ele era conhecido pelo nome

de Jaratkaru. Aquele principal entre os Yayavaras, virtuoso e de votos rígidos, muito abençoado e dotado de grande poder ascético, uma vez empreendeu uma viagem pelo mundo. Ele visitou diversos lugares, se banhou em diversas águas sagradas, e descansava onde a noite o alcançava. Dotado de grande energia, ele praticava austeridades religiosas difíceis de serem praticadas por homens de almas desregradas. O sábio vivia ao ar somente, e renunciou ao sono para sempre. Assim passando de um lugar para outro como um fogo ardente, um dia aconteceu dele ver seus antepassados com as cabeças pendendo para baixo em um grande buraco, seus pés apontando para cima. Ao vê-los, Jaratkaru se dirigiu a eles, dizendo:

'Quem são vocês assim pendentes de cabeça para baixo neste buraco por uma corda de fibras virana, que está, além disso, sendo roída secretamente por todos os lados por um rato que vive aqui?'

Os antepassados disseram, ‘Nós somos Rishis de votos rígidos, chamados Yayavaras. Nós estamos caindo dentro da terra por falta de descendentes. Nós temos um filho de nome Jaratkaru. Desgraça para nós! Aquele infeliz entrou em uma vida de austeridades somente! O tolo não pensa em criar descendentes por meio de casamento! É por esta razão, o medo da extinção da nossa linhagem, que nós estamos suspensos nesse buraco. Possuidores de meios, nós passamos mal como infelizes que não têm ninguém! Ó excelente, quem és tu que te entristeces dessa maneira como um amigo por nossa causa? Nós desejamos saber, ó Brahmana, quem és tu que estás ao nosso lado, e por que, ó melhor dos homens, tu te entristeces por nós que somos tão infelizes.’

Jaratkaru disse, ‘Vocês são meus pais e avós e eu sou Jaratkaru! Ó, me digam como eu posso servi-los.’

Os pais então responderam, ‘Tente o máximo, ó filho, gerar um descendente para prolongar nossa linhagem. Tu terás então, ó excelente, feito um trabalho meritório para ti mesmo e para nós. Nem pelos frutos da virtude nem por penitências ascéticas bem acumuladas se obtém o mérito que alguém adquire por se tornar pai. Portanto, ó filho, por nossa ordem, fixe teu coração em casamento e progênie. Este mesmo é o nosso maior benefício.’

Jaratkaru respondeu, 'Eu não casarei por minha causa, nem ganharei riqueza para divertimento, mas eu farei isso somente para seu bem-estar. De acordo com esta compreensão, eu, conforme os decretos dos Sastras, tomarei uma esposa para alcançar tal objetivo. Eu não agirei de outra maneira. Se a noiva tiver o mesmo nome que eu, cujos amigos, além disso, a oferecerem de bom grado para mim como uma doação em caridade, eu casarei com ela devidamente. Mas quem dará sua filha como esposa para um homem pobre como eu? Eu, no entanto, aceitarei qualquer filha dada a mim como esmolas. Eu me esforçarei, ó pais, assim mesmo para me casar com uma moça! Tendo dado minha palavra, eu não agirei de outra maneira. Nela eu criarei progênie para sua redenção, para que, ó pais, vocês possam alcançar as regiões eternas (de bem-aventurança) e se regozijar como lhes agradar.'”

Assim termina o décimo terceiro capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

14

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Aquele Brahmana de votos rígidos então vagou sobre a terra em busca de uma esposa, mas ele não encontrou. Um dia ele entrou na floresta, e lembrando-se das palavras de seus antepassados, ele rezou três vezes em voz fraca por uma noiva. Então Vasuki veio à superfície e ofereceu sua irmã para a aceitação do Rishi. Mas o Brahmana hesitou em aceitá-la, pensando que ela não tinha o mesmo nome que ele. Jaratkaru de grande alma pensou consigo mesmo, ‘Eu não tomarei como mulher alguém que não tenha o mesmo nome que eu.’ Então aquele Rishi de grande sabedoria e penitências austeras o questionou, dizendo, ‘Me digas realmente qual é o nome desta tua irmã, ó cobra.’

Vasuki respondeu, 'Ó Jaratkaru, esta minha irmã mais nova se chama Jaratkaru. Oferecida por mim, aceites esta donzela de cintura fina como tua esposa. Ó melhor dos Brahmanas, eu a reservei para ti. Portanto, aceite-a.' Dizendo isto ele ofereceu sua bela irmã para Jaratkaru que então a desposou com os ritos ordenados.'”

Assim termina o décimo quarto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

15

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, ‘Ó principal das pessoas conhecedoras de Brahma, a mãe das cobras tinha amaldiçoado elas no passado, dizendo, ‘Aquele que tem o Vento como seu quadrigário (Agni) queimará vocês todos no sacrifício de Janamejaya!’ Foi para neutralizar aquela maldição que o chefe das cobras casou sua irmã com aquele Rishi de grande alma de votos excelentes. O Rishi casou com ela segundo os ritos ordenados (nas escrituras), e deles nasceu um filho de grande alma chamado Astika. Um asceta ilustre; versado nos Vedas e seus ramos, ele respeitava a todos igualmente, e pôs fim aos temores de seus pais.

Então, depois de um longo espaço de tempo, um rei descendente da linhagem Pandava celebrou um grande sacrifício conhecido como sacrifício de cobras. Depois que aquele sacrifício tinha iniciado para a destruição das cobras, Astika salvou os Nagas, seus irmãos e tios maternos e outras cobras (de uma morte no fogo ardente). E ele salvou seus pais também por gerar descendentes. E por suas austeridades, ó Brahmana, e vários votos e estudo dos Vedas, ele se livrou de

todas as suas dívidas. Por meio de sacrifícios, nos quais várias espécies de oferendas foram feitas, ele propiciou os deuses. Por praticar o modo de vida Brahmacharya ele conciliou os Rishis; e por gerar filhos ele gratificou seus antepassados.

Assim Jaratkaru de votos rígidos se livrou da dívida pesada que tinha com seus antepassados, que sendo assim libertos do cativeiro ascenderam para o céu. Tendo assim obtido grande mérito religioso, Jaratkaru, depois de muitos anos, foi para o céu, deixando Astika para trás. Esta é a história de Astika que eu narrei devidamente. Agora, me fale, ó tigre da linhagem de Bhrigu, o que mais eu narrarei.'"

Assim termina o décimo quinto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

16

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, "Ó Sauti, conte mais uma vez em detalhes esta história do erudito e virtuoso Astika. Nossa curiosidade para ouvi-la é grande. Ó amável, tu falaste gentilmente, com pronúncia e ênfase apropriadas; e nós estamos bem satisfeitos com teu discurso. Tu falaste assim como teu pai. Teu pai estava sempre disposto a nos agradar. Conte-nos agora a história como teu pai a relatou.'"

Sauti disse, "Ó tu que és abençoado com longevidade, eu narrarei a história de Astika como eu a ouvi do meu pai. Ó Brahmana, na era de ouro, Prajapati teve duas filhas. Ó impecável, as irmãs eram dotadas com beleza extraordinária. Chamadas Kadru e Vinata, elas se tornaram esposas de Kasyapa. Kasyapa derivou grande prazer de suas duas esposas e estando satisfeito, ele, parecendo o próprio Prajapati, se ofereceu para dar a cada uma delas uma bênção. Sabendo que seu marido desejava dar a elas suas bênçãos seletas, aquelas damas excelentes sentiram muita alegria. Kadru desejou ter como filhos mil cobras todas de esplendor igual. E Vinata desejou ter dois filhos que superassem os mil filhos de Kadru em força, energia, tamanho de corpo e coragem. Para Kadru seu marido deu aquele benefício de uma multidão de filhos. E para Vinata também, Kasyapa disse, 'Assim seja!' Então Vinata, tendo obtido seu rogo, se regozijou muito. Obtendo dois filhos de destreza superior, ela considerou seu benefício obtido. Kadru também obteve seus mil filhos de esplendor igual. 'Mantenham os embriões cuidadosamente,' disse Kasyapa, e então ele foi para a floresta, deixando suas duas esposas satisfeitas com suas bênçãos.'"

Sauti continuou, "Ó melhor dos regenerados, depois de um longo tempo Kadru gerou mil ovos, e Vinata dois. Suas criadas depositaram os ovos separadamente em recipientes aquecidos. Quinhentos anos se passaram, e os mil ovos produzidos por Kadru se romperam e saiu a progênie. Mas os gêmeos de Vinata

não apareceram. Vinata estava com ciúmes, e, portanto, ela quebrou um dos ovos e encontrou nele um embrião com a parte superior desenvolvida, mas com a parte inferior não desenvolvida. Por isto, a criança no ovo ficou zangada e amaldiçoou sua mãe, dizendo: 'Já que tu quebraste este ovo prematuramente, tu servirás como uma escrava. Tu deverás esperar quinhentos anos e não destruir ou rachar o outro ovo meio desenvolvido por quebrá-lo por impaciência; então o filho ilustre dentro dele te libertará da escravidão! E se tu quiseres ter o filho forte, tu deverás cuidar delicadamente do ovo por todo este tempo!' Assim amaldiçoando sua mãe, o filho subiu ao céu. Ó Brahmana, ele mesmo é o quadrigário de Surya, sempre visto no período da manhã!

Então no término dos quinhentos anos, rompendo o outro ovo, saiu Garuda, o comedor de serpentes. Ó tigre da linhagem de Bhrigu, imediatamente ao ver a luz, aquele filho de Vinata deixou sua mãe. E o senhor das aves, se sentindo faminto, levantou vôo em busca do alimento designado para ele pelo Grande Ordenador de tudo.'"

Assim termina o décimo sexto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

17

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Ó asceta, por volta dessa época as duas irmãs viram se aproximar aquele cavalo de aparência complacente chamado Uchchaihsravas que era reverenciado pelos deuses, aquela jóia dos corcéis, que surgiu no batimento do Oceano em busca de néctar. Divino, gracioso, perpetuamente jovem, obra prima da criação, de energia irresistível, e que era abençoado com todas as marcas auspiciosas."

Saunaka perguntou, "Por que os deuses bateram o Oceano em busca de néctar, e sob quais circunstâncias e quando como tu dizes, surgiu aquele melhor dos corcéis tão poderoso e resplandecente?"

Sauti disse, "Há uma montanha chamada Meru, de aparência refulgente, e parecendo com uma pilha de refulgência. Os raios do Sol caindo em seus picos de brilho dourado são dispersos por eles. Ornada com ouro e extremamente bela, aquela montanha é o retiro dos deuses e Gandharvas. Ela é imensurável e inalcançável por homens de muitos pecados. Terríveis animais predadores vagam sobre seu leito, e ela é iluminada por muitas ervas divinas dadoras de vida. Ela se mantém beijando os céus com sua altura e é a principal das montanhas. Pessoas comuns não podem nem pensar em subi-la. Ela é ornada com árvores e rios, e ressoa com a melodia encantadora de coros alados. Uma vez os celestiais se sentaram em seu topo enfeitado com pedras preciosas, em um conclave. Eles que tinham praticado penitências e observado votos excelentes por amrita agora pareciam ser ávidos procuradores de amrita (ambrosia celeste). Vendo a

assembléia celeste em estado de espírito ansioso Narayana disse para Brahman, 'Bata o Oceano com os deuses e os Asuras. Fazendo isso amrita será obtido como também todos os remédios e pedras preciosas. Ó deuses, batam o Oceano, vocês acharão amrita.'"

Assim termina o décimo sétimo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

18

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Há uma montanha chamada Mandara adornada com picos como nuvens. Ela é a melhor das montanhas, e é totalmente coberta com ervas entrelaçadas. Lá inúmeras aves emitem suas melodias, e animais predadores vagam. Os deuses, as Apsaras e os Kinnaras visitam o lugar. Para cima ela se eleva onze mil yojanas, e para baixo desce o mesmo tanto. Os deuses queriam arrancá-la e usá-la como uma vara para bater, mas fracassando em fazer o mesmo eles foram até Vishnu e Brahman, que estavam sentados juntos, e disseram a eles, 'Inventem algum esquema eficiente, considerem, ó deuses, como Mandara pode ser desalojada para o nosso bem.'"

Sauti continuou, "Ó filho de Bhrigu! Vishnu e Brahman concordaram com isso. E aquele de olhos de lótus (Vishnu) atribuiu a difícil tarefa ao poderoso Ananta, o príncipe das cobras. O poderoso Ananta, instruído para isso por Brahman e Narayana, ó Brahmana, arrancou a montanha com as florestas sobre ela e com os habitantes daquelas florestas. E os deuses chegaram à margem do Oceano com Ananta e se dirigiram ao Oceano dizendo, 'Ó Oceano; nós viemos bater tuas águas para obter néctar.' E o Oceano respondeu, 'Que assim seja, porque eu não ficarei sem uma parte disso. Eu sou capaz de suportar a agitação prodigiosa das minhas águas produzida pela montanha.' Os deuses então foram ao rei das tartarugas e disseram a ele, 'Ó rei tartaruga, tu terás que segurar a montanha em tuas costas!' O rei tartaruga concordou, e Indra planejou colocar a montanha nas costas do primeiro.

E os deuses e os Asuras fizeram de Mandara um bastão para bater e de Vasuki a corda, e começaram a bater o fundo do mar em busca de amrita. Os Asuras seguraram Vasuki pelo capelo e os deuses o seguraram pelo rabo. E Ananta, que estava ao lado dos deuses, a intervalos levantava o capelo da cobra e subitamente o baixava. E por causa do estiramento que Vasuki recebeu nas mãos dos deuses e dos Asuras, vapores pretos com chamas saíram de sua boca. Estes, convertidos em nuvens carregadas de relâmpagos, despejaram chuvas que refrescaram os deuses cansados. E flores também que caíam sobre os celestiais, das árvores no rodopio de Mandara, os revigoraram.

Então, ó Brahmana, das profundezas veio um rugido tremendo semelhante ao ribombar das nuvens na Dissolução Universal. Diversos animais aquáticos sendo

esmagados pela grande montanha morreram nas águas salgadas. E muitos habitantes das regiões mais baixas e do mundo de Varuna foram mortos. Grandes árvores com aves no giro de Mandara foram arrancadas pelas raízes e caíram na água. A fricção mútua daquelas árvores também produziu fogos que resplandeciam frequentemente. A montanha assim parecia com uma massa de nuvens escuras carregadas com relâmpagos. Ó Brahmana, o fogo se espalhou e consumiu os leões, elefantes e outras criaturas que estavam na montanha. Então Indra extinguiu aquele fogo por derramar chuvas pesadas.

Depois que o batimento, ó Brahmana, tinha seguido por algum tempo, exsudações pastosas de várias árvores e ervas investidas com as propriedades de amrita se misturaram com as águas do Oceano. E os celestiais alcançaram a imortalidade por beber da água misturada com aquelas resinas e com o extrato líquido de ouro. Gradualmente, a água leitosa do mar agitado se converteu em manteiga clarificada em virtude daquelas resinas e sucos. Mas o néctar não apareceu mesmo então. Os deuses foram perante o dador de bênçãos, Brahman, sentado em seu assento e disseram, 'Senhor, nós estamos exaustos, nós não temos força restante para bater mais. O néctar ainda não surgiu pelo que agora nós não temos recurso salvo Narayana.'

Ao ouvi-los Brahman disse para Narayana, 'Ó Senhor, aceite conceder aos deuses força para bater o mar novamente.'

Então Narayana, concordando em atender seus vários rogos, disse, 'Ó sábios, eu lhes concedo força suficiente. Vão, ponham a montanha em posição de novo e batam a água.'

Restabelecidos assim em força, os deuses recomeçaram a bater. Depois de algum tempo a Lua suave de mil raios emergiu do Oceano. Depois saiu Lakshmi vestida de branco, então Soma, então o Corcel Branco, e então a jóia celeste Kaustubha que orna o peito de Narayana. Então Lakshmi, Soma e o Corcel, veloz como a mente, todos chegaram diante dos deuses no alto. Então se ergueu o próprio Dhanwantari divino com o recipiente branco de néctar em sua mão. E vendo ele, os Asuras soltaram um grito alto, dizendo, 'Este é nosso.'

E finalmente surgiu o grande elefante, Airavata, de corpo enorme e com dois pares de presas brancas. E Indra o manejador do raio o pegou. Mas com o batimento ainda continuando, o veneno Kalakuta apareceu finalmente. Engolfando a Terra ele subitamente se inflamou como fogo acompanhado por fumaça. E por causa do cheiro do pavoroso Kalakuta os três mundos estavam entorpecidos. E então Siva, sendo solicitado por Brahman, engoliu aquele veneno pela segurança da criação. O divino Maheswara o reteve em sua garganta, e é dito que desde daquele tempo ele é chamado Nilakantha (de garganta azul). Vendo todas estas coisas extraordinárias, os Asuras estavam cheios de desespero, e se prepararam para entrar em hostilidades com os deuses pela posse de Lakshmi e Amrita. Então Narayana chamou sua fascinante Maya (poder ilusório) para ajudá-lo, e assumindo a forma de uma mulher sedutora, ele flertou com os Danavas. Os

Danavas e os Daityas encantados com sua graça e beleza requintada perderam a razão, e unanimemente colocaram o Amrita nas mãos daquela donzela formosa.”

Assim termina o décimo oitavo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

19

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Então os Daityas e os Davanas equipados com várias armas de primeira classe atacaram os deuses. Entrementes o valente Senhor Vishnu na forma de uma mulher sedutora acompanhado por Nara enganou os Danavas poderosos e tirou o Amrita das mãos deles.

E todos os deuses naquela hora de grande pavor beberam o Amrita com prazer, recebendo ele de Vishnu. E enquanto os deuses estavam compartilhando dele, pelo qual eles tinham ansiado tanto, um Danava de nome Rahu também o estava bebendo entre eles no disfarce de um deus. E quando o Amrita tinha alcançado a garganta de Rahu somente, Surya e Soma (o reconheceram e) anunciaram o fato aos deuses. E Narayana instantaneamente cortou com seu disco a cabeça bem enfeitada do Danava que estava bebendo o Amrita sem permissão. E a cabeça enorme do Danava, cortada pelo disco e parecendo um pico de montanha, então se ergueu até o céu e começou a proferir gritos aterrorizantes. E o tronco sem cabeça do Danava, caindo sobre o solo e rolando sobre ele, fez a Terra tremer com suas montanhas, florestas e ilhas. E desde aquela época há uma longa disputa entre a cabeça de Rahu e Surya e Soma. E até hoje ela engole Surya e Soma (durante eclipses solares e lunares).

Então Narayana, abandonando sua encantadora forma feminina e arremessando muitas armas terríveis nos Danavas fez eles tremerem. E dessa maneira, nas margens do mar de sal, começou a batalha terrível dos deuses e dos Asuras. E dardos de ponta afiada e lanças e várias armas às milhares começaram a ser lançadas por todos os lados. E mutilados pelo disco e feridos por espadas, dardos e maças, os Asuras em grande número vomitavam sangue e jaziam prostrados sobre a terra. Cortadas dos troncos com espadas afiadas de dois gumes, cabeças adornadas com ouro brilhante caíam continuamente no campo de batalha. Seus corpos encharcados de sangue, os grandes Asuras jaziam mortos em todos os lugares. Parecia como se montanhas de topos tingidos de vermelho jazessem espalhadas por toda parte. E quando o Sol se ergueu em seu esplendor, milhares de guerreiros atingiam uns aos outros com armas. E gritos de angústia eram ouvidos em todos os lugares. Os guerreiros lutando a uma distância uns dos outros derrubavam uns aos outros com projéteis de ferro afiados, e aqueles lutando muito perto matavam uns aos outros com golpes de seus punhos. E o ar estava cheio com gritos de aflição. Em todos os lugares eram ouvidos sons alarmantes, 'Cortem!', 'Perfurem', 'Neles!', 'Arremessem no chão!', 'Avancem!'

E quando a batalha estava seguindo ferozmente, Nara e Narayana entraram no campo. E Narayana, vendo o arco celeste na mão de Nara, se recordou da sua própria arma, o disco destruidor de Danavas. E vejam! O disco, Sudarsana, destruidor de inimigos, semelhante à Agni em refulgência e terrível em batalha, veio do céu logo que foi pensado. E Narayana de energia feroz, possuindo braços parecidos com trombas de elefantes, arremessou com grande força aquela arma de brilho extraordinário, refulgente como o fogo ardente, terrível e capaz de destruir cidades hostis. E aquele disco brilhando como o fogo que consome todas as coisas no fim do Yuga, arremessado com força das mãos de Narayana, e caindo constantemente em todos os lugares, destruiu os Daityas e os Danavas aos milhares. Às vezes ele ardia como fogo e consumia eles todos; às vezes ele os derrubara enquanto percorria o céu; e às vezes, caindo na terra, ele bebia seu sangue vital como um trasgo.

Por outro lado, os Danavas, brancos como as nuvens das quais a chuva tinha caído, possuindo grande força e corações audaciosos, subiram ao céu, e por arremessar para baixo milhares de montanhas, atormentavam os deuses continuamente. E aquelas montanhas formidáveis, como massas de nuvens, com suas árvores e topos planos, caindo do céu, colidiam umas com as outras e produziam um ribombar tremendo. E quando milhares de guerreiros gritavam sem intervalo no campo de batalha e montanhas com as florestas sobre elas começaram a cair em volta, a terra com suas florestas tremeu. Então o divino Nara apareceu na cena do conflito terrível entre os Asuras e os Ganas (os seguidores de Rudra), e reduzindo a pó aquelas rochas por meio de suas flechas de pontas de ouro, cobriu os céus com poeira. Assim desbaratados pelos deuses, e vendo o disco furioso voando sobre os campos do céu como uma chama brilhante, os poderosos Danavas entraram nas entranhas da terra, enquanto outros mergulharam no mar de águas salgadas.

E tendo obtido a vitória, os deuses ofereceram o devido respeito a Mandara e a colocaram de volta em sua própria base. E os deuses possuidores de néctar fizeram os céus ressoarem com seus gritos, e foram para suas próprias residências. E os deuses, ao retornarem para os céus, se regozijaram muito, e Indra e as outras divindades transferiram para Narayana o recipiente de Amrita para preservação cuidadosa.”

E assim termina o décimo nono capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

20

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Assim eu narrei para vocês toda a história de como Amrita foi produzido do Oceano, e a ocasião na qual o cavalo Uchchaihsravas de grande beleza e destreza incomparável foi obtido. Foi aquele cavalo a respeito do qual Kadru questionou Vinata, dizendo, ‘Diga-me, amável irmã, sem demora, de que

cor é Uchchaishravas.’ E Vinata respondeu, ‘Aquele príncipe dos corcéis certamente é branco. O que tu achas, irmã? Diga qual é a cor dele. Vamos apostar sobre isso.’ Kadru respondeu, então, ‘Ó tu de doces sorrisos. Eu acho que aquele cavalo é preto em seu rabo. Bela, aposte comigo que aquela que perder se tornará escrava da outra.’

Sauti continuou, 'Assim apostando entre si sobre serviço como escrava as irmãs foram para casa e resolveram examinar o cavalo no dia seguinte. E Kadru, disposta a praticar uma fraude, mandou que seus mil filhos se transformassem em cabelos pretos e cobrissem rapidamente o rabo do cavalo de modo que ela não se tornasse uma escrava. Mas seus filhos, as cobras, se recusaram a cumprir sua ordem, e ela os amaldiçoou, dizendo, 'Durante o sacrifício de cobras do sábio rei Janamejaya da linhagem Pandava Agni destruirá todos vocês.' E o próprio Avô (Brahman) ouviu aquela maldição extremamente cruel pronunciada por Kadru, impelida pelos destinos. E vendo que as cobras tinham se multiplicado muito, o Avô, movido por consideração bondosa por suas criaturas, sancionou com todos os deuses a maldição de Kadru. De fato, como as cobras tinham veneno virulento, grande destreza e excesso de força, sempre dispostas a morder outras criaturas, a conduta de sua mãe em direção a elas, aquelas perseguidoras de todas as criaturas, era muito correta para o bem de todas as criaturas. O Destino sempre inflige punição de morte àqueles que procuram a morte de outras criaturas. Os deuses, tendo partilhado tais sentimentos uns com os outros, apoiaram a ação de Kadru (e partiram). E Brahman, chamando Kasyapa, lhe falou essas palavras, 'Ó puro que assolas todos os inimigos, aquelas cobras geradas por ti, que são de veneno virulento e corpos enormes, e sempre empenhadas em morder outras criaturas, foram amaldiçoadas por sua mãe. Ó filho, não te aflijas por isso. A destruição das cobras no sacrifício, de fato, foi ordenada há muito tempo atrás.' Dizendo isso, o divino Criador do Universo confortou Kasyapa e comunicou àquele ilustre o conhecimento de neutralizar veneno.”

E assim termina o vigésimo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

21

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Então quando a noite tinha passado e o sol tinha surgido de manhã, ó tu cuja riqueza é ascetismo, as duas irmãs Kadru e Vinata, tendo feito uma aposta sobre escravidão, foram com pressa e impaciência ver o cavalo Uchchaishravas de um ponto próximo. Em seu caminho elas viram o Oceano, aquele receptáculo de águas, vasto e profundo, ondulando e bramindo terrivelmente, cheio de peixes grandes o suficiente para engolir baleias, e cheio de makaras enormes e criaturas de várias formas às milhares, e tornado inacessível pela presença de outros animais aquáticos terríveis, de formas monstruosas, escuros e ferozes, cheio de tartarugas e crocodilos, com minas de todos os tipos

de pedras preciosas, o lar de Varuna (o deus da água), a excelente e bela residência dos Nagas, o senhor de todos os rios, a residência do fogo subterrâneo, o amigo (ou refúgio) dos Asuras, o terror de todas as criaturas, o grande reservatório de água, e sempre imutável. Ele é santo, benéfico para os deuses, e é a grande fonte de néctar; sem limites, inconcebível, sagrado, e muito extraordinário. Ele é escuro, terrível com o som de criaturas aquáticas, bramindo tremendamente, e cheio de remoinhos profundos. Ele é um objeto de terror para todas as criaturas. Movido pelos ventos soprando de suas margens e se erguendo alto, agitado e perturbado, ele parece dançar com mãos erguidas representadas por suas ondas. Cheio de formidáveis vagalhões causados pelo crescer e diminuir da lua, o pai da grande concha de Vasudeva chamada Panchajanya, a grande mina de pedras preciosas, suas águas foram antigamente perturbadas por causa da agitação causada nelas pelo Senhor Govinda de destreza incomensurável quando ele assumiu a forma de um javali selvagem para erguer a Terra (submersa). Seu fundo, mais baixo do que as regiões mais profundas, o regenerado Rishi Atri cumpridor de votos não poderia sondar depois (de labutar por) cem anos. Ele se torna o leito de Vishnu de umbigo de lótus, quando no término de cada Yuga aquela divindade de poder imensurável desfruta de ioga-nidra, o sono profundo sob o encanto da meditação espiritual. Ele é o refúgio de Mainaka receosa do trovão cadente, e o retiro dos Asuras superados em combates violentos. Ele oferece água como manteiga sacrifical para o fogo ardente emanado da boca de Varava (a égua do oceano). Ele é insondável e sem limites, vasto e imensurável, o senhor dos rios.

E elas viram que para ele corriam rios imensos aos milhares com passo orgulhoso, como competidores amorosos, cada um ávido para encontrá-lo, antecipando-se aos outros. E elas viram que ele estava sempre cheio, e sempre dançando em suas ondas. E elas viram que ele era profundo e cheio de baleias e makaras ferozes. E ele ressoava constantemente com os sons terríveis de criaturas aquáticas. E elas viram que ele era vasto, e amplo como a extensão do espaço, insondável, e ilimitado, o grandioso reservatório de água.'"

E assim termina o vigésimo primeiro capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

22

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Os Nagas depois de deliberação chegaram à conclusão que eles deviam cumprir a ordem de sua mãe, porque se ela falhasse em obter seu desejo ela poderia retirar sua afeição e queimar eles todos. Se, por outro lado, ela estivesse inclinada com benevolência, ela poderia libertá-los da maldição. Eles disseram, 'Nós certamente tornaremos preto o rabo do cavalo.' E é dito que eles então partiram e se tornaram pêlos no rabo do cavalo.

Assim sendo as duas co-esposas tinham feito a aposta. E tendo feito a aposta, ó melhor dos Brahmanas, as duas irmãs Kadru e Vinata, as filhas de Daksha, procederam em grande alegria pelo céu para ver o outro lado do Oceano. E em seu caminho elas viram o Oceano, aquele receptáculo de águas, incapaz de ser facilmente perturbado, poderosamente agitado de repente pelo vento, e rugindo tremendamente; cheio de peixes capazes de engolir uma baleia e cheio de makaras; contendo também criaturas de diversas formas contadas às milhares; assustador pela presença de monstros horríveis, inacessível, profundo e terrível, a mina de todos os tipos de pedras preciosas, o lar de Varuna (o deus da água), as maravilhosas habitações dos Nagas, o senhor dos rios, a residência do fogo subterrâneo; a residência dos Asuras e de muitas criaturas pavorosas; o reservatório de água, não sujeito à decadência, aromático e extraordinário, a grande fonte de amrita dos celestiais; imensurável e inconcebível, contendo águas que são sagradas, cheio até a borda por muitos milhares de grandes rios, dançando por assim dizer em ondas. Tal era o Oceano, cheio de ondas rolantes, vasto como a extensão do céu, profundo, de corpo iluminado com as chamas do fogo subterrâneo, e bramindo, sobre o qual as irmãs passaram rapidamente.'"

E assim termina o vigésimo segundo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

23

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Tendo cruzado o Oceano, Kadru de velocidade rápida, acompanhada por Vinata, logo desceu perto do cavalo. Elas então contemplaram aquele principal dos corcéis de grande velocidade, com corpo branco como os raios da lua, mas tendo pêlos pretos (no rabo). E observando muitos cabelos pretos no rabo, Kadru pôs Vinata, que estava profundamente abatida, na escravidão. E dessa maneira Vinata, tendo perdido a aposta, entrou em um estado de escravidão e ficou muito triste.

Entrementes, quando chegou sua hora, irrompeu do ovo sem (a ajuda de sua) mãe, Garuda de grande esplendor, inflamando todos os pontos do universo, aquele ser poderoso dotado de força, aquela ave capaz de assumir à vontade qualquer forma, de ir à vontade a todos os lugares, e de chamar em seu auxílio à vontade qualquer quantidade energia. Refulgente como uma pilha de fogo, ele brilhava terrivelmente. De brilho igual àquele do fogo no fim da Yuga, seus olhos eram brilhantes como o clarão do raio. E logo depois do nascimento, aquela ave cresceu em tamanho, e aumentando seu corpo subiu aos céus. Feroz e rugindo veementemente, ele parecia tão terrível como um segundo oceano de fogo. E todas as divindades, ao vê-lo, procuraram a proteção de Vibhavasu (Agni). E eles reverenciaram aquela divindade de muitas formas sentada em seu assento e falaram a ele estas palavras, 'Ó Agni, não estenda teu corpo! Tu nos consumirás? Olhe, esta pilha enorme de tuas chamas está se expandindo amplamente!' E Agni

respondeu, 'Ó perseguidores dos Asuras, não é como vocês imaginam. Este é Garuda de grande força e igual a mim em esplendor, dotado de grande energia, e nascido para promover a alegria de Vinata. Mesmo a visão desta pilha de refulgência causou essa ilusão em vocês. Ele é o filho poderoso de Kasyapa, o destruidor dos Nagas, dedicado ao bem-estar dos deuses e o inimigo dos Daityas e dos Rakshasas. Não temam de modo algum. Venham comigo e vejam.' Assim endereçados, os deuses junto com os Rishis foram em direção a Garuda e o adoraram de uma distância.

Os deuses disseram, 'Tu és um Rishi (alguém conhecedor de todos os mantras), partilhas da maior porção em sacrifícios, sempre resplandecente, o controlador das aves, o espírito que preside o universo animado e inanimado. Tu és o destruidor de tudo, o criador de tudo; tu és o próprio Hiranyagarbha; tu és o progenitor da criação na forma de Daksha e outros Prajapatis; tu és Indra (o rei dos deuses), tu és Hayagriva a encarnação de pescoço de cavalo de Vishnu; tu és a flecha (o próprio Vishnu, porque ele se tornou tal nas mãos de Mahadeva no incêndio de Tripura); tu és o senhor do universo; tu és a boca de Vishnu; tu és Padmaja de quatro faces; tu és o Brahmana (sábio), tu és Agni, Pavana, etc. (as divindades presidentes de todos os objetos no universo). Tu és conhecimento, tu és a ilusão à qual nós todos estamos sujeitos; tu és o espírito que permeia tudo; tu és o senhor dos deuses; tu és a grande Verdade; tu és destemido; tu és sempre imutável; tu és Brahma sem atributos; tu és a energia do Sol; tu és as funções intelectuais; tu és nosso grande protetor; tu és o oceano de santidade; tu és pureza; tu és privado dos atributos da escuridão; tu és o possuidor dos seis atributos elevados; tu és aquele que não pode ser resistido em disputa. De ti todas as coisas emanaram; tu és de atos excelentes; tu és tudo o que não é e tudo o que é. Tu és conhecimento puro; tu revelas para nós, como Surya faz por meio de seus raios, este universo animado e inanimado; tu escureces o esplendor de Surya a todo o momento, e tu és o destruidor de tudo; tu és tudo o que é perecível e tudo o que é imperecível. Ó tu resplandecente como Agni, tu queimas tudo assim como Surya em sua fúria queima todas as criaturas. Ó terrível, tu resistes assim como o fogo que destrói tudo na época da Dissolução Universal. Ó Garuda poderoso que te moves nos céus, nós buscamos a tua proteção. Ó senhor das aves, tua energia é extraordinária, teu esplendor é aquele do fogo, teu brilho é como aquele do relâmpago do qual nenhuma escuridão pode se aproximar. Tu alcanças as próprias nuvens, e és a causa e o efeito; o distribuidor de bênçãos e invencível em bravura. Ó Senhor, todo esse universo se tornou quente por causa do teu esplendor, brilhante como o esplendor do ouro aquecido. Protejas estes deuses de grande alma, que dominados por ti e também apavorados, estão voando pelos céus em diferentes direções em seus carros celestes. Ó tu melhor das aves, tu Senhor de tudo, tu és o filho do piedoso Rishi Kasyapa de grande alma; portanto, não te enfureças, mas te apiedes do universo. Tu és Supremo. Ó, pacifiques tua raiva e nos preserves. Por meio da tua voz, alta como o ribombo do trovão, os dez pontos, os céus, a Terra e nossos corações, ó ave, tu estás fazendo tremer continuamente. Ó, diminuas este teu corpo parecido com Agni. À vista do esplendor parecendo aquele de Yama quando em fúria, nossos corações

perdem toda equanimidade e tremem. Ó tu senhor das aves, sejas propício para nós que pedimos tua piedade! Ó ilustre, nos concedas boa sorte e alegria.'

E aquela ave de belas penas, assim adorada pelas divindades e diversos grupos de Rishis, reduziu sua própria energia e esplendor."

E assim termina o vigésimo terceiro capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

24

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Então tomando conhecimento e observando seu próprio corpo, aquela ave de belas penas diminuiu seu tamanho.

E Garuda disse, 'Que nenhuma criatura tema; e porque vocês estão assustados à visão da minha forma terrível, eu diminuirei minha energia.'"

Sauti continuou, "Então aquela ave capaz de ir a todo lugar à vontade, aquele explorador dos céus capaz de chamar em seu auxilio qualquer medida de energia, levando Aruna em suas costas, viajou até a casa de seu pai e chegou ao lado de sua mãe na outra margem do grande oceano. E ele colocou Aruna de grande esplendor nas regiões do leste, justo na hora em que Surya tinha resolvido queimar os mundos com seus raios ardentes."

Saunaka disse, "Quando o venerável Surya resolveu queimar os mundos? Que ofensa foi feita a ele pelos deuses que provocou sua ira?"

Sauti disse, "Ó impecável, quando Rahu estava bebendo o néctar entre os deuses no momento do batimento do oceano ele foi apontado aos deuses por Surya e Soma, e daquela hora em diante ele concebeu uma inimizade em relação àquelas divindades. E após isto Rahu procurou devorar aquele que o afligia (Surya), que se enfureceu e pensou, 'Oh, esta inimizade de Rahu em relação a mim surgiu do meu desejo de beneficiar os deuses. E esta consequência terrível eu tenho que suportar sozinho. De fato, nesta situação difícil eu não obtenho ajuda. E diante dos próprios olhos dos habitantes do céu eu vou ser devorado e eles toleram isto quietamente. Portanto, eu devo me esforçar para a destruição dos mundos.' E com esta resolução ele foi para as montanhas do oeste.

E daquele local ele começou a irradiar seu calor para a destruição do mundo. E então os grandes Rishis, se aproximando dos deuses, falaram para eles, 'Vejam, no meio da noite surge um grande calor enchendo de medo todos os corações, e destrutivo dos três mundos.' Então os deuses, acompanhados pelos Rishis, foram até o Avô, e disseram a ele, 'O que é este grande calor hoje que causa tal pânico? Surya ainda não surgiu, ainda assim a destruição (do mundo) é óbvia. Ó Senhor, o que acontecerá quando ele surgir?' O Avô respondeu, 'De fato, Surya está

preparado para surgir hoje para a destruição do mundo. Logo que ele aparecer ele reduzirá tudo a um monte de cinzas. Por mim, no entanto, a solução foi providenciada com antecedência. O inteligente filho de Kasyapa é conhecido por todos pelo nome de Aruna. Ele é enorme de corpo e de grande esplendor; ele ficará na frente de Surya, cumprindo o dever de seu quadrigário e tirando toda a energia do primeiro. E isto assegurará o bem-estar dos mundos, dos Rishis, e dos habitantes do céu.'"

Sauti continuou, "Aruna, por ordem do Avô, fez tudo o que lhe foi ordenado fazer. E Surya surgiu encoberto pelo corpo de Aruna. Eu te contei agora por que Surya estava com raiva, e como Aruna, o irmão de Garuda, foi nomeado como seu quadrigário. Ouças agora a respeito daquela outra pergunta feita por ti há pouco tempo atrás."

E assim termina o vigésimo quarto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

25

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Então aquela ave de grande força e energia e capaz de ir a todo lugar à vontade foi para o lado de sua mãe na outra margem do grande oceano. Lá vivia Vinata em aflição, derrotada na aposta e colocada em um estado de escravidão. Uma vez Kadru chamando Vinata que tinha se prostrado diante da primeira, dirigiu a ela estas palavras na presença de seu filho, 'Ó amável Vinata, há no meio do oceano, em uma área remota, uma região encantadora e formosa habitada pelos Nagas. Me leve até lá!' Nisto a mãe da ave de bela plumagem carregou (em seus ombros) a mãe das cobras. E Garuda também, guiado pelas palavras de sua mãe, carregou (em suas costas) as cobras. E aquele explorador dos céus nascido de Vinata começou a subir em direção ao Sol. E nisto as cobras, chamuscadas pelos raios do Sol, desmaiaram. E Kadru vendo seus filhos naquele estado rezou para Indra, dizendo, 'Eu reverencio a ti, Senhor de todos os deuses! Eu reverencio a ti, matador de Vritra! Eu reverencio a ti, matador de Namuchi! Ó tu de mil olhos, consorte de Sachi! Por meio de tuas chuvas, seja o protetor das cobras chamuscadas pelo Sol. Ó tu melhor das divindades, tu és o nosso grande protetor. Ó Purandara, tu és capaz de conceder chuva em torrentes. Tu és Vayu (o ar), as nuvens, o fogo, e o relâmpago dos céus. És tu que impulsionas as nuvens, e tens sido chamado de a grande nuvem (aquela que escurecerá o universo no fim do Yuga). Tu és o feroz e incomparável trovão, e as nuvens retumbantes. Tu és o Criador dos mundos e seu Destruidor. Tu és inconquistável. Tu és a luz de todas as criaturas, Aditya, Vibhavasu, e os elementos extraordinários. Tu és o soberano de todos os deuses. Tu és Vishnu. Tu tens mil olhos. Tu és um deus, e o recurso final. Tu és, ó divindade, todo o amrita, e o mais adorado Soma. Tu és o momento, o dia lunar, o bala (minuto), tu és o kshana (4 minutos). Tu és a quinzena iluminada, e também a quinzena escura. Tu és kala, kashtha, e Truti (divisões de

tempo). Tu és o ano, as estações, os meses, as noites, e os dias. Tu és a Terra formosa com suas montanhas e florestas. Tu és também o firmamento, resplandecente com o Sol. Tu és o grande Oceano com vagalhões violentos e cheio de baleias, engolidores de baleias, e makaras, e vários peixes. Tu és de grande renome, sempre adorado pelos sábios e pelos grandes Rishis com as mentes absortas em contemplação. Tu bebes, pelo bem de todas as criaturas, o suco Soma em sacrifícios e a manteiga clarificada oferecida com invocação sagrada. Tu és sempre adorado em sacrifícios por Brahmanas movidos pelo desejo de resultado. Ó tu de incomparável massa de força, tu és cantado nos Vedas e Vedangas. É por esta razão que Brahmanas eruditos determinados a realizar sacrifícios, estudam os Vedas com todo o cuidado.'"

E assim termina o vigésimo quinto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

26

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "E então Indra, o rei dos deuses, tendo o melhor dos cavalos como seu transportador, assim adorado por Kadru, cobriu o firmamento inteiro com massas de nuvens azuis. E ele comandou as nuvens, dizendo, 'Derramem suas gotas vivificantes e abençoadas!' E aquelas nuvens, luminosas com relâmpagos, e rugindo incessantemente umas contra as outras no céu, despejaram água abundante. E no céu, por causa daquelas nuvens extraordinárias rugindo terrivelmente que estavam gerando sem cessar vastas quantidades de água, parecia que o fim do Yuga tinha chegado. E por causa das miríades de ondas causadas pelas torrentes caindo, do rugido profundo das nuvens, dos lampejos de relâmpago, da violência do vento, e da agitação geral, o céu parecia estar dançando em loucura. O céu ficou obscurecido, e os raios do Sol e da Lua desapareceram totalmente por causa daquele aguaceiro incessante.

E por Indra causar aquele aguaceiro os Nagas ficaram muito encantados. E a Terra estava cheia de água por toda parte. A água fria e límpida alcançou até as regiões inferiores. E houve inúmeras ondas de água por toda a Terra. E as cobras com sua mãe alcançaram (em segurança) a ilha chamada Ramaniyaka."

E assim termina o vigésimo sexto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

27

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Então os Nagas, encharcados por aquela chuva, ficaram muito contentes. E levados por aquela ave de belas penas, eles logo chegaram à ilha. Aquela ilha tinha sido fixada pelo Criador do Universo como a residência dos

makaras. Lá eles viram o terrível Lavana Samudra (oceano de sal). Ao chegarem lá com Garuda, eles viram uma bela floresta banhada pelas águas do mar e ressoando com a música de coros alados. E havia grupos de árvores por todos os lados carregadas com várias frutas e flores. E lá havia também belas mansões por toda parte, e muitos tanques cheios de lotos. E ela era também adornada com muitos lagos de água pura, e refrescada por brisas puras perfumadas com incenso. E ela era adornada com muitas árvores que cresciam somente nas colinas de Malaya, que pareciam por sua altura alcançar os próprios céus. E havia também várias outras árvores cujas flores eram espalhadas por toda parte pela brisa. Aquela floresta era encantadora e preciosa para os Gandharvas e sempre lhes dava prazer. E ela estava cheia de abelhas enlouquecidas pelo mel que elas sugavam. E a visão de tudo aquilo era muito agradável. E por causa de muitas coisas lá, capazes de encantar a todos, aquela floresta era bela, fascinante, e sagrada. E, ecoando com as notas de várias aves, ela agradou muito os filhos de Kadru.

E as cobras, depois de chegarem àquela floresta, começaram a se divertir. E elas ordenaram o senhor das aves, Garuda de grande energia, dizendo, ‘Nos transporte para alguma outra ilha bela com água pura. Tu, explorador dos céus, deves ver muitas regiões belas enquanto percorre (o céu)’. Garuda, depois de refletir por poucos instantes, questionou sua mãe Vinata, dizendo, 'Por que, mãe, eu tenho que fazer o que as cobras mandam?' Vinata, assim questionada por ele falou para aquele explorador dos céus, seu filho, investido com todas as virtudes, de grande energia e grande força, o seguinte. Vinata disse, 'Ó tu melhor das aves, eu me tornei, por desgraça, a escrava da minha co-esposa. As cobras, por meio de um ato fraudulento, me fizeram perder uma aposta e me fizeram isso.' Quando sua mãe havia lhe dito a razão, o explorador dos céus, abatido pela dor, se dirigiu às cobras, dizendo, 'Me digam, ó cobras, por trazer que coisa, ganhar conhecimento de que coisa, ou fazer qual ato de bravura, nós podemos ser libertos desta condição de escravidão a vocês.' Sauti continuou, 'As cobras, ouvindo ele, disseram: ‘Traga amrita pela força. Então, ó ave, vocês serão libertos da escravidão.’”

E assim termina o vigésimo sétimo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

28

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Garuda, assim endereçado pelas cobras, então disse para sua mãe, 'Eu trarei amrita, mas desejo comer alguma coisa no caminho. Instrua-me como fazer isso.' Vinata respondeu, 'Em uma região remota no meio do oceano, os Nishadas têm sua bela casa. Tendo comido os milhares de Nishadas que vivem lá, tragas amrita. Mas que teu coração nunca decida tirar a vida de um Brahmana. De todas as criaturas um Brahmana não deve ser morto. Ele é, de fato,

como fogo. Um Brahmana, quando zangado, se torna como o fogo ou o Sol, como veneno ou uma arma afiada. Um Brahmana, é dito, é o mestre de todas as criaturas. Por essas e outras razões, um Brahmana é venerado pelos virtuosos. Ó filho, ele nunca deve ser morto por ti mesmo que estejas com raiva. Hostilidade com Brahmanas, portanto, não seria apropriada sob quaisquer circunstâncias. Ó impecável, nem Agni nem Surya podem destruir tanto quanto um Brahmana de votos rígidos, quando zangado. Por essas várias indicações tu deves reconhecer um bom Brahmana. De fato, o brahmana é o primogênito de todas as criaturas, a principal das quatro classes, o pai e o mestre de todos.' Garuda então perguntou, 'Ó mãe, de que forma é um Brahmana, de que comportamento, e de que destreza? Ele brilha como fogo, ou ele é de aparência tranquila? E, ó mãe, cabe a ti dizer à minha pessoa inquiridora aqueles sinais auspiciosos pelos quais eu posso reconhecer um Brahmana.' Vinata respondeu, dizendo, 'Ó filho, tu reconhecerás como o melhor dentre os Brahmanas aquele que tendo entrado na tua garganta te torturará como um anzol ou te queimará como carvão ardente. Um Brahmana nunca deve ser morto por ti mesmo que estejas com raiva.' E Vinata, por afeição por seu filho, novamente lhe disse essas palavras, 'Deve ser reconhecido por ti como um bom Brahmana aquele que não for digerido no teu estômago.' Embora ela conhecesse a força incomparável de seu filho, ainda ela o abençoou sinceramente, porque, enganada pelas cobras, ela estava muito aflita. E ela disse, 'Que Marut (o deus dos ventos) proteja tuas asas, e Surya e Soma tuas regiões vertebrais; que Agni proteja tua cabeça, e os Vasus todo o teu corpo. Eu também, ó filho (ocupada em cerimônias benéficas), me sentarei aqui pelo teu bem-estar. Vá então, ó filho, em segurança realizar teu propósito.'"

Sauti continuou, "Então Garuda, tendo ouvido as palavras de sua mãe, esticou suas asas e ascendeu aos céus. E dotado de grande força, ele logo caiu sobre os Nishadas, faminto e como outro Yama. E determinado a matar os Nishadas, ele ergueu uma grande quantidade de poeira que se espalhou pelo firmamento, e aspirando água do meio do oceano, sacudiu as árvores que cresciam nas montanhas adjacentes. E então aquele senhor das aves obstruiu as principais ruas da cidade dos Nishadas com sua boca, aumentando sua abertura à vontade. E os Nishadas começaram a se lançar com muita pressa na direção da boca aberta do grande comedor de serpentes. E como aves em grande aflição sobem às milhares para os céus quando as árvores em uma floresta são sacudidas pelos ventos, assim aqueles Nishadas cegos pela poeira erguida pela tempestade entraram na fissura amplamente estendida da boca de Garuda aberta para recebê-los. E então o faminto senhor de todos os exploradores dos céus, aquele opressor de inimigos, dotado de grande força, e se movendo com a maior rapidez para alcançar seu objetivo, fechou sua boca, matando inúmeros Nishadas que eram pescadores."

Assim termina o vigésimo oitavo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

29

(Continuação do Astika Parva)

Sauti continuou, “Certo Brahmana com sua esposa tinha entrado na garganta daquele explorador dos céus. O primeiro começou a queimar a garganta da ave como um pedaço de carvão ardente. Garuda se dirigiu a ele, dizendo, ‘Ó melhor dos Brahmanas, saia logo da minha boca a qual eu abro para ti. Um Brahmana nunca deve ser morto por mim mesmo que esteja envolvido em práticas pecaminosas.’ Para Garuda que tinha se dirigido a ele desta maneira o Brahmana disse, ‘Ó, que esta mulher da casta Nishada, que é minha esposa, também saia comigo.’ E Garuda disse, ‘Levando a mulher também da casta Nishada contigo, saia logo. Salve a ti mesmo sem demora já que tu ainda não foste digerido pelo calor do meu estômago.'”

Sauti continuou, “E então aquele Brahmana, acompanhado por sua mulher da casta Nishada, saiu, e louvando Garuda seguiu seu caminho. E quando aquele Brahmana tinha saído com sua mulher, aquele senhor das aves, veloz como a mente, esticando suas asas subiu aos céus. Ele então viu seu pai, e, saudado por ele, Garuda, de destreza incomparável, deu as respostas apropriadas. E o grande Rishi (Kasyapa) então perguntou, ‘Ó filho, está tudo bem contigo? Tu consegues comida suficiente todo dia? Há alimento em abundância para ti no mundo dos homens?’

Garuda respondeu, ‘Minha mãe está sempre bem. E assim está meu irmão, e assim estou eu. Mas pai, eu nem sempre obtenho bastante comida, por isso minha paz é incompleta. Eu fui enviado pelas cobras para buscar o excelente amrita. De fato, eu buscá-lo-ei hoje para emancipar minha mãe da escravidão. Minha mãe me mandou, dizendo, ‘Coma os Nishadas.’ Eu os comi aos milhares, mas minha fome não está satisfeita. Portanto, ó venerável, indique para mim algum outro alimento, por comer o qual, ó mestre, eu possa ser forte o suficiente para trazer amrita pela força. Tu deves indicar algum alimento com o qual eu possa satisfazer minha fome e sede.'

Kasyapa respondeu, ‘Este lago que tu procuras é sagrado. Ele é conhecido até nos céus. Lá há um elefante, com face para baixo, que arrasta continuamente uma tartaruga, seu irmão mais velho. Eu te falarei em detalhes sobre a hostilidade deles em uma vida anterior. Apenas escute enquanto eu te conto por que eles estão lá.

Havia antigamente um grande Rishi de nome Vibhavasu. Ele era extremamente colérico. Ele tinha um irmão mais novo de nome Supritika. O último era avesso a manter sua riqueza juntamente com a de seu irmão. E Supritika ia sempre falar de divisão. Depois de algum tempo seu irmão Vibhavasu disse a Supritika, 'É por grande tolice que pessoas cegas por amor pela riqueza sempre desejam fazer uma divisão de seu patrimônio. Depois de efetuarem a divisão elas brigam entre si, iludidas pela riqueza. Então também, inimigos no disfarce de amigos causam desavenças entre homens ignorantes e egoístas depois que eles se tornam

separados em riqueza, e indicando falhas fortalecem suas rixas, desse modo os últimos logo caem um a um. A ruína absoluta logo traga os separados. Por essas razões os sábios nunca falam com aprovação sobre a divisão entre irmãos que, quando divididos, não respeitam os Sastras mais autorizados e vivem sempre com medo um do outro. Mas como tu, Supritika, sem respeitar meu conselho impelido pelo desejo de separação, sempre desejas fazer um arranjo acerca da nossa propriedade, tu te tornarás um elefante.' Supritika, assim amaldiçoado, então falou a Vibhavasu, 'Tu também virarás uma tartaruga se movendo no meio das águas.'

E assim por causa da riqueza aqueles dois tolos, Supritika e Vibhavasu, por causa da maldição um do outro, se tornaram um elefante e uma tartaruga respectivamente. Devido à sua ira, eles viraram animais inferiores. E eles estão envolvidos em hostilidades um com o outro, orgulhosos de sua força excessiva e do peso de seus corpos. E naquele lago aqueles dois seres de corpos enormes agem segundo sua antiga hostilidade. Olhe lá, um entre eles, o belo elefante de corpo enorme, está agora mesmo se aproximando. Ouvindo seu rugido, a tartaruga também de corpo enorme, vivendo dentro das águas, vem para fora, agitando o lago violentamente. E vendo ele, o elefante, torcendo seu tronco, se lança na água. E dotado de grande energia, com o movimento de suas presas e da parte dianteira de seu tronco e rabo e pés, ele agita a água do lago cheio de peixes. E a tartaruga também de grande força, com cabeça erguida, se adianta para um combate. E o elefante tem seis yojanas de altura e duas vezes essa medida de circunferência. E a altura da tartaruga é três yojanas e sua circunferência dez. Coma ambos que estão envolvidos loucamente no combate e inclinados a matar um ao outro, e então realize a tarefa que tu desejas. Comendo aquele elefante feroz que parece com uma montanha enorme e se assemelha a uma massa de nuvens escuras, traga o amrita.'"

Sauti continuou, "Tendo dito isso para Garuda, ele (Kasyapa) o abençoou, dizendo, 'Seja abençoado quando estiveres em combate com os deuses. Que jarros de água cheios até a borda, Brahmanas, vacas e outros objetos propícios te abençoem, ovíparo. E, ó tu de grande força, quando tu estiveres em combate com os deuses, que os Riks, os Yajus, os Samas, a manteiga sacrifical sagrada e todos os mistérios (Upanishads) constituam tua força.'

Garuda, assim endereçado por seu pai, se dirigiu para o lado daquele lago. Ele viu aquela extensão de água clara com aves de várias espécies em volta. E lembrando-se das palavras de seu pai, aquele explorador dos céus possuidor de grande rapidez de movimento agarrou o elefante e a tartaruga, um em cada garra. E aquela ave então se elevou alto no ar. E ele chegou a um lugar sagrado chamado Alamva e viu muitas árvores divinas. E atingidas pelo vento erguido por suas asas, aquelas árvores começaram a tremer de medo. E aquelas árvores divinas tendo ramos dourados temeram se quebrar. E o explorador dos céus vendo que aquelas árvores capazes de conceder todo desejo estavam tremendo com medo, foi até outras árvores de aparência incomparável. Aquelas árvores gigantescas eram adornadas com frutos de ouro e prata e ramos de pedras preciosas. E elas eram banhadas com a água do mar. E havia uma grande figueira de bengala (banian) entre elas, que tinha crescido a proporções gigantescas, que

falou àquele senhor das aves que seguia em direção a ela com a velocidade da mente, 'Sente neste meu ramo largo que se estende por cem yojanas e coma o elefante e a tartaruga.' Quando aquela melhor das aves, de grande rapidez e de corpo parecendo uma montanha, desceu rapidamente sobre um ramo daquela árvore banian, o refúgio de milhares de criaturas aladas, aquele ramo também cheio de folhas tremeu e se quebrou."

Assim termina o vigésimo nono capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

30

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Ao próprio toque de Garuda de grande força com seus pés, o ramo da árvore quebrou e foi pego por Garuda. Olhando em volta admirado ele viu Rishis Valakhilya suspensos dali com cabeças para baixo e engajados em penitências ascéticas. Refletindo que se aquele ramo caísse os Rishis estariam mortos, o poderoso segurou o elefante e a tartaruga ainda mais firmemente com suas garras. E por medo de matar os Rishis e desejando salvá-los, ele segurou aquele ramo em seu bico, e se ergueu em suas asas. Os grandes Rishis estavam admirados à visão daquele ato dele que estava além até do poder dos deuses, e deram àquela ave poderosa um nome. E eles disseram, 'Como este explorador dos céus se eleva em suas asas carregando uma carga pesada, que esta principal das aves que tem cobras como seu alimento seja chamada de Garuda (carregador de grande peso)'.

E sacudindo as montanhas com suas asas, Garuda percorreu calmamente os céus. E quando ele voou com o elefante e a tartaruga (em suas garras), e viu várias regiões abaixo. Desejando salvar os Valakhilyas, ele não viu um local sobre o qual pousar. Finalmente ele foi àquela principal das montanhas chamada Gandhamadana. Lá ele viu seu pai Kasyapa ocupado em devoções ascéticas. Kasyapa também viu seu filho, aquele explorador dos céus, de forma divina, possuidor de grande esplendor, e energia e força, e dotado da velocidade do vento ou da mente, enorme como um topo de montanha, um atacante preparado como a maldição de um Brahmana, inconcebível, indescritível, assustador para todas as criaturas, possuidor de grande coragem, terrível, do esplendor do próprio Agni, e incapaz de ser vencido pelas divindades, Danavas, e Rakshasas invencíveis, capaz de partir picos de montanha e sugar o próprio oceano e destruir os três mundos, feroz, e parecendo com o próprio Yama. O ilustre Kasyapa, vendo ele se aproximar e sabendo também seu motivo, falou para ele essas palavras:

Kasyapa disse, 'Ó filho, não cometa um ato precipitado, pois então tu terias que sofrer. Os Valakhilyas, se sustentando por beberem os raios do sol, se zangados, podem te destruir.'"

Sauti continuou, “Kasyapa então conciliou, por causa de seu filho, os Valakhilyas de excelente boa sorte e cujos pecados tinham sido destruídos por penitências ascéticas. E Kasyapa disse, ‘Vocês cuja riqueza é ascetismo, o trabalho de Garuda é para o bem de todas as criaturas. É grande a tarefa que ele está se esforçando para realizar. Cabe a vocês conceder a ele sua permissão.’”

Sauti continuou, “Aqueles ascetas assim endereçados pelo ilustre Kasyapa abandonaram aquele ramo e foram para a montanha sagrada de Himavat para propósitos de penitências ascéticas. Depois que aqueles Rishis tinham ido embora, o filho de Vinata, com a voz obstruída pelo ramo em seu bico, questionou seu pai Kasyapa dizendo, 'Ó ilustre, onde eu jogo este ramo da árvore? Ó ilustre, indiques para mim alguma região sem seres humanos.' Então Kasyapa falou de uma montanha sem seres humanos com cavernas e vales sempre cobertos de neve e incapaz de ser alcançada por criaturas comuns mesmo em pensamento. E a grande ave carregando aquele ramo, e aquele elefante e aquela tartaruga, foi com grande velocidade em direção àquela montanha. O grande galho da árvore com o qual aquela ave de corpo enorme voou não poderia ser circundado por uma corda feita de cem peles (de vaca). Garuda, o senhor das aves, então voou por centenas de milhares de yojanas dentro do tempo mais curto. E seguindo de acordo com as indicações de seu pai para aquela montanha quase em um instante, aquele explorador dos céus deixou cair o ramo gigantesco. E ele caiu com um grande barulho. E aquele Príncipe das montanhas tremeu atingido pela tempestade erguida pelas asas de Garuda. E as árvores sobre ele derramaram chuvas de flores. E os picos decorados com pedras preciosas e ouro adornando aquela grande montanha se desprenderam e caíram para todos os lados. E o ramo caindo derrubou numerosas árvores que, com flores douradas em meio à folhagem escura, brilharam lá como nuvens carregadas de relâmpagos. E aquelas árvores, brilhantes como ouro, caindo ao solo e, tingidas com os metais da montanha, brilhavam como se elas estivessem banhadas nos raios do sol.

Então aquela melhor das aves, Garuda, pousando no topo daquela montanha, comeu o elefante e a tartaruga e se ergueu em suas asas com grande velocidade do topo da montanha.

E vários presságios começaram a aparecer entre os deuses predizendo temor. O raio predileto de Indra se inflamou em terror. Meteoros com chamas e fumaça, soltos do céu, caíam durante o dia. E as armas dos Vasus, Rudras, Adityas, Sabhyas, Maruts, e dos outros deuses começaram a gastar sua força umas contra as outras. Tal coisa nunca tinha acontecido nem durante a guerra entre os deuses e os Asuras. E os ventos sopraram acompanhados com trovões, e meteoros caíam aos milhares. E o céu, embora sem nuvens, rugia tremendamente. E até ele que era o deus dos deuses despejou chuvas de sangue. E as guirlandas floridas nos pescoços dos deuses murcharam e a coragem deles sofreu diminuição. E terríveis massas de nuvens derramaram chuvas grossas de sangue. E o pó erguido pelo vento escureceu o esplendor das próprias coroas dos deuses. E ele de mil sacrifícios (Indra), com os outros deuses, perplexos com medo ao ver aqueles maus presságios falaram para Vrihaspati dessa maneira, 'Por que, ó venerável, estes distúrbios naturais surgiram de repente? Eu não vejo um inimigo

que possa nos oprimir em guerra.' Vrihaspati respondeu, 'Ó chefe dos deuses, ó tu de mil sacrifícios, é por tua falha e descuido, e também devido às penitências ascéticas dos Rishis de grande alma, os Valakhilyas, que o filho de Kasyapa e Vinata, um explorador dos céus dotado de grande força e que possui a capacidade de assumir qualquer forma à vontade, está se aproximando para roubar o Soma. E aquela ave, mais notável entre todos os que são dotados com grande força, é capaz de roubar o Soma de vocês. Tudo é possível para ele; ele pode alcançar o inalcançável.'"

Sauti continuou, "Indra, tendo ouvido essas palavras, então falou para aqueles que guardavam o amrita, dizendo, 'Uma ave dotada de grande força e energia decidiu roubar o amrita. Eu aviso a vocês com antecedência para que ele não possa ter êxito em levá-lo pela força. Vrihaspati me disse que a força dele é imensurável.' E os deuses ouvindo isso ficaram assombrados e tomaram precauções. E eles permaneceram cercando o amrita, e Indra também de grande bravura, o manejador do trovão, ficou com eles. E os deuses usavam curiosos peitorais de ouro, de grande valor, e ornamentados com pedras preciosas, e brilhantes armaduras feitas de couro de grande resistência. E as divindades poderosas manejavam várias armas de gume afiado de formas terríveis, inumeráveis, emitindo, todas elas, faíscas de fogo com fumaça. E eles estavam também armados com muitos discos e maças de ferro equipados com pontas, e tridentes, machados de batalha, e várias espécies de mísseis de pontas afiadas e espadas e maças brilhantes de formas aterradoras, todas sendo apropriadas para seus respectivos corpos. E enfeitados com ornamentos celestes e resplandecentes com aquelas armas brilhantes, os deuses esperaram lá, seus temores diminuídos. E os deuses de força, energia e esplendor incomparáveis, resolveram proteger o amrita. Capazes de rachar as cidades dos Asuras, todos se mostravam em formas resplandecentes como o fogo. E por causa dos deuses permanecendo lá, aquele (suposto) campo de batalha, devido a centenas de milhares de maças equipadas com pontas de ferro, brilhava como outro firmamento iluminado pelos raios do Sol."

Assim termina o trigésimo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

31

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, "Ó filho de Suta, qual foi a falha de Indra, qual seu ato de negligência? Como Garuda nasceu em consequência das penitências ascéticas dos Valakhilyas? Por que também Kasyapa, um Brahman, teve o rei das aves como filho? Por que, também, de todas as criaturas ele era invencível e impossível de ser morto? Por que também aquele explorador dos céus era capaz de ir a todos os lugares à vontade e de reunir à vontade qualquer quantidade de energia? Se isto é descrito no Purana, eu gostaria de ouvir."

Sauti disse, “O que tu me perguntas é, de fato, assunto do Purana. Ó duas vezes nascido, escute enquanto eu narro tudo isto resumidamente.

Uma vez, quando o senhor da criação, Kasyapa, estava ocupado em um sacrifício por desejo de filhos, os Rishis, os deuses e os Gandharvas, todos o ajudaram. E Indra foi designado por Kasyapa para trazer o combustível sacrifical; e com ele aqueles ascetas Valakhilyas, e todas as outras divindades. E o senhor Indra, erguendo em conformidade com sua própria força, um peso que era como uma montanha, o carregou sem qualquer fadiga. E ele viu no caminho alguns Rishis, de corpos da medida do polegar, todos juntos carregando um único talo de uma folha de Palasa (Butea frondosa). E aqueles Rishis eram, por falta de alimento, muito magros e quase imersos em seus próprios corpos. E eles eram tão fracos que ficavam muito aflitos quando caíam na água acumulada em um entalhe na estrada produzido pelo casco de uma vaca. E Purandara, orgulhoso de sua força, os observou com surpresa, e dando risada deles em escárnio logo os deixou para trás os insultando, além disso, por passar sobre suas cabeças. E aqueles Rishis sendo insultados dessa maneira se encheram de raiva e tristeza. E eles fizeram preparativos para um grande sacrifício pelo que Indra ficou assustado. Ouça, ó Saunaka, a respeito do desejo pela realização do qual aqueles sábios cumpridores de votos e excelentes ascetas derramaram manteiga clarificada no fogo sacrifical com mantras ruidosamente proferidos, 'Haverá outro Indra de todos os deuses, capaz de ir a todos os lugares à vontade, e de reunir à vontade qualquer quantidade de energia, e de encher de medo o (atual) rei dos deuses. Pelo fruto de nossa penitência ascética, que ele surja veloz como a mente, e, além disso, feroz.' E o senhor dos celestiais de cem sacrifícios, vindo a saber disso, ficou muito alarmado e procurou a proteção de Kasyapa cumpridor de votos. E o Prajapati Kasyapa, ouvindo tudo de Indra, foi até os Valakhilyas e perguntou a eles se seu sacrifício tinha sido bem sucedido. E aqueles Rishis faladores da verdade responderam a ele, dizendo, 'Que seja como tu disseres!' E o Prajapati Kasyapa, os acalmando, falou a eles o seguinte, 'Pela palavra de Brahman, este (Indra) foi feito o Senhor dos três mundos. Ó ascetas, vocês também estão se esforçando para criar outro Indra! Ó excelentes, não cabe a vocês falsificar a palavra de Brahman. Também que este propósito, para (realizar) o qual vocês estão se esforçando, não se torne inútil. Que surja um Indra (Senhor) das criaturas aladas, dotado de excesso de força! Sejam benevolentes com Indra que é um suplicante perante vocês.' E os Valakhilyas, assim endereçados por Kasyapa, depois de oferecerem reverência àquele principal dos Munis, o Prajapati Kasyapa, falaram.

Os Valakhilyas disseram, ‘Ó Prajapati, este sacrifício de nós todos é por um Indra! De fato ele também foi destinado para um filho nascer para ti! Que esta tarefa agora seja deixada para ti. E nesta questão faça o que quer que tu aches bom e apropriado.'”

Sauti continuou, “Enquanto isso, movida pelo desejo de filhos, a boa filha de Daksha, a cumpridora de votos, amável, e afortunada Vinata, com suas penitências ascéticas terminadas, tendo se purificado com um banho naquela época quando a companhia conjugal podia ser produtiva, se aproximou de seu

marido. E Kasyapa falou a ela, ‘Respeitada, o sacrifício começado por mim deu frutos. O que é desejado por ti acontecerá. Dois filhos heróicos nascerão para ti, que serão os senhores dos três mundos. Pelas penitências dos Valakhilyas e em virtude do desejo com o qual eu comecei meu sacrifício, aqueles filhos serão muito afortunados e adorados nos três mundos!’ E o ilustre Kasyapa falou a ela novamente, ‘Mantenha estas sementes auspiciosas com grande cuidado. Estes dois serão os senhores de todas as criaturas aladas. Estes heróicos exploradores dos céus serão respeitados em todos os mundos, e capazes de assumir qualquer forma à vontade.’

E o Prajapati, satisfeito com tudo o que aconteceu então se dirigiu a Indra de cem de sacrifícios, dizendo, 'Tu terás dois irmãos de grande energia e coragem, que serão para ti assim como colaboradores. Deles nenhuma injúria resultará para ti. Que tua tristeza acabe; tu continuarás como o senhor de tudo. No entanto, que os que pronunciam o nome de Brahma nunca mais sejam desdenhados por ti. Nem que os próprios coléricos, cujas palavras são como o raio, sejam outra vez insultados por ti.' Indra, assim endereçado, foi para o céu, com seus temores dissipados. E Vinata também, com seu objetivo alcançado, estava muito contente. E ela deu à luz a dois filhos, Aruna e Garuda. E Aruna, de corpo não desenvolvido, se tornou o precursor do Sol. E Garuda foi investido com o domínio sobre as aves. Ó tu da linhagem de Bhrigu, ouça atentamente agora à poderosa realização de Garuda.”

Assim termina o trigésimo primeiro capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

32

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Ó principal dos Brahmanas, os deuses tendo se preparado para a batalha daquela maneira, Garuda, o rei das aves, logo se aproximou daqueles sábios. E os deuses vendo ele de força excessiva começaram a tremer de medo, e atacaram uns aos outros com todas as suas armas. E entre aqueles que protegiam o Soma estava Brahmana (o arquiteto celeste), de poder incomensurável, refulgente como o fogo elétrico e de grande energia. E depois de um combate terrível que durou apenas um instante, conduzido pelo senhor das aves com suas garras, bico, e asas, ele (Brahmana) jazia como morto sobre os campos. E o explorador dos céus, fazendo os mundos ficarem escuros com a poeira erguida pelo furacão de suas asas, oprimiu os celestiais dessa forma. E os últimos, subjugados por aquela poeira, desmaiaram. E os imortais que protegiam o amrita, cegados por aquele pó, não podiam mais ver Garuda. Assim Garuda agitou a região dos céus. E assim mesmo ele mutilou os deuses com os ferimentos infligidos por suas asas e bico.

Então o deus de mil olhos comandou Vayu (o deus do vento), dizendo, ‘Dissipe logo essa chuva de poeira. Ó Maruta, esta é de fato, tua tarefa.' Então o poderoso

Vayu logo afastou a poeira. E quando a escuridão tinha desaparecido, os celestiais atacaram Garuda. E quanto ele de grande poder foi atacado pelos deuses, ele começou a rugir alto, como a grande nuvem que aparece no céu no fim do Yuga, aterrorizando toda criatura. E aquele rei das aves, de grande energia, aquele matador dos heróis hostis, então se ergueu em suas asas. Todos os sábios (os celestiais) com Indra entre eles, armados com espadas largas de dois gumes, maças de ferro equipadas com pontas afiadas, lanças pontudas, maças, flechas brilhantes, e muitos discos da forma do sol, o viram acima. E o rei das aves os atacou por todos os lados com chuvas de várias armas e lutou muito duramente sem vacilar um momento. E o filho de Vinata, de grande coragem brilhando no céu, atacou os deuses com suas asas e bico. E sangue começou a fluir copiosamente dos corpos dos deuses mutilados pelas garras e pelo bico de Garuda. Vencidos pelo senhor das aves, os Sadhyas com os Gandharvas fugiram para o leste, os Vasus com os Rudras em direção ao sul, os Adityas em direção ao oeste, e os gêmeos Aswins em direção ao norte. Dotados com grande energia, eles se retiraram da luta, olhando para trás a todo o momento para seu inimigo.

E Garuda teve combates com os Yakshas, Aswakranda de grande coragem, Rainuka, o audacioso Krathanaka, Tapana, Uluka, Swasanaka, Nimesha, Praruja, e Pulina. E o filho de Vinata os mutilou com suas asas, garras, e bico, como o próprio Siva, aquele castigador de inimigos, e o manejador de Pinaka em fúria no fim do Yuga. E aqueles Yakshas de grande força e coragem, completamente mutilados por aquele explorador dos céus, pareciam com massas de nuvens negras derramando chuvas grossas de sangue.

E Garuda, os privando de vida, então foi até onde o amrita estava. E ele viu que ele (o amrita) estava totalmente cercado por fogo. E as chamas terríveis daquele fogo cobriam o céu inteiro. E movidas por ventos violentos, elas pareciam dispostas a queimar o próprio Sol. O ilustre Garuda então assumiu noventa vezes noventa bocas e bebendo rapidamente as águas de muitos rios com aquelas bocas e retornando com grande velocidade, aquele castigador de inimigos, tendo asas como seu veículo, extinguiu aquele fogo com aquela água. E extinguindo aquele fogo, ele assumiu uma forma muito pequena, desejoso de entrar no (local onde o Soma estava).”

Assim termina o trigésimo segundo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

33

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “E aquela ave, assumindo um corpo dourado brilhante como os raios do Sol, entrou com grande força (na região onde o Soma estava), como uma corrente entrando no oceano. E ele viu colocada perto do Soma uma roda de aço de gume afiado, e afiada como a navalha, girando incessantemente. E aquele instrumento violento, do esplendor do sol brilhante e de forma terrível, tinha sido

planejado pelos deuses para cortar em pedaços todos os ladrões de Soma. Garuda, vendo uma passagem através dela, parou lá por um momento. Diminuindo seu corpo, em um instante ele passou pelos raios daquela roda. Dentro da linha da roda, ele viu posicionadas lá para guardar o Soma duas grandes cobras da refulgência do fogo ardente, com línguas brilhantes como o clarão do relâmpago, de grande energia, com bocas emitindo fogo, com olhos ardentes, contendo veneno, muito terríveis, sempre com raiva, e de grande presteza. Seus olhos estavam sempre inflamados com ira e também não piscavam. Aquele que pudesse ser visto mesmo por uma das duas seria imediatamente reduzido a cinzas. A ave de belas penas de repente cobriu seus olhos com poeira. E despercebido por elas ele as atacou de todos os lados. E o filho de Vinata, aquele explorador dos céus, atacando seus corpos, as mutilou em pedaços. Ele então se aproximou do Soma sem perda de tempo. Então o poderoso filho de Vinata, tirando o Amrita do lugar onde ele era mantido, se elevou em suas asas com grande velocidade, quebrando em pedaços a máquina que o tinha circundado. E a ave logo saiu, levando o Amrita, mas sem beber dele. E ele então tomou seu caminho sem a menor fadiga, escurecendo o esplendor do Sol.

E o filho de Vinata então encontrou Vishnu em seu caminho pelo céu. E Narayana estava satisfeito com aquele ato de desprendimento por parte de Garuda. E aquela divindade, que não conhece deterioração, disse ao explorador dos céus, ‘Ó, eu estou inclinado a te conceder uma bênção.’ O explorador dos céus então disse, ‘Eu ficarei acima de ti.’ E ele novamente falou para Narayana estas palavras, ‘Eu serei imortal e livre de doença sem (beber) Amrita.’ Vishnu disse ao filho de Vinata, ‘Assim seja.’ Garuda, recebendo aqueles dois benefícios, disse a Vishnu, ‘Eu também te concederei um benefício; portanto, que o possuidor dos seis atributos peça de mim.’ Vishnu então pediu para o poderoso Garuda se tornar seu transportador. E ele fez a ave se sentar no mastro de bandeira do seu carro, dizendo, ‘Assim tu ficarás acima de mim.’ E o explorador dos céus, de grande velocidade, dizendo para Narayana, ‘Assim seja’ rapidamente seguiu seu caminho, zombando do vento com sua velocidade.

E enquanto aquele principal de todos os exploradores dos céus, aquela principal das criaturas aladas, Garuda, percorria o ar depois de levar à força o Amrita, Indra lançou seu raio nele. Então Garuda, o senhor das aves, atingido pelo raio, falou rindo para Indra dedicado ao combate, em palavras gentis, dizendo, ‘Eu respeitarei o Rishi (Dadhichi) de cujo osso o Vajra foi feito. Eu também respeitarei o Vajra, e também a ti de mil sacrifícios. Eu deixo cair esta minha pena cuja ponta tu não alcançarás. Atingido pelo teu raio eu não senti a mínima dor.’ E tendo dito isso o rei das aves lançou uma pena sua. E todas as criaturas ficaram muito contentes, vendo aquela pena excelente de Garuda assim deixada cair. E vendo que a pena era muito bela, elas disseram, ‘Que esta ave seja chamada de Suparna (que tem belas penas)’. E Purandara de mil olhos, testemunhando esse incidente notável, pensou que aquela ave era algum grande ser e se dirigiu a ele dessa maneira.

E Indra disse, 'Ó melhor das aves, eu desejo conhecer o limite da tua grande força. Eu também desejo amizade eterna contigo.'”

Assim termina o trigésimo terceiro capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

34

(Continuação do Astika Parva)

Sauti continuou, “Garuda então disse, 'Ó Purandara, que haja amizade entre nós como tu desejas. Minha força, saiba, é difícil de suportar. Ó tu de mil sacrifícios, os bons nunca devem falar muito da sua própria força, nem a respeito dos seus próprios méritos. Mas sendo um amigo, e perguntado por ti, ó amigo, eu te responderei, embora auto-elogio sem razão sempre seja impróprio. Eu posso carregar, sobre uma única pena minha, ó Sakra, esta Terra, com suas montanhas e florestas e com as águas do oceano, e contigo também posicionado sobre ela. Saiba, minha força é tal que eu posso carregar sem qualquer fadiga até todos os mundos colocados juntos, com seus objetos móveis e imóveis.'”

Sauti continuou, ‘Ó Saunaka, depois que Garuda de grande coragem tinha falado dessa maneira, Indra, o chefe dos deuses, o portador da coroa (celeste), sempre dedicado ao bem dos mundos, respondeu, dizendo, ‘É como tu disseste. Tudo é possível em ti. Aceite agora minha sincera e cordial amizade. E se tu não tens interesse pelo Soma, devolva-o para mim. Aqueles a quem tu o darias sempre se oporiam a nós.’ Garuda respondeu, ‘Há um motivo específico pelo qual o Soma está sendo levado por mim. Eu não darei o Soma para alguém beber. Mas, ó tu de mil olhos, depois de eu tê-lo colocado no chão, tu, ó senhor dos céus, poderás então pegá-lo e imediatamente levá-lo para longe.’ Indra então disse, ‘Ó ovíparo, eu estou muito grato por essas palavras agora faladas por ti. Ó melhor de todos os exploradores dos céus; aceite de mim qualquer bênção que desejares.’”

Sauti continuou, “Então Garuda, lembrando dos filhos de Kadru e lembrando também da escravidão de sua mãe causada por um ato de fraude devido à razão bem conhecida (a maldição de Aruna), disse, ‘Embora eu tenha poder sobre todas as criaturas, eu ainda cumprirei tua ordem. Que, ó Sakra, as cobras poderosas se tornem meu alimento.’ O matador dos Danavas tendo dito a ele, ‘Assim seja’, então foi até Hari, o deus dos deuses, de grande alma, e o senhor dos Yogins. E o último sancionou tudo o que tinha sido dito por Garuda. E o ilustre senhor do céu disse novamente a Garuda, ‘Eu levarei o Soma quando tu o colocares no chão.’ E tendo falado dessa maneira ele se despediu de Garuda. E a ave de belas penas então foi até a presença de sua mãe com grande velocidade.

E Garuda em alegria então falou para todas as cobras, 'Aqui eu trouxe o Amrita. Deixem-me colocá-lo sobre alguma erva Kusa. Ó cobras, sentando aqui, bebam dele depois de terem realizado suas abluções e ritos religiosos. Como dito por vocês, que minha mãe se torne, deste dia em diante, livre, pois eu cumpri sua ordem.’ As cobras disseram a Garuda, 'Assim seja', e então foram realizar suas abluções. Enquanto isso, Sakra pegou o Amrita e voltou para o céu. As cobras

depois de realizarem suas abluções, suas devoções diárias, e outros ritos sagrados, voltaram em alegria, desejosas de beber o Amrita. Elas viram que o leito de erva kusa sobre o qual o Amrita tinha sido colocado estava vazio, o próprio Amrita tendo sido levado por um ato contrário de fraude. E elas começaram a lamber com suas línguas a erva kusa, porque o Amrita tinha estado sobre ela. E as línguas das cobras por causa daquele ato se dividiram em duas. E a erva kusa, também, pelo contato com Amrita, veio a ser sagrada desde então. Assim o ilustre Garuda trouxe Amrita (dos céus) para as cobras, e assim as línguas das cobras foram divididas pelo que Garuda fez.

Então a ave de belas penas, muito satisfeita, se divertiu naquelas florestas acompanhada por sua mãe. De realizações grandiosas, e profundamente reverenciado por todos os exploradores dos céus, ele satisfez sua mãe por devorar as cobras.

O homem que ouvir esta história, ou a ler para uma assembléia de bons Brahmanas, deve sem dúvida ir para o céu, adquirindo grande mérito da recitação (dos feitos de) Garuda."

E assim termina o trigésimo quarto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

35

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, "Ó filho de Suta, tu nos disseste a razão por que as cobras foram amaldiçoadas por sua mãe, e por que Vinata também foi amaldiçoada por seu filho. Tu também nos falaste acerca da concessão de bênçãos, por seu marido, a Kadru e Vinata. Tu igualmente nos falaste os nomes dos filhos de Vinata. Mas tu ainda não recitaste para nós os nomes das cobras. Nós estamos ansiosos para ouvir os nomes das mais importantes."

Sauti disse, "Ó tu cuja riqueza é ascetismo, por recear me estender muito, eu não mencionarei os nomes de todas as cobras. Mas eu recitarei os nomes das principais. Ouça!

Sesha nasceu primeiro, e então Vasuki. (Então nasceram) Airavata, Takshaka, Karkotaka, Dhananjaya, Kalakeya, a serpente Mani, Purana, Pinjaraka, e Elapatra, Vamana, Nila, Anila, Kalmasha, Savala, Aryaka, Ugra, Kalasapotaka, Suramukha, Dadhimukha, Vimalapindaka, Apta, Karotaka, Samkha, Valisikha, Nisthanaka, Hemaguha, Nahusha, Pingala, Vahyakarna, Hastipada, Mudgarapindaka, Kamvala Aswatara, Kaliyaka, Vritta, Samvartaka, Padma, Mahapadma, Sankhamukha, Kushmandaka, Kshemaka, Pindaraka, Karavira, Pushpadanshtraka, Vilwaka, Vilwapandara, Mushikada, Sankhasiras, Purnabhadra, Haridraka, Aparajita, Jyotika, Srivaha, Kauravya, Dhritarashtra, Sankhapinda, Virajas, Suvahu, Salipinda, Prabhakara, Hastipinda, Pitharaka, Sumuksha, Kaunapashana, Kuthara,

Kunjara, Kumuda, Kumudaksha, Tittri, Halika, Kardama, Vahumulaka, Karkara, Akarkara, Kundodara, e Mahodara.

Assim, ó melhor dos regenerados, eu disse os nomes das principais serpentes. Por receio de ser tedioso eu não dou os nomes do resto. Ó tu cuja riqueza é ascetismo, os filhos daquelas cobras, com seus netos, são incontáveis. Refletindo sobre isso eu não os mencionarei para ti. Ó melhor dos ascetas, neste mundo o número de cobras frustra o cálculo, havendo muitos milhares e milhões delas."

Assim termina o trigésimo quinto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

36

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, "Ó filho, tu citaste muitas das serpentes dotadas com grande energia e incapazes de serem facilmente vencidas. O que elas fizeram depois de ouvir aquela maldição?"

Sauti disse, "O ilustre Sesha entre elas, de grande renome, deixando sua mãe praticou penitências difíceis, vivendo do ar e cumprindo rigidamente seus votos. Ele praticou aquelas devoções ascéticas se dirigindo a Gandhamadana, Vadri, Gokarna, às florestas de Pushkara, e à base de Himavat. E ele passava seus dias naquelas regiões sagradas, algumas das quais eram sagradas por sua água e outras por seu solo na rígida observância de seus votos, com perseguição de um só fim, e suas paixões sob controle completo. E o Avô de todos, Brahma, viu o asceta com cabelo nodoso, vestido em trapos, e sua carne, pele, e tendões ressecados devido às duras penitências que ele estava praticando. E o Avô se dirigiu a ele, aquele praticante de penitências de grande fortaleza, e disse, 'O que é que te atormenta, ó Sesha? Que o bem-estar das criaturas dos mundos também ocupe teus pensamentos. Ó impecável, tu estás afligindo todas as criaturas por causa das tuas duras penitências. Ó Sesha, me conte o desejo implantado em teu peito.'

E Sesha respondeu, 'Meus irmãos uterinos são todos de corações perversos. Eu não desejo viver entre eles. Que isto seja permitido por ti. Como inimigos eles estão sempre ciumentos uns dos outros. Eu estou, portanto, engajado em práticas ascéticas. Eu nem mesmo verei eles. Eles nunca demonstram qualquer bondade para com Vinata e seu filho. De fato, o filho de Vinata capaz de viajar pelos céus é outro irmão nosso. Eles sempre o invejam. E ele, também, é muito mais forte devido à concessão daquela bênção por nosso pai, Kasyapa de grande alma. Por isto eu me dediquei a penitências ascéticas, e eu rejeitarei este meu corpo, para que eu possa evitar a companhia deles, até em outro estado de vida.'

Para Sesha que tinha dito isso o Avô disse, 'Ó Sesha, eu sei do comportamento de todos os teus irmãos e do seu grande perigo devido à sua ofensa contra sua mãe. Mas, ó Cobra, uma reparação (para isso) foi fornecida por mim

antecipadamente. Não cabe a ti te afligir por causa dos teus irmãos. Ó Sesha, peça de mim a bênção que desejas. Eu estou muito satisfeito contigo e te concederei hoje um benefício. Ó melhor das cobras, é auspicioso que teu coração esteja estabelecido na virtude. Que teu coração esteja cada vez mais firmemente fixado na virtude.'

Então Sesha respondeu, 'Ó Avô divino, este é o benefício desejado por mim: que meu coração possa sempre se deleitar na virtude e em abençoadas penitências ascéticas, ó Senhor de tudo!'

Brahman disse, 'Ó Sesha, eu estou muito satisfeito com esta tua abnegação e amor pela paz. Mas, por minha ordem, que este ato seja feito por ti pelo bem das minhas criaturas: sustente, ó Sesha, devidamente e bem, esta Terra tão instável com suas montanhas e florestas, seus mares e cidades e retiros, para que ela possa ficar firme.'

Sesha disse, 'Ó Senhor divino de todas as criaturas, ó concessor de bênçãos, ó senhor da Terra, senhor de todas coisas as criadas, senhor do universo, eu, assim como tu disseste, manterei a Terra estável. Portanto, ó senhor de todas as criaturas, coloque-a sobre minha cabeça.'

Brahman disse, 'Ó melhor das cobras, vá por baixo da Terra. Ela mesma te dará uma fenda para atravessar. E, ó Sesha, por segurares a Terra, tu farás sem dúvida o que é muitíssimo prezado por mim.'"

Sauti continuou, "Então o irmão mais velho do rei das cobras, entrando em um buraco, passou para o outro lado da Terra, e a segurando, sustentou com sua cabeça aquela deusa com sua faixa de mares passando em volta.

Brahman disse, 'Ó Sesha, ó melhor das cobras, tu és o deus Dharma, porque sozinho, com teu corpo enorme, tu sustentas a Terra com tudo sobre ela, assim como eu mesmo, ou Valavit (Indra), podemos.'"

Sauti continuou, "A cobra, Sesha, o senhor Ananta, de grande destreza, vive embaixo da Terra, sustentando sozinho o mundo por ordem de Brahman. E o Avô ilustre, o melhor dos imortais, então deu para Ananta a ave de belas penas, o filho de Vinata, para auxílio de Ananta."

Assim termina o trigésimo sexto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

37

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Aquela melhor das cobras, Vasuki, ouvindo a maldição de sua mãe, refletiu como poderia malográ-la. Ele teve uma conversa com todos os seus irmãos, Airavata e outros, empenhados em fazer o que eles julgassem melhor para si mesmos.

E Vasuki disse, ‘Ó impecáveis, o propósito da maldição é conhecido por vocês. Cabe a nós nos esforçarmos para neutralizá-la. Reparações certamente existem para todas as maldições, mas nenhuma reparação pode ser útil para aqueles amaldiçoados por sua mãe. Sabendo que essa maldição foi proferida na presença do Imutável, do Infinito, e do Verdadeiro, meu coração treme. Certamente, nossa aniquilação se aproxima. Do contrário, por que o Senhor Imutável não impediu nossa mãe enquanto ela proferia a maldição? Portanto, vamos estudar hoje como nós podemos assegurar a segurança das cobras. Não percamos tempo. Todos vocês são sábios e perspicazes. Vamos deliberar e descobrir os meios de libertação como (fizeram) os deuses antigos para recuperar o perdido Agni que tinha se escondido dentro de uma caverna, para que o sacrifício de Janamejaya para a destruição das cobras não possa acontecer, e para que nós não sejamos destruídos.’”

Sauti continuou, “Assim endereçada toda a prole de Kadru se reuniu, e, sábios em conselhos, submeteram suas opiniões uns aos outros. Uma parte das serpentes disse; 'Nós devemos assumir o disfarce de Brahmanas superiores, e suplicar a Janamejaya, dizendo, 'Este seu sacrifício (planejado) não deve se realizar.' Outras cobras pensando ser sábias, disseram, 'Nós todos devemos nos tornar seus conselheiros prediletos. Ele então certamente pedirá nosso conselho em todos os projetos. E nós então o aconselharemos de maneira que o sacrifício possa ser obstruído. O rei, o principal dos homens sábios, pensando que somos legítimos certamente nos perguntará sobre seu sacrifício. Nós diremos, 'Isso não deve acontecer.' E indicando muitos males sérios neste e nos próximos mundos, nós tomaremos cuidado para que o sacrifício não possa se realizar. Ou, que uma das cobras, se aproximando, morda a pessoa que, dedicada ao bem do monarca, e bem familiarizada com os ritos do sacrifício de cobras, possa ser nomeada como o sacerdote sacrifical, pelo que ele morrerá. Morrendo o sacerdote sacrifical, o sacrifício não será completado. Nós também morderemos todos aqueles que, familiarizados com os ritos do sacrifício de cobras, possam ser nomeados Ritwiks do sacrifício, e por estes meios alcançaremos nosso objetivo.' Outras cobras, mais virtuosas e benignas, disseram, 'Ó, este seu conselho é mau. Não é apropriado matar Brahmanas. Em perigo, a solução apropriada é aquela que é abençoada nas práticas dos virtuosos. A injustiça ao final destrói o mundo.' Outras serpentes disseram, 'Nós extinguiremos o ardente fogo sacrifical por nos tornarmos nuvens luminosas com relâmpagos e derramarmos chuvas torrenciais.' Outras cobras, as melhores da sua espécie, propuseram, 'Iremos, à noite, roubar o recipiente do suco Soma. Isso perturbará o rito. Ou, naquele sacrifício, que as cobras, às centenas e milhares, mordam as pessoas, e espalhem terror em volta. Ou, que as serpentes maculem o alimento puro com sua urina e fezes poluidoras de alimento.' Outras disseram; 'Nos tornemos os Ritwiks do rei, e impeçamos este sacrifício por dizer no início, 'Nos dê a taxa sacrifical.' Ele (o rei), sendo colocado em nosso poder, fará o que quisermos.' Outros lá disseram, 'Quando o rei for se divertir nas águas, nós o carregaremos para nossa casa e o amarraremos, pelo que aquele sacrifício não se realizará!' Outras serpentes que se julgavam sábias, disseram, 'Nos aproximando do rei, vamos mordê-lo, pelo que nosso objetivo será

alcançado. Com a morte dele a raiz de todo o mal será arrancada. Esta é a deliberação final de todos nós, ó tu que ouves com teus olhos! Então, faças depressa o que tu consideras apropriado.' Tendo dito isso eles olharam atentamente para Vasuki, aquela melhor das cobras. E Vasuki também, depois de refletir, respondeu dizendo, 'Ó cobras, esta determinação final de vocês não parece digna de adoção. Nenhum dos seus conselhos é do meu agrado. Qual eu direi que será para o seu bem? Eu penso que somente a graça do ilustre Kasyapa (nosso pai) pode nos fazer bem. Ó cobras, meu coração não sabe qual de todas as suas sugestões é para ser adotada para o bem-estar da minha linhagem como também meu. Deve ser feito por mim aquilo que será para sua felicidade. É isso que me faz tão ansioso, porque o crédito ou o descrédito (da medida) é somente meu.'"

Assim termina o trigésimo sétimo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

38

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, 'Ouvindo os respectivos discursos de todas as cobras, e ouvindo também as palavras de Vasuki, Elapatra começou a se dirigir a eles, dizendo, 'Aquele sacrifício não é um que possa ser impedido. Nem o rei Janamejaya da família Pandava de quem este temor procede, é tal pessoa que pode ser impedida. A pessoa, ó rei, que é afligida pelo destino só pode recorrer ao destino; nada mais pode ser seu refúgio. Ó melhores das cobras, este seu medo tem o destino como sua causa. Só o destino deve ser nosso refúgio nisto. Escutem o que eu digo. Quando aquela maldição foi proferida, ó melhores das cobras, amedrontado eu fiquei abaixado no colo de nossa mãe. Ó melhores das cobras, e ó senhor (Vasuki) de grande esplendor, daquele local eu ouvi as palavras que os deuses entristecidos falaram ao Avô. Os deuses disseram, 'Ó Avô, deus dos deuses, quem mais além da cruel Kadru poderia, depois de gerar tais filhos queridos, amaldiçoá-los dessa forma, mesmo na tua presença? E, ó Avô, por ti também foi falado, com referência àquelas palavras dela, 'Assim seja.' Nós desejamos saber a razão por que tu não a impediste.' Brahman respondeu, 'As cobras se multiplicaram. Elas são cruéis, terríveis em forma e muito venenosas. Por desejar o bem das minhas criaturas eu não impedi Kadru então. Aquelas serpentes venenosas e outras que são pecaminosas, mordendo outros por nenhum erro, de fato, serão destruídas, mas não aquelas que são inofensivas e virtuosas. E ouçam também, como, quando chegar a hora, as cobras poderão escapar daquela calamidade terrível. Nascerá na linhagem dos Yayavaras um grande Rishi conhecido pelo nome de Jaratkaru, inteligente, com paixões sob controle completo. Aquele Jaratkaru terá um filho de nome Astika. Ele parará o sacrifício. E aquelas cobras que forem virtuosas escaparão de lá.' Os deuses disseram, 'Ó tu conhecedor da verdade, em quem Jaratkaru, aquele principal Muni, dotado de grande energia e ascetismo, gerará aquele filho ilustre?' Brahma

respondeu, 'Dotado de grande energia, aquele melhor Brahmana gerará um filho possuidor de grande energia em uma esposa do mesmo nome que ele. Vasuki, o rei das cobras, tem uma irmã de nome Jaratkaru; o filho, de quem eu falo, nascerá dela, e ele libertará as cobras.'

Elapatra continuou, 'Os deuses então disseram ao Avô, 'Assim seja.' E o senhor Brahman, tendo dito isso para os deuses, foi para o céu. Ó Vasuki, eu vejo diante de mim aquela tua irmã conhecida pelo nome de Jaratkaru. Para nos livrar do nosso medo, a entregues como esmolas para ele (o Rishi), Jaratkaru, de votos excelentes, que vagará pedindo por uma noiva. Este meio de libertação foi ouvido por mim!'"

39

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Ó melhor dos regenerados, ouvindo essas palavras de Elapatra todas as serpentes, em grande alegria, exclamaram, 'Bem dito, bem dito!' E daquele tempo em diante Vasuki começou a criar cuidadosamente aquela moça, sua irmã Jaratkaru. E ele teve grande prazer em educá-la.

E muito tempo não decorreu disto, quando os deuses e os Asuras, se reunindo, bateram a residência de Varuna. E Vasuki, o principal de todos dotados com força, se tornou a corda de bater. E logo que o trabalho estava terminado, o rei das cobras se apresentou perante o Avô. E os deuses, acompanhados por Vasuki, se dirigiram ao Avô, dizendo, 'Ó senhor, Vasuki está sofrendo grande aflição por medo (da maldição de sua mãe). Cabe a ti arrancar a tristeza, gerada da maldição de sua mãe, que tem perfurado o coração de Vasuki desejoso do bem-estar de sua raça. O rei das cobras é sempre nosso amigo e benfeitor. Ó Senhor dos deuses, seja benevolente para com ele e alivie a ansiedade da sua mente.'

Brahman respondeu, 'Ó imortais, eu tenho pensado, em minha mente, a respeito do que vocês disseram. Que o rei das cobras faça aquilo que lhe foi comunicado anteriormente por Elapatra. Chegou a hora. Só serão destruídos aqueles que são perversos, não aqueles que são virtuosos. Jaratkaru nasceu, e aquele Brahmana está engajado em difíceis penitências ascéticas. Que Vasuki, na hora apropriada, entregue sua irmã para ele. Ó deuses, o que foi falado pela cobra Elapatra para o bem das cobras é verdadeiro e não o contrário.'"

Sauti continuou, "Então o rei das cobras, Vasuki, aflito com a maldição de sua mãe, ouvindo essas palavras do Avô, e planejando entregar sua irmã ao Rishi Jaratkaru, mandou todas as serpentes, em grande número das quais eram sempre atentas aos seus deveres, vigiar o Rishi Jaratkaru, dizendo, 'Quando o senhor Jaratkaru pedir por uma esposa, venham imediatamente e me informem. O bem-estar da nossa raça depende disso.'"

40

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, “Ó filho de Suta, eu desejo saber por que o ilustre Rishi que tu mencionaste, Jaratkaru, veio a ser assim chamado sobre a terra. Cabe a ti nos dizer a etimologia do nome Jaratkaru.’”

Sauti disse, “Jara é dito que significa perda, e Karu implica enorme. O corpo daquele Rishi tinha sido enorme, e ele gradualmente o reduziu por meio de severas penitências ascéticas. Pela mesma razão, ó Brahmanas, a irmã de Vasuki se chamava Jaratkaru.”

O virtuoso Saunaka, quando ouviu isso, sorriu e se dirigindo a Ugrasravas disse, “É isso mesmo.”

Saunaka então disse, “Eu ouvi tudo o que tu narraste antes. Eu desejo saber como Astika nasceu.”

Sauti, ao ouvir estas palavras, começou a narrar segundo o que estava escrito nos Sastras.

Sauti disse, “Vasuki, desejoso de entregar sua irmã ao Rishi Jaratkaru, deu às cobras as ordens (necessárias). Mas os dias se passaram, porém aquele Muni sábio de votos rígidos, profundamente envolvido em práticas ascéticas, ainda não havia procurado uma mulher. Aquele Rishi de grande alma, estudioso e profundamente dedicado ao ascetismo, com sua semente vital sob total controle, vagava destemidamente por toda a terra e não desejava uma esposa.

Posteriormente houve um rei, ó Brahmana, de nome Parikshit, nascido na linhagem dos Kauravas. E, como seu bisavô Pandu antigamente, ele tinha braços fortes, era o principal de todos os manejadores de arcos em batalha, e gostava de caçar. E o monarca vagava, caçando veados, javalis selvagens, lobos, búfalos e várias outras espécies de animais selvagens. Um dia, tendo perfurado um veado com uma flecha afiada e colocado seu arco em suas costas, ele penetrou na floresta profunda, procurando pelo animal aqui e ali, como o próprio Rudra ilustre antigamente perseguindo nos céus, arco na mão, o veado o qual era Sacrifício, ele mesmo transformado naquela forma, depois de perfurá-lo. Nunca um veado perfurado por Parikshit tinha escapado na floresta com vida. Aquele veado, embora ferido como o anterior, fugiu com velocidade, como a (aproximada) causa da ida do rei para o céu. E o veado que Parikshit, aquele rei de homens, tinha perfurado se perdeu da vista do monarca e o levou muito longe dentro da floresta. E cansado e com sede, ele encontrou um Muni, na floresta, sentado em um curral e bebendo para se satisfazer da espuma que escorria para fora das bocas de

bezerros chupando o leite de suas mães. E se aproximando dele apressadamente, o monarca, faminto e fatigado, e erguendo seu arco, questionou aquele Muni de votos rígidos, dizendo, 'Ó Brahmana, eu sou o rei Parikshit, o filho de Abhimanyu. Um veado que eu atingi está perdido. Tu o viste?' Mas aquele Muni estava cumprindo então o voto de silêncio, e não falou a ele uma palavra. E o rei com raiva por isso colocou sobre o ombro dele uma cobra morta, a erguendo com a ponta de seu arco. O Muni o permitiu fazer isto sem protesto. E ele não falou uma palavra, boa ou má. E o rei vendo ele naquele estado abandonou sua raiva e ficou desanimado. E ele voltou para sua capital, mas o Rishi continuou no mesmo estado. O Muni clemente, sabendo que o monarca que era um tigre entre os reis era fiel aos deveres da sua classe, não o amaldiçoou, embora insultado. Aquele tigre entre os monarcas, aquele principal da linhagem de Bharata, também não sabia que a pessoa que ele tinha insultado assim era um Rishi virtuoso. E foi por isso que ele o tinha insultado daquela maneira..

Aquele Rishi tinha um filho de nome Sringin, jovem, dotado de grande energia, profundo em penitências ascéticas, severo em seus votos, muito colérico, e difícil de ser apaziguado. Às vezes, ele reverenciava com grande atenção e respeito seu preceptor sentado em seu assento e dedicado ao bem das criaturas.

E ordenado por seu preceptor, ele estava indo para casa quando, ó melhor dos Brahmanas, um companheiro dele, o filho de um Rishi chamado Krisa, de um modo brincalhão falou rindo para ele (sobre seu pai). E Sringin, colérico e como o próprio veneno, ouvindo aquelas palavras em referência a seu pai, se enraiveceu.

E Krisa disse, 'Não te orgulhes, ó Sringin, pois asceta como tu és e possuidor de energia, teu pai leva em seus ombros uma cobra morta. Daqui em diante não fale uma palavra para filhos de Rishis como nós que temos conhecimento da verdade, somos profundos em penitências ascéticas, e temos alcançado êxito. Onde está aquela tua coragem, aquelas tuas grandes palavras geradas de orgulho, quando tu és obrigado a ver teu pai carregando uma cobra morta? Ó melhor de todos os Munis, teu pai também não fez nada para merecer esse tratamento, e é por isso que eu estou particularmente pesaroso como se o castigo fosse meu.'"

41

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Sendo assim endereçado, e sabendo que seu pai estava carregando uma cobra morta, o poderoso Sringin se inflamou com fúria. E olhando para Krisa, e falando suavemente, ele perguntou, ‘Diga-me, por favor, por que meu pai leva hoje uma cobra morta?’ E Krisa respondeu, ‘Quando o rei Parikshit estava perambulando, com o objetivo de caçar, ó caro, ele colocou a cobra morta sobre o ombro do teu pai.’

E Sringin perguntou, ‘Que injúria foi feita por meu pai àquele monarca pecaminoso? Ó Krisa, me diga isto, e testemunhe o poder do meu ascetismo.’

E Krisa respondeu, ‘O rei Parikshit, o filho de Abhimanyu, enquanto caçava, tinha ferido um veado veloz com uma flecha e o perseguia sozinho. E o rei perdeu de vista o animal naquela selva extensa. Vendo então teu pai, ele o abordou imediatamente. Teu pai estava então cumprindo o voto de silêncio. Oprimido por fome, sede e esforço, o príncipe repetidas vezes questionou teu pai sentado imóvel, a respeito do veado perdido. O sábio, estando sob o voto de silêncio, não deu resposta. O rei por isso colocou a cobra no ombro do teu pai com a ponta de seu arco. Ó Sringin, teu pai dedicado à devoção ainda está na mesma postura. E o rei também foi para sua capital que tem o nome do elefante!’” (Hastinapura)

Sauti continuou, “Sabendo que uma cobra morta havia sido colocada sobre os ombros (de seu pai), o filho do Rishi, seus olhos avermelhados de raiva, se enfureceu. E possuído pela raiva, o pujante Rishi então amaldiçoou o rei, tocando a água e dominado pela ira.

E Sringin disse, ‘Aquele canalha e pecaminoso monarca que colocou uma cobra morta nos ombros do meu velho e pobre pai, aquele ofensor de Brahmanas e maculador da fama dos Kurus, será levado dentro sete noites para as regiões de Yama (Morte) pela cobra Takshaka, o poderoso rei das serpentes, estimulado a isso pela força das minhas palavras!’”

Sauti continuou, “E tendo assim amaldiçoado (o rei) por raiva, Sringin foi até seu pai, e viu o sábio sentado no curral, portando a cobra morta. E vendo seu pai naquela situação, ele ficou outra vez inflamado com ira. E ele derramou lágrimas de angústia, e se dirigiu a seu pai dizendo, 'Pai, tendo sido informado desta tua desgraça nas mãos daquele canalha pecaminoso, o rei Parikshit, eu por raiva até o amaldiçoei; e aquele pior dos Kurus mereceu totalmente minha maldição potente. Dentro de sete dias a partir de hoje, Takshaka, o senhor das cobras, levará o rei pecaminoso para a residência horrível da Morte.' E o pai disse ao filho enfurecido, 'Filho, eu não estou satisfeito contigo. Ascetas não devem agir dessa maneira. Nós vivemos nos domínios daquele grande rei. Nós somos protegidos por ele com justiça. Em tudo o que ele faz, o rei predominante deve ser perdoado pelos semelhantes a nós. Se tu destróis Dharma, em verdade Dharma te destruirá. Se o rei não nos protegesse devidamente, nós passaríamos muito mal; nós não poderíamos realizar nossos ritos religiosos segundo nosso desejo. Mas protegidos por soberanos honrados nós alcançamos mérito imenso, e eles têm direito a uma parte disso. Portanto, a realeza reinante deve ser perdoada sem dúvida. E Parikshit como seu grande antepassado nos protege como um rei deve proteger seus súditos. Aquele monarca praticante de penitências estava cansado e oprimido pela fome. Ignorante do meu voto (de silêncio) ele fez isso. Um país sem rei sempre sofre de males. O rei pune os criminosos, e o medo das punições leva à paz; e as pessoas cumprem seus deveres e realizam seus ritos tranquilas. O rei estabelece a religião, estabelece o reino do céu. O rei protege os sacrifícios de distúrbios, e sacrifícios agradam aos deuses. Os deuses causam chuva, e a chuva produz grãos e ervas que são sempre úteis para o homem. Manu disse que um

soberano dos destinos de homens é igual (em dignidade) a dez sacerdotes que estudam os Vedas. Fatigado e oprimido pela fome, aquele príncipe praticante de penitências fez isto por ignorância do meu voto. Por que então tu estouvadamente fizeste esta ação injusta por infantilidade? Ó filho, de nenhum modo o rei merece uma maldição de nós.'"

42

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "E Sringin então respondeu a seu pai, dizendo, 'Se este é um ato de estouvamento, ó pai, ou uma ação imprópria que eu fiz, se tu gostaste ou não gostaste disso, as palavras faladas por mim nunca serão em vão. Ó pai, eu te digo (uma maldição) nunca pode ser contrariada. Eu nunca falei uma mentira nem em brincadeira.'

E Samika disse, 'Caro filho, eu sei que tu és de grande destreza, e sincero em palavras. Tu nunca falaste uma mentira antes, por isso tua maldição nunca será anulada. O filho, até quando ele alcança a velhice, deve ainda ser sempre aconselhado pelo pai, para que coroado com boas qualidades ele possa obter grande renome. Um filho como és, quanto mais tu precisarás de conselhos? Tu estás sempre engajado em penitências ascéticas. A ira mesmo dos ilustres possuidores dos seis atributos aumenta imensamente. Ó tu principal das pessoas cumpridoras da ordenança, vendo que tu és meu filho e um menor também, e vendo também tua impulsividade, eu vejo que eu devo te aconselhar. Vivas, ó filho, inclinado à paz e comendo frutas e raízes da floresta. Mates essa tua raiva e não destruas o resultado das tuas ações ascéticas desse modo. A raiva sem dúvida diminui a virtude que ascetas adquirem com grandes tormentos. E então para aqueles carentes de virtude o estado abençoado não existe. A calma sempre dá êxito para ascetas clementes. Portanto, te tornando clemente em teu temperamento e conquistando tuas paixões, tu deve sempre viver. Através do perdão tu alcançarás mundos que estão além do alcance do próprio Brahman. Tendo eu mesmo adotado a quietude, e com o desejo também de fazer o bem tanto quanto eu puder, eu devo fazer alguma coisa; devo mesmo enviar uma mensagem àquele rei, dizendo, 'Ó monarca, tu foste amaldiçoado por meu filho jovem de intelecto não desenvolvido, em fúria, ao ver teu ato de desrespeito com relação a mim.'"

Sauti continuou, "E aquele grande asceta, cumpridor de votos, movido pela bondade, enviou com instruções apropriadas um discípulo seu ao rei Parikshit. E ele enviou seu discípulo Gaurmukha de boas maneiras e dedicado também a penitências ascéticas, o instruindo para primeiro perguntar sobre o bem-estar do rei e então comunicar a mensagem real. E aquele discípulo logo se aproximou daquele monarca, o líder da família Kuru. E ele entrou no palácio do rei tendo primeiro enviado a notícia de sua chegada através do servo em serviço no portão.

E o duas vezes nascido Gaurmukha foi devidamente reverenciado pelo monarca. E depois de descansar por um tempo ele detalhou completamente ao rei, na presença de seus ministros, as palavras de Samika, de significação cruel, exatamente como ele havia sido instruído.

E Gaurmukha disse, ‘Ó rei de reis, há um Rishi, de nome Samika, de alma virtuosa, com suas paixões sob controle, pacífico, e dado a difíceis devoções ascéticas, vivendo em teus domínios! Por ti, ó tigre entre homens, foi colocada nos ombros daquele Rishi que estava cumprindo no momento o voto de silêncio, uma cobra morta, com a ponta do teu arco! Ele mesmo te perdoou aquele ato. Mas seu filho não pôde. E pelo último hoje tu foste amaldiçoado, ó rei de reis, sem o conhecimento de seu pai, no sentido de que dentro de sete noites, (a cobra) Takshaka causará tua morte. E Samika repetidamente pediu a seu filho para te salvar, mas ninguém pode anular a maldição de seu filho. E porque ele foi incapaz de acalmar seu filho possuído pela raiva, portanto eu fui enviado a ti, ó rei, para o teu bem!’

E aquele rei da família Kuru, ele mesmo dedicado a práticas ascéticas, tendo ouvido essas palavras cruéis e relembrando sua própria ação pecaminosa, ficou extremamente pesaroso. E o rei, sabendo que aquele principal dos Rishis na floresta estava cumprindo o voto de silêncio, foi duplamente afligido pela tristeza e vendo a bondade do Rishi Samika, e considerando seu próprio ato pecaminoso em direção a ele, ficou muito arrependido. E o rei parecido com um verdadeiro deus não sofreu tanto por saber de sua morte quanto por ter feito aquele ato para o Rishi.

E então o rei expediu Gaurmukha, dizendo, ‘Que o venerável (Samika) seja benevolente para comigo!’ E quando Gaurmukha tinha ido embora, o rei, em grande ansiedade, sem perda de tempo, consultou seus ministros. E tendo os consultado, o rei, ele mesmo sábio em conselhos, fez uma mansão ser construída sobre uma coluna solitária. E ela era bem guardada dia e noite. E para sua proteção foram colocados lá médicos e remédios, e Brahmanas hábeis em mantras por toda parte. E o monarca, protegido por todos os lados, cumpria seus deveres reais daquele lugar cercado por seus ministros virtuosos. E ninguém podia se aproximar daquele melhor dos reis lá. Até o ar não podia ir lá, sendo impedido de entrar.

E quando o sétimo dia tinha chegado, ó melhor dos Brahmanas, o erudito Kasyapa estava indo (em direção à residência do rei), desejoso de tratar do rei (depois da mordida da cobra). Ele sabia de tudo o que havia acontecido, que Takshaka, aquela principal das cobras, enviaria aquele melhor dos monarcas para a presença de Yama (Morte). E ele pensou, ‘Eu curarei o monarca depois que ele for mordido por aquela principal das cobras. Por meio disso eu posso obter riqueza e posso adquirir virtude também.' Mas aquele príncipe das cobras, Takshaka, na forma de um velho Brahmana, viu Kasyapa se aproximando em seu caminho, decidido a curar o rei. E o príncipe das cobras então falou àquele touro entre os Munis, Kasyapa, dizendo, 'Para onde tu vais com tal velocidade? Qual, além disso, é o negócio no qual tu estás envolvido?'

E Kasyapa, assim endereçado, respondeu, 'Takshaka, por meio de seu veneno, hoje queimará o rei Parikshit da família Kuru, aquele opressor de todos os inimigos. Eu vou rapidamente, ó amável, curar, sem perda de tempo, o rei de destreza imensurável, o único representante da linhagem Pandava, depois que ele for mordido por Takshaka semelhante ao próprio Agni em energia.' E Takshaka respondeu, 'Eu sou Takshaka, ó Brahmana, e queimarei aquele senhor da terra. Pare, pois tu és incapaz de curar alguém mordido por mim.' E Kasyapa replicou, 'Eu estou certo de que, possuidor (como eu sou) do poder da ciência, indo para lá eu curarei aquele monarca mordido por ti.'"

43

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse: "E Takshaka, depois disso, respondeu, 'Se, de fato, tu és capaz de curar qualquer criatura mordida por mim, então, ó Kasyapa, reviva esta árvore mordida por mim. Ó melhor dos Brahmanas, eu queimo esta banian na tua vista. Tente o teu melhor e me mostre aquela habilidade em mantras da qual tu falaste.'

E Kasyapa disse, 'Se tu estás tão disposto, morda então, ó rei das cobras, a árvore. Ó cobra, eu a reanimarei, embora mordida por ti.'"

Sauti continuou, "O rei das cobras, assim endereçado pelo ilustre Kasyapa, mordeu então aquela árvore banian. E aquela árvore, mordida pela ilustre cobra, e penetrada pelo veneno da serpente, queimou totalmente. E tendo queimado a banian daquela maneira a cobra então falou novamente a Kasyapa, dizendo, 'Ó principal dos Brahmanas, tente o teu melhor e reviva este senhor da floresta.'"

Sauti continuou, "A árvore foi reduzida a cinzas pelo veneno daquele rei das cobras. Mas pegando aquelas cinzas Kasyapa falou estas palavras. 'Ó rei das cobras, veja o poder do meu conhecimento quando aplicado a este senhor da floresta! Ó cobra, sob o teu próprio nariz eu o reviverei.' E então aquele melhor dos Brahmanas, o ilustre e erudito Kasyapa, reanimou, por meio de seu vidya, aquela árvore que tinha sido reduzida a uma pilha de cinzas. E primeiro ele criou o broto, então ele o proveu com duas folhas, e então ele fez o caule, e então os ramos, e então a árvore totalmente crescida com folhas e tudo. E Takshaka, vendo a árvore revivida pelo ilustre Kasyapa, disse a ele, 'Não é surpreendente em ti que tu destruas meu veneno ou aquele de qualquer um que seja como eu. Ó tu cuja riqueza é ascetismo, desejoso de que riqueza tu vais para lá? A recompensa que tu esperas ter daquele melhor dos monarcas eu mesmo te darei, mesmo que ela possa ser difícil de obter. Ornado com fama como tu és teu êxito pode ser duvidoso sobre aquele rei afetado pela maldição de um Brahmana e cujo próprio tempo de vida foi encurtado. Neste caso, tua fama resplandecente que tem se espalhado pelos três dos mundos desapareceria como o Sol quando privado de seu esplendor (na ocasião do eclipse)'.

Kasyapa disse, ‘Eu vou lá por causa de riqueza, a dê para mim, ó cobra, para que levando teu ouro, eu possa retornar.’ Takshaka respondeu, ‘Ó melhor dos regenerados, eu te darei mais do que tu esperas daquele rei. Portanto não vá.’”

Sauti continuou, “Aquele melhor dos Brahmanas, Kasyapa, de grande destreza e inteligência, ouvindo aquelas palavras de Takshaka, se sentou em meditação yoga a respeito do rei. E aquele principal dos Munis, Kasyapa, de grande coragem e dotado de conhecimento espiritual, verificando que o período de vida daquele rei da linhagem Pandava realmente tinha terminado, retornou, recebendo de Takshaka tanta riqueza quanto ele desejava.

E após o ilustre Kasyapa retroceder seus passos, Takshaka na hora apropriada entrou rapidamente na cidade de Hastinapura. E em seu caminho ele soube que o rei estava vivendo muito cautelosamente, protegido por meio de mantras e remédios neutralizadores de veneno.”

Sauti continuou, “A cobra então refletiu deste modo, ‘O monarca deve ser enganado por mim com poder de ilusão. Mas quais devem ser os meios?’ Então Takshaka enviou ao rei algumas cobras no disfarce de ascetas levando com eles frutas, erva kusa, e água (como presentes). E Takshaka, se dirigindo a eles, disse, ‘Vão vocês todos ao rei, sob o pretexto de negócios urgentes, sem qualquer sinal de impaciência, como se para fazer o monarca somente aceitar as frutas e flores e água (que vocês levarão como presentes para ele).’”

Sauti continuou, “Aquelas cobras, assim ordenadas por Takshaka, agiram de acordo. E eles levaram para o rei erva Kusa, água e frutas. E aquele principal dos reis, de grande coragem, aceitou aquelas oferendas. E depois que seu propósito estava terminado, ele disse a eles, 'Retirem-se.' Então depois que aquelas cobras disfarçadas como ascetas tinham ido embora, o rei se dirigiu a seus ministros e amigos, dizendo, 'Comam, comigo, todas estas frutas de gosto excelente trazidas pelos ascetas.' Impelidos pelo Destino e pelas palavras do Rishi, o rei, com seus ministros, sentiu desejo de comer aquelas frutas. A fruta específica, dentro da qual Takshaka tinha entrado, foi pega pelo próprio rei para comer. E quando ele a estava comendo, apareceu, ó Saunaka, um inseto feio nela, de forma mal perceptível, de olhos pretos, e de cor acobreada. E aquele principal dos reis, pegando aquele inseto, se dirigiu a seus conselheiros, dizendo, 'O sol está se pondo; hoje eu não tenho mais medo de veneno. Portanto, que este inseto se torne Takshaka e me morda, para que meu ato pecaminoso seja expiado e as palavras do asceta se tornem verdadeiras.' E aqueles conselheiros também, impelidos pelo Destino, aprovaram aquelas palavras. E então o monarca sorriu, perdendo seus sentidos, sua hora tendo chegado. E ele rapidamente colocou aquele inseto em seu pescoço. E enquanto o rei estava sorrindo, Takshaka, que tinha (na forma daquele inseto) saído da fruta que foi oferecida ao rei, se enrolou em volta do pescoço do monarca. E se enrolando rapidamente em volta do pescoço do rei e proferindo um rugido tremendo, Takshaka, aquele senhor das cobras, mordeu aquele protetor da terra.’”

44

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Então os conselheiros vendo o rei nas espirais de Takshaka empalideceram com medo e lamentaram em extrema aflição. E ouvindo o rugido de Takshaka, os ministros todos fugiram. E quando eles estavam fugindo em grande aflição, eles viram Takshaka, o rei das cobras, aquela serpente notável, percorrendo o céu azul como uma faixa da cor do lótus, e parecendo muito com a linha vermelha alaranjada no topo da cabeça de uma mulher dividindo as massas escuras de seu cabelo ao meio.

E a mansão na qual o rei estava vivendo queimou com o veneno de Takshaka. E os conselheiros do rei, vendo aquilo, fugiram em todas as direções. E o próprio rei caiu, como se atingido pelo raio.

E quando o rei caiu sob o veneno de Takshaka, seus conselheiros com o sacerdote real, um santo Brahmana, realizaram todos os seus últimos ritos. Todos os cidadãos, se reunindo, fizeram o filho menor (de idade) do falecido monarca seu rei. E o povo chamou seu novo rei, aquele matador de todos os inimigos, aquele herói da linhagem Kuru, pelo nome de Janamejaya. E aquele melhor dos monarcas, Janamejaya, embora fosse uma criança era sábio em mente. E com seus conselheiros e sacerdote, o filho mais velho Parikshita, aquele touro entre os Kurus, governou o reino como seu heróico antepassado (Yudhishthira). E os ministros do jovem monarca, vendo que ele já podia manter seus inimigos sob controle, foram a Suvarnavarman, o rei de Kasi, e pediram a ele sua filha Vapushtama como noiva. E o rei de Kasi, depois das devidas perguntas, entregou com os ritos ordenados sua filha Vapushtama àquele herói poderoso da família Kuru. E o último, recebendo sua noiva, ficou muito contente. E ele não entregou seu coração em tempo algum para qualquer outra mulher. E dotado de grande energia ele vagava em busca de divertimento, com o coração alegre, por extensões de água e em meio a florestas e campos floridos. E aquele principal dos monarcas passava seu tempo em divertimento como Pururavas havia feito antigamente, ao receber a donzela celeste Urvasi. Ela mesma a mais formosa das formosas, a donzela Vapushtama também, devotada a seu marido e famosa por sua beleza, tendo obtido um marido desejável, o agradou por sua grande afeição durante o período que ele passou em busca de prazer.

45

(Continuação do Astika Parva)

Entrementes o grande asceta Jaratkaru viajava pela terra inteira fazendo do lugar em que a noite caísse seu lar pela noite. E dotado de poder ascético, ele vagava, praticando vários votos difíceis de serem praticados por imaturos, e se banhando também em várias águas sagradas. E o Muni tinha somente o ar como seu alimento e estava livre do desejo de divertimento mundano. E ele ficava diariamente emaciado e se tornou magro. E um dia ele viu os espíritos de seus antepassados, cabeças para baixo, em um buraco, (pendentes) por uma corda de raízes de virana tendo somente um único fio inteiro. E aquele único fio estava sendo gradualmente roído por um grande rato que morava naquele buraco. E os Pitris naquele buraco estavam sem comida, emaciados, deploráveis, e avidamente desejosos de salvação. E Jaratkaru, se aproximando dos deploráveis, ele mesmo de aparência humilde, perguntou: 'Quem são vocês que estão pendendo por esta corda de raízes de virana? A única raiz fraca que ainda resta nesta corda de raízes virana já comida pelo rato que mora nesse buraco, está sendo gradualmente roída pelo mesmo rato com seus dentes afiados. O pouco que resta daquele único fio logo será cortado. É claro então que vocês cairão nessa cova com rostos para baixo. Vendo vocês com rostos para baixo, e colhidos por esta grande calamidade, minha compaixão foi despertada. Que bem eu posso fazer a vocês? Digam-me rapidamente se esta calamidade pode ser evitada por um quarto, um terço, ou até pelo sacrifício da metade do meu ascetismo. Ó, salvem-se mesmo com todo o meu ascetismo. Eu concordo com tudo isso. Façam como lhes agradar.'

Os Pitris disseram, 'Venerável Brahmacharin, tu desejas nos salvar. Mas, ó principal dos Brahmanas, tu não podes dissipar nossa aflição por meio do teu ascetismo. Ó filho, ó principal dos oradores, nós também temos os frutos do nosso ascetismo. Mas, ó Brahmana, é pela perda de descendentes que nós estamos caindo nesse inferno terrível. O próprio avô disse que um filho é um grande mérito. Como nós estamos prestes a ser lançados nesse buraco, nossas idéias não estão mais claras. Entretanto, ó filho, nós não te conhecemos, embora tua virilidade seja bem conhecida sobre a terra. Tu és venerável e afortunado, tu que deste modo por bondade te afliges por nós que somos dignos de compaixão e imensamente afligidos. Ó Brahmana, escutes quem nós somos. Nós somos Rishis da seita Yayavara, de votos rígidos. E, ó Muni, por causa da perda de descendentes, nós caímos de uma região sagrada. Nossas penitências severas não foram destruídas; nós ainda temos um fio. Mas nós temos somente um único fio agora. Importa pouco, no entanto, quem ele é ou não. Desafortunados como nós somos, nós temos um fio em uma pessoa, conhecida como Jaratkaru. O infeliz estudou os Vedas e seus ramos e está praticando somente ascetismo. Ele sendo alguém com alma sob controle completo, desejos fixados no alto, cumpridor de votos, profundamente engajado em penitências ascéticas, e livre da cobiça pelos méritos

do ascetismo, nós fomos reduzidos a esse estado deplorável. Ele não tem esposa, nem filhos, nem parentes. Portanto, nós estamos pendurados neste buraco, nossa consciência perdida, como homens que não têm ninguém para cuidar deles. Se tu o encontrares, diga a ele, por tua bondade para conosco: 'Teus Pitris, em miséria, estão pendendo com faces para baixo em um buraco. Santo, tome uma esposa e gere filhos. Ó tu de riqueza ascética, tu és, ó amável, o único fio que resta da linhagem dos teus antepassados.' Ó Brahmana, a corda de raízes virana da qual tu vês que nós estamos pendendo representa nossa família multiplicada. E, ó Brahmana, estes fios da corda de raízes virana que tu vês como corroídas, somos nós mesmos que fomos comidos pelo Tempo. Esta raiz que tu vês que foi metade comida e pela qual nós estamos pendendo neste buraco é ele que adotou somente o ascetismo. O rato que tu viste é o Tempo de força infinita. E ele (o Tempo) está gradualmente enfraquecendo o infeliz Jaratkaru dedicado a penitências ascéticas atraído pelos méritos delas, mas sem prudência e coração. Ó excelente, o ascetismo dele não pode nos salvar. Veja nossas raízes sendo arrancadas, caídos das regiões superiores, privados de consciência pelo Tempo, nós estamos indo para baixo como pecaminosos miseráveis. E por nós cairmos nesse buraco com todos os nossos parentes, consumidos pelo Tempo, ele mesmo cairá conosco no inferno. Ó filho, seja ascetismo, ou sacrifício, ou quaisquer outros atos sagrados que existam, tudo é inferior. Eles não podem valer por um filho. Ó filho, tendo visto tudo isso, fale para aquele Jaratkaru de riqueza ascética. Tu deve dizer a ele em detalhes tudo o que tu viste. E, ó Brahmana, por tua bondade para conosco, tu deve dizer a ele tudo o que possa induzi-lo a tomar uma esposa e gerar filhos. Entre seus amigos, ou da nossa própria linhagem, quem és tu, ó excelente, que te afliges dessa maneira por nós como um amigo? Nós desejamos saber quem és tu que estás aqui.'"

46

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Jaratkaru, ouvindo tudo isso ficou extremamente abatido. E com tristeza ele falou àqueles Pitris em palavras obstruídas por lágrimas. Jaratkaru disse, 'Vocês são meus pais e avôs mortos no passado. Portanto, me digam o que eu devo fazer pelo seu bem-estar. Eu sou aquele seu filho pecaminoso, Jaratkaru! Punam-me por meus atos pecaminosos, um canalha que eu sou.'

Os Pitris responderam, dizendo, 'Ó filho, por boa sorte tu chegaste a este local no curso de tuas andanças. Ó Brahmana, por que tu não tomas uma esposa?'

Jaratkaru disse, 'Ó Pitris, sempre existiu no meu coração o desejo de, com a semente vital parada, levar este corpo para o outro mundo. Minha mente foi possuída pela idéia de não tomar uma esposa. Mas avôs, tendo visto vocês pendurados como aves, eu desviei minha mente do modo de vida Brahmacharya. Eu realmente farei o que vocês querem. Eu certamente casarei, se alguma vez eu encontrar uma moça do meu próprio nome. Eu aceitarei aquela que, se

entregando por iniciativa própria, será como esmolas para mim, e a quem eu não terei que sustentar. Eu casarei se eu conseguir tal pessoa; de outra maneira, não. Essa é a verdade, ó avôs! E o filho que será gerado nela será sua salvação. E ó meus Pitris, vocês viverão para sempre em bem-aventurança e sem temor.'"

Sauti continuou, "O Muni, tendo dito isso aos Pitris, vagou sobre a terra novamente. E, ó Saunaka, estando velho, ele não conseguia uma esposa. E ele se afligiu muito por não ser bem sucedido. Mas ordenado (como antes) por seus ancestrais, ele continuou a busca. E indo para a floresta ele lamentou alto em grande angústia. E tendo ido para a floresta, o sábio, movido pelo desejo de fazer o bem para seus antepassados, disse, 'Eu pedirei uma noiva', e claramente repetiu três vezes estas palavras. E ele disse, 'Quaisquer criaturas que estejam aqui, móveis e imóveis, assim quem quer que haja que seja invisível, ó, ouçam minhas palavras! Meus antepassados, afligidos pelo pesar, ordenaram a mim que estou engajado nas penitências mais severas, dizendo, 'Case para (a obtenção de) um filho.' E, sendo mandado por meus ancestrais, eu estou vagando em pobreza e tristeza pelo mundo inteiro para me casar com uma donzela que eu possa obter como esmola. Que a criatura, entre aquelas às quais eu me dirigi, que tenha uma filha, a entregue para mim que estou vagando por toda parte. Tal noiva que tenha o mesmo nome que eu, a ser concedida para mim como esmola, e a quem, além disso, eu não sustentarei, ó, entregue para mim!' Então aquelas cobras que tinham sido colocadas no rastro de Jaratkaru, averiguando a disposição dele, deram a notícia para Vasuki. E o rei das cobras, ouvindo suas palavras, levou com ele aquela donzela enfeitada com ornamentos, e foi até a floresta àquele Rishi. E, ó Brahmana, Vasuki, o rei das cobras, tendo ido lá, ofereceu aquela moça como esmola ao Rishi de grande alma. Mas o Rishi não a aceitou imediatamente. O Rishi, pensando que ela não tinha o mesmo nome que ele, e vendo que a questão do sustento dela também não estava decidida, refletiu por poucos momentos, hesitando em aceitá-la. E então, ó filho de Bhrigu, ele perguntou a Vasuki o nome da moça, e também disse a ele, 'Eu não a sustentarei.'"

47

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Então Vasuki falou ao Rishi Jaratkaru essas palavras, 'Ó melhor dos Brahmanas, esta moça tem o mesmo nome que tu. Ela é minha irmã e tem mérito ascético. Eu manterei tua esposa; aceite-a. Ó tu de riqueza ascética, eu a protegerei com toda a minha habilidade. E, ó principal dos grandes Munis, ela foi criada por mim para ti.' E o Rishi respondeu, 'Está combinado entre nós que eu não a manterei; e ela não deverá fazer qualquer coisa que eu não goste. Se ela fizer, eu a deixo!'"

Sauti continuou, "Quando a cobra tinha prometido, dizendo, 'Eu sustentarei minha irmã', Jaratkaru então foi à casa da cobra. Então aquele principal dos

Brahmanas conhecedores de mantras, cumprindo votos rígidos, aquele asceta virtuoso e veterano, tomou a mão dela oferecida a ele segundo os ritos das Escrituras. E levando sua noiva com ele, adorada pelo grande Rishi, ele entrou no aposento encantador reservado para ele pelo rei das cobras. E naquele aposento havia uma armação de cama coberta com cobertores muito valiosos. E Jaratkaru viveu lá com sua esposa. E o excelente Rishi fez um acordo com sua mulher, dizendo, 'Nada deve ser feito ou dito por ti que seja contra a minha vontade. E no caso de tu fazeres qualquer coisa assim, eu te deixarei e não continuarei a morar na tua casa. Mantenha em mente estas palavras que foram faladas por mim.'

E então a irmã do rei das cobras em grande ansiedade e muito angustiada, falou a ele, dizendo, ‘Assim seja.’ E movida pelo desejo de fazer o bem para seus parentes, aquela moça, de reputação imaculada, começou a servir seu marido com a vigilância de um cão, a timidez de um cervo, e o conhecimento de sinais possuído pelo corvo. E um dia, depois do período menstrual, a irmã de Vasuki, tendo se purificado com um banho segundo o costume, se aproximou de seu marido, o grande Muni; e então ela concebeu. E o embrião era como uma chama de fogo, possuidor de grande energia, e resplandecia como o próprio fogo. E ele cresceu como a lua na quinzena clara.

E um dia, dentro de pouco tempo, Jaratkaru de grande fama, colocando a cabeça no colo de sua mulher, dormiu, parecendo cansado. E enquanto ele estava dormindo, o sol entrou em seus aposentos na montanha Ocidental e estava prestes a se pôr. E, ó Brahmana, como o dia estava acabando, ela, a irmã excelente de Vasuki, ficou pensativa, temendo a perda da virtude de seu marido. E ela pensou, ‘O que eu faço agora? Eu devo acordar meu marido ou não? Ele é exato e meticuloso em seus deveres religiosos. Como eu posso agir para não ofendê-lo? As alternativas são sua raiva e a perda da virtude de um homem virtuoso. A perda da virtude, eu penso, é o maior dos dois males. Porém, se eu o acordar, ele ficará zangado. Mas se o crepúsculo passar sem suas orações serem ditas, ele certamente sofrerá perda de virtude.’

E tendo resolvido finalmente, Jaratkaru de palavras gentis, a irmã de Vasuki, falou suavemente àquele Rishi resplandecente com penitências ascéticas, e deitado prostrado como uma chama de fogo, 'Ó afortunado, desperte, o sol está se pondo. Ó tu de votos rígidos, ó ilustre, faça tua oração da noite depois de te purificares com água e proferires o nome de Vishnu. A hora do sacrifício noturno chegou. O crepúsculo, ó senhor, está agora cobrindo gentilmente o lado ocidental.'

O ilustre Jaratkaru de grande mérito ascético, assim endereçado, falou para sua esposa essas palavras, seu lábio superior tremendo de raiva, ‘Ó amável da raça Naga, tu me insultaste. Eu não viverei mais contigo, mas voltarei para o lugar de onde eu vim. Ó tu de belas coxas, eu acredito no meu coração que o sol não tem poder de se pôr na hora costumeira se eu estiver dormindo. Uma pessoa insultada nunca deve viver onde ela foi insultada, pelo menos eu, uma pessoa virtuosa, ou aqueles que são como eu.’ Jaratkaru, a irmã de Vasuki, assim endereçada por seu marido, começou a tremer com terror, e ela falou a ele, dizendo, ‘Ó Brahmana, eu

não te acordei desejando insultá-lo; mas eu fiz isso para que tua virtude não sofresse alguma perda.'

O Rishi Jaratkaru, grande em mérito ascético, possuído pela raiva e desejoso de abandonar sua esposa, assim endereçado, falou a ela, dizendo, 'Ó formosa, eu nunca falei uma mentira. Portanto, eu devo partir. Isso também foi decidido entre nós. Ó amável, eu passei o tempo alegremente contigo. E, ó formosa, diga ao teu irmão, quando eu tiver partido, que eu te deixei. E depois de eu ter ido embora não caberá a ti sofrer por mim.'

Assim endereçada Jaratkaru, a irmã de Vasuki, de feições perfeitas, cheia de ansiedade e tristeza, tendo reunido suficiente coragem e paciência, embora seu coração ainda estivesse tremendo, então falou a Jaratkaru. Suas palavras foram obstruídas pelas lágrimas e seu rosto estava pálido de medo. E as palmas de suas mãos estavam unidas, e seus olhos estavam banhados em lágrimas. Ela disse, 'Não cabe a ti me deixar sem (eu ter cometido) uma falha. Tu trilhas o caminho da virtude. Eu também tenho estado no mesmo caminho, com o coração fixo no bem dos meus parentes. Ó melhor dos Brahmanas, o objetivo pelo qual eu fui entregue a ti ainda não foi cumprido. Infeliz que eu sou, o que Vasuki dirá para mim? Ó excelente, o filho desejado por meus parentes afligidos pela maldição de sua mãe ainda não apareceu! O bem-estar dos meus parentes depende da aquisição de progênie de ti. E para que minha ligação contigo não seja inútil, ó ilustre Brahmana, movida pelo desejo de fazer o bem para minha raça eu te imploro. Ó excelente, tu és de grande alma; assim por que tu deixarás a mim que sou impecável? Isto é o que não está perfeitamente claro para mim.'

Assim endereçado, o Muni de grande mérito ascético falou para sua esposa Jaratkaru essas palavras que eram apropriadas e adequadas para a ocasião. Ele disse, 'Ó afortunada, o ser que tu concebeste, assim como o próprio Agni, é um Rishi de alma muito virtuosa, e um mestre dos Vedas e seus ramos.'

Tendo dito isso, o grande Rishi Jaratkaru de alma virtuosa foi embora, seu coração firmemente fixado em praticar novamente as mais rígidas penitências."

48

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Ó tu de riquezas ascéticas, logo depois que seu marido a tinha deixado Jaratkaru foi até seu irmão. E ela contou a ele tudo o que tinha acontecido. E o príncipe das cobras, ouvindo as notícias calamitosas, falou para sua irmã miserável, ele mesmo mais miserável ainda.

E ele disse, 'Tu sabes, ó amável, o propósito da tua concessão, a razão disso. Se, dessa união, pelo bem-estar das cobras, um filho nascer, então ele, possuidor de energia, salvará nós todos do sacrifício de cobras. O Avô disse isso antigamente no meio dos deuses. Ó afortunada, tu concebeste da tua união com

aquele melhor dos Rishis? O desejo do meu coração é que minha concessão de ti para aquele sábio não tenha sido inútil. Realmente, não é apropriado para mim te questionar sobre isso. Mas por causa da gravidade dos interesses eu te pergunto. Conhecendo também a obstinação do teu marido, sempre engajado em penitências rígidas, eu não o seguirei, para que ele não me amaldiçoe. Conte-me em detalhes tudo o que o teu marido, ó amável, tem feito, e extraias aquele terrível dardo da aflição que jaz plantado por um longo tempo no meu coração.'

Jaratkaru, assim endereçada, consolando Vasuki, o rei das cobras, finalmente respondeu, dizendo, 'Questionado por mim sobre descendência, o asceta poderoso e de grande alma disse, 'Aí está' e então ele foi embora. Eu não me lembro dele ter falado antes mesmo em brincadeira qualquer coisa que fosse falsa. Por que ele, ó rei, falaria uma mentira em tal ocasião séria? Ele disse, 'Tu não deves te afligir, ó filha da raça das cobras, sobre o resultado planejado da nossa união. Um filho nascerá para ti, resplandecente como o Sol brilhante.' Ó irmão, tendo dito isso para mim, meu marido de riqueza ascética foi embora. Portanto, que a tristeza profunda nutrida no teu coração desapareça.'"

Sauti continuou, "Assim endereçado, Vasuki, o rei das cobras, aceitou aquelas palavras de sua irmã, e em grande alegria disse, 'Assim seja!' E o chefe das cobras então reverenciou sua irmã com seus melhores respeitos, presentes de riqueza, e elogios adequados. Então, ó melhor dos Brahmanas, o embrião dotado de grande esplendor começou a se desenvolver, como a lua nos céus na quinzena clara.

E no devido tempo, a irmã das cobras, ó Brahmana, deu nascimento a um filho do esplendor de uma criança celeste, que veio a ser aquele que mitigaria os temores de seus antepassados e parentes maternos. A criança cresceu na casa do rei das cobras. Ele estudou os Vedas e seus ramos com o asceta Chyavana, o filho de Bhrigu. E embora somente um menino, seus votos eram rígidos. E ele era dotado de grande inteligência, e com os vários atributos de virtude, conhecimento, liberdade das indulgências mundanas, e santidade. E o nome pelo qual ele foi conhecido no mundo era Astika. E ele foi conhecido pelo nome de Astika (quem quer que seja) porque seu pai tinha ido para as florestas, dizendo. 'Aí está', quando ele estava no útero. Embora somente um menino, ele tinha grande seriedade e inteligência. E ele foi criado com grande cuidado no palácio das cobras. E ele era como o senhor ilustre dos celestiais, Mahadeva de forma dourada, o manejador do tridente. E ele crescia dia a dia, para o deleite de todas as cobras."

49

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, “Me conte novamente, em detalhes, tudo o que o rei Janamejaya perguntou para seus ministros sobre a ascensão de seu pai para o céu.”

Sauti disse, “Ó Brahmana, ouça tudo o que o rei perguntou a seus ministros, e tudo o que eles disseram a respeito da morte de Parikshit.

Janamejaya perguntou, ‘Vocês sabem tudo o que aconteceu ao meu pai. Como aquele rei famoso, no tempo, encontrou sua morte? Ouvindo de vocês os incidentes da vida do meu pai em detalhes, eu ordenarei alguma coisa, se isso for para o benefício do mundo. Do contrário eu nada farei.’

O ministro respondeu, 'Ouça, ó monarca, o que tu pediste, um relatório da vida do teu pai ilustre, e como também aquele rei de reis deixou este mundo. Teu pai era virtuoso e de grande alma, e sempre protegia seu povo. Ó, ouça como aquela pessoa de grande alma se comportava sobre a terra. Como uma personificação da virtude e justiça, o monarca, conhecedor da virtude, protegia virtuosamente as quatro classes, cada uma empenhada em cumprir seus deveres específicos. De coragem incomparável, e abençoado com fortuna, ele protegia a deusa Terra. Ninguém o odiava e ele mesmo não odiava ninguém. Semelhante a Prajapati (Brahma) ele era igualmente disposto para com todas as criaturas. Ó monarca, Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras, todos engajados alegremente na prática de seus respectivos deveres, eram protegidos imparcialmente por aquele rei. Viúvas e órfãos, os mutilados e os pobres, ele sustentava. De belas feições, ele era para todas as criaturas como um segundo Soma. Cuidando dos seus súditos e mantendo eles satisfeitos, abençoado com boa sorte, sincero, de imensa coragem, ele foi discípulo de Saradwat na ciência de armas. E, ó Janamejaya, teu pai era querido para Govinda. De grande fama, ele era amado por todos os homens. E ele nasceu no útero de Uttara quando a linhagem Kuru estava quase extinta. E, portanto, o filho poderoso de Abhimanyu veio a ser chamado Parikshit (nascido em uma linhagem extinta). Bem versado na interpretação de tratados sobre os deveres dos reis, ele era dotado de todas as virtudes. Com paixões sob controle completo, inteligente, possuindo uma memória retentiva, praticante de todas as virtudes, conquistador das seis paixões, de mente poderosa, superando todos, e totalmente familiarizado com a ciência de moralidade e ciência política, teu pai governou seus súditos por sessenta anos. E ele então morreu, pranteado por todos os seus súditos. E, depois dele, ó principal dos homens, tu adquiriste este reino hereditário dos Kurus pelos últimos mil anos. Tu foste instalado quando criança, e estás dessa maneira protegendo todas as criaturas.'

Janamejaya disse, ‘Nunca nasceu em nossa linhagem um rei que não procurasse o bem de seus súditos ou que não fosse amado por eles. Vejam especialmente a conduta dos meus antepassados sempre empenhados em grandes realizações. Como meu pai, abençoado com muitas virtudes, encontrou

sua morte? Descrevam para mim como tudo aconteceu. Eu estou desejoso de ouvir isto de vocês!'"

Sauti continuou, "Assim ordenados pelo monarca, aqueles conselheiros, sempre desejosos do bem do rei, contaram a ele tudo exatamente como tinha ocorrido.

E os conselheiros disseram, 'Ó rei, aquele teu pai, aquele protetor de toda a terra, aquela mais notável de todas as pessoas obedientes às escrituras, era viciado nos esportes de campo, assim como Pandu de braços poderosos, aquele principal de todos os manejadores de arco em batalha. Ele transferiu para nós todos os assuntos de estado, do mais trivial ao mais importante. Um dia, entrando na floresta, ele perfurou um veado com uma flecha. E o tendo perfurado ele o seguiu rapidamente a pé na floresta profunda, armado com espada e aljava. Ele não pôde, no entanto, alcançar o veado perdido. Com sessenta anos de idade e decrépito, ele logo ficou cansado e faminto. Ele então viu nas florestas profundas um Rishi de grande alma. O Rishi estava então observando o voto de silêncio. O rei o questionou acerca do veado, mas, embora questionado, ele não deu resposta. Finalmente o rei, já cansado com o esforço e a fome de repente ficou zangado com aquele Rishi sentado imóvel como um pedaço de madeira no cumprimento de seu voto de silêncio. De fato, o rei não sabia que ele era um Muni observando o voto de silêncio. Dominado pela raiva, teu pai o insultou. Ó excelente da linhagem Bharata, o rei, teu pai, erguendo do chão com a ponta de seu arco uma cobra morta a colocou nos ombros daquele Muni de alma pura. Mas o Muni não falou uma palavra boa ou má e não se enraiveceu. Ele continuou na mesma postura, portando a cobra morta.'"

50

(Continuação do Astika Parva)

Sauti continuou, "Os ministros disseram, 'Aquele rei de reis então, exausto com fome e esforço, e tendo colocado a cobra sobre os ombros daquele Muni, voltou para sua capital. O Muni tinha um filho, nascido de uma vaca, de nome Sringin. Ele era amplamente conhecido, possuidor de grande destreza e energia, e muito colérico. Indo (todo dia) até seu preceptor ele tinha o hábito reverenciá-lo. Mandado por ele, Sringin estava voltando para casa quando ele soube de um amigo seu sobre o insulto ao pai dele por teu pai. E, ó tigre entre reis, ele soube que seu pai, sem ter cometido qualquer erro, estava levando, imóvel como uma estátua, sobre seus ombros uma cobra morta colocada sobre eles. Ó rei, o Rishi insultado por teu pai era rígido em penitências ascéticas, o principal dos Munis, controlador de paixões, puro, e sempre engajado em atos extraordinários. Sua alma era iluminada com penitências ascéticas, e seus órgãos e suas funções estavam sob total controle. Suas práticas e suas palavras eram ambas muito boas. Ele era contente e sem avareza. Ele não tinha cobiça de qualquer tipo e não

tinha inveja. Ele era idoso e costumava observar o voto de silêncio. E ele era o refúgio a quem todas as criaturas podiam procurar em aflição.

Tal era o Rishi insultado por teu pai. O filho, no entanto, daquele Rishi, furioso, amaldiçoou teu pai. Embora jovem em idade, o jovem poderoso era velho em esplendor ascético. Tocando a água rapidamente, ele falou, queimando por assim dizer com energia espiritual e raiva, essas palavras em alusão ao teu pai: 'Veja o poder do meu ascetismo! Dirigida por minhas palavras, a cobra Takshaka de energia poderosa e veneno virulento, dentro de sete noites a partir de hoje, queimará com seu veneno o canalha que colocou a cobra morta sobre meu pai que não ofendeu ninguém.' E tendo dito isso ele foi para onde seu pai estava. E vendo seu pai ele falou da sua maldição. O tigre entre os Rishis então enviou ao teu pai um discípulo dele, chamado Gaurmukha, de maneiras amáveis e possuidor de todas as virtudes. E tendo descansado um pouco (após a chegada na corte) ele contou tudo ao rei, dizendo nas palavras de seu mestre, 'Tu foste amaldiçoado, ó rei, por meu filho. Takshaka te queimará com seu veneno! Portanto, ó rei, tenha cuidado.' Ó Janamejaya, ouvindo aquelas palavras terríveis teu pai tomou todas as precauções contra a poderosa cobra Takshaka.

E quando o sétimo dia tinha chegado, um Rishi Brahmana, chamado Kasyapa, desejou ir até o monarca. Mas a cobra Takshaka viu Kasyapa. E o príncipe das cobras falou para Kasyapa sem perda de tempo, dizendo, 'Aonde tu vais tão rapidamente, e qual é o negócio para o qual tu vais?' Kasyapa respondeu, dizendo, 'Ó Brahmana, eu estou indo para onde o rei Parikshit, aquele melhor dos Kurus, está. Ele hoje será queimado pelo veneno da cobra Takshaka. Eu vou lá rapidamente para curá-lo, de fato, para que, protegido por mim, a cobra não possa mordê-lo e matá-lo.' Takshaka respondeu, dizendo, 'Por que tu procuras reviver o rei a ser mordido por mim? Eu sou Takshaka, ó Brahmana, veja o extraordinário poder do meu veneno. Tu serás incapaz de reviver aquele monarca quando ele for mordido por mim.' Assim dizendo, Takshaka imediatamente mordeu um senhor da floresta (uma árvore banian, figueira da Índia). E a banian, logo que foi mordida pela cobra, foi transformada em cinzas. Mas Kasyapa, ó rei, a reviveu. Takshaka então o tentou, dizendo, 'Conte-me teu desejo.' E Kasyapa, também, assim endereçado, falou novamente para Takshaka, dizendo, 'Eu vou lá pelo desejo de riqueza.' E Takshaka então falou para Kasyapa de grande alma essas palavras gentis, 'Ó impecável, receba de mim mais riqueza do que tu espera daquele monarca, e volte!' E Kasyapa, aquele principal dos homens, assim endereçado pela cobra, e recebendo dele tanta riqueza quanto desejava seguiu seu caminho de volta.

E Kasyapa voltando, Takshaka, se aproximando disfarçado, destruiu, com o fogo de seu veneno, teu pai virtuoso, o principal dos reis, naquele período permanecendo em sua mansão com todas as precauções. E depois daquilo, tu foste, ó tigre entre homens, instalado (no trono). E, ó melhor dos monarcas, nós assim te dissemos tudo o que vimos e ouvimos, embora o relato seja cruel. E sabendo tudo acerca da derrota do teu nobre pai, e do insulto ao Rishi Utanka, decida o que deve vir em seguida!'"

Sauti continuou, “O rei Janamejaya, aquele castigador de inimigos, então falou para todos os seus ministros. E ele disse, 'Como vocês souberam tudo o aconteceu sobre aquela banian reduzida a cinzas por Takshaka, e que, admirável como ela é, foi posteriormente revivida por Kasyapa? Seguramente meu pai poderia não ter morrido, pois o veneno seria neutralizado por Kasyapa com seus mantras. Aquela pior das cobras, de alma pecaminosa, pensou que se Kasyapa ressuscitasse o rei mordido por ele, ele, Takshaka, seria um objeto de ridículo no mundo devido à neutralização de seu veneno. Seguramente, tendo pensado dessa forma, ele pacificou o Brahmana. Eu planejei um modo, no entanto, de infligir punição sobre ele. Eu gostaria de saber, no entanto, o que vocês viram ou ouviram, o que aconteceu na solidão profunda da floresta, as palavras de Takshaka e de Kasyapa. Sabendo isto, eu idearei os meios de exterminar a raça das cobras.'

Os ministros disseram, ‘Ouça, ó monarca, a respeito daquele que nos falou do encontro entre aquele principal Brahmana e aquele príncipe das cobras nas florestas. Certa pessoa, ó monarca, tinha subido naquela árvore que continha alguns ramos secos com o objetivo de quebrá-los para combustível sacrifical. Ele não tinha notado nem a cobra nem o Brahmana. E, ó rei, aquele homem foi reduzido a cinzas junto com a própria árvore. E, ó rei de reis, ele foi revivido com a árvore pelo poder do Brahmana. Aquele homem, o criado de um Brahmana, tendo vindo até nós, descreveu integralmente como tudo aconteceu entre Takshaka e o Brahmana. Assim nós te dissemos, ó rei, tudo o que nós vimos e ouvimos. E tendo ouvido isto, ó tigre entre os reis, ordene aquilo que deve se seguir.’”

Sauti continuou, “O rei Janamejaya, tendo escutado as palavras de seus ministros, estava muito aflito pela angústia, e começou a chorar. E o monarca começou a apertar suas mãos. E o rei de olhos de lótus começou a respirar longamente e com dificuldade, derramou lágrimas, e gritou alto. E possuído pela dor e tristeza, e derramando lágrimas copiosas, e tocando a água segundo o ritual, o monarca falou. Refletindo por um momento, como se decidindo alguma coisa em sua mente, o monarca enfurecido se dirigindo a todos os ministros, disse estas palavras.

'Eu ouvi seu relado sobre a ascensão do meu pai para o céu. Saibam agora qual é a minha decisão definitiva. Eu penso que nenhum tempo deve ser perdido sem vingar esta injúria sobre o canalha Takshaka que matou meu pai. Ele queimou meu pai fazendo de Sringin somente uma causa secundária. Só por maldade ele fez Kasyapa retornar. Se aquele Brahmana tivesse chegado meu pai sem dúvida teria vivido. O que ele perderia se o rei fosse revivido pela graça de Kasyapa e as medidas de precaução de seus ministros? Por ignorância dos efeitos da minha ira ele impediu Kasyapa, aquele excelente entre os Brahmanas, a quem ele não podia derrotar, de vir até meu pai com o desejo de revivê-lo. O ato de agressão é grande da parte do vil Takshaka que deu riqueza para aquele Brahmana para que ele não revivesse o rei. Eu devo agora me vingar no inimigo do meu pai para satisfazer a mim mesmo, ao Rishi Utanka e a vocês todos.'”

51

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “O rei Janamejaya tendo falado dessa maneira, seus ministros expressaram sua aprovação. E o monarca então expressou sua determinação de realizar um sacrifício de cobras. E aquele senhor da Terra, aquele tigre da raça Bharata, o filho de Parikshit, então chamou seu sacerdote e Ritwiks. E talentoso em discurso, ele falou para eles essas palavras relativas à realização da sua grande tarefa; 'Eu devo me vingar no vil Takshaka que matou meu pai. Digam-me o que eu devo fazer. Vocês conhecem alguma ação pela qual eu possa lançar no fogo ardente a cobra Takshaka com seus parentes? Eu desejo queimar aquele desgraçado assim como ele queimou, antigamente, pelo fogo de seu veneno, meu pai.'

O principal sacerdote respondeu, 'Há, ó rei, um grande sacrifício para ti planejado pelos próprios deuses. Ele é conhecido como o sacrifício de cobras, e é lido nos Puranas. Ó rei, só tu podes realizá-lo, e ninguém mais. Homens versados nos Puranas têm nos dito, existe tal sacrifício.'”

Sauti continuou, “Assim endereçado, o rei, ó excelente, considerou Takshaka como já queimado e jogado na boca ardente de Agni, o comedor da manteiga sacrifical. O rei então disse para aqueles Brahmanas versados em mantras, 'Eu farei os preparativos para aquele sacrifício. Falem-me as coisas que são necessárias.' E os Ritwiks do rei, ó Brahmana excelente, versados nos Vedas e familiarizados com os ritos daquele sacrifício mediram, de acordo com as escrituras, a área para a plataforma sacrifical. E a plataforma foi decorada com artigos valiosos e com Brahmanas. E ela estava cheia de coisas preciosas e arroz com casca. E o Ritwika sentou comodamente sobre ela. E depois que a plataforma sacrifical tinha sido assim construída segundo as regras e como desejada, eles instalaram o rei no sacrifício de cobras para o alcance de seu objetivo. E antes do início do sacrifício de cobras que estava por vir, ocorreu lá um incidente muito importante pressagiando a obstrução do sacrifício, pois quando a plataforma sacrifical estava sendo construída, um construtor profissional de grande inteligência e bem versado no conhecimento de colocar alicerces, um Suta por casta, bem familiarizado com os Puranas, disse, 'O solo sobre o qual e a hora na qual a medição para a plataforma sacrifical foram feitas indicam que este sacrifício não será completado, sendo um Brahmana a razão disso.' Ouvindo isso, o rei, antes de sua instalação, deu ordens aos guardas do portão para não admitirem ninguém sem seu conhecimento.”

52

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “O sacrifício de cobras então começou segundo a forma devida. E os sacerdotes sacrificais, competentes em seus respectivos deveres de acordo com a ordenança, vestidos em roupas negras e com seus olhos vermelhos pelo contato com fumaça, despejaram manteiga clarificada no fogo ardente, proferindo os mantras apropriados. E, fazendo os corações de todas as cobras tremerem de medo, eles despejaram manteiga clarificada na boca de Agni proferindo os nomes das cobras. E as cobras então começaram a cair no fogo ardente, paralisadas e chamando lastimavelmente umas às outras. E inchadas e respirando com dificuldade, e se enrolando umas às outras com suas cabeças e rabos, elas vinham em grande número e caíam no fogo. As brancas, as pretas, as azuis, as velhas e as jovens, todas caíam igualmente dentro do fogo, proferindo vários gritos. Aquelas medindo um krosa, e aquelas medindo um yojana, e aquelas medindo um gokarna, caíam continuamente com grande violência naquele principal de todos os fogos. E centenas e milhares e dezenas de milhares de cobras, privadas de todo o controle sobre seus membros, pereceram naquela ocasião. E entre aquelas que pereceram, havia algumas que eram como cavalos, outras como trombas de elefantes, e outras de corpos enormes e força como a de elefantes enfurecidos. De várias cores e veneno virulento, terríveis e parecendo com maças equipadas com pontas de ferro, de grande força, sempre inclinadas a morder, as cobras, aflitas pela maldição de sua mãe, caíam no fogo.”

53

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka perguntou, “Quais grandes Rishis se tornaram os Ritwiks no sacrifício de cobras do sábio rei Janamejaya da linha Pandava? Quem também foram os Sadasyas naquele sacrifício terrível, tão pavoroso para as cobras, e gerando tal tristeza nelas? Cabe a ti descrever tudo isso em detalhes, para que, ó filho de Suta, nós possamos saber quem era familiarizado com os rituais do sacrifício de cobras.”

Sauti respondeu, “Eu recitarei os nomes daqueles sábios que se tornaram os Ritwiks e Sadasyas do monarca. O Brahmana Chandabhargava se tornou o Hotri naquele sacrifício. Ele tinha grande reputação, e era nascido na linhagem de Chyavana e era o principal daqueles conhecedores dos Vedas. O velho Brahmana erudito, Kautsa, se tornou o Udgatri, o cantor dos hinos Védicos. Jaimini se tornou o Brahmana, e Sarngarva e Pingala os Adhvaryus, Vyasa com seu filho e discípulos, e Uddalaka, Pramataka, Swetaketu, Pingala, Asita, Devala, Narada, Parvata, Atreya, Kundajathara, o Brahmana Kalaghata, Vatsya, o idoso

Srutasravas sempre engajado em japa e no estudo dos Vedas, Kohala Devasarman, Maudgalya, Samasaurava, e muitos outros Brahmanas que tinham compreendido os Vedas se tornaram os Sadasyas naquele sacrifício do filho de Parikshit.

Quando os Ritwiks daquele sacrifício de cobras começaram a despejar manteiga clarificada no fogo, cobras terríveis, que causavam medo em todas as criaturas, começaram a cair nele. E a gordura e a medula das cobras assim caindo no fogo começaram a fluir em rios. E a atmosfera se encheu com um fedor insuportável devido à queima incessante das cobras. E incessantes também eram os gritos das cobras caídas no fogo e daquelas no ar prestes a caírem dentro dele.

Enquanto isso, Takshaka, aquele príncipe das cobras, logo que ele soube que o rei Janamejaya estava engajado no sacrifício, foi para o palácio de Purandara (Indra). E aquela melhor das cobras, tendo relatado tudo o que tinha acontecido, procurou aterrorizada a proteção de Indra depois de ter reconhecido seu erro. E Indra, satisfeito, disse a ele, 'Ó príncipe das cobras, ó Takshaka, aqui tu não deve temer aquele sacrifício de cobras. O Avô foi pacificado por mim por tua causa. Portanto, não tenha medo. Que este temor do teu coração seja aquietado.'"

Sauti continuou, "Assim encorajado por ele, aquela melhor das cobras começou a morar na residência de Indra em alegria e felicidade. Mas Vasuki, vendo que as cobras estavam caindo incessantemente no fogo e que sua família estava reduzida somente a uns poucos, ficou muito triste. E o rei das cobras estava muito aflito, e seu coração estava prestes a se partir. E chamando sua irmã, ele falou a ela, dizendo, 'Ó amável, meus membros estão queimando e eu não vejo mais os pontos dos céus. Eu estou prestes a cair por causa da perda de consciência. Minha mente está turva, minha visão está fraquejando e meu coração está se partindo. Entorpecido, eu posso cair hoje no fogo ardente! Aquele sacrifício do filho de Parikshit é para o extermínio da nossa raça. É evidente que eu também terei que ir para a residência do rei dos mortos. Chegou a hora, ó minha irmã, por causa da qual tu foste entregue por mim a Jaratkaru para proteger a nós com nossos parentes. Ó melhor das mulheres da raça das cobras, Astika porá um fim no sacrifício que está ocorrendo. O Avô me disse isso antigamente. Portanto, ó criança, peça ao teu filho querido que conhece totalmente os Vedas e é respeitado mesmo pelos idosos, pela minha proteção e também daqueles que dependem de mim.'"

54

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Então a dama cobra Jaratkaru, chamando seu próprio filho, disse a ele as seguintes palavras de acordo com as instruções de Vasuki, o rei das cobras; 'Ó filho, chegou a hora da realização daquele objetivo pelo qual eu fui entregue ao teu pai por meu irmão. Portanto, faça o que deve ser feito.'

Astika perguntou, ‘Por que tu foste, ó mãe, entregue ao meu pai por meu tio? Conte-me tudo realmente para que ao saber disso eu possa fazer o que é apropriado.’

Então Jaratkaru, a irmã do rei das cobras, ela mesma inalterada pelo infortúnio geral, e sempre desejosa do bem-estar de seus parentes, disse a ele, 'Ó filho, é dito que a mãe de todas as cobras é Kadru. Saiba por que ela amaldiçoou em fúria seus filhos. Se dirigindo às cobras ela disse, 'Como vocês se recusaram a representar falsamente Uchchaihsravas, o príncipe dos cavalos, para ocasionar a escravidão de Vinata de acordo com a aposta, portanto, aquele cujo cocheiro é Vayu queimará vocês todos no sacrifício de Janamejaya. E perecendo naquele sacrifício, vocês irão para a região dos espíritos não redimidos.' O Avô de todos os mundos falou a ela enquanto proferindo essa maldição, 'Assim seja', e assim aprovou suas palavras. Vasuki tendo ouvido aquela maldição e então as palavras do Avô, procurou a proteção dos deuses, ó filho, na ocasião quando o amrita estava sendo batido. E os deuses, com seu objetivo cumprido, pois eles tinham obtido o excelente amrita, com Vasuki à frente, se aproximaram do Avô. E todos os deuses, com o rei Vasuki, procuraram inclinar Ele que nasceu do lótus a ser propício, para que a maldição pudesse ser anulada.

E os deuses disseram, ‘Ó Senhor, Vasuki, o rei das cobras, está pesaroso por causa de seus parentes. Como a maldição da mãe dele poderá ser abortada?’

Brahman respondeu, dizendo, ‘Jaratkaru tomará para si mesmo uma esposa de nome Jaratkaru; o Brahmana nascido dela salvará as cobras.’

Vasuki, a melhor das cobras, ouvindo aquelas palavras, me entregou, ó tu de aspecto divino, ao teu pai de grande alma algum tempo antes do início do sacrifício. E daquele casamento tu nasceste de mim. Aquela hora chegou. Cabe a ti nos proteger deste perigo. Cabe a ti proteger meu irmão e eu mesma do fogo, para que o objetivo, nossa salvação, pelo qual eu fui concedida ao teu sábio pai, possa ser realizado. O que tu achas, ó filho?'"

Sauti continuou, “Assim endereçado, Astika disse para sua mãe, ‘Sim, eu o farei.’ E ele então se dirigiu ao aflito Vasuki, e como se infundindo vida nele, disse, ‘Ó Vasuki, tu melhor das cobras, grande ser, eu digo verdadeiramente, eu te salvarei daquela maldição. Acalma-te, ó cobra! Não há mais temor. Eu me esforçarei seriamente para que o bem sobrevenha! Ninguém nunca disse que minhas palavras, mesmo em brincadeira, se comprovaram falsas. Por isso em ocasiões sérias como essa eu não preciso dizer mais nada, ó tio, indo para lá hoje eu gratificarei, com palavras misturadas com bênçãos, o monarca Janamejaya instalado no sacrifício, para que, ó excelente, o sacrifício possa parar. Ó de grande alma, ó rei das cobras, acredite em tudo o que eu digo. Creia-me, minha resolução nunca pode deixar de ser realizada.’

E Vasuki então disse, ‘Ó Astika, minha cabeça gira e meu coração se parte. Eu não posso discernir os pontos da terra, porque eu estou aflito pela maldição de minha mãe.’

E Astika disse, ‘Tu melhor das cobras, não cabe a ti te afligir mais. Eu dissiparei esse teu medo do fogo ardente. Este castigo terrível, capaz de queimar como o fogo no fim do Yuga, eu extinguirei. Não nutra mais esse medo.’”

Sauti continuou, “Então aquele melhor dos Brahmanas, Astika, abrandando o medo terrível do coração de Vasuki, e tomando-o, por assim dizer, sobre si mesmo, foi, para o alívio do rei das cobras, com velocidade para o sacrifício de Janamejaya abençoado com todo o mérito. E Astika tendo ido para lá, viu a excelente área sacrifical com numerosos Sadasyas sobre ela cujo esplendor era semelhante àquele do Sol ou Agni. Mas aquele melhor dos Brahmanas teve sua admissão recusada pelos guardas da porta. E o poderoso asceta os gratificou, estando desejoso de entrar na área sacrifical. E aquele melhor dos Brahmanas, aquele mais notável de todos os homens virtuosos, tendo entrado na excelente área sacrifical, começou a adorar o rei de realizações infinitas, Ritwiks, os Sadasyas, e também o fogo sagrado.

55

(Continuação do Astika Parva)

Astika disse, 'Soma e Varuna e Prajapati realizaram sacrifícios antigamente em Prayaga. Mas teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit, não é inferior a qualquer um deles. Que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Sakra realizou cem sacrifícios. Mas esse teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit, é completamente igual a dez mil sacrifícios de Sakra. Que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Semelhante ao sacrifício de Yama, de Harimedha, ou do rei Rantideva, é o teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit. Que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Como o sacrifício de Maya, do rei Sasavindu, ou do rei Vaisravana, é esse teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, como o sacrifício de Nriga, de Ajamida, do filho de Dasaratha, é esse teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit. Que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Como o sacrifício do rei Yudhishthira, o filho de um deus e pertencente à linhagem Ajamida, conhecido (até) nos céus, é esse teu sacrifício. Ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit, que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Como o sacrifício de Krishna (Dwaipayana), o filho de Satyavati, no qual ele mesmo era o sacerdote principal, é esse teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit! Que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Estes (Ritwiks e Sadasyas) que estão aqui empenhados em fazer teu sacrifício, como aquele do matador de Vritra, são de esplendor igual àquele do Sol. Agora não resta nada para eles conhecerem, e os presentes feios a eles se tornam inesgotáveis (em mérito). É minha convicção que não há Ritwik em todos os mundos que seja igual ao teu Ritwik, Dwaipayana. Seus discípulos, se tornando Ritwiks, qualificados para seus deveres, viajam pela terra. O transportador de grande alma da libação (Agni), chamado também de

Vibhavasu e Chitrabhanu, tendo ouro como sua semente vital e tendo seu caminho marcado por fumaça negra, resplandecendo com chamas inclinadas para a direita, leva essas libações de manteiga clarificada para os deuses. Neste mundo dos homens não há outro monarca igual a ti na proteção dos súditos. Eu estou sempre muito satisfeito com tua abstinência. De fato, tu és ou Varuna, ou Yama, o deus da Justiça. Como o próprio Sakra, raio nas mãos, tu és, nesse mundo, o protetor de todas as criaturas. Nesta terra não há homem tão grandioso quanto tu e nenhum monarca que seja igual a ti em sacrifícios. Tu és como Khatwanga, Nabhaga, e Dilipa. Em coragem tu és como Yayati e Mandhatri. Em esplendor igual ao sol, e de votos excelentes, tu és ó monarca, como Bhishma! Como Valmiki tu és de energia oculta. Como Vasishtha tu tens controlado tua ira. Como Indra é teu domínio. Teu esplendor também brilha como aquele de Narayana. Como Yama tu és proficiente com a dispensação de justiça. Tu és como Krishna adornado com todas as virtudes. Tu és o lar da boa sorte que pertence aos Vasus. Tu és também o refúgio dos sacrifícios. Em força tu és igual a Damvodbhava. Como Rama (o filho de Jamadagni) tu és conhecedor das escrituras e seus ramos. Em energia tu és igual a Aurva e Trita. Tu inspiras terror por meio dos teus olhares como Bhagiratha.'"

Sauti disse, "Astika, tendo assim os adorado, agradou eles todos, o rei, os Sadasyas, os Ritwiks e o fogo sacrifical. E o rei Janamejaya vendo os sinais e indicações manifestados por toda parte, se dirigiu a eles como segue.

56

(Continuação do Astika Parva)

Janamejaya disse, 'Embora este seja somente um menino, ele fala como um velho homem sábio. Ele não um é menino, mas uma pessoa sábia e idosa, eu penso, e desejo conceder a ele um benefício. Portanto, ó Brahmanas, me dêem a permissão necessária.'

Os Sadasyas disseram, 'Um Brahmana, embora um menino, merece o respeito dos reis. Os eruditos ainda mais. Este menino merece que todos os seus desejos sejam realizados por ti, mas não antes de Takshaka chegar com velocidade.'"

Sauti continuou, "O rei, estando disposto a conceder ao Brahmana um benefício, disse: 'Peça um benefício.' O Hotri, no entanto, estando um pouco descontente, disse: 'Takshaka não veio até agora a esse sacrifício.'

Janamejaya respondeu, 'Se esforcem o melhor que puderem para que esse meu sacrifício possa alcançar sua conclusão, e para que Takshaka também possa vir logo para cá. Ele é meu inimigo.'

Os Ritwiks responderam, ‘Como as escrituras declaram para nós, e como o fogo também diz, ó monarca, (parece que) Takshaka está agora permanecendo na residência de Indra, afligido pelo medo.’”

Sauti continuou, “O ilustre Suta chamado Lohitaksha também, conhecedor dos Puranas, tinha dito aquilo antes.

Questionado pelo rei na presente ocasião ele outra vez disse ao monarca, ‘Senhor, é assim mesmo como os Brahmanas disseram, conhecendo os Puranas, eu digo, ó monarca, que Indra concedeu a ele esse benefício, dizendo, ‘More comigo em segredo, e Agni não te queimará.’”

Sauti continuou, “Ouvindo isso, o rei instalado no sacrifício ficou muito preocupado e incitou o Hotri a cumprir seu dever. E quando o Hotri, com mantras, começou a despejar manteiga clarificada no fogo o próprio Indra apareceu em cena. E o ilustre veio em seu carro, adornado por todos os deuses em volta, seguido por massas de nuvens, cantores celestes, e vários grupos de dançarinas celestes. E Takshaka ansioso se escondeu na parte superior da roupa de Indra e não estava visível. Então o rei enraivecido disse novamente para seus Brahmanas conhecedores de mantras essas palavras, determinado a destruir Takshaka, 'Se a cobra Takshaka estiver na residência de Indra, lance ele no fogo com o próprio Indra.'”

Sauti continuou, “Instado assim pelo rei Janamejaya sobre Takshaka, o Hotri despejou libações, chamando pelo nome aquela cobra que então estava lá. E enquanto as libações eram despejadas, Takshaka, com o próprio Purandara, ansioso e aflito, ficou visível por um momento nos céus. Então Purandara, vendo aquele sacrifício, ficou muito alarmado, e rapidamente rejeitando Takshaka voltou para sua própria residência. Depois de Indra ter ido embora, Takshaka, o príncipe das cobras, insensível pelo medo, foi pela virtude dos mantras levado perto suficiente das chamas do fogo sacrifical.

Os Ritwiks então disseram, ‘Ó rei de reis, o teu sacrifício está sendo realizado devidamente. Cabe a ti, ó Senhor, conceder um benefício agora para este principal dos Brahmanas.’

Janamejaya então disse, ‘Tu incomensurável de tais feições belas e infantis, eu desejo te conceder um benefício digno. Portanto, peça aquilo que tu desejas no teu coração. Eu te prometo que eu o concederei mesmo que seja inconcessível.’

Os Ritwiks disseram, 'Ó monarca, veja, Takshaka está quase sob o teu controle! Seus gritos terríveis e rugidos altos estão sendo ouvidos. Seguramente, a cobra foi abandonada pelo manejador do raio. Seu corpo sendo incapacitado por seus mantras, ele está caindo do céu. Agora mesmo, girando nos céus, e privado de consciência, o príncipe das cobras vem, respirando ruidosamente.'”

Sauti continuou, “Enquanto Takshaka, o príncipe das cobras estava prestes a cair no fogo sacrifical, durante aqueles poucos momentos Astika falou o seguinte,

'Ó Janamejaya, se tu me concederás um benefício, que este teu sacrifício tenha fim e que nenhuma outra cobra caia no fogo.'

Ó Brahmana, o filho de Parikshit, sendo assim endereçado por Astika, ficou muito pesaroso e respondeu a Astika dessa forma, 'Ó ilustre, ouro, prata, vacas, e quaisquer outras posses que tu desejares eu te darei. Mas não que meu sacrifício termine.'

Astika respondeu, ‘Ouro, prata ou vacas eu não te peço, ó monarca! Mas que teu sacrifício termine para que meus parentes maternos sejam salvos.’”

Sauti continuou, “O filho de Parikshit, sendo assim endereçado por Astika, repetidamente disse isso àquele principal dos oradores, 'Melhor dos Brahmanas, peça algum outro benefício. Ó, abençoado sejas tu!' Mas, ó tu da linhagem de Bhrigu, ele não pediu nenhum outro benefício. Então todos os Sadasyas conhecedores dos Vedas disseram ao rei em uma só voz, 'Que o Brahmana receba seu benefício!'”

57

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, “Ó filho de Suta, eu desejo ouvir os nomes de todas aquelas cobras que caíram no fogo daquele sacrifício de cobras!”

Sauti respondeu, ‘Muitos milhares e dezenas de milhares e bilhões de cobras caíram no fogo. Ó Brahmana mais excelente, tão grande é o número que eu sou incapaz de enumerar elas todas. Por enquanto, porém, conforme eu lembro, ouça os nomes que eu menciono das principais cobras lançadas ao fogo. Ouça primeiro os nomes das principais da raça de Vasuki somente, de cor azul, vermelhas e brancas, de formas terríveis e corpo enorme e veneno mortal. Desamparadas e miseráveis e afligidas pela maldição de sua mãe, elas caíram no fogo sacrifical como libações de manteiga.

Kotisa, Manasa, Purna, Cala, Pala Halmaka, Pichchala, Kaunapa, Cakra, Kalavega, Prakalana, Hiranyavahu, Carana, Kakshaka, Kaladantaka, estas cobras nascidas de Vasuki caíram no fogo. E, ó Brahmana, numerosas outras cobras bem nascidas, e de forma terrível e grande força, foram queimadas no fogo ardente. Eu agora mencionarei aquelas nascidas na raça de Takshaka. Ouça seus nomes. Puchchandaka, Mandalaka, Pindasektri, Ravenaka; Uchochikha, Carava, Bhangas, Vilwatejas, Virohana; Sili, Salakara, Muka, Sukumara, Pravepana, Mudgara e Sisuroman, Suroman e Mahahanu. Estas cobras nascidas de Takshaka caíram no fogo. E Paravata, Parijata, Pandara, Harina, Krisa, Vihanga, Sarabha, Meda, Pramoda, Sauhatapana, estas nascidas na raça de Airavata caíram no fogo. Agora ouça, ó melhor dos Brahmanas, os nomes das cobras que eu cito nascidas na raça de Kauravya: Eraka, Kundala Veni, Veniskandha, Kumaraka, Vahuka, Sringavera, Dhurtaka, Pratara e Astaka. Estas nascidas na

raça de Kauravya caíram no fogo. Agora ouça os nomes que eu menciono, em ordem, daquelas cobras dotadas da velocidade do vento e de veneno virulento, nascidas na raça de Dhritarashtra: Sankukarna, Pitharaka, Kuthara, Sukhana, e Shechaka; Purnangada, Purnamukha, Prahasa, Sakuni, Dari, Amahatha, Kumathaka, Sushena, Vyaya, Bhairava, Mundavedanga, Pisanga, Udraparaka, Rishabha, Vegavat, Pindaraka; Raktanga, Sarvasaranga, Samriddha, Patha e Vasaka; Varahaka, Viranaka, Suchitra, Chitravegika, Parasara, Tarunaka, Maniskandha e Aruni.

Ó Brahmana, assim eu recitei os nomes das principais cobras amplamente conhecidas por suas façanhas; eu não sou capaz de nomear todas, o número é incontável. Os filhos destas cobras, os filhos daqueles filhos, que foram queimados tendo caído no fogo, eu sou incapaz de mencionar. Eles são tantos! Alguns de três cabeças, algum de sete, outros de dez, de veneno como o fogo no fim do yuga e de forma terrível, elas foram queimadas às milhares!

Muitas outras, de corpos enormes, de grande velocidade, altas como topos de montanha, do comprimento de um yama, de um yojana, e de dois yojanas, capazes de assumir qualquer forma que desejassem e de dominar à vontade qualquer intensidade de força, de veneno como o fogo ardente, afligidas pela maldição de uma mãe, foram queimadas naquele grande sacrifício.”

58

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Escute agora outro incidente extraordinário em relação a Astika. Quando o rei Janamejaya estava para gratificar Astika lhe concedendo o benefício, a cobra (Takshaka), jogada pelas mãos de Indra, permaneceu no meio do ar sem realmente cair. O rei Janamejaya então ficou curioso, pois Takshaka, afligido pelo medo, não caiu imediatamente no fogo embora as libações fossem despejadas de forma apropriada no fogo sacrifical Agni.”

Saunaka disse, “Ó Suta, os mantras daqueles Brahmanas sábios não eram potentes; já que Takshaka não caiu no fogo?”

Sauti respondeu, “Ao inconsciente Takshaka, a melhor das cobras, depois que ele foi jogado das mãos de Indra, Astika disse três vezes, ‘fique’’fique’ ‘fique.’ E ele conseguiu ficar nos céus, com o coração aflito, como um ser que podia ficar entre o firmamento e a terra.

O rei então, sendo repetidamente instado por seus Sadasyas, disse, 'Que seja feito como Astika disse. Que o sacrifício termine, as cobras sejam salvas, e Astika também seja satisfeito, ó Suta, e que as tuas palavras também sejam verdadeiras.' Quando o benefício foi concedido a Astika, muitas aclamações de alegria ressoaram pelo ar. Assim o sacrifício do filho de Parikshit, o rei da linhagem

Pandava, teve um fim. O rei Janamejaya da família Bharata estava satisfeito, e aos Ritwiks com os Sadasyas, e a todos os que haviam ido lá, o rei deu dinheiro às centenas e milhares. E ao Suta Lohitaksha, conhecedor das regras de construção e fundações, que no início havia dito que um Brahmana seria a causa da interrupção do sacrifício de cobras, o rei deu muita riqueza. O rei, por bondade rara, também deu a ele várias coisas, como comida e trajes de roupa, segundo o seu desejo, e ficou muitíssimo satisfeito. Então ele concluiu seu sacrifício de acordo com os ritos prescritos, e depois de tratá-lo com todo respeito, o rei em alegria mandou para casa o sábio Astika extremamente satisfeito por ter alcançado seu objetivo. E o rei disse a ele, 'Tu deves vir outra vez para tornar-te um Sadasya no meu grande sacrifício de cavalos.' E Astika disse, 'Sim' e então voltou para casa em grande alegria, tendo alcançado seu objetivo depois de agradecer o monarca. E voltando em alegria até seu tio e sua mãe e tocando seus pés, ele lhes contou como tudo tinha acontecido."

Sauti continuou, "Ouvindo tudo o que ele disse as cobras que foram lá ficaram muito encantadas, e seus medos foram aliviados. Elas estavam muito satisfeitas com Astika e pediram a ele para solicitar um benefício, dizendo, 'Ó erudito, que bem nós faremos para ti? Nós estamos muito gratos, tendo sido todos salvos por ti. O que nós realizaremos para ti, ó filho?'

Astika disse, 'Que os Brahmanas, e outros homens, que, de manhã ou à noite, alegremente e com atenção, lerem o sagrado relato desta minha ação não tenham medo de nenhum de vocês.' E as cobras em alegria disseram, 'Ó sobrinho, pela natureza do teu benefício, que seja exatamente como tu disseste. Isso que tu pediste todos nós faremos alegremente, ó sobrinho! E aqueles também que se lembrarem de Astika, Artiman e Sunitha, de dia ou durante a noite, não terão medo de cobras. Novamente, não terá medo de cobras aquele que disser, 'Eu me lembro do famoso Astika nascido de Jaratkaru, Astika que salvou as cobras do sacrifício de cobras. Portanto, cobras afortunadas, não cabe a vocês me morder. Mas vão embora, abençoadas sejam vocês, ou vão embora as cobras de veneno virulento, e lembrem-se das palavras de Astika depois do sacrifício de cobras de Janamejaya. Aquelas cobras que não pararem de morder depois de ouvirem tal menção a Astika terão seu capelo dividido em cem vezes como o fruto da árvore Sinsa.'"

Sauti continuou, "O principal dos Brahmanas, ouvindo isso dos principais chefes das cobras reunidos ficou muito grato. E aquele de grande alma então quis ir embora.

E aquele melhor dos Brahmanas, tendo salvado as cobras do sacrifício de cobras, ascendeu para o céu quando chegou sua hora, deixando seus filhos e netos para trás.

Assim eu narrei para ti essa história de Astika exatamente como aconteceu. De fato, a recitação desta história dispersa todo o medo de cobras."

Sauti continuou, "Ó Brahmanas, ó principal da linhagem Bhrigu, como teu antepassado Pramati alegremente a narrou ao seu filho inquiridor Ruru, e como eu

a ouvi, assim eu recitei esta história abençoada, desde o início, do erudito Astika. E, ó Brahmana, ó opressor de todos os inimigos, tendo ouvido esta história sagrada de Astika que amplia a virtude, e sobre a qual tu me perguntaste depois de ouvir a história do Dundubha, que a tua curiosidade ardente esteja satisfeita."

59

(Adivansavatarana Parva)

Saunaka disse, "Ó filho, tu narraste para mim aquela extensa e maravilhosa história iniciando com a progênie de Bhrigu. Ó filho de Suta, eu estou muito satisfeito contido. Eu peço a ti outra vez, para narrar para mim, ó filho de Suta, a história composta por Vyasa. As variadas e extraordinárias narrações que foram recitadas entre aqueles ilustres Sadasyas reunidos no sacrifício, nos intervalos de suas funções daquela longa cerimônia, e os objetos também daquelas narrações, eu desejo ouvir de ti, ó filho de Suta! Recite, portanto, tudo aquilo para mim de modo completo."

Sauti disse, "Os Brahmanas, nos intervalos das funções, falaram de muitas coisas fundadas sobre os Vedas. Mas Vyasa recitou a maravilhosa e grandiosa história chamada Bharata."

Saunaka disse, "A história sagrada chamada Mahabharata, que espalha a fama dos Pandavas, a qual Krishna-Dwaipayana, a pedido de Janamejaya, fez ser devidamente recitada depois da conclusão do sacrifício, eu desejo ouvir exatamente. Aquela história foi nascida da mente como um oceano do grande Rishi de alma purificada por ioga. Tu principal dos homens de bem, narre-a para mim, pois, ó filho de Suta, minha sede não foi apaziguada por tudo o que tu disseste."

Sauti disse, "Eu narrarei para ti desde o início a história excelente e maravilhosa chamada Mahabharata composta por Vyasa. Ó Brahmana, escute-a integralmente, enquanto eu a recito. Eu sinto grande prazer em recitá-la."

60

(Continuação do Adivansavatarana Parva)

Sauti disse, "Ao saber que Janamejaya estava no Sacrifício de cobras, o erudito Rishi Krishna-Dwaipayana foi para lá na ocasião. E ele, o grande pai dos Pandavas, havia nascido em uma ilha do Yamuna, da virgem Kali com o filho de Sakti, Parasara. E aquele ilustre desenvolveu por sua própria vontade seu corpo logo que nasceu, e dominou os Vedas e seus ramos, e todas as histórias. E ele facilmente obteve o que ninguém poderia obter por ascetismo, por estudo dos Vedas, por votos, por jejuns, por prole, e por sacrifício. E o principal dos

conhecedores do Veda, ele dividiu os Vedas em quatro partes. E o Brahmana Rishi tinha o conhecimento do Brahma supremo, conhecia o passado por intuição, era santo, e apreciador da verdade. De atos sagrados e grande fama, ele gerou Pandu e Dhritarashtra e Vidura para continuar a linhagem de Santanu.

E o Rishi de grande alma, com seus discípulos todos conhecedores dos Vedas e seus ramos, entraram no pavilhão do sacrifício do sábio real, Janamejaya. E ele viu o rei Janamejaya sentado na região do sacrifício como o deus Indra, circundado por Sadasyas numerosos, por reis de vários países cujas coroas trançadas haviam sido submetidas a um banho sagrado, e por competentes Ritwiks como o próprio Brahman. E o principal da linha Bharata, o sábio real Janamejaya, ao ver o Rishi chegando avançou rapidamente com seus seguidores e parentes em grande alegria. E o rei com a aprovação de seus Sadasyas deu ao Rishi um assento dourado como Indra fez para Vrihaspati. E quando o Rishi, capaz de conceder bênçãos e adorado pelos próprios Rishis celestes estava sentado, o rei dos reis o reverenciou segundo os ritos das escrituras. E o rei então ofereceu a ele, seu avô Krishna, que realmente merecia, água para lavar seus pés e boca, e o Arghya, e vacas. E aceitando aquelas oferendas do Pandava Janamejaya e pedindo também para que as vacas não fossem mortas, Vyasa ficou muito satisfeito. E o rei, depois daquelas adorações curvou-se a seu grande antepassado, e em alegria o questionou sobre seu bem-estar. E o Rishi ilustre também, lançando seus olhos sobre ele e perguntando acerca de seu bem-estar, adorou os Sadasyas, tendo sido antes adorado por eles todos. E afinal, Janamejaya com todos os seus Sadasyas, questionou aquele principal dos Brahmanas, com as palmas unidas dessa forma:

'Ó Brahmana, tu viste com teus próprios olhos as ações dos Kurus e dos Pandavas. Eu estou desejoso de te ouvir recitar a história deles. Qual foi a causa da desunião entre eles e qual foi o resultado de tais atos extraordinários? Por que também aquela grande batalha que causou a morte de criaturas inumeráveis ocorreu entre todos os meus avôs, sua clareza de razão obscurecida pelo destino? Ó Brahmana excelente, me conte integralmente como tudo aquilo aconteceu.'

Ouvindo essas palavras de Janamejaya, Krishna-Dwaipayana ordenou a seu discípulo Vaisampayana que sentasse ao seu lado, dizendo, ‘A discórdia que ocorreu entre os Kurus e os Pandavas antigamente, narre tudo ao rei como tu ouviste de mim.’

Então aquele Brahmana abençoado por ordem de seu preceptor recitou o total daquela história ao rei, aos Sadasyas, e a todos os comandantes lá reunidos. E ele disse a eles tudo sobre a hostilidade e a completa extinção dos Kurus e dos Pandavas.

61

(Continuação do Adivansavatarana Parva)

Vaisampayana disse, ‘Curvando-me em primeiro lugar a meu preceptor com as oito partes do meu corpo tocando o solo, com dedicação e reverência, e com todo meu coração adorando todos os Brahmanas reunidos e outras pessoas eruditas, eu recitarei integralmente o que eu ouvi do grande Rishi Vyasa de grande alma, o principal dos homens inteligentes nos três mundos. E por ter chegado ao teu alcance, ó monarca, tu também és uma pessoa digna de ouvir a composição chamada Bharata. Encorajado pela ordem do meu preceptor meu coração não sente medo.

Ouça, ó monarca, por que aquela desunião ocorreu entre os Kurus e os Pandavas, e por que também aquele exílio às florestas ocorreu imediatamente após o jogo de dados incitado pelo desejo (dos Kurus) de governar. Eu narrarei tudo a ti que pediste isto, ó melhor da família Bharata!

Após a morte de seu pai aqueles heróis (os Pandavas) foram para sua própria casa. E dentro de pouco tempo eles se tornaram bem versados na arte de manejar arco e flecha. E os Kurus ao verem os Pandavas dotados com força física, energia e poder de mente, populares também com os cidadãos, e abençoados com boa sorte, ficaram muito ciumentos. Então Duryodhana de mente desonesta, e Karna, com (o tio do primeiro) o filho de Suvala começaram a persegui-los e planejar meios para seu exílio. Então o vil Duryodhana, guiado pelos conselhos de Sakuni (seu tio materno), perseguiu os Pandavas de várias maneiras para poder adquirir a soberania incontestável. O perverso filho de Dhritarashtra deu veneno para Bhima, mas Bhima de estômago de lobo digeriu o veneno com a comida. Então o canalha novamente amarrou Bhima adormecido na margem da Ganges e, jogando-o na água, foi embora. Mas quando Bhimasena de braços fortes, o filho de Kunti, acordou, ele rompeu as cordas com as quais ele estava atado e emergiu, sem sentir angústia. E enquanto esteve dormindo e na água serpentes negras de veneno virulento o morderam em todas as partes de seu corpo. Mas aquele matador de inimigos ainda assim não pereceu. E em todas essas perseguições aos Pandavas por seus primos, os Kurus, Vidura de grande alma atenciosamente se comprometeu a neutralizar os maus intentos e salvar os que eram perseguidos. E como Sakra dos céus mantêm em felicidade o mundo dos homens, assim Vidura sempre manteve os Pandavas salvos do mal.

Quando Duryodhana, com vários meios, secretos e públicos, se viu incapaz de destruir os Pandavas que eram protegidos pelo destino e mantidos vivos para propósitos importantes no futuro (tal como o extermínio da raça Kuru), ele então reuniu seus conselheiros que eram Vrisha (Karna), Duhsasana e outros, e com o conhecimento de Dhritarashtra fizeram com que uma casa de laca fosse construída. E o rei Dhritarashtra, por afeição por seus filhos, e incitado pelo desejo de soberania, enviou os Pandavas diplomaticamente para Varanavata. E os Pandavas então saíram de Hastinapura com sua mãe. E quando eles estavam

deixando a cidade Vidura lhes deu uma idéia do perigo iminente e como eles poderiam sair disso.

Os filhos de Kunti alcançaram a cidade de Varanavata e viveram lá com sua mãe. E, de acordo com a ordem de Dhritarashtra, aqueles ilustres destruidores de todos os inimigos viveram no palácio de laca, enquanto estavam na cidade. E eles viveram naquele local por um ano, se protegendo de Purochana muito atentamente. E fazendo com que uma passagem subterrânea fosse construída, agindo segundo as indicações de Vidura, eles incendiaram aquela casa de laca e queimaram Purochana, (inimigo deles e espião de Duryodhana) que morreu. Aqueles matadores de todos os inimigos, ansiosos e com medo, então fugiram com sua mãe. Nas florestas junto de uma fonte eles viram um Rakshasa. Mas, alarmados com o risco que corriam de se exporem por uma ação os Pandavas fugiram na escuridão, com medo dos filhos de Dhritarashtra. E foi lá que Bhima ganhou Hidimva (a irmã do Rakshasa que ele matou) como sua esposa, e foi dela que Ghatotkacha nasceu. Então os Pandavas, de votos rígidos e conhecedores dos Vedas, foram para uma cidade de nome Ekachakra e moraram lá no disfarce de Brahmacharins. E aqueles touros entre os homens moraram naquela cidade na casa de um Brahmana por algum tempo, com moderação e abstinência. E foi lá que Bhima de braços poderosos enfrentou um faminto e poderoso Rakshasa comedor de homens chamado Vaka. E Bhima, o filho de Pandu, aquele tigre entre os homens, matou-o rapidamente com a força de seus braços e fez com que os cidadãos fossem salvos e libertos do medo. Então eles souberam de Krishna (a princesa de Panchala) que estava disposta a escolher um marido dentre os príncipes reunidos. E, sabendo disso, eles foram para Panchala, e lá eles obtiveram a moça. E tendo obtido Draupadi (como sua mulher em comum) eles então moraram lá por um ano. E depois de se tornarem conhecidos, aqueles vencedores de todos os inimigos voltaram para Hastinapura. E então o rei Dhritarashtra e o filho de Santanu (Bhishma) disseram a eles o seguinte: 'Em verdade, ó caros, desavenças não devem ocorrer entre vocês e seus primos, por isso nós decidimos que Khandavaprastha deve ser sua residência. Portanto, vão, deixando para trás todo o ciúme, para Khandavaprastha que contém muitas cidades servidas por muitas estradas amplas, para lá habitarem.' E consequentemente os Pandavas foram, com todos os seus amigos e seguidores, para Khandavaprastha levando com eles muitas jóias e pedras preciosas. E os filhos de Pritha moraram lá por muitos anos. E eles trouxeram, pela força das armas, muitos príncipes sob sua submissão. E assim, estabelecendo seus corações na virtude e firmemente aderindo à verdade, não perturbados por causa de riquezas, de comportamento calmo, e eliminando numerosos males, os Pandavas gradualmente se elevaram em poder. E Bhima de grande reputação subjugou o Leste, o heróico Arjuna, o Norte, Nakula, o Oeste; Sahadeva, o Sul. E isto tendo sido feito, sua dominação se espalhava sobre todo o mundo. E com os cinco Pandavas, cada um como o Sol, a Terra parecia ter seis Sóis.

Então, por alguma razão, Yudhishthira, o justo, dotado de grande energia e coragem, enviou seu irmão Arjuna que era capaz de sacar o arco com a mão esquerda, caro a ele como a própria vida, para as florestas. E Arjuna, aquele tigre

entre os homens, de alma firme, e dotado de todas as virtudes, viveu nas florestas por onze anos e meses. E durante aquele período, em certa ocasião, Arjuna foi até Krishna em Dwaravati. E Vibhatsu (Arjuna) lá obteve como esposa a irmã mais nova de Vasudeva, de olhos de lótus e voz suave, de nome Subhadra. E ela uniu-se em alegria com Arjuna, o filho de Pandu, como Sachi com o grande Indra, ou Sri com o próprio Krishna. E então, ó melhor dos monarcas, Arjuna, o filho de Kunti, com Vasudeva, satisfez Agni; o carregador da manteiga sacrifical, na floresta de Khandava (por queimar as plantas medicinais daquela floresta para curar Agni de sua indigestão). E para Arjuna, ajudado como ele foi por Kesava, a tarefa não pareceu pesada de modo algum assim como nada é pesado para Vishnu, com muitos esquemas e recursos na questão de destruir seus inimigos. E Agni deu ao filho de Pritha o excelente arco Gandiva e uma aljava que era inesgotável, e uma carruagem de guerra portando a figura de Garuda em seu estandarte. E foi naquela ocasião que Arjuna salvou o grande Asura (Maya) do medo (de ser consumido pelo fogo). E Maya, em agradecimento, construiu (para os Pandavas) um palácio celeste ornamentado com todo tipo de jóias e pedras preciosas. E o vil Duryodhana, vendo aquela construção, foi tomado pelo desejo de possuí-la. E enganando Yudhishthira por meio dos dados jogados pelas mãos do filho de Suvala, Duryodhana mandou os Pandavas para as florestas por doze anos e um ano adicional para ser passado em segredo, deste modo fazendo um período de treze anos no total.

E no décimo quarto ano, ó monarca, quando os Pandavas voltaram e exigiram sua propriedade eles não a obtiveram. E então a guerra foi declarada, e os Pandavas, depois de exterminarem toda a raça de Kshatriyas e de matarem o rei Duryodhana, obtiveram de volta seu reino devastado.

Esta é a história dos Pandavas que nunca agiram sob a influência de más intenções; e esta é a causa, ó principal dos monarcas vitoriosos, da desunião que terminou com a perda do reino pelos Kurus e a vitória dos Pandavas.'

62

(Continuação do Adivansavatarana Parva)

Janamejaya disse, 'Ó excelente Brahmana, tu, de fato, me disseste, em resumo, a história, chamada Mahabharata, das grandes ações dos Kurus. Mas, ó tu de riqueza ascética, recite agora aquela narração maravilhosa inteiramente. Eu sinto uma grande curiosidade de ouvi-la. Cabe a ti narrá-la, portanto, integralmente. Eu não estou satisfeito em ouvir em poucas palavras esta grande história. Não seria por uma causa insignificante que os virtuosos matariam aqueles que eles não teriam matado, e pelo que eles ainda são elogiados pelos homens. Por que também aqueles tigres entre os homens, inocentes e capazes de se vingarem sobre seus inimigos tranquilamente, sofreram a perseguição dos perversos Kurus? Por que também, ó melhor dos Brahmanas, Bhima de braços

poderosos e com a força de dez mil elefantes, controlou sua ira, embora injustiçado? Por que também a casta Krishna, a filha de Drupada, injustiçada por aqueles desgraçados e capaz de queimá-los, não queimou os filhos de Dhritarashtra com seus olhos coléricos? Por que também os dois outros filhos de Pritha e os dois filhos de Madri (Nakula e Sahadeva), eles mesmos injuriados pelos Kurus, seguiram Yudhishthira que era viciado no mau hábito do jogo? Por que também Yudhishthira, o principal de todos os homens virtuosos, o filho do próprio Dharma, conhecedor de todos os deveres, sofreu aquela grande aflição? Por que também o Pandava Dhananjaya, tendo Krishna como seu quadrigário, que com suas flechas mandou para o outro mundo aquela destemida hoste de homens combatentes (sofreu tal perseguição)? Ó tu de riqueza ascética, fale de tudo isso e como isso ocorreu, e de tudo o que aqueles quadrigários poderosos realizaram.'

Vaisampayana disse, 'Ó monarca, estipule um tempo para ouvi-la. Esta história contada por Krishna-Dwaipayana é muito extensa. Todavia eu a recitarei do início. Eu repetirei o total da composição integralmente, do ilustre e grande Rishi Vyasa de incomensurável poder mental, e adorado em todos os mundos. Este Bharata consiste em cem mil slokas sagrados compostos pelo filho de Satyavati, de poder mental imensurável. Aquele que o lê para outros, e aquele que ouve a leitura alcançam o mundo de Brahman e se tornam iguais aos verdadeiros deuses. Este Bharata é igual aos Vedas, é sagrado e excelente; é digno de ser ouvido por todos, e é um Purana reverenciado pelos Rishis. Ele contém muitas instruções úteis sobre Artha e Kama (lucro e prazer). Esta história sagrada faz o coração desejar a salvação. Pessoas eruditas por recitarem este Veda de Krishna-Dwaipayana àqueles que são generosos, sinceros e crentes, ganham muita riqueza. Pecados, tais como matar o embrião no útero, são seguramente destruídos por isto. Uma pessoa, embora cruel e pecaminosa, por ouvir esta história, escapa de todos os seus pecados como o Sol de Rahu (depois do término do eclipse). Esta história é chamada de Jaya. Ela deve ser ouvida por aqueles desejosos de vitória. Um rei por ouvi-la pode trazer o mundo inteiro à sua submissão e conquistar todos os seus inimigos. Esta história em si mesma é uma ação poderosa de sacrifício expiatório, um sacrifício poderoso que produz frutos abençoados. Deve ser sempre ouvida por um jovem monarca com sua rainha, para então eles gerarem um filho heróico ou um filho para ocupar um trono. Esta história é a mais elevada e sagrada ciência do Dharma, Artha, e também de Moksha; isso foi dito pelo próprio Vyasa cuja mente é incomensurável. Esta história é recitada na era presente e será recitada no futuro. Aqueles que a ouvem, a lêem, têm filhos e servos sempre obedientes a eles e a cumprir suas ordens. Todos os pecados que são cometidos pelo corpo, palavra, ou mente, imediatamente deixam aqueles que ouvem esta história. Aqueles que ouvem, sem imperfeições em sua alma, a história do nascimento dos príncipes Bharata, não podem temer enfermidades, e muito menos temer o outro mundo.

Para estender a fama dos Pandavas de grande alma e de outros Kshatriyas versados em todos os ramos de conhecimento, corajosos, e conhecidos no mundo por suas realizações, Krishna-Dwaipayana, guiado também pelo desejo de fazer

bem ao mundo, compôs este trabalho que é excelente, produtivo de fama, que concede longevidade, e é sagrado e celestial. Aquele que, desejoso de adquirir mérito religioso faz com que esta história seja ouvida por Brahmanas santos adquire grande mérito e virtude inesgotáveis. Aquele que recita a famosa geração dos Kurus fica imediatamente purificado, adquire uma grande família e se torna respeitado no mundo. O Brahmana que regularmente estuda este Bharata sagrado pelos quatro meses da estação chuvosa é limpo de todos os seus pecados. Aquele que lê o Bharata pode ser considerado como alguém conhecedor dos Vedas.

Este trabalho apresenta um relato sobre os deuses e sábios reais e sagrados Rishis, o impecável Kesava; o deus dos deuses, Mahadeva e a deusa Parvati; o nascimento de Kartikeya que veio da união de Parvati com Mahadeva e foi criado por muitas mães; a grandeza dos Brahmanas e das vacas. Este Bharata é uma coleção de todos os Srutis, e deve ser ouvido por toda pessoa virtuosa. O homem erudito que o recita para Brahmanas durante as lunações sagradas fica limpo de todos os pecados, e, não se preocupando com o céu como antes, alcança a união com Brahma. Aquele que faz com que mesmo uma única página deste poema seja ouvida por Brahmanas durante o desempenho de um Sraddha torna tal Sraddha inesgotável, os Pitris ficando eternamente satisfeitos com os artigos uma vez oferecidos a eles. Os pecados que são cometidos diariamente por nossos sentidos ou mente, aqueles que são cometidos intencionalmente ou sem intenção por qualquer homem são todos destruídos pela audição do Mahabharata. A história do exaltado nascimento dos príncipes Bharata é chamada de Mahabharata. Aquele que conhece a etimologia deste nome está limpo de todos os seus pecados. E como esta história da família Bharata é tão extraordinária, ela, quando narrada, seguramente purifica os mortais de todos os pecados. O sábio Krishna-Dwaipayana completou seu trabalho em três anos. Levantando-se diariamente e se purificando e realizando suas devoções ascéticas, ele compôs este Mahabharata. Portanto, ele deve ser ouvido por Brahmanas com a formalidade de um voto. Aquele que recita aos outros esta narração sagrada composta por Krishna (Vyasa), e aqueles que a ouvem, em qualquer estado que ele ou eles possam estar, nunca podem ser afetados pelos frutos das ações, boas ou más. O homem desejoso de adquirir virtude deve ouvi-lo todo. Ele é equivalente a todas as histórias, e aquele que o ouve sempre alcança a pureza de coração. A satisfação que alguém deriva de alcançar o céu raramente é igual àquela que provém de se ouvir esta história sagrada. O homem virtuoso que com reverência a ouve ou faz com que ela seja ouvida obtém o fruto do Rajasuya e do sacrifício de cavalos. Diz-se que o Bharata é como uma mina de pedras preciosas como o vasto Oceano ou a grande montanha Meru. Esta história é sagrada e excelente, e é equivalente aos Vedas, digna de ser ouvida, agradável ao ouvido, sem pecado e cheia de virtude. Ó monarca, aquele que dá uma cópia do Bharata a alguém que lhe pediu faz de fato um presente de toda terra com seus mares. Ó filho de Parikshit, esta agradável narração que dá virtude e vitória eu estou prestes a narrar em sua totalidade, escute-a. O sábio Krishna-Dwaipayana regularmente por três anos compôs esta história extraordinária chamada Mahabharata. Ó touro entre os monarcas Bharata, qualquer coisa a respeito de virtude, riqueza, prazer, e

salvação pode ser vista em outros lugares; mas qualquer coisa que não esteja contida nesta história não pode ser encontrada em nenhum lugar.'

63

(Continuação do Adivansavatarana Parva)

Vaisampayana disse, ‘Havia um rei de nome Uparichara. Aquele monarca era devotado à virtude. Ele também gostava muito de caçar. Aquele rei da linhagem Paurava, chamado também de Vasu, conquistou o excelente e encantador reino de Chedi sob ordens de Indra. Algum tempo depois o rei desistiu do uso de armas e, residindo em um retiro isolado praticou as mais severas austeridades. Os deuses com Indra à sua frente uma vez se aproximaram do monarca durante aquele período, crendo que ele procurava a autoridade dos deuses por meio daquelas austeridades severas. Os celestiais, ficando visíveis, por meio de palavras gentis conseguiram afastá-lo de suas austeridades ascéticas.

Os deuses disseram, 'Ó senhor da terra, tu deve tomar cuidado para que a virtude não sofra diminuição sobre a terra! Protegida por ti, a própria virtude em retorno protegerá o universo.' E Indra disse, 'Ó rei, proteja a virtude na terra atentamente e rigidamente. Sendo virtuoso, tu, por todo o tempo (após a morte), contemplarás muitas regiões sagradas. E embora eu seja do Céu, e tu sejas da terra, ainda tu és meu amigo e querido para mim. E, ó rei de homens, more naquela região sobre a terra que é encantadora, e com abundância de animais, sagrada, cheia de riquezas e cereais, bem protegida como o céu, que tem clima agradável, agraciada com todo objeto de prazer, e abençoada com fertilidade. E, ó monarca de Chedi, este teu domínio é cheio de riquezas, de jóias e pedras preciosas, e contém, além disso, muitas riquezas minerais. As cidades desta região são todas dedicadas à virtude; as pessoas são honestas e contentes; elas nunca mentem nem mesmo de brincadeira. Filhos nunca partilham da riqueza com seus pais e estão sempre atentos ao bem-estar de seus pais. Gados magros nunca estão unidos ao arado ou carroça ou impelidos a carregar mercadorias; por outro lado, eles são bem alimentados e engordados. Em Chedi as quatro classes estão sempre dedicadas a suas respectivas vocações. Que nada do que acontece nos três mundos seja desconhecido para ti. Eu te darei um carro de cristal tal como somente os celestiais são capazes de conduzir no ar. Somente tu, de todos mortais sobre a terra, dirigindo aquele melhor dos carros, percorrerás o céu como um celestial dotado de uma estrutura física. Eu também darei a ti uma guirlanda triunfal de lotos que não murcham, com a qual, em batalha, tu não serás ferido por armas. E, ó rei, esta abençoada e incomparável guirlanda, muito conhecida na terra como a guirlanda de Indra, será teu símbolo distintivo.’

O matador de Vritra (Indra) também deu ao rei, para sua satisfação, uma estaca de bambu para proteger os honestos e os pacíficos. Depois do término de um ano, o rei a plantou na terra com a finalidade de adorar aquele que a deu, Sakra.

Daquele tempo em adiante, ó monarca, todos os reis, seguindo o exemplo de Vasu, começaram a plantar uma estaca para a celebração do culto a Indra. Depois de erguer a estaca eles a decoravam com tecido dourado e perfumes e guirlandas e vários ornamentos. E o deus Vasava é adorado da forma devida com tais guirlandas e ornamentos. E o deus, para a satisfação do ilustre Vasu, assumindo a forma de um cisne, foi ele mesmo aceitar o culto assim oferecido. E o deus, vendo o culto auspicioso assim feito por Vasu, o principal dos monarcas, ficou encantado, e disse a ele, 'Os homens, e reis também, que me adorarem e alegremente celebrarem este meu festival como o rei de Chedi, terão glória e vitória para seus países e reinos. Suas cidades também se ampliarão e estarão sempre em alegria.'

O rei Vasu foi assim abençoando pelo satisfeito Maghavat, o chefe de grande alma dos deuses. De fato, os homens que fazem o festival de Sakra ser celebrado com doações de terra, de jóias e pedras preciosas, se tornam respeitados no mundo. E o rei Vasu, o senhor de Chedis concessor de benefícios, realizando grandes sacrifícios e celebrando o festival de Sakra, foi muito respeitado por Indra. E de Chedi ele governou o mundo todo virtuosamente. E para a satisfação de Indra, Vasu, o senhor dos Chedis, celebrava o festival de Indra.

E Vasu teve cinco filhos de grande energia e destreza imensurável. E o imperador instalou seus filhos como governadores de várias províncias.

E seu filho Vrihadratha foi instalado em Magadha e era conhecido pelo nome de Maharatha. Outro filho dele era Pratyagraha; e outro, Kusamva, que também se chamava Manivahana. E os outros dois eram Mavella, e Yadu de grande destreza e invencível em batalha.

Estes, ó monarca, foram os filhos daquele sábio real de energia poderosa. E os cinco filhos de Vasu mais tarde fundaram reinos e cidades com seus próprios nomes e fundaram dinastias separadas que duraram por longas eras.

E quando rei Vasu tomava seu lugar naquele carro de cristal, com o presente de Indra, e percorria o céu, dele se aproximavam Gandharvas e Apsaras (os cantores e dançarinas celestes). E porque ele percorria as regiões superiores ele era chamado de Uparichara. Por sua capital fluía um rio chamado Suktimati. E aquele rio foi uma vez atacado por uma montanha chamada Kolahala enlouquecida com luxúria. E Vasu, vendo a vil tentativa, bateu na montanha com seu pé. E pelo entalhe causado pela batida do pé de Vasu, o rio saiu (dos abraços de Kolahala). Mas a montanha gerou no rio duas crianças que eram gêmeas. E o rio, agradecido a Vasu para ele tê-lo livrado dos abraços de Kolahala, as deu para Vasu. E o filho foi feito o generalíssimo de seus exércitos por Vasu, aquele melhor dos sábios reais doador de riqueza e punidor de inimigos. E a filha chamada Girika foi casada com Vasu.

E Girika, esposa de Vasu, depois de seu curso menstrual, se purificando com um banho revelou seu estado a seu marido. Mas naquele mesmo dia os Pitris de Vasu foram àquele melhor dos monarcas e principal dos homens sábios, e pediram a ele para matar o veado (para seu Sraddha). E o rei, pensando que a

ordem dos Pitris não deveria ser desobedecida, foi caçar pensando em Girika que era dotada com grande beleza e que era como outra Sri. E a estação era a primavera, os bosques dentro dos quais o rei estava vagando eram encantadores como o jardim do próprio rei dos Gandharvas. Havia Asokas e Champakas e Chutas e Atimuktas em abundância, e havia Punnagas e Karnikaras e Vakulas e Divya Patalas e Patalas e Narikelas e Chandanas e Arjunas e outras flores similares e árvores sagradas resplandecentes com flores fragrantes e frutas doces. E toda a floresta estava cheia das doces notas do kokila e ecoava com o zumbido das abelhas. E o rei foi possuído pelo desejo, e não tinha sua mulher diante dele. Enlouquecido pelo desejo ele estava vagando para lá e para cá quando viu uma bela Asoka com folhagem densa, seu ramos cobertos de flores. E o rei sentou tranquilamente à sombra daquela árvore. E excitado pela fragrância da estação e os encantadores odores das flores em volta, e excitado também pela brisa deliciosa, o rei não pôde manter sua mente longe do pensamento da bela Girika. E vendo que um veloz falcão estava descansando perto dele, o rei, familiarizado com as verdades sutis do Dharma e Artha, foi até ele e disse, 'Amável, carregue essa semente (sêmen) para minha mulher Girika e dê a ela. Seu tempo de gerar chegou.'

O falcão, com rapidez, o pegou do rei e rapidamente percorreu o ar. Naquele momento, o falcão foi visto por outro de sua espécie. Pensando que o primeiro estava carregando carne o segundo voou até ele. Os dois lutaram no céu com seus bicos. Enquanto eles estavam lutando, a semente caiu nas águas do Yamuna. E naquelas águas morava uma Apsara de grau superior, conhecida pelo nome de Adrika, transformada pela maldição de um Brahmana em um peixe. Logo que a semente de Vasu caiu na água das garras do falcão, Adrika rapidamente se aproximou e a engoliu. Aquele peixe foi, um tempo depois, pego pelos pescadores. E fazia dez meses que o peixe tinha engolido a semente. Do estômago daquele peixe saiu uma criança humana masculina e uma feminina. Os pescadores se espantaram muito, e foram ao rei Uparichara (do qual eles eram súditos) e disseram tudo a ele. Eles falaram, 'Ó rei, estes dois seres de forma humana foram achados no corpo de um peixe!' A criança masculina entre os dois foi pega por Uparichara. Aquela criança depois se tornou o virtuoso e sincero monarca Matsya.

Depois do nascimento dos gêmeos, a própria Apsara se livrou da maldição. Para ela tinha sido dito antes pelo ilustre (que a havia amaldiçoado) que ela, enquanto vivesse na forma de peixe, daria nascimento a duas crianças de forma humana e então seria liberada da maldição. Então, segundo aquelas palavras, tendo dado à luz às duas crianças, e sendo morta pelos pescadores, ela deixou sua forma de peixe e assumiu sua própria forma celeste. A Apsara então se elevou no caminho trilhado pelos Siddhas, os Rishis e os Charanas.

A filha da Apsara em forma de peixe e que cheirava a peixe foi então dada pelo rei aos pescadores, dizendo, ‘Que esta seja sua filha.’ Aquela menina era conhecida pelo nome de Satyavati. E dotada com grande beleza e possuidora de todas as virtudes, de sorrisos agradáveis, devido ao contato com os pescadores,

ela ficou por algum tempo com cheiro de peixe. Desejando servir seu pai (adotivo) ela trabalhava em um barco nas águas do Yamuna.

Enquanto ocupada naquele serviço, Satyavati foi vista um dia pelo grande Rishi Parasara em seu passeio. Como ela era dotada de grande beleza, um objeto desejo até para um eremita, e de belos sorrisos, o sábio, logo que a viu, desejou tê-la. E aquele touro entre os Munis se dirigiu à filha de Vasu de beleza celeste dizendo, ‘Aceite meus abraços, ó abençoada!’ Satyavati respondeu, ‘Ó santo, veja os Rishis que estão na outra margem do rio. Vista por eles, como posso eu conceder teu desejo?’

Assim, o asceta criou um nevoeiro (que não existia antes e) que envolveu a região em escuridão total. E a moça, vendo o nevoeiro que foi criado pelo Rishi ficou muito admirada. E ela indefeza ficou rubra de vergonha por timidez. E ela disse, 'Ó santo, note que eu sou uma donzela sob o controle do meu pai. Ó impecável, por aceitar teus abraços minha virgindade será maculada. Ó melhor dos Brahmanas, com minha virgindade maculada, como, ó Rishi, eu voltarei para casa? De fato, eu então não serei capaz suportar a vida. Refletindo sobre tudo isso, ó ilustre, faça que deva ser feito.' Aquele melhor dos Rishis, satisfeito com tudo o que ela disse, respondeu, ‘Tu permanecerás virgem mesmo que realize meu desejo. E, ó tímida, ó bela dama, peça a bênção que desejares. Ó tu de sorriso formoso, minha graça nunca antes foi infrutífera.' Assim, a moça pediu a bênção que seu corpo emitisse um doce perfume (em vez do odor de peixe que tinha). E o Rishi ilustre concedeu o desejo do coração dela.

Tendo obtido seu benefício, ela ficou muito satisfeita, e seu período fértil chegou imediatamente. E ela aceitou os abraços daquele Rishi de atos extraordinários. E ela daí em diante ficou conhecida entre os homens pelo nome de Gandhavati (a de doce perfume). E os homens podiam perceber seu perfume à distância de um yojana. E por isso ela foi conhecida por outro nome que era Yojanagandha (a que espalha seu perfume por um yojana em volta). E o ilustre Parasara, depois disso, foi para seu próprio abrigo.

E Satyavati, satisfeita, tendo obtido a excelente bênção em consequência da qual ela ficou docemente perfumada e com sua virgindade imaculada, concebeu pelos abraços de Parasara. E ela deu à luz um dia, em uma ilha do Yamuna, à criança gerada nela por Parasara e dotada com grande energia. E a criança, com a permissão de sua mãe, fixou sua mente no ascetismo. E ele foi embora dizendo, ‘Tão logo tu te lembres de mim quando chegar a ocasião, eu aparecerei para ti.’

E foi desse modo que Vyasa nasceu de Satyavati com Parasara. E porque ele nasceu em uma ilha, ele foi chamado de Dwaipayana (Dwaipa ou nascido na ilha). E o erudito Dwaipayana, vendo que a virtude está destinada a ficar manca de uma perna a cada yuga (ela tendo quatro pernas ao todo) e que o período de vida e a força dos homens seguem os yugas, e movido pelo desejo de obter o favor de Brahman e dos Brahmanas, preparou os Vedas. E por isso ele veio a ser chamado Vyasa (o preparador ou compilador). O grande concessor de bênçãos então ensinou a Sumanta, Jaimini, Paila, seu filho Suka, e Vaisampayana, os Vedas

tendo o Mahabharata como o quinto deles. E a compilação do Bharata foi publicada por eles separadamente.

Então Bhishma, de grande energia e fama e de esplendor imensurável, e nascido das partes integrantes dos Vasus, nasceu no útero de Ganga pelo rei Santanu. E havia um Rishi de nome Animandavya de grande fama. Ele era familiarizado com as interpretações dos Vedas, era ilustre, dotado de grande energia, e de ótima reputação. E, acusado de roubo, embora inocente, o velho Rishi foi empalado. Ele então convocou Dharma e disse a ele estas palavras, 'Na minha infância eu perfurei um pequeno inseto em uma folha de grama, ó Dharma! Eu me lembro daquele pecado, mas eu não posso me lembrar de qualquer outro. Eu tenho, no entanto, praticado penitências às milhares. Aquele pecado não foi vencido pelo meu ascetismo? E porque o assassinato de um Brahmana é mais hediondo do que o de qualquer outra coisa viva, tu, ó Dharma, foste pecaminoso. Tu deverás, portanto, nascer na terra na classe Sudra.' E por causa dessa maldição Dharma nasceu como Sudra na forma do erudito Vidura de corpo puro e que era perfeitamente impecável. E o Suta (Karna) nasceu de Kunti em sua virgindade por intermédio de Surya. E ele saiu do útero de sua mãe revestido de uma armadura natural e com rosto embelezado por brincos. E o próprio Vishnu, de fama mundial, e adorado de todos os mundos, nasceu de Devaki por meio de Vasudeva para o benefício dos três mundos. Ele é sem nascimento e morte, de esplendor radiante, o Criador do universo e o Senhor de tudo! De fato, ele é que é a causa invisível de tudo, que não conhece deterioração, que é alma que tudo permeia, o centro ao redor do qual tudo se move, a substância à qual os três atributos de Sattwa, Rajas e Tamas pertencem, a alma universal, o imutável, o material do qual foi criado este universo, o próprio Criador, o senhor controlador, o habitante invisível em todo objeto, progenitor deste universo de cinco elementos, que é uno com os seis outros atributos elevados, é o Pranava ou o Om dos Vedas, é infinito, incapaz de ser movido por qualquer força além da sua própria vontade, ilustre, a encarnação do modo de vida chamado Sannyasa, que flutua nas águas antes da criação, que é a fonte da qual nasceu seu corpo poderoso, que é o grande combinador, o incriado, a essência invisível de tudo, o grande imutável, privado daqueles atributos que são conhecíveis pelos sentidos, que é o próprio universo, sem início, nascimento, e decadência, possuidor de riqueza infinita, o Avô de todas as criaturas, que se encarnou na linhagem dos Andhaka-Vrishnis para aumentar a virtude.

E Satyaki e Kritavarma, conhecedores (do uso de) armas e possuidores de energia poderosa, versados em todos os ramos de conhecimento, obedientes a Narayana em tudo e competentes no uso de armas, tiveram seus nascimentos de Satyaka e Hridika. E a semente do grande Rishi Bharadwaja de penitências severas, mantida em um vaso, começou a se desenvolver. E daquela semente veio Drona (o nascido do vaso). E da semente de Gautama, caída sobre uma moita de juncos, nasceram dois que eram gêmeos, a mãe de Aswatthaman (chamada Kripi), e Kripa de grande força. Então nasceu Dhrishtadyumna, do esplendor do próprio Agni, do fogo sacrifical. E o herói poderoso nasceu com o arco na mão para a destruição de Drona. E do altar sacrifical nasceu Krishna

(Draupadi) resplandecente e bonita, de feições claras e beleza excelente. Então nasceu o discípulo de Prahlada, Nagnajit, e também Suvala. E de Suvala nasceu um filho, Sakuni, que pela maldição dos deuses tornou-se o matador das criaturas e o inimigo da virtude. E para ele também nasceu uma filha (Gandhari), a mãe de Duryodhana. E ambos eram bem versados nas artes de adquirir lucros mundanos. E de Krishna (Dwaipayana) nasceram, das esposas de Vichitravirya, Dhritarashtra, o senhor dos homens, e Pandu de grande força. E de Dwaipayana também nasceu, na casta Sudra, o sábio e inteligente Vidura, conhecedor de religião e lucro, e livre de todos os pecados. E para Pandu de suas duas esposas nasceram cinco filhos como os celestiais. O mais velho deles era Yudhishthira. E Yudhishthira nasceu de Dharma (Yama, o deus de justiça); e Bhima de estômago de lobo nasceu de Marut (o deus do vento), e Dhananjaya, abençoado com boa sorte e o principal de todos os manejadores de armas, nasceu de Indra; e Nakula e Sahadeva, de belas feições e sempre dedicados ao serviço a seus superiores, nasceram dos gêmeos Aswins. E para o sábio Dhritarashtra nasceram cem filhos, Duryodhana e outros, e outro, chamado Yuyutsu, que nasceu de uma mulher vaisya. E entre aqueles cento e um, onze, Duhsasana, Duhsaha, Durmarshana, Vikarna, Chitrasena, Vivinsati, Jaya, Satyavrata, Purumitra, e Yuyutsu de uma mulher Vaisya, eram todos Maharathas (grandes guerreiros em carros). E Abhimanyu nasceu de Subhadra, a irmã de Vasudeva, com Arjuna, e era, portanto, o neto do ilustre Pandu. E para os cinco Pandavas nasceram cinco filhos de (sua mulher em comum) Panchali. E aqueles príncipes eram todos muito belos e conhecedores de todos ramos de conhecimento. De Yudhishthira nasceu Pritivindhya; de Vrikodara, Sutasoma; de Arjuna, Srutakirti; de Nakula, Satanika; e de Sahadeva, Srutasena de grande destreza; e Bhima, na floresta, gerou em Hidimva um filho de nome Ghatotkacha. E de Drupada nasceu uma filha Sikhandin que foi depois transformada em uma criança masculina. Sikhandini foi assim transformada em homem por um Yaksha de nome Sthuna desejoso de fazer bem para ela.

Naquela grande batalha dos Kurus centenas de milhares de monarcas lutaram uns contra os outros. Os nomes da inumerável hoste eu seria incapaz de narrar mesmo em dez mil anos. Eu citei, no entanto, os principais que são mencionados nessa história.'

64

(Continuação do Adivansavatarana Parva)

Janamejaya disse, ‘Ó Brahmana, aqueles que tu nomeaste e aqueles que tu não nomeaste, eu desejo ouvir sobre eles em detalhes, como também de outros reis aos milhares. E, ó afortunado, cabe a ti me dizer integralmente o objetivo pelo qual aqueles Maharathas, iguais aos próprios celestiais nasceram na terra.’

Vaisampayana disse, ‘É conhecido por nós, ó monarca, que isso que tu perguntaste é um mistério até para os deuses. Eu, no entanto, falarei sobre isso,

depois de me curvar (ao nascido por Si mesmo). O filho de Jamadagni (Parasurama), depois de fazer a terra ser privada de Kshatriyas por vinte e uma vezes foi àquela melhor das montanhas Mahendra e lá começou a praticar suas penitências ascéticas. E naquele tempo quando a terra estava desprovida de Kshatriyas, as mulheres Kshatriya, desejosas de prole, costumavam ir, ó monarca, aos Brahmanas e Brahmanas de votos rígidos, e se uniam com eles somente durante o tempo fértil feminino, mas nunca, ó rei, lascivamente ou fora do tempo apropriado. E as mulheres Kshatriya às milhares conceberam de tal ligação com os Brahmanas. Então, ó monarca, nasceram muitos Kshatriyas de grande energia, meninos e meninas, para que a linhagem Kshatriya pudesse prosperar. E deste modo nasceu a raça Kshatriya das mulheres Kshatriya com Brahmanas de penitências ascéticas. E a nova geração, abençoada com vida longa, começou a prosperar em virtude. E desse modo as quatro classes foram restabelecidas tendo os Brahmanas como os principais. E todo homem naquela época procurava sua mulher durante o período fértil dela e nunca por luxúria ou fora do tempo. E, ó touro da raça Bharata, do mesmo modo, as outras criaturas também, mesmo aquelas nascidas na raça das aves iam até suas companheiras somente durante o tempo apropriado. E, ó protetor da terra, centenas de milhares de criaturas nasceram, e todas eram virtuosas e começaram a se multiplicar em virtude, todas sendo livres de tristeza e doença. E, ó tu de passos de elefante, toda esta terra tendo o oceano como seus limites, com suas montanhas e florestas e cidades, foi mais uma vez governada pelos Kshatriyas. E quando a terra começou a ser outra vez governada virtuosamente pelos Kshatriyas, as outras classes tendo os Brahmanas como seus superiores se encheram de grande alegria. E os reis desistiram de todos os vícios nascidos da luxúria e da raiva e aplicando castigos com justiça àqueles que mereciam eles protegiam a terra. E aquele de cem sacrifícios, possuidor também de mil olhos, vendo que os monarcas Kshatriya governavam tão virtuosamente, despejava chuvas vivificantes no tempo e lugar apropriados e abençoava todas as criaturas. Então, ó rei, ninguém morria jovem, e ninguém conhecia uma mulher antes de alcançar a idade certa. E assim, ó touro da raça Bharata, a terra, até as margens do oceano, se encheu de homens que tinham todos vida longa. Os Kshatriyas realizavam grandes sacrifícios concedendo muita riqueza. E todos os Brahmanas estudavam os Vedas com seus ramos e os Upanishads. E, ó rei, nenhum Brahmana naqueles dias vendia os Vedas (ensinava por dinheiro) ou lia em voz alta os Vedas na presença de um Sudra. Os Vaisyas com a ajuda de bois cultivavam a terra. E eles nunca oprimiam o próprio gado. E eles alimentavam com cuidado todo o gado que estivesse magro. Os homens nunca ordenhavam as vacas enquanto os bezerros bebiam somente o leite de suas mães (sem ainda comerem grama ou outro alimento qualquer). E nenhum comerciante naquela época vendia seus artigos com um peso falso. E, ó tigre entre homens, todas as pessoas, se mantendo nos caminhos da virtude, faziam tudo com os olhos sobre a virtude. E, ó monarca, todas as classes eram conscientes de suas respectivas funções. Assim, ó tigre entre homens, a virtude naqueles dias nunca sofria qualquer diminuição. E, ó touro da raça Bharata, vacas e mulheres davam nascimento à sua prole no tempo certo. E as árvores davam flores e frutos devidamente segundo as estações. E assim, ó rei, a era krita tendo

então devidamente se manifestado, toda a terra estava cheia com numerosas criaturas.

E, ó touro da raça Bharata, quando tal era o estado abençoado no mundo terrestre, os Asuras, ó senhor de homens, começaram a nascer nas linhagens reais. E os filhos de Diti (Daityas) sendo repetidamente derrotados em guerra pelos filhos de Aditi (celestiais) e privados também da soberania e do céu começaram a se encarnar na terra. E, ó rei, os Asuras eram possuidores de grandes poderes, e desejosos de soberania começaram a nascer na terra em várias criaturas, tais como vacas, cavalos, jumentos, camelos, búfalos, entre criaturas tais como Rakshasas e outras, e entre elefantes e veados. E, ó protetor da terra, devido àqueles já nascidos e àqueles que estavam nascendo, a terra se tornou incapaz de se sustentar. E dentre os filhos de Diti e de Danu, caídos do céu, alguns nasceram na terra como reis de grande orgulho e insolência. Possuidores de grande energia, eles cobriram a terra de várias formas. Capazes de oprimir todos os inimigos, eles encheram a terra que tinha o oceano como seus limites. E por sua força eles começaram a oprimir Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras e todas as outras criaturas também. Apavorando e matando todas as criaturas, eles atravessavam a terra, ó rei, em bandos de centenas e milhares. Desprovidos de verdade e virtude, orgulhosos de sua força, e embriagados com insolência, eles até insultavam os grandes Rishis em seus eremitérios.

E a terra, assim oprimida pelos Asuras poderosos, dotados com grande força e energia e possuidores de recursos abundantes, começou a pensar em visitar Brahman. A força unida das criaturas (tais como Sesha, a Tartaruga, e o enorme Elefante), e de muitos Seshas também, tornou-se capaz de suportar a terra com suas montanhas, carregada como ela estava com o peso dos Danavas. E então, ó rei, a terra, oprimida pelo peso e aflita pelo medo, procurou a proteção do Avô de todas as criaturas. E ela viu o divino Brahman, o criador dos mundos que não conhecia deterioração, cercado pelos deuses, Brahmanas, e grandes Rishis grandemente afortunados, e adorado pelos encantados Gandharvas e Apsaras sempre dedicados ao serviço dos celestiais. E a Terra, desejosa de proteção, então descreveu tudo para ele, na presença, ó Bharata, de todos os Regentes dos mundos. Mas, ó rei, o objetivo da Terra era conhecido antes ao Onisciente, Autocriado, e Senhor Supremo. E, ó Bharata, Criador como ele é do universo, por que ele não saberia de tudo o que há nas mentes de suas criaturas inclusive nas dos deuses e Asuras? Ó rei, o Senhor da Terra, o Criador de todas as criaturas, também chamado Isa, Sambhu, Prajapati, então falou a ela. E Brahman disse, 'Ó portadora de riqueza, para a realização do objetivo pelo qual tu te aproximaste de mim eu designarei todos os habitantes dos céus.'

Vaisampayana continuou, ‘Tendo dito isso à Terra, ó rei, o divino Brahman se despediu dela. E o Criador então deu ordem a todos os deuses, dizendo: ‘Para aliviar a Terra de sua carga, vão e nasçam nela segundo suas respectivas partes e procurem lutar (com os Asuras já nascidos lá)’. E o Criador de tudo, convocando também todas as tribos de Gandharvas e Apsaras, falou a elas estas palavras de

grande importância, ‘Vão e nasçam entre os homens segundo as suas respectivas partes nas formas que lhes convierem.’

E todos os deuses com Indra, ao ouvirem estas palavras do Senhor dos celestiais, palavras que eram verdadeiras, desejáveis sob tais circunstâncias e repletas de benefícios, as aceitaram. E eles todos tendo resolvido descer à terra em suas respectivas partes, então foram até Narayana, o destruidor de todos os inimigos, em Vaikunth, àquele que tem o disco e a maça em suas mãos, que está vestido de púrpura, que é de grande esplendor, que tem o lótus em seu umbigo, que é o matador dos inimigos dos deuses, que está olhando para baixo para seu peito largo (em atitude de Ioga), que é o senhor do próprio Prajapati, o soberano de todos os deuses, de força poderosa, que tem a marca do remoinho auspicioso em seu peito, que é o removedor de todas as faculdades e que é adorado por todos os deuses. A ele, Indra, o mais exaltado dos seres, se dirigiu, dizendo, ‘Encarne-se’ e Hari replicou, 'Que assim seja.'

65

(Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, ‘Então Indra teve uma conferência com Narayana sobre a mencionada descida na terra do céu com todos os deuses de acordo com suas respectivas partes. E, tendo dado ordem a todos os habitantes do céu, Indra voltou da residência de Narayana. E os habitantes do céu gradualmente se encarnaram sobre a terra para a destruição dos Asuras e pelo bem-estar dos três mundos. E então, ó tigre entre reis, os celestiais nasceram, de acordo com o que lhes era agradável, nas linhagens de Brahmarshis e sábios nobres. E eles viram os Danavas, Rakshasas, Gandharvas e Cobras, e outros comedores de homens, e muitas outras criaturas. E, ó touro da raça Bharata, os Danavas, Rakshasas e Gandharvas e Cobras não podiam matar os celestiais encarnados nem em sua infância, de tão fortes que eles eram.’

Janamejaya disse, ‘Eu desejo ouvir desde o início a respeito dos nascimentos dos deuses, dos Danavas, dos Gandharvas, das Apsaras, homens, Yakshas e Rakshasas. Portanto, cabe a ti me contar sobre o nascimento de todas as criaturas.’

Vaisampayana disse, 'De fato, tendo reverenciado o Autocriado, eu te contarei em detalhes a origem dos celestiais e outras criaturas. É sabido que Brahman teve seis filhos espirituais, Marichi, Atri, Angiras, Pulastya, Pulaha e Kratu. E o filho de Marichi é Kasyapa, e de Kasyapa nasceram todas estas criaturas. Para Daksha (um dos Prajapatis) nasceram treze filhas afortunadas. As filhas de Daksha são, ó tigre entre homens e príncipe da linha Bharata, Aditi, Diti, Danu, Kala, Danayu, Sinhika, Krodha, Pradha, Viswa, Vinata, Kapila, Muni, e Kadru. Os filhos e netos delas, dotados com grande energia, são inumeráveis. De Aditi nasceram os doze

Adityas que são os senhores do universo. E, ó Bharata, como eles são segundo seus nomes, eu os relatarei para ti. Eles são Dhatri, Mitra, Aryaman, Sakra, Varuna, Ansa, Vaga, Vivaswat, Usha, Savitri, Tvashtri, e Vishnu. O mais jovem, no entanto, é superior a eles todos em mérito. Diti teve um filho chamado Hiranyakasipu. E o ilustre Hiranyakasipu teve cinco filhos, todos famosos por todas as partes do mundo. O mais velho deles todos era Prahlada, o próximo era Sahradha; o terceiro era Anuhrada; e depois deve vinham Sivi e Vashkala. E, ó Bharata, é conhecido por todos os lugares que Prahlada teve três filhos. Eles eram Virochana, Kumbha, e Nikumbha. E para Virochana nasceu um filho, Vali, de grande destreza. E o filho de Vali é conhecido por ser o grande Asura Vana. E abençoado com boa sorte, Vana foi um seguidor de Rudra, e era também conhecido pelo nome de Mahakala. E Danu teve quarenta filhos, ó Bharata! Os mais velhos deles todos eram Viprachitti de grande fama, Samvara, e Namuchi e Pauloman; Asiloman, e Kesi e Durjaya; Ayahsiras, Aswasiras, e o poderoso Aswasanku; também Gaganamardhan, e Vegavat, e aquele chamado Ketumat; Swarbhanu, Aswa, Aswapati, Vrishaparvan, e então Ajaka; e Aswagriva, e Sukshama, e Tuhunda de grande força, Ekapada, e Ekachakra, Virupaksha, Mahodara, e Nichandra, e Nikumbha, Kupata, e então Kapata; Sarabha, e Sulabha, Surya, e então Chandramas; estes da linhagem de Danu estão em posição de serem bem conhecidos. Surya e Chandramas (o Sol e a Lua) dos celestiais são outras pessoas, e não os filhos de Danu como acima mencionado. Os dez seguintes dotados com grande força e energia foram também, ó rei, nascidos na linhagem de Danu; Ekaksha, Amritapa de coragem heróica, Pralamva e Naraka, Vatrapi, Satrutapana, e Satha, o grande Asura; Gavishtha, e Vanayu, e o Danava chamado Dirghajiva. E, ó Bharata, os filhos e os netos destes que foram conhecidos são inumeráveis. E Sinhika deu à luz Rahu, o perseguidor do Sol e da Lua, e a outros três, Suchandra, Chandrahantri, e Chandrapramardana. E a inumerável prole de Krura (krodha) desonesta e perversa como ela mesma. E a tribo era colérica, de atos desonestos, e perseguidores de seus inimigos. E Danayu também teve quatro filhos que eram touros entre os Asuras. Eles eram Vikshara, Vala, Vira, e Vritra o grande Asura. E os filhos de Kala eram todos como o próprio Yama: castigadores de todos os inimigos. E eles tinham grande energia, e eram opressores de todos os inimigos. E os filhos de Kala eram Vinasana e Krodha, e então Krodhahantri, e Krodhasatru. E houve muitos outros entre os filhos de Kala. E Sukra, o filho de um Rishi, era o sacerdote chefe dos Asuras. E o célebre Sukra teve quatro filhos que eram sacerdotes dos Asuras. E eles eram Tashtadhara e Atri, e dois outros de feitos bravios. Eles eram como o próprio Sol em energia, e fixaram seus corações em alcançar as regiões de Brahman.

Assim foi narrado por mim, como conhecido no Purana, a respeito da prole dos deuses e dos Asuras, ambas de grande força e energia. Eu sou incapaz, ó rei, de contar os descendentes destes, inúmeros como são, e que não são muito famosos.

E os filhos de Vinata eram Tarkhya e Arishtanemi, e Garuda e Aruna, e Aruni e Varuni. E Sesha ou Ananta, Vasuki, Takshaka, Kumara, e Kulika são conhecidos como os filhos de Kadru; e Bhimasena, Ugrasena, Suparna, Varuna, Gopati, e

Dhritarashtra, e Suryavarchas o sétimo, Satyavachas, Arkaparna, Prayuta, Bhima, e Chitraratha conhecido pelo renome, de grande erudição, e um controlador de suas paixões, e então Kalisiras, e, ó rei, Parjanya, o décimo quarto na lista, Kali, o décimo quinto, e Narada, o décimo sexto, estes Devas e Gandharvas são conhecidos como sendo os filhos de Muni (a filha de Daksha como mencionado antes). Eu relatarei muitos outros, ó Bharata! Anavadya Manu, Vansa, Asura, Marganapria, Anupa, Subhaga, Vasi eram as filhas de Pradha, Siddha, e Purna, e Varhin, e Purnayus de grande renome, Brahmacharin, Ratiguna, e Suparna que foi o sétimo; Viswavasu, Bhanu, e Suchandra que era o décimo, eram também os filhos de Pradha. Todos estes eram Gandharvas celestes. E é também conhecido que a afortunada Pradha, através do Rishi celeste (Kasyapa, seu marido), deu à luz às sagradas Apsaras, Alamvusha, Misrakesi, Vidyutparna, Tilottama, Aruna, Rakshita, Rambha, Manorama, Kesini, Suvahu, Surata, Suraja, e Supria que eram as filhas, e Ativahu e os célebres Haha e Huhu, e Tumvuru eram os filhos, os melhores dos Gandharvas, de Pradha e Amrita. Os Brahmanas, vacas, Gandharvas, e Apsaras nasceram de Kapila como declarado no Purana.

Assim foi narrado devidamente por mim para ti o nascimento de todas as criaturas, de Gandharvas e Apsaras, de Cobras, Suparnas, Rudras, e Maruts; de vacas e de Brahmanas abençoados, e de atos sagrados. E este relato (se lido) estende o tempo de vida, é sagrado, merecedor de todo louvor, e dá prazer aos ouvidos. Ele deve ser sempre ouvido e recitado a outros, em um estado de espírito apropriado.

Aquele que devidamente lê este relato do nascimento de todas as criaturas de grande alma na presença dos deuses e Brahmanas obtém grande progênie, boa sorte, e fama, e alcança também os mundos excelentes após a morte.'

66

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, ‘É sabido que os filhos espirituais de Brahman eram os seis grandes Rishis (já mencionados). Há outro de nome Sthanu. E os filhos de Sthanu, dotados de grande energia, eram, é conhecido, onze. Eles eram Mrigavayadha, Sarpa, Niriti de grande renome: Ajaikapat, Ahivradhna, e Pinaki, o opressor de inimigos; Dahana e Iswara, e Kapali de grande esplendor; e Sthanu, e o ilustre Bharga. Eles são chamados de os onze Rudras. Já foi dito que Marichi, Angiras, Atri, Pulastya, Pulaha, e Kratu, aqueles seis Rishis de grande energia, são os filhos de Brahman. É bem conhecido no mundo que os filhos de Angiras são três, Vrihaspati, Utathya, e Samvarta, todos de votos rígidos. E, ó rei, é dito que os filhos de Atri foram numerosos. E, sendo grandes Rishis, eles eram todos conhecedores dos Vedas, coroados com êxito ascético, e de almas em perfeita paz. E, ó tigre entre reis, os filhos de Pulastya de grande sabedoria são Rakshasas, Macacos, Kinnaras (metade homens e metade cavalos), e Yakshas. E, ó rei, os filhos de Pulaha foram, é dito, os Salabhas (os insetos alados), leões,

os Kimpurushas (meio leões e meio homens), os tigres, ursos, e lobos. E os filhos de Kratu, sagrados como sacrifícios, eram os companheiros de Surya, (os Valikhilyas), conhecidos nos três mundos como devotados à verdade e votos. E, ó protetor da Terra, o ilustre Rishi Daksha, de alma em paz completa, e de grande ascetismo, nasceu do dedo do pé direito de Brahman. E do dedo esquerdo do pé de Brahman nasceu a mulher de Daksha de grande alma. E o Muni gerou nela cinquenta filhas; e todas aquelas filhas tinham feições e membros perfeitos e olhos como pétalas de lótus. E o senhor Daksha, não tendo quaisquer filhos, fez daquelas filhas suas Putrikas (para que os filhos delas pudessem pertencer tanto a ele mesmo como aos maridos delas). E Daksha entregou, segundo as leis sagradas, dez de suas filhas a Dharma, vinte e sete a Chandra (a lua), e treze a Kasyapa. Ouça enquanto eu relaciono as esposas de Dharma segundo seus nomes. Elas são dez ao todo, Kirti, Lakshmi, Dhriti, Medha, Pushti, Sraddha, Kria, Buddhi, Lajja, e Mali. Estas são as esposas de Dharma como nomeadas pelo Autocriado. É conhecido também por todo o mundo que as esposas de Soma (lua) são vinte e sete. E as esposas de Soma, todas de votos sagrados, são empregadas no tempo indicado; e elas são as Nakshatras e as Yoginis e elas se tornam assim para ajudar no progresso dos mundos.

E Brahman teve outro filho de nome Manu. E Manu teve um filho de nome Prajapati. E os filhos de Prajapati eram oito e eram chamados de Vasus os quais eu citarei em detalhes. Eles eram Dhara, Dhruva, Soma, Aha, Anila, Anala, Pratyusha, e Prabhasa. Estes oito são conhecidos como os Vasus. Deles, Dhara e Dhruva conhecedores da verdade nasceram de Dhumra; Chandramas (Soma) e Swasana (Anila) nasceram do inteligente Swasa; Aha era filho de Rata, e Hutasana (Anala) de Sandilya; e Pratyusha e Prabhasa eram os filhos de Prabhata. E Dhara teve dois filhos, Dravina e Huta-havya-vaha. E o filho de Dhruva é o ilustre Kala (tempo), o destruidor dos mundos. E o filho de Soma é o resplandecente Varchas. E Varchas gerou em sua mulher Manohara três filhos, Sisira, e Ramana. E os filhos de Aha eram Jyotih, Sama, Santa, e também Muni. E o filho de Agni era o belo Kumara nascido em uma floresta de juncos. E, ele é também chamado Kartikeya porque ele foi criado por Krittika e outros. E, depois de Kartikeya nasceram seus três irmãos Sakha, Visakha, Naigameya. E a mulher de Anila é Siva, e os filhos de Siva eram Manojava e Avijnataagati. Estes dois eram os filhos de Anila. O filho de Pratyusha, você deve saber, é o Rishi de nome Devala; e Devala teve dois filhos que eram ambos extremamente bondosos e de grande poder mental. E a irmã de Vrihaspati, a principal das mulheres, proferindo a verdade sagrada, dedicada a penitências ascéticas, vagou por sobre toda a terra; e ela se tornou esposa de Prabhasa, o oitavo Vasu. E ela deu à luz ao ilustre Viswakarman, o fundador de todas as artes. Ele foi o iniciador de mil artes, o engenheiro dos imortais, o fabricante de todas as espécies de ornamentos, e o principal dos artistas. E foi ele quem construiu os carros celestes dos deuses, e é permitido à humanidade viver em consequência das invenções daquele ilustre. E ele é adorado, por esta razão, pelos homens. E ele é eterno e imutável, Viswakarman.

E o ilustre Dharma, o distribuidor de toda a felicidade, assumindo a forma de um ser humano, saiu pelo peito direito de Brahman. E Ahasta (Dharma) teve três filhos excelentes capazes de encantar qualquer criatura. E eles são Sama, Kama, Harsha (Paz, Desejo, e Alegria). E com sua energia eles estão sustentando os mundos. E a mulher de Kama é Rati, de Sama é Prapti; e a mulher de Harsha é Nanda. E deles, de fato, os mundos dependem.

E o filho de Marichi é Kasyapa. E a prole de Kasyapa são os deuses e os Asuras. E, portanto, Kasyapa é o Pai dos mundos. E Tvashtri, da forma de Vadava (uma Égua), tornou-se a mulher de Savitri. E ela deu nascimento, nos céus, a gêmeos imensamente afortunados, os Aswins. E, ó rei, os filhos de Aditi são doze com Indra liderando eles todos. E o mais jovem deles todos é Vishnu do qual os mundos dependem.

Estes são os trinta e três deuses (os oito Vasus, os onze Rudras, os doze Adityas, Prajapati, e Vashatkara). Eu agora relatarei sua progênie segundo seus Pakshas, Kulas, e Ganas. Os Rudras, os Saddhyas, os Maruts, os Vasus, os Bhargavas, e os Viswedevas são contados cada um como um Paksha. Garuda, o filho de Vinata e o poderoso Aruna também, e o ilustre Vrihaspati são contados entre os Adityas. Os gêmeos Aswins, todas as plantas anuais, e todos os animais inferiores, são contados entre os Guhyakas.

Estes são os Ganas dos deuses narrados para ti, ó rei! Esta narração lava os homens de todos os pecados.

O ilustre Bhrigu apareceu rompendo o peito de Brahman. O erudito Sukra é filho de Bhrigu. E o erudito Sukra se tornando um planeta e agindo segundo a ordem do Auto-existente ao despejar e reter a chuva, e em dispensar e cancelar calamidades, atravessa, para sustentar as vidas de todas as criaturas nos três mundos, os céus. E o erudito Sukra, de grande inteligência e sabedoria, de votos rígidos, levando a vida de um Brahmacharin, se dividiu em dois pelo poder do ascetismo, e se tornou o guia espiritual dos Daityas e dos deuses. E depois de Sukra ser assim empregado por Brahman na busca do bem-estar (dos deuses e Asuras), Bhrigu gerou outro filho excelente. Este era Chyavana que era como o sol ardente, de alma virtuosa, e de grande renome. E ele saiu do útero de sua mãe com fúria e se tornou a causa da libertação de sua mãe, ó rei (das mãos dos Rakshasas). E Arushi, a filha de Manu, se tornou a mulher do sábio Chyavana. E nela foi gerado Aurva de grande reputação. E ele apareceu rompendo a coxa de Arushi. E Aurva gerou Richika. E Richika mesmo em sua juventude possuía grande poder e energia, e todas as virtudes. E Richika gerou Jamadagni. E Jamadagni de grande alma teve quatro filhos. E o mais jovem deles todos foi Rama (Parasurama). E Rama era superior a todos os seus irmãos na posse de boas qualidades. E ele era habilidoso com todas as armas, e se tornou o matador dos Kshatriyas. E ele tinha suas paixões sob controle completo. E Aurva teve cem filhos sendo Jamadagni o mais velho. E aqueles cem filhos tiveram uma prole de milhares que se espalhou sobre essa terra.

E Brahman teve dois outros filhos, Dhatri e Vidhatri que ficaram com Manu. A irmã deles é a auspiciosa Lakshmi que tem sua residência em meio aos lotos. E os filhos espirituais de Lakshmi são os cavalos que percorrem o céu. E a filha nascida de Sukra, de nome Divi, tornou-se a mulher mais velha de Varuna. Dela nasceu um filho de nome Vala e uma filha chamada Sura (vinho), para a alegria dos deuses. E Adharma (pecado) nasceu quando as criaturas (por falta de comida) começaram a devorar umas às outras. E Adharma sempre destrói todas as criaturas. E Adharma teve Niriti como sua mulher, por isso os Rakshasas são chamados Nairitas (prole de Niriti). E ela também teve outros três filhos cruéis sempre envolvidos em atos pecaminosos. Eles são Bhaya (medo), Mahabhaya (terror), e Mrityu (morte) que está sempre empenhado em matar toda coisa criada. E, como ele é o destruidor, ele não teve nenhuma mulher e nenhum filho. E Tamra deu à luz a cinco filhas conhecidas em todos os mundos. Elas são Kaki (corvo), Syeni (falcão), Phasi (galinha), Dhritarashtri (ganso), e Suki (papagaio). E Kaki deu à luz aos corvos; Syeni, aos falcões, aos galos e abutres, Dhritarashtri, a todos os patos e cisnes; e ela também deu à luz a todos os Chakravakas; e a formosa Suki, de qualidades amáveis, e que possuía todos os sinais auspiciosos deu à luz a todos os papagaios. E Krodha deu à luz nove filhas, todas de temperamento colérico. E seus nomes eram Mrigi, Mrigamanda, Hari, Bhadramana, Matangi, Sarduli, Sweta, Surabhi, e a agradável Surasa abençoada com todas as virtudes. E, ó principal dos homens, a prole de Mrigi são todos os animais da espécie do veado. E a prole de Mrigamanda são todos os animais da espécie do urso e chamados Srimara (de passos graciosos). E Bhadramana gerou o elefante celeste, Airavata. E a prole de Hari são todos os animais da espécie dos símios dotados com grande energia, assim também como todos os cavalos. E daqueles animais também, que são chamados Go-langula (com rabo de vaca), se diz que é a prole de Hari. E Sarduli gerou leões e tigres em grande número, e também leopardos e todos os outros animais fortes. E, ó rei, a prole de Matangi são todos os elefantes. Sweta gerou o grande elefante conhecido pelo nome de Sweta, dotado de grande velocidade. E, ó rei, Surabhi deu à luz duas filhas, a amável Rohini e a famosa Gandharvi. E, ó Bharata, ela teve também duas outras filhas chamadas Vimala e Anala. De Rohini nasceram todas as vacas, e de Gandharvi todos os animais da espécie do cavalo. E Anala gerou as sete espécies de árvores que produzem frutas polpudas. (Elas são a tamareira, a palmeira, a hintala, a tali, a pequena tamareira, a noz, e o coqueiro). E ela teve também outra filha chamada Suki (a mãe das espécies de papagaio). E Surasa deu à luz a um filho chamado Kanka (uma espécie de ave de longa plumagem). E Syeni, a mulher de Aruna, deu à luz dois filhos de grande energia e força, de nome Sampati e o poderoso Jatayu. Surasa também deu à luz aos Nagas, e Kadru, aos Punnagas (cobras). E Vinata teve dois filhos, Garuda e Aruna, muito conhecidos por toda parte. E, ó rei de homens, ó principal dentre as pessoas inteligentes, assim a genealogia de todas as principais criaturas foi completamente descrita por mim. Por escutar a isto um homem é completamente limpo de todos os pecados, adquire grande conhecimento, e finalmente alcança o principal dos estados depois da vida!'

67

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, ‘Ó adorável, eu desejo ouvir de ti em detalhes sobre o nascimento, entre os homens, dos deuses, Danavas, Gandharvas, Rakshasas, leões, tigres, e outros animais, das cobras, aves, e realmente, de todas as criaturas. Eu desejo também ouvir a respeito das ações e realizações deles, na devida ordem, depois que eles se tornaram encarnados em formas humanas.’

Vaisampayana disse, 'Ó rei de homens, eu primeiro direi a ti tudo sobre aqueles celestiais e Danavas que nasceram entre os homens. O principal dos Danavas, que era conhecido pelo nome de Viprachitti, tornou-se aquele touro entre os homens, citado como Jarasandha. E, ó rei, o filho de Diti, que foi conhecido como Hiranyakasipu, era conhecido neste mundo entre os homens como o poderoso Sisupala. Aquele que tinha sido conhecido como Samhlada, o irmão mais novo de Prahlada, tornou-se entre os homens o famoso Salya, o touro entre os Valhikas. O corajoso Anuhlada que era o mais jovem tornou-se célebre no mundo como Dhrishtaketu. E, ó rei, aquele filho de Diti que era conhecido como Sivi tornou-se sobre a terra o famoso monarca Druma. E aquele que era conhecido como o grande Asura Vashkala se tornou na terra o grande Bhagadatta. Os cinco grandes Asuras dotados com grande energia, Ayahsira, Aswasira, o corajoso Aysanku, Gaganamurdhan, e Vegavat, nasceram todos na linhagem real de Kekaya e tornaram-se grandes monarcas. Aquele outro Asura de energia poderosa que era conhecido pelo nome de Ketumat se tornou na terra o monarca Amitaujas de atos terríveis. Aquele grande Asura que era conhecido como Swarbhanu tornou-se sobre a terra o monarca Ugrasena de feitos bravios. O grande Asura que era conhecido como Aswa tornou-se sobre a terra o monarca Asoka de excelente energia e invencível em batalha. E, ó rei, o irmão mais novo de Aswa que era conhecido como Aswapati, um filho de Diti, tornou-se na terra o poderoso monarca Hardikya. O grande e afortunado Asura que era conhecido como Vrishaparvan tornou-se conhecido na terra como o rei Dirghaprajna. E, ó rei, o irmão mais novo de Vrishaparvan que era conhecido pelo nome de Ajaka tornou-se conhecido na terra como o rei Salwa. O poderoso Asura que era conhecido como Aswagriva tornou-se conhecido na terra como o rei Rochamana. E, ó rei, o Asura que era conhecido como Sukshma, dotado de grande inteligência e cujas realizações também foram grandes, tornou-se na terra o famoso rei Vrihadratha. E aquele principal dos Asuras que era conhecido pelo nome de Tuhunda, tornou-se conhecido na terra como o monarca Senavindu. Aquele Asura de grande força que era conhecido como Ishupa se tornou o monarca Nagnajita de famosa coragem. O grande Asura que era conhecido como Ekachakra se tornou conhecido na terra como Pritivindhya. O grande Asura Virupaksha capaz de manifestar vários modos de luta tornou-se conhecido na terra como o rei Chitravarman. O principal dos Danavas, o heróico Hara, que rebaixava o orgulho de todos os inimigos se tornou na terra o famoso e afortunado Suvahu. O Asura Suhtra de grande energia e destruidor de inimigos se tornou conhecido sobre a terra como o afortunado

monarca Munjakesa. Aquele Asura de grande inteligência chamado Nikumbha, que nunca foi vencido em batalha nasceu na terra como o rei Devadhipa, o principal entre os monarcas. Aquele grande Asura conhecido entre os filhos de Diti pelo nome de Sarabha se tornou na terra o sábio real chamado Paurava. E, ó rei, o grande Asura de excelente energia, o afortunado Kupatha nasceu na terra como o famoso monarca Suparswa. O grande Asura, ó rei, que era chamado Kratha, nasceu sobre a terra como o sábio real Parvateya de forma resplandecente como uma montanha dourada. Aquele entre os Asuras que era conhecido como Salabha o segundo, se tornou sobre a terra o monarca Prahlada no país dos Valhikas. O principal entre os filhos de Diti conhecido pelo nome de Chandra e belo como o próprio senhor das estrelas se tornou conhecido sobre a terra como Chandravarman, o rei dos Kamvojas. Aquele touro entre os Danavas que era conhecido pelo nome de Arka se tornou na terra, ó rei, o sábio real Rishika. Aquele melhor dos Asuras que era conhecido como Mritapa se tornou na terra, ó melhor dos reis, o monarca Pascimanupaka. Aquele grande Asura de energia insuperável conhecido como Garishtha se tornou conhecido na terra como o rei Drumasena. O grande Asura que era conhecido como Mayura se tornou conhecido na terra como o monarca Viswa. Aquele que era o irmão mais novo de Mayura e chamado Suparna se tornou conhecido sobre a terra como o monarca Kalakirti. O Asura poderoso que era conhecido como Chandrahantri se tornou na terra o sábio real Sunaka. O grande Asura que se chamava Chandravinasana se tornou conhecido na terra como o monarca Janaki. Aquele touro entre os Danavas, ó príncipe da linhagem Kuru, que era chamado Dhirghajihva se tornou conhecido na terra como Kasiraja. Graha que nasceu de Sinhika e que perseguiu o Sol e a Lua se tornou conhecido na terra como o monarca Kratha. O mais velho dos quatro filhos de Danayu, que era conhecido pelo nome de Vikshara, se tornou conhecido na terra como o corajoso monarca Vasumitra. O segundo irmão de Vikshara, o grande Asura, nasceu na terra como o rei do país chamado Pandya. Aquele melhor dos Asuras que era conhecido pelo nome de Valina se tornou na terra o monarca Paundramatsyaka. E, ó rei, aquele grande Asura era conhecido como Vritra se tornou na terra o sábio real conhecido pelo nome de Manimat. Aquele Asura que era o irmão mais novo de Vritra e conhecido como Krodhahantri se tornou conhecido na terra como o rei Danda. Aquele outro Asura que era conhecido pelo nome de Krodhavardhana se tornou conhecido na terra como o monarca Dandadhara. Os oito filhos dos Kaleyas que nasceram na terra todos se tornaram grandes reis com a bravura de tigres. O mais velho deles todos se tornou o rei Jayatsena em Magadha. O segundo deles, que em destreza era como o próprio Indra, se tornou conhecido na terra como Aparajita. O terceiro deles, dotado de grande energia e poder de produzir ilusão, nasceu sobre a terra como o rei dos Nishadas dotado de grande heroísmo. Aquele outro entre eles que era o quarto se tornou conhecido na terra como Srenimat, aquele melhor dentre os sábios reais. Aquele grande Asura entre eles que era o quinto se tornou conhecido sobre a terra como o rei Mahanjas, o opressor de inimigos. Aquele grande Asura possuidor de grande inteligência que era o sexto deles se tornou conhecido na terra como Abhiru, aquele melhor dos sábios reais. O sétimo deles ficou conhecido por toda a terra, do centro ao mar, como o rei Samudrasena bem familiarizado com as verdades das escrituras. O oitavo dos Kaleyas conhecido como Vrihat se

tornou na terra um rei virtuoso sempre dedicado ao bem de todas as criaturas. O poderoso Danava conhecido pelo nome de Kukshi se tornou conhecido sobre a terra como Parvatiya por seu brilho como o de uma montanha dourada. O poderoso Asura Krathana dotado de grande energia se tornou conhecido na terra como o monarca Suryaksha. O grande Asura de belas feições conhecido pelo nome de Surya, se tornou sobre a terra monarca dos Valhikas de nome Darada, o principal de todos os reis. E, ó rei, da tribo de Asuras chamada Krodhavasa, sobre a qual eu já te falei, nasceram muitos reis heróicos sobre a terra. Madraka, e Karnaveshta, Siddhartha, e também Kitaka; Suvira, e Suvahu, e Mahavira, e também Valhika, Kratha, Vichitra, Suratha, e o belo rei Nila; e Chiravasa, e Bhumipala; e Dantavakra, e aquele que se chamava Durjaya; aquele tigre entre os reis chamado Rukmi; e o rei Janamejaya, Ashada, e Vayuvega, e também Bhuritejas; Ekalavya, e Sumitra, Vatadhana, e também Gomukha; a tribo de reis chamados Karushakas, e também Khemadhurti; Srutayu, e Udvaha, e também Vrihatsena; Kshema, Ugratirtha, o rei dos Kalingas; e Matimat, e aquele que era conhecido como o rei Iswara; estes principais dentre os reis todos nasceram da classe Asura chamada Krodhavasa.

Havia também nascido na terra um poderoso Asura conhecido entre os Danavas pelo nome de Kalanemi, dotado de grande força, de grandes realizações, e abençoado com muita prosperidade. Ele se tornou o poderoso filho de Ugrasena e foi conhecido na terra pelo nome de Kansa. E aquele que era conhecido entre os Asuras pelo nome de Devaka e que, além disso, tinha um esplendor como o do próprio Indra, nasceu sobre a terra como o principal rei dos Gandharvas. E, ó monarca, saiba que Drona, o filho de Bharadwaja, não nasceu de qualquer mulher, nasceu de uma porção do Rishi celeste Vrihaspati de grandes realizações. E ele foi o príncipe de todos os arqueiros, conhecedor de todas as armas, de realizações poderosas, de grande energia. Tu deves saber também que ele conhecia bem os Vedas e a ciência de armas. E ele fez atos extraordinários e foi o orgulho de sua linhagem. E, ó rei, seu filho o heróico Aswatthaman, de olhos como pétalas de lótus, dotado de insuperável energia, e o terror de todos inimigos, o grande opressor de todos os inimigos, nasceu na terra das porções unidas de Mahadeva, Yama, Kama, e Krodha. E pela maldição de Vasishtha e também pela ordem de Indra, os oito Vasus nasceram de Ganga com seu marido Santanu. O mais jovem deles era Bhishma, o dispersador dos medos dos Kurus, dotado de grande inteligência, conhecedor dos Vedas, o principal dos oradores, e aquele que dilui as tropas do inimigo. E possuidor de energia poderosa e o principal dentre todos os conhecedores de armas, ele lutou com o próprio Rama ilustre, o filho de Jamadagni da linhagem Bhrigu. E, ó rei, aquele sábio Brahman que, sobre a terra, foi conhecido pelo nome de Kripa e era a encarnação de toda virilidade nasceu da tribo dos Rudras. E o poderoso guerreiro em carruagem e rei que na terra era conhecido pelo nome de Sakuni, aquele triturador de inimigos, tu deves saber, ó rei, era o próprio Dwapara (o terceiro yuga). E aquele que era Satyaki de pontaria certeira, aquele protetor do orgulho da linha Vrishni, aquele opressor de inimigos, foi gerado da porção dos deuses chamados Maruts. E aquele sábio real Drupada que na terra foi um monarca, o principal entre todos os manejadores de armas, nasceu também da mesma tribo dos celestiais. E, ó rei, tu deves saber também

que Kritavarman, aquele príncipe entre os homens, de atos insuperáveis, e o principal dentre todos os touros entre os Kshatriyas, nasceu da mesma porção dos celestiais. E aquele sábio real também, de nome Virata, o destruidor dos reinos de outros, e o grande opressor de todos os inimigos, nasceu da mesma porção dos deuses. Aquele filho de Arishta que era conhecido pelo nome de Hansa nasceu na linhagem Kuru se tornou o monarca dos Gandharvas. Aquele que era conhecido como Dhritarashtra nasceu da semente de Krishna-Dwaipayana, e dotado de braços longos e grande energia, também um monarca, de visão profética, se tornou cego por causa do erro de sua mãe e da cólera do Rishi. Seu irmão mais novo que possuía grande força e que foi realmente um grande ser conhecido como Pandu, dedicado à verdade e virtude, foi o ser da Pureza. E, ó rei, tu deves saber que aquele que era conhecido na terra como Vidura, que era o principal de todos os homens virtuosos, que era o próprio deus da Justiça, era o excelente e imensamente afortunado filho do Rishi Atri. O rei perverso Duryodhana, o destruidor da justa fama dos Kurus, nasceu na terra de uma porção de Kali. Ele que foi o causador da morte de todas as criaturas e da devastação da terra; e foi ele quem atiçou a chama de hostilidade que no final consumiu a todos. Aqueles que tinham sido os filhos de Pulastya (os Rakshasas) nasceram sobre a terra entre os homens como os irmãos de Duryodhana, aquela centena de indivíduos vis começando com Duhasasana como seu primeiro. E, ó touro entre os príncipes Bharata, Durmukha, Duhsaha, e outros que eu não menciono, que sempre apoiaram Duryodhana (em todas as suas intrigas), foram, de fato, os filhos de Pulastya. E além destes cem, Dhritarashtra teve um filho chamado Yuyutsu nascido de uma mulher Vaisya.'

Janamejaya disse, ‘Ó ilustre, me diga os nomes dos filhos de Dhritarashtra segundo a ordem de seu nascimento iniciando do mais velho.’

Vaisampayana disse, 'Ó rei, eles são: Duryodhana, e Yuyutsu, e também Duhsasana; Duhsaha e Duhshala, e então Durmukha; Vivinsati, e Vikarna, Jalasandha, Sulochna, Vinda e Anuvinda, Durdharsha, Suvahu, Dushpradharshana; Durmarshana, e Dushkarna, e Karna; Chitra e Vipachitra, Chitraksha, Charuchitra, e Angada, Durmada, e Dushpradharsha, Vivitsu, Vikata, Sama; Urananabha, e Padmanabha, Nanda e Upanandaka; Sanapati, Sushena, Kundodara; Mahodara; Chitravahu, e Chitravarman, Suvarman, Durvirochana; Ayovahu, Mahavahu, Chitrachapa e Sukundala, Bhimavega, Bhimavala, Valaki, Bhimavikrama, Ugrayudha, Bhimaeara, Kanakayu, Dridhayudha, Dridhavarman, Dridhakshatra Somakirti, Anadara; Jarasandha, Dridhasandha, Satyasandha, Sahasravaeh; Ugrasravas, Ugrasena, e Kshemamurti; Aprajita, Panditaka, Visalaksha, Duradhara, Dridhahasta, e Suhasta, Vatavega, e Suvarchasa; Adityaketu, Vahvasin, Nagadatta e Anuyaina; Nishangi, Kuvachi, Dandi, Dandadhara, Dhanugraha; Ugra, Bhimaratha, Vira, Viravahu, Alolupa; Abhaya, e Raudrakarman, também aquele que era Dridharatha; Anadhrishya, Kundaveda, Viravi, Dhirghalochana; Dirghavahu; Mahavahu; Vyudhoru, Kanakangana; Kundaja e Chitraka. Houve também uma filha chamada Duhsala além dos cem. E havia também Yuyutsu que era filho de Dhritarashtra com uma mulher Vaisya, além dos cem. Assim, ó rei, eu recitei os nomes dos cem filhos e também o da filha (de

Dhritarashtra). Tu conheces agora seus nomes segundo a ordem de seus nascimentos. Todos foram heróis e grandes guerreiros em carros, e hábeis na arte da guerra. Além disso, todos eles eram versados nos Vedas, e, ó rei, todos tinham conhecido as escrituras. Todos eram poderosos em ataque e defesa, e todos eram dotados de erudição. E, ó monarca, todos tinham esposas convenientes para eles em graça e talentos. E, ó rei, quando chegou o momento o monarca Kaurava entregou sua filha Duhsala para Jayadratha, o rei dos Sindhus, de acordo com conselhos de Sakuni.

E, ó monarca, saiba que o rei Yudhishthira era uma porção de Dharma; que Bhimasena o era da divindade do vento; que Arjuna era de Indra, o chefe dos celestiais; e que Nakula e Sahadeva, os mais belos entre todas as criaturas, inigualáveis em beleza na terra, eram da mesma maneira porções dos gêmeos Aswins. E aquele que era conhecido como o poderoso Varchas, o filho de Soma, se tornou Abhimanyu de atos extraordinários, o filho de Arjuna. E antes da sua encarnação, ó rei, o deus Soma disse estas palavras aos celestiais, 'Eu não posso dar (me desfazer do) meu filho. Ele é mais caro para mim do que a própria vida. Que seja este o pacto e que não seja violado: a destruição dos Asuras na terra é o trabalho dos celestiais, e, portanto, é nosso trabalho também. Que Varchas, portanto, vá para lá, mas que não fique muito tempo. Nara, cujo companheiro é Narayana, nascerá como filho de Indra e de fato, será conhecido como Arjuna, o filho poderoso de Pandu. Este meu menino será o filho dele e se tornará um poderoso guerreiro em carro em sua juventude. E o deixem, ó melhores dentre os imortais, ficar na terra por dezesseis anos. E quando ele alcançar seu décimo sexto ano se realizará a batalha na qual todos os que nasceram de suas porções realizarão a destruição de guerreiros poderosos. Mas certa batalha ocorrerá sem Nara e Narayana (que não tomarão parte nisto). E, de fato, suas porções, ó celestiais, lutarão, tendo feito aquela disposição das forças armadas que é conhecida pelo nome de Chakra-vyuha. E meu filho obrigará todos inimigos a se retirarem perante ele. O menino de braços poderosos tendo penetrado na impenetrável formação militar, se colocará dentro dela sem medo e enviará uma quarta parte da força hostil, no decurso de metade de um dia, às regiões do rei dos mortos. Então quando inumeráveis heróis e poderosos guerreiros em carros voltarem do dever no fim do dia, meu menino de braços poderosos reaparecerá diante de mim. E ele gerará um filho heróico em sua linhagem, que continuará a quase extinta linhagem Bharata.' Ouvindo estas palavras de Soma, os habitantes do céu responderam, 'Assim seja.' E então todos juntos aplaudiram e reverenciaram (Soma) o rei das estrelas. Assim, ó rei, eu recitei para ti (os pormenores do) nascimento do pai do teu pai.

Saiba também, ó monarca, que o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna era uma parte de Agni. E saiba também que Sikhandin, que foi a princípio uma mulher, era um Rakshasa. E, ó touro da raça Bharata, os que se tornaram os cinco filhos de Draupadi, aqueles touros entre os príncipes Bharata, eram os celestiais conhecidos como Viswas. Seus nomes eram Pritivindhya, Sutasoma, Srutakirti, Satanika, Nakula, e Srutasena, dotados com energia poderosa.

Sura, o principal dos Yadus, foi o pai de Vasudeva. Ele teve uma filha chamada Pritha, que por sua beleza, era inigualável sobre a terra. E Sura, tendo prometido na presença do fogo que daria seu primogênito para Kuntibhoja, o filho de sua tia paterna, que não tinha descendentes, deu sua filha ao monarca na expectativa de sua proteção. Kuntibhoja então a fez sua filha. E ela se tornou, desde então, na casa de seu pai (adotivo), dedicada a servir Brahmanas e convidados. Um dia ela teve que atender o colérico asceta de votos rígidos, de nome Durvasa, conhecedor da verdade e dos mistérios da religião. E Pritha com todo o cuidado possível satisfez o colérico Rishi com alma sob controle completo. O santo, satisfeito com as atenções outorgadas a si pela moça, disse a ela, 'Eu estou satisfeito contigo, ó afortunada! Por meio deste mantra (que eu estou prestes a te dar), tu poderás convocar (para o teu lado) qualquer celestial que desejares. E, por sua graça, tu também obterá filhos.' Assim, a menina (pouco tempo depois), tomada de curiosidade, convocou, durante o tempo de sua virgindade, o deus Surya. E o senhor da luz a fez conceber e gerou nela um filho que se tornou o principal de todos os manejadores de armas. Por medo de seus parentes ela deu à luz sob sigilo àquela criança que nasceu com brincos e armadura. E ele era dotado da beleza de um bebê celeste, e em esplendor era como o próprio fazedor do dia. E todo o seu corpo era simétrico e bem adornado. E Kunti lançou a criança bonita à água. Mas a criança assim jogada na água foi pega pelo excelente marido de Radha e dado por ele à sua mulher para ser adotado como seu filho. E o casal deu a ele o nome de Vasusena, por qual título a criança logo se tornou conhecida por todos sobre a terra. E, quando ele cresceu, ele ficou muito forte e era excelente em todas as armas. A principal dentre todas as pessoas de sucesso, ele logo dominou todas as ciências. E quando aquele ser inteligente tendo a verdade como sua força recitava os Vedas, não havia nada então que ele não desse aos Brahmanas. Naquele tempo Indra, o iniciador de todas coisas, movido pelo desejo de beneficiar seu próprio filho Arjuna, assumindo o disfarce de um Brahmana, foi até ele e pediu para o herói seus brincos e armadura natural. E o herói tirando seus brincos e armadura os deu ao Brahmana. E Sakra (aceitando o presente) ofereceu a ele uma flecha, surpreendido (com sua generosidade), e se dirigiu a ele nestas palavras, 'Ó invencível, entre os celestiais, Asuras, homens, Gandharvas, Nagas, e Rakshasas, aquele no qual tu arremessares (esta arma), será morto sem dúvida.' E o filho de Surya foi a princípio conhecido no mundo pelo nome de Vasusena. Mas, por seus feitos, ele posteriormente veio a ser chamado de Karna. E porque aquele herói de grande fama tirou sua armadura natural, portanto ele foi, o primeiro filho de Pritha, chamado de Kama. E, ó melhor dos reis, o herói começou a crescer na casta Suta. E, ó rei, saiba que Kama, o principal dentre todos os homens, exaltado entre todos os manejadores de armas, matador de inimigos, e a melhor porção do fabricante do dia, foi o amigo e conselheiro de Duryodhana. E ele, chamado Vasudeva, dotado de grande coragem, foi entre os homens uma parte daquele chamado Narayana, o deus dos deuses, eterno. E Valadeva de grande força era uma parte do Naga Sesha. E, ó monarca, saiba que Pradyumna de grande energia era Sanatkumara. E deste modo as porções de vários outros habitantes do céu se tornaram homens exaltados na linhagem de Vasudeva, aumentando sua glória. E, ó rei, uma parte da classe de Apsaras, que eu já mencionei, também se encarnou na terra segundo os comandos de Indra, e

dezesseis mil daquelas deusas se tornaram, ó rei, neste mundo dos homens, as esposas de Vasudeva. E uma parte da própria de Sri se encarnou na terra, para a satisfação de Narayana, na linha de Bhishmaka. E ela era por renome a casta Rukmini. E a impecável Draupadi, de cintura delgada como a de uma vespa, nasceu de uma parte de Sachi (a rainha dos celestiais), na linha de Drupada. Ela tinha estatura mediana e a fragrância do lótus azul, olhos grandes como pétalas de lótus, pernas formosas, e massas densas de cabelo negro ondulado. E dotada de traços venturosos e de natureza como a da esmeralda, ela se tornou a encantadora dos corações dos cinco principais dentre os homens. E as duas deusas Siddhi e Dhriti se tornaram as mães daqueles cinco, e eram chamadas Kunti e Madri. E aquela que era Mati se tornou a filha (Gandhari) de Suvala.

Assim, ó rei, eu recitei para ti tudo acerca da encarnação, segundo suas respectivas partes, dos deuses, Asuras, Gandharvas, Apsaras, e dos Rakshasas. Aqueles que nasceram sobre a terra como monarcas invencíveis em batalha, aqueles de grande alma que nasceram na ampla linhagem dos Yadus, aqueles que nasceram como poderosos monarcas em outras linhagens, aqueles que nasceram como Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas, todos foram recitados por mim devidamente. E este relato da encarnação (de seres superiores de acordo com suas respectivas partes) que é capaz de conceder riqueza, fama, prole, vida longa, e sucesso, deve sempre ser escutada em um estado de espírito apropriado. E tendo escutado esta narração da encarnação, segundo suas porções, de deuses, Gandharvas e Rakshasas, aquele que a ouve se torna conhecedor da criação, conservação e destruição do universo e adquire sabedoria, e nunca fica abatido mesmo sob as maiores tristezas.'

68

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó Brahmana, eu, de fato, ouvi de ti o relato da encarnação, segundo suas porções, dos deuses, Danavas, Rakshasas, e também dos Gandharvas e Apsaras. Eu, no entanto, desejo ouvir novamente a respeito do início da dinastia dos Kurus. Portanto, ó Brahmana, fale disto na presença de todos estes Rishis regenerados.'

Vaisampayana disse, 'Ó exaltado da linhagem Bharata, o fundador da linha Paurava foi Dushmanta que era dotado de grande energia. E ele era o protetor da terra limitada pelos quatro mares. E aquele rei tinha completo domínio sobre as quatro partes deste mundo. E ele era o senhor também de várias regiões no meio do mar. E aquele grande opressor de todos os inimigos tinha domínio mesmo sobre os países dos Mlechchhas.

E durante seu reinado não havia homens de castas misturadas, não havia lavradores da terra (a terra, por si mesma, produzia produtos agrícolas), não havia trabalhadores de minas (porque a superfície da terra produzia em abundância), e

nem homens pecaminosos. Todos eram virtuosos, e faziam tudo por motivos virtuosos, ó tigre entre homens. Não havia medo de ladrões, ó caro, nem medo da fome, nem medo da doença. E todas as quatro classes tinham prazer em cumprir suas respectivas funções e nunca realizavam atos religiosos para obter a realização de desejos. E seus súditos, dependendo dele, nunca sentiam qualquer medo. E Parjanya (Indra) derramava chuvas na época apropriada, e os produtos dos campos era sempre polpudos e suculentos. E a terra era cheia de todas as espécies de riqueza e todas as espécies de animais. E os Brahmanas eram sempre dedicados às suas funções e eles eram sempre sinceros. E o vigoroso monarca era dotado de destreza notável e uma estrutura física firme como o raio, por isso ele podia, erguendo a montanha Mandara com suas florestas e arbustos, a sustentar em seus braços. E ele era muito habilidoso nas quatro espécies de duelos com a maça (arremessá-la nos inimigos à distância, bater naqueles que estão perto, girá-la no meio de muitos, e atacar o inimigo diante de si). E ele era hábil também no uso de todas as espécies de armas e em guiar elefantes e cavalos. E em força ele era como Vishnu, em esplendor como o fazedor do dia, em gravidade como o oceano, e em paciência, como a terra. E o monarca era amado por todos os seus súditos, e ele governava seus cidadãos contentes virtuosamente.'

69

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Eu desejo ouvir de ti sobre o nascimento e vida de Bharata de grande alma e da origem de Sakuntala. E, ó santo, eu também desejo ouvir tudo sobre Dushmanta, aquele leão entre homens, e como o herói obteve Sakuntala. Cabe a ti, ó conhecedor da verdade e principal dentre todos os homens inteligentes, dizer-me tudo.'

Vaisampayana disse, 'Uma vez (o rei Dushmanta) de braços poderosos, acompanhado por uma grande força, entrou na floresta. E ele levava consigo centenas de cavalos e elefantes. E a força que acompanhava o monarca era de quatro espécies (soldados de infantaria, guerreiros em carros, cavalaria, e elefantes), heróis armados com espada e flechas e tendo em suas mãos maças e sólidos cassetetes. E circundado por centenas de guerreiros com lanças e arpões em suas mãos o monarca partiu em sua viagem. E com os rugidos leoninos dos guerreiros e as notas de conchas e som de baterias, com o estrépito das rodas dos carros e gritos de elefantes enormes, todos misturados com os relinchos dos cavalos e o som metálico das armas de vários servidores armados e vestidos de modos diversos, se ergueu um tumulto ensurdecedor enquanto o rei estava em sua marcha. E senhoras dotadas de grande beleza contemplavam dos terraços de belas mansões aquele monarca heróico, o empreendedor da sua própria fama. E as senhoras viram que ele era como Sakra, o matador de seus inimigos, capaz de repelir os elefantes dos inimigos, e elas acreditaram que ele era o próprio

manejador do raio. E elas disseram, 'Este é aquele tigre entre homens que em batalha é igual aos Vasus em coragem, e por causa do poder de cujos braços não restam inimigos.' E assim dizendo, as senhoras por afeição agradaram o monarca com chuvas de flores sobre sua cabeça. E seguido pelos principais Brahmanas proferindo bênçãos por todo o caminho, o rei em grande alegria de coração foi em direção à floresta, ávido para matar veados. E muitos Brahmanas, Kshatriyas, Vaisyas, e Sudras, seguiram o monarca que era como o rei dos celestiais sentado nas costas de um elefante orgulhoso. Os cidadãos e outras classes seguiram o monarca a uma distância. E eles finalmente se abstiveram de ir mais longe por ordem do rei. E o rei, então, subindo em sua rápida carruagem, encheu toda a terra e até os céus com o estrondo das rodas de sua carruagem. E, enquanto partia, ele viu à sua volta uma floresta como o próprio Nandana (o jardim celeste). E o jardim era cheio de árvores Vilwa, Arka, Khadira, Kapittha (bosques de macieiras) e Dhava. E ele viu que o solo era desigual e com blocos de pedras espalhadas, soltas do despenhadeiro vizinho. E ele viu que ela não tinha água e nem seres humanos e que se estendia por muitos Yojanas em volta. E ela era cheia de veados, leões, e outros terríveis animais predadores.

E o rei Dushmanta, aquele tigre entre homens, ajudado por seus seguidores e os guerreiros de sua comitiva, agitou aquela floresta, matando numerosos animais. E Dushmanta, perfurando-os com suas setas, derrubou numerosos tigres que eram feridos com tiros à distância. E o rei feriu muitos que estavam muito distantes, e também matou muitos que estavam perto com sua espada pesada. E aquele principal de todos os manejadores de flechas matou muitos por atirar suas flechas neles. E bom conhecedor da arte de girar a maça, o rei de destreza incomensurável sem medo vagou pela floresta. E o rei a percorreu, matando os habitantes do ermo às vezes com sua espada e às vezes por golpes rápidos de sua maça e clava pesadas.

E quando a floresta estava sendo assim perturbada pelo rei possuidor de energia notável e pelos guerreiros de sua comitiva que se divertiam com esportes marciais, os leões começaram a deixar a floresta em grande número. E bandos de animais privados de seus líderes, por medo e ansiedade começaram a proferir gritos altos enquanto fugiam em todas as direções. E cansados com a corrida, eles começaram a cair por todos os lados, incapazes de matar sua sede, tendo alcançado leitos de rios que estavam completamente secos. E muitos assim caídos foram comidos pelos guerreiros famintos. Enquanto outros foram comidos depois de terem sido devidamente esquartejados e assados em fogueiras. E muitos elefantes fortes, enlouquecidos com os ferimentos que receberam e alarmados além da conta, fugiram erguendo-se em seus troncos. E aqueles elefantes selvagens, mostrando os usuais sintomas de medo por urinar e ejetar o conteúdo de seus estômagos e vomitando sangue em grandes quantidades, esmagaram, enquanto corriam, muitos guerreiros, matando-os. E aquela floresta que havia estado cheia de animais, foi pelo rei com seus bandos de seguidores e com armas afiadas logo privada de leões e tigres e outros monarcas da selva.'

70

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Então o rei com seus seguidores, tendo matado milhares de animais, entrou em outra floresta com o objetivo de caçar. E servido por um único seguidor e cansado com fome e sede, ele chegou a um grande deserto nas fronteiras da floresta. E tendo cruzado aquela planície sem vegetação, o rei se viu em outra floresta cheia de retiros de ascetas, bela de se olhar, encantadora ao coração e de brisas agradáveis e frescas. E ela era cheia de árvores cobertas com flores, e a terra era coberta com vegetação macia e grama verde, se estendendo por muitas milhas em volta, e ecoava com as doces notas de coros alados. E ela ressoava com as notas do Kokila macho e com o som agudo das cigarras. E era cheia de árvores magníficas com ramos estendidos que formavam um dossel sombreado acima. E as abelhas pairavam sobre as plantas floridas que estavam por todos os lados. E havia belos caramanchões por todo lugar. E não havia árvore sem frutas, nem espinhos nelas, e todas tinham colméias em si. E toda a floresta ressoava com a melodia de coristas alados. E era decorada com flores de todas as estações. E havia sombras refrescantes das árvores floridas.

Tal era a deliciosa e excelente floresta na qual o grande arqueiro entrou. E árvores com ramos embelezados com ramalhetes começaram a se agitar suavemente à suave brisa e derramaram chuvas de flores sobre a cabeça do monarca. E as árvores, vestidas com seus trajes floridos de todas as cores, com pássaros de doces trinados pousados nelas, estavam lá em fileiras com os topos tocando os céus. E seus ramos pendiam com o peso das flores e das abelhas seduzidas pelo mel que zuniam em doces coros. E o rei, dotado de grande energia, vendo inumeráveis locais cobertos com caramanchões de trepadeiras cobertos com ramalhetes de flores, ficou muito feliz e muito encantado. E a floresta era muito bela por causa daquelas árvores extensas com ramos floridos que as juntavam umas às outras e pareciam vários arco-íris ostentando grande variedade de cores. Ela era o local de refúgio de grupos de Siddhas, Charanas, tribos de Gandharvas, e Apsaras, de macacos e Kinnaras cheios de encanto. Deliciosas brisas refrescantes e fragrantes, transportando a fragrância de flores frescas, sopravam em todas as direções como se elas tivessem ido se divertir com as árvores. E o rei viu a encantadora floresta dotada com tais belezas. E ela estava situada em um delta do rio, e os ramos das altas árvores que se juntavam faziam o lugar parecer um altar enfeitado erigido em honra de Indra.

E naquela floresta que era o retiro de todas as aves alegres, o monarca viu um encantador e belo retiro de ascetas. E havia muitas árvores em redor dele. E lá o fogo sagrado estava queimando. E o rei adorou aquele retiro sem igual. E ele viu numerosos Yotis, Valakhilyas e outros Munis. E ele era adornado com muitos aposentos contendo o fogo sacrifical. As flores caindo das árvores tinham formado um tapete espesso e extenso sobre o solo. E o local parecia bastante belo com aquelas árvores altas de troncos largos. E por ele fluía, ó rei, o sagrado e transparente Malini com todas as espécies de aves aquáticas se divertindo em seu

leito. E aquela corrente inspirava alegria nos corações dos ascetas que lá se refugiavam para propósitos de purificações religiosas. E o rei viu em suas margens muitos animais inocentes da espécie dos veados e estava extremamente encantado com tudo aquilo que viu.

E o monarca, cujo curso da carruagem nenhum inimigo poderia obstruir, então entrou naquele retiro que era como a região dos celestiais, sendo belo por todos os lados. E o rei viu que ele ficava na margem da corrente sagrada que era como a mãe de todas as criaturas vivas que residiam em sua proximidade. E em sua margem estava o Chakravaka, e ondas de espumas brancas como o leite. E lá ficavam também as habitações dos Kinnaras. E macacos e ursos se recreavam em grande número. E lá viviam também os santos ascetas dedicados a estudos e meditação. E lá podiam ser vistos também elefantes e tigres e cobras. E era nas margens daquele rio que ficava o excelente retiro do ilustre Kasyapa, oferecendo um lar para numerosos Rishis de grande mérito ascético. E vendo aquele rio, e também o retiro banhado por aquele rio que possuía muitas ilhas e margens tão belas, um retiro como o de Nara e Narayana banhado pela água do Ganga, o rei resolveu entrar naquela sagrada residência. E aquele touro entre homens, desejoso de ver o grande Rishi de riqueza ascética, o ilustre Kanwa da linhagem de Kasyapa, que possuía todas as virtudes e que, por seu esplendor, só podia ser olhado com dificuldade, se aproximou daquela floresta que ressoava com as notas dos pavões e que era como os jardins do grande Gandharva, o próprio Chitraratha. E detendo seu exército que consistia de bandeiras, cavalaria, infantaria, e elefantes na entrada da floresta, o monarca falou o seguinte, 'Eu verei o poderoso asceta da linhagem Kasyapa, que tem sabedoria. Fiquem aqui até a minha volta!'

E o rei tendo entrado naquela floresta que era como o jardim de Indra, logo esqueceu sua fome e sede. E ele estava muito satisfeito. E o monarca, pondo de lado todos os sinais de realeza, entrou naquele retiro excelente somente com seu ministro e seu sacerdote, desejoso de ver aquele Rishi que era uma massa indestrutível de mérito ascético. E o rei viu que o retiro era como a região de Brahman. Lá havia abelhas zunindo docemente e vários pássaros chilreantes de várias espécies cantando suas melodias. Em lugares específicos aquele tigre entre homens ouviu o canto dos hinos Rik por Brahmanas de primeira categoria segundo as regras justas de entonação. Outros lugares eram honrados com Brahmanas conhecedores das ordenanças do sacrifício, dos Angas e dos hinos do Yajurveda. Outros lugares estavam cheios com os harmoniosos acordes dos hinos Saman cantados por Rishis cumpridores de votos. Em outros lugares do retiro havia Brahmanas instruídos no Atharvan Veda. Em outro lugar havia Brahmanas também instruídos no Atharvan Veda e capazes de cantar os hinos sacrificais do Saman recitando os Samhitas segundo as regras vocálicas. E em outro lugar, outros Brahmanas bons conhecedores da ciência da Ortoepia estavam recitando mantras de outros tipos. Realmente, aquele retiro sagrado retumbante com aquelas notas sagradas era como uma segunda região do próprio Brahman. E havia muitos Brahmanas hábeis na arte de fazer plataformas sacrificais e nas regras de Krama em sacrifícios, conhecedores de lógica e das ciências mentais, e

possuidores de um completo conhecimento dos Vedas. Havia também aqueles que conheciam completamente os significados de todos os tipos de expressões; aqueles que eram conhecedores de todos os ritos especiais, aqueles também que eram seguidores de Moksha-Dharma; e aqueles que eram hábeis em estabelecer proposições; rejeitando causas supérfluas, e chegando a conclusões acertadas. Havia aqueles que tinham conhecimento da ciência das palavras (gramática), da versificação, de Nirukta; aqueles que eram conhecedores da astrologia e instruídos nas propriedades da matéria e nos resultados dos ritos sacrificais, que possuíam o conhecimento das causas e efeitos, capazes de compreender as vozes de aves e macacos, letrados em grandes tratados, e hábeis em várias ciências. E o rei, em seu caminho, ouvia suas vozes. E o retiro ressoava também com as vozes de seres humanos capazes de enfeitiçar os corações dos homens. E o matador de heróis hostis também viu à sua volta Brahmanas eruditos de votos rígidos dedicados ao Japa (o repetir murmurante dos nomes dos deuses) e ao Homa (oferendas ao fogo). E o rei maravilhou-se na contemplação dos tapetes belos que os Brahmanas ofereciam a ele respeitosamente. E aquele melhor dos monarcas, à visão dos ritos com os quais os Brahmanas adoravam os deuses e os grandes Rishis, pensou consigo mesmo que estava na região de Brahman. E quanto mais o rei via do auspicioso e sagrado retiro de Kasyapa protegido pelas virtudes ascéticas do Rishi, e que possuía todos os requisitos de um retiro sagrado, mais ainda ele desejava vê-lo. Realmente, ele não estava satisfeito com aquela rápida visão. E matador de heróis, finalmente, acompanhado por seu ministro e seu sacerdote, entrou no encantador e sagrado retiro de Kasyapa habitado por Rishis de riqueza ascética e votos elevados.'

71

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'O monarca então, enquanto prosseguia, deixou até a sua reduzida comitiva na entrada do eremitério. E entrando completamente só ele não viu o Rishi (Kanwa) de votos rígidos. E não vendo o Rishi e achando que a residência estava vazia, ele chamou ruidosamente, dizendo, 'Quem está aqui?' E o som de sua voz ecoou de volta. E ouvindo o som de sua voz, saiu da residência do Rishi uma moça bela como a própria Sri, mas vestida como a filha de um asceta. E aquela moça formosa de olhos negros, quando viu o rei Dushmanta, lhe deu as boas vindas e o recebeu devidamente. E, mostrando a ele o devido respeito por lhe oferecer um assento, água para lavar seus pés, e Arghya, ela perguntou sobre a saúde e paz do monarca. E tendo reverenciado o rei e perguntado a ele acerca da sua saúde e paz, a donzela com reverência perguntou, 'O que deve ser feito, ó rei? Eu espero tuas ordens.' O rei, devidamente reverenciado por ela, disse àquela moça de feições impecáveis e voz doce, 'Eu vim reverenciar o altamente abençoado Rishi Kanwa. Diga-me, ó amável e bela, onde foi o ilustre Rishi?'

Sakuntala então respondeu, 'Meu pai ilustre saiu do retiro para buscar frutas. Espere somente um momento e tu o verás chegar.'

Vaisampayana continuou, 'O rei não vendo o Rishi e ouvindo estas palavras dela, viu que a moça era extremamente bela e dotada com simetria de formas perfeitas. E ele viu que ela tinha doces sorrisos. E ela era dotada da beleza de suas feições impecáveis, suas penitências ascéticas, e sua humildade. E ele viu que ela estava na flor da idade. Ele, portanto perguntou a ela, 'Quem tu és? E de quem és filha, ó bela? Por que tu vieste para as florestas também? Ó bela, dotada de tanta beleza e virtudes, de onde tu vens? Ó encantadora, ao primeiro olhar tu roubaste meu coração! Eu desejo saber tudo sobre ti; portanto me diga tudo.' E assim, a moça sorridente respondeu nestas doces palavras, 'Ó Dushmanta, eu sou a filha do virtuoso, sábio, ilustre asceta Kanwa de grande alma.'

Dushmanta, ouvindo isso, respondeu, 'O Rishi universalmente adorado e altamente abençoado é um homem cuja semente foi parada. Até o próprio Dharma pode se desviar de seu curso, mas um asceta de votos rígidos nunca pode se desviar assim. Portanto, ó tu de aparência formosa, como foi que tu nasceste como filha dele? A esta minha grande dúvida cabe a ti dissipar.'

Sakuntala então respondeu, ‘Ouça, ó rei, o que eu aprendi com relação a tudo o que me aconteceu antigamente e como eu me tornei filha do Muni. Uma vez um Rishi veio aqui e perguntou acerca do meu nascimento. Tudo o que o ilustre (Kanwa) disse a ele, ouça agora de mim, ó rei!

Meu pai Kanwa, em resposta às perguntas daquele Rishi, disse, 'Viswamitra, antigamente, tendo se dedicado a penitências austeras alarmou Indra, o chefe dos celestiais, que pensou que aquele asceta poderoso de energia resplandecente, por meio de suas penitências, o tiraria da sua alta posição no céu. Indra, assim alarmado, convocou Menaka e disse a ela, 'Tu, ó Menaka, és a principal das Apsaras celestes. Portanto, ó amável, me faça um favor. Ouça o que eu digo. Aquele grande asceta Viswamitra que é como o Sol em esplendor está dedicado às mais severas das penitências. Meu coração está tremendo de medo. De fato, ó Menaka de cintura delgada, este é teu serviço. Tu deves ir ver Viswamitra de alma absorta em contemplação e dedicado a penitências austeras, que pode me tirar da minha posição. Vá e o tentes e frustrando a continuação das austeridades dele realizes o meu bem. Tire-o de suas penitências, ó bela, por tentá-lo com tua beleza, juventude, amabilidade, jeito, sorrisos e voz.' Ouvindo tudo isso Menaka respondeu, 'O ilustre Viswamitra é dotado de grande energia e é um asceta poderoso. Ele é muito irritadiço também, como tu sabes. A energia, penitências e cólera dele fizeram com que mesmo tu ficasse ansioso. Por que eu não deveria ficar ansiosa também? Foi ele quem fez o ilustre Vasishtha suportar a dor de testemunhar a morte prematura de seus filhos. Foi ele que, embora a princípio nascido como Kshatriya, posteriormente se tornou um Brahmana em virtude de suas penitências ascéticas. Foi ele que, para purificação religiosa, criou um rio profundo que só pode ser vadeado com dificuldade, e aquela correnteza sagrada é conhecida pelo nome de Kausiki. Foi Viswamitra cuja esposa, em uma época de necessidade, foi sustentada pelo sábio real Matanga (Trisanku) que estava então

vivendo sob uma maldição de um pai como caçador. Foi Viswamitra que, ao retornar depois que a penúria havia passado, mudou o nome do rio que tinha em seu retiro de Kausik para Para. Foi Viswamitra que em retorno aos serviços de Matanga, ele mesmo se tornou o sacerdote do último para o propósito de um sacrifício. O senhor dos próprios celestiais foi lá por medo para beber o suco Soma. Foi Viswamitra que com raiva criou um segundo mundo e numerosas estrelas iniciando com Sravana. Foi ele que concedeu proteção para Trisanku que sofria sob a maldição de um superior. Eu estou com medo de me aproximar de alguém de tais feitos. Diga-me, ó Indra, os meios que devem ser adotados para que eu não seja queimada por sua cólera. Ele pode queimar os três mundos com seu esplendor, pode, por uma batida (de seu pé), fazer a terra tremer. Ele pode cortar a grande Meru da terra e arremessá-la a qualquer distância. Ele pode circundar os dez pontos da terra num momento. Como pode uma mulher como eu impressionar tal ser cheio de virtudes ascéticas, que é como um fogo ardente, e que tem suas paixões sob controle completo? Sua boca é como fogo; as pupilas de seus olhos são como o Sol e a Lua; sua língua é como o próprio Yama. Como, ó chefe dos celestiais, pode uma mulher como eu impressioná-lo de alguma forma? Ao pensamento de sua bravura Yama, Soma, os grandes Rishis, os Saddhyas, os Viswas, Valakhilyas, ficam apavorados! Como uma mulher como eu pode fitá-lo sem medo? Mandada, no entanto, por ti, ó rei dos celestiais, eu de alguma maneira me aproximarei daquele Rishi. Mas, ó chefe dos deuses, imagine um plano pelo qual protegida por ti, eu possa com segurança mexer com aquele Rishi. Eu penso que quando eu me apresentar perante o Rishi, Marut (o deus do vento) pode ir lá e roubar o meu traje, e Manmatha (o deus do amor) poderia também, por tua ordem, me ajudar então. Que Marut também nessa ocasião mande para lá a fragrância das florestas para tentar o Rishi.' Dizendo isto e vendo que tudo o que ela tinha falado havia sido devidamente fornecido, Menaka foi ao retiro do grande Kausika.’

72

(Continuação do Sambhava Parva)

Kanwa continuou, 'E Sakra então mandou aquele que podia se aproximar de todos os lugares (o deus do vento) estar presente com Menaka na hora em que ela estivesse perante o Rishi. E a tímida e bela Menaka então entrou no retiro e viu Viswamitra, que tinha queimado, por meio de suas penitências, todos os seus pecados, e ainda estava dedicado a penitências ascéticas. E saudando o Rishi ela então se mostrou perante ele. E justo nessa hora Marut a privou de suas peça de roupa que eram brancas como a Lua. E então ela correu, como se estivesse em grande acanhamento, para pegar suas vestes, e como se estivesse extremamente aborrecida com Marut. E ela fez tudo isto perante os olhos de Viswamitra que era dotado de uma energia como aquela do fogo. E Viswamitra a viu naquela atitude. E vendo-a sem suas roupas, ele viu que ela tinha aspecto impecável. E aquele

melhor dos Munis viu que ela era extremamente bonita, sem marcas da idade em seu corpo. E por contemplar sua beleza e talentos aquele touro entre os Rishis foi possuído pela luxúria e fez um sinal indicando que desejava sua companhia. E ele a convidou consequentemente, e ela também de feições impecáveis expressou sua aceitação ao convite. E eles então passaram muito tempo na companhia um do outro. E estando juntos, por terem tido muito prazer, um longo tempo foi como se fosse somente um único dia, e o Rishi gerou em Menaka uma filha de nome Sakuntala. E Menaka foi para as margens do rio Malini que corria por um vale das encantadoras montanhas de Himavat. E lá ela deu à luz àquela filha. E ela deixou o bebê recém nascido na margem daquele rio e foi embora. E vendo o bebê recém nascido naquela floresta desprovida de seres humanos e cheia de leões e tigres, vários urubus ficaram por perto para protegê-lo do mal. Nenhum Rakshasa ou animal carnívoro tirou sua vida. Aqueles urubus protegeram a filha de Menaka. Eu fui lá realizar minhas abluções e vi o bebê na solidão do ermo e cercada por urubus. Trazendo-a para cá eu a fiz minha filha. De fato, o fazedor do corpo, o protetor da vida, o doador de comida, são todos os três, pais em sua ordem, segundo as escrituras. E porque ela foi cercada na solidão do ermo por Sakuntas (aves), portanto, ela foi chamado por mim de Sakuntala (protegida pelas aves). Ó Brahman, saiba que foi assim que Sakuntala se tornou minha filha. E a impecável Sakuntala também me considera como seu pai.'

Foi isto o que meu pai disse ao Rishi, tendo sido questionado por ele. Ó rei de homens, e desta forma tu deves saber que eu sou filha de Kanwa. E não conhecendo meu verdadeiro pai, eu considero Kanwa como meu pai. Assim eu te disse, ó rei, tudo o que foi ouvido por mim a respeito do meu nascimento!'

73

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'O rei Dushmanta, ouvindo tudo isto, disse, 'Bem falado, ó princesa, isto o que tu disseste! Seja minha mulher, ó bela! O que eu farei para ti? Guirlandas douradas, mantos, brincos de ouro, brancas e belas pérolas, de vários países, moedas douradas, bons tapetes, eu te darei todos os dias. Que todo o meu reino seja teu hoje, ó bela! Venha a mim, ó tímida, case comido, ó bela, segundo a forma Gandharva. Ó tu de belas pernas, de todas as formas de casamento, a Gandharva é considerada como a principal.'

Sakuntala, ouvindo isso, disse, ‘Ó rei, meu pai saiu deste retiro para trazer frutas. Esperes somente um momento; ele me entregará para ti.’

Dushmanta respondeu, 'Ó bela e impecável, eu desejo que tu sejas a companheira da minha vida. Saiba que eu existo para ti, e meu coração está em ti. Uma pessoa sem dúvida é sua própria amiga, e certamente pode depender de si mesma. Portanto, segundo as ordenanças, tu podes sem dúvida entregar a ti

mesma. Há, ao todo, oito tipos de casamento. Estes são Brahma, Daiva, Arsha, Prajapatya, Asura, Gandharva, Rakshasa, e Paisacha, o oitavo. Manu, o filho do autocriado, falou da conveniência de todas estas formas segundo sua ordem. Saiba, ó impecável, que as primeiras quatro destas são adequadas para Brahmanas, e as seis primeiras para Kshatriyas. Com respeito aos reis, até a forma Rakshasa é permissível. A forma Asura é permitida para Vaisyas e Sudras. Das primeiras cinco três são apropriadas e as outras duas são impróprias. As formas Paisacha e Asura nunca devem ser praticadas. Estes são os institutos da religião, e se deve agir segundo eles. As formas Gandharva e Rakshasa são compatíveis com as práticas de Kshatriyas. Tu não precisas sentir o menor medo. Não resta dúvida que segundo qualquer uma destas últimas formas mencionadas, ou segundo uma união de ambas nosso casamento pode se realizar. Ó tu de aparência formosa, eu estou cheio de desejo, tu podes também de um modo similar vir a ser minha mulher segundo a forma Gandharva.'

Sakuntala, tendo escutado tudo isto, respondeu, ‘Se esta é uma ação sancionada pela religião, se, de fato, eu posso dispor a mim mesma, ouça, ó tu principal da linhagem Puru, quais são meus termos. Prometa realmente me dar o que eu pedir a ti. O filho que será gerado em mim se tornará o herdeiro-presuntivo. Esta, ó rei, é minha decisão irrevogável. Ó Dushmanta, se tu concederes isto, então nossa união se realizará.’

Vaisampayana continuou, 'O monarca, sem tomar tempo para considerar disse a ela, 'Que seja assim. Eu te levarei, ó tu de agradáveis sorrisos, comigo para minha capital. Eu te digo realmente. Ó bela, tu mereces tudo isto.' E assim dizendo, aquele principal dos reis se casou com a bela Sakuntala de andar elegante, e a conheceu como marido. E assegurando a ela devidamente, ele foi embora, dizendo repetidamente, 'Eu enviarei a ti, para te acompanhar, minhas tropas de quatro classes. De fato, é deste modo que eu a levarei para minha capital, ó tu de doces sorrisos!’

Vaisampayana continuou, 'Ó Janamejaya, tendo prometido isto a ela o rei foi embora. E enquanto ele estava em seu caminho para casa, ele começou a pensar em Kasyapa. E ele se perguntou, 'O que o ilustre asceta dirá, depois que souber de tudo?' Pensando nisso ele entrou em sua capital.

No momento em que o rei tinha saído, Kanwa chegou à sua residência. Mas Sakuntala por senso de pudor não saiu para receber seu pai. Aquele grande asceta, no entanto, possuidor de conhecimento espiritual, sabia de tudo. De fato, vendo tudo com sua visão espiritual, aquele ilustre estava satisfeito, e se dirigindo a ela, disse, 'Amável, o que foi feito por ti hoje em segredo, sem ter esperado por mim, relação sexual com um homem, não foi destrutivo da tua virtude. De fato, a união segundo a forma Gandharva, de uma mulher cheia de desejo com um homem de desejo sensual, sem mantras de qualquer espécie, é dito que é a melhor para Kshatriyas. Aquele melhor dos homens, Dushmanta, é também virtuoso e de grande alma. Tu deves, ó Sakuntala, aceitá-lo como teu marido. O filho que nascerá de ti será poderoso e ilustre neste mundo. E ele deverá ter

domínio sobre o mar. E as forças armadas daquele ilustre rei dos reis, quando for contra seus inimigos será irresistível.'

Sakuntala então se aproximou de seu pai cansado e lavou seus pés. E descarregando o fardo que ele trazia consigo e colocando as frutas em ordem apropriada, ela disse, 'Cabe a ti dar tua honra a Dushmanta que eu aceitei como meu marido, assim como a seus ministros!'

Kanwa respondeu, ‘Ó tu de bela compleição, por tua causa eu estou inclinado a abençoá-lo. Mas recebas de mim, ó abençoada, a bênção que desejares.’

Vaisampayana continuou, 'Sakuntala, então, movida pelo desejo de beneficiar Dushmanta, pediu a bênção que os monarcas Paurava fossem sempre virtuosos e nunca privados de seus tronos.'

74

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois que Dushmanta tinha deixado o retiro tendo feito aquelas promessas para Sakuntala, ela deu à luz a um menino de energia imensurável. E quando o menino tinha três anos ele se tornou em esplendor como o fogo ardente. E, ó Janamejaya, ele possuía beleza e magnanimidade e todas as habilidades. E aquele principal dos homens virtuosos, Kanwa, fez com que todos os ritos de religião fossem realizados a respeito daquela criança inteligente que vicejava dia a dia. E o menino dotado de dentes perolados e cabelos brilhantes, já capaz de matar leões, com todos os sinais auspiciosos na palma de sua mão, e muito expansivo, cresceu em beleza e força. E como uma criança celeste em esplendor, ele começou a crescer rapidamente. E quando ele tinha somente seis anos de idade, dotado de grande força ele costumava agarrar e amarrar às árvores que havia ao redor daquele retiro leões e tigres e ursos e búfalos e elefantes. E ele montava em alguns animais, e perseguia outros de modo esportivo. Os habitantes do retiro de Kanwa então lhe deram um nome. E eles disseram, ‘Porque ele captura e reprime animais mesmo que sejam fortes, que ele seja chamado de Sarvadamana (o dominador de todos)’. E foi assim que o menino veio a ser chamado de Sarvadamana, dotado como era com destreza, energia e força. E o Rishi vendo o menino e também suas ações extraordinárias, disse para Sakuntala que havia chegado a hora da instalação dele como o herdeiro-presuntivo. E vendo a força do menino, Kanwa mandou seus discípulos, dizendo, 'Levem sem demora Sakuntala com seu filho desta residência àquela de seu marido, abençoado com todo sinal propício. Mulheres não devem viver muito tempo nas casas de parentes maternos ou paternos. Tal residência é destrutiva para sua reputação, sua boa conduta, sua virtude. Portanto, não percam tempo em levá-la lá.' Aqueles discípulos do Rishi então dizendo, ‘Assim seja’ foram em direção à cidade que mais tarde se chamaria Hastinapura com Sakuntala e seu

filho à frente deles. E então ela de belos olhos castanhos, levando consigo aquele menino de beleza celeste, dotado de olhos como pétalas de lótus, deixou as florestas onde havia sido conhecida por Dushmanta. E tendo se aproximado do rei, ela com seu menino que parecia em esplendor como o sol no alto foi apresentada a ele. E os discípulos do Rishi a tendo introduzido voltaram ao retiro. E Sakuntala tendo reverenciado o rei segundo a forma apropriada, disse a ele, 'Este é teu filho, ó rei! Que ele seja instalado como teu herdeiro-presuntivo. Ó rei, esta criança, como um celestial, foi gerado em mim por ti. Portanto, ó melhor dos homens, cumpras agora a promessa que me fizeste. Lembre, ó afortunado, do acordo que fizeste na ocasião da tua união comigo no retiro de Kanwa.'

O rei, ouvindo suas palavras e se lembrando de tudo, disse, 'Eu não me lembro de nada. Quem tu és, ó mulher vil em disfarce ascético? Eu não me lembro de ter ligação alguma contigo em relação a Dharma, Kama e Arthas. Vá ou fique ou faça o que quiseres.' Assim, aquela inocente ficou embaraçada. A dor a privou de sua consciência e ela ficou por um momento como uma estaca de madeira. Logo, no entanto, seus olhos ficaram vermelhos como cobre e seus lábios começaram a tremer. E os olhares que ela agora lançava sobre o rei pareciam queimar o último. Sua grande cólera, no entanto, pelo fogo de seu ascetismo, ela extinguiu dentro de si mesma por um esforço extraordinário. Reunindo seus pensamentos por um momento, seu coração possuído por tristeza e raiva, ela se dirigiu a seu marido com raiva, olhando para ele, 'Sabendo de tudo, ó monarca, como tu podes, como uma pessoa inferior, dizer desta forma que não sabes? Teu coração é uma testemunha da verdade ou mentira deste assunto. Portanto, fales a verdade sem te degradares. Aquele que sendo uma coisa demonstra ser outra coisa para os outros é como um ladrão de si mesmo. De que pecado ele não é capaz? Tu pensas que somente tu tens conhecimento do teu ato. Mas tu não sabes que o Antigo, o Onisciente (Narayana) vive no teu coração? Ele conhece todos os teus pecados, e tu pecaste em Sua presença. Aquele que peca pensa que ninguém o observa. Mas ele é observado pelos deuses e também por aquele está em todo coração. O Sol, a Lua, o Ar, o Fogo, a Terra, o Céu, a Água, o coração, Yama, o dia, a noite, o crepúsculo, e Dharma, todos testemunham as ações dos homens. Yama, o filho de Surya, não leva em consideração os pecados daquele com o qual Narayana, a testemunha de todas as ações, está satisfeito. Mas aquele com quem Narayana não está satisfeito é torturado por seus pecados por Yama. Aquele que se degrada por se revelar falsamente os deuses nunca abençoam. Mesmo sua própria alma não o abençoa. Eu sou uma esposa dedicada a meu marido. Eu vim por mim mesma, isto é verdade. Mas não, por essa razão, me trates com desrespeito. Eu sou tua mulher e, portanto, mereço ser tratada respeitosamente. Me tratarás assim porque eu vim para cá por minha própria decisão? Na presença de tantos, por que tu me tratas como uma mulher ordinária? Eu certamente não estou gritando na floresta. Tu não me ouves? Mas se tu recusares a fazer o que eu te suplico, ó Dushmanta, tua cabeça neste momento se partirá em cem pedaços! O marido entra no útero da mulher e gera a si mesmo na forma do filho. Portanto a esposa é chamada por aqueles conhecedores dos Vedas como Jaya (aquela da qual alguém é nascido). E o filho que assim nasce de pessoas conhecedoras dos Mantras Védicos resgata os espíritos dos antepassados

falecidos. E porque o filho resgata os antepassados do inferno chamado Put, portanto, ele é chamado pelo próprio Autocriado como Puttra (o que resgata de Put). Por um filho um homem conquista os três mundos. Por um neto ele desfruta da eternidade. E por um filho do neto os bisavôs desfrutam da felicidade eterna. É uma esposa verdadeira aquela que é habilidosa em assuntos de família. É uma esposa verdadeira aquela que dá luz a um filho. É uma esposa verdadeira aquela cujo coração está devotado a seu marido. É uma verdadeira esposa aquela que não conhece ninguém exceto seu marido. A mulher é a metade do homem. A mulher é a principal das amigas. A mulher é a base da religião, lucro, e desejo. A mulher é a base da salvação. Aquele que tem esposas pode realizar atos religiosos. Aqueles que têm esposas podem levar vidas domésticas. Aqueles que têm esposas têm os meios para serem alegres. Aqueles que têm esposas podem alcançar boa sorte. Esposas de voz doce são amigas nas ocasiões de alegria. Elas são como pais nas ocasiões de ações religiosas. Elas são mães na doença e na dor. Até nas florestas profundas para um viajante uma mulher é seu refresco e consolo. Aquele que tem uma esposa tem a confiança de todos. Uma esposa, portanto, é a posse de maior valor. Mesmo quando o marido deixando este mundo vai para a região de Yama, é a mulher leal que o acompanha até lá. Uma mulher que vai antes espera pelo marido. Mas se o marido vai antes, a casta esposa o segue de perto. Por estas razões, ó rei, o casamento existe. O marido desfruta da companhia da mulher neste e nos outros mundos. É dito por pessoas eruditas que um homem é ele mesmo nascido como seu próprio filho. Portanto, um homem cuja mulher gera um filho deve cuidar dela como sua mãe. Ao ver o rosto do filho gerado em sua mulher, que é como olhar seu próprio rosto em um espelho, um homem se sente feliz como um homem virtuoso, ao alcançar o céu. Homens acometidos por dor mental, ou sofrimento sob dor corpórea se sentem tão revigorados na companhia de suas esposas como uma pessoa suada em um banho frio. Nenhum homem, mesmo que enfurecido, deve fazer qualquer coisa que seja desagradável para sua mulher, visto que felicidade, alegria, e virtude, tudo depende da mulher. Uma mulher é o campo sagrado no qual o próprio marido nasce. Mesmo os Rishis não podem gerar criaturas sem mulheres. Que felicidade é maior do que a que o pai sente quando o filho, correndo em sua direção, mesmo que seu corpo esteja coberto com pó, o abraça? Por que então tu tratas teu filho com tal indiferença, que se aproximou de ti ele mesmo e que te lança olhares ansiosos para subir em teus joelhos? Mesmo as formigas sustentam seus próprios ovos sem destruí-los; então por que tu, um homem virtuoso que és, não podes sustentar teu próprio filho? O toque suave da pasta de sândalo, de mulheres, e de água (fresca) não é tão agradável como o toque que um homem sente ao ter o seu próprio filho ainda criança em seus braços. Como o Brahmana é o principal de todos os bípedes, a vaca o principal de todos os quadrúpedes, um protetor o principal de todos os superiores, assim o filho é o principal de todos os objetos agradáveis ao toque. Deixes, portanto, que esta bela criança te dê um abraço. Não há nada no mundo mais agradável ao toque do que o abraço de um filho. Ó destruidor de inimigos, eu dei à luz a esta criança, ó monarca, capaz de dissipar todas as tuas tristezas depois de levá-lo no meu útero por três anos completos. Ó monarca da linha Puru, 'Ele realizará uma centena de sacrifícios de cavalos' estas foram as palavras proferidas do céu quando eu estava jazendo no quarto (dando à

luz). De fato, homens que vão a lugares distantes de seus lares tomam outras crianças em seus colos e cheirando suas cabeças sentem grande felicidade. Tu sabes que Brahmanas repetem estes mantras Védicos na ocasião do consagrar ritos da infância: ‘Tu és nascido, ó filho, do meu corpo! Tu nasceste do meu coração. Tu és eu mesmo na forma de um filho. Que tu vivas cem anos! Minha vida depende de ti, e o prolongamento da minha linhagem também. Portanto, ó filho, que tu vivas em grande felicidade por cem anos.’ Ele nasceu do teu corpo, este segundo ser de ti mesmo! Veja a ti mesmo no teu filho, como tu vês tua imagem em um lago límpido. Como o fogo sacrifical é aceso do doméstico, assim esta criança veio de ti. Embora um, tu te dividiste. Na tua viagem de caça enquanto empenhado em perseguir veados tu te aproximaste de mim, ó rei, que era então uma virgem no retiro do meu pai. Urvasi, Purvachitti, Sahajanya, Menaka, Viswachi e Ghritachi, são as seis principais Apsaras. Entre elas, Menaka, nascida de Brahman, é a principal. Descendo do céu à Terra, depois de um relacionamento com Viswamitra, ela deu à luz a mim. Aquela célebre Apsara, Menaka, deu à luz a mim em um vale do Himavat. Desprovida de afeição ela foi embora, e me deixou lá como se eu fosse a filha de outra pessoa. Que ato pecaminoso eu fiz, antigamente, em alguma outra vida para que eu fosse abandonada na infância por meus pais e agora abandonada por ti? Descartada por ti, eu estou preparada para retornar ao retiro do meu pai. Mas cabe a ti não rejeitares este que é teu próprio filho.'

Ouvindo tudo isto Dushmanta disse, 'Ó Sakuntala, eu não reconheço ter gerado este filho em ti. Mulheres geralmente falam inverdades. Quem acreditará nas tuas palavras? Desprovida de todo o afeto, a luxuriosa Menaka é tua mãe, e ela te abandonou na superfície do Himavat como alguém joga fora, depois do culto, o oferenda florida feita para os seus deuses. Teu pai também da classe Kshatriya, o lascivo Viswamitra, que foi tentado a virar um Brahmana, é desprovido de todo o afeto. No entanto, Menaka é a principal das Apsaras, e teu pai também é o principal dos Rishis. Sendo sua filha, por que tu falas como uma mulher impudica? Tuas palavras não merecem crédito. Tu não estás envergonhada de tê-las falado, especialmente para mim? Fora daqui, ó mulher vil em disfarce ascético. Onde está o principal dos grandes Rishis, e onde também está aquela Apsara Menaka? E por que estás, vulgar como és, na aparência de uma asceta? Teu filho também é crescido. Tu dizes que ele é um menino, mas ele é muito forte. Como ele cresceu rápido como um broto de Sala? Teu nascimento é inferior. Tu falas como uma mulher impudica. Lascivamente tu foste gerada por Menaka. Ó mulher de aparência ascética, tudo o que tu disseste é completamente desconhecido para mim. Eu não te conheço. Vá para onde quiseres.’

Sakuntala respondeu, 'Tu vês, ó rei, a falha dos outros, mesmo que elas sejam pequenas como uma semente de mostarda. Mas vendo, tu não percebes tuas próprias falhas mesmo que elas sejam grandes como a fruta Vilwa. Menaka é uma das celestiais. De fato, Menaka é considerada como a principal das celestiais. Meu nascimento, portanto, ó Dushmanta, é de longe mais elevado do que o teu. Tu caminhas sobre a Terra, ó rei, mas eu vago nos céus! Veja a diferença entre nós é como aquela entre (a montanha) Meru e uma semente mostarda! Veja meu poder,

ó rei! Eu posso me dirigir às residências de Indra, Kuvera, Yama, e Varuna! O ditado que eu vou lhe apresentar é verdadeiro, ó impecável! Eu me refiro a isto para dar um exemplo e não por motivos maus. Portanto, cabe a ti me perdoares depois de tê-lo ouvido. Uma pessoa feia se considera mais bonita do que as outras até que vê seu próprio rosto no espelho. Mas quando vê seu próprio rosto feio no espelho, é então que percebe a diferença entre si mesma e as outras. Aquele que é realmente bonito nunca zomba de ninguém. E aquele que sempre fala o mal se torna um difamador. E como os porcos sempre procuram sujeira e lixo até quando estão no meio de um jardim florido, assim os perversos sempre escolhem o mal entre as coisas boas e más que os outros falam. Aqueles, no entanto, que são sábios, ao ouvirem as palavras dos outros que são misturadas com o bem e o mal aceitam somente o que é bom, como os gansos que extraem somente o leite, embora esteja misturado com água. Como os honestos sempre ficam atormentados por falarem mal dos outros, também os maus sempre se regozijam ao fazerem a mesma coisa. Como os honestos sempre sentem prazer em mostrar respeito pelos últimos, também os perversos sempre se deliciam em caluniar os bons. Os honestos são felizes em não procurar por falhas. Os maus são felizes em procurar por elas. Os maus sempre falam mal dos honestos. Mas os últimos nunca ofendem os primeiros, mesmo que ofendidos por eles. O que pode ser mais ridículo no mundo do que aqueles que são maus descreverem os realmente honestos como maus? Quando até os ateístas se aborrecem com os que se desviam da verdade e virtude e que são realmente como cobras zangadas de veneno virulento, o que eu direi de mim mesma que sou educada na fé? Aquele que tendo gerado um filho que é sua própria imagem, não o respeita, nunca alcança aos mundos pelos quais anseia, e em verdade os deuses destroem sua boa sorte e posses. Os Pitris dizem que o filho continua a raça e a linhagem e é, portanto, o melhor de todos os atos religiosos. Portanto, ninguém deve abandonar um filho. Manu disse que há cinco espécies de filhos; aquele gerado por um homem na sua própria esposa, obtido (como presente) de outros, comprado por consideração, criado com afeto e gerado em outras mulheres que não suas esposas casadas. Filhos sustentam a religião e realizações dos homens, aumentam suas alegrias, e resgatam antepassados falecidos do inferno. Não cabe a ti, portanto, ó tigre entre reis, abandonar um filho que é tal. Portanto, ó senhor da Terra, cuide do teu próprio ser, verdade, e virtude por cuidares do teu filho. Ó leão entre monarcas, não cabe a ti manter esta falsidade. A oferenda de um reservatório é mais meritória do que aquela de uma centena de poços. Um sacrifício é mais meritório do que a oferenda de um reservatório. Um filho é mais meritório do que um sacrifício. A verdade é mais meritória do que cem filhos. Cem sacrifícios de cavalos foram uma vez pesados contra a Verdade, e foi descoberto que a Verdade é mais pesada do que cem sacrifícios de cavalos. Ó rei, a Verdade, eu creio, pode ser igual ao estudo dos Vedas inteiros e purificações religiosas em todos os locais sagrados. Não há virtude igual à Verdade; não há nada superior à Verdade. Ó rei, a Verdade é o próprio Deus; a Verdade é o voto mais alto. Portanto, não violes tua promessa, ó monarca! Que a Verdade e tu estejam sempre unidos. Se tu não puseres crédito nas minhas palavras eu irei embora daqui por minha própria vontade. De fato, tua companhia deve ser evitada. Porém,

ó Dushmanta, quando tu tiveres partido, este meu filho governará toda a Terra circundada pelos quatro mares e adornada com o rei das montanhas.’

Vaisampayana continuou, 'Sakuntala tendo falado com o monarca desta maneira deixou sua presença. Mas tão logo ela tinha saído uma voz dos céus, emanando de nenhuma forma visível, assim falou para Dushmanta enquanto ele estava cercado por seus sacerdotes ocasionais e da família, seus preceptores, e ministros. E a voz disse, 'A mãe é somente o revestimento de carne; o filho gerado do pai é o próprio pai. Portanto, ó Dushmanta, cuide do teu filho, e não insulte Sakuntala. Ó melhor dos homens, o filho, que é somente a forma de um homem na sua própria semente, resgata (os antepassados) da região de Yama. Tu és o progenitor daquele menino. Sakuntala falou a verdade. O marido, dividindo seu corpo em dois, nasce de sua mulher na forma do filho. Portanto, ó Dushmanta, cuides, ó monarca, do teu filho nascido de Sakuntala. Viver tendo abandonado um filho vivo é uma grande desgraça. Portanto, ó tu da linhagem Puru, reconheça teu filho de grande alma nascido de Sakuntala, e porque aquela criança será sustentada por ti por causa da nossa palavra, portanto aquele teu filho será conhecido pelo nome de Bharata (o sustentado)'. Ouvindo aquelas palavras proferidas pelos habitantes do céu, o monarca da linhagem de Puru ficou enlevado e falou o seguinte para seus sacerdotes e ministros, 'Ouviram estas palavras proferidas pelo mensageiro celeste? Eu mesmo estou ciente de que ele é meu filho. Se eu o tivesse aceitado como meu somente com base nas palavras de Sakuntala meu povo suspeitaria e meu filho também não seria considerado puro.'

Vaisampayana continuou, 'O monarca, então, ó tu da linhagem Bharata, vendo a pureza de seu filho determinada pelo mensageiro celeste, ficou muito contente. E ele tomou consigo seu filho com alegria. E o rei com o coração alegre então realizou todos aqueles ritos sobre seu filho que um pai deve realizar. E o rei cheirou a cabeça do filho e o abraçou com afeto. E os Brahmanas começaram a proferir bênçãos sobre ele e os bardos começaram a louvá-lo. E o monarca então experimentou o grande prazer que se sente ao toque de um filho. E Dushmanta também recebeu sua esposa com afeto. E ele disse a ela estas palavras, acalmando-a carinhosamente, 'Ó deusa, minha união contigo ocorreu em particular, portanto, eu estava pensando em como melhor podia estabelecer tua pureza. Meu povo pensaria que nós estivemos unidos só lascivamente e não como marido e mulher, e portanto, este filho que eu instalaria como meu herdeiro-presuntivo somente seria considerado como alguém de nascimento impuro. E querida, cada palavra dura que tu proferiste em tua raiva, eu, ó de olhos grandes, perdôo. Tu és minha bem amada!' E o nobre sábio Dushmanta, tendo falado assim para sua querida mulher, ó Bharata, a recebeu com oferendas de perfume, comida, e bebida. E o rei Dushmanta, então, deu o nome de Bharata ao seu filho, e oficialmente o instalou como herdeiro-presuntivo. E as famosas e brilhantes rodas do carro de Bharata, invencíveis e como as rodas dos carros possuídos pelos deuses, viajou por todas as regiões, enchendo toda a Terra com seu estertor. E o filho de Dushmanta reduziu todos reis da Terra à sua submissão. E ele governou virtuosamente e ganhou grande fama. E aquele monarca de grande coragem era conhecido pelos títulos de Chakravarti e Sarvabhauma. E ele realizou

muitos sacrifícios como o de Sakra, o senhor dos Maruts. E Kanwa era o principal sacerdote naqueles sacrifícios, nos quais as oferendas para os Brahmanas eram grandes. E o abençoado monarca realizou o sacrifício de vacas e de cavalos. E Bharata dava para Kanwa mil moedas de ouro como a taxa sacerdotal. É daquele Bharata de quem vieram tantas realizações poderosas. É pelo seu nome que a grande linhagem dele foi chamada depois do seu reinado. E na linhagem Bharata nasceram muitos monarcas semelhantes aos deuses dotados com grande energia, e como o próprio Brahman. Seu número não pode ser contado. Mas, ó tu da linhagem Bharata, eu citarei aqueles principais que eram abençoados com boa sorte, que eram como os deuses, e dedicados à verdade e honestidade.'

75

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Ouça agora enquanto eu recito a genealogia registrada, que é sagrada e útil à religião, lucro e prazer, daqueles sábios reais, Daksha, o senhor da criação, Manu, o filho de Surya, Bharata, Ruru, Puru, e Ajamidha. Eu também recitarei para ti, ó impecável, as genealogias dos Yadavas e dos Kurus e do rei da linha Bharata. Estas genealogias são sagradas e sua narração é um grande ato de sacrifício expiatório. Esta narração confere riqueza, fama e vida longa. E, ó impecável, todos estes que eu citei brilharam em seu esplendor e eram iguais aos grandes Rishis em energia.

Prachetas teve dez filhos que eram todos dedicados ao ascetismo e possuidores de todas as virtudes. Eles queimaram, antigamente, pelo fogo emanado de suas bocas, várias plantas venenosas e árvores grandes e inumeráveis que tinham coberto a Terra e virado uma fonte de grande desconforto para o homem. Depois destes dez nasceu outro de nome Daksha. E é de Daksha que todas as criaturas descendem. Portanto ele é, ó tigre entre os homens, chamado de Avô. Nascido dos Prachetas o Muni Daksha, se unindo com Virini gerou mil filhos de votos rígidos, todos como ele mesmo. E Narada ensinou àqueles mil filhos de Daksha a filosofia excelente de Sankhya como um meio de salvação. E, ó Janamejaya, o senhor da criação, Daksha, então, pelo desejo de fazer criaturas, gerou cinquenta filhas. E ele fez de todas elas suas filhas nomeadas (para que os filhos delas pudessem ser filhos dele também para o desempenho de todas as ações religiosas). E ele deu dez de suas filhas para Dharma, e treze para Kasyapa. E ele deu vinte e sete para Chandra, que foram todas casadas na época indicada. E Kasyapa, o filho de Marichi, gerou na mais velha de suas treze esposas, os Adityas, os celestiais dotados com grande energia e tendo Indra como seu líder e também Vivaswat (o Sol). E de Vivaswat nasceu o senhor Yama. E Martanda (Vivaswat) também gerou outro filho depois de Yama, dotado de grande inteligência e chamado Manu. E Manu era dotado de grande sabedoria e dedicado à virtude. E ele virou o progenitor de uma linhagem. E na raça de Manu nasceram todos os seres humanos, que foram, portanto,

chamados de Manavas. E é de Manu que todos homens incluindo Brahmanas, Kshatriyas, e outros descendem, e são, portanto, todos chamados de Manavas. Posteriormente, ó monarca, os Brahmanas se uniram com os Kshatriyas. E aqueles filhos de Manu que eram Brahmanas se dedicaram ao estudo dos Vedas. E Manu gerou dez outros filhos chamados Vena, Dhrishnu, Narishyan, Nabhaga, Ikshvaku, Karusha, Saryati, o oitavo, uma filha chamada Ila, Prishadhru o nono, e Nabhagarishta, o décimo. Eles todos se dedicaram às práticas de Kshatriyas. Além disso, Manu teve cinquenta outros filhos na Terra. Mas nós sabemos que eles todos pereceram lutando uns com os outros. O erudito Pururavas nasceu de Ila. E é conhecido por nós que Ila foi sua mãe e seu pai. E o grande Pururavas tinha domínio sobre treze ilhas do mar. E, embora um ser humano, ele estava sempre cercado por companheiros que eram sobre-humanos. E Pururavas embriagado pelo poder lutou com os Brahmanas e pouco se importando com a raiva deles os privou de suas riquezas. Vendo tudo aquilo Sanatkumara veio da região de Brahman e deu a ele bons conselhos, que foram, no entanto, rejeitados por Pururavas. Então a cólera dos grandes Rishis foi excitada, e o avarento monarca, que intoxicado com o poder tinha perdido sua razão, foi imediatamente destruído pela maldição deles.

Foi Pururavas quem primeiro trouxe da região dos Gandharvas as três espécies de fogo (para propósitos sacrificais). E ele trouxe de lá a Apsara Urvasi também. E o filho de Ila gerou em Urvasi seis filhos que são chamados Ayus, Dhimat, Amavasu e Dhridhayus, e Vanayus, e Satayus. E é dito que Ayus gerou quatro filhos chamados Nahusha, Vriddhasarman, Rajingaya, e Anenas, na filha de Swarbhanu. E, ó monarca, Nahusha, de todos os filhos de Ayus, sendo dotado de grande inteligência e coragem governou seu reino extenso virtuosamente. E o rei Nahusha manteve uniformemente os Pitris, os celestiais, os Rishis, os Brahmanas, os Gandharvas, os Nagas, os Rakshasas, os Kshatriyas, e os Vaisyas. E ele suprimiu todos os bandos de ladrões com uma mão poderosa. Mas ele fez os Rishis pagarem tributos e o carregarem em suas costas como burros de carga. E, conquistando os deuses pela beleza de sua pessoa, seu ascetismo, destreza, e energia, ele governou como se ele fosse o próprio Indra. E Nahusha gerou seis filhos, todos de voz gentil, chamados Yati, Yayati, Sanyati, Ayati, e Dhruva. Yati se dedicou ao ascetismo e virou um Muni como o próprio Brahman. Yayati virou um monarca de grande destreza e virtude. Ele governou toda a Terra, realizou sacrifícios numerosos, adorou os Pitris com grande reverência, e sempre respeitou os deuses. E ele trouxe o mundo sob seu domínio total e nunca foi vencido por qualquer inimigo. E os filhos de Yayati foram todos grandes arqueiros e resplandecentes com todas as virtudes. E, ó rei, eles foram gerados em (suas duas esposas) Devayani e Sarmishtha. E de Devayani nasceram Yadu e Turvasu, e de Sarmishtha nasceram Drahyu, Anu, e Puru. E, ó rei, tendo virtuosamente governado seus súditos por muito tempo, Yayati foi atacado por uma decrepitude terrível que destruiu sua beleza pessoal. E atacado pela decrepitude, o monarca então falou, ó Bharata, para seus filhos Yadu, Puru, Turvasu, Drahyu e Anu estas palavras: 'Caros filhos, eu desejo ser um homem jovem e satisfazer meus apetites na companhia de mulheres jovens. Ajudem-me nesse sentido.' A ele seu filho mais velho nascido de Devayani então disse, 'Do que tu precisas, ó rei? Tu queres ter

tua juventude?' Yayati então disse a ele, 'Aceite minha decrepitude, ó filho! Com tua juventude eu me divertirei. Durante a época de um grande sacrifício eu fui amaldiçoado pelo Muni Usanas (Sukra). Ó filho, eu me divertirei com tua juventude. Peguem qualquer um de vocês minha velhice e com meu corpo governe meu reino. Eu me deleitarei com um corpo renovado. Portanto, meus filhos, aceitem minha velhice.' Mas nenhum de seus filhos aceitou a velhice dele. Então seu filho mais novo Puru disse a ele, 'Ó rei, divirta-se outra vez com um corpo renovado e com a juventude de volta! Eu aceitarei tua decrepitude e por tua ordem governarei teu reino.' Assim, o nobre sábio, em virtude de seu poder ascético então transferiu sua própria velhice àquele seu filho de grande alma e com a juventude de Puru ficou jovem; enquanto que com a idade do monarca Puru governou seu reino.

Então, depois que mil anos haviam passado Yayati, aquele tigre entre reis, permaneceu tão forte e poderoso como um tigre. E ele desfrutou por um longo tempo da companhia de suas duas esposas. E nos jardins de Chitraratha (o rei dos Gandharvas), o rei também desfrutou da companhia da Apsara Viswachi. Mas mesmo depois de tudo aquilo os apetites do grande rei ainda não estavam satisfeitos. O rei então se lembrou das seguintes verdades contidas nos Puranas, 'Realmente, os apetites nunca são saciados pelo prazer. Por outro lado, como manteiga sacrifical despejada no fogo, suas chamas aumentam com a indulgência. Mesmo que alguém desfrute de toda a Terra com sua riqueza, diamantes e ouro, animais e mulheres, este ainda não pode ser saciado. É somente quando o homem não comete nenhum pecado em relação à qualquer coisa viva, em pensamentos, ações, ou palavras, é então que ele alcança a pureza como aquela de Brahman. Quando não teme nada, quando não é temido por qualquer coisa, quando não deseja nada, quando não prejudica ninguém, é então que alcança a pureza de Brahman.' O monarca sábio vendo isto e vendo também que os apetites de uma pessoa nunca são saciados completamente, fixou sua mente no descanso por meio de meditação, e pegou de volta de seu filho sua própria velhice. E dando a ele de volta sua juventude, embora seus próprios apetites estivessem insaciados, e o instalando no trono, ele falou a Puru: 'Tu és meu herdeiro verdadeiro, tu és meu verdadeiro filho por quem minha linhagem continuará. No mundo minha linhagem será conhecida por teu nome.'

Vaisampayana continuou, 'Então aquele tigre entre reis, tendo instalado seu filho Puru no trono, foi à montanha de Bhrigu para se dedicar ao ascetismo. E, tendo adquirido grande mérito ascético, depois de longos anos, ele sucumbiu à influência inevitável do Tempo. Ele deixou seu corpo humano por cumprir o voto de jejum, e ascendeu ao céu com suas esposas.'

76

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó tu de riqueza de ascetismo, me diga como nosso antepassado Yayati, que é o décimo Prajapati, obteve como esposa a filha inalcançável de Sukra. Eu desejo ouvir a respeito disto em detalhes. Fale-me também, um depois do outro, sobre aqueles monarcas que separadamente foram fundadores de dinastias.'

Vaisampayana disse, 'O monarca Yayati era em esplendor como o próprio Indra. Eu te direi, em resposta à tua questão, ó Janamejaya, como Sukra e Vrishaparvan concederam a ele, com os ritos devidos, suas filhas, e como ocorreu sua união com Devayani em especial.

Entre os celestiais e os Asuras, aconteciam, antigamente, frequentes combates pela soberania dos três mundos com tudo o que havia neles. Os deuses, então, pelo desejo de vitória, instalaram o filho de Angiras (Vrihaspati) como seu sacerdote para conduzir seus sacrifícios; enquanto seus adversários instalaram o erudito Usanas como seu sacerdote para o mesmo propósito. E entre aqueles dois Brahmanas sempre havia uma vaidosa rivalidade. Aqueles Danavas que se reuniam para lutar e que eram mortos pelos deuses eram todos revividos pelo vidente Sukra pelo poder do seu conhecimento. E então vivendo novamente eles lutavam com os deuses. Os Asuras também matavam no campo de batalha muitos dos celestiais. Mas Vrihaspati de mente aberta não podia reanimá-los, porque ele não conhecia a ciência chamada Sanjivani (re-vivificação), que Kavya dotado de grande energia conhecia tão bem. E os deuses estavam portanto, em grande angústia. E os deuses, em grande ansiedade de coração e temendo o erudito Usanas, então foram até Kacha, o filho mais velho de Vrihaspati e falaram a ele, dizendo, 'Nós te rendemos homenagem, seja gentil para conosco e faça-nos um favor que nós consideramos muito grande. Aquele conhecimento que reside em Sukra, aquele Brahmana de destreza incomensurável, faças teu tão logo puderes. Tu podes encontrar o Brahmana na corte de Vrishaparvan. Ele sempre protege os Danavas mas nunca a nós, adversários deles. Tu és jovem e, portanto, capaz de adorá-lo com reverência. Tu podes também reverenciar Devayani, a filha favorita daquele Brahmana de grande alma. De fato, somente tu és capaz de aplacar a ambos por meio de culto. Não há mais ninguém que possa fazer isso. Por satisfazer Devayani com tua conduta, generosidade, doçura, e comportamento geral, tu poderás certamente obter aquele conhecimento.' O filho de Vrihaspati, assim solicitado pelos deuses, disse 'Assim seja', e foi para onde Vrishaparvan estava. Kacha, assim enviado pelos deuses, logo foi à capital do chefe dos Asuras, e lá viu Sukra. E vendo-o, ele falou: 'Aceite-me como teu discípulo. Eu sou o neto do Rishi Angiras e o filho de Vrihaspati. Por nome eu sou conhecido como Kacha. Se tu te tornares meu preceptor eu praticarei o modo de vida Brahmacharya por mil anos. Comande-me, então, ó Brahmana!'

Sukra (ouvindo isso) disse, 'Tu és bem vindo, ó Kacha! Eu aceito tuas palavras. Eu te tratarei com respeito; por assim fazer, é Vrihaspati quem será respeitado.'

Vaisampayana continuou, 'Kacha, comandado por Kavya ou o próprio Usanas, chamado também de Sukra, então disse, 'Assim seja' e tomou o voto do qual tinha falado. E, ó Bharata, aceitando o voto do qual ele tinha falado, no tempo apropriado, Kacha começou a cativar atenciosamente seu preceptor e (sua filha) Devayani. De fato, ele começou a cativar a ambos. E como ele era jovem, por meio de canto e dança e tocando diferentes tipos de instrumentos, ele logo satisfez Devayani que estava em sua juventude. E, ó Bharata, com todo seu coração ligado nisto ele logo satisfez a moça Devayani que era então uma senhorita, com presentes de flores e frutas e serviços feitos de boa vontade. E Devayani também com suas canções e doçura de boas maneiras habituais, enquanto eles estavam a sós, auxiliava aquele jovem que cumpria seus votos. E quando quinhentos anos haviam passado do voto Kacha os Danavas vieram para saber qual era sua intenção. E não tendo escrúpulos em matar um Brahmana eles ficaram muito enfurecidos com ele. E um dia eles viram Kacha em uma parte solitária das florestas empenhado em cuidar das vacas (de seu preceptor). Eles então mataram Kacha por seu ódio a Vrihaspati e também por seu desejo de impedir que o conhecimento de reanimar os mortos fosse transmitido a ele. E tendo-o matado, eles cortaram seu corpo em pedaços e os deram para serem devorados por chacais e lobos. E (quando veio o crepúsculo) as vacas retornaram ao curral sem aquele que cuidava delas. E Devayani, vendo as vacas retornarem da floresta sem Kacha, falou, ó Bharata, a seu pai dessa forma:

'Teu fogo da noite foi aceso. O Sol também se põe, ó pai! As vacas retornaram sem aquele que cuidava delas. Kacha, de fato, não está à vista. Ó, é evidente que Kacha está perdido, ou está morto. Realmente eu digo, ó pai, que sem ele eu não viverei.'

Sukra ouvindo isso, disse, ‘Eu o reviverei por dizer, 'Que ele venha.' Então recorrendo à ciência de reanimar os mortos Sukra convocou Kacha. E convocado por seu preceptor, Kacha apareceu diante dele em alegria de coração, rasgando, em virtude da ciência de seu preceptor, os corpos dos lobos (que o tinham devorado). E questionado acerca da causa de sua demora ele assim falou à filha de Bhargava. De fato, perguntado pela filha daquele Brahman, ele disse a ela, 'Eu fui morto. Ó tu de conduta pura, carregado com combustível sacrifical, erva Kusa, e troncos de madeira, eu estava vindo em direção à nossa residência. Eu sentei sob uma árvore banian. As vacas também, tendo sido reunidas, ficaram sob a sombra daquela mesma árvore banian. Os Asuras, me vendo, perguntaram ‘Quem tu és?’ E eles me ouviram responder, 'Eu sou o filho de Vrihaspati' Logo que eu disse isso os Danavas me mataram, e cortando meu corpo em pedaços deram meus restos para chacais e lobos. E eles então foram para casa com os corações alegres. Ó amável, convocado pelo Bhargava de grande alma, eu afinal chego diante de ti completamente revivido.'

Em outra ocasião, a pedido de Devayani, o Brahmana Kacha entrou nas florestas. E enquanto ele estava perambulando para coletar flores os Danavas o viram. Eles outra vez o mataram, o trituraram e assim o transformando em uma pasta o misturaram com a água do oceano. Achando que ele estava demorando

muito (para voltar), a moça novamente descreveu o caso para seu pai. E convocado outra vez pelo Brahmana com a ajuda de sua ciência, Kacha apareceu perante seu preceptor e a filha dele e disse a eles como tudo tinha acontecido. Então matando-o pela terceira vez e o reduzindo a cinzas, os Asuras deram aquelas cinzas ao próprio preceptor, misturando-as com seu vinho. E Devayani outra vez falou a seu pai, dizendo, 'Ó pai, Kacha foi enviado para colher flores. Mas ele não está à vista. É óbvio que ele está perdido ou morto. Eu digo a ti que realmente eu não viverei sem ele.'

Sukra disse, 'Ó filha, o filho de Vrihaspati foi para a região dos mortos. Embora reanimado pela minha ciência ele é morto frequentemente. O que, de fato, eu posso fazer? Ó Devayani, não sofra, não chore. Alguém como tu não deve chorar por alguém que é mortal. Tu és de fato, ó filha, por causa da minha habilidade, adorada três vezes ao dia durante as horas ordenadas para oração por Brahmanas, os deuses com Indra, os Vasus, os Aswins, os Asuras, realmente, por todo o universo. É impossível mantê-lo vivo, reanimando-o, se ele é morto frequentemente.' Para tudo isto Devayani respondeu, 'Por que, ó pai, eu não devo chorar por aquele cujo avô é o próprio ancião Angiras, cujo pai é Vrihaspati que é um oceano de mérito ascético, que é o neto de um Rishi e o filho também de um Rishi? Ele mesmo também era um Brahmacharin e um asceta; sempre atento e hábil em tudo. Eu morrerei de fome e seguirei o caminho pelo qual Kacha foi. O belo Kacha é, ó pai, muito estimado por mim.'

Vaisampayana continuou, 'O grande Rishi Kavya, então, afligido pelo que Devayani disse, exclamou com raiva, 'Certamente, os Asuras procuram me ferir por matarem o discípulo que está comigo. Aqueles seguidores de Rudra desejam me privar do meu caráter como Brahmana por me fazerem participar de seu crime. Realmente, este crime tem um fim terrível. O crime de matar um Brahmana queimaria até o próprio Indra.' Tendo dito isso, o Brahmana Sukra, suplicado por Devayani, começou a convocar Kacha que tinha entrado nas mandíbulas da Morte. Mas Kacha, convocado com a ajuda da ciência, e temendo a consequência para seu preceptor, respondeu fracamente de dentro do estômago dele, dizendo, 'Seja benevolente para comigo, ó senhor! Eu sou Kacha que te adora. Comporte-te para comigo como se eu fosse teu próprio filho ternamente amado.'

Vaisampayana continuou, 'Sukra então disse, ‘Por qual caminho, ó Brahmana, tu entraste no meu estômago, onde estás agora? Deixando os Asuras neste momento eu irei para o lado dos deuses.’ Kacha respondeu, 'Por tua graça, minha memória não me falha. De fato, eu me lembro de como tudo aconteceu. Minhas virtudes ascéticas não foram destruídas. É, portanto, por isso que eu posso suportar essa dor quase insuportável. Ó Kavya, morto pelos Asuras e queimado e reduzido a pó, eu fui dado a ti com teu vinho. Quando tu estás presente, ó Brahmana, a arte dos Asuras nunca pode conquistar o conhecimento do Brahmana.'

Ouvindo isso Sukra disse, 'Ó filha, que bem eu posso fazer para ti? É com minha morte que Kacha poderá obter sua vida de volta. Ó Devayani, Kacha está dentro de mim. Não há outro caminho para ele sair exceto por romper meu

estômago.' Devayani respondeu, 'Ambos os males, como o fogo, me queimarão! A morte de Kacha e a tua própria morte são a mesma para mim! A morte de Kacha me privará de vida, e se tu também morreres eu não poderei suportar a minha vida.' Então Sukra disse, 'Ó filho de Vrihaspati, tu és, de fato, alguém já coroado com êxito, porque Devayani o considera tão bem. Aceite o conhecimento que eu hoje te darei, se, de fato, tu não és Indra na forma de Kacha. Ninguém pode sair do meu estômago com vida. Um Brahmana, no entanto, não deve ser morto, portanto, aceite o conhecimento que te dou. Comece a viver como meu filho. E possuindo o conhecimento recebido de mim, e reanimado por mim, tome o cuidado de, ao saíres do meu corpo, agires dignamente.'

Vaisampayana continuou, 'Recebendo a ciência de seu preceptor o belo Kacha, rompendo o estômago dele, saiu como a lua na noite do décimo quinto dia da quinzena clara. E vendo os restos de seu preceptor jazendo como uma pilha de penitências Kacha o reviveu, ajudado pela ciência que aprendeu. O reverenciando com respeito, Kacha disse a seu preceptor, 'Àquele que despeja o néctar do conhecimento aos ouvidos de alguém, assim como tu fizeste comigo que estava então destituído de conhecimento, a ele eu considero como meu pai e mãe. E se lembrando do imenso auxílio dado por ele, quem poderá ser tão ingrato a ponto de ofendê-lo? Aqueles que, tendo adquirido conhecimento ferem seu preceptor, que é sempre um objeto de culto, que é o dador de conhecimento, que é o mais precioso de todos os objetos preciosos na Terra vêm a ser odiados sobre a Terra e finalmente vão para as regiões dos pecaminosos.'

Vaisampayana continuou, 'O erudito Sukra, tendo sido enganado enquanto estava sob a influência do vinho, lembrando da total perda de consciência que é uma das consequências terríveis da bebida, e vendo também o belo Kacha a quem ele tinha, em um estado de inconsciência, bebido com seu vinho, então pensou em efetuar uma reforma nos costumes dos Brahmanas. Usanas de grande alma se erguendo do solo com raiva, então falou o seguinte: ‘O desventurado Brahmana que deste dia em diante, incapaz de resistir à tentação, beber vinho, será considerado como tendo perdido a virtude e será avaliado como se tivesse cometido o pecado de matar um Brahmana, sendo odiado neste e nos outros mundos. Eu estabeleço este limite à conduta e dignidade dos Brahmanas em todos os lugarres. Que os honestos, que Brahmanas, que aqueles que têm respeito para com seus superiores, que os deuses e que os três mundos, ouçam!' Tendo dito estas palavras aquele de grande alma, aquele asceta dos ascetas, então convocou os Danavas que estavam privados de bom senso pelo destino, e disse a eles estas palavras, ‘Danavas tolos, saibam que Kacha obteve o que desejava. Ele de agora em diante morará comigo. Tendo obtido valoroso conhecimento de reanimar os mortos, aquele Brahmana, de fato, se tornou em destreza assim como o próprio Brahman!'

Vaisampayana continuou, 'Bhargava disse estas palavras muito abruptamente. Os Danavas estavam surpresos e foram embora para suas as casas. Kacha, também, tendo ficado com seu preceptor por mil anos completos então se preparou para voltar à residência dos celestiais, depois de ter obtido a permissão de seu preceptor.'

77

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois do término do período de seu voto, Kacha, tendo obtido a permissão de seu preceptor estava prestes a voltar para a residência dos celestiais, quando Devayani, dirigindo-se a ele, disse, 'Ó neto do Rishi Angiras, em conduta e nascimento, em aprendizagem, ascetismo e humildade tu resplandeces brilhantemente. Como o célebre Rishi Angiras é honrado e considerado por meu pai, assim teu pai é considerado e adorado por mim. Ó tu de riqueza ascética, sabendo disto, escutes o que eu digo. Lembres da minha conduta em relação a ti durante o período do teu voto (Brahmacharya). Teu voto agora está terminado. Cabe a ti fixares teu afeto em mim. Aceite minha mão devidamente com os mantras ordenados.'

Kacha respondeu, 'Tu és para mim um objeto de respeito e adoração como teu pai! Ó tu de feições impecáveis, tu és, de fato, um objeto de grande reverência! Tu és mais cara do que a vida para Bhargava de grande alma, ó amável! Como a filha do meu preceptor, tu sempre és digna do meu culto! Como meu preceptor Sukra, teu pai, é merecedor dos meus respeitos, assim tu és, ó Devayani! Portanto, não cabe a ti falar desta maneira.' Ouvindo isso Devayani respondeu, 'Tu também és filho do meu pai que é teu preceptor. Portanto, ó melhor dos Brahmanas, tu és merecedor dos meus respeitos e culto. Ó Kacha, quando tu foste morto tantas vezes pelos Asuras, lembres hoje do afeto que eu demonstrei por ti. Lembrando da minha amizade e afeto por ti, e, de fato, do meu dedicado respeito também, ó virtuoso, não cabe a ti me abandonar com uma omissão. Eu estou realmente afeiçoada a ti.'

Ouvindo tudo isso Kacha disse, 'Ó tu de votos virtuosos, não me incite a seguir tal conduta pecaminosa. Ó tu de formosos olhos castanhos, seja bondosa para comigo. Bela, tu és para mim um objeto de mais respeito do que meu preceptor. Cheia de resoluções virtuosas, ó de grandes olhos, e de rosto tão belo como a lua, o lugar onde tu residiste, o corpo de Kavya, também foi minha residência. Tu és realmente minha irmã. Amável, nós passamos em felicidade os dias em que estivemos juntos. Há perfeita compreensão entre nós. Eu peço a tua permissão para voltar para minha residência. Portanto, me abençoe para que minha viagem possa ser segura. Eu devo ser lembrado por ti, quando tu me recordares com relação a assuntos de conversação, como alguém que não violou a virtude. Sempre cuidei do meu preceptor com boa vontade e honestidade de coração.' Para tudo isso Devayani respondeu, 'Solicitado por mim, se, de fato, tu realmente te recusares a me fazer tua esposa, então, ó Kacha, este teu conhecimento não trará frutos.'

Kacha então disse, 'Eu recusei teu pedido somente porque tu és filha do meu preceptor e não porque tu tens qualquer imperfeição. Nem meu preceptor me deu

qualquer ordem a este respeito. Amaldiçoe-me se isto te agrada. Eu te disse qual deve ser o comportamento de um Rishi. Eu não mereço a tua maldição, ó Devayani. Mas ainda assim tu me amaldiçoaste! Tu agiste sob a influência da paixão e não por senso de dever. Portanto, teu desejo não será realizado. Nenhum filho de Rishi aceitará tua mão em casamento. Tu disseste que o meu conhecimento não trará frutos. Que seja assim. Mas ele dará frutos para aquele a quem eu comunicá-lo.'

Vaisampayana continuou, 'Aquele principal dos Brahmanas, Kacha, tendo dito isso para Devayani se dirigiu rapidamente para a residência do chefe dos celestiais. Vendo sua chegada, os celestiais com Indra adiante, tendo primeiro o reverenciado, falaram a ele o seguinte, 'Tu de fato, realizaste uma ação de grande benefício para nós. Foi extraordinária a tua realização! Tua fama nunca morrerá! Tu serás um repartidor conosco das oferendas sacrificais.'

78

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Os habitantes do céu ficaram extremamente contentes ao receberem Kacha que tinha dominado a notável ciência. E, ó touro da raça Bharata, os celestiais então aprenderam a ciência de Kacha e consideraram seu objetivo alcançado. E se reunindo, eles falaram àquele de cem sacrifícios, dizendo, 'Chegou a hora de mostrar coragem. Mate teus inimigos, ó Purandara!' E assim, Maghavat, então acompanhado pelos celestiais, saiu dizendo, 'Assim seja.' Mas em seu caminho ele viu várias donzelas. Aquelas moças estavam se divertindo em um lago nos jardins do Gandharva Chitraratha. Convertendo-se em vento, ele logo desordenou as roupas que aquelas moças tinham deixado na margem. Pouco tempo depois, as moças, se levantando da água, se aproximaram de suas roupas que estavam, de fato, misturadas umas com as outras. E aconteceu que da pilha misturada as roupas de Devayani foram pegas por Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, por ignorar que não eram as dela. E, ó rei, depois disto, entre elas, Devayani e Sarmishtha, então se seguiu uma discussão. E Devayani disse, 'Ó filha do Asura (chefe), por que tu pegaste meu traje, sendo, como tu és, minha discípula? Como és desprovida de bom comportamento nada de bom poderá te acontecer!' Sarmishtha, no entanto, rapidamente respondeu, 'Teu pai ocupa um assento inferior, e sempre adora com expressão abatida, como um empregado cantor de louvores, o meu pai, quer ele esteja sentado ou repouse deitado! Tu és a filha de um cantor dos louvores de outros, de alguém que aceita esmolas. Eu sou a filha de alguém que é adorado, de alguém que concede esmolas em vez de aceitá-las! Mulher mendiga como tu és, tu és livre para golpear teu peito, para usar más palavras, para jurar inimizade a mim, para ceder à tua cólera. Recebedora de esmolas, tu derramas lágrimas de raiva em vão! Se inclinada a isto, eu posso te prejudicar, mas tu não podes. Tu desejas discutir. Mas saiba que eu não te considero como minha igual!'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras Devayani ficou muito enraivecida e começou a puxar dela suas roupas. Sarmishtha então a jogou em um poço e foi para casa. De fato, a perversa Sarmishtha crendo que Devayani estava morta dirigiu seus passos para casa com um humor colérico.

Depois que Sarmishtha havia saído Yayati, o filho de Nahusha, logo chegou àquele local. O rei tinha saído para caçar. O par de cavalos atrelados ao seu carro e o outro único cavalo que tinha consigo estavam todos cansados. E o próprio rei estava com sede. O filho de Nahusha viu um poço e se dirigiu até ele. E ele viu que o poço estava seco. Mas ao olhar para baixo ele viu uma moça que em esplendor era como um fogo ardente. E vendo-a dentro do poço, o rei abençoado falou àquela moça da aparência dos celestiais, confortando-a com palavras gentis. E ele disse, 'Quem és tu, ó formosa, de unhas brilhantes como cobre polido, e com brincos decorados com pedras preciosas celestes? Tu pareces estar muito transtornada. Por que tu choras em aflição? Como, de fato, tu caíste neste poço coberto com plantas e grama comprida? E, ó menina de cintura delgada, responda-me realmente de quem tu és filha.'

Devayani então respondeu, 'Eu sou a filha de Sukra que devolve a vida aos Asuras mortos pelos deuses. Ele não sabe o que me aconteceu. Esta é minha mão direita, ó rei, com unhas brilhantes como cobre polido. Tu és bem nascido; e eu te peço para pegá-la e me erguer! Eu sei que tu tens bom comportamento, grande coragem e ampla fama! Cabe a ti, portanto, me erguer deste poço.'

Vaisampayana continuou, 'O rei Yayati, sabendo que ela era filha de um Brahmana, a ergueu daquele poço por segurar sua mão direita. E o monarca prontamente a ergueu do buraco e olhou de soslaio para suas belas pernas e gentilmente e cortesmente voltou para sua capital.

Quando o filho de Nahusha tinha ido embora, Devayani de feições impecáveis angustiada falou para sua empregada, de nome Ghurnika, que a encontrou então. E ela disse, 'Ó Ghurnika, vá rapidamente e fale com meu pai sem perda de tempo sobre tudo o que aconteceu. Eu agora não entrarei na cidade de Vrishaparvan.'

Vaisampayana continuou, 'Ghurnika, assim ordenada, se dirigiu rapidamente para a mansão do Asura chefe, onde ela viu Kavya e falou a ele com sua percepção turva pela raiva. E ela disse, 'Eu digo a ti, ó grande Brahmana, que Devayani foi maltratada, ó afortunado, na floresta por Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan.' E Kavya, sabendo que sua filha tinha sido maltratada por Sarmishtha partiu depressa com o coração pesado, procurando por ela nas florestas. E quando a encontrou ele a abraçou com afeto e falou a ela com a voz sufocada pela dor, 'Ó filha, a felicidade ou dor que ocorre às pessoas é sempre devida a suas próprias falhas. Tu tens portanto uma falha, eu creio, a qual foi expiada dessa forma.' Ouvindo isso Devayani respondeu, 'Sendo um castigo ou não, me escute com atenção. Ó, ouça tudo o que Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, disse para mim. Realmente ela disse que tu és somente um empregado cantor dos louvores do rei Asura! Foi dessa forma que Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, me falou, com os olhos avermelhados, estas palavras

cortantes e cruéis, 'Tu és a filha de um cantor dos louvores dos outros, de alguém que pede caridade, de alguém que aceita esmolas; enquanto que eu sou a filha de alguém que recebe adorações, de alguém que dá e nunca aceita qualquer coisa como presente!' Estas foram as palavras repetidamente faladas a mim pela orgulhosa Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, com os olhos vermelhos de raiva. Se, ó pai, eu sou realmente a filha de um empregado cantor de louvores, de alguém que aceita presentes, eu devo oferecer minhas adorações na esperança de obter o perdão dela! Oh, por causa das coisas que eu já disse a ela!'

Sukra respondeu, 'Tu não és, ó Devayani, a filha de um empregado adorador, de alguém que pede esmolas e aceita presentes. Tu és a filha de um homem que não adora ninguém, mas que é adorado por todos! O próprio Vrishaparvan sabe disso, e Indra, e o rei Yayati também. O inconcebível Brahma, o principal dos deuses que não tem opositor é minha força! O próprio autocriado, satisfeito por mim, disse que eu sou para sempre o senhor de todas as coisas que estão sobre a Terra ou o Céu! Eu digo a ti realmente que sou eu quem despejo a chuva pelo bem das criaturas e que nutro as plantas anuais que sustentam todas as coisas vivas!'

Vaisampayana continuou, 'E foi por estas tais palavras gentis de grande importância que aquele pai se esforçou para acalmar sua filha afligida pela dor e oprimida pela raiva.'

79

(Continuação do Sambhava Parva)

Sukra continuou, ‘Saiba, então, ó Devayani, que aquele que não presta atenção às más palavras dos outros conquista tudo! O sábio diz que é um verdadeiro quadrigário aquele que sem afrouxar segura firmemente as rédeas de seus cavalos. Portanto, é um verdadeiro homem aquele que se domina, sem ceder à raiva em ascensão. Saiba, ó Devayani, que aquele que conquista tudo é o que domina sua ira tranquilamente. É considerado como um homem aquele que por recorrer ao perdão, se livra da sua raiva ascendente como uma cobra deixando cair sua pele. Aquele que elimina a raiva, aquele que não dá atenção às más palavras dos outros, aquele que não fica furioso, embora tenha motivos para estar, sem dúvida adquire os quatro objetos pelos quais nós vivemos (virtude, lucro, desejo, e salvação). Entre aquele que realiza sem fadiga sacrifícios todo mês por cem anos, e aquele que nunca se sente zangado por qualquer coisa, aquele que não sente cólera é certamente o superior. Homens e mulheres, incapazes de distinguir entre o certo e o errado, discutem entre si. Os sábios nunca os imitam.’ Devayani, ouvindo estas palavras de seu pai, disse, 'Ó pai, eu sei também qual é a diferença entre raiva e perdão com relação ao poder de cada um. Mas quando um discípulo age desrespeitosamente ele nunca deve ser perdoado pelo preceptor se o último está realmente desejoso de beneficiar o primeiro. Portanto, eu não desejo viver mais em um país onde o mau comportamento é um prêmio. O homem sábio

desejoso do bem não mora entre aqueles homens pecaminosamente inclinados que sempre falam mal do bom comportamento e do nobre nascimento. Mas ele deve viver, de fato, naquele que é considerado o melhor lugar para se viver, onde o bom comportamento e a pureza de nascimento são conhecidos e respeitados. As palavras cruéis proferidas pela filha de Vrishaparvan queimam meu coração como os homens, desejosos de acender o fogo, queimam o combustível seco. Eu não acho qualquer coisa mais miserável para um homem nos três mundos do que adorar um inimigo abençoado com boa sorte, ele mesmo não possuindo nada. É de fato dito pelos eruditos que até a morte seria melhor.'

80

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Kavya, o principal da linhagem Bhrigu, ficou zangado. E ele se aproximou de Vrishaparvan onde o último estava sentado, e começou a dirigir-se a ele sem pesar suas palavras, 'Ó rei' ele disse, 'ações pecaminosas, como a Terra, não dão frutos imediatamente! Mas gradualmente e secretamente elas destroem aqueles que as praticam. Os frutos de tais ações visitam a própria pessoa, um filho, ou um neto. Pecados devem dar seus frutos. Como comida abundante eles nunca podem ser digeridos. E porque vocês assassinaram o Brahmana Kacha, o neto de Angiras, que era virtuoso, conhecedor dos princípios da religião, e atento às suas funções, enquanto residia na minha residência, por aquele ato de assassinato, e também pelo destrato à minha filha, saiba, ó Vrishaparvan, que eu te deixarei e aos teus parentes! De fato, ó rei, por isto, eu não posso mais ficar contigo! Tu pensas, ó Asura chefe, que eu sou um delirante mentiroso? Tu fizeste teu delito sem procurar corrigi-lo!'

Vrishaparvan então disse, 'Ó filho de Bhrigu, eu nunca atribuí a ti pobreza de virtude, ou falsidade. De fato, virtude e verdade sempre moram em ti. Sejas bondoso para comigo! Ó Bhargava, se, nos deixando, tu realmente fores embora, nós então entraremos nas profundidades do oceano. De fato, não haverá nada mais para nós fazermos.'

Sukra então respondeu, 'Ó Asuras, se vocês entrarem nas profundidades do oceano ou partirem em todas as direções eu não me importo. Eu não posso suportar a dor da minha filha. Minha filha é preciosa para mim. Minha vida depende dela. Procurem agradá-la. Como Vrihaspati sempre busca o bem de Indra, eu também sempre procuro o teu por meus méritos ascéticos.'

Vrishaparvan então disse, 'Ó Bhargava, tu és o absoluto senhor de tudo o que é possuído pelo principal Asura neste mundo, seus elefantes, vacas e cavalos, e até da minha humilde pessoa!'

Sukra então respondeu, 'Se é verdade, ó grande Asura, que eu sou o senhor de toda a riqueza dos Asuras, então vá e agrade Devayani.'

Vaisampayana continuou, 'Quando o grande Kavya ouviu estas palavras de Vrishaparvan, ele então foi até Devayani e disse tudo a ela. Devayani, no entanto, rapidamente respondeu, 'Ó Bhargava, se tu és realmente o senhor do próprio rei Asura e de toda sua riqueza, então que o próprio rei venha a mim e diga isso na minha presença.' Vrishaparvan então se aproximou de Devayani e disse a ela, 'Ó Devayani de sorriso formoso, o que quer que desejares eu quero te dar, mesmo que tal coisa seja muito difícil de conceder.' Devayani respondeu, 'Eu desejo Sarmishtha com um mil empregadas para me servir! Ela deve também me seguir para onde meu pai me mandar.'

Vrishaparvan então mandou uma serva que estava em sua presença, dizendo, 'Vá e rapidamente traga Sarmishtha para cá. Que ela também realize o que Devayani deseja.'

Vaisampayana continuou, 'A serva então se dirigiu a Sarmishtha e disse a ela, 'Ó amável Sarmishtha, levante e me siga. Realize um bem para teus parentes. Instigado por Devayani, o Brahmana (Sukra) está a ponto de deixar seus discípulos (os Asuras). Ó impecável, tu deves fazer o que Devayani deseja.' Sarmishtha respondeu, 'Eu alegremente farei o que Devayani deseja. Instado por Devayani Sukra está me chamando. Sukra e Devayani não devem deixar os Asuras por causa do meu erro.'

Vaisampayana continuou, 'Por ordens de seu pai, então, Sarmishtha, acompanhada por mil moças, logo partiu, em um palanquim, da mansão excelente do pai. E se aproximando de Devayani ela disse, 'Com minhas mil empregadas, eu estou a teu serviço! E eu te seguirei onde teu pai possa te mandar.' Devayani respondeu, 'Eu sou a filha daquele que canta os louvores a teu pai, e de quem mendiga e aceita esmolas; tu, por outro lado, és a filha daquele que é adorado. Como tu podes estar a me servir?'

Sarmishtha respondeu, 'Uma pessoa deve contribuir de todos os meios para a felicidade dos parentes aflitos. Portanto eu te seguirei onde quer que teu pai possa te mandar.'

Vaisampayana continuou, 'Quando Sarmishtha assim prometia ser a serva de Devayani, a última, ó rei, então falou a seu pai desta forma, 'Ó melhor de todos os Brahmanas excelentes, eu estou satisfeita. Eu agora entrarei na capital Asura! Eu agora sei que tua ciência e poder de conhecimento não são inúteis!'

Vaisampayana continuou, 'Aquele melhor dos Brahmanas, de grande reputação, assim ouvindo sua filha, então entrou na capital Asura com alegria em seu coração. E os Danavas o adoraram com grande reverência.'

81

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois de algum tempo, ó melhor dos monarcas, a bela Devayani entrou nas mesmas florestas para se divertir. E acompanhada por Sarmishtha com suas mil empregadas ela alcançou o mesmo local e começou a vagar livremente. E assistida por todas aquelas companheiras ela se sentiu muito feliz. E se divertindo com corações leves, elas começaram a beber o mel em flores, comer várias espécies de frutas e morder algumas. E justamente naquela hora o rei Yayati, o filho de Nahusha, outra vez foi lá cansado e com sede, no curso de suas andanças à procura de veados. E o rei viu Devayani e Sarmishtha, e aquelas outras moças também, todas enfeitadas com ornamentos celestes e cheias de langor voluptuoso por causa do mel das flores que elas tinham bebido. E Devayani de doce sorriso, inigualável em beleza e possuidora da mais bela compleição entre todas elas, estava reclinada tranquilamente. E ela estava sendo atendida por Sarmishtha que estava massageando suavemente seus pés.

E Yayati vendo tudo aquilo disse, 'Ó amáveis, eu devo perguntar a vocês seus nomes e ascendência. Parece que estas duas mil empregadas servem vocês duas.' 'Ouvindo o monarca, Devayani então respondeu, 'Escute, ó melhor dos homens. Saiba que eu sou a filha de Sukra, o guia espiritual dos Asuras. Esta minha companheira é minha serva. Ela me acompanha onde quer que eu vá. Ela é Sarmishtha, a filha do rei Asura Vrishaparvan.'

Yayati então perguntou, 'Eu estou curioso para saber por que esta tua companheira de belos olhos castanhos, esta bela donzela, a filha do principal Asura é tua serva!' Devayani respondeu, 'Ó melhor dos reis, tudo resulta do Destino. Sabendo que é resultado do Destino, não te surpreendas com isto. Tuas feições e trajes são ambos como as de um rei. Tuas palavras são justas e corretas como as dos Vedas. Diga-me teu nome, de onde és e de quem és filho também.'

O monarca respondeu, ‘Durante meu voto de Brahmacharya todos os Vedas entraram nos meus ouvidos. Eu sou conhecido como Yayati, o filho de um rei e eu mesmo um rei.’ 'Devayani então perguntou, 'Ó rei, para que tu vieste para cá? Para colher lotos ou para caçar?' Yayati disse, 'Ó amável, com sede da perseguição de um veado, eu vim para cá à procura de água. Eu estou muitíssimo cansado. Eu espero somente por tuas ordens para deixar este local.'

Devayani respondeu, 'Com minhas duas mil donzelas e minha serva Sarmishtha eu espero tuas ordens. Prosperidade para ti. Seja meu amigo e senhor.'

Yayati respondeu, 'Bela, eu não te mereço. Tu és filha de Sukra que é de longe superior a mim. Teu pai não pode te entregar nem mesmo para um grande rei.' A isto Devayani respondeu, 'Brahmanas foram antes unidos com Kshatriyas, e Kshatriyas com Brahmanas. Tu és o filho de um Rishi e tu mesmo és um Rishi. Portanto, ó filho de Nahusha, case comigo.' Yayati, no entanto, respondeu, 'Ó tu

de belas feições, as quatro classes, de fato, vieram de um só corpo. Mas seus deveres e pureza não são os mesmos, os Brahmanas são realmente superiores a todos.' Devayani respondeu, ‘Esta minha mão nunca foi tocada antes por nenhum homem além de ti. Portanto, eu te aceito como meu marido. Como, de fato, outro homem tocaria minha mão que foi antes tocada por ti que és um Rishi?’ Yayati então disse, 'Os sábios sabem que um Brahmana deve ser mais evitado do que uma cobra zangada de veneno virulento, ou do que um fogo ardente que espalha suas chamas.' Devayani então disse ao monarca, 'Ó touro entre homens, por que tu, de fato, dizes que Brahmanas devem ser mais evitados do que uma cobra de virulento veneno ou um fogo ardente?' O monarca respondeu, 'A cobra mata somente um. A arma afiada mata somente uma única pessoa. O Brahmana quando zangado destrói cidades e reinos inteiros! Portanto, ó tímida, eu julgo que um Brahmana deve ser mais evitado do que ambos. Então eu não posso casar contigo, ó amável, a menos que teu pai te conceda para mim.’ Devayani então disse, 'Tu és, de fato, escolhido por mim. E, ó rei, está entendido que tu deves me aceitar se meu pai me conceder a ti. Tu não precisas temer aceitar minha pobre pessoa entregue a ti. De fato, não peça por mim.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disto Devayani rapidamente enviou uma serva até seu pai. A serva explicou para Sukra como tudo tinha acontecido. E logo que ele tinha ouvido tudo, Bhargava partiu e viu Yayati. E vendo Bhargava, Yayati reverenciou aquele Brahmana, e ficou com as palmas na unidas em expectativa das suas ordens.'

E Devayani então disse, 'Este, ó pai, é o filho de Nahusha. Ele segurou minha mão, quando eu estive em angústia. Eu me curvo a ti. Me entregue para ele. Eu não me casarei com qualquer outra pessoa no mundo.' Sukra exclamou, 'Ó tu de coragem esplêndida, tu foste, de fato, bem aceito como marido por esta minha querida filha. Eu a concedo a ti. Portanto, ó filho de Nahusha, aceite-a como tua mulher.'

Yayati então disse, 'Eu solicito a bênção, ó Brahmana, que por fazer isso, o pecado de gerar um bastardo não me toque.' Sukra, no entanto, o assegurou dizendo, 'Eu te absolverei do pecado. Peça o benefício que desejares. Não temas casar com ela. Eu concedo a tua absolvição. Mantenhas virtuosamente tua esposa, a esbelta Devayani. A felicidade será tua em sua companhia. Esta outra moça, filha de Vrishaparvan, Sarmishtha deve sempre ser respeitada por ti. Mas não a convoque para tua cama.'

Vaisampayana continuou, 'Endereçado dessa forma por Sukra, Yayati então caminhou em volta do Brahmana. E o rei então passou pela auspiciosa cerimônia de casamento segundo os ritos das escrituras. E tendo recebido de Sukra o rico tesouro da excelente Devayani com Sarmishtha e aquelas duas mil servas, e devidamente honrado também pelo próprio Sukra e os Asuras, o melhor dos monarcas, então, por ordem de Bhargava de grande alma, voltou para sua capital com o coração alegre.'

82

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Yayati então, ao voltar para sua capital que era como a cidade de Indra, entrou em seus aposentos internos e lá instalou sua noiva Devayani. E o monarca, instruído por Devayani, instalou a filha de Vrishaparvan, Sarmishtha, em uma mansão especialmente construída perto das florestas artificiais de Asokas em seus jardins. E o rei cercou a filha de Vrishaparvan, Sarmishtha, com suas mil empregadas e a honrou fazendo todos os arranjos para sua alimentação e vestuário. Mas foi com Devayani que o filho real de Nahusha teve prazer como um celestial por muitos anos em alegria e felicidade. E quando sua época chegou, a formosa Devayani concebeu. E ela deu à luz como seu primeiro filho a um belo menino. E quando mil anos tinham passado, Sarmishtha alcançou a puberdade e viu que seu período fértil tinha chegado. Ela ficou ansiosa e disse a si mesma, 'Minha época chegou. Mas eu ainda não escolhi um marido. Ó, o que aconteceu, o que eu faço? Como eu obtenho a realização dos meus desejos? Devayani já se tornou mãe. Minha juventude está fadada a passar em vão. Eu devo escolher também para meu marido aquele que Devayani escolheu? Esta é, de fato, minha resolução: aquele monarca deve me dar um filho. O virtuoso não me concederá um encontro íntimo?'

Vaisampayana continuou, 'Enquanto Sarmishtha estava assim ocupada com seus pensamentos, o rei vagando desatento foi até a floresta das Asokas, e vendo Sarmishtha diante dele, lá ficou em silêncio. Então Sarmishtha de sorrisos doces viu o monarca perto de si, sem ninguém para testemunhar o que poderia acontecer, e se aproximou e disse com as palmas unidas, 'Ó filho de Nahusha, ninguém pode ver as senhoras que moram nos apartamentos internos de Soma, de Indra, de Vishnu, de Yama, de Varuna, e de ti! Tu sabes, ó rei, que eu sou bela e bem nascida. Eu te solicito, ó rei! Minha época fértil chegou. Faça com que ela não passe em vão.'

Yayati respondeu, 'Eu bem sei da honra do teu nascimento, nascida como és na raça orgulhosa dos Danavas. Tu és também dotada com beleza. Eu, de fato, não vejo nenhum indício de imperfeição no teu aspecto. Mas Usanas me ordenou que enquanto eu estivesse unido com Devayani, que eu nunca convocasse a filha de Vrishaparvan para minha cama.'

Sarmishtha então disse, 'É dito, ó rei, que não é pecaminoso mentir na ocasião de uma brincadeira, em relação a mulheres que se procura alegrar, em ocasiões de casamento, em perigo de morte imediata e da perda de toda a fortuna. Mentir é perdoável nestas cinco ocasiões. Ó rei, não é verdade que é lançado por terra quem não fala a verdade quando perguntado. Devayani e eu fomos chamadas para cá como companheiras para servir ao mesmo propósito. Quando, portanto, tu disseste que te limitarias a apenas uma de nós duas foi uma mentira que falaste.'

Yayati respondeu, 'Um rei deve ser um modelo aos olhos de seus súditos. O monarca que fala inverdades certamente encontra a destruição. Quanto a mim, eu não falo uma mentira mesmo que uma grande perda me ameace!' Sarmishtha respondeu, 'Ó monarca, pode-se considerar o marido de sua amiga como o seu próprio. O casamento de um amigo é o mesmo que o seu próprio. Tu foste escolhido por minha amiga como seu marido. Tu és como meu marido, portanto.' Yayati então disse, 'É, de fato, minha promessa sempre conceder um pedido. Como pedes a mim, diga-me então o que eu devo fazer.' Sarmishtha então disse, 'Me absolva, ó rei, do pecado. Proteja minha virtude. Tornando-me mãe através de ti, que eu pratique a virtude mais elevada neste mundo. É dito, ó rei, que uma mulher, um escravo e um filho nunca podem ganhar riqueza para si mesmos. O que eles ganham sempre pertence a quem eles pertencem. Eu sou, de fato, a escrava de Devayani. Tu és o mestre e senhor de Devayani. Tu és, portanto, ó rei, meu mestre e senhor tanto como Devayani ! Eu te peço! Ó, realize meus desejos!'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por Sarmishtha, o monarca foi persuadido da verdade de tudo o que ela falou. Ele, portanto, honrou Sarmishtha por proteger sua virtude. E eles passaram algum tempo juntos. E se despedindo afetuosamente um do outro, eles então partiram, cada um voltando para o lugar de onde tinha vindo.

E ocorreu que Sarmishtha de sorrisos doces concebeu por consequência daquela ligação com o melhor dos monarcas. E, ó rei, aquela senhora de olhos de lótus então no curso do tempo deu à luz a um filho do esplendor de uma criança celeste e de olhos como pétalas de lótus.'

83

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando Devayani teve notícia do nascimento daquela criança, ela se tornou ciumenta, e ó Bharata, Sarmishtha se tornou objeto de suas reflexões desagradáveis. E Devayani, indo até ela, falou-lhe desta forma, 'Ó tu de belos olhos, que pecado é este que cometeste por entregar-te à influência da luxúria?' Sarmishtha respondeu, 'Certo Rishi de alma virtuosa e totalmente conhecedor dos Vedas veio a mim. Capaz de conceder bênções ele foi solicitado por mim a realizar meus desejos que eram baseados em considerações de virtude. Ó tu de doces sorrisos, eu não procuraria a satisfação pecaminosa dos meus desejos. Eu te digo realmente que esta criança é minha com aquele Rishi!' Devayani respondeu, 'Está tudo bem se este é o caso, ó tímida! Mas se a linhagem, nome, e família deste Brahmana é conhecido por ti, eu gostaria de ouvi-los.' Sarmishtha respondeu, 'Ó tu de doces sorrisos, em ascetismo e energia, aquele Rishi é resplandecente como o próprio Sol. Vendo-o, eu não tive qualquer necessidade de fazer essas perguntas.' Devayani então disse, 'Se isso é verdade,

se de fato, tu obtiveste o teu filho de tal Brahmana superior, então, ó Sarmishtha, eu não tenho motivos para raiva.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo assim falado e rido uma com a outra, elas se separaram, Devayani voltou ao palácio com o conhecimento dado a ela por Sarmishtha. E, ó rei, Yayati também gerou em Devayani dois filhos chamados Yadu e Turvasu, que eram como Indra e Vishnu. E Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, tornou-se pelo sábio real a mãe de três filhos ao todo, chamados Drahyu, Anu, e Puru.

E, ó rei, ocorreu que um dia Devayani, acompanhada por Yayati, entrou em uma parte solitária das florestas, (no extenso parque do rei). E lá ela viu três crianças de beleza celeste brincando com perfeita confiança. E Devayani perguntou com surpresa, 'De quem são essas crianças, ó rei, que são tão bonitas como os filhos dos celestiais? Em esplendor e beleza eles são como tu, eu penso.'

Vaisampayana continuou, 'E Devayani sem esperar por uma resposta do rei, perguntou às próprias crianças, 'Crianças, qual é vossa linhagem? Quem é vosso pai? Respondam-me a verdade. Eu desejo saber tudo.' Aquelas crianças então apontaram para o rei (com seus dedos indicadores) e falaram de Sarmishtha como sua mãe.

E tendo assim dito, as crianças se aproximaram do rei para abraçar seus joelhos. Mas o rei não ousou acarinhá-los na presença de Devayani. Os meninos então deixaram o lugar, e foram em direção a sua mãe, chorando de tristeza. E o rei, por esta conduta dos meninos, ficou muitíssimo envergonhado. Mas Devayani, notando o afeto das crianças pelo rei descobriu o segredo e dirigindo-se a Sarmishtha, disse, 'Como tu ousaste me fazer esta injúria, sendo, como és, dependente de mim? Tu não temeste recorrer uma vez mais àquela tua conduta Asura?'

Sarmishtha disse, 'Ó tu de doces sorrisos, tudo o que eu te disse sobre um Rishi é perfeitamente verdadeiro. Eu agi corretamente e segundo os preceitos de virtude, e, portanto, eu não te temo. Quando tu escolheste o rei como teu marido, eu, também, o escolhi como meu. Ó bela, o marido de uma amiga é, de acordo com o costume, como seu próprio marido. Tu és a filha de um Brahmana e, portanto, mereces meu culto e respeito. Mas tu não sabes que este sábio real tem também uma grande estima por mim?'

Vaisampayana disse, 'Devayani então, ouvindo aquelas palavras dela, exclamou, ó rei, assim, 'Tu foste injusto comigo, ó monarca! Eu não viverei mais aqui.' E assim dizendo, ela rapidamente ergueu-se e, com lágrimas nos olhos, foi até seu pai. E o rei estava aflito por vê-la daquele jeito, e muito alarmado seguiu seus passos, se esforçando para apaziguar a cólera dela. Mas Devayani, com os olhos vermelhos de raiva, não desistiria. Não falando uma palavra ao rei, com os olhos banhados em lágrimas, ela logo chegou ao lado de seu pai Usanas, o filho de Kavi. E vendo seu pai, ela ficou perante ele, depois das devidas saudações. E Yayati também, imediatamente depois dela, saudou e adorou Bhargava.'

E Devayani disse, 'Ó pai, a virtude foi conquistada pelo vício. O inferior se ergueu, e o superior foi lançado por terra. Eu fui ofendida outra vez por Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan. Três filhos foram gerados nela por este rei Yayati. Mas, ó pai, sendo desafortunada como sou eu tenho só dois filhos! Ó filho de Bhrigu, este rei é famoso por seu conhecimento dos preceitos da religião. Mas, ó Kavya, eu digo a ti que ele se desviou do caminho da retidão.'

Sukra, ouvindo tudo isso, disse, 'Ó monarca, desde que cometeste esta imoralidade, embora conhecendo totalmente os preceitos da religião, uma invencível decrepitude te paralisará!' Yayati respondeu, 'Venerável, eu fui solicitado pela filha do rei Danava para que sua estação frutificasse. Eu o fiz por um sentido de virtude e não por outros motivos. O homem que, sendo solicitado por uma mulher em sua estação não concede seu desejo, é chamado, ó Brahmana, por aqueles que conhecem os Vedas, de matador de embrião. Aquele que, solicitado em segredo por uma mulher cheia de desejo e no período correto, não vai a ela, perde a virtude e é chamado pelos eruditos de assassino de embrião, ó filho de Bhrigu, por estas razões, e ansioso para evitar o pecado, eu fui até Sarmishtha.' Sukra então respondeu, 'Tu és dependente de mim. Tu deverias ter esperado minha ordem. Tendo agido erroneamente na questão do teu dever, ó filho de Nahusha, tu és culpado do pecado de roubo.'

Vaisampayana continuou, 'Yayati, o filho de Nahusha, assim amaldiçoado pelo enfurecido Usanas, foi então privado de sua juventude e imediatamente tomado pela decrepitude. E Yayati disse, 'Ó filho de Bhrigu, eu ainda não fui satisfeito nem pela juventude nem por Devayani. Portanto, ó Brahmana, seja bondoso para que a decrepitude não possa me tocar.' Sukra então respondeu, 'Eu nunca falo inverdades. Agora mesmo, ó rei, tu estás tomado pela velhice. Mas se quiseres, tu serás capaz de transferir esta tua decrepitude para outro.' Yayati disse, 'Ó Brahmana, que seja ordenado por ti que o filho meu que me der sua juventude desfrute do meu reino, e alcance virtude e fama.' Sukra respondeu, 'Ó filho de Nahusha, pensando em mim tu podes transferir esta tua decrepitude para qualquer pessoa que quiseres. O filho que te der sua juventude se tornará teu sucessor ao trono. Ele também terá vida longa, grande fama, e prole numerosa!'

84

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Yayati, então, vencido pela velhice, voltou para sua capital e convocando seu filho mais velho Yadu que era também o mais ilustre, dirigiu-se a ele assim: 'Caro filho, por causa da maldição de Kavya chamado também de Usanas, decrepitude e rugas e cabelos brancos vieram sobre mim. Mas eu ainda não me satisfiz com os prazeres da mocidade. Ó Yadu, tome minha fraqueza junto com minha velhice. Eu me alegrarei com tua juventude. E quando

mil anos completos se passarem, te devolvendo tua mocidade, eu tomarei de volta minha fraqueza com esta decrepitude!'

Yadu respondeu, ‘Há inúmeras inconveniências na velhice em relação a beber e comer. Portanto, ó rei, eu não aceitarei tua velhice. Esta é, de fato, minha determinação. Cabelos brancos na cabeça, desânimo e afrouxamento dos nervos, rugas por todo o corpo, deformidades, fraqueza dos membros, emaciação, incapacidade para o trabalho, derrota pelas mãos dos amigos e companheiros, estas são as consequências da velhice. Portanto, ó rei, eu não a desejo. Ó rei, tu tens muitos filhos que são caros para ti. Tu conheces os preceitos da virtude. Peça a outro filho teu para pegar tua decrepitude.’

Yayati respondeu, 'Tu vieste do meu coração, ó filho, mas não me deste tua juventude. Portanto, teus filhos nunca serão reis.' E ele continuou, endereçando-se a outro filho seu, 'Ó Turvasu, aceite esta minha fraqueza junto com minha decrepitude. Com tua mocidade, ó filho, eu gostaria de desfrutar dos prazeres da vida. Depois do lapso de mil anos completos eu devolverei para ti a juventude, e tu me devolverás minha fraqueza e velhice.'

Turvasu respondeu, 'Eu não gosto da decrepitude, ó pai, ela tira todos os apetites e prazeres, força e beleza de uma pessoa, intelecto, e até vida.' Yayati disse, 'Tu vieste do meu coração, ó filho! Mas tu não me deste tua juventude! Portanto, ó Turvasu, tua linhagem será extinta. Perverso, tu serás o rei daqueles cujas práticas e preceitos são impuros, entre os quais homens de sangue inferior procriam crianças em mulheres de sangue azul, que vivem da carne, que são vis, que não hesitam em se apropriar das esposas de seus superiores, cujas práticas são aquelas das aves e animais, que são pecaminosos, e não Arianos.'

Vaisampayana disse, 'Yayati, tendo assim amaldiçoado seu filho Turvasu, então se dirigiu a filho de Sarmishtha, Drahyu, dessa forma, 'Ó Drahyu, aceite por mil anos minha decrepitude destrutiva de beleza pessoal e me dê tua mocidade. Quando mil anos tiverem se passado, eu te devolverei tua mocidade e tu me darás de volta minha própria fraqueza e decrepitude.' A isto Drahyu respondeu, 'Ó rei, alguém decrépito nunca pode desfrutar de elefantes, carros, cavalos e mulheres. Até sua voz se torna inexpressiva. Portanto, eu não desejo tua decrepitude.' Yayati disse a ele, 'Tu vieste do meu coração, ó filho! Mas te recusaste a me dar tua juventude. Portanto, teus maiores desejos nunca serão realizados. Tu serás rei somente no nome, daquela região onde não há estradas para (a passagem de) cavalos e carros e elefantes, e bons veículos, e jumentos, e cabras e bois, e palanquins; onde há passagem somente por balsas e bóias.' Yayati em seguida se dirigiu a Anu e disse, 'Ó Anu, tome minha fraqueza e decrepitude. Eu com a tua juventude desfrutarei dos prazeres da vida por mil anos.' A isto Anu respondeu, 'Aqueles que são decrépitos sempre comem como crianças e estão sempre impuros. Eles não podem despejar as libações sobre o fogo na hora apropriada. Portanto, eu não gostaria de pegar tua decrepitude.' Yayati disse a ele, 'Tu vieste do meu coração, e não me deste tua juventude. Tu achaste tantos defeitos na decrepitude. Portanto, a decrepitude te vencerá! E, ó Anu, tua progênie também

logo que alcançar a juventude, morrerá. E tu também não poderás realizar sacrifícios perante o fogo.'

Yayati finalmente virou para seu filho mais novo, Puru, e disse a ele, 'Tu és, ó Puru, meu filho mais jovem! Mas tu serás o primeiro de todos! Decrepitude, rugas, e cabelos brancos vieram sobre mim por causa da maldição de Kavya chamado também de Usanas. Mas eu ainda não me saciei com minha juventude. Ó Puru, aceite minha fraqueza e velhice! Com a tua mocidade eu desfrutarei por alguns anos dos prazeres da vida. E quando mil anos tiverem se passado, eu devolverei tua mocidade e tu me devolverás minha própria decrepitude.'

Vaisampayana disse, 'Assim endereçado pelo rei, Puru respondeu com humildade, 'Eu farei, ó monarca, como tu me pedes. Eu pegarei, ó rei, tua fraqueza e decrepitude. Tome minha juventude e desfrute como quiseres dos prazeres de vida. Coberto com tua decrepitude e me tornando velho, eu, como me ordenas, continuarei a viver, dando a ti minha juventude.' Yayati então disse, 'Ó Puru, eu estou satisfeito contigo. E estando satisfeito, eu te digo que as pessoas no teu reino terão todos dos seus desejos realizados.'

E tendo dito, o grande asceta Yayati, então pensando em Kavya, transferiu sua velhice para o corpo de Puru de grande alma.'

85

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'O monarca excelente Yayati, o filho de Nahusha, tendo recebido a juventude de Puru, ficou extremamente satisfeito. E com ela ele mais uma vez começou a perseguir todos os seus prazeres prediletos ao limite de suas forças, de acordo com as épocas, para derivar o maior prazer deles. E, ó rei, em nada do que fez ele agiu contra os preceitos de sua religião porque ele se comportou bem. Ele satisfez os deuses com seus sacrifícios; os pitris, com Sraddhas; os pobres, com suas caridades; todos Brahmanas excelentes, por realizar seus desejos; todas as pessoas que tinham direito aos ritos de hospitalidade, com comida e bebida; os Vaisyas, com proteção; e os Sudras, com bondade. E o rei reprimiu todos os criminosos por meio de castigos apropriados. E Yayati, agradando a todos os seus súditos, os protegeu virtuosamente como outro Indra. E o monarca possuidor da bravura de um leão, com juventude e todos os objetos de prazer à disposição, desfrutou de felicidade ilimitada sem violar os preceitos da religião. E o rei se tornou muito feliz por assim poder desfrutar de todos os objetos excelentes de seus desejos. E ele somente ficava triste quando pensava que aqueles mil anos acabariam. E tendo obtido juventude por mil anos, o rei familiarizado com os mistérios do tempo, e observando Kalas e Kashthas apropriados se divertiu com (a donzela Celeste) Viswachi, às vezes no jardim belo de Indra, às vezes em Alaka (a Cidade de Kuvera), e às vezes no topo da

montanha Meru, no norte. E quando o monarca virtuoso viu que os mil anos tinham passado, ele convocou seu filho, Puru, e dirigiu-se a ele assim, 'Ó opressor de inimigos, com tua juventude, ó filho, eu tenho desfrutado dos prazeres da vida, cada um segundo sua época, para a satisfação dos meus desejos, ao limite dos meus poderes. Nossos desejos, no entanto, nunca são satisfeitos pela indulgência. Por outro lado, com indulgência, suas chamas só aumentam como o fogo com libações de manteiga. Se somente um homem fosse dono de tudo na Terra, de todas as suas produções de arroz e cevada, prata, ouro, e jóias, seus animais e mulheres, ele ainda não estaria contente. A sede de prazeres, portanto, deve ser abandonada. De fato, a felicidade verdadeira pertence àqueles que abandonaram sua sede por objetos mundanos, sede que é difícil de ser abandonada pelos vis e pecaminosos, e que é realmente a doença fatal do homem. Meu coração por mil anos esteve fixado sobre os objetos de desejos. Minha sede por eles, no entanto, aumentou dia a dia sem diminuir. Portanto, eu a lançarei fora, e fixando minha mente em Brahma passarei o resto dos meus dias com os veados inocentes na floresta, pacificamente e com o coração longe do desejo de objetos mundanos. E ó Puru, eu estou muito satisfeito contigo! Que a Prosperidade seja tua! Receba de volta esta tua juventude! Receba também o meu reino. Tu és, de fato, o filho que me fez os maiores serviços.'

Vaisampayana continuou, 'Então Yayati, o filho de Nahusha, recebeu de volta sua velhice. E seu filho Puru recebeu de volta sua própria juventude. E Yayati estava desejoso de instalar Puru, seu filho mais novo, no trono. Mas as quatro classes, com os Brahmanas em sua dianteira, então se dirigiram ao monarca dessa maneira, 'Ó rei, como tu entregarás teu reino a Puru, passando por cima de teu filho mais velho Yadu nascido de Devayani, e, portanto, o neto do grande Sukra? De fato, Yadu é teu filho mais velho; depois nasceu Turvasu; e dos filhos de Sarmishtha, o primeiro é Drahyu, então Anu e então Puru. Como o mais novo merece o trono, passando por todos os seus irmãos mais velhos? Isto nós expomos a ti! Ó, aja conforme a prática virtuosa.'

Yayati então disse, 'Ó quatro classes com os Brahmanas em sua liderança, ouçam minhas palavras quanto a por que meu reino não é dado para meu filho mais velho. Minhas ordens foram desobedecidas por meu filho mais velho, Yadu. Os sábios dizem que não é filho aquele que desobedece seu pai. O filho, no entanto, que obedece às licitações de seus pais, que procura o bem deles, que é agradável para eles, é de fato, o melhor dos filhos. Eu fui desconsiderado por Yadu e por Turvasu, também. E fui muito desconsiderado por Drahyu e por Anu também. Somente por Puru minha palavra foi obedecida. Por ele eu fui muito respeitado. Portanto, o mais novo será meu herdeiro. Ele aceitou minha velhice. De fato, Puru é meu amigo. Ele fez o que era muito agradável para mim. Foi ordenado também pelo próprio Sukra, o filho de Kavi, que, o filho meu que me obedecesse se tornaria rei depois de mim e traria toda a Terra sob seu domínio. Eu, portanto, suplico que deixem Puru ser instalado no trono.'

As pessoas então disseram, 'Verdadeiro é, ó rei, que o filho que realiza e procura o bem de seus pais merece prosperidade mesmo que ele seja o mais

jovem. Portanto, Puru, que tem feito o bem, merece a coroa. E como o próprio Sukra mandou, nós não temos nada a dizer a isto.'

Vaisampayana continuou, 'O filho de Nahusha, assim endereçado pelas pessoas contentes, então instalou seu filho, Puru, no trono. E tendo outorgado seu reino a Puru, o monarca realizou as cerimônias iniciais para se retirar para as florestas. E logo depois ele deixou sua capital, seguido por Brahmanas e ascetas.

Os filhos de Yadu são conhecidos pelo nome de Yadavas: enquanto aqueles de Turvasu vieram a ser chamados Yavanas. E os filhos de Drahyu são o Bhojas, enquanto os de Anu, Mlechchhas. A prole de Puru, no entanto, são os Pauravas, entre os quais, ó monarca, tu és nascido, para governar por mil anos com tuas paixões sob completo controle.'

86

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'O rei Yayati, o filho de Nahusha, tendo assim instalado seu filho querido no trono, ficou extremamente feliz, e se estabeleceu nas florestas para levar a vida de um eremita. E tendo vivido por algum tempo na floresta na companhia de Brahmanas, cumprindo muitos votos rígidos, comendo frutas e raízes, pacientemente suportando privações de todos os tipos, o monarca finalmente ascendeu ao céu. E tendo ascendido ao céu ele lá viveu em felicidade. Mas logo, no entanto, ele foi lançado do céu por Indra. E é sabido por mim, ó rei, que, embora arremessado do céu, Yayati, sem alcançar a superfície da Terra, ficou no firmamento. Sabe-se que algum tempo depois ele outra vez entrou na região dos celestiais na companhia de Vasuman, Ashtaka, Pratarddana, e Sivi.'

Janamejaya disse, 'Eu desejo saber em detalhes por que Yayati, tendo primeiro obtido admissão ao céu, foi expulso de lá, e por que também ele foi readmitido. Que tudo isto, ó Brahmana, seja narrado por ti na presença destes sábios regenerados. Yayati, senhor da Terra, foi, de fato, como o chefe dos celestiais. Progenitor da extensa linhagem dos Kurus, ele tinha o esplendor do Sol. Desejo ouvir integralmente a história de sua vida no céu e sobre a Terra, porque ele era ilustre, e de celebridade mundial e de realizações extraordinárias.'

Vaisampayana disse, 'De fato, eu recitarei para ti a história excelente das aventuras de Yayati na Terra e no céu. Esta história é sagrada e destrói os pecados daqueles que a ouvem.

O rei Yayati, o filho de Nahusha, tendo instalado seu filho mais novo, Puru, no trono depois de lançar seus filhos com Yadu como o mais velho entre os Mlechchhas, entrou na floresta para levar a vida de um eremita. E o rei comendo frutas e raízes viveu por um tempo na floresta. Tendo sua mente e paixões sob completo controle, o rei satisfez por meio de sacrifícios os Pitris e os deuses. E ele

despejou libações de manteiga clarificada sobre o fogo segundo os ritos prescritos para aqueles que seguem o modo de vida Vanaprastha. E o ilustre entreteve convidados e estranhos com os frutos da floresta e manteiga clarificada, enquanto ele mesmo levava a vida catando sementes de grãos espalhadas. E o rei levou aquele tipo de vida por mil anos completos. E cumprindo o voto de silêncio e com a mente sob seu completo controle ele passou um ano inteiro vivendo só do ar sem dormir. E ele passou outro ano praticando as mais severas austeridades no meio dos quatro fogos em volta e com o Sol sobre a cabeça. E, vivendo só do ar, ele ficou ereto sobre um perna por seis meses. E o rei de atos sagrados ascendeu ao céu, cobrindo o céu assim como a Terra (com a fama das suas realizações)'.

87

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Enquanto aquele rei dos reis morou no céu, o lar dos celestiais, ele foi reverenciado pelos deuses, os Sadhyas, os Maruts, e os Vasus. De atos sagrados, e mente sob completo controle, o monarca costumava ir ocasionalmente da residência dos celestiais para a região de Brahman. E é sabido que ele morou muito tempo no céu.

Um dia aquele melhor dos reis, Yayati, foi até Indra e durante a conversa o senhor da Terra foi questionado por Indra como segue:

'O que disseste, ó rei, quando teu filho Puru aceitou tua velhice sobre a Terra e quando tu destes teu reino a ele?'

Yayati respondeu, 'Eu disse a ele que todo aquele país entre os rios Ganga e Yamuna eram dele. Aquela é, de fato, a região central da Terra, enquanto as regiões afastadas são os domínios dos irmãos dele. Eu também disse a ele que aqueles sem raiva eram sempre superiores àqueles sobre os quais ela domina, e aqueles dispostos a perdoar eram sempre superiores àqueles que não perdoavam. O homem é superior aos animais inferiores. Entre os homens os eruditos são superiores aos não eruditos. Se ofendido, tu não deves ofender em retorno. A raiva de alguém, se desconsiderada, queima a própria pessoa; mas aquele que não a considera toma as virtudes daquele que a exibiu. Nunca deves ferir outros por meio de palavras cruéis. Nunca subjugues teus inimigos por meios desprezíveis; e nunca profiras palavras ardentes e pecaminosas que possam torturar outros. Aquele que aferroa como se com espinhos os homens por meio de palavras duras e cruéis, tu deves saber, sempre carrega em sua boca os Rakshasas. Prosperidade e sorte fogem à própria visão dele. Tu deves sempre manter os virtuosos perante ti como teus modelos; tu deves sempre com olhar retrospectivo comparar teus atos com aqueles dos virtuosos; tu não deves dar atenção às palavras duras dos perversos. Tu deves sempre fazer da conduta dos sábios o modelo a partir do qual tu mesmo ages. O homem ferido pelas flechas

das palavras cruéis lançadas dos lábios de uma pessoa lamenta dia e noite. De fato, elas afetam o âmago do corpo. Portanto os sábios nunca lançam estas flechas nos outros. Não há nada nos três mundos pelo qual tu possas cultuar e adorar as divindades melhor do que pela bondade, amizade, caridade e palavras gentis para todos. Portanto, tu deves sempre proferir palavras que acalmam, e não as que queimam. E deves respeitar aqueles que merecem teus respeitos, e deves sempre dar mas nunca pedir!"

88

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois disto Indra outra vez perguntou a Yayati, 'Tu te retiraste às florestas, ó rei, depois de cumprires todos os teus deveres. Ó Yayati, filho de Nahusha, eu pergunto a ti a quem tu és igual em austeridades ascéticas.' Yayati respondeu, 'Ó Vasava, na questão de austeridades ascéticas eu não vejo meu igual entre os homens, os celestiais, os Gandharvas, e os grandes Rishis.' Indra então disse, 'Ó monarca, porque tu desrespeitaste aqueles que são teus superiores, teus iguais, e até teus inferiores, sem, realmente, conheceres os méritos reais deles, tuas virtudes diminuíram e tu deves cair do céu.' Yayati então disse, 'Ó Sakra, se, de fato, minhas virtudes realmente diminuíram e eu devo por causa disso cair do céu, eu desejo, ó chefe dos celestiais, pelo menos cair entre os virtuosos e os honestos.' Indra respondeu, 'Ó rei, tu cairás entre aqueles que são virtuosos e sábios, e tu adquirirás também muito renome. E depois dessa tua experiência, ó Yayati, nunca mais desconsideres aqueles que são teus superiores ou mesmo teus iguais.'

Vaisampayana continuou, 'Por isso Yayati caiu da região dos celestiais. E enquanto estava caindo, ele foi visto por aquele principal dos sábios reais, Ashtaka, o protetor da sua própria religião. Ashtaka vendo ele perguntou, 'Quem és tu, ó jovem de beleza igual à de Indra, em esplendor como o fogo ardente, assim caindo do alto? Tu és aquele principal dos corpos que percorrem o céu, o Sol, emergindo de massas escuras de nuvens? Vendo-te caído do curso solar, possuidor de energia incomensurável e do esplendor do fogo ou do sol, todos estão curiosos quanto ao porque estás assim a cair, e, além disso, privado de consciência! Vendo-te no caminho dos celestiais, possuidor de energia como a de Sakra, ou Surya, ou Vishnu, nós nos aproximamos de ti para averiguar a verdade. Se tu tiveste primeiro perguntado quem nós somos, nós nunca teríamos sido culpados da incivilidade de perguntar a ti primeiro. Nós agora perguntamos a ti quem tu és e por que te aproximaste daqui. Que teus medos se dissipem; que tuas dores e aflições cessem. Tu estás agora na presença dos virtuosos e sábios. Mesmo o próprio Sakra, o matador de Vala, não pode aqui te ferir de nenhum modo. Ó tu que tens a destreza do chefe dos celestiais, os sábios e os virtuosos são o amparo de seus irmãos em aflição. Aqui não há ninguém exceto os sábios e virtuosos como tu reunidos. Portanto, fiques aqui em paz. Só o Fogo tem poder de

dar calor. Só a Terra tem poder de dar vida à semente. Só o sol tem poder de iluminar tudo. Assim só o convidado tem poder para comandar os virtuosos e os sábios.'

89

(Continuação do Sambhava Parva)

Yayati disse, 'Eu sou Yayati, o filho de Nahusha e o pai de Puru. Rejeitado da região dos celestiais e dos Siddhas e Rishis por ter desconsiderado todas as criaturas, eu estou caindo, pois minha virtude diminuiu. Em idade eu sou mais velho do que vocês; portanto, eu não saudei vocês primeiro. De fato, os Brahmanas sempre reverenciam aquele que é mais velho ou superior em erudição ou em mérito ascético.'

Ashtaka então respondeu, 'Tu disseste, ó monarca, que o mais velho é digno de respeito. Mas é dito que é realmente digno de culto aquele que é superior em conhecimento e mérito ascético.'

Yayati respondeu a isto, 'É dito que o pecado destrói os méritos das quatro ações virtuosas. A vaidade contém o elemento que leva ao inferno. Os virtuosos nunca seguem os passos dos malévolos. Eles agem de tal modo que seu mérito religioso sempre aumenta. Eu mesmo tenho grande mérito religioso, mas tudo aquilo, no entanto, se foi. Eu dificilmente serei capaz de recuperá-lo mesmo por meus melhores esforços. Vendo meu destino, aquele que quer alcançar seu próprio bem certamente suprimirá a vaidade. Aquele que tendo adquirido grande riqueza realiza sacrifícios meritórios, que tendo adquirido todos os tipos de conhecimento permanece humilde, e que tendo estudado todos os Vedas se devota ao ascetismo com o coração afastado de todos os prazeres banais, vai para o céu. Ninguém deve exultar por ter adquirido grande riqueza. Ninguém deve ser vaidoso por ter estudado todos os Vedas. No mundo os homens são de disposições diferentes. O Destino é supremo. Poder e esforço são inúteis. Sabendo que o Destino é todo-poderoso, os sábios, qualquer que seja sua sina, não devem se regozijar nem sofrer. Quando as criaturas sabem que seu bem estar e dor dependem do Destino e não do seu próprio esforço ou poder, elas nunca devem sofrer nem se regozijar, lembrando que o Destino é todo-poderoso. O sábio deve sempre viver contente, nem sofrendo na dor nem se regozijando na felicidade. Quando Destino é supremo, a dor e a exultação são inconvenientes. Ó Ashtaka, eu nunca me permito ser vencido pelo medo, nem nutro aflição, sabendo por certo que eu serei no mundo o que o grande ordenador determinou. Insetos e vermes, todas as criaturas ovíparas, vegetais, todos os animais que rastejam, animais daninhos, os peixes na água, pedras, grama, florestas, de fato, todas as coisas criadas, quando são libertas dos efeitos de suas ações, são unidas com a Alma Suprema. Felicidade e tristeza são ambas transitórias. Portanto, ó Ashtaka, por que eu deveria sofrer? Nós nunca podemos saber como devemos agir para evitar a miséria. Portanto, ninguém deve se afligir pela miséria.'

Possuidor de todas as virtudes, o rei Yayati que era o avô materno de Ashtaka, enquanto permanecia no firmamento, na conclusão de seu discurso, foi outra vez questionado por Ashtaka. O último disse, 'Ó rei dos reis, fale-me, em detalhes, sobre todas as regiões que tu visitaste e desfrutaste, assim como o período pelo qual tu desfrutaste de cada uma. Tu falaste dos preceitos de religião assim como os mestres inteligentes conhecedores das ações e ditados dos grandes seres!' Yayati respondeu, 'Eu fui um grande rei sobre a Terra, possuindo domínio sobre todo o mundo. O deixando, eu alcancei por força de mérito religioso muitas regiões elevadas. Lá eu morei por mil anos, e então eu alcancei a elevada região da residência de Indra, de beleza extraordinária tendo mil portões, e se estendendo por cem yojanas em volta. Lá também, eu morei por mil anos e então alcancei ainda uma região mais elevada ainda. Aquela é a região da beatitude perfeita, onde a decadência não existe, a região do Criador e Senhor da Terra, tão difícil de alcançar. Lá também eu morei por mil anos completos, e então alcancei outra região muito elevada, aquela do deus dos deuses (Vishnu) onde, também, eu vivi em felicidade. De fato, eu morei em várias regiões, adorado por todos os celestiais, e possuidor de destreza e esplendor iguais aos dos próprios celestiais. Capaz de assumir qualquer forma que quisesse, eu vivi por um milhão de anos nos jardins de Nandana me divertindo com as Apsaras e contemplando inúmeras árvores belas vestidas de flores e que exalavam um perfume delicioso. E depois de muitos, muitos anos terem decorrido, enquanto ainda residia lá em prazer e beatitude perfeita, o mensageiro celeste de aparência austera, um dia, em uma voz alta e profunda, gritou três vezes para mim: ‘Arruinado! Arruinado! Arruinado!’ Ó leão entre reis, disto eu me lembro muito bem. Eu então caí de Nandana, meus méritos religiosos acabados! Eu ouvi nos céus, ó rei, as vozes dos celestiais exclamando em aflição: ‘Ai! Que desgraça! Yayati, com seus méritos religiosos destruídos, embora virtuoso e de atos sagrados, está caindo!’ E enquanto eu estava caindo, eu perguntei a eles ruidosamente, 'Onde, ó celestiais, estão aqueles sábios entre os quais eu vou cair?' Eles indicaram para mim esta sagrada região sacrifical que pertence a vocês. Vendo os anéis de fumaça enegrecendo a atmosfera e sentindo o perfume de manteiga clarificada derramada incessantemente sobre o fogo, e guiado por estes, eu estou me aproximando desta tua região, profundamente contente por vir entre vocês.’

90

(Continuação do Sambhava Parva)

Ashtaka disse, 'Capaz de assumir qualquer forma que quisesses, tu viveste por um milhão de anos nos jardim de Nandana. Por que causa, ó principal dentre aqueles que floresceram na era Krita, tu fostes compelido a deixar aquela região e vir para cá?' Yayati respondeu, 'Como parentes e amigos abandonam, neste mundo, aqueles cuja riqueza desaparece, também, no outro mundo, os celestiais com Indra como seu chefe abandonam os que perderam sua virtude.' Ashtaka

disse, 'Eu estou extremamente ansioso para saber como no outro mundo os homens podem perder a virtude. Diga-me também, ó rei, que regiões são alcançáveis por quais atitudes. Tu és conhecedor, eu sei, das ações e ditados dos grandes seres.'

Yayati respondeu, 'Ó pio, aqueles que falam de seus próprios méritos estão fadados a sofrerem o inferno chamado Bhauma. Embora realmente emaciados e magros, eles parecem crescer sobre a Terra (na forma de seus filhos e netos) somente para virar comida para urubus, cachorros, e chacais. Portanto, ó rei, este vício altamente censurável e mau deve ser reprimido. Eu agora, ó rei, te disse tudo. Diga-me o que mais eu devo falar.'

Ashtaka disse, 'Quando a vida é destruída com a idade, urubus, pavões, insetos e vermes comem o corpo humano. Onde o homem então reside? Como ele também volta à vida? Eu nunca soube de nenhum inferno chamado Bhauma na Terra!'

Yayati respondeu, 'Depois da dissolução do corpo, o homem, de acordo com seus atos, entra novamente no útero de sua mãe e fica lá em uma forma indistinta, e logo depois assumindo uma forma distinta e visível reaparece no mundo e caminha em sua superfície. Este é aquele inferno-na-terra (Bhauma) onde ele cai, pois ele não vê o término de sua existência e não age em direção à sua emancipação. Alguns moram por sessenta mil anos, alguns, por oitenta mil anos no céu, e então eles caem. E quando eles caem, eles são atacados por certos Rakshasas na forma de filhos, netos, e outros parentes, que afastam seus corações do agir pela própria emancipação.'

Ashtaka perguntou, 'Por que pecado os seres, quando caem do céu, são atacados por aqueles ferozes Rakshasas de dentes afiados? Por que eles não são reduzidos à aniquilação? Como eles entram no útero novamente, equipados com sentidos?'

Yayati respondeu, 'Depois de cair do céu, o ser se torna uma substância sutil vivendo na água. Aquela água se torna o sêmen de onde vem a semente de vitalidade. Então entrando no útero da mãe na época propícia feminina, ele se desenvolve no embrião e em seguida na vida visível como o fruto da flor. Entrando em árvores, plantas, e outras substâncias vegetais, água, ar, terra, e espaço, aquela semente aquosa de vida assume a forma quadrúpede ou bípede. Este é o caso com todas as criaturas que você vê.'

Ashtaka disse, 'Ó diga-me, eu te peço porque eu tenho minhas dúvidas. Um ser que recebeu uma forma humana entra no útero em sua forma própria ou em alguma outra? Como ele também adquire sua forma distinta e visível, olhos e orelhas e consciência também? Questionado por mim, ó, explique tudo isso! Tu és, ó pai, conhecedor das ações e ditados dos grandes seres.' Yayati respondeu, 'Segundo os méritos de suas ações, o ser que em uma forma sutil é co-inerente na semente que é derramada no útero é atraída pela força atmosférica para propósitos de renascimento. Este então se desenvolve lá com o tempo; primeiro vira embrião, e é em seguida provido com o organismo físico visível. Saindo do

útero no tempo oportuno, ele se torna consciente de sua existência como homem, e com suas orelhas se torna consciente do som; com seus olhos, da cor e forma; com seu nariz, dos aromas; com sua língua, do gosto; com todo seu corpo, do toque; e com sua mente, das idéias. É assim, ó Ashtaka, que este corpo grosseiro e visível se desenvolve da essência sutil.'

Ashtaka perguntou, 'Depois da morte, o corpo é queimado, ou destruído de outra maneira. Reduzido ao nada após tal dissolução, por qual princípio uma pessoa revive?' Yayati disse, 'Ó leão entre reis, a pessoa que morre assume uma forma sutil; e retendo a consciência de todos os seus atos como em um sonho, ela entra em uma outra forma com uma velocidade mais rápida do que a do próprio ar. Os virtuosos alcançam (formas) superiores, e os viciosos formas inferiores de existência. Os viciosos se tornam vermes e insetos. Eu não tenho nada mais a dizer, ó tu de alma grande e pura! Eu disse a ti como os seres nascem, depois do desenvolvimento das formas embrionárias, como criaturas de quatro pés, seis pés e outras com mais pés. O que mais tu me perguntarás?'

Ashtaka disse, 'Como, ó pai, os homens alcançam àquelas regiões superiores onde não há retorno para a vida terrena? É por meio de ascetismo ou por conhecimento? Como também uma pessoa pode gradualmente alcançar regiões felizes? Questionado por mim, ó, responda integralmente.'

Yayati respondeu, 'Os sábios dizem que para os homens há sete portões através dos quais a admissão ao Céu pode ser ganha. Há o ascetismo, benevolência, tranquilidade de mente, autodomínio, modéstia, simplicidade e bondade para com todas as criaturas. Os sábios também dizem que uma pessoa perde tudo isso por consequência da vaidade. O homem que tendo adquirido conhecimento se considera um erudito, e com sua erudição destrói a reputação de outros, nunca alcança as regiões de felicidade indestrutível. Aquele conhecimento também não faz seu possuidor competente para alcançar Brahma. Estudo, taciturnidade, culto perante o fogo e sacrifícios, estes quatro removem todo o temor. Quando, no entanto, eles estão misturados com vaidade, em vez de removerem eles causam o temor. O sábio nunca deve exultar por (receber) honras nem sofrer por causa de insultos. Por isso é só o sábio que honra o sábio; o mau nunca age como o virtuoso. ‘Eu tenho doado tanto’, ‘Eu tenho realizado tantos sacrifícios’, ‘Eu tenho estudado tanto’, ‘Eu tenho cumprido estes votos’: tal vaidade é a raiz do medo. Portanto, tu não deves te entregar a tais sentimentos. Os homens eruditos que aceitam como seu amparo somente o imutável, inconcebível Brahma que sempre derrama bênçãos sobre pessoas virtuosas como tu, desfrutam da paz perfeita aqui e na vida após a morte.'

91

(Continuação do Sambhava Parva)

Ashtaka disse, ‘Os conhecedores dos Vedas diferem em opinião quanto a como os seguidores de cada um dos quatro modos de vida, Grihasthas, Bhikshus,

Brahmacharins, e Vanaprashthas, devem se conduzir para adquirir mérito religioso.'

Yayati respondeu, 'Isto é o que um Brahmacharin deve fazer. Enquanto morando na casa de seu preceptor, ele deve receber aulas somente quando seu preceptor o convocar para isto; ele deve se encarregar do serviço de seu preceptor sem esperar pelas ordens do último; ele deve se levantar da cama antes de seu preceptor, e ir para a cama depois que seu preceptor for dormir. Ele deve ser humilde, deve ter suas paixões sob completo controle, deve ser paciente, vigilante, e dedicado aos estudos. É somente dessa forma que ele pode alcançar o sucesso. É dito no mais antigo Upanishad que um grihastha, adquirindo riqueza por meios honestos, deve realizar sacrifícios; deve sempre dar alguma coisa em caridade, deve realizar os ritos de hospitalidade a todos os que chegarem em sua residência, e nunca deve usar alguma coisa sem dar uma porção desta para outros. Um Muni, sem procurar por florestas, dependendo da sua própria energia, deve se abster de todas as ações violentas, deve dar alguma coisa em caridade e não deve nunca infligir dor à qualquer criatura. É somente dessa forma que ele pode alcançar o sucesso. É, de fato, um verdadeiro Bhikshu aquele que não se sustenta por nenhum trabalho manual, que possui numerosos talentos, que tem suas paixões sob total controle, que não tem relação com assuntos mundanos, que não dorme sob o abrigo do telhado de um chefe de família, que não tem esposa, e que percorrendo um pouco do caminho todo dia, viaja por grande parte do país. Um homem erudito deve adotar o modo de vida Vanaprastha depois do desempenho dos ritos necessários, quando ele for capaz de controlar seus apetites por prazer e o desejo de adquirir posses de valor. Quando alguém morre nas florestas levando o modo de vida Vanaprastha, ele faz com que seus antepassados e sucessores, numerando dez gerações incluindo ele mesmo, se unam com a essência Divina.'

Ashtaka perguntou, 'Quantos tipos de Munis existem (observadores do voto de silêncio)?'

Yayati respondeu, 'É, de fato, um Muni quem, embora vivendo nas florestas, tem um lugar habitado perto, ou quem, embora morando em um lugar habitado, tem as florestas perto.'

Ashtaka perguntou o que é designado por Muni. Yayati respondeu, 'Um Muni se afastando de todos os objetos mundanos vive nas florestas. E embora ele nunca possa procurar se rodear com aqueles objetos que são obteníveis em um lugar habitado, ele pode ainda assim obtê-los todos por virtude de seu poder ascético. Pode realmente ser citado (como um Muni) alguém que mora nas florestas tendo um lugar habitado por perto. Além disso um homem sábio afastado de todos os objetos mundanos pode viver em uma aldeia levando a vida de um eremita. Ele nunca pode exibir o orgulho de família, nascimento ou aprendizagem. Vestido escassamente, ele pode ainda se considerar como vestido nas mais ricas vestimentas. Ele pode descansar contente com comida o suficiente para o sustento da vida. Tal pessoa, embora morando em um lugar habitado, vive nas florestas.

A pessoa que, com as paixões sob controle completo, adota o voto de silêncio, se abstendo da ação e não nutrindo desejos, alcança o sucesso. Por que tu não deverias, de fato, reverenciar o homem que vive de alimento puro, que sempre se abstém de ferir outros, cujo coração é sempre puro, que se mantém no esplendor de atributos ascéticos, que está livre do peso do desejo, que se abstém de ferir mesmo quando sancionado pela religião? Emaciado por austeridades e reduzido em carne, medula e sangue, tal homem não conquista só este, mas também o mundo mais elevado. E quando o Muni senta em meditação iogue, se tornando indiferente à felicidade e tristeza, honra e insulto, ele então deixa o mundo e desfruta da comunhão com Brahma. Quando o Muni pega comida como vinho e outros animais sem providenciá-la anteriormente e sem nenhuma gula (como um bebê adormecido se alimentado no colo da mãe), então como o Espírito que tudo permeia ele se identifica com todo o universo e alcança a salvação.'

92

(Continuação do Sambhava Parva)

Ashtaka perguntou, 'Quem entre estes, ó rei, ambos empenhando-se constantemente como o Sol e a Lua, alcança primeiro a comunhão com Brahma, o asceta ou o homem de conhecimento?'

Yayati respondeu, 'O sábio, com a ajuda dos Vedas e do Conhecimento, tendo averiguado que o universo visível é ilusório, imediatamente percebe o Espírito Supremo como a única essência independente existente. Enquanto aqueles que se dedicam à meditação Ioga levam tempo para adquirir o mesmo conhecimento, pois é só pela prática que estes últimos se livram da consciência de qualidade. Daí o sábio alcança primeiro a salvação. Então também se a pessoa dedicada ao Ioga não encontra tempo suficiente em uma vida para alcançar o sucesso, sendo desencaminhada pelas atrações do mundo, em sua próxima vida ela é beneficiada pelo progresso já alcançado, pois ela se devota pesarosamente à busca de êxito. Mas o homem de conhecimento sempre contempla a unidade indestrutível, e, portanto, embora imerso em prazeres mundanos, no fundo nunca é afetado por eles. Portanto, não há nada para impedir sua salvação. Aquele, no entanto, que falha em alcançar conhecimento deve ainda se dedicar à piedade como dependente da ação (sacrifícios). Mas aquele que se dedica à tal piedade movido pelo desejo de salvação não pode nunca alcançar o sucesso. Seus sacrifícios não dão frutos e partilham da natureza da crueldade. Piedade que é dependente da ação que não procede do desejo de resultados, é, no caso de tais homens, o próprio Ioga.'

Ashtaka disse, 'Ó rei, tu pareces um homem jovem; és bonito e estás ornado com uma guirlanda celeste. Teu esplendor é grandioso! De onde tu vens e para onde vais? És mensageiro de quem? Tu estás descendo para a Terra?'

Yayati disse, 'Caído do céu após a perda de todos os meus méritos religiosos, eu estou condenado a entrar no inferno-terra. De fato, eu irei para lá depois de ter terminado minha conversa contigo. Mesmo agora os regentes dos pontos do universo me mandam ir logo para lá. E, ó rei, eu obtive como um benefício de Indra que embora eu devesse cair sobre a terra eu ainda cairia entre os sábios e virtuosos. Vocês todos que estão reunidos aqui são sábios e virtuosos.'

Ashtaka disse, 'Tu és conhecedor de tudo. Eu te pergunto, ó rei, há alguma região para eu desfrutar no céu ou no firmamento? Se há, então, tu não cairás, embora caindo.'

Yayati respondeu, 'Ó rei, há tantas regiões para ti desfrutar no céu como o número de vacas e cavalos sobre a Terra com os animais nas selvas e nas colinas.'

Ashtaka disse, 'Se há mundos para eu desfrutar, como frutos dos meus méritos religiosos, no céu, ó rei, eu os dou todos para ti. Portanto, embora caindo, tu não cairás. Ó, aceite logo todos eles, onde quer que eles estejam, no céu ou no firmamento. Que a tua tristeza cesse.'

Yayati respondeu, 'Ó melhor dos reis, somente um Brahmana conhecedor de Brahma pode aceitá-los como presente, mas não um como nós. E, ó monarca, eu mesmo tenho doado para Brahmanas como se deve. Que nenhum homem que não seja um Brahmana e que nenhuma esposa de um Brahmana erudito viva em infâmia por aceitar doações. Enquanto na terra, eu sempre desejei realizar ações virtuosas. Nunca tendo agido assim antes, como agora eu aceitarei um presente?'

Pratardana que estava entre eles então perguntou, 'Ó tu de bela forma, eu sou Pratardana por nome. Eu te pergunto se há mundos para eu desfrutar como frutos dos meus méritos religiosos, no céu ou no firmamento? Responda-me, tu és conhecedor de tudo.'

Yayati disse, 'Ó rei, mundos inumeráveis, cheios de felicidade, refulgentes como o disco solar, e onde a dor nunca mora, te esperam. Se tu habitares em cada um deles somente sete dias, eles ainda não se esgotarão.'

Pratardana disse, 'Estes então eu dou a ti. Portanto, embora caindo, tu não deves cair. Que os mundos que são meus sejam teus, estejam eles no firmamento ou no céu. Ó, pegue-os logo. Que a tua dor cesse.'

Yayati respondeu, 'Ó monarca, nenhum rei de igual energia deve desejar receber como presente os méritos religiosos de outro rei adquiridos por austeridades de Ioga. E nenhum rei que sofre calamidade através do destino deve, se sábio, agir de modo censurável. Um rei mantendo seu olho fixo sempre na virtude deve andar pelo caminho da virtude como eu faço e, sabendo quais são seus deveres, não deve agir tão sovinamente como tu indicaste. Quando outros desejosos de adquirir méritos religiosos não aceitam presentes, como posso eu fazer o que eles mesmos não fazem?' Na conclusão deste discurso, aquele

melhor dos reis, Yayati, foi então endereçado por Vasumat nas seguintes palavras.'

93

(Continuação do Sambhava Parva)

Vasumat disse, 'Eu sou Vasumat, o filho de Oshadaswa. Eu pergunto a ti, ó rei, se há mundos quaisquer para eu desfrutar como frutos dos meus méritos religiosos, no céu ou no firmamento. Tu és, ó de grande alma, conhecedor de todas as regiões sagradas.'

Yayati respondeu, 'Há tantas regiões para ti desfrutar no céu como o número de lugares no firmamento, na Terra e nos dez pontos do universo iluminados pelo sol.'

Vasumat então disse, 'Eu as dou para ti. Que as regiões que são para mim sejam tuas. Portanto, embora caindo, tu não cairás. Se aceitá-las como presente é impróprio para ti, então, ó monarca, compre-as por uma bagatela.'

Yayati respondeu, 'Eu não me lembro de alguma vez ter comprado e vendido qualquer coisa injustamente. Isto nunca foi feito por outros reis. Portanto como eu farei isto?'

Vasumat disse, 'Se comprá-las, ó rei, é considerado por ti como impróprio, então aceite-as como doadas por mim. Por mim mesmo eu respondo que eu nunca irei para aquelas regiões que são para mim. Que elas, portanto, sejam tuas.'

Sivi então se dirigiu ao rei assim, ‘Eu sou, ó rei, Sivi por nome, o filho de Usinara. Ó pai, há no firmamento ou no céu quaisquer mundos para eu desfrutar? Tu conheces todas as regiões que alguém possa desfrutar como fruto de seu mérito religioso.’

Yayati disse, 'Tu nunca, por palavras ou em mente, desconsideraste os honestos e virtuosos empregados por ti. Há mundos infinitos para tu desfrutares no céu, todos brilhantes como o relâmpago.' Sivi então disse, 'Se tu consideras sua compra como imprópria, eu os dou para ti. Pegue todos eles, ó rei! Eu nunca irei para aquelas regiões onde os sábios nunca sentem a mínima inquietação.'

Yayati respondeu, 'Ó Sivi, tu, de fato, obtiveste para ti mesmo, possuidor da destreza de Indra, mundos infinitos. Mas eu não desejo desfrutar de regiões dadas a mim por outros. Portanto, eu não aceito o teu presente.'

Ashtaka então disse, 'Ó rei, cada um de nós tem expressado seu desejo de dar mundos que cada um de nós adquiriu por méritos religiosos. Tu não os aceitaste. Mas deixando-os para ti, nós desceremos à terra-inferno.'

Yayati respondeu, 'Vocês todos são amantes da verdade e sábios. Dêem-me o que eu merecer. Eu não poderei fazer o que eu nunca fiz antes.'

Ashtaka então disse, 'De quem são aqueles cinco carros dourados que nós vemos? Os homens vão para as regiões de felicidade eterna neles?'

Yayati respondeu, 'Aqueles cinco carros dourados expostos em glória, e ardentes como fogo, de fato, levarão vocês para as regiões de felicidade.'

Ashtaka disse, 'Ó rei, suba naqueles carros e vá para o céu. Nós podemos esperar. Nós te seguiremos no momento (certo)'.

Yayati disse, ‘Nós todos podemos ir juntos. De fato, todos nós conquistamos o céu. Vejam, o glorioso caminho para o céu se torna visível.’

Vaisampayana continuou, 'Então todos aqueles excelentes monarcas naqueles carros foram para o céu ganhando entrada nele, iluminando todo o firmamento pela glória de suas virtudes.'

Então Ashtaka quebrando o silêncio perguntou, 'Eu sempre tinha pensado que Indra era meu amigo especial, e por isso eu, de todos os outros, deveria primeiro obter a entrada no céu. Mas como aquele filho de Usinara, Sivi, já nos deixou para trás?'

Yayati respondeu, 'Aquele filho de Usinara deu tudo o que possuía para alcançar a região de Brahman. Portanto, ele é o principal entre nós. Além disso, a generosidade de Sivi, ascetismo, verdade, virtude, modéstia, perdão, amabilidade, desejo de realizar bons atos, têm sido tão grandiosos que ninguém poderia medi-los!'

Vaisampayana continuou, 'Depois disto, Ashtaka, impelido pela curiosidade outra vez perguntou a seu avô materno parecido com o próprio Indra, dizendo, 'Ó rei, eu peço a ti, me diga realmente, de onde tu és, quem és, e de quem és filho? Há algum outro Brahmana ou Kshatriya que fez o que tu fizeste na terra?' Yayati respondeu, 'Eu digo a ti realmente, eu sou Yayati, o filho de Nahusha e o pai de Puru. Eu fui senhor de toda a Terra. Vocês são meus parentes; eu digo a ti realmente, eu sou o avô materno de vocês todos. Tendo conquistado toda a terra, eu dei roupas para Brahmanas e também uma centena de belos cavalos adequados para oferendas sacrificais. Por tais ações de virtude, os deuses se tornam propícios àquele as realiza. Eu também dei para Brahmanas toda esta terra com seus cavalos e elefantes e vacas e todas as espécies de riquezas em ouro, junto com cem Arbudas de excelentes vacas leiteiras. A terra e o firmamento existem devido à minha verdade e virtude; o fogo ainda queima no mundo dos homens devido à minha verdade e virtude. Nunca uma palavra falada por mim foi falsa. É por isso que os sábios adoram a Verdade. Ó Ashtaka, tudo o que eu te disse, e Pratardana, e Vasumat, é a própria Verdade. Eu sei com certeza que os deuses e os Rishis e todas as mansões dos abençoados são encantadores somente por causa da Verdade que caracteriza eles todos. Aquele que sem

malícia ler devidamente para Brahmanas este relato da nossa ascensão para o céu sem dúvida alcançará os mesmos mundos que nós.'

Vaisampayana continuou, 'Foi assim que o rei ilustre Yayati de grandes realizações, resgatado por seus descendentes (parentes, mas não em linha direta), ascendeu para o céu, deixando a terra e cobrindo os três mundos com a fama de seus atos.'

94

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó encantador, eu desejo ouvir as histórias daqueles reis que eram descendentes de Puru. Diga-me como cada um era possuidor de coragem e realizações. Eu, de fato, soube que na linha de Puru não houve um único que não tivesse bom comportamento e destreza, ou que não tivesse filhos. Ó tu de riqueza ascética, eu desejo ouvir em detalhes as histórias daqueles monarcas famosos dotados com conhecimento e todos os talentos.'

Vaisampayana disse, ‘Perguntado por ti, eu te direi tudo acerca dos reis heróicos da linha de Puru, todos iguais a Indra em destreza, possuindo grande riqueza e autoridade sobre tudo por causa de suas muitas habilidades.

Puru teve com sua mulher Paushti três filhos, Pravira, Iswara, e Raudraswa, todos eram poderosos guerreiros em carros. Entre eles, Pravira foi o perpetuador da dinastia. Pravira teve com sua mulher Suraseni um filho chamado Manasyu. E o último de olhos como pétalas de lótus teve sob seu domínio toda a Terra limitada pelos quatro mares. E Manasyu teve como sua mulher Sauviri. E ele gerou nela três filhos chamados Sakta, Sahana, e Vagmi. E eles foram heróis em batalha e poderosos guerreiros em carros. O inteligente e virtuoso Kaudraswa gerou na Apsara Misrakesi dez filhos que foram todos grandes arqueiros. E eles todos se tornaram heróis, realizando em honra dos deuses numerosos sacrifícios. E eles todos tiveram filhos, eram eruditos em todos os ramos de conhecimento e sempre dedicados à virtude. Eles eram Richeyu, e Kaksreyu e Vrikeyu de grande destreza; Sthandileyu, e Vaneyu, e o famoso Jaleyu; Tejeyu de grande força e inteligência; e Satyeyu da bravura de Indra; Dharmeyu, e Sannateyu, o décimo, de coragem dos celestiais. Entre eles todos, Richeyu se tornou o monarca de toda a terra e foi conhecido pelo nome de Anadhrishti. E em destreza ele era como Vasava entre os celestiais. E Anadhristi teve um filho de nome Matinara que virou um famoso e virtuoso rei e realizou o Rajasuya e o sacrifício de cavalos. E Matinara teve quatro filhos de heroísmo imensurável, Tansu, Mahan, Atiratha, e Druhyu de glória incomensurável. (Entre eles, Tansu de grande destreza virou o perpetuador da linhagem Puru). E ele subjugou toda a terra e adquiriu grande fama e esplendor. E Tansu gerou um filho de grande destreza chamado Ilina. E ele virou o principal de todos os conquistadores e trouxe o mundo sob sua total submissão. E Ilina gerou

em sua mulher Rathantara cinco filhos sendo Dushmanta o primeiro, todos iguais aos cinco elementos em poder. Eles eram Dushmanta, Sura, Bhima, Pravasu, e Vasu. E, ó Janamejaya, o mais velho deles, Dushmanta, virou rei. E Dushmanta teve com sua mulher Sakuntala um filho inteligente chamado Bharata que se tornou rei. E Bharata deu seu nome à linhagem da qual ele foi o fundador. E é por causa dele que a fama desta dinastia se espalhou totalmente. E Bharata gerou em sua três esposas nove filhos ao todo. Mas nenhum deles era como seu pai e assim Bharata não estava satisfeito com eles. Suas mães, portanto, ficaram zangadas e mataram eles todos. A procriação de filhos por Bharata, portanto, foi infrutífera. O monarca então realizou um grande sacrifício e através da graça de Bharadwaja obteve um filho chamado Bhumanyu. E então Bharata, o grande descendente de Puru, se considerando como realmente possuidor de um filho, instalou, ó principal da linhagem Bharata, aquele filho como seu herdeiro presuntivo. E Bhumanyu gerou em sua mulher, Pushkarini, seis filhos chamados Suhotra, Suhotri, Suhavih, Sujeya, Diviratha e Kichika. O mais velho deles todos, Suhotra, obteve o trono e realizou muitos Rajasuyas e sacrifícios de cavalos. E Suhotra trouxe sob seu domínio toda a terra circundada por sua faixa de mares e cheia de elefantes, vacas e cavalos, e toda sua riqueza de pedras preciosas e ouro. E a terra afligida pelo peso de inumeráveis seres humanos e elefantes, cavalos, e gatos estava para afundar. E durante o virtuoso reinado de Suhotra a superfície de toda a terra foi pontilhada por toda parte com centenas e milhares de estacas de sacrifícios. E o senhor da terra, Suhotra, gerou em sua mulher Aikshaki três filhos, Ajamidha, Sumidha, e Purumidha. O mais velho deles, Ajamidha, foi o perpetuador da linha real. E ele gerou seis filhos, Riksha nasceu do útero de Dhumini, Dushmanta e Parameshthin, de Nili, e Jahnu, Jala e Rupina nasceram de Kesini. Todas as tribos dos Panchalas são descendentes de Dushmanta e Parameshthin. E os Kushikas eram os filhos de Jahnu de coragem imensurável. E Riksha que era o mais velho do que Jala e Rupina virou rei. E Riksha gerou Samvarana, o perpetuador da linha real. E, ó rei, é sabido por nós que enquanto Samvarana, o filho de Riksha, estava governando a terra, ocorreu uma grande perda de pessoas por causa da fome, pestilência, seca, e doença. E os príncipes Bharata foram batidos pelas tropas de inimigos. E os Panchalas partindo para invadir a terra com seus quatro tipos de tropas logo a trouxeram sob seu domínio total. E com seus dez Akshauhinis o rei dos Panchalas derrotou o príncipe Bharata. Samvarana então com sua mulher e ministros, filhos e parentes, fugiu com medo, e se abrigou na floresta nas margens do Sindhu estendida ao pé das montanhas. Lá os Bharatas viveram por mil anos completos, dentro de seu forte. E depois de terem vivido lá por mil anos, um dia o ilustre Rishi Vasishtha se aproximou dos exilados Bharatas, que, saindo ao seu encontro, saudaram o Rishi e o reverenciaram pela oferta de Arghya. E o agradando com reverência, eles relataram tudo ao Rishi ilustre. E depois que ele estava em seu assento, o próprio rei se aproximou do Rishi e endereçou-se a ele, dizendo, 'Sejas tu nosso sacerdote, ó ilustre! Nós nos esforçaremos para recuperar nosso reino.' E Vasishtha respondeu aos Bharatas dizendo, 'Om' (o sinal de consentimento). É conhecido por nós que Vasishtha então instalou o príncipe Bharata na soberania de todos os Kshatriyas sobre a terra, fazendo pela virtude de seus Mantras aquele descendente de Puru (tão forte quanto) os verdadeiros chifres do touro selvagem

ou as presas dos elefantes selvagens. E o rei retomou sua capital que havia sido tirada dele e uma vez mais fez todos os monarcas lhe prestarem homenagem. O poderoso Samvarana, assim instalado mais uma vez na soberania real de toda a terra, realizou muitos sacrifícios nos quais os presentes aos Brahmanas foram grandiosos.

Samvarana gerou em sua mulher, Tapati, a filha de Surya, um filho chamado Kuru. Este Kuru foi extremamente virtuoso, e, portanto, ele foi instalado no trono por seu povo. É por seu nome que o campo chamado Kuru-jangala se tornou tão famoso no mundo. Dedicado ao ascetismo, ele tornou aquele campo (Kurukshetra) sagrado por praticar ascetismo lá. E foi ouvido por nós que a esposa de Kuru, a inteligente Vahini, deu à luz a cinco filhos, Avikshit, Bhavishyanta, Chaitraratha, Muni e o célebre Janamejaya. E Avikshit gerou o poderoso Parikshit, Savalaswa, Adhiraja, Viraja, Salmali de grande força física, Uchaihsravas, Bhangakara e Jitari, o oitavo. Na linhagem destes nasceram, como o fruto de seus atos pios, sete poderosos guerreiros em carros encabeçados por Janamejaya. E para Parikshit nasceram filhos que eram todos conhecedores (dos segredos) da religião e lucro. E eles se chamavam Kakshasena e Ugrasena, e Chitrasena dotado de grande energia, e Indrasena e Sushena e Bhimasena. E os filhos de Janamejaya eram todos dotados de grande força e viraram célebres no mundo inteiro. E eles eram Dhritarashtra, que era o mais velho, e Pandu e Valhika, e Nishadha dotado de grande energia, e então o poderoso Jamvunada, e então Kundodara e Padati e então Vasati, o oitavo. E eles eram todos competentes em moralidade e lucro e bondosos para com todas as criaturas. Entre eles Dhritarashtra virou rei. E Dhritarashtra teve oito filhos, Kundika, Hasti, Vitarka, Kratha o quinto, Havihsravas, Indrabha, e Bhumanyu o invencível, e Dhritarashtra teve muitos netos, dos quais três somente foram famosos. Eles eram, ó rei, Pratipa, Dharmanetra, Sunetra. Entre estes três, Pratipa se tornou inigualável sobre a terra. E, ó touro da raça Bharata, Pratipa gerou três filhos, Devapi, Santanu, e Valhika, o poderoso guerreiro em carro. Devapi, o mais velho, adotou o modo ascético de vida, impelido pelo desejo de beneficiar seus irmãos. E o reino foi obtido por Santanu e pelo poderoso guerreiro em carro Valhika.

Ó monarca, além disso, nasceram na linhagem de Bharata numerosos outros monarcas excelentes dotados com grande energia e que eram como os próprios Rishis celestes em virtude e poder ascético. E assim também na linhagem de Manu nasceram muitos poderosos guerreiros em carros como os próprios celestiais, que por seu número expandiram a dinastia Aila a proporções gigantescas.'

95

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó Brahmana, eu agora ouvi de ti esta grandiosa história dos meus antepassados. Eu também soube sobre os grandes monarcas que

nasceram nesta linhagem. Mas eu não estou satisfeito, este relato encantador é muito curto. Portanto, por favor, ó Brahmana, recites a narrativa encantadora em detalhes começando por Manu, o senhor da criação. Quem não ficaria encantado com tal relato, que é tão sagrado? A fama daqueles monarcas aumentada por sua sabedoria, virtude, talentos, e caráter elevado se expandiu tanto que cobriu os três mundos. Tendo escutado à história, doce como néctar, de sua generosidade, coragem, força física, energia mental, vigor e perseverança, eu não estou saciado!'

Vaisampayana disse, 'Ouça então, ó monarca, enquanto eu narro integralmente o relato auspicioso da tua própria linhagem assim como eu a ouvi antes de Dwaipayana.

Daksha gerou Aditi, e Aditi gerou Vivaswat, e Vivaswat gerou Manu, e Manu gerou Ha e Ha gerou Pururavas. E Pururavas gerou Ayus, e Ayus gerou Nahusha, e Nahusha gerou Yayati. E Yayati teve duas esposas, Devayani, a filha de Usanas, e Sarmishtha a filha de Vrishaparvan. Aqui ocorre um sloka a respeito dos descendentes (de Yayati), Devayani deu à luz a Yadu e Turvasu; e a filha de Vrishaparvan, Sarmishtha deu à luz a Druhyu, Anu, e Puru. E os descendentes de Yadu são os Yadavas e os de Puru são os Pauravas. E Puru teve uma mulher de nome Kausalya, em quem ele gerou um filho chamado Janamejaya que realizou três sacrifícios dos cavalos e um sacrifício chamado Viswajit. E então ele se instalou nas florestas. E Janamejaya tinha casado com Ananta, a filha de Madhava, e gerou nela um filho chamado Prachinwat. E o príncipe foi assim chamado porque ele tinha conquistado todos os países do leste até os limites da região onde o Sol se ergue. E Prachinwat casou com Asmaki, uma filha dos Yadavas e gerou nela um filho chamado Sanyati. E Sanyati casou com Varangi, a filha de Drishadwata e gerou nela um filho chamado Ahayanti. E Ahayanti casou com Bhanumati, a filha de Kritavirya e gerou nela um filho chamado Sarvabhauma. E Sarvabhauma casou com Sunanda, a filha do príncipe Kekaya, tendo obtido ela à força. E ele gerou nela um filho chamado Jayatsena, que casou com Susrava, a filha do rei Vidarbha e gerou nela Avachina, e Avachina também casou com outra princesa de Vidarbha, de nome Maryada. E ele gerou nela um filho chamado Arihan. E Arihan casou com Angi e gerou Mahabhauma. E Mahabhauma casou com Suyajna, a filha de Prasenajit. E dela nasceu Ayutanayi. E ele foi assim chamando porque ele tinha realizado um sacrifício no qual a gordura de um Ayuta (dez mil) de seres machos foi necessária. E Ayutanayi tomou como mulher Kama, a filha de Prithusravas. E dela nasceu um filho chamado Akrodhana, que tomou como mulher Karambha, a filha do rei de Kalinga. E dela Devatithi nasceu, e Devatithi tomou como sua mulher Maryada, a princesa de Videha. E dela nasceu um filho chamado Arihan. E Arihan tomou como mulher Sudeva, a princesa de Anga, e sobre ela ele gerou um filho chamado Riksha. E Riksha casou com Jwala, a filha de Takshaka, e ele gerou nela um filho de nome Matinara, que realizou na margem do Saraswati o sacrifício de doze anos considerado tão eficaz. Na conclusão do sacrifício, Saraswati apareceu em pessoa perante o rei e o escolheu como marido. E ele gerou nela um filho chamado Tansu. Aqui ocorre um sloka descritivo dos descendentes de Tansu.

‘Tansu nasceu de Saraswati por Matinara. E o próprio Tansu gerou um filho chamado Ilina em sua mulher, a princesa Kalingi.’

Ilina gerou em sua mulher Rathantari cinco filhos, dos quais Dushmanta era o mais velho. E Dushmanta tomou como mulher Sakuntala, a filha de Viswamitra. E ele gerou nela um filho chamado Bharata. Aqui ocorrem dois slokas acerca dos descendentes (de Dushmanta).

‘A mãe é somente o revestimento de carne no qual o pai gera o filho. De fato o próprio pai é o filho. Portanto, ó Dushmanta, cuides do teu filho e não insultes Sakuntala. Ó deus entre homens, o próprio pai se tornando o filho salva a si mesmo do inferno. Sakuntala verdadeiramente disse que tu és o pai desta criança.’

É por isso (porque o rei cuidou de seu filho depois de ouvir as palavras acima do mensageiro celeste) que o filho de Sakuntala veio a ser chamado Bharata (o sustentado/ cuidado). E Bharata casou com Sunanda, a filha de Sarvasena, o rei de Kasi, e gerou nela o filho chamado Bhumanyu. E Bhumanyu casou com Vijaya, a filha de Dasarha. E ele gerou nela um filho, Suhotra, que casou com Suvarna, a filha de Ikshvaku. Dela nasceu um filho chamado Hasti que fundou esta cidade, a qual foi, portanto, chamada de Hastinapura. E Hasti casou com Yasodhara, a princesa de Trigarta. E dela nasceu um filho Vikunthana que tomou como mulher Sudeva, a princesa de Dasarha. E por ela nasceu um filho chamado Ajamidha. E Ajamidha teve quatro esposas chamadas Raikeyi, Gandhari,Visala e Riksha. E ele gerou nelas dois mil e quatrocentos filhos. Mas entre eles todos Samvarana virou o perpetuador da dinastia. E Samvarana tomou por mulher Tapati, a filha de Vivaswat. E dela nasceu Kuru, que casou com Subhangi, a princesa de Dasarha. E ele gerou nela um filho chamado Viduratha, que tomou como mulher Supriya, a filha dos Madhavas. E ele gerou nela um filho chamado Anaswan. E Anaswan casou com Amrita, a filha dos Madhavas. E dela nasceu um filho chamado Parikshit, que tomou como mulher Suvasa, a filha dos Vahudas, e gerou nela um filho chamado Bhimasena. E Bhimasena casou com Kumari, a princesa de Kekaya e gerou nela Pratisravas cujo filho foi Pratipa. E Pratipa casou com Sunanda, a filha de Sivi, e nela gerou três filhos, Devapi, Santanu e Valhika. E Devapi, enquanto ainda era um menino, entrou nas florestas como um eremita. E Santanu virou rei. Aqui ocorre um sloka a respeito de Santanu.

‘Os homens idosos que eram tocados por aquele monarca não só sentiam uma sensação indescritível de prazer, mas também tinham sua juventude restaurada. Portanto, aquele monarca era chamado de Santanu.’

E Santanu casou com Ganga, que deu à luz a um filho Devavrata que foi depois chamado de Bhishma. E Bhishma, movido pelo desejo de fazer o bem para seu pai, o fez casar com Satyavati que era também chamada de Gandhakali. E em sua juventude ela teve um filho com Parasara, chamado Dwaipayana. E nela Santanu gerou dois outros filhos chamados Chitrangada e Vichitravirya. E antes deles alcançarem a maioridade, Chitrangada foi morto pelos Gandharvas. Mas Vichitravirya virou rei, e casou com duas filhas do rei de Kasi, chamadas Amvika e

Amvalika. Mas Vichitravirya morreu sem filhos. Então Satyavati começou a pensar em como a dinastia de Dushmanta poderia ser perpetuada. Então ela se lembrou do Rishi Dwaipayana. Ao vir perante ela o último perguntou, ‘Quais são suas ordens?’ Ela disse, 'Seu irmão Vichitravirya foi sem filhos para o céu. Gere crianças virtuosas.' Dwaipayana, concordando, gerou três filhos, Dhritarashtra, Pandu, e Vidura. O rei Dhritarashtra teve cem filhos com sua mulher, Gandhari, por causa da bênção concedida por Dwaipayana. E entre aqueles cem filhos de Dhritarashtra, quatro se tornaram célebres. Eles são Duryodhana, Duhsasana, Vikarna, e Chitrasena. E Pandu teve duas jóias de esposas, Kunti, também chamada de Pritha, e Madri. Um dia Pandu, enquanto caçava, viu um veado cobrindo sua parceira. Aquele era na verdade um Rishi na forma de um veado. Vendo o veado naquela atitude ele o matou com suas flechas, antes do desejo dele ser satisfeito. Perfurado pela flecha do rei, o veado rapidamente mudou sua forma e virou um Rishi, e disse a Pandu, 'Ó Pandu, tu és virtuoso e conheces também o prazer derivado da satisfação de um desejo. Meu desejo ainda está insatisfeito e tu me mataste! Portanto, tu também, quando assim engajado e antes de estares satisfeito deverás morrer!' Pandu, ouvindo esta maldição, ficou pálido, e daquele tempo em diante não dormiu com suas esposas. E ele disse a elas estas palavras, 'Por meu próprio erro eu fui amaldiçoado! Mas eu soube que para o homem sem filhos não há regiões após a morte.' Portanto, ele solicitou a Kunti que tivesse prole para ele. E Kunti disse, 'Assim seja.' Assim ela criou prole. Com Dharma ela teve Yudhishthira; com Maruta, Bhima e com Sakra, Arjuna. E Pandu, muito satisfeito com ela, disse, 'Esta minha outra esposa também está sem filhos. Portanto, faças com que ela também tenha filhos.' Kunti dizendo, 'Assim seja' deu para Madri o mantra de invocação. E em Madri foram gerados pelos gêmeos Aswins os gêmeos Nakula e Sahadeva. E (um dia) Pandu, vendo Madri enfeitada com ornamentos teve seu desejo aceso. E, logo que ele a tocou, ele morreu. Madri subiu à pira funerária com seu marido. E ela disse a Kunti, 'Que meus gêmeos sejam educados por ti com afeto.' Depois de algum tempo os cinco Pandavas foram levados pelos ascetas das florestas para Hastinapura e lá apresentados para Bhishma e Vidura. E depois de apresentá-los, os ascetas desapareceram à vista de todos. E depois da conclusão do discurso daqueles ascetas, choveram flores sobre o local, e os tambores celestes também foram tocados nos céus. Os Pandavas foram então acolhidos (por Bhishma). Eles então relataram a morte de seu pai e realizaram suas últimas honras devidamente. E como eles estavam sendo criados lá, Duryodhana ficou extremamente ciumento deles. E o pecaminoso Duryodhana agindo como um Rakshasa tentou de vários modos expulsá-los. Mas o que tem que ser nunca pode ser frustrado. Assim todos os esforços de Duryodhana foram inúteis. Então Dhritarashtra os enviou, por uma ação de fraude, para Varanavata, e eles lá foram de bom grado. Lá um esforço foi feito para matá-los queimados, mas que fracassou devido ao conselho de advertência de Vidura. Depois disso os Pandavas mataram Hidimva, e então eles foram para uma cidade chamada Ekachakra. Lá também eles mataram um Rakshasa chamado Vaka e então foram para Panchala. E lá obtiveram Draupadi como esposa e voltaram para Hastinapura. E lá eles moraram por algum tempo em paz e geraram filhos. E Yudhishthira gerou Prativindhya; Bhima, Sutasoma; Arjuna, Srutakriti; Nakula, Satanika; e Sahadeva, Srutakarman. Além disso,

Yudhishthira, tendo obtido como mulher Devika, a filha de Govasana da tribo Saivya, em uma cerimônia de escolha de marido, gerou nela um filho chamado Yaudheya. E Bhima também obtendo como mulher Valandhara, a filha do rei de Kasi, ofereceu sua própria coragem como dote e gerou nela um filho chamado Sarvaga. E Arjuna também, indo até Dwaravati, trouxe à força Subhadra, a irmã de voz doce de Vasudeva, e voltou em felicidade para Hastinapura. E ele gerou nela um filho chamado Abhimanyu dotado de todos os talentos e querido para o próprio Vasudeva. E Nakula obteve como mulher Karenumati, a princesa de Chedi, e gerou nela um filho chamado Niramitra. E Sahadeva também casou com Vijaya, a filha de Dyutimat, o rei de Madra, obtendo-a em uma cerimônia de escolha de marido e gerou nela um filho chamado Suhotra. E Bhimasena tinha algum tempo antes gerado em Hidimva um filho chamado Ghatotkacha. Estes são os onze filhos dos Pandavas. Entre eles todos, Abhimanyu foi o perpetuador da família. Ele casou com Uttara, a filha de Virata, que deu à luz a uma criança morta que Kunti pegou em seu colo por ordem de Vasudeva que disse, 'Eu reviverei esta criança de seis meses.' E embora nascido antes do tempo, tendo sido queimado pelo fogo (da arma de Aswatthaman) e, portanto, carente de força e energia ele foi reanimado por Vasudeva e dotado de força, energia e coragem. E depois reanimá-lo Vasudeva disse, 'Porque esta criança nasceu em uma linhagem extinta, portanto, ele se chamará Parikshit.' E Parikshit casou com Madravati, tua mãe, ó rei, e tu nasceste dela, ó Janamejaya! Tu também tens dois filhos com tua mulher Vapushtama, chamados Satanika e Sankukarna. E Satanika também gerou um filho chamado Aswamedhadatta na princesa de Videha.

Assim eu, ó rei, recitei a história dos descendentes de Puru e dos Pandavas. Esta história excelente, sagrada e que aumenta a virtude deve sempre ser ouvida por Brahmanas cumpridores de votos, por Kshatriyas dedicados às práticas de sua classe e preparados para proteger seus súditos; por Vaisyas com atenção, e por Sudras com reverência, cuja principal ocupação é servir às outras três classes. Brahmanas versados nos Vedas e outras pessoas que com atenção e reverência recitam esta história sagrada ou a escutam quando recitada, conquistam os céus e alcançam a residência dos abençoados. Eles são também sempre respeitados e adorados pelos deuses, Brahmanas, e outros homens. Esta história sagrada de Bharata foi composta pelo sagrado e ilustre Vyasa. Brahmanas conhecedores dos Vedas e outras pessoas que com reverência e sem malícia a ouvem ser recitada ganham grandes méritos religiosos e conquistam os céus. Embora pecando, eles não são desrespeitados por ninguém. Aqui ocorre um sloka, 'Este (Bharata) é igual aos Vedas: é sagrado e excelente. Ele concede riqueza, fama, e vida. Portanto, ele deve ser ouvido por homens com atenção absorta.

96

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Houve um rei conhecido pelo nome de Mahabhisha nascido na linhagem de Ikshvaku. Ele era o senhor de toda a terra, e era sincero e de coragem verdadeira. Por meio de mil sacrifícios de cavalos e uma centena de Rajasuyas ele satisfez o chefe dos celestiais e ao final alcançou o céu.

Um dia os celestiais tinham se reunido e estavam adorando Brahman. Muitos sábios reais e o rei Mahabhisha também estavam presentes no local. E Ganga, a rainha dos rios, também foi lá prestar suas adorações ao Avô. E suas roupas brancas como os raios da lua foram desarranjadas pela ação do vento. E quando seu corpo ficou exposto os celestiais abaixaram suas cabeças. Exceto o sábio real Mahabhisha que grosseiramente fitou a rainha dos rios. E Mahabhisha foi por isso amaldiçoado por Brahman, que disse, 'Canalha, como tu te esqueceste de ti mesmo à visão de Ganga tu deves renascer sobre a terra. Mas tu repetidas vezes alcançarás estas regiões. E ela também nascerá no mundo dos homens e te ferirá. Mas quando tua cólera for provocada tu serás então liberto da minha maldição.'

Vaisampayana continuou, 'O rei Mahabhisha então se lembrando de todos os monarcas e ascetas sobre a terra desejou nascer como filho de Pratipa de grande valor. E a rainha dos rios, também, vendo o rei Mahabhisha perder sua firmeza, foi embora, pensando nele desejosamente. E em seu caminho, ela viu aqueles habitantes no céu, os Vasus, também seguindo o mesmo caminho. E a rainha dos rios os viu naquele apuro e perguntou, 'Por que vocês estão assim abatidos? Ó habitantes do céu, está tudo bem com vocês?' Aqueles celestiais, os Vasus, responderam a ela, dizendo, 'Ó rainha dos rios, nós fomos amaldiçoados, por uma falha perdoável, pelo ilustre Vasishtha com raiva. O principal dos Rishis excelentes, Vasishtha, estava dedicado às suas adorações do crepúsculo e sentado como estava não pôde ser visto por nós. Nós passamos sobre ele em ignorância. Portanto, em cólera ele nos amaldiçoou, dizendo, ‘Que vocês nasçam entre os homens!’ Está além do nosso poder frustrar o que foi dito por aquele proferidor de Brahma. Portanto, ó rio, tu mesma te tornando uma mulher humana faça de nós, os Vasus, teus filhos. Ó amável, nós estamos relutantes em entrar no útero de qualquer mulher humana.' Assim endereçada, a rainha dos rios disse a eles, ‘Assim seja’, e perguntou a eles, 'Sobre a terra, quem é aquele principal dos homens que será seu pai?'

Os Vasus responderam, 'Na terra, para Pratipa nascerá um filho, Santanu, que será um rei de fama mundial.' Ganga então disse, 'Ó celestiais, é exatamente o meu desejo que vocês impecáveis expressaram. Eu, de fato, farei bem para Santanu. É também seu desejo como justamente expressado.' Os Vasus então disseram, 'Cabe a ti lançar as crianças à água depois do nascimento, para que, ó tu de três direções (celeste, terrestre, e subterrânea) nós possamos ser resgatados logo sem termos que viver na terra por qualquer duração de tempo.'

Ganga então respondeu, 'Eu farei o que vocês desejam. Mas para que o relacionamento dele comigo não seja totalmente infrutífero, providenciem para que pelo menos um filho viva.' Os Vasus então responderam, 'Nós contribuiremos cada um com uma oitava parte das nossas respectivas energias. Com esta soma tu terás um filho de acordo com o teu desejo. Mas aquele filho não gerará filhos sobre a terra. Portanto, aquele teu filho dotado de grande energia será sem filhos.'

Os Vasus, fazendo este arranjo com Ganga, partiram sem demora para o lugar que lhes convinha.'

97

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse. 'Havia um rei de nome Pratipa, que era bondoso para com todas as criaturas. Ele passou muitos anos em penitências ascéticas na fonte do rio Ganga. A ilustre e encantadora Ganga, um dia, assumindo a forma de uma mulher bela, e erguendo-se das águas, foi até o monarca. A moça celeste, dotada com beleza encantadora, se aproximou do sábio real dedicado a austeridades ascéticas, e sentou sobre sua coxa direita que era, por sua força máscula, como uma verdadeira árvore Sala. Quando a moça de rosto bonito assim tinha sentado sobre seu colo, o monarca disse a ela, 'Ó amável, o que tu desejas? O que eu farei?' A donzela respondeu, 'Eu desejo a ti, ó rei, como meu marido! Ó principal dos Kurus, seja meu! Recusar uma mulher que veio por sua própria vontade nunca é aprovado pelos sábios.' Pratipa respondeu, 'Ó tu belas feições, movido pela luxúria eu nunca me uno com outras esposas ou mulheres que não sejam da minha classe. Este, de fato, é meu voto virtuoso.' A moça replicou, 'Eu não sou infausta ou feia. Eu sou de todas as maneiras digna de ser desfrutada. Eu sou uma moça celeste de beleza rara; eu desejo a ti como marido. Não me rejeite, ó rei.' A isto Pratipa respondeu, 'Eu estou, ó donzela, me abstendo se seguir nesta direção à qual tu me incitas. Se eu quebrar meu voto, o pecado me esmagará e me matará. Ó bela, tu me abraçaste, sentando na minha coxa direita. Mas, ó tímida, saiba que esta é o assento para filhas e noras. O lado esquerdo é para a esposa, mas tu não aceitaste este. Portanto, ó melhor das mulheres, eu não posso desfrutar de ti como um objeto de desejo. Seja minha nora. Eu te aceito para meu filho!'

A donzela então disse, 'Ó virtuoso, que seja como tu disseste. Que eu me una com teu filho. Por meu respeito por ti eu serei uma mulher da célebre linhagem Bharata. Vocês (da linhagem Bharata) são o amparo de todos os monarcas sobre a terra! Eu seria incapaz de numerar as virtudes da sua linhagem mesmo em cem anos. A grandeza e bondade de muitos monarcas célebres desta linha é ilimitada. Ó senhor de tudo, que fique entendido agora que quando eu me tornar tua nora teu filho não poderá julgar minhas ações. Vivendo assim com teu filho eu farei

bem a ele e aumentarei sua felicidade. Ele finalmente alcançará o céu por causa dos filhos que eu darei a ele, por sua virtude e boa conduta.'

Vaisampayana continuou, 'Ó rei, tendo dito isso a donzela celeste então desapareceu. E o rei, também, esperou pelo nascimento de seu filho para cumprir sua promessa.

Naquela época Pratipa, aquela luz da linhagem Kuru, aquele touro entre os Kshatriyas, estava engajado, junto com sua mulher, em austeridades por desejo de prole. E quando eles ficaram velhos um filho nasceu para eles. Este era Mahabhisha. E a criança foi chamada de Santanu porque ele nasceu quando seu pai tinha controlado suas paixões por meio de penitências ascéticas. E o melhor de Kurus, Santanu, sabendo que a região de felicidade indestrutível somente poderia ser alcançada por seus atos, se tornou dedicado à virtude. Quando Santanu cresceu e se tornou um jovem, Pratipa endereçou-se a ele e disse, 'Algum tempo atrás, ó Santanu, uma donzela celeste veio a mim para o teu bem. Se tu encontrares aquela de belas feições em segredo e se ela te solicitar filhos, aceite-a como tua mulher. E, ó impecável, não seja juiz da propriedade ou impropriedade dos atos dela e não pergunte quem ela é, ou de quem ou de onde é, mas aceite-a como tua mulher por minha ordem!'

Vaisampayana continuou, 'Pratipa, tendo assim mandado seu filho Santanu e instalado ele em seu trono se retirou para as florestas. E o rei Santanu dotado de grande inteligência e sendo igual ao próprio Indra em esplendor, se tornou viciado na caça e passava muito do seu tempo nas florestas. E o melhor dos monarcas sempre matava veados e búfalos. E um dia, enquanto ele estava vagando pela margem do Ganges, ele se viu em uma região frequentada por Siddhas e Charanas. E lá ele viu uma encantadora moça de beleza resplandecente e que era como a própria Sri; com dentes impecáveis e perolados e enfeitada com ornamentos celestes, e vestida em roupas de fina textura parecidas em esplendor com os filamentos do lótus. E o monarca, ao ver aquela donzela ficou surpreendido, e seu enlevo produziu um imediato arrepio. Com o olhar fixo ele parecia estar bebendo o encanto dela, mas repetidamente seus goles fracassavam em apagar sua sede. A donzela também viu o monarca de ardente esplendor movendo-se continuamente em grande agitação, ficou comovida e sentiu afeto por ele. Ela o fitou e fitou longamente sempre com o olhar fixo. O monarca então em palavras suaves dirigiu-se a ela e disse, 'Ó esbelta, sejas tu uma deusa ou a filha de um Danava, sejas tu da raça dos Gandharvas, ou Apsaras, sejas dos Yakshas ou dos Nagas, ou sejas de origem humana, ó tu de beleza celeste, eu te peço que sejas minha esposa!’

98

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'A moça então, ouvindo essas doces palavras do monarca sorridente, e se lembrando de sua promessa aos Vasus, se dirigiu ao rei em resposta. De aspecto impecável, a donzela enviando uma emoção de prazer ao coração por cada palavra que proferiu, disse, 'Ó rei, eu me tornarei tua mulher e obedecerei tuas ordens. Mas, ó monarca, tu não deves interferir em nenhuma coisa que eu faça, seja agradável ou desagradável. Nem nunca te dirigirás a mim indelicadamente. Desde que tu te comportes bondosamente eu prometo viver contigo. Mas eu certamente te deixarei no momento em que interferires comigo ou falares para mim uma palavra indelicada.' O rei respondeu, 'Assim seja.' E então a donzela obtendo aquele monarca excelente, aquele principal da linhagem de Bharata como marido, ficou muito satisfeita. E o rei Santanu também, obtendo ela como sua esposa, desfrutou de todo o prazer da sua companhia. E aderindo à sua promessa, ele se absteve de perguntar a ela qualquer coisa. E o senhor da terra, Santanu, ficou extremamente satisfeito com sua conduta, beleza, magnanimidade, e atenção a seus confortos. E a deusa Ganga também, de três direções (celeste, terrestre, e subterrânea) assumindo uma forma de aspecto superior àquela do ser humano e dotada com beleza celeste, viveu felizmente como a mulher de Santanu, tendo como o fruto de suas ações virtuosas obtido como seu marido aquele tigre entre reis que é igual ao próprio Indra em esplendor. E ela satisfez o rei com sua atratividade e afeto, por suas artimanhas e amor, por sua música e dança, e ficou ela mesma satisfeita. E o monarca estava tão embevecido com sua bela mulher que meses, estações e anos passaram sem que seu ser fosse consciente deles. E o rei, enquanto assim desfrutava com sua mulher, teve oito filhos que em beleza pareciam ser os próprios celestiais. Mas, ó Bharata, aquelas crianças, uma depois da outra, logo que nasceram, foram jogadas no rio por Ganga que dizia, 'Isso é para o teu bem.' E as crianças afundavam e não mais se elevavam. O rei, no entanto, não poderia estar satisfeito com tal conduta. Mas ele não falou uma palavra acerca disto com receio de que sua mulher o deixasse. Mas quando a oitava criança nasceu, e quando sua mulher como antes estava para jogá-la sorrindo ao rio, o rei com a expressão triste e desejoso de salvar a criança da destruição, se dirigiu a ela e disse, ‘Não o mate! Quem és tu e de onde? Por que tu matas teus próprios filhos? Assassina de teus filhos, tua carga de pecados é grande!’ Sua mulher, assim endereçada, respondeu, 'Ó tu desejoso de prole, tu já te tornaste o principal dentre aqueles que têm filhos. Eu não destruirei este teu filho. Mas segundo nosso acordo, o período da minha estadia contigo chegou ao fim. Eu sou Ganga, o filha de Jahnu. Eu sou sempre adorada pelos grandes sábios; eu vivi contigo para realizar os propósitos dos celestiais. Os oito Vasus ilustres dotados com grande energia tiveram, por causa da maldição de Vasishtha, que assumir formas humanas. Sobre a terra, além de ti, não havia ninguém mais para merecer a honra de ser seu gerador. Não há nenhuma mulher também na terra exceto uma como eu, uma celestial em forma humana, para se tornar a mãe deles. Eu assumi a forma de um ser humano para dar luz a eles. Tu também,

tendo te tornado o pai dos oito Vasus alcançaste muitas regiões de felicidade perene. Estava também combinado entre mim e os Vasus que eu deveria libertá-los da sua forma humana logo que eles nascessem. Eu assim os libertei da maldição do Rishi Apava. Abençoado sejas; eu o deixo, ó rei! Mas crie esta criança de votos rígidos. Que eu viveria contigo até agora foi a promessa que eu dei aos Vasus. E que esta criança seja chamada de Gangadatta.'

99

(Continuação do Sambhava Parva)

Santanu perguntou, 'Qual foi o erro dos Vasus e quem foi Apava, por cuja maldição os Vasus tiveram que nascer entre os homens? O que também esta criança, Gangadatta, fez para ter que viver entre os homens? Por que também os Vasus, os senhores dos três mundos, foram condenados a nascer entre os homens? Ó filha de Jahnu, conte-me tudo.'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçada, a filha celeste de Jahnu, Ganga, então respondeu ao monarca, seu marido, aquele touro entre homens, dizendo, 'Ó melhor da raça Bharata, aquele que foi obtido como filho por Varuna se chamava Vasishtha, o Muni que depois veio a ser conhecido como Apava. Ele tinha seu retiro no leito do rei das montanhas chamado Meru. O lugar era sagrado e cheio de aves e animais. E lá floresciam durante todo o ano flores de todas as estações. E, ó melhor da linhagem Bharata, aquele principal dos homens virtuosos, o filho de Varuna, praticava suas penitências ascéticas naquelas florestas cheias de raízes doces e água.

Daksha tinha uma filha conhecida pelo nome de Surabhi, que, ó touro da raça Bharata, para beneficiar o mundo, deu à luz, por sua ligação com Kasyapa, a uma filha (Nandini) na forma de uma vaca. Aquela principal de todas as vacas, Nandini, era a vaca da abundância (capaz de realizar todos os desejos). O filho virtuoso de Varuna obteve Nandini para seus ritos Homa. E Nandini, habitando naquele eremitério que era adorado por Munis, vagava sem medo naquelas florestas sagradas e encantadoras.

Um dia, ó touro da raça Bharata, chegaram àquelas florestas adoradas pelos deuses e Rishis celestes os Vasus encabeçados por Prithu. E vagando lá com suas esposas, eles se divertiram naquelas encantadoras florestas e montanhas. E enquanto eles lá vagaram, a mulher cintura fina de um dos Vasus, ó tu da destreza de Indra, viu naquelas florestas Nandini, a vaca da abundância. E vendo aquela vaca possuidora da riqueza de todos os talentos, olhos grandes, úberes cheios, cauda fina, belas patas, e todos os outros sinais auspiciosos, e produzindo muito leite, ela mostrou o animal para seu marido Dyu. Ó tu da bravura dos principais dos elefantes, quando Dyu viu aquela vaca, ele começou a admirar suas várias qualidades e se dirigindo à sua esposa, disse, 'Ó moça de olhos negros e

pernas formosas, esta vaca excelente pertence àquele Rishi de quem é este retiro encantador. Ó tu de cintura esbelta, o mortal que bebe o doce leite desta vaca permanece com sua juventude inalterada por dez mil anos.' Ó melhor dos monarcas, ouvindo isso a deusa de feições impecáveis então se dirigiu a seu marido de esplendor ardente e disse, 'Há na terra uma amiga minha, de nome Jitavati, possuidora de grande beleza e juventude. Ela é filha de um deus entre os homens, o sábio real Usinara, dotado de inteligência e dedicado à verdade. Eu desejo ter esta vaca, ó ilustre, com seu bezerro para aquela minha amiga. Portanto, ó melhor dos celestiais, traga esta vaca para que então minha amiga bebendo seu leite possa se tornar livre de doença e velhice sobre a terra. Ó ilustre e irrepreensível, cabe a ti conceder este meu desejo. Não há nada que pudesse ser mais agradável para mim.' Ao ouvir estas palavras de sua esposa, Dyu, movido pelo desejo de fazer a vontade dela, roubou aquela vaca, ajudado por seus irmãos Prithu e outros. De fato, Dyu, mandado por sua esposa de olhos de lótus, realizou seu desejo, esquecendo naquele momento os altos méritos ascéticos do Rishi que possuía a vaca. Ele não pensou naquela hora que ele cairia por cometer o pecado de roubar a vaca.

Quando o filho de Varuna voltou para seu retiro à noite com as frutas que tinha colhido, ele não viu a vaca com seu bezerro. Ele começou a procurar por eles nas florestas, mas quando o grande asceta de inteligência superior não achou sua vaca ao procurá-la, ele viu por meio de sua visão ascética que ela tinha sido roubada pelos Vasus. Sua cólera foi imediatamente acesa e ele amaldiçoou os Vasus, dizendo, 'Porque os Vasus roubaram minha vaca de leite doce e rabo bonito, portanto, eles sem dúvida nascerão sobre a terra!'

Ó touro da raça Bharata, o ilustre Rishi Apava assim amaldiçoou os Vasus em cólera. E tendo amaldiçoado eles, o ilustre fixou seu coração mais uma vez na meditação ascética. E depois daquele Brahmarshi de grande poder e riqueza ascética ter assim amaldiçoado os Vasus em cólera, os últimos, ó rei, ao virem a saber disto, foram rapidamente ao seu retiro. E endereçando-se ao Rishi, ó touro entre reis, eles se esforçaram para acalmá-lo. Mas eles fracassaram, ó tigre entre homens, em obter o perdão de Apava, aquele Rishi conhecedor de todas as regras de virtude. O virtuoso Apava, no entanto, disse, 'Vocês Vasus, com Dhava e outros, foram amaldiçoados por mim. Mas vocês serão liberados da minha maldição dentro de um ano do vosso nascimento entre os homens. Mas aquele por cujo feito vocês foram amaldiçoados por mim, Dyu, por seu ato pecaminoso, terá que viver sobre a terra por mais tempo. Eu não tornarei inúteis as palavras que proferi em fúria. Dyu, embora habitando na Terra não gerará filhos. Ele, no entanto, será virtuoso e conhecedor das escrituras. Ele será um filho obediente a seu pai, mas ele terá que se abster do prazer da companhia feminina.'

Dirigindo-se dessa maneira aos Vasus o grande Rishi foi embora. Os Vasus então juntos vieram a mim. E, ó rei, e me pediram a bênção de que tão logo eles nascessem eu os jogasse na água. E, ó melhor dos reis, eu fiz como eles desejaram, para libertá-los da sua vida terrestre. E, ó melhor dos reis, pela maldição do Rishi, este único, o próprio Dyu, deverá viver na terra por algum tempo.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo assim falado a deusa então desapareceu. E tomando consigo a criança ela partiu para região por ela escolhida. E aquele filho de Santanu se chamava Gangeya e Devavrata e sobrepujou seu pai em todos os talentos.

Santanu, depois do desaparecimento de sua mulher voltou para sua capital com o coração triste. Eu agora relatarei para ti as muitas virtudes e grande fortuna do ilustre rei Santanu da linhagem Bharata. De fato, esta esplêndida história é chamada de Mahabharata.'

100

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'O monarca Santanu, o mais adorado dos deuses e sábios reais, era conhecido em todos os mundos por sua sabedoria, virtudes, e veracidade (de palavras). As qualidades de autocontrole, generosidade, perdão, inteligência, modéstia, paciência e energia superior sempre residiam naquele touro entre homens, Santanu, aquele grande ser dotado de talentos e conhecedor de religião e lucro, aquele monarca era o protetor da linhagem Bharata e de todos os seres humanos. Seu pescoço era marcado com (três) linhas, como a concha de um molusco; seus ombros eram largos, e ele parecia em bravura com um elefante enfurecido. Parecia que todos os sinais propícios de realeza moravam em sua pessoa, considerando esta sua digna residência. Os homens, vendo o comportamento daquele monarca de grandes realizações vieram a saber que a virtude era sempre superior ao prazer e lucro. Estes eram os atributos que moravam naquele ser, o grande touro entre os homens, Santanu. E realmente nunca houve um rei como Santanu. Todos os reis da terra, vendo-o dedicado à virtude, deram àquele principal dos homens virtuosos o título de Rei dos reis. E todos os reis da terra durante o tempo em que aquele senhor era o protetor da linhagem Bharata não tinham aflição ou medo ou ansiedade de qualquer tipo. E eles todos dormiam em paz também, se levantando todas as manhãs da cama depois de sonhos felizes. E devido às realizações esplêndidas daquele monarca parecido com o próprio Indra em energia, todos os reis da terra se tornaram virtuosos e dedicados à generosidade, ações religiosas e sacrifícios. E quando a terra era governada por Santanu e outros monarcas como ele, os méritos religiosos de toda ordem aumentaram muito. Os Kshatriyas serviam os Brahmanas; os Vaisyas serviam os Kshatriyas, e os Sudras adoravam os Brahmanas e os Kshatriyas, servindo os Vaisyas. E Santanu residindo em Hastinapura, a capital encantadora dos Kurus, governava toda a terra limitada circundada pelos mares. Ele era sincero e irreprimível, e como o próprio rei dos celestiais conhecedor dos ditames da virtude. E pela combinação de generosidade, religião e ascetismo ele adquiriu grande fortuna. Ele era livre da raiva e malícia, e bonito em pessoa e parecido com o próprio Soma. Em esplendor ele era como o Sol e em impetuosidade de bravura como Vayu. Em cólera ele era

como Yama, e em paciência como a Terra. E, ó rei, enquanto Santanu governou a terra, nenhum veado, javalis, aves, ou outros animais foram mortos desnecessariamente. Em seus domínios a grande virtude da bondade para com todas as criaturas triunfou, e o próprio rei, com a alma da piedade, e destituído de desejo e cólera, estendeu proteção igual a todas as criaturas. Então sacrifícios em honra dos deuses, dos Rishis e Pitris começaram, e nenhuma criatura foi privada de vida pecaminosamente. E Santanu era o rei e pai de todos, dos miseráveis e daqueles que não tinham protetores, de aves e animais, realmente, de toda coisa criada. E durante o reinado do melhor dos Kurus, que foi o rei dos reis, a fala se tornou una com a verdade, e as mentes dos homens estavam dirigidas em direção à generosidade e virtude. E Santanu, tendo desfrutado de felicidade doméstica por seis e trinta anos, se retirou para as florestas.

E o filho de Santanu, o Vasu nascido de Ganga chamado Devavrata parecia com o próprio Santanu em beleza pessoal, em hábitos e comportamento, e em erudição. E em todos os ramos de conhecimento mundano ou espiritual sua habilidade era muito grande. Sua força e energia eram extraordinárias. Ele se tornou um poderoso guerreiro em carro. Realmente ele foi um grande rei.

Um dia, enquanto perseguindo pelas margens do Ganges um veado que havia abatido com uma flecha, o rei Santanu observou que o rio tinha ficado raso. Ao observar aquilo, aquele touro entre homens, Santanu, começou a refletir sobre aquele fenômeno desconhecido. Ele mentalmente perguntou por que o principal dos rios não corria tão rapidamente como antes. E enquanto procurava uma causa, o monarca ilustre viu que um jovem de grande beleza, robusto e afável, como o próprio Indra, tinha, por meio de sua grande arma celeste, controlado o fluxo do rio. E o rei, contemplando aquela façanha extraordinária do rio Ganga ser controlado em seu curso perto de onde aquele jovem estava, ficou muito surpreendido. Aquele jovem não era outro além do próprio filho de Santanu. Mas como Santanu tinha visto seu filho somente uma vez uns poucos momentos depois de seu nascimento, ele não tinha suficiente recordação para identificar aquele bebê que agora era um jovem diante de seus olhos. O jovem, no entanto, vendo seu pai, o reconheceu imediatamente, mas em vez de se revelar, ele nublou a percepção do rei por meio de seus poderes celestiais de ilusão e desapareceu de sua vista.

O rei Santanu, analisando muito o que viu e imaginando que o jovem era seu próprio filho então se dirigiu à Ganga e disse, 'Mostre-me aquela criança.' Ganga assim endereçada, assumindo uma forma bela, e abraçando o menino enfeitado com ornamentos em seu braço direito, o mostrou para Santanu. E Santanu não reconheceu aquela bela mulher enfeitada com ornamentos e vestida em finas roupas brancas, embora ele a tivesse conhecido antes. E Ganga disse, 'Ó tigre entre homens, este é o oitavo filho que tu algum tempo antes geraste em mim. Saiba que este menino excelente está familiarizado com todas as armas, ó monarca, o leves agora. Eu o criei com cuidado. E vá para casa, ó tigre entre homens, levando-o contigo. Dotado de inteligência superior, ele estudou com Vasishtha os Vedas inteiros com seus ramos. Hábil com todas as armas e um arqueiro poderoso, ele é como Indra em batalha. E, ó Bharata, os deuses e os

Asuras o olham com favoritismo. Quaisquer ramos de conhecimento que sejam conhecidos por Usanas, ele conhece completamente. E assim ele é o mestre de todos os Sastras que o filho de Angiras (Vrihaspati) adorado pelos deuses e os Asuras, conhece. E todas as armas conhecidas ao poderoso e invencível Rama, o filho de Jamadagni, são conhecidas por este teu filho ilustre de braços poderosos. Ó rei de coragem superior, leve contigo este teu heróico filho gerado por ti em mim. Ele é um arqueiro poderoso e conhecedor da interpretação de todos os tratados sobre os deveres de um rei.' Assim mandado por Ganga, Santanu tomou seu filho que parecia com o próprio Sol em glória e voltou para sua capital. E tendo alcançado sua cidade que era como a capital celeste, aquele monarca da linha Puru se considerou imensamente afortunado. E tendo convocado todos os Pauravas, para a proteção de seu reino ele instalou seu filho como seu herdeiro-presuntivo. E, ó touro da raça Bharata, o príncipe logo satisfez seu pai por seu comportamento e os outros membros da linhagem Paurava, realmente, todos os súditos do reino. E o rei de destreza incomparável vivia felizmente com aquele seu filho.

Quatro anos assim tinham se passado, quando o rei um dia entrou nas florestas nas margens do Yamuna. E enquanto o rei estava lá vagando, ele percebeu um perfume doce vindo de uma direção desconhecida. E o monarca, impelido pelo desejo de averiguar a causa, vagou para lá e para cá. No curso de sua caminhada, ele viu uma moça de olhos negros e beleza celeste, a filha de um pescador. O rei dirigindo-se a ela, disse, 'Quem tu és, e de quem és filha? O que fazes aqui, ó tímida?' Ela respondeu, 'Abençoado sejas! Eu sou a filha do chefe dos pescadores. Por ordem dele, para obter mérito religioso, eu estou comprometida em transportar passageiros para o outro lado deste rio no meu barco.' E Santanu, vendo aquela moça dotada de forma celestial e beleza, amabilidade, e tal fragrância, desejou tê-la como esposa. E indo até o pai dela, o rei solicitou seu consentimento para a proposta de casamento. Mas o chefe dos pescadores respondeu ao monarca, dizendo, 'Ó rei, tão logo minha filha de aspecto superior nasceu, é claro, foi entendido ela deveria ser entregue para um marido. Mas ouças ao desejo que eu nutro de todo o meu coração. Ó impecável, sejas sincero: se tu desejas obter esta moça como um presente de mim, dê-me então tua palavra. Se, de fato, tu a deres como penhor, é claro que eu entregarei minha filha a ti porque realmente eu nunca poderia obter um marido para ela igual a ti.'

Santanu, o ouvindo, respondeu, 'Quando eu souber que penhor queres eu então direi se poderei concedê-lo. Se eu for capaz de conceder, eu certamente o concederei. Caso contrário como poderei conceder?' O pescador disse, 'Ó rei, o que eu te peço é que o filho nascido desta moça seja instalado por ti no teu trono e que ninguém mais além dele se torne teu sucessor.'

Vaisampayana continuou, 'Ó Bharata, quando Santanu ouviu isso não sentiu tendência a conceder tal benefício, no entanto o fogo do desejo dolorid amente queimou dentro dele. O rei com seu coração aflito pelo desejo voltou para Hastinapura, pensando todo o caminho na filha do pescador. E tendo voltado para casa, o monarca passava seu tempo em triste meditação. Um dia, Devavrata se

aproximou de seu angustiado pai e disse, 'Tudo é prosperidade contigo; todos os comandantes te obedecem; então porque é que te afliges assim? Absorto nos teus próprios pensamentos, tu não me dizes uma palavra em resposta. Tu agora não sais mais a cavalo; pareces pálido e emaciado, tendo perdido toda a animação. Eu desejo saber de que doença tu sofres para que eu possa me esforçar para aplicar um remédio.' Assim endereçado por seu filho, Santanu respondeu, 'Tu disseste a verdade, ó filho, eu me tornei melancólico. Ó tu da linha Bharata, tu és o único descendente desta nossa grande linhagem. Tu estás sempre envolvido em esportes com armas e realizações de coragem. Eu estou sempre pensando na instabilidade da vida humana. Se qualquer perigo te alcançar, ó filho de Ganga, o resultado é que nós ficaremos sem filhos. Realmente somente tu és caro para mim como uma centena de filhos. Portanto, eu não desejo casar outra vez. Eu somente desejo e rezo que a prosperidade sempre esteja contigo para que nossa dinastia possa ser perpetuada. Os sábios dizem que aquele que tem um filho não tem nenhum. Sacrifícios perante o fogo e o conhecimento dos três Vedas produzem, é verdade, mérito religioso eterno, mas estes, com relação a mérito religioso, não alcançam uma sexta parte do mérito alcançável pelo nascimento de um filho. De fato, a este respeito, há pouca diferença entre homens e animais inferiores. Ó sábio, eu não tenho uma sombra dúvida que um homem alcança ao céu por gerar um filho. Os Vedas que constituem a base dos Puranas e são considerados como autoridade até pelos deuses, contém provas numerosas disto. Ó tu da linhagem Bharata, tu és um herói de temperamento excitável, que está sempre dedicado ao exercício de armas. É muito provável que tu sejas morto no campo de batalha. Se isso acontecer, qual então será o estado da dinastia Bharata, ó, este é o pensamento que me fez assim melancólico. Eu agora te disse completamente as causas da minha tristeza.'

Vaisampayana continuou, 'Devavrata que era dotado de grande inteligência, tendo averiguado isto com o rei, refletiu consigo mesmo por um instante. Ele então foi ao antigo ministro dedicado ao bem-estar de seu pai e o questionou acerca da causa da aflição do rei. Ó touro da raça Bharata, quando o príncipe questionou o ministro, o último contou a ele acerca do benefício que foi exigido pelo chefe dos pescadores a respeito de sua filha Gandhavati. Então Devavrata, acompanhado por muitos comandantes Kshatriya de idade venerável, foi pessoalmente ao chefe dos pescadores e pediu a ele sua filha em nome do rei. O chefe dos pescadores o recebeu com as devidas adorações, e, ó tu da linhagem Bharata, quando o príncipe se sentou na corte do chefe, o último se dirigiu a ele e disse, 'Ó touro entre os Bharatas, tu és o principal de todos os manejadores de armas e o filho único de Santanu. Teu poder é grande. Mas eu tenho algo a te dizer. Se o pai da noiva fosse o próprio Indra, mesmo ele se arrependeria de rejeitar esta extremamente honrada e desejável proposta de casamento. O grande homem de cuja semente esta moça célebre chamada Satyavati nasceu, é, de fato, igual a vocês em virtude. Ele falou a mim em muitas ocasiões das virtudes do teu pai e me disse que só o rei é digno de (casar com) Satyavati. Deixe-me te dizer que eu até rejeitei a solicitação do melhor dos Brahmarshis, o sábio celestial Asita, que também muitas vezes me pediu para entregar Satyavati em casamento. Eu tenho uma única palavra a dizer da parte desta moça. Na questão do casamento

proposto há uma grande objeção fundada no fato de haver um rival na pessoa do filho de uma co-esposa. Ó opressor de todos os inimigos, ele (o filho que dela nascer) não terá nenhuma segurança, mesmo que ele seja um Asura ou um Gandharva, por ter em ti um rival. Esta é a única objeção à proposta de casamento, e nada mais. Abençoado sejas! Mas isso é tudo o que eu tenho a dizer na questão da concessão ou não de Satyavati.'

Vaisampayana continuou, 'Ó tu da linhagem Bharata, Devavrata, tendo ouvido estas palavras, e movido pelo desejo de beneficiar seu pai assim respondeu na audição dos comandantes reunidos, 'Ó principal dos homens sinceros, escute ao voto que eu profiro! Não há homem nascido ou para nascer que terá coragem de tomar tal voto! Eu realizarei tudo isso que tu exiges! O filho que nascer desta moça será nosso rei.' Assim, o chefe dos pescadores, impelido pelo desejo de soberania (para o filho de sua filha), para alcançar o quase impossível, então disse, 'Ó tu de alma virtuosa, tu vieste aqui como agente em nome do teu pai Santanu de glória imensurável; sejas também o único gerente em meu nome na questão do casamento desta minha filha. Mas, ó amável, há outra coisa a ser dita, outra coisa que deve ser refletida por ti. Ó supressor de inimigos, aquele que tem filhas, pela natureza de suas obrigações, deve dizer o que eu digo. Ó tu que és devotado à verdade, a promessa que tu fizeste na presença destes comandantes para o benefício de Satyavati, foi, de fato, digna de ti. Ó tu de braços poderosos, eu não tenho a menor dúvida de que irás cumpri-la. Mas eu tenho minhas dúvidas a respeito dos filhos que tu possas gerar.'

Vaisampayana continuou, 'Ó rei, o filho de Ganga, dedicado à verdade, tendo averiguado os escrúpulos do chefe dos pescadores, então disse, movido a isto pelo desejo de beneficiar seu pai, 'Chefe dos pescadores, melhor dos homens, escute o que eu digo na presença dos reis reunidos. Ó reis, eu já renunciei ao meu direito ao trono, eu agora decidirei a questão dos meus filhos. Ó pescador, deste dia em diante eu adoto o voto de Brahmacharya (estudo e meditação em celibato). Se eu morrer sem filhos, eu ainda alcançarei as regiões de felicidade perene no céu!'

Vaisampayana continuou, 'Após estas palavras do filho de Ganga, os pêlos do corpo do pescador se arrepiaram de alegria, e ele respondeu, 'Eu entrego a minha filha!' Imediatamente, as Apsaras e os deuses com diversas tribos de Rishis começaram a lançar uma chuva de flores do firmamento sobre a cabeça de Devavrata e exclamaram, 'Este é Bhishma (o terrível)'. Bhishma então, para servir seu pai, se dirigiu à ilustre donzela e disse, 'Ó mãe, suba nesta carruagem, e vamos juntos para nossa casa.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo assim dito, Bhishma ajudou a bela moça a entrar em sua carruagem. Ao chegar com ela em Hastinapura, ele disse a Santanu tudo o que tinha acontecido. E os reis reunidos, em comum e individualmente, aplaudiram seu ato extraordinário e disseram, 'Ele é realmente Bhishma (o terrível)!' E Santanu também, sabendo das extraordinárias realizações de seu filho, ficou muito satisfeito e deu àquele príncipe de grande alma a bênção de morrer quando ele quisesse, dizendo, 'A morte nunca virá para ti enquanto

desejares viver. Realmente a morte só se aproximará de ti, ó impecável, tendo obtido primeiro a tua ordem.'

101

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó monarca, depois que as núpcias tinham acabado, o rei Santanu instalou sua bela noiva em seu lar. Logo depois nasceu de Satyavati um inteligente e heróico filho de Santanu de nome Chitrangada. Ele era dotado de grande energia e se tornou um homem eminente. O senhor Santanu de grande destreza também gerou em Satyavati outro filho de nome Vichitravirya, que se tornou um poderoso arqueiro e que virou rei depois de seu pai. E antes daquele touro entre homens, Vichitravirya, alcançar a maioridade, o sábio rei Santanu sucumbiu à inevitável influência do Tempo. E depois de Santanu ter ascendido para o céu, Bhishma, se colocando sob a ordem de Satyavati, instalou aquele supressor de inimigos, Chitrangada, no trono, que, tendo logo conquistado com sua bravura todos os monarcas, não considerava nenhum homem como seu igual. E vendo que ele podia derrotar homens, Asuras, e os próprios deuses, seu xará, o poderoso rei dos Gandharvas, se aproximou dele para um combate. Entre aquele Gandharva e aquele principal dos Kurus, que eram ambos muitos poderosos, ocorreu no campo de Kurukshetra um combate feroz que durou três anos completos nas margens do Saraswati. Naquela terrível batalha caracterizada por chuvas grossas de armas e no qual os combatentes derrubavam um ao outro ferozmente, o Gandharva, que tinha maior bravura ou engano estratégico, matou o príncipe Kuru. Tendo matado Chitrangada, aquele principal dentre os homens e supressor de todos os inimigos, o Gandharva ascendeu para o céu. Quando aquele tigre entre homens dotado de grande destreza foi morto, Bhishma, o filho de Santanu, realizou, ó rei, todos os seus funerais. Ele então instalou o menino Vichitravirya de braços poderosos, ainda em sua minoridade, no trono dos Kurus. E Vichitravirya, se colocando sob a ordem de Bhishma, governou o reino ancestral. E ele venerava Bhishma o filho de Santanu, que era familiarizado com todas as regras de religião e lei; assim, de fato, Bhishma também protegeu aquele que era tão obediente aos ditames do dever.'

102

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó tu da linhagem Kuru, depois que Chitrangada foi morto, seu sucessor Vichitravirya sendo menor de idade, Bhishma governou o reino, se colocando sob a ordem de Satyavati. Quando ele viu que seu irmão, que era o principal dos homens inteligentes, alcançou a maioridade, Bhishma manifestou a

intenção de casar Vichitravirya. Naquela época ele ouviu que três filhas do rei de Kasi, todas iguais em beleza às próprias Apsaras, estariam casando na mesma ocasião, selecionando seus maridos em uma cerimônia de escolha de marido. Então aquele principal dos guerreiros em carros, vencedor de todos os inimigos, por ordem de sua mãe foi à cidade de Varanasi em uma única carruagem. Lá Bhishma, o filho de Santanu, viu que inúmeros monarcas tinham chegado de todas as direções; e lá ele também viu aquelas três moças que escolheriam seus próprios maridos. E quando os reis (reunidos) foram cada um mencionado por nome, Bhishma escolheu aquelas moças (em nome de seu irmão). E colocando-as em sua carruagem, Bhishma, o principal dos matadores em batalha, se dirigiu aos reis, ó monarca, e disse em uma voz profunda como o rugido das nuvens, 'Os sábios determinam que quando uma pessoa ilustre é convidada a donzela deve ser concedida a ele, enfeitada com ornamentos e junto com muitos presentes de valor. Outros também entregam suas filhas por aceitarem um par de vacas. Alguns outorgam suas filhas por receberem uma soma fixa, e alguns levam as moças à força. Alguns casam com o consentimento das moças, alguns por entorpecê-las para que consintam, e alguns por irem aos pais das moças e obterem sua sanção. Alguns obtêm esposas como presentes por ajudarem em sacrifícios. Destes, os eruditos sempre elogiam a oitava forma de casamento. Reis, no entanto, falam elogiosamente do Swyamvara (a quinta forma como acima) e eles mesmos se casam segundo esta. Mas os sábios dizem que a mulher que é ternamente valorizada é aquela que é levada à força, depois da matança dos adversários, do meio do saguão de príncipes e reis convidados para uma cerimônia de escolha de marido. Portanto, ó monarcas, eu parto daqui levando estas moças à força. Esforcem-se, o melhor que puderem, para me derrotar ou serem derrotados. Ó monarcas, eu estou aqui decidido a lutar!' O príncipe Kuru, dotado de grande energia, se dirigindo dessa forma aos reis reunidos e ao rei de Kasi, tomou sobre seu carro aquelas moças. E levando-as ele partiu com sua carruagem, desafiando os reis convidados para uma luta.

Os monarcas desafiados então todos levantaram imediatamente sacando suas armas e mordendo seus lábios inferiores em fúria. E alta foi a zoeira produzida, quando, com grande pressa, eles começaram a tirar seus ornamentos e colocar suas armaduras. E o movimento de seus ornamentos e armaduras, ó Janamejaya, brilhantes como eram, parecia relâmpagos meteóricos no céu. E com as frontes contraídas e os olhos vermelhos de raiva, os monarcas se movimentaram com impaciência, suas armaduras brilhando e ornamentos ondulando com seus passos agitados. Os cocheiros logo trouxeram belos carros com excelentes cavalos arreados. Aqueles guerreiros esplêndidos então, equipados com todas as espécies de armas, subiram naqueles carros, e com armas erguidas perseguiram o chefe dos Kurus em retirada. Então, ó Bharata, ocorreu a terrível batalha entre aqueles inúmeros monarcas de um lado e o guerreiro Kuru sozinho no outro. E os monarcas reunidos jogaram em seu inimigo dez mil flechas ao mesmo tempo. Bhishma, no entanto, deteve rapidamente aquelas inumeráveis flechas antes que elas pudessem acertá-lo, através de uma chuva das suas próprias flechas tão incontáveis quanto os pêlos do corpo. Então aqueles reis o cercaram de todos os lados e derramaram flechas sobre ele como massas de nuvens despejam chuva

sobre o leito da montanha. Mas Bhishma, detendo com suas flechas o curso daquela torrente de flechas, perfurou cada um dos monarcas com três flechas. Os últimos por sua vez perfuraram Bhishma, cada um com cinco flechas. Mas, ó rei, Bhishma os deteve por meio de sua destreza e perfurou cada um dos reis oponentes com duas flechas. O combate se tornou tão feroz com aquela chuva densa de flechas e outros mísseis que ela parecia muito com a batalha entre os celestiais e os Asuras de antigamente, e homens de coragem que não tomaram parte nela sentiram medo só de olhar para a cena. Bhishma cortava, com suas flechas, no campo de batalha, arcos, e mastros de bandeiras, e armaduras, e cabeças humanas às centenas e milhares. E tal era sua bravura terrível e sua extraordinária leveza de mão, e tal era a habilidade com a qual ele se protegia, que os oponentes guerreiros em carros, embora seus inimigos, começaram a aplaudi-lo ruidosamente. Então aquele principal de todos os manejadores de armas, tendo vencido em batalha todos aqueles monarcas, seguiu seu caminho em direção à capital dos Bharatas, levando aquelas moças consigo.

Foi então, ó rei, que aquele guerreiro em carro poderosamente armado, o rei Salya de imensurável destreza, de trás convocou Bhishma, o filho de Santanu, para uma luta. E desejoso de obter as moças, ele veio sobre Bhishma como um líder poderoso de uma manada de elefantes avançando sobre outro de sua espécie, e rasgando em fúria com suas presas os quadris do último à vista de uma elefante fêmea no cio. E Salya de braços poderosos, movido por cólera se dirigiu a Bhishma e disse, 'Fique, Fique.' Então Bhishma, aquele tigre entre homens, aquele triturador de exércitos hostis, provocado por estas palavras, queimou em cólera como um fogo ardente. Arco na mão, e fronte contraída, ele ficou em seu carro, em conformidade com o costume Kshatriya de deter seu curso na expectativa do inimigo. Todos os monarcas vendo-o parar ficaram lá para se tornarem espectadores do combate entre ele e Salya. Os dois então começaram a expor sua destreza (um sobre o outro) como touros de grande força rugindo à vista de uma vaca no cio. Então aquele principal dos homens, o rei Salya, cobriu Bhishma, o filho de Santanu com centenas e milhares de flechas rápidas. E os monarcas vendo Salya assim cobrir Bhishma no início com flechas inumeráveis, maravilharam-se muito e proferiram gritos e aplausos. Vendo sua leveza de mão em combate, a multidão de espectadores reais ficou muito contente e aplaudiu Salya. Aquele subjugador de cidades hostis, Bhishma, então, ao ouvir os gritos dos Kshatriyas, ficou muito zangado e disse, 'Fique, Fique.' Em cólera, ele deu ordem a seu quadrigário, dizendo, 'Conduza meu carro para onde Salya está, para que eu possa matá-lo imediatamente como Garuda mata uma serpente.' Então o chefe Kuru fixou a arma Varuna na corda de seu arco, e com ela afligiu os quatro corcéis do rei Salya. E, ó tigre entre reis, o chefe Kuru, então, desviando com suas armas aquelas de seu inimigo, matou o quadrigário de Salya. Então aquele principal dos homens, Bhishma, o filho de Santanu, lutando por causa daquelas donzelas, matou com a arma Aindra os nobres corcéis de seu adversário. Ele então venceu aquele melhor dos monarcas, mas o deixou com sua vida. Ó touro da raça Bharata, Salya, depois de sua derrota, voltou para seu reino e continuou a governar virtuosamente. E, ó conquistador de cidades hostis, os outros reis

também, que tinham sido testemunhas da cerimônia de escolha de marido, voltaram para seus próprios reinos.

Aquele principal dos lutadores, Bhishma, depois de derrotar aqueles monarcas, foi com aquelas donzelas para Hastinapura de onde o virtuoso príncipe Kuru Vichitravirya governava a terra como aquele melhor dos monarcas, seu pai Santanu. E, ó rei, passando por muitas florestas, rios, colinas, e florestas cheias de árvores, ele chegou (à capital) rapidamente. De bravura imensurável em batalha, o filho de Ganga que segue para o oceano, tendo matado numerosos inimigos em batalha sem um arranhão em si mesmo, trouxe as filhas do rei de Kasi para os Kurus tão afetuosamente como se elas fossem suas noras, ou irmãs mais novas, ou filhas. E Bhishma de braços poderosos, impelido pelo desejo de beneficiar seu irmão, tendo por meio de sua coragem trazido elas daquela forma, então ofereceu aquelas moças possuidoras todos os atributos para Vichitravirya. Conhecedor dos ditames da virtude, o filho de Santanu, tendo realizado tal façanha extraordinária segundo o costume (real), então começou a fazer os preparativos para o casamento de seu irmão. E quando tudo acerca do casamento estava acertado por Bhishma em consulta com Satyavati, a filha mais velha do rei de Kasi, com um sorriso suave, disse estas palavras, 'No meu coração eu havia escolhido o rei de Saubha para meu marido. Ele tinha, em seu coração, me aceito como sua mulher. Isto era também aprovado por meu pai. Na cerimônia de escolha de marido também eu o teria escolhido como meu senhor. Tu és conhecedor de todos os ditames da virtude, sabendo de tudo isso, faça como te parecer melhor.' Assim endereçado por aquela moça na presença dos Brahmanas, o heróico Bhishma começou a refletir quanto ao que deveria ser feito. Como ele estava familiarizado com as regras da virtude, ele consultou os Brahmanas que tinham se tornado peritos nos Vedas, e permitiu que Amba, a filha mais velha do soberano de Kasi, agisse como quisesse. Mas ele entregou com ritos devidos as duas outras filhas, Ambika e Ambalika para seu irmão mais jovem Vichitravirya. E embora Vichitravirya fosse virtuoso e abstinente, ainda, orgulhoso de sua juventude e beleza, ele logo tornou-se lascivo depois de seu casamento. E ambas Ambika e Ambalika eram de estatura alta, e da cor do ouro fundido. E suas cabeças eram cobertas com cabelo encaracolado preto, e suas unhas eram grandes e vermelhas; seus quadris e peitos eram cheios e redondos. E dotadas com todos os sinais auspiciosos, as jovens senhoras amáveis se consideravam casadas com um marido que era de todas as maneiras digno delas mesmas, e amaram e respeitaram muito Vichitravirya. E Vichitravirya também, dotado da destreza dos celestiais e a beleza dos gêmeos Aswins, podia roubar o coração de qualquer mulher bela. E o príncipe passou sete anos ininterruptos na companhia de suas esposas. Ele foi atacado ainda no início da sua juventude pela tísica. Amigos e parentes em consulta uns com os outros tentaram efetivar uma cura. Mas apesar dos esforços, o príncipe Kuru morreu, se pondo como o sol à noite. O virtuoso Bhishma então mergulhou em ansiedade e aflição, e em consulta com Satyavati fez com que os ritos do falecido fossem realizados por sacerdotes eruditos e pelos muitos da linhagem Kuru.'

103

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'A infeliz Satyavati então ficou mergulhada na dor por causa de seu filho. E depois de realizar com suas noras a cerimônia fúnebre do falecido ela consolou, o melhor que pôde, suas chorosas noras e Bhishma, aquele principal de todos os manejadores de armas. E voltando seus olhos para a religião, e para as linhas paternas e maternas (dos Kurus), ela endereçou-se a Bhishma e disse 'O bolo fúnebre (oferenda aos antepassados falecidos), as realizações, e a perpetuação da linha do virtuoso e célebre Santanu da linhagem Kuru, todos agora dependem de ti. Como o alcance do céu é inseparável de boas ações, como a vida longa é inseparável da verdade e fé, assim a virtude é inseparável de ti. Ó virtuoso, tu és bem familiarizado, em detalhes e em resumo, com os ditames da virtude, com vários Srutis, e com todos os ramos dos Vedas; saiba muito bem que tu és igual a Sukra e Angiras em firmeza e em virtude, conhecimento dos costumes específicos de famílias, e presteza de invenções sob dificuldades. Portanto, ó principal dos homens virtuosos, confiando imensamente em ti, eu te designarei em uma certa questão. Me ouvindo, cabe a ti realizar meu pedido. Ó touro entre homens, meu filho e teu irmão, dotado de energia e caro a ti foi sem filhos para o céu enquanto ainda era um jovem. Aquelas esposas do teu irmão, as amáveis filhas do soberano de Kasi, possuindo beleza e juventude, estão desejosas de filhos. Portanto, ó tu de braços poderosos, por minha ordem, crie progênie nelas para a perpetuação da nossa linhagem. Cabe a ti impedir a perda da virtude. Instale-te no trono e governe o reino dos Bharatas. Case devidamente com uma mulher. Não lance teus antepassados no inferno.'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por sua mãe e amigos e parentes, o opressor de inimigos, o virtuoso Bhishma, deu esta resposta em conformidade com os ditames da virtude, 'Ó mãe, o que tu dizes é certamente sancionado pela virtude. Mas tu sabes qual é o meu voto na questão de gerar filhos. Tu sabes também tudo o que ocorreu em relação ao teu casamento. Ó Satyavati, eu repito o penhor que dei uma vez, eu renunciaria aos três mundos, ao império do céu, ou a qualquer coisa que fosse maior do que isso, mas eu nunca renunciarei à verdade. A terra pode renunciar ao seu aroma, a água pode renunciar à sua umidade, a luz pode renunciar ao seu atributo de exibir formas, o ar pode renunciar ao seu atributo de toque, o sol pode renunciar à sua glória, o fogo, ao seu calor, a lua, aos seus raios frios, o espaço, à sua capacidade de gerar som, o matador de Vritra, à sua bravura, o deus da justiça, à sua imparcialidade; mas eu não posso renunciar à verdade.' Assim endereçado por seu filho dotado de abundância de energia, Satyavati disse a Bhishma, 'Ó tu cuja destreza é a verdade, eu sei da tua firmeza na verdade. Tu podes, se assim disposto, criar, pela ajuda da tua energia, três mundos além daqueles que existem. Eu sei que teu voto foi por minha causa. Mas por considerares esta emergência, aceite a carga de dever que uma pessoa possui com seus antepassados. Ó punidor de inimigos, aja de tal modo para que nossa linhagem

direta não seja rompida e nossos amigos e parentes não sofram.' Assim rogado pela infeliz e chorosa Satyavati falando tais palavras inconsistentes com a virtude por causa da dor pela perda de seu filho, Bhishma se dirigiu a ela outra vez e disse, 'Ó rainha, não desvie teus olhos da virtude. Ó, não nos destrua. Violação da verdade por um Kshatriya nunca é aprovada nos nossos tratados de religião. Eu logo te direi, ó rainha, qual consagrado costume Kshatriya pode ser usado como recurso para impedir que a linha de Santanu se torne extinta sobre a terra. Ouvindo-me, reflita sobre o que deve ser feito em consulta com sacerdotes eruditos e com aqueles que conhecem as práticas admissíveis em tempos de emergência e angústia, não esquecendo ao mesmo tempo qual é o regulamento de conduta social.'

104

(Continuação do Sambhava Parva)

Bhishma continuou, 'Antigamente, Rama, o filho de Jamadagni, furioso pela morte de seu pai, matou com seu machado de batalha o rei dos Haihayas. E Rama, por cortar os mil braços de Arjuna (o rei Haihaya), realizou a façanha mais difícil do mundo. Não contente com isto, ele saiu em sua carruagem para a conquista do mundo, e erguendo seu arco ele lançou suas poderosas armas para exterminar os Kshatriyas. E o descendente ilustre da linhagem Bhrigu, por meio de suas flechas rápidas aniquilou a tribo Kshatriya vinte e uma vezes.

E quando a terra foi assim desprovida de Kshatriyas pelo grande Rishi, as mulheres Kshatriya por toda a terra tiveram prole criada por Brahmanas hábeis nos Vedas. É dito nos Vedas que os filhos assim gerados pertencem àquele que era casado com a mãe. E as mulheres Kshatriya foram aos Brahmanas não lascivamente, mas por motivos virtuosos. De fato, foi dessa forma que a raça Kshatriya reviveu.

Ligado a isto há outra velha história que eu narrarei para ti. Havia nos tempos antigos um Rishi sábio de nome Utathya. Ele tinha uma mulher de nome Mamata a quem ele amava ternamente. Um dia o irmão mais novo de Utathya, Vrihaspati, o sacerdote dos celestiais, dotado de grande energia, se aproximou de Mamata. A última, no entanto, disse ao jovem irmão de seu marido, que era o principal dentre os homens eloquentes, que ela tinha concebido da sua ligação com seu irmão mais velho e por isso, portanto, ele não deveria procurar a consumação de seus desejos. Ela continuou, 'Ó ilustre Vrihaspati, o filho que eu concebi estudou no útero de sua mãe os Vedas com os seis Angas. Tu não deves lançar teu sêmen em vão. Como pode este meu útero proporcionar um lugar para duas crianças ao mesmo tempo? Portanto, cabe a ti não procurar a consumação dos teus desejos em tal época.' Assim endereçado por ela, Vrihaspati, embora possuidor de grande sabedoria, não suprimiu seu desejo. Então a criança no útero se dirigiu a ele e disse, 'Ó pai, pare tua tentativa. Não há espaço aqui para dois. Ó ilustre, o espaço

é pequeno. Eu o ocupei primeiro. Tu não deves usar o teu sêmen inutilmente. Cabe a ti não me afligir.' Mas Vrihaspati sem escutar o que aquela criança no útero disse procurou os abraços de Mamata possuidora do mais belo par de olhos. Mas, como a criança havia dito o sêmen não encontrou entrada. E o ilustre Vrihaspati vendo aquilo ficou indignado, e repreendeu o filho de Utathya e o amaldiçoou, dizendo, 'Porque tu falaste a mim dessa maneira na hora do prazer que é procurado por todas as criaturas, a escuridão perpétua se apossará de ti.' E por causa daquela maldição do ilustre Vrishaspati o filho de Utathya que era igual ao próprio Vrihaspati em energia nasceu cego e veio a ser chamado de Dirghatamas (envolvido em escuridão perpétua). E o sábio Dirghatamas, possuidor de conhecimento dos Vedas, embora cego de nascença, sucedeu ainda em virtude de sua erudição obter como esposa uma jovem e bela moça Brahmana de nome Pradweshi. E tendo casado com ela, o ilustre Dirghatamas, para a expansão da linhagem de Utathya, gerou nela vários filhos com Gautama como seu mais velho. Aqueles filhos, no entanto, eram todos dados à avidez e insensatez. O virtuoso e ilustre Dirghatamas possuindo domínio completo dos Vedas, logo depois aprendeu do filho de Surabhi as práticas de sua classe e sem medo dirigiu-se àquelas práticas, as considerando com reverência. (Vergonhosa é a criatura de pecado e nunca pode estar onde há pureza de intenção). Então aqueles melhores dos Munis que moravam no mesmo retiro, vendo-o ultrapassar os limites de propriedade ficaram indignados, vendo pecado onde não havia. E eles disseram, 'Ó, este homem violou o limite de propriedade. Ele não merece mais um lugar entre nós. Portanto, vamos todos expulsar este canalha pecaminoso.' E eles disseram muitas outras coisas a respeito do Muni Dirghatamas. E sua mulher, também, tendo tido filhos, ficou indignada com ele.

O marido então se dirigiu à sua mulher Pradweshi, e disse, 'Por que é que tu também estás descontente comigo?' Sua mulher respondeu, 'O marido é chamado Bhartri porque ele sustenta a mulher. Ele é chamado Pati porque ele a protege. Mas tu não fazes nada disso por mim! Ó tu de grande mérito ascético, por outro lado, tu és cego de nascimento, e sou eu quem tem sustentado a ti e teus filhos. Eu não farei isso no futuro.'

Ouvindo estas palavras de sua mulher, o Rishi ficou indignado e disse a ela e seus filhos, 'Levem-me aos Kshatriyas e tu então estarás rica.' Sua mulher respondeu (dizendo), 'Eu não desejo a riqueza que possa ser obtida por ti, porque isso nunca poderia me trazer felicidade. Ó melhor dos Brahmanas, faça como quiseres. Eu não poderei te manter como antes.' A estas palavras de sua mulher, Dirghatamas disse, 'Eu declaro deste dia em diante como uma regra que toda mulher terá que aderir a um marido na duração de sua vida. Esteja o marido morto ou vivo, não será lícito para uma mulher ter ligação com outro. E aquela que tiver tal ligação certamente será considerada decaída. Uma mulher sem marido sempre será propensa a ser pecaminosa. E mesmo que ela seja rica ela não poderá desfrutar realmente daquela riqueza. Calúnia e má reputação a perseguirão.' Ouvindo estas palavras de seu marido, Pradweshi ficou muito zangada, e mandou seus filhos, dizendo, 'Joguem-no nas águas do Ganga!' E por ordem de sua mãe, o perverso Gautama e seus irmãos, aqueles escravos da insensatez e tolice,

exclamando, 'De fato, por que deveríamos nós sustentar esse homem velho?' amarraram o Muni em uma balsa e o entregando à mercê da correnteza voltaram para casa sem remorso. O velho homem cego flutuando pela correnteza naquela balsa passou pelos territórios de muitos reis. Um dia um rei de nome Vali, conhecedor de todos os deveres foi ao Ganges realizar suas abluções. E enquanto o monarca estava dessa forma ocupado, a balsa na qual o Rishi foi atado se aproximou dele. E nisso o rei alcançou o velho homem. O virtuoso Vali, sempre dedicado à verdade, sabendo então quem era o homem que havia sido assim salvo por si, o escolheu para criar prole. E Vali disse, 'Ó ilustre, cabe a ti gerar em minha mulher uns poucos filhos que sejam virtuosos e sábios.' Assim endereçado, o Rishi dotado de grande energia, expressou seu consentimento. Então o rei Vali enviou sua mulher Sudeshna a ele. Mas sabendo que o último era velho e cego a rainha não foi até ele, enviando sua criada em seu lugar. E naquela mulher Sudra o Rishi virtuoso de paixões sob total controle gerou onze filhos dos quais Kakshivat era o mais velho. E vendo aqueles onze filhos com Kakshivat como o mais velho, que haviam estudado todos os Vedas e que como Rishis eram proferidores de Brahma e eram possuidores de grande poder, o rei Vali um dia questionou o Rishi dizendo, 'Estes são meus filhos?' O Rishi respondeu, 'Não, eles são meus. Kakshivat e outros foram gerados por mim em uma mulher Sudra. Tua desventurada rainha Sudeshna, me vendo cego e velho, me insultou por não vir ela mesma, mas por enviar-me, em vez disso, sua criada.' O rei então acalmou aquele melhor dos Rishis e o enviou a sua rainha Sudeshna. O Rishi meramente por tocar o corpo dela disse, 'Tu terás cinco filhos chamados Anga, Vanga, Kalinga, Pundra e Suhma, que serão como o próprio Surya (sol) em glória. E pelos seus nomes serão conhecidos muitos países sobre a terra. É pelos seus nomes que seus domínios virão a ser chamados de Anga, Vanga, Kalinga, Pundra e Suhma.'

Foi assim que a linhagem de Vali foi perpetuada, antigamente, por um grande Rishi. E foi assim também que muitos arqueiros poderosos e grandes guerreiros em carros dedicados à virtude surgiram na linhagem Kshatriya da semente de Brahmanas. Ouvindo isto, ó mãe, faça como quiser, em relação à questão à mão.'

105

(Continuação do Sambhava Parva)

Bhishma, continuou, 'Escute, ó mãe, a mim enquanto eu indico os meios pelos quais a linha Bharata pode ser perpetuada. Que um Brahmana ilustre seja convidado por uma oferta de riqueza, e que ele gere prole nas esposas de Vichitravirya.'

Vaisampayana continuou, 'Satyavati, então, sorrindo suavemente e em voz alquebrada em acanhamento, se dirigiu a Bhishma e disse, 'Ó Bharata de braços

poderosos, o que tu dizes é verdade. Por minha confiança em ti eu agora indicarei os meios de perpetuar nossa linhagem. Tu não poderás rejeitá-los, conhecedor, como és, das práticas permitidas em épocas de infortúnio. Na nossa família tu és a Virtude e Verdade, e és também, nosso único amparo. Portanto ouça realmente o que eu digo, e faça o que for apropriado.

Meu pai era um homem virtuoso. Por causa da virtude ele mantinha um barco. Um dia, no início da minha juventude, eu fui navegar naquele barco. Então aconteceu que o grande e sábio Rishi Parasara, aquele principal de todos os homens virtuosos, chegou, e se colocou no meu barco para cruzar o Yamuna. Enquanto eu estava remando até o outro lado do rio, o Rishi ficou excitado pelo desejo e começou a se dirigir a mim em palavras suaves. O medo do meu pai era mais elevado em minha mente. Mas o terror da maldição do Rishi finalmente triunfou. E tendo obtido dele um benefício precioso eu não recusei suas solicitações. O Rishi por meio de sua energia me trouxe sob seu controle total, e satisfez seu desejo lá mesmo, tendo primeiro envolvido a região em um nevoeiro denso. Antes havia um revoltante odor no meu corpo; mas o Rishi o dissipou e me deu minha atual fragrância. O Rishi também me disse que por dar à luz ao seu filho em uma ilha do rio, eu ainda continuaria virgem. E o filho de Parasara assim nasceu de mim na minha juventude e se tornou um grande Rishi dotado de poderes ascéticos e conhecido pelo nome de Dwaipayana (o Nascido na Ilha). Aquele Rishi ilustre por meio do seu poder ascético dividiu os Vedas em quatro partes e veio a ser chamado na terra pelo nome de Vyasa (o que divide ou organizador), e por sua cor escura, Krishna (o Escuro). De fala sincera, livre de paixão, um poderoso asceta que destruiu todos os seus pecados, ele partiu com seu pai imediatamente após seu nascimento. Ordenado por mim e por ti também, aquele Rishi de esplendor incomparável certamente gerará filhos nas esposas do teu irmão. Ele me disse quando foi embora, 'Mãe, pense em mim quando estiver em dificuldades.' Eu agora o chamarei, se tu, ó Bhishma poderosamente armado, assim desejares. Se tu desejares, ó Bhishma, eu estou certa que aquele grande asceta gerará filhos nas mulheres de Vichitravirya.'

Vaisampayana continuou, 'Esta menção ao grande Rishi sendo feita, Bhishma com as mãos unidas disse, 'É realmente inteligente o homem que fixa seus olhos judiciosamente na virtude, lucro, e prazer, e que depois de refletir com paciência age de tal modo que a virtude leve à futura virtude, lucro ao futuro lucro e prazer ao futuro prazer. Portanto, isso que foi dito por ti e que, além de ser benéfico para nós é compatível com a virtude, é certamente o melhor conselho e tem toda a minha aprovação.' E quando Bhishma tinha assim falado, ó tu da linhagem Kuru, Kali (Satyavati) pensou no Muni Dwaipayana e Dwaipayana, que estava então dedicado a interpretar os Vedas, sabendo que estava sendo chamado por sua mãe, foi imediatamente até ela sem ninguém ficar sabendo. Satayavati então saudou devidamente seu filho e o abraçou, o banhando em suas lágrimas, pois a filha do pescador chorou amargamente ao ver seu filho depois de tanto tempo. E seu primeiro filho, o grande Vyasa, a vendo chorar, lavou seu rosto com água fria, e se curvando a ela, disse, 'Eu vim, ó mãe, para cumprir teu desejo. Portanto, ó virtuosa, ordene-me sem demora. Eu realizarei teu desejo.' O sacerdote da família

dos Bharatas então reverenciou o grande Rishi devidamente, e o último aceitou as oferendas de culto, proferindo os mantras usuais. E satisfeito com o culto recebido, ele tomou seu assento. Satyavati, vendo-o, sentou-se, e depois das perguntas usuais dirigiu-se a ele e disse, 'Ó erudito, filhos derivam seu nascimento do pai e da mãe. Eles são, portanto, a propriedade comum de ambos os pais. Não pode haver a menor dúvida de que a mãe tem tanto poder sobre eles quanto o pai. Como tu és, de fato, meu filho mais velho segundo a ordenança, ó Brahmarshi, assim Vichitravirya é meu filho mais novo. E como Bhishma é irmão de Vichitravirya por parte de pai, assim tu és seu irmão por parte de mãe. Eu não sei o que tu podes pensar, mas é o que eu penso, ó filho. Bhishma, o filho de Santanu, dedicado à verdade, não pode, por causa da verdade, se entregar ao desejo ou gerar filhos ou governar o reino. Portanto, por afeição por teu irmão Vichitravirya, para a perpetuação da nossa dinastia, pelo pedido de Bhishma e por minha ordem, por bondade para com todas as criaturas, para a proteção do povo e por tua generosidade de coração, ó impecável, cabe a ti fazer o que eu digo. Teu irmão mais novo deixou duas viúvas que são como as filhas dos próprios celestiais, dotadas com juventude e grande beleza. Por virtude e religião, elas têm estado desejosas de prole. Tu és a pessoa digna para elas. Portanto gere nelas filhos dignos da nossa raça para a continuação da nossa linhagem.'

Vyasa, ouvindo-a, disse, 'Ó Satyavati, tu sabes que a virtude diz respeito a esta vida e à outra. Ó tu de grande sabedoria, tuas afeições também estão fixadas na virtude. Portanto, por tua ordem, fazendo da virtude meu motivo, eu farei o que tu desejas. De fato, esta prática que está de acordo com a verdade e religião eterna é conhecida por mim, eu darei ao meu irmão filhos que serão como Mitra e Varuna. Que as senhoras então cumpram devidamente por um ano completo o voto que eu indicarei. Elas então serão purificadas. Nenhuma mulher se aproximará de mim sem ter cumprido um voto rígido.'

Satyavati então disse, 'Ó impecável, deve ser como tu dizes. Tome tais medidas para que as senhoras possam conceber imediatamente. Em um reino onde não há rei o povo perece por falta de proteção; sacrifícios e outros atos sagrados são suspensos; as nuvens não enviam chuva; e os deuses desaparecem. Como um reino pode ser protegido se não tem rei? Portanto, faça com que as senhoras concebam. Bhishma cuidará das crianças enquanto elas estiverem nos seus úteros de suas mães.'

Vyasa respondeu, 'Se eu tenho que dar filhos ao meu irmão tão inadequadamente, então que as senhoras aguentem minha feiúra. Isso em si mesmo será, no caso delas, a mais dura das penitências. Se as princesas de Kosala puderem tolerar meu cheiro forte, minha aparência feia e lúgubre, meus trajes e corpo, elas então conceberão filhos excelentes.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo assim falado a Satyavati, Vyasa de grande energia disse, 'Que a princesa de Kosala vestida em uma roupa limpa e enfeitada com ornamentos espere por mim em seu quarto de dormir.' Assim dizendo o Rishi desapareceu, Satyavati então foi até sua nora e vendo-a em particular falou estas palavras benéficas e de grande importância, 'Ó princesa de Kosala, escute o que

eu digo. Isso é compatível com a virtude. A dinastia dos Bharatas se extinguirá por minha desgraça. Vendo minha aflição e a extinção da sua linhagem paterna, o sábio Bhishma, impelido também pelo desejo de perpetuar nossa família, me fez uma sugestão, tal sugestão, no entanto, depende de ti para sua realização. Faça isso, ó filha, e restaure a linha perdida dos Bharatas. Ó tu de quadris formosos, dê à luz a um filho igual em esplendor ao chefe dos celestiais. Ele suportará a árdua carga deste nosso reino hereditário.'

Satyavati tendo obtido com grande dificuldade a concordância de sua nora virtuosa para sua proposta que não era inconsistente com a virtude, então alimentou Brahmanas e Rishis e numerosos convidados chegados na ocasião do falecimento de seu filho.'

106

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Logo depois que a época mensal da princesa de Kosala tinha acabado, Satyavati, purificando sua nora com um banho, a conduziu ao quarto de dormir. Lá sentou-a sobre uma cama luxuosa, ela dirigiu-se a ela, dizendo, 'Ó Princesa de Kosala, teu marido tem um irmão mais velho que neste dia entrará no teu útero como teu filho. Espere por ele esta noite sem cair no sono.' Ouvindo essas palavras de sua sogra, a princesa amável, deitada em sua cama, começou a pensar em Bhishma e nos outros mais velhos da família Kuru. Então o Rishi de fala sincera, que tinha dado sua promessa em relação a Amvika (a mais velha das princesas) em primeiro lugar, entrou no quarto enquanto a lâmpada estava queimando. A princesa, vendo sua aparência sombria, seus cabelos emaranhados da cor do cobre, olhos ardentes, e sua barba lúgubre, fechou seus olhos com medo. O Rishi, querendo realizar os desejos de sua mãe, a conheceu. Mas a última, tomada pelo medo, não abriu seus olhos nem uma vez para olhá-lo. E quando Vyasa saiu ele encontrou sua mãe, que perguntou, 'A princesa terá um filho ilustre?' Ouvindo-a, ele respondeu, 'O filho ao qual a princesa dará à luz será igual em força a dez mil elefantes. Ele será um sábio nobre ilustre, possuidor de grande erudição e inteligência e energia. Ele de grande alma terá uma centena de filhos. Mas por causa do erro de sua mãe ele será cego.' A estas palavras de seu filho, Satyavati disse, 'Ó tu de riqueza ascética, como pode alguém que é cego se tornar um monarca digno dos Kurus? Como pode alguém que é cego se tornar o protetor de seus parentes e família, e da glória da linhagem de seu pai? Cabe a ti dar outro rei aos Kurus.' Dizendo, 'Assim seja,' Vyasa foi embora. E a princesa de Kosala no tempo devido deu à luz a um filho cego.

Logo depois Satyavati, ó castigador de inimigos, convocou Vyasa, depois de ter garantido a concordância de sua nora. Vyasa veio segundo sua promessa, e se aproximou, como antes, da segunda mulher de seu irmão. E Ambalika vendo o

Rishi empalideceu com medo. E, ó Bharata, a vendo assim aflita e pálida com medo, Vyasa dirigiu-se a ela e disse, 'Porque tu empalideceste com medo ao ver minha lúgubre aparência, portanto, teu filho terá uma cor pálida. Ó tu de rosto bonito, também o nome de teu filho será Pandu (o pálido)'. 'Assim dizendo, o ilustre e melhor dos Rishis saiu do quarto dela. E quando saiu ele encontrou sua mãe que o questionou acerca da criança que nasceria. O Rishi disse a ela que a criança seria pálida e conhecida pelo nome de Pandu. Satyavati novamente pediu ao Rishi outra criança, e o Rishi disse a ela em resposta, 'Assim seja.' Ambalika, então, quando chegou o momento, deu à luz a um filho de cor pálida. Muito belo o filho era dotado de todos os sinais auspiciosos. De fato, foi aquele filho que depois se tornou o pai daqueles arqueiros poderosos, os Pandavas.

Algum tempo depois, quando a viúva mais velha de Vichitravirya outra vez teve sua época mensal, ela foi solicitada por Satyavati para se aproximar de Vyasa novamente. Possuidora de beleza como a filha de um celestial, a princesa se recusou a fazer o que sua sogra pedia, lembrando da aparência lúgubre e odor forte do Rishi. Ela, no entanto, enviou a ele uma empregada sua, dotada com a beleza de uma Apsara e enfeitada com seus próprios ornamentos. E quando Vyasa chegou, a empregada ergueu-se e o saudou. E ela o serviu respeitosamente e sentou-se perto dele quando solicitada. E, ó rei, o grande Rishi de votos rígidos, estando bem satisfeito com ela, quando se levantou para ir embora, endereçou-se a ela e disse, 'Amável, tu não mais serás uma escrava. Teu filho também será imensamente afortunado e virtuoso, e o principal de todos os homens inteligentes sobre a terra!' E, ó rei, o filho assim gerado nela por Krishna-Dwaipayana foi depois conhecido pelo nome de Vidura. Ele era assim irmão de Dhritarashtra e do ilustre Pandu. E Vidura era livre do desejo e da paixão e familiarizado com as regras de governo, e era o deus da justiça nascido na terra sob a maldição do ilustre Rishi Mandavya. E Krishna-Dwaipayana, quando encontrou sua mãe como antes, informou a ela como havia sido enganado pela mais velha das princesas e como ele tinha gerado um filho em uma mulher Sudra. E tendo falado assim para sua mãe o Rishi desapareceu de sua vista.

Assim nasceram nas esposas de Vichitravirya por meio de Dwaipayana filhos do esplendor de crianças celestes, os propagadores da linhagem Kuru.'

107

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'O que fez o deus da justiça para ser amaldiçoado? E quem era o Brahmana asceta por cuja maldição o deus teve que nascer na casta Sudra?'

Vaisampayana disse, 'Havia um Brahmana conhecido pelo nome de Mandavya. Ele era conhecedor de todos os deveres e era devotado à religião, verdade e

ascetismo. O grande asceta costumava sentar na entrada de seu eremitério ao pé de uma árvore, com seus braços erguidos, na observância do voto de silêncio. E ele se sentou daquela forma por anos a fio, um dia chegaram em seu retiro vários ladrões carregados com o saque. E, ó touro da raça Bharata, aqueles ladrões estavam então sendo perseguidos por um grupo superior de guardiões da paz. Os ladrões, ao entrarem naquele retiro esconderam seus despojos lá, e com medo se esconderam antes que os guardas viessem. Mas eles mal tinham se escondido quando os policiais em perseguição chegaram ao local. Os últimos, vendo o Rishi sentado sob a árvore, o questionaram, ó rei, dizendo, 'Ó melhor dos Brahmanas, qual caminho os ladrões pegaram? Aponte-o para que nós possamos segui-los sem perda de tempo.' Assim questionado pelos protetores da paz o asceta, ó rei, não disse uma palavra, boa ou má, em resposta. Os oficiais do rei, no entanto, entrando no retiro logo descobriram os ladrões lá escondidos junto com o saque. Por isso sua suspeita caiu sobre o Muni, e consequentemente eles o apanharam com os ladrões e o levaram perante o rei. O rei o sentenciou a ser executado junto com seus supostos sócios. E os oficiais, agindo em ignorância, executaram a sentença de empalar o célebre Rishi. E tendo-o perfurado, eles foram ao rei com os despojos que tinham recuperado. Mas o Rishi virtuoso, embora ferido e mantido sem comida permaneceu naquele estado moribundo por muito tempo. E o Rishi por meio de seu poder ascético não somente preservou sua vida mas convocou outros Rishis ao local. E eles lá chegaram lá durante a noite na forma de aves, e vendo-o dedicado à meditação ascética embora fixado naquela estaca, imergiram na dor. E dizendo àquele melhor dos Brahmanas quem eles eram eles o questionaram dizendo, 'Ó Brahmana, nós desejamos saber qual foi teu pecado pelo qual tivestes que sofrer assim as torturas da empalação!'

108

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim perguntado, o tigre entre Munis então respondeu àqueles Rishis de riqueza ascética, 'A quem eu culparei por isto? Realmente, ninguém mais (além de mim mesmo) pecou contra mim!' Depois disto, ó monarca, os oficiais de justiça, vendo-o vivo, informaram o rei disso. O último ouvindo o que eles disseram consultou seus conselheiros, foi ao local e começou a pacificar o Rishi fixado na estaca. E o rei disse, 'Ó tu melhor dos Rishis, eu pequei contra ti em ignorância. Eu suplico a ti que me perdoes por isso. Cabe a ti não te zangares comigo.' Assim endereçado pelo rei o Muni se acalmou. E vendo ele livre de ira o rei o alcançou e se esforçou para extrair a estaca de seu corpo. Mas não tendo êxito nisso ele cortou a parte dela que ficava para fora do corpo. O Muni, com uma parte da estaca dentro de seu corpo, caminhou por lá, e naquele estado praticou as penitências mais austeras e alcançou inúmeras regiões inalcançáveis por outros. E pela particularidade de uma parte da estaca estar dentro do seu corpo ele veio a ser conhecido nos três mundos pelo nome de Ani-Mandavya (Mandavya

com a estaca dentro). E um dia aquele Brahmana conhecedor da mais alta verdade da religião foi à residência do deus da justiça. E vendo o deus lá sentado em seu trono o Rishi o repreendeu e disse, 'Qual, diga-me, por favor, foi a ação pecaminosa praticada por mim inconscientemente pela qual eu estou sofrendo este castigo? Ó, diga-me logo, e veja o poder do meu ascetismo.'

O deus da justiça, assim questionado, respondeu, 'Ó tu de riqueza ascética, um pequeno inseto foi uma vez perfurado por ti em uma folha de grama. Tu sofres agora a consequência daquele ato. Ó Rishi, como uma doação, embora pequena, se multiplica em relação a seus méritos religiosos, assim uma ação pecaminosa se multiplica em relação à dor que vem em sua consequência.' Ao ouvir isto Ani-Mandavya perguntou, ‘Ó, digame realmente quando aquela ação foi praticada por mim.’ Dito em resposta pelo deus da justiça que ele fez aquilo quando era uma criança, o Rishi disse, 'Não será considerado um pecado aquele que for cometido por uma criança até o décimo segundo ano de sua idade de nascimento. As escrituras não reconhecem isso como pecaminoso. O castigo que tu me infligiste por tal delito perdoável é desproporcional em severidade. O assassinato de um Brahmana envolve um pecado mais pesado do que o assassinato de qualquer outro ser vivo. Tu terás, portanto, ó deus da justiça, que nascer entre os homens na classe Sudra. E deste dia em diante eu estabeleço este limite em relação à consequência das ações: uma ação não será pecaminosa quando cometida abaixo da idade de catorze anos. Mas quando cometida por alguém acima desta idade ela será considerada pecado.'

Vaisampayana continuou, 'Amaldiçoado por causa daquela falha por aquele ilustre Rishi, o deus da justiça teve seu nascimento como Vidura na classe Sudra. E Vidura era versado nas doutrinas de moralidade e também em política e lucro mundanos. E ele era totalmente livre de insensatez e ira. Possuidor de grande presciência e tranquilidade de mente, Vidura era sempre dedicado ao bem-estar dos Kurus.'

109

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Após o nascimento daquelas três crianças, Kurujangala, Kurukshetra, e os Kurus cresceram em prosperidade. A terra começou a produzir colheitas abundantes, e as colheitas também eram todas de bom sabor. E as nuvens começaram a derramar chuvas na época certa e as árvores ficaram cheias de frutas e flores. E os gados de carga eram todos felizes e as aves e outros animais se regozijavam bastante. E as flores ficaram fragrantes e as frutas ficaram todas doces; as cidades e vilas se encheram de comerciantes, artesãos, negociantes e artistas de todos os gêneros. E o povo se tornou valente, erudito, honesto e feliz. E então não havia ladrões, nem alguém que fosse pecaminoso. E parecia que a idade de ouro havia chegado a todas as partes do reino. E as pessoas dedicadas a ações virtuosas, sacrifícios e verdade, respeitavam umas às

outras com amor e afeto e cresciam em prosperidade. E livres de orgulho, cólera e insensatez, elas se regozijavam em esportes totalmente inofensivos. E a capital dos Kurus, cheia como o oceano, era uma segunda Amaravati, cheia de centenas de palácios e mansões, e possuindo portões e arcos escuros como as nuvens. E os homens se divertiam em grande alegria constantemente em rios, lagos e tanques, e em bons arvoredos e bosques encantadores. E os Kurus sulistas, em sua rivalidade virtuosa com seus parentes do norte, andavam na companhia de Siddhas e Charanas e Rishis. E por todo aquele país encantador cuja prosperidade foi assim aumentada pelos Kurus, não havia nenhum avaro e nem mulheres viúvas. E os poços e lagos estavam sempre cheios; os arvoredos cheios de árvores, e as casas e residências de Brahmanas eram cheias de riquezas e todo o reino estava cheio de festividades. E, ó rei, virtuosamente governado por Bhishma, o reino estava adornado com centenas de estacas sacrificais. E a roda da virtude sendo posta em movimento por Bhishma, o país se tornou tão contente que os súditos de outros reinos, deixando suas casas, foram morar lá e aumentaram sua população. E os cidadãos e as pessoas estavam cheios de esperança, ao verem as ações juvenis de seus príncipes ilustres. E, ó rei, na casa dos dirigentes Kuru como também dos principais cidadãos, 'dê', 'coma' eram palavras constantemente ouvidas. E Dhritarashtra e Pandu e Vidura de grande inteligência foram desde seus nascimentos educados por Bhishma como se eles fossem seus próprios filhos. E as crianças, tendo passado pelos ritos usuais da sua classe, se dedicaram a votos e estudos. E eles cresceram e se tornaram bons jovens homens hábeis nos Vedas e em todos os esportes atléticos. E eles se tornaram muito hábeis na prática de arco, em equitação, em combates com maça, espada e escudo, na condução de elefantes em batalha, e na ciência de moralidade. Bem letrados em história e nos Puranas e em vários ramos de aprendizagem, e conhecedores das verdades dos Vedas e seus ramos eles adquiriram um conhecimento versátil e profundo. E Pandu, possuidor de grande coragem, superava todos os homens no tiro de arco enquanto Dhritarashtra superava todos em força corporal, enquanto nos três mundos não havia ninguém igual a Vidura em dedicação à virtude e no conhecimento dos ditames de moralidade. E vendo a restauração da extinta linhagem de Santanu, em todos os países se dizia que entre as mães de heróis, as filhas do rei de Kasi eram as principais; que entre os países Kurujangala era o principal; que entre os homens virtuosos Vidura era o principal; que entre as cidades Hastinapura era a principal. Pandu virou rei, pois Dhritarashtra, devido à cegueira, e Vidura, por seu nascimento de uma mulher Sudra, não obtiveram o reino. Um dia Bhishma, o mais importante dos conhecedores dos deveres de um estadista e ditames de moralidade, devidamente se dirigiu a Vidura que conhecia a verdade sobre religião e virtude, e disse o seguinte.’

110

(Continuação do Sambhava Parva)

Bhishma disse, 'Esta nossa linhagem célebre, resplandecente com todas as virtudes e realizações, tem soberania sobre todos os outros monarcas da terra. Sua glória foi mantida e perpetuada por muitos monarcas virtuosos e ilustres de antigamente, o ilustre Krishna (Dwaipayana) e Satyavati e eu mesmo temos criado vocês (três), para que a esta linha não seja extinta. Cabe a ti mesmo e a mim também agirmos de forma que nossa dinastia possa se ampliar outra vez como o mar. Foi ouvido por mim que há três moças dignas de serem aliadas para nossa família. Uma é a filha (de Surasena) da linhagem Yadava; a outra é a filha de Suvala; e a terceira é a princesa de Madra. Ó filho, todas aquelas moças naturalmente têm sangue azul. Possuidoras de beleza e sangue puro, elas são eminentemente adequadas para uma aliança com nossa família. Ó tu principal dos homens inteligentes, eu penso que nós devemos escolhê-las para o crescimento da nossa linhagem. Diga-me o que tu pensas.' Assim endereçado, Vidura respondeu, 'Tu és nosso pai e tu és nossa mãe, também. Tu és nosso respeitado instrutor espiritual. Portanto, faça o que for bom para nós aos teus olhos.'

Vaisampayana continuou, 'Logo depois Bhishma soube por Brahmanas que Gandhari, a filha amável de Suvala, tendo adorado Hara (Siva) obteve da divindade o benefício de ter uma centena de filhos. Bhishma, o avô dos Kurus, tendo ouvido isto enviou mensageiros ao rei de Gandhara. O rei Suvala a princípio hesitou por conta da cegueira do noivo, mas levou em consideração o sangue dos Kurus, sua fama e comportamento, e ele deu sua filha ao virtuoso Dhritarashtra, e a casta Gandhari sabendo que Dhritarashtra era cego e que seus pais tinham consentido em casá-la com ele, por amor e respeito para com seu futuro marido vendou seus próprios olhos. Sakuni, o filho de Suvala, trazendo aos Kurus sua irmã dotada de juventude e beleza, oficialmente a deu para Dhritarashtra. E Gandhari foi recebida com grande respeito e as núpcias foram celebradas com grande pompa sob a direção de Bhishma. E o heróico Sakuni, depois de ter entregado sua irmã junto com muitos mantos valiosos, e de ter recebido as adorações de Bhishma, voltou para sua própria cidade. E, ó tu da linhagem Bharata, a bela Gandhari satisfez todos os Kurus com seu comportamento e atenções respeitosas. E Gandhari, sempre dedicada a seu marido, satisfez seus superiores por sua boa conduta; e como ela era casta, ela nunca se dirigiu nem mesmo por palavras a outros homens além de seu marido ou superiores.'

111

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Havia entre os Yadavas um chefe chamado Sura. Ele era o pai de Vasudeva. E ele tinha uma filha chamada Pritha que era

inigualável em beleza na terra. E, ó tu da linhagem Bharata, Sura, sempre de palavra verdadeira, deu por amizade aquela sua primeira filha para seu primo sem filhos e amigo, o ilustre Kuntibhoja, o filho de sua tia paterna, conforme uma promessa antiga. E Pritha na casa de seu pai adotivo se ocupava em cuidar dos deveres de hospitalidade para com Brahmanas e outros convidados. Uma vez ela satisfez por suas atenções o terrível Brahmana de votos rígidos, que era conhecido pelo nome de Durvasa e que conhecia bem as verdades ocultas de moralidade. Gratificado com suas atenções respeitosas, o sábio, prevendo por meio de seu poder espiritual o futuro (período de) infortúnio (consequente da maldição que seria pronunciada sobre Pandu por seu ato injusto de matar um veado enquanto ele cobria sua parceira) deu a ela uma fórmula de invocação para convocar qualquer um dos celestiais que ela quisesse para lhe gerar filhos. E o Rishi disse, 'Os celestiais que tu convocares por este Mantra certamente se aproximarão de ti e te darão filhos.' Assim endereçada pelo Brahmana, a Kunti amável (Pritha) ficou curiosa, e em sua juventude convocou o deus Arka (Sol). E logo que ela pronunciou o Mantra, ela viu aquela divindade, aquele refulgente contemplador de tudo no mundo, se aproximando dela. E ao ter aquela visão extraordinária, a moça de feições impecáveis ficou surpresa. Mas o deus Vivaswat (sol) se aproximando dela, disse, 'Aqui estou eu, ó menina de olhos negros! Diga-me o que eu devo fazer para ti.'

Ouvindo isso, Kunti disse, 'Ó matador de inimigos, certo Brahmana me deu esta fórmula de invocação como uma bênção, e, ó senhor, eu o convoquei somente para testar sua eficácia. Por esta ofensa eu me curvo a ti. Uma mulher, qualquer que seja seu delito, sempre merece ser perdoada.' Surya (Sol) respondeu, 'Eu sei que foi Durvasa quem te concedeu este benefício. Mas não tema moça tímida, e me conceda teus abraços. Amável, minha vinda não pode ser inútil; eu devo gerar frutos. Tu me convocaste, e se for por nada sem dúvida isso será considerado como transgressão tua.'

Vaisampayana continuou, 'Vivaswat assim falou a ela muitas coisas para acalmar seus medos, mas, ó Bharata, a moça amável, por modéstia e medo de seus parentes, não consentiu em conceder seu pedido. E, ó touro da raça Bharata, Arka endereçou-se a ela outra vez e disse, 'Ó princesa, por minha causa, não será pecaminoso para ti realizar meu desejo.' Assim falando à filha de Kuntibhoja, o ilustre Tapana, o iluminador do universo, satisfez seu desejo. E daquela ligação imediatamente nasceu um filho conhecido no mundo inteiro como Karna equipado com armadura natural e com rosto iluminado por brincos. E o heróico Karna era o principal de todos os manejadores de armas, abençoado com boa sorte, e dotado da beleza de um filho celeste. E depois do nascimento daquela criança, o ilustre Tapana concedeu à Pritha sua virgindade e ascendeu para o céu. E a princesa da linhagem Vrishni contemplou com tristeza aquele filho nascido de si, e refletiu atentamente sobre o que seria então o melhor a se fazer. E por medo de seus parentes ela resolveu ocultar aquela evidência de sua tolice. E ela lançou seu filho dotado de grande força física à água. Então o inteligente marido de Radha, da casta Suta, resgatou a criança assim lançada na água, e ele e sua mulher o criaram como se fosse seu próprio filho. E Radha e seu marido

deram a ele o nome de Vasusena (nascido com riqueza) porque ele havia nascido com uma armadura natural e brincos. E dotado como ele era com grande força, quando cresceu, ele se tornou hábil com todas as armas. Possuidor de grande energia, ele costumava adorar o sol até que suas costas fossem aquecidas por seus raios (da alvorada até meio-dia), e durante as horas de culto não havia nada sobre a terra que aquele heróico e inteligente Vasusena não desse aos Brahmanas. E Indra desejoso de beneficiar seu próprio filho Phalguni (Arjuna), assumiu a forma de um Brahmana, e se aproximou de Vasusena em uma ocasião e pediu dele sua armadura natural. Àquele pedido Karna tirou sua armadura natural, e juntando suas mãos em reverência a deu para Indra no disfarce de um Brahmana. E o chefe dos celestiais aceitou o presente e ficou extremamente satisfeito com a generosidade de Karna. Ele, portanto, deu a ele um excelente dardo, dizendo, 'Aquele entre os celestiais, Asuras, homens, Gandharvas, Nagas, e Rakshasas, que tu desejares vencer, será sem dúvida morto por este dardo.'

O filho de Surya era antes conhecido pelo nome de Vasusena. Mas desde que ele cortou sua armadura natural, ele veio a ser chamado de Karna (o cortador ou descascador de sua própria cobertura)'.

112

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'A filha de grandes olhos de Kuntibhoja, de nome Pritha, era dotada de beleza e todas as habilidades. De votos rígidos, ela era devotada à virtude e possuidora de todas as boas qualidades. Mas embora dotada com beleza e juventude e todos os atributos femininos, ainda assim nenhum rei havia pedido sua mão. Seu pai Kuntibhoja ao ver isto convidou, ó melhor dos monarcas, os príncipes e reis de outros países e pediu à sua filha para escolher seu marido dentre os convidados. A inteligente Kunti, entrando no anfiteatro, viu Pandu, o principal dos Bharatas, aquele tigre entre reis, naquela multidão de cabeças coroadas. Orgulhoso como o leão, de peito largo, olhos de touro, dotado de grande força, e eclipsando todos os outros monarcas em esplendor, ele parecia com outro Indra naquela assembléia real. A filha amável de Kuntibhoja, de feições impecáveis, contemplando Pandu, aquele melhor dos homens, naquela reunião, ficou muito agitada. E avançando com modéstia, todo o tempo estremecendo de emoção, ela colocou a guirlanda nupcial ao redor do pescoço de Pandu. Os outros monarcas, vendo Kunti escolher Pandu como seu marido voltaram para seus respectivos reinos em seus elefantes, cavalos e carros, como eles tinham vindo. Então, ó rei, o pai da noiva realizou devidamente os ritos nupciais. O príncipe Kuru abençoado com grande sorte e a filha de Kuntibhoja formavam um par como Maghavat e Paulomi (o rei e a rainha dos celestiais). E, ó melhor dos monarcas Kuru, o rei Kuntibhoja, depois que as núpcias tinham acabado, presenteou seu genro com muita riqueza e o enviou de volta para sua capital. Então o príncipe Kuru, Pandu, acompanhado por uma grande força militar portando várias espécies

de estandartes e flâmulas, e louvado por Brahmanas e grandes Rishis que pronunciavam bênçãos, alcançou sua capital. E depois de chegar ao seu próprio palácio, ele instalou lá sua rainha.'

113

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Algum tempo depois, Bhishma, o inteligente filho de Santanu, fixou seu coração sobre a idéia de casar Pandu com uma segunda mulher. Acompanhado por um exército composto por quatro tipos de força, e também por idosos conselheiros e Brahmanas e grandes Rishis, ele foi à capital do rei de Madra. E aquele touro dos Valhikas, o rei de Madra, sabendo que Bhishma tinha chegado, saiu para recebê-lo. E tendo-o recebido com respeito, ele o fez entrar em seu palácio. Lá chegando, o rei de Madra ofereceu a Bhishma um tapete branco para sentar-se; água para lavar seus pés, e usuais oblações de vários ingredientes indicativos de respeito. E quando ele estava sentado confortavelmente o rei o questionou acerca da razão de sua visita. Então Bhishma, o mantenedor da dignidade dos Kurus, dirigiu-se ao rei de Madra e disse, 'Ó opressor de todos os inimigos, saiba que eu vim pela mão de uma donzela. Foi sabido por nós que tu tens uma irmã chamada Madri famosa por sua beleza e dotada de todas as virtudes; eu a escolheria para Pandu. Tu és, ó rei, em todos os aspectos digno de uma aliança conosco, e nós também somos dignos de ti. Refletindo sobre tudo isto, ó rei de Madra, aceite-nos devidamente.' O soberano de Madra, assim endereçado por Bhishma, respondeu, 'Para mim não há outra família além da tua com a qual eu possa estabelecer uma aliança. Mas há um costume em nossa família observado por nossos antepassados, que, seja bom ou mau, eu sou incapaz de violar. Ele é bem conhecido, e, portanto tu também conheces, eu não duvido. Portanto, não é apropriado para ti me dizer: ‘Entregue tua irmã.’ O costume ao qual eu me refiro é nosso costume familiar. Para nós ele é uma virtude e digno de observância. É somente por isso, ó matador de inimigos, que eu não posso te dar qualquer garantia na questão do teu pedido.' Ao ouvi-lo, Bhishma respondeu ao rei de Madra dizendo, 'Ó rei, isto, não há duvida, é uma virtude. O próprio autocriado uma vez disse isso. Teus antepassados eram observadores de um costume. Não há falha alguma a ser achada nisto. É também bem conhecido, ó Salya, que este costume em relação à dignidade da tua família tem a aprovação dos sábios e dos bons.' Dizendo isto Bhishma de grande energia deu para Salya muito ouro cunhado e não cunhado, e pedras preciosas de várias cores às milhares, e elefantes e cavalos e carros, e muitos tecidos e muitos ornamentos, e jóias e pérolas e corais. E Salya aceitou com o coração alegre aqueles presentes preciosos e então deu sua irmã enfeitada com ornamentos ao touro da raça Kuru. Então o sábio tomou Madri consigo e voltou à capital Kuru que recebeu o nome de elefante.

Então escolhendo um dia e um momento auspiciosos como indicado pelos sábios para a cerimônia, o rei Pandu foi devidamente unido à Madri. E depois que as núpcias haviam acabado, o rei Kuru estabeleceu sua bela noiva em belos apartamentos. E, ó rei de reis, aquele melhor dos monarcas então desfrutou do prazer na companhia de suas duas esposas do modo que desejava e ao limite de seus desejos. E depois que trinta dias tinham passado, o rei Kuru, ó monarca, partiu de sua capital para a conquista do mundo. E depois de saudar e se curvar com reverência a Bhishma e aos outros mais velhos da linhagem Kuru, e dando adeus a Dhritarashtra e aos outros da família, e obtendo sua permissão, ele partiu em sua grande campanha, acompanhado por uma grande força de elefantes, cavalos, e carros, e bem satisfeito com as bênçãos proferidas por toda parte e com os ritos propícios realizados pelos cidadãos para seu sucesso. E Pandu, acompanhado por tal força marchou contra vários inimigos. E aquele tigre entre os homens, aquele espalhador da fama dos Kurus primeiro subjugou as tribos de ladrões de asarna. Em seguida virou seu exército composto de inúmeros elefantes, cavalaria, infantaria, e quadrigários, com estandartes de várias cores contra Dhirga, o soberano do reino de Maghadha que era orgulhoso de sua força, e que pecou contra numerosos monarcas. E atacando-o em sua capital, Pandu lá o matou, e tomou todos os tesouros dele e também veículos e inúmeros animais. Ele então marchou para Mithila e subjugou os Videhas. E então, ó touro entre homens, Pandu conduziu seu exército contra Kasi, Sumbha, e Pundra, e pela força e destreza de seus braços expandiu a fama dos Kurus. E Pandu, aquele opressor de inimigos, como um fogo poderoso cujas chamas de grande alcance eram representadas por suas flechas e esplendor por suas armas, começou a consumir todos os reis que entravam em contato consigo. Estes com suas forças, vencidos por Pandu na liderança de seu exército, foram feitos vassalos dos Kurus. E todos os reis do mundo, assim vencidos por ele, o consideraram como um herói único na terra assim como os celestiais consideram Indra no céu. E os reis da terra com as mãos unidas se curvavam a ele e o serviam com presentes de várias espécies de jóias e riqueza, pedras preciosas e pérolas e corais, e muito ouro e prata, e vacas de primeira classe e cavalos bonitos e excelentes carros e elefantes, e jumentos e camelos e búfalos, e cabras e ovelhas, e cobertores e peles belas, e tecidos feitos de peles. E o rei de Hastinapura aceitando aquelas oferendas retrocedeu seus passos em direção à sua capital, para o grande prazer de seus súditos. E os cidadãos e outros cheios de alegria, e reis e ministros, todos começaram a dizer, 'Ó, a fama das realizações de Santanu, aquele tigre entre reis, e do sábio Bharata, que estavam para morrer, foram revividas por Pandu. Aqueles que antes roubavam territórios e riquezas dos Kurus foram subjugados por Pandu, o tigre de Hastinapura, e tiveram que pagar tributo.' E todos os cidadãos encabeçados por Bhishma saíram para receber o rei vitorioso. Eles não tinham ido muito longe quando viram os servidores do rei carregados com muita riqueza, e a comitiva de vários transportes carregados com todas as espécies de bens, e elefantes, cavalos, carros, vacas, camelos e outros animais, era tão longa que eles não viam seu fim. Então Pandu, vendo Bhishma que era um pai para ele, reverenciou seus pés e saudou os cidadãos e outros como cada um merecia. E Bhishma, também, abraçando Pandu como seu filho que tinha voltado vitorioso depois de subjugar muitos reinos hostis, chorou lágrimas de alegria. E Pandu,

dando alegria ao coração de seu povo com uma fanfarra de trombetas e conchas e timbales, entrou na sua capital.'

114

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Pandu, então, por ordem de Dhritarashtra, ofereceu a riqueza que tinha adquirido pela destreza de seus braços para Bhishma, sua avó Satyavati e suas mães. E ele enviou uma parte de sua riqueza para Vidura também. E o virtuoso Pandu gratificou seus outros parentes também com presentes semelhantes. Então Satyavati e Bhishma e os príncipes Kosala ficaram todos satisfeitos com os presentes que Pandu fez das aquisições de sua coragem. E Ambalika em particular, ao abraçar seu filho de valor incomparável, ficou tão contente como a rainha do céu após abraçar Jayanta. E com a riqueza adquirida por aquele herói Dhritarashtra realizou cinco sacrifícios grandiosos que foram iguais a centenas de grandes sacrifícios de cavalos, em todos os quais as oferendas para os Brahmanas foram às centenas e milhares.

Pouco tempo depois, ó touro da raça Bharata, Pandu, que alcançou a vitória sobre a preguiça e letargia, acompanhado por suas duas esposas, Kunti e Madri, se retirou para as florestas. Deixando seu excelente palácio com suas camas luxuosas ele se tornou um habitante permanente das florestas, dedicando todo o seu tempo à caça de veados. E fixando residência em uma região encantadora e montanhosa coberta com enormes árvores sala, no declive sul das montanhas Himavat, ele vagava por lá em perfeita liberdade. O belo Pandu com suas duas esposas vagava naquelas florestas como Airavata acompanhado por duas elefantes fêmeas. E os habitantes daquelas florestas, vendo o heróico príncipe Bharata na companhia de suas esposas, armado com espada, flechas e arco, vestido em sua bela armadura, e habilidoso com todas as armas excelentes, o consideravam como um verdadeiro deus vagando entre eles.

E por ordem de Dhritarashtra pessoas foram ocupadas em abastecer Pandu em seu retiro com todos os objetos de prazer e divertimento.

Enquanto isso o filho de Ganga que vai para o oceano soube que o rei Devaka tinha uma filha dotada com juventude e beleza e gerada em uma mulher Sudra. Trazendo-a da residência de seu pai, Bhishma a casou com Vidura de grande sabedoria. E Vidura gerou nela muitos filhos que eram como ele mesmo em talentos.'

115

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Enquanto isso, ó Janamejaya, Dhritarashtra gerou em Gandhari cem filhos, e em uma mulher Vaisya outro além daqueles cem. E Pandu teve, com suas duas esposas Kunti e Madri, cinco filhos que eram quadrigários grandiosos e que forram todos gerados pelos celestiais para a perpetuação da linhagem Kuru.'

Janamejaya disse, 'Ó melhor dos Brahmanas, como foi que Gandhari deu à luz a cem filhos e em quantos anos? Quais foram também os períodos de vida distribuídos a cada um? Como Dhritarashtra também gerou outro filho em uma mulher Vaisya? Como Dhritarashtra se comportava com relação à sua amável, obediente, e virtuosa mulher Gandhari? Como também foram gerados os cinco filhos de Pandu, aqueles quadrigários poderosos, embora Pandu estivesse sob a maldição do grande Rishi (que ele matou)? Conte-me tudo isso em detalhes, porque minha sede para ouvir tudo relativo aos meus próprios antepassados não está saciada.'

Vaisampayana disse, 'Um dia Gandhari entreteve com respeitosa atenção o grande Dwaipayana que foi à sua residência, esgotado com fome e fadiga. Satisfeito com a hospitalidade de Gandhari, o Rishi deu a ela o benefício que pedisse, e este foi de que ela tivesse uma centena de filhos, cada um igual a seu marido em força e talentos. Algum tempo depois Gandhari concebeu e ela suportou a carga em seu útero por dois longos anos sem ser liberta. E ela estava imensamente aflita por isto. Foi então que ela soube que Kunti tinha dado à luz a um filho cujo esplendor era como o sol da manhã. Impaciente por seu período de gestação ter se prolongado tanto e privada da razão pela dor, ela bateu em seu útero com grande violência sem o conhecimento de seu marido. E nisso saiu de seu útero, depois de dois anos de crescimento, uma massa de carne dura como uma bola de ferro. Quando ela estava para jogá-la fora, Dwaipayana, sabendo de tudo por meio de seus poderes espirituais, prontamente chegou lá, e aquele principal dentre os ascetas viu aquela bola de carne, e se dirigiu à filha de Suvala dessa forma, 'O que tu fizeste?' Gandhari, sem se esforçar para disfarçar seus sentimentos, endereçou-se ao Rishi e disse, 'Tendo ouvido que Kunti deu à luz a um filho como Surya em esplendor, pela dor eu bati no meu útero. Tu, ó Rishi, me concedeste a bênção de que eu teria cem filhos, mas aqui há somente uma bola de carne em vez daqueles cem filhos!' Vyasa então disse, 'Filha de Suvala, é assim mesmo. Minha palavras nunca são inúteis. Eu não falaria uma inverdade nem mesmo de brincadeira. Eu não preciso falar de outras ocasiões. Que cem recipientes cheios de manteiga clarificada sejam trazidos imediatamente, e que eles sejam colocados em um local oculto. Enquanto isso, que água fria seja borrifada sobre esta bola de carne.'

Vaisampayana continuou, 'Aquela bola de carne então, borrifada com água, com o tempo se dividiu em cento e uma partes, cada parte tendo mais ou menos o tamanho de um polegar. Elas foram então colocadas naqueles recipientes cheios

de manteiga clarificada que estavam em um local oculto e foram olhadas com cuidado. O ilustre Vyasa então disse à filha de Suvala que ela deveria abrir as coberturas dos recipientes depois de dois anos completos. E tendo dito e feito estes arranjos, o sábio Dwaipayana foi às montanhas de Himavat para se dedicar ao ascetismo.

Então na hora o rei Duryodhana nasceu de entre aqueles pedaços da bola de carne que tinham sido depositados naqueles recipientes. Segundo a ordem de nascimento, o rei Yudhishthira era o mais velho. As notícias do nascimento de Duryodhana chegaram até Bhishma e ao sábio Vidura. O dia no qual o soberbo Duryodhana nasceu foi também o dia do nascimento de Bhima de braços poderosos e grande bravura.

Logo que Duryodhana nasceu ele começou a gritar e zurrar como um asno. E ao ouvir aquele som, os asnos, urubus, chacais e corvos proferiram seus respectivos gritos em resposta. Ventos violentos começaram a soprar, e havia fogos em várias direções. Então o rei Dhritarashtra com grande medo, convocando Bhishma e Vidura e outros benquerentes e todos os Kurus, e numerosos Brahmanas, se dirigiu a eles e disse, 'O mais velho destes príncipes, Yudhishthira, é o perpetuador da nossa linhagem. Em virtude do seu nascimento ele adquiriu o reino. Nós não temos nada a dizer a isso. Mas este meu filho nascido depois dele se tornará rei? Digam-me realmente o que é bom e correto sob estas circunstâncias.' Logo que estas palavras foram faladas, ó Bharata, chacais e outros animais carnívoros começaram a uivar ameaçadoramente. E notando aqueles presságios terríveis por toda parte os Brahmanas reunidos e o sábio Vidura responderam, 'Ó rei, ó touro entre homens, quando estes terríveis presságios são evidentes no nascimento do teu filho mais velho, é evidente que ele será o exterminador da tua linhagem. A prosperidade de todos depende do abandono dele. Haverá uma calamidade se ele for mantido. Ó rei, se tu o abandonares, ainda restarão teus noventa e nove filhos. Se tu desejas o bem da tua família, abandone-o, ó Bharata! Ó rei, faça o bem para o mundo e para tua própria linhagem ao rejeitares este teu filho. É dito que um indivíduo deve ser rejeitado pelo bem da família; que uma família deve ser rejeitada pelo bem de uma aldeia; uma aldeia abandonada pelo bem do país; e que a própria terra pode ser abandonada pelo bem da alma.' Quando Vidura e aqueles Brahmanas tinham declarado isto, o rei Dhritarashtra por afeição por seu filho não teve coração para seguir aquele conselho. Então, ó rei, dentro de um mês nasceram todos os cem filhos de Dhritarashtra e uma filha também além daqueles cem. E durante o período em que Gandhari estava no estado de gravidez avançada tinha uma empregada da classe Vaisya que costumava servir Dhritarashtra. Durante aquele ano, ó rei, foi gerado nela pelo ilustre Dhritarashtra um filho dotado de grande inteligência que foi depois chamado de Yuyutsu. E porque ele foi gerado por um Kshatriya em uma mulher Vaisya ele veio a ser chamado de Karna.

Desse modo nasceram para o sábio Dhritarashtra os cem filhos que foram todos heróis e poderosos combatentes em carruagens, e uma filha além daqueles cem, e outro filho, Yuyutsu, de grande energia e destreza gerado em uma mulher Vaisya.'

116

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó impecável, tu narraste para mim desde o início tudo acerca do nascimento dos cem filhos de Dhritarashtra devido à bênção concedida pelo Rishi. Mas tu não me disseste até agora quaisquer detalhes acerca do nascimento da filha. Tu simplesmente disseste que além dos cem filhos havia outro filho de nome Yuyutsu gerado em uma mulher Vaisya, e uma filha. O grande Rishi Vyasa de energia imensurável disse à filha do rei de Gandhara que ela seria mãe de cem filhos. Ilustre, como então tu disseste que Gandhari teve uma filha além de seus cem filhos? Se a bola de carne foi dividida pelo grande Rishi somente em uma centena de partes, e se Gandhari não concebeu em qualquer outra ocasião, como foi então que Duhsala nasceu? Diga-me isto, ó Rishi! É grande a minha curiosidade.'

Vaisampayana disse, 'Ó descendente dos Pandavas, tua pergunta é justa, e eu te direi como aconteceu. O próprio grande e ilustre e Rishi, por borrifar água por cima daquela bola de carne começou a dividi-la em partes. E enquanto ela estava sendo dividida em partes a enfermeira começou a pegá-las e colocá-las uma a uma nos recipientes cheios de manteiga clarificada. Enquanto este processo estava ocorrendo, a bela e casta Gandhari de votos rígidos, imaginando a afeição que uma mãe sente por uma filha, começou a pensar consigo mesma, 'Não há dúvida que eu terei cem filhos com o Muni tendo dito isso. Não pode ser de outra maneira. Mas eu seria muito feliz se uma filha mais nova nascesse de mim além destes cem filhos. Meu marido então poderia alcançar aqueles mundos que a posse dos filhos de uma filha concedem. Além disso, o afeto que as mulheres sentem por seus genros é grande. Se, portanto, eu obtenho uma filha além dos meus cem filhos, então, cercada por filhos e filhos da filha, eu poderei me sentir supremamente abençoada. Se eu sempre pratiquei austeridades ascéticas, se eu tenho sempre dado alguma coisa em caridade, se eu alguma vez realizei o homa (através de Brahmanas), se eu sempre satisfiz meus superiores com atenções respeitosas, então que uma filha nasça para mim.' Tudo isso enquanto aquele ilustre e melhor dos Rishis, o próprio Krishna-Dwaipayana estava dividindo a bola de carne; e contando as cem partes, então ele disse à filha de Suvala, 'Aqui estão os teus cem filhos. Eu não te falei nenhuma mentira. Aqui, no entanto, está uma parte em excesso além dos cem, planejada para te dar um filho de uma filha. Esta parte se desenvolverá em uma amável e afortunada filha, como tu desejas.' Então aquele grande asceta trouxe outro recipiente cheio de manteiga clarificada, e nele pôs a parte destinada a ser uma filha.

Assim eu, ó Bharata, narrei para ti tudo acerca do nascimento de Duhsala. Diga-me, ó impecável, o que mais eu devo narrar.'

117

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Por favor, recite os nomes dos filhos de Dhritarashtra segundo a ordem de seu nascimento.'

Vaisampayana disse, 'Seus nomes, ó rei, segundo a ordem de nascimento, são: Duryodhana, Yuyutsu, Duhsasana, Duhsaha, Duhsala, Jalasandha, Sama, Saha, Vinda e Anuvinda, Durdharsha, Suvahu, Dushpradharshana, Durmarshana e Durmukha, Dushkarna, e Karna; Vivinsati e Vikarna, Sala, Satwa, Sulochana, Chitra e Upachitra, Chitraksha, Charuchitra, Sarasana, Durmada e Durvigaha, Vivitsu, Vikatanana; Urnanabha e Sunabha, então Nandaka e Upanandaka; Chitravana, Chitravarman, Suvarman, Durvimochana; Ayovahu, Mahavahu, Chitranga, Chitrakundala, Bhimavega, Bhimavala, Balaki, Balavardhana, Ugrayudha; Bhima, Karna, Kanakaya, Dridhayudha, Dridhavarman, Dridhakshatra, Somakitri, Anudara; Dridhasandha, Jarasandha, Satyasandha, Sada, Suvak, Ugrasravas, Ugrasena, Senani, Dushparajaya, Aparajita, Kundasayin, Visalaksha, Duradhara; Dridhahasta, Suhasta, Vatavega, e Suvarchas; Adityaketu, Vahvashin, Nagadatta, Agrayayin; Kavachin, Krathana, Kunda, Kundadhara, Dhanurdhara; os heróis, Ugra e Bhimaratha, Viravahu, Alolupa; Abhaya, e Raudrakarman, e Dridharatha; Anadhrishya, Kundabhedin, Viravi, Dhirghalochana Pramatha, e Pramathi e o poderoso Dhirgharoma; Dirghavahu, Mahavahu, Vyudhoru, Kanakadhvaja; Kundasi e Virajas. Além destes cem filhos, havia uma filha chamada Duhsala. Todos eles eram heróis e Atirathas, e muito hábeis em guerra. Todos eles eram instruídos nos Vedas, e em todos os tipos de armas. E, ó rei, (quando chegou o momento) esposas dignas foram escolhidas para todos por Dhritarashtra depois de exame apropriado. E o rei Dhritarashtra, ó monarca, também entregou Duhsala, no tempo apropriado e com os ritos apropriados, para Jayadratha (o rei de Sindhu)'.

118

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó proferidor de Brahma, tu recitaste (tudo acerca do) nascimento extraordinário entre os homens, dos filhos de Dhritarashtra em consequência da graça do Rishi. Tu também disseste quais eram seus nomes, segundo a ordem do seu nascimento. Ó Brahmana, eu ouvi tudo isto de ti. Mas me conte agora tudo sobre os Pandavas. Enquanto narravas as encarnações sobre a

terra dos celestiais, Asuras, e seres de outras classes, tu disseste que os Pandavas eram todos ilustres e dotados com a destreza dos deuses, e que eles eram porções encarnadas dos próprios celestiais. Eu desejo, portanto, ouvir tudo acerca daqueles seres de realizações extraordinárias começando do momento de seu nascimento. Ó Vaisampayana, recite suas realizações.'

Vaisampayana disse, 'Ó rei, um dia Pandu, enquanto vagando pelas florestas (na parte sul de Himavat) cheias de veados e animais selvagens de disposição feroz, viu um veado grande, que parecia ser o líder de um rebanho, cobrindo sua parceira. Vendo os animais, o monarca perfurou ambos com cinco de suas flechas afiadas e rápidas com penas douradas. Ó monarca, não era um veado que Pandu havia abatido, mas o filho de um Rishi de grande mérito ascético que estava desfrutando de sua parceira na forma de um veado. Perfurado por Pandu, enquanto engajado no ato sexual, ele caiu à terra, proferindo gritos que eram de um homem e começou a chorar amargamente.

O veado então se endereçou a Pandu e disse, 'Ó rei, mesmo homens que são escravos da luxúria e cólera, e destituídos de razão, e sempre pecaminosos, nunca cometem um ato cruel como este. O julgamento individual não prevalece contra a ordenança, a ordenança prevalece contra o juízo individual. Os sábios nunca sancionam qualquer coisa desaprovada pela ordenança. Tu nasceste, ó Bharata, em uma linhagem que sempre foi virtuosa. Como, portanto, tu foste dominado por paixão e cólera e perdeste tua razão?' Ouvindo isso Pandu respondeu, 'Ó veado, os reis se comportam na questão de matar animais da tua espécie exatamente como eles fazem na questão de matar os inimigos. Não cabe a ti, portanto, me reprovar assim por ignorância. Animais da tua espécie são mortos por meios abertos ou velados. Esta, de fato, é a prática dos reis. Então por que tu me reprovas? Antigamente, o Rishi Agastya, enquanto dedicado à realização de um grande sacrifício, perseguiu veados, e consagrou todos os veados da floresta aos deuses em geral. Tu foste morto conforme a prática sancionada por tal precedente. Porque nos reprova então? Para seus sacrifícios especiais Agastya realizou o homa com gordura de veado.'

O veado então disse, 'Ó rei, homens não fazem suas setas voarem em seus inimigos quando os últimos estão despreparados. Mas há uma hora para fazer isto (depois da declaração de hostilidades). Matança em tal hora não é censurável.'

Pandu respondeu, 'É bem conhecido que homens matam veados por vários meios eficazes sem considerar se os animais têm cuidado ou estão descuidados. Portanto, ó veado, por que tu me criticas?'

O veado então disse, 'Ó rei, eu não te culpei por ter matado um veado, ou pela ferida que fizeste a mim. Mas, em vez de agires tão cruelmente, tu deverias ter esperado até a conclusão do meu ato sexual. Que homem de sabedoria e virtude poderia matar um veado enquanto dedicado a tal ato? A hora da relação sexual é agradável para todas as criaturas e produtiva do bem de todos. Ó rei, com minha parceira eu estava dedicado à satisfação do meu desejo sexual. Mas aquele meu esforço foi tornado infrutífero por ti. Ó rei dos Kurus, como és nascido na linhagem

dos Pauravas famosa por atos brancos (virtuosos), tal ação raramente seria digna de ti. Ó Bharata, tal ato deve ser considerado como extremamente cruel, merecedor de ódio universal, infame, e pecaminoso, e sem dúvida leva ao inferno. Tu conheces os prazeres da relação sexual. Tu conheces também o ensino sobre moralidade e ditames do dever. Parecido com um celestial como és, não caberia a ti fazer tal ato que leva ao inferno. Ó melhor dos reis, teu dever é castigar todos os que agem cruelmente, que são dedicados a práticas pecaminosas e que têm jogado aos ventos a religião, lucro, e prazer como explicados nas escrituras. O que tu fizeste, ó melhor dos homens, ao assassinares a mim que não te ofendi de forma alguma? Eu sou, ó rei, um Muni que vive de frutas e raízes, embora disfarçado como um veado. Eu estava vivendo nas florestas em paz com todos. Ainda assim tu me mataste, ó rei, e por isto eu certamente te amaldiçoarei. Como tu foste cruel com um casal de sexos opostos, a morte certamente te alcançará tão logo sintas a influência do desejo sexual. Eu sou um Muni chamado Kindama, possuidor de mérito ascético. Eu estava dedicado à relação sexual com este veado, porque meus sentimentos de modéstia não me permitiram me entregar a tal ação na sociedade humana. Na forma de um veado eu vaguei nas florestas profundas na companhia de outro veado. Tu me mataste sem saber que eu sou um Brahmana, portanto, que o pecado de ter matado um Brahmana não caia sobre ti. Mas, homem insensato, como me mataste, disfarçado como um veado, em tal hora, teu destino certamente será como o meu. Quando, te aproximando de tua mulher lascivamente tu te unires com ela como eu estava fazendo com a minha, neste estado tu irás para o mundo dos espíritos. E a mulher com a qual estiveres te unindo na hora da tua morte também te seguirá com afeto e reverência aos domínios do rei dos mortos. Tu me trouxeste dor enquanto eu estava feliz. Assim a dor virá para ti quando tu estiveres em tal felicidade.'

Vaisampayana continuou, 'Assim dizendo, aquele veado, afligido pela dor deixou o corpo; e ao ver isto Pandu também mergulhou na dor.'

119

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois da morte daquele veado o rei Pandu com suas esposas ficou profundamente aflito e chorou amargamente. E ele exclamou, 'Os maus, mesmo nascendo em famílias virtuosas, iludidos por suas próprias paixões, são subjugados pela miséria como o fruto de seus próprios atos. Eu soube que meu pai, embora gerado por Santanu de alma virtuosa, morreu enquanto ainda era um jovem, somente porque ele tinha virado um escravo de sua luxúria. Nas esposas daquele rei lascivo, o próprio Rishi ilustre Krishna-Dwaipayana, de palavra sincera, me gerou. Embora eu seja filho de tal ser, com meu coração perverso apegado ao vício, eu estou ainda levando a vida perambulando nas florestas à caça de veados. Oh, os deuses me abandonaram! Eu procurarei a salvação agora. Os grandes obstáculos para a salvação são o desejo de gerar

filhos e outros assuntos do mundo. Eu agora adotarei o modo de vida Brahmacharya e seguirei o imperecível rastro de meu pai. Eu certamente trarei minhas paixões sob controle completo por meio de penitências ascéticas severas. Abandonando minhas esposas e outros parentes e raspando minha cabeça, eu vagarei só sobre a terra, pedindo esmolas para minha subsistência à cada uma destas árvores que estão aqui. Abandonando todo objeto de afeto e aversão, e cobrindo meu corpo com poeira, eu farei das árvores ou do deserto minha casa. Eu nunca me renderei à influência da tristeza ou da alegria, e eu considerarei calúnias e elogios à mesma luz. Eu não procurarei bênçãos ou reverências. Eu estarei em paz com tudo, e não aceitarei presentes. Eu não zombarei de ninguém, nem franzirei minha testa a ninguém, mas sempre estarei alegre e dedicado ao bem de todas as criaturas. Eu não farei mal a nenhuma das quatro ordens de vida dotadas com poder de locomoção ou não, criaturas ovíparas e vivíparas e vermes e vegetais. Mas ao contrário, preservarei uma igualdade de comportamento favorável a todos, como se eles fossem meus próprios filhos. Uma vez por dia eu mendigarei de cinco ou dez famílias no máximo, e se eu não conseguir obter esmolas eu então ficarei sem comida. Eu preferirei me limitar a mendigar mais que uma vez da mesma pessoa. Se eu não obtiver nada depois de completar minha ronda por sete ou dez casas, movido pela cobiça, eu não aumentarei minha ronda. Se eu obtiver ou fracassar em obter esmolas eu ficarei igualmente inalterado como um grande asceta. Alguém que corte meu braço com uma machadinha, e alguém que unte outro braço meu com pasta de sândalo, serão igualmente considerados por mim. Eu não desejarei prosperidade para um e miséria ao outro. Eu não estarei satisfeito com a vida ou descontente com a morte. Eu não desejarei viver nem morrer. Lavando meu coração de todos os pecados, eu certamente transcenderei aqueles ritos sagrados produtivos de felicidade que alguns homens realizam em momentos, dias, e períodos propícios. Eu também me absterei de todas as ações de religião e lucro e também daquelas que levam à satisfação dos sentidos. Livre de todos os pecados e armadilhas do mundo, eu serei como o vento sujeito à ninguém. Seguindo o caminho do destemor e me mantendo neste caminho eu finalmente depositarei minha vida. Desprovido do poder de gerar filhos, firmemente aderindo à linha do dever eu sem dúvida não me desviarei dele para trilhar o vil caminho do mundo que é tão cheio de misérias. Se respeitado ou desrespeitado no mundo o homem que por cobiça lança a outros um olhar pedinte certamente se comporta como um cachorro. (Destituído como eu estou do poder de procriação, eu certamente, por desejo de prole, não pedirei a outros que me dêem filhos)'.

Vaisampayana continuou, 'Ó rei, tendo assim lamentado em tristeza, com um suspiro ele olhou suas duas esposas Kunti e Madri, e se dirigindo a elas, disse 'Que a princesa de Kosala (minha mãe), Vidura, o rei com nossos amigos, a venerável Satyavati, Bhishma, os sacerdotes da nossa família, Brahmanas ilustres bebedores de Soma de votos rígidos e todos os cidadãos idosos que dependem de nós sejam informados, depois de serem preparados para isto, que Pandu se retirou para as florestas para levar uma vida de ascetismo.' Ouvindo estas palavras de seu marido que tinha estabelecido em seu coração ter uma vida de ascetismo nas florestas, Kunti e Madri se dirigiram a ele nestas palavras

apropriadas, 'Ó touro da raça Bharata, há muitos outros modos de vida que tu podes adotar e nos quais tu podes sofrer as penitências mais severas em nossa companhia, tuas esposas, nos quais para a salvação do teu corpo (libertação do renascimento), tu podes obter o céu. Nós também, na companhia do nosso marido, e para seu benefício, controlando nossas paixões e dando adeus a todas as luxúrias, nos submeteremos às mais severas austeridades. Ó rei, ó tu de grande sabedoria, se tu nos abandonares, nós então nesse mesmo dia realmente partiremos deste mundo.'

Pandu respondeu, 'Se, de fato, é esta sua resolução pela virtude, então com vocês eu seguirei o imperecível caminho dos meus pais. Abandonando as luxúrias das cidades e vilas, vestido em cascas de árvores, e vivendo de frutas e raízes, eu vagarei em florestas profundas, praticando penitências severas. Banhando-me de manhã e à noite, eu realizarei o homa. Eu reduzirei meu corpo por comer muito escassamente e vestirei trapos e peles e terei cabelos nodosos em minha cabeça. Expondo-me ao calor e ao frio e desconsiderando a fome e sede, eu reduzirei meu corpo com severas penitências ascéticas, eu viverei em solidão e contemplação; eu comerei as frutas, maduras ou verdes, que eu possa achar. Eu oferecerei oblações aos Pitris (espíritos dos mortos) e aos deuses com palavras, água e com as frutas da selva. Eu não verei, muito menos ferirei qualquer um dos habitantes das florestas, ou qualquer dos meus parentes, ou qualquer dos residentes das cidades e vilas. Até eu deixar este corpo, eu assim praticarei as severas ordenanças das escrituras Vanaprastha, sempre procurando pelas mais severas que elas possam conter.'

Vaisampayana continuou, 'O rei Kuru, tendo dito isso para suas esposas, deu aos Brahmanas a grande jóia de sua coroa, seu precioso colar de ouro, suas pulseiras, seus grandes brincos, seus mantos valiosos e todos os ornamentos de suas esposas. Então ao convocar seus servidores ele os comandou dizendo, 'Voltem para Hastinapura e proclamem a todos que Pandu com suas esposas entrou nas florestas, deixando riqueza, desejo, felicidade, e apetite sexual.' Então aqueles seguidores e servidores, ouvindo estas e outras palavras suaves do rei, lamentaram, proferindo, 'Oh, nós estamos arruinados!' Então com lágrimas quentes caindo em seus rostos eles deixaram o monarca e voltaram para Hastinapura com rapidez levando aquela riqueza com eles (para ser distribuída em caridade). Então Dhritarashtra, aquele principal dos homens, ouvindo então deles tudo o que tinha acontecido nas florestas, chorou por seu irmão. Ele meditava constantemente a respeito da sua aflição, pouco desfrutando do conforto de camas e assentos e pratos.

Enquanto isso, o príncipe Kuru Pandu (depois de mandar seus criados embora), acompanhado por suas duas esposas e comendo frutas e raízes foi às montanhas de Nagasata. Ele em seguida foi para Chaitraratha, e então cruzou o Kalakuta, e finalmente, cruzando o Himavat, ele chegou a Gandhamadana. Protegido por Mahabhutas, Siddhas, e grandes Rishis, Pandu vivia, ó rei, às vezes em terra plana e às vezes em ladeiras de montanhas. Ele então viajou pelo lago de Indradyumna, daí cruzando as montanhas de Hansakuta, ele foi à montanha dos cem cumes (Sata-sringa) e lá continuou a praticar austeridades ascéticas.'

120

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Pandu, possuidor de grande energia, então se dedicou ao ascetismo. Em pouco tempo ele se tornou o favorito de todos os Siddhas e Charanas que lá residiam. E, ó Bharata, dedicado ao serviço de seus mestres espirituais, livre de vaidade, com a mente sob controle completo e a paixão completamente subjugada, o príncipe, se tornando apto para entrar no céu por sua própria energia, alcançou grande destreza (ascética). Alguns dos rishis o chamavam de irmão, alguns de amigo, enquanto outros o apreciavam como seu filho. E, ó touro da raça Bharata, tendo adquirido depois de muito tempo grande mérito ascético unido com total celibato, Pandu se tornou como um Brahmarshi (embora fosse um Kshatriya por nascimento).

Certo dia da lua nova, os grandes Rishis de votos rígidos se reuniram, e desejosos de ver Brahman estavam a ponto de começar sua expedição. Ao vê-los, Pandu questionou os ascetas, dizendo, 'Ó principais dentre os homens eloquentes, aonde nós iremos?' Os Rishis responderam, 'Haverá hoje uma grandiosa reunião, na residência de Brahman, dos celestiais, Rishis e Pitris. Desejosos de contemplar o Autocriado nós iremos lá hoje.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo isso, Pandu ergueu-se de repente, desejoso de visitar o céu junto com os grandes Rishis. Acompanhado por suas duas esposas, quando ele estava a ponto de seguir os Rishis na direção norte da montanha de cem cumes, aqueles ascetas endereçaram-se a ele dizendo, 'Em nossa marcha em direção ao norte, enquanto gradualmente subíamos o rei das montanhas, nós vimos em seu leito encantador muitas regiões inacessíveis para mortais comuns; retiros também dos deuses, e Gandharvas e Apsaras, com mansões suntuosas às centenas, agrupadas em volta e ressoando com as doces notas da música celestial, os jardins de Kuvera projetados sobre solos nivelados e não nivelados, margens de poderosos rios, e cavernas profundas. Há muitas regiões também naquelas alturas cobertas com neve perpétua e completamente desprovidas de existência vegetal e animal. Em alguns lugares a chuva cai tão pesadamente que eles são totalmente inacessíveis e incapazes de serem utilizados para habitação. Sem falar de outros animais, nem criaturas aladas podem atravessá-los. A coisa única que pode ir há é o ar, e os únicos seres, Siddhas e grandes Rishis. Como estas princesas subirão até aquelas alturas do rei das montanhas? Desacostumadas à dor, elas não cairão em aflição? Portanto, não venha conosco, ó touro da raça Bharata!'

Pandu respondeu, 'Ó afortunados, é dito que para aquele que não tem filhos não há admissão no céu. Eu não tenho filhos! Em aflição eu falo a vocês! Eu estou

aflito porque eu não posso pagar a dívida que tenho com meus antepassados. É certo que com a dissolução deste meu corpo meus antepassados perecerão! Os homens nascem nesta terra com quatro dívidas: aquela com os antepassados (falecidos), os deuses, os Rishis, e outros homens. Em justiça estas devem ser pagas. Os sábios declararam que as regiões de felicidade não existem para aqueles que se omitem do pagamento destas dívidas no tempo devido. Os deuses são pagos (gratificados) por meio de sacrifícios, os Rishis, por estudo, meditação, e ascetismo, os (falecidos) antepassados, pela geração de filhos e oferenda do bolo fúnebre, e, por fim, outros homens por levar uma vida humana e inofensiva. Eu justamente cumpri minhas obrigações com os Rishis, os deuses, e outros homens. Mas aqueles outros além destes três certamente perecerão com a dissolução do meu corpo! Ó ascetas, eu ainda não estou livre da dívida que tenho para com meus antepassados. Os melhores dos homens nascem neste mundo para gerar filhos e pagar aquela dívida. Eu pergunto a vocês, filhos poderiam ser gerados em meu solo (em minhas esposas) como eu mesmo fui gerado no solo de meu pai pelo Rishi eminente?'

Os Rishis disseram, 'Ó rei de alma virtuosa, haverá progênie em fartura para ti, que és impecável e afortunado como os deuses. Nós vemos tudo isso com nossa visão profética. Portanto, ó tigre entre homens, realize por tuas próprias ações o que o destino designa. Homens de inteligência, agindo com deliberação, sempre obtêm bons resultados; cabe a ti, portanto, ó rei, te empenhares para isto. Os frutos que tu obterás são claramente visíveis. Tu realmente obterás progênie ilustre e agradável.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras dos ascetas, Pandu se lembrou da perda de seus poderes de procriação devido à maldição do veado, e começou a refletir profundamente. E chamando sua excelente esposa Kunti, ele disse a ela em particular, 'Esforce-te para gerar prole nessa época de infortúnio. Os sábios intérpretes da religião eterna declaram que um filho, ó Kunti, é a causa de fama virtuosa nos três mundos. É dito que sacrifícios, presentes caritativos, penitências ascéticas, e votos cumpridos cuidadosamente não dão mérito religioso a um homem sem filhos. Ó tu de doce sorriso, sabendo de tudo isso, eu estou certo de que não poderei ter filhos, e não alcançarei as regiões de felicidade verdadeira. Ó tímida, vil como eu fui e viciado em atos cruéis, como uma consequência da vida poluída que levei, meu poder de procriação foi destruído pela maldição do veado. Os institutos religiosos mencionam seis tipos de filhos que são herdeiros e parentes, e seis outros tipos que não são herdeiros, mas parentes. Eu falarei deles. Ó Pritha, me escutes. Eles são: 1º, o filho gerado pelo próprio homem em sua esposa; 2º, o filho gerado na esposa por uma pessoa ilustre por motivos de bondade; 3º, o filho gerado em uma esposa por uma pessoa por considerações financeiras; 4º, o filho gerado na esposa depois da morte do marido; 5º, o filho nascido de uma donzela; 6º, o filho nascido de uma esposa incasta; 7º, o filho dado; 8º, o filho comprado por um pagamento; 9º, o filho autodado; 10º, o filho recebido com uma noiva grávida; 11º, o filho do irmão; e 12º, o filho gerado em uma mulher de casta inferior. No fracasso de prole de uma classe mais importante, a mãe deve desejar ter prole da classe seguinte. Em

tempos de infortúnio homens solicitam progênie de irmãos mais novos ilustres. O autonascido Manu disse que os homens que falham em ter prole legítima podem ter filhos gerados em suas esposas por outros, pois filhos concedem o mais elevado mérito religioso. Portanto, ó Kunti, sendo eu mesmo desprovido do poder de procriação, eu te ordeno criar boa prole através de uma pessoa que seja igual ou superior a mim. Ó Kunti, escute a história da filha de Saradandayana que foi mandada criar progênie por seu marido. Aquela dama guerreira, quando sua época mensal chegou, se banhou devidamente e durante a noite saiu e esperou em um local onde quatro estradas se encontravam. Ela não esperou muito tempo quando um Brahmana coroado com êxito ascético foi lá. A filha de Saradandayana pediu prole a ele. Depois de despejar libações de manteiga clarificada no fogo (na realização do sacrifício conhecido pelo nome de Punsavana) ela deu à luz a três filhos que eram poderosos guerreiros em carros e dos quais Durjaya foi o mais velho, gerado nela por aquele Brahmana. Ó afortunada, siga o exemplo daquela dama guerreira por minha ordem, e crie rapidamente descendentes da semente de um Brahmana de mérito ascético elevado.'

121

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim, Kunti respondeu a seu marido heróico, o rei Pandu, aquele touro entre os Kurus, dizendo, 'Ó virtuoso, não cabe a ti me falar desta maneira. Eu sou, ó tu de olhos de lótus, tua esposa muito dedicada a ti. Ó Bharata de braços poderosos, tu mesmo deverás, em virtude, gerar em mim filhos dotados com grande energia. Então eu ascenderei para o céu contigo; ó príncipe da linhagem Kuru, receba-me em teus braços para gerar filhos. Eu não aceitarei nem mesmo em imaginação outro homem qualquer exceto tu em meus braços. Que outro homem há neste mundo que seja superior a ti? Ó virtuoso, escute esta narrativa Paurânica que foi, ó tu de olhos grandes, ouvida por mim, e que eu agora narrarei.

Havia, nos tempos antigos, um rei na linhagem de Puru, conhecido pelo nome de Vyushitaswa. Ele era devotado à verdade e virtude. De alma virtuosa e braços poderosos, em uma ocasião, enquanto ele estava realizando um sacrifício, os deuses com Indra e os grandes Rishis foram a ele, e Indra estava tão embriagado com o suco Soma que bebeu e os Brahmanas com os grandes presentes que receberam, que o deus e os grandes Rishis começaram eles mesmos a realizar tudo concernente àquele sacrifício do sábio real ilustre. Então Vyushitaswa começou a brilhar sobre todos os homens como o Sol aparecendo com duplo esplendor depois da estação de frio ter acabado. E o poderoso Vyushitaswa, que era dotado da força de dez elefantes logo realizou o sacrifício de cavalos, derrotando, ó melhor dos monarcas, todos os reis do leste, do norte, do oeste e do sul, e exigiu tributos deles todos. Há uma frase, ó melhor dos Kurus, que é cantada por todos os narradores dos Puranas, com relação àquele principal de

todos os homens, o ilustre Vyushitaswa: ‘Tendo conquistado toda a Terra até a costa, Vyushitaswa protegeu todas as classes de seus súditos como um pai faz com seus próprios filhos gerados de si mesmo.’ Realizando muitos grandiosos sacrifícios ele deu muita riqueza aos Brahmanas. Depois de juntar jóias e pedras preciosas ilimitadas ele fez planos para realizar sacrifícios ainda maiores. E ele realizou também o Agnishtoma e outros sacrifícios Védicos especiais, extraindo grandes quantidades de suco Soma. E, ó rei, Vyushitaswa tinha como sua querida esposa, Bhadra, a filha de Kakshivat, sem igual em beleza sobre a terra. E é sabido por nós que eles se amavam profundamente. O rei Vyushitaswa raramente estava separado de sua mulher. Excesso sexual, no entanto, causou-lhe um ataque de tísica e o rei morreu dentro de poucos dias, afundando como o Sol em sua glória. Então Bhadra, sua bela rainha, estava mergulhada na dor, e como ela não tinha filhos, ó tigre entre homens, ela chorou em grande aflição. Me escutes, ó rei, enquanto eu narro para ti tudo o que Bhadra disse com lágrimas amargas em seus olhos. 'Ó virtuoso', ela disse, 'mulheres não servem para nenhum propósito quando seus maridos estão mortos. Aquela que vive depois que seu marido está morto entra em uma existência miserável que dificilmente pode ser chamada de vida. Ó touro da raça Kshatriya, a morte é uma bênção para mulheres sem maridos. Eu desejo seguir o caminho que tu tomaste. Seja bondoso para comigo e leve-me contigo. Na tua ausência eu não poderei suportar minha vida nem por um momento. Seja bom para mim, ó rei e leve-me logo daqui. Ó tigre entre homens, eu te seguirei por sobre solo plano ou montanhoso. Se foste embora, ó senhor, para nunca retornar, eu te seguirei, ó rei, como a tua própria sombra. Ó tigre entre homens, eu te obedecerei (como tua escrava) e farei o que for agradável para ti e para teu bem. Ó tu de olhos como pétalas de lótus, sem ti, desse dia em diante, a agonia mental me destruirá e consumirá meu coração. Uma infeliz como sou, eu devo ter sem dúvida separado um casal carinhoso em uma vida passada, pelo qual, nesta vida, eu tenho que sofrer as dores da separação de ti. Ó rei, a mulher desventurada que vive mesmo um momento separada de seu marido vive em angústia e sofre as dores do inferno mesmo aqui. Algum casal carinhoso sem dúvida foi separado por mim em uma vida anterior, e por tal ato pecaminoso eu estou sofrendo a tortura resultante da minha separação de ti. Ó rei, desse dia em diante eu me deitarei em uma cama de erva Kusa e me absterei de todo o luxo, esperando te ver mais uma vez. Ó tigre entre homens, mostre-te a mim. Ó rei, ó senhor, comande mais uma vez esta tua esposa desventurada e que chora amargamente mergulhada na dor.'

Kunti continuou, 'Foi assim, ó Pandu, que a bela Bhadra chorou pela morte de seu marido. E a chorosa Bhadra abraçou o cadáver com muita dor no coração. Então ela foi endereçada por uma voz incorpórea nestas palavras, ‘Levante, ó Bhadra, e deixes este lugar. Ó tu de doce sorriso, eu te concedo esta bênção. Eu gerarei prole em ti. Deite comigo na tua própria cama depois do banho, na noite do oitavo ou décimo quarto dia da lua.' Assim endereçada pela voz incorpórea, a casta Bhadra fez como foi ordenada, para obter descendência. E, ó touro dos Bharatas, o cadáver de seu marido gerou nela sete filhos, três Salwas e quatro Madras. Ó touro dos Bharatas, geres também prole em mim, como o ilustre Vyushitaswa, pelo exercício daquele poder ascético que tu possuis.'

122

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim endereçado por sua mulher carinhosa, o rei Pandu, conhecedor de todas as regras de moralidade, respondeu nestas palavras de significado virtuoso, 'Ó Kunti, o que tu disseste é bastante verdadeiro. Vyushitaswa antigamente fez como tu disseste. De fato ele era igual aos próprios celestiais. Mas eu agora te falarei sobre as práticas de antigamente indicadas por Rishis ilustres, totalmente conhecedores de todas as regras de moralidade. Ó tu de rosto bonito e sorriso doce, as mulheres antigamente não eram muradas dentro de suas casas e dependentes de maridos e outros parentes. Elas costumavam viver livremente, desfrutando como quisessem e fazendo o que gostavam. Ó tu de qualidades excelentes, elas não aderiam a seus maridos fielmente, e ainda, ó bela, elas não consideravam isto pecaminoso, pois este era o costume sancionado daqueles tempos. Este mesmo costume é seguido até hoje em dia por aves e animais sem qualquer (exibição de) ciúmes. Aquela prática, sancionada por precedente, é elogiada por grandes Rishis. Ó tu de belas pernas, a prática é ainda considerada com respeito entre os Kurus do Norte. De fato, aquele costume, tão indulgente para mulheres, tem a sanção da antiguidade. A presente prática, no entanto (das mulheres serem limitadas a um marido por toda a vida) foi estabelecida mais recentemente. Eu te direi em detalhes quem a estabeleceu e por que.

É sabido por nós que havia um grande Rishi de nome Uddalaka, que tinha um filho chamado Swetaketu que também era um asceta de mérito. Ó tu de olhos como pétalas de lótus, a presente prática virtuosa foi estabelecida por aquele Swetaketu por raiva. Ouças a razão. Um dia, na presença do pai de Swetaketu um Brahmana veio e pegando a mãe de Swetaketu pela mão, disse a ela, 'Vamos.' Vendo sua mãe agarrada pela mão e levada aparentemente à força, o filho ficou muito furioso. Vendo seu filho indignado, Uddalaka se dirigiu a ele e disse, 'Não fique zangado ó filho! Esta é a prática sancionada pela antiguidade. As mulheres de todas as classes neste mundo são livres, ó filho; os homens nessa questão, considerando suas respectivas classes, agem como gado.' O filho do Rishi, Swetaketu, no entanto, desaprovou o uso e estabeleceu no mundo a presente prática relativa a homens e mulheres. Foi ouvido por nós, ó tu de grande virtude, que esta prática existente data daquele período entre seres humanos mas não entre seres de outras espécies. Consequentemente, desde o estabelecimento do uso presente, é pecaminoso para mulheres não serem fiéis a seus maridos. Mulheres que transgridem os limites fixados pelo Rishi tornam-se culpadas de matar o embrião. E, homens, também, ao violentarem uma casta e amável mulher que desde sua juventude cumpriu o voto de pureza, se torna culpado do mesmo pecado. A mulher também que, sendo mandada criar progênie por seu marido, se recusa a atender seu pedido se torna igualmente pecaminosa.

Assim, ó tímida, o costume existente foi estabelecido antigamente por Swetaketu, o filho de Uddalaka, sem respeito pela antiguidade. Ó tu de coxas afiladas, é também sabido por nós que Madayanti, a mulher de Saudasa, mandada obter prole por seu marido foi ao Rishi Vasishtha. E ao ter com ele, a bela Madayanti obteve um filho chamado Asmaka. Ela o fez, movida pelo desejo de fazer bem para seu marido. Ó tu de olhos de lótus, tu sabes, ó moça tímida, como nós, para a perpetuação da linhagem Kuru, fomos gerados por Krishna-Dwaipayana. Ó impecável, vendo todos estes precedentes cabe a ti realizar meu pedido, que está de acordo com a virtude. Ó princesa que é devotada a seu marido, também é dito por aqueles conhecedores das regras de moralidade que uma esposa, quando sua época mensal chega, deve sempre procurar seu marido, embora nos outros dias ela mereça liberdade. Os sábios declaram que esta é uma práticav. Mas, seja uma ação pecaminosa ou não, conhecedores dos Vedas declaram ser o dever das esposas fazer o que seus maridos pedem. Especialmente, ó tu de feições impecáveis, eu, que sou privado do poder de procriação, tendo ficado desejoso de ver descendência, mereço ainda mais ser obedecido por ti. Ó amável, juntando minhas palmas providas de dedos rosados, e fazendo deles uma xícara como de folhas de lótus, eu os coloco em minha cabeça para te conciliar. Ó tu de aparência formosa, cabe a ti ter descendência, por minha ordem, por meio de um Brahmana possuidor de grande mérito ascético. Para que então, devido a ti, ó tu de quadris formosos, eu possa seguir pelo caminho que é reservado para aqueles que são abençoados com filhos.'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçada por Pandu, o subjugador de cidades hostis, a bela Kunti, sempre atenta ao que era agradável e benéfico para seu marido, então respondeu a ele, dizendo, 'Na minha juventude, ó senhor, eu me ocupava na casa de meu pai em servir todos os convidados. Eu costumava atender respeitosamente Brahmanas de votos rígidos e de grande mérito ascético. Um dia eu agradei com minhas atenções aquele Brahmana que as pessoas chamam de Durvasa, de mente sob total controle e possuidor do conhecimento de todos os mistérios da religião. Satisfeito com meus serviços, aquele Brahmana me deu um benefício na forma de um mantra (fórmula de invocação) para invocar à minha presença qualquer um dos celestiais que eu quisesse. E o Rishi me disse, 'Qualquer um entre os celestiais que tu chamares, ó menina, se aproximará de ti e obedecerá à tua vontade, ele goste ou não. E, ó princesa, tu também terás prole por sua graça.' Ó Bharata, aquele Brahmana me disse isto quando eu vivia na casa do meu pai. As palavras proferidas por um Brahmana nunca podem ser falsas. Chegou a hora também delas produzirem frutos. Mandado por ti, ó nobre sábio, eu posso através de um mantra convocar qualquer um dos celestiais, para que nós possamos ter bons filhos. Ó principal de todos os homens sinceros, me diga qual dos celestiais eu convocarei. Saiba que, neste assunto, eu espero tuas ordens.'

Pandu respondeu, 'Ó bela, esforce-te devidamente neste mesmo dia para satisfazer nossos desejos. Afortunada, convoque o deus da justiça. Ele é o mais virtuoso dos celestiais. O deus da justiça e virtude nunca poderá nos poluir com pecado. O mundo também, ó bela princesa, vai então pensar que o que nós

fizemos nunca poderia ser pecaminoso. O filho também que nós obteremos dele em virtude será certamente o principal entre os Kurus. Gerado pelo deus da justiça e moralidade, ele nunca estabelecerá seu coração sobre qualquer coisa pecaminosa ou ímpia. Portanto, ó tu de doce sorriso, mantendo firmemente a virtude perante teus olhos, e devidamente observando votos santos, convoque o deus da justiça e virtude pela ajuda das tuas solicitações e fórmula mágica.'

Vaisampayana continuou, 'Então Kunti, aquela melhor das mulheres, assim endereçada por seu marido, disse, 'Assim seja.' E curvando-se e reverentemente circungirando seu marido, ela resolveu atender seu pedido.'

123

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó Janamejaya, quando a concepção de Gandhari tinha ocorrido há um ano, foi então que Kunti convocou o deus eterno da justiça para obter progênie. E ela ofereceu sem perda de tempo sacrifícios ao deus e começou devidamente a repetir a fórmula que Durvasa tinha dado a ela algum tempo antes. Então o deus, dominado por seus encantamentos, chegou ao local onde Kunti estava sentada em seu carro resplandecente como o Sol, sorrindo ele perguntou, 'Ó Kunti, o que eu darei a ti?' E Kunti também sorrindo por sua vez, respondeu, 'Tu deves me dar descendência.' Então a bela Kunti se uniu (em relações sexuais) com o deus da justiça em sua forma espiritual e obteve dele um filho dedicado ao bem de todas as criaturas. E ela teve seu filho excelente, que viveu para adquirir grande fama, no oitavo Muhurta chamado Abhijit, na hora do meio-dia daquele dia muito auspicioso do sétimo mês (Kartika), o quinto da quinzena iluminada, quando a estrela Jyeshtha em conjunção com a lua estava ascendente. E logo que a criança nasceu, uma voz incorpórea (dos céus) disse, 'Esta criança será o melhor dos homens, o principal dentre aqueles que são virtuosos. Dotado de grande bravura e sinceridade, ele sem dúvida será o soberano da terra. E este primeiro filho de Pandu será conhecido pelo nome de Yudhishthira. Possuindo destreza e honestidade de disposição, ele será um rei famoso, conhecido por todos os três mundos.'

Pandu, tendo obtido aquele filho virtuoso, outra vez dirigiu-se à sua mulher e disse, ‘Os sábios declararam que um Kshatriya deve ser dotado de força física, do contrário ele não é Kshatriya. Portanto, peça por um filho de força superior.’ Assim mandada por seu marido Kunti então invocou Vayu. E o deus poderoso do vento, assim invocado, foi até ela montado em um veado, e disse, 'O que, ó Kunti, eu devo te dar? Diga-me o que está no teu coração.’ Sorrindo em modéstia, ela disse, 'Dê-me, ó melhor dos celestiais, uma criança dotada de grande força e amplitude de membros e capaz de humilhar o orgulho de todos.' O deus do vento então gerou nela o filho depois conhecido como Bhima de braços poderosos e bravura feroz. E após o nascimento daquela criança dotada com força extraordinária, uma

voz incorpórea, ó Bharata, como antes, disse, 'Esta criança será o principal de todos os dotados de força.' Eu devo te falar, ó Bharata, sobre outro acontecimento extraordinário que ocorreu depois do nascimento de Vrikodara (Bhima). Quando ele caiu do colo de sua mãe sobre o leito da montanha, a violência da queda quebrou em fragmentos a pedra sobre a qual ele caiu sem seu o corpo de bebê ter o menor ferimento. E ele caiu do colo de sua mãe porque Kunti, assustada por um tigre, havia se erguido repentinamente, inconsciente de que a criança estava dormindo em seu colo. E quando ela se ergueu, o bebê, de corpo duro como o raio, caindo sobre o leito da montanha, quebrou em cem fragmentos a massa rochosa sobre a qual ele caiu. E ao ver aquilo Pandu ficou maravilhado. E aconteceu que aquele mesmo dia no qual Vrikodara nasceu era também, ó melhor de Bharatas, o dia do nascimento de Duryodhana que depois se tornou o soberano de toda a terra.

Depois do nascimento de Vrikodara, Pandu outra vez começou a pensar, 'Como eu posso obter um filho muito superior que alcançará fama mundial? Todas as coisas no mundo dependem do destino e do esforço. Mas o destino nunca pode ser bem sucedido sem um esforço oportuno. Nós ouvmos dizer que Indra é o chefe dos deuses. De dato, ele é dotado de incomensurável poder e energia e coragem e glória. Satisfazendo-o com o meu ascetismo, eu obterei dele um filho de grande força. De fato, o filho que ele me der deve ser superior a todos e capaz de vencer em batalha todos os homens e outras criaturas que não homens. Eu, portanto, praticarei austeridades severas, com coração, atos e palavras.'

Depois disto o rei Kuru, Pandu, se aconselhando com os grandes Rishis mandou Kunti cumprir um voto auspicioso por um ano inteiro, enquanto ele mesmo começou, ó Bharata, a permanecer sobre uma perna de manhã até a noite, e a praticar outras austeridades severas com a mente absorta em meditação, para satisfazer o senhor dos celestiais.

Foi depois de muito tempo que Indra (satisfeito com tal dedicação) se aproximou de Pandu e dirigiu-se a ele dizendo, 'Eu te darei, ó rei, um filho que será célebre nos três mundos e que promoverá o bem-estar de Brahmanas, vacas e de todos os homens honestos. O filho que eu te darei será o destruidor dos maus e o deleite de amigos e parentes. O mais importante de todos os homens, ele será um matador irresistível de todos os inimigos.' Assim endereçado por Vasava (o rei dos celestiais), o rei virtuoso da linhagem Kuru, relembrado aquelas palavras, disse a Kunti, 'Ó afortunada, teu voto se tornou bem sucedido. O senhor dos celestiais está satisfeito, e te dará um filho tal como tu desejaste, de realizações sobre humanas e grande fama. Ele será o opressor de todos os inimigos e possuirá grande sabedoria. Dotado de uma grande alma, em esplendor igual ao Sol, invencível em batalha, e de grandes realizações, ele também será extremamente belo. Ó tu de belos quadris e doce sorriso, o senhor dos celestiais se tornou benevolente para contigo. Invocando-o, dê à luz a uma criança que será o verdadeiro lar de todas as virtudes Kshatriya.'

Vaisampayana continuou, 'A célebre Kunti, assim endereçada por seu marido, invocou Sakra (o rei dos deuses) que então foi até ela e gerou aquele que foi

depois chamado de Arjuna. E logo que aquela criança nasceu, uma voz incorpórea, alta e profunda como a das nuvens que encheu todo o firmamento, claramente disse, endereçando-se a Kunti na audição de todas as criaturas que moravam naquele retiro, 'Este teu filho, ó Kunti, será igual a Kartavirya em energia e a Siva em bravura. Invencível como o próprio Sakra ele espalhará tua fama ampla e totalmente. Como Vishnu (o mais novo dos filhos de Aditi) aumentou a alegria de Aditi, assim este filho aumentará tua alegria. Subjugando os Madras, os Kurus junto com os Somakas, e o povo de Chedi, Kasi e Karusha, ele manterá a prosperidade dos Kurus. (Saciado com as libações no sacrifício do rei Swetaketu), Agni derivará grande satisfação da gordura de todas as criaturas que moram nas florestas de Khandava (que serão queimadas) por meio do poder das armas dele. Este herói poderoso, conquistando todos os monarcas fracos da terra, com seus irmãos realizará três grandiosos sacrifícios. Em heroísmo, ó Kunti, ele será assim como Jamadagnya ou Vishnu. O principal de todos os homens dotados com destreza, ele alcançará grande fama. Ele gratificará em batalha Sankara, o deus dos deuses (Mahadeva), e receberá dele a grande arma chamada Pasupata. Este teu filho de braços poderosos também matará, por ordem de Indra, os Daityas chamados Nivatakavachas que são os inimigos dos deuses. Ele também adquirirá todas as espécies de armas celestes, e este touro entre os homens também restaurará a riqueza de sua família.'

Kunti ouviu estas palavras extraordinárias enquanto estava deitada no quarto. E ao ouvir aquelas palavras proferidas tão ruidosamente os ascetas que habitavam a montanha de cem cumes, e os celestiais com Indra sentados em seus carros ficaram muito contentes. O som dos tambores (invisíveis) encheu o firmamento inteiro. Houve gritos de alegria, e toda a região foi coberta com flores despejadas por agentes invisíveis. As vários tribos de celestiais reunidas começaram a oferecer suas respeitosas adorações ao filho de Pritha. Os filhos de Kadru (Nagas), o filho de Vinata, os Gandharvas, os senhores da criação, e os sete grandes Rishis, Bharadwaja, Kasyapa, Gautama, Viswamitra, Jamadagni, Vasishtha, e o ilustre Atri que iluminou o mundo antigamente quando o Sol estava perdido, todos chegaram lá. E Marichi, Angiras, Pulastya, Pulaha, Kratu, Daksha o senhor da criação, os Gandharvas, e Apsaras, foram lá também. As várias tribos de Apsaras, enfeitadas com guirlandas celestes e todos os ornamentos, e vestidas em excelentes roupas, foram lá e dançaram em alegria, cantando os louvores de Vibhatsu (Arjuna). Por todos os lados, os grandes Rishis começaram a proferir fórmulas propiciatórias. E Tumvuru acompanhado pelos Gandharvas começou a cantar em notas encantadoras. E Bhimasena e Ugrasena, Urnayus e Anagha. Gopati e Dhritarashtra e Suryavarchas o oitavo, Yugapa e Trinapa, Karshni, Nandi, e Chitraratha, Salisirah o décimo terceiro, Parjanya o décimo quarto, Kali o décimo quinto, e Narada o décimo sexto desta lista, Vrihatta, Vrihaka, Karala de grande alma, Brahmacharin, Vahuguna, Suvarna de grande fama, Viswavasu, Bhumanyu, Suchandra, Sam e as célebres tribos de Haha e Huhu dotadas com maravilhosa melodia de voz, estes Gandharvas celestes, ó rei, todos foram lá. Muitas Apsaras ilustres também de olhos grandes, enfeitadas com todos os ornamentos foram lá dançar e cantar. E Anuchana e Anavadya, Gunamukhya e Gunavara, Adrika e Soma, Misrakesi e Alambusha, Marichi e Suchika, Vidyutparna e Tilottama e

Ambika, Lakshmana, Kshema Devi, Rambha, Manorama, Asita, Suvahu, Supriya, Suvapuh, Pundarika, Sugandha, Surasa, Pramathini, Kamya e Saradwati, todas dançaram juntas. E Menaka, Sahajanya, Karnika, Punjikasthala, Ritusthala, Ghritachi, Viswachi, Purvachiti, a célebre Umlocha, Pramlocha a décima e Urvasi a décima primeira, estas donzelas dançarinas de grandes olhos do céu chegaram lá e cantaram em coro. E Dharti e Aryaman e Mitra e Varuna, Bhaga e Indra, Vivaswat, Pushan, Tvastri e Parjanya ou Vishnu, estes doze Adityas foram lá glorificar o filho de Pandu. E, ó rei, Mrigavyadha, Sarpa, o célebre Niriti, Ajaikapada, Ahivradhna, Pinakin, Dahana, Iswara, Kapalin, Sthanu e o ilustre Bhaga, estes onze Rudras, também foram lá. E os gêmeos Aswins, os oito Vasus, os poderosos Maruts, os Viswedevas, e os Sadhyas, também foram lá. E Karkotaka, Vasuki, Kachchhapa, Kunda e o grande Naga Takshaka, estas poderosas e coléricas cobras possuidoras de grande mérito ascético também foram lá. E Tarkshya, Arishtanemi, Garuda, Asitadvaja, estes e muitos outros Nagas chegaram lá, assim também Aruna e Aruni da raça de Vinata também foram lá. E somente os grandes Rishis coroados com sucesso ascético e não outros viram aqueles celestiais e outros seres sentados em seus carros ou esperando sobre os picos da montanha. Aqueles melhores dos Munis vendo aquela visão extraordinária ficaram assombrados, e seu amor e afeto pelos filhos de Pandu foram em consequência aumentados.

O célebre Pandu, tentado pelo desejo de ter mais filhos desejou falar novamente para sua esposa (para invocar algum outro deus). Mas Kunti se dirigiu a ele, dizendo, 'Os sábios não sancionam uma quarta entrega nem mesmo em uma época de infortúnio. A mulher que tem relacionamento com quatro homens diferentes é chamada de Swairini, enquanto aquela que tem relacionamento com cinco se torna uma prostituta. Portanto, ó erudito, como tu conheces bem a escritura neste assunto, por que tu, encantado por desejo de prole, me falas desse modo parecendo ter te esquecido das ordenanças?'

124

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois do nascimento dos filhos de Kunti e também dos cem filhos de Dhritarashtra a filha do rei de Madras em particular se dirigiu a Pandu, dizendo, 'Ó matador de inimigos, eu não me queixo mesmo que tu tenhas sido desfavorável a mim. Eu não tenho, ó impecável, também queixas pelo fato de embora por nascimento eu ser superior a Kunti eu seja inferior a ela em posição. Eu não sofro, ó tu da linhagem Kuru, por Gandhari ter obtido cem filhos. No entanto, é minha grande dor que embora Kunti e eu sejamos iguais eu não tenha filhos, embora eu devesse ter a chance de ter progênie que tu deste somente a Kunti. Se a filha de Kuntibhoja providenciasse que eu tivesse filhos ela então estaria realmente me fazendo um grande favor e beneficiando a ti igualmente. Ela sendo minha rival, eu sinto um melindre em pedir qualquer favor dela. Se tu

estiveres, ó rei, bondosamente disposto para comigo, então peça a ela para conceder meu desejo.'

Ouvindo-a, Pandu respondeu, 'Ó Madri, eu revolvi esse assunto muitas vezes em minha própria mente, mas eu até agora hesitei em te dizer qualquer coisa, não sabendo como tu poderias receber isto. Agora que eu sei quais são teus desejos, eu certamente me esforçarei para alcançar este fim. Eu penso que, a meu pedido, Kunti não recusará.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disto Pandu se dirigiu a Kunti em particular, dizendo, 'Ó Kunti, conceda-me mais filhos para o desenvolvimento da minha linhagem e para o benefício do mundo. Ó abençoada, faça com que eu mesmo, meus antepassados, e os teus também, possam sempre ter o bolo fúnebre oferecido por nós. Ó, faça o que é benéfico para mim, e conceda a mim e ao mundo aquela que, de fato, é a melhor das bênçãos. Ó, faça aquilo que, de fato, pode ser difícil para ti, movida pelo desejo de alcançar fama eterna. Veja, Indra, mesmo tendo obtido a soberania dos celestiais, ainda, só pela fama, realiza sacrifícios. Ó bela, Brahmanas, bons conhecedores dos Vedas, e tendo alcançado alto mérito ascético, ainda, só por fama, se aproximam de seus mestres espirituais com reverência. Assim também todos os sábios reais e Brahmanas possuidores de riqueza ascética têm realizado, somente pela fama, as mais difíceis das façanhas ascéticas. Portanto, ó inocente, resgate Madri como com uma balsa (por concederes a ela os meios de obter filhos), e alcance fama imperecível por fazeres dela uma mãe.'

Assim endereçada por seu marido Kunti concordou facilmente e disse a Madri, 'Pense, sem perda de tempo, em algum celestial, e tu certamente obterás dele um filho semelhante a ele.' Refletindo por poucos momentos. Madri pensou nos gêmeos Aswins, que foram rapidamente até ela e geraram seus dois filhos que eram gêmeos chamados Nakula e Sahadeva, inigualáveis sobre terra em beleza. E logo que eles nasceram, uma voz incorpórea disse, 'Em energia e beleza estes gêmeos transcenderão até os próprios gêmeos Aswins.' De fato, possuidores de grande energia e beleza eles iluminaram toda a região.

Ó rei, depois que todos os filhos tinham nascido, os Rishis que moravam sobre a montanha de cem cumes, proferindo bênçãos sobre eles e carinhosamente realizando os primeiros ritos de nascimento, deram nomes a eles. O mais velho dos filhos de Kunti foi chamado Yudhishthira, o segundo Bhimasena, e o terceiro Arjuna, e dos filhos de Madri, o primeiro dos gêmeos era chamado Nakula e o seguinte Sahadeva. E aqueles filhos importantes nascidos um ano depois do outro pareciam com um período incorporado de cinco anos. E o rei Pandu, vendo seus filhos de beleza celestial e de energia superabundante, grande força e destreza, e de grandeza de alma, se regozijou muito. E as crianças se tornaram as grandes favoritas dos Rishis, como também de suas esposas, que habitavam na montanha de cem cumes.

Algum tempo depois, Pandu outra vez pediu para Kunti em nome de Madri. Endereçada, ó rei, por seu marido em particular, Kunti respondeu, 'Tendo dado a

ela a fórmula de invocação somente uma vez, ela, ó rei, conseguiu obter dois filhos. Eu não fui dessa maneira lograda por ela, mas eu tenho medo de que, ó rei, ela logo me supere no número de filhos. Este, de fato, é o caminho de todas as mulheres más. Tola que eu fui, eu não sabia que por invocar os deuses gêmeos eu poderia obter o nascimento de crianças gêmeas. Eu suplico a ti, ó rei, que não me dê qualquer ordem adicional com relação a isto. Que esta seja a bênção concedida (por ti) a mim.'

Assim, ó rei, nasceram para Pandu cinco filhos que foram gerados por celestiais e que eram dotados de grande força, e que viveram para alcançar grande fama e ampliar a linhagem Kuru. Cada um tendo todos os sinais auspiciosos em seus corpos, belos como Soma, orgulhosos como o leão, hábeis no uso do arco, e de andar, peito, coração, olhos, pescoço e bravura leonina, aqueles principais dos homens, parecendo com os próprios celestiais em poder, começaram a crescer. E vendo eles e suas virtudes crescerem com os anos, os grandes Rishis que moravam sobre aquele pico enevoado da montanha sagrada estavam maravilhados. E os cinco Pandavas e os cem filhos de Dhritarashtra, aquele propagador da família Kuru, cresceram rapidamente como um grupo de lotos em um lago.'

125

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, ‘Vendo seus cinco belos filhos crescendo diante dele naquela grande floresta no declive encantador da montanha, Pandu sentiu as últimas forças de seus braços reviverem mais uma vez. Um dia, na estação da primavera que enlouquece todas as criaturas o rei acompanhado por sua mulher (Madri), começou a vagar nas florestas onde todas as árvores tinham dado novas flores. Ele viu por toda parte Palasas e Tilakas e Mangoes e Champakas e Parihadrakas e Karnikaras, Asokas e Kesaras e Atimuktas e Kuruvakas com enxames de abelhas enlouquecidas zunindo docemente. E havia flores de Parijatas floridas com os Kokilas cantando suas melodias sob cada ramo ecoando com o suave zumbido das abelhas negras. E ele viu também várias outras espécies de árvores curvadas sob o peso de suas flores e frutas. E havia também muitos excelentes lagos cobertos com centenas de lotos perfumados. Contemplando tudo aquilo, Pandu sentiu a influência sutil do desejo. Caminhando como um celestial em tal cenário com o coração iluminado, Pandu estava sozinho com sua mulher Madri em um traje semitransparente. E vendo a jovem Madri assim vestida a chama do desejo do rei aumentou como um incêndio na floresta. E mal capaz de suprimir seu desejo assim aceso à visão de sua esposa de olhos como pétalas de lótus ele foi completamente dominado. O rei então agarrou-a contra sua vontade, mas Madri tremendo de medo resistiu a ele o máximo que podia. Consumido pelo desejo ele esqueceu tudo acerca de sua desgraça. E, ó tu da linhagem Kuru, não reprimido pelo medo da maldição (dos Rishis) e impelido

pelo destino, o monarca, dominado pela paixão, procurou à força os abraços de Madri, como se ele desejasse pôr fim à sua própria vida. Sua razão, assim iludida pelo próprio grande Destruidor por intoxicar seus sentidos, se perdeu com sua vida. E o rei Kuru, Pandu, de alma virtuosa, assim sucumbiu à influência inevitável do Tempo, enquanto unido em relações sexuais com sua mulher.

Então Madri, abraçando o corpo de seu marido sem sentidos, começou a gritar alto. E Kunti com seus filhos e os gêmeos de Madri, ouvindo aqueles gritos de dor, foram ao local onde o rei jazia naquele estado. Então, ó rei, Madri endereçou-se a Kunti em uma voz lastimável, dizendo, 'Venha sozinha até aqui, ó Kunti, e deixe as crianças aí.' Ouvindo estas palavras, Kunti, pedindo para as crianças ficarem, correu rapidamente, exclamando, 'Aflição para mim!' E vendo ambos Pandu e Madri jazendo prostrados no chão ela entrou em dor e aflição, dizendo, 'De paixões sob completo controle, este herói, ó Madri, foi sempre olhado por mim com cuidado. Como ele então esqueceu a maldição do Rishi e se aproximou de ti com o desejo aceso? Ó Madri, este principal dos homens deveria ter sido protegido por ti. Por que tu o tentaste em solidão? Sempre melancólico pensando na maldição do Rishi, como ele veio a se divertir contigo em solidão? Ó princesa de Valhika, mais afortunada do que eu mesma, tu és realmente para ser invejada, pois viste o rosto de nosso marido banhado com contentamento e alegria.'

Madri então respondeu, dizendo, 'Venerável irmã, com lágrimas em meus olhos, eu resisti ao rei, mas ele não pôde se controlar, disposto como ele estava a tornar verdadeira a maldição do Rishi.'

Kunti então disse, 'Eu sou a mais velha das esposas dele; o principal mérito religioso deve ser meu. Portanto, ó Madri, não me impeça de fazer o que deve ser feito. Eu devo seguir nosso marido para a região dos mortos. Levante-se, ó Madri, e me entregue o corpo dele. Crie estas crianças.' Madri respondeu, dizendo, 'Eu ainda abraço nosso marido, e não o permiti partir; portanto, eu o seguirei. Meu apetite não foi apaziguado. Tu és minha irmã mais velha, me dê tua permissão. Este principal dos príncipes Bharata se aproximou de mim desejando ter relações. Seu apetite estando insaciado, eu não devo segui-lo até a região de Yama para satisfazê-lo? Ó venerável, se eu sobreviver com certeza eu não poderei criar teus filhos como se eles fossem meus. O pecado não me tocará por causa disso? Mas, tu, ó Kunti, poderá cuidar dos meus filhos como se que eles fossem teus. O rei, ao me procurar desejosamente, foi para a região dos espíritos; portanto, meu corpo deve ser queimado com ele. Ó reverenciada irmã, não retenha tua autorização para isto que é agradável para mim. Tu certamente educarás as crianças com cuidado. Isso de fato, será muito agradável para mim. Eu não tenho nenhuma outra instrução a dar!'

Vaisampayana continuou, 'Tendo dito isto, a filha do rei de Madras, a mulher de Pandu, subiu na pira fúnebre de seu marido, aquele touro entre homens.'

126

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Os Rishis, sábios em conselhos, vendo a morte de Pandu consultaram uns aos outros, e disseram, 'O virtuoso e renomado rei Pandu, abandonando o reino e a soberania veio para cá praticar austeridades ascéticas e se resignou a morar com os ascetas sobre esta montanha. Ele então ascendeu ao céu, deixando sua mulher e filhos pequenos como uma responsabilidade em nossas mãos. Nosso dever agora é ir para o reino dele com estes seus filhos e sua mulher.'

Vaisampayana continuou, 'Então aqueles Rishis de corações magnânimos, e coroados com êxito ascético, convocando uns aos outros, resolveram ir para Hastinapura com os filhos de Pandu adiante, desejando colocá-los nas mãos de Bhishma e Dhritarashtra. Os ascetas partiram naquele mesmo momento, levando com eles as crianças e Kunti e os dois corpos mortos. E embora não acostumada ao esforço pesado toda a sua vida, a afetuosa Kunti agora considerou muito curta a realmente longa viagem que teve que realizar. Tendo chegado a Kurujangala dentro de pouco tempo a ilustre Kunti se apresentou no portão principal. Os ascetas então mandaram os porteiros informarem ao rei da sua chegada. Os homens levaram a mensagem em um instante à corte. E os cidadãos de Hastinapura, sabendo da chegada de milhares de Charanas e Munis ficaram maravilhados. E foi logo depois do nascer do sol que eles começaram a sair em grande número com suas esposas e filhos para ver aqueles ascetas. Sentados em todos os tipos de carros e transportes aos milhares, vasto número de Kshatriyas com suas esposas e Brahmanas saíram também. E a afluência de Vaisyas e Sudras também foi muito grande na ocasião. A vasta assembléia era muito pacífica, pois todo coração então tendia à piedade. E lá também saíram Bhishma, o filho de Santanu, e Somadatta ou Valhika e o sábio real (Dhritarashtra) dotado da visão do conhecimento e o próprio Vidura e a venerável Satyavati e a ilustre princesa de Kosala e Gandhari acompanhadas pelas outras senhoras da família real. E os cem filhos de Dhritarashtra, enfeitados com vários ornamentos, também saíram.

Os Kauravas, então, acompanhados por seu sacerdote saudaram os Rishis por baixarem suas cabeças, e tomaram seus lugares perante eles. Os cidadãos também saudando os ascetas e curvando-se a eles tocando o chão, lá tomaram seus lugares. Então Bhishma, pondo aquela vasta multidão perfeitamente quieta, devidamente reverenciou, ó rei, aqueles ascetas por lhes oferecer água para lavar seus pés e o costumeiro Arghya. E tendo feito aquilo ele falou a eles acerca da soberania e do reino. Então o mais velho dos ascetas com cabelos emaranhados na cabeça e quadris cobertos com peles de animais, ficou de pé, e com a colaboração dos outros Rishis falou o seguinte: 'Vocês todos sabem que aquele possuidor da soberania dos Kurus que era chamado rei Pandu, tinha, depois de abandonar os prazeres do mundo, saído daqui para morar na montanha de cem cumes. Ele adotou o modo de vida Brahmacharya, mas por um inescrutável

propósito que os deuses têm em vista, este seu filho mais velho, Yudhishthira, lá nasceu, gerado pelo próprio Dharma. Então aquele rei ilustre obteve de Vayu este outro filho, o principal de todos os homens poderosos, chamado Bhima. Este outro filho, gerado em Kunti por Indra, é Dhananjaya cujas realizações humilharão todos os arqueiros no mundo. E estes tigres entre homens, poderosos no uso do arco, são os filhos gêmeos gerados em Madri pelos gêmeos Aswins. Levando em virtude a vida Vanaprastha nas florestas, o ilustre Pandu assim reviveu a quase extinta linha de seu avô. O nascimento, crescimento, e estudos Védicos desses filhos de Pandu, sem dúvida, lhes darão grande prazer. Firmemente aderindo ao caminho dos virtuosos e dos sábios, e deixando para trás estas crianças, Pandu morreu dezessete dias atrás. Sua esposa Madri, vendo-o na pira fúnebre prestes a ser consumido, subiu na mesma pira, e sacrificando sua vida desta maneira foi com seu marido para a região reservada para as esposas castas. Realizem agora os ritos que devem ser realizados para benefício deles. Estas são (as partes não queimadas de) seus corpos. Aqui também estão seus filhos, estes opressores de inimigos, com sua mãe. Que eles sejam agora recebidos com as devidas honras. Depois da conclusão do primeiro dos ritos em honra dos mortos, que o virtuoso Pandu, que foi o mantenedor da dignidade dos Kurus, tenha o primeiro Sraddha anual (sapindakarana) realizado com o objetivo de instalá-lo oficialmente entre os Pitris.'

Vaisampayana continuou, 'Os ascetas com Guhyakas, tendo dito isso aos Kurus, imediatamente desapareceram à vista das pessoas. E vendo os Rishis e os Siddhas assim desaparecerem à sua vista como formas vaporosas aparecendo e desaparecendo nos céus, os cidadãos admirados voltaram para suas casas.'

127

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Dhritarashtra então disse, 'Ó Vidura, celebre as cerimônias fúnebres daquele leão entre os reis, Pandu, e de Madri também, no correto estilo real. Para o bem de suas almas, distribua gado, tecidos, pedras preciosas e diversas espécies de riqueza, e que todos recebam o quanto pedirem. Faça arranjos também para Kunti realizar os últimos ritos de Madri no estilo em que lhe agradar. E que o corpo de Madri seja embrulhado com tanto cuidado que nem o Sol nem Vayu (deus do vento) possam contemplá-lo. Não lamente o impecável Pandu. Ele foi um rei digno e deixou cinco filhos heróicos iguais aos próprios celestiais.'

Vaisampayana continuou, 'Então Vidura, ó Bharata, dizendo, 'Assim seja' em consulta com Bhishma, fixou um local sagrado para a cerimônia fúnebre de Pandu. Os sacerdotes da família saíram da cidade sem perda de tempo, levando com eles o fogo sagrado alimentado com manteiga clarificada e tornado fragrante com isso. Então amigos, parentes, e partidários, envolvendo-o em tecido,

enfeitaram o corpo do monarca com as flores da estação e despejaram vários perfumes excelentes sobre ele. E eles também decoraram o próprio carro fúnebre com guirlandas e ricas tapeçarias. Então colocando o corpo coberto do rei com o de sua rainha naquele féretro excelente decorado tão brilhantemente, eles o fizeram ser carregado sobre ombros humanos. Com o guarda-sol branco (do estado) suspenso sobre o carro fúnebre com ondulantes caudas de iaque e sons de vários instrumentos musicais, toda a cena parecia brilhante e formidável. Centenas de pessoas começaram a distribuir pedras preciosas entre a multidão na ocasião da cerimônia fúnebre do rei. De longe foram trazidas algumas belas vestes, e guarda-sóis brancos e grandes caudas de iaque, para a grande cerimônia. Os sacerdotes vestidos de branco caminhavam na dianteira da procissão despejando libações de manteiga clarificada no fogo sagrado que ardia em um recipiente ornamental. E Brahmanas, e Kshatriyas, e Vaisyas, e Sudras aos milhares seguiram o rei falecido, ruidosamente lamentando desta forma, 'Ó príncipe, aonde tu vais, nos deixando, e fazendo-nos desesperados e desventurados para sempre?' E Bhishma, e Vidura, e os Pandavas, também todos lamentaram alto. Finalmente eles chegaram a uma romântica floresta nas margens do Ganga. Lá eles colocaram o carro fúnebre no qual o príncipe sincero e que tinha um coração de leão e sua cônjuge jaziam. Então eles trouxeram água em muitos recipientes dourados, e lavaram o corpo do príncipe untando-o com várias espécies de pastas fragrantes, e novamente o untaram com pasta de sândalo. Eles então o vestiram em uma veste branca feita de tecidos nativos. E vestido daquela forma, o rei parecia que ainda estava vivo e somente dormindo em uma cama cara.

Quando as outras cerimônias fúnebres também haviam terminado em consonância com as indicações dos sacerdotes, os Kauravas incendiaram os corpos mortos do rei e da rainha, levando lotos, pasta de sândalo e outras substâncias fragrantes para a pira.

Então vendo os corpos queimarem, Kausalya gritou, 'Ó meu filho, meu filho!', e caiu sem sentidos no chão. E ao vê-la cair os cidadãos e os habitantes das províncias começaram a lamentar de dor e afeição por seu rei. E as aves do ar e os animais do campo foram tocados pelas lamentações de Kunti. E Bhishma, o filho de Santanu, e o sábio Vidura, e os outros que também estavam lá ficaram desconsolados.

Assim pranteando, Bhishma, Vidura, Dhritarashtra, os Pandavas e as senhoras Kuru, todos realizaram a lacrimosa cerimônia do rei. E quando tudo aquilo estava acabado, as pessoas, elas próprias cheias de tristeza, começaram a consolar os filhos enlutados de Pandu. E os Pandavas com seus amigos começaram a dormir no chão. Vendo aquilo os Brahmanas e os outros cidadãos também renunciaram às suas camas. Jovens e velhos, todos os cidadãos sofreram por causa dos filhos do rei Pandu, e passaram doze dias em luto com os chorosos Pandavas.'

128

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Bhishma e Kunti com seus amigos celebraram o Sraddha do monarca falecido, e ofereceram o Pinda. E eles banquetearam os Kauravas e milhares de Brahmanas a quem eles também deram pedras preciosas e terras. Então os cidadãos voltaram para Hastinapura com os filhos de Pandu, agora que eles tinham sido purificados da impureza incidente ao falecimento de seu pai. Todos então choraram pelo rei falecido. Parecia como se que eles tivessem perdido seu próprio parente.

Quando o Sraddha havia sido celebrado da maneira acima mencionada, o venerável Vyasa, vendo todos os súditos mergulhados na dor, disse um dia para sua mãe Satyavati, 'Mãe, nossos dias de felicidade se foram e dias de calamidade se sucedem. O pecado começa dia a dia a aumentar. O mundo envelheceu. O império dos Kauravas não durará muito por causa da injustiça e opressão. Vá então para a floresta, e te dedique à contemplação através do Ioga. De agora em diante a sociedade se encherá de engano e maldade. O bom trabalho cessará. Não testemunhe a aniquilação da tua linhagem na tua velhice!'

Concordando com as palavras de Vyasa, Satyavati entrou nos aposentos internos e se dirigiu à sua nora, dizendo, 'Ó Ambika, eu soube que por consequência dos atos dos teus netos esta dinastia Bharata e seus súditos perecerão. Se tu permitires, eu irei para a floresta com Kausalya, tão aflita pela perda de seu filho.' Ó rei, assim dizendo, a rainha, recebendo a permissão de Bhishma também, foi para a floresta. E chegando lá com suas duas noras, ela se dedicou à contemplação profunda, e em um bom momento deixou seu corpo e ascendeu para o céu.'

Vaisampayana continuou, 'Então os filhos do rei Pandu, tendo passado por todos os ritos de purificação prescritos nos Vedas, começaram a crescer em estilo principesco na casa de seu pai. Quando eles estavam empenhados em jogos com os filhos de Dhritarashtra sua superioridade de força era marcante. Em velocidade, no tiro ao alvo, em consumir artigos de comida, e espalhar poeira, Bhimasena batia todos os filhos de Dhritarashtra. O filho do Deus do vento os puxava pelos cabelos e fazia eles lutarem entre si, rindo o tempo todo. E Vrikodara facilmente derrotava aquelas cento e uma crianças de grande energia como se elas fossem uma em vez de cem. O segundo Pandava costumava agarrá-los pelos cabelos, e jogando-os no chão, os arrastava pela terra. Por isto alguns tinham seus joelhos quebrados, alguns suas cabeças, e alguns seus ombros. Aquele jovem, às vezes segurando dez deles, os afogava em água, até que eles estivessem quase mortos. Quando os filhos de Dhritarashtra subiam nos ramos de uma árvore para colher frutas, Bhima costumava sacudir tal árvore, por bater em sua base, então caíam as frutas e os colhedores de frutas ao mesmo tempo. Realmente, aqueles príncipes não eram páreo para Bhima em confrontos pugilísticos, em velocidade, ou em habilidade. Bhima costumava demonstrar sua força por atormentá-los desta maneira por infantilidade mas não por malícia.

Vendo aquelas mostras admiráveis do poder de Bhima, o poderoso Duryodhana, o filho mais velho de Dhritarashtra, começou a ter hostilidade em relação a ele. E o vil e injusto Duryodhana, por ignorância e ambição, se preparou para cometer um ato de pecado. Ele pensou, 'Não há outro indivíduo que possa se comparar com Bhima, o segundo filho de Pandu, em bravura. Eu terei que destruí-lo por meio de artifícios. Sozinho, Bhima desafia uma centena de nós ao combate. Portanto, quando ele dormir no jardim, eu o jogarei na correnteza do Ganga. Depois, prendendo seu irmão mais velho Yudhishthira e seu irmão mais novo Arjuna, eu reinarei sem uma única molestação.' Assim determinado, o perverso Duryodhana estava sempre à procura de uma oportunidade de ferir Bhima. E, ó Bharata, finalmente em um belo lugar chamado Pramanakoti nas margens do Ganga ele construiu um palácio enfeitado com amplas tapeçarias e outros artigos valiosos. E ele construiu aquele palácio para lá se divertir na água, e o encheu com todos os tipos de coisas divertidas e iguarias seletas. Vistosas bandeiras ondulavam no topo daquela mansão. O nome da casa era ‘casa de divertimento aquático.’ Cozinheiros habilidosos preparavam várias espécies de iguarias. Quando tudo estava pronto, os oficiais deram notificação a Duryodhana. Então o príncipe mal intencionado disse aos Pandavas, 'Vamos todos às margens do Ganga agraciadas com árvores e cheias de flores e nos divirtamos na água.' E após Yudhishthira concordar com isto, os filhos de Dhritarashtra, levando os Pandavas com eles, montaram em elefantes de grande tamanho e em carros parecendo com cidades, e deixaram a metrópole.

Ao chegarem ao lugar, os príncipes despediram seus servidores, e examinando a beleza dos jardins e dos arvoredos, entraram no palácio, como leões entrando em suas cavernas nas montanhas. Ao entrarem eles viram que os arquitetos tinham rebocado belamente as paredes e o teto e que os pintores os tinham pintado maravilhosamente. As janelas pareciam muito elegantes, e os chafarizes artificiais eram esplêndidos. Aqui e ali haviam tanques de água translúcida nos quais floresciam matas de lotos. As margens eram enfeitadas com várias flores cuja fragrância enchia a atmosfera. Os Kauravas e os Pandavas sentaram e começar a desfrutar das coisas providenciadas para eles. Eles se dedicaram ao jogo e começaram a trocar bocados de comida uns com os outros. Naquele meio tempo o vil Duryodhana tinha misturado um poderoso veneno com uma quantidade de comida, com o objetivo de matar Bhima. Aquele jovem que tinha néctar em sua língua e uma navalha em seu coração ergueu-se finalmente, e de um modo amigável alimentou Bhima abundantemente com a comida envenenada, e achando-se afortunado por ter atingido seu objetivo ele ficou bastante contente. Então os filhos de Dhritarashtra e Pandu juntos começaram a se divertir alegremente na água. Sua diversão tendo terminado, eles se vestiram em roupas brancas, e se enfeitaram com vários ornamentos. Fatigados com o jogo, eles se sentiram inclinados a descansar à noite na agradável casa que fazia parte do jardim. Tendo feito os outros jovens se exercitarem nas águas, o segundo Pandava poderoso estava excessivamente fatigado. Assim que se ergueu da água, ele caiu no chão. Ele estava esgotado e sob a influência do veneno. E o ar frio serviu para espalhar o veneno por todo seu corpo, então ele perdeu seus

sentidos imediatamente. Vendo aquilo Duryodhana amarrou-o com cordas de arbustos, e o jogou na água. O inconsciente filho de Pandu afundou até que alcançou o reino Naga. Nagas, com presas contendo veneno virulento, o morderam às milhares. O veneno vegetal, misturado no sangue do filho do deus do vento, foi neutralizado pelo veneno das cobras. As serpentes tinham mordido todo o seu corpo, exceto seu peito, cuja pele era tão dura que suas presas não o puderam penetrar.

Ao recuperar os sentidos, o filho de Kunti arrebentou as cordas que o atavam e começou a espremer as cobras sob o chão. Um restante delas fugiu pela vida, e indo até seu rei Vasuki, relataram, 'Ó rei das cobras, um homem se afogou sob a água, amarrado com cordas de arbustos; provavelmente ele bebeu veneno, pois quando caiu entre nós ele estava inconsciente. Mas quando nós começamos a mordê-lo, ele recuperou seus sentidos, e rompendo seus grilhões, começou a nos abater. Poderia por favor Sua Majestade perguntar quem é ele?'

Então Vasuki, de acordo com a súplica dos Nagas inferiores, foi ao local e viu Bhimasena. Das serpentes, havia um, chamado Aryaka. Ele era o avô do pai de Kunti. O senhor das serpentes viu seu parente e o abraçou. Então, Vasuki, sabendo de tudo, ficou satisfeito com Bhima, e disse para Aryaka com satisfação, ‘Como nós podemos agradar a ele? Que ele tenha dinheiro e pedras preciosas em profusão.’

Ao ouvir as palavras de Vasuki, Aryaka disse, 'Ó rei das serpentes, se Sua Majestade está satisfeito com ele não precisa lhe dar riquezas! Permita-o beber do rasakunda (recipientes de néctar) e assim adquirir força imensurável. Há a força de mil elefantes em cada um daqueles recipientes. Deixe este príncipe beber tanto quanto ele possa!'

O rei das serpentes deu seu consentimento. E as serpentes então começaram os ritos propícios. Purificando-se com cuidado, Bhimasena de frente para o leste começou a beber o néctar. Em um fôlego, ele tragou o conteúdo de um recipiente inteiro, e desta maneira drenou oito jarros sucessivos, até que estivesse satisfeito. Finalmente, as serpentes prepararam uma cama excelente para ele, na qual ele deitou para descansar.'

129

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Enquanto isso os Kauravas e os Pandavas, depois de terem assim se divertido, partiram, sem Bhima, para Hastinapura, alguns em cavalos, alguns sobre elefantes, enquanto outros preferiram carros e outros transportes. E em seu caminho eles disseram uns aos outros, 'Talvez Bhima foi antes de nós.' E o perverso Duryodhana estava contente com a perda de Bhima, e entrou na cidade com seus irmãos em alegria.

O virtuoso Yudhishthira, ele mesmo não acostumado com o vício nem com a maldade, considerava os outros tão honestos quanto ele mesmo. O filho mais velho de Pritha, cheio de amor fraterno foi até sua mãe e disse, depois de fazer reverência a ela, 'Ó mãe, Bhima chegou? Ó boa mãe, eu não o encontro aqui. Onde ele pode ter ido? Nós o procuramos por muito tempo em todos os lugares nos belos jardins e florestas; mas não o achamos em lugar nenhum. Finalmente, nós pensamos que o heróico Bhima havia nos precedido. Ó dama ilustre, nós viemos para cá em grande ansiedade. Chegando aqui, aonde ele foi? Você o enviou para algum lugar? Ó diga-me, eu estou cheio de apreensões a respeito do poderoso Bhima. Ele tinha estado adormecido e não veio. Eu acho que ele não existe mais.'

Ouvindo estas palavras do altamente inteligente Yudhishthira, Kunti gritou, em alarme, e disse, 'Caro filho, eu não tenho visto Bhima. Ele não veio a mim. Ó, volte às pressas, e com teus irmãos procure por ele.'

Tendo dito isso em aflição para seu filho mais velho, ela convocou Vidura, e disse, 'Ó ilustre Kshattri, Bhimasena está perdido! Onde ele foi? Os outros irmãos voltaram dos jardins, só Bhima de braços poderosos não veio para casa! Duryodhana não gosta dele. O Kaurava é desonesto e malicioso e de mente baixa e imprudente. Ele cobiça o trono abertamente. Eu estou com medo de que ele em um acesso de raiva possa ter matado meu querido. Isto me aflige dolorosamente, de fato, isto queima meu coração.'

Vidura respondeu, 'Dama abençoada, não diga isso! Proteja teus outros filhos com cuidado. Se o vil Duryodhana for acusado, ele pode matar os teus filhos restantes. O grande sábio disse que todos os teus filhos terão vida longa. Portanto, Bhima certamente voltará e alegrará teu coração.'

Vaisampayana continuou, 'O sábio Vidura, tendo dito isto para Kunti, voltou para sua residência, enquanto Kunti, em grande ansiedade, continuou a ficar em casa com seus filhos.

Enquanto isso, Bhimasena despertou daquele sono no oitavo dia, e se sentiu forte além da conta por consequência do néctar que ele tinha tomado ter sido todo digerido. Vendo ele acordado, os Nagas começaram a confortá-lo e animá-lo, dizendo, 'Ó tu de braços poderosos, o licor que dá força que tu bebeste te dará o poder de dez mil elefantes! Ninguém agora poderá te vencer em batalha. Ó touro da raça Kuru, banhe-te nessas águas sagradas e auspiciosas e volte para casa. Teus irmãos estão desconsolados por causa de ti.'

Então Bhima se purificou com um banho naquelas águas, e enfeitado com vestes brancas e guirlandas floridas da mesma cor comeu do paramanna (arroz e pudim de açúcar) oferecido pelos Nagas. Então aquele opressor de todos os inimigos, enfeitado com ornamentos celestes, recebeu as adorações e bênçãos das cobras, e os saudando em retorno, ergueu-se da região inferior. Trazendo o Pandava de olhos de lótus debaixo das águas, os Nagas o deixaram nos mesmos jardins onde ele havia estado se divertindo, e desapareceram à sua vista.

O poderoso Bhimasena, chegando à superfície da terra, correu com velocidade para sua mãe. E curvando-se a ela e a seu irmão mais velho, e cheirando as cabeças de seus irmãos mais jovens, aquele opressor de todos os inimigos foi abraçado por sua mãe e por cada um daqueles touros entre os homens. Afetuosos uns com os outros, eles todos repetidamente exclamaram, 'Qual é nossa alegria hoje, ó, que alegria!'

Então Bhima, dotado de grande força e coragem relatou a seus irmãos tudo acerca da maldade de Duryodhana, e os incidentes felizes e infelizes que aconteceram a ele no mundo das serpentes. Nisto Yudhishthira disse, 'Guarde silêncio sobre isso. Não fale disso para ninguém. Deste dia em diante, protejamos todos uns aos outros com cuidado.' Desta maneira acautelados pelo justo Yudhishthira, eles todos, com o próprio Yudhishthira, se tornaram muito vigilantes daquele dia em diante. E para que não pudesse ocorrer negligência da parte dos filhos de Kunti, Vidura constantemente oferecia a eles sábios conselhos.

Algum tempo depois, Duryodhana outra vez misturou na comida de Bhima um outro veneno virulento e muito mortal. Mas Yuyutsu (o filho de Dhritarashtra com uma mulher Vaisya), movido por sua amizade pelos Pandavas, os informou disto. Vrikodara, no entanto, o engoliu sem qualquer hesitação, e o digeriu completamente. E, embora virulento o veneno não produziu efeito em Bhima.

Quando aquele terrível veneno para a destruição de Bhima fracassou em seu efeito, Duryodhana, Karna e Sakuni, sem desistirem de seu projeto perverso recorreram a outras numerosas maquinações para conseguir a morte dos Pandavas. E embora todas aquelas maquinações fossem totalmente conhecidas aos Pandavas, eles ainda de acordo com o conselho de Vidura suprimiram sua indignação.

Enquanto isso, o rei (Dhritarashtra), vendo os príncipes Kuru passando seu tempo em inatividade e crescendo desobedientes, nomeou Gautama como seu preceptor e os enviou a ele para instrução. Nascido entre uma moita de urzes, Gautama era bem experiente nos Vedas e foi sob ele (também chamado Kripa) que os príncipes Kuru começaram a aprender o uso de armas.'

130

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó Brahmana, cabe a ti relatar-me tudo acerca do nascimento de Kripa. Como ele proveio de uma moita de urzes? De onde também ele obteve suas armas?'

Vaisampayana disse, 'Ó rei, o grande sábio Gautama tinha um filho chamado Saradwat. Aquele Saradwat nasceu com flechas (na mão). Ó opressor de

inimigos, o filho de Gautama manifestou grande aptidão para o estudo da ciência de armas, mas nenhum pelas outras ciências. Saradwat adquiriu todas as suas armas por meio daquelas austeridades pelas quais Brahmanas na vida de estudante adquirem o conhecimento dos Vedas. Gautama (o filho de Gotama) por sua aptidão à ciência das armas e por suas austeridades fez o próprio Indra ter grande medo dele. Então, ó tu da linhagem Kuru, o chefe dos deuses convocou uma donzela celeste chamada Janapadi e a enviou a Gautama, dizendo, 'Faça o melhor que puder para perturbar as austeridades de Gautama', indo até o encantador retiro de Saradwat, a donzela começou a tentar o asceta equipado com arco e flechas. Vendo aquela Apsara de figura sem igual sobre a terra em beleza, sozinha naquelas florestas e vestida com um único pedaço de tecido, os olhos de Saradwat se arregalaram com prazer. À visão da donzela, seu arco e flechas deslizaram de sua mão e todo seu corpo tremeu com emoção; mas possuidor de resistência ascética e força de alma, o sábio reuniu paciência suficiente para resistir contra a tentação. A brusquidão, no entanto, de sua agitação mental, causou uma inconsciente emissão de seu fluido vital. Deixando seu arco e flechas e pele de veado para trás, ele foi embora, fugindo da Apsara. Seu fluido vital, no entanto, tendo caído sobre uma moita de urzes, foi dividida em duas partes, de onde nasceram duas crianças que eram gêmeas.

E aconteceu que um soldado que estava a serviço do rei Santanu enquanto o monarca estava fora a caçar nas florestas encontrou os gêmeos. E vendo o arco e as flechas e pele de veado no chão, ele pensou que eles poderiam ser os filhos de algum Brahmana competente na ciência de armas. Decidindo assim, ele pegou as crianças junto com o arco e flechas, e mostrou-os ao rei. Vendo-os o rei foi tocado pela compaixão, e dizendo, 'Que eles se tornem meus filhos' os levou para seu palácio. Então aquele principal dos homens, Santanu, o filho de Pratipa, tendo levado os gêmeos de Gautama para sua casa, realizou em relação a eles os ritos usuais de religião. E ele começou a educá-los e os chamou de Kripa e Kripi, em alusão ao fato de que ele os criou por motivos de compaixão (Kripa). O filho de Gotama tendo deixado seu retiro antigo continuou seu estudo da ciência de armas com grande seriedade. Por meio de seu discernimento espiritual ele soube que seu filho e filha estavam no palácio de Santanu. Ele então foi ao monarca e relatou tudo acerca de sua linhagem. Ele então ensinou a Kripa os quatro ramos do ciência de armas, e vários outros ramos de conhecimento, incluindo todos os seus mistérios e detalhes obscuros. Em pouco tempo Kripa se tornou um eminente professor da ciência (de armas). E os cem filhos de Dhritarashtra, e os Pandavas junto com os Yadavas, e os Vrishnis, e muitos outros príncipes de várias terras, começaram a receber aulas dele naquela ciência.'

131

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Desejoso de dar a seus netos uma educação superior, Bhishma estava à procura de um professor dotado de energia e hábil na ciência de armas. Decidindo, ó chefe dos Bharatas, que ninguém que não fosse possuidor de grande inteligência, que não fosse um ilustre ou um perfeito mestre na ciência de armas, ninguém que não tivesse um poder como o dos deuses poderia ser o instrutor dos (príncipes) Kurus, o filho de Ganga, ó tigre entre homens, colocou os Pandavas e os Kauravas sob a instrução do filho de Bharadwaja, o inteligente Drona hábil em todos os Vedas. Satisfeito com a recepção dada a ele pelo grande Bhishma, aquele principal de todos os homens habilidosos com armas, o ilustre Drona de fama mundial, aceitou os príncipes como seus pupilos. E Drona ensinou a eles a ciência das armas em todos os seus ramos. E, ó monarca, os Kauravas e os Pandavas dotados com força imensurável em pouco tempo se tornaram competentes no uso de todas as espécies de armas.'

Janamejaya perguntou, 'Ó Brahmana, como Drona nasceu? Como e de onde ele adquiriu suas armas? Como e por que ele foi aos Kurus? De quem também ele era filho? Novamente, como foi que seu filho Aswatthaman, o principal de todos aqueles hábeis em armas nasceu? Eu desejo ouvir tudo isto! Por favor narre-os em detalhes.'

Vaisampayana disse, 'Morava na fonte do Ganga um grande sábio chamado Bharadwaja, que incessantemente cumpria os votos mais rígidos. Um dia, antigamente, pretendendo celebrar o sacrifício Agnihotra ele foi junto com muitos grandes Rishis ao Ganga realizar sua purificação religiosa. Chegando na margem da correnteza ele viu a própria Ghritachi, aquela Apsara dotada com juventude e beleza, que havia chegado lá pouco antes. Com uma expressão de orgulho em seu rosto, misturado com uma atitude de langor voluptuoso, a donzela ergueu-se da água depois que suas abluções haviam terminado. E quanto ela estava suavemente andando na margem, seu traje que estava frouxo ficou desordenado. Vendo seu traje desordenado, o sábio foi atingido pelo desejo ardente. Em seguida seu fluido vital saiu, por causa da violência de sua emoção. O Rishi imediatamente o apanhou em um recipiente chamado drona. Então, ó rei, Drona surgiu do fluido assim preservado naquele recipiente pelo sábio Bharadwaja. E a criança assim nascida estudou todos os Vedas e seus ramos. Antes Bharadwaja de grande destreza e o principal daqueles possuidores do conhecimento de armas havia comunicado ao ilustre Agnivesa o conhecimento da arma chamada Agneya. Ó principal da linhagem Bharata, o Rishi (Agnivesa) nascido do fogo agora comunicou o conhecimento daquela grande arma para Drona, o filho de seu preceptor.

Havia um rei chamado Prishata que era um grande amigo de Bharadwaja. Naquela época Prishata teve um filho chamado Drupada. E aquele touro entre os Kshatriyas, Drupada, o filho de Prishata, costumava ir todos os dias ao eremitério de Bharadwaja para brincar com Drona e estudar em sua companhia. Ó monarca,

quando Prishata morreu Drupada de braços poderosos se tornou o rei dos Panchalas do norte. Naquela época também o ilustre Bharadwaja ascendeu para o céu. Drona continuou a residir no retiro de seu pai se dedicando a austeridades ascéticas. Tendo se tornado versado nos Vedas e seus ramos e tendo também queimado seus pecados por meio de ascetismo, o célebre Drona, obediente às injunções de seu pai e movido pelo desejo de prole se casou com Kripi, a filha de Saradwat. E aquela mulher, sempre dedicada a ações virtuosas e ao Agnihotra, e às mais austeras penitências, obteve um filho chamado Aswatthaman. E logo que Aswatthaman nasceu ele relinchou como o corcel (celeste) Ucchaihsravas. Ouvindo tal grito um ser invisível nos céus disse, 'A voz que esta criança tem, como o relinchar de um cavalo, é audível a todos ao redor, esta criança, portanto, será conhecida pelo nome de Aswatthaman, (aquele com voz de cavalo). O filho de Bharadwaja (Drona) estava muito contente por ter obtido aquele filho. Continuando a residir naquele eremitério ele se dedicava ao estudo da ciência das armas.

Ó rei, foi nesta época que Drona soube que o ilustre Brahmana Jamadagnya, aquele matador de inimigos, aquele principal entre todos os manejadores de armas, versado em todas espécies de conhecimento, havia expressado o desejo de dar toda sua riqueza para Brahmanas. Tendo ouvido sobre o conhecimento de armas de Rama e a respeito de suas armas celestes também, Drona fixou seu coração neles como também sobre o conhecimento de moralidade que Rama possuía. Então Drona de braços poderosos, dotado das mais altas virtudes ascéticas, acompanhado por discípulos que eram todos dedicados a votos de austeridades ascéticas, foi às montanhas Mahendra. Chegando em Mahendra, o filho de Bharadwaja possuidor de alto mérito ascético viu o filho de Bhrigu, o exterminador de todos os inimigos, dotado de grande paciência e com a mente sob controle completo. Então ele se aproximou com seus discípulos daquele descendente da linhagem Bhrigu, Drona, dizendo seu nome, falou-lhe de seu nascimento na linha de Angiras. E tocando o chão com sua cabeça ele reverenciou os pés de Rama. E vendo o filho ilustre de Jamadagni querendo se retirar para as florestas depois de dar toda sua riqueza, Drona disse, 'Saiba que eu surgi de Bharadwaja, mas não do útero de qualquer mulher! Eu sou um Brahmana de nascimento elevado, de nome Drona, e vim a ti com o desejo de obter tua riqueza.'

Ao ouvi-lo, aquele professor ilustre da classe Kshatriya respondeu, ‘Tu és bem vindo, ó melhor dos regenerados! Diga-me o que tu desejas.’ Assim endereçado por Rama, o filho de Bharadwaja respondeu àquele principal de todos os lutadores, que desejava dar toda sua riqueza, ‘Ó tu de votos diversos, eu sou um candidato à tua eterna riqueza,’ ‘Ó tu de riqueza ascética’, Rama disse, 'meu ouro e quaisquer outras riquezas que eu tinha, tudo foi dado aos Brahmanas! Esta terra também, até a beira-mar, enfeitada com cidades e vilas como com uma guirlanda de flores, eu dei para Kasyapa. Eu tenho agora só meu corpo e minhas armas valiosas. Eu estou pronto para dar meu corpo ou minhas armas. Diga, qual deles tu queres? Eu te darei! Diga rapidamente!'

Drona respondeu, ‘Ó filho de Bhrigu, cabe a ti me dar todas as tuas armas junto com os mistérios de lançá-las e chamá-las de volta.’

Dizendo, 'Assim seja' o filho de Bhrigu deu todas as suas armas para Drona, de fato, a ciência das armas com todas as suas regras e mistérios. Aceitando elas todas, e considerando-se plenamente recompensado aquele melhor dos Brahmanas então, contente, partiu para (a cidade do) seu amigo Drupada.'

132

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Então, ó rei, o filho poderoso de Bharadyaja se apresentou perante Drupada, e se dirigindo àquele monarca, disse, 'Reconheça-me como teu amigo.' Assim endereçado por seu amigo, o filho de Bharadwaja com o coração alegre, o senhor dos Panchalas mal foi capaz de suportar aquelas palavras. O rei, embriagado pelo orgulho de riqueza, contraiu sua fronte em cólera, e com olhos avermelhados falou estas palavras para Drona, 'Ó Brahmana, tua inteligência não é de uma ordem elevada, visto que disseste a mim, repentinamente, que és meu amigo! Ó tu de mente estúpida, grandes reis nunca podem ser amigos de indivíduos desafortunados e pobres como tu! Se é verdade que houve amizade entre nós antigamente é porque nós estávamos então ambos em circunstâncias iguais. Mas o tempo enfraquece tudo o que está em seu curso, e enfraquece a amizade também. Neste mundo a amizade nunca dura para sempre em nenhum coração. O tempo a desgasta e a raiva a destrói também. Não te apegue, portanto, àquela amizade do passado. Não pense mais nisto. A amizade que eu tive contigo, ó principal dos Brahmanas, foi para um propósito específico. Amizade nunca pode subsistir entre um homem pobre e um homem rico, entre um homem letrado e um de mente não culta, entre um herói e um covarde. Por que tu desejas a continuação da nossa antiga amizade? Pode haver amizade ou hostilidade entre pessoas igualmente situadas quanto à riqueza ou poder. O pobre indigente e o rico não podem nem ser amigos nem brigar um com o outro. Aquele de nascimento impuro nunca pode ser amigo daquele de nascimento puro; aquele que não é um guerreiro em carro nunca pode ser amigo daquele que o é, e aquele que não é um rei nunca tem um rei como seu amigo. Portanto, por que tu desejas a continuação da nossa antiga amizade?'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por Drupada o poderoso filho de Bharadwaja ficou cheio de ira, e refletindo um momento planejou em sua mente qual seria seu curso de ação. Vendo a insolência do rei Panchala ele desejou coibi-la efetivamente. Deixando rapidamente a capital Panchala Drona dirigiu seus passos em direção à capital dos Kurus, que recebeu o nome de elefante.'

133

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Chegando em Hastinapura aquele melhor dos Brahmanas, o filho de Bharadwaja, continuou a viver privadamente na casa de Gautama (Kripa). Seu filho poderoso (Aswatthaman) nos intervalos do ensino de Kripa costumava dar aos filhos de Kunti lições no uso de armas. Mas ninguém ainda sabia da bravura de Aswatthaman.

Drona assim tinha vivido privadamente por algum tempo na casa de Kripa quando um dia os príncipes heróicos, todos em comitiva, saíram de Hastinapura. E ao saírem da cidade, eles começaram a brincar com uma bola e a vagar por lá com os corações alegres. E aconteceu que a bola com a qual eles estavam jogando caiu em um poço. E os príncipes se esforçaram o melhor que podiam para recuperá-la do poço, mas os esforços que os príncipes fizeram para recuperá-la foram inúteis. Eles então começaram se entreolhar envergonhados, e não sabendo como recuperá-la, sua ansiedade tornou-se grande. Justamente naquela hora eles viram um Brahmana perto o suficiente deles, de cor escura, decrépito e magro, santificado pelo desempenho do Agnihotra e que tinha terminado seus ritos diários de culto. E vendo aquele Brahmana ilustre os príncipes que tinham se desesperado o cercaram imediatamente. Aquele Brahmana não era outro senão Drona, que vendo os príncipes frustrados e consciente de sua própria habilidade, sorriu um pouco, e se dirigindo a eles disse, 'Que vergonha para o seu poder Kshatriya, e que vergonha também para a sua habilidade com armas! Vocês são nascidos na linhagem de Bharata! Como é que não podem recuperar a bola (do fundo deste poço)? Se vocês me prometerem um jantar hoje eu, com estas folhas de erva, trarei não somente a bola que vocês perderam mas também este anel que eu jogo agora neste poço!' Assim dizendo, Drona aquele opressor de inimigos, tirando seu anel, jogou-o no poço seco. Então Yudhishthira, o filho de Kunti, endereçando-se a Drona, disse, 'Ó Brahmana (tu pedes uma insignificância)! Com a permissão de Kripa obtenhas de nós aquilo que possa durar tua vida inteira!' Assim endereçado, Drona sorrindo respondeu aos príncipes Bharata, dizendo, 'Este punhado de erva comprida eu investirei, por meio dos meus mantras, com a virtude das armas. Vejam estas folhas possuírem as virtudes que outras armas não têm! Eu, com uma destas folhas, furarei a bola, e então furarei aquela folha com outra, e esta outra com uma terceira, e assim por meio de uma corrente puxarei a bola.'

Vaisampayana continuou, 'Então Drona fez exatamente o que ele tinha dito. E os príncipes ficaram todos assombrados e seus olhos se arregalaram de deleite. E considerando o que haviam testemunhado como muito extraordinário, eles disseram, Ó Brahmana erudito, tragas também o anel sem perda de tempo.'

Então o ilustre Drona, pegando um arco com uma flecha perfurou o anel com ela e o trouxe para cima imediatamente. E pegando o anel daquela forma puxado do poço ainda furado com sua flecha ele calmamente o deu aos príncipes atônitos. Então os últimos, vendo o anel assim recuperado, disseram, 'Nós te

reverenciamos, ó Brahmana! Ninguém mais possui tamanha habilidade. Nós desejamos saber quem tu és e de quem és filho. O que também nós podemos fazer por ti?'

Assim endereçado Drona respondeu aos príncipes, dizendo, 'Vão até Bhishma e descrevam a ele minha aparência e habilidade. O poderoso me reconhecerá.' Os príncipes então disseram, 'Assim seja' e foram até Bhishma e revelaram a ele o teor das palavras daquele Brahmana, relatando tudo acerca da sua (extraordinária) façanha. Ouvindo tudo aquilo dos príncipes Bhishma percebeu imediatamente que o Brahmana não era ninguém mais do que Drona, e pensando que ele seria o melhor preceptor para os príncipes foi pessoalmente até ele e cumprimentou-o respeitosamente. Então Bhishma, o principal de todos os manejadores de armas, habilmente o questionou sobre a causa de sua chegada em Hastinapura. Perguntado, Drona relatou como tudo tinha acontecido, dizendo, 'Ó senhor, no passado eu fui ao Rishi grande Agnivesa para obter dele suas armas, desejoso também de aprender a ciência das armas. Dedicado ao serviço ao meu preceptor eu vivi com ele por muitos anos na aparência humilde de um Brahmacharin, com os cabelos emaranhados em minha cabeça. Naquele tempo, agindo pelos mesmos motivos, o príncipe de Panchala, o poderoso Yajnasena, também viveu no mesmo retiro. Ele se tornou meu amigo, sempre procurando meu bem-estar. Eu gostava muito dele. De fato, nós vivemos juntos por muitos, muitos anos. Ó tu da linhagem Kuru, desde os nossos primeiros anos nós tínhamos estudado juntos e, de fato, ele foi meu amigo de infância, sempre falando e fazendo o que era agradável para mim. Para me satisfazer, ó Bhishma, ele costumava me dizer, 'Ó Drona, eu sou o filho favorito do meu pai ilustre. Quando o rei me instalar como o monarca dos Panchalas o reino será teu. Ó amigo, esta, de fato, é minha promessa solene. Meu domínio, riqueza e felicidade, todos dependerão de ti.' Finalmente chegou a hora da partida dele. Tendo terminado seus estudos, ele dirigiu seus passos em direção a seu país. Eu ofereci a ele minha consideração naquela época, e, de fato, eu sempre me lembrei de suas palavras.

Algum tempo depois, em conformidade com as injunções de meu pai e tentado também pelo desejo de filhos eu me casei com Kripi de cabelo curto, que dotada com grande inteligência tinha cumprido muitos votos rígidos, e era sempre dedicada ao Agnihotra e outros sacrifícios e austeridades rígidas. Gautami, com o tempo, deu à luz a um filho chamado Aswatthaman de grande coragem e igual em esplendor ao próprio Sol. De fato, eu estava tão satisfeito por ter obtido Aswatthaman como meu pai tinha estado em me obter.

E aconteceu um dia que a criança Aswatthaman observando alguns homens ricos beberem leite começou a chorar. Nisto eu estava tão além de mim mesmo que havia até perdido todo o conhecimento dos pontos da bússola. Em vez de pedir a alguém que tivesse somente umas poucas vacas (porque se ele me desse uma ele não poderia continuar a realizar seus sacrifícios e assim sofreria perda de virtude), eu desejava obter uma vaca de alguém que tivesse muitas, e para isso eu vaguei de país a país. Mas minhas andanças foram infrutíferas, pois eu fracassei em obter uma vaca leiteira. Depois de eu ter voltado frustrado, alguns dos colegas

do meu filho deram a ele água misturada com arroz em pó. Bebendo aquilo, o menino pobre, enganado, achou que tinha tomado leite e começou a dançar em alegria, dizendo, 'Ó, eu tomei leite. Eu tomei leite!' Vendo ele dançar com alegria em meio àqueles colegas rindo da sua simplicidade eu fiquei muito tocado. Ouvindo também as palavras zombeteiras de pessoas intrometidas que diziam, 'Que vergonha para este indigente Drona, que não se esforça para ganhar riqueza, cujo filho bebe água misturada com arroz em pó e achando que aquilo é leite dança com alegria, dizendo, 'Eu tomei leite, eu tomei leite!' Eu fiquei totalmente fora de mim. Me censurando muito eu finalmente decidi que mesmo que eu tivesse que viver rejeitado e censurado por Brahmanas, eu ainda não seria, por desejo de riqueza, o servo de alguém, o que é sempre odioso. Assim decidido, ó Bhishma, eu fui, pela amizade antiga, ao rei dos Somakas, levando comigo meu querido filho e minha mulher. Sabendo que ele tinha sido instalado na soberania (dos Somakas), eu me considerei abençoado além da conta. Alegremente eu fui àquele meu querido amigo sentado no trono, lembrando da minha antiga amizade com ele e também das próprias palavras dele a mim. E, ó ilustre, me aproximando de Drupada, eu disse, 'Ó tigre entre os homens, reconheça-me como teu amigo!' Dizendo isto eu me aproximei confiantemente como um amigo faria. Mas Drupada riu com escárnio e me expulsou como se eu fosse um sujeito ordinário. Se dirigindo a mim ele disse, 'Tua inteligência mal parece ser de uma ordem elevada visto que te aproximando de repente, tu me dizes que és meu amigo! O tempo desgasta tudo, e desgasta a amizade também. Minha antiga amizade contigo foi para um propósito específico. Alguém de nascimento impuro nunca pode ser amigo de alguém que é de nascimento puro. Um guerreiro em carro nunca pode ser amigo de alguém que não o é. Amizade somente pode subsistir entre pessoas que são de postos iguais, mas não entre os que estão desigualmente situados. Amizade nunca subsiste para sempre no meu coração. O tempo desgasta amizades, como também a raiva as destrói. Não te apegue, portanto, àquela amizade do passado entre nós. Não pense mais nela. A amizade que eu tive contigo, ó melhor dos Brahmanas, foi para um propósito especial. Não pode haver amizade entre um homem pobre e um homem rico, entre um homem iletrado e um erudito, entre um covarde e um herói. Por que tu, portanto, desejas o renascimento da nossa antiga amizade? Ó tu de mente simplória, grandes reis nunca podem ter amizade com indivíduos indigentes e desafortunados como tu. Alguém que não é um rei nunca pode ter um rei como seu amigo. Eu não me lembro de alguma vez ter te prometido meu reino. Mas, ó Brahmana, eu posso agora te dar comida e abrigo por uma noite.' Assim endereçado por ele eu deixei sua presença rapidamente com minha mulher, jurando fazer aquilo que eu sem dúvida logo farei. Assim insultado por Drupada, ó Bhishma, eu estou cheio de cólera, e vim aos Kurus desejoso de obter pupilos inteligentes e obedientes. Eu vim para Hastinapura satisfazer teus desejos. Ó, diga-me o que eu devo fazer.'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado pelo filho de Bharadwaja, Bhishma disse a ele, 'Encordoe teu arco, ó Brahmana, e torne os príncipes Kuru habilidosos com armas. Reverenciado pelos Kurus, desfrute com o coração contente de toda a comodidade até te saciares em sua residência. Tu és o

absoluto senhor, ó Brahmana, de toda a riqueza que os Kurus têm e de sua soberania e reino! Os Kurus são teus (deste dia em diante). Considere como já realizado aquilo que possa estar no teu coração. Tu és, ó Brahmana, obtido por nós como o fruto da nossa grandiosa sorte. De fato, a bênção que tu conferes a mim por tua chegada é grandioso.'

134

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim reverenciado por Bhishma, Drona, aquele principal dos homens, dotado de grande energia, tomou sua residência na casa dos Kurus e continuou a viver lá, recebendo as adorações deles. Depois que ele tinha descansado algum tempo, Bhishma, levando consigo seus netos, os príncipes Kaurava, os entregou a ele como pupilos, fazendo ao mesmo tempo muitos presentes valiosos. E o poderoso (Bhishma) também alegremente deu ao filho de Bharadwaja uma casa arrumada e maravilhosa e cheia de arroz e todo tipo de riqueza. E aquele principal dos arqueiros, Drona, então alegremente aceitou os Kauravas, os filhos de Pandu e Dhritarashtra, como seus pupilos. E tendo aceitado eles todos como seus pupilos, um dia Drona chamou eles à parte e fazendo eles tocarem seus pés, disse com o coração pesado, 'Eu tenho no meu coração um propósito específico. Prometam a mim realmente, ó impecáveis, que quando vocês se tornarem hábeis em armas vocês o realizarão.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo aquelas palavras os príncipes Kuru permaneceram silenciosos. Exceto Arjuna, ó rei, que jurou realizá-lo, o que quer que fosse. Drona então alegremente abraçou Arjuna em seu peito e cheirou sua cabeça repetidamente, derramando lágrimas de alegria o tempo todo. Então Drona dotado de grande destreza ensinou aos filhos de Pandu (o uso de) muitas armas celestes e humanas. E, ó touro da raça Bharata, muitos outros príncipes também afluíram para aquele melhor dos Brahmanas para instrução em armas. Os Vrishnis e os Andhakas, e príncipes de várias terras, e o filho (adotivo) de Radha da casta Suta, (Karna), todos se tornaram pupilos de Drona. Mas entre eles todos, o filho de Suta, Karna, por ciúmes, frequentemente se opunha a Arjuna, e auxiliado por Duryodhana, costumava desrespeitar os Pandavas. Arjuna, no entanto, por dedicação à ciência de armas, sempre ficava ao lado de seu preceptor, e em habilidade, força de braços, e perseverança, superava a todos (os seus colegas de classe). De fato, embora a instrução que o preceptor dava fosse a mesma para todos, ainda em leveza e habilidade Arjuna se tornou o principal de todos os seus pupilos. E Drona estava convencido de que nenhum de seus pupilos seria capaz (em qualquer tempo) de se igualar àquele filho de Indra.

Assim Drona continuou a dar aulas aos príncipes na ciência das armas. E enquanto ele dava a todos os seus pupilos um recipiente com boca estreita (para buscar água) de modo que muito tempo fosse gasto enchendo-os, ele dava para

seu próprio filho Aswatthaman um recipiente de boca larga, para que, enchendo-o rapidamente, ele voltasse logo. E nos intervalos assim ganhos Drona costumava instruir seu próprio filho em vários métodos superiores (de usar armas). Jishnu (Arjuna) veio a saber disto, e então enchendo seu recipiente de boca estreita com água através da arma Varuna ele costumava ir a seu preceptor ao mesmo tempo que o filho dele. E consequentemente o filho inteligente de Pritha, o principal de todos os homens possuidores do conhecimento de armas, não tinha inferioridade ao filho de seu preceptor em relação à excelência. A dedicação de Arjuna ao serviço de seu preceptor como também às armas eram muito grandes e ele logo virou o favorito do professor. E Drona, vendo a dedicação do pupilo às armas, convocou o cozinheiro, e disse a ele em segredo, 'Nunca dê comida a Arjuna no escuro, nem diga a ele o que eu te disse.' Poucos dias depois, no entanto, quando Arjuna estava se alimentando, um vento surgiu, e então a lâmpada que estava queimando se apagou. Mas Arjuna, dotado de energia, continuou a comer no escuro, sua mão, de hábito, indo à boca. Sua atenção foi assim chamada à força do hábito, e o filho de braços fortes de Pandu decidiu praticar com seu arco durante a noite. E, ó Bharata, Drona, ouvindo a vibração da corda do arco dele durante a noite, foi até ele e abraçando-o disse, 'Realmente eu te digo que eu farei com que não haja um arqueiro igual a ti neste mundo.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disso Drona começou a ensinar a Arjuna a arte da luta a cavalo, nas costas de elefantes, em carros, e no chão. E o poderoso Drona também instruiu Arjuna em luta com a maça, a espada, a lança, o arpão, e o dardo. E ele também o instruiu na utilização de muitas armas e a lutar com muitos homens ao mesmo tempo. E ouvindo os relatos de sua habilidade, reis e príncipes, desejosos de aprender a ciência das armas, afluíam a Drona aos milhares. Entre aqueles que foram lá, ó monarca, estava um príncipe de nome Ekalavya, que era o filho de Hiranyadhanus, o rei dos Nishadas (a mais baixa das classes misturadas). Drona, no entanto, conhecedor de todas as regras de moralidade, não aceitou o príncipe como seu pupilo no tiro de arco, vendo que ele era um Nishada que poderia (com o tempo) superar todos os seus pupilos de nascimento elevado. Mas, ó opressor de todos os inimigos, o príncipe Nishada, tocando os pés de Drona com sua cabeça, fez seu caminho para a floresta, e lá ele fez uma imagem de argila de Drona, e começou a cultuá-la respeitosamente como se fosse seu preceptor real, e praticou com armas perante ela com a mais rígida regularidade. Por causa da sua reverência excepcional a seu preceptor e sua dedicação ao seu propósito, todos os três processos de fixar flechas na corda do arco, pontaria, e disparo se tornaram muito fáceis para ele.

E um dia, ó destruidor de inimigos, os príncipes Kuru e os Pandavas, com a permissão de Drona, saíram em seus carros em uma excursão de caça. Um empregado, ó rei, seguiu o grupo em lazer, com os instrumentos usuais e um cachorro. Tendo chegado às florestas eles vagaram por lá, atentos ao propósito que tinham em vista. Enquanto isso, o cachorro também, ao vagar só nas florestas, encontrou o príncipe Nishada (Ekalavya). E vendo o Nishada de cor escura, com sujeira no corpo, vestido em cor preta e com cabelos emaranhados na cabeça, o cachorro começou a latir alto.

Então o príncipe Nishada, desejoso de exibir sua leveza de mão, enviou sete flechas à sua boca (antes que ele pudesse fechá-la). O cachorro, assim perfurado por sete flechas voltou aos Pandavas. Aqueles heróis ao verem aquilo se admiraram, e, envergonhados da própria habilidade começaram a elogiar a leveza de mão e precisão de pontaria e audição (mostradas pelo arqueiro desconhecido). E eles começaram a procurar naquelas florestas o habitante desconhecido que tinha mostrado tal habilidade. E, ó rei, os Pandavas logo descobriram o objetivo de sua busca incessantemente atirando flechas do arco. E vendo aquele homem de aparência lúgubre, que era totalmente desconhecido para eles, eles perguntaram, 'Quem tu és e de quem és filho?' Assim questionado, o homem respondeu, 'Ó heróis, eu sou o filho de Hiranyadhanus, rei dos Nishadas. Saibam que eu também sou um pupilo de Drona, trabalhando para o domínio da arte das armas'

Vaisampayana continuou, ‘Os Pandavas então, tendo conhecido tudo sobre ele, voltaram (à cidade), e indo até Drona, falaram a ele daquela façanha notável de tiro de arco que eles tinham testemunhado nas florestas. Arjuna, em particular, pensando a todo momento, ó rei, em Ekalavya, viu Drona em particular e confiando na afeição de seu preceptor por ele, disse, 'Tu carinhosamente me disseste, me abraçando em teu peito, que nenhum pupilo teu poderia estar à minha altura. Por que então há um pupilo teu, o poderoso filho do rei Nishada, superior a mim?’

Vaisampayana continuou, 'Ao ouvir aquelas palavras Drona refletiu por um momento, e resolvendo sobre a atitude que deveria tomar levou Arjuna consigo e foi até o príncipe Nishada. E ele viu Ekalavya com o corpo coberto de sujeira, cabelos emaranhados (sobre a cabeça), vestido em trapos, portando um arco na mão e incessantemente atirando flechas com ele. E quando Ekalavya viu Drona se aproximando em sua direção, ele deu uns poucos passos na direção dele, e tocou seus pés e prostrou-se no chão. E o filho do rei Nishada reverenciando Drona devidamente apresentou-se como seu pupilo, e apertando suas mãos com reverência ficou perante ele (esperando suas ordens). Então Drona, ó rei, se dirigiu a Ekalavya, dizendo, 'Se, ó herói, tu és realmente meu pupilo, me dê então minha gratificação.' Ao ouvir estas palavras Ekalavya ficou muito satisfeito, e disse em resposta, 'Ó ilustre preceptor, o que eu darei? Ordene-me; pois não há nada, ó principal de todas as pessoas conhecedoras dos Vedas, que eu não possa dar ao meu preceptor.' Drona respondeu, 'Ó Ekalavya, se tu realmente queres me fazer um presente, eu gostaria então de ter o polegar da tua mão direita.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo aquelas palavras cruéis de Drona, que tinha lhe pedido o polegar como taxa de instrução, Ekalavya, sempre dedicado à verdade e desejoso também de manter sua promessa, com o rosto alegre e o coração tranquilo cortou sem dificuldade seu polegar, e o deu para Drona. Depois disto, quando o príncipe Nishada começou mais uma vez a atirar com a ajuda de seus dedos restantes, ele descobriu, ó rei, que tinha perdido sua antiga leveza de mão. E nisto Arjuna ficou feliz, e a febre (do ciúmes) o deixou.

Dois dos pupilos de Drona se tornaram muito talentosos no uso da maça. Eles eram Duryodhana e Bhima, que eram, no entanto, sempre ciumentos um do outro.

Aswatthaman superava a todos (nos mistérios da ciência de armas). Os gêmeos (Nakula e Sahadeva) superavam a todos em se tratando da espada. Yudhishthira superava a todos como um guerreiro em carro; mas Arjuna, no entanto, deixou para trás todos eles em todas as circunstâncias, em inteligência, desembaraço, força e perseverança. Habilidoso com todas as armas, Arjuna se tornou o principal mesmo dentre os principais guerreiros em carros; e sua fama se espalhou por toda a terra até a costa. E embora a instrução fosse a mesma, o poderoso Arjuna sobrepujava a todos (os príncipes em leveza de mão). De fato, tanto em armas como em dedicação a seu preceptor ele se tornou o principal deles todos. E dentre todos os príncipes, somente Arjuna se tornou um Atiratha (um guerreiro em carro capaz de lutar de uma vez só com sessenta mil inimigos). E os perversos filhos de Dhritarashtra, vendo Bhimasena dotado de grande força e Arjuna talentoso com todas as armas, ficaram com muito ciúmes deles.

Ó touro entre homens, um dia Drona desejoso de testar a comparativa excelência de todos os seus pupilos no uso de armas, reuniu eles todos depois que sua educação estava completada. E antes de reuni-los, ele tinha feito uma ave artificial, como alvo, colocada no topo de uma árvore vizinha. E quando eles estavam todos juntos, Drona disse a eles, 'Peguem seus arcos rapidamente e fiquem aqui apontando para aquela ave na árvore, com as flechas fixadas na corda de seus arcos; disparem e cortem a cabeça da ave, logo que eu der a ordem. Eu darei a cada um de vocês uma oportunidade, um a um, meus filhos.'

Vaisampayana continuou, 'Então Drona, aquele principal de todos os filhos de Angira primeiro se dirigiu a Yudhishthira e disse, ‘Ó irreprimível, mire com tua flecha e dispare logo que eu der a ordem.’ Yudhishthira pegou o arco primeiro, como desejava, ó rei, seu preceptor, e ficou apontando para o pássaro. Mas, ó touro da raça Bharata, Drona em um instante, se dirigindo ao príncipe Kuru posicionado com o arco na mão, disse, 'Veja, ó príncipe, a ave sobre a árvore.' Yudhishthira respondeu a seu preceptor, dizendo, 'Eu vejo.' Mas em seguida Drona perguntou novamente a ele, 'O que vês agora, ó príncipe? Vês a árvore, eu mesmo ou teus irmãos?' Yudhishthira respondeu, 'Eu vejo a árvore, eu mesmo, meus irmãos, e a ave.' Drona repetiu sua pergunta, mas ela foi respondida muitas vezes nas mesmas palavras. Drona então, irritado com Yudhishthira, em repreensão disse, 'Fique de lado. Não é para ti atingir o alvo.' Então Drona repetiu o experimento com Duryodhana e os outros filhos de Dhritarashtra, um depois do outro, como também com seus outros pupilos, Bhima e o restante, incluindo os príncipes que tinham vindo de outras terras. Mas a resposta em todos os casos era a mesma que a de Yudhishthira, 'Nós vemos a árvore, tu mesmo, nossos colegas de classe, e a ave.' E repreendidos por seu preceptor, eles receberam ordem, um depois do outro, de ficar de lado.'

135

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando todo mundo tinha fracassado, Drona sorrindo chamou Arjuna e disse a ele, 'Por ti o alvo deve ser atirado; portanto, volte teus olhos para ele. Tu deves deixar voar a flecha logo que eu der a ordem. Portanto, ó filho, fique aqui com o arco e flecha por um instante.' Assim endereçado, Arjuna ficou mirando a ave como desejado por seu preceptor, com seu arco retesado. Um instante depois Drona o questionou como no caso dos outros, 'Tu vês, ó Arjuna, a ave lá, a árvore, e eu mesmo?' Arjuna respondeu, 'Eu vejo somente a ave, mas nem a árvore, ou tu mesmo.' Então o irreprimível Drona, bem satisfeito com Arjuna, um instante depois, outra vez disse àquele poderoso guerreiro em carro entre os Pandavas, 'Se tu viste o urubu, então descreva-o para mim.' Arjuna disse, eu vejo somente a cabeça do urubu, não seu corpo.' A estas palavras de Arjuna, os pêlos (do corpo de Drona) se arrepiaram de prazer. Ele então disse para Partha, 'Atire' e o último imediatamente deixou voar (sua flecha afiada) e com ela cortou rapidamente a cabeça do urubu na árvore e a derrubou no solo. Tão logo aquele feito estava pronto Drona abraçou Phalguna em seu peito, e considerou Drupada com seus amigos já vencidos em batalha.

Algum tempo depois, ó touro da raça Bharata, Drona, acompanhado por todos os seus pupilos, foi à margem do Ganga para se banhar naquele rio sagrado. E quando Drona tinha mergulhado no rio, um jacaré forte, enviado como era pela própria Morte o agarrou pela coxa. E embora ele fosse bastante capaz, Drona aparentando pressa pediu a seu pupilo para salvá-lo. E ele disse, 'Ó, mate este monstro e me resgate.' Ao mesmo tempo em que aquelas palavras eram faladas, Vibhatsu (Arjuna) atingiu o monstro dentro da água com cinco flechas afiadas irresistíveis em seu curso, enquanto os outros pupilos permaneciam confusos, cada um em seu lugar. Vendo a presteza de Arjuna, Drona o considerou o principal de todos os seus pupilos, e ficou muito satisfeito. O monstro, ao ser cortado em pedaços pelas flechas de Arjuna, soltou a coxa do ilustre Drona e abandonou o corpo. O filho de Bharadwaja então endereçou-se ao ilustre e poderoso guerreiro em carro Arjuna e disse, 'Aceite, ó tu de braços poderosos, esta arma muito superior e irresistível chamada Brahmasira com os métodos de arremessá-la e chamá-la de volta. Tu não deves, no entanto, usá-la contra inimigo humano, porque se for lançada em qualquer inimigo de energia inferior ela pode queimar o universo inteiro. É dito, ó filho, que esta arma não tem uma rival nos três mundos. Mantenha-a, portanto, com grande cuidado, e escute o que eu digo. Se, ó herói, qualquer inimigo não humano lutar contra ti, tu então poderás usá-la contra ele para conseguir sua morte em batalha.' Prometendo fazer o que lhe estava sendo pedido, Vibhatsu então, com as mãos unidas, recebeu aquela arma grandiosa.

O preceptor então, endereçando-se a ele outra vez, disse, 'Ninguém mais neste mundo se tornará um arqueiro superior a ti. Tu nunca serás vencido por algum inimigo, e tuas realizações serão grandiosas.'

136

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó tu da linhagem Bharata, vendo os filhos de Dhritarashtra e Pandu habilidosos com armas, Drona, ó monarca, se dirigiu ao rei Dhritarashtra, na presença de Kripa, Somadatta, Valhika, e do sábio filho de Ganga (Bhishma), Vyasa, e Vidura, e disse, 'Ó melhor dos reis Kuru, teus filhos completaram sua educação. Com a tua permissão, ó rei, que eles agora mostrem sua competência.' Ouvindo ele o rei disse com o coração alegre, 'Ó melhor dos Brahmanas, tu, de fato, conseguiste um grande feito. Instrua-me quanto ao lugar e a hora, onde e quando e também a maneira pela qual o processo pode ser realizado. A tristeza resultante da minha própria cegueira me faz invejar aqueles que, abençoados com a visão, verão a destreza dos meus filhos com armas. Ó Kshatri (Vidura), faça tudo o que Drona disser. Ó tu dedicado à virtude, eu acho que nada poderia ser mais agradável para mim.' Então Vidura, dando a garantia necessária ao rei, saiu para fazer o que lhe havia sido pedido. E Drona dotado de grande sabedoria então mediu um trecho de terra que era destituído de árvores e matagais e provido de fontes e poços. E após o local ter sido assim medido, Drona, o principal dos homens eloquentes, escolhendo um dia lunar quando a estrela ascendente era auspiciosa, ofereceu um sacrifício para os deuses na presença dos cidadãos reunidos por proclamação para testemunhar o mesmo. E então, ó touro entre homens, os artífices do rei lá construíram um tablado grande e elegante de acordo com as regras das escrituras, que era equipado com todas as espécies de armas. Eles também construíram outra sala elegante para as senhoras expectadoras. E os cidadãos construíram muitas plataformas enquanto os mais ricos deles armaram muitas tendas espaçosas e altas por toda parte.

Quando o dia fixado para o torneio chegou, o rei acompanhado por seus ministros, com Bhishma e Kripa, o principal dos preceptores caminhando adiante, foi àquele teatro de beleza quase celestial construído de ouro puro, e decorado com cordões de pérolas e pedras de lápis lazúli. E, ó principal dos homens vitoriosos, Gandhari abençoada com boa sorte e Kunti, e as outras senhoras da casa real, em magníficos trajes e acompanhadas por suas servas, alegremente subiram nas plataformas, como damas celestes subindo a montanha Sumeru. E as quatro classes inclusive Brahmanas e Kshatriyas, desejosos de ver a habilidade dos príncipes com armas, deixaram a cidade e foram correndo ao local. E estavam todos tão impacientes para contemplar o espetáculo que uma vasta multidão lá se reuniu em quase um instante. E com o sons de trombetas e baterias e o barulho de muitas vozes, aquela vasta multidão parecia um oceano agitado.

Finalmente, Drona acompanhado por seu filho, vestido em (traje) branco, com fios sagrados brancos, cabelos brancos, barba branca, guirlandas brancas, e pasta branca de sândalo espalhada por seu corpo, entrou na arena. Parecia que a própria Lua acompanhada pelo planeta Marte tinha aparecido em um céu sem nuvens. Ao entrar Bharadwaja realizou o culto oportuno e fez Brahmanas versados em mantras celebrarem os ritos propícios. E depois que instrumentos musicais auspiciosos e de som doce tinham sido tocados como uma cerimônia propiciatória, algumas pessoas entraram, equipadas com várias armas. E então se preparando, aqueles guerreiros poderosos, os principais da linhagem Bharata entraram, munidos de protetores de dedos (manoplas), e arcos, e aljavas. E com Yudhishthira encabeçando-os, os príncipes valentes entraram em ordem de idade e começaram a exibição de habilidade extraordinária com suas armas. Alguns dos espectadores abaixaram suas cabeças, receando a queda de flechas enquanto outros sem medo olhavam fixamente maravilhados. E montando rapidamente sobre cavalos e controlando-os 'destramente' os príncipes começaram a atingir alvos com flechas gravadas com seus respectivos nomes. E vendo a destreza dos príncipes armados com arco e flechas os espectadores pensaram que estavam vendo a cidade dos Gandharvas, e se encheram de perplexidade. E, ó Bharata, todos repentinamente, centenas e milhares, com olhos arregalados de admiração, exclamavam, 'Muito bem! Muito bem!' E tendo repetidamente mostrado sua habilidade e destreza no uso de arcos e flechas e na condução de carros, os guerreiros poderosos ergueram suas espadas e escudos, e começaram a percorrer a arena lançando suas armas. Os espectadores viram (perplexos) sua agilidade, a simetria de seus corpos, sua graça, sua tranquilidade, a firmeza de sua força e sua destreza no uso de espada e escudo. Então Vrikodara e Suyodhana, interiormente encantados (pela probabilidade de lutar), entraram na arena, maças nas mãos, como duas montanhas de um só pico. E aqueles poderosos guerreiros colocaram suas proteções, e convocando toda sua energia rugiram como dois elefantes enfurecidos disputando uma elefante fêmea; e como dois elefantes enfurecidos aqueles heróis poderosos impecavelmente (em consonância com os ditames da ciência de armas) moveram-se com velocidade para a direita e para a esquerda, circulando a arena. E Vidura descreveu para Dhritarashtra e a mãe dos Pandavas (Kunti) e Gandhari, todas as façanhas dos príncipes.'

137

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Após o rei Kuru e Bhima, os principais de todos os dotados de força, terem entrado na arena, os espectadores se dividiram em dois partidos por causa da preferência oscilante de sua simpatia. Alguns gritavam, 'Vejam o heróico rei dos Kurus!', alguns: 'Vejam Bhima!' E por causa daqueles gritos, houve, de repente, um grande barulho. E vendo o lugar se tornar como um oceano desordenado, o inteligente Bharadwaja disse a seu querido filho

Aswatthaman, 'Impeça estes poderosos guerreiros tão competentes com armas. Que a fúria da multidão não seja provocada pelo combate entre Bhima e Duryodhana.'

Vaisampayana continuou, 'Então o filho do preceptor dos príncipes reprimiu aqueles combatentes que estavam com suas maças erguidas e parecendo dois oceanos cheios agitados pelos ventos que sopram na dissolução universal. E o próprio Drona entrando na área da arena mandou os músicos pararem, e com uma voz profunda como a das nuvens falou estas palavras, 'Vejam agora Partha que é mais caro a mim do que meu próprio filho, o mestre de todas as armas, o filho do próprio Indra, e semelhante ao irmão mais novo de Indra, (Vishnu)!' E tendo realizado os ritos propiciatórios, o jovem Phalguna, equipado com protetor de dedos (manopla) e sua aljava cheia de flechas e arco na mão, usando sua armadura dourada, apareceu na arena como uma nuvem no anoitecer refletindo os raios do sol se pondo e iluminada pelas cores do arco-íris e relâmpagos.

Ao ver Arjuna, toda a multidão ficou encantada e conchas começaram a ser sopradas com outros instrumentos musicais. E se elevou um grande tumulto pois os espectadores exclamavam, 'Este é o gracioso filho de Kunti!', 'Este é o Pandava do meio (o terceiro)!', 'Este é o filho do poderoso Indra!', 'Este é o protetor dos Kurus', 'Este é o principal dentre aqueles versados em armas!', 'Este é o principal de todos os que estimam a virtude!', 'Este é o principal dos seres de comportamento correto, o grande repositório do conhecimento de boas maneiras!' A estas exclamações, as lágrimas de Kunti, misturadas com o leite de seu peito, molharam seu colo. E seus ouvidos estando cheios com aquele tumulto, aquele mais importante dos homens, Dhritarashtra, perguntou a Vidura com prazer, 'Ó Kshatri, porque este grande tumulto, como o de um agitado oceano, ergueu-se de todos tão de repente e rasga os céus?' Vidura respondeu, 'Ó monarca poderoso, o filho de Pandu e Pritha, Phalguna, vestido com sua armadura entrou na arena. E daí este tumulto!' Dhritarashtra disse, 'Ó tu de alma tão grande, pelos três fogos nascidos de Pritha que é assim como o combustível sagrado, eu tenho, de fato, sido abençoado, favorecido e protegido!'

Vaisampayana continuou, 'Quando os espectadores, excitados com prazer, haviam recuperado um pouco sua equanimidade, Vibhatsu começou a mostrar sua habilidade no uso de armas. Pela arma Agneya ele criou fogo, e pela arma Varuna ele criou água, pela arma Vayavya, ele criou ar, e pela arma Parjanya ele criou nuvens. E pela arma Bhauma, ele criou terra, e pela arma Parvatya, ele trouxe montanhas à existência. Pela arma Antardhana tudo aquilo desapareceu. Ora o querido de seu preceptor (Arjuna) parecia alto e ora baixo; ora ele era visto no jugo de seu carro, ora sobre o próprio carro; e no momento seguinte ele estava sobre o chão. E o herói favorecido por sua destreza experiente acertou vários alvos, alguns macios, alguns leves e alguns de composição grossa. E como se fossem uma só, ele fez voar, com seu arco, à boca de um javali de ferro, cinco flechas ao mesmo tempo. E aquele herói de energia poderosa atirou vinte e uma flechas no buraco de um chifre de vaca pendurado em uma corda oscilando para frente e para trás. Desta maneira, ó impecável, Arjuna mostrou sua habilidade profunda no uso de espada, arco, e maças, andando pela arena em círculos.

E, ó Bharata, quando a exibição tinha praticamente terminado, a excitação dos espectadores tinha esfriado, e os sons de instrumentos tinham desaparecido, foi ouvido vindo do portão o bater de braços, exprimindo poder e força, e semelhante ao ribombar do trovão. E, ó rei, logo que aquele som foi ouvido, a multidão imediatamente pensou, ‘São as montanhas se rompendo ou a própria terra se partindo em pedaços, ou é o firmamento ressoando com o rugido da reunião de nuvens?’ E então todos os espectadores olharam para o portão. E Drona ficou em pé, circundado pelos cinco irmãos e os filhos de Pritha, e parecia com a lua em conjunção com a constelação Hasta de cinco estrelas. E Duryodhana, aquele matador de inimigos, levantou depressa e foi cercado por seus cem irmãos soberbos com Aswatthaman entre eles. E aquele príncipe, maça na mão, assim circundado por seus cem irmãos com armas erguidas parecia com Purandara nos tempos antigos, cercado pela multidão celeste na ocasião da batalha com os Danavas.'

138

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Quando os espectadores, com olhos arregalados de admiração, abriram caminho para aquele subjugador de cidades hostis, Karna, aquele herói com sua armadura natural e brincos, ergueu seu arco e sua espada, e então entrou na arena espaçosa, como um penhasco caminhante. Aquele famoso destruidor de multidões hostis, Karna de olhos grandes, nasceu de Pritha em sua juventude. Ele era uma porção Sol de raios quentes e sua energia e bravura eram como as do leão, ou do touro, ou do líder de uma manada de elefantes. Em esplendor ele parecia o Sol, em encanto com a Lua, e em energia com o fogo. Gerado pelo próprio Sol, ele era alto como uma palmeira dourada, e, dotado do vigor da juventude, ele era capaz de matar um leão. De aspecto belo, ele era possuidor de inúmeros talentos. O guerreiro poderosamente armado, olhando em volta da arena, curvou-se indiferentemente a Drona e Kripa. E a assembléia inteira, imóvel e com olhar fixo, pensava, 'Quem é ele?' E eles se agitaram em sua curiosidade de conhecer o guerreiro. E aquele principal dos homens eloquentes, o filho do Sol, em um voz profunda como a das nuvens, endereçou-se ao seu irmão desconhecido, o filho do subjugador do Asura Paka (Indra), dizendo, 'Ó Partha, eu realizarei façanhas perante o olhar desta multidão que superarão todas as que tu realizaste! Vendo-as, tu ficarás pasmo.' E, ó tu melhor dentre os abençoados com voz, ele mal tinha dito isso quando os espectadores ficaram de pé todos de uma vez, como se fossem erguidos por algum instrumento. E, ó tigre entre homens, Duryodhana estava cheio de prazer, enquanto Vibhatsu ficou imediatamente envergonhado e enfurecido. Então com a permissão de Drona, o poderoso Karna, que se deleitava em lutar, fez tudo o que Partha tinha feito antes. E, ó Bharata, Duryodhana com seus irmãos abraçaram Karna em alegria e então disseram a ele, 'Bem vindo, ó guerreiro poderosamente

armado! Eu te obtive por boa sorte, ó educado! Viva como te agradar, e comande-me, e ao reino dos Kurus.' Kama respondeu, 'Quando dizes isto, eu o considero já realizado. Eu somente anseio pela tua amizade. E, ó senhor, meu desejo é um combate único com Arjuna.' Duryodhana disse, 'Tu e eu desfrutaremos das coisas boas da vida! Seja o benfeitor do teu amigo, e, ó repressor de inimigos, ponha teus pés sobre as cabeças de todos os inimigos.'

Vaisampayana continuou, 'Arjuna, depois disto, julgando-se desonrado, disse a Karna que estava entre os irmãos como um penhasco, 'O caminho que um intruso inoportuno e que o não convidado falador tomam será teu, ó Karna, por isto tu serás morto por mim.' Karna respondeu, 'Esta arena está destinada a todos, não só para ti, ó Phalguna! Eles são reis que são superiores em energia; e em verdade o Kshatriya respeita poder e só o poder. Qual a necessidade de discussão a qual é o exercício dos fracos? Ó Bharata, fale então em flechas até que com flechas eu corte tua cabeça hoje perante o próprio preceptor!'

Vaisampayana continuou, 'Rapidamente abraçado por seus irmãos, Partha, o subjugador de cidades hostis, com a permissão de Drona, avançou para o combate. No outro lado, Karna, tendo sido abraçado por Duryodhana com seus irmãos, ergueu seu arco e flechas, pronto para a luta. Então o firmamento se envolveu em nuvens que emitiam relâmpagos, e o arco colorido de Indra apareceu derramando seus raios refulgentes. E as nuvens pareciam rir por causa do barulho das fileiras de garças brancas que estavam então a voar. E vendo Indra assim olhando a arena com afeto (por seu filho), o sol também dispersou as nuvens de cima de seu próprio filho. E Phalguna permaneceu profundamente escondido sob o abrigo das nuvens, enquanto Karna permaneceu visível, sendo circundado pelos raios do sol. E os filhos de Dhritarashtra estavam ao lado de Karna, e Bharadwaja e Kripa e Bhishma permaneceram com Partha. E a multidão estava dividida, como também as mulheres espectadoras. E ao saber o estado das coisas, Kunti, a filha de Bhoja, desmaiou. E pela ajuda de atendentes femininas, Vidura, versado no conhecimento de todos os deveres, reanimou a desmaiada Kunti por borrifar pasta de sândalo e água sobre seu corpo. Ao retomar a consciência, Kunti, vendo seus dois filhos vestidos em armaduras, foi tomada pelo medo, mas ela não podia fazer nada (para protegê-los). E vendo ambos os guerreiros com arcos nas mãos o filho de Saradwat, Kripa, conhecendo todos os deveres e regras relativas aos duelos, endereçou-se a Karna, dizendo: 'Este Pandava, que é o filho mais novo de Kunti, pertence à linhagem Kaurava, ele se envolverá em combate contigo. Mas, ó poderosamente armado, tu também deves nos dizer tua linhagem e os nomes de teu pai e mãe, e a linha real da qual tu vens. Sabendo tudo isto Partha lutará contigo ou não (como ele achar adequado). Filhos de reis nunca lutam com homens de linhagens inferiores.'

Vaisampayana continuou, 'Quando ele foi assim endereçado por Kripa, o rosto de Karna se tornou como um lótus pálido e úmido com o tamborilar das chuvas na estação chuvosa. Duryodhana disse, 'Ó preceptor, em verdade as escrituras dizem que três classes de pessoas podem reivindicar realeza, pessoas de sangue real, heróis, e por fim, aqueles que lideram exércitos. Se Phalguna está relutante em lutar com alguém que não é um rei, eu instalarei Karna como rei de Anga.'

Vaisampayana disse, 'Naquele mesmo momento, sentado em um assento dourado, com arroz crestado e com flores e vasos de água e muito ouro, o poderoso guerreiro Karna foi instalado como rei por Brahmanas versados em mantras. E o guarda-sol real foi erguido sob sua cabeça, enquanto caudas de iaque ondulavam em volta daquele herói formidável de modos elegantes. E os aplausos tendo cessado, o rei (Karna) disse ao Kaurava Duryodhana, 'Ó tigre entre monarcas, o que eu darei a ti que possa se comparar com teu presente de um reino? Ó rei, eu farei tudo o que pedires!' E Suyodhana disse a ele, 'Eu desejo avidamente a tua amizade.' Karna respondeu, 'Assim seja.' E eles abraçaram um ao outro em alegria, e sentiram grande felicidade.'

139

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois disto, com sua veste folgadamente pendurada, Adhiratha entrou na arena, transpirando e tremendo, e se apoiando em uma bengala.

Vendo ele Karna deixou seu arco e impelido por respeito filial curvou sua cabeça ainda molhada com a água da posse. E então o cocheiro, rapidamente cobrindo seus pés com a ponta de sua veste, se dirigiu a Karna coroado com sucesso como seu filho. E o cocheiro abraçou Karna e por afeição molhou sua cabeça com lágrimas, aquela cabeça ainda molhada com a água borrifada sobre ela por causa da coroação como rei de Anga. Vendo o cocheiro, o Pandava Bhimasena tomou Karna como o filho de um cocheiro, e disse com escárnio, 'Ó filho de um cocheiro, tu não mereces a morte em luta nas mãos de Partha. Como condiz com tua raça tome sem demora o chicote. E, ó pior dos mortais, certamente tu não és digno de governar o reino de Anga, assim como um cachorro não merece a manteiga colocada perante o fogo sacrifical.' Karna, assim endereçado, com os lábios tremendo levemente deu um suspiro profundo, e olhou o Deus do dia nos céus. E assim como um elefante louco se ergue de um grupo de lotos, o poderoso Duryodhana se levantou em fúria dentre seus irmãos, e se dirigiu àquele feitor de atos terríveis, Bhimasena, lá presente, 'Ó Vrikodara, não cabe a ti falar tais palavras. Poder é a principal virtude de um Kshatriya, e mesmo um Kshatriya de nascimento inferior merece que lutem com ele. A linhagem de heróis, como as fontes de um nobre rio, é sempre desconhecida. O fogo que cobre todo o mundo se ergue das águas. O raio que matou os Danavas foi feito de um osso de (um mortal chamado) Dadhichi. A divindade ilustre Guha, que associa em sua composição as porções de todas as outras divindades é de uma linhagem desconhecida. Alguns o chamam de prole de Agni; alguns, de Krittika, alguns, de Rudra, e alguns de Ganga. É sabido por nós que pessoas nascidas na ordem Kshatriya se tornaram Brahmanas. Viswamitra e outros (nascidos Kshatriyas) têm alcançado o eterno Brahma. Ó principal de todos os manejadores de armas, o

preceptor Drona nasceu em um vaso de água e Kripa da linhagem de Gotama surgiu de uma moita de urzes. Seus próprios nascimentos, ó príncipes Pandavas, são conhecidos por mim. Pode um veado fêmea dar à luz a um tigre (como Karna), do esplendor do Sol, e dotado de todas as marcas propícias, e nascido também com uma armadura natural e brincos? Este príncipe entre homens merece a soberania do mundo, não só de Anga, por causa do poder de seu braço e do meu juramento de obedecê-lo em tudo. Se há alguém aqui para quem tudo o que eu fiz para Karna é intolerável, que ele então suba em sua carruagem e curve seu arco com a ajuda de seus pés.'

Vaisampayana continuou, 'Então ergueu-se um murmúrio confuso entre os espectadores aprovando o discurso de Duryodhana. O sol, no entanto, se pôs, mas o príncipe Duryodhana pegando a mão de Karna o levou para fora da arena iluminada com inúmeras lâmpadas. E, ó rei, os Pandavas também, acompanhados por Drona e Kripa e Bhishma, voltaram para suas residências. E as pessoas, também, foram embora, alguns nomeando Arjuna, alguns Karna, e alguns Duryodhana (como o vencedor do dia). E Kunti, reconhecendo seu filho em Karna pelas várias marcas auspiciosas no corpo dele e vendo-o instalado na soberania de Anga, estava, por afeto materno, muito satisfeita. E Duryodhana, ó monarca, tendo obtido Karna (deste modo), baniu seus medos que provinham da competência de Arjuna com armas. E o heróico Karna, talentoso com armas, começou a agradecer Duryodhana com belas palavras, enquanto Yudhishthira estava impressionado com a crença de que não havia guerreiro sobre a terra como Karna.'

140

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Vendo os Pandavas e o filho de Dhritarashtra habilidosos com armas, Drona achou que tinha chegado a hora de exigir a taxa preceptoral. E, ó rei, reunindo seus pupilos um dia, o preceptor Drona pediu deles a taxa, dizendo, 'Apanhem Drupada, o rei de Panchala em batalha e tragam-no para mim. Esta será a taxa mais aceitável.' Aqueles guerreiros então respondendo, 'Assim seja', rapidamente subiram em suas carruagens, e para conceder a seu preceptor a taxa que ele tinha exigido, marcharam para fora, acompanhados por ele. Aqueles touros entre homens, derrotando os Panchalas em seu caminho, sitiaram a capital do grande Drupada. E Duryodhana e Karna e o poderoso Yuyutsu, e Duhsasana e Vikarna e Jalasandha e Sulochana, estes e muitos outros principais dos príncipes Kshatriya de grande coragem, competiram uns com os outros para se tornarem os principais no ataque. E os príncipes, dirigindo carruagens de primeira classe e seguindo a cavalaria, entraram na capital hostil, e andaram pelas ruas.

Enquanto isso o rei de Panchala, vendo aquele exército poderoso e ouvindo seu clamor alto, saiu de seu palácio, acompanhado por seus irmãos. Embora o rei

Yajnasena estivesse bem armado, o exército Kuru o atacou com uma chuva de flechas, proferindo seu grito de guerra. Yajnasena, no entanto, não era fácil de ser subjugado em batalha, e se aproximando dos Kurus em sua carruagem branca, ele começou a disparar suas flechas ferozes por toda parte.

Antes da batalha começar, Arjuna, vendo o orgulho de bravura mostrado pelos príncipes, endereçou-se a seu preceptor, aquele melhor dos Brahmanas, Drona, e disse, 'Nós nos esforçaremos depois que eles tiverem mostrado sua bravura. O rei de Panchala nunca poderá ser capturado no campo de batalha por algum deles.' Tendo dito isto, o impecável filho de Kunti cercado por seus irmãos esperou fora da cidade à distância de uma milha dela. Enquanto isso Drupada vendo a hoste Kuru apressou-se a atacar e lançando uma chuva de flechas afligiu terrivelmente as tropas Kuru. E tal era sua habilidade de movimento no campo de batalha que, embora ele estivesse lutando em uma única carruagem, os Kurus por pânico supuseram que havia muitos Drupadas se opondo a eles. E as flechas violentas daquele monarca caíam rápidas por toda parte, enquanto conchas e trombetas e baterias às milhares começaram a ser tocadas pelos Panchalas de suas casas (dando o alarme). Então ergueu-se da poderosa hoste Panchala um rugido terrível como o do leão, enquanto o som das cordas de seus arcos parecia rasgar o próprio céu. Então Duryodhana e Vikarna, Suvahu e Dirghalochana e Duhsasana ficaram furiosos, e começaram a despejar suas flechas sobre o inimigo. Mas o arqueiro poderoso, o filho de Prishata, invencível em batalha, embora muito atingido pelas flechas do inimigo, imediatamente começou, ó Bharata, a afligir as tropas hostis com grande energia. E correndo a toda velocidade sobre o campo de batalha como uma roda ardente, o rei Drupada com suas flechas venceu Duryodhana e Vikarna e mesmo o poderoso Karna e muitos outros príncipes heróicos e guerreiros inumeráveis, e matou sua sede por batalha. Então todos os cidadãos despejaram sobre os Kurus vários mísseis como as nuvens despejam gotas de chuva sobre a terra. Jovens e velhos, eles todos se apressaram para a batalha, atacando os Kurus com energia. Os Kauravas, então, ó Bharata, vendo que a batalha se tornara terrível, se dividiram e fugiram lamentando em direção aos Pandavas.

Os Pandavas, ouvindo o lamento terrível da hoste derrotada, saudaram Drona com reverência e subiram em suas carruagens. Então Arjuna rapidamente pediu a Yudhishthira para não se envolver na luta, e se apressou ao ataque, nomeando os filhos de Madri (Nakula e Sahadeva) os protetores das rodas de sua carruagem, enquanto Bhimasena sempre lutando na dianteira, maça na mão, corria adiante. O impecável Arjuna, assim acompanhado por seus irmãos, ouvindo os gritos do inimigo, avançou em direção a eles, enchendo toda a região com o estrépito das rodas de sua carruagem. E como um Makara entrando no mar, o poderosamente armado Bhima, parecendo um segundo Yama, maça na mão, entrou nas tropas Panchala, rugindo ferozmente como o oceano em uma tempestade. E Bhima primeiro avançou em direção à formação de elefantes da força hostil, enquanto Arjuna, competente em batalha, atacou aquele exército com a destreza de seus braços. E Bhima, como o próprio grande Destruidor, começou a matar aqueles elefantes com sua maça. Aqueles animais enormes, como montanhas, abatidos

pela maça de Bhima, tinham suas cabeças quebradas em pedaços. Cobertos com rios de sangue, eles começaram a cair como rochedos atingidos por raios. E os Pandavas prostraram ao solo elefantes e cavalos e carros aos milhares e mataram muitos soldados de infantaria e muitos guerreiros em carros. De fato, como um pastor nas florestas empurra à sua frente com seu bastão inúmeros bois com facilidade, assim Vrikodara empurrava diante de si as carruagens e elefantes da força hostil.

Enquanto isso, Phalguna, impelido pelo desejo de fazer o bem para o filho de Bharadwaja, atacou o filho de Prishata com uma chuva de flechas e o derrubou do elefante no qual ele estava sentado. E, ó monarca, Arjuna, como o terrível fogo que consome todas as coisas no fim do Yuga, começou a prostrar ao chão cavalos e carros e elefantes aos milhares. Os Panchalas e os Srinjayas, por outro lado, assim atacados pelo Pandava, receberam-no com uma perfeita chuva de várias espécies de armas. E proferindo gritos altos eles lutaram desesperadamente com Arjuna. A batalha se tornou furiosa e horrível de se ver. Ouvindo os gritos do inimigo, o filho de Indra se encheu de cólera e atacou a hoste hostil com uma chuva grossa de flechas, e avançou em direção a ela furiosamente e a afligiu com renovado vigor. Aqueles que observavam o ilustre Arjuna naquele momento não podiam notar nenhum intervalo de tempo entre ele fixar as flechas na corda do arco e atirá-las. Altos eram os gritos proferidos, misturados com gritos de aprovação. Então o rei dos Panchalas, acompanhado pelo (generalíssimo de suas forças), Satyajit, avançou com velocidade até Arjuna como o Asura Samvara avançando até o chefe dos celestiais (nos tempos antigos). Então Arjuna cobriu o rei de Panchala com uma chuva de flechas. Então ergueu-se um tumulto terrível entre a hoste Panchala parecido com o rugido de um poderoso leão pulando no líder de uma manada de elefantes. E vendo Arjuna indo em direção ao rei de Panchala para capturá-lo, Satyajit de grande heroísmo foi até ele. E os dois guerreiros, como Indra e o Asura filho de Virochana (Vali), se aproximaram um do outro para combater, e começaram a oprimir as tropas uns dos outros. Então Arjuna com grande força perfurou Satyajit com dez flechas afiadas e com tal façanha os espectadores ficaram todos assombrados. Mas Satyajit, sem perder tempo, atacou Arjuna com cem flechas. Então aquele poderoso guerreiro em carro, Arjuna, dotado de notável habilidade de movimento, assim coberto por aquela chuva de flechas, friccionou a corda de seu arco para aumentar a força e velocidade de suas flechas. Então cortando em dois o arco do antagonista, Arjuna avançou para o rei dos Panchalas, mas Satyajit, rapidamente pegando um arco mais forte, perfurou com suas flechas Partha, sua carruagem, seu quadrigário, e cavalos. Arjuna, assim atacado em batalha pelo guerreiro Panchala, não perdoou seu inimigo. Ávido para matá-lo de uma vez, ele cerrou seu punho (esquerdo) e perfurou com várias flechas os cavalos do antagonista, bandeiras, arco, quadrigário, e o servidor às suas costas. Então Satyajit, vendo seus arcos repetidamente cortados em dois e seus cavalos mortos, desistiu da luta.

O rei dos Panchalas, vendo seu general assim derrotado no combate, começou ele mesmo a lançar suas flechas sobre o príncipe Pandava. Então Arjuna, o principal dos guerreiros, coroado com sucesso, começou a lutar furiosamente, e

cortando rapidamente o arco do inimigo em dois como também seu mastro de sua bandeira o qual ele fez cair, perfurou os cavalos do antagonista e também o quadrigário com cinco flechas. Então jogando de lado seu arco Arjuna pegou sua aljava, e tirando uma cimitarra e dando um grito alto ele pulou da sua própria carruagem para aquela de seu inimigo. E lá ficando com perfeito destemor ele agarrou Drupada como Garuda agarra uma cobra enorme depois da agitação das águas do oceano. Ao ver aquilo, as tropas Panchala fugiram em todas as direções.

Então Dhananjaya, tendo assim mostrado o poder de seu braço na presença de ambas as hostes, soltou um grito alto e saiu das fileiras Panchala. E vendo-o voltando (com seu cativo), os príncipes começaram a devastar a capital Drupada. Endereçando-se a eles Arjuna disse, 'Este melhor dos monarcas, Drupada, é um parente dos heróis Kuru. Portanto, ó Bhima, não mate seus soldados. Vamos dar somente para nosso preceptor sua taxa.'

Vaisampayana continuou, 'Ó rei, assim impedido por Arjuna, o poderoso Bhimasena, embora não saciado com o exercício da batalha, se absteve de realizar o massacre. E, ó touro da raça Bharata, os príncipes então, levando Drupada com eles depois de tê-lo capturado no campo de batalha junto com seus amigos e conselheiros, o ofereceram a Drona. E Drona vendo Drupada assim sob completo controle, humilhado e desprovido de riqueza, lembrou da antiga hostilidade daquele monarca e endereçando-se a ele disse, 'Teu reino e capital foram devastados por mim. Mas não tema por tua vida, embora ela dependa agora da vontade do teu inimigo. Tu agora desejas reviver tua amizade (comigo)?' Tendo assim dito, ele sorriu um pouco e disse novamente, 'Não tema por tua vida, rei valente! Nós, Brahmanas, somos sempre generosos. E, ó touro entre Kshatriyas, meu afeto e amor por ti cresceram em mim por termos sido amigos de infância no eremitério. Portanto, ó rei, eu peço tua amizade outra vez. E como um benefício (não pedido), eu te dou metade do reino (que era teu). Tu me disseste antes que ninguém que não fosse um rei poderia ser amigo de um rei. É por esta razão, ó Yajnasena, que eu retenho a metade do teu reino. Tu serás rei de todo o território ao sul do Bhagirathi, enquanto eu serei rei de todo o território ao norte daquele rio. E, ó Panchala, se te agradar, reconheça-me daqui por diante como teu amigo.'

Ao ouvir estas palavras Drupada respondeu, 'Tu tens uma alma nobre e grande bravura. Portanto, ó Brahmana, eu não estou surpreso com o que fizeste. Eu estou muito gratificado contigo, e eu desejo a tua eterna amizade.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disto, ó Bharata, Drona libertou o rei de Panchala, e realizando alegremente os ritos usuais de respeito, concedeu a ele a metade do reino. Desde então Drupada começou a residir tristemente na (cidade de) Kampilya dentro da província de Makandi sobre as margens do Ganga cheias de muitas vilas e cidades. E depois da derrota por Drona, Drupada também governou os Panchalas sulistas até a margem do rio Charmanwati. E Drupada desde daquele dia estava bem convencido de que ele, somente pelo poder Kshatriya, não poderia derrotar Drona, sendo muito inferior em poder Brahma

(espiritual). E ele, portanto, começou a vagar sobre toda a terra para descobrir os meios de obter um filho (que subjugasse seu inimigo Brahmana).

Enquanto isso Drona continuou a residir em Ahicchatra. Assim, ó rei, o território de Ahicchatra cheio de muitas cidades foi obtido por Arjuna e entregue a Drona.'

141

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Depois de ter se passado, ó rei, um ano disto, Dhritarashtra, movido por bondade por seu povo, instalou Yudhishthira, o filho de Pandu, como o herdeiro-presuntivo do reino por causa de sua firmeza, fortaleza, paciência, benevolência, franqueza e honestidade inabalável (de coração). E dentro de pouco tempo Yudhishthira, o filho de Kunti, por seu bom comportamento, boas maneiras e cuidadosa aplicação aos negócios eclipsou os feitos de seu pai. E o segundo Pandava, Vrikodara, começou a receber contínuas aulas de Sankarshana (Valarama) em combates com a espada e a maça e sobre a carruagem. E depois que a educação de Bhima estava terminada, ele se tornou em força como o próprio Dyumatsena e continuou a viver em harmonia com seus irmãos, e começou a exercer sua destreza. E Arjuna tornou-se célebre pela firmeza de sua empunhadura (de armas), por sua habilidade de movimento, precisão de pontaria, e sua competência no uso das armas Kshura, Naracha, Vala e Vipatha, de fato, em todas as armas, fossem elas retas ou curvas ou pesadas. E Drona teve certeza de que não havia ninguém no mundo que estivesse à altura de Arjuna em habilidade de mão e competência geral.

Um dia, Drona, endereçando-se a Arjuna perante os príncipes Kaurava reunidos, disse, 'Houve um discípulo de Agastya na ciência de armas chamado Agnivesa. Ele foi meu preceptor e eu, seu discípulo. Por mérito ascético eu obtive dele uma importante arma chamada Brahmasira que era como o próprio trovão, capaz de consumir toda a terra. Aquela arma, ó Bharata, pelo que eu fiz, pode agora passar de discípulo para discípulo. Enquanto a entregava para mim, meu preceptor disse, ‘Ó filho de Bharadwaja, tu nunca deves lançar esta arma em qualquer ser humano, especialmente em um que seja de pouca energia.’ Tu, ó herói, obtiveste esta arma celeste. Ninguém mais a merece. Mas obedeças a ordem do Rishi (Agnivesa). E, preste atenção, Arjuna, me dê agora a taxa preceptoral na presença destes teus primos e parentes.' Quando Arjuna, ao ouvi-lo, deu sua palavra de que daria o que o preceptor exigisse, o último disse, 'Ó impecável, tu deves lutar comigo quando eu lutar contigo.' E aquele touro entre os príncipes Kuru então deu sua palavra para Drona e tocando seus pés, partiu na direção norte. Então lá soou um grito alto cobrindo toda a terra limitada por seu cinturão de mares, dizendo que não havia nenhum arqueiro em todo mundo que fosse como Arjuna. E, de fato, Dhananjaya, em confrontos com maça e espada e na carruagem como também com o arco, adquiriu competência extraordinária. Sahadeva obteve toda a ciência de moralidade e deveres de (Vrihaspati), o chefe

espiritual dos celestiais, e continuou a viver sob o controle de seus irmãos. E Nakula, o favorito de seus irmãos, ensinado por Drona, tornou-se conhecido como um guerreiro habilidoso e um grande guerreiro em carro (Ati-ratha). De fato, Arjuna e os outros príncipes Pandava tornaram-se tão poderosos que eles mataram em batalha o grande Sauvira que tinha realizado um sacrifício que se estendeu por três anos, não intimidado pelas incursões dos Gandharvas. E o próprio rei dos Yavanas que mesmo o poderoso Pandu tinha fracassado em trazer sob submissão foi trazido sob controle por Arjuna. Então também Vipula, o rei dos Sauviras, dotado de grande coragem, que sempre tinha mostrado desconsideração pelos Kurus, sentiu a superioridade do poder do inteligente Arjuna. E Arjuna também reprimiu por meio de suas flechas (o orgulho do) rei Sumitra de Sauvira, também conhecido pelo nome de Dattamitra que tinha resolutamente procurado um confronto com ele. O terceiro dos príncipes Pandava, ajudado por Bhima, sobre um único carro subjugou todos os reis do leste apoiados por dez mil carros. Da mesma forma, tendo conquistado em um único carro todo o sul, Dhananjaya enviou para o reino dos Kurus um grande despojo.

Assim aqueles principais dos homens, os ilustres Pandavas, conquistaram os territórios de outros reis, e estenderam os limites de seu próprio reino. Mas vendo a grande coragem e força daqueles arqueiros poderosos, os sentimentos do rei Dhritarashtra com relação aos Pandavas se tornaram de repente envenenados, e daquele dia em diante o monarca ficou tão ansioso que ele tinha dificuldades para dormir.'

142

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Ao saber que os heróicos filhos de Pandu dotados com excesso de energia tinham se tornado tão poderosos, o rei Dhritarashtra ficou muito infeliz e ansioso. Então convocando para seu lado Kanika, o principal dos ministros, versado na ciência de política e um perito em conselhos, o rei disse, 'Ó melhor dos Brahmanas, os Pandavas estão diariamente eclipsando a terra. Eu estou muito ciumento deles. Eu devo ter paz ou guerra com eles? Ó Kanika, aconselhe-me realmente, porque eu farei como tu disseres.'

Vaisampayana continuou, 'Aquele melhor dos Brahmanas, assim endereçado pelo rei, livremente respondeu nestas palavras aguçadas de acordo com a significação da ciência política.

'Escute-me, ó rei impecável, enquanto eu te respondo. E, ó melhor dos reis Kuru, não cabe a ti ficar zangado comigo depois de ouvires tudo o que eu disser. Os reis devem estar sempre preparados com maças erguidas (para golpear quando necessário), e eles devem sempre aumentar sua perícia. Eles mesmos evitando cuidadosamente todos os erros, eles devem incessantemente observar

os erros de seus inimigos e tirar vantagem deles. Se o rei está sempre pronto para golpear, todos o temem. Portanto o rei deve sempre recorrer à punição em tudo o que faz. Ele deve se conduzir de tal forma que seu inimigo não possa detectar qualquer lado fraco nele. Mas por meio da fraqueza que ele detecta em seu inimigo ele deve persegui-lo (para destruí-lo). Ele deve sempre esconder, como a tartaruga escondendo seu corpo, seus meios e fins, e ele deve sempre ocultar sua própria fraqueza da vista de outros. E tendo começado uma ação específica ele deve sempre realizá-la inteiramente. Veja, um espinho, se não extraído totalmente, produz uma ferida inflamada. A morte de um inimigo que te faz mal é sempre louvável. Se o inimigo for um de grande bravura deve-se sempre procurar a hora de seu infortúnio e então matá-lo sem qualquer escrúpulo. Se ocorrer dele ser um grande guerreiro, a hora do revés dele também deve ser procurada e ele deve então ser induzido a fugir. Ó majestade, um inimigo nunca deve ser desprezado, embora desprezível. Uma faísca de fogo é capaz de consumir uma floresta extensa somente por se espalhar de um objeto para outro nas proximidades. Reis devem às vezes fingir cegueira e surdez, pois se impotentes para castigar, eles devem fingir não reparar nos erros que requerem castigo. Em ocasiões tais como essas que eles considerem seus arcos como feitos de palha. Mas eles devem estar sempre alertas como um rebanho de veados dormindo nas florestas. Quando teu inimigo está em teu poder, destrua-o por todos meios públicos ou secretos. Não mostre qualquer piedade, embora ele procure tua proteção. Um inimigo ou aquele que alguma vez te injuriou deve ser destruído por gastar dinheiro, se necessário, pois por matá-lo tu poderás ficar tranquilo. Os mortos nunca podem inspirar temor. Tu deves destruir os três, cinco e sete (recursos) de teus inimigos. Tu deves destruir as raízes e ramos de teus inimigos. Então tu deves destruir seus aliados e partidários. Os aliados e partidários nunca podem existir se o principal for destruído. Se a raiz da árvore é rompida, os ramos e brotos nunca podem existir como antes. Ocultando cuidadosamente os teus próprios meios e fins, tu deves sempre observar teus inimigos, sempre procurando seus defeitos. Tu deves, ó rei, governar teu reino sempre observando ansiosamente os teus inimigos. Por manter o fogo perpétuo por sacrifícios, por roupas marrons, por cabelos emaranhados, e por peles de animais como tua roupa de cama, tu deves a princípio ganhar a confiança de teus inimigos, e quando a ganhares tu deves então saltar sobre eles como um lobo. Por isso é dito que na aquisição de riqueza mesmo o traje de santidade pode ser empregado como um bastão curvo para baixar um ramo para colher as frutas que estão maduras. O método seguido na colheita de frutas deve ser o método na destruição de inimigos, pois tu deves proceder no princípio de seleção. Carregue teu inimigo sobre teus ombros até que chegue a hora em que possas jogá-lo abaixo, quebrando-o em pedaços como um pote de barro jogado com violência sobre uma superfície pedregosa. O inimigo nunca deve ser solto mesmo que ele se dirija a ti do modo mais comovente. Tu não deves demonstrar nenhuma compaixão mas sim matá-lo imediatamente. Pelas artes de conciliação ou gastos de dinheiro o inimigo deve ser morto. Por criar desunião entre seus aliados ou pelo emprego de força, de fato, por todos os meios em teu poder tu deves destruir teu inimigo.'

Dhritarashtra disse, 'Diga-me realmente como um inimigo pode ser destruído pelas artes de conciliação ou gastos de dinheiro, ou por produzir desunião ou pelo emprego de força.'

Kanika respondeu, 'Escute, ó monarca, à história de um chacal que morava na floresta nos tempos passados e que conhecia completamente a ciência política. Havia um sábio chacal, atento aos seus próprios interesses e que vivia na companhia de quatro amigos, estes eram: um tigre, um camundongo, um lobo, e um mangusto. Um dia eles viram nas florestas um veado forte, o líder de um rebanho, que, no entanto, eles não podiam capturar por causa da sua velocidade e força. Eles então se reuniram para debater. O chacal abrindo os procedimentos disse, 'Ó tigre, tu fizeste muitos esforços para apanhar aquele veado, mas todos em vão simplesmente porque o veado é jovem, rápido e muito inteligente. Que agora o camundongo vá e roa os pés dele quando ele estiver dormindo. E quando isto estiver feito, que o tigre se aproxime e o agarre. Então todos nós nos banquetearemos com ele com grande prazer.' Ouvindo as palavras do chacal, eles todos começaram a trabalhar com muita cautela como ele dissera. E o camundongo roeu os pés do veado e o tigre o matou como previsto. E vendo o corpo do veado jazendo imóvel sobre a terra o chacal disse a seus companheiros, 'Abençoados sejam! Vão e façam suas abluções. Enquanto isso eu cuidarei do veado.' Ouvindo o que o chacal disse eles todos foram para um rio. E o chacal lá esperou, meditando profundamente sobre que ele deveria fazer. O tigre dotado de grande força voltou antes de todos ao local depois de ter realizado suas abluções. E ele viu o chacal lá mergulhado em meditação. O tigre disse, 'Por que estás assim triste, ó sábio! Tu és o principal de todos os seres inteligentes. Desfrutemos hoje por nos banquetearmos nesta carcaça.' O chacal disse, 'Ouça, ó poderoso, o que o camundongo disse. Ele disse, 'Ó, que vergonha para a forca do rei dos animais! Este veado foi morto por mim. Pelo poder do meu braço ele hoje satisfará sua fome.' Quando ele se gabou em tal linguagem, eu, de minha parte, não desejei tocar esta comida.' O tigre respondeu, 'Se, de fato, o camundongo disse isso, minha razão está agora desperta. Deste dia em diante eu matarei com o poder dos meus próprios braços as criaturas da floresta e então me banquetearei em sua carne.' Tendo dito isto o tigre foi embora.

E depois que o tigre tinha deixado o local, o camundongo chegou. E vendo o camundongo, o chacal endereçou-se a ele e disse, 'Abençoado sejas, ó camundongo, mas escute ao que o mangusto disse. Ele disse, 'A carcaça deste veado está envenenada (o tigre a tendo tocado com suas garras). Eu não comerei dela. Por outro lado, se tu, ó chacal, permitires, eu mesmo matarei o camundongo e me banquetearei com ele.' Ouvindo isto o camundongo ficou alarmado e rapidamente entrou em seu buraco. E depois que o camundongo tinha ido o lobo, ó rei, chegou lá tendo realizado suas abluções. E vendo o lobo vindo, o chacal disse a ele, 'O rei dos animais está zangado contigo. É certo que o mal te alcançará. Ele é esperado aqui com sua mulher. Faça como quiseres.' Assim do lobo também, aficionado em carne animal, o chacal se livrou. E o lobo fugiu, contraindo seu corpo às mais pequenas dimensões. Foi então que o mangusto chegou. E, ó rei, o chacal, vendo ele, disse, 'Pelo poder do meu braço eu derrotei

os outros que já fugiram. Lute comigo primeiro e então coma desta carne como quiseres.' O mangusto respondeu, 'Quando, de fato, o tigre, o lobo, e o camundongo inteligente foram todos derrotados por ti, heróis como eles são, tu pareces ser um herói maior ainda. Eu não desejo lutar contigo.' Assim dizendo, o mangusto também foi embora.'

Kanika continuou, 'Quando eles todos assim tinham deixado o lugar, o chacal, muito satisfeito com o sucesso de sua política, comeu sozinho aquela carne. Se os reis sempre agirem deste modo eles podem ser felizes. Assim os tímidos por excitar seus medos, os corajosos pelas artes de conciliação, os avarentos por presentes de riqueza, e iguais e inferiores por exibição de coragem devem ser trazidos sob teu domínio. Além disso, ó rei, que eu disse, escute agora algo mais.'

Kanika continuou, 'Se teu filho, amigo, irmão, pai, ou mesmo o preceptor espiritual se torna teu inimigo, tu deves, se desejoso de prosperidade, matá-lo sem escrúpulos. Por meio de maldições e encantamentos, por presentes de riqueza, por veneno, ou por fraude, o inimigo deve ser morto. Eles nunca devem ser negligenciados por desdém. Se ambos os partidos são iguais e incertos do sucesso, então aquele que age com diligência cresce em prosperidade. Se o próprio preceptor espiritual for vaidoso, ignorante do que deve ser feito ou deixado desfeito, e vicioso em seus hábitos, mesmo ele deve ser castigado. Se estiveres zangado, mostre-te como se não estivesses assim, falando até mesmo com um sorriso em teus lábios. Nunca reprove ninguém com indicações de raiva (em tuas palavras). E, ó Bharata, fale palavras gentis antes de golpear e mesmo enquanto estiveres golpeando! Depois de golpeares, tenha pena da vítima, e te aflija por ela, e até derrame lágrimas. Consolando o teu inimigo por conciliação, por presentes de riqueza, e comportamento gentil, tu deves atingi-lo quando ele não se portar corretamente. Tu deves igualmente castigar ao hediondo delinquente que vive pela prática de virtude, pois o traje de virtude simplesmente cobre seus delitos como nuvens negras cobrindo as montanhas. Tu deves queimar a casa da pessoa a quem tu punires com a morte. E tu nunca deves permitir que mendigos e ateus e ladrões morem no teu reino. Por um ataque repentino ou batalha campal, por veneno ou por corromper seus aliados, por presentes de riqueza, por quaisquer meios em teu poder tu deves destruir teu inimigo. Tu podes agir com a maior crueldade. Tu deves tornar teus dentes afiados para dar uma mordida fatal. E tu deves sempre atacar tão eficazmente que teu inimigo não possa erguer sua cabeça outra vez. Tu deves sempre temer até aqueles de quem não há nada a temer, sem falar naqueles dos quais há algo a temer. Porque se o primeiro for poderoso ele pode te destruir pela raiz (por teu despreparo). Tu nunca deves confiar no traiçoeiro, nem confiar demasiado no que é fiel, porque se aqueles em quem tu confias virem a ser teus inimigos tu certamente serás aniquilado. Depois de testar sua fidelidade tu deves empregar espiões no teu próprio reino e nos reinos de outros. Teus espiões em reinos estrangeiros devem ser enganadores aptos e pessoas no traje de ascetas. Teus espiões devem estar colocados em jardins públicos, lugares de diversão, templos e outros lugares santos, salões de bebida, ruas, e com os (dezoito) tirthas (estes são: o ministro, o sacerdote principal, o herdeiro-presuntivo, o comandante-chefe, os guardas do portão da

corte, pessoas nos aposentos internos, o carcereiro, o supervisor principal, o chefe da tesouraria, o principal executor de ordens, o chefe de polícia da cidade, o arquiteto chefe, o chefe de justiça, o presidente do conselho, o chefe do departamento punitivo, o comandante do forte, o chefe do arsenal, o chefe dos guardas da fronteira, e o guarda das florestas), e em lugares de sacrifício, perto de poços, em montanhas e em rios, em florestas e em todos os locais onde as pessoas se reúnem. Em palavras tu deves ser sempre humilde, mas que teu coração esteja sempre afiado como navalha. E mesmo quando estiveres dedicado a fazer uma ação muito cruel e terrível, tu deves falar com sorrisos em teus lábios. Se desejoso de prosperidade, tu deves adotar todas as artes, humildade, juramento, conciliação. Reverenciando os pés de outros por baixar tua cabeça, inspirando esperança, e semelhantes. E, uma pessoa conhecedora das regras de política é como uma árvore decorada com flores mas não tendo frutos; ou, se portando frutos, estes devem estar a uma grande altura não facilmente alcançável do chão; e se algum destes frutos parecer estar maduro, cuidado deve ser tomado para fazê-lo parecer ainda verde. Se comportando de tal maneira, ele nunca enfraquecerá. Virtude, riqueza e prazer têm seus efeitos maus e bons entrelaçados. Enquanto extraindo os efeitos que são bons, os que são maus devem ser evitados. Aqueles que praticam a virtude (constantemente) são tristes pela falta de riqueza e de prazer. Aqueles que perseguem a riqueza são tristes por negligenciarem os outros dois. E assim aqueles que perseguem o prazer sofrem por sua falta de atenção à virtude e riqueza. Portanto, tu deves perseguir a virtude, riqueza e prazer, de tal modo que não tenhas que sofrer por isto. Com humilhação e atenção, sem ciúmes e desejoso de realizar teu propósito, tu deves, em total sinceridade, consultar com os Brahmanas. Quando caíres, tu deves te erguer por quaisquer meios, brandos ou violentos; e depois de assim te ergueres tu deves praticar a virtude. Aquele que nunca foi afligido pela calamidade nunca pode ter prosperidade. Isto pode ser visto na vida de alguém que sobreviveu às suas calamidades. Aquele que sofre de tristeza deve ser consolado pela recitação da história de pessoas dos tempos antigos (como aquelas de Nala e Rama). Aquele cujo coração está esgotado pela tristeza deve ser consolado com esperanças de prosperidade no futuro. Aquele que é erudito e sábio deve ser consolado por préstimos agradáveis logo conferidos a ele. Aquele que, tendo concluído um tratado com um inimigo, repousa para descansar como se não tivesse nada mais para fazer, é como uma pessoa que acorda, caída do topo de uma árvore sobre a qual tinha dormido. Um rei deve sempre manter a si mesmo e seus conselheiros sem medo de calúnia, e enquanto observando tudo com os olhos de seus espiões, ele deve tomar cuidados em ocultar suas próprias emoções perante os espiões de seus inimigos. Como um pescador que se torna próspero por pegar e matar peixes, um rei nunca pode crescer próspero sem rasgar os órgãos vitais de seu inimigo e sem fazer alguns atos violentos. O poder do teu inimigo, representado por sua força armada, deve ser completamente destruído, por ceifá-la (como ervas daninhas) matando-a em grande quantidade e de outras maneiras, afligindo-a por doença, fome, e falta de bebida. Uma pessoa em necessidade nunca se aproxima (por amor) de alguém que tem riqueza; e quando o propósito de alguém está realizado, este não tem necessidade de se aproximar novamente daquele que havia cuidado da sua realização. Portanto, quando tu fizeres qualquer coisa nunca

faça-a totalmente, mas sempre deixe alguma coisa para ser desejada por outros (de cujos serviços tu possas precisar). Alguém que é desejoso de prosperidade deve com diligência procurar aliados e meios, e conduzir suas guerras com cuidado. Seus esforços a este respeito devem sempre ser orientados pela prudência. Um rei prudente deve sempre agir de tal modo que amigos e inimigos não possam nunca saber seu motivo antes do começo de seus atos. Que eles saibam tudo quando o ato estiver começado ou terminado, e por todo o tempo em que o perigo não vier tu deves agir como se estivesses com medo. Mas quando este tiver te alcançado, tu deves lutar com ele corajosamente. Aquele que confia em um inimigo que foi trazido sob submissão à força convoca sua própria morte como um caranguejo por seu ato de concepção. Tu deves sempre calcular o efeito futuro como já chegado (e planejar medidas para encontrá-lo), além disso, por falta de tranquilidade causada pela pressa tu podes negligenciar um ponto importante ao encontrá-lo quando ele estiver diante de ti. Uma pessoa desejosa de prosperidade deve sempre se empenhar com prudência, adotando suas medidas na hora e lugar. Ela deve também agir com um olho para o destino como capaz de ser regulado por mantras e ritos sacrificais; e para virtude, riqueza, e prazer. É bem sabido que hora e lugar (se levados em consideração) sempre produzem o maior benefício. Se o inimigo é insignificante, ele ainda assim não deve ser desprezado, porque ele pode logo crescer como uma palmeira estendendo suas raízes ou como uma faísca de fogo nas florestas profundas que pode logo irromper em uma conflagração extensa. Como um pequeno fogo gradualmente alimentado com madeira logo se torna capaz de consumir mesmo os maiores blocos, assim a pessoa que aumenta seu poder por fazer alianças e amizades logo se torna capaz de subjugar mesmo o mais terrível inimigo. A esperança que deres ao teu inimigo deve ser adiada por longo tempo antes de ser cumprida; e quando vier o tempo para o seu cumprimento, invente um pretexto para adiá-la ainda mais. Que o pretexto seja mostrado como fundado sobre uma razão, e que esta razão em si mesma seja feita parecer como fundada em uma outra razão. Reis devem, na questão de destruir seus inimigos, sempre parecer com navalhas em cada detalhe: impiedosos como elas são afiadas, escondendo suas intenções como elas são escondidas em suas bainhas de couro, golpeando quando vem a oportunidade como elas são usadas em ocasiões apropriadas, varrendo seus inimigos com todos os seus aliados e dependentes como elas raspam a cabeça ou o queixo sem deixar um único cabelo. Ó mantenedor da dignidade dos Kurus, portando-te com relação aos Pandavas e a outros também como a política prescreve, aja de tal modo que não tenhas que sofrer no futuro. Eu bem sei que tu és dotado de toda bênção, e possuidor de toda marca de boa sorte. Portanto, ó rei, proteja-te dos filhos de Pandu! Ó rei, os filhos de Pandu são mais fortes do que seus primos (teus filhos); portanto, ó destruidor de inimigos, eu digo a ti claramente o que deves fazer. Escute a isto, ó rei, com teus filhos, e tendo escutado, esforcem-se (para fazer o necessário). Ó rei, aja de tal modo que não possa haver qualquer receio por ti dos Pandavas. De fato, adote tais medidas consoantes com a ciência política para que tu não tenhas que sofrer no futuro.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo falado dessa forma Kanika voltou para sua residência, enquanto o rei Kuru Dhritarashtra ficou pensativo e melancólico.'

143

(Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então o filho de Suvala (Sakuni), o rei Duryodhana, Duhsasana e Kama, em consulta uns com os outros, formaram uma trama má. Com a sanção de Dhritarashtra, o rei dos Kurus, eles resolveram matar Kunti e seus (cinco) filhos queimando-os. Mas aquele sábio Vidura, capaz de ler o coração por sinais externos, averiguou a intenção daquelas pessoas perversas somente por observar suas expressões. Então o impecável Vidura, de alma iluminada pelo conhecimento verdadeiro, e dedicado ao bem dos Pandavas, chegou à conclusão de que Kunti com seus filhos deviam fugir de seus inimigos. E providenciando para aquele propósito um barco forte o suficiente para resistir ao vento e às ondas, ele endereçou-se a Kunti e disse, 'Aquele Dhritarashtra nasceu para destruir a fama e descendência da linhagem (Kuru). De alma vil, ele está para perder a virtude eterna. Ó abençoada, eu mantenho preparado sobre o rio um barco capaz de resistir ao vento e às ondas. Escape por ele com teus filhos da rede que a morte espalhou ao redor de vocês.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras, a ilustre Kunti ficou profundamente aflita, e com seus filhos, ó touro da raça Bharata, entrou no barco e saiu pelo Ganges. Então deixando o barco de acordo com o conselho de Vidura, os Pandavas levaram com eles a riqueza que lhes havia sido dada (enquanto estavam em Varanavata) por seus inimigos e com segurança entraram nas florestas profundas. Na casa de laca, no entanto, que havia sido preparada para a destruição dos Pandavas, uma inocente mulher Nishada com seus filhos que haviam ido lá para algum propósito foram mortos queimados. E o pior dos Mlechchhas, o canalha Purochana (que era o arquiteto empregado na construção da casa de laca) foi também queimado no incêndio. E assim também os ilustres Pandavas, pelo conselho de Vidura, se salvaram com sua mãe. Mas o povo (de Varanavata) não soube de sua segurança. E os cidadãos de Varanavata, vendo a casa de laca consumida (e crendo que os Pandavas haviam sido mortos queimados) ficaram muito tristes. E eles enviaram mensageiros ao rei Dhritarashtra para relatar tudo o que tinha acontecido. E eles disseram ao monarca, 'Teu grande objetivo foi alcançado! Tu finalmente mataste os Pandavas! Teu desejo estando realizado, desfrute com teus filhos, ó rei dos Kurus, do reino.' Ouvindo isso Dhritarashtra com seus filhos fez um espetáculo de aflição, e junto com seus parentes, incluindo Kshattri (Vidura) e Bhishma, o principal dos Kurus, realizou as últimas honras dos Pandavas.'

Janamejaya disse, 'Ó melhor dos Brahmanas, eu desejo ouvir integralmente esta história do incêndio da casa de laca e da fuga dos Pandavas de lá. Foi uma ação cruel deles (dos Kurus), agindo sob os conselhos do vil (Kanika). Recite para mim a história de como tudo aquilo aconteceu. Eu estou queimando de curiosidade para ouvir.'

Vaisampayana disse, 'Ó destruidor de todos os inimigos, escute a mim, ó monarca, enquanto eu narro (a história do) incêndio da casa de laca e da fuga dos Pandavas. O perverso Duryodhana, vendo Bhimasena superar (todos) em força e Arjuna muito habilidoso com armas ficou pensativo e triste. Então Karna, o filho do Sol, e Sakuni, o filho de Suvala, se esforçaram por vários métodos para realizar a morte dos Pandavas. Os Pandavas também neutralizaram todas aquelas maquinações uma depois de outra, e em conformidade com os conselhos de Vidura, nunca falaram delas depois. Então os cidadãos, vendo os filhos de Pandu possuidores de talentos, começaram, ó Bharata, a falar deles em todos os lugares públicos muito frequentados. E reunidos em pátios e outros lugares de reunião, eles falavam do filho mais velho de Pandu (Yudhishthira) como possuidor das qualificações para governar o reino. E eles diziam, 'Dhritarashtra, embora possuidor da visão do conhecimento, tendo nascido cego, não obteve o reino antes. Como ele pode (portanto) virar rei agora? Então Bhishma, o filho de Santanu, de votos rígidos e dedicado à verdade, tendo antigamente abandonado a soberania nunca a aceitará agora. Nós, portanto, agora instalaremos (no trono) com cerimônias apropriadas o mais velho dos Pandavas dotado de juventude, hábil em batalha, versado nos Vedas, e sincero e bondoso. Reverenciando Bhishma, o filho de Santanu e Dhritarashtra conhecedor das regras de moralidade, ele sem dúvida manterá o primeiro e o último com seus filhos em todo tipo de gozo.'

O vil Duryodhana, ouvindo estas palavras dos partidários de Yudhishthira, ficou muito preocupado. Profundamente aflito, o príncipe perverso não pode suportar aquelas palavras. Inflamado com ciúmes, ele foi a Dhritarashtra, e encontrando-o sozinho ele o saudou com reverência e angustiado (à visão da) predileção dos cidadãos por Yudhishthira, ele endereçou-se ao monarca e disse, 'Ó pai, eu tenho ouvido os cidadãos proferirem palavras cheias de maus presságios. Passando por ti, e por Bhishma também, eles desejam que o filho de Pandu seja seu rei. Bhishma sancionará isto, pois ele não governará o reino. Parece, portanto, que os cidadãos estão se esforçando para infligir um grande prejuízo a nós. Pandu obteve antigamente o reino ancestral em virtude dos seus próprios talentos, mas tu, por cegueira, não obtiveste o reino, embora fosse completamente qualificado para tê-lo. Se o filho de Pandu agora obtiver o reino como sua herança de Pandu, seu filho o obterá depois dele e o filho desse filho também, e assim por diante descenderá a linhagem de Pandu. Nesse caso, ó rei do mundo, nós com nossos filhos, excluídos da linha real, certamente seremos desrespeitados por todos os homens. Portanto, ó monarca, adote tais conselhos para que nós não soframos a angústia perpétua, virando dependentes de outros para nossa alimentação. Ó rei, se tu obtiveste a soberania antes, nós certamente a sucederemos, embora muitas pessoas possam ser desfavoráveis a nós.'

144

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana continuou, ‘O rei Dhritarashtra cujo conhecimento somente era sua visão, ao ouvir estas palavras de seu filho e se lembrando de tudo o que Kanika tinha lhe dito, ficou afligido pela tristeza, e sua mente também começou a vacilar. Então Duryodhana e Karna, e Sakuni, o filho de Suvala, e Duhsasana como o quarto, reuniram-se. O príncipe Duryodhana disse a Dhritarashtra, 'Envie, ó pai, por algum plano inteligente, os Pandavas à cidade de Varanavata. Nós então não os temeremos.' Dhritarashtra, ao ouvir estas palavras proferidas por seu filho, refletiu por um momento e respondeu a Duryodhana, dizendo, 'Pandu, devotado à virtude, sempre se comportou respeitosamente com todos os seus parentes mas era em particular favorável a mim. Ele se importava muito pouco com os prazeres do mundo, mas lealmente deu tudo para mim, até o reino. Seu filho é tão devotado à virtude como ele, e é possuidor de todas as habilidades. De fama mundial, ele além disso é o predileto do povo. Ele possui aliados; como podemos nós exilá-lo à força de seu reino ancestral? Os conselheiros e soldados (do estado) e seus filhos e netos todos eram apreciados e sustentados por Pandu. Assim beneficiados antigamente por Pandu, ó filho, os cidadãos não nos matarão com todos os nossos amigos e parentes agora por causa de Yudhishthira?’

Duryodhana respondeu, 'O que tu dizes, ó pai, é perfeitamente verdadeiro. Mas em vista do mal que está nos ameaçando no futuro, se nós conciliarmos as pessoas com riqueza e honras, elas certamente tomarão o nosso partido por causa daquelas provas do nosso poder. A tesouraria e os ministros de estado, ó rei, estão neste momento sob nosso controle. Portanto, cabe a ti agora banir, por meios amáveis, os Pandavas para a cidade de Varanavata; ó rei, quando a soberania estiver nas minhas mãos, então, ó Bharata, Kunti com seus filhos poderá voltar daquele local.'

Dhritarashtra respondeu, 'Este, ó Duryodhana, é o pensamento existente na minha mente. Mas por sua pecaminosidade eu nunca dei expressão a ele. Nem Bhishma, nem Drona, nem Kshattri, nem Gautama (Kripa) jamais sancionará o exílio dos Pandavas. A seus olhos, ó filho querido, os Kurus e os Pandavas são iguais. Aquelas pessoas sábias e virtuosas não farão diferença entre nós. Se portanto, nós nos comportamos assim com relação aos Pandavas, nós, ó filho, não mereceremos a morte nas mãos dos Kurus, daqueles personagens ilustres, e de todo o mundo?'

Duryodhana respondeu, 'Bhishma não tem maior afeto por algum lado, e, portanto, será neutro (em caso de disputa). O filho de Drona (Aswatthaman) está do meu lado. Não há dúvida de que onde o filho está, lá o pai estará. Kripa, o filho de Saradwat, deve estar no lado em que Drona e Aswatthaman estão. Ele nunca abandonará Drona e o filho de sua irmã (Aswatthaman). Kshattri (Vidura) é dependente de nós para seu sustento, no entanto ele está secretamente com o inimigo. Se ele está do lado dos Pandavas, ele sozinho não pode fazer nada contra nós. Portanto, exile os Pandavas para Varanavata sem qualquer receio. E tome tais passos para que isto possa começar a ocorrer desde hoje mesmo. Por esta ação, ó pai, extinga esta dor que me consome como um fogo ardente, que me rouba o sono, e que perfura meu coração como um dardo terrível.'

145

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, ‘Então o príncipe Duryodhana junto com seus irmãos começou gradualmente a conquistar as pessoas para seu lado por conceder riqueza e honras. Enquanto isso, alguns conselheiros inteligentes, instruídos por Dhritarashtra, um dia começaram a descrever a cidade de Varanavata como um lugar encantador. E eles disseram: ‘O festival de Pasupati (Siva) começou na cidade de Varanavata. A afluência de pessoas é grande e o desfile é o mais encantador de todos os já testemunhados na terra. Decorado com todos os ornamentos, ele encanta os corações de todos os espectadores.’ Assim fizeram aqueles conselheiros, instruídos por Dhritarashtra, falando de Varanavata. E enquanto eles estavam assim falando, os Pandavas, ó rei, sentiram desejo de ir à cidade encantadora. E quando o rei (Dhritarashtra) percebeu que a curiosidade dos Pandavas tinha sido despertada, o filho de Ambika endereçou-se a eles, dizendo, 'Estes meus homens muitas vezes falaram de Varanavata como a cidade mais encantadora do mundo. Se portanto, ó filhos, vocês desejam testemunhar aquele festival vão para Varanavata com seus seguidores e amigos e divirtam-se lá como os próprios celestiais. E dêem pérolas e pedras preciosas para os Brahmanas e os músicos (que possam estar lá reunidos). E desfrutando por algum tempo como lhes agradar como os resplandecentes celestiais e se divertindo tanto quanto queiram, retornem para Hastinapura.’

Vaisampayana continuou, 'Yudhishthira, entendendo totalmente os motivos de Dhritarashtra e considerando que ele mesmo era fraco e desamparado, respondeu ao rei, dizendo, 'Assim seja.' Então endereçando-se a Bhishma, ao filho de Santanu, ao sábio Vidura, Drona, Valhika, o Kaurava, Somadatta, Kripa, Aswatthaman, Bhurisravas, e aos outros conselheiros, e Brahmanas e ascetas, e aos sacerdotes e cidadãos, e à ilustre Gandhari, ele disse lentamente e humildemente, 'Com nossos amigos e seguidores nós iremos à encantadora e populosa cidade de Varanavata por ordem de Dhritarashtra. Alegremente nos dêem suas bênçãos para que nós possamos adquirir prosperidade, e que não

possamos ser tocados pelo pecado.' Assim endereçados pelo mais velho dos filhos de Pandu, todos os principais Kaurava alegremente pronunciaram bênçãos sobre eles, dizendo, 'Ó filhos de Pandu, que todos os elementos abençoem vocês por seu caminho e que não deixem que o menor mal lhes aconteça.'

Os Pandavas, tendo realizado ritos propiciatórios para obter (sua parte do) reino, e terminando seus preparativos, partiram para Varanavata.'

146

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, ‘O perverso Duryodhana ficou muito satisfeito quando o rei, ó Bharata, disse aquilo aos Pandavas. E, ó touro da raça Bharata, Duryodhana, então, convocando seu conselheiro Purochana em particular, pegou sua mão direita e disse, 'Ó Purochana, este mundo, tão cheio de riquezas, é meu. Mas é igualmente teu. Cabe a ti, portanto, protegê-lo. Eu não tenho mais conselheiros dignos de confiança além de ti com quem consultar. Portanto, siga meu conselho e extermine meus inimigos por meio de um estratagema inteligente. Ó, faça como eu te digo. Os Pandavas, por Dhritarashtra, foram enviados para Varanavata, aonde eles, por ordem de Dhritarashtra, se divertirão durante as festividades. Faça aquilo pelo qual tu possas hoje mesmo alcançar Varanavata em um carro dirigido por mulas rápidas. Indo para lá, faça ser construído um palácio quadrangular na vizinhança do arsenal, rico em materiais e mobília, e guarde bem a mansão (com olhos espreitadores). E use (para erigir aquela casa) cânhamo e resina e todos os outros materiais inflamáveis que forem obteníveis. E misturando um pouco de terra com manteiga clarificada e óleo e gordura e uma quantidade grande de laca, faça um reboco para forrar as paredes, e espalhe ao redor daquela casa cânhamo e óleo e manteiga clarificada e laca e madeira de tal modo que os Pandavas, ou quaisquer outros, não possam, nem mesmo com escrutínio, vê-los lá ou concluir que a casa é inflamável. E tendo construído tal mansão, faça os Pandavas, depois de louvá-los com grande reverência, morarem nela com Kunti e todos os seus amigos. E coloque lá assentos e transportes e camas, tudo do melhor acabamento, para os Pandavas, assim Dhritarashtra não poderá ter nenhuma razão para reclamar. Tu deves também então administrar tudo isso para que ninguém de Varanavata possa saber de qualquer coisa até que o fim que nós temos em vista esteja realizado. E te assegurando de que os Pandavas estejam dormindo dentro dela em segurança e sem medo, tu deves então incendiar a mansão começando pela porta exterior. Os Pandavas então queimarão até a morte, mas as pessoas dirão que eles foram queimados em um incêndio (acidental) de sua casa.’

Dizendo, 'Assim seja' ao príncipe Kuru, Purochana viajou para Varanavata em um carro com mulas velozes. E indo para lá, ó rei, sem perda de tempo, obediente às ordens de Duryodhana, ele fez tudo o que o príncipe tinha lhe dito para fazer.

147

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Enquanto isso os Pandavas pegavam seus carros, unindo a eles alguns cavalos dotados da velocidade do vento. Quando eles estavam a ponto de entrar em seus carros, eles tocaram, com grande tristeza, os pés de Bhishma, do rei Dhritarashtra, do ilustre Drona, de Kripa, de Vidura e dos outros mais velhos da família Kuru. Então saudando com reverência todos os homens mais velhos, e abraçando seus iguais, recebendo a despedida até das crianças, e se despedindo de todas as veneráveis senhoras de sua família e caminhando em volta delas respeitosamente, e também de todos os cidadãos, os Pandavas, sempre conscientes de seus votos, partiram para Varanavata. E Vidura de grande sabedoria e outros touros entre os Kurus e os cidadãos também, em grande aflição, seguiram aqueles tigres entre os homens de uma distância. E alguns entre os cidadãos e as pessoas do país que seguiram os Pandavas, entristecidos além da conta ao verem os filhos de Pandu em tal angústia, começaram a dizer alto, 'O rei Dhritarashtra de alma má não vê as coisas com o mesmo olhar. O monarca Kuru não mantém sua visão na virtude. Nem o impecável Yudhishthira, nem Bhima o principal dos homens poderosos, nem Dhananjaya o filho (mais novo) de Kunti, jamais serão culpados (do pecado de travar uma guerra rebelde). Quanto estes permanecerão quietos, como os ilustres filhos de Madri farão alguma coisa? Por eles terem herdado o reino de seu pai Dhritarashtra não pôde suportá-los. Como é que Bhishma que permite o exílio dos Pandavas para aquele lugar desventurado sanciona este ato de grande injustiça? Vichitravirya, o filho de Santanu, e o sábio real Pandu da linhagem Kuru, ambos cuidavam de nós antigamente com cuidado paterno. Mas agora que Pandu, aquele tigre entre os homens, ascendeu para o céu, Dhritarashtra não pôde suportar estes príncipes, seus filhos. Nós não concordamos com este exílio e iremos todos, deixando esta cidade excelente e nossas próprias casas, para onde Yudhishthira for.'

Aos cidadãos aflitos falando deste modo, o virtuoso Yudhishthira, ele mesmo atormentado pela tristeza, refletindo por poucos momentos, disse, 'O rei é nosso pai, digno de consideração, nosso guia espiritual, e nosso superior. Cumprir sem suspeitas no coração qualquer ordem que ele dê, é, de fato, nosso dever. Vocês são nossos amigos. Andando ao redor de nós e nos fazendo felizes por tuas bênçãos, voltem para suas residências. Quando chegar a hora de algo ser feito por vocês para nós, então, de fato, realizem tudo o que nos for agradável e benéfico.' Assim endereçados, os cidadãos andaram em volta dos Pandavas e deram a eles suas bênçãos e voltaram para suas respectivas residências.

E depois que os cidadãos haviam cessado de seguir os Pandavas, Vidura, conhecedor de todos os ditames da moralidade, desejoso de alertar o mais velho dos Pandavas (para o perigo que corriam), endereçou a ele algumas palavras. O

erudito Vidura, conhecedor do jargão (dos Mlechchhas), se dirigiu ao erudito Yudhishthira que também conhecia o mesmo jargão, nas palavras da língua Mlechchha, que eram ininteligíveis a todos exceto a Yudhishthira. Ele disse, 'Aquele que conhece os esquemas que seus inimigos idealizam de acordo com os ditames da ciência política, devem, conhecendo-os, agir de modo a evitar todo o perigo. Aquele que sabe que há armas afiadas capazes de cortar o corpo embora não sendo feitas de aço, e compreende também os meios de proteger-se delas, nunca pode ser ferido por inimigos. Vive aquele que se protege pelo conhecimento de que nem o consumidor da palha e da madeira nem o secador do orvalho queima os habitantes de um buraco nas florestas profundas. O homem cego não vê seu caminho: o homem cego não tem conhecimento de direção. Aquele que não tem firmeza nunca adquire prosperidade. Lembrando disto, estejam em guarda. O homem que recebe uma arma não feita de aço (ou seja, uma residência inflamável) dada por seus inimigos, pode escapar do fogo por fazer sua residência ser parecida com a de um chacal (tendo muitas saídas). Por vagar um homem pode adquirir o conhecimento dos caminhos, e pelas estrelas ele pode averiguar a direção, e aquele que mantém seus cinco (sentidos) sob controle nunca pode ser oprimido por seus inimigos.'

Assim endereçado, o filho de Pandu, Yudhishthira, o justo, respondeu a Vidura, o principal de todos os homens eruditos, dizendo, 'Eu te entendi.' Então Vidura, tendo instruído os Pandavas e os seguido (até longe), andou ao redor deles e se despedindo voltou para sua própria residência. Quando os cidadãos e Bhishma e Vidura todos tinham parado de segui-los, Kunti se aproximou de Yudhishthira e disse, 'As palavras que Kshattri te disse no meio de muitas pessoas, tão indistintamente como se ele não tivesse dito nada, e a tua resposta a ele também em palavras e voz parecidas, nós não entendemos. Se não for impróprio nós as conhecermos; eu gostaria de saber tudo o que se passou entre vocês.'

Yudhishthira respondeu, 'O virtuoso Vidura me disse que nós devíamos saber que a mansão (para nossa acomodação em Varanavata) foi construída de materiais inflamáveis. Ele disse: 'O caminho de escapar também não será desconhecido para ti', e mais, 'Aqueles que podem controlar seus sentidos podem adquirir a soberania de todo o mundo.' A resposta que eu dei à Vidura foi 'Eu te entendi.'

Vaisampayana continuou, 'Os Pandavas partiram no oitavo dia do mês de Phalguna quando a estrela Rohini estava ascendente, e ao chegarem a Varanavata eles contemplaram a cidade e o povo.'

148

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então os cidadãos (de Varanavata), ao saberem que os filhos de Pandu estavam chegando ficaram cheios de alegria pelas novidades, e saíram depressa de Varanavata, em veículos de vários tipos aos milhares, levando com eles todos os artigos auspiciosos como ordenado pelos Sastras, para receber aqueles principais dos homens. E o povo de Varanavata, se aproximando dos filhos de Kunti os abençoou por proferir o Jaya e por circundá-los. Aquele tigre entre homens, o virtuoso Yudhishthira, assim circundado por eles parecia resplandecente como aquele que tem o raio em suas mãos (Indra) no meio dos celestiais. E aqueles impecáveis, recebendo as boas-vindas dos cidadãos e cumprimentando-os em retorno, então entraram na cidade populosa de Varanavata decorada com todos os ornamentos. Entrando na cidade aqueles heróis foram primeiro, ó monarca, às residências de Brahmanas dedicados às suas próprias funções. Aqueles principais dos homens então foram às residências dos oficiais da cidade, e então às dos Sutas e dos Vaisyas e mesmo àquelas dos Sudras, ó touro da raça Bharata, assim reverenciados pelos cidadãos, os Pandavas finalmente foram com Purochana perante eles ao palácio que havia sido construído para eles. Purochana então começou a colocar diante deles comida e bebida e camas e tapetes, tudo da primeira e da mais agradável qualidade. Os Pandavas vestidos em roupas caras, continuaram a viver lá, reverenciados por Purochana e pelas pessoas que tinham suas casas em Varanavata.

Depois que os Pandavas tinham assim vivido por dez noites, Purochana falou com eles sobre a mansão (que ele havia construído) chamada de ‘O Lar Abençoado’ mas que era em realidade a casa amaldiçoada. Então aqueles tigres entre os homens, vestidos em roupas caras, entraram naquela mansão por instância de Purochana como Guhyakas entrando no palácio (de Siva) na montanha Kailasa. O principal de todos os homens virtuosos, Yudhishthira, inspecionando a casa, disse a Bhima que ela era realmente construída de materiais inflamáveis. Cheirando o odor de gordura misturada com manteiga clarificada e preparativos de laca, ele disse a Bhima, 'Ó destruidor de inimigos, esta casa foi realmente construída de materiais inflamáveis! De fato, isto é evidente neste caso! O inimigo, é óbvio, pela ajuda de artistas de confiança bem hábeis na construção de casas, finamente construiu esta mansão, depois de obter cânhamo, resina, palha, e bambus, e embebeu todos em manteiga clarificada. Aquele canalha vil, Purochana, agindo sob a instrução de Duryodhana, ficou aqui com o objetivo de me queimar até a morte quando me vir confiante. Mas, ó filho de Pritha, Vidura de grande inteligência soube deste perigo, e, portanto, me avisou antes. Sabendo de tudo isso, nosso tio mais jovem, sempre desejando nosso bem por afeição, nos disse que esta casa, tão cheia de perigo, tinha sido construída pelos canalhas sob Duryodhana agindo em segredo.’

Ouvindo isso Bhima respondeu, 'Se, senhor, você sabe que esta casa é tão inflamável, seria bom nós retornarmos para lá onde havíamos ficado alojados

primeiro (o palácio)'. Yudhishthira respondeu, 'Me parece preferível que nós continuemos a viver aqui sem parecer suspeitar de algo, mas todo o tempo com cautela e com nossos sentidos totalmente alertas e procurando alguns meios certos de fuga. Se Purochana perceber em nossas expressões que nós temos sondado seus projetos, agindo com pressa ele pode de repente nos queimar até a morte. De fato, Purochana pouco se importa com desonra ou pecado. O patife fica aqui agindo sob a instrução de Duryodhana. Se nós morrermos queimados nosso avô Bhishma ficará zangado? Por que ele, por mostrar sua cólera, faria os Kauravas ficarem zangados com ele? Ou, talvez, nosso avô Bhishma e os outros touros da raça Kuru, considerando a indignação por tal ato pecaminoso como virtuosa, fiquem coléricos. Se, no entanto, por medo de sermos queimados, nós fugirmos daqui, Duryodhana, ambicioso pela soberania certamente tramará nossa morte por meio de espiões. Enquanto nós não temos nenhum posto e poder, Duryodhana tem ambos; enquanto nós não temos nenhum amigo e aliado, Duryodhana tem ambos; enquanto nós não temos riqueza, Duryodhana tem a seu comando toda uma tesouraria. Ele, portanto, não nos destruirá por usar meios adequados? Que nós, portanto, enganando este patife (Purochana) e aquele outro patife Duryodhana, passemos nossos dias, disfarçando-nos às vezes. Que nós também levemos uma vida de caçadores, vagando sobre a terra. Nós então, se escaparmos de nossos inimigos, estaremos familiarizados com todos os caminhos. Nós também, a partir de hoje mesmo, faremos com que uma passagem subterrânea seja cavada em nosso quarto em grande sigilo. Se nós agirmos deste modo, ocultando o que fazemos de todos, o fogo nunca poderá nos consumir. Nós viveremos aqui, ativamente fazendo tudo para nossa segurança, mas com tal privacidade que nem Purochana nem qualquer dos cidadãos de Varanavata possam saber o que nós faremos depois.'

149

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana continuou, 'Um amigo de Vidura, bem hábil em exploração de minas, foi até os Pandavas, e endereçou-se a eles em segredo, dizendo, 'Eu fui enviado por Vidura e sou um mineiro habilidoso. Eu estou aqui para servir os Pandavas. Digam-me o que eu devo fazer para vocês. Pela confiança que ele deposita em mim, Vidura me disse, ‘Vá até os Pandavas e aja para o bem deles.’ O que eu farei por vocês? Purochana incendiará a porta da sua casa na décima quarta noite desta quinzena escura. Matar queimados aqueles tigres entre os homens, os Pandavas, com sua mãe, é o projeto daquele canalha perverso, o filho de Dhritarashtra. Ó filho de Pandu, Vidura também te disse alguma coisa na língua Mlechchha à qual tu também deste a resposta na mesma língua. Eu exponho estes detalhes como minhas credenciais.' Ouvindo estas palavras, Yudhishthira, o filho sincero de Kunti respondeu, 'Ó amável, eu agora sei que és um amigo querido e de confiança de Vidura, verdadeiro e dedicado a ele. Não há nada que o

erudito Vidura não saiba. Como ele, assim tu és para nós. Não faça diferença entre ele e nós. Nós somos tanto teus como dele. Ó, nos proteja como o erudito Vidura sempre nos protegeu. Eu sei que esta casa, tão inflamável, foi idealizada para mim por Purochana por ordem do filho de Dhritarashtra. Aquele patife vil comandando riquezas e aliados nos persegue sem intervalo. Ó, salve-nos com um pouco de esforço do incêndio iminente. Se nós morrermos queimados aqui, o maior desejo de Duryodhana estará satisfeito. Aqui é o arsenal bem equipado daquele patife. Esta mansão grande foi construída contígua às plataformas altas do arsenal sem qualquer saída. Mas esta maquinação do ímpio Duryodhana foi conhecida por Vidura primeiro, e foi ele quem nos informou antes. O perigo do qual Kshattri nos preveniu está agora à nossa porta. Salve-nos sem Purochana ter conhecimento disto.' Ao ouvir estas palavras, o mineiro disse, 'Assim seja' e cuidadosamente começando seu trabalho de escavação, fez uma grande passagem subterrânea. E a boca daquela passagem era no centro daquela casa, e estava no nível do chão e fechada por cima com tábuas. A boca estava assim coberta por medo de Purochana, aquele patife que mantinha uma guarda constante na porta da casa. Os Pandavas costumavam dormir dentro de seus quartos com armas prontas para o uso, enquanto, durante o dia, eles saíam para caçar de floresta em floresta. Assim, ó rei, eles viveram muito cautelosamente, enganando Purochana por uma exibição de confiança e contentamento enquanto em realidade eles estavam desconfiados e descontentes. Nem os cidadãos de Varanavata sabiam de qualquer coisa acerca daqueles planos dos Pandavas. Realmente, ninguém mais sabia de nada exceto o amigo de Vidura, aquele bom mineiro.’

150

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Vendo os Pandavas vivendo lá alegremente e sem suspeitas por um ano inteiro Purochana ficou muito contente. E vendo Purochana assim muito contente, Yudhishthira, o virtuoso filho de Kunti, endereçando-se a Bhima e Arjuna e aos gêmeos (Nakula e Sahadeva), disse, 'Aquele patife de coração cruel foi bem enganado. Eu acho que está chegando a hora da nossa fuga. Pondo fogo no arsenal e queimando Purochana e deixando seu corpo jazendo aqui, que nós, seis pessoas, fujamos daqui sem sermos observados!'

Vaisampayana continuou, 'Então na ocasião de uma distribuição de esmolas, ó rei, Kunti alimentou em certa noite um grande número de Brahmanas. Foram lá também várias senhoras que enquanto comendo e bebendo, lá desfrutaram como quiseram, e com a permissão de Kunti voltaram às suas respectivas casas. Desejosa de obter comida, foi até lá, como se impelida pelo destino, para o banquete, no curso de sua viagem, uma mulher Nishada, mãe de cinco filhos, acompanhada por todos os filhos. Ó rei, ela e seus filhos, embriagados com o vinho que beberam, ficaram incapazes. Privada de consciência e mais morta do

que viva, ela com todos os seus filhos se deitou naquela mansão para dormir. Então quando os habitantes da casa deitaram para dormir começou a soprar um vento violento durante a noite. Bhima então incendiou a casa onde justamente Purochana estava adormecido. Então o filho de Pandu incendiou a porta daquela casa de laca. Então ele incendiou várias partes ao redor da mansão. Então quando os filhos de Pandu estavam certos de que a casa tinha pegado fogo em várias partes, aqueles destruidores de inimigos com sua mãe entraram na passagem subterrânea sem perda de tempo. Então o calor e o rugido do fogo se tornaram intensos e despertaram os habitantes da cidade. Vendo a casa em chamas, os cidadãos com rostos tristes começaram a dizer, 'O patife (Purochana) de alma cruel estava sob a instrução de Duryodhana e construiu sua casa para destruir os parentes de seu empregador. Ele de fato ateou fogo a ela. Ó, que vergonha para Dhritarashtra cujo coração é tão parcial. Ele matou queimados, como se fossem seus inimigos, os impecáveis herdeiros de Pandu! Ó, o pecaminoso (Purochana) de alma perversa que queimou aqueles melhores dos homens, os inocentes e confiantes príncipes, ele mesmo foi morto queimado por determinação do destino.'

Vaisampayana continuou, ‘Os cidadãos de Varanavata assim lamentaram (o destino dos Pandavas), e ficaram lá por toda a noite circundando a casa. Os Pandavas, no entanto, acompanhados por sua mãe, saindo da passagem subterrânea, fugiram às pressas despercebidos. Mas aqueles destruidores de inimigos, por sonolência e medo, não podiam prosseguir rapidamente com sua mãe. Mas, ó monarca, Bhimasena, dotado de bravura terrível e rapidez de movimento tomou sobre seu corpo todos os seus irmãos e mãe e começou forçar passagem através da escuridão. Colocando sua mãe em seu ombro, os gêmeos em seus lados, e Yudhishthira e Arjuna em ambos os braços, Vrikodara de grande energia e força e dotado da velocidade do vento começou sua marcha, quebrando as árvores com seu peito e comprimindo profundamente o solo com as batidas de seus pés.’

151

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Naquela época o erudito Vidura tinha enviado para aquelas florestas um homem de caráter puro e em quem ele confiava. Aquela pessoa indo para onde foi instruída viu os Pandavas com sua mãe na floresta em certo lugar empenhados em medir a profundidade de um rio. O plano que o vil Duryodhana tinha formado, através de seus espiões, foi conhecido por Vidura de grande inteligência, e, portanto, ele enviou aquela pessoa prudente aos Pandavas. Enviado por Vidura a eles, ele mostrou aos Pandavas nas margens sagradas do Ganga um barco com motores e bandeiras, construído por artífices de confiança e capaz de resistir ao vento e às ondas e dotado da velocidade da tempestade ou do pensamento. Ele então endereçou-se aos Pandavas nestas palavras para

mostrar que ele tinha realmente sido enviado por Vidura, ‘Ó Yudhishthira’, ele disse, ‘escute estas palavras que o erudito Vidura disse como uma prova do fato de que eu venho dele. Nem o consumidor da palha e da madeira, nem o secador de orvalho poderia queimar os habitantes de um buraco na floresta. Escapa da morte aquele que se protege por saber disto, etc.' Por estas credenciais saibam que eu sou uma pessoa que foi realmente enviada por Vidura e que sou também seu agente de confiança. Vidura, conhecedor de tudo, também disse, 'Ó filho de Kunti, tu certamente derrotarás em batalha Karna, e Duryodhana com seus irmãos, e Sakuni.' Este barco está pronto sobre as águas, e deslizará agradavelmente nelas, e sem dúvida levará vocês todos para longe destas regiões!'

Então vendo aqueles principais dos homens com sua mãe pensativos e tristes, ele os fez entrar no barco que estava no Ganga, e os acompanhou. Endereçando a eles outra vez, ele disse, 'Vidura tendo cheirado suas cabeças e abraçado vocês (mentalmente), disse outra vez que no começo e ao longo dessa sua viagem auspiciosa vocês nunca deveriam estar descuidados.'

Dizendo estas palavras para aqueles príncipes heróicos, a pessoa enviada por Vidura levou aqueles touros entre os homens para o outro lado do Ganga em seu barco. E tendo levado eles sobre a água e vendo todos eles seguros na margem oposta, ele proferiu a palavra 'Jaya' (vitória) para seu sucesso e então deixou-os e voltou ao lugar de onde tinha vindo.

Os Pandavas ilustres, também enviando através daquela pessoa uma mensagem para Vidura, começaram, depois de terem cruzado o Ganga, a prosseguir com pressa e em grande sigilo.

152

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então, quando a noite havia passado, uma grande afluência de habitantes da cidade chegou às pressas para ver os filhos de Pandu. Depois do fogo ter se extinguido, eles viram que a casa queimada havia sido construída com laca em seus materiais e que o conselheiro (de Duryodhana) Purochana havia sido morto queimado. E as pessoas começaram a lamentar dizendo, 'De fato, foi idealizada pelo pecaminoso Duryodhana a destruição dos Pandavas. Há pouca dúvida que Duryodhana, com o conhecimento de Dhritarashtra, matou queimados os herdeiros de Pandu, do contrário o príncipe teria sido impedido por seu pai. Há pouca dúvida de que mesmo Bhishma, o filho de Santanu, e Drona e Vidura e Kripa e os outros Kauravas, nenhum deles seguiu os ditames do dever. Enviemos agora uma mensagem para Dhritarashtra dizendo, 'Teu grande desejo foi realizado! Tu mataste os Pandavas!'

Eles então começaram a procurar algum traço dos Pandavas, e eles viram a inocente mulher Nishada com seus cinco filhos queimados. Então o mineiro enviado por Vidura, enquanto removia as cinzas, cobriu o buraco que tinha cavado com aquelas cinzas de tal modo que este permaneceu despercebido por todos os que tinham ido lá.

Os cidadãos então enviaram um mensagem para Dhritarashtra para informá-lo de que os Pandavas junto com o conselheiro (de Duryodhana), Purochana, haviam morrido queimados. O rei Dhritarashtra, ao ouvir as más notícias da morte dos Pandavas, chorou em grande tristeza. E ele disse, 'O rei Pandu, meu irmão de grande fama, de fato, morreu hoje quando aqueles seus filhos heróicos junto com sua mãe morreram queimados. Homens, vão rapidamente para Varanavata e realizem a cerimônia fúnebre daqueles heróis e da filha de Kuntiraj! Que também os ossos dos falecidos sejam santificados com os ritos usuais, e que todos os atos benéficos e grandiosos, (para tais ocasiões) sejam realizados. Que os amigos e parentes deles que morreram viajem para lá. Que também todos os outros atos benéficos que devem, nas circunstâncias, ser realizados por nós para os Pandavas e Kunti sejam realizados com abundância.'

Tendo assim falado, Dhritarashtra, o filho de Ambika, circundado por seus parentes, ofereceu oblações de água aos filhos de Pandu. E todos eles, afligidos com muita tristeza, lamentaram exclamando, 'Ó Yudhishthira! Oh príncipe da linhagem Kuru!', enquanto outros gritaram alto, 'Oh, Bhima!, Oh Phalguna!', enquanto outros, 'Oh, ó gêmeos!, Oh, Kunti!', desta forma eles se entristeceram pelos Pandavas e ofereceram oblações de água a eles. Os cidadãos também choraram pelos Pandavas, mas Vidura não chorou muito, porque ele sabia a verdade.

Enquanto isso os Pandavas dotados de grande força com sua mãe formando uma companhia de seis saíam da cidade de Varanavata e chegavam às margens do Ganga. Eles então alcançaram rapidamente a margem oposta ajudados pela força dos braços dos remadores, a rapidez da correnteza do rio, e um vento favorável. Deixando o barco, eles procederam na direção sul achando seu caminho no escuro pela luz das estrelas. Depois de muito sofrimento eles finalmente alcançaram, ó rei, uma floresta densa. Eles estavam então cansados e com sede; e o sono estava fechando seus olhos a todo momento. Então Yudhishthira, endereçando-se a Bhima dotado de grande energia, disse, 'Ó, o que pode ser mais doloroso do que isto? Nós estamos agora nas florestas profundas. Nós não sabemos qual lado é qual, nem podemos ir muito mais longe. Nós não sabemos se aquele canalha Purochana foi ou não morto queimado. Como nós escaparemos destes perigos sem sermos vistos por outros? Ó Bharata, nos carregando sobre ti mesmo, prossiga como antes. Somente tu entre nós é forte e veloz como o vento.'

Assim endereçado por Yudhishthira, o justo, o poderoso Bhimasena, erguendo sobre seu corpo Kunti e seus irmãos, começou a prosseguir com grande rapidez.’

153

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse: ‘Enquanto o poderoso Bhima prosseguia, toda a floresta com suas árvores e seus ramos pareceu tremer por causa da colisão com seu peito. O movimento de suas coxas ergueu um vento como aquele que sopra durante o mês de Jyaishtha e Ashadha (Maio e Junho). E o poderoso Bhima procedeu, fazendo um caminho para si mesmo, mas esmagando com os pés as árvores e plantas trepadeiras diante de si. Realmente, ele quebrava (pela pressão de seu corpo) as árvores grandes e plantas, com suas flores e frutos, que estavam em seu caminho. Passando através das florestas derrubando poderosas árvores, ele parecia o líder de uma manada de elefantes, da idade de sessenta anos, furioso e dotado de muita energia, durante a época do cio quando o suco líquido escorre pelas três partes de seu corpo. De fato, tão grande era a força com a qual Bhima dotado da velocidade de Garuda ou de Marut (o deus do vento), procedia, que os Pandavas pareceram desmaiar em consequência. Frequentemente nadando através de correntezas difíceis de serem cruzadas, os Pandavas se esconderam em seu caminho por medo dos filhos de Dhritarashtra. E Bhima carregava em seu ombro sua ilustre mãe de sensibilidade delicada através de margens irregulares de rios. Perto da noite, ó touro da raça Bharata, Bhima (levando seus irmãos e mãe em suas costas) alcançou uma floresta terrível onde frutos e raízes e água eram escassos e que ressoava com os gritos terríveis de aves e animais. O crepúsculo se aprofundou e os gritos de aves e bestas se tornaram aterradores, a escuridão envolveu tudo e ventos inoportunos começaram a soprar e quebraram e colocaram abaixo grande número de árvores grandes e pequenas e muitas plantas trepadeiras com folhas e frutas secas. Os príncipes Kaurava, afligidos com fadiga e sede, e pesados com sono, estavam incapazes se seguir adiante. Eles todos então se sentaram naquela floresta sem comida e bebida. Então Kunti, afetada pela sede, disse a seus filhos, 'Eu sou a mãe dos cinco Pandavas e estou agora em seu meio. Ainda assim eu estou queimando de sede!' Kunti repetidamente disse isto a seus filhos. Ouvindo estas palavras, o coração de Bhima, por afeição por sua mãe, foi tomado pela compaixão e ele resolveu seguir (adiante como antes). Então Bhima, prosseguindo através daquela floresta terrível e extensa sem uma alma viva, viu uma bela árvore banian com ramos que se espalhavam por uma vasta área. Descendo seus irmãos e mãe, ó touro da raça Bharata; ele disse a eles, 'Descansem aqui enquanto eu vou em busca de água. Eu ouço os gritos suaves de aves aquáticas. Eu acho que deve haver um grande lago aqui.' Mandado, ó Bharata, por seu irmão mais velho que disse a ele, 'Vá', Bhima procedeu na direção da qual os gritos daquelas aves aquáticas estavam vindo. E, ó touro da raça Bharata, ele logo encontrou um lago e se banhou e matou sua sede. E afetuoso com seus irmãos, ele levou água para eles, ó Bharata, por embeber suas peças de roupas superiores. Retrocedendo rapidamente pelo mesmo caminho por aquelas quatro milhas, ele chegou onde sua mãe estava e ao contemplá-la ele sentiu tristeza e começou a suspirar como

uma cobra. Triste ao ver sua mãe e irmãos dormindo sobre a terra nua, Vrikodara começou a lamentar, 'Oh, miserável que eu sou, que vejo meus irmãos dormindo sobre a terra nua. O que pode me acontecer que seja mais doloroso do que isto? Ai, aqueles que antigamente em Varanavata não podiam dormir nas camas mais macias e caras estão agora dormindo sobre a terra nua! Oh, que visão pode se mais dolorosa para mim contemplar do que esta de Kunti, a irmã de Vasudeva, aquele destruidor de hostes hostis, a filha de Kuntiraja, ela mesma ornada com todas as marcas auspiciosas, a nora de Vichitravirya, a esposa do ilustre Pandu, a nossa mãe, resplendente como os filamentos do lótus e delicada e que deveria dormir na mais cara das camas, dormindo dessa forma, como ela nunca deveria estar, na terra nua! Oh, ela que deu à luz a estes filhos com Dharma e Indra e Maruta, ela que sempre dormiu dentro de palácios, agora adormecida, fatigada, na terra nua! Nenhuma visão mais dolorosa foi vista por mim além desta, destes tigres entre os homens (meus irmãos) dormindo no chão! Oh, o virtuoso Yudhishthira, que merece a soberania dos três mundos, dormindo, fatigado, como um homem ordinário, na terra nua! Este Arjuna da cor das nuvens azuis mais escuras, e inigualável entre os homens dormindo sobre o chão como uma pessoa ordinária! Oh, o que pode ser mais doloroso do que isto? Oh os gêmeos, que em beleza são como os gêmeos Aswins entre os celestiais, estão dormindo como mortais comuns na terra nua! Aquele que não tem parentes ciumentos nem de mente má vive em felicidade neste mundo como uma árvore sozinha em uma aldeia. A árvore que fica sozinha em uma aldeia com suas folhas e frutos, na ausência de outra da mesma espécie, se torna sagrada e é adorada e venerada por todos. Aqueles também que têm muitos parentes que, no entanto, são todos heróicos e virtuosos, vive felizmente no mundo sem nenhum tipo de tristeza. Eles mesmos poderosos e crescendo em prosperidade e sempre alegrando seus amigos e parentes, eles vivem, contando uns com os outros, como árvores altas crescendo na mesma floresta. Nós, no entanto, fomos forçados ao exílio pelo patife Dhritarashtra e seus filhos e escapamos com dificuldade, por uma mudança de sorte, de uma morte no fogo. Tendo escapado daquele fogo, nós estamos agora descansando à sombra desta árvore. Tendo já sofrido tanto, aonde nós vamos agora? Ó filhos de Dhritarashtra de pouca previdência, com seus associados perversos, desfrutem do seu sucesso temporário. Os deuses estão certamente propícios a vocês. Mas ó desgraçados, vocês ainda estão vivos somente porque Yudhishthira não me mandou tirar tuas vidas. Senão hoje mesmo, cheio de ira, eu te enviaria, (ó Duryodhana), às regiões de Yama (Plutão) com teus filhos e amigos e irmãos, e Karna, e (Sakuni) o filho de Suvala! Mas o que eu posso fazer se, ó canalhas pecaminosos, o virtuoso rei Yudhishthira, o mais velho dos Pandavas, ainda não está zangado com vocês?'

Tendo dito isso, Bhima de braços poderosos, inflamado pela cólera, começou a comprimir suas palmas, suspirando profundamente em aflição. Excitado outra vez com raiva como um fogo extinguido resplandecendo repentinamente, Vrikodara mais uma vez contemplou seus irmãos dormindo sobre o solo como pessoas comuns. E Bhima disse a si mesmo, 'Eu acho que deve haver uma cidade não muito longe desta floresta. Eles todos estão dormindo, então eu ficarei acordado. E matarei a sede deles depois que eles se levantarem revigorados pelo sono.'

Assim dizendo, Bhima lá sentou-se acordado, velando sua mãe e irmãos adormecidos.'

154

(Hidimva vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Não longe do lugar onde os Pandavas estavam dormindo, um Rakshasa de nome Hidimva habitava uma árvore Sala. Possuidor de grande energia e bravura, ele era um canibal cruel de aparência lúgubre por causa de seus dentes longos e afiados. Ele estava faminto e desejoso de carne humana. De pernas compridas e barriga grande, seus cabelos e barba eram ambos vermelhos. Seus ombros eram largos como o pescoço de uma árvore; suas orelhas eram como flechas, e suas feições eram terríveis. De olhos vermelhos e aparência lúgubre, o monstro viu, enquanto olhava ao redor, os filhos de Pandu dormindo naquela floresta. Ele estava então faminto e desejava carne humana. Sacudindo seus cabelos secos e cinzentos e coçando-os com seus dedos apontados para cima, o canibal de boca grande repetidamente olhou os filhos adormecidos de Pandu bocejando caladamente às vezes. De corpo enorme e grande força, de cor como a de uma massa de nuvens, de dentes longos e de pontas afiadas e rosto emitindo um tipo de brilho, ele estava sempre satisfeito com carne humana. E cheirando o odor de homem, ele se dirigiu à sua irmã, dizendo, 'Ó irmã, depois de um longo tempo tal comida agradável se aproxima de mim! Minha boca se enche de água por antegozar o sabor de tal comida. Meus oito dentes, de pontas tão afiadas e incapazes de serem resistidos por qualquer substância, hoje, depois de longo tempo, eu porei na carne mais deliciosa. Atacando a garganta humana até abrir as veias, eu (hoje) beberei uma abundante quantidade de sangue humano, quente e fresco e espumante. Vá e averigúe quem são aqueles que estão dormindo nestas florestas. O forte perfume de homem agrada minhas narinas. Massacrando todos aqueles homens, traga-os para mim. Eles dormem dentro do meu território. Tu não precisas temê-los. Faça logo o que eu ordeno para nós então juntos comermos sua carne, rasgando seus corpos com prazer. E depois de nos banquetearmos nos enchendo de carne humana nós então dançaremos juntos!'

Assim endereçado por Hidimva naquelas florestas, Hidimva, a canibal fêmea, por ordem de seu irmão, foi, ó touro da raça Bharata, ao local onde os Pandavas estavam. E ao ir lá ela contemplou os Pandavas dormindo com sua mãe e o invencível Bhimasena sentado acordado. E vendo Bhimasena inigualável sobre a terra em beleza como uma vigorosa árvore Sala, a mulher Rakshasa imediatamente se apaixonou por ele e disse a si mesma: 'Esta pessoa de cor como a do ouro aquecido e de braços poderosos, de ombros largos como do leão, e tão resplandecente, de pescoço marcado com três linhas como uma concha e olhos como pétalas de lótus, é digno de ser meu marido. Eu não obedecerei ao cruel mandato do meu irmão. O amor de uma mulher para com seu marido é mais

forte do que seu afeto por seu irmão. Se eu matá-lo, a satisfação do meu irmão assim como a minha será somente momentânea. Mas se eu não matá-lo eu poderei ser feliz com ele agora e para sempre.' Assim dizendo, a mulher Rakshasa, capaz de assumir a forma que quisesse, assumiu uma excelente forma humana e começou a avançar com passos lentos em direção a Bhima de braços poderosos. Enfeitada com ornamentos celestes ela avançou com sorrisos em seus lábios e um andar modesto, e endereçando-se a Bhima disse, 'Ó touro entre homens, de onde vens e quem és? Quem, além disso, são essas pessoas de beleza celeste que estão dormindo aqui? Quem também, ó impecável, é esta senhora de beleza transcendente que está dormindo assim confiantemente nestas florestas como se estivesse dormindo em seu próprio quarto? Tu não sabes que esta floresta é a residência de um Rakshasa. Realmente eu te digo, aqui vive o cruel Rakshasa chamado Hidimva. Ó seres de beleza celeste, eu fui enviada até aqui por aquele Rakshasa, meu irmão, com a cruel intenção de matar vocês para seu alimento. Mas te digo realmente que ao vê-lo resplandecente como um celestial, eu não teria ninguém mais para meu marido além de ti! Tu que és conhecedor de todos os deveres, sabendo disto, faça a mim o que é apropriado. Meu coração assim como meu corpo foi perfurado (pelas flechas de) Kama (Cupido). Ó, como eu estou desejosa de obter-te, faça-me tua. Ó tu de braços poderosos, eu te salvarei do Rakshasa que come carne humana. Ó impecável, seja meu marido. Nós então viveremos em leitos de montanhas inacessíveis para mortais comuns. Eu posso percorrer o ar e faço isto à vontade. Tu poderás desfrutar de grande felicidade comigo naquelas regiões.'

Ouvindo estas palavras dela, Bhima respondeu, 'Ó mulher Rakshasa, quem poderia, como um Muni tendo todas as suas paixões sob controle, abandonar sua mãe e irmão mais velho e irmãos mais novos adormecidos? Que homem como eu satisfaria sua luxúria deixando sua mãe e irmãos adormecidos como comida para um Rakshasa?'

A mulher Rakshasa respondeu, 'Ó, acorde todos eles, e eu farei a vocês todos o que for agradável para ti! Eu certamente salvarei vocês todos do meu irmão canibal.'

Bhima então disse, 'Ó mulher Rakshasa, eu, por medo do teu irmão perverso, não acordarei meus irmãos e mãe que dormem confortavelmente nas florestas. Ó tímida, Rakshasas nunca são capazes de suportar a destreza dos meus braços. E, ó tu de olhos bonitos, nem homens, nem Gandharvas, nem Yakshas podem suportar minha força. Ó amável, tu podes ficar ou ir como quiseres, ou podes até enviar teu irmão canibal, ó tu de forma delicada. Eu não me importo.'

155

(Continuação do Hidimva vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Hidimva, o chefe dos Rakshasas, vendo que sua irmã não voltou logo, desceu da árvore e foi rapidamente ao local onde os Pandavas estavam. De olhos vermelhos e braços fortes e com os pelos de seus braços e os cabelos de sua cabeça eretos, de boca grande aberta e corpo como uma massa de nuvens escuras, dentes muito longos e de pontas afiadas, ele era terrível de se ver. E Hidimva, vendo seu irmão de aparência terrível descer da árvore, ficou muito alarmada, e endereçando-se a Bhima disse, 'O canibal perverso está vindo para cá em cólera. Eu rogo a ti, faça com teus irmãos como eu te digo. Ó tu de grande coragem, como eu sou dotada dos poderes de um Rakshasa, eu sou capaz de ir para onde quer que eu queira. Subam nos meus quadris e eu carregarei vocês todos através dos céus. E, ó destruidor de inimigos, acorde estes e tua mãe dormindo em conforto. Levando vocês todos sobre meu corpo, eu os levarei pelos céus.'

Bhima então disse, 'Ó tu de belos quadris, eu não tenho medo de nada. Eu estou certo de que desde que eu esteja aqui, não haverá nenhum Rakshasa capaz de ferir qualquer um deles, ó tu de cintura esbelta. Eu matarei este (canibal) diante dos teus olhos. Este pior dos Rakshasas, ó tímida, não é um adversário à minha altura, nem poderiam todos os Rakshasas juntos suportar a força dos meus braços. Veja estes meus braços fortes, cada um como a tromba de um elefante. Veja também estas minhas coxas que são como maças de ferro, e meu peito largo e impenetrável. Ó bela, tu hoje contemplarás minha bravura que é como a de Indra. Ó tu de quadris formosos, não me odeie, pensando que eu sou um homem.'

Hidimva respondeu dizendo, 'Ó tigre entre homens, ó tu da beleza de um celestial, sem dúvida eu não te desprezo. Mas eu tenho visto a bravura que Rakshasas exercem sobre homens.'

Vaisampayana continuou, 'Então, ó Bharata, o colérico Rakshasa comedor de carne humana ouviu aquelas palavras de Bhima que vinha falando daquela maneira. E Hidimva viu sua irmã disfarçada em forma humana, sua cabeça enfeitada com guirlandas de flores e seu rosto como a lua cheia e suas sobrancelhas e nariz e olhos e cabelos todos da mais bela descrição, e suas unhas e rosto da cor mais delicada, e ela mesma vestida com todo o tipo de ornamento e em finas roupas transparentes. O canibal, vendo-a naquela forma humana encantadora suspeitou que ela estava desejosa de relacionamento carnal e ficou indignado. E, ó melhor dos Kurus, ficando enfurecido com sua irmã, o Rakshasa dilatou seus olhos e se dirigindo a ela disse, 'Que criatura insensata deseja pôr obstáculos no meu caminho agora que eu estou tão faminto? Tu te tornastes tão insensata, ó Hidimva, que não temes minha ira? Que vergonha para ti, mulher lasciva! Tu estás desejosa de relacionamento carnal e ansiosa para me ofender. Tu estás prestes a ser sacrificada pelo bom nome e honra de todos os Rakshasas, teus antepassados! E estes que te ajudam a me fazer este grande insulto, eu, agora, matarei junto contigo.' Endereçando-se assim à sua irmã,

Hidimva, com os olhos vermelhos de raiva e rangendo os dentes, correu até ela para matá-la ali mesmo. Mas vendo-o correr em direção à sua irmã, Bhima, o principal dos batedores, dotado de grande energia, o repreendeu e disse, ‘Pare. Pare!’

Vaisampayana continuou, 'E Bhima, vendo o Rakshasa zangado com sua irmã, sorriu (em menosprezo), e disse, 'Ó Hidimva, que necessidade há de acordar estas pessoas que dormem tão confortavelmente? Ó canibal perverso, aproxime-te primeiro de mim sem perda de tempo. Golpeie-me primeiro, não cabe a ti matar uma mulher, especialmente quando ela foi ofendida ao invés de ofender. Esta moça mal é responsável por seu ato em desejar um relacionamento comigo. Ela, nisto, foi movida pela divindade do desejo que permeia toda forma viva. Ó patife vil, o mais infame dos Rakshasas, tua irmã veio aqui ao teu comando. Vendo minha pessoa, ela me desejou. Nisso esta moça tímida não te ofendeu. Foi a divindade do desejo quem o fez. Não cabe a ti feri-la por esta ofensa. Ó canalha perverso, tu não matarás uma mulher enquanto eu estiver aqui. Venha comigo, ó canibal, e lute comigo isoladamente. Sozinho eu te mandarei hoje para a residência de Yama (Plutão). Ó Rakshasa, que tua cabeça hoje, pressionada pela minha força, seja esmagada em pedaços, como se pressionada pelo pé de um poderoso elefante. Quando fores morto hoje por mim no campo de batalha, que as garças e falcões e chacais rasguem em alegria teus membros no chão. Em um instante eu hoje deixarei esta floresta desprovida de Rakshasas, esta floresta que tem sido governada por ti, devorador de seres humanos! Tua irmã, ó Rakshasa, hoje te verá, embora sejas enorme como uma montanha, como um elefante enorme repetidamente arrastado por um leão. Ó pior dos Rakshasas, tu sendo morto por mim, os homens que atravessarem estas matas de agora em diante farão isto com segurança e sem medo.'

Ouvindo estas palavras, Hidimva disse, 'Que necessidade há, ó homem, dessa tua fanfarrice e ostentação? Faça tudo isso primeiro, e então poderás te vangloriar de fato. Portanto, não te retarde. Tu achas que és forte e dotado de coragem, então tu hoje avaliará corretamente a tua força no teu duelo comigo. Até então, eu não matarei estes (teus irmãos). Que eles durmam confortavelmente, pois, por tu seres um tolo e proferires palavras infelizes, eu te matarei primeiro. Depois de beber teu sangue eu os matarei também, e então por último esta, (minha irmã) que me ofendeu.'

Vaisampayana continuou, 'Dizendo isso o canibal, estendendo seus braços correu em fúria em direção a Bhimasena, aquele destruidor de inimigos. Então Bhima de bravura terrível rapidamente agarrou, como se estivesse brincando, com grande força, os braços estendidos do Rakshasa que tinha corrido até ele. Então agarrando com violência o Rakshasa que se debatia, Bhima o arrastou daquele local por trinta e dois cúbitos completos como um leão arrastando um animal pequeno. Então o Rakshasa, assim sentindo o peso da força de Bhima, ficou muito enraivecido e agarrando o Pandava, proferiu um grito terrível. O poderoso Bhima então arrastou com força o Rakshasa à uma distância ainda maior, para que seus gritos não acordassem seus irmãos que dormiam confortavelmente. Agarrando e arrastando um ao outro com grande força, Hidimva e Bhimasena

demonstraram sua coragem. Lutando como dois elefantes adultos loucos de raiva, eles então começaram a derrubar árvores e romper a vegetação que crescia em volta. E por causa daqueles sons aqueles tigres entre os homens (os Pandavas adormecidos), acordaram com sua mãe, e viram Hidimva sentada diante deles.'

156

(Continuação do Hidimva vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Despertados do sono, aqueles tigres entre os homens, com sua mãe, vendo a beleza extraordinária de Hidimva, ficaram maravilhados. E Kunti, fitando-a com admiração por sua beleza, endereçou-se a ela gentilmente e lhe deu toda sua confiança. Ela perguntou, 'Ó tu do esplendor de uma filha dos celestiais, de quem és e quem és? Ó tu de belas feições, para que propósito vieste para cá e de onde vens? Se tu és a divindade destas florestas ou uma Apsara, diga-me tudo a respeito de ti mesma e também por que permaneces aqui?' Então Hidimva respondeu, 'Esta floresta extensa que vês, da cor azul das nuvens, é a residência de um Rakshasa de nome Hidimva. Ó bela senhora, saiba que sou a irmã daquele chefe dos Rakshasas. Venerável dama, eu fui enviada por aquele meu irmão para matar-te com todos os teus filhos. Mas ao chegar aqui por ordem do meu irmão cruel eu vi o teu filho poderoso. Então, ó senhora abençoada, eu fiquei sob o controle do teu filho pela divindade do amor que permeia a natureza de todos os seres, e eu então (mentalmente) escolhi aquele teu filho poderoso como meu marido. Eu tentei o meu melhor para levar vocês daqui, mas eu não pude (por causa da oposição do teu filho). Então o canibal, vendo minha demora, veio para cá para matar todos estes teus filhos. Mas ele foi arrastado daqui com força por teu filho poderoso e inteligente, meu marido. Veja agora aqueles dois, homem e Rakshasa, ambos dotados de grande força e bravura, dedicados ao combate, oprimindo um ao outro e enchendo toda a região com seus gritos.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo aquelas palavras dela, Yudhishthira ergueu-se de repente e Arjuna também e Nakula e Sahadeva de grande energia e eles viram Bhima e o Rakshasa já engajados na luta, ávidos para vencer um ao outro e arrastando um ao outro com grande força, como dois leões dotados com grande poder. O pó erguido por seus pés por causa daquele combate parecia com a fumaça de um incêndio na floresta. Cobertos com aquele pó seus corpos enormes pareciam com dois rochedos altos envolvidos em neblina. Então Arjuna, vendo Bhima um tanto oprimido na luta pelo Rakshasa, lentamente, disse com sorrisos em seus lábios, 'Não tema, ó Bhima de braços poderosos! Nós (estávamos dormindo e portanto) não sabíamos que tu estavas envolvido em combate com um Rakshasa terrível e cansado na luta. Aqui estou eu para te ajudar, deixe-me matar o Rakshasa, e que Nakula e Sahadeva protejam nossa mãe.' Ouvindo-o Bhima disse, 'Assista a este combate, ó irmão, como uma pessoa de fora. Não tema pelo resultado. Estando dentro do alcance dos meus braços ele não escapará com

vida.' Então Arjuna disse, 'Qual a necessidade, ó Bhima, de manter o Rakshasa vivo por tanto tempo? Ó opressor de inimigos, nós temos que ir, e não podemos ficar muito mais tempo aqui. O leste está se avermelhando, a aurora já vai começar. O Rakshasa se tornou mais forte pelo amanhecer, portanto, te apresse, ó Bhima! Não brinque (com tua vítima), mas mate logo o terrível Rakshasa. Durante os dois crepúsculos os Rakshasas sempre manifestam seus poderes ilusão. Use toda a força dos teus braços.'

Vaisampayana continuou, 'A estas palavras de Arjuna, Bhima, ardendo de raiva, convocou o poder que Vayu (seu pai) manifesta na hora da dissolução universal. E cheio de ira, ele rapidamente ergueu alto no ar o corpo do Rakshasa, azul como as nuvens do céu, e o girou uma centena de vezes. Então endereçando-se ao canibal, Bhima disse, 'Ó Rakshasa, tua inteligência te foi dada em vão, e em vão tu cresceste e prosperaste de carne não santificada. Tu mereces, portanto, uma morte profana e eu te reduzirei hoje a nada. Eu farei esta floresta abençoada hoje, como uma sem plantas com espinhos. E, ó Rakshasa, tu não mais matarás seres humanos para teu alimento.' Arjuna neste momento, disse, 'Ó Bhima, se tu achas que é uma tarefa difícil vencer este Rakshasa em combate, deixe-me te ajudar, ou, mate-o tu mesmo sem perda de tempo. Ou, ó Vrikodara, deixe-me matar sozinho o Rakshasa. Tu estás cansado, e quase terminaste a questão. Bem que mereces descansar.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Arjuna, Bhima foi excitado pela fúria e arremessando o Rakshasa no chão com toda sua força o matou como se ele fosse um animal. O Rakshasa, enquanto morria, proferiu um grito terrível que encheu toda a floresta, e que era profundo como o som de um tambor molhado. Então o poderoso Bhima, segurando o corpo com suas mãos, o dobrou no meio, e partindo-o em dois satisfez imensamente seus irmãos. Vendo Hidimva morto eles ficaram muito contentes e não demoraram a oferecer seus parabéns a Bhima, aquele castigador de todos os inimigos. Então Arjuna louvando o ilustre Bhima de bravura terrível, endereçou-se a ele outra vez e disse, 'Venerável irmão mais velho, eu acho que há uma cidade não muito longe desta floresta. Abençoado sejas, vamos sair logo daqui para que Duryodhana não possa nos descobrir.'

Então todos aqueles poderosos guerreiros em carros, aqueles tigres entre homens, dizendo, 'Assim seja,' prosseguiram junto com sua mãe, seguidos por Hidimva, a mulher Rakshasa.'

157

(Continuação do Hidimva vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Bhima, vendo Hidimva seguindo-os, dirigiu-se a ela, dizendo, 'Rakshasas se vingam de seus inimigos por usar ilusões que são incapazes de ser compreendidas. Portanto, ó Hidimva, tu vais pelo mesmo

caminho pelo qual teu irmão foi.' Então Yudhishthira vendo Bhima enfurecido, disse, 'Ó Bhima, ó tigre entre homens, embora enfurecido, não mate uma mulher. Ó Pandava, a observância da virtude é um dever mais elevado do que a proteção da vida. Hidimva, que veio com o objetivo de nos matar, tu já mataste. Esta mulher é a irmã daquele Rakshasa, o que ela pode nos fazer mesmo que esteja zangada?'

Vaisampayana continuou, 'Então Hidimva com reverência saudou Kunti e seu filho Yudhishthira também, e disse, com as palmas unidas, 'Ó venerável senhora, tu conheces as dores que as mulheres sentem nas mãos da divindade do amor. Dama abençoada, estas dores, das quais Bhimasena é a causa, estão me torturando. Eu estive até agora suportando estas dores insuportáveis, esperando pela hora (em que teu filho as aliviaria). Aquele tempo no qual eu esperei que seria feliz agora chegou. Rejeitando meus amigos e parentes e o costume da minha raça, eu, ó senhora abençoada, escolhi o teu filho, este tigre entre homens, como meu marido. Eu te digo realmente, ó senhora ilustre, que se eu for rejeitada por este herói ou por ti, eu não suportarei mais esta minha vida. Portanto, ó tu das mais belas feições, cabe a ti me mostrar piedade, me considerando ou como muito tola ou tua escrava obediente. Ó dama ilustre, uma-me com este teu filho, meu marido. Dotado como ele é da forma de um celestial, deixe-me levá-lo comigo onde quer que eu queira. Confie em mim, ó senhora abençoada, eu o trarei de volta para vocês todos. Quando vocês pensarem em mim eu virei até vocês imediatamente e os transportarei até onde quer que queiram. Eu os protegerei de todos os perigos e os carregarei através das regiões mais inacessíveis e irregulares. Eu carregarei vocês em minhas costas sempre que desejarem prosseguir com rapidez. Ó, seja benevolente para comigo e faça Bhima me aceitar. É dito que em uma época de infortúnio uma pessoa deve proteger a própria vida por quaisquer meios. Aquele que procura cumprir este dever não deve ter escrúpulos sobre os meios. Aquele que em um tempo de necessidade mantém sua virtude é o principal dos homens virtuosos. De fato, a necessidade é o grande perigo para a virtude e homens virtuosos. É a virtude que protege a vida; portanto a virtude é chamada de doadora de vida. Portanto os meios pelos quais a virtude ou a observância de um dever é assegurada nunca podem ser censuráveis.'

Ouvindo estas palavras de Hidimva, Yudhishthira disse; 'É assim mesmo, ó Hidimva, como tu disseste. Não há dúvida nisto. Mas, ó tu de cintura esbelta, tu deverás agir exatamente como disseste. Bhima, depois de se lavar e dizer suas orações e realizar os costumeiros ritos propiciatórios, dará suas atenções para ti até que o sol se ponha. Divirta-se com ele como quiseres durante o dia, ó tu que és dotada com a velocidade da mente! Mas tu deves trazer Bhimasena de volta para cá todo dia ao anoitecer.'

Vaisampayana continuou, 'Então Bhima, expressando sua concordância com tudo o que Yudhishthira disse endereçou-se a Hidimva, dizendo, 'Escute-me, ó mulher Rakshasa! Realmente eu prometo que ficarei contigo, ó tu de cintura esbelta, até que tu obtenhas um filho.' Então Hidimva, dizendo, 'Assim seja' tomou Bhima sobre seu corpo e correu pelas ladeiras. Em topos de montanhas de cenários pitorescos e regiões sagradas para os deuses, cheias de rebanhos de

animais e ecoando com as melodias de pássaros emplumados, ela mesma assumindo a forma mais bela enfeitada com todos os ornamentos e proferindo às vezes melodias suaves, Hidimva desfrutou com o Pandava e se esforçou para fazê-lo feliz. Assim também, em regiões inacessíveis de florestas, e em leitos de montanhas cobertas com árvores florescentes, em lagos resplandecentes com lotos e lírios, ilhas de rios e em suas margens com seixos, em rios selvagens com belas margens e rios de montanhas, em florestas pitorescas com árvores florescentes e caramanchões nas curvas do Himalaya, e várias cavernas, em lagos cristalinos cheios de lotos, em praias brilhantes com ouro e pérolas, em belas cidades e jardins excelentes, em florestas sagradas para os deuses e em ladeiras, nas regiões de Guhyakas e ascetas, nas margens do Manasarovara cheias de frutas e flores de todas as estações Hidimva, assumindo a forma mais bela, se divertiu com Bhima e se esforçou para fazê-lo feliz. Dotada da velocidade da mente, ela se divertiu com Bhima em todas aquelas regiões, até que com o tempo ela concebeu e deu à luz a um filho poderoso gerado nela pelo Pandava. De olhos terríveis e boca grande e orelhas retas como flechas, a criança era terrível de se olhar. De lábios marrons como cobre e dentes afiados e rugido alto, de braços poderosos e grande força e bravura excessiva, aquela criança se tornou um arqueiro poderoso. De nariz comprido, peito largo, panturrilhas horrivelmente enormes, rapidez de movimento e grande força, ele não tinha nada de humano em sua expressão, embora nascido de homem. E ele superava (em força e bravura) todos os Pisachas e tribos semelhantes tanto quanto todos os Rakshasas. E, ó monarca, embora uma criança pequena, ele cresceu até se tornar um jovem na mesma hora de seu nascimento. O herói poderoso logo adquiriu grande competência no uso de todas as armas. As mulheres Rakshasa dão à luz no próprio dia em que concebem, e, capazes de assumir qualquer forma que queiram, elas sempre mudam suas formas. E a criança careca, aquele arqueiro poderoso, logo depois de seu nascimento, reverenciando sua mãe, tocou os pés dela e também os pés de seu pai. Seus pais então lhe deram um nome. Sua mãe notou que sua cabeça era (calva) como um Ghata (vaso de água), então seus pais o chamaram de Ghatotkacha (aquele de cabeça de vaso). E Ghatotkacha, que era extremamente dedicado aos Pandavas, se tornou um grande favorito deles, de fato, quase um deles.

Então Hidimva, sabendo que o período de sua permanência (com seu marido) havia acabado, saudou os Pandavas e marcando um novo encontro com eles foi embora para onde queria. E Ghatotkacha também, aquele principal dos Rakshasas, prometendo a seu pai que viria quando necessário, saudou-os e partiu na direção norte. De fato, foi o ilustre Indra quem criou (por enviar uma porção de si mesmo) o poderoso guerreiro em carro Ghatotkacha como um adversário digno para Karna de energia inigualável, por causa do dardo que ele tinha dado para Karna (o qual mataria com certeza a pessoa contra quem fosse arremessado).

158

(Continuação do Hidimva vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Aqueles poderosos guerreiros em carros, os heróicos Pandavas, foram então, ó rei, de floresta em floresta matando veados e muitos animais (para sua alimentação). E no curso de suas viagens eles viram os países dos Matsyas, dos Trigartas, dos Panchalas e então dos Kichakas, e também muitas florestas e lagos belos. E eles todos tinham cabelos emaranhados em suas cabeças e se vestiam com cascas de árvores e peles de animais. De fato, com Kunti em sua companhia aqueles heróis ilustres se vestiam em trajes de ascetas. E aqueles poderosos guerreiros em carros às vezes procediam às pressas, carregando sua mãe em suas costas; e às vezes eles procediam disfarçados, e às vezes com grande velocidade. E eles costumavam estudar o Rik e os outros Vedas e também todos os Vedangas assim como as ciências de moralidade e política. E os Pandavas, conhecedores da ciência da moralidade, encontraram, no decorrer daqueles viagens, seu avô (Vyasa). E saudando o ilustre Krishna-Dwaipayana, aqueles destruidores de inimigos, com sua mãe, ficaram diante dele com mãos unidas.

Vyasa então disse, 'Ó touros da raça Bharata, eu soube com antecedência desta sua aflição que consiste neste fraudulento exílio pelo filho de Dhritarashtra. Sabendo disto, eu vim até vocês, desejoso de lhes fazer um grande bem. Não se aflijam pelo que lhes aconteceu. Saibam que tudo isto é para sua felicidade. Sem dúvida, os filhos de Dhritarashtra e vocês são todos iguais aos meus olhos. Mas homens são sempre inclinados àqueles que estão em infortúnio ou que são muito jovens. Portanto, é por isso que meu afeto por vocês é maior agora. E por causa desse afeto eu desejo lhes fazer bem. Escutem-me! Não longe à sua frente há uma cidade encantadora onde nenhum perigo poderá alcançá-los. Vivam lá disfarçados, esperando pela minha volta.'

Vaisampayana continuou, 'Vyasa, o filho de Satyavati, assim confortando os Pandavas, os conduziu à cidade de Ekachakra. E o mestre também consolou Kunti, dizendo, 'Viva, ó filha! Este teu filho, Yudhishthira, sempre dedicado à verdade, este touro ilustre entre os homens, tendo por sua virtude conquistado todo o mundo, terá soberania sobre todos os outros monarcas da terra. Há pouca dúvida que, tendo através da bravura de Bhima e Arjuna conquistado toda a terra com sua faixa de mares, ele desfrutará de sua soberania. Teus filhos assim como os de Madri, todos poderosos guerreiros em carros, se divertirão alegremente como lhes agradar em seus domínios. Estes tigres entre os homens também realizarão vários sacrifícios, tais como o Rajasuya e sacrifício de cavalos, nos quais os presentes para os Brahmanas serão muitos. E estes teus filhos governarão seu reino ancestral, mantendo seus amigos e parentes em luxo e riqueza e felicidade.'

Vaisampayana continuou, 'Com estas palavras Vyasa os introduziu na residência de um Brahmana. E o Rishi nascido na ilha, endereçando-se ao mais

velho dos Pandavas, disse, 'Esperem por mim aqui! Eu voltarei a vocês! Por se adaptarem ao país e à ocasião vocês conseguirão se tornar muito felizes.'

Então, ó rei, os Pandavas com as mãos unidas disseram ao Rishi, 'Assim seja.' E o mestre ilustre, o Rishi Vyasa, então foi embora para a região de onde tinha vindo.'

159

(Vaka vadha Parva)

Janamejaya perguntou, 'Ó principal dos Brahmanas, o que fizeram os Pandavas, aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Kunti, depois de chegarem a Ekachakra?'

Vaisampayana disse, 'Aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Kunti, ao chegarem a Ekachakra, viveram por pouco tempo na residência de um Brahmana. Levando uma vida de mendicantes, eles viram (enquanto vagavam) várias florestas encantadoras e regiões terrestres, e muitos rios e lagos, e eles se tornaram os grandes favoritos dos habitantes daquela cidade por causa dos seus próprios talentos. Ao anoitecer eles colocavam perante Kunti tudo o que coletavam em suas viagens de mendicância, e Kunti costumava dividir o todo entre eles, cada um pegando o que era destinado para si. E aqueles heróicos destruidores de inimigos, com sua mãe, juntos pegavam metade do total, enquanto o poderoso Bhima sozinho pegava a outra metade. Deste modo, ó touro da raça Bharata, os Pandavas ilustres viveram lá por algum tempo.

Um dia, enquanto aqueles touros da raça Bharata estavam fora em sua viagem de mendicância, ocorreu de Bhima estar (em casa) com Pritha. Nesse dia, ó Bharata, Kunti ouviu um lamento de tristeza alto e de partir o coração vindo de dentro dos aposentos do Brahmana. Ouvindo os habitantes da casa do Brahmana chorando e lamentando de modo comovente, Kunti, ó rei, pela compaixão e bondade de seu coração, não pôde suportar aquilo com indiferença. Atormentada pela tristeza, a amável Pritha, endereçando-se a Bhima, disse estas palavras cheias de compaixão: 'Com nossas preocupações diminuídas, nós estamos, ó filho, vivendo felizmente na casa deste Brahmana, respeitados por ele e desconhecidos do filho de Dhritarashtra. Ó filho, eu acho que sempre devo fazer o bem para este Brahmana, como fazem aqueles que vivem felizmente nas residências de outros! Ó filho, ele é um homem verdadeiro que sempre concede favores. Ele restitui para os outros mais do que recebeu de suas mãos. Não há nenhuma dúvida que alguma aflição chegou a este Brahmana. Se nós pudéssemos ser de qualquer ajuda a ele, nós estaríamos então recompensando seus serviços.'

Ouvindo estas palavras de sua mãe, Bhima disse, 'Descubra, ó mãe, a natureza da aflição do Brahmana e também de onde ela veio. Sabendo tudo acerca disto, eu ajudarei mesmo que isto seja uma tarefa difícil.'

Vaisampayana continuou 'Enquanto mãe e filho estavam assim falando entre si eles ouviram outra vez, ó rei, outro lamento de tristeza vindo do Brahmana e de sua mulher. Então Kunti rapidamente entrou nos aposentos internos daquele Brahmana ilustre, como uma vaca correndo na direção de seu bezerro amarrado. Ela viu o Brahmana com sua mulher, filho e filha, sentados com os rostos cheios de dor, e ela ouviu que o Brahmana disse, 'Oh, que vergonha para esta vida terrena que é vazia como o junco e tão inútil, afinal é baseada na tristeza e em nenhuma liberdade, e tem a miséria como sua sina! Vida é tristeza e doença; vida é realmente uma história de tristeza! A alma é uma, mas ela tem que perseguir virtude, riqueza e prazer. E porque estes são perseguidos ao mesmo tempo frequentemente ocorre um desacordo que é fonte de muita tristeza. Alguns dizem que a salvação é o mais alto objeto de nosso desejo. Mas eu creio que esta nunca pode ser alcançada. A aquisição de riqueza é inferno; a perseguição de riqueza está ligada à miséria; há mais tristeza depois que alguém a adquiriu, porque se alguém ama suas próprias possessões, e se qualquer desgraça acontece a elas, o possuidor fica afligido pela dor. Eu não vejo meios pelos quais eu possa escapar deste perigo, nem como eu posso fugir daqui com minha mulher para uma região livre de perigo. Lembre, ó mulher, que eu me esforcei para migrar para algum outro lugar onde nós pudéssemos ser felizes, mas tu não me escutaste. Embora frequentemente eu te rogasse, tu, ó mulher simplória, me dizias, 'Eu nasci aqui, e aqui envelheci; este é meu domicílio ancestral.' Teu pai venerável, ó mulher, e tua mãe também, há muito tempo atrás, já ascenderam para o céu. Teus parentes também estão todos mortos. Oh, por que então tu ainda quiseste viver aqui? Levada por afeição por teus parentes tu então não ouviste o que eu dizia. Mas chegou a hora em que tu testemunharás a morte de um parente. Oh, quão triste será este espetáculo para mim! Ou talvez chegou a hora da minha própria morte, porque eu nunca poderei abandonar cruelmente um dos meus enquanto estiver vivo. Tu és minha companheira em todos os bons atos, abnegada e sempre afetuosa para mim como uma mãe. Os deuses te deram a mim como uma verdadeira amiga e tu estás sempre em primeiro lugar. Tu, por meus pais, foste feita participante em meus assuntos domésticos. Tu és de linhagem pura e de boa disposição, mãe dos meus filhos, dedicada a mim, e tão inocente; que tendo escolhido e casado contigo com os ritos devidos eu não posso te abandonar, minha esposa, tão constante em seus votos, para salvar minha vida. Como eu poderei sacrificar meu filho, uma criança jovem e ainda sem os pêlos (da idade adulta)? Como eu sacrificarei a filha que eu mesmo gerei, que foi colocada, como um penhor, nas minhas mãos pelo próprio Criador para ser concedida a um marido, e por quem eu esperava desfrutar, junto com meus antepassados, das regiões alcançáveis unicamente por aqueles que têm os filhos das filhas? Algumas pessoas pensam que o afeto do pai por um filho é maior; outros, que o afeto por uma filha é maior, a minha afeição, no entanto, é igual. Como eu posso estar preparado para desistir da minha filha inocente de quem dependem as regiões de felicidade alcançáveis por mim depois da morte e minha própria linhagem e felicidade perpétua? Se, por outro lado, eu mesmo me sacrifico e vou ao outro mundo eu dificilmente conhecerei alguma paz, pois, de fato, é evidente, deixados por mim estes não serão capazes de sustentar a vida. O sacrifício de qualquer um destes seria cruel e censurável. Por outro lado, se eu mesmo me sacrifico, estes,

sem mim, certamente perecerão. A angústia na qual eu fui lançado é grande; nem eu conheço meios de escapar. Ai, que rumo eu tomarei hoje com os meus próximos? É melhor que eu morra com todos eles, porque eu não posso mais viver.'

160

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Vaisampayana disse, ‘Ao ouvir estas palavras do Brahmana, sua mulher disse, 'Tu não deves, ó Brahmana, sofrer como um homem comum. Nem é esta a hora para lamentar. Tu tens erudição; tu sabes que todos os homens sem dúvida morrerão; ninguém deve chorar pelo que é inevitável. Mulher, filho e filha, todos estes são considerados como um único ser. Como tu és possuidor de uma boa compreensão, mate as tuas tristezas. Eu mesma irei lá. Este, de fato, é o dever mais alto e eterno de uma mulher, que por sacrificar sua vida ela procure o bem de seu marido. Tal ato feito por mim te fará feliz, e me trará fama neste mundo e felicidade eterna na vida após a morte. Isto que eu te digo, de fato, é a mais alta virtude, e tu podes, por isto, adquirir virtude e felicidade. O objetivo pelo qual alguém deseja uma mulher já foi alcançado por ti através de mim. Eu te dei uma filha e um filho e assim fui liberta da dívida que tinha contigo. Tu és bem capaz de manter e criar as crianças, mas eu, no entanto, nunca poderei sustentá-las e criá-las como tu. Tu és minha vida, riqueza, e senhor; privadas de ti, como estas jovens crianças e eu mesma existiremos? Enviuvada e sem marido, com duas crianças dependendo de mim, como eu, sem ti, manterei vivo o par, levando uma vida honesta? Se tua filha for solicitada (em casamento) por pessoas desonrosas e vaidosas e indignas de contrair um aliança contigo, como eu poderei proteger a menina? De fato, como as aves procuram com avidez a carne que é jogada ao chão, assim também os homens procuram uma mulher que perdeu seu marido. Ó melhor dos Brahmanas, importunada por homens vis, eu posso vacilar e não ser capaz de continuar no caminho que é desejado por todos os homens honestos. Como eu poderei manter esta única filha da tua casa, esta menina inocente, no caminho pelo qual seus antepassados sempre andaram? Como eu então poderei dar a esta criança toda a educação desejável para fazê-lo virtuoso como tu mesmo, naquela época de escassez na qual eu ficarei sem marido? Oprimindo a mim que estarei sem marido, pessoas indignas exigirão (a mão desta) tua filha, como Sudras desejando ouvir os Vedas. E se eu não der a eles esta menina possuidora do teu sangue e qualidades, eles poderão tomá-la à força, como corvos carregando a manteiga sacrifical. E vendo teu filho se tornar tão diferente de ti, e tua filha colocada sob o controle de pessoas indignas, eu serei desprezada no mundo por todas as pessoas honradas, e eu certamente morrerei. Estas crianças também, privadas de mim e de ti, seus pais, eu não tenho dúvida, perecerão como peixes quando a água seca. Não há dúvida que privados de ti nós três pereceremos, portanto cabe a ti me sacrificar. Ó Brahmana, pessoas conhecedoras da moralidade dizem que para as mulheres que geraram filhos

morrer antes que seus maridos é uma ação do mais alto mérito. Eu estou preparada para abandonar este filho e esta filha, estes meus parentes, e a própria vida, por ti. Para uma mulher, estar sempre dedicada a fazer coisas agradáveis para seu marido é um dever superior a sacrifícios, ascetismo, votos, e todo tipo de caridade. A ação, portanto, que eu pretendo realizar é consoante com a mais alta virtude e é para o teu bem e de toda a tua família. Os sábios declaram que filhos e parentes e mulher e todas as coisas prezadas são criadas para o propósito de libertar uma pessoa do perigo e da angústia. Um homem deve guardar riqueza para se livrar do perigo, e é por sua riqueza que ele deve cuidar e proteger sua mulher. Mas ele deve proteger a si mesmo (por meio de) sua mulher e sua riqueza. Os eruditos afirmam a verdade que uma esposa, filho, riqueza, e casa, são adquiridos com a intenção de prevenir-se contra acidentes, previstos ou imprevistos. Os sábios também dizem que todos os parentes de um homem pesados contra ele mesmo não são iguais a ele (em valor). Portanto, venerável marido, proteja a ti mesmo por me abandonar. Ó, me dê permissão para me sacrificar, e cuide dos meus filhos. Aqueles que estão familiarizados com a moralidade têm, em seus tratados, dito que mulheres nunca devem ser assassinadas, e Rakshasas não ignoram as regras de moralidade. Portanto, enquanto é certo que o Rakshasa matará um homem, é duvidoso que ele matará uma mulher. Cabe a ti, portanto, sendo familiarizado com as regras de moralidade, me colocar perante o Rakshasa. Eu desfrutei de muita felicidade, obtive muitas coisas que me foram agradáveis, e também adquiri grande mérito religioso. Eu também obtive de ti filhos que me são muito queridos. Portanto, não me aflige morrer. Eu te dei filhos e envelheci, e sempre desejo fazer o bem para ti. Lembrando disso tudo eu cheguei a esta decisão. Ó venerável marido, me abandonando tu poderás obter outra mulher. Por meio dela tu poderás novamente adquirir mérito religioso. Não há pecado nisto. Para um homem poligamia é um ato de mérito, mas para uma mulher é muito pecaminoso ter um segundo marido depois do primeiro. Considerando tudo isto, e lembrando também que o teu próprio sacrifício é censurável, ó, liberte hoje sem perda de tempo a ti mesmo, tua linhagem, e estes teus filhos (por me abandonar)'.

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por ela, ó Bharata, o Brahmana a abraçou, e ambos começaram a chorar em silêncio, afligidos pela dor.'

161

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Ao ouvir estas palavras de seus pais aflitos, a filha encheu-se de dor, e ela se dirigiu a eles dizendo, 'Por que vocês estão tão aflitos e por que choram assim, como se não tivessem ninguém para cuidar de vocês? Ó, me escutem e façam o que for apropriado. Há pouca dúvida de que vocês serão obrigados pelo dever a me abandonar em certo tempo. Certos de me abandonar

algum dia, ó, me abandonem agora e salvem-se à custa de mim somente. Os homens desejam ter filhos pensando que os filhos os salvarão (neste mundo assim como após a morte). Ó, cruzem o rio das suas dificuldades por meio da minha pobre pessoa, como se eu fosse uma balsa. Um filho salva seus pais nesta e nas outras regiões; portanto o filho é chamado de Putra (salvador) pelos eruditos. Os antepassados desejam filhos da filha de mim (como um meio especial de salvação). Mas (sem esperar por meus filhos) eu mesma os salvarei por proteger a vida do meu pai. Este meu irmão é muito jovem, assim há pouca dúvida que ele perecerá se tu morreres agora. Se tu, meu pai, morreres e meu irmão te seguir, o bolo fúnebre dos Pitris será suspenso e eles ficarão imensamente prejudicados. Deixada para trás por meu pai e irmão, e por minha mãe também (pois ela não sobreviverá sem seu marido e filho) eu mergulharei em uma dor profunda e no final perecerei em grande angústia. Há pouca dúvida que se tu escapares deste perigo como também minha mãe e irmão mais novo, então tua linhagem e o bolo (ancestral) será perpetuado. O filho é o próprio ser de um homem; a mulher é uma amiga; a filha, no entanto, é uma fonte de incômodo. Salve a ti mesmo, portanto, por remover esta fonte de incômodo, e assim me estabeleça no caminho de virtude. Como eu sou uma menina, ó pai, desprovida de ti, eu ficarei desamparada e mergulhada na dor, e terei que ir para qualquer lugar. Portanto por isso eu estou decidida a resgatar a linhagem de meu pai e compartilhar do mérito desta ação por realizar esta tarefa difícil. Se tu, ó melhor dos Brahmanas, fores lá (ao Rakshasa), me deixando aqui, então eu ficarei muito atormentada. Portanto, ó pai, sejas bondoso para comigo. Ó tu melhor dos homens, por nossa causa, pela virtude e também por tua linhagem, salve a ti mesmo, abandonando a mim, de quem em algum tempo tu serias obrigado a te separar. Não há necessidade de protelar, ó pai, para fazer aquilo que é inevitável. Se tu ascenderes para o céu, nós teremos que mendigar nossa comida a desconhecidos, como cachorros, o que pode ser mais doloroso do que isso? Mas se tu e teus parentes forem resgatados destas dificuldades, eu então viverei felizmente na região dos celestiais. É sabido por nós que se depois de entregar tua filha deste modo tu ofereceres oblações aos deuses e aos celestiais, eles certamente serão auspiciosos.'

Vaisampayana continuou, 'O Brahmana e sua esposa, ouvindo estas várias lamentações de sua filha, ficaram ainda mais tristes do que antes e os três começaram a chorar juntos. Seu filho, então, muito novo, vendo eles e sua irmã assim chorando juntos, pronunciou estas palavras em um tom suave, com os olhos arregalados de deleite, 'Não chore, ó pai, nem tu, ó mãe, nem tu, ó irmã!' E sorridente a criança se aproximou de cada um deles, e finalmente erguendo uma folha de grama disse em alegria, 'Com isto eu matarei o Rakshasa que come seres humanos.' Embora todos eles estivessem mergulhados na dor, ao ouvirem o que a criança disse tão docemente, a alegria ainda apareceu em seus rostos. Então Kunti pensando que esta era a oportunidade apropriada, se aproximou do grupo e disse algumas palavras. De fato, as palavras dela os reanimaram como o néctar revive uma pessoa que está morta.'

162

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Kunti disse, 'Eu desejo saber de vocês a causa desta dor, pois eu a removerei, se possível.'

O Brahmana respondeu, 'Ó tu de riqueza ascética, tuas palavras são, de fato, dignas de ti. Mas esta dor não é capaz de ser removida por nenhum ser humano. Não longe desta cidade, vive um Rakshasa de nome Vaka, que é canibal e é o senhor deste país e cidade. Vivendo de carne humana, aquele Rakshasa infame dotado de grande força governa este país. Ele sendo o chefe dos Asuras, esta cidade e o país no qual está situada são protegidos por seu poder. Nós não temos medo das maquinações de qualquer inimigo, de fato nem de qualquer alma viva. A taxa, no entanto, fixada por este canibal é sua comida, que consiste em uma carroça cheia de arroz, dois búfalos, e um ser humano que transporta estes itens até ele. Um depois do outro, os chefes de famílias têm enviado a ele esta comida. A vez, no entanto, vem para uma família específica a intervalos de muitos longos anos. Se há alguns que procuram evitar isto, o Rakshasa os mata com seus filhos e esposas e devora eles todos. Há, neste país, uma cidade chamada Vetrakiya, onde vive o rei destes territórios. Ele ignora a ciência de governo, e sendo possuidor de pouca inteligência, ele não adota nenhuma medida de proteção pela qual estes territórios possam mantidos em segurança no futuro. Mas nós certamente merecemos isto tudo, visto que nós vivemos dentro do domínio daquele monarca desprezível e fraco em ansiedade perpétua. Brahmanas nunca podem morar permanentemente dentro dos domínios de ninguém, pois eles não são dependentes de ninguém, eles vivem como as aves que percorrem todos os países em perfeita liberdade. É dito que um homem deve assegurar um (bom) rei, então uma esposa, e então riqueza. É pela aquisição destes três que um homem pode salvar seus parentes e filhos. Mas com respeito à aquisição destes três, o rumo das minhas ações foi o contrário. Por isso, mergulhado em um mar de perigo, estou sofrendo muito. A vez de destruir um membro da família agora recaiu sobre mim. Eu terei que dar ao Rakshasa como sua taxa a comida que descrevi e um ser humano. Eu não tenho nenhuma riqueza para comprar um homem. Eu não posso de nenhum modo consentir em ceder qualquer um da minha família, nem vejo qualquer meio de escapar (das garras) daquele Rakshasa. Eu estou agora mergulhado em um oceano de dor do qual não há fuga. Eu irei àquele Rakshasa hoje, acompanhado por toda minha família, a fim de que o desgraçado devore a nós todos ao mesmo tempo.'

163

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Kunti disse, ‘Não sofra em absoluto, ó Brahmana, por causa deste perigo. Eu vejo uma maneira de te salvar do Rakshasa. Tu tens um único filho, que, além disso, é muito novo, e também uma filha única, jovem e desamparada, então eu não gostaria que nenhum deles, ou tua mulher, ou tu mesmo, fosse ao Rakshasa. Eu tenho cinco filhos, ó Brahmana, deixe que um deles vá, levando em teu nome o tributo daquele Rakshasa.’

Ouvindo isto o Brahmana respondeu, 'Para salvar minha própria vida eu nunca causaria este sofrimento. Eu nunca sacrificaria, para salvar a mim mesmo, a vida de um Brahmana ou de um convidado. De fato, mesmo aqueles que são de origem inferior e de práticas pecaminosas se recusam a fazer (o que tu me pedes para fazer). É dito que uma pessoa deve sacrificar a si mesma e sua própria prole para o benefício de um Brahmana. Eu respeito este conselho excelente e acho bom segui-lo também. Quando eu tenho que escolher entre a morte de um Brahmana e a minha, eu prefiro a última. O assassinato de um Brahmana é o maior pecado, e não há penitência para isto. Eu penso que um sacrifício relutante de si mesmo é melhor do que o relutante sacrifício de um Brahmana. Ó senhora abençoada, ao sacrificar a mim mesmo eu não me tornarei culpado de autodestruição. Nenhum pecado poderá recair sobre mim porque outro tirará minha vida. Mas se eu deliberadamente concordar com a morte de um Brahmana este será um ato cruel e pecaminoso, de cuja consequência não há fuga. Os eruditos dizem que o abandono de alguém que vai à tua casa ou procura a tua proteção, como também o assassinato de alguém que procura a morte em tuas mãos, são ambos cruéis e pecaminosos. Os ilustres entre aqueles que são familiarizados com as práticas permitidas em tempos de infortúnio disseram que nunca se deve realizar uma ação que é cruel e censurável. Será melhor para mim que eu hoje pereça com minha esposa, mas eu nunca aprovarei a morte de um Brahmana.'

Kunti disse, 'Eu também tenho a firme opinião, ó Brahmana, que Brahmanas devem sempre ser protegidos. Com relação a mim mesma, nenhum filho meu me seria menos querido mesmo que eu tivesse cem em vez dos cinco que tenho. Mas aquele Rakshasa não será capaz de matar meu filho, pois ele é dotado de grande bravura e energia, e habilidoso com mantras. Ele fielmente entregará a comida ao Rakshasa, mas, eu tenho certeza, salvará a si mesmo. Eu já vi muitos Rakshasas poderosos de corpos enormes se envolverem em combate com meu filho heróico e serem mortos por ele. Mas, ó Brahmana, não revele este fato a ninguém, pois se isto for conhecido, pessoas desejosas de obter este poder, por curiosidade, sempre incomodarão meus filhos. Os sábios disseram que se meu filho divulgar qualquer conhecimento sem o assentimento de seu preceptor, a qualquer pessoa, meu próprio filho não poderá mais se beneficiar com tal conhecimento.'

Assim endereçado por Pritha, o Brahmana com sua mulher ficou muito contente e concordou com as palavras de Kunti, que foram para eles como néctar. Então Kunti, acompanhada pelo Brahmana, foi até o filho de Vayu (Bhima) e lhe pediu para realizar (aquela tarefa difícil). Bhima respondeu a eles, dizendo, 'Assim seja.'

164

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois de Bhima ter se comprometido a realizar a tarefa, dizendo, 'Eu o farei' os Pandavas, ó Bharata, voltaram para casa com as esmolas que tinham obtido durante o dia. Então Yudhishthira, o filho de Pandu, somente pela expressão de Bhima, suspeitou da natureza da tarefa que ele tinha prometido realizar. Sentando ao lado de sua mãe, Yudhishthira perguntou a ela em particular, 'Qual é a tarefa, ó mãe, que Bhima de destreza terrível realizará? E ele a fará por tua ordem ou por iniciativa própria?' Kunti respondeu, 'Bhima, este destruidor de inimigos, por minha ordem fará este grande ato para o bem do Brahmana e a libertação desta cidade.'

Yudhishthira disse, 'Que ação impulsiva fizeste, ó mãe! Esta tarefa é difícil de ser realizada e quase equivale a um suicídio! Os eruditos nunca aprovam o abandono do próprio filho. Por que tu, ó mãe, desejas sacrificar teu próprio filho por causa de outros? Tu, ó mãe, por este abandono do teu filho, agiste não somente contra as práticas humanas mas também contra os ensinos dos Vedas. Bhima, em cujos braços nós dormimos confiantemente e comodamente durante à noite e esperamos recuperar o reino do qual fomos privados pelo cobiçoso filho de Dhritarashtra, aquele herói de energia imensurável, cuja bravura tira o sono de Duryodhana e Sakuni durante toda noite e por cuja destreza nós fomos salvos do palácio de laca e de vários outros perigos, aquele Bhima que causou a morte de Purochana, e em cujo poder confiamos tanto que consideramos que já matamos os filhos de Dhritarashtra e adquirimos toda a terra com toda a sua riqueza, sobre que considerações, ó mãe, tu resolveste abandoná-lo? Estavas privada da tua razão? Tua compreensão foi nublada pelas calamidades que tens sofrido?'

Ao ouvir estas palavras de seu filho, Kunti disse, 'Ó Yudhishthira, tu não precisas ficar ansioso por causa de Vrikodara. Eu não cheguei a esta resolução devido à qualquer fraqueza de compreensão. Respeitados, e com nossas tristezas aliviadas, nós temos, ó filho, vivido na casa deste Brahmana, desconhecidos para os filhos de Dhritarashtra. Para recompensar, ó filho, este Brahmana, eu resolvi fazer isto. Ele, de fato, é um homem sobre quem bons atos nunca são desperdiçados. A medida de sua retribuição se torna maior do que a medida dos serviços que ele recebe. Vendo a coragem de Bhima na ocasião da (nossa fuga da) casa de laca, e também da destruição de Hidimva, minha confiança em Vrikodara é grande. O poder dos braços de Bhima é igual àquele de dez mil

elefantes. Foi por isso, portanto, que ele conseguiu carregar vocês todos, cada um pesado como um elefante, de Varanavata. Não há ninguém sobre a terra igual a Bhima em força; ele pode até vencer aquele principal dos guerreiros, o próprio manejador do raio. Logo depois de seu nascimento ele caiu do meu colo no leito da montanha. Pelo peso de seu corpo a massa de pedra na qual ele caiu se partiu em pedaços. Por isto também, ó filho de Pandu, eu vim a conhecer o poder de Bhima. Por esta razão eu resolvi enviá-lo contra o inimigo do Brahmana. Eu não agi assim por tolice ou ignorância ou por motivo de lucro. Eu refletidamente resolvi fazer este ato virtuoso. Por esta ação, ó Yudhishthira, dois objetivos serão alcançados; um é a retribuição aos serviços prestados pelo Brahmana e o outro é a aquisição de alto mérito religioso. É minha convicção que o Kshatriya que presta qualquer ajuda a um Brahmana alcança regiões de felicidade após a morte. Assim também um Kshatriya que salva a vida de um Kshatriya alcança grande fama neste mundo como no outro. Um Kshatriya dando ajuda a um Vaisya também sobre esta terra certamente obtém popularidade mundial. Alguém da classe real deve proteger até o Sudra que procure sua proteção. Se ele agir assim, em sua próxima vida terá seu nascimento em uma linhagem real, merecendo prosperidade e o respeito dos outros reis. Ó descendente da linhagem Puru, o ilustre Vyasa de sabedoria adquirida por difíceis trabalhos ascéticos me disse isto no passado. Foi por essas razões que eu resolvi realizar isto.'

165

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Tendo ouvido estas palavras de sua mãe, Yudhishthira disse, 'O que tu, ó mãe, fizeste deliberadamente, movida por compaixão pelo Brahmana aflito, é, de fato, excelente, e Bhima certamente voltará com vida depois de ter matado o canibal, visto que tu és, ó mãe, sempre compassiva com Brahmanas. Mas diga ao Brahmana, ó mãe, para ele não fazer qualquer coisa pela qual os habitantes desta cidade possam saber a respeito disto, e faça-o prometer atender ao teu pedido.'

Vaisampayana continuou, ‘Então, quando a noite caiu, Bhimasena, o filho de Pandu, levando consigo a comida do Rakshasa, foi ao local onde o canibal vivia. O filho poderoso de Pandu, se aproximando da floresta onde o Rakshasa morava, começou a comer ele mesmo a comida que carregava, chamando ruidosamente o Rakshasa pelo nome. O Rakshasa, cheio de fúria pelas palavras de Bhima, saiu e se aproximou do lugar onde Bhima estava.

De corpo enorme e grande força, de olhos vermelhos, barba vermelha, e cabelo vermelho, ele era terrível de se ver, e ele chegou pressionando profundamente a terra com seus passos. A abertura de sua boca era de orelha a orelha e aquelas orelhas eram retas como flechas. De aparência repugnante, ele tinha a testa sulcada por três linhas. Vendo Bhima comendo sua comida o Rakshasa avançou, mordendo seu lábio inferior e arregalando seus olhos em cólera. E endereçando-

se a Bhima ele disse, 'Quem é este tolo, que desejando ir para a residência de Yama come na minha frente a comida que é para mim?' Ouvindo estas palavras, Bhima, ó Bharata, sorriu com menosprezo e desdenhando o Rakshasa continuou a comer com a face desviada. Vendo isso o canibal proferiu um grito terrível e com ambos os braços erguidos correu até Bhima desejando matá-lo imediatamente. Mesmo então desconsiderando o Rakshasa e lançando a ele somente um único olhar, Vrikodara, aquele matador de heróis hostis, continuou a comer a comida do Rakshasa. Cheio de cólera por isto, o Rakshasa desferiu por trás com ambos os seus braços um golpe pesado nas costas de Vrikodara, o filho de Kunti. Mas Bhima, embora acertado pesadamente pelo Rakshasa poderoso, com ambas as suas mãos, ainda assim não ergueu os olhos para o Rakshasa mas continuou a comer como antes. Então o poderoso Rakshasa, excitado pela raiva, arrancou uma árvore e avançou em Bhima para bater nele outra vez. Enquanto isso o poderoso Bhima, aquele touro entre os homens tinha calmamente acabado de comer toda aquela comida e se limpando levantou alegremente para lutar. Então, ó Bharata, possuidor de grande energia, Bhima, sorrindo com menosprezo, pegou com sua mão esquerda a árvore arremessada nele pelo Rakshasa furioso. Então aquele Rakshasa, arrancando muito mais árvores, as jogou em Bhima, e o Pandava também arremessou tantas quanto aquelas no Rakshasa. Então, ó rei, o combate com árvores entre aquele ser humano e o Rakshasa se tornou tão terrível que a região em volta logo ficou desprovida de árvores. Então o Rakshasa, dizendo que ele era ninguém mais do que Vaka, pulou sobre o Pandava e agarrou o poderoso Bhima com seus braços. Aquele herói poderoso também apertou com seus próprios braços fortes o Rakshasa de braços fortes, e se esforçando ativamente, começou a arrastá-lo violentamente. Arrastado por Bhima e arrastando Bhima também, o canibal foi tomado por grande fadiga. A terra começou a tremer por causa da força que ambos empregavam, e árvores grandes que lá estavam se partiram em pedaços. Então Bhima, vendo o canibal vencido pela fadiga, o pressionou no chão com seus joelhos e começou a golpeá-lo com grande força. Então colocando um joelho sobre o meio das costas do Rakshasa, Bhima agarrou o pescoço dele com sua mão direita e o tecido em sua cintura com a mão esquerda e o dobrou em dois com grande força. O canibal então rugiu terrivelmente. E, ó monarca, ele também começou a vomitar sangue enquanto estava sendo quebrado daquela forma pelo joelho de Bhima.'

166

(Continuação do Parva de Vaka vadha)

Vaisampayana disse 'Então Vaka, enorme como uma montanha, assim quebrado (no joelho de Bhima), morreu proferindo gritos terríveis. Apavorados por aqueles sons, os parentes daquele Rakshasa saíram, ó rei, com seus servidores. Bhima, aquele principal dos matadores, vendo eles tão apavorados e privados de razão, os consolou e os fez prometerem (abandonar o canibalismo), dizendo, 'Não

voltem a matar seres humanos. Se vocês matarem homens vocês morrerão como Vaka.' Aqueles Rakshasas ao ouvirem estas palavras de Bhima, disseram, 'Assim seja' e deram, ó rei, a promessa desejada. Daquele dia em diante, ó Bharata, os Rakshasas (da região) foram vistos pelos habitantes daquela cidade como pacíficos em relação à humanidade. Então Bhima, arrastando o canibal sem vida, o colocou em um dos portões da cidade e foi embora sem ser observado. Os parentes de Vaka, vendo-o morto pelo poder de Bhima, ficaram assustados e fugiram em direções diferentes.

Enquanto isso Bhima, tendo matado o Rakshasa, voltou à residência do Brahmana e relatou para Yudhishthira tudo o que tinha acontecido, em detalhes. Na manhã seguinte os habitantes da cidade ao saírem viram o Rakshasa jazendo morto no chão, com o corpo coberto de sangue. Vendo aquele canibal terrível, enorme como um penhasco, mutilado daquela maneira e jazendo sobre o chão os espectadores ficaram de cabelos arrepiados. Voltando para Ekachakra, eles logo divulgaram a informação. Então, ó rei, os cidadãos aos milhares acompanhados por suas esposas, jovens e velhos, todos começaram a ir ao local para ver Vaka, e eles todos ficaram assombrados ao verem aquela façanha sobre-humana. Imediatamente, ó monarca, eles começaram a rezar para seus deuses. Então eles calcularam de quem era a vez no dia anterior de levar comida ao Rakshasa. E averiguando isto, eles todos foram até o Brahmana e o questionaram (para satisfazer sua curiosidade). Assim perguntado por eles repetidamente, aquele touro entre os Brahmanas, desejoso de esconder os Pandavas, disse a todos os cidadãos estas palavras, 'Certo Brahmana de grande alma, habilidoso com mantras, me viu chorando com meus parentes depois de eu ter sido ordenado a abastecer a comida do Rakshasa. Me perguntando a causa e descobrindo a situação da cidade, aquele principal dos Brahmanas me deu toda a confiança e com sorrisos disse, 'Eu levarei a comida para aquele Rakshasa perverso hoje. Não receies por mim.' Dizendo isto ele transportou a comida em direção à floresta de Vaka. Esta façanha, tão benéfica para todos nós, foi certamente feita por ele.'

Então aqueles Brahmanas e Kshatriyas (da cidade) ouvindo isso se maravilharam. E os Vaisyas e os Sudras também ficaram muito contentes, e eles todos instituíram um festival no qual o culto aos Brahmanas era a principal cerimônia (em recordação daquele Brahmana que os tinha livrado de seus temores de Vaka).

167

(Chaitraratha Parva)

Depois disto os cidadãos voltaram para suas respectivas casas e os Pandavas continuaram a morar em Ekachakra como antes.’

Janamejaya disse, 'Ó Brahmana, o que fizeram aqueles tigres entre homens, os Pandavas, depois de terem matado o Rakshasa Vaka?'

Vaisampayana disse, 'Os Pandavas, ó rei, depois de matarem o Rakshasa Vaka, continuaram a morar na residência daquele Brahmana, ocupados no estudo dos Vedas. Depois de poucos dias chegou um Brahmana de votos rígidos à residência de seu anfitrião, para se hospedar por lá. Seu anfitrião, aquele touro entre os Brahmanas, sempre hospitaleiro com todos os convidados, reverenciando o Brahmana recém chegado com as cerimônias devidas, deu a ele alojamento em sua própria residência. Então aqueles touros entre os homens, os Pandavas, com sua mãe Kunti, pediram para o novo inquilino narrar a eles suas interessantes experiências. O Brahmana falou a eles sobre vários países e santuários e rios (sagrados), sobre reis e muitas províncias e cidades maravilhosas. E depois que aquela narração havia acabado, aquele Brahmana, ó Janamejaya, também falou da extraordinária escolha-de-marido da filha de Yajnasena, dos príncipes de Panchala, e dos nascimentos de Dhrishtadyumna e Sikhandi, e do nascimento, sem a intervenção de uma mulher, de Krishna (Draupadi) no grande sacrifício de Drupada.

Então aqueles touros entre os homens, os Pandavas, ouvindo aqueles fatos extraordinários com respeito àquele monarca ilustre (Drupada), e desejando saber detalhes sobre ele, questionaram o Brahmana, depois que sua narração havia acabado, para satisfazer sua curiosidade. Os Pandavas disseram, 'Como, ó Brahmana, ocorreu o nascimento de Dhrishtadyumna, o filho de Drupada, do fogo (sacrifical)? Como também foi o nascimento extraordinário de Krishna, do centro da plataforma sacrifical? Como também o filho de Drupada aprendeu o uso de todas as armas do grande arqueiro Drona? E, ó Brahmana, como e por quem e por que razão a amizade entre Drona e Drupada cessou?'

Vaisampayana continuou, 'Assim questionado, ó monarca, por aqueles touros entre os homens, o Brahmana narrou todos os detalhes acerca do nascimento de Draupadi.'

168

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Brahmana disse, 'Naquela região onde o Ganga entra nas planícies vivia um grande Rishi, dedicado às mais austeras penitências. De votos rígidos e grande sabedoria, ele levava o nome Bharadwaja. Um dia, ao ir ao Ganga realizar suas abluções, o Rishi viu a Apsara Ghritachi, que havia chegado antes, parada na margem depois que suas abluções haviam acabado. E ocorreu de um vento se erguer e despir a Apsara que lá estava. E o Rishi vendo ela assim despida sentiu a influência do desejo. Embora praticando o voto de abstinência desde muito jovem, tão logo ele sentiu a influência do desejo o fluido vital do Rishi saiu. E quando isto ocorreu, ele o segurou em um pote (drona), e daquele fluido assim preservado em um pote nasceu um filho que veio a ser chamado Drona (o nascido

no pote). E Drona estudou todos os Vedas e seus vários ramos. E Bharadwaja tinha um amigo chamado Prishata que era o rei dos Panchalas. E no tempo em que Drona nasceu Prishata também obteve um filho chamado Drupada. E aquele touro entre os Kshatriyas, o filho de Prishata, indo todo dia àquele retiro de Bharadwaja, brincava e estudava com Drona. E depois da morte de Prishata Drupada o sucedeu no trono. Naquela época Drona soube que (o grande herói Brahmana) Rama (na véspera de se retirar para as florestas) tinha decidido distribuir toda a sua riqueza. Sabendo disto o filho de Bharadwaja foi até Rama que estava para se retirar às florestas e se dirigindo a ele, dizendo, 'Ó melhor dos Brahmanas, eu sou Drona que vim a ti para obter tua riqueza.' Rama respondeu, dizendo, 'Eu já dei tudo. Tudo o que eu agora tenho é este meu corpo e minhas armas. Ó Brahmana, tu podes me pedir um destes dois, ou meu corpo ou minhas armas.' Então Drona disse, 'Cabe a ti, senhor, me dar todas as tuas armas junto com (os mistérios de) seu uso e retirada.'

O Brahmana continuou, 'Então Rama da linhagem Bhrigu, dizendo, 'Assim seja' deu todas as suas armas para Drona, que ao obtê-las se considerou coroado com sucesso. Drona obtendo de Rama a mais exaltada de todas as armas, chamada de arma Brahma, ficou muito contente e obteve uma evidente superioridade sobre todos os homens. Então o filho de Bharadwaja, dotado de grande coragem, foi ao rei Drupada, e se aproximando daquele monarca, aquele tigre entre os homens disse, 'Reconheça-me como teu amigo.' Ouvindo isto Drupada disse, 'Alguém de nascimento inferior nunca pode ser amigo de alguém cuja linhagem é pura, nem pode alguém que não é um guerreiro em carro ter um guerreiro em carro como seu amigo. Assim também alguém que não é rei não pode ter um rei como seu amigo. Por que tu, portanto, desejas (reviver nossa) antiga amizade?'

O Brahmana continuou, 'Drona, dotado de grande inteligência, ficou extremamente humilhado por isto, e planejando em sua mente alguns meios de humilhar o rei de Panchala ele foi à capital dos Kurus, que recebeu o nome de elefante. Então Bhishma, levando consigo seus netos, os apresentou ao sábio filho de Bharadwaja como seus pupilos para instrução, junto com várias espécies de riqueza. Então Drona, desejoso de humilhar o rei Drupada, reuniu seus discípulos e disse a eles, 'Ó impecáveis, cabe a vocês, depois que estiverem aperfeiçoados no manejo de armas, me darem como taxa preceptoral alguma coisa que eu possa desejar no meu coração.' Então Arjuna e outros disseram ao seu preceptor, 'Assim seja.' Depois de algum tempo quando os Pandavas se tornaram hábeis com armas e tinham adquirido pontaria certeira, exigindo deles a taxa, ele outra vez lhes disse estas palavras, 'Drupada, o filho de Prishata, é o rei de Chhatravati. Tirem dele seu reino, e o dêem a mim.' Então os Pandavas, derrotando Drupada em batalha e prendendo-o junto com seus ministros, o ofereceram a Drona, que vendo o monarca derrotado, disse, 'Ó rei, eu outra vez solicito tua amizade; e porque ninguém que não seja um rei merece ser amigo de um rei, portanto, ó Yajnasena, eu resolvi dividir teu reino entre nós. Enquanto tu serás o rei do país ao sul de Bhagirathi (Ganga), eu regerei o país ao norte.'

O Brahmana continuou, 'O rei dos Panchalas, assim endereçado pelo sábio filho de Bharadwaja, disse àquele melhor dos Brahmanas e principal de todas as

pessoas conhecedoras de armas, estas palavras, 'Ó filho de Bharadwaja de grande alma, abençoado sejas, que seja assim, que haja amizade eterna entre nós como tu desejas!' Assim endereçando-se um ao outro e estabelecendo um compromisso permanente entre si, Drona e o rei de Panchala, ambos destruidores de inimigos, voltaram aos lugares de onde vieram. Mas a lembrança daquela humilhação não deixou a mente do rei em nenhum momento. Com tristeza no fundo de seu coração, o rei começou a definhar.'

169

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Brahmana continuou, 'O rei Drupada (depois disto), profundamente aflito, vagou por muitos retiros de Brahmanas à procura de Brahmanas superiores habilidosos em ritos sacrificais. Dominado pela mágoa e ansiando avidamente por filhos, o rei sempre dizia, 'Oh, eu não tenho nenhum filho que supere a todos em talentos.' E o monarca, em grande desalento, também dizia 'Oh, que vergonha para aqueles filhos que terei e para meus parentes!' E sempre pensando em se vingar de Drona, o monarca suspirava constantemente. E aquele melhor dos reis, ó Bharata, mesmo depois de muita deliberação, não viu um meio de vencer, por meio de seu poder Kshatriya, a destreza e disciplina e treinamento e realizações de Drona. Vagando pelas margens do Yamuna e do Ganga, o monarca uma vez chegou a um retiro sagrado de Brahmanas. Não havia naquele retiro um Brahmana que não fosse um Snataka, que não fosse de votos rígidos, e que não fosse virtuoso em alto grau. E o rei lá viu dois Brahmanas sábios chamados Yaja e Upayaja, ambos de votos rígidos e almas sob completo controle e pertencentes à classe mais superior. Eles eram ambos dedicados ao estudo dos institutos antigos e nasceram da linhagem de Kasyapa. E aqueles melhores dentre os Brahmanas eram bem capacitados para ajudar o rei a alcançar seu objetivo. O rei então, com grande assiduidade e na busca de um só objetivo começou a agradar aquele par de Brahmanas excelentes. Averiguando os talentos superiores do mais jovem dos dois o rei cortejou em particular Upayaja de votos rígidos, pela oferta de toda aquisição desejável. Empenhado em prestar homenagem aos pés de Upayaja, sempre se endereçando a ele com palavras gentis e lhe oferecendo todo objeto de desejo humano, Drupada, depois de reverenciar o Brahmana, endereçou-se a ele (um dia), dizendo, 'Ó Upayaja, ó Brahmana, se tu realizares os ritos sacrificais pelos quais eu possa obter um filho que possa matar Drona, eu te prometo dez mil vacas, ou qualquer outra coisa que possa te agradar. Ó principal dos Brahmanas, realmente eu estou disposto a dar estes presentes para ti.' Assim endereçado pelo rei, o Rishi respondeu, dizendo, 'Eu não posso (realizar tais ritos)'. Mas Drupada sem aceitar esta resposta como definitiva mais uma vez começou a servir e prestar homenagem àquele Brahmana. Então, depois de um ano, Upayaja, aquele principal dos Brahmanas, ó monarca, endereçando-se a Drupada em tom gentil, disse, 'Meu irmão mais velho (Yaja), um dia, enquanto vagava através das

florestas profundas, pegou uma fruta que tinha caído sobre um local cuja pureza ele não se importou de verificar. Eu o estava seguindo (aquela vez) e observei aquela ação indigna dele. De fato, ele não tem escrúpulos em aceitar coisas impuras. Ao aceitar aquela fruta (específica) ele não viu nenhum ato impróprio ou de natureza pecaminosa. De fato, aquele que não observa a pureza (em uma ocasião) muito provavelmente não a observará em outras ocasiões. Quando ele vivia na casa de seu preceptor, empenhado em estudar os institutos, ele sempre costumava comer restos (impuros) dos banquetes de outras pessoas. Ele sempre fala com aprovação sobre comida e não antipatiza com qualquer coisa. Raciocinando a respeito disto eu creio que meu irmão cobiça aquisições mundanas. Portanto, ó rei, vá até ele e ele realizará trabalhos espirituais para ti.' Ouvindo estas palavras de Upayaja, o rei Drupada, embora tendo uma opinião baixa sobre Yaja, todavia foi para sua residência. Reverenciando Yaja que era (ainda) digno de homenagem, Drupada disse a ele, 'Ó mestre, realize trabalhos espirituais para mim e eu te darei oitenta mil vacas! A inimizade por Drona queima meu coração; e cabe a ti portanto refrigerar este meu coração. O principal dentre os conhecedores dos Vedas, Drona é também hábil na arma Brahma e por isto, Drona me venceu em uma disputa resultante da nossa (enfraquecida) amizade. Dotado de grande inteligência, o filho de Bharadwaja é (agora) o principal preceptor dos Kurus. Não há Kshatriya neste mundo que seja superior a ele. Seu arco tem o comprimento de seis cúbitos e parece formidável, e suas flechas são capazes de matar todos os seres vivos. Aquele grande arqueiro, o filho de Bharadwaja, vestido como um Brahmana, está destruindo o poder Kshatriya por toda a terra. De fato, ele é como um segundo Jamadagnya buscando o extermínio da linhagem Kshatriya. Não há homem sobre a terra que possa vencer a força terrível de suas armas. Como um fogo ardente alimentado com manteiga clarificada, Drona, possuidor do poder Brahma e unindo-o com o poder Kshatriya, destrói todo adversário em batalha. Mas (tua) força Brahma é maior em si mesma do que a própria força Brahma (de Drona) unida com o poder Kshatriya. Portanto, como eu sou inferior (a Drona) por possuir somente o poder Kshatriya, eu solicito a ajuda da tua força Brahma, tendo alcançado a ti que é tão superior a Drona em conhecimento de Brahma. Ó Yaja, realize aquele sacrifício por meio do qual eu possa obter um filho invencível em batalha e capaz de matar Drona. Eu estou disposto a te dar dez mil vacas.' Ouvindo essas palavras de Drupada, Yaja disse, 'Assim seja.' Yaja então começou a lembrar das várias cerimônias concernentes ao sacrifício específico. E sabendo que o caso era muito sério, ele pediu a ajuda de Upayaja que nada cobiçava. Então Yaja prometeu realizar o sacrifício para a destruição de Drona. Então o grande asceta Upayaja falou ao rei Drupada tudo o que era requerido para grande sacrifício do qual o rei obteria prole (pela ajuda do fogo). E ele disse, 'Ó rei, um filho nascerá para ti, dotado, como tu desejas, com grande coragem, grande energia, e grande força.'

O Brahmana continuou, 'Então o rei Drupada, impelido pelo desejo de obter um filho que pudesse matar Drona, começou, buscando realizar seu desejo, a fazer os preparativos necessários. (E quando tudo estava completado) Yaja, depois de ter despejado libações de manteiga clarificada no fogo sacrifical, ordenou a rainha Drupada, dizendo, 'Venha para cá, ó rainha, ó nora de Prishata! Um filho e uma

filha chegaram para ti!' Ouvindo isso, a rainha disse, 'Ó Brahmana, minha boca ainda está cheia com açafrão e outras coisas perfumadas. Meu corpo também porta muitos perfumes doces; eu mal estou preparada para aceitar (a manteiga santificada que me dará prole). Espere um pouco por mim, ó Yaja! Espere por aquela feliz consumação.' Yaja, no entanto, respondeu, 'Ó senhora, tu venhas ou demores, por que o objetivo deste sacrifício não seria realizado quando a oblação já foi preparada por mim e santificada pelas invocações de Upayaja?'

O Brahmana continuou, 'Tendo dito isso Yaja despejou a libação santificada no fogo, depois do que ergueu-se daquelas chamas uma criança parecida com um celestial, que possuía a refulgência do fogo, e era terrível de se contemplar. Com uma coroa sobre sua cabeça e seu corpo envolvido em armadura excelente, espada na mão, e portando um arco e flechas, ele frequentemente proferia rugidos altos. E imediatamente depois de seu nascimento, ele subiu em uma carruagem excelente e circulou por lá por algum tempo. Então os Panchalas em grande alegria gritaram, 'Excelente, Excelente'! A própria terra pareceu naquele momento incapaz de suportar o peso dos Panchalas loucos de alegria. Então, maravilhoso dizer, a voz de algum espírito invisível nos céus disse, 'Este príncipe nasceu para a destruição de Drona. Ele dissipará todos os medos dos Panchalas e espalhará sua fama. Ele também removerá a tristeza do rei.' E lá ergueu-se, depois disto, do centro da plataforma sacrifical, uma filha também, chamada Panchali, que, afortunada, era extremamente bela. Seus olhos eram negros e grandes como pétalas de lótus, sua cor era escura, e seus cabelos eram azuis e encaracolados. Suas unhas eram belamente convexas e brilhantes como cobre polido; suas sobrancelhas eram formosas, e seu busto era profundo. De fato, ela parecia com a verdadeira filha de um celestial nascida entre os homens. Seu corpo emanava fragrância como a do lótus azul, perceptível de uma distância de duas milhas completas. Sua beleza era tal que ela não tinha igual sobre a terra. Como uma própria celestial, ela poderia ser desejada (em casamento) por um celestial, um Danava, ou um Yaksha. Quando aquela moça de quadris formosos nasceu uma voz incorpórea disse, 'Esta moça de cor escura será a principal de todas as mulheres, e ela será a causa da destruição de muitos Kshatriyas. Esta de cintura esbelta, com o tempo, realizará o propósito dos deuses, e junto com ela muitos perigos surpreenderão os Kauravas.' Ao ouvir estas palavras, os Panchalas proferiram um rugido alto e leonino, e a terra não pôde suportar o peso daquela multidão alegre. Então vendo o menino e a menina, a nora de Prishata, desejando tê-los, se aproximou de Yaja e disse, 'Que eles não conheçam ninguém mais exceto eu mesma como sua mãe.' Yaja, desejando fazer o bem para o rei disse, 'Assim seja.' Então os Brahmanas (lá presentes), com suas expectativas plenamente satisfeitas, deram nomes para o par recém nascido, ‘Que este filho do rei Drupada’, eles disseram, ‘se chame Dhrishtadyumna por sua grande audácia e porque ele nasceu como Dyumna com uma armadura natural e arma.’ E eles também disseram, 'Porque esta filha é de cor tão escura ela deve ser chamada de Krishna (a escura)'.

O Brahmana continuou, 'Assim nasceram aqueles gêmeos do grande sacrifício de Drupada. E o grande Drona, levando o príncipe Panchala para sua própria

residência, ensinou a ele sobre todas as armas em retribuição pela metade do reino que ele antigamente tinha tomado de Drupada. O filho de grande alma de Bharadwaja, considerando o destino inevitável, fez o que perpetuaria seus próprios grandes feitos.'

170

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vaisampayana disse, 'Ouvindo essas palavras do Brahmana, os filhos de Kunti pareciam estar, por assim dizer, perfurados pom dardos. De fato, todos aqueles heróis poderosos perderam sua paz de mente. Então a sincera Kunti, vendo todos os seus filhos apáticos e desatentos, endereçou-se a Yudhishthira e disse, 'Nós agora vivemos muitas noites na residência deste Brahmana. Nós passamos nosso tempo agradavelmente nesta cidade, vivendo de esmolas obtidas de muitas pessoas honestas e ilustres. Ó opressor de inimigos, como nós agora vimos muitas e muitas vezes todas as florestas e bosques agradáveis que existem nesta parte do país, vê-los outras vezes não nos dará mais qualquer prazer. Ó descendente heróico da linhagem Kuru, esmolas também não são agora obteníveis aqui tão facilmente como antes. Se tu desejares seria bom para nós agora irmos para Panchala; nós não vimos aquele país, e ele será, sem dúvida, ó herói, encantador para nós. Ó destruidor de inimigos, foi ouvido por nós que esmolas são obteníveis no país de Panchala, e Yajnasena, o rei de lá, é devotado aos Brahmanas. Eu tenho a opinião de que não é bom viver muito tempo em um lugar. Portanto, ó filho, se tu quiseres, seria bom nós irmos até lá.'

Ouvindo estas palavras Yudhishthira disse, 'É nosso dever obedecer a tua ordem, que, além disso, deve ser para nosso bem, eu, no entanto, não sei se meus irmãos mais novos desejarão ir.'

171

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vaisampayana continuou, ‘Então Kunti falou para Bhimasena e Arjuna e aos gêmeos a respeito da viagem para Panchala. Eles todos disseram, ‘Assim seja.’ Então, ó rei, Kunti com seus filhos saudou o Brahmana (em cuja casa eles tinham morado) e saiu da cidade encantadora do ilustre Drupada.’

Vaisampayana disse, 'Enquanto os Pandavas ilustres estavam vivendo disfarçados na residência do Brahmana, Vyasa, o filho de Satyavati, uma vez foi lá para vê-los. Os destruidores de inimigos, vendo-o, se levantaram e se adiantaram para recebê-lo. Saudando-o reverentemente e adorando-o também os Pandavas ficaram em silêncio com as mãos unidas. Assim adorado por eles o sábio ficou

satisfeito. Ele lhes pediu para sentarem, e alegremente endereçou-se a eles dizendo, 'Ó matadores de inimigos, vocês estão vivendo no caminho da virtude e segundo as escrituras? Fazem culto aos Brahmanas? Vocês, eu espero, não relutam em prestar homenagem àqueles que merecem vossa homenagem?' O Rishi ilustre, depois disto, falou muitas palavras de significado virtuoso, e depois de discursar sobre muitos tópicos de grande interesse ele disse, 'Um Rishi ilustre, vivendo em certo eremitério, teve uma filha de cintura fina, lábios formosos, e belas sobrancelhas, e possuidora de todos os atributos. Como uma consequência das suas próprias ações (em uma vida passada) a bela donzela tornou-se muito infeliz. Embora casta e bela, a donzela não obtinha um marido. Com o coração triste ela então começou a praticar penitências ascéticas com o objetivo de obter um marido. Ela logo satisfez por seu ascetismo severo o deus Sankara (Mahadeva), que tornou-se auspicioso para ela e disse àquela donzela ilustre, 'Peça a bênção que desejares! Abençoada sejas! Eu sou Sankara e estou disposto a dar-te o que possas pedir.' Desejosa de se beneficiar, a donzela repetidamente disse ao senhor supremo, 'Ó, dê-me um marido dotado de todos os talentos.' Então Isana (Mahadeva), o principal de todos os oradores, respondeu a ela, dizendo, 'Ó abençoada, tu terás cinco maridos dentre os príncipes Bharata.' Então a moça disse ao deus que tinha lhe dado aquele benefício, 'Ó senhor, eu desejo ter um único marido por tua graça.' O deus então endereçou-se a ela outra vez e disse estas palavras excelentes, 'Tu, ó menina, disseste cinco vezes: 'Me dê (um) marido.' Tu, portanto, em outra vida terás cinco maridos!' Ó príncipes da linha Bharata, aquela donzela de beleza celeste nasceu na linha de Drupada. A impecável Krishna da linhagem Prishata está destinada a ser esposa de vocês todos. Ó poderosos, vão portanto, à capital dos Panchalas e morem lá. Não há dúvida de que tendo obtido ela como sua esposa vocês serão muito felizes.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo falado dessa forma aos Pandavas, o ilustre e abençoado avô então se despediu deles. O grande asceta então os deixou e voltou ao lugar de onde tinha vindo.'

172

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois que Vyasa tinha ido embora, aqueles touros entre os homens, os Pandavas, saudaram o Brahmana e se despediram, e procederam (em direção a Panchala) com corações alegres e com sua mãe caminhando diante deles. Aqueles matadores de todos os inimigos, para alcançar seu destino, procederam em uma exata direção norte, andando dia e noite até que alcançaram um santuário sagrado de Siva com a marca da meia-lua em sua fronte. Então aqueles tigres entre os homens, os filhos de Pandu, chegaram às margens do Ganga. Dhananjaya, aquele poderoso guerreiro em carro, andava na frente deles, tocha na mão, para mostrar o caminho e protegê-los (contra animais selvagens). E aconteceu que naquela hora o orgulhoso rei dos Gandharvas, com suas esposas,

estava se divertindo naquela região solitária nas águas encantadoras do Ganga. O rei dos Gandharvas ouviu os passos dos Pandavas quando eles se aproximaram do rio. Ao ouvir os sons de seus passos, o poderoso Gandharva ficou enraivecido, e vendo aqueles destruidores de inimigos, os Pandavas, se aproximando com sua mãe, ele puxou seu terrível arco a um círculo e disse, 'É sabido que exceto os primeiros quarenta segundos, o crepúsculo cinzento que precede o anoitecer foi designado para os passeios dos Yakshas, Gandharvas e Rakshasas, todos os quais são capazes de ir a qualquer lugar à vontade. O resto do tempo foi designado para o homem fazer seu trabalho. Se portanto, homens, vagando durante aqueles momentos por cobiça de lucro, se aproximam de nós, nós e os Rakshasas matamos aqueles tolos. Portanto, pessoas conhecedoras dos Vedas nunca elogiam os homens, nem mesmo reis na liderança de suas tropas, que se aproximam de qualquer reservatório de água em tal hora. Fiquem a uma distância, e não se aproximem de mim. Vocês não sabem que eu estou me banhando nas águas do Bhagirathi? Saibam que eu sou Angaraparna, o Gandharva, e sempre confio na minha própria força! Eu sou orgulhoso e soberbo e sou amigo de Kuvera. Esta minha floresta nas margens do Ganga, onde eu me divirto para satisfazer todos os meus sentidos se chama Angaraparna, meu próprio nome. Aqui nem deuses, nem Kapalikas, nem Gandharvas nem Yakshas podem vir. Como vocês ousam se aproximar de mim que sou a jóia mais brilhante sobre o diadema de Kuvera?'

Ouvindo estas palavras do Gandharva, Arjuna disse, 'Imbecil, seja dia, noite, ou crepúsculo, quem pode barrar outros para fora do oceano, dos lados dos Himalaias, e deste rio? Ó percorredor dos céus, se o estômago está cheio ou vazio, se é noite ou dia, não há hora especial para alguém ir ao Ganga, este principal de todos os rios. Como nos consideramos dotados com poder, nós não nos importamos em te perturbar. Ser perverso, aqueles que são fracos em luta te cultuam. Este Ganga, que fluindo pelos cumes dourados do Himavat cai nas águas do oceano, é dividido em sete correntes. Aqueles que bebem as águas daquelas sete correntes, ou seja, Ganga, Yamuna, Saraswati, Vitashtha, Sarayu, Gomati, e Gandaki, é limpo de todos os seus pecados. Ó Gandharva, este Ganga sagrado, fluindo pela região celeste é chamado lá de Alakananda, e na região dos Pitris se torna o Vaitarani, difícil de ser cruzado por pecadores, o próprio Krishna-Dwaipayana disse isto. O rio auspicioso e celeste, capaz de levar para o céu (os que tocam suas águas), está livre de todos os perigos. Por que tu então desejas obstruir nossa passagem até ele? Teu ato não está em conformidade com a virtude eterna. Desconsiderando as tuas palavras, por que nós não tocaríamos as águas sagradas do Bhagirathi livre de todos perigos e do qual ninguém pode nos barrar?'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Arjuna, Angaraparna ficou furioso e curvando seu arco a um círculo começou a atirar suas flechas como cobras venenosas nos Pandavas. Então Dhananjaya, o filho de Pandu, brandindo um bom escudo e a tocha que segurava em sua mão, desviou todas aquelas flechas e se dirigindo ao Gandharva outra vez disse, 'Ó Gandharva, não procure assustar aqueles que são hábeis com armas, pois armas arremessadas neles

somem como espuma. Eu penso, ó Gandharva, que és superior (em destreza) aos homens; portanto eu lutarei contigo usando armas celestes e sem nenhum ato desonesto. Esta arma ígnea (que eu lançarei em ti), Vrihaspati, o venerável preceptor de Indra, deu para Bharadwaja, de quem foi obtida por Agnivesya, e de Agnivesya por meu preceptor, aquele principal dos Brahmanas, Drona, que a deu para mim.'

Vaisampayana continuou, 'Dizendo estas palavras o Pandava colericamente arremessou no Gandharva aquela arma ardente feita de fogo que queimou a carruagem do Gandharva em um instante. Privado de consciência pela força daquela arma, o poderoso Gandharva estava caindo, de cabeça para baixo, de sua carruagem. Dhananjaya o agarrou pelos cabelos enfeitados com guirlandas de flores e assim arrastou o inconsciente Gandharva em direção a seus irmãos. Vendo isso a esposa daquele Gandharva, Kumbhinasi, desejosa de salvar seu marido, correu em direção a Yudhishthira e procurou sua proteção. A Gandharvi disse, 'Ó exaltado, estenda a mim tua proteção! Ó, liberte meu marido! Ó senhor, eu sou Kumbhinasi por nome, a mulher deste Gandharva, que procuro a tua proteção!' Vendo ela (assim aflita), o poderoso Yudhishthira endereçou-se a Arjuna e disse, 'Ó matador de inimigos, ó filho, quem mataria um inimigo que foi vencido em luta, que foi privado da fama, que é protegido por uma mulher, e que não possui destreza?' Arjuna respondeu, dizendo, 'Fique com tua vida, ó Gandharva! Saia daqui, e não ofenda Yudhishthira, o rei dos Kurus, que me ordenou mostrar piedade para contigo.'

O Gandharva respondeu, 'Eu fui vencido por ti, portanto, eu abandonarei meu antigo nome Angaraparna (o veículo resplandecente). Só no nome, ó amigo, eu não devo ser vaidoso quando meu orgulho em minha força foi superado. Eu tenho sorte por ter te conhecido; ó Arjuna, manejador de armas celestes! Eu gostaria de te dar o poder de (produzir) ilusões que só os Gandharvas têm. Minha excelente carruagem multicor foi queimada por meio da tua arma ardente. Eu que antigamente era chamado pelo nome da minha carruagem excelente devo agora ser chamado pelo nome da minha carruagem queimada. A ciência de produzir ilusões de que eu falei foi antigamente obtida por mim por meio de penitências ascéticas. Aquela ciência eu hoje darei ao doador da minha vida, tua pessoa ilustre! Que fortuna não merece aquele que, depois de vencer um inimigo por seu poder, lhe dá a vida quando aquele inimigo pede por ela? Esta ciência se chama Chakshushi. Ela foi comunicada por Manu a Soma e por Soma a Viswavasu, e por fim por Viswavasu a mim. Comunicada por meu preceptor, esta ciência, tendo vindo a mim que sou sem energia, está gradualmente se tornando inútil. Eu te falei sobre sua origem e transmissão. Escute agora ao seu poder! Alguém pode ver (por sua ajuda) o que quer que ele deseje ver, e de qualquer modo que queira (de modo geral ou em detalhes). Pode-se adquirir esta ciência somente depois de manter-se sobre uma perna por seis meses. Eu, no entanto, te comunicarei esta ciência sem seres obrigado a observar qualquer voto rígido. Ó rei, é por este conhecimento que nós somos superiores aos homens. E como nós somos capazes de ver tudo por meio de visão espiritual, nós somos iguais aos deuses. Ó melhor dos homens, eu pretendo dar a ti e a cada um dos teus irmãos cem corcéis

nascidos no país dos Gandharvas. De cor celeste e dotados da velocidade da mente, aqueles cavalos são empregados em carregar os celestiais e os Gandharvas. Eles podem ser magros mas eles não se cansam, nem sua velocidade sofre por causa disto. Antigamente o raio foi criado para o chefe dos celestiais para que ele pudesse matar (o Asura) Vritra com ele. Mas lançado na cabeça de Vritra ele se partiu em mil pedaços. Os celestiais cultuam com reverência aqueles fragmentos do raio. Aquilo que é conhecido nos três mundos como glória é apenas uma porção do raio. A mão do Brahmana com a qual ele despeja libações no fogo sacrifical, a carruagem sobre qual o Kshatriya luta, a caridade do Vaisya, e o serviço que o Sudra presta às outras três classes são todos fragmentos do raio. É dito que cavalos, formando como eles formam uma parte da carruagem Kshatriya, não são, por causa disto, assassináveis. Novamente é dito que cavalos que formam uma parte da carruagem Kshatriya são a prole de Vadava. Aqueles entre eles que nascem na região dos Gandharvas podem ir a todos os lugares e assumir qualquer cor e velocidade à vontade de seus donos. Estes meus cavalos que eu te dou sempre satisfarão os teus desejos.'

Ao ouvir estas palavras do Gandharva, Arjuna disse, 'Ó Gandharva, se pela satisfação de ter obtido tua vida por minhas mãos em uma situação de perigo tu me deste tua ciência, e estes cavalos, eu não aceito teu presente.' O Gandharva respondeu, dizendo, 'Um encontro com uma pessoa ilustre é sempre uma fonte de satisfação; além disso tu me deste minha vida. Gratificado contigo, eu te darei minha ciência. Que a obrigação, no entanto, não seja toda de um só lado, eu aceitarei de ti, ó Vibhatsu, ó touro da raça Bharata, tua excelente e eterna arma de fogo!'

Arjuna disse, 'Eu aceito teus cavalos em troca da minha arma. Que nossa amizade dure para sempre. Ó amigo, nos diga por que nós seres humanos temos que ter medo dos Gandharvas. Castigadores de inimigos que nós somos e virtuosos e conhecedores dos Vedas, nos diga, ó Gandharva, por que viajando à noite nós fomos censurados por ti.'

O Gandharva disse, 'Vocês não tem esposas (embora tendo completado o período de estudo). Vocês não tem um Asrama específico (modo de vida). Por fim, vocês estão fora sem um Brahmana caminhando à sua frente, portanto, ó filhos de Pandu, vocês foram criticados por mim. Os Yakshas, Rakshasas, Gandharvas, Pisachas, Uragas e Danavas, são possuidores de sabedoria e inteligência, e conhecem a história da linhagem Kuru. Ó herói, eu soube também por Narada e outros Rishis celestes acerca dos bons feitos dos teus antepassados sábios. Eu mesmo, também, enquanto vagando sobre toda a terra limitada por seu cinto de mares, tenho testemunhado o valor da tua linhagem grandiosa. Ó Arjuna, eu tenho conhecimento pessoal do teu preceptor, o filho ilustre de Bharadwaja, célebre pelos três mundos por seu conhecimento dos Vedas e da ciência de armas. Ó tigre da raça Kuru, ó filho de Pritha, eu também conheço Dharma, Vayu, Sakra, os gêmeos Aswins, e Pandu, aqueles seis perpetuadores da família Kuru, aqueles excelentes celestiais e humanos progenitores de vocês todos. Eu também sei que vocês cinco irmãos são instruídos e de grande alma, que são os principais de

todos os manejadores de armas, corajosos e virtuosos e cumpridores de votos. Sabendo que sua compreensão e corações são excelentes e seu comportamento impecável, eu ainda censurei vocês. Porque, ó tu da linhagem Kuru, não cabe a um homem dotado de poder de armas tolerar com paciência qualquer mau costume à vista de sua mulher. Especialmente porque, ó filho de Kunti, nosso poder aumenta durante as horas de escuridão, e acompanhado por minha mulher eu estava cheio de fúria. Ó melhor dos homens cumpridores de votos, eu, no entanto, fui vencido por ti em batalha. Escute-me enquanto eu te digo as razões que levaram à minha derrota. O Brahmacharya é um modo de vida muito superior, e como tu estás neste modo agora, é por isto, ó Partha, que eu fui derrotado por ti em batalha. Ó destruidor de inimigos, se qualquer Kshatriya casado luta conosco à noite ele nunca pode escapar com vida. Mas, ó Partha, um Kshatriya casado, que é santificado com Brahma, e que atribuiu os cuidados de seu Estado a um sacerdote, pode derrotar todos os que vagueiam durante a noite. Ó filho de Tapati, os homens devem portanto, sempre empregar sacerdotes eruditos possuidores de autocontrole para a aquisição de toda a boa sorte que desejam. O Brahmana que é digno de ser o sacerdote do rei é aquele que é erudito nos Vedas e em seus seis ramos, que é puro e sincero, que tem alma virtuosa e possui autocontrole. O monarca que sempre se torna vitorioso e finalmente ganha o céu é aquele que tem como seu sacerdote um Brahmana conhecedor das regras de moralidade, que é um mestre das palavras, e é puro e de bom comportamento. O rei deve sempre escolher um sacerdote talentoso para adquirir o que ele não tem e proteger o que ele tem. Aquele que deseja possuir prosperidade deve sempre ser guiado por seu sacerdote, então ele pode obter até a terra inteira circundada por seu cinto de mares. Ó filho de Tapati, um rei que não tem um Brahmana nunca pode adquirir qualquer terra somente por sua coragem ou glória de nascimento. Saiba, portanto, ó perpetuador da família Kuru, que o reino no qual Brahmanas têm poder dura para sempre.'

173

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Arjuna disse, 'Tu te dirigiste a mim (mais de uma vez) como Tapatya. Eu portanto desejo saber qual é o significado exato desta palavra, ó Gandharva virtuoso, sendo filhos de Kunti, nós somos, de fato, Kaunteyas. Mas quem é Tapati e porque nós devemos ser chamados de Tapatyas?'

Vaisampayana continuou, ‘Assim endereçado, o Gandharva relatou para Dhananjaya, o filho de Kunti, a (seguinte) história bem conhecida nos três mundos.

O Gandharva disse, 'Ó filho de Pritha, ó principal de todos os homens inteligentes, eu devidamente narrarei para vocês integralmente esta narrativa encantadora. Ó, escute com atenção ao que eu digo em explicação do por que eu

me dirigi a ti como Tapatya. Aquele no céu que permeia por sua luz todo o firmamento teve uma filha chamada Tapati igual a ele mesmo. Tapati, a filha do deus Vivaswat, era a irmã mais nova de Savitri, e ela era famosa em todos os três mundos e dedicada a penitências ascéticas. Não havia nenhuma mulher entre os celestiais, os Asuras, os Yakshas, os Rakshasas, as Apsaras, e os Gandharvas, que fosse igual a ela em beleza. De feições perfeitas, simétricas e impecáveis, de olhos grandes e negros, e em trajes belos, a moça era casta e de conduta perfeita. E, ó Bharata, vendo-a, Savitri (o sol) pensou que não havia ninguém nos três mundos que, por sua beleza, talentos, comportamento, e erudição, merecesse ser seu marido. Vendo ela alcançar a idade da puberdade e, portanto, digna de ser entregue a um marido, seu pai não encontrou paz na mente, sempre pensando no homem que ele devia escolher. Naquela época, ó filho de Kunti, o filho de Riksha, aquele touro entre os Kurus, o rei poderoso Samvarana, estava devidamente adorando Surya com oferendas de Arghya e guirlandas de flores e perfumes, e com votos e jejuns e penitências ascéticas de várias espécies. De fato, Samvarana estava adorando Surya constantemente em toda sua glória, com dedicação e humildade e piedade. E vendo Samvarana conhecedor de todas as regras de virtude e inigualável sobre a terra em beleza, Surya o considerou como o marido perfeito para sua filha, Tapati. E, ó tu da linhagem Kuru, Vivaswat então resolveu entregar sua filha àquele melhor dos reis, Samvarana, o descendente de uma linhagem de fama mundial. Como o próprio Surya nos céus preenche o firmamento com seu esplendor, assim o rei Samvarana na terra enchia toda a região com o esplendor das suas boas realizações. E todos os homens, ó Partha, exceto Brahmanas, veneravam Samvarana. Abençoado com boa sorte, o rei Samvarana superava Soma em confortar os corações de amigos e Surya em chamuscar os corações de inimigos. E, ó Kaurava, o próprio Tapana (Surya) estava resolvido a dar sua filha Tapati ao rei Samvarana, que era possuidor de tais virtudes e talentos.

Uma vez, ó Partha, o rei Samvarana, dotado de beleza e bravura imensurável, partiu em uma expedição de caça nos campos no leito da montanha. Enquanto vagava em busca de veados, o excelente corcel que o rei montava, vencido, ó Partha, pela fome, sede e fadiga, morreu nas montanhas. Abandonando o corcel, o rei, ó Arjuna, começou a vagar sobre a montanha a pé, e enquanto vagava o monarca viu uma moça de olhos grandes e beleza sem igual. Aquele destruidor de hostes hostis, aquele tigre entre reis, ele mesmo sem uma companheira, vendo lá aquela moça sem um companheiro, ficou imóvel fitando-a fixamente. Por sua beleza, o monarca por um momento acreditou que ela fosse a própria (deusa) Sri. Em seguida ele a considerou a encarnação dos raios emanados de Surya. Em esplendor de seu corpo ela parecia uma chama de fogo, embora em bondade e amabilidade ela parecesse um raio imaculado da lua. De pé sobre o leito da montanha, a moça de olhos negros parecia uma brilhante estátua de ouro. A própria montanha com seus arbustos e plantas, por causa da beleza e traje daquela donzela, parecia ter sido convertida em ouro. A visão daquela moça inspirou o monarca com um desprezo por todas as mulheres que ele tinha visto antes. Por contemplá-la, o rei considerou sua visão como realmente abençoada. Nada que o rei tivesse visto desde o dia de seu nascimento podia ser igual, ele

pensou, à beleza daquela moça. O coração e olhos do rei foram cativados por aquela donzela, como se eles estivessem atados com uma corda e ele permaneceu enraizado naquele local, privado de sua razão. O monarca pensou que o inventor de tanta beleza a havia criado somente depois de bater todo o mundo dos deuses Asuras e seres humanos. Tendo estes vários pensamentos, o rei Samvarana considerou aquela moça como inigualável nos três mundos em abundância de beleza.

E o monarca de descendência pura, vendo a bela moça, foi perfurado pelas flechas de Kama (Cupido) e perdeu sua paz de mente. Queimado com a chama forte do desejo o rei perguntou àquela moça encantadora, ainda inocente, embora em sua total mocidade, dizendo, 'Quem és tu e de quem? Por que também tu ficas aqui? Ó tu de doce sorriso, por que tu vagas sozinha nestas florestas solitárias? De todos os traços perfeitamente impecáveis, e enfeitada com todos os ornamentos, tu pareces ser o ornamento cobiçado destes próprios ornamentos! Tu não pareces ser celestial ou Asura ou Yaksha ou Rakshasa ou Naga ou Gandharva ou de origem humana. Ó dama excelente, a melhor das mulheres que eu já vi ou tive notícia não se compara contigo em beleza! Ó tu de rosto bonito, ao te ver mais encantadora do que a lua e ornada com olhos como pétalas de lótus, o deus do desejo está me oprimindo.'

O rei Samvarana assim se dirigiu àquela donzela na floresta, que no entanto, não falou uma palavra ao monarca que queimava de desejo. Em vez disso, como um relâmpago nas nuvens, aquela moça de grandes olhos rapidamente desapareceu da vista do monarca. O rei então vagou por toda a floresta, como alguém fora de seus sentidos, à procura daquela menina de olhos como pétalas de lótus. Fracassando em encontrá-la, aquele melhor dos monarcas lamentou copiosamente e por algum tempo ficou inerte com a dor.'

174

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Gandharva continuou, 'Quando aquela moça desapareceu, aquele destruidor de tropas hostis privado de sua razão por Kama, (concupiscência) lançou-se por terra. E quando o monarca caiu, aquela moça de doces sorrisos e quadris proeminentes e redondos apareceu outra vez perante ele, e sorrindo docemente, disse àquele perpetuador da linhagem Kuru estas palavras doces como o mel, 'Levante-se, levante-se, ó destruidor de inimigos! Abençoado sejas; não cabe a ti, ó tigre entre reis, perder tua razão, um homem célebre como és no mundo.' Endereçado nestas palavras melíferas, o rei abriu seus olhos e viu à sua frente aquela mesma menina de quadris volumosos. O monarca que estava queimando com a chama do desejo então se endereçou àquela donzela de olhos negros com ênfase, fraco com emoção, e disse, 'Abençoada sejas ó mulher excelente de olhos negros! Como eu estou queimando com desejo e te cortejando, ó, aceite-me!

Minha vida está enfraquecendo. Ó tu de olhos grandes, é por tua causa, ó tu do esplendor dos filamentos do lótus, que Kama está constantemente me perfurando com suas flechas afiadas sem parar por um momento! Ó menina alegre e amável, eu fui mordido por Kama que é como uma víbora venenosa. Ó tu de quadris largos e volumosos, apiede-te de mim! Ó tu de feições belas e impecáveis, ó tu de rosto como a pétala do lótus ou a lua, ó tu de doce voz como dos Kinnaras cantantes, minha vida agora depende de ti! Sem ti, ó tímida, eu não posso viver! Ó tu de olhos como pétalas de lótus, Kama está me perfurando constantemente! Ó menina de grandes olhos, seja piedosa comigo! Não cabe a ti, ó moça de olhos negros, me rejeitar. Ó menina bonita, cabe a ti me aliviar de tal aflição por me dar teu amor! À primeira vista tu atraíste meu coração. Minha mente delirou! Contemplando-te eu não gostaria de lançar meus olhos em nenhuma outra mulher! Seja piedosa! Eu sou teu escravo obediente, teu adorador! Ó, aceite-me! Ó bela dama, ó moça de grandes olhos, ao te ver, o deus do desejo entrou no meu coração, e está me furando com suas flechas! Ó tu de olhos de lótus, a chama do desejo queima dentro de mim! Ó, extinga esta chama despejando a água do teu amor sobre ela! Ó bela dama, por te tornares minha, acalme o deus irreprimível do desejo que apareceu aqui armado com seu arco e flechas mortais e que está me perfurando constantemente com suas flechas afiadas! Ó tu das mais formosas feições, case comigo segundo a forma Gandharva, pois, ó tu de quadris afilados, de todas as formas de casamento a Gandharva é considerada a melhor.'

O Gandharva continuou, 'Ouvindo aquelas palavras do monarca, Tapati deu a resposta, 'Ó rei, eu não sou dona de mim mesma! Saiba que eu sou uma moça sob o controle de meu pai. Se tu realmente nutres alguma afeição por mim peça-me ao meu pai. Tu disseste, ó rei, que teu coração foi roubado por mim. Mas tu também, à primeira vista, roubaste meu coração; eu não sou a dona do meu corpo, e portanto, ó melhor dos reis, eu não me aproximo de ti; mulheres nunca são independentes. Que mulher há nos três mundos que não te deseje como seu marido, sendo tu bondoso com todos os teus dependentes e nascido em uma linhagem pura? Portanto, quando a oportunidade vier, peça a meu pai Aditya a minha mão com culto, penitências ascéticas, e votos. Se meu pai me conceder a ti, então, ó rei, eu sempre serei tua mulher obediente. Meu nome é Tapati e eu sou a irmã mais nova de Savitri, e a filha, ó touro entre os Kshatriyas, de Savitri, do (sol) iluminador do universo.'

175

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Gandharva continuou, 'Assim dizendo, Tapati de feições impecáveis ascendeu aos céus. O monarca então novamente caiu ao solo. Seus ministros e seguidores procuraram por ele por toda a extensão da floresta e o encontraram jazendo naquele local solitário, e vendo aquele rei excelente, aquele arqueiro poderoso, assim jazendo abandonado no chão como um arco-íris caído do

firmamento, seu ministro chefe ficou como alguém que foi queimado por uma chama de fogo. Avançando depressa com afeto e respeito, o ministro ergueu aquele melhor dos monarcas que jazia prostrado na terra e que estava privado de seus sentidos pelo desejo. Velho em sabedoria como em idade, velho em realizações como em política, o ministro, depois de erguer o monarca prostrado, ficou tranquilo (em mente). Endereçando-se ao rei em palavras gentis que eram também para o seu bem, ele disse, 'Abençoado sejas, ó impecável! Não tema, ó tigre entre reis!' O ministro pensou que o monarca, aquele grande vencedor de tropas hostis em batalha, estava jazendo sobre a terra vencido pela fome, sede, e fadiga. O velho homem então borrifou sobre a cabeça sem coroa do monarca água que era fria e fragrante com pétalas de lótus. Lentamente recuperando sua consciência, o monarca poderoso despachou todos os seus servidores à exceção de seu ministro. Depois que os servidores tinham se retirado por sua ordem, o rei se sentou sobre o leito da montanha. Tendo se purificado devidamente, o rei ficou sobre aquela chefe das montanhas, e começou, com as palmas unidas e rosto elevado, a cultuar Surya. O rei Samvarana, matador de todos inimigos, pensou também em seu principal sacerdote, Vasishtha, aquele melhor dos Rishis. O rei continuou a ficar lá dia e noite sem intervalo. O sábio Brahmana Vasishtha foi até lá no décimo segundo dia, aquele grande Rishi de alma sob total controle soube imediatamente por seu poder ascético que o monarca tinha perdido sua razão por causa de Tapati. E aquele virtuoso e melhor dos Munis, logo que soube disto, desejoso de beneficiar o monarca que era sempre cumpridor de votos, endereçou-se a ele e lhe deu todas as garantias. O Rishi ilustre, à vista daquele monarca, subiu para ter uma entrevista com Surya, ele mesmo possuidor do esplendor daquele corpo luminoso. O Brahmana então se aproximou com as mãos unidas do deus de mil raios e se apresentou alegremente a ele, dizendo, 'Eu sou Vasishtha.' Então Vivaswat de grande energia disse àquele melhor dos Rishis, 'Tu és bem vindo, ó grande Rishi! Diga-me o que está na tua mente. Ó afortunado, peça de mim o que quiseres, ó principal dos homens eloquentes, e eu o outorgarei a ti, mesmo que seja difícil para mim!' Assim endereçado por Surya, o Rishi de grande mérito ascético, curvou-se ao deus da luz, e respondeu, dizendo, 'Ó Vibhavasu, tua filha, Tapati, a irmã mais nova de Savitri, eu peço de ti para Samvarana! Aquele monarca tem realizações poderosas, é conhecedor da virtude, e tem grande alma. Ó percorredor do firmamento, Samvarana será um marido digno para tua filha.' Assim endereçado pelo Rishi Vibhakara, ele resolveu entregar sua filha para Samvarana, saudou o Rishi, e lhe respondeu, dizendo, 'Oh, Samvarana é o melhor dos monarcas, tu és o melhor dos Rishis, Tapati é a melhor das mulheres. O que nós faríamos, portanto, exceto dá-la a Samvarana?' Com estas palavras, o deus Tapana transferiu sua filha, Tapati, de aspecto perfeitamente impecável, ao ilustre Vasishtha para entregá-la a Samvarana. E o grande Rishi então aceitou a menina, Tapati, e se despedindo de Surya, voltou ao local onde aquele touro entre os Kurus, de realizações celestes, estava. O rei Samvarana, possuído pelo amor e com seu coração fixo em Tapati, vendo aquela moça celeste de sorrisos doces conduzida por Vasishtha, ficou extremamente contente. E Tapati de sobrancelhas formosas desceu do firmamento como o relâmpago das nuvens, deslumbrando os dez pontos dos céus. E o ilustre Rishi Vasishtha de alma pura se aproximou do monarca depois que o voto das doze noites do último havia

acabado. Foi assim que o rei Samvarana obteve uma esposa como a lua cheia depois de ter adorado (o sol).'

E aquele arqueiro poderoso, o principal da linhagem Kuru, teve sua curiosidade imensamente excitada pelo que ouviu do poder ascético de Vasishtha, e questionou o Gandharva, dizendo, 'Eu desejo saber sobre o Rishi que tu mencionaste como Vasishtha. Ó, diga-me tudo sobre dele! Ó chefe dos Gandharvas, diga-me quem era aquele Rishi ilustre que foi o sacerdote dos nossos antepassados.' O Gandharva respondeu, 'Vasishtha é filho espiritual (nascido da mente) de Brahma, e marido de Arundhati. Mesmo difíceis de serem conquistados pelos próprios imortais, Desejo e Ira, conquistados pelas penitências ascéticas de Vasishtha, costumavam massagear seus pés. Embora sua cólera houvesse sido excitada pela ofensa de Viswamitra, aquele Rishi de grande alma ainda não exterminou os Kusikas (a tribo cujo rei era Viswamitra). Aflito pela perda de seus filhos, ele, como se fosse impotente, embora realmente fosse o contrário, não fez qualquer ato destrutivo contra Viswamitra. Como o oceano não ultrapassando seus continentes, Vasishtha não transgrediu (as leis de) Yama por trazer seus filhos de volta dos domínios do rei dos mortos. Foi por obter aquele ser ilustre que tinha conquistado a si mesmo que Ikshvaku e outros grandes monarcas adquiriram toda a terra. E, ó príncipe da linhagem Kuru, foi por obter Vasishtha, aquele melhor dos Rishis, como seu sacerdote, que aqueles monarcas realizaram muitos sacrifícios majestosos. E, ó melhor dos Pandavas, aquele Rishi regenerado ajudou aqueles monarcas na realização de seus sacrifícios como Vrihaspati ajudando os imortais. Portanto, procurem um ilustre e desejável Brahmana conhecedor dos Vedas e em cujo coração a virtude prevaleça, para nomear como seu sacerdote. Um Kshatriya de boa linhagem, desejoso de estender seus domínios para conquistar a terra, deve, ó Partha, primeiro nomear um sacerdote. Aquele que está desejoso de conquistar a terra deve ter um Brahmana diante de si. Portanto, ó Arjuna, que algum Brahmana ilustre e erudito, que tenha seus sentidos sob completo controle e que esteja familiarizado com a religião, lucro e prazer, seja teu sacerdote.'

176

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo isso Arjuna disse, 'Ó Gandharva, de onde surgiu a hostilidade entre Viswamitra e Vasishtha, ambos os quais moravam em um eremitério celeste? Ó, conte-nos tudo sobre isto.'

O Gandharva respondeu, 'Ó Partha, a história de Vasishtha é considerada como um Purana (lenda) em todos os três mundos. Me escute enquanto eu a narro integralmente. Havia, em Kanyakuvja, ó touro da raça Bharata, um grande rei de fama mundial chamado Gadhi, o filho de Kusika. O virtuoso Gadhi teve um filho chamado Viswamitra, um vencedor de inimigos, possuidor de um exército

grande e muitos animais e veículos. E Viswamitra, acompanhado por seus ministros, costumava vagar em busca de veados pelas florestas profundas e pitorescas. Samvarana agradou por meio de penitências ascéticas ao auspicioso senhor Vivaswat, pela ajuda do (poder ascético de) Vasishtha. E Samvarana, aquele touro entre homens, com os devidos ritos tomou a mão de Tapati naquele leito da montanha que era frequentada pelos celestiais e Gandharvas. O sábio real, com a permissão de Vasishtha, desejou divertir-se com sua mulher naquela montanha. E o rei fez Vasishtha ser proclamado seu regente em sua capital e reino, nas florestas e jardins. E despedindo-se do monarca Vasishtha o deixou e foi embora. Samvarana, que ficou naquela montanha como um celestial, divertiu-se com sua mulher nas florestas e vegetações naquela montanha por doze anos completos. E, ó melhor dos Bharatas, o deus de mil olhos não derramou chuva por doze anos na capital e no reino daquele monarca. Então, ó destruidor de inimigos, quando estação de seca se expandiu, o povo daquele reino, como também as árvores e animais pequenos começaram a morrer rápido. E durante a continuação daquela seca terrível, nem uma gota de orvalho caiu do céu e nenhum grão cresceu. E os habitantes em desespero, e afligidos pelo medo da fome, deixaram suas casas e fugiram para todas as direções. E as pessoas famintas da capital e do país começaram a abandonar suas esposas e filhos e se tornaram indiferentes umas às outras. Com as pessoas estando afligidas pela fome, sem um bocado de comida e reduzidas a esqueletos, a capital parecia muito com a cidade do rei dos mortos, cheia somente de seres fantasmagóricos. Ao contemplar a capital reduzida a tal estado, o ilustre e virtuoso e melhor dos Rishis, Vasishtha, estava resolvido a encontrar uma solução e devolver à cidade aquele tigre entre reis, Samvarana, junto com sua mulher, depois do último ter passado assim muito tempo em um período de solidão e reclusão. Depois que o rei tinha entrado em sua capital as coisas se tornaram como antes, pois, quando aquele tigre entre reis voltou para seu próprio lugar, o deus de mil olhos, o matador de Asuras, despejou chuva em abundância e fez os grãos crescerem. Revivificada pela principal das almas virtuosas a capital e o país ficaram animados com extrema alegria. O monarca com sua mulher, Tapati, mais uma vez realizou sacrifícios por doze anos, como o senhor Indra (deus da chuva) realizando sacrifícios com sua esposa, Sachi.'

O Gandharva continuou, 'Esta, ó Partha, é a antiga história de Tapati, a filha de Vivaswat. É por causa dela que tu és (chamado de) Tapatya. O rei Samvarana gerou em Tapati um filho chamado Kuru, que foi o principal dos ascetas. Nascido na linhagem de Kuru, ó Arjuna, tu deves ser chamado de Tapatya.'

177

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vaisampayana disse, 'Aquele touro entre os Bharatas, Arjuna, ouvindo as palavras do Gandharva, foi inspirado com sentimentos de devoção. O Gandharva

então continuou a história, ‘O rei Viswamitra sempre ia à floresta matar veados e javalis selvagens. Uma vez, enquanto fora em busca de veados, o rei ficou fraco com o esforço e a sede. O monarca chegou naquele estado no retiro de Vasishtha, e o abençoado e ilustre Rishi vendo-o chegar, reverenciou com sua homenagem aquele melhor dos homens, o rei Viswamitra. E ó Bharata, o Rishi saudou o monarca por lhe oferecer água para lavar seu rosto e pés, e Arghya, e frutas selvagens, e manteiga clarificada, pois o ilustre Rishi tinha uma vaca capaz de produzir qualquer coisa que fosse desejada dela. Quando ela era endereçada, dizendo, 'Ó, dê', ela sempre produzia o artigo que era procurado. E ela produzia várias frutas e grãos, selvagens ou crescidos em jardins e campos, e leite, e muitas iguarias nutritivas excelentes cheias das seis espécies diferentes de suco (gosto) e semelhantes ao próprio néctar, e vários outros tipos de coisas agradáveis, ó Arjuna, de gosto ambrosial para beber e comer, e para lamber e chupar, e também muitas pedras preciosas e mantos de várias espécies. Com estes objetos desejáveis em profusão o monarca foi reverenciado. E o rei com seu ministro e tropas ficou muito satisfeito. E o monarca maravilhou-se contemplando aquela vaca com seis membros elevados e belos flancos e quadris, e cinco membros que eram largos, e olhos proeminentes como aqueles da rã e bela em tamanho, e úberes grandes, e feitura impecável, e orelhas retas e erguidas, e chifres bonitos, e cabeça e pescoço bem desenvolvidos.

E, ó príncipe, o filho de Gadhi, satisfeito com tudo e elogiando a vaca chamada Nandini, endereçou-se ao Rishi, dizendo, 'Ó Brahmana, ó grande Muni, me dê tua Naridini em troca de dez mil vacas, ou do meu reino. Desfrute do meu reino (me dando tua vaca).'

Ouvindo estas palavras de Viswamitra, Vasishtha disse, 'Ó impecável, esta vaca tem sido mantida por mim por causa dos deuses, convidados e Pitris, como também para meus sacrifícios. Eu não posso dar Nandini nem em troca do teu reino.' Viswamitra respondeu, 'Eu sou um Kshatriya, mas tu és um Brahmana dedicado a ascetismo e estudo. Há qualquer energia em Brahmanas que são pacíficos e que têm suas almas sob perfeito domínio? Quando tu não me dás o que eu desejo nem mesmo em permuta por dez mil vacas, eu não abandonarei a prática da minha classe; eu pegarei tua vaca à força!'

Vasishtha disse, 'Tu és um Kshatriya dotado de força de braços. Tu és um monarca poderoso. Ó, faça rapidamente o que tu desejas; e não pare para considerar sua justeza.'

O Gandharva continuou, 'Assim endereçado por Vasishtha, Viswamitra, ó Partha, então agarrou à força Nandini, aquela vaca (branca) como o cisne ou a lua, e tentou levá-la embora, afligindo-a com chicotes e perseguindo-a de outras maneiras. A inocente Nandini então começou, ó Partha, a mugir de modo comovente, e se aproximando do ilustre Vasishtha ficou perante ele com a face erguida. Embora perseguida muito cruelmente, ela se recusou a deixar o retiro do Rishi.'

Vendo ela naquela situação difícil, Vasishtha disse, 'Ó amável, estás mugindo repetidamente e eu estou ouvindo teus gritos. Mas, ó Nandini, quando Viswamitra está te levando embora à força, o que eu posso fazer nesta questão, sendo um Brahmana clemente?'

O Gandharva continuou, 'Então, ó touro da raça Bharata, Nandini, alarmada à visão das tropas de Viswamitra e apavorada pelo próprio Viswamitra, aproximou-se ainda mais do Rishi, e disse, 'Ó ilustre, por que és tão indiferente ao meu pobre ser afligido com os açoites das tropas cruéis de Viswamitra e chorando tão deploravelmente como se não tivesse um mestre?' Ouvindo essas palavras da reclamante e perseguida Nandini, o grande Rishi não perdeu sua paciência nem voltou atrás em seu voto de bondade. Ele respondeu, 'O poder do Kshatriya jaz em sua força física, o do Brahmana na benignidade. Porque eu não posso desistir da bondade, vá, ó Nandini, se tu escolheres.' Nandini respondeu, 'Descarta-te de mim, ó ilustre, que falas assim? Se tu não me expulsares eu não posso, ó Brahmana, ser levada embora à força.' Vasishtha disse, 'Ó abençoada, eu não te expulso! Fique se puderes! Ó, lá está teu bezerro, atado com uma corda forte, e agora mesmo sendo enfraquecido por ela!'

O Gandharva continuou, 'Então a vaca de Vasishtha, ouvindo a palavra ‘fique’, ergueu sua cabeça e pescoço, e tornou-se terrível de se olhar. Com olhos vermelhos de raiva e mugindo repetidamente, ela então atacou as tropas de Viswamitra por todos os lados. Afligida pelos açoites deles e correndo para lá e para cá com aqueles seus olhos vermelhos, a cólera dela aumentou. Queimando de raiva, ela logo se tornou terrível de se olhar como o sol em sua glória ao meio-dia. E de seu rabo ela começou a despejar uma chuva de carvões ardentes em volta. E alguns momentos depois, de seu rabo ela produziu um exército de Palhavas, e de seus úberes, um exército de Dravidas e Sakas; e de seu útero, um exército de Yavanas, e de seu excremento um exército de Savaras; e de sua urina, um exército de Kanchis; e de seus lados, um exército de Savaras. E da espuma de sua boca saíram hostes de Paundras e Kiratas, Yavanas e Sinhalas, e as tribos bárbaras de Khasas e Chivukas e Pulindas e China e Hunas com Keralas, e outros numerosos Mlechchhas. E aquele vasto exército de Mlechchhas em vários uniformes, e armado com várias armas, tão logo surgiu para a vida, se organizando para o combate à vista de Viswamitra, atacou os soldados do monarca. E tão numerosa era aquela hoste Mlechchha que cada soldado específico de Viswamitra foi atacado por um bando de seis ou sete de seus inimigos. Atacadas por uma chuva poderosa de armas, as tropas de Viswamitra romperam-se e fugiram, tomadas de pânico, em todas as direções, diante de seus próprios olhos. Mas, ó touro da raça Bharata, as tropas de Vasishtha, embora excitadas pela cólera, não tiraram a vida de ninguém das tropas de Viswamitra. Nandini simplesmente fez o exército do monarca ser derrotado e partir. E impelidos a vinte e sete milhas completas (do retiro), tomados de pânico, eles gritaram alto e viram que ninguém podia protegê-los. Viswamitra, vendo esta façanha extraordinária que resultava da destreza de um Brahmana, ficou aborrecido a com destreza Kshatriya e disse, 'Ó, que vergonha para a destreza Kshatriya! A destreza Brahmana é a verdadeira destreza! Ao julgar a força e a

fraqueza, eu vejo que o ascetismo é a verdadeira força.' Assim dizendo, o monarca, abandonando seus grandes domínios e esplendor real e dando as costas a todos os prazeres, fixou sua mente no ascetismo. Coroado com sucesso em ascetismo e enchendo os três mundos com o calor de suas penitências ascéticas, ele afligiu todas as criaturas e finalmente se tornou um Brahmana. O filho de Kusika finalmente bebeu Soma com o próprio Indra (no céu).'

178

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Gandharva continuou, 'Havia, ó Partha, um rei neste mundo, chamado Kalmashapada, que era da linhagem de Ikshvaku e inigualável em coragem sobre a terra. Um dia o rei foi de sua capital às florestas para propósitos de caça, e aquele destruidor de inimigos perfurou (com suas flechas) muitos veados e javalis selvagens. E naquelas florestas profundas o rei também matou muitos rinocerontes. Envolvido neste esporte por algum tempo, o monarca ficou muito cansado e finalmente desistiu da caçada, desejando descansar um pouco.

O grande Viswamitra, dotado de energia, tinha, pouco tempo atrás, desejado fazer daquele monarca seu discípulo. Como o monarca, afligido com fome e sede, estava procedendo através das florestas, ele veio a cruzar com aquele melhor dos Rishis, o filho ilustre de Vasishtha, que seguia pelo mesmo caminho. O rei sempre vitorioso em batalha viu aquele Muni que portava o nome de Saktri, aquele propagador ilustre da linhagem de Vasishtha, o mais velho dos cem filhos de grande alma de Vasishtha, vindo na direção oposta. O rei, vendo-o, disse, 'Fique fora do nosso caminho.' O Rishi, endereçando-se ao monarca de uma maneira conciliadora, disse gentilmente, 'Ó rei, este é meu caminho. É a regra eterna de moralidade indicada em todos os tratados sobre dever e religião que um rei deve sempre abrir caminho para Brahmanas.' Deste modo eles se dirigiram um ao outro a respeito de seu direito ao caminho. 'Saia do caminho, saia do caminho', foram as palavras que eles disseram um ao outro. O Rishi, que tinha razão, não cedeu, nem o rei cedeu a ele por orgulho e raiva. Aquele melhor dos monarcas, enfurecido com o Rishi, recusando a ceder a ele o caminho, agiu como um Rakshasa, batendo nele com seu chicote. Assim chicoteado pelo monarca, aquele melhor dos Rishis, o filho de Vasishtha, foi privado de sua razão pela raiva, e rapidamente amaldiçoou aquele principal dos monarcas, dizendo, 'Ó pior dos reis, já que tu oprimiste um asceta como um Rakshasa, tu deste dia em diante te tornarás um Rakshasa que subsiste de carne humana! Daí, ó pior dos reis, tu vagarás pela terra aparentando forma humana!' Assim o Rishi Sakti, dotado de grande destreza, falou ao rei Kalmashapada. Naquela hora Viswamitra, entre o qual e Vasishtha havia uma disputa acerca do discipulado de Kalmashapada, se aproximou do local onde aquele monarca e o filho de Vasishtha estavam. E, ó Partha, aquele Rishi de penitências ascéticas rígidas, Viswamitra de grande energia, se aproximou do par (sabendo por seu discernimento espiritual que eles tinham estado disputando um

com o outro). Depois que a maldição havia sido pronunciada, aquele melhor dos monarcas soube que aquele Rishi era o filho de Vasishtha e que era igual ao próprio Vasishtha em energia. E, ó Bharata, Viswamitra, desejoso de beneficiar a si mesmo, permaneceu naquele local, escondido da vista de ambos por se fazer invisível. Então aquele melhor dos monarcas, assim amaldiçoado por Saktri, desejando aplacar o Rishi começou a suplicar humildemente. E, ó chefe dos Kurus, Viswamitra, averiguando a disposição do rei (e temendo que a divergência pudesse acabar), mandou um Rakshasa entrar no corpo do rei. E um Rakshasa de nome Kinkara então entrou no corpo do monarca em obediência à maldição de Saktri e à ordem de Viswamitra. E sabendo, ó destruidor de inimigos, que o Rakshasa tinha possuído mesmo o monarca, aquele melhor dos Rishis, Viswamitra, então deixou o local e foi embora.

Pouco tempo depois, ó Partha, o monarca, possuído pelo Rakshasa e terrivelmente afligido por ele, perdeu toda a sua razão. Naquela época um Brahmana viu o rei nas florestas. Afligido pela fome, aquele Brahmana pediu ao rei uma comida com carne. O sábio real, Kalmashapada, aquele destruidor de amigos, respondeu ao Brahmana, dizendo, 'Fique aqui, ó Brahmana, por algum tempo. Na minha volta eu te darei qualquer comida que desejares.' Tendo assim falado, o monarca foi embora, mas o Brahmana lá ficou. O rei de grande alma vagou por algum tempo em divertimento e, segundo sua vontade, finalmente entrou em seus aposentos internos. Assim, acordando à meia-noite e se lembrando de sua promessa, ele convocou seu cozinheiro e falou a ele sobre a promessa ao Brahmana que estava na floresta. E ele o ordenou, dizendo, 'Corra àquela floresta. Um Brahmana espera por mim na esperança de comida. Vá e entretenha-o com comida e carne.'

O Gandharva continuou, 'Assim mandado, o cozinheiro saiu à procura de carne. Aflito por não ter achado nenhuma, ele informou ao rei de seu fracasso. O monarca, no entanto, possuído como estava pelo Rakshasa, repetidamente disse, sem escrúpulo de qualquer espécie, 'Alimente-o com carne humana.' O cozinheiro, dizendo, 'Assim seja' foi ao lugar onde os carrascos (do rei) estavam, e daquele lugar pegou carne humana e a lavou e cozinhou devidamente, e cobrindo-a com arroz cozido a ofereceu àquele Brahmana faminto dedicado a penitências ascéticas. Mas aquele melhor dos Brahmanas, vendo com sua visão espiritual que aquela comida era pecaminosa e, portanto, indigna de ser comida, disse estas palavras com os olhos vermelhos de raiva, 'Porque aquele pior dos reis me oferece comida que é pecaminosa e indigna de ser comida, portanto aquele desgraçado terá ele mesmo um gosto por tal comida. E se tornando ávido por carne humana como amaldiçoado por Saktri antigamente, o desgraçado vagará pela terra alarmando e atormentando de várias maneiras todas as criaturas.' A maldição, portanto, sobre aquele rei, assim repetida uma segunda vez, se tornou muito forte, e o rei, possuído por uma tendência Rakshasa, logo perdeu todo seu juízo.

Pouco tempo depois, ó Bharata, aquele melhor dos monarcas, privado de toda sua razão pelo Rakshasa dentro de si, vendo Saktri que o havia amaldiçoado, disse, 'Porque tu pronunciaste sobre mim esta maldição extraordinária, portanto,

eu começarei minha vida de canibalismo por te devorar.' Tendo dito isto, o rei imediatamente matou Saktri e o comeu, como um tigre comendo o animal do qual gostava. Vendo Saktri assim morto e devorado, Viswamitra repetidamente incitou aquele Rakshasa (que estava dentro do monarca) contra os outros filhos de Vasishtha. Como um leão enfurecido devorando animais pequenos, aquele Rakshasa logo devorou os outros filhos do ilustre Vasishtha que eram mais novos do que Saktri em idade. Mas Vasishtha, sabendo que todos os seus filhos haviam sido mortos por causa de Viswamitra, pacientemente suportou sua dor como a grande montanha que suporta a terra. Aquele melhor dos Munis, aquele principal dos homens inteligentes, estava resolvido antes a sacrificar sua própria vida do que exterminar (com cólera) a raça dos Kusikas. O Rishi ilustre se jogou do topo de Meru, mas ele caiu sobre a terra pedregosa como se esta fosse uma pilha de algodão. E, ó filho de Pandu, quando o ilustre viu que a morte não resultou daquela queda, ele acendeu uma enorme fogueira na floresta e entrou nela prontamente. Mas o fogo, embora queimando brilhantemente, não o consumiu. Ó matador de inimigos, aquele fogo ardente lhe parecia frio. Então o grande Muni sob a influência da dor, contemplando o mar, amarrou uma pedra pesada em seu pescoço e se jogou em suas águas. Mas as ondas logo o lançaram na terra. Finalmente quando aquele Brahmana de votos rígidos não teve êxito em se matar por quaisquer meios, ele voltou, com angústia no coração, para seu retiro.'

179

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Gandharva continuou, 'Vendo seu retiro privado de filhos, o Muni afligido com grande dor o deixou novamente. E em seu caminho ele viu, ó Partha, um rio cheio com as águas da estação chuvosa, varrendo inúmeras árvores e plantas que tinham crescido sobre sua margem. Vendo aquilo, ó tu da linhagem Kuru, o Muni aflito pensando que ele certamente seria afogado se caísse nas águas daquele rio, se amarrou fortemente com várias cordas e se lançou, sob a influência da dor, à correnteza daquele rio poderoso. Mas, ó matador de inimigos, aquela corrente logo cortou aquelas cordas e lançou o Rishi na terra. E o Rishi ergueu-se na margem, livre das cordas com as quais tinha se amarrado. E porque suas cordas foram assim partidas pela violência da corrente, o Rishi chamou a corrente pelo nome de Vipasa (o quebrador de corda). Por causa de sua dor o Muni não podia, naquela época, ficar em um único lugar; e ele começou a vagar por montanhas e por rios e lagos. E vendo uma outra vez um rio chamado Haimavati (fluindo de Himavat) de aspecto terrível e cheio de crocodilos ferozes e outros monstros (aquáticos), o Rishi se jogou nele, mas o rio confundindo o Brahmana com uma massa de fogo (inextinguível), imediatamente fluiu em cem direções diferentes, e foi conhecido desde então pelo nome de Satadru (o rio de cem cursos). Vendo-se na terra seca mesmo lá ele exclamou, 'Ó, eu não posso morrer por minhas próprias mãos!' Assim dizendo, o Rishi novamente voltou seus passos para seu

retiro. Cruzando inúmeras montanhas e países, quando ele estava para reentrar em seu retiro ele foi seguido por sua nora chamada Adrisyanti. Quando ela se aproximou dele, ele ouviu de trás o som de uma narração muito inteligente dos Vedas com as seis virtudes de elocução. Ouvindo aquele som, o Rishi perguntou, 'Quem é que está me seguindo?' Sua nora então respondeu, 'Eu sou Adrisyanti, a mulher de Saktri. Eu estou desamparada, embora dedicada ao ascetismo.' Ouvindo-a, Vasishtha disse, 'Ó filha, de quem é esta voz que eu ouvi, repetindo os Vedas junto com os Angas como a voz de Saktri recitando os Vedas com os Angas?' Adrisyanti respondeu, 'Eu levo no meu útero um filho do teu filho Saktri. Ela esteve aqui por doze anos completos. A voz que tu ouviste é a deste Muni, que está recitando os Vedas.'

O Gandharva continuou, 'Assim endereçado por ela o ilustre Vasishtha ficou extremamente contente. E dizendo, 'Ó, há uma criança (da minha linhagem)!' ele parou, ó Partha, de tentar se destruir. O impecável acompanhado por sua nora então voltou para seu retiro. E o Rishi viu um dia nas florestas solitárias (o Rakshasa) Kalmashapada. O rei, ó Bharata, possuído pelo Rakshasa feroz, logo que viu o Rishi, ficou cheio de ira e ergueu-se, desejoso de devorá-lo. E Adrisyanti vendo diante dela aquele Rakshasa de atos cruéis, endereçou-se a Vasishtha nestas palavras, cheia de ansiedade e medo, 'Ó ilustre, o Rakshasa cruel, como a própria Morte armada com (sua) clava feroz, vem em direção a nós com uma clava de madeira na mão! Não há ninguém mais sobre terra, exceto a ti, ó ilustre, e, ó principal de todos os que são familiarizados com os Vedas, para reprimi-lo hoje. Proteja-me, ó ilustre, deste desgraçado cruel de aparência terrível. Certamente, o Rakshasa vem para cá para nos devorar.' Vasishtha, ouvindo-a, disse, 'Não tema, ó filha, não há necessidade de temer nenhum Rakshasa. Este cujo perigo iminente tu receias não é nenhum Rakshasa. É o rei Kalmashapada dotado de grande energia e célebre na terra. Esse homem terrível habita estas florestas.'

O Gandharva continuou, 'Vendo ele avançando, o ilustre Rishi Vasishtha, dotado de grande energia, o reprimiu, ó Bharata, por proferir o som Hum. Borrifando-o com água santificada por encantamentos o Rishi libertou o monarca daquela maldição terrível. Por doze anos o monarca tinha sido dominado completamente pela energia do filho de Vasishtha como Surya apanhado pelo planeta (Rahu) durante a época de um eclipse. Livre do Rakshasa o monarca iluminou aquela grande floresta com seu esplendor como o sol iluminando as nuvens ao anoitecer. Recuperando seu poder de raciocínio, o rei saudou aquele melhor de Rishis com as palmas unidas e disse, 'Ó ilustre, eu sou o filho de Sudasa e teu discípulo, ó melhor dos Munis! Ó, diga-me o que te apraz e o que eu devo fazer.' Vasishtha respondeu, dizendo, 'Meu desejo já foi realizado. Volte agora para teu reino e governe teus súditos. E, ó chefe de homens, nunca mais insulte os Brahmanas.' O monarca respondeu, 'Ó ilustre, eu nunca mais insultarei Brahmanas superiores. Em obediência à tua ordem eu sempre adorarei Brahmanas. Mas, ó melhor dos Brahmanas, eu desejo obter de ti algo pelo qual, ó principal de todos os conhecedores dos Vedas, eu possa ser liberto da dívida que tenho para com a linhagem de Ikshvaku! Ó melhor dos homens, cabe a ti me

conceder, para a perpetuação da linhagem de Ikshvaku, um filho desejável possuidor de beleza e talentos e bom comportamento.'

O Gandharva continuou, 'Assim endereçado, Vasishtha, aquele melhor dos Brahmanas dedicado à verdade respondeu àquele poderoso monarca arqueiro, dizendo, 'Eu te darei.' Depois de algum tempo, ó príncipe de homens, Vasishtha, acompanhado pelo monarca, foi para a capital recentemente conhecida por toda a terra pelo nome de Ayodhya. Os cidadãos em grande alegria saíram para receber aquele impecável e ilustre, como os habitantes do céu saindo para receber seu chefe. O monarca, acompanhado por Vasishtha, reentrou em sua auspiciosa capital depois de muito tempo. Os cidadãos de Ayodhya viram seu rei acompanhado por seu sacerdote como se ele fosse o sol nascendo. O monarca que era superior a todos em beleza encheu com seu esplendor toda a cidade de Ayodhya, como a lua outonal enche todo o firmamento com seu esplendor. E a própria cidade excelente, por suas ruas terem sido regadas e varridas, e pelas fileiras de estandartes e flâmulas embelezando tudo em volta, alegrou o coração do monarca. E, ó príncipe da linhagem Kuru, a cidade cheia como estava com almas alegres e saudáveis, por causa da presença dele, parecia brilhante como Amaravati com a presença do chefe dos celestiais. Depois que o sábio real tinha entrado em sua capital, a rainha, por ordem do rei, se aproximou de Vasishtha. O grande Rishi, fazendo um acordo com ela, se uniu com ela segundo a ordenança superior. E depois de pouco tempo, quando a rainha concebeu, aquele melhor dos Rishis, recebendo as reverentes saudações do rei, voltou para seu retiro. A rainha levou o embrião em seu útero por muito tempo. Quando ela viu que não dava à luz a nada, ela rasgou seu útero com um pedaço de pedra. E foi então que no décimo segundo ano (de concepção) nasceu Asmaka, aquele touro entre os homens, o sábio real que fundou (a cidade de) Paudanya.'

180

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Gandharva continuou, 'Então, ó Partha, Adrisyanti, que tinha estado residindo no retiro de Vasishtha, deu à luz a um filho que foi o perpetuador da linhagem de Saktri e que era um segundo Saktri em tudo. Ó principal dos Bharatas, aquele melhor dos Munis, o próprio ilustre Vasishtha realizou as cerimônias usuais após o nascimento de seu neto. E, porque o Rishi Vasishtha tinha resolvido se autodestruir mas se absteve disso logo que soube da existência daquela criança, aquela criança, quando nasceu, foi chamada de Parasara (o vivificador dos mortos). O virtuoso Parasara, desde o dia de seu nascimento, conheceu Vasishtha como seu pai e se comportava em relação ao Muni como tal. Um dia, ó filho de Kunti, a criança se endereçou a Vasishtha, aquele principal dos Brahmanas sábios, como pai, na presença de sua mãe Adrisyanti. Adrisyanti, ouvindo o som muito inteligível ‘pai’ docemente proferido por seu filho, endereçou-se a ele com olhos chorosos e disse, 'Ó criança, não te dirija ao teu avô como teu pai. Teu pai,

ó filho, foi devorado por um Rakshasa em uma floresta diferente. Ó inocente, não é teu pai este que tu consideras assim. Este venerável é o pai do teu célebre pai.' Assim endereçado por sua mãe aquele melhor dos Rishis de palavras verdadeiras ficou triste, mas logo inflamou-se e resolveu destruir a toda criação. Então o ilustre e grande asceta Vasishtha, aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de Brahma, filho de Mitravaruna, aquele Rishi conhecedor da verdade positiva, endereçou-se a seu neto que tinha fixado seu coração na destruição do mundo. Ouça, ó Arjuna, os argumentos pelos quais Vasishtha conseguiu tirar aquela decisão da mente de seu neto.'

O Gandharva continuou, 'Então Vasishtha disse, 'Havia um rei célebre de nome Kritavirya. Aquele touro entre os reis da terra era discípulo dos Bhrigus conhecedores do Veda. Aquele rei, ó criança, depois de realizar o sacrifício Soma, gratificou os Brahmanas com grandiosos presentes de arroz e riqueza. Depois que aquele monarca tinha ascendido para o céu, veio uma ocasião quando seus descendentes estavam com falta de riquezas. E sabendo que os Bhrigus eram ricos, aqueles príncipes foram até aqueles melhores dos Brahmanas, na aparência de mendigos. Alguns entre os Bhrigus, para proteger sua riqueza, a enterraram sob a terra; e alguns por medo dos Kshatriyas, começaram a dar sua riqueza a (outros) Brahmanas; enquanto alguns deles devidamente deram aos Kshatriyas tudo o que eles queriam. Aconteceu, no entanto, que alguns Kshatriyas, ao cavarem como queriam na casa de um Bhargava específico, encontraram um grande tesouro. E o tesouro foi visto por todos aqueles touros entre os Kshatriyas que lá estavam. Enfurecidos com o que eles consideraram como um comportamento enganador dos Bhrigus, os Kshatriyas insultaram os Brahmanas, embora os últimos pedissem piedade. E aqueles poderosos arqueiros começaram a matar os Bhrigus com suas setas afiadas. E os Kshatriyas vagaram por sobre a terra, matando até os embriões que estavam nos úteros das mulheres da linhagem Bhrigu. E enquanto a raça Bhrigu estava sendo assim exterminada, as mulheres daquela tribo fugiram de medo para as montanhas inacessíveis de Himavat. E uma entre aquelas mulheres, de belas pernas, por desejar perpetuar a linhagem do marido, guardou em uma das suas coxas um embrião dotado de grande energia. Certa mulher Brahmana, no entanto, que veio a saber deste fato, foi por medo aos Kshatriyas e relatou este caso a eles. E os Kshatriyas então foram destruir aquele embrião. Chegando no lugar, eles viram a futura mãe resplandecendo com energia inata, e a criança que estava em sua coxa saiu rompendo a coxa e ofuscando os olhos daqueles Kshatriyas como o sol do meio-dia. Assim privados de sua visão os Kshatriyas começaram a vagar por aquelas montanhas inacessíveis. E afligidos pela perda de visão os príncipes sofreram, e desejosos de recuperar o uso de seus olhos eles resolveram procurar a proteção daquela mulher impecável. Então aqueles Kshatriyas, afligidos pela tristeza, e pela perda da vista como a de um fogo que se acaba, se dirigiram com corações ansiosos àquela senhora ilustre, dizendo, 'Por tua graça, ó senhora, nós desejamos que nossa visão seja restaurada. Nós então voltaremos para nossas casas todos juntos e nos absteremos para sempre da nossa prática pecaminosa. Ó bela, cabe a ti com teu filho mostrar piedade para conosco. Cabe a ti auxiliar estes reis por lhes conceder sua visão.'

181

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vasishtha continuou, 'A senhora Brahmana, assim endereçada por eles, disse, 'Ó filhos, eu não privei vocês da sua visão, nem estou zangada com vocês. Esta criança, no entanto, da linhagem Bhrigu, está certamente zangada com vocês. Há pouca dúvida, ó filhos, que vocês foram privados da visão por esta criança ilustre cuja fúria foi acesa à lembrança do massacre de sua raça. Ó filhos, enquanto vocês estavam destruindo até que os embriões da raça Bhrigu, esta criança foi mantida por mim na minha coxa por cem anos! E para que a prosperidade da linhagem Bhrigu possa ser restaurada, os Vedas inteiros com seus ramos vieram a ele mesmo enquanto ele estava no útero. É evidente que este descendente da linhagem Bhrigu, enfurecido pela matança de seus pais, deseja matar vocês! Foi pela energia celestial dele que seus olhos foram queimados. Portanto, ó filhos, rezem a este meu filho excelente nascido da minha coxa. Conciliado por sua homenagem ele poderá restaurar sua visão.'

Vasishtha continuou, 'Ouvindo estas palavras da senhora Brahmana, todos aqueles príncipes se endereçaram à criança nascida da coxa, dizendo, 'Seja auspicioso!' E a criança foi auspiciosa para com eles. E aquele melhor dos Brahmanas Rishis, por ele ter nascido depois de romper a coxa de sua mãe, veio a ser conhecido por todos os três mundos pelo nome de Aurva (nascido da coxa). E os príncipes recuperaram sua visão e foram embora. Mas o Muni Aurva da linhagem Bhrigu resolveu dominar todo o mundo. E o Rishi de grande alma fixou seu coração, ó filho, na destruição de todas as criaturas do mundo. E aquele descendente da raça Bhrigu, para prestar homenagem (como ele considerava) a seus antepassados massacrados, se dedicou às mais austeras penitências com o objetivo de destruir todo o mundo. E desejoso de gratificar seus antepassados, o Rishi afligiu com seu ascetismo severo os três mundos com os celestiais, os Asuras e seres humanos. Os Pitris, então, sabendo o que o filho de sua raça estava prestes a fazer, vieram todos de sua própria região até o Rishi e endereçando-se a ele disseram:

'Aurva, ó filho, tu tens sido feroz no teu ascetismo. Teu poder foi testemunhado por nós. Seja benévolo para com os três mundos. Ó, controle tua ira. Ó filho, não foi por incapacidade que os Bhrigus de almas sob controle completo foram, todos eles, indiferentes à sua própria destruição pelas mãos dos assassinos Kshatriyas. Ó filho, quando nós nos cansamos dos longos períodos de vida concedidos a nós, foi então que nós desejamos nossa própria destruição por meio dos Kshatriyas. A riqueza que os Bhrigus colocaram em sua casa subterrânea foi colocada somente com o objetivo de enfurecer os Kshatriyas e de comprar uma briga com eles. Ó tu melhor dos Brahmanas, como nós estávamos desejosos do céu, que uso a riqueza poderia ter para nós? O tesoureiro do céu (Kuvera), manteve um grande

tesouro para nós. Quando nós vimos que a morte não poderia, por quaisquer meios, nos alcançar, foi então, ó filho, que nós consideramos este como o melhor dos meios (de realizar nosso desejo). Aqueles que se suicidam nunca alcançam as regiões que são abençoadas. Refletindo sobre isto, nós nos abstivemos de nos autodestruir. Portanto, isto que tu desejas fazer não é agradável para nós. Reprima tua mente, portanto, da ação pecaminosa de destruir todo o mundo. Ó filho, não destrua os Kshatriyas nem os sete mundos. Ó, mate esta tua cólera que macula tua energia ascética.'

182

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Gandharva disse, 'Vasishtha, depois disto, continuou a narração dizendo, 'Ouvindo estas palavras dos Pitris, Aurva, ó filho, respondeu a eles neste sentido:

'Ó Pitris, o voto que eu fiz por raiva para a destruição de todos os mundos não deve ser em vão. Eu não posso consentir em ser alguém cuja raiva e votos são inúteis. Como o fogo consumindo as florestas secas, esta minha fúria certamente me consumirá se eu não cumprir meu voto. O homem que reprime sua cólera que foi excitada por causa (adequada), se torna incapaz de atingir devidamente os três objetivos da vida (religião, lucro e prazer). A cólera que os reis desejosos de subjugar toda a terra manifestam não é sem utilidade. Ela serve para reprimir os maus e proteger os honestos. Enquanto jazia por nascer dentro da coxa de minha mãe, eu ouvi o triste grito de minha mãe e das outras mulheres da raça Bhrigu que estavam então sendo exterminadas pelos Kshatriyas. Ó Pitris, quando aqueles desgraçados dos Kshatriyas começaram a exterminar os Bhrigus junto com as crianças por nascer de sua linhagem, foi então que a cólera encheu minha alma. Minha mãe e as outras mulheres da nossa raça, cada uma em um estado avançado de gravidez, e meu pai, terrivelmente apavorados, não encontraram em todos os mundos um único protetor. Então quando as mulheres Bhrigu não encontraram nenhum protetor, minha mãe me segurou em uma de suas coxas. Se houvesse um punidor de crimes nos mundos, ninguém em todos os mundos ousaria cometer um crime; se não se encontra um castigador, o número de pecadores se torna grande. O homem que tendo o poder de impedir ou punir um pecado não o faz sabendo que um pecado foi (ou será) cometido, é ele mesmo maculado por tal pecado. Como reis e outros, capazes de proteger meus pais, não os protegeram, adiando o dever preferindo os prazeres da vida, eu fiquei por justa causa enfurecido com eles. Eu sou o senhor da criação, capaz de punir sua iniquidade. Eu sou incapaz de obedecer sua ordem. Capaz de punir este crime, se eu me abstiver de assim fazer, os homens mais uma vez poderão ter que sofrer uma perseguição parecida. O fogo da minha ira também está pronto para consumir os mundos, se reprimido, ele sem dúvida consumirá a mim mesmo por sua própria energia. Ó mestres, eu sei que vocês sempre procuram o bem dos

mundos, me aconselhem, portanto, quanto ao que pode beneficiar a mim mesmo e ao mundo.'

Vasishtha continuou, 'Os Pitris responderam dizendo, ‘Ó, jogue nas águas este fogo nascido da tua cólera e que deseja consumir os mundos. Isto te fará bem. Os mundos, de fato, são todos dependentes da água (como sua causa elementar). Toda substância suculenta contém água, de fato o todo universo é feito de água. Portanto, ó tu melhor dos Brahmanas, lance este fogo da tua ira às águas. Se, portanto, tu desejares, ó Brahmana, que este fogo nascido da tua cólera resida no grande oceano, consumindo as águas dele, pois é dito que os mundos são feitos de água. Deste modo, ó impecável, a tua palavra se tornará verdadeira, e os mundos com os deuses não serão destruídos.'

Vasishtha continuou, 'Então, ó filho, Aurva lançou o fogo da sua ira na residência de Varuna. E aquele fogo que consome as águas do grande oceano se tornou como uma grande cabeça de cavalo, a qual as pessoas conhecedoras dos Vedas chamam pelo nome de Vadavamukha. E emitindo a si mesmo daquela boca ele consome as águas do oceano poderoso. Abençoado sejas! Não cabe a ti, portanto, destruir os mundos. Ó Parasara, que és conhecedor das mais elevadas regiões, tu és o principal dos homens sábios!'

183

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Gandharva continuou, 'O sábio Brahmana (Parasara) assim endereçado pelo ilustre Vasishtha, impediu sua ira de destruir os mundos. Mas o Rishi Parasara dotado de energia, o grande filho de Saktri, a principal de todas as pessoas conhecedoras dos Vedas, realizou um grande sacrifício Rakshasa. E lembrando da morte de (seu pai) Saktri, o grande Muni começou a destruir os Rakshasas, jovens e velhos, no sacrifício que realizou. E Vasishtha não o impediu da matança dos Rakshasas, pela determinação de não obstruir este segundo voto (de seu neto). E naquele sacrifício o grande Muni Parasara sentou-se perante três fogos ardentes, ele mesmo como um quarto fogo. E o filho de Saktri, como o Sol emergindo das nuvens, iluminou o firmamento por meio daquele seu sacrifício imaculado no qual foram despejadas grandes libações de manteiga clarificada. Então Vasishtha e os outros Rishis consideraram aquele Muni ardente com sua própria energia como se ele fosse um segundo Sol. Então o grande Rishi Atri de alma generosa, desejoso de terminar aquele sacrifício, uma realização muito difícil para outros, foi até aquele local. E foram lá também, ó tu matador de todos os inimigos, Pulastya e Pulaha, e Kratu, o realizador de muitos sacrifícios grandiosos, todos influenciados pelo desejo de salvar os Rakshasas. E, ó touro da raça Bharata, Pulastya então, vendo que muitos Rakshasas já tinham sido mortos, disse estas palavras a Parasara, o opressor de todos os inimigos:

'Não há obstrução, eu espero, a este teu sacrifício, ó filho! Derivas algum prazer, ó filho, deste massacre de todos esses Rakshasas inocentes que nada sabem sobre a morte do teu pai? Não cabe a ti destruir qualquer criatura desta forma. Esta, ó filho, não é a ocupação de um Brahmana dedicado ao ascetismo. A Paz é a mais alta virtude. Portanto, ó Parasara, estabeleça a paz. Como tu podes, ó Parasara, sendo tão superior, estar envolvido em tal prática pecaminosa? Não cabe a ti pecar contra o próprio Saktri que era um bom conhecedor de todas as regras de moralidade. Não cabe a ti eliminar qualquer criatura. Ó descendente da linhagem de Vasishtha, o que aconteceu ao teu pai foi ocasionado pela maldição dele próprio. Foi por seu próprio erro que Saktri foi levado daqui para o céu. Ó Muni, nenhum Rakshasa era capaz de devorar Saktri; ele mesmo providenciou sua própria morte. E, ó Parasara, Viswamitra foi somente um instrumento cego neste caso. Ambos Saktri e Kalmashapada, tendo ascendido para o céu estão desfrutando de grande felicidade. E também os outros filhos do grande Rishi Vasishtha que eram mais novos do que Saktri, estão agora mesmo se deleitando com os celestiais. E, ó filho, ó prole do filho de Vasishtha, tu também tens sido, neste sacrifício, somente um instrumento na destruição destes Rakshasas inocentes. Ó, abençoado sejas! Abandone este teu sacrifício. Deixe que ele acabe.'

O Gandharva continuou, 'Assim endereçado por Pulastya, como também pelo inteligente Vasishtha, aquele Muni, o poderoso filho de Saktri, então deu fim àquele sacrifício. E o Rishi lançou o fogo que tinha acendido para o sacrifício dos Rakshasas nas profundas florestas no norte de Himavat. E aquele fogo pode ser visto daquele dia em diante consumindo Rakshasas e árvores e pedras em todas as épocas.'

184

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Arjuna perguntou, 'Por quê, ó Gandharva, o rei Kalmashapada mandou sua rainha ir até aquela principal de todas as pessoas conhecedoras dos Vedas, o mestre Vasishtha? Por que também o ilustre e grande Rishi Vasishtha que conhecia todas as regras de moralidade conheceu uma mulher que ele não deveria ter conhecido? Ó amigo, foi este um ato de pecado por parte de Vasishtha? Cabe a ti remover as dúvidas que eu tenho e apresentar sua solução.'

O Gandharva respondeu, dizendo, 'Ó irreprimível Dhananjaya, escute a resposta à pergunta que fizeste a respeito de Vasishtha e do rei Kalmashapada, aquele destruidor de amigos. Ó tu melhor dos Bharatas, eu te disse tudo sobre a maldição do rei Kalmashapada por Saktri, o filho ilustre de Vasishtha. Trazido sob a influência da maldição, aquele matador de todos os inimigos, o rei Kalmashapada, com os olhos girando de raiva saiu de sua capital acompanhado por sua mulher. E entrando com sua mulher nas florestas solitárias o rei começou a vagar por elas. E um dia enquanto o rei sob a influência da maldição estava

vagando através daquela floresta cheia de várias espécies de veados e outros animais e coberta com numerosas árvores grandes e arbustos e trepadeiras e ressoando com gritos terríveis, ele ficou extremamente faminto. E o monarca então começou a procurar por alimento. Oprimido pela fome, o rei finalmente viu, em uma parte muito solitária das florestas, um Brahmana e sua mulher tendo prazer um com o outro. Alarmados ao verem o monarca os dois fugiram, com seu desejo insatisfeito. Perseguindo o par que fugia, o rei agarrou o Brahmana à força. Então a Brahmani, vendo seu marido capturado, endereçou-se ao monarca, dizendo, 'Escute ao que eu digo, ó monarca de votos excelentes! É conhecido no mundo inteiro que tu és nascido em uma linhagem solar, e que tu és sempre vigilante na prática da moralidade e dedicado ao serviço a teus superiores. Não cabe a ti cometer um pecado, ó irreprimível, embora privado da tua razão pela maldição (do Rishi). Minha época (fértil) veio, e desejosa da companhia de meu marido eu estava me unindo a ele. Eu ainda não estou satisfeita. Seja bondoso para conosco, ó tu melhor dos reis! Liberte meu marido.' O monarca, no entanto, sem escutar seus gritos cruelmente devorou seu marido como um tigre devorando sua presa desejável. Possuída pela fúria ao ver aquilo, as lágrimas que aquela mulher derramou arderam como fogo e consumiram tudo naquele lugar. Aflita pela calamidade que alcançou seu marido, a Brahmani com raiva amaldiçoou o sábio real Kalmashapada, 'Vil desgraçado, como tu hoje cruelmente devoraste sob meu próprio nariz meu ilustre marido querido para mim, ainda antes dos meus desejos estarem satisfeitos, portanto tu, ó perverso, afligido pela minha maldição, encontrarás a morte no instante em que te relacionares com tua mulher na época dela. E tua mulher, ó desgraçado, dará à luz a um filho unido-se com aquele Rishi Vasishtha cujos filhos foram devorados por ti. E aquela criança, ó pior dos reis, será o perpetuador da tua linhagem.' E amaldiçoando o monarca desta forma, aquela senhora da casa de Angira possuidora de todas as marcas propícias entrou no fogo ardente à vista do monarca. E, ó opressor de todos os inimigos, o ilustre e exaltado Vasishtha por seu poder ascético e discernimento espiritual imediatamente soube de tudo aquilo. E muito tempo depois disto, quando o rei ficou livre da sua maldição, ele se aproximou de sua mulher Madayanati quando a época dela chegou. Mas Madayanati suavemente o afastou. Sob a influência da paixão o monarca não recordou daquela maldição. Ouvindo, no entanto, as palavras de sua mulher, o melhor dos reis ficou terrivelmente alarmado. E lembrando da maldição ele se arrependeu amargamente do que tinha feito. Foi por esta razão, ó tu melhor dos homens, que o monarca contagiado pela maldição da Brahmani nomeou Vasishtha para gerar um filho em sua rainha.'

185

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Arjuna perguntou, 'Ó Gandharva, tu és conhecedor de tudo. Diga-nos, portanto, qual Brahmana conhecedor dos Vedas seria digno de ser nomeado nosso sacerdote.'

O Gandharva respondeu, ‘Há nestas florestas um santuário de nome Utkochaka. Dhaumya, o irmão mais novo de Devala lá está dedicado à penitências ascéticas. O nomeiem, se desejarem, seu sacerdote.’

Vaisampayana disse, 'Então Arjuna, muito satisfeito com tudo o que tinha acontecido, deu àquele Gandharva sua arma de fogo com as cerimônias apropriadas. E endereçando-se a ele, o Pandava também disse, 'Ó tu melhor dos Gandharvas, que os cavalos que tu nos deste permaneçam contigo por algum tempo. Quando a ocasião vier nós os pegaremos de ti. Abençoado sejas.' Então o Gandharva e os Pandavas respeitosamente saudaram uns aos outros e deixaram as margens encantadoras do Bhagirathi e foram para onde desejaram. Então, ó Bharata, os Pandavas foram para Utkochaka, o retiro sagrado de Dhaumya e instalaram Dhaumya como seu sacerdote. E Dhaumya, o principal de todos os conhecedores dos Vedas, recebendo-os com presentes de frutas selvagens e raízes (comestíveis), concordou em se tornar seu sacerdote. E os Pandavas com sua mãe formando o sexto membro do grupo, tendo obtido aquele Brahmana como seu sacerdote consideraram sua soberania e reino como já recuperados e a filha do rei Panchala como já obtida no Swayamavara. E aqueles touros da raça Bharata, tendo obtido o mestre Dhaumya como seu sacerdote, também se consideraram colocados sob um poderoso protetor. E Dhaumya de grande alma, conhecedor do verdadeiro significado dos Vedas e de todas as regras de moralidade, se tornando o preceptor espiritual dos Pandavas virtuosos, fez deles seus Yajamanas (discípulos espirituais). E aquele Brahmana, vendo aqueles heróis dotados de inteligência e força e perseverança como os celestiais, considerou-os como já restaurados, em virtude das suas próprias realizações, à sua soberania e reino. Então aqueles reis de homens, tendo tido as bênçãos proferidas sobre si por aquele Brahmana, resolveram ir, acompanhados por ele, ao Swayamvara da princesa de Panchala.'

186

(Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aqueles tigres entre os homens, aqueles irmãos, os cinco Pandavas, foram para Panchala para ver aquele país e Draupadi e as festas (em vista de seu casamento). E aqueles tigres entre os homens, aqueles opressores de todos os inimigos, indo junto com sua mãe, viram no caminho

numerosos Brahmanas procedendo juntos. E aqueles Brahmanas que eram todos Brahmacharis, vendo os Pandavas, ó rei, perguntaram a eles, 'Onde vocês estão indo? De onde também vocês vêm?' E Yudhishthira respondeu a eles, dizendo, 'Ó touros entre Brahmanas, saibam que nós somos irmãos procedendo junto com nossa mãe. Nós estamos vindo de Ekachakra.' Os Brahmanas então disseram, 'Vão neste mesmo dia à residência de Drupada no país dos Panchalas. Um grande Swayamvara ocorrerá lá, no qual uma grande soma de dinheiro será gasta. Nós também estamos indo para lá. Vamos todos juntos. Festas extraordinárias se realizarão (na residência de Drupada). O ilustre Yajnasena, também chamado de Drupada, tem uma filha que surgiu do centro do altar sacrifical. De olhos como pétalas de lótus e feições impecáveis e dotada com juventude e inteligência, ela é extremamente bela. E Draupadi de cintura esbelta e aspecto perfeitamente impecável, e que emite do corpo uma fragrância como a do lótus azul por duas milhas completas em volta de si, é a irmã de Dhrishtadyumna de braços fortes dotado de bravura, o (futuro) matador de Drona, que nasceu com uma armadura natural e espada e arco e flechas do fogo ardente, ele mesmo como um segundo Fogo. E a filha de Yajnasena escolherá um marido dentre os príncipes convidados. E nós estamos indo lá para ver a ela e as festas da ocasião, semelhantes às festas do céu. E àquele Swayamvara virão de várias terras reis e príncipes que são realizadores de sacrifícios nos quais os presentes aos Brahmanas são grandiosos, que são devotados ao estudo, são santos, ilustres, e de votos rígidos; que são jovens e bonitos; e que são poderosos guerreiros em carros e educados em armas. Desejosos de ganhar (a mão da) moça aqueles monarcas todos darão de graça muita riqueza e vacas e comida e outros artigos de lazer. E recebendo tudo o que eles derem e testemunhando o Swayamvara, e desfrutando das festas, nós iremos a qualquer lugar que quisermos. E também vão àquele Swayamvara, de vários países, atores, e bardos cantores das glórias dos reis, e dançarinos, e narradores de Puranas, e arautos, e atletas poderosos. E vendo tudo isto e pegando o que será dado de graça pelos ilustres, vocês retornarão conosco. Vocês todos são belos e como os celestiais! Vendo vocês, Krishna pode, por acaso, escolher algum entre vocês superior ao resto. Este teu irmão de braços poderosos e vistoso e dotado de beleza também, dedicado a (vigorosos) combates, poderia, por acaso, ganhar grande riqueza.'

Ouvindo essas palavras dos Brahmanas, Yudhishthira respondeu, 'Ó Brahmanas, nós todos acompanharemos vocês para testemunhar o Swayamvara daquela moça, aquela excelente comemoração.'

187

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim endereçados pelos Brahmanas, os Pandavas, ó Janamejaya, procederam em direção ao país dos Panchalas do sul governado

pelo rei Drupada. E em seu caminho aqueles heróis viram Dwaipayana, aquele ilustre Muni de alma pura, e perfeitamente impecável. E saudando devidamente o Rishi e sendo saudados por ele, depois que sua conversação havia acabado, mandados por ele eles procederam para a residência de Drupada. E aqueles poderosos combatentes em carruagens prosseguiram em passos lentos, ficando por algum tempo em belas florestas com lindos lagos que eles viram em seu caminho. Dedicados ao estudo, puros em suas práticas, amáveis, e de fala gentil, os Pandavas finalmente entraram no país dos Panchalas. E vendo a capital, como também o castelo, eles se hospedaram na casa de um oleiro. Adotando a ocupação Brahmânica, eles começaram a levar uma vida de mendicantes. E nenhum homem reconheceu aqueles heróis durante sua permanência na capital de Drupada.

Yajnasena sempre teve o desejo de entregar sua filha para Kiriti (Arjuna), o filho de Pandu. Mas ele nunca falou disto a ninguém. E, ó Janamejaya, o rei de Panchala, pensando em Arjuna, fez com que fosse feito um arco muito rígido que fosse incapaz de ser curvado por alguém exceto Arjuna. Fazendo um mecanismo ser construído no céu, o rei fixou um alvo anexado àquele mecanismo. E Drupada disse, 'Aquele que encordoar este arco e com estas flechas bem enfeitadas acertar a marca acima da máquina obterá minha filha.'

Vaisampayana continuou, 'Com estas palavras o rei Drupada proclamou o Swayamvara. Ao ouvi-las, ó Bharata, os reis de outras terras foram para sua capital. E lá foram também muitos Rishis ilustres desejosos de assistir o Swayamvara. E foram lá também, ó rei, Duryodhana e os Kurus acompanhados por Kama. E também muitos Brahmanas superiores de todos os países. E os monarcas que chegaram foram todos recebidos com reverência pelo ilustre Drupada. Desejosos de ver o Swayamvara, os cidadãos, ruidosos como o mar, todos tomaram seus assentos em plataformas que foram construídas ao redor do anfiteatro. O monarca entrou no anfiteatro pelo portão nordeste. E o próprio anfiteatro que tinha sido construído em uma planície propícia e nivelada ao nordeste da capital de Drupada era cercado por belas mansões. E ele era cercado por todos os lados com paredes altas e um fosso com portas arqueadas cá e acolá. O anfiteatro vasto era também sombreado por um dossel de várias cores. E ressoando com as notas de milhares de trombetas, ele era perfumado com aloés negro, borrifado por toda a parte com água misturada com pasta de sândalo e enfeitado com guirlandas de flores. Ele estava cercado por mansões altas perfeitamente brancas e parecidas com os topos de Kailasa tocados pelas nuvens. As janelas daquelas mansões eram cobertas com redes trabalhadas em ouro; as paredes eram adornadas com diamantes e tapetes e tecidos caros e preciosos. Todas aquelas mansões enfeitadas com coroas e guirlandas de flores e fragrantes com excelentes aloés, eram todas brancas e sem mancha, como os pescoços dos cisnes. E a fragrância delas podia ser percebida da distância de um yojana (oito milhas). E cada uma delas era equipada com cem portas largas o suficiente para admitir uma multidão de pessoas; elas eram adornadas com camas e tapetes caros, e embelezadas com vários metais; elas pareciam com os cumes de Himavat. E naquelas sete casas célebres de vários tamanhos moravam os

monarcas convidados por Drupada, cujos corpos estavam enfeitados com todos os ornamentos e que estavam possuídos pelo desejo de sobrepujar uns aos outros. E os habitantes da cidade e do país que tinham chegado para ver Krishna e tomar seus lugares nas excelentes plataformas construídas, viram dentro daquelas mansões aqueles leões entre os reis que eram todos dotados da energia de grandes almas. E todos aqueles exaltados soberanos estavam enfeitados com a pasta fragrante do aloé negro. De grande generosidade, eles eram todos devotados a Brahma e protegiam seus reinos contra todos os inimigos. E por todos os seus bons feitos eles eram amados por todo mundo.

Os Pandavas, também, entrando naquele anfiteatro, sentaram com os Brahmanas e contemplaram a riqueza inigualável do rei dos Panchalas. E aquela multidão de príncipes, Brahmanas, e outros, parecendo alegres ao verem o desempenho de atores e dançarinos (grandes presentes de todos os tipo de riqueza eram feitos constantemente), começou a aumentar dia a dia. E isto durou, ó rei, vários dias, até que quando o décimo sexto dia estava completo, a filha de Drupada, ó touro da raça Bharata, tendo se purificado entrou no anfiteatro, ricamente vestida e enfeitada com todos os ornamentos e levando em sua mão um prato de ouro (onde estavam as oferendas usuais de Arghya) e uma guirlanda de flores. Então o sacerdote da raça lunar, um santo Brahmana conhecedor de todos os mantras, acendeu o fogo sacrifical e despejou nele libações de manteiga clarificada com os devidos ritos. E agradando Agni por meio daquelas libações e fazendo os Brahmanas proferirem a fórmula auspiciosa de bênçãos, parou os instrumentos musicais que estavam tocando ao redor. E quando aquele vasto anfiteatro, ó monarca, ficou totalmente silencioso, Dhrishtadyumna possuidor de uma voz profunda como o som do timbale ou das nuvens, segurando o braço de sua irmã, levantou-se no meio daquela multidão e disse, com uma voz alta e profunda como o rugido das nuvens, estas agradáveis palavras de grande importância: 'Ouçam ó reis reunidos, este é o arco, aquele é o alvo, e estas são as flechas. Acertem a marca através do orifício da máquina com estas cinco flechas afiadas. Realmente eu digo que aquele possuidor de linhagem, beleza pessoal e força que realizar esta grandiosa façanha obterá hoje esta minha irmã, Krishna, como sua esposa.' Tendo assim falado aos monarcas reunidos o filho de Drupada então se dirigiu à sua irmã, recitando para ela os nomes e linhagens e realizações daqueles senhores da terra reunidos.'

188

(Continuação do Swayamvara Parva)

Dhrishtadyumna disse, 'Duryodhana, Durvisaha, Durmukha e Dushpradharshana, Vivinsati, Vikarna, Saha, e Duhsasana; Yuyutsu e Vayuvega e Bhimavegarava; Ugrayudha, Valaki, Kanakayu, e Virochana, Sukundala, Chitrasena, Suvarcha, e Kanakadhwaja; Nandaka, e Vahusali, e Tuhunda, e Vikata; estes, ó irmã, e muitos outros poderosos filhos de Dhritarashtra, todos

heróis, acompanhados por Karna, vieram para obter tua mão. Outros inumeráveis monarcas ilustres, todos touros entre os Kshatriyas, também vieram por ti. Sakuni, Sauvala, Vrisaka, e Vrihadvala, estes filhos do rei Gandhara, também vieram. Principais dentre todos os manejadores de armas, os ilustres Aswatthaman e Bhoja, enfeitados com todos os ornamentos também vieram por ti. Vrihanta, Manimana, Dandadhara, Sahadeva, Jayatsena, Meghasandhi, Virata com seus dois filhos Sankha e Uttara, Vardhakshemi, Susarma, Senavindu, Suketu com seus dois filhos Sunama e Suvarcha, Suchitra, Sukumara, Vrika, Satyadhriti, Suryadhwaja, Rochamana, Nila, Chitrayudha, Agsuman, Chekitana, o poderoso Sreniman, Chandrasena, o filho poderoso de Samudrasena, Jarasandha, Vidanda, e Danda, o pai e filho, Paundraka, Vasudeva, Bhagadatta dotado de grande energia, Kalinga, Tamralipta, o rei de Pattana, o poderoso guerreiro em carro Salya, o rei de Madra, com seu filho, o heróico Rukmangada, Rukmaratha, Somadatta da linhagem Kuru com seus três filhos, todos poderosos combatentes em carruagens e heróis, Bhuri, Bhurisrava, e Sala, Sudakshina, Kamvoja da linha Puru, Vrihadvala, Sushena, Sivi, o filho de Usinara, Patcharanihanta, o rei de Karusha, Sankarshana (Valadeva), Vasudeva (Krishna) o filho poderoso de Rukmini, Samva, Charudeshna, o filho de Pradyumna com Gada, Akrura, Satyaki, Uddhava de grande alma, Kritavarman, o filho de Hridika, Prithu, Viprithu, Viduratha, Kanka, Sanku com Gaveshana, Asavaha, Aniruddha, Samika, Sarimejaya, o heróico Vatapi Jhilli Pindaraka, o poderoso Usinara, todos estes da linhagem Vrishni, Bhagiratha, Vrihatkshatra, Jayadratha, o filho de Sindhu, Vrihadratha, Valhika, o poderoso quadrigário Srutayu, Uluka, Kaitava, Chitrangada e Suvangada, o altamente inteligente Vatsaraja, o rei de Kosala, Sisupala e o poderoso Jarasandha, estes e muitos outros reis, todos grandes Kshatriyas célebres por todo o mundo, vieram, ó afortunada, por ti. Dotados de destreza, eles atirarão no alvo. E tu deverás escolher para teu marido aquele entre eles que atingir o alvo.'

189

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aqueles vigorosos príncipes enfeitados com brincos, competindo entre si e cada um se considerando talentoso com armas e dotado de poder, ergueram-se brandindo suas armas. E embriagados com orgulho de beleza, destreza, linhagem, conhecimento, riqueza, e juventude, eles eram como elefantes Himalayan na época do cio, com suas coroas partidas por excesso de suco temporal. E olhando uns aos outros com ciúmes e influenciados pelo deus do desejo, eles levantaram de repente de seus assentos reais, exclamando ‘Krishna será minha!’ E os Kshatriyas reunidos naquele anfiteatro, cada um desejoso de ganhar a filha de Drupada, pareciam com os celestiais (antigamente) ao redor de Uma, a filha do rei das montanhas. Afligidos pelas flechas do deus do arco florido e com os corações completamente perdidos na contemplação de Krishna, aqueles príncipes desceram ao anfiteatro para ganhar a donzela

Panchala e começaram a ter ciúmes até dos seus melhores amigos. E lá foram também os celestiais em seus carros, com os Rudras e os Adityas, os Vasus e os gêmeos Aswins, os Swadhas e todos os Marutas, e Kuvera com Yama andando adiante. E lá foram também os Daityas e os Suparnas, os grandes Nagas e os Rishis celestes, os Guhyakas e os Charanas e Viswavasu e Narada e Parvata, e os principais Gandharvas com Apsaras. E Halayudha (Valadeva) e Janardana (Krishna) e os chefes das tribos Vrishni, Andhaka, e Yadava que obedeciam a liderança de Krishna estavam lá também, observando a cena. E vendo aqueles elefantes no cio, os cinco (Pandavas), atraídos por Draupadi como poderosos elefantes por um lago coberto com lotos, ou como fogo coberto com cinzas, Krishna, o principal dos heróis Yadu começou a refletir. E ele disse para Rama (Valadeva): 'Aquele é Yudhishthira; aquele é Bhima com Jishnu (Arjuna); e aqueles são os heróis gêmeos.' E Rama examinando-os lentamente lançou um olhar de satisfação para Krishna. Mordendo seus lábios inferiores em fúria, os outros heróis, filhos e netos de reis, com seus olhos e corações e pensamentos fixos em Krishna, olhavam com olhos arregalados somente para Draupadi, sem reparar nos Pandavas. E os filhos de Pritha também, de braços poderosos, e os heróis gêmeos ilustres, contemplando Draupadi, foram todos igualmente atingidos pelas flechas de Kama. E com o local apinhado com Rishis celestiais e Gandharvas e Suparnas e Nagas e Asuras e Siddhas, e cheio de perfumes celestes e com flores celestes espalhadas, e ressoando com os timbales e o zumbido profundo de vozes infinitas, e ecoando com a música suave da flauta, do Vina, e do tambor, os carros dos celestiais mal podiam achar uma passagem pelo firmamento. Então aqueles príncipes, Karna, Duryodhana, Salwa, Salya, Aswatthaman, Kratha, Sunitha, Vakra, o soberano de Kalinga e Banga, Pandya, Paundra, o soberano de Videha, o chefe dos Yavanas, e muitos outros filhos e netos de reis, soberanos de territórios com olhos como pétalas de lótus, um depois do outro começaram a exibir sua destreza para (ganhar) aquela moça de beleza sem igual. Enfeitados com coroas, guirlandas, pulseiras e outros ornamentos, dotados de braços poderosos, possuidores de coragem e vigor e rebentando com força e energia, aqueles príncipes não podiam, nem mesmo em imaginação, curvar aquele arco de rigidez extraordinária.

E (alguns entre) aqueles reis ao tentarem com os lábios distendidos, cada um segundo sua força, educação, habilidade, e energia, encordoar aquele arco, eram atirados ao chão e ficavam perfeitamente imóveis por algum tempo. Com sua força esgotada e suas coroas e guirlandas soltas de seus corpos, eles começaram a arquejar para respirar, e sua ambição de ganhar aquela moça formosa esfriou. Jogados por aquele arco rijo, e suas guirlandas e pulseiras e outros ornamentos desordenados, eles começaram a proferir exclamações de angústia. E aquele grupo de monarcas, sem mais esperança de obter Krishna, parecia triste e pesaroso. E vendo a situação daquele monarcas, Karna, aquele principal de todos os manejadores de arcos foi para onde o arco estava, e rapidamente erguendo-o e encordoando-o colocou as flechas na corda. E vendo o filho de Surya, Karna, da classe Suta, como o fogo, ou Soma, ou o próprio Surya, decidido a acertar o alvo, aqueles principais dos arqueiros, os filhos de Pandu, consideraram o alvo como já atingido e derrubado sobre a terra. Mas vendo Karna Draupadi falou

ruidosamente, 'Eu não escolherei um Suta como meu marido.' Então Karna, dando risada em vexação e lançando um olhar para o Sol, jogou de lado o arco já curvado a um círculo.

Então quando todos os Kshatriyas desistiram da tarefa, o heróico rei dos Chedis, poderoso como o próprio Yama (Plutão) o ilustre e resoluto Sisupala, o filho de Damaghosa, se esforçando para encordoar o arco, caiu sobre seus joelhos no chão. Então o rei Jarasandha dotado de grande força e poderes, se aproximando do arco ficou ali por um momento, fixo e imóvel como uma montanha. Atirado pelo arco, ele também caiu sobre seus joelhos no chão, e erguendo-se, o monarca deixou o anfiteatro (retornando) para seu reino. Então o grande herói Salya, o rei de Madra, dotado de grande força, ao se esforçar para curvar o arco foi lançado sobre seus joelhos no chão. Finalmente quando naquele grupo de pessoas altamente respeitáveis todos os monarcas tinham virado assunto de conversas zombeteiras, aquele principal dos heróis, Jishnu, o filho de Kunti, desejou encordoar o arco e colocar as flechas na corda.'

190

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana continuou, 'Quando todos os monarcas tinham desistido de encordoar o arco, Jishnu de grande alma ergueu-se dentre a multidão de Brahmanas sentados naquela reunião. E vendo Partha, possuidor da cor do estandarte de Indra, avançando em direção ao arco, os principais Brahmanas agitando suas peles de veado ergueram um alto clamor. E enquanto alguns estavam desagradados havia outros que estavam satisfeitos. E alguns que lá estavam, possuidores de inteligência e precaução, endereçando-se uns aos outros disseram, 'Ó Brahmanas, como pode um Brahmana, moço e inexperiente com armas e sem força (física), encordoar aquele arco que tão célebres Kshatriyas como Salya e outros dotados com poder e educados na ciência e prática de armas não conseguiram? Se ele não alcançar sucesso nesta tarefa não experimentada que ele vai tentar realizar por um espírito de inconstância infantil, o grupo inteiro de Brahmanas que aqui está fará um papel ridículo aos olhos dos monarcas reunidos. Portanto, proibamos este Brahmana para que ele não tente encordoar o arco, o que ele está desejoso de fazer por vaidade, atrevimento infantil, ou mera inconstância.' Outros responderam, ‘Nós não seremos ridicularizados, nem nos exporemos ao desrespeito de alguém ou ao desgosto dos soberanos.’ Alguns comentaram, 'Este belo jovem é mesmo como a tromba de um poderoso elefante, cujos ombros e braços e coxas são tão robustos, que em paciência parece com o Himavat, cujo modo de andar é como o do leão, e cuja bravura parece com a de um elefante no cio, e que está tão resoluto, que é provável que ele consiga realizar esta façanha. Ele tem força e resolução. Se ele não tivesse, ele nunca iria lá por vontade própria. Além disso, não há nada nos três mundos que Brahmanas de todos os homens mortais não possam realizar. Se abstendo de toda a comida

ou vivendo só do ar ou comendo frutas, perseverando em seus votos, e emaciados e fracos, Brahmanas são sempre fortes em sua própria energia. Ninguém deve desrespeitar um Brahmana sejam seus atos certos ou errados, considerando-o incapaz de realizar qualquer tarefa grande ou pequena, repleta de felicidade ou dor. Rama, o filho de Jamadagni, derrotou em batalha todos os Kshatriyas. Agastya, por sua energia Brahma, bebeu de um só gole o oceano insondável. Portanto, nós dizemos, 'Que este jovem curve o arco e o encordoe com facilidade' (e muitos disseram), 'Assim seja.' E os Brahmanas continuaram a falar entre si estas e outras palavras. Então Arjuna se aproximou do arco e ficou lá como uma montanha. E andando ao redor do arco, e curvando a cabeça àquele dador de bênçãos, o senhor Isana, e lembrando de Krishna também, ele o pegou. E aquele arco que Rukma, Sunitha, Vakra, o filho de Radha, Duryodhana, Salya, e muitos outros reis talentosos na ciência e prática de armas não puderam encordoar nem com um grande esforço, Arjuna, o filho de Indra, aquela principal de todas as pessoas dotadas de energia e como o irmão mais novo de Indra (Vishnu) em poder, encordoou em um piscar de olhos. E pegando as cinco flechas ele acertou o alvo e o fez cair no chão pelo buraco na máquina acima da qual ele tinha sido colocado. Então ergueu-se um grande tumulto no firmamento, e o anfiteatro também ressoou com um clamor alto. E os deuses despejaram flores celestes sobre a cabeça de Partha, o matador de inimigos. E milhares de Brahmanas começaram agitar suas peças de roupas superiores em alegria. E por toda parte os monarcas que tinham sido mal sucedidos proferiram exclamações de aflição e desespero. Flores choviam dos céus por todo o anfiteatro e os músicos começaram a tocar. Bardos e arautos começaram a cantar em tons suaves os louvores (do herói que realizou a façanha). E observando Arjuna, Drupada, aquele destruidor de inimigos, estava cheio de alegria. E o monarca desejou ajudar com seus exércitos o herói se a ocasião surgisse. E quando o tumulto estava em seu apogeu, Yudhishthira, o principal de todos os homens virtuosos, acompanhado por aqueles principais dos homens, os gêmeos, deixou rapidamente o anfiteatro para voltar para sua casa temporária. E Krishna vendo o alvo atingido e também Partha que era como o próprio Indra, que tinha acertado o alvo, estava cheia de alegria, e se aproximou do filho de Kunti com um manto branco e uma guirlanda de flores. E Arjuna, o realizador de façanhas inconcebíveis, tendo ganhado Draupadi por seu sucesso no anfiteatro, foi saudado com reverência por todos os Brahmanas. E logo depois ele deixou a arena do torneio seguido de perto por ela que desta maneira se tornou sua esposa.'

191

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando o rei (Drupada) expressou seu desejo de entregar sua filha àquele Brahmana (que tinha acertado o alvo), todos aqueles monarcas que tinham sido convidados para o Swayamvara, olhando uns para os

outros, ficaram de repente cheios de raiva. E eles disseram, 'Preterindo-nos e tratando os monarcas reunidos como palha este Drupada deseja dar sua filha, aquela principal das mulheres, para um Brahmana! Tendo plantado a árvore ele a corta quando ela está para dar frutos. O patife não nos respeita, portanto vamos matá-lo. Ele não merece nosso respeito nem a veneração devida à idade. Devido a tais qualidades dele, nós, portanto, mataremos este canalha que insultou todos os reis, junto com seu filho. Convidando todos os monarcas e os entretendo com comida excelente, ele por fim nos desrespeitou. Nesta reunião de monarcas como um conclave de celestiais, ele não vê um único monarca igual a ele mesmo? A declaração Védica bem conhecida diz que Swayamvaras são para os Kshatriyas. Os Brahmanas não têm direito a participar de uma seleção de marido por uma donzela Kshatriya. Ou, ó reis, se esta donzela não deseja escolher nenhum de nós para ser seu marido, que nós a lancemos ao fogo e voltemos para nossos reinos. A respeito deste Brahmana, embora ele tenha, por intromissão ou avareza, feito este insulto aos monarcas, ele mesmo assim não deve ser morto; pois nossos reinos, vidas, tesouros, filhos, netos, e quaisquer outras riquezas que temos, tudo existe para os Brahmanas. Mas algo deve ser feito aqui (mesmo a ele), para que por medo da desgraça e o desejo de manter o que devidamente pertence a cada classe, outros Swayamvaras não possam acabar desta maneira.'

Tendo se endereçado uns aos outros dessa maneira, aqueles tigres entre os monarcas dotados com braços como bastões de ferro com pregos, ergueram suas armas e se precipitaram sobre Drupada para matá-lo imediatamente. E Drupada vendo aqueles monarcas todos de uma vez de repente avançando em sua direção com raiva e com arcos e flechas, procurou, por medo, a proteção dos Brahmanas. Mas aqueles poderosos arqueiros (Bhima e Arjuna) dos Pandavas, capazes de castigar todos os inimigos, avançaram para se opor àqueles monarcas que vinham em direção a eles impetuosamente como elefantes na época do cio. Então os monarcas com mãos enluvadas e armas erguidas se apressaram com raiva sobre os príncipes Kuru, Bhima e Arjuna, para matá-los. Então o poderoso Bhima de realizações extraordinárias, dotado da força do trovão, arrancou como um elefante uma árvore grande e a despiu de suas folhas. E com aquela árvore, Bhima de braços fortes, o filho de Pritha, aquele triturador de inimigos, ficou parado, como o rei dos mortos manejador da maça (Yama), armado com sua maça aterradora, perto de Arjuna, aquele touro entre homens. E vendo aquela façanha de seu irmão, Jishnu, de inteligência extraordinária, ele mesmo também de feitos inconcebíveis, ficou admirado. E igual ao próprio Indra em realizações, sacudindo de si todo o medo ele ficou com seu arco pronto para receber aqueles atacantes. E observando aquelas façanhas de Jishnu e seu irmão, Damodara (Krishna) de inteligência sobre-humana e façanhas inconcebíveis, endereçando-se a seu irmão, Halayudha (Valadeva) de energia feroz, disse, 'Aquele herói lá, com o andar parecido com o de um leão poderoso, que sacou o arco grande em sua mão, de quatro cúbitos completos de comprimento, é Arjuna! Não há duvida, ó Sankarshana, acerca disto, se eu sou Vasudeva. Aquele outro herói que arrancou rapidamente a árvore e ficou preparado para rechaçar os monarcas é Vrikodara! Pois ninguém no mundo, exceto Vrikodara, poderia hoje realizar tal façanha no campo de batalha. E aquele outro jovem de olhos pétalas de lótus, de quatro

cúbitos completos de altura, e de modo de andar como o de um leão poderoso, e ao mesmo tempo humilde, de aparência formosa e nariz proeminente e brilhante, que tinha, um pouco antes, deixado o anfiteatro, é o filho de Dharma (Yudhishthira). Os outros dois jovens, como Kartikeya, são, eu suspeito, os filhos dos gêmeos Aswins. Eu soube que todos os filhos de Pandu junto com sua mãe Pritha escaparam do incêndio da casa de laca.' Então Halayudha de cor como a das nuvens descarregadas de chuva, endereçando-se a seu irmão mais novo (Krishna), disse com grande satisfação, 'Ó, eu estou feliz em saber, como eu fico por pura boa fortuna, que a irmã do nosso pai, Pritha, com todos os principais dos príncipes Kaurava escaparam (da morte)!'

192

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aqueles touros entre os Brahmanas sacudiram suas peles de veado e recipientes de água feitos de cascas de coco exclamando, 'Não temam, nós lutaremos com o inimigo!' Arjuna sorridente endereçou-se àqueles Brahmanas exclamando, 'Fiquem de lado como espectadores (do combate). Despejando centenas de flechas equipadas de pontas retas eu controlarei, como cobras com mantras, todos aqueles monarcas enfurecidos.' Tendo dito isto, o poderoso Arjuna, pegando o arco que tinha obtido como dote e acompanhado por seu irmão Bhima ficou imóvel como uma montanha. E vendo aqueles Kshatriyas que eram sempre violentos em batalha com Karna adiante, os irmãos heróicos avançaram destemidamente sobre eles como dois elefantes avançando contra um elefante hostil. Então aqueles monarcas ávidos pela batalha ferozmente exclamaram, 'O massacre em batalha de alguém que deseja lutar é permitido.' E assim dizendo os monarcas avançaram subitamente contra os Brahmanas. E Karna dotado de grande energia avançou contra Jishnu para lutar. E Salya, o rei poderoso de Madra se apressou contra Bhima como um elefante avançando em fúria contra outro por uma elefante fêmea; enquanto Duryodhana e outros envolveram-se em combate com os Brahmanas, lutando com eles levemente e despreocupadamente. Então o ilustre Arjuna vendo Karna, o filho de Vikartana (Surya), avançando em sua direção, puxou seu arco rijo e o perfurou com suas setas afiadas. E o ímpeto daquelas setas afiadas equipadas com energia violenta fez Radheya (Karna) desmaiar. Recuperando a consciência Karna atacou Arjuna com maior cuidado do que antes. Então Karna e Arjuna, ambos principais dos guerreiros vitoriosos, desejosos de vencer um ao outro, lutaram loucamente. E tal era a leveza de mão que ambos demonstraram (cada um envolvido por uma chuva de setas do outro) que eles se tornaram invisíveis (aos espectadores de seu combate). 'Veja a força dos meus braços.' 'Observe como eu neutralizei esta tua façanha,' estas eram as palavras, inteligíveis somente para os heróis, nas qual eles se endereçaram um ao outro. E enraivecido achando que a força e energia dos braços de Arjuna era inigualável sobre a terra, Karna, o filho de Surya, lutou com grande energia. E aparando todas as flechas impetuosas

atiradas nele por Arjuna, Karna proferiu um grito alto. E este feito dele foi aplaudido por todos os guerreiros. Então endereçando-se a seu adversário Karna disse, 'Ó principal dos Brahmanas, eu estou satisfeito em observar a energia dos teus braços que não conhecem descanso em batalha e tuas próprias armas adequadas para alcançar a vitória. Tu és a encarnação da ciência de armas, ou tu és Rama, aquele melhor dos Brahmanas, ou o próprio Indra, ou o irmão mais novo de Indra, Vishnu, chamado também de Achyuta, que se disfarçando assumiu a forma de um Brahmana e reunindo tal energia de braços agora luta comigo? Nenhuma outra pessoa exceto o próprio marido de Sachi ou Kiriti, o filho de Pandu, é capaz de lutar comigo quando eu estou zangado sobre o campo de batalha.' Então ouvindo aquelas palavras dele, Phalguna respondeu, dizendo, 'Ó Karna, eu não sou nem a ciência de armas (personificada), nem Rama dotado de poderes sobre humanos. Eu sou somente um Brahmana que é o principal de todos os guerreiros e de todos os manejadores de armas. Pela graça do meu preceptor eu me tornei talentoso no uso das armas Brahma e Paurandara. Eu estou aqui para te vencer em batalha. Portanto, ó herói, espere um pouco.'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado (por Arjuna), Karna, o filho adotivo de Radha, desistiu da luta, porque aquele poderoso combatente em carruagem achava que a energia de Brahma era sempre invencível. Enquanto isso em outra parte do campo os heróis poderosos Salya e Vrikodara, bem hábeis em batalha e possuidores de grande força e competência, desafiando um ao outro, envolveram-se em batalha como dois elefantes no cio. E eles golpeavam um ao outro com seus punhos cerrados e joelhos. E às vezes empurrando o outro para a frente e às vezes arrastando um ao outro, às vezes jogando o outro no chão com o rosto para baixo, e às vezes para os lados, eles lutaram, batendo um no outro com seus punhos apertados. E combatendo com golpes duros como o choque de duas massas de granito, a arena ressoava com os sons de seu combate. Lutando desta forma por poucos segundos, Bhima, o principal dos heróis Kuru pegou Salya em seus braços e o arremessou à distância. E Bhimasena, aquele touro entre os homens, surpreendeu a todos (pela bravura de seu feito) pois embora ele tenha jogado Salya no chão ele o fez sem machucá-lo muito. E quando Salya foi assim jogado e Karna foi tomado pelo medo, os outros monarcas ficaram todos alarmados. E eles cercaram Bhima rapidamente e exclamaram, 'Sem dúvida estes touros entre os Brahmanas são excelentes (guerreiros)! Apuremos em que linhagem eles nasceram e onde eles residem. Quem pode combater Karna, o filho de Radha, em luta, exceto Rama ou Drona, ou Kiriti, o filho de Pandu? Quem também pode combater Duryodhana em batalha exceto Krishna, o filho de Devaki, e Kripa, o filho de Saradwan? Quem também pode derrubar em batalha Salya, aquele principal dentre os guerreiros poderosos, exceto o herói Valadeva ou Vrikodara, o filho de Pandu, ou o heróico Duryodhana? Que nós, portanto, desistamos desta briga com os Brahmanas. De fato, Brahmanas, embora pecando, ainda devem sempre ser protegidos. E primeiro averiguemos quem eles são; para que depois disto nós possamos agradavelmente lutar com eles.'

Vaisampayana continuou, 'E Krishna, tendo visto aquela façanha de Bhima, acreditou que ambos eram os filhos de Kunti. E gentilmente endereçando-se aos

monarcas reunidos, dizendo, 'Esta donzela foi justamente conquistada (pelo Brahmana),' ele os induziu a abandonar a luta. Talentosos em batalha, aqueles monarcas então desistiram de lutar. E aqueles melhores dos monarcas então voltaram para seus respectivos reinos, muito admirados. E os que tinham ido lá foram embora dizendo: 'A cena festiva acabou com a vitória dos Brahmanas. A princesa de Panchala se tornou noiva de um Brahmana.' E cercados por Brahmanas vestidos em peles de veado e de outros animais selvagens, Bhima e Dhananjaya passaram com dificuldade para fora da multidão. E aqueles heróis entre os homens, mutilados pelos inimigos e seguidos por Krishna, ao saírem finalmente daquela multidão, pareciam com a lua cheia e o sol saindo das nuvens.

Enquanto isso Kunti, vendo que seus filhos estavam atrasados em voltar de sua ronda de mendicância, estava cheia de ansiedade. Ela começou a pensar em vários males que poderiam ter ocorrido com seus filhos. Uma vez ela pensou que os filhos de Dhritarashtra tendo reconhecido seus filhos os tinham matado. Em seguida ela temeu que alguns Rakshasas cruéis e fortes dotados com poderes de ilusão os tinham matado. E ela se perguntou, 'Poderia o próprio Vyasa ilustre, (que mandou meus filhos para Panchala) estar sendo guiado por uma inteligência perversa?' Assim refletiu Pritha por causa de seu afeto por seus filhos. Então na tranquilidade do fim de tarde, Jishnu, acompanhado por um grupo de Brahmanas, entrou na residência do ceramista, como o sol coberto pelas nuvens aparecendo em um dia nublado.'

193

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aqueles filhos ilustres de Pritha, ao voltarem para a residência do oleiro, se aproximaram de sua mãe. E aqueles principais dos homens mostraram Yajnaseni para sua mãe como as esmolas que tinham obtido naquele dia. E Kunti, que estava dentro do quarto e não viu seus filhos, respondeu dizendo, 'Desfrutem todos (do que obtiveram).' Um momento depois ela viu Krishna e então disse, 'Oh, o que foi que eu disse?' E ansiosa por medo de pecar, e refletindo como todos poderiam se livrar daquela situação, ela pegou a alegre Yajnaseni pela mão, se aproximou de Yudhishthira e disse, 'A filha do rei Yajnasena foi apresentada a mim por teus irmãos mais novos como as esmolas que eles obtiveram, e por ignorância, ó rei, eu disse o que era apropriado: 'Desfrutem todos do que foi obtido. Ó touro da raça Kuru, diga-me como minhas palavras podem não se tornarem inverídicas; como o pecado pode não tocar a filha do rei de Panchala, e como também ela possa não ficar apreensiva.'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por sua mãe aquele herói entre os homens, aquele principal descendente da linhagem Kuru, o rei inteligente (Yudhishthira), refletindo por um momento, confortou Kunti, e endereçando-se a Dhananjaya, disse, 'Por ti, ó Phalguna, Yajnaseni foi ganha. É apropriado,

portanto, que tu cases com ela. Ó tu resistente a todos os inimigos, acendendo o fogo sagrado, aceite a mão dela com os ritos devidos.'

Arjuna ouvindo isso respondeu, 'Ó rei, não faça de mim um participante no pecado. Tua ordem não está de acordo com a virtude. Este é o caminho seguido pelos pecaminosos. Tu deves casar primeiro, então Bhima de braços fortes e façanhas inconcebíveis, então eu mesmo, então Nakula, e por último, Sahadeva dotado de grande presteza. Vrikodara e eu mesmo, e os gêmeos e esta moça também, todos esperamos, ó monarca, tuas ordens. Como tal é o estado das coisas, faça aquilo que depois de reflexão tu considerares apropriado, de acordo com a virtude, produtivo de fama, e benéfico para o rei de Panchala. Todos nós obedecemos a ti. Ó, comande-nos como quiseres.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Jishnu, tão cheias de respeito e afeto, os Pandavas todos olharam para a princesa de Panchala. E a princesa de Panchala também olhou para todos eles. E após olharem para a ilustre Krishna aqueles príncipes se entreolharam. E tomando seus assentos, eles começaram a pensar somente em Draupadi. De fato, depois que aqueles príncipes de energia imensurável tinham olhado para Draupadi, o deus do desejo invadiu seus corações e continuou a oprimir todos os seus sentidos. Como a beleza de Panchali, que tinha sido modelada pelo próprio Criador, era superior àquela de todas as outras mulheres sobre a terra, ela podia cativar o coração de todas as criaturas. E Yudhishthira, o filho de Kunti, vendo seus irmãos mais novos, compreendeu o que estava se passando em suas mentes. E aquele touro entre os homens imediatamente lembrou das palavras de Krishna-Dwaipayana. E o rei, então, por medo de uma divisão entre os irmãos, endereçando-se a todos eles, disse, 'A auspiciosa Draupadi será esposa em comum de todos nós.'

Vaisampayana continuou, 'Os filhos de Pandu, então, ouvindo aquelas palavras de seu irmão mais velho, começaram a revolvê-las em suas mentes com grande alegria. O herói da linhagem Vrishni (Krishna, suspeitando que as cinco pessoas que ele tinha visto no Swayamvara eram ninguém mais do que os heróis da linhagem Kuru), acompanhado pelo filho de Rohini (Valadeva), chegou à casa do oleiro onde aqueles principais dos homens tinham se hospedado. Ao chegarem lá, Krishna e Valadeva viram sentados na casa do oleiro Ajatasanu (Yudhishthira) de braços bem desenvolvidos e longos, e seus irmãos mais jovens superando o esplendor do fogo sentados em volta dele. Então Vasudeva se aproximando daqueles principais dos homens, os virtuosos filhos de Kunti, e tocando os pés daquele príncipe da raça Ajamida, disse, 'Eu sou Krishna.' E o filho de Rohini (Valadeva) também se aproximando de Yudhishthira, fez o mesmo. E os Pandavas, vendo Krishna e Valadeva, começaram a expressar grande alegria. E, ó tu principal da linhagem Bharata, aqueles heróis da linhagem Yadu depois disso tocaram também os pés de Kunti, a irmã de seu pai. E Ajatasatru, o principal da linha Kuru, observando Krishna, perguntou sobre o seu bem-estar e perguntou, 'Como, ó Vasudeva, tu pudeste nos reconhecer, estando nós vivendo disfarçados?' E Vasudeva sorridente respondeu, 'Ó rei, o fogo, mesmo o que esteja coberto, pode ser reconhecido. Quem mais entre os homens além dos Pandavas poderia mostrar tal poder? Ó resistentes a todos os inimigos, filhos de

Pandu, por pura boa sorte vocês escaparam daquele fogo ardente. E também é somente por pura boa sorte que o filho perverso de Dhritarashtra e seus conselheiros não têm conseguido realizar seus desejos. Abençoados sejam! E cresçam em prosperidade como um fogo em uma caverna gradualmente crescendo e se espalhando por todos os lados. E para que nenhum dos monarcas os reconheça deixem-nos voltar para nossa tenda.' Então, obtendo a permissão de Yudhishthira, Krishna, cuja prosperidade não conhece declínio, acompanhado por Valadeva, saiu rapidamente da residência do oleiro.'

194

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando os príncipes Kuru estavam voltando em direção à residência do oleiro, Dhrishtadyumna, o príncipe Panchala, os seguiu. E mandando embora todos os seus servidores, ele se escondeu em uma parte da casa do ceramista, desconhecido aos Pandavas. Então Bhima, aquele destruidor de todos os inimigos, e Jishnu, e os gêmeos ilustres, ao voltarem de sua ronda de mendicância à noite, alegremente deram tudo para Yudhishthira. Então Kunti de bom coração endereçando-se à filha de Drupada disse, 'Ó amável, pegue primeiro uma parte disto e a dedique aos deuses e dê para os Brahmanas, alimente aqueles que desejam comer e também àqueles que se tornaram nossos convidados. Divida o resto em duas metades. Dê uma destas a Bhima, ó amável, este jovem de aparência formosa como a de um rei de elefantes, este herói sempre come muito. E divida a outra metade em seis partes, quatro para estes jovens, uma para mim mesma, e uma para ti.' Então a princesa ao ouvir aquelas palavras instrutivas de sua sogra alegremente fez tudo o que havia sido mandada fazer. E aqueles heróis então todos comeram da comida preparada por Krishna. Então Sahadeva, o filho de Madri, dotado de grande presteza, espalhou no chão uma cama de erva kusa. Então aqueles heróis, cada um espalhando sobre aquela suas peles de veado, se deitaram para dormir. E aqueles principais dos príncipes Kuru se deitaram com as cabeças na direção sul. E Kunti se colocou abaixo da linha de suas cabeças, e Krishna na de seus pés. E Krishna embora estivesse deitada com os filhos de Pandu naquele leito de erva kusa na linha de seus pés como se ela fosse seu travesseiro inferior, não se afligiu em seu coração nem pensou desrespeitosamente sobre aqueles touros entre os Kurus. Então aqueles heróis começaram a conversar entre si. E as conversações daqueles príncipes, cada um digno da liderança de um exército, eram extremamente interessantes, sendo sobre carros celestes e armas e elefantes, e espadas e flechas, e machados de batalha. E o filho do rei de Panchala escutou (de seu esconderijo) tudo o que eles disseram. E todos aqueles que estavam com ele viram Krishna naquele estado.

Quando amanheceu o príncipe Dhristadyumna saiu de seu esconderijo com grande pressa para contar para Drupada em detalhes tudo o que tinha acontecido

na residência do ceramista e tudo o que ele tinha ouvido aqueles heróis falarem entre si durante a noite. O rei de Panchala estava triste porque ele não sabia que eram os Pandavas que tinham levado sua filha. E o monarca ilustre perguntou a Dhristadyumna quando ele voltou, 'Oh, onde Krishna está? Quem a levou embora? Foi algum Sudra ou alguém de baixo nível, ou algum Vaisya pagador de tributos, que ao levar minha filha embora, colocou seu pé sujo em minha cabeça? Ó filho, aquela coroa de flores foi jogada em um cemitério? Algum Kshatriya de alto nascimento, ou alguém de ordem superior (Brahmana) obteve minha filha? Alguém de nascimento inferior, por ter ganhado Krishna, colocou seu pé esquerdo em minha cabeça? Eu, ó filho, não sofreria, mas me sentiria imensamente feliz se minha filha fosse unida com Partha, aquele principal dos homens! Ó exaltado, me diga realmente quem ganhou minha filha hoje? Ó, estão os filhos daquele principal dos Kurus, o filho de Vichitravirya, vivos? Foi Partha (Arjuna) quem pegou o arco e acertou o alvo?'

195

(Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim endereçado, Dhrishtadyumna, aquele principal dos príncipes lunares, alegremente disse a seu pai tudo o que tinha acontecido e por quem Krishna tinha sido conquistada. E o príncipe disse, 'Com olhos grandes e vermelhos, vestido em peles de veado, e parecendo com um celestial em beleza, o jovem que encordoou aquele principal dos arcos e trouxe ao chão o alvo fixado no alto foi logo cercado pelos principais dos Brahmanas, que também lhe ofereceram suas homenagens pela façanha que ele tinha realizado. Incapaz de suportar a visão de um inimigo e dotado de grande energia, ele começou a mostrar sua coragem. E cercado pelos Brahmanas ele parecia com o manejador do trovão, Indra, de pé no meio dos celestiais e dos Rishis. E como uma elefante fêmea seguindo o líder de uma manada Krishna alegremente seguiu aquele jovem agarrando-se à pele de veado dele. Então quando os monarcas reunidos incapazes de suportar aquela visão levantaram-se em cólera e avançaram para lutar, lá ergueu-se outro herói que arrancando uma árvore grande avançou sobre aqueles reis, derrubando-os para a direita e para a esquerda como o próprio Yama atingindo as criaturas dotadas de vida. Então, ó monarca, os reis reunidos ficaram imóveis e olharam aquele par de heróis, enquanto eles, parecendo o Sol e a Lua, levando Krishna com eles, deixaram o anfiteatro e foram para a residência de um oleiro nos subúrbios da cidade, e lá na residência do oleiro estava uma senhora semelhante à uma chama de fogo que, eu acho, é a mãe deles. E perto dela também estavam três outros principais dos homens cada um dos quais era como o fogo. E o par de heróis, tendo se aproximando dela prestaram homenagem a seus pés, e eles disseram a Krishna para fazer o mesmo também. E deixando Krishna com ela, todos aqueles principais dos homens saíram para a ronda de suas visitas de mendicância. Algum tempo depois quando eles voltaram, Krishna

pegando deles o que eles tinham obtido como esmolas, dedicou uma porção desta para os deuses e deu outra porção (em donativo) para Brahmanas. E do que restou depois disto ela deu uma parte para aquela senhora venerável, e distribuiu o restante entre aqueles cinco principais dos homens. E ela pegou um pouco para si mesma e comeu depois de todos. Então, ó monarca, eles todos deitaram para dormir, Krishna deitada ao longo da linha de seus pés como seu travesseiro inferior. E a cama na qual eles se deitaram era feita de erva kusa sobre a qual foram estendidas suas peles de veado. E antes de dormir eles falaram sobre diversos assuntos em vozes profundas como a das nuvens negras. A conversa daqueles heróis indicou que eles não eram nem Vaisyas nem Sudras, nem Brahmanas. Sem dúvida, ó monarca, eles são touros entre os Kshatriyas, pois suas conversas eram sobre assuntos militares. Parece, ó pai, que nossa esperança se realizou, pois nós ouvimos que todos os filhos de Kunti escaparam da conflagração da casa de laca. Pelo modo como o alvo foi derrubado por aquele jovem, e a força com a qual o arco foi encordoado por ele, e o modo no qual eu ouvi eles conversarem entre si prova conclusivamente, ó monarca, que eles são os filhos de Pritha viajando disfarçados.'

Ouvindo estas palavras de seu filho o rei Drupada ficou muito contente, e ele enviou a eles seu sacerdote e o mandou averiguar quem eles eram e se eles eram mesmo os filhos do ilustre Pandu. Assim ordenado, o sacerdote do rei foi até eles e elogiando a todos entregou a mensagem do rei devidamente, dizendo, 'Vocês que são dignos de preferência em tudo, o rei da terra dador de benefícios, Drupada, deseja saber quem são. Vendo este que derrubou o alvo, sua alegria não conhece limites. Dando-nos todos as detalhes sobre sua família e tribo, coloquem seus pés sobre as cabeças de seus inimigos e alegrem o coração do rei de Panchala com seus homens e o meu também. O rei Pandu foi um caro amigo de Drupada e era tido por ele em alta conta. E Drupada por longo tempo desejou entregar esta sua filha para Pandu como sua nora. Ó heróis de traços perfeitamente impecáveis, o rei Drupada teve por longo tempo em seu coração o desejo de que Arjuna de braços fortes e longos pudesse casar com a filha dele segundo a ordenança. Se isto se tornou possível, nada poderia ser melhor; nada mais benéfico; nada mais conducente com a fama e virtude, esta é posição de Drupada no que lhes diz respeito.'

Tendo dito isto, o sacerdote ficou calado e humildemente esperou uma resposta. Vendo ele sentado assim, o rei Yudhishthira mandou Bhima que estava perto, dizendo, 'Que água para lavar seus pés e o Arghya sejam oferecidos a este Brahmana. Ele é o sacerdote do rei Drupada e, portanto, digno de grande respeito. Nós devemos homenageá-lo com mais do que as reverências comuns.' Então, ó monarca, Bhima fez como ordenado. Aceitando o culto assim oferecido a ele, o Brahmana com o coração alegre sentou-se tranquilamente. Então Yudhishthira endereçou-se a ele e disse, 'O rei dos Panchalas, por fixar um tipo especial de dote, deu sua filha segundo a prática da sua classe e não livremente. Este herói, por satisfazer aquela exigência, ganhou a princesa. O rei Drupada, portanto, não tem nada agora a dizer em relação à raça, classe, família e atitude daquele que realizou aquela façanha. De fato, todas as suas perguntas foram respondidas pelo

arco encordoado e pelo alvo derrubado. E foi por fazer o que ele tinha ordenado que este herói ilustre trouxe Krishna consigo dentre os monarcas reunidos. Nestas circunstâncias, o rei da raça lunar não deve se entregar a quaisquer arrependimentos que somente podem fazê-lo infeliz sem corrigir o caso no mínimo. O desejo sempre nutrido pelo rei Drupada será realizado por esta bela princesa que tem, eu penso, todos os sinais auspiciosos. Ninguém que fosse fraco poderia encordoar aquele arco, e ninguém de nascimento inferior e não habilidoso com armas poderia ter derrubado o alvo. Não cabe, portanto, ao rei dos Panchalas se afligir por sua filha hoje. Nem pode alguém no mundo desfazer aquela ação de derrubar o alvo. Portanto, o rei não deve se afligir pelo que deve tomar seu rumo.'

Enquanto Yudhishthira estava dizendo tudo isto outro mensageiro do rei dos Panchalas, chegando lá às pressas, disse, 'O banquete (nupcial), está pronto.'

196

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana continuou, 'O mensageiro disse, 'O rei Drupada, em vista das núpcias de sua filha, preparou um bom banquete para a festa do noivo. Vão para lá depois de terminarem seus ritos diários. O casamento de Krishna se realizará lá. Não demorem. Estes carros enfeitados com lotos dourados puxados por cavalos excelentes são dignos de reis. Neles, vão para a residência do rei dos Panchalas.'

Vaisampayana continuou, 'Então aqueles touros entre os Kurus, dando licença para o sacerdote partir e fazendo Kunti e Krishna subirem juntas em um daqueles carros, subiram eles mesmos naqueles veículos esplêndidos e procederam na direção da residência de Drupada. Enquanto isso, ó Bharata, ouvindo de seu sacerdote as palavras que Yudhishthira tinha dito, o rei Drupada, para averiguar a classe à qual aqueles heróis pertenciam, manteve preparada uma grande coleção de artigos (requeridos pela ordenança para o casamento de cada uma das quatro classes). E ele manteve preparados frutos, guirlandas santificadas, cotas de malha, escudos, tapetes, vacas, sementes, e vários outros artigos e implementos de agricultura. E o rei também reuniu, ó monarca, todos os artigos concernentes às outras artes e vários instrumentos e aparelhos de todos os tipos de esporte. E ele também juntou excelentes cotas de malha e escudos brilhantes, e espadas e cimitarras, de têmpera excelente, e belas carruagens e cavalos, e arcos de primeira classe e flechas bem adornadas, e várias espécies de projéteis ornamentados com ouro. E ele também manteve prontos dardos e foguetes e machados de batalha e vários utensílios de guerra. E havia naquela coleção camas e tapetes e várias coisas finas, e tecidos de vários tipos. Quando o grupo chegou na residência de Drupada, Kunti levando consigo a virtuosa Krishna entrou nos aposentos internos do rei. As damas da família do rei com corações alegres

reverenciaram a rainha dos Kurus. Vendo, ó monarca, aqueles principais dos homens, cada um possuindo o modo de andar esportivo do leão, com peles de veado como a parte superior de suas roupas, olhos como aqueles de touros poderosos, ombros largos, e braços longos como os corpos de cobras poderosas, o rei, e os ministros do rei, e o filho do rei, e os amigos e servidores do rei, todos ficaram muito contentes. Aqueles heróis se sentaram em excelentes assentos equipados com escabelos, sem qualquer embaraço ou hesitação. E aqueles principais dos homens se sentaram com perfeito destemor naqueles assentos caros um depois do outro segundo a ordem de suas idades. Depois que aqueles heróis estavam sentados, servos homens e mulheres bem vestidos, e habilidosos cozinheiros trouxeram excelentes e caras iguarias dignas de reis em baixelas de ouro e de prata. Então aqueles principais dos homens jantaram naqueles pratos e ficaram satisfeitos. E depois que o jantar havia acabado, aqueles heróis entre os homens, ignorando todos os outros artigos, começaram a observar com interesse os vários utensílios de guerra. Vendo isto, o filho de Drupada e o próprio Drupada, junto com todos os seus principais ministros de estado, sabendo que os filhos de Kunti eram todos de sangue real, ficaram bem satisfeitos.'

197

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'Então o rei ilustre de Panchala, endereçando-se ao príncipe Yudhishthira na forma aplicável para Brahmanas, alegremente inquiriu aquele filho ilustre de Kunti, dizendo, 'Nós devemos reconhecer vocês como Kshatriyas, ou Brahmanas, ou vocês são celestiais que se disfarçando como Brahmanas estão sobre a terra e vieram para cá pela mão de Krishna? Ó diga-nos realmente, pois nós temos grandes dúvidas! Nós não ficaremos contentes quando nossas dúvidas forem removidas? Ó destruidor de inimigos, o destino foi auspicioso para nós? Diga-nos a verdade de bom grado! A verdade torna os monarcas melhores do que sacrifícios e oferendas de tanques. Portanto, não nos diga o que é falso. Ó tu da beleza de um celestial, ó destruidor de inimigos, ouvindo a tua resposta eu farei os arranjos para o casamento da minha filha segundo a classe à qual vocês pertencem.'

Ouvindo estas palavras de Drupada, Yudhishthira respondeu, dizendo 'Não fique desanimado, ó rei; que a alegria encha o teu coração! O teu desejo certamente foi realizado. Nós somos Kshatriyas, ó rei, e filhos do ilustre Pandu. Saiba que eu sou o mais velho dos filhos de Kunti e estes são Bhima e Arjuna. Por eles, ó rei, tua filha foi conquistada no meio da reunião de monarcas. Os gêmeos (Nakula e Sahadeva) e Kunti aguardam onde Krishna está. Ó touro entre os homens, deixe a angústia sair do teu coração, pois nós somos Kshatriyas. Tua filha, ó monarca, foi como um lótus somente transferida de um lago para outro. Ó rei, tu és nosso venerável superior e principal refúgio. Eu te disse toda a verdade.'

Vaisampayana continuou, 'Ao ouvir aquelas palavras, os olhos do rei Drupada rolaram em êxtase. E cheio de encanto o rei não pôde, por alguns momentos, responder a Yudhishthira. Controlando sua emoção com grande esforço, aquele destruidor de inimigos finalmente respondeu a Yudhishthira em palavras apropriadas. O monarca virtuoso perguntou como os Pandavas tinham escapado da cidade de Varanavata. O filho de Pandu disse ao monarca todos os detalhes da sua fuga do palácio ardente de laca. Ouvindo tudo o que o filho de Kunti disse, o rei Drupada criticou Dhritarashtra, aquele soberano de homens. E o monarca deu toda garantia a Yudhishthira, o filho de Kunti. E aquele principal dos homens eloquentes lá mesmo prometeu restaurar Yudhishthira ao seu trono paterno.

Então Kunti e Krishna e Bhima e Arjuna e os gêmeos, por ordem do rei, foram residir lá, tratados por Yajnasena com o devido respeito. Então o rei Drupada com seus filhos, confiantes por tudo o que tinha acontecido, se aproximando de Yudhishthira, disse, 'Ó tu de braços poderosos, que o príncipe Kuru Arjuna aceite com os ritos devidos a mão da minha filha neste dia auspicioso, que ele, portanto, realize os usuais ritos iniciatórios do casamento.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Drupada, o virtuoso rei Yudhishthira respondeu, dizendo, 'Ó grande rei, eu também terei que casar.' Ouvindo-o, Drupada disse, 'Se isto te agrada, aceite tu mesmo a mão de minha filha com os ritos devidos. Ou dê Krishna em casamento a qualquer um dos teus irmãos como quiseres.' Yudhishthira disse, 'Tua filha, ó rei, será a esposa em comum de todos nós! Isto foi ordenado, ó monarca, por nossa mãe. Eu ainda não sou casado, e Bhima também não o é entre os filhos de Pandu. Esta tua jóia de filha foi ganha por Arjuna. Esta, ó rei, é a regra conosco; de sempre desfrutar igualmente de uma jóia que possamos obter. Ó melhor dos monarcas, esta regra de conduta nós não podemos agora abandonar. Krishna, portanto, deverá se tornar nossa esposa casando com nós todos. Que ela aceite nossas mãos, um depois do outro perante o fogo.'

Drupada respondeu, 'Ó descendente da linhagem Kuru, tem sido instruído que um homem pode ter muitas esposas. Mas nunca foi ouvido que uma mulher poderia ter muitos maridos! Ó filho de Kunti, como tu és puro e conheces as regras de moralidade, não cabe a ti cometer uma ação que seja pecaminosa e oposta aos costumes e aos Vedas. Por que, ó príncipe, teu entendimento se tornou de tal modo?' Yudhishthira disse em resposta, 'Ó monarca, a moralidade é sutil. Nós não sabemos sua direção. Deixe-nos seguir o caminho trilhado pelos ilustres das eras antigas. Minha língua nunca proferiu uma inverdade. Meu coração também nunca se inclinou para o que é pecaminoso. Minha mãe assim ordenou; e meu coração também aprova isto. Portanto, ó rei, isto está totalmente de acordo com a virtude. Aja de acordo com isto, sem quaisquer escrúpulos. Não tenha nenhum receio, ó rei, acerca desta questão.'

Drupada disse, 'Ó filho de Kunti, tua mãe, e meu filho Dhrishtadyumna e tu mesmo, decidam entre vocês o que deve ser feito. Digam-me o resultado das suas deliberações e amanhã eu farei o que for apropriado.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disto, ó Bharata, Yudhishthira, Kunti e Dhrishtadyumna discutiram sobre o assunto. Exatamente naquela hora, no entanto, o nascido na ilha (Vyasa), ó monarca, lá chegou no andamento de suas viagens.'

198

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'Então todos os Pandavas e o ilustre rei dos Panchalas e todos os outros lá presentes se levantaram e saudaram com reverência o ilustre Rishi Krishna (Dwaipayana). O Rishi de grande alma saudou-os em retorno e depois de perguntar sobre seu bem-estar, sentou-se em um tapete de ouro. E mandados por Krishna (Dwaipayana) de energia incomensurável, aqueles principais dos homens todos se sentaram em assentos valiosos. Pouco depois, ó monarca, o filho de Prishata em tons gentis perguntou para o Rishi ilustre acerca do casamento de sua filha. E ele disse, 'Como, ó ilustre, uma mulher pode tornar-se esposa de muitos homens sem ser maculada pelo pecado? Ó, diga-me realmente tudo a respeito disso.' Ouvindo estas palavras Vyasa respondeu, 'Esta prática, ó rei, sendo oposta ao costume e aos Vedas, se tornou obsoleta. Eu desejo, no entanto, ouvir qual é a opinião de cada um de vocês sobre esta questão.'

Ouvindo estas palavras do Rishi, Drupada falou primeiro dizendo, ‘A prática é pecaminosa na minha opinião, se opondo a ambos: ao costume e aos Vedas. Ó melhor dos Brahmanas, em lugar nenhum eu vi muitos homens tendo apenas uma esposa. Os homens ilustres também das eras antigas nunca tiveram tal costume entre eles. O sábio nunca deve cometer um pecado. Eu, portanto, nunca poderia concordar com tal ato. Esta prática sempre me parece ser de moralidade duvidosa.’

Depois que Drupada tinha falado, Dhrishtadyumna falou, dizendo 'Ó touro entre os Brahmanas, ó tu de riqueza ascética, como pode, ó Brahmana, o irmão mais velho, se ele é de uma boa disposição, se aproximar da mulher de seu irmão mais novo? Os caminhos da moralidade são sempre sutis, e, portanto, nós não os conhecemos. Nós não podemos, portanto, dizer o que está de acordo com a moralidade e o que não está. Nós não podemos fazer tal ato, portanto, com a consciência segura. De fato, ó Brahmana, eu não posso dizer: 'Deixo Draupadi se tornar a mulher em comum de cinco irmãos.'

Yudhishthira então falou, dizendo, 'Minha língua nunca proferiu uma inverdade e meu coração nunca se inclina para o que é pecaminoso. Se meu coração aprova isto, isto nunca poderia ser pecaminoso. Eu ouvi no Purana que uma senhora de nome Jatila, a principal de todas as mulheres virtuosas pertencente à linhagem de Gotama casou com sete Rishis. Assim também a filha de um asceta, nascida de uma árvore, nos tempos antigos se uniu em casamento com dez irmãos todos

levando o mesmo nome de Prachetas e que eram todos de almas exaltadas por ascetismo. Ó principal de todos os que conhecem as regras de moralidade, é dito que a obediência aos superiores é sempre meritória. Entre todos os superiores, é sabido que a mãe é a principal. Ela mesma nos mandou desfrutar de Draupadi como nós fazemos com qualquer coisa obtida como esmolas. É por isto, ó melhor dos Brahmanas, que eu considero o ato (proposto) como virtuoso.'

Kunti então disse, 'O ato é assim mesmo como o virtuoso Yudhishthira disse. Eu temo imensamente que, ó Brahmana, minhas palavras se tornem mentirosas. Como eu serei salva da inverdade?'

Quando eles todos tinham terminado de falar, Vyasa disse, 'Ó amável, como tu serás salva da consequência da inverdade? Isto mesmo é a eterna virtude! Eu, ó rei dos Panchalas, eu não falarei sobre isto perante vocês todos. Mas somente tu escutarás a mim quando eu revelar como esta prática foi estabelecida e por que ela deve ser considerada como antiga e eterna. Não há dúvida de que o que Yudhishthira disse está perfeitamente de acordo com a virtude.'

Vaisampayana continuou, 'Então Vyasa, o ilustre mestre Dwaipayana, ergueu-se, e pegando a mão de Drupada o conduziu para um aposento privado. Os Pandavas e Kunti e Dhrishtadyumna da linhagem Prishata ficaram lá sentados, esperando pela volta de Vyasa e Drupada. Enquanto isso, Dwaipayana começou sua conversação com ilustre monarca para explicar como a prática de poliandria não poderia ser considerada como pecaminosa.'

199

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'Vyasa continuou, 'Antigamente os celestiais uma vez tinham começado um grande sacrifício na floresta de Naimisha. Naquele sacrifício, ó rei, Yama, o filho de Vivaswat, se tornou o matador dos animais consagrados. Yama, assim empenhado naquele sacrifício, (durante aquele período) ó rei, não matou um único ser humano. Com a morte estando suspensa no mundo, o número de seres humanos aumentou imensamente. Então Soma e Sakra e Varuna e Kuvera, os Sadhyas, os Rudras, os Vasus, os irmãos Aswins, estes e outros celestiais foram até Prajapati, o Criador do universo. Tomados pelo receio por causa do aumento da população humana no mundo eles se endereçaram ao Mestre da criação e disseram, 'Alarmados, ó senhor, pelo aumento de seres humanos na terra, nós viemos a ti buscando auxílio. De fato, nós ansiamos pela tua proteção.' Ouvindo aquelas palavras o Avô disse, 'Vocês não têm motivo para ficar assustados por este aumento de seres humanos. Vocês todos são imortais. Não lhes cabe se assustar por causa de seres humanos.' Os celestiais responderam, 'Os mortais todos se tornaram imortais. Não há distinção agora entre nós e eles. Vexados pelo desaparecimento da toda distinção, nós viemos a ti

para que tu possas nos distinguir deles.' O Criador então disse, 'O filho de Vivaswat está nesse momento ocupado no grande sacrifício. É por isso que os homens não estão morrendo. Mas quando o trabalho de Yama no sacrifício terminar, os homens começarão a morrer novamente como antes. Fortalecido por suas respectivas energias, Yama, quando chegar a hora, varrerá aos milhares os habitantes da terra que mal terão então alguma energia restante neles.'

Vyasa continuou, ‘Ouvindo estas palavras da primeira divindade nascida, os celestiais voltaram ao local onde o grande sacrifício estava sendo realizado. E os poderosos se sentando ao lado do Bhagirathi viram um lótus (dourado) sendo carregado pela correnteza. E vendo aquele lótus (dourado), eles se admiraram muito. E entre eles, o principal dos celestiais, Indra, desejoso de averiguar de onde ele veio, seguiu pelo curso do Bhagirathi. E alcançando aquele local de onde a deusa Ganga emerge perenemente, Indra viu uma mulher possuidora do esplendor do fogo. A mulher que tinha ido lá pegar água estava se banhando na corrente, chorando o tempo todo. As gotas de lágrimas que ela derramava, caindo na corrente estavam sendo transformadas em lotos dourados. O manejador do raio, vendo aquela visão extraordinária, se aproximou da mulher e perguntou a ela, ‘Quem és tu, senhora amável? Por que tu choras? Eu desejo saber a verdade. Ó, diga-me tudo.’

Vyasa continuou, 'A mulher respondeu, 'Ó Sakra, tu podes saber quem eu sou e por que, infeliz como sou, eu choro, somente se, ó chefe dos celestiais, tu vieres comigo pelo caminho que eu indicarei. Tu então verás porque eu choro.’ Ouvindo estas palavras da senhora, Indra a seguiu enquanto ela indicava o caminho. E logo ele viu, não longe do lugar onde ele estava, um belo jovem com uma jovem senhora sentados em um trono colocado sobre um dos topos de Himavat e jogando dados. Vendo aquele jovem, o chefe dos celestiais disse, 'Saiba, jovem inteligente, que este universo está sob meu domínio.' Vendo, no entanto, que a pessoa endereçada estava tão absorta nos dados que não tomou conhecimento do que ele disse, Indra foi possuído pela raiva e repetiu, ‘Eu sou o senhor do universo.’ O jovem que não era ninguém mais do que o deus Mahadeva (o deus dos deuses), vendo Indra cheio de cólera, somente sorriu, tendo olhado-o de relance. Por aquele golpe de vista, no entanto, o chefe dos celestiais ficou imediatamente paralisado e ficou lá como uma estaca. Quando o jogo de dados havia acabado, Isana se endereçou à mulher que chorava e disse, 'Traga Sakra para cá, pois eu logo me ocuparei dele para que o orgulho não entre outra vez em seu coração.' Logo que Sakra foi tocado por aquela mulher, o chefe dos celestiais com membros paralisados, por aquele toque, caiu ao chão. O ilustre Isana de energia feroz então disse a ele, 'Nunca mais, ó Sakra, aja desta maneira. Remova esta pedra enorme, pois tua força e energia são imensuráveis, e entre no buraco (que ela revelará) onde aguardam alguns outros possuidores do esplendor do sol e que são todos como tu.' Indra, então, ao remover aquela pedra, viu uma caverna no leito daquele rei das montanhas, dentro da qual havia quatro outros parecidos consigo mesmo. Vendo a situação deles Sakra foi tomado pela angústia e exclamou, 'Eu serei assim como eles?' Então o deus Girisha, olhando em cheio para Indra com olhos arregalados, disse com raiva, 'Ó tu de cem sacrifícios, entre

nesta caverna sem perda de tempo, pois tu por insensatez me insultaste.' Assim endereçado pelo senhor Isana, o chefe dos celestiais, por causa daquela imprecação terrível, estava profundamente magoado, e com membros enfraquecidos pelo medo tremia como uma folha de uma figueira Himalayan sacudida pelo vento. E amaldiçoado inesperadamente pelo deus que possui um touro como seu veículo, Indra, com as mãos unidas e tremendo dos pés à cabeça, se dirigiu àquele deus feroz de manifestações multiformes, dizendo, 'Tu és, ó Bhava, o superintendente do universo infinito!' Ouvindo estas palavras o deus de energia ardente sorriu e disse, 'Aqueles que têm tendências como a tua nunca obtêm minha graça. Estes outros (dentro da caverna) foram uma vez como tu. Entre nesta caverna, portanto, e fique lá algum tempo. O destino de vocês todos certamente será o mesmo. Todos vocês terão que nascer no mundo dos homens, onde, tendo realizado muitas façanhas difíceis e matando grande número de homens, vocês recuperarão pelos méritos de seus respectivos atos a região valiosa de Indra. Vocês realizarão tudo o que eu disse e muito mais além disso, e outros tipos de trabalho.' Então aqueles Indras, de sua glória ceifada disseram, 'Nós iremos de nossas regiões celestes até a região dos homens onde a salvação está ordenada para ser de aquisição difícil. Mas que os deuses Dharma, Vayu, Maghavat, e os gêmeos Aswins nos gerem naquela que será nossa mãe. Lutando com homens por meio de armas celestes e humanas, nós voltaremos para a região de Indra.'

Vyasa continuou, 'Ouvindo estas palavras dos antigos Indras, o manejador do raio mais uma vez se endereçou àquele principal dos deuses, dizendo, 'Em vez de eu mesmo ir, com uma porção da minha energia eu criarei de mim mesmo uma pessoa para a realização da tarefa (que tu designaste) para formar o quinto entre estes!' Vishwabhuk, Bhutadhaman, Sivi de grande energia, Santi o quarto, e Tejaswin, é dito que estes eram os cinco Indras de antigamente. E o deus ilustre do arco formidável, por sua bondade, concedeu aos cinco Indras o desejo deles. E ele também nomeou aquela mulher de beleza extraordinária, que era ninguém mais do que a própria Sri celeste (deusa da beleza), para ser sua esposa em comum no mundo dos homens. Acompanhado por todos aqueles Indras, o deus Isana então foi até Narayana de energia incomensurável, o Infinito, o Imaterial, o Incriado, o Antigo, o Eterno, e o Espírito destes universos sem limites. Narayana aprovou tudo. Aqueles Indras então nasceram no mundo dos homens. E Hari (Narayana) pegou dois pêlos de seu corpo, um dos quais era negro e o outro branco. E aqueles dois pêlos entraram nos úteros de duas mulheres da linhagem Yadu, de nomes Devaki e Rohini. E um daqueles pêlos, o que era branco, se tornou Valadeva. E o pêlo que era negro nasceu como a pessoa de Kesava, Krishna. E aqueles Indras de antigamente que haviam sido confinados na caverna no Himavat são ninguém mais do que os filhos de Pandu, dotados de grande energia. E Arjuna entre os Pandavas, também chamado de Savyasachin (o que usa ambas as mãos com igual destreza) é uma porção de Sakra.'

Vyasa continuou, 'Assim, ó rei, aqueles que nasceram como os Pandavas são ninguém mais do que os Indras de antigamente. E a própria Sri celeste que foi designada como sua mulher é esta Draupadi de beleza extraordinária. Como

poderia ela cuja refulgência é como a do sol ou da lua, cuja fragrância se espalha por duas milhas em volta, não nascer de modo extraordinário, de dentro da terra, pela virtude dos ritos sacrificais? A ti, ó rei, eu alegremente concedo outra bênção na forma de visão espiritual. Contemple agora os filhos de Kunti dotados de seus corpos celestes e sagrados de antigamente!'

Vaisampayana continuou, 'Dizendo isto, o santo Brahmana Vyasa de atos generosos, por meio de seu poder ascético, concedeu visão celeste ao rei. Então o rei viu todos os Pandavas com seus corpos antigos. E o rei viu que eles possuíam corpos celestes, com coroas douradas e guirlandas celestes, e cada um parecendo com o próprio Indra, com feições radiantes como fogo ou o sol, e enfeitados com todos os ornamentos, e bonitos, e jovens, com peitos largos e estaturas de cerca de cinco cúbitos. Dotados com todos os talentos, e enfeitados com vestes celestes de grande beleza e guirlandas fragrantes de excelente feitio, o rei os viu assim como muitos deuses de três olhos (Mahadeva), ou Vasus, ou Rudras, ou aos próprios Adityas. E observando os Pandavas nas formas daqueles Indras antigos, e Arjuna também na forma de Indra surgido do próprio Sakra, o rei Drupada ficou muito satisfeito. E o monarca se admirou muito ao ver aquela manifestação de poder celeste sob profundo disfarce. O rei olhando para sua filha, aquela principal das mulheres dotadas de grande beleza, como uma donzela celeste possuidora do esplendor do fogo ou da lua, a considerou como a esposa digna daqueles seres celestes, por sua beleza, esplendor e fama. E contemplando aquela visão maravilhosa, o monarca tocou os pés do filho de Satyavati, exclamando, 'Ó grande Rishi, nada é miraculoso em ti!' O Rishi então alegremente continuou, 'Em certo eremitério havia uma ilustre filha de um Rishi, que, embora bela e casta, não obteve um marido. A moça gratificou, por meio de penitências ascéticas rígidas, o deus Sankara (Mahadeva). O senhor Sankara, satisfeito por suas penitências, disse a ela: 'Peça a bênção que desejares.' Assim endereçada, a moça repetidamente disse ao Senhor Supremo concessor de benefícios, ‘Eu desejo obter um marido possuidor de todos os talentos.’ Sankara, o chefe dos deuses, satisfeito com ela, lhe deu a bênção que ela pediu, dizendo, 'Tu terás, moça amável, cinco maridos.' A moça, que tinha tido sucesso em satisfazer o deus, disse outra vez, 'Ó Sankara, eu desejo de ti um único marido possuidor de todas as virtudes.' O deus dos deuses, bem satisfeito com ela, falou outra vez, dizendo, 'Tu, ó donzela, te endereçaste a mim cinco vezes completas, repetindo, 'Dê-me um marido.' Portanto, ó amável, será assim mesmo como tu me pediste. Abençoada sejas. Tudo isto, no entanto, te acontecerá em uma vida futura!'

Vyasa continuou, 'Ó Drupada, esta tua filha de beleza celeste é aquela donzela. De fato, a impecável Krishna nascida na linhagem de Prishata foi pré-ordenada a se tornar a esposa em comum de cinco maridos. A celestial Sri, tendo passado por penitências ascéticas severas, nasceu, por causa dos Pandavas, como tua filha, no decorrer do teu grande sacrifício. A deusa bela, servida por todos os celestiais, como consequência de suas próprias ações se torna a esposa (em comum) de cinco maridos. E é por isto que o autocriado a criou. Tendo escutado tudo isto, ó rei Drupada, faça o que desejares.'

200

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'Drupada, ao ouvir isto, observou, ‘Ó grande Rishi, foi somente porque eu não tinha ouvido isto de ti que eu procurei agir da maneira que havia te dito. Agora, no entanto, que eu sei de tudo, eu não posso ser indiferente ao que foi ordenado pelos deuses. Portanto eu resolvo realizar o que tu disseste. O nó do destino não pode ser desatado. Nada neste mundo é o resultado das nossas próprias ações. Aquilo que foi designado por nós em vista de assegurar um único noivo agora acabou em favor de muitos. Como Krishna repetidamente disse (em uma vida passada), 'Ó, me dê um marido!' o próprio grande deus lhe deu o benefício que ela tinha pedido. O próprio deus sabe o que é certo ou errado nisto. Com respeito a mim, como Sankara assim ordenou, certo ou errado, nenhum pecado pode recair sobre mim. Que eles com corações felizes tomem, como ordenado, a mão de Krishna com os ritos.'

Vaisampayana continuou, 'Então o ilustre Vyasa, endereçando-se a Yudhishthira, o justo, disse, 'Este dia é um dia auspicioso, ó filho de Pandu! Neste dia a lua entrou na constelação chamada Pushya. Receba a mão de Krishna hoje, antes dos teus irmãos!' Quando Vyasa tinha dito isto, o rei Yajnasena e seu filho fizeram os preparativos para o casamento. E o monarca mantinha preparados vários artigos caros como presentes de casamento. Então ele trouxe sua filha Krishna, enfeitada, depois de um banho, com muitas jóias e pérolas. Então foram lá para testemunhar o casamento todos os amigos e parentes do rei, ministros de estado, e muitos Brahmanas e cidadãos. E eles todos tomaram seus assentos de acordo com suas respectivas classes. Adornado com aquela multidão dos mais importantes dos homens, com seus pátios decorados com lotos e lírios espalhados sobre eles, e embelezado com fileiras de tropas, o palácio do rei Drupada, engrinaldado com diamantes e pedras preciosas, parecia com o firmamento pontilhado de estrelas brilhantes. Então aqueles príncipes da linha Kuru, dotados de juventude e enfeitados com brincos, vestidos em vestes valiosas e perfumados com pasta de sândalo, banharam-se e realizaram os ritos religiosos usuais e acompanhados por seu sacerdote Dhaumya, que era possuidor do esplendor do fogo, entraram no salão do casamento um depois outro na devida ordem, e com os corações contentes, como touros poderosos entrando em um curral. Então Dhaumya, bom conhecedor dos Vedas, acendendo o fogo sagrado, despejou com os devidos mantras libações de manteiga clarificada no elemento ardente. E chamando Yudhishthira, Dhaumya, conhecedor dos mantras, o uniu com Krishna. Andando ao redor do fogo o noivo e a noiva tomaram as mãos um do outro. Depois que a união deles foi completada, o sacerdote Dhaumya, se despedindo de Yudhishthira, aquele ornamento de batalhas, saiu do palácio. Então aqueles poderosos guerreiros em carros, aqueles perpetuadores da linhagem Kuru, aqueles príncipes vestidos em vestes magníficas, aceitaram a mão daquela melhor da mulheres, dia a dia em sucessão, auxiliados por aquele

sacerdote. Ó rei, o Rishi celeste me disse uma coisa muito maravilhosa e extraordinária com relação àqueles casamentos, que a princesa ilustre de cintura esbelta recuperava sua virgindade a cada dia depois de um casamento anterior. Depois que os casamentos haviam acabado, o rei Drupada deu àqueles poderosos guerreiros em carros diversas espécies de riquezas excelentes. E o rei deu a eles cem carros com emblemas dourados, cada um puxado por quatro corcéis com rédeas douradas. E ele lhes deu uma centena de elefantes todos possuindo marcas auspiciosas em suas têmporas e faces e semelhantes a cem montanhas com topos dourados. Ele também deu a eles cem empregadas todas no auge da juventude e vestidas em mantos e ornamentos caros e coroas florais. E o monarca ilustre da raça lunar deu a cada um daqueles príncipes de beleza celeste, fazendo do fogo sagrado uma testemunha de seus presentes, muita riqueza e muitas vestes e ornamentos valiosos de grande esplendor. Os filhos de Pandu dotados de grande força, depois que seu casamento estava terminado, e depois de terem obtido Krishna como uma segunda Sri junto com grande riqueza, passaram seus dias em alegria e felicidade, como muitos Indras, na capital do rei dos Panchalas.'

201

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'O rei Drupada, depois de sua aliança com os Pandavas, teve todos os seus medos dissipados. De fato, o monarca não mais temeu nem mesmo os deuses. As senhoras da ilustre família de Drupada se aproximaram de Kunti e se apresentaram a ela, mencionando seus respectivos nomes, e reverenciaram os pés dela com as cabeças tocando o solo. Krishna também, vestida em seda vermelha e com seus pulsos ainda cercados com o fio auspicioso, saudando sua sogra com reverência, ficou contente diante dela com as palmas unidas. Pritha, com afeto, pronunciou uma bênção sobre sua nora dotada de grande beleza e de todos os sinais auspiciosos e possuidora de uma doce disposição e bom caráter, dizendo, 'Seja para teus maridos como Sachi para Indra, Swaha para Vibhavasu, Rohini para Soma, Damayanti para Nala, Bhadra para Vaisravana, Arundhati para Vasishtha, Lakshmi para Narayana! Ó amável, seja a mãe de filhos heróicos e de vida longa, e possuidores de tudo o que possa te fazer feliz! Que a sorte e a prosperidade sempre estejam contigo! Cuide sempre dos teus maridos dedicados à realização de grandes sacrifícios. Seja devotada a teus maridos. E que teus dias sejam sempre passados em entreter e reverenciar devidamente convidados e desconhecidos que cheguem à tua residência, e os pios e os idosos; crianças e superiores. Seja instalada como a rainha do reino e da capital de Kurujangala, com teu marido Yudhishthira, o justo! Ó filha, que toda a terra, conquistada pela bravura de teus maridos dotados de grande força, seja doada por ti para Brahmanas em um sacrifício de cavalos! Ó educada, quaisquer pedras preciosas que existam sobre a terra possuidoras de virtudes superiores,

obtenha-as, ó afortunada, e seja feliz por cem anos completos! E, ó nora, como eu me regozijo de hoje te ver vestida em seda vermelha, assim eu me regozijarei outra vez, quando, ó ilustre, eu ver tu te tornares a mãe de um filho!'

Vaisampayana continuou, 'Depois que os filhos de Pandu estavam casados, Hari (Krishna) enviou a eles (como presentes) vários ornamentos de ouro engastados com pérolas e pedras preciosas negras (lápis lazúli). E Madhava (Krishna) também enviou a eles vestes caras e fabricadas em vários países, e muitos cobertores belos e macios e peles de grande valor, e muitas camas e tapetes e veículos valiosos. Ele também lhes enviou vasos às centenas, adornados com jóias e diamantes. E Krishna também lhes deu servas às milhares, trazidas de vários países, e dotadas de beleza, juventude e talentos e enfeitadas com todos os ornamentos. Ele também deu a eles muitos elefantes bem treinados trazidos do país de Madra, e muitos cavalos excelentes em arreios caros, carros puxados por cavalos de excelente porte e dentes grandes. O matador de Madhu, de alma incomensurável, também lhes enviou moedas de ouro puro por crores sobre crores em pilhas separadas. E Yudhishthira, o justo, desejoso de gratificar Govinda, aceitou todos aqueles presentes com grande alegria.'

202

(Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'As notícias foram levadas a todos os monarcas (que tinham ido à escolha de marido de Draupadi) por seus espiões de confiança, de que a bela Draupadi estava unida em casamento com os filhos de Pandu. E eles foram também informados de que o herói ilustre que tinha encordoado o arco e acertado o alvo era ninguém mais do que Arjuna, o principal dos guerreiros vitoriosos e de todos os manejadores de arco e flechas. E se tornou conhecido também que o guerreiro poderoso que tinha arremessado Salya, o rei de Madra, no chão, e que em cólera tinha apavorado os monarcas reunidos por meio da árvore (que ele tinha arrancado), e que tinha tomado sua posição perante todos os inimigos com total destemor, era ninguém mais do que Bhima, aquele destruidor de tropas hostis, cujo toque só era suficiente para tirar as vidas de todos os inimigos. Os monarcas, ao serem informados de que os Pandavas tinham assumido o disfarce de Brahmanas pacíficos se admiraram muito. Eles até o momento sabiam somente que Kunti com todos os seus filhos haviam morrido queimados no incêndio da casa de laca. Eles, portanto, agora consideravam os Pandavas como pessoas que tinham voltado da região dos mortos. E lembrando do esquema cruel idealizado por Purochana, eles começaram a dizer, 'Ó, que vergonha para Bhishma e Dhritarashtra da raça Kuru!'

Depois que a escolha de marido havia acabado, todos os monarcas (que foram lá), sabendo que Draupadi tinha se unido aos Pandavas, partiram para seus

próprios domínios. E Duryodhana, sabendo que Draupadi tinha escolhido o dono de corcéis brancos (Arjuna) como seu marido, ficou imensamente deprimido. Acompanhado por seus irmãos, Aswatthaman, seu tio (Sakuni), Karna e Kripa, o príncipe partiu com o coração pesado para sua capital. Então Duhsasana, corando de vergonha, se dirigiu ao seu irmão suavemente e disse, 'Se Arjuna não tivesse se disfarçado como um Brahmana ele nunca teria conseguido obter Draupadi. Foi por aquele disfarce, ó rei, que ninguém pôde reconhecê-lo como Dhananjaya. O destino, eu penso, é sempre supremo. O esforço é inútil; que vergonha para nossos esforços, ó irmão! Os Pandavas ainda estão vivos!' Falando dessa forma um ao outro e culpando Purochana (por seu descuido), eles então entraram na cidade de Hastinapura, com os corações tristes e angustiados. Vendo que os filhos poderosos de Pritha haviam escapado da casa ardente de laca e se aliado com Drupada, e pensando em Dhrishtadyumna e Sikhandin e nos outros filhos de Drupada todos habilidosos em combate, eles foram tomados pelo medo e dominados pelo desespero.

Então Vidura, sabendo que Draupadi tido sido ganha pelos Pandavas e que os filhos de Dhritarashtra tinham voltado (para Hastinapura) em vergonha, com seu orgulho humilhado, ficou cheio alegria. E, ó rei, se aproximando de Dhritarashtra, Kshattri disse, 'Os Kurus estão prosperando por boa sorte!' Ouvindo aquelas palavras de Vidura, o filho de Vichitravirya, imaginando, disse em grande alegria, 'Que boa sorte, ó Vidura! Que boa sorte!' Por ignorância, o monarca cego entendeu que seu filho mais velho Duryodhana tinha sido escolhido pela filha de Drupada como seu marido. E o rei imediatamente pediu que vários ornamentos fossem feitos para Draupadi. E ele mandou que Draupadi e seu filho Duryodhana fossem trazidos com pompa para Hastinapura. Foi então que Vidura disse ao monarca que Draupadi tinha escolhido os Pandavas como seus maridos, e que aqueles heróis estavam todos vivos e em paz, e que eles foram recebidos com grande respeito pelo rei Drupada. E ele também informou Dhritarashtra de que os Pandavas estavam unidos com os muitos parentes e amigos de Drupada, cada um possuidor de grandes exércitos, e com muitos outros que tinham ido à escolha de marido.

Ouvindo estas palavras de Vidura, Dhritarashtra disse, 'Aqueles filhos são tão caros a mim como eles eram para Pandu. Não, até mais. Ó escute por que meu afeto por eles agora é ainda maior! Os filhos heróicos de Pandu estão bem e em paz. Eles conseguiram muitos amigos. Seus parentes, e outros que eles têm ganhado como aliados, são todos dotados de grande força. Quem entre os monarcas em prosperidade ou adversidade não gostaria de ter Drupada com seus parentes como aliado?'

Vaisampayana continuou, 'Tendo ouvido estas palavras do monarca, Vidura disse, 'Ó rei, que tua mente permaneça assim sem mudar por cem anos!' Tendo dito isto Vidura voltou para sua própria residência. Então, ó monarca, foram até Dhritarashtra, Duryodhana e o filho de Radha, Karna. Endereçando-se ao monarca, eles disseram, 'Nós não podemos, ó rei, falar de nenhuma transgressão na presença de Vidura! Nós agora te encontramos sozinho, e portanto, diremos tudo o que queremos! O que é, ó monarca, que tens desejado fazer? Tu

consideras a prosperidade dos teus inimigos como se esta fosse a tua própria, que elogias os Pandavas, ó principal dos homens, na presença de Vidura? Ó impecável, tu não ages, ó rei, do modo que deverias! Ó pai, nós devemos agora agir todos os dias de modo a enfraquecer (a força dos) Pandavas. Chegou a hora, ó pai, de deliberarmos juntos, para que os Pandavas não possam tragar a nós todos com nossos filhos e amigos e parentes.'

203

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Dhritarashtra respondeu dizendo, ‘Eu desejo fazer exatamente o que vocês recomendarem. Mas eu não desejo informar Vidura disto nem pela alteração de um músculo. Foi, portanto, ó filho, por isso que eu estava elogiando os Pandavas na presença de Vidura, para que ele não pudesse saber nem por um sinal o que está na minha mente. Agora que Vidura foi embora, é hora, ó Suyodhana (Duryodhana), de me dizer o que tu pretendes, e o que, ó Radheya (Karna), tu também pretendes.'

Duryodhana disse; 'Que nós, ó pai, por meio de Brahmanas habilidosos e de confiança, procuremos produzir desavenças entre os filhos de Kunti e Madri. Ou, que o rei Drupada e seus filhos, e todos os seu ministros de estado, sejam assediados com presentes de grande valor, para que eles possam abandonar a causa de Yudhishthira, o filho de Kunti. Ou que nossos espiões induzam os Pandavas a se instalarem nos domínios de Drupada, por descreverem a eles, separadamente, a inconveniência de residir em Hastinapura, para que, separados de nós, eles possam se instalar permanentemente em Panchala. Ou, que alguns espiões inteligentes, cheios de recursos, semeiem sementes de discórdia entre os Pandavas, fazendo-os ciumentos uns dos outros. Ou, que eles incitem Krishna contra seus maridos. Ela tem muitos maridos e isto não apresentará qualquer dificuldade. Ou, deixemos que alguns procurem fazer os próprios Pandavas ficarem descontentes com Krishna, em cujo caso Krishna também ficará descontente com eles. Ou, ó rei, que algum espião inteligente, indo para lá, secretamente planeje a morte de Bhimasena. Bhima é o mais forte deles todos. Confiando em Bhima somente, os Pandavas costumavam nos desrespeitar, antigamente. Bhima é feroz e valente e o (único) refúgio dos Pandavas. Se ele for morto, os outros estarão privados de força e energia. Carentes de Bhima que é seu único refúgio, eles não mais se esforçarão para recuperar seu reino. Arjuna, ó rei, é invencível em batalha se Bhima protege sua retaguarda. Sem Bhima, Arjuna não é igual nem à quarta parte de Radheya. De fato, ó rei, os Pandavas conscientes da sua própria debilidade sem Bhima e da nossa força não vão realmente se esforçar para recuperar o reino. Ou, se, ó monarca, eles virem para cá, e demonstrarem docilidade e obediência a nós, nós então procuraremos reprimi-los de acordo com os ditames da ciência política (como explicados por Kanika). Ou nós podemos tentá-los por meio de belas moças, então a princesa de

Panchala ficará aborrecida com eles. Ou, ó Radheya, que mensageiros sejam despachados para trazê-los para cá, para que, quando chegarem, nós possamos através de agentes de confiança, por alguns métodos acima mencionados, fazê-los serem mortos. Esforce-te, ó pai, para empregar qualquer um destes (vários) métodos que pareça infalível para ti. O tempo passa. Antes que sua confiança no rei Drupada, aquele touro entre os homens, esteja estabelecida, nós podemos ter êxito, ó monarca, em uma batalha com eles. Mas depois que sua confiança for estabelecida em Drupada, nós com certeza fracassaremos. Estas, ó pai, são as minhas idéias para a derrota dos Pandavas. Julgue se elas são boas ou ruins. O que, ó Karna, tu pensas?'

204

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim endereçado por Duryodhana, Karna disse, 'Não me parece, ó Duryodhana, que o teu raciocínio é bem fundamentado. Ó perpetuador da linhagem Kuru, nenhum método terá sucesso contra os Pandavas. Ó príncipe corajoso, antes, por vários meios sutis, tu tentaste seriamente realizar teus desejos. Mas mesmo assim tu fracassaste em matar teus inimigos. Eles estavam então vivendo perto de ti, ó rei! Eles eram então imaturos e bem jovens, mas tu ainda assim não pudeste feri-los. Eles estão agora vivendo longe, crescidos, bem desenvolvidos. Os filhos de Kunti, ó tu de resolução firme, não podem agora ser feridos por quaisquer maquinações sutis tuas. Esta é a minha opinião. Como eles são ajudados pelos próprios Destinos, e como eles estão desejosos de recuperar seu reino ancestral, nós nunca conseguiremos prejudicá-los por quaisquer meios em nosso poder. É impossível criar desunião entre eles. Não podem nunca ser desunidos aqueles que tomaram todos uma esposa em comum. Nem nós conseguiremos desafeiçoar Krishna dos Pandavas por quaisquer dos nossos espiões. Ela os escolheu como seus maridos quando eles estavam em adversidade. Ela os abandonaria agora que eles estão em prosperidade? Além disso mulheres sempre gostam de ter muitos maridos, Krishna obteve o seu desejo. Ela nunca poderá ser separada dos Pandavas. O rei de Panchala é honesto e virtuoso; ele não é avarento. Mesmo que nós oferecêssemos o nosso reino inteiro ele não abandonaria os Pandavas. O filho de Drupada também é possuidor de todas as habilidades, e tem afeição pelos Pandavas. Portanto, eu não penso que os Pandavas podem agora ser feridos por quaisquer meios sutis em teu poder. Mas, ó touro entre homens, é isto o que é bom e aconselhável para nós agora, atacar e derrotá-los até que eles sejam exterminados. Que este curso de ação se recomende por si mesmo para ti. Contanto que nosso partido esteja forte e o do rei dos Panchalas esteja fraco nós poderemos atacá-lo sem qualquer escrúpulo. Ó filho de Gandhari, enquanto seus inúmeros veículos e animais, amigos, e tribos simpatizantes não estejam reunidos, continues, ó rei, a mostrar tua bravura. Enquanto o rei dos Panchalas junto com

seu filho dotado de grande coragem não decidir lutar conosco, enquanto isso, ó rei, mostres tua bravura. E, ó rei, exerça tua destreza antes que aquele da raça Vrishni (Krishna) venha com a hoste Yadava à cidade de Drupada, arrastando tudo diante de si, para restaurar os Pandavas ao seu reino paterno. Riquezas, todos os artigos de lazer, reino, não há nada que Krishna não possa sacrificar pelos Pandavas. O ilustre Bharata adquiriu toda a terra somente por sua bravura. Indra adquiriu a soberania dos três mundos somente pela bravura. Ó rei, a bravura é sempre louvada pelos Kshatriyas. Ó touro entre os Kshatriyas, a bravura é a principal virtude dos corajosos. Que nós, portanto, ó monarca, com nosso exército grande que consiste em quatro tipos de forças, trituremos Drupada sem perda de tempo, e tragamos os Pandavas para cá. De fato, os Pandavas são incapazes de ser derrotados por qualquer política de conciliação, presentes, riquezas e subornos, ou desunião. Vença-os, portanto, por tua bravura. E vencendo-os por tua bravura, governe esta vasta terra. Ó monarca, eu não vejo qualquer outro meio pelo qual nós podemos realizar nosso objetivo.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Radheya, Dhritarashtra, dotado de grande força, o aplaudiu muito. O monarca então endereçou-se a ele e disse, 'Tu, ó filho de um Suta, és dotado de grande sabedoria e habilidoso com armas. Estas tuas palavras, portanto, favoráveis à exposição de coragem, combinam bem contigo. Mas que Bhishma, e Drona, e Vidura, e vocês dois, deliberem juntos e adotem aquela sugestão que leve ao nosso benefício.'

Vaisampayana continuou, 'Então o rei Dhritarashtra chamou todos aqueles ministros célebres e trocou idéias com eles.'

205

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Pedido por Dhritarashtra para dar sua opinião, Bhishma respondeu, 'Ó Dhritarashtra, uma rixa com os Pandavas é algo que eu não posso nunca aprovar. Como tu és para mim, assim foi Pandu sem dúvida. E os filhos de Gandhari são para mim como os de Kunti. Eu devo proteger a eles tanto quanto aos teus filhos, ó Dhritarashtra! E, ó rei, os Pandavas são tão próximos a mim como eles são para o príncipe Duryodhana ou para todos os outros Kurus. Sob estas circunstâncias uma disputa com eles é algo que eu nunca gostaria. Fazendo um acordo com aqueles heróis, que metade da terra seja dada a eles. Este é sem dúvida o reino paterno daqueles principais da linhagem Kuru. E, ó Duryodhana, como tu vês este reino como tua propriedade paterna, os Pandavas também o vêem como sua posse paterna. Se os renomados filhos de Pandu não obtiverem o reino, como pode este ser teu, ou de qualquer outro descendente da linhagem Bharata? Se tu consideras que tens legalmente o direito de tomar posse do reino, eu penso que eles também têm o direito de legalmente herdar a posse deste reino antes de ti. Dê a eles metade do reino quietamente. Isto, ó tigre entre homens,

será benéfico para todos. Se tu agires de outra maneira o mal cairá sobre todos nós. Tu também serás coberto com desonra. Ó Duryodhana, te esforce para manter o teu bom nome. Um bom nome é, de fato, a fonte de força de um homem. É dito que alguém que perdeu sua reputação vive em vão. Um homem, ó Kaurava, não morre enquanto sua fama dura. Um homem vive tanto quanto sua fama permanece, e morre quando esta acaba. Siga, ó filho de Gandhari, a prática que é digna da linhagem Kuru. Ó tu de braços poderosos, imite os teus próprios ancestrais. Nós somos afortunados pelo fato dos Pandavas não terem perecido. Nós somos afortunados por Kunti estar viva. Nós temos sorte pelo vil Purochana, sem poder realizar seu propósito, ter perecido. Desde que eu soube que os filhos da filha de Kuntibhoja haviam morrido queimados, ó filho de Gandhari, eu mal fui capaz de encontrar com qualquer criatura viva. Ó tigre entre homens, sabendo do destino que tragou Kunti o mundo não considera Purochana tão culpado como te considera. Ó rei, a fuga, portanto, dos filhos de Pandu com vida daquela conflagração e seu reaparecimento acabam com a tua má reputação. Saiba, ó tu da raça Kuru, que enquanto aqueles heróis viverem, o próprio manejador do trovão não poderá privá-los de sua parte do reino ancestral. Os Pandavas são virtuosos e unidos. Eles estão sendo injustamente afastados da parte igual do reino à qual têm direito. Se tu queres agir corretamente, se tu queres fazer o que é agradável para mim, e se tu procuras o bem-estar de todos, então dê metade do reino para eles.'

206

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois que Bhishma tinha acabado de falar, Drona falou, dizendo, 'Ó rei Dhritarashtra, é sabido por nós que amigos convocados para consulta devem sempre falar o que é certo, verdadeiro, e que conduza à fama. Ó majestade, eu tenho a mesma opinião que o ilustre Bhishma nesta questão. Que uma parte do reino seja dada aos Pandavas. Esta é a virtude eterna. Envie, ó Bharata, até Drupada sem perda de tempo um mensageiro de fala agradável, levando consigo um grande tesouro para os Pandavas. E que o homem vá até Drupada carregando presentes caros para ambos, os noivos e a noiva, e que este fale ao monarca do teu aumento de poder e dignidade resultante desta nova aliança com ele. E, ó monarca, que o homem saiba também que tu mesmo e Duryodhana ficaram muito contentes por causa do que aconteceu. Que ele diga isto repetidamente para Drupada e Dhrishtadyumna. E que ele fale também acerca da aliança como tendo sido extremamente apropriada e agradável para ti, e de tu mesmo sendo digno dela. E que o homem repetidamente concilie os filhos de Kunti e os de Madri (em palavras apropriadas). E por tua ordem, ó rei, que ornamentos em abundância de ouro puro sejam dados para Draupadi. E que, ó touro da raça Bharata, presentes apropriados sejam dados a todos os filhos de Drupada. Que o mensageiro então proponha a volta dos Pandavas para

Hastinapura. Depois que os heróis tiverem a permissão (de Drupada), para virem para cá, que Duhsasana e Vikarna saiam com uma bela comitiva para recebê-los. E quando eles tiverem chegado a Hastinapura, que aqueles principais dos homens sejam recebidos com afeto por ti. E que eles sejam então instalados em seu trono paterno, de acordo com os desejos do povo do reino. Este, ó monarca da linhagem de Bharata, é o que eu penso que deve ser teu comportamento em direção aos Pandavas que são para ti assim como teus próprios filhos.'

Vaisampayana continuou, 'Depois que Drona tinha parado de falar, Karna falou outra vez, 'Bhishma e Drona estão mal acostumados com a riqueza que é tua e favores conferidos por ti! Eles são também sempre considerados por ti como teus amigos de confiança! O que pode, portanto, ser mais divertido do que ambos te darem conselhos que não são para o teu bem? Como pode o sábio aprovar este conselho que é pronunciado bem por uma pessoa falando com má intenção mas cuidando de esconder a maldade de seu coração? De fato, em uma época de infortúnio, amigos não podem nem beneficiar nem prejudicar. Toda a felicidade de alguém ou o contrário depende do destino. Os homens que são sábios e os que são tolos, os jovens e os velhos, os que têm aliados e os que não tem, todos ficam, isto é visto em todo lugar, felizes ou tristes às vezes. É sabido por nós que houve, antigamente, um rei de nome Amvuvicha. Tendo sua capital em Rajagriha, ele era o rei de todos os principais Magadha. Ele nunca desempenhava suas funções. Todo o seu esforço consistia em inalar o ar. Todos os seus assuntos estavam nas mãos de seu ministro. E seu ministro, chamado Mahakarni, se tornou a autoridade suprema no estado. Se considerando todo poderoso, ele começou a desrespeitar o rei. E o patife se apropriou de tudo o que pertencia ao rei, suas rainhas e tesouro e soberania. Mas a posse de tudo aquilo, ao invés de satisfazer sua avareza, somente serviu para inflamá-la mais. Tendo se apropriado de tudo o que pertencia ao rei, ele cobiçou o trono. Mas nós sabemos que mesmo com todos os seus melhores esforços ele não conseguiu adquirir o reino do monarca, seu mestre, mesmo que o último fosse desatento aos negócios e se contentasse somente em respirar o ar. O que mais pode ser dito, ó rei, além de que a soberania daquele monarca dependia do destino? Se, portanto, ó rei, este reino estiver estabelecido em ti pelo destino, este certamente continuará em ti, mesmo que todo o mundo se torne teu inimigo! Se, no entanto, o destino ordenou o contrário, por mais que tu te esforces ele não continuará teu! Ó erudito, lembrando de tudo isto, julgue a honestidade ou não dos teus conselheiros. Averigúes também quem entre eles é mau e quem falou bem e sabiamente.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Karna, Drona respondeu, 'Como tu és perverso é evidente que tu disseste isso por causa da maldade da tua intenção. É para prejudicar os Pandavas que tu nos critica. Mas saiba, ó Karna, que o que eu disse é para o bem de todos e para a prosperidade da linhagem Kuru. Se tu consideras que tudo isto produzirá o mal, declare tu mesmo o que é para o nosso bem. Se o bom conselho que eu dei não for seguido, eu penso que os Kurus serão exterminados em pouco tempo.'

207

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois que Drona havia dito isto Vidura falou, dizendo, 'Ó monarca, teus amigos sem dúvida estão te dizendo o que é para o teu bem. Mas como tu estás relutante em escutar o que eles dizem, as palavras deles mal acham um lugar em teus ouvidos. O que aquele principal da raça Kuru, Bhishma, o filho de Santanu, disse, é excelente e é para o teu bem. Mas tu não escutas a ele. O preceptor Drona também disse muita coisa que é para o teu bem embora Karna, o filho de Radha, não o considere como tal. Mas, ó rei, refletindo bem eu não acho que alguém possa ser melhor amigo para ti do que estes dois leões entre os homens (Bhishma e Drona), ou alguém que possa sobrepujá-los em sabedoria. Estes dois, velhos em idade, em sabedoria, e em erudição sempre te consideraram, ó rei, e aos filhos de Pandu com imparcialidade. Sem dúvida, ó rei da linhagem Bharata, eles são ambos, em virtude e veracidade, não inferiores a Rama, o filho de Dasaratha, e Gaya. Nunca antes eles te deram algum mau conselho. Tu também, ó monarca, nunca os ofendeste. Por que, portanto, estes tigres entre os homens, que são sempre sinceros, te dariam agora um mau conselho, especialmente quando tu nunca os ofendeste? Dotados de sabedoria estes principais dos homens, ó rei, nunca te darão conselhos desonestos. Ó descendente da linhagem Kuru, é minha firme convicção que estes dois, conhecedores de todas as regras de moralidade, nunca, tentados por riqueza, proferirão algo que revele um espírito de parcialidade. O que eles disseram, ó Bharata, eu considero muito benéfico para ti. Sem dúvida, ó monarca, os Pandavas são teus filhos tanto quanto Duryodhana e os outros são. Aqueles ministros, portanto, que te dão algum conselho repleto de maldade para com os Pandavas não buscam realmente os teus interesses. Se há qualquer parcialidade no teu coração, ó rei, para com teus próprios filhos, aqueles que por seus conselhos procuram trazê-la para fora certamente não te fazem nenhum bem. Portanto, ó rei, estas pessoas ilustres dotadas de grande esplendor, eu penso, não disseram qualquer coisa direcionada para o mal. Tu, no entanto, não compreendes isto. O que estes touros entre os homens disseram com relação à invencibilidade dos Pandavas é perfeitamente verdadeiro. Não pense de outra maneira sobre isto, ó tigre entre homens. Abençoado sejas! Poderia o forte Dhananjaya, o filho de Pandu, que usa a mão direita e a esquerda com igual habilidade, ser vencido em batalha pelo próprio Maghavat? Poderia o grande Bhimasena de braços fortes, possuidor do poder de dez mil elefantes, ser vencido em batalha pelos próprios imortais? Quem também que deseje viver poderia vencer em batalha os gêmeos (Nakula e Sahadeva) que são como os filhos do próprio Yama, e bem hábeis em combate? Como também poderia o mais velho dos Pandavas em quem a paciência, piedade, generosidade, verdade, e destreza sempre vivem juntos, ser conquistado? Aqueles que têm Rama (Valadeva) como seu aliado, e Janardana (Krishna) como seu conselheiro, e Satyaki como seu partidário, já derrotou todos em guerra. Aqueles que têm Drupada como seu sogro, e os filhos de Drupada, os irmãos heróicos, Dhristadyumna e outros da

linhagem Prishata, como seus cunhados, são certamente invencíveis. Lembrando disto, ó monarca, e sabendo que sua reclamação ao reino já está diante de ti, te comporte virtuosamente com relação a eles. A mancha da calúnia está em ti, ó monarca, por causa daquela ação de Purochana. Lave-te daquilo agora por meio de um bom comportamento em direção aos Pandavas. Este teu bom comportamento, ó monarca, favorável aos Pandavas, será uma ação de grande benefício para nós, protegendo as vidas de todos nós que pertencemos à raça Kuru, e levando ao crescimento de toda a classe Kshatriya! Nós antigamente guerreamos com o rei Drupada; e se nós pudermos agora tê-lo como aliado nós fortaleceremos nosso partido. Os Dasarhas, ó rei, são numerosos e fortes. Saiba que onde Krishna está, todos eles devem estar, e onde Krishna está, a vitória também estará! Ó rei, quem, ao menos que tenha sido amaldiçoado pelos deuses, procuraria efetuar por meio da guerra aquilo que pode ser efetuado por conciliação? Sabendo que os filhos de Pritha estão vivos, os cidadãos e outros súditos do reino ficaram muito contentes e ávidos para vê-los. Ó monarca, aja de um modo que seja agradável para eles. Duryodhana e Karna e Sakuni, o filho de Suvala, são pecaminosos, tolos e jovens; não escute-os. Tu és possuidor de todas as virtudes, e eu há muito tempo atrás te disse, ó monarca, que por um erro de Duryodhana os súditos deste reino seriam exterminados.'

208

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Ouvindo estes vários discursos, Dhritarashtra disse, ‘O erudito Bhishma, o filho de Santanu, e o ilustre Rishi Drona, e tu mesmo também (Vidura), têm dito a verdade e também o que é mais benéfico para mim. De fato, como todos aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos heróicos de Kunti, são filhos de Pandu, assim eles são, sem dúvida, meus filhos segundo a ordenança. E como meus filhos têm direito a este reino, assim os filhos de Pandu certamente têm o mesmo direito. Portanto, te apresse em trazer para cá os Pandavas junto com sua mãe, tratando-os com consideração afetuosa. Ó tu da linhagem de Bharata, traga também Krishna de beleza celeste junto com eles. Por pura boa sorte os filhos de Pritha estão vivos; e somente por boa sorte aqueles poderosos guerreiros em carros obtiveram a filha de Drupada. É somente por boa sorte que a nossa força aumentou e que Purochana pereceu. Ó tu de grande esplendor, e é por esta boa sorte que minha grande angústia acabou!'

Vaisampayana continuou, 'Então Vidura, por ordem de Dhritarashtra, foi, ó Bharata, à Yajnasena e aos Pandavas. E ele viajou para lá levando consigo numerosas jóias e várias espécies de riqueza para Draupadi e para os Pandavas e para Yajnasena também. Chegando na residência de Drupada, Vidura, conhecedor de todas as regras de moralidade e sagaz em todas as ciências, devidamente visitou e abordou o monarca. Drupada recebeu Vidura de forma apropriada e ambos perguntaram sobre o bem-estar do outro. Vidura então viu lá

os Pandavas e Vasudeva. Logo que os viu ele os abraçou com afeto e perguntou sobre seu bem-estar. Os Pandavas também, junto com Vasudeva, na devida ordem, reverenciaram Vidura de inteligência imensurável. Mas Vidura, ó rei, em nome de Dhritarashtra repetidamente perguntava com grande afeto sobre seu bem-estar. Ele então deu, ó monarca, para os Pandavas, para Kunti e para Draupadi, e para Drupada e para os filhos de Drupada, as jóias e vários tipos de riqueza que os Kauravas tinham enviado através dele. Possuidor de inteligência incomensurável, o modesto Vidura então, na presença dos Pandavas e Keshava, endereçou-se ao bem educado Drupada dessa maneira:

'Com teus ministros e filhos, ó monarca, escute ao que eu digo. O rei Dhritarashtra, com seus ministros, filhos, e amigos, com alegria no coração, ó rei, repetidamente perguntou sobre seu bem-estar. E, ó monarca, ele está muito satisfeito com esta aliança contigo. Assim também, ó rei, Bhishma de grande sabedoria, o filho de Santanu, com todos os Kurus, perguntaram sobre o teu bem-estar com todo o respeito. Drona também de grande sabedoria, o filho de Bharadwaja e teu caro amigo, abraçando-te mentalmente, perguntou sobre tua felicidade. E, ó rei dos Panchalas, Dhritarashtra e todos os Kurus, por causa desta aliança contigo se consideram supremamente abençoados. Ó Yajnasena, o estabelecimento desta aliança contigo os fez mais felizes do que se eles tivessem adquirido um novo reino. Sabendo de tudo isto, ó monarca, permita aos Pandavas revisitarem seu reino ancestral. Os Kurus estão extremamente ávidos para ver os filhos de Pandu. Estes touros entre os homens estiveram muito tempo ausentes (de seu reino). Eles assim como Pritha devem estar muito ansiosos para ver sua cidade. E todas as senhoras Kuru e os cidadãos e nossos súditos estão avidamente esperando para contemplar Krishna, a Princesa de Panchala. Portanto, é minha opinião, ó monarca, que tu deves, sem demora, dar permissão para os Pandavas irem para lá com sua esposa. E depois que os Pandavas ilustres, ó rei, tiverem recebido tua permissão, eu enviarei a comunicação para Dhritarashtra por meio de mensageiros velozes. Então, ó rei, os Pandavas partirão com Kunti e Krishna.'

209

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras de Vidura, Drupada disse, 'É assim mesmo como tu, ó Vidura de grande sabedoria, disseste. Venerável, eu também estou extremamente feliz por causa desta aliança. É muito apropriado que estes ilustres príncipes voltem para seu reino ancestral. Mas não é apropriado eu dizer isto por mim mesmo. Se os corajosos filhos de Kunti, Yudhishthira, Bhima e Arjuna, aqueles touros entre homens, os gêmeos, desejarem ir e se Rama (Valadeva) e Krishna, ambos conhecedores de todas as regras de moralidade, tiverem esta mesma opinião, então que os Pandavas vão para lá. Pois estes tigres

entre homens (Rama e Krishna) estão sempre empenhados em fazer o que é agradável e benéfico para os filhos de Pandu.’

Ouvindo isso Yudhishthira disse, ‘Eu sou agora, ó monarca, com todos os meus irmãos mais novos, dependente de ti. Nós alegremente faremos o que tu quiseres ordenar.’

Vaisampayana continuou, ‘Então Vasudeva disse, ‘Eu sou de opinião que os Pandavas devem ir. Mas nós todos aceitaremos a opinião do rei Drupada que está familiarizado com todas as regras de moralidade.’

Drupada então falou, 'Eu certamente concordo com o que este principal dos homens pensa, com relação às circunstâncias. Pois os filhos ilustres de Pandu são agora para mim assim como eles são, sem dúvida, para Vasudeva. O próprio filho de Kunti, Yudhishthira, não procura o bem-estar dos Pandavas tão seriamente como Kesava, este tigre entre homens.'

Vaisampayana continuou, 'Mandados pelo ilustre Drupada, os Pandavas, então, ó rei, e Krishna e Vidura, levando com eles Krishna, a filha de Drupada, e a renomada Kunti, viajaram em direção à cidade que mais tarde foi chamada de elefante (Hastinapura), parando em vários lugares pelo caminho para propósitos de lazer e divertimento. O rei Dhritarashtra, ao saber que aqueles heróis tinham se aproximado da capital, enviou os Kauravas para recebê-los. Aqueles que foram dessa forma enviados eram, ó Bharata, Vikarna do grande arco, e Chitrasena, e Drona aquele principal dos guerreiros, e Kripa da linhagem Gautama. Circundados por estes, aqueles heróis poderosos, com seu esplendor ressaltado por aquela multidão, lentamente entraram na cidade de Hastinapura. Toda a cidade ficou radiante, pois estava com uma multidão alegre de turistas animados pela curiosidade. Aqueles tigres entre homens alegraram os corações de todos os que os viram. E os Pandavas, queridos aos corações das pessoas, ouviam, enquanto prosseguiam, várias exclamações que os cidadãos, sempre desejosos de obedecer aos desejos daqueles príncipes, ruidosamente proferiam. Algum exclamavam, 'Aqui retorna aquele tigre entre os homens, conhecedor de todas as regras de moralidade e que sempre nos protege como se nós fôssemos seus parentes próximos.' E em outro lugar eles diziam, 'Parece que Pandu, o rei querido por seu povo, retorna hoje da floresta, sem dúvida para fazer o que é agradável para nós.' E havia alguns que diziam, 'Que bem não é feito hoje para nós quando os filhos heróicos de Kunti voltam para nossa cidade? Se nós alguma vez demos coisas de graça em caridade, se nós alguma vez despejamos libações de manteiga clarificada no fogo, se nós temos qualquer mérito ascético, que os Pandavas, em virtude de todas estas ações fiquem na nossa cidade por uma centena de anos!'

Finalmente os Pandavas, ao chegarem ao local, reverenciaram os pés de Dhritarashtra, como também os do ilustre Bhishma. Eles também reverenciaram os pés de todos os outros que mereciam esta honra. E eles perguntaram sobre o bem-estar de todos os cidadãos (lá presentes). Finalmente, por ordem de Dhritarashtra eles entraram nos aposentos que lhes haviam sido designados.

Depois que eles tinham descansado lá por algum tempo, eles foram convocados (à corte) pelo rei Dhritarashtra e Bhishma, o filho de Santanu. Quando eles chegaram, o rei Dhritarashtra endereçou-se a Yudhishthira e disse, ‘Escute, ó filho de Kunti, com teus irmãos, ao que eu digo. Dirijam-se para Khandavaprastha para que nenhuma diferença possa surgir outra vez (entre vocês e seus primos). Se vocês lá fixarem sua residência, ninguém poderá lhes prejudicar de modo algum. Protegidos por Partha (Arjuna), como os celestiais pelo raio, residam em Khandavaprastha, pegando metade do reino.’

Vaisampayana continuou, 'Concordando com o que Dhritarashtra disse, aqueles touros entre homens, reverenciando o rei saíram de Hastinapura. E contentes com metade do reino, eles se mudaram para Khandavaprastha, que era um deserto não cultivado. Então aqueles heróis de esplendor imorredouro, os Pandavas, com Krishna em sua liderança, chegando lá, embelezaram o lugar e fizeram dele um segundo céu. E aqueles poderosos guerreiros em carros, escolhendo com a ajuda de Dwaipayana uma região sagrada e auspiciosa, realizaram certas cerimônias propiciatórias e mediram um trecho de terra para sua cidade. Então, cercada por uma trincheira larga como o mar e por muros que alcançavam os céus, e branca como as nuvens fofas ou como os raios da lua, aquela principal das cidades parecia resplandecente como Bhogavati (a capital do reino inferior) decorada com os Nagas. E ela era adornada com mansões suntuosas e numerosos portões, cada um equipado com um par de painéis que pareciam as asas abertas de Garuda. E ela era protegida por portas que pareciam nuvens e que eram altas como as montanhas Mandara, e bem equipadas com numerosas armas de ataque, os mísseis dos inimigos não podiam fazer nem a mais fraca impressão nelas. E elas eram quase cobertas com dardos e outros projéteis semelhantes a cobras de língua dupla. As torres ao longo dos portões eram cheias de homens armados em curso de treinamento; e os muros eram alinhados com numerosos guerreiros por todo o seu comprimento. E lá havia milhares de foices afiadas e Sataghnis (máquinas que matavam uma centena de guerreiros) e numerosas outras máquinas nas ameias. Havia também grandes rodas de ferro fixadas nelas. E com tudo isto aquela principal das cidades era adornada. As ruas eram todas largas e planejadas excelentemente; e não havia temor de acidentes nelas. E enfeitada com mansões inumeráveis, a cidade se tornou como Amaravati e veio a se chamar Indraprastha (como a cidade de Indra). Em uma encantadora e auspiciosa parte da cidade erguia-se o palácio dos Pandavas repleto com todos os tipos de riquezas e como a mansão do próprio tesoureiro celeste (Kuvera). E ela parecia com uma massa de nuvens carregada com relâmpagos.

Quando a cidade estava construída, foram lá, ó rei, numerosos Brahmanas bons conhecedores de todos os Vedas e de todas as línguas, desejando morar lá. E foram também àquela cidade numerosos comerciantes de todas as direções, na esperança de ganhar riqueza. Foram lá também numerosas pessoas hábeis em todas as artes, desejando fixar residência. E ao redor da cidade foram dispostos muitos jardins encantadores adornados com numerosas árvores portando frutas e flores. Havia Amras (mangueiras) e Amaratakas, e Kadamvas e Asokas, e

Champakas; e Punnagas e Nagas e Lakuchas e Panasas; e Salas e Talas (palmeiras) e Tamalas e Vakulas, e Ketakas com suas cargas fragrantes; belas e florescentes, e Amalakas grandes com ramos vergados pelo peso dos frutos, e Lodhras e Ankolas florescentes; e Jamvus (árvores de amoras pretas) e Patalas e Kunjakas e Atimuktas; e Karaviras e Parijatas e outras espécies numerosas de árvores, sempre adornadas com flores e frutos e animadas com criaturas emplumadas de várias espécies. E aqueles arvoredos verdejantes sempre ressoavam com as notas de pavões enlouquecidos e Kokilas (melros). E lá havia várias casas de lazer agradáveis, brilhantes como espelhos, e numerosos caramanchões de trepadeiras, e pequenos morros artificiais encantadores, e muitos lagos cheios até a borda de água cristalina, e tanques fragrantes com lotos e lírios e adornados com cisnes e patos e chakravakas (patos brahminy). E havia muitos deliciosos reservatórios cobertos com excelentes plantas aquáticas. E havia também diversos açudes de grande beleza e dimensões. E, ó rei, a alegria dos Pandavas aumentava dia a dia, por consequência da sua residência naquele reino grande que era povoado com homens virtuosos.

Assim, por causa do comportamento virtuoso de Bhishma e do rei Dhritarashtra com relação a eles, os Pandavas fixaram sua residência em Khandavaprastha. Adornada com aqueles cinco guerreiros poderosos, cada um igual ao próprio Indra, aquela principal das cidades parecia com Bhogavati (a capital do reino inferior) adornada com os Nagas. E, ó monarca, tendo fixado os Pandavas lá, o heróico Krishna, obtendo sua permissão, voltou com Rama para Dwaravati.'

210

(Rajya labha Parva)

Janamejaya disse, 'Ó tu que possui riqueza ascética, o que fizeram aqueles homens de grandes almas, meus antepassados, os ilustres Pandavas, depois de obterem o reino de Indraprastha? Como sua esposa Draupadi obedecia a todos eles? Como também não surgiram divergências entre aqueles soberanos ilustres de homens, todos ligados a uma só esposa, Krishna? Ó tu cuja riqueza é o ascetismo, eu desejo saber tudo em detalhes a respeito do comportamento com relação uns aos outros daqueles soberanos de homens depois de sua união com Krishna.'

Vaisampayana disse, 'Aqueles destruidores de inimigos, os Pandavas, tendo obtido seu reino por ordem de Dhritarashtra, passaram seus dias em alegria e felicidade em Khandavaprastha com Krishna. E Yudhishthira dotado de grande energia e sempre fiel à verdade, tendo obtido a soberania, virtuosamente governou a terra, ajudado por seus irmãos. E os filhos de Pandu, dotados de grande sabedoria e dedicados à verdade e virtude, tendo vencido todos os seus inimigos, continuaram a viver lá em grande felicidade. E aqueles touros entre homens, sentados em assentos reais de grande valor, costumavam cumprir todas

as funções de governo. E um dia, quando todos aqueles heróis ilustres estavam assim sentados, foi até eles o Rishi celeste Narada, no curso de suas viagens. Vendo o Rishi, Yudhishthira ofereceu a ele o seu próprio assento belo. E depois que o Rishi celeste estava sentado, o sábio Yudhishthira devidamente lhe ofereceu o Arghya com suas próprias mãos. E o rei também informou o Rishi do estado de seu reino. O Rishi aceitando o culto, ficou bem satisfeito, e elogiando-o com bênçãos, mandou o rei se sentar. Mandado pelo Rishi, o rei tomou seu assento. Então o rei enviou a notícia para Krishna (nos aposentos internos) da chegada do homem ilustre. Sabendo da chegada do Rishi, Draupadi, se purificando devidamente, foi com uma respeitosa atitude para onde Narada estava com os Pandavas. A princesa virtuosa de Panchala, reverenciando os pés do Rishi celeste, ficou com as mãos unidas diante dele, devidamente velada. O ilustre Narada, pronunciando várias bênçãos sobre ela, mandou a princesa se retirar. Depois que Krishna tinha se retirado, o Rishi ilustre, endereçando-se em particular aos Pandavas com Yudhishthira em sua liderança, disse, 'A renomada princesa de Panchala é esposa de vocês todos. Estabeleçam uma regra entre vocês, assim a desunião não surgirá. Havia, antigamente, célebres pelos três mundos, dois irmãos chamados Sunda e Upasunda que viviam juntos e que não podiam ser mortos por alguém a menos que um assassinasse o outro. Eles governavam o mesmo reino, viviam na mesma casa, dormiam na mesma cama, sentavam no mesmo assento, e comiam no mesmo prato. E ainda assim eles se mataram por causa de Tilottama. Portanto, ó Yudhishthira, preserves a amizade de vocês e faças o que não possa produzir discórdia entre vocês.'

Ao ouvir isto Yudhishthira perguntou, 'Ó grande Muni, os Asuras chamados Sunda e Upasunda eram filhos de quem? De onde surgiu a discórdia entre eles e por que mataram um ao outro? De quem era filha também esta Tilottama por cujo amor os irmãos enlouquecidos mataram um ao outro? Ela era uma Apsara (divindade dos rios, ninfa) ou a filha de algum celestial? Ó tu cuja riqueza é o ascetismo, nós desejamos, ó Brahmana, ouvir em detalhes como tudo aconteceu. De fato, nossa curiosidade se tornou grande.'

211

(Continuação Rajya labha Parva)

Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras de Yudhishthira, Narada respondeu, 'Ó filho de Pritha, escute com teus irmãos enquanto eu narro esta velha história, ó Yudhishthira, exatamente como aconteceu. Antigamente um Daitya poderoso de nome Nikumbha, dotado de grande energia e força nasceu na linhagem do grande Asura, Hiranyakasipu. A este Nikumbha nasceram dois filhos chamados Sunda e Upasunda. Ambos eram poderosos Asuras dotados de grande energia e bravura terrível. Os irmãos eram ferozes e possuíam corações perversos. E aqueles Daityas tinham a mesma determinação e estavam sempre dedicados a realizar as mesmas tarefas e objetivos. Eles sempre compartilhavam

juntos a felicidade assim como a dor. Cada um falando e fazendo o que era agradável para o outro, os irmãos sempre estavam juntos, e nunca iam a qualquer lugar a menos que estivessem juntos. De exatamente a mesma disposição e hábitos, eles pareciam ser um indivíduo dividido em duas partes. Dotados de grande energia e sempre com a mesma resolução em tudo o que empreendiam, os irmãos gradualmente cresceram. Sempre tendo o mesmo propósito, desejosos de subjugar os três mundos, os irmãos, depois da devida iniciação, foram para as montanhas de Vindhya. E severas foram as penitências ascéticas que eles realizaram lá. Esgotados por fome e sede, com os cabelos emaranhados sobre suas cabeças e vestidos em cascas de árvores, eles adquiriram suficiente mérito ascético finalmente. Sujando-se com poeira da cabeça aos pés, vivendo só do ar, ficando sobre seus dedos dos pés, eles jogavam pedaços da carne de seus corpos ao fogo. Com seus braços erguidos, e olhar fixo, muito tempo foi o período pelo qual eles cumpriram seus votos. E durante o curso de suas penitências ascéticas, um incidente extraordinário ocorreu. As montanhas de Vindhya, aquecidas por longos anos pelo poder de suas austeridades ascéticas, começaram a emitir vapor de todas as partes de seus corpos. E vendo a severidade das austeridades deles os celestiais ficaram alarmados. Os deuses começaram a produzir numerosas obstruções para impedir o progresso do ascetismo deles. Os celestiais repetidamente tentaram os irmãos por meio de todas as posses preciosas e das mais belas garotas. Os irmãos não quebraram seus votos. Então os celestiais mais uma vez manifestaram, perante os irmãos ilustres, seus poderes de ilusão. Pois parecia que suas irmãs, mães, esposas, e outros parentes, com cabelos e ornamentos e mantos desordenados, estavam correndo em direção a eles aterrorizados, perseguidos e golpeados por um Rakshasa com uma lança na mão. E parecia que as mulheres imploravam a ajuda dos irmãos gritando, 'Ó salvem-nos!' Mas tudo isso foi por nada, pois firmemente unidos a eles, os irmãos ainda não quebraram seus votos. E quando foi percebido que tudo aquilo não produziu a menor impressão em nenhum dos dois, as mulheres e o Rakshasa desapareceram de vista. Finalmente o próprio Avô, o Senhor Supremo que sempre procura o bem-estar de todos, foi àqueles grandes Asuras e pediu a eles para solicitarem a bênção que desejassem. Então os irmãos Sunda e Upasunda, ambos de grande bravura, contemplando o Avô, ergueram-se de seus assentos e ficaram com as palmas unidas. E ambos os irmãos disseram ao Deus, 'Ó Avô, se tu estás satisfeito com nossas austeridades ascéticas, e estás, ó senhor, propício a nós, então que nós tenhamos o conhecimento de todas as armas e de todos os poderes de ilusão. Que nós sejamos dotados de grande força, e que possamos assumir qualquer forma que quisermos. E por último, que nós também sejamos imortais.' Ouvindo estas palavras deles, Brahman disse, 'Exceto a imortalidade que vocês pedem, lhes será dado tudo isso que desejam. Solicitem alguma forma de morte pela qual vocês possam ainda ser iguais aos imortais. E já que vocês praticaram estas severas austeridades ascéticas só pelo desejo de soberania eu não posso lhes dar o benefício da imortalidade. Vocês realizaram suas penitências ascéticas para subjugar os três mundos. É por isto, ó Daityas poderosos, que eu não posso conceder a vocês o que vocês desejam.'

Narada continuou, 'Ouvindo estas palavras de Brahman, Sunda e Upasunda disseram, 'Ó Avô, que nós então não temamos qualquer coisa criada, móvel ou imóvel, nos três mundos, exceto somente um ao outro!' O Avô então disse, 'Eu concedo a vocês o que vocês pedem, já que este é o seu desejo.' E concedendo a eles este benefício, o Avô os fez desistir de seu ascetismo, e voltou para sua própria região. Então os irmãos, aqueles Daityas poderosos, tendo recebido aqueles vários benefícios tornaram-se incapazes de ser mortos por alguém no universo. Eles então voltaram para sua própria residência. Todos seus amigos e parentes, vendo aqueles Daityas de grande inteligência coroados com sucesso na questão dos benefícios que tinham obtido, ficaram muito contentes. E Sunda e Upasunda então cortaram seus cabelos emaranhados e puseram ornados em suas cabeças. Vestidos com mantos e ornamentos caros, eles pareciam extremamente belos. Eles faziam a lua se erguer sobre sua cidade todas as noites mesmo fora de sua época. E amigos e parentes entregaram-se à alegria e folia com corações contentes. ‘Coma’, ‘alimente-se’, ‘conte’, ‘fique feliz’, ‘cante’, ‘beba’, estes eram os sons ouvidos diariamente em todas as casas. E lá e cá erguiam-se altos tumultos de hilaridade misturados com aplausos que enchiam toda a cidade dos Daityas, que sendo capazes de assumir qualquer forma que quisessem, estavam dedicados a todos os tipos de diversão e esportes e mal reparavam no vôo do tempo, considerando até mesmo um ano inteiro como um único dia.'

212

(Continuação do Rajya labha Parva)

Narada continuou, 'Logo que aquelas festas tiveram fim, os irmãos Sunda e Upasunda, desejosos da soberania dos três mundos, deliberaram e mandaram suas forças serem organizadas. Obtendo a concordância de seus amigos e parentes, dos mais velhos da raça Daitya e de seus ministros de estado, e realizando os ritos preliminares de partida, eles saíram durante a noite quando a constelação Magha estava em ascendência. Os irmãos partiram com uma grande força Daitya vestida em armaduras e armada com maças e machados e lanças e clavas. Os heróis Daitya saíram em sua expedição com corações alegres, com os charanas (bardos) cantando laudatórios auspiciosos indicativos de seus futuros triunfos. Violentos em guerra, os irmãos Daitya, capazes de ir a todos os lugares à vontade, ascenderam aos céus e foram para a região dos celestiais. Os celestiais sabendo que eles estavam chegando e conhecendo também os benefícios concedidos a eles pela Divindade Suprema deixaram o céu e procuraram refúgio na região de Brahman. Dotados com destreza feroz, os heróis Daitya logo subjugaram a região de Indra, e vencendo as diversas tribos de Yakshas e Rakshasas e todas as criaturas que percorriam os céus, foram embora. Aqueles poderosos guerreiros em carros em seguida subjugaram os Nagas da região inferior, e então os habitantes do oceano e então todas as tribos dos Mlechchhas. Desejosos em seguida de subjugar toda a terra, aqueles heróis de domínio

irresistível, convocando seus soldados, lhes deram ordens cruéis, 'Brahmanas e sábios reais (na terra) com suas libações e outros alimentos oferecidos em grandes sacrifícios, aumentam a energia e força dos deuses, como também sua prosperidade. Engajados em tais atos, eles são inimigos dos Asuras. Todos nós, portanto, reunidos, devemos eliminá-los completamente da face terra!' Comandando seus soldados desta forma na costa leste do grande oceano, e tendo tal resolução cruel, os irmãos Asura seguiram para todas as direções. E aqueles que estavam realizando sacrifícios e os Brahmanas que estavam ajudando naqueles sacrifícios, os irmãos poderosos assassinavam imediatamente. E massacrando-os com violência eles partiam para algum outro lugar. Enquanto seus soldados jogavam na água os fogos sacrificais que estavam nos retiros de Munis com almas sob controle completo, as maldições proferidas pelos Rishis ilustres em cólera malogravam por causa dos benefícios concedidos (por Brahman), e não afetavam os irmãos Asura. Quando os Brahmanas viram que suas maldições não produziam o menor efeito como setas disparadas em pedras eles fugiram em todas as direções, abandonando seus ritos e votos. Mesmo aqueles Rishis sobre a terra que eram coroados com sucesso ascético, e tinham suas paixões sob controle completo e estavam totalmente absortos em meditação na Divindade, por medo dos irmãos Asura, fugiram como cobras à aproximação do filho de Vinata (Garuda, o comedor de cobras). Os retiros sagrados foram todos pisoteados e destruídos. Os jarros e recipientes sacrificais estando quebrados, seus conteúdos (sagrados) eram espalhados pelo chão. Todo o universo se tornou vazio, como se suas criaturas tivessem todas sido abatidas durante a época da dissolução geral. E, ó rei, depois que os Rishis tinham todos desaparecido e se fizeram invisíveis para ambos, os grandes Asuras, decididos a destruí-los, começaram a assumir várias formas. Assumindo as formas de elefantes enlouquecidos com têmporas rasgadas por excesso de sumo, o par Asura, procurando os Rishis que tinham se abrigado em cavernas, os enviavam para a região de Yama. Às vezes se tornando como leões e outra vez como tigres e desaparecendo no momento seguinte, por estes e outros métodos o par cruel, vendo os Rishis, os assinavam imediatamente. Sacrifícios e estudos cessaram, e reis e Brahmanas foram exterminados. A terra ficou completamente desprovida de sacrifícios e festivais. E as pessoas apavoradas proferiram gritos de ‘Oh’ e ‘Ai’ e toda compra e venda parou. Todos os ritos religiosos cessaram, e a terra ficou desprovida de cerimônias sagradas e casamentos. A agricultura foi negligenciada e o gado não foi mais cuidado. Cidades e retiros se tornaram desolados. E com ossos e esqueletos espalhados sobre si, a terra assumiu um aspecto terrível. Todas as cerimônias em honra dos Pitris estavam suspensas, e o som sagrado de Vashat e todo o círculo de ritos propícios cessou. A terra ficou terrível de se contemplar. O Sol e a Lua, os Planetas e Estrelas, e Constelações, e os outros habitantes do firmamento, testemunhando as ações de Sunda e Upasunda, sofreram profundamente. Subjugando todos os pontos do céu por meio de tais atos cruéis, os irmãos Asura fixaram sua residência em Kurukshetra, sem um único rival.'

213

(Continuação do Rajya labha Parva)

Narada continuou, 'Então os Rishis celestes, os Siddhas, e os Rishis de grande alma possuindo os atributos de tranquilidade e autocontrole, vendo aquele ato de massacre universal, ficaram aflitos com grande dor. Com paixões e sentidos e almas sob completo controle, eles então foram à residência do Avô, movidos por compaixão pelo universo. Chegando lá, eles viram o Avô sentado com deuses, Siddhas, e Brahmarshis em volta de si. Estava lá presente aquele Deus de deuses, Mahadeva, e Agni, acompanhado por Vayu, e Soma e Surya e Sakra, e Rishis dedicados à contemplação de Brahma, e os Vaikhanasas, os Valakhilyas, os Vanaprasthas, os Marichipas, os Ajas, os Avimudas, e outros ascetas de grande energia. Todos aqueles Rishis estavam com o Avô, quando os celestiais e outros Rishis, se aproximando de Brahman com corações tristes, relataram a ele todas as ações de Sunda e Upasunda. E eles disseram ao Avô em detalhes tudo o que os irmãos Asura tinham feito, e como eles o tinham feito, e em que sequência. Então todos os celestiais e os grandes Rishis forçaram a questão perante o Avô. O Avô, ouvindo tudo o que eles disseram, refletiu por um momento e decidiu em sua mente o que ele deveria fazer. Resolvendo realizar a destruição dos irmãos Asura, ele convocou Viswakarman (o arquiteto celeste). Vendo Viswakarman diante de si, o Avô possuidor de mérito ascético supremo o ordenou dizendo, 'Crie uma donzela capaz de cativar todos os corações.' Curvando-se ao Avô e recebendo sua ordem com reverência, o grande artífice do universo criou uma moça celeste com atenção cuidadosa. Viswakrit primeiro reuniu todos traços bonitos sobre o corpo da donzela que criou. De fato, a moça celeste que ele criou era quase uma massa de pedras preciosas. E criada com grande cuidado por Viswakarman, a donzela, em beleza, era inigualável entre as mulheres dos três mundos. Não havia nem uma mínima parte do corpo dela que por sua riqueza de beleza não pudesse atrair o olhar dos observadores. E como a própria Sri incorporada, aquela donzela de extraordinária beleza cativava os olhos e corações de todas as criaturas. E porque ela tinha sido criada com porções de todas as pedras preciosas usadas em medidas exatas, o Avô deu a ela o nome de Tilottama. E logo que ele a iniciou para a vida, a donzela se curvou a Brahman e com as palmas unidas disse, 'Senhor de todas as coisas criadas, qual tarefa eu tenho que realizar e para a qual eu fui criada?' O Avô respondeu, 'Vá, ó Tilottama, aos Asuras Sunda e Upasunda. Ó amável, tente-os com tua cativante beleza. E, ó donzela, aja de tal modo que os irmãos Asura, por causa da riqueza da tua beleza, discutam entre si logo que eles lançarem seus olhos sobre ti.'

Narada continuou, 'Curvando-se ao Avô e dizendo, 'Assim será,' a donzela caminhou em volta do conclave celeste. O ilustre Brahman estava então sentado com o rosto virado para o leste, e Mahadeva com a face também em direção ao leste, e todos os celestiais com os rostos virados na direção norte, e os Rishis com os rostos para todas as direções. Enquanto Tilottama andou pelo conclave dos celestiais, Indra e o ilustre Sthanu (Mahadeva) foram os únicos que conseguiram

preservar sua tranquilidade mental. Mas extremamente desejoso como Mahadeva estava (de contemplar Tilottama) quando a donzela (em seu progresso ao redor do conclave celeste) estava ao seu lado, outro rosto como um lótus totalmente desabrochado apareceu no lado sul de seu corpo. E quando ela estava atrás dele, outro rosto apareceu no oeste. E quando a donzela estava no lado do norte do grande deus, um quarto rosto apareceu no lado do norte de seu corpo. Indra (que estava ávido para contemplar a donzela) veio também a ter mil olhos, cada um grande e ligeiramente avermelhado, na frente, atrás e em seus flancos. E foi assim que o grande deus Sthanu veio a ter quatro rostos, e o matador de Vala, mil olhos. E com relação à massa de celestiais e aos Rishis, eles viraram seus rostos em todas as direções enquanto Tilottama andava ao redor deles. Exceto o próprio Avô divino, os olhares de todos aqueles personagens ilustres caíram sobre o corpo de Tilottama. E quando Tilottama partiu (para a cidade dos Asuras) com a riqueza de sua beleza, todos consideraram a tarefa como já realizada. Depois que Tilottama tinha ido embora, o grande deus que era a Primeira Causa do Universo, despediu todos os celestiais e os Rishis.'

214

(Continuação do Rajya labha Parva)

Narada continuou, 'Enquanto isso os irmãos Asura, que tinham subjugado a terra, não tinham um rival. Quando a fadiga do esforço havia acabado, eles, tendo trazido os três mundos sob domínio igual, se consideraram como pessoas que não tinham mais nada para fazer. Tendo trazido todos os tesouros dos deuses, dos Gandharvas, dos Yakshas, dos Nagas, dos Rakshasas, e dos reis da terra, os irmãos começaram a passar seus dias em grande felicidade. Quando eles viram que não tinham nenhum rival (nos três mundos), eles desistiram de todo o esforço e dedicaram seu tempo ao prazer e à alegria, como os celestiais. Eles experimentaram grande felicidade por se darem todos os tipos de prazer, tais como mulheres, e perfumes e coroas florais e iguarias, e bebidas e muitos outros objetos agradáveis em profusão. Em casas e florestas e jardins, em colinas e em florestas, onde quer que eles quisessem eles passavam seu tempo em prazer e diversão, como os imortais. E aconteceu que um dia eles foram para propósitos de lazer para um planalto da cadeia de montanhas Vindhya, perfeitamente plano e pedregoso, e coberto com árvores florescentes. Depois que todos os objetos de desejo, todos da espécie mais agradável, haviam sido trazidos, os irmãos se sentaram em um assento excelente, com corações felizes e acompanhados por belas mulheres. E aquelas donzelas, desejosas de agradar aos irmãos, começaram uma dança em acompanhamento à música, e muitas cantavam docemente uma canção em louvor ao par poderoso.'

Enquanto isso Tilottama vestida em uma única peça de seda vermelha mostrando todo o seu encanto, se aproximou, colhendo flores selvagens em seu caminho. Ela avançou lentamente para onde aqueles Asuras poderosos estavam.

Os irmãos Asura, embriagados com as grandes porções que tinham bebido foram afetados ao verem aquela moça de beleza transcendente. Deixando seus assentos eles foram rapidamente para onde a donzela estava. Ambos estando sob a influência da luxúria, cada um procurava a moça para si mesmo. E Sunda agarrou aquela moça de belas sobrancelhas por sua mão direita. Inebriados com os benefícios que tinham obtido, com poder físico, com a riqueza e jóias que tinham apanhado de todos os quadrantes, e com o vinho que tinham bebido, enlouquecidos com tudo aquilo, e influenciados por desejo ansioso, eles se endereçaram um ao outro, cada um contraindo sua fronte com raiva, 'Ela é minha mulher, e portanto tua superior,' disse Sunda. 'Ela é minha mulher, e portanto tua cunhada', Upasunda respondeu. E eles disseram um ao outro, 'Ela é minha e não tua.' E logo eles estavam sob a influência da raiva. Enlouquecidos pela beleza da donzela, eles logo esqueceram o amor e afeto que tinham um pelo outro. Ambos, carentes de razão pela paixão, então ergueram suas maças aterradoras. Cada um repetindo, ‘Eu fui o primeiro, Eu fui o primeiro’, (ao pegar a mão dela) golpeou o outro. E os Asuras ferozes, golpeados um pelo outro com a maça, caíram sobre a terra, com seus corpos banhados em sangue, como dois sóis desalojados do firmamento. E vendo aquilo as mulheres que tinham ido lá, e os outros Asuras lá presentes, todos fugiram tremendo de angústia e medo e se refugiaram nas regiões inferiores. O próprio Avô de alma pura então foi até lá, acompanhado pelos celestiais e grandes Rishis. E o Avô ilustre elogiou Tilottama e expressou seu desejo de lhe conceder uma bênção. A Divindade Suprema, perante Tilottama, desejosa de conceder um a ela um benefício, alegremente disse, 'Ó bela donzela, tu deves vagar na região dos Adityas. Teu esplendor será tão grande ninguém será capaz de olhar para ti por qualquer duração de tempo!' O Avô de todas as criaturas, concedendo este benefício a ela, estabelecendo os três mundos em Indra como antes, voltou para sua própria região.'

Narada continuou, ‘E foi assim que aqueles Asuras, sempre unidos e inspirados pelo mesmo propósito assassinaram um ao outro em cólera por Tilottama. Portanto, por afeto eu digo a vocês, ó principais da linhagem Bharata, que se vocês desejam fazer alguma coisa agradável para mim, façam algum acordo para que vocês não possam brigar um com o outro por Draupadi.’

Vaisampayana continuou, 'Os ilustres Pandavas, assim ouvindo o grande Rishi Narada, consultando uns aos outros, estabeleceram uma regra entre eles mesmos na presença do próprio Rishi celeste dotado de energia incomensurável. E a regra que eles fizeram era que quando um deles estivesse com Draupadi, qualquer um dos outros quatro que visse o outro daquela forma deveria se retirar para a floresta por doze anos, passando seus dias como um Brahmacharin. Depois que os Pandavas virtuosos tinham estabelecido aquela regra entre eles mesmos, o grande Muni Narada, satisfeito com eles, foi para onde desejava ir. Assim, ó Janamejaya, os Pandavas, instados por Narada, estabeleceram uma regra entre eles em relação à sua esposa em comum. E foi por isto, ó Bharata, que nenhuma disputa nunca ocorreu entre eles.'

215

(Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, ‘Os Pandavas, tendo fixado tal regra, continuaram a residir lá. Pela destreza de seus braços eles trouxeram muitos reis sob seu domínio. E Krishna se tornou obediente a todos os cinco filhos de Pritha, aqueles leões entre homens, de energia imensurável. Como o rio Saraswati enfeitado com elefantes, os quais se deleitam naquele rio, Draupadi se deleitou com seus cinco maridos heróicos e eles também se deleitaram com ela. E pelos Pandavas ilustres serem extremamente virtuosos em sua prática, toda a linhagem dos Kurus, livre do pecado e feliz, cresceu em prosperidade.

Depois de algum tempo, ó rei, aconteceu que certos ladrões furtaram o gado de um Brahmana, e enquanto eles estavam carregando o roubo, o Brahmana, privado de sua razão pela raiva, foi para Khandavaprastha, e começou a criticar os Pandavas em palavras aflitas. O Brahmana disse, 'Ó Pandavas, deste teu domínio meu gado está agora mesmo sendo levado embora à força por canalhas desprezíveis e desgraçados! Persigam os ladrões. Ai, a manteiga sacrifical de um Brahmana pacífico está sendo roubada por corvos! Ai, o chacal desprezível invadiu a caverna vazia de um leão! Um rei que pega a sexta parte da produção da terra sem proteger o súdito é considerado pelos sábios como a pessoa mais pecaminosa de todo o mundo. A riqueza de um Brahmana está sendo roubada por ladrões! A própria virtude está sofrendo diminuição! Peguem-me pela mão, ó Pandavas, pois eu estou mergulhado na dor!’

Vaisampayana continuou, 'Dhananjaya, o filho de Kunti, ouviu aquelas palavras do Brahmana chorando em dor amarga. Logo que ele ouviu aqueles palavras ele ruidosamente assegurou o Brahmana, dizendo, 'Não tema.' Mas ocorreu que o aposento onde os Pandavas ilustres tinham suas armas estava então ocupado por Yudhishthira, o justo, com Krishna. Arjuna, portanto, era incapaz de entrar ou, de ir sozinho com o Brahmana, embora repetidamente suplicado (para fazer um e outro) pelas palavras chorosas do Brahmana. Convocado pelo Brahmana, Arjuna refletiu com coração triste, Ai, a riqueza deste Brahmana inocente está sendo roubada! Eu devo sem dúvida secar suas lágrimas. Ele veio até nosso portão, e está chorando até agora. Se eu não protegê-lo, o rei será tocado pelo pecado por causa da minha indiferença; nossa própria irreligiosidade será citada por todo o reino, e nós incorreremos em um grande pecado. Se, desconsiderando o rei, eu entrar no aposento, sem dúvida eu estarei me comportando falsamente com relação ao monarca sem um inimigo. Por entrar no aposento, eu incorro na pena de um exílio nas florestas. Mas eu devo observar tudo isto do alto. Eu não me importo se eu tiver que incorrer em pecado por desconsiderar o rei. Eu não me importo se eu tiver que ir às florestas e morrer lá. A virtude é superior ao corpo e permanece depois que o corpo perece!' Dhananjaya, chegando a esta resolução, entrou no aposento e falou com Yudhishthira. Saindo com o arco, ele alegremente disse ao Brahmana, 'Procedamos, ó Brahmana, com pressa, para que aqueles ladrões ordinários não fiquem muito à nossa frente. Eu te acompanharei e

restaurarei a tua riqueza que caiu nas mãos dos ladrões.' Então Dhananjaya, capaz de usar ambos os braços com igual habilidade, armado com arco e coberto com armadura e dirigindo sua carruagem de guerra decorada com um estandarte, perseguiu os ladrões, e perfurando-os com suas flechas os obrigou a desistir dos despojos. Beneficiando o Brahmana assim por lhe devolver suas vacas, e ganhando grande renome, o herói voltou à capital. Curvando-se a todos os mais velhos, e felicitado por todos, Partha finalmente se aproximou de Yudhishthira, e dirigindo-se a ele, disse, 'Dê-me permissão, ó senhor, para cumprir a promessa que fiz. Ao te ver com Draupadi eu violei a regra estabelecida por nós. Eu, portanto, irei para as florestas, pois foi este o nosso acordo.' Então Yudhishthira ouvindo de repente aquelas palavras dolorosas, ficou afligido pela tristeza, e disse em uma voz agitada, 'Por que!' Pouco depois, o rei Yudhishthira em aflição disse para seu irmão Dhananjaya de cabelo ondulado que nunca se desviou de seus votos, estas palavras, 'Ó impecável, se eu sou uma autoridade digna de respeito, escutes ao que eu digo. O herói, eu sei perfeitamente bem a razão porque tu entraste no meu aposento e fizeste o que tu consideras como um ato desagradável para mim. Mas não há descontentamento na minha mente. O irmão mais novo pode, sem cometer uma transgressão, entrar na câmara onde o irmão mais velho está com sua esposa. É somente o irmão mais velho que age contra as regras de retidão por entrar no quarto onde o irmão mais novo está com sua mulher. Portanto, ó tu de braços poderosos, desista do teu propósito. Faça o que eu digo. Tua virtude não sofreu diminuição. Tu não me desrespeitaste.'

Arjuna, ouvindo isto, respondeu, 'Eu tenho ouvido, até de ti, que preocupar-se com ninharias não é permitido no cumprimento do dever. Eu não posso me desviar da verdade. A verdade é minha arma.'

Vaisampayana continuou, 'Obtendo então a permissão do rei, Arjuna se preparou para uma vida na floresta; e ele foi à floresta para viver lá por doze anos.'

216

(Continuação do Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando aquele propagador do renome da linhagem Kuru, Arjuna de braços fortes, partiu (para a floresta), Brahmanas conhecedores dos Vedas caminharam atrás daquele herói ilustre à certa distância. Seguido por Brahmanas conhecedores dos Vedas e seus ramos e dedicados à contemplação do Espírito Supremo, por pessoas habilidosas em música, por ascetas dedicados à Divindade, por narradores de Puranas, por narradores de histórias sagradas, por devotos levando vidas celibatárias, por Vanaprasthas, por Brahmanas que gentilmente recitavam histórias celestes, e por várias classes de pessoas de palavras gentis, Arjuna viajou como Indra seguido pelos Maruts. E, ó tu da linhagem Bharata, aquele touro entre os Bharatas viu, enquanto viajava, muitas

florestas encantadoras e pitorescas, lagos, rios, mares, províncias, e águas. Finalmente, ao chegar à fonte do Ganges o herói poderoso pensou em se fixar lá.

Escute agora, ó Janamejaya, a um feito extraordinário que aquele principal dos filhos de Pandu, de grande alma, fez, enquanto vivia lá. Quando aquele filho de Kunti, ó Bharata, e os Brahmanas que o tinham seguido tomaram residência naquela região, o último realizou inúmeros Agnihotras (ritos sacrificais por acender o fogo sagrado). E, ó rei, por causa daqueles eruditos observadores de votos e ilustres Brahmanas, que nunca se desviavam do caminho da justiça, diariamente fixando e acendendo com mantras nas margens daquela corrente sagrada, depois da realização de suas abluções, fogos para seus sacrifícios, e despejando libações de manteiga clarificada aos mesmos, e venerando aqueles fogos com oferendas de flores, aquela região onde o Ganges entrava nas planícies se tornou extremamente bela. Um dia aquele touro entre os Pandavas, enquanto residia naquela região no meio daqueles Brahmanas, desceu (como de hábito) ao Ganges para realizar suas abluções. Depois que suas abluções haviam terminado, e depois que ele tinha oferecido oblações de água para seus antepassados falecidos, ele estava para se levantar da correnteza para realizar seu ritos perante o fogo sacrifical, quando o herói poderoso, ó rei, foi puxado para o fundo da água por Ulupi, a filha do rei dos Nagas, incitada pelo deus do desejo. E aconteceu que o filho de Pandu foi levado à mansão bela de Kauravya, o rei dos Nagas. Arjuna viu lá um fogo sacrifical aceso para ele mesmo. Contemplando aquele fogo, Dhananjaya, o filho de Kunti, realizou seus ritos sacrificais com devoção. E Agni ficou muito satisfeito com Arjuna pelo destemor com que o herói despejou libações em sua forma manifesta. Depois que ele assim tinha realizado seus ritos perante o fogo, o filho de Kunti, vendo a filha do rei dos Nagas, dirigiu-se a ela sorridente e disse, 'Ó bela menina, que ato impetuoso fizeste. Ó tímida! De quem é esta região bela, e de quem tu és filha?'

Ouvindo estas palavras de Arjuna, Ulupi respondeu, ‘Há um Naga de nome Kauravya, nascido na linha de Airavata. Eu sou, ó príncipe, a filha deste Kauravya, e meu nome é Ulupi. Ó tigre entre homens, vendo-te descer à corrente para realizar tuas abluções, eu fui privada da razão pelo deus do desejo. Ó impecável, eu ainda não sou casada. Atormentada como estou pelo deus do desejo por tua causa, ó tu da linhagem Kuru, satisfaça-me hoje por entregar-te a mim.’

Arjuna respondeu, 'Ordenado pelo rei Yudhishthira, ó amável, eu estou sob o voto de Brahmacharin por doze anos. Eu não estou livre para agir do modo que eu quiser. Mas, ó percorredora das águas, eu ainda desejo te satisfazer (se eu puder). Eu nunca falei uma inverdade em minha vida. Diga-me, portanto, ó donzela Naga, como eu posso agir para que, mesmo fazendo o que te agrada, eu não possa ser culpado de qualquer inverdade ou violação ao dever.'

Ulupi respondeu, 'Eu sei, ó filho de Pandu, por que tu viajas sobre a terra, e por que tu foste mandado levar a vida de um Brahmacharin pelo superior. Este mesmo era o acordo que todos vocês fizeram: que aquele entre vocês todos que possuem a filha de Drupada como sua esposa em comum que por ignorância entrasse no quarto onde um de vocês estivesse com ela, deveria levar a vida de um

Brahmacharin nas florestas por doze anos. O exílio de qualquer um entre vocês, portanto, é somente por causa de Draupadi. Tu estás somente cumprindo o dever resultante daquele voto. Tua virtude não pode sofrer qualquer diminuição (por concordar com a minha solicitação). Além disso, ó tu de olhos grandes, é um dever ajudar os afligidos. Tua virtude não sofrerá diminuição por me ajudar. Oh, se (por esta ação), ó Arjuna, tua virtude não sofre nem uma pequena diminuição, tu poderás adquirir grande mérito por salvar minha vida. Saiba que eu sou tua adoradora, ó Partha! Portanto, entregue-te a mim! Pois esta, ó senhor, é a opinião dos sábios (que um homem deve aceitar uma mulher que o solicita). Se tu não agires desse modo, saiba que eu destruirei a mim mesma. Ó tu de braços poderosos, ganhe grande mérito por salvar minha vida. Eu procuro tua proteção, ó melhor dos homens! Tu proteges sempre, ó filho de Kunti, os aflitos e os desamparados. Eu procuro a tua proteção, chorando em tristeza. Eu te suplico, estando cheia de desejo. Portanto, faça o que é agradável para mim. Cabe a ti satisfazer meu desejo por te entregares a mim.'

Vaisampayana disse, 'Assim ouvindo as palavras da filha do rei dos Nagas, o filho de Kunti fez tudo o que ela desejava, fazendo da virtude seu motivo. O poderoso Arjuna, passando a noite na mansão do Naga se levantou com o sol da manhã. Acompanhado por Ulupi ele voltou do palácio de Kauravya para a região onde o Ganges entrava nas planícies. A casta Ulupi, se despedindo lá, voltou para sua própria residência. E, ó Bharata, ela concedeu a Arjuna uma bênção tornando-o invencível na água, dizendo, 'Toda criatura anfíbia, sem dúvida, será vencível por ti.'

217

(Continuação do Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, 'Então o filho do manejador do raio narrou tudo àqueles Brahmanas (que residiam lá com ele), fixados no leito de Himavat. Chegando no local chamado Agastyavata, ele em seguida foi para o cume de Vasishtha. De lá o filho de Kunti procedeu para o cume de Bhrigu. Purificando-se com abluções e outros ritos lá, aquele principal dos Kurus doou para Brahmanas muitos milhares de vacas e muitas casas. De lá aquele melhor dos homens procedeu para o retiro sagrado chamado Hiranyavindu. Realizando lá suas abluções, aquele principal dos filhos de Pandu viu muitas regiões sagradas. Descendo daquelas alturas aquele chefe de homens, ó Bharata, acompanhado pelos Brahmanas, continuou sua jornada em direção ao leste, desejando ver as regiões que se situavam naquela direção. Aquele principal da linha Kuru viu muitas regiões de águas sagradas uma depois da outra. E contemplando na floresta de Naimisha o encantador rio Utpalini (cheio de lotos) e o Nanda e o Apara Nanda, o afamado Kausiki, e os poderosos rios Gaya e Ganga, e todas as regiões de águas sagradas, ele se purificou, ó Bharata, (com os ritos usuais), e deu muitas vacas aos Brahmanas. Quaisquer regiões de águas sagradas e outros palácios santos

que houvesse em Vanga e Kalinga, Arjuna visitou todos. Vendo eles todos e realizando as cerimônias apropriadas, ele doou muitas riquezas. Então, ó Bharata, todos aqueles Brahmanas que estavam seguindo o filho de Pandu se despediram dele no portão do reino de Kalinga, e desistiram de prosseguir com ele mais adiante. O valente Dhananjaya, o filho de Kunti, obtendo sua permissão, foi em direção ao oceano acompanhado somente por poucos servidores. Cruzando o país dos Kalingas, o poderoso prosseguiu, vendo em seu caminho diversos países e locais sagrados e diversas mansões e casas encantadoras. Vendo a montanha Mahendra com os ascetas (residindo lá), ele foi para Manipura, procedendo lentamente pelo litoral. Contemplando todas as águas sagradas e outros lugares sagrados naquela província, o filho de Pandu de braços fortes finalmente foi, ó rei, ao virtuoso Chitravahana, o soberano de Manipura. O rei de Manipura tinha uma filha de grande beleza chamada Chitrangada. E aconteceu que Arjuna a viu no palácio de seu pai passeando em divertimento. Vendo a bela filha de Chitravahana, Arjuna desejou possuí-la. Indo ao rei (pai dela), ele lhe disse o que procurava. Ele disse, 'Dê-me tua filha, ó rei! Eu sou um ilustre filho de Kshatriya.' Ouvindo isso o rei perguntou, 'De quem tu és filho?' Arjuna respondeu, 'Eu sou Dhananjaya, o filho de Pandu e Kunti'. O rei, ouvindo isso falou a ele estas palavras em tons gentis, 'Houve em nossa linhagem um rei de nome Prabhanjana, que não teve filhos. Para obter um filho, ele praticou penitências ascéticas rígidas. Por seu ascetismo severo, ó Partha, ele satisfez aquele deus dos deuses, Mahadeva, o marido de Uma, o Senhor supremo que segura (o poderoso arco chamado) Pinaka. O Senhor ilustre concedeu a ele a bênção que cada descendente sucessivo de sua família teria um filho somente. Por causa daquela bênção somente um filho nasce a cada descendente sucessivo desta linhagem. Todos os meus antepassados (um depois do outro) tiveram cada um uma criança masculina. Eu, no entanto, tenho somente uma filha para perpetuar minha família. Mas, ó touro entre homens, eu sempre considero esta minha filha como meu filho. Ó touro da raça Bharata, eu devidamente a fiz um Putrika. Portanto, um entre os filhos que possam ser gerados nela por ti, ó Bharata, será o perpetuador da minha linhagem. Aquele filho é o dote pelo qual eu posso conceder minha filha. Ó filho de Pandu, se assim escolheres, tu podes obtê-la por meio deste acordo.' Ouvindo as palavras do rei, Arjuna aceitou-as todas, dizendo, 'Assim seja.' Recebendo a filha de Chitravahana (como sua esposa), o filho de Kunti residiu naquela cidade por três anos. Quando Chitrangada finalmente deu nascimento a um filho, Arjuna abraçou aquela bela princesa carinhosamente. E obtendo permissão do rei (pai dela), ele partiu em suas viagens novamente.'

218

(Continuação do Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aquele touro da raça Bharata foi às águas sagradas nas margens do oceano sul, todas adornadas com os ascetas que lá residiam. E lá se situavam cinco regiões semelhantes dispersas onde também

moravam muitos ascetas. Mas aqueles próprios cinco lagos eram evitados por todos eles. Aquelas águas sagradas se chamavam Agastya, e Saubhadra e Pauloma de grande santidade, e Karandhama de grande auspiciosidade produzindo os frutos de um sacrifício de cavalos àqueles que lá se banhavam, e Bharadwaja, grande purificador de pecados. Aquele principal entre os Kurus, vendo aquelas cinco águas sagradas, e encontrando-as inabitadas, e averiguando também que elas eram evitadas pelos ascetas virtuosos que moravam perto, questionou aqueles homens pios com as mãos unidas, dizendo, 'Por que, ó ascetas, aqueles cinco lagos sagrados são evitados pelos reveladores de Brahma?' Ouvindo-o os ascetas responderam, 'Moram naquelas águas cinco grandes crocodilos que afastam os ascetas que tentam se banhar nelas. É por isto, ó filho da família Kuru, que aquelas águas são evitadas.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras dos ascetas, aquele principal dos homens dotado de braços poderosos, embora desaconselhado por eles, foi ver aquelas águas. Chegando no excelente lago sagrado chamado Saubhadra por causa de um grande Rishi, o bravo destruidor de todos inimigos de repente mergulhou nele para tomar banho. Logo que aquele tigre entre homens mergulhou na água um crocodilo grande (que estava nela) o agarrou pela perna. Mas Dhananjaya, o filho de braços fortes de Kunti, aquele principal de todos os homens dotados com poder, agarrou aquele habitante da água que se debatia e o arrastou à força para a margem. Mas arrastado pelo renomado Arjuna para a terra, aquele crocodilo se tornou (transformado em) uma donzela bela enfeitada com ornamentos. Ó rei, aquela donzela encantadora de forma celeste parecia brilhar por sua beleza e aparência. Dhananjaya, o filho de Kunti, contemplando aquela visão incomum, perguntou àquela donzela com o coração satisfeito, 'Quem tu és, ó bela? Por que tu tens sido uma habitante das águas? Por que também tu cometes tal pecado terrível?' A donzela respondeu, dizendo, 'Eu sou, ó poderoso, uma Apsara que se diverte nas florestas celestes. Eu sou, ó poderoso, Varga por nome, e sempre querida para o tesoureiro celeste (Kuvera). Eu tenho quatro outras companheiras, todas belas e capazes de ir a todos os lugares à vontade. Acompanhada por elas eu fui um dia à residência de Kuvera. No caminho nós vimos um Brahmana de votos rígidos, e extremamente bonito, estudando os Vedas em solidão. Toda a floresta (na qual ele estava) parecia estar coberta com o esplendor ascético dele. Ele parecia ter iluminado toda a região como o próprio Sol. Vendo sua dedicação ascética daquela natureza e sua beleza maravilhosa, nós descemos naquela região, para perturbar suas meditações. Eu mesma e Saurabheyi e Samichi e Vudvuda e Lata nos aproximamos daquele Brahmana, ó Bharata, ao mesmo tempo. Nós começamos a cantar e sorrir e de outras maneiras tentar aquele Brahmana. Mas, ó herói, aquele Brahmana (jovem) não fixou seu coração nem uma vez sobre nós. Com sua mente fixa em pura meditação, aquele jovem de grande energia não permitiu seu coração vacilar, ó touro entre os Kshatriyas, o olhar que ele lançou sobre nós foi um de cólera. E ele disse, nos fitando, 'Tornando-se crocodilos, percorram as águas por uma centena de anos.'

219

(Continuação do Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, 'Varga continuou, 'Nós ficamos então, ó principal da linhagem Bharata, profundamente angustiadas por causa daquela maldição. Nós procuramos aplacar aquele Brahmana de riqueza ascética que não se afastava de seu voto. Nos endereçando a ele nós dissemos, 'Infladas com uma noção da nossa beleza e juventude, e incitadas pelo deus do desejo, nós agimos muito impropriamente. Cabe a ti, ó Brahmana, nos perdoar! Realmente, ó Brahmana, vir para cá tentar a ti de votos rígidos e riqueza ascética foi a morte para nós. Os virtuosos, no entanto, dizem que mulheres nunca devem ser mortas. Portanto cresça em virtude. Não cabe a ti nos matar assim. Ó tu que és conhecedor da virtude, é dito que um Brahmana é sempre amigo de todas as criaturas. Ó tu de grande prosperidade, que estas palavras dos sábios se tornem verdadeiras. Os eminentes sempre protegem aqueles que procuram proteção em suas mãos. Nós procuramos a tua proteção. Cabe a ti conceder-nos o perdão.'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, o Brahmana de alma virtuosa e bons feitos e igual em esplendor, ó herói, ao sol ou à lua, tornou-se propício a elas. E o Brahmana disse, 'As palavras cem e cem mil são todas indicativas de eternidade. A palavra cem, no entanto, como empregada por mim é para ser entendida como um período limitado e não indicativa de um período sem fim. Vocês, portanto, virando crocodilos, capturarão e afastarão os homens (por somente cem anos como explicado por mim). No fim deste período, um indivíduo elevado vai arrastar vocês todas da água à terra. Então vocês retomarão suas formas reais. Eu nunca falei uma mentira nem em brincadeira. Portanto, tudo isso que eu disse deve vir a se passar. E aquelas águas sagradas (dentro das quais eu atribuo a vocês seus lugares), depois que vocês forem libertas por aquele indivíduo, se tornarão conhecidas no mundo inteiro pelo nome de Nari-tirthas (ou águas sagradas ligadas com os sofrimentos e a libertação de mulheres), e todas elas se tornarão sagradas e purificadoras de pecados aos olhos dos virtuosos e dos sábios.'

Vaisampayana continuou, 'Varga então endereçou-se a Arjuna, e terminou seu discurso, dizendo, 'Ouvindo estas palavras do Brahmana, nós o saudamos com reverência e andamos ao redor dele. Deixando aquela região nós fomos embora com corações pesados, pensando enquanto prosseguíamos, 'Aonde iremos todas nós logo nos reunir com aquele homem que nos devolverá às nossas próprias formas (depois da nossa transformação)?' Enquanto nós estávamos pensando nisto, em quase um momento, ó Bharata, nós vimos o eminente Rishi celeste Narada. Vendo aquele Rishi de energia incomensurável, nossos corações ficaram cheios de alegria. Saudando-o com reverência, ó Partha, nós ficamos perante ele, com rostos rubros. Ele perguntou de nós qual era a causa da nossa tristeza e nós dissemos tudo a ele. Ouvindo o que tinha acontecido o Rishi disse, 'Nas terras baixas que margeiam o oceano sul há cinco regiões de águas sagradas. Elas são encantadoras e eminentemente santas. Vão para lá sem demora. Aquele tigre

entre homens, Dhananjaya, o filho de Pandu de alma pura, logo as libertará, sem dúvida, desta situação difícil e triste.' Ó herói, ouvindo as palavras do Rishi todas nós viemos para cá. Ó impecável, a verdade é que eu hoje fui libertada por ti. Mas aquelas minhas quatro amigas estão ainda dentro de outras águas aqui. O herói, faça uma boa ação por libertá-las também.'

Vaisampayana continuou, 'Então, ó monarca, o principal dos Pandavas, dotado de grande bravura, alegremente libertou todas elas daquela maldição. Erguendo-se das águas todas elas recuperaram suas próprias formas. Aquelas Apsaras então, ó rei, pareciam todas como antes. Libertando aqueles lagos sagrados (do perigo pelo qual eles tinham sido notórios), e dando permissão às Apsaras para irem para onde elas escolhessem, Arjuna ficou desejoso de ver Chitrangada mais uma vez. Ele, portanto, foi em direção à cidade de Manipura. Chegando lá, ele viu no trono o filho que tinha gerado em Chitrangada, e que foi chamado pelo nome de Vabhruvahana. Vendo Chitrangada mais uma vez, Arjuna foi, ó monarca, em direção ao local chamado Gokarna.'

220

(Continuação do Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Arjuna de destreza incomensurável viu, uma depois da outra, todas as águas sagradas e outros lugares santos que havia nas margens do oceano ocidental. Vibhatsu alcançou o local sagrado chamado Prabhasa. Quando o invencível Arjuna chegou àquela sagrada e encantadora região, o matador de Madhu (Krishna) soube disto. Madhava logo foi lá ver seu amigo, o filho de Kunti. Krishna e Arjuna se encontraram e abraçando um ao outro perguntaram-se sobre o seu bem-estar. Aqueles amigos queridos, que eram ninguém mais do que os Rishis Nara e Narayana de antigamente, sentaram-se. Vasudeva perguntou a Arjuna acerca de suas viagens, dizendo, 'Por que, ó Pandava, tu estás vagando sobre a terra, contemplando todas as águas sagradas e outros lugares santos?' Então Arjuna lhe disse tudo o que tinha acontecido. Ouvindo tudo, aquele poderoso herói da linhagem Vrishni disse, 'Isto é como deve ser.' E Krishna e Arjuna, tendo se divertido como lhes agradava por algum tempo em Prabhasa, foram à montanha Raivataka passar alguns dias lá. Antes deles chegarem a Raivataka, aquela montanha foi, por ordem de Krishna, bem adornada por muitos artífices. Muita comida também, por ordem de Krishna, foi reunida lá. Desfrutando de tudo o que havia sido reunido lá para ele, Arjuna sentou-se com Vasudeva para ver os desempenhos dos atores e dançarinos. Então o Pandava de grande alma, despedindo eles todos com o respeito apropriado, deitou-se em uma cama bem enfeitada e excelente. Quando aquele de braços fortes havia se instalado naquela cama excelente, ele descreveu para Krishna tudo acerca das águas sagradas, os lagos e as montanhas, os rios e as florestas que ele tinha visto. Enquanto ele estava falando disto, esticado sobre aquela cama celeste, o sono, ó Janamejaya, tomou conta dele. Ele se levantou de manhã, acordado por

doces canções e notas melodiosas do Vina (violão) e pelos laudatórios e bênçãos dos bardos. Depois que ele tinha passado pelas cerimônias e ações necessárias, ele foi afetuosamente abordado por aquele da linhagem Vrishni. Sobre um carro dourado, o herói então partiu para Dwaraka, a capital dos Yadavas. E, ó Janamejaya, para honrar o filho de Kunti, a cidade de Dwaraka estava bem enfeitada, até mesmo todos os jardins e casas dentro dela. Os cidadãos de Dwaraka, desejosos de ver o filho de Kunti, começaram a fluir avidamente às vias públicas às centenas de milhares. Nas praças públicas e ruas, centenas e milhares de mulheres, misturadas com os homens, aumentaram a grande multidão dos Bhojas, Vrishnis, e Andhakas que tinham se reunido lá. Arjuna foi recebido com respeito por todos os filhos dos Bhojas, dos Vrishnis, e dos Andhakas. E ele, em retorno, reverenciou aqueles que mereciam seu culto, recebendo suas bênçãos. O herói foi recebido com recepção afetuosa por todos os homens jovens da tribo Yadava. Ele repetidamente abraçou a todos os que eram iguais a ele em idade. Dirigindo-se então para a mansão encantadora de Krishna que era repleta de pedras preciosas e de todos os artigos de lazer, ele residiu lá com Krishna por muitos dias.'

221

(Subhadra harana Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó melhor dos monarcas, dentro de poucos dias depois disto começou na montanha Raivataka um grande festival dos Vrishnis e Andhakas. No festival da montanha dos Bhojas, dos Vrishnis e dos Andhakas, os heróis daquelas tribos começaram a doar muita riqueza aos Brahmanas aos milhares. A região ao redor daquela colina, ó rei, era adornada com muitas mansões decoradas com pedras preciosas e muitas árvores artificiais de cor chamativa. Os músicos começaram a tocar em conjunto, os dançarinos começaram a dançar e os vocalistas a cantar. E os jovens da raça Vrishni, dotados de grande energia, enfeitados com todos os ornamentos, e sobre seus carros decorados com ouro, pareciam muito belos. Os cidadãos, alguns a pé e alguns em carros excelentes, com suas esposas e seguidores estavam lá às centenas e milhares. E lá estava o senhor Haladhara (Valarama), perambulando à vontade, hilário com a bebida, acompanhado por Revati (sua esposa), e seguido por muitos músicos e vocalistas. Lá estava Ugrasena também, o poderoso rei da raça Vrishni, acompanhado por suas mil esposas e seguido por amáveis cantores. E Raukmineya e Shamva também, sempre ferozes em batalha, perambulavam por lá, excitados com a bebida e enfeitados com coroas florais de grande beleza e com trajes caros, e se divertindo como um par de celestiais. E Akrura e Sarana e Gada, e Vabhru, e Nisatha, e Charudeshna, e Prithu, Viprithu, e Satyaka, e Satyaki, e Bhangakara, e Maharava, e Hardikya, e Uddhava, e muitos outros cujos nomes não são dados, acompanhados por suas esposas e seguidos por bandas de cantores, adornavam aquele festival da montanha. Quando aquele festival

encantador de grandeza imensa começou, Vasudeva e Partha andavam por lá, juntos, observando tudo em volta. Enquanto assim passeavam eles viram a bela filha de Vasudeva, Bhadra por nome, enfeitada com todos os ornamentos, no meio de suas servas. Logo que Arjuna a viu ele foi possuído pelo deus do desejo. Então, ó Bharata, aquele tigre entre os homens, Krishna, observando Partha contemplá-la com atenção absorta, disse com um sorriso, 'Como é isto? Pode o coração de um homem que perambula pelas florestas ser agitado pelo deus do desejo? Esta é minha irmã, ó Partha, e a irmã uterina de Sarana. Abençoado sejas tu, o nome dela é Bhadra e ela é a filha favorita do meu pai. Diga-me se teu coração está fixado nela, pois então eu mesmo falarei com meu pai.'

Arjuna respondeu, 'Ela é a filha de Vasudeva e a irmã de Vasudeva (Krishna); dotada com tanta beleza, a quem ela não poderia fascinar? Se esta tua irmã, esta donzela da linhagem Vrishni, se tornar minha esposa, realmente eu poderei obter prosperidade em tudo. Diga-me, ó Janardana, por quais meios eu posso obtê-la. Para consegui-la eu realizarei qualquer coisa que seja realizável por um homem.'

Vasudeva respondeu, 'Ó touro entre homens, a escolha de marido é ordenada para o casamento de Kshatriyas. Mas ele é duvidoso (em suas consequências), ó Partha, porque nós não sabemos o temperamento e inclinação desta moça. No caso de Kshatriyas que são corajosos, um sequestro forçoso para propósitos de casamento é aprovado, como os eruditos dizem. Portanto, ó Arjuna, leve embora esta minha bela irmã pela força, pois quem sabe o que ela pode fazer em uma escolha de marido?' Então Krishna e Arjuna, tendo assim decidido o que devia ser feito, enviaram alguns velozes mensageiros até Yudhishthira em Indraprastha, informando-o de tudo. Yudhishthira de braços fortes, tão logo soube do caso deu seu consentimento para isto.'

222

(Continuação do Subhadra harana Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Dhananjaya, informado do assentimento de Yudhishthira, e averiguando, ó Janamejaya, que a moça tinha ido para a colina Raivataka, obteve o consentimento de Vasudeva também, depois de ter decidido em consulta com ele tudo o que precisava ser feito. Então aquele touro da raça Bharata, aquele principal dos homens, com o consentimento de Krishna, em seu carro bem construído de ouro, equipado com fileiras de pequenos sinos e com todos os tipos de armas, cujo ruído das rodas parecia o ribombar das nuvens e cujo esplendor era como aquele de um fogo ardente e que infligia terror nos corações de todos os inimigos e ao qual estavam unidos os corcéis Saivya e Sugriva, ele mesmo com sua armadura e armado com espada e com seus dedos envolvidos em luvas de couro, partiu, por assim dizer, em uma expedição de caça. Enquanto isso Subhadra, tendo prestado sua homenagem àquele príncipe das colinas, Raivataka, e tendo adorado as divindades e feito os Brahmanas

proferirem bênçãos sobre ela, e tendo também andado ao redor da colina, estava indo em direção a Dwaravati. O filho de Kunti, afligido pelas flechas do deus do desejo, avançou subitamente em direção à moça Yadava de feições impecáveis e a colocou à força em seu carro. Tendo sequestrado aquela menina de sorrisos doces, aquele tigre entre os homens procedeu em seu carro de ouro em direção à sua própria cidade (Indraprastha). Enquanto isso, os servidores armados de Subhadra, vendo ela assim capturada e levada embora, correram todos gritando em direção à cidade de Dwaraka. Alcançando todos juntos a corte Yadava eles chamaram pelo nome de Sudharma, e relataram tudo acerca da coragem de Partha ao oficial principal da corte. O oficial chefe da corte, tendo ouvido tudo daqueles mensageiros, soprou sua trombeta dourada de clangor alto, chamando todos às armas. Incitados por aquele som, os Bhojas, os Vrishnis, e os Andhakas começaram a afluir de todos os lados. Os que estavam comendo deixaram sua comida, e os que estavam bebendo deixaram sua bebida. Aqueles tigres entre homens, aqueles grandes guerreiros das tribos Vrishni e Andhaka, tomaram seus assentos sobre seus mil tronos de ouro cobertos com excelentes tapetes e matizados com pedras preciosas e corais e possuidores do brilho do fogo ardente. De fato eles tomaram seus assentos sobre aqueles tronos como fogos ardentes recebendo lenha para aumentar seu esplendor. E depois que eles estavam sentados naquela corte que era como um conclave dos próprios celestiais, o oficial chefe da corte, ajudado por seus auxiliares, falou da conduta de Jishnu. Os orgulhosos heróis Vrishni, de olhos vermelhos pelo vinho, logo que souberam disto se levantaram de seus assentos, incapazes de tolerar o que Arjuna tinha feito. Alguns entre eles disseram, ‘Emparelhem nossos carros’, ‘Tragam nossas armas’, ‘Tragam nossos arcos caros e cotas de malha fortes’; e alguns ruidosamente chamaram seus cocheiros para arrear seus carros, e alguns, por impaciência, uniram eles mesmos seus cavalos enfeitados com ouro aos seus carros. E enquanto seus carros e armaduras e bandeiras estavam sendo trazidos, alto se tornou o tumulto daqueles heróis. Então Valadeva, branco e alto como o topo de Kailasa, enfeitado com guirlandas de flores selvagens e vestido em mantos azuis, e orgulhoso e embriagado com bebida, disse estas palavras:

'Ó homens insensatos, o que estão fazendo, enquanto Janardana está sentado silencioso? Sem saber o que está em sua mente, futilmente nós rugimos em cólera! Que Krishna de grande alma anuncie o que ele propõe. Façam prontamente o que ele deseja fazer.' Então todos, ouvindo aquelas palavras de Halayudha que mereciam ser aceitas, exclamaram, 'Excelente! Excelente!' Eles todos então ficaram silenciosos. Com o silêncio tendo sido restaurado pelas palavras do inteligente Valadeva, eles tomaram seus assentos mais uma vez naquela assembléia. Então Rama, aquele opressor de inimigos, falou a Vasudeva, dizendo, 'Por que, ó Janardana, tu ficas sentado, olhando silenciosamente? Ó Achyuta, foi por tua causa que o filho de Pritha foi bem vindo e honrado por nós. Parece, no entanto, que o patife vil não merecia nossa homenagem. Que homem nascido de uma família respeitável quebraria o prato depois de ter jantado dele? Mesmo que tal aliança seja desejável, ainda lembrando de todos os serviços que recebeu, quem haveria, desejoso de felicidade, de agir tão temerariamente?

Aquele Pandava desrespeitando a nós e a ti também hoje ultrajou Subhadra, desejando (alcançar) sua própria morte. Ele colocou seu pé na coroa da minha cabeça. Como eu, ó Govinda, tolerarei isto mansamente? Eu não deveria me ressentir, assim como uma cobra que é pisoteada? Sozinho eu hoje tornarei a terra desprovida de Kauravas! Eu nunca vou concordar com esta violação de Arjuna.' Então os Bhojas, Vrishnis, e Andhakas, lá presentes, aprovaram tudo o que Valadeva tinha dito, e rugiram profundamente como um timbale ou as nuvens.'

223

(Haranaharana Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando os heróis da raça Vrishni começaram a falar repetidamente daquela maneira, Vasudeva proferiu estas palavras cheias de profunda importância e consistente com a moralidade verdadeira. ‘Gudakesa (o conquistador do sono ou aquele de cabelo ondulado), pelo que fez, não insultou nossa família. Ele sem dúvida, mais propriamente aumentou nosso respeito. Partha sabe que nós da linhagem Satwata nunca somos interesseiros. O filho de Pandu também considera uma escolha de marido como duvidosa em seus resultados. Quem também concordaria em aceitar uma noiva de presente como se ela fosse um animal? Que homem há sobre a terra que venderia sua prole? Eu penso que Arjuna, vendo estas falhas em todos os outros métodos levou a donzela embora pela força, segundo a ordenança. Esta aliança é muito apropriada. Subhadra é uma moça renomada. Partha também possui renome. Talvez, pensando em tudo isso, Arjuna a levou à força. Quem não desejaria ter Arjuna como amigo, ele que é nascido na linhagem de Bharata e do renomado Santanu, e o filho também da filha de Kuntibhoja? Eu não vejo, em todos os mundos com Indra e os Rudras, a pessoa que possa pela força vencer Partha em batalha, exceto o deus de três olhos Mahadeva. Seu carro é bem conhecido. Unidos a ele estão aqueles meus corcéis. Partha como guerreiro é bem conhecido; e sua leveza de mão é bem conhecida. Quem será igual a dele? Esta é a minha opinião: vão alegremente atrás de Dhananjaya e por conciliação parem-no e tragam-no de volta. Se Partha for para sua cidade depois de ter nos vencido à força, nossa fama estará acabada. Não há ignomínia, no entanto, na conciliação.' Ouvindo, ó monarca, estas palavras de Vasudeva, eles fizeram como ele indicou. Parado por eles, Arjuna voltou para Dwaraka e foi unido em casamento com Subhadra. Reverenciado pelos filhos da raça Vrishni, Arjuna, divertindo-se lá como lhe agradava, passou um ano inteiro em Dwaraka. O último ano do seu exílio o exaltado passou na região sagrada de Pushkara. Depois que os doze anos estavam completos ele voltou para Khandavaprastha. Ele se aproximou primeiro do rei e então adorou os Brahmanas com respeitosa atenção. Finalmente o herói foi até Draupadi. Draupadi, por ciúmes, falou a ele, dizendo, 'Por que demoras aqui, ó filho de Kunti? Vá para onde a filha da raça Satwata está! A primeira esposa sempre é deixada de lado!' E Krishna lamentou muito

desta maneira. Mas Dhananjaya a acalmou repetidamente e pediu seu perdão. E voltando logo para onde Subhadra, vestida em seda vermelha, estava, Arjuna a enviou aos aposentos internos vestida não como uma rainha mas no traje simples de uma mulher do campo. Mas chegando ao palácio, a renomada Subhadra parecia bela naquele vestido. A célebre Bhadra de olhos grandes e levemente vermelhos primeiro reverenciou Pritha. Kunti por afeto cheirou a cabeça daquela menina de traços perfeitamente impecáveis, e pronunciou bênçãos infinitas sobre ela. Então aquela moça de rosto como a lua cheia foi rapidamente até Draupadi e a reverenciou, dizendo, 'Eu sou tua serva!' Krishna levantou depressa e abraçou a irmã de Madhava com afeição, e disse, 'Que teu marido não tenha nenhum inimigo.' Bhadra então, com o coração encantado, disse a Draupadi, 'Assim seja.' Daquele tempo em diante, ó Janamejaya, aqueles grandes guerreiros, os Pandavas, começaram a viver em felicidade, e Kunti também se tornou muito feliz.'

Vaisampayana continuou, 'Quando aquele destruidor de inimigos, Kesava de alma pura e olhos como pétalas de lótus, soube que o principal dos Pandavas, Arjuna, tinha alcançado sua própria cidade excelente de Indraprastha, ele foi para lá acompanhado por Rama e outros heróis e grandes guerreiros das tribos Vrishni e Andhaka, e por seus irmãos e filhos e muitos outros guerreiros corajosos. E Saurin chegou acompanhado por um exército grande que o protegia. E chegou lá com Saurin aquele opressor de inimigos, o extremamente generoso Akrura de grande inteligência e renome, o generalíssimo da brava hoste Vrishni. E lá também chegou Anadhrishti de grande coragem, e Uddhava de grande renome, de grande inteligência, de grande alma, e um discípulo do próprio Vrihaspati. E chegaram lá também Satyaka e Salyaka e Kritavarman e Satwata; e Pradyumna e Samva e Nisatha e Sanku; e Charudeshna, e Jhilli de grande coragem, e Viprithu também e Sarana de braços poderosos e Gada, o principal dos homens eruditos. Estes e muitos outros Vrishnis e Bhojas, e Andhakas foram para Indraprastha, levando com eles muitos presentes nupciais. O rei Yudhishthira, sabendo que Madhava tinha chegado, enviou os gêmeos para recebê-lo. Recebida por eles, a hoste Vrishni de grande prosperidade entrou em Khandavaprastha bem enfeitada com bandeiras e emblemas. As ruas estavam bem varridas e regadas e decoradas com coroas florais e ramos. Elas eram, também, borrifadas com água de sândalo que era fragrante e refrescante. Toda parte da cidade estava cheia com o doce perfume de aloés queimando. E a cidade estava cheia de pessoas alegres e saudáveis e adornada com comerciantes e negociantes. Aquele melhor dos homens, Kesava de braços poderosos, acompanhado por Rama e muitos dos Vrishnis, Andhakas e Bhojas, tendo entrado na cidade, foi reverenciado pelos cidadãos e Brahmanas aos milhares. Finalmente Kesava entrou no palácio do rei que era como a mansão do próprio Indra. Vendo Rama, Yudhishthira o recebeu com as cerimônias devidas. O rei cheirou a cabeça de Kesava e o abraçou. Govinda, satisfeito com a recepção, humildemente reverenciou Yudhishthira. Ele também prestou homenagem a Bhima, aquele tigre entre os homens. Yudhishthira, o filho de Kunti, então recebeu os outros homens principais das tribos Vrishni e Andhaka com as devidas cerimônias. Yudhishthira com reverência adorou alguns como seus superiores, e deu as boas-vindas a outros como iguais.

E alguns ele recebeu com afeto e por alguns ele foi adorado com reverência. Então Hrishikesa de grande renome deu ao partido do noivo muita riqueza. E para Subhadra ele entregou os presentes nupciais que foram dados a ela por seus parentes. Krishna deu aos Pandavas mil carros de ouro equipados com fileiras de sinos, e cada um dos quais tinha quatro corcéis guiados por quadrigários bem treinados. Ele também lhes deu dez mil vacas pertencentes ao país de Mathura, produzindo muito leite e todas de cor excelente. Bem satisfeito, Janardana também lhes deu mil éguas com arreios de ouro e de cor branca como os raios da lua. Ele também lhes deu mil mulas, todas bem treinadas e possuidoras da velocidade do vento, com crinas de cores preta e branca. E ele de olhos de pétalas de lótus também deu a eles mil donzelas bem hábeis em ajudar no banho e com bebidas, jovens e virgens todas antes do seu primeiro período fértil, bem vestidas e de aparência excelente, cada uma usando cem peças de ouro em volta de seus pescoços, de peles perfeitas, enfeitadas com todos os ornamentos, e habilidosas em todos os tipos de serviço pessoal. Janardana também lhes deu centenas de milhares de destacamentos de cavalos do país dos Valhikas como o dote da excelente Subhadra. Aquele principal da linhagem de Dasarha também deu para Subhadra como seu pecúlio dez cargas de ouro de primeira qualidade possuindo o esplendor do fogo, algumas purificadas e algumas em estado de minério. E Rama, tendo o arado como sua arma e sempre amando a coragem, deu para Arjuna, como presente nupcial, mil elefantes com secreções fluindo em três correntes das três partes de seus corpos (a têmpora, as orelhas, e o ânus) cada um grande como um topo de montanha, irresistíveis em batalha, decorados com cobertas e sinos, bem enfeitados com outros ornamentos dourados, e equipados com tronos excelentes em suas costas. E aquela grande onda de riquezas e pedras preciosas que os Yadavas presentearam, junto com os tecidos e cobertores que representaram sua espuma, e os elefantes seus jacarés e tubarões, e as bandeiras suas algas flutuantes, aumentando em grandes proporções, se misturou com o oceano Pandu e o encheu até a borda, para a grande tristeza de todos os inimigos. Yudhishthira aceitou todos aqueles presentes e reverenciou todos aqueles grandes guerreiros das linhagens Vrishni e Andhaka. Aqueles heróis ilustres das raças Kuru, Vrishni, e Andhaka passaram seus dias em lazer e alegria lá como homens virtuosos (depois da morte) nas regiões celestes. Os Kurus e os Vrishnis com corações alegres se divertiram lá, dando às vezes gritos altos misturados com aplausos. Passando lá muitos dias em esportes e alegria, e adorados pelos Kurus todo o tempo, os heróis Vrishni dotados com grande energia então voltaram à cidade de Dwaravati. E os grandes guerreiros das raças Vrishni e Andhaka partiram com Rama na dianteira, levando com eles aquelas pedras preciosas da mais pura refulgência que haviam sido dadas a eles por aqueles principais da raça Kuru. E, ó Bharata, Vasudeva de grande alma permaneceu com Arjuna na cidade encantadora de Indraprastha. E os ilustres vagavam pelas margens do Yamuna à procura de veados. E ele se divertiu com Arjuna perfurando com suas flechas veados e javalis selvagens. Então Subhadra, a irmã favorita de Kesava, deu à luz a um filho ilustre, como a filha de Puloma, (a rainha do céu) dando à luz a Jayanta. E o filho que Subhadra deu à luz tinha braços compridos, peito largo, e olhos tão grandes como os de um touro. Aquele herói e opressor de inimigos veio a se chamar Abhimanyu. E o filho de Arjuna,

aquele destruidor de inimigos e touro entre homens foi chamado de Abhimanyu porque ele era destemido e colérico. E aquele grande guerreiro foi gerado na filha da raça Satwata por Dhananjaya, como o fogo produzido em um sacrifício de dentro da madeira sami pelo processo de fricção. No nascimento daquela criança, Yudhishthira, o filho poderoso de Kunti, deu a Brahmanas dez mil vacas e moedas de ouro. A criança desde os seus primeiros anos se tornou o favorito de Vasudeva e de seu pai e tios, como a lua para todas as pessoas do mundo. Após seu nascimento, Krishna realizou os ritos usuais de infância. A criança começou a crescer como a Lua na quinzena clara. Aquele destruidor de inimigos logo se tornou familiarizado com os Vedas e adquiriu de seu pai a ciência de armas celestes e humanas, consistindo em quatro ramos e dez divisões.

Dotado de grande força, o menino também adquiriu o conhecimento de neutralizar as armas arremessadas nele por outros, e grande habilidade e rapidez de movimento para frente, para trás, transversal e circular. Abhimanyu se tornou como seu pai em conhecimento das escrituras e ritos de religião. E Dhananjaya, contemplando seu filho, ficava cheio de alegria. Como Maghavat contemplando Arjuna, o último contemplava seu filho Abhimanyu e ficava extremamente feliz. Abhimanyu possuía o poder de matar todos os inimigos e levava em seu corpo todos os sinais auspiciosos. Ele era invencível em batalha e tinha ombros largos como o touro. Possuindo um rosto largo como (o capelo) da cobra, ele era orgulhoso como o leão. Manejando um arco grande, sua bravura era como a de um elefante no cio. Possuidor de um rosto belo como a lua-cheia, e de uma voz profunda como o som do tambor ou da nuvem, ele era igual a Krishna em coragem e energia, em beleza e em caráter. A auspiciosa Panchali também, de seus cinco maridos, obteve cinco filhos todos os quais eram heróis de primeira categoria e imóveis em batalha como as colinas. Prativindhya com Yudhishthira, Sutasoma com Vrikodara, Srutakarman com Arjuna, Satanika com Nakula, e Srutasena com Sahadeva, estes foram os cinco heróis e grandes guerreiros que Panchali deu à luz, como Aditi dando à luz aos Adityas. E os Brahmanas, por sua presciência, disseram a Yudhishthira que como o filho dele seria capaz de suportar como as montanhas Vindhya as armas do inimigo, ele deveria se chamar Prativindhya. E porque a criança que Draupadi teve com Bhimasena nasceu depois de Bhima ter realizado mil sacrifícios Soma, ele veio a se chamar Sutasoma. E porque o filho de Arjuna nasceu após sua volta do exílio durante o qual ele tinha realizado muitas façanhas célebres, aquele filho veio a se chamar Srutakarman, enquanto Nakula chamou seu filho de Satanika em homenagem a um sábio real desse nome, na linha ilustre de Kuru. O filho que Draupadi teve com Sahadeva nasceu sob a constelação chamada Vahni-daivata (Krittika), portanto ele foi chamado, em homenagem ao generalíssimo da hoste celeste, de Srutasena (Kartikeya). Os filhos de Draupadi nasceram cada um no intervalo de um ano, e todos se tornaram renomados e muito unidos uns com os outros. E, ó monarca, todos os seus ritos de infância e meninice, tais como Chudakarana e Upanayana (primeiro raspar da cabeça e investidura dos fios sagrados) foram realizadas por Dhaumya segundo a ordenança. Todos, de comportamento e votos excelentes, depois de terem estudado os Vedas, adquiriram de Arjuna o conhecimento de todas as armas, celestes e humanas. E, ó tigre entre reis, os Pandavas, tendo

obtido filhos que eram iguais aos filhos dos celestiais e dotados com peitos largos, e todos os quais se tornaram grandes guerreiros, se encheram de alegria.'

224

(Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois que os Pandavas tinham tomado residência em Indraprastha por ordem de Dhritarashtra, Bhishma começou a trazer outros reis sob seu domínio. Todos os súditos (do reino) viviam muito felizmente dependendo de Yudhishthira, o justo, como uma alma vivendo feliz dependendo de um corpo abençoado com marcas propícias e feitos virtuosos. E, ó touro da raça Bharata, Yudhishthira prestava homenagem à virtude, prazer, e lucro, em criteriosa proporção, como se cada um fosse um amigo querido para ele como seu próprio ser. Parecia que as três buscas: virtude, prazer, e lucro, tinham se personificado na terra, e entre elas o rei brilhava como uma quarta. Os súditos tendo Yudhishthira como seu rei, obtiveram um monarca que era dedicado ao estudo dos Vedas, realizador de grandes sacrifícios, e protetor de todas as pessoas boas. Por causa da influência de Yudhishthira a boa sorte de todos os monarcas sobre a terra se tornou estacionária, e seus corações se tornaram dedicados à meditação no Espírito Supremo, e a própria virtude começou a crescer de todos os modos por toda parte. E no meio de e ajudado por seus quatro irmãos, o rei parecia mais resplandecente (do que ele pareceria se ele estivesse só), como um grande sacrifício que depende e é auxiliado pelos quatro Vedas. Muitos Brahmanas eruditos com Dhananjaya em sua liderança, cada um como Vrihaspati, serviam o monarca, como os celestiais ao Senhor da criação. Por grande afeição, os olhos e corações de todas as pessoas igualmente tinham grande encanto por Yudhishthira que era assim como a lua cheia sem uma mácula. As pessoas não tinham encanto por ele somente porque ele era seu rei mas também por afeto sincero. O rei sempre fazia o que era agradável para eles. Yudhishthira de fala gentil e de grande inteligência nunca proferia qualquer coisa imprópria ou falsa ou insuportável ou desagradável. O melhor dos monarcas da linhagem de Bharata, dotado de grande energia, passava seus dias alegremente pelo bem-estar de todos como do seu próprio. Seus irmãos também trazendo por sua energia outros reis sob seu domínio, passavam seus dias em felicidade, sem um inimigo para perturbar sua paz.

Depois de poucos dias, Vibhatsu, dirigindo-se a Krishna, disse, ‘Os dias de verão começaram, ó Krishna! Portanto, vamos às margens do Yamuna. Ó matador de Madhu, divertindo-nos lá na companhia de amigos, ó Janardana, nós voltaremos à noite.’ E Vasudeva disse, ‘Ó filho de Kunti, este é também meu desejo. Vamos, ó Partha, nos divertir nas águas como nos agradar, na companhia de amigos.’

Vaisampayana continuou, 'Então, ó Bharata, tendo conversado assim entre si, Partha e Govinda, com a permissão de Yudhishthira, saíram, cercados por

amigos. Alcançando um local excelente (nas margens do Yamuna) conveniente para propósitos de lazer, coberto com numerosas árvores e com várias mansões altas que faziam o lugar parecer a cidade celeste, e dentro das quais tinham sido reunidos para Krishna e Partha numerosas iguarias caras e bem temperadas e bebidas e outros artigos de lazer e coroas florais e vários perfumes, o grupo entrou sem demora nos aposentos internos adornados com muitas pedras preciosas de refulgência pura. Entrando naqueles aposentos, todos, ó Bharata, começaram a se divertir, segundo sua vontade. As mulheres do grupo, todas de quadris redondos e seios profundos e olhos bonitos, e modo de andar instável por causa do vinho começaram a se divertir lá por ordem de Krishna e Partha. Algumas entre as mulheres se divertiam como lhes agradava nas florestas, algumas nas águas, e algumas dentro das mansões, como instruídas por Partha e Govinda. Draupadi e Subhadra, um pouco embriagadas com vinho, começaram a dar de graça às outras mulheres que se divertiam suas vestes e ornamentos valiosos. E algumas entre aquelas mulheres começaram a dançar em alegria, e algumas começaram a cantar; e algumas entre elas começaram a rir e gracejar, e algumas a beber vinhos excelentes. Algumas começaram a obstruir o progresso umas das outras e algumas a brigar entre si, e a conversar entre si em particular. Aquelas mansões e as florestas, cheias com a música encantadora de flautas e violões e timbales, se tornou a cena da Prosperidade personificada.

Quando tal era o estado das coisas, Arjuna e Vasudeva foram a certo local encantador (naquelas florestas), não longe do lugar onde os outros estavam. Ó monarca, Krishna de grande alma e aquele subjugador de cidades hostis, Arjuna, indo para lá, se sentaram sobre dois assentos muito caros. Vasudeva e Partha se divertiram lá conversando sobre muitas realizações passadas de coragem e outros assuntos. Quando Vasudeva e Dhananjaya que estavam lá felizmente sentados como os Aswins no céu certo Brahmana chegou. O Brahmana que chegou lá parecia com uma alta árvore Sala. Sua cor era como a do ouro fundido; sua barba era amarela clara tingida de verde; e a altura e largura de seu corpo tinham proporções exatas. De cabelos emaranhados e vestido em trapos, ele parecia o sol da manhã em esplendor. De olhos como pétalas de lótus e de uma cor morena, ele parecia estar queimando com refulgência. Vendo aquele principal dos Brahmanas resplandecente com esplendor se aproximar em direção a eles, ambos, Arjuna e Vasudeva, ergueram-se rapidamente de seus assentos, e ficaram esperando (pelas ordens dele).’

225

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aquele Brahmana endereçou-se a Arjuna e Vasudeva da linhagem Satwata, dizendo, 'Vocês que estão agora tão perto de Khandava são os dois principais heróis da terra. Eu sou um Brahmana voraz que sempre come muito. Ó tu da linhagem Vrishni, e ó Partha, eu lhes peço para me

satisfazerem por me darem alimento suficiente.' Assim endereçados pelo Brahmana, Krishna e o filho de Pandu responderam, dizendo, 'Ó, diga-nos que espécie de comida te satisfará para que nós possamos nos esforçar para dá-la para ti.' O Brahmana ilustre, assim respondido, disse àqueles heróis que tinham perguntado sobre o tipo de comida que ele procurava, 'Eu não desejo comer alimento comum. Saibam que eu sou Agni! Dêem-me aquela comida que me seja adequada. Esta floresta de Khandava é sempre protegida por Indra. E como ela é protegida pelo ilustre, eu sempre fracasso em consumi-la. Nesta floresta vive, com seus seguidores e família, um Naga, chamado Takshaka, que é amigo de Indra. E é por causa dele que o manejador do raio protege esta floresta. Muitas outras criaturas também estão assim protegidas aqui por causa de Takshaka. Desejando consumir a floresta eu não tive êxito nas minhas tentativas por causa da destreza de Indra. Vendo-me brilhando, ele sempre despeja sobre mim água das nuvens. Portanto, eu não consigo consumir a floresta de Khandava, embora eu deseje muitíssimo fazer isto. Eu agora vim até vocês, vocês que são ambos habilidosos com armas! Se vocês me ajudarem eu certamente consumirei esta floresta, pois esta mesma é a comida que é desejada por mim! Como vocês estão familiarizados com armas excelentes, eu rogo a vocês para impedirem aquelas chuvas de caírem e qualquer das criaturas de escapar, quando eu começar a consumir esta floresta!'

Janamejaya disse, ‘Por que o ilustre Agni desejava consumir a floresta de Khandava que estava cheia de várias criaturas vivas e era protegida pelo chefe dos celestiais? Quando Agni consumiu em cólera a floresta de Khandava era evidente que havia uma causa séria. Eu desejo, ó Brahmana, ouvir tudo isto de ti em detalhes. Diga-me, ó sábio, como a floresta de Khandava foi consumida antigamente.’

Vaisampayana disse, 'Ó chefe de homens, eu narrarei para ti a história da conflagração de Khandava como contada por Rishis no Purana. É dito, ó rei, no Purana, que havia um rei célebre de nome Swetaki que era dotado de força e destreza e que era igual ao próprio Indra. Ninguém sobre a terra se igualava a ele em sacrifícios, caridade, e inteligência. Swetaki realizou os cinco grandes sacrifícios e muitos outros, em todos os quais os presentes para os Brahmanas foram grandes. O coração daquele monarca, ó rei, estava sempre estabelecido em sacrifícios, ritos religiosos, e doações de todos os tipos. E o rei Swetaki de grande inteligência, ajudado por seus Ritwiks, realizou sacrifícios por muitos longos anos, até que aqueles sacerdotes sacrificais com os olhos atomentados pela contínua fumaça e ficando muito fracos, deixaram aquele monarca, desejando nunca mais ajudar em seus sacrifícios. O rei, no entanto, repetidamente pediu àqueles Ritwiks para irem a ele. Mas eles não foram ao seu sacrifício por causa do estado doloroso de seus olhos. O rei, portanto, convidou pela ordem de seus próprios Ritwiks outros como eles, e completou o sacrifício que tinha começado. Depois que alguns dias tinham passado, o rei Swetaki desejou realizar outro sacrifício que deveria se estender por cem anos. Mas o monarca ilustre não conseguiu qualquer sacerdote para ajudá-lo nisto. O rei célebre então, com seus amigos e parentes, rejeitando toda a indolência, repetidamente cortejou seus sacerdotes com grande

persistência, por se curvar a eles, por palavras conciliadoras, e por presentes de riqueza. Todos eles, no entanto, se recusaram a realizar o propósito que aquele rei de energia imensurável tinha em vista. Então aquele sábio nobre, ficando zangado, se endereçou àqueles Brahmanas sentados em seus retiros, e disse, 'Se, ó Brahmanas, eu fosse uma pessoa decaída, ou, se eu estivesse em falta com a homenagem e serviço a vocês, eu então mereceria ser abandonado sem escrúpulo por vocês e por outros Brahmanas ao mesmo tempo. Mas como eu não estou nem degradado nem em falta com as homenagens a vocês, não cabe a vocês obstruir a realização por mim do meu sacrifício ou me abandonar desta forma, ó principais dos Brahmanas, sem razão suficiente. Eu procuro, ó Brahmanas, a sua proteção! Cabe a vocês serem auspiciosos para mim. Mas, ó principais dos Brahmanas, se vocês me abandonarem só por inimizade ou qualquer motivo impróprio, eu irei a outros sacerdotes pedir sua ajuda para o meu sacrifício, e cativando-os por palavras gentis e presentes, eu descreverei para eles o trabalho que tenho à mão, para que eles possam realizá-lo.' Tendo dito isto o monarca ficou silencioso. E, ó destruidor de inimigos, uma vez que aqueles sacerdotes bem sabiam que não podiam ajudar no sacrifício do rei, eles fingiram estar zangados, e endereçando-se àquele melhor dos monarcas disseram, 'Ó melhor dos reis, teus sacrifícios são incessantes! Por te ajudar sempre nós todos estamos exaustos. E como nós estamos cansados por causa daqueles trabalhos, cabe a ti nos dar licença. Ó impecável, por perda do bom senso tu não podes esperar (mas nos solicita com insistência repetidamente). Vá até Rudra! Ele ajudará no teu sacrifício!' Ouvindo aquelas palavras de censura e cólera, o rei Swetaki ficou com raiva. E o monarca dirigiu-se às montanhas de Kailasa, e lá se dedicou ao ascetismo. E, ó rei, o monarca começou a cultuar Mahadeva, com atenção fixa, por cumprir os votos mais rígidos. E privando-se de toda comida às vezes, ele passou um longo período. O monarca comia somente frutas e raízes às vezes na décima segunda e às vezes na décima sexta hora de todo o dia. O rei Swetaki ficou por seis meses, absorto em atenção, com os braços erguidos e olhos firmes, como o tronco de uma árvore ou uma coluna enraizada na terra. E, ó Bharata, Sankara finalmente satisfeito com aquele tigre entre reis, que estava passando por tais penitências difíceis, se mostrou a ele. E o deus falou ao monarca em uma voz calma e grave, dizendo, 'Ó tigre entre reis, ó destruidor de inimigos, eu estou satisfeito com teu ascetismo! Abençoado sejas! Peça agora a bênção que tu, ó rei, desejas.' Ouvindo estas palavras de Rudra de energia incomensurável, o sábio real curvou-se àquela divindade e respondeu, dizendo, 'Ó ilustre, ó tu que és adorado pelos três mundos, se tu estás satisfeito comigo, então, ó deus dos deuses, ajude-me tu mesmo, ó senhor dos celestiais, no meu sacrifício!' Ouvindo estas palavras faladas pelo monarca o deus ilustre ficou satisfeito, e disse sorridente, 'Nós mesmos não ajudamos em sacrifícios, mas como tu, ó rei, sofreste penitências severas, desejoso de obter uma bênção, eu ó destruidor de inimigos, ajudarei no teu sacrifício, sob, ó rei, esta condição.' E Rudra continuou, 'Se, ó rei dos reis, tu puderes, por doze anos, despejar sem intervalo libações de manteiga clarificada no fogo, tu mesmo levando todo o tempo a vida de um Brahmacharin com atenção absorta, então tu obterás de mim o que tu pedes.' O rei Swetaki, assim endereçado por Rudra, fez tudo o que lhe havia sido mandado fazer pelo manejador do tridente. E depois que doze anos tinham

passado ele foi outra vez até Maheswara. E Sankara, o Criador dos mundos ao ver Swetaki, aquele monarca excelente, imediatamente disse, em grande satisfação, 'Eu fui gratificado por ti, ó melhor dos reis, com este teu próprio ato! Mas, ó destruidor de inimigos, o dever de ajudar em sacrifícios devidamente pertence a Brahmanas. Portanto, ó opressor de inimigos, eu mesmo não vou ajudar no teu sacrifício hoje. Há na terra um Brahmana exaltado que é uma porção do meu próprio ser. Ele é conhecido pelo nome de Durvasa. Aquele Brahmana dotado de grande energia o ajudará no teu sacrifício. Que, portanto, toda a preparação seja feita.' Ouvindo estas palavras proferidas por Rudra, o rei, voltando para sua própria capital, começou a reunir tudo o que era necessário. Depois que tudo tinha sido coletado, o monarca novamente se apresentou perante Rudra e disse, 'Todos os artigos necessários foram reunidos, e todos os meus preparativos estão completos, por meio da tua graça, ó deus dos deuses! Que eu, portanto, seja instalado no sacrifício amanhã.' Tendo ouvido estas palavras daquele rei ilustre, Rudra convocou Durvasa e disse: 'Este, ó Durvasa, é aquele melhor dos monarcas chamado Swetaki. Por minha ordem, ó melhor dos Brahmanas, ajude o rei no sacrifício dele.' E o Rishi Durvasa disse a Rudra, 'Assim seja.' Então o sacrifício para o qual o rei Swetaki tinha feito aqueles preparativos ocorreu. E o sacrifício ilustre do monarca foi realizado segundo a ordenança na época apropriada. E os presentes, naquela ocasião, para os Brahmanas foram grandes. E depois que o sacrifício daquele monarca tinha acabado, todos os outros sacerdotes que tinham chegado para assisti-lo partiram com a permissão de Durvasa. Todos os outros Sadasyas também, de energia incomensurável, que tinham sido instalados naquele sacrifício, então foram embora. Aquele monarca exaltado então entrou no seu próprio palácio, reverenciado por Brahmanas exaltados conhecedores dos Vedas, elogiado por cantores de hinos laudatórios e felicitado pelos cidadãos.

Tal é a história daquele melhor dos monarcas, o sábio real Swetaki, que, quando chegou a hora ascendeu para o céu, tendo ganhado grande renome sobre a terra, e acompanhado pelos Ritwiks e pelos Sadasyas que o tinham ajudado em vida.’

Vaisampayana continuou, 'Naquele sacrifício de Swetaki, Agni tinha bebido manteiga clarificada por doze anos. De fato, manteiga clarificada tinha sido despejada na boca de Agni em uma correnteza contínua naquele período. Tendo bebido tanta manteiga, Agni, saciado, não desejou beber manteiga outra vez da mão de ninguém mais em qualquer outro sacrifício. Agni ficou pálido, e tendo perdido a cor ele não podia brilhar como antes. Ele sentiu uma perda de apetite por indigestão, e sua própria energia diminuiu e a doença o afligiu. Então quando o bebedor de libações sacrificais percebeu que sua energia estava diminuindo gradualmente, ele foi à residência sagrada de Brahman que é adorado por todos. Se aproximando da grande Divindade sentada em seu assento, Agni disse, 'Ó exaltado, Swetaki (com seu sacrifício) me satisfez em excesso. Até agora eu estou sofrendo de indigestão a qual eu não posso dissipar. Ó Senhor do universo, eu estou sendo reduzido em esplendor e força. Eu desejo recuperar, através da tua graça, minha própria natureza permanente.' Ouvindo estas palavras de Hutavaha,

o ilustre Criador de todas coisas sorrindo respondeu a ele, dizendo, 'Ó exaltado, tu comeste, por doze anos, uma corrente contínua de manteiga sacrifical despejada na tua boca! É por isso que a doença te acometeu. Mas, ó Agni, não te aflija por isso. Tu logo recuperarás tua própria natureza. Eu dissiparei esta tua indigestão e a hora para isto é chegada. A terrível floresta Khandava, aquela residência dos inimigos dos deuses, a qual tu antigamente uma vez reduziste a cinzas a pedido dos deuses, agora se tornou o lar de numerosas criaturas. Quando tu tiveres comido a gordura daquelas criaturas tu recuperarás tua própria natureza. Siga para lá com pressa para consumir aquela floresta com sua população viva. Tu então serás curado da tua enfermidade.' Ouvindo as palavras que saíram dos lábios da Divindade Suprema, Hutasana procedeu com grande velocidade e logo alcançou a floresta de Khandava em grande vigor. Chegado lá, ele de repente inflamou-se furiosamente, ajudado por Vayu. Vendo Khandava em chamas os habitantes (da floresta) que lá estavam fizeram grandes esforços para extinguir o incêndio. Elefantes às centenas de milhares, apressados em fúria, trouxeram água em suas trombas e a espalharam sobre o fogo. Milhares de cobras de muitos capelos, loucas com raiva, começaram rapidamente a espalhar sobre o fogo muita água daqueles muitos capelos delas. E assim, ó touro da raça Bharata, as outras criaturas que residiam naquela floresta, por meio de vários instrumentos e esforços, logo extinguiram o fogo. Desta maneira Agni queimou em Khandava repetidamente, até por sete vezes. E foi deste modo que o fogo ardente foi extinto muitas vezes pelos habitantes daquela floresta.'

226

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Havyavahana (Agni) em raiva e decepção, com sua doença não curada, voltou ao Avô. E ele descreveu para Brahman tudo o que tinha acontecido. A divindade ilustre, refletindo por um momento, disse a ele, 'Ó impecável. Eu vejo um caminho pelo qual tu podes consumir a floresta de Khandava hoje à vista de Indra. Aquelas divindades antigas, Nara e Narayana, se encarnaram no mundo dos homens para realizar o trabalho dos celestiais. Eles são chamados na terra de Arjuna e Vasudeva. Eles estão agora mesmo na floresta de Khandava. Peça a eles para te ajudarem a consumir aquela floresta. Tu então consumirás a floresta mesmo se ela for protegida pelos celestiais. Eles vão certamente impedir a população de Khandava de escapar, e impedir Indra também (de ajudar alguém na fuga). Eu não tenho dúvida disto!' Ouvindo estas palavras, Agni foi com pressa até Krishna e Partha. Ó rei, eu já te contei o que ele disse, tendo se aproximado do par ilustre. Ó tigre entre reis, ouvindo aquelas palavras de Agni que estava desejoso de consumir a floresta de Khandava contra a vontade de Indra, Vibhatsu disse a ele estas palavras bem adequadas à ocasião: ‘Eu tenho numerosas armas celestes excelentes com as quais eu posso lutar até com muitos manejadores do raio. Mas, ó exaltado, eu não tenho um arco adequado para a

força dos meus braços, e que seja capaz de suportar o poder que eu posso aplicar em batalha. Por causa da rapidez das minhas mãos eu também preciso de flechas que nunca se esgotem. Meu carro também mal pode suportar a carga de flechas que eu desejaria manter perto de mim. Eu desejo corcéis celestes de branco puro, possuindo a velocidade do vento; e um carro possuidor do esplendor do sol cujo ruído das rodas pareça o ribombar das nuvens. Então, não há arma adequada para a energia de Krishna e com a qual Madhava possa matar Nagas e Pisachas. Ó exaltado, cabe a ti nos dar os meios pelos quais o sucesso possa ser alcançado e pelos quais nós possamos impedir Indra de despejar suas chuvas sobre esta extensa floresta. Ó Pavaka, nós estamos preparados para fazer tudo o que a virilidade e habilidade possam fazer. Mas, ó exaltado, cabe a ti nos dar os meios apropriados.'

227

(Continuação do Khandava daha parva)

Vaisampayana disse, 'Assim endereçado por Arjuna, Hutasana de bandeira de fumaça, desejoso de uma entrevista com Varuna, lembrou daquele filho de Aditi, aquela divindade que protege um dos pontos dos céus e que tem seu lar na água e governa aquele elemento. Varuna, sabendo que estava sendo lembrado por Pavaka, imediatamente apareceu perante aquela divindade. O celestial de bandeira de fumaça acolheu com reverência o soberano das águas, aquele quarto dos Lokapalas, e disse àquele deus eterno dos deuses, 'Dê-me sem perda de tempo aquele arco e aljava, e também aquele carro com bandeira de macaco que foram obtidos do rei Soma. Partha realizará uma grande tarefa com Gandiva, e Vasudeva também com o disco! Dê ambos, portanto, para mim hoje.' Ouvindo estas palavras, Varuna respondeu a Pavaka, dizendo, 'Bem, eu os dou.' Ele então deu aquela maravilhosa jóia de arco que era dotado de grande energia. Aquele arco era o realçador da fama e realizações, e era incapaz de ser prejudicado por qualquer arma. Ele era a principal de todas as armas, e o destruidor delas todas. Ele era o castigador de exércitos hostis e sozinho era igual a cem mil arcos. Ele era o multiplicador de reinos, e era matizado com cores excelentes. Ele era bem adornado, e belo de se olhar, e sem uma marca de fraqueza ou dano em qualquer lugar. E ele era sempre reverenciado pelos celestiais e Gandharvas. Varuna também deu duas aljavas inesgotáveis, e ele também deu um carro equipado com armas celestes e cuja bandeira portava um macaco grande. Unidos àquele carro estavam corcéis brancos como prata das nuvens fofas, nascidos na região dos Gandharvas, e enfeitados com arreios dourados, e que pareciam em velocidade o vento ou a mente. Ele estava equipado com instrumentos de guerra, e era incapaz de ser vencido pelos celestiais ou pelos Asuras. Seu esplendor era grandioso e os sons de suas rodas era tremendo. Ele encantava o coração de toda criatura que o olhasse. Ele tinha sido feito por Viswakarman, o arquiteto do universo e um dos senhores da criação, depois de severa meditação ascética. Seu esplendor, como aquele do sol, era tão grande que ninguém podia fitá-lo. Ele era o próprio carro do

qual o senhor Soma tinha vencido os Danavas. Resplandecente com beleza, ele parecia com uma nuvem ao anoitecer refletindo a refulgência do sol poente. Ele estava equipado com um excelente mastro de bandeira de cor dourada e grande beleza. E lá sobre aquele mastro de bandeira repousava um macaco celeste de forma feroz como aquela de um leão ou um tigre. Colocado no alto, o macaco parecia disposto a queimar tudo o que visse. E sobre as (outras) bandeiras havia várias criaturas de grande tamanho, cujos rugidos e gritos faziam os soldados do inimigo desfalecerem. Então Arjuna, vestido em armadura e armado com espada, e com seus dedos envolvidos em luvas de couro, andando ao redor daquele carro excelente adornado com numerosas bandeiras e curvando-se aos deuses, subiu nele como um homem virtuoso no carro celeste que o leva para o céu. E pegando aquele celestial e principal dos arcos criado por Brahman antigamente e chamado Gandiva, Arjuna ficou cheio de alegria. E curvando-se a Hutasana, Partha, dotado de grande energia pegou o arco e o encordoou forçosamente. Aqueles que ouviram o barulho que foi feito no momento em que o Pandava poderoso encordoou aquele arco tremeram de medo. E tendo obtido aquele carro e aquele arco, e as duas aljavas inesgotáveis, o filho de Kunti ficou contente e se achou competente para ajudar na tarefa. E Pavaka então deu para Krishna um disco com um mastro de ferro anexado a um buraco no centro. Aquela era uma arma ígnea e se tornou sua favorita. Tendo obtido aquela arma, Krishna também ficou à altura da tarefa. Pavaka então, se endereçando a Krishna, disse, 'Com isto, ó matador de Madhu, tu serás capaz sem dúvida de vencer em batalha até inimigos que não sejam humanos. Com esta arma, sem dúvida, tu serás superior em batalha aos homens e deuses, e Rakshasas e Pisachas, e Daityas e Nagas. E certamente com ela tu serás capaz de derrotar a todos. E, ó Madhava, lançada por ti em batalha nos teus inimigos, esta arma irresistivelmente matará o inimigo e voltará novamente para tuas mãos.' E o senhor Varuna, depois disto, deu a Krishna uma maça, de nome Kaumodaki, capaz de matar todo Daitya e que produzia, quando arremessada, um ribombar como aquele do trovão. Então Arjuna e Achyuta, cheios de alegria disseram a Pavaka, 'Ó exaltado, equipados com armas e sabendo seu uso, possuindo carros com bandeiras e mastros, nós somos agora capazes de lutar até com todos os celestiais e os Asuras (juntos), sem falar do manejador do raio desejoso de lutar por causa do Naga (seu amigo Takshaka).' Arjuna também disse, 'Ó Pavaka, quando Hrishikesa, dotado de energia abundante, se mover no campo de batalha com este disco na mão, não haverá nada nos três mundos que ele não será capaz de destruir por lançar esta arma. Tendo obtido o arco Gandiva e este par de aljavas inesgotáveis eu também estou preparado para conquistar em batalha os três mundos. Portanto, ó senhor, queime como quiseres, cercando esta floresta grande por todos os lados. Nós somos totalmente capazes de te ajudar.'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por Dasarha e Arjuna, o deus ilustre então manifestou sua forma mais enérgica, pronto para consumir a floresta. A cercando todos os lados com suas sete chamas, ele começou a consumir a floresta de Khandava, exibindo sua forma que tudo consome como aquela no fim do Yuga (ciclo). E, ó touro da raça Bharata, circundando aquela floresta e pegando-a por todos os lados com um rugido como o das nuvens, Agni fez todas

as criaturas dentro dela tremerem. E, ó Bharata, aquela floresta queimando então parecia resplandecente como o rei das montanhas, Meru, refulgindo com os raios do sol caídos sobre ele.'

228

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aqueles principais dos guerreiros em carros (Krishna e Arjuna), conduzindo seus carros e se colocando em lados opostos da floresta, começaram uma grande matança, por todos os lados, das criaturas residentes em Khandava. Em qualquer ponto em que as criaturas residentes em Khandava pudessem ser vistas tentando fugir, para lá se apressavam aqueles poderosos heróis (para impedir sua fuga). De fato aqueles dois carros excelentes pareciam ser somente um, e também os dois guerreiros neles apenas um indivíduo. E enquanto a floresta estava queimando, centenas e milhares de criaturas vivas, proferindo gritos terríveis, começaram a correr para todos os lados em todas as direções. Algumas tinham membros específicos queimados, algumas estavam chamuscadas pelo calor excessivo, algumas saíam, e algumas corriam para lá e para cá por medo. E algumas abraçando seus filhos e algumas seus pais e irmãos, morriam tranquilamente sem, por excesso de afeição, serem capazes de abandonar aqueles que lhes eram queridos. E havia muitas lá que, mordendo seus lábios inferiores, se erguiam no ar e logo caíam girando no ardente elemento abaixo de si. E algumas eram vistas rolando sobre o solo com asas, olhos, e pés chamuscados e queimados. Aquelas criaturas eram todas vistas perecer quase imediatamente. Os tanques e lagos dentro daquela floresta, aquecidos pelo fogo ao redor, começaram a ferver; e os peixes e as tartarugas neles todos pereceram. Durante aquela grande matança de criaturas vivas naquela floresta, os corpos em chamas de vários animais faziam parecer que o próprio fogo tinha assumido muitas formas. As aves que levantavam vôo para escapar daquela conflagração eram todas perfuradas por Arjuna com suas flechas, e, cortadas em pedaços, elas caíam no elemento ardente abaixo. Perfuradas completamente pelas flechas de Arjuna, as aves caíam dentro da floresta ardente, proferindo gritos altos. Os habitantes da floresta, atingidos por aquelas setas, começaram a rugir e gritar. O clamor que eles ergueram era como o terrível tumulto ouvido durante o batimento do oceano (nos tempos antigos). As poderosas chamas do fogo ardente alcançaram o firmamento, causando grande ansiedade nos próprios celestiais. Então todos os habitantes ilustres do céu foram em grupo ao deus de cem sacrifícios e mil olhos, seu chefe, aquele destruidor de Asuras. Se aproximando de Indra, os celestiais disseram, 'Por que, ó senhor dos imortais, Agni queima estas criaturas abaixo? Chegou a hora da destruição do mundo?'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras dos deuses, e ele mesmo vendo o que Agni estava fazendo, o matador de Vritra saiu para proteger a floresta de Khandava. E Vasava, o chefe dos celestiais, logo cobrindo o céu com massas

de nuvens de todos os tipos começou a derramar chuva sobre a floresta ardente. Aquelas massas de nuvens às centenas e milhares, comandadas por Indra, começaram a despejar chuva sobre Khandava em pingos grossos como os mastros de bandeira dos carros de batalha. Mas as chuvas eram todas secadas completamente no próprio céu pelo calor do fogo e, portanto, não alcançavam o fogo em absoluto! Então o matador de Namuchi, ficando furioso com Agni, reuniu massas enormes de nuvens e as fez produzir um aguaceiro pesado. Com as chamas competindo com aquelas chuvas pesadas, e com massas de nuvens sobre si, aquela floresta, cheia de fumaça e luzes de relâmpagos, se tornou terrível de se olhar.'

229

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Vibhatsu, o filho de Pandu, invocando suas armas excelentes, impediu aquela chuva de Indra por meio de uma chuva de suas próprias armas. E Arjuna de alma incomensurável logo cobriu a floresta de Khandava com inumeráveis flechas como a lua cobrindo a atmosfera com um nevoeiro denso. Quando o céu acima daquela floresta estava assim coberto pelas flechas de Arjuna nenhuma criatura viva podia então escapar de baixo. E aconteceu que enquanto aquela floresta estava queimando, Takshaka, o chefe dos Nagas, não estava lá, tendo ido naquela hora ao campo de Kurukshetra. Mas Aswasena, o filho poderoso de Takshaka, estava lá. Ele fez grandes esforços para escapar daquele fogo; mas confinado pelas flechas Arjuna ele não conseguia achar um caminho. Foi então que a mãe dele, a filha de uma cobra, resolveu salvá-lo por engoli-lo primeiro. Sua mãe primeiro engoliu sua cabeça e então estava engolindo sua cauda. E desejosa de salvar seu filho, a cobra do mar ergueu-se (acima da terra) enquanto ainda estava empenhada em engolir a cauda do filho. Mas Arjuna tão logo a viu escapando separou a cabeça dela do corpo por meio de uma flecha afiada. Indra viu tudo aquilo, e desejando salvar o filho do amigo, o manejador do raio, por erguer um vento violento, fez Arjuna perder a consciência. Durante aqueles poucos momentos Aswasena conseguiu efetuar sua fuga. Vendo aquela manifestação do poder de ilusão, e enganado por aquela cobra, Arjuna ficou muito enfurecido. Ele em seguida cortou todo animal que procurava fugir pelos céus, em dois, três, ou mais pedaços. E Vibhatsu em fúria, e Agni, e Vasudeva também, amaldiçoaram a cobra que tinha escapado tão fraudulentamente, dizendo, 'Tu nunca serás famoso.' E Jishnu se lembrando do logro praticado sobre si, ficou furioso, e cobrindo o firmamento com uma nuvem de flechas procurou lutar com aquele de mil olhos. O chefe dos celestiais também, vendo Arjuna com raiva, procurou lutar com ele, e lançou suas próprias armas violentas, cobrindo a larga extensão do firmamento. Então os ventos, fazendo um rugido alto e agitando todos os oceanos, juntaram massas de nuvens no céu, carregadas com torrentes de chuva. Aquelas massas de nuvens começaram a

vomitar trovões e relâmpagos terríveis carregados com o estampido do trovão. Então Arjuna, possuindo o conhecimento de recursos, lançou a arma excelente chamada Vayavya com os mantras apropriados para dissipar aquelas nuvens. Com aquela arma a energia e força do raio de Indra e aquelas nuvens foram destruídas. E as torrentes de chuva com as quais aquelas nuvens estavam carregadas foram todas completamente secadas, e o relâmpago que vibrava entre elas foi também destruído. Em um momento o céu ficou limpo de poeira e escuridão, e uma brisa fresca e deliciosa começou a soprar e o disco do sol retomou seu estado normal. Então o comedor da manteiga clarificada (Agni), contente porque ninguém podia frustrá-lo, assumiu várias formas, e salpicado com a gordura exsudada pelos corpos das criaturas resplandeceu com todas as suas chamas, enchendo o universo com seu rugido. Então aves numerosas da tribo Garuda portando excelentes plumagens, vendo que a floresta era protegida por Krishna e Arjuna, desceram cheias de orgulho dos céus mais altos, desejosas de atingir aqueles heróis com suas asas como raios, bicos e garras. Nagas inumeráveis também, com rostos emitindo fogo, desceram do alto e se aproximaram de Arjuna, vomitando todo o tempo o veneno mais virulento. Vendo eles se aproximarem, Arjuna os cortou em pedaços por meio de flechas imersas no fogo da sua própria fúria. Então aquelas aves e cobras, privadas de vida, caíram no elemento ardente abaixo. E foram lá também, desejosos de lutar, inúmeros Asuras com Gandharvas e Yakshas e Rakshasas e Nagas proferindo gritos impressionantes. Armados com máquinas que vomitavam de suas gargantas bolas e projéteis de ferro, e catapultas para impulsionar pedras enormes, e foguetes, eles se aproximaram para atingir Krishna e Partha, com sua energia e força aumentadas pela fúria. Mas, embora eles despejassem uma perfeita chuva de armas, Vibhatsu, dirigindo-se a eles repreensivamente, cortou suas cabeças com suas próprias flechas afiadas. Aquele matador de inimigos, Krishna, também, dotado de grande energia, também fez um grande massacre de Daityas e Danavas com seu disco. Muitos Asuras de poder incomensurável, perfurados pelas setas de Krishna e atingidos pela força de seu disco, ficavam inertes como refugos encalhados na margem pela violência das ondas. Então Sakra, o senhor dos celestiais, montado em seu elefante branco, avançou naqueles heróis, e erguendo seu raio que nunca podia partir em vão, o arremessou com grande força. E o matador de Asuras disse aos deuses, 'Estes dois estão mortos.' Vendo o violento raio ser arremessado por seu chefe, todos os celestiais pegaram suas respectivas armas. Yama, ó rei, pegou a maça distribuidora de morte, e Kuvera sua clava com pontas de ferro, e Varuna seu laço e míssil belo. E Skanda (Kartikeya) pegou sua lança comprida e ficou imóvel como a montanha de Meru. Os Aswins estavam lá com plantas resplandecentes em suas mãos. Dhatri ficou com o arco na mão, e Jaya com uma maça grossa. Tvashtri de grande força ergueu com raiva uma montanha enorme e Surya ficou com um dardo brilhante, e Mrityu com um machado de batalha. Aryaman aproximou-se silenciosamente com uma clava terrível equipada de ferrões afiados, e Mitra ficou lá com um disco afiado como uma navalha. E, ó monarca, Pusha e Bhaga e Savitri, em cólera, avançaram em Krishna e Partha com arcos e cimitarras nas mãos. E os Rudras e os Vasus, os Maruts poderosos e os Viswedevas e os Sadhyas, todos resplandecentes com sua própria energia, estes

e muitos outros celestiais, armados com várias armas avançaram contra aqueles louvados pelos homens, Krishna e Partha, para prostrá-los. Então foram vistos naquele grande conflito magníficos portentos por toda parte, privando todas as criaturas de seus sentidos, e parecidos com aqueles que aparecem no tempo da dissolução universal. Mas Arjuna e Krishna, destemidos e invencíveis em batalha, vendo Sakra e os outros celestiais preparados para a luta, esperaram tranquilamente, com arcos nas mãos. Habilidosos em batalha, aqueles heróis em fúria atacaram a hoste de celestiais que avançava com suas próprias flechas como trovões. Os celestiais, repetidamente derrotados por Krishna e Arjuna, finalmente deixaram o campo de batalha por medo e procuraram a proteção de Indra. Os Munis que estavam testemunhando a batalha dos céus, vendo os celestiais derrotados por Madhava e Arjuna, ficaram cheios de admiração. Sakra também repetidamente testemunhando a bravura deles em batalha, ficou muito satisfeito, e mais uma vez apressou-se para o ataque. O castigador de Paka então produziu uma pesada chuva de pedras, desejando averiguar a destreza de Arjuna, que era hábil para usar o arco até com sua mão esquerda. Arjuna, em grande fúria, dissipou com suas flechas aquela chuva grossa. Então aquele de cem sacrifícios, vendo aquela chuva dissipada, mais uma vez produziu uma chuva grossa de pedras. Mas o filho do destruidor de Paka (Arjuna) satisfez seu pai por dissipar aquela chuva também com suas flechas velozes. Então Sakra, desejoso de derrotar o filho de Pandu, arrancou com suas mãos um grande topo de Mandara, com árvores altas nele, e o arremessou. Mas Arjuna dividiu aquele topo de montanha em mil pedaços com suas flechas rápidas e de bocas de fogo. Os fragmentos daquela montanha, ao caírem através dos céus, fizeram parecer que o sol e a lua e os planetas, deslocados de suas posições, estavam caindo na terra. Aquele topo enorme caiu sobre aquela floresta e por sua queda matou numerosas criaturas vivas que moravam em Khandava.'

230

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então os habitantes da floresta de Khandava, os Danavas e Rakshasas e Nagas e lobos e ursos e outros animais selvagens, e elefantes com têmporas rasgadas, e tigres, e leões com jubas e veados e búfalos às centenas, e aves, e várias outras criaturas, assustadas pelas pedras caindo e extremamente ansiosas, começaram a fugir em todas as direções. Elas viram a floresta (queimando por toda parte) e Krishna e Arjuna também prontos para abatê-los com suas armas. Assustadas pelos sons terríveis que eram audíveis lá, aquelas criaturas perdiam seu poder de movimento. Vendo a floresta queimando em inúmeros lugares e Krishna também pronto para golpeá-las com suas armas, elas todas soltaram um rugido terrível. Com aquele clamor terrível como também com o rugido do fogo, todo o firmamento ressoou, por assim dizer, com a voz de nuvens portentosas. Kesava de cor escura e braços poderosos, para atingir sua

destruição, arremessava neles seu grande e feroz disco resplandecente com sua própria energia. Os habitantes da floresta incluindo os Danavas e os Rakshasas, atingidos por aquela arma, eram cortados em centenas de pedaços e caíam na boca de Agni. Mutilados pelo disco de Krishna, os Asuras ficavam lambuzados de sangue e gordura e pareciam com nuvens noturnas. E, ó Bharata, aquele da linhagem Vrishni se movia ágil com a própria morte, matando Pisachas e aves e Nagas e outras criaturas às milhares. O próprio disco, repetidamente lançado das mãos de Krishna, o destruidor de todos os inimigos, voltava para suas mãos depois de massacrar inumeráveis criaturas. A face e a forma de Krishna, aquele espírito de todos os seres criados, se tornaram aterradores de se ver enquanto ele estava assim empenhado na matança de Pisachas, Nagas e Rakshasas. Ninguém entre os celestiais, que tinham se reunido lá, podia vencer Krishna e Arjuna em batalha. Quando os celestiais viram que eles não podiam proteger aquela floresta do poder de Krishna e Arjuna por extinguir aquele incêndio eles se retiraram da cena. Então, ó monarca, aquele de cem sacrifícios (Indra), vendo os imortais retrocederem, ficou cheio de alegria e aplaudiu Krishna e Arjuna. E quando os celestiais desistiram da luta, uma voz incorpórea, profunda e alta, endereçando-se àquele de cem sacrifícios, disse, 'Teu amigo Takshaka, o chefe das cobras, não foi morto! Antes do incêndio começar em Khandava ele foi para Kurukshetra. Saiba por minhas palavras, ó Vasava, que ninguém é capaz de vencer Vasudeva e Arjuna em batalha! Eles são Nara e Narayana, aqueles deuses antigos conhecidos! Tu sabes qual é a energia e qual é a bravura deles. Invencíveis em batalha, aqueles melhores dos Rishis antigos são invencíveis por alguém em todos os mundos! Eles merecem a adoração mais reverencial de todos os celestiais e Asuras; de Yakshas e Rakshasas e Gandharvas, de seres humanos e Kinnaras e Nagas. Portanto, ó Vasava, cabe a ti sair daqui com todos os celestiais. A destruição de Khandava foi ordenada pelo Destino!' Então o chefe dos imortais, verificando que as palavras eram verdadeiras, abandonou sua cólera e ciúmes, e voltou para o céu. Os habitantes do céu, ó monarca, vendo o ilustre Indra abandonar a luta, o seguiram com todos os seus soldados. Então aqueles heróis, Vasudeva e Arjuna, quando viram o chefe dos celestiais se retirar acompanhado por todos os deuses, deram um rugido leonino. E, ó monarca, Kesava e Arjuna, depois de Indra ter deixado a cena, ficaram extremamente contentes. Aqueles heróis então destemidamente ajudaram na queima da floresta. Arjuna dispersou os celestiais como o vento espalha as nuvens, e matou com chuvas de suas flechas inúmeras criaturas que moraram em Khandava. Mortas pelas flechas de Arjuna, nenhuma entre as criaturas inumeráveis podia escapar da floresta ardente. Longe de lutarem com ele, nenhuma mesmo entre as mais fortes criaturas reunidas lá podia olhar para Arjuna cujas armas nunca eram infrutíferas. Às vezes perfurando cem criaturas com uma seta e às vezes uma única criatura com cem setas, Arjuna se movimentava por lá em seu carro. As próprias criaturas, carentes de vida, começaram a cair na boca de Agni (deus do fogo), como se tivessem sido derrubadas pela própria morte. Nas margens de rios ou em planícies irregulares ou em crematórios, aonde quer que fossem, as criaturas (que habitavam em Khandava) não encontravam alívio, pois onde quer que elas procurassem abrigo lá elas eram afligidas pelo calor. E hostes de criaturas rugiam de dor, e elefantes e veados e lobos soltavam gritos de aflição. A este som os

peixes do Ganges e do mar, e as várias tribos de Vidyadharas que moravam naquela floresta todos ficaram aterrorizados. Ó tu de braços poderosos, ninguém podia nem olhar para Arjuna e Janardana de cor escura, quanto mais lutar com eles. Hari matava com seu disco aqueles Rakshasas e Danavas e Nagas que avançavam nele em bandos. De corpos enormes, suas cabeças e troncos eram cortados pelo rápido movimento do disco, e privados de vida eles caíam no fogo ardente. Satisfeitas com grandes quantidades de carne, sangue e gordura, as chamas se ergueram até uma grande altura sem uma ondulante espiral de fumaça. Hutasana (deus do fogo) com olhos ardentes e acobreados, e língua flamejante e boca larga, e os cabelos no topo de sua cabeça todos ígneos, bebendo, com a ajuda de Krishna e Arjuna, aquele rio como néctar de gordura animal, ficou cheio de alegria. Imensamente gratificado, Agni derivou muita alegria.

E ocorreu que o matador de Madhu de repente viu um Asura de nome Maya escapando da residência de Takshaka. Agni tendo Vayu como seu condutor, assumindo um corpo com cabelos emaranhados na cabeça, e rugindo como as nuvens, perseguiu o Asura, desejoso de consumi-lo. Vendo o Asura, Vasudeva ficou com sua arma erguida, pronto para derrubá-lo, vendo o disco erguido e Agni perseguindo-o por trás para queimá-lo, Maya disse ‘Corra para mim, ó Arjuna, e me proteja!’ Ouvindo sua voz aterrorizada Arjuna disse, ‘Não tema.’ Aquela voz de Arjuna, ó Bharata, pareceu dar a Maya sua vida. Como o filho piedoso de Pritha disse a Maya que não havia nada a temer, aquele da linhagem Dasarha não mais desejou matar Maya, que era o irmão de Namuchi, e Agni também não o queimou.’

Vaisampayana continuou, 'Protegido de Indra por Krishna e Partha, Agni dotado de grande inteligência queimou aquela floresta por quinze dias. E enquanto a floresta queimava Agni poupou somente seis de seus habitantes, Aswasena, Maya, e quatro aves chamadas Sarngakas.'

231

(Continuação do Khandava daha Parva)

Janamejaya disse, ‘Ó Brahmana, diga-me por que e quando aquela floresta queimou daquela maneira Agni não consumiu as aves chamadas Sarngakas? Tu citaste, ó Brahmana, a causa de Aswasena e do Danava Maya não terem sido consumidos. Mas tu não disseste até agora qual foi a causa da fuga dos Sarngakas. A fuga daquelas aves, ó Brahmana, me parece surpreendente. Nos diga por que eles não foram destruídos naquela conflagração terrível.’

Vaisampayana disse, 'Ó destruidor de todos os inimigos, eu te direi tudo quanto ao porque Agni não queimou aquelas aves durante a conflagração. Havia, ó rei, um grande Rishi conhecido pelo nome de Mandapala, conhecedor de todos os

shastras, de votos rígidos, dedicado ao ascetismo, e o principal de todos os homens virtuosos. Seguindo o mesmo caminho dos Rishis que tinham parado seu fluido viril, aquele asceta, ó monarca, com todos os sentidos sob controle completo, se dedicava ao estudo e virtude. Tendo alcançado as margens opostas do ascetismo, ó Bharata, ele deixou sua forma humana e foi à região dos Pitris. Mas indo para lá ele fracassou em obter o (esperado) fruto de seus atos. Ele perguntou aos celestiais que estavam sentados ao redor do rei dos mortos quanto à causa de seu tratamento, dizendo, 'Por que estas regiões se tornaram inalcançáveis por mim, regiões que eu pensei que tinham sido alcançadas por mim por minhas dedicações ascéticas? Eu não realizei aqueles atos cujos frutos são estas regiões? Ó habitantes do céu, me digam por que estas regiões estão fechadas diante de mim! Eu farei o que me dará o fruto das minhas penitências ascéticas.'

Os celestiais responderam, ‘Saiba, ó Brahmana, daqueles atos e coisas por causa dos quais os homens nascem devedores. Sem dúvida, é por ritos religiosos, estudos segundo a ordenança, e progênie que os homens nascem devedores. Estas dívidas são todas pagas por meio de sacrifícios, ascetismo, e prole. Tu és um asceta e também realizaste sacrifícios; mas não tens nenhuma prole. Estas regiões estão fechadas para ti somente por falta de filhos. Gere filhos, portanto! Tu então desfrutarás de diversas regiões de felicidade. Os Vedas declaram que o filho resgata o pai de um inferno chamado Put. Então, ó melhor dos Brahmanas, esforce-te para gerar prole.’

Vaisampayana continuou, 'Mandapala, tendo ouvido as palavras dos habitantes do céu, refletiu como melhor ele poderia obter o maior número de prole dentro do mais curto período de tempo. O Rishi, depois de reflexão, compreendeu que de todas as criaturas somente as aves eram abençoadas com fecundidade. Assumindo a forma de um Sarngaka o Rishi se uniu com uma ave fêmea da mesma espécie chamada pelo nome de Jarita. E ele gerou nela quatro filhos que eram todos narradores dos Vedas. Deixando todos aqueles seus filhos com sua mãe naquela floresta, enquanto eles ainda estavam dentro dos ovos, o asceta foi até (outra esposa chamada pelo nome de) Lapita. E, ó Bharata, quando o sábio exaltado partiu pela companhia de Lapita, movida por afeição por sua prole, Jarita ficou muito zelosa. Embora abandonados por seu pai na floresta de Khandava, Jarita, ansiosa em seu afeto por eles, não pôde abandonar sua prole, aqueles bebês Rishis envolvidos em ovos. Movida por afeição materna, ela criou aquelas suas crianças, ela mesma seguindo as perseguições apropriadas para sua própria espécie. Algum tempo depois, o Rishi, ao vagar por aquela floresta na companhia de Lapita, viu Agni vindo em direção a Khandava para queimá-la. Então o Brahmana Mandapala, sabendo da intenção de Agni e se lembrando também de que seus filhos eram todos jovens, movido pelo medo, agradou ao deus do elemento ardente, aquele regente do universo, dotado de grande energia. E ele o fez, desejando falar em favor de sua prole implume. Dirigindo-se a Agni, o Rishi disse, 'Tu és, ó Agni, a boca de todos os mundos! Tu és o carregador da manteiga sacrifical! Ó purificador (de todos os pecados), tu te moves invisível com o corpo de toda criatura! Os eruditos falam de ti como Um, e também como possuidor de

natureza tripla. Os sábios realizam seus sacrifícios diante de ti, tomando-te como consistindo em oito (bocas). Os grandes Rishis declaram que este universo é criado por ti. Ó tu que te alimentas da manteiga sacrifical, sem ti todo este universo seria destruído em um único dia. Reverenciando a ti, os Brahmanas, acompanhados por suas esposas e filhos, vão para eternas regiões ganhas por eles por ajuda de seus próprios atos. Ó Agni, os eruditos te descrevem como as nuvens nos céus carregadas com relâmpagos. Ó Agni, as chamas manifestadas por ti consomem todas as criaturas. Ó tu de grande esplendor, este universo é criado por ti. Os Vedas são tua palavra. Todas as criaturas, móveis e imóveis, dependem de ti. A água primeiramente depende de ti, assim como todo este universo. Todas as oferendas de manteiga clarificada e oblações de comida aos pitris são colocadas em ti. Ó deus, tu és o consumidor, tu és o criador e tu és o próprio Vrihaspati (em inteligência). Tu és os gêmeos Aswins; tu és Surya; tu és Soma; tu és Vayu.'

Vaisampayana continuou, 'Ó monarca, assim louvado por Mandapala, Agni foi gratificado por aquele Rishi de energia incomensurável; e o deus, bem satisfeito, respondeu, 'Que bem eu posso fazer por ti?' Então Mandapala com as palmas unidas disse ao carregador da manteiga clarificada, 'Quando tu queimares a floresta de Khandava poupe meus filhos.' O ilustre portador da manteiga clarificada respondeu, 'Assim seja.' Foi por isso então, ó monarca, que enquanto consumia a floresta de Khandava ele não efetuou a destruição dos filhos de Mandapala.'

232

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando o fogo resplandeceu na floresta de Khandava, as aves bebês ficaram muito aflitas e angustiadas. Cheias de ansiedade, elas não viram quaisquer meios de fuga. Sua mãe, a desamparada Jarita, sabendo que eles eram jovens demais para fugir, estava cheia de tristeza e lamentou alto. E ela disse, 'Oh, a terrível conflagração, iluminando todo o universo e queimando a floresta, se aproxima em direção a nós, aumentando a minha dor. Estes bebês com mente imatura, sem penas e pés, e o único refúgio dos nossos ancestrais falecidos, me afligem. Oh, o fogo se aproxima, espalhando medo por toda parte, e lambendo com sua língua as árvores mais altas. Mas minhas crianças implumes são incapazes de efetuar sua fuga. Eu mesma não sou capaz de escapar levando todos eles comigo. Nem sou capaz de abandoná-los, pois meu coração está aflito por sua causa. Quem entre meus filhos eu deixarei para trás, e quem eu levarei comigo? Que (ato) eu devo fazer agora que seja compatível com o dever? O que também vocês, meus pequenos filhos, acham? Eu, mesmo por reflexão, não vejo qualquer meio de fuga para vocês. Eu cobrirei vocês com minhas asas e morrerei com vocês. Seu pai cruel me deixou algum tempo atrás, dizendo, 'Deste Jaritari, porque ele é o mais velho dos meus filhos, minha linhagem dependerá. Meu

segundo Sarisrikka gerará prole para o desenvolvimento da raça dos meus antepassados. Meu terceiro, Stamvamitra, será devotado ao ascetismo, e o mais jovem, Drona, se tornará o principal daqueles conhecedores dos Vedas.' Mas como esta calamidade terrível nos alcançou quem eu levarei comigo? Como eu estou privada do bom senso, o que eu devo fazer que seja compatível com o dever? Eu não vejo, pelo exercício do meu próprio julgamento, a fuga dos meus filhos do fogo!'

Vaisampayana disse, 'Para sua mãe, que se entregava a estas lamentações, os bebês disseram, 'Ó mãe, abandonando tua afeição para conosco, vá para um lugar onde não haja fogo. Se nós formos mortos aqui tu poderás ter outros filhos. Se tu, ó mãe, fores morta, nós não poderemos ter mais crianças na nossa linhagem. Refletindo sobre ambas estas calamidades chegou a hora, ó mãe, de tu fazeres o que é benéfico para nossa raça. Não seja influenciada pela afeição por tua prole, a qual promete destruir a nós e a ti. Se tu te salvares, nosso pai, que está desejoso de alcançar as regiões de felicidade, poderá ter seus desejos satisfeitos.'

Ouvindo o que os bebês disseram Jarita respondeu, ‘Há um buraco aqui no chão perto desta árvore, pertencente a um camundongo. Entrem neste buraco sem perda de tempo. Vocês então não terão que temer o fogo. Depois de vocês terem entrado, eu, ó filhos, cobrirei sua entrada com poeira. Este é o único meio que eu vejo de escapar do fogo ardente. Então quando o fogo se extinguir eu voltarei para cá para remover a poeira. Sigam este meu conselho se vocês querem escapar do incêndio.’

As aves bebês responderam, 'Sem penas nós somos apenas algumas bolas de carne. Se nós entrarmos no buraco é certo que o camundongo carnívoro destruirá todos nós. Vendo este perigo à nossa frente nós não podemos entrar no buraco. Ai, nós não vemos quaisquer meios pelos quais nós podemos escapar do fogo ou do camundongo. Nós não vemos como o ato de procriação do nosso pai pode ser impedido de se tornar inútil, e como também nossa mãe pode ser salva. Se nós entrarmos no buraco o camundongo nos destruirá; e se nós permanecermos onde estamos o fogo que percorre o céu nos destruirá. Refletindo sobre ambas as calamidades, uma morte pelo fogo é preferível à uma morte por ser comido. Se nós formos devorados pelo camundongo dentro do buraco, esta morte será certamente ignóbil, uma vez que a destruição do corpo pelo fogo é aprovada pelos sábios.'

233

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, ‘Ouvindo aquelas palavras de seus filhos, Jarita continuou, ‘O pequeno camundongo saiu do buraco e foi apanhado por um falcão

com suas garras que o carregou para longe daqui. Portanto, vocês podem sem medo entrar neste buraco agora.' Os jovens responderam, 'Nós não estamos por quaisquer meios certos de que aquele camundongo foi levado pelo falcão. Podem haver outros ratos vivendo aqui. Deles nós todos temos medo. Ao passo que é duvidoso se o fogo se aproximará daqui. Nós já vemos um vento adverso soprando as chamas para longe. Se nós entramos no buraco, a morte será certa nas mãos dos habitantes do buraco. Mas, se nós permanecemos onde estamos a morte é incerta. Ó mãe, uma posição na qual morte é incerta é melhor do que uma na qual ela é certa. É teu dever, portanto, escapar, para que, se tu viveres, tu possas obter outros filhos igualmente bons.'

Sua mãe então disse, 'Ó filhos, eu mesma vi o falcão poderoso, aquela melhor das aves, mergulhar e voar para longe com o rato do buraco. E enquanto ele estava indo embora rapidamente, eu o segui e pronunciei uma bênção sobre ele por ter levado embora o camundongo do buraco. Eu disse a ele: 'Ó rei dos falcões, porque tu estás voando para longe levando nosso inimigo, o camundongo, em tuas garras, que tu possas, sem um inimigo, viver no céu com um corpo dourado.' Depois quando aquele falcão devorou o rato, eu vim embora, obtendo sua permissão. Portanto, ó crianças, entrem neste buraco confiantemente. Vocês não tem nada a temer. O camundongo que era seu ocupante foi capturado e morto pelo falcão à minha vista.' Os jovens outra vez disseram, 'Ó mãe, nós não sabemos por nenhum meio se o camundongo foi morto pelo falcão. Nós não podemos entrar no buraco no chão sem estarmos certos do fato.' Sua mãe disse, 'Eu sei com certeza que o camundongo foi levado embora pelo falcão. Portanto, ó crianças, vocês não tem nada a temer; façam o que eu digo.' Os jovens novamente disseram, 'Nós não estamos dizendo, ó mãe, que tu estás dissipando nossos medos com uma história falsa. Pois o quer que seja feito por uma pessoa quando sua razão está perturbada mal pode ser considerado como uma ação intencional da pessoa. Tu não tens sido beneficiada por nós, nem sabe quem nós somos. Por que, portanto, tu te esforças por nos proteger a tanto custo para ti mesma? Quem somos nós para ti? Tu és jovem e bela, e capaz de procurar teu marido. Vá ao teu marido. Tu obterás bons filhos novamente. Deixe que nós por entrarmos no fogo alcancemos regiões de felicidade. Se, no entanto, o fogo não nos consumir, tu poderás voltar e nos obter novamente.'

Vaisampayana disse, 'A mãe ave então, assim endereçada por seus filhos, deixou-os em Khandava e foi depressa para um local onde não havia fogo e havia segurança. Então Agni rapidamente e com chamas ferozes se aproximou do local onde os filhos de Mandapala estavam. As aves jovens viram o fogo ardente indo em direção a elas. Então Jaritari, o mais velho dos quatro, na audição de Agni, começou a falar.'

234

(Continuação do Khandava daha Parva)

Jaritari disse, ‘A pessoa que é sábia permanece alerta em virtude da morte. Consequentemente, quando a hora da morte se aproxima, ela não sente aflições. Mas a pessoa de alma desorientada, que não permanece vigilante, quando chega a hora da morte sente as angústias da morte e nunca alcança a salvação.’

O segundo irmão Sarisrikka, disse, 'Tu és paciente e inteligente. Chegou a hora na qual nossas vidas estão ameaçadas. Sem dúvida, somente um único entre muitos se torna sábio e corajoso.'

O terceiro irmão, Stamvamitra, disse, ‘O mais irmão mais velho é chamado de protetor. É o irmão mais velho que salva (os mais jovens) do perigo. Se o próprio irmão mais velho falha em resgatá-los, o que podem os mais novos fazer?’

O quarto e mais novo irmão, Drona disse, ‘O cruel deus do fogo, com sete línguas e sete bocas vem rapidamente em direção à nossa habitação, brilhando em esplendor e lambendo tudo em seu caminho.’

Vaisampayana continuou, ‘Tendo se endereçado um ao outro dessa forma, os filhos de Mandapala então cada um devotamente endereçou um hino laudatório para Agni. Ouça agora, ó monarca, àqueles hinos enquanto eu os recito.’

Jaritari disse, ‘Tu és, ó fogo, a alma do ar! Tu és o corpo da vegetação da Terra! Ó Sukra, a água é tua origem como tu és a origem da água! Ó tu de grande energia, tuas chamas, como os raios do sol, se estendem acima, abaixo, atrás, e a cada lado.’

Sarisrikka disse, 'Ó deus de bandeira de fumaça, nossa mãe não é vista, e nós não conhecemos nosso pai! Nossas penas ainda não cresceram. Nós não temos ninguém para nos proteger exceto tu. Portanto, ó Agni, como nós somos bebês, proteja-nos! Ó Agni, como nós estamos aflitos, proteja-nos com aquela forma auspiciosa que tens e com aquelas tuas sete chamas! Nós procuramos proteção em tuas mãos. Somente tu, ó Agni, és o dador de calor (no universo). Ó senhor, não há ninguém mais (além de ti) que dá calor aos raios do sol. Ó, proteja a nós que somos jovens e que somos Rishis. Ó Havyavaha (carregador da manteiga sacrifical), fique satisfeito em seguir daqui por alguma outra rota.'

Stamvamitra disse, ‘Somente tu, ó Agni, és tudo! Todo este universo está estabelecido em ti! Tu sustentas todas as criaturas, e tu suportas o universo! Tu és o transportador da manteiga sacrifical, e tu és a própria manteiga sacrifical excelente! Os sábios te conhecem como um (como causa) e muitos (como efeitos)! Tendo criado os três mundos, tu, ó Havyavaha, novamente os destrói quando chega a hora, expandindo-te! Tu és a causa produtiva de todo o universo, e tu também és a essência na qual o universo se dissolve!’

Drona disse, ‘Ó senhor do universo, crescendo em força e permanecendo dentro de seus corpos, tu fazes a comida que as criaturas vivas comem ser digerida. Tudo, portanto, está estabelecido em ti. Ó Sukra, ó tu de cuja boca os Vedas emergiram, és tu quem assume a forma do sol, absorve as águas da terra e todo o suco líquido que a terra produz, e os devolve com o tempo na forma de chuva e faz tudo crescer! De ti, ó Sukra, são estas plantas e vegetações com folhagem verde! De ti surgiram estes tanques e lagos, e também o grande oceano que é sempre abençoando! Ó tu de raios ferozes, este nosso corpo (humano) depende de Varuna (o deus da água)! Nós somos incapazes de suportar teu calor. Seja, portanto, nosso auspicioso protetor! Ó, não nos destrua! Ó tu de olhos da cor do cobre, ó tu de pescoço vermelho, ó tu cujo caminho é marcado pela cor preta, salve-nos por seguires ao longo de qualquer rota afastada, como de fato, o oceano salva a casa em suas margens!’

Vaisampayana continuou, ‘Assim endereçado por Drona, aquele proferidor de Brahma, Agni, bem satisfeito com o que ouviu, e se lembrando também da promessa que tinha feito para Mandapala, respondeu a ele, dizendo, ‘Tu és um Rishi, ó Drona! Pois o que tu disseste é Brahma (verdade Védica). Eu farei tua vontade. Não tema! De fato, Mandapala me falou de vocês com o propósito de eu poupar seus filhos, enquanto consumisse a floresta. As palavras que ele falou e o teu discurso também têm grande importância para mim. Diga o que eu devo fazer. Ó melhor dos Brahmanas, eu fiquei muito satisfeito com teu hino. Abençoado sejas, ó Brahmana!’

Drona disse, ‘Ó Sukra, estes gatos nos incomodam todo dia. Ó Hutasana; consuma-os com seus amigos e parentes.’

Vaisampayana continuou, 'Então Agni fez o que os Sarngakas lhe pediram para fazer, dizendo a eles suas intenções. E, ó Janamejaya, aumentando em força, ele começou então a consumir a floresta de Khandava.'

235

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó tu da linhagem Kuru, o Rishi Mandapala ficou muito ansioso por seus filhos, embora ele tivesse falado deles ao deus de raios ferozes. De fato, sua mente não estava em paz. Aflito por causa de seus filhos, ele se dirigiu a Lapita (sua segunda mulher com quem ele então estava), dizendo, 'Ó Lapita, como meus filhos são incapazes de se locomover, como estarão eles? Quando o fogo crescer em força e o vento começar a soprar violentamente meus filhos mal poderão se salvar. Como sua mãe poderá resgatá-los? Aquela mulher inocente sofrerá de grande tristeza quando se encontrar incapaz de salvar sua prole. Oh, como ela se acalmará, proferindo várias lamentações por causa dos meus filhos que são todos incapazes de voar ou elevar-se no ar? Oh, como estará

Jaritari, meu filho, e como estará Sarisrikka, e como estará Stamvamitra, e como estará Drona, e como também estará sua mãe desamparada?'

Ao Rishi Mandapala lamentando dessa maneira na floresta, Lapita, ó Bharata, assim respondeu, sob a influência dos ciúmes, 'Tu não precisas te preocupar com teus filhos que, como tu me asseguraste, são todos Rishis dotados de energia e destreza! Eles não podem ter medo do fogo. Tu não falaste a Agni, na minha presença, em favor deles? A divindade ilustre não te prometeu salvá-los? Um dos regentes do universo como Agni é, ele nunca falsificará suas palavras. Tu não tens ansiedade, nem o teu coração é inclinado a beneficiar amigos. É somente por pensar nela, (Jarita) minha rival, que tu estás tão perturbado! Certo é que o amor que tens por mim não é igual ao que tu tiveste por ela a princípio. Aquele que tem dois partidos dividindo sua atenção pode facilmente ver um daqueles sofrer todos os tipos de angústias; mas ele não deve desconsiderar o partido que está próximo ao seu coração. Então vá para Jarita, por quem teu coração está entristecido! Quanto a mim, eu de agora em diante vagarei sozinha, como uma justa recompensa por ter me ligado a uma pessoa má.'

Ouvindo estas palavras, Mandapala respondeu, ‘Eu não vago sobre a terra com tais intenções como tu imaginas. É somente por causa de filhos que eu estou aqui. E aqueles que eu tenho estão em perigo. Aquele que rejeita o que tem por causa do que ele pode adquirir é uma pessoa má. O mundo o desrespeita e o insulta. (Portanto, eu devo ir). Quanto a ti mesma tu estás livre para fazer o que escolheres. Este fogo ardente que lambe as árvores causa tristeza no meu coração ansioso e cria nele maus pressentimentos.’

Vaisampayana continuou, ‘Enquanto isso, depois que o fogo tinha deixado o local onde os Sarngakas moravam, Jarita, muito ligada a seus filhos, foi até lá rapidamente para ver como eles estavam. Ela verificou que todos tinham escapado do fogo e estavam perfeitamente bem. Vendo sua mãe, eles começaram a chorar, embora sãos e salvos. Ela também derramou lágrimas ao vê-los vivos. E ela abraçou, um a um, todos os seus filhos chorosos. Justamente naquela hora, ó Bharata, o Rishi Mandapala chegou lá. Mas nenhum de seus filhos expressou alegria ao vê-lo. O Rishi, no entanto, começou a falar a eles um depois do outro e a Jarita também, repetidamente. Mas nem seus filhos nem Jarita falaram qualquer coisa boa ou má a ele em retorno.’

Mandapala então disse, ‘Quem entre estes é teu primogênito, e quem é o seguinte depois dele? E quem é o terceiro, e quem é o mais novo? Eu estou falando a ti aflitivamente; por que tu não me respondes? Eu te deixei, é verdade, mas eu não estava feliz onde estava.’

Jarita então disse, 'O que tu tens feito com o mais velho destes, e com o seguinte? E o que com o terceiro e com o mais novo? Vá agora até aquela Lapita de sorriso doce e dotada de juventude, a quem tu foste há algum tempo atrás, me achando imperfeita em tudo!' Mandapala respondeu, 'Em relação a mulheres, não há nada tão destrutivo da sua felicidade neste ou no outro mundo como uma co-esposa e uma amante clandestina. Não há nada como estas duas para inflamar o

fogo da hostilidade e causar tal ansiedade. Mesmo a auspiciosa e bem comportada Arundhati, célebre entre todas as criaturas, ficou ciumenta do ilustre Vasishtha de grande pureza de mente e sempre dedicado ao bem de sua esposa. Arundhati insultou até o sábio Muni entre os sete (celestiais). Por causa de tais pensamentos insultantes dela, ela se tornou uma estrela pequena, como fogo misturado com fumaça, às vezes visível e às vezes invisível, como um augúrio pressagiando nenhum bem (entre uma constelação de sete estrelas brilhantes representando os sete Rishis). Eu olho para ti por causa das crianças. Eu nunca fui injusto contigo, como Vasishtha que nunca foi injusto com sua mulher. Tu, portanto, por teus ciúmes, te comportaste em relação a mim como Arundhati com relação a Vasishtha antigamente. Homens nunca devem confiar nas mulheres mesmo que elas sejam suas esposas. Mulheres, quando se tornam mães, não se dedicam muito a servir seus maridos.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disto todos os seus filhos se adiantaram para reverenciá-lo. E ele também começou a falar bondosamente a eles todos, dando-lhes toda a segurança.'

236

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, ‘Mandapala então se dirigiu a seus filhos, dizendo, ‘Eu tinha falado a Agni pela segurança de vocês todos. A divindade ilustre me assegurou de que concederia meu desejo. Por aquelas palavras de Agni, e conhecendo a disposição virtuosa de sua mãe, como também da grande energia que está em vocês mesmos, eu não vim aqui mais cedo. Portanto, ó filhos, não nutram em seus corações algum ressentimento com relação a mim. Vocês são todos Rishis conhecedores dos Vedas. Até Agni os conhece bem.’

Vaisampayana continuou, ‘Tendo dado tais garantias a seus filhos, o Brahmana Mandapala tomando consigo sua esposa e filhos e deixando aquela região, foi para algum outro país.

E foi assim que o deus ilustre de raios ferozes, tendo crescido em força, consumiu a floresta de Khandava com a ajuda de Krishna e Arjuna, pelo bem do mundo. E Agni tendo bebido vários rios de gordura e medula ficou muito satisfeito, e se mostrou para Arjuna. Então Purandara, cercado pelos Maruts, desceu do firmamento e dirigiu-se a Partha e Kesava dizendo, ‘Vocês realizaram uma façanha que nem um celestial poderia realizar. Peçam cada um uma bênção que não seja obtenível por nenhum homem. Eu estou satisfeito com vocês.’

Vaisampayana continuou, 'Então Partha pediu de Indra todas as suas armas. A isto Sakra de grande esplendor, tendo fixado o momento para dá-las, disse, 'Quando o ilustre Madhava ficar satisfeito contigo, então, ó filho de Pandu, eu te darei todas as minhas armas! Ó príncipe da linhagem Kuru, eu saberei quando

chegar a hora. Igualmente por teu ascetismo austero eu te darei todas as minhas armas de fogo e todas as minhas armas Vayavya, e tu também aceitarás elas todas de mim.' Então Vasudeva pediu que sua amizade com Arjuna pudesse ser eterna. O chefe dos celestiais concedeu ao inteligente Krishna a bênção que ele desejava. E tendo concedido estes benefícios para Krishna e Arjuna, o senhor dos Maruts, acompanhado pelos celestiais, ascendeu para o céu, tendo também falado com Hutasana (aquele cuja comida é a manteiga sacrifical). Agni também, tendo queimado aquela floresta com seus animais e aves por quinze dias, ficou satisfeito e parou de queimar. Tendo comido carne em abundância e bebido gordura e sangue, ele ficou muito satisfeito, e se dirigiu a Achyuta e Arjuna dizendo, 'Eu fui satisfeito por vocês dois tigres entre homens. Por minha ordem, ó heróis, vocês serão capazes de ir aonde quer que escolham!' Assim endereçados pelo ilustre Agni, Arjuna e Vasudeva e o Danava Maya também, aqueles três, tendo vagado um pouco finalmente se sentaram nas margens encantadoras de um rio.'

Fim do Adi Parva.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 2

SABHA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO
Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Maya pedido para construir um palácio em retribuição pelo salvamento do fogo.	5
2	Krishna deixa os Pandavas.	6
3	Maya constrói o palácio.	7
4	Yudhishthira entra no palácio.	9
5	Narada questiona Yudhishthira sobre as ações/deveres de um rei.	11
6	Yudhishthira pergunta sobre salões de reunião celestes.	18
7	Pushkaramalini (Mansão de reuniões de Indra).	19
8	Casa de reuniões de Yama.	20
9	Casa de reuniões de Varuna.	22
10	Casa de reuniões de Kuvera.	23
11	Sabha de Brahma.	25
12	Atos de Harischandra levam-no para a mansão de Sakra. Yudhishthira ouve sobre o sacrifício Rajasurya.	27
13	Yudhishthira consulta sobre o sacrifício. Ele questiona Krishna.	29
14	Krishna o adverte do poder de Jarasandha.	32
15	Eles discutem atacar Jarasandha.	35
16	Arjuna fala – opinião é lutar.	36
17	Krishna relata nascimento do filho do rei Vrihadratha.	37
18	História.	40
19	Jarasandha obtém o trono.	41
20	Krishna, Arjuna e Bhima partem para lutar com Jarasandha.	42
21	Entram na cidade. Derrubam um topo. São recebidos no palácio.	44
22	Encontro com Jarasandha. Resolvem lutar.	46
23	Luta começa. Jarasandha se cansa no 14º dia.	48
24	Jarasandha é morto. Reis aprisionados são libertados. Presentes feitos para Yudhishthira.	50
25	Pandavas partem para subjugar o mundo – Norte, Sul, Leste e Oeste.	53
26	Arjuna vai para o Norte.	54
27	Arjuna.	55
28	Bhima vai para o Leste.	56
29	Bhima.	57
30	Sahadeva no Sul. Rei Nila e Agni cessam uma luta.	58
31	Nakula no Oeste.	62
32	Yudhishthira começa o sacrifício.	63
33	Reis chegam, incluindo Dhritarashtra e Duryodhana.	66
34	Tributos trazidos.	67
35	Narada está consciente da verdadeira posição de Krishna e deuses encarnados.	68
36	Sisupala, rei de Chedi, fala contra oferta do Arghya para Krishna.	70
37	Yudhishthira e Bhishma falam para Sisupala.	71
38	Sisupala incita os monarcas a interromper o sacrifício.	73
39	Yudhishthira consulta Bhishma.	74
40	Sisupala critica Bhishma.	75

41	Bhima fica zangado.	77
42	História do nascimento de Sisupala – ele zurrou como um asno.	78
43	Sisupala continua criticando Bhishma – compara-o com a ave Bhulinga, a qual prega contra a imprudência, mas come da boca dos leões. Bhishma desafia os reis a combaterem Krishna.	79
44	Krishna corta a cabeça de Sisupala com seu disco. O sacrifício termina. Monarcas vão para casa exceto Duryodhana e Sakuni.	80
45	Vyasa fala para Yudhishthira que por 13 anos haverá presságios nas regiões celestes, atmosféricas e terrestres, terminando com a queda dos Kshatriyas. Deprime Yudhishthira que promete nunca discutir com ninguém.	84
46	Duryodhana volta para casa, ciumento e embaraçado (depois de cair no lago, etc., iludido no palácio dos Pandavas de Maya).	85
47	Duryodhana e Sakuni tramam contra os Pandavas.	87
48	Dhritarashtra concorda em deixar o jogo de dados começar com os Pandavas. Vidura enviado para os Pandavas.	88
49	Dhritarashtra tenda dissuadir Duryodhana.	91
50	Duryodhana descreve tributos feitos para Yudhishthira.	93
51	Idem.	95
52	Idem.	97
53	Dhritarashtra se dirige novamente a Duryodhana.	98
54	Duryodhana tenta dominar seu pai.	99
55	Dhritarashtra cede. Pandavas mandados buscar. Salão construído.	100
56	Vidura se queixa. Dhritarashtra se resigna ao destino.	101
57	Pandavas vão para Hastinapura.	102
58	Sakuni persuade Yudhishthira a jogar.	104
59	O jogo começa.	105
60	Jogo. Yudhishthira perdendo tudo.	106
61	Vidura implora para Dhritarashtra deixar Duryodhana ser morto.	108
62	Vidura falando.	109
63	Duryodhana revida.	110
64	Yudhishthira perde o restante da riqueza, Pandavas e Draupadi.	111
65	Vidura fala contra a vitória.	114
66	Draupadi arrastada para o salão.	115
67	Tentativa de despir Draupadi – Dharma repõe os mantos. Citação de Prahlada sobre responder a pergunta de Draupadi.	119
68	Bhishma questionado por Draupadi quanto a se ela foi ganha.	123
69	Pandavas pedidos para falar. Bhima fala.	124
70	Discussão ulterior. Dhritarashtra oferece dois benefícios para Draupadi. Os Pandavas são libertados.	126
71	Bhima está furioso.	128
72	Dhritarashtra liberta os Pandavas.	129
73	Conspiração para jogar novamente e exilar os Pandavas. Dhritarashtra concorda desconsiderando Drona, etc.	130
74	Dhritarashtra desconsidera Gandhari.	131

75	Retorno ao jogo de dados e jogada pelo exílio.	132
76	Pandavas partindo, prometendo destruir os Kurus em batalha.	133
77	Partida.	136
78	Kunti lamenta.	137
79	Drona prediz grande calamidade pelos maus presságios.	139
80	Sanjaya se dirige a Dhritarashtra.	142

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

(Sabhakriya Parva)

Om! Tendo reverenciado Narayana e Nara, o mais sublime ser masculino, e também a deusa Saraswati, a palavra Jaya deve ser proferida.

Vaisampayana disse, “Então, na presença de Vasudeva, Maya Danava, tendo adorado Arjuna, repetidamente falou a ele com as mãos unidas e em palavras amáveis, 'Ó filho de Kunti, eu fui salvo por ti de Krishna e ao mesmo tempo do Pavaka (fogo) desejoso de me consumir. Diga-me o que eu posso fazer por ti.’

Arjuna disse, ‘Ó grande Asura, tudo já foi feito por ti (justamente por esta tu oferta). Abençoado sejas! Vá para onde quiseres. Seja benigno e favorável a mim, como nós igualmente somos benignos e bem satisfeitos contigo!’

Maya disse, ‘Ó touro entre homens, o que tu disseste é digno de ti, ó nobre. Mas, ó Bharata, eu desejo fazer alguma coisa para ti alegremente. Eu sou um grande artista, um Viswakarma entre os Danavas. Ó filho de Pandu, sendo o que sou eu desejo fazer alguma coisa para ti.’

Arjuna disse, ‘Ó impecável, tu te consideras como salvo (por mim) da morte iminente. Mesmo que seja assim eu não posso fazer com que tu faças qualquer coisa para mim. Ao mesmo tempo, ó Danava, eu não desejo frustrar tuas intenções. Faça alguma coisa para Krishna. Isto será suficiente para quitar meus serviços a ti.’”

Vaisampayana disse, “Então, ó touro da raça Bharata, a pedido de Maya, Vasudeva refletiu por um momento quanto ao que ele deveria pedir para Maya realizar. Krishna, o Senhor do universo e o Criador de todos os objetos, tendo refletido em sua mente, assim ordenou Maya, 'Que um suntuoso sabha (salão de reuniões) como tu escolheres, seja construído (por ti), se tu, ó filho de Diti, que és o principal de todos os artistas, desejas fazer bem para Yudhishthira o justo. De fato, construa tal palácio que pessoas pertencentes ao mundo dos homens não sejam capazes de imitá-lo mesmo depois de examiná-lo com cuidado, enquanto colocadas dentro. E, ó Maya, construa uma mansão na qual nós possamos ver uma combinação projetos divinos, asúricos e humanos.'”

Vaisampayana continuou, “Tendo ouvido estas palavras, Maya ficou muito contente. E ele em seguida construiu um palácio magnífico para o filho de Pandu, como os próprios palácios celestiais. Então Krishna e Partha (Arjuna) depois de terem relatado tudo ao rei Yudhishthira, o justo, apresentaram Maya a ele. Yudhishthira recebeu Maya com respeito, oferecendo a ele a honra que ele merecia. E, ó Bharata, Maya aceitou aquela honra pensando muito bem sobre aquilo. Ó monarca da linhagem Bharata, aquele grande filho de Diti então narrou para os filhos de Pandu a história do Danava Vrisha-parva, e aquele principal dos artistas, então, tendo descansado algum tempo, se pôs, depois de muito planejamento cuidadoso, a construir um palácio para os filhos ilustres de Pandu.

De acordo com os desejos de Krishna e dos filhos de Pritha, o ilustre Danava de grande destreza, tendo realizado em um dia auspicioso os ritos iniciais propiciatórios de fundação, e tendo também gratificado milhares de Brahmanas bem versados com leite adoçado e arroz e com presentes valiosos de vários tipos, mediu um trecho de terra de cinco mil cúbitos quadrados, que era encantador e extremamente belo de se olhar e que era conveniente para a construção de um prédio bem apropriado às exigências de todas as estações."

2

Vaisampayana disse, "Janardana, que merecia o culto de todos, tendo vivido felizmente em Khandavaprastha por algum tempo, e tendo sido tratado todo o tempo com amor respeitoso e afeto pelos filhos de Pritha, ficou desejoso um dia de deixar Khandavaprastha para ver seu pai. Aquele possuidor de olhos grandes, a quem era devida a homenagem do universo, então saudou Yudhishthira e Pritha e prestou homenagem com sua cabeça aos pés de Kunti, irmã do seu pai. Assim reverenciada por Kesava, Pritha cheirou sua cabeça e o abraçou. O ilustre Hrishikesa se aproximou de sua irmã Subhadra carinhosamente, com seus olhos cheios de lágrimas, e falou a ela palavras de grande importância e verdade, concisas e apropriadas, irrefutáveis e repletas de benefícios. Subhadra de voz doce também, saudando-o em retorno e adorando-o repetidamente com a cabeça inclinada, lhe disse tudo o que ela desejava que fosse transmitido de sua parte a seus parentes do lado paterno. E se despedindo e proferindo bênçãos sobre sua bela irmã, aquele da linhagem Vrishni em seguida viu Draupadi e Dhaumya. Aquele melhor dos homens fez devidamente sua homenagem a Dhaumya, e consolando Draupadi obteve a permissão dela. Então o erudito e poderoso Krishna, acompanhado por Partha, foi até seus primos. E cercado pelos cinco irmãos, Krishna brilhava como Sakra no meio dos celestiais. Ele cuja bandeira leva a figura de Garuda, desejoso de realizar os ritos preparatórios para o começo de uma viagem, purificou-se com um banho e se enfeitou com ornamentos. O touro da raça Yadu então adorou os deuses e os Brahmanas com coroas florais, mantras, inclinações de cabeça, e perfumes excelentes. Tendo terminado todos aqueles ritos, aquele mais importante dos homens constantes e virtuosos então pensou em se pôr a caminho. O chefe da raça Yadu então saiu do aposento interno para o externo, e saindo de lá ele fez aos Brahmanas, merecedores de culto, oferendas de recipientes cheios de coalhada e frutas e grãos crestados, e os fez pronunciar bênçãos sobre si. E fazendo a eles também presentes de riqueza, ele circungirou-os. Então subindo em seu carro excelente de ouro dotado de grande velocidade e adornado com a bandeira que levava a figura de Tarkhya (Garuda) e equipado também com maça, disco, espada, seu arco Sharnga e outras armas, e unindo a ele seus cavalos Saivya e Sugriva, aquele de olhos como lótus partiu em uma hora excelente em um dia lunar de uma auspiciosa conjunção estelar. E Yudhishthira, o rei dos Kurus, por afeição, subiu na carruagem depois de Krishna, e fazendo aquele melhor dos cocheiros, Daruka, ficar de lado, pegou as rédeas ele mesmo. E Arjuna também, de braços longos, subindo naquele carro,

andou ao redor de Krishna e o abanou com um chamara branco equipado com um cabo de ouro. E o poderoso Bhimasena acompanhado pelos irmãos gêmeos Nakula e Sahadeva, e os sacerdotes e cidadãos todos seguiram atrás de Krishna. E Kesava, o matador de heróis hostis, seguido por todos os irmãos, brilhava como um preceptor seguido por seus pupilos prediletos. Então Govinda falou a Arjuna e o abraçou firmemente, e reverenciando Yudhishthira e Bhima, abraçou os gêmeos. E abraçado em retorno pelos três Pandavas mais velhos, ele foi saudado com reverência pelos gêmeos. Depois de terem percorrido metade de um Yojana (duas milhas), Krishna, o subjugador de cidades hostis, respeitosamente endereçou-se a Yudhishthira e lhe pediu, ó Bharata, para parar de segui-lo mais adiante. E Govinda, conhecedor de todos os deveres, então saudou Yudhishthira com reverência e tocou seus pés. Mas Yudhishthira logo ergueu Kesava e cheirou sua cabeça. O rei Yudhishthira, o justo, o filho de Pandu, tendo erguido Krishna dotado de olhos como pétalas de lótus e o principal da linhagem Yadava, se despediu dizendo 'Adeus!' Então o matador de Madhu, marcando um compromisso com eles (sobre seu retorno) em palavras que eram apropriadas, e impedindo com dificuldade os Pandavas de segui-lo adiante a pé, prosseguiu alegremente em direção à sua própria cidade, como Indra indo em direção à Amravati. Pelo amor e afeto que tinham por ele, os Pandavas observaram Krishna por todo o tempo em que ele esteve dentro do seu campo de visão, e suas mentes também o seguiram quando ele saiu de vista. E Kesava de aparência agradável logo desapareceu de sua vista insatisfeita, embora suas mentes estivessem com o olhar nele. Aqueles touros entre homens, os filhos de Pritha, com mentes fixas em Govinda, desistiram (de segui-lo adiante) e a contragosto voltaram para sua própria cidade com pressa. E Krishna em seu carro logo alcançou Dwaraka seguido por aquele herói Satyaki. Então Sauri, o filho de Devaki, acompanhado por seu cocheiro Daruka alcançou Dwaraka com a velocidade de Garuda.”

Vaisampayana continuou, "Enquanto isto o rei Yudhishthira de glória imorredoura, acompanhado por seus irmãos e cercado por amigos, entrou em sua capital excelente. E aquele tigre entre homens, despedindo educadamente todos os seus parentes, irmãos, e filhos, procurou fazer-se feliz na companhia de Draupadi. E Kesava também, adorado pelos principais Yadavas incluindo Ugrasena, entrou com o coração feliz na sua própria cidade excelente. E reverenciando seu velho pai e sua mãe ilustre, e saudando (seu irmão) Valadeva, aquele de olhos como pétalas de lótus tomou seu assento. Abraçando Pradyumna, Shamva, Nishatha, Charudeshna, Gada, Aniruddha e Bhanu, e obtendo a permissão de todos os homens idosos, Janardana entrou nos aposentos de Rukmini."

3

Vaisampayana disse, "Então Maya Danava endereçou-se a Arjuna, aquele principal dos guerreiros bem sucedidos, dizendo, 'Eu agora parto com tua permissão, mas logo retornarei. No norte do cume Kailasa perto das montanhas de Mainaka, enquanto os Danavas estavam dedicados a um sacrifício nas

margens do lago Vindu, eu coletei uma enorme quantidade encantadora e variada de Vanda (um tipo de material áspero) composto de jóias e pedras preciosas. Esta foi colocada na mansão de Vrishaparva sempre dedicado à verdade. Se ela ainda existir, eu voltarei, ó Bharata, trazendo-a. Eu então começarei a construção do palácio encantador dos Pandavas, o qual será adornado com todas as espécies de jóias e célebre no mundo inteiro. Lá está também, eu acho, ó tu da raça Kuru, uma maça feroz colocada no lago Vindu pelo Rei (dos Davanas) depois de massacrar com ela todos os seus inimigos em batalha. Além de ser pesada e forte e matizada com saliências douradas, ela é capaz de suportar um grande peso, e de matar todos os inimigos, e é igual em força a cem mil maças. É uma arma apropriada para Bhima, assim como o Gandiva é para ti. Há também (naquele lago) uma grande concha chamada Devadatta de som alto, que veio de Varuna. Eu sem dúvida te darei todos eles.' Tendo falado assim a Partha, o Asura partiu na direção norte oriental. No norte de Kailasa nas montanhas de Mainaka há um pico enorme de jóias e pedras preciosas chamado Hiranya-sringa. Perto daquele cume há um lago encantador de nome Vindu. Lá, em suas margens, antigamente o rei Bhagiratha morou por muitos anos, desejando ver a deusa Ganga, desde então chamada Bhagirathee pelo nome daquele rei. E lá, em suas margens, ó melhor dos Bharatas, Indra, o ilustre senhor de todas as coisas criadas, realizou cem grandes sacrifícios. Lá, por causa da beleza, embora não segundo os ditames da ordenança, foram colocadas estacas sacrificais feitas de pedras preciosas e altares de ouro. Lá, depois de realizar aqueles sacrifícios, o marido de mil olhos de Sachi tornou-se coroado com sucesso. Lá o feroz Mahadeva, o senhor eterno de todas as criaturas, fixou sua residência depois de ter criado todos os mundos e lá ele habita, adorado com reverência por milhares de espíritos. Lá Nara e Narayana, Brahma e Yama e Sthanu, o quinto, realizam seus sacrifícios no término de mil yugas. Lá, para o estabelecimento da virtude e religião, Vasudeva, com virtuosa devoção, realizou seus sacrifícios que se estenderam por muitos, muitos longos anos. Lá foram colocadas por Keshava milhares e dezenas de milhares de estacas sacrificais adornadas com guirlandas douradas e altares de grande esplendor. Indo para lá, ó Bharata, Maya trouxe de volta a maça e a concha e os vários artigos cristalinos que tinham pertencido ao rei Vrishaparva. E o grande Asura Maya, tendo ido para lá, obteve ele mesmo toda a grande riqueza que era guardada por Yakshas e Rakshasas. Trazendo-a, o Asura construiu com ela um palácio inigualável, que era de grande beleza e de feitio celeste, composto totalmente de jóias e pedras preciosas, e célebre por toda parte nos três mundos. Ele deu para Bhimasena aquela melhor das maças, e para Arjuna a mais excelente concha, por cujo som todas as criaturas tremiam apavoradas. E o palácio que Maya construiu se baseava em colunas de ouro, e ocupava, ó monarca, uma área de cinco mil cúbitos. O palácio possuía uma forma extremamente bela, como a de Agni ou Suryya, ou Soma, e brilhava em grande esplendor, e por seu brilho ela parecia escurecer os brilhantes raios do sol. E com a refulgência que manifestava, a qual era uma mistura de luz celestial e terrestre, parecia como se ela estivesse no fogo. Como uma massa de nuvens novas visíveis no céu, o palácio ergueu-se surgindo à vista de todos. De fato, o palácio que o habilidoso Maya construiu era tão amplo, encantador, e refrescante, e composto de tais materiais excelentes, e provido de tais paredes douradas e

arcadas, e adornado com tantos quadros variados, e também tão rico e bem construído, que em beleza ele superava Sudharma da raça Dasarha, ou a mansão do próprio Brahma. E oito mil Rakshasas chamados Kinkaras, ferozes, de corpo enorme e dotados de grande força, de olhos vermelhos acobreados e orelhas pontudas, bem armados e capazes de percorrer o ar, costumavam guardar e proteger aquele palácio. Dentro daquele palácio Maya colocou um tanque inigualável, e naquele tanque havia lotos com folhas da cor de pedras preciosas escuras e caules de jóias brilhantes, e outras flores também de folhas douradas. E aves aquáticas de várias espécies se divertiam em sua superfície. Com uma diversidade de lotos totalmente abertos e suprido com peixes e tartarugas de cor dourada, seu fundo não tinha lama e sua água era transparente. Havia um lance de escadas de cristal que conduzia de uma margem à outra da água. As brisas suaves que sopravam ao longo de sua superfície balançavam suavemente as flores que o enfeitavam. As margens daquele tanque eram revestidas com blocos de mármore caro com pérolas fixadas. E vendo aquele tanque assim totalmente enfeitado com jóias e pedras preciosas, muitos reis que foram lá o confundiram com terra e caíram dentro dele com os olhos abertos. Muitas árvores altas de várias espécies foram plantadas ao redor do palácio. De folhagem verde e sombra fresca, e sempre florescendo, elas eram todas muito encantadoras de se olhar. Bosques artificiais foram colocados em volta, sempre emitindo uma fragrância deliciosa. E havia muitos tanques também que eram adornados com cisnes e Karandavas e Chakravakas (patos Brahminy) nos jardins espalhados pela mansão. E a brisa portando a fragrância dos lotos crescendo na água e (daqueles crescendo na terra) contribuíam para o prazer e a felicidade dos Pandavas. E Maya tendo construído tal salão suntuoso dentro de catorze meses, informou sua conclusão a Yudhishthira."

4

Vaisampayana disse: "Então aquele chefe de homens, o rei Yudhishthira, entrou naquele sabha suntuoso tendo primeiro alimentado dez mil Brahmanas com preparos de leite e arroz misturados com manteiga clarificada e mel com frutas e raízes, e com carne de porco e carne de veado. O rei satisfez aqueles Brahmanas superiores, que tinham vindo de vários países, com comida temperada com gergelim e preparada com vegetais chamados jibanti, com arroz misturado com manteiga clarificada, com diferentes preparações de carne, de fato com vários tipos de outras comidas, como também com numerosas iguarias que eram para serem chupadas e espécies inumeráveis de bebidas, com mantos e roupas novas, e com coroas florais excelentes. O rei também deu a cada um daqueles Brahmanas mil vacas. E, ó Bharata, a voz dos Brahmanas gratos proferindo, 'Que dia auspicioso é este!' tornou-se tão alta que parecia alcançar o próprio céu. E quando o rei Kuru entrou no sabha suntuoso tendo também adorado os deuses com vários tipos de músicas e numerosas espécies de perfumes excelentes e caros, os atletas e mímicos e combatentes premiados e bardos e panegiristas

começaram a satisfazer aquele filho ilustre de Dharma por mostrarem suas habilidades. E assim celebrando sua entrada no palácio, Yudhishthira com seus irmãos divertiu-se dentro daquele palácio como o próprio Sakra no céu. Sobre os assentos naquele palácio sentaram-se, junto com os Pandavas, Rishis e reis que vieram de vários países, estes eram, Asita e Devala, Satya, Sarpamali e Mahasira; Arvavasu, Sumitra, Maitreya, Sunaka e Vali; Vaka, Dalvya, Sthulasira, Krishna-Dwaipayana, e Suka Sumanta, Jaimini, Paila, e os discípulos de Vyasa, nós mesmos; Tittiri, Yajanavalkya, e Lomaharshana com seu filho; Apsuhomya, Dhaumya, Animandavya; e Kausika; Damoshnisha e Traivali, Parnada, e Varayanuka, Maunjayana, Vayubhaksha, Parasarya, e Sarika; Valivaka, Silivaka, Satyapala, e Krita-srama; Jatukarna, e Sikhavat. Alamva e Parijataka; o nobre Parvata, e o grande Muni Markandeya; Pavitrapani, Savarna, Bhaluki, e Galava. Janghabandhu, Raibhya, Kopavega, e Bhrigu, Harivabhru, Kaundinya, Vabhrumali, e Sanatana, Kakshivat, e Ashija, Nachiketa, e Aushija, Nachiketa, e Gautama; Painga, Varaha, Sunaka, e Sandilya de grande mérito ascético; Kukkura, Venujangha, Kalapa e Katha; estes virtuosos e eruditos Munis com sentidos e alma sob completo controle, e muitos outros numerosos, todos bem habilidosos nos Vedas e Vedangas e conhecedores da moralidade e puros e sem mácula em seu comportamento, visitaram o ilustre Yudhishthira, e o alegraram com seus discursos sagrados. E assim também numerosos Kshatriyas principais, tais como o ilustre e virtuoso Mujaketu, Vivarddhana, Sangramjit, Durmukha, o poderoso Ugrasena; Kakshasena, o senhor da Terra, Kshemaka o invencível; Kamatha, o rei de Kamvoja, e o poderoso Kampana que sozinho sempre fazia os Yavanas tremerem à menção do seu nome, assim como o deus manejador do raio fazia aqueles Asuras, os Kalakeyas, tremerem diante dele; Jatasura, e o rei dos Madrakas, Kunti, Pulinda o rei dos Kiratas, e os reis de Anga e Vanga, e Pandrya, e o rei de Udhara, e Andhaka; Sumitra, e Saivya aquele matador de inimigos; Sumanas, o rei dos Kiratas, e Chanur o rei dos Yavanas, Devarata, Bhoja, e o assim chamado Bhimaratha, Srutayudha, o rei de Kalinga, Jayasena o rei de Magadha; e Sukarman, e Chekitana, e Puru aquele matador de inimigos; Ketumata, Vasudana, e Vaideha e Kritakshana: Sudharman, Aniruddha, Srutayu dotado de grande força; o invencível Anuparaja, o belo Karmajit; Sisupala com seu filho, o rei de Karusha; e os jovens invencíveis da raça Vrishni, todos iguais em beleza aos celestiais, ou seja, Ahuka, Viprithu, Sada, Sarana, Akrura, Kritavarman, e Satyaka, o filho de Sini; e Bhismaka, Ankriti, e o poderoso Dyumatsena, aqueles principais dos arqueiros, Kaikeyas e Yajnasena da raça Somaka; estes Kshatriyas dotados de grande poder, todos bem armados e ricos, e muitos outros também considerados como os mais importantes, todos visitaram Yudhishthira, o filho de Kunti, naquele Sabha, desejosos de contribuir para sua felicidade. E aqueles príncipes também, dotados de grande força, que se vestindo em peles de veado aprenderam a ciência das armas sob Arjuna, visitaram Yudhishthira. E ó rei, os príncipes também da linhagem Vrishni, Pradyumna (o filho de Rukmini) e Samva, e Yuyudhana, o filho de Satyaki e Sudharman e Aniruddha e Saivya, aqueles principais dos homens que tinham aprendido a ciência das armas sob Arjuna, estes e muitos outros reis, ó senhor da Terra, costumavam servir Yudhishthira naquela ocasião. E aquele amigo de Dhananjaya, Tumvuru, e o Gandharva Chittasena com seus ministros, e muitos outros Gandharvas e Apsaras, bem

habilidosos em música vocal e instrumental e em cadência, e Kinnaras também versados em medidas e movimentos (musicais) cantando melodias celestes em vozes excelentes e encantadoras, serviram e alegraram os filhos de Pandu e os Rishis que se encontravam naquele Sabha. E sentados naquele Sabha, aqueles touros entre homens, de votos rígidos e dedicados à verdade, todos serviram Yudhishthira como os celestiais no céu servindo Brahma."

5

(Lokapala Sabhakhayana Parva)

Vaisampayana disse "Enquanto os Pandavas ilustres estavam sentados naquele Sabha junto com os principais Gandharvas, foi até lá, ó Bharata, àquele local, o Rishi celeste Narada, conhecedor dos Vedas e Upanishads, adorado pelos celestiais e conhecedor de histórias e Puranas, bem versado em tudo o que ocorreu em kalpas (ciclos) antigos, conhecedor de Nyaya (lógica) e da verdade da ciência moral, possuindo conhecimento completo dos seis Angas (pronúncia, gramática, prosódia, explicação de termos básicos, descrição de ritos religiosos, e astronomia). Ele era um perfeito mestre em reconciliar textos contraditórios e em diferenciar a aplicação dos princípios gerais a casos específicos, como também em interpretar contrários por referência a diferenças em situações, eloquente, resoluto, inteligente, possuidor de memória poderosa. Ele conhecia a ciência de moralidade e política, era erudito, competente em distinguir coisas inferiores das superiores, hábil em tirar inferências das evidências, competente para julgar a correção ou incorreção de afirmações silogísticas baseadas nas cinco proposições. Ele era capaz de responder sucessivamente ao próprio Vrihaspati enquanto discutindo, com conclusões definitivas devidamente moldadas sobre religião, riqueza, prazer e salvação, de grande alma e contemplando todo este universo, acima, abaixo, e os lados, como se este estivesse presente perante seus olhos. Ele era mestre em ambos os sistemas de filosofia, Sankhya e Yoga, sempre desejoso de humilhar os celestiais e Asuras por fomentar brigas entre eles, conhecedor das ciências de guerra e tratados, competente em tirar conclusões por julgar coisas não dentro da compreensão direta, como também nas seis ciências de tratado, guerra, campanhas militares, manutenção de postos contra o inimigo e estratagemas por emboscadas e reservas. Ele era um mestre completo de todos os ramos de aprendizagem, afeiçoado à guerra e música, incapaz de ser repelido por qualquer ciência ou qualquer curso de ação, e possuidor destes e de outros inúmeros talentos. O Rishi, tendo vagado por diferentes mundos, foi àquele Sabha. E o Rishi celeste de esplendor incomensurável, dotado de grande energia estava acompanhado, ó monarca, por Parijata e pelo inteligente Raivata e Saumya e Sumukha. Possuindo a velocidade da mente, o Rishi foi lá e encheu-se de alegria ao ver os Pandavas. O Brahmana, ao chegar lá, prestou homenagem a Yudhishthira por proferir bênçãos sobre ele e lhe desejar vitória. Vendo o Rishi erudito chegar, o mais velho dos Pandavas, conhecedor de todas as regras do

dever, se levantou rapidamente com seus irmãos mais novos. Curvando-se com humildade, o monarca alegremente saudou o Rishi, e deu com as devidas cerimônias um assento adequado para ele. O rei também lhe deu vacas e as usuais oferendas de Arghya incluindo mel e outros ingredientes. Conhecedor de todos os deveres o monarca também adorou o Rishi com jóias e pedras preciosas, com todo o coração. Recebendo aquele culto de Yudhishthira de forma apropriada, o Rishi ficou gratificado. Assim adorado pelos Pandavas e pelos grandes Rishis, Narada possuindo completo domínio sobre os Vedas, disse a Yudhishthira as palavras seguintes sobre religião, riqueza, prazeres e salvação.

Narada disse, 'A riqueza que tu estás ganhando está sendo gasta em objetos apropriados? Tua mente tem prazer na virtude? Tu estás desfrutando dos prazeres da vida? Tua mente não afunda sob o peso deles? Ó chefe de homens, tu continuas na conduta nobre compatível com religião e riqueza praticada por teus antepassados em relação às três classes de súditos, (bons, indiferentes, e maus)? Tu nunca ofendes a religião por causa da riqueza, ou a religião e a riqueza por prazeres que facilmente seduzem? Ó principal dos homens vitoriosos, sempre dedicado ao bem de todos, conhecedor como és da oportunidade de tudo, tu segues a religião, riqueza, prazer e salvação dividindo o teu tempo judiciosamente? Ó impecável, com os seis atributos dos reis (habilidade de discurso, boa vontade em fornecer recursos, inteligência em tratar com o inimigo, memória, e conhecimento de moralidade e política), tu estás atento aos sete meios (disseminação de desavenças, punições, conciliação, presentes, encantamentos, medicina e mágica)? Tu examinas também, depois de avaliares tua própria força e fraqueza, as catorze posses dos teus inimigos? Estas são o país, fortes, carros, elefantes, cavalaria, soldados de infantaria, os principais oficiais de estado, os aposentos das mulheres, suprimentos de comida, cálculos do exército e renda, os tratados religiosos em vigor, as contabilidades do estado, as fontes de renda, lojas de vinho e outros inimigos secretos. Tu estás atento às oito ocupações (de agricultura e comércio), tendo examinado, ó principal dos monarcas vitoriosos, os teus próprios recursos e os do teu inimigo, e tendo feito as pazes com teus inimigos? Ó touro da raça Bharata, os teus sete oficiais principais de estado (o governador da fortaleza, o comandante das forças, o juiz principal, o general em comando interior, o sacerdote principal, o principal médico, e o astrólogo mais importante), eu espero, não sucumbiram à influência dos teus inimigos, nem se tornaram indolentes por causa da riqueza que têm ganhado? Eles são, eu espero, todos obedientes a ti. Teus conselhos, eu espero, nunca são divulgados por teus espiões de confiança disfarçados, por ti mesmo ou por teus ministros? Tu averiguas, eu espero, o que os teus amigos, inimigos e desconhecidos estão fazendo? Tu fazes a paz e fazes a guerra nas épocas apropriadas? Tu observas neutralidade com relação a desconhecidos e pessoas que são neutras com relação a ti? E, ó herói, tu fazes das pessoas como tu mesmo, pessoas que são idosas, moderadas no comportamento, capazes de compreender o que deve e o que não deve ser feito, puras com relação a nascimento e sangue, e dedicadas a ti, teus ministros? Ó Bharata, as vitórias dos reis podem ser atribuídas a bons conselheiros. Ó filho, teu reino é protegido por ministros eruditos nos Sastras, que mantém seus conselhos em sigilo? Teus

inimigos são incapazes de prejudicar (o teu reino)? Tu não te tornaste um escravo do sono? Tu acordas na hora apropriada? Conhecedor das perseguições que produzem lucro, tu pensas, durante as poucas horas da noite, sobre o que tu deves fazer e o que não deves fazer no dia seguinte? Tu não decides nada só, nem te aconselhas com muitos? Os conselhos que tu aprovas não se tornam conhecidos por todo o teu reino? Tu começas logo a realizar medidas de grande utilidade e que são de fácil realização? Tais medidas nunca são obstruídas? Tu não manténs os agricultores fora da tua vista? Eles não temem se aproximar de ti? Tu realizas tuas medidas através de pessoas que são realmente incorruptíveis, e possuidoras de experiência prática? E, ó rei corajoso, eu espero, as pessoas somente conhecem as medidas já realizadas por ti e aquelas parcialmente realizadas e que estão esperando conclusão, mas não aquelas que estão somente em estudo e ainda não iniciadas? Professores experientes capazes de explicar as causas das coisas e eruditos na ciência de moralidade e em todos os ramos de aprendizagem foram nomeados para instruir os príncipes e os chefes do exército? Tu compras um único homem erudito por dar em troca mil indivíduos ignorantes? O homem que é erudito confere o maior benefício em épocas de infortúnio. Teus fortes estão sempre cheios com tesouro, comida, armas, água, máquinas e instrumentos, como também com engenheiros e arqueiros? Mesmo um único ministro que seja inteligente, corajoso, com suas paixões sob completo controle, e possuidor de sabedoria e discernimento, é capaz de conferir a maior prosperidade a um rei ou ao filho de um rei. Eu te pergunto, portanto, se há pelo menos um ministro assim contigo? Tu procuras saber tudo acerca dos dezoito Tirthas do inimigo e dos teus próprios quinze por meio de três e três espiões todos não conhecidos uns dos outros? Ó matador de todos os inimigos, tu observas todos os teus inimigos com cuidado e atenção, e despercebido por eles? O teu sacerdote é honrado, possui humildade e pureza de sangue, renome, e é desprovido de ciúmes e mesquinhez? Um Brahmana bem comportado, inteligente, e honesto, bem familiarizado com as ordenanças, é empregado por ti no desempenho dos teus ritos diários perante o fogo sagrado, e ele te faz lembrar na hora certa quando teu homa deve ser realizado? O astrólogo que tu empregas é hábil em ler fisionomia, capaz de interpretar presságios, e competente para neutralizar os efeitos dos distúrbios da natureza? Funcionários respeitáveis foram empregados por ti em trabalhos que são respeitáveis, os indiferentes em trabalhos indiferentes, e os inferiores em trabalhos que são inferiores? Tu nomeaste para trabalhos elevados ministros honestos e de boa conduta por gerações e acima da classe comum? Tu não oprimes teu povo com castigos cruéis e severos? E, ó touro da raça Bharata, os teus ministros regem teu reino sob as tuas ordens? Os teus ministros sempre te desdenham como sacerdotes sacrificais desdenhando homens que estão arruinados (e incapazes de realizar mais sacrifícios) ou como esposas desdenhando maridos que são orgulhosos e incontinentes em seu comportamento? O comandante das tuas tropas possui confiança suficiente, é corajoso, inteligente, paciente, de boa conduta, de bom nascimento, dedicado a ti, e competente? Tu tratas com consideração e respeito os principais oficiais do teu exército que são peritos em todo o tipo de bem estar social, são solícitos, bem educados, e dotados de coragem? Tu dás para tuas tropas seus mantimentos sancionados e pagas no tempo determinado? Tu não os oprimes por retê-los? Tu

sabes que a tristeza causada por atrasos de pagamento e irregularidade na distribuição dos mantimentos impele as tropas ao motim, e que é considerada pelos eruditos como uma das maiores injúrias? Todos os homens mais importantes de nascimento elevado são dedicados a ti, e estão preparados para sacrificar suas vidas com alegria na batalha por tua causa? Eu espero que nenhum indivíduo de paixões descontroladas tenha tua permissão para dirigir como quiser vários assuntos importantes e ao mesmo tempo concernentes ao exército. Algum empregado teu, que realizou bem algum trabalho específico pelo emprego de habilidade especial, ficou desapontado em obter de ti um pouco mais de respeito e um aumento de alimentação e pagamento? Eu espero que tu recompenses pessoas de erudição e humildade, e habilidade em todos os tipos de conhecimento com presentes de riqueza e honras proporcionais às suas qualificações. Tu sustentas, ó touro da raça Bharata, as esposas e filhos dos homens que deram suas vidas por ti e que ficaram desamparados por tua causa? Tu cuidas, ó filho de Pritha, com afeto paterno do inimigo que foi enfraquecido, ou daquele também que procurou tua proteção, tendo sido vencido em batalha? Ó senhor da Terra, tu és igual para com todos os homens, e todos podem se aproximar de ti sem medo, como se tu fosses a mãe e o pai deles? E ó touro da raça Bharata, tu marchas, sem perda de tempo, e refletindo bem sobre as três espécies de tropas, contra um inimigo teu quando tu tens notícia de que ele está em uma situação difícil? Ó subjugador de todos os inimigos, tu começas tua marcha quando chega a hora, tendo levado em consideração todos os presságios que tu possas ver, todas as decisões que tomaste, e que a vitória completa depende dos doze mandalas (tais como reservas, emboscadas, e pagamento para pagar as tropas em avanço)? E, ó perseguidor de todos os inimigos, tu dás pedras preciosas e jóias aos principais oficiais do inimigo, como eles merecem, sem conhecimento do teu inimigo? Ó filho de Pritha, tu procuras conquistar teus inimigos enfurecidos que são escravos de suas paixões, tendo primeiro conquistado a tua própria alma e obtido o domínio dos teus próprios sentidos? Antes de saíres em marcha contra teus inimigos, tu empregas devidamente as quatro artes de reconciliação, presentes (de riqueza), produção de desunião, e aplicação de força? Ó monarca, tu vais contra teus inimigos tendo primeiro fortalecido teu próprio reino? E tendo saído contra eles tu te esforças ao máximo para obter vitória sobre eles? E tendo conquistado-os, tu procuras protegê-los com cuidado? O teu exército consiste em quatro tipos de forças, isto é, as tropas regulares, os aliados, os mercenários, e os irregulares, cada uma equipada com oito componentes: carros, elefantes, cavalos, repartições, infantaria, criados de acampamento, espiões possuidores de conhecimento completo do país, e guardas-marinhas levados contra teus inimigos depois de terem sido bem treinados por oficiais superiores? Ó opressor de todos os inimigos, ó grande rei, eu espero que tu mates teus inimigos sem considerar suas épocas de colheita e de fome. Ó rei, eu espero que teus empregados e agentes no teu próprio reino e nos reinos dos teus inimigos continuem a cuidar de seus respectivos deveres e a proteger uns aos outros. Ó monarca, eu espero que empregados de confiança tenham sido empregados por ti para cuidar da tua alimentação, das roupas que vestes e dos perfumes que usas. Eu espero, ó rei, que tua tesouraria, celeiros, estábulos, arsenais, e aposentos das mulheres sejam todos protegidos por

empregados leais a ti que sempre procuram o teu bem-estar. Eu espero, ó monarca, que tu te protejas primeiro dos teus empregados domésticos e públicos, então daqueles servos dos teus parentes e de alguns outros. Os teus servos, ó rei, sempre falam a ti de manhã a respeito dos teus gastos extravagantes com relação à bebida, esportes, e mulheres? Os teus gastos são sempre cobertos por uma quarta, um terço ou uma metade da tua renda? Tu tratas sempre com carinho, com comida e riquezas os parentes, superiores, comerciantes, os idosos e outros protegidos, e os afligidos? Os contadores e auxiliares de escriturários empregados por ti para cuidar da tua renda e gastos, sempre calculam todo dia de manhã os valores da tua renda e dos teus gastos? Tu despedes sem falha empregados talentosos em negócios e populares e dedicados ao teu bem-estar? Ó Bharata, tu empregas os homens superiores, indiferentes, e inferiores, depois de examiná-los bem, em trabalhos que eles mereçam? Ó monarca, tu empregas em teus negócios pessoas que são desonestas ou abertas à tentação, ou hostis, ou menores? Oprimes o teu reino pela ajuda de homens desonestos ou avarentos, ou menores, ou mulheres? Os agricultores do teu reino estão contentes? Grandes tanques e lagos foram construídos por todo o teu reino em distâncias apropriadas, sem a agricultura do teu reino ser totalmente dependente das chuvas do céu? Os agricultores do teu reino estão desprovidos de sementes ou comida? Tu concedes com bondade empréstimos (de sementes de grãos) para os lavradores, pegando somente um quarto a mais de cada medida por uma centena? Ó filho, as quatro profissões de agricultura, comércio, criação de gado, e empréstimos com juros, estão sendo conduzidas por homens honestos? Destas, ó monarca, depende a felicidade do teu povo. Ó rei, os cinco homens corajosos e sábios, empenhados nos cinco trabalhos de proteger a cidade, a fortaleza, os comerciantes, e os agricultores, e de punir os criminosos, sempre beneficiam teu reino por trabalhar em união uns com os outros? Para a proteção da tua cidade, as aldeias foram feitas como cidades, e as aldeolas e arredores de aldeias como as aldeias? Todas elas estão totalmente sob tua supervisão e controle? Os ladrões e assaltantes que saqueiam tua cidade são perseguidos pela tua polícia sobre partes planas e montanhosas do teu reino? Tu confortas as mulheres e elas são protegidas no teu reino? Eu espero que tu não coloques qualquer confiança nelas, nem divulgues nenhum segredo diante de qualquer uma delas. Ó monarca, tendo ouvido sobre algum perigo qualquer e tendo sido prejudicado também, tu deitas nos teus aposentos internos desfrutando de todos os objetos agradáveis? Tendo dormido durante a segunda e terceira divisões da noite, penses sobre religião e lucro na quarta divisão. Ó filho de Pandu, levantando-te da cama na hora apropriada e te vestindo bem, tu te mostras ao teu povo, acompanhado por ministros conhecedores da auspiciosidade ou não dos momentos? Ó repressor de todos os inimigos, homens vestidos de vermelho e armados com espadas e enfeitados com ornamentos estão a postos ao teu lado para proteger tua pessoa? Ó monarca, tu te comportas como o próprio deus da justiça para com aqueles que merecem castigo e os que merecem adoração, para com os que lhe são caros e aqueles dos quais tu não gostas? Ó filho de Pritha, tu procuras a cura de doenças corpóreas por remédios e jejuns, e de doença mental com o conselho dos idosos? Eu espero que os médicos encarregados de cuidar da tua saúde sejam bons conhecedores dos oito tipos de tratamento e sejam todos ligados e dedicados a ti.

Já aconteceu, ó monarca, que por avareza ou insensatez ou orgulho tu falhaste em decidir entre o querelante e o acusado que vieram a ti? Tu privaste, por avareza ou insensatez, de suas pensões os protegidos que procuraram teu abrigo por confiança ou amor? As pessoas que moram no teu reino, compradas por teus inimigos, sempre procuram criar disputas contigo, se unindo umas com as outras? Aqueles entre teus inimigos que são fracos são sempre reprimidos pela ajuda de tropas que são fortes, pela ajuda de conselhos e tropas? Todos os principais comandantes (do teu império) são devotados a ti? Eles estão preparados para sacrificar suas vidas por tua causa, comandados por ti? Tu reverencias Brahmanas e homens sábios segundo seus méritos em relação aos vários ramos de aprendizagem? Eu te digo, tal culto é sem dúvida muito benéfico para ti. Tu tens fé na religião baseada sobre os três Vedas e praticada por homens que morreram antes de ti? Tu segues com cuidado as práticas que foram seguidas por eles? Brahmanas ilustres são entretidos na tua casa e na tua presença com comida nutritiva e excelente, e eles também obtém presentes pecuniários no término daqueles banquetes? Tu, com paixões sob total controle e com sinceridade de mente, te esforças para realizar os sacrifícios chamados Vajapeya e Pundarika com todos os complementos dos ritos? Tu reverencias teus parentes e superiores, os idosos, os deuses, os ascetas, os Brahmanas, e as altas árvores (banian) nas aldeias, que são de tanto benefício para as pessoas? Ó impecável, tu já causaste dor ou raiva a alguém? Sacerdotes capazes de te conceder resultados auspiciosos estão sempre a postos ao teu lado? Ó impecável, tuas tendências e práticas são tais como eu as descrevi, e que sempre aumentam a duração da vida e propagam o renome de alguém e que sempre ajudam a causa da religião, prazer, e lucro? Aquele que se comporta dessa maneira nunca encontra seu reino afligido ou miserável; e tal monarca, subjugando toda a terra, desfruta de um alto grau de felicidade. Ó monarca, eu espero que nenhuma pessoa bem comportada, de alma pura, e respeitada seja alguma vez arruinada e sua vida tirada, por causa de uma acusação falsa ou roubo, por teus ministros ignorantes dos Sastras e agindo por cobiça? E, ó touro entre homens, eu espero que teus ministros nunca libertem um ladrão verdadeiro por cobiça, sabendo que ele era tal e tendo-o detido com os despojos. Ó Bharata, eu espero que teus ministros nunca sejam conquistados por subornos, nem que eles decidam injustamente as disputas levantadas entre os ricos e os pobres. Tu te manténs livre dos catorze vícios dos reis, que são: ateísmo, falsidade, raiva, descuido, protelação, não visitação aos sábios, ociosidade, inquietação mental, aconselhamento com um único homem, consulta com pessoas não conhecedoras da ciência de lucro, abandono de um plano determinado, divulgação de conselhos, não realização de projetos benéficos, e empreendimento de tudo sem reflexão? Por estes, ó rei, até monarcas firmemente estabelecidos em seus tronos são arruinados. Teu estudo dos Vedas, tua riqueza e conhecimento dos Sastras e casamento tem sido proveitosos?'"

Vaisampayana continuou, "Depois que o Rishi tinha terminado, Yudhishthira perguntou, 'Como, ó Rishi, os Vedas, a riqueza, a esposa, e o conhecimento dos Sastras dão resultados?'

O Rishi respondeu, ‘É dito que os Vedas dão frutos quando aquele que os estudou realiza o Agnihotra e outros sacrifícios. A riqueza quando aquele que a tem a desfruta ele mesmo e a dá em caridade. Uma esposa quando ela é útil e quando ela gera filhos. E o conhecimento dos Sastras quando ele resulta em humildade e bom comportamento.’”

Vaisampayana continuou, “O grande asceta Narada, tendo respondido a Yudhishthira dessa forma, outra vez perguntou àquele soberano, ‘Os oficiais do teu governo, ó rei, que são pagos pelos impostos arrecadados na comunidade, pegam apenas as quotas devidas dos comerciantes que vieram para os teus territórios de terras distantes impelidos pelo desejo de lucro? São os comerciantes, ó rei, tratados com consideração na tua capital e reino, capazes de trazer seus bens para cá sem serem enganados pelos pretextos falsos de (ambos os compradores e os oficiais de governo)?

Tu sempre ouves, ó monarca, às palavras, repletas de instruções sobre religião e riqueza, de homens idosos conhecedores das doutrinas econômicas? Os presentes de mel e manteiga clarificada feitos aos Brahmanas são destinados ao aumento da produção agrícola, das vacas, das frutas e flores, e pela causa da virtude? Tu dás sempre, ó rei, regularmente a todos os artesões e artistas empregados os materiais de seus trabalhos e seus salários por períodos não maiores do que quatro meses? Tu examinas os trabalhos realizados por aqueles que são empregados por ti, e os elogias perante bons homens, e recompensas-os, tendo lhes mostrado o respeito apropriado? Ó touro da raça Bharata, tu segues os aforismos (dos sábios) a respeito de todo assunto em particular relativo a elefantes, cavalos, e carros? Ó touro da raça Bharata, os aforismos relativos à ciência de armas, como também os que dizem respeito ao uso de máquinas em guerra, tão úteis para cidades e lugares fortificados, são estudados na tua corte? Ó impecável, tu és familiarizado com todos os encantamentos misteriosos, e com os segredos de venenos destrutivos de todos os inimigos? Tu proteges teu reino do medo do fogo, de cobras e de outros animais destrutivos da vida, de doença, e Rakshasas? Como tu és conhecedor de todos os deveres, tu tratas como um pai os cegos, os estúpidos, os coxos, os deformados, os desamparados, e ascetas que não tem casa? Tu baniste estes seis males, ó monarca: sono, ociosidade, medo, raiva, fraqueza de mente, e protelação?'”

Vaisampayana continuou, “O touro ilustre entre os Kurus, tendo ouvido estas palavras daquele melhor dos Brahmanas, curvou-se a ele e adorou seus pés. E satisfeito com tudo o que ouviu, o monarca disse a Narada de forma celestial, ‘Eu farei tudo o que me aconselhaste, pois meu conhecimento se ampliou sob os teus conselhos!' Tendo dito isso o rei agiu conforme aqueles conselhos, e com o tempo ganhou toda a Terra limitada por sua faixa de mares. Narada outra vez falou, dizendo, ‘Aquele rei que está assim empenhado na proteção das quatro classes, Brahmanas, Kshatriyas, Vaishyas, e Sudras, passa seus dias aqui em felicidade e alcança na vida após a morte a região de Sakra (céu).'”

6

Vaisampayana disse, “Após a conclusão das palavras de Narada, o rei Yudhishthira, o justo o adorou devidamente; e mandado por ele o monarca começou a responder sucintamente às perguntas que o Rishi tinha feito.

Yudhishthira disse 'Ó santo, as verdades de religião e de moralidade que tu indicaste uma após a outra são justas e apropriadas. Como relação a mim, eu cumpro devidamente as ordenanças o melhor que posso. De fato, os atos que foram devidamente realizados pelos monarcas de antigamente devem, sem dúvida, ser considerados como portadores de resultados apropriados, e empreendidos por razões sólidas para a obtenção de objetos apropriados. Ó mestre, nós desejamos trilhar o caminho virtuoso daqueles soberanos que tinham, além disso, suas almas sob controle completo.’”

Vaisampayana continuou, "Yudhishthira, o filho de Pandu, possuidor de grande glória, tendo recebido com reverência as palavras de Narada e tendo também respondido ao Rishi dessa forma, refletiu por um momento. E percebendo uma oportunidade apropriada, o monarca, sentado junto ao Rishi, pediu a Narada que estava sentado confortavelmente e que era capaz de ir a qualquer mundo que quisesse, na presença daqueles reis reunidos, dizendo, 'Possuidor da velocidade da mente, tu viajaste por vários e muitos mundos criados nos tempos antigos por Brahma, contemplando tudo. Diga-me, eu te peço, se, ó Brahmana, alguma vez viste em algum lugar uma sala de reunião como esta minha ou superior a ela!' Ouvindo essas palavras de Yudhishthira, o justo, Narada sorridente respondeu ao filho de Pandu nestas palavras gentis.

Narada disse, 'Ó filho, ó rei, eu nem vi nem ouvi falar entre os homens de qualquer sala de reuniões construída de jóias e pedras preciosas como esta tua, ó Bharata. Eu, no entanto, descreverei para ti as salas do rei dos mortos (Yama), de Varuna (Netuno) de grande inteligência, de Indra o rei dos deuses e também daquele que tem sua casa em Kailasha (Kuvera). Eu também descreverei o Sabha celeste de Brahma que dissipa todo tipo de inquietude. Todas aquelas salas de reuniões mostram em sua estrutura projetos celestes e humanos e apresentam todas as espécies de formas que existem no universo. E elas são sempre adoradas pelos deuses e Pitris, pelos Sadhyas, (divindades inferiores chamadas Gana), por ascetas oferecendo sacrifícios com almas sob total comando, e por Munis pacíficos empenhados sem intervalo em sacrifícios Védicos com presentes para os Brahmanas. Eu descreverei tudo isto para ti se, ó touro da raça Bharata, tu tiveres alguma disposição para me escutar!'”

Vaisampayana continuou, "Endereçado por Narada dessa forma, o rei de grande alma, Yudhishthira, o justo, com seus irmãos e todos aqueles principais dos Brahmanas (sentados em volta dele), uniram suas mãos (em súplica). E o monarca então pediu a Narada, dizendo, 'Descreva para nós todas aquelas salas de reuniões. Nós desejamos te escutar. Ó Brahmana, quais são os artigos com os quais cada um dos Sabhas são feitos? Qual é a área de cada um, e qual é o comprimento e largura que de cada um? Quem serve o Avô naquela sala de

reuniões? E também a Vasava, o Senhor dos celestiais também a Yama, o filho de Vivaswana? Quem serve Varuna e Kuvera em suas respectivas salas de reuniões? Ó Rishi Brahmana, conte-nos tudo sobre isto. Todos nós juntos desejamos te ouvir descrevê-los. De fato, nossa curiosidade é grande.' Assim endereçado pelo filho de Pandu, Narada respondeu, dizendo, 'Ó monarca, ouça tudo acerca daquelas salas de reuniões celestes uma após outra.'"

7

"Narada disse, 'A sala celestial de reuniões de Sakra é cheia de brilho. Ele a obteve como fruto de seus próprios atos. Possuidora do esplendor do sol ela foi construída, ó descendente da linhagem Kuru, pelo próprio Sakra. Capaz de ir a todo lugar à vontade, aquela casa de reuniões celeste tem cento e cinquenta yojanas de comprimento, e cem yojanas de largura, e cinco yojanas de altura completos. Dissipando a fraqueza da idade, dor, fadiga, e medo, auspiciosa e outorgante de boa sorte, cheia de quartos e assentos e adornada com árvores celestes, ela é encantadora ao extremo. Lá naquela sala de reuniões, ó filho de Pritha, senta-se em um assento excelente o Senhor dos celestiais, com sua esposa Sachi dotada de beleza e riqueza. Assumindo uma forma incapaz de ser descrita por sua imprecisão, com uma coroa em sua cabeça e pulseiras brilhantes na parte superior de seus braços, vestido em mantos de branco puro e enfeitado com coroas florais de muitas cores, lá ele se senta com beleza, fama, e glória ao seu lado. E a divindade ilustre de cem sacrifícios é diariamente servida, ó monarca, naquela assembléia pelos Marutas em conjunto, cada um levando a vida de um chefe de sua família no seio de sua família. E os Siddhyas, Rishis celestes, os Sadhyas no total, os deuses, e Marutas de cor brilhante e enfeitados com guirlandas douradas, todos eles em forma celeste e enfeitados com ornamentos, sempre servem e adoram o chefe ilustre dos imortais, aquele poderoso repressor de todos os inimigos. E ó filho de Pritha, os Rishis celestes também, todos de almas puras, com os pecados completamente purificados e resplandecentes como fogo, e possuidores de energia, e sem tristeza de qualquer espécie, e livres da febre da ansiedade, e todos realizadores do sacrifício Soma, também servem e adoram Indra. E Parasara e Parvata e Savarni e Galava; e Sankha, e o Muni, Gaursiras, e Durvasa, e Krodhana e Swena e o Muni Dhirghatamas; e Pavitrapani, Savarni, Yajnavalkya e Bhaluki; e Udyalaka, Swetaketu, e Tandya, e também Bhandayani; e Havishmat, e Garishta, e o rei Harischandra; e Hridya, Udarshandilya, Parasarya, Krishivala; Vataskandha, Visakha, Vidhatas e Kala. Karaladanta, Tastri, e Vishwakarman, e Tumuru; e outros Rishis, alguns nascidos de mulheres e outros vivendo no ar, e outros vivendo no fogo, estes todos adoram Indra, o manejador do raio, o senhor de todos os mundos. E Sahadeva, e Sunitha, e Valmiki de grande mérito ascético; e Samika de fala sincera, e Prachetas sempre cumpridor de suas promessas, e Medhatithi, e Vamadeva, e Pulastya, Pulaha e Kratu; e Maruta e Marichi, e Sthanu de grande mérito ascético; e Kakshivat, e Gautama, e Tarkhya, e também o Muni Vaishwanara; e o Muni Kalakavrikhiya e Asravya, e também Hiranmaya, e Samvartta, e Dehavya, e

Viswaksena de grande energia; e Kanwa, e Katyayana o rei, e Gargya, e Kaushika; todos estão lá presentes junto com as águas celestes e plantas; e fé, e inteligência, e a deusa do saber, e riqueza, religião, e prazer; e relâmpago. Ó filho de Pandu; e as nuvens carregadas de chuva, e os ventos, e todas as forças ressonantes do céu; o ponto do leste, os vinte e sete fogos que transportam a manteiga sacrifical, Agni e Soma, e o fogo de Indra, e Mitra, e Savitri, e Aryaman; Bhaga, Viswa, os Sadhyas, o preceptor (Vrihaspati), e também Sukra; e Vishwavasu e Chitrasena, e Sumanas, e também Taruna; os Sacrifícios, os presentes para os Brahmanas, os planetas, e as estrelas, ó Bharata, e os mantras que são proferidos em sacrifícios, todos estão lá presentes. E, ó rei, muitas Apsaras e Gandharvas, por meio de vários tipos de dança e música instrumental e vocal, e pela prática de ritos propícios, e pela exibição de muitas façanhas de habilidade, satisfazem o senhor dos celestiais, Satakratu, o ilustre matador de Vala e Vritra. Além destes, muitos outros Brahmanas e nobres e Rishis celestes, todos resplandecentes como o fogo, enfeitados com coroas florais e ornamentos, frequentemente chegam e deixam aquela reunião, em carros celestes de vários modelos. E Vrihaspati e Sukra estão presentes lá em todas as ocasiões. Estes e muitos outros ascetas ilustres de votos rígidos, e Bhrigu e os sete Rishis que são iguais, ó rei, ao próprio Brahma, chegam e deixam aquela casa de reuniões, em carros belos como o carro de Soma, e eles mesmos dentro (dos carros) parecendo tão brilhantes como o próprio Soma. Esta, ó monarca poderosamente armado, é a casa de reuniões chamada Pushkaramalini, de Indra de cem sacrifícios, que eu vi. Escute agora ao relato sobre a casa de reuniões de Yama.'

8

Narada disse, 'Ó Yudhishthira, eu agora descreverei a casa de reuniões de Yama, o filho de Vivaswat, que, ó filho de Pritha, foi construída por Viswakarma. Escute-me agora. Brilhante como ouro polido, aquela casa, ó monarca, cobre uma área muito maior do que cem yojanas. Possuidora do esplendor do sol, ela concede tudo o que uma pessoa possa desejar. Nem muito fria nem muito quente, ela encanta o coração. Naquela casa de reuniões não há nem dor nem fraqueza da idade, nem fome nem sede. Nada desagradável encontra lugar lá, nem mesmo qualquer espécie de sentimentos maus. Todo objeto de desejo, celeste ou humano, é encontrado naquela mansão. E todos os tipos de artigos agradáveis, como também comestíveis doces, suculentos, agradáveis, e deliciosos em profusão que são lambidos, chupados, e bebidos, lá se encontram, ó destruidor de todos os inimigos. As coroas florais naquela mansão são da mais deliciosa fragrância, e as árvores que estão em volta produzem os frutos que são desejados delas. Há águas frias e quentes e estas são suaves e agradáveis. Naquela mansão muitos sábios reais de grande santidade e sábios Brahmanas também de grande pureza, alegremente servem, ó filho, e adoram Yama, o filho de Vivaswat. E Yayati, Nahusha, Puru, Mandhatri, Somaka, Nriga; o sábio real Trasadasyu, Kritavirya, Sautasravas; Arishtanemi, Siddha, Kritavega, Kriti, Nimi, Pratarddana, Sivi, Matsya, Prithulaksha, Vrihadratha, Vartta, Marutta, Kusika, Sankasya,

Sankriti, Dhruva, Chaturaswa, Sadaswormi e o rei Kartavirya; Bharata e Suratha, Sunitha, Nisatha, Nala, Divodasa, e Sumanas, Amvarisha, Bhagiratha; Vyaswa, Vadhraswa, Prithuvega, Prithusravas, Prishadaswa, Vasumanas, Kshupa, e Sumahavala, Vrishadgu, e Vrishasena, Purukutsa, Dhwajin e Rathin; Arshtisena, Dwilipa, e Ushinara de grande alma; Ausinari, Pundarika, Saryati, Sarava, e Suchi; Anga, Rishta, Vena, Dushmanta, Srinjaya e Jaya; Bhangasuri, Sunitha, e Nishada, e Bahinara; Karandhama, Valhika, Sudymna, e o poderoso Madhu; Aila e o rei poderoso da terra, Maruta; Kapota, Trinaka, e Shadeva, e Arjuna também. Vysawa; Saswa e Krishaswa, e o rei Sasavindu; Rama, o filho de Dasaratha, e Lakshmana, e Pratarddana; Alarka, e Kakshasena, Gaya, e Gauraswa; Rama, o filho de Jamadagnya, Nabhaga, e Sagara; Bhuridyumna e Mahaswa, Prithaswa, e também Janaka; o rei Vainya, Varisena, Purujit, e Janamejaya; Brahmadatta, e Trigarta, e o rei Uparichara também; Indradyumna, Bhimajanu, Gauraprishta, Nala, Gaya; Padma e Machukunda, Bhuridyumna, Prasenajit; Aristanemi, Sudymna, Prithulauswa, e Ashtaka também; cem reis da raça Matsya e cem da raça Vipa e cem da raça Haya; cem reis de nome Dhritarashtra, oitenta reis de nome Janamejaya; cem monarcas chamados Brahmadatta, e cem reis de nome Iri; mais do que duzentos Bhishmas, e também cem Bhimas; cem Prativindhyas, cem Nagas, e cem Palasas, e cem chamados Kasa e Kusa; aquele rei de reis Santanu, e teu pai Pandu, Usangava, Sata-ratha, Devaraja, Jayadratha; o inteligente sábio real Vrishadarva com seus ministros; e mil outros reis conhecidos pelo nome de Sasa-vindu, e que morreram, tendo realizado muitos grandes sacrifícios de cavalos com grandes presentes para os Brahmanas, estes sábios reais santos de grandiosas realizações e conhecimento dos Sastras, servem, ó Rei, e cultuam o filho de Vivaswat naquela casa de reuniões. E Agastya e Matanga, e Kala, e Mrityu (Morte), realizadores de sacrifícios, os Siddhas, e muitos Yogins; os Prtris (pertencentes às classes chamadas Agniswattas, Fenapa, Ushampa, Swadhavat, e Verhishada), como também aqueles outros que têm formas; a roda do tempo, e os próprios ilustres transportadores da manteiga sacrifical; todos os pecadores entre os seres humanos, como também aqueles que morreram durante o solstício de inverno; aqueles trabalhadores de Yama que foram designados para contar os dias concedidos a todos e a tudo; Singsapa, Palasa, Kasa, e árvores e plantas Kusa, em suas formas incorporadas, estes todos, ó rei, servem e cultuam o deus da justiça e naquela sua sala de reuniões. Estes e muitos outros estão presentes no Sabha do rei dos Pitris (espíritos dos mortos). Tão numerosos eles são que eu sou incapaz de descrevê-los ou de mencionar seus nomes ou atos. Ó filho de Pritha, a encantadora sala de reuniões, movendo-se por todos os lugares à vontade de seu dono, é de ampla extensão. Ela foi construída por Viswakarma depois de um longo curso de penitências ascéticas. E, ó Bharata, resplandecente com sua própria refulgência, ela permanece glorificada em toda a sua beleza. Sannyasis de severas penitências ascéticas, de votos excelentes, e de palavras sinceras, pacíficos e puros e santificados por atos santos, de corpos brilhantes e vestidos em mantos sem máculas, enfeitados com pulseiras e guirlandas florais, com brincos de ouro polido, e adornados com seus próprios atos santos como com as marcas de sua ordem (pintadas sobre seus corpos), constantemente visitam aquele Sabha (Assembléia). Muitos Gandharvas ilustres, e muitas Apsaras enchem toda aquela mansão com música instrumental e vocal e com sons de riso

e dança. E, ó filho de Pritha, perfumes excelentes, e sons suaves e guirlandas de flores celestes sempre contribuem para fazer daquela mansão supremamente abençoada. E centenas de milhares de pessoas virtuosas, de beleza celestial e grande sabedoria, sempre servem e adoram o ilustre Yama, o senhor dos seres criados naquela sala de reuniões. Assim, ó monarca, é o Sabha do ilustre rei dos Pitris! Eu agora descreverei para ti a casa de reuniões de Varuna também chamada Pushkaramalini!'

9

Narada disse 'Ó Yudhishthira, o Sabha celeste de Varuna é sem paralelo em esplendor. Em dimensões ele é parecido com o de Yama. Suas paredes e arcos são todos de branco puro. Ele foi construído por Viswakarma (o arquiteto celeste) dentro das águas. Ele é totalmente cercado por muitas árvores celestes feitas de jóias e pedras preciosas e que produzem frutos e flores excelentes. E muitas plantas com seu peso de flores, azuis e amarelas, e pretas e escuras, e brancas e vermelhas se encontram lá, em excelentes caramanchões em volta. Dentro daqueles caramanchões centenas e milhares de aves de diversas espécies, belas e variadas, sempre cantam suas melodias. A atmosfera daquela mansão é extremamente encantadora, nem fria nem quente. Possuída por Varuna, aquela encantadora casa de reuniões de branco puro consiste em muitos quartos e é provida de muitos assentos. Lá senta-se Varuna vestido em manto celeste, enfeitado com ornamentos e jóias celestes, com sua rainha, adornada com perfumes celestes e coberta com pasta de fragrância celeste. Os Adityas servem e adoram o ilustre Varuna, o senhor das águas. E Vasuki e Takshaka, e o Naga chamado Airavana; Krishna e Lohita; Padma e Chitra dotados de grande energia; os Nagas chamados Kamvala e Aswatara; e Dhritarashtra e Valahaka; Matimat e Kundadhara e Karkotaka e Dhananjaya; Panimat e o poderoso Kundaka, o senhor da Terra; e Prahlada e Mushikada, e Janamejaya, todos tendo muitas marcas e mandalas auspiciosas e capelos expandidos; estas e muitas outras cobras, ó Yudhishthira, sem ansiedade de espécie alguma, servem e cultuam o ilustre Varuna. E, ó rei, Vali o filho de Virochana, e Naraka, o subjugador de toda a Terra; Sanghraha e Viprachitti, e aqueles Danavas chamados Kalakanja; e Suhanu e Durmukha e Sankha e Sumanas e também Sumati; e Ghatodara, e Mahaparswa, e Karthana e também Pithara e Viswarupa, Swarupa e Virupa, Mahasiras; e Dasagriva, Vali, e Meghavasas e Dasavara; Tittiva, e Vitabhuta, e Sanghrada, e Indratapana, estes Daityas e Danavas, todos enfeitados com brincos e coroas florais e coroas, e vestidos em mantos celestes, todos glorificados com bênçãos e possuidores de grande coragem, e desfrutando da imortalidade, e todos de boa conduta e de votos excelentes, servem e adoram naquela mansão o ilustre Varuna, a divindade que maneja o laço como sua arma. E, ó rei, lá estão também os quatro oceanos, o rio Bhagirathee, o Kalindi, o Vidisa, o Venwa, o Narmada de correnteza rápida; o Vipasa, o Satadu, o Chandrabhaga, o Saraswati; o Iravati, o Vitasta, o Sindhu, o Devanadi; o Godavari, o Krishnavenwa e aquela rainha dos rios a Kaveri; o Kimpuna, o Visalya e o rio Vaitarani também; o Tritiya, o Jeshthila,

e o grande Sone (Soane); o Charmanwati e o grande rio Parnasa; o Sarayu, o Varavatya, e aquela rainha dos rios, Langali, o Karatoya, o Atreyi, o Mahanada vermelho, o Laghanti, o Gomati, o Sandhya, e também o Trisrotasi, estes e outros rios que são todos sagrados e lugares de peregrinação renomados no mundo, como também outros rios e águas sagradas e lagos e poços e fontes, e tanques, grandes ou pequenos, em sua forma personificada, ó Bharata, servem e veneram o senhor Varuna. Os pontos dos céus, a Terra, e todas as Montanhas, como também todas as espécies de animais aquáticos, todos adoram Varuna lá. E várias tribos de Gandharvas e Apsaras, dedicadas à música, vocal e instrumental, servem Varuna, cantando hinos de louvores a ele. E todas as montanhas que são notáveis por serem encantadoras e ricas em pedras preciosas, servem (em sua forma personificada) naquele Sabha, desfrutando de conversas agradáveis umas com as outras. E o principal ministro de Varuna, de nome Sunabha, cercado por seus filhos e netos, também serve seu mestre, junto com (a forma personificada) de uma água sagrada chamada Go. Estes todos, em suas formas personificadas, adoram a divindade. Ó touro da raça Bharata, tal é a sala de reuniões de Varuna vista por mim antes, no curso de minhas viagens. Escute agora ao relato que eu dou da sala de reuniões de Kuvera.'

10

Narada disse, 'Possuidora de grande esplendor, a casa de reuniões de Vaisravana, ó rei, tem cem yojanas de comprimento e setenta yojanas de largura. Ela foi construída, ó rei, pelo próprio Vaisravana usando seu poder ascético. Possuindo o esplendor dos topos de Kailasa, aquela mansão eclipsa por seu próprio o brilho da própria Lua. Suportada por Guhyakas, aquela mansão parece estar ligada ao firmamento. De feitio celeste, ela é extremamente bela com altas câmaras de ouro. Muito encantadora e fragrante com perfumes celestes, ela é matizada com inúmeras jóias valiosas. Parecendo os picos de uma massa de nuvens brancas, ela parece estar flutuando no ar. Pintada com cores de ouro celestial, ela parece ser decorada com faixas de relâmpago. Dentro daquela mansão senta em um excelente assento brilhante como o sol e coberto com tapetes celestes e equipado com um belo supedâneo o rei Vaisravana de aparência agradável, vestido em excelentes mantos e enfeitado com ornamentos caros e brincos de grande brilho, circundado por suas mil esposas. Brisas deliciosas e refrescantes murmurantes através de florestas de altas Mandaras, e portando a fragrância de extensas plantações de jasmim, como também dos lotos sobre a superfície do rio Alaka e dos jardins Nandana, sempre contribuem para o prazer do rei dos Yakshas. Lá as divindades com os Gandharvas cercados por várias tribos de Apsaras cantam em coro, ó rei, notas de doçura celeste. Misrakesi e Rambha, e Chitrasena, e Suchismita; e Charunetra, e Gritachi e Menaka, e Punjikasthala; e Viswachi Sahajanya, e Pramlocha e Urvasi e Ira, e Varga e Sauraveyi, e Samichi, e Vududa, e Lata, estas e outras mil Apsaras e Gandharvas, todas bem hábeis em música e dança, servem Kuvera, o senhor dos tesouros. E aquela mansão, sempre cheia com as notas de música instrumental e vocal, como

também com os sons de dança de várias tribos de Gandharvas e Apsaras, se torna extremamente encantadora e deliciosa. Os Gandharvas chamados Kinnaras, e outros chamados Naras, e Manibhadra, e Dhanada, e Swetabhadra e Guhyaka; Kaseraka, Gandakandu, e o poderoso Pradyota; Kustumvuru, Pisacha, Gajakarna, e Visalaka, Varaha-Karna, Tamraushtica, Falkaksha, e Falodaka; Hansachuda, Sikhavarta, Vibhishana, Pushpanana, Pingalaka, Sonitoda e Pravalaka; Vrikshavaspa-niketa, e Chiravasas, estes, ó Bharata, e muitos outros Yakshas às centenas e milhares sempre servem Kuvera. A deusa Lakshmi sempre está lá, e também o filho de Kuvera, Nalakuvera. Eu mesmo e muitos outros como eu muitas vezes vamos lá. Muitos Rishis Brahmanas e Rishis celestes também vão lá muitas vezes. Muitos Rakshasas e muitos Gandharvas, além daqueles que foram citados, cuidam do culto, naquela mansão, ao senhor ilustre de todos os tesouros. E, ó tigre entre reis, o marido ilustre de Uma e senhor das coisas criadas, Mahadeva de três olhos, o manejador do tridente e matador do Asura chamado Bhaga-netra, o deus poderoso do arco feroz, cercado por multidões de espíritos às centenas e milhares, alguns de pequena estatura, alguns de aparência feroz, alguns de costas curvas, alguns de olhos cor de sangue, alguns de gritos terríveis, alguns que se alimentam de gordura e carne, e alguns terríveis de se olhar, mas todos armados com várias armas e dotados da velocidade do vento, com a deusa (Parvati) sempre alegre e que não conhece fadiga, sempre visitam lá seu amigo Kuvera, o senhor dos tesouros. E centenas dos chefes Gandharva, com corações alegres e vestidos em seus respectivos mantos e Viswavasu, e Haha e Huhu; e Tumvuru e Parvatta, e Sailusha; e Chitrasena hábil em música e também Chitraratha, estes e inúmeros Gandharvas adoram o senhor dos tesouros. E Chakradhaman, o chefe dos Vidyadharas, com seus seguidores, serve naquela mansão o senhor dos tesouros. E Kinnaras às centenas e inúmeros reis com Bhagadatta como seu chefe, e Druma, o chefe dos Kimpurushas, e Mahendra, o chefe dos Rakshasas, e Gandhamadana acompanhado por muitos Yakshas e Gandharvas e muitos Rakshasas servem o senhor dos tesouros. O virtuoso Vibhishana também adora lá seu irmão mais velho, o senhor Kuvera (Croesus). As montanhas de Himavat, Paripatra, Vindhya, Kailasa, Mandara, Malaia, Durdura, Mahendra, Gandhamadana, Indrakila, Sunava, e as colinas do Leste e do Oeste e muitas outras montanhas, em suas formas personificadas, com Meru à frente de todas, servem e adoram o ilustre senhor dos tesouros. Os ilustres Nandiswaras, e Mahakala, e muitos espíritos com orelhas pontudas e bocas de pontas afiadas, Kaksha, Kuthimukha, Danti, e Vijaya de grande mérito ascético, e o poderoso touro branco de Siva de rugido profundo, todos servem naquela mansão. Além destes muitos outros Rakshasas e Pisachas (demônios) adoram Kuvera naquela casa de reuniões. O filho de Pulastya (Kuvera) antigamente costumava sempre adorar de todas as maneiras e se sentar, com permissão obtida, ao lado do deus dos deuses, Siva, o criador dos três mundos, aquela Divindade suprema cercada por seus servidores. Um dia o nobre Bhava (Siva) fez amizade com Kuvera. Desde aquele tempo, ó rei, Mahadeva sempre repousa na mansão de seu amigo, o senhor dos tesouros. Aquelas melhores de todas as jóias, aqueles príncipes de todas as pedras preciosas nos três mundos, Sankha e Padma, em suas formas personificadas, acompanhados por todas as jóias da terra (também em suas formas personificadas) veneram Kuvera.

Aquela encantadora casa de reuniões de Kuvera que eu vi, ligada ao firmamento e capaz de se mover por ele, é assim, ó rei. Escute agora ao Sabha que eu descrevo para ti, pertencente a Brahma, o Avô.'

11

Narada disse, 'Ouça-me, ó filho, enquanto eu te falo da casa de reuniões do Avô, a casa que ninguém pode descrever, dizendo 'ela é assim'. Na era Krita (dourada) antigamente, ó rei, a divindade exaltada Aditya (uma vez) desceu do céu para o mundo dos homens. Tendo visto antes a casa de reuniões de Brahma, o Autocriado, Aditya estava alegremente vagando pela Terra em forma humana, desejoso de ver o que pudesse ser visto aqui. Foi naquela ocasião, ó filho de Pandu, que o deus do dia falou para mim, ó touro da raça Bharata, daquele Sabha (assembléia) celeste do Avô, imensurável e imaterial e indescritível, em relação à forma e aspecto, e capaz de encantar o coração de todas as criaturas por seu esplendor. Sabendo, ó touro da raça Bharata, dos méritos daquele Sabha, eu fiquei, ó rei, desejoso de vê-lo. Eu então perguntei a Aditya, dizendo, 'Ó exaltado, eu desejo ver o Sabha sagrado do Avô. Ó senhor da luz, diga-me, ó sublime, por quais penitências ascéticas, ou por quais atos, ou por quais encantos ou ritos eu posso ter permissão para ver aquele excelente Sabha purificador de pecados.' Ouvindo essas minhas palavras, Aditya, o deus do dia, a divindade de mil raios, me respondeu, ó chefe da raça Bharata, assim: 'Cumpra, com tua mente absorta em meditação, o voto Brahma que se estende por mil anos.' Indo então ao leito de Himavat eu comecei aquele grande voto, e depois que eu o tinha completado, a exaltada e impecável divindade Surya dotada de grande energia, e que não conhece fadiga, me levou com ela ao Sabha do Avô. Ó rei, é impossível descrever aquele Sabha, dizendo, 'ele é assim', pois dentro de um momento ele assume uma forma diferente que a língua fracassa em descrever. Ó Bharata, é impossível indicar suas dimensões ou forma. Eu nunca vi qualquer coisa como ele antes. Sempre contribuindo para felicidade daqueles dentro dele, sua atmosfera não é nem fria nem quente. Fome e sede ou qualquer espécie de inquietação desaparecem tão logo se chega lá. Ele parece ser composto de gemas brilhantes de muitos tipos. Ele não parece ser sustentado por colunas, e não conhece deterioração, sendo eterno. Aquela mansão auto-refulgente, por seu fulgor abundante, indicações celestiais de esplendor inigualável, parece superar a lua, o sol e o fogo em esplendor. Localizada no céu, ela resplandece, censurando por assim dizer o fazedor do dia. Naquela mansão, ó rei, a Divindade Suprema, o Avô de todas as coisas criadas, tendo ele mesmo criado tudo em virtude de sua ilusão criativa, sempre permanece. E Daksha, Prachetas, Pulaha, Marichi, o mestre Kasyapa, Bhrigu, Atri, e Vasistha e Gautama, e também Angiras, e Pulastya, Kraut, Prahlada, e Kardama, aqueles Prajapatis, e Angirasa do Atharvan Veda, os Valikhilyas, os Marichipas; Inteligência, Espaço, Conhecimento, Ar, Calor, Água, Terra, Som, Tato, Forma, Gosto, Cheiro; Natureza, e os Modos (da Natureza), e as causas elementais e primordiais do mundo, todos ficam naquela mansão ao

lado do senhor Brahma. E Agastya de grande energia, e Markandeya de grande poder ascético, e Jamadagni e Bharadwaja, e Samvarta, e Chyavana, e o nobre Durvasa, e o virtuoso Rishyasringa, o ilustre Sanatkumara de grande mérito ascético e o preceptor em todos os assuntos relativos ao Yoga; Asita e Devala, e Jaigishavya conhecedor da verdade; Rishava, Ajitasatru, e Mani de grande energia; e a Ciência de cura com seus oito ramos, todos em suas formas personificadas, ó Bharata; a lua com todas as estrelas e as conjunções estelares; Aditya com todos os seus raios; os ventos; os Sacrifícios, as Declarações de propósito (em sacrifícios), os Princípios Vitais, estes seres ilustres e cumpridores de votos em suas formas personificadas, e muitos outros muito numerosos para serem mencionados, todos servem Brahma naquela mansão. Riqueza e Religião e Desejo, e Alegria, e Aversão, e Ascetismo e Tranquilidade, todos juntos servem a Divindade Suprema naquele palácio. As vinte tribos de Gandharvas e Apsaras, como também suas sete outras tribos, e todos os Lokapalas (principais protetores de várias regiões), e Sukra, e Vrihaspati, e Vudha, e Angaraka (Mangala), Sani, Rahu, e os outros planetas; os Mantras (do Sama Veda), os Mantras especiais (do mesmo Veda); (o ritos de) Harimat e Vasumat, os Adityas com Indra, os dois Agnis mencionados por nome (Agnisoma e Indragni), os Marutas, Viswakarman, e os Vasus, ó Bharata; os Pitris, e todos os tipos de libações sacrificais, os quatro Vedas, Rig, Sama, Yajuh, e Atharva; todas as Ciências e ramos de aprendizagem; Histórias e todos os ramos menores de aprendizagem; os vários ramos dos Vedas; os planetas, os Sacrifícios, o Soma, todas as divindades; Savitri (Gayatri), as sete espécies de rima; Compreensão, Paciência, Memória, Sabedoria, Inteligência, Fama, Perdão; os Hinos do Sama Veda; a Ciência de hinos em geral, e várias espécies de Versos e Canções; vários Comentários com argumentos; todos em suas formas personificadas, ó rei, e vários Dramas e Poemas e Histórias e Glosas resumidas, estes também, e muitos outros, servem a Divindade Suprema naquele Sabha. Kshanas, Lavas, Muhurtas, Dia, Noite, Quinzenas, Meses, as seis Estações, ó Bharata, Anos, Yugas, os quatro tipos de Dia e Noite (parecendo para o homem, para os Pitris, para os deuses, e para Brahma) e aquela eterna, indestrutível, que não se deteriora, e excelente Roda do Tempo e também a Roda da Virtude, estes sempre estão lá. Ó Yudhishthira; e Aditi, Diti, Danu, Surasa, Vinata, Ira, Kalika, Suravi, Devi, Sarama, Gautami e as deusas Pradha, e Kadru; estas mães dos celestiais, e Rudrani, Sree, Lakshmi, Bhadra, Shashthi, a Terra, Ganga, Hri, Swaha, Kriti, a deusa Sura, Sachi Pushti, Arundhati, Samvritti, Asa, Niyati, Srishti, Rati, estas e muitas outras deusas servem o Criador de tudo. Os Adityas, Vasus, Rudras, Marutas, Aswins, os Viswadevas Sadhyas, e os Pitris dotados da velocidade da mente; estes todos lá servem o Avô. E, ó touro entre homens, saiba que lá há sete classes de Pitris, das quais quatro classes têm formas incorporadas e as três restantes não tem formas incorporadas. É bem conhecido que os ilustres Vairajas e Agniswattas e Garhapattyas (três classes de Pitris) vagueiam no céu. E aqueles entre os Pitris que são chamados Somapas, os Ekasringras, os Chaturvedas, e os Kalas, são sempre adorados entre as quatro classes de homens. Satisfeitos com o (suco) Soma, primeiro, eles satisfazem Soma depois. Todas estas tribos de Pitris servem o Senhor da criação e alegremente adoram a Suprema Divindade de energia incomensurável. E Rakshasas, Pisachas, os Danavas Guhyakas; Nagas, Aves, e vários animais; e

todos os grandes seres móveis e imóveis; todos veneram o Avô. E Purandara, o chefe dos celestiais, e Varuna e Kuvera e Yama, e Mahadeva acompanhado por Uma, sempre vão para lá. E, ó rei de reis, Mahasena (Kartikeya) também adora lá o Avô. O próprio Narayana, e os Rishis celestes, e aqueles Rishis chamados Valakhillyas, e todos os seres nascidos de mulheres e todos aqueles não nascidos de mulheres, e quaisquer outros que sejam vistos nos três mundos, móveis e imóveis, saiba que foram todos vistos lá por mim, ó rei. E oitenta mil Rishis com a semente vital parada, e ó Pandu, cinquenta mil Rishis que tem filhos, foram todos vistos lá por mim. E todos os habitantes do céu indo para lá contemplam a Divindade Suprema quando lhes agrada, e adorando-o com uma inclinação de sua cabeça eles retornam para o local de onde vieram. E, ó rei de homens, o Avô de todos os seres criados, a Alma do universo, o Autocriado Brahma de inteligência e glória imensuráveis, igualmente bondoso para com todas as criaturas, os honra como eles merecem, e satisfaz com palavras gentis e presentes de riquezas e outros artigos agradáveis, os deuses, os Daityas, os Nagas, os Brahmanas, os Yakshas, as Aves, os Kaleyas, os Gandharvas, as Apsaras, e todos os outros seres elevados que vão até ele como seus convidados. E aquele Sabha deleitável, ó filho, está sempre apinhado com pessoas indo e vindo. Cheio de todo o tipo de energia, e venerado por Brahmarshis, aquele Sabha celeste refulge com as posses atrativas de Brahma e parece extremamente belo, ó tigre entre reis, como este teu Sabha é inigualável no mundo dos homens, assim é aquele Sabha de Brahma, visto por mim, inigualável em todos os mundos. Eu vi estes Sabhas, ó Bharata, nas regiões dos celestiais. Este teu Sabha é indubitavelmente o principal no mundo dos homens!'

12

Yudhishthira disse, 'Ó principal dos homens eloquentes, como tu descreveste os diferentes Sabhas para mim, parece que quase todos os monarcas da terra podem ser encontrados no Sabha de Yama. E, ó mestre, quase todos os Nagas, e principais Daityas, e rios, e oceanos, são encontrados no Sabha de Varuna. E assim os Yakshas, os Guhyakas, os Rakshasas, os Gandharvas e Apsaras e a Divindade (Yama) tendo o touro como seu veículo, são encontrados no Sabha do senhor dos tesouros. Tu disseste que no Sabha do Avô são vistos todos os grandes Rishis, todos os deuses, todos os ramos de aprendizagem. Com relação ao Sabha de Sakra, no entanto, tu citaste, ó Muni, todos os deuses, os Gandharvas, e vários Rishis. Mas, ó grande Muni, tu mencionaste um único rei, o nobre Rishi Harishchandra como vivendo no Sabha do chefe ilustre dos deuses. Qual ato foi realizado por aquele rei célebre, ou quais penitências ascéticas com votos constantes, por consequência dos quais ele estava à altura do próprio Indra? Ó Brahmana, como tu também te encontraste com meu pai, o nobre Pandu, agora um convidado na região dos Pitris? Aquele nobre de votos excelentes te disse alguma coisa? Ó, diga-me tudo, pois eu estou extremamente curioso para ouvir tudo isto de ti.'

Narada disse, 'Ó rei de reis, eu te direi tudo o que tu me perguntaste sobre Harischandra, eu agora te falarei da alta excelência dele. Ele foi um rei poderoso, realmente, um imperador sobre todos os reis da terra. De fato, todos os reis da terra obedeciam ao seu governo. Ó monarca, só sobre um carro vitorioso adornado com ouro, aquele rei pela destreza de suas armas trouxe toda a terra com suas sete ilhas sob seu domínio. E, ó monarca, tendo subjugado toda a terra com suas montanhas e florestas, ele fez os preparativos para o grande sacrifício chamado Rajasuya. E todos os reis da terra levaram, por ordem dele, riquezas para aquele sacrifício. Todos eles concordaram em se tornar distribuidores de alimento e presentes para os Brahmanas que foram alimentados na ocasião. Naquele sacrifício o rei Harishchandra deu a todos os que pediram riqueza que era cinco vezes o que cada um tinha solicitado. Na conclusão do sacrifício, o rei gratificou os Brahmanas que vieram de vários países com grandes presentes de vários tipos de riqueza. Os Brahmanas satisfeitos com vários tipos de comida e artigos agradáveis, dados a eles à extensão de seus desejos, e com pilhas de jóias distribuídas entre eles, começaram a dizer, 'O rei Harischandra é superior a todos os reis em energia e renome.' E saiba, ó monarca, ó touro da raça Bharata, que foi por essa razão que Harischandra brilhou mais brilhantemente do que milhares de outros reis. O poderoso Harischandra, tendo concluído seu grande sacrifício, foi instalado, ó rei, na soberania da terra e parecia resplandecente em seu trono. Ó touro da raça Bharata, todos os monarcas que realizam o sacrifício de Rajasuya, (alcançando à região de Indra) passam seu tempo em felicidade na companhia de Indra. E, ó touro da raça Bharata, aqueles reis também que dão suas vidas sem virar suas costas no campo de batalha alcançam a mansão de Indra e vivem em alegria com ele. Aqueles que dão seus corpos depois de severas penitências ascéticas também alcançam a mesma região e refulgem brilhantemente lá por eras. Ó rei da raça Kuru, ó filho de Kunti, teu pai Pandu, vendo a boa sorte de Harischandra e se admirando muito por causa disto, te disse algo. Sabendo que eu estava vindo do mundo dos homens, ele se curvou a mim e disse, 'Tu deves dizer a Yudhishthira, ó Rishi, que ele pode subjugar toda a Terra visto que seus irmãos são todos obedientes a ele. E tendo feito isso que ele comece o grande sacrifício chamado Rajasuya. Ele é meu filho, e se ele realizar aquele sacrifício, eu poderei, como Harischandra, logo alcançar a região de Indra, e lá em seu Sabha passar inúmeros anos em alegria contínua.' Eu disse a ele em resposta, 'Ó rei, eu direi ao teu filho tudo isso, se eu for ao mundo dos homens. Eu agora eu te falei o que ele disse, ó tigre entre homens. Realize então, ó filho de Pandu, os desejos do teu pai. Se tu realizares aquele sacrifício, tu então poderás ir, junto com teus antepassados falecidos, à mesma região que é habitada pelo chefe dos imortais. É dito, ó rei, que a realização daquele notável sacrifício é cheio de muitos obstáculos. Uma classe de Rakshasas chamada Brahma Rakshasas, empenhados em obstruir todos os sacrifícios, sempre procuram por fendas quando aquele grande sacrifício começa. No começo de tal sacrifício uma guerra pode ocorrer e destruir os Kshatriyas e até fornecer uma ocasião para a destruição de toda a Terra. Um pequeno obstáculo pode envolver toda a Terra em ruína. Refletindo sobre tudo isso, ó rei de reis, faça o que for para o teu bem. Seja vigilante e esteja preparado para proteger as quatro classes de teus súditos. Cresça em prosperidade, e desfrute de felicidade. Gratifique os Brahmanas com

presentes de riqueza. Eu agora respondi em detalhes tudo o que tu me perguntaste. Com tua permissão eu agora irei à cidade dos Dasarhas (Dwaravati).'"

Vaisampayana disse, "Ó Janamejaya, tendo dito isso ao filho de Pritha, Narada foi embora, acompanhado por aqueles Rishis com quem ele tinha vindo. E depois que Narada tinha ido embora, o rei Yudhishthira, ó tu da linhagem Kuru, começou a pensar, junto com seus irmãos, naquele principal dos sacrifícios chamado Rajasuya."

13

Vaisampayana disse, "Yudhishthira, tendo ouvido aquelas palavras de Narada, começou a suspirar pesadamente. E, ó Bharata, envolvido em seus pensamentos sobre o Rajasuya, o rei não tinha paz mental. Tendo ouvido sobre a glória dos monarcas ilustres (de antigamente) e estando certo acerca do alcance de regiões de felicidade por realizadores de sacrifícios como consequência de seus atos sagrados, e pensando especialmente naquele sábio real Harischandra que tinha realizado o grandioso sacrifício, o rei Yudhishthira desejou fazer os preparativos para o sacrifício Rajasuya. Então reverenciando seus conselheiros e outros presentes em seu Sabha, e adorado por eles em retorno, ele começou a discutir com eles acerca daquele sacrifício. Tendo refletido muito, aquele rei de reis, aquele touro entre os Kurus, inclinou sua mente a fim de fazer os preparativos para o Rajasuya. Aquele príncipe de extraordinária energia e destreza, no entanto, refletindo sobre virtude e justiça, outra vez fixou seu coração em descobrir o que poderia ser feito para o bem de todo o seu povo. Pois Yudhishthira, aquele principal de todos os homens virtuosos, sempre bondoso para com seus súditos, trabalhava para o bem de todos sem fazer qualquer distinção. De fato, livrando-se da raiva e arrogância, Yudhishthira sempre dizia, 'Dê a cada um o que lhe é devido', e os únicos sons que ele podia ouvir eram, 'Abençoado seja Dharma! Abençoado seja Dharma! Yudhishthira!' Se comportando dessa forma e dando segurança paterna a todos, não havia ninguém no reino que nutrisse quaisquer sentimentos hostis com relação a ele. Ele, portanto veio a ser chamado de Ajatasatru (alguém sem nenhum inimigo em absoluto). O rei cuidava de todos como se eles pertencessem à sua família, e Bhima governava todos justamente. Arjuna, que costumava usar ambas as mãos com igual habilidade, protegia o povo dos inimigos (externos). E o sábio Sahadeva administrava justiça imparcialmente. E Nakula se comportava com relação a todos com a humildade que lhe era natural. Devido a tudo isso, o reino se tornou livre de disputas e medo de qualquer tipo. E todas as pessoas ficavam atentas às suas respectivas ocupações. A chuva se tornou tão abundante que não deixava espaço para desejar mais; e o reino cresceu em prosperidade. E por causa das virtudes do rei, os prestamistas, os artigos requeridos para sacrifícios, criações de gado, lavouras, e comerciantes, tudo e todos cresceram em prosperidade. De fato, durante o reinado de Yudhishthira que era sempre dedicado à verdade não havia extorsões, nem

realizações rigorosas de atrasos de aluguel, nem medo de doença, de fogo, ou de morte por envenenamento e encantamentos, no reino. Naquele tempo nunca foi ouvido que ladrões ou embusteiros ou favoritos reais alguma vez se comportaram injustamente com relação ao rei ou uns com os outros. Reis conquistados nas seis ocasiões (de guerra, tratado, etc.) costumavam servi-lo para fazer bem para o monarca e o veneravam sempre, enquanto os comerciantes de diferentes classes vinham pagar-lhe as taxas tributáveis de suas respectivas ocupações. E consequentemente, durante o reinado de Yudhishthira que era sempre dedicado à virtude, seu domínio cresceu em prosperidade. De fato, a prosperidade do reino foi aumentada não só por estes, mas até pelas pessoas apegadas à voluptuosidade e que satisfaziam todas as suas luxúrias até a saciedade. E o rei dos reis, Yudhishthira, cujo domínio se estendia sobre todos, era possuidor de todas as habilidades e tolerava tudo com paciência. E, ó rei, quaisquer países que o célebre e ilustre monarca conquistasse, as pessoas em todos os lugares, de Brahmanas a jovens camponeses, eram todas mais ligadas a ele do que aos seus próprios pais e mães."

Vaisampayana disse, "O rei Yudhishthira, então, aquele principal dos oradores, convocando seus conselheiros e irmãos, perguntou a eles repetidamente acerca do sacrifício Rajasuya. Aqueles ministros em conjunto, assim questionados pelo sábio Yudhishthira desejoso de realizar o sacrifício, então disseram a ele estas palavras de grande importância, 'Um homem já em posse de um reino deseja todos os atributos de um imperador por meio daquele sacrifício o qual ajuda um rei a adquirir os atributos de Varuna. Ó príncipe da raça Kuru, teus amigos pensam que como tu és digno dos atributos de um imperador, já chegou a hora para ti realizares o sacrifício Rajasuya. O tempo para a realização daquele sacrifício no qual Rishis de votos austeros acendem seis fogos com mantras do Sama Veda, chegou para ti por causa das tuas posses Kshatriya. Na conclusão do sacrifício Rajasuya quando o realizador é instalado na soberania do império, ele é recompensado com os frutos de todos os sacrifícios incluindo o Agnihotra. É por isso que ele é chamado de conquistador de tudo. Tu és bastante capaz, ó poderosamente armado, de realizar aquele sacrifício. Todos nós somos obedientes a ti. Logo tu serás capaz, ó grande rei, de realizar o sacrifício Rajasuya. Portanto, ó grande rei, que tua decisão seja tomada para realizar aquele sacrifício sem mais discussão.' Assim falaram ao rei todos os seus amigos e conselheiros separadamente e em conjunto. E, ó rei, Yudhishthira aquele matador de todos os inimigos, tendo ouvido aquelas palavras virtuosas, audaciosas, agradáveis e ponderadas deles, aceitou-as mentalmente. E tendo ouvido aquelas palavras de seus amigos e conselheiros, e conhecendo sua própria força também, o rei, ó Bharata, repetidamente refletiu sobre a questão. Depois disto o inteligente e virtuoso Yudhishthira, sábio em deliberar, consultou outra vez com seus irmãos, com os Ritwijas ilustres em volta dele, com seus ministros e com Dhaumya e Dwaipayana e outros.

Yudhishthira disse, 'Como pode este desejo que eu tenho de realizar o excelente sacrifício de Rajasuya, que é digno de um imperador, dar resultados, em consequência somente da minha fé e palavras?'"

Vaisampayana disse, "Ó tu de olhos como pétalas de lótus, assim questionados pelo rei, eles responderam naquela hora a Yudhishthira o justo, nestas palavras: ‘Sendo conhecedor dos ditames da moralidade, tu és, ó rei, digno de realizar o grande sacrifício de Rajasuya.’ Depois que os Ritwijas e os Rishis tinham dito estas palavras ao rei, seus ministros e irmãos as aprovaram totalmente. O rei, no entanto, possuidor de grande sabedoria, e com mente sob controle completo, estimulado pelo desejo de fazer bem ao mundo, analisou novamente a questão em sua mente, pensando em sua própria força e meios, nas circunstâncias de hora e lugar e em sua renda e gastos. Pois ele sabia que os sábios nunca fracassam devido a sempre agirem depois de total deliberação. Pensando que o sacrifício não deveria ser começado somente conforme a sua resolução, Yudhishthira, cuidadosamente levando sobre seu ombro o peso dos negócios pensou em Krishna, aquele perseguidor de todos os pecadores, como a pessoa mais qualificada para decidir a questão, visto que ele o conhecia como a mais importante de todas as pessoas, possuidor de energia incomensurável, de braços fortes, sem nascimento, mas nascido entre os homens somente pela Vontade. Refletindo sobre suas façanhas divinas, o filho de Pandu concluiu que não havia nada que fosse desconhecido para ele, nada que ele não pudesse alcançar, e nada que ele não pudesse aguentar, e Yudhishthira, o filho de Pritha, tendo chegado a esta firme decisão, logo enviou um mensageiro ao mestre de todos os seres, transmitindo através dele bênçãos e palavras tais como alguém mais velho em idade poderia enviar para alguém que é mais jovem. E aquele mensageiro em um carro veloz chegou entre os Yadavas e se aproximou de Krishna, que estava então residindo em Dwaravati. E Achyuta (Krishna) sabendo que o filho de Pritha tinha ficado desejoso de vê-lo, desejou ver seu primo. E passando rapidamente por muitas regiões, sendo levado por seus próprios cavalos velozes, Krishna chegou a Indraprastha, acompanhado por Indrasena. E tendo chegado a Indraprastha, Janardana se aproximou de Yudhishthira sem perda de tempo. E Yudhishthira recebeu Krishna com afeto paterno, e Bhima também o recebeu igualmente. E Janardana então foi com o coração alegre até a irmã de seu pai (Kunti). E adorado então com reverência pelos gêmeos, ele começou a conversar alegremente com seu amigo Arjuna que estava maravilhado em vê-lo. E depois que ele tinha descansado algum tempo em um aposento agradável e estava totalmente revigorado, Yudhishthira se aproximou dele em seu tempo livre e lhe contou tudo sobre o sacrifício Rajasuya.

Yudhishthira disse, 'Eu tenho desejado realizar o sacrifício Rajasuya. Aquele sacrifício, no entanto, não pode ser realizado somente pelo desejo de alguém realizá-lo. Tu sabes, ó Krishna, tudo sobre os meios pelos quais ele pode ser feito. Somente pode realizar aquele sacrifício aquele para quem tudo é possível, que é adorado em todos os lugares e que é o rei dos reis. Meus amigos e conselheiros se aproximando de mim disseram que eu deveria realizar aquele sacrifício. Mas, ó Krishna, a respeito desse assunto tuas palavras serão meu guia. Dos conselheiros alguns por amizade podem não mencionar as dificuldades; outros por motivos de egoísmo dizem somente o que é agradável. Alguns também consideram aquilo que é benéfico para si mesmos como digno de adoção. Homens são vistos aconselharem assim em assuntos esperando decisão. Mas tu, ó Krishna, estás

acima de tais motivos. Tu conquistaste o desejo e a raiva. Cabe a ti me dizer o que é mais benéfico para o mundo.'

14

(Rajasuyarambha Parva)

Krishna disse, 'Ó grande rei, tu és um possuidor digno de todas as qualidades essenciais para a realização do sacrifício Rajasuya. Tu conheces tudo, ó Bharata. Eu, no entanto, ainda te direi algo. Aquelas pessoas no mundo que agora usam o nome de Kshatriyas são inferiores (em tudo) àqueles Kshatriyas que Rama, o filho de Jamadagnya, exterminou. Ó senhor da terra, ó touro da raça Bharata, tu sabes qual forma de governar aqueles Kshatriyas, guiados pelas instruções tradicionalmente passadas de geração a geração, tem estabelecido entre sua própria classe, e como eles estão longe de serem competentes para realizar o sacrifício Rajasuya. As numerosas linhagens reais e outros Kshatriyas comuns todos se apresentam como descendentes de Aila e Ikshwaku. Os descendentes de Aila, ó rei, como, de fato, os reis da linhagem de Ikshwaku estão, saiba, ó touro da raça Bharata, cada um dividido em cem dinastias separadas. Os descendentes de Yayati e dos Bhojas são grandes, em extensão (número) e realizações. Ó rei, estes últimos estão hoje espalhados por toda a terra. E todos os Kshatriyas adoram a prosperidade daqueles monarcas. No momento, no entanto, ó monarca, o rei Jarasandha, conquistando aquela prosperidade desfrutada por toda a classe deles, e dominando-os por meio de sua energia, se colocou sobre as cabeças de todos aqueles reis. E Jarasandha, desfrutando da soberania sobre a parte média da terra (Mathura), resolveu criar desunião entre nós. Ó monarca, o rei que é senhor supremo de todos os reis, e somente em quem o domínio do universo está centrado, merece devidamente ser chamado de imperador. E, ó monarca, o rei Sisupala dotado de grande energia se colocou sob a proteção dele e se tornou o generalíssimo de seus exércitos. E, ó grande rei, o poderoso Vaka, o rei dos Karushas, capaz de lutar por empregar seus poderes de ilusão, serve Jarasandha como seu discípulo. Há dois outros, Hansa e Dimvaka, de grande energia e grande alma, que procuraram a proteção do poderoso Jarasandha. Há outros também, Dantavakra, Karusha, Karava, Meghavahana, que servem Jarasandha. Aquele também que leva sobre sua cabeça aquela jóia que é conhecida como a mais extraordinária sobre a terra, aquele rei dos Yavanas, que castigou Muru e Naraka, cujo poder é ilimitado, e que governa o oeste como outro Varuna, que é chamado Bhagadatta, e que é um velho amigo do teu pai, curvou sua cabeça diante de Jarasandha, por palavras e especialmente por atos. No seu coração, no entanto, ligado a ti como ele é por afeição, ele te considera como um pai considera seu filho. Ó rei, aquele senhor da terra que tem seus domínios no oeste e no sul, que é o teu tio materno e que se chama Purujit, aquele corajoso perpetuador da linhagem Kunti, aquele matador de todos os inimigos, é o único rei que te respeita por afeição. Aquele a quem eu antigamente não matei, aquele canalha perverso entre os Chedis, que se apresenta neste mundo como um personagem divino e

que também se tornou conhecido como tal, e que sempre leva, por tolice, os sinais que me distinguem, aquele rei de Vanga Pundra e dos Kiratas, dotado de grande força, e que é conhecido na terra pelos nomes de Paundraka e Vasudeva também aderiu ao lado de Jarasandha. E, ó rei de reis, Bhishmaka, o rei poderoso dos Bhojas, o amigo de Indra, aquele matador de heróis, que governa uma quarta parte do mundo, que por sua erudição conquistou os Pandyas e os Kratha-Kausikas, cujo irmão, o valente Akriti, era como Rama, o filho de Jamdagni, se tornou um servidor do rei de Magadha. Nós somos seus parentes e estamos, portanto, empenhados diariamente em fazer o que é agradável para ele. Mas embora nós o consideremos muito, ele ainda não nos considera e está empenhado em nos fazer mal. E, ó rei, sem conhecer sua própria força nem a dignidade da raça à qual ele pertence, ele se colocou sob a proteção de Jarasandha somente à visão da fama resplandecente deste último. E, ó exaltado, as dezoito tribos dos Bhojas, por medo de Jarasandha, todas fugiram em direção ao oeste; assim também fizeram os Surasenas, os Bhadrakas, os Vodhas, os Salwas, os Patachchavas, os Susthalas, os Mukuttas, e os Kulindas, junto com os Kuntis. E o rei da tribo Salwayana com seus confrades e seguidores; e os Panchalas do sul e os Kosalas do leste todos fugiram para o país dos Kuntis. Assim também os Matsyas e os Sannyastapadas, tomados pelo medo, deixando seus domínios no norte fugiram para o país do sul. E assim os Panchalas, alarmados pelo poder de Jarasandha, deixaram seu próprio reino e fugiram em todas as direções. Algum tempo antes, o tolo Kansa, tendo perseguido os Yadavas, se casou com as duas filhas de Jarasandha. Elas se chamam Asti e Prapti e são as irmãs de Sahadeva. Fortalecido por tal aliança, o tolo perseguindo seus parentes ganhou poder sobre todos eles. Mas por esta conduta ele ganhou grande desonra. O patife também começou a oprimir os reis idosos da tribo Bhoja, mas eles, para se protegerem da perseguição de seus parentes, procuraram nossa ajuda. Tendo dado a Akrura a bela filha de Ahuka, com Sankarshana como meu segundo eu fiz um serviço para meus parentes, pois ambos Kansa e Sunaman foram mortos por mim com a ajuda de Rama. Mas depois que a causa imediata de temor tinha sido removida (pela morte de Kansa), Jarasandha, seu sogro, pegou em armas. Nós mesmos consistindo nos dezoito ramos mais jovens dos Yadavas chegamos à conclusão de que mesmo que nós atacássemos nossos inimigos constantemente com armas excelentes capazes de tirar as vidas dos inimigos, nós ainda não poderíamos fazer alguma coisa a eles nem mesmo em trezentos anos. Ele tem dois amigos que são como os imortais, e na questão de força os principais de todos os homens dotados de poder. Eles se chamam Hansa e Dimvaka, ambos incapazes de serem mortos por armas. O poderoso Jarasandha, estando unido com eles, se tornou incapaz, eu penso, de ser vencido mesmo pelos três mundos. Ó principal de todos os homens inteligentes, esta não é somente a nossa opinião, mas todos os outros reis também pensam o mesmo. Viveu, ó monarca, um rei de nome Hansa, que foi morto por Rama (Valadeva) depois de uma batalha de dezoito dias. Mas, ó Bharata, ouvindo o povo dizer que Hansa tinha sido morto, Dimvaka, ó rei, achou que ele não podia viver sem Hansa. Ele consequentemente pulou nas águas do Yamuna e se matou. Depois quando Hansa, o subjugador dos heróis hostis, ouvido que Dimvaka tinha se matado, foi ao Yamuna e se jogou em suas águas. Então, ó touro da raça Bharata, o rei

Jarasandha, ouvindo que Hansa e Dimvaka tinham sido mortos, voltou para seu reino com o coração vazio. Depois que Jarasandha tinha voltado, ó matador de todos os inimigos, nós ficamos muito alegres e continuamos a viver em Mathura. Então a viúva de Hansa e filha de Jarasandha, aquela mulher bonita com olhos como pétalas de lótus, sofrendo pela morte de seu marido, foi até seu pai, e repetidamente suplicou, ó monarca, ao rei de Magadha, dizendo, 'Ó matador de todos os inimigos, mate o assassino do meu marido.' Então, ó grande rei, lembrando da conclusão à qual nós tínhamos chegado anteriormente, nós ficamos muito tristes e fugimos de Mathura. Dividindo nossa grande riqueza em pequenas partes assim tornando cada porção facilmente transportável, nós fugimos por medo de Jarasandha, com nossos primos e parentes. Refletindo sobre tudo, nós fugimos em direção ao oeste. Há uma cidade encantadora na direção do oeste chamada Kusasthali, adornada pelas montanhas de Raivata. Naquela cidade, ó monarca, nós tomamos nossa residência. Nós reconstruímos sua fortaleza e a fizemos tão forte que ela se tornou invulnerável até para os deuses. E de dentro dela até as mulheres podem lutar com o inimigo, o que falar dos heróis Yadava sem medo de qualquer tipo? Ó matador de todos os inimigos, nós estamos agora vivendo naquela cidade. E, ó tigre da raça Kuru, em vista da inacessibilidade daquela principal das montanhas e se considerando já livres do medo de Jarasandha, os descendentes de Madhu ficaram muito contentes. Assim, ó rei, embora possuidores de força e energia, ainda assim por causa das opressões de Jarasandha nós fomos obrigados a viajar para as montanhas de Gomanta, medindo três Yojanas de comprimento. Dentro de cada yojana estão fixados vinte e um postos de homens armados. E a intervalos de cada yojana há cem portões com arcos que são defendidos por valorosos heróis empenhados em protegê-los. E inúmeros Kshatriyas invencíveis em guerra, pertencentes aos dezoito ramos mais jovens dos Yadavas, estão empenhados em defender aquelas fortificações. Em nossa raça, ó rei, há no total dezoito mil irmãos e primos. Ahuka teve cem filhos, cada qual é quase como um deus (em destreza), Charudeshna com seu irmão Chakradeva, Satyaki, eu mesmo, Valadeva, o filho de Rohini, e meu filho Samva que é igual a mim em batalha, estes sete, ó rei são Atirathas. Além destes, há outros, ó rei, que eu logo citarei. Eles são Kritavarman, Anadhrishti, Samika, Samitinjaya, Kanka, Sanku e Kunti. Estes sete são Maharathas. Há também dois filhos de Andhakabhoja, e o próprio velho rei. Dotados de grande energia eles são todos heróis, cada um poderoso como o raio. Estes Maharathas, escolhendo o país do meio, estão agora vivendo entre os Vrishnis. Ó melhor da linha Bharata, somente tu és digno de ser um imperador. Cabe a ti, ó Bharata, estabelecer teu império sobre todos os Kshatriyas. Mas é minha opinião, ó rei, que tu não serás capaz de celebrar o sacrifício Rajasuya enquanto o poderoso Jarasandha viver. Por ele foram presos em sua fortaleza na colina numerosos monarcas, como um leão depositando os corpos mortos de poderosos elefantes dentro de uma caverna do rei das montanhas. Ó matador de todos os inimigos, o rei Jarasandha, desejoso de oferecer cem monarcas em sacrifício, adorou por meio de suas violentas penitências ascéticas o ilustre deus dos deuses, o marido de Uma. Foi por estes meios que os reis da terra foram vencidos por Jarasandha. E, ó melhor dos monarcas, por estes meios ele é capaz de cumprir o voto que fez relativo ao seu sacrifício. Por derrotar os reis com suas tropas e levando todos como cativos

para sua cidade, ele aumentou enormemente suas multidões. Nós também, ó rei, por medo de Jarasandha, tivemos uma vez que deixar Mathura e fugir para a cidade de Dwaravati. Se, ó grande rei, tu desejas realizar o sacrifício, esforce-te pela libertação dos reis confinados por Jarasandha, como também para realizar sua morte. Ó filho da raça Kuru, de outra maneira este teu empreendimento nunca poderá ser completado. Ó principal dos homens inteligentes, se o Rajasuya deve ser realizado por ti, tu deves fazer isto desse modo e não de outra maneira. Esta, ó rei, é minha visão (da questão). Faça, ó impecável, como achares melhor. Sob estas circunstâncias, ó rei, tendo refletido sobre tudo, considerando as causas, diga-nos o que tu achas apropriado.'

15

Yudhishthira disse, 'Inteligente como tu és, tu disseste o que ninguém mais é capaz de dizer. Não há ninguém mais sobre a terra que seja o destruidor de todas as dúvidas. Veja, há reis em todas as províncias empenhados em beneficiarem a si mesmos. Mas nenhum entre eles foi capaz de alcançar a dignidade imperial. De fato, o título de imperador é de aquisição difícil. Aquele que conhece o valor e a força dos outros nunca louva a si mesmo. De fato, é realmente digno de aplausos (culto) quem, empenhado em batalhas com seus inimigos, se comporta de modo louvável. Ó tu mantenedor da dignidade da raça Vrishni, os desejos e propensões dos homens, como a própria terra extensa adornada com muitas jóias, são variados e extensos. Como a experiência raramente pode ser obtida exceto por viajar para regiões distantes da própria casa, assim a salvação nunca pode ser alcançada exceto por agir segundo os princípios que são realmente elevados, comparados com o nível comum dos nossos desejos e propensões. Eu considero a paz mental como o maior objetivo aqui, pois é daquela qualidade que virá minha prosperidade. Em minha opinião, se eu tentar celebrar aquele sacrifício eu nunca ganharei a maior recompensa. Ó Janardana, dotados de energia e inteligência, aqueles que nasceram na nossa raça pensam que alguém dentre eles em algum momento se tornará o principal entre todos os Kshatriyas. Mas, ó exaltado, nós também estamos todos assustados pelo temor de Jarasandha e, ó impecável, pela maldade daquele monarca. Ó tu invencível em batalha, o poder do teu braço é meu refúgio. Quando, portanto, tu estás assustado pelo poder de Jarasandha, como eu me consideraria forte em comparação com ele? Madhava, ó tu da raça Vrishni, eu fico repetidamente deprimido ao pensar se Jarasandha é capaz ou não de ser morto por ti, por Rama, por Bhimasena, ou por Arjuna. Mas o que eu direi, ó Keshava? Tu és minha maior autoridade em tudo.'

Ao ouvir estas palavras, Bhima, habilidoso em discurso, disse, 'O rei que não é esforçado, ou que sendo fraco e sem recursos entra em hostilidade com um que é forte, perece como um formigueiro. Pode ser visto geralmente, no entanto, que até um rei que é fraco pode vencer um inimigo que é forte e obter a realização de todos os seus desejos por meio de vigilância e pela aplicação de política. Em Krishna está a política, em mim mesmo a força, e em Arjuna a vitória. Assim como

os três fogos (sacrificais) que realizam um sacrifício, nós realizaremos a morte do rei de Magadha.'

Krishna então disse, 'Alguém que é imaturo em compreensão procura a realização de seus desejos sem olhar para o que possa lhe acontecer no futuro. É visto que ninguém perdoa por essa razão um inimigo que seja de mente imatura e inclinado a servir seus próprios interesses. É sabido por nós que na era krita, tendo trazido todos sob sua submissão, Yauvanaswin pela abolição de todos os impostos, Bhagiratha por seu tratamento bondoso a todos os seus súditos, Kartavirya pela energia de seu ascetismo, o senhor Bharata por sua força e coragem, e Maruta por sua prosperidade, todos estes cinco se tornaram imperadores. Mas, ó Yudhishthira, tu que desejas a dignidade imperial a merece, não por uma, mas por todas estas qualidades: vitória, proteção fornecida ao teu povo, virtude, prosperidade, e política. Saiba, ó touro da raça Kuru, que Jarasandha, o filho de Vrihadratha, é certamente desta maneira (isto é, um candidato à dignidade imperial). Uma centena de dinastias de reis foi incapaz de se opor a Jarasandha. Ele, portanto, pode ser considerado para ser um imperador por sua força. Reis que usam jóias adoram Jarasandha (com presentes de jóias). Mas, mau desde sua infância, ele mal está satisfeito com tal culto. Tendo se tornado o principal entre todos, ele ainda ataca com violência reis com coroas em suas cabeças. Nem lá é visto algum rei do qual ele não cobre tributo. Assim ele trouxe sob seu domínio quase cem reis. Como pode, ó filho de Pritha, qualquer monarca fraco se aproximar dele com intenções hostis? Confinados no templo de Shiva e oferecidos como sacrifício a ele como muitos animais, aqueles monarcas oferecidos àquele deus não sentem a mais pungente miséria, ó touro da raça Bharata? Um Kshatriya que morre em batalha é sempre considerado com respeito. Por que nós não deveríamos, portanto, nos encontrar e nos opor a Jarasandha em batalha? Ele já conseguiu oitenta e seis reis; estão faltando só catorze para completar cem. Logo que ele obtiver aqueles catorze ele começará seu ato cruel. Aquele que impedir tal ato certamente ganhará renome resplandecente. E aquele que vencer Jarasandha sem dúvida se tornará o imperador de todos os Kshatriyas.'

16

Yudhishthira disse, 'Desejoso da dignidade imperial, mas agindo por motivos egoístas, e confiando somente na coragem, como, ó Krishna, eu posso enviá-los (a Jarasandha)? Ambos Bhima e Arjuna eu considero como meus olhos, e tu, ó Janardana, como minha mente. Como eu viverei privado de meus olhos e mente? O próprio Yama não pode vencer em batalha a poderosa hoste de Jarasandha que é dotada, além disso, de bravura terrível. Que coragem vocês podem mostrar contra isto? Este caso que promete terminar de outra maneira pode nos levar a um grande prejuízo. É minha opinião, portanto, que a tarefa proposta não pode ser empreendida. Escute, ó Krishna, ao que eu por minha parte penso. Ó Janardana,

desistir deste ato me parece ser benéfico. Meu coração hoje está aflito. O Rajasuya me parece difícil de ser realizado.'"

Vaisampayana disse, 'Arjuna, que tinha obtido aquele mais excelente dos arcos e aquele par de aljavas inesgotáveis, e aquele carro com aquela bandeira, como também aquela sala de reuniões, se endereçou a Yudhishthira naquele momento e disse, 'Eu obtive, ó rei, um arco e armas e flechas e energia e aliados e domínios e fama e força. Estes são sempre difíceis de adquirir, embora sejam muito desejados. Homens eruditos de reputação sempre elogiam em uma boa sociedade a nobreza de descendência. Mas nada é igual ao poder. De fato, ó monarca, não há nada que eu goste mais do que a bravura. Nascido em uma linhagem famosa por sua coragem, um homem que não tem coragem mal é digno de respeito. Um homem, no entanto, possuidor de coragem, que seja nascido em uma linhagem que não é notável por isto, é muito superior ao primeiro. Ó rei, é um Kshatriya em todas as coisas aquele que aumenta sua fama e posses pela subjugação de seus inimigos. E aquele que é possuidor de coragem, embora desprovido de todos os (outros) méritos, vencerá seus inimigos. Alguém, no entanto, que é desprovido de coragem, embora possua todos os (outros) méritos, mal pode realizar alguma coisa. Todo o mérito existe ao lado da coragem em um estado incipiente. Concentração de atenção, esforço e destino existem como as três causas da vitória. Alguém, no entanto, que possui coragem ainda não merece o sucesso se ele age sem cuidado. É por isso que um inimigo dotado de força às vezes morre nas mãos de seus inimigos. Como a baixeza se apossa dos fracos, assim a insensatez às vezes se apossa dos fortes. Um rei, portanto, desejoso de vitória, deve evitar ambas estas causas de destruição. Se, para o propósito do nosso sacrifício, nós nos esforçamos para matar Jarasandha e resgatar os reis mantidos por ele para um objetivo cruel, não há ação superior à qual nós possamos nos dedicar. Se, no entanto, nós não empreendermos a tarefa, o mundo sempre nos achará incompetentes. Nós certamente temos competência, ó rei! Por que deveria você, portanto, nos considerar incompetentes? Aqueles que se tornaram Munis, desejosos de alcançar tranquilidade de almas, obtêm mantos amarelos com facilidade. Assim se nós vencermos o inimigo, a dignidade imperial facilmente será nossa. Nós devemos, portanto, lutar com o inimigo.'

17

Vasudeva disse, 'Arjuna indicou qual deve ser a inclinação de um homem que nasceu na linhagem Bharata, especialmente de alguém que é o filho de Kunti. Nós não sabemos quando a morte nos alcançará, de noite ou de dia. Nem ouvimos alguma vez que a imortalidade foi alcançada por se desistir de lutar. Este, portanto, é o dever dos homens, atacar todos os inimigos de acordo com os princípios traçados nas ordenanças. Isto sempre dá satisfação ao coração. Ajudado por uma boa política, se não for frustrado pelo Destino, um empreendimento se torna coroado com sucesso. Se ambos os partidos, ajudados por tais meios, combatem um ao outro, um deve obter ascendência sobre o outro,

pois ambos não podem ganhar ou perder. Uma batalha, no entanto, se dirigida por uma má política que seja desprovida das artes bem conhecidas termina em derrota ou destruição. Se, também, ambos os partidos estiverem na mesma situação, o resultado se torna duvidoso. Ambos, no entanto, não podem ganhar. Quando tal é o caso, por que nós não devíamos, ajudados por uma boa política, nos aproximar diretamente do inimigo; e destruí-lo, como a correnteza do rio arrancando uma árvore? Se, disfarçando nossas próprias falhas, nós atacarmos o inimigo tomando vantagem de suas brechas, por que nós não teríamos sucesso? De fato, a política de homens inteligentes é a de não brigar abertamente com inimigos que são extremamente poderosos e que estão na liderança de suas tropas bem ordenadas. Esta também é minha opinião. Se, no entanto, nós realizarmos nosso propósito secretamente entrando na residência de nosso inimigo e atacando sua pessoa, nós nunca ganharemos infâmia. Aquele touro entre homens, Jarasandha, sozinho desfruta de glória imorredoura, como aquele que é o ser no coração de todos os seres criados. Mas eu vejo sua destruição diante de mim. Desejosos de proteger nossos parentes nós ou o mataremos em luta ou ascenderemos para o céu sendo mortos por ele no fim.'

Yudhishthira disse, ‘Ó Krishna, quem é este Jarasandha? Qual é sua energia e qual é sua destreza, que tendo te tocado não foi queimado como um inseto ao toque do fogo?’

Krishna disse, 'Ouça, ó monarca, quem Jarasandha é; qual é a sua energia; e qual é sua destreza; e por que também ele foi poupado por nós, mesmo tendo repetidamente nos ofendido. Houve um rei poderoso de nome Vrihadratha, o senhor dos Magadhas. Orgulhoso em batalha, ele tinha três Akshauhinis de tropas. Belo e dotado de energia, possuidor de riqueza e coragem além da conta, e sempre levando em seu corpo as marcas indicando a instalação em sacrifícios, ele era como um segundo Indra. Em glória ele era como Suryya, em clemência como a Terra, em cólera como o destruidor Yama e em riqueza como Vaisravana. E, ó tu principal da raça Bharata, toda a terra foi coberta por suas qualidades, que vieram a ele de uma longa linha de antepassados, como os raios emergindo do sol. E, ó touro da raça Bharata, dotado de grande energia aquele monarca casou com as filhas gêmeas do rei de Kasi, ambas dotadas de fartura de beleza. E aquele touro entre homens fez uma promessa em segredo para suas esposas de que ele as amaria igualmente e nunca mostraria preferência por uma. E o senhor da terra, na companhia de suas duas esposas ternamente amadas, ambas as quais lhe agradavam, passava seus dias em alegria como um elefante poderoso na companhia de duas elefantas, ou como o oceano em sua forma personificada entre Ganga e Yamuna (também em suas formas personificadas). A juventude do monarca, no entanto, se passou no desfrute de suas posses, sem que nenhum filho nascesse para perpetuar sua linhagem. O melhor dos monarcas fracassou em obter um filho para perpetuar sua família, mesmo através de vários ritos auspiciosos, e homas, e sacrifícios realizados com o desejo de ter prole. Um dia o rei soube que Chanda-kausika de grande alma, o filho de Kakshivat da ilustre linhagem Gautama, tendo desistido das penitências ascéticas, tinha chegado no curso de suas viagens à sua capital e tinha tomado seu assento sob a sombra de

uma árvore de manga. O rei foi até aquele Muni acompanhado por suas duas esposas, e adorando-o com jóias e presentes de valor gratificou-o muito. Aquele melhor dos Rishis sincero em palavras e firmemente ligado à verdade então disse ao rei, ‘Ó rei dos reis, eu estou satisfeito contigo. Ó tu de votos excelentes, solicite uma bênção.’ O rei Vrihadratha então, com suas esposas, curvando-se àquele Rishi, falou estas palavras sufocadas com lágrimas por causa do seu desespero para obter um filho: 'Ó santo, abandonando meu reino, eu estou para ir às florestas praticar penitências ascéticas. Eu estou muito infeliz, pois eu não tenho nenhum filho. O que eu farei, portanto, com meu reino ou com uma bênção?'

Krishna continuou, ‘Ouvindo estas palavras (do rei), o Muni controlando seus sentidos externos entrou em meditação, sentado na sombra daquela mesma mangueira onde ele estava. E lá caiu sobre o colo do Muni sentado uma manga suculenta e não tocada pelo bico de nenhum papagaio ou de outra ave qualquer. Aquele melhor dos Munis, pegando a fruta e mentalmente pronunciando certos mantras sobre ela, deu-a ao rei como o meio de ele obter uma prole incomparável. E o grande Muni, possuidor também de uma sabedoria extraordinária, endereçando-se ao monarca, disse, ‘Retorne, ó rei, o teu desejo está realizado. Desista, ó rei, de ir (para as florestas).’ Ouvindo estas palavras do Muni e adorando seus pés, o monarca possuidor de grande sabedoria voltou para sua própria residência. E lembrando-se da promessa que tinha feito anteriormente (a elas), ó touro da raça Bharata, o rei deu para suas duas esposas aquela única fruta. Suas belas rainhas, dividindo aquela única fruta em duas partes, comeram-na. Por causa da certeza da realização das palavras do Muni e da sua veracidade, ambas conceberam, como um efeito de terem comido aquela fruta. E o rei vendo-as naquele estado se encheu de grande alegria. Então, ó sábio monarca, algum tempo depois, quando chegou a hora, cada uma das rainhas deu à luz a um corpo fragmentário. E cada fragmento tinha um olho, um braço, uma perna, metade de um estômago, metade de um rosto, e metade de um ânus. Vendo os corpos fragmentários, ambas as mães tremeram muito. As irmãs desamparadas então ansiosamente consultaram uma à outra, e tristemente abandonaram aqueles fragmentos dotados de vida. As duas parteiras (que serviam as rainhas) então embrulharam com cuidado os fragmentos recém nascidos e saíram dos aposentos internos (do palácio) pela porta de trás, e jogando fora os corpos e voltaram às pressas. Um pouco depois disto, ó tigre entre homens, uma mulher Rakshasa de nome Jara que vivia de carne e sangue pegou os fragmentos que jaziam em uma encruzilhada. E impelida pela força do destino, a mulher canibal uniu os fragmentos para ter maior facilidade de levá-los embora. E, ó touro entre homens, logo que os fragmentos foram unidos eles formaram uma criança robusta de um corpo (dotado de vida). Então, ó rei, a canibal, com olhos arregalados de admiração, achou-se incapaz de carregar aquela criança que tinha um corpo tão duro e forte como o raio. Aquele bebê então, fechando seus punhos vermelhos como cobre e inserindo-os em sua boca, começou a rugir terrivelmente como as nuvens carregadas de chuva. Alarmados pelo som, os habitantes do palácio, ó tigre entre homens, saíram de repente com o rei, ó matador de todos os inimigos. As rainhas desamparadas e desapontadas e tristes também, com os peitos cheios de leite, também saíram de repente para recuperar sua criança. A canibal vendo

as rainhas naquela condição e o rei também tão desejoso de um filho, e a criança que possuía tal força, pensou consigo mesma, ‘Eu vivo dentro dos domínios do rei que está tão desejoso de um filho. Não cabe a mim, portanto, matar o bebê recém nascido de tal monarca ilustre e virtuoso.’ A mulher Rakshasa então, segurando a criança em seus braços como as nuvens envolvem o sol, e assumindo uma forma humana, disse ao rei estas palavras, ‘Ó Vrihadratha, este é teu filho. Dado a ti por mim, ó, pegue-o. Ele nasceu de ambas as tuas esposas em virtude da ordem do grande Brahmana. Jogado fora pelas parteiras, ele foi protegido por mim!’

Krishna continuou, ‘Ó tu principal da linhagem Bharata, as belas filhas do rei de Kasi, tendo obtido a criança logo lhe fizeram beber sua torrente láctea. O rei, averiguando tudo, ficou cheio de alegria, e endereçando-se àquela canibal feminina disfarçada como ser humano possuidora da cor do ouro, perguntou, ‘Ó tu da cor do filamento do lótus, quem és tu que me deste esta criança? Ó auspiciosa, tu me pareces uma deusa vagando à tua vontade!’

18

Krishna continuou, 'Ouvindo estas palavras do rei, a mulher Rakshasa respondeu, ‘Abençoado sejas, ó rei dos reis. Capaz de assumir qualquer forma à vontade, eu sou uma mulher Rakshasa chamada Jara. Eu estou vivendo, ó rei, felizmente em tua casa, adorada por todos. Todo dia eu vago de casa em casa dos homens. De fato, eu fui criada antigamente pelo Autocriado e fui chamada de Grihadevi (a deusa do lar). De beleza celeste eu fui colocada (no mundo) para a destruição dos Danavas. Aquele que com devoção pinta nas paredes (de sua casa) uma imagem minha dotada de juventude e no meio de crianças deve ter prosperidade em sua residência; do contrário um lar deve sofrer decadência e destruição. Ó senhor, está pintada nas paredes da tua casa uma imagem minha cercada por numerosas crianças. Colocada lá eu sou diariamente adorada com perfumes e flores, com incenso e víveres e vários objetos de prazer. Assim adorada em tua casa, eu diariamente pensava em te fazer algum bem em retorno. Ocorreu, ó rei virtuoso, de eu ver os corpos fragmentários do teu filho. Quando eles foram unidos por mim, uma criança viva foi formada deles. Ó grande rei, isto foi assim devido somente à tua boa sorte. Eu fui somente o instrumento, eu sou capaz de engolir a própria montanha de Meru, o que eu direi da criança? Eu estou, no entanto, satisfeita contigo por causa do culto que eu recebo em tua casa. É, portanto, ó rei, por isso que eu te entreguei esta criança.’

Krishna continuou, ‘Tendo falado estas palavras, ó rei, Jara desapareceu imediatamente. O rei tendo obtido a criança então entrou no palácio. E o rei então fez com que todos os ritos de infância fossem realizados sobre aquela criança, e ordenou que um festival fosse celebrado por seu povo em honra daquela mulher Rakshasa. E o monarca igual ao próprio Brahma então deu um nome ao seu filho. E ele disse que porque que a criança tinha sido unida por Jara, ela deveria se chamar Jarasandha (unido por Jara). E o filho do rei de Magadha dotado de

grande energia começou a crescer em tamanho e força como um fogo no qual é despejado libações de manteiga clarificada. E crescendo dia a dia como a lua na quinzena clara, a criança começou a aumentar a alegria de seus pais.'

19

Krishna disse, 'Algum tempo depois disto, o grande asceta, o exaltado Chandakausika, foi novamente ao país dos Magadhas. Alegre pela vinda do Rishi, o rei Vrihadratha, acompanhado por seus ministros e sacerdote e esposas e filho, saiu para recebê-lo. E, ó Bharata, adorando o Rishi com água para lavar seus pés e rosto, e com as oferendas de Arghya, o rei então ofereceu todo o seu reino junto com seu filho para a aceitação do Rishi. O adorável Rishi aceitando aquele culto oferecido pelo rei, e endereçando-se ao soberano de Magadha, ó monarca, disse com o coração satisfeito, 'Ó rei, eu soube de tudo isso pela visão espiritual. Mas ouça, ó rei dos reis, o que este teu filho será no futuro, como também qual será sua beleza, excelência, força, e coragem. Sem dúvida este teu filho, crescendo em prosperidade e dotado de coragem, obterá tudo isto. Como as outras aves que nunca podem imitar a velocidade do filho de Vinata (Garuda), os outros monarcas da terra não poderão se igualar em energia a este teu filho, que será dotado de grande bravura. E todos aqueles que ficarem no caminho dele certamente serão destruídos. Como a força da correnteza nunca pode fazer a mais leve marca sobre o leito rochoso de uma montanha, armas arremessadas nele até pelos celestiais fracassarão em causar a menor dor a ele. Ele resplandecerá sobre as cabeças de todos os que usam coroas em suas frontes. Como o sol que diminui o brilho de todos os corpos luminosos, este teu filho privará todos os monarcas do seu esplendor. Mesmo os reis que são poderosos e proprietários de grandes exércitos e inúmeros veículos e animais, ao se aproximarem deste teu filho, todos perecerão como insetos sobre o fogo. Este teu filho se apoderará da crescente prosperidade de todos os reis como o oceano recebendo os rios cheios com a água da estação chuvosa. Como a terra enorme dá todas as espécies de produtos, mantendo as coisas que são boas e más, este teu filho dotado de grande força sustentará todas as quatro classes de homens. E todos os reis da terra viverão na obediência às ordens deste teu filho assim como cada criatura dotada de corpo vive na dependência de Vayu que é caro como o eu para os seres. Este príncipe de Magadha, o mais poderoso de todos os homens no mundo, verá com seus olhos físicos o deus dos deuses chamado Rudra ou Hara, o matador de Tripura.' Ó tu matador de todos os inimigos, assim dizendo, o Rishi, pensando em seus próprios negócios, se despediu do rei Vrihadratha. O senhor dos Magadhas então, reentrando em sua capital, e reunindo seus amigos e parentes, instalou Jarasandha no trono. O rei Vrihadratha então veio a sentir uma grande repugnância pelos prazeres mundanos. E depois da instalação de Jarasandha o rei Vrihadratha seguido por suas duas esposas se tornou habitante de um retiro ascético nas florestas. E, ó rei, depois que seu pai e mães tinham se retirado para as florestas, Jarasandha por sua bravura trouxe numerosos reis sob seu domínio.'"

Vaisampayana continuou, “O rei Vrihadratha, tendo vivido algum tempo nas florestas e praticando penitências ascéticas, finalmente ascendeu para o céu com suas esposas. O rei Jarasandha, também, como proferido por Kausika, tendo recebido aquelas numerosas bênçãos governou seu reino como um pai. Algum tempo depois quando o rei Kansa foi morto por Vasudeva surgiu uma inimizade entre ele e Krishna. Então, ó Bharata, o poderoso rei de Magadha de sua cidade de Girivraja, girando uma maça noventa e nove vezes, arremessou-a em direção a Mathura. Naquela época Krishna de feitos extraordinários estava residindo em Mathura. A larga maça arremessada por Jarasandha caiu perto de Mathura a uma distância de noventa e nove yojanas de Gririvraja. Os cidadãos vendo bem o incidente foram até Krishna e informaram-no da queda da maça. O lugar onde a maça caiu é adjacente a Mathura e é chamado Gadavasan. Jarasandha tinha dois partidários chamados Hansa e Dimvaka, ambos incapazes de serem mortos por armas. Bons conhecedores da ciência de política e moralidade, em conselhos eles eram os principais de todos os homens inteligentes. Eu já te disse tudo acerca daquele par poderoso. Eles dois e Jarasandha, eu creio, eram invencíveis nos três mundos. Ó rei corajoso, foi por esta razão que os poderosos Kukkura, Andhaka e as tribos Vrishni, agindo por motivos de política, não julgaram apropriado lutar com ele.”

20

(Jarasandhta badha Parva)

Krishna disse, ‘Ambos Hansa e Dimvaka morreram; Kansa também e todos os seus seguidores estão mortos. Chegou a hora, portanto, da destruição de Jarasandha. Ele é incapaz de ser vencido em batalha até por todos os celestiais e Asuras (lutando juntos). Nós pensamos, no entanto, que ele deve ser vencido em uma luta pessoal com braços nus. Em mim está a política, em Bhima a força e em Arjuna está o triunfo; e, portanto, como prelúdio para realizar o Rajasuya, nós certamente realizaremos a destruição do soberano de Magadha. Quando nós três nos aproximarmos daquele monarca em segredo, ele, sem dúvida, se envolverá em combate com um de nós. Por medo da ignomínia, por cobiça, e por orgulho de força ele certamente convocará Bhima para o combate. Como a própria morte que mata uma pessoa mesmo que ela seja cheia de orgulho, o poderoso Bhimasena e de braços longos efetuará a destruição do rei. Se tu conheces o meu coração, se tens alguma fé em mim, então transfira para mim, como um penhor, Bhima e Arjuna sem perda de tempo!’”

Vaisampayana continuou, “Endereçado deste modo pelo sublime, Yudhishthira, vendo Bhima e Arjuna com os rostos alegres, respondeu, dizendo 'Ó Achyuta, ó Achyuta, matador de todos os inimigos, não fale assim. Tu és o senhor dos Pandavas! Nós somos dependentes de ti. O que tu dizes, ó Govinda, é compatível com os conselhos sábios. Tu nunca lideraste aqueles a quem a Prosperidade virou as costas. Eu que estou sob tua ordem já considero Jarasandha morto, os

monarcas confinados por ele como já libertados e o Rajasuya já realizado por mim. Ó senhor do universo, ó melhor dos homens, aja vigilantemente para que esta tarefa possa ser realizada. Sem vocês eu então não teria coragem para viver, como um homem triste afligido pela doença, e privado dos três atributos de moralidade, prazer e riqueza. Partha não pode viver sem Sauri (Krishna), nem pode Sauri vive sem Partha. Nem há qualquer coisa no mundo que não possa ser conquistada por estes dois, Krishna e Arjuna. Este belo Bhima também é o principal de todos os homens dotados de força. De grande renome, o que ele não poderia realizar com vocês dois? As tropas, quando devidamente lideradas, sempre fazem um serviço excelente. Um exército sem um líder é chamado de inerte pelos sábios. Tropas, portanto, devem sempre ser lideradas por comandantes experientes. Para lugares que são baixos, os sábios sempre levam a água. Até os pescadores fazem a água (do tanque) jorrar através de buracos. (Líderes experientes sempre lideram suas forças observando as brechas e os pontos do inimigo que podem ser atacados). Nós, portanto, nos esforçaremos para realizar nosso propósito seguindo a liderança de Govinda que é conhecedor da ciência de política, este personagem cuja fama se estende por todo o mundo. Para a realização bem sucedida de um objetivo uma pessoa deve sempre colocar Krishna na dianteira, este principal dos personagens cuja força consiste em sabedoria e política e que possui o conhecimento dos métodos e recursos. Para a realização de um propósito, portanto, que Arjuna, o filho de Pritha, siga Krishna, o principal dos Yadavas, e que Bhima siga Arjuna. Política e boa sorte e poder (então) ocasionarão o sucesso em uma questão que requere coragem.'"

Vaisampayana disse, "Endereçado assim por Yudhishthira, o trio Krishna, Arjuna e Bhima, todos possuidores de grande energia, partiram para Magadha vestidos no traje de Snataka Brahmanas de corpos resplandecentes, e abençoados pelas palavras agradáveis de amigos e parentes. Possuidores de energia superior e de corpos já como o Sol, a Lua, e o Fogo, inflamados com fúria pela triste sina de seus reis parentes, os corpos deles se tornaram muito mais brilhantes. E as pessoas, observando Krishna e Arjuna, ambos que nunca antes foram vencidos em batalha, com Bhima na dianteira, todos preparados para realizar a mesma tarefa, consideraram Jarasandha como já morto. Pois o ilustre par (Krishna e Arjuna) eram mestres que dirigiam todas as operações (no universo), como também todos os atos relativos à moralidade, riqueza, e prazer de todos os seres. Tendo saído do país dos Kurus, eles atravessaram Kuru-jangala e chegaram ao encantador lago de lotos. Passando pelas colinas de Kalakuta, eles então seguiram cruzando o Gandaki, o Sadanira (Karatoya), e o Sarkaravarta e os outros rios que avançavam pelas mesmas montanhas. Eles então cruzaram o encantador Sarayu e viram o país de Kosala do Leste. Passando por aquele país eles foram para Mithila e então cruzaram o Mala e Charamanwati, os três heróis cruzaram o Ganges e o Sone e foram em direção ao leste. Finalmente aqueles heróis de glória imorredoura chegaram a Magadha no coração (do país de) Kushamva. Alcançando então as colinas de Goratha, eles viram a cidade de Magadha que estava sempre cheia de vacas e riqueza e água e tornada bela com as inúmeras árvores que havia lá.'

21

Vasudeva disse, 'Veja, ó Partha, a grande capital de Magadha, com toda sua beleza. Cheia de rebanhos e manadas e com seu estoque de água que nunca se esgota, e adornada também com belas mansões colocadas em ordem excelente, ela é livre de todo tipo de calamidade. As cinco grandes colinas de Vaihara, Varaha, Vrishava, Rishigiri, e a encantadora Chaitya, todas com topos altos e cobertas com árvores altas de sombra fresca e ligadas uma à outra, parecem estar juntamente protegendo a cidade de Girivraja. Os leitos das colinas são ocultados por florestas de encantadoras e fragrantes Lodhras que têm as pontas de seus ramos cobertas de flores. Foi aqui que o ilustre Gautama de votos rígidos gerou em sua mulher Sudra Ausinari (a filha de Usinara) Kakshivat e outros filhos célebres. Que a linhagem de Gautama ainda viva sob o domínio de uma raça humana ordinária (os monarcas) é somente evidência da bondade de Gautama para com os reis. E, ó Arjuna, foi aqui que no passado os monarcas poderosos de Anga, e Vanga e outros países vieram para a residência de Gautama, e passaram seus dias em alegria e felicidade. Veja, ó Partha, essas florestas de Pippalas encantadoras e Lodhras belas próximas do lado da residência de Gautama. Lá moravam antigamente aqueles Nagas, Arvuda e Sakravapin, perseguidores de todos os inimigos, como também o Naga Swastika e aquele outro Naga excelente chamado Manu. O próprio Manu ordenou que o país dos Magadhas nunca fosse afligido pela seca, e Kaushika e Manimat também favoreceram o país. Possuindo tal cidade encantadora e invulnerável, Jarasandha está sempre inclinado a procurar a realização dos seus propósitos ao contrário dos outros monarcas. Nós, no entanto, por matá-lo hoje humilharemos seu orgulho.'"

Vaisampayana disse, "Falando dessa forma àqueles irmãos de energia abundante, aquele da raça Vrishni e os dois Pandavas entraram na cidade de Magadha. Eles então se aproximaram em direção à cidade invulnerável de Girivraja que estava cheia de habitantes alegres e bem alimentados pertencentes a todas as quatro classes, e onde as festividades eram perenes. Ao chegarem então no portão da cidade, os irmãos (ao invés de passarem através dele) começaram a perfurar (com suas flechas) o coração do alto topo de Chaityaka que era venerado pela raça de Vrihadratha, como também pelos cidadãos e que encantava os corações de todos os Magadhas. Lá Vrihadratha matou um canibal chamado Rishava e tendo matado o monstro fez de sua pele três tambores os quais ele colocou na sua própria cidade. E aqueles tambores eram tais que o som de uma batida neles durava um mês inteiro. E os irmãos derrubaram o topo de Chaityaka que era encantador para todos os Magadhas, no ponto onde aqueles tambores cobertos com flores celestiais costumavam produzir seu som contínuo. E desejosos de matar Jarasandha, eles pareceram por aquele ato colocar seus pés sobre a cabeça do seu inimigo. E atacando com suas armas poderosas aquele imóvel e enorme e alto e antigo topo célebre sempre adorado com perfumes e coroas florais, aqueles heróis o derrubaram. E com corações alegres eles então entraram na cidade. E ocorreu que os Brahmanas eruditos residentes dentro da

cidade viram muitos maus presságios, os quais eles relataram para Jarasandha. E o sacerdote fazendo o rei montar em um elefante girou pedaços de madeira acesos em volta dele. E o rei Jarasandha também, possuidor de grande coragem, com o objetivo de se proteger daqueles males, iniciou a celebração de um sacrifício, com votos e jejuns apropriados. Enquanto isso, ó Bharata, os irmãos desarmados, ou mais propriamente com seus braços nus como suas únicas armas, desejosos de lutar com Jarasandha, entraram na capital disfarçados de Brahmanas. Eles viram a beleza extraordinária das lojas cheias de vários víveres e coroas florais, e abastecidas com artigos de todas as variedades e de várias qualidades que os homens poderiam desejar. Aqueles melhores dos homens, Krishna, Bhima, e Dhananjaya, observando naquelas lojas sua riqueza, passaram pela estrada pública. E dotados de grande força eles pegaram à força dos vendedores de flores as guirlandas que eles tinham exposto para vender. E vestidos em mantos de várias cores e enfeitados com guirlandas e brincos os heróis entraram na residência de Jarasandha, possuidor de grande inteligência, como leões Himalayan examinando rebanhos de gado. E os braços daqueles guerreiros, ó rei, cobertos com pasta de sândalo, pareciam os troncos das árvores Sala. O povo de Magadha, vendo aqueles heróis parecidos com elefantes, com pescoços largos como os das árvores e peitos amplos, começou a se admirar. Aqueles touros entre homens passando pelos três portões que estavam abarrotados de homens, orgulhosamente e alegremente se aproximaram do rei. E Jarasandha erguendo-se com pressa os recebeu com água para lavar seus pés, e mel e os outros ingredientes do Arghya, com presentes de vacas, e com outras formas de respeito. O grande rei se endereçou a eles e disse, ‘Vocês são bem vindos!’ E, ó Janamejaya, Partha e Bhima ficaram calados a isto. E endereçando-se ao monarca Krishna disse, 'Ó rei de reis, estes dois estão agora no cumprimento de um voto. Portanto eles não falarão. Eles permanecerão silenciosos até a meia noite e depois daquela hora eles falarão contigo!' O rei então, alojando seus convidados em aposentos sacrificais, foi para seus aposentos particulares. E quando chegou a meia-noite o monarca foi ao lugar onde seus convidados vestidos como Brahmanas estavam. Pois, ó rei, aquele monarca sempre vitorioso observava um voto que era conhecido por todos os mundos de que logo que ele soubesse da chegada de Snataka Brahmanas à sua cidade, mesmo que fosse à meia-noite, ele sairia imediatamente, ó Bharata, e lhes concederia uma audiência. Observando o traje estranho dos seus convidados, aquele melhor dos reis ficou muito admirado. Apesar de tudo isso, no entanto, ele os serviu respeitosamente. Aqueles touros entre homens, aqueles matadores de todos os inimigos, por outro lado, ó melhor da raça Bharata, observando o rei Jarasandha, disseram, 'Que a salvação seja alcançada por ti, ó rei, sem dificuldade.' E, ó tigre entre reis, tendo dito isto ao monarca, eles ficaram olhando uns para os outros. E, ó rei dos reis, Jarasandha então disse aos filhos de Pandu e àquele da raça Yadu, todos disfarçados como Brahmanas, 'Tomem seus assentos.' E aqueles touros entre homens se sentaram, e como os três sacerdotes de um grande sacrifício, resplandeciam em sua beleza. E o rei Jarasandha, ó tu da raça Kuru, firmemente dedicado à verdade, criticando os convidados disfarçados, disse a eles, 'É bem conhecido por mim que em todo o mundo Brahmanas no cumprimento do voto Snataka nunca enfeitam seus corpos com guirlandas e

pastas fragrantes inadequadamente. Quem são vocês, portanto, assim enfeitados com flores, e com as mãos portando as marcas da corda do arco? Vestidos em mantos coloridos e ornados inadequadamente com flores e pasta, vocês me deram a entender que eram Brahmanas, embora tendo a energia Kshatriya. Digam-me realmente quem são vocês. A verdade orna até os reis. Derrubando o topo da colina Chaityaka, por que vocês, disfarçados, entraram (na cidade) por um portão impróprio sem medo da cólera real? A energia de um Brahmana habita em suas palavras (não em ação). Este seu ato não corresponde à classe à qual vocês declaram pertencer. Digam-nos, portanto, qual objetivo vocês tem em vista. Chegando aqui por tal caminho impróprio, por que vocês não aceitam o culto que eu ofereço? Que é seu motivo para vir a mim?' Assim endereçado pelo rei, Krishna de grande alma, habilidoso com palavras, assim respondeu ao monarca em uma voz calma e grave.

Krishna disse, 'Ó rei, saiba que somos Snataka Brahmanas. Brahmanas e Kshatriyas e Vaishyas são todos, ó monarca, qualificados para cumprir o voto de Snataka. Este voto, além disso, tem (muitas) regras especiais e gerais. Um Kshatriya cumprindo este voto com regras especiais sempre alcança prosperidade. Portanto, nós nos enfeitamos com flores. Kshatriyas, ó rei, mostram sua energia por meio de seus braços e não com palavras. É por isto, portanto, ó filho de Vrihadratha, que as palavras proferidas por um Kshatriya nunca são audaciosas. Ó monarca, o criador plantou sua própria energia no alvo do Kshatriya. Se tu desejas ver isto, tu certamente o verás hoje. Estas são as regras da ordenança: que na residência de um inimigo deve-se entrar por um portão errado e na residência de um amigo através do correto. E saiba, ó monarca, que também é nosso voto eterno que tendo entrado na residência do inimigo para a realização do nosso propósito, nós não aceitaremos o culto oferecido a nós!'

22

Jarasandha disse, 'Eu não me lembro de alguma vez ter agido injuriosamente para com vocês! Mesmo após um escrutínio mental cuidadoso eu fracasso em ver a ofensa que lhes fiz. Se eu nunca lhes fiz alguma injúria, por que, ó Brahmanas, vocês consideram a mim, que sou inocente, como teu inimigo? Ó, respondam-me verdadeiramente, pois esta, de fato, é a regra seguida pelos honestos. A mente é atormentada pelo dano ao prazer e moralidade de alguém. O Kshatriya que prejudica (fontes de) prazer e moralidade de um homem inocente, mesmo que ele seja um grande guerreiro e bem versado em todas as regras de moralidade, obtém, sem qualquer dúvida, o destino (na vida após a morte) dos pecadores e decai em prosperidade. As práticas dos Kshatriyas são as melhores dentre aqueles que são honestos nos três mundos. De fato, aqueles que conhecem a moralidade elogiam as práticas Kshatriya. Aderindo àquelas práticas da minha classe com alma constante, eu nunca ofendo os que estão sob mim. Ao trazerem

esta acusação, portanto, contra mim, parece que vocês estão falando erroneamente!'

Krishna disse, 'Ó tu de braços poderosos, há certa pessoa na liderança de uma linhagem (real) que defende a dignidade de sua raça. Por ordem dele nós viemos contra ti. Tu trouxeste, ó rei, muitos dos Kshatriyas do mundo como cativos (para a tua cidade). Tendo cometido este erro pecaminoso como tu te consideras inocente? Ó melhor dos monarcas, como um rei pode agir injustamente em direção a outros reis virtuosos? Mas tu, ó rei, tratando os outros reis com crueldade, procura oferecê-los como sacrifício ao deus Rudra! Ó filho de Vrihadratha, este pecado cometido por ti pode tocar até a nós, pois como nós somos virtuosos nas nossas práticas, nós somos capazes de proteger a virtude. A morte de seres humanos como sacrifício aos deuses nunca é vista. Por que tu, portanto, procura realizar um sacrifício ao deus Sankara por massacrar seres humanos? Tu estás te comportando com as pessoas pertencentes à tua própria classe como animais (adequados para sacrifício)! Tu és tolo, pois quem mais, ó Jarasandha, é capaz de se comportar deste modo? Uma pessoa sempre obtém os frutos de quaisquer atos realizados sob quaisquer circunstâncias. Portanto, desejosos como nós somos de ajudar todas as pessoas afligidas, nós viemos, para a prosperidade da nossa raça, para cá para matar a ti, o assassino de nossos parentes. Tu pensas que não há nenhum homem entre os Kshatriyas (igual a ti). Este, ó rei, é um grande erro de julgamento da tua parte. Que Kshatriya há, ó rei, que dotado de grandeza de alma e se lembrando da dignidade da sua própria ascendência, que não ascenderia para o céu eterno que não tem seu igual em qualquer lugar, morrendo em luta aberta? Saiba, ó touro entre homens, que Kshatriyas se envolvem em batalha, como pessoas instaladas em sacrifícios, com o céu em vista, e conquistam todo o mundo! Estudo dos Vedas, grande fama, penitências ascéticas, e morte em batalha, são todas as ações que levam ao céu. O alcance do céu pelos três outros atos pode ser incerto, mas a morte em batalha tem aquela como sua consequência certa. A morte em batalha é a causa certa de um triunfo como o de Indra. Ela é agraciada por méritos numerosos. É por esta razão que aquele de cem sacrifícios (Indra) se tornou o que é, e por vencer os Asuras ele governa o universo. Hostilidade com quem mais além de ti é tão certa de levar para o céu, orgulhoso como tu és da excessiva força da tua vasta hoste Magadha? Não desconsidere os outros, ó rei. A coragem habita em cada homem. Ó rei de homens, há muitos homens cuja coragem pode ser igual ou superior à tua. Como eles não são conhecidos, tu és o único notado por tua coragem. Tua bravura, ó rei, pode ser suportada por nós. É, portanto, por isso que eu falo dessa maneira. Ó rei de Magadha, deixe de lado tua superioridade e orgulho na presença daqueles que são teus iguais. Não vá, ó rei, com teus filhos e ministros e exército, para as regiões de Yama. Damvodhava, Kartavirya, Uttara, e Vrihadratha foram reis que encontraram a destruição, junto com todas as suas tropas, por terem desrespeitado seus superiores. Desejosos de libertar os monarcas presos por ti, saiba que nós sem dúvida não somos Brahmanas. Eu sou Hrishesha também chamado Sauri, e estes dois heróis entre os homens são os filhos de Pandu. Ó rei de Magadha, nós te desafiamos. Lute colocando-te diante de nós. Ou tu libertas todos os monarcas, ou irás para a residência de Yama.'

Jarasandha disse, 'Eu nunca prendi um rei sem primeiro vencê-lo. Quem foi mantido aqui que não foi derrotado em guerra? Este, ó Krishna, é dito que é o dever que deve ser seguido pelos Kshatriyas: trazer os outros sob seu domínio pela demonstração de bravura e então tratá-los como escravos. Tendo colhido aqueles monarcas com a intenção de oferecê-los como sacrifício ao deus, como eu, ó Krishna, por medo libertá-los-ei hoje, quando eu me lembro também do dever de um Kshatriya que eu recitei? Com tropas contra tropas alinhadas em ordem de batalha, ou um contra um, ou contra dois, ou contra três, ao mesmo tempo ou separadamente, eu estou pronto para lutar.'"

Vaisampayana disse, "Tendo assim falado, e desejando lutar com aqueles heróis de realizações terríveis, o rei Jarasandha ordenou que Sahadeva (seu filho) fosse instalado no trono. Então, ó touro da raça Bharata, o rei, na véspera da batalha, pensou em seus dois generais Kausika e Chitrasena. Aqueles dois, ó rei, eram antigamente chamados por todos no mundo dos homens pelos títulos respeitosos de Hansa e Dimvaka. E, ó monarca, aquele tigre entre homens, o senhor Sauri sempre dedicado à verdade, o matador de Madhu, o irmão mais novo de Haladhara, o principal de todos os homens que têm seus sentidos sob controle completo, mantendo em vista a ordem de Brahma e se lembrando de que o soberano de Magadha estava destinado a ser morto em batalha por Bhima e não pelo descendente de Madhu (Yadavas), não desejou ele mesmo matar o rei Jarasandha, aquele principal de todos os homens dotados de força, aquele herói possuidor da bravura de um tigre, aquele guerreiro de coragem terrível."

23

Vaisampayana disse, “Então aquele principal de todos os oradores, Krishna da raça Yadava, endereçando-se ao rei Jarasandha, que estava decidido a lutar, disse, 'Ó rei, com qual entre nós três tu desejas lutar? Qual entre nós se preparará para a batalha (contigo)?' Assim endereçado, o soberano de Magadha, o rei Jarasandha de grande esplendor, expressou seu desejo de lutar com Bhima. O sacerdote então, trazendo com ele o pigmento amarelo obtido da vaca e guirlandas de flores e outros artigos auspiciosos, como também vários medicamentos excelentes para restaurar os sentidos perdidos e aliviar a dor, se aproximou de Jarasandha, anelante pela batalha. O rei Jarasandha, em cujo nome cerimônias propiciatórias com bênçãos estavam sendo realizadas por um Brahmana renomado, lembrando-se do dever de um Kshatriya se vestiu para a batalha. Tirando sua coroa e amarrando seu cabelo corretamente, Jarasandha postou-se como um oceano rebentando seus continentes. Então o monarca possuidor de bravura terrível, endereçando-se a Bhima, disse, 'Eu lutarei contigo. É melhor ser vencido por uma pessoa superior.' E assim dizendo, Jarasandha, aquele repressor de todos os inimigos, avançou com grande energia em Bhimasena como o Asura Vala antigamente avançou no chefe dos celestiais. E o poderoso Bhimasena, em cujo nome os deuses foram invocados por Krishna,

aquele seu primo, tendo conversado com ele avançou em direção a Jarasandha, impelido pelo desejo de lutar. Então aqueles tigres entre homens, aqueles heróis de grande destreza, com seus braços nus como suas únicas armas, alegremente se empenharam no combate, um desejoso de vencer o outro. E agarrando os braços um do outro e juntando as pernas um do outro, (às vezes) eles golpeavam seus peitos, fazendo o recinto tremer pelo som. E frequentemente agarrando o pescoço um do outro com suas mãos e arrastando e empurrando um ao outro com violência, e comprimindo cada membro do seu corpo contra cada membro do outro, eles continuaram, ó exaltado, a bater em seus peitos (às vezes). E às vezes esticando seus braços e às vezes encolhendo-os, e então os erguendo e abaixando, eles começaram a agarrar um ao outro. E batendo pescoço contra pescoço e testa contra testa, eles provocaram faíscas flamejantes como luzes de relâmpagos. E agarrando um ao outro de vários modos por meio de seus braços, e chutando um ao outro com tal violência que afetava os nervos mais internos, eles golpearam os peitos um do outro com punhos cerrados. Com braços nus como suas únicas armas e rugindo como nuvens, eles apertaram e golpearam um ao outro como dois elefantes loucos combatendo com suas trombas. Enraivecidos pelas pancadas um do outro, eles brigaram arrastando e empurrando um ao outro e se olhando ferozmente como dois leões furiosos. E cada um golpeando cada membro do outro com seu próprio e usando também seus braços contra o outro, e agarrando-se à cintura um do outro, eles arremessaram um ao outro à distância. Talentosos em combate, os dois heróis batendo um no outro com seus braços e arrastando o outro para si mesmo, começaram a apertar um ao outro com grande violência. Os heróis então realizaram aquele maior de todos os feitos em luta chamado Prishtabhanga, o qual consiste em jogar o outro no chão com o rosto em direção ao chão e mantê-lo derrubado naquela posição tanto quanto possível. E usando seus braços, ambos também realizaram as façanhas chamadas Sampurna-murchcha e Purna-kumbha. Às vezes eles torciam os braços um do outro e outros membros como se aqueles fossem fibras vegetais que eram para ser torcidas em cordas. E com punhos cerrados eles golpeavam um ao outro às vezes, fingindo visar membros específicos enquanto os golpes desciam sobre outras partes do corpo. E foi assim que aqueles heróis lutaram um com o outro. Os cidadãos aos milhares, compostos de Brahmanas, Kshatriyas e Vaisyas e Sudras, e até de mulheres e idosos, ó tigre entre homens, saíram e reuniram-se lá para ver a luta. E a multidão se tornou tão grande que ela era uma massa sólida de humanidade sem nenhum espaço entre os corpos. O som que os lutadores faziam com os golpes de seus braços, agarrando os pescoços um do outro para derrubá-lo, e agarrando as pernas um do outro para lançá-lo no chão, se tornou tão alto que ele parecia o som do ribombar do trovão ou de rochedos caindo. Ambos eram os principais dentre os homens poderosos, e ambos tinham grande prazer em tal combate. Desejosos de vencer um ao outro, cada um estava alerta para tomar vantagem do menor lapso do outro. E, ó monarca, os poderosos Bhima e Jarasandha lutaram terrivelmente naquela arena, empurrando com força a multidão às vezes pelos movimentos de suas mãos como Vritra e Vasava antigamente. Assim os dois heróis, arrastando um ao outro para frente e forçando para trás e com solavancos repentinos jogando o rosto um do outro para baixo e para os lados, mutilaram-se terrivelmente. E às vezes eles se golpeavam com

seus joelhos. E endereçando-se um ao outro ruidosamente em palavras ferinas, eles se golpeavam com punhos cerrados, os golpes descendo como uma massa de pedra sobre cada um. Com ombros largos e braços compridos e ambos muito hábeis em lutas e combates, eles se golpeavam com aqueles seus braços longos que eram como maças de ferro. Aquela luta dos heróis começou no primeiro dia (lunar) do mês de Kartic (Outubro) e os heróis ilustres continuaram lutando sem intervalo nem alimento, dia e noite, até o décimo terceiro dia lunar. E foi na noite do décimo quarto dia da quinzena lunar que o monarca de Magadha desistiu por fadiga. E, ó rei, Janardana, vendo o monarca cansado, endereçou-se a Bhima de feitos terríveis, e como se para estimulá-lo disse, 'Ó filho de Kunti, um inimigo que está cansado não pode ser pressionado, pois se pressionado em tal hora ele pode até morrer. Portanto, ó filho de Kunti, este rei não deve não ser pressionado por ti. Por outro lado, ó touro da raça Bharata, lute com ele com teus braços, empregando somente a força que agora sobrou no teu adversário!' Então aquele matador de heróis hostis, o filho de Pandu, assim endereçado por Krishna, compreendeu a situação de Jarasandha e em seguida resolveu tirar a vida dele. E aquele principal de todos os homens dotados de força, aquele príncipe da raça Kuru, desejoso de vencer o até agora invencível Jarasandha, reuniu toda sua força e coragem.'

24

Vaisampayana disse, "Assim endereçado, Bhima firmemente resolveu matar Jarasandha, e respondeu a Krishna da raça Yadu, dizendo, 'Ó tigre da raça Yadu, ó Krishna, este canalha que ainda está diante de mim com força suficiente e inclinado a lutar não deve ser perdoado por mim.' Ouvindo essas palavras de Vrikodara (Bhima), aquele tigre entre homens, Krishna, desejando encorajar aquele herói a realizar a morte de Jarasandha sem qualquer demora, respondeu, 'Ó Bhima, mostre hoje sobre Jarasandha a força que tu afortunadamente recebeste, o poder que obtiveste do (teu pai), o deus Maruta.' Assim endereçado por Krishna, Bhima, aquele matador de inimigos, levantando no ar o poderoso Jarasandha, começou a girá-lo no alto. E, ó touro da raça Bharata, tendo assim girado ele no ar por cem vezes completas, Bhima pressionou seu joelho contra a coluna vertebral de Jarasandha e quebrou seu corpo em dois. E tendo-o matado dessa maneira, o poderoso Vrikodara proferiu um rugido terrível. E o rugido do Pandava misturado com aquele som da morte de Jarasandha, enquanto ele estava sendo quebrado no joelho de Bhima, produziu um grande barulho que causou medo no coração de todas as criaturas. E todos os cidadãos de Magadha ficaram mudos pelo terror e muitas mulheres até deram à luz prematuramente. E ouvindo aqueles rugidos, o povo de Magadha pensou que ou o Himavat estava vindo abaixo ou a própria terra estava se partindo em pedaços. E aqueles opressores de todos os inimigos então, deixando o corpo sem vida do rei no portão do palácio onde ele jazia como alguém adormecido, saíram da cidade. E Krishna, fazendo o carro de Jarasandha equipado com um mastro de bandeira excelente ser aprontado e fazendo os irmãos (Bhima e Arjuna) subirem nele,

prosseguiu e libertou seus parentes (aprisionados). E aqueles reis resgatados de um destino terrível, ricos na posse de jóias, se aproximando de Krishna lhe presentearam com jóias e pedras preciosas. E tendo vencido seu inimigo, Krishna equipado com armas e ileso e acompanhado pelos reis (que tinha libertado), saiu de Girivraja naquele carro celeste (de Jarasandha). E ele também que podia manejar o arco com ambas as mãos (Arjuna), que era incapaz de ser vencido por qualquer monarca da terra, que era extremamente belo pessoalmente e bem habilidoso na destruição do inimigo, acompanhado pelo possuidor de grande força (Bhima), saiu daquela cidade com Krishna dirigindo o carro onde ele estava. E aquele melhor dos carros, incapaz de ser conquistado por qualquer rei, ocupado pelos guerreiros Bhima e Arjuna, e dirigido por Krishna, parecia extremamente belo. De fato, foi sobre aquele carro que Indra e Vishnu lutaram antigamente na batalha (com os Asuras) na qual Taraka (a esposa de Vrihaspati) se tornou a causa imediata de muito massacre. E dirigindo aquele carro Krishna naquele momento saiu do forte da colina. Possuidor do esplendor do ouro aquecido, e decorado com fileiras de sinos tilintando e equipado com rodas cujo ruído era como o ribombar das nuvens, e sempre vitorioso em batalha, e sempre massacrando o inimigo contra quem fosse dirigido, aquele era o próprio carro sobre o qual Indra matou noventa e nove Asuras antigamente. E aqueles touros entre homens (os três primos) tendo obtido aquele carro ficaram muito contentes. O povo de Magadha, vendo Krishna de braços longos junto com os dois irmãos sentados naquele carro (de Jarasandha), se admiraram muito. Ó Bharata, aquele carro, ao qual estavam unidos cavalos celestes que possuíam a velocidade do vento, assim dirigido por Krishna, parecia muito vistoso. E sobre aquele melhor dos carros havia um mastro de bandeira que não era visivelmente anexado a ele, e que era o produto da habilidade celeste. E o belo mastro de bandeira, possuidor do esplendor do arco-íris, podia ser visto da distância de um yojana. E Krishna, enquanto saía, pensou em Garuda. E Garuda, lembrado por seu mestre, chegou lá em um instante, como uma árvore de vastas proporções posicionada em uma aldeia venerada por todos. Garuda, de corpo imensamente pesado e vivendo de cobras, pousou sobre aquele carro excelente junto com as inúmeras criaturas de bocas abertas e rugindo terrivelmente naquele mastro de bandeira. E então aquele melhor dos carros ficou ainda mais deslumbrante com seu esplendor e se tornou tão incapaz de ser olhado pelos seres criados quanto o sol do meio-dia cercado por mil raios. E, ó rei, tal era aquele melhor dos mastros de bandeira de fabricação celeste que ele nunca batia contra qualquer árvore nem alguma arma podia danificá-lo em absoluto ainda que fosse visível aos olhos dos homens. E Achyuta, aquele tigre entre homens, junto com os dois filhos de Pandu naquele carro celeste, cujo ruído das rodas era como o ribombar das nuvens, saiu de Girivraja. O carro sobre o qual Krishna estava tinha sido obtido pelo rei Vasu de Vasava, e de Vasu por Vrihadratha, e do último no seu devido tempo pelo rei Jarasandha. E aquele de braços longos e olhos como pétalas de lótus e possuidor de reputação ilustre, saindo de Girivraja, parou (por algum tempo) em uma planície fora da cidade. E, ó rei, todos os cidadãos então, com os Brahmanas em sua liderança, foram até lá com pressa para adorá-lo com os devidos ritos religiosos. E os reis que tinham sido libertados da prisão adoraram o matador de Madhu com reverência, e endereçando-se a ele com elogios disseram, ‘Ó tu de braços longos,

tu hoje resgataste a nós que estávamos afundados no lamaçal profundo da tristeza na mão de Jarasandha. Tal ato de virtude por ti, ó filho de Devaki, ajudado pelo poder de Bhima e Arjuna, é extraordinário. Ó Vishnu, definhando como todos nós estávamos no terrível forte da colina de Jarasandha, foi em verdade por pura boa sorte que tu nos resgataste, ó filho da raça Yadu, e obtiveste assim uma reputação notável. Ó tigre entre homens, nós nos curvamos a ti. Ó, ordene o que nós devemos fazer. Mesmo que seja de realização difícil, tua ordem sendo conhecida, ó senhor (Krishna), ela será imediatamente cumprida por nós.' Assim endereçado pelos monarcas, Hrishikesa de grande alma lhes deu toda a segurança e disse, 'Yudhishthira está desejoso de realizar o sacrifício de Rajasuya. Aquele monarca, sempre guiado pela virtude, está desejoso de adquirir a dignidade imperial. Tendo sabido disto por mim ajudem-no em seus esforços.' Então, ó rei, todos aqueles monarcas com corações alegres aceitaram as palavras de Krishna, dizendo, 'Assim seja!' E dizendo isso, aqueles senhores da terra fizeram presentes de jóias àquele da linhagem Dasarha. E Govinda, movido por bondade para com eles, aceitou uma parte daqueles presentes.

Então o filho de Jarasandha, Sahadeva de grande alma, acompanhado por seus parentes e pelos principais oficiais de estado, e com seu sacerdote adiante chegou lá. E o príncipe, curvando-se e fazendo grandes presentes de jóias e pedras preciosas, adorou Vasudeva, aquele deus entre homens. Então aquele melhor dos homens, Krishna, dando toda segurança ao príncipe atormentado pelo medo, aceitou aqueles seus presentes de grande valor. E Krishna alegremente instalou o príncipe imediatamente na soberania de Magadha. E o filho ilustre e de braços fortes de Jarasandha, assim instalado no trono por aqueles mais exaltados dos homens e tendo obtido a amizade de Krishna e tratado com respeito e bondade pelos dois filhos de Pritha, reentrou na cidade de seu pai. E aquele touro entre homens, Krishna, acompanhado pelos filhos de Pritha e agraciado com grande prosperidade, deixou a cidade de Magadha, carregado com numerosas jóias. Acompanhado pelos dois filhos de Pandu, Achyuta (Krishna) chegou a Indraprastha, e se aproximando de Yudhishthira alegremente se endereçou àquele monarca dizendo, 'Ó melhor dos reis, por boa sorte o poderoso Jarasandha foi morto por Bhima, e os reis confinados (em Girivraja) foram todos libertados. Afortunadamente também, estes dois, Bhima e Dhananjaya, estão bem e chegaram ilesos, ó Bharata, em sua própria cidade.' Então Yudhishthira adorou Krishna como ele merecia e abraçou Bhima e Arjuna em alegria. E o monarca que não tinha inimigo, tendo obtido vitória através da ação de seus irmãos por consequência da morte de Jarasandha, entregou-se ao prazer e alegria com todos os seus irmãos. E filho mais velho de Pandu (Yudhisthira) junto com seus irmãos se aproximou dos reis que tinham chegado a Indraprastha e entretendo-os e adorando-os, cada um de acordo com sua idade, dispensou-os todos. Mandados por Yudhishthira, aqueles reis com corações alegres partiram para seus respectivos países sem perda de tempo, em veículos excelentes. Assim, ó rei, aquele tigre entre homens, Janardana de grande inteligência, fez seu inimigo Jarasandha ser morto através do auxílio dos Pandavas. E, ó Bharata, aquele castigador de todos os inimigos, tendo assim causado a morte de Jarasandha, despediu-se de Yudhishthira e Pritha, de Draupadi e Subhadra, de Bhimasena e

Arjuna e dos gêmeos Nakula e Sahadeva. Depois de se despedir de Dhananjaya também, ele partiu para sua própria cidade (de Dwarka), sobre aquele melhor dos carros de feitio celeste, possuidor da velocidade da mente e dado a ele por Yudhishthira, enchendo os dez pontos do horizonte com o estrépito profundo de suas rodas. E, ó touro da raça Bharata, justamente quando Krishna estava prestes a partir, os Pandavas com Yudhishthira em sua liderança andaram em volta daquele tigre entre homens que nunca se fatigava com esforço.

E depois que o ilustre Krishna, o filho de Devaki, tinha saído (de Indraprastha) tendo obtido aquela grande vitória e tendo também dissipado os temores dos reis, aquela façanha, ó Bharata, aumentou a fama dos Pandavas. E, ó rei, os Pandavas passaram seus dias, continuando a alegrar o coração de Draupadi. E naquela época, tudo o que fosse apropriado e consistente com a virtude, o prazer, e o lucro, continuou a ser devidamente realizado pelo rei Yudhishthira no exercício de suas funções de proteger seus súditos."

25

(Digvijaya Parva)

Vaisampayana disse, “Arjuna, tendo obtido aquele melhor dos arcos e aquele par de aljavas inesgotáveis e aquele carro e mastro de bandeira, como também aquela casa de reuniões, endereçando-se a Yudhisthira, disse, ‘Arco, armas, grande energia, aliados, território, fama, exército, estes, ó rei, de aquisição difícil embora desejáveis, foram todos obtidos por mim. Eu penso, portanto, que o que deve ser feito agora é aumentar nossa tesouraria. Eu desejo, ó melhor dos monarcas, fazer os reis (da terra) pagarem tributos a nós. Eu desejo partir, em um momento auspicioso de um dia santo da lua sob uma constelação favorável, para a conquista da direção que é presidida pelo senhor dos tesouros (o Norte).’”

Vaisampayana continuou, "O rei Yudhisthira, o justo, ouvindo estas palavras de Dhananjaya, respondeu a ele em um tom grave e sereno, dizendo, ‘Ó touro da raça Bharata, parta, tendo feito Brahmanas santos proferirem bênçãos sobre ti, para mergulhar teus inimigos em tristeza e para encher teus amigos de alegria. A vitória, ó filho de Pritha, certamente será tua, e tu sem dúvida terás teus desejos satisfeitos.’

Assim endereçado, Arjuna, cercado por uma grande hoste, partiu naquele carro celeste de realizações extraordinárias que ele tinha obtido de Agni. E Bhimasena também, e aqueles touros entre homens, os gêmeos, despedidos com afeto por Yudhishthira, o justo, partiram, cada um na liderança de um grande exército. E Arjuna, o filho do castigador de Paka então subjugou aquela direção que era presidida pelo senhor dos tesouros (o Norte). E Bhimasena dominou pela força o Leste e Sahadeva o Sul, e Nakula, ó rei, conhecedor de todas as armas, conquistou o Oeste. Assim enquanto seus irmãos estavam assim empenhados, o

nobre rei Yudhishthira, o justo, permaneceu em Khandavaprastha desfrutando de grande riqueza no meio de amigos e parentes.

Bhagadatta, sabendo disto, disse, 'Ó tu que tens Kunti como tua mãe, como tu és para mim assim também é Yudhishthira. Eu farei tudo isto. Diga-me o que mais eu posso fazer por ti.'"

26

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado, Dhananjaya respondeu a Bhagadatta, dizendo, 'Se tu me deres tua promessa de fazê-lo, tu terás feito tudo o que eu desejo.' E tendo assim subjugado o rei de Pragjyotisha, Dhananjaya de braços longos, o filho de Kunti, então marchou em direção ao norte, a direção presidida pelo senhor dos tesouros. Aquele touro entre homens, aquele filho de Kunti, então conquistou as regiões montanhosas e seus arredores, como também as regiões íngremes. E tendo conquistado todas as montanhas e os reis que lá reinavam, e trazendo-os sob o seu domínio, ele exigiu impostos de todos. E ganhando o afeto daqueles reis e se unindo a eles, ele em seguida marchou, ó rei, contra Vrihanta, o rei de Uluka, fazendo esta terra tremer com o som dos seus tambores, o estrépito das rodas de sua carruagem, e o rugido dos elefantes em seu séquito. Vrihanta, no entanto, saindo rapidamente de sua cidade seguido por seu exército que consistia em quatro tipos de tropas, lutou com Falguna (Arjuna). E a luta que ocorreu entre Vrihanta e Dhananjaya foi terrível. E aconteceu que Vrihanta não pôde suportar a bravura do filho de Pandu. Então aquele rei invencível da região montanhosa considerando o filho de Kunti irresistível, se aproximou dele com toda sua riqueza. Arjuna obteve o reino de Vrihanta, mas tendo feito as pazes com ele marchou, acompanhado por aquele rei, contra Senavindu a quem ele logo expulsou de seu reino. Depois disso ele subjugou Modapura, Vamadeva, Sudaman, Susankula, os Ulukas do Norte, e os reis daqueles países e povos. Em seguida por ordem de Yudhishthira, ó monarca, Arjuna não se moveu da cidade de Senavindu, mas enviou somente suas tropas e trouxe sob seu domínio aqueles cinco países e povos. Pois Arjuna, tendo chegado a Devaprastha, a cidade de Senavindu, hospedou-se lá com seu exército consistindo em quatro tipos de forças. De lá, circundado pelos reis e povos que ele tinha subjugado, o herói marchou contra o rei Viswagaswa, aquele touro da raça Puru. Tendo vencido em batalha os montanheses valentes, que eram todos grandes guerreiros, o filho de Pandu, ó rei, então ocupou com a ajuda de suas tropas a cidade protegida pelo rei Puru. Tendo vencido em batalha o rei Puru, como também as tribos de ladrões, das montanhas, o filho de Pandu trouxe sob seu domínio as sete tribos chamadas Utsava-sanketa. Aquele touro da raça Kshatriya então derrotou os corajosos Kshatriyas de Kashmira e também o rei Lohita junto com seus dez chefes menores. Então os Trigartas, os Daravas, os Kokonadas, e vários outros Kshatriyas, ó rei, avançaram contra o filho de Pandu. Aquele príncipe da raça Kuru então tomou a cidade encantadora de Avisari, e então trouxe sob seu domínio Rochamana governando em Uraga. Então o filho de

Indra (Arjuna), usando seu poder, pressionou a cidade encantadora de Singhapura que era bem protegida com várias armas. Então Arjuna, aquele touro entre os filhos de Pandu, na liderança de todas as suas tropas, atacou ferozmente as regiões chamadas Suhma e Sumala. Então o filho de Indra, dotado de grande coragem, depois de pressioná-los com grande força, trouxe os Valhikas, sempre difíceis de serem vencidos, sob seu domínio. Então Falguna, o filho de Pandu, levando consigo uma força militar seleta derrotou os Daradas junto com os Kambojas. Então o nobre filho de Indra venceu as tribos de ladrões que moravam na fronteira nordeste e também aquelas que moravam nas florestas. E, ó grande rei, o filho de Indra também subjugou as tribos aliadas dos Lohas, os Kambojas do leste, e os Rishikas do norte. E a batalha com os Rishikas foi violenta ao extremo. De fato, a batalha que ocorreu entre eles e o filho de Pritha foi semelhante àquela entre os deuses e os Asuras na qual Taraka (a mulher de Vrihaspati) tornou-se a causa de tantos massacres. E derrotando, ó rei, os Rishikas no campo de batalha, Arjuna tomou deles como tributo oito cavalos que eram da cor do peito do papagaio, como também outros cavalos das cores do pavão, nascidos no norte e em outras regiões e dotados de grande velocidade. Finalmente tendo conquistado todas as montanhas Himalaia e Nishkuta, aquele touro entre homens, chegando às montanhas Brancas, montou acampamento em seu leito.'

27

Vaisampayana disse, "Aquele heróico e principal dos Pandavas dotado de grande energia, cruzando as montanhas Brancas, subjugou o país dos Limpurushas governado por Durmaputra, depois de um conflito envolvendo um grande massacre de Kshatriyas, e de ter trazido a região sob seu domínio completo, tendo reduzido aquele país, o filho de Indra (Arjuna), com a mente controlada marchou na liderança das suas tropas para o país chamado Harataka, governado pelos Guhakas. Subjugando-os por uma política de conciliação, o príncipe Kuru contemplou (naquela região) aqueles lagos excelentes chamados Manasa e vários outros lagos e tanques sagrados para os Rishis. E o nobre príncipe tendo chegado ao lago Manasa conquistou as regiões governadas pelos Gandharvas que se situavam ao redor dos territórios Harataka. Lá o conquistador pegou, como tributo do país, numerosos cavalos excelentes chamados Tittiri, Kalmasha, Manduka. Finalmente o filho do matador de Paka, ao chegar ao campo de Harivarsha Norte desejou conquistá-lo. Então certos guardas da fronteira, de corpos enormes e dotados de grande força e energia, foram a ele com corações valentes, e disseram, 'Ó filho de Pritha, este país nunca poderá ser conquistado por ti. Se tu procuras o teu bem, retorne daqui. Aquele que entra nessa região, se for humano, perece com certeza. Nós estamos satisfeitos contigo; ó herói, tuas conquistas foram suficientes. Nem há nada para ser visto aqui, ó Arjuna, que possa ser conquistado por ti. Os Kurus do Norte vivem aqui. Não pode haver guerra aqui. Mesmo se tu entrares, tu não poderás ver qualquer coisa, pois com olhos humanos nada pode ser visto aqui. Se, no entanto, tu procuras qualquer coisa mais, ó Bharata, ó tigre entre homens, diga-nos para que nós possamos

realizar tua ordem.’ Assim endereçado por eles, Arjuna sorrindo endereçou-se a eles, dizendo, 'Eu desejo a aquisição da dignidade imperial por Yudhishthira, o justo, de grande inteligência. Se sua terra está fechada contra seres humanos, eu não entrarei nela. Que algo seja pago a Yudhishthira por vocês como tributo.’ Ouvindo essas palavras de Arjuna, eles deram como a ele como tributo muitos tecidos e ornamentos de feitio celeste, sedas de textura celeste e peles de origem celeste.

Foi assim que aquele tigre entre homens subjugou os países que se situavam ao Norte, tendo lutado inúmeras batalhas com Kshatriyas e tribos de ladrões. E tendo vencido os principais e trazendo-os sob o seu domínio, ele exigiu deles muita riqueza, várias jóias e pedras preciosas, os cavalos das espécies chamadas Tittiri e Kalmasha, como também aqueles da cor das asas do papagaio e aqueles que eram como os pavões em cor e todos dotados da velocidade do vento. E circundado, ó rei, por um grande exército que consistia nas quatro espécies de forças, o herói voltou para a cidade excelente de Sakraprastha. E Partha ofereceu toda aquela riqueza, junto com os animais que ele tinha trazido, para Yudhishthira, o justo. E mandado pelo monarca, o herói se retirou para um aposento do palácio para descansar.’

28

Vaisampayana disse, “Enquanto isso, Bhimasena, também dotado de grande energia, tendo obtido a concordância de Yudhishthira o justo, marchou em direção ao leste. E o tigre entre os Bharatas, possuidor de grande coragem e sempre aumentando as tristezas de seus inimigos, estava acompanhado por uma hoste poderosa com o total complemento de elefantes e cavalos e carros, bem armada e capaz de esmagar todos os reinos hostis. Aquele tigre entre homens, o filho de Pandu, indo primeiro ao grande país dos Panchalas, começou por vários meios a conciliar aquela tribo. Então aquele herói, aquele touro da raça Bharata, dentro de pouco tempo, venceu os Gandakas e os Videhas. Aquele nobre então subjugou os Dasarnas. Lá no país dos Dasarnas, o rei chamado Sudharman com seus braços nus lutou uma batalha feroz com Bhimasena. E Bhimasena, vendo aquele feito do rei ilustre, designou o poderoso Sudharman como o primeiro no comando das suas tropas. Então Bhima de bravura terrível marchou em direção ao leste, fazendo a própria terra tremer com os passos da hoste poderosa que o seguia. Então aquele herói, que em força era o principal de todos os homens fortes, derrotou em batalha Rochamana, o rei de Aswamedha, na liderança de todas as suas tropas. E o filho de Kunti, tendo derrotado aquele monarca por realizar façanhas que se distinguiram em ferocidade, subjugou toda a região leste. Então aquele príncipe da linhagem Kuru, dotado de grande destreza, entrando no país de Pulinda no sul, trouxe Sukumara e o rei Sumitra sob seu domínio. Então, ó Janamejaya, aquele touro da raça Bharata, por ordem de Yudhishthira o justo, marchou contra Sisupala de grande energia. O rei de Chedi, sabendo das intenções do filho de Pandu, saiu de sua cidade. E aquele castigador de todos os

inimigos então recebeu o filho de Pritha com respeito. Então, ó rei, aqueles touros das linhas Chedi e Kuru, assim reunidos, perguntaram sobre o bem-estar um do outro. Então, ó monarca, o rei de Chedi ofereceu seu reino para Bhima e disse sorridente, 'Ó impecável, no que tu estás empenhado?' E Bhima então revelou a ele as intenções do rei Yudhishthira. E Bhima morou lá, ó rei, por trinta noites, devidamente entretido por Sisupala. E depois disto ele saiu de Chedi com suas tropas e veículos.'

29

Vaisampayana disse, "Aquele castigador de todos os inimigos então venceu o rei Srenimat do país de Kumara, e então Vrihadvala, o rei de Kosala. Então o principal dos filhos de Pandu, por realizar feitos de excessiva ferocidade, derrotou o virtuoso e poderoso rei Dirghayaghna de Ayodhya. E o exaltado então subjugou o país de Gopalakaksha e os Kosalas do norte e também o rei de Mallas. E o poderoso, chegando então na região úmida na base do Himalaia, logo trouxe o país inteiro sob seu domínio. E aquele touro da raça Bharata trouxe sob seu controle desta maneira diversos países. E dotado de grande energia e sendo em força o principal de todos os homens fortes, o filho de Pandu em seguida conquistou o país de Bhallata, como também a montanha de Suktimanta que era ao lado de Bhallata. Então Bhima de bravura terrível e braços longos, vencendo em batalha o rei Suvahu de Kasi que não recuava, trouxe-o sob domínio completo. Então aquele touro entre os filhos de Pandu venceu em batalha, por pura força, o grande rei Kratha que reinava na região situada em volta de Suparsa. Então o herói de grande energia derrotou os Matsyas e os poderosos Maladas e o país chamado Pasubhumi que não tinha medo ou opressão de qualquer tipo. E o herói de longos braços então, saindo daquela terra, conquistou Madahara, Mahidara, e os Somadheyas, e virou seus passos em direção ao norte. E o filho poderoso de Kunti então subjugou, por pura força, o país chamado Vatsabhumi, e o rei dos Bhargas, como também o soberano dos Nishadas e Manimat e outros reis numerosos. Então Bhima, com pouco esforço e rapidamente, conquistou os Mallas do sul e as montanhas Bhagauanta. E o herói em seguida conquistou, somente pela política, os Sarmakas e os Varmakas. E aquele tigre entre homens então derrotou com comparativa facilidade aquele senhor da terra, Janaka, o rei dos Videhas. E o herói então subjugou estrategicamente os Sakas e os bárbaros que viviam naquela parte do país. E o filho de Pandu, enviando expedições de Videha, conquistou os sete reis dos Kiratas que viviam sobre a montanha Indra. O herói poderoso então, dotado de energia abundante, venceu em batalha os Submas e os Prasuhmas. E conquistando-os para seu lado, o filho de Kunti, possuidor de grande força marchou contra Magadha. Em seu caminho ele subjugou os monarcas conhecidos pelos nomes de Danda e Dandadhara, E acompanhado por aqueles monarcas, o filho de Pandu marchou contra Girivraja. Depois de trazer o filho de Jarasandha sob seu domínio por conciliação e fazendo-o pagar tributo, o herói então marchou contra Kansa acompanhado pelos monarcas que tinha vencido. E fazendo a terra tremer por meio de suas tropas consistindo de quatro

tipos de forças, o principal dos Pandavas então combateu Karna, aquele matador de inimigos. E, ó Bharata, tendo subjugado Karna e trazido-o sob seu domínio, o herói poderoso então derrotou o poderoso rei das regiões montanhosas. E o filho de Pandu então matou em uma batalha violenta, pela força de seus braços, o rei poderoso que morava em Madagiri. E o Pandava então, ó rei, subjugou em batalha aqueles heróis fortes de bravura feroz, o heróico e poderoso Vasudeva, o rei de Pundra e o rei Mahaujah que reinava em Kausika-kachchha, e então atacou o rei de Vanga. E tendo vencido o rei Samudrasena e Chandrasena e Tamralipta, e também o rei dos Karvatas e o soberano dos Suhmas, como também os reis que habitavam a margem do oceano; aquele touro entre os Bharatas então conquistou todas as tribos Mlechchhas. O poderoso filho do deus do vento tendo assim conquistado vários países, e exigindo tributos deles todos avançou em direção a Lohity. E o filho de Pandu então fez todos os reis Mlechchhas que residiam nas regiões pantanosas do litoral pagar tributos e várias espécies de riquezas, e madeira de sândalo e aloés, e roupas e jóias, e pérolas e cobertores e ouro e prata e corais valiosos. Os reis Mlechchhas despejaram sobre o filho ilustre de Kunti uma chuva grossa de riquezas que consistia em moedas e jóias contadas às centenas de milhões. Então voltando para Indraprastha, Bhima de bravura terrível ofereceu toda aquela riqueza para o rei Yudhisthira o justo.’

30

Vaisampayana disse, "Desse modo também Sahadeva, despedido com afeto pelo rei Yudhisthira o justo, marchou em direção ao sul acompanhado por uma hoste poderosa. Forte em poder, aquele príncipe poderoso da raça Kuru, derrotando completamente no início os Surasenas, trouxe o rei de Matsya sob seu domínio. E o herói então, derrotando Dantavakra, o poderoso rei dos Adhirajas e fazendo-o pagar tributo, restabeleceu-o em seu trono. O príncipe então trouxe sob seu domínio Sukumara e então o rei Sumitra, e em seguida venceu os outros Matsyas e então os Patacharas. Dotado de grande inteligência, o guerreiro Kuru então conquistou rapidamente o país dos Nishadas e também a alta colina chamada Gosringa, e aquele senhor da terra chamado Srenimat. E subjugando em seguida o país chamado Navarashtra, o herói marchou contra Kuntibhoja, que com boa vontade aceitou o domínio do herói conquistador. E marchando dali para as margens do Charmanwati, o guerreiro Kuru encontrou o filho do rei Jamvaka, que, por causa de antigas hostilidades, tinha sido derrotado antes por Vasudeva. Ó Bharata, o filho de Jamvaka lutou com Sahadeva. E Sahadeva derrotando o príncipe marchou em direção ao sul. O guerreiro poderoso então venceu os Sekas e outros, e exigiu tributos deles e também várias espécies de jóias e riquezas. Aliando-se com as tribos vencidas o príncipe então marchou em direção aos países que se situavam nas margens do Narmada. E derrotando lá em batalha os dois reis heróicos de Avanti, chamados Vinda e Anuvinda, fortalecidos por uma hoste poderosa, o filho poderoso dos deuses gêmeos exigiu muita riqueza deles. Depois disso o herói marchou em direção à cidade de Bhojakata, e lá, ó rei de glória imorredoura, um feroz combate ocorreu entre ele e o rei daquela cidade por

dois dias inteiros. Mas o filho de Madri, vencendo o invencível Bhismaka, então derrotou em batalha o rei de Kosala e o soberano dos territórios às margens do Venwa, como também os Kantarakas e os reis dos Kosalas do leste. O herói então derrotou os Natakeyas e os Heramvaks em batalha, e subjugando o país de Marudha, subjugou Munjagrama por pura força. E o filho de Pandu então venceu os monarcas poderosos dos Nachinas e os Arvukas e os vários reis da floresta daquela parte do país. Dotado de grande força o herói então reduziu à submissão o rei Vatadhipa. E derrotando em batalha os Pulindas, o herói então marchou para o sul. E o irmão mais novo de Nakula então lutou um dia inteiro com o rei de Pandrya. O herói de longos braços tendo vencido aquele monarca marchou mais adiante para o sul. E então ele contemplou as cavernas célebres de Kishkindhya e naquela região lutou sete dias com os reis macacos Mainda e Dwivida. Aqueles reis ilustres, no entanto, sem estarem cansados com a batalha, ficaram satisfeitos com Sahadeva. E endereçando-se alegremente ao príncipe Kuru, eles disseram, 'Ó tigre entre os filhos de Pandu, volte daqui levando o tributo de nós todos. Que a missão do rei Yudhishthira o justo, possuidor de grande inteligência, seja realizada sem impedimento.' E levando jóias e pedras preciosas deles todos, o herói marchou em direção à cidade de Mahishmati, e lá aquele touro dos homens lutou com o rei Nila. A batalha que ocorreu entre o rei Nila e o poderoso Sahadeva, o filho de Pandu, aquele matador de heróis hostis, foi feroz e terrível. E a batalha foi extremamente sangrenta, e a vida do próprio herói foi exposta a um grande risco, pois o próprio deus Agni ajudou o rei Nila na luta. Então todos os carros, heróis, elefantes, e os soldados em suas cotas de malha do exército de Sahadeva pareciam estar em fogo. E vendo aquilo o príncipe da linhagem Kuru ficou muito aflito. E, ó Janamejaya, à visão daquilo o herói não podia decidir o que ele deveria fazer."

Janamejaya disse, "Ó regenerado, por que o deus Agni se tornou hostil em batalha a Sahadeva, que estava lutando simplesmente para a realização de um sacrifício (e, portanto, para a satisfação do próprio Agni)?"

Vaisampayana disse, "É dito, ó Janamejaya, que o deus Agni enquanto residindo em Mahishmati ganhou a reputação de um amante. O rei Nila tinha uma filha que era extremamente bela. Ela costumava sempre ficar perto do fogo sagrado de seu pai, fazendo-o queimar com vigor. E acontecia que o fogo do rei Nila, mesmo que ateado, não queimava até que fosse agitado pelo sopro amável daqueles formosos lábios da menina. E era falado no palácio do rei Nila e na casa de todos os seus súditos que o deus Agni desejava aquela menina bela como sua noiva. E aconteceu que ele foi aceito pela própria menina. Um dia a divindade assumiu a forma de um Brahmana, e estava felizmente desfrutando da companhia dela quando foi descoberto pelo rei. E o virtuoso rei então ordenou que o Brahmana fosse punido segundo a lei. A isto a divindade ilustre inflamou-se em cólera. E ao contemplá-lo o rei maravilhou-se muito e inclinou sua cabeça até o chão. E depois de algum tempo o rei curvando-se entregou sua filha ao deus Agni, disfarçado como um Brahmana. E o deus Vibhabasu (Agni) aceitando aquela filha de belas sobrancelhas do rei Nila, se tornou benevolente para com aquele monarca. E Agni, o ilustre gratificador de todos os desejos, também pediu para o

monarca lhe pedir uma bênção. E o rei pediu que suas tropas nunca pudessem ser tomadas pelo pânico enquanto estivessem engajadas na batalha. E desde aquele tempo, ó rei, aqueles monarcas que por ignorância disso desejavam subjugar a cidade do rei Nila eram consumidos por Hutasana (Agni). E desde daquele tempo, ó perpetuador da raça Kuru, as moças da cidade de Mahishmati se tornaram um tanto inaceitáveis para outros (como esposas). E Agni por sua bênção concedeu a elas liberdade sexual, para que as mulheres daquela cidade sempre vagassem à vontade, cada uma não ligada a um marido específico. E, ó touro da raça Bharata, a partir daí os monarcas (de outros países) abandonaram aquela cidade com medo de Agni. E o virtuoso Sahadeva, vendo suas tropas atormentadas pelo medo e cercadas por chamas de fogo, permaneceu lá imóvel como uma montanha. E se purificando e tocando a água, o herói (Sahadeva) então se endereçou a Agni, o deus que santifica tudo, nestas palavras, 'Eu me curvo a ti, ó tu cuja trajetória é sempre marcada com fumaça. Estes meus esforços são todos para ti. Ó tu santificador de tudo, tu és a boca dos deuses e o Sacrifício personificado. Tu és chamado de Pavaka porque tu santificas tudo, e tu és Havyavahana porque tu transportas a manteiga clarificada que é despejada em ti. O Veda surgiu por ministrar a ti, e, portanto, tu és chamado de Jataveda. Chefe dos deuses como tu és, tu és chamado Chitrabhanu, Anala, Vibhavasu, Hutasana, Jvalana, Sikhi, Vaiswanara, Pingesa, Plavanga, Bhuritejah. Tu és aquele de quem Kumara (Kartikeya) teve sua origem; tu és santo; tu és chamado Rudragarva e Hiranyakrit. Que tu, ó Agni, me conceda energia, que Vayu me conceda vida, que a Terra me conceda alimento e força, e que a Água me conceda prosperidade. Ó Agni, tu que és a primeira causa das águas, tu que és de grande pureza, tu por ministrar a quem os Vedas surgiram, tu que és a principal das divindades, tu que és a boca deles, ó, purifique-me por tua verdade. Rishis e Brahmanas, Divindades e Asuras despejam manteiga clarificada todos os dias, segundo a ordenança, em ti durante sacrifícios. Que os raios da verdade emanando de ti, enquanto tu te manifestas naqueles sacrifícios, me purifiquem. De bandeira de fumaça como tu és, e possuidor de chamas, tu és o grande purificador de todos os pecados nascidos de Vayu e sempre presente como és em todas as criaturas, ó, purifique-me pelos raios da tua verdade. Tendo me purificado assim alegremente, ó sublime, eu rezo a ti. Ó Agni, conceda-me agora contentamento e prosperidade, e conhecimento e alegria.'"

Vaisampayana continuou, "Aquele que despejar manteiga clarificada em Agni recitando estes mantras será sempre abençoado com prosperidade, e tendo sua alma sob controle completo, ele também será limpo de todos os seus pecados.

Sahadeva, endereçando-se a Agni outra vez, disse, 'Ó carregador das libações sacrificais, não cabe a ti obstruir um sacrifício!' Tendo dito isso aquele tigre entre homens, o filho de Madri, espalhando alguma erva kusa no chão sentou-se na expectativa do fogo (que se aproximava) e na frente daquelas suas tropas apavoradas e ansiosas. E Agni, também, como o oceano que nunca ultrapassa seus continentes, não passou sobre sua cabeça. Por outro lado se aproximando de Sahadeva quietamente e endereçando àquele príncipe da raça Kuru, Agni, aquele deus dos homens, deu a ele toda a segurança e disse, 'Ó tu da raça Kuru,

levante-se desta postura. Ó levante-se, eu estava somente te testando. Eu conheço todos os teus propósitos, como também aqueles do filho de Dharma (Yudhisthira). Mas, ó melhor da raça Bharata, enquanto houver um descendente da linha do rei Nila esta cidade deve ser protegida por mim. Eu, no entanto, ó filho de Pandu, realizarei os desejos do teu coração.' A estas palavras de Agni, ó touro da raça Bharata, o filho de Madri ergueu-se com o coração alegre, e juntando suas mãos e curvando sua cabeça ele adorou o deus do fogo, santificador de todos os seres. E finalmente, depois que Agni tinha desaparecido, o rei Nila foi até lá, e por ordem daquela divindade, adorou com os ritos devidos Sahadeva, aquele tigre entre homens, aquele mestre em batalha. E Sahadeva aceitou aquele culto e o fez pagar tributo. E tendo trazido o rei Nila sob seu domínio dessa forma, o filho vitorioso de Madri então foi mais longe em direção ao sul. O herói de braços longos então trouxe o rei de Tripura de energia imensurável sob seu domínio. E em seguida dirigindo suas tropas contra o reino Paurava, ele derrotou e reduziu à submissão o monarca de lá. E o príncipe, depois disto, com grandes esforços trouxe Akriti, o rei de Saurashtra e preceptor dos Kausikas, sob seu domínio. O virtuoso príncipe, enquanto estava no reino de Saurashtra enviou um embaixador ao rei Rukmin de Bhishmaka dentro dos territórios de Bhojakata, que, rico em posses e inteligência, era amigo do próprio Indra. E o monarca junto com seu filho, lembrando de seu relacionamento com Krishna, aceitou alegremente, ó rei, o domínio do filho de Pandu. E o mestre em batalha então, tendo exigido jóias e riquezas do rei Rukmin, marchou mais longe ao sul. E, dotado de grande energia e grande força, o herói então reduziu à submissão Surparaka e Talakata, e os Dandakas também. O guerreiro Kuru então venceu e trouxe sob sua submissão inúmeros reis das tribos Mlechchhas que viviam no litoral, e os Nishadas e os canibais e até os Karnapravarnas, e aquelas tribos também chamadas Kalamukhas que eram o resultado de um cruzamento entre seres humanos e Rakshasas, e todas as das montanhas Cole, e também Surabhipatna, e a ilha chamada Ilha do Cobre, e a montanha chamada Ramaka. O guerreiro de grande alma, tendo trazido sob submissão o rei Timingila, conquistou uma tribo selvagem conhecida pelo nome de Kerakas que era de homens de uma perna. O filho de Pandu também conquistou a cidade de Sanjayanti e o país dos Pashandas e os Karahatakas somente por meio de seus mensageiros, e fez todos eles pagarem tributos a ele. O herói trouxe sob sua submissão e exigiu tributos dos Paundrayas e dos Dravidas junto com os Udrakeralas e os Andhras e os Talavanas, os Kalingas e os Ushtrakarnikas, e também a cidade encantadora de Atavi e a dos Yavanas. E, ó rei de reis, aquele matador de todos os inimigos, o virtuoso e inteligente filho de Madri, tendo chegado ao litoral, então despachou com grandes garantias mensageiros ao ilustre Vibhishana, o neto de Pulastya. E o monarca de bom grado aceitou o domínio do filho de Pandu, pois aquele rei inteligente e nobre considerava tudo aquilo como a ação do Tempo. E ele enviou ao filho de Pandu diversas espécies de jóias e pedras preciosas, e sândalo e também madeira, e muitos ornamentos celestes, e muito vestuário caro, e muitas pérolas de valor. E o inteligente Sahadeva, aceitando eles todos, voltou para seu próprio reino.

Foi assim, ó rei, que aquele matador de todos os inimigos, tendo vencido por conciliação e guerra numerosos reis e tendo feito também eles pagarem tributo,

voltou para sua própria cidade. Ó touro da raça Bharata, tendo oferecido toda aquela riqueza ao rei Yudhisthira, o justo, ele se considerou, ó Janamejaya, como coroado com sucesso e continuou a viver alegremente."

31

Vaisampayana disse, "Eu agora narrarei para ti os feitos e triunfos de Nakula, e como aquele nobre conquistou a direção que tinha uma vez sido subjugada por Vasudeva. O inteligente Nakula, cercado por uma grande hoste, partiu de Khandavaprastha para o oeste, fazendo esta terra tremer com os gritos e os rugidos leoninos dos guerreiros e a batida profunda das rodas de carruagens. E o herói primeiro atacou a região montanhosa chamada Rohitaka que era querida (para o generalíssimo celeste) Kartikeya e que era encantadora e próspera e cheia de vacas e todo o tipo de riqueza e produtos. E o combate que o filho de Pandu teve com os Mattamyurakas daquele país foi violento. E o ilustre Nakula depois disto subjugou todo o país deserto e a região conhecida como Sairishaka, cheia de fartura, como também aquela outra chamada Mahetta. E o herói teve um combate feroz com o sábio real Akrosa. E o filho de Pandu deixou aquela parte do país tendo subjugado os Dasarnas, os Sivis, os Trigartas, os Amvashtas, os Malavas, as cinco tribos dos Karnatas, e aquelas classes duas vezes nascidas que eram chamadas de Madhyamakeyas e Vattadhanas. E fazendo viagem em círculo aquele touro entre homens então conquistou as tribos (Mlechchas) chamadas Utsava-sanketas. E o herói ilustre logo trouxe sob submissão os poderosos Gramaniyas que moravam no litoral, e os Sudras e os Abhiras que habitavam as margens do Saraswati, e todas aquelas tribos que viviam da pesca, e aquelas também que moravam nas montanhas, e todo o país chamado pelo nome dos cinco rios, e as montanhas chamadas Amara, e o país chamado Uttarayotisha e a cidade de Divyakutta e a tribo chamada Dwarapala. E o filho de Pandu, por pura força, reduziu à submissão os Ramathas, os Harahunas, e vários reis do oeste. E enquanto estava lá Nakula enviou, ó Bharata, mensageiros a Vasudeva. E Vasudeva com todos os Yadavas aceitou seu domínio. E o herói poderoso, prosseguindo então para Sakala, a cidade dos Madras, fez seu tio Salya aceitar por afeto o domínio dos Pandavas. E, ó monarca, o ilustre príncipe merecedor da hospitalidade e entretenimento nas mãos do tio foi bem entretido por ele. E hábil em guerra, o príncipe, pegando de Salya uma grande quantidade de jóias e pedras preciosas, deixou seu reino. E o filho de Pandu então reduziu à submissão os Mlechchas ferozes residentes no litoral, como também as tribos selvagens dos Palhavas, os Kiratas, os Yavanas, e os Sakas. E tendo subjugado vários monarcas, e fazendo todos eles pagarem tributo, Nakula, aquele principal dos Kurus, cheio de riquezas, refez seu caminho em direção à sua própria cidade. E, ó rei, tão grande era o tesouro que Nakula trouxe que dez mil camelos podiam carregá-lo com dificuldade em suas costas. E chegando a Indraprastha, o heróico e afortunado filho de Madri ofereceu toda aquela riqueza a Yudhishthira.

Assim, ó rei, Nakula subjugou os países situados no oeste, a direção que é presidida pelo deus Varuna, e que foi uma vez antes subjugada pelo próprio Vasudeva!"

32

(Rajasuyika Parva)

Vaisampayana disse, "Por causa da proteção proporcionada por Yudhisthira o justo, e da verdade que ele sempre nutria em seu comportamento, como também do controle sob o qual ele mantinha todos os inimigos, os súditos daquele monarca virtuoso eram todos dedicados às suas respectivas ocupações. E por razão da tributação equitativa e do governo virtuoso do monarca, as nuvens em seu reino derramavam tanta chuva quanto as pessoas desejassem, e as vilas e a cidade se tornaram muito prósperas. De fato como uma consequência das ações do monarca; todas as ocupações do reino, especialmente criações de gado, agricultura e comércio prosperaram muito. Ó rei, durante aqueles dias até os ladrões e impostores nunca falavam mentiras entre eles mesmos, nem aqueles que eram os favoritos do monarca. Não havia secas nem inundações e nem tormentas e nem incêndios nem mortes prematuras naqueles dias de Yudhishthira dedicado à virtude. E era somente para fazer serviços agradáveis, ou para adorar, ou para oferecer tributos que não empobreceriam, que outros reis costumavam se aproximar de Yudhisthira (e não por hostilidade ou batalha.) A grande sala do tesouro do rei ficou tão cheia com provisões de riquezas virtuosamente obtidas que ela não poderia ser esvaziada nem em cem anos. E o filho de Kunti, averiguando o estado de sua tesouraria e a extensão de suas posses, fixou seu coração na celebração de um sacrifício. Seu amigos e oficiais, cada um separadamente e todos juntos, se aproximando dele disseram, 'Chegou a hora, ó exaltado, para o teu sacrifício. Que os planos, portanto, sejam feitos sem perda de tempo.' Enquanto eles estavam assim falando, Hari (Krishna), aquele onisciente e antigo, aquela alma dos Vedas, aquele invencível como descrito por aqueles que têm conhecimento, aquela principal de todas as existências permanentes no universo, a origem de todas as coisas, como também aquele no qual todas as coisas vem a ser dissolvidas, aquele senhor do passado, do futuro, e do presente, Kesava, o matador de Kesi, e o defensor de todos os Vrishnis e o dissipador de todos os temores em épocas de infortúnio e o matador de todos os inimigos, tendo nomeado Vasudeva para o comando do exército (Yadava), e trazendo consigo para o rei Yudhishthira justamente uma grande massa de tesouro; entrou naquela excelente cidade das cidades, Khandava, ele mesmo circundado por uma poderosa hoste e enchendo a atmosfera com o ruído das rodas das suas carruagens. E Madhava, aquele tigre entre homens aumentando aquela massa ilimitada de riqueza dos Pandavas por meio daquele inesgotável oceano de pedras preciosas que ele tinha trazido, aumentou as tristezas dos inimigos dos Pandavas. A capital de Bharata foi alegrada pela presença de Krishna assim como uma região escura é tornada alegre pelo sol ou uma região de ar imóvel por uma

brisa suave. Se aproximando dele alegremente e recebendo-o com o respeito devido, Yudhishthira perguntou sobre seu bem-estar. E depois que Krishna estava sentado a descansar, aquele touro entre homens, o filho de Pandu, com Dhaumya e Dwaipayana e os outros sacerdotes do sacrifício e com Bhima e Arjuna e os gêmeos, endereçou-se a Krishna da seguinte forma:

'Ó Krishna, é por ti que toda a terra está sob meu domínio. E, ó tu da linhagem Vrishni, é pela tua graça que toda aquela vasta riqueza foi conseguida por mim. E, ó filho de Devaki, ó Madhava, eu desejo dedicar aquela riqueza segundo a ordenança para Brahmanas superiores e para o carregador das libações sacrificais. E, ó tu da raça Dasarha, cabe a ti, ó tu de braços poderosos, me conceder permissão para celebrar um sacrifício junto contigo e meus irmãos mais novos. Portanto, ó Govinda, ó tu de braços longos, instale-te neste sacrifício; pois, ó tu da raça Dasarha, se tu realizares o sacrifício, eu serei limpo do pecado. Ou, ó sublime, conceda-me permissão para ser instalado no sacrifício junto com estes meus irmãos novos, pois permitido por ti, ó Krishna, eu poderei desfrutar do resultado de um sacrifício excelente.'"

Vaisampayana continuou, "A Yudhisthira depois que ele tinha falado, Krishna, exaltando suas virtudes, disse, 'Tu, ó tigre entre reis, mereces a dignidade imperial. Que, portanto, o grande sacrifício seja realizado por ti. E se tu realizares aquele sacrifício e obtiveres o seu fruto todos nós nos consideraremos coroados com sucesso. Eu estou sempre dedicado a procurar o bem. Realize então o sacrifício que desejas. Empregue-me também em um trabalho para este propósito, pois eu obedecerei todas as tuas ordens.' Yudhisthira replicou, 'Ó Krishna, minha resolução já está coroada com resultado, e o sucesso também já é meu sem dúvida, porque tu, ó Harishikesa, chegaste aqui segundo meu desejo!'"

Vaisampayana continuou, "Comandado por Krishna, o filho de Pandu com seus irmãos se pôs a reunir os materiais para a realização do sacrifício Rajasuya. E aquele castigador de todos os inimigos, o filho de Pandu, então ordenou Sahadeva, aquele principal de todos os guerreiros e todos os ministros também, dizendo, 'Que pessoas sejam nomeadas para reunir, sem perda de tempo, todos aqueles artigos que os Brahmanas têm apontado como necessários para o desempenho daquele sacrifício, e todos os materiais e coisas auspiciosas necessárias que Dhaumya possa ordenar como necessárias para isto, cada um do tipo requerido e um depois do outro na devida ordem. Que Indrasena e Visoka e Puru com Arjuna como seu quadrigário se empenhem em coletar alimento se eles querem me agradar. Que estes principais dos Kurus também reúnam todos os artigos de gosto e cheiro agradáveis que possam encantar e atrair os corações dos Brahmanas.'

Simultaneamente com estas palavras do rei Yudhisthira, o justo, Sahadeva, aquele principal dos guerreiros, tendo realizado tudo, expôs o assunto ao rei. E Dwaipayana, ó rei, então nomeou como sacerdotes do sacrifício Brahmanas elevados que eram como os próprios Vedas em formas incorporadas. O próprio filho de Satyavati se tornou o Brahma daquele sacrifício. E aquele touro da raça Dhananjaya, Susaman, se tornou o cantor dos hinos Védicos (Sama). Yajnavalkya

devotado a Brahma se tornou o Adhyaryu, e Paila, o filho de Vasu e Dhaumya se tornaram os Hotris. E, ó touro da raça Bharata, os discípulos e os filhos destes homens, todos bons conhecedores dos Vedas e dos ramos dos Vedas, se tornaram Hotragts. E todos eles, tendo proferido bênçãos e recitado o objetivo do sacrifício, adoraram, de acordo com a ordenança, a grande área do sacrifício. Comandados pelos Brahmanas, construtores e artífices construíram numerosos edifícios lá que eram espaçosos e bem perfumados como os templos dos deuses. Depois disto estar terminado, aquele melhor dos reis e touro entre homens, Yudhishthira, ordenou seu conselheiro principal, Sahadeva, dizendo, 'Despache, sem perda de tempo, mensageiros velozes para convidar todos para o sacrifício.' E Sahadeva, ouvindo estas palavras do rei, despachou mensageiros dizendo a eles, 'Convidem todos os Brahmanas do reino e todos os donos de terras (Kshatriyas), e todos os Vaisyas e também os Sudras respeitáveis, e tragam-nos para cá!'"

Vaisampayana continuou, "Dotados de velocidade, aqueles mensageiros então, assim ordenados, convidaram todos segundo as ordens do Pandava, sem perder qualquer tempo, e trouxeram com eles muitas pessoas, amigos e desconhecidos. Então, ó Bharata, os Brahmanas no momento apropriado instalaram Yudhishthira, o filho de Kunti, no sacrifício Rajasuya. E depois que a cerimônia de instalação tinha acabado, aquele principal dos homens, o virtuoso rei Yudhishthira o justo, como o próprio deus Dharma em forma humana, entrou na área do sacrifício, cercado por milhares de Brahmanas e por seus irmãos e parentes e amigos e conselheiros, e por um grande número de reis Kshatriyas que tinham vindo de vários países, e pelos oficiais de Estado. Brahmanas numerosos, hábeis em todos os ramos de conhecimento e versados nos Vedas e em seus vários ramos, começaram a afluir de vários países. Milhares de artífices, por ordem do rei Yudhishthira o justo, construíram para aqueles Brahmanas com seus servidores habitações separadas bem abastecidas com comida e roupas e com frutas e flores de todas as estações. E, ó rei, devidamente adorados pelo monarca os Brahmanas continuaram a residir lá, passando seu tempo em conversações sobre diversos assuntos e assistindo apresentações de atores e dançarinos. E o clamor dos Brahmanas de grande alma, alegremente comendo e falando, era ouvido lá sem intervalo. 'Dê' e 'Coma' eram as palavras que foram ouvidas lá constantemente e todos os dias. E, ó Bharata, o rei Yudhishthira, o justo, deu a cada um daqueles Brahmanas milhares de vacas e camas e moedas de ouro e donzelas.

Assim começou na terra o sacrifício daquele herói inigualável, o filho ilustre de Pandu, como o sacrifício no céu do próprio Sakra. Então aquele touro entre homens, o rei Yudhishthira, despachou Nakula, o filho de Pandu, para Hastinapura para trazer Bhishma e Drona, Dhritarashtra e Vidura e Kripa e todos aqueles entre seus primos que eram bem dispostos com relação a ele."

33

Vaisampayana disse, "O sempre vitorioso Nakula, o filho de Pandu, tendo alcançado Hastinapura, convidou oficialmente Bhishma e Dhritarashtra. O mais velho da raça Kuru com o preceptor em sua liderança, convidados com as devidas cerimônias, foram com corações alegres para aquele sacrifício, com Brahmanas andando diante deles. E, ó touro da raça Bharata, tendo ouvido sobre o sacrifício do rei Yudhishthira, centenas de outros Kshatriyas conhecedores da natureza do sacrifício, com corações alegres foram lá de vários países, desejando ver o rei Yudhishthira o filho de Pandu e sua mansão sacrifical, e levaram com eles muitas jóias valiosas de vários tipos. E Dhritarashtra e Bhishma e Vidura de grande inteligência; e todos os irmãos Kaurava com Duryodhana em sua liderança; e Suvala, o rei de Gandhara e Sakuni dotado de grande força; e Achala, e Vrishaka, e Karna, aquele principal de todos os quadrigários; e Salya dotado de grande poder e o forte Valhika; e Somadatta, e Bhuri da raça Kuru, e Bhurisravas e Sala; e Aswatthama, Kripa, Drona, e Jayadratha, o soberano de Sindhu; e Yajnasena com seus filhos, e Salya, aquele senhor da terra e aquele grande guerreiro em carro o rei Bhagadatta de Pragjyotisha, acompanhado por todas as tribos Mlechcha que habitavam as regiões pantanosas do litoral; e muitos reis da montanha, e o rei Vrihadvala; e Vasudeva, o rei dos Paundrayas, e os reis de Vanga e Kalinga; e Akastha e Kuntala e os reis dos Malavas e dos Andhrakas; e os Dravidas e os Singhalas e o rei de Kashmira, e o rei Kuntibhoja de grande energia e o rei Gauravahana, e todos os outros reis heróicos de Valhika; e Virata com seus dois filhos, e Mavella dotado de grande poder; e vários reis e príncipes governantes de vários países; e, ó Bharata, o rei Sisupala dotado de grande energia e invencível em batalha acompanhado por seu filho, todos eles foram ao sacrifício do filho de Pandu. E Rama e Aniruddha e Kanaka e Sarana; e Gada, Pradyumna, Shamva, e Charudeshna de grande energia; e Ulmuka e Nishatha e o bravo Angavaha; e outros inúmeros Vrishnis, todos poderosos guerreiros em carros, foram lá.

Estes e muitos outros reis do país do meio foram, ó monarca, àquele grande sacrifício Rajasuya do filho de Pandu. E, ó rei, por ordem do rei Yudhishthira o justo, mansões foram designadas para todos aqueles monarcas, que eram cheias de várias espécies de víveres e adornadas com tanques e árvores altas. E o filho de Dharma adorou todos aqueles monarcas ilustres como eles mereciam. Adorados pelo rei eles se retiraram para as mansões que foram designadas para eles. Aquelas mansões eram (brancas e altas) como os rochedos de Kailasa, e encantadoras de se ver, e equipadas com todos os tipos de mobília. Elas eram totalmente cercadas por muros brancos altos e bem construídos; suas janelas eram cobertas com redes trabalhadas em ouro e seus interiores eram providos de fileiras de pérolas, suas escadarias eram fáceis de subir e o chão era todo coberto com tapetes valiosos. Havia guirlandas de flores penduradas por toda parte e também o perfume excelente de aloés. Brancas como a neve ou a lua, elas pareciam extremamente belas mesmo da distância de um yojana. Suas portas e entradas eram localizadas uniformemente e eram largas o suficiente para admitir uma multidão de pessoas. Adornadas com vários artigos caros e construída com

vários metais, elas pareciam com os topos do Himavat. Tendo descansado um pouco naquelas mansões os monarcas viram o rei Yudhishthira o justo, circundado por numerosos Sadasyas (sacerdotes sacrificais) e sempre realizando sacrifícios famosos por grandes presentes para os Brahmanas. Aquela mansão sacrifical onde estavam presentes os reis e Brahmanas e grandes Rishis parecia, ó rei, tão bela como o próprio céu cheio com os deuses!"

34

Vaisampayana disse, "Então, ó rei, Yudhishthira, tendo se aproximado e adorado seu avô e seu preceptor, endereçou-se a Bhishma e a Drona e a Kripa e ao filho de Drona e a Duryyodhana e a Vivingsati, e disse, 'Ajudem-me vocês todos em relação a este sacrifício. Este grande tesouro que está aqui é seu. Consultem um ao outro e guiem-me como desejarem.'

O mais velho dos filhos de Pandu, que tinha sido instalado no sacrifício, tendo dito isto a eles todos, designou cada um deles para trabalhos adequados. Ele nomeou Dussasana para superintender o departamento de alimentação e outros artigos agradáveis. A Aswatthama foi pedido para ajudar os Brahmanas. Sanjaya foi nomeado para oferecer adoração em retorno aos reis. Bhishma e Drona, ambos dotados de grande inteligência, foram nomeados para ver o que foi feito e o que foi deixado de fazer. E o rei nomeou Kripa para cuidar dos diamantes e ouro e das pérolas e jóias, como também da distribuição de presentes para os Brahmanas. E assim outros tigres entre homens foram nomeados para trabalhos parecidos. Valhika e Dhritarashtra e Somadatta e Jayadratha, levados para lá por Nakula, passearam por lá, desfrutando como senhores do sacrifício. Vidura, também chamado Kshatta, conhecedor de todas as regras de moralidade, se tornou o despendedor. Duryodhana virou o recebedor dos tributos que eram trazidos pelos reis. Krishna, que era ele mesmo o centro de todos os mundos e em volta de quem se movia toda criatura, desejoso de adquirir excelentes frutos, estava empenhado por sua própria vontade em lavar os pés dos Brahmanas.

E desejosos de ver aquela mansão sacrifical, como também o rei Yudhishthira o justo, ninguém chegava lá com um tributo menor do que um mil (em número, peso ou medida). Todos honraram o rei Yudhishthira, o justo, com grandes presentes de jóias. E cada um dos reis fez um presente de sua riqueza, se gabando com a opinião orgulhosa de que aquelas jóias que ele deu permitiriam ao rei Kuru Yudhisthira completar seu sacrifício. E, ó monarca, a área sacrifical do ilustre filho de Kunti parecia extremamente bela, com uma multidão de palácios construídos para durar para sempre e apinhados de guardas e guerreiros; palácios tão altos que seus topos tocavam os carros dos deuses que foram ver aquele sacrifício; como também com os próprios carros dos celestiais, e com as residências dos Brahmanas e as mansões feitas lá para os reis, parecendo os carros dos celestiais e adornadas com pedras preciosas e cheias de todas as espécies de riqueza, e por fim com multidões de reis que foram lá, todos dotados de beleza e riqueza.

Yudhisthira, como se competindo com o próprio Varuna em riqueza, começou o sacrifício (de Rajasuya) distinguido por seis fogos e grandes presentes para os Brahmanas. O rei gratificou a todos com presentes de grande valor e de fato com todo tipo de objeto que se pudesse desejar. Com abundância de arroz e de todo tipo de alimento, como também com uma massa de jóias trazida como homenagem, aquela vasta multidão consistia de pessoas cada uma das quais estava alimentada até a saciedade. Os deuses também foram satisfeitos no sacrifício pelo Ida, manteiga clarificada, Homa e libações despejadas pelos grandes Rishis versados em mantras e pronúncia. Como os deuses, os Brahmanas também foram satisfeitos com os presentes do sacrifício e comida e grande riqueza. E todas as outras classes de homens também foram satisfeitas naquele sacrifício e se encheram de alegria."

35

(Arghyaharana Parva)

Vaisampayana disse, “No último dia do sacrifício quando o rei seria borrifado com água sagrada, os grandes Rishis Brahmana que sempre mereciam tratamento respeitoso, junto com os reis convidados, entraram juntos no recinto interno da área sacrifical. E aqueles Rishis ilustres com Narada como seu principal, sentados à vontade com aqueles sábios nobres dentro daquele recinto, pareciam os deuses sentados na mansão de Brahma na companhia dos Rishis celestes. Dotados de energia incomensurável, aqueles Rishis, tendo obtido um tempo livre, iniciaram vários tópicos de conversação. 'Isto é assim' 'Isto não é assim' 'Isto é assim mesmo' 'Isto não pode ser de outra maneira,' assim muitos deles se empenharam em discussões uns com os outros. Alguns entre os disputantes, por argumentos bem escolhidos faziam a posição mais fraca parecer a mais forte e a mais forte a mais fraca. Alguns disputantes dotados de grande inteligência lançavam-se sobre as posições incitados por outros como falcões se lançando sobre a carne jogada no ar, enquanto alguns entre eles versados nas interpretações de tratados religiosos e outros de votos rígidos, e bons conhecedores de todos os comentários e interpretações se empenhavam em conversas agradáveis. E, ó rei, aquela plataforma apinhada de deuses, Brahmanas e grandes Rishis parecia muito bela como a ampla extensão do firmamento enfeitada com estrelas. Ó monarca, não havia então nenhum Sudra perto daquela plataforma da mansão de Yudhisthira, nem alguém fosse sem votos.

E Narada, vendo a venturosa prosperidade de Yudhisthira que foi nascida daquele sacrifício, ficou muito satisfeito. Observando aquela vasta multidão de todos os Kshatriyas, o Muni Narada, ó rei de homens, ficou pensativo. E, ó touro entre homens, o Rishi começou a se lembrar das palavras que ele tinha ouvido antigamente na mansão de Brahma com relação à encarnação sobre a terra de partes de todas as divindades. E sabendo, ó filho da raça Kuru, que aquela era

uma multidão de deuses (encarnados), Narada pensou em Hari de olhos como pétalas de lótus. Ele sabia que aquele próprio criador de todos os objetos, aquele mais sublime de todos os deuses, Narayana, que antigamente havia ordenado os celestiais, dizendo, 'Nasçam sobre a terra e matem uns aos outros e voltem para o céu', aquele matador de todos os inimigos dos deuses, aquele subjugador de todas as cidades hostis, para cumprir sua própria promessa, havia nascido na classe Kshatriya. E Narada sabia que o sublime e santo Narayana, também chamado Sambhu, o senhor do universo, tendo ordenado todos os celestiais dessa forma, havia nascido na linhagem dos Yadus e aquele mais importante de todos os perpetuadores de raças, tendo surgido da linha dos Andhaka-Vrishnis, sobre a terra era agraciado com grande fortuna e estava brilhando como a própria lua entre as estrelas. Narada sabia que Hari, o triturador de inimigos, cuja força de braço era sempre louvada por todos os celestiais com Indra entre eles, estava então vivendo no mundo em forma humana. ‘Oh, o próprio Autocriado tirará (da terra) esta vasta multidão de Kshatriyas dotados de tanta força.’ Tal foi a visão de Narada, o onisciente, que sabia que Hari ou Narayana era aquele Senhor Supremo a quem todos adoravam com sacrifícios. E Narada, dotado de grande inteligência e o principal de todos os homens e conhecedor da moralidade, pensando em tudo isso, sentou-se naquele sacrifício do rei sábio Yudhisthira o justo, com sentimentos de reverência.

Então Bhishma, ó rei, endereçando-se ao rei Yudhisthira, o justo, disse, ‘Ó Bharata, que Arghya (um artigo de consideração) seja oferecido aos reis como cada um deles merece. Escute, ó Yudhishthira: é dito que o preceptor, o sacerdote do sacrifício, o parente, o Snataka, o amigo, e o rei, são os seis que merecem Arghya. Os sábios dizem que quando algum deles mora com alguém por um ano completo ele merece ser adorado com Arghya. Estes reis têm ficado conosco por algum tempo. Portanto, ó rei, que Arghyas sejam obtidos para serem oferecidos a cada um deles. E que um Arghya seja oferecido antes de todos àquele que é o mais importante entre estes aqui presentes.’

Ouvindo estas palavras de Bhishma, Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu da raça Kuru, quem tu julgas que é o principal entre estes e a quem o Arghya deve ser oferecido por nós? Ó, diga-me.'”

Vaisampayana continuou, “Então, ó Bharata, Bhishma, o filho de Santanu, concluiu por sua inteligência que sobre a terra Krishna era o principal dentre todos. E ele disse, 'Como é o sol entre todos os objetos luminosos, assim é este (Krishna) (que brilha como o sol) entre nós todos, por causa de sua energia, força e coragem. E essa nossa mansão sacrifical é iluminada e alegrada por ele como uma região sem sol pelo sol, ou uma região de ar imóvel por um rajada de brisa.’ Assim mandado por Bhishma, Sahadeva dotado de grande destreza devidamente ofereceu o primeiro Arghya de ingredientes excelentes para Krishna da linhagem Vrishni. Krishna também aceitou segundo as formas da ordenança. Mas Sisupala não pôde tolerar ver aquele culto oferecido a Vasudeva. E aquele poderoso rei de Chedi, reprovando Bhishma e Yudhishthira no meio daquela reunião, criticou Vasudeva depois disso."

36

“Sisupala disse, 'Ó tu da raça Kuru, este da raça Vrishni não merece culto real como se ele fosse um rei, no meio de todos estes monarcas ilustres. Ó filho de Pandu, esse teu comportamento, desejando adorar dessa forma este com olhos como pétalas de lótus, não é digna dos Pandavas ilustres. Ó filhos de Pandu, vocês são crianças. Vocês não sabem o que é moralidade, pois ela é muito sutil. Bhishma, este filho de Ganga, também tem pouco conhecimento e violou as regras de moralidade (por lhes dar tal conselho). E, ó Bhishma, se alguém como tu, possuidor de virtude e moralidade, age por motivos de interesse, ele é merecedor de crítica entre os honestos e os sábios. Como ele da raça Dasarha, que nem é um rei, aceita o culto antes destes reis e como é que ele foi adorado por vocês? Ó touro da raça Kuru, se tu consideras Krishna como o mais velho em idade, lá está Vasudeva, e como pode o filho dele ser considerado dessa forma na presença dele? Ou, se tu consideras Vasudeva como teu simpatizante e partidário, lá está Drupada; como então Madhava pode merecer o (primeiro) culto? Ou, ó filho de Kuru, tu consideras Krishna como preceptor? Quando Drona está aqui, como tu podes adorar este da raça Vrishni? Ou, ó filho de Kuru, tu consideras Krishna como o Ritwija? Quando o idoso Dwaipayana está aqui, como Krishna pode ser adorado por ti? Também quando o idoso Bhishma, o filho de Santanu, este principal dos homens que não pode morrer senão pelo seu próprio desejo está aqui, por que, ó rei, Krishna foi adorado por ti? Quando o corajoso Aswatthaman, versado em todos os ramos de conhecimento está aqui, por que, ó rei, Krishna, ó tu da raça Kuru, foi adorado por ti? Quando este rei dos reis, Duryodhana, este principal dos homens, está aqui, como também Kripa, o preceptor dos príncipes Bharata, por que Krishna foi adorado por ti? Como, ó filho de Pandu, passando por cima de Druma, o preceptor dos Kimpurusas, tu adoraste Krishna? Quando o invencível Bhishmaka e o rei Pandya possuidor de todas as marcas auspiciosas, e aqueles principais dos reis, Rukmi e Ekalavya e Salya, o rei dos Madras, estão aqui, como, ó filho de Pandu, tu ofereceste o primeiro culto a Krishna? Aqui também está Karna, sempre se vangloriando de sua força entre todos os reis, e (realmente) dotado de grande poder, o discípulo favorito do Brahmana Jamadagnya, o herói que venceu todos os monarcas em batalha somente por sua própria força, como, ó Bharata, tu pudeste, passando por cima dele, oferecer o primeiro culto a Krishna? O matador de Madhu não é nem um sacerdote sacrifical nem um preceptor, nem um rei. Isto que tu fizeste (tê-lo adorado), ó chefe dos Kurus, apesar de todos estes, poderia somente ter sido por motivos de lucro. Se, ó Bharata, era o teu desejo oferecer o primeiro culto ao matador de Madhu, por que estes monarcas foram trazidos aqui para serem insultados dessa forma? Nós não pagamos tributos ao filho ilustre de Kunti por medo, nem por desejo de lucro, ou por termos sido conquistados por conciliação. Por outro lado, nós temos lhe prestado homenagem simplesmente porque ele estava desejoso da dignidade imperial por motivos de virtude. E ainda assim ele nos insulta dessa forma. Ó rei, por que mais, salvo por motivos de insulto, tu

poderias ter adorado Krishna, que não possui a insígnia da realeza, com o Arghya no meio dos monarcas reunidos? De fato, a reputação de virtude que o filho de Dharma adquiriu foi obtida por ele sem motivo, pois quem ofereceria tal culto indevido a alguém que renegou a virtude? Este patife nascido na raça dos Vrishnis antigamente assassinou injustamente o ilustre rei Jarasandha. A justiça foi hoje abandonada por Yudhishthira e somente avareza foi demonstrada por ele em consequência dele ter oferecido o Arghya para Krishna. Se os impotentes filhos de Kunti estavam amedrontados e dispostos à avareza, tu, ó Madhava, deve tê-los informado das tuas pretensões ao primeiro culto. Por que também, ó Janarddana, tu aceitaste o culto do qual tu és indigno, embora este fosse oferecido a ti por estes príncipes de mente mesquinha? Tu pensas muito do culto indignamente oferecido a ti, como um cachorro que lambe em solidão uma quantidade de manteiga clarificada que ele obteve. Ó Janarddana, este realmente não é um insulto oferecido aos monarcas; por outro lado é a ti que os Kurus insultaram. De fato, ó matador de Madhu, como uma esposa é para um homem que não tem poder viril, como uma exibição excelente é para alguém que é cego, assim é este culto real para ti que não és rei. O que Yudhishthira é, foi visto; o que Bhishma é, foi visto; e o que este Vasudeva é, foi visto. De fato, todos estes foram vistos como eles são!'

Tendo falado estas palavras Sisupala se levantou de seu assento excelente, e acompanhado pelos reis, saiu daquela reunião."

37

Vaisampayana disse, "Então o rei Yudhishthira correu rapidamente atrás de Sisupala e falou-lhe gentilmente e em um tom conciliatório as seguintes palavras, 'Ó senhor da terra, o que tu disseste é impróprio para ti. Ó rei, isto é muito pecaminoso e desnecessariamente cruel. Não insulte Bhishma, ó rei, dizendo que ele não sabe o que é a virtude. Veja estes muitos reis, mais velhos do que tu, todos aprovam o culto oferecido a Krishna. Cabe a ti permitir isto pacientemente como eles. Ó soberano de Chedi, Bhishma conhece Krishna realmente. Tu não o conheces tão bem como este da raça Kuru.'

Bhishma também, depois disto, disse, 'Aquele que não aprova o culto oferecido a Krishna, o mais velho no universo, não merece nem palavras gentis nem conciliação. O chefe de guerreiros da classe Kshatriya que tendo vencido um Kshatriya em batalha e trazido-o sob seu poder o deixa livre, se torna o guru (preceptor ou mestre) do que foi vencido. Eu não vejo nesta reunião de reis nem um soberano de homens que não tenha sido vencido em batalha pela energia deste filho da raça Satwata. Este aqui (Krishna), de glória imaculada, não merece somente ser adorado por nós, mas sendo de braços poderosos, ele merece ser adorado pelos três mundos também. Inúmeros guerreiros entre os Kshatriyas foram derrotados em batalha por Krishna. Todo o universo sem limite está estabelecido nele da raça Vrishni. Portanto nós veneramos Krishna entre os bons

e os idosos, e não outros. Não cabe a ti falar dessa forma. Que teu entendimento nunca seja este. Eu tenho, ó rei, visitado muitas pessoas que são velhas em conhecimento. Eu tenho ouvido de todos aqueles homens sábios, enquanto conversando, dos numerosos e muito respeitados atributos do talentoso Sauri. Eu também ouvi muitas vezes todos os atos recitados pelas pessoas que Krishna de grande inteligência realizou desde seu nascimento. E, ó rei de Chedi, nós não fazemos por capricho, ou tendo em vista nosso relacionamento ou os benefícios que ele possa nos conceder, esta adoração a Janarddana que é adorado pelos bons sobre a terra e que é a fonte da felicidade de todas as criaturas. Nós oferecemos a ele a primeira adoração por causa da sua fama, do seu heroísmo, do seu sucesso. Não há ninguém aqui nem mesmo jovem em idade a quem nós não temos levado em consideração. Passando sobre muitas pessoas que são as principais por suas virtudes, nós consideramos Hari como merecedor da primeira adoração. Entre os Brahmanas um que é superior em conhecimento, entre os Kshatriyas um que é superior em força, entre os Vaisyas um que é superior em posses e riqueza, e entre os Sudras um que é superior em idade, merece ser adorado. Na questão do culto oferecido a Govinda, há duas razões, conhecimento dos Vedas e seus ramos, e também excesso de força. Quem mais há no mundo dos homens salvo Kesava que é assim distinto? De fato, generosidade, habilidade, conhecimento dos Vedas, coragem, modéstia, realizações, inteligência excelente, humildade, beleza, firmeza, contentamento e prosperidade, todos estes moram para sempre em Achyuta. Portanto, ó reis; cabe a vocês aprovar o culto que foi oferecido a Krishna que tem grandes realizações, que como o preceptor, o pai, o guru, é digno do Arghya e merecedor do culto (de todos). Hrishikesa é o sacerdote sacrifical, o guru, digno de ser solicitado para aceitar a filha de alguém em casamento, o Snataka, o rei, o amigo, portanto Achyuta foi adorado por nós. Krishna é a origem do universo e aquele no qual o universo se dissolverá. De fato, este universo de criaturas móveis e imóveis veio à existência por Krishna somente. Ele é a causa primordial imanifesta (Avyakta Prakriti), o criador, o eterno, e além da compreensão de todas as criaturas. Portanto, ele de glória imorredoura merece o mais alto culto. O intelecto, a base da sensibilidade, os cinco elementos, ar, calor, água, éter, terra, e as quatro espécies de seres (ovíparos, vivíparos, nascidos da umidade suja e vegetais) estão todos estabelecidos em Krishna. O sol, a lua, as constelações, os planetas, todas as principais direções, as direções intermediárias, estão todos estabelecidos em Krishna. Como o Agnihotra é o principal dentre todos os sacrifícios Védicos, como o Gayatri é o principal dentre os versos, como o rei é o principal dentre os homens, como o oceano é o principal dentre todos os rios, como a lua é a principal dentre todas as constelações, como o sol é o principal dentre todos os corpos luminosos, como Meru é a principal dentre todas as montanhas, como Garuda é a principal dentre todas as aves, assim tanto quanto as direções para cima, para baixo, e para os lados do universo continuam, Kesava é o principal em todos os mundos incluindo as regiões dos celestiais. Este Sisupala é um mero menino e então ele não conhece Krishna, e sempre e em todos os lugares fala de Krishna dessa forma. Este soberano de Chedi nunca verá a virtude naquela luz na qual alguém que está desejoso de obter o mais alto mérito a vê. Quem há entre os velhos e os jovens ou entre estes senhores ilustres da terra que não considere Krishna como merecedor de culto ou

que não adore Krishna? Se Sisupala considera esta adoração como imerecida, então cabe a ele fazer que seja apropriado nesta questão.'"

38

Vaisampayana disse, “O poderoso Bhishma terminou, tendo dito isto. Sahadeva então respondeu (a Sisupala) em palavras de grave significado, dizendo, 'Se há entre vocês algum rei que não possa aguentar ver Kesava de cor escura, o matador de Kesi, possuidor de energia incomensurável, adorado por mim, este meu pé está colocado sobre as cabeças de todos os poderosos (como ele). Quando eu digo isso, que ele me dê uma resposta adequada. E que os reis que possuam inteligência aprovem o culto de Krishna que é o preceptor, o pai, o guru, e merece o Arghya e o culto (já oferecido a ele).'

Quando Sahadeva assim mostrou seu pé, nenhum entre aqueles monarcas inteligentes e sábios e orgulhosos e poderosos disse qualquer coisa. E uma chuva de flores caiu sobre a cabeça de Sahadeva, e uma voz incorpórea disse, 'Excelente, excelente.' Então Narada vestido em pele preta de veado, falando do futuro e do passado, aquele dissipador de todas as dúvidas, totalmente conhecedor de todos os mundos, disse no meio de inúmeras criaturas estas palavras da mais clara importância, 'Aqueles homens que não adorarem Krishna de olhos de lótus devem ser considerados como mortos embora se movendo, e nunca devem ser ouvidos em nenhuma ocasião.'"

Vaisampayana continuou, “Então aquele deus entre homens, Sahadeva conhecedor da distinção entre um Brahmana e um Kshatriya, tendo adorado aqueles que mereciam adoração, completou aquela cerimônia. Mas após Krishna ter recebido o primeiro culto, Sunitha (Sisupala) aquele ceifador de inimigos, com olhos vermelhos como cobre pela raiva, endereçou-se àqueles soberanos de homens e disse, 'Como eu estou aqui para liderar vocês todos, o que vocês estão pensando em fazer agora? Organizados permaneçamos em ordem de batalha contra os Vrishnis e os Pandavas reunidos!' E o touro dos Chedis, tendo assim agitado os reis, começou a deliberar com eles como obstruir a conclusão do sacrifício. Todos os monarcas convidados que tinham ido ao sacrifício, com Sunitha como seu principal, pareceram zangados e seus rostos ficaram pálidos. Eles todos disseram, 'Nós devemos agir para que o rito sacrifical final realizado por Yudhishthira e o culto a Krishna não sejam considerados como se tivessem sido consentidos por nós.’ E impelidos por uma crença em seu próprio poder e grande confiança, os reis, privados de juízo pela raiva, começaram a dizer isso. E sendo movidos por autoconfiança e aborrecidos sob o insulto feito a eles, os monarcas repetidamente exclamaram dessa forma. Embora seus amigos procurassem apaziguá-los, suas faces brilhavam com raiva como aquelas de leões rugindo afastados de suas presas. Krishna então compreendeu que aquele vasto mar de monarcas com suas incontáveis ondas de tropas estavam se preparando para uma terrível investida."

39

(Sisupala badha Parva)

Vaisampayana disse, “Vendo aquela vasta reunião de reis agitados com cólera, assim como o mar terrível agitado pelos ventos que sopram na hora da dissolução universal, Yudhishthira endereçou-se ao idoso Bhishma, aquele principal dos homens inteligentes e o avô dos Kurus, assim como Puruhita (Indra) aquele matador de inimigos, de energia abundante se endereçando a Vrihaspati, e disse, 'Este vasto oceano de reis foi agitado pela cólera. Diga-me, ó avô, o que eu devo fazer em vista disso. Ó avô, o que eu devo fazer agora para que meu sacrifício não seja obstruído e meus súditos não sejam feridos?'

Quando o rei Yudhishthira o justo, conhecedor da moralidade, assim falou, Bhishma, o avô dos Kurus, falou estas palavras em resposta, 'Não tema, ó tigre dos Kurus. Pode o cachorro matar o leão? Eu antes disso descobri um modo que é benéfico e confortável de se praticar. Como cachorros em uma matilha latem juntos se aproximando do leão que está dormindo, assim são todos estes senhores da terra. De fato, ó filho, como os cachorros diante do leão, estes (monarcas) estão latindo com raiva perante o leão adormecido da raça Vrishni. Achyuta está agora como um leão que está dormindo. Até que ele acorde, este chefe dos Chedis, este leão entre homens, faz estes monarcas parecerem com leões. Ó filho, ó principal de todos os monarcas, este Sisupala possuidor de pouca inteligência está desejoso de levar junto consigo todos estes reis, através da ação daquele que é a alma do universo, para as regiões de Yama. Seguramente, ó Bharata, Vishnu está desejoso tomar de volta em si mesmo a energia que existe neste Sisupala. Ó principal de todos os homens inteligentes, ó filho de Kunti, a inteligência deste rei dos Chedis de mente má, como também de todos estes monarcas, se tornou perversa. De fato, a inteligência de todos aqueles a quem este tigre entre homens deseja tomar em si mesmo se torna perversa assim como aquela deste rei dos Chedis. Ó Yudhishthira, Madhava é o progenitor como também o destruidor de todos os seres criados das quatro espécies, (ovíparos, etc.) existentes nos três mundos.'"

Vaisampayana continuou, “Então o soberano dos Chedis, tendo ouvido estas palavras de Bhishma, se endereçou ao último, ó Bharata, em palavras que eram ríspidas e violentas.

40

Sisupala disse, 'Velho e patife infame da tua raça, tu não tens vergonha de assustar todos estes monarcas com estes numerosos terrores falsos? Tu és o principal dos Kurus, e vivendo como vives no terceiro estado (celibato), não é adequado para ti dar conselhos que estão tão afastados da moralidade. Como um barco amarrado a outro barco ou o cego seguindo o cego são os Kurus que te têm como guia. Tu mais uma vez simplesmente desgostaste nossos corações por recitar detalhadamente os feitos deste (Krishna), tais como matar Putana e outros. Arrogante e ignorante como tu és, e desejoso de louvar Kesava, por que esta tua língua não se parte em cem pedaços? Como tu, superior como és em conhecimento, desejas louvar aquele vaqueiro a respeito de quem até homens de pouca inteligência podem falar injúrias? Se Krishna em sua infância matou um urubu, o que há de notável nisso, ou naquela outra façanha dele, ó Bhishma, em sua matança de Aswa e Vrishava, ambos que não eram especializados em batalha? Se ele derrubou com um chute um pedaço inanimado de madeira, um carro, o que há, ó Bhishma, de extraordinário nisso? Ó Bhishma, o que há de notável nele ter sustentado por uma semana a colina de Govardhan que é semelhante a um formigueiro? 'Enquanto se divertia sobre o topo de uma montanha ele comeu uma grande quantidade de comida,' ouvindo essas tuas palavras muitos se admiraram muito. Mas, ó tu que és conhecedor das regras de moralidade, não é ainda mais injusto que aquela grande pessoa, Kansa, cuja comida ele comeu, tenha sido morto por ele? Ó infame da raça Kuru, tu és ignorante das regras de moralidade. Tu nunca ouviste dos homens sábios que falam a ti, o que eu agora te direi. Os virtuosos e os sábios sempre instruem os honestos que armas nunca devem descer sobre mulheres e vacas e Brahmanas e sobre aqueles cujo alimento foi comido, como também sobre aqueles cujo abrigo foi desfrutado. Parece, ó Bhishma, que todos estes ensinamentos foram jogados fora por ti. Ó infame da raça Kuru, por desejar louvar Kesava, tu o descreves para mim como poderoso e superior em conhecimento e em idade, como se eu não soubesse nada. Se pela tua palavra, ó Bhishma, alguém que matou mulheres (falando de Putana) e vacas for adorado, então o que é para se tornar grande lição disto? Como pode alguém que é assim merecer louvor, ó Bhishma? 'Ele é o principal de todos os homens sábios', 'Ele é o senhor do universo', ouvindo estas tuas palavras Janarddana acredita que elas são todas verdadeiras. Mas certamente elas são todas falsas. Os versos que um cantor canta, mesmo que ele os cante muitas vezes, não produzem impressão sobre ele. E todas as criaturas agem segundo a ordem dele, assim como a ave Bhulinga (que bica as partículas de carne do meio dos dentes do leão, embora pregando contra a imprudência). Seguramente a tua atitude é muito desprezível. Não há a menor dúvida sobre isto. E assim também, parece que esses filhos de Pandu que consideram Krishna como digno de culto e que têm a ti como guia são possuidores de uma tendência pecaminosa. Possuindo conhecimento da virtude tu te desviaste do caminho dos sábios. Portanto tu és pecaminoso. Quem, ó Bhishma, se achando virtuoso e superior em conhecimento, agiria como tu fizeste por motivos de virtude? Se tu conheces os caminhos da moralidade, se tua mente é guiada pela sabedoria,

abençoado sejas. Por que então, ó Bhishma, aquela moça virtuosa, Amva, que tinha fixado seu coração em outro, foi raptada por ti, tão orgulhoso de sabedoria e virtude? Teu irmão Vichitravirya de acordo com os caminhos dos honestos e virtuosos, conhecendo aquela condição da moça, não se casou com ela embora trazida por ti. Gabando-te como tu fazes de virtude, à tua vista, nas viúvas do teu irmão foram gerados filhos por outro segundo os caminhos dos honestos. Onde está tua virtude, ó Bhishma? Este teu celibato, o qual tu segues por ignorância ou impotência, é inútil. Ó tu que és conhecedor da virtude, eu não vejo tua felicidade. Tu que expões a moralidade deste modo não pareces ter sempre servido aos mais velhos. Cultos, presentes, estudos, sacrifícios distintos por grandes presentes aos Brahmanas, estes todos não são iguais em mérito nem a uma sexta parte do que é obtenível pela posse de um filho. O mérito, ó Bhishma, que é adquirido por numerosos votos e jejuns indubitavelmente se torna inútil no caso de alguém que não tem filhos. Tu não tens filhos e és velho e expões uma moralidade falsa. Como o cisne na história, tu agora morrerás nas mãos dos teus parentes. Outros homens possuidores de conhecimento disseram isto antigamente. Eu logo recitarei isto completamente para que tu ouças.

Vivia antigamente um velho cisne à beira-mar. Sempre falando sobre moralidade, mas o contrário em sua conduta, ele costumava instruir a tribo emplumada. ‘Pratiquem a virtude e se abstenham do pecado’, estas eram as palavras que outras aves sinceras, ó Bhishma, constantemente ouviam-no proferir. E as outras criaturas ovíparas que percorriam os mares, isto foi ouvido por nós, ó Bhishma, costumavam por causa da virtude lhe trazer alimento. E, ó Bhishma, todas aquelas outras aves, deixando seus ovos com ele, percorriam e mergulhavam nas águas do mar. E o velho cisne pecaminoso, atento às suas próprias caças, costumava comer os ovos de todas as aves que imprudentemente confiavam nele. Depois de algum tempo quando os ovos estavam diminuindo em número, uma ave de grande sabedoria teve suas suspeitas despertadas e ele até testemunhou (o incidente) um dia. E tendo testemunhado a ação pecaminosa do cisne velho aquela ave em grande tristeza falou tudo para as outras aves. Então, ó tu melhor dos Kurus, todas aquelas aves testemunhando com seus próprios olhos a ação do cisne velho, se aproximaram daquele patife de conduta falsa e o mataram.

O teu comportamento, ó Bhishma, é assim como aquele do cisne velho. Estes senhores da terra podem matar-te com raiva como aquelas criaturas da tribo emplumada mataram o velho cisne. Pessoas conhecedoras dos Puranas recitam um provérbio, ó Bhishma, considerando esta ocorrência, eu, ó Bharata, o repetirei para ti. É este: ‘Ó tu que te sustentas em tuas asas, embora teu coração seja afetado (pelas paixões), tu ainda pregas (a virtude); mas esta tua ação pecaminosa de comer os ovos contraria tuas palavras!"

41

Sisupala disse, "Aquele poderoso rei Jarasandha que não desejava lutar com Krishna, dizendo ‘Ele é um escravo’ era digno da minha maior estima. Quem considerará como louvável a ação que foi feita por Kesava, como também por Bhima e Arjuna, na questão da morte de Jarasandha? Entrando por um portão impróprio, disfarçado como um Brahmana, assim Krishna observou a força do rei Jarasandha. E quando aquele monarca ofereceu por primeiro a este patife água para lavar seus pés, foi então que ele negou sua condição de Brahmana, por aparentes motivos de virtude. E quando Jarasandha, ó tu da raça Kuru, pediu a Krishna e Bhima e Dhananjaya para comer, foi este Krishna quem recusou aquele pedido do monarca. Se este é o senhor do universo, como este tolo representa ser, por que ele não se considera como um Brahmana? No entanto, me surpreende muito que embora tu guies os Pandavas para longe do caminho dos sábios, eles ainda te considerem como honesto. Ou, talvez, isto mal seja uma questão de surpresa em relação àqueles que tem a ti, ó Bharata, de tendência efeminada e curvado com a idade, como seu conselheiro em tudo.’"

Vaisampayana continuou, “Ouvindo estas palavras de Sisupala, ásperas em conteúdo e som, aquele principal dos homens poderosos, Bhimasena, dotado de energia, ficou furioso. E seus olhos, naturalmente grandes e se arregalando e semelhantes às folhas do lótus, ficaram ainda mais dilatados e vermelhos como cobre sob a influência da raiva. E os monarcas reunidos viram em sua testa três linhas de rugas como o Ganga de três correntezas na montanha de tríplice pico. Quando Bhimasena começou a ranger seus dentes em fúria, os monarcas viram seu rosto parecendo aquele da própria Morte, no fim do Yuga, pronta para engolir todas as criaturas. E quando o herói dotado de grande energia de mente estava prestes a se levantar num ímpeto Bhishma de braços poderosos o conteve como Mahadeva agarrando Mahasena (o generalíssimo celeste). E, ó Bharata, a fúria de Bhima foi logo acalmada por Bhishma, o grande senhor dos Kurus, com vários tipos de conselhos. E Bhima, aquele castigador de inimigos, não pôde desobedecer as palavras de Bhishma, como o oceano que nunca ultrapassa (nem mesmo quando cheio com as águas da estação chuvosa) seus continentes. Mas, ó rei, embora Bhima estivesse zangado, o corajoso Sisupala, contando com sua própria virilidade, não tremeu de medo. E embora Bhima estivesse se lançando impetuosamente a todo o momento, Sisupala não lhe concedeu nem um único pensamento, como um leão que não se inquieta com um pequeno animal enraivecido. O poderoso rei de Chedi, vendo Bhima de bravura terrível com tal raiva, disse rindo, 'Solte-o, ó Bhishma! Deixe que todos os monarcas vejam-no ser queimado pela minha bravura como um inseto no fogo.' Ouvindo estas palavras do soberano dos Chedis, Bhishma, aquele principal dos Kurus e de todos os homens inteligentes, falou a Bhima estas palavras.

42

Bhishma disse, ‘Este Sisupala nasceu na linhagem do rei de Chedi com três olhos e quatro mãos. Logo que ele nasceu, ele gritou e zurrou como um asno. Por causa disto, seu pai e mãe junto com seus parentes foram tomados pelo medo. E vendo aqueles presságios extraordinários, seus pais resolveram abandoná-lo. Mas uma voz incorpórea, naquela hora, disse ao rei e sua esposa com seus ministros e sacerdote, todos com corações paralisados pela ansiedade, essas palavras, 'Este teu filho, ó rei, que nasceu se tornará afortunado e superior em força. Portanto não o tema. De fato cuide desta criança sem ansiedade. Ele não morrerá (na infância). Sua hora ainda não chegou. Aquele que o matará com armas também é nascido.' Ouvindo estas palavras, a mãe, ansiosa por afeição por seu filho, endereçou-se ao Ser invisível e disse, ‘Eu me curvo com mãos unidas àquele que proferiu estas palavras a respeito do meu filho; seja ele uma divindade exaltada ou algum outro ser, que ele me diga outra palavra, eu desejo saber quem será o assassino deste meu filho.’ O Ser invisível então disse, 'Aquele sobre cujo colo esta criança sendo colocada os braços supérfluos caírem sobre a terra como um par de cobras de cinco cabeças, e à visão de quem seu terceiro olho sobre a testa desaparecer, será seu assassino.' Sabendo sobre a criança de três olhos e quatro braços como também das palavras do Ser invisível, todos os reis da terra foram a Chedi para vê-la. O rei de Chedi adorando, cada um como merecia, os monarcas que chegavam, colocou seu filho sobre seus colos um depois do outro. E embora a criança fosse colocada sobre os colos de mil reis, um depois do outro, ainda assim aquilo que a voz incorpórea disse não aconteceu. E tendo ouvido sobre tudo aquilo em Dwaravati, os poderosos heróis Yadava Sankarshana e Janarddana também foram à capital dos Chedis, para ver a irmã de seu pai, aquela filha dos Yadavas (a rainha de Chedi). E saudando todos segundo seus postos e o rei e rainha também, e perguntando sobre o bem-estar de todos, Rama e Kesava tomaram seus assentos. E depois que aqueles heróis tinham sido adorados, a rainha com grande prazer pôs ela mesma a criança no colo de Damodara. Logo que a criança foi colocada no colo dele, seus braços supérfluos caíram e o olho em sua testa também desapareceu. E vendo aquilo a rainha em alarme e ansiedade pediu de Krishna uma bênção. E ela disse, 'Ó Krishna de braços poderosos, eu estou aflita pelo medo; conceda-me uma bênção. Tu és o protetor de todos os aflitos e o dissipador dos medos de todos.’ Assim endereçado por ela, Krishna, aquele filho da raça Yadu, disse, 'Não tema, ó respeitada. Tu conheces a moralidade. Tu não precisas ter medo de mim. Qual benefício eu devo te dar? O que eu farei, ó tia? Seja capaz ou não, eu farei o que me pedes.' Endereçada dessa forma por Krishna a rainha disse, 'Ó tu de grande força, tu terás que perdoar as ofensas de Sisupala por minha causa. Ó tigre da raça Yadu, saiba, ó senhor, que este é o benefício que eu peço.' Krishna então disse, 'Ó tia, mesmo quando ele merecer ser morto, eu perdoarei cem ofensas dele. Não te aflija.'

Bhishma continuou, 'Deste modo, ó Bhima, é este patife de um rei, Sisupala de coração pecaminoso, que orgulhoso da bênção concedida por Govinda, te convoca para a batalha!'

43

Bhishma disse, ‘A vontade sob a qual o soberano de Chedi te convoca para a luta, embora tu tenhas uma força que não conhece deterioração, mal é sua própria intenção. Seguramente este é o propósito do próprio Krishna, o senhor do universo. Ó Bhima, que rei sobre a terra se atreveria a me insultar dessa forma, como este miserável de sua raça, já possuído pela Morte, fez hoje? Este de braços poderosos é, sem dúvida, uma porção da energia de Hari. E certamente, o Senhor deseja tomar de volta em si mesmo aquela sua própria energia. Por causa disto, ó tigre da raça Kuru, este rei como um tigre de Chedi, tão perverso de coração, ruge de tal maneira pouco se importando com todos nós.’"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras de Bhishma, o rei de Chedi não pode aguentar mais, Ele então respondeu com raiva a Bhishma nestas palavras. 'Que nossos inimigos, ó Bhishma, sejam dotados daquela bravura a qual este Kesava tem, a quem tu louvas como um cantor profissional de hinos, erguendo-se repetidamente do teu assento. Se tua mente, ó Bhishma, se deleita tanto em elogiar outros, então elogie estes reis, deixando Krishna. Elogie este rei excelente, Darada, o soberano de Valhika, que rasgou esta terra logo que nasceu. Louve, ó Bhishma, Karna, o soberano do território de Anga e Vanga, e que é igual em força àquele de mil olhos, que maneja um arco grande, que dotado de braços poderosos possui brincos de feitio celeste com os quais ele nasceu e esta cota de malha possuidora do esplendor do sol nascente, que venceu em um combate o invencível Jarasandha igual ao próprio Vasava, e que rasgou e mutilou aquele monarca. Ó Bhishma, elogie Drona e Aswatthaman, pai e filho, que são guerreiros poderosos, dignos de elogios, e os melhores dos Brahmanas, e cada um dos quais, ó Bhishma, se enfurecido poderia aniquilar esta terra com as suas criaturas móveis e imóveis, como eu creio. Eu não vejo, ó Bhishma, um rei que seja igual em batalha a Drona ou Aswatthaman. Por que tu não desejas elogiá-los? Passando sobre Duryodhana, este poderoso reis de reis, que é inigualável na terra inteira cercada por seus mares e pelo rei Jayadratha talentoso com armas e dotado de grande destreza, e Druma, o preceptor dos Kimpurushas e célebre pelo mundo por sua coragem, e o filho de Saradwata, o velho Kripa, o preceptor dos príncipes Bharata e dotado de grande energia, por que tu elogias Kesava? Passando por cima daquele principal dos arqueiros, aquele esplêndido rei, Rukmin de grande energia, por que tu glorificas Kesava? Passando por cima de Bhishmaka de energia abundante, e do rei Dantavakra, e de Bhagadatta conhecido por suas inúmeras estacas sacrificais, Jayatsena, o rei de Magadha, Virata e Drupada, Sakuni e Vrihadvala, Vinda e Anuvinda de Avant Pandya, Sweta Uttama Sankhya de grande prosperidade, e do orgulhoso Vrishasena, do poderoso Ekalavya, e do grande quadrigário Kalinga de energia abundante, por que tu louvas Kesava? E, ó Bhishma, se a tua mente está sempre inclinada a cantar os louvores de outros, por que tu não elogias Salya e outros soberanos da terra? Ó rei, o que pode ser feito por mim quando (parece) que tu não aprendeste nada perante os virtuosos homens idosos que dão lições de moralidade? Tu

nunca ouviste, ó Bhishma, que repreensão e glorificação, de si e dos outros, não são práticas daqueles que são respeitáveis? Não há ninguém que aprove a tua conduta, ó Bhishma, de louvar ininterruptamente com devoção, só por ignorância, Kesava tão indigno de louvor. Como tu, somente pelo teu desejo, estabeleces todo o universo no servidor e vaqueiro de Bhoja (Kansa)? Talvez, ó Bharata, essa tua inclinação não seja compatível com a tua verdadeira natureza, como o que pode ser com a ave Bhulinga, como já foi dito por mim. Há uma ave chamada Bhulinga vivendo no outro lado do Himavat. Ó Bhishma, aquela ave sempre profere palavras de significado adverso. ‘Nunca faça qualquer coisa imprudente’, isto é o que ela sempre diz, mas nunca compreendeu que ela mesma sempre age muito imprudentemente. Possuidora de pouca inteligência aquela ave rouba da boca do leão os pedaços de carne grudados no meio dos dentes dele, e em um momento quando o leão está empenhado em comer. Seguramente, ó Bhishma, aquela ave vive do favor do leão. Ó patife pecaminoso, tu sempre falas como aquela ave. E seguramente, ó Bhishma, tu estás vivo somente pelo favor destes reis. Empenhado em ações contrárias às opiniões de todos, não há ninguém mais como tu!’"

Vaisampayana continuou, “Ouvindo essas palavras duras do soberano de Chedi, Bhishma, ó rei, disse na audição do rei de Chedi, 'Verdadeiramente eu estou vivo pela vontade destes soberanos da terra. Mas eu considero que estes reis não são iguais nem a uma palha.' Logo que estas palavras foram faladas por Bhishma, os reis ficaram cheios de raiva. E alguns que estavam abaixados se levantaram e alguns começaram a criticar Bhishma. E ouvindo aquelas palavras de Bhishma, alguns entre eles que eram manejadores de grandes arcos exclamaram, 'Este desprezível Bhishma, embora velho, é extremamente vaidoso. Ele não merece o nosso perdão. Portanto, ó reis, enraivecido com violência como este Bhishma está, é bom que este desgraçado seja morto como um animal, ou, nos reunindo, que nós o queimemos em um fogo de grama ou palha.' Ouvindo estas palavras dos monarcas, Bhishma o avô dos Kurus, dotado de grande inteligência, endereçando-se àqueles senhores da terra, disse, 'Eu não vejo um fim para as nossas discussões, pois palavras podem ser respondidas com palavras. Portanto, senhores da terra, escutem todos ao que eu digo. Seja eu morto como um animal ou queimado em um fogo de grama e palha, assim eu distintamente coloco meu pé sobre as cabeças de vocês todos. Aqui está Govinda, que não conhece deterioração. A Ele nós temos adorado. Que aquele que deseja uma morte rápida convoque para a batalha Madhava de cor escura e o manejador do disco e da maça; e morrendo entre e se misture com o corpo desse deus!’"

44

Vaisampayana disse, “Ouvindo estas palavras de Bhishma, o soberano de Chedi dotado de coragem excessiva, desejoso de lutar com Vasudeva dirigiu-se a ele e disse, ‘Ó Janarddana, eu te desafio. Venha, lute comigo até que eu te mate

hoje com todos os Pandavas. Pois, ó Krishna, os filhos de Pandu também, que desrespeitando os direitos de todos estes reis, adoraram a ti que não és rei, merecem ser mortos junto contigo. É minha opinião, ó Krishna, que aqueles que por infantilidade te adoraram, como se tu merecesses isso, embora tu sejas indigno de culto, sendo somente um escravo e um canalha e não um rei, merecem ser mortos por mim.' Tendo assim falado, aquele tigre entre reis ficou lá rugindo de raiva. E depois que Sisupala tinha parado, Krishna endereçou-se a todos os reis na presença dos Pandavas, e falou estas palavras em uma voz gentil: 'Ó reis, este de mente pecaminosa, que é filho de uma filha da raça Satwata, é um grande inimigo de nós da raça Satwata; e embora nós nunca procuremos feri-lo, ele sempre procura o nosso mal. Este patife de feitos cruéis, ó reis, sabendo que nós tínhamos ido à cidade de Pragjyotisha, veio e queimou Dwaraka, embora ele seja filho da irmã do meu pai. Enquanto o rei Bhoja estava se divertindo sobre a colina Raivataka, ele lançou-se sobre os servidores daquele rei e matou e levou muitos deles em correntes para sua própria cidade. Pecaminoso em todo seu propósito, este patife, para obstruir o sacrifício do meu pai, roubou o cavalo sacrifical do sacrifício de cavalos que tinha sido deixado solto sob a guarda de homens armados. Incitado por motivos pecaminosos, ele raptou a relutante esposa do inocente Vabhru (Akrura) em seu caminho de Dwaraka para o país dos Sauviras. Este ofensor de seu tio materno, se disfarçando no traje do rei de Karusha, raptou também a inocente Bhadra, a princesa de Visala, a noiva prometida do rei Karusha. Eu tenho pacientemente tolerado todos estes aborrecimentos pela irmã do meu pai. É, no entanto, muito oportuno que tudo isso tenha ocorrido hoje na presença de todos os reis. Vejam vocês todos hoje a hostilidade que ele nutre com relação a mim. E saibam também tudo o que ele fez pelas minhas costas. Por excesso de orgulho ao qual ele cedeu na presença de todos estes monarcas ele merece ser morto por mim. Eu mal sou capaz de perdoar hoje as injúrias que ele me fez. Desejoso de morte rápida, este tolo tinha desejado Rukmini. Mas ele não a obteve, como um Sudra falhando em obter a audição dos Vedas.'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras de Vasudeva, todos os monarcas reunidos começaram a criticar o soberano de Chedi. Mas o poderoso Sisupala, tendo ouvido estas palavras, riu alto e falou dessa forma, 'Ó Krishna, tu não estás envergonhado em dizer nesta reunião, especialmente diante de todos estes reis que Rukmini (tua esposa) foi cobiçada por mim? Ó matador de Madhu, quem mais há além de ti, que se considerando um homem diria no meio de homens respeitáveis que sua mulher tinha sido desejada por mais alguém? Ó Krishna, perdoe-me se te agradar, ou não me perdoe. Mas furioso ou amistoso, o que tu podes fazer para mim?'

E enquanto Sisupala estava falando dessa maneira, o sublime matador de Madhu pensou em sua mente no disco que humilhou o orgulho dos Asuras. E tão logo o disco veio às suas mãos, hábil em discurso o ilustre ruidosamente proferiu estas palavras, 'Ouçam senhores da terra, por que este foi até agora perdoado por mim. Como pedido por sua mãe, cem ofensas (dele) deviam ser perdoadas por mim. Foi este o benefício que ela pediu, e isto mesmo eu concedi a ela. Aquele número, ó reis, está completo. Eu agora o matarei na sua presença, ó monarcas.'

Tendo dito isso o chefe dos Yadus, aquele matador de todos os inimigos, em fúria, imediatamente cortou a cabeça do soberano de Chedi por meio de seu disco. E aquele de braços poderosos caiu como um penhasco atingido pelo raio. E, ó monarca, os reis reunidos então viram uma energia ígnea, como a do sol no céu, sair do corpo do rei de Chedi, e ó rei, aquela energia então adorou Krishna, possuidor de olhos como as folhas do lótus e adorado por todos os mundos, e entrou em seu corpo. E todos os reis vendo a energia que entrou naquele poderosamente armado chefe de homens consideraram aquilo como extraordinário. E quando Krishna matou o rei de Chedi, o céu, embora sem nuvens, derramou torrentes de chuva, e explodiram trovões, e a própria terra começou a tremer. Houve alguns entre os reis que não falaram uma palavra durante aqueles indizíveis momentos, mas simplesmente sentaram fitando Janarddana. E houve alguns que esfregaram com raiva suas palmas com seus indicadores. E houve outros que privados de razão pela raiva morderam seus lábios com seus dentes. E alguns entre os reis aprovaram ele da raça Vrishni secretamente. E alguns ficaram excitados pela raiva; enquanto outros se tornaram mediadores. Os grandes Rishis com corações satisfeitos louvaram Kesava e foram embora. E todos os Brahmanas de grande alma e os reis poderosos que lá estavam, vendo a destreza de Krishna, ficaram profundamente contentes e o louvaram.

Yudhishthira então mandou seus irmãos realizarem sem demora os ritos fúnebres do rei Sisupala, o corajoso filho de Damaghosha, com o respeito apropriado. Os filhos de Pandu obedeceram à ordem de seu irmão. E Yudhishthira então, com todos os reis, instalou o filho do rei Sisupala na soberania dos Chedis.

Então aquele sacrifício, ó monarca, do rei dos Kurus possuidor de grande energia, abençoado com todo o tipo de prosperidade, se tornou extremamente belo e agradável para todos os homens jovens. E iniciado auspiciosamente, e com todos os obstáculos removidos, e abastecido com abundância de riqueza e grãos, como também com fartura de arroz e de todas as espécies de alimento, ele foi devidamente assistido por Kesava. E Yudhishthira no tempo devido completou grande sacrifício. E o poderoso Janarddana, o exaltado Sauri, com seu arco chamado Saranga e seu disco e maça, protegeu aquele sacrifício até a sua conclusão. E todos os monarcas Kshatriya, tendo se aproximado do virtuoso Yudhishthira que tinha se banhado depois da conclusão do sacrifício, disseram estas palavras: 'Por boa sorte tu te tornaste bem sucedido. Ó virtuoso, tu obtiveste a dignidade imperial. Ó tu da raça Ajamida, por ti foi propagada a fama de toda a tua linhagem. E, ó rei de reis, por esta tua ação tu também adquiriste grande mérito religioso. Nós fomos adorados por ti até a completa extensão dos nossos desejos. Nós agora te dizemos que estamos desejosos de voltar para os nossos próprios reinos. Cabe a ti nos dar permissão.'

Ouvindo estas palavras dos monarcas, o rei Yudhishthira, o justo, adorando cada um como ele merecia, ordenou seus irmãos, dizendo, 'Todos estes monarcas vieram a nós por sua própria vontade. Estes castigadores de inimigos estão agora desejosos de voltar para seus próprios reinos, despedindo-se de mim. Abençoados sejam vocês, sigam estes excelentes reis até os confins dos nossos

próprios domínios.' Ouvindo estas palavras de seu irmão, os virtuosos príncipes Pandava seguiram os reis, um depois do outro, como cada um merecia. O poderoso Dhrishtadyumna seguiu sem perda de tempo o rei Virata; e Dhananjaya seguiu o ilustre e poderoso quadrigário Yajnasena; e o poderoso Bhimasena seguiu Bhishma e Dhritarashtra; e Sahadeva, aquele mestre de batalha, seguiu o bravo Drona e seu filho; e Nakula, ó rei, seguiu Suvala com seu filho; e os filhos de Draupadi com o filho de Subhadra seguiram aqueles poderosos guerreiros, os poderosos reis das regiões montanhosas. E outros touros entre os Kshatriyas seguiram outros Kshatriyas. E os Brahmanas aos milhares também foram embora, devidamente venerados.

Depois que todos os reis e Brahmanas tinham ido embora, o poderoso Vasudeva endereçando-se a Yudhishthira disse, 'Ó filho da raça Kuru, com a tua permissão, eu também desejo ir para Dwaraka. Por grande boa sorte, tu realizaste o mais importante dos sacrifícios, Rajasuya!' Assim endereçado por Janarddana, Yudhishthira respondeu, 'Devido à tua graça, ó Govinda, eu realizei o grande sacrifício. E é devido à tua graça que todo o mundo Kshatriya aceitou meu domínio, e veio para cá com valiosas homenagens. Ó herói, sem ti, meu coração nunca sente algum deleite. Como posso eu, portanto, ó herói, te dar, ó impecável, permissão para ir? Mas tu deves ter que ir à cidade de Dwaraka.' O virtuoso Hari de fama mundial, assim endereçado por Yudhishthira, alegremente foi com seu primo até Pritha e disse, 'Ó tia, teus filhos agora obtiveram a dignidade imperial. Eles obtiveram uma vasta riqueza e foram também coroados com sucesso. Fique contente com tudo isto. Por tua ordem, ó tia, eu desejo ir para Dwaraka.' Depois disto, Kesava se despediu de Draupadi e Subhadra. Saindo então dos aposentos internos acompanhado por Yudhishthira, ele realizou suas abluções e passou pelos ritos diários de culto, e então fez os Brahmanas proferirem bênçãos. Então Daruka de braços poderosos chegou lá com um carro de modelo excelente e corpo parecendo as nuvens. E vendo aquele carro de bandeira de Garuda chegado lá, aquele de grande alma, com olhos como folhas de lótus, andou ao redor dele respeitosamente e subindo nele partiu para Dwaravati. E o rei Yudhishthira o justo, abençoado com prosperidade, acompanhado por seus irmãos, seguiu a pé o poderoso Vasudeva. Então Hari com olhos como folhas de lótus, parando aquele melhor dos carros por um momento, endereçando-se a Yudhishthira o filho de Kunti, disse, 'Ó rei de reis, cuide dos teus súditos com vigilância e paciência contínuas. E como as nuvens são para todas as criaturas, como a árvore grande de ramos espalhados é para as aves, como aquele de mil olhos é para os imortais, seja tu o refúgio e amparo dos teus parentes.' E Krishna e Yudhishthira tendo assim falado um ao outro se despediram e voltaram para suas respectivas casas. E, ó rei, depois que o chefe da raça Satwata tinha ido para Dwaravati, somente o rei Duryodhana, com o filho do rei Suvala, Sakuni, aqueles touros entre homens, continuaram a viver naquela mansão de reuniões celeste.

45

(Dyuta Parva)

Vaisampayana disse, "Quando aquele principal dos sacrifícios, o Rajasuya de tão difícil realização, estava terminado, Vyasa cercado por seus discípulos se apresentou perante Yudhishthira. E Yudhishthira ao vê-lo levantou-se rapidamente de seu assento, circundado por seus irmãos, e adorou o Rishi que era seu avô, com água para lavar seus pés e a oferta de um assento. O ilustre tendo tomado seu assento em um tapete valioso tecido com ouro, endereçou-se ao rei Yudhishthira, o justo, e disse. 'Tome teu assento.' E depois do rei ter tomado seu assento cercado por seus irmãos, o ilustre Vyasa, de fala sincera, disse, 'Ó filho de Kunti, tu prosperas por boa sorte. Tu obtiveste o domínio imperial tão difícil de adquirir. E, ó perpetuador da raça Kuru, todos os Kauravas têm prosperado por causa de ti. Ó Imperador, eu fui devidamente adorado. Eu desejo agora partir com tua permissão!' O rei Yudhishthira, o justo, assim endereçado pelo Rishi de cor escura, saudou seu avô e tocando os pés dele, disse, 'Ó principal dos homens, uma dúvida difícil de ser dissipada surgiu dentro de mim. Ó touro entre os regenerados, além de ti não há ninguém para removê-la. O ilustre Rishi Narada disse que (como uma consequência do sacrifício Rajasuya) três espécies de presságios, celestes, atmosféricos e terrestres acontecem. Ó avô, aqueles portentos terminaram pela queda do rei dos Chedis?'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras do rei, o exaltado filho de Parasara, Vyasa nascido na ilha, de cor escura, falou-lhe estas palavras, 'Por treze anos, ó rei, aqueles presságios trarão poderosas consequências terminando na destruição, ó rei de reis, de todos os Kshatriyas. No curso do tempo, ó touro da raça Bharata, fazendo de ti a única causa, os Kshatriyas reunidos de todo o mundo serão destruídos, ó Bharata, pelos pecados de Duryodhana e pelo poder de Bhima e Arjuna. No teu sonho, ó rei dos reis, tu verás perto do fim deste poder Bhava de garganta azul, o matador de Tripura, sempre absorto em meditação, tendo o touro como sua marca, bebendo de uma caveira humana, e feroz e terrível, aquele senhor de todas as criaturas, aquele deus dos deuses, o marido de Uma, também chamado Hara e Sarva, e Vrisha, armado com o tridente e o arco chamado Pinaka, e vestido em pele de tigre. E tu verás Siva, alto e branco como o penhasco Kailasa e sentado em seu touro, fitando ininterruptamente a direção (sul) presidida pelo rei dos Pitris. Este mesmo será o sonho que tu terás hoje, ó rei dos reis. Não te aflija por ter tal sonho. Ninguém pode se erguer acima da influência do Tempo. Abençoado sejas! Eu agora procederei em direção à montanha Kailasa. Governe a terra com vigilância e firmeza, suportando pacientemente toda privação!'"

Vaisampayana continuou, "Tendo assim falado, o ilustre Vyasa nascido na ilha, de cor escura, acompanhado por seus discípulos sempre seguindo os ditames dos Vedas, procedeu em direção a Kailasa. E depois que o avô havia ido embora, o rei aflito com ansiedade e tristeza, começou a pensar repetidamente sobre que o Rishi disse. E ele disso a si mesmo, 'De fato o que o Rishi disse deve vir a ocorrer.

Nós conseguiremos desviar os destinos somente pelo esforço?' Então Yudhishthira dotado de grande energia, endereçando-se a todos os seus irmãos, disse, 'Ó tigres entre homens, vocês ouviram o que o Rishi nascido na ilha me disse. Tendo ouvido as palavras do Rishi, eu cheguei a esta firme resolução: que eu devo morrer, porque estou ordenado a ser a causa da destruição de todos os Kshatriyas. Ó meus caros, se o Tempo determinou isto que necessidade há de eu viver?' Ouvindo estas palavras do rei, Arjuna respondeu, 'Ó rei, não ceda a esta depressão terrível que é destrutiva da razão. Reunindo coragem, ó grande rei, faça o que será benéfico.' Yudhishthira então, firme na verdade, pensando a todo o momento nas palavras de Dwaipayana respondeu para seus irmãos desta maneira, 'Abençoados sejam vocês. Escutem ao meu voto deste dia em diante. Por treze anos, qualquer que seja o propósito pelo qual eu viva, eu não falarei nenhuma palavra dura para meus irmãos ou para algum dos reis da terra. Vivendo sob a ordem de meus parentes, eu praticarei a virtude, exemplificando meu voto. Se eu viver deste modo, não fazendo distinção entre meus próprios filhos e os dos outros, então não haverá desavença (entre mim e os outros). A discórdia é a causa da guerra no mundo. Mantendo a guerra à distância, e sempre fazendo o que é agradável para os outros, a má reputação não será minha no mundo, ó touros entre homens.' Ouvindo estas palavras de seu irmão mais velho, os Pandavas, sempre dedicados a fazer o que era agradável para ele, as aprovaram. E Yudhishthira o justo, tendo feito essa promessa, junto com seus irmãos no meio daquela reunião, gratificou seus sacerdotes como também os deuses com as cerimônias devidas. E, ó touro da raça Bharata, depois que todos os monarcas tinham ido embora, Yudhishthira junto com seus irmãos, tendo realizado os ritos propícios usuais, acompanhado por seus ministros entrou em seu próprio palácio. E, ó soberano de homens, o rei Duryodhana e Sakuni, o filho de Suvala, continuaram a morar naquela encantadora casa de reuniões.

46

Vaisampayana disse, "Aquele touro entre homens, Duryodhana, continuou a morar naquela casa de reuniões (dos Pandavas). E com Sakuni, o príncipe Kuru examinou lentamente toda aquela mansão, e o príncipe Kuru viu nela muitos projetos celestes, que ele nunca tinha visto antes na cidade que recebeu o nome de elefante (Hastinapura). E um dia o rei Duryodhana, circulando por aquela mansão, chegou a uma superfície de cristal. E o rei, por ignorância, confundindo-a com uma piscina de água, ergueu suas roupas. E depois descobrindo seu engano o rei vagou pela mansão em grande tristeza. E algum tempo depois, o rei, confundindo um lago de água cristalina adornada com lotos de pétalas de cristal com o solo, caiu dentro dele com todas as suas roupas. Vendo Duryodhana caído no lago, o poderoso Bhima riu alto como também os criados do palácio. E os empregados, por ordem do rei, logo lhe trouxeram roupas secas e belas. Vendo a situação de Duryodhana, o poderoso Bhima e Arjuna e os gêmeos, todos riram alto. Estando desabituado a tolerar insultos, Duryodhana não pode tolerar aquele

riso deles. Escondendo suas emoções ele não olhou para eles. E vendo o monarca mais uma vez erguer suas vestes para atravessar um trecho de terra seca a qual ele tinha confundido com água, eles todos riram outra vez. E o rei algum tempo depois confundiu uma porta fechada feita de cristal com uma aberta. E quando ele foi atravessá-la sua cabeça bateu em contra ela, e ele ficou com seu cérebro balançando. E confundindo como fechada outra porta feita de cristal que estava realmente aberta, o rei caiu na tentativa de abri-la com as mãos esticadas. E encontrando outra porta que estava realmente aberta, o rei, achando que estava fechada afastou-se dela. E, ó monarca, o rei Duryodhana vendo aquela vasta riqueza no sacrifício Rajasuya e tendo se tornado vítima daqueles numerosos equívocos dentro da casa de reuniões finalmente voltou, com a permissão dos Pandavas, para Hastinapura.

E o coração do rei Duryodhana, aflito pela visão da prosperidade dos Pandavas, inclinou-se para o pecado enquanto ele prosseguia em direção à sua cidade refletindo sobre tudo o que ele tinha visto e sofrido. E vendo os Pandavas felizes e todos os reis da terra prestando homenagem a eles, como também todos, jovens e velhos, dedicados a fazer o bem para eles, e refletindo também sobre o esplendor e prosperidade dos filhos ilustres de Pandu, Duryodhana, o filho de Dhritarashtra, ficou pálido. Ao proceder (para sua cidade) com o coração aflito, o príncipe não pensava em nada mais exceto naquela casa de reuniões e na prosperidade inigualável do sábio Yudhishthira. E Duryodhana, o filho de Dhritarashtra, estava tão absorto em seus pensamentos que não falou uma palavra ao filho Suvala embora o último se dirigisse a ele repetidamente. E Sakuni, vendo-o distraído, disse, 'Ó Duryodhana, por que estás agindo assim?'

Duryodhana respondeu, 'Ó tio, vendo toda esta terra possuindo o domínio de Yudhishthira por causa do poder das ilustres armas de Arjuna e também aquele sacrifício do filho de Pritha, como o sacrifício do próprio Sakra de grande glória entre os celestiais, eu estou cheio de ciúmes e queimando dia e noite, eu estou sendo secado como um tanque raso no verão. Veja, quando Sisupala foi morto pelo chefe dos Satwatas não houve um homem para tomar o lado de Sisupala. Consumidos pelo fogo do Pandava, eles todos perdoaram aquela ofensa; de outra maneira quem lá poderia perdoá-lo? Aquela ação altamente imprópria de grave consequência feito por Vasudeva ocorreu por causa do poder do filho ilustre de Pandu. E tantos monarcas também trouxeram com eles várias espécies de riquezas para o rei Yudhishthira, o filho de Kunti, como vaisyas pagadores de impostos! Vendo a prosperidade Yudhishthira de tal esplendor meu coração queima, atormentado pela inveja, embora não caiba a mim estar com ciúmes.'

Tendo refletido deste modo, Duryodhana, como se queimado pelo fogo, endereçou-se ao rei de Gandhara outra vez e disse, 'Eu me lançarei em um fogo ardente ou engolirei veneno ou me afogarei na água. Eu não posso viver. Que homem há no mundo possuidor de vigor que possa aguentar ver seus inimigos no desfrute da prosperidade e ele mesmo em privação? Portanto eu que aguento ver aquele aumento da prosperidade e fortuna (dos meus inimigos), não sou nem uma mulher nem alguém que não é uma mulher, nem também um homem nem alguém que não é um homem. Vendo sua soberania sobre o mundo e vasta riqueza, como

também o sacrifício, quem há como eu que não sofreria sob tudo aquilo? Sozinho eu sou incapaz de adquirir tal prosperidade real; nem vejo aliados que pudessem me ajudar nessa questão. É por isso que eu estou pensando em autodestruição. Contemplando aquela grande e serena prosperidade do filho de Kunti, eu considero o Destino como supremo e os esforços como inúteis. Ó filho de Suvala, antigamente eu tentei seriamente realizar a destruição dele. Mas frustrando todos os meus esforços ele cresceu em prosperidade assim como o lótus de dentro de uma piscina de água. É por isso que eu considero o Destino como supremo e os esforços como inúteis. Veja, os filhos de Dhritarashtra estão decaindo e os filhos de Pritha estão crescendo dia a dia. Vendo aquela prosperidade dos Pandavas, e aquela casa de reuniões deles, e aqueles criados rindo de mim, meu coração queima como se estivesse no fogo. Portanto, ó tio, saiba que eu estou agora sofrendo profundamente e cheio de ciúmes, e fale disto para Dhritarashtra.'

47

Sakuni disse, 'Ó Duryodhana, tu não deves ficar com ciúmes de Yudhishthira. Os filhos de Pandu estão desfrutando do que eles merecem por causa da sua própria boa sorte. Ó matador de inimigos, ó grande rei, tu não pudeste destruir eles nem por idear repetidamente inúmeros planos, muitos dos quais tu nem puseste em prática. Aqueles tigres entre homens por pura sorte escaparam de todas aquelas maquinações. Eles obtiveram Draupadi como esposa e Drupada com seus filhos como também Vasudeva de grande coragem como aliados, capazes de ajudá-los a subjugar o mundo todo. E, ó rei, tendo herdado a parte paterna do reino sem serem privados dela eles têm crescido por consequência da sua própria energia. O que há para te fazer triste por isso? Tendo satisfeito Hustasana, Dhananjaya obteve o arco Gandiva e o par de aljavas inesgotáveis e muitas armas celestes. Com aquele arco único e pela força de seus próprios braços também ele trouxe todos os reis do mundo sob seu domínio. O que há para te fazer triste por isso? Tendo salvado o Asura Maya de um incêndio, Arjuna, aquele matador de inimigos, usando ambas as mãos com igual habilidade, o fez construir aquela casa de reuniões. E é por isso também que mandados por Maya, aqueles horríveis Rakshasas chamados Kinkaras sustentaram aquela casa de reuniões. O que há nisso para te fazer triste? Tu disseste, ó rei, que não tens aliados. Isto, ó Bharata, não é verdadeiro. Estes teus irmãos são obedientes a ti. Drona de grande destreza e que manuseia o grande arco junto com seu filho, Karna, o filho de Radha, o grande guerreiro Gautama (Kripa), eu mesmo com meus irmãos e o rei Saumadatti, estes são teus aliados. Unindo-te com eles, conquiste toda a terra.'

Duryodhana disse, 'Ó rei, contigo, como também com estes grandes guerreiros, eu subjugarei os Pandavas, se isto te agrada. Se eu puder agora subjugá-los, o mundo será meu e todos os monarcas, e aquela casa de reuniões tão cheia de riquezas.'

Sakuni respondeu, 'Dhananjaya e Vasudeva, Bhimasena e Yudhishthira, Nakula e Sahadeva e Drupada com seus filhos, eles não podem ser derrotados em batalha nem pelos celestiais, pois eles são todos grandes guerreiros que manejam os maiores arcos, habilidosos com armas, e se deleitam em batalha. Mas, ó rei, eu conheço o meio pelo qual o próprio Yudhishthira pode ser derrotado. Escute a mim e adote-o.'

Duryodhana disse, 'Sem perigo para os nossos amigos e outros homens ilustres, ó tio, diga-me se há algum meio pelo qual eu possa vencê-lo.'

Sakuni disse, 'O filho de Kunti é muito aficionado ao jogo de dados embora ele não saiba como jogar. Aquele rei se pedido para jogar mal é capaz de recusar. Eu sou habilidoso com dados. Não há ninguém igual a mim em relação a isto sobre a terra, não, nem nos três mundos, ó filho de Kuru. Portanto, convide-o para jogar dados. Hábil nos dados, eu ganharei seu reino, e aquela prosperidade esplêndida dele para ti, ó touro entre homens. Mas, ó Duryodhana, relate tudo isto ao rei (Dhritarashtra). Mandado por teu pai eu ganharei sem dúvida todas as posses de Yudhishthira.'

Duryodhana disse 'Ó filho de Suvala, apresente tu mesmo devidamente tudo isto para Dhritarashtra, o chefe dos Kurus. Eu não serei capaz de fazer dessa forma.'"

48

Vaisampayana disse, "Ó rei, impressionado com o grande sacrifício Rajasuya do rei Yudhishthira, Sakuni, o filho de Suvala, tendo sabido antes das intenções de Duryodhana, enquanto o acompanhava no caminho da casa de reuniões, e desejoso de dizer o que era agradável para ele, se aproximou de Dhritarashtra dotado de grande sabedoria, e encontrando o monarca privado de sua visão sentado (em seu trono), lhe disse estas palavras, 'Saiba, ó grande rei, ó touro da raça Bharata, que Duryodhana, tendo a cor perdida, se tornou pálido e emaciado e deprimido e uma presa da ansiedade. Por que, depois das devidas perguntas, tu não averiguas a dor que está no coração do teu filho mais velho, a dor que é causada pelo inimigo?'

Dhritarashtra disse, 'Duryodhana, qual é a razão da tua grande aflição, ó filho da raça Kuru? Se for conveniente para eu ouvir, então me diga a razão. Este Sakuni aqui diz que tu perdeste a cor, te tornaste empalidecido e emaciado, e uma presa da ansiedade. Eu não sei qual pode ser a razão da tristeza. Esta minha vasta riqueza está sob o teu controle. Os teus irmãos e todos os nossos parentes nunca fazem nada que seja desagradável para ti. Tu vestes o melhor vestuário e comes a melhor comida que é preparada com carne. O melhor dos cavalos te carrega. O que é, portanto, que te fez ficar pálido e emaciado? Camas valiosas, belas donzelas, mansões decoradas com mobília excelente, e esporte do tipo mais prazeroso, sem dúvida tudo isto espera somente a tua ordem, como no caso

dos próprios deuses. Portanto, ó orgulhoso, por que tu sofres, ó filho, como se tu fosses privado de recursos?'

Duryodhana disse, 'Eu como e me visto como um miserável e passo todo o meu tempo como uma presa do ciúme violento. Aquele que de fato é um homem, que é incapaz de suportar o orgulho do inimigo, vive tendo vencido aquele inimigo com o desejo de libertar seus próprios súditos da tirania do inimigo. O contentamento, como também o orgulho, ó Bharata, são destrutivos da prosperidade; e aquelas outras duas qualidades também, compaixão e medo. Aquele que age sob a influência destes nunca obtém nada grande. Tendo visto a prosperidade de Yudhishthira, qualquer coisa da qual eu goste não me traz nenhuma satisfação. A prosperidade do filho de Kunti que possui tal esplendor me faz pálido. Conhecendo a riqueza do inimigo e a minha própria pobreza, mesmo que aquela riqueza não esteja na minha frente eu ainda a vejo à minha frente. Portanto, eu perdi a cor e fiquei melancólico, empalidecido e emaciado. Yudhishthira sustenta oitenta e oito mil Snataka Brahmanas levando vidas domésticas, dando para cada um deles trinta moças escravas. Além disso, mil outros Brahmanas comem diariamente em seu palácio a melhor das comidas em pratos dourados. O rei de Kambhoja enviou a ele (como tributo) incontáveis peles de veados Kadali, pretas, escuras e vermelhas, como também numerosos cobertores de texturas excelentes. E centenas e milhares de elefantas e trinta mil camelos fêmeas vagam dentro do palácio, pois os reis da terra levaram todas elas como tributo para a capital dos Pandavas. E, ó senhor da terra, os reis também levaram para aquele mais importante dos sacrifícios pilhas sobre pilhas de jóias e pedras preciosas para o filho de Kunti. Nunca antes eu vi ou ouvi sobre tal enorme riqueza como a que foi levada para o sacrifício dos filhos inteligentes de Pandu. E, ó rei, vendo aquele enorme acúmulo de riqueza pertencente ao inimigo, eu não posso desfrutar de paz mental. Centenas de Brahmanas, mantidos pelas doações que Yudhishthira lhes dá, e possuindo vacas em profusão esperavam no portão do palácio com três milhares de milhões de tributos, mas foram impedidos pelos guardas de entrar na mansão. Levando com eles manteiga clarificada em belos Kamandalus feitos de ouro, eles não obtiveram admissão no palácio. E o próprio Oceano levou a ele em recipientes de cobre branco o néctar que é gerado dentro de suas águas e que é muito superior àquele que as flores e plantas anuais produzem para Sakra. E Vasudeva (na conclusão do sacrifício) tendo levado uma concha excelente banhou o filho de Pritha com água do mar trazida em mil jarros de ouro, todos bem adornados com numerosas pedras preciosas. Vendo tudo aquilo eu fiquei febril com ciúmes. Aqueles jarros foram pegos dos oceanos Leste e Sul. E eles também foram trazidos nos ombros de homens para o oceano Oeste, ó touro entre homens. E, ó pai, embora ninguém exceto as aves possam ir à região Norte, Arjuna, tendo ido lá, exigiu como tributo uma vasta quantidade de riqueza. Há outro incidente notável também que eu relatarei a ti. Ó escute-me. Quando cem mil Brahmanas estivessem alimentados, estava planejado que para comunicar esta ação todos os dias conchas seriam sopradas em um coro. Mas, ó Bharata, eu ouvi constantemente conchas serem sopradas lá quase repetidamente. E ouvindo aquelas notas meu cabelo se arrepiou. E, ó grande rei, aquela área suntuosa, cheia de inúmeros monarcas que foram lá como

espectadores, parecia extremamente bela como o firmamento sem nuvens e com estrelas. E, ó rei de homens, os monarcas que entraram naquele sacrifício do filho sábio de Pandu levaram com eles todas as espécies de riquezas. E os reis que foram lá se tornaram como vaisyas, os distribuidores de comida para os brahmanas que eram alimentados. E ó rei, a prosperidade de Yudhishthira que eu contemplei era tal que nem o próprio chefe dos celestiais, nem Yama ou Varuna, nem o senhor dos Guhyakas possuíam a mesma. E vendo a grande prosperidade do filho de Pandu, meu coração queima e eu não posso ter paz.

Ouvindo essas palavras de Duryodhana, Sakuni replicou, 'Ouça como tu podes obter esta prosperidade inigualável que tu viste no filho de Pandu, ó tu que tens a verdade como tua destreza. Ó Bharata, eu sou um perito nos dados, superior a todos no mundo. Eu posso determinar o sucesso ou não de cada arremesso, e quando apostar e quando não. Eu tenho conhecimento especial do jogo. O filho de Kunti também gosta de jogar dados embora ele possua pouca habilidade nisto. Convocado para jogar ou lutar, é certo que ele se apresentará, e eu o derrotarei repetidamente em todos os arremessos por praticar fraude. Eu prometo ganhar toda aquela riqueza dele, e tu, ó Duryodhana, então desfrutarás da mesma.'"

Vaisampayana continuou, "O rei Duryodhana, assim endereçado por Sakuni, sem permitir nem um lapso de tempo, disse a Dhritarashtra, 'Este Sakuni, um perito nos dados, está pronto para ganhar nos dados, ó rei, a riqueza dos filhos de Pandu. Cabe a ti lhe conceder permissão para agir dessa maneira.'

Dhritarashtra respondeu, 'Eu sempre sigo os conselhos de Kshatta, meu ministro possuidor de grande sabedoria. Tendo conversado com ele, eu te informarei qual é a minha opinião a respeito deste caso. Dotado de grande presciência, ele, mantendo a moralidade perante seus olhos, nos dirá o que é bom e o que é apropriado para ambos os partidos, e o que deve ser feito nesta questão.'

Duryodhana disse, 'Se tu consultares Kshatta ele te fará desistir. E se tu desistires, ó rei, eu certamente me matarei. E quando eu estiver morto, ó rei, tu ficarás feliz com Vidura. Tu então desfrutarás de toda a terra; que necessidade tu tens de mim?'"

Vaisampayana continuou, "Dhritarashtra, ouvindo essas palavras de aflição proferidas por Duryodhana de sentimento promíscuo, ele mesmo disposto a fazer o que Duryodhana tinha imposto, ordenou seu empregado, dizendo, 'Que artífices sejam empregados para construir sem demora um palácio encantador e belo e espaçoso com cem portas e mil colunas. E tendo trazido os carpinteiros e marceneiros, fixem jóias e pedras preciosas sobre todas as paredes. E construindo-o amplo e de fácil acesso, avise-me quando estiver terminado.' E, ó monarca, o rei Dhritarashtra tendo tomado essa decisão para a pacificação de Duryodhana, enviou mensageiros a Vidura para convocá-lo. Pois sem se aconselhar com Vidura o monarca nunca tomava nenhuma decisão. Mas com respeito à questão à mão, o rei embora conhecesse os males do jogo, ainda estava atraído a isto. O inteligente Vidura, no entanto, logo que ouviu aquilo, soube

que a chegada de Kali estava perto. E vendo que o caminho para a destruição estava quase aberto, ele rapidamente foi até Dhritarashtra. E Vidura se aproximou de seu ilustre irmão mais velho e reverenciou seus pés, e disse estas palavras:

'Ó nobre rei, eu não aprovo esta decisão que tomaste. Cabe a ti, ó rei, agir de tal modo para que nenhuma disputa possa surgir entre teus filhos por causa desta partida de jogo.'

Dhritarashtra replicou, 'Ó Kshatta, se os deuses forem piedosos para conosco, seguramente nenhuma discórdia surgirá entre meus filhos. Portanto, auspicioso ou não, benéfico ou não, que este amistoso desafio nos dados prossiga. Isto é sem dúvida o que o destino determinou para nós. E, ó filho da raça Bharata, quando eu estou perto, e Drona e Bhishma e tu também, nada de mal mesmo que o Destino possa ter ordenado é provável de acontecer. Portanto, vá em um carro unido a cavalos dotados da velocidade do vento, para que tu possas alcançar Khandavaprastha ainda hoje, e traga Yudhishthira contigo. E, ó Vidura, eu te digo que esta é mesmo a minha resolução. Não me diga nada. Eu considero que o Destino supremo trouxe tudo isso.' Ouvindo as palavras de Dhritarashtra e concluindo que sua raça estava condenada, Vidura em grande tristeza foi até Bhishma de grande sabedoria.'"

49

Janamejaya disse, "Ó tu principal de todos os familiarizados com os Vedas, como foi que o jogo de dados se realizou, repleto de tal mal para os primos e pelo qual meus avôs, os filhos de Pandu, foram mergulhados em tanta tristeza? Quais reis também estavam presentes naquela reunião, e quem entre eles aprovou o jogo e quem entre eles se opôs? Ó impecável, ó principal dos regenerados, eu desejo que tu narres em detalhes tudo sobre isto, qual, de fato, foi a causa da destruição do mundo."

Sauti disse, "Assim endereçado pelo rei, o discípulo de Vyasa, dotado de grande energia e conhecedor dos Vedas inteiros, narrou tudo o que tinha acontecido."

Vaisampayana disse, "Ó melhor dos Bharatas, ó grande rei, se tu desejas ouvir, então escute enquanto eu narro para ti tudo novamente em detalhes".

"Averiguando a opinião de Vidura, Dhritarashtra, o filho de Amvika, chamando Duryodhana lhe falou novamente em particular, 'Ó filho de Gandhari, não faça nada com os dados. Vidura não fala bem disto. Possuidor de grande sabedoria, ele nunca me dará um conselho que não seja para o meu bem. Eu também considero o que Vidura disse como extremamente benéfico para mim. Faça isto, ó filho, pois eu considero que tudo isso é para o teu bem também. De fato, Vidura conhece todos os mistérios da ciência (de moralidade política) que o ilustre e erudito e sábio Vrihaspati, o Rishi celeste que é o guia espiritual de Vasava,

explicou ao sábio chefe dos imortais. E, ó filho, eu sempre aceito o que Vidura recomenda. Ó rei, como o sábio Uddhava é sempre respeitado entre os Vrishnis, assim Vidura possuidor de grande inteligência é estimado como o principal dos Kurus. Portanto, ó filho, não tens nada a fazer com os dados. É evidente que os dados semeiam discórdias. E discórdias são a ruína do reino. Portanto, ó filho, abandone esta idéia de jogo. Ó filho, tu obtiveste de nós o que, isto foi ordenado, um pai e uma mãe devem dar ao seu filho, a posição ancestral e posses. Tu és educado e inteligente em todos os ramos de conhecimento, e foste criado com afeto em tua residência paterna. Nascido o mais velho entre todos os teus irmãos, vivendo dentro do teu próprio reino, por que tu te consideras infeliz? Ó tu de braços poderosos, tu obténs comida e trajes da melhor qualidade os quais não estão disponíveis para os homens comuns. Por que tu ainda sofres, ó filho, ó tu de braços poderosos? Governando o teu grande reino ancestral cheio de pessoas e riquezas, tu brilhas tão esplendidamente como o chefe dos celestiais no céu. Tu és possuidor de sabedoria. Cabe a ti me dizer o que pode ser a causa dessa dor que te faz tão melancólico.'

Duryodhana replicou, 'Eu sou um infeliz pecaminoso, ó rei, porque eu como e me visto vendo (a prosperidade dos inimigos). É dito que é um coitado o homem que não se enche de ciúmes ao ver a prosperidade de seu inimigo. Ó exaltado, este meu tipo de prosperidade não me satisfaz. Vendo aquela prosperidade refulgente do filho de Kunti eu estou muito atormentado. Eu te digo que minha vitalidade deve ser forte, visto que eu ainda estou vivo mesmo tendo visto toda a terra sob o domínio de Yudhishthira. Os Nipas, os Chitrakas, os Kukkuras, os Karaskaras, e os Lauha-janghas estão vivendo no palácio de Yudhishthira como servos. O Himavat, o oceano, as regiões costeiras, e as inúmeras outras regiões que produzem jóias e pedras preciosas, todas reconheceram a superioridade da mansão de Yudhishthira em relação à riqueza que ela contém. E, ó monarca, me considerando como o mais velho e tendo direito ao respeito, Yudhishthira me recebeu respeitosamente e me designou para receber as jóias e pedras preciosas (que eram trazidas como tributo). Ó Bharata, o limite e as semelhantes àquelas excelentes e inestimáveis jóias que foram levadas lá não são vistos. E, ó rei, minhas mãos ficaram cansadas de receber aquela riqueza. E quando eu estava cansado, aqueles que tinham trazido aqueles artigos valiosos de regiões distantes costumavam esperar até que eu pudesse retomar meu trabalho. Trazendo jóias do lago Vindu, o arquiteto Asura Maya construiu (para os Pandavas) uma superfície semelhante a um lago, feita de cristal. Vendo os lotos (artificiais) com os quais ela estava cheia, eu a confundi, ó rei, com água. E vendo-me erguer minhas roupas (quando prestes a atravessá-la), Vrikodara (Bhima) riu de mim, me considerando como desprovido de jóias e tendo perdido minha cabeça à visão da riqueza de meu inimigo. Se eu tivesse a habilidade eu teria, ó rei, sem a perda de um momento, matado Vrikodara por isso. Mas, ó monarca, se nós nos esforçarmos para matar Bhima agora, sem dúvida será nosso o destino de Sisupala. Ó Bharata, aquele insulto do inimigo me queima. Outra vez, ó rei, vendo um lago semelhante que estava realmente cheio de água, mas que eu confundi com uma superfície de cristal, eu caí dentro dele. Nisso, Bhima com Arjuna mais uma vez riram zombeteiramente, e Draupadi também acompanhada por outras mulheres se

juntaram ao riso. Isso atormenta extremamente o meu coração. Como o meu vestuário havia sido molhado, os criados por ordem do rei me deram outras roupas. Isso também é minha grande tristeza. E, ó rei, ouça-me agora falar sobre outro equívoco. Ao tentar passar pelo que tinha exatamente a forma de uma porta, mas pela qual não tinha realmente nenhuma passagem, eu bati minha testa contra a pedra e me feri. Os gêmeos Nakula e Sahadeva vendo de uma distância que eu tinha assim batido a cabeça vieram e me sustentaram em seus braços, expressando grande preocupação comigo. E Sahadeva repetidamente me disse, como se com um sorriso, 'Esta, ó rei, é a porta. Vá por este caminho!' E Bhimasena, rindo alto, dirigiu-se a mim e disse, 'Ó filho de Dhritarashtra, esta é a porta.' E, ó rei, eu nunca tinha ouvido os nomes daquelas pedras preciosas que eu vi naquela mansão. E é por estas razões que o meu coração sofre assim.'

50

Duryodhana disse, 'Ouça agora, ó Bharata, sobre os mais caros artigos que eu vi, pertencentes aos filhos de Pandu, e levados um depois do outro pelos reis da terra. Vendo aquela riqueza do inimigo, eu perdi minha razão e mal reconheci a mim mesmo. E, ó Bharata, escute enquanto eu descrevo aquela riqueza que consistia de manufaturas e de produtos da terra. O rei de Kamboja deu inúmeras peles da melhor qualidade, e cobertores feitos de lã, de pele macia de roedores e outros animais, e do pelo de felinos, todos bordados com fios de ouro. E ele também deu trezentos cavalos das espécies Titteti e Kalmasha possuidores de focinhos como os dos papagaios. E ele também deu trezentos camelos e um número igual de burras, todas engordadas com azeitonas e Pilusha. E Brahmanas inumeráveis dedicados à criação de gado e ocupados em trabalhos humildes, para a satisfação do ilustre rei Yudhishthira o justo, esperaram no portão com trezentos milhões de tributo, mas a eles foi negada admissão no palácio. E centenas sobre centenas de Brahmanas possuindo vacas em profusão e que viviam nas terras que Yudhishthira tinha dado a eles foram lá com seus belos Kamandalus dourados cheios de manteiga clarificada. E embora eles tivessem levado tal tributo, a eles foi recusada admissão no palácio. E os reis Sudra que moravam nas regiões costeiras levaram com eles, ó rei, cem milhares de moças servas do país Karpasika, todas de belas feições e cintura esbelta e cabelo luxuriante e enfeitadas com ornamentos dourados; e também muitas peles de veado Ranku dignas até de Brahmanas como tributo ao rei Yudhishthira. E as tribos Vairamas, Paradas, Tungas, com os Kitavas que viviam de colheitas que dependiam da água do céu ou do rio e também os que eram nascidos em regiões litorâneas, em florestas, ou países no outro lado do oceano esperaram no portão, tendo a permissão para entrar recusada, com cabras e vacas e jumentos e camelos e vegetais, mel e cobertores e jóias e pedras preciosas de várias espécies. E aquele grande guerreiro, o rei Bhagadatta, o corajoso soberano de Pragjyotisha e o poderoso soberano dos mlechchas, na liderança de um grande número de Yavanas, esperou no portão incapaz de entrar, com um tributo considerável consistindo de cavalos da melhor raça e possuidores da velocidade do vento. E o

rei Bhagadatta (vendo a multidão), teve que sair do portão, transferindo através dele várias espadas com cabos feitos do mais puro marfim e bem adornados com ouro e todos os tipos de pedras preciosas. E muitas tribos vindas de regiões diferentes, algumas das quais possuíam dois olhos, algumas três e algumas que tinham olhos em suas testas, e aquelas também chamadas Aushmikas, e Nishadas, e Romakas, algumas canibais e muitas possuindo uma única perna, eu digo, ó rei, ficaram no portão, lhes sendo recusada a permissão para entrar. E aqueles diversos soberanos levaram como tributo dez mil burros de cores diversas e pescoços negros e corpo enorme e grande velocidade e muita docilidade e famosos no mundo inteiro. E aqueles burros eram todos de tamanho considerável e cor encantadora. E eles foram todos criados na costa de Vankhu. E houve muitos reis que deram a Yudhishthira muito ouro e prata. E tendo dado muito tributo eles obtiveram admissão ao palácio de Yudhishthira. As pessoas que foram lá que possuíam uma única perna deram a Yudhishthira muitos cavalos selvagens, alguns dos quais eram tão vermelhos como a cochonilha, e alguns brancos, e alguns que possuíam as cores do arco-íris e alguns parecidos com as nuvens à noite, e alguns que tinham cores variadas. E eles eram todos dotados da velocidade da mente. E eles também deram ao rei bastante ouro de qualidade superior. Eu também vi numerosos Chins e Sakas e Uddras e muitas tribos bárbaras que viviam nas florestas, e muitos Vrishnis e Harahunas, e tribos obscuras do Himavat, e muitos Nipas e pessoas residentes nas regiões costeiras esperando no portão e lhes sendo recusada a permissão para entrar. E o povo de Valhika deu a ele como tributo dez mil burros, de tamanho considerável e pescoços negros e que percorriam diariamente duzentas milhas, e aqueles burros eram de muitas formas. E eles eram bem treinados e famosos por todo o mundo. E possuidores de proporção simétrica e cor excelente, suas peles eram agradáveis ao toque. E os Valhikas também ofereceram numerosos cobertores de textura de lã fabricados em Chin e numerosas peles de veado Ranku, e vestes feitas de juta (fibra de planta indiana), e outras entremeadas com os fios tecidos por insetos. E eles também deram milhares de outras vestes não feitas de algodão, possuindo a cor do lótus. E elas eram todas de textura suave. E eles também deram peles macias de ovelha às milhares. E eles também deram muitas espadas afiadas e longas e cimitarras, e machadinhas e muitos excelentes machados de batalha afiados fabricados nos países do oeste. E tendo oferecido perfumes e jóias e pedras preciosas de várias espécies às milhares como tributo, eles esperaram no portão, tendo recusada a admissão ao palácio. E os Sakas e Tukhatas e Tukharas e Kankas e Romakas e homens com chifres levando com eles como tributo numerosos elefantes grandes e dez mil cavalos, e centenas e centenas de milhões de ouro esperaram no portão, tendo recusada a permissão para entrar. E os reis dos países do leste tendo oferecido numerosos artigos de valor, inclusive muitos tapetes caros e veículos e camas, e armaduras de diversas cores decoradas com jóias e ouro e marfim, e armas de várias espécies, e carros de várias formas e belos modelos e adornados com ouro, com cavalos bem treinados equipados com peles de tigre, e valiosos cobertores coloridos para cobrir elefantes, e várias espécies de jóias e pedras preciosas, setas longas e curtas e várias espécies de armas, obtiveram a permissão para entrar no palácio sacrifical do Pandava ilustre!'

51

Duryodhana disse, 'Ó impecável, escute-me enquanto eu descrevo aquela grande massa de riqueza que consistia de várias espécies de tributos oferecidos a Yudhishthira pelos reis da terra. Aqueles que moram ao lado do rio Sailoda fluindo entre as montanhas de Mer e Mandara e desfrutam da deliciosa sombra dos topos do bambu Kichaka, os Khashas, Ekasanas, os Arhas, os Pradaras, os Dirghavenus, os Paradas, os Kulindas, os Tanganas, e os outros Tanganas, levaram como tributo pilhas de ouro medidas em dronas (jarros) e erguidas debaixo da terra por formigas e, portanto chamadas pelo nome daquelas criaturas. As tribos da montanha dotadas de grande força levaram como tributo numerosas chamaras (escovas longas) macias e pretas e outras brancas como o brilho da lua, e mel doce extraído das flores que crescem no Himavat como também do Mishali champaka e guirlandas de flores trazidas da região dos Kurus do norte, e diversas espécies de plantas do norte até de Kailasa, esperaram com suas cabeças abaixadas no portão do rei Yudhishthira, e não tiveram permissão para entrar. Eu também vi lá numerosos chefes dos Kiratas armados com armas cruéis e sempre empenhados em atos cruéis, comendo frutas e raízes e vestidos em peles e vivendo nas ladeiras norte do Himavat e na montanha detrás da qual o sol nasce e na região de Karusha no litoral e em ambos os lados das montanhas Lohitya. E, ó rei, tendo levado com eles como tributo cargas sobre cargas de sândalo e aloés como também aloé preto, e pilhas e pilhas de peles valiosas e ouro e perfumes, e dez mil servas da sua própria raça, e muitos animais belos e aves de países remotos, e muito ouro de grande esplendor obtido das montanhas, os Kiratas esperaram no portão, não tendo permissão para entrar. Os Kairatas, os Daradas, os Darvas, os Suras, os Vaiamakas, os Audumvaras, os Durvibhagas, os Kumaras, os Paradas junto com os Vahlikas, os Kashmiras, os Ghorakas, os Hansakayanas, os Sivis, os Trigartas, os Yauddheyas, o soberano de Madras e os Kaikeyas, os Amvashtas, os Kaukuras, os Tarkshyas, os Vastrapas junto com os Palhavas, os Vashatayas, os Mauleyas junto com os Kshudrakas, e os Malavas, os Paundrayas, os Kukkuras, os Sakas, os Angas, os Vangas, os Punras, os Sanavatyas, e os Gayas, estes bons e bem nascidos Kshatriyas divididos em clãs regulares e treinados no uso de armas, levaram tributos ao unto rei Yudhishthira às centenas e milhares. E os Vangas, os Kalingas, os Magadhas, os Tamraliptas, os Supundrakas, os Dauvalikas, os Sagarakas, os Patrornas, os Saisavas, e inúmeros Karnapravaranas, que se apresentaram no portão, ouviram dos guardas-do-portão por ordem do rei, que se eles pudessem esperar e levar tributo adequado eles poderiam obter admissão. Então cada um dos reis daquelas nações deu mil elefantes equipados com presas semelhantes às hastes do arado e enfeitados com cintas feitas de ouro, e cobertos com excelentes cobertores e, portanto, parecendo o lótus em cor. E eles eram todos escuros como rochas e sempre poeirentos, e obtidos dos lados do lago Kamyaka, e cobertos com armadura defensiva. E eles eram também extremamente pacientes e da melhor raça. E tendo feito estes presentes, aqueles reis tiveram permissão para entrar. Ó

rei, estes e muitos outros, vindos de várias regiões, e inúmeros outros reis ilustres, levaram jóias e pedras preciosas para aquele sacrifício. E Chitraratha também, o rei dos Gandharvas, o amigo de Indra, deu quatrocentos cavalos dotados da velocidade do vento. E o Gandharva Tumvuru com muita alegria deu cem cavalos da cor da folha da mangueira e enfeitados com ouro. E, ó tu da raça Kuru, o célebre rei da tribo Mlechcha chamada Sukaras deu muitas centenas de excelentes elefantes. E Virata, o rei de Matsya, deu como tributo dois mil elefantes enfeitados com ouro. E o rei Vasudana do reino de Pansu presenteou o filho de Pandu com vinte e seis elefantes e dois mil cavalos. Ó rei, todos enfeitados com ouro e dotados de velocidade e força e de toda a energia da juventude, e diversos outros tipos de riqueza. E Yajnasena ofereceu aos filhos de Pandu para o sacrifício catorze mil servas e dez mil servos com suas esposas, muitas centenas de elefantes excelentes, vinte e seis carros com elefantes unidos a eles, e também todo o seu reino. E Vasudeva da raça Vrishni, para ressaltar a dignidade de Arjuna, deu catorze mil elefantes excelentes. De fato, Krishna é a alma de Arjuna e Arjuna é a alma de Krishna, e qualquer coisa que Arjuna possa dizer Krishna por certo realizará. E Krishna é capaz de abandonar o próprio céu por causa de Arjuna. E Arjuna também é capaz de sacrificar sua vida por causa de Krishna. E os reis de Chola e Pandya, embora eles tivessem levado inúmeros jarros de ouro cheios do fragrante sumo do sândalo das colinas de Malaia, e carregamentos de madeira sândalo e aloé das colinas Dardduras, e muitas jóias de grande magnificência e bons tecidos trançados com ouro, não obtiveram permissão (para entrar). E o rei dos Singhalas deu aquelas melhores das pedras preciosas nascidas no mar chamadas de lápis lazúli, e pilhas de pérolas também, e centenas de cobertores para elefantes. E numerosos homens de cor escura, com as extremidades de seus olhos vermelhas como cobre, vestidos em roupas enfeitadas com pedras preciosas, esperaram no portão com aqueles presentes. E inúmeros Brahmanas e Kshatriyas que tinham sido vencidos, e Vaisyas e Sudras servidores, por amor a Yudhishthira, levaram tributos ao filho de Pandu. E até todos os Mlechchas, por amor e respeito, foram até Yudhishthira. E todas as classes de homens, bons, indiferentes e inferiores, pertencentes a numerosas raças, vindos de terras diversas fizeram da habitação de Yudhishthira a epítome do mundo.

E vendo os reis da terra oferecer aos inimigos tais presentes excelentes e valiosos, eu desejei a morte por causa da aflição (que senti). E, ó rei, eu agora te falarei dos empregados dos Pandavas, pessoas para quem Yudhishthira fornece alimento, cozido e não cozido. Há cem mil bilhões de elefantes montados e cavalaria e cem milhões de carros e incontáveis soldados de infantaria. Em um lugar mantimentos crus estão sendo medidos; em outro eles estão sendo cozidos; e em outro lugar as comidas estão sendo distribuídas. E as notas dos festejos são ouvidas em todos os lugares. E entre os homens de todas as classes eu não vi nenhum na mansão de Yudhishthira que não tivesse comida e bebida e ornamentos. E oitenta e oito mil Snataka Brahmanas levando vidas domésticas, todos sustentados por Yudhishthira, com trinta servas dadas a cada um, satisfeitos pelo rei, sempre rezam com os corações satisfeitos para a destruição de seus inimigos. E dez mil outros ascetas com a semente vital parada comem diariamente

de pratos dourados no palácio de Yudhishthira. E, ó rei, Yajnaseni, ela mesma sem ter comido, diariamente vê se todos, inclusive até os deformados e os anões, comeram ou não. E, ó Bharata, somente dois não pagaram tributo ao filho de Kunti, os Panchalas, por causa de seu relacionamento por casamento, e os Andhakas e Vrishnis por causa da sua amizade.'

52

Duryodhana disse, 'Aqueles reis que são reverenciados por todo o mundo, que são devotados à verdade e que estão empenhados na observância de votos rígidos, que possuem grande conhecimento e eloquência, que conhecem totalmente os Vedas e seus ramos como também os sacrifícios, que têm piedade e modéstia, cujas almas estão devotadas à virtude, que possuem fama, e que desfrutaram dos majestosos ritos de coroação, todos servem e adoram Yudhishthira. E, ó rei, eu vi lá muitos milhares de vacas selvagens com igual quantidade de recipientes de cobre branco para a ordenha delas, levadas para lá pelos reis da terra como presentes sacrificais para serem dados por Yudhishthira aos Brahmanas. E, ó Bharata, por banhar Yudhishthira na conclusão do sacrifício, muitos reis com a maior espontaneidade, eles mesmos levaram lá em um estado de pureza muitos jarros excelentes (contendo água). E o rei Vahlika levou para lá um carro decorado com ouro puro. E o próprio rei Sudakshina uniu a ele quatro cavalos brancos da raça Kamboja, e Sunitha de grande poder ajustou o mastro mais baixo e o soberano de Chedi com suas próprias mãos ergueu e ajustou o mastro da bandeira. E o rei do país Sulista ficou preparado com a cota de malha; o soberano de Magadha, com guirlandas de flores e a proteção para a cabeça; o grande guerreiro Vasudana com um elefante de sessenta anos de idade, o rei de Matsya, com os equipamentos do lado do carro, todos revestidos com ouro; o rei Ekalavya, com os sapatos; o rei de Avanti, com diversos tipos de água para o banho final; o rei Chekitana com as aljavas; o rei de Kasi, com o arco; e Salya; com uma espada cujo punho e alças eram adornados com ouro. Então Dhaumya e Vyasa, de grande mérito ascético, com Narada e o filho de Asita, Devala, ficando na frente realizaram a cerimônia de borrifar a água sagrada sobre o rei. E os grandes Rishis com corações alegres se sentaram onde a cerimônia de borrifar foi realizada. E outros ilustres Rishis conhecedores dos Vedas, com o filho de Jamadagni entre eles, se aproximaram de Yudhishthira, o dador de grandes presentes sacrificais, proferindo mantras todo o tempo, como os sete Rishis se aproximando da grande India no céu. E Satyaki de bravura inconfundível segurou o guarda-sol (sobre a cabeça do rei). E Dhananjaya e Bhima estavam empenhados em perfumar o rei; enquanto os gêmeos seguravam um par de chamaras em suas mãos. E o próprio Oceano levou em uma eslinga aquela grande concha de Varuna que o artífice celeste Viswakarman construiu com mil Nishkas de ouro, e a qual Prajapati tinha, em um Kalpa anterior, oferecido a India. Foi com aquela concha que Krishna banhou Yudhishthira depois da conclusão do sacrifício, e vendo aquilo, eu perdi os sentidos. As pessoas vão para os mares do Leste e do Oeste e também para o Sul. Mas, ó pai, ninguém exceto as aves

podem ir ao mar do Norte. Mas os Pandavas expandiram seu domínio até lá, pois eu ouvi centenas de conchas que foram trazidas de lá serem sopradas (na mansão sacrifical), indicativo de júbilo auspicioso. E enquanto aquelas conchas eram sopradas simultaneamente, meus cabelos se arrepiaram. E aqueles entre os reis que eram fracos em resistência caíram. E Dhrishtadyumna e Satyaki e os filhos de Pandu e Kesava, estes oito, dotados de força e coragem e vistosos em aparência, vendo os reis privados de consciência e eu mesmo naquela situação, riram às gargalhadas. Então Vibhatsu (Arjuna) com o coração alegre deu, ó Bharata, aos principais Brahmanas quinhentos bois com os chifres incrustados com ouro. E o rei Yudhishthira, o filho de Kunti, tendo terminado o sacrifício Rajasuya, obteve, como o sublime Harishchandra, tal prosperidade que nem Rantideva nem Nabhaga, nem Jauvanaswa, nem Manu, nem rei Prithu, o filho de Vena, nem Bhagiratha, Yayati, nem Nahusha, tinham obtido igual. E vendo, ó exaltado, tal prosperidade no filho de Pritha, a qual é assim como aquela que Harishchandra teve, eu não vejo o menor bem em continuar a viver, ó Bharata! Ó soberano de homens, uma canga que é atada (aos ombros dos bois) por um homem cego fica solta. Pois tal é o caso conosco. Os mais jovens estão crescendo enquanto os mais velhos estão decaindo. E vendo tudo isto, ó chefe dos Kurus, eu não posso ter paz nem com a ajuda da reflexão. E é por isso, ó rei, que eu estou mergulhado na dor e me tornando pálido e emaciado.'

53

Dhritarashtra disse, 'Tu és meu mais filho velho e nascido também da minha esposa mais velha. Portanto, ó filho, não seja ciumento dos Pandavas. Aquele que é ciumento está sempre triste e sofre as dores da morte. Ó touro da raça Bharata, Yudhishthira não conhece a fraude, possui riqueza igual à tua, tem teus amigos como os dele, e não é ciumento de ti. Por que tu, portanto, estás com ciúmes dele? Ó rei, em relação a amigos e aliados tu és igual a Yudhishthira. Por que tu, portanto, cobiças, por insensatez, a propriedade do teu irmão? Não seja assim. Pare de ter ciúmes. Não sofra. Ó touro da raça Bharata, se tu cobiças a dignidade ligada à realização de um sacrifício, que os sacerdotes organizem para ti o grande sacrifício, chamado Saptatantu. Os reis da terra então, alegremente e com grande respeito, trarão para ti também muita riqueza e jóias e ornamentos. Ó filho, cobiçar as posses de outro é extremamente vil. Por outro lado, desfruta de felicidade aquele que está contente com sua própria estando dedicado às práticas da sua própria classe. Nunca se esforçar para obter a riqueza de outros, perseverar em suas próprias ocupações, e proteger o que foi obtido, estas são as indicações de verdadeira grandeza. Aquele que é impassível na calamidade e habilidoso em seus próprios negócios, sempre mostrando vigilância e humildade, sempre vê prosperidade. Os filhos de Pandu são como teus braços. Não corte fora aqueles teus braços. Não caia em discórdias internas por causa daquela riqueza dos teus irmãos. Ó rei, não seja ciumento dos filhos de Pandu. Tua riqueza é igual àquela dos teus irmãos em sua totalidade. Há grande pecado em disputar com amigos. Aqueles que são teus avôs são os deles também. Doe em caridade em ocasiões

de sacrifícios, satisfaça todo objetivo caro ao teu desejo, divirta-te na companhia de mulheres livremente, e desfrute de paz.'

54

Duryodhana disse, 'Aquele que é desprovido de intelecto, mas meramente ouviu sobre muitas coisas mal pode entender a real importância das escrituras, como a colher que não tem percepção do gosto da sopa que toca. Tu conheces tudo, mas ainda me confundes. Como um barco preso ao outro, tu e eu estamos atados um ao outro. Tu és desatento aos teus próprios interesses? Ou tu nutres um sentimento hostil com relação a mim? Aqueles teus filhos e aliados estão fadados à destruição, visto que eles têm a ti como seu soberano, pois tu descreves como alcançável no futuro o que é para ser feito no momento presente. Frequentemente tropeça aquele cujo guia age sob as instruções de outros. Como então podem seus seguidores esperar encontrar um caminho correto? Ó rei, tu tens uma sabedoria madura; tu tens a oportunidade de escutar as palavras dos idosos, e teus sentidos também estão sob teu controle. Não cabe a ti confundir a nós que estamos dispostos a buscar nossos próprios interesses. Vrihaspati disse que as práticas dos reis são diferentes daquelas das pessoas comuns. Portanto reis devem sempre se dedicar aos seus próprios interesses com vigilância. O alcance do sucesso é o único critério que deve guiar a conduta de um Kshatriya. Se, portanto, os meios são virtuosos ou pecaminosos, que escrúpulos pode haver nos deveres da própria classe de alguém? Aquele que está desejoso de roubar a refulgente prosperidade de seu inimigo deve, ó touro da raça Bharata, trazer todas as direções sob sua submissão como o cocheiro subjugando os corcéis com seu chicote. Aqueles que costumam manusear armas dizem que uma arma não é simplesmente um instrumento que corta, mas são também os meios, velados ou explícitos, que podem derrotar um inimigo. Quem é para ser considerado um inimigo e quem um amigo não depende da imagem ou dimensões de alguém. Aquele que atormenta o outro é, ó rei, para ser considerado um inimigo pelo que é atormentado. O descontentamento é a base da prosperidade. Portanto, ó rei, eu desejo estar descontente. Aquele que se esforça pela aquisição de prosperidade é, ó rei, uma pessoa realmente astuta. Ninguém deve ficar afeiçoado à riqueza e fartura, pois a riqueza que foi ganha e acumulada pode ser pilhada. Os costumes dos reis são sempre estes. Foi durante um período de paz que Sakra cortou a cabeça de Namuchi depois de ter dado uma garantia completamente diferente, e foi porque que ele aprovava este costume eterno com relação ao inimigo que ele fez assim. Como uma cobra que engole rãs e outras criaturas que vivem em buracos, a terra engole um rei que é pacífico e um Brahmana que não circula fora de casa. Ó rei, ninguém pode ser por natureza inimigo de alguma pessoa. É inimigo de alguém, e ninguém mais, aquele que tem perseguições em comum com ele. Aquele que por insensatez negligencia um inimigo crescente tem sua vitalidade cortada como por uma doença que ele nutriu sem tratamento. Um inimigo, embora insignificante, se permitido crescer em coragem, engole alguém como as formigas brancas na raiz de uma árvore comendo a própria árvore. Ó

Bharata, ó Ajamida, que a prosperidade do inimigo não seja aceitável para ti. Esta política (de negligenciar o inimigo) deve ser sempre levada sobre suas cabeças pelos sábios assim como um fardo. Aquele que sempre deseja o aumento de sua riqueza sempre cresce no meio de seus parentes, assim como o corpo crescendo naturalmente a partir do momento do nascimento. A bravura concede crescimento rápido. Cobiçando como eu faço a prosperidade dos Pandavas, eu ainda não a tornei minha. No momento eu sou uma presa das dúvidas em relação à minha habilidade. Eu estou determinado a resolver aquelas minhas dúvidas. Eu ou obterei aquela prosperidade deles, ou jazerei tendo perecido em batalha. Ó rei, quando o estado da minha mente é tal, como eu me importaria agora com a vida, pois os Pandavas estão crescendo diariamente enquanto as nossas posses não conhecem aumento?'

55

Sakuni disse, ‘Ó tu principal das pessoas vitoriosas, eu ganharei (para ti) aquela prosperidade de Yudhishthira, o filho de Pandu, à vista da qual tu te afliges dessa maneira. Portanto, ó rei, que Yudhishthira o filho de Kunti seja convocado. Por jogar dados um homem habilidoso, ele mesmo ileso, pode vencer um que não tem habilidade. Saiba, ó Bharata, que a aposta é meu arco, os dados são minhas flechas, os símbolos sobre eles a corda do meu arco, e o tabuleiro do jogo (de dados) meu carro.’

Duryodhana disse, 'Este Sakuni hábil com os dados, está preparado, ó rei, para ganhar a prosperidade do filho de Pandu por meio dos dados. Cabe a ti lhe dar permissão.’

Dhritarashtra disse, 'Eu sou obediente aos conselhos do meu irmão, o ilustre Vidura. Consultando-o, eu direi o que deve ser feito a este respeito.’

Duryodhana disse, 'Vidura está sempre dedicado a beneficiar os filhos de Pandu. Ó Kaurava, seus sentimentos com relação a nós são diferentes. Ele, portanto, sem dúvida, removerá a tua inclinação para a ação proposta. Nenhum homem deve se fixar em uma tarefa qualquer dependendo dos conselhos de outro, pois, ó filho da raça Kuru, as mentes de duas pessoas raramente combinam em alguma ação específica. O tolo que vive evitando todas as causas de temor se perde como um inseto na estação chuvosa. Nem doença nem Yama esperam até que uma pessoa esteja em prosperidade. Enquanto, portanto, há vida e saúde, uma pessoa deve (sem esperar pela prosperidade) realizar seus próprios objetivos.'

Dhritarashtra disse, 'Ó filho, hostilidade com aqueles que são fortes é o que nunca se recomenda para mim. A hostilidade traz uma mudança de sentimentos, e ela mesma é uma arma embora não feita de aço. Tu consideras, ó príncipe, como uma grande bênção aquilo que trará em seu séquito as consequências terríveis da

guerra. O que é realmente repleto de prejuízo. Se isto uma vez se iniciar, isto criará espadas afiadas e setas pontudas.'

Duryodhana replicou, 'Homens dos tempos mais antigos inventaram o uso dos dados. Não há destruição nisto, nem há algum golpe com armas. Que as palavras de Sakuni, portanto, sejam aceitáveis para ti, e que tua ordem seja emitida para a rápida construção da casa de reuniões. A porta do céu, levando-nos para tal felicidade, será aberta para nós pelo jogo. De fato, aqueles que se dirigem ao jogo (com tal ajuda) merecem tal boa sorte. Os Pandavas então se tornarão teus iguais (em vez de, como agora, superiores); portanto, jogue com os Pandavas.'

Dhritarashtra disse, 'As palavras proferidas por ti não se recomendam para mim. Faça o que possa ser agradável para ti, ó soberano de homens. Mas tu terás que te arrepender por agir segundo estas palavras; pois, palavras que são repletas de tal imoralidade nunca podem trazer prosperidade no futuro. Isto foi previsto pelo erudito Vidura sempre trilhando o caminho da verdade e sabedoria. Certamente a grande calamidade, destrutiva das vidas dos Kshatriyas, vem como determinada pelo destino.'"

Vaisampayana continuou, "Tendo dito isto, Dhritarashtra de mente fraca considerou o destino como supremo e inevitável. E o rei privado de razão pelo Destino, e obediente aos conselhos de seu filho, ordenou seus homens em voz alta, dizendo, 'Construam cuidadosamente, sem perda de tempo, uma casa de reuniões da mais bela espécie, para ser chamada de palácio de arcos de cristal, com mil colunas, decorada com ouro e lápis lazúli, provida de cem portões, e com duas milhas completas de comprimento e o mesmo de largura.' Ouvindo aquelas palavras dele, milhares de artífices dotados de inteligência e habilidade logo construíram o palácio com grande entusiasmo, e tendo-o construído levaram para lá todos os tipos de artigos. E logo depois eles alegremente informaram o rei de que o palácio estava terminado, e que ele era encantador e vistoso e provido de todas as espécies de pedras preciosas e coberto com muitos tapetes coloridos entrelaçados com ouro. Então o rei Dhritarashtra, possuidor de erudição, convocando Vidura, o chefe dos seus ministros, disse: 'Dirigindo-te, (para Khandavaprastha), traga o príncipe Yudhishthira aqui sem perda de tempo. Que ele venha para cá com seus irmãos e veja esta minha bela casa de reuniões, provida de inúmeras jóias e pedras preciosas, e camas e tapetes valiosos, e que uma amistosa partida de dados comece aqui.'"

56

Vaisampayana disse, "O rei Dhritarashtra, averiguando as inclinações de seu filho e sabendo que o Destino é inevitável, fez o que eu disse. Vidura, no entanto, aquele principal dos homens inteligentes, não aprovou as palavras de seu irmão e falou dessa maneira, 'Eu não aprovo, ó rei, essa tua ordem. Não aja dessa forma. Eu temo que isto ocasione a destruição da nossa linhagem. Quando teus filhos

perderem sua união, seguir-se-ão certamente desavenças entre eles. É isso que eu receio, ó rei, desta partida de dados.'

Dhritarashtra disse, 'Se o Destino não for hostil esta disputa certamente não me afligirá. Todo universo se move pela vontade de seu Criador, sob a influência controladora do Destino. Ele não é livre. Portanto, ó Vidura, indo até o rei Yudhishthira por minha ordem, traga logo aquele filho invencível de Kunti.'"

57

Vaisampayana disse, "Vidura então, assim mandado contra sua vontade pelo rei Dhritarashtra, partiu, com a ajuda de cavalos de grande vigor e dotados de grande velocidade e força, e quietos e pacientes, para a residência dos filhos sábios de Pandu. Possuidor de grande inteligência, Vidura procedeu pelo caminho que levava à capital dos Pandavas. E tendo chegado à cidade do rei Yudhishthira, ele entrou e procedeu em direção ao palácio, adorado por numerosos Brahmanas. E chegando ao palácio que era como a mansão do próprio Kuvera, o virtuoso Vidura se aproximou de Yudhishthira, o filho de Dharma. Então o ilustre Ajamida, dedicado à verdade e que não tinha inimigo sobre a terra, saudou Vidura com reverência e lhe perguntou sobre Dhritarashtra e seus filhos. E Yudhishthira disse, 'Ó Kshatta, tua mente parece estar triste. Tu chegaste aqui em felicidade e paz? Os filhos de Dhritarashtra, eu espero, obedecem ao seu velho pai. O povo também, eu espero, é obediente ao governo de Dhritarashtra.'

Vidura disse, 'O rei ilustre, com seus filhos, está bem e feliz, e cercado por seus parentes ele reina assim como o próprio Indra. O rei está feliz com seus filhos que são todos obedientes a ele e não tem tristezas. O monarca ilustre está empenhado no seu próprio engrandecimento. O rei dos Kurus me mandou perguntar sobre tua paz e prosperidade, e te pedir para ir para Hastinapura com teus irmãos e dizer, depois de veres o palácio recém construído do rei Dhritarashtra, se ele é igual ao teu próprio. Dirigindo-te para lá, ó filho de Pritha, com teus irmãos, divirtam-se naquela mansão e sentem para uma amigável partida de dados. Nós ficaremos contentes se tu fores, porque os Kurus já chegaram lá. E tu verás aqueles jogadores e trapaceiros que o ilustre rei Dhritarashtra já levou para lá. É por isso, ó rei, que eu vim para cá. Que a ordem do rei seja aprovada por ti.'

Yudhishthira disse, 'Ó Kshatta, se nós sentarmos para uma partida de dados nós poderemos brigar. Que homem há que, sabendo disso, concordaria em jogar? O que tu achas bom para nós? Todos nós obedecemos aos teus conselhos.'

Vidura disse, 'Eu sei que o jogo é a causa da miséria, e eu me esforcei para dissuadir o rei disso. O rei, no entanto, me enviou a ti. Sabendo disso, ó erudito, faça que for benéfico.'

Yudhishthira disse, 'Além dos filhos de Dhritarashtra, quais outros jogadores desonestos estão lá preparados para jogar? Diga-nos, ó Vidura, quem são eles e com quem nós teremos que jogar, apostando centenas sobre centenas de nossas posses.'

Vidura disse, 'Ó monarca, Sakuni, o rei de Gandhara, um perito nos dados, tendo grande habilidade de mão e renhido em apostas, Vivingati, o rei Chitrasena, Satyavrata, Purumitra e Jaya, estes, ó rei, estão lá.'

Yudhishthira disse, 'Parece então que alguns dos mais perigosos e terríveis jogadores que sempre se fiam na fraude estão lá. Todo este universo, no entanto, está pela vontade de seu Fazedor sob o controle do destino. Ele não é livre. Ó erudito, eu não desejo, por ordem do rei Dhritarashtra, me envolver no jogo. O pai sempre deseja beneficiar seu filho. Tu és nosso mestre, ó Vidura. Diga-me o que é apropriado para nós. Relutante como eu estou em jogar, eu não farei isto se o patife Sakuni não me convocar para isto no Sabha. Se, no entanto, ele me desafiar, eu jamais recusarei. Pois este, como decidido, é meu eterno voto.'

Vaisampayana continuou, "O rei Yudhishthira, o justo, tendo dito isto a Vidura, mandou que os preparativos para sua viagem fossem feitos sem perda de tempo. E no dia seguinte, o rei acompanhado por seus parentes e servidores e levando consigo também as mulheres da família com Draupadi em seu meio, partiu para a capital dos Kurus. 'Como um corpo brilhante caindo diante dos olhos, o Destino nos privou de razão, e o homem, como se estivesse amarrado com uma corda, se submete ao domínio da Providência,' assim dizendo, o rei Yudhishthira, aquele castigador de inimigos, partiu com Kshatta, sem deliberar sobre aquela convocação de Dhritarashtra. E aquele matador de heróis hostis, o filho de Pandu e Pritha, no carro que tinha sido dado a ele pelo rei de Valhika, e vestido também em mantos reais, saiu com seus irmãos. E o rei, resplandecente como era com esplendor real, com Brahmanas caminhando diante dele, saiu de sua cidade, convocado por Dhritarashtra e impelido pelo que foi ordenado por Kala (tempo). E chegando a Hastinapura ele foi ao palácio de Dhritarashtra. E chegando lá o filho de Pandu se aproximou do rei. E o nobre se então aproximou se Bhishma e Drona e Karna, e Kripa, e do filho de Drona, e abraçou e foi abraçado por eles todos. E ele de braços poderosos, dotado de grande destreza, então se aproximou de Somadatta, e então de Duryodhana e Salya, e do filho de Suvala, e dos outros reis também que tinham chegado lá antes dele. O rei então foi ao valente Dusshasana e então a todos os seus (outros) irmãos e então a Jayadratha e em seguida a todos os Kurus um depois do outro. E ele de braços poderosos, então cercado por todos os seus irmãos, entrou no aposento do sábio rei Dhritarashtra. E então Yudhishthira viu a venerável Gandhari, sempre obediente a seu marido, e circundada por suas noras como Rohini pelas estrelas. E saudando Gandhari e abençoado por ela em retorno, o rei então viu seu velho tio, aquele monarca ilustre cuja sabedoria era sua visão. O rei Dhritarashtra então, ó monarca, cheirou sua cabeça como também as cabeças daqueles quatro outros príncipes da raça Kuru, os filhos de Pandu, com Bhimasena como o mais velho deles. E, ó rei, vendo os belos Pandavas, aqueles tigres entre homens, todos os Kurus ficaram muito contentes. E mandados pelo rei, os Pandavas então se retiraram para os

aposentos designados para eles e que eram todos providos de jóias e pedras preciosas. E quando eles tinham se retirado para os quartos, as mulheres da família de Dhritarashtra com Dussala as precedendo os visitaram. E as noras de Dhritarashtra, vendo a beleza fulgurante e esplêndida e a fortuna de Yajnaseni, ficaram desanimadas e cheias de ciúmes. E aqueles tigres entre homens, tendo conversado com as senhoras, praticaram seus exercícios físicos diários e então realizaram os ritos religiosos do dia. E tendo terminado suas práticas religiosas diárias eles enfeitaram seus corpos com pasta de sândalo da espécie mais fragrante. E desejando garantir boa sorte e prosperidade eles fizeram (por meio de presentes), os Brahmanas proferirem bênçãos. E então comendo a comida que era do melhor sabor eles foram para seus quartos à noite. E aqueles touros entre os Kurus então foram postos para dormir com música por belas mulheres. E obtendo delas que chegavam em devida sucessão, aqueles subjugadores de cidades hostis passaram com corações alegres aquela noite encantadora em prazer e diversão. E acordados pelos bardos com música suave, eles levantaram de suas camas, e tendo passado a noite assim em felicidade, eles se levantaram ao amanhecer, e tendo praticado os ritos usuais eles entraram na casa de reuniões e foram saudados por aqueles que estavam lá prontos para jogar.'

58

Vaisampayana disse, "Os filhos de Pritha com Yudhishthira em sua dianteira, tendo entrado naquela casa de reuniões, se aproximaram de todos os reis que estavam lá presentes. E adorando todos aqueles que mereciam ser adorados, e saudando os outros como cada um merecia segundo a idade, eles se sentaram em assentos que eram limpos e providos de tapetes valiosos. Depois que eles tinham tomado seus assentos, como também todos os reis, Sakuni, o filho de Suvala, endereçou-se a Yudhishthira e disse, 'Ó rei, a assembléia está completa. Todos estavam esperando por ti. Que, portanto, os dados sejam lançados e as regras do jogo sejam fixadas, ó Yudhishthira.'

Yudhishthira respondeu, 'Jogo fraudulento é pecaminoso. Não há perícia Kshatriya nele. Não há certamente moralidade nele. Por que, então, ó rei, tu louvas o jogo dessa forma? Os sábios não aprovam o orgulho que os jogadores sentem no jogo fraudulento. Ó Sakuni, vença-nos, mas não como um patife, por meios fraudulentos.'

Sakuni disse, 'Aquele jogador de grande alma que conhece os segredos de vencer e perder, que é hábil em frustrar as artes fraudulentas de seu confrade, que é unido em todas as diversas operações nas quais o jogo consiste, realmente conhece o jogo, e ele está sujeito a tudo no decorrer dele. Ó filho de Pritha, esta é a aposta nos dados, a qual pode ser perdida ou ganha que pode nos prejudicar. E é por essa razão que o jogo é considerado como um erro. Que nós, portanto, ó rei, comecemos o jogo. Não tema. Que as apostas sejam fixadas. Não demore!'

Yudhishthira disse, 'Aquele melhor dos Munis, Devala, o filho de Asita, que sempre nos instrui sobre todos aqueles atos que podem nos levar ao céu, inferno, ou a outras regiões, disse que é pecaminoso jogar fraudulentamente com um jogador. Obter vitória em batalha sem astúcia ou estratagemas é o melhor esporte. O jogo, no entanto, como um esporte, não é assim. Aqueles que são respeitáveis nunca usam a língua dos Mlechchas, nem adotam a fraude em seu comportamento. Guerra conduzida sem desonestidade e astúcia é a ação de homens que são honestos. Não, ó Sakuni, jogando desesperadamente, ganhe de nós aquela riqueza com a qual, de acordo com as nossas habilidades, nós nos esforçamos para aprender como beneficiar os Brahmanas. Nem inimigos devem ser vencidos por apostas desesperadas em jogo fraudulento. Eu não desejo nem felicidade nem riqueza por meio da astúcia. A conduta de alguém que é um jogador, mesmo que esta seja sem falsidade, não deve ser aprovada.'

Sakuni disse, 'Ó Yudhishthira, é pelo desejo de vencer, o qual não é um motivo muito honesto, que uma pessoa de nascimento elevado se aproxima de outra (em uma disputa de superioridade de raça). Assim também é pelo desejo de derrotar, o qual não é um motivo muito honesto, que uma pessoa erudita se aproxima de outra (em uma disputa de conhecimento). Tais motivos, no entanto, mal são considerados como realmente desonestos. Assim também, ó Yudhishthira, uma pessoa hábil nos dados se aproxima de outra que não é assim tão hábil pelo desejo de vencê-lo. Alguém também que é familiarizado com as verdades da ciência se aproxima de outra que não o é por desejo de vitória, o qual mal é um motivo honesto. Mas (como eu já disse), tal motivo não é realmente desonesto. E, ó Yudhishthira, assim também alguém que é hábil com armas se aproxima de alguém que não é tão hábil; o forte se aproxima do fraco. Esta é a prática em toda disputa. O motivo é a vitória, ó Yudhishthira. Se, portanto, ao te aproximares de mim, tu consideras que eu estou atuando por motivos que são desonestos, se tu estás sob algum medo, desista então de jogar.'

Yudhishthira disse, 'Convocado, eu não recuo. Este é o meu voto decidido. E, ó rei, o Destino é todo poderoso. Todos nós estamos sob o controle do Destino. Com quem nesta assembléia eu devo jogar? Quem aqui pode apostar igualmente comigo? Que o jogo comece.'

Duryodhana disse, 'Ó monarca, eu fornecerei jóias e pedras preciosas e todo o tipo de riqueza. E é por mim que este Sakuni, meu tio, jogará.'

Yudhishthira disse, 'Jogar por sua causa através da ação de outro me parece ser contrário às regras. Tu também, ó erudito, admitirás isto. Se, no entanto, tu ainda estás disposto a isto, que o jogo comece.'"

59

Vaisampayana disse, "Quando o jogo começou todos aqueles reis com Dhritarashtra em sua liderança tomaram seus assentos naquela reunião. E, ó

Bharata, Bhishma e Drona e Kripa e Vidura de grande alma, com corações tristes se sentaram atrás. E aqueles reis com pescoços leoninos e dotados de grande energia tomaram seus assentos separadamente e em pares sobre muitos assentos elevados de bela cor e fabricação. E, ó rei, aquela mansão parecia resplandecente com aqueles reis reunidos como o próprio céu com um conclave de celestiais de grande fortuna. E eles eram todos conhecedores dos Vedas e corajosos e de rostos resplandecentes. E, ó grande rei, a amistosa partida de dados então começou.

Yudhishthira disse, ‘Ó rei, esta riqueza excelente de pérolas de grande valor, obtidas do oceano por batê-lo (antigamente), tão belas e decoradas com ouro puro, esta, ó rei, é minha aposta. Qual é tua aposta contrária, ó grande rei, a riqueza com a qual tu desejas jogar comigo?’

Duryodhana disse, 'Eu tenho muitas jóias e muita riqueza. Mas eu não sou vaidoso delas. Ganhe esta aposta.'”

Vaisampayana continuou, "Então Sakuni, muito hábil nos dados, apanhou os dados e (jogando-os) disse a Yudhishthira, 'Veja, eu ganhei!'

60

Yudhishthira disse, ‘Tu ganhaste esta aposta de mim por meios injustos. Mas não fique tão orgulhoso, ó Sakuni. Que joguemos apostando milhares sobre milhares. Eu tenho muitos jarros belos cada um cheio de mil Nishkas em minha tesouraria, ouro inesgotável, e muita prata e outros minerais. Esta, ó rei, é a riqueza com a qual eu apostarei contigo!'"

Vaisampayana continuou, “Assim endereçado, Sakuni disse ao principal dos perpetuadores da raça Kuru, o mais velho dos filhos de Pandu, o rei Yudhishthira, de glória incapaz de sofrer qualquer diminuição. 'Veja, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Este meu carro sagrado e vitorioso e real que alegra o coração e que nos trouxe para cá, que é igual a mil carros, que tem proporções simétricas e é coberto com pele de tigre, e equipado com rodas excelentes e um vistoso mastro de bandeira, e decorado com cordões de pequenos sinos, cujo estrépito é assim como ribombar das nuvens ou do oceano, e que é puxado por oito corcéis nobres conhecidos por todo o reino e que são brancos como o brilho da lua e de cujas patas nenhuma criatura terrestre pode escapar, esta, ó rei, é a minha riqueza com a qual eu apostarei contigo!'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras, Sakuni, preparado com os dados, e usando meios injustos, disse a Yudhishthira, 'Veja, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Eu tenho cem mil servas, todas jovens, e enfeitadas com pulseiras douradas em seus pulsos e na parte superior dos braços, e com nishkas em volta de seus pescoços e outros ornamentos, enfeitadas com guirlandas caras

e vestidas em mantos preciosos, cobertas com pasta de sândalo, usando jóias e ouro, e hábeis nas sessenta e quatro artes elegantes, especialmente versadas em canto e dança, e que atendem e servem por minha ordem os celestiais, os Snataka Brahmanas, e os reis. Com esta riqueza, ó rei, eu apostarei contigo!'"

Vaisampayana continuou, “Ouvindo estas palavras, Sakuni, preparado com os dados, usando meios injustos, disse a Yudhishthira. 'Veja, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, ‘Eu tenho milhares de servos, hábeis em atender convidados, sempre vestidos em vestes feitas de seda, dotados de sabedoria e inteligência, com seus sentidos sob controle embora jovens, e enfeitados com brincos, e que servem todos os convidados noite e dia com pratos e travessas nas mãos. Com esta riqueza, ó rei, eu apostarei contigo!'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras, Sakuni, preparado com os dados, usando meios injustos disse a Yudhishthira, 'Veja, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Eu tenho, ó filho de Suvala, mil elefantes antigos com cintos dourados, enfeitados com ornamentos, com a marca dos lotos em suas têmporas e pescoços e outras partes, adornados com guirlandas douradas, com excelentes presas brancas longas e grossas como as hastes dos arados, dignos de carregar reis em suas costas, capazes de suportar todo tipo de barulho no campo de batalha, com corpos enormes, capazes de arrebentar os muros das cidades hostis, da cor das nuvens recém formadas, e cada um possuindo oito elefantas. Com esta riqueza, ó rei, eu apostarei contigo.'"

Vaisampayana continuou, "A Yudhishthira que tinha assim falado, Sakuni, o filho de Suvala, disse rindo, 'Veja, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Eu tenho tantos carros quanto elefantes, todos equipados com estacas douradas e mastros de bandeira e cavalos bem treinados e guerreiros que lutam maravilhosamente e que recebem cada um mil moedas como pagamento mensal, eles lutem ou não. Com esta riqueza, ó rei, eu apostarei contigo!'"

Vaisampayana continuou, "Quando estas palavras foram faladas, o vil Sakuni, empenhado na inimizade, disse a Yudhishthira, 'Veja, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Os corcéis das raças Tittiri, Kalmasha, e Gandharva, enfeitados com ornamentos, os quais Chitraratha tendo sido derrotado em batalha e subjugado alegremente deu para Arjuna, o manejador do Gandiva. Com esta riqueza, ó rei, eu apostarei contigo.’

Vaisampayana continuou, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios injustos, disse a Yudhishthira: 'Veja, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Eu tenho dez mil carros e veículos que estão atrelados a animais da raça principal. E eu tenho também sessenta mil guerreiros escolhidos de cada classe aos milhares, que são todos bravos e dotados de coragem como

heróis, que bebem leite e comem bom arroz, e todos os quais têm peitos largos. Com esta riqueza, ó rei, eu apostarei contigo.'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo isso, Sakuni preparado com os dados, usando meios injustos disse a Yudhishthira, 'Veja, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Eu tenho quatrocentos Nidis (jóias de grande valor) envolvidas em lâminas de cobre e ferro. Cada uma das quais é igual a cinco draunikas da mais cara e pura chapa de ouro do tipo Jatarupa. Com esta riqueza, ó rei, eu apostarei contigo.'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo isto, Sakuni preparado com os dados, adotando meios infames, disse a Yudhishthira, 'Veja, eu ganhei!'"

61

Vaisampayana disse, "Durante o decorrer daquele jogo certo de ocasionar a ruína completa (para Yudhishthira), Vidura, aquele dissipador de todas as dúvidas, (se endereçando a Dhritarashtra) disse, 'Ó grande rei, ó tu da raça Bharata, escute ao que eu digo, embora minhas palavras possam não ser agradáveis para ti, como o remédio para alguém que está doente e prestes a dar seu último suspiro. Quando este Duryodhana de mente pecaminosa, imediatamente depois do seu nascimento, gritou de modo dissonante como um chacal, foi bem sabido que ele tinha sido ordenado para ocasionar a destruição da raça Bharata. Saiba, ó rei, que ele será a causa da morte de vocês todos. Um chacal está vivendo na tua casa, ó rei, na forma de Duryodhana. Tu não sabes disso por causa da tua insensatez. Escute agora às palavras do Poeta (Sukra) as quais eu citarei. 'Aqueles que colhem mel (nas montanhas), tendo conseguido o que procuram, não reparam que estão prestes a cair. Subindo a alturas perigosas, abstraídos na busca do que procuram, eles caem e encontram a destruição.' Este Duryodhana também, enlouquecido com o jogo de dados, como o coletor de mel, abstraído no que procura, não nota as consequências. Fazendo inimigos destes grandes guerreiros, ele não vê que a queda está à sua frente. É sabido por ti, ó tu de grande sabedoria, que entre os Bhojas, eles abandonaram, para o bem dos cidadãos, um filho que era indigno de sua raça. Os Andhakas, os Yadavas, e os Bhojas unidos abandonaram Kansa. E depois, quando no comando de toda a tribo, o mesmo Kansa foi morto por Krishna, aquele matador de inimigos, todos os homens da tribo ficaram muito felizes por cem anos. Assim por tua ordem, que Arjuna mate este Suyodhana. E por consequência da morte desse patife, que os Kurus fiquem contentes e passem seus dias em felicidade. Em troca de um corvo, ó grande rei, compre estes pavões, os Pandavas; e em troca de um chacal, compre estes tigres. Por uma família um membro pode ser sacrificado; por uma aldeia uma família pode ser sacrificada, por uma província uma aldeia pode ser sacrificada, e pela alma de uma pessoa toda a terra pode ser sacrificada. Foi isto que o próprio Kavya onisciente, conhecedor dos pensamentos de todas as criaturas, e uma fonte de terror para todos os inimigos, disse aos grandes Asuras para induzi-los a

abandonar Jambha no momento do seu nascimento. É dito que certo rei, tendo feito várias aves selvagens que vomitavam ouro se hospedarem na sua própria casa, depois as matou pela tentação. Ó matador de inimigos, cego pela tentação e pelo desejo de prazer, pelo ouro, o rei destruiu ao mesmo tempo os seus ganhos presentes e futuros. Portanto, ó rei, não persiga os Pandavas por desejo de lucro, assim como o rei da história. Pois então, cegado pela loucura tu te arrependerás depois, assim como a pessoa que matou as aves. Como um vendedor de flores que colhe (muitas flores) no jardim de árvores que ele cuida com afeição dia a dia, continue, ó Bharata, a colher flores dia a dia dos Pandavas. Não os chamusque até suas raízes como uma brisa geradora de fogo reduz tudo ao carvão negro. Não vá, ó rei, para a região de Yama, com teus filhos e tuas tropas, pois quem é capaz de lutar com os filhos de Pritha, juntos? Para não falar de outros, o chefe dos celestiais na liderança dos próprios celestiais é capaz de fazer isto?'

62

Vidura disse, 'O jogo é causa de desavenças. Ele causa desunião. Suas consequências são terríveis. Já tendo recorrido a isto, o filho de Dhritarashtra, Duryodhana cria para si mesmo uma violenta inimizade. Os descendentes de Pratipa e Santanu, com suas tropas e seus aliados bravios, os Vahlikas, vão, pelos pecados de Duryodhana, encontrar a destruição. Duryodhana, por causa dessa embriaguez, afasta à força a sorte e prosperidade de seu reino, assim como um touro enfurecido quebrando ele mesmo seus próprios chifres. A pessoa corajosa e erudita que desconsiderando sua própria previdência segue, ó rei, (a inclinação do) coração de outro homem, afunda em terrível aflição assim como alguém que vai para o mar em um barco guiado por uma criança. Duryodhana está apostando com o filho de Pandu, e tu estás em êxtase porque ele está ganhando. E é tal sucesso que origina a guerra, a qual termina na destruição de homens. Esta fascinação (de jogar) que tu bem planejaste somente leva a terríveis resultados. Assim tu simplesmente trouxeste por estes conselhos grande aflição para o teu coração. E esta tua disputa com Yudhishthira, que é tão de perto relacionado a ti, mesmo que tu não a tivesses previsto, ainda é aprovada por ti. Escutem filhos de Santanu, descendentes de Pratipa, que estão agora nesta reunião dos Kauravas, a estas palavras de sabedoria. Não entrem no terrível fogo que brilha próximo aos canalhas. Quando Ajatasatru, o filho de Pandu, embriagado pelos dados, ceder à sua ira, e Vrikodara e Arjuna e os gêmeos (fizerem o mesmo), quem, naquela hora de confusão, virá a ser seu refúgio? Ó grande rei, tu és tu mesmo uma mina de riqueza. Tu podes ganhar (por outros meios), tanta riqueza quanto a que tu procuras ganhar pelo jogo. O que tu ganhas por tomar dos Pandavas sua vasta riqueza? Ganhe os próprios Pandavas, que serão para ti mais do que toda a riqueza que eles tem. Todos nós conhecemos a habilidade de Suvala no jogo. Este rei maligno conhece muitos métodos execráveis de jogar. Que Sakuni volte para onde ele veio. Não guerreie, ó Bharata, com os filhos de Pandu!'

63

Duryodhana disse, 'Ó Kshatta, tu estás sempre te gabando da fama dos nossos inimigos, depreciando os filhos de Dhritarashtra. Nós sabemos, ó Vidura, a quem tu és realmente afeiçoado. Tu sempre nos desrespeitaste como crianças. É reconhecido o homem que deseja sucesso àqueles que são próximos a ele e derrota para aqueles que não são seus favoritos, seu louvor e crítica são aplicados correspondentemente. Tua língua e mente revelam teu coração. Mas a hostilidade que tu mostras em tuas palavras é até maior do que a que está no teu coração. Tu tens sido tratado por nós como uma serpente em nosso colo. Como um gato tu desejas mal àquele que cuida de ti. Os sábios dizem que não há pecado mais grave do que aquele de injuriar um mestre. Como é, ó Kshatta, que tu não temes este pecado? Tendo derrotado nossos inimigos nós obtivemos grandes vantagens. Não use palavras rudes a respeito de nós. Tu estás sempre desejando fazer as pazes com os inimigos. E é por esta razão que tu nos odeia sempre. Um homem se torna um inimigo por falar palavras que são imperdoáveis. Então também ao louvar o inimigo, os segredos do seu próprio partido não devem ser divulgados, (tu, no entanto, violastes esta regra). Portanto, ó parasita, por que tu nos estorvas dessa forma? Tu dizes tudo o que queres. Não nos insulte. Nós conhecemos a tua mente. Vá e aprenda sentando-se aos pés dos idosos. Lamente a reputação que ganhaste. Não te meta nos assuntos de outros homens. Não imagine que tu és nosso chefe. Não nos diga sempre palavras duras, ó Vidura. Nós não te perguntamos o que é para o nosso bem. Pare, não irrite aqueles que já toleraram demais nas tuas mãos. Há um único Controlador, nenhum segundo. Ele controla até a criança que está no útero da mãe. Eu sou controlado por Ele. Como a água que sempre flui para baixo, eu estou agindo exatamente do modo no qual Ele está me dirigindo. Aquele que quebra sua cabeça contra uma parede de pedra, e aquele que alimenta uma serpente, são ambos guiados nestas suas ações pelo seu próprio intelecto, (portanto, nesta questão eu sou guiado pela minha própria inteligência). Torna-se um inimigo aquele que procura controlar outros pela força. Quando conselhos, no entanto, são oferecidos em um espírito amigável, os eruditos toleram isso. Aquele que incendeia um objeto tão altamente inflamável como a cânfora não vê suas cinzas, ele corre imediatamente para extingui-lo. Não se deve dar abrigo a outro que é amigo de seus inimigos, ou a outro que é sempre ciumento de seu protetor ou a outro que é de mente maligna. Portanto, ó Vidura, vá para onde quer que queiras. Uma esposa que é incasta, embora bem tratada, ainda assim abandona o seu marido.'

Vidura endereçando-se a Dhritarashtra, disse, 'Ó monarca, diga-nos (imparcialmente) como uma testemunha, o que tu achas da conduta daqueles que abandonam seus servidores dessa forma por dar instrução a eles. Os corações dos reis são, de fato, muito inconstantes. Concedendo proteção a princípio, eles golpeiam com maças no final. Ó príncipe (Duryodhana), tu te consideras maduro em intelecto, e, ó tu de coração mau, tu me consideras como uma criança. Mas

considere que é uma criança aquele que tendo primeiro aceitado alguém como um amigo posteriormente acha defeitos nele. Um homem de coração mau nunca pode ser levado para o caminho da retidão, como uma mulher incasta na casa de uma pessoa bem nascida. Seguramente, instrução não é agradável para este touro da raça Bharata, como um marido de sessenta anos para uma donzela que é jovem. Depois disto, ó rei, se tu desejas ouvir palavras que sejam agradáveis para ti, a respeito de todos os atos bons ou maus, peça às mulheres e idiotas e coxos ou pessoas dessa classe. Um homem pecaminoso falando palavras que são agradáveis pode haver neste mundo. Mas um falador de palavras que são desagradáveis embora perfeitas como regime, ou alguém que ouça as mesmas é muito raro. De fato, é um aliado verdadeiro do rei quem desconsiderando o que é agradável ou desagradável ao seu mestre se comporta virtuosamente e profere o que possa ser desagradável, mas necessário como regime. Ó grande rei, beba aquilo que o honesto bebe e que o desonesto evita, a humildade, que é como um remédio que é amargo, pungente, ardente, não intoxicante, desagradável, e revoltante. E bebendo-a, ó rei, recupere tua sobriedade. Eu sempre desejo para Dhritarashtra e seus filhos a riqueza e a fama. O que quer que possa acontecer a ti, aqui eu me curvo a ti (e me despeço). Que os Brahmanas me desejem bem. Ó filho de Kuru, esta é a lição que eu inculco cuidadosamente, que os sábios nunca devem se enfurecer tais como víboras que têm veneno em seus próprios olhares!"

64

Sakuni disse, 'Tu, ó Yudhishthira, perdeste muita riqueza dos Pandavas. Se tu tens ainda alguma coisa que ainda não perdeste para nós, ó filho de Kunti, nos diga o que é!'

Yudhishthira disse, 'Ó filho de Suvala, eu sei que eu tenho uma riqueza incalculável. Mas por que é que, ó Sakuni, tu me perguntas da minha riqueza? Que dezenas de milhares e milhões e milhões e dezenas de milhões e centenas de milhões e dezenas de bilhões e centenas de bilhões e trilhões e dezenas de trilhões e centenas de trilhões e dezenas de quadrilhões e centenas de quadrilhões e ainda mais riqueza seja apostada por ti. Eu tenho outro tanto. Com esta riqueza, ó rei, eu jogarei contigo.'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios injustos, disse a Yudhishthira, 'Veja, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Eu tenho, ó filho de Suvala, infinitas vacas e cavalos e vacas leiteiras com bezerros e cabras e ovelhas no país que se estende de Parnasa até a margem leste do Sindu. Com esta riqueza, ó rei, eu jogarei contigo.'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios injustos, disse a Yudhishthira, 'Veja, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Eu tenho a minha cidade, o país, terra, a riqueza de todos os que lá habitam exceto a dos Brahmanas, e todas aquelas próprias pessoas exceto Brahmanas que ainda restam a mim. Com esta riqueza, ó rei, eu jogarei contigo.'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios ilícitos, disse a Yudhishthira, 'Veja, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Estes príncipes aqui, ó rei, que parecem resplandecentes em seus ornamentos e em seus brincos e Nishkas e todos os reais ornamentos em seus corpos são agora minha riqueza. Com esta riqueza, ó rei, eu jogo contigo.'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios ilícitos, disse a Yudhishthira, 'Veja, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Este Nakula aqui, de braços poderosos e pescoço leonino, de olhos vermelhos e dotado de juventude, é agora minha única aposta. Saiba que ele é minha riqueza.'

Sakuni disse, 'Ó rei Yudhishthira, o príncipe Nakula é caro a ti. Ele já está sob nosso domínio. Com quem (como aposta) tu agora jogarás?'"

Vaisampayana disse, "Dizendo isso, Sakuni lançou aqueles dados, e disse a Yudhishthira, 'Veja! Ele foi ganho por nós.'

Yudhishthira disse, 'Este Sahadeva aplica a justiça. Ele também adquiriu uma reputação de erudição neste mundo. Embora não merecendo ele pode ser apostado no jogo, com ele como aposta eu jogarei, com tal objeto querido como se, de fato, ele não fosse assim!'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios ilícitos, disse a Yudhishthira, 'Veja, eu ganhei!'

Sakuni continuou, 'Ó rei, os filhos de Madri, queridos a ti, foram ambos ganhos por mim. Parece, no entanto, que Bhimasena e Dhananjaya são muito considerados por ti.'

Yudhishthira disse, 'Patife! Tu ages pecaminosamente ao assim procurar criar desunião entre nós que temos todos um só coração, desrespeitando a moralidade.'

Sakuni disse, 'Um homem que está embriagado cai em uma cova (inferno), e fica lá privado do poder de movimento. Tu és, ó rei, mais velho do que nós em idade, e possui os mais elevados talentos. Ó touro da raça Bharata, eu (peço meu perdão e) me curvo a ti. Tu sabes, ó Yudhishthira, que jogadores, enquanto excitados com o jogo, proferem tais desvarios aos quais eles nunca cederiam em seus momentos lúcidos e nem mesmo em sonho.'

Yudhishthira disse, 'Aquele que nos leva como um barco à outra costa do mar da batalha, ele que é sempre vitorioso sobre os inimigos, o príncipe que é dotado

de grande presteza, e que é um herói neste mundo, (está aqui). Com este Falguna como aposta, embora ele não sendo merecedor disso, eu agora jogarei contigo.'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios ilícitos, disse a Yudhishthira, 'Veja, eu ganhei!'

Sakuni continuou, 'Este principal de todos os manejadores de arco, este filho de Pandu capaz de usar ambos os seus braços com igual habilidade agora foi ganho por mim. Ó, jogue agora com a riqueza que ainda resta a ti, com Bhima, o teu querido irmão, como tua aposta, ó filho de Pandu.'

Yudhishthira disse, 'Ó rei, embora ele não sendo merecedor de ser apostado, eu agora jogarei contigo por apostar Bhimasena, este príncipe que é nosso líder, que é o principal em combate, assim como o manejador do raio, o inimigo dos Danavas, este de grande alma com pescoço leonino e sobrancelhas arqueadas e olhos olhando desconfiadamente, que é incapaz de tolerar um insulto, que não tem igual em força no mundo, que é o principal de todos os manejadores de maças, e que tritura todos os inimigos.'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios ilícitos, disse a Yudhishthira, 'Veja, eu ganhei!'

Sakuni continuou, 'Tu, ó filho de Kunti, perdeste muita riqueza, cavalos e elefantes e os teus irmãos também. Diga se tu tens alguma coisa que ainda não perdeste.'

Yudhishthira, disse 'Somente eu, o mais velho de todos os meus irmãos e caro a eles, ainda não fui ganho. Ganho por ti, eu farei o que aquele que é ganho terá que fazer.'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios ilícitos, disse a Yudhishthira, 'Veja, eu ganhei!'

Sakuni continuou, 'Tu permitiste a ti mesmo ser ganho. Isso é muito pecaminoso. Há ainda uma riqueza que te resta, ó rei. Portanto, tu teres perdido a ti mesmo é certamente pecaminoso.'"

Vaisampayana continuou, "Tendo dito isso, Sakuni, habilidoso com os dados, falou a todos os corajosos reis lá presentes dele ter ganhado, um depois do outro, todos os Pandavas. O filho de Suvala então, endereçando-se a Yudhishthira disse, 'Ó rei, há ainda uma aposta valiosa para ti que ainda não foi ganha. Aposte Krishna, a princesa de Panchala. Por ela, ganhe a ti mesmo de volta.'

Yudhishthira disse, 'Com Draupadi como aposta, que não é alta nem baixa, nem magra nem corpulenta, e que tem cabelo azul ondulado, eu agora jogarei contigo. Possuidora de olhos como as folhas do lótus outonal, e fragrante também como o lótus outonal, igual em beleza àquela (Lakshmi) que se deleita em lotos outonais, e à própria Sree em simetria e toda graça, ela é a mulher que um homem pode desejar como esposa por ternura de coração e abundância de beleza e de virtudes. Possuidora de todos os talentos e compassiva e de fala

gentil, ela é mulher que um homem pode desejar como esposa por sua aptidão para a aquisição de virtude e prazer e riqueza. Retirando-se para a cama por último e acordando primeiro, ela cuida de todo o terreno para os vaqueiros e pastores. Seu rosto também, quando coberto com suor, parece com o lótus ou o jasmim. De cintura delgada como a da vespa, de longos cabelos ondulantes, de lábios vermelhos, e corpo sem pêlos, é a princesa de Panchala. Ó rei, fazendo Draupadi de cintura esbelta, que é assim mesmo, minha aposta, eu jogarei contigo, ó filho de Suvala.'"

Vaisampayana continuou, “Quando o inteligente rei Yudhishthira o justo tinha falado dessa maneira, ‘Que vergonha!’ ‘Que vergonha!’ foram as palavras proferidas por todas as pessoas idosas que estavam na reunião. E todo o conclave foi agitado, e os reis que estavam lá presentes todos cederam à angústia. E Bhishma e Drona e Kripa estavam cobertos de transpiração. E Vidura segurando a cabeça entre as mãos sentou-se como alguém que tivesse perdido a razão. E ele se sentou com o rosto para baixo cedendo às suas reflexões e suspirando como uma cobra. Mas Dhritarashtra contente, no fundo, perguntava repetidamente, 'A aposta foi ganha?' 'A aposta foi ganha?' e não podia esconder suas emoções. Karna com Dussassana e outros davam risada, enquanto lágrimas começaram a escorrer dos olhos de todos os outros presentes na assembléia. E o filho de Suvala, orgulhoso do sucesso e agitado com a expectativa e repetindo. ‘Tu tens uma aposta, cara para ti,’ etc., disse, 'Veja! Eu ganhei' e pegou os dados que tinham sido lançados.’

65

Duryodhana disse, 'Venha, Kshatta, traga para cá Draupadi, a querida e amada esposa dos Pandavas. Que ela varra os aposentos, force-a a isso, e que a infeliz fique onde nossas servas estão.'

Vidura disse, 'Tu não sabes, ó patife, que por proferir tais palavras duras tu estás atando a ti mesmo com cordas? Tu não compreendes que tu estás pendendo na beira de um precipício? Tu não sabes que sendo um veado tu provocaste muitos tigres à raiva? Cobras de veneno mortal, provocadas à ira, estão sobre tua cabeça! Canalha, não os provoque mais para que não vás para região de Yama. Em minha opinião, a escravidão não recai sobre Krishna, porque ela foi apostada pelo rei depois que ele tinha perdido a si mesmo e deixou de ser seu próprio dono. Como o bambu que dá frutos somente quando está prestes a morrer, o filho de Dhritarashtra ganha este tesouro no jogo. Embriagado, ele não percebe nem nestes seus últimos momentos que os dados causam inimizade e terrores horrendos. Nenhum homem deve proferir palavras duras e perfurar os corações dos outros. Nenhum homem deve subjugar seus inimigos por meio dos dados e outros meios sujos como esse. Não se deve proferir palavras que são desaprovadas pelos Vedas e levam ao inferno e aborrecem outros. Alguns emitem de seus lábios palavras que são cruéis. Feridos por elas outros queimam dia e

noite. Aquelas palavras perfuram o próprio coração do outro. Os eruditos, portanto, nunca devem proferi-las, dirigindo-as aos outros. Um bode uma vez tinha engolido um gancho, e quando estava perfurado com ele, o caçador colocando a cabeça do animal no chão rasgou sua garganta terrivelmente ao arrancá-lo. Portanto, ó Duryodhana, não engula a riqueza dos Pandavas. Não faça deles teus inimigos. Os filhos de Pritha nunca usam palavras como essas. São somente homens inferiores que são como cães que usam palavras duras para com todas as classes de pessoas, isto é, aquelas que se retiraram para as florestas, as que levam vidas domésticas, as empenhadas em devoções ascéticas e as que tem grande conhecimento. Ai! O filho de Dhritarashtra não sabe que a desonestidade é uma das portas terríveis do inferno. Ai! Muitos dos Kurus com Dussasana entre eles têm seguido-o no caminho da desonestidade na questão deste jogo de dados. Até cabaças podem afundar e pedras podem boiar, e barcos também podem sempre afundar na água, entretanto este rei tolo, o filho de Dhritarashtra, não ouve as minhas palavras que são assim como regras para ele. Sem dúvida, ele será a causa da destruição dos Kurus. Quando as palavras de sabedoria faladas por amigos e que são regras dignas não são ouvidas, mas por outro lado a tentação está em alta, uma destruição terrível e universal é certa de tragar todos os Kurus.'

66

Vaisampayana disse, "Embriagado pelo orgulho, o filho de Dhritarashtra falou, 'Que vergonha para Kshatta!' E lançando seus olhos sobre o Pratikamin em serviço, mandou-o, no meio de todos aqueles superiores veneráveis, dizendo, 'Vá Pratikamin, e traga Draupadi para cá. Tu não temes os filhos de Pandu. É somente Vidura que delira com medo. Além disso, ele nunca deseja nossa prosperidade!'"

Vaisampayana continuou, "Assim mandado, o Pratikamin, que era da casta Suta, ouvindo as palavras do rei, procedeu com pressa, e entrando na residência dos Pandavas, como um cachorro na cova de um leão, se aproximou da rainha dos filhos de Pandu. E ele disse, 'Yudhishthira estando embriagado com os dados, Duryodhana, ó Draupadi, te ganhou. Venha agora, portanto, à residência de Dhritarashtra. Eu te levarei, ó Yajnaseni, e te colocarei em algum trabalho servil.'

Draupadi disse, 'Por que, ó Pratikamin, tu falas assim? Que príncipe jogaria apostando sua esposa? O rei estava certamente embriagado com os dados. Além disso, ele não podia encontrar algum outro objeto para apostar?'

O Pratikamin disse, 'Quando ele não tinha nada mais para apostar, foi então que Ajatasatru, o filho de Pandu, te apostou. O rei primeiro apostou seus irmãos, então a si mesmo, e então a ti, ó princesa.'

Draupadi disse, 'Ó filho da raça Suta, vá e pergunte àquele jogador presente na reunião quem ele perdeu primeiro, a si mesmo, ou a mim. Averiguando isto, venha para cá, e então me leve contigo, ó filho da raça Suta.'

Vaisampayana continuou, "O mensageiro voltou à assembléia e disse todas as palavras de Draupadi. E ele falou a Yudhishthira sentado no meio dos reis, estas palavras, 'Draupadi te perguntou: 'De quem tu eras senhor na hora em que me perdeste no jogo? Tu perdeste a ti mesmo primeiro ou a mim?'' Yudhishthira, no entanto, ficou lá como um demente e privado de juízo e não deu nenhuma resposta boa ou má para o Suta.

Duryodhana então disse, 'Que a princesa de Panchala venha para cá e levante a questão. Que todos nesta reunião ouçam as palavras que se passam entre ela e Yudhishthira.'

Vaisampayana continuou, "O mensageiro, obediente à ordem de Duryodhana, indo novamente ao palácio, ele mesmo muito aflito, disse a Draupadi, 'Ó princesa, aqueles que estão na reunião estão te convocando. Parece que o fim dos Kauravas está perto. Como Duryodhana, ó princesa, está para te levar perante a assembléia, aquele rei de pouca inteligência não mais será capaz de proteger sua prosperidade.'

Draupadi disse, 'O grande ordenador do mundo, de fato, ordenou assim. Felicidade e tristeza cortejam ambos, o sábio e o imprudente. A moralidade, no entanto, é o mais alto objetivo no mundo. Se nutrida, ela certamente dispensará bênçãos a nós. Que esta moralidade não abandone agora os Kauravas. Voltando àqueles que estão presentes naquela reunião, repita estas minhas palavras consoantes com a moralidade. Eu estou preparada para fazer o que as pessoas de idade e virtuosas conhecedoras da moralidade definitivamente me dirão.'

Vaisampayana continuou, "O Suta, ouvindo essas palavras de Yajnaseni, voltou à assembléia e repetiu as palavras de Draupadi. Mas todos ficaram com as faces para baixo, não proferindo uma palavra, conhecendo a avidez e a resolução do filho de Dhritarashtra.

Yudhishthira, no entanto, ó touro da raça Bharata, sabendo das intenções de Duryodhana, enviou um mensageiro de confiança para Draupadi, dizendo que embora ela estivesse vestida em uma peça de tecido com seu próprio umbigo exposto, por sua época menstrual ter chegado, ela deveria ir perante seu sogro chorando amargamente. E aquele mensageiro inteligente, ó rei, tendo ido à residência de Draupadi com velocidade, informou-a das intenções de Yudhishthira. Os ilustres Pandavas, enquanto isso, angustiados e tristes, e limitados pela promessa, não podiam decidir o que eles deveriam fazer. E olhando-os, o rei Duryodhana, contente, endereçou-se ao Suta e disse, 'Ó Pratikamin, traga-a para cá. Que os Kauravas respondam à sua pergunta diante do seu rosto.' O Suta, então, obediente às ordens dele, mas apavorado pela (possível) cólera da filha de Drupada, desconsiderando sua reputação de inteligência, disse novamente àqueles que estavam na reunião, 'O que eu devo dizer para Krishna?'

Duryodhana, ouvindo isso, disse, 'Ó Dussasana, este filho do meu Suta, de pouca inteligência, teme Vrikodara. Portanto, vá tu mesmo e traga à força para cá a filha de Yajnasena. Nossos inimigos no momento dependem da nossa vontade. O que eles podem te fazer?' Ouvindo a ordem de seu irmão, o príncipe Dussasana ergueu-se com olhos vermelho-sangue, e entrando na residência daqueles grandes guerreiros, falou estas palavras para a princesa, 'Venha, venha, ó Krishna, princesa de Panchala, tu foste ganha por nós. E, ó tu de olhos grandes como folhas de lótus, venha agora e aceite os Kurus como teus senhores. Tu foste ganha virtuosamente, venha à assembléia.' A estas palavras, Draupadi, se levantando em grande aflição, esfregou seu rosto pálido com as mãos, e aflita ela correu para o lugar onde as senhoras da família de Dhritarashtra estavam. Nisto, Dussasana rugindo com raiva e correndo atrás dela agarrou a rainha pelos cabelos, tão longos e azuis e ondulados. Ai! Aqueles cabelos que tinham sido borrifados com água santificada com mantras no grande sacrifício Rajasuya, foram naquele momento agarrados com força pelo filho de Dhritarashtra desconsiderando a bravura dos Pandavas. E Dussasana arrastando Krishna de longos cabelos até a presença da assembléia, como se ela fosse desamparada embora tendo poderosos protetores, puxando-a, a fez tremer como uma bananeira em uma tempestade. E arrastada por ele, com o corpo inclinado, ela gritou fracamente, 'Canalha! Não cabe a ti me levar perante a assembléia. Minha época chegou, e eu estou agora vestida em um único pedaço de roupa.' Mas Dussasana, arrastando Draupadi à força por seus cabelos negros enquanto ela estava rezando lastimavelmente a Krishna e Vishnu que eram Narayana e Nara (sobre a terra), disse a ela, 'Se tua época veio ou não, esteja vestida em um pedaço de roupa ou totalmente nua, como foste ganha nos dados e feita nossa escrava, tu viverás entre nossas servas como quiseres.'"

Vaisampayana continuou, "Com o cabelo despenteado e metade do seu traje solto, todo o tempo arrastada por Dussasana, a modesta Krishna consumida pela raiva, disse fracamente, 'Nesta assembléia estão pessoas conhecedoras de todos os ramos de conhecimento, dedicadas à realização de sacrifícios e outros ritos, e que são todas iguais a Indra, pessoas algumas das quais são realmente minhas superiores e outras que merecem ser respeitadas como tais. Eu não posso ficar diante deles neste estado. Ó desgraçado! Ó tu de feitos cruéis, não me arraste assim. Não me descubra assim. Os príncipes (meus maridos) não te perdoarão, mesmo que tu tenhas os próprios deuses com Indra como teus aliados. O ilustre filho de Dharma está agora limitado pelas obrigações da moralidade. A moralidade, no entanto, é sutil. Somente aqueles que possuem uma grande clareza de visão podem determiná-la. Em palavras até eu estou relutante em admitir um átomo de falha em meu senhor esquecendo suas virtudes. Tu arrastaste a mim que estou em minha época menstrual perante estes heróis Kuru. Esta é realmente uma ação indigna. Mas ninguém aqui te repreende. Seguramente, todos estes têm as mesmas inclinações que tu. Ó, que vergonha! Realmente a virtude dos Bharatas está perdida! Realmente também o costume daqueles familiarizados com as práticas Kshatriyas desapareceu! Qualquer um destes Kurus nesta reunião nunca teria olhado silenciosamente esta ação que viola os limites de suas práticas. Oh! Drona e Bhishma perderam sua energia, e

assim também Kshatta de grande alma, e assim também este rei. Também, por que os principais dos Kuru mais velhos observam silenciosamente este grande crime?'"

Vaisampayana continuou, "Assim Krishna de cintura esbelta gritou em angústia naquela assembléia. E olhando seus maridos enfurecidos, os Pandavas, que estavam cheios de fúria terrível, ela os inflamou ainda mais com aquele seu olhar. E eles não ficaram tão aflitos por lhes ter sido roubado seu reino, sua riqueza, suas jóias caras, quanto com aquele olhar de Krishna movida por modéstia e raiva. E Dussasana, vendo Krishna olhando para seus maridos impotentes, arrastou-a com mais força ainda, e endereçou-se a ela, 'Escrava, Escrava' e riu alto. E a estas palavras Karna ficou muito contente e as aprovou dando risada. E Sakuni, o filho de Suvala, o rei Gandhara, da mesma maneira aplaudiu Dussasana. E entre todos os que estavam na assembléia exceto estes três e Duryodhana, todos estavam cheios de tristeza ao ver Krishna assim arrastada à vista daquela assembléia. E vendo aquilo tudo, Bhishma disse, 'Ó abençoada, a moralidade é sutil. Eu, portanto não posso decidir devidamente esta questão que formulaste, vendo que por um lado alguém que não tem riqueza não pode apostar a riqueza pertencente a outros, enquanto que por outro lado esposas estão sempre sob as ordens e à disposição de seus maridos. Yudhishthira pode abandonar todo o mundo cheio de riqueza, mas ele nunca sacrificará a moralidade. O filho de Pandu disse, 'Eu fui ganho.' Portanto, eu sou incapaz de decidir a questão. Sakuni não tem igual entre os homens no jogo de dados. O filho de Kunti ainda assim apostou voluntariamente com ele. O próprio ilustre Yudhishthira não considera que Sakuni jogou com ele fraudulentamente. Portanto, eu não posso decidir esta questão.'

Draupadi disse, "O rei foi convocado para esta assembléia, e embora não possuindo habilidade nos dados ele foi feito jogar com jogadores habilidosos, perversos, fraudulentos e perigosos. Como pode ser dito então que ele apostou voluntariamente? O principal dos Pandavas foi privado de sua razão por patifes de conduta fraudulenta e instintos pecaminosos, agindo juntos, e então foi vencido. Ele não pôde compreender seus truques, mas ele agora acabou assim. Aqui, nesta assembléia, há Kurus que são os senhores de seus filhos e suas noras! Que todos eles, refletindo bem sobre as minhas palavras, decidam devidamente a questão que eu propus.'"

Vaisampayana continuou, "Para Krishna que estava assim chorando e rogando lastimavelmente, olhando às vezes para seus maridos impotentes, Dussasana falou muitas palavras duras e desagradáveis. E vendo ela que estava então em seu período menstrual assim arrastada, e com suas peças de roupas superiores soltas, vendo-a naquela condição que ela não merecia, Vrikodara aflito além da tolerância, com seus olhos fixos em Yudhishthira, cedeu à cólera."

67

"Bhima disse, 'Ó Yudhishthira, jogadores têm em suas casas muitas mulheres de caráter incorreto. Eles ainda assim não apostam aqueles mulheres tendo até bondade para com elas. Qualquer riqueza e outros artigos excelentes que o rei de Kasi deu, quaisquer pedras preciosas, animais, riqueza, cotas de malha e armas que os outros reis da terra deram, nosso reino, tu mesmo e nós, fomos todos ganhos pelos inimigos. Por tudo isso minha cólera não foi excitada pois tu és nosso soberano. Este, no entanto, eu considero como um ato muito impróprio, esta ação de apostar Draupadi. Esta moça inocente não merece esse tratamento. Tendo obtido os Pandavas como seus maridos, é só por tua causa que ela está sendo assim perseguida pelos Kauravas vis, desprezíveis, cruéis, e de mente mesquinha. É por causa dela, ó rei, que a minha raiva recai sobre ti. Eu queimarei estas tuas mãos. Sahadeva, traga algum fogo.'

Arjuna ouvindo isso disse, 'Tu nunca, ó Bhimasena, antes proferistes tais palavras como essas. Seguramente a tua elevada moralidade foi destruída por estes inimigos cruéis. Tu não deves realizar os desejos do inimigo. Pratique a moralidade mais elevada. Quem se comportaria pecando contra seu virtuoso irmão mais velho? O rei foi convocado pelo inimigo, e se lembrando do costume dos Kshatriyas ele jogou os dados contra sua vontade. Isto é certamente condutivo à nossa grande fama.'

Bhima disse, 'Se eu não soubesse, ó Dhananjaya, que o rei agiu segundo o costume Kshatriya, então eu teria, pegando suas mãos juntas por força pura, queimado elas em um fogo ardente.'"

Vaisampayana continuou, "Vendo os Pandavas assim atormentados e a princesa de Panchala também aflita daquela maneira, Vikarna, o filho de Dhritarashtra, disse, 'Ó reis, respondam a questão que foi feita por Yajnaseni. Se nós não julgarmos uma questão referente a nós, todos nós seguramente teremos que ir para o inferno sem demora. Como é que Bhishma e Dhritarashtra, ambos que são os mais velhos dos Kurus, como também Vidura de grande alma não dizem nada? O filho de Bharadwaja que é o nosso preceptor, como também Kripa, está aqui. Por que estes melhores dos regenerados não respondem a pergunta? Que também aqueles outros reis reunidos aqui de todas as regiões respondam de acordo com seu julgamento a pergunta, deixando de lado todos os motivos de lucro e raiva. Ó reis, respondam a pergunta que foi feita pela abençoada filha do rei Drupada, e declarem depois de reflexão de qual lado vocês estão.' Assim Vikarna repetidamente apelou àqueles que estavam naquela assembléia. Mas aqueles reis não lhe responderam nenhuma palavra, boa ou má. E Vikarna tendo repetidamente apelado para todos os reis começou a esfregar suas mãos e a suspirar como uma cobra. E finalmente o príncipe disse, 'Ó reis da terra, ó Kauravas, respondam a esta pergunta ou não, eu direi o que eu considero como justo e apropriado. Ó principais dos homens, é dito que caçar, beber, jogar, e ter muito prazer com mulheres são os quatro vícios dos reis. O homem que é viciado

nisto vive abandonando a virtude. E o povo não respeita as ações feitas por uma pessoa que está assim impropriamente empenhada, como de nenhuma autoridade. Este filho de Pandu, enquanto profundamente empenhado em uma dessas ações viciosas, incitado a isto por jogadores desonestos, fez de Draupadi uma aposta. A inocente Draupadi é, além disso, a esposa comum de todos os filhos de Pandu. E o rei, tendo perdido primeiro a si mesmo ofereceu-a como uma aposta. E o próprio Suvala desejoso de uma aposta, de fato persuadiu o rei a apostar Krishna. Refletindo sobre todas estas circunstâncias, eu não considero Draupadi como ganha.'

Ouvindo essas palavras, um alto tumulto ergueu-se daqueles presentes naquela reunião. E eles todos aplaudiram Vikarna e criticaram o filho de Suvala. E àquele som, o filho de Radha, privado da razão pela raiva, agitando seus braços bem proporcionados, disse estas palavras, 'Ó Vikarna, muitas condições opostas e inconsistentes são evidentes nesta assembléia. Como fogo produzido de um feixe de madeira consumindo o próprio feixe, esta tua ira te consumirá. Estes personagens aqui, embora suplicados por Krishna, não proferiram uma palavra. Eles todos consideram que a filha de Drupada foi devidamente ganha. Só tu, ó filho de Dhritarashtra, por causa da tua imaturidade, está repleto de cólera, pois embora sejas apenas um menino falas nesta assembléia como se fosses velho. Ó irmão mais novo de Duryodhana, tu não sabes o que a moralidade realmente é, pois dizes como um tolo que esta Krishna, que foi (justamente) ganha, não foi ganha em absoluto. Ó filho de Dhritarashtra, como tu consideras Krishna como não ganha, quando o mais velho dos Pandavas perante esta assembléia apostou todas as suas posses? Ó touro da raça Bharata, Draupadi está inclusa em todas as posses (de Yudhishthira). Portanto, por que tu consideras Krishna que foi justamente ganha como não ganha? Draupadi foi mencionada (por Suvala) e aprovada como uma aposta pelos Pandavas. Por que razão então tu ainda a consideras como não ganha? Ou, se tu pensas que trazê-la para cá vestida em um único pedaço de tecido é um ato impróprio, escute a certas razões excelentes que eu darei. Ó filho da raça Kuru, os deuses ordenaram um único marido para uma mulher. Esta Draupadi, no entanto, tem muitos maridos. Portanto, é certo que ela é uma mulher incasta. Trazê-la, portanto, para esta assembléia embora ela esteja vestida em um pedaço de tecido, e até despi-la não é em absoluto um ato que possa causar surpresa. Quaisquer riquezas que os Pandavas tivessem, ela mesma e os próprios Pandavas, foram todos justamente ganhos pelo filho de Suvala. Ó Dussasana, este Vikarna falando palavras de (aparente) sabedoria é apenas um menino. Tire as vestimentas dos Pandavas como também o traje de Draupadi.' Ouvindo estas palavras, os Pandavas, ó Bharata, tiraram suas peças de roupas superiores e jogando-as no chão se sentaram naquela assembléia. Então Dussasana, ó rei, agarrou à força o traje de Draupadi perante os olhos de todos, e começou a arrancá-lo de seu corpo."

Vaisampayana continuou, "Quando o traje de Draupadi estava sendo assim arrancado, ela pensou em Hari (e gritou alto, dizendo), 'Ó Govinda, ó tu que moras em Dwaraka, ó Krishna, ó tu que és afeiçoado às vaqueiras (de Vrindavana). Ó Kesava, tu não vês que os Kauravas estão me humilhando? Ó Senhor, ó marido

de Lakshmi, ó Senhor de Vraja (Vrindavana), ó destruidor de todas as aflições, ó Janarddana, salve a mim que estou afundando no oceano Kaurava. Ó Krishna, ó Krishna, ó tu grande yogin, tu alma do universo, tu criador de todas as coisas, ó Govinda, salve a mim que estou angustiada, que estou perdendo meus sentidos em meio aos Kurus.' Assim a aflita senhora resplandecente ainda em sua beleza, ó rei, cobrindo seu rosto gritou alto, pensando em Krishna, em Hari, no senhor dos três mundos. Ouvindo as palavras de Draupadi Krishna ficou profundamente comovido. E deixando seu assento, o benevolente, por compaixão, chegou lá a pé. E enquanto Yajnaseni estava gritando alto para Krishna, também chamado Vishnu e Hari e Nara, por proteção, o ilustre Dharma, permanecendo despercebido, cobriu-a com roupas excelentes de muitas cores. E, ó monarca, enquanto o traje de Draupadi estava sendo arrancado, depois que um era tirado outro do mesmo tipo aparecia cobrindo-a. E assim continuou até que muitos trajes foram vistos. E, ó exaltado, devido à proteção de Dharma, centenas e centenas de vestes de muitas cores foram tiradas do corpo de Draupadi. E então lá ergueu-se um tumulto profundo de muitas vozes. E os reis presentes naquela reunião, vendo aquela mais extraordinária de todas as visões no mundo, começaram a elogiar Draupadi e a criticar o filho de Dhritarashtra. E Bhima então, apertando suas mãos, com os lábios tremendo de raiva, no meio de todos aqueles reis prestou um juramento terrível em voz alta.

E Bhima disse, ‘Ouçam estas minhas palavras, ó Kshatriyas do mundo. Palavras tais como estas nunca antes foram proferidas por outros homens, nem alguém no futuro as proferirá. Ó senhores da terra, se tendo falado estas palavras eu não cumpri-las, que após a morte eu não obtenha a região dos meus antepassados falecidos. Rasgando em batalha, por pura força, o peito deste desgraçado, este canalha de mente pecaminosa da raça Bharata, se eu não beber seu sangue vital, que eu não obtenha a região dos meus antepassados.’”

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras terríveis de Bhima que fizeram os pêlos dos ouvintes se arrepiarem, todos lá presentes o aplaudiram e criticaram o filho de Dhritarashtra. E quando uma massa de tecidos tinha sido reunida naquela assembléia, todas arrancadas do corpo de Draupadi, Dussasana, cansado e envergonhado, sentou-se. E vendo os filhos de Kunti naquele estado, as pessoas, aqueles deuses entre homens, que estavam naquela assembléia todos proferiram a palavra 'Vergonha!' (para o filho de Dhritarashtra). E as vozes unidas de todos se tornaram tão altas que fizeram os pêlos de todos os que as ouviram se arrepiarem. E todos os homens honestos que estavam naquela reunião começaram a dizer, ‘Vejam só! Os Kauravas não responderam a pergunta que foi feita a eles por Draupadi.’ E todos juntos criticando Dhritarashtra fizeram um alto clamor. Então Vidura, aquele mestre da ciência de moralidade, acenando suas mãos e silenciando cada um falou estas palavras; 'Vocês que estão nesta assembléia, Draupadi fez uma pergunta e está chorando desamparada. Vocês não estão respondendo a ela. A virtude e a moralidade estão sendo oprimidas por tal conduta. Uma pessoa aflita se aproxima de uma assembléia de bons homens como alguém que está sendo consumido pelo fogo. Aqueles que estão na assembléia apagam aquele fogo e a resfriam por meio da verdade e da

moralidade. A pessoa aflita pergunta à assembléia sobre seus direitos, como sancionados pela moralidade. Aqueles que estão na assembléia devem, sem serem movidos por interesses nem por raiva, responder à pergunta. Ó reis, Vikarna respondeu a pergunta segundo seu próprio conhecimento e julgamento. Vocês devem também respondê-la como acharem apropriado. Conhecendo as regras de moralidade e estando presente em uma assembléia, aquele que não responde a uma pergunta que é proposta fica sujeito à metade do demérito ligado a uma mentira. Aquele, por outro lado, que, conhecendo as regras de moralidade e tendo se juntado a uma assembléia responde falsamente, seguramente incorre no pecado de uma mentira. Os eruditos citam como um exemplo ligado a isto a antiga história de Prahlada e do filho de Angirasa.

Havia antigamente um chefe dos Daityas de nome Prahlada. Ele tinha um filho chamado Virochana. E Virochana, pela obtenção de uma noiva, disputou com Sudhanwan, o filho de Angiras. É sabido por nós que eles apostaram mutuamente suas vidas, dizendo, ‘Eu sou superior’, ‘Eu sou superior’, pela obtenção de uma noiva. E depois que eles tinham assim disputado um com o outro, ambos fizeram de Prahlada o árbitro para decidir entre eles. E eles o questionaram, dizendo; ‘Qual entre nós é superior (ao outro)? Responda a questão. Não fale falsamente.’ Assustado por causa daquela discussão, Prahlada olhou para Sudhanwan. E Sudhanwan, com raiva, queimando como a maça de Yama, disse a ele, ‘Se tu responderes falsamente, ou se não deres nenhuma resposta a tua cabeça então será partida em cem pedaços pelo manejador do raio com aquele seu raio.’ Assim endereçado por Sudhanwan, o Daitya, tremendo como uma folha de figueira, foi até Kasyapa de grande energia, para se aconselhar com ele. E Prahlada disse, 'Tu és, ó ilustre e exaltado, totalmente conhecedor das regras de moralidade que devem guiar os deuses e os Asuras e os Brahmanas também. Aqui, no entanto, há uma situação de grande dificuldade em relação ao dever. Diga-me, eu te peço, quais regiões são obteníveis para aqueles que ao serem perguntados não dão resposta, ou que respondem falsamente.’ Kasyapa assim questionado lhe respondeu, 'Aquele que sabe, mas não responde a uma pergunta por tentação, raiva ou medo, joga sobre si mesmo mil laços de Varuna. E a pessoa que, citada como uma testemunha a respeito de uma questão qualquer por conhecimento ocular ou auricular, fala descuidadamente, lança mil laços de Varuna sobre sua própria pessoa. No término de um ano, um de tais laços é solto. Portanto, aquele que sabe deve falar a verdade sem encobrimento. Se a virtude, perfurada pelo pecado, vai até uma assembléia (por ajuda), é o dever de toda a assembléia tirar o dardo, de outra maneira eles mesmos serão perfurados por ele. Em uma assembléia onde uma ação realmente censurável não é repreendida, metade do demérito daquela ação se liga ao líder dessa assembléia, uma quarta parte à pessoa que agiu de modo censurável e uma quarta aos outros que lá estão. Na assembléia, por outro lado, na qual aquele que merece censura é repreendido, o líder da assembléia se torna livre de todos os pecados, e os outros membros também não incorrem em nenhum pecado. É somente o próprio perpetrador da ação que se torna responsável por ela. Ó Prahlada, aqueles que respondem falsamente àqueles que lhes perguntam sobre moralidade destroem as ações meritórias de suas sete gerações inferiores e superiores. As dores de alguém que

perdeu toda a sua riqueza, de alguém que perdeu um filho, de alguém que está endividado, de alguém que está separado de seus companheiros, de uma mulher que perdeu seu marido, de alguém que perdeu tudo por causa da exigência do rei, de uma mulher que é estéril, de alguém que foi devorado por um tigre (durante suas últimas lutas nas garras do tigre), de alguém que é uma co-esposa, e de alguém que foi privado de sua propriedade por testemunhos falsos, são citadas pelos deuses como uniformes em grau. Estes tipos diferentes de dor são daquele que fala falsamente. Uma pessoa se torna uma testemunha por ter visto, ouvido, e entendido uma coisa. Portanto, uma testemunha deve sempre dizer a verdade. Uma testemunha faladora da verdade nunca perde seus méritos religiosos nem suas posses terrenas.' Ouvindo essas palavras de Kasyapa, Prahlada disse a seu filho, 'Sudhanwan é superior a ti, como de fato, (o pai dele) Angiras é superior a mim. A mãe de Sudhanwan também é superior à tua mãe. Portanto, ó Virochana, este Sudhanwan é agora o senhor da tua vida.' A estas palavras de Prahlada, Sudhanwan disse, 'Já que inalterado pela afeição por teu filho tu aderiste à virtude, eu ordeno que este teu filho viva por cem anos.'

Vidura continuou, 'Que todas as pessoas, portanto, presentes nesta assembléia e ouvindo estas elevadas verdades de moralidade, reflitam sobre qual deve ser a resposta à pergunta feita por Draupadi.'"

Vaisampayana continuou, "Os reis que lá estavam, ouvindo essas palavras de Vidura, não responderam uma palavra, somente Karna falou a Dussasana, dizendo, 'Leve esta serva Krishna aos aposentos internos.' E então Dussasana começou a arrastar diante de todos os espectadores a desamparada e modesta Draupadi, tremendo e apelando lastimavelmente aos Pandavas seus maridos.

68

Draupadi disse, 'Espere um pouco, pior dos homens, Dussasana de mente má. Eu tenho uma ação para realizar, um dever elevado que não foi realizado por mim ainda. Arrastada à força pelos braços fortes desse canalha, eu estava privada da minha razão. Eu saúdo estes veneráveis senhores nesta assembléia dos Kurus. Que eu não pudesse fazer isso antes não pode ser minha culpa.'"

Vaisampayana disse, "Arrastada com mais força do que antes, a aflita e desamparada Draupadi, não merecedora de tal tratamento, caindo no chão, assim lamentou naquela assembléia dos Kurus.

'Ai, somente uma vez antes, na ocasião do Swayamvara eu fui vista pelos reis reunidos no anfiteatro, e nem uma vez sequer depois daquilo. Eu fui trazida hoje perante esta assembléia. Aquela que mesmo os ventos e o sol nunca antes tinham visto em seu palácio está hoje diante desta assembléia exposta ao olhar da multidão. Ai, aquela a quem os filhos de Pandu, enquanto em seu palácio, não permitiam ser tocada nem pelo vento, é hoje permitida pelos Pandavas ser

agarrada e arrastada por este canalha. Ai, estes Kauravas também permitem que sua nora, tão indigna de tal tratamento, seja assim atormentada diante deles. Parece que os tempos estão deslocados. O que pode ser mais aflitivo para mim, que embora casta e de nascimento elevado, eu deva ainda ser obrigada a entrar nesta área pública? Onde está aquela virtude pela qual estes reis eram notáveis? É sabido que os reis dos tempos antigos nunca levavam suas esposas à corte pública. Ai, aquele costume eterno desapareceu dentre os Kauravas. Também, como é que a casta esposa dos Pandavas, a irmã do filho de Prishata, o amigo de Vasudeva, é trazida diante desta assembléia? Ó Kauravas, eu sou a esposa do rei Yudhishthira o justo, vinda da mesma dinastia à qual o Rei pertenceu. Digam-me agora se eu sou uma serva ou não. Eu alegremente aceitarei sua resposta. Este desgraçado, este destruidor do nome dos Kurus, está me afligindo duramente. Kauravas, eu não posso mais aguentar isso. Ó reis, eu desejo que vocês respondam se me consideram como ganha ou não ganha. Eu aceitarei seu veredicto, qualquer que ele seja.'

Ouvindo estas palavras, Bhishma respondeu, ‘Eu já disse, ó abençoada, que o curso da moralidade é sutil. Mesmo os ilustres sábios neste mundo fracassam em compreendê-lo sempre. O que neste mundo um homem forte chama de moralidade é considerada como tal por outros, embora possa ser realmente o contrário; mas o que um homem fraco chama de moralidade raramente é considerado como tal mesmo que seja a mais elevada moralidade. Pela importância da questão envolvida, da sua complexidade e sutileza, eu sou incapaz de responder com segurança a pergunta que fizeste. No entanto, é certo que todos os Kurus se tornaram escravos da avareza e da loucura, a destruição dessa nossa raça não se dará em uma data distante. Ó abençoada, a família na qual tu foste admitida como nora é de tal maneira que aqueles que nascem nela, embora muitos deles possam ser afligidos por calamidades, nunca se desviam dos caminhos da virtude e moralidade. Ó princesa de Panchala, a tua conduta também, isto é, que embora mergulhada em aflição tu ainda mantenhas teus olhos sobre a virtude e a moralidade, é seguramente digna de ti. Estas pessoas, Drona e outros, de anos maduros e conhecedores da moralidade, estão sentados com as cabeças baixas como homens que estão mortos, com corpos dos quais a vida partiu. Parece-me, no entanto, que Yudhishthira é uma autoridade nesta questão. Cabe a ele declarar se tu foste ganha ou não.’

69

Vaisampayana disse, "Os reis presentes naquela assembléia, por medo de Duryodhana, não proferiram uma palavra, boa ou má, embora eles vissem Draupadi chorando em aflição como uma águia pescadora, e repetidamente apelando para eles. E o filho de Dhritarashtra vendo aqueles reis e filhos e netos de reis permanecendo todos calados sorriu um pouco, e se endereçou à filha do rei de Panchala dizendo, ‘Ó Yajnaseni, a pergunta que tu fizeste depende dos teus maridos, de Bhima de força poderosa, de Arjuna, de Nakula e Sahadeva. Que eles

respondam a tua questão. Ó Panchali, que eles por tua causa declarem no meio destes homens respeitáveis que Yudhishthira não é senhor deles, que eles assim façam do rei Yudhishthira o justo um mentiroso. Tu então serás liberta da condição de escravidão. Que o filho ilustre de Dharma, sempre aderindo à virtude, que é assim como Indra, ele mesmo declare se ele é ou não teu senhor. Pelas palavras dele, aceite os Pandavas ou nós sem demora. De fato, todos os Kauravas presentes nesta assembléia estão flutuando no oceano da tua aflição. Dotados de magnanimidade, eles não podem responder tua pergunta, olhando para teus maridos infelizes.'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras do rei Kuru, todos os que estavam presentes na assembléia as aplaudiram ruidosamente. E gritando com aprovação, eles fizeram sinais uns aos outros por movimentos de seus olhos e lábios. E entre alguns que estavam lá, sons de angústia como 'Oh! e 'Ai!" foram ouvidos. E por estas palavras de Duryodhana, tão encantadoras (para seus partidários), os Kauravas presentes naquela assembléia ficaram extremamente contentes. E os reis, com rostos virados para um lado, olharam para Yudhishthira conhecedor das regras de moralidade, curiosos para ouvir o que ele diria. E cada um presente naquela reunião ficou curioso para ouvir o que Arjuna, o filho de Pandu, nunca derrotado em batalha, e o que Bhimasena, e o que os gêmeos também diriam. E quando aquele zumbido ativo de muitas vozes silenciou, Bhimasena, agitando seus braços fortes e bem formados cobertos com pasta de sândalo disse estas palavras, 'Se este rei de grande alma, Yudhishthira o justo, que é nosso irmão mais velho, não fosse nosso soberano, nós nunca perdoaríamos a raça Kuru (por tudo isto). Ele é o senhor de todos os nossos méritos religiosos e ascéticos, o senhor até das nossas vidas. Se ele se considera ganho nós também fomos todos ganhos. Se isso não fosse assim, qual dentre as criaturas que tocam a terra com seus pés e mortal escaparia de mim com sua vida depois de ter tocado os cabelos da princesa de Panchala? Olhem estes meus braços poderosos bem formados, assim como maças de ferro. Tendo uma vez ficado dentro deles mesmo aquele de cem sacrifícios é incapaz de efetuar uma fuga. Amarrado pelas cordas da virtude e da reverência que é devida ao nosso irmão mais velho, e repetidamente suplicado por Arjuna para permanecer silencioso, eu não estou fazendo nada terrível. Se, no entanto, eu fosse uma vez mandado pelo rei Yudhishthira o justo, eu mataria estes patifes filhos de Dhritarashtra, fazendo tapas fazerem o trabalho de espadas, como um leão mata vários animais pequenos.'"

Vaisampayana continuou, "Para Bhima que tinha falado estas palavras Bhishma e Drona e Vidura disseram, 'Contenha-te, ó Bhima. Tudo é possível contigo.'"

70

"Karna disse, 'De todas as pessoas na assembléia, três, Bhishma, Vidura, e o preceptor dos Kurus (Drona) parecem ser independentes; pois eles sempre falam de seu mestre como mau, sempre o criticam, e nunca desejam sua prosperidade. Ó excelente, o escravo, o filho e a mulher são sempre dependentes. Eles não podem ganhar riqueza, pois o que quer que eles ganhem pertence ao seu mestre. Tu és a mulher de um escravo incapaz de possuir qualquer coisa por sua conta própria. Vá agora aos aposentos internos do rei Dhritarashtra e sirva aos parentes do rei. Nós diremos agora qual é o teu trabalho apropriado. E, ó princesa, todos os filhos de Dhritarashtra e não os filhos de Pritha são agora os teus mestres. Ó bela, escolha outro marido agora, um que não fará de ti uma escrava pelo jogo. É bem sabido que mulheres, especialmente as que são escravas, não são criticáveis se elas procedem com liberdade em eleger maridos. Portanto que isto seja feito por ti. Nakula foi ganho, como também Bhimasena, e Yudhishthira também, e Sahadeva, e Arjuna. E, ó Yajnaseni, tu és agora uma escrava. Teus maridos que são escravos não podem mais continuar a serem teus senhores. Ai, o filho de Pritha não considera a vida, coragem e virilidade como de nenhum uso que ele ofereceu esta filha de Drupada, o rei de Panchala, na presença de toda esta assembléia, como uma aposta nos dados?"'

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras, o colérico Bhima respirou com dificuldade, um verdadeiro quadro de dor. Obediente ao rei e atado pela corda da virtude e do dever, queimando tudo com seus olhos inflamados pela raiva, ele disse, 'Ó rei, eu não posso ficar zangado pelas palavras deste filho de um Suta, pois nós realmente entramos no estado de servidão. Mas, ó rei, poderiam nossos inimigos ter falado assim para mim se tu não tivesses jogado apostando esta princesa?"'

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras de Bhimasena o rei Duryodhana endereçou-se a Yudhishthira que estava silencioso e privado de sua razão, dizendo, 'Ó rei, ambos Bhima e Arjuna, e os gêmeos também, estão sob o teu domínio. Responda a pergunta (que foi feita por Draupadi). Diga, se tu consideras Krishna como não ganha.' E tendo falado assim ao filho de Kunti, Duryodhana, desejoso de encorajar o filho de Radha e insultando Bhima, rapidamente despiu sua coxa esquerda que era como o tronco de uma bananeira ou a tromba de um elefante e que era agraciada com todos os sinais auspiciosos e dotada da força do trovão, e mostrou-a para Draupadi. E vendo aquilo Bhimasena arregalou seus olhos vermelhos, e disse para Duryodhana no meio de todos aqueles reis como se os perfurando (com suas palavras como flechas), 'Que Vrikodara não alcance às regiões obtidas por seus antepassados se ele não quebrar essa tua coxa no grande conflito.' E faíscas de fogo começaram a ser emitidas de todos os órgãos dos sentidos de Bhima cheio de fúria, como aquelas que saem de todas as rachaduras e orifícios no corpo de uma árvore queimando.

Vidura então, endereçando-se a todos, disse, 'Ó reis da linhagem de Pratipa, vejam o grande perigo que surge de Bhimasena. Saibam com certeza que esta

grande calamidade que ameaça alcançar os Bharatas foi enviada pelo próprio Destino. Os filhos de Dhritarashtra, de fato, apostaram desrespeitando toda consideração apropriada. Eles estão agora mesmo disputando nesta assembléia a respeito de uma dama (da família real). A prosperidade do nosso reino está no fim. Ai, os Kauravas estão agora mesmo envolvidos em conversas pecaminosas. Ó Kauravas, levem a sério este elevado preceito que eu declaro. Se a virtude é perseguida, toda a assembléia se torna poluída. Se Yudhishthira tivesse apostado ela antes dele mesmo ser ganho, ele certamente seria considerado como dono dela. Se, no entanto, uma pessoa aposta qualquer coisa em uma hora quando ela mesma é incapaz de ter qualquer riqueza, ganhá-la é assim como obter fortuna em um sonho. Escutando as palavras do rei de Gandhara, reneguem ou não esta indubitável verdade.'

Duryodhana, ouvindo Vidura falar dessa maneira disse, 'Eu estou desejando aceitar as palavras de Bhima, de Arjuna e dos gêmeos. Que eles digam que Yudhishthira não é o seu mestre. Yajnaseni então será libertada do seu estado de escravidão.'

Arjuna nisto, disse, 'Este filho ilustre de Kunti, o rei Yudhishthira o justo, era certamente nosso mestre antes dele começar a jogar. Mas tendo perdido a si mesmo, que todos os Kauravas julguem de quem ele poderia ser mestre depois disso.'"

Vaisampayana continuou, "Naquele momento um chacal começou a gritar ruidosamente no aposento do homa do palácio do rei Dhritarashtra. E, ó rei, para o chacal que uivou daquela maneira os asnos começaram a zurrar em resposta. E aves terríveis também, de todos os lados, começaram a responder com seus gritos. E Vidura conhecedor de tudo e a filha de Suvala compreenderam o significado daqueles sons terríveis. E Bhishma e Drona e o erudito Gautama gritaram ruidosamente, 'Swashti! Swashti!' (palavra de bênção similar ao Amen). Então Gandhari e o erudito Vidura vendo aquele presságio terrível, relataram tudo, em grande aflição, ao rei. E o rei (Dhritarashtra) então disse.

'Duryodhana de mente má, patife, a destruição está preparada para te alcançar quando tu insultas em tal linguagem a esposa destes touros entre os Kurus, especialmente sua esposa Draupadi.' E tendo falado aquelas palavras, o sábio Dhritarashtra dotado de conhecimento, refletindo com a ajuda de sua sabedoria e desejoso de salvar seus parentes e amigos de destruição, começou a consolar Krishna, a princesa de Panchala, e endereçando-se a ela, disse, 'Peça de mim qualquer bênção, ó princesa de Panchala, que tu desejares. Casta e leal à virtude, tu és a principal de todas as minhas noras.'

Draupadi disse, 'Ó touro da raça Bharata, se tu me concederás um benefício, eu peço que o belo Yudhishthira, obediente a todos os deveres, seja liberto da escravidão. Que crianças desatentas não chamem meu filho Prativindhya, dotado de grande energia de mente, como o filho de um escravo. Tendo sido um príncipe, tão superior a todos os homens, e criado por reis, não é apropriado que ele seja chamado de filho de um escravo.'

Dhritarashtra disse a ela, 'Ó auspiciosa, que seja como tu disseste. Ó excelente, peça outro benefício, pois eu o darei. Meu coração se inclina a dar a ti um segundo benefício. Tu não mereces somente um benefício.'

Draupadi disse, 'Eu peço, ó rei, que Bhimasena e Dhananjaya e os gêmeos também, com seus carros e arcos, livres da escravidão, recuperem sua liberdade.'

Dhritarashtra disse, 'Ó filha abençoada, que seja como tu desejas. Peça um terceiro benefício, pois tu não foste suficientemente honrada com dois benefícios. Virtuosa em teu comportamento, tu és a principal de todas as minhas noras.'

Draupadi disse, 'Ó melhor dos reis, ó ilustre, a cobiça sempre traz perda de virtude. Eu não mereço uma terceira bênção. Portanto eu ouso não pedir algum. Ó rei de reis, é dito que um Vaisya pode pedir um benefício; uma senhora Kshatriya, dois benefícios; um homem Kshatriya, três, e um Brahmana, uma centena. Ó rei, estes meus maridos, livres do miserável estado de escravidão, poderão obter prosperidade por meio de suas próprias ações virtuosas!'

71

Karna disse, 'Nós nunca soubemos de tal ato (como este de Draupadi), realizado por alguma das mulheres notadas neste mundo por sua beleza. Quando os filhos de Pandu e Dhritarashtra estavam excitados com cólera, esta Draupadi se tornou para os filhos de Pandu como sua salvação. De fato a princesa de Panchala, se tornando como um barco para os filhos de Pandu que estavam afundando sem uma embarcação em um oceano de infortúnio, levou-os em segurança para a margem.'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras de Karna no meio dos Kurus, isto é, que os filhos de Pandu foram salvos por sua esposa, o enfurecido Bhimasena em grande aflição disse (a Arjuna), 'Ó Dhananjaya, foi dito por Devala que três luzes residem em toda pessoa, progênie, ações e aprendizagem, pois destes três surgiu a criação. Quando a vida se extingue e o corpo se torna impuro e rejeitado pelos parentes, estes três ficam a serviço de todas as pessoas. Mas a luz que há em nós foi ofuscada por esta ação de insulto à nossa esposa. Como, ó Arjuna, pode um filho nascido desta nossa mulher insultada vir a ser útil para nós?'

Arjuna replicou, 'Pessoas superiores, ó Bharata, nunca falam palavras ríspidas que possam ser proferidas por homens inferiores. Pessoas que ganharam respeito para si mesmas, mesmo que elas sejam capazes de revidar, não se lembram das ações de hostilidade feitas por seus inimigos, mas, por outro lado, guardam na memória somente seus bons atos.'

Bhima disse, 'Eu devo, ó rei, matar sem perda de tempo todos estes inimigos reunidos, aqui mesmo, ou eu devo destruí-los, ó Bharata, pelas raízes, fora deste palácio? Ou, que necessidade há de palavras ou de ordem? Eu matarei todos eles agora mesmo, e governe toda a terra, ó rei, sem um rival.' E dizendo isso, Bhima

com seus irmãos mais novos, como um leão no meio de um rebanho de animais inferiores, repetidamente lançava seus olhares enfurecidos em volta. Mas Arjuna, no entanto, de ações corretas, com olhares suplicantes começou a acalmar seu irmão mais velho. E o herói de braços fortes dotado de grande bravura começou a queimar com o fogo da sua cólera. E, ó rei, aquele fogo começou a sair das orelhas de Vrikodara e outros sentidos com fumaça e faíscas e chamas. E sua face se tornou terrível de se olhar por causa de sua testa enrugada como aquela do próprio Yama na hora da destruição universal. Então Yudhishthira impediu o herói poderoso, abraçando-o e dizendo a ele, 'Não fique assim. Fique em silêncio e em paz.' E tendo acalmado aquele poderoso com olhos vermelhos de raiva, o rei se aproximou de seu tio Dhritarashtra, com mãos unidas em súplica.'

72

Yudhishthira disse, 'Ó rei, tu és nosso mestre. Ordene-nos quanto ao que nós devemos fazer. Ó Bharata, nós desejamos permanecer sempre em obediência a ti.'

Dhritarashtra respondeu, 'Ó Ajatasatru, abençoado sejas. Vá em paz e segurança. Mandado por mim, vá, governe teu reino com tua riqueza. E, ó filho, leve a sério esta ordem de um homem velho, este saudável conselho que eu dou, o qual é como um regime nutritivo. Ó Yudhishthira, ó filho, tu conheces o caminho sutil da moralidade. Possuidor de grande sabedoria, tu és também humilde, e tu serves também aos mais velhos. Onde há inteligência, há clemência. Portanto, ó Bharata, siga os conselhos da paz. O machado cai sobre a madeira, não sobre a pedra. (Tu estás aberto a conselhos, não Duryodhana). São os melhores dentre os homens aqueles que não se lembram dos atos hostis de seus inimigos; que contemplam somente os méritos, não os erros de seus inimigos; e que nunca entram em hostilidades. Aqueles que são bons se lembram somente dos bons atos de seus inimigos e não das ações hostis que seus inimigos possam ter feito a eles. Os bons, além disso, fazem bem aos outros sem esperança de quaisquer benefícios em retorno. Ó Yudhishthira, são somente os piores dos homens que proferem palavras duras em disputa; enquanto aqueles que são indiferentes respondem a elas quando falada por outros. Mas aqueles que são bons e sábios nunca pensam nelas ou recapitulam tais palavras duras, pouco se importando se estas possam ou não ter sido proferidas por seus inimigos. Aqueles que são bons, tendo observado atentamente a condição dos seus próprios sentimentos, podem compreender os sentimentos dos outros, e, portanto se lembram somente das boas ações e não dos atos de hostilidade de seus inimigos. Tu agiste assim como os bons homens de tranquilidade admirável fazem, que não ultrapassam os limites da virtude, riqueza, prazer e salvação. Ó filho, não te lembre das palavras duras de Duryodhana. Olhe para tua mãe Gandhari e eu mesmo também, se tu desejas lembrar somente o que é bom. Ó Bharata, olhe para mim, que sou um pai para vocês e que sou velho e cego, e ainda vivo. Foi para ver nossos amigos e examinar também a força e a fraqueza dos meus filhos que eu, por motivos de

política, permiti que esta partida de dados continuasse. Ó rei, aqueles entre os Kurus que têm a ti como soberano, e o inteligente Vidura conhecedor de todos os ramos de aprendizagem como seu conselheiro, de fato, não tem nenhum motivo para se afligir. Em ti está a virtude, em Arjuna a paciência, em Bhimasena a bravura, e nos gêmeos, estes principais dos homens, está a reverência pura aos superiores. Abençoado sejas, ó Ajatasatru. Volte para Khandavaprastha, e que haja amor fraterno entre ti e teus primos. Que teu coração também esteja sempre fixado na virtude.'"

Vaisampayana continuou, "Aquele principal dos Bharatas, o rei Yudhishthira o justo, então, assim endereçado por seu tio, tendo feito todas as cerimônias de cortesia, partiu com seus irmãos para Khandavaprastha. E acompanhado por Draupadi e subindo em seus carros que eram todos da cor das nuvens, com corações alegres eles todos foram para aquela melhor das cidades chamada Indraprastha."

73

Janamejaya disse, "Como os filhos de Dhritarashtra se sentiram quando eles souberam que os Pandavas, com a permissão de Dhritarashtra, tinham deixado Hastinapura com toda sua riqueza e jóias?"

Vaisampayana disse, "Ó rei, sabendo que os Pandavas tinham sido mandados de volta para sua capital pelo sábio Dhritarashtra, Dussasana foi sem perda de tempo até seu irmão. E, ó touro da raça Bharata, tendo chegado diante de Duryodhana com seu conselheiro, o príncipe, aflito, começou a dizer, 'Ó guerreiros poderosos, aquilo que foi ganho por nós depois tanto incômodo o homem velho (nosso pai) jogou fora. Saibam que ele transferiu toda aquela riqueza para os inimigos.' A estas palavras, Duryodhana e Karna e Sakuni, o filho de Suvala, todos os que eram guiados pela vaidade, unidos e desejosos de agir contra os filhos de Pandu, se aproximando com pressa viram em particular o sábio rei Dhritarashtra, o filho de Vichitravirya e falaram a ele estas palavras agradáveis e ardilosas.

Duryodhana disse, 'Tu não ouviste, ó rei, o que erudito Vrihaspati, o preceptor dos celestiais disse aconselhando Sakra a respeito de mortais e política? Estas, ó matador de inimigos, foram as palavras de Vrihaspati, 'Aqueles inimigos que sempre fazem mal por estratagema ou força devem ser mortos por todos meios.' Se, portanto, com a riqueza dos Pandavas, nós satisfazermos os reis da terra e então lutarmos com os filhos de Pandu, que reversos podem nos alcançar? Quando uma pessoa tem colocadas sobre o pescoço e as costas cobras venenosas cheias de fúria para realizar sua destruição, é possível ele se livrar delas? Equipados com armas e sentados em seus carros, os filhos enfurecidos de Pandu como cobras venenosas e encolerizadas seguramente nos aniquilarão, ó pai. Agora mesmo Arjuna segue vestido em cota de malha e equipado com seu par de aljavas, frequentemente pegando o Gandiva e respirando duramente e lançando olhares coléricos em volta. Também foi ouvido por nós que Vrikodara,

rapidamente ordenando que seu carro fosse aprontado e subindo nele, está prosseguindo girando frequentemente sua maça pesada. Nakula também está indo adiante com a espada em punho e o escudo semicircular em sua mão. E Sahadeva e o rei (Yudhishthira) têm feito sinais claramente comprovando suas intenções. Tendo subido em seus carros que são cheios de todos os tipos de armas, eles estão açoitando seus cavalos (para chegar depressa em Khandava) e reunir suas forças. Perseguidos daquela maneira por nós eles são incapazes de nos perdoar aquelas ofensas. Qual entre eles perdoará aquele insulto a Draupadi? Abençoado sejas. Nós jogaremos novamente com o filho de Pandu para mandá-los para o exílio. Ó touro entre homens, nós somos competentes para trazê-los dessa forma sob o nosso domínio. Vestidos em peles, ou nós ou eles derrotados nos dados iremos para as florestas por doze anos. O décimo terceiro ano terá que ser passado em um país habitado sem sermos reconhecidos; e, se reconhecidos, um exílio por outros doze anos será a consequência. Ou nós ou eles viveremos assim. Que o jogo comece, lançando os dados, que os filhos de Pandu joguem mais uma vez. Ó touro da raça Bharata, ó rei, este mesmo é o nosso maior dever. Este Sakuni conhece bem toda a ciência dos dados. Mesmo que eles consigam cumprir este voto por treze anos, nós enquanto isso estaremos firmemente enraizados no reino, e fazendo alianças reuniremos uma vasta hoste invencível e a manteremos contente, para que nós então, ó rei, derrotemos os filhos de Pandu se eles reaparecerem. Que este plano se recomende para ti, ó matador de inimigos.'

Dhritarashtra disse, 'Traga de volta os Pandavas então, de fato, mesmo que eles já estejam longe. Que eles venham imediatamente e lancem os dados novamente.'"

Vaisampayana continuou, "Então Drona, Somadatta e Valhika, Gautama, Vidura, o filho de Drona, e o filho poderoso de Dhritarashtra com sua mulher Vaisya, Bhurisravas, e Bhishma, e o guerreiro poderoso Vikarna, todos disseram, 'Não deixe que o jogo recomece. Que haja paz.' Mas Dhritarashtra, parcial para com seus filhos, desconsiderando os conselhos de todos os seus amigos sábios e parentes, convocou os filhos de Pandu."

74

Vaisampayana disse, "Ó monarca, foi então que a virtuosa Gandhari, angustiada pela dor por causa de sua afeição por seus filhos, endereçou-se ao rei Dhritarashtra e disse, 'Quando Duryodhana nasceu, Vidura de grande inteligência disse, 'É melhor mandar esta desgraça da raça para o outro mundo.' Ele gritou repetidamente e de modo dissonante como um chacal. É certo que ele virá a ser a destruição da nossa raça. Leve isto a sério, ó rei dos Kurus. Ó Bharata, não afunde, por teu próprio erro, em um oceano de calamidade. Ó senhor, não concedas tua aprovação aos conselhos de pessoas perversas e imaturas. Não sejas a causa da terrível destruição desta linhagem. Quem quebraria uma

barragem que foi concluída, ou reacenderia um incêndio que foi extinto? Ó touro da raça Bharata, quem provocaria os filhos pacíficos de Pritha? Tu lembras, ó Ajamida, de tudo, mas ainda assim eu chamarei tua atenção para isto. As escrituras nunca podem controlar aqueles de mente má por bem ou por mal. E, ó rei, uma pessoa de pouca compreensão nunca agirá como uma pessoa madura. Que teus filhos sigam a ti como seu líder. Que eles não sejam separados de ti para sempre (por perder suas vidas). Portanto, por minha palavra, ó rei, abandone este infeliz da nossa raça. Tu não pudeste, ó rei, por afeto paterno, fazer isso antes. Saiba que chega a hora da destruição da nossa raça através dele. Não erre, ó rei. Que tua mente, guiada por conselhos de paz, virtude, e política verdadeira, seja o que ela naturalmente é. A prosperidade que é obtida pela ajuda de atos perversos é logo destruída; enquanto aquela que é ganha por meios brandos enraíza e desce de geração a geração.'

O rei, assim endereçado por Gandhari que indicou a ele em tal linguagem o caminho da virtude, respondeu a ela, dizendo, 'Se a destruição da nossa raça está vindo, que ela ocorra livremente. Eu mal sou capaz de impedi-la. Que seja como eles (meus filhos) desejam. Que os Pandavas retornem. E que meus filhos outra vez apostem com os filhos de Pandu.'"

75

Vaisampayana disse, "O mensageiro real, de acordo com as ordens do inteligente rei Dhritarashtra, encontrando Yudhishthira, o filho de Pritha, que tinha naquele tempo feito um grande percurso, endereçou-se ao monarca e disse, 'Estas são as palavras que teu tio como um pai, ó Bharata, falou a ti, 'A assembléia está pronta. Ó filho de Pandu, ó rei Yudhisthira, venha e lance os dados.'

Yudhishthira disse, 'As criaturas obtém frutos bons ou maus segundo a distribuição do Ordenador da criação. Aqueles frutos são inevitáveis se eu jogar ou não. Esta é uma convocação para o jogo de dados; e é, além disso, a ordem do velho rei. Embora eu saiba que isto virá a ser destrutivo para mim, ainda assim eu não posso recusar.'"

Vaisampayana continuou, "Embora um animal (vivo) feito de ouro fosse uma impossibilidade, ainda assim Rama se permitiu ser tentado por um veado (dourado). De fato, as mentes dos homens sobre os quais as calamidades pendem se tornam loucas e fora de ordem. Yudhishthira, portanto, tendo dito aquelas palavras retornou, junto com seus irmãos. E sabendo perfeitamente da fraude praticada por Sakuni, o filho de Pritha voltou a sentar para jogar dados com ele outra vez. Aqueles guerreiros poderosos entraram novamente naquela assembléia, afligindo os corações de todos os seus amigos. E compelidos pelo Destino eles mais uma vez sentaram tranquilamente para jogar para a destruição deles mesmos."

"Sakuni então disse, 'O velho rei lhes deu de volta toda sua riqueza. Isto é bom. Mas, ó touro da raça Bharata, escute, há uma aposta de grande valor. Se formos derrotados por vocês nos dados, vestidos em peles de veado nós entraremos na grande floresta e viveremos lá por doze anos, passando todo o décimo terceiro ano em alguma região habitada, não reconhecidos, e se reconhecidos voltaremos para um exílio de outros doze anos; ou, vencidos por nós, vestidos em peles de veado vocês, com Krishna, viverão por doze anos nas florestas passando todo o décimo terceiro ano sem serem reconhecidos, em uma região habitada. Se reconhecidos, um exílio de outros doze anos será a consequência. Ao fim do décimo terceiro ano cada um terá seu reino entregue pelo outro. Ó Yudhishthira, com esta resolução, jogue conosco, ó Bharata, lançando os dados.'

A estas palavras, aqueles que estavam naquela assembléia, erguendo seus braços, disseram em grande ansiedade de mente e pela força de seus sentimentos estas palavras, 'Ai, que vergonha para os amigos de Duryodhana que não o avisam do seu grande perigo. Se ele, ó touro entre os Bharatas, (Dhritarashtra) compreende ou não, por sua própria inteligêngia, é teu dever dizer a ele claramente.'"

Vaisampayana continuou, “O rei Yudhishthira, mesmo ouvindo estas várias observações, por vergonha e um sentido de virtude sentou novamente para o jogo. E embora possuidor de grande inteligência e conhecendo totalmente as consequências, ele outra vez começou a jogar, como se sabendo que a destruição dos Kurus estava próxima.’

E Yudhishthira disse, 'Como pode, ó Sakuni, um rei como eu, sempre cumpridor dos costumes da sua própria classe, recusar, quando convocado para jogar dados? Portanto eu jogo contigo.’

Sakuni respondeu, 'Vocês têm muitas vacas e cavalos, e vacas leiteiras, e um número infinito de cabras e ovelhas; e elefantes e tesouros e ouro e escravos homens e mulheres. Tudo isto foi apostado antes por nós, mas agora que esta seja a nossa única aposta, ou seja, o exílio para as florestas; sendo derrotados ou vocês ou nós moraremos nas florestas (por doze anos) e passaremos o décimo terceiro ano não reconhecidos, em um lugar habitado. Ó touros entre homens, com esta determinação, nós jogaremos.’

Ó Bharata, esta proposta sobre um ficar nas florestas foi proferida somente uma vez. O filho de Pritha, no entanto, aceitou-a e Sakuni pegou os dados. E lançando-os ele disse a Yudhishthira, 'Veja! Eu ganhei.'"

76

Vaisampayana disse, "Então os derrotados filhos de Pritha se prepararam para seu exílio nas florestas. E eles, um depois do outro, na devida ordem, tirando suas vestimentas reais, se vestiram em peles de veado. E Dussasana, vendo aqueles

castigadores de inimigos vestidos em peles de veado e privados de seu reino e preparados para ir para o exílio, exclamou 'A soberania absoluta do ilustre rei Duryodhana começou. Os filhos de Pandu foram vencidos, e caíram em grande aflição. Agora nós alcançamos a meta por caminhos largos ou estreitos. Pois hoje nos tornando superiores aos nossos inimigos a respeito de prosperidade como também de duração de governo nós nos tornamos os mais louváveis dos homens. Todos os filhos de Pritha foram lançados por nós no inferno eterno. Eles foram privados de felicidade e reino para sempre. Eles que, orgulhosos de sua riqueza, riram em menosprezo do filho de Dhritarashtra, agora terão que ir para as florestas, derrotados e privados por nós de toda sua riqueza. Que eles agora tirem suas variadas cotas de malha, suas vestes resplandecentes de feitio celeste, e que eles todos se vistam em peles de veado de acordo com a aposta que aceitaram do filho de Suvala. Eles que sempre costumavam se gabar de que não tinham iguais em todo o mundo, agora conhecerão e considerarão a si mesmos nesta sua calamidade como grãos de gergelim sem o núcleo. Embora nesta sua roupa os Pandavas pareçam com pessoas sábias e poderosas instaladas em um sacrifício, ainda assim eles parecem com pessoas não habilitadas para realizar sacrifícios, apresentando tal aspecto. O sábio Yajnasena da raça Somaka, tendo entregado sua filha, a princesa de Panchala, aos filhos de Pandu, agiu desastrosamente, pois os maridos de Yajnaseni, estes filhos de Pritha, são como eunucos. E, ó Yajnaseni, que alegria será tua ao ver nas florestas estes teus maridos vestidos em peles e trapos puídos, privados de suas riquezas e posses. Eleja um marido, quem quer que tu queiras, dentre todos os aqui presentes. Estes Kurus reunidos aqui são todos indulgentes e autocontrolados, e possuidores de grande riqueza. Escolha um entre eles como teu marido, para que esta grande calamidade não possa te arrastar para a miséria. Os filhos de Pandu agora são como grãos de gergelim sem núcleo, ou como animais de exibição vestidos em peles, ou como grãos de arroz sem núcleo. Por que tu então continuarias a servir os filhos caídos de Pandu? Em vão é o trabalho de prensar grãos de gergelim desprovidos de núcleo!'

Assim Dussasana o filho de Dhritarashtra falou na audição dos Pandavas estas palavras duras e muito cruéis. E ao ouvi-las, o impaciente Bhima, em cólera se aproximando de repente daquele príncipe como um leão Himalayan sobre um chacal, repreendeu-o sonoramente nestas palavras, ‘Patife de mente perniciosa, tu deliras dessa maneira em palavras que são proferidas somente pelos pecaminosos? Tu te gabas dessa forma no meio dos reis, favorecido como és pela habilidade do rei de Gandhara. Como tu perfuras nossos corações com estas tuas palavras afiadas, assim eu perfurarei teu coração na batalha, te fazendo recordar de tudo isto. E aqueles também que por raiva ou avareza estão andando atrás de ti como teus protetores, eles também eu enviarei para a residência de Yama com seus descendentes e parentes.’”

Vaisampayana continuou, “Para Bhima vestido em peles de veado e que havia proferido estas palavras enraivecido sem fazer nada, pois ele não podia se desviar do caminho da virtude, Dussasana abandonando todo o senso de vergonha, dançando ao redor dos Kurus, disse estrondosamente, 'Ó vaca! Ó vaca!'

Bhima mais uma vez disse, ‘Patife, tu ousas, ó Dussasana, usar palavras cruéis como estas? Quem se gabaria, tendo ganhado riqueza por meios sujos? Eu digo a ti que se Vrikodara, o filho de Pritha, não beber teu sangue vital, perfurando e abrindo teu peito em batalha, que ele não alcance as regiões de bem aventurança, eu te digo realmente que por matar os filhos de Dhritarashtra em batalha, diante dos olhos de todos os guerreiros, eu logo pacificarei esta minha cólera.'"

Vaisampayana continuou, "E enquanto os Pandavas estavam indo embora da assembléia, o perverso Duryodhana por excesso de alegria imitou com seus próprios passos o andar galhofeiro de Bhima. Então Vrikodara, dando meia volta em direção ao rei, disse, ‘Não seja tolo de achar que por isto tu ganhaste qualquer superioridade sobre mim, pois eu te matarei logo com todos os teus seguidores, e te responderei, te fazendo te lembrar de tudo isto.’ E vendo aquele insulto a si mesmo, o poderoso e orgulhoso Bhima, suprimindo sua fúria crescente e seguindo os passos de Yudhishthira, também falou estas palavras enquanto saía da corte Kaurava, 'Eu matarei Duryodhana, e Dhananjaya matará Karna, e Sahadeva matará Sakuni, aquele jogador de dados. Eu também repito nesta assembléia estas palavras orgulhosas as quais seguramente os deuses farão verdadeiras, se nós entrarmos em batalha com os Kurus, eu matarei este patife Duryodhana em batalha com minha maça, e prostrando-o no chão eu colocarei meu pé sobre sua cabeça. E com relação a esta (outra) pessoa perversa, Dussasana, que é atrevido em palavras, eu beberei seu sangue como um leão.’

E Arjuna disse, ‘Ó Bhima, as resoluções dos homens superiores não são conhecidas somente em palavras. No décimo quarto ano a partir deste dia eles verão o que acontecerá.’

E Bhima outra vez disse, 'A terra beberá o sangue de Duryodhana, e Karna, e do patife Sakuni, e Dussasana que é o quarto.'

E Arjuna disse, 'Ó Bhima, como tu disseste, eu matarei em batalha este Karna tão malicioso, ciumento, vaidoso e de fala ríspida.’ Para fazer o que era agradável para Bhima, Arjuna jurou que ele mataria em batalha com suas flechas Karna com todos os seus seguidores. ‘E eu mandarei para as regiões de Yama também todos aqueles outros reis que por tolice lutarem contra mim. As montanhas de Himavat podem ser removidas de onde estão, o fazedor do dia pode perder seu brilho, a lua sua frieza, mas este meu voto sempre será mantido. E tudo isto seguramente acontecerá se no décimo quarto ano a partir de agora Duryodhana não nos devolver nosso reino com o respeito apropriado.'"

Vaisampayana continuou, "Depois que Arjuna tinha falado, Sahadeva, o belo filho de Madri, dotado de grande energia, desejoso de matar Sakuni, agitando seus braços poderosos e suspirando como uma cobra, exclamou, com seus olhos vermelhos de raiva, 'Tu desgraça dos reis Gandhara, aqueles que tu pensas que estão derrotados não o estão realmente. Eles são as próprias flechas de pontas afiadas das quais tu corres o risco em batalha. Eu sem dúvida realizarei tudo o que Bhima disse referente a ti e a todos os teus seguidores. Se, portanto, tu tens qualquer coisa para fazer, faça-o antes que aquele dia chegue. Eu seguramente te

matarei em batalha com todos os teus seguidores, se tu, ó filho de Suvala, ficares na luz correspondente ao costume Kshatriya.'

Então, ó monarca, ouvindo estas palavras de Sahadeva, Nakula, o mais belo dos homens, falou estas palavras, 'Eu certamente mandarei para a residência de Yama todos esses filhos perversos de Dhritarashtra, que desejosos da morte e impelidos pelo Destino, e movidos também pelo desejo de fazer o que é agradável para Duryodhana, usaram palavras duras e discursos insultantes com relação a esta filha de Yajnasena no jogo. Logo, por ordem de Yudhishthira e me lembrando dos males feitos para Draupadi, eu farei a terra destituída dos filhos de Dhritarashtra.'"

Vaisampayana continuou, "E aqueles tigres entre homens, todos dotados de braços longos, tendo assim se empenhado em promessas virtuosas se aproximaram do rei Dhritarashtra."

77

Yudhishthira disse, 'Eu me despeço de todos os Bharatas, do meu velho avô (Bhishma), do rei Somadatta, do grande rei Vahlika, de Drona, Kripa, de todos os outros reis, Aswatthaman, Vidura, Dhritarashtra, de todos os filhos de Dhritarashtra, Yayutsu, Sanjaya, e de todos os cortesãos, eu me despeço e ao retornar eu os verei novamente.'"

Vaisampayana continuou, "Dominados pela vergonha nenhum dos que lá estavam presentes podia dizer qualquer coisa a Yudhishthira. Dentro de seus corações, no entanto, eles rezaram para o bem-estar daquele príncipe inteligente.

Vidura então disse, 'A venerável Pritha é uma princesa por nascimento. Não cabe a ela entrar nas florestas. Delicada e idosa e sempre conhecendo a felicidade esta abençoada viverá, respeitada por mim, na minha residência. Saibam disto, filhos de Pandu. E que vocês estejam sempre em segurança.'"

Vaisampayana continuou, 'Os Pandavas então disseram, 'Ó impecável, que seja como tu disseste. Tu és nosso tio, e, portanto és como nosso pai. Nós também somos todos obedientes a ti. Tu és, ó erudito, nosso mais respeitado superior. Nós devemos sempre obedecer ao que tu escolheres ordenar. E, ó tu de grande alma, ordene qualquer coisa mais que reste a ser feita.'

Vidura respondeu, 'Ó Yudhishthira, ó touro da raça Bharata, saiba que em minha opinião, ninguém que é vencido por meios pecaminosos precisa ficar atormentado por tal derrota. Tu conheces todas as regras de moralidade; Dhananjaya é sempre vitorioso em batalha; Bhimasena é o matador de inimigos; Nakula é coletor de riqueza; Sahadeva tem talentos administrativos, Dhaumya é o principal de todos os conhecedores dos Vedas; e Draupadi bem comportada está familiarizada com a virtude e a economia. Vocês são ligados uns aos outros e se deleitam ao verem uns aos outros e inimigos não podem separá-los, e vocês são

contentes. Portanto, quem é que não os invejaria? Ó Bharata, esta paciente abstração das posses do mundo será de grande benefício para ti. Nenhum inimigo, mesmo se ele fosse igual ao próprio Sakra, poderia resistir a isto. Antigamente tu foste instruído nas montanhas de Himavat por Meru Savarni; na cidade de Varanavata por Krishna Dwaipayana; no penhasco de Bhrigu por Rama; e nas margens do Dhrishadwati pelo próprio Sambhu. Tu também escutaste a instrução do grande Rishi Asita nas colinas de Anjana; e tu te tornaste um discípulo de Bhrigu nas margens do Kalmashi. Narada e este teu sacerdote Dhaumya agora se tornarão teus instrutores. A respeito do próximo mundo, não abandone aquelas excelentes lições que tu obtiveste dos Rishis. Ó filho de Pandu, tu superas em inteligência até Pururavas, o filho de Ila; em força, todos outros monarcas, e em virtude, até os Rishis. Portanto, resolva seriamente ganhar a vitória, a qual pertence a Indra; controlar tua fúria, a qual pertence a Yama; fazer caridade, a qual pertence a Kuvera; e controlar todas as paixões, as quais pertencem a Varuna. E, ó Bharata, obtenha o poder de alegrar da lua, o poder de sustentar tudo da água; paciência da terra; energia de todo o disco solar; força dos ventos, e riqueza dos outros elementos. Que bem-estar e imunidade às doenças sejam teus; eu espero te ver retornar. E, ó Yudhishthira, aja devidamente e apropriadamente em todas as épocas, nas de infortúnio, nas de dificuldade, de fato, em relação a tudo. Ó filho de Kunti, parta com nossa permissão. Ó Bharata, bênçãos sejam tuas. Ninguém pode dizer que tu fizeste qualquer coisa pecaminosa antes. Nós esperamos te ver, portanto, voltar em segurança e coroado com sucesso.'"

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado por Vidura, Yudhishthira, o filho de Pandu, de bravura incapaz de ser frustrada, dizendo, 'Assim seja', e curvando-se a Bhishma e Drona, partiu."

78

Vaisampayana disse, "Então quando Draupadi estava prestes a partir ela foi até a ilustre Pritha e pediu sua permissão. E ela também pediu a permissão das outras senhoras da família que estavam todas mergulhadas na dor. E saudando e abraçando todas elas como cada uma merecia, ela desejou ir embora. Então se ergueu de dentro dos aposentos dos Pandavas um alto lamento de dor. E Kunti, terrivelmente angustiada ao ver Draupadi na véspera de sua viagem, proferiu estas palavras em uma voz sufocada pela dor:

'Ó filha, não sofra porque esta grande calamidade te alcançou. Tu conheces bem os deveres do sexo feminino, e teu comportamento e conduta também são como eles devem ser. Não cabe a mim, ó tu de doce sorriso, te instruir quanto aos teus deveres com relação aos teus maridos. Tu és casta e ilustre, e tuas qualidades adornaram a família do teu nascimento como também a família na qual tu foste admitida por casamento. Afortunados são os Kauravas por eles não terem sido queimados pela tua ira. Ó filha, vá com segurança abençoada pelas minhas

orações. Boas mulheres nunca permitem que seus corações sofram pelo que é inevitável. Protegida pela virtude que é superior a tudo tu logo obterás boa sorte. Enquanto vivendo nas florestas olhe pelo meu filho Sahadeva. Cuide para que o coração dele não afunde sob esta grande calamidade.'

Dizendo 'Assim seja', a princesa Draupadi, banhada em lágrimas, vestida em uma peça de tecido manchado com sangue, e com cabelo despenteado, deixou sua sogra. E logo que ela foi embora chorando e lamentando a própria Pritha em angústia a seguiu. Ela não tinha ido longe quando ela viu seus filhos desprovidos de seus ornamentos e vestes, seus corpos vestidos em peles, e com suas cabeças baixas com vergonha. E ela os viu cercados por seus inimigos alegres e amigos compadecidos. Dotada de muito afeto materno Kunti se aproximou de seus filhos naquele estado, e abraçando eles todos, e em voz sufocada pela dor ela disse estas palavras:

'Vocês são virtuosos e bem educados, e adornados com todas as qualidades excelentes e comportamento respeitoso. Vocês todos têm grande alma, e são dedicados ao serviço de seus superiores. E vocês também são dedicados aos deuses e à realização de sacrifícios. Por que, então, esta calamidade os alcançou? De onde vem este reverso da sorte? Eu não vejo por cuja maldade este pecado os alcançou. Ai, eu dei à luz a vocês. Tudo isso deve ser devido à minha má sorte. É por isso que vocês foram colhidos por esta calamidade, embora todos sejam dotados de virtudes excelentes. Vocês não são desprovidos de energia e coragem e força e firmeza e poder. Como vocês agora, perdendo sua riqueza e posses, viverão pobres nas florestas sem caminhos? Se eu tivesse sabido antes que vocês estavam destinados a viver nas florestas eu não teria, após a morte do Pandit, vindo das montanhas de Satasringa para Hastinapura. Afortunado foi teu pai, como eu agora o considero, pois ele realmente colheu o fruto do seu ascetismo, e ele era dotado de previdência, pois ele nutriu o desejo de ascender ao céu, sem ter que sentir qualquer dor por causa de seus filhos. Afortunada também foi a virtuosa Madri, como eu a considero hoje, que tinha, parece, uma previsão do que aconteceria e por causa disto alcançou o elevado caminho da emancipação e todas as bênçãos também. Ai! Madri me considerava como seu esteio, e sua mente e suas afeições estavam sempre fixas em mim. Oh, que vergonha para meu desejo de viver, devido ao qual eu sofro toda essa dor. Ó filhos, vocês são todos excelentes e queridos para mim. Eu os obtive depois de muito sofrimento. Eu não posso deixá-los. Então eu os acompanharei. Ai, ó Krishna, (Draupadi), por que tu me deixas assim? Tudo dotado de vida certamente perecerá. O próprio Dhata (Brahma) esqueceu de ordenar minha morte? Talvez seja assim, e, portanto, a vida não me deixa. Ó Krishna, tu que vives em Dwaraka, ó irmão mais novo de Sankarshana, onde tu estás? Por que tu não me libertas e a estes melhores dos homens também de tal dor? Eles dizem que tu és sem início e sem fim e libertas aqueles que pensam em ti. Por que este ditado se torna falso? Estes meus filhos estão sempre ligados à virtude e nobreza e boa fama e coragem. Eles não merecem sofrer aflição. Oh, mostre-lhes piedade. Ai, quando há homens mais velhos em nossa raça tais como Bhishma e Drona e Kripa, todos conhecedores da moralidade e da ciência dos assuntos mundanos, como poderia

tal calamidade ocorrer? Ó Pandu, ó rei, onde tu estás? Por que tu permites quietamente que os teus bons filhos sejam enviados dessa forma para o exílio, derrotados nos dados? Ó Sahadeva, desista de ir. Tu és meu filho mais querido, ó filho de Madri, mais querido do que o meu próprio corpo. Não me abandone. Cabe a ti ter alguma bondade para comigo. Amarrados pelas cordas da virtude, que estes teus irmãos vão. Mas então, ganhe aquela virtude resultante de cuidar de mim.'"

Vaisampayana continuou, "Os Pandavas então consolaram sua mãe que chorava e com corações mergulhados na dor partiram para as florestas. E o próprio Vidura também muito aflito, consolando a aflita Kunti com argumentos, conduziu-a lentamente para sua casa. E as senhoras da casa de Dhritarashtra, sabendo de tudo o que tinha acontecido, do exílio (dos Pandavas) e do arrastamento de Krishna à assembléia onde os príncipes tinham apostado, choraram sonoramente criticando os Kauravas. E as senhoras da família real também sentaram silenciosas por muito tempo, cobrindo seus rostos como pétalas de lótus com suas mãos formosas. E o rei Dhritarashtra também pensando nos perigos que ameaçavam seus filhos, virou uma presa da ansiedade e não pode desfrutar de paz mental. E ansiosamente meditando em tudo, e com a mente privada de sua equanimidade pela angústia, ele enviou um mensageiro a Vidura, dizendo, 'Que Kshatta venha a mim imediatamente.'

A esta convocação Vidura foi rapidamente ao palácio de Dhritarashtra. E tão logo ele chegou o monarca lhe perguntou com grande ansiedade como os Pandavas tinham deixado Hastinapura."

79

Vaisampayana disse, "Logo que Vidura dotado de grande previdência chegou ao rei Dhritarashtra, o filho de Amvika timidamente questionou seu irmão, 'Como Yudhishthira, o filho de Dharma, agiu? E Arjuna? E os gêmeos filhos de Madri? E como, ó Kshatta, agiu Dhaumya? E a ilustre Draupadi? Eu desejo saber tudo, ó Kshatta; descreva para mim todas as ações deles.'

Vidura respondeu, 'Yudhishthira, o filho de Kunti, foi embora cobrindo seu rosto com sua roupa. E Bhima, ó rei, foi embora olhando para seus próprios braços poderosos. E Jishnu (Arjuna) foi embora seguindo o rei espalhando grãos de areia em volta. E Sahadeva, o filho de Madri, foi embora sujando sua face, e Nakula, o mais belo dos homens, ó rei, foi embora se sujando com poeira e com seu coração em grande aflição. E a bela Krishna de grandes olhos foi embora cobrindo seu rosto com seu cabelo despenteado seguindo o mesmo caminho do rei, lamentando e em lágrimas. E ó monarca, Dhaumya foi pela estrada, com erva kusa na mão, e proferindo os terríveis mantras de Sama Veda que se relacionam com Yama.'

Dhritarashtra perguntou, ‘Diga-me, ó Vidura, por que é que os Pandavas estão deixando Hastinapura de tal modo variado.’

Vidura respondeu, 'Embora perseguido pelos teus filhos e roubado de seu reino e riqueza, a mente do sábio rei Yudhishthira o justo ainda não se desviou do caminho da virtude. O rei Yudhishthira é sempre bondoso, ó Bharata, para com teus filhos. Embora privado (de seu reino e posses) por meios sujos, cheio de fúria como ele está, ele não abre os olhos. 'Eu não devo queimar as pessoas por olhar para elas com olhares de raiva', pensando assim, o nobre filho de Pandu segue cobrindo seu rosto. Ouça-me enquanto eu te digo, ó touro da raça Bharata, por que Bhima segue daquela maneira. 'Não há ninguém igual a mim em força de braços' pensando assim Bhima vai repetidamente esticando seus braços poderosos. E, ó rei, orgulhoso da força de seus braços, Vrikodara segue, exibindo-os e desejando fazer para seus inimigos feitos dignos daqueles braços. E Arjuna, o filho de Kunti, capaz de usar ambos os braços (ao manejar o Gandiva), segue os passos de Yudhishthira, espalhando grãos de areia simbolizando as flechas que ele despejará em batalha. Ó Bharata, ele indica que como os grãos de areia são espalhados por ele com facilidade, assim ele despejará flechas com perfeita facilidade no inimigo (na hora da batalha). E Sahadeva segue sujando seu rosto, pensando: 'Ninguém pode me reconhecer neste dia de desgraça.' E, ó exaltado, Nakula segue sujando-se com poeira pensando, 'Para que eu não roube os corações das damas que possam olhar para mim.' E Draupadi segue, vestida em um pedaço de tecido manchado, com seu cabelo despenteado, e chorando, anunciando, 'As esposas daqueles pelos quais eu fui reduzida à tal situação, serão no décimo quarto ano a partir de hoje privadas de maridos, filhos e parentes e entes queridos; e totalmente cobertas de sangue, com cabelo despenteado e todas em sua época feminina entrarão em Hastinapura tendo oferecido oblações de água (para os espíritos dos mortos que elas terão perdido).’ E, ó Bharata, o erudito Dhaumya com paixões sob completo controle, segurando a erva kusa em sua mão e apontando a mesma em direção ao sudoeste, caminha na dianteira, cantando os mantras do Sama Veda que se relacionam com Yama. E, ó monarca, aquele erudito Brahmana segue, também anunciando, 'Quando os Bharatas forem mortos em batalha, os sacerdotes dos Kurus assim cantarão os mantras Soma (para o benefício dos falecidos).' E os cidadãos, angustiados com grande dor, estão gritando repetidamente, 'Ai, ai, vejam nossos mestres estão indo embora! Ó, que vergonha para os Kurus mais velhos que agiram como crianças tolas em banir dessa forma os herdeiros de Pandu somente por avareza. Ai, separados dos filhos de Pandu todos nós ficaremos desamparados. Que amor nós podemos ter pelos Kurus perversos e avarentos?’ Assim, ó rei, os filhos de Kunti, dotados de grande energia de mente, foram embora, indicando, por modos e sinais, as resoluções que estão em seus corações. E logo que aqueles principais dos homens tinham ido embora de Hastinapura, luzes de relâmpagos apareceram no céu embora não houvesse nuvens e a própria terra começou a tremer. E Rahu veio devorar o Sol, embora não fosse o dia de conjunção. E meteoros começaram a cair mantendo a cidade à sua direita. E chacais e urubus e corvos e outras bestas carnívoras e aves começaram a guinchar e gritar alto dos templos dos deuses e dos topos de árvores sagradas e muros e topos de casas. E estes presságios calamitosos

extraordinários, ó rei, foram vistos e ouvidos, indicando a destruição dos Bharatas como consequência dos teus maus conselhos.'"

Vaisampayana continuou, "E, ó monarca, enquanto o rei Dhritarashtra e o sábio Vidura estavam assim falando um ao outro, apareceu lá naquela assembléia dos Kauravas e diante dos olhos de todos o melhor dos Rishis celestes. E aparecendo diante de todos ele proferiu estas palavras terríveis, 'No décimo quarto ano a partir de hoje os Kauravas, por causa do erro de Duryodhana, serão todos destruídos pelo poder de Bhima e Arjuna.' E tendo dito isso, aquele melhor dos Rishis celestes, adornado com insuperável mérito Védico, passando pelos céus, desapareceu da cena. Então Duryodhana e Karna e Sakuni, o filho de Suvala considerando Drona como seu único refúgio, ofereceram o reino a ele. Drona então, endereçando-se ao invejoso e colérico Duryodhana e Dussasana e Karna e a todos os Bharatas, disse, 'Os Brahmanas disseram que os Pandavas sendo de origem celeste são incapazes de serem mortos. Os filhos de Dhritarashtra, no entanto, com todos os reis, sinceramente e com reverência procuraram minha proteção, então eu cuidarei deles da melhor forma que puder. O destino é supremo, eu não posso abandoná-los. Os filhos de Pandu, derrotados nos dados, estão indo ao exílio em consequência de sua promessa. Eles viverão nas florestas por doze anos. Praticando o modo de vida Brahmacharya neste período, eles retornarão furiosos e para nossa grande dor se vingarão amplamente em seus inimigos. Eu antigamente privei Drupada de seu reino em uma disputa amistosa. Roubado de seu reino por mim, ó Bharata, o rei realizou um sacrifício para obter um filho (que deve me matar). Ajudado pelo poder ascético de Yaja e Upayaja, Drupada obteve do fogo (sacrifical) um filho chamado Dhrishtadyumna e uma filha, a impecável Krishna, ambos surgidos da plataforma sacrifical. Aquele Dhrishtadyumna é cunhado dos filhos de Pandu por casamento, e querido para eles. É por causa dele, portanto, que eu tenho muito medo. De origem celeste e resplandecente como o fogo, ele nasceu com arco, flechas, e envolvido em armadura. Eu sou um ser que é mortal. Portanto é dele que eu tenho grande temor. Aquele matador de todos os inimigos, o filho de Parshatta, tomou o lado dos Pandavas. Eu perderei minha vida se ele e eu alguma vez enfrentarmos um ao outro em batalha. Que aflição pode ser maior para mim neste mundo do que esta, ó Kauravas, que Dhrishtadyumna é matador destinado de Drona? Esta crença é geral. Aquele que nasceu para me matar foi conhecido por mim e é amplamente conhecido também no mundo. Por tua causa, ó Duryodhana, aquela época terrível de destruição está quase chegando. Faça sem perda de tempo o que possa ser benéfico para ti. Não pense que tudo está terminado por enviar os Pandavas para o exílio. Esta tua felicidade durará somente um momento, assim como no inverno a sombra do topo da palmeira fica (por um tempo curto) em sua base. Realize vários tipos de sacrifícios, e desfrute, e dê, ó Bharata, tudo o que quiseres. Daqui a quatorze anos uma grande calamidade te esmagará.'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras de Drona, Dhritarashtra disse, 'Ó Kshatta, o preceptor proferiu o que é verdadeiro. Vá e traga os Pandavas de volta. Se eles não voltarem, que eles sigam tratados com respeito e afeto. Que

aqueles meus filhos sigam com armas, e carros, e infantaria, e desfrutando de todas as coisas boas.'"

80

Vaisampayana disse, "Derrotados nos dados, depois que os Pandavas tinham ido para as florestas, Dhritarashtra, ó rei, foi dominado pela ansiedade. E enquanto ele estava sentado inquieto com ansiedade e suspirando de dor, Sanjaya se aproximou dele e disse, 'Ó senhor da terra, tendo agora obtido toda a terra com toda sua riqueza e mandado os filhos de Pandu para o exílio, por que é, ó rei, que tu te afliges assim?'

Dhritarashtra disse, 'Porque não se afligiriam aqueles que terão que combater em batalha aqueles touros entre os guerreiros, os filhos de Pandu, lutando em grandes carros e ajudados por aliados?'

Sanjaya disse, 'Ó rei, toda esta grande hostilidade é inevitável por causa da tua ação equivocada, e seguramente ocasionará a destruição indiscriminada de todo o mundo. Proibido por Bhishma, por Drona, e por Vidura, teu filho Duryodhana de mente má e sem vergonha enviou seu mensageiro Suta mandando-o trazer para a corte a querida esposa virtuosa dos Pandavas. Os deuses primeiro privam de sua razão o homem a quem eles enviam derrota e ignomínia. É por isso que tal pessoa vê as coisas em uma luz estranha. Quando a destruição está próxima o mal aparece como o bem para a mente poluída pelo pecado, e o homem adere a isto firmemente. O que é impróprio aparece como apropriado, e o que é próprio aparece como impróprio para o homem prestes a ser esmagado pela destruição, e mal e impropriedade são o que ele gosta. O tempo que traz destruição não vem com um bastão erguido e esmaga a cabeça de alguém. Por outro lado, a peculiaridade de tal tempo é que ele faz um homem ver o mal no bem e o bem no mal. Os canalhas trouxeram para si mesmos aquela terrível, indiscriminada e horrível destruição por arrastarem a princesa de Panchala desamparada para a corte. Quem mais além de Duryodhana, aquele falso jogador de dados, poderia trazer à assembléia, com insultos, a filha de Drupada, dotada de beleza e inteligência, e conhecedora de todas as regras de moralidade e dever, e que não surgiu do útero de qualquer mulher, mas do fogo sagrado? A bela Krishna, então em sua época menstrual, vestida em um pedaço de tecido manchado, quando trazida à corte olhou para os Pandavas. Ela os viu, no entanto, roubados de sua riqueza, de seu reino, até de seus trajes, de sua beleza, de toda a alegria, e mergulhados em um estado de escravidão. Amarrados pelas cordas da virtude, eles estavam então incapazes de externar sua bravura. E perante os reis reunidos Duryodhana e Karna falaram palavras cruéis e duras para a aflita e enfurecida Krishna não merecedora de tal tratamento. Ó monarca, tudo isso me parece pressagiar consequências terríveis.'

Dhritarashtra disse, 'Ó Sanjaya, os olhares da filha angustiada de Drupada poderiam consumir toda a terra. Poder ser possível que ao menos um único filho

meu viva? As esposas dos Bharatas, unidas com Gandhari após verem a virtuosa Krishna, a esposa dos Pandavas, dotada de beleza e juventude, arrastada para a corte, lamentaram terrivelmente. Até agora, junto com todos os meus súditos, elas choram todos os dias. Enfurecidos pelo mau tratamento a Draupadi, os Brahmanas em conjunto não realizaram naquela noite sua cerimônia Agnihotra. Os ventos sopraram poderosamente como eles fazem no tempo da dissolução universal. Houve um terrível temporal com relâmpagos e trovões também. Meteoros caíram do céu, e Rahu ao engolir o Sol fora da época alarmou o povo terrivelmente. Nossas carruagens de guerra ficaram em chamas de repente, e todos os seus mastros de bandeira caíram pressagiando mal para os Bharatas. Chacais começaram a gritar horrendamente de dentro do aposento do fogo sagrado de Duryodhana, e asnos de todas as direções começaram a zurrar em resposta. Então Bhishma e Drona, e Kripa, e Somadatta e Vahlika de grande alma, todos deixaram a assembléia. Foi então que pelo conselho de Vidura eu me enderecei a Krishna e disse, 'Eu te concederei três benefícios, ó Krishna, de fato, o que quer que tu peças.' A princesa de Panchala então me pediu a libertação dos Pandavas. Por meu próprio gesto eu então libertei os Pandavas, mandando-os de volta (para sua capital) em seus carros e com seus arcos e flechas. Foi então que Vidura me disse, 'Isto mesmo virá a ser a destruição da raça Bharata, este arrastamento de Krishna para a corte. Esta filha do rei de Panchala é a própria Sree impecável. De origem celeste, ela é a esposa dos Pandavas. Os filhos coléricos de Pandu nunca perdoarão este insulto a ela. Nem os arqueiros poderosos da raça Vrishni, nem os guerreiros poderosos entre os Panchalas permitirão isso em silêncio. Apoiado por Vasudeva de coragem imbatível, Arjuna seguramente voltará, cercado pela hoste Panchala. E aquele poderoso guerreiro entre eles, Bhimasena, dotado de força insuperável, também voltará, girando sua maça como o próprio Yama com sua clava. Estes reis mal serão capazes de suportar a força da maça de Bhima. Portanto, ó rei, não hostilidade, mas paz para sempre com os filhos de Pandu é o que me parece ser o melhor. Os filhos de Pandu são sempre mais fortes do que os Kurus. Tu sabes, ó rei, que o ilustre e poderoso rei Jarasandha foi morto em batalha por Bhima somente com seus braços nus. Portanto, ó touro da raça Bharata, cabe a ti fazer as pazes com os filhos de Pandu. Sem escrúpulos de qualquer tipo una os dois partidos, ó rei. E se tu agires dessa forma com certeza tu obterás boa sorte, ó rei.' Foi assim, ó filho de Gavalgani, que Vidura se dirigiu a mim em palavras de virtude e proveito. E eu não aceitei este conselho, movido por afeição por meu filho.'"

Fim do Sabha Parva.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 3

VANA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO

Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Pandavas deixam Hastinapura seguidos pelos cidadãos.	11
2	Yudhishthira e um Brahmana discutem causas de miséria, apego à riqueza, inação, oito deveres que constituem o caminho verdadeiro.	13
3	Cento e oito nomes para o sol. Yudhishthira canta hino para o sol para assegurar alimento para os Brahmanas.	18
4	Vidura fala com Dhritarashtra. Dhritarashtra o desrespeita.	22
5	Vidura vai até os Pandavas.	23
6	Dhritarashtra pede para Vidura voltar para casa.	24
7	Duryodhana e bando partem para matar os Pandavas. Vyasa os faz voltar.	26
8	Vyasa fala para Dhritarashtra.	27
9	Vyasa relata história de Indra e Suravi (Mãe das Vacas).	27
10	Rishi Maitreya chega. Amaldiçoa Duryodhana.	29
11	História de como Bhima matou o Rakshasa Kirmira.	30
12	Draupadi desabafa todas as suas aflições para Krishna.	34
13	Krishna diz que o jogo de dados não teria começado se ele tivesse estado lá.	40
14	Krishna descreve seu combate com Salwa e Davanas.	41
15	Salwa atacando Dwaravati (enquanto Krishna estava longe).	42
16	Filho de Krishna lutando com os Davanas.	43
17	Pradyumna cai em combate.	44
18	Pradyumna diz para o cocheiro dirigir de volta para o combate.	45
19	Pradyumna abate Salwa, mas é impedido de matá-lo.	47
20	Krishna retorna então parte e começa a lutar com Salwa.	48
21	Luta.	50
22	Krishna destrói Salwa. Retorna dos Pandavas para Dwaraka.	51
23	Pandavas se dirigem mais além na floresta.	53
24	Vão para o Lago Dwaitawana.	54
25	Markandeya chega, palavras ‘Eu sou poderoso.’	56
26	Brahmanas vão até os Pandavas.	57
27	Draupadi se queixa com Yudhishthira.	58
28	Draupadi usa discussão Vali-Prahlada para falar sobre perdão.	60
29	Yudhishthira fala sobre perdão e raiva.	62
30	Draupadi se queixa mais, sobre o destino.	64
31	Yudhishthira fala em retorno sobre religião e frutos da virtude.	66
32	Draupadi fala mais sobre êxito, destino de vidas anteriores, prosperidade.	68
33	Bhima fala longamente sobre virtude, riqueza, prazer. Encoraja Yudhishthira a lutar.	71
34	Yudhishthira replica, pedindo paciência.	75
35	Bhima ainda zangado – incita ação.	76
36	Vyasa chega e avisa Yudhishthira de que Arjuna obterá armas.	78
37	Arjuna parte. Viaja para o Norte até que encontra Sakra. Pratica austeridades.	80
38	Viagem de Arjuna através de florestas.	83
39	Arjuna combate Siva, e perde. Vê Siva.	84

40	Siva dá para Arjuna a arma Brahmasira. Arjuna vai para o céu.	88
41	Arjuna recebe armas dos deuses.	89
42	Arjuna levado para a residência de Indra.	92
43	Arjuna encontra Indra no céu.	94
44	Obtém armas. Chitrasena o ensina música e canto.	95
45	Urvasi enviada para Arjuna.	96
46	Arjuna recusa Urvasi. Ela o amaldiçoa a passar algum tempo entre as mulheres, desrespeitado, como um dançarino (útil no 13º ano do exílio – Virata Parva XI).	97
47	Lomasa enviado como mensageiro de Indra para Yudhishthira.	100
48	Dhritarashtra ouve sobre Arjuna no céu.	102
49	Dhritarashtra e Sanjaya discutem destino futuro em batalha.	102
50	Alimento que os Pandavas comem na selva.	104
51	Batalha discutida mais (entre Dhritarashtra e Sanjaya).	104
52	Bhima novamente pede para Yudhishthira lutar. Bhima é pacificado. Rishi Vrihadswa chega para narrar história de Nala e Damayanti (pessoa mais miserável). (--- Nala & Damayanti ---)	106
53	Nascimento de Damayanti de Bhima. Nala e Damayanti ouvem a respeito um do outro.	109
54	Damayanti terá seu swayamvara. Deuses e Nala partem.	111
55	Nala enviado pelos Deuses para Damayanti como um mensageiro.	112
56	Nala dá o recado, mas Damayanti escolhe Nala na cerimônia.	113
57	Nala escolhido. Bênçãos concedidas pelos celestiais. Damayanti tem um filho e uma filha (ambos chamados Indrasena).	114
58	Deuses encontram Kali no seu caminho de volta para o céu. Kali fica zangado.	116
59	Kali possui Nala no 12º ano quando ele falha em lavar seus pés. Jogo de dados inicia – Nala perde tudo.	117
60	Nala desconsidera tudo. Filhos transferidos para Vidarbha.	118
61	Pushkara ganha tudo. Nala banido. Aves voam levando sua roupa.	119
62	Dormindo em um abrigo, Nala, depois de várias tentativas, deixa Damayanti com metade das roupas deles.	120
63	Damayanti desperta. Corre procurando por Nala. Uma cobra a captura, mas ela é libertada por um caçador. Ele tenta estuprá-la – a maldição dela o mata.	121
64	Encontra Rishis que a asseguram de que tudo terminará bem. Encontra comboio de caravana.	123
65	Caravana é destruída por manada de elefantes. Damayanti vaga na cidade dos Chedis. É aceita pela rainha mãe.	128
66	Nala liberta um Rishi da forma de cobra. Morde Nala e então muda de forma. Nala instruído sobre onde ir, o que fazer.	131
67	Nala empregado na cidade de Rituparna.	132
68	Bhima envia Brahmanas para procurarem Nala e Damayanti. Damayanti é finalmente encontrada.	133
69	Damayanti retorna para os pais. Procura por Nala fortalecida.	135

70	Nala localizado. Sudeva enviado com mensagem sobre segundo swayamvara de Damayanti.	137
71	Nala é cocheiro para Rituparna. Varshneya suspeita que ele seja Nala.	138
72	Nala troca conhecimento de cavalos por conhecimento dos dados. Kali deixa seu corpo.	140
73	Rituparna chega e é bem recebido. Nenhum sinal de Nala para Damayanti. Nenhum swayamvara.	142
74	Kesini enviada por Damayanti para descobrir a identidade do motorista da carruagem.	143
75	Kesini reconhece Nala pela água, fogo, e gosto da carne que ele cozinha.	145
76	Nala e Damayanti reunidos.	146
77	Rituparna volta para casa.	148
78	Nala leva a melhor sobre Pushkara nos dados. Manda-o embora para sua velha cidade.	149
79	História concluída. Yudhishthira aprende ciência dos dados de Vrihadaswa. ----------	151
80	Pandavas se afligem pelo retorno de Arjuna.	152
81	Narada vai até os Pandavas. História de Bhishma e Pulastya.	154
82	Descrição de onde visitar lugares sagrados.	155
83	Viagem por lagos, descrições de (Pursa-) Rama e Mankamada (suco vegetal fluiu da mão dele).	160
84	Viagem por vaus sagrados.	169
85	Pulastya completa descrição para Bhishma. Termina em Prayaga. Menção de grandes Rishis (Valmiki, Kasyapa, Atreya, Kundajathara, Viswamitra, Gautama, Asita, Devala, Markandeya, Galava, Bharadwaja, Vasishtha, mais Munis: Uddalaka, Saunaka, Vyasa, Durvasas, Javali. Narada, Lomasa).	176
86	Yudhishthira deseja ir-se embora das florestas.	181
87	Dhaumya começa a relatar tirthas no leste para Yudhishthira.	183
88	Dhaumya continua (sul).	184
89	Dhaumya continua (oeste).	185
90	Dhaumya continua (norte).	186
91	Lomasa chega e relata mensagem de Sakra para Yudhishthira.	188
92	Pandavas partem para visitar os tirthas sagrados.	189
93	Partem com as bênçãos de Lomasa, Vyasa, Parvata e Narada.	190
94	Yudhishthira pergunta como é que ele tem mérito, mas também grande tristeza.	192
95	Começo da viagem aos tirthas. Shamatha conta dos sacrifícios de Gaya.	193
96	Lomasa relata história de Ilwala, Vatapi (saiu das pessoas depois de ter sido comido por elas), Lopamudra.	194
97	Agastya se casa com Lopamudra. Ela deseja cama confortável para relação sexual.	196
98	Agastya parte em busca de riqueza. Todos os reis tem renda e despesa iguais. Vai para Ilwala.	197
99	Vatapi cozido e oferecido – é digerido por Agastya. Ele recebe riqueza.	

	Concede filha Drishasyu para Lopamudra. Também história de Rama perdendo sua força. Rama encontra Rama.	198
100	História da era Krita. Dadhicha entrega seus ossos para a construção do Vajra para a destruição de Vritra.	201
101	Indra mata Vritra. Davanas se retiram para o mar e tramam destruição.	202
102	Davanas começam a comer Munis à noite.	204
103	Os deuses vão até Agastya (filho de Mitra e Varuna) pedir a ele para secar o oceano.	205
104	Agastya impede Vindhya de obstruir o caminho do sol.	206
105	Mar secado, mas Agastya não pode trazê-lo de volta!	207
106	História de Sagara – sessenta mil filhos, mais um filho.	208
107	Sacrifício de cavalos de Sagara. 60.000 filhos queimados por Kapila. Outro filho abandonado. Linhagem de neto.	209
108	Bhagiratha através de austeridades pede a Ganga para levar os 60.000 ancestrais para o céu. Siva para segurar o retorno de Ganga para a terra.	213
109	Ganga cai à terra, inunda local dos ancestrais, enche o mar.	214
110	História do rei de Anga e Rishyasringa – aliviar seca.	215
111	Mulher vai tentar Rishyasringa.	218
112	Rishi retorna – filho descreve a visita.	220
113	Rishyasringa vai para Anga. Chuva cai. Casado com Santa. Vibhandaka apaziguado.	221
114	Vaus sagrados.	222
115	História de Rama (filho de Jamadagni) e Arjuna (Haihaya).	224
116	Rama mata sua Mãe, então a devolve à vida.	227
117	Pai de Rama assassinado. Rama extermina todos os seguidores da casta militar. Deixa cinco lagos de sangue.	228
118	Vaus sagrados. Krishna e Balarama vão até os Pandavas.	229
119	Balarama fala contra Duryodhana.	231
120	Satyaki, Krishna e Yudhishthira falam.	232
121	Viagem continua. Menções às eras Treta e Kali.	235
122	História de Chayavana, olhos sendo perfurados por Sukanya.	236
123	Aswins fazem Chayavana jovem novamente. Ele lhes promete suco Soma.	237
124	Indra tenta impedir oferenda de Soma para os Aswins. Chayavana paralisa seu braço e volve um demônio sobre ele.	239
125	Indra cede. Demônio libertadoo (torna-se álcool, jogo, mulheres).	240
126	Nascimento de Mandhata do lado de seu pai, depois de beber água sacrifical.	241
127	Rei Somaka tem um filho – Jantu.	244
128	Jantu santificado por 100 filhos. Rei mais tarde se junta ao sacerdote no inferno por cometer o pecado.	245
129	Viagem.	246
130	Campo Kuru, Daksha declara que tudo que morre sobre ele irá para o céu.	247
131	Falcão e pombo e Usinara.	249
132	Ashtavakra, filho de discípulo de Uddalaka. Pai derrotado em controvérsia com Vandin e afogado.	250

133	Ashtavakra ganha admissão a Vandin por responder questões: Trovão, relâmpago, miséria, morte. Cocheiro vento, nuvem ou mente. Peixe = ser masculino sempre consciente. Ovo não se move quando produzido. Pedra, nenhuma essência como uma alma a qual renunciou conexão com o corpo. Rio aumenta por sua própria velocidade, como o coração de um Yogue.	252
134	**Ashtavakra derrota Vandin em discussão aumentando 1,2, ... 13.**	254
135	Bharadwaja e Raivya. Yavakri faz austeridades para aprender os Vedas.	258
136	Morte de Yavakri.	261
137	Bharadwaja se aflige, amaldiçoa Raivya, e então renuncia à vida.	262
138	Todos devolvidos à vida.	263
139	Lomasa avisa Yudhishthira para tomar cuidado no próximo passo da viagem.	264
140	Parte mais austera da viagem até agora começa.	265
141	História de Vishnu matando Daitya Naraka, e javali erguendo um mundo afundado na Era Krita.	268
142	Movem-se em direção ao monte Gandhamadana.	270
143	Draupadi cai por exaustão. Bhima chama Ghatotkacha.	271
144	Carregada por Rakshasas para o encantador eremitério de Nara e Narayana.	273
145	Bhima parte em busca de flores para Draupadi. Macaco (Hanuman) obstrui seu caminho.	275
146	Bhima não pode deslocar o rabo do Macaco.	279
147	**Hanuman conta história de Rama em resumo.**	281
148	Hanuman descreve os 4 Yugas.	282
149	Hanuman mostra sua forma completa. Descreve deveres Kshatriya para Bhima.	284
150	Bhima e Hanuman partem.	286
151	Bhima parte em direção ao lago de lotos dourados.	287
152	Aproxima-se do lago. Desafiado por guardas Rakshasas.	288
153	Bhima derrota os guardas; colhe lotos. Kuvera (deus da riqueza) permite isto.	289
154	Sinais do combate. Bhima é encontrado por irmãos e Draupadi.	290
155	Retorno ao eremitério de Nara e Narayana.	291
156	Rakshasa Jatasura sequestra os Pandavas. Bhima o mata.	292
157	Pandavas viajam para romântica floresta nas montanhas para esperar Arjuna.	295
158	Recebidos pelo sábio Arshtishena.	299
159	Draupadi pede a Bhima para ir para o topo. Bhima luta com Rakshasas.	301
160	Pandavas chegam. Kuvera, senhor dos tesouros, chega. Não está zangado com Bhima. Relata como predestinado, e o liberta da maldição de Agastya.	304
161	Kuvera fala para Yudhishthira. Parte.	306
162	Arshtishena e Dhaumya falam para os deuses, dia e noite.	308
163	Retorno de Arjuna está perto.	310
164	Arjuna retorna.	311

165	Purandara visita os Pandavas.	312
166	Arjuna começa a relatar história: luta com Siva.	312
167	Arjuna recebe armas de Indra. Enviado para matar Davanas.	315
168	Luta começa.	318
169	Luta.	319
170	Luta com ilusão.	320
171	Luta terminada.	321
172	Arjuna também destrói Asuras na cidade flutuante.	323
173	Conclui história.	326
174	Arjuna é impedido de exibir armas.	327
175	Bhima deseja voltar para lutar com Duryodhana. Pandavas partem.	328
176	Deixam montanha e se dirigem para os Himalayas.	329
177	Bhima se divertindo nas colinas. Agarrado por uma serpente.	331
178	Cobra explica maldição. Bhima está fraco.	332
179	Yudhishthira faz perguntas para a cobra (sábio Nahusha) sobre reconhecimento de Brahma.	335
180	Mais discussão sobre transmigração da alma, mente e intelecto. Voltam para casa.	337
181	Estação chuvosa começa.	339
182	**Krishna, Narada e Markandeya todos vão até os Pandavas. Markandeya fala sobre atos dos homens e resultados neste mundo e no seguinte.**	340
183	Grandeza dos Brahmanas.	345
184	Gautama e Atri.	346
185	Tarkshya perguntando para Saraswati o que é melhor fazer.	348
186	**Lenda do Peixe. Manu com Arca (similar a Noé).**	349
187	**Descrição do Kali Yuga, dissolução do Universo.**	352
188	Criador se dirigindo a Markandeya.	358
189	Descrição do fim do Kali Yuga.	361
190	Início da era Krita. Yudhishthira também pergunta do seu dever.	365
191	Poder dos Brahmanas – história dos corcéis Vami de Vamadeva.	367
192	Vaka responde para Indra sobre Alegria e Tristeza dos imortais.	372
193	Grandeza dos Kshatriyas.	374
194	Grandeza dos Kshatriyas.	375
195	Grandeza dos Kshatriyas.	375
196	Rei Sivi, Agni e Indra como Falcão e Pombo.	376
197	Narada conta para quatro grandes reis quem cairá do céu primeiro, e por que.	377
198	Pergunta sobre o de vida mais longa. História de Indradyumna, coruja, garça, tartaruga.	380
199	Muito mais questões: caridade, Brahmanas.	381
200	História de Dhundhumara. Vishnu fala para Utanka.	388
201	Vrihadaswa encontrado por Utanka.	390
202	Criação de Vishnu. Madhu e Kaitaba (Filho Dhundhu).	391
203	Kuvalaswa mata Dhundhu.	393
204	Yudhishthira pergunta sobre deveres das mulheres castas.	395

205	**História de Brahmana Kausika e a garça, e a mulher.**	396
206	**Caçador discute virtude com Kausika.**	399
207	**Caçador discute Karma com Kausika.**	404
208	**Caçador relata nascimento e morte. Karma. Fruto das ações.**	406
209	17 elementos sutis.	409
210	5 elementos maiores. Autodomínio.	410
211	Guna.	411
212	Fogos vitais (prana).	412
213	Levado para pais do caçador.	414
214	Brahmana avisado para voltar para os pais. Existência anterior do caçador.	415
215	Brahmana volta para casa.	417
216	Yudhishthira pergunta sobre fogo e deus do fogo.	419
217	Filhos de Angiras e Subha.	420
218	Fogos filhos de Vrihaspati.	420
219	Deuses, incluindo aqueles que obstruem sacrifícios (note Mitra Persa).	422
220	Mais sobre fogos.	422
221	Atharvan traz fogo de volta.	424
222	História de Kartikeya. Indra derrota Kesin.	425
223	Indra procura por marido para Devasena.	426
224	Agni se casa com Swaha. Poderoso Skanda nasce (6 esposas de 7 Rishis).	428
225	Sakra teme matar Skanda.) Referências a 3º, 4º, 5º) dias, etc. do mês lunar.	430
226	Indra perfura Skanda com raio. Novo Skanda.	431
227	Seguidores de Skanda. Mulheres se tornam mães do mundo.	432
228	Deveres de Sakra. Skanda se casa com Devasena.	433
229	Maus espíritos que habitam entre os homens: menos que 16; 16-70; livre de 70.	436
230	Batalha entre Deuses com Skanda, e Asuras. Nomes de Skanda.	439
231	Draupadi explica para Satyabhama como ela trata seus maridos.	445
232	Draupadi diz como adorar Krishna como um marido.	448
233	Krishna e Satyabhama partem.	449
234	Conversa na corte Kuru dos Pandavas. Frutos de ações.	450
235	Sakuni fala de ir menosprezar os Pandavas.	452
236	Karna, Sakuni, Duryodhana tramam visitar gado perto dos Pandavas.	453
237	Dhritarashtra é influenciado a dar permissão.	454
238	Duryodhana se aproxima do lago onde Yudhishthira está. Encontra Gandharvas.	456
239	Combate com Gandhavas.	457
240	Pandavas são pedidos para ajudar depois que Duryodhana é feito prisioneiro.	459
241	Yudhishthira promete ajuda.	460
242	Combate entre Arjuna e Gandhavas.	461
243	Combate termina abruptamente.	462
244	Duryodhana libertado – envergonhado.	464
245	Encontra-se com Karna.	465

246	Duryodhana relata sua derrota e libertação.	466
247	Duryodhana e seguidores mergulhados em tristeza.	467
248	Karna tenta alegrá-lo. Duryodhana deseja morrer.	469
249	Duryodhana levado perante Davanas.	469
250	Duryodhana influenciado pelos Davanas a lutar.	471
251	Mais conspiração contra os Pandavas.	473
252	Karna subjuga cidades vizinhas.	475
253	Preparação para sacrifício Vaishnava.	476
254	Convites para todos os Reis.	477
255	Término. Karna promete matar Arjuna em combate.	478
256	Veado pede para Yudhishthira deixar a floresta.	480
257	Vyasa vai aos Pandavas. Conversa sobre renascimento, frutos das ações.	481
258	Cereais de Mudgala e Durvasa.	482
259	Descrição do céu. Mudgala recusa e fixa sua mente em atingir Para Brahma.	484
260	Durvasa visita Duryodhana. Enviado para os Pandavas.	487
261	Krishna pega um grão de arroz e satisfaz Durvasa e seguidores, que fogem antes do banquete.	488
262	Rei de Sindhu se depara com Draupadi.	491
263	Eles se aproximam de Draupadi.	491
264	Draupadi fala.	492
265	Jayadratha convida Draupadi para ir embora com ele.	493
266	Draupadi é raptada à força.	494
267	Pandavas voltam e perseguem.	496
268	Pandavas são vistos se aproximando.	498
269	Draupadi libertada em luta. Jayadratha foge.	499
270	Jayadratha capturado e desonrado. Libertado.	502
271	Yudhishthira pergunta para Markandeya como Draupadi foi capturada. (--- História do Ramayana ---)	505
272	Nascimento de Ravana, Rama, Sita.	506
273	Ravana e seus irmãos ganham bênçãos de Brahma.	507
274	Nascimento de Deuses para a destruição de Ravana.	509
275	História de Rama. Exílio.	510
276	Sita é raptada.	512
277	Jatayu (rei Urubu) ataca Ravana e é morto.	514
278	Rama ajuda luta entre Sugriva e Vali. Sita é ressegurada por mulher Rakshasa da chegada de Rama.	517
279	Ravana tenta seduzir Sita.	520
280	Tropas de Sugriva procuram por Sita. Hanuman retorna com uma descoberta.	521
281	Ponte construída sobre o oceano. Vibhishana vai até Rama.	525
282	Batalha começa.	527
283	Heróis medem forças uns com os outros.	529
284	Macacos triunfando. Ravana provoca Kumbhakama.	530
285	Kumbhakama morto.	531
286	Indrajit luta. Rama e Lakshmana caem.	533

287	Indrajit morto. Avindhyu impede Ravana de matar Sita.	534
288	Ravana é morto.	536
289	Rama e Sita reunidos. ----------	538
290	Yudhishthira consolado por Markandeya.	541
291	Mérito puro de Savitri. História começa.	542
292	Savitri escolhe Satyavan, que morrerá em um ano.	544
293	Savitri se casa.	545
294	Dia da morte de Satyavan chega. Savitri vai para os bosques com ele.	546
295	Savitri obtém bênçãos de Yama, e devolve a vida a Satyavan.	548
296	Volta para casa.	554
297	Boa sorte para todos. História termina.	556
298	Sol tenta dissuadir Karna de doar brincos e armadura.	557
299	(Idem).	558
300	Sol recomenda que Karna aceite um dardo infalível em troca da armadura.	559
301	História de Karna. Filha de Kuntibhoja para servir Brahmanas.	560
302	Pritha serve Brahmana.	562
303	Brahmana parte deixando benefício para Kunti.	563
304	Kunti invoca o deus sol.	564
305	Sol concede filho para Kunti, deixando-a casta.	565
306	Kunti dá à luz, coloca criança no rio em um cesto.	567
307	Karna cresce.	568
308	Karna dá para Indra sua armadura e brincos em troca de um dardo que destruirá um inimigo poderoso.	569
309	Pandavas partem atrás de um veado com galho preso em seus chifres.	572
310	Quatro Pandavas um por vez partem em busca de água. Cada um cai morto perto do lago.	573
311	**Yudhishthira responde questões do grou. Grou permite que um viva. Yudhishthira escolhe Nakula – todos são ressuscitados.**	575
312	Grou identificado como Senhor da Justiça. Concede benefícios para Yudhishthira. (Seis: fome, sede, tristeza, rudeza do sentimento mortal, decrepitude, morte – 2 na primeira, 2 na segunda, e 2 na terceira parte da vida).	583
313	Preparação para viver 13º ano de exílio em disfarce.	584

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

(Aranyaka Parva)

1

Om! Tendo reverenciado a Narayana e Nara, o principal dos seres masculinos, como também a deusa Saraswati, a palavra "Jaya" deve ser proferida.

"Janamejaya disse, 'Ó tu principal dos regenerados, fraudulentamente derrotados nos dados pelos filhos de Dhritarashtra e seus conselheiros, enfurecidos por aqueles perversos que assim ocasionaram uma animosidade feroz, e endereçados em uma linguagem que era tão cruel, o que os príncipes Kuru, meus ancestrais, os filhos de Pritha (então) fizeram? Como também os filhos de Pritha, iguais a Sakra em bravura, privados de riqueza e subitamente subjugados pela miséria, passaram seus dias na floresta? Quem seguiu os passos daqueles príncipes mergulhados em grande aflição? E como aqueles de grande alma se mantiveram e tiraram seu sustento, e onde eles se acomodaram? E, ó asceta ilustre e principal dos Brahmanas, como aqueles doze anos (de exílio) daqueles guerreiros que eram matadores de inimigos, se passaram na floresta? E, não merecedora de dor, como aquela princesa, a melhor do seu sexo, dedicada a seus maridos, eminentemente virtuosa, e que sempre falava a verdade, aguentou aquele exílio doloroso na floresta? Ó tu de riqueza ascética, conte-me tudo isso em detalhes, pois, ó Brahmana, eu desejo te ouvir narrar a história daqueles heróis possuidores de coragem e brilho abundantes. Realmente minha curiosidade é grande.'

“Vaisampayana disse, ‘Assim derrotados nos dados e enraivecidos pelos filhos perversos de Dhritarashtra e seus conselheiros, os filhos de Pritha saíram de Hastinapura. E saindo através do portão Vardhamana da cidade, os Pandavas levando suas armas e acompanhados por Draupadi partiram na direção norte. Indrasena e outros, com servos numerando catorze ao todo, com suas esposas, os seguiram em carros velozes. E os cidadãos sabendo da partida deles se entristeceram muito, e começaram a criticar Bhishma e Vidura e Drona e Gautama. E se reunindo eles assim se dirigiram uns aos outros destemidamente.

'Ai, nossas famílias, nós, e nossas casas estão todos perdidos, pois o perverso Duryodhana, apoiado pelo filho de Suvala, por Karna e Dussasana, almeja este reino. E, oh, nossas famílias, nossos costumes (ancestrais), nossa virtude e prosperidade estão todos condenados pois aquele canalha pecaminoso apoiado por patifes tão pecaminosos aspira ao reino! E, oh, como pode a felicidade estar onde estes não estão? Duryodhana se porta com malícia para com todos os superiores, abandonou a boa conduta, e disputa com aqueles que lhe são próximos em sangue. Avarento e vaidoso e sovina, ele é cruel por natureza. Toda a terra está condenada quando Duryodhana se torna seu soberano. Daqui, portanto, vamos para onde os filhos piedosos e de grande alma de Pandu, com paixões sob controle e vitoriosos sobre inimigos, e possuidores de modéstia e renome, e dedicados a práticas virtuosas, se dirigem!'”

“Vaisampayana disse, ‘Assim dizendo, os cidadãos foram atrás dos Pandavas, e tendo-os encontrado, eles todos, com mãos unidas, se dirigiram dessa maneira aos filhos de Kunti e Madri.

'Abençoados sejam vocês! Aonde vão, nos deixando em aflição? Nós os seguiremos aonde vocês forem! Nós sem dúvida ficamos aflitos ao saber que vocês foram fraudulentamente vencidos por inimigos implacáveis! Não cabe a vocês abandonar a nós que somos seus súditos carinhosos e amigos leais sempre querendo o seu bem-estar e empenhados em fazer o que é agradável para vocês! Nós não desejamos ser esmagados na destruição indubitável vivendo nos domínios do rei Kuru. Ó touros entre homens, escutem como nós indicamos os méritos e deméritos surgidos respectivamente de associação com o que é bom e mau! Como tecido, água, a terra, e as sementes de gergelim são perfumados pela associação com flores, assim mesmo são as qualidades produzidas da associação. Em verdade a associação com tolos produz uma ilusão que enreda a mente, como a comunhão diária com os bons e sábios leva à prática da virtude. Portanto, aqueles que desejam a emancipação devem se associar com aqueles que são sábios e idosos e honestos e puros em conduta e possuidores de mérito ascético. Devem ser servidos aqueles cujas posses triplas, conhecimento (dos Vedas), origem e ações, sejam todos puros, e a associação com eles é sempre superior ao (estudo das) escrituras. Desprovidos de atos religiosos como nós somos nós ainda colheremos mérito religioso por associação com os justos, como nós obteríamos pecado por servir os pecaminosos. A própria visão e toque dos desonestos, e conversa e associação com eles causa diminuição da virtude, e os homens (que estão fadados a estes), nunca alcançam pureza mental. Associação com os egoístas prejudica a compreensão, como, de fato, com os indiferentes faz indiferentes, enquanto a comunhão com os bons sempre eleva. Todos aqueles atributos que são citados no mundo como fontes de mérito religioso, de prosperidade mundana e prazeres sensuais, os quais são respeitados pelas pessoas, exaltados nos Vedas, e aprovados pelos bem educados, existem em vocês, separadamente e conjuntamente! Portanto, desejosos do nosso próprio bem-estar, nós desejamos viver entre vocês que possuem estes atributos!’

Yudhishthira disse, ‘Abençoados somos nós, já que o povo com os Brahmanas em sua dianteira, movidos por afeto e compaixão nos creditam méritos que nós não temos. Eu, no entanto, com meus irmãos, pedirei para todos vocês fazerem uma coisa. Vocês não devem, por afeto e compaixão por nós, agir de outra maneira! Nosso avô Bhishma, o rei (Dhritarashtra), Vidura, minha mãe e a maioria dos meus simpatizantes estão todos na cidade de Hastinapura. Portanto, se vocês estão dispostos a procurar nosso bem-estar, cuidem deles com cuidado, unindo-se, pois eles estão dominados pela tristeza e aflições. Angustiados por nossa partida, vocês vieram longe! Voltem, e que seus corações sejam direcionados com ternura em direção aos parentes que eu confio a vocês como penhores! Esta, de todas as outras, é a única ação sobre a qual meu coração está fixado, e por fazer isso vocês me dariam grande satisfação e me prestariam seus melhores respeitos!’”

“Vaisampayana continuou, ‘Assim exortadas por Yudhishthira o justo, as pessoas em conjunto lamentaram, exclamando, ‘Ai, ó rei!’ E aflitas e entristecidas ao se lembrarem das virtudes do filho de Pritha, elas de má vontade voltaram se despedindo dos Pandavas.

Quando os cidadãos tinham parado de segui-los os Pandavas subiram em seus carros, e partindo alcançaram (o lado de) uma grande árvore banian chamada Pramana nas margens do Ganges. E alcançando o lado da árvore banian perto do fim do dia, os filhos heróicos de Pandu se purificaram tocando a água sagrada, e passaram a noite lá. E aflitos pela dor eles passaram aquela noite tendo somente água como seu sustento. Certos Brahmanas pertencentes a ambas as classes: os que mantinham o fogo sacrifical e os que não o mantinham, com seus discípulos e parentes, que seguiram por afeição os Pandavas até lá também passaram a noite com eles. E cercado por aqueles proferidores de Brahma o rei brilhava resplandecente em seu meio. E naquela noite, ao mesmo tempo bela e terrível, aqueles Brahmanas tendo acendido seus fogos (sagrados), começaram a cantar os Vedas e manter mútua conversação. E aqueles principais Brahmanas, com vozes suaves de cantores passaram a noite consolando aquele melhor dos Kurus, o rei.”

2

"Vaisampayana disse, 'Quando aquela noite passou e o dia nasceu, aqueles Brahmanas que se sustentavam por mendicância ficaram diante dos Pandavas de feitos nobres, que estavam prestes a entrar na floresta. Então o rei Yudhishthira, o filho de Kunti, endereçou-se a eles, dizendo, ‘Roubados de nossa prosperidade e reino, roubados de tudo, nós estamos prestes a entrar nas florestas profundas em tristeza, dependendo, para nossa alimentação, de frutas e raízes e dos produtos da caça. A floresta também é cheia de perigos, e cheia de répteis e animais predadores. Parece-me que nós certamente teremos que sofrer muita privação e miséria lá. Os sofrimentos dos Brahmanas poderiam dominar até os deuses. Que eles me subjugarão também é certo. Portanto, ó Brahmanas, voltem para onde quer que lhes agrade!'

Os Brahmanas responderam, ‘Ó rei, nosso caminho é exatamente aquele para o qual vocês estão se dirigindo! Não cabe a ti, portanto, abandonar a nós que somos teus admiradores leais praticantes da religião verdadeira! Os próprios deuses tem compaixão de seus adoradores, especialmente dos Brahmanas de vidas reguladas!’

Yudhishthira disse, ‘Ó regenerados, eu também sou devotado aos Brahmanas! Mas esta privação que me alcançou me submergiu em confusão! Estes meus irmãos que devem procurar frutas e raízes e veados (da floresta) estão entorpecidos pela dor resultante de suas aflições, e por causa da angústia de Draupadi e da perda do nosso reino! Ai, como eles estão atormentados, eu não posso empregá-los em tarefas penosas!’

Os Brahmanas disseram, 'Que nenhuma ansiedade, ó rei, a respeito da nossa subsistência, ache um lugar no teu coração! Nós mesmos providenciando nossa própria alimentação te seguiremos, e por meditação e dizendo nossas orações nós almejaremos o teu bem-estar enquanto com conversas agradáveis nós te entreteremos e nos encheremos de alegria.'

Yudhishthira disse, 'Sem dúvida deve ser como vocês dizem, pois eu estou sempre satisfeito com a companhia dos regenerados! Mas a minha condição caída me faz ver em mim mesmo um objeto de repreensão! Como eu verei vocês todos, que não merecem suportar incômodos, por amor a mim subsistindo penosamente de alimento obtido por seu próprio trabalho? Oh, que vergonha para os pecaminosos filhos de Dhritarashtra!'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim dizendo, o rei derramando lágrimas sentou-se no chão. Então um Brahmana erudito, de nome Saunaka, versado em autoconhecimento e especialista no sistema Sankhya de yoga endereçou-se ao rei, dizendo, 'Causas de dor às milhares, e causas de medo às centenas, dia após dia subjugam os ignorantes mas não os sábios. Certamente, homens sensatos como tu nunca se permitem ser iludidos por atos que são opostos ao conhecimento verdadeiro, repletos de todos os tipos de males e destrutivos da salvação. Ó rei, em ti habita aquela compreensão equipada com os oito atributos, a qual é considerada capaz de prevenir contra todos os males e que resulta de um estudo do Sruti (Vedas) e escrituras! E homens como tu nunca são entorpecidos, na acessão de pobreza ou de uma aflição alcançar seus amigos, através de inquietações físicas ou metais! Ouça, eu direi os slokas que foram cantados antigamente pelo ilustre Janaka concernentes à questão do autocontrole! Este mundo é afligido por sofrimentos corporais e mentais. Escute agora aos meios de aliviá-los enquanto eu os indico brevemente e em detalhes. Doença, contato com coisas dolorosas, trabalho pesado e falta de objetos desejados, estas são as quatro causas que induzem sofrimento corpóreo. E com relação à doença, ela pode ser aliviada pela aplicação de medicamentos, enquanto doenças mentais são curadas por procurar esquecê-las por meio de meditação yogue. Por esta razão, médicos sensatos procuram acalmar primeiro os sofrimentos mentais de seus pacientes por meio de conversa agradável e da oferta de objetos desejáveis. E como uma barra de ferro quente colocada em um jarro faz a água dentro dele ficar quente, assim a dor mental causa agonia corpórea. E como a água apaga o fogo, assim o conhecimento verdadeiro acalma a inquietude mental. E quando a mente alcança a tranquilidade, o corpo encontra a tranquilidade também. Parece que a afeição é a base de toda a tristeza mental. É a afeição que faz todas as criaturas infelizes e traz todas as espécies de tormentos. Em verdade, a afeição é a raiz de toda a tristeza e de todo o medo, de alegria e angústia e de todos os tipos de dor. Da afeição surgem todos os propósitos, e é da afeição que surge o amor aos bens mundanos! Ambos (os últimos) são fontes de mal, embora o primeiro (nossos propósitos) seja pior do que o segundo. E como (uma pequena porção de) fogo jogada dentro de uma árvore oca consome a própria árvore até as raízes, assim mesmo a afeição, mesmo pequena, destrói ambos virtude e lucro. Não se pode considerar como tendo renunciado ao mundo quem simplesmente se

afastou das posses mundanas. Aquele, no entanto, que, embora em real contato com o mundo observa atentamente as imperfeições dele pode ser considerado como tendo realmente renunciado ao mundo. Livre de todos os maus sentimentos e alma dependente de nada é alguém que realmente renunciou ao mundo. Portanto, ninguém deve procurar colocar suas afeições em amigos ou na riqueza que ganhou. E assim a afeição por sua própria pessoa deve ser extinta pelo conhecimento. Como a folha do lótus que nunca é ensopada pela água, as almas dos homens capazes de distinguir entre o efêmero e o eterno, dos homens dedicados à procura do eterno, conhecedores das escrituras e purificados pelo conhecimento, nunca podem ser movidas por afeição. O homem que é influenciado pela afeição é torturado pelo desejo; e é do desejo que surge em seu coração a sede pelo aumento de posses mundanas. Em verdade, esta sede é pecaminosa e é considerada como a fonte de todas as ansiedades. É esta sede terrível, repleta de pecado que inclina para atos injustos. Encontra a felicidade aquele que pode renunciar a esta sede, a qual nunca pode ser renunciada pelos pecaminosos, que não decai com a decadência do corpo, e que é realmente uma doença fatal! Ela não tem início nem fim. Residindo dentro do coração, ela destrói as criaturas como um fogo de origem incorpórea. E como um feixe de madeira é consumido pelo fogo que é alimentado por ele mesmo, assim mesmo uma pessoa de alma impura encontra a destruição pela avareza nascida de seu coração. E como as criaturas dotadas de vida tem sempre um medo da morte, assim homens de riquezas estão em constante receio do rei e do ladrão, da água e do fogo e até de seus parentes. E como um bocado de carne, se estiver no ar, pode ser devorado por aves; em terra por animais predadores; e na água pelos peixes; assim mesmo o homem de riqueza está exposto a perigos onde quer que ele possa estar. Para muitos a riqueza que eles possuem é seu veneno, e aquele que vendo felicidade na riqueza se torna apegado a ela não conhece felicidade verdadeira. E daí que a acessão de riqueza é vista como aquilo que aumenta a avareza e insensatez. Somente a riqueza é a causa da mesquinhez e jactância, orgulho e medo e ansiedade! São as misérias dos homens que os sábios vêem nas riquezas! Os homens sofrem tristezas infinitas na aquisição e retenção de riquezas. Seu gasto também é repleto de pesar. Mais ainda, às vezes, a própria vida é perdida por causa da riqueza! O abandono da riqueza produz miséria, e até aqueles que são cuidados pela riqueza de uma pessoa se tornam inimigos por causa daquela riqueza! Como, portanto, a posse de riquezas está repleta de tais tristezas uma pessoa não se deve se importar com sua perda. É somente o ignorante que é descontente. O sábio, no entanto, está sempre contente. A sede de riqueza nunca pode ser saciada. O contentamento é a maior felicidade; portanto os sábios consideram o contentamento como o maior objeto de perseguição. Os sábios, conhecendo a instabilidade da juventude e beleza, da vida e tesouros acumulados, da prosperidade e da companhia dos amados, nunca os cobiçam. Portanto, uma pessoa deve se abster da aquisição de riquezas, tolerando a dor incidente a isto. Ninguém que é rico está livre de incômodos, e é por isso que os virtuosos louvam aqueles que estão livres do desejo de riquezas. E com relação àqueles que buscam riquezas para propósitos virtuosos, é melhor para eles se refrearem totalmente de tal busca, pois, certamente, é melhor não tocar o lamaçal em absoluto do que se lavar depois de ter se sujado com ele. E, ó

Yudhishthira, não cabe a ti cobiçar qualquer coisa! E se tu tens virtude, emancipe a ti mesmo do desejo de posses mundanas!'

Yudhishthira disse, 'Ó Brahmana, este meu desejo de riqueza não é para desfrutá-la quando obtida. É somente para o sustento dos Brahmanas que eu a desejo e não porque estou influenciado pela avareza! Para que propósito, ó Brahmana, alguém como nós leva uma vida familiar, se ele não pode cuidar e sustentar aqueles que o seguem? Todas as criaturas são vistas dividir o alimento (que elas obtém) entre aqueles que dependem delas. Assim uma pessoa que leva uma vida familiar dá uma parte de seu alimento para Yatis e Brahmacharins que renunciaram a cozinhar para si mesmos. As casas dos bons homens nunca podem estar em falta de grama (para assento), espaço (para descanso), água (para se lavar e aliviar a sede), e, em quarto, palavras gentis. Para o esgotado, uma cama, para o cansado de ficar de pé, um assento, para o sedento, água, e para o faminto, uma alimentação devem sempre ser dados. Para um convidado são devidos olhares agradáveis e um coração alegre e palavras gentis. O anfitrião, erguendo-se, deve avançar em direção ao convidado, lhe oferecer um assento, e adorá-lo devidamente. Esta é a moralidade eterna. Aqueles que não realizam o Agnihotra (uma forma de sacrifício que consiste em despejar oblações de manteiga clarificada com preces no fogo), não cuidam dos touros nem de seus parentes e convidados e amigos e filhos e esposas e empregados, são consumidos pelo pecado por tal negligência. Ninguém deve cozinhar seu alimento somente para si mesmo e ninguém deve matar um animal sem oferecê-lo aos deuses, aos Pitris, e convidados. Nem se deve comer daquele alimento que não foi devidamente dedicado aos deuses e Pitris. Por espalhar o alimento sobre a terra, de manhã e à noite, para (o benefício de) cachorros e Chandalas e aves, uma pessoa deve realizar o sacrifício Viswedeva (o oferecimento de alimento à todas as criaturas da terra por espalhar uma porção). Aquele que come o Vighasa é considerado como comendo ambrosia. O que resta em um sacrifício depois do oferecimento para os deuses e Pitris é considerado como ambrosia; e o que resta depois de alimentar o convidado é chamado Vighasa e é equivalente à própria ambrosia. Alimentar um convidado é equivalente a um sacrifício, e os olhares agradáveis que o anfitrião lança sobre o convidado, a atenção que lhe dedica, as palavras gentis nas quais ele se dirige a ele, o respeito que lhe presta por segui-lo, e a comida e bebida com as quais ele o trata, são os cinco Dakshinas deste sacrifício. (Dakshina: um presente, que pode ser de vários tipos. As taxas pagas para os Brahmanas que ajudam nos sacrifícios e ritos religiosos, tais como o oferecimento de oblações para os mortos, são Dakshinas, como também presentes para os Brahmanas em outras ocasiões, particularmente quando eles são alimentados, isto traz até hoje em dia o costume de nunca alimentar um Brahmana sem lhe pagar uma taxa monetária. Não pode haver sacrifício, nem rito religioso, sem Dakshina). Aquele que dá sem restrição comida para um viandante fatigado nunca visto antes obtém grande mérito, e aquele que levando uma vida familiar segue tais práticas adquire méritos religiosos considerados muito grandes. Ó Brahmana, qual é tua opinião sobre isto?'"

Saunaka disse, 'Ai, este mundo é cheio de contradições! Aquilo que envergonha os bons, satisfaz os maus! Ai, movidos por ignorância e paixão e escravos dos seus próprios sentidos, até os tolos realizam muitos atos de (mérito aparente) para satisfazer seus apetites na vida após a morte! Com olhos abertos estes homens estão sendo desencaminhados por seus sentidos sedutores, assim como um cocheiro, que perdeu seus sentidos, por corcéis inquietos e maus! Quando algum dos seis sentidos encontra seu objeto específico, surge no coração o desejo de desfrutar daquele objeto específico. E assim quando o coração procede para desfrutar dos objetos de algum sentido específico, um desejo é nutrido, o qual por sua vez dá nascimento a uma resolução. E finalmente, como um inseto caindo numa chama por amor à luz, o homem cai no fogo da tentação, perfurado pelas flechas do objeto de prazer atiradas pelo desejo que constitui a semente da resolução! E desde então cegado pelo prazer sensual o qual ele procura sem restrição, e imerso em escura ignorância e loucura os quais ele confunde com um estado de felicidade, ele não conhece a si mesmo! E igual a uma roda que está constantemente girando, toda criatura, por ignorância e ações e desejo, cai em vários estados neste mundo, vagando de um nascimento para outro, e percorre todo o ciclo de existências de um Brahma à ponta de uma folha de grama, ora na água, ora sobre a terra, e ora no ar!

Esta então é a carreira daqueles que não tem conhecimento. Escute agora à conduta dos sábios, daqueles que estão concentrados na virtude proveitosa, e estão desejosos de emancipação! Os Vedas ordenam ação porém renúncia (do interesse na) ação. Portanto, tu deves agir, renunciando ao Abhimana (referente ao ser, isto é, sem o motivo de beneficiar seu próprio ser, ou sem qualquer motivo em absoluto). Realização de sacrifícios, estudo (dos Vedas), doações, penitência, verdade (em palavras e ações), perdão, subjugação dos sentidos, e renúncia ao desejo, estes são declarados como os oito (principais) deveres que constituem o caminho verdadeiro. Destes, os quatro primeiros pavimentam o caminho para o mundo dos Pitris. E estes devem ser praticados sem Abhimana. Os quatro últimos são sempre observados pelos piedosos, para alcançar o céu dos deuses. E os puros em espírito devem sempre seguir estes oito caminhos. Aqueles que desejam subjugar o mundo para propósito de salvação, devem sempre agir renunciando completamente aos motivos, subjugando efetivamente seus sentidos, cumprindo rigidamente votos específicos, servindo lealmente seus preceptores, regulando austeramente sua alimentação, estudando diligentemente os Vedas, renunciando à ação egoísta e reprimindo seus corações. Por renunciar ao desejo e aversão os deuses alcançaram prosperidade. É em virtude de sua riqueza de yoga (que consiste, no caso deles, de uma combinação de atributos pela negação dos contrários, isto é, pela renúncia aos motivos em tudo o que fazem), que os Rudras, e os Sadhyas, e os Adityas e os Vasus, e os gêmeos Aswins governam as criaturas. Portanto, ó filho de Kunti, como eles, ó Bharata, abstendo-te totalmente da ação com motivo, esforce-te por alcançar o êxito em yoga e por austeridades ascéticas. Tu já alcançaste sucesso até aqui quanto aos teus débitos com teus ancestrais, concernente aos homens e mulheres, e aquele sucesso também que é derivado da ação (sacrifícios). Por servir os regenerados, esforce-te para alcançar sucesso em penitências. Aqueles que são coroados com sucesso

ascético podem, em virtude daquele sucesso, fazer o que quer que eles desejem; portanto, praticando ascetismo realize todos os teus desejos."

3

“Vaisampayana disse, ‘Yudhishthira, o filho de Kunti, assim endereçado por Saunaka, aproximou-se de seu sacerdote e no meio de seus irmãos disse, ‘Os Brahmanas versados nos Vedas estão seguindo a mim que sou indo para a floresta. Afligido por muitas calamidades eu não posso sustentá-los. Eu não posso abandoná-los, nem tenho o poder para lhes oferecer sustento. Diga-me, ó santo, o que deve ser feito por mim em tal impasse.’”

"Vaisampayana disse, 'Depois de refletir por um momento procurando descobrir o caminho (apropriado) por seus poderes de yoga, Dhaumya, aquele principal de todos os homens virtuosos, endereçou-se a Yudhishthira nestas palavras, 'Antigamente, todos os seres vivos que foram criados estavam muito atormentados pela fome. E como um pai (para todos), Savita (o sol) teve compaixão por eles. E indo primeiro ao declive do norte, o sol secou água com seus raios, e voltando ao declive do sul, ficou sobre a terra, com seu calor centrado em si mesmo. E quando o sol assim estava sobre a terra, o senhor do mundo vegetal (a lua), convertendo os efeitos do calor solar (vapores) em nuvens e despejando-os na forma de água, fez as plantas nascerem. Assim é o próprio sol, que, encharcado pela influência lunar, é transformado, para o brotamento das sementes, em vegetais sagrados providos de seis sabores. E são estes que constituem o alimento de todas as criaturas sobre a terra. Assim o alimento que mantém as vidas das criaturas é animado pela energia solar, e o sol é, portanto, o pai de todas as criaturas. Então, ó Yudhishthira, refugie-te nele. Todos os monarcas ilustres de descendência e ações puras são conhecidos por terem libertado seu povo por praticar ascetismo elevado. O grande Karttavirya, e Vainya e Nahusha, todos, em virtude de meditação ascética precedida por votos libertaram seu povo de grandes aflições. Portanto, ó virtuoso, como tu és purificado pelas ações faça igualmente, entrando em uma vida de austeridades. Ó Bharata, sustente virtuosamente os regenerados.'”

"Janamejaya disse, 'Como aquele touro entre os Kurus, o rei Yudhishthira, por causa dos Brahmanas, adorou o sol de aparência extraordinária?'"

“Vaisampayana disse, ‘Ouça atentamente, ó rei, purificando a ti mesmo e afastando a tua mente de todas as outras coisas. E, ó rei de reis, fixe um tempo. Eu te direi tudo em detalhes. E, ó ilustre, ouça os cento e oito nomes (do sol) como eles foram revelados antigamente por Dhaumya para o filho de grande alma de Pritha. Dhaumya disse, ‘Surya, Aryaman, Bhaga, Twastri, Pusha, Arka, Savitri. Ravi, Gabhastimat, Aja, Kala, Mrityu, Dhatri, Prabhakara, Prithibi, Apa, Teja, Kha, Vayu, a única permanência, Soma, Vrihaspati, Sukra, Budha, Angaraka, Indra, Vivaswat, Diptanshu, Suchi, Sauri, Sanaichara, Brahma, Vishnu, Rudra, Skanda, Vaisravana, Yama, Vaidyutagni, Jatharagni, Aindhna, Tejasampati,

Dharmadhwaja, Veda-karttri, Vedanga, Vedavahana, Krita, Treta, Dwapara, Kali, cheio de todas as impurezas, Kala, Kastha, Muhurtta, Kshapa, Yama, e Kshana; Samvatsara-kara, Aswattha, Kalachakra, Bibhavasu, Purusha, Saswata, Yogin, Vyaktavyakta, Sanatana, Kaladhyaksha, Prajadhyaksha, Viswakarma, Tamounda, Varuna, Sagara, Ansu, Jimuta, Jivana, Arihan, Bhutasraya, Bhutapati, Srastri, Samvartaka, Vanhi, Sarvadi, Alolupa, Ananta, Kapila, Bhanu, Kamada, Sarvatomukha, Jaya, Visala, Varada, Manas, Suparna, Bhutadi, Sighraga, Prandharana, Dhanwantari, Dhumaketu, Adideva, Aditisuta, Dwadasatman, Aravindaksha, Pitri, Matri, Pitamaha, Swarga-dwara, Prajadwara, Mokshadwara, Tripistapa, Dehakarti, Prasantatman, Viswatman, Viswatomukha, Characharatman, Sukhsmatman, o piedoso Maitreya. Estes são os cento e oito nomes de Surya de energia imensurável, como contados pelo autocriado (Brahma). Para a aquisição da prosperidade, eu me curvo a ti, ó Bhaskara, brilhando como ouro ou fogo, que é adorado pelos deuses e Pitris e Yakshas, e que é adorado por Asuras, Nisacharas, e Siddhas. Aquele que com atenção fixa recita este hino ao nascer do sol obtém esposa e progênie e riquezas e a memória da sua existência anterior, e por recitar este hino uma pessoa consegue paciência e boa memória. Que um homem concentrando sua mente recite este hino. Por fazer isto, ele estará seguro contra a angústia e incêndios florestais e oceano e todo objeto de desejo será dele.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo ouvido de Dhaumya estas palavras apropriadas para a ocasião, Yudhishthira o justo, com coração concentrado dentro de si mesmo e purificando-o devidamente, se dedicou à meditação austera, movido pelo desejo de sustentar os Brahmanas. E adorando o fazedor do dia com oferendas de flores e outros artigos, o rei realizou suas abluções. E ficando de pé na correnteza ele virou seu rosto em direção ao deus do dia. E tocando a água do Ganges o virtuoso Yudhishthira com sentidos sob controle completo e dependendo só do ar como seu sustento, ficou lá com alma absorta engajado em pranayama (uma forma de yoga que consiste na mistura de alguns dos ares que existem em todo corpo animal. Estes ares são cinco: Prana, Apana, Samana, Udana e Vyana). E tendo se purificado e reprimido sua fala, ele começou a cantar o hino de louvor (ao sol).

Yudhishthira disse, 'Tu és, ó sol, o olho do universo. Tu és a alma de todas as existências corpóreas. Tu és a origem de todas as coisas. Tu és a encarnação dos atos de todos os homens religiosos. Tu és o refúgio daqueles que são versados na filosofia Sankhya (os mistérios da alma), e tu és o suporte dos Yogues. Tu és uma porta não fixada com raios. Tu és o refúgio daqueles que desejam a emancipação. Tu sustentas e revelas o mundo, e o santificas e sustentas por pura compaixão. Brahmanas versados nos Vedas aparecendo diante de ti te adoram na hora devida, recitando os hinos dos respectivos ramos (dos Vedas) que eles aplicam. Tu és o adorado dos Rishis. Os Siddhas, e os Charanas e os Gandharvas e os Yakshas, e os Guhyakas, e os Nagas, desejosos de obter bênçãos seguem teu carro percorrendo os céus. Os trinta e três deuses (os 8 Vasus, os 11 Rudras, os 12 Adityas, Prajapati e Vashatkara) com Upendra (Vishnu) e Mahendra, e a classe de Vaimanikas (uma classe de celestiais), alcançaram sucesso por te adorar. Por

te oferecer guirlandas de Mandaras celestiais (flores celestiais de muita fragrância) os melhores dos Vidyadharas obtiveram todos os seus desejos. Os Guhyas e as sete ordens dos Pitris, divinos e humanos, alcançaram superioridade por adorar somente a ti. Os Vasus, os Manilas, e os Rudras, os Sadhyas, os Marichipas, os Valikhilyas, e os Siddhas alcançaram preeminência por reverenciarem a ti. Não há nada que eu conheça em todos os sete mundos, incluindo aquele de Brahma, que esteja além de ti. Há outros seres grandiosos e dotados de energia; mas nenhum deles tem teu brilho e energia. Toda a luz está em ti, de fato, tu és o senhor de toda luz. Em ti estão os (cinco) elementos e toda a inteligência, e conhecimento e ascetismo e as propriedades ascéticas (as propriedades ascéticas são Anima, Laghima, etc). O disco pelo qual o manejador do Saranga (o arco de Vishnu, enquanto o de Siva é chamado Pinaka) humilha o orgulho dos Asuras e que é equipado com um belo cubo, foi forjado por Viswakarman com tua energia. No verão tu extrais, com teus raios, a umidade de todas as existências corpóreas e plantas e substâncias líquidas, e a despeja na estação chuvosa. Teus raios aquecem e chamuscam, e se tornando como nuvens bramem e relampeiam e derramam chuvas quando chega a estação. Nem fogo nem abrigo, e nem roupas de lã dão maior conforto a alguém que está sofrendo com os ventos frios do que teus raios. Tu iluminas com teus raios a Terra inteira com suas treze ilhas. Tu somente estás dedicado ao bem-estar dos três mundos. Se tu não surges, o universo se torna cego e os eruditos não podem se dedicar à obtenção de virtude, riqueza e lucro. É através de tua graça que as (três) classes de Brahmanas, Kshatriyas e Vaisyas podem realizar seus vários deveres e sacrifícios. Aqueles versados em cronologia dizem que tu és o início e tu és o fim de um dia de Brahma, o qual consiste em mil Yugas completos. Tu és o senhor dos Manus e dos filhos dos Manus, do universo e do homem, dos Manwantaras e seus senhores. Quando chega o tempo da dissolução universal, o fogo Samvartaka nascido da tua fúria consome os três mundos e existe só. E nuvens de várias cores geradas dos teus raios, acompanhadas pelo elefante Airavata e o trovão, causam os dilúvios ordenados. E dividindo a ti mesmo em doze partes e te tornando como muitos sóis, tu bebes o oceano uma vez mais com teus raios. Tu és chamado Indra, tu és Vishnu, tu és Brahma, tu és Prajapati. Tu és fogo e tu és a mente sutil. E tu és o senhor e o eterno Brahma. Tu és Hansa, tu és Savitri, tu és Bhanu, Ansumalin, e Vrishakapi. Tu és Vivaswan, Mihira, Pusha, Mitra, e Dharma. Tu tens mil raios, tu és Aditya, e Tapana, e o senhor dos raios. Tu és Martanda, e Arka, e Ravi, e Surya e Saranya e o fazedor do dia, e Divakara e Suptasaspti, e Dhumakeshin e Virochana. Tu és considerado como rápido em velocidade e o destruidor da escuridão, e o possuidor de corcéis amarelos. Aquele que te adora com reverência no sexto ou sétimo dia lunar com humildade e tranquilidade de mente obtém a graça de Lakshmi. Aqueles que com atenção indivisa te adoram e reverenciam são salvos de todos os perigos, agonias e aflições. E aqueles que crêem que tu estás em todos os lugares (sendo a alma de todas as coisas) tem vida longa, são libertos do pecado e desfrutam de uma imunidade contra todas as doenças. Ó senhor de todo o alimento, cabe a ti conceder alimento em abundância para mim que estou desejoso de alimento para entreter todos os meus convidados com reverência. Eu reverencio também a todos aqueles teus seguidores que tomaram refúgio nos teus pés, Mathara e Aruna e Danda e outros,

inclusive Asani e Kshuva e os outros. E eu reverencio também as mães celestes de todas as criaturas, Kshuva e Maitri e os outras da classe. Ó, que elas me entreguem seu suprimento.'"

"Vaisampayana disse, 'Dessa maneira, ó grande rei, o sol, aquele purificador do mundo, foi adorado (por Yudhishthira). E satisfeito com o hino, o fazedor do dia, auto-luminoso e resplandecente como fogo se mostrou ao filho de Pandu. E Vivaswan disse, 'Tu obterás tudo o que desejas. Eu fornecerei alimento para ti por cinco e sete anos juntos. E, ó rei, aceite este recipiente de cobre que eu te dou. E, ó tu de votos excelentes, enquanto Panchali mantiver este recipiente sem (ela mesma) partilhar de seu conteúdo, frutas e raízes e carne e vegetais cozidos na tua cozinha, estes quatro tipos de alimento, deste dia em diante serão inesgotáveis. E, daqui a quatorze anos tu recuperarás teu reino.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito isso o deus desapareceu. Aquele que, com o desejo de obter um benefício, recita este hino concentrando sua mente com abstração ascética obtém-no do sol, mesmo que possa ser de difícil aquisição o que foi pedido. E a pessoa, homem ou mulher, que recita ou ouve este hino dia após dia, se ele ou ela deseja um filho, obtém um, e se riquezas, as obtém, e se erudição adquire esta também. E a pessoa homem ou mulher que recita este hino todo dia nos dois crepúsculos, se em perigo, é liberto dele, e se cativo, é liberto dos grilhões. O próprio Brahma comunicou este hino ao ilustre Sakra, e de Sakra ele foi obtido por Narada e de Narada, por Dhaumya. E Yudhishthira, obtendo-o de Dhaumya, realizou todos os seus desejos. E é em virtude deste hino que alguém pode sempre obter vitória na guerra, e adquirir imensa riqueza também. E este leva o narrador, de todos os pecados, para a região solar.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo obtido a bênção, o virtuoso filho de Kunti, erguendo-se da água, tocou os pés de Dhaumya e então abraçou seus irmãos. E, ó nobre, indo então com Draupadi para a cozinha, e adorado por ela devidamente, o filho de Pandu se pôs a cozinhar a comida (do dia). E a comida limpa, embora pouca, que era temperada e possuía os quatro sabores, aumentou e se tornou inesgotável. E com ela Yudhishthira começou a alimentar os regenerados. E depois dos Brahmanas estarem alimentados, e seus irmãos mais novos também, o próprio Yudhishthira comeu da comida que restou, a qual é chamada de Vighasa. E depois que Yudhishthira tinha comido a filha de Prishata pegou o que restou. E depois que ela tinha feito sua refeição a comida do dia se esgotou.

E tendo assim obtido a bênção do fazedor do dia, o filho de Pandu, ele mesmo tão resplandecente como aquele celestial, começou a entreter os Brahmanas de acordo com seus desejos. E obedientes a seu sacerdote, os filhos de Pritha, em dias lunares e constelações e conjunções auspiciosos, realizaram sacrifícios segundo as ordenanças, as escrituras, e os Mantras. Depois dos sacrifícios, os filhos de Pandu, abençoados pelos ritos propícios realizados por Dhaumya e acompanhados por ele, e cercados também pelos Brahmanas partiram para as florestas de Kamyaka.'"

4

"Vaisampayana disse, ‘Depois que os Pandavas tinham ido para a floresta, Dhritarashtra, o filho de Amvika, cujo conhecimento era sua visão (Dhritarashtra, sendo cego, é descrito como Pragnachakshu, isto é, aquele cuja visão é o conhecimento), ficou extremamente triste. E sentado comodamente o rei endereçou estas palavras ao virtuoso Vidura de inteligência profunda, 'Tua compreensão é tão clara quanto a de Bhargava (Sukra, o grande preceptor dos Asuras). Tu conheces também todas as sutilezas ou moralidade, e olhas para todos os Kauravas de forma igual. Ó, diga-me o que é apropriado para mim e para eles. Ó Vidura, as coisas tendo tomado este rumo, o que nós fazemos agora? Como eu posso assegurar a boa vontade dos cidadãos para que eles não possam nos destruir totalmente? Ó, diga-nos tudo, pois tu és familiarizado com todos os recursos excelentes.'

Vidura disse, 'Os três propósitos, ó rei (lucro, prazer, e salvação), tem seus alicerces na virtude, e os sábios dizem que um reino também tem a virtude como sua base. Portanto, ó monarca, de acordo com o melhor do teu poder, cuide virtuosamente dos teus próprios filhos e daqueles de Pandu. Aquela virtude foi enganada por almas perversas com o filho Suvala em sua liderança, quando teus filhos convidaram o justo Yudhishthira e derrotaram-no no jogo de dados. Ó rei, deste feito de total iniquidade eu vejo a expiação pela qual, ó chefe dos Kurus, teu filho, livre do pecado, pode ganhar de volta sua posição entre os bons homens. Que os filhos de Pandu obtenham aquilo que foi dado a eles por ti. Pois, em verdade, é a maior moralidade que um rei permaneça contente com o que possui, e nunca cobice as posses de outros. O teu bom nome então não sofreria, nem ocorreriam dissensões familiares, nem a injustiça seria tua. Este então é o teu principal dever agora, gratificar os Pandavas e desgraçar Sakuni. Se tu desejas devolver para os filhos a boa sorte que eles perderam, então, ó rei, adote rapidamente esta linha de conduta. Se tu não agires assim, os Kurus certamente encontrarão a destruição, pois nem Bhimasena nem Arjuna, se enfurecidos, deixarão vivos alguns dos seus inimigos. O que há mundo que seja inalcançável para aqueles que tem entre seus guerreiros Savyasachin habilidoso com armas; que tem o Gandiva, a mais poderosa de todas as armas no mundo, como seu arco; e que tem entre eles o poderoso Bhima também como um guerreiro? Antigamente, logo que teu filho nasceu, eu te disse, ‘Abandone este teu filho inauspicioso. Nisto se encontra o bem da tua linhagem.’ Mas tu então não agiste de acordo. Nem também, ó rei, eu indiquei para ti o caminho do teu bem-estar. Se tu agires como eu te aconselhei tu não terás que te arrepender depois. Se teu filho concordar em reinar em paz juntamente com os filhos de Pandu, passando teus dias em alegria tu não terás do que te arrepender. Se for de outra maneira, abandone teu filho pela tua própria felicidade. Pondo Duryodhana de lado, instale o filho de Pandu na soberania, e que, ó rei, Ajatasatru, livre de paixões, governe a terra virtuosamente. Todos os reis da terra, então, como Vaisyas, sem demora, pagarão tributos a nós. E, ó rei, que Duryodhana e Sakuni e Karna sirvam os Pandavas com espontaneidade. E que Dussasana, em público, peça o perdão de Bhimasena e da filha de Drupada também. E pacifique Yudhishthira por colocá-lo

no trono com todos os sinais de respeito. Perguntado por ti, o que mais eu poderia te aconselhar a fazer? Fazendo isto, ó monarca, tu farias o que é apropriado.'

Dhritarashtra disse, 'Estas palavras, ó Vidura, que tu falaste nesta assembléia, com referência aos Pandavas e a mim mesmo, são para o bem deles mas não para o nosso. A minha mente não as aprova. Como foi que tu fixaste tudo isso na tua mente agora? Como tu falaste tudo isso em nome dos Pandavas eu percebo que tu não és favorável a mim. Como eu posso abandonar meu filho por causa dos filhos de Pandu? Sem dúvida eles são meus filhos, mas Duryodhana foi gerado do meu corpo. Quem então, falando com imparcialidade, me aconselharia a renunciar ao meu próprio corpo por cauda de outros? Ó Vidura, tudo o que tu dizes é desonesto, embora eu tenha-te em alta estima. Fique ou vá como quiseres. Embora muito possa lhe ser dado, uma mulher incasta abandonará seu marido.'"

"Vaisampayana disse, 'Ó rei, dizendo isso Dhritarashtra ergueu-se de repente e entrou em seus aposentos internos. E Vidura, dizendo 'Esta família está condenada', partiu para onde os filhos de Pritha estavam.'"

5

"Vaisampayana disse, 'Desejosos de viver na floresta, aqueles touros da raça Bharata, os Pandavas, com seus seguidores, saindo das margens do Ganges foram ao campo de Kurukshetra. E realizando suas abluções no Saraswati, no Drisadwati e no Yamuna, eles foram de uma floresta para outra, viajando na direção ocidental. E finalmente eles viram à sua frente as florestas Kamyaka, o retiro favorito dos Munis, situada em uma planície nivelada e selvagem nas margens do Saraswati. E naquela floresta, ó Bharata, cheia de aves e veados, aqueles heróis começaram a morar, entretidos e confortados pelos Munis. E Vidura, sempre desejando ver os Pandavas, foi em um único carro às florestas Kamyaka que eram cheias de todas as coisas boas. E chegando a Kamyaka em um carro levado por corcéis velozes, ele viu Yudhishthira o justo, sentado com Draupadi em um lugar retirado, cercado por seus irmãos e pelos Brahmanas. E vendo Vidura se aproximar de uma distância com passos rápidos, o rei virtuoso endereçou-se a seu irmão Bhimasena dizendo, 'Com que mensagem Kshatta vem a nós? Ele vem para cá, despachado por Sakuni, para nos convidar outra vez para um jogo de dados? Sakuni de mente pequena pretende ganhar outra vez nossas armas nos dados? Ó Bhimasena, desafiado por alguém se endereçando a mim: 'Venha', eu sou incapaz de obstar. E se nossa posse do Gandiva se tornar duvidosa, a aquisição do nosso reino também não será assim?'"

"Vaisampayana disse, 'Ó rei, os Pandavas então se ergueram e receberam Vidura. E recebido por eles, aquele descendente da linha Ajamida (Vidura) sentou-se no meio deles e fez as perguntas usuais. E depois que Vidura tinha descansado algum tempo, aqueles touros entre homens lhe perguntaram a razão

de sua vinda. E Vidura começou a relatar para eles em detalhes tudo com relação à conduta de Dhritarashtra, o filho de Amvika.'

Vidura disse, 'Ó Ajatasatru, Dhritarashtra me chamou, seu dependente, diante dele e me honrando devidamente disse, ‘As coisas se sucederam assim. Agora, diga-me o que é bom para os Pandavas assim como para mim.’ Eu disse o que era benéfico para os Kauravas e Dhritarashtra. Mas o que eu disse não foi apreciado por ele, nem eu pude encontrar alguma outra direção. O que eu aconselhei era, ó Pandavas, muito benéfico, mas o filho de Amvika não prestou atenção a mim. Como um remédio não se torna atraente para alguém que está doente, assim minhas palavras fracassaram em agradar o rei. E, ó tu sem inimigos, como toda esposa incasta na família de um homem de descendência pura não pode ser trazida de volta ao caminho da virtude, assim eu fracassei em trazer Dhritarashtra de volta. De fato, como uma jovem donzela não gosta de um marido de três marcas, assim mesmo Dhritarashtra não gostou das minhas palavras. Sem dúvida a destruição alcançará a raça Kuru, certamente Dhritarashtra nunca obterá boa sorte. Pois, como a água caída em uma folha de lótus não permanece lá, meus conselhos fracassarão em produzir qualquer efeito em Dhritarashtra. O enraivecido Dhritarashtra me disse, ‘Ó Bharata, vá para onde quiseres. Nunca mais eu procurarei tua ajuda para governar a terra ou minha capital’, ó melhor dos monarcas, abandonado pelo rei Dhritarashtra, eu venho a ti para te oferecer bom conselho. O que eu disse na corte pública eu agora repetirei para ti. Escute, e mantenha minhas palavras em mente, ‘Aquele homem sábio que suporta todos os insultos graves empilhados sobre ele por seus inimigos, e pacientemente aguarda sua hora, e multiplica seus recursos assim como homens gradativamente transformam um fogo pequeno em um fogo grande, governa sozinho toda esta terra. Aquele que (em prosperidade) desfruta de sua riqueza com seus partidários encontra neles participantes de sua adversidade, este é o melhor meio de assegurar partidários, e é dito que aquele que tem partidários ganha a soberania do mundo! E, ó Pandava, dividida tua prosperidade com teus partidários, comporte-te sinceramente com relação a eles, e converse com eles adequadamente! Divida também teu alimento com eles! E nunca te gabe na presença deles! Este comportamento aumenta a prosperidade dos reis!'

Yudhishthira disse, 'Recorrendo à tal inteligência elevada, imperturbado pela aflição, eu farei como tu me aconselhas! E qualquer outro conselho que tu possas me dar a respeito de hora e lugar eu seguirei totalmente com cuidado.'"

6

"Vaisampayana disse, 'Ó rei, depois que Vidura tinha ido para a residência dos Pandavas, Dhritarashtra, ó Bharata, de sabedoria profunda, se arrependeu de sua ação. E pensando na grande inteligência de Vidura em questões ligadas à guerra e paz, e também no engrandecimento dos Pandavas no futuro, Dhritarashtra, atormentado ao se lembrar de Vidura, tendo se aproximado da porta da sala de

estado caiu sem sentidos na presença dos monarcas (à espera). E recuperando a consciência, o rei ergueu-se do chão e assim se endereçou a Sanjaya que estava em espera, 'Meu irmão e amigo é como o próprio deus da justiça! Lembrando me dele hoje meu coração queima de dor! Vá, traga para mim sem demora meu irmão bem versado em moralidade!' Assim dizendo, o monarca chorou amargamente. E queimando de arrependimento, e cheio de tristeza pela recordação de Vidura, o rei, por afeto fraterno, se endereçou novamente a Sanjaya dizendo, 'Ó Sanjaya, vá e verifique se meu irmão, expulso por minha pessoa vil pela raiva, ainda vive! Aquele meu irmão sábio de inteligência incomensurável nunca foi culpado nem da menor transgressão, mas, por outro lado, ele é quem sobre uma injustiça grave nas minhas mãos! Procure-o, ó sábio, e traga-o para cá; senão, ó Sanjaya, eu sacrificarei minha vida!'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras do rei, Sanjaya expressou sua aprovação, e dizendo 'Assim seja' foi na direção das florestas Kamyaka. E chegando sem perda de tempo na floresta onde os filhos de Pandu moravam, ele viu Yudhishthira vestido em peles de veado, sentado com Vidura, no meio de Brahmanas aos milhares e protegido por seus irmãos, assim como Purandara no meio dos celestiais! E se aproximando de Yudhishthira, Sanjaya o adorou devidamente e foi recebido com o devido respeito por Bhima e Arjuna e os gêmeos. E Yudhishthira fez as perguntas usuais acerca do bem-estar dele, e quando ele estava sentado comodamente ele revelou a razão de sua visita nestas palavras, 'O rei Dhritarashtra, o filho de Amvika, ó Kshatta, se lembrou de ti! Voltando para ele sem perda de tempo, reviva o rei! E, ó melhor dos homens, com a permissão destes príncipes Kuru, estes principais dos homens, cabe a ti, por ordem daquele leão entre reis, retornar a ele!"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por Sanjaya, o inteligente Vidura, sempre ligado a seus parentes, com a permissão de Yudhishthira voltou à cidade que recebeu o nome de elefante. E depois que ele tinha se aproximado do rei, Dhritarashtra de grande energia, o filho de Amvika, endereçou-se a ele, dizendo, 'Somente pela minha boa sorte, ó Vidura, tu, ó impecável, conhecedor da moralidade, vieste para cá lembrando-te de mim! E, ó touro da raça Bharata, na tua ausência eu estava contemplando a mim mesmo, insone dia e noite, como alguém que se perdeu sobre a terra!' E o rei então tomou Vidura em seu colo e cheirou sua cabeça, e disse, 'Perdoe-me, ó impecável, pelas palavras que eu te disse!' E Vidura disse, 'Ó rei, eu te perdoei. Tu és meu superior, digno da maior reverência! Aqui estou eu, tendo voltado, avidamente desejando te ver! Todos os homens virtuosos, ó tigre entre homens, são (instintivamente) favoráveis àqueles que estão aflitos! Isto, ó rei, mal é resultado de deliberação! (Minha parcialidade pelos Pandavas procede desta causa)! Ó Bharata, teus filhos são tão queridos para mim como os filhos de Pandu, mas como os últimos estão agora em infortúnio meu coração se apieda deles!'

"Vaisampayana continuou, 'Endereçando-se um ao outro assim em palavras apologéticas, os dois irmãos ilustres, Vidura e Dhritarashtra, se sentiram muito felizes!'"

7

“Vaisampayana disse, ‘Sabendo que Vidura tinha voltado, e que o rei o tinha consolado, o filho de mente má de Dhritarashtra começou a queimar em angústia. Com sua mente nublada pela ignorância, ele convocou o filho de Suvala, e Karna e Dussasana, e se endereçou a eles dizendo, ‘O erudito Vidura, o ministro do sábio Dhritarashtra, voltou! Amigo dos filhos de Pandu, ele está sempre dedicado a fazer o que é benéfico para eles. Enquanto Vidura não consegue induzir o rei a trazê-los de volta, pensem todos no que possa me beneficiar! Se eu vir os filhos de Pritha voltarem para a cidade, eu ficarei novamente emaciado por renunciar à comida e à bebida, mesmo que não haja obstáculos no meu caminho! E eu ou tomarei veneno ou me enforcarei, ou entrarei na pira funerária ou me matarei com minhas próprias armas. Mas eu nunca poderei ver os filhos de Pandu em prosperidade!’

Sakuni disse, ‘Ó rei, ó senhor da terra, que insensatez tomou posse de ti! Os Pandavas foram para a floresta tendo feito uma promessa específica, assim isso que tu receias nunca ocorrerá! Ó touro da raça Bharata, os Pandavas sempre são fiéis à verdade. Eles, portanto, nunca aceitarão as palavras do teu pai! Se, no entanto, aceitando as ordens do rei eles voltarem à capital, violando seu voto, esta será nossa conduta: assumindo um aspecto de neutralidade, e em obediência aparente à vontade do monarca, nós vigiaremos de perto os Pandavas, mantendo nossos planos!’

Dussasana disse, 'Ó tio de grande inteligência, é assim como tu disseste! As palavras de sabedoria que tu proferes sempre se recomendam para mim!'

Karna disse, 'Ó Duryodhana, todos nós procuramos realizar a tua vontade, e, ó rei, eu vejo que a unanimidade prevalece entre nós no momento! Os filhos de Pandu, com paixões sob controle completo, nunca voltarão sem ter passado o período prometido. Se, no entanto, eles voltarem por falta de senso, derrote-os novamente nos dados.'”

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçado por Karna, o rei Duryodhana com coração triste desviou seu rosto de seus conselheiros. Notando tudo isto, Karna arregalando seus belos olhos e gesticulando veementemente com raiva, se dirigiu arrogantemente a Duryodhana e Dussasana e ao filho de Suvala, dizendo, 'Ó príncipes, saibam a minha opinião! Nós somos todos servos do rei (Duryodhana), servindo-o com palmas unidas! Nós devemos, portanto, fazer o que é agradável para ele! Mas nós não somos sempre capazes de procurar o bem-estar dele com presteza e atividade (devido à nossa dependência de Dhritarashtra)! Mas que nós agora, vestidos em cotas de malha e armados com nossas armas, subamos em nossos carros e vamos juntos matar os Pandavas que agora vivem na floresta! Depois que os Pandavas forem aquietados e depois deles terem partido na viagem desconhecida, nós e os filhos de Dhritarashtra encontraremos paz! Enquanto eles estiverem em infortúnio, enquanto eles estiverem em tristeza,

enquanto eles estiverem desprovidos de ajuda, nós estaremos equiparados a eles! Esta é minha opinião!'

Ouvindo estas palavras do filho do cocheiro, eles repetidamente o aplaudiram, e finalmente exclamaram, 'Muito bem'. E dizendo isso cada um deles subiu em seu carro, e otimistas do sucesso, eles se apressaram em conjunto para matar os filhos de Pandu. E sabendo por sua visão espiritual que eles tinham partido (com aquele objetivo), o mestre Krishna-Dwaipayana de alma pura os encontrou, e ordenou que eles desistissem. E despachando-os de volta, o santo, adorado por todos os mundos, rapidamente apareceu perante o rei cuja inteligência servia aos propósitos da visão, e que estava então sentado tranquilamente. E o santo se endereçou ao monarca dessa forma.''

8

"Vyasa disse, 'Ó sábio Dhritarashtra, ouça o que eu digo! Eu te direi o que é para o grande bem de todos os Kauravas! Ó tu de braços poderosos, não me agrada que os Pandavas tenham ido para a floresta derrotados desonestamente (nos dados) por Duryodhana e outros! Ó Bharata, no término do décimo terceiro ano, lembrando-se de todas as suas aflições, eles despejarão armas causadoras de morte, assim como veneno virulento, sobre os Kauravas! Por que teu filho pecaminoso de coração perverso, sempre inflamado com ira, procura matar os filhos de Pandu por causa de seu reino? Que o tolo seja contido, que teu filho permaneça quieto! Ao tentar matar os Pandavas no exílio ele somente perderá sua própria vida. Tu és tão honesto como o sábio Vidura, ou Bhishma, ou nós, ou Kripa, ou Drona, ó tu de grande sabedoria, desavenças com seus próprios parentes são proibidas, pecaminosas e repreensíveis! Portanto, ó rei, cabe a ti desistir de tais ações! E, ó Bharata, Duryodhana olha com tal ciúmes em direção aos Pandavas que um grande mal será a consequência, se tu não interferires. Ou que este teu filho pecaminoso, ó monarca, sozinho e desacompanhado, vá ele mesmo para a floresta e viva com os filhos de Pandu. Pois então, se os Pandavas, pela associação, sentirem alguma simpatia por Duryodhana, então, ó rei de homens, a boa sorte será tua. (Isto, no entanto, não pode ser)! Pois é sabido que a natureza congênita de uma pessoa não a deixa até a morte. Mas o que Bhishma e Drona e Vidura pensam? O que também tu pensas? Aquilo que é benéfico deve ser feito enquanto há tempo, senão teus propósitos não serão realizados.'

9

Dhritarashtra disse, ‘Ó santo, eu não gostei desse negócio de jogo, mas, ó Muni, eu penso que eu fui feito concordar com isto arrastado pelo destino! Nem Bhishma, nem Drona, nem Vidura, nem Gandhari gostaram deste jogo de dados. Sem dúvida, isto foi gerado pela insensatez. E, ó tu que te deleitas na observância

de votos, ó ilustre, sabendo de tudo mas ainda influenciado por afeto paterno eu não posso rejeitar meu filho insensato, Duryodhana!'

Vyasa disse, 'Ó rei, ó filho de Vichitravirya, o que tu dizes é verdadeiro! Nós sabemos bem que um filho é a melhor de todas as coisas e que não há nada que seja tão bom quanto um filho. Instruído pelas lágrimas de Suravi, Indra veio a saber que um filho supera em importância outras posses valiosas. Ó monarca, em relação a isto, eu narrarei para ti aquela excelente e melhor das histórias, a conversa entre Indra e Suravi. Antigamente, Suravi, a mãe das vacas, estava uma vez chorando nas regiões celestes. Ó filho, Indra teve compaixão por ela, e questionou-a, dizendo, 'Ó auspiciosa! Por que tu choras? Está tudo bem com os celestiais? Alguma desgraça qualquer, mesmo que muito pequena, aconteceu ao mundo dos homens ou serpentes?' Suravi respondeu, 'Nenhum mal aconteceu a ti que eu perceba. Mas eu estou aflita por causa do meu filho, e é por isso, ó Kausika, que eu choro! Veja, ó chefe dos celestiais, aquele agricultor cruel está espancando meu filho fraco com um pau de madeira, e oprimindo-o com o (peso do) arado, em consequência do qual meu filho agitado com agonia está caindo sobre o solo e está às portas da morte. À vista disto, ó senhor dos celestiais, eu estou cheia de compaixão, e minha mente está agitada! Aquele que é o mais forte do par está suportando sua carga de peso maior (com facilidade), mas, ó Vasava, o outro está magro e fraco e é uma massa de veias e artérias! Ele suporta sua carga com dificuldade! E é por ele que eu sofro. Veja, ó Vasava, violentamente atingido pelo chicote, e extremamente atormentado, ele é incapaz de suportar sua carga. E é por ele que, movida pela aflição, eu choro com o coração pesado e estas lágrimas de compaixão escorrem dos meus olhos!'

Sakra disse, 'Ó formosa, quando milhares dos teus filhos são (diariamente) oprimidos, por que tu te afliges por um sob sofrimento?' Suravi respondeu. 'Embora eu tenha mil filhos ainda assim meu amor flui igualmente em direção a todos! Mas, ó Sakra, eu sinto maior compaixão por um que seja fraco e inocente!'

Vyasa continuou, 'Então Indra, tendo ouvido estas palavras de Suravi, ficou muito surpreso, e ó tu da raça Kuru, ele se tornou convencido de que um filho é mais caro do que a vida! E o ilustre castigador de Paka então derramou de repente uma chuva grossa e causou a obstrução do trabalho do agricultor. E como Suravi disse, teu afeto, ó rei, flui igualmente para todos os teus filhos. Que este então seja maior por aqueles que estão fracos! E como meu filho Pandu é para mim, assim és tu, ó filho, e assim também Vidura de sabedoria profunda! É por afeição que eu te digo tudo isso! Ó Bharata, tu possuis cento e um filhos, mas Pandu tem somente cinco. E eles estão em uma má situação e passam seus dias em miséria. Como podem eles salvar suas vidas, como podem eles nutrir tais pensamentos com relação aos atormentados filhos de Pritha? Isto constantemente agita minha alma! Ó rei da terra, se tu desejas que todos os Kauravas vivam, que teu filho Duryodhana faça as pazes com os Pandavas!'

10

Dhritarashtra disse, ‘Ó Muni de sabedoria profunda, é assim como tu disseste! Eu sei bem disso assim como todos estes reis! De fato, o que tu consideras benéfico para os Kurus me foi indicado, ó Muni, por Vidura e Bhishma e Drona. E, se eu mereço teu favor, e se tu tens bondade para com os Kurus, aconselhe meu filho perverso Duryodhana!’

Vyasa disse, ‘Ó rei, depois de ter visto os irmãos Pandava, vem para cá o santo Rishi Maitreya, com o desejo de nos ver. Aquele Rishi poderoso, ó rei, admoestará teu filho pelo bem-estar desta linhagem. E, ó Kauravya, o que ele recomendar deve ser seguido indubitavelmente, pois se o que ele recomendar não for feito, o sábio amaldiçoará teu filho em fúria.’”

“Vaisampayana continuou, ‘Assim dizendo, Vyasa partiu, e Maitreya fez seu aparecimento. E o rei com seu filho recebeu respeitosamente aquele chefe de Munis cansado de viajar com oferendas de Arghya e outros ritos. E o rei Dhritarashtra, o filho de Amvika, em palavras de respeito assim se endereçou ao sábio, ‘Ó santo, a viagem para Kuru-jangala foi agradável? Aqueles heróis, os cinco Pandavas, vivem alegremente? Aqueles touros da raça Kuru pretendem ficar fora seu tempo? O afeto fraterno dos Kauravas será prejudicado?’

Maitreya disse, 'Partindo em uma peregrinação para diferentes santuários, eu cheguei à Kuru-jangala, e lá eu inesperadamente vi Yudhishthira o justo, nas florestas de Kamyaka. E, ó nobre, muitos Munis foram lá para ver Yudhishthira de grande alma, residindo em um retiro ascético, vestido em peles de veado e com cabelos emaranhados. Foi lá, ó rei de reis, que eu soube do grave erro cometido por teus filhos e da calamidade e do perigo terrível, resultantes dos dados, que os tinham alcançado. Portanto, é por isso que eu vim a ti, para o bem dos Kauravas, já que, ó exaltado, meu afeto por ti é grande e eu me alegro contigo! Ó rei, não é apropriado que teus filhos, por qualquer causa, disputem entre si, com tu mesmo e Bhishma vivendo. Tu és, ó rei, a estaca na qual os touros são amarrados (na corda de andar), e tu és competente para punir e recompensar! Por que tu então negligencias este grande mal que está prestes a alcançar a todos? E, ó descendente dos Kurus, por estes males que foram cometidos na tua corte, os quais são como as ações de párias desprezíveis, tu não és bem lembrado entre os ascetas!’”

"Vaisampayana continuou, 'Então se voltando ao colérico príncipe Duryodhana, o ilustre Rishi Maitreya se endereçou a ele nestas palavras gentis, 'Ó Duryodhana de braços poderosos, ó melhor de todos os homens eloquentes, ó ilustre, preste atenção às palavras que eu vou proferir para o teu bem! Ó rei, não procure briga com os Pandavas! E, ó touro entre homens, realize o teu próprio bem como também o dos Pandavas, dos Kurus e do mundo! Todos aqueles tigres entre homens são heróis da mais elevada destreza em guerra, dotados da força de dez mil elefantes, com corpos rígidos como o raio, mantendo jejum por suas

promessas, e orgulhosos de sua virilidade! Eles mataram os inimigos dos celestiais, aqueles Rakshasas capazes de assumir qualquer forma à vontade, aqueles que eram encabeçados por Hidimva e Kirmira! Quando aqueles de grande alma saíram daqui aquele Rakshasa de alma feroz obstruiu seu caminho noturno assim como uma colina imóvel. E assim como um tigre mata um veado pequeno, Bhima, aquele principal dentre todos os dotados de força, e sempre encantado em lutar, matou aquele monstro. Considere também, ó rei, que enquanto fora em sua campanha de conquista Bhima matou em batalha aquele guerreiro poderoso, Jarasandha, possuidor da força de dez mil elefantes. Parentes de Vasudeva e tendo os filhos do rei Drupada como seus cunhados, quem que esteja sujeito à decrepitude e morte poderia com eles em batalha? Ó touro da raça Bharata, que haja paz entre ti e os Pandavas! Siga meus conselhos e não te entregue à raiva!'

'Ó rei, assim admoestado por Maitreya, Duryodhana começou a dar tapas em sua coxa parecida com a tromba do elefante, e sorridente começou a riscar o chão com seu pé. E o patife pecaminoso não falou uma palavra, mas manteve sua cabeça baixa. E, ó monarca, vendo Duryodhana assim lhe fazer uma desfeita por riscar o chão silenciosamente, Maitreya ficou zangado. E, como se incumbido pelo destino, Maitreya, o melhor dos Munis, dominado pela cólera, fixou sua mente em amaldiçoar Duryodhana! E então, com olhos vermelhos de raiva, Maitreya, tocando a água, amaldiçoou o filho de mente má de Dhritarashtra, dizendo, 'Já que, me desdenhando, tu te recusas a agir segundo as minhas palavras, tu logo colherás o fruto desta tua insolência! Na grande guerra que virá dos males cometidos por ti, o poderoso Bhima esmagará esta tua coxa com um golpe da maça dele!'

Quando o Muni tinha falado assim o rei Dhritarashtra começou a acalmar o sábio, a fim de que o que ele tinha dito pudesse não acontecer. Mas Maitreya disse, 'Ó rei, se teu filho firmar a paz com os Pandavas, esta minha maldição, ó filho, não terá efeito, do contrário será como eu falei!'"

"Vaisampayana disse, 'Desejoso de averiguar o poder de Bhima, aquele principal dos reis, o pai de Duryodhana, então questionou Maitreya, dizendo, 'Como Kirmira foi morto por Bhima?'

Maitreya disse, 'Eu não falarei a ti novamente, ó rei, pois minhas palavras não são respeitadas por teu filho. Depois de eu ter partido Vidura narrará tudo para ti!' E assim dizendo Maitreya partiu para o lugar de onde ele tinha vindo. E Duryodhana também saiu perturbado pelas informações sobre a morte de Kirmira (pelas mãos de Bhima).'"

11

(Kirmirabadha Parva)

"Dhritarashtra disse, 'Ó Kshatta, eu estou desejoso de saber sobre a destruição de Kirmira! Conte-me como ocorreu o combate entre o Rakshasa e Bhimasena!'

Vidura disse, 'Escute à história desta façanha de Bhimasena de realizações sobre-humanas! Eu muitas vezes ouvi sobre ela no decorrer da minha conversa com os Pandavas (enquanto eu estava com eles).

Ó principal dos reis, derrotados nos dados os Pandavas partiram daqui e viajando por três dias e noites eles finalmente alcançaram aquelas florestas conhecidas pelo nome de Kamyaka. Ó rei, logo depois da hora terrível da meia-noite, quando toda a natureza está adormecida, quando os Rakshasas comedores de homens de feitos terríveis começam a vagar, os ascetas e os vaqueiros e outros caminhantes da floresta costumam evitar as florestas de Kamyaka e fugir para uma distância por medo de canibais. E, ó Bharata, como os Pandavas estavam naquela hora entrando naquelas florestas, um medonho Rakshasa de olhos flamejantes apareceu diante deles com um tição aceso, obstruindo seu caminho. E com braços esticados e rosto terrível, ele ficou obstruindo o caminho no qual aqueles perpetuadores da raça Kuru estavam prosseguindo. Com oito dentes salientes, com olhos cor de cobre, e com o cabelo de sua cabeça fulgurante e ereto, o demônio parecia uma massa de nuvens refletindo os raios do sol ou misturada com relâmpagos e ornada com bandos de grous voando. E proferindo gritos terríveis e rugindo como uma massa de nuvens carregada de chuva, o demônio começou a espalhar a ilusão própria da sua espécie. Ouvindo aquele rugido terrível, aves junto com outras criaturas viventes na terra ou na água começaram a correr em todas as direções, proferindo gritos de medo. E por causa dos veados e leopardos e búfalos e ursos fugindo em todas as direções, parecia que a própria floresta estava em movimento. E agitadas pelo vento erguido pelos suspiros do Rakshasa, trepadeiras que cresciam a uma grande distância pareciam abraçar as árvores com seus braços de folhas acobreadas. E naquele momento, um vento violento começou a soprar, e o céu ficou escurecido com a poeira que o cobriu. E como a dor é a maior inimiga do objeto dos cinco sentidos, assim mesmo apareceu diante dos Pandavas aquele inimigo desconhecido deles. E vendo os Pandavas a uma distância vestidos em camurças pretas, o Rakshasa impediu sua passagem pela floresta assim como a montanha Mainaka. E à visão dele, nunca vista antes, Krishna de olhos de lótus, agitada pelo medo, fechou seus olhos. E aquela cujas tranças tinham sido despenteadas pela mão de Dussasana, posicionada no meio dos cinco Pandavas, parecia com uma correnteza em meio a cinco colinas. E vendo-a tomada pelo medo os cinco Pandavas a sustentaram como os cinco sentidos influenciados pelo desejo aderem aos prazeres relativos a seus objetos. E Dhaumya de grande energia (ascética), na presença dos filhos de Pandu, destruiu a ilusão terrível que tinha sido espalhada pelo Rakshasa, por aplicar vários mantras, calculados para destruir o Rakshasa. E vendo sua ilusão dissipada, o poderoso Rakshasa de hábitos desonestos, capaz de assumir qualquer forma que quisesse, arregalou seus olhos em cólera e pareceu com a própria morte. Então o rei Yudhishthira, dotado de grande sabedoria, se dirigiu a ele dizendo, 'Quem és tu, e de quem és (filho)? Diga o que nós devemos fazer para ti.' O Rakshasa assim endereçado, respondeu a Yudhishthira o justo, dizendo, 'Eu sou o irmão de Vaka, o célebre Kirmira. Eu vivo em paz nestas florestas abandonadas de Kamyaka, diariamente obtendo minha comida por

derrotar homens em luta. Quem são vocês que se aproximam de mim na forma de minha comida? Derrotando todos vocês em combate, eu os comerei com prazer.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ó Bharata, ouvindo estas palavras do patife, Yudhishthira anunciou seu próprio nome e linhagem, dizendo, 'Eu sou o rei Yudhishthira o justo, filho de Pandu, de quem tu deves ter ouvido. Privado do meu reino, eu, com meus irmãos Bhimasena e Arjuna e os outros, no decurso das minhas viagens, cheguei a esta floresta terrível que é teu domínio, desejoso de passar meu período de exílio aqui!'

Vidura continuou, 'Kirmira disse a Yudhishthira, 'Por boa sorte é que o destino hoje realizou o meu desejo de muito tempo! Com armas erguidas eu tenho vagado constantemente por toda a terra com o objetivo de matar Bhima. Mas eu não encontrei Bhima. Por boa sorte é que o assassino do meu irmão, a quem eu vinha procurando tanto, veio perante mim! Foi ele quem no disfarce de um Brahmana matou meu querido irmão Vaka na floresta Vetrakiya em virtude de sua ciência. Ele não tem realmente força de braço! Foi também este de alma perversa quem antigamente assassinou meu caro amigo Hidimva, que vivia nesta floresta e raptou sua irmã! E este tolo agora veio a esta minha floresta profunda, quando metade da noite é passada, na mesma hora em que nós vagamos! Hoje eu realizarei a minha vingança muito tempo desejada sobre ele, e eu hoje gratificarei (o espírito) de Vaka com seu sangue em abundância! Por matar este inimigo dos Rakshasas, eu hoje serei liberto da dívida que tenho para com meu amigo e meu irmão, e assim alcançarei a felicidade suprema! Se Bhimasena foi deixado livre antigamente por Vaka, hoje eu o devorarei à tua vista, ó Yudhishthira! E assim como Agastya comeu e digeriu o Asura poderoso (Vatapi) eu comerei e digerirei este Bhima!'

Vidura continuou, 'Assim endereçado pelo Rakshasa, o virtuoso Yudhishthira, firme em suas promessas, disse, 'Nunca poderá ser assim', e com raiva repreendeu o Rakshasa. Bhima de braços poderosos então arrancou às pressas uma árvore do comprimento de dez Vyasas e despiu-a de suas folhas. No espaço de um instante Arjuna sempre vitorioso encordoou seu arco Gandiva possuindo a força do raio. E, ó Bharata, fazendo Jishnu desistir, Bhima se aproximou daquele Rakshasa ainda rugindo como as nuvens e disse a ele, 'Espere! Espere!' E assim se dirigindo ao canibal, e apertando o tecido em redor de sua cintura, e esfregando suas palmas, e mordendo seu lábio inferior com seus dentes, e armado com a árvore, o poderoso Bhima avançou em direção ao inimigo. E como Maghavat lançando seu raio, Bhima fez aquela árvore, parecendo com a maça do próprio Yama descer com força na cabeça do canibal. O Rakshasa, no entanto, foi visto permanecer impassível àquele golpe, e não vacilou no conflito. Por outro lado, ele arremessou seu tição aceso, flamejante como relâmpago, em Bhima. Mas aquele principal dos guerreiros desviou-o com seu pé esquerdo de tal maneira que ele voltou em direção ao Rakshasa. Então o feroz Kirmira, de sua parte, arrancando subitamente uma árvore, se lançou ao combate como a maça levando o próprio Yama. E aquela luta, tão destrutiva de árvores, parecia com o confronto nos tempos passados entre os irmãos Vali e Sugriva pela posse da mesma mulher. E as árvores golpeavam as cabeças dos combatentes, e eram

quebradas em fragmentos, como talos de lotos jogados nas têmporas de elefantes enfurecidos. E naquela grande floresta, árvores inumeráveis, esmagadas como juncos, jaziam espalhadas como trapos. Aquele combate com árvores entre aquele principal dos Rakshasas e aquele melhor dos homens, ó tu touro da raça Bharata, durou somente um momento. Então erguendo um rochedo, o furioso Rakshasa arremessou-o em Bhima que permanecia diante dele, mas o último não vacilou. Então como Rahu indo devorar o sol dispersando seus raios com braços esticados, o Rakshasa com braços esticados se precipitou em direção a Bhima, que tinha permanecido firme sob o golpe infligido com o rochedo. E arrastando e agarrando um ao outro de diversas maneiras eles pareciam dois touros enfurecidos lutando entre si. Ou como dois tigres poderosos armados com dentes e garras, e o combate entre se tornou feroz e duro. E se lembrando da sua (recente) ignomínia nas mãos de Duryodhana, e orgulhoso da força dos seus braços, e consciente também de Krishna olhando para ele, Vrikodara começou a crescer em vigor. E tomado pela raiva, Bhima agarrou o Rakshasa com seus braços, como um elefante no cio agarra outro. E o Rakshasa poderoso também por sua vez agarrou seu adversário, mas Bhimasena, aquele principal de todos os homens dotados de força, jogou o canibal para baixo com violência. Os sons que aqueles combatentes poderosos faziam pressionando as mãos um do outro eram terríveis e pareciam com os sons de bambus se lascando. E arremessando o Rakshasa para baixo, Bhima agarrou-o pela cintura, e começou a girá-lo em volta, assim como um furacão violento sacode uma árvore. E agarrado dessa maneira pelo poderoso Bhima, o Rakshasa fatigado ficou desfalecido, e tremendo completamente, ele ainda apertava o (Pandava) com toda sua força. E, percebendo-o fatigado, Vrikodara colocou seus próprios braços em volta do inimigo, assim como alguém amarra um animal com corda. E o monstro então começou a rugir terrivelmente, como uma trombeta com defeito. E o poderoso Vrikodara por um longo tempo girou o Rakshasa até que o último apareceu estar insensível, e começou a se mover convulsivamente. Ao descobrir o Rakshasa esgotado, o filho de Pandu sem perda de tempo pegou-o em seus braços e matou-o como um animal. E colocando seu joelho na cintura daquele Rakshasa vil, Vrikodara começou a apertar o pescoço do inimigo com suas mãos. Então Bhima, arrastando pela terra o corpo machucado do Rakshasa com as pálpebras prestes a se fechar, disse, 'Ó canalha pecaminoso, tu não terás mais que enxugar as lágrimas de Hidimva ou Vaka, pois tu estás prestes a ir para as mansões de Yama!' E dizendo isso, aquele principal dos homens, seu coração cheio de ira, vendo o Rakshasa desprovido de vestuário e ornamentos, e inconsciente, e sofrendo convulsões, deixou-o morto. E depois que aquele Rakshasa de cor como a das nuvens tinha sido morto, o filho daquele melhor dos reis (Pandu) louvou Bhima por suas muitas qualidades, e colocando Krishna em sua frente, partiu para as florestas Dwaita.'

Vidura disse, 'Foi assim, ó senhor de homens, que Kirmira foi morto em combate por Bhima, em obediência, ó Kaurava, às ordens de Yudhishthira o justo! E tendo livrado a floresta de sua peste, o vitorioso Yudhishthira o justo começou a viver naquela sua residência, com Draupadi. E aqueles touros da raça Bharata, confortando Draupadi, começaram a exaltar Bhima alegremente com corações

contentes. E depois que o Rakshasa tinha sido morto, derrotado pelo poder dos braços de Bhima, aqueles heróis entraram naquela floresta pacífica livre de seu aborrecimento. Passando pela grande floresta eu vi jazendo o corpo do Rakshasa pecaminoso e destemido morto pelo poder de Bhima. E, ó Bharata, lá eu ouvi sobre esta realização de Bhima daqueles Brahmanas que se reuniram em volta dos Pandavas.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo o relato sobre a morte de Kirmira em combate, aquele principal dos Rakshasas, o rei suspirou em tristeza e ficou absorto em pensamentos.'"

12

(Arjunabhigamana Parva)

"Vaisampayana disse, 'Sabendo que os Pandavas tinham sido banidos, os Bhojas, os Vrishnis, e os Andhakas foram até aqueles heróis residindo em aflição na grande floresta. E os parentes consanguíneos de Panchala, e Dhrishtaketu, o rei de Chedi, e aqueles irmãos célebres e poderosos, os Kaikeyas, com seus corações inflamados pela cólera, foram para a floresta ver os filhos de Pritha. E criticando os filhos de Dhritarashtra, eles disseram, 'O que nós devemos fazer?' E aqueles touros da raça Kshatriya, com Vasudeva em sua liderança, sentaram-se em volta de Yudhishthira o justo. E respeitosamente saudando o principal dos Kurus, Kesava disse pesarosamente, 'A terra beberá o sangue de Duryodhana e Karna, de Dussasana e do pecaminoso Sakuni! Matando-os em batalha e derrotando seus seguidores junto com seus aliados reais, nós todos instalaremos Yudhishthira o justo no trono! Os perversos merecem ser mortos! Na verdade, esta é a moralidade eterna.'"

"Vaisampayana continuou, 'E quando por conta dos males dos filhos de Pritha Janardana tinha se enfurecido dessa maneira, e parecia disposto a consumir todas as coisas criadas, Arjuna se esforçou para acalmá-lo. E vendo Kesava zangado, Falguna começou a recitar as façanhas realizadas em suas vidas anteriores por aquela alma de todas as coisas, ele mesmo imensurável, eterno, de energia infinita, o senhor do próprio Prajapati, o soberano supremo dos mundos, Vishnu de sabedoria profunda!'

Arjuna disse, 'Antigamente, tu, ó Krishna, vagaste nas montanhas Gandhamadana por dez mil anos como um Muni tendo seu lar onde a noite caísse! Vivendo só de água, tu, nos tempos passados, ó Krishna, também moraste por onze mil anos completos ao lado do lago de Pushkara! E, ó matador de Madhu, com braços erguidos e permanecendo sobre uma perna, tu passaste cem anos nas altas colinas de Vadari, todo o tempo vivendo do ar! (Vadari é também chamado Vadarika, um eremitério no Himalaya perto das fontes do Ganges). E deixando de lado tua peça de roupa superior, com corpo emaciado e parecendo com um feixe de veias, tu viveste nas margens do Saraswati, empenhado no teu sacrifício que se estendia por doze anos! E, ó Krishna de energia poderosa, no

cumprimento do teu voto tu permaneceste sobre uma perna pela duração de mil anos dos celestiais, nas planícies de Prabhasa às quais cabe aos virtuosos visitar! Vyasa me disse que tu és a causa da criação e seu rumo! E, ó Kesava, o senhor de Kshetra, tu és o movedor de todas as mentes, e o início e fim de todas as coisas! Todo ascetismo se apóia em ti, e tu também és a encarnação de todos os sacrifícios, e o único eterno! Matando o Asura Naraka, prole do primogênito da Terra, tu obtiveste seus brincos, e realizaste, ó Krishna, o primeiro Sacrifício de Cavalo (oferecendo aquele Asura como o cavalo sacrifical)! E, ó touro de todos os mundos, tendo realizado aquela façanha, tu te tornaste vitorioso sobre todos! Tu mataste todos os Daityas e Danavas reunidos em batalha, e dando ao marido de Sachi (Indra) a soberania do universo, tu, ó Kesava de braços poderosos, tomaste teu nascimento entre os homens! Ó matador de todos os inimigos, tendo flutuado nas águas primordiais, tu posteriormente te tornaste Hari (a semente desenvolvida que se expande no vasto conjunto do universo) e Brahma e Surya e Dharma, e Dhatri e Yama e Anala e Vasu, e Vaisravana, e Rudra, e Kala e o firmamento, a terra, e as dez direções! Tu mesmo incriado, tu és o senhor do universo móvel e imóvel, o Criador de tudo, ó tu principal de todas as existências! E, ó matador de Madhu, ó tu de energia abundante, na floresta de Chitraratha, ó Krishna, tu gratificaste com teu sacrifício o principal de todos os deuses, o mais sublime dos sublimes! Ó Janardana, em cada sacrifício tu oferecestes, de acordo com partes, ouro às centenas e milhares. E, ó filho da raça Yadava, tornando-te o filho de Aditi, ó exaltado dos atributos supremos, tu foste conhecido como o irmão mais novo de Indra! E, ó castigador de inimigos, mesmo enquanto uma criança, tu, ó Krishna, por causa da tua energia preencheste somente com três passos o céu, o firmamento, e a terra! E, ó tu alma de tudo, cobrindo o céu e o firmamento (enquanto tu estavas assim transformado), tu habitaste no corpo do sol e o afligiste com teu próprio esplendor! E, ó sublime, em tuas encarnações naquelas milhares de ocasiões, tu mataste, ó Krishna, Asuras pecaminosos às centenas! Por destruir os Mauravas e os Pashas, e matando Nisunda e Naraka, tu novamente tornaste segura a estrada para Pragjyotisha! Tu mataste Ahvriti em Jaruthi, e Kratha e Sisupala com seus partidários, e Jarasandha e Saivya e Satadhanwan! E no teu carro rugindo como as nuvens e refulgente como o sol, tu obtiveste como tua rainha a filha de Bhoja, derrotando Rukmi em batalha! Tu em fúria mataste Indradyumna e o Yavana chamado Kaseruman! E matando Salwa, o senhor de Saubha, tu destruíste aquela cidade do próprio Saubha! Estes todos foram mortos em batalha; ouça-me enquanto eu falo de outros (também mortos por ti)! Em Iravati tu mataste o rei Bhoja igual a Karttavirya em batalha, e ambos Gopati e Talaketu também foram mortos por ti! E, ó Janardana, tu também te apropriaste da cidade sagrada de Dwarka, cheia de riqueza e agradável para os próprios Rishis, e tu irás submergi-la no fim dentro do oceano! Ó matador de Madhu, como pode a maldade estar em ti, desprovido como tu és, ó tu da linhagem Dasarha, de raiva e inveja e mentira e crueldade? Ó tu que não conheces deterioração, todos os Rishis, indo até ti sentado em tua glória sobre o solo sacrifical, procuram tua proteção! E, ó matador de Madhu, tu permaneces no fim do Yuga, contraindo todas as coisas e recolhendo este universo no teu próprio ser, tu repressor de todos os inimigos! Ó tu da raça Vrishni, no início do Yuga, surgiu do teu umbigo como lótus o próprio Brahma, o senhor de todas as coisas

móveis e imóveis, e de quem é este universo inteiro! Quando os terríveis Danavas Madhu e Kaitava estavam dispostos a matar Brahma, vendo seu esforço ímpio tu ficaste zangado, e da tua testa, ó Hari, surgiu Sambhu, o manejador do tridente. Assim aquelas duas principais das divindades surgiram do teu corpo para fazer teu trabalho! Foi Narada quem me disse isto! Ó Narayana, na floresta de Chaitraratha tu celebraste com presentes abundantes um grandioso sacrifício consistindo de uma multidão de ritos! Ó Deus, ó tu de olhos como folhas de lótus, os atos que tu realizaste enquanto ainda eras um menino, recorrendo ao teu poder e ajudado por Baladeva, nunca foram feitos por outros, nem são capazes de ser realizados por outros no futuro! Tu mesmo moraste em Kailasa, acompanhado por Brahmanas!'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo se dirigido a Krishna dessa maneira, o ilustre Pandava, que era a alma de Krishna, ficou mudo, quando Janardana (em resposta se dirigiu àquele filho de Pritha) dizendo, 'Tu és meu e eu sou teu, enquanto tudo o que é meu é teu também! Aquele que te odeia me odeia também, e aquele que segue a ti segue a mim! Ó irreprimível, tu és Nara e eu sou Narayana ou Hari! Nós somos os Rishis Nara e Narayana nascidos no mundo dos homens para um propósito especial. Ó Partha, tu és de mim e eu sou de ti! Ó touro da raça Bharata, ninguém pode compreender a diferença que existe entre nós!'"

"Vaisampayana continuou, 'Quando o ilustre Kesava tinha falado dessa maneira no meio daquela reunião de reis valentes, todos excitados pela raiva, Panchali circundada por Dhrishtadyumna e seus outros irmãos heróicos se aproximou daquele de olhos como folhas de lótus sentado com seus primos, e, desejosa de proteção, se dirigiu em tons zangados àquele refúgio de tudo, dizendo, 'Asita e Devala disseram que na questão da criação de todas as coisas, tu foste indicado (pelos sábios) como o único Prajapati e o Criador de todos os mundos! E, ó irreprimível, Jamadagnya disse que tu és Vishnu, e, ó matador de Madhu, que tu és a (encarnação do) Sacrifício, Sacrificador e aquele para quem o sacrifício é realizado! E, ó melhor dos seres masculinos, os Rishis te indicam como Perdão e Verdade! Kasyapa disse que tu és Sacrifício surgido da Verdade! Ó exaltado, Narada te chama de deus dos Sadhyas, e dos Sivas, como único Criador e Senhor de todas as coisas. E, ó tigre entre homens, tu repetidamente te divertes com os deuses incluindo Brahma e Sankara e Sakra assim como crianças se divertindo com seus brinquedos! E, ó sublime, o firmamento é coberto por tua cabeça, e a terra por teus pés; estes mundos são como teu ventre e tu és o Eterno! Para Rishis santificados por saber Védico e ascetismo, e cujas almas estão purificadas por penitência, e que estão satisfeitos com a visão da alma, tu és o melhor de todos os objetos! E, ó principal de todos os seres masculinos; tu és o refúgio de todos os sábios nobres dedicados a ações virtuosas, que nunca viram suas costas no campo de batalha, e possuidores de todas as habilidades! Tu és o Senhor de tudo, tu és Onipresente, tu és a Alma de todas as coisas, e tu és o poder ativo permeando tudo! Os soberanos dos vários mundos, aqueles próprios mundos, as conjunções estelares, os dez pontos do horizonte, o firmamento, a lua, e o sol, estão todos estabelecidos em ti! E, ó de braços fortes, a moralidade das criaturas (terrestres), a imortalidade do universo, estão estabelecidas em ti! Tu és

o senhor Supremo de todas as criaturas, celestes ou humanas! Portanto, ó matador de Madhu, é que impelida pelo afeto que tu tens por mim eu relatarei para ti minhas angústias! Ó Krishna, como pode alguém como eu, a esposa dos filhos de Pritha, a irmã de Dhrishtadyumna, e tua amiga, ser arrastada à assembléia? Ai, durante meu período (menstrual), manchada com sangue, com somente um único tecido posto, tremendo totalmente, e chorando, eu fui arrastada à corte dos Kurus! Vendo-me manchada com sangue na presença daqueles reis na assembléia, os filhos pecaminosos de Dhritarashtra riram de mim! Ó matador de Madhu, estando os filhos de Pandu e os Panchalas e os Vrishnis vivos, eles ousaram expressar o desejo de me usar como sua escrava! Ó Krishna, eu sou, segundo a ordenança, a nora de Dhritarashtra e Bhishma! Ainda assim, ó matador de Madhu, eles desejaram fazer de mim uma escrava pela força! Eu culpo os Pandavas que são poderosos e principais em batalha, pois eles viram (sem se moverem) sua própria esposa conhecida por todo o mundo, tratada com semelhante crueldade! Oh, que vergonha para o poder de Bhimasena, que vergonha para o Gandiva de Arjuna, pois eles, ó Janardana, ambos me permitiram ser assim desonrada por poucos homens! Esta direção eterna de moralidade é sempre seguida pelos virtuosos, isto é, que o marido, embora fraco, protege sua esposa! Por proteger a esposa um homem protege sua prole e por proteger a prole ele protege a si mesmo! O próprio homem é gerado em sua esposa, e portanto a mulher é chamada de Jaya. Uma esposa também deve proteger seu marido, lembrando-se de que ele tomará seu nascimento no útero dela! Os Pandavas nunca abandonam a pessoa que pede sua proteção, e ainda assim eles abandonaram a mim que a solicitei! Com meus cinco maridos cinco filhos de energia excelente nasceram de mim: Prativindhya com Yudhishthira, Sutasoma com Vrikodara, Srutakirti com Arjuna, Satanika com Nakula e Srutakarman com mais novo, todos eles de energia que não pode ser frustrada. Por causa deles, ó Janardana, era necessário me proteger! Assim como (teu filho) Pradyumna, eles são, ó Krishna, todos guerreiros poderosos! Eles são principais dos arqueiros, e invencíveis em batalha por qualquer inimigo! Por que eles toleram os males infligidos (em mim) pelos filhos de Dhritarashtra de tal força desprezível? Despojados de seu reino por fraude, os Pandavas foram feitos escravos e eu mesma fui arrastada para a assembléia enquanto estava em meu período menstrual, e vestindo somente um único tecido! Que vergonha para aquele Gandiva, o qual ninguém mais pode encordoar exceto Arjuna e Bhima e tu mesmo, ó matador de Madhu! Vergonha para a força de Bhima, e vergonha para a destreza de Arjuna, já que, ó Krishna, Duryodhana (depois do que ele fez) respirou mesmo por um momento! Foi ele, ó matador de Madhu, que antigamente afastou os Pandavas honestos com sua mãe do reino, enquanto eles eram crianças ainda dedicados ao estudo e ao cumprimento de seus votos. Foi aquele canalha pecaminoso, que, horrível de relatar, misturou na comida de Bhima veneno fresco e virulento em dose total. Mas, ó Janardana, Bhima digeriu aquele veneno com a comida, sem sofrer qualquer dano, pois, ó melhor dos homens e de braços fortes, os dias de Bhima não eram terminados! Ó Krishna, foi Duryodhana que na casa ao lado da banyan chamada Pramana amarrou Bhima adormecido confiantemente, e jogando-o no Ganges voltou para a cidade. Mas o poderoso Bhimasena, o filho de Kunti, possuidor de braços poderosos, ao acordar do sono, rompeu suas amarras e se ergueu da água. Foi Duryodhana quem fez Najas-

pretas venenosas morderem por todos os lados o corpo de Bhimasena, mas aquele matador de inimigos não morreu. Despertando, o filho de Kunti esmagou todas as serpentes e com sua mão esquerda matou (o agente, isto é) o auriga favorito de Duryodhana. Outra vez, enquanto os filhos estavam dormindo em Varanavata com sua mãe, foi ele quem incendiou a casa pretendendo queimá-los até a morte. Quem é capaz de fazer tal ato? Foi então que a ilustre Kunti, alcançada por aquela calamidade, e cercada pelas chamas, começou a gritar em terror, falando para os filhos, 'Ai, eu estou liquidada! Como nós escaparemos deste fogo hoje? Ai, eu encontrarei a destruição com meus filhos pequenos!' Então Bhima, possuidor de braços poderosos, e bravura como a força do vento, confortou sua mãe ilustre como também seus irmãos, dizendo, 'Como aquele rei das aves, Garuda, o filho de Vinata, eu me levantarei de um salto no ar. Nós não temos que temer este fogo.' E então pegando sua mãe em seu flanco esquerdo, e o rei em seu direito, e os gêmeos em cada ombro, e Vivatsu em suas costas, o poderoso Vrikodara, assim levando todos eles, em um salto passou pelo fogo e salvou sua mãe e irmãos da conflagração. Partindo naquela noite com sua mãe renomada, eles chegaram perto da floresta de Hidimva. E quando fatigados e angustiados, eles estavam adormecidos seguros com ela, uma mulher Rakshasa chamada Hidimva se aproximou deles. Vendo os Pandavas com sua mãe dormindo no chão, influenciada pelo desejo ela procurou ter Bhimasena como seu marido. A vulnerável então pegou os pés de Bhima eu seu colo para massageá-los com suas mãos macias. O poderoso Bhima de energia incomensurável, de bravura que não podia ser frustrada, então acordou do sono, e questionou-a, dizendo, 'Ó tu de feições impecáveis, o que tu desejas aqui?' Assim perguntada por ele, a dama Rakshasa de feições impecáveis, capaz, além disso, de assumir qualquer forma à vontade, respondeu para Bhima de grande alma, dizendo, 'Fujam depressa deste local! Meu irmão dotado de força virá matar vocês! Portanto apressem-se e não demorem!' Mas Bhima soberbamente disse, 'Eu não tenho medo dele! Se ele vier aqui, eu o matarei!' Ouvindo a conversa deles, aquele mais vil dos canibais chegou ao local. De forma terrível e horrível de se olhar, proferindo gritos altos enquanto se aproximava, o Rakshasa disse, 'Ó Hidimva, com quem tu conversas? Traga-o para mim, eu o comerei. Não cabe a ti demorar.' Mas movida pela compaixão, a dama Rakshasa de feições impecáveis e coração puro não disse nada por piedade. Então o monstro comedor de homens, proferindo gritos terríveis, avançou em Bhima com grande força. E se aproximando dele com fúria, o canibal poderoso, possuído pela raiva, agarrou a mão de Bhima com sua própria e apertando firmemente sua outra mão e a fazendo tão dura quanto o raio de Indra, de repente deu em Bhima um golpe que desceu com a força do relâmpago. Sua mão tendo sido agarrada pelo Rakshasa, Vrikodara, sem ser capaz de tolerar isto, se encolerizou. Então um combate terrível ocorreu entre Bhimasena e Hidimva, ambos hábeis com todas as armas e o qual foi como o combate de Vasava com Vritra. E, ó impecável, depois de se divertir com o Rakshasa por um longo tempo o poderoso Bhima de energia poderosa matou o canibal quando o último tinha se tornado fraco com o esforço. Então tendo matado Hidimva, e levando (a irmã dele) Hidimva em sua dianteira, de quem (posteriormente) nasceu Ghatotkacha, Bhima e seus irmãos foram embora. Então todos aqueles repressores de seus inimigos, acompanhados por

sua mãe e cercados por muitos Brahmanas procederam em direção a Ekachakra. A respeito desta viagem deles, Vyasa sempre dedicado ao seu bem-estar tinha se tornado seu conselheiro. Então chegando a Ekachakra, os Pandavas de votos rígidos lá também mataram um canibal poderoso, de nome Vaka, terrível como o próprio Hidimva. E tendo matado aquele canibal feroz, Bhima, aquele principal dos batedores, foi com todos os seus irmãos à capital de Drupada. E, ó Krishna, como tu obtiveste Rukmini, a filha de Bhishmaka, assim mesmo Savyasachin, enquanto residindo lá, me obteve! Ó matador de Madhu, Arjuna me ganhou no Swayamvara, tendo realizado uma façanha de realização difícil por outros e tendo lutado também com os reis reunidos!

Assim, ó Krishna, afligida com numerosas tristezas, e em grande angústia, eu estou vivendo, com Dhaumya em nossa liderança, mas carente da companhia da adorável Kunti! Por que estes que são dotados de força e possuidores da bravura do leão ficaram sentados indiferentemente, vendo-me atormentada daquela maneira por inimigos tão desprezíveis? Sofrendo tais males nas mãos de inimigos pecaminosos e malfeitores de pouca força, eu tenho que queimar em aflição por tanto tempo? Eu nasci em uma grande linhagem, vindo ao mundo de uma maneira extraordinária! Eu sou também a esposa querida dos Pandavas, e nora do ilustre Pandu! A principal das mulheres e devotada a meus maridos, eu mesma, ó Krishna, fui agarrada pelos cabelos, ó matador de Madhu, na vista dos Pandavas, cada um dos quais é como um próprio Indra!'

Dizendo isso Krishna de fala suave escondeu seu rosto com suas mãos macias como botões de lótus e começou a chorar. E as lágrimas de Panchali geradas pela dor lavaram seus peitos profundos, amplos e graciosos coroados com marcas auspiciosas. E limpando seus olhos e suspirando frequentemente ela disse estas palavras com raiva e em uma voz sufocada, 'Maridos, ou filhos, ou amigos, ou irmãos, ou pai, eu não tenho nenhum! Eu nem tenho a ti, ó tu matador de Madhu, pois vocês todos, vendo-me tratada tão cruelmente por inimigos inferiores, ainda estão sentados impassíveis! Minha dor pelo escárnio de Karna é incapaz de ser aliviada! Sobre estas bases eu mereço sempre ser protegida por ti, ó Kesava, isto é, nosso relacionamento, teu respeito (por mim), nossa amizade, e teu domínio (sobre mim).'"

"Vaisampayana continuou, 'Naquela assembléia de heróis Vasudeva então falou para a chorosa Draupadi o seguinte, 'Ó senhora formosa, as esposas daqueles com quem tu estás zangada chorarão assim como tu, vendo seus maridos mortos no chão, ensopados em sangue e com seus corpos cobertos com as flechas de Vivatsu! Não chore, senhora, pois eu me esforçarei ao máximo dos meus poderes pelos filhos de Pandu! Eu prometo que tu (mais uma vez) será a rainha de reis! Os céus podem cair, ou o Himavat pode rachar, a terra pode se partir, ou as águas do oceano podem secar, mas minhas palavras nunca serão infrutíferas!' Ouvindo aquelas palavras de Achyuta em resposta, Draupadi olhou obliquamente para seu terceiro marido (Arjuna). E, ó rei poderoso, Arjuna disse para Draupadi, 'Ó tu de belos olhos acobreados, não sofra! Ó ilustre, será assim mesmo como o matador de Madhu disse! Nunca poderá ser de outra maneira, ó bela!'

“Dhrishtadyumna disse, ‘Eu matarei Drona, Sikhandin matará o avô. E Bhimasena matará Duryodhana, e Dhananjaya matará Karna. E, ó irmã, ajudados por Rama e Krishna, nós somos invencíveis em batalha mesmo pelo próprio matador de Vritra, o que são os filhos de Dhritarashtra?’”

"Vaisampayana continuou, 'Depois que estas palavras foram faladas, todos os heróis lá viraram seus rostos em direção a Vasudeva, que então em seu meio começou a falar como segue.'"

13

"Vasudeva disse, ‘Ó senhor da terra, se eu tivesse estado presente em Dwaraka, então, ó rei, este mal não teria te acontecido! E, ó irreprimível, indo ao jogo, mesmo que não convidado pelo filho de Amvika (Dhritarashtra), ou Duryodhana, ou pelos outros Kauravas, eu teria impedido o acontecimento do jogo, por demonstrar seus muitos males, convocando para me ajudar Bhishma e Drona e Kripa, e Vahlika! Ó nobre, por tua causa eu teria dito para o filho de Vichitravirya, ‘Ó principal dos monarcas, que teus filhos não façam nada com dados!’ Eu teria mostrado os muitos males (do jogo de dados) por causa dos quais tu caíste em tal infortúnio e o filho de Virasena foi antigamente privado de seu reino! Ó rei, males não imaginados acontecem a um homem por causa dos dados! Eu teria descrito como um homem uma vez envolvido no jogo continua a jogar (pelo desejo de vitória). Mulheres, dados, caça e bebida nos quais as pessoas se tornam viciadas por consequência da tentação, são considerados como os quatro males que privam um homem da prosperidade. E aqueles versados nos Sastras são de opinião que males acompanham todos estes. Aqueles também que são viciados nos dados conhecem todos os seus males. Ó tu de braços poderosos, aparecendo perante o filho de Amvika, eu teria mostrado que por causa dos dados homens perdem em um dia suas posses, e caem em desgraça, e são privados de sua riqueza não saboreada, e trocam palavras duras! Ó perpetuador da raça Kuru, eu teria apontado estes e outros males resultantes! Se ele aceitasse minhas palavras assim endereçadas, o bem-estar dos Kurus como também a própria virtude teriam sido assegurados! E, ó principal dos reis, se ele rejeitasse meus conselhos amáveis oferecidos como remédio, então, ó melhor da raça Bharata, eu o teria obrigado à força! E, se aqueles que servem em sua corte, professando serem seus amigos mas na verdade seus inimigos tivessem-no apoiado, então eu teria matado eles todos, junto com aqueles jogadores lá presentes! Ó Kauravya, foi devido à minha ausência do país Anartta naquele momento que tu caíste em tal infortúnio proveniente dos dados! Ó tu melhor dos Kurus, ó filho de Pandu, ao chegar a Dwarka eu soube de Yuyudhana tudo sobre a tua calamidade! E, ó principal dos reis, logo que eu ouvi isto com o coração ferido agitado pela angústia eu vim rapidamente para cá desejando ver-te, ó rei! Ai! Ó touro da raça Bharata, vocês todos caíram em desgraça terrível! Eu te vejo com teus irmãos mergulhado em desgraça!’

14

Yudhishthira disse, 'Ó Krishna, por que tu estavas ausente (do país Anartta)? E, ó descendente da linhagem Vrishni, enquanto tu estavas fora, onde tu moraste? E o que tu fizeste enquanto fora do teu reino?'

Krishna disse, 'Ó touro da raça Bharata, eu parti para o propósito de destruir a (planejada) cidade Salwa. E, ó principal dos Kauravas, escute às razões que eu tive para fazer isso! O filho heróico de Damaghosha, o bem conhecido rei Sisupala de braços poderosos e grande energia, foi morto por mim, ó melhor dos Bharatas, no teu sacrifício Rajasuya, porque aquele pecaminoso não pode aguentar de raiva ao ver o primeiro culto oferecido a mim! Sabendo que ele tinha sido morto, Salwa, queimando com raiva feroz, foi até Dwaraka, enquanto, ó Bharata, ela estava vazia, eu mesmo estando longe, residindo com vocês aqui. E tendo chegado lá em um carro feito de metais preciosos e por isso chamado de Souva, ele teve um confronto com os príncipes jovens da raça Vrishni, aqueles touros daquela linhagem, e lutou com eles desapiedadamente. E massacrando muitos Vrishnis jovens de coragem heróica, o pecaminoso devastou todos os jardins da cidade. E, ó tu de braços poderosos, ele disse, 'Onde está aquele desgraçado da raça Vrishni, Vasudeva, o filho de alma má de Vasudeva? Eu humilharei em batalha o orgulho daquela pessoa tão ávida por luta! Digam-me realmente, ó Anarttas! Eu irei lá onde ele está. E depois de matar aquele assassino de Kansa e Kesi, eu voltarei! Por minha arma eu juro que eu não voltarei sem tê-lo matado!' E exclamando repetidamente, ‘Onde está ele? Onde está ele?’ o senhor de Saubha avançou para este lugar e aquele, desejoso de me enfrentar em batalha. E Salwa também disse, 'Impelido por cólera pela destruição de Sisupala eu hoje enviarei para a mansão de Yama aquele canalha traiçoeiro de mente vil!' E, ó rei, ele em seguida disse, 'Eu matarei aquele Janardana, que, canalha que ele é, matou meu irmão que era somente um menino, e que não foi morto no campo de batalha, despreparado como ele estava!' Tendo, ó grande rei, lamentado dessa maneira, e tendo, ó filho da raça Kuru, me insultado, ele subiu ao céu em seu carro de metais preciosos capaz de ir a qualquer lugar à vontade! Ao retornar (para meu reino) eu soube o que, ó Kaurava, o rei pecaminoso e de mente má de Maticka tinha dito a respeito de mim! E, ó descendente da linhagem Kuru, eu estava agitado pela fúria, e, ó rei, tendo refletido sobre tudo, eu coloquei meu coração em matá-lo! E, sabendo, ó Kauravya, de sua opressão dos Anarttas, de seus insultos a mim, e de sua arrogância excessiva, eu decidi sobre a destruição daquele patife! E, ó senhor da terra, eu consequentemente saí (da minha cidade), para matar o (senhor de) Saubha. E o procurando aqui e ali eu o achei em uma ilha no meio do oceano! Então, ó rei, soprando minha concha chamada Panchajanya obtida do mar, e desafiando Salwa para o combate, eu me posicionei para a luta! Naquele instante, eu tive um confronto com numerosos Danavas, todos os quais, no entanto, eu subjuguei e prostrei ao chão. Ó poderosamente armado, foi devido a este caso que eu não pude então vir (a ti)! Logo que eu soube do jogo injusto de dados em

Hastinapura eu vim aqui desejoso de ver vocês que estão mergulhados em infortúnio.'

15

Yudhishthira disse, ‘Ó ilustre Vasudeva de braços poderosos, fale em detalhes sobre a morte do senhor de Saubha. Minha curiosidade não foi satisfeita pela narração.’

Vasudeva disse, 'Ó rei de braços fortes, sabendo que o filho de Srutasravas (Sisupala) tinha sido morto por mim, Salwa, ó melhor da linhagem Bharata, foi à cidade de Dwaravati! E, ó filho de Pandu, o rei pecaminoso, colocando suas forças em ordem de batalha, sitiou aquela cidade ao redor e acima. E se colocando nas regiões superiores, o rei começou sua luta com a cidade. E aquele encontro começou com uma chuva grossa de armas de todos os lados. E, ó touro da raça Bharata, a cidade naquele momento estava bem fortificada por todos os lados, segundo a ciência (de fortificação), com flâmulas, e arcos, e combatentes, e muros e torres pequenas, e máquinas, e mineiros, e ruas barricadas com trabalhos de madeira com pontas de ferro e torres e edifícios com portões bem cheios de mantimentos, e mecanismos para arremessar tições queimando e fogos, e recipientes de camurça (para carregar água), e trombetas, tambores, e baterias, lanças e forcados, e Sataghnis, e relhas de arado, rojões, bolas de pedra e machados de batalha e outras armas e escudos modelados com ferro, e mecanismos para lançar bolas e projéteis e líquidos quentes! E a cidade estava também bem defendida por carros numerosos, e, ó tigre entre os Kurus, por Gada e Shamva e Uddhava e outros, e por guerreiros de coragem provada em batalha, todos bem nascidos e capazes de enfrentar qualquer inimigo! E estes todos se colocando em postos de comando, ajudados por cavalaria e portadores de estandarte, começaram a defender a cidade. E Ugrasena e Uddhava e outros, para impedir descuidos, proclamaram por toda a cidade que ninguém deveria beber. E todos os Vrishnis e os Andhakas, sabendo bem que eles seriam mortos por Salwa se eles se comportassem sem cuidado, permaneceram sóbrios e vigilantes. E a polícia logo expulsou da cidade todos os mímicos e dançarinos e cantores do país Anartta. E todas as pontes sobre rios foram destruídas, e barcos proibidos de navegar, e as trincheiras (ao redor da cidade) foram pregadas com postes no fundo. E a terra ao redor da cidade por duas milhas completas foi tornada acidentada, e buracos e covas foram cavados nela, e combustíveis foram escondidos abaixo da superfície. Nosso forte, ó impecável, é naturalmente resistente e sempre bem defendido e cheio de todas as espécies de armas! E por causa dos preparativos feitos, nossa cidade estava mais preparada do que nunca para enfrentar o inimigo. E, ó chefe dos Bharatas, por consequência de tudo isto, a cidade parecia com aquela do próprio Indra. E, ó rei, no momento da aproximação de Salwa ninguém podia ou entrar ou deixar a cidade dos Vrishnis e dos Andhakas sem apresentar o sinal que tinha sido combinado. E todas as ruas da cidade e os espaços abertos estavam cheios com numerosos elefantes e cavalos! E, ó tu de braços poderosos, os combatentes estavam todos especialmente

satisfeitos com concessões e salários, e mantimentos, e armas, e roupas! E entre os combatentes não havia ninguém que não fosse pago em ouro, e ninguém que não fosse pago em absoluto, e ninguém que não fosse de alguma maneira favorecido, e ninguém que fosse não de coragem provada! E, ó tu de olhos como folhas de lótus, foi assim que Dwaraka, cheia de arranjos bem ordenados, foi defendida por Ahuka (Ugrasena)!'

16

Vasudeva continuou, 'Ó rei de reis, Salwa, o senhor de Saubha, veio em direção à nossa cidade com uma força imensa consistindo em infantaria, cavalaria e elefantes! E o exército encabeçado pelo rei Salwa, consistindo em quatro tipos de forças, ocupou um terreno plano dispondo de um copioso abastecimento de água. E deixando cemitérios e templos dedicados aos deuses, e árvores sagradas, e áreas cobertas por formigueiros, aquela hoste ocupou todos os outros lugares. E as estradas (que levavam à cidade) foram bloqueadas pelas divisões do exército, e as entradas secretas também foram todas obstruídas pelo acampamento do inimigo. E, ó Kauravya, como o senhor das aves (Garuda), o soberano de Saubha avançou em direção a Dwaraka, trazendo com ele, ó touro entre homens, sua hoste equipada com todas as espécies de armas, hábil com todas as armas, consistindo em um denso aparato de carros e elefantes e cavalaria cheia de estandartes, e soldados de infantaria bem pagos e bem alimentados possuidores de grande força e portanto todos os sinais de heroísmo e equipada com carruagens e arcos notáveis. E vendo o exército de Salwa, os jovens príncipes da raça Vrishni resolveram combatê-lo saindo da cidade. E, ó rei, Charudeshna, Samva, e o guerreiro poderoso Pradyumna, ó descendente da linhagem Kuru, partiram, subindo em suas carruagens, e vestidos em cota de malha, e enfeitados com ornamentos, com estandartes esvoaçando, decididos a enfrentar a hoste poderosa e inumerável de Salwa! E Samva erguendo seu arco avidamente atacou no campo de batalha Kshemavriddhi o comandante das forças de Salwa e seu principal conselheiro também! E, ó tu principal dos Bharatas, o filho de Jambavati então começou a derramar setas em uma corrente contínua assim como Indra derrama chuva! E, ó rei poderoso, então Kshemavriddhi, o comandante das forças de Salwa, suportou aquela chuva de setas, imóvel como o Himavat! E, ó principal dos reis, Kshemavriddhi de sua parte disparou em Samva saraivadas mais fortes de flechas, ajudado por seus poderes de ilusão! E dissipando por ilusão contrária aquela descarga inspirada por ilusão, Samva derramou sobre o carro (de seu adversário) mil setas! Então perfurado pelas flechas de Samva e dominado lá com Kshemavriddhi, o comandante da hoste hostil deixou o campo pela ajuda de seu corcel veloz! E quando o general perverso de Salwa tinha deixado o campo, um poderoso Daitya chamado Vegavat avançou no meu filho! E, ó melhor dos monarcas, assim atacado, o heróico Samva, o perpetuador da raça Vrishni, suportou aquele ataque de Vegavat, mantendo seu terreno. E, ó filho de Kunti, o heróico Samva, de bravura incapaz de ser frustrada, girando uma maça de avanço rápido, arremessou-a rapidamente em

Vegavat! E, ó rei, atingido por aquela maça, Vegavat caiu no chão, como um senhor da floresta castigado pelo tempo e enfraquecido de raízes decompostas! E após aquele Asura heróico de energia poderosa ser morto com a maça, meu filho entrou dentro daquela hoste imensa e começou a lutar com todos. E, ó grande rei, um Danava bem conhecido chamado Vivindhya, um guerreiro forte manejando um arco grande e poderoso, enfrentou Charudeshna! E, ó monarca, o combate entre Charudeshna e Vivindhya foi tão violento quanto aquele do passado entre Vritra e Vasava! E enfurecidos um com o outro os combatentes perfuraram um ao outro com suas setas, proferindo rugidos altos como dois leões poderosos! Então o filho de Rukmini fixou na corda de seu arco uma arma poderosa possuidora do esplendor do fogo ou do sol, e capaz de destruir todos os inimigos, tendo primeiro vivificado ela com encantamentos! Então, ó monarca, aquele guerreiro poderoso, meu filho, estimulado pela fúria, desafiou Vivindhya e descarregou a arma nele. E o Danava atingido por aquela arma caiu sobre o solo um cadáver sem vida! E vendo Vivindhya morto, e a hoste inteira vacilar, Salwa avançou novamente em seu carro belo capaz de ir a todos os lugares. E, ó rei de braços poderosos, vendo Salwa naquele seu belo carro, os combatentes de Dwaraka hesitaram com medo! Mas, ó tu da raça Kuru, Pradyumna se movimentou, e, ó grande rei, mandando os Anarttas ficarem de bom ânimo, disse, 'Não vacilem, e permanecendo me vejam lutar. Eu mesmo, pela força, repelirei aquele carro com Salwa nele! Ó Yadavas, hoje, com minhas armas como serpentes disparadas do meu arco com minha mão, eu destruirei esta hoste do senhor de Saubha! Fiquem animados, vocês todos! Não temam! O senhor de Saubha será morto hoje! Atacado por mim, o canalha encontrará a destruição junto com seu carro!' Ó filho de Pandu, após Pradyumna falar assim com coração alegre, a hoste Yadava, ó herói, permaneceu no campo, e começou a lutar alegremente!'

17

Vasudeva continuou, 'Ó touro da raça Bharata, tendo falado assim aos Yadavas, o filho de Rukmini (Pradyumna) subiu em seu carro dourado. E o carro que ele usava era puxado por corcéis excelentes em armadura. E sobre ele estava um estandarte portanto a figura de um Makara com boca escancarada e feroz como Yama. E com seus corcéis, mais voando do que correndo sobre o solo, ele avançou contra o inimigo. E o herói equipado com aljavas e espada, com dedos envolvidos em couro, vibrou seu arco possuidor do esplendor do relâmpago, com grande força, e transferindo-o de mão para mão, como se em desprezo ao inimigo, espalhou confusão entre os Danavas e outros guerreiros da cidade de Saubha. E tão furioso em desprezo ao inimigo, e repetidamente matando Danavas em batalha, ninguém podia notar o menor intervalo entre suas flechas sucessivas. E a cor de seu rosto não mudou, e seus membros não tremeram. E as pessoas somente ouviam seus altos rugidos leoninos indicativos de bravura extraordinária. E o monstro aquático com boca escancarada, aquele devorador de todos os peixes, colocado no mastro de bandeira dourado daquele melhor dos carros, infligiu terror nos corações dos guerreiros de Salwa. E, ó rei, Pradyumna, o ceifeiro

de inimigos, se precipitou com velocidade contra o próprio Salwa tão desejoso de um combate! E, ó perpetuador da linhagem Kuru, desafiado pelo heróico Pradyumna naquela batalha poderosa, o enfurecido Salwa mal poderia tolerar o desafio! E aquele conquistador de cidades hostis, Salwa, enlouquecido pela raiva, desceu de seu carro belo de velocidade incontrolada, decidido a enfrentar Pradyumna. E as pessoas viram a luta entre Salwa e o principal dos heróis Vrishni, a qual era como o duelo entre Vasava com Vali. E, ó herói, subindo em seu carro belo decorado com ouro e equipado com bandeiras e mastros de bandeira e aljavas, o ilustre e poderoso Salwa começou a descarregar suas flechas em Pradyumna! Pradyumna também pela energia de seus braços oprimiu Salwa no combate com uma chuva grossa de flechas. O rei de Saubha, no entanto, assim atacado em batalha por Pradyumna, não o suportou, mas descarregou em meu filho setas que eram como fogo ardente. Mas o poderoso Pradyumna aparou aquela chuva de setas. Vendo isto Salwa despejou sobre meu filho outras armas de esplendor brilhante. Então, ó principal dos monarcas, perfurado pelas flechas de Salwa, o filho de Rukmini disparou sem perda de tempo uma flecha que era capaz de entrar nos órgãos vitais de um inimigo em luta. E aquela flecha alada disparada por meu filho, perfurando a armadura de Salwa, entrou em seu coração, em seguida ele caiu, em um desmaio. E vendo o rei heróico Salwa caído privado de sentidos, os principais dos Danavas fugiram rasgando o solo debaixo de seus pés. E, ó senhor da terra, o exército de Salwa deu exclamações de ‘Oh!’ e ‘Ai!’ vendo seu rei, o senhor de Saubha, cair sem sentidos! E, ó filho da raça Kuru, recuperando seus sentidos, o poderoso Salwa se ergueu e subitamente disparou suas setas em Pradyumna. Então o heróico e poderosamente armado Pradyumna, violentamente perfurado por seu adversário perto de sua garganta, estava enfraquecido em seu carro. E, ó rei poderoso, ferindo o filho de Rukmini, Salwa deu um grito como o rugido de um leão, e encheu a terra inteira com ele! E, ó Bharata, quando meu filho ficou sem sentidos, Salwa, sem perder um momento, novamente disparou nele outras flechas difíceis de suportar. E perfurado por flechas inumeráveis e privado de seus sentidos, Pradyumna, ó chefe da raça Kuru, ficou imóvel sobre o campo de batalha!'

18

Vasudeva continuou, 'Ó rei, afligido pelas flechas de Salwa, quando Pradyumna ficou sem sentidos os Vrishnis que tinham ido lutar ficaram todos desalentados e cheios de aflição! E os combatentes das raças Vrishni e Andhaka irromperam em exclamações de ‘Oh!’ e ‘Ai!’, enquanto grande alegria foi sentida pelo inimigo ao vê-lo assim privado de sentidos. Seu cocheiro treinado, o filho de Daruka, logo levou-o para fora do campo pela ajuda de seus corcéis. O carro não tinha ido longe quando aquele melhor dos guerreiros recuperou seus sentidos, e erguendo seu arco se dirigiu ao cocheiro, dizendo, 'Ó filho da tribo Suta, o que tu fizeste? Por que tu vais deixando o campo de batalha? Este não é o costume dos heróis Vrishni em batalha! Ó filho de um Suta, tu ficaste desnorteado à visão de Salwa naquele combate feroz? Ou tu ficaste desalentado, vendo a luta? Ó! Conte-me

realmente tua intenção!' O cocheiro respondeu, 'Ó filho de Janardana, eu não fui confundido, nem o medo tomou posse de mim. Por outro lado, ó filho de Kesava, a tarefa, eu penso, de vencer Salwa é difícil para ti! Portanto, ó herói, eu estou lentamente me retirando do campo. Este canalha é mais forte do que tu! Cabe a um cocheiro proteger o guerreiro sobre o carro, por qualquer meio, quando ele está privado de seus sentidos! Ó tu dotado de extensão de vida, tu deves sempre ser protegido por mim, assim como cabe a ti me proteger! Pensando que o guerreiro no carro deve sempre ser protegido (por seu cocheiro), eu estou te levando embora! Além disso, ó tu de braços poderosos, tu estás sozinho, enquanto os Danavas são muitos. Pensando, ó filho de Rukmini, que tu não és igual a eles no combate, eu estou indo embora!'

Vasudeva continuou, 'Quando o cocheiro tinha falado assim, ele, ó Kauravya, que tem o makara como sua marca respondeu para ele, dizendo, 'Vire o carro! Ó filho de Daruka, nunca faça isto novamente; nunca, ó Suta, desvie-te da batalha enquanto eu estiver vivo! Não é filho da raça Vrishni aquele que abandona o campo ou mata o inimigo caído aos seus pés e gritando 'Eu sou teu!' ou que mata uma mulher, um menino, ou um homem velho, ou um guerreiro em angústia, privado de seu carro ou com suas armas quebradas! Tu és nascido na linhagem de cocheiros e treinado para tua profissão! E, ó filho de Daruka, tu estás familiarizado com os costumes dos Vrishnis em batalha! Versado como tu és em todos os costumes dos Vrishnis em batalha, ó Suta, nunca fuja novamente do campo como tu fizeste! O que o irreprimível Madhava, o irmão mais velho de Gada, dirá para mim quando ele souber que eu deixei o campo de batalha em confusão ou que eu fui atingido nas costas, um fugitivo do combate? O que o irmão mais velho de Kesava, Baladeva de braços fortes, vestido de azul e inebriado com vinho, dirá, quando ele retornar? O que também, ó Suta, aquele leão entre homens, o neto de Sini (Satyaki), aquele grande guerreiro, dirá ao saber que eu abandonei a luta? E, ó cocheiro, o que o sempre vitorioso Shamva, o irreprimível Charudeshna, e Gada, e Sarana, e Akrura também de braços poderosos, dirão para mim? O que também as esposas dos heróis Vrishni, quando elas se encontrarem, dirão de mim que até agora era considerado como corajoso e bem comportado, respeitável e possuidor de orgulho viril? Elas dirão: 'É um covarde este Pradyumna que vem aqui, deixando a batalha! Que vergonha para ele!' Elas nunca dirão, 'Muito bem!' Zombaria, com exclamação de 'Vergonha', é para mim ou uma pessoa como eu, ó Suta, mais do que a morte! Portanto, nunca mais deixe o campo de batalha! Depositando a responsabilidade em mim, Hari o matador de Madhu foi ao sacrifício do leão Bharata (Yudhishthira)! Portanto, eu não posso suportar estar imóvel agora! Ó Suta, quando o bravo Kritavarman estava partindo para enfrentar Salwa, eu o impedi, dizendo 'Eu impedirei Salwa. Fique!' Para me honrar o filho de Hridika desistiu! Tendo deixado o campo de batalha, o que eu direi para aquele guerreiro poderoso quando eu encontrá-lo? Quando aquele irreprimível de braços poderosos, o portador da concha, do disco, e da maça retornar, o que eu direi para ele de olhos como folhas de lótus? Satyaki, e Valadeva, e outros das raças Vrishni e Andhaka sempre são orgulhosos de mim! O que eu direi a eles? Ó Suta, tendo deixado o campo de batalha e com feridas de flechas nas minhas costas enquanto era levado por ti, eu não serei, de

nenhuma maneira, capaz de viver! Portanto, ó filho de Daruka, vire este carro depressa, e nunca faça isso novamente, nem mesmo em momentos de grande perigo! Eu, ó Suta, não acho que a vida tem muito valor, tendo fugido do campo como um covarde, e com minhas costas perfuradas com as setas (do inimigo)! Tu já me viste, ó filho de Suta, fugir com medo do campo de batalha como covarde? Ó filho de Daruka, não cabe a ti abandonar a batalha enquanto meu desejo de luta ainda não foi satisfeito! Portanto, volte para o campo.'

19

Vasudeva continuou, ‘Assim endereçado, o filho da tribo Suta respondeu às pressas para Pradyumna, aquele principal de todos os dotados de força, nestas palavras gentis, 'Ó filho de Rukmini, eu não temo guiar os cavalos no campo de batalha, e eu estou familiarizado também com os costumes dos Vrishnis em guerra! Não é o contrário de modo algum! Mas, ó tu abençoado com duração de existência, aqueles que guiam o carro são ensinados que o guerreiro no carro deve, por todos os meios, ser protegido por seu cocheiro! Tu foste também muito afligido! Tu foste muito ferido pelas flechas disparadas por Salwa. Tu estavas também privado dos teus sentidos, ó herói! Por isso é que eu me retirei do campo. Mas, ó chefe dos Satwatas, agora que tu recuperaste teus sentidos sem muita dificuldade, ó filho de Kesava, testemunhe minha habilidade em guiar os cavalos! Eu fui gerado por Daruka, e eu fui devidamente treinado! Eu agora penetrarei na célebre formação militar de Salwa sem medo!’

Vasudeva continuou, 'Dizendo isso, ó herói, o cocheiro, puxando as rédeas, começou a levar os cavalos com velocidade em direção ao campo de batalha. E, ó rei, atingidos pelo chicote e puxados pelas rédeas aqueles corcéis excelentes pareciam estar voando no ar, realizando vários movimentos belos, ora circulares, ora similares, ora diferentes, ora à direita, ora à esquerda. E, ó rei, aqueles corcéis compreendendo por assim dizer a intenção do filho de Daruka dotado de tal habilidade de mão, queimaram com energia, e pareciam seguir sem tocar a terra com seus pés! Aquele touro entre homens moveu-se de forma circular em volta da hoste de Salwa tão facilmente que aqueles que testemunharam isto ficaram muito admirados. E o senhor de Saubha, incapaz de tolerar aquela manobra de Pradyumna, imediatamente lançou três flechas no cocheiro de seu adversário! O cocheiro, no entanto, sem tomar qualquer conhecimento da força daquelas flechas, continuou a seguir pela direita. Então o senhor de Saubha, ó herói, descarregou novamente no meu filho com Rukmini uma chuva de várias espécies de armas! Mas aquele matador de heróis hostis, o filho de Rukmini, mostrando com um sorriso sua leveza de mão, cortou todas aquelas armas quando elas o alcançaram. Vendo suas flechas cortadas por Pradyumna, o senhor de Saubha, recorrendo à ilusão terrível natural para Asuras começou a derramar uma chuva grossa de setas. Mas cortando em pedaços no meio do caminho aquelas poderosas armas Daitya atiradas nele por meio de sua arma Brahma, Pradyumna atirou flechas aladas de outros tipos. E estas se deleitando em sangue, desviando

as flechas do Daitya, perfuraram sua cabeça, peito e rosto. E por causa daqueles ferimentos Salwa caiu sem sentidos. E em Salwa de mente vil caindo, afligido pelas flechas de Pradyumna, o filho de Rukmini mirou outra flecha, capaz de destruir todo inimigo. E vendo aquela seta adorada por todos os Dasarhas, e brilhante como fogo e fatal como uma cobra venenosa, fixada na corda do arco, o firmamento estava cheio com exclamações de ‘Oh!’ e ‘Ai!’ Então todos os celestiais com Indra e o senhor dos tesouros (Kuvera) em sua liderança enviaram Narada e o deus do vento dotado da velocidade da mente. E aqueles dois se aproximando do filho de Rukmini entregaram a ele a mensagem dos celestiais, dizendo, ‘Ó herói, o rei Salwa não é para ser morto por ti! Retire a seta. Ele não pode ser morto por ti em luta! Não respira uma pessoa que não possa ser morta por esta seta! Ó tu de armas poderosas, o Criador ordenou sua morte nas mãos de Krishna, o filho de Devaki! Que isto não seja falsificado!’ Nisso, com o coração contente, Pradyumna retirou aquela melhor das setas de seu arco excelente e depositou-a de volta em sua aljava. E então, ó principal dos reis, o poderoso Salwa, afligido pelas flechas de Pradyumna, se levantou desalentado, e foi embora rapidamente. Então, ó rei, o pecaminoso Salwa, assim afligido pelos Vrishnis, subiu em seu carro de metais preciosos, e deixando Dwaraka correu pelos céus!'

20

Vasudeva disse, 'Quando Salwa tinha deixado a cidade dos Anarttas, eu retornei a ela, ó rei, após o término do teu grande sacrifício Rajasuya! Na minha chegada eu encontrei Dwaraka desprovida de seu esplendor, e, ó grande monarca, não havia sons de recitações Védicas ou oferendas sacrificais. E as donzelas excelentes estavam todas desprovidas de ornamentos, e os jardins estavam destituídos de beleza. E alarmado pelo aspecto, eu questionei o filho de Hridika dizendo, 'Por que os homens e mulheres da cidade dos Vrishnis estão tão abatidos, ó tigre entre homens?' Ó melhor dos reis, assim perguntado o filho de Hridika (Kritavarman) relatou para mim em detalhes a invasão da cidade por Salwa, e sua subsequente partida dela. E, ó tu principal dos Bharatas, ouvindo tudo, imediatamente eu decidi matar Salwa. E encorajando os cidadãos, ó melhor dos Bharatas, eu alegremente me dirigi ao rei Ahuka, e Anakdundhuvi, e aos principais heróis da raça Vrishni, dizendo, 'Ó touros entre os Yadavas, fiquem na cidade, tomando todo cuidado, e saibam que eu vou matar Salwa! Eu não volto à cidade de Dwaravati sem matá-lo. Eu virei novamente a vocês tendo realizado a destruição de Salwa junto com seu carro de metais preciosos. Comecem a tocar as notas sustenidas e médias e abemoladas do Dundhuvi tão terrível para inimigos!' E ó touro da raça Bharata, assim adequadamente encorajados por mim, aqueles heróis alegremente me disseram, 'Vá e mate os inimigos!' E assim recebendo as bênçãos daqueles guerreiros com corações contentes, e fazendo os Brahmanas proferirem palavras auspiciosas e me curvando aos melhores dos regenerados, e a Siva também, eu saí no meu carro ao qual estavam unidos os cavalos Saivya, e Sugriva, enchendo todos os lados com o estrépito (das minhas rodas) e soprando aquela melhor das conchas, Panchajanya! E, ó rei, ó tigre entre

homens, acompanhado por meu exército formidável e vitorioso consistindo nas quatro espécies de forças tão perseverante em batalha, eu parti. E deixando muitos países, e montanhas coroadas com árvores, e quantidades de água, e rios, eu finalmente cheguei ao país de Matrikavarta. Foi lá, ó tigre entre homens, que eu soube que Salwa estava seguindo em seu carro de metais preciosos perto do oceano, e eu segui em sua perseguição. E, ó tu matador dos teus inimigos, tendo alcançado o alto-mar, Salwa em seu carro de metais caros estava no meio do oceano cheio de vagalhões! E ao ver-me de uma distância, ó Yudhishthira, aquele de alma pecaminosa me desafiou repetidamente para a luta. E muitas setas capazes de perfurar até a medula, atiradas do meu arco, não alcançaram seu carro. E nisto eu fiquei furioso! E, ó rei, aquele canalha essencialmente pecaminoso filho de um Daitya de energia irreprimível, de sua parte começou a atirar milhares e milhares de setas em torrentes! E, ó Bharata, ele derramou flechas sobre meus soldados e sobre meu cocheiro e sobre meus corcéis! Mas sem pensar nas flechas nós continuamos o combate. Então os guerreiros seguindo Salwa despejaram em mim flechas retas às milhares. E os Asuras cobriram meus cavalos e meu carro e Daruka com flechas capazes de perfurar os próprios órgãos vitais. E, ó herói, eu não podia naquele momento ver nem meus cavalos, nem meu carro, nem meu cocheiro Daruka! E eu com meu exército estava coberto de armas. E, ó filho de Kunti, habilidoso de modo sobre humano com armas, eu também fiz voar do meu arco flechas às dezenas de milhares, insuflando-as com mantras! Mas enquanto aquele carro de metais valiosos estava no céu, duas milhas completas afastado, ele, ó Bharata, não podia ser visto por minhas tropas. Elas podiam portanto somente permanecer no campo de batalha assistindo como espectadoras em um lugar de diversão, encorajando-me adiante com gritos altos como o rugido do leão, e também pelo som de seus aplausos. E as setas coloridas atiradas pela parte dianteira da mão penetravam nos corpos dos Danavas como insetos mordentes. E então surgiram gritos no carro de metais preciosos daqueles que estavam morrendo de ferimentos por aquelas setas afiadas e caindo nas águas do poderoso oceano. E os Danavas privados de seus braços, pescoços, e usando a forma de Kavandhas, caíam, dando rugidos tremendos. E quando caíam eles eram devorados por animais que viviam nas águas do oceano. E então eu soprei poderosamente a Panchajanya obtida das águas e graciosa como o talo de lótus e branca como leite ou a flor Kunda ou a lua ou prata. E vendo seus soldados caírem, Salwa, possuidor do carro de metais preciosos, começou a lutar com ajuda de ilusão. E então ele começou a arremessar incessantemente em mim maças, e relhas de arado, e dardos e lanças alados, e venábulos, e machados de batalha, e espadas e setas brilhantes como dardos de arremesso e raios, e laços, e espadas largas, e projéteis de cilindros, e flechas, e machados, e rojões. E permitindo que elas se aproximassem de mim, eu logo destruí todas elas por ilusão-contrária. E após esta ilusão ser tornada ineficaz, ele começou a lutar com topos de montanha. E, ó Bharata, então havia escuridão e luz alternadamente, e o dia ora estava claro, e ora escuro, e ora quente, e ora frio. E houve uma chuva perfeita de carvões, e cinzas, e armas. E criando tal ilusão o inimigo lutou comigo. E averiguando isto eu destruí sua ilusão por ilusão-contrária. E no devido tempo eu derramei flechas por todos os lados. E então, ó rei poderoso, a cúpula do céu brilhou como com uma centena de sóis, e,

ó filho de Kunti, com cem luas, e milhares e dezenas de milhares de estrelas! E então ninguém podia averiguar se era dia ou noite, ou distinguir os pontos do horizonte. E, ficando confuso, eu fixei na corda do meu arco a arma chamada Pragnastra. E, ó filho de Kunti, a arma partiu como flocos de algodão puro soprados pelos ventos! E uma grande luta ocorreu, calculada para fazer os pêlos no corpo de alguém se arrepiarem. E, ó melhor dos monarcas, tendo recuperado a compreensão, eu novamente lutei com o inimigo!'

21

Vasudeva disse, 'Ó tu tigre entre homens, meu grande inimigo o rei Salwa, assim enfrentado por mim em batalha subiu ao céu novamente. E ó monarca poderoso, inspirado pelo desejo de vitória, aquele perverso arremessou em mim Sataghnis, e maças imensas, e lanças flamejantes, e clavas corpulentas, e conforme as armas vinham pelo céu eu rapidamente resistia a elas com minhas flechas rápidas, e as cortava em dois ou três pedaços antes de elas chegarem a mim. E havia um grande barulho no firmamento. E Salwa cobriu Daruka, e meus corcéis, e meu carro também com centenas de setas retas. Então, ó herói, Daruka, evidentemente prestes a desmaiar, disse para mim, 'Afligido pelas setas de Salwa eu permaneço no campo, porque este é meu dever. Mas eu sou incapaz de fazer isso (por mais tempo). Meu corpo ficou fraco!' Ouvindo estas palavras comoventes de meu cocheiro, eu o olhei, e descobri o motorista ferido por setas. Nem havia um local em seu peito ou na coroa de sua cabeça, ou corpo ou em seus braços, ó tu principal dos filhos de Pandu, que não estivesse coberto com flechas! E sangue fluía profusamente de seus ferimentos infligidos por flechas, e ele parecia com uma montanha de giz vermelho depois de uma chuva pesada. E, ó tu de braços poderosos, vendo o cocheiro com as rédeas em suas mãos assim perfurado e enfraquecido pelas flechas de Salwa no campo de batalha, eu o animei!

E, ó Bharata, naquele momento, uma certa pessoa, que tinha sua casa em Dwaraka, indo rapidamente até o meu carro, se dirigiu a mim como um amigo, entregando para mim, ó herói, uma mensagem de Ahuka! Ele parecia ser um dos seguidores de Ahuka. E tristemente e em uma voz sufocada em tristeza, saiba, ó Yudhishthira, que ele disse estas palavras, ‘Ó guerreiro, Ahuka, o senhor de Dwaraka, disse estas palavras para ti! Ó Kesava, ouça o que disse o amigo do teu pai: Ó filho da raça Vrishni, ó tu irreprimível, na tua ausência hoje Salwa, vindo para Dwaraka, por força física matou Vasudeva! Portanto, não precisa mais de batalha. Pare, ó Janardana! Defenda Dwaraka! Este é o teu principal dever!’ Ouvindo estas palavras dele, meu coração ficou pesado, e eu não podia decidir o que eu devia e o que eu não devia fazer. E, ó herói, sabendo daquela grande desgraça, eu mentalmente critiquei Satyaki, e Baladeva, e também o poderoso Pradyumna. Tendo depositado neles o dever de proteger Dwaraka e Vasudeva, eu tinha ido, ó filho da raça Kuru, efetuar a destruição da cidade de Salwa. E com o coração triste eu perguntei a mim mesmo, ‘Está vivo aquele destruidor de

inimigos, Baladeva de braços poderosos, e Satyaki, e o filho de Rukmini e Charudeshna possuidor de bravura, e Shamva e outros? Pois, ó tu tigre entre homens, estes estando vivos, nem mesmo o manejador do raio poderia de alguma maneira destruir o filho de Suta (Vasudeva)!' E eu pensei, 'É claro que Vasudeva está morto e igualmente claro que os outros com Baladeva em sua liderança estão privados de vida.' Esta foi minha conclusão certa. E, ó rei poderoso, pensando na destruição deles todos eu fui dominado pelo pesar! E foi neste estado de espírito que eu enfrentei Salwa de novo. E então eu vi, ó grande monarca, o próprio Vasudeva caindo do carro de metais preciosos! E, ó guerreiro, eu perdi os sentidos, e, ó rei de homens, meu pai se parecia com Yayati depois da perda de seu mérito, caindo do céu em direção à terra! E como um corpo luminoso cujo mérito foi perdido eu vi meu pai caindo, sua proteção para a cabeça suja e escorregando frouxamente, e seu cabelo e traje desordenados. E então o arco Sharanga caiu da minha mão, e, ó filho de Kunti, eu desmaiei! Eu me sentei no lado do carro. E, ó descendente da linhagem de Bharata, vendo-me desprovido de consciência no carro, e como se morto, minha hoste inteira exclamou 'Oh!' e 'Ai!' E meu pai inclinado com braços e membros inferiores esticados parecia com uma ave caindo. E ele que caía daquela maneira, ó tu de braços poderosos, ó herói, os guerreiros hostis portando em suas mãos lanças e machados golpearam dolorosamente! E (vendo isto) meu coração tremeu! E logo recuperando minha consciência, ó guerreiro, eu não pude ver naquela disputa poderosa nem o carro de metais valiosos, ou o inimigo Salwa, ou meu velho pai! Então eu concluí que aquilo foi sem dúvida ilusão. E recuperando meus sentidos eu novamente comecei a disparar flechas às centenas.'

22

Vasudeva continuou, 'Então, ó principal da raça Bharata, erguendo meu arco belo, eu comecei a cortar com minhas flechas as cabeças dos inimigos dos celestiais para fora daquele carro de metais valiosos! E eu comecei a atirar do Sharanga muitas setas de boa aparência das formas de cobras, capazes de ir até uma grande altura e possuidoras de energia intensa. E, ó perpetuador da linhagem Kuru, eu não podia então ver o carro de metais valiosos, pois ele tinha desaparecido por meio de ilusão! Eu fiquei então muito surpreso! Aquela hoste de Danvas então, ó Bharata, de rostos e cabelos pavorosos, deram um uivo alto enquanto eu estava esperando por isto. Naquela batalha feroz, eu então, com o objetivo de destruí-los, fixei na corda do meu arco a arma capaz de perfurar os inimigos se somente seu som fosse inaudível. Após isto, seus gritos cessaram. Mas aqueles Danavas que tinham dado aquele grito foram todos mortos por aquelas minhas setas brilhantes como o próprio Sol, e capazes de atingir pela percepção do som somente. E depois que o grito tinha parado em um local, ó rei poderoso, outro grito procedeu de outro quadrante. Para lá também eu enviei minhas setas. Dessa maneira, ó Bharata, os Asuras começaram a gritar em todos os dez quadrantes acima e de lado a lado. Estes foram todos mortos por mim, isto é, aqueles que estavam nos céus e que estavam invisíveis, com setas de formas

diversas, e armas celestes insufladas com mantras. Então, ó herói, aquele carro de metais preciosos capaz de ir a qualquer lugar à vontade, confundindo meus olhos, reapareceu em Pragjyotisha! E então os Danavas destruidores de formas ferozes de repente me inundaram com uma chuva poderosa de rochas. E, ó principal dos monarcas, torrentes de rochas caindo sobre mim me cobriram, e eu comecei a crescer como um formigueiro (com seus topos e cumes)! E coberto junto com meus cavalos e cocheiro e mastros de bandeira, com rochedos por todos os lados, eu desapareci totalmente de vista. Então aqueles principais dos heróis da raça Vrishni que eram do meu exército foram tomados pelo pânico, e todos de repente começaram a fugir em todas as direções. E vendo-me naquela situação, ó rei, o céu, o firmamento, e a terra estavam cheios de exclamações de ‘Oh!’ e ‘Ai!’ E então, ó monarca, meus amigos cheios de tristeza e dor começaram a chorar e lamentar com corações pesados! E o deleite encheu os corações dos inimigos. E ó tu que nunca vacilaste, eu soube disto depois de eu ter derrotado o inimigo! E então manejando o raio, aquela (arma) favorita de Indra, capaz de rachar pedras, eu destruí aquela massa inteira de rochedos! Mas meus corcéis, atormentados pelo peso das pedras e quase às portas da morte começaram a tremer. E me vendo, todos os meus amigos se regozijaram novamente assim como homens se regozijam ao verem o sol se erguer no céu, dissipando as nuvens. E vendo meus cavalos quase em seu último suspiro, afligidos por aquela carga de pedras, meu cocheiro falou a mim em palavras adequadas à ocasião, 'Ó tu da raça Vrishni, veja Salwa o dono do carro de metais preciosos sentado (lá). Não o desconsidere! Empenhe-te! Abandone tua indulgência e consideração por Salwa. Mate Salwa, ó tu de braços poderosos! Ó Kesava, não o deixe viver! Ó herói, ó tu destruidor daqueles que não são teus amigos (inimigos), um inimigo deve ser morto com todo esforço! Mesmo um inimigo fraco que está sob os pés de um homem dotado de força não deve ser desconsiderado pelo último, o que (eu direi) de alguém que nos desafia para a luta? Portanto, ó tu tigre entre homens, empregando todo esforço, mate-o, ó senhor, ó tu principal da raça Vrishni! Não demore novamente! Ele não é capaz de ser vencido por medidas mais brandas. E na minha opinião não pode ser teu amigo aquele que está lutando contigo e que devastou Dwaraka!' Ó Kaunteya, ouvindo tais palavras de meu cocheiro, e sabendo que o que ele disse era verdade, eu dirigi minha atenção à luta (de novo), com o objetivo de matar Salwa e destruir o carro de metais valiosos! E, ó herói, dizendo para Daruka, 'Pare um momento' eu fixei na corda do meu arco minha arma de fogo favorita, brilhante e de origem celeste, de força irresistível, e incapaz de ser desviada, repleta de energia, capaz de penetrar em tudo, e de grande esplendor! E dizendo, 'Destrua o carro de metais preciosos junto com todos aqueles inimigos que estão nele.' Eu lancei com a força dos meus braços e em cólera com mantras, o grande disco poderoso Sudarsana o qual reduziu à cinzas em batalha Yakshas e Rakshasas e Danavas e reis nascidos em tribos impuras, afiado como navalha, e sem mácula, como Yama o destruidor, e incomparável, e que mata inimigos. E subindo ao céu, ele parecia como um segundo sol de refulgência excessiva no fim do Yuga. E se aproximando da cidade de Saubha cujo esplendor tinha desaparecido, o disco passou em linha reta através dela, assim como uma serra divide uma árvore alta. E cortada em dois pela energia do Sudarsana ela caiu como a cidade de Tripura derrubada pelas flechas de

Maheswara. E depois que a cidade de Saubha tinha caído o disco voltou para minhas mãos. E erguendo-o mais uma vez eu o arremessei com força dizendo, 'Vá até Salwa.' O disco então partiu em dois Salwa que naquele conflito violento estava a ponto de arremessar uma maça pesada. E com sua energia ele colocou o inimigo em chamas. E depois que aquele guerreiro corajoso estava morto, as mulheres Danava desalentadas fugiram em todas as direções, exclamando 'Oh!' e 'Ai!' E colocando minha carruagem em frente à cidade de Saubha eu alegremente soprei minha concha e alegrei os corações dos meus amigos. E vendo sua cidade, alta como o pico do Meru, com seus palácios e portões completamente destruída, e toda em chamas, os Danavas fugiram com medo. E tendo assim destruído a cidade de Saubha e matado Salwa, eu voltei para os Anarttas e alegrei meus amigos. E, ó rei, foi por essa razão que eu não pude ir à cidade que recebeu o nome de elefante (Hastinapura), ó destruidor de heróis hostis! Ó guerreiro, se eu tivesse ido, Suyodhana não estaria vivo ou a partida de dados não teria ocorrido. O que eu posso fazer agora? É difícil confinar as águas depois que a represa está quebrada!'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo se dirigido ao Kaurava dessa maneira, aquela principal das pessoas masculinas, de braços poderosos, o matador de Madhu, possuidor de toda graça, saudando os Pandavas, se preparou para partir. E o herói poderosamente armado saudou reverentemente Yudhishthira o justo, e o rei em retribuição e Bhima também cheiraram o topo de sua cabeça. E ele foi abraçado por Arjuna, e os gêmeos o saudaram com reverência. E ele foi devidamente honrado por Dhaumya, e cultuado com lágrimas por Draupadi. E fazendo Subhadra e Abhimanyu subirem em seu carro dourado, Krishna subiu nele adorado pelos Pandavas. E consolando Yudhishthira, Krishna partiu para Dwaraka em seu carro resplandecente como o sol e ao qual estavam unidos os cavalos Saivya e Sugriva. E depois que ele da linhagem Dasharha tinha partido, Dhristadyumna, o filho de Prishata, também partiu para sua própria cidade, levando consigo os filhos de Draupadi. E o rei de Chedi, Dhrishtaketu também, levando sua irmã com ele partiu para sua bela cidade de Suktimati, depois de se despedir dos Pandavas. E, ó Bharata, os Kaikeyas também, com a permissão do filho de Kunti possuidor de energia imensurável, tendo saudado reverencialmente todos os Pandavas, foram embora. Mas os Brahmanas e os Vaisyas e os habitantes do reino de Yudhishthira embora repetidamente pedidos para partir não deixaram os Pandavas. Ó principal dos reis, ó touro da raça Bharata, a multidão que cercava aqueles de grande alma na floresta de Kamyaka parecia extraordinária. E Yudhishthira, honrando aqueles Brahmanas de mente elevada, no devido tempo ordenou seus homens, dizendo 'Aprontem o carro.'"

23

"Vaisampayana continuou, Depois que o chefe dos Dasharhas tinha partido, o heróico Yudhishthira, e Bhima, e Arjuna, e os gêmeos, cada um parecendo com Shiva, e Krishna, e seu sacerdote, subindo em carros valiosos aos quais estavam

unidos corcéis excelentes, entraram juntos na floresta. E no momento de ir eles distribuíram Nishkas de ouro e roupa e vacas para Brahmanas versados em Siksha e Akshara e mantras. E vinte servidores os seguiram equipados com arcos, e cordas de arcos, e armas brilhantes, e flechas e setas e mecanismos de destruição. E levando as roupas e ornamentos da princesa, e as enfermeiras e as criadas, Indrasena seguiu rapidamente os príncipes em um carro. E então se aproximando do melhor dos Kurus, os cidadãos de grande mente andaram ao redor dele. E os principais Brahmanas de Kurujangala o saudaram alegremente. E junto com seus irmãos, Yudhishthira o justo de sua parte saudou-os alegremente. E o rei ilustre parou lá um pouco, contemplando a multidão dos habitantes de Kurujangala. E o touro ilustre entre os Kurus sentiu por eles como um pai sente por seus filhos, e eles também sentiram pelo chefe Kuru assim como filhos sentem por seu pai! E aquela grande multidão, se aproximando do herói Kuru, permaneceu em volta dele. E, ó rei, afetados pelo acanhamento, e com lágrimas em seus olhos, eles todos exclamaram, 'Ai, ó senhor! Ó Dharma!' E eles disseram, 'Tu és chefe dos Kurus, e o rei de nós, teus súditos! Aonde tu vais, ó monarca justo, deixando todos estes cidadãos e os habitantes do país, como um pai deixando seus filhos? Que vergonha para o filho de coração cruel de Dhritarashtra! Que vergonha para o filho de mente má de Suvala! Que vergonha para Karna! Pois, ó principal dos monarcas, aqueles canalhas sempre desejam (mal) para ti que és firme em virtude! Tendo tu mesmo fundado a cidade inigualável de Indraprastha do esplendor do próprio Kailasa, aonde tu vais, deixando-a, ó rei ilustre e justo, ó realizador de feitos extraordinários! Ó ilustre, deixando aquele palácio inigualável construído por Maya, o qual possui o esplendor do palácio dos próprios celestiais, e que é como uma ilusão celeste, sempre guardado pelos deuses, aonde tu vais, ó filho de Dharma?' E Vibhatsu conhecendo os caminhos da virtude, prazer, e lucro disse para eles em voz alta, 'Vivendo na floresta, o rei pretende tirar o bom nome de seus inimigos! Ó vocês com os regenerados em sua dianteira, versados em virtude e lucro, aproximando-se dos ascetas separadamente e inclinando-os à benevolência, relatem para eles o que possa ser para o nosso bem supremo!' Após ouvirem estas palavras de Arjuna, os Brahmanas e as outras classes, ó rei, saudando-o alegremente andaram ao redor do principal dos homens virtuosos! E se despedindo do filho de Pritha, e de Vrikodara, e de Dhananjaya e de Yajnaseni, e dos gêmeos, e mandados por Yudhishthira, eles voltaram para suas respectivas residências no reino com corações pesados."

24

"Vaisampayana disse, 'Depois que eles tinham partido, Yudhishthira, o filho virtuoso de Kunti, firme em suas promessas, dirigiu-se a todos os seus irmãos, dizendo, 'Nós teremos que morar na floresta solitária por estes doze anos. Procurem, portanto, nesta floresta imensa por algum local cheio de aves e veados e flores e frutas, belo de se contemplar, e auspicioso, e habitado por pessoas virtuosas e onde nós possamos morar agradavelmente por todos esses anos!'

Assim endereçado por Yudhishthira, Dhananjaya respondeu para o filho de Dharma, depois de reverenciar o rei ilustre como se ele fosse seu preceptor espiritual. E Arjuna disse, 'Tu visitaste respeitosamente todos os Rishis famosos e idosos. Não há nada desconhecido para ti no mundo dos homens. E, ó touro da raça Bharata, tu sempre serviste com reverência Brahmanas inclusive Dwaipayana e outros, e Narada de grande mérito ascético, que, com sentidos sob controle, sempre vai aos portões de todo o mundo, do mundo dos deuses até aquele de Brahma, incluindo aquele dos Gandharvas e Apsaras! E tu conheces, sem dúvida, as opiniões dos Brahmanas, e, ó rei, sua destreza também! E, ó monarca, tu sabes o que está previsto para nos fazer bem! E, ó grande rei, nós viveremos onde quer que tu queiras! Lá está aquele lago, cheio de água sagrada, chamado Dwaitavana, cheio de flores, e encantador de se olhar, e habitado por muitas espécies de aves. Se, ó rei, isto te agradar, nós gostaríamos de morar lá estes doze anos! Tu pensas de outra maneira?' Yudhishthira respondeu, 'Ó Partha, o que tu disseste se recomenda para mim! Vamos àquele lago sagrado e célebre e grande chamado Dwaitavana!'"

"Vaisampayana continuou, ‘Então os filhos virtuosos de Pandu, acompanhados por numerosos Brahmanas, foram todos ao lago sagrado chamado Dwaitavana. E Yudhishthira foi cercado por numerosos Brahmanas alguns dos quais sacrificavam com fogo e alguns sem e alguns dos quais, dedicados ao estudo dos Vedas, viviam de esmolas ou eram da classe chamada Vanaprasthas. E o rei estava também circundado por centenas de Mahatmas coroados com êxito ascético e de votos rígidos. E aqueles touros da raça Bharata, os filhos de Pandu, partindo com aqueles numerosos Brahmanas, entraram nas florestas sagradas e encantadoras de Dwaita. E o rei viu aquela floresta coberta no fim do verão com Salas, e palmeiras, e mangueiras, e Madhukas, e Nipas e Kadamvas e Sarjjas e Arjunas, e Karnikars, muitas delas cobertas com flores. E bandos de pavões e Datyuhas e Chakoras e Varhins e Kokilas, pousados nos topos das árvores mais altas daquela floresta estavam cantando suas notas harmoniosas. E o rei também viu naquela floresta imensa manadas de elefantes gigantescos enormes como colinas, com suco temporal escorrendo na época do cio, acompanhados por manadas de elefantas. E se aproximando do belo Bhogavati (Saraswati), o rei viu muitos ascetas coroados com êxito nas habitações naquela floresta, e homens virtuosos de almas santificadas vestidos em cascas de árvores e tendo madeixas emaranhadas em suas cabeças. E descendo de seus carros, o rei, aquele principal dos homens virtuosos com seus irmãos e seguidores entraram naquela floresta como Indra de energia incomensurável entrando no céu. E multidões de Charanas e Siddhas, desejosos de ver o monarca dedicado à verdade, foram em direção a ele. E os habitantes daquela floresta permaneceram circundando aquele leão entre reis possuidor de grande inteligência. E saudando todos os Siddhas, e saudado por eles em retorno como um rei ou um deus deve ser, aquele principal dos homens virtuosos entrou na floresta com as mãos unidas acompanhado por todos aqueles principais dos regenerados. E o rei ilustre e virtuoso, saudado em retorno por aqueles ascetas virtuosos que tinham se aproximado dele, sentou-se no meio deles na base de uma árvore grande decorada com flores, como seu pai (Pandu) no passado. E aqueles principais da linhagem Bharata, Bhima e

Dhananjaya e os gêmeos e Krishna e seus seguidores, todos fatigados, deixando seus veículos, sentaram-se em volta daquele melhor dos reis. E aquela árvore forte abaixada com o peso de trepadeiras, com aqueles cinco arqueiros ilustres que tinham ido lá para descansar sentando-se sob ela, parecia com uma montanha com (cinco) elefantes enormes descansando ao seu lado.'

25

"Vaisampayana disse, 'Tendo caído em desgraça, aqueles príncipes assim obtiveram finalmente uma habitação agradável naquela floresta. E lá naqueles bosques cheios de árvores Sala e banhados pelo Saraswati, eles que eram como muitos Indras começaram a passar seu tempo. E o rei ilustre, aquele touro da raça Kuru, se pôs a agradar todos os Yatis e Munis e aos principais Brahmanas naquela floresta, por oferendas de frutas e raízes excelentes. E seu sacerdote, Dhaumya dotado de grande energia, como um pai para aqueles príncipes, começou a realizar os ritos sacrificais de Ishti e Paitreya para os Pandavas residindo naquela grande floresta. E chegou lá, como um convidado, na residência dos Pandavas ilustres vivendo na floresta depois da perda de seu reino, o idoso Rishi Markandeya, possuidor de energia intensa e abundante. E aquele touro da raça Kuru, Yudhishthira de grande alma, possuidor de força e destreza inigualáveis, prestou sua homenagem àquele grande Muni, reverenciado por celestiais e Rishis e homens, e possuidor do esplendor do fogo ardente. E aquele Muni ilustre e conhecedor de tudo de energia sem igual, vendo Draupadi e Yudhishthira e Bhima e Arjuna no meio dos ascetas, sorriu, lembrando-se de Rama. E Yudhishthira o justo, aparentemente angustiado por isto, questionou-o, dizendo, 'Todos estes ascetas estão pesarosos por me verem aqui. Por que é que somente tu ris, como se em alegria, na presença deles?' Markandeya respondeu, 'Ó filho, eu também estou triste e não rio em alegria! Nem o orgulho nascido da alegria possui meu coração! Vendo hoje o infortúnio, eu me lembro de Rama, o filho de Dasaratha, dedicado à verdade! Aquele mesmo Rama, acompanhado por Lakshman, morou nas florestas por ordem de seu pai. Ó filho de Pritha, eu o vi antigamente vagando com seu arco no topo das colinas Rishyamuka! O ilustre Rama era como Indra, o senhor do próprio Yama, e o matador de Namuchi! Ainda assim aquele impecável teve que morar na floresta por ordem de seu pai, aceitando isto como seu dever. O ilustre Rama era igual a Sakra em bravura, e invencível em batalha. E ainda assim ele teve que percorrer a floresta renunciando a todos os prazeres! Portanto ninguém deve agir injustamente, dizendo, 'Eu sou poderoso!' Os reis Nabhaga e Bhagiratha e outros, tendo subjugado pela verdade este mundo limitado pelos mares, (finalmente) alcançaram, ó filho, todas as regiões após a morte. Portanto, ninguém deve agir injustamente dizendo, 'Eu sou poderoso!' E, ó exaltado dos homens, o rei virtuoso e sincero de Kasi e Karusha era chamado de cachorro louco por ter renunciado a seus territórios e riquezas! Portanto, ninguém deve agir injustamente dizendo, 'Eu sou poderoso!' Ó melhor dos homens, ó filho de Pritha, os sete Rishis justos, por terem cumprido a

ordenança prescrita pelo próprio Criador nos Vedas, brilham no firmamento. Portanto, ninguém deve agir injustamente dizendo, ‘Eu sou poderoso!’ Veja, ó rei, os elefantes poderosos, enormes como rochedos de montanha e equipados com presas, não violam, ó exaltado dos homens, as leis do Criador! Portanto, ninguém deve agir injustamente dizendo, ‘O poder é meu!’ E, ó principal dos monarcas, veja todas as criaturas agindo de acordo com sua espécie, como ordenado pelo Criador. Portanto, ninguém deve agir injustamente dizendo, ‘O poder é meu!’ Ó filho de Pritha, em verdade, e virtude, e comportamento apropriado, e modéstia, tu superaste todas as criaturas, e tua fama e energia são tão brilhantes quanto o fogo ou o Sol! Firme em tuas promessas, ó ilustre, tendo passado nas florestas teu exílio doloroso, tu, ó rei, arrebatarás novamente dos Kauravas tua prosperidade resplandecente com a ajuda da tua própria energia!'"

“Vaisampayana continuou, ‘Tendo falado estas palavras para Yudhishthira (sentado) no meio dos ascetas com amigos, o grande Rishi tendo também saudado Dhaumya e todos os Pandavas partiu na direção norte!’"

26

“Vaisampayana disse, ‘Enquanto o filho ilustre de Pandu continuou a morar nas florestas Dwaita, aquela grande floresta ficou cheia de Brahmanas. E o lago dentro daquela floresta, sempre ressoando com recitações Védicas, se tornou sagrado como uma segunda região de Brahma. E os sons dos Yajus, dos Riks, dos Samas, e de outras palavras proferidas pelos Brahmanas eram muito encantadores de se ouvir. E as recitações Védicas dos Brahmanas misturando-se com o ressoar dos arcos dos filhos de Pritha produziu uma união dos costumes Brahmana e Kshatriya que era muito bela. E uma noite o Rishi Vaka da família Dalvya se dirigiu a Yudhishthira, o filho de Kunti sentado no meio dos Rishis, dizendo, 'Veja, ó chefe dos Kurus, ó filho de Pritha, chegou a hora do homa destes Brahmanas dedicados a austeridades ascéticas, a hora quando os fogos (sagrados) são todos acesos! Estes todos, de votos rígidos, protegidos por ti, estão realizando os ritos de religião nesta região sagrada! Os descendentes de Bhrigu e Angiras, junto com aqueles de Vasishta e Kasyapa, os ilustres filhos de Agastya, a prole de Atri todos de votos excelentes, realmente, todos os principais Brahmanas em conjunto, estão agora unidos contigo! Escute, ó filho da raça Kuru nascido de Kunti, tu mesmo com teus irmãos, às palavras que eu te falo! Como o fogo ajudado pelo vento consome a floresta, assim a energia Brahma se misturando com a energia Kshatriya, e o poder Kshatriya se misturando com o poder Brahma, podem, quando eles reúnem força, consumir todos os inimigos! Ó filho, nunca deve desejar estar sem Brahmanas aquele que deseja subjugar este e o outro mundo por alguma duração de tempo! De fato, um rei mata seus inimigos tendo obtido um Brahmana familiarizado com religião e assuntos mundanos e livre de paixão e insensatez. O rei Vali cuidando de seus súditos praticou aqueles deveres que levam à salvação, e não conhecia quaisquer outros meios neste mundo além dos Brahmanas. Foi por isso que todos os desejos do filho de

Virochana, do Asura (Vali), eram sempre satisfeitos, e sua riqueza era sempre inesgotável. Tendo obtido a terra inteira pela ajuda dos Brahmanas, ele encontrou a destruição quando começou a fazer mal a eles! Esta terra com sua riqueza nunca adora por muito tempo como seu senhor um Kshatriya vivendo sem um Brahmana! A terra, no entanto, cercada pelo oceano, se curva àquele que é governado por um Brahmana e aprende seus deveres dele! Como um elefante em batalha sem seu condutor, um Kshatriya desprovido de Brahmanas diminui em força! A visão do Brahmana é sem comparação, e a força do Kshatriya também é sem paralelo. Quando estes se combinam, a própria terra inteira alegremente se rende à tal combinação. Como fogo se tornando mais poderoso com o vento consome palha e madeira, assim reis com Brahmanas consomem todos os inimigos! Um Kshatriya inteligente, para ganhar o que ele não tem, e aumentar o que ele tem, deve receber conselho de Brahmanas! Portanto, ó filho de Kunti, para obter o que tu não tens e aumentar o que tu tens, e gastar o que tu tens em objetos e pessoas apropriados, mantenha contigo um Brahmana de reputação, de um conhecimento dos Vedas, de sabedoria e experiência! Ó Yudhishthira, tu tens sempre respeitado muito os Brahmanas. É por isso que tua fama é grande e resplandece nos três mundos!'"

"Vaisampayana continuou, 'Então todos aqueles Brahmanas que estavam com Yudhishthira adoraram Vaka da tribo Dalvya, e tendo ouvido-o louvar Yudhishthira ficaram muito satisfeitos. E Dwaipayana e Narada e Jamadagnya e Prithusravas; e Indradyumna e Bhalaki e Kritachetas e Sahasrapat; e Karnasravas e Munja e Lavanaswa e Kasyapa; e Harita e Sthulakarana e Agnivesya e Saunaka; e Kritavak e Suvakana Vrihadaswa e Vibhavasu; e Urdharetas e Vrishamitra e Suhotra e Hotravahana; estes e muitos outros Brahmanas de votos rígidos então adoraram Yudhishthira como Rishis adorando Purandara no céu!'"

27

"Vaisampayana disse, 'Exilados nas florestas os filhos de Pritha com Krishna, sentados à noite, conversavam entre si angustiados pela tristeza e dor. E a bela e bem informada Krishna querida para seus maridos e devotada a eles, falou dessa maneira para Yudhishthira, 'Aquele filho pecaminoso, cruel, e de mente pecaminosa de Dhritarashtra sem dúvida não sente tristeza por nós, já que, ó rei, aquele canalha de coração mau tendo te enviado comigo para as florestas vestido em peles de veado não sentiu remorso! O coração daquele patife de atos maus deve certamente ser feito de aço uma vez que ele pode naquela hora se dirigir a ti, seu virtuoso irmão mais velho, em palavras tão duras! Tendo causado tal infortúnio a ti que mereces sentir toda a felicidade e nunca semelhante dor, ai, aquele canalha de mente má e pecaminoso se regozija com seus amigos! Ó Bharata, quando vestido em camurças tu partiste para as florestas, somente quatro pessoas, ó monarca, Duryodhana, Karna, Sakuni de mente má, e Dussasana aquele irmão mau e violento de Duryodhana, não derramaram lágrimas! À exceção deles, ó tu melhor dos Kurus, todos os outros Kurus cheios

de tristeza derramaram lágrimas de seus olhos! Vendo este teu leito e me lembrando do que tu tinhas antes, eu sofro, ó rei, por ti que não mereces miséria e que foste criado em todo luxo! Lembrando-me daquele assento de marfim na tua corte, decorado com jóias e vendo este assento de erva kusa, a angústia me consome, ó rei! Eu te vi, ó rei, cercado na tua corte por reis! Que paz meu coração pode conhecer em não ver-te de tal maneira agora? Eu vi teu corpo, refulgente como o sol, enfeitado com pasta de sândalo! Ai, a aflição me priva dos meus sentidos ao ver-te agora coberto com lama e sujeira! Eu te vi antes, ó rei, vestido em roupas de seda de branco puro! Mas eu agora te vejo vestido em trapos? Antigamente, ó rei, comida pura de todo tipo era carregada da tua casa em pratos de ouro por Brahmanas aos milhares! E, ó rei, comida também da melhor espécie era antigamente dada por ti para ascetas sem lar e vivendo em ambiente doméstico! Antigamente, vivendo na tua mansão tu sempre tiveste pratos cheios de comida de todos os tipos aos milhares, e cultuavas os Brahmanas satisfazendo todos os desejos deles! Que paz, ó rei, meu coração pode conhecer em não ver tudo aquilo agora? E, ó grande rei, estes teus irmãos, dotados de juventude e enfeitados com brincos, eram antigamente alimentados por cozinheiros com comida de sabor doce e temperada com habilidade! Ai, ó rei, eu agora vejo eles todos, tão não merecedores de infortúnio, vivendo nas florestas e do que a selva possa produzir! Meu coração, ó rei, não conhece paz! Pensando neste Bhimasena vivendo em sofrimento nas florestas a tua raiva não se inflama, mesmo que esta seja a hora? Por que tua raiva, ó rei, não resplandece ao ver o ilustre Bhimasena que sempre realizou tudo sem ajuda, assim caído em desgraça, embora merecendo toda felicidade? Por que, ó rei, a tua raiva não resplandece ao ver vivendo nas florestas este Bhima que era antigamente cercado de numerosos veículos e vestido em trajes caros? Esta pessoa nobre está preparada para matar todos os Kurus em batalha. Ele suporta, no entanto, toda essa miséria, somente porque ele espera pelo cumprimento da tua promessa! Este Arjuna, ó rei, embora possuidor de duas mãos, é igual, por causa da leveza de sua mão ao disparar flechas, a Arjuna (Kartavirya) de mil braços! Ele é (para os inimigos), como o próprio Yama no fim do Yuga! Foi pelo valor das armas dele que todos os reis da terra foram feitos servir os Brahmanas no teu sacrifício! Vendo aquele Arjuna, aquele tigre entre homens adorado por ambos, os celestiais e os Danavas tão ansiosos, por que, ó rei, tu não te sentes indignado? Eu me angustio, ó Bharata, porque tua fúria não resplandece à visão daquele filho de Pritha no exílio, aquele príncipe que não merece tal infortúnio e que foi criado em todo luxo! Por que tua ira não resplandece à visão daquele Arjuna em exílio, que, em um único carro, derrotou celestiais e homens e serpentes? Por que, ó rei, a tua cólera não se acende à visão daquele Arjuna em exílio que, honrado com oferendas de carros e veículos de várias formas e cavalos e elefantes, tirou à força dos reis da terra seus tesouros, que é o castigador de todos os inimigos, e que em um ímpeto pode lançar ao todo quinhentas flechas? Por que, ó rei, a tua ira não se acende à visão de Nakula em exílio, que tão formoso e saudável e jovem é o principal de todos os espadachins? Por que, ó rei, tu perdoas o inimigo, ó Yudhishthira, à visão do filho de Madri, o belo e corajoso Sahadeva em exílio? Por que a tua raiva não resplandece, ó rei, à visão de ambos, Nakula e Sahadeva, dominados pela angústia, embora tão indignos de infortúnio? Por que também, ó rei, tu perdoas o

inimigo à visão de eu mesma em exílio que, nascida na linhagem de Drupada e, portanto, a irmã de Dhrishtadyumna, sou a nora do ilustre Pandu e a esposa devotada de heróis? Realmente, ó tu melhor dos Bharatas, tu não tens raiva, do contrário por que é que a tua mente não se altera à visão dos teus irmãos e de eu mesma (em semelhante desgraça)? É dito que não há Kshatriya no mundo que seja desprovido de raiva. Eu agora vejo em ti, no entanto, uma refutação do provérbio! Aquele Kshatriya, ó filho de Pritha, que não revela sua energia quando chega a oportunidade é sempre desrespeitado por todas as criaturas! Portanto, ó rei, tu não deves estender teu perdão ao inimigo. De fato, com tua energia, sem dúvida, tu podes matar todos eles! Assim também, ó rei, aquele Kshatriya que não é apaziguado quando chega o momento para o perdão se torna malquisto para todas as criaturas e encontra a destruição neste e no outro mundo!'

28

Draupadi continuou, 'Sobre este assunto, a antiga história da conversa entre Prahlada e Vali, o filho de Virochana, é citada como um exemplo. Um dia Vali questionou seu avô Prahlada, o chefe dos Asuras e dos Danavas, possuidor de grande sabedoria e versado nos mistérios da ciência do dever, dizendo, 'Ó senhor, o perdão é meritório ou poder e energia o são? Eu estou confuso com relação a isto; ó senhor, esclareça a mim que te pergunto isso! Ó tu conhecedor de todos os deveres, diga-me realmente qual destes é meritório? Eu obedecerei estritamente qualquer que possa ser o teu comando!' Assim perguntado (por Vali), seu avô sábio, familiarizado com todas as conclusões, respondeu sobre todo o assunto para seu neto que tinha procurado em suas mãos a solução de suas dúvidas. E Prahlada disse, 'Conheça, ó filho, estas duas verdades com certeza, isto é, que o poder não é sempre meritório e que o perdão também não é sempre meritório! Aquele que perdoa sempre sofre muitos males. Empregados e desconhecidos e inimigos sempre o desrespeitam. Nenhuma criatura alguma vez se curva a ele. Portanto é (por isto), ó filho, que os eruditos não aprovam um hábito constante de perdão! Os empregados de uma pessoa que sempre perdoa o desrespeitam, e contraem numerosos defeitos. Aqueles homens de mente vil também procuram privá-lo de sua riqueza. Empregados de alma vil também se apropriam de seus veículos e roupas e ornamentos e vestuário e camas e assentos e comida e bebida e outros artigos de uso. Eles também, quando ordenados por seu mestre, não dão para outros as coisas que eles são mandados dar. Eles nem mesmo honram seu mestre com aquele respeito que é devido ao seu mestre. O desprezo neste mundo é pior do que a morte. Ó filho, filhos e empregados e servidores e até desconhecidos falam palavras desagradáveis para o homem que sempre perdoa. Os homens, desrespeitando o homem de temperamento sempre clemente, desejam até sua esposa, e sua esposa também se torna propensa a agir como ela deseja. E empregados também que são sempre apegados ao prazer, se eles não recebem nem castigos leves de seu patrão, contraem todos os tipos de vícios, e os pecaminosos sempre ofendem tal patrão. Estes e muitos outros deméritos se vinculam àquele que sempre perdoa!

Escute agora, ó filho de Virochana, aos deméritos daqueles que nunca perdoam! O homem de ira que, cercado pela ignorância, sempre inflige, por ajuda da sua própria energia, várias espécies de castigo sobre pessoas elas mereçam ou não, é necessariamente separado de seus amigos por causa daquela energia dele. Tal homem é odiado por ambos, parentes e estranhos. Tal homem, porque ele insulta outros, sofre perda de riqueza e colhe desconsideração e tristeza e ódio e confusão e inimigos. O homem de ira, por causa de sua ira, inflige castigos em homens e obtém (em retribuição) palavras duras. Ele é logo privado de sua prosperidade e até da vida, para não dizer, de amigos e parentes. Aquele que aplica seu poder sobre seu benfeitor e seu inimigo é um objeto de temor para o mundo, como uma cobra que se abrigou em uma casa, para os habitantes dela. Que prosperidade pode ter aquele que é um objeto de temor para o mundo? As pessoas sempre lhe fazem uma injúria quando elas encontram uma falha. Portanto, os homens nunca devem mostrar força em excesso nem perdão em todas as ocasiões. Um homem deve aplicar seu poder e demonstrar seu perdão em ocasiões apropriadas. Aquele que se torna perdoador no momento apropriado e duro e poderoso também no momento apropriado, obtém felicidade neste mundo e no outro.

Eu agora indicarei em detalhes as ocasiões de perdão, como declaradas pelos eruditos, e que devem ser sempre observadas por todos. Ouça-me enquanto eu falo! Aquele que te fez um favor, mesmo que ele seja culpado de um dano grave para ti, lembrando-te do seu favor antigo tu deves perdoar aquele ofensor. Aqueles também que se tornam ofensores por ignorância e insensatez devem ser perdoados, pois aprendizagem e sabedoria não são sempre facilmente obteníveis pelo homem. Aqueles que tendo te ofendido de propósito alegam ignorância devem ser punidos, mesmo que seus delitos sejam insignificantes. Tais homens desonestos nunca devem ser perdoados. O primeiro delito de toda criatura deve ser perdoado. O segundo delito, no entanto, deve ser punido, mesmo que seja trivial. Se, no entanto, uma pessoa comete um delito a contragosto, é dito que examinando bem sua justificativa por meio de uma investigação judiciosa, ela deve ser perdoada. A humildade pode vencer a força, a humildade pode vencer a fraqueza. Não há nada que a humildade não possa realizar. Portanto, a humildade é realmente mais violenta (do que ela parece)! Uma pessoa deve agir com referência à hora e lugar, tendo em mente sua própria força ou fraqueza. Nada poder ter sucesso sem ter sido realizado com referência à hora e lugar. Portanto, sempre espere pela hora e lugar! Às vezes ofensores devem ser perdoados por medo das pessoas. Estes são declarados como momentos de perdão. E é dito que em ocasiões além dessas a força deve ser aplicada contra os transgressores.'

Draupadi continuou, 'Eu, portanto, considero, ó rei, que chegou o momento para ti aplicares tua força! Para aqueles Kurus, os filhos cobiçosos de Dhritarashtra que nos prejudicam sempre, o presente não é o momento para perdão! Cabe a ti usar teu poder. A pessoa humilde e clemente é desconsiderada; enquanto aqueles que são ferozes perseguem outros. É um rei de fato aquele que recorre a ambos cada um de acordo com seu tempo!'

29

Yudhishthira disse, 'A raiva é a matadora de homens e é além disso aquela que os faz prosperar. Saiba, ó tu possuidora de grande sabedoria, que a raiva é a causa de toda prosperidade e toda adversidade. Ó bela, aquele que suprime sua raiva ganha prosperidade. Aquele homem, além disso, que sempre cede à raiva, colhe adversidade de sua ira violenta. É visto neste mundo que a raiva é a causa da destruição de todas as criaturas. Como então pode alguém como eu ceder à sua raiva que é tão destrutiva do mundo? O homem furioso comete pecados. O homem furioso mata até seus preceptores. O homem enfurecido insulta até seus superiores com palavras duras. O homem que está zangado falha em distinguir entre o que deve ser dito e o que não se deve. Não há ato que um homem zangado não possa fazer, nenhuma palavra que um homem zangado não possa proferir. Por raiva um homem pode matar alguém que não merece ser morto, e ele pode venerar um que merece ser morto. O homem enfurecido pode até mandar sua própria alma para as regiões de Yama. Vendo todas essas falhas, os sábios controlam sua raiva, desejosos de obter a maior prosperidade neste e no outro mundo. É por isso que aqueles de almas tranquilas têm banido a ira. Como pode alguém como nós se entregar a ela então? Ó filha de Drupada, refletindo sobre tudo isso minha raiva não é excitada. Aquele que não age contra um homem cuja raiva está agitada salva a si mesmo como também outros de grande perigo. Realmente, ele pode ser considerado como o médico dos dois (isto é, dele mesmo e do homem enraivecido). Se um homem fraco, perseguido por outros, tolamente fica enraivecido com homens que são mais poderosos do que ele, ele então se torna a causa da sua própria destruição. E em relação a alguém que dessa maneira deliberadamente joga sua vida fora não há regiões a ganhar após a morte. Portanto, ó filha de Drupada, é dito que um homem fraco deve sempre reprimir sua raiva. E o homem sábio também que embora perseguido, não permite que sua cólera seja despertada, se regozija no outro mundo, tendo passado por seu perseguidor em indiferença. É por esta razão que é dito que um homem sábio, seja forte ou fraco, deve sempre perdoar seu perseguidor mesmo quando o último está em apuros. É por isto, ó Krishna, que os virtuosos louvam aqueles que controlam sua ira. De fato, é a opinião dos virtuosos que o homem honesto e clemente é sempre vitorioso. A verdade é mais benéfica do que a mentira; e a gentileza do que o comportamento cruel. Como pode alguém como eu portanto, mesmo para o propósito de matar Duryodhana, demonstrar raiva que tem tantas falhas e que os virtuosos baniram das suas almas? Aqueles que são considerados pelos eruditos de previdência como possuidores de (verdadeira) força de caráter, são certamente aqueles que são coléricos em aparência externa somente. Homens de erudição e de discernimento verdadeiro consideram como possuidor de força de caráter aquele que com sua sabedoria pode suprimir sua raiva. Ó tu de quadris formosos, o homem zangado não vê as coisas no seu aspecto verdadeiro. O homem que está zangado não vê seu caminho, nem respeita pessoas. O homem zangado mata mesmo aqueles que não merecem ser mortos. O homem de cólera mata até seus preceptores. Portanto, o homem possuidor de

força de caráter deve sempre banir a ira à distância. O homem que é dominado pela cólera não adquire com facilidade generosidade, dignidade, coragem, habilidade, e outros atributos pertencentes à real força de caráter. Um homem por abandonar a raiva pode revelar energia apropriada, uma vez que, ó sábia, é muito difícil para o homem enfurecido usar sua energia no momento apropriado! O ignorante sempre considera a raiva como equivalente à energia. A raiva, no entanto, foi dada ao homem para a destruição do mundo. O homem, portanto, que deseja se comportar adequadamente deve sempre abandonar a raiva. Mesmo alguém que abandonou as virtudes excelentes da sua própria classe, isto é certo, perdoa a ira (se age devidamente). Se tolos, de mente sem conhecimento, violam os limites em todos os aspectos, como, ó impecável, pode alguém como eu violar (como eles)? Se entre os homens não houvesse pessoas iguais à terra em perdão, não haveria paz entre os homens mas conflito contínuo causado pela ira. Se o ofendido devolve suas ofensas, se alguém castigado por seu superior fosse castigar seu superior em retorno, a consequência seria a destruição de todas as criaturas, e o pecado também prevaleceria no mundo. Se o homem que ouve más palavras de outro retribui aquelas palavras depois; se o homem ofendido retorna suas ofensas; se a pessoa castigada castiga em retorno; se pais matam filhos, e filhos pais e se maridos matam esposas, e esposas maridos; então, ó Krishna, como pode haver nascimentos em um mundo onde a raiva prevalece dessa maneira? Pois, ó tu rosto belo, saiba que o nascimento das criaturas é devido à paz! Se os reis também, ó Draupadi, cedem à ira, seus súditos logo encontram a destruição. A ira, portanto, tem como sua consequência a destruição e a aflição das pessoas. E porque é visto que há no mundo homens que são clementes como a Terra, é por essa razão que as criaturas derivam vida e prosperidade. Ó bela, uma pessoa deve perdoar sob todo insulto. É dito que a continuação da espécie é devido ao homem ser clemente. De fato, é uma pessoa sábia e excelente aquela que conquistou sua ira e que demonstra perdão mesmo quando ofendida, oprimida, e enraivecida por uma pessoa forte. O homem de poder que controla sua ira, tem (para seu desfrute) numerosas regiões eternas; enquanto aquele que é zangado é chamado de tolo, e encontra a destruição neste e no outro mundo. Ó Krishna, o ilustre e clemente Kashyapa, em relação a isso, cantou os seguintes versos em honra dos homens que são sempre perdoadores, 'Perdão é virtude; perdão é sacrifício, perdão é os Vedas, perdão é o Shruti. Aquele que sabe disso é capaz de perdoar tudo. Perdão é Brahma; perdão é verdade; perdão é mérito ascético acumulado; perdão protege o mérito ascético do futuro; perdão é ascetismo; perdão é santidade; e pelo perdão o universo é mantido unido. Pessoas que são clementes alcançam as regiões obteníveis por aqueles que realizam sacrifícios meritórios, ou aqueles que são bem familiarizados como os Vedas, ou aqueles que tem grande mérito ascético. Aqueles que realizam sacrifícios Védicos como também aqueles que realizam os ritos meritórios de religião obtém outras regiões. Homens de perdão, no entanto, alcançam àquelas regiões muito adoradas que estão no mundo de Brahma. Perdão é o poder do poderoso; perdão é sacrifício; perdão é quietude mental. Como, ó Krishna, alguém como nós pode abandonar o perdão, qual é de tal maneira, e no qual estão estabelecidos Brahma, e a verdade, e a sabedoria e os mundos? O homem de sabedoria deve sempre perdoar, pois quando ele é capaz de perdoar tudo, ele

alcança Brahma. O mundo pertence àqueles que são perdoadores; o outro mundo também é deles. O clemente obtém honras aqui, e um estado de bem aventurança após a morte. Aqueles homens que sempre controlam sua raiva através do perdão alcançam as regiões mais elevadas. Portanto é dito que o perdão é a maior virtude.' Estes são os versos cantados por Kashyapa a respeito daqueles que são sempre clementes. Tendo escutado, ó Draupadi, a estes versos a respeito do perdão, fique contente! Não ceda à tua ira! Nosso avô, o filho de Santanu, cultuará a paz; Krishna, o filho de Devaki, cultuará a paz; o preceptor (Drona) e Vidura chamado Kshatri, ambos falarão de paz; Kripa e Sanjaya também pregarão a paz. E Somadatta e Yuyutshu e o filho de Drona e nosso avô Vyasa, cada um deles fala sempre de paz. Sempre estimulado por eles em direção à paz, o rei (Dhritarashtra), eu penso, nos devolverá nosso reino. Se no entanto, ele ceder à tentação, ele encontrará a destruição. Ó senhora, chegou uma crise na história dos Bharatas para mergulhá-los em calamidade! Esta é minha conclusão indubitável desde algum tempo antes! Suyodhana não merece o reino. Portanto ele é incapaz de ter clemência. Eu, no entanto, mereço a soberania e portanto a clemência tomou posse de mim. Perdão e bondade são as qualidades dos controlados. Elas representam a virtude eterna. Eu, portanto, realmente adotarei estas qualidades.'

30

Draupadi disse, 'Eu me curvo a Dhatri e Vidhatri que nublaram tua compreensão dessa maneira! Considerando a responsabilidade (que tu tens que carregar) tu pensas diferentemente dos modos dos teus pais e avôs! Influenciados pelas ações os homens são colocados em diferentes situações de vida. As ações, portanto, produzem consequências que são inevitáveis; a emancipação é desejada por mera insensatez. Parece que o homem nunca pode alcançar prosperidade neste mundo por meio de virtude, bondade, perdão, franqueza e medo de crítica! Se não fosse assim, ó Bharata, esta calamidade insuportável nunca teria alcançado a ti que és tão indigno disto, e estes teus irmãos de grande energia! Nem naqueles dias de prosperidade nem nestes dias de adversidade, ó Bharata, tu conheceste alguma coisa tão cara para ti quanto a virtude, a qual tu sempre consideraste como mais preciosa para ti do que a vida? Que teu reino é para a virtude somente, que tua vida também é para a virtude somente, é sabido pelos Brahmanas e teus superiores e mesmo pelos celestiais! Eu acho que tu podes abandonar Bhimasena e Arjuna e estes gêmeos filhos de Madri junto comigo mesma, mas tu não podes abandonar a virtude! Eu tenho ouvido que o rei protege a virtude; e a virtude, protegida por ele, o protege (em retorno)! Eu vejo, no entanto, que a virtude não te protege! Como a sombra perseguindo um homem, teu coração, ó tigre entre homens, com unidade de propósito, sempre procura a virtude. Tu nunca desrespeitaste teus iguais, e inferiores e superiores. Obtendo até o mundo inteiro teu orgulho nunca aumentou! Ó filho de Pritha, tu sempre cultuaste Brahmanas, e deuses, e os Pitris, com Swadhas e outras formas de culto! Ó filho de Pritha, tu sempre gratificaste os Brahmanas por realizar todos os

desejos deles! Yatis e Sannyasins e mendicantes de vidas familiares sempre foram alimentados na tua casa em pratos de ouro onde eu distribuía (alimento) entre eles. Para os Vanaprasthas tu sempre deste ouro e alimento. Não há nada na tua casa que tu não possas dar para os Brahmanas! No sacrifício Viswadeva, que é, para a tua paz, realizado na tua casa, as coisas consagradas são primeiro oferecidas para convidados e todas as criaturas enquanto tu vives com o que resta (depois da distribuição)! Ishtis Pashubandhas, sacrifícios para obter realização de desejo, os ritos religiosos da vida familiar (comum), sacrifícios Paka, e sacrifícios de outros tipos, são sempre realizados na tua casa. Até nesta grande floresta, tão solitária e frequentada por ladrões, vivendo no exílio, privado do teu reino, tua virtude não sofreu diminuição! O Aswamedha, o Rajasuya, o Pundarika, e Gosava, estes sacrifícios formidáveis requerendo grandes presentes foram todos realizados por ti! Ó monarca, impelido por um sentimento perverso durante aquela hora terrível da perda de uma partida nos dados, tu ainda assim apostaste e perdeste teu reino, tua riqueza, tuas armas, teus irmãos, e eu mesma! Simples, amável, bondoso, modesto, sincero, como, ó rei, tua mente pode ser atraída para o vício do jogo? Eu estou quase privada da minha razão, ó rei, e meu coração está tomado pela dor, vendo este teu infortúnio e esta tua calamidade! Uma velha história é citada como uma ilustração para a verdade que os homens estão sujeitos à vontade de Deus e nunca aos seus próprios desejos! O Senhor Supremo e Ordenador de tudo ordena tudo em relação ao bem-estar e infortúnio, à felicidade e tristeza, de todas as criaturas, mesmo antes de seus nascimentos guiados pelas ações de cada uma, as quais são mesmo como uma semente (destinada a brotar na árvore da vida). Ó herói entre homens, como uma boneca de madeira é feita mover seus membros pelo manipulador, assim as criaturas são feitas trabalhar pelo Senhor de tudo. Ó Bharata, como o espaço que cobre todos os objetos, Deus, permeando toda criatura, ordena seu bem ou mal. Como uma ave atada com uma corda, toda criatura é dependente de Deus. Cada um está sujeito a Deus e a ninguém mais. Ninguém pode ser seu próprio ordenador. Como uma pérola em seu cordão, ou um touro segurado firmemente pela corda passando por seu nariz, ou uma árvore caída da margem ao meio do rio, cada criatura segue a ordem do Criador, porque está imbuída de Seu Espírito e porque está estabelecida n'Ele. E o próprio homem, dependente da Alma Universal, não pode passar um momento independentemente. Envolvidas em escuridão, as criaturas não são donas do seu próprio bem e mal. Elas vão para o céu ou inferno incitadas pelo próprio Deus. Como palhas leves dependentes de ventos fortes, todas as criaturas, ó Bharatas, são dependentes de Deus! E o próprio Deus, permeando todas as criaturas e engajado em ações certas ou erradas, se move no universo, no entanto ninguém pode dizer ‘Isto é Deus!’ Este corpo com seus atributos físicos é somente o meio pelo qual Deus, o Senhor Supremo de tudo, faz (toda criatura) colher frutos que são bons e maus. Veja o poder de ilusão que é expandido por Deus, que confundindo com sua ilusão faz criaturas matarem seus companheiros! Munis conhecedores da verdade olham para aqueles diferentemente. Eles aparecem para eles em uma luz diferente, assim como os raios do Sol (os quais para os olhos comuns são somente um feixe de luz, enquanto para olhos mais penetrantes parecem repletos dos germes de (alimento e bebida). Homens comuns olham para as coisas da terra de outra maneira. É

Deus quem faz eles todos, adotando diferentes processos em sua criação e destruição. E, ó Yudhishthira, o Avô Auto-criado, Deus Onipotente, espalhando ilusão, mata suas criaturas por meio de suas criaturas, como alguém pode quebrar um pedaço de madeira inerte e insensível com madeira, ou pedra com pedra, ou ferro com ferro. E o Senhor Supremo, de acordo com sua vontade, se diverte com Suas criaturas, criando-as e destruindo-as, como uma criança com seu brinquedo (de terra macia). Ó rei, parece-me que Deus se comporta em direção às suas criaturas como um pai ou mãe para elas. Como uma pessoa violenta, Ele parece se portar em direção a elas com raiva! Vendo pessoas superiores e bem educadas e modestas perseguidas, enquanto os pecaminosos são felizes, eu estou muito perturbada. Vendo este teu infortúnio e a prosperidade de Suyodhana, eu não falo em termos elogiosos do Grande Ordenador que permite semelhante desigualdade! Ó senhor, que frutos Grande Ordenador colhe por conceder prosperidade ao filho de Dhritarashtra que desobedece as ordenanças, que é desonesto e cobiçoso, e que ofende a virtude e a religião? Se o ato feito persegue o fazedor e ninguém mais, então certamente é o próprio Deus que é maculado pelo pecado de todo ato. Se, no entanto, o pecado de uma ação não se vincula ao fazedor, então o poder (individual e não Deus) é a verdadeira causa das ações, e eu me aflijo por aqueles que não tem poder!'

31

Yudhishthira disse, 'Teu discurso, ó Yajnaseni, é encantador, polido e cheio de frases excelentes. Nós o escutamos (cuidadosamente). Tu falas, no entanto, a língua do ateísmo. Ó princesa, eu nunca ajo desejoso dos frutos das minhas ações. Eu dôo, porque é meu dever doar; eu sacrifico porque é meu dever sacrificar! Ó Krishna, eu realizo da melhor maneira que posso o que quer que uma pessoa vivendo em vida familiar deve fazer, indiferente ao fato se aquelas ações tem resultados ou não. Ó tu de quadris formosos, eu ajo virtuosamente, não pelo desejo de colher os frutos da virtude, mas de não desobedecer as ordenanças do Veda, e observando também a conduta dos bons e sábios! Meu coração, ó Krishna, é naturalmente atraído em direção à virtude. O homem que deseja colher os frutos da virtude é um comerciante de virtude. Sua natureza é egoísta e ele nunca deve ser contado entre os virtuosos. Nem ele deve alguma vez obter os frutos de suas virtudes! Nem aquele de coração pecaminoso, que tendo realizado uma ação virtuosa duvida em sua mente, obtém os frutos de sua ação, por causa do ceticismo dele! Eu falo para ti, sob a autoridade dos Vedas, a qual constitui a maior prova em tais questões, que tu nunca deves duvidar da virtude! O homem que duvida da virtude está destinado a tomar seu nascimento na espécie bruta. O homem de compreensão fraca que duvida da religião, da virtude ou das palavras dos Rishis, é excluído das regiões de imortalidade e felicidade, como Sudras dos Vedas! Ó inteligente, se uma criança nascida de uma boa linhagem estuda os Vedas e se comporta virtuosamente, sábios reais de comportamento virtuoso o consideram como um sábio idoso (apesar de sua idade)! O canalha pecaminoso, no entanto, que duvida da religião e desobedece as escrituras, é considerado

como mais inferior até do que Sudras e ladrões! Tu viste com teus próprios olhos o grande asceta Markandeya de alma imensurável vir até nós! É somente pela virtude que ele adquiriu imortalidade na carne. Vyasa, e Vasistha e Maitreya, e Narada e Lomasa, e Suka, e outros Rishis todos, somente pela virtude, se tornaram de alma pura! Tu os viste com teus próprios olhos como dotados de destreza de ascetismo celeste, competentes para amaldiçoar ou abençoar (com efeito), e superiores aos próprios deuses! Ó impecável, estes todos, iguais aos próprios celestiais, vêem com seus olhos o que está escrito nos Vedas, e descrevem a virtude como o principal dever! Não cabe a ti, portanto, ó rainha amável, duvidar ou criticar Deus ou agir com um coração insensato. O tolo que duvida da religião e desconsidera a virtude, orgulhoso da prova derivada do seu próprio raciocínio, não respeita outras provas e considera os Rishis, que são capazes de conhecer o futuro como presente, como homens loucos. O tolo considera somente o mundo externo capaz de satisfazer seus sentidos, e é cego para tudo mais. Aquele que duvida da religião não tem expiação para seu pecado. Aquele patife miserável é cheio de ansiedade e não alcança regiões de felicidade após a morte. Um recusador de evidências, um difamador da interpretação das escrituras Védicas, um transgressor incitado por luxúria e cobiça, aquele tolo vai para o inferno. Ó amável, por outro lado, aquele que sempre nutre religião com fé obtém felicidade eterna no outro mundo. O tolo que não nutre religião, contrariando as provas oferecidas pelos Rishis, nunca obtém prosperidade em alguma vida, por tal transgressão das escrituras. É certo, ó bela, que para aquele que não considera as palavras dos Rishis ou a conduta dos virtuosos como prova, nem este nem o outro mundo existem. Não duvide, ó Krishna, da religião antiga que é praticada pelos bons e moldada por Rishis de conhecimento universal e capazes de ver todas as coisas! Ó filha de Drupada, a religião é a única balsa para aqueles desejosos de ir para o céu, como um navio para comerciantes desejosos de cruzar o oceano. Ó tu impecável, se as virtudes que são praticadas pelos virtuosos não tivessem resultados, este universo então seria envolvido em escuridão abjeta. Ninguém então procuraria a salvação, ninguém procuraria adquirir conhecimento nem riqueza, mas os homens viveriam como animais. Se ascetismo, austeridades da vida celibatária, sacrifícios, estudo dos Vedas, caridade, honestidade, estes fossem todos inúteis, os homens não teriam praticado a virtude geração após geração. Se as ações fossem todas infrutíferas, uma confusão terrível se seguiria. Por que então Rishis e deuses e Gandharvas e Rakshasas que são todos independentes das condições humanas apreciam a virtude com tal afeição? Sabendo por certo que Deus é o concessor de resultados em relação à virtude, eles praticam a virtude neste mundo. Isto, ó Krishna, é a eterna (fonte de) prosperidade. Quando os frutos do conhecimento e ascetismo são vistos, virtude e vício não podem ser infrutíferos. Lembre-te, ó Krishna, das circunstâncias do teu próprio nascimento como tu soubeste delas, e recorde também a maneira na qual Dhrishtadyumna de grande bravura nasceu! Estas, ó tu de doces sorrisos, são as melhores provas (dos frutos da virtude)! Aqueles que tem suas mentes sob controle colhem os frutos de suas ações e estão contentes com pouco. Tolos ignorantes não se contentam nem com aquele muito que eles conseguem (aqui), porque eles não tem a felicidade nascida da virtude para obter no mundo futuro. A infertilidade de ações virtuosas ordenadas nos Vedas, como

também de todas as transgressões, a origem e destruição de ações são, ó bela, misteriosas até para os deuses. Estas não são conhecidas por ninguém. Homens comuns são ignorantes a respeito destas. Os deuses mantêm o mistério, pois a ilusão cobrindo a conduta dos deuses é ininteligível. Aqueles regenerados que tem destruído todas as aspirações, que tem construído todas as suas esperanças em votos e ascetismo, que tem queimado todos os seus pecados e obtido mentes onde busca e paz e santidade moram, compreendem todas estas. Portanto, embora tu não possas ver os frutos da virtude, tu ainda assim não deves duvidar da religião ou dos deuses. Tu deves realizar sacrifícios com um desejo, e praticar caridade sem insolência. Ações neste mundo tem seus frutos, e a virtude também é eterna. O próprio Brahma disse isso para seus filhos (espirituais), como testificado por Kashyapa. Que tua dúvida, portanto, ó Krishna, seja dissipada como neblina. Refletindo sobre tudo isso, que teu ceticismo dê lugar à fé. Não calunie Deus, que é o senhor de todas as criaturas. Aprenda como conhecê-lo. Reverencie a Ele. Não deixe que a tua mente seja de tal maneira. E, ó Krishna, nunca desconsidere aquele Ser Supremo por cuja graça o homem mortal, através da piedade, alcança a imortalidade!'

32

Draupadi disse, 'Eu nunca desrespeito ou calunio a religião, ó filho de Pritha! Por que eu desrespeitaria Deus, o senhor de todas as criaturas? Afligida pela angústia, saiba que eu estou, ó Bharata, somente delirando. Eu me entregarei aos lamentos novamente; escute-me com atenção. Ó perseguidor de todos os inimigos, toda criatura consciente deve certamente agir neste mundo. São somente as imóveis, e não outras criaturas, que podem viver sem agir. O bezerro, imediatamente após seu nascimento, suga as tetas da mãe. Pessoas sentem dor por causa de encantamentos realizados com suas estátuas. Parece, portanto, ó Yudhishthira, que as criaturas derivam o caráter de suas vidas de suas ações de vidas anteriores. Entre as criaturas móveis o homem difere neste aspecto de modo que ele aspira, ó touro da raça Bharata, afetar seu curso de vida neste e no outro mundo por meio de suas ações. Impelidas pela inspiração de uma vida anterior, todas as criaturas visivelmente (colhem) neste mundo os frutos de suas ações. De fato, todas as criaturas vivem de acordo a inspiração de uma vida anterior, mesmo o Criador e o Ordenador do universo, como um grou que vive na água (não ensinado por ninguém.) Se uma criatura não age, seu rumo de vida é impossível. No caso de uma criatura, portanto, deve haver ação e não inação. Tu também deves agir, e não incorrer em crítica por abandonar a ação. Cubra-te, como com uma armadura, com ação. Pode haver ou pode não haver mesmo um em mil que realmente conhece a utilidade das ações ou trabalho. Deve-se agir para proteger como também para aumentar sua riqueza; pois se alguém, sem procurar ganhar, continua somente a gastar sua riqueza, mesmo que seja uma provisão enorme como Himavat, esta logo será esgotada. Todas as criaturas no mundo teriam sido exterminadas se não houvesse ação. Se também as ações não dessem frutos, as criaturas nunca teriam se multiplicado. É mesmo visto que as criaturas às vezes

realizam ações que não tem resultados, pois sem ação o próprio andamento da vida seria impossível. Aquelas pessoas no mundo que crêem em destino, e aquelas além disso que crêem em acaso, são ambas as piores entre os homens. Somente aqueles que crêem na eficácia das ações são louváveis. Aquele que se deita tranquilamente, sem atividade, acreditando só no destino, é logo destruído como um pote de barro não cozido em água. Assim também aquele que acredita no acaso, isto é, permanece inativo embora capaz de atividade, não vive muito tempo, pois sua vida é uma de fraqueza e desamparo. Se alguma pessoa acidentalmente obtém alguma riqueza é dito que ela derivou-a do acaso, pois nenhum esforço próprio ocasionou o resultado. E, ó filho de Pritha, o que quer que uma pessoa obtenha de boa fortuna por consequência de ritos religiosos é chamado de providencial. O fruto, no entanto, que uma pessoa obtém por agir ela mesma, e que é o resultado direto daquelas ações dela, é considerado como prova de habilidade pessoal. E, ó melhor dos homens, saiba que a riqueza que alguém obtém espontaneamente e sem causa é considerada como uma aquisição espontânea. O que quer que seja assim obtido por acaso, por dispensação providencial, espontaneamente, e como o resultado das próprias ações é, no entanto, a consequência dos atos de uma vida anterior. E Deus, o Ordenador do universo, julgando de acordo com os atos de vidas anteriores, distribui entre os homens suas porções neste mundo. Quaisquer ações, boas ou más, que uma pessoa realiza, saiba que elas são o resultado dos planos de Deus de acordo com as ações de uma vida passada. Este corpo é somente o instrumento nas mãos de Deus, para fazer as ações que são feitas. (O corpo) ele mesmo inerte faz como Deus o incita a fazer. Ó filho de Kunti, é o Senhor Supremo de tudo que faz todas as criaturas fazerem o que elas fazem. As próprias criaturas são inertes. Ó herói, o homem, tendo primeiro fixado algum propósito em sua mente, o realiza, ele mesmo trabalhando com a ajuda de sua inteligência. Nós, portanto, dizemos que o próprio homem é a causa (do que ele faz). Ó touro entre homens, é impossível numerar as ações dos homens, pois mansões e cidades são o resultado das ações do homem. Homens inteligentes sabem, pela ajuda de seu intelecto, que óleo pode ser obtido do gergelim, coalhos do leite, e que alimento pode ser cozido por acender combustível. Eles conhecem também os meios para realizar tudo isto. E conhecendo-os, eles subsequentemente se põe, com instrumentos apropriados, a realizá-los. E as criaturas sustentam suas vidas pelos resultados alcançados nestas direções por suas próprias ações. Se um trabalho é realizado por um operário habilidoso, ele é bem realizado. Por diferenças (em características), outro trabalho pode ser citado como sendo aquele de uma mão inábil. Se uma pessoa, na questão de suas ações, não fosse ela mesma a causa disso, então sacrifícios não dariam quaisquer resultados no seu caso nem alguém seria um discípulo ou um mestre. É porque uma pessoa é ela mesma a causa de seu trabalho que ela é elogiada quando ela alcança êxito. Assim o fazedor é criticado se ele falha. Se um homem não fosse ele mesmo a causa de suas ações, como tudo isto seria justificado!? Alguns dizem que tudo é o resultado de dispensação Providencial; outros dizem que não é assim, mas que tudo o que se supõe ser o resultado do destino ou acaso é o resultado das ações boas ou más de vidas anteriores. É visto, posses são obtidas do acaso, como também do destino. Algo sendo do destino e algo do acaso, algo é obtido por esforço. Na aquisição de seus objetos,

não há quarta causa no caso do homem. Assim dizem aqueles que são conhecedores da verdade e hábeis em conhecimento. Se, no entanto, o próprio Deus não fosse o dador de resultados bons e maus, então entre as criaturas não haveria nenhuma que fosse miserável. Se o efeito de ações anteriores fosse um mito, então todos os propósitos pelos quais os homens trabalham deveriam ser bem sucedidos. Aqueles, portanto, que consideram somente os três (acima mencionados) como as portas de todo sucesso e fracasso no mundo, (sem considerarem os atos vida anterior), são obtusos e inertes como o próprio corpo. Por tudo isto, entretanto, uma pessoa deve agir. Esta é a conclusão do próprio Manu. A pessoa que não age certamente sucumbe, ó Yudhishthira. O homem de ação neste mundo geralmente encontra o êxito. O ocioso, no entanto, nunca alcança sucesso. Se o sucesso se torna impossível, então uma pessoa deve procurar remover as dificuldades que obstruem seu caminho para o sucesso. E, ó rei, se uma pessoa trabalha (duro), sua dívida (com os deuses) é anulada (ele alcance o sucesso ou não). A pessoa que é preguiçosa e fica deitada é vencida pela adversidade; enquanto aquela que é ativa e habilidosa sem dúvida colhe êxito e desfruta de prosperidade. Pessoas inteligentes engajadas em ações com confiança em si mesmas consideram todos os que são tímidos como incertos e fracassados. Os confiantes e conscienciosos, no entanto, são considerados por eles como bem sucedidos. E neste momento a miséria nos alcançou. Se, no entanto, tu te dirigires para a ação, esta miséria sem dúvida será removida. Se tu encontrares o fracasso, então isto fornecerá uma prova para ti e Vrikodara e Vivatsu e os gêmeos (de que vocês são incapazes de tirar o reino do inimigo). As ações de outros, é visto, são coroadas com êxito. É provável que a nossa também seja bem sucedida. Como alguém pode saber antes qual será a consequência? Tendo te esforçado tu saberás qual será o resultado do teu esforço. O agricultor lavra a terra com o arado e semeia as sementes nela. Ele então senta-se silencioso, pois as nuvens (depois disso) são a causa que ajudará as sementes a se tornarem plantas. Se, no entanto, as nuvens não o favorecem, o agricultor é absolvido de toda culpa. Ele diz para si mesmo, 'O que outros fazem, eu fiz. Se, apesar disto, eu encontrar o fracasso nenhuma culpa pode se vincular a mim.' Pensando assim ele se contém e nunca sente remorso. Ó Bharata, ninguém deve se desesperar dizendo, ‘Oh, eu estou agindo, ainda assim o êxito não é meu!’ Pois há duas outras causas, além do esforço, rumo ao sucesso. Haja sucesso ou fracasso, não deve haver desespero, pois o sucesso em ações depende da união de muitas circunstâncias. Se um elemento importante está faltando o sucesso não se torna proporcional, ou não vem em absoluto. Se no entanto, nenhum esforço é feito, não pode haver sucesso. Nem há qualquer coisa a elogiar na ausência de todo o esforço. Os inteligentes, ajudados por sua inteligência, e em conformidade com toda sua força produzem lugar, hora, meios, e ritos propícios para a aquisição de prosperidade. Com cuidado e vigilância uma pessoa deve se por a trabalhar, seu principal guia sendo sua coragem. Na união de qualidades necessárias para sucesso em trabalho, a coragem parece ser a principal. Quando o homem de inteligência vê seu inimigo superior a ele em muitas qualidades, ele deve procurar a realização de seus propósitos por meio das artes de conciliação e mecanismos apropriados. Ele deve também desejar mal para seu inimigo e seu banimento. Sem falar do homem mortal, se seu inimigo fosse até o oceano ou as colinas, ele

deveria ser guiado por tais motivos. Uma pessoa por sua atividade em procurar pelas falhas de seus inimigos paga sua dívida para consigo mesma como também para com seus amigos. Nenhum homem deve alguma vez fazer pouco de si mesmo pois o homem que se menospreza nunca obtém grande prosperidade. Ó Bharata, o sucesso neste mundo é alcançável por meio de tais condições! Realmente, o sucesso no mundo é citado como dependendo de agir de acordo com momento e circunstâncias. Meu pai antigamente mantinha um Brahmana erudito com ele. Ó touro da raça Bharata, ele disse tudo isso para o meu pai. De fato, estas instruções quanto ao dever, proferidas pelo próprio Vrihaspati, foram primeiro ensinadas para meus irmãos. Foi deles que eu as ouvi depois de algum tempo na casa do meu pai. E, ó Yudhishthira, quando nos intervalos de serviço, eu saía (dos aposentos internos) e me sentava no colo do meu pai, aquele Brahmana erudito costumava recitar para mim estas verdades, gentilmente me confortando com isso!'

33

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras de Yajnaseni, Bhimasena, suspirando em fúria, se aproximou do rei e se dirigiu a ele, dizendo, 'Ande, ó monarca, no caminho costumeiro trilhado por bons homens, (antes de ti) em relação a reinos. O que nós ganhamos por viver no retiro de ascetas, assim desprovidos de virtude, prazer, e lucro? Não foi por virtude, nem por honestidade, nem por poder, mas por dados injustos que nosso reino foi arrebatado por Duryodhana. Como um chacal comedor de sobras roubando a presa de leões poderosos, ele roubou nosso reino. Por que, ó monarca, em obediência ao mérito banal da aderência a uma promessa, tu sofres tal infortúnio, abandonando aquela riqueza que é a fonte de virtude e prazeres? Foi por teu descuido, ó rei, que nosso reino protegido pelo manejador do Gandiva e portanto, incapaz de ser tirado pelo próprio Indra, foi arrebatado de nós na nossa própria vista. Foi por causa de ti, ó monarca, que, nós estando vivos, nossa prosperidade foi tirada de nós como uma fruta de alguém incapaz de usar seus braços, ou como vacas de alguém incapaz de usar suas pernas. Tu és fiel na aquisição de virtude. Foi para agradar a ti, ó Bharata, que nós nos permitimos ser oprimidos por tal calamidade terrível. Ó touro da raça Bharata, foi porque nós estávamos sujeitos ao teu controle que nós estamos assim partindo os corações dos nossos amigos e satisfazendo nossos inimigos. Que nós, em obediência a ti, até então não tenhamos matado os filhos de Dhritarashtra, é uma ação de tolice da nossa parte que me aflige muito. Esta tua residência, ó rei, nas florestas, como a de algum animal selvagem, é algo a que somente um homem de fraqueza se submeteria. Certamente, o homem de poder nunca poderia levar semelhante vida. Este teu rumo de vida não é aprovado nem por Krishna, nem Vibhatsu, nem por Abhimanyu, nem pelos Srinjayas, nem por mim mesmo, nem pelos filhos de Madri. Afligido com os votos, teu grito é 'Religião!' 'Religião!' Tu por desespero foste desprovido da tua virilidade? Só covardes, incapazes de ganhar de volta sua prosperidade, sentem desespero, o qual é inútil e destrutivo dos propósitos de alguém. Tu tens habilidade e visão. Tu vês que a virilidade habita em nós. É porque tu adotaste uma vida de paz que tu

não sentes esta angústia. Aqueles Dhritarashtras consideram a nós que somos perdoadores como realmente incompetentes. Isto, ó rei, me atormenta mais do que a morte em batalha. Se todos nós morrêssemos em luta justa sem darmos nossas costas para o inimigo, até isto seria melhor do que este exílio, pois então nós alcançaríamos regiões de felicidade no outro mundo. Ou, se, ó touro da raça Bharata, tendo matado eles todos, nós obtivéssemos a terra inteira, esta prosperidade seria digna de esforço. Nós que sempre aderimos aos costumes da nossa classe, que sempre desejamos grandes realizações, que desejamos vingar nossos males, temos este como nosso dever sagrado. Nosso reino tirado de nós, se nós nos engajarmos em batalha, nossos feitos quando conhecidos pelo mundo obterão para nós renome e não calúnia. E aquela virtude, ó rei, que tortura a própria pessoa e amigos, não é realmente virtude. Ela é mais propriamente vício, produzindo calamidades. A virtude é às vezes também a fraqueza dos homens. E embora tal homem possa estar sempre dedicado à prática da virtude, ainda assim virtude e lucro o abandonam, como prazer e dor abandonando uma pessoa que está morta. Aquele que pratica a virtude por causa da virtude sempre sofre. Ele mal pode ser chamado de homem sábio, pois ele não conhece os propósitos da virtude, como um homem cego incapaz de perceber a luz solar. Aquele que considera sua riqueza como existindo somente para ele mesmo mal compreende os propósitos da riqueza. Ele é realmente como um empregado que toma conta de vacas em uma floresta. Aquele além disso que persegue a riqueza demasiado sem buscar virtude e prazeres, merece ser criticado e morto por todos os homens. Aquele também que sempre busca prazeres sem buscar virtude e riqueza perde seus amigos e virtude e riqueza também. Desprovido de virtude e riqueza tal homem, perdendo-se no prazer à vontade, no término do seu período de indulgência encontra com a morte certa, como um peixe quando a água na qual ele vive é secada. É por estas razões que aqueles que são sábios sempre cuidam de ambos, virtude e riqueza, pois uma união de virtude e riqueza é o requisito essencial do prazer, como o combustível é o requisito essencial do fogo. O prazer tem sempre a virtude como sua base, e a virtude também está unida com o prazer. Saiba, ó monarca, que ambos são dependentes um do outro como o oceano e as nuvens, o oceano causando as nuvens e as nuvens enchendo o oceano. A alegria que alguém sente por causa do contato com objetos do tato ou da posse de riqueza é o que é chamado de prazer. Isto existe na mente, não tendo existência corpórea que se possa ver. Aquele que deseja (obter) riqueza, procura por uma grande parte de virtude para coroar seu desejo com êxito. Aquele que deseja prazer, procura riqueza, (para que seu desejo possa ser realizado). O prazer, no entanto, não produz nada por sua vez. Um prazer não pode levar a outro, sendo seu próprio fruto, como cinzas podem ser obtidas da madeira, mas nada daquelas cinzas por sua vez. E, ó rei, como um caçador mata as aves que vê, assim o pecado mata as criaturas do mundo. Aquele, portanto, que corrompido pelo prazer ou cobiça não vê a natureza da virtude, merece ser morto por todos, e se torna ignóbil aqui e após a morte. É evidente, ó rei, que tu sabes que o prazer pode ser derivado da posse de vários objetos de desfrute. Tu também conheces bem seus estados costumeiros, assim como as grandes mudanças pelas quais eles passam. Na sua perda ou desaparecimento ocasionados por decrepitude ou morte, surge o que é chamado de infortúnio. Este infortúnio, ó rei, agora nos

alcançou. A alegria que surge dos cinco sentidos, do intelecto e do coração, sendo direcionados para os objetos apropriados a cada um, é chamada de prazer. Aquele prazer, ó rei, é, como eu penso, um dos melhores frutos das nossas ações.

Assim, ó monarca, uma pessoa deve considerar virtude, riqueza e prazer um após o outro. Uma pessoa não deve se dedicar só à virtude, nem considerar a riqueza como o maior objetivo de seus desejos, nem prazer, mas deve sempre buscar todos os três. As escrituras ordenam que se deve procurar virtude na manhã, riqueza ao meio-dia, e prazer à noite. As escrituras também ordenam que se deve procurar o prazer na primeira parte da vida, riqueza na segunda, e virtude na última. E, ó tu principal dos oradores, aqueles que são sábios e que conhecem totalmente a divisão apropriada de tempo buscam todos os três, virtude, riqueza, e prazer, dividindo seu tempo devidamente. Ó filho da raça Kuru, se independência destes (três), ou sua posse é o melhor para aqueles que desejam felicidade, deve ser determinado por ti depois de pensamento cuidadoso. E tu deves então, ó rei, agir firmemente ou para adquiri-los, ou abandonando eles todos. Pois aquele que vive vacilando no meio dos dois duvidosamente leva uma vida infeliz. É bem sabido que o teu comportamento é sempre regulado pela virtude. Sabendo disso teus amigos te aconselham a agir. Doações, sacrifícios, respeito aos sábios, estudo dos Vedas, e honestidade, estes, ó rei, constituem a maior virtude e são eficazes aqui e após a morte. Estas virtudes, no entanto, não podem ser alcançadas por alguém que não tem riqueza, mesmo que, ó tigre entre homens, ele possa ter outros talentos infinitos. O universo inteiro, ó rei, depende da virtude. Não há nada mais elevado do que a virtude. E a virtude, ó rei, é alcançável por alguém que tem bastante riqueza. Riqueza não pode ser ganha por se levar uma vida mendicante, nem por uma vida de debilidade. Riqueza, no entanto, pode ser ganha por inteligência dirigida pela virtude. No teu caso, ó rei, mendicância, que é auspiciosa para Brahmanas, é proibida. Portanto, ó touro entre homens, esforce-te para a aquisição de riqueza por exercer tua força e energia. Nem mendicância nem a vida de um Sudra são apropriadas para ti. Força e energia constituem as virtudes do Kshatriya em especial. Adote, portanto, a virtude da tua classe e mate os inimigos. Destrua o poder dos filhos de Dhritarashtra, ó filho de Pritha, com a ajuda minha e de Arjuna. Aqueles que são eruditos e sábios dizem que soberania é virtude. Adquira soberania, portanto, pois não cabe a ti viver em um estado de inferioridade. Desperte, ó rei, e compreenda as virtudes eternas (da classe). Por nascimento tu pertences a uma classe cujos atos são cruéis e são uma fonte de dor para os homens. Cuide dos teus súditos e colha os frutos disso. Isto nunca pode ser uma vergonha. Esta, ó rei, é a virtude ordenada pelo próprio Deus para a classe à qual tu pertences! Se tu te desviares disto tu te farás ridículo. Desvio das virtudes da própria classe nunca é aprovado. Portanto, ó tu da raça Kuru, preparando teu coração para o que deve ser, de acordo com a ordem à qual tu pertences, e abandonando este rumo de debilidade, convoque tua energia e carregue a tua carga como alguém que a carrega corajosamente. Nenhum rei, ó monarca, poderia alguma vez adquirir a soberania da terra ou prosperidade ou riqueza somente por meio da virtude. Como um caçador ganhando seu alimento na forma de bandos de pequenas caças facilmente tentadas, por lhes oferecer alguma comida atraente, alguém que é inteligente obtém um reino por oferecer

suborno para inimigos inferiores e cobiçosos. Veja, ó touro entre reis, os Asuras, embora fossem os irmãos mais velhos em posse de poder e riqueza, foram todos derrotados pelos deuses através de artifícios. Assim, ó rei, tudo pertence àqueles que são poderosos. E, ó de braços fortes, mate teus inimigos, recorrendo a estratagemas. Não há ninguém igual a Arjuna no manejo do arco em batalha. Nem há alguém que possa ser igual a mim no manejo da maça. Homens fortes, ó monarca, se envolvem em batalha dependendo de sua força, e não da força de números nem de informações dos planos do inimigo obtidos por espiões. Portanto, ó filho de Pandu, aplique tua força. O poder é a base da riqueza. Qualquer outra coisa mais que seja citada como sendo sua base realmente não o é. Como a sombra da árvore no inverno segue em vão, assim sem poder tudo mais se torna inútil. Riqueza deve ser gasta por alguém que deseja aumentar sua riqueza, da mesma maneira, ó filho de Kunti, de espalhar sementes sobre o solo. Que não haja dúvida então na tua mente. Onde, no entanto, riqueza que é maior ou mesmo igual não é para ser ganha, não deve haver gasto de riqueza. Pois investimento de riqueza pode ser aprazível a princípio, mas penoso depois. Assim, ó rei de homens, a pessoa que joga fora como sementes um pouco da sua virtude para ganhar uma medida maior de virtude, é considerada como sábia. Além de dúvida, isto é como eu digo. Aqueles que são sábios alienam os amigos do inimigo, e tendo-o enfraquecido por fazer aqueles amigos o abandonarem dessa maneira, eles então o reduzem à submissão. Mesmo aqueles que são fortes se envolvem em batalha dependendo de sua coragem. Uma pessoa não pode nem por esforços continuados (não inspirados pela coragem) ou pelas artes de conciliação, sempre conquistar um reino. Às vezes, ó rei, homens que são fracos, unindo-se em grandes números, matam até um inimigo poderoso, como abelhas matando o espoliador do mel à força de números somente. (Com relação a ti mesmo), ó rei, como o sol que sustenta assim como mata criaturas com seus raios, adote os modos do sol. Proteger o próprio reino e cuidar do povo devidamente, como feito por nossos antepassados, ó rei, isto tem sido ouvido por nós, é uma espécie de ascetismo mencionado até nos Vedas. Pelo ascetismo, ó rei, um Kshatriya não pode alcançar tais regiões de bem aventurança como ele pode por luta justa terminando em vitória ou derrota. Vendo, ó rei, este teu infortúnio, o mundo chega à conclusão de que a luz pode abandonar o Sol e agraciar a Lua. E, ó rei, bons homens separadamente assim como se reunindo conversam entre si te elogiando e culpando o outro. Há isto, além do mais, ó monarca, isto é, que ambos os Kurus e os Brahmanas, se reunindo, falam alegremente da tua firme aderência à verdade, que tu nunca, por ignorância, avareza, cobiça, ou por medo, proferiste uma mentira. Qualquer pecado, ó monarca, que um rei cometa ao obter domínio, ele consome eles todos depois por meio de sacrifícios notáveis por grandes presentes. Como a Lua emergindo das nuvens, o rei é purificado de todos os pecados por conceder aldeias para Brahmanas e vacas às milhares. Quase todos os cidadãos assim como os habitantes do país, jovens ou velhos, ó filho da raça Kuru, louvam-te, ó Yudhishthira! Isto também, ó Bharata, as pessoas estão dizendo entre elas mesmas, isto é, que como leite em um saco de pele de cachorro, como os Vedas em um Sudra, como verdade em um ladrão, como força em uma mulher, assim é a soberania em Duryodhana. Até mulheres e crianças estão repetindo isso, como se isso fosse uma lição que elas procuram decorar. Ó

repressor de inimigos, tu caíste neste estado junto conosco. Ai, nós também estamos perdidos contigo por esta tua desgraça. Portanto, subindo no teu carro equipado com todos os instrumentos, e fazendo os Brahmanas superiores proferirem bênçãos sobre ti, marche com velocidade, neste mesmo dia, sobre Hastinapura, para que tu possas dar para os Brahmanas os saques da vitória. Cercado por teus irmãos, que somos firmes manejadores de arco, e por heróis habilidosos com armas e como cobras de veneno virulento, parta assim como o matador de Vritra cercado pelos Marutas. E, ó filho de Kunti, como tu és poderoso, triture com teu poder teus inimigos fracos, como Indra oprimindo os Asuras; e tire do filho de Dhritarashtra a prosperidade que ele desfruta. Não há mortal que possa suportar o toque das flechas equipadas com as penas do urubu e parecendo cobras de veneno virulento que são disparadas do Gandiva. E, ó Bharata, não há um guerreiro, nem um elefante, nem um cavalo, que possa suportar o ímpeto da minha maça quando eu estou furioso em batalha. Por que, ó filho de Kunti, nós não devemos tirar nosso reino do inimigo, lutando com a ajuda dos Srinjayas e Kaikeyas, e do touro da raça Vrishni? Por que, ó rei, nós não devemos conseguir tirar a (soberania da) terra que está agora nas mãos do inimigo, se, ajudados por uma grande força, nós somente nos esforçamos?'

34

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçado por Bhimasena, o rei de grande alma Ajatasatru firmemente devotado à verdade, reunindo sua paciência, depois de poucos momentos disse estas palavras, 'Sem dúvida, ó Bharata, tudo isso é verdade. Eu não posso te repreender por me torturar dessa maneira por me perfurar com tuas palavras semelhantes a flechas. Somente pela minha insensatez esta calamidade veio contra você. Eu procurei lançar os dados desejando tirar do filho de Dhritarashtra seu reino com a soberania. Foi então que aquele jogador astuto, o filho de Suvala, jogou contra mim em nome de Suyodhana. Sakuni, um nativo do país montanhoso, é extremamente ardiloso. Lançando os dados na presença da assembléia, não familiarizado como eu sou com artifícios de qualquer tipo, ele me venceu ardilosamente. Foi por essa razão, ó Bhimasena, que nós fomos oprimidos por esta calamidade. Vendo os dados favoráveis aos desejos de Sakuni em pares e ímpares, eu poderia ter controlado minha mente. A raiva, no entanto, rechaça a paciência de uma pessoa. Ó filho, a mente não pode ser mantida sob controle quando ela é influenciada por ódio, vaidade, ou orgulho. Eu não te repreendo, ó Bhimasena, pelas palavras que tu usaste. Eu somente considero que o que nos aconteceu estava pré-ordenado. Quando o rei Duryodhana, o filho de Dhritarashtra, cobiçando nosso reino, nos mergulhou na miséria e mesmo na escravidão, então, ó Bhima, foi Draupadi quem nos resgatou. Quando convocados novamente à assembléia para jogar mais uma vez, tu soubeste assim como Arjuna o que o filho de Dhritarashtra me disse, na presença de todos os Bharatas, com relação à aposta a qual nós estávamos para jogar. Suas palavras foram, 'Ó príncipe Ajatsatru, (se derrotado), tu terás com todos os teus irmãos, que morar, com o conhecimento de todos os homens, por

doze anos na floresta da tua escolha, passando o décimo terceiro ano sob sigilo. Se durante o último período os espiões dos Bharatas, sabendo de ti, conseguirem te descobrir, tu terás outra vez que viver na floresta pelo mesmo período, passando mais uma vez o último ano sob sigilo. Refletindo sobre isto, comprometa-te a isto. Com relação a mim mesmo, eu prometo realmente nesta assembléia dos Kurus, que se tu puderes passar este período confundindo meus espiões e não descoberto por eles, então, ó Bharata, este reino dos cinco rios será teu novamente. Nós também, ó Bharata, se derrotados por ti, iremos, todos nós, abandonando toda nossa riqueza, passar o mesmo período, segundo as mesmas regras.' Assim endereçado pelo príncipe, eu respondi para ele no meio de todos os Kurus, 'Assim seja.' O jogo infame então começou. Nós fomos vencidos e fomos exilados. É por isso que nós estamos vagando miseravelmente por diferentes regiões cobertas de árvores cheias de desconforto. Suyodhana, no entanto, ainda descontente, se entregou à raiva, e incitou os Kurus como também aqueles sob seu domínio a expressarem sua alegria por nossa desgraça. Tendo entrado em tal acordo na presença de todos os homens bons, quem ousaria quebrá-lo por causa de um reino sobre a terra? Para uma pessoa respeitável, eu penso, a própria morte é mais leve do que a aquisição de soberania por meio de uma ação de transgressão. No momento do jogo, tu desejaste queimar minhas mãos. Tu foste impedido por Arjuna, e consequentemente tu somente apertaste as tuas próprias mãos. Se tu pudesses fazer o que tu desejavas, esta calamidade poderia nos acontecer? Consciente da tua bravura, por que tu, ó Bhima, não falaste dessa maneira antes de nós entrarmos em tal acordo? Dominado pela consequência do nosso compromisso, e o próprio momento tendo passado, qual é a utilidade de tu dirigires a mim estas palavras duras? Ó Bhima, é minha grande dor que nós não pudéssemos fazer nada, mesmo vendo Draupadi perseguida daquela maneira. Meu coração queima como se eu tivesse bebido algum líquido venenoso. Tendo, no entanto, dado aquela garantia no meio dos heróis Kuru, eu não posso violá-la agora. Espere, ó Bhima, pela volta dos nossos melhores dias, como o espalhador de sementes esperando pela colheita. Quando alguém que foi prejudicado primeiro, consegue se vingar sobre seu inimigo em um tempo quando a inimizade do último deu frutos e flores, ele é considerado como tendo realizado uma coisa grandiosa por sua coragem. Tal pessoa corajosa ganha fama eterna. Tal homem obtém grande prosperidade. Seus inimigos se curvam a ele, e seus amigos se reúnem ao redor dele, como os celestiais se agrupando em volta de Indra por proteção. Mas saiba, ó Bhima, que minha promessa nunca pode ser falsa. Eu considero a virtude como superior à própria vida e um estado abençoado de existência celeste. Reino, filhos, fama, riqueza, todos estes não alcançam nem mesmo uma décima sexta parte da verdade.'

35

Bhima disse, 'Ó rei, insubstancial como tu és como espuma, instável como uma fruta (caindo quando madura), dependente do tempo, e mortal, tendo entrado em um acordo em relação ao tempo, o qual é infinito e imensurável, rápido como uma

flecha ou fluente como um rio, e carregando tudo à sua frente como a própria morte, como tu podes considerá-lo como disponível para ti? Como, ó filho de Kunti, pode esperar aquele cuja vida é encurtada a todo momento, assim como uma quantidade de colírio que é diminuída cada vez que um grão é pego pela agulha? Somente aquele cuja vida é ilimitada ou que sabe com certeza qual é o período de sua vida, e que conhece o futuro como se ele estivesse diante de seus olhos, pode de fato esperar pela chegada de um momento (esperado). Se nós esperarmos, ó rei, por treze anos, esse período, diminuindo nossas vidas, nos levará mais perto da morte. A morte sem dúvida alcança toda criatura que tem uma existência corpórea. Portanto, nós devemos nos esforçar pela posse do nosso reino antes de nós morrermos. Aquele que falha em obter fama, por fracassar em castigar seus inimigos, é como uma coisa impura. Ele é um peso inútil sobre a terra como um touro incapacitado e perece de modo inglório. O homem que, desprovido de força e coragem, não castiga seus inimigos, vive em vão, eu considero tal homem como de nascimento inferior. Tua mão pode derramar ouro; tua fama se espalha sobre a terra inteira; matando teus inimigos, portanto, em batalha, desfrute da riqueza adquirida pelo poder das tuas armas. Ó repressor de todos os inimigos, ó rei, se um homem matando seu ofensor vai no mesmo dia para o inferno, aquele inferno se torna céu para ele. Ó rei, a dor que alguém sente em ter que suprimir sua cólera é mais ardente do que o próprio fogo. Mesmo agora eu queimo com ela e não posso dormir de dia ou de noite. Este filho de Pritha, chamado Vibhatsu, é principal em puxar a corda de arco. Ele certamente queima com angústia, embora ele viva aqui como um leão em sua toca. Ele que deseja matar sem ajuda todos os manejadores de arco sobre a terra, reprime a ira que se ergue em seu peito, como um elefante poderoso. Nakula, Sahadeva, e a idosa Kunti, aquela mãe de heróis, estão todos calados, desejando te agradar. E todos os nossos amigos junto com os Srinjayas igualmente desejam te agradar. Só eu e a mãe de Prativindhya falamos para ti queimando com aflição. O que quer que eu fale para ti é agradável para todos eles, pois todos eles, mergulhados no infortúnio, desejam avidamente lutar. Então, ó monarca, que calamidade mais infame pode nos alcançar do que nosso reino ser tirado de nós por inimigos fracos e desprezíveis e desfrutado por eles? Ó rei, da fraqueza da tua disposição tu sentes vergonha em violar tua promessa. Mas, ó matador de inimigos, ninguém te louva por assim sofrer tal angústia por causa da bondade da tua disposição. Teu intelecto, ó rei, não vê a verdade, como o de uma pessoa tola e ignorante de nascimento elevado que decorou as palavras dos Vedas sem entender seu sentido. Tu és bondoso como um Brahmana. Como tu foste nascer na classe Kshatriya? Aqueles que nascem na classe Kshatriya são geralmente de corações desonestos. Tu ouviste (recitados) os deveres dos reis, como promulgados por Manu, repletos de maldade e deslealdade e preceitos opostos à tranquilidade e virtude. Por que tu então, ó rei, perdoas os filhos perversos de Dhritarashtra? Tu tens inteligência, coragem, erudição e nascimento elevado. Por que tu então, ó tigre entre homens, ages em relação aos teus deveres como uma cobra enorme que é desprovida de movimento? Ó filho de Kunti, aquele que deseja nos ocultar somente deseja ocultar as montanhas de Himavat por meio de um punhado de grama. Ó filho de Pritha, conhecido como tu és pela terra inteira, tu não serás capaz de viver desconhecido, como o sol que nunca pode percorrer o

céu desconhecido pelos homens. Como uma árvore grande em uma região bem irrigada, com ramos e flores e folhas espalhados, ou como o elefante de Indra, como Jishnu viverá desconhecido? Como também estes meninos, os irmãos Nakula e Sahadeva, iguais a um par de leões jovens, poderão viver em segredo? Como, ó filho de Pritha, Krishna, a filha de Drupada, a princesa e mãe de heróis, de feitos virtuosos e conhecida por todo o mundo, viverá desconhecida? Eu também, todos conhecem desde minha meninice. Eu não vejo como eu posso viver desconhecido. (Isto seria) como procurar esconder as imensas montanhas de Meru. Então, além disso, muitos reis foram expulsos por nós de seu reino. Aqueles reis e príncipes todos seguirão o filho mau de Dhritarashtra, pois roubados e exilados por nós, eles ainda não se tornaram amistosos. Desejando fazer bem para Dhritarashtra, eles sem dúvida procurarão nos ferir. Eles certamente colocarão contra nós numerosos espiões disfarçados. Se eles nos descobrirem e relatarem seu descobrimento, um grande perigo nos alcançará. Nós já vivemos nas florestas treze meses inteiros. Considere-os, ó rei, por sua duração, como treze anos. Os sábios dizem que um mês é um substituto para um ano, como a erva cozida e mantida em conserva é considerada como um substituto para o Soma. Ou, (se tu quebrares tua promessa), ó rei, tu podes livrar-te deste pecado por oferecer comida saborosa para um touro pacífico carregando cargas sagradas. Portanto, ó rei, decida matar teus inimigos. Não há virtude maior do que lutar, para todo Kshatriya!'

36

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo aquelas palavras de Bhima, Yudhishthira, o filho de Kunti, aquele tigre entre homens e matador de todos os inimigos, começou a suspirar pesadamente, e a refletir em silêncio. E ele pensou consigo mesmo, 'Eu ouvi recitados os deveres dos reis, e também todas as verdades acerca dos deveres das diferentes classes. Realmente cumpre aqueles deveres quem os mantém diante de seus olhos, de maneira a regular sua conduta no presente e no futuro. Conhecendo como eu conheço a verdadeira direção da virtude, a qual, no entanto, é tão difícil de ser conhecida, como eu posso triturar à força a virtude como triturar as montanhas de Meru?' Tendo refletido assim por um momento, e decidido o que ele devia fazer, ele respondeu para Bhima como segue sem lhe permitir outra palavra:

'Ó tu de braços poderosos, é assim mesmo como tu disseste. Mas, ó tu principal dos oradores, escute agora a outra palavra que eu digo. Quaisquer atos pecaminosos, ó Bhima, que alguém procura realizar, dependendo somente de sua coragem, se tornam sempre uma fonte de dor. Mas, ó tu de braços poderosos, o que quer que seja iniciado com deliberação, com bravura bem direcionada, com todos os instrumentos, e muito pensamento prévio, é visto ter êxito. Os próprios deuses favorecem tais projetos. Ouça de mim algo sobre o que, orgulhoso do teu poder, ó Bhima, e levado pela tua inquietação, tu pensas que deve ser começado imediatamente. Bhurisravas, Sala, o poderoso Jarasandha, Bhishma, Drona, Karna, o filho poderoso de Drona, os filhos de Dhritarashtra, Duryodhana e outros,

tão difíceis de serem derrotados, são todos habilidosos com armas e sempre dispostos a lutar conosco. Aqueles reis e chefes da terra também que foram prejudicados por nós, todos adotaram o lado dos Kauravas, e estão ligados a eles por laços de afeição. Ó Bharata, eles estão engajados em procurar o bem de Duryodhana e não o nosso. Com tesouros completos e ajudados por grandes tropas, eles certamente se esforçarão o melhor que podem em batalha. Todos os oficiais também do exército Kuru, junto com seus filhos e parentes, têm sido honrados por Duryodhana com riqueza e luxos. Aqueles heróis são também muito respeitados por Duryodhana. É minha conclusão certa que eles sacrificarão suas vidas por Duryodhana em batalha. Embora o comportamento de Bhishma, Drona, e do ilustre Kripa seja o mesmo em direção a nós como em direção a eles, ainda assim, ó tu de braços poderosos, é minha conclusão indubitável que para saldar os favores reais que eles desfrutam, eles lançarão suas próprias vidas, além das quais não há nada mais precioso, em batalha. Todos eles são mestres de armas celestes, e dedicados à prática da virtude. Eu penso que eles são incapazes de ser derrotados mesmo pelos deuses liderados pelo próprio Vasava. Há além disso entre eles aquele guerreiro poderoso, Karna, impetuoso, e sempre colérico, mestre de todas as armas, e invencível, e envolvido em armadura impenetrável. Sem derrotar primeiro em batalha todos estes principais dos homens, sem ajuda como tu estás, como tu podes matar Duryodhana? Ó Vrikodara, eu não posso dormir pensando na leveza de mão daquele filho de Suta, que, eu considero, é o principal de todos os manejadores de arco!'

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Yudhishthira, o impetuoso Bhima ficou alarmado, e se absteve de falar qualquer coisa. E enquanto os filhos de Pandu estavam assim conversando entre si chegou naquele local o grande asceta Vyasa, o filho de Satyavati. E quando ele chegou os filhos de Pandu o adoraram devidamente. Então aquele principal de todos os oradores, dirigindo-se a Yudhishthira, disse, 'Ó Yudhishthira, ó tu de braços poderosos, sabendo por discernimento espiritual o que está se passando no teu coração, eu vim até ti, ó touro entre homens! O temor que está no teu coração, proveniente de Bhishma, e Drona, e Kripa, e Karna, e do filho de Drona, e do príncipe Duryodhana, e Dussasana, eu dissiparei, ó matador de todos os inimigos, por meio de um ato mandado pela ordenança. Ouvindo isto de mim, realize-o com paciência, e tendo-o realizado, ó rei, domine logo essa tua perturbação de espírito.'

Aquele principal dos oradores então, o filho de Parasara, levando Yudhishthira para um lugar afastado, começou a se dirigir a ele em palavras de profunda importância, dizendo, 'Ó melhor dos Bharatas, o tempo está vindo para a tua prosperidade, quando, de fato, Dhananjaya, aquele filho de Pritha, matará todos os teus inimigos em batalha. Proferido por mim e semelhante ao êxito personificado, aceite de mim este conhecimento chamado Pratismriti que eu te comunico, sabendo que tu és capaz de recebê-lo. Recebendo-o (de ti), Arjuna será capaz de realizar seu desejo. E que Arjuna, ó filho de Pandu, vá até Mahendra e Rudra, e Varuna, e Kuvera, e Yama, para receber armas deles. Ele é competente para ver os deuses por causa do seu ascetismo e coragem. Ele é

mesmo um Rishi de grande energia, o amigo de Narayana; antigo, eterno, um deus em si mesmo, invencível, sempre bem sucedido, e que não conhece deterioração. De braços poderosos, ele realizará feitos poderosos, tendo obtido armas de Indra, e de Rudra, e dos Lokapalas. Ó filho de Kunti, pense também em partir desta para uma outra floresta que possa, ó rei, ser adequada para tua residência. Residir em um local por muito tempo raramente é agradável. No teu caso, isto pode também ser produtivo de ansiedade para os ascetas. E como tu manténs numerosos Brahmanas versados nos Vedas e nos vários ramos deles, residência continuada aqui pode esgotar os veados desta floresta, e ser destrutiva das trepadeiras e plantas.'

"Vaisampayana continuou, 'Tendo se dirigido a ele dessa maneira, aquele asceta ilustre e exaltado, Vyasa, de grande sabedoria, conhecedor dos mistérios do mundo, então comunicou para o desejoso Yudhishthira o justo, que tinha enquanto isso se purificado, aquela principal das ciências. E se despedindo do filho de Kunti, Vyasa desapareceu. O virtuoso e inteligente Yudhishthira, no entanto, tendo obtido aquele conhecimento, reteve-o cuidadosamente em sua mente e sempre recitou-o em ocasiões apropriadas. Contente pelo conselho dado a ele por Vyasa, o filho de Kunti então, deixando a floresta Dwaitavana foi para a floresta de Kamyaka nas margens do Saraswati. E, ó rei, Brahmanas numerosos de mérito ascético e versados na ciência de Ortoepia e ortografia seguiram-no como Rishis seguindo o chefe dos celestiais. Chegando em Kamyaka, aqueles touros ilustres entre os Bharatas tomaram sua residência lá junto com seus amigos e servidores. E possuidores de energia, aqueles heróis, ó rei, viveram lá por algum tempo, dedicados ao exercício do arco e todo o tempo ouvindo o canto dos Vedas. E eles circulavam naquela floresta todos os dias à procura de veados, armados com flechas simples. E eles realizaram devidamente todos os ritos em honra dos Pitris, dos celestiais e dos Brahmanas.'"

37

"Vaisampayana disse, 'Depois de algum tempo, Yudhishthira o justo, lembrando-se da ordem do Muni (Vyasa) e chamando para si aquele touro entre homens, Arjuna, possuidor de grande sabedoria, dirigiu-se a ele em particular. Pegando as mãos de Arjuna, com o rosto sorridente e em voz gentil, aquele castigador de inimigos, o virtuoso Yudhishthira, aparentemente depois de refletir por um momento, falou estas palavras em particular para Dhananjaya, 'Ó Bharata, toda a ciência de armas mora em Bhishma, e Drona, e Kripa, e Karna, e no filho de Drona. Eles conhecem completamente todos tipos de armas Brahma e celestes e humanas e Vayavya, junto com os modos de usá-las e pará-las. Todos eles são conciliados e honrados e gratificados pelo filho de Dhritarashtra que se comporta com eles como alguém deve se comportar com seu preceptor. Para com todos os seus guerreiros o filho de Dhritarashtra se comporta com grande afeição; e todos os chefes honrados e gratificados por ele procuram seu bem em retribuição. Assim honrados por ele, eles não falharão em aplicar seu poder. A terra inteira, além

disso, está agora sob o domínio de Duryodhana, com todas as aldeias e cidades, ó filho de Pritha, e todos os mares e florestas e minas! Tu somente és nosso único refúgio. Sobre ti se apóia uma grande responsabilidade. Eu, portanto, ó castigador de todos os inimigos, te direi o que tu deves fazer agora. Eu obtive uma ciência de Krishna Dwaipayana. Usada por ti, aquela ciência exporá o universo inteiro para ti. Ó filho, receba atentamente aquela ciência de mim, e no tempo devido (por sua ajuda) alcance a graça dos celestiais. E, ó touro da raça Bharata, dedique-te a ascetismo feroz. Armado com arco e espada, e envolvido em armadura, dirija-te a austeridades e bons votos, e vá em direção ao norte, ó filho, sem dar passagem a ninguém. Ó Dhananjaya, todas as armas celestes estão com Indra. Os celestiais, por medo de Vritra, deram todo seu poder para Sakra. Reunidas juntas em um local, tu obterás todas as armas. Vá até Sakra, ele te dará todas as suas armas. Pegando o arco parta hoje mesmo para ver Purandara.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito isso, o nobre Yudhishthira o justo deu aquela ciência para Arjuna. E o irmão mais velho tendo comunicado com ritos devidos o conhecimento para seu irmão heróico, com fala e corpo e mente sob perfeito controle, mandou-o partir. E por ordem de Yudhishthira, Arjuna de braços fortes, pegando o Gandiva como também suas aljavas inesgotáveis, e envolvido em armadura e manoplas e protetores de dedos feitos da pele de guana, e tendo derramado oblações no fogo e feito os Brahmanas proferirem bênçãos depois de presentes, partiu (de Kamyaka) com o objetivo de ver Indra. E armado com o arco, o herói, no momento de partir, deu um suspiro e lançou um olhar para cima para realizar a morte dos filhos de Dhritarashtra. E vendo o filho de Kunti assim armado e prestes a partir, os Brahmanas e Siddhas e espíritos invisíveis se dirigiram a ele, dizendo, 'Ó filho de Kunti, obtenha logo o que tu desejas.' E os Brahmanas, também proferindo bênçãos disseram, 'Alcance o objetivo que tu tens em vista. Que a vitória seja realmente tua.' E vendo o heróico Arjuna, de coxas firmes como os troncos da Sala, prestes a partir levando consigo os corações de todos, Krishna se dirigiu a ele dizendo, 'Ó tu de braços fortes, que tudo o que Kunti desejou no teu nascimento, e que tudo o que tu desejas, seja realizado, ó Dhananjaya! Que ninguém entre nós nasça novamente na classe de Kshatriyas. Eu sempre reverencio os Brahmanas cujo modo de viver é a mendicância. É minha grande aflição que o canalha Duryodhana vendo-me na assembléia de príncipes zombeteiramente tenha me chamado de vaca! Além disso ele me disse no meio daquela assembléia muitas outras coisas desagradáveis. Mas a angústia que eu sinto ao me separar de ti é de longe maior do que a que eu senti por causa daqueles insultos. Certamente, na tua ausência, teus irmãos passarão suas horas acordados falando repetidamente dos teus feitos heróicos! Se, no entanto, ó filho de Pritha, tu permaneceres fora por muito tempo, nós não derivaremos prazer dos nossos divertimentos ou da fartura. Não, a própria vida será insípida para nós. Ó filho de Pritha, nosso bem e mal, vida e morte, nosso reino e prosperidade, todos dependem de ti. Ó Bharata, eu te abençôo, que o êxito seja teu. Ó impecável, tua tarefa (atual) tu serás capaz de realizar mesmo contra inimigos poderosos. Ó tu de grande força, vá alcançar sucesso com rapidez. Que os perigos não sejam teus. Eu reverencio Dhatri e Vidhatri! Eu te abençôo. Que a prosperidade seja tua. E, ó Dhananjaya, que Hri, Sree, Kirti, Dhriti, Pushti, Uma, Lakshmi, Saraswati, todas te

protejam no teu caminho, pois tu sempre adoras teu irmão mais velho e sempre obedeces às ordens dele. E, ó touro da raça Bharata, eu reverencio os Vasus, os Rudras e Adityas, os Manilas, os Viswadevas, e os Sadhyas, para conseguir o teu bem-estar. E, ó Bharata, esteja a salvo de todos os espíritos de dano pertencentes ao firmamento, à terra, e ao céu, e de outros espíritos semelhantes em geral.'

"Vaisampayana continuou, 'Krishna, a filha de Yajnasena, tendo proferido estas bênçãos, parou. O filho de braços fortes de Pandu então, tendo andado ao redor de seus irmãos e ao redor de Dhaumya também, e pegando seu arco belo, partiu. E todas as criaturas começaram a deixar o caminho que Arjuna de grande energia e coragem, incitado pelo desejo de ver Indra, tomou. E aquele matador de inimigos passou por muitas montanhas habitadas por ascetas, e então alcançou o sagrado Himavat, o recanto dos celestiais. E ele de grande alma alcançou a montanha sagrada em um dia, pois como os ventos ele era dotado da velocidade da mente, por causa de suas austeridades ascéticas. E tendo cruzado o Himavat, como também o Gandhamadana, ele passou por muitos locais irregulares e perigosos, andando dia e noite sem fadiga. E tendo alcançado Indrakila, Dhananjaya parou por um momento. E então ele ouviu uma voz nos céus, dizendo, 'Pare!' E ouvindo aquela voz, o filho de Pandu lançou seus olhares em todas as direções. E Arjuna, capaz de usar sua mão esquerda com habilidade igual àquela da sua mão direita, então viu à sua frente um asceta sob a sombra de uma árvore, brilhando com esplendor Brahma, de cor morena, com cabelos emaranhados, e magro. E o poderoso asceta, vendo Arjuna parado no lugar, se dirigiu a ele, dizendo, 'Quem és tu, ó filho, chegado aqui com arco e flechas, e vestido em armadura e equipado com bainha para espada e manopla, e (evidentemente) ligado aos costumes do Kshatriya? Não há necessidade de armas aqui. Esta é a residência de Brahmanas pacíficos dedicados a austeridades ascéticas sem raiva ou alegria. Não há uso para o arco aqui, pois não há disputa de qualquer tipo neste local. Portanto jogue fora, ó filho, este teu arco. Tu obtiveste um estado puro de vida por vir aqui. Ó herói, não há homem que seja como tu em energia e coragem.' Aquele Brahmana assim se dirigiu a Arjuna, com um rosto sorridente, repetidamente. Mas ele não conseguiu persuadir Arjuna, firmemente dedicado ao seu propósito. O regenerado, contente no fundo, se dirigiu sorridente a Arjuna mais uma vez, dizendo, 'Ó matador de inimigos, abençoado seja! Eu sou Sakra, peça a bênção que tu desejas.' Assim endereçado, aquele perpetuador da raça Kuru, o heróico Dhananjaya curvando sua cabeça e unindo suas mãos, respondeu para Sakra de mil olhos, dizendo, 'Este é o objeto dos meus desejos; conceda-me este benefício, ó ilustre: eu desejo aprender de ti todas as armas.' O chefe dos celestiais então, sorrindo, respondeu para ele alegremente, dizendo, 'Ó Dhananjaya, quando tu alcançaste esta região, que necessidade há de armas? Tu já alcançaste um estado puro de vida. Peça as regiões de felicidade que tu desejas.' Assim endereçado, Dhananjaya respondeu para ele de mil olhos, dizendo, 'Eu não desejo regiões de felicidade, nem objetos de prazer, nem a condição de um celestial; o que é esta conversa sobre felicidade? Ó chefe dos celestiais, eu não desejo a prosperidade de todos os deuses. Tendo deixado meus irmãos para trás na floresta, e sem me vingar no inimigo, eu cairei em infâmia por todas as eras de todo o mundo.' Assim

endereçado, o matador de Vritra, adorado dos mundos, consolando-o com palavras amáveis, falou para o filho de Pandu, dizendo, 'Quando tu fores capaz de ver Siva o portador do tridente, de três olhos, o senhor de todas as criaturas, é então, ó filho, que eu te darei todas as armas celestes. Portanto, esforce-te para obter a visão do maior dos deuses; pois é somente depois de tê-lo visto, ó filho de Kunti, que tu obterás todos os teus desejos.' Tendo falado assim para Phalguna, Sakra desapareceu, e Arjuna, se dedicando ao ascetismo, permaneceu naquele local.'"

38

(Kairata Parva)

"Janamejaya disse, 'Ó ilustre, eu desejo ouvir em detalhes a história da aquisição de armas por Arjuna de atos sem máculas. Ó, diga-me como aquele tigre entre homens, Dhananjaya, de braços poderosos e possuidor de grande energia, entrou naquela floresta solitária sem medo. E, ó tu principal daqueles conhecedores do Veda, o que também fez Arjuna enquanto morava lá? Como também o ilustre Sthanu e o chefe dos celestiais foi satisfeito por ele? Ó tu melhor dos regenerados, eu desejo ouvir tudo isto sob teu favor. Tu és onisciente; tu sabes tudo sobre os deuses e tudo sobre os homens. Ó Brahmana, o combate que ocorreu antigamente entre Arjuna, aquele principal dos batedores nunca derrotado em batalha, e Bhava foi muito extraordinário e sem paralelo. Ele arrepia os cabelos da pessoa que o ouve. Até os corações daqueles leões entre homens, os corajosos filhos de Pritha, tremeram pela surpresa e alegria e um sentimento de sua própria inferioridade. Ó, diga-me integralmente o que mais Arjuna fez, eu não vejo nem a coisa mais trivial em Jishnu que seja censurável. Portanto, narre para mim integralmente a história daquele herói.'"

"Vaisampayana disse, 'Ó tigre entre os Kurus, eu recitarei para ti aquela narração, excelente e extensa e sem igual, com relação ao herói ilustre. Ó impecável, ouça em detalhes os pormenores sobre o encontro de Arjuna com o deus dos deuses de três olhos, e seu contato com a pessoa do deus ilustre!

Por ordem de Yudhishthira, Dhananjaya de bravura imensurável saiu (de Kamyaka) para obter uma visão de Sakra, o chefe dos celestiais, e de Sankara, o deus dos deuses. E Arjuna de braços fortes de grande poder partiu armado com seu arco celeste e uma espada com punho dourado, para o sucesso do objetivo que ele tinha em vista, na direção norte, em direção ao topo do Himavat. E, ó rei, aquele principal de todos os guerreiros nos três mundos, o filho de Indra, com a mente tranquila, e firmemente aderindo ao seu propósito, então se dedicou, sem nenhuma perda de tempo, a austeridades ascéticas. E ele entrou, totalmente sozinho, naquela floresta terrível cheia de plantas espinhosas e árvores e flores e frutas de várias espécies, e habitada por criaturas aladas de várias espécies, e cheia de animais de diversas espécies, e frequentado por Siddhas e Charanas. E quando o filho de Kunti entrou naquela floresta desprovida de seres humanos, sons de conchas e baterias começaram a ser ouvidos nos céus. E uma grossa

chuva de flores caiu sobre a terra, e as nuvens se espalhando sobre o firmamento causaram uma sombra densa. Passando por aquelas regiões difíceis e arborizadas na base das grandes montanhas, Arjuna logo alcançou o leito do Himavat; e ficando lá por algum tempo começou a brilhar em seu esplendor. E ele viu lá numerosas árvores com verdor espalhado, ressoando com as notas melodiosas de cantores alados. E ele viu lá rios com correntezas de lápis lazúli, perturbadas por redemoinhos violentos aqui e ali, e ecoando com as notas de cisnes e patos e garças. E as margens daqueles rios ressoavam com os acordes melífluos dos Kokilas machos e as notas de pavões e garças. E o guerreiro poderoso, contemplando aqueles rios de água sagrada e pura e deliciosa e suas margens graciosas, ficou muito encantado. E o encantado Arjuna de energia feroz e grande alma então se dedicou a austeridades rígidas naquela região encantadora e arborizada. Vestido em trapos feitos de erva e equipado com uma camurça preta e um bastão, ele começou a comer folhas murchas caídas sobre o chão. E ele passou o primeiro mês comendo frutas no intervalo de três noites; e o segundo comendo no intervalo de seis noites; e o terceiro comendo no intervalo de uma quinzena. Quando chegou o quarto mês, aquele melhor dos Bharatas, o filho de Pandu de braços fortes, começou a subsistir só do ar. Com braços erguidos e sem se apoiar em nada e permanecendo nas pontas de seus dedos dos pés, ele continuou suas austeridades. E as madeixas do herói ilustre, por consequência de banho frequente pegou a cor do relâmpago ou do lótus. Então todos os grandes Rishis foram juntos até o deus do Pinaka para falar a ele sobre o ascetismo feroz do filho de Pritha. E se curvando àquele deus dos deuses, eles o informaram das austeridades de Arjuna dizendo, 'Aquele filho de Pritha possuidor de grande energia está engajado nas mais difíceis das austeridades ascéticas no leito do Himavat. Aquecida por seu ascetismo, a terra está fumegando por toda parte, ó deus de deuses. Nós não sabemos qual é o objetivo pelo qual ele está dedicado àquelas austeridades. Ele, no entanto, está nos causando tormento. Cabe a ti impedi-lo!' Ouvindo estas palavras daqueles Munis com almas sob perfeito controle, o senhor de todas as criaturas, o marido de Uma disse, 'Não cabe a vocês sentir qualquer angústia por causa de Phalguna! Voltem todos alegremente e com vivacidade para os lugares de onde vocês vieram. Eu conheço o desejo que está no coração de Arjuna. Seu desejo não é pelo céu, nem pela prosperidade, nem por vida longa. E eu realizarei, hoje mesmo, tudo o que é desejado por ele.'"

"Vaisampayana continuou, 'Os Rishis falantes da verdade, tendo ouvido estas palavras de Mahadeva, ficaram encantados, e voltaram para suas respectivas residências.'"

39

"Vaisampayana disse, 'Depois que todos aqueles ascetas ilustres tinham ido embora, aquele manejador do Pinaka e purificador de todos os pecados, o ilustre Hara, assumindo a forma de um Kirata resplandecente como uma árvore dourada, e com uma forma enorme e robusta como um segundo Meru, e pegando um arco

e várias flechas parecidas com cobras de veneno virulento, e parecendo uma encarnação do fogo, desceu rapidamente no leito de Himavat. E o belo deus dos deuses estava acompanhado por Uma na aparência de uma mulher Kirata, e também por um enxame de espíritos alegres de várias formas e trajes, e por milhares de mulheres na forma e traje de Kiratas. E, ó rei, aquela região de repente resplandeceu em beleza, por causa da chegada do deus dos deuses em tal companhia. E logo um silêncio solene permeou o lugar. Os sons de fontes, e cursos d'água, e de aves cessaram de repente. E quando o deus dos deuses se aproximou do filho de Pritha de atos irrepreensíveis, ele contemplou uma vista extraordinária, exatamente aquela de um Danava chamado Muka, procurando, na forma de um javali, matar Arjuna. Phalguna, à visão do inimigo procurando matá-lo, ergueu o Gandiva e várias flechas parecendo cobras de veneno virulento. E esticando seu arco e enchendo o ar com sua vibração, ele se dirigiu ao javali e disse, 'Eu vim aqui mas não te causei dano. Como tu procuras matar-me eu sem dúvida te mandarei para a residência de Yama.' E vendo aquele firme manejador do arco, Phalguna, prestes a matar o javali, Sankara no disfarce de um Kirata de repente mandou-o parar dizendo, 'O javali como a montanha de Indrakila em cor foi visado por mim primeiro.' Phalguna, no entanto, desconsiderando estas palavras, atirou no javali. O Kirata também brilhando em esplendor, fez voar uma seta como fogo flamejante e parecendo o raio no mesmo objeto. E as setas assim atiradas por ambos caíram no mesmo instante de tempo sobre o corpo amplo de Muka, duro como pedra. E as duas flechas caíram sobre o javali com um som alto, assim como aquele do raio de Indra e o trovão das nuvens caindo juntos sobre o leito de uma montanha. E Muka, assim atingido por duas flechas as quais produziram setas numerosas parecendo cobras de bocas ardentes, entregou sua vida, assumindo mais uma vez sua terrível forma Rakshasa. Jishnu, aquele matador de inimigos, então viu diante dele aquela pessoa, de forma brilhante como deus, e vestido no traje de um Kirata e acompanhado por muitas mulheres. E vendo-o, o filho de Kunti com o coração alegre se dirigiu a ele sorridente e disse, 'Quem és tu que vagas assim nestas florestas solitárias, cercado por mulheres? Ó tu de esplendor do ouro, tu não temes esta floresta terrível? Por que, além disso, tu disparaste no javali que foi visado por mim primeiro? Este Rakshasa que veio para cá, indiferentemente ou com o objetivo de me matar, foi primeiro visado por mim. Tu, portanto, não escaparás de mim com vida. Teu comportamento em direção a mim não é compatível com os costumes da caça. Portanto, ó montanhês, eu tirarei tua vida.' Assim endereçado pelo filho de Pandu, o Kirata, sorrindo, respondeu para ele capaz de manejar o arco com sua mão esquerda, em palavras gentis, dizendo, 'O herói, tu não precisas ficar ansioso por minha causa. Esta região de floresta é residência adequada para nós que sempre habitamos as florestas. Em relação a ti, no entanto, eu posso questionar, por que tu escolheste tua residência aqui em meio a tais dificuldades? Nós, ó asceta, temos nossa habitação nestas florestas cheias de animais de todas as espécies. Por que tu, tão delicado e criado no luxo e possuidor do esplendor do fogo, mora sozinho em tal região solitária?' Arjuna disse, 'Dependendo do Gandiva e flechas ardentes como fogo, eu vivo nesta grande floresta, como um segundo Pavaki. Tu viste como este monstro, este Rakshasa terrível, que veio para cá na forma de um animal, foi morto por mim.' O Kirata respondeu, 'Este Rakshasa, atingido primeiro

por mim com o tiro do meu arco, foi morto e mandado para as regiões de Yama por mim. Ele foi visado por mim primeiro. E foi com o meu tiro que ele foi privado de vida. Orgulhoso da tua força, não cabe a ti atribuir tua própria falha a outros. Tu estás em erro, ó patife, e, portanto, não escaparás de mim com vida. Fique, Eu atirarei em ti flechas como raios. Esforce-te também e atire, com todas as tuas forças, tuas flechas em mim.' Ouvindo essas palavras do Kirata, Arjuna ficou zangado e atacou-o com flechas. O Kirata, no entanto, com o coração contente recebeu todas aquelas flechas sobre si mesmo, dizendo repetidamente, 'Patife, patife, atire flechas melhores capazes de perfurar os próprios órgãos vitais.' Assim endereçado, Arjuna começou a derramar flechas sobre ele. Ambos então ficaram enfurecidos e, se engajando em combate violento, começaram a atirar um no outro chuvas de flechas, cada uma parecendo uma cobra de veneno virulento. E Arjuna derramou uma chuva perfeita de flechas sobre o Kirata, Sankara, no entanto, suportou aquela chuva de flechas com o coração alegre. Mas o manejador do Pinaka, tendo suportado aquela chuva de flechas por um momento, permaneceu ileso, imóvel como uma colina. Dhananjaya, vendo sua chuva de flechas se tornar inútil, ficou muito admirado, dizendo repetidamente, 'Excelente! Excelente! Ai, este montanhês de membros delicados, morando nas alturas do Himavat, suporta, sem vacilar, as flechas disparadas do Gandiva! Quem é ele? Ele é o próprio Rudra, ou algum outro deus, ou um Yaksha, ou um Asura? Os deuses às vezes descem nas alturas do Himavat. Exceto o deus que maneja o Pinaka, não há ninguém nascido que possa suportar a impetuosidade das milhares de flechas disparadas por mim do Gandiva. Seja ele um deus ou um Yaksha, de fato, alguém exceto Rudra, eu logo o mandarei, com minhas flechas, para as regiões de Yama.' Assim pensando, Arjuna, com o coração alegre, começou, ó rei, a atirar flechas às centenas, parecendo em esplendor os raios do sol. Aquela chuva de flechas, no entanto, o ilustre Criador dos mundos o manejador do tridente suportou com o coração contente, como uma montanha suportando uma chuva de rochas. Logo, no entanto, as flechas de Phalguna estavam esgotadas. E notando este fato Arjuna ficou muito alarmado. E o filho de Pandu então começou a pensar no ilustre deus Agni que tinha antes, durante o incêndio de Khandava, dado para ele um par de aljavas inesgotáveis. E ele começou a pensar, 'Ai, minhas flechas estão todas esgotadas. O que eu dispararei agora do meu arco? Quem é essa pessoa que absorve minhas flechas? Matando-o com a extremidade do meu arco, como elefantes são mortos com lanças, eu o enviarei para os domínios de Yama manejador da maça.' O ilustre Arjuna então, pegando seu arco e puxando à força o Kirata com a corda de seu arco, desferiu nele alguns golpes violentos que desceram como raios. Quando, no entanto, aquele matador de heróis hostis, o filho de Kunti começou a lutar com a ponta do seu arco, o montanhês tirou das mãos dele aquele arco celeste. E vendo seu arco tirado dele, Arjuna pegou sua espada, e desejando terminar o combate, avançou em seu inimigo. E então o príncipe Kuru, com toda a força de seus braços, atingiu com aquela arma afiada a cabeça do Kirata, uma arma que era incapaz de ser resistida mesmo por rochas sólidas. Mas aquela principal das espadas, ao tocar o topo da cabeça do Kirata, se partiu em pedaços. Phalguna então começou a combater com árvores e pedras. O ilustre deus na forma do Kirata de corpo enorme, no entanto, suportou aquela chuva de árvores e rochas com paciência. O filho poderoso de Pritha então, sua

boca fumegando de raiva, golpeou o deus invencível na forma de um Kirata com seus punhos fechados, golpes que desceram como raios. O deus na forma Kirata devolveu os golpes de Phalguna com golpes violentos parecendo os raios de Indra. E por causa daquele combate de golpes entre o filho de Pandu e o Kirata ergueram-se naquele local sons altos e terríveis. Aquele combate terrível de golpes, parecendo com o combate de antigamente entre Vritra e Vasava, durou somente um instante. O poderoso Jishnu apertando o Kirata começou a pressioná-lo com seu peito, mas o Kirata, possuidor de grande força, apertou o filho impassível de Pandu com força. E por causa da pressão de seus braços e de seus peitos, seus corpos começaram a emitir fumaça como carvão em fogo. O grande deus então, golpeando o já golpeado filho de Pandu, e atacando-o com raiva com todo seu poder, privou-o de seus sentidos. Então, ó Bharata, Phalguna, assim pressionado pelo deus dos deuses, com membros, além disso, machucados e lacerados, ficou incapaz de se mover e estava quase reduzido a uma bola de carne. E golpeado pelo deus ilustre, ele ficou sem fôlego e, caindo no chão sem poder de movimento, parecia com alguém que estava morto. Logo, no entanto, ele recuperou os sentidos, e, levantando-se da sua posição prostrada, com o corpo coberto de sangue, ficou cheio de angústia. Mentalmente se prostrando perante o gracioso deus dos deuses, e fazendo uma imagem de argila daquela divindade, ele a adorou, com oferendas de guirlandas florais. Vendo, no entanto, a guirlanda que ele tinha oferecido para a imagem de argila de Bhava enfeitando a cabeça do Kirata, aquele melhor dos filhos de Pandu ficou cheio de alegria e recuperou sua tranquilidade. E ele prostrou-se imediatamente aos pés de Bhava, e o deus também estava satisfeito com ele. E Hara, vendo a admiração de Arjuna e vendo que seu corpo tinha sido emaciado com austeridades ascéticas, falou para ele em uma voz profunda como o ribombar das nuvens, dizendo, 'Ó Phalguna, eu estou satisfeito contigo pois teu ato é sem paralelo. Não há Kshatriya que seja igual a ti em coragem e paciência. E, ó impecável, tua força e bravura são quase iguais às minhas. Ó poderosamente armado, eu estou satisfeito contigo. Veja-me, ó touro da raça Bharata! Ó tu de grandes olhos! Eu te darei olhos (para ver-me na minha forma verdadeira). Tu foste um Rishi antes. Tu vencerás todos os teus inimigos, até os habitantes do céu; e como eu estou satisfeito contigo eu te concederei uma arma irresistível. Logo tu serás capaz de manejar aquela minha arma.'"

"Vaisampayana continuou, 'Phalguna então viu ele, Mahadeva, aquele deus de esplendor ardente, aquele manejador do Pinaka, que tinha sua residência sobre as montanhas (de Kailasa) acompanhado por Uma. Curvando-se sobre seu joelho e inclinando sua cabeça, aquele conquistador de cidades hostis, o filho de Pritha, adorou Hara e inclinou-o à benevolência. E Arjuna disse, 'Ó Kapardin, ó chefe de todos os deuses, ó destruidor dos olhos de Bhaga, ó deus dos deuses, ó Mahadeva, ó tu de garganta azul, ó tu de madeixas emaranhadas, eu te conheço como a Causa de todas as causas. Ó tu de três olhos, ó senhor de tudo! Tu és o refúgio de todos os deuses! Este universo surgiu de ti. Tu não podes ser vencido pelos três mundos dos celestiais, dos Asuras, e homens. Tu és Siva na forma de Vishnu, e Vishnu na forma de Siva. Tu destruíste antigamente o grande sacrifício de Daksha. Ó Hari, ó Rudra, eu me curvo a ti. Tu tens um olho em tua testa. Ó Sarva, ó tu que derramas objetos de desejo, ó portador do tridente, ó portador do

Pinaka, ó Surya, ó tu de corpo puro, ó Criador de tudo, eu te reverencio. Ó senhor de todas as coisas criadas, eu adoro a ti para obter tua graça. Tu és o senhor dos Ganas, a fonte de bênção universal, a Causa das causas do universo. Tu estás além do principal dos seres masculinos, tu és o mais elevado, tu és o mais sutil, ó Hara! Ó ilustre Sankara, cabe a ti perdoar minha falha. Foi mesmo para obter uma visão de ti que eu vim para esta grande montanha, a qual é cara para ti e que é a residência excelente de ascetas. Tu és adorado de todos os mundos. Ó senhor, eu adoro a ti para obter tua graça. Que esta minha impetuosidade não seja considerada como uma falha, este combate no qual eu estava engajado contigo por ignorância. Ó Sankara, eu procuro a tua proteção. Perdoe-me tudo o que eu fiz.'"

"Vaisampayana continuou, 'Dotado de grande poder, o deus cujo símbolo era o touro, tomando nas suas as mãos belas de Arjuna, respondeu sorridente para ele, dizendo, 'Eu te perdoei.' E o ilustre Hara, alegremente abraçando Arjuna com seus braços, uma vez mais confortando Arjuna disse o seguinte.'"

40

"Mahadeva disse, 'Tu foste na tua vida anterior Nara, o amigo de Narayana. Em Vadari tu te dedicaste a austeridades ascéticas violentas por vários milhares de anos. Em ti assim como em Vishnu, aquele principal dos seres masculinos, habita grande poder. Ambos, por seu poder, mantêm o universo. Ó senhor, pegando aquele arco feroz cuja vibração parece com o ribombar profundo das nuvens, tu, assim como Krishna, castigaste os Danavas durante a coroação de Indra. Este mesmo Gandiva é aquele arco, ó filho de Pritha, adequado para tuas mãos. Ó principal dos seres masculinos, eu tirei-o de ti, ajudado por meus poderes de ilusão. Tuas duas aljavas, perfeitas para ti, serão novamente inesgotáveis, ó filho de Pritha! E, ó filho da raça Kuru, teu corpo será livre de dor e doença. Tua bravura não pode ser impedida. Eu estou satisfeito contigo. E, ó principal dos seres masculinos, peça de mim a bênção que tu desejas. Ó castigador de todos os inimigos, ó dador do respeito apropriado, (para aqueles que o merecem) nem mesmo no céu há algum ser masculino que seja igual a ti, nem algum Kshatriya que seja teu superior.'

Arjuna disse, 'Ó deus ilustre que tem o touro como seu símbolo, se tu concederás meu desejo, eu te peço, ó senhor, aquela arma celestial controlada por ti e chamada Brahmasira, aquela arma de destreza terrificante a qual destrói, no fim do Yuga, o universo inteiro, aquela arma pela ajuda da qual, ó deus dos deuses, eu possa, sob tua graça, obter vitória no conflito terrível que ocorrerá entre eu mesmo (de um lado), e Karna e Bhishma e Kripa e Drona (do outro), aquela arma pela qual eu possa consumir em batalha Danavas e Rakshasas e maus espíritos e Pisachas e Gandharvas e Nagas, aquela arma que quando lançada com Mantras produz dardos aos milhares e maças de aparência selvagens e flechas como cobras de veneno virulento, e por meio da qual eu

possa lutar com Bhishma e Drona e Kripa e Karna de língua sempre ofensiva, ó ilustre destruidor dos olhos de Bhaga, este mesmo é o meu principal desejo, isto é, que eu possa ser capaz de lutar com eles e obter o êxito.'

Bhava respondeu, 'Ó poderoso, eu te darei aquela minha arma predileta chamada de Pasupata. Ó filho de Pandu, tu és capaz de mantê-la, lançá-la, e retirá-la. Nem o próprio chefe dos deuses, nem Yama, nem o rei dos Yakshas, nem Varuna, nem Vayu a conhecem. Como os homens poderiam saber alguma coisa dela? Mas, ó filho de Pritha, esta arma não deve ser lançada sem causa adequada; pois se lançada em algum inimigo de pouco poder ela pode destruir o universo inteiro. Nos três mundos com todas as suas criaturas móveis e imóveis, não há criatura que não possa ser morta por esta arma. E ela pode ser lançada pela mente, pelos olhos, pelas palavras, e pelo arco.'"

“Vaisampayana continuou, ‘Ouvindo estas palavras, o filho de Pritha se purificou. E se aproximando do senhor do universo com atenção absorta, ele disse, 'Instrua-me!' Mahadeva então comunicou para aquele melhor dos filhos de Pandu o conhecimento daquela arma parecida com a encarnação de Yama, junto com todos os mistérios sobre lançá-la e retirá-la. E aquela arma desde aquele tempo começou a servir Arjuna como ela servia Sankara, o marido de Uma. E Arjuna também aceitou-a alegremente. E naquele momento a terra inteira, com suas montanhas e florestas e árvores e mares e bosques e aldeias e cidades e minas, tremeu. E os sons de conchas e baterias e trombetas às milhares começaram a ser ouvidos. E naquele momento furacões e tufões começaram a soprar. E os deuses e os Danavas viram aquela arma terrível em sua forma incorporada ficar ao lado de Arjuna de energia imensurável. E tudo o que havia de mau no corpo de Phalguna de energia imensurável foi dissipado pelo toque da divindade de três olhos. E o deus de três olhos então ordenou Arjuna, dizendo, 'Vá para o céu'. Arjuna então, ó rei, cultuando o deus com cabeça inclinada, olhou para ele, com mãos unidas. Então o senhor de todos os habitantes do céu, a divindade de esplendor brilhante tendo sua residência em leitos de montanha, o marido de Uma, o deus de paixões sobre completo controle, a fonte de todas as bênçãos, Bhava, deu para Arjuna, aquele principal dos homens, o grande arco chamado Gandiva, destrutivo de Danavas e Pisachas. E o deus dos deuses, então deixando aquela montanha abençoada com planaltos nevados e vales e cavernas, o recanto favorito de grandes Rishis que percorrem os céus, acompanhado por Uma subiu aos céus, à vista daquele principal dos homens.’"

41

“Vaisampayana disse, ‘O manejador do Pinaka, tendo o touro como seu símbolo, assim desapareceu à própria vista do filho de Pandu, como o sol se pondo à vista do mundo. Arjuna, aquele matador de heróis hostis, ficou muito admirado por isto, dizendo, 'Ó, eu vi o grande deus dos deuses. De fato eu sou afortunado, e muito favorecido, pois eu vi e toquei com minha mão o deus Hara de

três olhos, manejador do Pinaka, em sua forma concessora de bênçãos. Eu alcançarei o êxito. Eu já sou poderoso. Meus inimigos já foram derrotados por mim. Meus propósitos realmente já foram alcançados.' E enquanto o filho de Pritha, dotado de energia incomensurável, estava pensando assim, chegou naquele local Varuna o deus das águas, belo e do esplendor do lápis lazúli acompanhado por todas as espécies de criaturas aquáticas, e enchendo todos os pontos do horizonte com uma refulgência brilhante. E acompanhado por Rios masculinos e femininos, e Nagas, e Daityas e Sadhyas e divindades inferiores, Varuna, o controlador e senhor de todas as criaturas aquáticas, chegou àquele local. Chegou lá também o senhor Kuvera de corpo parecido com ouro puro, sentado em seu carro de grande esplendor, e acompanhado por numerosos Yakshas. E o senhor dos tesouros, possuidor de grande beleza, foi lá para ver Arjuna, iluminando o firmamento com sua refulgência. E chegou lá também o próprio Yama, de grande beleza, o poderoso destruidor de todos os mundos, acompanhado por aqueles senhores da criação, os Pitris, encarnados e desencarnados. E o deus da justiça, de alma inconcebível, o filho de Surya, o destruidor de todas as criaturas, com a maça na não, chegou lá em seu carro, iluminando os três mundos com regiões dos Guhyakas, os Gandharvas e os Nagas, como um segundo Surya quando ele se ergue no fim do Yuga. Tendo chegado lá, eles viram, dos topos refulgentes e matizados da grande montanha, Arjuna dedicado a austeridades ascéticas. E chegou lá em um instante o ilustre Sakra também, acompanhado por sua rainha, sentado nas costas (do elefante celeste) Airavata, e cercado também por todas as divindades. E por causa do guarda-sol branco segurado sobre sua cabeça, ele parecia com a lua em meio a nuvens macias. E louvado por Gandharvas, e Rishis dotados de riqueza de ascetismo, o chefe dos celestiais desceu em um topo específico da montanha, como um segundo sol. Então Yama possuidor de grande inteligência, e totalmente conhecedor da virtude, que tinha ocupado um topo no sul, em uma voz profunda como a das nuvens disse estas palavras auspiciosas, 'Arjuna, veja a nós, os protetores dos mundos, chegando aqui! Nós te concederemos visão (espiritual), pois tu mereces nos ver. Tu foste na tua vida anterior um Rishi de alma imensurável, conhecido como Nara de grande poder. Por ordem, ó filho, de Brahma, tu nasceste entre os homens! Ó impecável, por ti será vencido em batalha o muito virtuoso avô dos Kurus, Bhishma de grande energia, que nasceu dos Vasus. Tu também derrotarás todos os Kshatriyas de energia ardente comandados pelo filho de Bharadwaja em batalha. Tu também derrotarás aqueles Danavas de bravura selvagem que nasceram entre os homens, e aqueles Danavas também que são chamados de Nivatakavachas. E, ó filho da raça Kuru, ó Dhananjaya, tu também matarás Karna de bravura feroz, que é mesmo uma porção do meu pai Surya, de energia célebre por todos os mundos. E, ó filho de Kunti, castigador de todos os inimigos, tu também matarás todas as porções de celestiais e Danavas e os Rakshasas que se encarnaram na terra. E mortos por ti, eles alcançarão as regiões ganhas por eles de acordo com suas ações. E, ó Phalguna, a fama das tuas realizações durará para sempre no mundo, tu gratificaste o próprio Mahadeva em combate. Tu, com o próprio Vishnu, aliviarás a carga da terra. Ó, aceite esta minha arma, a maça que eu controlo, incapaz de ser desviada. Com esta arma tu realizarás grandes feitos.'"

“Vaisampayana continuou, ‘Ó Janamejaya, o filho de Pritha então recebeu devidamente de Yama aquela arma, junto com os Mantras e rito, e os mistérios de lançá-la e retirá-la. Então Varuna, o senhor de todas as criaturas aquáticas, azul como as nuvens, de um topo que ele tinha ocupado no oeste, proferiu estas palavras, 'Ó filho de Pritha, tu és o principal dos Kshatriyas, e empenhado em práticas Kshatriya. Ó tu de grandes olhos acobreados, veja-me! Eu sou Varuna, o senhor das águas. Lançados por mim, meus laços não podem ser resistidos. Ó filho de Kunti, aceite de mim estas armas Varuna junto com os mistérios de lançá-las e retirá-las. Com elas, ó herói, na batalha que ocorreu entre nós por causa Taraka (a esposa de Vrihaspati), milhares de Daityas poderosos foram apanhados e amarrados. Aceite-as de mim. Mesmo se o próprio Yama for teu inimigo, com estas em tuas mãos, ele não poderá escapar de ti. Quando tu, armado com elas, percorreres o campo de batalha, a terra, sem dúvida alguma, será desprovida de Kshatriyas.'"

“Vaisampayana continuou, ‘Depois que ambos, Varuna e Yama tinham dado suas armas celestes, o senhor dos tesouros tendo seu lar nas alturas de Kailasa então falou, 'Ó filho de Pandu, ó tu de grande poder e sabedoria, eu também estou satisfeito contigo. E este encontro contigo me dá tanto prazer quanto um encontro com Krishna. Ó manejador do arco com a mão esquerda, ó tu de braços poderosos, tu foste um deus antes, eterno (como outros deuses). Em Kalpas antigos tu praticaste todos os dias austeridades ascéticas junto conosco. Ó melhor dos homens, eu te concedo visão celeste. Ó tu de braços poderosos, tu derrotarás até Daityas e Danavas invencíveis. Aceite de mim também sem perda de tempo uma arma excelente. Com ela tu poderás consumir as tropas de Dhritarashtra. Pegue então esta minha arma favorita chamada Antarddhana. Dotada de energia e destreza e esplendor, ela é capaz de mandar o inimigo dormir. Quando o ilustre Sankara matou Tripura, esta mesma foi a arma que ele disparou e pela qual muitos Asuras poderosos foram consumidos. Ó tu de coragem invencível, eu a pego para dá-la para ti. Dotado da dignidade do Meru, tu és competente para manter esta arma.'

Depois que estas palavras tinham sido faladas, o príncipe Kuru Arjuna dotado de grande força recebeu devidamente de Kuvera aquela arma celeste. Então o chefe dos celestiais, dirigindo-se ao filho de Pritha de atos incessantes em palavras gentis, disse, em uma voz profunda como a das nuvens ou do timbale, 'Ó tu filho de braços fortes de Kunti, tu és um deus antigo. Tu já alcançaste o maior êxito, e obtiveste a posição de um deus. Mas, ó repressor de inimigos, tu ainda tens que realizar os propósitos dos deuses. Tu deves subir ao céu. Portanto prepare-te, ó herói de grande esplendor! Meu próprio carro com Matali como cocheiro logo descerá sobre a terra. Levando-te, ó Kaurava, para o céu, eu te concederei lá todas as minhas armas celestes.'

Vendo aqueles protetores dos mundos reunidos nas alturas de Himavat, Dhananjaya, o filho de Kunti, ficou muito admirado. Dotado de grande energia, ele então adorou devidamente os Lokapalas reunidos, com palavras, água, e frutas. Os celestiais então retornando aquele culto, foram embora. E os deuses capazes

de ir a todos os lugares à vontade, e dotados da velocidade da mente, voltaram para os lugares de onde eles tinham vindo.

Aquele touro entre homens, Arjuna, tendo obtido armas dessa maneira, estava cheio de alegria. E ele se considerou como alguém cujos desejos tinham sido realizados e que estava coroado com êxito."

42

(Indralokagamana Parva)

“Vaisampayana disse, ‘Depois que os Lokapalas tinham ido embora, Arjuna, aquele matador de todos os inimigos, começou a pensar, ó monarca, no carro de Indra! E quando Gudakesa dotado de grande inteligência estava pensando nele, o carro dotado de grande refulgência e guiado por Matali chegou, dividindo as nuvens e iluminando o firmamento e enchendo o céu inteiro com seu estrépito profundo como o ribombar de imensas massas de nuvens. Espadas, e mísseis de formas terríveis e maças de aspecto terrível, e dardos alados de esplendor celestial e relâmpagos da mais brilhante refulgência, e raios, e propulsores equipados com rodas e acionados com expansão da atmosfera e produzindo sons altos como o ribombar de grandes massas de nuvens, se encontravam naquele carro. E havia também naquele carro Nagas ferozes de corpo enorme com bocas ardentes, e pilhas de pedras brancas como nuvens fofas. E o carro era puxado por dez milhares de cavalos de cor dourada, dotados da velocidade do vento. E provido com perícia de ilusão, o carro era puxado com tal velocidade que o olho mal podia notar seu progresso. E Arjuna viu naquele carro o mastro de bandeira chamado Vaijayanta, de refulgência brilhante, parecendo em cor com a esmeralda ou lótus azul escuro, e decorado com ornamentos dourados e reto como o bambu. E vendo um cocheiro enfeitado com ouro sentado naquele carro, o filho de braços fortes de Pritha considerou-o como pertencente aos celestiais. E enquanto Arjuna estava ocupado com seus pensamentos com relação ao carro, o cocheiro Matali, curvando-se depois de descer do carro, dirigiu-se a ele, dizendo, 'Ó afortunado filho de Sakra! O próprio Sakra deseja ver-te. Suba sem perda de tempo neste carro que foi enviado por Indra. O chefe dos imortais, teu pai, aquele deus de cem sacrifícios, mandou-me, dizendo, 'Traga o filho de Kunti para cá. Que os deuses o vejam.' E o próprio Sankara, cercado pelos celestiais e Rishis e Gandharvas e Apsaras, espera para te ver. Por ordem do castigador de Paka, portanto, suba comigo desta para a região dos celestiais. Tu retornarás depois de obter armas.'

Arjuna respondeu, 'Ó Matali, suba sem perda de tempo neste carro excelente, um carro que não pode ser obtido nem por centenas de sacrifícios Rajasuya e de cavalos. Mesmo reis de grande prosperidade que realizam grandes sacrifícios notáveis por grandes presentes (para Brahmanas), mesmo deuses e Danavas não são qualificados para viajar neste carro. Aquele que não tem mérito ascético não é apto nem para ver ou tocar este carro, menos ainda andar nele. Ó abençoado, depois que tu tiveres subido nele, e depois que os cavalos ficarem quietos, eu

subirei nele, como um homem virtuoso entrando na estrada elevada da honestidade.'"

"Vaisampayana continuou, 'Matali, o cocheiro de Sakra, ouvindo estas palavras de Arjuna, logo subiu no carro e controlou os cavalos. Arjuna então, com o coração alegre, purificou-se com um banho no Ganges. E o filho de Kunti então repetiu devidamente (de modo inaudível) suas preces costumeiras. Ele então, devidamente e segundo a ordenança, gratificou os Pitris com oblações de água. E, por fim ele começou a invocar Mandara, aquele rei das montanhas, dizendo, 'Ó montanha, tu és sempre o refúgio de Munis santos e que buscam o céu, de conduta e comportamento virtuosos. É pela tua graça, ó montanha, que Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas alcançam o céu, e sem ansiedades se divertem com os celestiais. Ó rei das montanhas, ó montanha, tu és o retiro de Munis, e manténs em teu leito numerosos santuários sagrados. Felizmente eu morei nas tuas alturas. Eu te deixo agora, despedindo-me de ti. Muitas vezes eu vi teus planaltos e caramanchões, tuas fontes e riachos, e os santuários sagrados no teu leito. Eu também comi as frutas saborosas que crescem em ti, e matei minha sede em correntes de água perfumada escoando do teu corpo. Eu também bebi a água das tuas fontes, doces como o próprio amrita. Ó montanha, como uma criança dorme contente no colo de seu pai, assim eu, ó rei das montanhas, ó excelente, vivi no teu leito, ecoando com as notas de Apsaras e o canto dos Vedas. Ó montanha, todos os dias eu vivi alegremente sobre os teus planaltos.' Tendo se despedido da montanha dessa maneira, aquele matador de heróis, Arjuna, brilhando como o próprio Sol, subiu no carro celeste. E o príncipe Kuru dotado de grande inteligência, com o coração contente, percorreu o firmamento naquele carro celeste refulgente como o sol e de realizações de extraordinárias. E depois que ele tinha se tornado invisível para os mortais da terra, ele viu milhares de carros de beleza extraordinária. E naquela região não havia sol ou lua ou fogo para dar luz, mas ela brilhava em sua própria luz, gerada por virtude de mérito ascético. E aquelas regiões brilhantes que são vistas da terra na forma de estrelas, como lâmpadas (no céu), tão pequenas por causa da sua distância, embora muito grandes, foram contempladas pelo filho de Pandu, posicionadas em seus respectivos lugares, cheias de beleza e refulgência e brilhando com esplendor todo seu. E lá ele viu sábios reais coroados com êxito ascético, e heróis que tinham morrido em batalha, e aqueles que tinham alcançado o céu por suas austeridades ascéticas, às centenas sobre centenas. E havia também Gandharvas, de corpos brilhantes como o sol, aos milhares sobre milhares, como também Guhyakas e Rishis e numerosas tribos de Apsaras. E vendo aquelas regiões auto-refulgentes, Phalguna ficou maravilhado, e fez perguntas para Matali. E Matali também alegremente respondeu para ele, dizendo, 'Estas, ó filho de Pritha, são pessoas virtuosas colocadas em seus respectivos lugares. São estas a quem tu tens visto, ó exaltado, como estrelas, da terra.' Então Arjuna viu colocado nos portões (da região de Indra) o elefante belo e sempre vitorioso, Airavata, equipado com quatro presas, e parecendo a montanha de Kailasa com seus topos. E percorrendo aquele caminho dos Siddhas, aquele principal dos Kurus e filho de Pandu repousava em beleza como Mandhata, aquele melhor dos reis. Dotado de olhos como folhas de lótus, ele atravessou a região reservada para reis

virtuosos. E o célebre Arjuna tendo assim passado por regiões sucessivas de céu finalmente viu Amaravati, a cidade de Indra.'"

43

"Vaisampayana disse, 'E a cidade de Indra que Arjuna viu era encantadora e era o recanto de Siddhas e Charanas. E ela estava adornada com as flores de todas as estações, e com árvores sagradas de todas as espécies. E ele viu também jardins celestes chamados Nandana, o local favorito de Apsaras. E abanadas pelas brisas fragrantes carregadas com o pólen de flores bem perfumadas, as árvores com seu peso de flores celestes pareciam dar-lhe as boas vindas entre elas. E a região era de tal maneira que ninguém podia vê-la se não tivesse praticado austeridades ascéticas, ou se não tivesse derramado libações no fogo. Ela era uma região para os virtuosos somente, e não para aqueles que tinham virado suas costas no campo de batalha. E não era qualificado para vê-la quem não tivesse realizado sacrifícios ou cumprido votos rígidos, ou quem não tivesse um conhecimento dos Vedas, ou quem não tivesse se banhado em águas sagradas, ou quem não fosse afamado por sacrifícios e doações. E não eram aptos para vê-la os perturbadores de sacrifícios, ou os inferiores, ou os que bebem licores embriagantes, ou os violadores do leito de seus preceptores, ou os comedores de carne (não santificada), ou os pecaminosos. E tendo visto aqueles jardins celestes ressoando com música celeste, o filho de braços fortes de Pandu entrou na cidade predileta de Indra. E ele viu lá carros celestes aos milhares, capazes de ir a todos os lugares à vontade, estacionados em lugares apropriados. E ele viu dezenas de milhares de tais carros movendo-se em todas as direções. E abanado por brisas agradáveis carregadas com os perfumes de flores, o filho de Pandu foi elogiado por Apsaras e Gandharvas. E os celestiais então, acompanhados pelos Gandharvas e Siddhas e grandes Rishis, reverenciaram alegremente o filho de Pritha de atos imaculados. Bênçãos foram derramadas sobre ele, acompanhadas pelos sons de música celeste. O filho de braços fortes de Pritha então ouviu à sua volta a música de conchas e baterias. E louvado por toda parte, o filho de Pritha então foi, por ordem de Indra, àquele grande e extenso caminho estrelado chamado pelo nome de Suravithi. Lá ele encontrou com os Sadhyas, os Viswas, os Marutas, os gêmeos Aswins, os Adityas, os Vasus, os Rudras, os Brahmarshis do maior esplendor, e sábios reais numerosos com Dilipa encabeçando-os, e Tumvura e Narada, e aquele par de Gandharvas conhecidos pelos nomes de Haha e Huhu. E o príncipe Kuru, aquele castigador de inimigos, tendo os encontrado e saudado devidamente, viu por último o chefe dos celestiais, o deus de cem sacrifícios. Então o filho de Pritha descendo do carro aproximou-se do próprio senhor dos deuses, seu pai, aquele castigador de Paka. E um belo guarda-sol branco equipado com um mastro dourado era segurado sobre o chefe dos celestiais. E ele era abanado com um Chamara perfumado com aromas celestes. E ele era louvado por muitos Gandharvas encabeçados por Viswavasu e outros, por bardos e cantores, e por Brahmanas principais cantando os hinos Rik e Yajus. E o filho poderoso de Kunti, aproximando-se de Indra, saudou-o por inclinar

sua cabeça até o chão. E Indra então abraçou-o com seus braços cheios e corpulentos. E pegando sua mão, Sakra o fez sentar-se em uma parte do seu próprio assento, aquele assento sagrado que era adorado por deuses e Rishis. E o senhor dos celestiais, aquele matador de heróis hostis, cheirou a cabeça de Arjuna inclinado em humildade, e até tomou-o sobre seu colo. Sentado no assento de Sakra por ordem daquele deus de mil olhos, o filho de Pritha de energia incomensurável começou a brilhar em esplendor como um segundo Indra. E movido por afeição, o matador de Vritra, confortando Arjuna, tocou seu rosto belo com suas próprias mãos perfumadas. E o manejador do raio, afagando e esfregando gentilmente repetidas vezes com suas próprias mãos as quais portavam as marcas do raio os braços belos e enormes de Arjuna que pareciam um par de colunas douradas e que eram firmes por esticar a corda do arco, aquele deus de mil olhos, olhando seu filho de cabelos encaracolados sorridente e com olhos arregalados de deleite, mal parecia estar satisfeito. Quando mais ele olhava, mais ele gostava de olhar. E sentados em um assento, pai e filho aumentaram a beleza da assembléia, como o sol e a lua embelezando o firmamento juntos no décimo quarto dia da quinzena escura. E um grupo de Gandharvas encabeçados por Tumvuru, habilidosos em música sagrada e profana, cantaram muitos versos em notas melodiosas. E Ghritachi e Menaka e Rambha e Purvachitti e Swayamprabha e Urvasi e Misrakesi e Dandagauri e Varuthini e Gopali e Sahajanya e Kumbhayoni e Prajagara e Chitrasena e Chitralekha e Saha e Madhuraswana, estas e outras às milhares, possuidoras de olhos como folhas de lótus, que estavam empenhadas em atrair os corações de pessoas praticantes de austeridades rígidas, dançaram lá. E possuindo cinturas finas e belos quadris largos elas começaram a realizar várias evoluções, sacudindo seus peitos profundos, e lançando seus olhares em volta, e mostrando outras posturas atraentes capazes de roubar os corações e resoluções e mentes dos espectadores.'"

44

"Vaisampayana disse, 'Os deuses e os Gandharvas então, compreendendo os desejos de Indra, conseguiram um excelente Arghya e reverenciaram o filho de Pritha com pressa. E dando água para lavar seus pés e rosto, eles fizeram o príncipe entrar no palácio de Indra. E assim adorado, Jishnu continuou a viver na residência de seu pai. E o filho de Pandu continuou todo o tempo a adquirir armas celestes, junto com os meios de retirá-las. E ele recebeu das mãos de Sakra sua arma favorita de força irresistível, o raio, e aquelas outras armas também, de ribombar tremendo, ou seja, os relâmpagos do céu, cujos lampejos são deduzíveis do aparecimento de nuvens e (da dança dos) pavões. E o filho de Pandu, depois que ele obteve aquelas armas, lembrou-se de seus irmãos. Por ordem de Indra, entretanto, ele viveu por cinco anos inteiros no céu, cercado por todo conforto e luxo.

Depois de algum tempo, quando Arjuna tinha obtido todas as armas, Indra dirigiu-se a ele no momento devido, dizendo, 'Ó filho de Kunti, aprenda música e

dança de Chitrasena. Aprenda a música instrumental que é corrente entre os celestiais e que não existe no mundo dos homens, pois, ó filho de Kunti, isto será para teu benefício.' E Purandara apresentou Chitrasena como um amigo para Arjuna. E o filho de Pritha viveu alegremente em paz com Chitrasena. E Chitrasena instruiu Arjuna todo o tempo em música; vocal e instrumental, e em dança. Mas o ativo Arjuna não obtinha paz mental, lembrando-se do jogo injusto de dados de Sakuni, o filho de Suvala, e pensando com raiva em Dussasana e sua morte. Quando no entanto, sua amizade com Chitrasena tinha amadurecido completamente, ele às vezes aprendia dança e música inigualáveis praticadas entre os Gandharvas. E finalmente tendo aprendido vários tipos de dança e diversos tipos de música, vocal e instrumental, aquele matador de heróis hostis não obteve paz mental lembrando-se de seus irmãos e mãe Kunti."

45

Vaisampayana disse, "Um dia, sabendo que os olhares de Arjuna foram lançados sobre Urvasi, Vasava, chamando Chitrasena dirigiu-se a ele em particular dizendo, 'Ó rei dos Gandharvas, eu estou satisfeito; vá como meu mensageiro àquela principal dos Apsaras, Urvasi, e que ela sirva aquele tigre entre homens, Phalguna. Fale a ela, dizendo estas minhas palavras, 'Como por meu auxílio Arjuna aprendeu todas as armas e outras artes, adoradas por todos, assim tu deves fazê-lo conhecedor das artes de se portar em companhia feminina.' Assim endereçado por Indra, o chefe dos Gandharvas, em obediência àquela ordem de Vasava, logo foi até Urvasi, aquela principal das Apsaras. E quando ele a viu, ela reconheceu-o e encantou-o pelo acolhimento que lhe ofereceu e a saudação que lhe deu. E sentado tranquilamente ele então se dirigiu sorridente a Urvasi, que também estava sentada tranquila, dizendo, 'Saiba, ó tu de quadris formosos, que eu vim para cá enviado pelo único senhor do céu que te pede um favor. Aquele que é conhecido entre deuses e homens por suas muitas virtudes inatas, por sua graça, comportamento, beleza pessoal, votos e autocontrole; que é famoso por força e coragem, e respeitado pelos virtuosos, e esperto; que é dotado de talento e energia esplêndida, que é de um temperamento clemente e sem malícia de qualquer tipo; que estudou os quatro Vedas com seus ramos, e os Upanishads, e os Puranas também; que é dotado de devoção pelos seus preceptores e de intelecto possuidor dos oito atributos, que por sua abstinência, habilidade, origem e idade, sozinho é capaz de proteger as regiões celestes como o próprio Mahavat; que nunca é vaidoso; que demonstra respeito apropriado a todos; que contempla as coisas mais minúsculas tão claramente como se elas fossem grossas e grandes; que é de fala gentil; que derrama diversas espécies de alimento e bebida sobre seus amigos e dependentes; que é sincero, adorado por todos, eloquente, bonito, e sem orgulho; que é bondoso para aqueles devotados a ele, e universalmente amável e querido para todos; que é firme em promessa; que é semelhante até a Mahendra e Varuna com relação a todo atributo desejável, isto é, Arjuna, é conhecido por ti. Ó Urvasi, saiba que

aquele herói deve provar as alegrias do céu. Ordenada por Indra, que ele hoje obtenha teus pés. Faça isto, ó amável, pois Dhananjaya está inclinado a ti.'

Assim endereçada, Urvasi de feições impecáveis assumiu um rosto sorridente, e recebendo as palavras do Gandharva com grande respeito, respondeu com o coração contente, dizendo, 'Sabendo das virtudes que devem adornar os homens, como reveladas por ti, eu concederia meus favores a qualquer um que acontecesse de possuí-las. Por que eu não deveria então escolher Arjuna como um amante? Por ordem de Indra, e por minha amizade por ti, e movida também pelas numerosas virtudes de Phalguna, eu já estou sob a influência do deus do amor. Vá, portanto, ao lugar que desejas. Eu irei alegremente até Arjuna.'"

46

Vaisampayana disse, 'Tendo assim mandado embora o Gandharva bem sucedido em sua missão, Urvasi de sorrisos luminosos, movida pelo desejo de possuir Phalguna, tomou um banho. E tendo realizado suas abluções, ela se enfeitou com ornamentos encantadores e guirlandas esplêndidas de odor celeste. E inflamada pelo deus do amor, e seu coração perfurado completamente pelas flechas disparadas por Manmatha mantendo em mente a beleza de Arjuna, e sua imaginação totalmente ocupada pelos pensamentos em Arjuna, ela mentalmente se divertiu com ele em uma cama larga e excelente coberta com lençóis celestes. E quando o crepúsculo tinha se aprofundado e a lua estava no alto, aquela Apsara de quadris largos saiu para as mansões de Arjuna. E naquele ânimo e com suas tranças onduladas, macias e longas enfeitadas com ramos de flores, ela parecia extremamente bela. Com sua beleza e graça, e o charme dos movimentos das suas sobrancelhas e de seu timbre de voz suave, e sua própria face semelhante à lua, ela parecia caminhar, desafiando a própria lua. E conforme ela procedia, seus peitos profundos, lindamente cônicos, enfeitados com uma corrente de ouro e com unguentos celestes e pasta de sândalo fragrante, começaram a tremer. E por causa do peso dos seus peitos ela era forçada a se curvar ligeiramente para a frente a cada passo, dobrando sua cintura extremamente bela com três dobras. E suas ancas de forma impecável, a residência elegante do deus do amor, providas de quadris formosos e altos e redondos e largos em sua parte inferior como uma colina, e enfeitados com correntes de ouro, e capazes de abalar a santidade de anacoretas, estando enfeitados com traje fino, pareciam muito graciosos. E seus pés com formosos tornozelos escondidos, e possuindo solas lisas e dedos retos da cor do cobre polido e dorso alto e curvados como as costas da tartaruga e marcados pelo uso de ornamentos, providos de fileiras de pequenos sinos, pareciam muito belos. E alegre com um pouco de licor que ela tinha tomado, e excitada pelo desejo, e se movimentando em diversas posturas e expressando uma sensação de deleite, ela parecia mais bonita do que o usual. E embora o céu abundasse com muitos objetos maravilhosos, ainda assim quando Urvasi procedeu desta maneira, os Siddhas e Charanas e Gandharvas a consideraram como sendo o objeto mais belo sobre o qual eles tinham lançado seus olhos. E

com a metade superior do seu corpo vestida em um traje de textura fina e cores nebulosas, ela parecia resplandecente como um dígito da lua no firmamento encoberto por nuvens fofas. E dotada da velocidade dos ventos ou da mente, ela de sorrisos luminosos logo alcançou a mansão de Phalguna, o filho de Pandu. E, ó melhor dos homens, Urvasi de olhos belos, tendo chegado ao portão da residência de Arjuna, enviou mensagem através do guarda em serviço. E (ao receber permissão), ela logo entrou naquele palácio brilhante e encantador. Mas, ó monarca, ao vê-la à noite em sua mansão, Arjuna, com o coração tomado pelo temor, se adiantou para recebê-la com respeito e tão logo ele a viu, o filho de Pritha, por modéstia, fechou seus olhos. E saudando-a, ele ofereceu à Apsara tal culto como é oferecido para um superior. E Arjuna disse, 'Ó tu principal das Apsaras, eu te reverencio por curvar minha cabeça. Ó senhora, deixe-me conhecer tuas ordens. Eu te sirvo como teu criado.'"

Vaisampayana continuou, “Ouvindo estas palavras de Phalguna, Urvasi ficou privada de sua razão. E ela logo relatou para Arjuna tudo o que tinha se passado entre ela e o Gandharva Chitrasena. E ela disse, 'Ó melhor dos homens, eu te direi tudo o que se passou entre mim e Chitrasena, e por que eu vim até aqui. Por causa da tua chegada aqui, ó Arjuna, Mahendra convocou uma assembléia grande e encantadora, na qual festas celestes foram feitas. Para aquela assembléia vieram, ó melhor dos homens, os Rudras e os Adityas e os Aswins e os Vasus. E chegaram lá também muitos grandes Rishis e sábios reais e Siddhas e Charanas e Yakshas e grandes Nagas. E, ó tu de olhos expansivos, os membros da assembléia resplandecentes como fogo ou o sol ou a lua, tendo tomado seus assentos de acordo com posto, honra, e coragem, ó filho de Sakra, os Gandharvas começaram a tocar os Vinas e cantar canções encantadoras de melodia celeste. E, ó perpetuador da raça Kuru, as principais Apsaras também começaram a dançar. Então, ó filho de Pritha, tu olhaste para mim somente com um olhar fixo. Quando aquela assembléia dos celestiais se separou, mandados por teu pai, os deuses partiram para seus respectivos lugares. E as principais Apsaras também foram para suas residências, e outras também, ó matador de inimigos, mandadas por teu pai e obtendo sua permissão. Foi então que Chitrasena, enviado a mim por Sakra, chegou à minha residência. Ó tu de olhos como folhas de lótus, ele se dirigiu a mim, dizendo, 'Ó tu da aparência mais formosa, eu fui enviado a ti pelo chefe dos celestiais. Faça algo que será agradável para Mahendra e eu mesmo e para ti mesma também. Ó tu de quadris formosos, procure agradar Arjuna, que é corajoso em batalha assim como o próprio Sakra, e que é sempre possuidor de magnanimidade.' Estas mesmas, ó filho de Pritha, foram suas palavras. Assim, ó impecável, mandada por ele e por teu pai também, eu vim a ti para te servir, ó matador de inimigos. Meu coração foi atraído pelas tuas virtudes, e eu já estou sob a influência do deus do amor. E, ó herói, este mesmo é meu desejo, e eu o tenho nutrido para sempre!’"

Vaisampayana continuou, "Enquanto no céu, ouvindo-a falar daquela maneira, Arjuna foi dominado pelo acanhamento. E fechando seus ouvidos com suas mãos, ele disse, 'Ó senhora abençoada, vergonha para o meu sentido de audição, quando tu me falas desse modo. Pois, ó tu de rosto belo, tu és certamente igual na

minha opinião à esposa de um superior. Assim como Kunti de grande ventura ou Sachi a rainha de Indra, tu és para mim, ó auspiciosa, disto não há dúvida! Que eu olhei particularmente para ti, ó abençoada, é verdade. Havia uma razão para isto. Eu realmente a direi para ti, ó tu de sorrisos luminosos! Na assembléia eu te fitei com olhos arregalados de prazer, pensando, 'Esta dama exuberante é a mãe da linhagem Kaurava.' Ó Apsara abençoada, não cabe a ti nutrir outros sentimentos por mim, pois tu és superior aos meus superiores, sendo a mãe da minha linhagem.'

Ouvindo estas palavras de Arjuna, Urvasi respondeu, dizendo, 'Ó filho do chefe dos celestiais, nós Apsaras somos livres e desimpedidas em nossa escolha. Não cabe a ti, portanto, me estimar como tua superior. Os filhos e netos da linhagem de Puru que vieram para cá por causa de mérito ascético todos se divertiram conosco, sem incorrer em qualquer pecado. Ceda, portanto, ó herói, não cabe a ti me mandar embora. Eu estou queimando de desejo. Eu sou devotada a ti. Aceite-me, ó tu concessor de respeito apropriado.'

Arjuna respondeu, 'Ó senhora bela de feições perfeitamente impecáveis, escute. Eu te falo verdadeiramente. Que as quatro direções e as direções transversais, e que também os deuses escutem. Ó impecável, como Kunti, ou Madri, ou Sachi são para mim, assim és tu, a mãe da minha raça, um objeto de reverência para mim. Volte, ó tu da aparência mais formosa; eu curvo minha cabeça para ti, e me prostro aos teus pés. Tu mereces meu culto como minha própria mãe; e cabe a ti me proteger como um filho.'"

Vaisampayana continuou, "Assim endereçada por Partha, Urvasi foi privada da sua razão pela ira. Tremendo de raiva, e contraindo sua fronte, ela amaldiçoou Arjuna, dizendo, 'Já que tu desconsideraste uma mulher que veio à tua mansão por ordem do teu pai e por seu próprio impulso, uma mulher, além disso, que foi perfurada pelas flechas de Kama, portanto, ó Partha, tu terás que passar teu tempo entre mulheres desconsiderado, e como um dançarino, e desprovido de virilidade e desprezado como um eunuco.'"

Vaisampayana continuou, "Tendo amaldiçoado Arjuna assim, os lábios de Urvasi ainda tremiam de raiva, ela respirando pesadamente todo o tempo. E ela logo voltou para sua própria residência. E aquele matador de inimigos, Arjuna, também procurou Chitrasena sem perda de tempo. E tendo-o encontrado, ele lhe disse tudo o que tinha se passado entre ele e Urvasi durante a noite. E ele contou para Chitrasena como tudo tinha acontecido, repetidamente se referindo à maldição pronunciada sobre ele. E Chitrasena também relatou tudo para Sakra. E Harivahana, chamando seu filho em particular, e confortando-o em palavras gentis, disse sorridente, 'Ó tu melhor dos seres, tendo te obtido, ó filho, Pritha hoje se tornou uma mãe realmente abençoada. Ó poderosamente armado, tu agora superaste até Rishis pela paciência e autocontrole. Mas, ó dador do respeito apropriado, a maldição que Urvasi pronunciou sobre ti será para teu benefício, ó filho, e te servirá bem. Ó impecável, vocês terão que passar sobre a terra o décimo terceiro ano (de seu exílio), desconhecidos por todos. É então que tu

sofrerás a maldição de Urvasi. E tendo passado um ano como um dançarino sem virilidade, tu recuperarás teu poder no término do prazo.'

Assim endereçado por Sakra, aquele matador de heróis hostis, Phalguna sentiu grande alegria e parou de pensar na maldição. E Dhananjaya, o filho de Pandu, se divertiu nas regiões do céu com o Gandharva Chitrasena de grande celebridade.

Os desejos do homem que ouve esta história do filho de Pandu nunca correm atrás de fins lascivos. Os principais dos homens, por escutarem a este relato do comportamento muito puro de Phalguna, o filho do senhor dos celestiais, tornam-se desprovidos de orgulho e arrogância e cólera e outros defeitos, e ascendendo para o céu, passam seu tempo lá em felicidade."

47

Vaisampayana disse, "Um dia, o grande Rishi Lomasa no decurso de suas viagens foi à residência de Indra, desejoso de ver o senhor dos celestiais. E o grande Muni, tendo se aproximado do chefe dos deuses, curvou-se a ele respeitosamente. E ele viu o filho de Pandu ocupando metade do assento de Vasava. E adorado pelos grandes Rishis, aquele principal dos Brahmanas sentou-se em um assento excelente pelo desejo de Sakra. E vendo Arjuna sentado no assento de Indra, o Rishi começou a pensar em como Arjuna que era um Kshatriya tinha alcançado ao assento do próprio Sakra. Que atos de mérito tinham sido realizados por ele e quais regiões tinham sido conquistadas por ele (por mérito ascético), que ele tinha obtido um assento que era adorado pelos próprios deuses? E quando o Rishi estava ocupado com estes pensamentos, Sakra, o matador de Vritra, veio a conhecê-los. E tendo-os conhecido, o marido de Sachi se dirigiu a Lomasa com um sorriso e disse, 'Ouça, ó Brahmarshi, a respeito do que está agora se passando na tua mente. Este não é mortal embora ele tenha tomado seu nascimento entre homens. Ó grande Rishi, o herói de braços poderosos é mesmo meu filho nascido de Kunti. Ele veio para cá para obter armas para algum propósito. Ai! Tu não o reconheces como um Rishi antigo do mérito mais sublime? Ouça-me, ó Brahmana, enquanto eu te digo quem ele é e por que ele veio a mim. Aqueles Rishis antigos e excelentes que eram conhecidos pelos nomes de Nara e Narayana são, saiba, ó Brahmana, ninguém mais do que Hrishikesa e Dhananjaya. E aqueles Rishis, célebres nos três mundos, e conhecidos pelos nomes de Nara e Narayana, para a realização de certo propósito nasceram na terra, para a aquisição de virtude. Aquele retiro sagrado o qual até deuses e Rishis ilustres não são qualificados para ver, e que é conhecido por todo o mundo pelo nome de Vadari, situado perto da nascente do Ganga, que é adorado pelos Siddhas e os Charanas, era a residência, ó Brahmana, de Vishnu e Jishnu. Aqueles Rishis de esplendor ardente, ó Brahmarshi, por meu desejo, nasceram sobre a terra, e dotados de energia poderosa, aliviarão o peso dela. Além disto, há certos Asuras conhecidos como Nivatakavachas, que, orgulhosos da bênção que obtiveram, estão empenhados em nos fazer injúrias. Vaidosos de

sua força, eles estão agora mesmo planejando a destruição dos deuses, pois, tendo recebido um benefício, eles não respeitam mais os deuses. Aqueles Danavas ferozes e poderosos vivem nas regiões inferiores. Mesmo todos os celestiais juntos são incapazes de lutar com eles. O abençoado Vishnu, o matador de Madhu, ele, de fato, que é conhecido na terra como Kapila, e cujo olhar somente, ó exaltado, destruiu os filhos ilustres de Sagara quando eles se aproximaram dele com sons altos nas entranhas da terra, aquele ilustre e invencível Hari é capaz, ó Brahmana de nos fazer um grande serviço. Ou ele ou Partha ou ambos podem nos fazer aquele grande serviço, sem dúvida. Na verdade como o ilustre Hari matou os Nagas no grande lago, ele, somente pela visão, é capaz de matar aqueles Asuras chamados Nivatakavachas, junto com seus seguidores. Mas o matador de Madhu não deve ser incitado quando a tarefa é insignificante. Uma poderosa massa de energia que ele é, esta aumentando para proporções crescentes pode consumir o universo inteiro. Este Arjuna também é competente para combater eles todos, e o herói tendo-os matado em batalha voltará para o mundo dos homens. Vá a meu pedido para a terra. Tu verás o corajoso Yudhishthira vivendo nas florestas de Kamyaka. E por mim diga para o virtuoso Yudhishthira de bravura imbatível em batalha que ele não deve ficar ansioso por causa de Phalguna, pois este herói voltará para a terra um mestre completo de armas, pois sem perícia de braços santificada, e sem habilidade em armas, ele não poderia combater Bhishma e Drona e outros em batalha. Tu também revelarás para Yudhishthira que o ilustre Gudakesa de braços poderosos, tendo obtido armas, também dominou a ciência da dança celeste e música instrumental e vocal. E tu deves também lhe dizer: ‘Ó rei de homens, ó matador de inimigos, tu mesmo também, acompanhado por todos os teus irmãos, deves ver os vários santuários sagrados. Pois tendo te banhado em diferentes águas sagradas tu serás purificado dos teus pecados, e a agitação do teu coração diminuirá. E então tu poderás desfrutar do teu reino, feliz no pensamento que os teus pecados foram purificados.’ E, ó principal dos Brahmanas, dotado de poder ascético, cabe a ti também proteger Yudhishthira durante sua viagem pela terra. Rakshasas ferozes sempre vivem em fortalezas de montanha e estepes acidentadas. Proteja o rei daqueles canibais.'

"Depois que Mahendra tinha falado assim para Lomasa, Vibhatsu também reverentemente se dirigiu àquele Rishi, dizendo, 'Proteja sempre o filho de Pandu. Ó melhor dos homens, que o rei, ó grande Rishi, protegido por ti, visite os vários lugares de peregrinação e faça doações para Brahmanas em caridade.'"

Vaisampayana continuou, "O poderoso asceta Lomasa, tendo respondido a ambos dizendo, 'Assim seja' partiu para a terra, desejoso de chegar a Kamyaka. E tendo chegado naquelas florestas ele viu o matador de inimigos e filho de Kunti, o rei Yudhishthira o justo, cercado por ascetas e seus irmãos mais novos."

48

Janamejaya disse, "Estas façanhas do filho de Pritha dotado de energia imensurável foram sem dúvida extraordinárias. Ó Brahmana, o que Dhritarashtra de grande sabedoria disse quando ele soube delas?"

Vaisampayana disse, "O filho de Amvika, o rei Dhritarashtra, sabendo através de Dwaipayana, aquele principal dos Rishis, da chegada e permanência de Arjuna na residência de Indra, falou para Sanjaya, dizendo, 'Ó cocheiro, tu conheces em detalhes as ações do inteligente Arjuna, das quais eu tenho ouvido, do início ao fim? Ó cocheiro, meu filho desventurado e pecaminoso está agora mesmo engajado em uma política do tipo mais vulgar. De alma pecaminosa, ele certamente despovoará a terra. A pessoa ilustre cujas palavras até em gracejo são verdadeiras, e que tem Dhananjaya para lutar por ele, sem dúvida ganhará os três mundos. Quem mesmo estando além da influência da Morte e Decadência poderá resistir diante de Arjuna, quando ele espalhar suas flechas farpadas e de pontas afiadas amoladas sobre pedra? Meus filhos infames, que tem que lutar com os Pandavas invencíveis estão de fato, todos condenados. Refletindo dia e noite, eu não vejo o guerreiro entre nós que possa resistir em batalha diante do manejador do Gandiva. Se Drona, ou Karna, ou mesmo Bhishma avançarem contra ele em batalha, uma grande calamidade provavelmente acontecerá à terra. Mas mesmo nesse caso, eu não vejo o caminho para o nosso êxito. Karna é bondoso e desatento. O preceptor Drona é velho, e o professor (de Arjuna). Arjuna, no entanto, é colérico, e forte, e orgulhoso, e de coragem firme e constante. Como todos estes guerreiros são invencíveis, uma luta terrível ocorrerá entre eles. Todos eles são heróis habilidosos com armas e de grande reputação. Eles não desejariam a soberania do mundo se ela fosse para ser comprada por derrota. De fato, a paz será restaurada somente após a morte deles ou de Phalguna. O matador de Arjuna, no entanto, não existe, nem uma pessoa que possa vencê-lo. Oh, como aquela ira dele a qual tem eu mesmo como seu objeto será acalmada? Igual ao chefe dos celestiais, aquele herói gratificou Agni em Khandava e derrotou todos os monarcas da terra na ocasião do grande Rajasuya. Ó Sanjaya, o raio caindo sobre o topo da montanha deixa uma parte não destruída; mas as flechas, ó filho, que são atiradas por Kiriti não deixam uma ruína para trás. Como os raios do sol aquecem este universo móvel e imóvel, assim as flechas atiradas pelas mãos de Arjuna queimarão meus filhos. Parece-me que os Chamus dos Bharatas, apavorados pelo ruído das rodas da carruagem de Arjuna, já estão divididos em todas as direções. Vidhatri criou Arjuna como um Destruidor que a tudo consome. Ele permanece em batalha como um inimigo, vomitando e espalhando enxames de setas. Quem é que o derrotará?"

49

"Sanjaya disse, 'O que foi proferido por ti, ó rei, com relação a Duryodhana é tudo verdade. Nada do que tu disseste, ó senhor da terra, é falso. Os Pandavas de energia incomensurável ficaram cheios de raiva à visão de Krishna, sua esposa de

fama pura, trazida no meio da assembléia. Ouvindo também aquelas palavras cruéis de Dussasana e Karna, eles ficaram tão enfurecidos, ó rei, que eles, eu suponho, não perdoarão (os Kurus) na minha opinião. Eu soube, ó rei, como Arjuna satisfez em batalha por meio de seu arco o deus dos deuses, Sthanu de onze formas. O ilustre senhor de todos os deuses, o próprio Kapardin, desejoso de testar Phalguna, lutou com ele, tendo assumido o disfarce de um Kirata. E foi então que os Lokapalas, para dar suas armas para aquele touro da raça Kuru, mostraram-se para ele de perícia que não se deteriora. Que outro homem sobre a terra, exceto Phalguna, se esforçaria para ter uma visão daqueles deuses em suas próprias formas? E, ó rei, quem enfraquecerá Arjuna em batalha, que não pode ser enfraquecido pelo próprio Maheswara possuidor de oito formas? Teus filhos, tendo arrastado Draupadi, e assim enfurecido os filhos de Pandu, trouxeram esta calamidade terrível e horripilante sobre si mesmos. Vendo Duryodhana mostrando suas coxas para Draupadi, Bhima disse com lábios tremendo, 'Patife! Estas tuas coxas eu esmagarei com minha maça de descida violenta, no término de treze anos.' Todos os filhos de Pandu são os principais dos batedores; todos eles são de energia incomensurável; todos eles são versados em todas as espécies de armas. Por isso eles não podem ser derrotados nem pelos deuses. Enfurecidos pelo insulto oferecido à sua esposa, os filhos de Pritha, incitados pela cólera, eu penso, matarão todos os teus filhos em batalha.'

Dhritarashtra disse, 'Ó cocheiro, que injúria foi feita por Karna proferindo aquelas palavras cruéis para os filhos de Pandu! Não foi suficiente a inimizade que foi provocada por trazer Krishna para a assembléia? Como meus filhos perversos podem viver, cujo irmão mais velho e preceptor não anda no caminho da retidão? Vendo-me desprovido de visão, e incapaz de me esforçar ativamente, meu filho patife, ó cocheiro, acredita que eu sou um tolo, e não ouve minhas palavras. Aqueles canalhas também que são seus conselheiros, Karna e Suvala e outros, sempre o auxiliam a satisfazer seus vícios, visto que ele é incapaz de compreender as coisas corretamente. As flechas que Arjuna de bravura incomensurável possa disparar levemente, são capazes de consumir todos os meus filhos, sem falar das flechas que ele disparará, impelido pela raiva. As flechas impulsionadas pelo poder dos braços de Arjuna e atiradas do seu arco grande, e inspiradas com mantras capazes de convertê-las em armas celestes podem castigar os próprios celestiais. Ele que tem como seu conselheiro e protetor e amigo aquele castigador de homens pecaminosos, o senhor dos três mundos, o próprio Hari, não encontra nada que ele não possa conquistar. Ó Sanjaya, é muito extraordinário em Arjuna que, como nós temos ouvido, ele tenha sido apertado por Mahadeva em seus braços. Aquilo também que Phalguna, ajudado por Damodara fez antigamente para ajudar Agni na queima de Khandava foi testemunhado por todo o mundo. Quando, portanto, Bhima e Partha e Vasudeva da raça Satwata ficarem enfurecidos, certamente meus filhos junto com seus amigos e os Suvalas não estarão à altura de lutar com eles.'"

50

Janamejaya disse, "Tendo mandado os filhos heróicos de Pandu para o exílio, estas lamentações, ó Muni, de Dhritarashtra eram completamente inúteis. Por que o rei permitiu que seu filho tolo Duryodhana enfurecesse daquela maneira aqueles guerreiros poderosos, os filhos de Pandu? Diga-nos agora, ó Brahmana, qual era o alimento dos filhos de Pandu enquanto eles viviam nas florestas. Ele era da selva, ou era o resultado de cultivo?"

Vaisampayana disse, "Aqueles touros entre homens, colhendo os produtos da selva e matando veados com flechas simples, ofereciam primeiro uma parte da comida para os Brahmanas e eles mesmos comiam o resto. Pois, ó rei, enquanto aqueles heróis que manejavam arcos grandes viviam nas florestas, eles eram seguidos por Brahmanas de ambas as classes, aqueles que cultuavam com fogo e aqueles que cultuavam sem ele. E havia dez mil Brahmanas Snataka ilustres, todos conhecedores dos meios de salvação, a quem Yudhishthira sustentava nas florestas. E matando com setas Rurus e os veados negros e outras espécies de animais puros da selva, ele dava-os para aqueles Brahmanas. E ninguém que vivia com Yudhishthira parecia pálido ou doente, ou estava magro ou fraco, ou estava melancólico ou apavorado. E o chefe dos Kurus, o rei virtuoso Yudhishthira, mantinha seus irmãos como se eles fossem seus filhos, e seus parentes como se eles fossem seus irmãos. E Draupadi de fama pura alimentava seus maridos e os Brahmanas como se ela fosse sua mãe; e por último de todos ela mesma comia seu alimento. E o próprio rei se dirigindo em direção ao leste, e Bhima em direção ao sul, e os gêmeos em direção ao oeste e ao norte, matavam diariamente com arco na mão os veados da floresta, por causa da carne. E foi assim que os Pandavas viveram por cinco anos nas florestas de Kamyaka, em ansiedade pela ausência de Arjuna, e ocupados todo o tempo em estudo e orações e sacrifícios."

51

Vaisampayana disse, "Aquele touro entre homens, Dhritarashtra, o filho de Amvika, tendo ouvido a respeito daquele extraordinário modo de vida, tão acima daquele dos homens, dos filhos de Pandu, estava cheio de ansiedade e aflição. E tomado pela melancolia e suspirando pesadamente e ansioso, aquele monarca, dirigindo-se ao seu cocheiro Sanjaya, disse, 'Ó cocheiro, eu não tenho um momento de paz, nem durante o dia nem à noite, pensando no terrível mau comportamento dos meus filhos resultante do jogo, e pensando também no heroísmo, paciência, inteligência elevada, bravura insuportável, e no amor extraordinário uns pelos outros dos filhos de Pandu. Entre os Pandavas, os ilustres Nakula e Sahadeva, de origem celeste e iguais ao próprio chefe dos celestiais em esplendor, são invencíveis em batalha. Eles são firmes no manejo de armas, capazes de atirar a uma longa distância, resolutos em batalha, de notável leveza de mão, de ira que não é facilmente abrandada, possuidores de grande perseverança, e dotados de energia. Possuidores da bravura de leões e

insuportáveis como os próprios Aswins, quando eles vierem para o campo de batalha com Bhima e Arjuna em frente, eu vejo, ó Sanjaya, que meus soldados serão todos mortos sem um restante. Aqueles guerreiros poderosos de origem celeste, aos quais ninguém se iguala em batalha, cheios de raiva pela lembrança daquele insulto à Draupadi, não mostrarão clemência. Os guerreiros poderosos dos Vrishnis também, e os Panchalas de grande energia, e os próprios filhos de Pritha, liderados por Vasudeva de coragem imbatível, destruirão minhas legiões. Ó cocheiro, todos os guerreiros do meu lado reunidos não são competentes para suportar o ímpeto dos Vrishnis sozinhos quando comandados por Rama e Krishna. E entre eles se moverá aquele grande guerreiro Bhima de bravura terrível, armado com sua maça de ferro segurada no alto e capaz de matar todo herói. E acima do barulho será ouvida a vibração do Gandiva alta como o trovão do céu. O ímpeto da maça de Bhima e a vibração alta do Gandiva não podem ser resistidos por algum dos reis do meu lado. Será então, ó Sanjaya, que obediente como eu tenho sido à voz de Duryodhana, eu terei que me lembrar dos conselhos rejeitados dos meus amigos, conselhos que eu deveria ter escutado a tempo.'"

Sanjaya disse, "Este foi um grande erro, ó rei, que embora capaz, tu, por afeição, não tenhas impedido teu filho de fazer o que ele fez. O matador de Madhu, aquele herói de glória imperecível, sabendo que os Pandavas tinham sido derrotados nos dados, foi logo às florestas de Kamyaka e consolou-os lá. E os filhos de Draupadi também encabeçados por Dhrishtadyumna, e Virata, e Dhrishtaketu, e aqueles guerreiros poderosos, os Kekayas, todos foram lá. Tudo o que foi dito por estes guerreiros à visão do filho de Pandu derrotado nos dados foi descoberto por mim através dos nossos espiões. Eu também te disse tudo, ó rei. Quando o matador de Madhu encontrou os Pandavas eles lhe pediram para se tornar o quadrigário de Phalguna em batalha. O próprio Hari, assim pedido, respondeu a eles, dizendo, 'Assim seja.' E até o próprio Krishna vendo os filhos de Pritha vestidos em peles de veado ficou cheio de raiva, e dirigindo-se a Yudhishthira, disse, 'Aquela prosperidade que os filhos de Pritha obtiveram em Indraprastha, e que, inalcançável por outros reis, foi vista por mim no sacrifício Rajasuya, no qual, além disso, eu vi todos os reis, até aqueles dos Vangas e Angas e Paundras e Odras e Cholas e Dravidas e Andhakas, e os chefes de muitas ilhas e países no litoral como também de estados fronteiriços, inclusive os soberanos dos Sinhalas, os bárbaros Mlecchas, os nativos de Lanka, e todos os reis do Oeste às centenas, e todos os chefes da costa, e os reis dos Pahlavas e os Daradas e as várias tribos dos Kiratas e Yavanas e Sakras e os Harahunas e China e Tukharas e os Sindhavas e os Jagudas e os Ramathas e os Mundas e os habitantes do reino das mulheres e os Tanganas e os Kekayas e os Malavas e os habitantes de Kasmira, com medo da destreza das tuas armas, presentes em obediência ao teu convite, realizando vários serviços; aquela prosperidade, ó rei, tão instável e servindo ao inimigo no momento, eu devolverei para ti, privando teu inimigo de sua própria vida. Eu, ó chefe dos Kurus, ajudado por Rama e Bhima e Arjuna e os gêmeos e Akrura e Gada e Shamva e Pradyumna e Ahuka e o heróico Dhrishtadyumna e o filho de Sisupala, matarei em batalha no decurso de um dia Duryodhana e Karna e Dussasana e o filho de Suvala e todos os outros que possam lutar contra nós. E tu, ó Bharata, vivendo em Hastinapura junto com teus

irmãos, e tirando do partido de Dhritarashtra a prosperidade que eles estão desfrutando, governarás esta terra.' Estas mesmas, ó rei, foram as palavras de Krishna para Yudhishthira, que, na conclusão do discurso de Krishna, dirigiu-se a ele naquela reunião de heróis e na audição de todos aqueles guerreiros valentes encabeçados por Dhrishtadyumna, dizendo, 'Ó Janardana, eu aceito estas tuas palavras como verdade. Ó tu de braços poderosos, no entanto, mate meus inimigos junto com todos os seus seguidores no término de treze anos. Ó Kesava, prometa isto realmente para mim. Eu prometi na presença do rei viver na floresta como eu estou vivendo agora.' Concordando com estas palavras do rei Yudhishthira o justo, seus conselheiros encabeçados por Dhrishtadyumna logo acalmaram o enfurecido Kesava com palavras gentis e expressões adequadas para a ocasião. E eles também disseram para Draupadi de atos puros na audição do próprio Vasudeva, estas palavras, 'Ó senhora, por causa da tua fúria, Duryodhana perderá sua vida. Nós prometemos isto, ó tu da aparência mais formosa. Portanto, não sofra mais. Ó Krishna, aqueles que escarneceram de ti, vendo-te ganha nos dados, colherão os frutos de sua ação. Animais e aves predadores comerão sua carne, e escarnecerão deles dessa maneira. Chacais e urubus beberão seu sangue. E, ó Krishna, tu verás os corpos daqueles canalhas que te arrastaram pelo cabelo prostrados no chão, arrastados e comidos por animais carnívoros. Aqueles também que te causaram dor e te desrespeitaram jazerão na terra privados de suas cabeças, e a própria terra beberá seu sangue.' Estes e outros discursos de vários tipos foram proferidos lá, ó rei, por aqueles touros da raça Bharata. Todos eles são dotados de energia e coragem, e marcados com as marcas da batalha. No término do décimo terceiro ano, aqueles guerreiros poderosos, escolhidos por Yudhishthira e encabeçados por Vasudeva, virão (para o campo de batalha). Rama e Krishna e Dhananjaya e Pradyumna e Shamva e Yuyudhana e Bhima e os filhos de Madri e o príncipe Kekaya e os príncipes Panchala, acompanhados pelo rei de Matsya, estes todos, heróis ilustres e célebres e invencíveis, com seus seguidores e tropas, virão. Quem, desejando viver, enfrentará a eles em batalha, parecendo leões furiosos de jubas eretas?'

Dhritarashtra disse, ‘O que Vidura me disse no momento do jogo de dados, 'Se tu procurares, ó rei, derrotar os Pandavas (nos dados), então certamente um derramamento de sangue terrível terminando na destruição de todos os Kurus será o resultado,' eu penso que está prestes a ser realizado. Como Vidura me disse no passado, sem dúvida uma batalha terrível se realizará, logo que o período prometido dos Pandavas terminar.'"

52

(Nalopakhyana Parva)

Janamejaya disse, "Quando Partha de grande alma foi para a região de Indra para obter armas, o que Yudhishthira e os outros filhos de Pandu fizeram?"

Vaisampayana disse, "Quando Partha de grande alma foi para a região de Indra para obter armas, aqueles touros da raça Bharata continuaram a morar com Krishna nas (florestas de) Kamyaka. Um dia, aqueles principais dos Bharatas, afligidos pela angústia, estavam sentados com Krishna em um gramado limpo e solitário. Sofrendo por Dhananjaya, oprimidos pela tristeza, suas vozes estavam sufocadas pelo pranto. Torturados pela ausência de Dhananjaya, a dor os afligia igualmente. E cheio de tristeza por sua separação de Arjuna e pela perda de seu reino, Bhima de braços fortes entre eles se dirigiu a Yudhishthira, dizendo, 'Aquele touro da raça Bharata, Arjuna, ó grande rei, de quem dependem as vidas dos filhos de Pandu, e por cuja morte os Panchalas como também nós com nossos filhos e Satyaki e Vasudeva sem dúvida morreremos, partiu por tua ordem. O que pode ser mais triste do que isso, que o virtuoso Vibhatsu tenha ido embora por tua ordem, pensando em suas muitas angústias? Dependendo do poder das armas daquele herói ilustre, considere nossos inimigos como já derrotados em batalha, e a própria terra inteira como já obtida por nós. Foi por causa daquele guerreiro poderoso que eu me abstive de mandar para o outro mundo todos os Dhritarashtras com os Suvalas, no meio da assembléia. Dotados de força de braços, e apoiados por Vasudeva, nós temos que suprimir a ira que foi despertada em nós, porque tu és a causa daquela ira. De fato, com a ajuda de Krishna, matando nossos inimigos encabeçados por Karna, nós podemos governar a terra inteira (assim) conquistada por nossos próprios braços. Dotados de virilidade, nós ainda assim somos oprimidos por calamidades, por causa do teu vício no jogo, enquanto os tolos inúteis de Dhritarashtra estão ficando mais fortes com os tributos (coletados de reis dependentes). Ó monarca poderoso, cabe a ti não perder de vista os deveres do Kshatriya. Ó grande rei, não é o dever de um Kshatriya viver nas florestas. Os sábios são de opinião que governar é o principal dever de um Kshatriya. Ó rei, tu estás familiarizado com a moralidade Kshatriya. Portanto, não te desvie do caminho do dever. Indo embora das florestas, convocando Partha e Janardana, vamos matar, ó rei, os filhos de Dhritarashtra, antes mesmo que os doze anos estejam completados. Ó monarca ilustre, ó rei de reis, mesmo que aqueles Dhritarashtras estejam cercados por soldados em formação de batalha, eu os mandarei para o outro mundo por meio da força somente. Eu matarei todos os filhos de Dhritarashtra junto com os Sauvalas, de fato, Duryodhana, Karna, e qualquer pessoa mais que lute comigo. E depois que eu tiver matado todos os nossos inimigos, tu poderás voltar para as florestas. Por agir assim, ó rei, nenhuma falha será tua. (Ou se algum pecado for teu), ó repressor de inimigos, ó monarca poderoso, purificando-o, ó majestade, por meio de vários sacrifícios, nós poderemos ascender para um céu superior. Tal consumação pode vir a ocorrer, se nosso rei não demonstrar ser insensato ou procrastinador. Tu és, de qualquer modo, virtuoso. Na verdade o fraudulento deve ser destruído através de fraude. Matar o fraudulento através de fraude não é considerado pecaminoso. Ó Bharata, é dito também por aqueles versados em moralidade que um dia e noite são, ó grande príncipe, iguais a um ano inteiro. O texto Veda também, ó exaltado, é muitas vezes ouvido, expressando que um ano é equivalente a um dia quando passado no cumprimento de certos votos difíceis. Ó tu de glória imperecível, se os Vedas são uma autoridade para ti, considere o período de um dia e alguma coisa mais como o equivalente de treze anos. Ó

repressor de inimigos, este é o momento para matar Duryodhana com seus partidários. Além disso, ó rei, ele em primeiro lugar fará a terra inteira obediente à sua vontade. Ó principal dos monarcas, tudo isto é o resultado do teu vício no jogo. Nós já estamos à beira da destruição por causa da tua promessa de viver um ano sem ser descoberto. Eu não vejo o país onde, se nós vivermos, Suyodhana de mente pecaminosa não possa nos descobrir através de seus espiões. E nos descobrindo, aquele canalha novamente nos mandará fraudulentamente para tal exílio nas florestas. Ou se aquele pecaminoso nos vir aparecer, depois do término do período prometido de não descoberta, ele te convidará novamente, ó grande rei, para jogar dados, e o jogo começará mais uma vez. Convocado mais uma vez, tu novamente te retrairás nos dados. Tu não és habilidoso com dados, e quando convocado para jogar, tu ficarás privado da tua razão. Portanto, ó monarca poderoso, tu terás que levar uma vida nas florestas outra vez. Se, ó rei poderoso, não cabe a ti nos fazer infelizes pelo resto da vida, cumpra completamente a ordenança dos Vedas, (a qual inculca que) realmente o fraudulento deve ser morto através da fraude. Se eu somente tivesse tua ordem eu iria (para Hastinapura) e, assim como fogo caindo em uma pilha de grama a consome, mataria Duryodhana, aplicando meu poder máximo. Cabe a ti, portanto, me conceder a permissão.'"

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado por Bhima, o rei Yudhishthira o justo cheirou o topo da cabeça daquele filho de Pandu, e acalmando-o disse, 'Ó de braços poderosos, sem dúvida, ajudado pelo manejador do Gandiva, tu matarás Suyodhana no término do décimo terceiro ano. Mas, ó filho de Pritha, quanto à tua afirmação, 'Ó Senhor, o tempo está completo', eu não posso ousar dizer uma mentira, pois a mentira não está em mim. Ó filho de Kunti, sem a ajuda de fraude, tu matarás o pecaminoso e irreprimível Duryodhana, com seus aliados.'

Enquanto Yudhishthira o justo estava falando assim para Bhima, chegou lá o grande e ilustre Rishi Vrihadaswa diante deles. E vendo aquele asceta virtuoso à sua frente, o rei justo adorou-o de acordo com a ordenança, com a oferenda de Madhuparka. E quando o asceta estava sentado e revigorado, Yudhishthira de braços fortes sentou-se perto dele, e levantando os olhos para o primeiro, dirigiu-se a ele dessa maneira em tons lamentosos:

'Ó santo, convocado por jogadores astutos hábeis nos dados, eu fui privado de riqueza e reino através do jogo. Eu não sou um perito nos dados, e não estou familiarizado com truques. Homens pecaminosos, por meios injustos, venceram-me no jogo. Eles até levaram à assembléia pública minha esposa, mais querida para mim do que a própria vida. E derrotando-me uma segunda vez, eles me mandaram para o exílio miserável nesta grande floresta, vestido em peles de veado. No momento eu estou levando uma vida miserável nas florestas em aflição de coração. Aquelas palavras duras e cruéis que eles me endereçaram na ocasião daquele jogo, e as palavras dos meus amigos aflitos relativas à partida de dados e outros assuntos, estão todas guardadas na minha lembrança. Lembrando-me delas eu passo a noite inteira em ansiedade (sem dormir). Privado também (da companhia) do ilustre manejador do Gandiva, de quem dependem as vidas de nós todos, eu estou quase privado de vida. Oh, quando eu verei Vibhatsu de fala gentil e de grande coração tão cheio de bondade e energia voltar para nós, tendo obtido

todas as armas? Há um rei sobre esta terra que seja mais infeliz do que eu? Tu alguma vez viste ou ouviste de algo semelhante antes? Na minha opinião, não há homem mais miserável do que eu.'

Vrihadaswa disse, 'Ó grande rei, ó filho de Pandu, tu disseste, 'Não há pessoa mais miserável do que eu.' Ó monarca impecável, se tu escutares, eu narrarei para ti a história de um rei mais miserável do que tu.'"

Vaisampayana continuou, "E imediatamente o rei disse para o asceta, 'Ó ilustre, fale-me, eu desejo ouvir a história do rei que caiu em tal condição.'

Vrihadaswa disse, 'Ó rei, ó tu que nunca recuaste, ouça atentamente com teus irmãos. Eu narrarei a história de um príncipe mais miserável do que tu. Havia um rei célebre entre os Nishadhas, chamado Virasena. Ele teve um filho chamado Nala, versado (no conhecimento da) virtude e riqueza. Foi ouvido por nós que aquele rei foi fraudulentamente derrotado por Pushkara, e atormentado pela miséria ele morou nas florestas com sua cônjuge. E, ó rei, enquanto ele estava vivendo na floresta, ele não tinha nem escravos nem carros, nem irmãos nem amigos com ele. Mas tu estás cercado por teus irmãos heróicos como os celestiais, e também por principais dos regenerados como o próprio Brahma. Portanto, não cabe a ti te afligir.'

Yudhishthira disse, 'Eu estou ansioso para ouvir em detalhes, ó tu principal dos homens eloquentes, a história do ilustre Nala. Cabe a ti portanto narrá-la para mim.'

53

Vrihadaswa disse, "Havia um rei chamado Nala, o filho de Virasena. E ele era forte, e bonito, e bem versado (no conhecimento de) cavalos, e possuidor de todas as habilidades desejáveis. E ele estava na chefia de todos os reis, assim como o senhor dos celestiais. E exaltado acima de todos, ele se parecia com o sol em glória. E ele era o rei dos Nishadhas, atento ao bem-estar dos Brahmanas, versado nos Vedas, e possuidor de heroísmo. E ele falava a verdade, gostava muito de jogar dados, e era o senhor de um exército poderoso. E ele era amado por homens e mulheres, e de grande alma e paixões subjugadas. E ele era o protetor (de todos), e o principal dos arqueiros, e semelhante ao próprio Manu. E como ele, havia entre os Vidarbhas (um rei chamado) Bhima, de bravura terrível, heróico e bem disposto em direção aos seus súditos e possuidor de todas as virtudes. (Mas contudo) ele não tinha filhos. E com a mente fixa ele tentou seu máximo para obter herdeiros. E, ó Bharata, foi até ele (uma vez) um Brahmarshi chamado Damana. E, ó rei de reis, desejoso de ter descendência, Bhima, versado em moralidade, com sua rainha gratificou aquele Rishi ilustre por uma recepção respeitosa. E Damana, bem satisfeito, concedeu para o rei e sua consorte uma bênção na forma de uma jóia de filha, e três filhos possuidores de almas elevadas e grande fama. (E eles eram chamados respectivamente) Damayanti, e Dama e Danta, e o ilustre Damana. E os três filhos eram possuidores de todas as

habilidades e aparência terrível e bravura feroz. E Damayanti de cintura fina, em beleza e brilho, em bom nome e graça e sorte, se tornou célebre por todo o mundo. E ao ela alcançar a idade, centenas de criadas, e mulheres escravas, enfeitadas com ornamentos, serviam a ela como a própria Sachi. E a filha de Bhima de feições impecáveis, enfeitada com todos os ornamentos, brilhava no meio de suas criadas, como o relâmpago luminoso das nuvens. E a donzela de olhos grandes era possuidora de grande beleza como aquela da própria Sree. E nem entre celestiais, nem entre Yakshas, nem entre homens alguém possuidor de tal beleza tinha sido visto ou conhecido antes. E a moça bela enchia de alegria até os corações dos deuses. E aquele tigre entre homens, Nala, também não tinha seu igual nos (três) mundos: pois em beleza ele era como o próprio Kandarpa em sua forma incorporada. E movidos pela admiração, os arautos repetidas vezes celebraram os louvores de Nala perante Damayanti e aqueles de Damayanti perante o soberano dos Nishadhas. E ouvindo repetidamente das virtudes um do outro eles conceberam uma atração um pelo outro não gerada pela visão, e aquela atração, ó filho de Kunti, começou a crescer em força. E então Nala não pode controlar o amor que estava em seu peito. E ele começou a passar muito do seu tempo em solidão nos jardins adjacentes aos aposentos internos (de seu palácio). E lá ele viu vários cisnes dotados de asas douradas, vagando naqueles bosques. E dentre eles ele pegou um com suas mãos. E por isso aquele que percorria o céu disse para Nala, 'Eu não mereço ser morto por ti. Ó rei, eu farei algo que é agradável para ti. Ó rei dos Nishadhas, eu falarei de ti perante Damayanti de tal maneira que ela nunca desejará ter qualquer outra pessoa (como seu marido).' Assim endereçado, o rei libertou aquele cisne. E aqueles cisnes então ergueram-se em suas asas e foram para o país dos Vidarbhas. E ao chegar na cidade dos Vidarbhas as aves pousaram à frente de Damayanti, que viu eles todos. E Damayanti no meio de suas criadas, vendo aquelas aves de aparência extraordinária estava cheia de deleite, e empenhou-se sem perda de tempo em pegar aqueles viajantes dos céus. E os cisnes nisto, perante aquele grupo de belezas, fugiram em todas as direções. E aquelas moças lá perseguiram as aves, cada uma (correndo) atrás de um. E o cisne atrás do qual Damayanti correu, tendo levado-a para um local retirado, dirigiu-se a ela em fala humana, dizendo, ‘Ó Damayanti, há um rei entre os Nishadhas chamado Nala. Ele é igual aos Aswins em beleza, não tendo seu semelhante entre os homens. De fato, em graça, ele é como o próprio Kandarpa em sua forma incorporada. Ó de aparência formosa, ó tu de cintura fina, se tu te tornares esposa dele, tua existência e esta tua beleza poderão ter sentido. Nós temos, de fato, visto celestiais e Gandharvas, e Nagas, e Rakshasas, e homens, mas nunca antes nós vimos alguém como Nala. Tu também és uma jóia entre teu sexo, como Nala é o principal entre os homens. A união do melhor com o melhor é feliz.' Assim endereçada pelo cisne. Damayanti, ó monarca, respondeu para ele então, dizendo, 'Fale dessa maneira para Nala também.’ Dizendo ‘Assim seja’ para a filha de Vidarbha, o ovíparo, ó rei, voltou ao país dos Nishadhas, e relatou tudo para Nala."

54

"Vrihadaswa disse, 'Ó Bharata, ouvindo aquelas palavras do cisne, Damayanti desde então perdeu toda a paz mental por causa de Nala. E dando suspiros frequentes ela estava cheia de ansiedade, e se tornou melancólica e de rosto pálido e magra. E com seu coração possuído pelo deus do amor ela logo perdeu cor, e com seu olhar virado para cima e modos de abstração, parecia com alguém demente. E ela perdeu todo o gosto por camas e assentos e objetos de prazer. E ela parou de se deitar de dia ou de noite, sempre chorando com exclamações de 'Oh!' e 'Ai!' E vendo-a inquieta e caída naquela condição, suas criadas relataram, ó rei, a questão da sua doença para o soberano de Vidarbha por meio de dicas indiretas. E o rei Bhima, sabendo disto das criadas de Damayanti, considerou o caso de sua filha como sendo sério. E ele se perguntou, 'Por que é que minha filha parece estar tão mal agora?' E o rei, refletindo por si mesmo que sua filha tinha alcançado a puberdade, concluiu que o Swayamvara de Damayanti deveria se realizar. E o monarca, ó exaltado, (convidou) todos os soberanos da terra, dizendo, 'Ó heróis, saibam que o Swayamvara de Damayanti está próximo.' E todos os reis, sabendo do Swayamvara de Damayanti, foram até Bhima, em conformidade com sua mensagem, enchendo a terra com o ruído de seus carros, o rugido de seus elefantes, e o relincho de seus cavalos, e acompanhados por seus batalhões de aparência excelente enfeitados com ornamentos e guirlandas graciosas. E Bhima de braços fortes prestou reverência devida àqueles monarcas ilustres. E devidamente honrados por ele eles montaram seus alojamentos lá.'

E na conjuntura, aqueles principais dos Rishis celestes possuidores de grande esplendor, de sabedoria sublime e votos elevados, Narada e Parvata, tendo chegado no decurso de suas viagens nas regiões de Indra, entraram na mansão do senhor dos imortais recebendo culto apropriado. E Maghavat, tendo os adorado com reverência, perguntou por sua paz serena e bem-estar com relação a todos os aspectos. E Narada disse, 'Ó senhor, ó divino, a paz está conosco em todos os aspectos. E, ó Maghavat, a paz está também, ó sublime, com os reis do mundo inteiro.'"

"Vrihadaswa continuou, 'Ouvindo as palavras de Narada o matador de Vala e Vritra disse, 'Aqueles soberanos virtuosos da terra que lutam renunciando a todo desejo de vida, e que encontram a morte quando chega sua hora por meio de armas, sem fugir do campo, deles é esta região, eterna para eles e que concede todos os desejos, assim como ela é para mim. Onde estão aqueles heróis Kshatriya? Eu não vejo aqueles reis se aproximarem (agora). Onde estão meus convidados prediletos?' Assim endereçado por Sakra, Narada respondeu, 'Escute, ó Mahavat, por que tu não vês os reis (agora). O soberano dos Vidarbhas tem uma filha, a célebre Damayanti. Em beleza ela transcende todas as mulheres da terra. Seu Swayamvara, ó Sakra, se realizará em breve. Para lá estão indo todos os reis e príncipes de todas as direções. E todos os senhores da terra desejam ter aquela pérola da terra; desejam tê-la avidamente, ó matador de Vala e Vritra.' E enquanto eles estavam falando dessa maneira, aqueles principais dos imortais, os Lokapalas com Agni entre eles, apareceram perante o senhor dos celestiais. E

todos ouviram as palavras de Narada repletas de grande importância. E logo que eles ouviram-nas eles exclamaram em êxtase, ‘Nós também iremos lá!’ E, ó monarca poderoso, acompanhados por seus servidores e subindo em seus (respectivos) veículos, eles partiram para o país de Vidarbhas, para onde (tinham ido) todos os reis. E, ó filho de Kunti, o rei Nala de grande alma também sabendo daquela afluência de reis, partiu com o coração alegre, cheio do amor de Damayanti. E (aconteceu) que os deuses viram Nala a caminho marchando sobre a terra. E sua forma devido à sua beleza era como a do próprio deus do amor. E vendo-o resplandecente como o sol, os Lokapalas ficaram cheios de perplexidade por sua fartura de beleza, e abandonaram sua intenção. E, ó rei, deixando seus carros no céu os habitantes do céu desceram do firmamento e falaram para o soberano dos Nishadhas, dizendo, 'Ó principal dos monarcas governando os Nishadhas, ó Nala, tu és dedicado à verdade. Ajude-nos. Ó melhor dos homens, seja nosso mensageiro.'"

55

"Vrihadaswa continuou, 'Ó Bharata, Nala deu sua palavra para os celestiais dizendo, 'Eu farei isto.' E então aproximando-se deles, ele perguntou com mãos entrelaçadas, 'Quem são vocês? E quem também é aquele que me deseja como seu mensageiro? E o que, além disso, eu terei que fazer para vocês? Ó, digam-me realmente!' Quando o rei dos Nishadhas falou dessa maneira, Maghavat respondeu, dizendo, 'Saiba que nós somos os imortais que viemos para cá por causa de Damayanti. Eu sou Indra, este é Agni, este é o senhor das águas, e este, ó rei, é Yama, o destruidor dos corpos dos homens. Informe Damayanti da nossa chegada, dizendo, 'Os guardiões do mundo, (consistindo do) grande Indra e dos outros, estão vindo à assembléia, desejosos de ver (o Swayamvara). Os deuses Sakra e Agni e Varuna e Yama desejam obter-te. Portanto, escolha um deles como teu marido.' Assim endereçado por Sakra, Nala disse com as mãos unidas, 'Eu vim aqui com o mesmo objetivo. Não cabe a ti me enviar (nesta missão). Como pode um homem que está ele mesmo sob a influência do amor vir a falar dessa maneira para uma dama em nome de outros? Portanto, desobriguem-me, ó deuses.’ Os deuses, no entanto, disseram, 'Ó soberano dos Nishadhas, tendo primeiro prometido, dizendo, ‘Eu irei!’ por que tu não agirás em conformidade agora? Ó soberano dos Nishadhas, diga-nos isto sem demora.'"

"Vrihadaswa continuou, 'Assim endereçado por aqueles celestiais, o soberano dos Nishadhas falou novamente, dizendo, 'Aquelas mansões são bem protegidas. Como eu posso esperar entrar nelas?' Indra respondeu, 'Tu serás capaz de entrar.' E dizendo, ‘Assim seja' Nala foi imediatamente ao palácio de Damayanti. E tendo chegado lá ele viu a filha do rei de Vidarbha cercada por suas criadas, brilhando em beleza e primando em simetria de forma, de membros extremamente delicados, de cintura fina e olhos formosos. E ela parecia repreender a luz da lua por seu próprio esplendor. E enquanto ele fitava aquela dama de sorrisos doces o amor de Nala aumentou, mas desejoso de manter sua veracidade ele suprimiu sua paixão. E à visão de Naishadha, dominadas pelo esplendor dele, aquelas

principais das mulheres se levantaram de seus assentos em perplexidade. E cheias de admiração (à visão dele), elas elogiaram Nala em alegria de coração. E sem dizerem nada, elas mentalmente lhe prestaram homenagem, 'Oh, que graça! Oh, que suavidade pertence a este de grande alma! Quem é ele? Ele é algum deus ou Yaksha ou Gandharva?' E aquelas principais das mulheres, confundidas pelo esplendor de Nala e acanhamento não abordaram-no em absoluto em palavras. E Damayanti, embora ela mesma tomada pela perplexidade, dirigiu-se sorridente ao guerreiro Nala que também sorria suavemente para ela, dizendo, 'Que és tu, ó tu de feições impecáveis, que vieste aqui despertando meu amor? Ó impecável, ó herói de forma celeste, eu estou ansiosa para saber quem és tu que vieste aqui. E por que tu vieste aqui? E como é que tu não foste descoberto por alguém, considerando que meus aposentos são bem guardados e os mandatos do rei são rigorosos?' Assim endereçado pela filha do rei dos Vidarbhas, Nala respondeu, 'Ó bela dama, saiba que meu nome é Nala. Eu vim aqui como o mensageiro dos deuses. Os celestiais Sakra, Agni, Varuna e Yama, desejam tê-la. Ó bela dama, escolha um deles como teu marido. Foi através do poder deles que eu entrei aqui despercebido, e é por esta razão que ninguém me viu em meu caminho ou impediu minha entrada. Ó amável, eu fui enviado pelos principais dos celestiais exatamente com este objetivo. Ouvindo isto, ó afortunada, faça o que te agradar.'"

56

"Vrihadaswa disse, 'Damayanti, tendo reverenciado os deuses, dirigiu-se a Nala dessa maneira com um sorriso, 'Ó rei, me ame com respeito apropriado, e me ordene o que eu farei por ti. Eu mesma e o que mais de riqueza que seja minha somos tuas. Conceda-me, ó exaltado, teu amor em total confiança. Ó rei, a linguagem dos cisnes está me queimando. É por tua causa, ó herói, que eu fiz os reis se encontrarem. Ó concessor de honra apropriada, se tu abandonares a mim que te adoro, por tua causa eu recorrerei ao veneno, ou fogo, ou água ou à corda.' Assim endereçado pela filha do rei dos Vidarbhas, Nala respondeu para ela dizendo, 'Com os Lokapalas presentes, tu escolhes um homem? Direcione teu coração para aqueles senhores de grande alma, os criadores dos mundos, ao pó de cujos pés eu não sou igual. Desagradando os deuses um mortal obtém a morte. Salve-me, ó tu de membros impecáveis! Escolha os celestiais que se distinguem de todos. Por aceitar os deuses, desfrute de mantos imaculados, e guirlandas celestes de cores variadas, e ornamentos excelentes. Que mulher não escolheria como seu marido Hutasana, o chefe dos celestiais, que circundando a terra a engolfa? Que mulher não escolheria como seu marido o terrível cuja maça induz todas as criaturas a trilharem o caminho da virtude? E que mulher não escolheria como seu marido o virtuoso Mahendra de grande alma, o senhor dos celestiais, o castigador de Daityas e Danavas? Ou, se tu puderes escolher no teu coração Varuna entre os Lokapalas, faça isto sem hesitação. Ó, aceite este conselho amigável.' Assim endereçada por Naishadha, Damayanti, com olhos banhados em lágrimas de angústia falou assim para Nala, 'Ó senhor da terra, reverenciando todos os deuses, eu te escolho como meu marido. Realmente eu te

digo isto.' O rei, que tinha chegado como mensageiro dos deuses, respondeu para a trêmula Damayanti permanecendo com mãos entrelaçadas, 'Ó amável, faça como quiseres. Tendo dado minha palavra, ó abençoada, para os deuses em especial, como eu posso, tendo vindo em missão de outro, ousar procurar meu próprio benefício? Se procurar meu próprio benefício estiver em harmonia com a virtude, eu procurarei isto, e tu também, ó bela, aja adequadamente.' Então Damayanti de sorrisos luminosos lentamente falou para o rei Nala, em palavras sufocadas com lágrimas, 'Ó senhor de homens, eu vejo uma maneira irrepreensível, pela qual nenhum pecado de qualquer tipo se vinculará a ti. Ó rei, ó principal dos homens, venha ao Swayamvara na companhia de todos os deuses encabeçados por Indra. Lá, ó monarca, na presença dos Lokapalas, ó tigre entre homens, eu escolherei a ti, pelo que nenhuma culpa será tua.' Assim endereçado, ó monarca, pela filha de Vidarbha, o rei Nala voltou para onde os deuses estavam permanecendo juntos. E vendo-o se aproximar aqueles grandes deuses, os Lokapalas, avidamente lhe perguntaram acerca de tudo o que tinha acontecido dizendo, 'Tu, ó rei, viste Damayanti de doces sorrisos? O que ela disse para nós todos? Ó monarca impecável, conte-nos tudo.' Nala respondeu, 'Mandado por vocês eu entrei no palácio de Damayanti equipado com portais imponentes guardados por sentinelas veteranos portando bastões. E quanto eu entrei ninguém me percebeu, em virtude do seu poder, exceto a princesa. E eu vi suas criadas, e elas também me viram. E, ó celestiais exaltados, me vendo, elas ficaram muito surpresas. E quando eu falei de vocês para ela, a moça de rosto formoso, com seu desejo fixado em mim, ó melhores dos deuses, me escolheu (para seu cônjuge). E a moça disse, 'Que os deuses, ó tigre entre homens, venham contigo ao Swayamvara, eu na presença deles te escolherei. Nisto, ó tu de braços poderosos, nenhuma culpa se vinculará a ti.' Isto é tudo, ó deuses, o que aconteceu, como eu disse. Finalmente, tudo depende de vocês, ó principais dos celestiais.'"

57

"Vrihadaswa continuou, 'Então na hora sagrada do dia lunar santo da estação auspiciosa, o rei Bhima convocou os reis para o Swayamvara. E sabendo disto, todos os senhores da terra afetados pelo amor rapidamente foram para lá, desejosos de (possuir) Damayanti. E os monarcas entraram no anfiteatro decorado com pilares dourados e um arco portal imponente, como leões poderosos entrando nas selvas montanhosas. E aqueles senhores da terra enfeitados com guirlandas fragrantes e brincos elegantes pendendo com jóias sentaram-se em seus vários assentos. E aquela assembléia sagrada de reis, agraciada por aqueles tigres entre homens, parecia o Bhogavati enxameando com os Nagas, ou uma caverna da montanha com tigres. E seus braços eram robustos, e parecidos com maças de ferro, e bem proporcionados, e graciosos, e parecidos com cobras de cinco cabeças. E ornado com madeixas belas e narizes e olhos e frontes belos, o semblante dos reis brilhava como estrelas no firmamento. E (quando chegou a hora), Damayanti de rosto belo, roubando os olhos e corações dos príncipes por sua luz deslumbrante, entrou no salão. E os olhares daqueles

reis ilustres foram fixados naquelas partes de seu corpo onde eles tinham ocorrido de cair primeiro, sem se moverem em absoluto. E quando, ó Bharata, os nomes dos monarcas foram proclamados, a filha de Bhima viu cinco pessoas todas iguais em aparência. E vendo eles sentados lá, sem diferença de qualquer tipo em forma, a dúvida encheu sua mente, e ela não pode determinar qual deles era o rei Nala. E para quem quer que ela olhasse (entre eles), ela o considerava como sendo o rei dos Nishadhas. E cheia de ansiedade, a bela pensou consigo mesma, 'Oh, como eu distinguirei os celestiais, e como perceberei o verdadeiro Nala?' E pensando assim, a filha de Vidarbha ficou cheia de angústia. E, ó Bharata, lembrando-se dos sinais pertencentes aos celestiais, dos quais ela tinha ouvido, ela pensou, 'Aqueles atributos dos celestiais, dos quais eu tenho ouvido dos idosos, não pertencem a nenhuma destas divindades aqui presentes sobre a terra.' E ponderando bastante tempo sobre o assunto, e refletindo sobre isto repetidamente, ela decidiu procurar a proteção dos próprios deuses. E curvando-se a eles com mente e palavras, com mãos entrelaçadas, ela dirigiu-se a eles tremendo, 'Desde que eu ouvi as palavras dos cisnes eu escolhi o rei dos Nishadhas como meu marido. Pela verdade, ó, que os deuses o revelem para mim. E como em pensamento ou palavra eu nunca me desviei dele, ó, que os deuses, por causa desta verdade, o revelem para mim. E como os próprios deuses destinaram o soberano dos Nishadhas para ser meu marido, ó, que eles, por causa desta verdade, o revelem a mim. E como foi para prestar homenagem a Nala que eu adotei este voto, por esta verdade, ó, que os deuses o revelem a mim, ó, que os exaltados protetores dos mundos assumam suas próprias formas, para que eu possa identificar o rei correto.' Ouvindo estas palavras comoventes de Damayanti, e averiguando sua resolução fixa e amor ardente pelo rei dos Nishadhas, a pureza de seu coração e sua inclinação e respeito e afeição por Nala, os deuses fizeram como eles tinham sido adjurados, e assumiram seus respectivos atributos o melhor eles podiam. E então ela viu os celestiais não umedecidos pela transpiração, com olhos sem piscar, e guirlandas que não murchavam, não manchados com poeira, e permanecendo sem tocar o solo. E Naishadha permaneceu revelado por sua sombra, suas guirlandas desbotadas, ele mesmo manchado com pó e suor, se apoiando sobre o solo com olhos piscando. E, ó Bharata, distinguindo os deuses e o virtuoso Nala a filha de Bhima escolheu Naishadha de acordo com sua verdade. E a donzela de olhos grandes então pegou timidamente a bainha da peça de roupa dele e colocou ao redor do seu pescoço uma guirlanda floral de muita beleza. E quando aquela moça de tez clara tinha assim escolhido Nala como seu marido, os reis subitamente romperam em exclamações de ‘Oh!’ e ‘Ai!’ E, ó Bharata, os deuses e os grandes Rishis em admiração gritaram ‘Excelente! Excelente!’, enquanto aplaudiam o rei. E, ó Kauravya, o filho nobre de Virasena, com coração cheio de alegria, confortou a bela Damayanti, dizendo, 'Já que tu, ó abençoada, escolheste um mortal na presença dos celestiais, conheça-me como um marido obediente à tua ordem. E, ó tu de sorrisos doces, realmente eu te digo que enquanto a vida permanecer neste meu corpo eu permanecerei teu e só teu.’ Damayanti também, com as mãos entrelaçadas prestou homenagem a Nala em palavras de significado similar. E o casal feliz vendo Agni e os outros deuses mentalmente procuraram sua proteção. E depois que a filha de Bhima tinha escolhido Naishadha como seu marido, os

Lokapalas de resplendor excelente, com corações satisfeitos, concederam a Nala oito bênçãos. E Sakra, o marido de Sachi, concedeu para Nala o benefício que ele seria capaz de ver sua divindade em sacrifícios e que ele alcançaria regiões abençoadas após a morte, e Hutasana concedeu a ele o benefício de sua própria presença quando Naishadha desejasse, e também regiões brilhantes como ele mesmo. E Yama lhe concedeu paladar sutil em comida assim como preeminência em virtude. E o senhor das águas concedeu a Nala sua própria presença quando ele desejasse, e também guirlandas de fragrância celeste. E assim cada um deles deu a ele um par de benefícios. E tendo concedido estes os deuses foram para o céu. E os reis também, tendo testemunhado com admiração Damayanti escolher Nala, voltaram encantados para os lugares de onde eles tinham vindo. E após a partida daqueles monarcas poderosos, Bhima de grande alma, bem satisfeito, celebrou o casamento de Nala e Damayanti. E tendo ficado lá por algum tempo segundo seu desejo, Naishadha, o melhor dos homens, voltou para sua própria cidade com a permissão de Bhima. E tendo obtido aquela pérola de mulher, o rei virtuoso, ó monarca, começou a passar seus dias em alegria, como o matador de Vala e Vritra na companhia de Sachi. E parecendo o sol em glória, o rei, cheio de felicidade, começou a governar seus súditos justamente, e a lhes dar grande satisfação. E como Yayati, o filho de Nahusha, aquele monarca inteligente celebrou o Sacrifício de Cavalo e muitos outros sacrifícios com presentes abundantes para os Brahmanas. E como um deus, Nala se divertiu com Damayanti em bosques e arvoredos românticos. E o rei de grande mente gerou em Damayanti um filho chamado Indrasena, e uma filha chamada Indrasena. E celebrando sacrifícios, e se divertindo (com Damayanti) dessa maneira, o rei governou a terra cheia de riqueza.'"

58

"Vrihadaswa disse, 'Quando os brilhantes protetores dos mundos estavam voltando depois que a filha de Bhima tinha escolhido Naishadha, em seu caminho eles encontraram Dwapara com Kali se aproximando em direção a eles. E vendo Kali, Sakra, o matador de Vala e Vritra, disse, 'Ó Kali, diga para onde tu estás indo com Dwapara.' E então Kali respondeu para Sakra, 'Indo para o Swayamvara de Damayanti, eu a obterei (como minha esposa), porque meu coração está fixado naquela donzela.' Ouvindo isto, Indra disse com um sorriso, 'Aquele Swayamvara já terminou. Na nossa vista ela escolheu Nala como seu marido.' Assim respondido por Sakra, Kali, aquele mais vil dos celestiais, cheio de cólera, dirigindo-se a todos aqueles deuses falou, 'Já que na presença dos celestiais ela escolheu um mortal como seu marido, é apropriado que ela sofra uma condenação pesada.' Ao ouvirem estas palavras de Kali, os celestiais responderam, 'Foi com nossa aprovação que Damayanti escolheu Nala. Que donzela não escolheria o rei Nala dotado de todas as virtudes? Bem versado em todos os deveres, sempre se comportando com retidão, ele estudou os quatro Vedas junto com os Puranas que são considerados como o quinto. Levando uma vida de inofensividade para todas as criaturas, ele fala a verdade e é firme em

seus votos, e em sua casa os deuses são sempre gratificados por sacrifícios mantidos segundo a ordenança. Naquele tigre entre homens, aquele rei parecido com um Lokapala, existe verdade, paciência, conhecimento, ascetismo, pureza e autocontrole, e perfeita tranquilidade de alma. Ó Kali, o tolo que deseja amaldiçoar Nala possuindo tal caráter, amaldiçoa a si mesmo, e destrói a si mesmo por sua própria ação. E, ó Kali, aquele que procura amaldiçoar Nala, coroado com tais virtudes, afunda na ampla cova sem fundo do inferno cheio de tormentos.' Tendo dito isto para Kali e Dwapara, os deuses foram para o céu. E quando os deuses tinham ido embora Kali disse para Dwapara, 'Eu mal sou capaz, ó Dwapara, de suprimir minha raiva. Eu possuirei Nala, o privarei de seu reino, e ele não mais se divertirá com a filha de Bhima. Entrando nos dados, cabe a ti me ajudar.'"

59

"Vrihadaswa disse, 'Tendo feito este pacto com Dwapara, Kali foi ao local onde o rei dos Nishadhas estava. E sempre esperando por uma falha ele continuou a morar no país dos Nishadhas por um longo tempo. E foi no décimo segundo ano que Kali viu uma falha. Pois um dia depois de responder ao chamado da natureza, Naishadha tocando a água disse suas orações do crepúsculo sem ter anteriormente lavado seus pés. E foi por causa desta (omissão) que Kali entrou em seu corpo. E tendo possuído Nala, ele apareceu perante Pushkara e se dirigiu a ele, dizendo, 'Venha e jogue dados com Nala. Através da minha ajuda tu sem dúvida ganharás no jogo. E derrotando o rei Nala e obtendo seu reino, governe os Nishadhas.' Assim exortado por Kali, Pushkara foi até Nala. E Dwapara também aproximou-se de Pushkara, tornando-se o dado principal chamado Vrisha. E aparecendo perante o guerreiro Nala, aquele matador de heróis hostis, Pushkara, repetidamente disse, 'Vamos jogar dados.' Assim desafiado na presença de Damayanti o rei de mente elevada não pode mais recusar. E ele consequentemente fixou a hora para o jogo. E possuído por Kali, Nala começou a perder, no jogo, suas apostas em ouro, e prata, e carros com suas parelhas, e mantos. E enlouquecido no jogo de dados, nenhum entre seus amigos conseguia dissuadir aquele repressor de inimigos do jogo que continuava. E então, ó Bharata, os cidadãos em conjunto, com os conselheiros principais, foram lá para ver o monarca em apuro e fazê-lo desistir. E o cocheiro indo até Damayanti falou a ela sobre isto, dizendo, 'Ó senhora, os cidadãos e oficiais de estado esperam no portão. Informe o rei dos Nishadhas de que os cidadãos vieram aqui, incapazes de suportar a desgraça que tem acontecido ao seu rei familiarizado com virtude e riqueza.' Imediatamente a filha de Bhima, dominada pela aflição e quase desprovida de razão por isto, falou para Nala em tons sufocados, 'Ó rei, os cidadãos com os conselheiros de estado, estimulados pela lealdade, permanecem no portão desejosos de ver-te. Cabe a ti lhes conceder uma entrevista.' Mas o rei, possuído por Kali, não proferiu uma palavra em resposta para sua rainha de olhares graciosos, proferindo assim seus lamentos. E nisto, aqueles conselheiros de estado como também os cidadãos, afligidos pela angústia e vergonha, voltaram

para suas as casas, dizendo, 'Ele não vive.' E, ó Yudhishthira, foi assim que Nala e Pushkara jogaram por muitos meses, o virtuoso Nala sendo sempre derrotado.'"

60

Vrihadaswa disse, "A filha de Bhima, a serena Damayanti, vendo o rei virtuoso enlouquecido e privado de sua razão no jogo de dados, ó rei, ficou cheia de medo e aflição. E ela achou que era sério o caso com o rei. E receosa da miséria que ameaçava Nala, ainda assim procurando seu bem-estar e finalmente compreendendo que seu marido tinha perdido tudo, ela disse para sua enfermeira e criada Vrihatsena de grande fama, atenta ao seu bem, destra em todos os deveres, fiel e de fala gentil, estas palavras, 'Ó Vrihatsena, vá e convoque os conselheiros em nome de Nala, e diga a eles também o que de riqueza e outras coisas foi perdido e o que resta.' Os conselheiros então, sabendo da convocação de Nala, disseram, 'Isto é venturoso para nós' e se aproximaram do rei. E quando os súditos em conjunto tinham (assim) vindo uma segunda vez, a filha de Bhima informou Nala disto. Mas o rei não a considerou. Percebendo seu marido desconsiderando suas palavras, Damayanti, cheia de vergonha, voltou para seus aposentos. E sabendo que os dados eram uniformemente desfavoráveis para o virtuoso Nala, e que ele tinha perdido tudo, ela falou novamente para sua criada, dizendo, 'Ó Vrihatsena, vá outra vez em nome de Nala para trazer para cá, ó abençoada, o cocheiro Varshneya. A questão à mão é muito séria.' E Vrihatsena, ouvindo estas palavras de Damayanti fez Varshneya ser convocado por empregados de confiança. E a filha inocente de Bhima, conhecedora da conduta apropriada para hora e lugar, dirigiu a ele palavras gentis ditas de acordo com a ocasião, 'Tu sabes como o rei sempre se comportou em direção a ti. Ele está agora em dificuldades, e cabe a ti ajudá-lo. Quanto mais o rei perde para Pushkara maior se torna seu ardor para o jogo. E como os dados caem obedientes a Pushkara, é visto que eles são contrários a Nala na questão do jogo. E absorto no jogo, ele não presta atenção às palavras de seus amigos e parentes, nem mesmo às minhas. Eu não penso, no entanto, que nisto Naishadha de grande alma é culpado, visto que o rei não considerou minhas palavras estando absorto no jogo. Ó cocheiro, eu procuro tua proteção. Cumpra minha ordem. Minha mente me faz ter apreensões. O rei pode ser prejudicado. Unindo os cavalos favoritos de Nala dotados da velocidade da mente, coloque estes gêmeos (meu filho e filha) no carro e corra para Kundina. Deixando as crianças lá com meus parentes como também o carro e os cavalos, permaneça lá, ou vá para algum outro lugar se isto te agradar.' Varshneya, o cocheiro de Nala, então relatou em detalhes estas palavras de Damayanti para os principais oficiais do rei. E tendo decidido (a questão) em consulta com eles, e obtendo seu consentimento, ó monarca poderoso, o cocheiro partiu para Vidarbha, levando as crianças naquele carro. E deixando lá o menino Indrasena e a menina Indrasena, como também aquele melhor dos carros e aqueles corcéis, o cocheiro, com o coração triste sofrendo por Nala, despediu-se de Bhima. E vagando por algum tempo, ele chegou à cidade de

Ayodhya. E lá ele apareceu com o coração triste perante o rei Rituparna, e entrou no serviço daquele monarca como cocheiro.”

61

"Vrihadaswa disse, 'Depois que Varshneya tinha partido, Pushkara ganhou do justo Nala aquele reino do último e o que mais de riqueza que ele tinha. E para Nala, ó rei, que tinha perdido seu reino, Pushkara disse rindo, 'Que o jogo continue. Mas que aposta tu tens agora? Somente resta Damayanti; tudo mais teu foi ganho por mim. Bem, se tu quiseres, Damayanti é nossa aposta agora.' Ouvindo estas palavras de Pushkara o rei virtuoso sentiu como se seu coração fosse estourar de raiva, mas ele não falou uma palavra. E fitando Pushkara em aflição, o rei Nala de grande fama tirou todos os ornamentos de todas as partes de seu corpo. E vestido em uma única pela de roupa, seu corpo descoberto, renunciando à toda sua riqueza, e aumentando a aflição dos amigos, o rei partiu. E Damayanti, vestida com uma única peça de roupa seguiu atrás dele quando ele estava deixando a cidade. E chegando aos arredores da cidade, Nala ficou lá por três noites com sua esposa. Mas Pushkara, ó rei, proclamou pela cidade que aquele que mostrasse alguma consideração por Nala seria condenado à morte. Por causa daquelas palavras de Pushkara e conhecendo sua malícia em direção a Nala, os cidadãos, ó Yudhishthira, não lhe mostraram mais respeitos hospitaleiros. E desprezado embora digno de consideração hospitaleira, Nala passou três noites nos arredores da cidade, vivendo só de água. E atormentado pela fome, o rei foi embora à procura de frutas e raízes, Damayanti seguindo atrás dele. E angustiado pela fome, depois de muitos dias, Nala viu algumas aves com plumagem de cor dourada. E imediatamente aquele senhor poderoso dos Nishadhas pensou consigo mesmo, 'Estas serão meu banquete hoje e também minha fartura.' E então ele cobriu-as com o tecido que ele tinha vestido, quando carregando aquela peça de roupa dele as aves se ergueram até o céu. E vendo Nala despido e triste, e permanecendo com o rosto virado em direção ao chão, aqueles viajantes do céu dirigiram-se a ele, dizendo, 'Ó tu de pouca inteligência, nós somos aqueles dados. Nós viemos para cá desejando tirar teu tecido, pois não nos agradou tu partires vestido com ele.' E descobrindo-se privado de seu traje, e sabendo também que os dados estavam partindo (com ele), o virtuoso Nala, ó rei, falou assim para Damayanti, 'Ó impecável, aqueles por cuja raiva eu foi despojado do meu reino, eles por cuja influência angustiado e afligido pela fome eu sou incapaz de obter sustento, eles por quem os Nishadhas não me ofereceram qualquer hospitalidade, eles, ó tímida, estão levando embora meu traje, assumindo a forma de aves. Caído neste infortúnio terrível, eu estou sofrendo de aflição e privado da minha razão. Eu sou teu marido, portanto, escute às palavras que eu falo pelo teu bem. Estas muitas estradas levam ao país do sul, passando (pela cidade de) Avanti e pelas montanhas Rikshavat. Esta é aquela montanha imensa chamada Vindhya; além, o rio Payasvini correndo em direção ao mar, e além estão os retiros dos ascetas, providos de várias frutas e raízes. Esta estrada leva para o país dos Vidarbhas, e aquela ao país dos Kosalas. Além destas estradas para o sul está o

país do sul.' Dirigindo-se à filha de Bhima, ó Bharata, o rei Nala aflito falou essas palavras para Damayanti repetidamente. Então afligida pela dor, em uma voz sufocada com lágrimas, Damayanti falou para Naishadha essas palavras comoventes, 'Ó rei, pensando no teu propósito meu coração treme, e todos os meus membros ficam fracos. Como eu posso ir, deixando-te nas florestas solitárias despojado do teu reino e desprovido da tua riqueza, tu mesmo sem uma peça de roupa, e emaciado com fome e cansaço? Quando nas florestas profundas, fatigado e atormentado pela tu pensares na tua antiga felicidade, ó grande monarca, eu aliviarei o teu cansaço. Em toda tristeza não há remédio igual à esposa, dizem os médicos. É a verdade, ó Nala, isso que eu falo para ti.' Ouvindo aquelas palavras de sua rainha, Nala respondeu, 'Ó Damayanti de cintura fina, é mesmo como tu disseste. Para um homem em infortúnio não há amigo ou remédio que seja igual a uma esposa. Mas eu não procuro renunciar a ti, por que, ó tímida, tu temes isto? Ó impecável, eu posso abandonar a mim mesmo mas a ti eu não posso abandonar.' Damayanti então disse, 'Se tu, ó rei poderoso, não pretendes me abandonar, por que então tu indicas para mim o caminho para o país dos Vidarbhas? Eu sei, ó rei, que tu não me abandonarias. Mas, ó senhor da terra, considerando que a tua mente está distraída, tu podes me abandonar. Ó melhor dos homens, tu me indicaste o caminho repetidamente e é por isso, ó divino, que tu aumentaste minha angústia. Se é tua intenção que eu vá para meus parentes, então se isto te agradar nós dois nos dirigiremos ao país dos Vidarbhas. Ó concessor de honras, lá o rei dos Vidarbhas te receberá com respeito. E honrado por ele, ó rei, tu viverás felizmente em nossa casa.'"

62

“Nala disse, ‘Certamente, o reino do teu pai é como o meu próprio. Mas para lá eu não me dirigirei de qualquer maneira nesta miséria extrema. Uma vez eu apareci lá em glória, aumentando tua alegria. Como eu posso ir lá agora em miséria, aumentando a tua dor?’”

"Vrihadaswa continuou, 'Dizendo isso repetidas vezes para Damayanti, o rei Nala, envolvido em metade de uma peça de roupa, consolou sua mulher abençoada. E ambos vestidos em um tecido e exaustos com fome e sede, no decurso de sua viagem, finalmente chegaram a um abrigo protegido para viajantes. E chegando naquele local o rei dos Nishadhas sentou-se na terra nua com a princesa de Vidarbha. E vestindo o mesmo pedaço de tecido (com Damayanti), e sujo, e emaciado, e manchado com poeira, ele adormeceu com Damayanti no chão em cansaço. E mergulhada de repente em infortúnio, a inocente e delicada Damayanti com todos os sinais de prosperidade, caiu em um sono profundo. E, ó monarca, enquanto ela dormia, Nala, com coração e mente perturbados, não pode dormir calmamente como antes. E refletindo sobre a perda de seu reino, a deserção de seus amigos, e seu infortúnio nas florestas, ele pensou consigo mesmo, 'De que vale eu agir dessa maneira? E se eu não agir assim? A morte é o melhor para mim agora? Ou eu devo abandonar minha

esposa? Ela é realmente devotada a mim e sofre este infortúnio por mim. Separada de mim, ela pode talvez viajar até seus parentes. Devotada como ela é a mim, se ela ficar comigo, a miséria será dela sem dúvida; enquanto isto é duvidoso se eu abandoná-la. Por outro lado, não é improvável que ela possa até ter felicidade algum dia.' Refletindo sobre isto constantemente, e pensando nisto repetidas vezes, ele concluiu, ó monarca, que abandonar Damayanti era o melhor procedimento para ele. E ele também pensou, 'De grande fama e sorte auspiciosa, e devotada a mim, seu marido, ela é incapaz de ser ferida por alguém no caminho por conta de sua energia.' Dessa maneira sua mente que estava influenciada pelo perverso Kali, demorando-se sobre Damayanti, foi ajustada para abandoná-la. E então pensando na sua própria falta de vestuário, e nela estar vestida em uma única peça de roupa, ele pretendeu cortar para si mesmo metade do traje de Damayanti. E ele pensou, 'Como eu dividirei esta peça de roupa, para que minha amada não perceba?' E pensando nisto, o nobre Nala começou a andar para lá e para cá naquele abrigo. E, ó Bharata, andando dessa maneira de um lado para outro, ele encontrou uma bela espada perto do abrigo, desembainhada. E aquele repressor de inimigos, tendo, com aquela espada, cortado metade do tecido, e jogando o instrumento fora, deixou a filha de Vidharbha inconsciente em seu sono e foi embora. Mas seu coração fraquejando, o rei dos Nishadhas voltou ao abrigo, e vendo Damayanti (outra vez), irrompeu em lágrimas. E ele disse, 'Ai! Esta minha amada a quem nem o deus do vento nem o sol tinham visto antes dorme hoje sobre a nua terra, como uma pessoa desamparada. Vestida neste pedaço de tecido cortado, e deitada como alguém distraído, como a bela de sorrisos luminosos se comportará quando ela acordar? Como a bela filha de Bhima, devotada a seu marido, completamente só e separada de mim, vagará por estas florestas profundas habitadas por animais e serpentes? Ó abençoada, possam os Adityas e os Vasus, e os gêmeos Aswins junto com os Marutas te proteger, tua virtude sendo a tua melhor defesa.' E dirigindo-se assim à sua querida esposa inigualável sobre a terra em beleza, Nala se esforçou para ir, privado de razão por Kali. Partindo e partindo continuamente, o rei Nala retornou repetidas vezes àquele abrigo, arrastado para longe por Kali, mas puxado de volta pelo amor. E parecia como se o coração do rei desventurado estivesse partido em dois, e como um balanço, ele continuou saindo do abrigo e voltando a ele. Finalmente depois de lamentar muito de modo comovente, Nala, entorpecido e privado de razão por Kali foi embora, abandonando sua esposa adormecida. Privado de razão pelo toque de Kali, e pensando em sua conduta, o rei partiu em tristeza, deixando sua esposa sozinha naquela floresta solitária.'"

63

Vrihadaswa disse, "Ó rei, depois que Nala tinha ido embora, a bela Damayanti, revigorada, despertou timidamente naquela floresta isolada. E, ó monarca poderoso, não encontrando seu marido Naishadha, aflita pela dor e angústia, ela gritou alto apavorada, dizendo, 'Ó senhor? Ó monarca poderoso! Ó marido, tu me abandonaste? Oh, eu estou perdida e arruinada, assustada neste lugar deserto. Ó

príncipe ilustre, tu és sincero em palavras e conhecedor da moralidade. Como tu então, tendo dado tua palavra, me abandonaste dormindo nas florestas? Oh, por que tu abandonaste tua esposa ilustre, sempre dedicada a ti, especialmente uma que não foi injusta contigo, embora tu tenhas sido injustiçado por outros? Ó rei de homens, cabe a ti agir lealmente, segundo as palavras que tu falaste para mim antes na presença dos protetores dos mundos. Ó touro entre homens, que tua esposa viva mesmo um momento depois do teu abandono dela é somente porque mortais devem morrer na hora estabelecida. Ó touro entre homens, basta dessa brincadeira! Ó irreprimível, eu estou terrivelmente assustada. Ó senhor, apareça. Eu te vejo! Eu te vejo, ó rei! Tu és visto, ó Naishadha, escondendo-te atrás daqueles arbustos, por que tu não me respondes? É cruel da tua parte que, ó grande rei, vendo-me nesta situação e lamentando dessa maneira, tu, ó rei, não te aproximes e me consoles. Eu não sofro por mim mesma, nem por qualquer coisa mais. Eu somente sofro ao pensar em como tu passarás teus dias sozinho, ó rei. À noite oprimido pela fome e sede e fadiga, debaixo das árvores, como tu te sentirás quando não me vires?' E então Damayanti, afligida com agonia e queimando com aflição começou a ir para lá e para cá, chorando angustiada. E ora a princesa desamparada se levantava de um salto, ora ela ficava prostrada em estupor; e ora ela se encolhia em terror, ora ela chorava e lamentava em voz alta. E a filha Bhima devotada a seu marido, queimando com aflição e suspirando ainda mais, e pálida e chorando exclamou, 'Aquele ser por cuja imprecação o atormentado Naishadha sofre esta dor suportará dor que é maior do que a nossa. Possa aquele ser perverso que causou isto a Nala de coração impecável levar uma vida mais miserável suportando males maiores.'"

"Assim lamentando, a consorte coroada do (rei) ilustre começou a procurar por seu marido naquelas florestas habitadas por animais predadores. E a filha de Bhima, lamentando amargamente, vagava de um lado para outro como uma louca exclamando, 'Ai! Ai! Oh rei!' E quando ela estava lamentando ruidosamente como uma águia-pescadora, e sofrendo e se entregando a lamentações comoventes ininterruptamente, ela chegou perto de uma serpente gigantesca. E aquela serpente enorme e faminta então agarrou subitamente a filha de Bhima, que tinha chegado perto e estava se movimentando dentro do seu alcance. E enlaçada dentro das espirais da serpente e cheia de dor, ela ainda chorou, não por ela mesma mas por Naishadha. E ela disse 'Ó marido, por que tu não te apressas em direção a mim, agora que eu fui apanhada, sem ninguém para me proteger, por esta serpente nestas regiões selvagens desertas? E, ó Naishadha, o que acontecerá contigo quando tu te lembrares de mim? Ó senhor, por que tu foste embora, me abandonando hoje na floresta? Livre desta tua fase, quando tu tiveres recuperado tua mente e razão e riqueza, como será contigo quando tu pensares em mim? Ó Naishadha, ó impecável, quem te confortará quando tu estiveres cansado, e faminto, e fraco, ó tigre entre reis?' E enquanto ela estava lamentando assim, um certo caçador percorrendo as florestas profundas, ouvindo os lamentos dela chegou ao local rapidamente. E vendo ela de olhos grandes nas espirais da serpente, ele se apressou em direção a ela e cortou a cabeça da serpente com sua arma afiada. E tendo matado o réptil, o caçador libertou Damayanti. E tendo salpicado seu corpo com água e a alimentado e confortado, ó Bharata, ele se

dirigiu a ela dizendo, 'Ó tu de olhos como aqueles de uma gazela jovem, quem és tu? E por que também tu entraste na floresta? E, ó bela, como tu caíste nesta miséria extrema?' E assim abordada, ó monarca, por aquele homem, Damayanti, ó Bharata, relatou para ele tudo o que tinha acontecido. E observando aquela bela mulher vestida em metade de uma peça de roupa, com peito profundo e quadris redondos, e membros delicados e impecáveis, e rosto parecendo com a lua cheia, e olhos ornados com cílios curvos, e de fala doce como mel, o caçador ficou excitado pelo desejo. E afligido pelo deus do amor, o caçador começou a acalmá-la em voz sedutora e palavras gentis. E logo que a casta e bela Damayanti observando-o compreendeu suas intenções, ela ficou cheia de raiva violenta e pareceu resplandecer em fúria. Mas o canalha de mente pecaminosa, queimando de desejo ficou enfurecido, e tentou empregar força sobre ela, que era inconquistável como uma chama de fogo ardente. E Damayanti já atormentada após ser despojada de marido e reino, naquela hora de dor além de expressão, amaldiçoou-o com raiva, dizendo, 'Eu jamais pensei em qualquer outro homem além de Naishadha, portanto que este canalha de mente vil subsistindo da caça caia sem vida.' E logo que ela disse isto o caçador caiu sem vida sobre a terra, como uma árvore consumida pelo fogo."

64

"Vrihadaswa continuou, 'Tendo destruído aquele caçador, Damayanti de olhos como folhas de lótus seguiu adiante através daquela floresta terrível e solitária ressoando com o cricrido de grilos. E ela era cheia de leões, e leopardos, e Rurus e tigres, e búfalos, e ursos e veados. E ela enxameava de aves de várias espécies, e era infestada por ladrões e tribos mlechchha. E ela continha Salas, e bambus e Dhavas, e Aswatthas, e Tindukas e Ingudas, e Kinsukas, e Arjunas, e Nimvas, e Tinisas e Salmalas, e Jamvus, e mangueiras, e Lodhras, e o catechu, e a cana, e Padmakas, e Amalahas, e Plakshas, e Kadamvas, e Udumvaras e Vadaris, e Vilwas, e banians, e Piyalas, e palmeiras, e tamareiras, e Haritakas e Vibhitakas. E a princesa de Vidarbha viu muitas montanhas contendo minérios de vários tipos, e arvoredos ressoando com as notas de coros alados, e muitos vales de vista maravilhosa, e muitos rios e lagos e tanques e várias espécies de aves e animais. E ela viu inúmeras cobras e gnomos e Rakshasas de aparência lúgubre, e charcos e tanques e morros, e arroios e fontes de aparência maravilhosa. E a princesa de Vidarbha viu lá rebanhos de búfalos, e javalis, e ursos assim como serpentes da selva. E segura em virtude e glória e boa sorte e paciência, Damayanti vagou sozinha por aquelas florestas, à procura de Nala. E a nobre filha de Bhima, aflita somente por sua separação de seu marido, não ficou apavorada por coisa qualquer naquela floresta terrível. E, ó rei, sentando-se sobre uma pedra e cheia de dor, e todos os membros dela tremendo com tristeza por causa de seu marido, ela começou a lamentar dessa maneira: 'Ó rei dos Nishadhas, ó tu de peito largo e braços fortes, para onde tu foste, ó rei, deixando-me nesta floresta solitária? Ó herói, tendo realizado o Aswamedha e outros sacrifícios, com presentes em profusão (para os Brahmanas), por que tu, ó tigre entre homens,

traíste a mim somente? Ó melhor dos homens, ó tu de grande esplendor, cabe a ti, ó auspicioso, lembrar-te do que tu declaraste diante de mim, ó touro entre reis! E, ó monarca, cabe a ti também lembrar-te do que os cisnes que percorrem o céu falaram na tua presença e na minha. Ó tigre entre homens, os quatro Vedas em toda sua extensão, com os Angas e os Upangas, bem estudados, de um lado, e uma única verdade no outro, (são iguais). Portanto, ó matador de inimigos, cabe a ti, ó senhor de homens, fazer verdadeiro o que tu antigamente declaraste diante de mim. Ai, ó herói! Guerreiro! Ó Nala! Ó impecável, sendo tua, eu estou prestes a perecer nesta floresta terrível. Oh! Por que tu não me respondes? Este terrível senhor da floresta, de aspecto lúgubre e mandíbulas muito abertas, e faminto, me enche de pavor. Não cabe a ti me salvar? Tu costumavas dizer sempre, 'Exceto tu não existe ninguém mais querido para mim.' Ó abençoado, ó rei, faça agora verdadeiras as tuas palavras assim faladas antes. E, ó rei, por que tu não retornas uma resposta para tua esposa querida lamentando e desprovida de razão, embora tu a ames, sendo amado em retorno? Ó rei da terra, ó respeitado, ó repressor de inimigos, ó tu de olhos grandes, por que tu não me olhas, emaciada, e angustiada e pálida, descolorada, vestida com meia peça de roupa, sozinha, e chorando, e lamentando como alguém desesperado, e como uma corça solitária separada do rebanho? Ó soberano ilustre, sou eu, Damayanti, dedicada a ti, quem, sozinha nesta grande floresta, se dirige a ti. Por que então tu não me respondes? Oh, eu não te vejo hoje nesta montanha, ó chefe de homens, ó tu de nascimento e caráter nobres com todos os membros possuidores de graça! Nesta floresta terrível, frequentada por leões e tigres, ó rei dos Nishadhas, ó principal dos homens, ó realçador das minhas tristezas, (desejando saber) se tu estás deitado, ou sentado, ou de pé, ou perdido, a quem eu perguntarei, aflita e tomada pela dor por tua causa, dizendo, 'Tu vistes nestas florestas o nobre Nala?' Para quem nesta floresta eu perguntarei por Nala que partiu, belo e de grande alma, e o destruidor de tropas hostis? De quem hoje eu ouvirei as palavras gentis, isto é, 'Aquele nobre Nala, de olhos como folhas de lótus, a quem tu procuras, está aqui mesmo?' Lá vem o rei da floresta, aquele tigre de aparência elegante, provido de quatro dentes e bochechas proeminentes. Até ele eu abordarei destemidamente: ‘Tu és o senhor de todos os animais, e o rei desta floresta. Saiba que eu sou Damayanti, a filha do rei dos Vidarbhas, e a esposa de Nala, destruidor de inimigos e rei dos Nishadhas. Aflita e tomada pela dor, eu estou procurando meu marido sozinha nestas florestas. Ó rei dos animais, conforte-me (com notícias de Nala) se tu o viste. Ou, ó senhor da floresta, se tu não podes falar de Nala, então, ó melhor dos animais, devore-me, e liberte-me desta tristeza.’ Ai! Que eu, então, por informações do rei, questione este rei das montanhas, esta colina alta e sagrada, coroada com inúmeros topos que tocam o céu e picos belos de muitos matizes, e cheia de vários minérios, e ornada com pedras preciosas de diversos tipos, e erguendo-se como um estandarte sobre esta ampla floresta, e percorrida por leões e tigres e elefantes e javalis e ursos e veados, e ecoando por todos os lados com (as notas de) criaturas aladas de várias espécies, e adornada com kinsukas e Asokas e Vakulas e Punnagas, com Karnikaras florescentes, e Dhavas e Plakshas, e com rios frequentados por aves aquáticas de todas espécies, e cheia de topos encrespados, ó sagrada! Ó melhor das montanhas! Ó tu de visão maravilhosa! Ó colina célebre! Ó refúgio (dos aflitos)! Ó altamente auspiciosa! Eu te reverencio, ó

pilar da terra! Aproximando-me, eu me curvo a ti. Conheça-me como a filha de um rei, e nora de um rei, e consorte de um rei, de nome Damayanti; aquele senhor da terra que governa os Vidarbhas, aquele poderoso rei guerreiro de nome Bhima, que protege as quatro classes, é meu pai. Aquele melhor dos reis celebrou os sacrifícios Rajasuya e Aswamedha, com presentes abundantes para os Brahmanas. Possuidor de olhos belos e grandes, afamado por devoção pelos Vedas, de caráter imaculado, falador da verdade, desprovido de astúcia, amável, dotado de coragem, senhor de imensa riqueza, versado em moralidade, e puro, ele, tendo derrotado todos os seus inimigos, protege eficientemente os habitantes de Vidarbha. Saiba que eu sou, ó santo, filha dele, assim vinda a ti. Aquele melhor dos homens, o célebre soberano dos Nishadhas, conhecido pelo nome de Virasena de grande fama, era meu sogro. O filho daquele rei, heróico e belo e possuidor de energia incapaz de ser frustrada, que governou bem o reino o qual passou de seu pai para ele, se chama Nala. Saiba, ó montanha, que daquele matador de inimigos, chamado também de Punyasloka, possuidor da cor do ouro, e devotado aos Brahmanas, e versado nos Vedas, e dotado de eloquência, daquele rei justo, bebedor de Soma e adorador do fogo, que celebra sacrifícios e é generoso e guerreiro e que castiga (os criminosos) adequadamente, eu sou a esposa inocente, a principal das suas rainhas, de pé diante de ti. Despojada de prosperidade e privada (da companhia de meu) marido, sem um protetor, e afligida pela miséria, eu vim para cá, ó melhor das montanhas, procurando meu marido. Tu, ó principal das montanhas, com tuas centenas de cumes elevando-se (ao céu), vistes o rei Nala nesta floresta terrível? Ti vistes meu marido, aquele soberano dos Nishadhas, o ilustre Nala, com o andar de um poderoso elefante, dotado de inteligência, de braços longos, e de energia ardente, possuidor de destreza e paciência e coragem e grande renome? Vendo-me lamentando sozinha, dominada pela tristeza, por que, ó melhor das montanhas, tu não me acalmas hoje com tua voz, como tua própria filha em angústia? Ó herói, ó guerreiro de destreza, ó tu versado em todos os deveres, ó tu que aderes à verdade, ó senhor da terra, se tu estás nesta floresta, então, ó rei, revele-te para mim. Oh, quando eu ouvirei novamente a voz de Nala, amável e profunda como aquela das nuvens, aquela voz doce como Amrita, do rei ilustre, chamando-me de filha de Vidharva, com pronúncia distinta, e divina, e musical como o canto dos Vedas e melodiosa, e que alivia todas as minhas tristezas? Ó rei, eu estou assustada. Ó virtuoso, console-me.'"

"Tendo se dirigido àquela principal das montanhas dessa maneira, Damayanti então foi em direção ao norte. E tendo prosseguido três dias e noites, aquela melhor das mulheres chegou a um incomparável bosque de ascetas de penitências, parecendo em beleza com um arvoredo celeste. E o retiro encantador que ela contemplou era habitado e adornado por ascetas como Vasishtha e Bhrigu e Atri, abnegados e rigorosos em dieta, com mentes sob controle, dotados de santidade, alguns vivendo de água, alguns do ar, e alguns de folhas (caídas), com paixões sob controle, eminentemente abençoados, procurando o caminho para o céu, vestidos em cascas de árvores e peles de veado, e com sentidos subjugados. E contemplando aquele eremitério habitado por ascetas, e cheio de rebanhos de veados e macacos, Damayanti ficou animada. E aquela melhor das mulheres, a

inocente e abençoada Damayanti, com sobrancelhas graciosas, e tranças compridas, com quadris atraentes e peito profundo, e rosto agraciado com dentes belos e com admiráveis olhos pretos e grandes, em seu esplendor e glória entrou naquele retiro. E saudando aqueles ascetas envelhecidos pela prática austeridades, ela ficou de pé em uma atitude de humildade. E os ascetas que viviam naquela floresta disseram, 'Bem vinda!' E aqueles homens de riqueza ascética, prestando sua homenagem devida, disseram, 'Sente-se, e nos diga o que nós podemos fazer por ti.' Aquela melhor das mulheres respondeu para eles, dizendo, 'Ó ascetas impecáveis e altamente abençoados, está tudo bem com suas austeridades, e fogo sacrifical, e observâncias religiosas, e os deveres da sua própria classe? Está tudo bem com os animais e aves deste retiro?' E eles responderam, 'Ó senhora bela e ilustre, a prosperidade nos acompanha em todos os aspectos. Mas, ó tu de membros impecáveis, diga-nos quem tu és, e o que tu procuras. Vendo tua bela forma e teu esplendor brilhante, nós estamos muito surpresos. Alegre-te e não lamente. Diga-nos, ó inocente e abençoada, tu és a divindade que preside esta floresta, ou esta montanha, ou este rio?' Damayanti respondeu para aqueles ascetas, dizendo, 'Ó Brahmanas, eu não sou a deusa desta floresta, ou desta montanha, ou deste rio. Ó Rishis de riqueza ascética, saibam que eu sou um ser humano. Eu narrarei minha história em detalhes. Ouçam. Há um rei, o soberano poderoso dos Vidarbhas, de nome Bhima. Ó principais dos regenerados, saibam que eu sou filha dele. O sábio soberano dos Nishadhas, de nome Nala, de grande celebridade, heróico, e sempre vitorioso em batalha, e erudito, é meu marido. Engajado no culto dos deuses, devotado aos duas vezes nascidos, o protetor da linhagem dos Nishadhas, de energia poderosa, possuidor de grande força, sincero, conhecedor de todos os deveres, sábio, firme em promessa, o opressor de inimigos, devoto, servo dos deuses, gracioso, o conquistador de cidades hostis, aquele principal dos reis, de nome Nala, igual em esplendor ao senhor dos celestiais, o matador de inimigos, possuidor de olhos grandes, e uma cor parecida com a lua cheia, é meu marido. Realizador de grandes sacrifícios, versado nos Vedas e seus ramos, destruidor de inimigos em batalha, e como o sol e a lua em esplendor, é ele. Aquele rei devotado à verdade e religião foi convocado para jogar dados por certas pessoas enganadoras de mente vil e alma bruta e de hábitos desonestos, e habilidosos em jogo, e foi despojado de riqueza e reino. Saibam que eu sou a esposa daquele touro entre os reis, conhecida por todos pelo nome de Damayanti, ansiosa para descobrir meu marido (perdido). Em tristeza de coração eu estou vagando entre florestas, e montanhas, e lagos, e rios, e lagos e bosques, à procura daquele meu marido, Nala, hábil em batalha, de grande alma, e bem versado no uso de armas, ó, o rei Nala, o senhor dos Nishadhas, veio para este retiro encantador de suas pessoas santas? É por causa dele, ó Brahmanas, que eu vim para esta floresta sombria cheia de terrores e frequentada por tigres e outros animais. Se eu não vir o rei Nala dentro de poucos dias e noites, eu procurarei meu bem por renunciar a este corpo. De que vale a minha vida sem aquele touro entre homens? Como eu viverei atormentada pela dor por conta de meu marido?'

Para a filha de Bhima, Damayanti, lamentando desesperada naquela floresta, os ascetas faladores da verdade responderam, dizendo, 'Ó abençoada e bela, nós

vemos por poder ascético que o futuro trará felicidade para ti, e que tu logo verás Naishadha. Ó filha de Bhima, tu verás Nala, o senhor dos Nishadhas, o matador de inimigos, e o principal dos virtuosos livre de infortúnio. E, ó senhora abençoada, tu contemplarás o rei, teu marido, livre de todos os pecados e enfeitado com todas as espécies de jóias, e governando a mesma cidade, e castigando seus inimigos, e infligindo terror nos corações de inimigos, e alegrando os corações de amigos, e coroado com todas as bênçãos.'

Tendo falado para aquela princesa, a rainha querida de Nala, os ascetas com seus fogos sagrados e retiro desapareceram de vista. E vendo aquele prodígio poderoso, a nora do rei Virasena, Damayanti de membros impecáveis, foi tomada pela perplexidade. E ela se perguntou, 'Foi um sonho isto que eu vi? Que acontecimento se realizou! Onde estão todos aqueles ascetas? E onde está aquele retiro? Onde, além disso, está aquele rio encantador de águas sagradas, o refúgio de diversas espécies de aves? E onde, também, estão aquelas árvores encantadoras enfeitadas com frutas e flores?' E depois pensando assim por algum tempo, a filha de Bhima, Damayanti de sorrisos doces melancólica e afligida pela dor por causa de seu marido, perdeu a cor de sua face (novamente). E indo a outra parte da floresta, ela viu uma árvore Asoka. E aproximando-se daquela principal das árvores na floresta, tão encantadora com flores e sua carga de folhagem, e ressoando com as notas de aves, Damayanti, com lágrimas em seus olhos e tons sufocados de tristeza, começou a lamentar, dizendo, 'Oh, esta árvore graciosa no coração da floresta, adornada com flores, parece bela, como um encantador rei de colinas. Ó bela Asoka, liberte-me depressa da dor. Tu vistes o rei Nala, o matador de inimigos e o marido querido de Damayanti, livre de medo e dor e obstáculos? Tu viste meu marido amado, o soberano dos Nishadhas, vestido em metade de um tecido, com pele delicada, aquele herói afligido pela dor e que entrou nesta selva? Ó árvore Asoka, liberte-me da dor! Ó Asoka, justifique o teu nome, pois Asoka significa destruidor da dor.' E andando três vezes ao redor daquela árvore, com o coração angustiado, aquela melhor das mulheres, a filha de Bhima, entrou em uma parte mais terrível da floresta. E vagando em busca de seu marido, a filha de Bhima contemplou muitas árvores e rios e montanhas encantadoras, e muitos animais e aves, e cavernas, e precipícios, e muitos rios de aparência maravilhosa. E enquanto ela prosseguia ela chegou a um caminho largo onde ela viu com surpresa um grupo de comerciantes, com seus cavalos e elefantes, desembarcando nas margens de um rio cheio de água límpida e fresca, e adorável e fascinante de se contemplar, e largo, e coberto com moitas de juncos, e ecoando com os gritos de grous e águias-pescadoras e Chakravakas, e cheio de tartarugas e jacarés e peixes, e enfeitado com inúmeras ilhotas. E logo que ela viu aquela caravana, a bela e célebre esposa de Nala, selvagem como uma louca, oprimida pela angústia, vestida com a metade de uma peça de roupa, magra e pálida e suja, e com cabelo coberto de poeira, aproximou-se e entrou no seu meio. E vendo-a alguns fugiram com medo, e alguns ficaram muito ansiosos, e alguns gritaram alto, e alguns riram dela, e alguns a odiaram. E alguns, ó Bharata, sentiram pena, e até se dirigiram a ela, dizendo, 'Ó abençoada, quem tu és, e de quem? O que tu procuras nas florestas? Vendo-te aqui nós estamos apavorados. Tu és humana? Diga-nos realmente, ó abençoada, se tu és a deusa

desta floresta ou desta montanha ou dos pontos do céu. Nós procuramos a tua proteção. Tu és uma mulher Yaksha, ou uma mulher Rakshasa, ou uma donzela celeste? Ó tu de feições impecáveis, abençoe-nos completamente e proteja-nos. E, ó abençoada, aja de maneira que esta caravana possa logo prosseguir daqui em prosperidade e que o bem-estar de todos nós possa ser assegurado.' Assim endereçada por aquela caravana, a princesa Damayanti, dedicada a seu marido e oprimida pela calamidade que tinha acontecido a ela, respondeu, dizendo, 'Ó líder da caravana, ó comerciantes, ó jovens, ó homens idosos, e crianças, e vocês que compõe esta caravana, saibam que eu sou um ser humano. Eu sou a filha de um rei, e a nora de um rei, e a consorte também de um rei, ávida pela visão de meu marido. O soberano dos Vidarbhas é meu pai, e meu marido é o senhor dos Nishadhas, chamado Nala. Agora mesmo eu estou procurando aquele invencível e abençoado. Se vocês por acaso viram meu amado, o rei Nala, aquele tigre entre homens, aquele destruidor de hostes hostis, ó, digam-me rápido.' Então o líder daquela grande caravana, chamado Suchi, respondeu para Damayanti de membros impecáveis, dizendo, 'Ó abençoada, escute as minhas palavras. Ó tu de doces sorrisos, eu sou um comerciante e o líder desta caravana. Ó senhora ilustre, eu não vi qualquer homem de nome Nala. Nesta floresta extensa inabitada por homens há somente elefantes e leopardos e búfalos, e tigres e ursos e outros animais. Exceto a ti, eu não encontrei qualquer homem ou mulher aqui, assim ajude-nos agora como Manibhadra, o rei dos Yakshas!' Assim endereçada por eles ela questionou aqueles comerciantes assim como o líder da hoste dizendo, 'Cabe a vocês me dizer para onde esta caravana está indo.' O líder do bando disse, 'Ó filha de um grande rei, para o propósito de lucro esta caravana está indo direto para a cidade de Suvahu, o soberano dos Chedis falador da verdade.'"

65

"Vrihadaswa disse, 'Tendo ouvido as palavras do líder da caravana, Damayanti de membros impecáveis prosseguiu com aquela caravana, ansiosa para ver seu marido. E depois de ter procedido por muitos dias os comerciantes viram um grande lago fragrante com lotos no meio daquela floresta densa e terrível. E ele era belo por todos os lados, e extremamente encantador, (com margens) cheias de grama e combustível e frutas e flores. E ele era habitado por várias espécies de aves aquáticas e pássaros, e cheio de água que era pura e doce. E ele era tranquilo e capaz de cativar o coração. E a caravana, desgastada pela fadiga, resolveu parar lá. E com a permissão de seu líder eles se espalham em volta daqueles belos bosques. E aquela caravana imensa percebendo que era noite parou naquele local. E (veio a acontecer que) na hora de meia-noite, quando tudo estava silencioso e imóvel e a caravana cansada tinha adormecido, uma manada de elefantes ao ir em direção a um rio da montanha para beber de sua água, coberta por seu suco temporal, viu aquela caravana como também os numerosos elefantes pertencentes a ela. E vendo seus iguais domesticados os elefantes selvagens se enfureceram e com suco temporal escorrendo avançaram impetuosamente sobre os primeiros, com a intenção de matá-los. E a força do

ímpeto daqueles elefantes era difícil de suportar, como a impetuosidade de picos desprendidos de topos de montanha rolando em direção à planície. Os elefantes apressados descobriram que os caminhos da floresta estavam todos bloqueados, pois a grande caravana estava dormindo obstruindo os caminhos em volta daquele lago de lotos. E os elefantes começaram de repente a esmagar os homens que estavam deitados inconscientes no chão. E proferindo gritos de 'Oh!' e 'Ai!' os comerciantes, cegados pelo sono, fugiram, para escapar daquele perigo, para matagais e bosques como refúgio. E alguns foram mortos pelas presas, e alguns pelas trombas, e alguns pelas pernas daqueles elefantes. E inúmeros camelos e cavalos foram mortos, e grupos de homens a pé, correndo aterrorizados, mataram uns aos outros. E proferindo gritos altos alguns caíram no chão e alguns com medo subiram em árvores, e alguns caíam em solo acidentado. E, ó rei, assim acidentalmente atacada por aquela grande manada de elefantes, aquela caravana considerável sofreu uma grande perda. E lá surgiu um tumulto tremendo calculado para assustar os três mundos, 'Vejam! Um grande fogo se espalhou. Vamos nos salvar.' 'Fujam depressa.' 'Por que vocês fogem?' 'Peguem as pilhas de jóias espalhadas ao redor.' 'Toda esta riqueza é uma insignificância. Eu não falo falsamente', 'Eu lhes digo outra vez, (exclamou alguém) pensem em minhas palavras, ó insensatos!' Com tais exclamações eles correram para todos os lados em terror. E Damayanti despertou com medo e ansiedade, enquanto aquele massacre terrível estava acontecendo lá. E vendo aquele massacre capaz de despertar o medo de todos os mundos, e que era tão imprevisto, a donzela de olhos parecidos com folhas de lótus levantou-se, frenética com pavor, e quase sem fôlego. E aqueles da caravana que tinham escapado ilesos reuniram-se, e perguntaram uns aos outros, 'De que ato nosso isto é a consequência? Certamente nós fracassamos em cultuar os ilustres Manibhadras, e igualmente o exaltado e gracioso Vaisravana, o rei dos Yakshas. Talvez, nós não temos adorado as divindades que causam calamidades, ou talvez, nós não temos lhes prestado a primeira homenagem. Ou, talvez, este mal é a consequência certa das aves (que nós vimos). Nossas estrelas não são inauspiciosas. De que outra causa então este desastre ocorreu?' Outros, afligidos e privados de riqueza e parentes, disseram, 'Aquela mulher como louca que entrou no meio desta caravana imensa em aparência que era estranha e mal humana, ai, é por cauda dela que esta ilusão horrível foi pré-arranjada. Com certeza, ela é uma Rakshasa terrível ou uma Yaksha ou uma mulher Pisacha. Todo este mal é trabalho dela, qual a necessidade de dúvidas? Se nós virmos novamente aquela destruidora perversa de comerciantes, aquela causadora de dores inumeráveis, nós sem dúvida mataremos aquela nossa ofensora, com pedras, e pó, e grama, e madeira, e socos.' E ouvindo estas palavras terríveis dos comerciantes, Damayanti, em terror e vergonha e ansiedade, fugiu para as florestas apreensiva de mal. E repreendendo a si mesma ela disse, 'Ai! feroz e grande é a cólera de Deus sobre mim. A paz não segue em meu caminho. De que delito isto é a consequência? Eu não me lembro de ter feito alguma vez um pequeno mal para alguém em pensamento, palavra, ou ação. De que ato, então, isto é a consequência? Certamente, é por causa dos grandes pecados que eu cometi em uma vida anterior que tal desgraça me aconteceu, isto é, a perda do reino do meu marido, sua derrota nas mãos de seus próprios parentes, esta

separação de meu marido e meu filho e filha, este meu estado desprotegido, e minha presença nesta floresta cheia de inúmeros animais predadores!'

No dia seguinte, ó rei, o resto daquela caravana deixou o lugar lamentando a destruição que os tinha alcançado e lamentando por seus irmãos e pais e filhos e amigos mortos. E a princesa de Vidarbha começou a lamentar, dizendo, 'Ai! Que crime eu cometi! A multidão de homens que eu alcancei nesta floresta solitária foi destruída por uma manada de elefantes, certamente como uma consequência da minha má sorte. Sem dúvida, eu terei que sofrer miséria por um longo tempo. Eu tenho ouvido de homens idosos que nenhuma pessoa morre antes da sua hora; é por isso que minha pessoa miserável não foi pisada até a morte por aquela manada de elefantes. Nada do que acontece aos homens é devido a qualquer coisa além do Destino, pois nem na minha infância eu cometi tal pecado em pensamento, palavra, ou ação, de onde poderia vir esta calamidade. Parece-me que eu sofro esta separação de meu marido por causa da potência daqueles Lokapalas celestes, que foram para o Swayamvara mas a quem eu desconsiderei por Nala.' Lamentando dessa maneira, ó tigre entre reis, aquela senhora excelente, Damayanti, devotada a seu marido, seguiu, oprimida pela dor e (pálida) como a lua outonal, com aqueles Brahmanas versados nos Vedas que tinham sobrevivido ao massacre da caravana. E partindo rapidamente, perto da noite, a donzela chegou à grande cidade de Suvahu falador da verdade, o rei dos Chedis. E ela entrou naquela cidade excelente vestida em metade de uma peça de roupa. E os cidadãos viram-na enquanto ela prosseguia, tomada pelo medo, e magra, triste, seu cabelo despenteado e sujo com poeira, e como louca. E vendo-a entrar na cidade do rei dos Chedis, os meninos da cidade, por curiosidade, começaram a segui-la. E cercada por eles ela chegou na frente do palácio do rei. E do terraço a rainha-mãe viu-a cercada pela multidão. E ela disse para sua criada, 'Vá e traga aquela mulher perante mim. Ela está desesperada e está sendo aborrecida pela multidão. Ela caiu em angústia e precisa de ajuda. Eu acho que sua beleza é tal que ela ilumina minha casa. A formosa, embora parecendo com uma louca, parece uma verdadeira Sree com seus olhos grandes.' Assim ordenada, a criada saiu e dispersando a multidão levou Damayanti para aquele terraço elegante. E tomada pela admiração, ó rei, ela questionou Damayanti, dizendo, 'Embora estejas afligida por tal miséria, tu possuis uma bela forma. Tu brilhas como o relâmpago entre as nuvens. Diga-me quem tu és, e de quem. Ó tu possuidora de esplendor celeste, certamente tua beleza não é humana, embora tu estejas desprovida de ornamentos. E embora tu estejas desamparada, ainda assim tu estás impassível sob o ultraje destes homens.' Ouvindo estas palavras da criada, a filha de Bhima disse, ‘Saiba que eu sou uma mulher pertencente à espécie humana e devotada a meu marido. Eu sou uma mulher servidora de boa linhagem. Eu vivo onde quer que eu deseje, subsistindo de frutas e raízes, e uma companheira, e fico onde a noite me alcança. Meu marido é dono de virtudes inumeráveis e sempre foi dedicado a mim. E eu também, de minha parte, era profundamente afeiçoada a ele, seguindo-o como sua sombra. Aconteceu que uma vez que ele ficou perdidamente envolvido em um jogo de dados. Derrotado nos dados, ele entrou na floresta. Eu acompanhei meu marido nas florestas, confortando o herói vestido em um único pedaço de tecido e como um louco e

oprimido pelo infortúnio. Uma vez por algum motivo, aquele herói, afligido com fome e sede e dor, foi forçado a abandonar aquele único pedaço de vestuário na floresta. Desprovido de roupa e semelhante a um maníaco e privado de sua razão como ele estava, eu o segui, eu mesma em uma única peça de roupa. Seguindo-o, eu não dormi por noites a fio. Assim se passaram muitos dias, até que finalmente enquanto eu estava dormindo ele cortou metade do meu tecido, e abandonou a mim que não lhe tinha feito mal. Eu estou procurando meu marido mas incapaz de achar a ele que é de cor como os filamentos do lótus, sem poder lançar meus olhos naquele deleite do meu coração, aquele marido querido que possui meu coração e parece os celestiais em aparência, dia e noite eu queimo em aflição.'

Para a filha de Bhima assim lamentando com olhos chorosos, e angustiada e falando em tons sufocados em aflição, a própria rainha-mãe disse, 'Ó donzela abençoada, fique comigo. Eu estou bem satisfeita contigo. Ó senhora formosa, meus homens procurarão pelo teu marido. Ou talvez ele possa vir para cá por sua própria vontade no decurso de suas viagens. E, ó senhora bela, residindo aqui tu recuperarás teu marido (perdido).' Ouvindo estas palavras da rainha-mãe, Damayanti respondeu, 'Ó mãe de heróis, eu posso ficar contigo sob certas condições. Eu não comerei os restos de qualquer prato, nem lavarei os pés de alguém, nem terei que falar com outros homens. E se alguém me procurar (como uma esposa ou amante) ele deve estar sujeito à punição nas tuas mãos. E, além disso, aquele pecaminoso que me solicitar repetidamente deve ser punido com a morte. Este é o voto que eu fiz. Eu pretendo ter uma entrevista com aqueles Brahmanas que partirão para procurar por meu marido. Se tu puderes fazer tudo isto, eu sem dúvida viverei contigo. Se for de outra maneira, eu não posso decidir no meu coração residir contigo.' A rainha-mãe respondeu a ela com o coração contente, dizendo, 'Eu farei tudo isso. Tu fizeste bem em adotar semelhante voto!'"

"Vrihadaswa continuou, 'Ó rei, tendo falado assim para a filha de Bhima, a rainha-mãe, ó Bharata, disse para sua filha chamada Sunanda, 'Ó Sunanda, aceite esta senhora semelhante a uma deusa como tua Sairindhri! Que ela seja tua companheira, porque ela é da mesma idade que tu. Com o coração livre de preocupação, sempre passe o tempo com ela em alegria.' E Sunanda alegremente aceitou Damayanti e conduziu-a para seu próprio aposento acompanhada por suas companheiras. E tratada com respeito, Damayanti estava satisfeita, e ela continuou a residir lá sem ansiedade de qualquer tipo, pois todos os seus desejos eram devidamente satisfeitos.'"

66

"Vrihadaswa disse, 'Ó monarca, tendo abandonado Damayanti, o rei Nala viu um grande incêndio que estava assolando aquela floresta densa. E no meio daquela conflagração ele ouviu a voz de uma criatura, gritando alto repetidamente, 'Ó Nala virtuoso, venha aqui.' E respondendo, 'Não tema!' ele entrou no meio do

fogo e viu um Naga imenso jazendo em espiral. E o Naga com as mãos unidas, e tremendo, falou para Nala, dizendo, 'Ó rei, eu sou uma cobra, de nome Karkotaka. Eu desapontei o grande Rishi Narada de grande mérito ascético, e por ele eu fui amaldiçoado em cólera, ó rei de homens, em palavras tais como estas: ‘Fique aqui como uma coisa imóvel, até que Nala te tire daí. E, de fato, no local para o qual ele te carregar, lá tu serás liberto da minha maldição.’ É por causa desta maldição dele que eu sou incapaz de me mover um passo. Eu te instruirei em relação ao teu bem-estar. Cabe a ti me salvar. Eu serei teu amigo. Não há cobra igual a mim. Eu serei leve em tuas mãos. Erguendo-me, saia daqui rapidamente.' Tendo dito isto, aquele príncipe das cobras tornou-se tão pequeno quanto um polegar. E erguendo-o Nala foi para um local livre de fogo. Tendo alcançado um lugar aberto onde não havia fogo Nala pretendia soltar a serpente, então Karkotaka dirigiu-se a ele novamente, dizendo, 'Ó rei dos Nishadhas, prossiga ainda, contando uns passos poucos teus; enquanto isso, ó de braços poderosos, eu te farei grande bem.' E quando Nala começou a contar seus passos, a cobra mordeu-o no décimo passo. E, ho! Quando ele foi mordido, sua forma rapidamente sofreu uma mudança. E vendo sua mudança de forma, Nala estava assombrado. E o rei viu a cobra também assumir sua própria forma. E a cobra Karkotaka, confortando Nala, falou para ele, 'Eu te privei da tua beleza para que as pessoas não possam te reconhecer. E, ó Nala, aquele por quem tu fostes enganado e lançado na miséria morará em ti torturado por meu veneno. E, ó monarca, enquanto ele não te deixar ele terá que morar em dor no teu corpo com cada membro teu cheio do meu veneno. E, ó soberano de homens, eu te salvei das mãos daquele que por raiva e ódio te enganou, embora tu sejas totalmente inocente e não merecedor de mal. E, ó tigre entre homens, através da minha graça, tu não terás (mais) qualquer medo de animais com presas, de inimigos, e de Brahmanas também versados nos Vedas, ó rei! Nem, ó monarca, tu sentirás dor por causa do meu veneno. E, ó principal dos reis, tu serás sempre vitorioso em batalha. Neste mesmo dia, ó príncipe, ó senhor dos Nishadhas, vá para a cidade encantadora de Ayodhya, e te apresente perante Rituparna hábil em jogo, dizendo, 'Eu sou um cocheiro, de nome Vahuka.' E aquele rei dará para ti sua habilidade nos dados pelo teu conhecimento de cavalos. Nascido da linhagem de Ikswaku, e possuidor de prosperidade, ele será teu amigo. Quando tu fores um perito nos dados, tu então terás prosperidade. Tu também te encontrarás com tua esposa e teus filhos, e recuperarás teu reino. Eu te digo isto realmente. Portanto, não deixe tua mente ser ocupada pela tristeza. E, ó senhor de homens, quando tu desejares ver a tua própria forma lembre-te de mim, e vista esta peça de roupa. Ao usar isto tu regressarás à tua própria forma.' E dizendo isso aquele Naga então deu para Nala dois pedaços de tecido celeste. E, ó filho da raça Kuru, tendo assim instruído Nala, e o presenteado com o traje, o rei das cobras, ó monarca, fez-se invisível!”

67

"Vrihadaswa disse, 'Depois que a cobra tinha desaparecido, Nala, o soberano dos Nishadhas, prosseguiu, e no décimo dia entrou na cidade de Rituparna. E ele

aproximou-se do rei, dizendo, 'Meu nome é Vahuka. Não há ninguém neste mundo igual a mim em treinar corcéis. Meu conselho também deve ser procurado em questões de dificuldade e em todos os assuntos de habilidade. Eu também supero outros na arte de cozinhar. Em todas aquelas artes que existem neste mundo, e também em todas as coisas de realização difícil, eu me esforçarei para alcançar êxito. Ó Rituparna, mantenha-me.' E Rituparna respondeu, 'Ó Vahuka, fique comigo! Que o bem aconteça para ti. Tu realizarás mesmo tudo isto. Eu sempre desejei particularmente ser conduzido rapidamente. Planeje tais medidas (para) que meus corcéis possam se tornar velozes. Eu te nomeio superintendente de meus estábulos. Teu pagamento será dez mil (moedas). Ambos Varshneya e Jivala sempre estarão sob tua direção. Tu viverás agradavelmente em sua companhia. Portanto, ó Vahuka, fique comigo.'

Vrihadaswa continuou, 'Assim endereçado pelo rei, Nala começou a morar na cidade de Rituparna, tratado com respeito e com Varshneya e Jivala como seus companheiros. E residindo lá, o rei (Nala), lembrando-se da princesa de Vidarbha, recitava toda noite o seguinte sloka: 'Onde jaz aquela desamparada afligida pela fome e sede e esgotada, pensando naquele canalha? E a quem também ela serve agora?' E uma vez quando o rei estava recitando isto durante a noite, Jivala questionou-o dizendo, 'Ó Vahuka, por quem tu lamentas dessa maneira diariamente? Eu estou curioso para saber. Ó abençoado com duração de vida, cônjuge de quem é ela por quem lamentas dessa maneira?' Assim questionado, o rei Nala lhe respondeu, dizendo, 'Certa pessoa desprovida de razão tem uma esposa bem conhecida por muitos. Aquele canalha é falso em suas promessas. Por alguma razão aquele homem pecaminoso foi separado dela. Separado dela, aquele desgraçado perambulou oprimido pela dor, e queimando com aflição ele não descansa dia ou noite. E à noite, lembrando-se dela, ele canta este sloka. Tendo vagado pelo mundo inteiro, ele finalmente encontrou um refúgio, e não merecedor do infortúnio que aconteceu a ele, passa seus dias, assim lembrando-se de sua esposa. Quando o infortúnio alcançou este homem, sua esposa seguiu-o para as florestas. Abandonada por aquele homem de pouca virtude, a própria vida dela está em perigo. Sozinha, sem conhecimento de caminhos, mal capaz de suportar miséria, e desfalecendo com fome e sede, a moça mal pode proteger sua vida. E, ó amigo, ela foi abandonada por aquele homem de pouca sorte e que tem pouca inteligência, com a floresta ampla e terrível, sempre cheia de animais predadores.'

Assim lembrando-se de Damayanti, o rei dos Nishadhas continuou a viver desconhecido na residência daquele monarca!"

68

"Vaisampayana disse, 'Depois que Nala, despojado de seu reino, tinha, com sua esposa, se tornado um servo, Bhima com o desejo de ver Nala mandou Brahmanas procurarem por ele. E dando-lhes riqueza abundante, Bhima ordenou-os, dizendo, 'Procurem por Nala, e também por minha filha Damayanti. Aquele que

realizar esta tarefa, isto é, determinar onde o soberano dos Nishadhas está e trazer ele e minha filha para cá, obterá de mim mil vacas, e campos, e uma vila parecida com uma cidade. Mesmo se fracassar em trazer Damayanti e Nala aqui, aquele que conseguir saber de seu paradeiro obterá de mim a fortuna representada por mil vacas.' Assim endereçados, os Brahmanas partiram alegremente para todas as direções procurando Nala e sua esposa em cidades e províncias. Mas eles não encontraram Nala ou sua cônjuge em algum lugar. Até que finalmente procurando na bela cidade dos Chedis, um Brahmana chamado Sudeva, durante o momento das orações do rei, viu a princesa de Vidarbha no palácio do rei, sentada com Sunanda. E sua beleza incomparável era levemente perceptível, como o brilho de um fogo envolvido em anéis de fumaça. E vendo aquela senhora de olhos grandes suja e emaciada ele julgou que ela era Damayanti, chegando àquela conclusão por várias razões. E Sudeva disse, 'Como eu vi ela antes, esta donzela é a mesma agora. Ó, eu sou abençoado por lançar meus olhos sobre esta pessoa formosa, como a própria Sree encantando os mundos! Parecendo a lua cheia, de juventude imutável, de peitos bem arredondados, iluminando todos os lados por seu esplendor, possuidora de olhos grandes como belos lótus, como a própria Rati de Kama o deleite de todos os mundos, como os raios da lua cheia, ó, ela parece com um talo de lótus transplantado por sorte adversa do lago Vidarbha e coberto com lama no processo. E oprimida pela dor por causa de seu marido, e melancólica, ela se parece com a noite da lua cheia quando Rahu engole aquele corpo luminoso, ou com um rio cuja corrente secou. Sua situação é muito semelhante àquela de um lago devastado com as folhas de seus lotos esmagadas pelas trombas de elefantes, e com suas aves e pássaros assustados pela invasão. De fato, esta moça, de corpo delicado e de membros encantadores, e digna de morar em uma mansão decorada com pedras preciosas, é (agora) como um talo de lótus arrancado chamuscado pelo sol. Dotada de beleza e natureza gentil, e desprovida de ornamentos, embora merecedora deles, ela parece com a lua recém surgida no céu, mas coberta com nuvens negras. Desprovida de confortos e luxos, separada dos amados e amigos, ela vive em angústia, sustentada pela esperança de ver seu marido. Na verdade, o marido é o melhor ornamento de uma mulher, por mais que esteja desprovida de ornamentos. Sem seu marido junto dela, esta senhora, embora bela, não brilha. É uma façanha difícil realizada por Nala que ele viva sem sucumbir à dor, embora separado de tal esposa. Vendo esta donzela possuidora de cabelo preto e de olhos como folhas de lótus em miséria embora digna de felicidade, até meu coração está atormentado. Ai! quando esta moça agraciada com marcas auspiciosas e dedicada a seu marido, cruzando este oceano de dor, recuperará a companhia de seu marido, como Rohini recuperando a da Lua? Certamente, o rei dos Nishadhas sentirá ao recuperá-la o prazer que um rei privado de seu reino sente ao recuperar seu reino. Igual a ela em natureza e idade e linhagem, Nala merece a filha de Vidarbha, e esta donzela de olhos negros também o merece. Cabe a mim confortar a rainha daquele herói de bravura imensurável e dotado de energia e poder, (já que) ela está tão ávida para encontrar seu marido. Eu consolarei esta moça angustiada de rosto como a lua cheia, e sofrendo infortúnio que ela nunca tinha suportado antes, e sempre pensando em seu marido.'"

"Vrihadaswa continuou, 'Tendo assim refletido sobre estas várias circunstâncias e sinais, o Brahmana, Sudeva, aproximou-se de Damayanti, e dirigiu-se a ela, dizendo, 'Ó princesa de Vidarbha, eu sou Sudeva, o caro amigo do teu irmão. Eu vim aqui te procurando, pelo desejo do rei Bhima. Teu pai está bem, e também tua mãe, e teus irmãos. E teu filho e filha, abençoados com duração de vida, estão vivendo em paz. Teus parentes, embora vivos, estão quase mortos por tua causa, e centenas de Brahmanas estão percorrendo o mundo à tua procura.'"

"Vrihadaswa continuou, 'Ó Yudhishthira, Damayanti, reconhecendo Sudeva, perguntou-lhe a respeito de todos os seus parentes e amigos um depois do outro. E, ó monarca, oprimida pela dor, a princesa de Vidarbha começou a chorar amargamente à visão inesperada de Sudeva, aquele principal dos Brahmanas e amigo de seu irmão. E, ó Bharata, vendo Damayanti chorando, e conversando em particular com Sudeva, Sunanda estava aflita, e indo até sua mãe informou-a, dizendo, 'Sairindhri está chorando amargamente na presença de um Brahmana. Se tu quiseres, veja por ti mesma.' E imediatamente a mãe do rei dos Chedis, saindo dos aposentos internos do palácio, foi ao local onde a moça (Damayanti) estava com aquele Brahmana. Então chamando Sudeva, ó rei, a rainha-mãe lhe perguntou, 'Esposa de quem é esta formosa, e filha de quem? Como esta senhora de belos olhos foi privada da companhia de seus parentes e de seu marido também? E como também tu vieste a conhecer esta senhora caída em tal situação difícil? Eu desejo saber tudo isso em detalhes de ti. Realmente fale para mim que estou te perguntando acerca desta donzela de beleza celeste.' Então, ó rei, assim endereçado pela rainha-mãe, Sudeva, aquele melhor dos Brahmanas, sentou-se comodamente, e começou a narrar a verdadeira história de Damayanti.'"

69

"Sudeva disse, 'Há um soberano virtuoso e ilustre dos Vidarbhas, de nome Bhima. Esta dama abençoada é sua filha, amplamente conhecida pelo nome de Damayanti. E há um rei governando os Nishadhas, chamado Nala, o filho de Virasena. Esta senhora abençoada é a esposa daquele monarca sábio e justo. Derrotado nos dados por seu irmão, e despojado de seu reino, aquele rei, acompanhado por Damayanti, foi embora sem o conhecimento de ninguém. Nós temos vagado por toda a terra à procura de Damayanti. E esta moça foi finalmente encontrada na casa do teu filho. Não existe mulher que seja sua rival em beleza. Entre as sobrancelhas desta donzela sempre jovem há um excelente sinal de nascimento, parecido com um lótus. Notado por nós (anteriormente) ele parece ter desaparecido, coberto, (como a testa dela está) com (uma camada) de pó assim como a lua escondida em nuvens. Colocado lá pelo próprio Criador como uma indicação de prosperidade e riqueza, aquele sinal é visível indistintamente, como o crescente lunar do primeiro dia da quinzena iluminada coberto por nuvens. E coberto como seu corpo está com poeira, sua beleza não desapareceu. Embora descuidada de sua pessoa, ela ainda está manifesta, e brilha como ouro. E esta moça, semelhante a uma deusa, capaz de ser identificada por esta sua forma e

aquele sinal, foi descoberta por mim como alguém descobre um fogo que está coberto, por meio de seu calor!'"

"Ó rei, ouvindo estas palavras de Sudeva, Sunanda lavou o pó que cobria o sinal entre as sobrancelhas de Damayanti. E então ele se tornou visível como a lua no céu, recém saída das nuvens. E vendo aquele sinal, ó Bharata, Sunanda e a rainha-mãe começaram a chorar, e abraçando Damayanti permaneceram silenciosas por um momento. E a rainha-mãe, derramando lágrimas enquanto falava, disse em tons amáveis, 'Por este teu sinal, eu descubro que tu és a filha da minha irmã. Ó moça bela, tua mãe e eu somos ambas filhas de Sudaman de grande alma, o soberano dos Dasarnas. Ela foi entregue ao rei Bhima, e eu a Viravahu. Eu testemunhei teu nascimento no palácio do nosso pai no país dos Dasarnas. Ó bela, minha casa é para ti assim como a do teu pai. E esta riqueza, ó Damayanti, é tanto tua quanto minha.' Nisto, ó rei, Damayanti, reverenciando a irmã de sua mãe com o coração contente, falou para ela estas palavras, 'Não reconhecida, eu ainda assim vivi felizmente contigo, com todas as minhas necessidades satisfeitas e eu mesma respeitada por ti. E feliz como tem sido minha estadia, ela, sem dúvida, seria mais feliz ainda. Mas, mãe, eu tenho estado muito tempo em exílio. Cabe a ti, portanto, me conceder permissão (para partir). Meu filho e filha, enviados para o palácio do meu pai, estão vivendo lá. Privados de seu pai, e de sua mãe também, como eles estão passando seus dias tomados pela tristeza? Se tu desejas fazer o que é agradável para mim, peça um veículo sem perda de tempo, pois eu desejo ir até os Vidarbhas.' Nisto, ó rei, a irmã da mãe (de Damayanti), com o coração contente, disse, 'Assim seja.' E a rainha-mãe com a de permissão seu filho, ó chefe dos Bharatas, enviou Damayanti em uma bela liteira carregada por homens, protegida por uma grande escolta e provida de alimento e bebida e peças de roupa de primeira qualidade. E logo ela alcançou o país dos Vidarbhas. E todos os seus parentes, regozijando-se (em sua chegada) receberam-na com respeito. E vendo que seus parentes, seus filhos, seus pais, e todas as suas empregadas estavam bem, a ilustre Damayanti, ó rei, adorou os deuses e Brahmanas de acordo com o método superior. E o rei se regozijou ao ver sua filha e deu para Sudeva mil vacas e muita riqueza e uma vila. E, ó rei, tendo passado aquela noite na mansão de seu pai e recuperada da fadiga, Damayanti dirigiu-se à sua mãe, dizendo, 'Ó mãe, se tu desejas que eu viva, eu te digo realmente, esforce-te para trazer Nala, aquele herói entre homens.' Assim endereçada por Damayanti, a rainha venerável ficou cheia de tristeza. E banhada em lágrimas, ela não pode dar qualquer resposta. E vendo-a naquela situação todos os moradores dos aposentos internos irromperam em exclamações de 'Oh!' e 'Ai!' e começaram a chorar amargamente. E então a rainha se dirigiu ao monarca poderoso Bhima, dizendo, 'Tua filha Damayanti lamenta por causa de seu marido. Mais ainda, banindo todo acanhamento, ela mesma, ó rei, declarou seu desejo para mim. Que teus homens se esforcem para descobrir o virtuoso (Nala).' Assim informado por ela o rei enviou os Brahmanas sob suas ordens em todas as direções, dizendo, 'Se esforcem para descobrir Nala.' E aqueles Brahmanas, mandados pelo soberano dos Vidarbhas (para procurar Nala) apareceram perante Damayanti e falaram a ela da viagem que eles estavam prestes a empreender. E a filha de Bhima falou para eles dizendo, 'Gritem em todo

reino e em toda assembléia: ‘Ó querido jogador, onde tu foste cortando metade da minha peça de roupa, e abandonando a esposa querida e fiel adormecida na floresta? E aquela moça, como mandada por ti permanece te esperando, vestida em metade de um tecido e queimando de aflição! Ó rei, ó herói, tenha compaixão e responda a ela que constantemente chora por aquela desgraça.’ Isto e mais vocês dirão, para que ele possa tender à compaixão por mim. Ajudado pelo vento, o fogo consome a floresta. (Além disso, vocês dirão que) ‘A esposa é para ser sempre protegida e mantida pelo marido. Por que então, bom como tu és e conhecedor de todos os deveres, tu negligenciaste ambos os deveres? Possuidor de fama e sabedoria, e linhagem, e bondade, por que tu és inclemente? Eu temo que isto seja devido à perda da minha boa sorte! Portanto, ó tigre entre homens, tenha compaixão por mim. Ó touro entre homens! Eu ouvi de ti que a bondade é a maior virtude.’ Falando dessa maneira, se alguém responder a vocês, aquela pessoa deve ser conhecida por todos os meios, e vocês devem saber quem ele é, e onde ele mora. E, ó principais dos regenerados, tragam-me as palavras daquele que ouvindo seu discurso se arriscar a responder. Vocês devem também agir com tal cuidado que ninguém possa saber que as palavras que proferem são por minha ordem, nem que vocês voltarão a mim. E vocês devem também saber se aquele que responde é rico, ou pobre, ou desprovido de poder, realmente tudo sobre ele.'

Assim instruídos por Damayanti, ó rei, os Brahmanas partiram em todas as direções à procura de Nala atingido por tal desastre. E os Brahmanas, ó rei, procuraram por ele em cidades e reinos e aldeias, e retiros de ascetas, e lugares habitados por vaqueiros. E, ó monarca, onde quer que eles chegavam eles recitavam as palavras que Damayanti os tinha ordenado dizer."

70

"Vrihadaswa disse, 'Depois que um longo tempo tinha se passado, um Brahmana chamado Parnada voltou à cidade (dos Vidarbhas), e disse para a filha de Bhima, 'Ó Damayanti, procurando Nala, o rei dos Nishadhas, eu fui à cidade de Ayodhya, e apareci perante o filho de Bhangasura. E, ó melhor das mulheres, eu repeti aquelas tuas palavras na presença do abençoado Rituparna. Mas ouvindo-as nem aquele soberano de homens nem seus cortesãos responderam alguma coisa, embora eu as tenha proferido repetidamente. Então, depois que eu tinha sido dispensado pelo monarca, eu fui abordado por uma pessoa à serviço de Rituparna, chamado Vahuka. E Vahuka é cocheiro daquele rei, de aparência feia e possuidor de braços curtos. E ele é habilidoso em dirigir com velocidade, e bem familiarizado com a arte culinária. E suspirando frequentemente, e derramando lágrimas repetidamente, ele perguntou sobre meu bem-estar e depois disse estas palavras, 'Mulheres castas, embora caídas na miséria, ainda protegem a si mesmas e assim sem dúvida asseguram o céu. Embora elas possam ser abandonadas por seus maridos, elas ainda assim não ficam zangadas por causa disso, pois mulheres que são castas levam suas vidas envolvidas na armadura do comportamento virtuoso. Não cabe a ela ficar zangada, já que aquele que a

abandonou estava oprimido pelo infortúnio, e privado de toda felicidade. Uma mulher bela e virtuosa não deve ficar zangada com alguém que foi privado por aves de sua peça de roupa enquanto se esforçava para obter sustento e que está sendo consumido pela dor. Tratada bem ou mal, tal mulher nunca deve se entregar à ira, vendo seu marido naquela situação difícil, despojado de reino e desprovido de prosperidade, oprimido pela fome e dominado pela adversidade.' Ouvindo estas palavras dele, eu vim aqui rapidamente. Tu agora ouviste tudo. Faça o que tu achares apropriado, e informe o rei disto.'

Ó rei, tendo ouvido estas palavras de Parnada, Damayanti com olhos lacrimosos foi até sua mãe, e falou a ela em particular, 'Ó mãe, o rei Bhima não deve, por quaisquer meios, ser informado do meu propósito. Na tua presença eu empregarei aquele melhor dos Brahmanas, Sudeva! Se tu desejas meu bem-estar, aja de tal maneira que o rei Bhima não possa conhecer meu propósito. Que Sudeva sem demora vá daqui à cidade de Ayodhya, com o objetivo de trazer Nala, ó mãe, tendo realizado os mesmos ritos auspiciosos por virtude dos quais ele me trouxe rapidamente para o meio de amigos.' Com estas palavras, depois que Parnada tinha se recuperado da fadiga, a princesa de Vidarbha adorou-o com riqueza abundante e também disse, 'Quando Nala vier para cá, ó Brahmana, eu te concederei riqueza em abundância novamente. Tu me fizeste o imenso serviço o qual ninguém mais, de fato, poderia me fazer, pois, (devido àquele teu serviço), ó tu melhor dos regenerados, eu rapidamente recuperarei meu marido (perdido).' E assim endereçado por Damayanti, aquele Brahmana de mente elevada confortou-a, proferindo palavras abençoadoras de significado auspicioso e então foi para casa, considerando sua missão como bem sucedida. E depois que ele tinha ido embora, Damayanti oprimida pela dor e angústia, chamando Sudeva, dirigiu-se a ele, ó Yudhishthira, na presença de sua mãe, dizendo, 'Ó Sudeva, vá para a cidade de Ayodhya, direto como uma ave, e diga estas palavras ao rei Rituparna que vive lá: ‘A filha de Bhima, Damayanti, festejará outro Swayamvara. Todos os reis e príncipes estão indo para lá. Calculando o tempo, eu acho que a cerimônia se realizará amanhã. Ó repressor de inimigos, se isto é possível para ti, vá para lá sem demora. Amanhã, depois do sol ter surgido, ela escolherá um segundo marido, porque ela não sabe se o heróico Nala vive ou não.’ E endereçado por ela, ó monarca, dessa maneira, Sudeva partiu. E ele disse para Rituparna tudo o que ele tinha sido instruído a dizer.'"

71

"Vrihadaswa continuou, 'Tendo ouvido as palavras de Sudeva, o rei Rituparna, acalmando Vahuka com palavras amáveis, disse, 'Ó Vahuka, tu és bem hábil em treinar e guiar cavalos. Se te agradar, eu pretendo ir para o Swayamvara de Damayanti no decurso de um único dia.' Assim endereçado, ó filho de Kunti, por aquele rei, Nala sentiu seu coração se partindo de dor. E o rei de grande alma parecia queimar em tristeza. E ele pensou consigo mesmo, 'Talvez Damayanti ao fazer isto esteja cegada pela tristeza. Ou, talvez, ela tenha concebido este

esquema magnífico por minha causa. Ai, cruel é o ato que a princesa inocente de Vidarbha pretende fazer, tendo sido enganada pela minha pessoa pecaminosa e desprezível de pouca inteligência. É visto no mundo que a natureza da mulher é inconstante. Minha ofensa também foi grande; talvez ela esteja agindo assim, porque ela não tem mais qualquer amor por mim devido à minha separação dela. De fato, aquela moça de cintura fina, afligida pela dor por minha causa e com desespero, certamente não fará qualquer coisa do tipo, especialmente quando, ela é a mãe de filhos (comigo). No entanto se isto é verdadeiro ou falso, eu averiguarei com certeza ao ir para lá. Eu, portanto, realizarei o propósito de Rituparna e o meu também.' Tendo decidido assim em sua mente, Vahuka, com seu coração em tristeza falou para o rei Rituparna, com as mãos unidas, dizendo, 'Ó monarca, eu me submeto à tua ordem, e, ó tigre entre homens, eu irei para a cidade dos Vidarbhas em um único dia, ó rei!' Então, ó monarca, por ordem do nobre filho de Bhangasura, Vahuka foi para os estábulos e começou a examinar os cavalos. E repetidamente incitado por Rituparna a se apressar, Vahuka depois de muito escrutínio e deliberação cuidadosa escolheu alguns corcéis que eram magros, mas ainda assim fortes e capazes de uma longa jornada e dotados de energia e força de raça superior e docilidade, livres de marcas inauspiciosas, com narinas largas e bochechas salientes, livres de defeitos com relação aos dez cachos de pêlos, nascidos no (país de) Sindhu, e velozes como os ventos. E vendo aqueles cavalos, o rei disse com certa raiva, ‘O que é isto que desejas fazer? Tu não deves brincar conosco. Como podem esses meus cavalos, fracos em vigor e fôlego, nos transportar? E como nós seremos capazes de percorrer este longo caminho pela ajuda deles?' Vahuka respondeu, 'Cada um destes cavalos possui um cacho em sua testa, dois em suas têmporas, quatro em seus lados, quatro em seu peito, e um em suas costas. Sem dúvida, estes corcéis serão capazes de ir ao país dos Vidarbhas. Se, ó rei, tu pensas em escolher outros, indique-os e eu os emparelharei para ti.' Rituparna replicou, 'Ó Vahuka, tu és versado no conhecimento de cavalos e és também habilidoso (em guiá-los). Emparelhe rapidamente aqueles que tu achas capazes.' Então o habilidoso Nala uniu ao carro quatro corcéis excelentes de boa raça que eram, além disso, dóceis e velozes. E depois que os corcéis estavam unidos, o rei sem perda de tempo subiu no carro, quando aqueles melhores dos cavalos caíram ao solo sobre seus joelhos. Então, ó rei, aquele principal dos homens, o abençoado rei Nala, começou a acalmar os cavalos dotados de energia e força. E erguendo-os com as rédeas e fazendo o cocheiro Varshneya sentar no carro, ele se preparou para partir com grande velocidade. E aqueles melhores dos corcéis, devidamente incitados por Vahuka, se ergueram ao céu, confundindo o ocupante do veículo. E vendo aqueles corcéis dotados da velocidade do vento puxando o carro daquela maneira, o rei abençoado de Ayodhaya estava muito surpreso. E percebendo o estrépito do carro e também o manejo dos corcéis, Varshneya refletiu sobre a habilidade de Vahuka em guiar cavalos. E ele pensou, 'Ele é Matali, o cocheiro do rei dos celestiais? Eu encontro as mesmas indicações magníficas no heróico Vahuka. Ou, Salihotra versado na ciência de cavalos tomou esta forma humana tão bela? Ou, é o rei Nala o subjugador de cidades hostis que veio para cá? Ou, pode ser que este Vahuka conheça a ciência que Nala conhece, pois eu percebo que o conhecimento de Vahuka é igual àquele de Nala. Além disso, Vahuka e

Nala são da mesma idade. Este, porém, não pode ser Nala de grande destreza, somente alguém de conhecimento igual. Pessoas ilustres, no entanto, andam nesta terra disfarçados por causa do infortúnio, ou de acordo com as ordenanças das escrituras. O fato dele ter aparência feia não precisa mudar minha opinião; pois Nala, eu penso, pode ser até despojado de seus traços pessoais. Em relação à idade ele é igual a Nala. Há diferença, no entanto, na aparência pessoal. Vahuka, além disso, é dotado de todas as habilidades. Eu acho, portanto, que ele é Nala.' Tendo assim raciocinado por muito tempo, ó monarca poderoso, Varshneya, o cocheiro (antigo) do justo Nala, ficou absorto em pensamento. E aquele principal dos reis, Rituparna, vendo também a habilidade de Vahuka na ciência equestre sentiu grande deleite, junto com seu cocheiro Varshneya. E pensando na aplicação e ardor de Vahuka e na maneira dele segurar as rédeas, o rei sentiu-se muito contente.'"

72

"Vrihadaswa disse, 'Como uma ave percorrendo o céu, Nala logo cruzou rios e montanhas, e florestas e lagos. E enquanto o carro estava rumando dessa maneira, aquele conquistador de cidades hostis, o filho nobre de Bhangasura, viu sua peça de roupa superior cair no chão. E logo que seu traje tinha caído o monarca de grande mente, sem perda de tempo, disse a Nala, 'Eu pretendo recuperá-lo. Ó tu de inteligência profunda, detenha estes corcéis dotados de rapidez excelente até Varshneya trazer de volta minha peça de roupa.' Imediatamente Nala respondeu para ele, 'O lençol está caído muito longe. Nós viajamos um yojana desde lá. Portanto, ele não pode de ser recuperado.' Depois que Nala tinha se dirigido a ele dessa maneira, ó rei, o filho real de Bhangasura aproximou-se de uma árvore Vibhitaka com frutas em uma floresta. E vendo aquela árvore, o rei disse depressa para Vahuka, 'Ó cocheiro, veja também minha grande competência em cálculo. Todos os homens não sabem tudo. Não há alguém que seja versado em toda ciência de habilidade. O conhecimento em sua totalidade não é encontrado em uma única pessoa. Ó Vahuka, as folhas e frutas desta árvore que estão jazendo no chão respectivamente excedem aquelas que estão sobre ela por cento e um. Os dois ramos da árvore têm cinquenta milhões de folhas, e dois mil e noventa cinco frutas. Examine estes dois ramos e todos os seus galhos.' Então permanecendo no carro Vahuka dirigiu-se ao rei, dizendo, 'Ó opressor de inimigos, tu tomas crédito para ti mesmo em um assunto que está além da minha percepção. Mas, ó monarca, eu averiguarei isto pela evidência direta dos meus sentidos, por cortar o Vibhitaka. Ó rei, quando eu realmente contar, isto não será mais assunto de especulação. Portanto, na tua presença, ó monarca, eu derrubarei este Vibhitaka. Eu não sei se será ou não (como tu disseste). Na tua presença, ó soberano de homens, eu contarei as frutas e folhas. Que Varshneya segure as rédeas dos cavalos por um tempo.' Para o cocheiro o rei respondeu, 'Não há tempo a perder.' Mas Vahuka respondeu com humildade, 'Fique por um espaço de tempo curto, ou, se tu estás com pressa, vá então, fazendo Varshneya teu cocheiro. A estrada se encontra reta e nivelada.' E nisto, ó

filho da raça Kuru, acalmando Vahuka, Rituparna disse, 'Ó Vahuka, tu és o único cocheiro, não há nenhum outro neste mundo. E, ó tu versado no conhecimento de cavalos, é através da tua ajuda que eu espero ir aos Vidarbhas. Eu me coloco em tuas mãos. Não cabe a ti causar algum obstáculo. E, ó Vahuka, o que quer que tu desejes eu concederei se me levando ao país dos Vidarbhas hoje, tu me fizeres ver o nascer do sol.' Nisto, Vahuka lhe respondeu, dizendo, 'Depois de ter contado (as folhas e frutas do) Vibhitaka, eu procederei para Vidarbha, concorde com minhas palavras.' Então o rei relutantemente lhe disse, 'Conte. E ao contar as folhas e frutas de uma parte deste ramo, tu serás satisfeito da verdade da minha afirmação.' E imediatamente Vahuka desceu depressa do carro, e derrubou aquela árvore. E tomado pelo espanto ao descobrir que as frutas, depois de cálculo, eram o que o rei tinha dito, ele dirigiu-se ao rei, dizendo, 'Ó monarca, este teu poder é extraordinário. Eu desejo, ó príncipe, conhecer a arte pela qual tu averiguaste tudo isto.' E nisto o rei, pretendendo proceder rapidamente, disse para Vahuka. 'Saiba que eu sou competente no jogo de dados além de ser versado em números.' E Vahuka disse para ele, 'Comunique-me este conhecimento, ó touro entre homens, e receba de mim meu conhecimento de cavalos.' E o rei Rituparna, tendo considerado a importância da ação que dependia da boa vontade de Vahuka, e tentado também pelo conhecimento de cavalos (que seu cocheiro possuía), disse, 'Assim seja. Como solicitado por ti, receba esta ciência dos dados de mim, e, ó Vahuka, que meu conhecimento equino permaneça contigo em confiança.' E dizendo isto Rituparna comunicou para Nala a ciência (que ele desejava). E após Nala se tornar conhecedor da ciência dos dados, Kali saiu de seu corpo, vomitando incessantemente de sua boca o veneno virulento de Karkotaka.

E quando Kali, afligido (pela maldição de Damayanti) saiu (do corpo de Nala), o fogo daquela maldição também deixou Kali. De fato, tinha sido longo o tempo pelo qual o rei foi afligido por Kali, como se ele fosse de alma não regenerada. E Nala o soberano dos Nishadhas, em cólera, estava inclinado a amaldiçoar Kali, quando o último, assustado, e tremendo, disse com as mãos unidas, 'Controle tua cólera, ó rei! Eu te tornarei ilustre. A mãe de Indrasena antigamente me amaldiçoou com raiva quando ela foi abandonada por ti. Desde aquele tempo passando por aflição dolorosa eu residi em ti, ó monarca poderoso, ó inconquistado, miseravelmente e queimando noite e dia com o veneno do príncipe das cobras. Eu procuro a tua proteção. Se tu não amaldiçoares a mim que estou assustado e procuro a tua proteção, então aqueles homens que narrarem atentamente a tua história serão livres do medo por minha causa.' E assim endereçado por Kali, o rei Nala controlou sua cólera. E imediatamente o assustado Kali entrou rapidamente na árvore Vibhitaka. E enquanto Kali estava conversando com Naishadha, ele era invisível para outros. E livre de suas aflições, e tendo contado as frutas daquela árvore, o rei, cheio de grande alegria e de energia superior, subiu no carro e prosseguiu com energia, instigando aqueles cavalos velozes. E por causa do toque de Kali a árvore Vibhitaka desde aquele tempo caiu em infâmia. E Nala, com o coração contente, começou a instigar aqueles principais dos corcéis os quais saltavam no ar repetidamente como criaturas dotadas de asas. E o monarca ilustre dirigiu (o carro) na direção dos Vidarbhas. E depois que Nala tinha ido muito

longe, Kali também voltou para sua residência. E abandonado por Kali, ó rei, aquele senhor da terra, o nobre Nala, ficou livre do infortúnio embora ele não assumisse sua forma natural.'"

73

"Vrihadaswa disse, 'Depois que Rituparna de bravura incapaz de ser frustrada, à noite, chegou na cidade dos Vidarbhas, as pessoas levaram ao rei Bhima as notícias (da chegada dele). E ao convite de Bhima, o rei (de Ayodhya) entrou na cidade de Kundina, enchendo com o estrépito de seu carro todos os dez pontos, diretos e transversais, do horizonte. E os corcéis de Nala que estavam naquela cidade ouviram aquele som, e ouvindo-o eles ficaram alegres como eles costumavam ficar na presença do próprio Nala. E Damayanti também ouviu o som daquele carro dirigido por Nala, como o ribombar profundo das nuvens na estação chuvosa. E Bhima e os corcéis (de Nala) consideraram o ruído daquele carro como semelhante àquele que eles costumavam ouvir no passado quando o próprio rei Nala instigava seus próprios corcéis. E os pavões nos terraços, e os elefantes nos estábulos, e os cavalos também, todos ouviram o estrépito do carro de Rituparna. E ouvindo o som, assim como o ribombar das nuvens, os elefantes e os pavões, ó rei, começaram a proferir seus gritos, de frente para aquela direção, e cheios de tal prazer como eles sentiam quando eles ouviam o ribombar real das nuvens. E Damayanti disse, 'Porque o estrépito de seu carro enchendo toda a terra alegra meu coração, deve ser o rei Nala (que chegou). Se eu não vir Nala, de rosto brilhante como a lua, aquele herói com virtudes inumeráveis, eu sem dúvida morrerei. Se eu não for envolvida hoje no abraço vibrante daquele herói, eu certamente cessarei de existir. Se Naishadha com voz profunda como aquela das nuvens não vier a mim hoje, eu entrarei em uma pira de brilho dourado. Se aquele principal dos reis, poderoso como um leão e dotado da força de um elefante enfurecido, não se apresentar perante mim, eu certamente cessarei de viver. Eu não me lembro de uma única inverdade nele, ou de um único mal feito por ele a outros. Ele nunca falou uma mentira nem de brincadeira. Oh, meu Nala é nobre e perdoador e heróico e magnífico e superior a todos os outros reis, e fiel ao seu voto de casamento e como um eunuco em relação a outras mulheres. Noite e dia residindo sobre suas percepções, meu coração, na ausência daquele querido, está prestes a rebentar de aflição.'

Assim lamentando como alguém desprovido de juízo, Damayanti, ó Bharata, subiu no terraço (de sua mansão) com o desejo de ver o virtuoso Nala. E no pátio da mansão central ela viu o rei Rituparna no carro com Varshneya e Vahuka. E Varshneya e Vahuka, descendo daquele veículo excelente, desatrelaram os corcéis, e colocaram o próprio veículo em um lugar adequado. E o rei Rituparna também, descendo do carro, apresentou-se perante o rei Bhima possuidor de bravura terrível. E Bhima recebeu-o com grande respeito, pois na ausência de uma ocasião apropriada, uma grande pessoa não pode ser tida (como um convidado). E honrado por Bhima, o rei Rituparna olhou à sua volta repetidas

vezes, mas não viu traços do Swayamvara. E o soberano dos Vidarbhas, ó Bharata, aproximando-se de Rituparna, disse, 'Bem vindo! Qual é a ocasião desta tua visita?' E o rei Bhima perguntou isso sem saber que Rituparna tinha vindo para obter a mão de sua filha. E o rei Rituparna, de destreza imbatível e dotado de inteligência viu que não havia outros reis ou príncipes. Nem ele ouviu alguma conversa relativa ao Swayamvara, nem viu qualquer multidão de Brahmanas. E nisto, o rei de Kosala refletiu um momento e finalmente disse, 'Eu vim aqui prestar meus respeitos a ti.' E o rei Bhima foi tomado por grande surpresa, e refletiu sobre a (provável) causa da vinda de Rituparna, tendo atravessado cem yojanas. E ele refletiu, 'Que passando por outros soberanos, e deixando para trás países inumeráveis, ele tenha vindo simplesmente para prestar seu respeito a mim dificilmente é a razão da sua chegada. O que ele aponta como sendo a causa da sua vinda parece ser uma insignificância. No entanto, eu saberei a verdadeira razão no futuro.' E embora o rei Bhima pensasse assim, ele não despediu Rituparna sumariamente, mas disse a ele repetidas vezes, 'Descanse, tu estás cansado.' E honrado assim pelo satisfeito Bhima, o rei Rituparna estava contente, e com o coração encantado, ele foi para seus alojamentos designados seguido pelos empregados da família real."

"Vrihadaswa continuou, 'E, ó rei, depois que Rituparna tinha partido com Varshneya, Vahuka levou o carro aos estábulos. E lá libertando os corcéis, e cuidando deles de acordo com o método, e acalmando-os, ele sentou-se em um lado do carro. Enquanto isso, a princesa de Vidharva, Damayanti, afligida pela dor, tendo visto o filho nobre de Bhangasura, e Varshneya da linhagem Suta, e também Vahuka naquele disfarce, se perguntou, 'De quem é este estrépito de carro? Ele era alto como o de Nala, mas eu não vejo o soberano dos Nishadhas. Certamente, Varshneya aprendeu a arte de Nala, e é por isto que o estrépito do carro dirigido por ele é mesmo semelhante àquele de Nala. Ou, Rituparna tem a mesma habilidade que Nala para que o som de seu carro pareça ser como o de Nala?' E refletindo dessa maneira, ó monarca, a moça bela e abençoada mandou uma mensageira à procura de Nishada."

74

"Damayanti disse, 'Ó Kesini, vá e descubra quem é aquele cocheiro que senta perto do carro, de má aparência e possuidor de braços curtos. Ó abençoada, ó impecável, aproximando-te dele cautelosamente e com palavras adequadas, faça as perguntas costumeiras de cortesia e saiba todos os detalhes realmente. Considerando o sentimento de satisfação que minha mente experimenta, e o deleite que meu coração sente, eu temo que ele seja o próprio rei Nala. E, ó impecável, tendo perguntado por seu bem-estar, tu falarás para ele as palavras de Parnada. E, ó bela, ouça a resposta que ele possa dar para isso.' Assim instruída, aquela mensageira, indo com cautela, enquanto a abençoada Damayanti observava do terraço, dirigiu-se a Vahuka nestas palavras, 'Ó principal dos homens, tu és bem vindo. Eu te desejo felicidade. Ó touro entre homens, ouça

agora as palavras de Damayanti. Quando vocês todos partiram, e com que objetivo vocês vieram para cá? Diga-nos realmente, pois a princesa de Vidarbha deseja saber isto.' Assim endereçado, Vahuka respondeu, ‘O rei ilustre de Kosala ouviu de um Brahmana que um segundo Swayamvara de Damayanti se realizaria. E sabendo disto, ele veio para cá, pela ajuda de corcéis excelentes velozes como o vento e capazes de percorrer cem yojanas. Eu sou seu cocheiro.’ Kesini então perguntou, 'De onde vem o terceiro entre vocês, e ele é (filho) de quem? E tu és filho de quem, e como tu vieste a fazer este trabalho?' Assim questionado, Vahuka respondeu, 'Aquele (de quem tu perguntaste) era o cocheiro do virtuoso Nala, e conhecido por todos pelo nome de Varshneya. Depois que Nala, ó bela, deixou seu reino, ele foi até o filho de Bhangasura. Eu sou hábil no conhecimento de cavalos, e, portanto, fui designado como cocheiro. De fato, o próprio rei Rituparna me escolheu como seu cocheiro e cozinheiro.' Nisto Kesini replicou, 'Talvez Varshneya saiba onde o rei Nala foi, e, ó Vahuka, ele pode também ter falado para ti (sobre seu patrão).' Vahuka então disse, 'Tendo trazido para cá os filhos de Nala de atos excelentes, Varshneya partiu para onde ele desejava. Ele não sabe onde Naishadha está. Nem, ó ilustre, alguém mais sabe do paradeiro de Nala; pois o rei (em desgraça) vaga pelo mundo disfarçado e despojado de sua beleza (natural). Somente o próprio Nala conhece Nala. Nala nunca revela suas marcas de identidade em qualquer lugar.' Assim endereçada, Kesini respondeu, 'O Brahmana que antes disso foi para Ayodhya disse repetidamente estas palavras apropriadas para lábios femininos, 'Ó querido jogador, onde tu foste cortando metade do meu pedaço de tecido, e abandonando a mim, sua esposa querida e fiel adormecida nas florestas? E ela mesma, como ordenada por ele, espera aguardando-o vestida em metade de uma peça de roupa e queimando dia e noite em aflição. Ó rei, ó herói, tenha compaixão por ela que chora sem parar por aquela calamidade e dê a ela uma resposta. Ó ilustre, fale palavras agradáveis para ela pois a inocente almeja ouvi-las.’ Ouvindo estas palavras do Brahmana tu antigamente deste uma resposta! A princesa de Vidarbha deseja ouvir outra vez as palavras que tu então disseste.'

Vrihadaswa continuou, 'Ó filho da raça Kuru, ouvindo estas palavras de Kesini, o coração de Nala estava atormentado, e seus olhos encheram-se de lágrimas. E reprimindo sua tristeza, o rei que estava queimando de dor disse novamente estas palavras, em tons sufocados com lágrimas: 'Mulheres castas, embora oprimidas pela miséria, ainda assim protegem a si mesmas e nisso asseguram o céu. Mulheres que são castas, abandonadas por seus maridos, nunca ficam zangadas, mas continuam a viver, envolvidas na armadura da virtude. Abandonada por alguém caído em desgraça, privado de razão, e desprovido de felicidade, não cabe a ela ficar zangada. Uma mulher virtuosa não deve ficar zangada com alguém que foi privado por aves de sua peça de roupa enquanto se esforçava para obter sustento e que está queimando em miséria. Tratada bem ou mal ela nunca deve ficar zangada, vendo seu marido naquela situação difícil, despojado de seu reino e privado de prosperidade, oprimido pela fome e dominado pela adversidade.' E, ó Bharata, enquanto falava dessa maneira, Nala oprimido pela dor não pode reprimir suas lágrimas, mas começou a chorar. E imediatamente

Kesini voltou para Damayanti, e informou-a de tudo acerca daquela conversa assim como daquela explosão de dor.'

75

"Vrihadaswa disse, 'Ouvindo tudo, Damayanti ficou oprimida pela dor, e suspeitando que a pessoa era Nala, disse para Kesini, 'Ó Kesini, vá novamente e examine Vahuka, e ficando em silêncio ao lado dele preste atenção ao seu comportamento. E, ó bela, sempre que acontecer de ele fazer algo habilidoso, observe bem seu procedimento enquanto estiver realizando isto. E, ó Kesini, toda vez que ele pedir água ou fogo, com o propósito de lhe oferecer obstrução, tu não deves ter pressa em dar. E observando tudo acerca do seu comportamento, venha e me diga. E o que quer de humano ou sobre-humano que tu vejas em Vahuka, junto com qualquer coisa mais, deve tudo ser relatado para mim.' E assim endereçada por Damayanti, Kesini partiu, e tendo observado a conduta daquela pessoa versada no conhecimento de cavalos, ela voltou. E ela relatou para Damayanti tudo o que tinha acontecido, de fato, tudo de humano e sobre-humano que ela tinha testemunhado em Vahuka. E Kesini disse, 'Ó Damayanti, um pessoa de tal controle sobre os elementos eu nunca tinha visto antes ou ouvido falar. Quando ele chegava a uma passagem baixa, ele nunca se inclinava, mas vendo ele a própria passagem crescia em altura para que ele pudesse passar facilmente através dela. E à sua aproximação buracos estreitos intransponíveis abriam-se totalmente. O rei Bhima enviou várias espécies de carne, de diversos animais, para a alimentação de Rituparna. E muitos recipientes foram colocados lá para lavar a carne. E quando ele olhou para eles, aqueles recipientes ficaram cheios (de água). E tendo lavado a carne, quando ele se pôs a cozinhar, ele pegou um punhado de grama e segurou-o ao sol, quando fogo resplandeceu de repente. Vendo esta maravilha, eu vim para cá pasma. Em seguida, eu testemunhei nele outro grande prodígio. Ó bela, ele tocou o fogo e não foi queimado. E à sua vontade, água caindo fluía em uma corrente. E, eu ainda testemunhei outro grande portento. Ele pegou algumas flores, e começou a pressioná-las lentamente com suas mãos. E apertadas por suas mãos as flores não perderam suas formas originais, mas, muito pelo contrário, tornaram-se mais vistosas e mais cheirosas do que antes. Tendo visto estas coisas maravilhosas eu vim para cá rapidamente.'

Vrihadaswa continuou, Sabendo dessas ações do virtuoso Nala, e descobrindo-o por seu comportamento, Damayanti considerou-o como já recuperado. E destas indicações suspeitando que Vahuka era seu marido, Damayanti mais uma vez se dirigiu lacrimosamente a Kesini em palavras gentis, dizendo, 'Ó bela, vá novamente e traga da cozinha sem o conhecimento de Vahuka alguma carne que tenha sido fervida e temperada (por ele).' Assim mandada, Kesini, sempre empenhada em fazer o que era agradável para Damayanti, foi até Vahuka, e pegando alguma carne quente voltou sem perda de tempo. E Kesini deu aquela carne, ó filho da raça Kuru, para Damayanti. E Damayanti, que tinha antigamente partilhado muitas vezes da carne temperada por Nala, experimentou a carne que

foi trazida por sua criada. E ela imediatamente decidiu que Vahuka era Nala e chorou alto em aflição de coração. E, ó Bharata, dominada pela dor, e lavando seu rosto, ela enviou seus dois filhos com Kesini. E Vahuka, que era o rei disfarçado, reconhecendo Indrasena com seu irmão, avançou depressa, e abraçando-os, pegou-os em seu colo. E pegando no colo seus filhos semelhantes aos filhos dos celestiais, ele começou a chorar alto em voz sonora, seu coração oprimido por grande tristeza. E depois de ter repetidamente traído sua agitação, Naishadha de repente deixou as crianças, e dirigiu-se a Kesini, dizendo, 'Ó donzela formosa, estes gêmeos são muito parecidos com meus próprios filhos. Vendo-os inesperadamente, eu derramei lágrimas. Se tu vieres a mim frequentemente as pessoas podem pensar mal, pois nós somos convidados de outra terra. Portanto, ó abençoada, vá em paz.'

76

Vrihadaswa disse, 'Vendo a agitação do virtuoso e sábio Nala, Kesini voltou à Damayanti e relatou tudo para ela. E imediatamente Damayanti com o coração triste e ávido para contemplar Nala mandou Kesini novamente até sua mãe, pedindo a ela para dizer em seu em nome: ‘Suspeitando que Vahuka é Nala, eu o tenho testado de várias maneiras. Minha dúvida agora somente se relaciona à aparência dele. Eu pretendo examiná-lo eu mesma. Ó mãe, ou deixe-o entrar no palácio, ou dê-me permissão para ir até ele. E providencie isto com o conhecimento do meu pai ou sem ele.’ E assim endereçada por Damayanti, aquela senhora comunicou para Bhima a intenção de sua filha, e ao ser informado disto o rei deu seu consentimento. E, ó touro da raça Bharata, tendo obtido o consentimento de seus pais, Damayanti fez Nala ser levado para seus aposentos. E logo que ele viu Damayanti inesperadamente, o rei Nala foi dominado pela dor e tristeza, e ficou banhado em lágrimas. E aquela melhor das mulheres, Damayanti, também, ao ver o rei Nala naquela condição, ficou muito atormentada pela dor. E, ó monarca, ela mesma vestida em um pedaço de tecido vermelho, e usando madeixas emaranhadas, e coberta com sujeira e pó, Damayanti então dirigiu-se a Vahuka, dizendo, 'Ó Vahuka, alguma vez tu viste alguma pessoa conhecedora do dever que foi embora, abandonando sua esposa adormecida na floresta? Quem, exceto o virtuoso Nala, poderia ir embora, abandonando nas florestas sua esposa querida e inofensiva dominada pela fadiga? De que crime eu era culpada aos olhos daquele monarca desde minha mocidade para que ele fosse embora me abandonando nas floretas enquanto dormia dominada pela fadiga? Por que deveria ele a quem eu antigamente escolhi em preferência aos próprios deuses abandonar sua esposa sempre devotada e carinhosa que também se tornou a mãe de seus filhos? Perante o fogo, e na presença também dos celestiais, ele pegou minha mão jurando: 'Verdadeiramente eu serei teu.' Oh, onde estava aquele voto quando ele me abandonou, ó repressor de inimigos?' Enquanto Damayanti estava dizendo tudo isto, lágrimas de tristeza começaram a fluir abundantemente de seus olhos negros (como) aqueles da gazela com extremidades de cor avermelhada. E vendo-a assim afligida pela dor, Nala

também, derramando lágrimas, disse, 'Ó tímida, nem a perda do meu reino nem meu abandono de ti foram ação minha. Ambos foram devido a Kali. E, ó principal das mulheres virtuosas, lamentando por mim dia e noite, e dominada pela tristeza, tu nas florestas amaldiçoaste Kali, e assim ele começou a morar no meu corpo, queimando por causa da tua maldição. De fato queimando com tua maldição, ele viveu dentro de mim como fogo dentro de fogo. Ó moça abençoada, estas nossas tristezas podem terminar, eu venci aquele canalha por meio das minhas observâncias e austeridades. O patife pecaminoso já me deixou, e é por isto que eu vim para cá. Minha presença aqui, ó dama formosa, é por tua causa. Eu não tenho outro objetivo. Mas, ó tímida, poderia alguma outra mulher, abandonando seu marido amado e fiel, alguma vez escolher um segundo marido como tu? Por ordem do rei, mensageiros estão percorrendo esta terra inteira, dizendo, ‘A filha de Bhima, por sua própria vontade, escolherá um segundo marido digno dela.’ Imediatamente ao saber disto, o filho de Bhangasura chegou aqui.' Ouvindo estes lamentos de Nala, Damayanti, assustada e tremendo, disse com as mãos unidas, 'Não cabe a ti, ó abençoado, suspeitar de alguma falha em mim. Ó soberano dos Nishadhas, ignorando os próprios celestiais eu te escolhi como meu marido. Foi para te trazer para cá que os Brahmanas partiram em todas as direções, para todos os lados do horizonte, cantando minhas palavras, na forma de baladas. Finalmente, ó rei, um Brahmana erudito chamado Parnada te encontrou em Kosala no palácio de Rituparna. Quando tu deste uma resposta adequada àquelas palavras dele, foi então, ó Naishadha, que eu planejei este esquema para recuperar-te. Exceto a ti, ó senhor da terra, não há ninguém neste mundo, que em um dia passa transpor, ó rei, cem yojanas com cavalos. Ó monarca, tocando teus pés eu posso jurar realmente que eu não cometi qualquer pecado, nem em pensamento. Que o Ar que a tudo testemunha que percorre este mundo tire minha vida, se eu cometi algum pecado. Que o Sol que sempre percorre o céu tire minha vida, se eu cometi algum pecado. Que a Lua, que mora dentro de toda criatura como uma testemunha, tire minha vida se eu cometi algum pecado. Que os três deuses que sustentam os mundos triplos em sua totalidade declarem a verdade, ou que eles me abandonem hoje.' E assim endereçado por ela, o deus do vento disse do céu, 'Ó Nala, eu te digo realmente que ela fez não fez nenhum mal. Ó rei, Damayanti, protegendo bem a honra de tua família, aumentou-a. Disto nós somos testemunhas, porque nós temos sido protetores dela por estes três anos. Foi por tua causa que ela ideou este esquema inigualável, pois, exceto tu, ninguém na terra seria capaz de viajar cem yojanas em um único dia. Ó monarca, tu obtiveste a filha de Bhima, e ela também te obteve. Tu não precisas nutrir qualquer suspeita, apenas una-te com tua consorte.' E depois que o deus do vento tinha dito isso uma chuva floral caiu lá e os timbales celestes começaram a tocar, e brisas auspiciosas começaram a soprar. E vendo aquelas maravilhas, ó Bharata, o rei Nala, o repressor de inimigos, abandonou todas as suas dúvidas em relação a Damayanti. E então aquele senhor da terra, se lembrando do rei das serpentes, vestiu aquela peça de roupa pura e recuperou sua forma natural. E vendo seu marido virtuoso na sua própria forma, a filha de Bhima de membros impecáveis o abraçou, e começou a chorar. E o rei Nala também abraçou a filha de Bhima devotada a ele, como antes, e também seus filhos, e sentiu grande alegria. E afundando seu rosto no peito dele, a bela Damayanti de olhos grandes começou a

suspirar pesadamente, lembrando-se de suas aflições. E dominado pela tristeza, aquele tigre entre homens permaneceu por algum tempo abraçando Damayanti coberta de poeira de sorrisos doces. E, ó rei, a rainha-mãe então, com o coração contente, disse para Bhima tudo o que tinha se passado entre Nala e Damayanti. E o poderoso monarca respondeu, 'Que Nala passe este dia em paz, amanhã eu o verei depois do seu banho e orações, com Damayanti ao seu lado.' E, ó rei, eles passaram aquela noite agradavelmente, contando um ao outro os incidentes passados de sua vida na floresta. E com corações cheios de alegria, a princesa de Vidarbha e Nala começaram a passar seus dias no palácio do rei Bhima, empenhados em fazer um ao outro feliz. E foi no quarto ano (depois da perda do seu reino) que Nala foi reunido com sua esposa, e com todos os seus desejos satisfeitos experimentou novamente a maior felicidade. E Damayanti se regozijou muito ao ter recuperado seu marido assim como campos de plantas delicadas ao receberem uma chuva. E a filha de Bhima, recuperando seu marido dessa maneira, realizou seu desejo, e resplandeceu em beleza, seu cansaço passou, suas ansiedades foram dissipadas e se ela se encheu de alegria, assim como uma noite que é iluminada pelo disco brilhante da lua!"

77

"Vrihadaswa disse, 'Tendo passado aquela noite, o rei Nala enfeitado com ornamentos e com Damayanti ao seu lado apresentou-se no momento devido perante o rei. E Nala saudou seu sogro com humildade adequada e depois dele a formosa Damayanti prestou seus respeitos a seu pai. E o nobre Bhima, com grande alegria, recebeu-o como um filho, e honrando-o devidamente junto com sua mulher leal, confortou-os com palavras apropriadas. E aceitando devidamente a homenagem prestada a ele, o rei Nala ofereceu a seu sogro seus serviços como lhe era adequado. E vendo que Nala tinha chegado, os cidadãos estavam em grande alegria. E surgiu na cidade um grande alvoroço de alegria. E os cidadãos enfeitaram a cidade com bandeiras e estandartes e guirlandas de flores. E as ruas foram regadas e decoradas com coroas florais e outros ornamentos. E em seus portões os cidadãos empilharam flores, e seus templos e santuários estavam todos adornados com flores. E Rituparna soube que Vahuka já tinha sido unido com Damayanti. E o rei estava contente ao saber de tudo isto. E chamando para si o rei Nala, ele pediu seu perdão. E o inteligente também pediu o perdão de Rituparna, explicando diversos motivos. E aquele principal dos oradores versado na verdade, o rei Rituparna, depois de ser assim honrado por Nala, disse, com um semblante expressivo de admiração, estas palavras para o soberano dos Nishadhas, 'Por boa sorte é que recuperando a companhia da tua própria esposa tu obtiveste a felicidade. Ó Naishadha, enquanto residindo disfarçado em minha casa, eu espero que eu não tenha sido injusto contigo de qualquer maneira, ó senhor da terra! Se intencionalmente eu te fiz algum mal, cabe a ti me perdoar.' Ouvindo isto Nala respondeu, 'Tu, ó monarca, nunca me fizeste nem uma pequena injúria. E se tu tivesses, isto não despertaria minha ira, pois sem dúvida tu deves ser perdoado por mim. Tu eras antigamente meu amigo, e, ó soberano

de homens, tu és também meu parente. De agora em diante eu encontrarei maior alegria em ti. Ó rei, com todos os meus desejos satisfeitos, eu vivi felizmente na tua residência, de fato mais feliz lá do que na minha própria casa. Este é o conhecimento de cavalos que está ao meu cuidado. Se tu desejares, ó rei, eu o transferirei para ti.' Dizendo isto, Naishadha deu para Rituparna aquela ciência e o último aceitou-a com os ritos ordenados. E, ó monarca, o filho nobre de Bhangasura, tendo obtido os mistérios da ciência de cavalos e tendo dado para o soberano dos Naishadhas os mistérios dos dados, partiu para sua própria cidade, empregando outra pessoa como seu cocheiro. E, ó rei, depois que Rituparna tinha partido, o rei Nala não ficou por muito tempo na cidade de Kundina!'

78

"Vrihadaswa disse, 'Ó filho de Kunti, o soberano dos Nishadhas tendo morado lá por um mês partiu daquela cidade com a permissão de Bhima e acompanhado somente por poucos (seguidores) para o país dos Nishadhas. Com um único carro de cor branca, dezesseis elefantes, cinquenta cavalos, e seiscentas infantarias, aquele rei ilustre, fazendo a própria terra tremer, entrou (no país dos Nishadhas) sem perder um momento e cheio de raiva. E o filho poderoso de Virasena, aproximando-se de seu irmão Pushkara disse para ele, 'Nós jogaremos novamente, pois eu ganhei grande riqueza. Que Damayanti e tudo mais que eu tenho seja minha aposta, e que, ó Pushkara, teu reino seja tua aposta. Que o jogo comece novamente. Esta é minha decisão indubitável. Abençoado seja, que nós apostemos tudo o que nós temos junto com nossas vidas. Tendo conquistado e adquirido a riqueza ou reino de outro, é um grande dever, diz a ordenança, apostar isto quando o dono exige. Ou, se tu não gostas de jogar com dados, que o jogo com armas comece. Ó rei, que eu ou tu tenhamos paz por meio de um único combate. Que este reino ancestral deve, sob todas as circunstâncias e por quaisquer meios, ser recuperado, há a autoridade de sábios para apoiar. E, ó Pushkara, escolha uma destas duas coisas, jogar com dados ou curvar o arco em batalha!' Assim endereçado por Nishadha, Pushkara, certo do seu próprio êxito, respondeu rindo para aquele monarca, dizendo, 'Ó Naishadha, é por boa sorte que tu ganhaste riqueza outra vez para apostar. É por boa sorte também que a má sorte de Damayanti finalmente chega ao fim. E, ó rei, é por boa sorte que tu ainda estás vivo com tua esposa, ó tu de braços poderosos! É evidente que Damayanti, adornada com esta tua riqueza que eu ganharei, me servirá como uma Apsara no céu a Indra. Ó Naishadha, eu me lembro diariamente de ti e estava mesmo esperando por ti, já que eu não derivo prazer de jogar com aqueles que não são ligados a mim por sangue. Ganhando hoje a bela Damayanti de feições impecáveis, eu me considerarei afortunado de fato, já que é ela que sempre morou no meu coração.' Ouvindo estas palavras daquele arrogante incoerente, Nala enfurecido desejou cortar sua cabeça com uma cimitarra. Com um sorriso, no entanto, embora seus olhos estivessem vermelhos de raiva, o rei Nala disse, 'Que

nós joguemos. Por que você fala dessa maneira agora? Tendo me derrotado, você pode dizer qualquer coisa que queira.' Então começou o jogo entre Pushkara e Nala. E abençoado foi Nala que em um único lance ganhou sua riqueza e tesouros de volta junto com a vida de seu irmão que também tinha sido apostada. E o rei, tendo ganhado, disse sorridente para Pushkara, 'Este reino inteiro sem uma fonte de aborrecimento é agora meu. E, ó pior dos reis, agora tu não podes nem olhar para a princesa de Vidarbha. Com toda tua família, tu estás agora, ó tolo, reduzido à posição de escravo dela. Mas minha derrota anterior nas tuas mãos não foi devido à alguma ação tua. Tu não sabes, ó tolo, que foi Kali quem fez tudo isso. Eu, portanto, não atribuo a ti as falhas de outros. Viva alegremente como tu escolheres, eu te concedo a tua vida. Eu também te concedo a tua parte (no reino paterno) junto com todos os artigos necessários. E, ó herói, sem dúvida, meu afeto por ti é agora o mesmo de antes. Meu amor fraterno também por ti nunca conhecerá alguma diminuição. Ó Pushkara, tu és meu irmão, viva por cem anos!'

E Nala de destreza imbatível, tendo confortado seu irmão dessa maneira lhe deu permissão para ir para sua própria cidade, tendo-o abraçado repetidamente. E o próprio Pushkara, assim confortado pelo soberano dos Nishadhas saudou aquele rei justo, e dirigiu-se a ele, ó monarca, dizendo estas palavras com as mãos unidas, ‘Que a tua fama seja imortal e que tu vivas felizmente por dez mil anos, tu que me concedeste, ó rei, vida e proteção.’ E entretido pelo rei, Pushkara morou lá por um mês e então foi para sua própria cidade acompanhado por uma grande força militar e muitos empregados obedientes e seus próprios parentes, com seu coração cheio de alegria. E aquele touro entre homens resplandecia todo o tempo em beleza pessoal como um segundo Sol. E o abençoado soberano dos Nishadhas, tendo estabelecido Pushkara e feito-o rico e livre de problemas, entrou em seu palácio suntuosamente decorado. E o soberano dos Nishadhas, tendo entrado em seu palácio, confortou os cidadãos. E todos os cidadãos e os súditos do país se regozijaram em alegria. E o povo encabeçado pelos oficiais de estado disse com as mãos unidas, 'Ó rei, nós estamos realmente contentes hoje por toda a cidade e o país. Nós obtivemos hoje nosso soberano, como os deuses seu chefe de cem sacrifícios!'

79

Vrihadaswa disse, 'Depois que as festas tinham começado na cidade que estava cheia de alegria e sem ansiedade de qualquer tipo, o rei com uma grande força militar trouxe Damayanti (da casa de seu pai). E seu pai, também, aquele matador de heróis hostis, Bhima de bravura terrível e alma incomensurável, enviou sua filha, tendo-a honrado devidamente. E após a chegada da princesa de Vidarbha acompanhada por seu filho e filha, o rei Nala começou a passar seus dias em alegria como o chefe dos celestiais nos jardins de Nandana. E o rei de fama eterna, tendo recuperado seu reino e se tornado ilustre entre os monarcas da ilha de Jamvu, começou novamente a governá-la. E ele realizou devidamente numerosos sacrifícios com presentes abundantes para Brahmanas. Ó grande rei, tu também, com tua família e parentes, logo brilharás em esplendor dessa maneira. Pois, ó principal dos homens, foi assim que aquele subjugador de cidades hostis, o rei Nala, caiu na miséria junto com sua esposa por causa, ó touro da raça Bharata, do jogo de dados. E, ó senhor da terra, Nala sofreu tal aflição terrível completamente sozinho e recuperou sua prosperidade, ao passo que tu, ó filho de Pandu, com coração fixo na virtude, estás passando teu tempo em alegria nesta floresta, acompanhado por teus irmãos e Krishna. Quando tu estás também, ó monarca, unido diariamente com Brahmanas abençoados versados nos Vedas e seus ramos, tu tens pouca causa para tristeza. Esta história, além disso, do Naga Karkotaka, de Damayanti, de Nala e daquele sábio real Rituparna, é destrutiva do mal. E, ó tu de glória imperecível, esta história, destrutiva da influência de Kali, é capaz, ó rei, de confortar pessoas como tu quando elas a ouvem. E refletindo sobre a incerteza do (êxito do) esforço humano, não cabe a ti te alegrar ou sofrer na prosperidade ou adversidade. Tendo escutado a esta história, fique consolado, ó rei, e não ceda à dor. Não cabe a ti, ó grande rei, enlanguescer sob a adversidade. De fato, homens de presença de espírito, refletindo sobre o capricho do destino e a inutilidade do esforço, nunca se permitem ficar deprimidos. Aqueles que repetidamente recitarem esta história nobre de Nala, e que a ouvirem recitada, nunca serão tocados pela adversidade. Aquele que ouve esta história antiga e excelente tem todos os seus propósitos coroados com sucesso e, sem dúvida, obtém renome, além de filhos e netos e animais, uma alta posição entre os homens, e saúde, e alegria. E, ó rei, o medo também que tu nutres, isto é, (alguém hábil no jogo de dados me convocará), eu dissiparei de uma vez. Ó tu de destreza invencível, eu conheço a ciência dos dados em sua totalidade. Eu estou satisfeito contigo; receba este conhecimento, ó filho de Kunti, eu o comunicarei para ti.”

Vaisampayana continuou, “O rei Yudhishthira então, com o coração contente, disse para Vrihadaswa, ‘Ó ilustre, eu desejo aprender a ciência dos dados de ti.’ O Rishi então comunicou seu conhecimento dos dados para o filho de grande alma de Pandu, e tendo-o dado para ele, aquele grande asceta foi para as águas sagradas de Hayasirsha para se banhar.

E depois que Vrihadaswa tinha ido embora, Yudhishthira de votos firmes ouviu de Brahmanas e ascetas que foram a ele de várias direções e de lugares de peregrinação e montanhas e florestas, que Arjuna de grande inteligência e capaz de esticar o arco com sua mão esquerda ainda estava engajado nas mais austeras das penitências ascéticas, vivendo só do ar. E ele soube que Partha de braços poderosos estava dedicado a tal ascetismo feroz que ninguém mais antes dele alguma vez tinha estado engajado em penitências semelhantes. E Dhananjaya, o filho de Pritha, engajado em austeridades ascéticas com votos regulados e mente fixa e cumprindo o voto de perfeito silêncio, era, ele ouviu, como o próprio deus brilhante da justiça em sua forma incorporada. E, ó rei, (Yudhishthira) o filho de Pandu, sabendo que seu querido irmão Jaya, o filho de Kunti, estava dedicado a tal ascetismo na grande floresta, começou a se angustiar por ele. E com o coração queimando de dor, o filho mais velho de Pandu, procurando consolo naquela grande floresta manteve conversas com os Brahmanas possuidores de vários conhecimentos que estavam vivendo com ele lá."

80

(Tirtha yatra Parva)

Janamejaya disse, "Ó santo, depois que meu bisavô Partha tinha partido das florestas de Kamyaka, o que fizeram os filhos de Pandu na ausência daquele herói capaz de esticar o arco com sua mão esquerda? Parece-me que aquele arqueiro poderoso e vencedor de exércitos era sua proteção, como Vishnu dos celestiais. Como meus antepassados heróicos passaram seu tempo na floresta, privados da companhia daquele herói, que parecia com o próprio Indra em destreza e nunca virava suas costas em batalha?"

Vaisampayana disse, "Depois que Arjuna de destreza imbatível tinha partido de Kamyaka, os filhos de Pandu, ó filho, estavam cheios de tristeza e dor. E os Pandavas com corações tristes pareciam muito com pérolas desenfiadas de um cordão, ou aves privadas de suas asas. E sem aquele herói de corcéis brancos aquela floresta parecia com os bosques Chaitraratha quando privados da presença de Kuvera. E, ó Janamejaya, aqueles tigres entre homens, os filhos de Pandu, privados da companhia de Arjuna, continuaram a viver em Kamyaka em total desânimo. E, ó chefe da raça Bharata, aqueles guerreiros poderosos dotados de grande coragem matavam com flechas simples várias espécies de animais sacrificais para os Brahmanas. E aqueles tigres entre homens e repressores de inimigos, matando diariamente aqueles animais selvagens e consagrando-os devidamente, ofereciam-nos para os Brahmanas. E foi assim, ó rei, que aqueles touros entre homens afligidos pela tristeza viveram lá com corações tristes depois da partida de Dhananjaya. A princesa de Panchala em particular, lembrando-se de seu terceiro marido, dirigiu-se ansiosa a Yudhishthira e disse, 'Aquele Arjuna que com duas mãos rivaliza o Arjuna de mil braços (de antigamente), ai, sem aquele principal dos filhos de Pandu, esta floresta não parece em absoluto bela aos meus

olhos. Sem ele, quando eu lanço meus olhares, esta terra parece estar abandonada. Até esta floresta com suas árvores florescentes e tão cheia de maravilhas sem Arjuna não parece tão encantadora como antes. Sem ele que é como uma massa de nuvens azuis (em cor), que tem a bravura de um elefante enfurecido, e cujos olhos são como as folhas do lótus, esta floresta Kamyaka não parece bela para mim. Lembrando-me daquele herói capaz de puxar o arco com sua mão esquerda, e a vibração de cujo arco que soa como o ribombar do trovão, eu não posso sentir alguma felicidade, ó rei!' E, ó monarca, ouvindo seu lamento dessa maneira, aquele matador de heróis hostis, Bhimasena, dirigiu-se a Draupadi nestas palavras, 'Ó dama abençoada de cintura fina, as palavras agradáveis que tu proferiste encantam meu coração como o beber do néctar. Sem ele cujos braços são longos e simétricos, e fortes e semelhantes a um par de maças de ferro e redondos e marcados pelas cicatrizes das cordas do arco e agraciados com o arco e espada e outras armas e envolvido por braceletes dourados e parecidos com um par de cobras de cinco cabeças, sem aquele tigre entre homens o próprio céu parece estar sem o sol. Sem aquele de braços poderosos confiando em quem os Panchalas e os Kauravas não temem as tropas que se esforçam firmemente dos próprios celestiais, sem aquele herói ilustre confiando em cujas armas todos nós consideramos nossos inimigos como já derrotados e a própria terra como já conquistada, sem aquele Phalguna eu não posso obter alguma paz nas florestas de Kamyaka. As diferentes direções também, onde quer que eu lance meus olhos, parecem estar vazias!'

Depois que Bhima tinha terminado de falar, Nakula o filho de Pandu, com voz sufocada pelas lágrimas, disse, 'Sem ele cujas façanhas extraordinárias no campo de batalha constituem a conversa até dos deuses, sem aquele principal dos guerreiros, que prazer nós podemos ter nas florestas? Sem ele que tendo ido em direção ao norte derrotou chefes Gandharvas poderosos às centenas, e que tendo obtido inúmeros cavalos belos das espécies Tittiri e Kalmasha todos dotados da velocidade do vento, ofereceu-os por afeição para seu irmão o rei, na ocasião do grande sacrifício Rajasuya, sem aquele querido e ilustre, sem aquele guerreiro terrível nascido depois de Bhima, sem aquele herói igual a um deus eu não desejo mais viver nas florestas Kamyaka.'

Depois dos lamentos de Nakula, Sahadeva disse, 'Ele que tendo vencido guerreiros poderosos em batalha ganhou riqueza e virgens e as trouxe para o rei na ocasião do grande sacrifício Rajasuya, aquele herói de esplendor incomensurável que tendo derrotado sozinho os Yadavas reunidos em batalha arrebatou Subhadra com o consentimento de Vasudeva, ele, que tendo invadido o domínio do ilustre Drupada deu, ó Bharata, para o preceptor Drona sua taxa de instrução, vendo, ó rei, aquela cama de grama de Jishnu vazia em nosso retiro, meu coração recusa consolo. Uma migração desta floresta é o que, ó repressor de inimigos, eu preferiria, pois sem aquele herói esta floresta não pode ser encantadora.'"

81

Vaisampayana disse, "Ouvindo estas palavras de seus irmãos como também de Krishna, todos os quais estavam ansiosos por causa de Dhananjaya, o rei Yudhishthira o justo ficou triste. E naquele momento ele viu (diante de si) o Rishi celeste Narada brilhando com beleza Brahmi e semelhante a um fogo flamejando por causa da libação sacrifical. E vendo-o chegar, o rei Yudhishthira com seus irmãos se levantou e adorou devidamente a pessoa ilustre. E dotado de energia ardente, o belo chefe da raça Kuru, cercado por seus irmãos, brilhava como o deus de cem sacrifícios cercado pelos celestiais. E Yajnaseni em obediência aos ditames da moralidade ficou junto a seus maridos, os filhos de Pritha, como Savitri aos Vedas ou os raios do Sol ao topo de Meru. E o ilustre Rishi Narada, aceitando aquele culto, consolou o filho de Dharma em palavras apropriadas. E, ó impecável, dirigindo-se ao rei de grande alma Yudhishthira o justo, o Rishi disse, ‘Diga-me, ó principal dos homens virtuosos, o que é que tu procuras e o que eu posso fazer por ti.’ Nisto, o nobre filho de Dharma com seus irmãos, reverenciando Narada, que era o reverenciado dos celestiais, disse-lhe com as mãos unidas, 'Ó tu que és altamente abençoado e adorado por todos os mundos, porque tu estás satisfeito comigo, eu considero todos os meus desejos, por causa da tua graça, como já realizados, ó tu de votos excelentes! Se, ó impecável, eu com meus irmãos merecemos o teu favor, cabe a ti, ó melhor de Munis, dissipar a dúvida que está na minha mente. Cabe a ti dizer-me em detalhes qual é o mérito daquele que percorre o mundo desejoso de contemplar as águas e santuários sagrados que existem nele.'

Narada disse, 'Escute, ó rei, com atenção, ao que o inteligente Bhishma ouviu diante de Pulastya! Uma vez, ó abençoado, aquele principal dos homens virtuosos, Bhishma, enquanto na observância do voto Pitrya, vivia, ó rei, na companhia de Munis em uma região encantadora e sagrada, perto da fonte do Ganga, que é frequentada pelos Rishis celestes e Gandharvas e pelos próprios celestiais. E enquanto vivia lá, o resplandecente gratificava com suas oblações os Pitris, os deuses e os Rishis, segundo os ritos inculcados nas escrituras. E uma vez enquanto o ilustre estava dedicado às suas recitações silenciosas, ele viu Pulastya, aquele melhor dos Rishis, de aparência extraordinária. E vendo aquele asceta austero brilhando com beleza, ele estava cheio de grande deleite e muita admiração. E, ó Bharata, aquele principal dos homens virtuosos, Bhishma, então adorou aquele Rishi abençoado de acordo com os ritos da ordenança. E purificando-se e com atenção absorta, ele se aproximou daquele melhor dos Brahmarshis, com o Arghya sobre sua cabeça. E proferindo seu nome em voz alta, ele disse, 'Ó tu de votos excelentes, abençoado seja, eu sou Bhishma, teu escravo. À tua visão, eu estou livre de todos os meus pecados.' E assim dizendo, aquele principal dos homens virtuosos, Bhishma, reprimindo as palavras permaneceu, ó Yudhishthira, em silêncio e com as mãos unidas. E vendo

Bhishma, aquele principal dos Kurus, reduzido e emaciado pela observância de votos e o estudo dos Vedas, o Muni ficou cheio de alegria.

82

Pulastya disse, ‘Ó tu de votos excelentes, eu estou muito satisfeito com tua humildade, teu autocontrole, e tua veracidade, ó abençoado versado em moralidade! Ó impecável, é por esta tua virtude que tu adquiriste do respeito aos teus antepassados que eu estou satisfeito contigo e que tu, ó filho, obtiveste uma visão da minha pessoa. Ó Bhishma, meus olhos podem penetrar em tudo. Diga-me o que eu posso fazer por ti. Ó impecável, ó tu principal da raça Kuru, eu te concederei o que quer que tu possas me pedir.’

Bhishma disse, 'Ó altamente abençoado, quando tu que és adorado pelos três mundos estás satisfeito comigo e quando eu obtive uma visão da tua pessoa sublime eu me considero como já coroado com êxito. Mas, ó tu principal das pessoas virtuosas, se eu mereço o teu favor eu te contarei minhas dúvidas e cabe a ti dissipá-las. Ó santo, eu tenho algumas dúvidas religiosas a respeito de tirthas. Fale deles para mim em detalhes, eu desejo te ouvir. Ó tu que pareces um celestial, qual mérito é daquele, ó Rishi regenerado, que percorre a terra inteira (visitando santuários)? Diga-me isto com certeza.’

Pulastya disse, 'Ó filho, escute com atenção. Eu te falarei sobre o mérito o qual se vincula aos tirthas e que constitui a proteção dos Rishis. Aquele cujas mãos e pés e mente e conhecimento e ascetismo e ações estão sob controle salutar desfruta dos frutos dos tirthas. Aquele que parou de aceitar donativos, aquele que está satisfeito, aquele que está livre do orgulho, desfruta dos frutos dos tirthas. Aquele que está sem pecado, aquele que age sem propósito, aquele que come luz (conhecimento), aquele que tem seus sentidos sob controle, aquele que está livre de todo pecado, desfruta dos frutos dos tirthas. Ó rei, aquele que está livre da raiva, aquele que adere à verdade, que é firme em votos, aquele que considera todas as criaturas como sua própria pessoa, desfruta dos frutos dos tirthas. Nos Vedas os Rishis declaram na devida ordem os sacrifícios e também seus frutos neste mundo e no outro verdadeiramente. Ó senhor da terra, aqueles sacrifícios não podem ser realizados por aquele que é pobre, pois aqueles sacrifícios requerem vários materiais e diversas coisas em grande quantidade. Estes, portanto, podem ser realizados por reis ou às vezes por outros homens de prosperidade e riqueza. Ó senhor de homens, aquele rito, no entanto, o qual homens sem riqueza, sem aliados, sozinhos, sem esposa e filhos, e desprovidos de recursos são capazes de realizar e o mérito do qual é igual aos frutos sagrados dos sacrifícios, eu agora declararei para ti, melhor dos guerreiros! Ó tu melhor da raça Bharata, estadas em tirthas as quais são meritórias e que constituem um dos maiores mistérios dos Rishis, são mesmo superiores a sacrifícios. É um homem pobre aquele que tendo ido para um tirtha não jejuou por três noites, que não doou ouro, e que não distribuiu vacas. De fato, uma pessoa não adquire, pelo

desempenho do Agnishtoma e outros sacrifícios eminentes por grandes doações, aquele mérito que alguém adquire por uma estada em um tirtha. No mundo dos homens há aquele tirtha do Deus dos deuses, famoso pelos três mundos pelo nome de Pushkara. Alguém que viaja até lá se torna igual àquela divindade. Ó filho de grande alma da raça Kuru, durante os dois crepúsculos e no meio dia há a presença de cem mil milhões de tirthas em Pushkara. Os Adityas, os Vasus, os Rudras, os Sadhyas, os Maruts, os Gandharvas, e as Apsaras estão sempre presentes, ó exaltado, em Pushkara. Foi lá, ó rei, que os deuses, os Daityas e Brahmarshis, tendo realizado devoções ascéticas, obtiveram grande mérito e finalmente alcançaram natureza divina.

Homens de autocontrole, até por pensar mentalmente em Pushkara são purificados de seus pecados, e considerados no céu. Ó rei, o Avô ilustre que tem o lótus como seu assento morou com grande prazer neste tirtha. Ó abençoado, foi em Pushkara que os deuses com os Rishis tendo adquirido grande mérito antigamente finalmente alcançaram o maior êxito. A pessoa que, dedicada ao culto dos deuses e dos Pitris, se banha neste tirtha, obtém, isto é dito pelos sábios, mérito que é igual a dez vezes aquele do Sacrifício de Cavalo. Tendo ido às florestas Pushkara, aquele que alimenta mesmo um Brahmana se torna feliz aqui e após a morte, ó Bhishma, por causa daquela ação. Aquele que se sustenta de vegetais e raízes e frutas, pode com consideração piedosa e sem desrespeito, dar até tal alimento para um Brahmana. E, ó melhor dos reis, o homem de sabedoria, por tal doação, obterá o mérito de um Sacrifício de Cavalo. Aquelas pessoas ilustres entre Brahmanas ou Kshatriyas ou Vaisyas ou Sudras que se banham em Pushkara são libertas da obrigação do renascimento. Aquele homem em especial que visita Pushkara na lua cheia do mês de Karttika alcança regiões eternas na residência de Brahma. Aquele que pensa com as mãos unidas de manhã e à noite em Pushkara, praticamente se banha, ó Bharata, em todos os tirthas. Seja homem ou mulher, quaisquer pecados que uma pessoa possa ter cometido desde o nascimento são todos destruídos logo que ela se banha em Pushkara. Como o matador de Madhu é o principal de todos os celestiais, assim Pushkara, ó rei, é o principal de todos os tirthas. Um homem por residir com pureza e votos regulados por doze anos em Pushkara adquire o mérito de todos os sacrifícios, e vai para a residência de Brahma. O mérito de alguém que realiza o Agnihotra por cem anos completos é igual ao daquele que reside somente pelo mês de Karttika em Pushkara. Há três morros pequenos brancos e três fontes conhecidas desde os tempos mais remotos, nós não sabemos por que, pelo nome de Pushkara. É difícil ir para Pushkara; é difícil praticar austeridades ascéticas em Pushkara; é difícil fazer doações em Pushkara; e é difícil viver em Pushkara.

Tendo morado por doze noites em Pushkara com dieta e votos regulados, e tendo andado ao redor (do local), uma pessoa deve ir para Jamvu-marga. Alguém que vai para Jamvu marga que é frequentado pelos celestiais, os Rishis, e os Pitris, adquire o mérito do Sacrifício de Cavalo e a realização de todos os seus desejos. O homem que reside lá por cinco noites tem sua alma purificada de todos os pecados. Ele nunca vai para o inferno, mas alcança êxito sublime. Deixando Jamvu marga ele deve ir para Tandulikasrama. Aquele que vai lá nunca vai para o

inferno mas ascende para a residência de Brahma. Aquele que vai ao lago de Agastya e se ocupa com o culto dos Pitris e celestiais, jejuando por três noites, adquire, ó rei, o fruto do Agnishtoma. Indo para lá, aquele que vive de vegetais ou frutas alcança a posição chamada Kaumara. Deve-se em seguida proceder ao belo retiro de Kanwa, o qual é cultuado pelo mundo inteiro. Aquela floresta sagrada caracterizada por santidade, existe, ó touro da raça Bharata, desde tempos muito remotos. Logo que alguém entra nela ele é libertado de todos os seus pecados. Aquele que com dieta e votos regulados cultua os Pitris e os deuses lá, obtém o fruto de um sacrifício que é capaz de conceder a realização de todos os seus desejos. Tendo andado ao redor daquele retiro deve-se então ir ao local onde Yayati caiu (do céu). Aquele que vai para lá adquire o mérito de um Sacrifício de Cavalo. Deve-se então ir para Mahakala com dieta regulada e sentidos subjugados. E tendo se banhado no tirtha chamado Koti, uma pessoa obtém o mérito de um Sacrifício de Cavalo. Um homem virtuoso deve em seguida proceder ao tirtha de Sthanu, o marido de Uma, conhecido pelos três mundos pelo nome de Bhadravata. Aquele melhor dos homens que vai para Bhadravata contempla Isana e obtém o fruto de uma doação de mil vacas. E pela graça de Mahadeva ele alcança a posição de Ganapatya abençoada com prosperidade e paz e alta honra. Tendo chegado então no Narmada, aquele rio famoso pelos três mundos, e dado oblações de água aos Pitris e aos deuses, uma pessoa obtém o fruto de um Sacrifício de Cavalo. Aquele que vai ao oceano Sul, praticando o modo de vida Brahmacharya, e com sentidos subjugados, obtém o fruto do sacrifício Agnishtoma e ascende para o céu. Tendo chegado a Charmanwati, com dieta regulada e sentidos subjugados, uma pessoa adquire, por ordem de Rantideva, o mérito do sacrifício Agnishtoma. Deve-se ir então, ó chefe virtuoso de guerreiros, para Arvuda, o filho de Himavat, onde havia um buraco através da terra nos tempos passados. Lá está o retiro de Vasistha, célebre pelos três mundos. Tendo residido por uma noite obtém-se o mérito da doação de mil vacas. Aquele que, levando o modo de vida Brahmacharya se banha no tirtha chamado Pinga, obtém, ó tigre entre reis, o mérito da doação de cem vacas Kapila. Deve-se ir em seguida, ó rei, àquele tirtha excelente chamado Prabhasa. Lá Hutasana está sempre presente em pessoa. Ele, o amigo de Pavana, ó herói, é a boca de todos os deuses. O homem que com alma subjugada e santificada se banha naquele tirtha obtém mérito maior do que aquele dos sacrifícios Agnishtoma ou Atiratra. Procedendo em seguida ao local onde o Saraswati se mistura com o mar, uma pessoa alcança o resultado da doação de mil vacas e o céu também além disso, ó touro da raça Bharata, resplandecendo por todo o tempo como o próprio Agni. Aquele que com alma subjugada se banha no tirtha do rei das águas, e dá oblações de água para os Pitris e os deuses, vivendo lá por três noites, brilha como a Lua, e obtém também o fruto do Sacrifício de Cavalo. Deve-se proceder em seguida, ó melhor dos Bharatas, para o tirtha conhecido nome de Varadana, onde (o Rishi) Durvasa deu uma bênção para Vishnu. Um homem por se banhar em Varadana obtém o fruto da doação de mil vacas. Deve-se em seguida proceder com sentidos subjugados e dieta regulada para Dwaravati, onde por se banhar em Pindaraka obtém-se o fruto da doação de ouro em abundância. Ó abençoado, é maravilhoso relatar que naquele tirtha, até hoje, moedas com a marca do lótus e lotos também com a marca do tridente, são vistos, ó repressor de

heróis! E, ó touro entre homens, a presença de Mahadeva está lá. Chegando então, ó Bharata, ao local onde o Sindhu se mistura com o oceano, deve-se com alma subjugada banhar-se naquele tirtha de Varuna. E banhando-se lá e dando oblações de água aos Pitris, Rishis, e deuses uma pessoa alcança, ó touro da raça Bharata, a região de Varuna, e brilha em resplendor próprio. Homens de sabedoria dizem que, por cultuar o deus conhecido pelo nome de Shankukarneswara, alguém obtém dez vezes o mérito do Sacrifício de Cavalo. Ó touro da raça Bharata, tendo caminhado ao redor daquele tirtha, deve-se, ó tu principal dos Kurus, ir para aquele tirtha célebre pelos três mundos e conhecido pelo nome de Drimi. Aquele tirtha purifica de todo pecado, e é lá que os deuses incluindo Brahma cultuam Maheswara. Tendo se banhado lá e adorado Rudra circundado pelos outros deuses, uma pessoa fica livre de todos os pecados desde o nascimento. Era lá, ó melhor dos homens, que Drimi era adorado por todos os deuses. Banhando-se lá, ó melhor dos homens, uma pessoa obtém o fruto do Sacrifício de Cavalo. Ó tu de grande inteligência, Vishnu, o criador do universo, depois de matar os Daityas e Danavas, foi para lá para se purificar. Ó virtuoso, deve-se proceder em seguida para Vasudhara adorado por todos. No momento que alguém chega àquele tirtha ele obtém o fruto do Sacrifício de Cavalo. E, ó tu melhor dos Kurus, por se banhar lá com alma subjugada e atenção absorta, e dar oblações de água para os deuses e os Pitris uma pessoa ascende para a região de Vishnu e é adorada lá. Naquele tirtha, ó touro da raça Bharata, há um lago sagrado dos Vasus. Por se banhar lá e beber de sua água uma pessoa se torna estimada dos Vasus. Há um tirtha célebre de nome Sindhuttama, o qual destrói todo pecado. Ó melhor dos homens, por se banhar lá alguém adquire o fruto da doação de ouro em abundância. Por chegar a Bhadratunga com alma santificada e pureza de conduta, uma pessoa alcança a região de Brahma e um estado elevado de bem aventurança. Há então o tirtha dos Kumarikas de Indra, que é muito frequentado pelos Siddhas. Ó melhor dos homens, por se banhar lá alguém alcança a região de Indra. Em Kumarika há outro tirtha chamado Renuka, o qual é também frequentado pelos Siddhas. Um Brahmana por se banhar lá se tornaria tão brilhante como a Lua. Procedendo em seguida para o tirtha chamado Panchananda, com sentidos subjugados e dieta regulada alguém obtém o fruto dos cincos sacrifícios que são mencionados um após outro nas escrituras. Então, ó rei, deve-se ir à região excelente de Bhima. Ó melhor dos Bharatas, por se banhar no tirtha lá, que é chamado de Yoni, um homem (no seu próximo nascimento) se torna, ó rei, o filho de uma deusa, tendo brincos enfeitados com pérolas, e obtém também o mérito da doação de cem mil vacas. Procedendo em seguida para Srikunda, célebre pelos três mundos e cultuando o Avô, obtém-se o fruto da doação de mil vacas. Ó virtuoso, deve-se então ir ao excelente tirtha chamado Vimala, onde até hoje podem ser vistos peixes de cores dourada e prata. Por se banhar lá alguém logo alcança a região de Vasava, e sua alma estando purificada de todo pecado, ele alcança um estado elevado de bem aventurança. Procedendo em seguida para Vitasta e dando oblações de água para os Pitris e os deuses, um homem, ó Bharata, obtém o fruto do sacrifício Vajapeya. Aquele tirtha destruidor de pecado conhecido pelo nome de Vitasta está situado no país dos Kasmiras e é a residência do Naga Takshaka. Banhando-se lá, um homem sem dúvida obtém o fruto do sacrifício Vajapeya, e com sua alma limpa de todo pecado

ele alcança um estado sublime de bem aventurança. Deve-se em seguida proceder para Vadava célebre pelos três mundos. Banhando-se lá com ritos devidos à noite, deve-se oferecer arroz fervido em manteiga e leite, segundo o melhor que se pode, para a divindade de sete chamas. Homens de sabedoria dizem que uma doação feita lá em honra dos Pitris se torna inesgotável. Os Rishis, os Pitris, os deuses, os Gandharvas, várias tribos de Apsaras, os Guhyakas, os Kinnaras, os Yakshas, os Siddhas, os Vidhyadharas, os Rakshasas, Daityas, Rudras, e o próprio Brahma, ó rei, tendo, com sentidos subjugados, aceitado uma sequência de austeridades por mil anos para mover Vishnu para graça (para obter o favor de Vishnu), cozinharam arroz em leite e manteiga e gratificaram Kesava com oblações, cada uma oferecida com sete Riks. E, ó rei, o satisfeito Kesava então conferiu a eles os atributos óctuplos chamados Aiswarya e outros objetos que eles desejavam. E tendo lhes concedido estes, aquele deus desapareceu à sua vista como relâmpago nas nuvens. E é por isto, ó Bharata, que aquele tirtha se tornou conhecido pelo nome de Saptacharu, e se alguém oferece Charu lá para a divindade de sete chamas ele obtém mérito superior ao da doação de cem mil vacas, àquele de cem sacrifícios Rajasuya, como também de cem sacrifícios de cavalo. Deixando Vadava, ó rei, deve-se então proceder para Raudrapada, e vendo Mahadeva lá uma pessoa obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo. Procedendo então, com alma subjugada e levando o modo de vida Brahmacharya, para Manimat, e residindo lá por uma noite, alguém obtém, ó rei, o mérito do sacrifício Agnishtoma. Deve-se então ir, ó rei, para Devika famoso por todo o mundo. Foi lá, ó touro da raça Bharata, que, como ouvido por nós, os Brahmanas inicialmente passaram a existir. Lá também é a região do portador do tridente, uma região que é célebre pelo mundo. Tendo se banhado em Devika e cultuado Maheswara por oferecer a ele, da melhor maneira possível, arroz fervido em leite e manteiga, um homem obtém, ó touro da raça Bharata, o mérito de um sacrifício que é capaz de realizar todos os desejos. Lá também há outro tirtha de Rudra chamado Kamakhya, o qual é muito frequentado pelos deuses. Banhando-se lá, um homem alcança o êxito rapidamente. Por tocar também a água de Yajana, Brahmavaluka, e Pushpamva, uma pessoa fica livre da tristeza depois da vida. Os eruditos dizem que o tirtha sagrado de Devika, o recanto dos deuses e dos Rishis, tem cinco Yojanas de comprimento e metade de um Yojana de largura. Deve-se então, na devida ordem, proceder, ó rei, para Dirghasatra. Lá os deuses com Brahma em sua vanguarda, os Siddhas, e os grandes Rishis, com votos regulados e a recitação e aceitação da promessa preliminar, realizam o sacrifício que se estende por muito tempo. Ó rei, somente por ir para Dirghasatra, ó repressor de inimigos, uma pessoa obtém mérito que é superior, ó Bharata, àquele do Rajasuya ou do Sacrifício de Cavalo. Deve-se em seguida proceder com sentidos subjugados e dieta regulada para Vinasana, onde Saraswati, desaparecendo no leito de Meru, reapareceu em Chamasa, Shivodbheda e Nagadbheda. Por se banhar em Chamasadbheda alguém obtém o mérito do sacrifício Agnishtoma. Por se banhar em Shivodbheda alguém obtém o mérito da doação de mil vacas. E por se banhar em Nagodbheda uma pessoa alcança a região dos Nagas. Deve-se proceder, em seguida, ao tirtha inacessível de Shasayana, onde as garças, ó Bharata, desaparecendo na forma de sasas, reaparecem todos os anos no mês de Karttika, e se banhar, ó chefe abençoado da

raça Bharata, no Sarsawati. Banhando-se lá, ó tigre entre homens, uma pessoa resplandece como a Lua, e obtém, ó touro da raça Bharata, o mérito da doação de mil vacas. Deve-se proceder em seguida, ó tu da raça Kuru, para Kumarakoti, com sentidos subjugados, e banhando-se lá, cultuar os deuses e os Pitris. Por fazer isto alguém obtém o mérito da doação de dez mil vacas, e eleva todos os seus antepassados para regiões superiores. Deve-se em seguida, ó virtuoso, proceder com alma dominada para Rudrakoti, onde nos tempos passados, ó rei, dez milhões de Munis tinham se reunido. E, ó rei, cheios de grande alegria pela probabilidade de contemplar Mahadeva, os Rishis se reuniram lá, cada um dizendo, 'Eu verei o deus primeiro! Eu verei o deus primeiro!' E, ó rei, para impedir disputas entre aqueles Rishis de almas subjugadas, o Senhor do Yoga, pela ajuda do seu poder de Yoga, multiplicou-se em dez milhões de formas, e ficou perante cada um deles. E cada um daqueles Rishis disse, 'Eu o vi primeiro!' E gratificado, ó rei, com a devoção profunda daqueles Munis de almas subjugadas, Mahadeva lhes concedeu uma bênção, dizendo, 'Deste dia em diante sua virtude crescerá!' E, ó tigre entre homens, alguém que se banha, com a mente pura, em Rudrakoti, obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo e resgata seus antepassados. Deve-se proceder em seguida, ó rei, para aquela região altamente sagrada e célebre onde o Saraswati se mistura com o oceano. Para lá, ó rei, os deuses com Brahma em sua dianteira e Rishis com riqueza de ascetismo se dirigem para adorar Kesava no décimo quarto dia da quinzena iluminada do mês de Chaitra. Banhando-se lá, ó tigre entre homens, uma pessoa obtém o mérito de doar ouro em abundância, e sua alma sendo purificada de todos os pecados, ela ascende para a região de Brahma. Foi lá, ó rei, que os Rishis completaram muitos sacrifícios. Por meio de uma viagem para aquele local alguém obtém o mérito da doação de mil vacas.'

83

Pulastya disse, 'Deve-se proceder em seguida, ó rei, para o adorado Kurukshetra à visão do qual todas as criaturas são libertadas de seus pecados. Está livre de todos os pecados aquele que diz constantemente, 'Eu viverei em Kurukshetra.' O próprio pó de Kurukshetra, transportado pelo vento, leva um homem pecaminoso para uma direção abençoada (depois da vida). Aqueles que moram em Kurukshetra o qual se encontra ao sul do Saraswati e ao norte do Drishadwati, são citados como morando no céu. Ó herói, deve-se residir lá, ó tu principal dos guerreiros, por um mês. Lá, ó senhor da terra, os deuses com Brahma em sua vanguarda, os Rishis, os Siddhas, os Charanas, os Gandharvas, as Apsaras, os Yakshas e os Nagas, se dirigem frequentemente, ó Bharata, para o altamente sagrado Brahmakshetra. Ó principal dos guerreiros, os pecados de alguém que deseja se dirigir para Kurukshetra mesmo mentalmente são todos destruídos, e ele finalmente vai para a região de Brahma. Ó filho da raça Kuru, por se dirigir para Kurukshetra em um estado de espírito virtuoso uma pessoa obtém o fruto do Rajasuya e do Sacrifício de Cavalo. Por saudar em seguida o Yaksha chamado Mankanaka, aquele poderoso porteiro (de Kuvera), ela obtém o fruto da

doação de mil vacas. Ó rei virtuoso, deve-se ir em seguida para a região excelente de Vishnu, onde Hari está sempre presente. Banhando-se lá e reverenciando Hari, o Criador dos três mundos, alguém obtém o fruto do Sacrifício de Cavalo e se dirige à residência de Vishnu. Deve-se ir em seguida para Pariplava, aquele tirtha célebre pelos três mundos, e (se banhando lá), ó Bharata, uma pessoa obtém mérito que é maior do que aquele dos sacrifícios Agnishtoma e Atiratra. Dirigindo-se em seguida para o tirtha chamado Prithivi alguém obtém o fruto da doação de mil vacas. O peregrino deve em seguida, ó rei, proceder para Shalukini e banhando-se lá no Dasaswamedha ele obtém o mérito de dez Sacrifícios de Cavalo. Procedendo em seguida para Sarpadevi, aquele tirtha excelente dos Nagas, alguém obtém o mérito do sacrifício Agnishtoma e alcança a região dos Nagas. Ó virtuoso, deve-se proceder em seguida para Tarantuka, o porteiro, e residindo lá por uma noite alguém obtém o mérito da doação de mil vacas. Procedendo em seguida com sentidos subjugados e dieta regulada para Panchananda e se banhando no tirtha lá, chamado Koti, uma pessoa obtém o fruto do Sacrifício de Cavalo. Procedendo então ao tirtha dos irmãos Aswins alguém obtém beleza pessoal. Ó virtuoso, deve-se proceder em seguida ao tirtha excelente chamado Varaha, onde Vishnu antigamente permaneceu na forma de um javali. Banhando-se lá alguém obtém, ó principal dos homens, o mérito do Sacrifício de Cavalo. Deve-se em seguida, ó rei, ir ao tirtha chamado Sama em Jayanti. Banhando-se lá uma pessoa obtém o mérito do sacrifício Rajasuya. Por se banhar em Ekahansa, um homem obtém o mérito de doar mil vacas. Ó rei, um peregrino que se dirige para Kritasaucha alcança a divindade de olhos de lótus (Vishnu) e perfeita pureza de alma. Deve-se proceder em seguida para Munjavata, aquele local sagrado para o ilustre Sthanu. Residindo lá sem comida por uma noite uma pessoa alcança a posição chamada Ganapatya. Lá, ó rei, está o tirtha célebre chamado Yakshini. Ó rei, indo para aquele tirtha e se banhando lá alguém consegue a realização de todos os seus desejos. Ó touro da raça Bharata, aquele tirtha é considerado como o portão de Kurukshetra. O peregrino deve, com alma concentrada, caminhar ao redor dele. Igual aos Pushkaras, ele foi criado por Rama de grande alma, o filho de Jamadagni. Banhando-se lá e cultuando os Pitris e os deuses, uma pessoa obtém, ó rei, o mérito do Sacrifício de Cavalo e se torna bem sucedida em tudo. O peregrino deve ir em seguida com alma concentrada para o Rama-hrada. Lá, ó rei, o heróico Rama de energia resplandecente, exterminando os Kshatriyas através de seu poder, cavou cinco lagos e encheu-os, ó tigre entre homens, com o sangue de suas vítimas, como ouvido por nós. E tendo enchido aqueles lagos com sangue Kshatriya, Rama ofereceu oblações de sangue aos seus pais e antepassados. Gratificados (com as oblações) aqueles Rishis então se dirigiram a Rama e disseram, 'Ó Rama, ó Rama, ó tu de grande prosperidade, nós estados satisfeitos contigo, ó tu da raça Bhrigu, por este teu respeito pelos Pitris, e tua coragem, ó exaltado! Abençoado sejas e peça a bênção que escolheres. O que é que tu desejas, ó tu de grande esplendor?' Assim endereçado (por eles), Rama, aquele principal dos castigadores, disse com as mãos unidas estas palavras para os Pitris postados no firmamento, ‘Se vocês estão satisfeitos comigo, se eu mereço a sua benevolência, eu desejo este favor dos Pitris: que eu possa ter prazer novamente em austeridades ascéticas. Que eu também, por meio do seu poder, seja liberto do pecado que eu cometi por

exterminar, por fúria, a raça Kshatriya. Também que meus lagos se tornem tirthas célebres pelo mundo.' Os Pitris, ouvindo estas palavras abençoadas de Rama, ficaram muito satisfeitos, e cheios de alegria eles lhe responderam dizendo, 'Que o teu ascetismo aumente por causa da tua veneração pelos Pitris. Tu exterminaste os Kshatriyas por cólera. Tu já estás livre daquele pecado, pois eles pereceram como uma consequência de seus próprios crimes. Sem dúvida, estes teus lagos se tornarão tirthas. E se alguém, banhando-se nestes lagos, oferecer oblações da água deles para os Pitris, os últimos satisfeitos com ele lhe concederão seu desejo, difícil de realização no mundo, como também céu eterno.' Ó rei, tendo concedido a ele estes benefícios, os Pitris alegremente saudaram Rama da linhagem Bhrigu e desapareceram. Foi assim que os lagos do ilustre Rama da raça Bhrigu se tornaram sagrados. Levando o modo de vida Brahmacharya e cumprindo votos sagrados, uma pessoa deve se banhar nos lagos de Rama. Banhando-se neles e cultuando Rama, ela obtém, ó rei, o mérito da doação de ouro em abundância. Procedendo em seguida, ó filho da raça Kuru, para Vansamulaka, um peregrino por se banhar lá eleva, ó rei, sua própria linhagem. Ó melhor dos Bharatas, chegando em seguida no tirtha chamado Kayasodhana, e se banhando lá, alguém purifica, sem dúvida, seu corpo, e procede com corpo purificado para a região abençoada de excelência inigualável. Deve-se ir em seguida, ó virtuoso, para aquele tirtha, célebre pelos três mundos, chamado Lokoddara, onde antigamente Vishnu de grande destreza criou os mundos. Chegando naquele tirtha que é adorado pelos três mundos uma pessoa obtém, ó rei, por se banhar lá, mundos numerosos para si mesma. Dirigindo-se em seguida com alma subjugada ao tirtha chamado Sree, alguém adquire, por se banhar lá e cultuar os Pitris e os deuses, grande prosperidade. Levando um modo de vida Brahmacharya e com alma concentrada deve-se proceder em seguida para o tirtha chamado Kapila. Banhando-se lá e cultuando seus próprios Pitris e os deuses, um homem ganha o fruto da doação de mil vacas Kapila. Indo em seguida ao tirtha chamado Surya e se banhando lá com alma subjugada e adorando os Pitris e os deuses, jejuando todo o tempo, uma pessoa obtém o fruto do sacrifício Agnishtoma e vai (finalmente) para a região do Sol. O peregrino por prosseguir em seguida para Gobhavana e se banhar lá obtém o mérito da doação de mil vacas. Ó filho da linhagem Kuru, um peregrino por se dirigir então ao tirtha chamado Shankhini e se banhar no Devi tirtha que se encontra lá, obtém grande coragem. Ó rei, deve-se então proceder para o tirtha chamado Tarandaka situado no Saraswati e pertencente ao chefe ilustre dos Yakshas que é um dos porteiros (de Kuvera). Ó rei, banhando-se lá alguém obtém o fruto do sacrifício Agnishtoma. Ó rei virtuoso, deve-se ir em seguida ao tirtha chamado Brahmavarta. Banhando-se em Brahmavarta, uma pessoa ascende para a residência de Brahma. Ó rei, deve-se ir então ao tirtha excelente chamado Sutirtha. Lá os Pitris estão sempre presentes junto com os deuses. Uma pessoa deve se banhar lá e adorar os Pitris e os deuses. Por assim fazer, ela obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo e vai (finalmente) para a região dos Pitris. É por isto, ó virtuoso, que Sutirtha situado em Amvumati é considerado como tão excelente. E, ó tu melhor da raça Bharata, tendo se banhado no tirtha de Kasiswara uma pessoa fica livre de todas as doenças e é adorada na residência de Brahma. Lá, naquele tirtha, existe outro chamado Matri. Alguém que se banha no Matri tirtha tem uma grande progênie e

obtém, ó rei, vasta prosperidade. Deve-se proceder em seguida com sentidos subjugados e dieta regulada ao tirtha chamado Shitavana. E, ó grande rei, é visto que um mérito daquele tirtha que raramente pertence a outro qualquer, é que alguém somente indo para lá alcança santidade. Por abandonar seu cabelo naquele tirtha uma pessoa obtém, ó Bharata, grande santidade. Lá, naquele tirtha, existe outro chamado Shwavillomapaha, aonde, ó tigre entre homens e principal da linhagem Bharata, Brahmanas eruditos que vão para tirthas obtêm grande satisfação por um mergulho em suas águas. Bons Brahmanas, ó rei, por abandonarem seu cabelo naquele tirtha adquirem santidade por Pranayama e finalmente alcançam a um estado elevado. Lá, ó rei, naquele tirtha há também outro chamado Dasaswamedhika. Banhando-se lá, ó tigre entre homens, alguém alcança um estado elevado. Deve-se proceder em seguida, ó rei, ao tirtha célebre chamado Manusha onde, ó rei, vários antílopes pretos afligidos pelas setas do caçador, mergulhando em suas águas, foram transformados em seres humanos. Banhando-se naquele tirtha, levando um modo de vida Brahmacharya e com alma concentrada, um homem fica livre de todos os pecados e é adorado no céu. Distante um krosa, ó rei, ao leste de Manusha há um rio célebre pelo nome de Apaga que é frequentado pelos Siddhas. O homem que oferece lá o grão syamaka em honra dos deuses e dos Pitris adquire grande mérito religioso. E se um Brahmana é alimentado lá, isto se torna equivalente a alimentar dez milhões de Brahmanas. Tendo se banhado naquele tirtha e adorado os deuses e os Pitris e residido lá por uma noite, um homem obtém o mérito do sacrifício Agnishtoma. Deve-se ir então, ó rei, àquela excelente região de Brahma a qual, ó Bharata, é conhecida na terra pelo nome de Brahmodumvara. Banhando-se no tanque dos sete Rishis que se encontra lá, ó touro entre homens, com mente pura e alma subjugada, como também no tirtha chamado Kedara de Kapila de grande alma, e contemplando Brahma que está lá, a alma de uma pessoa sendo purificada de todos os pecados, ela vai para a residência de Brahma. Procedendo em seguida ao tirtha inacessível chamado Kedara de Kapila, e queimando seus pecados lá por meio de penitências ascéticas, uma pessoa obtém o poder de desaparecer à vontade. Deve-se proceder em seguida, ó rei, ao tirtha célebre chamado Saraka, e vendo Mahadeva lá no décimo quarto dia da quinzena escura, alguém obtém todos os seus desejos e vai também para o céu. Ó filho da raça Kuru, em Saraka e Rudrakoti como também no poço e nos lagos que estão lá, trinta milhões de tirthas estão presentes. Lá naquele tirtha, ó chefe dos Bharatas, existe outro chamado Ilaspada. Banhando-se lá e cultuando os deuses e os Pitris uma pessoa nunca vai para o inferno mas obtém o fruto do sacrifício Vajapeya. Dirigindo-se em seguida para Kindana e Kinjapya uma pessoa adquire, ó Bharata, o mérito de doar em abundância imensurável e da recitação infinita de orações. Dirigindo-se em seguida para o tirtha chamado Kalasi e banhando-se lá devotamente e com os sentidos sob controle, um homem obtém o fruto do sacrifício Agnishtoma. Ao leste de Saraka, ó chefe dos Kurus, há um tirtha auspicioso conhecido pelo nome de Anajanma, de Narada de grande alma. Quem se banha lá, ó Bharata, alcança, depois da morte, por ordem de Narada, várias regiões incomparáveis. Deve-se proceder em seguida, no décimo dia da quinzena iluminada, ao tirtha chamado Pundarika. Banhando-se lá, ó rei, uma pessoa obtém o mérito do sacrifício Pundarika. Deve-se proceder em seguida ao tirtha chamado Tripishtapa que é

conhecido pelos três mundos. Lá naquele tirtha está o rio sagrado e destruidor de pecados chamado Vaitarani. Banhando-se lá e adorando o deus conhecido pelo símbolo do touro e que segura o tridente em sua mão, a alma de uma pessoa sendo purificada de todo pecado ela alcança ao estado mais elevado. Deve-se proceder em seguida, ó rei, ao tirtha excelente chamado Phalakivana. Lá naquele tirtha os deuses, ó monarca, tendo estado presentes, realizaram suas austeridades ascéticas que se estenderam por muitos milhares de anos. Deve-se então prosseguir para o Dhrishadwati. Banhando-se lá e cultuando os deuses alguém obtém, ó Bharata, mérito que é superior àquele dos sacrifícios Agnishtoma e Atiratra. Ó chefe dos Bharatas, banhando-se naquele tirtha chamado Sarvadeva, um homem obtém, ó rei, o mérito de doar mil vacas. Banhando-se em seguida no tirtha chamado Panikhata e adorando todos os deuses, um homem obtém mérito que é superior àquele dos sacrifícios Agnishtoma e Atiratra, além disso adquirindo aquele do sacrifício Rajasuya e finalmente entrando na região dos Rishis. Deve-se proceder em seguida, ó virtuoso, para aquele tirtha excelente chamado Misraka. Lá, ó tigre entre reis, foi ouvido por nós que Vyasa de grande alma, por causa dos Brahmanas, misturou todos os tirthas. Portanto, quem se banha em Misraka realmente se banha em todos os tirthas. Deve-se prosseguir em seguida com sentidos subjugados e dieta regulada para o tirtha chamado Vyasavana. Banhando-se no tirtha chamado Manojava que está lá alguém obtém o mérito da doação de mil vacas. Procedendo em seguida para o Devi tirtha que está em Madhuvati, alguém que se banha lá e adora os deuses e os Pitris obtém por ordem da Deusa o mérito da doação de mil vacas. Prosseguindo com dieta regulada, aquele que se banha na confluência do Kausiki e do Drishadwati fica livre de todos os seus pecados. Deve-se proceder em seguida para Vyasasthali onde Vyasa de grande inteligência, queimando de aflição por seu filho resolveu abandonar seu corpo, mas foi alegrado novamente pelos deuses. Procedendo àquele local de Vyasa uma pessoa obtém o mérito (da doação) de mil vacas. Ó filho da raça Kuru, procedendo em seguida para o poço chamado Kindatta, aquele que joga dentro dele uma medida de gergelim é liberto de todas as suas dívidas e alcança seu êxito. Banhando-se no tirtha chamado Vedi alguém obtém o mérito da doação de mil vacas. Há dois outros tirthas célebres chamados Ahas e Sudina. Banhando-se lá, ó tigre entre homens, uma pessoa vai para a região do Sol. Deve-se proceder em seguida ao tirtha chamado Mrigadhuma que é célebre por todos os três mundos. Uma pessoa deve se banhar lá, ó rei, no Ganga. Banhando-se lá e cultuando Mahadeva, ela obtém o mérito do Sacrifício dos Cavalo. Banhando-se em seguida no Devi tirtha alguém obtém o mérito da doação de mil vacas. Deve-se então ir para Vamanaka famoso nos três mundos. Banhando-se lá em Vishnupada e cultuando Vamana a alma de uma pessoa sendo purificada de todos os pecados, ela vai para a residência de Vishnu. Banhando-se em seguida em Kulampuna, uma pessoa santifica sua própria família. Procedendo então ao Pavana-hrada, aquele excelente tirtha dos Marutas, e banhando-se lá, ó rei e tigre entre homens, alguém se torna adorado na região do deus do vento. Banhando-se no Amara-hrada e cultuando com devoção o chefe dos celestiais, uma pessoa se torna adorada no céu e segue, sentada em um carro excelente, na companhia dos imortais. Ó melhor dos grandes homens, banhando-se em seguida com ritos devidos no tirtha chamado Sali surya, de Salihotra, uma pessoa obtém o mérito da

doação de mil vacas. Ó melhor dos Bharatas, há um tirtha chamado Sreekunja no Saraswati. Banhando-se lá, ó melhor dos homens, alguém obtém o mérito do sacrifício Agnishtoma. Ó filho da raça Kuru, deve-se ir em seguida para Naimishakunja. Ó rei, os Rishis dedicados a austeridades ascéticas nas florestas de Naimisha, no passado, fazendo o voto de peregrinação, foram para Kurukshetra. Lá, nas margens do Saraswati, ó chefe dos Bharatas, foi feito um bosque, o qual poderia servir como um lugar de descanso para eles mesmos, e que era muito agradável para eles. Banhando-se no Saraswati lá uma pessoa obtém o mérito do sacrifício Agnishtoma. Deve-se proceder em seguida, ó virtuoso, ao tirtha excelente chamado Kanya. Banhando-se lá alguém obtém o mérito da doação de mil vacas. Deve-se ir em seguida ao excelente tirtha de Brahma. Banhando-se lá uma pessoa, das (três) classes inferiores, alcança a posição de um Brahmana, e se a pessoa for um Brahmana, sua alma sendo purificada de todo pecado, ela alcança ao estado mais elevado. Deve-se então, ó melhor dos homens, prosseguir para o tirtha excelente chamado Soma. Banhando-se lá, ó rei, uma pessoa alcança a região de Soma. Deve-se proceder em seguida, ó rei, ao tirtha chamado Saptasaraswata, onde o célebre Rishi Mankanaka obteve êxito ascético. Ó rei, foi ouvido por nós que antigamente Mankanaka cortou sua mão com a folha pontuda da erva Kusa, e que de seu ferimento fluiu suco vegetal (em vez de sangue). E vendo suco vegetal fluir de sua ferida o Rishi começou a dançar com olhos arregalados de admiração. E quando o Rishi dançou, todas as criaturas móveis e imóveis também, oprimidas por sua destreza, começaram a dançar com ele. Então, ó rei, os deuses com Brahma em sua vanguarda e Rishis dotados de riqueza de ascetismo movidos pela ação de Mankanaka, descreveram o caso para Mahadeva, dizendo, 'Cabe a ti, ó deus, agir de maneira que este Rishi não dance.' Assim endereçado, Mahadeva, com coração cheio de alegria, aproximou-se do Rishi dançante, e movido pelo desejo de fazer bem para os deuses disse, 'Ó grande Rishi, ó virtuoso, por que tu danças? Ó touro entre Munis, qual pode ser a razão desta tua alegria atual?' O Rishi respondeu, 'Ó melhor dos Brahmanas, eu sou um asceta que trilha o caminho da virtude. Tu não vês, ó Brahmana, que suco vegetal flui do ferimento na minha mão? Cheio de grande alegria à visão disto eu estou dançando.' Dirigindo-se ao Rishi cegado pela emoção, o deus disse rindo, 'Ó Brahmana, eu não me admiro por isto. Observe-me.' Tendo dito isto, ó melhor dos homens, Mahadeva, ó rei impecável, apertou seu polegar com a ponta de seu próprio dedo. E, veja!, do ferimento assim infligido saíram cinzas brancas como neve. E vendo aquilo, ó rei, aquele Muni ficou envergonhado e caiu aos pés do deus. E acreditando que não havia nada melhor e maior do que o deus Rudra, ele começou a adorá-lo nestas palavras:

‘Ó portador do tridente, tu és a proteção dos celestiais e dos Asuras, de fato, do universo. Por ti são criados os três mundos com seus seres móveis e imóveis. És tu além disso que absorves tudo no fim do Yuga. Tu és incapaz de ser conhecido pelos próprios deuses, menos ainda por mim. Ó impecável, os deuses com Brahma em sua chefia estão todos manifestados em ti. Tu és tudo, o próprio Criador e o Ordenador dos mundos. É por tua graça que todos os deuses se divertem sem ansiedade ou medo.’ E adorando Mahadeva dessa maneira o Rishi

também disse, 'Ó deus dos deuses, conceda-me tua graça, para que meu ascetismo não possa diminuir.' Então aquele deus de alma alegre respondeu para o Rishi regenerado, dizendo, 'Que o teu ascetismo, ó Brahmana, aumente mil vezes através da minha graça. E, ó grande Muni, eu morarei contigo neste teu retiro. Banhando-se em Saptasaraswata, aqueles que me adorarem serão capazes de realizar tudo aqui e após a morte. E, sem dúvida, eles todos alcançarão a região Saraswata no fim.' Tendo dito isso Mahadeva desapareceu.

Depois de visitar Saraswata, deve-se proceder para Ausanasa célebre nos três mundos. Lá, ó Bharata, os deuses com Brahma encabeçando-os, e Rishis dotados de riqueza de ascetismo, e o ilustre Kartikeya estavam sempre presentes durante os dois crepúsculos e ao meio-dia, impelidos pelo desejo de fazer bem para Bhargava. Lá naquele tirtha há outro chamado Kapalamochana, o qual purifica de todo pecado. Ó tigre entre homens, banhando-se lá alguém é purificado de todo pecado. Deve então ir ao tirtha chamado Agni. Banhando-se lá, ó touro entre homens, uma pessoa alcança as regiões de Agni e eleva sua própria família (de regiões inferiores). Lá naquele tirtha existe outro, ó chefe dos Bharatas, que pertence a Viswamitra. Banhando-se lá, ó melhor dos homens, uma pessoa alcança a posição de um Brahmana. Procedendo em seguida para Brahmayoni em pureza de corpo e com alma subjugada alguém alcança, ó tigre entre homens, por se banhar lá, a residência de Brahma, e santifica, sem dúvida, sua própria família até a sétima geração ascendente ou descendente. Deve-se proceder em seguida, ó rei, ao tirtha célebre nos três mundos, o qual é chamado de Prithudaka, pertencente a Kartikeya. Uma pessoa deve se banhar lá e se ocupar no culto dos Pitris e dos deuses. Qualquer mal que tenha sido cometido, intencionalmente ou inintencionalmente, por homem ou mulher, impelido por motivos humanos, é todo destruído, ó Bharata, por um banho naquele tirtha. Banhando-se lá alguém alcança, além disso, o mérito do Sacrifício de Cavalo e o céu também. Os eruditos dizem que Kurukshetra é santo; que mais santo do que Kurukshetra é o Saraswati; que mais santo do que o Saraswati são todos os tirthas juntos, e que mais santo do que todos os tirthas juntos é Prithudaka. Aquele que dedicado à recitação de orações abandona seu corpo em Prithudaka, o qual é o melhor de todos os tirthas, se torna um imortal. Foi cantado por Sanatkumara e por Vyasa de grande alma, e está nos Vedas também que uma pessoa deve, ó rei, ir para Prithudaka com alma subjugada. Ó filho da raça Kuru, não há tirtha que seja superior a Prithudaka. Sem dúvida, aquele tirtha é purificador, sagrado e destruidor de pecados. Ó melhor dos homens, é dito por pessoas eruditas que homens, embora pecaminosos, por se banharem em Prithudaka, vão para o céu. Ó melhor dos Bharatas, lá naquele tirtha há outro chamado Madhusrava. Banhando-se lá, ó rei, alguém obtém o mérito de doar mil vacas. Deve-se então proceder, ó rei, para aquele tirtha célebre e sagrado onde o Saraswati se une com o Aruna. Alguém que se banha lá, tendo jejuado por três noites, é purificado até do pecado de matar um Brahmana, e obtém também mérito que é superior àquele do sacrifício Agnishtoma ou do Atiratra, e resgata sua família até a sétima geração ascendente e descendente. Lá naquele tirtha há outro, ó perpetuador da raça Kuru, que é chamado Ardhakila. Por compaixão pelos Brahmanas, aquele tirtha foi feito por Darbhi nos tempos passados. Sem dúvida, por votos, por investidura do sagrado, por jejuns, por ritos

e por Mantras, uma pessoa se torna um Brahmana. Ó touro entre homens, foi visto, no entanto, por pessoas eruditas de antigamente que mesmo alguém desprovido de ritos e Mantras, somente por se banhar naquele tirtha se torna erudito e dotado do mérito de votos. Darbhi também trouxe para cá os quatro oceanos. Ó melhor dos homens, alguém que se banha aqui nunca encontra infortúnio após a morte e obtém também o mérito de doar quatro mil vacas. Deve-se ir em seguida, ó virtuoso, para o tirtha chamado Satasahasraka. Perto deste existe outro chamado Sahasraka. Ambos são célebres, e alguém que se banha neles obtém o mérito da doação de mil vacas. Jejuns e doações lá se multiplicam mil vezes. Deve-se proceder em seguida, ó rei, ao tirtha excelente chamado Renuka. Uma pessoa deve se banhar lá e adorar os Pitris e os deuses. Por isto, purificada de todo pecado, ela obtém o mérito do sacrifício Agnishtoma. Banhando-se em seguida no tirtha chamado Vimochana com paixões e sentidos sob controle alguém se purifica de todos os pecados gerados pela aceitação de doações. Com sentidos sob controle e praticando o modo de vida Brahmacharya, deve-se ir em seguida às florestas de Panchavati. Por uma viagem para lá alguém ganha muita virtude e se torna adorado nas regiões dos virtuosos. Deve-se ir em seguida ao tirtha de Varuna chamado Taijasa, brilhando em sua própria refulgência. Lá naquele tirtha está o senhor do Yoga, o próprio Sthanu, tendo o touro como seu veículo. Aquele que permanece lá alcança o êxito por cultuar o deus dos deuses. Foi lá que os deuses com Brahma encabeçando-os e Rishis dotados de riqueza de ascetismo instalaram Guha como o generalíssimo dos celestiais. Ao leste desse tirtha há outro, ó perpetuador da linhagem Kuru, que é chamado de Kuru tirtha. Com sentidos sob controle e levando o modo de vida Brahmacharya, aquele que se banha em Kuru-tirtha se torna purificado de todos os seus pecados e alcança a região de Brahma. Com sentidos subjugados e dieta regulada deve-se proceder em seguida para Svargadwara. Permanecendo lá alguém obtém o mérito do sacrifício Agnishtoma e vai para a residência de Brahma. O peregrino deve então, ó rei, proceder ao tirtha chamado Anaraka. Banhando-se lá, ó rei, ele nunca encontra infortúnio após a morte. Lá, ó rei, o próprio Brahma com os outros deuses tendo Narayana em sua vanguarda estão sempre presentes, ó tigre entre homens! E, ó filho real da linhagem Kuru, a esposa também de Rudra está presente lá. Contemplando a deusa, uma pessoa nunca encontra aflição após a morte. Lá naquele tirtha, ó rei, está também (uma imagem de) Visweswara, o marido de Uma. Vendo o deus dos deuses lá alguém é purificado de todos os seus pecados. Contemplando também (a imagem de) Narayana de cujo umbigo surgiu o lótus, uma pessoa resplandece, ó nobre repressor de todos os inimigos, e vai para a residência de Vishnu. Ó touro entre homens, aquele que se banha nos tirthas de todos os deuses está livre de toda tristeza e brilha como a Lua. O peregrino deve proceder em seguida, ó rei, para Swastipura. Por caminhar ao redor daquele local uma pessoa obtém o mérito de doar mil vacas. Chegando em seguida no tirtha chamado Pavana, deve-se oferecer oblações para os Pitris e os deuses. Por isto obtém-se, ó Bharata, o mérito do sacrifício Agnishtoma. Próximo a este há o Ganga-hrada, e outro, ó Bharata, chamado Kupa. Trinta milhões de tirthas, ó rei, estão presentes em Kupa. Banhando-se lá, ó rei, uma pessoa alcança o céu. Banhando-se também no Ganga-hrada e adorando Maheswara uma pessoa alcança a posição de

Ganapatya e resgata sua própria família. Deve-se ir em seguida para Sthanuvata, famoso nos três mundos. Banhando-se lá, ó rei, alguém alcança o céu. Deve-se então ir para Vadaripachana, o retiro de Vasishtha. Tendo jejuado lá por três noites deve-se comer jujubas (fruto da árvore do gênero Zizyphus). Aquele que vive de jujubas por doze anos, e aquele que jejua no tirtha por três noites, adquirem mérito que é eterno. Chegando então em Indramarga, ó rei, e jejuando lá por um dia e uma noite o peregrino vem a ser adorado na residência de Indra. Chegando em seguida no tirtha chamado Ekaratra, uma pessoa que fica lá por uma noite, com votos regulados e se abstendo de falsidade, vem a ser adorada na residência de Brahma. Deve-se ir em seguida, ó rei, para o retiro de Aditya, aquele deus ilustre que é uma massa de refulgência. Banhando-se naquele tirtha célebre nos três mundos, e cultuando o deus da luz alguém vai para a região de Aditya e resgata sua própria família. O peregrino então, ó rei, banhando-se no tirtha de Soma, alcança, sem dúvida, a região de Soma. Deve-se proceder em seguida, ó virtuoso, para o tirtha mais sagrado do ilustre Dadhicha, aquele tirtha santificado que é famoso em todo o mundo. Foi lá que Angiras, aquele oceano de austeridades ascéticas pertencente à linhagem Saraswata, nasceu. Banhando-se naquele tirtha, alguém obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo, e sem dúvida, ganha também residência na região de Saraswati. Com sentidos subjugados e levando o modo de vida Brahmacharya, deve-se ir em seguida para Kanyasrama. Residindo lá por três noites, ó rei, com sentidos subjugados e dieta regulada, um homem obtém cem donzelas celestes e também vai para a residência de Brahma. Deve-se ir em seguida, ó virtuoso, ao tirtha chamado Sannihati. Permanecendo lá os deuses com Brahma encabeçando-os e Rishis dotados de riqueza de ascetismo ganham muita virtude. Banhando-se no Saraswati durante um eclipse solar uma pessoa obtém o mérito de cem Sacrifícios de Cavalo, e qualquer sacrifício que se possa realizar lá produz mérito que é eterno. Quaisquer tirthas que existam sobre a terra ou no firmamento, todos os rios, lagos, pequenos lagos, fontes, tanques, grandes e pequenos, e locais sagrados para deuses específicos, sem dúvida, todos vêm, ó tigre entre homens, mês após mês, e se misturam com Sannihati, ó rei de homens! E é porque todos os outros tirthas são reunidos lá que aquele tirtha é assim chamado. Banhando-se lá e bebendo de sua água uma pessoa vem a ser adorada no céu. Escute agora, ó rei, ao mérito adquirido por aquele mortal que realiza um Sraddha no dia da lua nova durante um eclipse solar. A pessoa que realiza um Sraddha lá, depois de ter se banhado naquele tirtha, obtém o mérito que alguém ganha por celebrar devidamente mil Sacrifícios de Cavalo. Quaisquer pecados que um homem ou mulher tenha cometido, são, sem dúvida, todos destruídos logo que a pessoa se banha naquele tirtha. Banhando-se lá alguém também ascende para a residência de Brahma em um carro da cor do lótus. Banhando-se em seguida em Koti-tirtha, depois de ter adorado o porteiro Yaksha, Machakruka, uma pessoa obtém o mérito de doar ouro em abundância. Perto deste, ó melhor dos Bharatas, há um tirtha chamado Gangahrada. Uma pessoa deve se banhar lá, ó virtuoso, com alma subjugada e levando o modo de vida Brahmacharya. Por isto alguém obtém mérito que é maior do que aquele de um sacrifício Rajasuya e de cavalo. O tirtha chamado Naimisha é produtivo de benefício sobre a terra. Pushkara é produtivo de benefício nas regiões do firmamento; Kurukshetra, no entanto, é produtivo de benefício em

relação aos três mundos. Até o pó de Kurukshetra, carregado pelo vento, leva homens pecaminosos para um estado altamente abençoado. Aqueles que residem em Kurukshetra, o qual se localiza ao norte do Drishadwati e ao sul do Saraswati, realmente reside no céu. 'Eu irei para Kurukshetra' 'Eu morarei em Kurukshetra,' aquele que profere estas palavras mesmo uma vez se torna purificado de todos os pecados. O sagrado Kurukshetra que é adorado por Brahmarshis é considerado como o altar sacrifical dos celestiais. Aqueles mortais que moram lá não tem algo pelo que sofrer em qualquer época. Aquele que se encontra entre Tarantuka e Arantuka e os lagos de Rama e Machakruka é Kurukshetra. Ele é também chamado de Samantapanchaka e é citado como sendo o altar sacrifical norte do Avô.'"

84

"Pulastya disse, 'Então, ó grande rei, deve-se proceder para o excelente tirtha de Dharma, onde o ilustre deus da justiça praticou austeridades muito meritórias. E é por isto que ele fez do local um tirtha sagrado e tornou-o célebre por seu próprio nome. Banhando-se lá, ó rei, um homem virtuoso com alma concentrada certamente santifica sua família até a sétima geração. Deve-se ir então, ó rei, ao excelente Jnanapavana. Permanecendo lá uma pessoa obtém o mérito do sacrifício Agnishtoma e vai para a região dos Munis. Então, ó monarca, um homem deve se dirigir ao Saugandhika-vana. Lá moram os celestiais com Brahma encabeçando-os, Rishis dotados de riqueza de ascetismo, os Siddhas, os Charanas, os Gandharvas, os Kinnaras e as serpentes. Logo que alguém entra naquelas florestas ele é purificado de todos os seus pecados. Então, ó rei, deve-se ir até a deusa sagrada Saraswati, conhecida lá como a deusa Plaksha, aquela melhor das correntes e principal dos rios. Lá uma pessoa deve se banhar na água emanada de um formigueiro. (Banhando-se lá e) cultuando os Pitris e os deuses, uma pessoa obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo. Lá existe um tirtha raro chamado Isanadhyushita, localizado do formigueiro à distância de seis arremessos de um pau pesado. Como visto nos Puranas, ó tigre entre homens, banhando-se lá um homem obtém o mérito da doação de mil vacas Kapila e do Sacrifício de Cavalo. Viajando em seguida, ó principal dos homens, para Sugandha, e Satakumbha e Panchayaksha, um homem vem a ser adorado no céu. Dirigindo-se para outro tirtha lá chamado Trisulakhata, uma pessoa deve se banhar e se pôr a adorar os Pitris e os deuses. Fazendo assim, sem dúvida, ela alcança, depois da morte, a posição de Ganapatya. Deve-se proceder em seguida, ó rei, para o local excelente da Deusa célebre pelos três mundos pelo nome de Sakamvari. Lá, pelo espaço de mil anos celestes, ela de votos excelentes, mês após mês, subsistiu de ervas, ó rei de homens! E atraídos por sua reverência pela Deusa, muitos Rishis com riqueza de ascetismo foram para lá, ó Bharata, e foram regalados por ela com ervas. E é por isto que eles concederam a ela o nome de Sakamvari. Ó Bharata, o homem que chega em Sakamvari, com atenção absorta e levando o modo de vida Brahmacharya e passa três noites lá em pureza e subsistindo só de ervas, obtém, pela vontade da deusa, o mérito daquele que vive de ervas por doze anos. Então

deve-se proceder para o tirtha chamado Suvarna, famoso nos três mundos. Lá antigamente Vishnu prestou suas adorações para Rudra, por sua graça, e obteve também muitos benefícios difíceis de aquisição até pelos deuses. E, ó Bharata, o destruidor de Tripura disse satisfeito, 'Ó Krishna, tu serás, sem dúvida, muito amado no mundo e o mais importante de todos no universo.' Dirigindo-se para lá, ó rei, e cultuando a divindade que tem o touro como seu símbolo, uma pessoa obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo como também a posição de Ganapatya. Deve-se proceder em seguida ao tirtha de Dhumavati. Jejuando lá por três noites alguém obtém, sem dúvida, todos os desejos nutridos por ele. Na metade sul daquele local da Deusa, há, ó rei, um tirtha chamado Rathavarta. Deve-se, ó virtuoso, subir àquele lugar, com coração devoto, e tendo seus sentidos sob controle. Por isto, pela graça de Mahadeva, uma pessoa alcança um estado elevado. Depois de andar ao redor do lugar, deve-se, ó touro da linhagem Bharata, ir ao tirtha chamado Dhara, o qual, ó tu de grande sabedoria, purifica de todos os pecados. Banhando-se lá, ó tigre entre homens, um homem é liberto de toda tristeza. Deve-se então ir, ó virtuoso, depois de reverenciar a grande montanha (Himavat), para a fonte do Ganges, que é, sem dúvida, como o portão do céu. Lá uma pessoa deve, com alma concentrada, se banhar no tirtha chamado Koti. Por isto ela obtém o mérito do sacrifício Pundarika, e resgata sua família. Residindo uma noite lá alguém obtém o mérito da doação de mil vacas. Por oferecer devidamente oblações de água aos deuses e aos Pitris, em Saptaganga, Triganga e Sakravarta, (os quais estão todos lá), ele vem a ser adorado nas regiões dos virtuosos. Banhando-se em seguida em Kanakhala, e jejuando lá por três noites, um pessoa colhe o mérito do Sacrifício de Cavalo e vai para o céu. Então, ó senhor de homens, o peregrino deve se dirigir para Kapilavata. Jejuando por uma noite lá ele obtém o mérito da doação de mil vacas. Ó rei, há um tirtha do ilustre Kapila, rei dos Nagas, que é famoso, ó tu melhor dos Kurus, em todos os mundos. Banhando-se lá no Nagatirtha alguém obtém, ó rei, o mérito da doação de mil vacas Kapila. Deve-se ir em seguida ao tirtha excelente de Santanu, chamado Lalitika. Banhando-se lá, ó rei, uma pessoa nunca cai em infortúnio (após a morte). O homem que se banha na confluência do Ganga e do Yamuna obtém o mérito de dez Sacrifícios de Cavalo, e também resgata sua família. Deve-se em seguida, ó rei, ir para Sugandha, célebre pelo mundo. Por isto, purificado de todo pecado, ele vem a ser adorado na residência de Brahma. Então, ó senhor de homens, o peregrino deve se dirigir para Rudravarta. Banhando-se lá uma pessoa ascende para o céu. Banhando-se na confluência do Ganga e do Saraswati uma pessoa obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo e também ascende para o céu. Procedendo em seguida para Bhadrakarneswara e cultuando os deuses devidamente, alguém, sem cair em angústia, se torna adorado no céu. Então, ó senhor de homens, o peregrino deve proceder para o tirtha chamado Kuvjamraka. Por isto ele alcança o mérito da doação de mil vacas, e o céu também. Então, ó rei, o peregrino deve ir ao Arundhativata. Procedendo para lá com alma concentrada e praticando os votos Brahmacharya, alguém que se banha em Samudraka e jejua por três noites obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo e da doação de mil vacas, e também resgata sua linhagem. Deve-se proceder em seguida para Brahmavarta, com alma concentrada e praticando os votos Brahmacharya. Por meio disto alguém obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo, e

vai para a região de Soma. O homem que procede para o Yamuna-prabhava, (a fonte do Yamuna) e se banha lá, obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo e é adorado no céu. Chegando em Darvisankramana, aquele tirtha que é adorado dos três mundos, uma pessoa obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo e vai para o céu. Dirigindo-se em seguida para Sindhu-prabhava (a fonte do Indus) que é adorada por Siddhas e Gandharvas, e ficando lá por cinco noites, uma pessoa obtém o mérito da doação de ouro em abundância. Procedendo em seguida ao tirtha inacessível chamado Vedi, uma pessoa obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo e ascende para o céu. Então, ó Bharata, deve-se ir para Rishikulya e Vasishtha. Por visitar o último, todas as classes alcançam a condição de Brahmana. Indo para Rishikulya e se banhando lá, e vivendo de ervas um mês, e cultuando os deuses e Pitris alguém é purificado de todos os seus pecados, e alcança a região dos Rishis. Procedendo em seguida para Bhrigutunga uma pessoa adquire o mérito do Sacrifício de Cavalo. Dirigindo-se então para Vipramoksha alguém é liberto de todo pecado. Procedendo então ao tirtha de Krittika e Magha, uma pessoa, ó Bharata, obtém mérito superior àquele dos sacrifícios Agnishtoma e Atiratha. O homem que, indo ao tirtha excelente chamado Vidya se banha lá à noite, obtém competência em todo tipo de conhecimento. Deve-se em seguida residir por uma noite em Mahasrama capaz de destruir todos os pecados, fazendo uma única refeição. Por meio disto uma pessoa alcança muitas regiões auspiciosas, e resgata dez gerações precedentes e dez gerações sucessivas de sua família. Residindo em seguida por um mês em Mahalaya, e jejuando lá por três noites, a alma de uma pessoa é purificada de todos os pecados e ela adquire o mérito da doação de ouro em abundância. Procedendo em seguida para Vetasika adorado pelo Avô, obtém-se o mérito do Sacrifício de Cavalo e a condição de Usanas. Indo em seguida ao tirtha chamado Sundarika, adorado pelos Siddhas, alguém obtém beleza pessoal como testemunhado pelos antigos. Procedendo em seguida para Brahmani com sentidos subjugados e cumprindo o voto Brahmacharya, uma pessoa ascende à região de Brahma em um carro da cor do lótus. Deve-se ir em seguida para o sagrado Naimisha, adorado pelos Siddhas. Lá mora para sempre Brahma com os deuses. Somente por pretender ir para Naimisha, metade dos pecados de uma pessoa são destruídos; por entrar nele, ela é purificada de todos os seus pecados. O peregrino de sentidos subjugados deve ficar em Naimisha por um mês; pois, ó Bharata, todos os tirthas da terra estão em Naimisha. Banhando-se lá, com sentidos controlados e alimentação regulada alguém obtém, ó Bharata, o mérito Sacrifício de Vaca, e também santifica, ó melhor dos Bharatas, sua família por sete gerações para cima e para baixo. Aquele que renuncia à sua vida em Naimisha por jejuar desfruta de felicidade nas regiões celestiais. Esta mesma é a opinião dos sábios. Ó principal dos reis, Naimisha é sempre sagrado e santo. Procedendo em seguida para Gangodbheda e jejuando lá por três noites, um homem obtém o mérito do sacrifício Vajapeya, e se torna semelhante ao próprio Brahma. Viajando ao Saraswati, deve-se oferecer oblações para os deuses e os Pitris. Por meio disto alguém certamente desfruta de felicidade nas regiões chamadas Saraswata. Então deve-se ir para Vahuda, com alma subjugada e cumprindo o voto Brahmacharya. Residindo lá por uma noite uma pessoa se torna adorada no céu, e obtém também, ó Kaurava, o mérito do sacrifício Devasatra. Então deve-se ir para o santo Kshiravati, frequentado por homens santos. Por

cultuar os deuses e os Pitris lá alguém obtém o mérito do sacrifício Vajapeya. Procedendo em seguida para Vimalasoka, com alma subjugada e cumprindo o voto Brahmacharya, e residindo lá por uma noite, uma pessoa é adorada no céu. Deve-se proceder em seguida ao excelente Gopratra no Sarayu, de onde Rama, ó rei, com todos os seus servidores e animais, renunciando ao seu corpo, ascendeu para o céu por causa da eficácia do tirtha somente. Banhando-se naquele tirtha, ó Bharata, a alma de alguém, pela graça de Rama, e em virtude das suas próprias ações, é purificada de todos os pecados, e ele vem a ser adorado no céu, ó Bharata! Procedendo em seguida, ó filho da raça Kuru, ao Rama-tirtha sobre o Gomati, e se banhando lá, uma pessoa obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo, e santifica também sua própria família. Lá, ó touro da linhagem Bharata, existe outro tirtha chamado Satasahasrika. Banhando-se lá, com sentidos controlados e dieta regulada, uma pessoa colhe, ó touro da raça Bharata, o mérito da doação de mil vacas. Então deve-se, ó rei, ir ao tirtha inigualável chamado Bhartristhana. Por meio disto uma pessoa obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo. Banhando-se em seguida no tirtha chamado Koti, e cultuando Kartikeya, um homem colhe, ó rei, o mérito da doação de mil vacas, e obtém grande energia. Procedendo em seguida para Varanasi, e cultuando o deus que tem o touro como seu símbolo, depois de um banho no Kapilahrada, uma pessoa obtém o mérito do sacrifício Rajasuya. Dirigindo-se então, ó perpetuador da linhagem Kuru, ao tirtha chamado Avimukta, e contemplando lá o deus dos deuses, o peregrino, somente por tal visão, é imediatamente purificado até do pecado de matar um Brahmana. Por renunciar à própria vida lá uma pessoa alcança a libertação. Chegando em seguida, ó rei, no tirtha excelente chamado Markandeya célebre pelo mundo e situado na confluência do Ganges, uma pessoa obtém o mérito de sacrifício Agnishtoma, e resgata sua família. Permanecendo em seguida em Gaya, com sentidos subjugados e cumprindo o voto Brahmacharya, alguém obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo e também resgata sua família. Lá naquele tirtha está o Akshaya-vata, célebre pelos três mundos. O que quer que seja oferecido lá para os Pitris é citado como se tornando inesgotável. Banhando-se lá no Mahanadi, e oferecendo oblações aos deuses e aos Pitris, um homem alcança regiões eternas, e também resgata sua família. Procedendo então para Brahma-sara que é adornado pelos bosques de Dharma, e passando uma noite lá, um homem alcança a região de Brahma. Naquele lago, Brahma ergueu um pilar sacrifical. Por caminhar ao redor daquele pilar uma pessoa adquire o mérito do sacrifício Vajapeya. Deve-se ir em seguida, ó monarca poderoso, para Denuka célebre pelo mundo. Ficando lá por uma noite e doando gergelim e vacas, a alma de uma pessoa sendo purificada de todo pecado, ela ascende sem dúvida para a região de Soma. Lá, ó rei, nas montanhas, a vaca chamada Kapila costumava vagar com seu bezerro. Há pouca dúvida disto, ó Bharata, as marcas do casco daquela vaca e seu bezerro são vistas lá até hoje. Por se banhar naquelas marcas de casco, ó principal dos monarcas, qualquer pecado no qual um homem possa ter incorrido, ó Bharata, é purificado. Então deve-se ir para Gridhravata, o local consagrado ao deus portador do tridente. Aproximando-se da divindade que tem o touro como seu símbolo uma pessoa deve se esfregar com cinzas. Se for um Brahmana, ele obtém o mérito de cumprir o voto de doze anos e se for pertencente a alguma das outras classes, ele é liberto de todos os seus pecados. Deve-se proceder em

seguida para as montanhas Udyanta, ressoando com notas melodiosas. Lá, ó touro da raça Bharata, ainda é vista a pegada de Savitri. O Brahmana de votos rígidos que diz suas orações da manhã, do meio-dia e da noite lá, obtém o mérito de realizar aquele serviço por doze anos. Lá, ó touro da raça Bharata, está o famoso Yonidwara. Dirigindo-se para lá, uma pessoa vem a ser dispensada da dor do renascimento. A pessoa que fica em Gaya durante as quinzenas escura e iluminada, sem dúvida santifica, ó rei, sua própria família até a sétima geração ascendente e descendente. Deve-se desejar muitos filhos para que pelo menos um deles possa ir para Gaya, ou celebrar o Sacrifício de Cavalo, ou oferecer um touro nila. Então, ó rei, o peregrino deve proceder para Phalgu. Por meio disto ele obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo, e alcança grande êxito. Ó rei, deve-se ir então, com alma subjugada, para Dharmaprishta. Lá, ó principal dos guerreiros, mora Dharma para sempre. Bebendo água de um poço que se encontra lá, e purificando a si mesmo por meio de um banho, aquele que oferece oblações aos deuses e aos Pitris é purificado de todos os seus pecados e ascende para o céu. Lá naquele tirtha se encontra o eremitério do grande Rishi Matanga de alma sob completo controle. Por entrar naquele belo retiro capaz de aliviar a fadiga e a tristeza alguém ganha o mérito do sacrifício Gavayana, e por tocar (a imagem de) Dharma que está lá obtém-se o fruto do Sacrifício de Cavalo. Deve-se ir em seguida, ó rei, ao tirtha excelente chamado Brahmasthana. Aproximando-se de Brahma, aquele touro entre os seres masculinos, que se encontra lá, uma pessoa adquire, ó monarca poderoso, o mérito dos sacrifícios Rajasuya e de cavalo. O peregrino deve então ir para Rajasuya, ó rei de homens! Banhando-se lá ele vive (no céu) tão felizmente quanto (o Rishi) Kakshiyan. Depois de se purificar, uma pessoa deve compartilhar lá das oferendas feitas diariamente para o Yakshini. Por meio disto ela fica livre até do pecado de matar um Brahmana, pela graça de Yakshini. Procedendo em seguida para Maninaga, uma pessoa obtém o mérito da doação de mil vacas. Ó Bharata, aquele que come qualquer coisa relacionada ao tirtha de Maninaga, se mordido por uma cobra venenosa, não sucumbe ao seu veneno. Residindo lá por uma noite alguém é purificado de seus pecados. Então deve-se proceder para a floresta favorita do Brahmarshi Gautama. Lá banhando-se no lago de Ahalya, uma pessoa alcança um estado elevado. Contemplando em seguida a imagem de Sree ela adquire grande prosperidade. Lá naquele tirtha há um poço célebre pelos três mundos. Banhando-se nele alguém obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo. Lá também existe um poço sagrado para o Rishi real Janaka, o qual é adorado pelos deuses. Banhando-se no poço uma pessoa ascende à região de Vishnu. Então deve-se ir para Vinasana que destrói todo pecado. Por uma estada lá alguém obtém o mérito do sacrifício Vajapeya, e vai também para a região de Soma. Procedendo em seguida para Gandaki que é produzido pelas águas de todos os tirthas, uma pessoa adquire o mérito do sacrifício Vajapeya, e ascende também para a região solar. Procedendo em seguida para Visala, aquele rio célebre nos três mundos, alguém obtém o mérito do sacrifício Agnishtoma e ascende também para o céu. Dirigindo-se então, ó virtuoso, para a sede arborizada de ascetas que é chamada de Adhivanga, obtém-se, sem dúvida, grande felicidade entre os Guhyakas. Procedendo em seguida para o rio Kampana, visitado pelos Siddhas, alguém obtém o mérito do sacrifício Pundarika, e ascende também para o céu. Chegando então, ó senhor da terra, na corrente

chamada Maheswari, uma pessoa obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo e também resgata sua própria família. Dirigindo-se em seguida para o tanque dos celestiais uma pessoa ganha imunidade de infortúnio, e também o mérito do Sacrifício de Cavalo. Deve-se ir em seguida para Somapada, com alma subjugada e levando o modo de vida Brahmacharya. Banhando-se em Maheswarapada que se encontra lá alguém colhe o mérito do Sacrifício de Cavalo. Lá naquele tirtha, ó touro da raça Bharata, é bem sabido que dez milhões de tirthas existem juntos. Um Asura mau na forma de uma tartaruga, ó principal dos monarcas, estava levando-o embora quando o poderoso Vishnu recuperou-o dele. Lá naquele tirtha uma pessoa deve realizar suas abluções, pois por meio disto ela adquire o mérito do sacrifício Pundarika e ascende também para a região de Vishnu. Então, ó melhor dos reis, deve-se proceder para o lugar de Narayana, onde, ó Bharata, Narayana está sempre presente e mora para sempre. Lá os deuses com Brahma encabeçando-os, Rishis dotados de riqueza de ascetismo, os Adityas, os Vasus, e os Rudras, todos adoram Janardana, naquele tirtha, e Vishnu de façanhas extraordinárias se tornou conhecido como Salagrama. Aproximando-se do eterno Vishnu, aquele senhor dos três mundos, aquele concessor de bênçãos, alguém obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo, e vai para a região de Vishnu. Lá naquele local, ó virtuoso, existe um poço capaz de destruir todos os pecados. Os quatro mares estão sempre presentes naquele poço. Aquele que se banhar nele, ó rei, terá imunidade de infortúnio. Contemplando (a imagem de) Mahadeva dador de benefícios, eterno, e feroz que está lá uma pessoa brilha, ó rei, como a lua saída das nuvens. Banhando-se então em Jatismara, com mente pura e sentidos subjugados, alguém obtém, sem dúvida, as recordações de sua vida anterior. Procedendo então para Maheswarapura, e cultuando o deus que tem o touro como seu símbolo, enquanto jejua, uma pessoa obtém, sem dúvida, a realização de todos os seus desejos. Dirigindo-se então para Vamana que destrói todo pecado, e contemplando o deus Hari, uma pessoa obtém isenção de toda desgraça. Deve-se ir em seguida ao retiro de Kusika que é capaz de remover todo pecado. Dirigindo-se então ao rio Kausika que purifica até de grandes pecados, uma pessoa deve se banhar nele. Por meio disto ela obtém o mérito do sacrifício Rajasuya. Deve-se em seguida, ó principal dos reis, proceder para as florestas excelentes de Champaka. Por passar uma noite lá uma pessoa adquire o mérito da doação de mil vacas. Chegando em seguida em Jyeshthila, aquele tirtha de valor raro, e passando uma noite lá alguém colhe o fruto da doação de mil vacas. Contemplando lá (a imagem de) Visweswara de grande esplendor, com sua consorte a deusa, uma pessoa alcança, ó touro entre homens, a região de Mitra-Varuna. Por jejuar lá por três noites um homem obtém o mérito do sacrifício Agnishtoma. Por visitar Kanya-samvedya, com sentidos reprimidos e alimentação regulada uma pessoa alcança, ó touro entre homens, a região de Manu, o senhor da criação. Rishis de votos rígidos dizem que aquele que doa arroz ou faz algum presente no tirtha chamado Kanya torna tal presente eterno. Chegando em seguida em Nischira célebre nos três mundos uma pessoa obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo e vai para a região de Vishnu. Ó rei, aquele que faz doações na confluência do Nischira ascende à região abençoada de Brahma. Lá naquele tirtha é o retiro de Vasishtha que é conhecido pelos três mundos. Banhando-se lá alguém obtém o mérito do sacrifício Vajapeya. Procedendo em seguida para

Devakuta que é frequentado por Rishis celestes, uma pessoa adquire o mérito do Sacrifício de Cavalo, e também resgata sua família. Então deve-se, ó rei, ir ao lago do Muni Kausika, onde o filho de Kusika, Viswamitra, alcançou grande êxito. Banhando-se lá uma pessoa adquire o mérito do sacrifício Vajapeya. Lá, ó herói, em Kausika, deve-se residir por um mês, ó touro da raça Bharata! Residindo lá por um mês uma pessoa colhe o mérito do Sacrifício de Cavalo. Aquele que reside no melhor dos tirthas chamado Maha-hrada desfruta de imunidade de infortúnio, e também obtém o mérito da doação de ouro em abundância. Vendo em seguida Kartikeya que mora em Virasrama, um homem certamente colhe o fruto do Sacrifício de Cavalo. Procedendo então para Agnidhara célebre nos três mundos, e contemplando lá depois de um banho o eterno Vishnu e dador de benefícios, aquele deus dos deuses, alguém obtém o mérito do sacrifício Agnishtoma. Procedendo em seguida para o tanque do Avô perto dos picos de montanhas cobertos pela neve, e banhando-se nele, um homem obtém o mérito do sacrifício Agnishtoma. Despejando-se do tanque do Avô há aquele (rio) que santifica o mundo, célebre nos três mundos, chamado Kumara-Dhara. Banhando-se lá uma pessoa se considera como tendo todos os seus propósitos realizados. Jejuando naquele tirtha por três dias alguém é purificado até do pecado de matar um Brahmana. O peregrino deve em seguida, ó virtuoso, proceder ao cume da grande deusa Gauri, famosa nos três mundos. Subindo nele, ó melhor dos homens, deve-se aproximar de Stana-Kunda. Por tocar as águas de Stana-Kunda, uma pessoa obtém o mérito do sacrifício Vajapeya. Banhando-se naquele tirtha e cultuando os deuses e Pitris obtém-se o mérito do Sacrifício de Cavalo e também ascende-se à região de Indra. Chegando em seguida no poço de Tamraruna, que é frequentado pelos deuses, uma pessoa adquire, ó senhor de homens, o mérito que se atribui ao sacrifício humano. Banhando-se em seguida na confluência do Kirtika com o Kausiki e o Aruna, e jejuando lá por três noites um homem de erudição é purificado de todos os seus pecados. Procedendo em seguida ao tirtha chamado Urvasi, e então para Somasrama, um homem sábio por se banhar em seguida em Kumbhakarnasrama vem a ser adorado no mundo. Os antigos sabiam que por tocar as águas de Kokamukha, com votos constantes e levando o modo de vida Brahmacharya, a memória da vida passada de uma pessoa é restaurada. Chegando em seguida com velocidade ao rio chamado Nanda um regenerado se torna livre de todos os seus pecados e ascende com alma sob controle para a região de Indra. Procedendo em seguida para a ilha chamada Rishabha, que é destrutiva de grous, e se banhando no Saraswati, um indivíduo resplandece no céu. Procedendo em seguida para o tirtha chamado Auddalaka frequentado por Munis, e se banhando lá alguém é purificado de todos os seus pecados. Dirigindo-se em seguida para o tirtha sagrado chamado Dharma que é visitado por Brahmarshis, uma pessoa adquire o mérito do sacrifício Vajapeya e se torna respeitada no céu. Procedendo em seguida para Champa e se banhando no Bhagirathi aquele que permanece em Dandaparna adquire o mérito da doação de mil vacas. Então deve-se ir ao sagrado Lalitika que é agraciado pela presença dos virtuosos. Por meio disto alguém adquire o mérito do sacrifício Rajasuya e é respeitado no céu."

85

"Pulastya disse, 'Chegando em seguida no tirtha excelente chamado Samvedya à noite, e tocando suas águas, uma pessoa com certeza obtém conhecimento. Criado um tirtha nos tempos passados pela energia de Rama, aquele que procede para Lauhitya obtém o mérito da doação de ouro em abundância. Procedendo em seguida para o rio Karatoya, e jejuando lá por três noites, um homem adquire o mérito do Sacrifício de Cavalo. Esta mesma é a injunção do próprio Criador. É dito pelos sábios, ó rei, que se uma pessoa vai ao local onde o Ganga se mistura com o oceano ela colhe mérito que é dez vezes do que aquele do Sacrifício de Cavalo. Atravessando para a margem oposta do Ganga, aquele que se banha lá tendo residido por três noites é, ó rei, purificado de todos os pecados. Deve-se ir em seguida para o Vaitarani capaz de destruir todo pecado. Chegando em seguida no tirtha chamado Viraja uma pessoa brilha como a lua, e santificando sua família a resgata e é ela mesma purificada de todos os seus pecados. Aquele que se banha em Viraja além disso colhe o mérito da doação de mil vacas além de santificar sua linhagem. Residindo com pureza na confluência do Sona e do Jyotirathi, e oferecendo oblações de água aos deuses e aos Pitris, um homem colhe o mérito do sacrifício Agnishtoma. Tocando em seguida as águas do Vansagulma constituindo as fontes do Sona e do Narmada, alguém obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo. Permanecendo em seguida no tirtha chamado Rishabha em Kosala, ó senhor de homens, e jejuando lá por três noites uma pessoa ganha o mérito do sacrifício Vajapeya, e da doação de mil vacas, e também resgata sua família. Chegando em Kosala, um homem deve se banhar no tirtha chamado Kala. Por meio disto certamente ele obtém o mérito da doação de onze touros. Por se banhar em Pushpavati e jejuar lá, ó rei, por três noites uma pessoa santifica sua própria família, além disso ganhando o mérito da doação de mil vacas. Então, ó principal da raça Bharata, por se banhar no tirtha chamado Vadarika uma pessoa obtém vida longa, e também vai para o céu. Chegando em seguida em Champa, e se banhando no Bhagirathi, e vendo Danda alguém ganha o mérito da doação de mil vacas. Então deve-se ir ao sagrado Lapetika, agraciado pela presença dos devotos. Por fazer isso uma pessoa colhe o mérito do sacrifício Vajapeya e também vem a ser estimada pelos deuses. Procedendo em seguida à montanha chamada Mahendra, habitada (antigamente) por Jamadagnya, e se banhando no tirtha de Rama, uma pessoa adquire o mérito do Sacrifício de Cavalo. Lá está o tirtha de Matanga chamado Kedara, ó filho da raça Kuru! Banhando-se nele, ó principal dos Kurus, um homem obtém o mérito da doação de mil vacas. Indo à montanha Sree, alguém que toca as águas da corrente que encontra lá, por cultuar naquele local o deus que tem o touro como seu símbolo, obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo. Sobre a montanha Sree mora alegremente o refulgente Mahadeva com a deusa, como também Brahma com os outros deuses. Por se banhar no lago de Deva, com pureza e mente controlada, uma pessoa obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo, e também alcança o maior êxito.

Procedendo em seguida para a montanha Rishabha em Pandya, adorada pelos deuses, uma pessoa obtém o mérito do sacrifício Vajapeya e se regozija no céu. Deve-se ir em seguida ao rio Kaveri, frequentado por Apsaras. Banhando-se lá, ó monarca, alguém obtém o mérito da doação de mil vacas. Tocando em seguida as águas do tirtha chamado Kanya nas margens do oceano uma pessoa é purificada de todo pecado. Procedendo em seguida para Gokarna célebre nos três mundos, e que está situado, ó melhor dos reis, no meio do mar, e é reverenciado por todos os mundos, e onde os deuses encabeçados por Brahma, e Rishis dotados de riqueza de ascetismo, e espíritos e Yakshas e Pisachas, e Kinnaras e os grandes Nagas, e Siddhas e Charanas e Gandharvas, e homens e Pannagas, e rios, Mares e Montanhas, adoram o marido de Uma, deve-se adorar Isana, jejuando lá por três noites. Por meio disto alguém adquire o mérito do Sacrifício de Cavalo, e a posição de Ganapatya. Por ficar lá por doze noites a alma de uma pessoa é purificada de todos os pecados. Deve-se proceder em seguida ao tirtha conhecido como Gayatri famoso nos três mundos. Ficando lá por três noites alguém adquire o mérito da doação de mil vacas. Um fenômeno incomum é visto ocorrer lá em relação aos Brahmanas, ó senhor de homens! Se um Brahmana, nascido de uma Brahmani ou de qualquer outra mulher recitar o Gayatri lá, a recitação se torna rítmica e musical, enquanto, ó rei, uma pessoa que não é um Brahmana não pode cantá-lo adequadamente em absoluto. Procedendo em seguida ao tanque inacessível do Rishi Brahmana Samvarta, uma pessoa adquire beleza pessoal e prosperidade. Dirigindo-se em seguida para Vena, aquele que oferece oblações de água aos deuses e aos Pitris obtém um carro puxado por pavões e grous. Indo em seguida para Godavari, sempre frequentado pelos Siddhas, uma pessoa ganha o mérito do Sacrifício de Vaca, e vai para a região excelente de Vasuki. Banhando-se em seguida na confluência do Venna alguém obtém o mérito do sacrifício Vajapeya. Por um mergulho em seguida na confluência do Varada, uma pessoa adquire o mérito da doação de mil vacas. Chegando em seguida em Brahmasthuna, aquele que permanece lá por três noites adquire o mérito da doação de mil vacas, e também ascende para o céu. Indo para Kusaplavana, com alma subjugada e levando o modo de vida Brahmacharya, e ficando lá por três noites aquele que se banha nele obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo. Banhando-se em seguida no fabuloso Deva-hrada que é abastecido pelas águas do Krishna-Venna, e também no Jatismara-hrada, alguém adquire a memória da própria vida anterior. Foi lá que o chefe dos celestiais celebrou cem sacrifícios e ascendeu para o céu. Somente por uma visita àquele local uma pessoa adquire o mérito do sacrifício Agnishtoma. Banhando-se em seguida no Sarvadeva-hrada uma pessoa obtém o mérito da doação de mil vacas. Procedendo em seguida para o tanque altamente sagrado chamado Payoshni, aquela melhor das águas, aquele que oferece oblações de água aos deuses e aos Pitris adquire o mérito da doação de mil vacas. Chegando em seguida na floresta sagrada de Dandaka, uma pessoa deve se banhar (nas águas) lá. Por meio disto, ó rei, ela obtém imediatamente, ó Bharata, o mérito da doação de mil vacas. Procedendo em seguida ao retiro de Sarabhanga e àquele do ilustre Suka, ela obtém imunidade de infortúnio, além de santificar sua família. Então deve-se ir a Surparaka, onde o filho de Jamadagni morava antigamente. Banhando-se naquele tirtha de Rama uma pessoa adquire o mérito da doação de ouro em abundância. Banhando-se

em seguida no Saptagadavara, com sentidos subjugados e dieta regulada alguém ganha grande mérito, e vai também para a região dos celestiais. Procedendo em seguida para Deva-hrada, com sentidos subjugados e dieta regulada, um homem obtém o mérito do sacrifício Devasatra. Deve-se proceder em seguida para a floresta de Tungaka, com sentidos subjugados e levando o modo de vida Brahmacharya. Foi lá que no passado o Muni Saraswata ensinou os Vedas aos ascetas. Quando os Vedas foram perdidos (por causa dos Munis os terem esquecido), o filho de Angirasa, sentado comodamente sobre as peças de roupas superiores dos Munis (devidamente espalhadas), pronunciou claramente e com ênfase a sílaba Om. E nisto os ascetas se lembraram novamente de tudo o que eles tinham aprendido antes. Foi lá que Rishis e os deuses Varuna, Agni, Prajapati, Narayana também chamado Hari, Mahadeva e o Avô ilustre de grande esplendor, nomearam o resplandecente Bhrigu para oficiar em um sacrifício. Gratificando Agni por meio de libações de manteiga clarificada derramadas segundo a ordenança, o ilustre Bhrigu realizou uma vez o sacrifício Agnyadhana para todos aqueles Rishis, depois do que eles e os deuses partiram para suas respectivas casas um depois do outro. Alguém que entra na floresta de Tungaka, ó melhor dos reis, homem ou mulher, é purificado de todos os pecados. Lá naquele tirtha, ó herói, deve-se residir por um mês, com sentidos subjugados e dieta regulada. Por meio disto, ó rei, uma pessoa ascende à região de Brahma, e resgata também sua família. Chegando em seguida em Medhavika deve-se oferecer oblações de água aos deuses e aos Pitris. Por meio disto alguém adquire o mérito do sacrifício Agnishtoma, e também memória e intelecto. Lá naquele tirtha está a montanha conhecida por todo o mundo e chamada Kalanjara. Banhando-se no lago celeste que está lá uma pessoa adquire o mérito da doação de mil vacas. Aquele que, ó rei, depois de um banho, oferece oblações (aos deuses e aos Pitris) sobre a montanha Kalanjara, é, sem dúvida, respeitado no céu. Procedendo em seguida, ó monarca, ao rio Mandakini capaz de destruir todos os pecados e que se encontra naquela melhor das montanhas chamada Chitrakuta, aquele que se banha lá e adora os deuses e os Pitris obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo e alcança um estado elevado. Deve-se em seguida, ó virtuoso, ir ao tirtha excelente chamado Bhartristhana, onde, ó rei, sempre mora o generalíssimo celeste Kartikeya. Somente por uma viagem àquele local uma pessoa, ó principal dos reis, alcança o êxito. Banhando-se em seguida no tirtha chamado Koti uma pessoa ganha o mérito da doação de mil vacas. Tendo andado ao redor de Koti deve-se proceder em seguida para Jyeshthasthana. Contemplando Mahadeva que está lá uma pessoa brilha como a lua. Lá, ó monarca poderoso, há um poço célebre, ó touro da raça Bharata! Lá naquele poço, ó principal dos guerreiros, estão os quatro oceanos. Aquele que se banha lá, ó principal dos reis, e com alma subjugada adora os deuses e os Pitris, é purificado de todos os seus pecados e alcança um estado sublime. Então, ó rei poderoso, deve-se ir ao grande Sringaverapura, onde, ó principal dos reis, antigamente Rama, filho de Dasharatha, cruzou (o Ganga). Banhando-se naquele tirtha uma pessoa, ó de braços poderosos, é purificada de todos os seus pecados. Banhando-se no Ganga com sentidos subjugados e levando o modo de vida Brahmacharya alguém é purificado de todos os pecados, e obtém também o mérito do sacrifício Vajapeya. Deve-se ir em seguida ao lugar chamado Mayuravata, consagrado para Mahadeva

de grande inteligência. Contemplando lá o deus, reverenciando-o e andando ao redor do local uma pessoa alcança, ó Bharata, a posição Ganapatya. Banhando-se em Ganga naquele tirtha uma pessoa é purificada de todos os seus pecados. Então, ó rei, deve-se ir para Prayaga, cujos louvores são cantados por Rishis e onde moram os deuses com Brahma encabeçando-os, as Direções com suas divindades presidentes, os Lokapalas, os Siddhas, os Pitris adorados pelos mundos, os grandes Rishis, Sanatkumara e outros, Brahmarshis imaculados, Angiras e outros, os Nagas, os Suparnas, os Siddhas, as Cobras, os Rios, os Mares, os Gandharvas, as Apsaras, e o Senhor Hari com Prajapati. Lá naquele tirtha estão as três cavernas ígneas entre as quais o Ganga, aquele principal dos tirthas, passa rapidamente. Lá naquela região também a filha do sol purificadora do mundo, Yamuna, célebre nos três mundos, se une com o Ganga. O país entre o Ganga e o Yamuna é considerado como o mais venerável do mundo, e Prayaga como o ponto principal daquela região. Os tirthas Prayaga, Pratisthana, Kamvala, Aswatara e Bhogavati são as plataformas sacrificais do Criador. Lá naqueles locais, ó principal dos guerreiros, os Vedas e os Sacrifícios, em formas incorporadas, e os Rishis dotados de riqueza de ascetismo, adoram Brahma, e lá os deuses e soberanos de territórios também celebram seus sacrifícios. Os eruditos, no entanto, dizem que de todos estes tirthas, ó exaltado, Prayaga é o mais sagrado, realmente, o principal de todos os tirthas nos três mundos. Por ir para aquele tirtha, por cantar seus louvores, ou por pegar um pouco de terra dele, uma pessoa é purificada de todo pecado. Aquele que se banha naquela confluência célebre no mundo adquire todos os méritos do Rajasuya e do Sacrifício de Cavalo. Aquele lugar sacrifical é adorado pelos próprios deuses. Se um homem alguma vez doa lá uma quantidade muito pequena, esta aumenta, ó Bharata, mil vezes. Ó filho, não deixe os textos do Veda, nem as opiniões de homens dissuadirem a tua mente do desejo de morrer em Prayaga. Ó filho da linhagem Kuru, os sábios dizem que seiscentos milhões e dez mil tirthas existem em Prayaga. Banhando-se na confluência do Ganga e Yamuna alguém obtém o mérito atribuído às quatro espécies de conhecimento e os méritos também daqueles que são sinceros. Lá em Prayaga está o tirtha excelente de Vasuki chamado Bhogavati. Aquele que se banha nele obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo. Lá também no Ganga está o tirtha famoso pelos três mundos, chamado Ramaprapatana, o qual confere o mérito de dez Sacrifícios de Cavalo, ó filho da raça Kuru! Onde quer que uma pessoa possa se banhar no Ganga, ela ganha mérito igual àquele de uma viagem para Kurukshetra. Uma exceção, no entanto, é feita em favor de Kanakhala, enquanto o mérito atribuído à Prayaga é o maior. Tendo cometido cem pecados, aquele que se banha no Ganga tem todos os seus pecados purificados pelas águas dele, assim como combustível é consumido pelo fogo. É dito que no Satyayuga todos os tirthas eram sagrados; no Treta, só Pushkara era tal; em Dwapara, Kurukshetra; e no Kali-yuga, só o Ganga é sagrado. Em Pushkara se deve praticar austeridades; em Mahalaya se deve fazer doações; nas montanhas Malaia se deve subir à pira fúnebre; e em Bhrigutunga se deve renunciar ao próprio corpo por renunciar ao alimento. Banhando-se em Pushkara, em Kurukshetra, no Ganga e na confluência (do Ganga e do Yamuna), uma pessoa santifica sete gerações ascendentes e descendentes da própria família. Aquele que recita o nome de Ganga é purificado; enquanto aquele que a

contempla recebe prosperidade; enquanto aquele que se banha nela e bebe de suas águas santifica sete gerações ascendentes e descendentes da sua família. Por tanto tempo, ó rei, quanto os ossos de alguém se encontrem em contato com as águas do Ganga, ele viverá respeitado no céu, assim como alguém vive no céu por consequência do mérito que ele ganha por peregrinações pias para tirthas sagrados e lugares santos. Não há tirtha que seja semelhante ao Ganga, não há deus semelhante a Kesava, e não há alguém superior aos Brahmanas, isto mesmo foi dito pelo Avô. Ó grande rei, a região através da qual o Ganga flui deve ser considerada como um retiro sagrado, e um local de terra que está nas margens do Ganga deve ser considerado como um favorável à obtenção de êxito ascético.

Esta descrição verdadeira (dos tirthas) deve ser recitada somente para os regenerados, para aqueles que são pios, para um filho e amigos e discípulos e dependentes. Esta narrativa, sem uma rival, é abençoada e sagrada e leva ao céu. Sagrada e interessante e santificadora, ela é produtiva de mérito e valor elevado. Destrutiva de todo pecado, ela é um mistério que os grandes Rishis tratam com cuidado. Por recitá-la no meio de Brahmanas alguém é purificado de todo pecado, e ascende para o céu. Esta descrição dos tirthas é auspiciosa e concessora do céu e sagrada; sempre abençoada como é, ela destrói os inimigos de alguém; o principal de todos os relatos, ela afia o intelecto. Por ler esta narrativa o sem filhos obtém filhos, o necessitado obtém riquezas, uma pessoa da classe real conquista a terra inteira, o Vaisya ganha riqueza, o Sudra obtém todos os seus desejos, e o Brahmana cruza o oceano (do mundo). Purificando-se, aquele que escuta diariamente aos méritos dos diferentes tirthas se lembra dos incidentes de muitos nascimentos prévios e se regozija no céu. Dos tirthas que são recitados aqui alguns são facilmente acessíveis, enquanto outros são de acesso difícil. Mas aquele que é inspirado pelo desejo de contemplar todos os tirthas deve visitá-los mesmo em imaginação. Desejosos de obter mérito, os Vasus, e os Sadhyas, os Adityas, os Maruts, os Aswins, e os Rishis que são iguais aos celestiais, todos se banharam nestes tirthas. Tu também, ó tu touro da raça Kuru, observando a ordenança como explicada por mim, visite, com sentidos subjugados, estes tirthas, aumentado teu mérito, ó tu de votos excelentes. Homens de piedade e erudição são capazes de visitar estes tirthas por razão de seus sentidos purificados, sua crença na Divindade, e seu conhecimento dos Vedas. Aquele que não cumpre votos, aquele que não tem sua alma sob controle, aquele que é impuro, aquele que é um ladrão, e aquele que é de mente desonesta, ó Kauravya, não se banham em tirthas. Tu és sempre observador da virtude, e és de caráter puro. Pela tua virtude, ó virtuoso, tu sempre gratificaste teu pai e teu avô, e bisavôs, e os deuses com Brahma encabeçando-os, e os Rishis também, ó tu versado em virtude! Tu que pareces Vasava, tu, ó Bhishma, alcançarás a região dos Vasus, e também fama eterna sobre a terra!'"

"Narada continuou, 'Tendo falado assim alegremente, o ilustre Rishi Pulastya, bem satisfeito, se despedindo de Bhishma, desapareceu. E Bhishma também, ó tigre entre homens, compreendendo bem a verdadeira significação dos Shastras, vagou pelo mundo por ordem de Pulastya. Assim, ó tu abençoado, Bhishma

terminou em Prayaga sua viagem altamente meritória para os tirthas capazes de destruir todos os pecados. O homem que percorre a terra de acordo com estas injunções obtém o fruto mais elevado de cem Sacrifícios de Cavalo e ganha salvação após a morte. Tu, ó filho de Pritha, obterás mérito consistindo dos oito atributos, assim como aquele que Bhishma, o principal dos Kurus, obteve antigamente. E como tu levarás estes ascetas àqueles tirthas o teu mérito será muito maior. Aqueles tirthas são infestados por Rakshasas, e ninguém, exceto tu, ó filho da raça Kuru, pode ir lá. Levantando cedo aquele que recita esta narrativa dos Rishis celestes sobre o assunto dos tirthas vem a ser libertado de todos os pecados. Aqueles principais dos Rishis, Valmiki, e Kasyapa, e Atreya, e Kundajathara, e Viswamitra, e Gautama, e Asita, e Devala, e Markandeya, e Galava, e Bharadwaja, e Vasishtha, e o Muni Uddalaka, e Saunaka com seu filho, e Vyasa, aquele melhor dos ascetas, e Durvasas, aquele principal dos Munis, e Javali de grandes austeridades, todos estes Rishis ilustres dotados de riqueza de ascetismo estão te esperando. Ó rei poderoso, encontre com eles por visitares aqueles tirthas. E, ó monarca ilustre, um grande Rishi de energia incomensurável, de nome Lomasa, virá a ti. Siga a ele, e a mim, e em sucessão visite aqueles tirthas, ó tu virtuoso! Por meio disto tu obterás grande renome, como o rei Mahabhisha! Ó tigre entre reis, assim como o virtuoso Yayati e o rei Pururavas, tu resplandeces com tua própria virtude. Como o rei Bhagiratha e o ilustre Rama, tu brilhas entre os reis assim como o próprio Sol. E tu és, ó grande rei, célebre (no mundo) assim como Muni ou Ikshwaku, ou Puru muito famoso ou Vainya! E como antigamente o matador de Vritra, depois de queimar todos os seus inimigos governou os três mundos, sua mente livre de ansiedade, assim tu governarás os teus súditos, depois de matar todos os teus inimigos. E, ó tu de olhos semelhantes a folhas de lótus, tendo conquistado a terra segundo os costumes da tua classe, tu obterás renome por tua virtude, assim como Kartaviryaryuna.'"

Vaisampayana continuou, "Ó grande rei, tendo consolado o monarca dessa maneira, o ilustre Rishi Narada, despedindo-se do rei, desapareceu. E o virtuoso Yudhishthira, refletindo sobre o assunto, começou a recitar para os ascetas o mérito atribuído aos tirthas!"

86

"Vaisampayana continuou, 'Tendo averiguado a opinião de seus irmãos, e do inteligente Narada, o rei Yudhishthira, dirigindo-se a Dhaumya, que era como o próprio Avô, disse, 'Eu, para a aquisição de armas, mandei para longe aquele tigre entre homens, Jishnu, cuja bravura é incapaz de ser desviada, e que é possuidor de braços longos e inteligência incomensurável. Ó tu de riqueza ascética, aquele herói é devotado a mim, dotado de habilidade, e bem hábil com armas, e semelhante ao próprio Vasudeva exaltado. Eu conheço ambos, Krishna e Arjuna, aqueles destruidores de inimigos, ó Brahmana, dotados de destreza, assim como o pujante Vyasa os conhece. Eu sei que Vasudeva e Dhananjaya são ninguém mais do que o próprio Vishnu, possuidor dos seis atributos. E isto é também o que

Narada sabe, pois ele sempre falou assim para mim. Eu também sei que eles são Rishis, Nara e Narayana. Conhecendo-o como possuidor de habilidade, eu o enviei (na missão). Não inferior à Indra e totalmente competente (para a tarefa), eu enviei aquele filho de um deus para ver o senhor dos celestiais e obter armas dele. Bhishma e Drona são Atirathas. Kripa e o filho de Drona são invencíveis; estes guerreiros poderosos foram instalados pelo filho de Dhritarashtra no comando de seu exército. Todos eles são versados nos Vedas, são heróicos, e possuidores do conhecimento de todas as armas. Dotados de grande força, eles sempre desejam enfrentar Arjuna em combate. E Karna também da casta Suta é um guerreiro poderoso versado em armas celestes. Em relação ao ímpeto de suas armas, ele é dotado da força do deus do vento. Ele mesmo como uma chama de fogo, as flechas (procedendo dele) constituem suas línguas. Os tapas da sua mão esquerda envolvida em proteção de couro constituem a crepitação daquela chama. O pó do campo de batalha é sua fumaça. Incitado pelos filhos de Dhritarashtra assim como o vento incita o fogo, Karna semelhante ao fogo que a tudo consome no fim do Yuga que é enviado pela própria Morte, sem dúvida, consumirá minhas tropas como uma pilha de palha. Somente aquela poderosa massa de nuvens chamada Arjuna, ajudado por Krishna como um vento poderoso, com arma celeste representando seu relâmpago violento, os corcéis brancos as fileiras de garças brancas seguindo por baixo e o irresistível Gandiva o arco-íris à frente, é capaz de extinguir a chama ardente representada por Karna por meio de suas chuvas de setas disparadas com firmeza incansável. Aquele conquistador de cidades hostis, Vibhatsu, sem dúvida, conseguirá obter do próprio Indra todas as armas celestes com sua plenitude e vida. Só ele é igual, eu penso, a eles todos. De outra maneira é impossível (para nós) derrotar em luta todos aqueles inimigos, que alcançaram êxito notável em todos os seus propósitos. Nós veremos Arjuna, aquele repressor de inimigos, completamente equipado com armas celestes, pois Vibhatsu, tendo uma vez empreendido uma tarefa, nunca enlanguesce sob seu peso. Sem aquele herói, no entanto, aquele melhor dos homens, nós, com Krishna, não podemos ficar despreocupados em Kamyaka. Portanto, cite alguma outra floresta que seja sagrada e encantadora, e que seja rica em alimento e frutas, e que seja habitada por homens de práticas piedosas, onde nós possamos passar algum tempo esperando o guerreiro Arjuna de destreza imbatível, como o Chataka na expectativa do ajuntamento de nuvens. Fale-nos de alguns retiros abertos para os regenerados, e lagos e rios e montanhas belas. Ó Brahmana, privado de Arjuna eu não gosto de ficar nesta floresta de Kamyaka. Nós desejamos ir para algum outro lugar.'"

87

Vaisampayana disse, "Vendo os Pandavas afligidos pela ansiedade e deprimidos em espírito, Dhaumya, que parecia Vrihaspati, falou dessa maneira, confortando-os, 'Ó touro da raça Bharata, ó impecável, escute-me enquanto eu menciono certos retiros sagrados e regiões e tirthas e montanhas que são aprovados por Brahmanas. Ó rei, escute-me enquanto eu falo, tu com a filha de Drupada e teus irmãos, ó senhor de homens, serão aliviados da dor. E, ó filho de Pandu, somente por ouvir sobre estes lugares tu adquirirás mérito. E por visitá-los tu obterás mérito cem vezes maior, ó melhor dos homens! Primeiro, ó rei, eu falarei, tanto quanto eu me lembro, do belo país do leste, muito respeitado, ó Yudhishthira, por Rishis nobres. Naquela direção, ó Bharata, há um lugar chamado Naimisha o qual é estimado pelos celestiais. Lá naquela região existem vários tirthas sagrados pertencentes aos deuses. Lá também é o sagrado e belo Gomati o qual é adorado por Rishis celestes e lá também é a região sacrifical dos deuses e a estaca sacrifical de Surya. Naquele quadrante também está aquela melhor das colinas chamada Gaya, a qual é sagrada e muito respeitada por ascetas reais. Lá sobre aquela colina se encontra o lago auspicioso chamado Brahmasara que é adorado por Rishis celestes. É por isso que os antigos dizem que um homem deve desejar muitos filhos, para que pelo menos um entre eles possa visitar Gaya, celebrar o Sacrifício de Cavalo ou doar um touro nila, e assim resgatar dez gerações ascendentes e descendentes de sua família. Lá, ó monarca, há um grande rio, e um lugar chamado Gayasira. Em Gayasira existe uma banian, a qual é chamada pelos Brahmanas de banian Eterna, pois o alimento que é oferecido lá para os Pitris se torna eterno, ó exaltado! O grande rio que flui através do lugar é conhecido pelo nome de Phalgu, e suas águas são todas sagradas. E, ó touro entre os Bharatas, lá também, naquele lugar, é o Kausiki, cuja bacia é cheia de várias frutas e raízes, e onde Viswamitra dotado de riqueza de ascetismo obteve a condição de Brahmana. Rumo àquela direção também está o sagrado Ganga, em cuja margem Bhagiratha celebrou muitos sacrifícios com presentes abundantes (para Brahmanas). Eles dizem que no país de Panchala há uma floresta chamada Utpala, onde Viswamitra da linhagem de Kusika realizou sacrifícios com seu filho, e onde contemplando as relíquias do poder sobre-humano de Viswamitra, Rama, o filho de Jamadagni, recitou os louvores de seu ancestral. Em Kamyaka o filho de Kusika bebeu o suco Soma com Indra. Então abandonando a classe Kshatriya ele começou a dizer, ‘Eu sou um Brahmana.’ Naquele quadrante, ó herói, se encontra a confluência sagrada do Ganga e do Yamuna que é famosa pelo mundo. Santo e destruidor de pecados, aquele tirtha é muito respeitado pelos Rishis. Foi lá que a alma de todas as coisas, o Avô, nos tempos passados, realizou seu sacrifício, e é por isto, ó chefe da família Bharata, que o lugar veio a ser chamado de Prayaga. Naquela direção, ó principal dos reis, se encontra o retiro excelente de Agastya, ó monarca, e a floresta chamada Tapasa, decorada por muitos ascetas. E lá também é o grande

tirtha chamado Hiranyavinda sobre as colinas Kalanjara, e aquela melhor das montanhas chamada Agastya, a qual é bela, sagrada e auspiciosa. Naquele quadrante, ó descendente da linhagem Kuru, está a montanha chama Mahendra, sagrada para o ilustre Rama da linhagem Bhrigu. Lá, ó filho de Kunti, o Avô realizou sacrifícios antigamente. Lá, ó Yudhishthira, o sagrado Bhagiratha entra em um lago e lá também, ó rei, é aquele rio sagrado conhecido pelo nome de Brahmasara concessor de mérito, cujas margens são habitadas por pessoas cujos pecados foram purificados, e cuja visão inigualável produz mérito. Naquela direção também se encontra o retiro excelente de Matanga de grande alma, chamado Kedara, o qual é sagrado e auspicioso e célebre pelo mundo. E lá também é a montanha chamada Kundoda, que é tão encantadora e abundante em frutas e raízes e águas, e onde o rei dos Nishadhas (Nala) matou sua sede e descansou por um tempo. Naquele quadrante também é o encantador Deva-vana que é agraciado por ascetas. Lá também é o rio Vahuda e Nanda sobre o topo da montanha. Ó rei poderoso, eu descrevi para ti todos os tirthas e locais sagrados no quadrante Leste. Ouça agora sobre os tirthas sagrados, e rios e montanhas e lugares santos nos outros três quadrantes!'"

88

"Dhaumya continuou, 'Escute, ó Bharata, eu agora narrarei para ti em detalhes, segundo meu conhecimento, os tirthas sagrados do sul. Naquele quadrante se encontra o rio Godavari sagrado e auspicioso, cheio de água, cheio de arvoredos e frequentado por ascetas. Naquela direção também estão os rios Venna e Bhimarathi, ambos capazes de destruir o pecado e o medo, e cheios de aves e veados, e agraciados com residências de ascetas. Naquela região também, ó touro da raça Bharata, é o tirtha do asceta real Nriga, isto é, o rio Payoshni, o qual é encantador e cheio de águas e visitado por Brahmanas. Lá o ilustre Markandeya de grande mérito ascético cantou em verso os louvores do rei da linhagem de Nriga! Nós temos ouvido a respeito do sacrificador rei Nriga, do que realmente aconteceu enquanto ele estava realizando um sacrifício no tirtha excelente chamado Varaha no Payoshni. Naquele sacrifício Indra ficou embriagado por beber Soma, e os Brahmanas, com os presentes que eles receberam. A água do Payoshni, levada (em recipiente), ou fluindo pelo solo, ou transportada pelo vento, pode purificar uma pessoa de quaisquer pecados que ela possa ter cometido até o dia de sua morte. Mais elevado do que o próprio céu, e puro, e criado e outorgado pelo deus portador do tridente, lá naquele tirtha está uma imagem de Mahadeva contemplando a qual um mortal vai para a região de Siva. Colocando sobre um prato da balança Ganga e os outros rios com suas águas, e no outro o Payoshni, o último, na minha opinião seria superior a todos os tirthas juntos, na questão de mérito! Então, ó principal da linhagem Bharata, sobre a montanha chamada Varunasrotasa está a floresta sagrada e auspiciosa de Mathara rica em frutas e raízes, e contendo uma estaca sacrifical. Então, ó rei, é dito que na região ao norte do Praveni, e em volta do retiro sagrado de Kanwa, existem muitos retiros arborizados de ascetas. E, ó filho, no tirtha chamado Surparaka estão duas

plataformas sacrificais do ilustre Jamadagni, chamadas Pashana e Punaschandra, ó Bharata! E, ó filho de Kunti, naquele local é o tirtha chamado Asoka rico em retiros arborizados de ascetas. E, ó Yudhishthira, no país dos Pandyas estão os tirthas chamados Agastya e Varuna! E, ó touro entre homens, lá entre os Pandyas se encontra o tirtha chamado Kumaris. Escute, ó filho de Kunti, eu agora descreverei Tamraparni. Naquele retiro os deuses praticaram penitências impelidos pelo desejo de obter a salvação. Naquela região também é o lago de Gokarna que é célebre pelos três mundos, que tem uma abundância de águas frescas, e é sagrado, auspicioso, e capaz, ó filho, de produzir grande mérito. Aquele lago é de acesso extremamente difícil para homens de almas não purificadas. Perto daquele tirtha é o retiro sagrado do discípulo de Agastya, a montanha Devasabha, a qual é cheia de árvores e ervas, e frutas e raízes. E lá também é a montanha Vaiduryya, a qual é encantadora cheia de pedras preciosas e capaz de conceder grande mérito. Lá naquela montanha é o retiro de Agastya rico em frutas e raízes e água.

Eu descreverei agora, ó senhor de homens, os locais sagrados, e retiros, e rios e lagos pertencentes ao país Surashtra! Ó Yudhishthira, os Brahmanas dizem que no litoral está o Chamasodbheda, e também Prabhasa, aquele tirtha que é muito respeitado pelos deuses. Lá também é o tirtha chamado Pindaraka, frequentado por ascetas e capaz de produzir grande mérito. Naquela região há uma colina imensa chamada Ujjayanta a qual conduz ao sucesso rápido. A respeito dela o Rishi Narada celeste de grande inteligência recitou um sloka antigo. Escute-o, ó Yudhishthira! ‘Por realizar austeridades na colina sagrada de Ujjayanta em Surashtra, rica em aves e animais, uma pessoa se torna respeitada no céu.’ Lá também é Dwaravati, produzindo grande mérito, onde mora o matador de Madhu, que é o Antigo em forma incorporada, e a virtude eterna. Brahmanas versados nos Vedas, e pessoas conhecedoras da filosofia da alma dizem que o ilustre Krishna é a Virtude eterna. Govinda é citado como sendo a mais pura de todas as coisas puras, o mais justo dos justos e o mais auspicioso dos auspiciosos. Em todos os três mundos, Ele de olhos como folhas de lótus é o Deus dos deuses, e é eterno. Ele é a alma pura e o princípio ativo da vida, é o Supremo Brahma e é o senhor de tudo. Aquele matador de Madhu, Hari de alma inconcebível, mora lá!"

89

"Dhaumya continuou, 'Eu descreverei para ti aqueles lugares sagrados capazes de produzir mérito que se encontram no oeste, no país dos Anarttas. Ó Bharata, lá flui para a direção oeste o rio sagrado Narmada, agraciado por Priyangu e mangueiras, e enfeitado com os mais espessos dos juncos. Todos os tirthas e locais sagrados, e rios e florestas e principais das montanhas que estão nos três mundos, todos os deuses com o Avô, junto com os Siddhas, os Rishis e os Charanas, ó melhor dos Kurus, sempre vão, ó Bharata, se banhar nas águas sagradas do Narmada. E nós sabemos que o retiro sagrado do Muni Visravas se encontrava lá, e que lá nasceu o senhor dos tesouros, Kuvera, tendo homens

como seus veículos. Lá também é aquela principal das colinas, o pico Vaidurya sagrado e auspicioso rico em árvores que são verdes e que são sempre agraciadas com frutas e flores. Ó senhor da terra, sobre o topo daquela montanha há um tanque sagrado adornado com lotos totalmente desabrochados e frequentado pelos deuses e os Gandharvas. Muitas são as maravilhas, ó monarca poderoso, que podem ser vistas naquela montanha sagrada a qual é semelhante ao próprio céu e que é visitada por Rishis celestes. Lá, ó subjugador de cidades hostis, está o rio sagrado chamado Viswamitra pertencente ao sábio real daquele nome e que é cheio, ó rei, de muitos tirthas sagrados. Foi nas margens daquele rio que Yayati, o filho de Nahusha, (caiu do céu) entre os virtuosos, e alcançou mais uma vez as regiões eternas dos justos. Lá também estão o lago bem conhecido chamado Punya, a montanha chamada Mainaka, e aquela outra montanha chamada Asita rica em frutas e raízes. E lá também é o retiro sagrado de Kakshasena, e, ó Yudhishthira, o retiro de Chyavana também, o qual é famoso em todos os países, ó filho de Pandu! Naquele local, ó exaltado, homens alcançam o êxito (ascético) sem austeridades severas. Lá também, ó rei poderoso, é a região chamada Jamvumarga, habitada por aves e veados, e que constitui o retiro de ascetas com almas sob controle, ó tu principal daqueles que subjugam seus sentidos! Próximo se encontra o muito sagrado Ketumala, e Medhya sempre agraciado com ascetas, e, ó senhor da terra, Gangadwara, e as florestas bem conhecidas de Saindhava que são sagradas e habitadas pelos regenerados. Lá também é o tanque célebre do Avô, chamado Pushkara, a residência favorita dos Vaikanasas, e Siddhas e Rishis. Movido pelo desejo de obter sua proteção, o Criador cantou este verso em Pushkara, ó chefe dos Kurus e principal dos homens virtuosos! ‘Se uma pessoa de alma pura planeja uma peregrinação aos Pushkaras mesmo em imaginação, ela vem a ser purgada de todos os seus pecados e se regozija no céu!'"

90

"Dhaumya continuou, 'Ó tigre entre reis, eu agora descreverei aqueles tirthas e locais sagrados que se encontram ao norte. Ó exaltado, escute-me atentamente. Por ouvir esta narração, ó herói, uma pessoa adquire um estado de espírito reverencial, o qual leva à muito benefício. Naquela região está o altamente sagrado Saraswati cheio de tirthas e com margens de descida fácil. Lá também, ó filho de Pandu, está o impetuoso Yamuna que segue para o oceano, e o tirtha chamado Plakshavatarana, produtivo de mérito elevado e prosperidade. Foi lá que os regenerados tendo realizado o sacrifício Saraswata se banharam na conclusão dele. Ó impecável, (lá) é o tirtha celeste bem conhecido chamado Agnisiras, o qual é produtivo de grande mérito. Lá o rei Sahadeva celebrou um sacrifício medindo o solo por um arremesso do Samya. É por esta razão, ó Yudhishthira, que Indra cantou os louvores de Sahadeva em verso. Aqueles versos são ainda correntes neste mundo, sendo recitados pelos regenerados; no Yamuna Sahadeva adorou o fogo sacrifical, com doações de cem milhares para Brahmanas. Lá o rei ilustre, o imperial Bharata realizou trinta e cinco Sacrifícios de Cavalo. Ó filho, nós ouvimos

que Sarabhanga antigamente costumava satisfazer completamente os desejos dos regenerados. Lá naquela região é seu retiro célebre produtivo de grande mérito. Naquela região também, ó filho de Pritha, é o rio Saraswati, o qual é sempre adorado pelos deuses, onde, no passado, os Valikhilyas, ó grande rei, realizaram sacrifícios. Naquela região também, ó Yudhishthira, é o rio bem conhecido Drisadwati, que é produtivo de grande mérito. Então, ó chefe de homens, estão Nyagrodhakhya, e Panchalya, e Punyaka e Dalbhyaghosha, e Dalbhya, os quais são, ó filho de Kunti, os retiros sagrados no mundo dos Anandayasas ilustres de votos excelentes e grande energia, e os quais são famosos nos três mundos. Lá também, ó senhor de homens, os ilustres Etavarna e Avavarana versados nos Vedas, instruídos no saber Védico, e competentes no conhecimento dos ritos Védicos, realizaram sacrifícios meritórios, ó chefe da linhagem Bharata! Lá também é Visakhayupa ao qual, antigamente, foram os deuses com Varuna e Indra, e praticaram austeridades ascéticas. E por essa razão aquele local é tão eminentemente sagrado. Lá também é Palasaka, onde o Rishi Jamadagni ilustre e altamente abençoado realizou sacrifícios. Lá todos os rios principais em suas formas incorporadas levando suas respectivas águas permaneceram circundando aquele melhor dos sábios. E lá também, ó monarca, o próprio Vibhavasu (fogo), vendo a iniciação daquele de grande alma, cantou o seguinte sloka: 'O rio se aproximando do ilustre Jamadagni enquanto sacrificando para os deuses gratificou os Brahmanas com oferendas de mel.' Ó Yudhishthira, o local onde Ganga passa com pressa, abrindo caminho pelas principais das montanhas, que é frequentado por Gandharvas e Yakshas e Rakshasas e Apsaras, e habitado por caçadores e Kinnaras é chamado de Gangadwara. Ó rei, Sanatkumara considerava aquele local visitado por Brahmarshis, como também o tirtha Kanakhala (que é perto deste), como sagrados. Lá também é a montanha chamada Puru que é frequentada por grandes Rishis e onde Pururavas nasceu, e Bhrigu praticou austeridades ascéticas. É por isto, ó rei, que aquele retiro se tornou conhecido como o grande pico de Bhrigutunga. Perto desse pico é o Vadari sagrado e extenso, aquele retiro altamente meritório, famoso pelos três mundos, dele, ó touro da raça Bharata, que é o Presente, o Passado e o Futuro, que é chamado Narayana e o senhor Vishnu, que é eterno e o melhor dos seres masculinos, e que é preeminentemente ilustre. Perto de Vadari, a corrente fria do Ganga era quente antigamente, e as margens lá eram cobertas com areias douradas. Lá os deuses e Rishis de grande ventura e refulgência excelente, aproximando-se do senhor divino Narayana, sempre o adoram. O universo inteiro com todos os seus tirthas e lugares santos estão lá onde mora o divino e eterno Narayana, a alma Suprema, pois ele é Mérito, ele é o Brahma Supremo, ele é tirtha, ele é o retiro ascético, ele é o Primeiro, ele é o principal dos deuses, e ele é o grande Senhor de todas as criaturas. Ele é eterno, ele é o grande Criador, e ele é o estado mais elevado de bem aventurança. Pessoas eruditas versadas nas escrituras alcançam grande felicidade por conhecer a ele. Naquele local estão os Rishis celestes, os Siddhas, e, de fato, todos os Rishis, onde mora o matador de Madhu, aquela Divindade primordial e Yogue poderoso! Que nenhuma dúvida entre no teu coração que aquele local é o principal de todos os lugares santos. Estes, ó senhor da terra, são os tirthas e lugares sagrados sobre a terra, que eu narrei, ó melhor dos homens! Estes todos são visitados pelos Vasus, os Sadhyas,

os Adityas, os Marutas, os Aswins e os Rishis ilustres parecidos com os próprios celestiais. Por viajar, ó filho de Kunti, para aqueles locais, com os Brahmanas e ascetas que estão contigo e com teus irmãos abençoados, tu serás libertado da ansiedade!"

91

Vaisampayana continuou, "Ó filho da linhagem Kuru, enquanto Dhaumya estava falando assim chegou àquele local o Rishi Lomasa de grande energia. E o rei, que era o mais velho dos filhos de Pandu, com seus seguidores e aqueles Brahmanas sentaram-se ao redor daquele altamente virtuoso, como celestiais no céu sentados em volta de Sakra. E tendo-o recebido devidamente, Yudhishthira o justo perguntou pela razão da sua chegada, e o objetivo também de suas viagens. Assim questionado pelo filho de Pandu, o asceta ilustre, bem satisfeito, respondeu em palavras gentis encantando os Pandavas, 'Viajando à vontade, ó Kaunteya, por todas as regiões, eu cheguei à residência de Sakra e vi lá o senhor dos celestiais. Lá eu vi teu irmão heróico capaz de manejar o arco com sua mão esquerda sentado no mesmo assento com Sakra. E vendo Partha naquele assento eu fiquei muito surpreso, ó tigre entre homens! E o senhor dos celestiais então disse para mim, 'Vá até os filhos de Pandu.' A pedido, portanto, de Indra como também do filho de Pritha de grande alma eu vim para cá com velocidade, desejando ver a ti com teus irmãos mais novos. Ó filho, eu relatarei o que te agradará muito, ó filho de Pandu! Ouça, ó rei, com Krishna e os Rishis que estão contigo. Ó touro da raça Bharata, Partha obteve de Rudra aquela arma incomparável para a aquisição da qual tu o enviaste para o céu. Aquela arma feroz, conhecida pelo nome de Brahma-sira que surgiu depois de Amrita, e que Rudra obteve por meio de austeridades ascéticas, foi adquirida por Arjuna junto com os Mantras para arremessá-la e retirá-la, e os ritos de expiação e renascimento. E, ó Yudhishthira, Arjuna de destreza incomensurável também adquiriu Vajras e Dandas e outras armas celestes de Yama e Kuvera e Varuna e Indra, ó filho da raça Kuru! E ele também aprendeu música completamente, vocal e instrumental, e dança e a recitação apropriada do Saman (Veda) do filho de Vishwavasu. E tendo assim adquirido armas e dominado o Gandharva Veda, teu terceiro irmão Vibhatsu vive alegremente (no céu). Ouça-me, ó Yudhishthira, pois eu agora entregarei para ti a mensagem daquele principal dos celestiais. Ele me ordenou dizendo, 'Tu, sem dúvida, irás ao mundo dos homens. Ó melhor dos Brahmanas, diga a Yudhishthira estas minhas palavras: 'Logo o teu irmão Arjuna irá até ti, tendo adquirido armas e realizado um grande feito para os celestiais que é incapaz de ser realizado por eles mesmos. Enquanto isso te dedique a austeridades ascéticas, com teus irmãos. Não há nada superior ao ascetismo, e é pelo ascetismo que uma pessoa alcança grandes resultados. E, ó touro da raça Bharata, eu sei bem que Karna é dotado de grande ardor e energia e força e bravura que é incapaz de ser frustrada. Eu sei bem que, hábil em conflito feroz, ele não tem seu rival em batalha; que ele é um arqueiro poderoso, um herói destro no uso de armas violentas e envolvido na melhor das armaduras. Eu sei bem que aquele filho exaltado de Aditya parece o filho do filho do próprio Maheswara. Eu

conheço bem também a grande destreza natural de Arjuna de ombros largos. Em batalha Karna não é igual nem a uma décima sexta parte do filho de Pritha. E quanto ao medo de Karna que está no teu coração, ó repressor de inimigos, eu dissiparei quando Savyasachin tiver deixado o céu. E com relação ao teu propósito, ó herói, de partir em uma peregrinação aos tirthas, o grande Rishi Lomasa, sem dúvida, falará para ti. E o que quer que aquele Rishi regenerado narre para ti concernente aos méritos do ascetismo e dos tirthas, tu deves receber com respeito e não de outra maneira!'"

92

"Lomasa continuou, 'Ouça agora, ó Yudhishthira, ao que Dhananjaya disse: 'Faça meu irmão Yudhishthira se encarregar da prática da virtude a qual leva à prosperidade. Dotado de riqueza de ascetismo, tu és familiarizado com a maior moralidade, com austeridades ascéticas de todo tipo, com os deveres eternos dos reis abençoados com prosperidade, e com os méritos elevados e santificantes que homens obtêm de tirthas. Convença os filhos de Pandu a adquirir o mérito vinculado aos tirthas. Com toda a tua alma convença o rei a visitar os tirthas e doar vacas.' Isto foi o que Arjuna me disse. De fato ele também disse, 'Que ele visite todos os tirthas protegido por ti. Tu também o protegerás de Rakshasas, e zelará por ele em regiões inacessíveis e leitos de montanha acidentados. E como Dadhichi protegeu Indra, e Angiras protegeu o Sol, dessa maneira, ó melhor dos regenerados, proteja os filhos de Kunti de Rakshasas. Pelo caminho há muitos Rakshasas, enormes como despenhadeiros de montanha. Mas protegidos por ti estes não poderão se aproximar dos filhos de Kunti.' Obediente às palavras de Indra e a pedido de Arjuna também, protegendo-te dos perigos, eu vagarei contigo. Antes disto, ó filho da linhagem Kuru, eu visitei os tirthas duas vezes. Contigo eu me dirigirei a eles pela terceira vez. Ó Yudhishthira, Manu e outros Rishis nobres de atos meritórios empreenderam viagens para tirthas. De fato, uma viagem a eles é capaz de dissipar todo o temor, ó rei! Aqueles que são de mente desonesta, aqueles que não tem suas almas sob controle, aqueles que são ignorantes e perversos, ó Kauravya, não se banham em tirthas. Mas tu és sempre de uma disposição virtuosa e conhecedor da moralidade e firme em tuas promessas. Tu sem dúvida serás capaz de te libertar do mundo. Pois, ó filho de Pandu, tu és assim como o rei Bhagiratha, ou Gaya, ou Yayati, ou alguém, ó filho de Kunti, que é como eles.'

Yudhishthira respondeu, 'Eu estou tão dominado pelo deleite, ó Brahmana, que eu não posso encontrar palavras para te responder. Quem pode ser mais afortunado do que aquele que é lembrado até pelo senhor dos celestiais? Quem pode ser mais afortunado do que aquele que foi favorecido com tua companhia, que tem Dhananjaya como um irmão, e que é lembrado pelo próprio Vasava? Quanto às tuas palavras, ó ilustre, a respeito de uma viagem aos tirthas, eu já tinha tomado uma decisão pelas palavras de Dhaumya. Ó Brahmana, eu partirei

em qualquer hora que tu quiseres fixar, na viagem sugerida para tirthas. Esta é a minha firme decisão!'"

Vaisampayana continuou, "Lomasa então disse para Yudhishthira que tinha decidido começar a viagem proposta, 'Ó rei poderoso, seja leve com relação à tua comitiva, pois assim tu poderás seguir mais facilmente!'

Yudhishthira então disse, 'Que aqueles mendicantes e Brahmanas e Yogues que são incapazes de suportar fome e sede, as fadigas da viagem e o esforço, e a severidade do inverno, desistam. Que desistam também aqueles Brahmanas que vivem de guloseimas, e aqueles também que desejam iguarias cozidas e alimento que é chupado ou bebido assim como carne. E que fiquem para trás também aqueles que são dependentes de cozinheiros. Que aqueles cidadãos que me seguiram por motivos de lealdade, e a quem eu até agora tenho mantido por estipêndios apropriados se dirijam ao rei Dhritarashtra. Ele lhes dará seu auxílio no momento devido. Se, no entanto, aquele rei se recusar a lhes conceder subsídios apropriados o rei dos Panchalas, para nossa satisfação e bem-estar, lhes dará.'"

Vaisampayana continuou, "E então oprimidos pela dor os cidadãos e os Brahmanas e Yatis principais partiram para Hastinapura. E por afeição por Yudhishthira o justo, o nobre filho de Amvika recebeu-os devidamente, e gratificou-os com compensações apropriadas. E o real filho de Kunti, somente com um pequeno número de Brahmanas, permaneceu por três noites em Kamyaka, alegrado por Lomasa."

93

Vaisampayana disse, "Os Brahmanas então, que tinham residido (com ele) nas florestas, vendo o filho de Kunti prestes a partir (na peregrinação virtuosa), aproximaram-se dele, ó rei, e disseram, 'Tu estás prestes a partir, ó rei, na tua viagem aos tirthas sagrados, junto com teus irmãos e acompanhados pelo ilustre Rishi Lomasa. Ó rei, cabe a ti, ó filho de Pandu, nos levar contigo. Sem ti nós não seremos capazes, ó filho da raça Kuru, de visitá-los em qualquer época. Cercados por perigos e de acesso difícil, eles são infestados por animais predadores. Aqueles tirthas, ó senhor de homens, são inacessíveis para pessoas em grupos pequenos. Os principais de todos os manejadores de arco, teus irmãos são sempre corajosos. Protegidos por suas pessoas heróicas, nós também iríamos a eles. Permita-nos adquirir, ó senhor da terra, pela tua graça, o fruto abençoado dos tirthas. Protegidos pela tua energia, deixe-nos, ó rei, ser limpados de todos os nossos pecados por visitar aqueles tirthas e purificados por banhos neles. Banhando-te naqueles tirthas, tu também, ó Bharata, alcançarás sem dúvida regiões de aquisição difícil que somente Kartavirya e Ashtaka, o sábio real Lomapada e o imperial e heróico Bharata mereceram. Em tua companhia, ó rei, nós desejamos contemplar Prabhasa e outros tirthas, Mahendra e outras colinas, Ganga e outros rios, e Plaksha e outras árvores gigantescas. Se, ó senhor de

homens, tu tens algum respeito pelos Brahmanas faça o que te dizemos. Tu certamente terás prosperidade disto. Ó tu de braços poderosos, os tirthas são infestados por Rakshasas que sempre obstruem penitências ascéticas. Cabe a ti nos proteger deles. Protegido por Lomasa e nos levando contigo, vá para todos os tirthas mencionados por Dhaumya e pelo inteligente Narada, como também a todos aqueles que foram citados pelo Rishi celeste Lomasa, dotado de grande riqueza ascética, e seja, por isto, purificado de todos os teus pecados.'

Assim endereçado respeitosamente por eles, o rei, aquele touro entre os filhos de Pandu, cercado por seus irmãos heróicos encabeçados por Bhima, com lágrimas de alegria em seus olhos, disse para todos aqueles ascetas, 'Que assim seja.' Com a permissão então de Lomasa, como também de seu sacerdote Dhaumya, aquele principal dos filhos de Pandu com alma sob controle perfeito, resolveu, junto com seus irmãos e a filha de Drupada de feições impecáveis, partir. Exatamente naquele momento o abençoado Vyasa, como também Parvata e Narada, todos dotados de inteligência sublime, chegaram em Kamyaka para ver o filho de Pandu. Vendo-os, o rei Yudhishthira adorou-os com ritos devidos. E adorados pelo monarca dessa maneira, aqueles abençoados, dirigindo-se a Yudhishthira, disseram, 'Ó Yudhishthira, ó Bhima, e vocês gêmeos, expulsem todos os maus pensamentos de suas mentes. Purifiquem seus corações e então partam para os tirthas. Os Brahmanas dizem que a observância de regulações em relação ao corpo é chamada de votos mundanos, enquanto esforços para purificar o coração, para que este possa ficar livre de pensamentos maus, são chamados de votos espirituais. Ó rei, a mente que está livre de todos os maus pensamentos é altamente pura. Purificando-se, portanto, nutrindo somente sentimentos amigáveis por todos, contemplem os tirthas. Cumprindo votos mundanos em relação aos seus corpos e purificando suas mentes por meio de votos espirituais, obtenham os frutos, como recitados, das peregrinações.'

Dizendo, 'Assim seja' os Pandavas com Krishna fizeram aqueles Rishis celestes e humanos realizarem as cerimônias propiciatórias usuais. E aqueles heróis, tendo adorado os pés de Lomasa e Dwaipayana e Narada e do Rishi celeste Parvata, ó rei, e acompanhados por Dhaumya como também pelos ascetas que estavam residindo com eles nas florestas, partiram no dia seguinte à lua cheia de Agrahayana no qual a constelação Pushya estava ascendente. Vestidos em cascas de árvores e peles, e com madeixas emaranhadas na cabeça, eles estavam todos envolvidos em armadura impenetrável e armados com espadas. E, ó Janamejaya, os heróicos filhos de Pandu com aljavas e flechas e cimitarras e outras armas, e acompanhados por Indrasena e outros servidores com quinze carros, vários cozinheiros e empregados de outras classes, partiram com rostos virados em direção ao leste!"

94

"Yudhishthira disse, 'Ó melhor dos Rishis celestes, eu não acho que eu sou sem méritos. Ainda assim eu sou afligido por tanta tristeza que nunca houve um rei como eu. Eu penso, no entanto, que meus inimigos são desprovidos de boas qualidades e até desprovidos de moralidade. Ainda assim por que, ó Lomasa, eles prosperam neste mundo?'

Lomasa disse, 'Nunca te aflija, ó rei, ó filho de Pritha, que homens pecaminosos frequentemente prosperem por causa dos pecados que eles cometem. Um homem pode ser visto prosperar por meio de seus pecados, obter benefício deles e derrotar seus inimigos. A destruição, no entanto, o alcança até as raízes. Ó rei, eu vi muitos Daityas e Danavas prosperarem por meio do pecado mas eu também vi a destruição alcançá-los. Ó exaltado, eu vi tudo isso na era justa de outrora. Os deuses praticaram a virtude, enquanto os Asuras a abandonaram. Os deuses visitaram os tirthas, enquanto os Asuras não os visitaram. E a princípio os Asuras pecaminosos foram possuídos pelo orgulho. E o orgulho gerou a vaidade e a vaidade gerou a cólera. E da cólera surgiram todas as espécies de propensões más, e destas últimas surgiu a impudência. E por causa da impudência o bom comportamento desapareceu dentre eles. E porque eles se tornaram desavergonhados e desprovidos de propensões virtuosas e boa conduta e votos virtuosos; perdão e prosperidade e moralidade os abandonaram rapidamente. E a prosperidade então, ó rei, procurou os deuses, enquanto a adversidade procurou os Asuras. E quando os Daityas e os Danavas, privados de razão pelo orgulho, foram possuídos pela adversidade, Kali também procurou possuí-los. E, ó filho de Kunti, dominados pelo orgulho, e desprovidos de ritos e sacrifícios, e desprovidos de razão e sentimento, e seus corações cheios de vaidade, a destruição logo os alcançou. E cobertos com infâmia, os Daityas foram logo exterminados. Os deuses, no entanto, que eram virtuosos em suas práticas, indo aos mares, aos rios, aos lagos e aos locais sagrados se purificaram de todos os seus pecados, ó filho de Pandu, por meio de penitências ascéticas e sacrifícios e doações e bênçãos, e obtiveram prosperidade e influência. E porque os deuses sempre realizaram sacrifícios e atos santos abandonando toda prática que fosse má, e visitaram os tirthas, como consequência disso eles adquiriram grande boa sorte. Guiado por isto, ó rei, tu também, com teus irmãos, banhe-te em tirthas, pois então tu obterás prosperidade uma vez mais. Esta mesma é a estrada eterna. E, ó monarca, como o rei Nriga e Shivi e Ausinara e Bhagiratha e Vasumanas e Gaya e Puru e Pururavas, por praticarem penitências ascéticas e visitarem tirthas e tocarem águas sagradas e contemplarem ascetas ilustres obtiveram renome e santidade e mérito e riqueza, assim tu também obterás prosperidade que é excelente. E como Ikshwaku com seus filhos, amigos e seguidores, como Muchukunda e Mandhatri e o rei Marutta, como os deuses através do poder do ascetismo e os Rishis celestes também, todos obtiveram fama, assim tu também

obterás grande celebridade. Os filhos de Dhritarashtra, por outro lado, escravizados pela pecaminosidade e ignorância, sem dúvida serão logo exterminados como os Daityas.'"

95

Vaisampayana disse, "Os filhos heróicos de Pandu, acompanhados por seus seguidores, procedendo de lugar em lugar finalmente chegaram a Naimisha. Ó rei, alcançando o Gomati, os Pandavas se banharam no tirtha sagrado daquele rio, e tendo realizado suas abluções lá, eles doaram, ó Bharata, vacas e riqueza! E repetidamente oferecendo oblações de água, ó Bharata, aos deuses, aos Pitris, e aos Brahmanas, nos tirthas chamados Kanya, Aswa, e Go e ficando (como ordenado) em Kalakoti e nas colinas Vishaprastha, os Kauravas então, ó rei, alcançaram Vahuda e realizaram suas abluções naquela corrente. Procedendo em seguida, ó senhor da terra, à região sacrifical dos deuses conhecida pelo nome Prayaga, eles se banharam na confluência do Ganga e do Yamuna e residindo lá praticaram penitências ascéticas de grande mérito. E os Pandavas, de promessas verdadeiras, banhando-se no tirtha, purificaram-se de todo pecado. Os filhos de Pandu então, ó rei da linhagem Bharata, acompanhados por aqueles Brahmanas, procederam ao tirtha chamado Vedi, sagrado para o Criador e adorado pelos ascetas. Residindo lá por algum tempo e gratificando os Brahmanas com as frutas e raízes da selva e manteiga clarificada, aqueles heróis começaram a praticar penitências ascéticas de grande mérito. Eles então procederam para Mahidhara consagrado por aquele sábio real virtuoso Gaya de esplendor inigualável. Naquela região está a colina chamada Gayasira, assim como o rio encantador chamado Mahanadi, com margens belas agraciadas por moitas de juncos. Naquela colina celeste de picos santos há um tirtha sagrado chamado Brahmasara, o qual é muito adorado por ascetas. Lá nas margens daquele lago morava antigamente o próprio deus eterno da justiça, e foi para lá que o ilustre Rishi Agastya se dirigiu para contemplar aquela divindade. É daquele lago que todos os rios tem sua nascente e lá naquele tirtha, Mahadeva, o manejador do Pinaka, está presente para sempre. Chegando naquele local, os filhos heróicos de Pandu praticaram o voto que é conhecido pelo nome de Chaturmasya segundo todos os ritos e ordenanças do grande sacrifício chamado Rishiyajna. É lá que permanece aquela árvore imensa chamada banian Eterna. Qualquer sacrifício realizado lá produz mérito que é eterno. Naquela plataforma sacrifical dos deuses que produz mérito eterno os Pandavas começaram a jejuar com almas concentradas. E foram lá até eles Brahmanas às centenas dotados de riqueza de ascetismo. E todos aqueles Brahmanas também realizaram o sacrifício Chaturmasya segundo os ritos inculcados pelos Rishis. E lá naquele tirtha, Brahmanas idosos em conhecimento e mérito ascético e completamente versados nos Vedas, que constituíam a corte dos filhos ilustres de Pandu, falaram em sua presença sobre vários assuntos de significação sagrada. E foi naquele local que o erudito cumpridor de votos, e venerável Shamatha, levando, além disso, uma vida de celibato, falou para eles, ó rei, a respeito de Gaya, o filho de Amurttaraya. E Shamatha disse, 'Gaya, o filho de Amurttaraya, era um dos principais dos sábios reais. Escute-me, ó Bharata, enquanto eu narro seus atos meritórios. Foi aqui, ó rei, que Gaya realizou muitos

sacrifícios notáveis pelas quantidades enormes de comida (que foi distribuída) e pelos presentes abundantes que foram dados (para os Brahmanas). Aqueles sacrifícios, ó rei, eram famosos por montanhas de arroz cozido às centenas e milhares, lagos de manteiga clarificada e rios de coalhos em muitas centenas, e torrentes de pratos ricamente temperados com caril (curry) aos milhares. Dia após dia estes eram preparados e distribuídos entre todos os que chegavam, enquanto, além disto, Brahmanas e outros, ó rei, recebiam alimento que era limpo e puro. Durante a conclusão também (de todo sacrifício) quando presentes eram oferecidos aos Brahmanas, o canto dos Vedas alcançava os céus. E tão alto, de fato, era o som dos Mantras Védicos que nada mais, ó Bharata, podia ser ouvido lá. Dessa maneira sons sagrados, ó rei, enchiam a terra, os pontos do horizonte, o firmamento e o próprio céu. Estas mesmas eram as maravilhas que as pessoas notavam naquelas ocasiões. E satisfeitos com as iguarias e bebidas excelentes que o ilustre Gaya fornecia, os homens, ó touro da raça Bharata, vagavam cantando estes versos: ‘No grande sacrifício de Gaya, quem está lá hoje, entre as criaturas, que ainda deseja comer? Ainda há vinte e cinco montanhas de comida lá depois que todos foram alimentados! O que o nobre sábio Gaya de esplendor imenso realizou no seu sacrifício nunca foi realizado por homens antes, nem será por alguém no futuro. Os deuses foram tão saciados por Gaya com manteiga clarificada que eles não são capazes de aceitar alguma coisa que alguém mais possa oferecer. Como grãos de areia na terra, como estrelas no firmamento, como gotas derramadas por nuvens carregadas de chuva nunca podem ser contadas por alguém, assim mesmo ninguém pode contar as doações no sacrifício de Gaya!’

Ó filho da raça Kuru, muitas vezes o rei Gaya realizou sacrifícios deste gênero aqui, ao lado deste Brahmasara!"

96

Vaisampayana disse, "Depois disto o filho real de Kunti que era sempre famoso por seus presentes abundantes para os Brahmanas procedeu para o retiro de Agastya e tomou sua residência em Durjaya. Foi lá que aquele principal dos oradores, o rei Yudhishthira, questionou Lomasa quanto a por que Agastya tinha matado Vatapi lá. E o rei também perguntou pela extensão da coragem daquele Daitya destruidor de homens, e a razão também da cólera do ilustre Agastya ter sido excitada contra aquele Asura.

Assim questionado Lomasa disse, 'Ó filho da raça Kuru, havia na cidade chamada Manimati, nos tempos passados, um Daitya chamado Ilwala cujo irmão mais novo era Vatapi. Um dia aquele filho de Diti dirigiu-se a Brahmana dotado de mérito ascético, dizendo, 'Ó santo, conceda-me um filho igual a Indra.' O Brahmana, no entanto, não concedeu ao Asura um filho como Indra. E nisto, o Asura ficou excitado com cólera contra o Brahmana. E daquele dia em diante, ó rei, o Asura Ilwala tornou-se um destruidor de Brahmanas. E dotado do poder de ilusão o Asura enfurecido transformou seu irmão em um carneiro. E Vatapi que

também era capaz de assumir qualquer forma à vontade imediatamente assumiu a forma de um carneiro. E a carne daquele carneiro, depois de ser devidamente temperada, foi oferecida para Brahmanas como alimento. E depois que eles comeram dela eles foram mortos. Pois quem quer que Ilwala convocasse com sua voz ele voltaria para Ilwala, mesmo que ele tivesse ido para a residência de Yama, em forma reincorporada dotada de vida, e se mostrava para Ilwala. E assim tendo transformado o Asura Vatapi em um carneiro e cozinhando devidamente sua carne e alimentando Brahmanas com ela, ele convocava Vatapi. E o poderoso Asura Vatapi, aquele inimigo de Brahmanas, dotado de grande força e poder de ilusão, ouvindo, ó rei, aqueles sons proferidos com uma voz alta por Ilwala, e rasgando os flancos do Brahmana saía dando risada, ó senhor da terra! E era assim, ó monarca, que o Daitya Ilwala de coração perverso, tendo alimentado Brahmanas, frequentemente tirava suas vidas.

Enquanto isso, o ilustre Agastya viu seus antepassados falecidos pendurados em uma cova com cabeças para baixo. E ele questionou aqueles personagens assim suspensos naquele buraco, dizendo, ‘O que há com vocês?’ Assim questionados aqueles proferidores de Brahma responderam, 'Isto é por causa de descendência.' E eles também lhe disseram, 'Nós somos teus antepassados. É mesmo por causa de progênie que nós ficamos suspensos nesta cova. Se, ó Agastya, tu puderes nos gerar um bom filho, nós poderemos então ser salvos deste inferno e tu também obterás o estado abençoado daqueles que tem descendência.' Dotado de grande energia e observador da verdade e moralidade Agastya respondeu, dizendo, 'Ó Pitris, eu realizarei seu desejo. Que esta sua ansiedade seja dissipada.' E o Rishi ilustre então começou a pensar em perpetuar sua linhagem. Mas ele não viu uma mulher digna dele em quem ele mesmo poderia tomar nascimento na forma de um filho. O Rishi consequentemente, pegando aquelas partes que eram consideradas como muito belas, de criaturas que as possuíam, criou com elas uma mulher excelente. E o Muni, dotado de grande ascético mérito, então deu aquela menina criada por ele mesmo ao rei dos Vidharbhas que estava então praticando penitências ascéticas para obter descendência. E aquela menina abençoada de bela face (assim descartada) então teve seu nascimento (na linhagem real de Vidarbha) e, bela como o relâmpago refulgente, seus membros começaram a crescer dia a dia. E logo que aquele senhor da terra, o soberano dos Vidarbhas, viu ela introduzida à vida, ele alegremente comunicou a notícia, ó Bharata, para os Brahmanas. E os Brahmanas imediatamente, ó senhor da terra, abençoaram a menina e eles deram a ela o nome Lopamudra. E possuidora de grande beleza, ela começou, ó monarca, a crescer rapidamente como um lótus no meio da água ou a chama refulgente de um fogo. E quando a menina cresceu e alcançou a puberdade, cem virgens enfeitadas ornamentos e cem empregadas serviam em obediência à sua pessoa abençoada. E cercada por aquelas cem empregadas e virgens, ela brilhava em seu meio, dotada como ela era de refulgência brilhante, como Rohini no firmamento em meio a uma multidão inferior de estrelas. E possuidora como ela era de bom comportamento e modos excelentes, ninguém ousou pedir sua mão mesmo quando ela alcançou a puberdade, por medo de seu pai, o rei dos Vidharbhas. E Lopamudra, dedicada à verdade, superando até as Apsaras em

beleza, gratificava seu pai e parentes por meio de sua conduta. E seu pai, vendo sua filha, a princesa de Vidharbha, alcançar a puberdade, começou a refletir em sua mente, dizendo, 'Para quem eu darei esta minha filha?'"

97

"Lomasa continuou, 'Quando Agastya pensou que aquela menina era competente para os deveres da vida familiar ele se aproximou daquele senhor da terra, o soberano dos Vidharbhas, e dirigindo-se a ele, disse, 'Eu te peço, ó rei, para conceder tua filha Lopamudra para mim.' Assim endereçado pelo Muni, o rei dos Vidharbhas desfaleceu. E embora relutante em dar sua filha ao Muni, ele não ousou recusar. E aquele senhor da terra então, aproximando-se de sua rainha, disse, 'Este Rishi é dotado de grande energia. Se enfurecido ele pode me consumir com o fogo de sua maldição. Ó tu de rosto meigo, diga-me qual é teu desejo.' Ouvindo estas palavras do rei, ela não proferiu uma palavra. E vendo o rei junto com a rainha afligido pela tristeza, Lopamudra aproximou-se deles no momento devido e disse, 'Ó monarca, não cabe a ti sofrer por minha causa. Entregue-me para Agastya, e, ó pai, salve a ti mesmo por me conceder.' E a estas palavras de sua filha, ó monarca, o rei entregou Lopamudra para o ilustre Agastya com ritos devidos. E obtendo-a como esposa, Agastya dirigiu-se a Lopamudra, dizendo, 'Jogue fora estes mantos e ornamentos caros.' E, a estas palavras de seu marido, aquela donzela de olhos grandes e coxas cônicas como o tronco da bananeira jogou fora seus mantos belos e caros de boa textura. E jogando-os fora ela se vestiu em trapos e cascas e camurça e se tornou igual a seu marido em votos e ações. E procedendo então para Gangadwara aquele ilustre e melhor dos Rishis começou a praticar as penitências mais severas junto com sua esposa que o auxiliava. E a própria Lopamudra, bem satisfeita, começou a servir seu marido pelo respeito profundo que ela tinha por ele. E o elevado Agastya também começou a demonstrar grande amor por sua esposa.

Depois de um tempo considerável, ó rei, o ilustre Rishi um dia viu Lopamudra, brilhando em esplendor ascético, se levantar depois do banho em seu período (fértil). E satisfeito com a moça por seus serviços, sua pureza, e auto-controle, como também com sua graça e beleza, ele a convocou para relações maritais. A moça, no entanto, unindo suas mãos, timidamente mas carinhosamente dirigiu-se ao Rishi, dizendo, 'O marido, sem dúvida, se casa com a mulher por causa de descendência. Mas cabe a ti, ó Rishi, demonstrar por mim aquele amor o qual eu tenho por ti. E cabe a ti, ó regenerado, aproximar-se de mim em uma cama como aquela que eu tinha no palácio do meu pai. Eu também desejo que tu estejas enfeitado em guirlandas de flores e outros ornamentos, e que eu me aproxime de ti enfeitada naqueles ornamentos celestes que eu gosto. Do contrário eu não posso me aproximar de ti, vestida nestes trapos tingidos de vermelho. Nem, ó Rishi regenerado, é pecaminoso usar ornamentos (em tal ocasião).' Ouvindo estas palavras de sua esposa, Agastya respondeu, 'Ó moça abençoada, ó tu de cintura fina, eu não tenho riqueza como a que teu pai tem, ó Lopamudra!' Ela respondeu dizendo, 'Tu que és dotado de riqueza de ascetismo és certamente capaz de

trazer para cá dentro de um momento, por poder ascético, tudo o que existe no mundo dos homens.' Agastya disse, 'É assim mesmo como tu disseste. Isso, no entanto, gastaria meu mérito ascético. Ó, peça-me para fazer aquilo que não possa afrouxar meu ascético mérito.' Lopamudra então disse, 'Ó tu dotado de riqueza de ascetismo, meu período não durará muito tempo, eu não desejo, no entanto, me aproximar de ti de outra maneira. Nem eu desejo diminuir teu mérito (ascético) de qualquer maneira. Cabe a ti, no entanto, fazer como eu desejo, sem ferir tua virtude.'

Agastya então disse, 'Ó moça abençoada, se esta é a decisão que tu fixaste em teu coração eu sairei em busca de riqueza. Enquanto isso, permaneça aqui como te agradar.'"

98

"Lomasa continuou, 'Agastya então, ó filho da raça Kuru, foi ao rei Srutarvan que era considerado como mais rico do que outros reis, para pedir riqueza. E aquele monarca, sabendo da chegada do Rishi nascido no pote nas fronteiras de seus reinos, saiu com seus ministros e recebeu o homem santo com respeito. E o rei oferecendo devidamente o Arghya em primeiro lugar, submissamente e com mãos unidas perguntou então pela razão da chegada do Rishi. E Agastya respondeu dizendo, 'Ó senhor da terra, saiba que eu vim a ti desejoso de riqueza. Dê-me uma porção de acordo com tua capacidade e sem causar dano a outros.'"

"Lomasa continuou, 'O rei, então, mostrando para o Rishi a igualdade de seus gastos e ganhos, disse, 'Ó erudito, pegue de minhas posses a riqueza que te satisfazer.' Vendo, no entanto, a igualdade dos gastos com a renda daquele monarca, o Rishi que sempre via ambos os lados com olhar imparcial pensou que se ele pegasse qualquer coisa sob as circunstâncias sua ação resultaria em dano para criaturas. Levando, portanto, Srutarvan com ele, o Rishi foi até Vradhnaswa. O último, sabendo da chegada deles em suas fronteiras, recebeu-os devidamente. E Vradhnaswa também lhes ofereceu os Arghyas e água para lavar seus pés. E o monarca, com a permissão deles, então perguntou pela razão da sua vinda. E Agastya disse, 'Ó senhor da terra, saiba que nós viemos a ti desejosos de riqueza. Nos dê o que tu puderes, sem prejudicar a outros.'"

"Lomasa continuou, 'Aquele monarca então, mostrando para eles a igualdade de seus gastos e ganhos, e disse, 'Sabendo disto, peguem o que vocês desejam.' O Rishi, no entanto, que via ambos os lados com olhar imparcial, vendo a igualdade da renda com gastos daquele monarca, pensou que se ele pegasse qualquer coisa sob as circunstâncias sua ação resultaria em dano para todas as criaturas. Agastya e Srutarvan, com o rei Vradhnaswa então foram ao filho de Purokutsa, Trasadasyu, de riqueza enorme. Trasadasyu de grande alma, sabendo de sua chegada nos confins de seu reino, saiu, ó rei, e recebeu-os bem. E aquele melhor dos monarcas na linhagem de Ikshvaku, tendo adorado todos eles devidamente, perguntou pela razão de sua chegada. E Agastya respondeu, 'Ó

senhor da terra, saiba que nós todos viemos a ti desejosos de riqueza. Nos dê o que tu puderes, sem prejudicar outros.'"

"Lomasa continuou, 'Aquele monarca então mostrou para eles a igualdade da sua renda com seus gastos, e disse, 'Sabendo disto, peguem o que vocês desejam.' Vendo, no entanto, a igualdade dos gastos e ganhos daquele monarca, o Rishi, que via ambos os lados com olhar imparcial, pensou que se ele pegasse qualquer coisa sob as circunstâncias sua ação resultaria em dano para todas as criaturas. Então, ó monarca, todos aqueles reis, olhando uns para os outros, falaram juntos para o Rishi dizendo, 'Ó Brahmana, há um Danava de nome Ilwala que de todas as pessoas sobre a terra é possuidor de enorme riqueza. Que nós todos nos aproximemos dele hoje e peçamos riqueza dele.'"

"Lomasa continuou, 'Esta sugestão, ó rei, de pedir riqueza de Ilwala, lhes pareceu ser apropriada. E, ó monarca, todos eles foram juntos até Ilwala depois disto!'"

99

"Lomasa disse, 'Quando Ilwala soube que aqueles reis junto com o grande Rishi tinham chegado nos confins de seu domínio, ele saiu com seus ministros e adorou-os devidamente. E aquele príncipe dos Asuras recebeu-os com hospitalidade, entretendo-os, ó filho da raça Kuru, com carne bem temperada fornecida por seu irmão Vatapi (transformado em um carneiro). Então todos aqueles sábios reais, contemplando o poderoso Asura Vatapi, que tinha sido transformado em um carneiro assim cozinhado para eles, ficaram tristes e desanimados e estavam quase privados de si mesmos. Mas aquele melhor dos Rishis, Agastya, dirigindo-se àqueles sábios reais, disse, 'Não cedam à aflição, eu comerei o grande Asura.' E o Rishi poderoso então sentou-se em um assento excelente, e o príncipe dos Asuras, Ilwala, começou sorridente a distribuir a comida. E Agastya comeu toda a carne fornecida por Vatapi (transformado em um carneiro). E depois que o jantar estava terminado Ilwala começou a convocar seu irmão. Mas então só uma quantidade de ar saiu do estômago do Rishi ilustre, com um som que era tão alto, ó filho, quanto o ribombar das nuvens. E Ilwala disse repetidamente, 'Saia, ó Vatapi!' Então aquele melhor dos Munis, Agastya, irrompendo em risada, disse, 'Como ele pode sair? Eu já digeri aquele grande Asura.' E vendo seu irmão já digerido, Ilwala ficou triste e desanimado e unindo suas mãos, junto com seus ministros, dirigindo-se ao Rishi (e seus companheiros), disse, 'Por que vocês vieram para cá, e o que eu posso fazer por vocês?' E Agastya sorridente respondeu para Ilwala, dizendo, 'Nós te conhecemos, ó Asura, como sendo possuidor de grande poder e também de riqueza enorme. Estes reis não são muito ricos enquanto minha necessidade de riqueza também é grande. Nos dê o que tu puderes, sem prejudicar outros.' Assim endereçado Ilwala saudou o Rishi e disse, 'Se tu disseres o que é que eu pretendo dar então eu lhes darei riqueza.' Ouvindo isto Agastya disse, 'Ó grande Asura, tu pretendeste dar para cada um destes reis dez mil vacas e igualmente muitas moedas de ouro. E para

mim tu pretendeste dar duas vezes mais, como também um carro de ouro e um par de cavalos velozes como o pensamento. Se tu perguntares agora, tu logo saberás que seu carro é feito de ouro.' Então, ó filho de Kunti, Ilwala fez perguntas e soube que o carro que ele pretendia dar era realmente um de ouro. E o Daitya então com o coração triste entregou muita riqueza e aquele carro, ao qual estavam unidos dois corcéis chamados Virava e Surava. E aqueles corcéis, ó Bharata, levaram aqueles reis e Agastya e toda aquela riqueza para o retiro de Agastya num picar de olhos. E aqueles sábios reais então obtendo a permissão de Agastya, partiram para suas respectivas cidades. E Agastya também (com aquela riqueza) fez tudo o que sua esposa Lopamudra desejava. E Lopamudra então disse, 'Ó ilustre, tu agora realizaste todos os meus desejos. Gere uma criança em mim que será possuidora de grande energia.' E Agastya respondeu a ela, dizendo, 'Ó abençoada e bela, eu estou muito satisfeito com tua conduta. Ouça-me com relação à proposta que eu faço a respeito da tua progênie. Tu terias mil filhos, ou uma centena de filhos cada um igual a dez, ou dez filhos cada um igual a uma centena, ou somente um filho que possa derrotar mil?' Lopamudra respondeu, 'Que eu tenha um filho igual a mil, ó tu dotado de riqueza de ascetismo! Um filho bom e erudito é preferível a muitos maus.'"

"Lomasa continuou, 'Dizendo, 'Assim seja' aquele Muni virtuoso então conheceu sua esposa devota de comportamento constante. E depois que ela tinha concebido ele se retirou para a floresta. Depois que o Muni tinha ido embora, o feto começou a crescer por sete anos. E depois que o sétimo ano tinha terminado, então saiu do útero o altamente erudito Dridhasyu, brilhando, ó Bharata, em seu próprio esplendor. E o grande Brahmana e ilustre asceta, dotado de energia poderosa, tomou seu nascimento como o filho do Rishi, saindo do útero, como se repetindo os Vedas com os Upanishads e os Angas. Dotado de grande energia enquanto ainda uma criança, ele costumava carregar cargas de combustível sacrifical para o retiro de seu pai, e foi por essa razão chamado de Idhmavaha (carregador de madeira sacrifical). E o Muni, vendo seu filho possuidor de tais virtudes, ficou muito contente.

E foi assim, ó Bharata, que Agastya gerou um filho excelente por causa do qual seus antepassados, ó rei, alcançaram as regiões que eles desejavam. E é desde aquele tempo que este local se tornou conhecido sobre a terra como o retiro de Agastya. De fato, ó rei, este é o retiro agraciado com belezas numerosas daquele Agastya que matou Vatapi da raça de Prahrada. A sagrada Bhagirathi, adorada por deuses e Gandharvas corre suavemente por ele, como uma flâmula agitada pela brisa no céu. Mais longe também ela flui por cristas escarpadas descendo cada vez mais, e parece com uma cobra assustada jazendo pelas ladeiras íngremes. Emanando das madeixas emaranhadas de Mahadeva, ela segue adiante, inundando o país do sul e beneficiando-o como uma mãe, e no final se mistura com o oceano como se ela fosse sua noiva predileta. Banhem-se como desejarem neste rio sagrado, ó filhos de Pandu! E veja lá, ó Yudhishthira, o tirtha de Bhrigu que é célebre pelos três mundos e adorado, ó rei, por grandes Rishis. Banhando-se aqui, Rama (da linhagem Bhrigu) recuperou seu poder, o qual tinha sido tirado dele (pelo filho de Dasaratha). Banhando-te aqui, ó filho de Pandu, com

teus irmãos e Krishna, tu certamente recuperarás aquela tua energia que foi tirada por Duryodhana, assim como Rama recuperou o que tinha sido tirado dele pelo filho de Dasaratha em combate hostil."

Vaisampayana continuou, "A estas palavras de Lomasa, Yudhishthira se banhou lá com seus irmãos e Krishna, e ofereceu oblações de água, ó Bharata, aos deuses e aos Pitris. E, ó touro entre homens, depois que Yudhishthira tinha se banhado naquele tirtha seu corpo resplandeceu em refulgência mais brilhante, e ele se tornou invisível em relação a todos os inimigos. O filho de Pandu então, ó rei, questionou Lomasa, dizendo, 'Ó ilustre, por que a energia e poder de Rama foram tirados? E como também ele os recuperou? Ó exaltado, eu te peço, conte-me tudo.'

Lomasa disse, 'Escute, ó rei, à história de Rama (o filho de Dasaratha) e de Rama da linhagem de Bhrigu dotado de inteligência. Para a destruição de Ravana, ó rei, Vishnu, em seu próprio corpo, tomou seu nascimento como o filho do ilustre Dasaratha. Nós vimos em Ayodhya aquele filho de Dasaratha depois que ele tinha nascido. Foi então que Rama da linhagem de Bhrigu, o filho de Richika com Renuka, ouvindo sobre Rama o filho de Dasaratha, de atos sem máculas, foi para Ayodhya, impelido pela curiosidade, e levando consigo aquele arco celeste tão fatal para os Kshatriyas, para averiguar a coragem do filho de Dasaratha. E Dasaratha, sabendo que Rama da raça Bhrigu tinha chegado nos confins de seus domínios, designou seu próprio filho Rama para receber o herói com respeito. E vendo o filho de Dasaratha se aproximar e permanecendo diante dele com armas prontas, Rama da linhagem de Bhrigu dirigiu-se a ele sorridente, ó filho de Kunti, dizendo, 'Ó rei, ó exaltado, encordoe, se tu puderes, com toda a tua força, este arco o qual nas minhas mãos foi feito o instrumento de destruição da classe Kshatriya.' Assim endereçado, o filho de Dasaratha respondeu, 'Ó ilustre, não cabe a ti me insultar dessa maneira. Nem eu sou, entre as classes regeneradas, deficiente nas virtudes da classe Kshatriya. Os descendentes de Ikshwaku em especial nunca se gabam da destreza de seus braços.' Então para o filho de Dasaratha que falou desse modo, Rama da linhagem de Bhrigu respondeu, 'Basta de palavras astuciosas, ó rei! Pegue este arco.' Nisto, Rama o filho de Dasaratha pegou com raiva das mãos de Rama da linha de Bhrigu aquele arco celeste que tinha dado a morte para os principais dos Kshatriyas. E, ó Bharata, o herói poderoso encordoou sorrindo aquele sem o menor esforço, e com sua vibração alta como o estrondo do trovão, assustou todas as criaturas. E Rama, o filho de Dasaratha, então, dirigindo-se a Rama de Bhrigu disse, 'Aqui, eu encordoei este arco. O que mais, ó Brahmana, eu farei para ti?' Então Rama, o filho de Jamadagni, deu para o ilustre filho de Dasaratha uma seta celeste e disse, 'Colocando isto na corda do arco, puxe até tua orelha, ó herói!'"

"Lomasa continuou, 'Ouvindo isto, o filho de Dasaratha resplandeceu em cólera e disse, 'Eu ouvi o que tu disseste, e até te perdoei. Ó filho da linhagem de Bhrigu, tu estás cheio de vaidade. Através da graça do Avô tu obtiveste energia que é superior àquela dos Kshatriyas. E é por isto que tu me insultaste. Veja-me agora na minha forma natural: eu te dou visão.' Então Rama da linhagem de Bhrigu contemplou no corpo do filho de Dasaratha os Adityas com os Vasus, os Rudras,

os Sadhyas com os Marutas, os Pitris, Hutasana, as constelações estelares e os planetas, os Gandharvas, os Rakshasas, os Yakshas, os Rios, os tirthas, aqueles Rishis eternos identificados com Brahma e chamados de Valkhilyas, os Rishis celestes, os Mares e Montanhas, os Vedas com os Upanishads e Vashats e os sacrifícios, os Samans em sua forma viva, a Ciência de armas, ó Bharata, e as Nuvens com chuva e relâmpago, ó Yudhishthira! E o ilustre Vishnu então disparou aquela flecha. E nisto a terra estava cheia com sons de trovão, e meteoros ardentes, ó Bharata, começaram a flamejar pelo céu. E chuvas de pó e chuvas caíram sobre a superfície da terra. E furacões e sons terríveis convulsionaram tudo, e a própria terra começou a tremer. E disparada pela mão de Rama, aquela flecha, confundindo por sua energia o outro Rama, voltou brilhando para as mãos de Rama. E Bhargava, que tinha sido assim privado de seus sentidos, recuperando a consciência e vida, Rama curvou-se à Rama, aquela manifestação do poder de Vishnu. E mandado por Vishnu ele procedeu para as montanhas de Mahendra. E daquele tempo em diante aquele grande asceta começou a morar lá, em terror e vergonha. E depois do término de um ano, os Pitris, vendo Rama residindo lá privado de energia, seu orgulho suprimido, e ele mesmo mergulhado em aflição, disseram para ele, 'Ó filho, tendo te aproximado de Vishnu, teu comportamento em direção a ele não foi apropriado. Ele merece para sempre culto e respeito nos três mundos. Vá, ó filho, para aquele rio sagrado que leva o nome de Vadhusara! Banhando-te em todos os tirthas daquele rio tu recuperarás tua energia! Lá naquele rio estão os tirthas chamados Diptoda onde teu avô Bhrigu, ó Rama, na era celeste praticou penitências de grande mérito.' Assim endereçado por eles, Rama, ó filho de Kunti, fez o que os Pitris o ordenaram, e obteve de volta neste tirtha, ó filho de Pandu, a energia que ele tinha perdido. Isto mesmo, ó filho, foi o que aconteceu a Rama de atos sem mácula nos tempos passados, depois que ele tinha, ó rei, encontrado Vishnu (na forma do filho de Dasaratha).'

100

Yudhishthira disse, 'Ó melhor dos regenerados, eu desejo ouvir outra vez em detalhes sobre as realizações de Agastya, aquele Rishi ilustre dotado de grande inteligência.'

Lomasa disse, 'Escute agora, ó rei, à história excelente e maravilhosa e extraordinária de Agastya, como também, ó monarca, acerca da destreza daquele Rishi de energia incomensurável. Havia na era Krita certas tribos de Danavas ferozes que eram invencíveis em batalha. E eles eram conhecidos pelo nome de Kalakeyas e eram dotados de bravura terrível. Colocando-se sob Vritra e armando-se com diversas armas eles perseguiram os celestiais com Indra encabeçando-os em todas as direções. Os deuses então todos resolveram sobre a destruição de Vritra, e foram com Indra em sua vanguarda até Brahma. E vendo eles permanecendo diante dele com as mãos unidas, Parameshthi dirigiu-se a eles todos e disse, ‘Tudo é conhecido por mim, ó deuses, a respeito do que vocês procuram. Eu indicarei agora os meios pelos quais vocês podem matar Vritra. Há

um Rishi excelente e de grande alma conhecido pelo nome de Dadhicha. Vão todos juntos até ele e lhe peçam um benefício. Com coração bem satisfeito, aquele Rishi de alma virtuosa concederá mesmo o benefício a vocês. Desejosos como vocês estão de vitória, vão todos juntos até ele e digam, 'Para o bem dos três mundos, nos dê teus ossos.' Renunciando ao seu corpo, ele lhes dará seus ossos. Com os ossos dele façam uma arma violenta e poderosa a ser chamada de Vajra, dotada de seis lados e ribombar terrível e capaz de destruir até os inimigos mais poderosos. Com aquela arma ele de cem sacrifícios matará Vritra. Eu agora lhes disse tudo. Providenciem para que tudo seja feito depressa.' Assim endereçados por ele, os deuses com a permissão do Avô (partiram), e com Narayana em sua vanguarda procederam ao retiro de Dadhicha. Aquele retiro era na outra margem do rio Saraswati e coberto com diversas árvores e trepadeiras. E ele ressoava com o zumbido de abelhas como se elas estivessem recitando Samans. E ele também ecoava com as notas melodiosas do Kokila macho e do Chakora. E búfalos e javalis e veados e Chamaras vagavam lá à vontade livres do medo de tigres. E elefantes com o suco gotejando de têmporas fendidas, mergulhando na corrente, se divertiam com as elefantas e faziam a região inteira ressoar com seus rugidos. E o lugar também ecoava com os rugidos altos de leões e tigres, enquanto em intervalos podiam ser vistos aqueles monarcas terríveis da floresta deitados esticados em cavernas e vales e embelezando-os com sua presença. E assim era o retiro de Dadhicha, como o próprio céu, no qual os deuses entraram. E lá eles viram Dadhicha parecendo com o próprio sol em esplendor e brilhando em graça pessoal como o próprio Avô. E os celestiais saudaram os pés do Rishi e se curvaram a ele e lhe pediram o benefício que o Avô lhes tinha mandado pedir. Então Dadhicha, bem satisfeito, dirigindo-se àqueles principais dos celestiais, disse, 'Ó celestiais, eu farei o que for para seu benefício. Eu até renunciarei a este meu próprio corpo.' E aquele principal dos homens com alma sob controle, tendo dito isto, de repente renunciou à sua vida. Os deuses então pegaram os ossos do Rishi falecido como ordenados. E os celestiais, profundamente contentes, foram até Twashtri (o Artífice Celeste) e falaram para ele dos meios de vitória. E Twashtri, ouvindo aquelas palavras deles, ficou cheio de alegria, e construiu (com aqueles ossos) com grande atenção e cuidado a arma feroz chamada Vajra. E tendo-a fabricado, ele se dirigiu alegremente a Indra, dizendo, 'Com esta principal das armas, ó sublime, reduza aquele inimigo violento dos deuses à cinzas. E tendo matado o inimigo, governe felizmente o domínio inteiro do céu, ó chefe dos celestiais, com aqueles que te seguem.' E assim endereçado por Twashtri, Purandara pegou o Vajra de sua mão, alegremente e com respeito apropriado."

101

"Lomasa disse, 'Armado com o Vajra então, e auxiliado por celestiais dotados de grande poder, Indra então se aproximou de Vritra, que estava então ocupando a terra inteira e o céu. E ele era protegido por todos os lados por Kalakeyas de corpos enormes com armas erguidas parecendo montanhas gigantescas com

topos elevados. E a batalha que ocorreu entre os deuses e os Danavas durou por um momento curto e foi, ó chefe dos Bharatas, terrificante ao extremo, aterrorizando os três mundos. E era alto o som do choque de espadas e cimitarras erguidas e desviadas por mãos heróicas no decorrer daqueles combates violentos. E cabeças (cortadas de troncos) começaram a rolar do firmamento para a terra como frutos da palmeira caindo sobre o solo soltos de seus caules. E os Kalakeyas armados com clavas de pontas de ferro e envolvidos em armadura dourada correram contra os deuses, como montanhas se movendo em conflagração. E os deuses, incapazes de suportar o impacto daquela hoste impetuosa e que avançava orgulhosamente, se dividiram e fugiram de medo. Purandara de mil olhos, vendo os deuses fugindo de medo e Vritra crescendo em audácia, ficou profundamente abatido. E o principal dos deuses Purandara, ele mesmo agitado pelo medo dos Kalakeyas, sem perder um momento procurou a sublime proteção de Narayana. E o eterno Vishnu vendo Indra assim deprimido aumentou seu poder por lhe dar uma porção de sua própria energia. E quando os celestiais viram que Sakra foi assim protegido por Vishnu, cada um deles deu a ele sua própria energia. E os Brahmarshis imaculados também deram suas energias para o chefe dos celestiais. E favorecido assim por Vishnu e todos os deuses e pelos Rishis altamente abençoados também, Sakra se tornou mais poderoso do que antes. E quando Vritra soube que o chefe dos celestiais tinha sido enchido com poder de outros, ele deu alguns rugidos terrificantes. E a estes rugidos dele, a terra, as direções, o firmamento, céu, e as montanhas todos começaram a tremer. E o chefe dos celestiais, profundamente agitado ao ouvir aquele rugido feroz e alto, estava cheio de medo, e desejando matar o Asura logo, arremessou, ó rei, o poderoso Vajra. E atingido pelo Vajra de Indra o grande Asura enfeitado com ouro e guirlandas caiu de ponta-cabeça, como a grande montanha Mandara lançada antigamente das mãos de Vishnu; e embora o príncipe dos Daityas estivesse morto, ainda assim Sakra fugiu em pânico do campo, desejando se abrigar em um lago, pensando que o próprio Vajra não tinha sido arremessado de suas mãos e considerando que Vritra ainda estava vivo. Os celestiais, no entanto, e os grandes Rishis ficaram cheios de alegria, e todos começaram a cantar alegremente o louvor de Indra. E se reunindo, os celestiais começaram a matar os Danavas, que estavam abatidos pela morte de seu líder. E tomados pelo pânico à visão da hoste celeste reunida, os Danavas aflitos fugiram para as profundidades do oceano. E tendo entrado na profundidade insondável, cheia de peixes e crocodilos, os Danavas se reuniram e começaram a conspirar orgulhosamente para destruição dos três mundos. E alguns entre eles que eram sábios em inferências sugeriram rumos de ação, cada um segundo seu julgamento. No decorrer do tempo, no entanto, aqueles conspiradores filhos de Diti chegaram à terrível resolução de que eles deveriam, antes de tudo, realizar a destruição de todas as pessoas possuidoras de conhecimento e virtude ascética. Os mundos são todos sustentados pelo ascetismo. Portanto, eles disseram, 'Não percamos tempo para a destruição do ascetismo. Empreendamos sem demora a destruição daqueles sobre a terra que são possuidores de virtudes ascéticas, que são familiarizados com os deveres e o caminho da moralidade, e que tem um conhecimento de Brahma; pois quando estes forem destruídos o próprio universo será destruído.' E todos os Danavas, tendo chegado a esta decisão pela

destruição do universo, ficaram muito contentes. E daquele tempo em diante eles fizeram do oceano, aquela residência de Varuna, com redemoinhos altos como colinas, seu forte, do qual fazem seus ataques."

102

"Lomasa disse, 'Os Kalakeyas então recorrendo àquele receptáculo de águas, o qual é a residência de Varuna, começaram suas operações para a destruição do universo. E durante a escuridão da noite aqueles Daityas zangados começaram a devorar os Munis que eles encontravam em retiros arborizados e locais sagrados. E aqueles canalhas pecaminosos devoraram no retiro de Vasishtha Brahmanas ao número de cento e oitenta, além de nove outros ascetas. E, procedendo para o retiro de Chyavana que era habitado por muitos Brahmacharis, eles devoraram uma centena de Brahmanas que viviam só de frutas e raízes. E eles começaram a fazer tudo isto durante a escuridão da noite, enquanto de dia eles entravam nas profundidades do mar. E eles mataram um grupo inteiro de Brahmanas de almas subjugadas e que levavam o modo de vida Brahmacharya e que viviam só do ar e da água, no retiro de Bharadwaja. E foi assim que aqueles Danavas, os Kalakeyas, inebriados pela destreza de braços e suas vidas quase terminadas, invadiram gradualmente todos os retiros dos Rishis durante a escuridão da noite, massacrando numerosos Brahmanas. E, ó melhor dos homens, embora os Danavas se comportassem dessa maneira em direção aos ascetas em retiros arborizados, ainda assim os homens fracassaram em descobrir alguma coisa sobre eles. E toda manhã as pessoas viam os corpos mortos de Munis emaciados com dieta frugal, jazendo no chão. E muitos daqueles corpos estavam sem carne e sem sangue, sem medula, sem entranhas, e com membros separados uns dos outros. E lá e cá jaziam sobre o solo pilhas de ossos como massas de conchas. E a terra estava coberta com os conteúdos de jarros (sacrificais) quebrados e conchas despedaçadas para derramar libações de manteiga clarificada e com os fogos sagrados mantidos com cuidado pelos ascetas. E o universo afligido com o terror dos Kalakeyas, sendo privado de estudos Védicos e vashats e festivais sacrificais e ritos religiosos, ficou totalmente desconsolado. E, ó rei, quando os homens começaram a perecer dessa maneira, os sobreviventes, afligidos pelo medo, fugiram por suas vidas para todas as direções. E alguns fugiram para cavernas e alguns para trás de rios de montanha e nascentes e alguns, por medo da morte, morreram sem muita dificuldade. E alguns que eram arqueiros corajosos e poderosos partiram e tiveram grande dificuldade em seguir o rastro dos Danavas. Incapazes, no entanto, de descobri-los, pois os Asuras tinham procurado refúgio nas profundezas do oceano, aqueles homens valentes voltaram para suas casas satisfeitos com a busca. E, ó senhor de homens, quando o universo estava sendo assim destruído, e quando festivais sacrificais e ritos religiosos tinham sido suspensos, os deuses ficaram profundamente angustiados. E reunindo-se com Indra em seu meio eles começaram, por medo, a se aconselhar uns com os outros. E dirigindo-se ao sublime e incriado Narayana, aquele deus invencível de Vaikuntha, os celestiais procuraram sua proteção. E reverenciando o matador de Madhu, os deuses se dirigiram a ele, dizendo, 'Ó

senhor, tu és o criador, o protetor, e o matador de nós mesmos assim como do universo. És tu quem tem criado este universo com suas criaturas móveis e imóveis. Ó tu de olhos como folhas de lótus, foste tu quem nos tempos passados, para o benefício de todas as criaturas, ergueste do mar a terra afundada, assumindo também a forma de um javali. E, ó melhor dos seres masculinos, assumindo também a forma de meio-homem e meio-leão, tu mataste no passado aquele Daitya antigo de grande coragem conhecido pelo nome de Hiranyakasipu. E aquele outro grande Asura também, de nome Vali, incapaz de ser morto por alguém, tu exilaste dos três mundos assumindo a forma de um anão. Ó senhor, foi por ti que aquele Asura perverso, de nome Jambha, que era um arqueiro poderoso e que sempre obstruía sacrifícios, foi morto. Realizações como estas, as quais não podem ser enumeradas, são tuas. Ó matador de Madhu, nós que estamos afligidos pelo temor temos a ti como nosso refúgio. É por isto, ó deus dos deuses, que nós te informamos dos nossos problemas atuais. Proteja os mundos, os deuses, e Sakra também, de um medo terrível.'"

103

"Os celestiais disseram, 'Por teu favor é que todos os seres nascidos das quatro espécies aumentam. E eles sendo criados propiciam os habitantes do céu por meio de oferendas feitas aos deuses e aos espíritos de antepassados falecidos. Assim é que as pessoas, protegidas por ti e livres de incômodos, vivem dependendo umas das outras, e (assim) aumentam. Agora este perigo sobreveio às pessoas. Nós não sabemos por quem Brahmanas estão sendo mortos durante a noite. Se os Brahmanas forem destruídos, a própria terra encontrará a destruição, e se a terra vir a ter um fim, o céu também cessará de existir. Ó poderosamente armado, ó senhor do universo! Nós te suplicamos (para agir para) que todos os mundos, protegidos por ti, possam não acabar, então que isto possa te agradar.'

Vishnu disse, 'Ó deuses! Por mim é conhecida a razão da destruição dos seres nascidos, eu falarei disto para vocês; escutem com mentes livres de tribulação. Existe uma hoste extremamente feroz, conhecida pelo nome de Kalakeyas. Eles, sob a liderança de Vritra, estavam devastando o universo inteiro. E quando eles viram que Vritra foi morto pelo sagaz Indra dotado de mil olhos, eles, para preservar suas vidas, entraram no oceano, aquela residência de Varuna. E tendo entrado no oceano, cheio de tubarões e crocodilos, eles à noite mataram os santos neste local com o propósito de exterminar as pessoas. Mas eles não podem ser mortos porque eles se abrigaram dentro do mar. Vocês devem, portanto, pensar em algum meio para secar o oceano. Quem exceto Agastya é capaz de secar o mar? E sem secar completamente o oceano, estes (demônios) não podem ser atacados por quaisquer outros meios.' Ouvindo estas palavras de Vishnu, os deuses pegaram a permissão de Brahma, que vive na melhor de todas as regiões, e foram ao eremitério de Agastya. Então eles viram Agastya de grande alma, o filho de Varuna, de aparência resplandecente, e servido por santos, assim

como Brahma é servido por celestiais. E se aproximando dele, eles se dirigiram ao filho de Mitra e Varuna no eremitério, magnânimo e inabalável, e parecendo com uma encarnação de trabalhos pios empilhados juntos, e o glorificaram por recitar seus feitos. As divindades disseram, 'Tu foste antigamente o refúgio dos deuses quando eles foram oprimidos por Nahusha. Tormento do mundo que ele era, ele foi derrubado de seu trono do céu, das regiões celestes. Vindhya, a principal de todas as montanhas, subitamente começou a aumentar sua altura, por causa de uma colérica competição com o sol (isto é, para rivalizá-lo em altitude). Mas ele parou de aumentar, porque ele era incapaz de desobedecer ao teu comando. E quando a escuridão cobriu o mundo, os seres nascidos foram atormentados pela morte, mas tendo te obtido como um protetor, eles alcançaram a maior segurança. Quando nós estamos cercados por perigos tua reverência é sempre nossa proteção; por esta razão é que nós pedimos um benefício de ti; porque tu sempre concedeste o benefício solicitado (de ti).'"

104

"Yudhishthira disse, 'Ó grande santo! Eu estou desejoso de saber em detalhes por que foi que Vindhya, insensato pela cólera, subitamente começou a aumentar sua massa.'"

"Lomasa disse, 'O sol entre seu nascer e pôr costumava girar ao redor daquele monarca das montanhas, o grande Meru de brilho dourado. E vendo isto a montanha Vindhya falou para Surya dizendo, 'Como tu todo dia circulas Meru e o honras por circungirá-lo, faça o mesmo por mim, ó fazedor de luz!' Assim endereçado, o sol respondeu à grande montanha dizendo, 'Eu não honro por minha própria vontade esta montanha por andar em volta dela. Este caminho foi designado para mim por aqueles que construíram este universo.' Assim endereçada a montanha de repente começou a aumentar por causa da cólera, desejosa, ó castigador de inimigos, de obstruir o caminho do Sol e da Lua. E todos os deuses reunidos foram até Vindhya, o rei poderoso das montanhas, e tentaram dissuadi-lo de deu comportamento. Mas ele não prestou atenção ao que eles disseram. E então todos os deuses reunidos foram até o santo, vivendo no eremitério, dedicado à prática de austeridades, e realmente a melhor das pessoas dedicadas à virtude; e explicaram tudo o que aconteceu para Agastya, possuidor de poder extraordinário.'"

"Os deuses disseram, 'Este rei das colinas, Vindhya, se entregando à cólera, está parando a trajetória do Sol e da Lua, e também o rumo das estrelas. Ó principal dos Brahmanas! Ó tu magnífico em dons! Exceto tu, não há alguém que possa impedi-lo; portanto faça-o desistir.' Ouvindo estas palavras dos deuses o Brahmana foi à montanha. E ele com sua esposa, tendo chegado lá, chegou perto de Vindhya e falou a ele dizendo, 'Ó tu melhor das montanhas! Eu desejo ter um caminho dado a mim por ti, porque, para algum propósito, eu terei que ir para a região sul. Até minha volta, espere por mim. E quando eu tiver retornado, ó rei das montanhas, tu poderás aumentar em tamanho tanto quanto tu quiseres.' E, ó

matador de inimigos, tendo feito este acordo com Vindhya até hoje o filho de Varuna não voltou da região sul. Assim eu, perguntado por ti, narrei para ti por que Vindhya não aumentou em grande quantidade por razão do poder de Agastya. Agora, ó rei, ouça como os Kalakeyas foram mortos pelos deuses, depois que eles obtiveram sua súplica de Agastya.

Tendo ouvido as palavras dos deuses, Agastya, o filho de Mitra, e Varuna, disse, 'Por que vocês vieram? Que benefício vocês pedem de mim?' Assim endereçadas por ele, as divindades então falaram ao santo, dizendo, 'Este é o ato que nós te pedimos para realizar, isto é, esvaziar o grande oceano, ó (santo) magnânimo! Então nós poderemos matar aqueles inimigos dos deuses, conhecidos pelo nome de Kalakeyas, junto com todos os seus partidários.' Ouvindo as palavras dos deuses, o santo disse, 'Que seja assim, eu farei exatamente o que vocês desejam, e aquilo que levará à maior felicidade dos homens.' Tendo dito isso, ele então foi até o oceano, o senhor dos rios, acompanhado por sábios perfeitos na prática de penitências, e também pelas divindades, ó tu que levas uma vida excelente! E homens e cobras, coristas celestes, Yakshas e Kinnaras seguiram os santos magnânimos, desejosos de testemunhar aquele acontecimento extraordinário. Então eles chegaram todos juntos perto do mar, de ribombar impressionante, dançando, por assim dizer, com seus vagalhões, juntando-se com a brisa, e rindo com massas de espuma, e chocando-se com as cavernas, e apinhado com diversas espécies de tubarões, e frequentado por bandos de várias aves. E as divindades acompanhadas por Agastya e coristas celestes e cobras enormes e santos altamente dotados se aproximaram da imensa vastidão aquosa."

105

"Lomasa disse, 'Aquele santo abençoado, o filho de Varuna, tendo alcançado o mar, falou aos deuses juntos, e aos santos reunidos, dizendo 'Eu certamente esvaziarei o oceano, esta residência do deus das águas. Estejam prontos rapidamente com aqueles preparativos os quais lhes incumbe fazer.' Tendo falado estas poucas palavras, o filho inabalável de Mitra e Varuna, cheio de cólera, começou a esvaziar o mar, enquanto todos os mundos permaneciam observando (a façanha). Então os deuses, junto com Indra, vendo como o mar estava sendo esvaziado, foram tomados por imensa perplexidade, e o glorificaram com palavras laudatórias, dizendo, 'Tu és nosso protetor, e a própria Providência para os homens, e também o criador dos mundos. Por teu favor o universo com seus deuses quiçá possa ser salvo da destruição.' E o magnânimo, glorificado pelos deuses, enquanto os instrumentos musicais de coristas celestes estavam tocando todos em volta, e enquanto flores celestes eram derramadas sobre ele, tornou seco o extenso oceano. E vendo o amplo oceano desprovido de água, a hoste de deuses estava muito contente; e pegando armas excelente de forja celeste desceram para matar os demônios com corações corajosos, e eles, atacados pelos deuses magnânimos, de grande força, e de velocidade rápida, e rugindo

ruidosamente, não puderam resistir ao ataque dos seus (inimigos) velozes e valorosos, aqueles residentes das regiões celestiais, ó descendente de Bharata! E aqueles demônios, atacados pelos deuses, berrando ruidosamente, por um momento continuaram o combate terrível. Eles foram em primeiro lugar queimados pela força das penitências realizadas pelos santos, que tinham desenvolvido a si mesmos; portanto, os demônios, embora eles se esforçassem ao máximo, foram finalmente massacrados pelos deuses. E enfeitados com broches de ouro, e tendo em seus corpos brincos e braceletes, os demônios, quando mortos, pareciam belos de fato, como árvores palasa quando cheias de flores. Então, ó melhor dos homens, uns poucos, o restante daqueles que foram mortos da raça Kalakeya, tendo rachado a deusa Terra, tomaram refúgio no fundo das regiões inferiores. E os deuses, quando eles viram que os demônios estavam mortos, com diversas palavras, glorificaram o santo poderoso, e falaram as seguintes palavras, 'Ó tu de braços fortes, pelo teu favor os homens alcançaram uma grande bênção, e os Kalakeyas, de força implacável, foram mortos por teu poder, ó criador de seres! Encha o mar (agora), ó de braços poderosos; devolva a água bebida por ti.' Assim endereçado, o santo abençoado e poderoso respondeu, 'Aquela água já foi digerida por mim. Algum outro meio, portanto, deve ser pensado por vocês, se vocês desejam se esforçar para encher o oceano.' Ouvindo estas palavras daquele santo de alma amadurecida, os deuses reunidos foram tomados por admiração e tristeza, ó grande rei! E então, despedindo-se uns dos outros, e curvando-se ao santo poderoso, todos os seres nascidos seguiram seu caminho. E os deuses com Vishnu foram até Brahma. E tendo mantido consulta outra vez, com o propósito de encher o mar, eles, com mãos unidas, falaram sobre reenchê-lo."

106

"Lomasa disse, 'Então a eles reunidos, Brahma, o avô dos homens dirigiu-se (dessa maneira), 'Vão, ó deuses, para onde sua vontade possa conduzi-los, ou seu desejo os conduza. Levará um longo tempo para o oceano retomar seu estado habitual; a ocasião será fornecida pelos parentes do grande rei Bhagiratha.' Ouvindo as palavras do Avô (universal Brahma), todos os deuses principais seguiram seu caminho aguardando o dia (quando o oceano seria enchido novamente).'

Yudhishthira disse, 'Qual foi aquela ocasião, ó santo? E como os parentes de (Bhagiratha forneceram a mesma)? E como o oceano foi reenchido pela interferência de Bhagiratha? Ó santo que consideras tuas práticas religiosas como teu único tesouro. Ó tu da classe sacerdotal! Eu desejo ouvir o relato das realizações do rei, narradas em detalhes por ti.'"

"Vaisampayana disse, "Assim endereçado pelo rei magnânimo e virtuoso, ele, o chefe de homens da classe sacerdotal, narrou as realizações do (rei) Sagara de grande alma."

"Lomasa disse, 'Nasceu na família da tribo Ikshaku um soberano da terra chamado Sagara, dotado de beleza e força. E aquele mesmo (rei) de nome temido não tinha filhos, ó descendente de Bharata! E ele levou destruição através das tribos dos Haihayas e dos Talajanghas; trouxe sob submissão toda a casta militar; (e assim) governou seu próprio reino. E, ó mais louvável dos descendentes de Bharata, ó chefe da raça Bharata, ele tinha duas esposas orgulhosas de sua beleza e de sua juventude, uma princesa da linhagem Vidarbha, e a outra da linhagem real de Sivi. E, ó chefe de reis, aquele soberano de homens se dirigiu à montanha Kailasa, acompanhado por ambas as esposas, e com o desejo de ter um filho dedicou-se à prática de penitências extremamente austeras. E tendo se dedicado à prática de austeridades rígidas, e (também) empenhado na contemplação conhecida pelo nome de Yoga, ele obteve a visão do deus magnânimo com três olhos, o matador do demônio chamado Tripura; o produtor bênçãos (para todos os seres); o (eternamente) existente; o Ser dominante, o portador do arco Pinaka; carregando em sua mão sua (arma bem conhecida), o tridente; o deus de três olhos; o repositório da paz (eterna); o soberano de todos aqueles que são ferozes; capaz de assumir muitíssimas formas; e o marido da deusa Uma. E aquele soberano de homens, de braços fortes, logo que ele contemplou o deus, aquele concessor de benefícios, caiu aos seus pés, com ambas as suas rainhas, e ofereceu uma oração para ter um filho. E o deus Siva, bem satisfeito com ele, falou (assim) para aquele mais justo dos soberanos de homens, acompanhado por suas duas esposas, dizendo, 'Ó senhor de homens, levando em conta o momento (astrológico) no qual tu ofereceste tua oração a mim, sessenta mil filhos, ó principal dos homens seletos valorosos e caracterizado por orgulho excessivo, nascerão em uma destas tuas duas esposas (aqui). Mas eles todos, ó soberano da terra, perecerão juntos. Na outra mulher, (no entanto), nascerá um único filho valente, que perpetuará tua linhagem.' Tendo dito isso a ele, o deus Rudra (Siva) desapareceu de vista naquele mesmo local, e o rei Sagara voltou para sua própria residência acompanhado por suas duas esposas, com coração muito encantado (pelo que tinha acontecido) então. E, ó mais louvável dos filhos de Manu, (isto é, homens), lá as duas esposas de olhos de lótus dele, a princesa de Vidarbha e a princesa de Sivi, vieram (logo) a engravidar. E subsequentemente, no dia previsto, a princesa de Vidarbha deu à luz (a algo) da forma de uma cabaça e a princesa de Sivi deu à luz a um menino tão belo quanto um deus. Então o soberano da terra decidiu jogar fora a cabaça, quando ele ouviu (procedendo) do céu um discurso (proferido) em uma voz profunda e solene, 'Ó rei, não seja culpado desta ação precipitada; tu não deves abandonar teus filhos. Tire as sementes da cabaça e preserve-as com cuidado em recipientes aquecidos a vapor parcialmente enchidos com manteiga clarificada. Então tu obterás, ó filho da raça de Bharata, sessenta mil filhos! Ó soberano de homens, o grande deus (Siva) falou que teus filhos nasceriam desta maneira. Não deixe portanto a tua mente se desviar disto.'"

107

"Lomasa disse, 'Ó mais justo dos reis, quando ele ouviu estas palavras (procedentes) do céu, ele teve fé nelas, e fez tudo o que foi instruído a fazer, ó chefe dos homens da linhagem de Bharata! Então o soberano de homens pegou separadamente cada uma das sementes e então colocou aquelas divisões (da cabaça) em recipientes cheios com manteiga clarificada. E empenhado na preservação de seus filhos ele providenciou um enfermeiro para cada (receptáculo). Então depois de um longo tempo lá surgiram os sessenta mil filhos extremamente poderosos daquele rei, dotados de força imensurável, eles nasceram, ó soberano da terra, para aquele rei como um santo, pelo favor de Rudra. E eles eram terríveis; e seus atos eram implacáveis. E eles eram capazes de ascender e vagar pelo céu; e sendo numerosos eles desprezavam a todos, incluindo os deuses. E eles perseguiam até os deuses, os Gandharvas, e os Rakshasas e todos os seres nascidos, sendo eles mesmos valentes e viciados em luta. Então todas as pessoas, importunadas pelos filhos estúpidos de Sagara, unindo-se com todos os deuses, foram até Brahma em busca de proteção. E a eles dirigiu-se o avô abençoado de todos os seres (Brahma, dizendo), 'Sigam seu caminho, ó deuses, junto com todos estes homens. Em um espaço de tempo não muito longo acontecerá, ó deuses, uma destruição grande e extremamente terrível dos filhos de Sagara, causada pelo ato cometido por eles.' Assim endereçados, aqueles deuses e homens, ó senhor dos filhos de Manu, se despediram do Avô e voltaram para os locais de onde eles tinham vindo. Então, ó chefe da raça de Bharata, depois do término de muito dias, o poderoso rei Sagara aceitou a consagração para realizar os ritos de um Sacrifício de Cavalo. E seu cavalo começou a vagar pelo mundo, protegido por seus filhos. E quando o cavalo alcançou o mar, seco e terrível de se contemplar, embora o cavalo fosse protegido com cuidado muito grande, ele desapareceu (de repente) no próprio local (sobre o qual se encontrava). Então, ó senhor respeitado, aqueles filhos de Sagara imaginaram que o cavalo excelente tinha sido roubado; e retornando até seu pai, contaram como ele foi roubado fora de vista. E então ele dirigiu-se a eles dizendo, 'Vão e procurem pelo cavalo em todos os pontos cardeais.' Então, ó grande rei, por esta ordem de seu pai, eles começaram a procurar pelo cavalo nos pontos cardeais e por toda a superfície da terra. Mas todos aqueles filhos de Sagara, todos mutuamente unidos, não puderam achar o cavalo nem a pessoa que o tinha roubado. E voltando então, eles com palmas unidas se dirigiram assim ao seu pai (que estava) diante deles, 'Ó protetor de homens, ó soberano da terra, ó rei! Por tua ordem, este mundo inteiro com suas colinas e suas regiões de floresta, com seus mares, e seus bosques, e suas ilhas, com seus ribeirões e rios e cavernas, foi totalmente investigada por nós. Mas nós não pudemos achar nem o cavalo, nem o ladrão que roubou o mesmo.' E ouvindo estas palavras, o rei ficou insensato pela raiva, e então disse a eles todos, arrebatado pelo Destino, 'Vão embora vocês todos, que vocês nunca voltem! Procurem novamente pelo cavalo. Sem aquele cavalo sacrifical vocês nunca devem retornar, meus garotos!'

E aqueles filhos de Sagara aceitaram esta ordem de seu pai, e mais uma vez começaram a procurar pelo mundo inteiro. Assim sendo aqueles heróis viram uma abertura sobre a superfície da terra. E tendo alcançado aquele buraco os filhos de Sagara começaram a escavá-lo. E com espadas e picaretas eles prosseguiram

cavando o mar, fazendo os maiores esforços. E aquela residência de Varuna (o oceano), sendo assim escavada pelos filhos unidos de Sagara e rachada e cortada por todos os lados foi colocada em uma condição de extrema aflição. E os demônios e cobras e Rakshasas e vários (outros) seres animados começaram a proferir gritos miseráveis, enquanto eram mortos pelos filhos de Sagara. E centenas e milhares de seres animados foram vistos com cabeças cortadas e troncos separados e com suas peles e ossos e juntas lacerados e quebrados. Assim eles foram em frente cavando o oceano, o qual era a residência de Varuna e um espaço de tempo extremamente longo se passou no trabalho, mas ainda assim o cavalo não foi encontrado. Então, ó senhor da terra, perto da região nordeste do oceano, os filhos de Sagara enfurecidos cavaram tão fundo até o mundo inferior, e lá eles viram o cavalo vagando pela superfície do solo. E eles viram o magnânimo Kapila, que parecia com uma massa perfeita de esplendor. E tendo visto ele brilhando com seu esplendor, assim como o fogo brilha com suas chamas, eles, ó rei, vendo o cavalo, ficaram cheios de alegria. E eles estando entusiasmados, impelidos por seu destino, não prestaram atenção à presença do magnânimo Kapila, e correram adiante com a intenção de apanhar o cavalo. Então, ó grande rei, Kapila, o mais virtuoso dos santos, ele a quem os grandes sábios chamam como Kapila Vasudeva, assumiu um olhar flamejante, e o santo poderoso disparou chamas em direção a eles, e assim incendiou os filhos estúpidos de Sagara. E Narada, cuja prática de austeridades era muito grande, quando ele os viu reduzidos à cinzas, foi até o lado de Sagara, e deu a informação para ele. E quando o rei soube daquelas notícias terríveis que procederam da boca do santo, por quase uma hora ele permaneceu triste, e então ele se lembrou do que Siva tinha dito. Então mandando buscar Ansuman, o filho de Asamanjas, e seu próprio neto, ele, ó chefe da raça Bharata, falou as seguintes palavras, 'Aqueles sessenta mil filhos de força imensurável tendo se deparado com a cólera de Kapila encontraram sua morte por minha causa. E, ó meu garoto de caráter imaculado, teu pai também foi abandonado por mim, para cumprir meu dever (como um rei), e estando desejoso de fazer o bem para meus súditos.'"

"Yudhishthira disse, 'Ó santo cuja única riqueza consiste em práticas religiosas, diga-me por que razão Sagara, o principal dos reis, abandonou seu próprio filho, dotado de coragem; um ato tão difícil (para todos os outros homens)."

"Lomasa disse, 'Um filho nasceu para Sagara, conhecido pelo nome de Asamanjas, ele que foi dado à luz pela princesa de Sivi. E ele costumava agarrar pela garganta os filhos delicados dos cidadãos, e os jogava no rio enquanto eles gritavam. E então os cidadãos, dominados pelo terror e dor, reuniram-se, e todos permanecendo com palmas unidas, suplicaram a Sagara da seguinte maneira, 'Ó grande rei, tu és nosso protetor do temido perigo do ataque de uma força hostil. Portanto cabe a ti nos salvar do perigo terrível procedente de Asamanjas.' E o mais justo dos soberanos de homens, tendo ouvido estas notícias terríveis de seus súditos, por quase uma hora permaneceu triste e então falou para seus ministros, dizendo, 'Que hoje meu filho Asamanjas seja levado para fora da cidade. Se vocês desejam fazer o que será aceitável para mim que isto seja feito rapidamente.' E, ó protetor de homens, aqueles mesmos ministros, assim

endereçados pelo rei, realizaram com pressa exatamente o que o rei os tinha mandado fazer. Assim eu narrei para ti como o magnânimo Sagara baniu seu filho, com a intenção (de assegurar o) bem-estar dos residentes da cidade. Eu agora narrarei totalmente para ti o que Ansuman do arco poderoso ouviu de Sagara. Ouça-me!'

Sagara disse, 'Ó meu garoto, eu estou profundamente triste por ter abandonado teu pai, por causa da morte dos meus filhos, e também por ser mal sucedido em obter o cavalo de volta. Portanto, ó neto, atormentado pela dor e confuso com a obstrução dos meus ritos religiosos como eu estou, tu deves trazer de volta o cavalo e me resgatar do inferno.' Assim endereçado pelo magnânimo Sagara, Ansuman foi com tristeza para aquele local onde a terra tinha sido escavada. E por aquela mesma passagem ele entrou no mar, e viu aquele ilustre Kapila e aquele mesmo cavalo. E tendo visto aquele santo antigo, o mais virtuoso da sua ordem, parecendo com uma massa de luz, ele se curvou com sua cabeça até o chão, e informou-o da razão da sua visita. Então, ó grande rei, Kapila ficou satisfeito com Ansuman, e aquele santo de alma virtuosa lhe disse para pedir um favor dele. E ele em primeiro lugar rogou pelo cavalo, para o propósito de usá-lo no sacrifício; em segundo lugar ele rogou pela purificação de seus pais. Então o chefe poderoso de santos, Kapila, falou a ele, dizendo, 'Eu te concederei tudo o que tu desejaste, ó (príncipe) imaculado. Que a boa sorte seja tua! Em ti estão fixadas (as virtudes de) paciência, e veracidade, e justiça. Por ti Sagara teve todos os seus desejos realizados. Tu és (realmente) um filho para teu pai. E por tua habilidade os filhos de Sagara irão para o céu (isto é, serão libertados das consequências da sua morte profana). E o filho do teu filho, com o objetivo de purificar os filhos de Sagara, obterá o favor do grande deus Siva, (por meio da prática de grandes austeridades), e (assim) trará (para este mundo) o rio que flui em três correntes (separadas), Ganga, ó chefe de homens! Que a boa sorte seja tua! Leve contigo o cavalo sacrifical. Termine, meu jovem, os ritos sacrificais do magnânimo Sagara.' Assim endereçado pelo ilustre Kapila, Ansuman levou o cavalo com ele e voltou para a área sacrifical de Sagara de mente poderosa. Então ele caiu prostrado aos pés de Sagara de grande alma, que cheirou-o na cabeça, e narrou para ele todos os acontecimentos, tudo o que foi visto e ouvido por ele, e igualmente a destruição dos filhos de Sagara. Ele também anunciou que o cavalo tinha sido devolvido para a área sacrifical. E quando o rei Sagara soube disto ele não sofreu mais por causa de seus filhos. E ele elogiou e honrou Ansuman, e terminou aqueles ritos sacrificais. Seu sacrifício terminado, Sagara foi cumprimentado honrosamente por todos os deuses; e ele converteu o mar, a residência de Varuna, em um filho dele mesmo. E o (rei Sagara) de olhos de lótus tendo governado seu reino por um período extremamente longo, colocou seu neto no trono (cheio de) responsabilidades e então ascendeu para o céu. E Ansuman igualmente, ó grande rei, virtuoso em alma, governou o mundo até a margem do oceano, seguindo os passos do pai do seu pai. Seu filho era chamado Dilipa, versado em virtude. Colocando sobre ele os deveres do seu cargo soberano, Ansuman do mesmo modo partiu dessa vida. E então quando Dilipa soube que um destino horrível tinha alcançado seus antepassados ele ficou muito triste e pensou nos meios de elevá-los. E o soberano de homens fez todos os grandes esforços

para a descida de Ganga (para o mundo mortal). Mas embora tentando ao máximo de seu poder, ele não pode fazer o que ele tanto desejava. E um filho nasceu para ele, conhecido pelo nome de Bhagiratha, belo, e dedicado a uma vida virtuosa, e sincero, e livre de sentimentos de malícia. E Dilipa nomeou-o como rei, e se dirigiu à vida na floresta. E, ó melhor de todos os descendentes da linhagem de Bharata, aquele rei (Dilipa), dedicou-se a um método bem sucedido de austeridades, e no fim de um período (suficiente), da floresta partiu para o céu."

108

"Lomasa disse, 'Aquele mesmo rei, de um arco poderoso, permanecendo na vanguarda dos circundantes, (ou seja, o ocupante de um trono imperial) de um poderoso carro, (possuindo todo grande poder de combate) tornou-se o deleite dos olhos e da alma de todo o mundo. E ele de braço poderoso veio a saber como seus antepassados tinham encontrado um fim horrível por causa de Kapila de alma poderosa, e como eles não tinham podido alcançar a região dos deuses. E ele com o coração triste transferiu seus deveres reais para seu ministro, e, ó senhor de homens, para praticar austeridades, foi para o lado da Montanha nevada (os Himalayas). E, ó mais louvável dos homens, desejoso de extinguir seus pecados por levar uma vida austera, e (assim) obtendo o favor da (deusa) Ganga, ele visitou aquela principal das montanhas, Himalaya. E ele a contemplou adornada com picos de diversas formas cheios de terra mineral; borrifada por todos os lados com gotas de nuvens que estavam repousando sobre a brisa; bela com rios e arvoredos e contrafortes rochosos, parecendo com (muitos) palácios (em uma cidade); acompanhada por leões e tigres que tinham se escondido em suas cavernas e buracos; e também habitada por aves de formas diversas, as quais estavam proferindo diversos sons, tais como os Bhringarajas, e gansos, e Datyuhas, e galos d'água, e pavões e aves com cem penas, e Jivanjivakas, e melros, e Chakoras de olhos providos de cantos pretos, e as aves que amam seus filhotes. E ele viu a montanha abundando em lotos crescendo em reservatórios de água encantadores. E os grous a tornavam graciosa com seus sons; e os Kinnaras e as ninfas celestes estavam sentados sobre seus blocos pedregosos. E os elefantes ocupando os pontos cardeais tinham roubado suas árvores em todos os lugares com a ponta das suas presas; e os semideuses da classe Vidyadhara frequentavam a colina. E ela estava cheia de várias pedras preciosas, e era também infestada por cobras portadoras de veneno terrível e de línguas ardentes. E a montanha em (alguns) lugares parecia com ouro (maciço), e em outros lugares ela parecia com uma (pilha) prateada, e em uns lugares era como uma pilha (negra) de colírio. Tal era a colina nevada onde o rei agora se encontrava. E aquele mais louvável dos homens naquele local dirigiu-se a um modo de vida austero sublime. E por mil anos sua subsistência foi só água, frutas e raízes. Quando, entretanto, tinham se passado mil anos segundo o cálculo dos deuses, então o grande rio Ganga, tendo assumido uma forma material, revelou para ele sua pessoa (divina).

Ganga disse, 'Ó grande rei, o que tu desejas de mim? E o que eu devo conceder para ti? Diga-me, ó mais louvável dos homens! Eu farei como tu me pedires.' Assim endereçado, o rei então deu sua resposta para Ganga, a filha da Colina nevada, dizendo, 'Ó concessora de bênçãos, ó grande rio, meus antepassados, enquanto procuravam pelo cavalo, foram mandados por Kapila para a residência do deus da morte. E aqueles sessenta mil filhos de Sagara de alma poderosa, tendo encontrado com o majestoso Kapila, pereceram em um instante de tempo. Tendo perecido dessa maneira, não há lugar para eles na região do céu, ó grande rio! Enquanto tu não borrifares os corpos deles com tua água não haverá salvação para aqueles filhos de Sagara. Ó deusa abençoada, leve meus antepassados, os filhos de Sagara, para a região do céu. Ó grande rio, por causa deles é que eu estou te suplicando realmente.'

Lomasa disse, 'Ganga, a deusa saudada pelo mundo, tendo ouvido estas palavras do rei, estava bem satisfeita, e falou para Bhagiratha as seguintes palavras: 'Ó grande rei, eu estou preparada para fazer o que tu me pedes; não há dúvida nisto. Mas quando eu descer do céu para a terra, a força da minha queda será difícil de suportar. Ó protetor de homens, nos três mundos não existe alguém que possa suportar a mesma exceto Siva, o mais louvável dos deuses, o grande Senhor com a garganta azul escura. Ó (príncipe) de braço poderoso, obtenha o favor, por praticar austeridades, daquele Siva concessor de benefícios. Aquele deus sustentará minha descida sobre sua cabeça. Teu desejo ele realizará, o desejo de ser útil aos teus pais, ó rei!' Então o grande rei Bhagiratha, tendo ouvido a mesma, foi à colina Kailasa, e dirigindo-se a um método severo de penitências, no término de certo espaço de tempo obteve o favor daquele produtor de bênçãos (Siva). E, ó protetor de homens, aquele melhor dos homens, para que seus antepassados pudessem ter um lugar no céu assegurado para eles, recebeu daquele próprio Siva a realização do seu desejo, isto é, o desejo que a descida de Ganga pudesse ser sustentada.'"

109

"Lomasa disse, 'O Deus abençoado tendo ouvido o que Bhagiratha disse, e com o objetivo de fazer o que era agradável para os residentes do céu, respondeu para o rei, dizendo, 'Que assim seja, ó mais justo dos protetores de homens, ó (príncipe) de braços poderosos! Por tua causa eu sustentarei o rio dos deuses, quando ela tomar sua descida do céu, ela que é pura e abençoada e divina, ó (rei) de braço poderoso!' Dizendo isso ele foi para a montanha nevada, cercado por seus servidores, de aparência terrível, e com armas erguidas de formas diversas. E permanecendo lá ele disse para Bhagiratha, o mais louvável dos homens, 'Ó (príncipe) de braço poderoso, ore para o rio, a filha do rei das montanhas. Eu sustentarei o mais louvável dos rios quando ela cair da terceira região do mundo (céu).' Tendo ouvido estas palavras proferidas por Siva, o rei se tornou devoto (de coração), e prestou homenagem e dirigiu seus pensamentos em direção à Ganga. Então o (rio) encantador de água pura ao ser assim lembrado pelo rei, e vendo

que o grande senhor (Siva) estava parado (para receber sua queda), desceu de repente do céu. E vendo que ela tinha se lançado do céu, os deuses, junto com os santos poderosos, os Gandharvas, as cobras, e os Yakshas reuniram-se lá como espectadores. Então desceu do céu Ganga, a filha da montanha nevada. E seus redemoinhos eram tempestuosos, e ela estava cheia de peixes e tubarões. Ó rei, direcionando seu curso em direção ao mar, ela separou-se em três correntes; e sua água estava espalhada com pilhas de espuma, que pareciam com muitas fileiras de gansos (brancos). E torta e tortuosa no movimento de seu corpo, em alguns lugares; e em outros tropeçando por assim dizer; e coberta com espuma como com um manto, ela seguiu em frente como uma mulher bêbada. E em outros lugares, em virtude do ribombar de suas águas, ela proferiu sons altos. Assim assumindo muitos aspectos diferentes, quando ela caiu do céu e alcançou a superfície da terra, ela disse para Bhagiratha, 'Ó grande rei, mostre-me o caminho que eu terei que tomar. Ó senhor da terra, por tua causa eu desci para a terra.' Tendo ouvido estas palavras, o rei Bhagiratha direcionou seu curso para o local onde jaziam aqueles corpos dos poderosos filhos de Sagara, para que, ó mais louvável dos homens, a água santa pudesse inundar (o mesmo). Tendo realizado a tarefa de sustentar Ganga, Siva, saudado pelos homens, foi para Kailasa, a mais louvável das montanhas, acompanhado pelos celestiais. E o protetor de homens (Bhagiratha) acompanhado por Ganga alcançou o mar; e o mar, a residência de Varuna, foi enchido rapidamente. E o rei adotou Ganga como uma filha dele mesmo, e naquele local ofereceu libações de água aos espíritos de seus antepassados; assim o desejo de seu coração foi realizado. Questionado por ti eu narrei a história inteira de como Ganga correndo em três correntes foi trazida para a terra para encher o oceano; como o santo poderoso bebeu o oceano por uma razão específica, e como, ó senhor, Vatapi, o matador de Brahmanas, foi destruído por Agastya.'"

210

Vaisampayana disse, "Ó chefe da raça Bharata, então o filho de Kunti foi em um passo lento aos dois rios Nanda e Aparananda, os quais tem a virtude de destruir o medo do pecado. E o protetor de homens, tendo alcançado a colina salubre Hemakuta, contemplou lá muitas vistas desconhecidas e inconcebíveis. Lá a própria pronúncia de palavras causava a reunião de nuvens, e mil saraivadas de pedras. E as pessoas à visão dela ficavam tristes, e eram incapazes de subir a colina. Lá os ventos sopravam sempre, e os céus sempre derramavam chuvas; e igualmente os sons da recitação dos escritos sagrados eram ouvidos, ainda assim ninguém era visto. À noite e de manhã era visto o fogo abençoado que carrega as oferendas para os deuses e lá insetos mordiam e interrompiam a prática de austeridades. E lá uma tristeza tomava conta da alma, e as pessoas ficavam doentes. O filho de Pandu, tendo observado muitas circunstâncias estranhas desta natureza dirigiu novamente suas perguntas para Lomasa com referência àquelas coisas surpreendentes.

Lomasa disse, 'Ó matador de inimigos, ó rei, eu vou te falar como nós ouvimos antes; preste atenção ao mesmo com mente absorta. Neste pico de Rishava havia uma vez um santo conhecido por este nome. E sua vida tinha durado por muitas centenas de anos. E ele era dedicado a penitências e era imensamente colérico. E ele, realmente, por ter sido falado por outros, por cólera dirigiu-se à colina dessa maneira, 'Quem quer que profira quaisquer palavras aqui, tu deves jogar pedras nele, e tu deves chamar os ventos para impedi-lo de fazer algum barulho.' Isto foi o que o santo disse. E assim neste lugar, logo que um homem profere qualquer palavras, ele é impedido por uma nuvem ribombante. Ó rei, assim estes feitos foram realizados por aquele grande santo, e por cólera ele também proibiu outros atos. Ó rei, a tradição diz que quando os deuses antigamente tinham vindo ao Nanda, chegaram lá de repente diversos homens para olhar os celestiais. Aqueles mesmos deuses em cuja vanguarda permanecia Indra, no entanto, não gostaram de ser vistos; e assim tornaram este lugar inacessível, por erguer obstruções na forma de colinas. E daquele dia em diante, ó filho de Kunti, os homens não podiam lançar seus olhos em qualquer época sobre o que parecia com uma colina, menos ainda subir a mesma. Esta grande montanha não pode ser vista por alguém que não tenha levado uma vida austera, nem tal pessoa pode subi-la. Portanto, ó filho de Kunti, mantenha tua língua sob controle. Aqui naquela época todos aqueles deuses realizaram os melhores ritos sacrificais, ó filho de Bharata! Até hoje as marcas disso podem ser vistas. Esta erva aqui tem a forma da erva kusa sagrada, a terra aqui parece estar coberta com a erva sagrada; e, ó senhor de homens, muitas destas árvores aqui parecem com os pontos para amarrar os animais sacrificais. Ó filho de Bharata, os deuses e santos ainda tem residência aqui; e seu fogo sagrado é observado de manhã e à noite. Se alguém se banha aqui seu pecado é destruído imediatamente, ó filho de Kunti! Ó mais louvável da linhagem de Kuru, portanto, faça tuas abluções, junto com teus irmãos mais novos. Então depois de ter te banhado no Nanda, tu deves te dirigir ao rio Kausiki, o local onde a forma mais excelente e severa de penitências foi praticada por Viswamitra.' Então o rei com seus servidores, tendo banhado seu corpo lá, procedeu para o rio Kausiki, o qual era puro e encantador e agradável com água fresca.

Lomasa disse, 'Este é o rio divino puro de nome Kausiki, ó chefe da raça Bharata, e este é o eremitério encantador de Viswamitra, notável aqui. E este é um eremitério, com um nome santo, pertencente a Kasyapa de alma poderosa; cujo filho foi Rishyasringa, dedicado a penitências, e de paixões sob controle. Ele por meio da força de suas penitências fez Indra fazer chover; e aquele deus, o matador dos demônios Vala e Vritra, temendo-o, derramou chuva durante uma seca. Aquele filho forte e poderoso de Kasyapa nasceu de uma corça. Ele produziu uma grande maravilha no território de Lomapada. E quando as colheitas foram recuperadas, o rei Lomapada deu sua filha Santa em casamento para ele, como o sol deu em casamento sua filha Savitri.'

Yudhishthira disse, 'Como o filho de Kasyapa, Rishyasringa, nasceu de uma corça? E como ele era dotado de santidade, sendo o resultado de uma ligação sexual repreensível? E por que razão Indra, o matador dos demônios Vala e Vritra, estava com medo daquele moço sagaz, e derramou chuva durante um período de

seca? E quão bela era aquela princesa Santa, pura em vida, ela que cativou o coração dele quando ele tinha se transformado em um veado? E já que o santo real Lomapada é citado como sendo de uma disposição virtuosa, por que foi que no seu território, Indra, o castigador do demônio Paka, reteve a chuva? Ó santo divino, tudo isto em detalhes, exatamente como aconteceu, faça o favor de narrar para mim, pois eu estou desejoso de ouvir os feitos da vida de Rishyasringa.'

Lomasa disse, 'Ouça como Rishyasringa, de nome temido, nasceu como um filho para Vibhandaka, que era um santo da casta Brahmana, que tinha desenvolvido sua alma por meio de austeridades religiosas, cuja semente nunca falhou em causar geração, e que era erudito e brilhante como o Senhor dos seres. E o pai era muito honrado, e o filho era possuidor de um espírito poderoso, e, embora fosse um menino, era respeitado por homens idosos. E aquele filho de Kasyapa, Vibhandaka, tendo procedido para um lago grande, dedicou-se à prática de penitências. E aquele santo, comparável a um deus, laborou por um longo período. E uma vez, quando ele estava lavando sua boca nas águas, ele viu a ninfa celeste Urvasi, e por causa disso seu fluído seminal saiu. E, ó rei, uma corça naquele momento lambeu-o junto com a água que ela estava bebendo, estando sedenta; e por esta causa ela ficou prenhe. Aquela corça realmente tinha sido uma filha dos deuses, e ouviu antigamente do santo Brahma, o criador dos mundos, 'Tu serás uma corça; e quando (estiveres) naquela forma tu darás à luz a um santo; tu então serás libertada.' Como o Destino deveria, e como a palavra do criador não seria falsa, naquela mesma corça nasceu seu filho (de Vibhandaka), um santo poderoso. E Rishyasringa, dedicado a penitências, sempre passou seus dias na floresta. Ó rei, havia um chifre na cabeça daquele santo magnânimo e por esta razão com o tempo ele veio a conhecido pelo nome de Rishyasringa. E exceto seu pai nenhum homem alguma vez antes tinha sido visto por ele; portanto sua mente, ó protetor de homens, estava totalmente devotada aos deveres de uma vida casta. Naquele mesmo período havia um soberano da terra de Anga conhecido pelo nome de Lomapada que era um amigo de Dasaratha. Nós soubemos que ele por gostar de prazer tinha sido culpado de uma falsidade em direção a um Brahmana. E aquele soberano do mundo naquela época era evitado por todas as pessoas da classe sacerdotal. E ele estava sem um sacerdote oficiante (para ajudá-lo em seus ritos religiosos). E o deus de mil olhos (Indra) de repente se absteve de dar chuva em seu território; de tal modo que seu povo começou a sofrer e, ó senhor da terra, ele questionou vários Brahmanas, dedicados a penitências, de mentes desenvolvidas, e possuidores de capacidades, com referência à questão da chuva ser concedida pelo senhor dos deuses, dizendo, 'Como os céus podem nos conceder a chuva? Pensem em um meio (para este propósito).' E aqueles homens cultos, sendo assim questionados, deram expressão aos seus respectivos pontos de vista. E um entre eles, o melhor dos santos, falou para aquele rei, dizendo, 'Ó senhor dos reis, os Brahmanas estão zangados contigo. Faça alguma ação (portanto) para apaziguá-los. Ó soberano da terra, mande buscar Rishyasringa, o filho de um santo, residente da floresta, não conhecendo nada do sexo feminino, e sempre se deleitando na simplicidade. Ó rei, se ele, excelente na prática de penitências, se mostrar no teu território, a chuva será concedida pelos céus imediatamente, nisto eu não tenho dúvida em absoluto.' E, ó rei, tendo ouvido

estas palavras Lomapada fez expiação pelos seus pecados. E ele partiu; e quando os Brahmanas foram apaziguados ele voltou novamente, e vendo o rei de volta o povo ficou profundamente contente de novo. Então o rei de Anga convocou uma reunião de seus ministros, competentes em darem conselhos. E ele teve grande trabalho para arranjar algum plano para assegurar uma visita de Rishyasringa. E, ó (príncipe) inabalável, com aqueles ministros, que eram versados em todos os ramos de conhecimento, e muito competentes em questões mundanas, e que tinham uma instrução completa em assuntos práticos, ele fixou finalmente um plano (para alcançar seu objetivo). E então ele mandou buscar várias cortesãs, mulheres da cidade, hábeis em tudo. E quando elas chegaram, aquele soberano da terra falou a elas dizendo, 'Ó mulheres encantadoras, vocês devem achar algumas maneiras de cativar e obter a confiança do filho do santo, Rishyasringa, a quem vocês devem trazer para meu território.' E aquelas mulheres, por um lado com medo da raiva do rei e por outro temendo uma maldição do santo, ficaram tristes e confusas, e declararam que o serviço estava além do seu poder. Uma, no entanto, entre elas, uma mulher grisalha, falou assim para o rei, 'Ó grande rei, eu tentarei trazer para cá aquele cuja riqueza consiste somente em penitências. Tu, no entanto, terá que obter para mim certas coisas, com relação ao plano. Nesse caso eu posso ser capaz de trazer o filho do santo, Rishyasringa.' Imediatamente o rei deu uma ordem para que tudo o que ela pedisse fosse obtido. E ele também deu bastante riqueza e jóias de várias espécies. E então, ó senhor do terra, ela levou consigo várias mulheres dotadas de beleza e juventude, e foi para a floresta sem demora."

111

"Lomasa disse, 'Ó descendente de Bharata, ela, para atingir o objetivo do rei, preparou um eremitério flutuante, porque o rei tinha pedido assim, e também porque isto estava exatamente de acordo com seu plano. E o eremitério flutuante, contendo árvores artificiais adornadas com várias flores e frutas, e cercado por diversos arbustos e plantas rastejantes e capaz de fornecer frutas excelentes e deliciosas, era extremamente encantador, e belo, e agradável, e parecia como se ele tivesse sido criado por mágica. Então ela atracou o barco a uma distância não muito grande do eremitério do filho de Kasyapa, e enviou espiões para examinar o local onde aquele santo habitualmente circulava. E então ela viu uma oportunidade; e tendo concebido um plano em sua mente, enviou para diante sua filha, uma cortesã por profissão e de percepção aguda. E aquela mulher inteligente foi até a vizinhança do homem religioso e chegando ao eremitério viu o filho do santo.

A cortesã disse, 'Eu espero, ó santo, que esteja tudo bem com os devotos religiosos. E eu espero que tu tenhas um estoque abundante de frutas e raízes e que tu te deleites neste eremitério. Na verdade eu vim aqui agora para te fazer uma visita. Eu espero que a prática de austeridades entre os santos esteja em aumento. Eu espero que a vitalidade do teu pai não tenha diminuído e que ele

esteja bem satisfeito contigo. Ó Rishyasringa da casta sacerdotal, eu espero que tu prossigas os estudos apropriados para ti.'

Rishyasringa disse, 'Tu estás brilhando com esplendor, como se tu fosses uma (massa) de luz. E eu te considero digno de reverência. Na verdade eu te darei água para lavar teus pés e tais frutas e raízes também que possam ser desejadas por ti, pois isto é o que a minha religião prescreve para mim. Por favor tome à vontade teu assento em uma esteira feita de grama sagrada, coberto com uma camurça preta e feito agradável e confortável de se sentar. E onde é teu eremitério? Ó Brahmana, tu pareces um deus em tua aparência. Qual é o nome deste voto religioso específico, o qual tu pareces estar cumprindo agora?'

A cortesã disse, ‘Ó filho de Kasyapa, no outro lado da colina acolá, a qual cobre o espaço de três Yojanas, é meu eremitério, um lugar encantador. Lá, não receber reverência é a regra da minha fé nem eu toco água para lavar meus pés. Eu não sou digno de reverência de pessoas como tu; mas eu devo prestar homenagem a ti. Ó Brahmana, esta é a observância religiosa a ser praticada por mim, isto é, que tu deves ser apertado em meus braços.'

Rishyasringa disse, 'Deixe-me te dar frutas maduras, tais como galhos, myrobalans, Karushas, Ingudas de regiões arenosas e figo Indiano. Que possa te agradar te deleitar com elas!'”

Lomasa disse, "Ela, no entanto, jogou de lado todas aquelas coisas comestíveis e então lhe deu coisas inadequadas para alimento. E estas eram muito agradáveis e belas de se ver e eram muitíssimo satisfatórias para Rishyasringa. E ela lhe deu guirlandas de um perfume extremamente fragrante e peças de roupa belas e brilhantes para usar e bebida de primeira categoria; e então brincou e deu risada e se divertiu. E ela à vista dele brincou com uma bola e enquanto assim ocupada, parecia com uma planta rasteira quebrada em dois. E ela tocou o corpo dele com o dela e repetidamente apertou Rishyasringa em seus braços. Então ela dobrou e quebrou os gravetos floridos de árvores, tais como a Sala, a Asoka e a Tilaka. E dominada pela excitação, assumindo um olhar tímido, ela foi em frente tentando o filho do grande santo. E quando ela viu que o coração de Rishyasringa tinha sido afetado, ela repetidamente pressionou o corpo dele com o dela e lançando olhares lentamente foi embora sob o pretexto que ela ia fazer oferendas no fogo. Após sua partida, Rishyasringa foi dominado pelo amor e perdeu sua razão. Sua mente se voltava constantemente para ela e sentiu-se vazia. E ele começou a suspirar e parecia estar em grande aflição. Naquele momento apareceu Vibhandaka, o filho de Kasyapa, ele cujos olhos eram fulvos como aqueles de um leão, cujo corpo era coberto com pelos até a ponta das unhas, que era dedicado a estudos apropriados para sua casta, e cuja vida era pura e era passada em meditação religiosa. Ele chegou e viu que seu filho estava sentado sozinho, pensativo e triste, sua mente perturbada e suspirando repetidas vezes com olhos virados para cima. E Vibhandaka falou para seu filho angustiado, dizendo, 'Meu menino, por que é que tu não estás cortando os troncos para combustível? Eu espero que tu tenhas realizado a cerimônia de oferenda queimada hoje. Eu espero que tu tenhas polido as conchas e colheres sacrificais e trazido o bezerro para a vaca leiteira cujo leite

fornece materiais para fazer oferendas no fogo. Na verdade tu não estás no teu estado habitual, ó filho! Tu pareces estar pensativo, e ter perdido tua razão. Por que tu estás tão triste hoje? Deixe-me te perguntar, quem esteve neste lugar hoje?'

112

Rishyasringa disse, 'Veio aqui hoje um estudante religioso com uma massa de cabelo sobre sua cabeça. E ele não era baixo nem alto. E ele tinha um olhar animado e uma cor dourada, e dotado de olhos grandes como lótus; e ele era brilhante e gracioso como um deus. E rica era sua beleza resplandecendo como o Sol; e ele era extremamente formoso com olhos graciosos e negros. E seu cabelo trançado era azul escuro e limpo e longo e de um perfume fragrante e amarrado para cima com cordões de ouro. Um ornamento belo estava brilhando em seu pescoço o qual parecia com o relâmpago no céu. E debaixo da garganta ele tinha duas esferas de carne sem um único pelo sobre elas e de uma forma extremamente bela. E sua cintura era um tanto fina e seu umbigo asseado; e lisa também era a região em volta de suas costelas. Então também lá brilhava um cordão dourado por baixo de sua roupa, exatamente como esta minha corda de cintura. E havia alguma coisa em seus pés de uma forma maravilhosa que emitia um som tilintante. Sobre seus pulsos igualmente estava atado um par de ornamentos que faziam um som similar e pareciam exatamente como este rosário aqui. E quando ele andava, seus ornamentos emitiam um som tilintante como aqueles proferidos por gansos alegres sobre um lençol de água. E ele tinha sobre seu corpo peças de roupa de um feitio maravilhoso; estas minhas roupas não são de nenhuma maneira bonitas como aquelas. E seu rosto era maravilhoso de se contemplar; e sua voz era calculada para alegrar o coração; e sua fala era agradável como a canção do melro macho. E enquanto escutando à mesma eu me senti tocado até o íntimo da minha alma. E como uma floresta no meio da estação vernal assume uma graça somente quando é varrida pela brisa, assim, ó pai, ele de um cheiro excelente e puro parece belo quando abanado pelo ar. E sua massa de cabelo está destramente amarrada para cima e permanece aderindo à cabeça e testa uniformemente dividida em duas. E seus dois olhos pareciam estar cobertos com aves Chakravaka maravilhosas de uma forma extremamente bela. E ele carregava sobre sua palma direita um maravilhoso fruto redondo, a qual alcançava o chão e repetidas vezes saltava até o céu de uma maneira estranha. E ele batia nele e se virava e rodopiava como uma árvore movida pela brisa. E quando eu o olhava, ó pai, ele parecia ser um filho dos celestiais, e minha alegria foi extrema, e meu prazer ilimitado. E ele abraçou meu corpo, segurou meu cabelo emaranhado, e abaixou minha boca, e, misturando sua boca com a minha, proferiu um som que era extremamente agradável. E ele não se importa com água para lavar seus pés, nem com aquelas frutas oferecidas por mim; e ele me disse que tal era a observância religiosa praticada por ele. E ele me deu várias frutas. Aquelas frutas eram saborosas para mim, estas aqui não são iguais a elas em gosto. Elas não tem qualquer casca nem qualquer pedra dentro delas, como

estas. E ele de uma forma excelente me deu para beber água de um sabor muito bom; e tendo-a bebido eu senti grande prazer e; o chão parecia estar se movendo sob meus pés. E estas são as guirlandas belas e fragrantes e trançadas com fios de seda que pertencem a ele. E ele, brilhante com devoção fervorosa, tendo espalhado estas guirlandas aqui, voltou para seu próprio eremitério. Sua partida entristeceu meu coração; e meu corpo parece estar em uma sensação ardente! E meu desejo é ir até ele logo que eu possa, e tê-lo todos os dias passeando por aqui. Ó pai, deixe-me ir até ele agora mesmo. Por favor, qual é aquela observância religiosa que está sendo praticada por ele? Como ele de uma devoção nobre está praticando penitências, assim eu estou desejoso de viver a mesma vida que ele. Meu coração está ansiando por observâncias similares. Minha alma estará em tormento se eu não vê-lo.'

113

"Vibhandaka disse, 'Aqueles são, ó filho, Rakshasas! Eles vagueiam naquela forma maravilhosamente bela. Sua força é inigualável e sua beleza magnífica. E eles sempre projetam obstruções à prática de penitências. E, ó meu menino, eles assumem formas encantadoras e tentam cativar por diversos meios. E aqueles seres ferozes derrubaram os santos, os habitantes das florestas, de regiões abençoadas (alcançadas por meio de suas ações devotas). E o santo que tem controle sobre sua alma, e que está desejoso de alcançar as regiões aonde vão os virtuosos, não deve ter algo a ver com eles. E as ações deles são vis e seu prazer está em causar obstrução àqueles que praticam penitência; (portanto) um homem pio nunca deve olhar para eles. E, ó filho, aquelas eram bebidas indignas de serem bebidas, sendo como eram licores alcoólicos consumidos por homens pecaminosos. E estas guirlandas, também, brilhantes e fragrantes e de várias cores, não estão destinadas para os santos.' Tendo assim proibido seu filho por dizer que aqueles eram demônios perversos, Vibhandaka partiu em busca dela. E quando por três dias de busca ele foi incapaz de descobrir onde ela estava ele então voltou para seu próprio eremitério. Enquanto isso, quando o filho de Kasyapa tinha saído para colher frutas, então aquela mesma cortesã foi outra vez tentar Rishyasringa da maneira descrita acima. E logo que Rishyasringa a viu ele ficou contente e se apressando rapidamente em direção a ela, disse, 'Vamos para o teu eremitério antes do retorno do meu pai.' Então, ó rei, aquelas mesmas cortesãs por meio de artifícios fizeram o único filho de Kasyapa entrar no seu barco, e desatracaram a embarcação. E por vários meios elas continuaram alegrando-o e finalmente chegaram ao lado do rei de Anga. E deixando então aquele barco flutuante de um matiz muito branco sobre a água, e tendo-o colocado dentro da vista do eremitério, ele de modo similar preparou um belo bosque conhecido pelo nome do Eremitério Flutuante. O rei, no entanto, manteve aquele filho único de Vibhandaka dentro daquela parte do palácio destinada às mulheres quando de repente ele viu que chuva era derramada pelos céus e que o mundo começou a ser inundado com água. E Lomapada, o desejo de seu coração realizado, concedeu sua filha Santa para Rishyasringa em casamento. E com a

intenção de apaziguar a cólera do pai dele, ele ordenou que vacas fossem colocadas e campos fossem arados ao longo da estrada que Vibhandaka pegaria para chegar até seu filho. E o rei também colocou gado abundante e vaqueiros corpulentos, e deu aos últimos a seguinte ordem:

'Quando o grande santo Vibhandaka lhes questionar acerca de seu filho, vocês devem unir suas palmas e dizer para ele que estes gados, e estes campos arados pertencem ao filho dele e que vocês são seus escravos, e que vocês estão prontos para obedecer a ele em tudo o que ele possa ordenar.' Assim sendo o santo, cuja cólera era feroz, voltou para seu eremitério, tendo colhido frutas e raízes e procurou por seu filho. Mas não encontrando-o ele ficou extremamente irado. E ele estava torturado pela raiva e suspeitou que isto fosse a ação do rei. E portanto, ele dirigiu seu rumo em direção à cidade de Champa tendo decidido queimar o rei, sua cidade, e todo seu território. E no caminho ele estava fatigado e faminto quando alcançou aqueles mesmos assentamentos de vaqueiros, ricos em gado. E ele foi honrado de um modo adequado por aqueles vaqueiros e então passou a noite de uma maneira condizente a um rei. E tendo recebido hospitalidade muito grande deles, ele lhes perguntou, dizendo, 'A quem, ó vaqueiros, vocês pertencem?' Então eles todos se aproximaram dele e disseram, 'Toda esta abundância foi fornecida por teu filho.' Em lugares diferentes ele foi honrado dessa maneira por aqueles melhores dos homens, e viu seu filho que parecia com o deus Indra no céu. E ele também viu lá sua nora, Santa, parecendo com relâmpago emanado de uma (nuvem). E tendo visto as vilas e os currais providos por seu filho e tendo também visto Santa, seu grande ressentimento foi apaziguado. E, ó rei de homens, Vibhandaka expressou grande satisfação com o próprio soberano da terra. E o grande santo, cujo poder rivalizava aquele do sol e do deus do fogo, reconheceu lá seu filho, e falou dessa maneira, 'Logo que um filho nascer para ti, e tendo realizado tudo o que for agradável para o rei, tu deves vir à floresta sem falta.' E Rishyasringa fez exatamente como seu pai disse, e voltou para o lugar onde seu pai estava. E, ó rei de homens, Santa obedientemente serviu-o como no firmamento a estrela Rohini serve a Lua, ou como a afortunada Arundhati serve Vasishtha, ou como Lopamudra serve Agastya. E como Damayanti era uma esposa obediente a Nala, ou como Sachi é para o deus que segura o raio em sua mão ou como Indrasena, filha de Narayana, era sempre obediente a Mudgala, assim Santa serviu Rishyasringa carinhosamente, quando ele vivia na floresta. Este é o eremitério sagrado que pertenceu a ele. Embelezando o grande lago aqui, ele possui fama sagrada. Realize aqui tuas abluções e tenha teu desejo realizado. E tendo te purificado, dirija teu rumo em direção a outros lugares sagrados.'"

114

(Continuação do Tirtha yatra Parva)

"Vaisampayana disse, 'Então, ó Janamejaya, o filho de Pandu partiu do rio Kausiki e dirigiu-se em sucessão para todos os santuários sagrados. E, ó protetor de homens, ele chegou ao mar onde o rio Ganga cai dentro dele; e lá no centro de quinhentos rios ele realizou a cerimônia sagrada de um mergulho. Então, ó soberano da terra, acompanhado por seus irmãos, o príncipe valente procedeu pelo litoral em direção à terra onde as tribos Kalinga moram."

"Lomasa disse, 'Lá é a terra, ó filho de Kunti, onde as tribos Kalinga moram. Através dela passa o rio Vaitarani, sobre as margens do qual até o deus da virtude realizou ritos religiosos, tendo primeiro se colocado sob a proteção dos celestiais. Na verdade esta é a margem norte, habitada por santos, adequada para o desempenho de ritos religiosos, embelezada por uma colina, e frequentada por pessoas da casta regenerada. Este local (em santidade) se iguala ao caminho pelo qual um homem virtuoso, apto a ir para o céu, se dirige para a região habitada por deuses. E na verdade neste local nos tempos antigos, outros santos igualmente adoraram os imortais pela realização de ritos religiosos. E neste mesmo local foi que o deus Rudra, ó rei de reis, agarrou o animal sacrifical e exclamou, 'Esta é a minha parte.' Ó chefe dos descendentes de Bharata, então quando o animal foi levado embora por Siva, os deuses falaram a ele dizendo, 'Não lance um olhar cobiçoso na propriedade de outros, desrespeitando todas as regras justas.' Então eles dirigiram palavras de glorificação de um tipo agradável para o deus Rudra. E eles o satisfizeram por oferecer um sacrifício, e lhe prestaram honras apropriadas. Nisso ele entregou o animal, e seguiu pelo caminho trilhado pelos deuses. Saiba de mim o que aconteceu a Rudra logo em seguida, ó Yudhishthira! Influenciados pelo medo de Rudra, os deuses reservaram para sempre a melhor cota de todas as partes, tal como a que era fresca e não envelhecida (para ser apropriada pelo deus). Quem quer que realize suas abluções neste local, enquanto recitando esta história antiga, vê com seus olhos mortais o caminho que conduz para a região dos deuses.'"

"Vaisampayana disse, 'Então todos os filhos de Pandu e igualmente a filha de Drupada, todos os quais eram os preferidos do Destino, desceram ao rio Vaitarani, e fizeram libações para os espíritos de seus antepassados.

Yudhishthira disse, 'Ó Lomasa, quão grande deve ser a força de um ato virtuoso! Tendo me banhado neste local de uma maneira apropriada eu pareço não tocar mais a região habitada por homens mortais! Ó santo de vida virtuosa, eu estou vendo todas as regiões. E este é o barulho dos magnânimos habitantes da floresta, que estão recitando suas orações audíveis.'

Lomasa disse, 'Ó Yudhishthira, o lugar de onde este barulho vem e alcança teus ouvidos está à distância de trezentas mil yojanas, para ser exato. Ó senhor de homens, permaneça calmo e não profira palavra. Ó rei, esta é a floresta divina do Existente por Si Mesmo, a qual agora chegou à nossa vista. Lá, ó rei, Viswakarma de nome temido realizou ritos religiosos. Na ocasião poderosa daquele sacrifício, o Auto-Existente fez um presente desta terra inteira com todas as suas regiões montanhosas e de floresta para Kasyapa, como gratificação, por ministrar como um sacerdote. E então, ó filho de Kuru, logo que a deusa Terra foi

doada ela ficou profundamente triste, e colericamente falou as seguintes palavras para aquele grande senhor, o soberano dos mundos, 'Ó deus poderoso, é indigno de ti doar-me para um mortal comum. E este ato de doação da tua parte resultará em nada; (pois) aqui estou eu indo descer ao fundo do mundo inferior.' Então quando o santo abençoado Kasyapa viu a deusa Terra abatida e triste, ele, ó protetor de homens, realizou uma ação propiciatória calculada para apaziguar sua cólera. E então, ó filho de Pandu, a Terra ficou satisfeita com seu ato pio. E ela ergueu-se outra vez de dentro das águas, e mostrou-se na forma de um altar sagrado. Este, ó rei, é o local o qual claramente revela a forma de um altar. Ó grande monarca, suba nele e tu obterás coragem e força. E, ó rei, este é o mesmo altar o qual se estende até o mar, e repousa sobre sua superfície. Que a boa sorte seja tua, suba nele, e por ti mesmo passe sobre o mar. E quanto tu hoje subires sobre ele, eu administrarei a cerimônia para afastar todo mal de ti; pois este altar aqui, logo que ele recebe o toque de um mortal, imediatamente entra no mar. Saudação ao deus que protege o universo! Saudação a ti que estás além do universo! Ó Senhor dos deuses, conceda tua presença neste mar. Ó filho de Pandu, tu deves recitar as seguintes palavras de verdade, e enquanto assim recitando, tu deves subir rapidamente neste altar, 'Ó deus do fogo, e o sol, e o órgão de geração, e água, e deusa e a semente de Vishnu, e o centro do néctar. O deus do fogo é o órgão que gerou o (oceano); a terra é teu corpo; Vishnu depositou a semente que causou tua existência e tu és o centro do néctar.' Assim, ó filho de Pandu, as palavras de verdade devem ser recitadas audivelmente, e enquanto assim recitando uma pessoa deve mergulhar no senhor dos rios. Ó mais louvável dos filhos de Kunti, de outra maneira este senhor das águas de nascimento divino, este melhor depósito das águas (da terra), não deverá ser tocado, ó filho de Kunti, nem com a ponta de uma erva sagrada.'"

"Vaisampayana disse, 'Então, quando a cerimônia para afastar o mal tinha sido completada em seu nome, o magnânimo Yudhishthira entrou no mar, e tendo realizado tudo o que o santo tinha ordenado dirigiu-se aos limites da colina Mahendra, e passou a noite naquele local.'"

115

"Vaisampayana disse, 'O protetor da terra passou lá uma única noite, e com seus irmãos prestou as mais altas honras aos homens religiosos. E Lomasa o fez conhecedor dos nomes de todos, tais como os Bhrigus, os Angiras, os Vasishthas, e os Kasyapas. E o santo real visitou a eles todos e prestou homenagem a eles com palmas unidas. E então ele questionou o valente Akritavrana, que era um seguidor de Parasurama, 'Quando o venerado Parasurama se mostrará aos homens religiosos aqui? É desejado nessa ocasião obter uma visão do descendente de Bhrigu.'

Akritavrana disse, 'Tua viagem a este local já é conhecida por Rama, cuja alma espontaneamente conhece tudo. E ele está de todas as maneiras bem satisfeito contigo, e ele se mostrará prontamente para ti. E os santos que praticam

penitências aqui são permitidos vê-lo no décimo quarto e no oitavo dia do curso lunar. De manhã no término dessa mesma noite começará o décimo quarto dia do curso lunar. Nessa ocasião tu terás uma visão dele, vestido em uma camurça escura, e usando seu cabelo na forma de uma massa emaranhada.'

Yudhishthira disse, 'Tu és um seguidor do poderoso Rama, filho de Jamadagni; tu deves, portanto, ter sido testemunha ocular de todos os feitos realizados por ele nos tempos antigos. Eu, portanto, te peço para narrar para mim como os membros da casta militar foram derrotados por Rama no campo de batalha, e qual foi a causa original daqueles conflitos.'

Akritavrana disse, 'Com prazer eu narrarei para ti aquela história excelente, ó filho de Bharata, ó chefe de reis, a história dos feitos divinos de Rama, o filho de Jamadagni, que traçou sua origem até a linhagem de Bhrigu. Eu também narrarei as realizações do grande soberano da tribo Haihaya. Aquele rei, de nome Arjuna, o poderoso senhor da tribo Haihaya foi morto por Rama. Ele, ó filho de Pandu, era dotado de mil braços; e pelo favor de Dattatreya ele igualmente tinha um carro celeste feito de ouro. E, ó protetor da terra, seu reino se estendia sobre todo o mundo animado, onde quer que se localizasse nesta terra. E o carro daquele monarca poderoso podia proceder em todos os lugares em um progresso desobstruído. E tornado irresistível em virtude de uma bênção concedida, ele sempre subia naquele carro e maltratava deuses e Yakshas e santos por toda parte. E todos os seres nascidos, onde quer que se encontrassem, eram atormentados por ele. Então os celestiais e os santos de vida rigidamente virtuosa se reuniram, e falaram dessa maneira para Vishnu, o deus dos deuses, o matador de demônios, e possuidor de destreza que nunca falhou, dizendo, 'Ó senhor abençoado e venerado, para o propósito de preservar todos os seres nascidos, é necessário que Arjuna seja morto por ti.' E o poderoso soberano da tribo Haihaya, colocando-se em seu carro celeste, afrontou Indra, enquanto aquela divindade estava se divertindo com Sachi, sua rainha. Então, ó filho de Bharata, o deus abençoado e venerado (Vishnu) teve uma conversa com Indra, com a finalidade de destruir o filho de Kartavirya. E naquela ocasião tudo o que era para o bem do mundo dos seres foi comunicado pelo senhor dos deuses; e o deus abençoado adorado pelo mundo, para fazer tudo o que era necessário, foi para a encantadora floresta Vadari a qual era seu próprio retiro escolhido para praticar penitências. E nesta mesma época vivia sobre a terra um monarca poderoso na terra de Kanyakuvja, um soberano cuja força militar era muito grande. E seu nome Gadhi era famoso no mundo. Ele, no entanto, dirigiu-se para uma vida na floresta. E enquanto ele estava residindo no meio da floresta nasceu para ele uma filha bela como uma ninfa do céu. E Richika, o filho de Bhrigu, pediu que ela fosse unida com ele em casamento. E então Gadhi falou para aquele Brahmana, que levava uma vida rigidamente austera, dizendo, 'Há um certo costume de família na nossa linhagem; ele foi estabelecido por meus antepassados de uma era passada. E, ó mais excelente da casta sacerdotal, que seja sabido por ti que o futuro noivo deve oferecer um dote consistindo em mil corcéis velozes, cuja cor deve ser marrom e cada um dos quais deve possuir uma única orelha escura. Mas, ó filho de Bhrigu, um santo venerável como tu não pode ser pedido para oferecer o mesmo. Nem

minha filha pode ser recusada para um santo magnânimo de tua posição (elevada).' Nisso Richika disse, 'Eu te darei mil corcéis velozes, de cor marrom e possuidores uma única orelha negra; que tua filha seja dada em casamento para mim.'

Akritavrana disse, ‘Assim tendo dado sua palavra, ó rei, ele partiu e disse para Varuna, 'Dê-me mil corcéis velozes de cor marrom, e cada um com uma orelha preta. Eu quero os mesmos como dote por meu casamento.' Para ele Varuna em seguida deu mil corcéis. Aqueles corcéis saíram do rio Ganga; por isso o local foi chamado de ‘O lugar de desembarque dos cavalos’. E na cidade de Kanyakuvja, a filha de Gadhi, de nome Satyavati, foi dada em casamento; e os próprios deuses eram do partido da noiva. Richika, o mais excelente da casta sacerdotal, assim obteve mil corcéis, e teve uma visão dos habitantes do céu e obteve uma esposa na forma apropriada. E ele se divertiu com a moça de cintura fina, e assim satisfez todos os desejos e vontades que ele alguma vez teve. E quando o casamento foi celebrado, ó rei, seu pai Bhrigu veio em uma visita para ver ele e sua esposa; e ele estava contente em ver seu filho louvável. E o marido e mulher juntos prestaram seus melhores respeitos a ele, que era adorado por todos os deuses. E quando ele se sentou, eles, ambos com palmas unidas, ficaram perto dele, para que eles pudessem executar suas ordens. E então o santo reverenciado, Bhrigu, profundamente contente, falou assim para sua nora, dizendo, 'Ó filha encantadora, peça um benefício, eu estou disposto a te conceder qualquer objeto do teu desejo.' E logo após ela pediu seu favor nisto: que um filho nascesse para ela mesma e para sua mãe. E ele concedeu o favor assim pedido.'

Bhrigu disse, 'Durante os dias em que seu período durar, tu e tua mãe devem tomar um banho, com a cerimônia para dar à luz uma criança masculina. E vocês duas devem então separadamente abraçar duas árvores diferentes, ela uma árvore peepal, e tu uma figueira. E, ó moça respeitosa, aqui estão dois potes de arroz e leite, preparados por mim com o maior cuidado. Eu esquadrinhei o universo inteiro para achar os remédios, a essência dos quais foi misturada com leite e arroz. Isto deve ser consumido como alimento com o maior cuidado.' E dizendo isso ele desapareceu de vista. As duas senhoras, no entanto, fizeram uma troca na questão dos potes de arroz, e igualmente com relação às árvores (a serem abraçadas por cada uma). Então depois do lapso de muitos dias, o santo venerado se aproximou mais uma vez. E ele veio a saber (do que tinha acontecido) por seu atributo de conhecimento divino. Então Bhrigu possuidor de força poderosa falou para Satyavati, sua nora, dizendo, 'Ó moça respeitosa, ó minha filha de uma fronte encantadora, tu pegaste como alimento o pote de arroz errado. E foi a árvore errada a que foi abraçada por ti. Foi tua mãe quem te iludiu. Um filho nascerá de ti, que, embora da casta sacerdotal, será de um caráter adequado à ordem militar; enquanto um filho poderoso nascerá da tua mãe, que, embora um Kshatriya por nascimento, assumirá uma vida conveniente à ordem sacerdotal. E seu poder será grande, e ele andará no caminho trilhado por homens justos.' Então ela rogou ao seu sogro repetidas vezes dizendo, 'Que meu filho não seja deste caráter; mas que meu neto seja assim.' E, ó filho de Pandu, ele respondeu, 'Que assim seja.' E assim ele estava contente em conceder sua

súplica. Então ela deu à luz no dia esperado a um filho de nome Jamadagni. E aquele filho de Bhrigu era dotado de esplendor e graça. E ele cresceu em idade e em força, e ele sobrepujava outros santos na proficiência de seu saber Vaidik. Ó chefe da linhagem de Bharata, para ele, rivalizando em brilho o criador de luz (o sol), foi espontaneamente e sem instrução o conhecimento completo da arte militar e das quatro armas projéteis.'"

116

"Akritavrana disse, 'Jamadagni dedicou-se ao estudo do Veda e à prática de penitências sagradas, e ficou famoso por suas austeridades formidáveis. Então ele seguiu um caminho metódico de estudo e obteve um domínio sobre o Veda inteiro. E, ó rei, ele visitou Prasenajit e pediu a mão de Renuka em casamento. E aquele pedido foi concedido pelo rei. E o deleite da família de Bhrigu, tendo assim obtido Renuka como esposa, tomou sua residência com ela em um eremitério, e começou a praticar penitências, sendo ajudado por ela. E quatro meninos nasceram dela, com Rama como o quinto. E embora o jovem, Rama era superior a todos em mérito. Assim sendo uma vez, quando seus filhos tinham saído com o propósito de coletar frutas, Renuka que tinha uma vida pura e austera, saiu para se banhar. E, ó rei, enquanto voltava para casa, aconteceu de ela lançar seu olhar em direção ao rei de Martikavata, conhecido pelo nome de Chitraratha. O rei estava na água com suas esposas, e usando sobre seu peito uma coroa de lotos, estava ocupado em diversão. E contemplando sua forma magnífica Renuka foi inspirada pelo desejo. E aquele desejo ilegal ela não pode controlar, mas se tornou maculada dentro da água, e voltou ao eremitério profundamente amedrontada. Seu marido facilmente percebeu em que estado ela estava. E poderoso e forte e de uma tendência mental colérica, quando ele viu que ela tinha sido leviana e que o brilho da castidade a tinha abandonado, ele a repreendeu por gritar ‘Vergonha!’ Naquele mesmo momento chegaram os mais velhos dos filhos de Jamadagni, Rumanvan; e então, Sushena, e então, Vasu, e igualmente, Viswavasu. E o santo poderoso mandou eles todos um a um porem um fim à vida de sua mãe. Eles, no entanto, estavam bastante confusos e perderam o ânimo. E eles não podiam proferir uma única palavra. Então ele em ira os amaldiçoou. E ao serem amaldiçoados eles perderam sua razão e subitamente se tornaram como objetos inanimados, e comparáveis em conduta a animais e aves. E então Rama, o matador de heróis hostis, chegou ao eremitério, por último. A ele Jamadagni de braços poderosos, de grandes austeridades, se dirigiu dizendo, 'Mate esta tua mãe pecaminosa, sem escrúpulo, ó meu filho.' Então Rama imediatamente pegou um machado e com ele cortou a cabeça de sua mãe. Então, ó grande rei, a cólera de Jamadagni de alma poderosa foi imediatamente apaziguada; e bem satisfeito, ele falou as seguintes palavras, 'Tu, meu garoto, realizaste por minha ordem esta tarefa difícil, sendo versado em virtude. Portanto, quaisquer desejos que possam estar no teu coração eu estou disposto a conceder eles todos. Peça-me.' Então Rama pediu que sua mãe fosse devolvida à vida, e que ele não fosse perseguido pela lembrança daquele ato cruel e que ele não pudesse ser afetado por qualquer

pecado, e que seus irmãos recuperassem seu estado anterior, e que ele pudesse ser inigualável sobre o campo de batalha, e que ele obtivesse vida longa. E, ó filho de Bharata, Jamadagni, cujas penitências eram as mais rígidas, concedeu todos aqueles desejos de seu filho. Uma vez, no entanto, ó senhor, quando seus filhos tinham saído como antes, o filho corajoso de Kartavirya, o senhor do país perto do litoral, se aproximou do eremitério. E quando ele chegou àquele eremitério a mulher do santo o recebeu com hospitalidade. Ele, no entanto, intoxicado com um orgulho de guerreiro, não estava satisfeito em absoluto com a recepção concedida a ele, e pela força e em oposição à toda resistência agarrou e raptou daquele eremitério a principal das vacas cujo leite fornecia a manteiga sagrada, não prestando atenção aos altos mugidos da vaca. E ele derrubou brutalmente grandes árvores da floresta. Quando Rama chegou em casa, seu próprio pai lhe disse tudo o que tinha acontecido. Então quando Rama viu como a vaca estava mugindo por seu bezerro, o ressentimento surgiu em seu coração. E ele avançou em direção ao filho de Kartavirya, cujos últimos momentos tinham se aproximado. Então o descendente de Bhrigu, o exterminador de heróis hostis, empregou sua bravura no campo de batalha, e com flechas afiadas com pontas achatadas, que eram disparadas de um arco belo, cortou os braços de Arjuna, os quais constavam de mil, e eram massivos como ferrolhos (de madeira) para barrar a porta. Ele, já tocado pela mão da morte, foi subjugado por Rama, seu inimigo. Então os parentes de Arjuna, sua cólera excitada contra Rama, atacaram Jamadagni em seu eremitério, enquanto Rama estava fora. E eles o mataram lá; pois embora sua força fosse grande, estando no momento engajado em penitências, ele não lutaria. E enquanto era assim atacado por seus inimigos, ele repetidamente gritava o nome de Rama de modo desamparado e comovente. E, ó Yudhishthira, os filhos de Kartavirya atingiram Jamadagni com suas flechas, e tendo castigado seu inimigo dessa maneira seguiram seu caminho. E quando eles tinham ido embora, e quando Jamadagni tinha dado seu último suspiro, Rama, o deleite da linhagem de Bhrigu, voltou ao eremitério, carregando em seus braços combustível para ritos religiosos. E o herói viu seu pai que tinha sido morto. E extremamente aflito ele começou a lamentar o destino indigno que tinha abatido seu pai."

117

"Rama disse, 'A culpa é minha, ó pai, que como um veado na floresta tu tenhas sido morto com flechas por aqueles canalhas vis e estúpidos, os filhos de Kartavirya. E, ó pai, virtuoso e inabalável no caminho da virtude e inofensivo para todos os seres animados como tu eras, como veio a ser permitido pelo Destino que tu morresses dessa maneira? Que pecado tremendo foi cometido por eles, que te mataram com centenas de flechas afiadas, embora tu fosses um homem idoso, e engajado em penitências no momento e absolutamente avesso a lutar com eles! Com que cara aquelas pessoas sem vergonha falarão desse seu ato para seus amigos e empregados, isto é, que eles mataram um homem virtuoso desamparado e que não resistiu?' Ó protetor de homens, assim ele, notável em penitência, lamentou muito de um modo comovente, e então realizou os ritos

fúnebres de seu pai falecido. E Rama, o conquistador de cidades hostis, cremou seu pai na pira mortuária, e jurou, ó descendente da linhagem de Bharata, matar a casta militar inteira, e de força excessiva no campo de batalha, e possuidor de coragem correspondente a uma alma heróica, e comparável ao próprio deus da morte, ele pegou sua arma em disposição colérica, e sozinho executou os filhos de Kartavirya. E, ó chefe da casta militar, Rama, o líder de todos capazes de derrotar seus inimigos, derrotou três vezes todos os Kashatriyas seguidores dos filhos de Kartavirya. E sete vezes aquele senhor poderoso exterminou as tribos militares da terra. Na região da terra chamada Samantapanchaka cinco lagos de sangue foram feitos por ele. Lá o mais poderoso descendente da linhagem de Bhrigu ofereceu libações para seus antepassados, os Bhrigus, e Richika apareceu para ele em uma forma visível, e lhe falou palavras de conselho. Então o filho de Jamadagni de nome temido realizou um poderoso sacrifício e gratificou o senhor dos celestiais, e concedeu a terra aos sacerdotes oficiantes. E, ó protetor de seres humanos, ele ergueu um altar feito de ouro, de dez Vyamas de largura e nove de altura, e fez um presente do mesmo para o magnânimo Kasyapa. Então a pedido de Kasyapa os Brahmanas dividiram o altar em várias partes, e assim eles se tornaram renomados como os Khandavayamas (recebedores de parte). E o exterminador da raça militar possuidor de força imensa deu a terra para Kasyapa de grande alma, e então se tornou engajado em penitência de uma forma extremamente severa. Ele agora mora neste Mahendra, monarca das colinas. Assim surgiram hostilidades entre ele e os membros da casta militar, todos eles que moram nesta terra; e Rama, dotado de força imensa, dessa maneira subjugou o mundo inteiro.'"

"Vaisampayana disse, 'Então no décimo quarto dia da lua, Rama de alma poderosa na hora apropriada se mostrou àqueles membros da casta sacerdotal e também ao rei virtuoso (Yudhishthira) e seus irmãos mais novos. E, ó rei de reis, o senhor junto com seus irmãos adorou Rama, e, ó mais justo dos soberanos de homens, realmente as mais altas honras foram prestadas a ele por todos aqueles membros da classe duas vezes nascida. E depois de cultuar o filho de Jamadagni e de ter recebido palavras de louvor dele, em seu rumo ele passou a noite na colina Mahendra, e então partiu em sua viagem em direção às regiões do sul.'"

118

Vaisampayana disse, "O monarca magnânimo seguiu sua viagem, e em diferentes lugares no litoral visitou vários locais de banho, todos sagrados e agradáveis e frequentados por homens da casta sacerdotal. E, ó filho de Parikshit, ele de modo apropriado tomou seu banho neles junto com seus irmãos mais jovens e então foi para um rio excelente, o mais sagrado de todos. Lá também o rei magnânimo deu seu mergulho, e ofereceu libações para seus antepassados e aos deuses, e distribuiu riquezas para os líderes da classe duas vezes nascida. Então ele foi ao Godavari, um rio que cai diretamente no mar. Lá ele foi liberto de seus pecados. E ele alcançou o mar na terra Dravida, e visitou o local sagrado sob

nome de Agastya, o qual era extremamente sagrado e excepcionalmente puro. E o rei valente visitou os locais sagrados femininos. Lá ele escutou à história daquela façanha bem conhecida que foi realizada por Arjuna, principal de todos os manejadores de arco, e que estava além do poder de seres humanos realizar. E lá ele foi elogiado pelos membros mais altos da classe religiosa, e o filho de Pandu sentiu a maior alegria. E, ó protetor da terra, o soberano do mundo, acompanhado por Krishna, banhou-se naqueles lugares sagrados, e falando do heroísmo de Arjuna em termos laudatórios passou seu tempo com prazer no local. Então ele doou milhares de vacas naqueles locais sagrados na costa do oceano; e com seus irmãos narrou bem satisfeito como Arjuna tinha feito uma doação de vacas. E ele, ó rei, visitou um a um aqueles lugares santos no litoral e muitos outros locais sagrados, e assim realizou o desejo de seu coração, até que ele chegou ao mais sagrado de todos conhecido pelo nome de Suparaka. Então tendo atravessado certa região na margem do oceano, ele alcançou uma floresta célebre na terra. Lá as divindades praticaram ascetismo nos tempos passados, e igualmente soberanos virtuosos de homens realizaram ritos sacrificais. Lá ele, possuidor de braços longos e vigorosos, contemplou o altar célebre do filho de Richika, que foi o principal de todos os manejadores de arco. E o altar estava cercado por hostes de ascetas, e era digno de ser adorado por pessoas de vida virtuosa. Então o rei contemplou os santuários sagrados e encantadores de todos os deuses e dos Vasus, e das hostes do vento e dos dois médicos celestes e de Yama, do filho do sol e do senhor das riquezas, e de Indra, e de Vishnu, e do senhor Criador e de Siva, e da lua, e do criador do dia, e do senhor das águas, e da hoste de Sadhyas, e de Brahma, e dos antepassados, e de Rudra junto com todos os seus seguidores, e da deusa do saber, e da hoste de Siddhas, e de muitos deuses santos imortais além desses. E naqueles santuários o rei observou vários jejuns, e doou grandes quantidades de pedras preciosas. Ele mergulhou seu corpo em todos os locais sagrados, e então voltou novamente para Surparaka. E ele pelo mesmo desembocadouro do oceano prosseguiu novamente com seus irmãos e chegou ao local sagrado Prabhasa, cuja fama tinha sido propagada por Brahmanas poderosos por todo o mundo. Lá ele, possuidor de um par de olhos vermelhos grandes, banhou-se com todos os seus irmãos mais novos, e ofereceu libações para os antepassados e as hostes celestes; e assim fizeram Krishna e todos aqueles Brahmanas junto com Lomasa. Por doze dias ele subsistiu de ar e água. E ele realizou abluções por dias e noites e cercou-se de fogos acesos por todos os lados. Assim aquele maior de todos os homens virtuosos engajou-se em ascetismo. Enquanto ele estava agindo assim chegou a Valarama e Krishna a informação de que o rei estava praticando penitências da forma mais austera, e aqueles dois líderes da tribo Vrishni inteira acompanhados por tropas foram até Yudhishthira da linhagem de Ajamidha. E quando os Vrishnis viram os filhos de Pandu deitados no chão, seus corpos completamente lambuzados com sujeira, e quando eles viram a filha de Drupada em um estado triste, sua dor foi grande e eles não puderam se abster de irromper em altos lamentos. Então o rei, cuja coragem era tal que o infortúnio nunca poderia subjugá-lo, cordialmente encontrou Rama e Krishna e Samva, e o filho de Krishna, e o neto de Sini e outros Vrishnis, e prestou honras a eles de uma maneira apropriada. E eles também em retorno prestaram honras a todos os filhos de Pritha, e foram da mesma maneira

honrados pelos filhos de Pandu. E eles sentaram-se em volta de Yudhishthira, como ao redor Indra, ó rei, estão sentadas as hostes celestes. E muito satisfeito, ele relatou para eles todas as maquinações de seus adversários, e como também ele tinha residido na floresta, e como Arjuna tinha ido para a residência de Indra para aprender a ciência de armas; tudo isto ele relatou com o coração alegre. E eles ficaram felizes ao serem informados de todas estas notícias deles; mas quando eles viram os Pandavas tão extremamente magros, os Vrishnis majestosos e magnânimos não puderam deixar de derramar lágrimas, as quais correram espontaneamente de seus olhos por causa da agonia que eles sentiram."

119

Janamejaya disse, "Ó tu de riqueza ascética, quando os filhos de Pandu e os Vrishnis alcançaram o local sagrado Prabhasa, o que eles fizeram e que conversação foi mantida lá por eles? Pois todos eles eram de almas poderosas, competentes em todos os ramos de ciência e ambos, os Vrishnis e os filhos de Pandu, tinham uns aos outros em estima amigável."

Vaisampayana disse, "Quando os Vrishnis alcançaram o local santo Prabhasa, o sagrado desembocadouro no litoral, eles circundaram os filhos de Pandu e os serviram. Então Valarama, parecendo em cor com o leite da vaca e a flor Kunda e a lua e a prata e a raiz do lótus e que usava uma coroa feita de flores selvagens e que tinha a relha de arado como sua arma, falou para aquele de olhos de lótus, dizendo, 'Ó Krishna, eu não vejo que a prática da virtude leva a algum benefício ou que práticas injustas podem causar mal, já que o magnânimo Yudhishthira está neste estado miserável, com cabelo emaranhado, um residente das florestas, e usando para seu vestuário a casca das árvores. E Duryodhana está agora governando a terra, e o solo ainda não o engole. Disto, uma pessoa de inteligência limitada acreditaria que um rumo de vida violento é preferível a um virtuoso. Quando Duryodhana está em um estado próspero e Yudhishthira, roubado de seu trono, está sofrendo dessa maneira, o que as pessoas devem fazer em tal caso? Esta é a dúvida que está agora desorientando todos os homens. Aqui está o senhor de homens nascido do deus da virtude, aderindo firmemente a um caminho honrado, estritamente sincero e de coração generoso. Este filho de Pritha desistiria de seu reino e seu prazer mas não se desviaria do caminho justo, para prosperar. Como é que Bhishma e Kripa e o Brahmana Drona e o rei idoso, os membros mais velhos da casa, estão vivendo alegremente, depois de terem banido os filhos de Pritha? Vergonha para os líderes de mente violenta da linhagem de Bharata! O que aquele pecador, o chefe da terra, dirá aos antepassados falecidos de sua família, quando o canalha se encontrar com eles no mundo seguinte? Tendo tirado do trono seus filhos inofensivos, ele será capaz de declarar que ele os tratou de uma maneira irrepreensível? Ele agora não vê com a visão de sua mente; como ele se tornou tão cego? E por causa de qual ação ele veio a ser cego entre os reis desta terra inteira? Não é porque ele baniu o filho de Kunti de seu reino? Eu não duvido que o filho de Vichitravirya, quando ele

com seus filhos cometeu esta ação desumana, viu no local onde corpos mortos são queimados árvores florescentes de uma cor dourada. Na verdade ele deve ter perguntado a eles, quando eles permaneciam diante dele com seus ombros projetados para a frente em direção a ele, e com seus grandes olhos vermelhos fitando-o, e ele deve ter escutado ao seu mau conselho, já que ele destemidamente mandou Yudhishthira para a floresta, que tinha todas as suas armas de guerra com ele e estava acompanhado por seus irmãos mais novos. Este Bhima aqui, cujo apetite voraz é como o de um lobo, é capaz de destruir somente com a força de seus braços poderosos, e sem a ajuda de quaisquer armas de guerra, um agrupamento formidável de tropas hostis. As forças no campo de batalha ficavam totalmente acovardadas ao ouvirem seu grito de guerra. E agora este forte está sofrendo de fome e sede, e está emaciado com viagens penosas. Mas quando ele pegar em sua mão setas e diversas outras armas de guerra, e encontrar seus inimigos no campo de batalha, ele então se lembrará dos sofrimentos da sua vida na floresta extremamente miserável, e matará seus inimigos até o último homem, com certeza eu prevejo isto. Não há por todo o todo mundo uma única alma que possa se gabar de força e bravura iguais às dele. E seu corpo, ai! está emaciado com frio, e calor e ventos. Mas quando ele se posicionar para o combate ele não poupará um único homem de seus inimigos. Este herói poderoso, que é um guerreiro magnífico quando colocado sobre um carro, este Bhima, de apetite que rivaliza o de um lobo conquistou sozinho todos os soberanos de homens no leste, junto com aqueles que os seguiam em batalha; e ele voltou daquelas guerras seguro e ileso. E este mesmo Bhima, miseravelmente vestido em cascas de árvores, está agora levando uma vida infeliz nas florestas. Este Sahadeva poderoso venceu todos os reis no sul; aqueles senhores de homens que tinham se agrupado na costa, olhem para ele agora em um traje de eremita. Valente em batalha Nakula derrotou sem ajuda os reis que governavam as regiões em direção ao oeste, e ele agora anda pela floresta, subsistindo de frutas e raízes, com uma massa de cabelo emaranhado na cabeça, e seu corpo completamente lambuzado com sujeira. Esta filha de um rei que é um grande soldado quando está sobre um carro, surgiu de debaixo do altar, durante a pompa dos ritos sacrificais. Ela estava sempre acostumada a uma vida de felicidade; como ela está agora suportando esta vida extremamente miserável nesta floresta? E o filho do deus da virtude, virtude a qual permanece no topo de todas as três buscas na vida, e o filho do deus do vento e também o filho do senhor dos celestiais, e aqueles dois filhos dos médicos celestes, sendo filhos de todos aqueles deuses e sempre acostumados a uma vida de felicidade, como eles estão vivendo nesta floresta, privados de todos os confortos? Quando o filho da Virtude encontrou a derrota, e quando sua esposa, seus irmãos, seus seguidores, e ele mesmo foram todos expulsos, e Duryodhana começou a prosperar, por que a terra não afundou com todas as suas colinas?'

120

Satyaki disse, ‘Ó Rama, este não é o momento de lamentação; que nós façamos aquilo que é apropriado e condizente à ocasião presente, embora Yudhishthira não fale uma única palavra. Aqueles que tem pessoas para cuidar do seu bem-estar não empreendem qualquer coisa por si mesmas; eles tem outros para fazer seu trabalho, como Saivya e outros faziam por Yayati. Igualmente, ó Rama, aqueles que tem funcionários designados para se encarregar de seu trabalho sob sua própria responsabilidade, como os líderes de homens, eles podem ser citados como tendo benfeitores reais, e eles não encontram dificuldade, como seres desamparados. Como é que quando os filhos de Pritha tem como seus protetores estes dois homens, Rama e Krishna, e os dois outros, Pradyumna e Samva, junto comigo mesmo, estes patronos sendo capazes de proteger todos os três mundos, como é que o filho de Pritha está vivendo na floresta com seus irmãos? É apropriado que neste mesmo dia o exército dos Dasarhas marche, armado de modo variado e com armaduras diversificadas. Que os filhos de Dhritarashtra sejam subjugados com a força dos Vrishnis e que eles acompanhem seus amigos para a residência do deus da morte. Sem falar naquele que maneja o arco feito de chifre (Krishna), tu somente, se instigado, serias capaz de cercar mesmo toda esta terra. Eu te peço para matar o filho de Dhritarashtra com todos os seus homens, como o grande Indra, o senhor dos deuses, matou Vritra. Arjuna, o filho de Pritha, é meu irmão, e também meu amigo, e também meu preceptor, e é como a segunda pessoa de Krishna. É por isto que homens desejam um filho digno, e que o preceptor procura um pupilo que não o contradiga. É por isto que chegou a hora para aquele trabalho excelente, o qual é a melhor de todas as tarefas e difícil de realizar. Eu frustrarei todas as descargas das armas de Duryodhana por meio das minhas próprias armas excelentes. Eu subjugarei todos no campo de batalha. Eu em minha ira cortarei sua cabeça com minhas flechas excelentes, pouco inferiores às cobras e veneno e fogo. E com o gume afiado da minha espada eu cortarei violentamente sua cabeça do tronco, no campo de batalha; então eu matarei seus seguidores, e Duryodhana, e todos da linhagem de Kuru. Ó filho de Rohini, que os seguidores de Bhima me olhem com alegria em seus corações, quando eu mantiver erguidas as armas de guerra no campo de batalha, e quando eu continuar a matar todos os melhores lutadores no lado dos Kurus, como no fim do tempo o fogo queimará vastas pilhas de palha. Kripa e Drona e Vikarna e Kama não são capazes de suportar as flechas afiadas disparadas por Pradyumna. Eu conheço o poder do filho de Arjuna, ele se comporta como o filho de Krishna no campo de batalha. Que Samva castigue pela força de seus braços Dussasana; que ele destrua à força Dussasana e seu cocheiro e seu carro. No campo de batalha quando o filho de Jamvavati se torna irresistível em luta não há nada que possa resistir à sua força. O exército do demônio Samvara foi rapidamente derrotado por ele quando somente um menino. Por ele foi morto em luta Asvachakra, cujas coxas eram redondas e cujos braços musculosos eram de comprimento excessivo. Quem seria capaz de avançar para o carro de Samva que é formidável em luta, quando posicionado sobre um carro? Como um mortal caindo sob as garras da morte nunca pode escapar; assim quem é que uma vez caindo sob as garras dele no campo de batalha poderia retornar com sua vida? O filho de Vasudeva incendiará pelas saraivadas de suas flechas ígneas todas as tropas hostis, e aqueles dois guerreiros, Bhishma e Drona, que

são grandiosos sobre um carro, e Somadatta cercado por todos os seus filhos. O que há em todo o mundo incluindo os deuses, o qual Krishna não possa enfrentar em uma posição igual, quando ele pega as armas de guerra, maneja em suas mãos flechas excelentes, se arma com seus dardos, e assim se torna inigualável em combate? Então que Aniruddha também pegue em sua mão seu escudo e espada, e que ele cubra a superfície da terra com os filhos de Dhritarashtra, suas cabeças separadas de seus troncos, seus corpos desprovidos de toda consciência como em um rito sacrifical o altar é coberto com erva sagrada colocada sobre o mesmo. E Gada e Uluka, e Vahuka e Bhanu e Nitha e o jovem Nishatha valente em batalha e Sarana, e Charudeshna, irresistível em guerra, que eles realizem façanhas condizentes à sua linhagem. Que o exército unido dos Satwatas e Suras, junto com os melhores soldados dos Vrishnis, dos Bhojas, e dos Andhakas, mate aqueles filhos de Dhritarashtra no campo de batalha e que eles aumentem sua fama espalhada por todo o mundo. Então que Abhimanyu governe o mundo por tanto tempo quanto este mais excelente dos homens virtuosos, o magnânimo Yudhishthira, possa estar dedicado a cumprir seu voto, o voto que foi aceito e declarado por ele, o mais virtuoso da linhagem Kuru, na ocasião do famoso jogo de dados. Depois o rei virtuoso protegerá a terra, todos os seus inimigos derrotados em batalha por flechas as quais serão disparadas por nós. Então não restarão filhos de Dhritarashtra sobre a terra, nem o filho do cocheiro (Kama). Este é o trabalho mais importante para nós fazermos, e isto certamente levará à fama.'

Krishna disse, 'Ó filho da raça de Madhu, sem dúvida o que tu disseste é verdadeiro; nós aceitamos tuas palavras, ó tu de coragem que nunca é fraca! Mas este touro da raça Kuru (Yudhishthira) nunca aceitaria a soberania da terra a menos que ela fosse ganha pela destreza de seus próprios braços. Nem por causa de prazer, nem por medo, nem por cobiça Yudhishthira alguma vez renunciaria às regras da casta; nem estes dois heróis, que são poderosos quando estão em um carro, Bhima e Arjuna; nem os irmãos gêmeos, nem Krishna, a filha de Drupada. Ele que possui o apetite de um lobo (Bhima), e o ganhador de riquezas (Arjuna), ambos são inigualáveis em combate por todo o mundo. E por que este rei não deveria governar o mundo inteiro quando ele tem os dois filhos de Madri para abraçar sua causa? O soberano de grande alma de Panchala junto com o rei Kekaya, e nós também devemos aplicar nossa força unida, e então os inimigos de Yudhishthira serão aniquilados.'

Yudhishthira disse, 'Não é estranho que tu fales dessa maneira, ó filho da linhagem de Madhu! Mas para mim a verdade parece ser a primeira consideração, acima daquela do meu próprio poder soberano. Mas é somente Krishna quem sabe exatamente o que eu sou; e sou eu somente que sei exatamente o que Krishna (realmente) é. Ó tu dotado de coragem, ó descendente da linhagem de Madhu, logo que ele perceber que chegou o momento para atos de bravura, então, ó mais valente da linhagem de Sini, ele também de cabelo belo (Krishna) derrotará Suyodhana. Que os homens heróicos da raça Dasarha retornem hoje. Eles são meus patronos; e os principais dos seres humanos, eles me visitaram aqui. Ó vocês de força incomensurável, nunca abandonem o caminho da virtude. Eu os verei novamente, quando vocês estiverem alegremente reunidos.'

Então depois de comprimento mútuo e reverência aos mais velhos, e de terem abraçado os jovens, aqueles homens valentes da raça Yadu e os filhos de Pandu se separaram. E os Yadus se reuniram à sua pátria; e os Pandavas continuaram sua viagem aos locais sagrados. Então tendo se separado de Krishna, o rei virtuoso, acompanhado por seus irmãos e empregados, e também por Lomasa, foi ao rio sagrado Payosini. Sua bela plataforma de desembarque foi construída pelo rei de Vidarbha. E ele começou a morar nas margens do Payosini, cujas águas estavam misturadas com o suco Soma destilado. Lá Yudhishthira de grande alma foi recebido com excelentes termos laudatórios por líderes numerosos da classe de duas vezes nascidos, que estavam encantados em vê-lo lá.'

121

Lomasa disse, 'Ó rei, quando o Nriga realizou um sacrifício aqui, ele gratificou Indra, o demolidor de cidades hostis, por oferecer o suco Soma. E Indra estava revigorado e muito satisfeito. Aqui os deuses junto com Indra, e os protetores de todos os seres nascidos celebraram sacrifícios de vários tipos em grande escala, e pagaram gratificações abundantes aos sacerdotes oficiantes. Aqui o rei Amurtarayasa, o senhor do mundo, satisfez Indra, o manejador do raio, pela oferta de suco Soma, quando sete Sacrifícios de Cavalo foram realizados por aquele rei. Os artigos os quais em outros ritos sacrificais são invariavelmente feitos de madeira, lenha e de terra, eram todos feitos de ouro nos sete sacrifícios realizados por ele. E é dito que em todos aqueles ritos, sete conjuntos de estacas, aros para as estacas sacrificais, locais, conchas, utensílios, colheres foram preparados por ele. Em cada estaca sacrifical sete aros foram fixados no topo. E, ó Yudhishthira, os celestiais junto com Indra ergueram eles mesmos as estacas sacrificais de ouro brilhante que tinham sido preparadas para seus ritos sagrados. Em todos aqueles sacrifícios magníficos estabelecidos por Gaya, o protetor da terra, Indra, estava muito contente por beber o suco Soma, e os sacerdotes oficiantes estavam satisfeitos com as gratificações pagas a eles. E os sacerdotes obtiveram riqueza imensa conferida a eles. E como os grãos de areia da terra, ou como as estrelas no céu, ou como as gotas de chuva quando chove não podem ser contados, assim a riqueza que Gaya doou não podia ser contada em números. Tão imensa era a riqueza, ó grande rei, que foi dada aos sacerdotes oficiantes em todos aqueles sete sacrifícios que até os objetos acima mencionados poderiam ser contados por números, mas as gratificações dadas por ele cuja grandeza excedia tudo o que era conhecido antes não podia ser contada por números. E imagens da deusa da palavra foram feitas de ouro pelo escultor dos deuses; e o rei gratificou os membros da casta sacerdotal, que tinham chegado de todos os pontos cardeais, por fazer presentes a eles daquelas imagens de ouro. Ó protetor de homens, quando Gaya de grande alma realizou seus ritos sacrificais, ele erigiu estacas sacrificais em tantos locais diferentes que somente pouco espaço era deixado sobre a superfície da terra. E, ó filho da linhagem de Bharata, ele por aquela ação sagrada alcançou as regiões de Indra. Quem quer que se banhe no rio Payosini irá para as regiões alcançadas por Gaya. Portanto, ó senhor dos reis, ó príncipe

inabalável, tu e teus irmãos devem se banhar neste rio; então, ó protetor da terra, tu serás libertado de todos os teus pecados.'"

Vaisampayana disse, "Ó mais louvável dos homens, Yudhishthira com seus irmãos realizou abluções no rio Payosini. Então, ó príncipe impecável, o monarca poderoso junto com seus irmãos viajou para a colina de safiras e o grande rio Narmada. O santo abençoado Lomasa lá citou para ele todos os lugares santos encantadores e todos os santuários sagrados dos celestiais. Então ele com seus irmãos visitou aqueles lugares, segundo seu desejo e conveniência. E em vários lugares Brahmanas às centenas receberam presentes dele.

Lomasa disse, 'Ó filho de Kunti, alguém que visita a Colina safira e mergulha seu corpo no rio Narmada alcança as regiões habitadas pelos celestiais e reis. Ó mais louvável dos homens, este período é a junção entre a era Treta e Kali, ó filho de Kunti! Este é o período quando uma pessoa se livra de todos os seus pecados. Ó senhor respeitado, este é o local onde Saryati realizou ritos sacrificais, no qual Indra apareceu em uma forma visível e bebeu o suco Soma com os dois médicos celestes. E o filho de Bhrigu de austeridades severas exprimiu raiva em direção ao grande Indra; e o poderoso Chyavana paralisou Indra, e obteve como sua esposa a princesa Sukanya.'

Yudhishthira disse, 'Como o castigador do demônio Paka, o deus possuidor dos seis atributos, foi paralisado por Chyavana? E por que razão o santo poderoso exprimiu cólera em direção a Indra? E como, ó Brahmana, ele ergueu os médicos celestes ao posto dos bebedores de Soma? Tudo isto, exatamente como aconteceu, tua pessoa venerável fará o favor de relatar para mim.'

122

Lomasa disse, 'Um filho nasceu para o grande santo Bhrigu, de nome Chyavana. E ele, de uma forma muito resplandecente, começou a praticar austeridades ao lado daquele lago. E, ó filho de Pandu, ó protetor de homens, ele de energia poderosa assumiu a postura chamada Vira, quieto e imóvel como um poste inanimado, e por um longo período permaneceu no mesmo local da região. E ele foi convertido em um formigueiro coberto com trepadeiras. E depois do lapso de um longo período, enxames de formigas o envolveram. E coberto por todos os lados com formigas, o santo sagaz parecia exatamente com uma pilha de terra. E ele continuou praticando austeridades, totalmente envolvido por aquele formigueiro. Assim sendo depois do lapso de muito tempo aquele soberano da terra, de nome Saryati, por diversão visitou aquele lago agradável e excelente. Com ele estavam quatro mil mulheres, desposadas por ele, ó filho da raça Bharata, lá estava também sua única filha dotada de frontes belas, chamada Sukanya. Ela cercada por suas empregadas, e enfeitada com jóias adequadas aos celestiais, enquanto andava em volta, se aproximou do formigueiro onde o filho de Bhrigu estava sentado. E circundada por suas empregadas ela começou a se distrair lá, olhando o cenário belo, e olhando as árvores altas da floresta. E ela era

bonita e estava no início da sua juventude, e era carinhosa e inclinada à diversão. E ela começou a quebrar os gravetos das árvores da floresta que tinham flores. E o filho de Bhrigu dotado de inteligência viu ela vagando lá como relâmpago, sem suas empregadas, e vestindo um único pedaço de tecido e enfeitada com ornamentos. E vendo-a na floresta solitária, aquele asceta de refulgência excelente foi inspirado pelo desejo. E aquele Rishi regenerado possuidor energia ascética, que tinha uma voz baixa, chamou a auspiciosa, mas ela não o ouviu. Então vendo os olhos do filho de Bhrigu do formigueiro, Sukanya por curiosidade e perdendo sua razão disse, 'O que é isto?' e com espinhos furou os olhos (do Rishi). E quando seus olhos foram furados por ela ele sentiu muita dor e ficou furioso. E ele obstruiu os chamados da natureza das forças militares de Saryati. E por seus chamados da natureza estarem obstruídos, os homens ficaram imensamente aflitos. E vendo aquele estado de coisas, o rei perguntou, 'Quem foi que fez mal ao filho ilustre de Bhrigu, velho e sempre engajado em austeridades e de temperamento colérico? Digam-me rápido se vocês sabem isto.' Os soldados (então) responderam a ele dizendo, ‘Nós não sabemos se alguém fez mal para o Rishi. Como desejares, faça uma investigação minuciosa do caso.’ Imediatamente aquele soberano da terra, usando ambos: ameaça e conciliação, questionou seus amigos (acerca da circunstância). Mas eles também não sabiam qualquer coisa. Vendo que o exército estava aflito devido à obstrução dos chamados da natureza e também encontrando seu pai angustiado, Sukanya disse, ‘Vagando na floresta eu encontrei por acaso no formigueiro lá alguma substância brilhante. Então tomando-o por um pirilampo eu me aproximei dele e o perfurei (com espinhos).’ Ouvindo isto Saryati imediatamente foi ao formigueiro, e lá viu o filho de Bhrigu, velho em idade e austeridades. Então o senhor da terra, com mãos unidas, suplicou (ao asceta) dizendo, ‘Cabe a ti perdoar o que minha filha, por ignorância e infantilidade, fez para ti.’ Chyavana o filho de Bhrigu dirigiu-se ao monarca dizendo, 'Desrespeitando-me, ela cheia de orgulho furou meus olhos. Ela mesma, ó rei, dotada de beleza e que estava privada de sua razão por ignorância e tentação, aquela tua filha eu teria como minha noiva, eu te digo realmente, só sob esta condição eu te perdoarei.'

Lomasa disse, ‘Ouvindo as palavras do sábio, Saryati, sem hesitar, entregou sua filha para Chyavana de grande alma. Tendo recebido a mão daquela moça, o santo ficou satisfeito com o rei. E tendo obtido a graça do Rishi o rei foi para sua cidade, acompanhado por suas tropas. E a impecável Sukanya também tendo obtido aquele asceta como seu marido começou a cuidar dele, praticando penitências e cumprindo a ordenança. E ela de um rosto gracioso e desprovida de malícia venerava Chyavana, e também servia os convidados e o fogo sagrado.’

123

Lomasa disse, 'Uma vez aconteceu, ó rei, daqueles celestiais, os gêmeos Aswins, verem Sukanya quando ela tinha (acabado de se) banhar, e quando seu corpo estava despido. E vendo ela de membros excelentes, e semelhante à filha

do senhor dos celestiais, os Aswins nascidos do nariz se aproximaram e se dirigiram a ela, dizendo, 'Ó tu de coxas bem formadas, de quem tu és filha? E o que tu fazes nesta floresta? Ó auspiciosa, ó tu de graça excelente, nós desejamos saber isto, portanto nos diga.' Então ela respondeu timidamente àqueles principais dos celestiais. 'Conheçam-me como filha de Sarayati e esposa de Chyavana.' Nisso os Aswins falaram a ela novamente, sorrindo, 'Por que, ó afortunada, teu pai te entregou para uma pessoa que está beirando a morte? Certamente, ó moça tímida, tu brilhas nesta floresta como o relâmpago. Nem nas regiões dos próprios celestiais, ó moça, nossos olhos pousaram sobre tua semelhante. Ó donzela, sem nenhum enfeite, sem mantos vistosos como tu estás, tu embelezas muito estas florestas. Entretanto, ó tu de membros impecáveis, tu não podes parecer tão bela porque (no momento) estás manchada com lama e sujeira, como tu poderias se estivesses enfeitada com todos os ornamentos e usando vestes suntuosas. Por que, ó moça excelente, em tal situação difícil tu serves um marido velho decrépito, e que se tornou incapaz de efetuar prazer e também de te manter, ó tu de sorrisos luminosos? Ó donzela divinamente bela, abandonando Chyavana aceite um de nós como marido. Não cabe a ti passar tua juventude inutilmente.'

Assim endereçada Sukanya respondeu aos celestiais dizendo, ‘Eu sou devotada ao meu marido Chyavana, não nutram quaisquer dúvidas (com relação à minha fidelidade).’ Nisso eles falaram a ela novamente, 'Nós dois somos os famosos médicos celestes. Nós faremos teu marido jovem e gracioso. Então escolha um de nós, ou seja, nós mesmos e teu marido, como teu consorte. Prometendo isto, ó auspiciosa, traga teu marido para cá.' Ó rei, de acordo com as palavras deles ela foi até o filho de Bhrigu e comunicou a ele o que os dois celestiais tinham dito. Ouvindo sua mensagem, Chyavana disse para sua esposa, 'Faça isso.' Tendo recebido a permissão de seu marido, (ela voltou aos celestiais) e disse, 'Façam isso.' Então ouvindo as palavras dela eles falaram para a filha do rei, 'Que teu marido entre na água.' Nisso Chyavana desejoso de obter beleza entrou rapidamente na água. Os gêmeos Aswins também, ó rei, entraram no lençol de água. E no momento seguinte eles todos saíram do tanque em formas excelentemente belas, e jovens e usando brincos polidos. E todos, possuidores da mesma aparência agradável de se contemplar, dirigiram-se a ela dizendo, 'Ó afortunada, escolha um de nós como cônjuge. E, ó bela, escolha como marido aquele que possa satisfazer teu desejo.' Achando, no entanto, todos eles da mesma aparência ela deliberou; e finalmente averiguando a identidade de seu marido, escolheu ele mesmo.

Tendo obtido beleza cobiçada e também sua esposa, Chyavana, de energia excelente, bem satisfeito, falou estas palavras para os celestiais nascidos do nariz: 'Já que nas suas mãos, um homem velho, eu obtive juventude e beleza, e também esta minha esposa, bem satisfeito, eu farei vocês bebedores do suco Soma na presença do próprio senhor dos celestiais. Isto eu lhes digo realmente.' Ouvindo isto, muito contentes, os gêmeos ascenderam para o céu; e Chyavana e Sukanya também passaram seus dias alegremente assim como celestiais."

124

"Lomasa disse, 'Assim sendo chegaram a Saryati as notícias que Chyavana tinha sido transformado em um jovem. E bem satisfeito ele foi, acompanhado por suas tropas, ao eremitério do filho de Bhrigu. E ele viu Chyavana e Sukanya, como dois filhos nascidos de celestiais, e sua alegria e a de sua esposa foi tão grande como se o rei tivesse conquistado o mundo inteiro. E o soberano da terra junto com sua esposa foi recebido honrosamente por aquele santo. E o rei sentou-se perto do asceta, e entrou em uma conversação encantadora de um tipo auspicioso. Então, ó rei, o filho de Bhrigu falou ao rei estas palavras de uma natureza calmante: 'Eu, ó rei, oficiarei em uma cerimônia religiosa a ser realizada por ti, que os artigos necessários, portanto, sejam obtidos.' Por causa disso, aquele protetor da terra, Saryati, sentiu o próprio auge da alegria, e, ó grande rei, ele expressou sua aprovação à proposta feita por Chyavana. E em um dia auspicioso, adequado para o início de uma cerimônia sacrifical, Saryati ordenou a construção de um santuário sacrifical de um tipo excelente e esplendidamente equipado com todas as coisas desejáveis. Lá Chyavana, o filho de Bhrigu, oficiou para o rei como seu sacerdote. Agora ouça-me relatar os acontecimentos maravilhosos que ocorreram naquele local. Chyavana pegou uma quantidade de suco Soma, para que ele pudesse oferecer o mesmo aos Aswins, que eram médicos para os celestiais. E enquanto o santo estava pegando a oferenda destinada para aqueles gêmeos celestes Indra pronunciou sua interdição, dizendo, ‘Ambos estes Aswins na minha opinião não tem direito a receber uma oferenda de suco Soma. Eles são os médicos dos celestiais no céu, esta profissão deles os privou do direito (em relação ao Soma).’ Nisto Chyavana disse, 'Estes dois são de iniciativa poderosa, possuidores de almas poderosas, e notavelmente dotados de beleza e graça. E eles, ó Indra, me converteram em uma pessoa eternamente jovem, assim como um celestial. Por que tu e os outros celestiais tem direito ao suco Soma destilado, e não eles? Ó senhor dos celestiais, ó demolidor de cidades hostis, saiba que os Aswins também são classificados como deuses.' Nisto, Indra falou dizendo, ‘Estes dois praticam a arte da cura, de maneira que eles são somente empregados. E assumindo formas à sua vontade eles vagam no mundo dos seres mortais. Como eles podem então reivindicar legitimamente o suco do Soma?’"

"Lomasa disse, 'Quando estas mesmas idênticas palavras foram faladas repetidas vezes pelo senhor dos celestiais, o filho de Bhrigu, desprezando Indra, pegou a oferenda que ele pretendia fazer. E quando ele estava prestes a erguer uma porção excelente do suco Soma com o objetivo de oferecê-la aos dois Aswins, o destruidor do demônio Vala (Indra) observou sua ação, e falou dessa maneira para ele, 'Se tu ergueres o Soma com o propósito de oferecê-lo para aqueles celestiais eu arremessarei em ti meu raio de forma terrível, o qual é superior a todas as armas que existem.' Assim endereçado por Indra, o filho de Bhrigu lançou em Indra um olhar sorridente, e ergueu de forma devida uma

quantidade considerável do suco Soma para fazer uma oferenda aos Aswins. Então o marido de Sachi (preparou-se para) arremessar nele o raio de forma terrível. E quando ele estava prestes a lançá-lo seu braço foi paralisado pelo filho de Bhrigu. E tendo paralisado o braço dele Chyavana recitou hinos sagrados e fez oferenda no fogo. Seu objetivo alcançado, ele imediatamente tentou destruir aquele celestial. Então pela virtude da energia ascética daquele santo, um espírito mau tomou forma, um demônio enorme, de nome Mada, de grande força e proporções gigantescas. E seu corpo era incapaz de ser medido ou por demônios ou por deuses. E sua boca era terrível e de tamanho enorme, com dentes de extremidades afiadas. E uma de suas mandíbulas se apoiava no solo, e a outra se estendia ao céu. E ele tinha quatro presas, cada uma se estendendo tão longe quanto cem yojanas, e suas outras presas estavam estendidas à distância de dez yojanas, e eram de formas parecidas com torres em um palácio, e que podiam ser comparadas a pontas de lanças. E seus dois braços eram como colinas, e se estendiam dez mil yojanas, e ambos eram de massa igual. E seus dois olhos pareciam com o sol e a lua; e sua face rivalizava a conflagração na dissolução universal. E ele estava lambendo sua boca com sua língua, a qual, como relâmpago, não conhecia descanso. E sua boca estava aberta, e seu olhar era terrível, e parecia como se ele fosse engolir o mundo violentamente. O demônio avançou no celestial por quem cem sacrifícios tinham sido realizados. E sua intenção era devorar aquela divindade. E o mundo ressoou com os sons altos e terríveis proferidos pelo Asura."

125

"Lomasa disse, 'Quando o deus que tinha realizado cem sacrifícios (Indra) viu o demônio Mada de aparência terrível indo em direção a ele com a boca aberta, sua intenção sendo devorá-lo, e parecendo com o próprio deus da morte, enquanto seus próprios braços permaneciam paralisados, ele por medo repetidamente lambeu os cantos de sua boca. Então o senhor dos celestiais, atormentado pelo pavor, falou para Chyavana dizendo, 'Ó filho de Bhrigu, ó Brahmana, na verdade eu te digo como a própria verdade, que deste dia em diante os dois Aswins terão direito ao suco Soma. Seja piedoso para mim! Minha promessa nunca pode baldar-se. Que isto seja a regra. E eu sei, ó santo da casta sacerdotal, que o teu trabalho nunca pode falhar. Estes dois Aswins terão direito a beber o suco Soma, já que tu lhes deste direito ao mesmo. E, ó filho de Bhrigu, eu fiz isto somente para espalhar a fama dos teus poderes, e meu objetivo era te dar uma ocasião para mostrar teus poderes. Meu outro objetivo foi que o renome do pai desta Sukanya aqui pudesse se espalhar em todos os lugares. Portanto seja piedoso para mim, que seja como tu desejas.' Sendo assim endereçado por Indra, a cólera de Chyavana de alma poderosa foi rapidamente apaziguada, e ele libertou o demolidor de cidades hostis (Indra). E o santo poderoso, ó rei, repartiu Mada (literalmente Intoxicação), e pôs seus pedaços em bebidas, em mulheres, em jogo, e em esportes de campo, aquele mesmo Mada que tinha sido criado repetidamente antes. Tendo assim abatido o demônio Mada e gratificado Indra

com uma quantidade de Soma e ajudado o rei Saryati a cultuar todos os deuses junto com os dois Aswins e também a espalhar sua fama por poder por todos os mundos, o melhor daqueles dotados de fala passou seus dias alegremente na floresta, na companhia de Sukanya, sua esposa afetuosa. Este é seu lago, brilhando, ó rei, e ressoando com a voz de aves. Aqui tu deves, junto com teus irmãos, oferecer libações de água para teus antepassados e os deuses. E, ó soberano da terra, ó descendente da linhagem de Bharata, tendo visitado este e Sikataksha também, tu deves dirigir-te para a floresta Saindhava, e ver vários pequenos rios artificiais. E, ó grande rei, ó filho da raça de Bharata, tu tocarás a água de todos os lagos sagrados e recitando os hinos do deus Sthanu (Siva), encontrarás sucesso em todo empreendimento. Pois esta é a junção, ó mais louvável dos homens, das duas eras do mundo, isto é, Dwapara e Treta. Esta é uma época, ó filho de Kunti, capaz de destruir todos os pecados de uma pessoa. Realize abluções aqui, pois o local é capaz de remover todos os pecados de um indivíduo. Acolá está a colina Archika, uma residência para homens de mentes cultas. Frutas de todas as estações crescem aqui em todas as épocas e os rios correm para sempre. Este é um lugar excelente digno dos celestiais. E lá estão os montes de pedras sagrados de formas diversas, levantados pelos celestiais. Ó Yudhishthira, este é o local de banho pertencente à Lua. E os santos estão em comitiva aqui em toda parte, eles são os habitantes da floresta e os Valakhilyas, e os Pavakas, que subsistem de ar somente. Estes são três picos e três fontes. Tu podes caminhar ao redor deles todos, um a um, então tu podes lavar-te à vontade. Santanu, ó rei, e Sunaka, os soberanos de homens, e ambos Nara e Narayana alcançaram regiões eternas a partir deste lugar. Aqui os deuses constantemente se deitam, como também os antepassados, junto com os santos poderosos. Nesta colina Archika eles todos praticaram austeridades. Sacrifique para eles, ó Yudhishthira! Aqui eles, e também os santos, comeram arroz cozido em leite, ó protetor de homens! E aqui é o Yamuna de uma nascente inesgotável. Krishna aqui se dedicou a uma vida de penitências, ó filho de Pandu. Ó tu que arrastas os corpos mortos de teus inimigos, os irmãos gêmeos, e Bhimasena e Krishna e todos nós te acompanharemos a este local. Ó senhor de homens, esta é a fonte sagrada que pertence a Indra. Aqui a divindade criativa e dispensadora, e Varuna também se elevaram, e aqui também eles moraram, ó rei, observando paciência, e possuidores da maior fé. Esta colina excelente e auspiciosa é adequada para pessoas de uma disposição bondosa e sincera. Este é o célebre Yamuna, ó rei, frequentado por hostes de santos poderosos, a cena de diversos ritos religiosos, sagrado, e destrutivo do medo do pecado. Aqui o próprio Mandhata, de um arco poderoso, realizou ritos sacrificais para os deuses; e assim fez Somaka, ó filho de Kunti, que era o filho de Sahadeva, e o mais excelente fazedor de doações.'

126

Yudhishthira disse, 'Ó grande Brahmana, como nasceu aquele tigre entre os reis, Mandhata, filho de Yuvanaswa, ele mesmo que era o melhor dos monarcas, e célebre pelos três mundos? E como ele de esplendor incomensurável alcançou o

verdadeiro ápice do poder real, já que todos os três mundos estavam igualmente sob seu domínio, como eles estão sob o de Vishnu de alma poderosa? Eu estou desejoso de saber tudo isto com relação à vida e realizações daquele monarca inteligente. Eu gostaria também de ouvir como se originou seu nome de Mandhata, pertencente a ele que rivalizava em brilho o próprio Indra, e também como nasceu ele de força inigualável, pois tu és hábil na arte de narrar acontecimentos.'

Lomasa disse, 'Ouça com atenção, ó rei, como o nome de Mandhata pertencente àquele monarca de alma poderosa veio a ser célebre por todos os mundos. Yuvanaswa, o soberano da terra, surgiu da linhagem de Ikshvaku. Aquele protetor da terra realizou muitos ritos sacrificais notáveis por presentes magníficos. E o mais excelente de todos os homens virtuosos realizou mil vezes a cerimônia de sacrificar um cavalo. E ele também realizou outros sacrifícios da categoria mais elevada, nos quais ele fez doações abundantes. Mas aquele rei santo não tinha filhos. E ele de alma poderosa e votos rígidos transferiu para seus ministros os deveres do estado e tornou-se um residente constante das florestas. E ele de alma culta devotou-se às buscas ordenadas no escrito sagrado. E uma vez aquele protetor de homens, ó rei, tinha feito um jejum. E ele estava sofrendo as angústias da fome e sua alma interna parecia queimada pela sede. E (nessa condição) ele entrou no eremitério de Bhrigu. Naquela mesma noite, ó rei de reis, o grande santo que era o deleite da linhagem de Bhrigu oficiou em uma cerimônia religiosa, com o objetivo que um filho nascesse para Saudyumni. Ó rei de reis, no local permaneceu um jarro grande cheio com água, consagrado com a recitação de hinos sagrados, e que tinha sido previamente depositado lá. E a água foi dotada da virtude que a esposa de Saudyumni, por beber a mesma, daria à luz um filho semelhante a um deus. Aqueles santos poderosos depositaram o jarro no altar e foram dormir, estando fatigados por terem se mantido de pé à noite. E quando Saudyumni passou por eles seu palato estava seco, e ele estava sofrendo imensamente de sede. E o rei precisava muitíssimo de água para beber. E ele entrou naquele eremitério e pediu por bebida. E estando fatigado ele rogou em voz débil, procedente de uma garganta ressecada, que parecia com a declaração fraca inarticulada de uma ave. E sua voz não alcançou os ouvidos de alguém. Então o rei viu aquele jarro cheio com água. E ele correu rapidamente em direção a ele, e, tendo bebido a água, baixou o jarro. E como a água estava fresca, e como o rei vinha sofrendo imensamente de sede, a quantidade de água aliviou o monarca inteligente e saciou sua sede. Então aqueles santos junto com aquele de riqueza ascética despertaram do sono; e todos observaram que a água do jarro tinha sumido. Então eles se reuniram e começaram a perguntar quanto a quem poderia ter feito aquilo. Então Yuvanaswa sinceramente admitiu que aquela foi sua ação. Então o reverenciado o filho de Bhrigu falou para ele, dizendo, 'Isto não foi apropriado. Aquela água tinha uma virtude oculta infundida dentro dela, e foi colocada aí com o objetivo que um filho nascesse para ti. Tendo realizado austeridades severas, eu introduzi a virtude das minhas ações religiosas naquela água, para que um filho pudesse nascer para ti. Ó rei santo de bravura e força física poderosa, teria nascido para ti um filho de força e coragem excelentes, e fortalecido por austeridades, e que teria enviado por sua valentia até Indra para a

residência do deus da morte. Foi dessa maneira, ó rei, que aquela água foi preparada por mim. Por beber daquela água, ó rei, tu fizeste o que não era certo em absoluto. Mas é impossível agora para nós retrocedermos o acidente que aconteceu. Certamente o que tu fizeste deve ter sido o decreto do Destino. Já que tu, ó grande rei, estando sedento bebeste a água preparada com hinos sagrados, e cheia com a virtude dos meus trabalhos religiosos, tu deves produzir do teu próprio corpo um filho do caráter descrito acima. Para esse fim nós realizaremos um sacrifício para ti, de efeito extraordinário para que, corajoso como tu és, tu possas gerar um filho igual à Indra. Nem tu sentirás qualquer incômodo por conta das dores do parto.' Então quando cem anos tinham decorrido um filho brilhante como o sol perfurou o lado esquerdo do rei dotado de uma alma poderosa e saiu. E o filho era possuidor de força imensa. Nem Yuvanaswa morreu, o que por si mesmo era notável. Então Indra de grande força foi fazer uma visita a ele. E as divindades perguntaram ao grande Indra, 'O que é para ser sugado por este menino?' Então Indra introduziu seu próprio indicador na boca dele. E quando o manejador do raio disse, 'Ele me sugará' os habitantes do céu junto com Indra batizaram o menino de Mandhata, (literalmente: a mim ele sugará). Então o menino, tendo provado o indicador estendido por Indra, tornou-se possuidor de força considerável, e ele cresceu treze cúbitos, ó rei. E, ó grande rei, o saber sagrado inteiro junto com a ciência sagrada de armas foram adquiridos por aquele menino imperioso, que obteve todo aquele conhecimento pelo poder do seu pensamento simples e sem ajuda. E simultaneamente o arco famoso sob o nome de Ajagava e várias flechas feitas de chifres, junto com uma cota de malha impenetrável, chegaram à sua posse no mesmo dia, ó filho da linhagem de Bharata! E ele foi colocado no trono pelo próprio Indra e ele conquistou os três mundos de uma maneira justa, como Vishnu fez por seus três passos largos. E a roda do carro daquele rei poderoso era irresistível em seu progresso (por todo o mundo). E as pedras preciosas, por iniciativa própria, chegavam à posse daquele rei santo. Este é o trecho de terra, ó senhor da terra, que pertencia a ele. Ele é cheio de riquezas. Ele realizou vários ritos sacrificais de várias espécies, nos quais gratificações abundantes foram pagas aos sacerdotes. Ó rei, ele de força poderosa e esplendor imensurável ergueu estacas sagradas, e realizou atos pios esplêndidos, e alcançou a posição de sentar-se ao lado de Indra. Aquele rei sagaz de piedade inabalável emitiu seu decreto, e simplesmente por sua virtude conquistou a terra, junto com o oceano, aquela fonte de pedras preciosas, e todas as cidades (da terra). Ó grande rei, os terrenos sacrificais preparados por ele eram encontrados por toda a terra por toda parte, não em um único local, mas era marcada com os mesmos. Ó grande rei, o monarca poderoso é citado como tendo dado para os Brahmanas dez mil padmas de vacas. Quando houve uma seca, a qual continuou por doze anos consecutivos, o rei poderoso fez cair chuva para o crescimento de colheitas, não prestando atenção em Indra, o manejador do raio, que permaneceu fitando-o. O soberano poderoso do país Gandhara, nascido na dinastia lunar de reis, que era terrível como uma nuvem ribombante, foi morto por ele, que feriu-o muito com suas flechas. Ó rei, ele de alma culta protegeu as quatro classes de pessoas, e por ele de força imensa os mundos foram protegidos do mal, em virtude da sua vida austera e justa. Este é o local onde ele, brilhante como o sol, sacrificou para o deus. Olhe, aqui está ele, no meio do campo dos

Kurus, situado em uma área, a mais santa de todas. Ó preceptor da terra, requisitado por ti, eu assim narrei para ti a grande vida de Mandhata, e também a maneira na qual ele nasceu, o qual foi um nascimento de um tipo extraordinário.'"

Vaisampayana disse, "Ó descendente da linhagem de Bharata! O filho de Kunti, assim endereçado pelo santo poderoso Lomasa, imediatamente fez novas perguntas a ele, com relação a Somaka."

127

Yudhishthira disse, 'Ó melhor dos oradores, qual era a extensão do poder e força possuídos pelo rei Somaka? Eu estou desejoso de ouvir um relato exato dos seus feitos e do seu poder.'

Lomasa disse, 'Ó Yudhishthira, havia um rei virtuoso de nome Somaka. Ele tinha cem esposas, ó rei, todas apropriadamente equiparadas a seu marido. Ele tomou grande cuidado, mas não pode conseguir obter um único filho de alguma delas, e muito tempo se passou durante o qual ele continuou um homem sem filhos. Uma vez, quando ele tinha se tornado velho, e estava tentando ter um filho por todos os meios, um filho nasceu para ele, de nome Jantu, daquela centena de mulheres. E, ó soberano de homens, todas as mães costumavam sentar circundando seu filho e cada uma dando para ele tais objetos que pudessem contribuir para seu divertimento e satisfação. E aconteceu que um dia uma formiga picou o menino em seu quadril. E o menino gritou ruidosamente por causa da dor causada pela picada. E em seguida as mães ficaram muito aflitas ao verem como a criança tinha sido picada pela formiga. E elas ficaram em volta dele e soltaram gritos. Dessa maneira lá elevou-se um barulho tumultuado. E aqueles gritos de dor de repente alcançaram (os ouvidos do) soberano da terra, quando ele estava sentado no meio de seus ministros, com o sacerdote da família ao seu lado. Então o rei mandou buscar informações quanto ao que estava acontecendo. E o porteiro real explicou para ele exatamente qual era o caso com referência ao seu filho. E Somaka levantou-se junto com seus ministros e apressou-se em direção aos aposentos femininos. E ao chegar lá, ó subjugador de inimigos, ele acalmou seu filho. E tendo feito isso e saindo dos aposentos das mulheres, o rei sentou-se com o sacerdote de sua família e ministros.'

Somaka então falou assim, 'Que vergonha ter somente um único filho! Eu preferiria ser um homem sem filhos. Ao ver quão constantemente sujeitos à doença são todos os seres organizados, ter um único filho é somente um incômodo. Ó Brahmana, ó meu senhor, com o propósito de ter muitos filhos nascidos para mim eu me casei com esta centena de esposas, depois de exame, e depois que eu tinha me convencido de que elas seriam adequadas para mim. Mas descendentes elas não tem nenhum. Tendo tentado todos os meios, e aplicado grandes esforços, elas deram à luz somente este único filho, Jantu. Que aflição pode ser maior do que esta? Ó mais excelente da casta duas vezes nascida, eu envelheci em idade e assim também minhas esposas. E até agora

este filho único é como o ar de suas narinas, e assim ele é para mim também. Mas existe alguma cerimônia por celebrar a qual alguém pode obter cem filhos? (E se houver), diga-me se ela é grande ou pequena, e se é fácil ou difícil de realizar.'

O sacerdote da família disse, 'Há uma cerimônia por virtude da qual um homem pode obter uma centena de filhos. Se tu és capaz de realizá-la, ó Somaka, então eu a explicarei para ti.'

Somaka disse, 'Seja uma ação boa ou má, a cerimônia pela qual cem filhos possam nascer pode ser considerada por ti como já realizada. Que tua pessoa abençoada explique-a para mim.'

O sacerdote da família então disse, 'Ó rei, deixe-me colocar em andamento um sacrifício e tu deves sacrificar teu filho Jantu nele. Então em data não distante uma centena de filhos belos nascerá para ti. Quando a gordura de Jantu for colocada no fogo como uma oferenda para os deuses, as mães cheirarão aquela fumaça e produzirão vários filhos corajosos e fortes. E Jantu também nascerá mais uma vez como um filho auto-gerado de ti naquela mesma (mãe); e em suas costas aparecerá uma marca dourada.'"

128

"Somaka disse, 'Ó Brahmana, o que quer que deva ser realizado, faça exatamente o que for necessário. Como eu estou desejoso de ter vários filhos, eu farei tudo o que for prescrito por ti.'

Lomasa disse, 'Então o sacerdote oficiou no sacrifício no qual Jantu foi oferecido como vítima. Mas as mães estão por compaixão agarraram o filho impetuosamente e o afastaram. E elas gritaram, 'Nós estamos perdidas!' E elas estavam tomadas pelo pesar torturante e agarraram Jantu por sua mão direita, e choraram de uma maneira comovente. Mas o sacerdote oficiante segurou o menino pela mão direita e puxou-o. E como águias fêmeas elas gritaram em agonia, mas o sacerdote arrastou o filho e matou-o e fez uma oferenda queimada da sua gordura de forma apropriada. E, ó deleite da linhagem de Kuru, enquanto estava sendo feita uma oferenda da gordura as mães angustiadas cheiraram seu odor, e subitamente caíram ao chão (e desmaiaram). E então todas aquelas mulheres encantadoras ficaram grávidas, e ó senhor de homens, ó filho da raça Bharata, quando dez meses tinham passado uma centena completa de filhos nasceu para Somaka gerados em todas aquelas mulheres. E, ó monarca da terra, Jantu tornou-se o mais velho e nasceu de sua mãe anterior e tornou-se o mais querido para as mulheres, mais do que seus próprios filhos. E em suas costas havia aquela marca dourada, e daquela centena de filhos ele era também superior em mérito. Então aquele sacerdote da família de Somaka partiu desta vida como também Somaka depois um certo tempo. Assim sendo ele viu que o sacerdote estava sendo torturado em um inferno terrível. E nisso ele questionou-o, 'Por que, ó Brahmana, tu estás sendo torturado neste inferno?' Então o sacerdote da

família, muito chamuscado pelo fogo, falou para ele dizendo, 'Este é o resultado de eu ter oficiado naquele teu sacrifício.' Ó rei, ouvindo isto, o rei santo rei falou dessa maneira para o deus que distribui castigos para almas (dos mortos), 'Eu entrarei aqui. Liberte meu sacerdote oficiante; este homem venerável está sendo torturado pelo fogo do inferno somente por minha causa.'

Dharmaraja nisso respondeu assim, 'Uma pessoa não pode desfrutar ou sofrer pelas ações de outra pessoa. Ó melhor dos oradores, estes são os frutos das tuas ações; veja isto aqui.'

Somaka disse, 'Sem este Brahmana aqui eu não desejo ir para as regiões abençoadas. Meu desejo é morar em companhia com este mesmo homem, ou na residência dos deuses, ou no inferno, pois, ó Dharmaraja, meu ato é idêntico ao que foi feito por ele e o resultado da nossa ação virtuosa ou má deve ser o mesmo para nós dois.'

Dharmaraja disse, 'Ó rei, se este é teu desejo, então prove com ele do fruto daquela ação, pelo mesmo período que ele. Depois disto tu irás para as regiões abençoadas.'

Lomasa disse, ‘O rei de olhos de lótus fez tudo aquilo exatamente da maneira prescrita para ele. E quando seus pecados estavam liquidados ele foi libertado junto com o sacerdote. Ó rei, afeiçoado ao sacerdote como ele era, ele alcançou todas aquelas bênçãos às quais ele tinha direito por suas ações meritórias e compartilhou tudo com o sacerdote da família. Este é o eremitério dele o qual parece encantador perante nossos olhos. Qualquer pessoa alcançará as regiões abençoadas se ela passar seis noites aqui controlando suas paixões. Ó rei de reis, ó líder da tribo dos Kurus! Aqui, livres de expectativa e auto-controlados, nós devemos passar seis noites. Estejas pronto portanto.'"

129

"Lomasa disse, 'Aqui, ó rei, o próprio senhor dos seres nascidos realizou um sacrifício nos tempos antigos, a cerimônia chamada Ishtikrita, a qual ocupou mil anos. E Amvarisha, filho de Nabhaga, sacrificou perto do rio Yamuna. E tendo sacrificado lá, ele deu dez padmas (de moedas de ouro) para os sacerdotes auxiliares, e ele obteve o maior êxito por seus sacrifícios e austeridades. E, ó filho de Kunti, este é o local onde aquele soberano da terra inteira, filho de Nahusha, Yayati, de força imensurável, e que levava uma vida santa, realizou seus ritos sacrificais. Ele competiu com Indra e realizou seu sacrifício aqui. Veja como o solo está cheio de lugares para os fogos sacrificais de várias formas, e como a terra parece estar afundada aqui sob a pressão dos trabalhos pios de Yayati. Esta é a árvore Sami, a qual obteve somente uma única folha, e este é um lago muito excelente. Contemple estes lagos de Parasurama, e o eremitério de Narayana. Ó protetor da terra, este é o caminho que foi seguido pelo filho de Richika, de energia imensurável, que vagou pela terra, praticando os ritos de Yoga no rio

Raupya. E, ó deleite da tribo dos Kurus, ouça o que uma mulher Pisacha (duende), que estava enfeitada com pilões como seus ornamentos, disse (para uma mulher Brahmana), quando eu estava recitando aqui a lista de genealogia. (Ela disse), ‘Tendo comido coalho em Yugandhara, e vivido em Achutasthala, e também te banhado em Bhutilaya, tu deves viver com teus filhos.’ Tendo passado uma única noite aqui, se tu passares a segunda, os eventos da noite serão diferentes daqueles que ocorreram a ti de dia, ó mais justo da linhagem de Bharata! Hoje nós passaremos a noite neste mesmo local. Ó filho da linhagem de Bharata, este é o limiar do campo dos Kurus. Ó rei, neste mesmo local o monarca Yayati, filho de Nahusha, realizou ritos sacrificais, e fez doações de uma abundância de pedras preciosas. E Indra ficou satisfeito com aqueles ritos sagrados. Este é um excelente local de banho sagrado no rio Yamuna, conhecido como Plakshavatarana (provindo da árvore banian, figueira de bengala). Homens de mentes cultas chamam-no de a entrada para a região do céu. Ó senhor respeitado, aqui, depois de ter realizado os ritos sacrificais do rei Saraswata, e de fazer uso da estaca sacrifical como seu pilão, a mais alta ordem de santos realizou o mergulho sagrado prescrito no fim de uma cerimônia sagrada. Ó monarca, o rei Bharata realizou aqui ritos sacrificais. Para celebrar o Sacrifício de Cavalo ele libertou aqui o cavalo que era a futura vítima. Aquele monarca ganhou a soberania da terra por meio da virtude. Os cavalos que ele soltou mais do que uma vez eram de uma cor matizada com preto. Ó tigre entre homens, foi aqui que Marutta abrigado por Samvartta, líder de santos, conseguiu realizar sacrifícios excelentes. Ó soberano de reis, tendo tomado seu banho neste local uma pessoa pode contemplar todos os mundos, e ser purificada de seus atos maus. Portanto, banhe-te neste local.'"

Vaisampayana disse, "Então aquele mais louvável dos filhos de Pandu banhou-se lá com seus irmãos, enquanto os santos poderosos estavam proferindo palavras laudatórias para ele. E ele dirigiu as seguintes palavras para Lomasa, 'Ó tu cuja força jaz na veracidade, em virtude desta ação pia eu contemplo todos os mundos. E deste lugar eu vejo aquele mais louvável dos filhos de Pandu, Arjuna, o cavaleiro de corcel branco.’

Lomasa disse, 'É assim mesmo, ó tu de braços poderosos! Os santos da ordem mais elevada contemplam dessa maneira todas as regiões. Veja esta Saraswati sagrada aqui, apinhada de pessoas que consideram-na como seu único refúgio. Ó mais digno dos homens, tendo te banhado aqui, tu serás liberto de todos os teus pecados. Ó filho de Kunti, aqui os santos celestes realizaram os ritos sacrificais do rei Saraswata, e assim fizeram os santos e os santos nobres. Este é o altar do senhor dos seres, de cinco yojanas de extensão por todos os lados. E este é o campo dos magnânimos Kurus, cujo hábito era realizar sacrifícios.'"

130

"Lomasa disse, 'Ó filho da linhagem de Bharata, se mortais dão seu último suspiro neste lugar eles vão para o céu. Ó rei, milhares e milhares de homens vem

para este lugar para morrerem. Uma bênção foi pronunciada neste local por Daksha, quando ele estava engajado em sacrifício aqui, (nestas palavras), 'Aqueles homens que morrerem neste local ganharão um lugar no céu.' Aqui está o rio belo e sagrado, Saraswati, cheio de água, e aqui, ó senhor de homens, é o local conhecido como Vinasana, ou o lugar onde o Saraswati desapareceu. Aqui está o portão do reino dos Nishadas e é por ódio por eles que Saraswati entrou na terra para que os Nishadas não pudessem vê-la. Aqui também é a região sagrada de Chamashodbheda onde Saraswati mais uma vez se tornou visível para eles. E aqui ela se encontra com outros rios sagrados correndo em direção ao mar. Ó conquistador de inimigos, aqui é aquele local sagrado conhecido pelo nome de Sindhu, onde Lopamudra aceitou o grande sábio Agastya como seu marido e, ó tu cujo resplendor é semelhante àquele do sol, aqui está o tirtha sagrado chamado Prabhasa, o local favorito de Indra e que elimina todos os pecados. Além é visível a região de Vishnupada. E aqui é o rio encantador e sagrado, Vipasa. Por dor pela morte de seus filhos o grande sábio Vasistha se jogou nesta corrente, depois de amarrar seus membros. E quando ele ergueu-se da água, veja! ele estava desamarrado. Olhe, ó rei, com teus irmãos para a região sagrada de Kasmeera, frequentada por sábios santos. Aqui, ó filho da linhagem de Bharata, é o local onde ocorreu uma conferência entre Agni e o sábio Kasyapa, e também entre o filho de Nahusha e os sábios do norte. E, ó grande príncipe, lá é o portão do Manasasarovara. No meio desta montanha uma brecha foi aberta por Rama. E aqui, ó príncipe de destreza incapaz de ser frustrada, é a região bem conhecida de Vatikhanda, a qual, embora adjacente ao portão de Videha, se encontra ao norte dele. E, ó touro entre homens, há outra coisa muito notável ligada a este local, isto é, que no término de cada yuga, o deus Siva, tendo o poder de assumir qualquer forma à vontade, pode ser visto com Uma e seus seguidores. Naquele lago também pessoas desejosas de assegurar bem-estar para a família propiciam com sacrifícios o portador do grande arco Pinaka, no mês de Chaitra. E pessoas de devoção tendo paixões sob controle, realizando suas abluções neste lago tornam-se livres de pecados e, sem dúvida, alcançam as regiões sagradas. Aqui é o tirtha sagrado chamado Ujjanaka, onde o sábio santo Vasistha com sua esposa Arundhati e também o sábio Yavakri obtiveram tranquilidade. Acolá é o lago Kausava, onde crescem os lotos chamados Kausesaya, e aqui também é o eremitério sagrado de Rukmini, onde ela alcançou a paz, depois de conquistar aquele sentimento mau, a raiva. Eu penso, ó príncipe, que tu ouviste alguma coisa sobre aquele homem de meditações, Bhrigutunga. Lá, ó rei, à tua frente está aquele topo imponente. E, ó principal dos reis, além é Vitasta, a corrente sagrada que absolve os homens de todos os pecados. A água daquela corrente é muito refrescante e límpida, e é amplamente usada pelos grandes sábios. Ó príncipe, veja os rios sagrados Jala e Upajala, em ambos os lados do Yamuna. Por realizar um sacrifício aqui o rei Usinara superou em grandeza o próprio Indra. E, ó descendente de Bharata, desejosos de testar o mérito de Usinara e também de conceder benefícios para ele, Indra e Agni se apresentaram no seu solo sacrifical. E Indra assumindo a forma de um falcão, e Agni a de um pombo, se aproximaram daquele rei. E o pombo por medo do falcão caiu sobre a coxa do rei, procurando sua proteção.'"

131

"O falcão disse, 'Todos os reis da terra te descrevem como um soberano virtuoso. Por que, ó príncipe, tu então paraste para cometer um ato não sancionado pela ordenança? Eu estou muito atormentado pela fome. Não me negue aquilo que foi designado pela Divindade para meu alimento, sob a impressão de que assim tu serves aos interesses da virtude, uma vez que na verdade tu a abandonarás, (por cometeres esta ação).' Nisso o rei disse, 'Ó melhor da raça emplumada, afligido por medo de ti, e desejoso de escapar das tuas garras esta ave se aproximou de mim apressadamente pedindo pela vida. Quando este pombo procurou minha proteção de tal maneira, por que tu não vês que o maior mérito está em eu não entregá-lo para ti? E ele está tremendo de medo, e está agitado, e está buscando sua vida de mim. Portanto abandoná-lo sem dúvida é censurável. Aquele que mata um Brahmana, aquele que mata uma vaca, a mãe universal de todos os mundos, e aquele que abandona alguém procurando por proteção são igualmente pecaminosos.' Então o falcão respondeu, 'Ó senhor da terra, é do alimento que todos os seres derivam sua vida, e é o alimento também que os nutre e sustenta. Um homem pode viver muito tempo mesmo depois de abandonar o que é mais querido para ele, mas ele não pode fazer isto depois de se abster de alimento. Sendo privada de alimento, minha vida, ó soberano de homens, certamente deixará este corpo, e alcançará regiões sem conhecimento de tais transtornos. Mas por causa da minha morte, ó rei pio, minha mulher e filhos certamente perecerão, e para proteger este único pombo. Ó príncipe, tu não proteges muitas vidas. A virtude que fica no caminho de outra virtude sem dúvida não é virtude em absoluto, mas na verdade é iniquidade. Mas, ó rei cuja destreza consiste na verdade, é digna do nome aquela virtude que não é contraditória. Depois de instituir uma comparação entre virtudes opostas, e de pesar seus méritos comparativos, uma pessoa, ó grande príncipe, deve aderir àquela que não é antagônica. Portanto, ó rei, encontrando um ponto de equilíbrio entre virtudes, adote aquela que prepondera.' Nisto o rei disse, 'Ó melhor das aves, como as palavras que tu falaste são repletas de muito benefício, eu suspeito que tu sejas Suparna, o monarca das aves. Eu não tenho a menor hesitação de declarar que tu conheces completamente os caminhos da virtude. Como tu falas maravilhas sobre a virtude, eu penso que não há nada ligado a ela que seja desconhecido para ti. Como tu podes então considerar o abandono de alguém, procurando por ajuda, como virtuoso? Teus esforços nesta questão, ó viajante dos céus, são em busca de alimento. Tu podes no entanto, apaziguar tua fome com algum outro tipo de alimento, ainda mais abundante. Eu estou totalmente disposto a obter para ti qualquer tipo de alimento que te possa parecer mais saboroso, mesmo que seja um boi, ou um javali, ou um veado, ou um búfalo.' Então o falcão disse, 'Ó grande rei, eu não estou desejoso de comer (a carne de) um javali ou de um boi ou das várias espécies de animais. O que eu tenho a ver com qualquer outro tipo de alimento? Portanto, ó touro entre Kshatriyas, deixe para mim este pombo, a quem hoje o Céu ordenou para meu alimento. Ó soberano da terra, que falcões comam pombos é a prescrição eterna. Ó príncipe, para suporte não

abraces uma bananeira, não conhecendo sua falta de força.' O rei disse, 'Viajante dos céus, eu estou disposto a te conceder esta rica província da minha família, ou qualquer outra coisa que possa parecer desejável para ti. Com a única exceção deste pombo, o qual se aproximou de mim desejando minha proteção, eu ficarei contente em dar-te qualquer coisa que tu possas querer. Deixe-me saber o que eu terei que fazer para a libertação desta ave. Mas ele eu não devolverei para ti sob qualquer condição.'

O falcão disse, 'Ó grande soberano de homens, se tu concebeste uma afeição por este pombo, então corte uma porção da tua própria carne, e pese-se em uma balança, contra este pombo. E quando tu a constatares igual (em peso) ao pombo, então a dê para mim, e isto será para a minha satisfação.' Então o rei respondeu, 'Este teu pedido, ó falcão, eu considero como um favor para mim, e, portanto, eu darei mesmo para ti minha própria carne, depois de pesá-la em uma balança.'

Lomasa disse, 'Dizendo isto, ó filho poderoso de Kunti, o rei altamente virtuoso cortou uma parte da sua própria carne, e colocou-a em uma balança, contra o pombo. Mas quando ele verificou que o pombo excedia sua carne em peso, ele mais uma vez cortou outra porção de sua carne, e adicionou-a à primeira. Quando porção depois de porção tinha sido repetidamente somada para pesar contra o pombo e nenhuma carne mais restava em seu corpo, ele mesmo subiu na balança, completamente desprovido de carne.

O falcão então disse, 'Eu sou Indra, ó rei virtuoso, e este pombo é Agni, o carregador da manteiga clarificada sacrifical. Nós viemos para o teu solo sacrifical desejosos de testar teu mérito. Já que tu cortaste tua própria carne do teu corpo, a tua glória será resplandecente, e superará a de todos os outros no mundo. Enquanto os homens, ó rei, falarem de ti, tua glória durará, e tu habitarás as regiões sagradas.' Dizendo isto para o rei, Indra ascendeu para o céu. E o rei virtuoso Usinara, depois de ter enchido o céu e a terra com o mérito de seus atos pios, ascendeu para o céu em uma forma radiante. Veja, ó rei, a residência daquele monarca de coração nobre. Aqui, ó rei, são vistos sábios santos e deuses, junto com Brahmanas virtuosos e de grande alma.'"

132

"Lomasa disse, 'Veja aqui, ó senhor de homens, o eremitério sagrado de Swetaketu, filho de Uddalaka, cuja fama como um perito nos mantras sagrados está tão amplamente espalhada sobre a terra. Este eremitério é agraciado com coqueiros. Aqui Swetaketu contemplou a deusa Saraswati em sua forma humana, e falou a ela, dizendo, 'Que eu possa ser dotado do dom da palavra!' Naquele yuga, Swetaketu, o filho de Uddalaka, e Ashtavakra, o filho de Kahoda, que tinham um com o outro a relação de tio e sobrinho, eram os melhores daqueles familiarizados com as tradições sagradas. Aqueles dois Brahmanas, de energia inigualável, tio e sobrinho, entraram no solo sacrifical do rei Janaka e lá derrotaram Vandin em uma discussão. Cultue, ó filho de Kunti, com teus irmãos, o

eremitério sagrado dele que teve como seu neto Ashtavakra, que mesmo quando uma mera criança, foi a causa de Vandin ser afogado em um rio, depois tê-lo derrotado em uma disputa (literária).'

Yudhishthira disse, ‘Conte-me, ó Lomasa, tudo acerca do poder deste homem que derrotou Vandin daquela maneira. Por que ele nasceu como Ashtavakra (torto em oito partes em seu corpo)?’

Lomasa disse, ‘O sábio Uddalaka tinha um discípulo chamado Kahoda de paixões subjugadas, e totalmente dedicado ao serviço de seu preceptor e que tinha continuado seus estudos por longo tempo. O Brahmana serviu seu professor por muito tempo, e seu preceptor, reconhecendo seu serviço, deu-lhe sua própria filha, Sujata, em casamento, assim como um domínio sobre os Shastras. E ela ficou grávida, radiante como fogo. E o embrião dirigiu-se a seu pai enquanto empenhado em leitura, 'Ó pai, tu tens estado lendo toda noite, mas (de tudo isso) a tua leitura não me parece estar correta. Mesmo no meu estado fetal eu, pela tua graça, me tornei versado nos Shastras e nos Vedas com seus vários ramos. Eu digo, ó pai, que o que procede da tua boca não está correto.' Assim insultado na presença de seus discípulos, o grande sábio com raiva amaldiçoou seu filho no útero, dizendo, 'Porque tu falaste dessa maneira enquanto ainda no útero, portanto tu serás torto em oito partes do corpo.' A criança consequentemente nasceu torta, e o grande sábio foi desde então conhecido pelo nome de Ashtavakra. Assim sendo, ele tinha um tio chamado Swetaketu que tinha a mesma idade que ele. Atormentada pelo crescimento da criança no útero, Sujata, desejosa de riquezas, cativando seu marido que não tinha riqueza lhe disse em particular: ‘Como eu lidarei, ó grande sábio, o décimo mês da minha gravidez tendo chegado? Tu não tens capital pelo qual eu possa me desembaraçar das necessidades, depois de eu ter sido libertada.’ Assim endereçado por sua mulher, Kahoda foi até o rei Janaka por riquezas. Lá ele foi derrotado em uma controvérsia por Vandin, bem versado na ciência de argumentação, e (em consequência) foi submerso em água. E sabendo que seu genro tinha sido derrotado em uma controvérsia por Vandin e feito ser afogado por ele, Uddalaka falou para sua filha Sujata, dizendo, 'Tu manterás isto em segredo de Ashtavakra.' Ela consequentemente guardou seu conselho, assim Ashtavakra, quando nasceu, não ouviu nada sobre o assunto. E ele considerava Uddalaka como seu pai e Swetaketu como seu irmão. E quando Ashtavakra estava no seu décimo segundo ano, Swetaketu um dia viu o primeiro sentado no colo de seu pai. E por causa disso ele puxou-o pela mão, e após Ashtavakra começar a chorar ele lhe disse, 'Este não é o colo do teu pai.' Esta comunicação cruel foi direto ao coração de Ashtavakra e aquilo magoou-o muito. E ele foi para casa e questionou sua mãe dizendo, 'Onde está meu pai?' Então Sujata que estava muito aflita (por causa sua pergunta), e receando uma maldição, disse-lhe tudo o que tinha acontecido. E tendo ouvido tudo, o Brahmana à noite disse para seu tio Swetaketu, 'Vamos ao sacrifício do rei Janaka, no qual há muitas coisas maravilhosas para serem vistas. Lá nós escutaremos a controvérsia entre os Brahmanas e compartilharemos de comida excelente. Nosso conhecimento também aumentará. A recitação dos Vedas sagrados é agradável de se ouvir e é repleta de bênçãos.' Então ambos, tio

e sobrinho, foram ao sacrifício esplêndido do rei Janaka. E ao ser expulso da entrada Ashtavakra encontrou o rei e dirigiu-se a ele nas seguintes palavras.

133

Ashtavakra disse, 'Quando nenhum Brahmana é encontrado no caminho, o caminho pertence ao cego, ao surdo, às mulheres, transportadores de carga, e ao rei respectivamente. Mas quando um Brahmana é encontrado no caminho, este pertence a ele somente.' Então o rei disse, 'Eu dou o privilégio de entrar. Portanto, entre por qualquer caminho que tu queiras. Nenhum fogo mesmo muito pequeno deve ser desprezado. Até o próprio Indra se curva aos Brahmanas.' Nisto Ashtavakra disse, 'Nós viemos, ó soberano de homens, para testemunhar tua cerimônia sacrifical e nossa curiosidade, ó rei, é muito grande. E nós viemos aqui como convidados. Nós queremos a permissão da tua ordem (para entrar). E, ó filho de Indradyumna, nós viemos, desejosos de ver o sacrifício, e para encontrar o rei Janaka e falar a ele. Mas teu guarda nos impede e por isso nossa raiva nos queima como febre.' O guarda disse, 'Nós cumprimos as ordens de Vandin. Ouça o que eu tenho a dizer. Meninos não tem permissão para entrar aqui e são somente os Brahmanas idosos eruditos que são permitidos entrar.' Ashtavakra disse, 'Se esta é a condição, ó sentinela, que a porta é aberta somente para aqueles que são idosos, então nós temos o direito de entrar. Nós somos idosos e nós temos cumprido votos sagrados e estamos na posse de energia procedente do saber Védico. E nós temos servido nossos superiores e subjugado nossas paixões e também obtivemos proficiência em conhecimento. É dito que até meninos não devem ser desprezados, pois um fogo, embora seja pequeno, queima ao ser tocado.' O guarda respondeu, 'Ó Brahmana jovem, eu lhe considero um garoto, e portanto recite, se você sabe, o verso demonstrando a existência do Ser Supremo, e adorado pelos sábios divinos, e que, embora composto de uma letra, ainda é multifário. Não te gabe inutilmente. Homens eruditos são realmente muito raros.' Ashtavakra disse, 'Crescimento verdadeiro não pode ser inferido do mero desenvolvimento do corpo, como o crescimento dos nós da árvore Salmali não podem significar sua idade. É chamada de adulta aquela árvore que embora fina e baixa, dá frutos. Mas aquela que não dá frutos não é considerada como adulta.' O guarda disse, 'Meninos recebem instrução dos velhos e eles também com o tempo envelhecem. Conhecimento certamente não é obtenível em um tempo curto. Portanto então sendo uma criança tu falas como um homem velho?' Então Ashtavakra disse, 'Uma pessoa não é velha porque sua cabeça é cinzenta. Mas os deuses consideram como velho aquele que, embora uma criança em idade é possuidor de conhecimento. Os sábios não declaram que o mérito de um homem consiste em idade, ou cabelo cinzento, ou riqueza, ou amigos. Para nós é grande aquele que é versado nos Vedas. Eu vim aqui, ó porteiro, desejoso de ver Vandin na corte. Vá e informe o rei Janaka, que tem uma guirlanda de lotos em seu pescoço, que eu estou aqui. Tu hoje me verás entrar em uma disputa com os homens eruditos, e derrotar Vandin em uma controvérsia. E quando outros tiverem sido silenciados, os Brahmanas de conhecimento desenvolvido e o rei também

com seus sacerdotes principais darão testemunho da qualidade superior ou inferior das minhas capacidades.' O guarda disse, 'Como podes tu, que estás somente no teu décimo ano, esperar entrar neste sacrifício, no qual são admitidos somente homens eruditos e educados? Eu, no entanto, tentarei alguns recursos para tua entrada. Tente tu mesmo também.' Ashtavakra então dirigindo-se ao rei disse, 'Ó rei, ó principal da linhagem de Janaka, tu és o soberano supremo e todo o poder jaz em ti. Nos tempos antigos, o rei Yayati era o celebrador de sacrifícios. E na época presente, és tu que és o realizador deles. Nós ouvimos que o erudito Vandin, depois de derrotar (em debate) homens peritos em discussão, faz eles serem afogados por criados leais empregados por ti. Sabendo disto, eu vim perante estes Brahmanas para expor a doutrina da unidade do Ser Supremo. Onde está Vandin agora? Diga-me para que eu passa me aproximar dele e destruí-lo, assim como o sol destrói as estrelas.' Nisso o rei disse, 'Tu esperas derrotar Vandin, ó Brahmana, não conhecendo seu poder de palavra. Podem aqueles que estão familiarizados com seu poder falar como tu falas? Ele tem sido testado por Brahmanas versados nos Vedas. Tu esperas vencer Vandin somente porque tu não conheces seus poderes (de discurso). Muitos Brahmanas tem caído diante dele, assim como as estrelas diante do sol. Desejosas de derrotá-lo, pessoas orgulhosas de sua erudição perdem sua glória ao aparecerem perante ele, e se retiram da sua presença sem mesmo ousarem falar com os membros da assembléia.' Ashtavakra disse, 'Vandin nunca entrou em disputa com um homem como eu, e é por isto somente que ele se considera como um leão, e circula rugindo como um. Mas hoje me encontrando ele jazerá morto, assim como uma carroça na estrada, da qual as rodas foram desarranjadas.' O rei disse, 'É um homem realmente erudito somente aquele que compreende o significado da coisa que tem trinta divisões, doze partes, vinte e quatro juntas, e trezentos e sessenta raios.' Ashtavakra disse, 'Possa aquela roda sempre movente que tem vinte e quatro juntas, seis cubos, doze circunferências e sessenta raios proteger a ti!' (Esta roda é a roda do Tempo, medido de acordo com os ciclos solares, lunares e astrais. A consideração da resposta de Ashtavakra é esta: Possam os atos meritórios realizados em momentos apropriados, durante a revolução desta roda do Tempo, te proteger). O rei disse, 'Quem entre os deuses possui aqueles dois que seguem juntos como duas éguas (unidas a um carro), e se movem como um falcão, e o que também eles geram?' Ashtavakra disse, 'Possa Deus, ó rei, impedir a presença destes dois (trovão e relâmpago ou miséria e morte) na tua casa; sempre, até na casa de teus inimigos. Ele que aparece, tendo o vento como seu cocheiro (nuvem ou a mente), os gera, e eles também o produzem.' Nisso o rei disse, 'O que é que não fecha seus olhos mesmo enquanto dormindo; o que é que não se move, mesmo quando nascido; o que é que não tem coração; e o que cresce constante na sua própria velocidade?' Ashtavakra disse, 'É um peixe (o ser masculino que está sempre consciente) que não fecha suas pálpebras enquanto dormindo; é um ovo que não se move quando produzido; é a pedra (a alma que abandonou relação com o corpo) que não tem coração; e é um rio (o coração de um Yogue) que aumenta na sua própria velocidade.'"

O rei disse, 'Parece, ó possuidor de energia divina, que tu não és um ser humano. Eu não te considero um menino, mas um homem maduro; não há outro

homem que possa se comparar contigo na arte do discurso. Eu portanto te dou admissão. Lá está Vandin.'"

134

"Ashtavakra disse, 'Ó rei, ó líder de legiões ferozes, nesta assembléia de monarcas de poder inigualável que se reuniram eu sou incapaz de encontrar Vandin, chefe dos controversistas. Mas eu estou procurando por ele, assim como alguém procura um cisne em uma vasta extensão de água. Ó Vandin, tu te consideras como o principal dos controversistas. Quando entretanto te engajares comigo em aposta tu não serás capaz de fluir como a corrente de um rio. Eu sou como um fogo totalmente flamejante. Fique silencioso diante de mim, ó Vandin! Não desperte um tigre adormecido. Saiba que tu não escaparás não picado depois de pisar na cabeça de uma cobra venenosa, lambendo os cantos de sua boca com sua língua, e que foi machucada pelo teu pé. Aquele homem fraco que, em orgulho de força, tenta desferir um golpe em uma montanha somente consegue ferir suas mãos e unhas, mas nenhum ferimento é deixado na própria montanha. Como as outras montanhas são inferiores a Mainaka, e como bezerros são inferiores ao boi, assim todos os outros reis da terra são inferiores ao senhor de Mithila. E como Indra é o principal dos celestiais, e como o Ganga é o melhor dos rios, assim só tu és, ó rei, o maior dos monarcas. Ó rei, faça Vandin ser trazido à minha presença.'

Lomasa disse, 'Dizendo isto, ó Yudhishthira, irado com Vandin, Ashtavakra assim trovejou na assembléia, e dirigiu-se a ele nestas palavras, 'Responda minhas perguntas, e eu responderei as tuas.' Nisso Vandin disse, 'Um único fogo brilha em várias formas; um único sol ilumina este mundo inteiro; um único herói, Indra, o senhor dos celestiais, destrói inimigos; e um único Yama é o senhor dos Pitris.' (Ashtavakra foi ao sacrifício de Janaka com o objetivo de provar a unidade do Ser Supremo. Vandin se utiliza de vários sistemas de filosofia para combater seu oponente. Ele começa com o sistema Budista. A forma do diálogo é única na literatura sendo aquela de enigmas, e o significado latente está oculto de um modo estranho sob a aparência de combinações de coisas pueris e heterogêneas. Vandin abre a discussão por dizer que como o número de todos estes é um, assim somente o intelecto é o senhor, líder e guia dos sentidos). Ashtavakra disse, 'Os dois amigos, Indra e Agni, sempre se movem juntos; os dois sábios celestes são Narada e Parvata; gêmeos são os Aswinikumaras; dois é o número das rodas de um carro; e é como um par que marido e mulher vivem juntos, como ordenado pela divindade.' (Há uma revelação Védica que duas aves vivem juntas em uma árvore como amigas, uma delas come os frutos e a outra olha para a primeira. Disto é evidente que dois são os senhores, líderes, e guias dos sentidos. Que há uma segunda faculdade além do intelecto também é provado pelo fato que no sono quanto o intelecto está inativo aquela faculdade continua em ação, pois se não fosse assim nós não poderíamos lembrar de termos dormido, nem ligar o estado após acordar com aquele que precedeu o sono. Consequentemente por

citar o número dois Ashtavakra afirma que além do intelecto há outra faculdade, consciência, e que estes dois são juntamente os senhores, líderes e guias dos sentidos e que eles agem juntos como Indra e Agni, etc.) Vandin disse, 'Três espécies de seres nascidos são produzidas por ações; os três Vedas juntos realizam o sacrifício Vajapeya; em três tempos diferentes, os Adhwaryus iniciam ritos sacrificais; três é o número de palavras, e três também são as luzes divinas.' (Por citar o número três Vandin que dizer que como são as Ações que produzem os três tipos de seres nascidos, etc, dessa maneira as Ações são supremas e que tudo mais, seja intelecto somente ou intelecto e consciência juntos, são subservientes às Ações). Ashtavakra disse, 'Quatro são os Asramas dos Brahmanas; as quatro classes realizam sacrifícios; quatro são os pontos cardeais; quatro é o número de cartas; e quatro também, como é sempre sabido, são as pernas de uma vaca.' (Ashtavakra aqui explica a tese que mesmo que as Ações sejam supremas, ainda assim quando o quarto ou Ser Supremo se torna manifesto na alma ela não tem mais necessidade de Ações). Vandin disse, 'Cinco é o número de fogos; cinco são as bases da métrica chamada Punki; cinco são os sacrifícios; cinco madeixas, é dito nos Vedas, estão nas cabeças das Apsaras; e cinco rios sagrados são conhecidos no mundo.' (Por trazer a série quinquenal Vandin deseja afirmar que os cinco sentidos são competentes para conhecer seus respectivos objetos e que além desses sentidos e seus objetos não há nem outro sentido para perceber nem outro objeto de percepção. Ele também cita a autoridade do Veda de acordo com o qual as Apsaras (ou consciência) tem cinco 'madeixas' em suas cabeças, isto é, cinco objetos de percepção). Ashtavakra disse, 'Seis vacas, é afirmado por alguns, são pagas como uma gratificação na ocasião de fixar o fogo sagrado; seis são as estações pertencentes à roda do tempo; seis é o número dos sentidos; seis estrelas constituem a constelação Kirtika; e seis, isto é encontrado em todos os Vedas, é o número do sacrifício Sadyaska.' (Além dos cinco sentidos Ashtavakra argumenta por um sentido adicional, isto é, a Mente, e consequentemente cita o número seis). Vandin disse, 'Sete é o número dos animais domesticados; sete são os animais selvagens; sete versos são usados ao completar um sacrifício; sete são os Rishis, sete formas de prestar homenagem são existentes (no mundo); e sete, é sabido, são as cordas do Vina.' (Vandin admite a existência dos seis sentidos mas diz que a alma experimenta felicidade e tristeza através deles assim como através do intelecto). Ashtavakra disse, 'Oito são as sacolas contendo uma centena; oito é o número das pernas do Sarabha, o qual mata leões para servir de alimento; oito Vasus, como nós ouvimos, estão entre os celestiais; e oito são os ângulos de yupa (estaca), em todos os ritos sacrificais.' (Ashtavakra sugere um oitavo elemento, a saber, o conhecimento do ego). Vandin disse, 'Nove é o número dos mantras usados em acender o fogo em sacrifícios para os Pitris; nove são as funções designadas nos processos de criação; nove letras compõe a base da métrica, Vrihati; e nove também é sempre o número dos algarismos (em cálculo).' (Cada uma das três qualidades (existência, impureza e ignorância) de prakriti (a causa passiva ou material do mundo), se misturando com cada uma das três qualidades correspondentes de pradhana (a causa ativa ou espiritual do mundo) em várias proporções produz a ordem mundana das coisas. Dessa maneira é provada a eternidade de prakriti ou natureza e é também estabelecida a doutrina da

dualidade). Ashtavakra disse, 'Dez é citado como sendo o número de pontos cardeais, passando para o conhecimento de homens neste mundo; dez vezes cem compõem mil; dez é o número de meses, no espaço dos quais as mulheres dão à luz; e dez são os professores do conhecimento verdadeiro, e dez, os que tem ódio dele, e dez além disso são aqueles capazes de aprendê-lo.' (Prakriti não cria realmente. É o Ser Supremo que através do instrumento da ilusão em contato com os dez órgãos (isto é, os cinco órgãos locomotivos e os cinco órgãos de sentido) faz manifesto o sistema de coisas. Prakriti portanto não tem existência real, sua existência é somente aparente na real existência da alma). Vandin disse, 'Onze são os objetos desfrutáveis pelos seres; onze é o número dos yupas; onze são as mudanças do estado natural relativo àqueles que tem vida; e onze são os Rudras entre os deuses no céu.' (Yupas (estacas) aqui significam sentimentos, etc, os quais mantêm os homens atados ao mundo. Rudras são aqueles que fazem outros chorarem. Vandin quer dizer que a alma não é essencialmente livre dos grilhões de alegria e tristeza que surgem dos onze objetos de percepção. Neste mundo todos os homens estão sujeitos à alegria e tristeza. Nós também sabemos que há Rudras no céu). Ashtavakra disse, ‘Doze meses compõem o ano; doze letras vão para a composição de uma base da métrica chamada Jagati; doze são os sacrifícios menores; e doze, segundo os eruditos, é o número dos Adityas.' (A Alma Suprema não afetada por alegria e tristeza realmente existe, mas Sua existência não é capaz de ser provada, nem pode o ignorante percebê-la alguma vez. Homens alcançam aquela condição através destes doze, isto é, virtude, veracidade, auto-domínio, penitências, benevolência, moderação, clemência, isenção de inveja, sacrifício, caridade, concentração e controle sobre os sentidos). Vandin disse, 'O décimo terceiro dia lunar é considerado o mais auspicioso; treze ilhas existem sobre a terra.’ (De acordo com alguns, esforços para alcançar a emancipação podem ser bem sucedidos não neste mundo mas no mundo de Brahma. Outros dizem que para este fim um Yoga especial é necessário. Por apresentar os objetos numerando treze, Vandin expõe a opinião que virtude e etc não são suficientes para propósitos de emancipação, mas que hora e local apropriados também são essenciais).

Lomasa disse, 'Tendo procedido até aqui, Vandin parou. Imediatamente Ashtavakra forneceu a última metade do sloka. Ashtavakra disse, 'Treze sacrifícios são presididos por Kesi; e treze são devorados por Atichhandas, (as métricas mais longas) do Veda.’ (Ashtavakra conclui por citar o mesmo número treze. A alma, a qual é essencialmente livre, torna-se sujeita à alegria e tristeza através dos treze, isto é, os dez órgãos de locomoção e percepção, e intelecto, mente e egoísmo. Mas Atichhanadas, isto é, aqueles que tem superado a ignorância, a saber, os doze, virtude etc, destroem aqueles treze e isto é emancipação). E vendo Ashtavakra falando e o filho de Suta silencioso, e pensativo, e de cabeça baixa, a assembléia irrompeu em um longo tumulto. E quando o tumulto assim surgiu no sacrifício esplêndido realizado pelo rei Janaka, os Brahmanas, bem satisfeitos e com mãos unidas, aproximaram-se de Ashtavakra, e começaram a lhe prestar homenagem.'

Então Ashtavakra disse, 'Antes disto, este homem, derrotando os Brahmanas em discussão, costumava lançá-los na água. Que Vandin hoje encontre com o mesmo destino. Agarrem-no e afoguem-no em água.' Vandin disse, 'Ó Janaka, eu sou o filho do rei Varuna. Simultaneamente com teu sacrifício, lá também começou um sacrifício que se estende por doze anos. É por isto que eu tenho despachado os principais Brahmanas para lá. Eles foram testemunhar o sacrifício de Varuna. Veja! Lá estão eles voltando. Eu presto homenagem ao venerável Ashtavakra, por cuja graça hoje eu me unirei àquele que me gerou.'

Ashtavakra disse, 'Derrotando os Brahmanas ou por palavras ou sutileza, Vandin os lançava nas águas do mar. (Aquela verdade Védica a qual ele suprimiu por argumentos falsos) hoje eu resgatei por força do meu intelecto. Agora que homens sinceros julguem. Como Agni, que conhece o caráter de ambos: o bom e o mau, deixa não chamuscados por seu calor os corpos daqueles cujos projetos são honestos, e é assim parcial a eles, assim bons homens julgam as afirmações de meninos, embora carecendo do poder de discurso, e são dispostos favoravelmente em direção a eles. Ó Janaka, tu ouviste minhas palavras como se tivesses sido estupefato por consequência de teres comido o fruto da árvore Sleshmataki. Ou a lisonja roubou tua sabedoria, e por isto é que embora perfurado por minhas palavras como um elefante (pelo gancho), tu não as ouviste.'

Janaka disse, 'Ouvindo tuas palavras eu as considero como excelentes e sobre-humanas. Tua forma também permanece manifesta como sobre-humana. Como tu hoje derrotaste Vandin em discussão eu o coloco à tua disposição.' Ashtavakra disse, 'Ó rei, Vandin, permanecendo vivo, não servirá a qualquer propósito meu. Se seu pai é realmente Varuna, que ele seja afogado no mar.'

Vandin disse, 'Eu sou filho do rei Varuna. Eu (portanto) não tenho medo de ser afogado. Exatamente neste momento Ashtavakra verá seu pai perdido há muito, Kahoda.'

Lomasa disse, 'Então ergueram-se diante de Janaka todos os Brahmanas, depois de terem sido devidamente adorados pelo magnânimo Varuna. Kahoda disse, 'É por isto, ó Janaka, que homens rogam por filhos, por realizarem ações meritórias. Aquilo no qual eu falhei foi realizado por meu filho. Pessoas fracas podem ter filhos dotados de força; burros podem ter filhos inteligentes; e o analfabeto pode ter filhos possuidores de sabedoria.' Vandin disse, 'É com teu machado afiado, ó monarca, que até Yama corta as cabeças de inimigos. Que a prosperidade te acompanhe! Neste sacrifício do rei Janaka, os principais hinos relativos aos ritos Uktha estão sendo cantados, e o suco Soma também está sendo bebido adequadamente. E os próprios deuses, pessoalmente e com corações alegres, estão aceitando suas partes sagradas.'

Lomasa disse, 'Quando os Brahmanas tinham se erguido em esplendor intensificado, Vandin, recebendo permissão do rei Janaka, entrou nas águas do mar. E então Ashtavakra adorou seu pai, e ele mesmo também foi adorado pelos Brahmanas. E tendo assim derrotado o filho de Suta (Su significa excelente, e uta, sacrifício. O composto consequentemente significa: realizador de sacrifício

excelente), Ashtavakra voltou para seu próprio eremitério excelente, na companhia de seu tio. Então na presença de sua mãe, seu pai dirigiu-se a ele, dizendo, '(Ó filho), entre rapidamente neste rio, Samanga.' E consequentemente ele entrou (na água). E quando ele mergulhou abaixo da água todos os seus membros (tortos) foram imediatamente tornados retos. E daquele dia em diante este rio veio a ser chamado de Samanga e ela tornou-se investida com as virtudes de purificar (pecados). Aquele que se banhar nela será libertado de seus pecados. Portanto, ó Yudhishthira, desça ao rio com teus irmãos e esposa, e realize tuas abluções. Ó filho de Kunti, ó descendente da linhagem de Ajamidha, vivendo felizmente e alegremente neste local junto com teus irmãos e os Brahmanas, tu realizarás comigo outros atos de mérito, estando aplicado em boas ações.'"

135

"Lomasa disse, 'Aqui, ó rei, é visível o rio Samanga, cujo antigo nome era Madhuvila, e lá é o lugar chamado Kardamila, o local de banho de Bharata. O marido de Sachi, quando caído em miséria por ter matado Vritra, ficou livre do seu pecado por realizar suas abluções em Samanga. Aqui, ó touro entre homens, é o local onde a montanha Mainaka afundou para o interior da terra; e por isso ele é chamado de Vinasana. Para obter filhos, aqui Aditi antigamente cozinhou aquele alimento célebre, (presidido pelo Ser Supremo). Ó, os touros entre homens subiram nesta montanha imponente e puseram um fim à sua miséria inglória indigna de ser proferida. Aqui, ó rei, diante de ti está a cordilheira Kanakhala, o recanto favorito dos sábios. E lá está o poderoso rio Ganga. Aqui, nos tempos antigos, o sábio santo Sanatkumara alcançou êxito ascético. Ó descendente da linhagem de Ajamidha, por realizar tuas abluções aqui neste rio, tu serás libertado de todos os teus pecados. Ó filho de Kunti, junto com teus ministros, toque (as águas) deste lago chamado Punya, e esta montanha Bhrigutunga e também (a água destes) dois rios, chamados Tushniganga. Aqui, ó filho de Kunti, aparece o eremitério do sábio Sthulasiras. Renuncie aqui à tua raiva e sentimento de presunção. Lá, ó filho de Pandu, é visto o belo eremitério de Raivya, onde pereceu o filho de Bharadwaja, Yavakari, profundo em saber Védico.'

Yudhishthira disse, 'Como o sábio poderoso, Yavakri, filho do asceta Bharadwaja, alcançou profundidade nos Vedas? E como também ele pereceu? Eu estou ansioso para ouvir tudo isto, exatamente como aconteceu. Eu me deleito ao escutar a narração dos feitos de homens semelhantes a deuses.'"

"Lomasa disse, 'Bharadwaja e Raivya eram dois amigos. E eles moravam aqui, sempre tendo grande alegria na companhia um do outro. Sendo assim, Raivya teve dois filhos, chamados Arvavasu e Paravasu. E, Bharadwaja, ó filho de Bharata, tive um único filho, chamado Yavakri. Raivya e seus dois filhos eram versados nos Vedas, enquanto Bharadwaja praticava ascetismo. Mas, ó filho de Bharata, desde sua meninice, a amizade existente entre aqueles dois era inigualável. Ó impecável, o orgulhoso Yavakri descobrindo que seu pai, que praticava ascetismo, era desdenhado pelos Brahmanas, enquanto Raivya com

seus filhos era imensamente respeitado por eles, foi dominado pela tristeza, e ficou muito magoado. Por causa disso, ó filho de Pandu, ele iniciou austeridades severas, para (obter) o conhecimento dos Vedas. E ele expôs seu corpo a um fogo flamejante. Por assim praticar as austeridades mais rígidas, ele causou ansiedade na mente de Indra. Então Indra, ó Yudhishthira, foi até ele e dirigiu-se a ele dizendo, 'Por que, ó sábio, tu te tornaste engajado em praticar tais austeridades rígidas?' Yavakri disse, 'Ó tu adorado das hostes celestes, eu estou praticando penitências severas porque eu desejo que tal conhecimento dos Vedas como nunca foi adquirido por qualquer Brahmana possa se manifestar para mim. Ó conquistador de Paka, estes meus esforços são pelo saber Védico. Ó Kausika, pela força do meu ascetismo, eu pretendo obter todos os tipos de conhecimento. Ó senhor, um conhecimento dos Vedas como aprendido por meio de professores é adquirido em um longo tempo. Portanto, (com o objetivo de alcançar em pouco tempo uma proficiência nos Vedas), eu tenho aplicado estes grandes esforços.' Indra disse, 'Ó sábio Brahmana, o caminho que tu adotaste não é o caminho adequado. Para quê, ó Brahmana, tu destruirás a ti mesmo? Vá e aprenda dos lábios de um preceptor.'"

"Lomasa disse, 'Ó filho de Bharata, tendo dito isto, Sakra foi embora, e Yavakri de energia incomensurável dirigiu sua atenção novamente ao ascetismo. Ó rei, nós sabemos que continuando as austeridades severas ele agitou muito Indra novamente. E o deus Indra, matador de Vala, novamente foi àquele grande sábio, que estava dedicado a penitências austeras; e proibiu-o, dizendo, 'Tu estás te esforçando com o objetivo que o conhecimento Védico se manifeste para ti assim como para o teu pai; mas teus esforços nunca poderão ser bem sucedidos, nem esta tua ação é sensata.' Yavakri disse, 'Ó senhor dos celestiais, se tu não fizeres por mim o que eu quero, eu, cumprindo votos mais severos, praticarei penitências ainda mais rígidas. Ó senhor dos celestiais, saiba que se tu não realizares todos os meus desejos, eu então cortarei meus membros e os oferecerei como um sacrifício para um fogo ardente.'"

"Lomasa disse, 'Conhecendo a determinação daquele sábio de grande alma, o sagaz Indra refletiu e descobriu um meio para dissuadi-lo. Então Indra assumiu o disfarce de um Brahmana asceta, de centenas de anos de idade, e enfermo, e sofrendo de definhamento. E ele se pôs a levantar uma represa com areia naquele local do Bhagirathi ao qual Yavakri costumava descer para realizar abluções. Porque Yavakri, principal dos Brahmanas, não prestava atenção às palavras de Indra, o último começou a encher o Ganga com areias. E sem cessar ele jogava punhados de areia no Bhagirathi, e começou a construir a represa atraindo a atenção do sábio. E quando aquele touro entre os sábios, Yavakri, viu Indra assim seriamente dedicado a construir a represa, ele irrompeu em risada, e disse as seguintes palavras, 'No que tu estás engajado, ó Brahmana, e qual teu objetivo? Por que tu, em vão, fazes este grande esforço?' Indra disse, 'Eu estou tentando, ó meu filho, represar o Ganga para que possa haver uma passagem cômoda. As pessoas experimentam dificuldade considerável em cruzar e recruzar (o rio) por barco.' Yavakri disse, 'Ó tu de riqueza ascética, tu não podes conter esta correnteza poderosa. Ó Brahmana, desista do que é impraticável e comece

alguma coisa que seja praticável.' Indra disse, 'Ó sábio, eu me impus esta tarefa pesada, assim como, para obter um conhecimento dos Vedas, tu começaste estas penitências, as quais nunca poderão ser proveitosas.' Yavakri disse, 'Se, ó chefe dos celestiais, aqueles meus esforços são inúteis, assim como aqueles teus próprios, então, ó senhor de hostes celestes, por favor faça por mim o que é praticável. Conceda-me bênçãos pelas quais eu possa sobrepujar outros homens.'"

"Lomasa disse 'Então Indra concedeu bênçãos, como foi pedido pelo asceta poderoso. Indra disse, 'Como tu desejaste, os Vedas serão manifestados para ti, sim, até para o teu pai. E todos os teus outros desejos também serão realizados. Volte para casa, ó Yavakri.'

Tendo assim obtido o objeto de seu desejo, Yavakri foi até seu pai e disse, 'Os Vedas, ó pai, serão revelados para ti também assim como para mim, e eu obtive benefícios pelos quais nós sobrepujaremos todos os homens.' Nisso Bharadwaja disse, 'Ó meu filho, como tu obtiveste os objetos do teu desejo, tu ficarás orgulhoso. E quando tu estiveres envaidecido com orgulho e também te tornado sem caridade, a destruição logo te alcançará. Ó meu filho, há uma anedota corrente narrada pelos deuses. Nos tempos antigos, ó filho, vivia um sábio chamado Valadhi, possuidor de grande energia. E em aflição por causa da morte de um filho, ele praticou as penitências mais severas para ter um filho que fosse imortal. E ele obteve um filho assim como ele desejava. Mas os deuses, embora dispostos muito favoravelmente (em direção a ele), ainda assim não fizeram seu filho imortal como os deuses. Eles disseram, 'Nunca um mortal pode ser tornado imortal. A vida do teu filho, no entanto, dependerá de alguma causa instrumental.' Por causa disso Valadhi disse, 'Ó principais dos celestiais, estas montanhas vem existindo eternamente, e indestrutíveis, que elas sejam a causa instrumental da vida do meu filho.' Posteriormente nasceu um filho para o sábio, chamado Medhavi. E ele tinha um temperamento muito irritável. E sabendo (do incidente do seu nascimento), ele se tornou soberbo e começou a insultar os sábios. E ele vagava pela terra fazendo injúria para os Munis. E um dia, encontrando com o sábio erudito Dhannushaksha dotado de energia, Medhavi maltratou-o. Então, o primeiro amaldiçoou-o dizendo, 'Seja reduzido à cinzas.' Medhavi, no entanto, não foi reduzido à cinzas. Então Dhannushaksha fez a montanha que era a causa instrumental da vida de Medhavi ser despedaçada por búfalos. E o rapaz pereceu, com a destruição da causa instrumental de sua vida. E abraçando seu filho morto, o pai de Medhavi começou a lamentar seu destino. Agora ouça de mim, ó meu filho, o que foi cantado pelos sábios familiarizados com os Vedas, quando eles encontraram o sábio lamentando. Um mortal nunca pode superar o que foi ordenado pelo Destino. Veja! Dhannushaksha conseguiu despedaçar até a montanha por meio de búfalos. Assim ascetas jovens, inflados com orgulho por terem obtido benefícios, perecem em pouco tempo. Não seja um eles. Raivya, ó meu filho, é possuidor de grande energia, e seus dois filhos são como ele. Portanto, seja cuidadoso, assim nunca te aproxime dele. Ó meu filho, Raivya é um grande asceta de um temperamento irritável. Quando zangado, ele pode te fazer mal.' Yavakri disse, 'Eu farei como tu me ordenas. Ó pai, não nutra ansiedade de

qualquer maneira por isso. Raivya merece meu respeito assim como tu, meu pai.' Tendo respondido para seu pai nestas palavras agradáveis, Yavakri, não temendo nada e ninguém, começou a se deleitar em ofender cruelmente outros Munis."

136

"Lomasa disse, 'Um dia no mês de Chaitra, enquanto vagava destemidamente à vontade, Yavakri aproximou-se do eremitério de Raivya. E, ó filho de Bharata, naquele eremitério belo, adornado com árvores portando flores, aconteceu de ele ver a nora de Raivya, passeando em volta como uma mulher Kinnara. E tendo perdido sua razão pela paixão, Yavakri desavergonhadamente falou para a moça tímida, dizendo, 'una-te a mim.' Então, conhecendo a natureza dele, e temerosa de uma maldição, assim como pensando no poder de Raivya, ela foi até ele dizendo, 'Eu concordo.' Então, ó filho de Bharata, recebendo-o em particular, ela o manteve acorrentado. Ó conquistador de inimigos, voltando para seu eremitério, Raivya encontrou sua nora, esposa de Paravasu, em lágrimas. Ó Yudhishthira, então consolando-a com palavras gentis ele questionou-a quanto à causa de sua angústia. Então a bela donzela lhe disse tudo o que Yavakri tinha dito para ela, e o que ela também tinha inteligentemente dito para ele. Sabendo daquele comportamento vulgar de Yavakri, a mente do sábio se inflamou, e ele ficou muito furioso. E sendo assim tomado pela ira, o grande sábio de um temperamento altamente irascível arrancou uma madeixa emaranhada de seu cabelo, e com mantras sagrados ofereceu-a como um sacrifício sobre o fogo sagrado. Nisto, surgiu disto uma mulher parecendo exatamente com sua nora. E então ele arrancou outra madeixa emaranhada de seu cabelo, e outra vez ofereceu-a como um sacrifício ao fogo. Imediatamente surgiu disto um demônio, terrível de se ver, e tendo olhos ferozes. Então aqueles dois falaram para Raivya, dizendo, 'O que nós faremos?' Nisso o sábio zangado disse para eles, 'Vão e matem Yavakri.' Então dizendo, 'Nós faremos (como tu ordenas)', eles dois partiram com a intenção de matar Yavakri. E com seus encantos, a mulher que o sábio generoso criou roubou de Yavakri seu pote de água sagrada. Então com sua lança erguida o demônio voou em Yavakri, quando ele tinha sido privado de seu pote de água e tornado impuro. E vendo o demônio se aproximar com lança erguida com o propósito de matá-lo, Yavakri levantou-se de repente e fugiu em direção a um tanque. Mas encontrando-o desprovido de água ele se apressou em direção a todos os rios. Mas eles também estavam todos secos. E sendo obstruído repetidas vezes pelo demônio feroz, segurando a lança, Yavakri apavorado tentou entrar no aposento Agnihotra de seu pai. Mas lá, ó rei, ele foi repelido por um guarda Sudra cego, e ele permaneceu na porta, agarrado pelo homem. E, encontrando Yavakri assim agarrado pelo Sudra, o demônio arremessou sua lança nele, após o que ele caiu morto, perfurado no coração. Depois de matar Yavakri, o demônio voltou até Raivya, e com a permissão daquele sábio começou a viver com a mulher."

137

"Lomasa disse, 'Ó filho de Kunti, Bharadwaja voltou para seu eremitério depois de realizar seus deveres rituais do dia, e tendo coletado combustível sacrifical. E porque seu filho tinha sido morto, os fogos sacrificais que costumavam recebê-lo diariamente naquele dia aquele não se apresentaram para recebê-lo. E notando aquela mudança no Agnihotra, o grande sábio questionou o guarda Sudra cego sentado lá, dizendo, 'Por que é que, ó Sudra, esses fogos não se regozijam à visão de mim? Tu também não te regozijas como é teu hábito. Está tudo bem com meu eremitério? Eu espero que meu filho de pouca inteligência não tinha ido ao sábio Raivya. Responda depressa, ó Sudra, todas estas minhas perguntas. Minha mente me faz ter apreensões.' O Sudra disse, 'Teu filho de pouca inteligência foi até o sábio Raivya, e portanto é aquele que jaz prostrado (no chão), tendo sido morto por um demônio poderoso. Sendo atacado pelo Rakshasa, segurando uma lança, ele tentou forçar seu caminho para este quarto, e eu portanto barrei seu caminho com meus braços. Então desejoso de ter água, em um estado impuro, como ele ficou desesperado, ele foi morto pelo Rakshasa impetuoso, carregando uma lança em sua mão.' Ao ouvir do Sudra sobre aquela grande calamidade, Bharadwaja, muito atormentado pela dor, começou a lamentar, abraçando seu filho morto. E ele disse, 'Ó meu filho, foi para o bem dos Brahmanas que tu praticaste penitências, com a intenção que os Vedas não estudados por qualquer Brahmana pudessem ser revelados para ti. Teu comportamento para com os Brahmanas sempre tinha sido para o bem deles, e tu também eras inofensivo em relação a todas as criaturas. Mas, ai! (finalmente) tu decaíste em rudeza. Eu te proibi, ó meu filho, de visitar a residência de Raivya; mas ai! para aquele mesmo eremitério, (destrutivo para ti) como o próprio deus da morte, Yama, tu te dirigiste. De mente má é aquele homem que, (sabendo que eu) sou um homem velho, e também que (Yavakri) era meu filho único, entregou-se à cólera. É devido à ação de Raivya que eu sofri a perda do meu filho. Sem ti, ó meu filho, eu desistirei da minha vida, a coisa mais preciosa no mundo. Em aflição pela morte do meu filho eu renuncio à minha vida; mas isto eu digo: que o filho mais velho de Raivya em pouco tempo o matará embora ele seja inocente. Abençoados são aqueles para quem filhos nunca nasceram, pois eles levam uma vida feliz, sem terem que experimentar a dor (incidente à morte de um filho). Quem neste mundo pode ser mais perverso do que aquele que por aflição, e privado de sua razão pela tristeza resultante da morte de um filho, amaldiçoa até seu amigo mais querido? Eu encontrei meu filho morto, e, portanto, amaldiçoei meu amigo mais querido. Ah! que segundo homem pode haver neste mundo, destinado a sofrer uma desgraça tão dolorosa?' Tendo lamentado longamente Bharadwaja cremou seu filho e então entrou ele mesmo em um fogo totalmente ardente.'"

138

"Lomasa disse, 'Naquela mesma época, o poderoso rei Vrihadyumna, de grande prosperidade, que era o Yajamana de Raivya, começou um sacrifício. E os dois filhos de Raivya, Arvavasu e Paravasu, foram empregados por aquele monarca inteligente para ajudá-lo na realização da cerimônia. E, ó filho de Kunti, recebendo a permissão de seu pai, eles dois foram para o sacrifício, enquanto Raivya com a esposa de Paravasu permaneceram no eremitério. E veio a se passar que um dia, desejoso de ver sua esposa, Paravasu voltou para casa sozinho. E ele encontrou seu pai na floresta, envolvido na pele de um antílope preto. E a noite estava adiantada e escura; e Paravasu, cego pela sonolência naquela floresta profunda, confundiu seu pai com um veado desgarrado. E confundindo-o com um veado, Paravasu, por causa de segurança pessoal, sem querer matou seu pai. Então, ó filho de Bharata, depois de realizar a cerimônia fúnebre (de seu pai), ele voltou para o sacrifício e lá dirigiu-se a seu irmão dizendo, 'Tu nunca serás capaz de realizar esta tarefa sem ajuda. Eu porém, matei nosso pai, confundindo-o com um veado. Ó irmão, cumpra um voto por mim, prescrito no caso do assassinato um Brahmana. Ó Muni, eu serei capaz de realizar este trabalho (sacrifício), sem qualquer assistente.' Arvavasu disse, 'Então oficie tu mesmo neste sacrifício do talentoso Vrihadyumna; e por ti eu irei, trazendo meus sentidos sob controle perfeito, cumprir o voto prescrito no caso do assassinato de um Brahmana.'"

"Lomasa disse, 'Tendo cumprido o voto relativo ao assassinato de um Brahmana, o sábio Arvavasu voltou ao sacrifício. Vendo seu irmão chegar, Paravasu, em timbre de voz abafado pela malícia, dirigiu-se a Vrihadyumna, dizendo, 'Ó rei, cuide para que este assassino de um Brahmana não entre no teu sacrifício, nem olhe para ele. Até por um olhar o assassino de um Brahmana pode, sem dúvida, te prejudicar.' Ó senhor de homens, imediatamente ao ouvi-lo, o rei mandou seus servidores (expulsarem Arvavasu). Ó rei, ao ser expulso pelos servidores do rei, e repetidamente endereçado por eles: 'Ó assassino de um Brahmana!' Arvavasu mais do que uma vez gritou, 'Não fui eu quem matou um Brahmana. Nem ele próprio cumpriu o voto por sua própria causa.' Ele disse que seu irmão tinha cometido o pecado, e que ele o tinha libertado disso. Tendo dito aquilo com raiva, e sendo repreendido pelos servidores, o sábio Brahmana de penitências austeras retirou-se em silêncio para as florestas. Lá, dirigindo-se às penitências mais severas, o grande Brahmana procurou a proteção do Sol. Nisso a revelação ensinando o mantra relativo ao culto do Sol tornou-se manifesta para ele e aquela divindade eterna que obtinha sua parte (da manteiga sacrifical) primeiro, apareceu diante dele em uma forma incorporada.'"

"Lomasa disse, 'Os celestiais, ó rei, estavam bem satisfeitos com Arvavasu por suas ações. E eles o fizeram ser empregado como o sacerdote chefe no sacrifício (de Vrihadyumna), e Paravasu ser despedido dele. Então Agni e os outros celestiais (por iniciativa própria) concederam benefícios para Arvavasu. E ele também rogou que seu pai fosse devolvido à vida. Ele em seguida pediu que seu

irmão fosse absolvido de seu pecado; que seu pai não tivesse recordação de ter sido morto; que Bharadwaja e Yavakri fossem ambos devolvidos à vida; e que a revelação solar alcançasse celebridade (sobre a terra). Então o deus disse, 'Assim seja' e conferiu a ele outros benefícios também. Por causa disso, ó Yudhishthira, todas aquelas pessoas recuperaram sua vida. Yavakri então dirigiu-se à Agni e às outras divindades, dizendo, 'Eu obtive um conhecimento de todos os Vedas, e também pratiquei penitências. Como aconteceu então, ó principais dos imortais, que Raivya conseguiu me matar daquela maneira?' Nisso os deuses disseram, 'Ó Yavakri, nunca aja novamente como fizeste. Isto sobre o que tu perguntas é realmente possível, pois tu aprendeste os Vedas sem esforço e sem a ajuda de um preceptor. Mas este homem (Raivya) suportando várias dificuldades, satisfez seu preceptor por meio de seu comportamento, e obteve (do último) os Vedas excelentes através de grandes esforços e em um longo tempo.'"

"Lomasa disse, 'Tendo dito isto para Yavakri, e devolvido todos aqueles à vida, os celestiais com Indra em sua vanguarda ascenderam para o céu. Aqui, ó Yudhishthira, é o eremitério sagrado daquele sábio, embelezado com árvores dando flores e frutos em todas estações. Ó tigre entre reis, residindo neste local tu serás libertado de todos os teus pecados.'"

139

"Lomasa disse, 'Ó descendente de Bharata, ó rei, agora tu deixaste para trás as montanhas Usiravija, Mainaka e Sweta, assim como as colinas Kala. Ó filho de Kunti, ó touro entre os descendentes de Bharata, aqui fluem à tua frente os sete Gangas. Este local é puro e sagrado. Aqui Agni resplandece sem intervalo. Nenhum filho de Manu é capaz de obter uma visão desta maravilha. Portanto, ó filho de Pandu, concentre tua mente para que possas contemplar atentamente estes tirthas. Agora tu verás a área de atividade dos deuses, marcada com suas pegadas, assim como nós percorremos a montanha Kala. Nós agora ascenderemos aquele penhasco branco, a montanha Mandara, habitada pelos Yakshas, Manibhadra e Kuvera, rei dos Yakshas. Ó rei, neste local oitenta mil Gandharvas velozes, e quatro vezes tantos Kimpurushas e Yakshas de vários aspectos e formas, segurando várias armas, servem Manibhadra, rei dos Yakshas. Nestas regiões seu poder é muito grande. E em velocidade eles são assim como o vento. Eles podem, sem dúvida, tirar até o senhor dos celestiais de seu assento. Protegidas por eles, e também guardadas pelos Rakshasas, estas montanhas tornaram-se inacessíveis. Portanto, ó filho de Pritha, concentre os teus pensamentos. Além disto, ó filho de Kunti, aqui estão os ministros ferozes de Kuvera e sua família Rakshasa. Nós teremos que encontrar com eles, e, portanto, ó filho de Kunti, reúna tuas energias. Ó rei, a montanha Kailasa tem seis yojanas de altura. Ela contém uma gigantesca árvore de jujubas. E, ó filho de Kunti, inúmeros deuses e Yakshas e Rakshasas e Kinnaras e Nagas e Suparnas e Gandharvas percorrem este caminho, ao irem em direção ao palácio de Kuvera. Ó rei, protegido por mim, assim como pelo poder de Bhimasena, e também em

virtude do teu próprio ascetismo e autodomínio, misture-te hoje com eles. Possa o rei Varuna e Yama, conquistador de batalhas, e Ganga, e Yamuna, e esta montanha, e os Maruts e os gêmeos Aswins, e todos os rios e lagos, conceder tua segurança. E, ó refulgente, que tu possas ter segurança de todos os celestiais e dos Asuras, e dos Vasus. Ó Deusa Ganga, eu ouço o teu ribombar desta montanha dourada, sagrada para Indra. Ó Deusa de grande ventura, nestas regiões montanhosas, proteja o rei, adorado por todos da linhagem de Ajamidha. Ó filha da montanha (Himalaya), este rei está prestes a entrar nestas regiões montanhosas. Portanto, conceda proteção a ele.'

Tendo se dirigido assim ao rio, Lomasa ordenou Yudhishthira, dizendo, 'Seja cuidadoso.'

Yudhishthira disse, ‘Esta confusão de Lomasa é sem precedentes. Portanto, protejam Krishna e não sejam descuidados. Lomasa conhece este lugar como de acesso difícil sem dúvida. Portanto, pratiquem aqui a máxima limpeza.’”

"Vaisampayana disse, ‘Ele em seguida dirigiu-se a seu irmão Bhima de bravura imensa, dizendo, 'Ó Bhimasena, proteja Krishna com cuidado. Arjuna esteja perto ou longe, Krishna em momentos de perigo sempre procura proteção de ti somente.'

Então o monarca de grande alma aproximou-se dos gêmeos, Nakula e Sahadeva, e depois de cheirar suas cabeças, e esfregar seus corpos, com lágrimas disse para eles, 'Não temam. Prossigam, no entanto, com cautela.'"

140

"Yudhishthira disse, 'Ó Vrikodara, há espíritos invisíveis poderosos e fortes neste local. Nós, no entanto, passaremos por ele pelo mérito do nosso ascetismo e sacrifícios Agnihotra. Ó filho de Kunti, portanto, reprima tua fome e sede por reunir tuas energias, e também, ó Vrikodara, recorra à tua força e inteligência. Ó filho de Kunti, tu ouviste o que o sábio (Lomasa) disse com relação ao monte Kailasa. Determine, portanto, depois de deliberação, como Krishna passará pelo local. Ou, ó poderoso Bhima de olhos grandes, retorne daqui, levando contigo Sahadeva, e todos os nossos cocheiros, cozinheiros, empregados, carros, cavalos, e Brahmanas desgastados pela viagem, enquanto eu junto com Nakula e o sábio Lomasa de austeridades severas prosseguiremos, subsistindo da dieta mais leve e cumprindo votos. Na expectativa da minha volta, espere cautelosamente na fonte do Ganga, protegendo Draupadi até eu retornar.'

Bhima respondeu, 'Ó descendente de Bharata, embora esta princesa abençoada esteja muito aflita pelo esforço e pobreza, ainda assim ela prossegue facilmente, na esperança de ver ele de corcéis brancos (Arjuna). Teu desânimo também já é muito grande ao não veres Arjuna de grande alma, que nunca foge da luta. Ó Bharata, é desnecessário então dizer que se tu não vires nem eu mesmo nem Sahadeva nem Krishna, teu desânimo sem dúvida aumentará. Seria

melhor os Brahmanas voltarem com nossos empregados, cocheiros, cozinheiros e quem quer mais que tu possas mandar. Eu nunca te deixarei nestas regiões montanhosas inacessíveis e acidentadas, infestadas por Rakshasas. E, ó tigre entre homens, também esta princesa de grande ventura, sempre devotada a seus maridos, não deseja voltar sem ti. Sahadeva é sempre devotado a ti; ele também nunca retrocederá seus passos. Sua disposição é conhecida por mim. Ó rei, ó monarca poderoso, nós estamos todos ávidos para ver Savyasachin, e portanto, nós vamos todos juntos. Se nós formos incapazes de prosseguir sobre esta montanha em nossos carros, cheia como ela é de desfiladeiros, bem, nós seguiremos a pé. Não te incomode, ó rei, eu carregarei a filha de Panchala onde quer que ela seja incapaz de andar. Ó rei, eu já decidi sobre isto. Portanto não deixe tua mente ser distraída. Eu também carregarei por regiões inacessíveis aqueles heróis de corpo delicado, os gêmeos, a alegria de sua mãe, onde quer que eles sejam incapazes de prosseguir.'

Yudhishthira disse, 'Que tua força aumente, ó Bhima, já que tu falas dessa maneira, e porque tu audaciosamente te comprometes a carregar a ilustre Panchali e estes gêmeos. Abençoado seja! Tal coragem não habita em qualquer outro indivíduo. Que tua força, fama, mérito, e reputação aumentem! Ó de braços longos, como tu te ofereces para carregar Krishna e nossos irmãos os gêmeos, exaustão e derrota nunca serão tuas!'"

Vaisampayana disse, "Então a encantadora Krishna disse com um sorriso, 'Ó descendente de Bharata, eu serei capaz de prosseguir, e, portanto, não fique tão ansioso por minha causa.'

Lomasa disse, 'Acesso à montanha Gandhamadana é obtido somente por força de ascetismo. Portanto, ó filho de Kunti, todos nós praticaremos austeridades. Ó rei, Nakula, Sahadeva, Bhimasena, tu e eu mesmo então veremos ele dos corcéis brancos, ó filho de Kunti.'"

Vaisampayana disse, "Ó rei, assim conversando juntos, eles viram com encanto os domínios extensos de Suvahu, situados nos Himalayas cheios de cavalos e elefantes, densamente habitados pelos Kiratas e os Tanganas, apinhados por centenas de Pulindas, frequentados pelos celestiais, e bem providos de maravilhas. O rei Suvahu, o senhor dos Pulindas, recebeu-os alegremente nas fronteiras de seus domínios, prestando-lhes respeito apropriado. Tendo sido assim recebidos com honra, e tendo morado confortavelmente naquele local, eles partiram para a montanha Himalaya, quando o sol brilhava gloriosamente no firmamento. E, ó rei, tendo confiado aos cuidados do senhor dos Pulindas todos os seus empregados, Indrasena e os outros, e os cozinheiros e os camareiros, e os ornamentos de Draupadi, e tudo mais, aqueles quadrigários poderosos, os filhos dos Kurus, dotados de grande coragem, saíram daquele país, e começaram a proceder cautelosamente com Krishna, todos eles alegres na esperança de ver Arjuna.

Yudhishthira disse, 'Ó Bhimasena, ó Panchali, e ó gêmeos, ouçam minhas palavras. As ações feitas (por uma pessoa) em um nascimento anterior não

perecem, (sem produzir seus efeitos). Vejam! Até nós nos tornamos caminhantes da selva. Até vermos Dhananjaya, esgotados e afligidos como nós estamos, nós temos que auxiliar uns aos outros, e passar por lugares intransponíveis. Isto me queima assim como fogo a uma pilha de algodão. Ó herói, eu não vejo Dhananjaya ao meu lado. Eu resido na floresta com meus irmãos mais novos, ansioso para vê-lo. Este pensamento, como também a memória daquele insulto grave oferecido a Yajanaseni me consomem. Ó Vrikodara, eu não vejo o invencível Partha de arco forte e energia incomparável, e que é o mais velho imediato à Nakula. Por isto, ó Vrikodara, eu estou infeliz. Para ver aquele herói, Dhananjaya, firme em promessa, por estes cinco anos eu tenho estado vagando em vários tirthas e florestas e lagos belos e eu ainda não encontrei com ele. Por isto, ó Vrikodara, eu estou infeliz. Eu não vejo Gudakesa de braços longos, de cor azul escura, e andar leonino. Por isto, ó Vrikodara, eu estou infeliz. Eu não vejo aquele principal dos Kurus, ilustre em armas, habilidoso em luta, e sem igual entre os arqueiros. Por isto, ó Vrikodara, eu estou infeliz. Eu estou aflito pois eu não vejo aquele filho de Pritha, Dhananjaya, nascido sob a influência da estrela Phalguni; caminhando entre inimigos assim como Yama na hora da dissolução universal; possuidor da bravura de um elefante com o suco temporal escorrendo; dotado de ombros leoninos; não inferior ao próprio Sakra em destreza e energia; o mais velho em idade aos gêmeos; de corcéis brancos; inigualável em heroísmo; invencível; e manejando um arco forte. Por isto, ó Vrikodara, eu estou infeliz. E ele é sempre de um temperamento clemente, mesmo quando insultado pelo indivíduo mais vil. E ele concede benefício e proteção para os justos; mas para aquela pessoa traiçoeira que por artifício tenta lhe causar dano Dhananjaya é como veneno virulento, ainda que aquele alguém fosse o próprio Sakra. E o poderoso Vibhatsu de alma incomensurável e possuidor de grande força demonstra piedade e estende proteção até para um inimigo quando caído. E ele é o refúgio de nós todos e ele oprime seus inimigos em combate. E ele tem o poder para arrecadar qualquer tesouro, e ele contribui para nossa felicidade. Foi por meio do heroísmo dele que eu possuí antigamente incontáveis jóias preciosas de várias espécies as quais no momento Syodhana usurpou. Foi pelo poder dele, ó herói, que antes eu possuía aquele anfiteatro suntuoso embelezado com jóias de todos os tipos e célebre por todos os três mundos. Ó filho de Pandu, em destreza, Phalguni é como Vasudeva, e em luta ele é invencível e inigualável assim como Kartavirya. Ai! Eu não vejo ele, ó Bhima. Em poder, aquele conquistador de inimigos segue o mesmo caminho do invencível e mais poderoso Sankarshana (Valarama) e Vasudeva. Em força de braços e espírito, ele é semelhante ao próprio Purandara. E em rapidez, ele é assim como o vento, e em graça, como a lua, e em ira, ele é a própria Morte eterna. Ó de braços poderosos, com o objetivo de contemplar aquele guerreiro tigre entre homens nós iremos para a montanha Gandhamadana, onde está localizado o eremitério de Nara e Narayana no terreno da célebre árvore de jujubas, e que é habitada pelos Yakshas. Nós veremos aquela melhor das montanhas. E, praticando austeridades rígidas somente a pé nós iremos para o belo lago de Kuvera guardado por Rakshasas. Aquele lugar não pode ser alcançado por veículos, ó Vrikodara. Nem pessoas cruéis ou avarentas, ou irascíveis podem alcançar aquele local, ó filho de Bharata. Ó Bhima, para ver Arjuna, nós iremos para lá na companhia de Brahmanas de votos estritos,

cingindo nossas espadas, e empunhando nossos arcos. Somente aqueles que são impuros encontram moscas, moscardos, mosquitos, tigres, leões, e répteis, mas os puros nunca topam com eles. Portanto, regulando nossa alimentação e reprimindo nossos sentidos, nós iremos para Gandhamadana, desejosos de ver Dhananjaya.'"

141

"Lomasa disse, 'Ó filhos de Pandu, vocês viram muitas montanhas, e rios e cidades e florestas e tirthas belos; e tocaram com suas mãos as águas sagradas. Agora este caminho leva à montanha celeste Mandara; portanto estejam atentos e calmos. Vocês agora se dirigirão à residência dos celestiais e dos sábios divinos de ações meritórias. Aqui, ó rei, flui o rio poderoso e belo (Alakananda) de água sagrada adorado por hostes de celestiais e sábios, e seguindo sua fonte para (o terreno da) árvore de jujuba. Ele é frequentado e adorado por Vaihayasas de grande alma, Valakhilyas e Gandharvas de almas poderosas. Acostumados a cantar os hinos Sama, os sábios Marichi, Pulaha, Bhrigu e Angiras os cantaram neste local. Aqui o senhor dos celestiais realiza com os Maruts suas orações diárias. E os Sadhyas e os Aswins o atendem. O sol, a lua e todos os corpos luminosos com os planetas recorrem a este rio, alternadamente de dia e de noite. Ó monarca altamente afortunado, aquele protetor do mundo; Mahadeva, tendo um touro como seu símbolo, recebeu sobre sua cabeça a queda das águas deste rio, na fonte do Ganga. Ó filhos, aproximem-se desta deusa dos seis atributos e curvem-se diante dela com mentes concentradas.'

Ouvindo as palavras de Lomasa de grande alma, o filho de Pandu adorou com reverência o rio (Ganga), fluindo pelo firmamento. E depois de tê-la adorado os filhos pios de Pandu retomaram sua viagem acompanhados pelos sábios. E aconteceu daqueles melhores dos homens verem a uma distância um objeto branco de proporções vastas, assim como Meru e se estendendo por todos os lados. E sabendo que os filhos de Pandu questionariam (a ele), Lomasa versado em discurso disse, 'Ouçam, ó filhos de Pandu! Ó melhores dos homens, o que vocês vêem perante vocês, de proporções vastas semelhante a uma montanha e belo como o penhasco Kailasa, é uma coleção dos ossos do poderoso Daitya Naraka. Sendo colocada em uma montanha, ela parece com uma. O Daitya foi morto por aquela Alma Suprema, o Deus eterno Vishnu, para o bem do senhor dos celestiais. Visando a posse do lugar de Indra, pela força de saber austero e Védico, aquele (demônio) de mente poderosa praticou penitências rígidas por dez mil anos. E por causa do ascetismo dele, como também da força e poder de seus braços ele tornou-se invencível e sempre atormentava (Indra). E, ó impecáveis, conhecendo sua força e austeridade e observância de votos religiosos, Indra ficou agitado e foi dominado pelo medo. E mentalmente ele pensou na divindade eterna, Vishnu. E nisso o senhor gracioso do universo, que está presente em todos os lugares, apareceu e ficou diante dele manifesto. E os sábios e celestiais começaram a propiciar Vishnu com orações. E na sua presença até Agni de seis atributos e de beleza resplandecente, sendo dominado por seu resplendor, ficou

desprovido de brilho, e vendo à sua frente o Deus Vishnu, o chefe dos celestiais que maneja o raio, reverenciando com cabeça baixa prontamente informou Vishnu da fonte de seu medo. Então Vishnu disse, 'Eu sei, ó Sakra, que teu medo procede de Naraka, aquele senhor dos Daityas. Pelo mérito de suas ações ascéticas bem sucedidas ele visa a posição de Indra. Portanto, para te contentar, eu sem dúvida separarei sua alma de seu corpo, embora ele tenha alcançado sucesso em ascetismo. Tu, senhor dos celestiais, espere um momento.' Então o extremamente poderoso Vishnu privou (Naraka) de seus sentidos (por golpeá-lo) com sua mão. E ele caiu sobre a terra assim como o monarca das montanhas atingido pelo (raio). Ele foi morto dessa maneira por um milagre e seus ossos jazem reunidos neste local. Aqui também é manifestado outro ato de Vishnu. Uma vez a terra inteira, tendo sido perdida e afundado para as regiões inferiores, foi levantada por ele na forma de um javali que tinha uma única presa.'

Yudhishthira disse, 'Ó venerável, conte especificamente como Vishnu, o senhor dos celestiais, ergueu a terra afundada cem yojanas? De que maneira também aquele suporte de todas as coisas criadas, a deusa Terra de grande ventura, que dispensa bênçãos e produz todos os tipos de grãos foi tornada estável? Pelo poder de quem ela afundou uma centena de yojanas para baixo, e sob que circunstâncias foi exibida esta maior façanha do Ser Supremo? Ó chefe da linhagem de duas vezes nascidos, eu desejo ouvir tudo acerca disto em detalhes como aconteceu. Certamente isto é conhecido por ti.'

Lomasa disse, 'Ó Yudhishthira, escute a tudo detalhadamente enquanto eu relato a história, a qual tu me pediste (para narrar). Ó filho, antigamente, houve (uma vez) um tempo terrível no Krita Yuga quando a Divindade eterna e primordial assumiu as funções de Yama. E, ó tu que nunca recuas, quando o Deus dos deuses começou a realizar os deveres de Yama não morria uma criatura enquanto os nascimentos eram como de hábito. Então começaram a se multiplicar aves e animais e vacas, e ovelhas, e veados e todas as espécies de animais carnívoros. Ó tigre entre homens e vencedor de inimigos, então a raça humana também aumentou aos milhares assim como uma corrente de água. E, ó meu filho, quando o aumento da população tinha sido tão extraordinário, a Terra oprimida com a carga excessiva afundou cem yojanas abaixo. E sofrendo dor em todos os seus membros, e sendo privada de seus sentidos pela pressão excessiva, a terra em aflição procurou a proteção de Narayana, o principal dos deuses. A terra falou dizendo, 'É por teu favor, ó possuidor dos seis atributos, que eu fui capaz de permanecer até agora na minha posição. Mas eu fui superada pelo peso e agora eu não posso me segurar mais. Cabe a ti, ó encantador, aliviar esta minha carga. Eu procurei tua proteção. Ó senhor; e tu, portanto, estenda a mim tua benevolência.' Ouvindo estas palavras dela, o senhor eterno, possuidor dos seis atributos, disse complacentemente, em palavras proferidas em letras distintas. Vishnu disse, 'Tu não precisas temer, ó Terra aflita, a portadora de todos os tesouros. Eu agirei para que tu possas ser feita leve.'"

"Lomasa disse, 'Tendo assim despedido a Terra, que tem as montanhas como seus brincos, ele transformou-se de repente em um javali com uma presa, e de refulgência excelente. Causando terror com seus olhos vermelhos brilhantes e

emitindo vapores de seu brilho ardente, ele começou a aumentar em magnitude naquela região. Ó herói, então segurando a terra com sua única presa radiante aquele ser que permeia os Vedas ergueu-a cem yojanas. E enquanto ela estava sendo assim erguida seguiu-se uma grande agitação e todos os celestiais, junto com os sábios de riqueza ascética ficaram agitados. E o céu, e o firmamento, e também a Terra ficaram cheios de exclamações de ‘Oh!’ e ‘Ai!’ e nem os celestiais nem homens podiam descansar em paz. Então incontáveis celestiais junto com os sábios foram até Brahma, que estava sentado queimando por assim dizer no seu (próprio) brilho. Então se aproximando de Brahma, o senhor dos celestiais, e a testemunha das ações de todos os seres, eles com mãos cruzadas falaram as seguintes palavras, 'Ó senhor dos celestiais, todos os seres criados ficaram agitados e as criaturas móveis e imóveis estão inquietas. Ó senhor dos celestiais, até os oceanos encontram-se agitados e esta terra inteira foi uma centena de yojanas para baixo. O que há? E é por influência de quem que o universo inteiro está em agitação? Por favor explique isto para nós sem demora, pois nós estamos todos confusos.' Nisso Brahma respondeu, 'Ó imortais, não nutram receio por causa dos Asuras, em qualquer caso ou lugar. Ouçam, ó celestiais, à razão à qual é devida toda esta comoção! Esta agitação nos céus foi produzida pela influência do Ser ilustre que é onipresente, eterno e a Alma que nunca perece. Aquela alma Suprema, Vishnu, levantou a Terra, que tinha afundado totalmente cem yojanas. Esta comoção ocorreu por consequência da terra ser erguida. Saibam disto e dissipem suas dúvidas.' Os celestiais disseram, 'Onde está aquele Ser que com prazer ergueu a Terra? Ó possuidor dos seis atributos, mencione para nós o lugar. Para lá nós iremos.' Brahma disse 'Vão. Que o bem aconteça a vocês! Vocês o encontrarão descansando nos (jardins) Nandana. Lá é visível o glorioso venerável Suparna (Garuda). Depois te ter erguido a Terra, o Ser Supremo de quem o mundo se torna manifesto flameja na forma de um javali, semelhante ao fogo que tudo consome na dissolução universal. E sobre seu peito é realmente vista a jóia Srivatsa. (Vão) e contemplem aquele Ser que não conhece deterioração.'"

"Lomasa disse, 'Então os celestiais, colocando o avô em sua frente, foram àquela Alma infinita, e tendo escutado ao seu louvor, se despediram dele e voltaram para o lugar de onde eles tinham vindo.'"

Vaisampayana disse, "Ó Janamejaya, tendo ouvido esta história, todos os Pandavas sem demora e com entusiasmo começaram a proceder pelo caminho indicado por Lomasa."

142

Vaisampayana disse, "Ó rei, então aqueles principais dos arqueiros, de bravura imensurável, segurando arcos esticados à toda extensão e equipados com aljavas e flechas e usando proteções para os dedos feitas de pele de guana, e com suas espadas postas, procederam com Panchali em direção a Gandhamadana, levando com eles os melhores dos Brahmanas. E em seu caminho eles viram vários lagos, e rios e montanhas e florestas, e árvores de sombras amplamente espalhadas em

topos de montanha e lugares abundando em árvores portando flores e frutas em todas estações e frequentados por celestiais e sábios. E reprimindo seus sentidos dentro de seu eu interno e subsistindo de frutas e raízes, os heróis passaram por regiões acidentadas, escarpadas e de passagem difícil, vendo muitas e várias espécies de animais. Dessa maneira aqueles de grande alma entraram na montanha habitada pelos sábios, os Siddhas e os celestiais, e frequentada pelos Kinnaras e Apsaras. E, ó senhor de homens, quando aqueles heróis poderosos estavam entrando na montanha Gandhamandana ergueu-se lá um vento violento, acompanhado de uma chuva pesada. E devido a isto ergueram-se nuvens imensas de poeira carregando grandes quantidades de folhas secas, que subitamente cobriram a terra, o ar e firmamento. E quando os céus estavam cobertos de pó nada podia ser percebido, e eles nem podiam (os Pandavas) falar uns com os outros. E com olhos envolvidos pela escuridão e empurrados pelo vento carregando partículas de rochas eles não podiam ver uns aos outros. E então começaram a chegar sons poderosos procedentes das árvores, e também daquelas se quebrando constantemente sob a força do vento, e caindo ao solo. E distraídos por rajadas de vento eles pensaram, 'Os céus estão caindo; ou a terra e as montanhas estão sendo despedaçadas?' E com medo do vento eles tatearam em volta com suas mãos e se abrigaram sob as árvores à margem do caminho e formigueiros e em cavernas. Então segurando seu arco e sustentando Krishna o poderoso Bhimasena permaneceu sob uma árvore. E Yudhishthira o justo com Dhaumya rastejou para a floresta profunda. E Sahadeva carregando o fogo sagrado consigo se abrigou em uma rocha. E Nakula junto com Lomasa e outros Brahmanas de grande ascetismo permaneceram com medo, cada um embaixo de uma árvore. Então quando o vento tinha diminuído e a poeira baixado, caiu uma chuva em torrentes. Lá também ergueu-se um barulho forte, como o do raio arremessado; e relâmpagos de lampejar rápido começaram a tremular graciosamente sobre as nuvens. E sendo ajudadas pelo vento veloz, pancadas de chuva caíram sem intervalo, enchendo todos os lados em volta. E, ó senhor de homens, por todos os lados começaram a fluir muitos rios cobertos com espuma e turvos com lama; e estes carregando volumes de água cobertas com balsas espumosas se precipitaram para baixo com ribombar tremendo arrancando árvores. E depois quando aquele som tinha cessado e o ar livre tinha surgido eles (cada um deles) saíram cautelosamente de seus abrigos e se reuniram, ó descendente de Bharata. E então os heróis partiram para a montanha Gandhamadana."

143

Vaisampayana disse, "Quando os filhos de Pandu de grande alma tinham procedido somente suas milhas, Draupadi, desacostumada a viajar a pé, caiu. Fatigada e afligida como ela estava, a pobre filha de Panchala ficou fraca, por causa da tempestade de granizo e também de sua extrema delicadeza. E tremendo com fraqueza, ela de olhos negros apoiou-se em suas coxas com seus braços roliços, adequados (à sua forma graciosa). E assim descansando por se apoiar em suas coxas parecidas com trombas de elefantes, e as quais estavam

em contrato uma com a outra, ela de repente caiu ao chão, tremendo como uma bananeira. E percebendo que a bela estava caindo como uma trepadeira torcida, Nakula correu adiante e sustentou-a. E ele disse, 'Ó rei, esta filha de Panchala de olhos negros, estando exausta, caiu sobre o solo. Portanto, cuide dela, ó filho de Bharata. Não merecedora como ela é de miséria, esta senhora de passo lento foi sujeitada a grandes sofrimentos, e ela está também desgastada com as fadigas da viagem. Ó rei poderoso, portanto, conforte-a.'"

Vaisampayana disse, "Tendo ouvido estas palavras de Nakula, o rei como também Bhima e Sahadeva ficaram muito aflitos, e correram depressa em direção a ela. E encontrando-a fraca, e seu rosto pálido, o filho pio de Kunti começou a lamentar em pesar, pegando-a em seu colo. Yudhishthira disse, 'Acostumada à comodidade, e merecendo dormir em quartos bem protegidos, em camas cobertas com lençóis finos, como esta bela jaz prostrada no chão? Ai! (Só) por minha causa, os pés delicados e o rosto semelhante ao lótus desta que merece todas as coisas excelentes, contraíram uma cor azul escura. O que eu fiz? Tolo que eu sou, tendo sido viciado nos dados, eu tenho estado vagando na floresta cheia de animais selvagens, levando Krishna em minha companhia. Esta de olhos grandes foi concedida por seu pai, o rei dos Drupadas, na esperança de que a moça abençoada fosse feliz por obter os filhos de Pandu como seus maridos. É por causa da minha pessoa desventurada que, sem obter qualquer coisa esperada, ela dorme prostrada no chão, cansada com sofrimentos, tristeza e viagem!"

Vaisampayana disse, "Enquanto o rei Yudhishthira o justo estava lamentando dessa maneira, Dhaumya com todos os outros Brahmanas principais foram ao local. E eles começaram a consolá-lo e honrá-lo com bênçãos. E eles recitaram mantras capazes de afastar Rakshasas e (para este fim) também realizaram ritos. E após os mantras serem recitados pelos grandes ascetas, para a restauração da saúde (de Panchali), Panchali frequentemente tocada pelos Pandavas com suas palmas calmantes e abanada pelas brisas frescas sobrecarregadas com partículas de água, sentiu-se reconfortada, e gradualmente recuperou seus sentidos. E notando que aquela senhora pobre esgotada tinha recuperado seus sentidos, os filhos de Pritha, colocando-a sobre peles de veado, fizeram-na descansar. E pegando seus pés de solas vermelhas, portando marcas auspiciosas, os gêmeos começaram a massageá-los suavemente com suas mãos cicatrizadas pela corda do arco. E Yudhishthira o justo, o principal dos Kurus, também confortou-a e se dirigiu a Bhima nas seguintes palavras: 'Ó Bhima, ainda restam muitas montanhas (à nossa frente), acidentadas, e inacessíveis por causa da neve. Como, ó de longos braços, Krishna passará por elas?' Então Bhima disse, 'Ó rei, eu mesmo te carregarei, junto com esta princesa e estes touros entre homens, os gêmeos; portanto, ó rei dos reis, não abandone tua mente ao desespero. Ou, por tua ordem, ó impecável, o filho de Hidimava, o poderoso Ghatotkacha, que é capaz de percorrer os céus e que é semelhante a mim em força, carregará todos nós.'"

Vaisampayana disse, "Então com a permissão de Yudhishthira Bhima pensou em seu filho Rakshasa. E logo que ele foi pensado por seu pai o pio Ghatotkacha fez seu aparecimento e, saudando os Pandavas e os Brahmanas, permaneceu com as mãos unidas. E eles também afagaram ele de braços poderosos. Ele

então se dirigiu a seu pai, Bhimasena de bravura terrível, dizendo, 'Tendo sido pensado por ti eu vim aqui com velocidade, para te servir. Ó de braços longos, ordene-me. Eu certamente serei capaz de realizar o que quer que tu ordenes.' Ouvindo-o, Bhimasena estreitou o Rakshasa em seu peito."

144

"Yudhishthira disse, 'Ó Bhima, que este chefe Rakshasa forte e heróico, teu filho legítimo, dedicado a nós, e sincero, e conhecedor da virtude carregue (sua) mãe (Draupadi) sem demora. E, ó possuidor de bravura terrível, dependendo da força dos teus braços eu alcançarei Gandhamadana, ileso, junto com a filha de Panchala.'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo as palavras de seu irmão, aquele tigre entre homens, Bhimasena, ordenou seu filho, Ghatotkacha, repressor de inimigos, dizendo, 'Ó filho invencível de Hidimva, esta tua mãe está muito cansada. Tu és, além disso, forte e capaz de ir onde quer que tu queiras. Portanto, ó viajante dos céus, carregue-a. Que a prosperidade te acompanhe! Levando-a em teus ombros, tu seguirás em nossa companhia, adotando um percurso não muito aéreo, para que tu não possas torná-la apreensiva.' Nisso Ghatotkacha disse, 'Mesmo sozinho eu sou capaz de carregar Yudhishthira o justo, e Dhaumya, e Krishna, e os gêmeos, é de admirar então que eu os carregue hoje, quando eu tenho outros para me ajudar? E, ó impecável, centenas de outros (Rakshasas) heróicos, capazes de se mover pelo céu, e de assumir qualquer forma à vontade, juntos carregarão vocês todos com os Brahmanas."

Vaisampayana disse, "Dizendo isso, Ghatotkacha carregou Krishna no meio dos Pandavas, e os outros (Rakshasas) também começaram a carregar os Pandavas. E em virtude de sua energia natural, Lomasa de resplendor incomparável se deslocou pelo caminho dos Siddhas, semelhante a um segundo sol. E por ordem do senhor dos Rakshasas, aqueles Rakshasas de destreza magnífica começaram a proceder, carregando todos os outros Brahmanas, e contemplando muitas florestas pitorescas. E eles procederam em direção à gigantesca árvore de jujuba. E carregados pelos Rakshasas de grande velocidade, procedendo em um passo rápido, os heróis passaram rapidamente por caminhos muito longos, como se fossem curtos. E no seu caminho eles viram várias regiões apinhadas de pessoas Mlechchha, e contendo minas de diversas pedras preciosas. E eles também viram morros pequenos ricos em vários minerais, apinhados com Vidyadharas, habitados por todos os lados por macacos e Kinnaras e Kimpurushas, e Gandharvas, e cheios de pavões, e chamaras, e símios, e rurus, e ursos, e gavayas, e búfalos, cruzados por uma rede de regatos, e habitados por várias aves e animais, e embelezado por elefantes, e abundando em árvores e aves embevecidas. Depois de terem assim passado por muitos países, e também os Uttarakurus, eles viram aquela principal das montanhas, a Kailasa, contendo muitas maravilhas. E ao lado dela eles viram o eremitério de Nara e Narayana, com árvores celestes dando flores e frutas em todas as

estações. E eles também contemplaram aquela bela jujuba de tronco redondo. E ela era viçosa; e de sombra profunda; e de beleza excelente; e de folhagem espessa, macia e lisa; e saudável; tendo ramos gigantescos; amplamente espalhada; de brilho incomparável; e portando frutos maduros de bom gosto e sagrados gotejando mel. E aquela árvore celeste era visitada por hostes de sábios poderosos, e era sempre habitada por várias aves enlouquecidas com vivacidade animal. E ela crescia em um local desprovido de mosquitos e moscardos, e abundando em frutas e raízes e água, e coberto com grama verde, e habitado pelos celestiais e os Gandharvas, e de superfície plana, e naturalmente sadio, e belo e tranquilo e de sensação delicada. Tendo alcançado aquela (árvore) junto com aqueles touros entre os Brahmanas, eles de grande alma desceram suavemente dos ombros dos Rakshasas. Então em companhia com aqueles touros entre os duas vezes nascidos, os Pandavas contemplaram aquele retiro pitoresco presidido por Nara e Narayana; desprovido de escuridão; e sagrado; e intocado pelos raios solares; e livre daqueles embaraços, isto é, fome, e sede, calor e frio, e removendo (toda) tristeza; e apinhado com hostes de sábios poderosos; e adornado com a graça procedente dos Vedas, Saman, Rich, e Yajus; e, ó rei, inacessível aos homens que renunciaram à religião; e embelezado com oferendas, e homas; e sagrado; e bem varrido e revestido; e brilhando por toda parte com oferendas de flores celestes; e coberto com altares de fogo sacrifical, e conchas e vasos sagrados; e agraciado com grandes jarros de água e cestos, e o refúgio de todos os seres; e ecoando com o canto dos Vedas; e celestial, e digno de ser habitado; e removendo a fadiga; e acompanhado por esplendor e de mérito incompreensível; e majestoso com qualidades divinas. E o eremitério era habitado por hostes de grandes sábios, subsistindo de frutas e raízes; e tendo seus sentidos sob perfeito controle; e vestidos em camurças pretas; e refulgentes como o Sol e Agni; e de almas magnificadas por ascetismo e concentrados na emancipação; e levando o modo de vida Vanaprastha; e de sentidos subjugados; e identificados com a Alma Suprema; e de grande ventura; e recitando hinos Védicos. Então tendo se purificado e reprimido seus sentidos, aquele filho de Dharma, o inteligente Yudhishthira de energia excelente, acompanhado por seus irmãos, aproximou-se aqueles sábios. E todos os grandes sábios dotados de conhecimento sobrenatural, sabendo que Yudhishthira tinha chegado, receberam-no alegremente. E aqueles sábios dedicados à recitação dos Vedas, e semelhantes ao próprio fogo, depois de terem concedido bênçãos a Yudhishthira, alegremente lhe conferiram recepção apropriada. E eles lhe deram água limpa e flores e raízes. E Yudhishthira o justo recebeu com respeito as coisas oferecidas com alegria para sua recepção pelos grandes sábios. E então, ó impecável, o filho de Pandu junto com Krishna e seus irmãos, e milhares de Brahmanas versados nos Vedas e nos Vendangas, entraram naquele eremitério sagrado, semelhante à residência de Sukra e agradando à mente com odores celestiais e parecendo o próprio céu e cheio de beleza. Lá o virtuoso (Yudhishthira) viu o eremitério de Nara e Narayana, embelezado pelo Bhagirathi e adorado pelos deuses e sábios celestes. E vendo aquele eremitério habitado pelos Brahmarshis e contendo frutos gotejando mel, os Pandavas estavam cheios de alegria. E tendo alcançado aquele lugar, eles de grande alma começaram a morar com os Brahmanas. Contemplando lá o lago sagrado Vinda, e a montanha Mainaka, de topos

dourados e habitada por várias espécies de aves, os magnânimos viveram felizmente com alegria. O filho de Pandu junto com Krishna teve prazer em percorrer florestas excelentes e cativantes, brilhando com flores de todas as estações; belas por toda parte com árvores portando flores abertas; e abaixadas com o peso de frutos e visitadas pelos numerosos kokilas machos, e de folhagem lustrosa; e grossas e tendo sombra fresca e encantadoras de se ver. Eles se deleitaram em contemplar diversos lagos belos de água límpida e todos brilhando por todos os lados com lotos e lírios. E lá, ó senhor, a brisa suave carregando fragrância pura soprava alegrando todos os Pandavas, junto com Krishna. E junto à jujuba gigantesca, o filho poderoso de Kunti viu o Bhagirathi de descida fácil e fresco e provido de lotos viçosos e tendo escadas feitas de rubis e corais e agraciado com árvores e coberto com flores celestes, e agradável para a mente. E naquele local, frequentado por celestiais e sábios, e extremamente inacessível, eles, depois de terem se purificado ofereceram oblações para os Pitris e os deuses e os Rishis nas águas sagradas do Bhagirathi. Assim aqueles touros entre homens, os perpetuadores heróicos da linhagem Kuru, começaram a residir lá com os Brahmanas oferecendo oblações e praticando meditação. E aqueles tigres entre homens, os Pandavas de aparência semelhante à dos deuses, sentiram prazer em testemunhar as várias diversões de Draupadi."

145

Vaisampayana disse, "Lá observando limpeza, aqueles tigres entre homens moraram por seis noites, na expectativa de ver Dhananjaya. E aconteceu que de repente soprou lá um vento do nordeste e trouxe um lótus celeste de mil pétalas e refulgente como o sol. E Panchali viu aquele lótus puro e encantador de fragrância sobrenatural, trazido pelo vento e deixado sobre o solo. E tendo obtido aquele lótus excelente e belo, aquela abençoada ficou muito encantada, ó rei, e dirigiu-se a Bhimasena nas seguintes palavras, 'Veja, ó Bhima, esta flor sobrenatural muito bela tendo dentro de si a própria fonte da fragrância. Ela alegra meu coração, ó repressor de inimigos. Esta deve ser oferecida para Yudhishthira o justo. Portanto, obtenha outras para minha satisfação, para que eu possa levá-las para nosso eremitério no Kamyaka. Se, ó filho de Pritha, eu tenho encontrado graça contigo, então obtenha outras desta espécie em grande número. Eu desejo levá-las para nosso eremitério.' Tendo dito isso, a inocente senhora de olhares belos se aproximou de Yudhishthira o justo, levando a flor. E conhecendo o desejo da sua rainha querida aquele touro entre homens, Bhima de grande força, também partiu, para satisfazê-la. E planejando buscar as flores, ele começou a proceder em passo rápido, encarando o vento, na direção da qual a flor tinha vindo. E levando o arco incrustado com ouro nas costas como também flechas semelhantes a cobras venenosas, ele prosseguiu como um leão com raiva ou um elefante no cio. E todos os seres o fitaram, segurando um arco e flechas poderosos. E nem exaustão, nem langor, nem medo nem confusão alguma vez possuíram o filho de Pritha e a prole de Vayu (vento). E desejoso de agradar Draupadi o poderoso, livre de medo ou confusão, subiu o pico dependendo da força dos seus braços. E

aquele matador de inimigos começou a percorrer aquele pico belo coberto com árvores, trepadeiras e de base rochosa preta; e frequentado por Kinnaras; e matizado com minerais, plantas, animais, e aves de várias cores; e parecendo com um braço erguido da Terra adornado com um conjunto inteiro de ornamentos. E ele de bravura inigualável prosseguiu, fixando seu olhar nas ladeiras do Gandhamadana, belas com flores de todas as estações, e revolvendo vários pensamentos em sua mente e com seus ouvidos, olhos e mente fixados nos lugares que ressoavam com as notas de kokilas machos e com o zumbido de abelhas pretas. E como um elefante no cio vagando louco em uma floresta ele de grande bravura cheirou o odor raro procedente das flores de todas as estações. E ele era abanado pela brisa fresca do Gandhamadana carregando os perfumes de várias flores e refrescante como o toque de um pai. Ao sua fadiga ser removida os pelos do seu corpo se arrepiaram. E naquele estado aquele repressor de inimigos em busca das flores começou a examinar toda a montanha, habitada por Yakshas e Gandharvas e celestiais e Brahmarshis. E tocado pelas folhas da árvore Saptachchada, coberto com minerais frescos vermelhos, pretos e brancos, ele parecia como se estivesse enfeitado com linhas de unguentos sagrados desenhadas por dedos. E com nuvens se espalhando em seus lados, a montanha parecia dançar com asas estendidas. E por causa das águas escoando de fontes ela parecia estar enfeitada com colares de pérolas. E ela continha cavernas e arvoredos e cascatas e grutas pitorescas. E lá havia pavões excelentes dançando ao tilintar dos braceletes das Apsaras. E sua superfície rochosa estava desgastada pelas pontas das presas dos elefantes que presidiam os pontos cardeais. E com as águas de rios caindo sobre a terra, a montanha parecia como se suas roupas estivessem sendo afrouxadas. E aquele gracioso filho do Deus do Vento galhofeiramente e alegremente seguiu em frente, empurrando para longe por sua força inúmeras trepadeiras entrelaçadas. E veados o fitaram em curiosidade, com grama em suas bocas. E não tendo sentido medo (alguma vez antes), eles não ficaram alarmados, e não fugiram. E estando engajado em realizar o desejo de seu amor, o filho jovem de Pandu, robusto e de esplendor semelhante à cor do ouro; e tendo um corpo forte como um leão; e andando como um elefante furioso; e possuindo a força de um elefante furioso; e tendo olhos acobreados semelhantes àqueles de um elefante furioso; e capaz de controlar um elefante furioso começou a percorrer os lados românticos de Gandhamadana com seus olhos belos erguidos; e expondo por assim dizer um novo tipo de beleza. E as esposas de Yakshas e Gandharvas sentadas invisíveis ao lado de seus maridos o fitaram, virando seus rostos com vários movimentos. Concentrado em satisfazer Draupadi exilada nas florestas, quando ele estava percorrendo o belo Gandhamadana, ele lembrou-se das muitas e várias aflições causadas por Duryodhana. E ele pensou, 'Agora que Arjuna permanece no céu e que eu também saí para obter as flores, o que nosso irmão Yudhishthira fará no momento? Certamente, por afeição e duvidando da sua destreza, aquele principal dos homens, Yudhishthira, não deixará Nakula e Sahadeva virem à nossa procura. Como, além disso, eu posso obter as flores logo?' Pensando assim, aquele tigre entre homens procedeu à toda velocidade como o rei das aves, sua mente e vista fixados na face encantadora da montanha. E tendo como seus mantimentos na viagem as palavras de Draupadi, o filho poderoso de Pandu, Vrikodara, Bhima,

dotado de força e da rapidez do vento, com sua mente e vista fixadas nas ladeiras floridas da montanha, procedeu rapidamente, fazendo a terra tremer com seus passos, assim como faz um furacão no equinócio; e assustando manadas de elefantes e oprimindo leões e tigres e veados e arrancando e despedaçando árvores grandes e removendo para longe à força as plantas e trepadeiras, como um elefante subindo cada vez mais alto o topo de uma montanha; e rugindo ferozmente assim como uma nuvem acompanhada com trovão. E despertados por aquele rugir poderoso de Bhima, tigres saíram de suas tocas, enquanto outros caminhantes da floresta se esconderam. E as aves dos céus ergueram-se (em seu vôo) assustadas. E rebanhos de veados fugiram rapidamente. E aves deixaram as árvores (e fugiram). E leões abandonaram suas tocas. E os leões poderosos foram despertados de seu sono. E os búfalos fitaram. E os elefantes apavorados, deixando aquela floresta, correram para florestas mais extensas acompanhados por suas fêmeas. E os javalis e os veados e os leões e os búfalos e os tigres e os chacais e os gavayas da floresta começaram a gritar em manadas. E os gansos rosados, e as galinholas e os patos e os karandavas e os plavas e os papagaios e os kokilas machos e as garças em confusão fugiram em todas as direções, enquanto alguns elefantes orgulhosos incitados por seus companheiros, como também alguns leões e elefantes com raiva, se lançaram sobre Bhimasena. E como eles estavam profundamente perturbados por causa do medo, aqueles animais ferozes, soltando urina e estrume, deram gritos altos com bocas escancaradas. Então o ilustre e gracioso filho do Deus do Vento, o poderoso Pandava, dependendo da força de seus braços, começou a matar um elefante com outro elefante e um leão com outro leão enquanto ele liquidava os outros com bofetadas. E ao serem atingidos por Bhima os leões e os tigres e os leopardos apavorados davam gritos altos e soltavam urina e estrume. E depois de tê-los destruído o filho belo de Pandu, possuidor de força imensa, entrou na floresta, fazendo todos os lados ressoarem com seus gritos. E então ele de braços longos viu nas ladeiras de Gandhamadana uma bela bananeira se espalhando por muitos yojanas. E semelhante a um leão furioso, ele de grande força procedeu a toda velocidade em direção àquela árvore derrubando várias plantas. E aquela principal das pessoas fortes, Bhima, arrancando inúmeros troncos da bananeira iguais em altura à muitas palmeiras (colocadas umas sobre as outras), jogou-as para todos os lados com força. E ele muito poderoso, altivo como um leão macho, emitiu gritos. E então ele enfrentou bestas inumeráveis de tamanho gigantesco, e veados, e macacos, e leões, e búfalos, e animais aquáticos. E com os gritos destes, e com os gritos de Bhima, até os animais e aves que estavam em partes distantes da floresta ficaram todos assustados. E ouvindo aqueles gritos de animais e aves, miríades de aves aquáticas de repente ergueram-se em asas molhadas. E vendo aquelas aves aquáticas, aquele touro entre os Bharatas procedeu naquela direção; e viu um lago vasto e fabuloso. E aquele lago insondável estava, por assim dizer, sendo abanado pelas árvores bananeira na margem, sacudidas pelas brisas suaves. E imediatamente descendo ao lago rico em lírios e lotos, ele começou a se divertir vigorosamente como um poderoso elefante enlouquecido. Tendo se divertido lá dessa maneira por um longo tempo, ele de esplendor incomensurável subiu, para penetrar com velocidade naquela floresta cheia de árvores. Então o Pandava soprou com toda sua força sua concha

de som alto. E batendo em seus braços com suas mãos, o poderoso Bhima fez todos os pontos de céu ressoarem. E enchidas com os sons da concha, e com os gritos de Bhimasena, e também com os estrondos produzidos pelo golpear dos seus braços, as cavernas da montanha pareciam como se elas estivessem rugindo. E ouvindo aqueles sons de golpes de braços, semelhantes ao estrondo do trovão, os leões que estavam dormindo nas cavernas proferiram uivos poderosos. E estando apavorados pelos gritos dos leões, os elefantes, ó Bharata, deram rugidos tremendos, os quais encheram a montanha. E ouvindo aqueles sons emitidos, e conhecendo também Bhimasena como sendo seu irmão, o macaco Hanuman, o chefe dos macacos, com o objetivo de fazer o bem para Bhima, obstruiu o caminho que levava ao céu. E pensando que ele (Bhima) não deveria passar por aquele caminho, (Hanuman) deitou-se de lado no atalho estreito, embelezado por bananeiras, obstruindo-o pela segurança de Bhima. Com o objetivo que Bhima não pudesse obter maldição ou derrota, por entrar na floresta de bananeiras o macaco Hanuman de corpo enorme deitou-se em meio às árvores bananeira, sendo dominado pela sonolência. E ele começou a bocejar, chicoteando seu rabo comprido, erguido como o poste consagrado à Indra, e ressoando como trovão. E por todos os lados em volta as montanhas pelas bocas das cavernas emitiram aqueles sons em eco, como uma vaca mugindo. E como ela estava sendo sacudida pelos estrondos produzidos pelo chicotear do rabo, a montanha com seus topos tremendo começou a cair em pedaços ao redor. E vencendo aquele rugido de elefantes loucos, os sons de seu rabo se espalharam pelas diversas ladeiras da montanha.

Ao ouvir aqueles sons os pelos do corpo de Bhima se arrepiaram; e ele começou a percorrer aquela floresta de bananeiras à procura daqueles sons. E ele de braços poderosos viu o chefe dos macacos na floresta de bananeiras, sobre uma base rochosa elevada. E ele era difícil de ser olhado assim como o relâmpago; e de cor acobreada como a do relâmpago; e dotado da voz do relâmpago; e de movimento rápido como o relâmpago; e tendo seu pescoço curto robusto sustentado sobre seus ombros; e com sua cintura fina por causa da corpulência de seus ombros. E seu rabo coberto com pelo comprido, e um pouco dobrado na ponta, estava erguido como um estandarte. E (Bhima) viu a cabeça de Hanuman provida de lábios pequenos, e rosto e língua acobreados, e orelhas vermelhas, e olhos vivos, e incisivos brancos expostos de pontas afiadas. E sua cabeça era semelhante à lua brilhante; adornada com dentes brancos dentro da boca; e com juba espalhada por cima, parecendo uma pilha de flores asoka. E no meio das árvores bananeiras douradas, ele de refulgência excelente estava deitado como um fogo ardente, com seu corpo radiante. E aquele matador de inimigos estava lançando olhares com seus olhos avermelhados com embriaguez. E o inteligente Bhima viu aquele poderoso chefe dos macacos, de corpo enorme, deitado como o Himalaya, obstruindo o caminho do céu. E vendo-o sozinho naquela floresta imensa, o atlético Bhima impávido, de braços longos, aproximou-se dele com passos rápidos, e proferiu um grito alto parecido com o trovão. E àquele grito de Bhima, animais e aves ficaram todos alarmados. O poderoso Hanuman, no entanto, abrindo seus olhos parcialmente olhou (para Bhima) com desconsideração, com olhos avermelhados com embriaguez. E então dirigindo-se

a ele sorridente, Hanuman disse as seguintes palavras, 'Indisposto como eu estou, eu estava dormindo docemente. Por que tu me acordaste? Tu deves mostrar bondade para todas as criaturas, porque tu tens racionalidade. Pertencendo à espécie animal, nós somos ignorantes da virtude. Mas sendo dotados de raciocínio os homens demonstram bondade para as criaturas. Por que então pessoas racionais como tu se envolvem em ações que contaminam igualmente corpo, fala, e coração, e destrutivas da virtude? Tu não sabes o que é virtude, nem tu tens recebido conselho dos sábios. E portanto é por ignorância e infantilidade que tu destróis os animais inferiores. Diga quem és tu, e por que tu vieste à floresta desprovida de humanidade e seres humanos? E, ó principal dos homens, diga também para onde tu vais hoje. Mais adiante é impossível prosseguir. Além as colinas são inacessíveis. Ó herói, salvo a passagem obtida pela prática de ascetismo, não há passagem para aquele local. Este é o caminho dos celestiais; ele é sempre intransponível para mortais. Por bondade, ó herói, eu te desaconselho. Ouça minhas palavras. Tu não podes proceder mais além deste lugar. Portanto, ó senhor, desista. Ó chefe de homens, hoje da mesma maneira tu és bem vindo a este local. Se tu achares apropriado aceitar minhas palavras, então, ó melhor dos homens, descanse aqui, partilhando de frutas e raízes, doces como ambrosia, e não tenha a ti mesmo destruído por nada.'"

146

Vaisampayana disse, "Ó repressor de inimigos, ouvindo estas palavras do inteligente chefe dos macacos, o heróico Bhima respondeu, 'Quem és tu? E por que também tu assumiste a forma de um macaco? É um Kshatriya, alguém de uma classe próxima aos Brahmanas, que te pergunta. E ele pertence à linhagem Kuru e à descendência lunar, e foi carregado por Kunti em seu útero, e é um dos filhos de Pandu, e é filho do Deus do Vento, e é conhecido pelo nome de Bhimasena.' Ouvindo estas palavras do herói Kuru, Hanuman sorriu, e aquele filho do Deus do Vento (Hanuman) falou para aquele filho do Deus do Vento (Bhimasena), dizendo, 'Eu sou um macaco, eu não te darei a passagem que tu desejas. Melhor desistir e voltar. Não encontre com a destruição.' Nisto Bhimasena respondeu, 'Eu não te pergunto sobre destruição oriunda de qualquer coisa mais, ó macaco. Dê-me passagem. Levante! Não obtenha dor nas minhas mãos.' Hanuman disse, 'Eu não tenho força para levantar; eu estou sofrendo de doença. Se tu precisas, siga por saltar por cima de mim.' Bhima disse, 'A Alma Suprema desprovida das propriedades permeia um corpo por todos os lados. Eu não posso desrespeitar Ele reconhecível somente pelo conhecimento. E portanto, eu não te saltarei. Se eu não conhecesse Ele de quem se tornam manifestas todas as criaturas, eu saltaria por cima de ti e também da montanha, assim como Hanuman saltou por cima do oceano.' Então Hanuman disse, 'Quem é este Hanuman, que saltou sobre o oceano? Eu te pergunto, ó melhor dos homens. Conte se tu puderes.' Bhima respondeu, 'Ele é meu irmão, excelente com toda perfeição, e dotado de inteligência e força de mente e corpo. E ele é o chefe ilustre dos macacos, renomado no Ramayana. E pela rainha de Rama aquele rei dos

macacos com um único salto cruzou o oceano que se estende por cem yojanas. Aquele poderoso é meu irmão. Eu sou igual a ele em energia, força e coragem e também em luta. E sou capaz de te punir. Assim levante. Ou dê-me passagem ou testemunhe hoje minha bravura. Se tu não obedeceres minha ordem eu te mandarei para a residência de Yama.'"

Vaisampayana continuou, "Então sabendo que ele (Bhima) estava embriagado pela força, e orgulhoso do poder de seus braços, Hanuman, desprezando-o no coração disse as seguintes palavras, 'Ceda tu, ó impecável. Por causa da idade eu não tenho força para levantar. Por compaixão por mim, siga, movendo meu rabo para o lado.' Sendo assim endereçado por Hanuman, Bhima orgulhoso da força de seus braços tomou-o por alguém desprovido de energia e coragem, e pensou consigo mesmo, 'Pegando firmemente o rabo, eu mandarei este macaco desprovido de energia e coragem para a região de Yama.' Nisso, com um sorriso ele segurou com desprezo o rabo com sua mão esquerda; mas não pode mover aquele rabo do macaco poderoso. Então com ambos os braços ele puxou-o, parecendo com o poste erguido em honra de Indra. Ainda assim o poderoso Bhima não pode erguer o rabo com ambos os seus braços. E suas sobrancelhas estavam contraídas para cima, e seus olhos rolaram, e seu rosto estava contraído em rugas e seu corpo estava coberto de suor; e ainda assim ele não pode erguê-lo. E quando depois de ter se esforçado o ilustre Bhima fracassou em erguer o rabo, ele se aproximou do lado do macaco, e ficou com uma expressão acanhada. E se curvando, o filho de Kunti, com mãos unidas, falou estas palavras, 'Ceda tu, ó principal dos macacos; e perdoe-me por minhas palavras duras. Tu és um Siddha, ou um deus, ou um Gandharva, ou um Guhyaka? Eu te pergunto por curiosidade. Diga-me quem és tu que assumiste a forma de macaco, se isto não for um segredo, ó de braços longos, e se eu posso saber isto apropriadamente. Eu te pergunto como um discípulo, e eu, ó impecável, procuro tua proteção.' Então Hanuman disse, 'Ó repressor de inimigos, até a extensão da tua curiosidade para me conhecer, eu relatarei tudo detalhadamente. Escute, ó filho de Pandu! Ó de olhos de lótus, eu fui gerado por aquele Deus do Vento, aquela vida do mundo, na esposa de Kesari. Eu sou um macaco, de nome Hanuman. Todos os poderosos reis dos macacos, e chefes dos macacos costumavam servir aquele filho do sol, Sugriva, e aquele filho de Sakra, Vali. E, ó repressor de inimigos, uma amizade existia entre mim e Sugriva, assim como entre o vento e o fogo. E por alguma razão, Sugriva, expulso por seu irmão, por um longo tempo morou comigo no Hrisyamukh. E aconteceu que o poderoso filho de Dasaratha, o heróico Rama, que é o próprio Vishnu na forma de um ser humano, tomou seu nascimento neste mundo. E em companhia com sua rainha e irmão, pegando seu arco, aquele principal dos arqueiros com o objetivo de conseguir o bem-estar de seu pai começou a residir na floresta Dandaka. E de Janasthana, aquele poderoso monarca Rakshasa, o perverso Ravana levou embora sua rainha (de Rama) por meio de estratagema e força, enganando, ó impecável, aquele principal dos homens, através da agência de um Rakshasa, Maricha, que assumiu a forma de um veado marcado com manchas semelhantes a jóias e douradas.'"

147

"Hanuman disse, 'E depois que sua esposa tinha sido capturada, aquele descendente de Raghu, enquanto procurava por sua rainha com seu irmão, encontrou, no topo daquela montanha, com Sugriva, chefe dos macacos. Então uma amizade foi contraída entre ele e Raghava de grande alma. E o último, tendo matado Vali, instalou Sugriva no reino. E tendo obtido o reino, Sugriva enviou macacos às centenas e aos milhares à procura de Sita. E, ó melhor dos homens, eu também com inúmeros macacos parti em direção ao sul em busca de Sita, ó de braços poderosos. Então um urubu poderoso de nome Sampati comunicou as informações que Sita estava na residência de Ravana. Por isso, com o objetivo de assegurar o sucesso para Rama, eu de repente saltei sobre o oceano que se estende por cem yojanas. E, ó chefe dos Bharatas, tendo por minha própria destreza cruzado o oceano, aquela residência de tubarões e crocodilos, eu vi na residência de Ravana a filha do rei Janaka, Sita, semelhante à filha de um celestial. E tendo encontrado aquela senhora, Vaidehi, amada de Rama, e queimado Lanka inteira com suas torres e baluartes e portões, e proclamado meu nome lá, eu retornei. Ouvindo tudo de mim Rama de olhos de lótus imediatamente determinou seu rumo de ação, e tendo construído uma ponte através do mar para a passagem de seu exército cruzou-a seguido por miríades de macacos. Então por bravura Rama matou aqueles Rakshasas em batalha, e também Ravana, o opressor dos mundos junto com seus seguidores Rakshasa. E tendo matado o rei dos Rakshasas, com seu irmão, e filhos e parentes, ele instalou no reino em Lanka o chefe Rakshasa, Vibhishana, devoto, e reverente, e bondoso para dependentes leais. Então Rama recuperou sua esposa assim como a revelação Vaidic perdida. Então o filho de Raghu, Rama, com sua esposa devotada, voltou para sua própria cidade, Ayodhya, inacessível para inimigos; e aquele senhor de homens começou a morar lá. Então aquele principal dos reis, Rama, foi estabelecido no reino. Depois disso eu pedi um benefício de Rama de olhos de lótus, dizendo, 'Ó matador de inimigos, Rama, que eu possa viver enquanto a história dos teus feitos permanecer existente sobre a terra!' Então ele disse, 'Assim seja.' Ó repressor de inimigos, ó Bhima, pela graça de Sita também, aqui todos os objetos excelentes de entretenimento são fornecidos para mim, e para quem quer que resida neste lugar. Rama reinou por onze mil anos. Então ele ascendeu para sua própria residência. Desde então, aqui Apsaras e Gandharvas me deleitam, cantando para sempre os feitos daquele herói, ó impecável. Ó filho dos Kurus, este caminho é intransponível para mortais. Por isto, ó Bharata, como também com o propósito que ninguém possa te derrotar ou amaldiçoar, eu impedi tua passagem por este caminho trilhado pelos imortais. Este é um dos caminhos para o céu, para os celestiais; mortais não passam por este caminho. Mas o lago à procura do qual tu vieste está localizado mesmo naquela direção.'"

148

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado, o poderoso Bhimasena de braços fortes, afetuosamente, e com o coração alegre curvou-se a seu irmão, Hanuman, o chefe dos macacos, e disse em palavras gentis, 'Ninguém é mais afortunado do que eu sou; agora que eu vi meu irmão mais velho. Isto é um grande favor concedido para mim; e eu estou bem satisfeito contigo. Agora eu desejo que tu possas realizar este meu desejo. Eu desejo ver, ó herói, aquela tua forma incomparável que tu tinhas naquele tempo ao pular sobre o oceano, aquela residência de tubarões e crocodilos. Assim eu estarei satisfeito, e também acreditarei nas tuas palavras.' Assim endereçado, aquele macaco poderoso disse com um sorriso, 'Aquela minha forma nem tu, nem ninguém mais pode contemplar. Naquela era, o estado das coisas era diferente, e não existe na atualidade. Na era Krita, o estado de coisas era um; e na Treta, outro; e no Dwapara, ainda outro. A diminuição está em andamento nesta era; e eu não tenho aquela forma agora. A terra, rios, plantas, e rochas, e siddhas, deuses, e sábios celestes se adaptam ao Tempo, em harmonia com o estado das coisas nos diferentes yugas. Portanto, não deseje ver minha forma antiga, ó perpetuador da raça Kuru. Eu estou me adaptando à tendência da época. Na verdade, o Tempo é irresistível.' Bhimasena disse, 'Fale-me da duração dos diferentes yugas, e dos diferentes modos e costumes e da virtude, prazer e lucro, e de ações, e energia, e de vida e morte nos diferentes yugas.' Então Hanuman disse, 'Ó filho, é chamado Krita aquele yuga quando a única religião eterna era existente. E naquele melhor dos yugas todos tinham perfeição religiosa, e, portanto, não havia necessidade de ações religiosas. E então a virtude não conhecia deterioração; nem as pessoas decaíam. É por isto que esta era é chamada de Krita (perfeita). Mas com o tempo o yuga veio a ser considerado como um inferior. E, ó filho, na era Krita, não havia nem deuses, nem demônios, nem Gandharvas, nem Yakshas, nem Rakshasas, nem Nagas. E não havia compra e venda. E o Sama, o Rick, e o Yajus não existiam. E não havia trabalho manual. E então as necessidades da vida eram obtidas somente por serem pensadas. E o único mérito estava em renunciar ao mundo. E durante aquele yuga não havia nem doença, nem caducidade dos sentidos. E não havia nem malícia, nem orgulho, nem hipocrisia, nem discórdia, nem animosidade, nem astúcia, nem temor, nem tristeza, nem inveja, nem cobiça. E por isto, aquele refúgio primordial de Yogues, o Brahma Supremo, era alcançável para todos. E Narayana usando uma cor branca era a alma de todas as criaturas. E no Krita Yuga as características distintivas de Brahmanas, Kshatriyas, Vaisyas, e Sudras eram naturais e estes sempre aderiam aos seus respectivos deveres. E então Brahma era o único refúgio, e seus modos e costumes eram naturalmente adaptados à realização de Brahma, e os objetos de seu conhecimento era o único Brahma, e todas as suas ações também tinham referência à Brahma. Dessa maneira todas as classes alcançavam mérito. E uma Alma uniforme era o objeto de sua meditação; e havia um único mantra (o Om), e havia uma ordenança. E embora de características diferentes, todos eles seguiam um único Veda; e eles tinham uma religião. E de acordo com as divisões de

tempo, eles levavam os quatro modos de vida, sem visar qualquer objeto, e assim eles alcançavam a emancipação. A religião que consiste na identificação do eu com Brahma indica o Krita Yuga. E no Krita Yuga a virtude das quatro classes é totalmente inteira em medida quádrupla. Tal é o Krita Yuga desprovido das três qualidades. Ouça também de mim a respeito do caráter do Treta Yuga. Nesta era sacrifícios são introduzidos, e a virtude decresce um quarto. E Narayana (que é a alma de todas as criaturas) assume uma cor vermelha. E homens praticam a verdade, e se dedicam à religião e ritos religiosos. E portanto vários sacrifícios e observâncias religiosas passam a existir. E no Treta Yuga as pessoas começam a idear meios para a obtenção de um objeto; e elas o alcançam por meio de ações e doações. E elas nunca se desviam da virtude. E elas são dedicadas ao ascetismo e à concessão de donativos. E as quatro classes aderem aos seus respectivos deveres; e realizam ritos. Tais são os homens do Treta Yuga. No Dwapara Yuga a religião decresce a metade. E Narayana usa uma cor amarela. E o Veda se torna dividido em quatro partes. E então alguns homens retêm (o conhecimento dos) quatro Vedas, e alguns de três Vedas, e alguns de um Veda, enquanto outros não conhecem nem os Richs. E pelos Shastras se tornarem assim divididos as ações vem a ser multiplicadas. E amplamente influenciadas pelo sentimento as pessoas se engajam em ascetismo e doações. E por causa da sua incapacidade de estudar o Veda inteiro ele vem a ser dividido em várias partes. E por consequência da inteligência ter diminuído poucos estão estabelecidos na verdade. E quando as pessoas se desviam da verdade elas se tornam sujeitas a várias doenças; e então luxúria e calamidades naturais se seguem. E afligidas com isto as pessoas se dirigem a penitências. E alguns celebram sacrifícios, desejando desfrutar das boas coisas da vida, ou alcançar o céu. Na chegada do Dwapara Yuga os homens se tornam degenerados, por causa da impiedade. Ó filho de Kunti, no Kali Yuga somente um quarto de virtude permanece. E no início desta era de ferro Narayana usa uma cor preta. E os Vedas e os institutos, e virtude, e sacrifícios, e observâncias religiosas, caem em desuso. E (então) prevalece iti (que significa estas seis coisas prejudiciais às colheitas: chuva excessiva, seca, ratos, gafanhotos, aves e um rei vizinho hostil), e doença, e lassidão, e raiva e outras deformidades, e calamidades naturais, e angústia, e medo da escassez. E conforme os yugas diminuem a virtude decresce. E conforme a virtude decresce as criaturas se degeneram. E quando as criaturas se degeneram, suas naturezas sofrem deterioração. E as ações religiosas realizadas no diminuir dos yugas produzem efeitos contrários. E mesmo aqueles que vivem por vários yugas se ajustam a estas mudanças. Ó repressor de inimigos, com relação à tua curiosidade para me conhecer eu digo isto: por que uma pessoa sábia estaria ávida para conhecer um assunto supérfluo? (Assim), ó de braços longos, eu narrei integralmente o que tu me perguntaste com relação às características dos diferentes yugas. Que o bem aconteça para ti! Volte.'"

149

"Bhimasena disse, 'Sem contemplar a tua forma antiga eu nunca irei embora. Se eu caí nas tuas boas graças, então mostre-me tua própria forma.'"

Vaisampayana continuou, "Sendo assim endereçado por Bhima, o macaco com um sorriso mostrou a ele aquela sua forma na qual ele tinha saltado sobre o oceano. E desejando satisfazer seu irmão, Hanuman assumiu um corpo gigantesco que em comprimento e largura aumentou extremamente. E aquele macaco de esplendor incomensurável permaneceu lá, cobrindo o bosque de bananeiras provido com árvores, e se elevando à altura alcançada pelo Vindhya. E o macaco, tendo alcançado seu corpo imponente e gigantesco semelhante a uma montanha, provido de olhos acobreados, e dentes afiados, e um rosto marcado por carranca, permaneceu cobrindo todos os lados e chicoteando seu rabo comprido. E aquele filho dos Kurus, Bhima, contemplando aquela forma gigantesca de seu irmão, admirou-se, e os pelos de seu corpo repetidamente se eriçaram. E vendo ele parecido com o sol em esplendor, e a uma montanha dourada, e também ao firmamento resplandecente, Bhima fechou seus olhos. Nisso Hanuman se dirigiu a Bhima com um sorriso, dizendo, 'Ó impecável, tu és capaz de contemplar meu tamanho até esta extensão. Eu posso, no entanto, continuar aumentando meu tamanho tanto quanto eu deseje. E, ó Bhima, no meio de inimigos meu tamanho aumenta extremamente por sua própria energia.'"

Vaisampayana disse, "Presenciando aquele corpo terrível e extraordinário de Hanuman, semelhante à montanha Vindhya, o filho do Deus do Vento ficou desnorteado. Então com seus cabelos arrepiados, Bhima de mente nobre, unindo suas mãos, respondeu para Hanuman dizendo, 'Ó senhor, por mim foram vistas as dimensões vastas do teu corpo. (Agora), ó altamente poderoso, diminua a ti mesmo por teu próprio poder. Certamente eu não posso olhar para ti, semelhante ao sol no alto, e de (poder) incomensurável, e irreprimível, e parecendo a montanha Mainaka. Ó herói, hoje esta surpresa do meu coração é muito grande, que tu permanecendo ao seu lado Rama tivesse enfrentado Ravana pessoalmente. Contando com a força dos teus braços, tu eras capaz de destruir Lanka instantaneamente, com seus guerreiros, e cavalos, elefantes e carruagens. Certamente, ó filho do Deus do Vento, não há nada que não possa ser realizado por ti; e em luta, Ravana junto com seus seguidores não era páreo para ti sozinho.'"

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado por Bhima, Hanuman, o principal dos macacos, respondeu em palavras afetuosas proferidas em tom solene, 'Ó de braços poderosos, ó Bharata, é assim mesmo como tu disseste. Ó Bhimasena, aquele pior dos Rakshasas não era páreo para mim. Mas se eu tivesse matado Ravana, aquele tormento dos mundos, a glória do filho de Raghu teria sido obscurecida; e por isto é que eu o deixei sozinho. Por matar aquele senhor dos Rakshasas junto com seus seguidores, e trazer Sita de volta para sua própria cidade, aquele herói estabeleceu sua fama entre os homens. Agora, ó altamente sábio, estando concentrado no bem-estar dos teus irmãos, e protegido pelo Deus

do Vento, siga por um caminho venturoso e auspicioso. Ó principal dos Kurus, este caminho te levará para a floresta Saugandhika. (Procedendo nesta direção), tu verás os jardins de Kuvera, guardados por Yakshas e Rakshasas. Não colha as flores (lá) pessoalmente por tua própria força; pois os deuses merecem respeito especialmente dos mortais. Ó melhor da raça Bharata, os deuses conferem seu favor (para os homens), (sendo propiciados) por oferendas, e homas, e saudações reverentes, e recitação de mantras, e veneração, ó Bharata. Portanto, não aja com impetuosidade, ó filho; e não te desvie dos deveres da tua classe. Aderindo aos deveres da tua classe, compreenda e siga a moralidade mais elevada. Sem conhecer os deveres e servir os idosos, mesmo pessoas semelhantes a Vrihaspati não podem compreender lucro e religião. Uma pessoa deve averiguar com discernimento aqueles casos nos quais o vício leva o nome de virtude, e a virtude leva o nome de vício, (casos) nos quais pessoas desprovidas de inteligência ficam perplexas. Das observâncias religiosas procede mérito; e no mérito estão estabelecidos os Vedas; e dos Vedas os sacrifícios entram em existência; e por sacrifícios são estabelecidos os deuses. Os deuses são mantidos pela (celebração de) sacrifícios prescritos pelos Vedas e ordenanças religiosas; enquanto os homens se mantém por (seguirem) as ordenanças de Vrihaspati e Usanas e também por estas ocupações, pelas quais o mundo é mantido: serviço por salário, (recebimento de) impostos, comércio, agricultura e criação de vacas e ovelhas. O mundo subsiste por profissão. O (estudo dos) três Vedas e agricultura e comércio e governo constituem, isto é ordenado pelos sábios, as profissões dos duas vezes nascidos; e cada classe se mantém por seguir a profissão prescrita para ela. E quando estas vocações são seguidas devidamente o mundo é mantido com facilidade. Se, no entanto, as pessoas não levam suas vidas virtuosamente, o mundo se torna sem lei, por consequência da falta de mérito e governo Védicos. E se as pessoas não recorrem às suas vocações prescritas, elas perecem, mas por seguirem regularmente as três profissões, elas causam a religião. A religião dos Brahmanas consiste no conhecimento da alma e a cor daquela ordem somente é universalmente a mesma. A celebração de sacrifícios, e estudo e concessão de presentes são bem conhecidos como os três deveres comuns (para todas estas classes). Oficiar em sacrifícios, ensino e a aceitação de doações são os deveres de um Brahmana. Reger (os súditos) é o dever do Kshatriya; e cuidar (do gado) o do Vaisya, enquanto servir as classes duas vezes nascidas é citado como sendo o dever do Sudra. Os Sudras não podem pedir esmolas, ou realizar homas, ou cumprir votos; e eles devem morar na habitação de seus patrões. Tua vocação, ó filho de Kunti, é a do Kshatriya, a qual é proteger (os súditos). Execute teus próprios deveres, em um espírito humilde, reprimindo teus sentidos. Somente pode governar aquele rei que recebe conselhos de homens experientes, e é ajudado por ministros honestos, inteligentes e eruditos; mas um rei que é viciado em maus hábitos encontra a derrota. Somente então a ordem do mundo é assegurada, quando o rei pune devidamente e confere favores. Portanto, é necessário averiguar por meio de espiões a natureza do país hostil, seus lugares fortificados e a força aliada do inimigo e sua prosperidade e decadência, e o modo no qual eles conservam a adesão dos poderes que eles atraíram para seu lado. Espiões estão entre os auxiliares importantes do rei; e tato, diplomacia, coragem, punição, favor e inteligência levam ao sucesso. E o sucesso é para ser alcançado

através destes, ou separados, ou combinados, a saber: conciliação, presentes, semeadura de dissensões, castigo, e observação. E, ó chefe dos Bharatas, a política tem a diplomacia como sua base; e diplomacia também é a qualificação principal de espiões. E política, se bem julgada confere êxito. Portanto, em questões de política deve-se recorrer aos conselhos de Brahmanas. E em negócios secretos, estes não devem ser consultados, a saber, uma mulher, um beberrão, um menino, uma pessoa cobiçosa, um indivíduo de mente vil, e aquele que mostra sinais de insanidade. Somente homens sábios devem ser consultados, e negócios devem ser executados por meio de oficiais que sejam competentes. E política deve ser realizada através de pessoas que são amigáveis; mas estúpidos devem ser excluídos em todos os assuntos. Em questões religiosas, homens devotos; e em questões de lucro, homens sábios; e em proteger famílias, eunucos; e em todos os assuntos desonestos, homens desonestos devem ser empregados. E a adequação ou inadequação da resolução do inimigo, como também sua força ou fraqueza, devem ser averiguadas pela própria pessoa assim como espiões hostis. Benefícios devem ser concedidos para pessoas honestas que prudentemente procuraram proteção; mas indivíduos sem lei e desobedientes devem ser punidos. E quando o rei pune e concede benefícios justamente, a dignidade da lei é bem mantida. Ó filho de Pritha, assim eu expliquei para ti os deveres árduos dos reis, difíceis de compreender. Cumpra-os com equanimidade como prescrito para tua classe. Os Brahmanas alcançam o céu por mérito, mortificação dos sentidos e sacrifício. Os Vaisyas alcançam estado excelente por doações, hospitalidade, e ações religiosas. Os Kshatriyas alcançam as regiões celestes por proteger e castigar os súditos, não influenciados por luxúria, malícia, avareza e raiva. Se os reis punem justamente (seus súditos), eles vão para o local para onde se dirigem pessoas meritórias.'"

150

Vaisampayana disse, "Então contraindo aquele seu corpo enorme, o qual ele tinha assumido à vontade, o macaco com seus braços além disso abraçou Bhimasena. E, ó Bharata, ao Bhima ser abraçado por seu irmão, sua fadiga foi embora, e todos (os poderes do corpo) como também sua força foram recuperados. E tendo obtido grande acessão de força, ele pensou que não havia ninguém igual a ele em poder físico. E com lágrimas em seus olhos, o macaco por afeição dirigiu-se novamente a Bhima em pronúncia sufocada, dizendo, 'Ó herói, dirija-te para tua própria residência. Eu posso ser casualmente lembrado por ti na tua conversação! Ó melhor dos Kurus, não diga a ninguém que eu moro aqui. Ó tu de grande força, as mais excelentes das esposas dos deuses e Gandharvas recorrem a este lugar, e a hora da sua chegada está próxima. Meus olhos foram abençoados (por te ver). E, ó Bhima, tendo sentido um ser humano por entrar em contato contigo, eu me lembrei daquele filho de Raghu, que era o próprio Vishnu sob o nome de Rama, e que encantou o coração do mundo; e que era como o sol relativamente ao rosto de lótus de Sita, e também àquela escuridão, Ravana. Portanto, ó filho heróico de Kunti, que o teu encontro comigo não seja inútil. Com

sentimento fraterno peça de mim um benefício, ó Bharata. Se for teu desejo que, indo para Varanavata, eu destrua os filhos insignificantes de Dhritarashtra, isto mesmo eu farei imediatamente. Ou se for teu desejo que aquela cidade seja triturada por mim com rochas, ou que eu amarre Duryodhana e traga-o diante de ti, isto mesmo eu farei hoje, ó tu de força imensa.'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo estas palavras daquele de grande alma, Bhimasena com o coração alegre respondeu para Hanuman, dizendo, 'Ó principal dos macacos, eu considero tudo isto como já realizado por ti. Que o bem aconteça para ti. Ó de braços poderosos! Eu te peço isto, esteja bem satisfeito comigo. Ó poderoso, por tu teres te tornado nosso protetor, os Pandavas encontraram auxílio. Pela tua bravura nós conquistaremos todos os inimigos.' Assim endereçado, Hanuman disse para Bhimasena, 'Por sentimento fraterno e afeição, eu farei bem para ti por penetrar no exército dos teus inimigos copiosamente equipados com flechas e lanças. E, ó altamente poderoso, ó herói, quando tu deres rugidos leoninos, então, com meus próprios, eu somarei força aos gritos. Permanecendo no mastro de bandeira do carro de Arjuna eu emitirei gritos ferozes que abaterão a energia dos teus inimigos. Assim vocês os matarão facilmente.' Tendo dito isto para o filho de Pandu, e também mostrado o caminho para ele. Hanuman desapareceu naquele local."

151

Vaisampayana disse, "Quando aquele principal dos macacos tinha ido embora, Bhima, o melhor dos homens fortes, começou a percorrer o enorme Gandhamadana por aquele caminho. E ele foi em frente, pensando no corpo de Hanuman e em seu esplendor inigualável sobre a terra, e também na grandeza e dignidade do filho de Dasaratha. E prosseguindo à procura do lugar cheio com lotos daquela espécie, Bhima contemplou florestas pitorescas, e arvoredos, e rios, e lagos agraciados com árvores portando flores, e matas floridas matizadas com várias flores. E, ó Bharata, ele contemplou manadas de elefantes loucos cobertos de lama, parecendo com massas de nuvens torrenciais. E aquele gracioso continuou com velocidade, vendo pela beira da estrada bosques nos quais permaneciam com seus companheiros veados de olhares rápidos, tendo grama em suas bocas. E sem medo de bravura, Bhimasena, como se convidado pelas árvores da floresta balançadas pela brisa sempre fragrante com flores, portando brotos acobreados delicados, mergulhou nas regiões montanhosas habitadas por búfalos, ursos e leopardos. E no caminho ele passou por lagos de lotos frequentados por abelhas pretas enlouquecidas, tendo declives e bosques fantásticos, e por causa da presença de botões de lotos, parecendo como se eles tivessem unido suas mãos (perante Bhima). E tendo como seus mantimentos na jornada as palavras de Draupadi, Bhima seguiu em frente com velocidade, sua mente e visão fixadas nas ladeiras floridas da montanha. E quando o sol passou o meridiano, ele viu na floresta espalhada com veados, um rio imenso cheio de lotos dourados viçosos. E estando apinhado com cisnes e Karandavas, e agraciado

com Chakravakas, o rio parecia com uma guirlanda de lotos frescos usada pela montanha. E naquele rio aquele de grande força encontrou o extenso conjunto de lotos Saugandhika, refulgentes como o sol nascente, e encantadores de se contemplar. E vendo isto o filho de Pandu pensou consigo mesmo que seu objetivo tinha sido alcançado, e também mentalmente se apresentou perante sua amada cansada pelo exílio."

152

Vaisampayana disse, "Tendo alcançado aquele local, Bhimasena viu, na vizinhança do penhasco Kailasa, aquele belo lago de lotos cercado por bosques encantadores, e guardado pelos Rakshasas. E ele emergia das cachoeiras contíguas à residência de Kuvera. E ele era belo de se ver, e estava provido de uma sombra que se espalhava amplamente e abundava em várias árvores e trepadeiras e estava coberto com lírios verdes. E aquele lago sobrenatural estava cheio de lotos dourados, e enxameava com diversas espécies de aves. E suas margens eram belas e desprovidas de lama. E situada sobre a elevação rochosa aquela extensão de água excelente era extremamente formosa. E ela era a maravilha do mundo e sadia e de vista fabulosa. Naquele lago o filho de Kunti viu a água de sabor ambrosíaco e fria e luminosa e límpida e fresca; e o Pandava bebeu dela profusamente. E aquele receptáculo sobrenatural de águas estava coberto com lotos celestes Saugandhika, e também com vários lotos belos dourados de fragrância excelente tendo caules graciosos de lápis lazúli. E agitados por cisnes e Karandavas, aqueles lotos estavam espalhando pólen fresco. E aquele lago era a região de divertimento de Kuvera de grande alma, o rei dos Yakshas. E ele era considerado com grande respeito pelos Gandharvas, as Apsaras e os celestiais. E ele era frequentado pelos sábios celestes e os Yakshas e os Kimpurushas e os Rakshasas e os Kinnaras; e era bem protegido por Kuvera. E logo que viu aquele rio e aquele lago sobrenatural, o filho de Kunti, Bhimasena de força poderosa, ficou muito satisfeito. E de acordo com a ordem de seu rei, centenas e milhares de Rakshasas, chamados Krodhavasas, estavam protegendo aquele lago, usando uniformes e armados com várias armas. E quando aquele repressor de inimigos, filho de Kunti, o heróico Bhima de bravura terrível, vestido em camurças e usando braceletes dourados e equipado com armas e cingindo sua espada estava procedendo destemidamente, com o objetivo de colher os lotos, aqueles (Rakshasas) o viram e imediatamente começaram a se dirigir uns aos outros, gritando adiante, 'Cabe a você perguntar pela missão na qual este principal dos homens, vestido em peles de veado, e equipado com armas, vem.' Então todos eles se aproximaram do refulgente Vrikodara de braços poderosos e perguntaram, 'Quem és tu? Tu deves responder nossas perguntas. Nós te vemos na aparência de um asceta e ainda assim armado com armas. Ó tu de grande inteligência, revele para nós o objetivo com o qual tu vieste (para cá).'"

153

"Bhima disse, 'Eu sou o filho de Pandu, e seguinte por nascimento a Yudhishthira o justo, e meu nome é Bhimasena. Ó Rakshasas, eu cheguei com meus irmãos até a jujuba chamada Visala. Naquele local Panchali viu um excelente lótus Saugandhika, o qual, com certeza, foi levado para lá pelo vento desta região. Ela deseja ter aquelas flores em abundância. Saibam vocês, ó Rakshasas, que eu estou empenhado em realizar o desejo da minha esposa de feições impecáveis, e vim para cá para obter as flores.' Nisso os Rakshasas disseram, 'Ó principal dos homens, este local é caro para Kuvera, e é sua região de diversão. Homens sujeitos à morte não podem se divertir aqui. Ó Vrikodara, os sábios celestes, e os deuses recebendo a permissão do chefe dos Yakshas bebem deste lago, e se divertem neste lugar. E, ó Pandava, os Gandharvas e as Apsaras também se distraem neste lago. Aquela pessoa pecaminosa que, desconsiderando o senhor dos tesouros, tenta se divertir ilegalmente aqui, sem dúvida encontra com a destruição. Desrespeitando-o, tu procuras tirar os lotos deste local por meio de força física. Por que então tu dizes que és o irmão de Yudhishthira o justo? Primeiro, recebendo a permissão do senhor dos Yakshas, beba deste lago e tire as flores. Se tu não fizeres isto, tu não poderás nem olhar para um único lótus.' Bhimasena disse, 'Ó Rakshasas, eu não vejo o senhor da riqueza aqui. E mesmo que eu visse aquele rei poderoso, eu não pediria a ele (pois) Kshatriyas nunca pedem (a ninguém). Esta é a moralidade eterna; e eu não desejo de nenhuma maneira abandonar a moralidade Kshatriya. E, além disto este lago de lotos surgiu das cascatas da montanha; ele não foi escavado na mansão de Kuvera. Portanto ele pertence igualmente a todas as criaturas com Vaisravana. Em relação a uma coisa de tal natureza, quem pediria a outro?'"

Vaisampayana disse, "Tendo dito isso para os Rakshasas, Bhimasena de braços poderosos e muito inclemente de grande força mergulhou no lago de lotos. Nisso aquele poderoso foi proibido pelos Rakshasas, dizendo, 'Não faça isso'; e eles de todos os lados começaram a insultá-lo com raiva. Mas desprezando aqueles Rakshasas, aquele poderoso de bravura terrível mergulhou (cada vez mais longe). Assim sendo eles todos se prepararam para se opor a ele. E com olhos rolando, eles ergueram suas armas e se precipitaram em cólera em Bhimasena, exclamando, 'Agarre ele! Amarre ele! Corte ele! Nós cozinharemos Bhimasena, e o comeremos!' Então aquele de grande força, pegando sua maça pesada e poderosa incrustada com lâminas douradas, semelhante à maça do próprio Yama, virou-se em direção a eles, e então disse, 'Venham!' Nisto, eles avançaram nele com veemência, brandindo lanças, e machados, e outras armas. E desejando destruir Bhima, os terríveis e ferozes Krodhavasas cercaram Bhima por todos os lados. Mas ele, sendo dotado de força, tinha sido gerado por Vayu no útero de Kunti; e ele era heróico e enérgico, e o matador de inimigos, e sempre devotado à virtude e verdade, e incapaz de ser vencido por inimigos através de bravura. Consequentemente Bhima de grande alma, frustrando todas as manobras dos inimigos, e quebrando seus braços, matou nas margens do lago mais do que uma centena, começando com os principais. E então testemunhando

sua coragem e força, e a força de sua habilidade, e também o poder de seus braços; e incapazes de resistir (ao ataque), aqueles heróis principais fugiram de repente para todos os lados em bandos.

Golpeados e perfurados por Bhimasena, aqueles Krodhavasas abandonaram o campo de batalha, e em confusão fugiram rapidamente em direção ao penhasco Kailasa, se mantendo no céu. Tendo assim pelo exercício de sua bravura derrotado aquelas hostes, assim como Sakra derrotou os exércitos de Daityas e Danavas, ele (Bhima), agora que tinha vencido o inimigo, mergulhou no lago e começou a colher os lotos, com o objetivo de realizar seu propósito. E quando ele bebeu das águas, parecidas com néctar, sua energia e força foram novamente completamente restauradas; e ele se inclinou para colher e reunir lotos Saugandhika de fragrância excelente. Por outro lado, os Krodhavasas, sendo rechaçados pelo poder de Bhima e extremamente apavorados, se apresentaram perante o senhor da riqueza, e deram um relato exato da bravura e força de Bhima em luta. Ouvindo suas palavras, o deus (Kuvera) sorriu e então disse, 'Deixem Bhima pegar para Krishna tantos lotos quanto ele queira. Isto já é sabido por mim.' Então recebendo a permissão do senhor da riqueza, aqueles (Rakshasas) renunciando à raiva, foram até aquele principal dos Kurus, e naquele lago de lotos viram Bhima sozinho, se divertindo em deleite."

154

Vaisampayana disse, “Então, ó melhor dos Bharatas, Bhima começou a colher aquelas flores raras sobrenaturais, multicores e viçosas em abundância.

E aconteceu que um vento turbulento e violento, perfurando ao toque, e soprando cascalhos por todos os lados ergueu-se, pressagiando batalha. E meteoros terríveis começaram a cair, com sons trovejantes. E sendo envolvido por escuridão, o sol tornou-se pálido, seus raios sendo encobertos. E quando Bhima mostrou sua bravura, sons terríveis de explosão reverberaram pelo céu. E a terra começou a tremer, e poeira caiu em abundância. E os pontos dos céus ficaram avermelhados. E animais e aves começaram a gritar em tons agudos. E tudo ficou envolvido em escuridão; e nada podia ser distinguido. E outros maus presságios além destes apareceram lá. Testemunhando aqueles fenômenos estranhos o filho de Dharma Yudhishthira, o principal dos oradores, disse, 'Quem é que nos vencerá? Ó Pandavas que se deleitam em batalha, que o bem aconteça a vocês! Equipem-se. A partir do que eu vejo eu deduzo que a hora de mostrar nossa coragem se aproxima.' Tendo dito isso o rei olhou em volta. Então não encontrando Bhima, aquele repressor de inimigos, o filho de Dharma, Yudhishthira, perguntou para Krishna e os gêmeos que estavam perto a respeito de seu irmão, Bhima, o fazedor de atos terríveis em batalha, dizendo, 'Ó Panchali, Bhima está planejando realizar alguma grande façanha, ou ele que se deleita em ações arrojadas já realizou algum ato magnífico? Pressagiando um grande perigo, estes presságios apareceram por todos os lados, indicando uma batalha terrível.'

Quando Yudhishthira disse isso, sua querida rainha, Krishna de grande mente de sorrisos doces, lhe respondeu para remover sua ansiedade, 'Ó rei, aquele lótus Saugandhika o qual foi hoje trazido pelo vento, eu mostrei por amor devidamente para Bhimasena; e eu também disse para aquele herói: ‘Se tu puderes achar muitos desta espécie, obtendo até todos eles, volte rapidamente.’ Ó Pandava, ele de braços fortes, com o objetivo de satisfazer meu desejo, pode ter ido em direção ao nordeste para trazê-los.' Tendo ouvido estas palavras dela, o rei disse para os gêmeos, 'Que nós sigamos juntos o caminho tomado por Vrikodara. Que os Rakshasas carreguem aqueles Brahmanas que estão fatigados e fracos. Ó Ghatotkacha, ó tu semelhante a um celestial, carregue Krishna. Eu estou convencido e é evidente que Bhima penetrou na floresta; pois faz tempo desde que ele partiu, e em velocidade ele parece o vento, e em transpor terrenos ele é rápido como o filho de Vinata, e ele até se lançará ao céu, e descerá à sua vontade. Ó Rakshasas, nós o seguiremos através da destreza de vocês. Ele inicialmente não fará qualquer mal aos Siddhas versados nos Vedas.’ Ó melhor dos Bharatas, dizendo, 'Assim seja' o filho de Hidimava e os outros Rakshasas que conheciam o quadrante onde o lago de lotos de Kuvera estava situado partiram alegremente com Lomasa, carregando os Pandavas e muitos dos Brahmanas. Tendo alcançado logo aquele local, eles viram aquele lago fabuloso coberto com Saugandhika e outros lotos e cercado por belos bosques. E em suas margens eles viram o veemente Bhima de grande alma, como também os Yakshas mortos de olhos grandes, com seus corpos, olhos, braços e coxas despedaçados, e suas cabeças esmagadas. E ao ver Bhima de grande alma de pé na margem daquele lago em uma disposição zangada, e com olhos firmes, e mordendo seu lábio, e postado na margem do lago com sua maça erguida por suas duas mãos, semelhante a Yama com sua maça em sua mão na hora da dissolução universal, Yudhishthira o justo abraçou-o repetidas vezes, e disse em palavras gentis, 'Ó Kaunteya, o que tu fizeste? Que o bem aconteça para ti! Se tu desejas fazer bem para mim, tu não deves nunca mais cometer semelhante ato irrefletido, nem ofender os deuses.' Tendo assim instruído o filho de Kunti, e pegado as flores eles semelhantes a deuses começaram a se divertir naquele mesmo lago. Naquele instante, os guardas do jardim de corpos enormes, equipados com rochas como armas, se apresentaram no local. E vendo Yudhishthira o justo e o grande sábio Lomasa e Nakula e Sahadeva e também os outros principais dos Brahmanas, eles todos se curvaram em humildade. E sendo pacificados por Yudhishthira o justo, os Rakshasas ficaram satisfeitos. E com o conhecimento de Kuvera, aqueles principais dos Kurus por um tempo curto moraram agradavelmente naquele local nas ladeiras de Gandhamadana, esperando Arjuna."

155

Vaisampayana disse, "Uma vez Yudhishthira, enquanto vivia naquele lugar, dirigiu-se a Krishna, seus irmãos, e aos Brahmanas, dizendo, 'Por nós foram vistos atentamente tirthas sagrados e auspiciosos uns depois dos outros, e florestas, encantadoras de se olhar, os quais antes disso foram visitados pelos celestiais e

os sábios de grande alma, e que eram adorados pelos Brahmanas. E em vários retiros sagrados nós temos realizado abluções com Brahmanas, e ouvimos deles sobre as vidas e ações de muitos sábios, e também de muitos sábios nobres de antigamente, e outras histórias agradáveis. E com flores e água os deuses tem sido adorados por nós. E com oferendas de frutas e raízes como disponíveis em cada lugar nós temos gratificado os Pitris. E com aqueles de grande alma nós temos realizado abluções em todas as montanhas e lagos sagrados e belos, e também no oceano altamente sagrado. E com os Brahmanas nós nos banhamos no Ila, e no Saraswati, e no Sindhu, e no Yamuna, e no Narmada, e em vários outros tirthas fabulosos. E tendo passado a fonte do Ganga, nós vimos muitas colinas encantadoras e as montanhas Himalaya, habitadas por várias espécies de aves, e também a jujuba chamada Visala, onde está o eremitério de Nara e Narayana. E (finalmente) vimos este lago sobrenatural, mantido em veneração pelos Siddhas, os deuses e os sábios. Realmente, ó principais dos Brahmanas, nós temos visto cuidadosamente um a um todos os lugares célebres e sagrados acompanhados por Lomasa de grande alma. Agora, ó Bhima, como nós iremos para a residência sagrada de Vaisravana, habitada pelos Siddhas? Pense nos meios de entrar (na mesma)."

Vaisampayana disse, "Quando aquele rei tinha dito isso, uma voz imaterial falou, dizendo, 'Tu não serás capaz de ir para aquele local inacessível. Por este mesmo caminho, dirija-te desta região de Kuvera para o lugar de onde tu vieste até o eremitério de Nara e Narayana, conhecido pelo nome de Vadari. Dali, ó Kaunteya, tu irás para o eremitério de Vrishaparva, rico em flores e frutas, e habitado pelos Siddhas e os Charanas. Tendo passado por ele, ó Partha, tu procederás para o eremitério de Arshtisena, e de lá tu contemplarás a residência de Kuvera.' Exatamente naquele momento a brisa se tornou fresca, e agradável e fria e perfumada com fragrância sobrenatural; e ela derramou flores, E ao ouvirem a voz celeste do firmamento, eles todos ficaram muito surpresos, mais especialmente aqueles Rishis terrestres e os Brahmanas. Ao ouvir este prodígio poderoso, o Brahmana Dhaumya disse, 'Isto não deve ser contradito. Ó Bharata, que seja dessa maneira.' Então o rei Yudhishthira obedeceu-o. E tendo voltado ao eremitério de Nara e Narayana ele começou a morar agradavelmente, cercado por Bhimasena e seus outros irmãos, Panchali e os Brahmanas."

156

Vaisampayana continuou, "Assim morando com os Brahmanas naquela melhor das montanhas na expectativa da volta de Arjuna, quando os Pandavas tinham ficado confiantes e quando todos aqueles Rakshasas junto com o filho de Bhima tinham partido, um dia enquanto Bhimasena estava fora, um Rakshasa de repente raptou Yudhishthira o justo e os gêmeos e Krishna. Aquele Rakshasa (no disfarce de um Brahmana) tinha permanecido constantemente na companhia dos Pandavas, alegando que ele era um Brahmana nobre, hábil em conselhos, e versado em todos os Sastras. Seu objetivo era se apoderar dos arcos, das aljavas

e dos outros instrumentos materiais pertencentes aos Pandavas; e ele vinha esperando por uma oportunidade de raptar Draupadi. E aquele perverso e pecaminoso se chamava Jatasura. E, ó rei de reis, o filho de Pandu (Yudhishthira) vinha-o sustentando, mas não conhecia aquele canalha semelhante a um fogo coberto com cinzas.

E uma vez em um dia enquanto aquele repressor de inimigos, Bhimasena, estava fora caçando, ele (o Rakshasa), vendo Ghatotkacha e seus seguidores se dispersarem em direções diferentes e vendo aqueles grandes Rishis cumpridores de votos, de riqueza ascética, isto é; Lomasa e o resto, ausentes para se banharem e colherem flores, assumiu uma forma diferente, gigantesca e descomunal e terrível; e tendo obtido todas as armas (dos Pandavas) como também Draupadi, aquele pecaminoso fugiu levando os três Pandavas. Nisso aquele filho de Pandu, Sahadeva, se libertou com esforço, e pegou à força a espada chamada Kausika da posse do inimigo e começou a chamar Bhimasena, tomando a direção na qual aquele poderoso tinha ido. E ao ser raptado Yudhishthira o justo se dirigiu (àquele Rakshasa), dizendo, 'Ó estúpido, teu mérito diminui (na medida desta tua ação). Tu não prestas atenção à ordem estabelecida da natureza? Pertencendo à raça humana ou às ordens inferiores todos respeitam a virtude, mais especialmente os Rakshasas. Em primeiro lugar, eles conheciam a virtude melhor do que outros. Tendo considerado tudo isto, tu deves aderir à virtude. Ó Rakshasa, os deuses, os Pitris, os Siddhas, os Rishis, os Gandharvas, os brutos e até os vermes e formigas dependem dos homens para suas vidas; e tu também vives por esta mediação. Se a prosperidade acompanha a raça humana, a tua raça também prospera; e se calamidades acontecem à primeira, até os celestiais sofrem angústia. Sendo gratificados por oferendas, os deuses prosperam. Ó Rakshasa, nós somos os protetores, governadores e preceptores de reinos. Se os reinos ficam desprotegidos, de onde pode proceder prosperidade e felicidade? A menos que haja ofensa, um Rakshasa não deve perturbar um rei. Ó comedor de homens, nós não cometemos nenhuma injustiça, mesmo muito pequena. Vivendo em Vighasa, nós servimos os deuses e outros ao melhor do nosso poder. E nós estamos sempre atentos para reverenciar nossos superiores e Brahmanas. Um amigo, e alguém que confia, e aquele cuja comida foi compartilhada, e aquele que proporcionou abrigo, nunca devem ser feridos. Tu viveste em nossa moradia alegremente, sendo devidamente honrado. E, ó de mente má, tendo partilhado da nossa comida, como tu podes nos raptar? E como as tuas ações são tão impróprias e como tu cresceste em idade sem derivar qualquer benefício e como tuas propensões são más, assim tu mereces morrer em vão, e em vão tu morrerás hoje. E se tu fores realmente mal intencionado e desprovido de toda virtude, nos entregue de volta nossas armas e rapte Draupadi depois de luta. Mas se por estupidez tu fizeres este ato, então no mundo tu colherás somente demérito e infâmia. Ó Rakshasa, por prejudicares esta mulher da raça humana, tu bebeste veneno, depois de ter sacudido o recipiente.' Então Yudhishthira se fez pesado para o Rakshasa. E sendo oprimido pelo peso ele não pode prosseguir rapidamente como antes. Então se dirigindo a Draupadi, Nakula e Sahadeva, Yudhishthira disse, 'Não nutram qualquer medo deste Rakshasa desprezível, eu controlei sua velocidade. O filho poderoso do Deus do Vento não

pode estar muito longe; e à aproximação de Bhima no momento seguinte o Rakshasa não viverá.' Ó rei, fitando o Rakshasa privado de inteligência, Sahadeva se dirigiu a Yudhishthira, o filho de Kunti, dizendo, 'O que pode ser mais meritório para um Kshatriya do que morrer em luta, ou derrotar um inimigo? Ó repressor de inimigos, nós lutaremos e ou ele nos matará, ou nós o mataremos, ó de braços fortes. Na verdade esta é a hora e o lugar, ó rei. E, ó tu de destreza infalível, chegou a hora de mostrar nossa virtude Kshatriya. Cabe a nós alcançar o céu ou por obtermos vitória ou por sermos mortos. Se o sol se pôr hoje com o Rakshasa ainda vivendo, ó Bharata, eu não direi mais que eu sou um Kshatriya. Ho! Ho! Rakshasa, fale! Eu sou filho de Pandu, Sahadeva. Depois de ter me matado, rapte esta senhora, ou sendo morto, jaza sem sentidos aqui.'

O filho de Madri, Sahadeva, estava falando dessa maneira quando Bhimasena fez seu aparecimento, com uma maça em sua mão, semelhante ao próprio Vasava brandindo o raio. E naquele local ele viu seus dois irmãos e Draupadi de mente nobre (sobre os ombros do demônio), e Sahadeva no chão repreendendo o Rakshasa, e também aquele Rakshasa estúpido privado de inteligência pelo Destino, andando em círculos em direções diferentes por causa da confusão causada pelo Destino. E encontrando seus irmãos e Draupadi sendo raptados, Bhima de força imensa estava inflamado pela cólera, e dirigiu-se ao Rakshasa, dizendo, 'Eu já tinha descoberto que tu eras um mau indivíduo por causa do teu exame minucioso de nossas armas; mas como eu não tinha medo de ti eu não te matei naquele momento. Tu estavas no disfarce de um Brahmana, e não dissestes qualquer coisa desagradável para nós. E tu te deleitavas em nos agradar. E tu também não nos fizeste mal. E, além disso, tu eras nosso convidado. Como eu poderia, portanto, matar a ti que eras assim inocente de ofensa, e que estavas no disfarce de um Brahmana? Aquele que sabendo que uma pessoa é mesmo um Rakshasa, a mata, vai para o inferno. Além disso, tu não podes ser morto antes que chegue a hora. Sem dúvida tu hoje alcançaste a plenitude do teu tempo visto que tua mente foi assim dirigida pelo Destino realizador de maravilhas para raptar Krishna. Por cometeres este ato tu engoliste o gancho fixado à linha do Destino. Assim como um peixe na água, cuja boca foi enganchada, como tu podes viver hoje? Tu não terás que ir para onde tu planejaste, ou para onde tu já foste mentalmente; mas tu irás para onde se dirigiram Vaka e Hidimva.'

Assim endereçado por Bhima, o Rakshasa em alarme colocou-os no chão; e sendo forçado pelo Destino, aproximou-se para lutar. E com seus lábios tremendo de raiva ele falou para Bhima, dizendo, 'Patife! Eu não fui confundido; eu tenho me demorado por ti. Hoje eu oferecerei oblações do teu sangue para aqueles Rakshasas que, eu soube, foram mortos por ti em combate.' Assim endereçado, Bhima, como se explodindo de raiva, semelhante ao próprio Yama na hora da dissolução universal, precipitou-se em direção ao Rakshasa, lambendo os cantos de sua boca e fitando-o conforme ele batia em seus próprios braços com suas mãos. E vendo Bhima esperando na expectativa de luta, o Rakshasa também se precipitou em direção a ele com raiva, como Vali em direção ao manejador do raio, repetidamente abrindo a boca e lambendo os cantos de sua boca. E quando uma luta terrível seguiu-se entre aqueles dois, ambos os filhos de Madri, ficando muito

irados, investiram; mas o filho de Kunti, Vrikodara, os impediu com um sorriso e disse, 'Vocês presenciem! Eu sou mais do que um páreo para este Rakshasa. Por mim mesmo e por meus irmãos, e por meu mérito, e por meus bons atos, e por meus sacrifícios, eu juro que eu matarei este Rakshasa.' E depois que isto foi dito, aqueles dois heróis, o Rakshasa e Vrikodara, desafiando um ao outro, pegaram um ao outro pelos braços. E eles não perdoaram um ao outro, então lá seguiu-se um combate entre o enfurecido Bhima e o Rakshasa, semelhante àquele entre um deus e um demônio. E arrancando árvores repetidamente, aqueles dois de força imensa bateram um no outro, gritando e rugindo como duas massas de nuvens. E aqueles principais dos atletas, cada um desejando matar o outro, e avançando no outro com veemência, derrubaram muitas árvores gigantescas por meio de suas coxas. Assim aquele combate com árvores, destrutivo de plantas, continuou parecido com aquele entre os dois irmãos Vali e Sugriva, desejosos da posse de uma única mulher. Brandindo árvores por um momento, eles batiam um no outro com elas, gritando constantemente. E quando todas as árvores do lugar tinham sido derrubadas e esmagadas até fibras por eles que se esforçavam para matar um ao outro, então, ó Bharata, aqueles dois de força poderosa, erguendo rochas, começaram a lutar por um tempo, como uma montanha e uma massa imensa de nuvens. E não suportando um ao outro eles se puseram a golpear um ao outro com rochas compactas e grandes, parecendo raios impetuosos. Então por força provocando um ao outro, eles se precipitaram novamente um no outro, e agarrando um ao outro com seus braços, começaram a lutar como dois elefantes. E em seguida eles deram golpes violentos um no outro. E então aqueles dois poderosos começaram a emitir sons inarticulados por rangerem seus dentes. E finalmente, tendo cerrado seu punho como uma cobra de cinco cabeças, Bhima desferiu um golpe com força no pescoço do Rakshasa. E quando, atingido por aquele punho de Bhima, o Rakshasa ficou desfalecido, Bhimasena permaneceu segurando aquele esgotado. E então Bhima semelhante a um deus de braços poderosos ergueu-o com seus dois braços, e jogando-o com força no chão, o filho de Pandu esmagou todos os seus membros. E batendo nele com seu cotovelo, ele cortou de seu corpo a cabeça com lábios mordidos e olhos rolantes, como um fruto de seu caule. E a cabeça de Jatasura sendo cortada pela força de Bhimasena, ele caiu lambuzado com sangue coagulado, e tendo lábios mordidos. Tendo matado Jatasura, Bhima se apresentou perante Yudhishthira, e os Brahmanas principais começaram a elogiar a ele (Bhima) assim como os Marutas (elogiam) Vasava."

157

Vaisampayana continuou, "Após aquele Rakshasa ser morto, aquele senhor, o filho real de Kunti, retornou ao eremitério de Narayana e começou a morar lá. E uma vez, lembrando-se de seu irmão Jaya (Arjuna), Yudhishthira convocou todos os seus irmãos, junto com Draupadi, e disse estas palavras, 'Nós passamos estes quatro anos percorrendo pacificamente as florestas. Foi estabelecido por Vibhatsu que perto do quinto ano ele virá àquele monarca das montanhas, o excelente despenhadeiro Sweta, sempre agraciado com festividades mantidas por plantas

floridas e Kokilas enlouquecidos e abelhas pretas, e pavões, e chatakas e habitado por tigres, e javalis e búfalos, e gavayas, e veados, e animais ferozes; e sagrado; e encantador com lotos desabrochados de cem e mil pétalas, e lírios exuberantes e lírios azuis e frequentado pelos celestiais e os Asuras. E nós também, avidamente ansiosos de encontrar com ele em sua chegada, decidimos nos dirigir para lá. Partha de destreza inigualável marcou comigo, dizendo, 'Eu permanecerei fora por cinco anos, com o objetivo de aprender ciência militar.' No lugar semelhante à região dos deuses nós veremos o manejador do Gandiva chegar depois de ter obtido as armas.' Tendo dito isso, o Pandava convocou os Brahmanas, e os filhos de Pritha tendo circungirado os ascetas de austeridades rígidas e assim agradado a eles, os informaram do assunto mencionado acima. Imediatamente os Brahmanas deram seu consentimento, dizendo, 'Isto será acompanhado por prosperidade e bem-estar. Ó principal dos Bharatas, estes transtornos resultarão em felicidade. Ó pio, ganhando a terra pela virtude Kshatriya, tu a governará.' Então em obediência a estas palavras dos ascetas, aquele repressor de inimigos, Yudhishthira, partiu com seus irmãos e aqueles Brahmanas, seguido pelos Rakshasas e protegido por Lomasa. E ele de energia poderosa, e de votos firmes, com seus irmãos, em alguns lugares seguiu a pé e em outros foi carregado pelos Rakshasas. Então o rei Yudhishthira, receando muitas dificuldades, procedeu em direção ao norte abundando em leões e tigres e elefantes. E vendo no caminho a montanha Mainaka e a base do Gandhamadana e aquela massa rochosa Sweta e muitos regatos cristalinos cada vez mais altos na montanha, ele alcançou no décimo sétimo dia as ladeiras sagradas do Himalaia. E, ó rei, não longe do Gandhamadana o filho de Pandu contemplou nas ladeiras sagradas do Himavan cobertas com várias árvores e trepadeiras o eremitério sagrado de Vrishaparva cercado por árvores florescentes crescendo perto das cascatas. E quando aqueles repressores de inimigos, os filhos de Pandu, tinham se recuperado da fadiga, eles foram até o sábio real, o pio Vrishaparva e o saudaram. E aquele sábio real recebeu com afeição aqueles principais dos Bharatas, assim como seus próprios filhos. E aqueles repressores de inimigos passaram sete noites lá, devidamente respeitados. E quando chegou o oitavo dia, recebendo a permissão daquele sábio célebre pelos mundos, eles se prepararam para partir em sua viagem. E tendo apresentado um a um para Vrishaparva aqueles Brahmanas, que, devidamente honrados, permaneceram sob seus cuidados como amigos; e tendo também confiado a Vrishaparva de grande alma seus mantos restantes, os filhos de Pandu, ó rei, deixaram no eremitério de Vrishaparva seus recipientes sacrificais junto com seus ornamentos e jóias. E sábio e devoto e versado em todos os deveres e tendo o conhecimento do passado assim como do futuro, ele deu instruções para aqueles melhores dos Bharatas, como para seus próprios filhos. Então recebendo sua permissão aqueles de grande alma partiram em direção ao norte. E quando eles partiram o magnânimo Vrishaparva seguiu-os até uma certa distância. Então tendo confiado os Pandavas aos cuidados dos Brahmanas e instruído e abençoado eles e dado indicações sobre seu rumo, Vrishaparva de energia poderosa retrocedeu seus passos.

Então o filho de Kunti, Yudhishthira de destreza infalível, junto com seus irmãos, começou a proceder a pé pelo caminho da montanha, habitado por várias espécies de animais. E tendo morado nas ladeiras da montanha, densamente cobertas com árvores, o filho de Pandu no quarto dia alcançou a montanha Sweta, parecida com uma massa de nuvens, cheia de rios e consistindo em uma massa de ouro e pedras preciosas. E tomando o caminho indicado por Vrishaparva, eles alcançaram um a um os lugares planejados, contemplando várias montanhas. E repetidamente eles passaram com facilidade por muitas rochas inacessíveis e cavernas extremamente intransitáveis da montanha. E Dhaumya e Krishna e os Parthas e o sábio poderoso Lomasa seguiram em um grupo e ninguém ficou cansado. E aqueles altamente afortunados chegaram à montanha sagrada e poderosa ressoando com os gritos de aves e animais e coberta com várias árvores e trepadeiras e habitada por macacos, e fantástica e provida de muitos lagos de lotos e tendo pântanos e florestas extensos. E então com seus cabelos arrepiados eles viram a montanha Gandhamadana, a residência de Kimpurushas, frequentada por Siddhas e Charanas e percorrida por Vidyadharis e Kinnaris e habitada por manadas de elefantes e apinhada com leões e tigres e ressoando com os rugidos de Sarabhas e visitada por vários animais. E os filhos guerreiros de Pandu entraram gradualmente na floresta de Gandhamadana, semelhante aos jardins Nandana, agradável para a mente e coração e digna de ser habitada e tendo arvoredos belos. E quando aqueles heróis entraram com Draupadi e os Brahmanas de grande alma, eles ouviram notas proferidas pelas aves, muito suaves e graciosas para o ouvido e causando deleite e melodiosas e quebradas por causa de excesso de vivacidade animal. E eles viram várias árvores curvadas sob o peso de frutas de todas as estações, e sempre radiantes com flores, tais como mangueiras e ameixeiras e bhavyas e romãzeiras, cidreiras e jacks e lakuchas e bananeiras e juncos aquáticos e parvatas e champakas e kadamvas e vilwas encantadoras, macieiras do mato e macieiras rosadas e kasmaris e jujubas e figueiras e figueiras glomerous e figueiras de Bengala e aswatthas e khirikas e bhall atakas e amalkas e bibhitakas e ingudas e karamardas e tindukas de frutos grandes, estas e muitas outras nas ladeiras de Gandhamadana, cheias de cachos de frutas doces e nectáreas. E além destas, eles contemplaram champakas e asokas e ketakas e vakulas e punnagas e saptaparnas e karnikaras, e patals, e kutajas e mandaras belas, e lotos, e parijatas, e kovidaras e devadarus, e salas, e palmeiras, e tamalas, e pippalas, e salmalis e kinsukas, e singsapas, e saralas e estas eram habitadas por Chakoras, e pica-paus e chatakas, e várias outras aves, cantando em tons doces agradando aos ouvidos. E eles viram lagos belos por todos os lados com aves aquáticas, e cobertos em volta com kumudas, e pundarikas, e kokanadas, e utpalas, e kalharas, e kamalas e apinhados por todos os lados com patos e gansos vermelhos, e garças, e gaivotas e karandavas, e plavas, e cisnes, e grous, e shags, e outras aves aquáticas. E aqueles principais dos homens viram aqueles lagos de lotos embelezados com conjuntos de lotos, e ressoando com o zumbido doce de abelhas, alegres e sonolentas por terem bebido o mel embriagante dos lotos, e avermelhadas com o pólen caído dos cálices dos lotos. E nos arvoredos eles viram pavões com suas fêmeas enlouquecidos com desejo causado pelas notas de grande número de barritos; e aqueles pavões amorosos dos bosques contentes e sonolentos com desejo

estavam dançando, espalhando em galanteio suas caudas magníficas, e estavam gritando em notas melodiosas. E alguns dos pavões estavam se divertindo com seus companheiros em árvores kutaja cobertas com trepadeiras. E alguns sentavam nos ramos dos kutajas, espalhando suas caudas magníficas, e parecendo com coroas usadas pelas árvores. E nas clareiras eles viram os graciosos sindhuvaras parecidos com as flechas de Cupido. E nos topos da montanha eles viram karnikaras floridos portando flores de uma cor dourada, parecendo com brincos de feitio excelente. E na floresta eles viram kuruvakas florescentes, semelhantes às flechas de Cupido, as quais afetavam uma pessoa com desejo e deixavam-na inquieta. E eles viram tilakas parecendo com sinais pintados sobre a fronte da floresta. E eles viram árvores de manga agraciadas com flores cobertas por abelhas pretas zunindo, e servindo ao propósito de flechas de Cupido. E nas ladeiras da montanha havia diversas árvores florescentes, parecendo encantadoras, algumas portando flores de cor dourada, e algumas da cor do incêndio da floresta, e algumas vermelhas e algumas negras, e algumas verdes como lápis-lazúli. E além destas, havia conjuntos de árvores salas e tamalas e patalas e vakula, parecidas com guirlandas colocadas pelos topos da montanha. Assim gradualmente contemplando nas ladeiras da montanha muitos lagos, parecendo transparentes como cristal, e tendo cisnes de plumagem branca e ressoando com gritos de garças, e cheios de lotos e lírios, e providos de águas de sensação deliciosa; e também vendo flores fragrantes, e frutas deliciosas, e lagos fantásticos, e árvores cativantes, os Pandavas penetraram na floresta com olhos arregalados de admiração. E (conforme eles prosseguiam) eles eram abanados pela brisa de sensação suave, e perfumada por kamalas e utpalas e kalharas e pundarikas. Então Yudhishthira falou agradavelmente para Bhima dizendo, 'Ah! Ó Bhima, é bela esta floresta da Gandhamadana. Nesta floresta fantástica há várias árvores e trepadeiras floridas selvagens muito agradáveis, enfeitadas com folhagem e frutas, nem há quaisquer árvores que não florescem. Nestas ladeiras da Gandhamadana todas as árvores são de folhagem e frutas lustrosas. E veja como estes lagos de lotos com lotos completamente desabrochados, e ressoando com o zumbido de abelhas pretas, estão sendo agitado por elefantes com seus companheiros. Veja outro lago de lotos cercado com fileiras de lotos, como uma segunda Sree em uma forma incorporada usando guirlandas. E nesta floresta excelente há belos conjuntos de bosques, ricos com o aroma de várias flores, e ressoando com o zumbido de abelhas pretas. E, ó Bhima, veja em todos os lados a excelente área de diversão dos celestiais. Por virmos aqui, nós alcançamos condição super-humana, e fomos abençoados. Ó Partha, nestas ladeiras da Gandhamadana, lá belas árvores florescentes, sendo abraçadas por trepadeiras com flores em seus topos, parecem encantadoras. E, ó Bhima, ouça com atenção às notas dos pavões gritando com suas fêmeas nas ladeiras da montanha. E aves tais como chakoras, e satapatras, e kokilas enlouquecidos, e papagaios, estão pousando nestas excelentes árvores floridas. E sentados sobre os galhos, miríades de jivajivakas de cor escarlate, amarela e vermelha, estão olhando uns para os outros. E os grous são vistos perto dos lugares cobertos com grama verde e avermelhada, e também ao lado das cachoeiras. E aquelas aves, bhringarajas, e upachakras, e garças estão emitindo suas notas encantadoras para todas as criaturas. E, veja! com seus

companheiros, aqueles elefantes providos de quatro presas, e brancos como lótus, estão agitando aquele grande lago da cor de lápis-lazúli. E de muitas cascatas, torrentes altas como várias palmeiras (colocadas umas sobre as outras) estão se precipitando dos penhascos. E muitos minerais prateados esplêndidos, e da refulgência do sol, e parecidos com nuvens outonais, estão embelezando esta montanha imensa. E em algum lugares existem minerais da cor do colírio, e em alguns aqueles semelhantes ao ouro, em alguns, amarelo ouro e em alguns, vermelho alaranjado, e em alguns, grutas de vermelho arsênico semelhantes a nuvens noturnas e em alguns, giz vermelho da cor do rabit, e em alguns, minerais semelhantes a nuvens brancas e negras; e em alguns, aqueles refulgentes como o sol nascente, estes minerais de grande brilho embelezam a montanha. Ó Partha, como foi dito por Vrishaparva, os Gandharvas e os Kimpurushas, em companhia com seus amores, são visíveis sobre os topos da montanha. E, ó Bhima, lá são ouvidas várias canções de ritmo apropriado, e também hinos Védicos, agradáveis para todas as criaturas. Contemple o rio celeste Mahaganga sagrado e gracioso, com cisnes, frequentado por sábios e Kinnaras. E, ó repressor de inimigos, veja esta montanha tendo minerais, regatos, e bosques e animais belos, e cobras de formas diversas e cem cabeças e Kinnaras, Gandharvas e Apsaras.'"

Vaisampayana disse, "Tendo alcançado condição excelente, aqueles guerreiros valentes e repressores de inimigos com Draupadi e os Brahmanas de grande alma estavam profundamente encantados, e eles não estavam saciados por contemplar aquele monarca das montanhas. Depois disso eles viram o eremitério do sábio real Arshtishena, provido de árvores portando flores e frutas. Então eles foram até Arshtishena versado em todos os deveres de austeridades rígidas, semelhante a um esqueleto, e tendo músculos expostos."

158

Vaisampayana continuou, "Tendo se aproximado dele cujos pecados tinham sido consumidos por ascetismo, Yudhishthira anunciou seu nome, e saudou-o alegremente, inclinando sua cabeça. E então Krishna, e Bhima, e os gêmeos devotos, tendo curvado suas cabeças para o sábio real, permaneceram (lá) circundando-o. E aquele sacerdote dos Pandavas, o virtuoso Dhaumya, também se aproximou devidamente daquele sábio cumpridor de votos. E por sua visão profética aquele Muni virtuoso já conhecia a identidade daqueles principais dos Kurus, os filhos de Pandu. E ele disse para eles, 'Sentem-se.' E ele de austeridades rígidas, depois de ter recebido devidamente aquele principal dos Kurus, quando o último com seus irmãos tinha se sentado, perguntou pelo seu bem-estar, dizendo, 'Tu não dirigiste tua inclinação em direção à inverdade? E tu estás concentrado na virtude? E, ó Partha, a tua atenção para teu pai e tua mãe diminuíram? Todos os teus superiores, e os idosos, e aqueles versados nos Vedas, são honrados por ti? E, ó filho de Pritha, tu não dirigiste tua inclinação para ações pecaminosas? E tu, ó melhor dos Kurus, sabes devidamente como realizar ações meritórias, e evitar atos pecaminosos? Tu não exaltas a ti mesmo? E

homens pios são gratificados, sendo honrados por ti? E mesmo residindo nas florestas, tu segues a virtude somente? E, ó Partha, Dhaumya não se aflige por tua conduta? Tu segues os costumes dos teus antepassados, por meio de caridade, e observâncias religiosas, e ascetismo, e pureza, e franqueza, e perdão? E tu andas pelo caminho tomado pelos sábios reais? No nascimento de um filho em suas (respectivas) linhagens, os Pitris em suas regiões riem e sofrem, pensando: ‘As ações pecaminosas deste nosso descendente nos fará mal, ou seus atos meritórios levarão ao nosso bem-estar?’ Conquista ambos os mundos aquele que homenageia seu pai, e mãe, e preceptor, e Agni, e em quinto lugar, a alma.' Yudhishthira disse, 'Ó venerável, estes deveres que foram mencionados por ti como excelentes, eu os cumpro com todas as forças devidamente e apropriadamente.'

Arshtishena disse, 'Durante os Parvas sábios subsistindo de ar e água vem para esta melhor das montanhas percorrendo o ar. E nos topos da montanha são vistos Kimpurushas amorosos com suas amantes, mutuamente unidos uns aos outros; como também, ó Partha, muitos Gandharvas e Apsaras vestidos em trajes brancos de seda; e Vidyadharas de aparência graciosa, usando guirlandas; e Nagas poderosos, e Suparnas, e Uragas, e outros. E nos topos da montanha são ouvidos, durante os Parvas, sons de timbales, e tambores, conchas e mridangas. Ó principal dos Bharatas, por ficarem aqui mesmo vocês ouvirão aqueles sons; de nenhuma maneira sintam-se inclinados a irem para lá. Além disso, ó melhor da raça Bharata, é impossível prosseguir além disto. Aquele lugar é a região esportiva dos celestiais. Não há acesso para lá para mortais. Ó Bharata, neste local todas as criaturas possuem hostilidade em direção a, e os Rakshasas castigam aquele homem que comete agressão, mesmo que ela seja muito pequena. Além do topo deste penhasco Kailasa é visto o caminho dos sábios celestes. Se alguém por impudência vai além disto os Rakshasas o matam com dardos de ferro e outras armas. Lá, ó filho, durante os Parvas, ele que circula sobre os ombros de homens, o próprio Vaisravana é visto em pompa e grandeza cercado pelas Apsaras. E quando aquele senhor de todos os Rakshasas está sentado sobre o topo, todas as criaturas o contemplam semelhante ao sol nascente. Ó melhor dos Bharatas, aquele topo é lugar de passeio dos celestiais, e dos Danavas, e dos Siddhas, e de Vaisravana. E durante os Parvas, quando Tumburu entretém o Senhor dos tesouros, as doces notas de sua canção são ouvidas por toda a Gandhamadana. Ó filho, ó Yudhishthira, aqui durante os Parvas todas as criaturas vêem e ouvem maravilhas como estas. Ó Pandavas, até que vocês encontrem com Arjuna, permaneçam aqui, partilhando de frutas deliciosas, e do alimento dos Munis. Ó filho, como tu vieste para cá, não mostre qualquer impertinência. E, ó filho, depois de viver aqui à tua vontade e te divertindo como te agradar, tu finalmente governarás a terra, tendo-a conquistado pela força dos teus braços.'"

159

Janamejaya disse, "Por quanto tempo meus grandes antepassados, os filhos de grande alma de Pandu de coragem inigualável, moraram na montanha Gandhamadana? E o que aqueles extremamente poderosos, dotados de virilidade, fizeram? E qual era o alimento daqueles de grande alma, quando aqueles heróis dos mundos moraram (lá)? Ó excelente, conte tudo sobre isto. Descreva o heroísmo de Bhimasena, e o que aquele de braços poderosos fez na montanha Himalayan. Certamente, ó melhor dos Brahmanas, ele não lutou novamente com os Yakshas. E eles encontraram com Vaisravana? Certamente, como Arshtishena disse, o senhor da riqueza aproximou-se de lá. Tudo isto, ó tu de riqueza ascética, eu desejo ouvir em detalhes. Sem dúvida eu ainda não estou completamente satisfeito por ouvir sobre as ações deles."

Vaisampayana continuou, "Tendo ouvido daquele de energia incomparável, (Arshtishena), aquele conselho conducente ao seu bem-estar, aqueles principais dos Bharatas começaram a se comportar sempre adequadamente. Aqueles melhores dos homens, os Pandavas, moraram sobre o Himavan, partilhando do alimento comido pelos Munis, e de frutas deliciosas, e da carne de veados mortos com flechas não envenenadas e várias espécies de mel puro. Vivendo dessa maneira eles passaram o quinto ano, ouvindo as várias histórias contadas por Lomasa. Ó senhor, dizendo, 'Eu estarei presente quando surgir motivo,' Ghatotkacha, junto com todos os Rakshasas, antes disto já tinha ido embora. Aqueles magnânimos passaram muitos meses no eremitério de Arshtishena, testemunhando muitas maravilhas. E quando os Pandavas estavam passando seu tempo lá agradavelmente, foram lá para vê-los alguns Munis auto-satisfeitos cumpridores de votos e Charanas de grande ventura e almas puras. E aqueles principais da raça Bharata conversaram com eles sobre assuntos mundanos. E aconteceu que quando vários dias tinham se passado, Suparna de repente causou a morte de um Naga extremamente forte e poderoso, vivendo no grande lago. E nisso aquela montanha imensa começou a tremer, e as árvores gigantescas, a quebrar. E todas as criaturas e os Pandavas testemunharam o portento. Então da fronte daquela montanha excelente, o vento trouxe perante os Pandavas várias flores fragrantes e formosas. E os Pandavas, e a ilustre Krishna, junto com seus amigos, viram aquelas flores sobrenaturais de cinco cores. E quando Bhimasena de braços fortes estava sentado tranquilamente sobre a montanha, Krishna dirigiu-se a ele dizendo, 'Ó melhor da raça Bharata, na presença de todas as criaturas, estas flores de cinco cores, carregadas pela força do vento levantado por Suparna, estão caindo rapidamente no rio Aswaratha. Em Khandava teu irmão de grande alma, firme em promessa, frustrou Gandharvas e Nagas e o próprio Vasava, e matou Rakshasas ferozes, e também obteve o arco Gandiva. Tu também és de coragem excelente e a força dos teus braços é formidável, e irreprimível, e insuportável como o poder de Sakra. Ó Bhimasena, apavorados com a força dos teus braços, que todos os Rakshasas se dirijam aos dez pontos cardeais, deixando a montanha. Então teus amigos serão libertos do medo e aflição, e verão o topo auspicioso desta montanha excelente provido de flores

coloridas. Ó Bhima, eu tenho nutrido por muito tempo este pensamento em minha mente, que protegida pelo poder dos teus braços, eu verei aquele topo.'

Nisso, como um touro de grande vigor que foi golpeado, Bhimasena, considerando a si mesmo como criticado por Draupadi, não pode aguentar (isso). E aquele Pandava do porte de um leão ou um touro, e gracioso, e generoso, e tendo o esplendor do ouro, e inteligente, e forte, e orgulhoso, e sensível, e heróico, e tendo olhos vermelhos, e ombros largos, e dotado da força de elefantes enfurecidos, e tendo dentes leoninos e um pescoço largo, e alto como uma jovem árvore sala, e de grande alma, e gracioso em todos os membros, e de pescoço tendo as espiras de uma concha e de braços poderosos, pegou seu arco laminado com ouro no lado posterior, e também sua espada. E altivo como um leão, e parecendo um elefante enfurecido, aquele forte se apressou em direção àquele penhasco, livre de medo ou aflição. E todas as criaturas viram ele equipado com arco e flechas se aproximando como um leão ou um elefante enfurecido. E livre de medo ou aflição, o Pandava pegando sua maça procedeu para aquele monarca das montanhas causando o deleite de Draupadi. E nem exaustão, nem fadiga, nem lassidão, nem a malícia (de outros), afetavam aquele filho de Pritha e do Deus do Vento. E tendo chegado em um caminho acidentado fornecendo passagem para um indivíduo somente, ele de grande força subiu aquele topo terrível alto como várias palmeiras (colocadas umas sobre as outras). E tendo ascendido aquele topo, e assim alegrado Kinnaras, e grandes Nagas, e Munis, e Gandharvas, e Rakshasas, aquele principal da linhagem Bharata, dotado de força excessiva, descreveu a residência de Vaisravana, adornada com palácios dourados cristalinos totalmente certados por muros dourados tendo o esplendor de todas as pedras preciosas, provida de jardins em volta, mais alta do que um pico de montanha, bela com baluartes e torres, e adornada com entradas e portões e fileiras de bandeirolas. E a residência era agraciada com donzelas gracejando e dançando em volta, e também com flâmulas agitadas pela brisa. E com braços dobrados, se apoiando na extremidade de seu arco, ele ficou contemplando com avidez a cidade do senhor dos tesouros. E alegrando todas as criaturas, lá estava soprando uma brisa, carregando todos os perfumes, e de uma sensação suave. E lá havia várias árvores belas e maravilhosas de cores diversas ressoando com diversas notas harmoniosas. E naquele local o principal dos Bharatas examinou o palácio do Senhor dos Rakshasas espalhado com pilhas de pedras preciosas, e adornado com guirlandas variadas. E renunciando a todo cuidado de vida Bhimasena de braços poderosos permaneceu imóvel como uma rocha, com sua maça e espada e arco em suas mãos. Então ele soprou sua concha fazendo os pelos de seus adversários se arrepiarem; e vibrando a corda de seu arco, e batendo em seus braços com as mãos ele desalentou todas as criaturas. Nisso, com seus pelos permanecendo eretos, os Yakshas e Rakshasas começaram a se precipitar em direção ao Pandava, na direção daqueles sons. E pegadas pelos braços dos Yakshas e Rakshasas as maças e clavas e espadas e lanças e dardos e machados flamejaram, e quando, ó Bharata, seguiu-se a luta entre os Rakshasas e Bhima, o último por meio de flechas cortou os dardos, lanças e machados daqueles possuidores de grandes poderes de ilusão, e ele de força excelente perfurou com flechas os corpos dos Rakshasas que rugiam,

ambos: daqueles que estavam no céu, e daqueles que permaneciam sobre a terra. E Bhima de força excessiva foi submerso pela poderosa chuva de sangue originada dos corpos dos Rakshasas com maças e clavas em suas mãos e fluindo por todos os lados de seus corpos. E os corpos e mãos dos Yakshas e Rakshasas eram vistos serem cortados pela arma disparada pela força dos braços de Bhima. E então todas as criaturas viram o gracioso Pandava densamente cercado pelos Rakshasas, como o Sol envolvido por nuvens. E assim como o Sol circunda tudo com seus raios, aquele poderosamente armado e forte de destreza infalível cobriu todos com flechas destruidoras de inimigos. E embora ameaçando e proferindo gritos, os Rakshasas não viram Bhima desconcertado. Então, com seus corpos mutilados, os Yakshas afligidos pelo medo, Bhimasena começou a proferir sons terríveis de angústia, jogando suas armas poderosas. E apavorados com o manejador de um arco forte, eles fugiram em direção ao quadrante sul, abandonando suas maças e lanças e espadas e clavas e machados. E então lá ficou, segurando em suas mãos dardos e maças, o amigo de peito largo e poderoso de Vaisravana, o Rakshasa chamado Maniman. E aquele de grande força começou a exibir sua maestria e virilidade. E vendo eles abandonarem a luta, ele dirigiu-se a eles com um sorriso, 'Indo para a residência de Vaisravana, como vocês dirão para aquele senhor da riqueza que multidões foram derrotadas por um único mortal em batalha?' Tendo dito isso para eles aquele Rakshasa, pegando em suas mãos clavas e lanças e maças, adiantou-se e avançou em direção ao Pandava. E ele se precipitou a toda velocidade como um elefante enfurecido. Bhimasena perfurou seus lados com três flechas seletas. E o poderoso Maniman, de sua parte, em cólera pegando e agitando uma maça tremenda arremessou-a em Bhimasena. Nisso Bhimasena atacou com inúmeras flechas afiadas em pedras, atiradas naquela maça imensa no céu, terrível, e semelhante ao lampejar do relâmpago. Mas ao alcançarem a maça aquelas flechas foram desviadas; e embora atiradas com força por aquele perito em arremessar a maça, ainda assim elas não puderam parar seu movimento rápido. Então o poderoso Bhima de bravura terrível frustrou o arremesso (do Rakshasa) por recorrer à sua habilidade em luta com maça. Enquanto isso, o inteligente Rakshasa tinha atirado uma terrível clava de ferro, provida de uma ponta dourada. E aquela clava, emitindo chamas e rugidos tremendos, perfurou de repente o braço direito de Bhima e então caiu ao solo. Ao ser ferido gravemente por aquela clava, aquele arqueiro, filho de Kunti, de coragem incomensurável, com olhos rolando em ira, pegou sua maça. E tendo pegado aquela maça de ferro, incrustada com chapas douradas, a qual causava o medo de inimigos e ocasionava sua derrota, ele arremessou-a com velocidade em direção ao poderoso Maniman, ameaçando (a ele) e proferindo gritos. Então Maniman de sua parte, pegando seu dardo enorme e brilhante, lançou-o com grande força em Bhima, proferindo gritos altos. Nisso, quebrando o dardo com a ponta de sua maça, aquele de braços fortes hábil em lutar com maça avançou rapidamente para matá-lo, como Garuda (avançava) para matar uma serpente. Então de repente, avançando adiante no campo, aquele de braços poderosos saltou ao céu e brandindo sua maça arremessou-a com gritos. E como o raio arremessado por Indra, aquela maça semelhante a uma praga, com a velocidade do vento destruiu o Rakshasa e então caiu ao chão. Então todas as criaturas viram aquele Rakshasa de força terrível massacrado por Bhima, assim

como um touro morto por um leão. E os Rakshasas sobreviventes vendo-o morto no chão foram em direção ao leste, proferindo sons terríveis de angústia.'"

160

Vaisampayana disse, "Ouvindo vários sons ressoando nas cavernas da montanha e não vendo Bhimasena, o filho de Kunti Ajatasatru e os gêmeos filhos de Madri, e Dhaumya e Krishna e todos os Brahmanas e os amigos (dos Pandavas), ficaram cheios de ansiedade. Nisso, confiando Draupadi aos cuidados de Arshtishena e equipados com suas armas, aqueles quadrigários valentes e poderosos começaram a subir juntos o topo da montanha. E tendo alcançado o topo, quando aqueles repressores de inimigos e arqueiros fortes e quadrigários poderosos estavam olhando em volta, eles viram Bhima e aqueles enormes Rakshasas de imensa força e coragem se agitando em um estado de inconsciência tendo sido derrubados por Bhima. E segurando sua maça e espada e arco, aquele de braços poderosos parecia com Maghavan, depois que ele tinha matado as hostes Danava. Então ao verem seu irmão, os Pandavas, que tinham alcançado condição excelente, o abraçaram e se sentaram lá. E com aqueles arqueiros poderosos, aquele topo parecia formidável como o céu agraciado por aqueles principais dos celestiais, os Lokapalas altamente afortunados. E vendo a residência de Kuvera e os Rakshasas jazendo mortos no chão, o rei dirigiu-se a seu irmão que estava sentado, dizendo, 'Seja por impetuosidade ou por ignorância, tu, ó Bhima, cometeste um ato pecaminoso. Ó herói, como tu estás levando a vida de um anacoreta, esta matança sem motivo não é apropriada para ti. Ações, isto é afirmado por aqueles versados em deveres, que são calculadas para desagradar um monarca não devem ser cometidas. Mas tu, ó Bhimasena, cometeste um ato o qual ofenderá até os deuses. Aquele que, desconsiderando lucro e dever, dirige seus pensamentos ao pecado deve, ó Partha, colher o fruto de suas ações pecaminosas. Contudo, se tu procuras o meu bem-estar, nunca mais cometa ato semelhante.'"

Vaisampayana continuou, "Tendo dito isso para seu irmão Vrikodara, o virtuoso filho de Kunti muito enérgico e de mente firme, Yudhishthira versado nos detalhes (da ciência) de lucro, parou, e começou a refletir sobre aquele assunto.

Por outro lado, os Rakshasas que tinham sobrevivido àqueles mortos por Bhima fugiram em conjunto em direção à residência de Kuvera. E eles de velocidade excelente tendo alcançado rapidamente a residência de Vaisravana começaram a proferir altos gritos de angústia, estando atormentados por medo de Bhima. E, ó rei, privados de suas armas e exaustos e com suas armaduras lambuzadas com sangue coagulado e com cabelo desalinhado eles falaram para Kuvera, dizendo, 'Ó senhor, todos os teus Rakshasas principais lutando com maças e clavas e espadas e lanças e dardos farpados, estão mortos. Ó senhor dos tesouros, um mortal, invadindo a montanha, sozinho, massacrou todos os teus Rakshasas Krodhovasa reunidos. E, ó senhor da riqueza, lá jazem os principais dos Yakshas

e Rakshasas inconscientes e mortos, tendo sido derrubados; e nós fomos poupados por seu favor. E teu amigo Maniman também foi morto. Tudo isto foi feito por um mortal. Faça o que é apropriado, depois disto.' Tendo ouvido isso, aquele senhor de todas as hostes Yaksha ficando irado, com olhos avermelhados de raiva, exclamou, 'Como!' E sabendo da segunda (ação de) agressão de Bhima, aquele senhor dos tesouros, o rei dos Yakshas, ficou cheio de cólera, e disse, 'Atrelem' (os cavalos). Então a um carro da cor de nuvens escuras, e alto como um topo de montanha, eles uniram corcéis tendo vestimentas douradas. E ao serem unidos ao carro, aqueles cavalos excelentes dele, agraciados com todas as qualidades nobres e providos dos dez cachos auspiciosos de cabelo e tendo energia e força, e adornados com várias jóias e parecendo esplêndidos, como se desejosos de correr como o vento, começaram a relinchar uns para os outros o relincho emitido na (hora da) vitória. E aquele rei divino e refulgente dos Yakshas partiu, sendo elogiado pelos celestiais e Gandharvas. E mil Yakshas principais de olhos avermelhados e brilho dourado e tendo corpos enormes, e dotados de grande força, equipados com armas e cingindo suas espadas, seguiram aquele senhor dos tesouros de grande alma. E percorrendo o firmamento eles (os corcéis) chegaram em Gandhamadana, como se puxando o céu para a frente com sua velocidade. E com seus cabelos arrepiados, os Pandavas viram aquele grande grupo de cavalos mantidos pelo senhor da riqueza e também o próprio Kuvera de grande alma e gracioso cercado pelas hostes Yaksha. E vendo aqueles quadrigários poderosos, os filhos de Pandu, possuidores de grande força, equipados com arcos e espadas, Kuvera também estava encantado; e ele estava profundamente satisfeito, mantendo em vista a tarefa dos celestiais. E como aves, eles, (os Yakshas) dotados de rapidez extrema, desceram no topo da montanha e ficaram perante eles (os Pandavas), com o senhor dos tesouros em sua vanguarda. Então, ó Bharata, vendo ele satisfeito com os Pandavas, os Yakshas e os Gandharvas ficaram lá, livres de agitação. Então pensando em si mesmos como tendo pecado, aqueles quadrigários poderosos de grande alma, os Pandavas, tendo se curvado àquele senhor, o concessor de riqueza, permaneceram circundando o senhor dos tesouros com mãos unidas. E o senhor dos tesouros sentou-se naquele assento excelente, o gracioso Pushpaka, construído por Viswakarma, pintado com diversas cores. E milhares de Yakshas e Rakshasas, alguns tendo corpos enormes e alguns orelhas parecidas com pinos, e centenas de Gandharvas e hostes de Apsaras sentaram-se na presença daquele (que estava) sentado, assim como os celestiais sentam-se circundando aquele de cem sacrifícios; e usando uma bela guirlanda dourada em sua cabeça e segurando em suas mãos seu laço e espada e arco, Bhima permaneceu fitando o senhor da riqueza. E Bhimasena não se sentiu deprimido por ter sido ferido pelos Rakshasas, ou mesmo naquela situação difícil vendo Kuvera chegar.

E aquele que circula nos ombros de homens, ao ver Bhima permanecer desejoso de lutar com flechas afiadas, disse para o filho de Dharma, 'Ó Partha, toda as criaturas te conhecem como dedicado ao bem delas. Portanto, com teus irmãos, more destemidamente sobre este topo da montanha. E, ó Pandava, não fique zangado com Bhima. Estes Yakshas e Rakshasas já tinham sido mortos pelo Destino: teu irmão foi simplesmente o instrumento. E não é necessário sentir

vergonha por causa da ação de impudência que foi cometida. Esta destruição dos Rakshasas foi prevista pelos deuses. Eu não nutro raiva em direção a Bhimasena. Mais propriamente, ó principal da linhagem Bharata, eu estou satisfeito com ele; mais ainda, mesmo antes de vir aqui, eu estava satisfeito com este ato de Bhima.'"

Vaisampayana disse, "Tendo falado assim para o rei, (Kuvera) disse para Bhimasena, 'Ó filho, ó melhor dos Kurus, eu não me importo, ó Bhima, que para agradar Krishna, tu tenhas, desconsiderando os deuses e a mim também, cometido este ato temerário, a saber, a destruição dos Yakshas e dos Rakshasas, dependendo da força dos teus braços; eu estou bem satisfeito contigo. Ó Vrikodara, hoje eu fui liberto de uma maldição terrível. Por alguma ofensa, aquele grande Rishi, Agastya, tinha me amaldiçoado com raiva. Tu me libertaste por esta ação (tua). Ó filho de Pandu, minha desgraça antes disso tinha sido decretada. Nenhum pecado, portanto, de qualquer maneira, se atribui a ti, ó Pandava.'

Yudhishthira disse, 'Ó divino, por que tu foste amaldiçoado por Agastya de grande alma? Ó deus, eu estou curioso para ouvir sobre a ocasião daquela imprecação. Eu me admiro que naquele mesmo momento, tu junto com tuas forças e servidores, não tenhas sido consumido pela ira daquele inteligente.'

Nisso o senhor dos tesouros disse, 'Em Kusasthali, ó rei, uma vez foi mantido um conclave dos deuses. E cercado por Yakshas de aparência severa, numerando trezentos maha-padmas, carregando várias armas, eu estava indo para aquele local. E no caminho eu vi aquele principal dos sábios, Agastya, dedicado à prática de austeridades severas na margem do Yamuna, cheia de várias aves e agraciada com árvores floridas. E, ó rei, imediatamente ao ver aquela massa de energia, flamejante e brilhante como fogo, sentado com braços erguidos, encarando o sol, meu amigo, o gracioso senhor dos Rakshasas, Maniman, por estupidez, tolice, arrogância e ignorância expeliu seu excremento sobre a cabeça daquele Maharshi. Imediatamente, como se queimando todos os pontos cardeais com sua cólera, ele disse para mim, 'Já que, ó senhor dos tesouros, na tua própria presença, me desrespeitando, este teu amigo me afrontou dessa maneira, ele, junto com tuas forças, encontrará a destruição nas mãos de um mortal. E, ó de mente má, tu também, sendo afligido por causa dos teus soldados mortos, serás liberto do teu pecado, ao veres aquele mortal. Mas se eles seguirem tuas ordens, os filhos poderosos (dos soldados) não incorrerão nesta maldição terrível.' Esta maldição eu recebi antigamente daquele principal dos Rishis. Agora, ó rei poderoso, eu fui libertado pelo teu irmão Bhima.'"

161

"O senhor dos tesouros disse, 'Ó Yudhishthira, paciência, habilidade, hora e lugar (apropriados) e coragem, estes cinco levam ao sucesso em assuntos humanos. Ó Bharata, no Krita Yuga, os homens eram pacientes e habilidosos em suas respectivas ocupações e eles sabiam como mostrar coragem. E, ó principal dos Kshatriyas, um Kshatriya que é dotado de paciência e que compreende a

propriedade com relação à hora e lugar e é versado em todos os regulamentos mortais, pode sozinho governar o mundo por um longo tempo, mais ainda, em todas as transações. Aquele que se comporta assim, obtém, ó herói, fama neste mundo e condição excelente no próximo. E por ter mostrado sua bravura na hora e lugar apropriados, Sakra com os Vasus obteve o domínio do céu. Aquele que por raiva não pode ver sua queda e aquele que sendo naturalmente pecaminoso e de mente má segue o mal e aquele que não conhece a adequação relativa às ações, encontra destruição neste mundo e no próximo. Tornam-se inúteis os esforços daquela pessoa estúpida que não está familiarizada com a conveniência com relação ao tempo e ações, e ele encontra destruição neste mundo e no próximo. E é malévolo o objetivo daquelas pessoas perversas e enganadoras que, visando o domínio de todo tipo, cometem algum ato irrefletido. Ó melhor dos homens, Bhimasena é destemido, e ignorante dos deveres, e arrogante, e da inteligência de uma criança, e inclemente. Portanto, controle-o. Dirigindo-te novamente para o eremitério do sábio pio Arshtisena, resida lá durante a quinzena escura, sem medo ou ansiedade. Ó senhor de homens, ordenados por mim, todos os Gandharvas residindo em Alaka, como também aqueles residindo nesta montanha, ó de braços poderosos, protegerão a ti, e a estes melhores dos Brahmanas. E, ó rei, ó principal entre os homens virtuosos, sabendo que Vrikodara veio para cá por impetuosidade, controle-o. De agora em diante, ó monarca, seres vivendo na floresta encontrarão vocês, servirão vocês e sempre protegerão vocês todos. E, ó principais dos homens, meus empregados sempre obterão para vocês várias carnes e bebidas de sabor delicioso. E, ó filho, Yudhishthira, assim como por vocês serem a progênie de relação espiritual Jishnu tem direito à proteção de Mahendra, e Vrikodara, do Deus do Vento, e tu, de Dharma, e os gêmeos possuidores de força, dos Aswins, assim vocês todos tem direito à minha proteção. Aquele seguinte por nascimento a Bhimasena, Phalguna, versado na ciência de lucro e todos os regulamentos mortais, está bem no céu. E, ó filho, aquelas perfeições que são reconhecidas no mundo como conducentes ao céu, são existentes em Dhananjaya desde o seu próprio nascimento. E autocontrole, e caridade, e força, e inteligência, e modéstia, e fortaleza, e energia excelente, estes todos são existentes naquele majestoso de alma magnífica. E, ó Pandava, Jishnu nunca cometeu alguma ação vergonhosa por pobreza de espírito. E no mundo, ninguém alguma vez disse que Partha proferiu uma inverdade. E, ó Bharata, honrado pelos deuses, Pitris, e os Gandharvas, aquele aumentador da glória dos Kurus está aprendendo a ciência de armas na residência de Sakra. E, ó Partha, no céu ele que com justiça trouxe sob seu domínio todos os soberanos da terra, até aquele monarca extremamente poderoso e muito enérgico, o avô do teu pai, o próprio Santanu, está bem satisfeito com o comportamento daquele manejador do Gandiva, o principal da sua linhagem. E, ó rei, residindo nas regiões de Indra, ele que nas margens do Yamuna adorou os deuses, os Pitris, e os Brahmanas por celebrar sete sacrifícios de cavalo grandiosos, aquele teu grande antepassado, o imperador Santanu de austeridades severas, que alcançou o céu, perguntou sobre o teu bem-estar.'"

Vaisampayana disse, "Tendo ouvido estas palavras do dispensador de riqueza, os Pandavas ficaram bem satisfeitos com elas. Então baixando sua clava e maça

e espada e arco, aquele principal dos Bharatas reverenciou Kuvera. E aquele concessor de proteção, o senhor dos tesouros, vendo prostrado-o, disse, 'Seja o destruidor do orgulho de inimigos, e o aumentador da alegria de amigos. E vocês, opressores de inimigos, vivam em nossa região fabulosa. Os Yakshas não se oporão aos seus desejos. Gudakesa, depois de ter obtido domínio sobre armas, voltará logo. Despedido pelo próprio Maghavat, Dhananjaya se juntará a vocês.'

Tendo assim instruído Yudhishthira de atos excelentes, o senhor dos Guhyakas desapareceu daquela melhor das montanhas. E milhares e milhares de Yakshas e Rakshasas seguiram-no em veículos cobertos com almofadas axadrezadas e decorados com várias jóias. E quando os cavalos procederam em direção à residência de Kuvera ergueu-se um barulho como de aves voando no ar. E os carregadores do senhor dos tesouros percorreram o céu rapidamente como se arrastando o firmamento adiante, e devorando o ar.

Então por ordem do senhor da riqueza, os corpos mortos dos Rakshasas foram removidos do topo da montanha. Como o inteligente Agastya tinha fixado este período como o limite de (duração da) sua maldição, assim sendo mortos em conflito, os Rakshasas estavam livres da imprecação. E sendo honrados pelos Rakshasas, os Pandavas moraram agradavelmente por várias noites naquelas habitações."

162

Vaisampayana continuou, "Então, ó repressor de inimigos, ao nascer do sol, tendo terminado suas devoções diárias, Dhaumya foi até os Pandavas, com Arshtishena. E tendo reverenciado os pés de Arshtishena e Dhaumya, eles com mãos unidas prestaram homenagem para todos os Brahmanas. Então Dhaumya pegando a mão direita de Yudhishthira disse estas palavras, olhando para o leste, 'Ó monarca poderoso, este rei das montanhas, Mandara, é vasto, cobrindo a terra até o oceano. Ó Pandava, Indra e Vaisravana presidem este ponto agraciado com bosques e florestas e montanhas. E, ó filho, os sábios inteligentes versados em todos os deveres dizem que esta (região) é a residência de Indra e do rei Vaisravana. E os duas vezes nascidos, e os sábios versados nos deveres, e os Sidhas, e os Sadhyas, e os celestiais, prestam suas adorações ao Sol quando ele nasce deste ponto. E aquele senhor de todos os seres vivos, o rei Yama, conhecedor do dever, preside lá a região sul para onde vão os espíritos dos mortos. E esta é Sanyamana, a residência do senhor dos espíritos dos mortos, sagrada, e maravilhosa de se olhar, e cheia de prosperidade superior. E os inteligentes chamam aquele monarca das montanhas (pelo nome de) Asta. Tendo, ó rei, chegado a este ponto, o Sol sempre persiste na verdade. E o rei Varuna protege todas as criaturas, morando neste rei das montanhas, e também no mar vasto. E, ó altamente afortunado, lá iluminando as regiões do norte, está localizado o pujante Mahameru, auspicioso e o refúgio daqueles que conhecem Brahma, onde está a corte de Brahma, e permanecendo onde aquela alma de todas as criaturas, Prajapati, tem criado tudo o que é móvel e imóvel. E o

Mahameru é a residência auspiciosa e saudável até dos sete filhos nascidos da mente de Brahma, de quem Daksha era o sétimo. E, ó filho, é aqui que os sete Rishis celestes com Vasishtha em sua dianteira nascem e se põem. Veja aquele topo excelente e brilhante do Meru, onde senta o grande progenitor (Brahma) com os celestiais felizes em auto-conhecimento. E próxima à residência de Brahma é visível a região daquele que é citado como sendo realmente a Causa primordial ou a origem de todas as criaturas, aquele senhor primordial, o deus Narayana, não tendo início nem fim. E, ó rei, aquele lugar auspicioso composto de todas as energias nem os celestiais podem ver. E a região de Vishnu de grande alma, por seu esplendor natural excedendo em refulgência o sol ou fogo, não pode ser contemplada pelos deuses, ou os Danavas. E a região de Narayana se localiza resplandecente ao leste do Meru, onde, ó filho, aquele senhor de todas as criaturas, a auto-criada Causa primordial do universo, tendo manifestado todos os seres, parece esplêndido de sua graça excelente. Ó filho, para não falar dos Maharshis, Brahmarshis não tem acesso àquele local. E, ó melhor dos Kurus, são somente os Yatis que tem acesso a ele. E, ó filho de Pandu, (naquele lugar) corpos luminosos não podem brilhar perto dele; lá só aquele senhor de alma inconcebível brilha transcendental. Lá por reverência, e austeridades severas, Yatis inspirados por virtude de práticas devotas alcançam Narayana Hari. E, ó Bharata, se dirigindo para lá, e alcançando aquela Alma universal, o auto-criado e eterno Deus dos deuses, aqueles de grande alma, de êxito em Yoga, e livres de ignorância e orgulho não tem que voltar para este mundo. Ó Yudhishthira altamente afortunado, esta região é sem início, ou deterioração, ou fim por ser a própria essência daquele Deus. E, ó filho dos Kurus, o Sol e a Lua todos os dias circulam este Meru, seguindo em uma direção oposta. E, ó impecável, ó monarca poderoso, os outros corpos luminosos também circulam este rei das montanhas da mesma maneira. Assim o Sol venerável que dissipa a escuridão anda em volta desta (montanha) obscurecendo outros corpos luminosos. Então tendo se posto, e passado a noite, aquele Fazedor do dia, o Sol, toma uma direção norte. Então se aproximando outra vez de Meru, o divino Sol (sempre) concentrado no bem de todos os seres, segue novamente, voltando-se para o leste. E dessa maneira, a Lua divina também junto com as estrelas circula esta montanha, dividindo o mês em várias partes, por sua chegada nos Parvas. Tendo assim infalivelmente circulado em volta do poderoso Meru, e nutrido todas as criaturas, a Lua se dirige novamente para o Mandar. Da mesma maneira, aquele destruidor da escuridão, o divino Sol, também se move neste caminho desobstruído, animando o universo. Quando, desejoso de causar orvalho, ele se dirige para o sul, então segue-se aí o inverno para todas as criaturas. Então o Sol, voltando do sul, por seus raios drena a energia de todas as criaturas móveis e imóveis. Nisso os homens ficam sujeitos à transpiração, fadiga, sonolência e lassidão; e os seres vivos sempre se sentem dispostos a dormir. Dali, voltando por regiões desconhecidas, aquele divino e refulgente causa chuva, e assim revive os seres. E tendo, pelo conforto causado pela chuva, vento, e calor, nutrido o móvel e o imóvel, o Sol poderoso retoma seu rumo anterior. Ó Partha, vagando dessa maneira, o Sol infalivelmente gira a roda do Tempo, influenciando as coisas criadas. Seu percurso é ininterrupto; ele nunca descansa, ó Pandava. Retirando a energia de todos os seres, ele a devolve

novamente. Ó Bharata, dividindo o tempo em dia e noite, e Kala, e Kashtha, aquele senhor, o Sol, dá vida e movimento para todas as coisas criadas.'"

163

Vaisampayana continuou, "Residindo naquela melhor das montanhas aqueles de grande alma cumpridores de votos excelentes, sentiram-se atraídos (por aquele local), e se distraíram, ávidos para ver Arjuna. E multidões de Gandharvas e Maharshis visitaram alegremente aqueles enérgicos, possuidores de coragem, de desejos castos e sendo os principais daqueles dotados de veracidade e fortaleza. E tendo chegado àquela montanha excelente tendo árvores providas de flores, aqueles quadrigários poderosos estavam muito encantados, assim como os Marutas ao chegarem às regiões celestes. E sentindo grande alegria, eles viveram (lá), vendo as ladeiras e topos daquela montanha imensa, cheia de flores, e ressoante com os gritos de pavões e grous. E naquela bela montanha eles viram lagos cheios de lotos, e tendo suas margens cobertas com árvores, e frequentados por escuridão, e karandavas e cisnes. E a florescente região de diversão, graciosa por causa das várias flores, e rica em pedras preciosas, era capaz de cativar aquele rei, o dispensador de riqueza (Kuvera). E sempre vagando (lá), aqueles principais dos ascetas (os Pandavas) eram incapazes de conceber (o significado) daquele Topo, provido de árvores imensas, e massas de nuvens amplamente espalhadas. E, ó grande herói, devido ao seu esplendor natural, e também por causa do brilho das plantas anuais, não havia diferença lá entre noite e dia. E ficando na montanha, permanecendo na qual o Sol de energia inigualável nutre as coisas móveis e imóveis, aqueles heróis e principais dos homens contemplaram o nascer e pôr do sol. E tendo visto os pontos de nascimento e pôr do Sol e o nascer e o ocaso montanhosos, e todos os pontos cardeais, bem como os espaços entremeio sempre brilhando com os raios do Dissipador da escuridão, aqueles heróis, na expectativa da chegada daquele poderoso quadrigário firme em verdade, se tornaram dedicados a recitar os Vedas, praticando os rituais diários, principalmente cumprindo os deveres religiosos, exercitando votos sagrados, e sendo fiéis à verdade. E dizendo, 'Que nós aqui mesmo sintamos deleite por encontrarmos sem demora Arjuna talentoso com armas,' aqueles Parthas muito abençoados se engajaram na prática do Yoga. E contemplando bosques fascinantes naquela montanha, como eles sempre pensavam em Kiriti, cada dia e noite parecia para eles assim como um ano. A alegria os tinha abandonado desde aquele exato momento quando, com a permissão de Dhaumya, Jishnu de grande alma, entrançando seu cabelo, partiu (para as florestas). Assim, como eles poderiam, absortos em sua contemplação, sentir felicidade lá? Eles ficaram dominados pela dor desde o momento quando por ordem de seu irmão, Yudhishthira, Jishnu do andar de um elefante enfurecido partiu da floresta Kamyaka. Ó Bharata, dessa maneira, naquela montanha aqueles descendentes de Bharata passaram um mês com dificuldade, pensando nele de corcéis brancos, que tinha ido para a residência de Vasava para aprender armas. E Arjuna, tendo morado por cinco anos na residência daquele de mil olhos, e tendo obtido daquele

senhor dos celestiais todas as armas celestes, tais como aquelas de Agni, de Varuna, de Soma, de Vayu, de Vishnu, de Indra, de Pasupati, de Brahma, de Parameshthi, de Prajapati, de Yama, de Dhata, de Savita, de Tvashta, e de Vaisravana; e tendo reverenciado e circungirado ele de cem sacrifícios, e recebendo sua permissão (de Indra), chegou alegremente em Gandhamadana."

164

Vaisampayana continuou, "E aconteceu que uma vez quando aqueles quadrigários poderosos estavam pensando em Arjuna, vendo o carro de Mahendra, unido com cavalos do resplendor do relâmpago, chegar de repente, eles ficaram encantados. E dirigido por Matali, aquele carro resplandecente, iluminando o céu de repente, parecia com línguas de fogo flamejante sem fumaça, ou um meteoro imenso envolvido em nuvens. E sentado naquele carro Kiriti apareceu usando guirlandas e ornamentos recém feitos. Então Dhananjaya possuindo a destreza do manejador do raio desceu naquela montanha, brilhando em beleza. E aquele inteligente enfeitado com um diadema e guirlandas, tendo descido na montanha, primeiro se curvou aos pés de Dhaumya, e então aos de Ajatasatru. E ele também prestou homenagem aos pés de Vrikodara; e os gêmeos também se curvaram a ele. Então indo até Krishna, e tendo-a alegrado, ele permaneceu perante seu irmão (mais velho) de modo humilde. E ao se reunirem com aquele inigualável, eles estavam muito felizes. E ele também encontrando com eles regozijou-se muito, e começou a louvar o rei. E vendo diante deles aquele carro no qual o matador de Namuchi aniquilou sete falanges dos filhos de Diti, os magnânimos Parthas andaram ao redor dele. E estando muito satisfeitos, eles ofereceram culto excelente à Matali, como para o próprio senhor dos celestiais. E então o filho do rei Kuru perguntou devidamente pela saúde de todos os deuses. E Matali também os cumprimentou. E tendo instruído os Parthas assim como um pai a seus filhos, ele subiu naquele carro incomparável, e voltou para o senhor dos celestiais.

E quando Matali tinha ido embora, aquele principal da linhagem real, filho de Sakra, o destruidor de grande alma de todos inimigos transferiu para seu amor, a mãe de Sutasoma, belas pedras preciosas e ornamentos tendo o esplendor do sol, os quais foram presenteados a ele por Sakra. Então, sentando-se no meio daqueles principais dos Kurus, e daqueles melhores dos Brahmanas, refulgente como fogo ou o sol, ele começou a relatar tudo o que tinha acontecido, dizendo, ‘Dessa maneira eu aprendi armas de Sakra, Vayu, e do manifesto Siva; e todos os celestiais com Indra também ficaram satisfeitos comigo, por meu bom comportamento e concentração.'

Depois de ter narrado brevemente para eles sua estada no céu, Kiriti de atos imaculados dormiu agradavelmente aquela noite com os dois filhos de Madri."

165

Vaisampayana disse, "Então quando a noite tinha passado, Dhananjaya junto com seus irmãos prestou homenagem a Yudhishthira o justo. E, ó Bharata, naquele momento, procedendo dos celestiais ergueram-se lá sons poderosos e tremendos de um instrumento musical, e o estrépito de rodas de carro, e o badalar de sinos. E por causa daquilo todos os animais e animais predadores e aves emitiram gritos incoerentes. E de todos os lados em carros resplandecentes como o sol, hostes de Gandharvas e Apsaras começaram a seguir aquele repressor de inimigos, o senhor dos celestiais. E subindo em um carro unido com corcéis, enfeitado com ouro polido, e ribombando como nuvens, aquele rei dos celestiais, Purandara, resplandecendo em beleza foi até os Parthas. E tendo chegado (naquele local), ele de mil olhos desceu de seu carro. E logo que Yudhishthira o justo viu aquele de grande alma, ele junto com seus irmãos aproximou-se daquele rei gracioso dos imortais. E de acordo com a ordenança aquele generoso adorou devidamente ele de alma incomensurável, consequentemente com sua dignidade. E então Dhananjaya possuidor de destreza, tendo se curvado a Purandara, permaneceu perante o senhor dos celestiais de maneira humilde, como um servidor. E vendo o impecável Dhananjaya de mérito ascético, de cabelo encaracolado, ficar em humildade perante o senhor dos celestiais, Yudhishthira o filho de Kunti; de grande energia, cheirou (o topo) de sua cabeça. E vendo Phalguna (naquela atitude), ele estava muito contente; e por cultuar o rei dos celestiais, ele sentiu a maior felicidade. Então para aquele monarca de mente forte, nadando em felicidade, o senhor inteligente dos celestiais, Purandara, falou, dizendo, ‘Tu governarás a terra, ó Pandava. Abençoado seja! Ó filho de Kunti, dirija-te novamente para Kamyaka.'

"Aquele homem erudito que, levando por um ano o modo de vida Brahmacharya, subjugando seus sentidos e cumprindo votos, lê com atenção absorta este encontro de Sakra com os Pandavas, vive cem anos livre de perturbações, e desfrutando de felicidade."'

166

Vaisampayana continuou, "Quando Sakra tinha ido para sua própria residência, Vibhatsu junto com seus irmãos e Krishna prestou homenagem ao filho de Dharma. Então cheirando o topo da cabeça daquele Pandava, que estava assim prestando homenagem, (Yudhishthira) em pronúncia vacilando por causa da alegria, dirigiu-se a Arjuna, dizendo, 'Ó Arjuna, como tu passaste este período no céu? E como tu obtiveste as armas, e como também tu gratificaste o senhor dos celestiais? E, ó Pandava, tu guardaste as armas adequadamente? O senhor dos celestiais e Rudra te concederam as armas alegremente? E como tu contemplaste o divino Sakra, e o manejador do Pinaka? E como tu obtiveste as armas? E de que maneira tu cultuaste (eles)? E que serviço tu fizeste para aquele repressor de inimigos, o venerável de cem sacrifícios, que ele disse para ti, ‘Por ti eu fui

gratificado?’ Tudo isto, ó altamente refulgente, eu desejo ouvir em detalhes. E, ó impecável, a maneira pela qual tu agradaste Mahadeva e o rei dos celestiais e, ó repressor de inimigos, o serviço que tu fizeste para o manejador do raio, ó Dhananjaya, conte tudo isso em detalhes.

Arjuna disse, 'Ó monarca poderoso, escute como eu contemplei devidamente ele de cem sacrifícios e o divino Sankara também. Ó opressor de inimigos, ó rei, tendo obtido aquela ciência a qual tu me ordenaste (aprender), eu por tua ordem fui à floresta, para praticar penitências. De Kamyaka me dirigindo à Bhrigutunga, eu passei lá uma noite, estando engajado em austeridades. E aconteceu que em seguida e vi um certo Brahmana. E ele me questionou, dizendo, 'Ó filho de Kunti, para onde tu vais?' Então, ó descendente dos Kurus, eu contei tudo para ele verdadeiramente. E, ó melhor dos reis, tendo ouvido o relato verdadeiro, o Brahmana ficou bem-satisfeito comigo, e, ó rei, me elogiou. Então o Brahmana, satisfeito comigo disse, 'Ó Bharata, empenhe-te em austeridades. Por realizar penitências tu contemplarás em pouco tempo o senhor dos celestiais.' E segundo seu conselho eu subi o Himavan, e, ó rei poderoso, comecei a praticar penitências, (o primeiro) mês subsistindo de frutas e raízes. Eu passei o segundo mês subsistindo de água. E, ó Pandava, no terceiro mês eu me abstive totalmente de comida. E no quarto mês eu permaneci com braços erguidos. E um milagre é que eu não perdi qualquer força. E aconteceu que quando o primeiro dia do quinto mês tinha passado, apareceu lá diante de mim um ser usando a forma de um javali, revirando a terra com sua boca, batendo o chão com seus pés, friccionando o solo com seu peito, e passando a todo momento de um lugar para outro de uma maneira assustadora. E o seguia um grande ser no disfarce de um caçador provido de arco, flechas, e espada, e cercado por mulheres. Imediatamente, pegando meu arco e as duas aljavas inesgotáveis, eu perfurei com flechas aquela criatura terrível e assustadora. E simultaneamente (comigo) aquele caçador também sacando um arco forte atingiu mais severamente (o animal), como se sacudindo minha mente. E, ó rei, ele também disse para mim, 'Por que tu, violando as regras da caça, acertaste o animal atingido primeiro por mim? Com estas flechas afiadas eu destruirei teu orgulho. Fique!' Então aquele de corpo forte segurando o arco avançou em mim. E com saraivadas de flechas poderosas ele me cobriu totalmente, assim como uma nuvem cobre uma montanha com chuvas. Então, de minha parte, eu o cobri com uma saraivada poderosa de flechas. Então, com flechas firmes tendo suas pontas em chamas, e inspiradas com mantras, eu o perfurei assim como (Indra) racha uma montanha com um raio. Então seu corpo começou a ser multiplicado cem vezes e mil vezes mais. Nisto, eu perfurei todos aqueles corpos com flechas. Então novamente todas aquelas formas se tornaram uma, ó Bharata. Nisso eu a atingi. Em seguida, ele ora assumia um corpo pequeno com uma cabeça enorme, e ora um corpo enorme com uma cabeça pequena. E, ó rei, ele então assumiu seu corpo anterior e aproximou-se de mim para lutar. E, ó principal da raça Bharata, quando no combate eu fracassei em subjugá-lo com flechas, eu fixei a arma poderosa do Deus do Vento. Mas eu fracassei em descarregá-la nele e isso foi uma surpresa. E quando aquela arma assim falhou em (produzir) efeito, eu fui tomado pela perplexidade. No entanto, ó rei, me esforçando mais vigorosamente, eu cobri novamente aquele ser com uma

multidão imensa de flechas. Então pegando as armas Sthunakarna, e Varuna e Salava, e Asmavarsha, eu o ataquei, despejando flechas profusamente. Mas, ó rei, ele imediatamente consumiu todas aquelas minhas armas. E quando todas aquelas (armas) tinham sido consumidas, eu disparei a arma presidida por Brahma. E quando as flechas ardentes emanando daquela arma estavam empilhadas sobre ele por todos os lados, e estando assim coberto por aquela arma poderosa disparada por mim, ele aumentou (em tamanho). Então todo o mundo veio a ser oprimido com a energia gerada da arma lançada por mim, e o firmamento e todos os pontos do céu ficaram iluminados. Mas ele de energia poderosa instantaneamente frustrou até aquela arma. E, ó monarca, quando aquela arma presidida por Brahma foi frustrada eu fui possuído por um medo terrível. Então imediatamente segurando meu arco e as duas aljavas inesgotáveis eu atirei naquele ser, mas ele consumiu todas aquelas armas. E quando todas as armas tinham sido desviadas e consumidas, seguiu-se lá uma luta entre ele e eu. E nós enfrentamos um ao outro primeiro com golpes e então com bofetadas. Mas incapaz de vencer aquele ser eu caí estupefato no chão. Então, ó rei poderoso, com uma risada, aquele ser admirável desapareceu na minha vista naquele local junto com as mulheres. Tendo realizado isto, ó monarca ilustre, aquele divino assumiu outra forma sobrenatural (vestida em) traje extraordinário. E abandonando a forma de um caçador, aquele divino senhor dos deuses retomou sua própria aparência sobrenatural e aquele deus poderoso permaneceu (lá). Então apareceu à minha frente com Uma aquele divino manifestado, tendo o touro como seu símbolo, manejando o Pinaka, carregando serpentes e capaz de assumir muitas formas. E, ó repressor de inimigos, avançando em direção a mim, que permanecia até então no campo pronto para combate, aquele manejador do tridente se dirigiu a mim dizendo, ‘Eu estou bem satisfeito contigo.’ Então aquele divino pegou meus arcos e o par de aljavas providas de flechas inesgotáveis e os devolveu para mim dizendo, ‘Peça um benefício, ó filho de Kunti. Eu estou bem satisfeito contigo. Diga-me o que eu farei por ti. E, ó herói, expresse o desejo que mora no teu coração. Eu o concederei. Exceto somente a imortalidade, diga-me qual desejo que está no teu coração.’ Nisso com minha mente concentrada na aquisição de armas, eu somente me curvei a Siva e disse, 'Ó divino, se tu estás favoravelmente disposto em direção a mim, então eu desejo ter este benefício: eu desejo aprender todas as armas que estão com tua divindade.' Então o deus Tryamvaka disse para mim, 'Eu darei. Ó Pandava, minha própria arma Raudra servirá a ti.' Então Mahadeva, bem satisfeito, me concedeu a arma poderosa, Pasupata. E, tendo concedido aquela arma eterna, ele também me disse, ‘Esta nunca deve ser lançada em mortais. Se descarregada em alguma pessoa de pouca energia ela consumirá o universo. Tu deves (em algum momento) ser duramente pressionado, (então) tu poderás dispará-la. E quando todas as tuas armas tiverem sido completamente frustradas, tu poderás lançá-la.' Então quando ele que tem o touro como sua marca foi assim gratificado, ficou manifestada lá ao meu lado aquela arma celeste, de força irresistível capaz de frustrar todas as armas e destrutiva de inimigos e a derrubadora de forças hostis e inigualável e difícil de ser suportada até pelos celestiais, os demônios e os Rakshasas. Então por ordem daquele deus, eu me sentei lá. E na minha própria vista o deus desapareceu do local.'"

167

"Arjuna disse, 'Ó Bharata, pela graça daquele deus dos deuses, a Alma Suprema, Tryamvaka, eu passei a noite naquele local. E tendo passado a noite, quando eu terminei os rituais da manhã, eu vi aquele principal dos Brahmanas a quem eu tinha visto antes. E eu disse para ele tudo o que tinha acontecido, ó Bharata, ou seja, que eu tinha encontrado o divino Mahadeva. Então, ó rei dos reis, bem satisfeito, ele disse para mim, 'Já que tu contemplaste o grande deus, incapaz de ser contemplado por alguém mais, logo tu te unirás a Vaivaswata e aos outros Lokapalas e ao senhor dos celestiais; e Indra também te concederá armas.' Ó rei, tendo dito isso para mim e tendo me abraçado repetidas vezes, aquele Brahmana parecendo com o Sol seguiu para onde ele desejava. E, ó matador de inimigos, aconteceu que na noite daquele dia, refrescando o mundo inteiro, lá começou a soprar uma brisa pura. E na minha vizinhança na base da montanha Himalaya flores viçosas, fragrantes e formosas começaram a se abrir. E por todos os lados eram ouvidas sinfonias encantadoras e hinos cativantes relativos a Indra. E perante o senhor dos celestiais hostes de Apsaras e Gandharvas cantaram várias canções. E subindo em carros celestes, lá se aproximaram os Marutas e os seguidores de Mahendra e os habitantes do céu. E depois, Marutvan junto com Sachi e todos os celestiais apareceram em cena em carros unidos com cavalos elegantemente enfeitados. E naquele mesmo momento, ó rei, ele que circula sobre os ombros de homens se manifestou para mim em graça excelente. E eu vi Yama sentado no sul e Varuna e o senhor dos celestiais em suas respectivas regiões. E, ó principal dos homens, ó monarca poderoso, eles depois de terem me saudado disseram, 'Ó Savyasachin, contemple a nós, os Lokapalas, sentados. Para a realização da tarefa dos deuses tu obtiveste a visão de Sankara. Agora receba armas de nós sentados em volta.' Então, ó senhor, tendo me curvado com respeito àqueles principais dos celestiais, eu aceitei devidamente aquelas armas poderosas. E então eles me reconheceram como um dos seus. Depois os deuses se dirigiram para o quadrante de onde eles tinham vindo. E aquele senhor dos celestiais, o divino Maghavan, tendo subido também na sua carruagem gloriosa, disse, 'Ó Phalguna, tu terás que ir para a região celeste. Ó Dhananjaya, mesmo antes desta tua chegada eu sabia que tu virias para cá. Então eu, ó melhor dos Bharatas, me revelei para ti. Como antigamente tu realizaste tuas abluções nos vários tirthas e agora realizaste austeridades severas, assim tu serás capaz de ir para as regiões celestes, ó Pandava. Tu, no entanto, terás que praticar penitência extrema novamente, pois tu deves de qualquer forma viajar para o céu. E por minha ordem, Matali te levará para as regiões celestes. Tu já foste reconhecido pelos celestiais e os sábios celestes de grande alma.' Então eu disse para Sakra, 'Ó divino, seja benévolo para mim. Com o objetivo de aprender armas eu te suplico que tu sejas meu preceptor.' Nisto Indra disse, 'Ó filho, tendo estudado armas tu realizarás atos terríveis e com este objetivo tu desejas obter as armas. No entanto, obtenha as armas, como tu desejas.' Então eu disse, 'Ó matador de

inimigos, eu nunca descarregaria estas armas celestes em mortais exceto quando todas as minhas outras armas tiverem sido frustradas. Ó senhor dos celestiais, conceda-me as armas celestes (para que) eu possa alcançar após a morte as regiões alcançáveis por guerreiros.' Indra disse, 'Ó Dhananjaya, foi para te testar que eu te disse tais palavras. Tendo sido gerado de mim estas tuas palavras são bem apropriadas para ti. Ó Bharata, indo para a minha residência estude todas as armas de Vayu, de Agni, dos Vasus, de Varuna, dos Marutas, dos Siddhas, de Brahma, dos Gandharvas, dos Uragas, dos Rakshasas, de Vishnu e dos Nairitas; e também as armas que estão comigo, ó perpetuador da linhagem Kuru.' Tendo dito isso para mim Sakra desapareceu no próprio local. Então, ó rei, eu vi chegar o carro celeste extraordinário e sagrado unido com corcéis conduzido por Matali. E quando os Lokapalas foram embora Matali disse para mim, 'Ó tu de esplendor forte, o senhor dos celestiais está desejoso de ver-te. E, ó de braços fortes, obtenha competência e então realize tua tarefa. Venha e veja as regiões alcançáveis por mérito, e venha para céu mesmo neste corpo. Ó Bharata, o senhor de mil olhos dos celestiais deseja ver-te.' Assim endereçado por Matali, eu, me despedindo da montanha Himalaya e tendo andado ao redor dele subi naquele carro excelente. E então Matali muito generoso, versado em conhecimento equino, dirigiu os corcéis dotados da velocidade do pensamento ou do vento. E quando a carruagem começou a se mover aquele cocheiro, olhando meu rosto enquanto eu estava sentado firmemente, admirou-se e disse estas palavras, 'Hoje me parece estranho e sem precedentes que estando sentado neste carro celeste tu não tenhas estremecido nem mesmo um pouco. Ó principal da raça Bharata, eu sempre noto que na primeira arrancada dos corcéis até o próprio senhor dos celestiais estremece. Mas todo o tempo que o carro tem se movido, tu tens estado sentado inabalável. Isto me parece como transcendente até ao poder de Sakra.'

Tendo dito isso, ó Bharata, Matali se elevou ao céu e me mostrou as residências dos celestiais e seus palácios. Então a carruagem unida com corcéis dirigiu-se para cima. E os celestiais e os sábios começaram a cultuar (aquele carro), ó principais dos homens. E eu vi as regiões, passando em qualquer lugar à vontade, e o esplendor também dos Gandharvas, Apsaras, e os sábios celestes muito vigorosos. E o quadrigário de Sakra, Matali, ao mesmo tempo me mostrou Nandana e outros jardins e arvoredos pertencentes aos celestiais. Em seguida eu contemplei a residência de Indra, Amaravati, adornada com jóias e árvores produzindo todo tipo de fruto que é desejado. Lá o Sol não irradia calor; nem calor ou frio ou fadiga lá afetam (uma pessoa), ó rei. E, ó grande monarca, os celestiais não sentem tristeza nem pobreza de espírito, nem fraqueza, nem lassidão, ó opressor de inimigos. E, ó soberano de homens, os celestiais e os outros não tem raiva nem cobiça. E, ó rei, nas residências dos celestiais, os seres estão sempre contentes. E lá as árvores sempre portam folhagem verdejante, e frutos, e flores; e os vários lagos são perfumados com a fragrância de lotos. E lá a brisa é refrescante, e deliciosa, e fragrante, e pura, e inspiradora. E o solo é matizado com todas as espécies de pedras preciosas, e adornado com flores. E lá eram vistos inúmeros animais belos e no ar inúmeros viajantes do céu. Então eu vi os Vasus, e os Rudras, e os Sadhyas com os Marutas, e os Adityas, e os dois Aswins e os adorei. E eles concederam suas bênçãos sobre mim, dando-me força e

coragem, e energia, e celebridade, e (habilidade em) armas, e vitória em batalha. Então, entrando naquela cidade fabulosa adorada pelos Gandharvas e os celestiais, com mãos unidas, eu fiquei perante o senhor de mil olhos dos celestiais. Então, aquele melhor dos concessores me ofereceu alegremente metade de seu assento; e Vasava também tocou meu corpo com respeito. E, ó Bharata, com a intenção de adquirir armas e estudar armas, eu comecei a morar no céu, junto com os deuses e os Gandharvas de almas generosas. E o filho de Viswavana, Chitrasena, se tornou meu amigo. E ele, ó rei, comunicou para mim toda a (ciência) Gandharva. E, ó monarca, eu vivi felizmente na residência de Sakra, bem cuidado por ter todos os meus desejos satisfeitos, aprendendo armas, escutando às notas de canções, e aos sons puros de instrumentos musicais, e vendo as principais das Apsaras dançarem. E sem negligenciar o estudo das artes, as quais eu aprendi devidamente, minha atenção estava especialmente fixada na aquisição de armas. E aquele senhor de mil olhos estava satisfeito com aquele meu propósito. Vivendo assim no céu, ó rei, eu passei este período.

E quando eu tinha adquirido proficiência em armas, e ganhado sua confiança, aquele que tem como seu veículo o cavalo (Uchchaisrava), (Indra), me batendo de leve na cabeça com sua mão, disse estas palavras, 'Agora nem os próprios celestiais podem te vencer, o que eu direi de mortais imperfeitos residindo na terra? Tu te tornaste invulnerável em força, irreprimível, e incomparável em combate.' Então com os pelos de seu corpo arrepiados, ele me abordou outra vez dizendo, 'Ó herói, em luta com armas ninguém é igual a ti. E, ó perpetuador da raça Kuru, tu és sempre vigilante, e destro, e sincero, e de sentidos subjugados, e o protetor dos Brahmanas e talentoso com armas, e guerreiro. E, ó Partha, junto com (o conhecimento dos) cinco métodos, usando (eles), tu obtiveste quinze armas e, portanto, não existe alguém que seja teu igual. E tu aprendeste perfeitamente o descarregamento (daquelas armas) e (sua) retirada, e (seu) re-descarregamento e re-retirada, e o Prayaschitta conectado (com elas), e também sua revivificação, no caso delas serem frustradas. Agora, ó repressor de inimigos, chegou o momento de pagares a taxa do preceptor. Prometa pagar a taxa; então eu explicarei para ti o que tu terás que realizar.' Nisso, ó rei, eu disse para o soberano dos celestiais, 'Se estiver em meu poder fazer o trabalho, considere-o como já realizado por mim.' Ó rei, quando eu tinha dito estas palavras, Indra com um sorriso disse para mim, 'Não há nada nos três mundos que não esteja em teu poder (realizar). Meus inimigos, aqueles Danavas chamados Nivata-Kavachas, moram no ventre do oceano. E eles constam de trinta milhões e são notórios, e todos de formas e força e esplendor iguais. Mate-os lá, ó filho de Kunti; e esta será a tua taxa do preceptor.'

Dizendo isso ele me deu o carro celeste muito resplandecente, conduzido por Matali, provido de cabelo parecendo as penas de pavões. E sobre minha cabeça ele colocou este diadema excelente. E ele me deu ornamentos para meu corpo, como os seus próprios. E ele concedeu para mim a armadura impenetrável, a melhor do seu tipo, e agradável ao toque; e fixou no Gandiva esta corda durável. Então eu parti, subindo naquela carruagem esplêndida viajando na qual antigamente o senhor dos celestiais venceu Vali, aquele filho de Virochana. E, ó

soberano de homens, assustados pelo estrépito do carro, todos os celestiais, se aproximaram (de lá), me tomando pelo rei dos celestiais. E ao me ver eles perguntaram, 'Ó Phalguna, o que tu farás?' E eu disse a eles o que tinha ocorrido, e disse, 'Eu farei exatamente isto em batalha. Vocês que são muito afortunados, saibam que eu parto desejoso de matar os Nivata-Kavachas. Ó impecáveis, me abençoem.' Então eles começaram a me louvar assim como eles (louvam) o deus Purandara. E eles disseram, 'Viajando neste carro Maghavan conquistou em batalha Samvara, e Namuchi, e Vala, e Vritra, e Prahrada, e Naraka. E subindo neste carro Maghavan também conquistou em batalha muitos milhares e milhões e centenas de milhões de Daityas. E, ó Kaunteya, tu também, neste carro, por tua bravura conquistará os Nivatha-Kavachas em combate, assim como fez o calmo Maghavan nos tempos antigos. E aqui está a melhor das conchas; por meio dela também tu derrotarás os Danavas. E foi por meio dela que Sakra de grande alma conquistou os mundos.' Dizendo isso, os deuses ofereceram (para mim) esta concha, Devadatta, originada no mar; e eu aceitei-a pela vitória. E naquele momento os deuses desceram me exaltando. E para me engajar em ação eu procedi para a residência terrível dos Danavas, equipado com a concha, a armadura, e flechas, e levando meu arco."

168

"Arjuna continuou, 'Então em alguns lugares elogiado pelos Maharshis, eu (procedi, e finalmente) contemplei o oceano, aquele senhor inesgotável de águas. E semelhantes a despenhadeiros flutuando eram vistos sobre ele vagalhões violentos, ora se reunindo e ora rolando para longe. E lá (eram vistos) por toda parte navios aos milhares cheios com pedras preciosas. E lá eram vistos timingilas e tartarugas e makaras parecidos com rochedos submersos em água. E por todos os lados milhares de conchas afundadas em água pareciam com estrelas à noite cobertas por nuvens leves. E milhares e milhares de pedras preciosas estavam flutuando em pilhas e um vento violento estava soprando em vórtices, e isto era maravilhoso de se observar. E tendo contemplado aquele senhor excelente de todas as águas com marés poderosas, eu vi a uma distância curta a cidade dos demônios cheia com os Danavas. E mesmo lá, logo depois entrando debaixo da terra, Matali hábil em guiar o carro, sentado firme sobre a carruagem dirigiu-a com força; e ele projetou-se para a frente, assustando aquela cidade com o som da sua carruagem. E ouvindo aquele estrépito da carruagem semelhante ao ribombar das nuvens no céu, os Danavas, pensando que eu era o senhor dos celestiais, ficaram agitados. E então eles todos, profundamente assustados, permaneceram segurando em suas mãos arcos e flechas e espadas e dardos e machados e maças e clavas. Então tendo feito arranjos para a defesa da cidade, os Danavas, com mentes alarmadas, fecharam os portões, para que nada pudesse ser descoberto. Então pegando minha concha, Devadatta, de rugidos tremendos, eu a soprei repetidas vezes com muita alegria. E enchendo todo o firmamento, aqueles sons produziram ecos. Nisso aqueles seres poderosos ficaram apavorados e eles se esconderam. E então, ó Bharata, todos eles enfeitados com ornamentos,

aqueles filhos de Diti, os Nivata-kavachas, fizeram seu aparecimento aos milhares, vestindo diversas armaduras e levando em suas mãos várias armas e equipados com dardos de ferro imensos e maças e clavas e machadinhas e sabres e discos e sataghnis e bhusundis e espadas variadas e ornamentadas. Então, depois de deliberar muito quanto à direção do carro, Matali começou a guiar os corcéis em um (trecho de) solo nivelado, ó principal dos Bharatas. E devido à rapidez daqueles corredores velozes conduzidos por ele, eu não podia ver nada, e isto era estranho. Então os Danavas lá começaram a tocar milhares de instrumentos musicais, dissonantes e de formas estranhas. E àqueles sons, peixes às centenas e milhares, semelhantes a colinas, tendo seus sentidos confundidos por aquele barulho, fugiram subitamente. E a força poderosa lançou-se sobre mim, os demônios atirando flechas afiadas às centenas e milhares. E então, ó Bharata, lá seguiu-se um conflito terrível entre mim e os demônios, calculado para extinguir os Nivata-Kavachas. E foram lá para a batalha poderosa os Devarshis e os Danavarshis e os Brahmarshis e os Siddhas. E desejosos de vitória, os Munis me elogiaram com as mesmas palavras gentis com as quais (eles tinham elogiado) Indra na guerra, (a qual ocorreu) por causa de Tara.'"

169

"Arjuna continuou, 'Então, ó Bharata, os Nivata-Kavachas avançaram veementemente em mim em batalha em um grupo, equipados com armas. E obstruindo o progresso do carro, e gritando ruidosamente, aqueles quadrigários poderosos, me cercando por todos os lados, cobriram-me com chuvas de flechas. Então outros demônios de imensa bravura, com dardos e machadinhas em suas mãos, começaram a jogar em mim lanças e machados. E aquela imensa descarga de dardos, com numerosas maças e clavas constantemente arremessadas, caiu sobre meu carro. E outros golpeadores terríveis e de aparência lúgubre entre os Nivata-Kavachas, equipados com arcos e armas afiadas, me atacaram em combate. E no confronto, atirando do Gandiva várias flechas velozes de rumo reto, eu perfurei cada um deles com dez. E eles foram rechaçados por aquelas minhas flechas afiadas em pedra. Então conforme meus corcéis eram dirigidos rapidamente por Matali, eles começaram a exibir vários movimentos com a velocidade do vento. E sendo habilmente guiados por Matali, eles começaram a esmagar os filhos de Diti. E embora os corcéis unidos àquela carruagem poderosa numerassem centenas sobre centenas, ainda assim, sendo habilmente conduzidos por Matali, eles começaram a se movimentar como se eles fossem somente uns poucos. E sob as patas deles, e pelo estrépito das rodas da carruagem e pelas saraivadas das minhas flechas, os Danavas começaram a cair às centenas. E outros equipados com arcos, sendo privados de vida, e tendo seus cocheiros mortos, eram arrastados em volta pelos cavalos. Então, cobrindo todos os lados e direções, todos (os Davanas) hábeis em atacar entraram na peleja com várias armas, e nisso minha mente ficou aflita. E eu testemunhei (este exemplo da) perícia extraordinária de Matali, isto é, que ele guiou aqueles corcéis flamejantes com facilidade. Então, ó rei, no conflito, com diversas armas rápidas

eu perfurei às centenas e milhares (demônios) portando armas. E, ó matador de inimigos, me vendo percorrer assim o campo aplicando todo esforço, o cocheiro heróico de Sakra estava bem satisfeito. E oprimidos por aqueles corcéis e aquele carro, alguns (deles) encontraram a aniquilação; e outros desistiram da luta; enquanto (outros) Nivata-Kavachas, desafiados por nós em batalha e sendo fustigados com flechas ofereceram resistência a mim, por (descarregar) imensas chuvas de flechas. Então, com centenas e milhares de várias armas velozes insufladas com os mantras relativos às armas Brahma, eu comecei a queimá-los rapidamente. E sendo severamente oprimidos por mim, aqueles Asuras poderosos ficando irados me afligiram juntos, despejando torrentes de clavas e dardos e espadas. Então, ó Bharata, eu peguei aquela arma favorita do senhor dos celestiais, de nome Maghavan, superior e de energia ardente, e pela energia daquela arma eu cortei em mil pedaços os Tomaras, junto com as espadas e os tridentes arremessados por eles. E tendo cortado suas armas eu em ira perfurei cada um deles com dez flechas. E no campo flechas eram atiradas do Gandiva como fileiras de abelhas pretas; e isto Matali admirou. E as flechas deles também choveram sobre mim; mas aquelas (flechas) poderosas eu cortei com minhas flechas. Então ao serem atingidos os Nivata-Kavachas novamente me cobriram por todos os lados com uma imensa chuva de setas. E tendo neutralizado a força das setas por meio de armas velozes excelentes e flamejantes capazes de desviar armas, eu os perfurei aos milhares. E sangue começou a fluir de seus corpos dilacerados, assim como na estação chuvosa as águas escorrem dos topos de montanhas. E ao serem feridos por minhas flechas velozes e de rumo reto do toque do raio de Indra, eles ficaram muito agitados. E seus corpos foram perfurados em centenas de lugares; e a força de seus braços diminuiu. Então os Nivata-Kavachas lutaram comigo pela (ajuda de) ilusão.'"

170

"Arjuna disse, 'Então com rochas das proporções de árvores, começou lá uma chuva poderosa de rochedos; e aquilo me preocupou muito. E naquele grande combate eu triturei (aqueles penhascos) por meio de chuvas de flechas de velocidade rápida, emanando da arma Mahendra, semelhantes ao próprio raio. E quando as rochas tinham sido reduzidas a pó foi gerado fogo; e a poeira rochosa caiu como massas de chamas. E quando as chuvas de rochedos tinham sido repelidas, lá aconteceu perto de mim uma chuva mais forte de água, tendo correntes das proporções de um eixo de rodas. E caindo do céu, aquelas milhares de torrentes poderosas cobriram o firmamento inteiro e as direções e os pontos cardeais. E por causa da chuva torrencial, e do soprar do vento, e do rugir dos Daityas, nada podia ser percebido. E tocando o céu e a terra inteira, e constantemente caindo sobre o solo, as chuvas me confundiram. Então eu disparei aquela arma celeste que eu tinha aprendido de Indra, a terrível e flamejante Visoshana: e por meio dela a água foi secada completamente. E, ó Bharata, quando a chuva rochosa tinha sido destruída, e a chuva aquosa tinha sido secada, os Danavas começaram a espalhar ilusões de fogo e vento. Então

por instrumentos aquosos eu extingui as chamas; e por meio de uma poderosa arma emissora de rocha resisti à fúria dos ventos. E quando estes tinham sido repelidos, os Danavas, irreprimíveis em batalha, ó principal dos Bharatas, criaram várias ilusões simultaneamente. E lá ocorreu uma tremenda e horripilante chuva de rochas e armas terríveis de fogo e vento. E aquele aguaceiro ilusório me afligiu em combate. E então de todos os lados apareceu uma escuridão densa e espessa. E quando o mundo tinha sido envolvido em escuridão profunda e densa, os corcéis se voltaram, Matali caiu, e de sua mão o chicote dourado caiu ao solo. E, ó principal dos Bharatas, estando assustado, ele repetidas vezes gritou, 'Onde tu estás?' E quando ele tinha ficado perplexo, um medo terrível me possuiu. E então ele falou para mim apressadamente, dizendo, 'Ó Partha, por causa do néctar, houve um grande conflito entre os deuses e os demônios. Eu vi aquele (combate), ó impecável. E na ocasião da destruição de Samvara ocorreu uma peleja terrível e intensa. Apesar disso eu servi como cocheiro para o senhor dos celestiais. Da mesma maneira, na ocasião da morte de Vritra, os corcéis foram conduzidos por mim. E eu também vi o combate grande e impressionante com o filho de Virochana, e, ó Pandava, com Vala, e com Prahrada e com outros também. Naquelas batalhas extremamente terríveis, eu estava presente; mas, ó filho de Pandu, nunca (antes) eu perdi meus sentidos. Certamente o Avô ordenou a destruição de todas as criaturas; pois esta batalha não pode ser para algum outro propósito além da destruição do universo.' Tendo ouvido estas palavras dele, acalmando minha perturbação por meu próprio esforço, (eu falei) para o apavorado Matali, ‘Eu destruirei a poderosa energia da ilusão propagada pelos Danavas. Veja o poder dos meus braços, e o poder de minhas armas e do arco Gandiva. Hoje mesmo pela (ajuda de) armas criadoras de ilusão eu dissiparei esta escuridão profunda e também esta ilusão horrível deles. Não tema, ó cocheiro. Acalme-te.' Tendo dito isso, ó senhor de homens, eu criei, para o bem dos celestiais, uma ilusão de armas capaz de desnortear todos os seres. E quando a ilusão (deles) tinha sido dissipada, alguns dos principais entre os Asuras, de destreza sem igual, espalharam novamente diversas espécies de ilusão. Então, ora (o mundo) se revelava, ora era devorado pela escuridão; ora o mundo desaparecia de vista e ora ele estava submerso sob água. E quando tinha clareado, Matali, sentando na frente do carro, com os corcéis bem conduzidos, começou a percorrer aquele campo de arrepiar os cabelos. Então os ferozes Nivata-Kavachas me atacaram. E encontrando minha oportunidade eu comecei a mandá-los para a mansão de Yama. Então naquele conflito então desencadeado, calculado para aniquilar os Nivata-Kavachas, eu de repente não pude ver os Danavas, escondidos por ilusão.’"

171

"Arjuna continuou, 'Permanecendo invisíveis os Daityas começaram a lutar com a ajuda de ilusão. E eu também lutei com eles, recorrendo à energia de armas visíveis. E as flechas devidamente disparadas do Gandiva começaram a cortar suas cabeças naqueles lugares diferentes onde elas estavam respectivamente

colocadas. E assim atacados por mim no combate, os Nivata-Kavachas, retirando a ilusão subitamente, entraram na sua própria cidade. E quando os Daityas tinham fugido, e quando tudo tinha se tornado visível, lá eu descobri centenas e milhares dos mortos. E lá eu vi às centenas suas armas despedaçadas, ornamentos, membros, e armaduras. E os cavalos não podiam encontrar espaço para se movimentar de um lugar para outro; e de repente com um salto eles se inclinaram para percorrer o céu. Então permanecendo invisíveis, os Nivata-Kavachas cobriram o firmamento inteiro com massas de rochedos. E, ó Bharata, outros Danavas terríveis, entrando nas entranhas da terra, pegaram as pernas dos cavalos e as rodas da carruagem. E quando eu estava lutando, eles, atacando duramente meus cavalos com rochas, me atacaram junto com (meu) carro. E com os rochedos que tinham caído e com outros que estavam caindo, o lugar onde eu estava parecia ser uma caverna de montanha. E por eu mesmo estar coberto com rochedos e os cavalos estarem sendo duramente oprimidos, eu fiquei muito aflito e isto foi notado por Matali. E ao ver-me com medo ele disse para mim, 'Ó Arjuna, Arjuna! não fique assustado; lance aquela arma, o raio, ó senhor de homens.' Ouvindo aquelas palavras dele, eu então disparei a arma favorita do rei dos celestiais, o raio terrível. E inspirando o Gandiva com mantras, eu, visando a localidade dos penhascos, atirei flechas de ferro afiadas do toque do raio. E lançadas pelo trovão, aquelas flechas inquebráveis entraram em todas aquelas ilusões e no meio daqueles Nivata-Kavachas. E massacrados pela intensidade do trovão aqueles Danavas parecendo rochedos caíram ao chão juntos em massas. E entrando entre aqueles Danavas que tinham carregado os corcéis do carro para o interior da terra, as flechas mandaram eles para a mansão de Yama. E aquele quadrante estava completamente coberto com os Nivata-Kavachas que tinham sido mortos ou confundidos, comparáveis a penhascos e jazendo espalhados como rochedos. E então nenhum ferimento parecia ter sido sofrido ou pelos cavalos, ou pelo carro, ou por Matali, ou por mim, e isso parecia estranho. Então, ó rei, Matali dirigiu-se a mim sorridente, ‘Nem nos próprios celestiais, ó Arjuna, é vista a destreza que é vista em ti.’ E quando a hoste Danava tinha sido destruída, todas as suas mulheres começaram a lamentar naquela cidade, como as garças no outono. Então com Matali eu entrei naquela cidade, apavorando com o estrépito do meu carro as esposas dos Nivata-Kavachas. Então, vendo aqueles dez mil cavalos parecidos com pavões (em cor), e também aquela carruagem parecendo o sol, as mulheres fugiram em bandos. E como (os sons de) rochas caindo em uma montanha, surgiram sons dos ornamentos (caindo) das damas apavoradas. (Finalmente), as esposas dos Daityas tomadas de pânico entraram em suas respectivas residências douradas matizadas com inúmeras jóias.

'Observando aquela cidade excelente, superior à cidade dos próprios celestiais, eu questionei Matali, dizendo, 'Por que os celestiais não residem em tal (lugar)? Certamente, esta parece superior à cidade de Purandara.' Nisso Matali disse, 'Antigamente, ó Partha, esta era mesmo a cidade do nosso senhor dos celestiais. Depois os celestiais foram expulsos daqui pelos Nivata-Kavachas. Tendo realizado as austeridades mais rígidas, eles gratificaram o Avô e pediram (e obtiveram) benefícios, a saber: que eles pudessem residir aqui, e que eles fossem libertos do perigo em guerras com os deuses.' Então Sakra dirigiu-se ao senhor

auto-criado dizendo, 'Ó senhor, desejoso do nosso próprio bem-estar faça o que for apropriado.' Então, ó Bharata, nesta questão o Senhor ordenou (Indra), dizendo, 'Ó matador de inimigos, em outro corpo, tu mesmo serás (o destruidor dos Danavas).' Então, para massacrá-los, Sakra deu para ti aquelas armas. Os deuses são incapazes de matar estes que foram mortos por ti. Ó Bharata, na plenitude do tempo tu vieste para cá para destruí-los e tu fizeste isso. Ó principal dos homens, com o objetivo que os demônios pudessem ser mortos, Mahendra concedeu para ti a excelente energia superior destas armas.'"

"Arjuna continuou, 'Depois de ter destruído os Danavas, e também subjugado aquela cidade, com Matali eu fui novamente para aquela residência dos celestiais.'"

172

"Arjuna continuou, 'Então enquanto voltava, aconteceu de eu avistar uma imensa cidade sobrenatural, movendo-se à vontade, e tendo o resplendor do fogo ou do sol. E aquela cidade continha várias árvores compostas de pedras preciosas, e (aves) emplumadas dotadas de voz agradável. E provida de quatro portões, e passagens, e torres, aquela (cidade) inexpugnável era habitada pelos Paulamas e Kalakanjas. E ela era feita de todos os tipos de pedras preciosas e era extraordinária, e de aparência maravilhosa. E ela estava coberta com árvores de todas as espécies de pedras preciosas, portando frutas e flores. E ela continha aves sobrenaturais extremamente belas. E ela sempre enxameava por toda parte com Asuras alegres, usando guirlandas, e portando em suas mãos dardos, duas espadas afiadas, maças, arcos, e clavas. E, ó rei, ao ver aquela cidade maravilhosa dos Daityas eu questionei Matali dizendo, 'O que é isto que parece tão extraordinário?' Nisso Matali respondeu, 'Uma vez a filha de um Daitya, chamada Pulama, e uma mulher poderosa da raça Asura, de nome Kalaka, praticaram austeridades severas por mil anos celestes. E no fim de suas austeridades o auto-criado lhes concedeu benefícios. E, ó rei dos reis, elas receberam estes benefícios: que seus filhos nunca pudessem sofrer infortúnio; que eles não pudessem ser destruídos nem pelos deuses, os Rakshasas e os Pannagas; e que eles pudessem obter uma cidade aérea muito refulgente e insuperavelmente formosa, provida de todos os tipos de pedras preciosas e invencível até pelos celestiais, os Maharshis, os Yakshas, os Gandharvas, os Pannagas, os Asuras e os Rakshasas. Ó melhor dos Bharatas, esta é aquela cidade aérea sobrenatural destituída dos celestiais, a qual está se movendo continuamente, tendo sido criada para os Kalakeyas pelo próprio Brahma. E esta cidade está equipada com todos os objetos desejáveis, e é desconhecida de dor ou doença. E, ó herói, célebre sob o nome de Hiranyapura, esta cidade imensa é habitada pelos Paulamas e os Kalakanjas; e ela é também protegida por aqueles Asuras poderosos. E, ó rei, não podendo ser mortos por algum dos deuses, eles moram lá alegremente, livres de ansiedade e tendo todos os seus desejos satisfeitos, ó principal dos reis. Antigamente, Brahma determinou a destruição nas

mãos de mortais. Ó Partha, em luta, realize com aquela arma, o raio, a destruição dos Kalakanjas poderosos e irreprimíveis.'"

"Arjuna continuou, 'Ó senhor de homens, sabendo que eles não podiam ser destruídos pelos celestiais e os Asuras, eu disse alegremente para Matali, 'Dirija-te depressa para aquela cidade. Com armas eu realizarei a aniquilação dos que odeiam o senhor dos celestiais. Sem dúvida não existem odiadores pecaminosos dos deuses que não devam ser mortos por mim.' Imediatamente Matali me levou para a vizinhança de Hiranyapura na carruagem celeste unida com corcéis. E me vendo, aqueles filhos de Diti, usando várias espécies de trajes e ornamentos e armaduras, lançaram-se sobre mim com uma investida poderosa. E aqueles principais dos Danavas de destreza excelente, em cólera me atacaram com setas e bhallas e clavas e espadas de dois gumes, e tomaras. Nisso, ó rei, recorrendo à minha força de erudição, eu resisti àquela grande saraivada de armas por meio de uma chuva imensa de flechas; e também os confundi em conflito por vagar em círculos em meu carro. E estando confusos, os Danavas começaram a empurrar uns aos outros para baixo. E tendo sido confundidos, eles atacaram uns nos outros. E com setas flamejantes eu cortei suas cabeças às centenas. E duramente pressionada por mim, a prole de Diti, se abrigando dentro (de sua) cidade, elevou-se com ela ao firmamento, recorrendo à ilusão própria aos Danavas. Então, ó filho dos Kurus, cobrindo o caminho dos Daityas com uma descarga poderosa de flechas eu obstruí seu percurso. Então em virtude da concessão do benefício, os Daityas se sustentaram facilmente naquela cidade aérea sobrenatural que percorria o céu, indo em qualquer lugar à vontade e semelhante ao sol. E ora (a cidade) entrava na terra e ora se erguia acima; e em um momento procedia de uma maneira tortuosa e em outro momento submergia em água. Nisto, ó repressor de inimigos, eu ataquei aquela grande cidade, que ia a qualquer lugar à vontade, e parecida com Amaravati. E, ó melhor dos Bharatas, eu ataquei a cidade contendo aqueles filhos de Diti, com multidões de flechas, expondo armas celestes. E batida e quebrada pelas flechas de ferro de rumo reto, atiradas por mim, a cidade dos Asuras, ó rei, caiu ao solo. E eles também, feridos por minhas flechas de ferro tendo a velocidade do trovão, começaram, ó monarca, a ir de um lugar para outro, sendo incitados pelo destino. Então subindo para o céu, Matali, como se caindo em frente, desceu rapidamente à terra naquela carruagem de resplandecência solar. Então, ó Bharata, me cercaram sessenta mil carros pertencentes àqueles coléricos ávidos para lutar comigo. E com flechas afiadas enfeitadas com penas de abutre eu destruí aqueles (carros). Nisto, pensando, 'Estas nossas hostes não podem ser derrotadas por mortais, eles se engajaram no combate, como as ondas do mar.' Então eu gradualmente comecei a fixar (na corda) armas sobrenaturais. Nisto, milhares de armas (atiradas) por aqueles quadrigários que guerreavam admiravelmente, pouco a pouco resistiram às minhas armas sobrenaturais e no campo eu vi centenas e milhares de (demônios) poderosos vagando em seus carros, em várias manobras. E estando equipados com armaduras e estandartes e diversos ornamentos multicores, eles encantaram minha mente. E no combate eu não podia afligi-los por meio de chuvas de flechas, mas eles me afligiram. E sendo afligido por aqueles inumeráveis, equipados com armas e hábeis em luta, eu estava atormentado naquele combate e um medo terrível se apoderou de mim.

Então reunindo (minhas energias) em luta, eu (reverenciei) aquele deus dos deuses, Raudra, e dizendo, 'Que a prosperidade acompanhe todos os seres!' eu fixei aquela arma poderosa a qual, célebre sob o nome de Raudra, é a destruidora de todos os inimigos. Então eu vi uma figura masculina tendo três cabeças, nove olhos, três rostos, e seis braços. E seu cabelo era flamejante como o fogo ou o sol. E, ó matador de inimigos, em lugar de seu traje ele tinha serpentes poderosas, pondo suas línguas para fora. E vendo, ó melhor dos Bharatas, o terrível e eterno Raudra, eu, sendo liberto do medo, fixei-a no Gandiva; e me curvando a Sarva de três olhos de energia incomensurável, soltei (a arma), com o objetivo de derrotar aqueles principais dos Danavas, ó Bharata. E, ó senhor de homens, logo que ela foi arremessada, lá entraram em cena, às milhares, formas de veados, e de leões, e de tigres, e de ursos e de búfalos, e de serpentes, e de vacas, e de sarabhas, e de elefantes, e de macacos em multidões, e de touros, e de javalis, e de gatos, e de cachorros, e de espectros, e de todos os Bhurundas, e de urubus, e de Garudas, de chamaras, e de todos os leopardos, e de montanhas, e de mares, e de celestiais, e de sábios, e de todos os Gandharvas, e de fantasmas com os Yakshas, e dos que odeiam os deuses (Asuras), e dos Guhyakas no campo, e dos Nairitas e de tubarões de boca de elefante, e de corujas, e de seres tendo formas de peixes e cavalos, e de seres carregando espadas e várias outras armas, e de Rakshasas manejando maças e clavas. E após aquela arma ser lançada todo o universo ficou cheio com estes assim como muitos outros usando várias formas. E feridos repetidamente por aqueles seres de vários aspectos com (pedaços de) carne, gordura, ossos, e medula em seus corpos, alguns tendo três cabeças, e alguns quatro presas, e alguns quatro bocas, e alguns quatro braços, os Danavas encontraram a destruição. E, então, ó Bharata, em um instante eu matei todos aqueles Danavas, com outros enxames de setas compostas da quintessência da pedra, flamejantes como fogo ou o sol, e possuidoras da força do raio. E, vendo eles derrubados pelo Gandiva, e privados vida, e jogados do céu, eu reverenciei novamente aquele deus, o destruidor de Tripura. E, vendo aqueles enfeitados com ornamentos sobrenaturais aniquilados pela arma, a Raudra, o cocheiro dos celestiais sentiu a maior alegria. E tendo testemunhado a realização daquela façanha insuportável incapaz de ser realizada até pelos próprios celestiais, Matali, o cocheiro de Sakra, prestou homenagem a mim; e bem satisfeito, com mãos unidas, disse estas palavras, ‘A façanha que foi realizada por ti é incapaz de ser desempenhada até pelos deuses, não só isso, em batalha, o próprio senhor dos celestiais não pode realizar este feito. A imensa cidade que percorre o céu incapaz de ser destruída pelos deuses e os Asuras tu, ó herói, subjugaste por meio da tua própria coragem e pela energia do ascetismo.’ E quando aquela cidade aérea tinha sido destruída, e quando os Danavas também tinham sido mortos, suas esposas, proferindo gritos de angústia, como aves Kurari, com cabelo despenteado saíram da cidade. E lamentando por seus filhos e irmãos e pais, elas caíram ao chão e gritaram em voz miserável. E ao serem privadas de seus maridos elas bateram em seus peitos, suas guirlandas e ornamentos afrouxados. E aquela cidade de Danavas, em aparência semelhante à cidade dos Gandharvas, cheia com lamentações e atingida com pesar e angústia, e desprovida de graça assim como um lago privado de (seus) elefantes, ou como uma floresta privada de árvores e (privada de seus) mestres, não parecia mais bela, mas desapareceu,

como uma cidade construída de nuvens. E quando eu tinha realizado a tarefa, logo depois do campo Matali me levou de disposição contentíssima para a residência do senhor dos celestiais. E tendo matado aqueles Asuras poderosos, e destruído Hiranyapura, e tendo também matado os Nivata-Kavachas, eu fui até Indra. E, ó extremamente resplandecente, como tinha acontecido, Matali relatou em detalhes para Devendra aquela minha realização inteira. E com os Marutas, sabendo da destruição de Hiranyapura, da neutralização da ilusão, e do massacre dos muito poderosos Nivatakavachas em luta, o próspero Purandara divino de mil olhos estava bem satisfeito, e exclamou, 'Muito bem; Bem feito!' E o rei dos celestiais junto com os celestiais, me aplaudindo repetidas vezes, disse estas palavras gentis, 'Por ti foi realizada uma façanha incapaz de ser realizada pelos deuses e os Asuras. E, ó Partha, por matares meus inimigos poderosos, tu pagaste a taxa do preceptor. E, ó Dhananjaya, dessa maneira em batalha tu sempre permanecerás calmo, e dispararás as armas infalivelmente, e então celestiais, e Danavas, e Rakshasas, e Yakshas, e Asuras, e Gandharvas e aves e serpentes não te resistirão em luta. E, ó Kaunteya, por conquistá-la pelo poder dos teus braços, o filho de Kunti Yudhishthira governará a terra.'"

173

"Arjuna continuou, 'Então firmemente confiante, o soberano dos celestiais julgando por si próprio, pertinentemente disse estas palavras para mim ferido por flechas penetrantes, 'Todas as armas celestes, ó Bharata, estão contigo, assim nenhum homem sobre a terra por quaisquer meios será capaz de te subjugar. E, ó filho, quando tu estiveres no campo, Bhishma e Drona e Kripa e Karna e Sakuni junto com outros Kshatriyas não chegarão a uma décima sexta parte de ti.' E o senhor Maghavan me entregou esta guirlanda dourada e esta concha, Devadatta, de rugidos poderosos, e também sua armadura celestial impenetrável e capaz de proteger o corpo. E o próprio Indra colocou sobre minha (cabeça) este diadema. E Sakra me presenteou com estas vestes e ornamentos maravilhosos, elegantes e raros. Desta maneira, ó rei, (devidamente) honrado, eu morei alegremente na residência sagrada de Indra com os filhos dos Gandharvas. Então, bem satisfeito, Sakra, junto com os celestiais, dirigiu-se a mim dizendo, 'Ó Arjuna, chegou a hora da tua partida; teus irmãos tem pensado em ti.' Assim, ó Bharata, me lembrando das dissensões resultantes daquele jogo, eu, ó rei, passei estes cinco anos na residência de Indra. Então eu vim e te vi cercado por nossos irmãos no topo desta área mais baixa de Gandhamadana.'

Yudhishthira disse, 'Ó Dhananjaya, por sorte é que as armas foram obtidas por ti; por sorte o mestre dos imortais foi adorado por ti. Ó repressor de inimigos, por sorte o divino Sthanu junto com a deusa se manifestou para ti e foi gratificado por ti em batalha, ó impecável; por sorte é que tu encontraste com os Lokapalas, ó melhor dos Bharatas. Ó Partha, por sorte é que nós temos prosperado; e por sorte é que tu voltaste. Hoje eu considero a terra inteira enfeitada com cidades como já conquistada, e como se os filhos de Dhritarashtra já tivessem sido subjugados.

Agora, ó Bharata, eu estou curioso para ver aquelas armas celestes com as quais tu mataste os poderosos Nivata-Kavachas.'

Nisso Arjuna disse, 'Amanhã de manhã tu verás todas as armas celestes com as quais eu matei os ferozes Nivata-Kavachas.'"

Vaisampayana disse, "Tendo assim relatado (os fatos concernentes) à chegada, Dhananjaya passou aquela noite lá, junto com todos os seus irmãos."

174

Vaisampayana continuou, "E quando a noite tinha passado, Yudhishthira o justo se levantou e, junto com seus irmãos, realizou os deveres necessários. Ele então falou para Arjuna, aquela alegria de sua mãe, dizendo, 'Ó Kaunteya, mostre (para mim) aquelas armas com as quais tu venceste os Danavas.' Nisso, ó rei, o poderoso Dhananjaya, o filho de Pandu, praticando devidamente pureza extrema, mostrou aquelas armas, ó Bharata, que foram dadas a ele pelos celestiais. Dhananjaya sentou-se sobre a terra como sua carruagem, a qual tinha a montanha como seu mastro, a base da árvore e o grupo de árvores de bambu de bela aparência como seus tubos do mastro, parecendo resplandecente com aquela armadura celeste de grande brilho, pegou seu arco Gandiva e a concha dada a ele pelos deuses, e começou a exibir aquelas armas celestes em ordem. E quando aquelas armas celestes tinham sido fixadas, a Terra, sendo oprimida pelos pés (de Arjuna), começou a tremer com (suas) árvores; e os rios e o mar imenso foram agitados; e as rochas foram fendidas; e o ar foi silenciado. E o sol não brilhou; e o fogo não flamejou; e de nenhuma maneira os Vedas dos duas vezes nascidos brilharam. E, ó Janamejaya, as criaturas habitando o interior da terra, ao serem afligidas, subiram e cercaram o Pandava, tremendo com mãos unidas e expressões contorcidas. E sendo queimados por aquelas armas, eles suplicaram a Dhananjaya (por suas vidas). Então os Brahmarshis, e os Siddhas, e os Maharshis e os seres móveis, todos estes apareceram (em cena). E os principais Devarshis, e os celestiais e os Yakshas e os Rakshasas e os Gandharvas e as tribos emplumadas e os (outros) seres que percorrem o céu, todos estes apareceram (em cena). E o avô e todos os Lokapalas e o divino Mahadeva foram para lá, junto com seus seguidores. Então, ó grande rei, trazendo flores coloridas sobrenaturais Vayu (o Deus do Vento) se pôs a espalhá-las em volta do Pandava. E enviados pelos celestiais os Gandharvas cantaram várias baladas; e, ó monarca, hostes de Apsaras dançaram (lá). Em tal momento, ó rei, enviado pelos celestiais, Narada chegou (lá) e dirigiu-se a Partha nestas palavras gentis, 'Ó Arjuna, Arjuna, não dispare as armas celestes. Elas nunca devem ser disparadas quando não há objetivo (apropriado). E quando há um objetivo (existente), elas também não devem ser lançadas de nenhuma maneira, a menos que se esteja em grandes dificuldades; pois, ó filho dos Kurus, disparar as armas (sem motivo), é repleto de grande mal. E, ó Dhananjaya, sendo devidamente mantidas como tu foste instruído estas armas poderosas sem dúvida levarão à tua força e felicidade. Mas se não forem devidamente mantidas, elas, ó Pandava, se tornarão o instrumento

para a destruição dos três mundos. Assim tu não deves agir dessa maneira novamente. Ó Ajatasatru, tu também verás estas mesmas armas, quando Partha usá-las para oprimir (teus) inimigos em batalha.'"

Vaisampayana continuou, "Tendo impedido Partha os imortais com outros que tinham ido lá foram cada um para sua residência, ó principal dos homens. E, ó Kaurava, depois que eles todos tinham partido, os Pandavas começaram a morar agradavelmente na mesma floresta, junto com Krishna."

175

Janamejaya disse, "Quando aquele principal entre os heróis, tendo sido educado em armas voltou da residência do matador de Vritra, o que os filhos de Pritha fizeram na companhia do guerreiro Dhananjaya?"

Vaisampayana disse, "Na companhia daquele herói igual a Indra, Arjuna, aqueles principais dos homens se divertiram na região de diversão do senhor dos tesouros (situada) nas florestas naquela montanha pitoresca e excelente. E inspecionando aquelas áreas de divertimento inigualáveis e variadas cheias com diversas árvores, aquele chefe de homens, Kiriti, sempre concentrado em armas, vagava livremente, arco na mão. E tendo pela graça do rei Vaisravana obtido uma residência, aqueles filhos de um soberano não se preocuparam com a prosperidade de homens. E, ó rei, aquele período de suas (vidas) foi passado pacificamente. E tendo Partha em sua companhia eles passaram quatro anos lá como se fosse uma única noite. E quando os Pandavas viveram na floresta (aqueles quatro anos) e os seis anteriores, totalizando dez, passaram tranquilamente para eles.

Então tendo se sentado perante o rei, o veemente filho do Deus do Vento, com Jishnu e os gêmeos heróicos, semelhante ao senhor dos celestiais, se dirigiu seriamente ao rei nestas palavras benéficas e agradáveis, 'É somente para tornar válida a tua promessa e para favorecer os teus interesses que, ó rei dos Kurus, abandonando a floresta, nós não vamos matar Suyodhana junto com seus seguidores. Embora merecendo felicidade, ainda assim nós fomos privados de felicidade. E este é o décimo primeiro ano que (neste estado) nós estamos vivendo (na floresta). E futuramente, enganando aquele de mente e caráter maus, nós sobreviveremos facilmente ao período de não descobrimento. E por tua ordem, ó monarca, livres de apreensão, nós temos percorrido as florestas, abandonando nossa honra. Tendo sido persuadidos por nossa residência na vizinhança, eles (nossos inimigos) não acreditarão que nós nos afastamos para um reino distante. E depois de termos vivido lá não descobertos por um ano, e tendo descarregado nossa vingança naquele indivíduo perverso, Suyodhana, com seus seguidores, nós facilmente extirparemos aquele mais vil dos homens, matando-o e recuperando nosso reino. Portanto, ó Dharmaraja, desça para a terra. Pois, ó rei, se nós morarmos nesta região semelhante ao próprio céu nós esqueceremos nossas tristezas. Nesse caso, ó Bharata, a tua fama, como uma

flor fragrante, desaparecerá dos mundos móveis e imóveis. Por ganhar aquele reino dos chefes Kuru tu poderás alcançar (grande glória), e realizar vários sacrifícios. Isto que tu estás recebendo de Kuvera, tu, ó principal dos homens, serás capaz de obter a qualquer hora. Agora, ó Bharata, dirija tua mente para a punição e destruição dos inimigos que cometeram injustiça. Ó rei, o próprio manejador do raio é incapaz de resistir à tua bravura. E concentrado no teu bem-estar, ele, tendo Suparna como seu símbolo (Krishna), e também o neto de Sini (Satyaki) nunca sentem dor, nem quando engajados em combate com os deuses, ó Dharmaraja. E Arjuna é inigualável em força, e assim sou eu também, ó melhor dos reis. E como Krishna junto com os Yadavas está aplicado no teu bem-estar, assim eu também estou, ó principal dos monarcas, e os gêmeos heróicos ilustres em guerra. E combatendo o inimigo, nós, tendo como nosso principal objetivo a obtenção por ti de riqueza e prosperidade, os destruiremos.'"

Vaisampayana continuou, "Então sabendo daquela intenção deles, o filho magnânimo e excelente de Dharma, versado em religião e lucro, e de destreza incomensurável, caminhou em volta da residência de Vaisravana. E Yudhishthira o justo, depois de se despedir dos palácios, dos rios, dos lagos, e de todos os Rakshasas, olhou em direção ao caminho pelo qual (ele) tinha chegado (lá). E então olhando a montanha também, ele de grande alma e de mente pura suplicou àquela melhor das montanhas, dizendo, 'Ó principal das montanhas, que eu possa junto com meu amigos, depois de ter terminado minha tarefa, e matado meus inimigos, e recuperado meu reino, te ver novamente, praticando austeridades com alma subjugada.' E isto também ele decidiu. E em companhia com seus irmãos mais novos e os Brahmanas, o senhor dos Kurus procedeu por aquela mesma estrada. E Ghatotkacha com seus seguidores começou a carregá-los sobre as cascatas da montanha. E quando eles partiram, o grande sábio Lomasa, aconselhando-os assim como um pai a seu filho, com o coração alegre, foi para a residência sagrada dos habitantes do céu. Então aconselhados também por Arshtishena, aqueles principais dos homens, os Parthas, seguiram sozinhos contemplando tirthas e eremitérios fabulosos, e outros lagos imensos."

176

Vaisampayana disse, "Quando eles deixaram seu lar feliz na bela montanha rica em cascatas, e tendo aves, e os elefantes dos oitos quadrantes, e os servidores sobrenaturais de Kuvera (como habitantes dela), toda a felicidade abandonou aqueles principais dos homens da linhagem Bharata. Mas depois ao contemplar a montanha predileta de Kuvera, Kailasa, mostrando-se como nuvens, o prazer daqueles heróis preeminentes da linhagem de Bharata tornou-se muito grande. E aqueles principais dos homens heróicos, equipados com cimitarras e arcos, procederam alegremente, vendo elevações e desfiladeiros, e tocas de leões e passadiços escarpados e inúmeras quedas d'água e planícies em lugares diferentes, como também outras grandes florestas habitadas por inúmeros veados e aves e elefantes. E eles encontraram florestas belas e rios e lagos e cavernas e

cavernas de montanha; e estas frequentemente de dia e noite se tornaram a residência daqueles grandes homens. E tendo morado em todos os tipos de lugares inacessíveis e cruzando Kailasa de grandeza inconcebível, eles alcançaram o eremitério insuperavelmente excelente e belo de Vrishaparba. E encontrando o rei Vrishaparba e sendo recebidos por ele eles ficaram livres de desânimo e então narraram corretamente em detalhes para Vrishaparba a história de sua estada nas montanhas. E tendo passado uma noite agradavelmente na residência sagrada dele frequentada por deuses e Maharshis, aqueles grandes guerreiros prosseguiram tranquilamente em direção à árvore jujuba chamada Visala e se abrigaram lá. Então todos aqueles homens magnânimos tendo alcançado a residência de Narayana continuaram a viver lá, privados de toda tristeza ao contemplarem o lago predileto de Kuvera, frequentado por deuses e Siddhas. E observando aquele lago, aqueles principais dos homens, os filhos de Pandu, passaram por aquele lugar, renunciando à toda dor assim como impecáveis Rishis Brahmana (fazem) ao obter uma habitação nos jardins Nandana. Então todos aqueles guerreiros tendo no devido procedimento vivido felizmente em Badari por um mês, prosseguiram em direção ao reino de Suvahu, rei dos Kiratas, por seguir o mesmo caminho pelo qual eles tinham vindo. E cruzando as difíceis regiões Himalayan, e os países de China, Tukhara, Darada e todas as regiões de Kulinda, ricas em pilhas de pedras preciosas, aqueles homens guerreiros alcançaram a capital de Suvahu. E sabendo que aqueles filhos e netos de reis tinham todos alcançado seu reino, Suvahu, se rejubilando com alegria, adiantou-se (para encontrá-los). Então o melhor dos Kurus saudou-o amavelmente também. E encontrando o rei Suvahu, e juntando-se a todos os seus cocheiros com Visoka em sua chefia e seus servidores, Indrasena e outros, e também aos superintendentes e empregados da cozinha, eles ficaram lá confortavelmente por uma noite. Então levando todas as carruagens e homens de carruagens e despedindo Ghatotkacha junto com seus seguidores, eles se dirigiram em seguida ao monarca das montanhas na vizinhança do Yamuna. No meio da montanha cheia de cascatas e tendo ladeiras coloridas de cinzento e laranja e topos cobertos com um lençol de neve, aqueles homens guerreiros tendo então encontrado a grande floresta de Visakhayupa, semelhante à floresta de Chitraratha, e habitada por javalis selvagens e várias espécies de veados e aves, fizeram dela seu lar. Dedicados à caça como sua ocupação principal, os filhos de Pritha moraram pacificamente naquela floresta por um ano. Lá em uma caverna da montanha, Vrikodara, com o coração afligido por distração e dor, deparou-se com uma cobra de força enorme atormentada pela fome e parecendo feroz como a própria morte. Nesta crise Yudhishthira, o melhor dos homens pios se tornou o protetor de Vrikodara e ele, de pujança infinita, libertou Bhima cujo corpo inteiro tinha sido agarrado firmemente pela cobra com suas voltas. E o décimo segundo ano de sua estada em florestas tendo chegado, aqueles descendentes da linhagem de Kuru, brilhando em refulgência, e engajados em ascetismo, sempre dedicados principalmente à prática da arte de manobrar arco e flecha, dirigiram-se alegremente daquela floresta semelhante a Chitraratha para as fronteiras do deserto, e desejosos de residir perto do Saraswati eles foram lá, e das margens daquele rio eles alcançaram o lago de Dwaitabana. Então vendo eles entrarem em Dwaitabana, os habitantes daquele lugar engajados em ascetismo, ordenanças

religiosas, e exercícios de auto-controle e em meditação profunda e devota e subsistindo de coisas moídas com pedra (por falta de dentes) tendo obtido esteiras de grama e recipientes de água, avançaram para encontrar com eles. A figueira sagrada, a rudaraksha, a rohitaka, a bengala e a jujuba, a catechu, a sirisha, a bel e a inguda e a karira e pilu e árvores sami cresciam nas margens do Saraswati. Vagando com contentamento na (vizinhança do) Saraswati que era, por assim dizer, a casa dos celestiais, e o (recanto) predileto de Yakshas e Gandharvas e Maharshis, aqueles filhos de reis viveram lá em felicidade."

177

Janamejaya disse, "Como foi, ó sábio, que Bhima, de bravura imensa e possuindo a força de dez mil elefantes, foi tomado pelo pânico à (visão) daquela cobra? Tu descreveste a ele, aquele matador de seus inimigos, como consternado e intimidado com medo, ele mesmo, que por lutar no lago de lotos (de Kuvera) tornou-se o destruidor de Yakshas e Rakshasas e que, em desafio orgulhoso, convidou para um combate único o filho de Pulastya, o dispensador de todas as riquezas. Eu desejo ouvir isto (de você); de fato minha curiosidade é grande."

Vaisampayana continuou, "Ó rei, tendo alcançado o eremitério do rei Vrishaparva, enquanto aqueles guerreiros terríveis estavam vivendo em várias florestas extraordinárias, Vrikodara vagando à vontade com arco na mão e armado com uma cimitarra encontrou aquela floresta bela, frequentada por deuses e Gandharvas. E então ele viu (alguns) lugares encantadores nas montanhas Himalayan, frequentados por Devarshis e Siddhas e habitados por hostes de Apsaras, ressoando aqui e ali com (o trinado de) aves, o chakora, o chakrabaka, o jibajibaka e o cuco e o Bhringaraja, e abundando com árvores sombreadas, suaves com o toque de neve e agradáveis para a visão e a mente, e portando frutos e flores perenes. E ele contemplou correntezas de montanha com águas reluzentes como o lápis lazúli e com dez mil patos e cisnes alvos como a neve e com florestas de árvores de cedro formando (por assim dizer) uma armadilha para as nuvens; e com florestas tugna e kalikaya, entremeadas com árvores de sândalo amarelas. E ele de força imensa, em busca da caça, vagou nos caminhos planos e desertos da montanha, perfurando suas caças com setas não envenenadas. Naquela floresta o famoso e poderoso Bhimasena, possuindo a força de cem elefantes, matou (muitos) javalis selvagens grandes, com a força (de seus braços). E dotado de bravura terrível e força imensa, e poderoso como o leão ou o tigre, e capaz de resistir a cem homens, e tendo braços longos, e possuindo a força de uma centena de elefantes, ele matou muitos antílopes e javalis selvagens e búfalos. E aqui e ali, naquela floresta, ele arrancava árvores pelas raízes, com grande violência e as quebrava também, fazendo o solo e as florestas e os lugares (circundantes) retumbarem. E então gritando e pisando pesadamente nos topos de montanhas, e fazendo a terra ressoar com seus rugidos, e batendo em seus braços, e proferindo seu grito de guerra, e batendo palmas, Bhimasena, livre de decadência, e sempre orgulhoso e destemido, repetidas vezes lançou-se para

todos os lados naquelas florestas. E ao ouvirem os gritos de Bhimasena, leões poderosos e elefantes de força enorme deixavam seus covis apavorados. E naquela mesma floresta ele destemidamente andava em volta à procura de animais para caçar; e como os habitantes das florestas, aquele mais valente dos homens, o poderoso Bhimasena, vagava a pé naquela floresta. E ele penetrou na floresta vasta, dando gritos estranhos, e apavorando todas as criaturas, dotado de força e coragem. E então estando apavoradas, as cobras escondiam (a si mesmas) em cavernas, mas ele, alcançando-as com presteza, as perseguia lentamente. Então o poderoso Bhimasena, semelhante ao Senhor dos Celestiais, viu uma serpente de proporções colossais, vivendo em uma das fortalezas da montanha e cobrindo a caverna (inteira) com seu corpo e de fazer os cabelos de alguém se arrepiarem (de pavor). Ela tinha seu corpo enorme esticado como um morro pequeno, e ela possuía força gigantesca, e seu corpo era pintado com manchas e ela tinha uma cor semelhante à cúrcuma (amarela) e uma boca profunda cor de cobre da forma de uma caverna provida de quatro dentes; e com olhos brilhantes, ela estava constantemente lambendo os cantos de sua boca. E ela era o terror de todos os seres animados e ela parecia a própria imagem do Destruidor Yama; e com o barulho sibilante de sua respiração ela jazia como se repreendendo (um intruso). E vendo Bhima chegar tão perto dela a serpente de repente ficou muito enfurecida, e aquela cobra devoradora de cabras agarrou Bhimasena violentamente em seu aperto. Então em virtude da bênção que tinha sido recebida pela serpente, Bhimasena com seu corpo no aperto da serpente perdeu toda a consciência imediatamente. Insuperável pela força de outros, a força dos braços de Bhimasena igualava o poder de dez mil elefantes combinados. Mas Bhima, de grande bravura, sendo assim derrotado pela cobra, estremecia lentamente, e era incapaz de se esforçar. E ele de braços poderosos e de ombros leoninos, embora possuidor de força de dez mil elefantes, ainda assim agarrado pela cobra, e dominado em virtude do benefício, perdeu toda a força. Ele lutou furiosamente para se soltar, mas não conseguiu de qualquer maneira enganar aquela (cobra)."

178

Vaisampayana continuou, "E o poderoso Bhimasena, tendo assim caído sob o poder da cobra, pensou em sua força imensa e extraordinária e disse para ela, 'Por favor diga-me, ó cobra, quem tu és. E, ó principal dos répteis, o que tu farás comigo? Eu sou Bhimasena, o filho de Pandu, e seguinte por nascimento a Yudhishthira o justo. E dotado como eu sou da força de dez mil elefantes, como tu foste capaz de me dominar? Em luta foram enfrentados e mortos por mim inúmeros leões, e tigres, e búfalos, e elefantes. E, ó melhor das serpentes, Rakshasas e Pisachas poderosos, e Nagas não podem resistir à força dos meus braços. Tu és possuidora de alguma mágica, ou tu recebeste alguma bênção, que embora me esforçando eu fui dominado por ti? Agora eu fui convencido de que a força dos homens é falsa, pois, ó serpente, por ti tal força poderosa de homens foi frustrada.'"

Vaisampayana continuou, "Quando o heróico Bhima de atos nobres tinha dito isso, a cobra apanhou-o e enrolou-o todo com seu corpo; tendo assim subjugado aquele de braços fortes, e libertado só seus braços roliços, a serpente falou estas palavras, 'Por boa sorte é que, eu mesmo estando com fome, depois de longo tempo os deuses te destinaram hoje para minha comida; como a vida é cara para todo ser incorporado, eu devo relatar para ti a maneira pela qual eu obtive esta forma de cobra. Ouça, ó melhor dos pios, eu caí nessa situação por causa da cólera dos Maharhis. Agora desejoso de me livrar da maldição, eu narrarei para ti tudo acerca disto. Tu, sem dúvida, ouviste (falar) do sábio real Nahusha. Ele era o filho de Ayu, e o perpetuador da linhagem dos teus antepassados. Eu mesmo sou ele. Por ter afrontado os Brahmanas eu, por (virtude da) maldição de Agastya, cheguei a esta condição. Tu és meu parente, e adorável de se olhar, por isso tu não deverias ser morto por mim, ainda assim eu te devorarei hoje! Veja o desígnio do Destino! E seja um búfalo ou um elefante, ninguém chegando dentro do meu alcance na sexta divisão do dia, pode, ó melhor dos homens, escapar. E, ó melhor dos Kurus, tu não foste capturado por um animal da ordem inferior, tendo somente força, mas isto (foi assim) por razão somente do benefício que eu recebi. Quando eu estava caindo rapidamente do trono de Sakra colocado na frente de seu palácio, eu falei para aquele sábio venerável (Agastya), 'Liberte-me desta maldição.' Nisto cheio de compaixão, aquele enérgico disse para mim, 'Ó rei, tu serás liberto depois do lapso de algum tempo.' Então eu caí à terra (como uma cobra); mas minha recordação (da vida anterior) não me abandonou. E embora isto seja tão remoto, eu ainda me lembro de tudo o que foi dito. E o sábio disse para mim, ‘Aquela pessoa que, conhecedora da relação que existe entre a alma e o Ser Supremo, for capaz de responder às perguntas feitas por ti, te libertará. E, ó rei, capturados por ti, seres fortes superiores a ti perderão sua força imediatamente.’ Eu ouvi estas palavras daqueles compassivos, que se sentiram afeiçoados a mim. E então os Brahmanas desapareceram. Assim, ó altamente refulgente, tendo me tornado uma serpente, eu, fazendo ações extremamente pecaminosas, vivo no inferno impuro, na expectativa do tempo (designado).' Bhimasena de braços poderosos dirigiu-se à serpente, dizendo, 'Eu não estou zangado, ó cobra poderosa, nem eu culpo a mim mesmo. Já que em relação à felicidade e tristeza os homens às vezes possuem o poder de produzi-los e de rejeitá-los, e às vezes não. Portanto não se deve atormentar a própria mente. Quem pode desviar o destino por esforço próprio? Eu considero o destino como supremo, e esforço próprio como não sendo de proveito. Atingido pelo golpe do destino, a destreza dos meus braços perdida, veja-me hoje caído nesta condição sem causa palpável. Mas hoje eu não me aflijo tanto por eu mesmo ser morto, quanto eu me aflijo por meus irmãos privados de seu reino, e exilados na floresta. Este Himalaya é inacessível, e é cheio de Yakshas e Rakshasas. E procurando por mim por toda parte eles estarão desatentos. E sabendo que eu fui morto, (meus irmãos) abandonarão todo o esforço, pois, firmes em promessa, eles até agora tem sido controlados por minhas palavras duras, eu estando desejoso de ganhar o reino. Ou (só) o inteligente Arjuna, sendo versado em todo o saber, e incapaz de ser vencido por deuses e Rakshasas e Gandharvas, não será afligido pela dor. Aquele poderosamente armado e extremamente forte é capaz de derrubar sozinho rapidamente de seus lugares até os celestiais. O que eu direi do

filho de Dhritarashtra que joga fraudulentamente, detestado de todos os homens, e cheio de arrogância e ignorância! E eu também me aflijo por minha pobre mãe, afetuosa para com seus filhos, que está sempre desejosa da nossa grandeza em uma medida maior do que a que é alcançada por nossos inimigos. Ó serpente, os desejos que ela abandonada tinha em mim serão todos frustrados por consequência da minha destruição. E dotados de virilidade, os gêmeos, Nakula e Sahadeva, seguindo seu irmão mais velho (eu), e sempre protegidos pela força dos meus braços, devido à minha destruição, ficarão deprimidos e privados de sua coragem, e tomados pela dor. Isto é o que eu penso.' Dessa maneira Vrikodara lamentou profusamente. E sendo retido pelo corpo da cobra, ele não podia se esforçar.

Por outro lado o filho de Kunti, Yudhishthira, (vendo) e refletindo sobre maus presságios terríveis, ficou alarmado. Apavorados pelo brilho dos pontos do horizonte, chacais colocando-se à direita daquele eremitério deram gritos terríveis e inauspiciosos. E Vartikas repulsivos de aspecto terrível, tendo uma asa, um olho, e uma perna, eram vistos vomitarem sangue, de frente para o sol. E o vento começou a soprar secamente e violentamente, atraindo pedregulhos. E à direita todos os animais e aves começaram a gritar. E na retaguarda os corvos pretos gritavam, 'Vá!' 'Vá!' E momentaneamente o braço direito (de Yudhishthira) começou a se contrair, e seu peito e perna esquerdos tremeram (por si mesmos). E indicando o mal seu olho esquerdo se contraiu espasmodicamente. Então, ó Bharata, o inteligente Yudhishthira o justo, inferindo alguma grande calamidade (iminente), questionou Draupadi, dizendo, 'Onde está Bhima?' Nisto Panchali disse que Vrikodara tinha saído há muito tempo. Ouvindo isto, aquele rei de braços poderosos partiu com Dhaumya, depois de ter dito para Dhananjaya, ‘Tu deves proteger Draupadi.' E ele também instruiu Nakula e Sahadeva para protegerem os Brahmanas. E saindo do eremitério aquele senhor, o filho de Kunti, seguindo as pegadas de Bhimasena, começou a procurar por ele naquela floresta imensa. E ao chegar ao leste, ele encontrou líderes poderosos de manadas de elefantes (mortos) e viu o solo marcado com (as pegadas) de Bhima. Então vendo milhares de veados e centenas de leões jazendo na floresta, o rei determinou seu rumo. E no caminho estavam espalhadas árvores derrubadas pelo vento causado pelas coxas daquele herói dotado da velocidade do vento quando ele se precipitou atrás dos veados. E prosseguindo, guiado por aquelas marcas, até um local cheio com ventos secos e abundando em vegetais desprovidos de folhas, salobro e desprovido de água, coberto com plantas espinhosas e com cascalho, tocos e arbustos espalhados e de acesso difícil e acidentado e perigoso, ele viu em uma caverna da montanha seu irmão mais novo imóvel, apanhado nas voltas daquela principal das cobras."

179

Vaisampayana continuou, "Yudhishthira, encontrando seu irmão querido enrolado pelo corpo da serpente, disse estas palavras: 'Ó filho de Kunti, como tu obtiveste este infortúnio? E quem é esta melhor das serpentes tendo um corpo semelhante a uma massa montanhosa?' Bhimasena disse, 'Ó venerável, este ser poderoso me pegou como alimento. Ele é o sábio real Nahusha vivendo na forma de uma serpente.' Yudhishthira disse, 'Ó de vida longa, liberte meu irmão de bravura incomensurável; nós te daremos alguma outra comida que saciará tua fome.' A serpente disse, 'Eu consegui como alimento este filho de um rei, vindo para minha boca por si mesmo. Vá embora. Tu não deves ficar aqui. (Se tu permaneceres aqui) tu também serás meu alimento amanhã. Ó de braços fortes, está ordenado com relação a mim que aquele que vem para a minha residência se torna minha comida, e tu também estás no meu refúgio. Depois de um longo tempo eu consegui teu irmão mais novo como meu alimento; eu não o deixarei livre; nem gostaria de ter qualquer outro alimento.' Nisso Yudhishthira disse, 'Ó serpente, se tu és um deus, ou um demônio, ou um Uraga, diga-me realmente, é Yudhishthira que te pergunta, para quê, ó cobra, tu pegaste Bhimasena? Por obter o que, ou por saber o que tu receberás satisfação, ó cobra, e que comida eu te darei? E como tu podes libertá-lo?' A serpente disse, 'Ó impecável, eu fui teu antepassado, o filho de Ayu e quinto em descendência da Lua. E eu era um rei célebre sob o nome de Nahusha. E por sacrifícios e ascetismo e estudo dos Vedas e autodomínio e heroísmo eu tinha adquirido um domínio permanente sobre os três mundos. E quando eu obtive tal domínio a arrogância me possuiu. E milhares de Brahmanas foram empregados em carregar minha cadeira. E embriagado pela supremacia eu insultei aqueles Brahmanas. E, ó senhor da terra, por Agastya eu fui reduzido a esta situação! Ainda assim, ó Pandava, até hoje a memória (do meu nascimento anterior) não me abandonou! E, ó rei, pelo favor daquele Agastya de grande alma, durante a sexta divisão do dia eu consegui para refeição o teu irmão mais novo. Eu não o libertarei, nem desejo alguma outra comida. Mas se tu hoje responderes as perguntas feitas por mim, então eu libertarei Vrikodara!' Nisto Yudhishthira disse, 'Ó serpente, pergunte o que quiseres! Se eu puder, eu responderei tuas perguntas com o propósito de te gratificar, ó cobra! Tu conheces totalmente o que deve ser sabido por Brahmanas. Portanto, ó rei das cobras, (te) ouvindo, eu responderei tuas perguntas!'

A serpente disse, 'Ó Yudhishthira, diga: quem é um Brahmana e o que deve ser conhecido? Pelas tuas palavras eu deduzo que tu és muito inteligente.'

Yudhishthira disse, 'Ó principal das serpentes, aquele, isto é afirmado pelos sábios, em quem são vistos verdade, caridade, perdão, boa conduta, benevolência, observância dos ritos de sua classe e piedade é um Brahmana. E, ó serpente, aquilo que deve ser conhecido é mesmo o Brahma supremo, no qual não há felicidade nem tristeza, e alcançando o qual os seres não são afetados pela tristeza; qual é a tua opinião?'

A serpente disse, 'Ó Yudhishthira, verdade, caridade, perdão, benevolência, benignidade, bondade e o Veda, o qual produz o benefício das quatro classes (pois os ritos realizados pelos Sudras tem sua origem nos Vedas), que é a autoridade em questões de religião e que é verdadeiro, são vistos até no Sudra. Com relação ao objeto a ser conhecido e o qual tu alegas ser sem felicidade e tristeza, eu não vejo alguma coisa que seja assim desprovida destes.'

Yudhishthira disse, ‘Aquelas características que estão presentes em um Sudra não existem em um Brahmana; nem as que estão em um Brahmana existem em um Sudra. E um Sudra não é um Sudra somente por nascimento, nem um Brahmana é Brahmana somente por nascimento. Aquele, isto é dito pelos sábios, em que são vistas aquelas virtudes é um Brahmana. E as pessoas chamam de Sudra aquele em quem aquelas qualidades não existem, mesmo que ele seja um Brahmana por nascimento. E além disso, quanto à tua afirmação que o objeto a ser conhecido (como afirmado por mim) não existe, porque nada existe que seja desprovido de ambas (felicidade e tristeza), tal de fato é a opinião, ó serpente, de que nada existe que seja sem (elas) ambas. Mas como no frio o calor não existe, nem no calor, o frio, assim não pode existir um objeto no qual ambas (felicidade e tristeza) possam não existir?’

A serpente disse, 'Ó rei, se tu reconheces alguém como um Brahmana pelas características, então, ó de longa vida, a distinção de casta torna-se inútil enquanto a conduta não entra em jogo.'

Yudhishthira disse, 'Na sociedade humana, ó serpente poderosa e muito inteligente, é difícil determinar a casta de alguém, por causa de relacionamento promíscuo entre as quatro classes. Esta é minha opinião. Homens pertencentes a todas as classes geram filhos (promiscuamente) em mulheres de todas as classes. E de homens, fala, relação sexual, nascimento e morte são comuns. E a respeito disto os Rishis prestam testemunho por usar como o início de um sacrifício expressões tais como: qualquer que seja nossa casta, nós celebramos o sacrifício. Portanto, aqueles que são sábios afirmam que caráter é o requisito essencial. A cerimônia natalícia de uma pessoa é realizada antes da divisão do cordão umbilical. Sua mãe então age como sua Savitri e seu pai oficia como sacerdote. Ela é considerada como um Sudra enquanto não for iniciada nos Vedas. Dúvidas tem surgido neste ponto, ó príncipe das serpentes; Swayambhuba Manu declarou que as castas misturadas devem ser consideradas como melhores do que as (outras) classes, se tendo passado pelas cerimônias de purificação as últimas não obedecem às regras de boa conduta, ó cobra excelente! Quem quer que obedeça às regras de conduta pura e virtuosa, a ele eu designei antes como um Brahmana.' A serpente respondeu, 'Ó Yudhishthira, tu estás familiarizado com tudo o que é bom para ser conhecido e tendo escutado às tuas palavras, como eu posso (agora) comer teu irmão Vrikodara?’"

180

"Yudhishthira disse, 'Neste mundo, você é muito versado nos Vedas e Vedangas; diga-me (então), o que se deve fazer para alcançar a salvação?'

A serpente respondeu, 'Ó descendente da linhagem de Bharata, minha opinião é que o homem que dá esmolas para objetos apropriados, fala palavras gentis e diz a verdade e se abstém de causar dano para alguma criatura vai para céu.'

Yudhishthira perguntou, 'Qual, ó cobra, é o mais importante dos dois, veracidade ou dar esmolas? Fale-me também da maior ou menor importância do comportamento bondoso e de não causar dano para alguma criatura.'

A cobra respondeu, 'Os méritos relativos destas virtudes, veracidade e dar esmolas, palavras gentis e abstenção de ofensa a qualquer criatura, são conhecidas (medidas) por sua gravidade objetiva (utilidade). A verdade é (às vezes) mais louvável do que algumas ações de caridade; algumas das últimas além disso são mais louváveis do que palavras verdadeiras. Similarmente, ó rei poderoso, e senhor da terra, abstenção de causar dano para qualquer criatura é vista ser mais importante do que boas palavras e vice-versa. Isto é assim mesmo, ó rei, dependendo dos efeitos. E agora, se tu tens alguma coisa mais para perguntar, diga tudo, eu de esclarecerei!' Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó cobra, como a mudança do ser incorpóreo para o céu, sua percepção pelos sentidos e seu desfrute dos frutos imutáveis de suas ações (aqui embaixo), podem ser compreendidos.' A cobra respondeu, 'Por suas próprias ações o homem é visto alcançar uma das três condições de existência: humana, de vida celestial, ou de nascimento no reino animal inferior. Entre estes, o homem que não é preguiçoso, que não fere ninguém e que é dotado de caridade e outras virtudes vai para o céu, depois de deixar este mundo de homens. Por fazer o contrário, ó rei, as pessoas nascem novamente como homens ou como animais inferiores. Ó meu filho, é dito especialmente com relação a isto que o homem que é dominado por raiva e luxúria, e que é dado à avareza e malícia decai de seu estado humano e nasce novamente como um animal inferior, e os animais inferiores também estão ordenados a serem convertidos no estado humano; e a vaca, o cavalo e outros animais são observados alcançarem até o estado divino. Ó meu filho, o ser sensível, colhendo os frutos de suas ações, assim transmigra por estas condições; mas o homem regenerado e sábio repousa sua alma no Espírito Supremo eterno. O espírito incorporado, acorrentado pelo destino e colhendo os frutos de suas próprias ações, assim passa por nascimento após nascimento, mas aquele que perdeu contato com suas ações é consciente do destino imutável de todos os seres nascidos.'

Yudhishthira perguntou, 'Ó cobra, diga-me realmente e sem confusão como aquele espírito dissociado se torna ciente de som, toque, forma, sabor, e gosto. Ó de grande mente, tu não os percebes, simultaneamente pelos sentidos? Ó melhor das cobras, responda todas estas questões!' A cobra respondeu, 'Ó de vida longa, a coisa chamada Atman (espírito), dirigindo-se à habitação corpórea e manifestando-se pelos órgãos do sentido, torna-se devidamente ciente dos

objetos perceptíveis. Ó príncipe da linhagem de Bharata, saiba que os sentidos, a mente, e o intelecto, ajudando a alma em sua percepção de objetos, são chamados Karanas. Ó meu filho, o espírito eterno, saindo de sua esfera, e ajudado pela mente, agindo através dos sentidos, os receptáculos de todas as percepções, percebe sucessivamente estas coisas (som, forma, sabor, etc). Ó mais valente dos homens, a mente das criaturas vivas é a causa de toda percepção, e, portanto, ela não pode estar ciente de mais do que uma coisa em um momento. Aquele espírito, ó principal dos homens, dirigindo-se ao espaço entre as sobrancelhas, envia o intelecto superior e inferior para diferentes objetos. O que os Yogues percebem atrás da ação do princípio inteligente por meio disto é considerada a ação da alma.'

Yudhishthira disse, 'Diga-me as características distintas da mente e do intelecto. O conhecimento disto é ordenado como o principal dever das pessoas que meditam no Espírito Supremo.'

"A cobra respondeu, 'Por ilusão a alma se torna subserviente ao intelecto. O intelecto, embora conhecido como sendo subserviente à alma, torna-se (então) o diretor da última. O intelecto é feito agir por atos de percepção; a mente é auto-existente. O Intelecto não causa a sensação (como de dor, prazer, etc) mas a mente o faz. Esta, meu filho, é a diferença entre a mente e o intelecto. Você também é versado neste assunto, qual é sua opinião?'

Yudhishthira disse, 'Ó mais inteligente, você tem inteligência excelente e você sabe tudo o que é bom para ser conhecido. Por que você me faz esta pergunta? Você conhecia tudo e você realizou atos maravilhosos e você viveu no céu. Como então a ilusão poderia dominá-lo? Grande é a minha dúvida neste ponto.' A cobra respondeu, 'A prosperidade embriaga até os homens sábios e valentes. Aqueles que vivem no luxo (logo) perdem sua razão. Assim, eu também, ó Yudhishthira, dominado pela obsessão de prosperidade, caí do meu estado elevado e, tendo recuperado minha auto-consciência, estou te esclarecendo dessa maneira! Ó rei vitorioso, tu me fizeste um favor. Por conversar com tua pessoa virtuosa minha maldição dolorosa foi expiada. Antigamente, quando eu costumava permanecer no céu em uma carruagem celeste, me deleitando em meu orgulho, eu não pensava em nada mais, eu costumava exigir tributo de Brahmarshis, Devas, Yakshas, Gandharvas, Rakshasas, Pannagas e de todos os outros habitantes dos três mundos. Ó senhor da terra, tal era o encanto dos meus olhos que em qualquer criatura que eu fixasse eles, eu imediatamente destruía o poder dela. Milhares de Brahmarshis costumavam puxar minha carruagem. A delinquência, ó rei, foi a causa da minha queda da minha prosperidade superior. Entre eles, Agastya estava um dia puxando meu transporte, e meus pés entraram em contato com seu corpo; Agastya então pronunciou (sua maldição) sobre mim, com raiva, 'A ruína te apanha, torne-te uma cobra.' Assim, perdendo minha glória, eu caí daquele carro excelente e enquanto caía eu vi a mim mesmo transformado em uma cobra, com cabeça para baixo. Eu assim implorei àquele Brahmana, 'Que esta maldição seja extinguida, ó adorável! Você deve perdoar alguém quem tem sido tão tolo por obsessão.' Então ele bondosamente disse-me isto, enquanto eu estavam sendo lançado para baixo (do céu), ‘O rei virtuoso Yudhishthira te salvará desta

maldição, e quando, ó rei, o pecado horrível do orgulho estiver extinto em ti; tu alcançarás salvação.' E eu fui tomado por admiração ao ver (este) poder das virtudes austeras dele; e portanto, eu te questionei acerca dos atributos do Espírito Supremo e dos Brahmanas. Verdade, caridade, auto-controle, penitência, abstenção de ferir qualquer criatura, e constância em virtude, estas, ó rei, e não sua linhagem de relações familiares, são os meios pelos quais um homem deve sempre assegurar a salvação. Que este teu irmão, o poderoso Bhimasena, encontre boa sorte e que a felicidade possa morar contigo! Eu devo ir para o Céu novamente.'"

Vaisampayana continuou, "Assim dizendo, aquele rei, Nahusha, abandonou sua forma serpentina, e assumindo sua forma celeste ele voltou para o Céu. O glorioso e pio Yudhishthira também voltou para seu eremitério com Dhaumya e seu irmão Bhima. Então o virtuoso Yudhishthira narrou tudo isso, em detalhes, para os Brahmanas que tinham se reunido (lá). Ao ouvirem isso, seus três irmãos e todos os Brahmanas e a renomada Draupadi também estavam cobertos com vergonha. E todos aqueles Brahmanas excelentes, desejando o bem-estar dos Pandavas, repreenderam Bhima por sua imprudência, lhe dizendo não para tentar tais coisas novamente, e os Pandavas também estavam imensamente satisfeitos ao verem o poderoso Bhima fora de perigo, e continuaram a viver lá agradavelmente."

181

(Markandeya-Samasya Parva)

Vaisampayana disse, "Enquanto eles estavam morando naquele lugar, lá começou a estação das chuvas, a estação que põe um fim ao tempo quente e que é agradável para todos os seres animados. Então as nuvens negras, ribombando ruidosamente, e cobrindo os céus e os pontos cardeais, derramaram chuva incessantemente durante dia e noite. Aquelas nuvens, contadas às centenas e às milhares, pareciam com cúpulas na estação chuvosa. Da terra desapareceu a refulgência do sol; seu lugar foi tomado pelo brilho imaculado do relâmpago; a terra tornou-se encantadora para todos, sendo coberta com grama, com mosquitos e répteis em sua alegria; ela foi banhada com chuva e possuída pela tranquilidade. Quando as águas tinham coberto tudo não podia se saber em absoluto se o solo era plano ou irregular; se havia rios ou árvores ou colinas. No fim da estação quente, os rios somaram beleza às florestas estando eles mesmos cheios de águas agitadas, fluindo com grande força e parecendo com serpentes pelo som sibilante que eles faziam. Os javalis, os veados e as aves, enquanto a chuva estava caindo sobre eles, começaram a proferir sons de vários tipos que podiam ser ouvidos dentro das regiões da floresta. Os chatakas, os pavões e as hostes de Kohilas machos e as rãs excitadas todos corriam por toda parte em alegria. Assim enquanto os Pandavas estavam perambulando nas regiões desertas e arenosas, a feliz estação da chuva, tão variada em aspecto e ressoando com nuvens, passou. Então começou a estação do outono, apinhada com gansos e garças e cheia de alegria; então as áreas da floresta foram cobertas

com grama; o rio se tornou límpido; o firmamento e estrelas brilharam gloriosamente. E o outono, cheio de animais e aves, foi alegre e agradável para os filhos magnânimos de Pandu. Então eram vistas noites que eram livres de poeira e frescas com nuvens e embelezadas por miríades de planetas e estrelas e a lua. E eles contemplaram rios e lagos pequenos, adornados com lírios e lotos brancos, cheios de água fresca e agradável. E enquanto vagavam pelo rio Saraswati cujas margens pareciam com o próprio firmamento e eram cobertos com juncos, e como tais abundavam em banhos sagrados, sua alegria era grande. E aqueles heróis que manejavam grandes arcos estavam especialmente contentes em verem o agradável rio Saraswati, com suas águas límpidas cheio até a borda. E, ó Janamejaya, a noite mais santa, aquela da lua cheia no mês de Kartika na estação do outono, foi passada por eles enquanto residiam lá! E os filhos de Pandu, os melhores dos descendentes de Bharata, passaram aquela conjuntura auspiciosa com santos justos e magnânimos dedicados à penitência. E logo que a quinzena escura começou imediatamente em seguida, os filhos de Pandu entraram naquela floresta chamada Kamyaka, acompanhados por Dhananjaya e seus quadrigários e cozinheiros."

182

Vaisampayana disse, "Ó filho de Kuru, eles, Yudhishthira e outros, tendo alcançado a floresta de Kamyaka, foram recebidos com hospitalidade por hostes de santos e eles viveram junto com Krishna. E enquanto os filhos de Pandu estavam residindo em segurança naquele local, muitos Brahmanas chegaram para visitá-los. E um certo Brahmana disse, 'Ele, o amigo querido de Arjuna, de braços poderosos e possuidor de auto-controle, descendente de Sura, de intelecto elevado, virá, pois, ó principais dos descendentes de Kuru, Hari sabe que vocês chegaram aqui. Pois Hari tem sempre um desejo por sua visão e sempre procura seu bem-estar. E Markandeya, que viveu muitos anos dedicado a grandes austeridades, dado ao estudo e penitência, virá brevemente e encontrará com vocês.' E no mesmo momento em que ele estava proferindo estas palavras, lá foi visto Krishna, chegando lá sobre um carro ao qual estavam unidos os cavalos Saivya e Sugriva, ele o melhor daqueles que viajam em carros estava acompanhado por Satyabhama, semelhante a Indra por Sachi, a filha de Pulaman. E o filho de Devaki chegou, desejoso de ver aqueles mais virtuosos dos descendentes de Kuru. E o inteligente Krishna, tendo descido do carro, prostrou-se, com prazer em seu coração, perante o rei virtuoso, da maneira prescrita, e também perante Bhima, aquele principal dos homens poderosos. E ele prestou seus respeitos a Dhaumya, enquanto os irmãos gêmeos se prostraram a ele. E ele abraçou Arjuna de cabelo encaracolado; e falou palavras de consolo para a filha de Drupada. E o descendente do chefe da tribo Dasaraha, aquele castigador de inimigos, quando viu o querido Arjuna aproximar-se dele, tendo visto ele depois de um longo tempo, abraçou-o repetidas vezes. E assim Satyabhama também, a amada consorte de Krishna, abraçou a filha de Drupada, a querida esposa dos filhos de Pandu. Então aqueles filhos de Pandu, acompanhados por sua esposa e sacerdotes, prestaram seus respeitos a Krishna, cujos olhos pareciam o lótus

branco e cercaram-no por todos os lados. E Krishna, quando reunido com Arjuna, o filho de Pritha, o ganhador de riquezas e o terror dos demônios, assumiu uma beleza comparável àquela de Siva, o senhor magnânimo de todos os seres criados, quando ele, o senhor poderoso, está reunido com Kartikeya (seu filho). E Arjuna, que portava um ornamento circular em sua cabeça, fez um relato do que aconteceu a ele na floresta para Krishna, o irmão mais velho de Gada. E Arjuna perguntou, dizendo, ‘Como está Subhadra, e seu filho Abhimanyu?’ E Krishna, o matador de Madhu, tendo prestado seus respeitos na forma prescrita para o filho de Pritha, e para o sacerdote, e sentando-se com eles lá, falou para o rei Yudhishthira, em palavras de louvor. E ele disse, 'Ó rei, a Virtude é preferível à conquista de reinos; isto é, de fato, prática de austeridades! Por você que tem obedecido com verdade e franqueza o seu dever prescrito foram ganhos ambos: este mundo e aquele por vir! Primeiro você estudou, enquanto realizava deveres religiosos; tendo adquirido de uma maneira apropriada toda a ciência de armas, tendo ganhado riqueza por seguir os métodos prescritos para a casta militar, você tem celebrado todos os ritos sacrificais consagrados pelo tempo. Você não se deleita em prazeres sensuais; você não age, ó senhor de homens, por motivos de divertimento, nem se desvia da virtude por cobiça de riquezas; é por isto que você é chamado de Rei Virtuoso, ó filho de Pritha! Tendo obtido reinos e riquezas e meios de divertimento, seu principal prazer é caridade e veracidade e prática de austeridades, ó rei, e fé e meditação e clemência e paciência! Quando a população de Kuru-jangala viu Krishna ultrajada na sala de reuniões, quem exceto você mesmo poderia tolerar aquele comportamento, ó filho de Pandu, o qual era tão repugnante para a virtude e costume? Sem dúvida, dentro de pouco, você governará os homens de uma maneira louvável, tendo todos os seus desejos realizados. Aqui estamos nós preparados para castigar os Kurus, logo que a estipulação feita por você seja completamente realizada!’ E Krishna, o principal da tribo Dasarha, então disse para Dhaumya e Bhima e Yudhishthira, e os gêmeos e Krishna, 'Quão venturoso que por sua bênção Arjuna, o portador da pequena coroa, tenha chegado depois de ter adquirido a ciência de armas!’ E Krishna, o líder da tribo Dasarha, acompanhado por amigos, igualmente falou para Krishna, a filha de Yajnasena, dizendo, 'Quão venturoso que você esteja reunida, ilesa e segura, com Arjuna, o ganhador de riquezas!' E Krishna também disse, 'Ó Krishna, ó filha de Yajnasena, aqueles seus filhos estão dedicados ao estudo da ciência de armas, são bem educados e se comportam no padrão, ó Krishna, de seus amigos virtuosos. Seu pai e seus irmãos lhes oferecem um reino e territórios; mas os garotos não encontram alegria na casa de Drupada, ou naquela de seus tios maternos. Procedendo com segurança para a terra dos Anartas, eles tem o maior prazer no estudo da ciência de armas. Seus filhos entraram na cidade dos Vrishnis e pegaram uma amizade imediata pelas pessoas lá. E como você os ensinaria a se comportarem, ou como a respeitada Kunti faria, assim Subhadra os instrui de uma maneira vigilante. Talvez, ela é ainda mais cuidadosa deles. E, ó Krishna, como o filho de Rukmini é o preceptor de Aniruddha, de Abhimanyu, de Sunitha, e de Bhanu; da mesma maneira ele é o preceptor e o refúgio dos seus filhos também! E um bom preceptor, (ele) ininterruptamente dá a eles lições no manejo de maças e espadas e escudos, em mísseis e nas artes de dirigir carros e de montar cavalos, sendo corajoso. E ele, o filho de Rukmini, tendo dado uma

instrução muito boa para eles, e tendo ensinado a eles a arte de usar várias armas de uma maneira apropriada, tem satisfação nos atos valorosos de seus filhos, e de Abhimanyu, ó filha de Drupada! E quando seus filhos saem em busca de esportes (ao ar livre), cada um deles é seguido para lá por carros e cavalos e veículos e elefantes.' E Krishna disse para o rei virtuoso, Yudhishthira, 'Os homens lutadores da tribo Dasarha, e os Kukuras, e os Andhakas, que estes, ó rei, se coloquem sob teu comando, que eles realizem o que tu desejares deles. Ó senhor de homens, que o exército da tribo de Madhus, (irresistível) como o vento, com seus arcos e liderados por Balarama cuja arma é o arado, que aquele exército, equipado (para a guerra), consistindo em cavaleiros e soldados de infantaria e cavalos e carros e elefantes, se prepare para cumprir tua ordem. Ó filho de Pandu! Leve Duryodhana, o filho de Dhritarashtra, o mais vil dos homens pecaminosos, junto com seus seguidores e sua hoste de amigos, para o caminho tomado pelo senhor de Saubha, o filho da Terra! Você, ó soberano de homens, tem toda a liberdade para aferrar-se àquela estipulação que foi feita na sala de reuniões, mas deixe que a cidade de Hastina seja preparada para você, quando a força hostil tiver sido morta pelos soldados da tribo Dasarha! Tendo vagado à sua vontade em todos aqueles locais onde você possa desejar ir, tendo se livrado da sua angústia e se libertado de todos os seus pecados, você alcançará a cidade de Hastina, a cidade bem conhecida situada no meio de um território excelente!' Então o rei magnânimo conhecendo o ponto de vista tão claramente anunciado por Krishna, aquele melhor dos homens, e, tendo elogiado o mesmo, e tendo deliberado, falou assim com palmas unidas para Kesava, 'Ó Kesava, sem dúvida tu és refúgio dos filhos de Pandu; pois os filhos de Pandu tem seu protetor em ti! Quando chegar a hora, não há dúvida que tu farás todo o trabalho à pouco mencionado por ti; e até mais do que o mesmo! Como prometido por nós, nós temos passado todos os doze anos em florestas isoladas. Ó Kesava, tendo da maneira prescrita completado o período para viver não reconhecidos, os filhos de Pandu se refugiarão em ti. Esta deve ser a intenção daqueles que se associam contigo, ó Krishna! Os filhos de Pandu não se desviam do caminho da verdade, pois os filhos de Pritha com sua caridade e sua piedade com seu povo e suas esposas e com seus parentes tem seu protetor em ti!'"

Vaisampayana disse, 'Ó descendente de Bharata, enquanto Krishna, o descendente dos Vrishnis e o rei virtuoso estavam assim conversando, apareceu lá então o santo Markandeya, experimentado na prática de penitências. E ele tinha visto muitos milhares de anos de vida, tinha uma alma virtuosa, e era dedicado a grandes austeridades. Sinais de velhice ele não tinha nenhum; e ele era imortal, e dotado de beleza e generosidade e muitas qualidades boas. E ele parecia com alguém de somente vinte e cinco anos de idade. E quando o santo idoso, que tinha visto muitos milhares de anos de vida, chegou, todos os Brahmanas prestaram seus respeitos a ele, e assim fez Krishna junto com o filho Pandu. E quando aquele santo mais sábio, assim honrado, tomou seu assento de uma maneira cordial, Krishna dirigiu-se a ele, de acordo com os intentos dos Brahmanas e dos filhos de Pandu, dessa maneira:

‘Os filhos de Pandu, e os Brahmanas reunidos aqui, e a filha de Drupada, e Satyabhama, igualmente eu mesmo, estamos todos ansiosos para ouvir tuas mais excelentes palavras, ó Markandeya! Apresente para nós as histórias sagradas de acontecimentos dos tempos passados, e as regras eternas de conduta virtuosa pelas quais são guiados reis e mulheres e santos!’”

Vaisampayana continuou, "Quando eles tinham todos tomado seus assentos, Narada também, o santo divino, de alma purificada, chegou em uma visita para os filhos de Pandu. A ele também, então, de grande alma, todos aqueles homens principais de intelecto superior honraram na forma prescrita, por oferecer água para lavar seus pés, e a oblação bem conhecida chamada Arghya. Então o santo divino, Narada, sabendo que eles estavam prestes a ouvir o discurso de Markandeya, expressou seu consentimento para o arranjo. E ele, o imortal, sabendo o que seria oportuno, disse sorridente, 'Ó santo da casta Brahmana, fale o que você estava prestes a falar para os filhos de Pandu!' Assim endereçado, Markandeya, dedicado a grandes austeridades, respondeu, 'Esperem um momento. Muito será narrado.' Assim endereçados, os filhos de Pandu, junto com aqueles duas vezes nascidos, esperaram um momento, olhando para aquele grande santo, (brilhante) como o sol do meio dia."

Vaisampayana continuou, "O filho de Pandu, o rei da tribo Kuru, tendo observado que o grande santo estava disposto falar, questionou-o com a intenção de sugerir os tópicos para conversação, dizendo, 'Você que é antigo (em idade), conhece os feitos de deuses e demônios, e santos ilustres, e de todos os majestosos. Nós consideramos você como digno de ser adorado e honrado; e nós ansiamos muito tempo pela sua companhia. E aqui está este filho de Devaki, Krishna, que veio a nós em uma visita. Na verdade, quando eu olho para mim mesmo, afastado da felicidade, e quando eu vejo os filhos de Dhritarashtra, de vida má, prosperando de todas as maneiras, surge em mim a idéia de que é o homem que faz todas as ações, boas ou más, e que é ele quem desfruta dos resultados que as ações produzem. Como então é o deus o agente? E, ó melhor daqueles que são proficientes no conhecimento de Deus, como é que as ações dos homens os seguem? Isto é neste mundo? Ou isto é em alguma existência subsequente? E, ó melhor dos homens justos entre os duas vezes nascidos, de que maneira um ser animado encarnado é enlaçado por seus atos bons e maus que o procuram? Isto é depois da morte? Ou isto é neste mundo? E, ó descendente de Bhrigu, o que nós experimentamos neste mundo é o resultado das ações desta mesma vida? Ou as ações desta vida darão frutos no mundo por vir? E onde as ações de um ser animado que está morto encontram seu lugar de descanso?’

Markandeya disse, 'Ó melhor daqueles que podem falar, esta pergunta é apropriada para ti, e é justamente o que deveria ser? Tu sabes tudo o que há para se saber. Mas tu estás fazendo esta pergunta simplesmente por causa da formalidade. Aqui eu te responderei: escute-me com a mente atenta, quanto a como neste mundo e naquele por vir um homem experimenta felicidade e tristeza. O senhor dos seres nascidos, ele mesmo surgido antes de todos, criou, para todos os seres incorporados, corpos que eram imaculados, puros, e obedientes a

impulsos virtuosos, ó mais sábio dos descendentes de Kuru! Os homens antigos tinham todos os seus desejos realizados, eram dados a modos louváveis de vida, falavam a verdade, eram religiosos e puros. Todos eram iguais aos deuses, podiam ascender ao céu à sua vontade, e podiam voltar novamente; e todos passavam de um lugar para outro à vontade. E eles tinham sua morte e sua vida também sob seu próprio controle; e eles tinham poucos sofrimentos; não tinham medo; e tinham seus desejos realizados; e eles estavam livres de incômodos; podiam visitar os deuses e os santos magnânimos; sabiam de cor todas as regras virtuosas; eram auto-controlados e livres de inveja. E eles viviam muitos milhares anos; e tinham muitos milhares de filhos. Então no decorrer do tempo eles vieram a ser restringidos a andar somente sobre a superfície da terra, dominados por luxúria e cólera, dependentes para subsistência de mentiras e truques, subjugados pela cobiça e insensatez. Então aqueles homens pecaminosos, quando desencarnados, por causa de seus atos injustos e profanos, iam para o inferno de uma maneira tortuosa. Repetidas vezes eles eram atormentados, e, repetidas vezes eles começaram a arrastar sua existência miserável neste mundo admirável. E seus desejos não eram realizados, os objetivos não cumpridos, e seu conhecimento tornou-se inútil. E seus sentidos estavam paralisados e eles se tornaram receosos de tudo e a causa dos sofrimentos de outras pessoas. E eles eram geralmente marcados por atos maus, e nascidos em famílias inferiores; eles se tornaram maus e afligidos por doenças, e o terror de outros. E eles se tornaram de vida curta e pecaminosos e eles colhiam os frutos de seus feitos terríveis. E cobiçando tudo, eles se tornaram ímpios e indiferentes em mente, ó filho de Kunti! O destino de cada criatura depois da morte é determinado por suas ações neste mundo. Tu me perguntaste onde este tesouro de ações dos sábios e dos ignorantes permanece, e onde eles desfrutam dos resultados dos seus atos bons e maus! Escute às regras sobre este assunto! O homem com seu corpo sutil original criado por Deus armazena um grande estoque de virtude e vício. Depois da morte ele abandona seu frágil corpo (exterior) e nasce imediatamente outra vez em outra ordem de seres. Ele nunca permanece inexistente por um único momento. Em sua nova vida suas ações o seguem invariavelmente como sombra e, frutificando, fazem seu destino feliz ou miserável. O homem sábio, por seu discernimento espiritual, sabe que todas as criaturas estão determinadas a um destino imutável pelo destruidor e que são incapazes de resistir à fruição de suas ações em sorte boa ou má. Este, ó Yudhishthira, é o destino de todas as criaturas mergulhadas em ignorância espiritual. Agora ouça sobre o caminho perfeito alcançado por homens de percepção espiritual elevada! Tais homens são de grande virtude ascética e são versados em todos os escritos profanos e sagrados, diligentes em realizar suas obrigações religiosas e devotados à verdade. E eles prestam homenagem devida aos seus preceptores e superiores e praticam Yoga, são perdoadores, continentes e enérgicos e devotos e são geralmente dotados de todas as virtudes. Pela conquista das paixões eles são quietos em mente; por praticar Yoga eles ficam livres de doença, medo e tristeza; eles não são inquietos (em mente). No decurso do nascimento, maduro ou imaturo, ou enquanto abrigados no útero, em todas as condições, eles com olhos espirituais reconhecem a relação da sua alma com o Espírito supremo. Aqueles Rishis de grande mente de conhecimento positivo e intuitivo passando por esta arena de

ações voltam novamente para a residência dos celestiais. Os homens, ó rei, alcançam o que eles tem por consequência da graça dos deuses, do Destino ou das suas próprias ações. Não pense de outra maneira. Ó Yudhishthira, eu considero como o maior bem aquele que é considerado assim neste mundo. Alguns alcançam felicidade neste mundo, mas não no seguinte; outros alcançam no seguinte, mas não neste. Alguns, além disso, alcançam felicidade neste assim como no mundo seguinte; e outros nem aqui nem no mundo seguinte. Aqueles que tem riqueza imensa brilham todos os dias com corpos bem enfeitados. Ó matador de inimigos poderosos, sendo viciados em prazeres carnais, eles desfrutam de felicidade somente neste mundo, mas não no próximo. Mas aqueles que são dedicados a meditações espirituais e ao estudo dos Vedas, que são diligentes em ascetismo, e que debilitam a energia de seus corpos por realizarem seus deveres, que subjugam suas paixões, e que se abstém de matar qualquer ser animado, aqueles homens, ó matador de teus inimigos, alcançam felicidade no próximo mundo, mas não neste! Aquele que primeiro vive uma vida pia e adquire riqueza virtuosamente no tempo devido e então casa e realiza sacrifícios, alcança felicidade neste e no mundo seguinte. Aqueles homens tolos porém que não adquirem conhecimento, nem são dedicados ao ascetismo ou caridade ou a aumentar sua espécie; ou em realizar os prazeres e diversões deste mundo, não alcançam felicidade nem neste nem no mundo seguinte. Mas todos vocês são proficientes em conhecimento e possuidores de grande poder e força e energia celeste. Para o extermínio (dos maus) e para servir aos propósitos dos deuses, vocês vieram do outro mundo e tomaram seu nascimento neste! Vocês, que são tão valentes, e dedicados ao ascetismo, exercícios de autodomínio, e ordenanças religiosas, e que gostam do esforço, depois de terem realizado grandes feitos e gratificado os deuses e Rishis e os Pitris, finalmente no devido tempo alcançarão por suas próprias ações a região suprema, a residência de todos os homens virtuosos! Ó ornamento da linhagem de Kuru, que dúvidas não cruzem tua mente por causa destes teus sofrimentos, pois esta aflição é para o teu bem!'"

183

Vaisampayana continuou, "Os filhos de Pandu disseram a Markandeya de grande alma, 'Nós ansiamos por ouvir sobre a grandeza dos Brahmanas. Nos fale disto!' Assim pedido, o venerado Markandeya, de virtude austera e energia espiritual elevada, e proficiente em todos os departamentos de conhecimento, respondeu, 'Um príncipe jovem, belo e de membros fortes da raça dos Haihayas, um conquistador de cidades hostis, (uma vez) saiu para caçar. E (enquanto) vagando na selva de árvores grandes e moitas de erva ele viu, à distância não grande dele, um Muni com a pele de um antílope preto como sua peça de roupa superior, e matou-o em lugar de um veado. Atormentado pelo que tinha feito, e com seus sentidos paralisados pela angústia, ele dirigiu-se à presença dos mais eminentes dos chefes Haihaya. O príncipe de olhos de lótus relatou para eles os detalhes. Ao ouvirem o relato, ó meu filho, e vendo o corpo do Muni que subsistia de frutas e raízes, eles ficaram muito aflitos em mente. E eles todos saíram

perguntando aqui e ali conforme eles procediam, quanto a filho de quem o Muni poderia ser. E eles logo depois alcançaram o eremitério de Arishtanemi, filho de Kasyapa. E saudando aquele grande Muni, tão constante em austeridade, eles todos permaneceram em pé, enquanto o Muni, de sua parte, se ocupava com sua recepção. E eles disseram para o Muni ilustre, 'Por um capricho do destino nós cessamos de merecer tuas boas vindas: de fato, nós matamos um Brahmana!' E o Rishi regenerado disse a eles, 'Como um Brahmana veio a ser morto por vocês, e onde ele está? Todos vocês testemunhem o poder das minhas práticas ascéticas!' E eles, tendo relatado para ele como tudo tinha acontecido retornaram, mas não encontraram o corpo do Rishi morto no local (onde eles o tinham deixado). E tendo procurado por ele, eles voltaram, envergonhados e privados de toda percepção, como em um sonho. E então, ó tu conquistador de cidades hostis, o Muni Tarkshya dirigiu-se a eles, dizendo, 'Ó príncipes, pode ser este o Brahmana do seu assassinato? Este Brahmana, dotado de talentos ocultos de exercícios espirituais, é, de fato, meu filho!' Vendo aquele Rishi, ó senhor da terra, eles foram tomados pelo espanto. E eles disseram, 'Que maravilha! Como os mortos vem à vida outra vez? É o poder da sua virtude austera pelo qual ele tornou a viver? Nós ansiamos saber isto, ó Brahmana, se, de fato, isto puder ser divulgado!' A eles ele respondeu, 'A morte, ó senhores de homens, não tem poder sobre nós! Eu lhes direi a razão brevemente e inteligivelmente. Nós realizamos nossos próprios deveres sagrados; portanto, nós não temos medo da morte; nós falamos bem dos Brahmanas mas nunca pensamos algum mal deles; portanto a morte não tem terror para nós. Entretendo nossos convidados com comida e bebida, e nossos dependentes com abundância de comida, nós (então) partilhamos do que é deixado; portanto nós não temos medo da morte. Nós somos pacíficos e austeros e caritativos e indulgentes e gostamos de visitar santuários sagrados, e nós vivemos em lugares sagrados; portanto nós não temos medo da morte. E nós vivemos em lugares habitados por homens que tem grande poder espiritual; portanto a morte não tem horror para nós. Eu lhes disse tudo resumidamente! Voltem agora todos juntos, curados de toda vaidade mundana. Não tenham medo do pecado!' Dizendo ‘Que assim seja!’, ó principal descendente da linhagem de Bharata, e saudando o grande Muni, todos aqueles príncipes voltaram alegremente para seu país."

184

"Markandeya continuou, 'Ouçam novamente de mim a glória dos Brahmanas! É dito que um sábio nobre de nome Vainya estava uma vez empenhado em realizar o Sacrifício de Cavalo e que Atri desejou ir até ele em busca de esmolas. Mas Atri posteriormente abandonou seu desejo de riquezas, por escrúpulos religiosos. Depois de pensar muito ele, de grande poder, ficou desejoso de viver nas florestas, e, chamando sua esposa e filhos juntos, dirigiu-se a eles dessa maneira, 'Que nós alcancemos a muito tranquila e completa realização dos nossos desejos. Portanto, que seja agradável para vocês se dirigirem rapidamente para a floresta para uma vida de grande mérito.' Sua esposa, argumentando por motivos de

virtude também então disse a ele, 'Corra até o ilustre príncipe Vainya, e peça dele vastas riquezas! Pedido por ti, aquele sábio real engajado em sacrifício te dará riqueza. Tendo ido lá, ó Rishi regenerado, e recebido dele grande riqueza, tu poderás distribuí-la entre teus filhos e empregados e então tu poderás ir para onde quer que tu queiras. Esta, de fato, é a maior virtude como provado por homens familiarizados com religião.' Atri respondeu, 'Eu fui informado, ó virtuosa, por Gautama de grande alma, que Vainya é um príncipe virtuoso, dedicado à causa da verdade; mas há Brahmanas (em volta dele) que são ciumentos de mim; e como Gautama me disse isto, eu não ouso ir lá, pois (enquanto) lá, se eu fosse aconselhar o que é bom e calculado para assegurar piedade e a satisfação dos desejos de alguém, eles me contradiriam com palavras improdutivas de qualquer benefício. Mas eu aceito qualquer conselho e irei lá; Vainya me dará vacas e muitas riquezas.'"

"Markandeya continuou, 'Assim dizendo, ele, de grande mérito ascético se apressou para o sacrifício de Vainya e alcançando o altar sacrifical e fazendo sua homenagem ao rei e louvando-o com palavras bem intencionadas, ele falou estas palavras, 'Tu és abençoado, ó rei! Governando a terra, tu és o principal dos soberanos! Os Munis te elogiam, e além de ti não há ninguém tão versado em saber religioso!' Para ele o Rishi Gautama, de grande mérito ascético, então respondeu indignado dizendo, 'Atri, não repita este disparate. (Parece) que tu não estás no teu próprio juízo. Neste nosso mundo (somente) Mahendra, o senhor de todos os seres criados é o principal de todos os soberanos!' Então, ó grande príncipe, Atri disse para Gautama, 'Como Indra, o senhor de todas as criaturas, governa nossos destinos, assim faz este rei! Tu estás equivocado. És tu quem perdeste tua razão por falta de percepção espiritual!' Gautama respondeu, 'Eu sei que eu não estou equivocado; és tu quem estás laborando sob uma concepção errada neste assunto. Para assegurar o auxílio do rei tu estás adulando ele nesta reunião de pessoas. Tu não sabes qual é a maior virtude, nem sentes a necessidade disto. Tu és como uma criança imersa em ignorância, para que então tu te tornaste (tão) velho em idade?'"

"Markandeya continuou, 'Enquanto aqueles dois homens estavam assim disputando na presença dos Munis, que estavam engajados no sacrifício de Vainya os últimos perguntaram, 'Qual é o caso com eles, que eles falam de modo tão vociferante?' Então Kasyapa muito pio e versado em todas as tradições religiosas, se aproximando dos disputantes lhes perguntou qual era a questão. E então Gautama, dirigindo-se àquela assembléia de grandes Munis, disse, 'Ouçam, ó grandes Brahmanas, ao ponto em disputa entre nós. Atri disse que Vainya é o soberano de nossos destinos; grande é nossa dúvida neste ponto.'"

"Markandeya continuou, 'Ao ouvirem isto, os Munis de grande mente foram imediatamente até Sanatkumara que era bem versado em religião para esclarecer sua dúvida. E então ele de grande mérito ascético, tendo ouvido deles os detalhes dirigiu a eles estas palavras cheias de significado religioso. E Sanatkumara disse, 'Como o fogo ajudado pelo vento queima florestas, assim a energia de um Brahmana em união com a de um Kshatriya ou a de um Kshatriya unida com a de um Brahmana destrói todos os inimigos. O soberano é o eminente dador de leis e

o protetor de seus súditos. Ele é (um protetor dos seres criados) como Indra, (um apresentador de costumes) como Sukra, (um conselheiro) como Vrihaspati e (então ele também é chamado de) soberano dos destinos dos homens. Quem não acharia apropriado venerar o indivíduo a quem termos tais como 'preservador das coisas criadas,' 'majestoso,' 'imperador,' 'Kshatriya' (ou salvador da terra), 'senhor da terra', 'regente de homens', são aplicados em louvor? O rei é (também) intitulado a primeira causa (da ordem social, como sendo o promulgador de leis), 'o virtuoso em guerras' (e portanto, preservador da paz), 'o vigia,' 'o satisfeito,' 'o senhor,' 'o guia para a salvação,' 'o facilmente vitorioso,' 'o semelhante a Vishnu,' 'de ira eficaz,' 'o vencedor de batalhas' e 'o que cuida da religião verdadeira.' Os Rishis, temerosos de pecado, confiaram o poder (mundano) aos Kshatriyas. Como entre os deuses no céu o Sol dissipa a escuridão por sua refulgência, assim o rei erradica completamente o pecado desta terra. Portanto a grandeza do rei é inferida das evidências dos livros sagrados, e nós temos a obrigação de nos manifestar em defesa daquele lado que falou em favor do rei.'"

"Markandeya continuou, 'Então aquele príncipe ilustre, muito satisfeito com o partido vitorioso, disse alegremente para Atri, que tinha louvado ele antes, 'Ó Rishi regenerado, tu me fizeste e me intitulaste o maior e mais excelente dos homens aqui, e me comparaste aos deuses; portanto, eu te darei riqueza vasta e de vários tipos. Minha impressão é que tu és onisciente. Eu te dou, ó bem vestido e bem enfeitado, cem milhões de moedas de ouro e também dez bharas de ouro.' Então Atri, de virtudes austeras superiores e grandes poderes espirituais, assim saudado (pelo rei), aceitou todos os presentes sem qualquer brecha de retidão, e voltou para casa. E então dando sua riqueza para seus filhos e subjugando a si mesmo, ele dirigiu-se alegremente para a floresta com o objetivo de praticar penitências."

185

"Markandeya continuou, 'Ó tu conquistador de cidades hostis, em relação a isto Saraswati também, quando interrogada por aquele Muni inteligente, Tarkshya, disse (isto). Ouça as palavras dela! Tarkshya tinha perguntado, dizendo, 'Senhora excelente, qual é a melhor coisa para um homem fazer aqui na terra, e como ele deve agir para que ele não possa se desviar (do caminho) da virtude? Diga-me tudo isso, ó senhora bela, para que instruído por ti eu não possa me afastar do caminho da virtude! Quando e como se deve oferecer oblações ao fogo (sagrado) e quando se deve cultuar para que a virtude não seja comprometida? Diga-me tudo isso, ó senhora excelente, para que eu possa viver sem quaisquer paixões, ânsia, ou desejo, neste mundo.'"

"Markandeya continuou, 'Assim questionada por aquele Muni alegre e vendo-o ávido para aprender e dotado de grande inteligência, Saraswati dirigiu estas palavras pias e benéficas para o Brahmana Tarkshya.'"

"Saraswati disse, 'Aquele que é dedicado ao estudo dos Vedas, e com santidade e equanimidade percebe a Divindade suprema em sua própria esfera,

ascende para as regiões celestes e alcança beatitude suprema com os Imortais. Muitos lagos sagrados grandes, belos, e translúcidos se encontram lá, abundando com peixes, flores, e lírios dourados. Eles são como santuários e sua própria visão é projetada para aliviar a angústia. Homens devotos, distintamente adorados por Apsaras virtuosas de cor dourada bem enfeitadas, moram em contentamento nas margens daqueles lagos. Aquele que doa vacas (para Brahmanas) alcança as regiões mais elevadas; por doar bois ele alcança as regiões solares, por doar vestes alcança o mundo lunar, e por doar ouro ele alcança à condição dos Imortais. Aquele que doa uma vaca bela com um bom bezerro, e que é facilmente ordenhada e que não foge, está (destinado) a viver por tantos anos nas regiões celestes quanto os pelos que existem no corpo daquele animal. Aquele que dá um boi de excelente qualidade, forte, poderoso, jovem, capaz de puxar o arado e carregar cargas, alcança as regiões alcançadas por homens que dão dez vacas. Quando um homem concede uma vaca kapila bem enfeitada com um balde de leite de bronze e com dinheiro dado subsequentemente, aquela vaca se tornando por suas próprias qualidades distintas uma concessora de tudo, alcança o lado do homem que a doou. Aquele que doa vacas colhe frutos inumeráveis por sua ação, medidos pelos pelos no corpo daquele animal. Ele também salva (da perdição) no mundo seguinte seus filhos e netos e antepassados até a sétima geração. Aquele que presenteia para um Brahmana gergelim composto na forma de uma vaca, tendo chifres feitos de ouro, com dinheiro além disso, e um balde de leite de bronze, posteriormente alcança facilmente as regiões dos Vasus. Por suas próprias ações o homem cai para as regiões sombrias mais inferiores, infestadas pelos maus espíritos (de suas próprias paixões), como um navio atirado pela tempestade no alto mar; mas a doação de vacas para Brahmanas o salva no mundo seguinte. Aquele que entrega sua filha em casamento, na forma Brahma, que concede presentes de terra para Brahmanas e que faz devidamente outras doações, alcança as regiões de Purandara. Ó Tarkshya, o homem virtuoso que é constante em oferecer oblações para o fogo sagrado por sete anos santifica por sua própria ação sete gerações ascendentes e descendentes.'"

"Tarkshya disse, 'Ó senhora bela, explique para mim que te pergunto as regras para a manutenção do fogo sagrado como inculcadas nos Vedas. Eu agora aprenderei de ti as regras consagradas pelo tempo para manter perpetuamente o fogo sagrado.'

186

Então Yudhishthira, o filho de Pandu, disse ao Brahmana Markandeya, ‘Narre agora a história de Vaivaswata Manu?’

Markandeya respondeu, 'Ó rei, ó principal dos homens, havia um Rishi poderoso e formidável de nome Manu. Ele era o filho de Vivaswan e igual a Brahma em glória. E ele excedia de longe seu pai e avô em força, em poder, em sorte, como também em austeridades religiosas. E permanecendo sobre uma perna e com mão erguida, aquele senhor de homens fez penitências severas na

floresta de jujubas chamada Visala. E lá de cabeça para baixo e com olhar fixo ele praticou penitência rígida e severa por dez mil anos. E um dia, enquanto ele estava praticando austeridades lá com roupas molhadas e cabelo emaranhado na cabeça, um peixe se aproximando das margens do Chirini dirigiu-se a ele dessa maneira, 'Senhor venerável, eu sou um pequeno peixe desamparado, eu tenho medo dos grandes; portanto, ó grande devoto, pense que vale o teu tempo me proteger deles; especialmente porque este costume fixo está bem estabelecido entre nós: que os peixes fortes sempre matam os fracos para servirem de alimento. Portanto pense que é justo me salvar de ser afogado neste mar de terrores! Eu te retribuirei pela tua ajuda.' Ao ouvir estas palavras do peixe, Vaivaswata Manu foi dominado pela compaixão e ele tirou o peixe da água com suas próprias mãos. E o peixe que tinha um corpo cintilante como os raios da lua, quando tirado da água, foi colocado em um recipiente de água feito de barro. E assim criado aquele peixe, ó rei, cresceu em tamanho e Manu zelou por ele cuidadosamente como um filho. E depois de um longo tempo ele tornou-se tão grande em tamanho que não havia espaço para ele naquele recipiente. E então vendo Manu (um dia), ele dirigiu novamente estas palavras a ele, 'Senhor venerável, designe alguma habitação melhor para mim.' E então o adorável Manu, o conquistador de cidades hostis, tirou-o daquele recipiente e levou-o para um grande tanque e colocou-o lá. E lá novamente o peixe cresceu por muitos longos anos. E embora o tanque tivesse dois yojanas de comprimento e um yojana de largura, mesmo lá, ó filho de olhos de lótus de Kunti e soberano de homens, não havia espaço para o peixe se movimentar! E vendo Manu ele disse outra vez, 'Ó pai pio e adorável, leve-me à Ganga, a cônjuge favorita do Oceano, para que eu possa viver lá; ou faça como tu desejares. Ó impecável, como eu cresci até este grande volume por teu favor eu cumprirei tua ordem alegremente.' Assim pedido o honesto e moderado e venerável Manu levou o peixe para o rio Ganga e ele o pôs no rio com suas próprias mãos. E lá, ó conquistador de teus inimigos, o peixe cresceu novamente por um pouco de tempo e então contemplando Manu, ele disse novamente, 'Ó senhor, eu não posso me mexer no Ganga por causa do meu corpo grande; portanto, senhor venerável, por favor leve-me rapidamente para o mar!' Ó filho de Pritha, Manu então tirando-o do Ganga, carregou-o para o mar e entregou-o lá. E apesar do seu grande tamanho Manu transportou-o facilmente e seu toque e cheiro também eram agradáveis para ele. E quando ele foi jogado no mar por Manu, ele disse estas palavras a ele com um sorriso, 'Ó ser adorável, tu me protegeste com cuidado especial; agora escute-me quanto ao que tu deves fazer na plenitude do tempo! Ó senhor afortunado e venerável, a dissolução de todo este mundo móvel e imóvel está próxima. O tempo para a purgação deste mundo está agora maduro. Portanto eu agora explico o que é bom para ti! As divisões móveis e imóveis da criação, aquelas que tem o poder de locomoção, e aquelas que não o tem, de todos estes o destino terrível agora se aproximou. Tu construirás uma arca forte massiva e a equiparás com uma corda longa. Nela tu deves subir, ó grande Muni, com os sete Rishis e levar contigo todas as sementes diferentes as quais foram enumeradas por Brahmanas regenerados nos tempos antigos, e separadamente e cuidadosamente tu deves preservá-las nela. E quando estiveres lá, ó amado dos Munis, tu esperarás por mim, e eu aparecerei para ti como um animal chifrudo, e dessa maneira, ó asceta, tu me reconhecerás!

E eu agora partirei, e tu agirás de acordo com minhas instruções, pois sem minha ajuda tu não poderás salvar-te daquela inundação terrível.' Então Manu disse para o peixe, 'Eu não duvido de tudo o que tu disseste, ó magnífico! Eu agirei assim mesmo!' E dando instruções um para o outro, ambos foram embora. E Manu então, ó rei grande e poderoso e conquistador de teus inimigos, obteve todas as diferentes sementes como instruído pelo peixe, e iniciou viagem em uma excelente embarcação sobre as ondas do mar. E então, ó senhor da terra, ele se lembrou daquele peixe. E o peixe também, ó conquistador de teus inimigos e principal descendente da linhagem de Bharata, conhecendo sua mente, apareceu lá com chifres em sua cabeça. E então, ó tigre entre homens, vendo no oceano aquele peixe chifrudo emergindo como uma rocha na forma da qual ele tinha sido antes estimado, ele baixou o laço semelhante à corda sobre sua cabeça. E fixado pelo laço, o peixe, ó rei e conquistador de cidades hostis, rebocou a arca com grande força através das águas salgadas. E ele os transportou naquele barco no mar estrondoso e açoitado por vagalhões. E, ó conquistador de teus inimigos e de cidades hostis, atirado pela tempestade no grande oceano, o barco cambaleava em volta como uma meretriz bêbada. E nem terra nem os quatro pontos cardeais da bússola podiam ser distinguidos. E havia água em todos os lugares e as águas cobriram o céu e o firmamento também. E, ó touro da raça Bharata, quando o mundo estava assim inundado, ninguém exceto Manu, os sete Rishis e o peixe podia ser visto. E, ó rei, o peixe diligentemente arrastou o barco pela inundação por muitos longos anos e então, ó descendente de Kuru e ornamento da linhagem de Bharata, ele rebocou o barco em direção ao topo mais alto do Himavat. E, ó Bharata, o peixe então disse para aqueles no barco para o amarrarem ao topo do Himavat. E ouvindo as palavras do peixe eles imediatamente amarraram o barco naquele cume da montanha e, ó filho de Kunti e ornamento da linhagem de Bharata, saiba que aquele topo alto do Himavat ainda é chamado pelo nome de Naubandhana (O Porto). Então o peixe, dirigindo-se aos Rishis associados disse-lhes estas palavras, 'Eu sou Brahma, o Senhor de todas as criaturas; não há ninguém maior do que eu mesmo. Assumindo a forma de um peixe, eu salvei vocês deste cataclismo. Manu criará (novamente) todos os seres, deuses, Asuras e homens, todas aquelas divisões da criação que tem o poder de locomoção e as que não o tem. Por praticar austeridades severas ele adquirirá este poder, e com minha bênção a ilusão não terá poder sobre ele.'"

"Assim dizendo o peixe desapareceu imediatamente. E o próprio Vaivaswata Manu ficou desejoso de criar o mundo. Naquele trabalho de criação a ilusão tomou conta dele e ele, portanto, praticou grande ascetismo. E dotado de mérito ascético, Manu, ó ornamento da raça de Bharata, iniciou novamente seu trabalho de criar todos os seres na ordem apropriada e exata. Esta história que eu narrei para ti e a audição da qual destrói todo pecado é célebre como a Lenda do Peixe. E o homem que ouve todos os dias a esta história primitiva de Manu alcança felicidade e todos os outros objetos de desejo e vai para o céu."

187

"Então o rei virtuoso Yudhishthira com toda humildade questionou novamente o ilustre Markandeya, dizendo, 'Ó grande Muni, tu viste muitos milhares de eras decorrerem. Neste mundo não há ninguém tão longevo quanto tu! Ó melhor daqueles que alcançaram o conhecimento do Espírito Supremo, não há ninguém igual a ti em idade exceto Brahma de grande mente vivendo no lugar mais elevado. Tu, ó Brahmana, cultuaste Brahma na época da grande dissolução do universo, quando este mundo estava sem céu e sem os deuses e Danavas. E quando aquele cataclismo cessou e o Avô despertou, somente tu, ó Rishi regenerado, viste Brahma recriar devidamente as quatro classes de seres depois de ter enchido os pontos cardeais com ar e consignado as águas ao seu lugar apropriado. Tu, ó grande Brahmana, adoraste em sua presença o grande Senhor e Avô de todas as criaturas com alma absorta em meditação e totalmente absorvida n'Ele! E, ó Brahmana, tu testemunhaste muitas vezes com teus olhos os atos primordiais de criação, e, mergulhado em austeridades ascéticas severas, tu também superaste os próprios Prajapatis! Tu és estimado como alguém que está mais próximo a Narayana, no mundo seguinte. Muitas vezes nos tempos passados tu contemplaste o Criador Supremo do universo com olhos de abstração espiritual e renúncia, tendo primeiro aberto teu coração puro e semelhante ao lótus, o único local onde o multiforme Vishnu de conhecimento universal pode ser visto! É por isto, ó Rishi erudito, pela graça de Deus nem a Morte que a tudo destrói, nem decrepitude que causa a decadência do corpo, tem algum poder sobre ti! Quando nem o sol, nem a lua, nem fogo, nem terra, nem ar, nem céu permanecem, quando todo o mundo sendo destruído parece com um oceano vasto, quando os Deuses e Asuras e os grandes Uragas estão aniquilados, e quando Brahma de grande mente, o Senhor de todas as criaturas, tomando seu assento em uma flor de lótus, dorme lá, então só tu permaneces para adorá-lo! E, ó melhor de Brahman, assim tu viste tudo isto que ocorreu antes, com teus próprios olhos. E somente tu testemunhaste muitas coisas por meio dos sentidos, e nunca em todos os mundos houve qualquer coisa desconhecida para ti! Portanto eu anseio ouvir algum discurso explicando as causas das coisas!'"

"Markandeya respondeu, 'De fato, eu explicarei tudo, depois de ter reverenciado aquele Ser existente por Si Mesmo, Primordial, que é eterno e sem deterioração e inconcebível, e que é ao mesmo tempo investido com e privado de atributos. Ó tigre entre homens, este Janardana vestido em mantos amarelos é o grande Movedor e Criador de tudo, a Alma e Modelador de todas coisas, e o senhor de tudo! Ele é também chamado de o Grandioso, o Incompreensível, o Maravilhoso e o Impecável. Ele é sem início e sem fim, permeia o mundo inteiro, é Imutável e sem deterioração. Ele é o Criador de tudo, mas é ele mesmo incriado e é a Causa de todo o poder. Seu conhecimento é maior do que aquele de todos os deuses juntos. Ó melhor dos reis e mais preeminente dos homens, depois da dissolução do universo, toda esta criação maravilhosa vem à existência novamente. Quatro mil anos são citados como constituindo o Krita Yuga. Seu amanhecer também, assim como sua noite, são citados como compreendendo quatrocentos anos. O Treta-Yuga é mencionado como compreendendo três mil anos, e sua alvorada,

assim como sua noite, são citadas como compreendendo trezentos anos. O Yuga que vem em seguida é chamado de Dwapara, e este foi computado como consistindo em dois mil anos. Sua alvorada, assim como sua noite, são citadas como compreendendo duzentos anos. O próximo Yuga, chamado Kali, é mencionado como compreendendo mil anos e sua alvorada, assim como sua noite, são citadas como compreendendo cem anos. Saiba, ó rei, que a duração da alvorada é a mesma que aquela da noite de um Yuga. E depois que o Kali Yuga está terminado, o Krita Yuga vem novamente. Um ciclo dos Yugas assim compreende um período de doze mil anos. Mil de tais ciclos completos constituem um dia de Brahma. Ó tigre entre homens, quando todo este universo é recolhido e acomodado dentro do seu lar, o próprio Criador, aquele desaparecimento de todas as coisas é chamado pelos eruditos de Destruição Universal. Ó touro da raça Bharata, perto do fim do último período mencionado de mil anos, isto é, quando o período que falta para completar um ciclo é curto, os homens geralmente se tornam afeitos à falsidade em palavras. Ó filho de Pritha, então sacrifícios e doações e votos, em vez de serem realizados por dirigentes são permitidos serem realizados por representantes! Brahmanas então realizam ações que são reservadas aos Sudras, e os Sudras se dirigem à aquisição de riqueza. Então Kshatriyas também se dirigem à prática de ações religiosas. Na era Kali, os Brahmanas também se abstém de sacrifícios e do estudo dos Vedas, são privados de seu bastão e camurça, e em relação à comida se tornam onívoros. E, ó filho, os Brahmanas naquela era também se abstém de orações e meditação enquanto os Sudras se dirigem a estes! O rumo do mundo parece contrário, e de fato, estes são os sinais que prenunciam a Destruição Universal. E, ó senhor de homens, numerosos reis Mleccha então governam a terra! E aqueles monarcas pecaminosos, afeitos à palavras falsas, governam seus súditos conforme princípios que são falsos. Os Andhhas, os Sakas, os Pulindas, os Yavanas, os Kamvojas, os Valhikas e os Abhiras, então se tornam, ó melhor dos homens, possuidores de coragem e da soberania da terra. Este, ó tigre entre homens, se torna o estado do mundo durante a noite, ó Bharata, da era Kali! Nem um único Brahmana então adere aos deveres da sua classe. E os Kshatriyas e os Vaisyas também, ó monarca, seguem práticas contrárias àquelas que são apropriadas para suas próprias classes. E homens se tornam de vida curta, fracos em vigor, energia, e coragem; e dotados de pouco poder e corpos diminutos, eles se tornam raramente sinceros em palavras. E a população humana definha por grandes regiões de país, e as regiões da terra, Norte e Sul, e Leste e Oeste, ficam apinhadas com animais e bestas predadoras. E durante este período, aqueles também que divulgam Brahma fazem isso em vão. Os Sudras se dirigem a Brahmanas dizendo ‘Bho’, enquanto os Brahmanas se dirigem aos Sudras dizendo, ‘Respeitado Senhor’. E, ó tigre entre homens, no fim do Yuga, animais aumentam imensamente. E, ó rei, odores e perfumes então não se tornam tão agradáveis para o nosso sentido do olfato, e, ó tigre entre homens, o próprio sabor das coisas então não se harmoniza tão bem com nossos órgãos do paladar como em outras épocas! E, ó rei, mulheres então se tornam mães de filhos numerosos, dotados de estaturas baixas, e desprovidos de bom comportamento e boas maneiras. E elas também fazem suas próprias bocas servirem os propósitos do órgão de procriação. E a fome devasta as habitações dos homens, e as estradas

são infestadas por mulheres de má fama, enquanto as mulheres em geral, ó rei, ficam em tais períodos hostis para com seus maridos e desprovidas de modéstia! E, ó rei, as próprias vacas em tais períodos produzem pouco leite, enquanto as árvores, com enxames de corvos pousados em cima, não produzem muitas flores e frutas. E, ó senhor da terra, as classes regeneradas, maculadas pelo pecado de matar Brahmanas, aceitam presentes de monarcas que são afeitos à falsidade em palavras. E cheios de cobiça e ignorância, e portando em seus corpos os símbolos externos de religião, eles saem em rondas de mendicância, afligindo as pessoas da Terra. E as pessoas que levam vidas familiares, temerosas da carga de impostos, se tornam enganadoras, enquanto Brahmanas, assumindo falsamente o traje de ascetas, ganham riqueza por comércio, com unhas e cabelos não aparados e não cortados. E, ó tigre entre homens, muitas das classes de duas vezes nascidos se tornam, por cobiça de riqueza, mendicantes religiosos da ordem Brahmacharin. E, ó monarca, os homens em tais períodos se comportam em desacordo com os modos de vida para os quais eles se dirigem, e viciados em bebidas embriagantes e capazes de violar os leitos de seus preceptores, seus desejos são todos deste mundo, procurando negócios que sirvam à carne e sangue. E, ó tigre entre homens, em tal período os retiros de ascetas ficam cheios de patifes pecaminosos e atrevidos sempre elogiando vidas de dependência. E o castigador ilustre de Paka nunca derrama chuva segundo as estações e as sementes também que são espalhadas sobre o solo, ó Bharata, não brotam todas. E os homens, pecaminosos em ação e pensamento, tem prazer na inveja e malícia. E, ó impecável, a terra então fica cheia de pecado e imoralidade. E, ó senhor da terra, aquele que se torna virtuoso em tais períodos não vive muito tempo. De fato, a terra se torna desprovida de virtude em todas as formas. E, ó tigre entre homens, os comerciantes e negociantes então cheios de astúcia, vendem quantidades grandes de artigos com pesos e medidas falsos. E aqueles que são virtuosos não prosperam; enquanto aqueles que são pecaminosos prosperam excessivamente. E a virtude perde sua força enquanto o pecado se torna todo poderoso. E os homens que são devotados à virtude tornam-se pobres e de vida curta; enquanto aqueles que são pecaminosos tornam-se de vida longa e ganham prosperidade. E em tais tempos as pessoas se comportam pecaminosamente até em lugares de diversão públicos em cidades e municípios. E os homens sempre procuram a realização de seus objetivos por meios que são pecaminosos. E tendo ganhado fortunas que são realmente pequenas eles ficam embriagados pelo orgulho de riqueza. E, ó monarca, muitos homens em tais períodos se esforçam para roubar a riqueza que por confiança foi depositada com eles em sigilo. E ligados a práticas pecaminosas eles sem qualquer vergonha declaram que não há nada em depósito. E animais predadores e outros animais e aves podem ser vistos deitarem em lugares de diversão públicos em cidades e municípios, assim como em edifícios sagrados. E, ó rei, meninas de sete ou oito anos de idade então concebem, enquanto meninos de dez ou doze anos geram prole. E no seu décimo sexto ano, os homens são tomados pela decrepitude e decadência e o período da própria vida é logo alcançado. E ó rei, quando os homens se tornam assim de vida curta, mais jovens agem como os idosos; enquanto tudo o que é observável no jovem pode ser notado no velho. E mulheres dadas à impropriedade de conduta e marcadas por maus modos enganam até o

melhor dos maridos e se comportam de modo impróprio com criados e escravos e até com animais. E, ó rei, até mulheres que são esposas de heróis procuram a companhia de outros homens e se comportam de modo impróprio com estes durante o tempo de vida de seus maridos.

Ó rei, perto do fim daqueles milhares de anos que constituem os quatro Yugas e quando as vidas dos homens se tornam tão curtas, ocorre uma seca que se estende por muitos anos. E então, ó senhor da terra, homens e criaturas dotados de pouca força e energia ficando famintos morrem aos milhares. E então, ó senhor de homens, sete Sóis ardentes, aparecendo no firmamento, absorvem todas as águas da Terra que se encontram em rios ou mares. E, ó touro da raça Bharata, então também tudo da natureza de madeira e erva, seja úmido ou seco, é consumido e reduzido à cinzas. E então, ó Bharata, o fogo chamado Samvartaka impelido pelos ventos aparece na terra que já foi secada até cinzas pelos sete Sóis. E então aquele fogo, penetrando pela Terra e fazendo seu aparecimento nas regiões inferiores também, produz grande terror nos corações dos deuses, dos Danavas e dos Yakshas. E, ó senhor da terra, consumindo as regiões inferiores como também tudo sobre esta Terra aquele fogo destrói todas as coisas em um momento. E aquele fogo chamado Samvartaka ajudado por aquele vento inauspicioso consome este mundo se estendendo por centenas e milhares de yojanas. E aquele senhor de todas as coisas, aquele fogo, brilhando em refulgência consome este universo com deuses e Asuras e Gandharvas e Yakshas e Cobras e Rakshasas. E lá se erguem no céu profundas massas de nuvens, parecendo com manadas de elefantes e decoradas com guirlandas de relâmpagos que são maravilhosos de se observar. E algumas daquelas nuvens são da cor do lótus azul; e algumas são da cor do nenúfar; e algumas parecem em matiz com os filamentos do lótus e algumas são púrpuras e algumas são amarelas como cúrcuma e algumas da cor do ovo dos corvos. E algumas são claras como pétalas de lótus e algumas vermelhas como cinabre. E algumas parecem com cidades suntuosas em forma e algumas com manadas de elefantes. E algumas são da forma de lagartos e algumas de crocodilos e tubarões. E, ó rei, as nuvens que se reúnem no céu na ocasião são terríveis de se contemplar e entretecidas com relâmpagos ribombam terrivelmente. E aquelas massas vaporosas, carregadas com chuva, logo cobrem o firmamento inteiro. E, ó rei, aquelas massas de vapor então inundam com água a terra inteira com suas montanhas e florestas e minas. E, ó touro entre homens, instigadas pelo Senhor Supremo aquelas nuvens, ribombando terrivelmente, logo inundam toda a superfície da terra. E despejando em uma grande quantidade de água e enchendo a terra inteira elas apagam aquele fogo inauspicioso terrível (do qual eu já te falei). E incitadas pelo Senhor ilustre aquelas nuvens enchem a terra com seu aguaceiro incessantemente por doze anos. E então, ó Bharata, o Oceano ultrapassa seus continentes, as montanhas se partem em fragmentos, e a Terra afunda sob a enchente crescente. E então movidas subitamente pelo ímpeto do vento, aquelas nuvens vagam por toda a extensão do firmamento e desaparecem de vista. E então, ó soberano de homens, o Senhor Auto-Criado, a primeira Causa de tudo, tendo sua residência no lótus, absorve aqueles ventos terríveis e adormece, ó Bharata!

E então quando o universo se torna uma vastidão morta de água, quando todas as criaturas móveis e imóveis foram destruídas, quando os deuses e os Asuras cessam de existir, quando os Yakshas e os Rakshasas não existem mais, quando não há homens, quando árvores e animais predadores desapareceram, quando o próprio firmamento cessou de existir, eu sozinho, ó senhor da terra, vago em aflição. E, ó melhor dos reis, vagando sobre aquela extensão terrível de água meu coração fica aflito por eu não ver qualquer criatura! E, ó rei, vagando sem cessar por aquela inundação, eu fico fatigado, mas eu não alcanço lugar de descanso! E algum tempo depois eu vejo naquela extensão de águas acumuladas uma figueira de bengala vasta e totalmente espalhada, ó senhor da terra! E eu então contemplo, ó Bharata, sentado em uma concha, ó rei, coberto com um leito celeste e ligado a um ramo muito extenso daquela banian um menino, ó grande rei, de rosto formoso como o lótus ou a lua, e de olhos, ó soberano de homens, grandes como pétalas de um lótus totalmente desabrochado! E àquela visão, ó senhor da terra, a admiração encheu meu coração. E eu me perguntei, 'Como este menino repousa aqui sozinho quando o próprio mundo foi destruído?' E, ó rei, embora eu tenha o conhecimento completo do Passado, do Presente, e do Futuro, ainda assim eu fracassei em saber alguma coisa disto mesmo por meio de meditação ascética. Dotado do brilho da flor Atasi, e decorado com a marca de Sreevatsa, ele me parecia ser como a residência de Lakshmi, ela mesma. E aquele menino, de olhos como as pétalas do lótus, tendo a marca de Sreevatsa, e possuidor de resplendor brilhante, então se dirigiu a mim em palavras muito agradáveis ao ouvido, dizendo, 'Ó senhor, eu sei que tu estás fatigado e desejoso de descanso. Ó Markandeya da linhagem de Bhrigu, descanse aqui tanto quanto desejares. Ó melhor dos Munis, entrando dentro do meu corpo, descanse lá. Esta foi a residência designada para ti por mim. Eu estou satisfeito contigo.' Assim endereçado por aquele menino, um sentido de total desconsideração me possuiu em relação à minha vida longa e condição de humanidade. Então aquele menino de repente abriu sua boca, e como destino teria, eu entrei em sua boca privado do poder de movimento. Mas, ó rei, tendo entrado rapidamente no estômago daquele menino, eu vejo lá a terra inteira cheia de cidades e reinos. E, ó melhor dos homens, enquanto vagando pelo estômago daquele ilustre, eu vejo o Ganga, o Satudru, o Sita, o Yamuna, e o Kausiki; o Charmanwati, o Vetravati; o Chandrabhaga, o Saraswati, o Sindhu, o Vipasa, e o Godavari; o Vaswokasara, o Nalini e o Narmada; o Tamra, e o Venna também de correnteza encantadora e águas sagradas; o Suvenna, o Krishna-venna, o Irama, e o Mahanadi; o Vitasti, ó grande rei, e aquele rio grande, o Cavery; o único também, ó tigre entre homens, o Visalya, e o Kimpuna também. Eu vi todos estes e muitos outros rios que estão na terra! E, ó matador de inimigos, eu também contemplei lá o oceano habitado por jacarés e tubarões, aquela mina de pedras preciosas, aquela residência excelente de águas. E eu vi lá o firmamento também, decorado com o Sol e a Lua, brilhante em refulgência, e possuidor do esplendor do fogo do Sol. E eu contemplei lá, ó rei, a terra também, agraciada com bosques e florestas. E, ó monarca, eu vi lá muitos Brahmanas também, engajados em vários sacrifícios; e os Kshatriyas engajados em fazer o bem para todas as classes; e os Vaisyas empenhados em atividades de agricultura; e os Sudras dedicados ao serviço das classes regeneradas. E, ó

rei, enquanto vagando pelo estômago daquele de grande alma, eu também contemplei o Himavat e as montanhas de Hemakuta. E eu também vi Nishada, e as montanhas de Sweta abundando em prata. E, ó rei, eu vi lá montanha Gandhamadana, e, ó tigre entre homens, também Mandara e as enormes montanhas de Nila. E, ó grande rei, eu vi lá as montanhas douradas de Meru e também Mahendra e aquelas montanhas excelentes chamadas de Vindhyas. E eu vi lá as montanhas de Malaya e de Paripatra também. Estas e muitas outras montanhas que estão sobre a terra foram todas vistas por mim no estômago dele. E todas elas estavam adornadas com jóias e pedras preciosas. E, ó monarca, enquanto vagava por seu estômago eu também vi leões e tigres e javalis e, de fato, todos os outros animais que se encontram na terra, ó grande rei! Ó tigre entre homens, tendo entrado em seu estômago, conforme eu andava em volta, eu também vi a tribo inteira dos deuses com seu chefe Sakra, os Sadhyas, os Rudras, os Adityas, os Guhyakas, os Pitris, as Cobras e os Nagas, as tribos emplumadas, os Vasus, os Aswins, os Gandharvas, as Apsaras, os Yakshas, os Rishis, as hordas dos Daityas e dos Danavas, e os Nagas também. Ó rei, e os filhos de Singhika e todos os outros inimigos dos deuses; de fato, o que mais de criaturas móveis e imóveis que possam ser vistas na terra, foram todas vistas por mim, ó monarca, dentro do estômago daquele de grande alma. E, ó senhor, vivendo de frutas eu morei dentro do seu corpo por muitos séculos vagando pelo universo inteiro que se encontra lá. Ainda assim eu nunca, ó rei, vi os limites de seu corpo. E quando, ó senhor da terra, eu fracassei em medir os limites do corpo daquele de grande alma, mesmo que eu vagasse dentro dele continuamente em grande ansiedade de mente, eu então, em pensamentos e ações procurei a proteção daquela Divindade concessora de bênçãos e preeminente, reconhecendo devidamente sua superioridade. E quando eu fiz isto, ó rei, eu fui projetado de repente (de dentro do seu corpo) através da boca aberta daquele de grande alma por meio, ó chefe de homens, de uma rajada de vento. E, ó rei, eu então vi sentado no ramo daquela mesma figueira aquele mesmo Ser de energia incomensurável, na forma de um menino com a marca de Sreevatsa (em seu peito) tendo, ó tigre entre homens, engolido o universo inteiro. E aquele menino de refulgência brilhante e portanto a marca de Sreevatsa e vestido em trajes amarelos, satisfeito comigo, dirigiu-se a mim sorridente, dizendo, 'Ó Markandeya, ó melhor dos Munis, tendo morado por algum tempo dentro do meu corpo tu ficaste cansado! Eu todavia falarei para ti.' E quando ele disse isto para mim, naquele mesmo momento eu adquiri uma nova visão, por assim dizer, por consequência da qual eu vi a mim mesmo como sendo possuidor de conhecimento verdadeiro e emancipado das ilusões do mundo. E, ó filho, tendo testemunhado o poder inesgotável daquele Ser de energia incomensurável, eu então cultuei seus pés veneráveis e bem proporcionados com solas claras como cobre polido e bem decorado com dedos de cor vermelha suave, colocando-os cuidadosamente sobre minha cabeça e unindo minhas palmas em humildade e me aproximando dele com reverência. Eu contemplei aquele Ser Divino que é a alma de todas as coisas e cujos olhos são semelhantes a pétalas de lótus. E tendo me curvado a ele com mãos unidas eu me dirigi a ele dizendo, 'Eu desejo te conhecer, ó Ser Divino, como também esta tua ilusão sublime e maravilhosa! Ó ilustre, tendo entrado no teu corpo através da tua boca, eu vi o universo inteiro no teu

estômago! Ó Ser Divino, os deuses, os Danavas e os Rakshasas, os Yakshas, os Gandharvas, e os Nagas, de fato, todo o universo móvel e imóvel, está todo dentro do teu corpo! E embora eu tenha vagado incessantemente pelo teu corpo em um passo rápido, pela tua graça, ó Deus, minha memória não me falhou. E, ó grande senhor, eu saí do teu corpo pelo teu desejo mas não pelo meu! Ó tu de olhos parecidos com folhas de lótus, eu desejo conhecer a ti que estás livre de todas as falhas! Por que tu ficas aqui na forma de um menino tendo consumido o inteiro universo? Cabe a ti explicar tudo isto para mim. Por que, ó impecável, o universo inteiro está dentro do teu corpo? Por quanto tempo também, ó castigador de inimigos, tu ficarás aqui? Incitado por uma curiosidade que não é imprópria para Brahmanas, eu desejo, ó Senhor de todos os deuses, ouvir tudo isto de ti, ó tu de olhos como folhas de lótus, com todos os detalhes e exatamente como isto tudo acontece, pois tudo o que eu tenho visto, ó Senhor, é extraordinário e inconcebível!' E assim endereçada por mim aquela divindade das divindades, de refulgência brilhante e grande beleza, aquele principal de todos os oradores me confortando adequadamente, falou-me estas palavras.'"

188

"Markandeya continuou, 'A Divindade então disse, 'Ó Brahmana, nem os deuses me conhecem realmente! Como no entanto, eu estou satisfeito contigo, eu te direi como eu criei o universo! Ó Rishi regenerado, tu és devotado aos teus antepassados e tu também procuraste minha proteção! Tu também me viste com teus olhos, e teu mérito ascético também é grande! Nos tempos antigos eu chamei as águas pelo nome de Nara; e porque as águas tem sempre sido meu ayana ou lar, portanto eu sou chamado de Narayana (o que vive na água). Ó melhor dos regenerados, eu sou Narayana, a Fonte de todas as coisas, o Eterno, o Imutável. Eu sou o Criador de todas as coisas, e o Destruidor também de tudo. Eu sou Vishnu, Eu sou Brahma e Eu sou Sakra, o chefe dos deuses. Eu sou o rei Vaisravana, e Eu sou Yama, o senhor dos espíritos mortos. Eu sou Siva, Eu sou Soma, e Eu sou Kasyapa o senhor das coisas criadas. E, ó melhor dos regenerados, Eu sou aquele chamado Dhatri, e aquele também que é chamado Vidhatri, e Eu sou o Sacrifício incorporado. O fogo é minha boca, a terra meus pés, e o Sol e a Lua são meus olhos; o Céu é a coroa da minha cabeça, o firmamento e os pontos cardeais são meus ouvidos; as águas são geradas do meu suor. O espaço com os pontos cardeais são meu corpo, e o Ar é minha mente. Eu tenho realizado muitas centenas de sacrifícios com presentes em profusão. Eu estou sempre presente nos sacrifícios dos deuses; e aqueles que são conhecedores dos Vedas e oficiam neles fazem suas oferendas para mim. Sobre a terra os chefes Kshatriya que governam sobre homens, ao realizarem seus sacrifícios pelo desejo de alcançar o céu, e os Vaisyas também ao realizarem os deles pelo desejo de ganhar aquelas regiões felizes, todos cultuam a mim em tais momentos e por aqueles cerimoniais. Sou Eu quem, assumindo a forma de Sesha sustento (sobre minha cabeça) esta terra limitada pelos quatro mares e decorada por Meru e Mandara. E, ó regenerado, sou Eu quem,

assumindo a forma de um javali, ergui nos tempos passados esta terra afundada em água. E, ó melhor dos Brahmanas, sou Eu quem, me tornando o fogo que emerge da boca Equina, absorvo as águas (do oceano) e as crio novamente. Por causa da minha energia, da minha boca, meus braços, minhas coxas, e meus pés gradualmente surgem Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras. É de mim que o Rik, o Sama, os Yajus, e o Atharvan Vedas surgem, e é em mim que eles todos entram quando chega a hora. Brahmanas dedicados ao ascetismo, eles que valorizam a Paz como o atributo mais elevado, eles que tem suas almas sob completo controle, eles que são desejosos de conhecimento, eles que estão livres de luxúria e cólera e inveja, eles que não são ligados às coisas da terra, eles que tem seus pecados completamente purificados, eles que são possuidores de bondade e virtude, e que são desprovidos de orgulho, eles que tem um conhecimento completo da Alma, todos me adoram com meditação profunda. Eu sou a chama conhecida como Samvartaka, Eu sou o Vento chamado por aquele nome, Eu sou o Sol que usa aquele título, e Eu sou o fogo que tem aquela designação. E, ó melhor dos Brahmanas, aquelas coisas que são vistas no firmamento como estrelas, saiba que elas são os poros da minha pele. O oceano, aquelas minas de pedras preciosas e os quatro pontos cardeais, saiba, ó Brahmana, são meus mantos, meu leito, e meu lar. Por mim eles foram distribuídos para servir aos propósitos dos deuses. E, ó melhor dos homens, saiba também que luxúria, cólera, alegria, medo, e obscurecimento do intelecto, são todos formas diferentes de mim mesmo. E, ó Brahmana, o que quer que seja obtido por homens pela prática da verdade, caridade, austeridades ascéticas, e paz e inofensividade em direção a todas as criaturas, e tais outros feitos belos, é obtido por causa dos meus arranjos. Governados por minha ordenança, os homens vagam dentro do meu corpo, seus sentidos subjugados por mim. Eles não se movimentam de acordo com sua vontade mas como eles são movidos por mim. Brahmanas regenerados que estudaram os Vedas inteiramente, que tem tranquilidade em suas almas, eles que subjugam sua raiva obtém uma grande recompensa por meio de seus sacrifícios numerosos. Aquela recompensa, no entanto, é inalcançável por homens que são pecaminosos em seus atos, dominados pela cobiça, vis e infames com almas profanas e impuras. Portanto, tu deves saber, ó Brahmana que a recompensa que é obtida por pessoas que tem suas almas sob controle e que é não é obtenível pelos ignorantes e os tolos, ela que é alcançável somente pelo ascetismo, é produtiva de mérito superior. E, ó melhor dos homens, naqueles tempos quando a virtude e moralidade diminuem e o pecado e imoralidade aumentam, eu crio a mim mesmo em novas formas. E, ó Muni, quando Daityas e Rakshasas ferozes e maliciosos que não podem ser mortos nem pelos principais dos deuses nascem na terra, eu então tomo meu nascimento nas famílias de homens virtuosos, e assumindo corpo humano restauro a tranquilidade por exterminar todos os males. Movido por meu próprio maya, eu crio deuses e homens, e Gandharvas e Rakshasas, e todas as coisas imóveis e então eu mesmo as destruo todas (quando chega a hora). Para a conservação da retidão e moralidade eu assumo uma forma humana, e quando chega a época para a ação, eu novamente assumo formas que são inconcebíveis. Na era Krita eu me torno branco, na era Treta eu me torno amarelo, na Dwapara eu me torno vermelho e na era Kali eu me torno escuro em cor. Na era Kali, a

proporção de imoralidade se torna três quartos, (um quarto somente sendo aquela de moralidade). E quando chega o fim do Yuga, assumindo a forma feroz da Morte, sozinho eu destruo todos os três mundos com suas existências móveis e imóveis. Com três passos, Eu cubro todo o Universo; Eu sou a Alma do universo; Eu sou a fonte de toda felicidade; Eu sou aquele que humilha todo orgulho; Eu sou onipresente; Eu sou infinito; Eu sou o Senhor dos sentidos; e minha destreza é grande. Ó Brahmana, sozinho eu coloco em movimento a roda do Tempo; Eu sou informe; Eu sou o Destruidor de todas as criaturas; e Eu sou a causa de todos os esforços de todas as minhas criaturas. Ó melhor dos Munis, minha alma permeia completamente todas as minhas criaturas, mas, ó principal de todos os regenerados, ninguém me conhece. É a mim que os religiosos e devotados cultuam em todos os mundos. Ó regenerado, qualquer dor que tu tenhas sentido dentro do meu estômago, saiba, ó impecável, que tudo aquilo é para tua felicidade e prosperidade. E quaisquer objetos móveis e imóveis que tu tenhas visto no mundo, tudo tem sido ordenado por minha Alma que é a Fonte de toda existência. O avô de todas as criaturas é metade do meu corpo; Eu sou chamado de Narayana, e Eu sou portador da concha, do disco e da maça. Ó Rishi regenerado, por um período medido por mil vezes a duração dos Yugas, Eu que sou a Alma Universal durmo submergindo todas as criaturas em insensibilidade. E, ó melhor dos Rishis regenerados, Eu fico aqui dessa maneira por todo o tempo, na forma de um menino embora Eu seja velho, até Brahma acordar. Ó principal dos Brahmanas, satisfeito contigo, Eu que sou Brahma tenho repetidamente te concedido bênçãos, ó tu que és venerado por Rishis regenerados! Contemplando uma vasta extensão de água e vendo que todas as criaturas móveis e imóveis tinham sido destruídas, tu foste afligido pela melancolia. Eu sei disso, e é por isso que eu te mostrei o universo (dentro do meu estômago). E enquanto estavas dentro do meu corpo, contemplando o universo inteiro, tu ficaste cheio de admiração e privado da tua razão. Ó Rishi regenerado, foi por isso que tu fostes rapidamente trazido para fora por mim através da minha boca. Eu (agora) te falei daquela Alma a qual é incapaz de ser compreendida pelos deuses e os Asuras. E enquanto aquele grande asceta, o santo Brahma, não acordar, tu, ó Rishi regenerado, podes morar aqui alegremente e confiantemente. E quando aquele Avô de todas as criaturas acordar, Eu então, ó melhor dos Brahmanas, criarei sozinho todas as criaturas dotadas de corpos, o firmamento, a terra, luz, a atmosfera, água, e de fato tudo mais de criaturas móveis e imóveis (que tu podes ter visto) sobre a terra!'"

"Markandeya continuou, 'Tendo dito isso para mim aquela Divindade maravilhosa desapareceu, ó filho, da minha visão! Eu então vi esta criação variada e extraordinária começar a existir. Ó rei, ó tu principal da raça Bharata, eu testemunhei tudo isso, tão extraordinário, ó tu principal de todos os homens virtuosos, no fim do Yuga! E a Divindade de olhos grandes como folhas de lótus, vista por mim nos tempos passados é este tigre entre homens, este Janardana que se tornou teu parente! É por causa da bênção concedida a mim por ele que a memória não me falha, que o período da minha vida, ó filho de Kunti, é tão longo e a própria morte está sob meu controle. Este é aquele Senhor Hari supremo e antigo de alma inconcebível que tomou seu nascimento como Krishna da linhagem

Vrishni, e que dotado de braços poderosos, parece se divertir neste mundo! Este é Dhatri e Vidhatri, o Destruidor de tudo, o Eterno, o portador da marca Sreevatsa em seu peito, o Senhor do senhor de todas as criaturas, o mais sublime dos sublimes, chamado também de Govinda! Contemplando este principal de todos os deuses, este Ser sempre vitorioso, vestido em mantos amarelos, este chefe da raça Vrishni, minha recordação volta para mim! Este Madhava é o pai e a mãe de todas as criaturas! Ó touros da linhagem Kuru, procurem o amparo deste Protetor!'"

Vaisampayana continuou, "Assim endereçados, os filhos de Pritha e aqueles touros entre homens, os irmãos, junto com Draupadi, todos reverenciaram Janardana. E aquele tigre entre homens digno de todo o respeito assim reverenciado pelos filhos de Pandu então confortou eles todos com palavras de grande brandura."

189

"Vaisampayana disse, 'Yudhishthira, o filho de Kunti, mais uma vez questionou o grande Muni Markandeya acerca do futuro rumo do governo da Terra.

E Yudhishthira disse, 'Ó tu principal de todos os oradores, ó Muni da linhagem de Bhrigu, isto que nós ouvimos de ti sobre a destruição e renascimento de todas as coisas no fim do Yuga, é, de fato, cheio de maravilha! Eu estou cheio de curiosidade, no entanto, a respeito do que pode acontecer na era Kali. Quando a moralidade e virtude estiverem no fim, o que restará lá? Qual será a destreza dos homens naquela era, qual sua alimentação, e quais suas diversões? Qual será o período de vida no fim do Yuga? Qual também é o limite, tendo alcançado o qual a era Krita começará de novo? Conte-me tudo em detalhes, ó Muni, pois tudo o que tu narraste é variado e encantador.'

Assim endereçado, aquele principal dos Munis começou seu discurso novamente, encantando aquele tigre da linhagem Vrishni e os filhos de Pandu também. E Markandeya disse, 'Escute, ó monarca, a tudo o que foi visto e ouvido por mim, e a tudo, ó rei de reis, que foi sabido por mim por meio de intuição pela graça do Deus dos deuses! Ó touro da raça Bharata, ouça-me enquanto eu narro a história futura do mundo durante a era pecaminosa. Ó touro da raça Bharata, na era Krita tudo era livre de falsidade e astúcia e avareza e cobiça; e a moralidade era como um touro entre homens, com todas as quatro pernas completas. Na era Treta o pecado tirou uma daquelas pernas e a moralidade tinha três pernas. Na Dwapara, o pecado e a moralidade estão misturados meio a meio; e consequentemente a moralidade é citada como tendo duas pernas somente. Na era escura (de Kali), ó tu melhor da raça Bharata, a moralidade misturada com três partes de pecado vive ao lado dos homens. Consequentemente a moralidade então é dita como servindo os homens com somente uma quarta parte restante de si mesma. Saiba, ó Yudhishthira, que o período de vida, a energia, intelecto e a força física dos homens diminui em cada Yuga! Ó Pandava, os Brahmanas e

Kshatriyas e Vaisyas e Sudras, (na era Kali) praticarão moralidade e virtude fraudulentamente e os homens em geral enganarão seus companheiros por espalharem a rede da virtude. E homens com reputação falsa de erudição, por suas ações, farão a Verdade ser restringida e escondida. E por causa da brevidade de suas vidas eles não serão capazes de adquirir muito conhecimento. E por consequência da pequenez de seu conhecimento, eles não terão sabedoria. E por isso a cobiça e a avareza dominarão eles todos. E ligados à avareza e cólera e ignorância e luxúria os homens nutrirão animosidades em direção uns aos outros, desejando tirar as vidas uns dos outros. E Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas com sua virtude contraída e privados de ascetismo e verdade serão todos reduzidos a uma igualdade com os Sudras. E as classes mais baixas de homens se elevarão para a posição das intermediárias, e aquelas em posições intermediárias descerão, sem dúvida, ao nível das mais inferiores. Este mesmo, ó Yudhishthira, se tornará o estado do mundo no fim do Yuga. Dos mantos serão considerados os melhores aqueles que são feitos de linho e dos grãos o Paspalum frumentacea será considerado o melhor. Perto deste período os homens considerarão suas esposas (somente) como suas amigas. E homens viverão de peixe e leite, cabras e ovelhas, pois as vacas estarão extintas. E perto daquela época até aqueles que são sempre cumpridores de votos se tornarão cobiçosos. E antagônicos uns aos outros, os homens procurarão, em tal época, tirar as vidas uns dos outros; e privadas de Yuga as pessoas se tornarão ateus e ladrões. E elas até cavarão as margens de rios com suas pás e semearão grãos nelas. E mesmo aqueles locais virão a ser estéreis para eles em tal época. E aqueles homens que são dedicados a ritos cerimoniais em honra dos falecidos e dos deuses serão avarentos e também se apropriarão e desfrutarão do que pertence a outros. O pai desfrutará do que pertence ao filho; e o filho, do que pertence ao pai. E também serão desfrutadas por homens em tais tempos aquelas coisas cujo desfrute é proibido nas escrituras. E os Brahmanas, falando desrespeitosamente dos Vedas, não praticarão votos, e com sua compreensão obscurecida pela ciência de discussão, eles não mais realizarão sacrifícios e o Homa. E enganados pela falsa ciência de argumentações, eles direcionarão seus corações para tudo (o que for) vil e baixo. E homens lavrarão terras pobres para cultivo e empregarão vacas e bezerros de um ano de idade para puxar o arado e carregar cargas. E filhos tendo matado seus pais, e pais tendo matado seus filhos não incorrerão em opróbrio. E eles frequentemente se salvarão de ansiedade por tais feitos e até se jactarão sobre eles. E o mundo inteiro estará cheio com comportamento e noções e cerimônias mleccha, e os sacrifícios cessarão e a alegria não estará em lugar nenhum e o júbilo geral desaparecerá. E homens roubarão as posses de pessoas desamparadas, daquelas que não tem amigos e de sábios também. E, possuidores de pouca energia e força, sem conhecimento e dados à avareza e loucura e práticas pecaminosas os homens aceitarão com alegria os presentes feitos por pessoas más com palavras de desprezo. E, ó filho de Kunti, os reis da terra, com corações ligados ao pecado sem conhecimento e sempre vaidosos de sua sabedoria desafiarão uns aos outros desejando tirar a vida uns dos outros. E os Kshatriyas também perto do fim de tal período se tornarão os tormentos da terra. E cheios de avareza e se enchendo de orgulho e vaidade e, incapazes e sem vontade de proteger (seus súditos), eles terão prazer somente em infligir

punições. E atacando e repetindo seus ataques sobre os bons e os honestos, e não sentindo compaixão pelos últimos, mesmo quando eles gritarem em angústia, os Kshatriyas roubarão deles, ó Bharata, suas esposas e riquezas. E ninguém pedirá uma moça (para propósitos de casamento) e ninguém entregará uma moça (para tais propósitos), mas as próprias moças escolherão seus maridos, quando o fim do Yuga chegar. E os reis da terra com almas mergulhadas em ignorância, e descontentes com que eles tiverem, em tal época roubarão seus súditos por todos os meios em seu poder. E sem dúvida o mundo inteiro será tornado mleccha. E quando o fim do Yuga chegar, a mão direita enganará a esquerda; e a esquerda, a direita. E homens com falsa reputação de erudição limitarão a Verdade e os velhos mostrarão a insensatez dos jovens, e os jovens mostrarão a caducidade dos velhos. E covardes terão a reputação de coragem e os valentes serão desanimados como covardes. E perto do fim do Yuga os homens cessarão de confiar uns nos outros. E cheio de avareza e tolice o mundo inteiro terá somente um tipo de alimento. E o pecado aumentará e prosperará, enquanto a virtude enfraquecerá e cessará de prosperar. E Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas desaparecerão, não deixando, ó rei, restos de suas classes. E todos os homens perto do fim do Yuga se tornarão membros de uma classe comum, sem distinção de qualquer tipo. E pais não perdoarão filhos, e filhos não perdoarão pais. E quando o fim se aproximar, as esposas não servirão e cuidarão de seus maridos. E em tal época os homens procurarão aqueles países onde trigo e cevada formam o principal alimento. E, ó monarca, ambos homens e mulheres se tornarão perfeitamente livres em seu comportamento e não tolerarão os atos uns dos outros. E, ó Yudhishthira, o mundo inteiro será tornado mleccha. E os homens cessarão de gratificar os deuses por meio de oferendas de Sraddhas. E ninguém escutará as palavras de outros e ninguém será considerado como um preceptor por outro. E, ó soberano de homens, escuridão intelectual envolverá a terra inteira, e a vida do homem então será medida por dezesseis anos, ao alcançar esta idade a morte se seguirá. E meninas de cinco ou seis anos de idade gerarão crianças e meninos de sete ou oito anos de idade se tornarão pais. E, ó tigre entre reis, quando chegar o fim do Yuga, a esposa nunca estará satisfeita com seu marido, nem o marido com sua esposa. E as posses dos homens nunca serão muito, e as pessoas portarão falsamente os símbolos de religião, e ciúmes e malícia encherão o mundo. E ninguém será, naquele tempo, um doador (de riqueza ou qualquer coisa mais) em relação a alguém mais. E as regiões habitadas da terra serão afligidas com escassez e fome, e as estradas estarão cheias de homens lascivos e mulheres de má reputação. E, em tal época, as mulheres também nutrirão uma aversão em direção a seus maridos. E sem dúvida todos os homens adotarão o comportamento dos mlecchas, se tornarão onívoros sem distinção, e cruéis em todas as suas ações, quando chegar o fim do Yuga. E, ó tu principal dos Bharatas, incitados pela avareza, os homens, naquele tempo, enganarão uns aos outros quando eles venderem e comprarem. E sem um conhecimento da ordenança, os homens realizarão cerimônias e ritos, e, de fato, se comportarão como lhes agradar quando chegar o fim do Yuga. E quando vier o fim do Yuga, incitados por suas próprias disposições, os homens agirão cruelmente, e falarão mal uns dos outros. E as pessoas destruirão, sem remorso, árvores e jardins. E os homens estarão cheios de ansiedade com relação aos meios de vida. E, ó rei, dominados

pela cobiça, os homens matarão Brahmanas e se apropriarão e desfrutarão das posses de suas vítimas. E os regenerados, oprimidos por Sudras, e afligidos pelo medo, e gritando 'Oh' e 'Ai', vagarão pela terra sem ninguém para protegê-los. E quando os homens começarem a matar uns aos outros, e se tornarem maus e violentos e sem qualquer respeito pela vida animal, então o Yuga acabará. E, ó rei, até os principais dos regenerados, afligidos por ladrões fugirão como corvos, em terror e com velocidade, e procurarão proteção, ó perpetuador da linhagem Kuru, em rios e montanhas e regiões inacessíveis. E sempre oprimidos por maus soberanos com cargas de impostos, as principais das classes regeneradas, ó senhor da terra, naqueles tempos terríveis, perderão toda a paciência e farão ações impróprias por se tornarem até empregados dos Sudras. E Sudras explicarão as escrituras, e Brahmanas servirão e escutarão a eles, e determinarão seu rumo de dever aceitando tais interpretações como seus guias. E o inferior se tornará o superior, e a direção das coisas parecerá contrária. E renunciando aos deuses, os homens cultuarão ossos e outras relíquias depositadas dentro de paredes. E, no fim do Yuga, os Sudras cessarão de servir e trabalhar para os Brahmanas. E nos retiros de grandes Rishis, e nas instituições de ensino dos Brahmanas, e em lugares sagrados para os deuses e áreas sacrificais, e em tanques sagrados, a terra estará desfigurada com tumbas e pilares contendo relíquias ósseas e não agraciados com templos dedicados aos deuses. Tudo isto se realizará no fim do Yuga, e saiba que estes são os sinais do fim do Yuga. E quando os homens se tornarem violentos e desprovidos de virtude e carnívoros e viciados em bebidas intoxicantes, então o Yuga acabará. E, ó monarca, quando flores forem geradas dentro de flores, e frutas dentro de frutas, então o Yuga acabará. E as nuvens derramarão chuva fora de época quando o fim do Yuga se aproximar. E, naquele tempo, os ritos cerimoniais dos homens não seguirão uns aos outros na ordem devida, e os Sudras disputarão com os Brahmanas. E a terra logo estará cheia de mlecchas, e os Brahmanas fugirão para todas as direções por medo da carga de impostos. E todas as distinções entre os homens cessarão em relação à conduta e comportamento, e afligidas com tarefas e ofícios remunerados as pessoas fugirão para retiros arborizados, subsistindo de frutas e raízes. E o mundo estará tão atormentado que a retidão de conduta cessará de ser mostrada em qualquer lugar. E discípulos desprezarão as instruções de preceptores, e procurarão até feri-los. E preceptores empobrecidos serão desrespeitados por homens. E amigos e parentes e aparentados realizarão préstimos cordiais somente por causa da riqueza que é possuída por uma pessoa. E quando vier o fim do Yuga, todos estarão na pobreza. E todos os pontos do horizonte estarão flamejantes, e as estrelas e grupos estelares estarão desprovidos de brilho, e os planetas e conjunções planetárias serão inauspiciosos. E a direção dos ventos será confusa e agitada, e inúmeros meteoros flamejarão pelo céu, pressagiando mal. E o Sol aparecerá com seis outros do mesmo tipo. E tudo em volta será estrondo e tumulto, e em todos os lugares haverá conflagrações. E o Sol, da hora do seu nascimento até aquela de se pôr, estará envolvido por Rahu. E a divindade de mil olhos derramará chuva fora de época. E quando o fim do Yuga chegar, as colheitas não crescerão em abundância. E as mulheres sempre serão severas em palavras e impiedosas e gostarão de lamentar. E elas nunca aceitarão as ordens de seus maridos. E quando o fim do Yuga vier filhos matarão os pais e mães. E

mulheres, vivendo descontroladas, matarão seus maridos e filhos. E, ó rei, quando o fim do Yuga chegar Rahu engolirá o Sol fora de época. E fogos queimarão por toda parte. E viajantes incapazes de obter comida e bebida e abrigo mesmo quando eles pedirem por estes, deitarão na beira da estrada se abstendo de insistir em suas solicitações. E quando o fim do Yuga vier, corvos e cobras e urubus e milhafres (aves de rapina da família dos Falconídeos) e outros animais e aves proferirão gritos terríveis e dissonantes. E quando o fim do Yuga chegar homens abandonarão e negligenciarão seus amigos e parentes e servidores. E, ó monarca, quando o fim do Yuga chegar homens abandonando os países e direções e cidades e municípios de sua ocupação, procurarão por novos, um depois do outro. E as pessoas vagarão pela terra, proferindo, 'Ó pai, Ó filho', e outros gritos semelhantes terríveis e de partir (o coração).

E quando aqueles tempos terríveis estiverem terminados, a criação começará de novo. E os homens serão criados novamente e distribuídos nas quatro classes iniciando com Brahmanas. E por volta daquele tempo, para que os homens possam aumentar, a Divina Providência, segundo sua vontade, mais uma vez se tornará propícia. E então quando o Sol, a Lua, e Vrihaspati, com a constelação Pushya (Pushya é a oitava constelação lunar, consistindo de três estrelas, das quais uma é Câncer), entrarem no mesmo signo, a era Krita começará outra vez. E as nuvens começarão a derramar chuva de acordo com a estação, e as estrelas e conjunções estelares se tornarão auspiciosas. E os planetas, girando devidamente em suas órbitas, se tornarão extremamente propícios. E por toda parte haverá prosperidade e abundância e saúde e paz. E incumbido pelo Tempo, um Brahmana de nome Kalki tomará seu nascimento. E ele glorificará Vishnu e possuirá grande energia, grande inteligência, e grande coragem. E ele tomará seu nascimento em uma cidade de nome Sambhala em uma família Brahmana auspiciosa. E veículos e armas, e guerreiros e armas, e cotas de malha estarão à sua disposição logo que ele pensar neles. E ele será o rei dos reis, e sempre vitorioso com a força da virtude. E ele restaurará a ordem e a paz neste mundo apinhado com criaturas e contraditório em seu rumo. E aquele Brahmana resplandecente de intelecto poderoso, tendo aparecido, destruirá todas as coisas. E ele será o Destruidor de tudo, e inaugurará um novo Yuga. E cercado pelos Brahmanas, aquele Brahmana exterminará todos os mlecchas onde quer que aquelas pessoas baixas e desprezíveis possam se refugiar."

190

"Markandeya continuou, 'Tendo exterminado os ladrões e assaltantes, Kalki doará, em um grande Sacrifício de Cavalo, devidamente esta terra aos Brahmanas, e tendo estabelecido de novo a retidão abençoada ordenada pelo Auto-criado, Kalki, de atos sagrados e reputação ilustre, entrará em uma floresta encantadora, e as pessoas desta terra imitarão sua conduta, e quando os Brahmanas tiverem exterminado os ladrões e assaltantes haverá prosperidade em todos os lugares (sobre a terra). E quando os países da terra forem subjugados

um depois do outro, aquele tigre entre os Brahmanas, Kalki, tendo colocado camurças e lanças e tridentes lá, vagará pela terra, adorado por Brahmanas principais e mostrando seu respeito por eles e engajado todo o tempo em matar ladrões e assaltantes. E ele exterminará os ladrões e assaltantes em meio a gritos de partir o coração de 'Oh pai!' 'Oh mãe! 'Ó filho!' e semelhantes, e ó Bharata, quando o pecado tiver sido erradicado dessa maneira e a virtude prosperar na chegada da era Krita, os homens se dirigirão novamente à prática de ritos religiosos. E na era que iniciará, isto é, a Krita, jardins bem plantados e áreas sacrificais e tanques grandes e centros educacionais para a cultura de saber Brahmânico e lagos pequenos e templos reaparecerão em todos os lugares. E as cerimônias e ritos de sacrifícios também começarão a ser realizados. E os Brahmanas se tornarão bons e honestos, e os regenerados, dedicados a austeridades ascéticas, se tornarão Munis e os retiros de ascetas, os quais antes estavam cheios de patifes, mais uma vez serão lares de homens dedicados à verdade, e os homens em geral começarão a honrar e praticar a verdade. E todas as sementes, semeadas na terra, crescerão, e, ó monarca, todas as espécies de colheitas crescerão em todas as estações. E os homens praticarão caridade e votos e observâncias devotadamente, e os Brahmanas dedicados à meditação e sacrifícios serão de alma virtuosa e sempre alegres, e os governantes da terra governarão seus reinos virtuosamente, e na era Krita, os Vaisyas serão dedicados às práticas da sua classe. E os Brahmanas serão dedicados aos seus deveres sêxtuplos (de estudo, ensino, desempenho de sacrifícios por sua própria conta, oficiar em sacrifícios realizados por outros, caridade e aceitação de doações), e os Kshatriyas serão dedicados a atos de coragem. E Sudras estarão dedicados ao serviço das três classes (superiores).

Estes, ó Yudhishthira, são os rumos das eras Krita, Treta, Dwapara e da era seguinte. Eu agora narrei tudo para ti. Eu também te falei, ó filho de Pandu, os períodos abarcados pelos vários Yugas como geralmente conhecidos. Eu agora te disse tudo concernente ao passado e o futuro como narrados por Vayu no Purana (que recebe seu nome e) que é venerado pelos Rishis. Sendo imortal eu vi muitas vezes e averiguei de outras maneiras os caminhos do mundo. De fato, tudo o que eu vi e senti eu agora te disse. E, ó tu de glória imperecível, escute agora com teus irmãos a algo mais que eu logo te direi para aclarar tuas dúvidas sobre religião! Ó tu principal dos homens virtuosos, tu deves sempre fixar tua alma na virtude, pois, ó monarca, uma pessoa de alma virtuosa obtém felicidade aqui e após a morte. E, ó impecável, ouça as palavras auspiciosas que eu agora falarei para ti. Nunca humilhe um Brahmana, pois um Brahmana, se zangado, pode por seu voto destruir os três mundos.'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras de Markandeya, o chefe real dos Kurus, dotado de inteligência e possuidor de grande brilho, falou estas palavras de grande sabedoria, 'Ó Muni, se eu devo proteger meus súditos, à qual conduta eu devo aderir? E como eu devo me comportar para não me afastar dos deveres da minha classe?'"

"Markandeya, ouvindo isto, respondeu, 'Seja piedoso para todas as criaturas, e dedicado ao seu bem. Ame todas as criaturas, não desprezando nenhuma. Seja

sincero em palavras, humilde, com paixões sob controle completo, e sempre dedicado à proteção do teu povo. Pratique a virtude e renuncie ao pecado, e cultue os espíritos dos mortos e os deuses, e o que quer que tu possas ter feito por ignorância ou descuido, purifique-os e expie-os por meio de caridade. Renunciando ao orgulho e vaidade, seja possuidor de humildade e bom comportamento. E subjugando a terra inteira, regozije-te e que a felicidade seja tua. Esta é a conduta que está em harmonia com a virtude. Eu narrei para ti tudo o que era e tudo o que será considerado como virtuoso. Não há nada concernente ao passado ou ao futuro que seja desconhecido para ti. Portanto, ó filho, não leve a sério este teu infortúnio atual. Aqueles que são sábios nunca são subjugados quando eles são perseguidos pelo Tempo. Ó tu de braços poderosos, os próprios habitantes do céu não podem se elevar acima do Tempo. O Tempo aflige todas as criaturas. Ó impecável, não deixe a dúvida cruzar tua mente com relação à verdade do que eu te disse, pois, se tu permitires que a dúvida entre no teu coração, tua virtude sofrerá diminuição! Ó touro da raça Bharata, tu és nascido na família célebre dos Kurus. Tu deves praticar aquilo que eu te disse, em pensamentos, palavras e ações.'

Yudhishthira respondeu, ‘Ó tu principal dos regenerados, por tua ordem eu agirei sem dúvida de acordo com todas as instruções que tu me deste, e as quais, ó senhor, são todas tão agradáveis para os ouvidos. Ó principal dos Brahmanas, avareza e luxúria eu não tenho, e nem temor nem orgulho nem vaidade. Eu seguirei, portanto, ó senhor, tudo o que tu me disseste.’"

Vaisampayana continuou, "Tendo escutado as palavras do inteligente Markandeya, os filhos de Pandu, ó rei, junto com o manejador do arco chamado Saranga, e todos aqueles touros entre os Brahmanas, e todos os outros que estavam lá, ficaram cheios de alegria. E tendo ouvido aquelas palavras abençoadas relacionadas aos tempos antigos, de Markandeya dotado de sabedoria, seus corações estavam cheios de admiração."

191

Janamejaya disse, "Cabe a ti narrar para mim integralmente a grandeza dos Brahmanas assim como o asceta poderoso Markandeya a explicou para os filhos de Pandu."

"Vaisampayana disse, 'O filho mais velho de Pandu tinha questionado Markandeya dizendo, 'Cabe a ti me explicar a grandeza dos Brahmanas.' Markandeya respondeu a ele dizendo, 'Ouça, ó rei, acerca do comportamento dos Brahmanas antigamente.'"

"E Markandeya continuou, 'Havia um rei de nome Parikshit em Ayodhya, pertencente à linhagem de Ikshvaku. E uma vez Parikshit foi caçar. E quando ele estava montado sozinho em um cavalo perseguindo veados, o animal levou-o até uma grande distância (das habitações dos homens). E fatigado pela distância que

tinha viajado e afligido com fome e sede ele viu, naquela parte do país para onde ele tinha sido levado, uma floresta escura e densa, e o rei, contemplando aquela floresta, entrou nela e vendo um tanque encantador dentro da floresta, ambos, o cavaleiro e o cavalo se banharam nele, e refrescado pelo banho e colocando perante seu cavalo alguns caules e fibras de lótus, o rei sentou-se ao lado do tanque. E enquanto ele estava repousando ao lado do tanque ele ouviu certos acordes suaves de música, e ouvindo aquela melodia, ele refletiu, 'Eu não vejo aqui as pegadas de homens. De quem e de onde então (vem) esta melodia?' E o rei logo viu uma moça de grande beleza colhendo flores cantando todo o tempo, e a moça logo chegou diante do rei, e o rei então perguntou a ela, 'Abençoada, quem tu és e de quem?' E ela respondeu, 'Eu sou uma donzela.' E o rei disse, 'Eu te peço para ser minha.' E a moça respondeu, 'Dê-me uma promessa, pois somente então eu posso ser tua, do contrário não.' E o rei então perguntou acerca da promessa e a moça respondeu, 'Tu nunca deves me fazer lançar meus olhos sobre a água', e o rei dizendo, 'Assim seja' se casou com ela, e o rei Parikshit tendo se casado com ela divertiu-se (com ela) em grande alegria, e sentou-se com ela em silêncio, e enquanto o rei estava permanecendo lá, suas tropas alcançaram o local, e aquelas tropas vendo o monarca permaneceram circundando-o, e animado pela presença das tropas o rei entrou em um belo veículo acompanhado por sua esposa (recém-casada). E tendo chegado à sua capital ele começou a viver com ela em privacidade. E até as pessoas que eram próximas o suficiente do rei não podiam conseguir uma entrevista com ele, e o ministro chefe questionou aquelas mulheres que serviam o rei, perguntando, 'O que vocês fazem aqui?' E aquelas mulheres responderam, 'Nós vimos aqui uma mulher de beleza inigualável. E o rei se diverte com ela, tendo se casado com ela com uma promessa de que ele nunca lhe mostraria água.' E ouvindo aquelas palavras, o ministro chefe fez uma floresta artificial ser criada, consistindo de muitas árvores com flores e frutas abundantes, e ele fez ser escavado dentro daquela floresta e perto de um dos seu lados um tanque grande, colocado em um local retirado e cheio de água que era doce como Amrita. O tanque estava bem coberto com uma rede de pérolas. Aproximando-se um dia do rei em particular ele se dirigiu ao rei dizendo, 'Esta é uma floresta excelente sem água. Divirta-te aqui alegremente!' E o rei a estas palavras de seu ministro entrou naquela floresta com aquela sua esposa adorável, e o rei se divertiu com ela naquela floresta encantadora, e afligido com fome e sede e fatigado e esgotado, o rei viu um caramanchão de trepadeiras Madhavi (uma trepadeira Indiana da ordem de Goertnera racemosa. Ela dá grandes flores brancas de muita fragrância); e entrando naquele caramanchão com sua amada, o rei contemplou um tanque cheio de água que era transparente e brilhante como néctar, e vendo aquele tanque o rei sentou-se em sua margem com ela e o rei disse para sua esposa adorável, 'Mergulhe alegremente nesta água.' E ela, ouvindo aquelas palavras, mergulhou no tanque. Mas tendo mergulhado na água ela não apareceu acima da superfície, e quando o rei procurou, ele fracassou em descobrir qualquer traço dela. E o rei ordenou que as águas do tanque fossem baldeadas, e então ele viu uma rã sentada na boca de um buraco, e o rei ficou enfurecido com isto e promulgou uma ordem dizendo, 'Que rãs sejam massacradas em todos os lugares em meus domínios! Quem quer que deseje ter uma entrevista comigo deve vir perante mim com um tributo de rãs

mortas.' E consequentemente quando as rãs começaram a ser terrivelmente massacradas, as rãs amedrontadas relataram tudo o que tinha acontecido para seu rei, e o rei das rãs assumindo a aparência de um asceta foi perante o rei Parikshit, e tendo se aproximado do monarca, ele disse, 'Ó rei, não te entregue à ira! Seja inclinado à benevolência. Não cabe a ti matar as rãs inocentes.' Aqui ocorre um par de Slokas. (São estes): 'Ó tu de glória imperecível, não mate as rãs! Pacifique tua ira! A prosperidade e méritos ascéticos daqueles que tem suas almas imersas em ignorância sofrem diminuição! Empenhe-te para não ficares zangado com as rãs! Que necessidade tu tens de cometer semelhante pecado? Que propósito será servido por matar as rãs?' Então o rei Parikshit cuja alma estava cheia de dor por causa da morte daquela que era querida para ele, respondeu ao chefe das rãs que tinha lhe falado dessa maneira, 'Eu não perdoarei as rãs. Por outro lado, eu as matarei. Por aquelas desgraçadas pecaminosas minha querida foi consumida. As rãs, portanto, sempre merecem ser mortas por mim. Não cabe a ti, ó erudito, interceder em nome delas.' E ouvindo estas palavras de Parikshit, o rei das rãs com seus sentidos e mente muito atormentados disse, 'Esteja disposto ao perdão, ó rei! Eu sou o rei das rãs de nome Ayu. Ela que era tua esposa é minha filha de nome Susobhana. Este, de fato, é um exemplo da má conduta dela. Antes disto, muitos reis foram enganados por ela.' O rei então disse a ele, 'Eu desejo tê-la. Que ela seja concedida a mim por ti!' O rei das rãs então entregou sua filha para Parikshit, e se dirigindo a ela, disse, 'Sirva e cuide do rei.' E tendo falado estas palavras para sua filha, ele também se dirigiu a ela em cólera dizendo, 'Já que tu enganaste muitos reis por meio deste teu comportamento falso, os teus filhos virão a ser desrespeitosos para os Brahmanas!' Mas tendo obtido ela, o rei ficou profundamente enamorado dela por consequência de suas virtudes sociáveis, e sentindo que ele tinha, por assim dizer, obtido a soberania dos três mundos, ele se curvou ao rei das rãs e reverenciou-o de forma devida e então com pronúncia sufocada de alegria e lágrimas disse, 'Eu fui favorecido de fato!' E o rei das rãs se despedindo de sua filha voltou para o lugar do qual ele tinha vindo e algum tempo depois o rei gerou três filhos nela e aqueles filhos se chamavam Sala e Dala e Vala, e algum tempo depois, seu pai, instalando o mais velho deles todos no trono e fixando seu coração no ascetismo, se retirou para a floresta. Um dia Sala enquanto fora caçando viu um veado e perseguiu-o em seu carro, e o príncipe disse para seu cocheiro, 'Dirija rápido!' E o cocheiro, assim endereçado, respondeu para o rei, dizendo, 'Não tenha tal propósito. Este veado não pode ser apanhado por ti. Se de fato cavalos Vami tivessem sido atrelados ao teu carro então tu poderias tê-lo pegado.' Então o rei se dirigiu a seu cocheiro, dizendo, 'Conte-me tudo acerca dos cavalos Vami, caso contrário eu te matarei,' Assim endereçado o cocheiro ficou terrivelmente alarmado e ele teve medo do rei e também da maldição de Vamadeva e não disse qualquer coisa para o rei e o rei então levantando sua cimitarra disse a ele, 'Diga-me logo senão eu te matarei.' Finalmente com medo do rei o cocheiro disse, 'Os cavalos Vami são aqueles pertencentes a Vamadeva; eles são rápidos como a mente.' E para seu cocheiro que tinha falado assim o rei disse, 'Dirija-te ao retiro de Vamadeva.' E alcançando o retiro de Vamadeva o rei disse para o Rishi, 'Ó santo, um veado atingido por mim está fugindo. Cabe a ti torná-lo capaz de ser apanhado por mim por me conceder teu par de cavalos

Vami.' O Rishi então respondeu a ele dizendo, 'Eu te dou meu par de cavalos Vami. Mas depois de realizares teu objetivo tu deves devolver logo meu par Vami.' O rei então pegando aqueles corcéis e obtendo a permissão do Rishi perseguiu o veado, tendo unido o par Vami ao seu carro, e depois que ele deixou o retiro ele falou para seu cocheiro dizendo, 'Estas jóias de corcéis os Brahmanas não merecem possuir. Estes não devem ser devolvidos para Vamadeva.' Tendo dito isso e apanhado o veado ele voltou para sua capital e colocou aqueles corcéis dentro dos aposentos internos do palácio.

Enquanto isso o Rishi refletiu, 'O príncipe é jovem. Tendo obtido um par de animais excelentes, ele está se divertindo com eles em alegria sem devolvê-los para mim. Ai, que pena!' E refletindo dessa maneira o Rishi disse para um discípulo dele, depois do término de um mês, 'Vá, ó Atreya, e diga ao rei que se ele terminou com os corcéis Vami ele deve devolvê-los para o teu preceptor.' E o discípulo Atreya, se dirigindo ao rei imediatamente, falou para ele como instruído, e o rei respondeu dizendo, 'Este par de corcéis merece ser possuído por reis. Os Brahmanas não merecem possuir jóias de semelhante valor. Que negócios os Brahmanas tem com cavalos? Volte contente!' E Atreya, assim endereçado pelo rei, voltou e disse para seu preceptor tudo o que tinha acontecido, e ouvindo aquela notícia triste o coração de Vamadeva ficou cheio de ira, e dirigindo-se em pessoa ao rei ele lhe pediu seus corcéis, e o rei se recusou a dar ao Rishi o que o último pediu, e Vamadeva disse, 'Ó senhor da terra, dê-me meus cavalos Vami. Por meio deles tu realizaste uma tarefa que era quase incapaz de ser realizada por ti. Por violar as práticas de Brahmanas e Kshatriyas, não te sujeite, ó rei, à morte por meio do terrível laço de Varuna.' E ouvindo isso o rei respondeu, 'Ó Vamadeva, este par excelente de touros bem treinados e dóceis são animais adequados para Brahmanas. Ó grande Rishi, (pegue eles e) vá com eles para onde quer que tu queiras. De fato, os próprios Vedas carregam pessoas como tu.' Então Vamadeva disse, 'Ó rei, os Vedas, de fato, carregam pessoas como nós. Mas isto é no mundo futuro. Neste mundo, no entanto, ó rei, animais como estes carregam a mim e pessoas como eu como também outras.' Nisto o rei respondeu, 'Que quatro burros te carreguem, ou quatro mulas da melhor espécie, ou mesmo quatro corcéis dotados da velocidade do vento. Vá com estes. Este par de cavalos Vami, no entanto, merecem ser possuídos por Kshatriyas. Saiba, portanto, que estes não são teus.' Nisto Vamadeva disse, 'Ó rei, votos terríveis são ordenados para os Brahmanas. Se eu tenho vivido em sua observância, que quatro Rakshasas violentos e poderosos de aparência terrível e corpos de ferro, comandados por mim, te persigam com desejo de matar, e te carreguem em suas lanças afiadas, tendo cortado teu corpo em quatro partes.' Ouvindo isto, o rei disse, 'Que aqueles, ó Vamadeva, que te conhecem como um Brahmana que em pensamentos, palavras, e ações, está desejoso de tirar a vida, por minha ordem, armados com lanças e espadas brilhantes te prostrem com teus discípulos diante de mim.' Então Vamadeva respondeu, 'Ó rei, tendo obtido estes meus corcéis Vami, tu disseste, 'Eu os devolverei.' Portanto, dê-me de volta meus corcéis Vami, para que tu sejas capaz de proteger tua vida.' Ouvindo isto, o rei disse, 'Caça de veados não está ordenada para os Brahmanas. Eu te puno, de qualquer modo, por tua falsidade. Deste dia em diante, também, obedecendo todas as tuas ordens

eu alcançarei, ó Brahmana, regiões de felicidade.' Vamadeva então disse, 'Um Brahmana não pode ser punido em pensamentos, palavras ou ações. Aquela pessoa instruída que por austeridades ascéticas consegue saber que um Brahmana é dessa maneira, não fracassa em alcançar proeminência neste mundo.'"

"Markandeya continuou, 'Depois que Vamadeva tinha dito isso, surgiram lá, ó rei, (quatro) Rakshasas de aparência terrível, e quando eles, com lanças em suas mãos, se aproximaram do rei para matá-lo, o último gritou alto, dizendo, 'Se, ó Brahmana, todos os descendentes da linhagem de Ikshvaku, se (meu irmão) Dala, se todos estes Vaisyas reconhecem meu domínio, então eu não entregarei os corcéis Vami para Vamadeva, pois estes homens nunca podem ser virtuosos.' E enquanto ele estava proferindo aquelas palavras, aqueles Rakshasas o mataram, e o senhor da terra logo estava prostrado no chão. E os Ikshvakus, sabendo que seu rei tinha sido morto instalaram Dala no trono, e o Brahmana Vamadeva indo logo após até o reino (dos Ikshvakus), dirigiu-se ao novo monarca, dizendo, 'Ó rei, é declarado em todos os livros sagrados que as pessoas devem doar para Brahmanas. Se tu temes o pecado, ó rei, dê-me agora os corcéis Vami sem demora.' E ouvindo estas palavras de Vamadeva o rei falou com raiva para seu cocheiro, dizendo, 'Traga-me uma flecha daquelas que eu tenho mantido, a qual é bela de se olhar e temperada com veneno, para que perfurado por ela Vamadeva possa jazer prostrado em dor, dilacerado pelos cães.' Ouvindo isto, Vamadeva respondeu, 'Eu sei, ó rei, que tu tens um filho de dez anos de idade, chamado Senajita, gerado na tua rainha. Incitado por minha palavra, mate aquele teu filho querido sem demora por meio das tuas flechas terríveis!'

Markandeya continuou, 'A estas palavras de Vamadeva, ó rei, aquela flecha de energia ardente, atirada pelo monarca, matou o príncipe nos aposentos internos, e sabendo disto, Dala disse, 'Ó povo da raça de Ikshvaku, eu lhes farei bem. Eu matarei este Brahmana hoje, oprimindo-o com força. Traga-me outra flecha de energia ardente. Ó senhores da terra, vejam minha destreza agora.' E nestas palavras de Dala, Vamadeva disse, 'Esta seta de aparência terrível e temperada com veneno, que tu apontas para mim, tu, ó soberano de homens, não serás capaz de mirar nem mesmo disparar.' E então o rei disse, 'Ó homens da linhagem de Ikshvaku, vejam-me incapaz de disparar a flecha que foi pega por mim. Eu fracasso em realizar a morte deste Brahmana. Que Vamadeva, que é abençoado com uma vida longa, viva.' Então Vamadeva disse, 'Tocando tua rainha com esta flecha, tu podes purgar a ti mesmo do pecado (de tentar tirar a vida de um Brahmana).' E o rei Dala fez como ele foi instruído e a rainha então se dirigiu ao Muni e disse, 'Ó Vamadeva, que eu seja capaz de instruir devidamente este meu marido infame dia a dia, comunicando para ele palavras de significado auspicioso; e que eu sempre visite e sirva os Brahmanas, e por isto alcance, ó Brahmana, as regiões sagradas futuramente.' E ouvindo estas palavras da rainha, Vamadeva disse, 'Ó tu de olhos belos, tu salvaste esta linhagem real. Peça um benefício incomparável. Eu te concederei o que quer que tu possas pedir. E, ó tu impecável, guie, ó princesa, estes teus parentes e este grande reino dos Ikshvakus!' E ouvindo estas palavras de Vamadeva a princesa disse, 'Este, ó santo, é o

benefício que eu procuro, isto é, que meu marido possa agora ser libertado de seu pecado, e que tu possas estar empenhado em pensar na prosperidade de seu filho e parentes. Este é o benefício que eu peço, ó tu principal dos Brahmanas!'"

"Markandeya continuou, 'Ouvindo estas palavras da rainha, aquele Muni, ó tu principal da raça Kuru, disse, 'Assim seja.' E nisso o rei Dala ficou muito contente e deu para o Muni seus corcéis Vami, tendo se curvado a ele com reverência!'"

192

Vaisampayana disse, "Os Rishis, os Brahmanas, e Yudhishthira então questionaram Markandeya, dizendo, 'Como o Rishi Vaka se tornou tão longevo?'

Assim perguntado por eles, Markandeya respondeu, 'O sábio real Vaka é um grande asceta e dotado de vida longa. Vocês não precisam investigar a razão disto.'

Ouvindo isto, ó Bharata, o filho de Kunti, o rei Yudhishthira o justo, junto com seus irmãos, então pediu a Markandeya dizendo, 'Tem sido ouvido por nós que Vaka e Dalvya são de grandes almas e dotados de imortalidade e que aqueles Rishis, considerados em reverência universal, são os amigos do chefe dos deuses. Ó Santo, eu desejo ouvir (à história do) encontro de Vaka e Indra que é cheia de ambas: alegria e dor. Narre aquela história para nós sucintamente.'"

"Markandeya disse, 'Quando aquele conflito terrível entre os deuses e os Asuras estava terminado Indra se tornou o soberano dos três mundos. As nuvens derramaram chuva copiosamente. E os habitantes do mundo tinham abundância de colheitas, e eram excelentes em disposição. E dedicados à virtude, eles sempre praticavam a moralidade e desfrutavam de paz. E todas as pessoas, dedicadas aos deveres das suas respectivas classes, eram perfeitamente felizes e alegres, e o matador de Vala, vendo todas as criaturas do mundo felizes e alegres, ficou ele mesmo cheio de alegria. E ele de cem sacrifícios, o chefe dos deuses, sentado nas costas de seu elefante Airavata, examinava seus súditos felizes, e ele lançou seus olhares em retiros encantadores de Rishis, em vários rios auspiciosos, cidades cheias de prosperidade, e aldeias e regiões rurais no desfrute de abundância. E ele também lançou seus olhos sobre reis dedicados à prática da virtude e bem hábeis em governar seus súditos. E ele também olhou para tanques e reservatórios e poços e lagos e lagos pequenos todos cheios de água e venerados por melhores dos Brahmanas na observância, além disso, de vários votos excelentes, e então descendo sobre a terra encantadora, ó rei, o deus de cem sacrifícios procedeu em direção a um retiro abençoado abundante em animais e aves, situado ao lado do mar, nas regiões encantadoras e auspiciosas do Leste em um local coberto com abundância de vegetação. E o chefe dos deuses contemplou Vaka naquele retiro, e Vaka também, vendo o soberano dos Imortais, ficou muito contente, e ele adorou Indra por lhe oferecer água para lavar os pés, um tapete para se sentar, a oferenda usual do Arghya, e frutas e raízes. E

o dador de benefícios matador de Vala, o soberano divino daqueles que não conhecem velhice, estando sentado tranquilamente, fez para Vaka a seguinte pergunta, 'Ó Muni impecável, tu tens vivido por cem anos! Diga-me, ó Brahmana, quais são as tristezas daqueles que são imortais!'

Markandeya continuou, "Ouvindo isto, Vaka respondeu, dizendo, 'Vida com pessoas que são desagradáveis, separação daquelas que são agradáveis e queridas, companhia com os maus, estes são os males que aqueles que são imortais tem que suportar. A morte de filhos e esposas, de parentes e amigos, e a dor da dependência de outros, são alguns dos maiores males. (Estes todos podem ser notados em uma vida imortal). Não há visão mais deplorável no mundo, como eu concebo, do que aquela de homens desprovidos de riqueza sendo insultados por outros. A aquisição da dignidade familiar por aqueles que não a tem, a perda da dignidade familiar por aqueles que a tem, uniões e desuniões, estes todos são notáveis por aqueles que levam vidas imortais. Como aqueles que não tem dignidade familiar mas tem prosperidade ganham o que eles não tem, tudo isto, ó deus de cem sacrifícios, está diante dos teus próprios olhos! O que pode ser mais deplorável do que os infortúnios e reversos sofridos pelos deuses, os Asuras, os Gandharvas, os homens, as cobras, e os Rakshasas? Aqueles que são de boas famílias sofrem aflições por causa da sua submissão a pessoas que são mal nascidas e os pobres são insultados pelos ricos. O que pode ser mais deplorável do que isto? Exemplos inumeráveis de tais desígnios contraditórios são vistos no mundo. Os tolos e os ignorantes são alegres e felizes enquanto os eruditos e os sábios passam por miséria! Exemplos abundantes de tristeza e dor são vistos entre os homens neste mundo! (Aqueles que levam vidas imortais estão destinados a observar tudo isso e sofrer por causa disso).'

Indra então disse, 'Ó tu de grande ventura, diga-me além disso quais são as alegrias daquelas pessoas que levam vidas imortais, alegrias que são veneradas por deuses e Rishis!'

Vaka respondeu, 'Se sem ter que se associar com um amigo pecaminoso, um homem cozinha poucos vegetais na sua própria casa na oitava ou na décima segunda parte do dia, não pode haver nada mais feliz do que isso. (Aqueles, portanto, que levam vidas imortais podem desfrutar desta alegria diariamente para sempre). Ele em cujo caso o dia não é contado não é chamado de voraz. E, ó Maghavan, a felicidade é mesmo daquele cujos próprios poucos vegetais são cozidos. Obtidos por seus próprios esforços, sem ter que depender de alguém, aquele que come mesmo frutas e vegetais em sua própria casa tem direito a respeito. Aquele que come na casa de outro o alimento que é dado a ele com desprezo, mesmo que aquele alimento seja rico e agradável, faz o que é desprezível. Esta, portanto, é a opinião do sábios, que há vergonha no alimento daquele patife vil que como um cachorro ou um Rakshasa come na casa de outro. Se depois de tratar convidados e empregados e de oferecer alimento aos espíritos dos mortos um bom Brahmana come o que resta, não pode haver nada mais feliz do que isso. Não há nada mais doce ou mais sagrado, ó tu de cem sacrifícios, do que aquele alimento que tal pessoa come depois de servir o convidado com a primeira porção dele. Cada bocado (de arroz) que o Brahmana come depois de ter

servido o convidado produz mérito igual ao que se atribui à doação de mil vacas. E quaisquer pecados que tal pessoa possa ter cometido em sua juventude são todos purificados com certeza. A água (salpicada pelas) mãos do Brahmana que foi alimentado e honrado com uma doação pecuniária (sobre aquele que o alimentou depois da alimentação estar terminada), elimina instantaneamente os pecados do último!'

Falando destas e várias outras coisas com Vaka, o chefe dos deuses partiu para o céu.'"

193

"Vaisampayana disse, 'Então os filhos de Pandu se dirigiram novamente a Markandeya dizendo, 'Tu nos falaste da grandeza dos Brahmanas. Nós desejamos agora ouvir sobre a grandeza dos nobres Kshatriyas!' Assim endereçado por eles, o grande Rishi Markandeya falou, 'Ouçam agora à grandeza dos Kshatriyas reais. Um certo rei de nome Suhotra pertencente à raça Kuru foi em uma visita aos grandes Rishis. E quando ele estava voltando daquela visita, ele viu o rei Sivi, o filho de Usinara, sentado em seu carro, e quando um chegou diante do outro, cada um cumprimentou o outro como melhor condizia com sua idade e cada um se considerando igual ao outro em relação à qualidades, se recusou a ceder passagem para o outro. E naquele momento Narada apareceu lá, e vendo o que tinha acontecido, o Rishi celeste perguntou, 'Por que é que vocês ficam aqui bloqueando o caminho um do outro?' E assim questionados ambos falaram para Narada dizendo, 'Ó santo, não fale assim. Os sábios de antigamente declararam que o caminho deve ser dado para alguém que é superior ou para o que é mais capaz. Nós, no entanto, que permanecemos obstruindo o caminho um do outro, somos iguais em todos os aspectos. Avaliando adequadamente não há superioridade entre nós.' Assim endereçado por eles, Narada recitou três slokas. (São estes), 'Ó tu da raça Kuru, aquele que é mau se comporta maldosamente até com aquele que é humilde; e também aquele que é humilde se comporta com humildade e honestamente com aquele que é mau! Aquele que é honesto se comporta honestamente até com o desonesto. Por que ele não deveria se comportar honestamente em direção ao que é honesto? Aquele que é honesto considera o serviço que é feito para ele como se ele fosse cem vezes maior do que é. Isto não é prevalecente entre os próprios deuses? Certamente o nobre filho de Usinara é possuidor de bondade maior do que a tua. Uma pessoa deve conquistar o mesquinho pela caridade; o mentiroso pela verdade, o homem de atos maus pelo perdão; e o desonesto pela honestidade. Vocês ambos tem grande coração. Que um de vocês se ponha de lado, de acordo com a indicação dos slokas acima.' E tendo falado dessa maneira Narada ficou silencioso, e ouvindo o que Narada disse o rei da raça Kuru, caminhando ao redor de Sivi, e elogiando suas realizações numerosas, lhe cedeu a passagem e seguiu seu rumo. Foi dessa maneira que Narada descreveu a grande bem aventurança dos Kshatriyas reais.'

194

Markandeya continuou, "Ouçam agora outra história. Um dia quando o rei Yayati, o filho de Nahusha, estava sentado em seu trono cercado pelos cidadãos, foi lá até ele um Brahmana desejoso de pedir riqueza para seu preceptor, e se aproximando do rei, o Brahmana disse, 'Ó rei, eu te peço riqueza para meu preceptor de acordo com minha determinação.' E o rei disse, 'Ó santo, diga-me qual é a tua determinação.' E então o Brahmana disse, 'Ó rei, neste mundo quando homens são pedidos por esmolas eles nutrem desprezo por aquele que as pede. Eu portanto te pergunto, ó rei, com que sentimentos tu me darás o que eu peço e sobre o qual eu fixei meu coração?' E o rei respondeu dizendo, 'Tendo doado uma coisa eu nunca conto vantagem disto. Eu também nunca ouço solicitações por coisas que não podem ser dadas. Eu escuto, no entanto, às súplicas por coisas que podem ser doadas e doando-as eu sempre fico feliz. Eu te darei mil vacas. O Brahmana que me pede uma doação é sempre querido para mim. Eu nunca fico zangado com a pessoa que me pede e eu nunca me arrependo de ter doado uma coisa!' E o Brahmana então obteve do rei mil vacas e foi embora."

195

Vaisampayana disse, "O filho de Pandu se dirigiu novamente ao Rishi e disse, 'Fale para nós da grande ventura dos Kshatriyas reais.' E Markandeya disse, 'Havia dois reis de nomes Vrishadarbha e Seduka e ambos eram familiarizados com os costumes e com armas de ataque e defesa. E Seduka sabia que Vrishadarbha tinha desde sua juventude um voto não pronunciado que ele não daria outro metal para Brahmanas exceto ouro e prata. E uma vez um Brahmana tendo completado seu estudo dos Vedas foi até Seduka, e proferindo uma bênção sobre ele lhe pediu riqueza para seu preceptor, dizendo, 'Dê-me mil corcéis.' E assim endereçado, Seduka disse para ele, 'Não é possível para mim te dar isto para o teu preceptor. Portanto, vá ao rei Vrishadarbha, pois, ó Brahmana, ele é um rei muito virtuoso. Vá e peça dele. Ele concederá teu pedido. Este mesmo é seu voto não proferido.' Ouvindo estas palavras aquele Brahmana foi para Vrishadarbha e pediu dele mil corcéis, e o rei assim solicitado golpeou o Brahmana com um chicote e então o Brahmana disse, 'Inocente como eu sou, por que tu me atacas dessa maneira?' E o Brahmana estava prestes a amaldiçoar o rei, quando o último disse, 'Ó Brahmana, tu amaldiçoas aquele que não te dá o que tu pedes? Ou, este é comportamento apropriado para um Brahmana?' E o Brahmana disse, 'Ó rei de reis, enviado a ti por Seduka, eu vim perante ti por isto.' O rei disse, 'Assim sendo eu te darei qualquer tributo que possa vir a mim antes da manhã terminar. Como de fato, eu posso mandar embora de mãos vazias o homem que foi chicoteado por mim?' E tendo dito isso o rei deu para aquele Brahmana todo o lucro daquele dia e isto era mais do que o valor de mil cavalos.'"

196

"Markandeya disse, 'Um dia foi decidido pelos deuses que eles deveriam descer sobre a terra e testar a bondade e virtude do rei Sivi, o filho de Usinara. E se dirigindo um ao outro, 'Bem' Agni e Indra vieram para a terra. E Agni tomou a forma de um pombo fugindo de Indra que o perseguiu na forma de um falcão, e aquele pombo caiu sobre o colo do rei Sivi que estava sentado em um assento excelente. E o sacerdote então dirigindo-se ao rei disse, 'Com medo do falcão e desejoso de salvar sua vida, este pombo veio a ti em busca de segurança. Os eruditos dizem que a queda de um pombo sobre o corpo de alguém pressagia um grande perigo. Que o rei que compreende presságios doe riqueza para se salvar do perigo indicado.' E o pombo também se dirigiu ao rei e disse, 'Temendo o falcão e desejoso de salvar minha vida eu vim a ti por proteção. Eu sou um Muni. Tendo assumido a forma de um pombo, eu venho até ti como alguém que procura tua proteção. De fato, eu te procuro como minha vida. Conheça-me como alguém possuidor de saber Védico, como alguém levando o modo de vida Brahmacharya, como alguém possuidor também de autocontrole e virtudes ascéticas. E conheça-me além disso como alguém que nunca falou desagradavelmente para seu preceptor, como alguém possuidor de toda virtude, de fato, como alguém que é impecável. Eu repito os Vedas, eu conheço sua métrica; de fato, eu tenho estudado todos os Vedas letra por letra. Eu não sou um pombo. Oh, não me entregue para o falcão. A entrega de um Brahmana erudito e puro nunca pode ser um bom presente.' E depois que o pombo falou assim, o falcão se dirigiu ao rei e disse, 'As criaturas não vem para o mundo na mesma ordem específica. Na ordem da criação, tu podes, em um nascimento anterior, ter sido gerado por este pombo. Não é apropriado para ti, ó rei, interferir na minha alimentação por proteger este pombo (mesmo que ele possa ter sido teu pai).' E assim endereçado, o rei disse, 'Alguém, antes disto, viu aves falarem dessa maneira as palavras puras de homens? Sabendo o que este pombo diz, e este falcão também, como nós podemos agir hoje de acordo com a virtude? Aquele que entrega uma criatura assustada procurando proteção para seu inimigo não obtém proteção quando ele mesmo está precisando disto. De fato, as próprias nuvens não derramam chuva oportunamente para ele, e as sementes embora espalhadas não crescem para ele. Aquele que entrega uma criatura afligida procurando proteção para seu inimigo tem que ver sua prole morrer na infância. Os antepassados de tal pessoa nunca podem morar no céu; de fato, os próprios deuses se recusam a aceitar as libações de manteiga clarificada derramadas no fogo por ele. Aquele que entrega uma criatura amedrontada procurando proteção para seu inimigo é atingido com o raio pelos deuses com Indra em sua chefia. O alimento que ele come não é santificado, e ele, de alma estreita, cai logo do céu. Ó falcão, deixe as pessoas da tribo Sivi colocarem à tua frente um touro cozido com arroz em vez deste pombo. E deixe-as também levarem carne em abundância para o local onde tu vives em alegria.' E ouvindo isso o falcão disse, 'Ó rei, eu não peço um touro, nem, de fato, qualquer outra carne, nem carne maior em quantidade do que a deste pombo. Ele foi dado a mim pelos deuses. A criatura, portanto, é meu alimento hoje por

consequência da sua morte que foi ordenada. Portanto, ó monarca, entregue-o para mim.' Assim endereçado pelo falcão, o rei disse, 'Deixe meus homens encontrarem e carregarem cuidadosamente o touro para ti com todos os membros inteiros. Que aquele touro seja o resgate desta criatura afligida pelo medo e que ele seja levado para ti perante meus olhos. Oh, não mate este pombo! Eu entregaria minha própria vida, ainda assim eu não entregaria este pombo. Tu não sabes, ó falcão, que esta criatura parece um sacrifício com o suco Soma? Ó abençoado, pare de ter tanto incômodo por isto. Eu não posso, de qualquer maneira, entregar o pombo para ti. Ou, ó falcão, se te agradar, mande-me fazer alguma coisa que eu possa fazer por ti, que seja agradável para ti, e ao fazer a qual os homens da tribo Sivi ainda possam me abençoar em alegria em termos de aprovação. Eu te prometo que eu farei o que tu me ordenares fazer.' E a este apelo do rei o falcão disse, 'Ó rei, se tu me deres tanta carne quanto seria igual ao peso do pombo, cortando-a da tua coxa direita; então o pombo poderá ser salvo devidamente por ti; então tu farias o que seria agradável para mim e do que os homens da tribo Sivi falariam em termos de louvor.' E o rei concordou com isto e ele cortou um pedaço de carne de sua coxa direita e o pesou em comparação com o pombo. Mas o pombo ainda pesou mais. E então o rei cortou outro pedaço de sua carne, mas o pombo ainda pesou mais, e então o rei cortou pedaços de carne de todas as partes de seu corpo e colocou-os no prato da balança. Mas o pombo ainda foi mais pesado, e então o próprio rei subiu na balança e ele não sentiu aflição por isto, e vendo isto o falcão desapareceu lá dizendo, ‘(O pombo foi) Salvo.’ E o rei questionou o pombo dizendo, 'Ó pombo, deixe os Sivis saberem quem é o falcão. Ninguém exceto o senhor do universo poderia fazer como ele fez. Ó santo, responda esta minha pergunta!' E o pombo então disse, 'Eu sou Agni de bandeira de fumaça chamado também de Vaiswanara. O falcão é nenhum outro além do marido de Sachi armado com o raio. Ó filho de Suratha, tu és um touro entre homens. Nós viemos para testar-te. Estes pedaços de carne, ó rei, que tu cortaste com tua espada do teu corpo para me salvar causaram feridas profundas no teu corpo. Eu tornarei estas marcas auspiciosas e belas e elas serão da cor do ouro e emitirão um perfume doce, e ganhando grande fama e respeitado pelos deuses e os Rishis tu governarás muito tempo estes teus súditos, e um filho nascerá do teu flanco que se chamará Kapataroman. Ó rei, tu obterás este filho de nome Kapataroman do teu próprio corpo e tu o verás se tornar o principal dos Saurathas, resplandecendo com renome, possuidor de coragem e grande beleza pessoal!’"

197

Vaisampayana disse, "E o filho de Pandu se dirigiu novamente a Markandeya, dizendo, 'Fale-nos novamente da grande boa sorte dos reis.' E Markandeya disse, 'Muitos reis foram ao Sacrifício de Cavalo do rei Ashtaka da linhagem de Viswamitra. E foram àquele sacrifício também os três irmãos daquele rei, Pratardana, Vasumanas, e Sivi, o filho de Usinara. E depois que o sacrifício estava terminado, Ashtaka estava procedendo em seu carro junto com seus irmãos

quando eles todos viram Narada vindo naquele caminho e eles saudaram o Rishi celeste e disseram para ele, ‘Viaje neste carro conosco.’ E Narada, dizendo, ‘Assim seja’, subiu no carro, e um entre aqueles reis tendo gratificado o Rishi Narada santo e celeste, disse, ‘Ó santo, eu desejo te perguntar uma coisa.’ E o Rishi disse, 'Pergunte.' E a pessoa, assim permitida, disse, 'Todos nós quatro somos abençoados com vidas longas e temos de fato todas as virtudes. Nós, portanto, seremos permitidos ir para um certo céu e morar lá por um período longo. Quem entre nós, no entanto, ó rei, cairá primeiro?' Assim questionado o Rishi disse, 'Ashtaka descerá primeiro.' E então o inquiridor perguntou, 'Por que causa?' E o Rishi respondeu, 'Eu vivi por poucos dias na residência de Ashtaka. Ele me levou (um dia) em seu carro para fora da cidade e lá eu vi milhares de vacas distinguidas umas das outras por diferença de cor. E observando aquelas vacas eu perguntei para Ashtaka de quem elas eram e Ashtaka me respondeu, dizendo, ‘Eu doei estas vacas.’ Por esta resposta ele deu expressão à sua própria glorificação. É por esta resposta dele que Ashtaka terá que descer.' E depois que Narada tinha dito isso, um deles perguntou novamente, dizendo, 'Três de nós então ficarão no céu. Entre nós três, quem cairá primeiro?' E o Rishi respondeu, ‘Pratardana.’ E o inquiridor perguntou, 'Por que causa?' E o Rishi respondeu, 'Eu vivi por alguns dias na residência de Pratardana também. E ele me levou um dia em seu carro. E enquanto fazia isso, um Brahmana lhe pediu dizendo, 'Dê-me um cavalo!' E Pratardana respondeu, 'Depois de retornar eu te darei um!' E então o Brahmana disse, 'Que ele seja dado para mim logo.' E como o Brahmana falou aquelas palavras, o rei deu para ele o corcel que estava atrelado à roda à direita do carro. E foi lá até ele outro Brahmana desejoso de obter um corcel. E o rei tendo falado com ele da mesma maneira, lhe deu o corcel que estava unido à roda esquerda de seu carro. E tendo dado o cavalo para ele, o rei prosseguiu em sua viagem. E então foi até o rei outro Brahmana desejoso de obter um cavalo. E o rei logo lhe deu o cavalo à esquerda dianteira de seu carro, desatrelando o animal. E tendo feito isso o rei prosseguiu em sua viagem. E então foi até o rei outro Brahmana desejoso de obter um cavalo. E o rei disse para ele, 'Retornando eu te darei um cavalo.' Mas o Brahmana disse, 'Que o corcel seja dado a mim logo.' E o rei deu para ele o único cavalo que ele tinha. E pegando ele mesmo o jugo do carro, o rei começou a puxá-lo. E quando ele fez isso ele disse, 'Agora não há nada para os Brahmanas.' O rei doou, é verdade, mas ele fez isso com depreciação. E por aquelas palavras dele ele terá que cair do céu. E depois que o Rishi tinha falado assim, dos dois que restavam, um perguntou, 'Quem entre nós dois cairá?' E o Rishi respondeu, 'Vasumanas.' E o inquiridor perguntou, 'Por que razão?' E Narada disse, 'No decurso das minhas viagens eu cheguei à residência de Vasumanas. E naquele momento os Brahmanas estavam realizando a cerimônia de Swastivachana por causa de um carro florido. (A cerimônia de Swastivachana é um rito religioso, preparatório para alguma observância importante, na qual os Brahmanas espalham arroz cozinho no solo, e invocam as bênçãos dos deuses sobre a cerimônia prestes a começar. Um carro florido era, provavelmente, um de fabrico celestial que os reis obtinham do céu para realizar ritos e cerimônias suntuosas. Estes eram às vezes exibidos para o povo, e antes dessas exibições uma cerimônia de Swastivachana era realizada). E eu me aproximei da presença do rei. E depois que os Brahmanas completaram a

cerimônia, o carro florido se tornou visível para eles. E eu elogiei aquele carro, e então o rei me disse, 'Santo, por ti este carro foi elogiado. Que este carro, portanto, seja teu.' E depois disto eu fui até Vasumanas outra vez quando eu precisava de um carro (florido). E eu admirei o carro, e o rei disse, 'Ele é teu.' E eu fui ao rei uma terceira vez e admirei o carro outra vez. E então o rei exibindo o carro florido aos Brahmanas lançou seus olhos em mim, e disse, 'Ó santo, tu elogiaste o carro florido suficientemente.' E o rei somente disse estas palavras, sem me fazer um presente daquele carro. E por isto ele cairá do céu.'

E um entre eles disse, 'Do único que é para te acompanhar, quem prosseguirá e quem cairá?' E Narada respondeu, dizendo, 'Sivi prosseguirá, mas eu cairei.' 'Por que razão?' Perguntou o inquiridor. E Narada disse, 'Eu não sou igual a Sivi. Pois um dia um Brahmana foi até Sivi e se dirigindo a ele disse, 'Ó Sivi, eu vim a ti por alimento.' E Sivi respondeu a ele, dizendo, 'O que eu farei? Deixe-me ter as tuas ordens.' E o Brahmana respondeu, 'Este teu filho conhecido pelo nome de Vrihadgarbha deve ser morto. E, ó rei, cozinhe-o para minha alimentação.' E ouvindo isso eu esperei para ver o que se seguiria. E Sivi então matou seu filho e cozinhou-o devidamente e pondo aquele alimento em um recipiente e colocando-o sobre sua cabeça, ele saiu à procura do Brahmana; e enquanto Sivi estava procurando dessa maneira pelo Brahmana alguém lhe disse, 'O Brahmana que tu procuras, tendo entrado na tua cidade, está incendiando a tua residência e ele está também incendiando, em cólera, a tua tesouraria, teu arsenal, os aposentos das mulheres e teus estábulos para cavalos e elefantes.' E Sivi ouviu tudo isto sem mudar de cor, e entrando em sua cidade falou para o Brahmana, 'Ó santo, a comida está cozida.' E o Brahmana ouvindo isto não falou uma palavra e por surpresa ele permaneceu com aparência abatida. E Sivi com a intenção de gratificar o Brahmana disse, 'Ó santo, coma isto.' E o Brahmana olhando Sivi por um momento disse, 'Coma isto tu mesmo.' E imediatamente Sivi disse, 'Que seja assim.' E Sivi tirando alegremente o recipiente de sua cabeça desejou comê-lo e então o Brahmana segurou a mão de Sivi e se dirigindo a ele disse, 'Tu venceste a ira. Não há nada que tu não possas dar para os Brahmanas.' E dizendo isso aquele Brahmana adorou Sivi, e então quando Sivi olhou à sua frente ele viu seu filho de pé como uma criança dos deuses, enfeitado com ornamentos e produzindo uma fragrância de seu corpo e o Brahmana, tendo realizado tudo isto, se fez visível e era o próprio Vidhatri que tinha vindo dessa maneira naquele disfarce para testar aquele sábio real, e depois que Vidhatri tinha desaparecido, os conselheiros se dirigiram ao rei, dizendo, 'Tu conheces tudo. Por que tu fizeste tudo isso?' E Sivi respondeu, 'Não foi for fama, nem por riqueza, nem pelo desejo de obter objetos de prazer que eu fiz tudo isso. Este comportamento não é pecaminoso. É por isto que eu faço tudo isso. O caminho que é trilhado pelos virtuosos é louvável. Meu coração sempre se inclina em direção à tal conduta.' Este exemplo sublime da bem aventurança de Sivi eu conheço, e eu, portanto, narrei-o devidamente!'"

198

Vaisampayana disse, "Os filhos de Pandu e aqueles Rishis então perguntaram a Markandeya, 'Existe alguém que é dotado de vida mais longa do que tu?' E Markandeya respondeu a eles, dizendo, 'Há sem dúvida, um sábio real de nome Indradyumna e, sua virtude tendo diminuído, ele caiu do céu, gritando, 'Minhas realizações estão perdidas!' E ele veio a mim e perguntou, 'Tu me conheces?' E eu respondi a ele, dizendo, 'Por nossa ansiedade para adquirir mérito religioso nós não nos limitamos à qualquer lar. Nós vivemos somente por uma noite na mesma aldeia ou cidade. Uma pessoa como nós, portanto, não pode porventura conhecer tuas atividades. Os jejuns e votos que nós cumprimos nos tornam fracos em corpo e incapazes de seguir quaisquer atividades mundanas em nosso próprio interesse. Por isso, alguém como nós não pode te conhecer.' Ele então me perguntou, 'Existe alguém que seja mais longevo do que tu'? Eu respondi a ele, dizendo, 'Vive lá sobre o Himavat uma coruja de nome Pravarakarna. Ele é mais velho do que eu. Ele pode te conhecer. A parte do Himavat onde ele mora é muito longe daqui.' E nisto Indradyumna tornou-se um cavalo e me levou para onde aquela coruja vivia e o rei perguntou à coruja, dizendo, 'Tu me conheces?' E a coruja pareceu refletir por um momento e então disse para o rei, 'Eu não te conheço.' E o sábio real Indradyumna então perguntou à coruja, 'Há alguém que seja mais velho do que tu?' E assim perguntada a coruja respondeu, dizendo, 'Há um lago de nome Indradyumna. Naquele lago mora um grou de nome Nadijangha. Ele é mais velho do que nós. Pergunte a ele.' E nisto o rei Indradyumna levando ambos, eu mesmo e a coruja, foi àquele lago onde o grou Nadijangha morava. E aquele grou foi questionado por nós, 'Tu conheces o rei Indradyumna?' E o grou então pareceu refletir um pouco e então disse, 'Eu não conheço o rei Indradyumna.' E o grou foi perguntado por nós, 'Existe alguém que seja mais velho do que tu?' E ele nos respondeu, dizendo, 'Mora neste mesmo lago uma tartaruga de nome Akupara. Ele é mais velho do que eu. Ele pode saber alguma coisa deste rei. Portanto, perguntem para Akupara.' E então aquele grou avisou a tartaruga, dizendo, 'Nós pretendemos te perguntar uma coisa. Por favor venha a nós.' E ouvindo isso a tartaruga saiu do lago para aquela margem onde todos nós estávamos e quando ele chegou lá nós o questionamos, dizendo, 'Tu conheces este rei Indradyumna?' E a tartaruga refletiu por um momento. E seus olhos estavam cheios de lágrimas e seu coração estava muito comovido e ele tremia todo e estava quase privado de seus sentidos. E ele disse com mãos unidas, 'Ai, eu não conheço este? Ele plantou a estaca sacrifical mil vezes no momento de acender o fogo sacrifical. Este lago foi escavado pelos pés das vacas doadas por este rei para os Brahmanas na conclusão do sacrifício. Eu tenho vivido aqui desde então.' E depois que a tartaruga tinha dito isso, chegou lá um carro das regiões celestes. E uma voz etérea foi ouvida, a qual dizia, dirigindo-se a Indradyumna, 'Venha e obtenha o lugar que tu mereces no céu! Tuas realizações são grandiosas! Venha alegremente para o teu lugar!' Aqui também há certos slokas: A fama de atos virtuosos se espalha sobre a terra e ascende para o céu. Enquanto aquela fama

durar diz-se que o fazedor fica no céu. É dito que o homem cujos atos maus são comentados cai e vive nas regiões inferiores enquanto aquela má reputação durar. Portanto o homem deve ser virtuoso em suas ações se ele quer alcançar o Céu. E ele deve procurar amparo na virtude, abandonando um coração pecaminoso.'"

"E ouvindo estas palavras, o rei disse, 'Que o carro fique aqui enquanto eu levo estas pessoas idosas para os lugares de onde eu as trouxe.' E tendo levado a mim e a coruja Pravarakarna para nossos respectivos lugares, ele foi embora, viajando naquele carro, para o lugar que era adequado para ele. Sendo longevo, eu testemunhei tudo isso."

Vaisampayana continuou, "Foi dessa maneira que Markandeya narrou tudo isso para o filho de Pandu. E depois que Markandeya terminou, os filhos de Pandu disseram, 'Abençoado sejas! Tu agiste devidamente ao fazer o rei Indradyumna que tinha caído do Céu recuperar seu lugar!' E Markandeya respondeu a eles, dizendo, 'O filho de Devaki, Krishna, também elevou o sábio real Nriga que tinha afundado no inferno e o fez recuperar o Céu!'"

199

Vaisampayana disse, "O rei Yudhishthira, ouvindo do ilustre Markandeya a história recuperação do Céu do sábio real Indradyumna, questionou o Muni novamente, dizendo, 'Ó grande Muni, diga-me em que condição um homem deve praticar caridade para ganhar admissão nas regiões de Indra? É por praticar caridade enquanto leva um modo de vida familiar, ou na meninice, ou na juventude, ou na velhice? Ó, fale-me sobre os respectivos méritos da prática da caridade nestes diferentes estágios da vida?'

Markandeya disse, 'Vida que é inútil é de quatro tipos. Caridade também que é inútil é de dezesseis tipos. É inútil a vida daquele que não tem filhos; e daquele também que está fora do âmbito da virtude, e daquele também que vive do alimento de outro; e, por fim, daquele que cozinha para si mesmo sem dar parte para os Pitris, os deuses, e os convidados, e que come antes destes todos. A doação para alguém que abandonou a prática de votos virtuosos, como também a doação de riqueza que foi ganha injustamente, são ambas em vão. A doação para um Brahmana decaído, aquela para um ladrão, aquela também para um preceptor que é falso, é em vão. A doação para um homem mentiroso, para uma pessoa que é pecaminosa, para alguém que é ingrato, para alguém que oficia em sacrifícios realizados por todas as classes de pessoas residindo em uma aldeia, para alguém que vende os Vedas (ou seja, que faz preleções sobre os Vedas cobrando taxas dos ouvintes), para um Brahmana que cozinha para um Sudra, para alguém também que por nascimento é um Brahmana mas que é desprovido das ocupações da sua classe, é em vão. A doação para alguém que se casou com uma moça depois da acessão da puberdade, para mulheres, para alguém que se diverte com cobras, e para alguém que é empregado em trabalhos servis, também é em vão. Estas dezesseis espécies de doações não são produtivas de méritos.

Aquele homem que com mente nublada pela ignorância doa por medo ou raiva, desfruta do mérito de tal doação enquanto ele está no útero de sua mãe. O homem que (sob outras circunstâncias) faz presentes para os Brahmanas, desfruta dos resultados disso enquanto ele está na velhice. Portanto, ó rei, o homem que deseja alcançar o caminho do céu, deve, sob todas as condições, fazer doações para Brahmanas de tudo o que ele deseje doar.'

Yudhishthira disse, 'Por quais meios os Brahmanas, que aceitam doações de todas as quatro classes, salvam outros assim como eles mesmos?'

Markandeya disse, 'Por meio de Japa (recitação silenciosa de Mantras específicos), e Mantras, (fórmulas específicas de culto, eles são geralmente composições rítmicas, considerados como sendo de grande eficácia), e Homa (o rito sacrifical que consiste em derramar libações de manteiga clarificada no fogo) e o estudo dos Vedas, os Brahmanas constroem um barco Védico (literalmente, um barco feito dos Vedas) com o qual eles salvam outros e eles mesmos. Os próprios deuses estão satisfeitos com aquele homem que gratifica os Brahmanas. De fato, um homem pode alcançar o céu por ordem de um Brahmana. Tu, ó rei, sem dúvida ascenderá para regiões de felicidade eterna, por consequência do teu culto aos Pitris e aos deuses, e tua reverência pelos Brahmanas, mesmo que teu corpo seja cheio de líquidos fleumáticos e além disso tão grosseiro e inerte! Aquele que deseja a virtude e o céu deve adorar os Brahmanas. Deve-se alimentar Brahmanas cuidadosamente em ocasiões de Sraddhas, embora aqueles entre eles que estão amaldiçoados ou decaídos devam ser excluídos. Também devem ser excluídos cuidadosamente aqueles que são ou excessivamente claros ou excessivamente negros, aqueles que tem unhas infectadas, que são leprosos, que são enganadores, que são nascidos em ilegitimidade de viúvas ou de mulheres que tem maridos vivos; e aqueles também que se sustentam pela profissão de armas. O Sraddha que é censurável consome o realizador dele como fogo consumindo combustível. Se acontecer daqueles que vão ser empregados em Sraddhas serem estúpidos, cegos, ou surdos, deve ser tomado cuidado para empregá-los junto com Brahmanas conhecedores dos Vedas. Ó Yudhishthira, ouça agora para quem tu deves doar. Aquele que conhece todos os Vedas deve doar somente para aquele Brahmana hábil que é competente para resgatar ambos: o doador e ele mesmo, pois, de fato, deve ser considerado como hábil aquele que pode salvar o doador e ele mesmo. Ó filho de Pritha, os fogos sagrados não recebem tanta gratificação de libações de manteiga clarificada, de oferendas de flores e sândalo e outras pastas perfumadas, quanto do entretenimento de convidados. Portanto, esforce-te para entreter convidados, ó filho de Pandu! Ó rei, aqueles que dão para convidados água para lavar seus pés, manteiga para massagear suas pernas (cansadas), luz durante as horas de escuridão, alimento, e abrigo, não tem que ir perante Yama. A remoção (depois de culto) das oferendas floridas para os deuses, a remoção dos restos do banquete de um Brahmana, servir (um Brahmana) com pastas perfumadas, e a massagem dos membros de um Brahmana, são, cada um deles, ó principal dos reis, produtivo de mérito maior do que a doação de vacas. Uma pessoa, sem dúvida, salva a si mesma pela doação de uma vaca Kapila. Portanto, deve-se doar uma vaca Kapila

enfeitada com ornamentos, para Brahmanas. Ó tu da raça Bharata, deve-se doar para uma pessoa de boa linhagem e conhecedora dos Vedas; para uma pessoa que é pobre; para um homem levando o modo de vida familiar mas sobrecarregado com mulher e filhos; para alguém que adora o fogo sagrado diariamente; e para alguém que não te fez serviço. Tu deves sempre doar para tais pessoas mas não para aquelas que estão em riqueza. Que mérito há, ó tu principal da raça Bharata, em doar para alguém que é rico? Uma vaca deve ser dada para um Brahmana. Uma única vaca não deve ser dada para muitos. Pois se a vaca assim doada (para muitos) for vendida, a família do doador está perdida por três gerações. Tal doação indubitavelmente não resgataria o doador nem o Brahmana que a recebe. Aquele que doa oitenta Ratis de ouro puro ganha o mérito de doar cem peças de ouro para sempre. Aquele que doa um touro forte capaz também de puxar o arado sem dúvida é salvo de todas as dificuldades e finalmente vai para o céu. Aquele que doa terra para um Brahmana erudito tem todos os seus desejos realizados. O viajante cansado, com membros enfraquecidos e pés sujos com poeira, pergunta pelo nome daquele que possa lhe dar alimento. Há homens que respondem a ele por lhe dizer o nome. Aquele homem sábio que informa estas pessoas cansadas o nome da pessoa que pode lhes dar alimento, é, sem dúvida, considerado como igual em mérito ao próprio doador de alimento. Portanto, abstendo-te de outros tipos de doação, doe alimento. Não há mérito (proveniente de doações) que seja tão grande quanto aquele de doar alimento. O homem que segundo a medida de seu poder dá alimento bem cozido e puro para os Brahmanas, obtém, por aquela ação dele, a companhia de Prajapati (Brahma). Não há nada superior ao alimento. Portanto, o alimento é considerado como a primeira e principal de todas as coisas (a serem doadas). É dito que o próprio alimento é Prajapati. E Prajapati é considerado como o Ano. E o Ano é sacrifício. E tudo está baseado em sacrifício, pois é do sacrifício que todas as criaturas, móveis e imóveis, tem sua origem. Por esta razão, é sabido por nós, o alimento é a principal de todas as coisas. Aqueles que doam lagos e grandes quantidades de água, e tanques e poços, e abrigos e comida e aqueles que tem palavras agradáveis para todos, não tem que ouvir as admoestações de Yama. Com aquele que doa arroz, e riqueza obtida por seu trabalho para Brahmanas de bom comportamento, a terra está satisfeita. E ela derrama sobre ele chuvas de riqueza. O doador de alimento caminha primeiro, depois dele o que fala a verdade e aquele que doa para pessoas que não solicitam. Mas os três vão para o mesmo lugar.'"

Vaisampayana continuou, “Ouvindo tudo isso Yudhishthira, junto com seus irmãos mais novos, impelido pela curiosidade, dirigiu-se novamente a Markandeya de grande alma, dizendo, 'Ó grande Muni, qual é a distância da região de Yama daquela dos homens? Qual é sua medida? Como também os homens a atravessam? E por quais meios? Ó, diga-me tudo isso!'

Markandeya disse, 'Ó rei, ó principal dos homens virtuosos, esta tua questão diz respeito a um grande mistério. Ele é sagrado e muito louvado pelos Rishis. Como isto também se refere à virtude, eu falarei disto para ti. A distância da região de Yama da residência dos homens é, ó rei, oitenta e seis mil Yojanas! O caminho

é sobre o espaço, sem água, e muito terrível de se contemplar. Em lugar nenhum naquela estrada existe a sombra de uma árvore, em lugar nenhum alguma água, e em lugar nenhum algum lugar de descanso no qual o viajante, quando fatigado, possa descansar por alguns momentos. E homens e mulheres e todos sobre a terra que tem vida são levados forçosamente por este caminho pelos mensageiros de Yama. Aquelas criaturas que obedecem os mandatos do rei severo, e aqueles, ó rei, que doaram cavalos e outros bons transportes para Brahmanas procedem por este caminho naqueles animais e veículos. E aqueles que doaram guarda-sóis procedem por este caminho com guarda-sóis desviando os raios do sol. E aqueles que doaram alimento procedem sem fome, enquanto aqueles que não doaram alimento procedem afligidos pela fome. E aqueles que deram mantos procedem por este caminho vestidos em mantos enquanto aqueles que não deram nenhum procedem nus. E aqueles que deram ouro procedem em felicidade, eles mesmos enfeitados com ornamentos. E aqueles que deram terra procedem com todos os desejos completamente satisfeitos. E aqueles que doaram grãos procedem sem serem afligidos por qualquer carência. E aqueles que doaram casas procedem alegremente em carros. E aqueles homens que doaram alguma coisa para beber procedem com corações alegres não afligidos pela sede. E aqueles que doaram luzes procedem alegremente iluminando o caminho diante deles. E aqueles que doaram vacas procedem pelo caminho alegremente, livres de todos os seus pecados. E aqueles que jejuaram por um mês procedem em carros puxados por cisnes. E aqueles que jejuaram por seis noites procedem em carros puxados por pavões. E, ó filho de Pandu, aquele que jejua três noites a partir de uma única refeição sem uma segunda durante aquele período vai para uma região livre de doença e ansiedade. E a água tem esta propriedade excelente que ela produz felicidade na região de Yama. E aqueles que dão água encontram para si mesmos um rio lá de nome Pushpodaka. E os doadores de água sobre a terra bebem goles frescos e ambrosíacos daquele rio. E aqueles que são de más ações tem pus ordenado para eles. Assim, ó grande rei, aquele rio serve a todos os propósitos. Portanto, ó rei, adore devidamente estes Brahmanas (que estão contigo). Fraco em membros devido ao caminho que ele tem percorrido, e sujo com a poeira da estrada, o viajante pergunta pelo nome daquele que dá alimento, e vai com esperança para sua casa. Adore a ele com atenção reverente, pois ele de fato é um convidado, e ele é um Brahmana. Os deuses com Indra em sua chefia o seguem conforme ele procede. E se ele é adorado, os deuses com Indra ficam gratificados, e se ele não é adorado, os celestiais com seu chefe ficam desanimados. Portanto, ó tu principal dos reis, adore estes Brahmanas devidamente. Eu assim falei para ti sobre uma centena de assuntos. O que tu desejas ouvir de mim além disso?'

Yudhishthira disse, 'Ó mestre, tu és familiarizado com virtude e moralidade, e assim eu desejo repetidamente te ouvir enquanto tu falas sobre assuntos sagrados relacionados à virtude e moralidade.'

Markandeya disse, 'Ó rei, eu agora falarei sobre outro assunto sagrado concernente a interesses eternos e capaz de purificar todos os pecados. Escute com atenção absorta. Ó tu principal dos Bharatas, o mérito igual àquele de doar

uma vaca Kapila (no tirtha chamado) Jyeshtha-Pushkara resulta de lavar os pés de Brahmanas. Enquanto o solo permanecer molhado com a água que um Brahmana toucou com seus pés, os Pitris bebem água de xícaras feitas de folhas de lótus. Se o convidado é bem recebido (com perguntas sobre seu bem-estar), as divindades do fogo ficam contentes; e se a ele é oferecido um assento, é o deus de cem sacrifícios que é gratificado. Se seus pés são lavados, são os Pitris que são alegrados; e se ele é alimentado é Prajapati quem é agradado. Uma pessoa com alma controlada deve dar uma vaca quando (durante suas dores do parto) os pés e a cabeça de seu bezerro são visíveis, antes que seu parto esteja completo. Uma vaca com seu bezerro no ar rumo a cair do útero ao solo é para ser considerada como igual à própria terra. Aquele, portanto, que doa tal vaca colhe o mérito doar a terra. E aquele que doa semelhante vaca é adorado no céu por tantos milhares de Yugas quando as cerdas que há nos corpos do animal e de seu filhote juntos. E, ó Bharata, aquele que tendo aceitado uma coisa em doação a dá imediatamente para uma pessoa que é virtuosa e honesta, colhe mérito muito grande. Sem dúvida, ele colhe o fruto da doar a terra inteira até seus limites máximos e com seus oceanos e mares e cavernas, suas montanhas e florestas e bosques. Aquele Brahmana que come em silêncio de um prato, mantendo suas mãos entre seus joelhos, consegue salvar outros. E aqueles Brahmanas que se abstém de bebida e que nunca são citados por outros como tendo quaisquer defeitos e que lêem os Samhitas diariamente, são capazes de salvar outros. Libações de manteiga e oferendas comestíveis devem ser todas oferecidas para um Brahmana que é instruído nos Vedas. E como libações de manteiga clarificada derramadas no fogo nunca são infrutíferas, assim doações para Brahmanas virtuosos versados nos Vedas nunca podem ser em vão. Os Brahmanas tem a ira como sua arma; eles nunca lutam com armas de ferro e aço. De fato os Brahmanas matam com raiva como Indra matando os Asuras com seu raio.'

Dessa maneira a preleção concernente à virtude e moralidade está agora terminada. Ouvindo isto, os Munis da floresta de Naimisha estavam cheios de deleite. E aqueles ascetas estavam também livres de aflição e raiva por escutá-la. E eles estavam também purgados de todos os seus pecados por consequência disto. E, ó rei, os seres humanos que a escutam ficam livres da obrigação do renascimento.'"

"Yudhishthira disse, 'Ó tu de grande sabedoria, qual purificação há pela qual um Brahmana pode sempre se manter puro? Eu desejo ouvir sobre isto de ti, ó principal de todos os homens virtuosos!'"

"Markandeya respondeu, 'Há três espécies de pureza, isto é, pureza em palavras, pureza em ações, e pureza obtida pelo uso de água. Aquele que recorre a estes três diferentes tipos de pureza, alcança, sem dúvida, o céu. Aquele Brahmana que adora a deusa Sandhya de manhã e à noite, e que recita meditativamente a deusa sagrada Gayatri que é a mãe dos Vedas, santificado pela última, é libertado de todos os seus pecados. Mesmo que ele aceite em doação a terra inteira com seus oceanos, ele, por causa disso, não sofre a mínima tristeza. E aqueles corpos celestes no céu incluindo o sol que pode ser inauspicioso e hostil em direção a ele logo se torna auspicioso e favorável para

com ele por causa destes atos dele, enquanto aquelas estrelas que são propícias e favoráveis se tornam mais propícias e mais favoráveis por consequência de tal conduta dele. E Rakshasas terríveis que subsistem de comida animal, ou gigantescos e de aparência feroz, todos se tornam incapazes de prevalecer sobre um Brahmana que pratica estas purificações. Os Brahmanas são assim como fogos ardentes. Eles não incorrem em erro em consequência do ensino, de oficiar em sacrifícios, e de aceitar doações de outros. Se o Brahmana for conhecedor dos Vedas ou ignorante deles, se eles forem puros ou impuros, eles nunca devem ser insultados, pois Brahmanas são como fogos. Como o fogo que resplandece no local reservado para a cremação dos mortos nunca é considerado impuro por causa disso, assim o Brahmana, seja ele erudito ou ignorante, é sempre puro. Ele é formidável e um verdadeiro deus! Cidades que são adornadas com paredes e portões e palácios uns depois dos outros perdem sua beleza se elas forem desprovidas de Brahmanas. É uma cidade, de fato, ó rei, aquela onde Brahmanas versados nos Vedas, cumprindo devidamente os deveres da sua classe e possuidores de erudição e mérito ascético, residem. Ó filho de Pritha, aquele local, seja ele uma floresta ou terra de pastagem, onde Brahmanas eruditos residem, é chamado de uma cidade. E aquele local, ó rei, se torna um tirtha também. Por se aproximar de um rei que oferece proteção, como também de um Brahmana possuidor de mérito ascético, e por oferecer adoração a ambos, um homem pode purgar seus pecados imediatamente. Os eruditos dizem que abluções nos tirthas sagrados, recitação dos nomes dos santos, e conversa com os bons e virtuosos, são todos atos dignos de louvor. Aqueles que são virtuosos e honestos sempre se consideram como santificados pela companhia santa de pessoas como eles mesmos e pela água da conversa pura e sagrada. Carregar três bastões, o voto de silêncio, cabelo emaranhado na cabeça, raspar a cabeça, cobrir o próprio corpo com cascas de árvores e camurças, a prática de votos, abluções, o culto do fogo, residência nas florestas, emaciação do corpo, todos estes são inúteis se o coração não for puro. A indulgência dos seis sentidos é fácil, se a pureza não for procurada no objeto de prazer. Abstinência, no entanto, a qual em si mesma é difícil, raramente é fácil sem pureza dos objetos de prazer. Ó rei de reis, entre os seis sentidos, só a mente que é facilmente movida é o mais perigoso! Aquelas pessoas de grande alma que não cometem pecados em palavras, atos, coração e alma, são citadas como praticando austeridades ascéticas, e não aquelas que permitem que seus corpos sejam consumidos por jejuns e penitências. Aquele que não tem sentimento de bondade por parentes não pode ser liberto do pecado mesmo que seu corpo seja puro. Aquela sua desumanidade é o inimigo do seu ascetismo. Ascetismo, além disso, não é mera abstinência dos prazeres do mundo. Aquele que é sempre puro e decorado com virtude, aquele que pratica bondade toda sua vida, é um Muni mesmo que ele possa levar uma vida familiar. Tal homem é purgado de todos os seus pecados. Jejuns e outras penitências não podem destruir pecados, embora eles possam enfraquecer muito e secar o corpo que é feito de carne e sangue. O homem cujo coração é sem santidade, sofre tortura somente por praticar penitências em ignorância do seu significado. Ele nunca é liberto dos pecados por tais ações. O fogo que ele cultua não consome seus pecados. É por causa da santidade e virtude somente que homens alcançam regiões de bem aventurança, e jejuns e votos se tornam eficazes. Subsistência de

frutas e raízes, o voto de silêncio, viver do ar, raspar a cabeça, abandono de um lar fixo, o uso de madeixas emaranhadas na cabeça, deitar sob o abrigo do céu, jejuns diários, o culto do fogo, imersão em água, e deitar sobre o solo nu, só estes não podem produzir semelhante resultado. Somente aqueles que são possuidores de santidade conseguem, por conhecimento e ações, conquistar doença, decrepitude e morte, e alcançar uma posição elevada. Como sementes que foram chamuscadas por fogo não germinam, assim as dores que foram queimadas pelo conhecimento não podem afetar a alma. Este corpo inerte que é somente como um bloco de madeira quando desprovido de alma, é, sem dúvida, de vida curta como espuma no oceano. Aquele que obtém uma visão de sua alma, a alma que reside em todo corpo, pela ajuda de uma ou metade de uma linha rítmica (dos Vedas), não tem mais necessidade de qualquer coisa. Alguns obtendo o conhecimento da identidade com a Alma Suprema somente por duas letras (dos Vedas) e alguns por centenas e milhares de linhas rítmicas, alcançam salvação, pois o conhecimento da própria identidade com a Alma Suprema é a indicação indubitável de salvação. Os homens de antigamente, eminentes por seu conhecimento, disseram que nem este mundo nem o (mundo) futuro nem felicidade podem ser daquele que é perturbado por dúvidas. E convicção da própria identidade com a Alma Suprema é a indicação de salvação. Aquele que conhece o sentido verdadeiro dos Vedas compreende seu uso verdadeiro. Tal homem é assustado pelo ritual Védico como um homem à visão de um incêndio florestal. Abandonando discussão improdutiva, recorra a Sruti e Smriti, e procure, com a ajuda do teu raciocínio, o conhecimento do Único Imperecível que é sem um segundo. A busca de alguém (por este conhecimento) se torna inútil por imperfeição dos meios. Portanto, uma pessoa deve se esforçar cuidadosamente para obter aquele conhecimento pela ajuda dos Vedas. Os Vedas são a Alma Suprema; eles são Seu corpo; eles são a Verdade. A alma que é limitada pelo organismo animal é incompetente para conhecer Aquele em quem todos os Vedas imergem. Aquela Alma Suprema, no entanto, é capaz de ser conhecida pelo intelecto puro. A existência dos deuses como afirmada nos Vedas, a eficácia das ações, e a capacidade para a ação de seres providos com corpos, são evidentes em todo Yuga. Independência destes e aniquilação devem ser procurados por pureza dos sentidos. Portanto, a suspensão da função dos sentidos é o jejum verdadeiro. Uma pessoa pode alcançar o céu pelo ascetismo, ela pode obter objetos de prazer pela prática da caridade e pode ter seus pecados purgados por meio de abluções em tirthas. Mas a emancipação completa não pode ser tida exceto pelo conhecimento.'"

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado, ó grande rei, pelo Rishi, Yudhishthira de grande fama então disse, 'Ó santo, eu desejo escutar às regras acerca daquela caridade que é meritória.'"

"Markandeya disse, 'Ó grande rei, ó Yudhishthira, as regras sobre caridade as quais tu desejas ouvir de mim são sempre muito consideradas por mim. Escute agora aos mistérios da caridade como explicados no Sruti e Smritis! Um homem que realiza um Sraddha na conjunção chamada Gajacchaya em um lugar que é abanado pelas folhas da árvore Aswattha desfruta dos resultados disso, ó

Yudhishthira, por cem mil kalpas. Ó rei, aquele que erige um Dharmasala e estabelece lá uma pessoa para cuidar de todos os que chegam, é coroado com os méritos de todos os sacrifícios. Aquele que doa um cavalo em um tirtha onde a correnteza do rio corre em uma direção oposta ao seu curso usual, colhe mérito que é inesgotável. O convidado que chega na casa de alguém em busca de alimento é nenhum outro além do próprio Indra. Se ele é regalado com alimento, o próprio Indra confere (ao anfitrião) o melhor mérito que é inesgotável. Como homens atravessam mares por meio de barcos, assim os doadores acima mencionados são salvos de todos os seus pecados. E assim o que é dado para Brahmanas produz, como doação de coalhos, méritos inesgotáveis. Uma doação em lunações específicas produz mérito que é duas vezes o tanto de uma doação em outros dias. Aquela em uma estação específica produz mérito dez vezes maior do que em outras estações. Aquela em um ano específico produz mérito cem vezes maior do que em outros anos. E por fim, uma doação no último dia do último mês do ano produz mérito que é inesgotável. Uma doação também que é feita enquanto o Sol está nos pontos solsticiais, uma além disso que é feita no último dia do caminho do Sol por Libra, Áries, Gêmeos, Virgem, e Peixes, uma doação também durante eclipses da Lua e do Sol, produz mérito que é inesgotável. Os eruditos dizem também que doações feitas durante as estações produzem mérito que é dez vezes; aquelas feitas durante a mudança de estações, cem vezes; e aquelas feitas durante os dias quando Rahu está visível, mil vezes maior do que o que é produzido por doações em outra época; enquanto uma doação feita no último dia da passagem do Sol por Libra e Áries produz mérito que não conhece diminuição. Ó rei, ninguém pode desfrutar de posses de terra a menos que ele doe terra, e ninguém pode andar em carros e veículos a menos que ele doe estes. De fato, uma pessoa no renascimento obtém a realização de quaisquer objetivos que ela tenha em vista no momento de fazer uma doação para um Brahmana. O ouro surgiu do Fogo; a Terra de Vishnu; e as vacas do Sol. Aquele, portanto, que doa ouro, terra, e vacas alcança todas as regiões de Agni, Vishnu, e do Sol. Não há nada tão eterno quanto uma doação. Onde, portanto, nos três mundos há alguma coisa que seja mais auspiciosa? É por isto, ó rei, que aqueles que tem grande inteligência dizem que não há nada mais elevado e grandioso nos três mundos do que a caridade!'"

200

Vaisampayana disse, "Tendo, ó grande rei, ouvido do ilustre Markandeya a história da obtenção do céu pelo sábio real Indradyumna, Yudhishthira, aquele touro da raça Bharata, questionou novamente aquele Muni impecável dotado de grande mérito ascético e vida longa, dizendo, 'Tu conheces, ó virtuoso, a hoste inteira dos deuses, dos Danavas, e dos Rakshasas. Tu estás familiarizado também com várias genealogias reais e muitas linhagens eternas de Rishis! Ó melhor dos Brahmanas, não há nada neste mundo que tu não saibas! Tu conheces também, ó Muni, muitas histórias encantadoras sobre homens, Cobras e Rakshasas; sobre deuses, Gandharvas, e Yakshas, e sobre Kinnaras e Apsaras! Eu desejo agora saber de ti, ó melhor de Brahmanas, por que Kuvalaswa, aquele

rei invicto da linhagem de Ikshavaku mudou seu nome, assumindo outro, isto é, Dhundhumara. Ó tu melhor da linhagem Bhrigu, eu desejo saber em detalhes por que o nome de Kuvalaswa de grande inteligência sofreu tal mudança!'"

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado por Yudhishthira, o grande Muni Markandeya, ó Bharata, então começou (a contar) a história de Dhundhumara!

Markandeya disse, 'Ó nobre Yudhishthira, ouça-me, eu te contarei tudo! A história de Dhundhumara é uma (história) moral. Escute-a então! Ouça agora, ó rei, à história de como o rei Kuvalaswa da linhagem de Ikshvaku veio a ser conhecido como Dhundhumara. Ó filho, ó Bharata, havia um Rishi célebre de nome Utanka e, ó tu da raça Kuru, Utanka tinha seu eremitério em uma selva encantadora. E, ó grande rei, o Rishi Utanka praticava austeridades ascéticas do tipo mais rígido e o senhor Utanka praticou aquelas penitências por inúmeros anos com o objetivo de obter os favores de Vishnu, e satisfeito com suas penitências aquele Senhor ilustre se apresentou perante Utanka. E vendo aquela Divindade, o Rishi com toda humildade começou a gratificá-lo com muitos hinos, e Utanka disse, 'Ó tu de grande resplendor, todas as criaturas com os deuses, Asuras e seres humanos, todas as coisas que são móveis ou imóveis, até o próprio Brahma, os Vedas, e todas as coisas que podem ser conhecidas, ó senhor, foram criadas por ti! O firmamento é a tua cabeça, ó deus, e o sol e a lua são teus olhos! E, ó Imperecível, os ventos são tua respiração e o fogo tua energia! As direções do horizonte constituem teus braços e o grande oceano teu estômago! E, ó deus, as colinas e montanhas constituem tuas coxas e o céu teus quadris, ó matador de Madhu! A terra constitui teus pés, e as plantas as cerdas no teu corpo. E, ó senhor, Indra e Soma e Agni e Varuna, de fato todos os deuses, os Asuras e as grandes Cobras todos te servem com humildade, te adorando com vários hinos! Ó Senhor do Universo, as coisas criadas são permeadas por ti. Os grandes Rishis de energia sublime e sempre imersos em meditação ascética sempre te veneram. Quando tu estás satisfeito o universo está em paz. E quando tu estás zangado, o terror permeia todas as almas. Tu és, ó Senhor, o grande dissipador de todos os terrores e tu és o Único Ser Masculino Supremo! Tu és a causa da felicidade de ambos: deuses e seres humanos! E, ó Senhor, por três passos teus tu cobriste os três mundos! E foi por ti que Asuras no auge de seu poder foram destruídos! É devido à tua destreza, ó Deus, que os celestiais obtiveram paz e felicidade e, ó tu de grande resplendor, foi a (tua) raiva que destruiu centenas de grandes chefes Daitya. Tu és o Criador e o Destruidor de todas as criaturas no mundo. É por te adorar que os deuses tem obtido felicidade.' Foi assim, ó Yudhishthira, que o Utanka de grande alma louvou o Senhor dos sentidos. E Vishnu, portanto, disse para Utanka, 'Eu estou satisfeito contigo. Peça a bênção que tu desejas.' E Utanka disse, 'Esta, de fato, é uma grande bênção para mim, que eu tenha podido contemplar Hari, aquele Ser eterno, aquele Criador divino, aquele Senhor do universo!' Assim endereçado Vishnu disse, 'Eu estou satisfeito com esta ausência de todos os desejos da tua parte e com tua devoção, ó tu melhor dos homens! Mas, ó Brahmana, ó regenerado, tu com certeza deves aceitar algum benefício de mim!' Assim requisitado por Hari para aceitar um benefício Utanka então, ó tu melhor dos Bharatas, com mãos unidas pediu um benefício dizendo, 'Ó ilustre, ó

tu de olhos como folhas de lótus, se tu estás satisfeito comigo, então que meu coração sempre se apóie na virtude, verdade, e auto-contentamento. E, ó Senhor, que meu coração sempre se dirija a ti em devoção.' E ouvindo essas palavras de Utanka, o santo disse, 'Ó regenerado, tudo isso acontecerá para ti através da minha graça. E também surgirá em ti um poder yogue dotado do qual tu realizarás uma coisa grandiosa para os habitantes do Céu, como também para o mundo triplo. Agora mesmo um grande Asura de nome Dhundhu está praticando penitências ascéticas de austeridade feroz com o objetivo de destruir o mundo triplo. Saiba agora quem matará aquele Asura. Ó filho, surgirá um rei de energia invencível e grande coragem e ele nascerá na linhagem de Ikshvaku e será conhecido pelo nome de Vrihadaswa, que terá um filho de nome Kuvalaswa dotado de grande santidade e autocontrole e celebridade. E aquele melhor dos reis será provido de poder yogue originado de mim e incitado e recomendado por ti, ó Rishi regenerado, aquele rei será o matador do Asura Dhundhu.' E tendo dito essas palavras para aquele Brahmana, Vishnu desapareceu."

201

Markandeya disse, "Ó rei, depois da morte de Ikshvaku, um rei muito virtuoso de nome Sasada, ascendendo ao trono de Ayodhya, governou esta terra. E de Sasada descendeu Kakutstha de grande energia. E Kakutshta teve um filho de nome Anenas. E Anenas teve um filho chamado Prithu e Prithu teve um filho chamado Viswagaswa e de Viswagaswa nasceu Adri e de Adri nasceu Yuvanaswa e de Yuvanaswa nasceu Sravastha e foi por Sravastha que a cidade chamada Sravasthi foi construída, e de Sravastha descendeu Vrihadaswa e de Vrihadaswa nasceu Kuvalaswa e Kuvalaswa teve vinte e um mil filhos e todos aqueles filhos eram impetuosos e poderosos e hábeis em erudição. E Kuvalaswa sobrepujou seu pai em todas as qualidades. E quando chegou o momento, seu pai Vrihadaswa instalou a ele, aquele corajoso e muito virtuoso Kuvalaswa, no trono. E tendo assim transferido a dignidade real para seu filho, aquele matador de inimigos, o rei Vrihadaswa de grande inteligência se retirou às florestas para ascetismo."

"Markandeya continuou, 'Ó rei, quando o sábio real Vrihadaswa estava prestes a se retirar para as florestas, aquele melhor dos Brahmanas, Utanka, soube disto. E Utanka que era possuidor de grande energia e alma incomensurável se aproximou daquele principal de todos os manejadores de armas e melhor dos homens. E se aproximando dele, os Rishis começaram o persuadi-lo para desistir do ascetismo. E Utanka disse, 'Ó rei, proteger (o povo) é teu dever. Cabe a ti cumprir este teu dever. Que nós sejamos libertos de toda ansiedade pela tua graça. Possuidor como tu és de uma grande alma, protegida por ti, a terra será libertada de todos os perigos. Portanto, não cabe a ti retirar-te para as florestas. Grande mérito se vincula à ação de proteger pessoas neste mundo. Mérito semelhante nunca pode ser obtido nas florestas. Não deixe teu coração, portanto, ir para esta direção. O mérito, grande rei, que foi obtido antigamente por grandes sábios reais por protegerem seus súditos era tão grande que nada igual a isto

podia ser visto. O rei deve sempre proteger seus súditos. Cabe a ti, portanto, proteger teu povo. Ó senhor da terra, eu não posso (no momento) realizar minhas devoções ascéticas pacificamente. Perto do meu retiro há um mar de areias conhecido pelo nome de Ujjalaka. E ele ocupa um país plano e é sem qualquer água. E ele se estende por muitos yojanas em comprimento e largura e naquele deserto mora um chefe dos Danavas chamado pelo nome de Dhundhu. E Dhundhu é o filho de Madhu e Kaitabha, e é feroz e terrível e possuidor de grande bravura. E dotado de energia imensurável, aquele Danava, ó rei, mora sob o solo, e, ó rei, cabe a ti retirar-te para as florestas tendo primeiro matado aquele Asura. Aquele Asura está agora deitado imóvel no cumprimento de uma penitência ascética de grande austeridade e, ó rei, o objetivo que ele tem em vista é a soberania sobre os celestiais como também dos três mundos. E, ó rei, tendo obtido um benefício do Avô de todas as criaturas, aquele Asura se tornou incapaz de ser morto pelos deuses e Daityas e Rakshasas e Gandharvas. Mate-o no entanto, ó rei, e sejas abençoado e não deixe teu coração se dirigir para alguma outra direção. Por matares a ele tu sem dúvida realizarás uma coisa formidável e tu também obterás fama eterna e imperecível. E ó rei, quando no fim de todo ano aquele Asura pecaminoso deitado coberto com areias acorda e começa a respirar, então a terra inteira com suas montanhas, florestas e bosques começa a tremer. E sua respiração ergue nuvens de areias, e esconde o próprio sol, e por sete dias a terra treme continuamente por todos os lados, e faíscas e chamas de fogo misturadas com fumaça se espalham muito longe em volta e por tudo isso, ó rei, eu não posso descansar em paz no meu retiro. Mate-o, ó rei, para o bem do mundo. De fato, quando aquele Asura estiver morto o mundo triplo estará em paz e felicidade. Tu és competente, ó rei, para matar aquele Asura, eu creio plenamente. Tua energia será aumentada por Vishnu com a adição da sua própria. Antigamente, ó rei, Vishnu deu esta bênção que o rei que deveria matar este Asura feroz e violento seria permeado pela energia invencível do próprio Vishnu. Levando aquela energia Vaishnava invencível em ti mesmo, mate, ó grande rei, aquele Daitya de bravura ardente. Como Dhundhu é possuidor de energia poderosa, ninguém, ó rei, que seja dotado de pouca energia em si mesmo seria capaz de destruí-lo, mesmo que ele se esforçasse por uma centena de anos.'"

202

"Markandeya disse, 'Assim endereçado por Utanka, aquele sábio real invencível, com mãos unidas, ó tu principal da raça Kuru, respondeu para Utanka, dizendo, 'Esta tua visita, ó Brahmana, não será em vão. Este meu filho, ó santo, conhecido pelo nome de Kuvalaswa é dotado de firmeza e energia. Em coragem também ele é inigualável sobre a terra. Sem dúvida ele realizará tudo isso que é agradável para ti, ajudado por todos os seus filhos valentes dotados de braços semelhantes a maças de ferro. Dê-me permissão para me retirar, ó Brahmana, pois eu agora abandonei minhas armas.' Assim endereçado pelo rei, aquele Muni de energia incomensurável respondeu para ele dizendo, 'Assim seja.' E o sábio real Vrihadaswa então, tendo recomendado seu filho para obedecer a ordem de

Utanka de grande alma dizendo, 'Que isto seja feito por ti,' se retirou para uma floresta excelente.'

Yudhishthira disse, 'Ó santo, ó tu possuidor da riqueza de ascetismo, quem era aquele Daitya de grande energia? Ele era filho de quem e neto de quem? Eu desejo saber tudo isso; ó tu possuidor da riqueza de ascetismo, eu nunca ouvi sobre este Daitya poderoso antes. Eu desejo saber tudo isto realmente, ó santo, e com todos os pormenores em detalhes, ó tu de grande sabedoria e riqueza ascética!'"

"Markandeya disse, 'Ó monarca, saiba como tudo aconteceu, ó soberano de homens, enquanto eu narro os detalhes realmente, ó tu de grande sabedoria! Quando o mundo se tornou uma vasta extensão de água e as criaturas móveis e imóveis tinham sido destruídas, quando, ó touro da raça Bharata, a criação inteira teve seu fim, Ele que é a Fonte e Criador do Universo, o Eterno e Imperecível Vishnu, Ele que é chamado por Munis coroados com êxito ascético como o Senhor Supremo do Universo, aquele Ser de grande santidade, então se deitou em sono de Yoga sobre o capelo amplo da Cobra Sesha de energia incomensurável, e o Criador do Universo, o altamente abençoado e santo Hari, que não conhece deterioração, deitou-se sobre o capelo daquela Cobra que cerca a Terra inteira e quando a Divindade deitou-se adormecida sobre aquele leito, um lótus, dotado de grande beleza e refulgência igual àquela do Sol, surgiu de seu umbigo. E daquele lótus possuidor de refulgência semelhante àquela do Sol surgiu o Avô Brahma, aquele senhor dos mundos que é os quatro Vedas, que tem quatro formas e quatro faces, que é invencível por consequência da sua própria energia e que é dotado de força imensa e grande destreza. E quando o Senhor Hari de forma maravilhosa, possuidor de grande brilho e enfeitado com uma coroa e a jóia Kaustubha e vestido em seda roxa deitou-se esticado por muitos yojanas naquele leito excelente provido pelo capelo da própria cobra, ela mesma se estendendo muito longe e amplamente, resplandecendo, ó rei, em sua beleza e o brilho do seu próprio corpo como mil Sóis concentrados em uma massa, Ele foi visto algum tempo depois por dois Danavas de grande coragem chamados Madhu e Kaitabha, e vendo Hari (naquela postura) e o Avô com olhos como folhas de lótus sentado sobre aquele lótus, ambos, Madhu e Kaitabha, vaguearam muito e eles começaram a apavorar e alarmar Brahma de destreza incomensurável, e o ilustre Brahma alarmado por seus esforços contínuos tremeu em seu assento, e por causa do seu tremor o caule do lótus no qual ele estava sentado começou a tremer, e quando o talo de lótus tremeu, Kesava despertou. E despertado de seu sono, Govinda viu aqueles Danavas de energia poderosa, e vendo-os a Divindade disse para eles, 'Bem vindos, ó poderosos! Eu estou satisfeito com vocês! Portanto, eu lhes concederei benefícios excelentes!' E então ambos aqueles Danavas orgulhosos e poderosos, ó rei, dando risada responderam para Hrishikesa, dizendo, 'Peça benefícios de nós, ó Divino! Ó tu que és a Divindade Suprema, nós estamos dispostos a te conceder um benefício. De fato, nós te concederemos um benefício! Portanto, peça de nós qualquer coisa que venha à tua mente.' Assim endereçado por eles o santo falou, 'Ó valentes, eu aceitarei um benefício de vocês. Há um benefício que eu desejo. Vocês dois são possuidores

de energia poderosa. Não há ser masculino semelhante a algum de vocês. Ó vocês de coragem imbatível, submetam-se a serem mortos por mim. Isto mesmo é o que eu desejo realizar para o bem do mundo.' Ouvindo estas palavras da Divindade, ambos Madhu e Kaitabha disseram, 'Nós nunca antes falamos uma mentira; não, nem de brincadeira; o que nós diremos de outras ocasiões? Ó tu principal dos Seres masculinos, saiba que nós sempre fomos firmes em verdade e moralidade. Em força, em formas, em beleza, em virtude, em ascetismo, em caridade, em comportamento, em bondade, em autocontrole, não há ninguém que seja igual a um de nós. Um grande perigo, ó Kesava, se aproximou de nós. Realize, portanto, o que tu disseste. Ninguém pode prevalecer sobre o Tempo. Mas, ó Senhor, há uma coisa que nós desejamos que seja feita por ti. Ó tu melhor e principal de todas as Divindades, tu deves nos matar em um local que esteja absolutamente descoberto. E, ó tu de olhos excelentes, nós também desejamos nos tornar teus filhos. Saiba que este é o benefício que nós desejamos, ó chefe dos deuses! Ó Divindade, que não seja falso aquilo que tu nos prometeste a princípio.' O Santo então respondeu para eles dizendo, 'Sim, eu farei como vocês desejam. Tudo será como vocês desejam!'"

"Markandeya continuou, 'Então Govinda começou a refletir, mas ele não encontrou espaço descoberto, e quando ele não pode descobrir algum lugar que estivesse descoberto na terra ou no céu, aquela Divindade principal então viu que suas coxas estavam absolutamente descobertas. E lá, ó rei, a Divindade ilustre cortou as cabeças de Madhu e Kaitabha com seu disco de gume afiado!'"

203

"Markandeya disse, 'O ilustre Dhundhu, ó rei, era o filho de Madhu e Kaitabha, e possuidor de grande energia e coragem, ele praticou penitências ascéticas de grande austeridade e ele permaneceu ereto sobre uma perna e reduziu seu corpo a uma massa só de veias e artérias, e Brahma, satisfeito com ele, lhe deu um benefício. E o benefício que ele pediu do senhor Prajapati estava nestas palavras, 'Que ninguém entre os deuses, os Danavas, os Rakshasas, as Cobras, os Gandharvas e os Rakshasas seja capaz de me matar. Este mesmo é o benefício que eu peço de ti.' E o Avô respondeu para ele dizendo, 'Que seja como tu desejas. Siga teu caminho.' E assim endereçado pelo Avô, o Danava colocou os pés da Divindade em sua cabeça e tendo assim tocado com reverência os pés da Divindade ele foi embora. E possuidor de energia e coragem imensas, Dhundhu, tendo obtido o benefício, se aproximou rapidamente de Vishnu lembrando-se da morte de seu pai nas mãos daquela Divindade, e o colérico Dhundhu tendo derrotado os deuses com os Gandharvas começou a afligir todos os celestiais com Vishnu em sua liderança. E finalmente, ó touro da raça Bharata, aquele Asura de alma pecaminosa chegando em um mar de areias conhecido pelo nome de Ujjalaka, começou a afligir ao máximo de seu poder o retiro de Utanka. E dotado de energia ardente, Dhundhu, o filho de Madhu e Kaitabha, deitou-se em sua caverna subterrânea sob as areias na observância de austeridades ascéticas

ardentes e severas com o objetivo de destruir o mundo triplo, e enquanto o Asura deitava respirando perto do retiro de Utanka, aquele Rishi possuidor do esplendor do fogo, o rei Kualaswa com suas tropas, acompanhado pelo Brahmana Utanka, como também por todos os seus filhos partiu para aquela região, ó touro da raça Bharata! E depois que aquele opressor de inimigos, o nobre Kuvalaswa, tinha partido, acompanhado por seus vinte e um mil filhos todos os quais eram extremamente poderosos, o ilustre Senhor Vishnu encheu-o com sua própria energia por ordem de Utanka e impelido pelo desejo de beneficiar o mundo triplo, e enquanto aquele herói invencível estava procedendo em seu caminho uma voz alta foi ouvida no céu repetindo as palavras, 'Este afortunado e que não pode ser morto se tornará o destruidor de Dhundhu hoje.' E os deuses começaram a derramar flores celestes sobre ele. E os timbales celestes começaram a soar sua música embora ninguém os tocasse. E durante a marcha daquele sábio brisas frescas começaram a soprar e o chefe dos celestiais derramou chuvas suaves molhando a poeira das estradas e, ó Yudhishthira, os carros dos celestiais podiam ser vistos no alto acima do local onde o poderoso Asura Dhundhu estava. Os deuses e Gandharvas e grandes Rishis incitados pela curiosidade foram lá para ver o combate entre Dhundhu e Kuvalaswa e, ó tu da raça Kuru, enchido por Narayana com sua própria energia, o rei Kuvalaswa, ajudado por seus filhos, logo cercou aquele mar de areias e o rei ordenou que aquele deserto fosse escavado. E depois que os filhos do rei tinham escavado aquele mar de areias por sete dias eles puderam ver o poderoso Asura Dhundhu. E, ó touro da raça Bharata, o corpo enorme daquele Asura jazia dentro daquelas areias, refulgente em sua própria energia como o próprio Sol. E Dhundhu, ó rei, estava deitado cobrindo a região oeste do deserto e cercado por todos os lados pelos filhos de Kuvalaswa. O Danava foi atacado com flechas de pontas afiadas e maças e clavas pesadas e curtas e machados e cassetetes, com pontas de ferro e dardos e espadas brilhantes e de gume afiado, e assim atacado, o Danava poderoso se levantou em cólera de sua postura deitada. E enfurecido, o Asura começou a engolir aquelas várias armas que eram arremessadas nele e ele vomitou de sua boca chamas ardentes como aquelas do fogo chamado Samvarta que aparece no fim do Yuga, e por meio daquelas chamas dele o Asura consumiu todos os filhos do rei e, ó tigre entre homens, como o Senhor Kapila antigamente consumindo o filhos do rei Sagara, o Asura enfurecido oprimindo o mundo triplo com as chamas vomitadas de sua boca realizou aquela façanha extraordinária em um instante. E, ó tu melhor dos Bharatas, quando aqueles filhos de rei Kuvalaswa foram consumidos pelo fogo emitido pelo Asura em cólera, o monarca, possuidor como ele era de grande energia, então se aproximou do Danava que, semelhante a um segundo Kumbhakarna de energia poderosa, tinha vindo para o combate depois de acordar do seu sono. Do corpo do rei, ó monarca, então começou a fluir uma corrente forte e abundante de água, e aquela corrente logo extinguiu, ó rei, as chamas ardentes emitidas pelo Asura. E, ó grande rei, o nobre Kuvalaswa, cheio com força de Yoga, tendo extinguido aquelas chamas por meio da água que emanou de seu corpo, destruiu aquele Daitya de bravura perversa com a arma célebre chamada Brahma para livrar o mundo triplo de seus medos, e o sábio real Kuvalaswa, tendo destruído aquele grande Asura, aquele inimigo dos celestiais e matador de todos os inimigos, por meio daquela arma, se tornou como um segundo chefe do mundo

triplo. E o rei Kuvalaswa de grande alma tendo matado o Asura Dhundhu se tornou desde aquele tempo conhecido pelo nome de Dhundhumara e desde aquela época ele veio a ser considerado como invencível em batalha, e os deuses e os grandes Rishis que tinham ido testemunhar aquele confronto estavam tão satisfeitos com ele que se dirigiram a ele dizendo, 'Peça um benefício de nós!' E assim solicitado pelos os deuses, o rei se curvou a eles e cheio de alegria disse a eles, com mãos unidas, estas palavras, 'Que eu seja sempre capaz de dar riqueza para Brahmanas superiores! Que eu seja invencível com relação a todos os inimigos! Que haja amizade entre eu mesmo e Vishnu! Que eu não tenha animosidade para com alguma criatura! Que meu coração sempre se dirija à virtude! E que eu (finalmente) more no céu para sempre!' E os deuses e os Rishis e Utanka, ouvindo isto, estavam muito satisfeitos e todos disseram, 'Que seja como tu desejas!' E, ó rei, tendo também o abençoado com muitas outras palavras, os deuses e os grandes Rishis então partiram para suas respectivas residências. E, ó Yudhishthira, depois da morte de todos os seus filhos, o rei Kuvalaswa tinha ainda três filhos restantes, e, ó tu da raça Bharata, eles se chamavam Dridaswa e Kapilaswa e Chandraswa. Foi deles, ó rei, que a linhagem ilustre de reis pertencentes à raça de Ikshvaku, todos possuidores de coragem incomensurável, surgiu.

Foi assim, ó melhor dos reis, que aquele grande Daitya de nome Dhundhu, o filho de Madhu e Kaitabha, foi morto por Kuvalaswa e foi por isso também que aquele rei veio a ser chamado pelo nome de Dhundhumara. E de fato, o nome que ele assumiu não era vão, mas era literalmente verdadeiro.

Eu agora te disse tudo o que tu me perguntaste, isto é, tudo acerca daquela pessoa por consequência de cujo ato a história da morte de Dhundhu se tornou famosa. Aquele que ouve esta história sagrada ligada com a glória de Vishnu se torna virtuoso e obtém filhos. Por escutar a esta história em lunações específicas uma pessoa vem a ser abençoada com vida longa e grande prosperidade. E livre de toda ansiedade ela cessa de ter qualquer medo de doenças."

204

Vaisampayana disse, "Ó tu principal da raça Bharata, o rei Yudhishthira então fez ao ilustre Markandeya uma pergunta difícil sobre moralidade, dizendo, 'Eu desejo saber, ó santo, acerca da virtude elevada e excelente das mulheres. Eu desejo ouvir de ti, ó Brahmana, palavras sobre as verdades sutis de moralidade. Ó Rishi regenerado, ó melhor dos homens, o Sol, a Lua, o Vento, a Terra, o Fogo, o pai, a mãe, o preceptor, estes e outros objetos ordenados pelos deuses, parecem para nós como Divindades incorporadas! Todos estes que são reverendos são dignos do nosso melhor respeito. Assim também é a mulher que venera um marido. O culto que esposas castas oferecem para seus maridos me parece ser repleto de grande dificuldade. Ó adorável, cabe a ti nos falar da virtude sublime e excelente de esposas castas, de esposas que reprimindo todos os seus sentidos e mantendo seus corações sob controle completo consideram seus maridos como

verdadeiros deuses. Ó santo e adorável, tudo isto me parece ser de realização extremamente difícil. Ó regenerado, o culto que filhos oferecem para suas mães e pais e que esposas oferecem para seus maridos, ambos me parecem ser muito difíceis. Eu não vejo alguma coisa que seja mais difícil do que a virtude rígida das mulheres castas. Ó Brahmana, os deveres que mulheres de bom comportamento cumprem com cuidado e o comportamento que é adotado por bons filhos em direção a seus pais e mães me parecem ser os mais difíceis de realização. Aquelas mulheres que são cada uma dedicada a somente um marido, aquelas que sempre falam a verdade, aquelas que passam por um período de gestação por dez meses completos; não há nada, ó Brahmana, que seja mais difícil do que o que é feito por elas. Ó venerável, as mulheres geram seus filhos com grande risco para si mesmas e grande dor e criam seus filhos, ó touro entre Brahmanas, com grande afeição! Aquelas pessoas também que estão sempre engajadas em atos de crueldade e por isso atraem sobre si ódio geral, que ainda assim conseguem cumprir seus deveres realizam o que, na minha opinião, é extremamente difícil. Ó regenerado, fale-me as verdades dos deveres da classe Kshatriya. É difícil, ó duas vezes nascido, para aqueles de grande alma obterem virtude pois pelos deveres da sua classe eles são obrigados a fazer o que é cruel. Ó santo, tu és capaz de responder a todas as questões; eu desejo te ouvir falar sobre tudo isso. Ó tu principal da linhagem de Bhrigu, eu desejo escutar a tudo isso, servindo-te respeitosamente, ó tu de votos excelentes!'"

"Markandeya disse, 'Ó tu principal da raça Bharata, eu te falarei sobre tudo isso realmente, embora tua pergunta seja difícil de responder. Ouça-me, portanto, enquanto eu te falo. Alguns consideram a mãe como superior e alguns o pai. É a mãe, no entanto, quem dá à luz e cria os filhos o que é mais difícil. Pais também, por penitências ascéticas, por culto aos deuses, por adorações endereçadas a eles, por suportarem frio e calor, por encantamentos e outros meios desejam ter filhos. E tendo por estes expedientes dolorosos obtido filhos que são tão difíceis de aquisição, eles então, ó herói, estão sempre ansiosos sobre o futuro de seus filhos e, ó Bharata, ambos, o pai e a mãe desejam ver em seus filhos fama e realização e prosperidade e descendência e virtude. É virtuoso aquele filho que realiza estas esperanças de seus pais. E, ó grande rei, aquele filho com quem o pai e a mãe estão satisfeitos alcança fama eterna e virtude eterna aqui e futuramente (ou seja, neste mundo e no outro). Com relação às mulheres além disso, nem sacrifícios nem sraddhas, nem jejuns são de alguma eficácia. Somente por servir seus maridos elas podem alcançar o céu. Ó rei, ó Yudhishthira, lembrando disto somente, escute com atenção aos deveres das mulheres castas.'"

205

"Markandeya disse, 'Havia, ó Bharata, um asceta virtuoso de nome Kausika, e dotado de riqueza de ascetismo e dedicado ao estudo dos Vedas ele era um Brahmana muito superior. E aquele melhor dos Brahmanas estudou todos os Vedas com os Angas e os Upanishads. Um dia ele estava recitando os Vedas no

pé de uma árvore, e naquele momento sentou-se lá sobre o topo daquela árvore um grou fêmea e aconteceu naquele momento do grou sujar o corpo do Brahmana, e vendo aquele grou o Brahmana ficou muito zangado e pensou em feri-lo, e quando o Brahmana lançou seus olhares zangados sobre o grou e pensou também em feri-lo ele caiu ao chão, e vendo o grou assim caído da árvore e insensível na morte, o Brahmana ficou muito comovido pela compaixão e o regenerado começou a lamentar pelo grou morto dizendo, 'Ai, eu fiz uma má ação, incitado por raiva e malícia!'"

"Markandeya continuou, 'Tendo repetido estas palavras muitas vezes, aquele Brahmana erudito entrou em uma aldeia para obter esmolas. E, ó touro da raça Bharata, no decorrer da sua ronda de mendicância entre as casas de pessoas de boa linhagem, o Brahmana entrou em uma casa que ele conhecia desde antes. E quando ele entrou na casa, ele disse, 'Dê'. E ele foi respondido por uma mulher com a palavra, 'Espere'. E enquanto a dona-de-casa estava engajada, ó rei, em limpar o recipiente do qual esmolas eram dadas, o marido dela, ó tu melhor dos Bharatas, de repente entrou na casa, muito afligido pela fome. A dona-de-casa casta viu seu marido e desconsiderando o Brahmana, deu para seu marido água para lavar seus pés e rosto e também um assento e depois disso a senhora de olhos negros, colocando diante de seu marido comida e bebida saborosas, permaneceu humildemente junto dele desejosa de atender a todas suas necessidades dele. E, ó Yudhishthira, aquela esposa obediente costumava comer todos os dias as sobras do prato de seu marido e, sempre se comportando em obediência aos desejos do marido, aquela senhora sempre o respeitava, e todos os afetos do seu coração se inclinaram em direção a ele. De comportamento variado e santo e habilidosa em todos os deveres domésticos e atenciosa com todos os seus parentes, ela sempre fazia o que era agradável e benéfico para seu marido e ela também, com sentidos absortos se encarregava do culto dos deuses e das necessidades de convidados e empregados e de sua sogra e sogro.

E enquanto a senhora de olhos belos ainda estava dedicada a servir seu marido, ela viu aquele Brahmana esperando pelas esmolas e o contemplando, ela se lembrou de que tinha pedido a ele para esperar. E se lembrando de tudo isso ela se sentiu envergonhada. E então aquela mulher casta possuidora de grande renome pegou alguma coisa como esmolas e saiu, ó tu principal dos Bharatas, para dá-la para aquele Brahmana. E quando ela chegou diante dele o Brahmana disse, 'Ó melhor das mulheres, ó abençoada, eu estou surpreso com a tua conduta! Tendo me pedido para esperar dizendo, 'Espere' tu não me despediste!'"

"Markandeya continuou, 'Ó senhor de homens, vendo aquele Brahmana cheio de ira e brilhando com sua energia, aquela mulher casta começou a conciliá-lo e disse, 'Ó erudito, cabe a ti me perdoar. Meu marido é meu deus supremo. Ele chegou faminto e cansado e estava sendo servido e cuidado por mim.' Ouvindo isso, o Brahmana disse, 'Para ti os Brahmanas não são dignos de consideração superior. Tu exaltas teu marido acima deles? Levando uma vida doméstica, tu desconsideras os Brahmanas? O próprio Indra se curva a eles, o que eu direi de homens sobre a terra? Mulher orgulhosa, tu não sabes, tu nunca ouviste que os Brahmanas são como fogo e podem consumir a terra inteira?' A estas palavras

daquele Brahmana a mulher respondeu, 'Eu não sou um grou fêmea, ó Rishi regenerado! Ó tu que és dotado de riqueza de ascetismo, abandone esta tua ira. Enfurecido como tu estás, o que tu podes fazer para mim com estes teus olhares enfurecidos? Eu não desrespeito Brahmanas. Dotados de grande energia de alma, eles são como os próprios deuses. Mas, ó impecável, esta minha falha cabe a ti perdoar. Eu conheço a energia e grande dignidade dos Brahmanas que são possuidores de sabedoria. As águas do oceano foram tornadas salobras e intragáveis pela cólera dos Brahmanas. Eu conheço também a energia de Munis de almas sob controle completo e dotados de mérito ascético resplandecente. O fogo da sua cólera até hoje não foi extinguido na floresta de Dandaka. Foi por ele ter desrespeitado os Brahmanas que o grande Asura, o pecaminoso Vatapi e de mente má foi digerido quando ele entrou em contato com Agastya. É sabido por nós que os poderes e méritos de Brahmanas de grande alma são formidáveis. Mas, ó Brahmana, como os regenerados de almas elevadas são grandiosos em cólera, assim eles são igualmente grandiosos em perdão. Portanto, ó impecável, cabe a ti me perdoar na questão desta minha ofensa. Ó Brahmana, meu coração se inclina àquele mérito o qual surge do serviço ao meu marido, pois eu considero meu marido como o mais sublime entre todos os deuses. Ó melhor dos Brahmanas, eu pratico aquela virtude que consiste em servir meu marido a quem eu considero como a maior Divindade. Veja, ó regenerado, o mérito que se vincula ao serviço de um marido! Eu sei que tu queimaste o grou fêmea com tua ira! Mas, ó melhor dos regenerados, a raiva que uma pessoa nutre é o maior dos inimigos que ela tem. Os deuses reconhecem como um Brahmana quem abandonou raiva e paixão. Os deuses reconhecem como um Brahmana quem sempre fala a verdade, quem sempre satisfaz seu preceptor, e quem, embora ele mesmo ofendido, nunca devolve a ofensa. Os deuses reconhecem como um Brahmana quem tem seus sentidos sob controle, quem é virtuoso e puro e dedicado ao estudo dos Vedas, e quem tem domínio sobre ira e luxúria. Os deuses reconhecem como um Brahmana quem, conhecedor da moralidade e dotado de energia mental, é tolerante em religião e considera todos iguais a si mesmo. Os deuses reconhecem como um Brahmana quem estuda ele mesmo e ensina outros, quem realiza sacrifícios ele mesmo e oficia nos sacrifícios de outros, e quem doa ao máximo de seus recursos. Os deuses reconhecem aquele touro entre os regenerados como um Brahmana quem, dotado de generosidade de alma, pratica o voto Brahmacharya e é devotado ao estudo, de fato quem é vigilantemente dedicado ao estudo dos Vedas. O que quer que conduza à felicidade dos Brahmanas é sempre recitado diante destes. Sempre tendo satisfação na verdade, os corações de tais homens nunca encontram alegria na falsidade. Ó melhor dos regenerados, é dito que o estudo dos Vedas, tranquilidade de alma, simplicidade de comportamento, e repressão dos sentidos constituem os deveres eternos do Brahmana. Aqueles conhecedores da virtude e moralidade dizem que veracidade e honestidade são as maiores virtudes. A virtude que é eterna é difícil de ser compreendida. Mas o que quer que ela seja, ela está baseada na verdade. Os antigos declararam que a virtude depende do sruti. Mas, ó principal dos regenerados, a virtude como explicada no sruti parece ser de várias espécies. Ela é, portanto, de compreensão sutil demais. Tu, ó santo, és conhecedor da virtude, puro, e dedicado ao estudo dos Vedas. Eu penso, no

entanto, ó santo, que tu não sabes o que a virtude é na verdade. Dirigindo-te à cidade de Mithila, pergunte lá para um caçador virtuoso, se de fato, ó regenerado, tu não estás realmente familiarizado com o que constitui a maior virtude. Vive lá em Mithila um caçador que é sincero e dedicado ao serviço de seus pais e que tem os sentidos sob controle completo. Ele mesmo te falará sobre virtude. Abençoado seja, ó melhor dos regenerados, se tu quiseres, dirija-te para lá. Ó impecável, cabe a ti me perdoar, se o que eu disse for desagradável, pois aqueles que estão desejosos de adquirir virtude são incapazes de ferir mulheres!'"

"A estas palavras da mulher casta o Brahmana respondeu, dizendo, 'Eu estou satisfeito contigo. Abençoada seja; minha raiva diminuiu, ó bela! As críticas proferidas por ti serão da maior vantagem para mim. Abençoada seja, eu agora partirei e realizarei o que é assim conducente, ó bela, ao meu benefício!'"

"Markandeya continuou, 'Despedido por ela, Kausika, aquele melhor dos regenerados, deixou a casa dela, e, repreendendo a si mesmo, voltou para sua própria residência.'"

206

"Markandeya disse, 'Refletindo constantemente sobre aquele discurso notável da mulher, Kausika começou a repreender a si mesmo e pareceu muito com uma pessoa culpada, e meditando sobre os caminhos sutis da moralidade e virtude, ele disse a si mesmo, 'Eu devo aceitar com reverência o que a senhora disse e devo, portanto, me dirigir para Mithila. Sem dúvida mora lá naquela cidade um caçador de alma sob controle completo e totalmente conhecedor dos mistérios da virtude e moralidade. Hoje mesmo eu irei até ele dotado de riqueza de ascetismo para perguntar a ele sobre virtude.' Sua fé nela estava assegurada por seu conhecimento da morte do grou e das palavras excelentes de significado virtuoso que ela tinha proferido. Kausika assim refletindo com reverência sobre tudo o que ela tinha dito partiu para Mithila, cheio de curiosidade. E ele atravessou muitas florestas e aldeias e cidades e finalmente alcançou Mithila que era governada por Janaka; e ele viu a cidade adornada com as bandeiras de vários credos. E ele contemplou aquela cidade bela ressoando com o barulho de sacrifícios e festas e provida de portões esplêndidos. Ela era cheia de residências suntuosas e protegida por muros em todos os lados; ela tinha muitas construções esplêndidas para ostentar. E aquela cidade encantadora estava também cheia com carros inumeráveis. E suas ruas e estradas eram muitas e bem planejadas e muitas delas eram enfileiradas com lojas. E ela estava cheia de cavalos e carros e elefantes e guerreiros. E todos os cidadãos tinham saúde e alegria e eles estavam sempre engajados em festividades. E tendo entrado naquela cidade, aquele Brahmana viu lá muitas outras coisas.

E lá o Brahmana perguntou sobre o caçador virtuoso e foi respondido por algumas pessoas duas vezes nascidas. E se dirigindo ao lugar indicado por aqueles regenerados o Brahmana viu o caçador sentado em um açougue, e o caçador asceta estava então vendendo carne de veado e de búfalo e por causa da

grande afluência de compradores reunidas em volta do caçador, Kausika permaneceu a uma distância. Mas o caçador, compreendendo que o Brahmana tinha vindo a ele, ergueu-se de repente de seu assento e foi àquele local retirado onde o Brahmana estava de pé e tendo se aproximado o caçador disse, 'Eu te saúdo, ó santo! Tu és bem vindo, ó tu melhor dos Brahmanas! Eu sou o caçador. Abençoado seja! Ordene-me quanto ao que eu posso fazer por ti. As palavras que a mulher casta disse para ti, isto é, 'Dirija-te para Mithila', são conhecidas por mim. Eu também sei para que propósito tu vieste para cá.' Ouvindo essas palavras do caçador aquele Brahmana ficou muito surpreso. E ele começou a refletir interiormente, dizendo, 'Este, de fato, é o segundo prodígio que eu vejo!' O caçador então falou ao Brahmana, dizendo, 'Tu estás agora em um lugar que mal é apropriado para ti, ó impecável. Se isto te agradar, vamos para minha residência, ó santo!'"

"Markandeya continuou, 'Assim seja' disse o Brahmana para ele, alegremente. E então o caçador procedeu para sua casa com o Brahmana andando à frente dele. E entrando em sua residência que parecia encantadora, o caçador reverenciou seu convidado por lhe oferecer um assento. E ele também lhe deu água para lavar seus pés e rosto. E aceitando estes, aquele melhor dos Brahmanas sentou-se tranquilamente. E ele então se dirigiu ao caçador, dizendo, 'Parece-me que esta profissão não é própria para ti. Ó caçador, eu lamento profundamente que tu devas seguir tal comércio cruel.' A estas palavras do Brahmana o caçador disse, 'Esta profissão é aquela da minha família, eu mesmo a herdei de meus pais e avôs. Ó regenerado, não sofra por mim devido à minha aderência aos deveres que pertencem a mim por nascimento. Cumprindo os deveres ordenados para mim de antemão pelo Criador, eu sirvo cuidadosamente meus superiores e os idosos. Ó tu melhor dos Brahmanas! Eu sempre falo a verdade, nunca tenho inveja de outros; e dôo ao melhor de meu poder. Eu vivo do que resta depois de servir os deuses, convidados, e aqueles que dependem de mim. Eu nunca falo mal de qualquer coisa, pequena ou grande. Ó tu melhor dos Brahmanas, as ações de uma vida anterior sempre seguem o fazedor. Neste mundo há três profissões principais, isto é, agricultura, criação de gado, e comércio. Em relação ao outro mundo, os três Vedas, conhecimento, e a ciência de moralidade são eficazes. Serviço (das outras três classes) foi ordenado como sendo o dever do Sudra. Agricultura foi ordenada para os Vaisyas, e a luta para os Kshatriyas, enquanto a prática do voto Brahmacharya, ascetismo, recitação de mantras, e veracidade foram ordenados para os Brahmanas. Sobre súditos que aderem aos seus próprios deveres o rei deve governar virtuosamente; enquanto ele deve estabelecer à isso aqueles que abandonaram os deveres da sua classe. Reis devem ser sempre temidos, porque eles são os senhores de seus súditos. Eles reprimem aqueles seus súditos que abandonam seus deveres como eles reprimem os movimentos do veado por meio de suas flechas. Ó Rishi regenerado, não existe no reino de Janaka um único súdito que não siga os deveres de seu nascimento. Ó tu melhor dos Brahmanas, todas as quatro classes aqui aderem rigidamente aos seus respectivos deveres. O rei Janaka pune aquele que é perverso, mesmo que ele seja seu próprio filho; mas ele nunca inflige dor àquele que é virtuoso. Com espiões bons e capazes empregados sob ele, ele considera

todos com olhos imparciais. Prosperidade, e reino, e capacidade para punir, pertencem, ó tu melhor dos Brahmanas, aos Kshatriyas. Reis desejam grande prosperidade através da prática dos deveres que pertencem a eles. O rei é o protetor de todas as quatro classes. Com relação a mim mesmo, ó Brahmana, eu sempre vendo carne de porco e de búfalo sem matar eu mesmo aqueles animais. Eu vendo carne de animais, ó Rishi regenerado, que foram mortos por outros. Eu nunca como carne; nunca vou até minha esposa exceto em seu período fértil; eu sempre jejuo durante o dia, e como, ó regenerado, à noite. Mesmo que o comportamento da sua classe seja mau, uma pessoa ainda pode ser ela mesma de bom comportamento. Assim também um homem pode se tornar virtuoso, mesmo que ele seja matador de animais por profissão. É por causa das ações pecaminosas dos reis que a virtude decresce imensamente, e o pecado começa a prosperar. E quando tudo isso ocorre os súditos do reino começam a decair. E é então, ó Brahmana, que monstros feios, e anões, e indivíduos corcundas e de cabeça grande, e homens que são cegos ou surdos ou aqueles que tem olhos paralisados ou são desprovidos do poder de procriação, começam a tomar seu nascimento. É por causa da pecaminosidade dos reis que seus súditos sofrem numerosos prejuízos. Mas este nosso rei Janaka lança seus olhos sobre todos os seus súditos virtuosamente, e ele é sempre gentil para aqueles que, de sua parte, sempre aderem os seus respectivos deveres. Considerando eu mesmo, eu sempre agrado com boas ações àqueles que falam bem, como também àqueles que falam mal de mim. Aqueles reis que vivem no cumprimento dos seus próprios deveres, que estão sempre engajados na prática de ações que são boas e honestas, que são de almas sob controle completo e que são dotados de boa vontade e entusiasmo, não podem depender de qualquer coisa mais para sustentar seu poder. Doação de alimento ao melhor de seu poder, resistência ao calor e frio, firmeza em virtude, e um respeito e ternura por todas as criaturas, esses atributos nunca podem achar lugar em uma pessoa sem um desejo inato estar presente nela de se separar do mundo. Deve-se evitar falsidade em palavras e deve-se fazer o bem sem solicitação. Nunca se deve abandonar a virtude por luxúria, por cólera, ou por malícia. Uma pessoa nunca deve se alegrar imoderadamente em uma mudança boa ou sofrer imoderadamente em uma má. Ela nunca deve se sentir deprimida quando alcançada pela pobreza, nem quando assim alcançada abandonar o caminho da virtude. Se alguma vez alguém faz o que é errado, ele nunca deve fazer seu semelhante outra vez. Uma pessoa deve sempre incitar a própria alma a fazer aquilo que ela considera como benéfico. Ela nunca deve retribuir mal pelo mal, mas deve agir honestamente com aqueles que foram injustos consigo. Aquele homem desventurado que deseja fazer o que é pecaminoso mata a si mesmo. Por fazer o que é pecaminoso uma pessoa somente imita aqueles que são maus e pecaminosos. Não acreditando na virtude aqueles que ridicularizam os bons e os puros dizendo, 'Não há virtude' sem dúvida encontram a destruição. Um homem pecaminoso se torna arrogante como um saco de couro inflado com vento. Os pensamentos desses patifes cheios de orgulho e tolice são fracos e inúteis. É o coração, a alma interna, que revela o tolo como o sol que revela formas durante o dia. O tolo não pode sempre brilhar no mundo por meio de auto-elogio. O homem erudito, no entanto, mesmo que ele seja desprovido de beleza, mostra seu brilho por se abster de falar mal de outros e

bem de si mesmo. Nenhum exemplo, no entanto, pode ser encontrado neste mundo, de uma pessoa brilhando gloriosamente por causa de atributos a serem encontrados nela em sua pretensa medida. Se uma pessoa se arrepende de um mal feito por si, aquele arrependimento purifica seu pecado. A resolução de nunca fazer aquilo outra vez o salva de pecados futuros, assim como, ó tu melhor dos Brahmanas, ele pode salvar a si mesmo do pecado por meio de alguma daquelas expiações obtidas nas escrituras. Este mesmo, ó regenerado, é o sruti que pode ser visto em relação à virtude. Aquele que tendo antes sido virtuoso, comete um pecado, ou o comete inintencionalmente pode destruir aquele pecado. Pois a virtude, ó Brahmana, rechaça o pecado que os homens cometem por ignorância. Um homem, depois de ter cometido um pecado, deve parar de se considerar mais como um homem. Nenhum homem pode ocultar seus pecados. Os deuses observam o que uma pessoa faz, e também o Ser que está dentro de cada um. Aquele que com piedade e sem maledicência esconde as falhas dos honestos e dos sábios como buracos em seu próprio traje, certamente busca sua salvação. Se um homem procura redenção depois de ter cometido um pecado, sem dúvida ele é purgado de todos os seus pecados e parece puro e resplandecente como a lua saída das nuvens. Um homem que procura redenção é purificado de todos os seus pecados, assim como o sol ao nascer dissipa toda escuridão. Ó melhor dos Brahmanas, é a tentação que constitui a base do pecado. Homens que são ignorantes cometem pecado, entregando-se à tentação somente. Homens pecaminosos geralmente se cobrem com um exterior virtuoso, como poços cujas bocas são cobertas por grama longa. Por fora eles parecem possuir autocontrole e santidade e se entregam a pregar textos virtuosos os quais, em sua boca, são de pouco significado. De fato, tudo pode ser reparado neles exceto conduta que é realmente virtuosa!'"

"Markandeya continuou, 'A estas palavras, ó melhor dos homens, do caçador, aquele Brahmana dotado de grande sabedoria então perguntou ao caçador, dizendo, 'Como eu saberei qual conduta é virtuosa? Abençoado seja, eu desejo saber isto, ó tu principal dos homens virtuosos, de ti. Portanto, ó tu de alma elevada, diga-me tudo sobre isto realmente.' Ouvindo estas palavras o caçador respondeu, dizendo, 'Ó melhor dos Brahmanas, Sacrifícios, Doações, Ascetismo, os Vedas, e a Verdade, estas cinco coisas sagradas estão sempre presentes na conduta que é chamada de virtuosa. Tendo subjugado a luxúria e avareza e orgulho e cólera, e desonestidade, aqueles que tem alegria na virtude porque ela é virtude são considerados como realmente virtuosos e dignos da aprovação de pessoas que são virtuosas. As pessoas que são devotadas a sacrifícios e ao estudo dos Vedas não tem comportamento independente. Elas seguem somente as práticas dos honestos e bons. Este de fato, é o segundo atributo do virtuoso. Servir superiores, Veracidade, Liberdade de raiva, e Caridade, estes quatro, ó Brahmana, estão ligados inseparavelmente com o comportamento que é virtuoso. Pois a reputação que uma pessoa adquire por fixar seu coração no comportamento virtuoso e aderir a ele rigidamente não pode ser adquirida exceto pela prática das quatro virtudes mencionadas acima. A essência dos Vedas é a Verdade: a essência da Verdade é o autocontrole, e a essência de autocontrole é a abstenção dos prazeres do mundo. Isso tudo pode ser notado no

comportamento que é virtuoso. Os que seguem aqueles tolos iludidos que zombam das formas de fé prevalecentes entre os homens são arrastados para a destruição por andarem em tal caminho pecaminoso. Aqueles, no entanto, que são virtuosos e dedicados ao cumprimento de votos, que são devotados aos srutis e à virtude da abstenção do prazer do mundo, eles que realmente trilham o caminho da virtude e seguem a religião verdadeira, eles que obedecem aos mandatos de seus preceptores, e que refletem sobre o significado das escrituras com paciência e cuidado, são estes que são citados como sendo possuidores de comportamento que é virtuoso; são estes, ó Brahmana, que são citados como sendo devidamente guiados sua inteligência superior. Abandonando aqueles que são ateus, aqueles que violam os limites da virtude, aqueles que são de almas perversas, que vivem em pecaminosidade, dirija-te para o conhecimento reverenciando aqueles que são virtuosos. Luxúria e tentação são assim como tubarões no rio da vida; as águas são os cinco sentidos. Atravesse para o outro lado deste rio no barco da paciência e resignação, evitando os bancos de areia da existência corpórea (repetidos nascimentos neste mundo). A virtude suprema consistindo no exercício do princípio inteligente e abstração, quando gradualmente adicionada à conduta virtuosa, se torna bela como tintura em tecidos brancos. Veracidade e abstenção causar dano para alguém são virtudes altamente benéficas para todas as criaturas. Dessas, aquela última é uma virtude principal, e é baseada na verdade. Nossas faculdades mentais tem sua atividade correta quando sua fundação está assentada na verdade, e no exercício da virtude a verdade é do mais alto valor. Pureza de conduta é a característica de todos os bons homens. Aqueles que são notáveis por vidas santas são bons e virtuosos. Todas as criaturas seguem os princípios de conduta os quais são inatos em sua natureza. O ser pecaminoso que não tem controle sobre si adquire luxúria, raiva e outros vícios. É a regra imemorial que ações virtuosas são aquelas que estão baseadas na justiça, e está também determinado por homens santos que toda conduta injusta é pecado. Aqueles que não são dominados por raiva, orgulho, arrogância e inveja, e aqueles que são calmos e honestos, são homens de conduta virtuosa. Aqueles que são diligentes em realizar os ritos ordenados nos três Vedas, que são sábios, e de conduta pura e virtuosa, que exercitam o autocontrole e são cheios de atenção para com seus superiores, são homens de comportamento virtuoso. As ações e conduta de tais homens de grande poder são muito difíceis de realização. Eles são santificados pela purificação de suas próprias ações, e por conseguinte o pecado neles desaparece por si mesmo. Esta virtude da boa conduta é extraordinária, antiga, imutável e eterna; e homens sábios observando esta virtude com santidade alcançam o céu. Aqueles homens que crêem na existência da Divindade, que estão livres do falso orgulho, e versados em escritos sagrados, e que respeitam homens regenerados (duas vezes nascidos), vão para o céu. Entre os homens santos, a virtude é diferenciada de três maneiras, aquela grande virtude que é inculcada nos Vedas, a outra que é inculcada nos Dharmashastras (as escrituras menores), e conduta virtuosa. E a conduta virtuosa é indicada pela aquisição de conhecimento, peregrinação para lugares sagrados, veracidade, paciência, pureza e franqueza. Homens virtuosos são sempre bondosos para todas as criaturas, e bem dispostos em direção a homens regenerados. Eles se abstêm de prejudicar alguma criatura, e nunca são

rudes em palavras. Aqueles homens bons que conhecem bem as consequências dos resultados dos seus atos bons e maus são elogiados por homens virtuosos. Aqueles que são justos e benévolos, e dotados de virtude, que desejam o bem de todas as criaturas, que são firmes no caminho da virtude, e tem conquistado o céu, que são caridosos, desinteressados e de caráter imaculado, que socorrem os afligidos, e são eruditos e respeitados por todos, que praticam austeridades, e que são bondosos para todas as criaturas, são louvados como tais pelos virtuosos. Aqueles que são dispostos caridosamente alcançam prosperidade neste mundo, como também as regiões de bem aventurança (após a morte). O homem virtuoso quando solicitado por ajuda por homens bons concede esmolas a eles por se esforçar ao máximo, até com a privação dos confortos de sua esposa e empregados. Homens bons que tem um olhar vigilante para seu próprio bem-estar, como também virtude e os caminhos do mundo, agem dessa maneira e assim crescem em virtude por eras intermináveis. Pessoas boas possuindo as virtudes de veracidade, abstenção de causar dano a alguém, retidão, abstenção de mal em direção a alguém, falta de arrogância, modéstia, resignação, autodomínio, ausência de paixão, sabedoria, paciência, e bondade para com todas as criaturas, e liberdade de malícia e luxúria, são as testemunhas do mundo. Estes três são citados como constituindo o caminho perfeito do virtuoso, isto é, um homem não deve fazer mal para ninguém, ele deve dar esmolas, e deve sempre ser sincero. Aqueles homens bons de grande alma de conduta virtuosa e convicções firmes, que são bondosos para todos e que são cheios de compaixão, partem com contentamento deste mundo para o caminho perfeito da virtude. Liberdade de malícia, paciência, paz mental, contentamento, fala agradável, renúncia ao desejo e ira, conduta virtuosa e ações reguladas segundo as ordenanças dos escritos sagrados constituem o caminho perfeito dos virtuosos. E aqueles que são constantes em virtude seguem estas regras de conduta virtuosa, e tendo alcançado o topo do conhecimento, e fazendo distinção entre as várias fases de conduta humana, as quais são ou muito virtuosas ou o contrário, eles escapam do grande perigo. Assim, ó grande Brahmana, tendo introduzido o assunto de conduta virtuosa, eu descrevi tudo isso para ti, de acordo com meu próprio conhecimento e com o que eu tenho ouvido sobre o assunto.'"

207

"Markandeya continuou, 'O caçador devoto, ó Yudhishthira, então disse para aquele Brahmana, 'Sem dúvida meus atos são muito cruéis, mas, ó Brahmana, o Destino é todo poderoso e é difícil escapar da consequência das nossas ações passadas. E este é o mal kármico resultante do pecado cometido em uma vida anterior. Mas, ó Brahmana, eu sou sempre assíduo em erradicar o mal. A Divindade tira a vida, o executor age somente como um agente secundário. E nós, ó bom Brahmana, somos somente tais agentes em relação ao nosso karma. Aqueles animais que são mortos por mim e cuja carne eu vendo também adquirem karma, porque (com sua carne), deuses e convidados e empregados são regalados com alimento saboroso e os espíritos dos mortos são propiciados.

É dito autoritariamente que ervas e vegetais, veados, aves e animais selvagens constituem o alimento de todas as criaturas. E, ó Brahmana, o rei Sivi, o filho de Usinara de grande clemência alcançou o céu, o qual é difícil de se alcançar, doando sua própria carne. E nos dias de antigamente, ó Brahmana, dois mil animais costumavam ser mortos todos os dias na cozinha do rei Rantideva; e da mesma maneira duas mil vacas eram mortas todos os dias; e, ó melhor dos seres regenerados, o rei Rantideva adquiriu reputação inigualável por distribuir alimento com carne todos os dias. Para o desempenho dos quatro ritos mensais animais devem ser sacrificados diariamente. 'O fogo sagrado gosta de alimento animal,' este ditado foi passado para nós. E em sacrifícios animais são invariavelmente mortos por Brahmanas regenerados, e aqueles animais sendo purgados do pecado, pelo encantamento de hinos, vão para o céu. Se, ó Brahmana, o fogo sagrado não fosse tão aficionado por alimento animal nos tempos antigos, isto poderia nunca ter se tornado o alimento de alguém. E na questão de alimento animal esta regra foi declarada por Munis: Quem quer que compartilhe de comida animal depois de ter primeiro oferecido ela devidamente e respeitosamente aos deuses e aos espíritos dos mortos não é poluído pela ação. E tal homem não é em absoluto considerado como tendo partilhado de comida animal, assim como um Brahmacharin tendo tido relações com sua esposa durante o período menstrual é todavia considerado como sendo um bom Brahmana. Depois de consideração da propriedade e impropriedade da questão, esta regra foi prescrita. O rei Saudasa, ó Brahmana, quando sob uma maldição, frequentemente costumava matar homens para servirem de alimento; qual é tua opinião sobre este assunto? E, ó bom Brahmana, sabendo que isto é a consequência das minhas próprias ações, eu obtenho meu meio de vida desta profissão. O abandono da própria ocupação é considerado, ó Brahmana, como sendo um pecado, e a ação de adesão à própria profissão é sem dúvida uma ação meritória. O Karma de uma existência anterior nunca abandona alguma criatura. E em determinar as várias consequências do Karma de alguém esta regra não foi perdida de vista pelo Criador. Uma pessoa tendo seu ser sob a influência de mau Karma deve sempre considerar como ela pode expiar seu Karma, e se libertar de um destino mau, e o mau Karma pode ser expiado de várias maneiras. Consequentemente, ó bom Brahmana, eu sou caridoso, sincero, assíduo em atender meu superior, cheio de respeito para com Brahmanas regenerados, devotado e livre de orgulho e conversa excessiva (inútil). Agricultura é considerada como sendo uma ocupação louvável, mas é bem conhecido que mesmo lá, grande mal é feito para vida animal; e na operação de cavar terra com o arado, inúmeras criaturas escondidas na terra como também várias outras formas da vida animal são destruídas. Tu não pensas assim? Ó bom Brahmana, Vrihi e outras sementes de arroz são todos organismos vivos. Qual é a tua opinião sobre este assunto? Homens, ó Brahmana, caçam animais selvagens e os matam e partilham de sua carne; eles também cortam em pedaços as árvores e ervas; mas, ó Brahmana, há inúmeros organismos vivos em árvores, em frutas, como também na água; tu não pensas assim? Toda esta criação, ó Brahmana, é cheia de vida animal, sustentando a si mesma com alimento derivado de organismos vivos. Tu não notas que peixes matam peixes para servir de alimento, e que várias espécies de animais são predadoras de outras espécies, e que há espécies cujos membros são predadores uns dos outros? Os homens, ó

Brahmana, enquanto andando para lá e para cá, matam inúmeras criaturas que se escondem no solo por pisarem pesadamente sobre elas, e até homens de sabedoria e esclarecimento destroem a vida animal de várias maneiras, mesmo enquanto dormido ou repousando. O que tu tens a dizer a isso? A terra e o ar todos estão cheios de organismos vivos, os quais são destruídos inconscientemente pelos homens por mera ignorância. Isto não é assim? O mandamento que pessoas não devem fazer mal para alguma criatura foi ordenado antigamente por homens que eram ignorantes dos fatos verdadeiros do caso. Pois, ó Brahmana, não há um homem sobre a face desta terra que esteja livre do pecado de causar dano para criaturas. Depois de consideração completa, é irresistível a conclusão que não há um único homem que esteja livre do pecado de prejudicar a vida animal. Até o sábio, bom Brahmana, cujo voto é não fazer mal para alguma criatura, inflige dano à vida animal. Somente, por causa de maior necessidade, o mal é menor. Homens de nascimento nobre e grandes qualidades cometem atos maus em desafio a todos, dos quais eles não se envergonham em absoluto. Bons homens agindo de uma maneira exemplar não são aprovados por outros bons homens; nem homens maus agindo de uma maneira contrária são elogiados por seus iguais pecaminosos; e amigos não são agradáveis para amigos, embora dotados de qualidades elevadas; e homens tolos pedantes depreciam as virtudes de seus preceptores. Esta reversão da ordem natural das coisas, ó bom Brahmana, é vista em todos os lugares neste mundo. Qual é tua opinião quanto à virtude ou não virtude deste estado de coisas? Há muito que pode ser dito da bondade ou maldade das nossas ações. Mas quem quer que seja dedicado à sua própria ocupação certamente adquire grande reputação.'

208

Markandeya continuou, 'Ó Yudhishthira, o caçador virtuoso, notável em compaixão, então se dirigiu habilmente outra vez àquele principal dos Brahmanas, dizendo, 'É a máxima dos idosos que os caminhos da virtude são sutis, diversos e infinitos. Quando a vida está em risco e na questão do casamento, é apropriado dizer uma mentira. A mentira às vezes leva ao triunfo da verdade, e a última decresce para mentira. O que quer que conduza mais ao bem de todas as criaturas é considerado como verdade. A virtude é assim pervertida; note seus caminhos sutis. Ó melhor dos homens virtuosos, as ações do homem ou são boas ou são más, e ele sem dúvida colhe seus frutos. O homem ignorante tendo alcançado um estado miserável insulta enormemente aos deuses, não sabendo que isso é consequência do seu próprio karma mau. Os tolos, os insidiosos e os inconstantes, ó bom Brahmana, sempre alcançam o próprio oposto da felicidade ou tristeza. Nem erudição nem bons costumes, nem esforço pessoal podem salvá-los. E se os resultados do nosso esforço não fossem dependentes de alguma coisa mais, as pessoas alcançariam o objeto de seu desejo simplesmente por se esforçarem para alcançá-lo.

É visto que pessoas hábeis, inteligentes e diligentes são frustradas em seus esforços, e não alcançam os frutos de suas ações. Por outro lado, pessoas que são sempre ativas em prejudicar outras e em praticar fraude no mundo levam uma vida feliz. Há algumas que obtêm prosperidade sem qualquer esforço. E há outras que com o máximo esforço não podem alcançar o que lhes é devido. Pessoas avarentas com o objetivo de terem filhos cultuam os deuses e praticam austeridades rígidas, e aqueles filhos tendo permanecido no útero por dez meses finalmente vêm à luz para serem descendentes muito infames de sua linhagem; e outros gerados sob os mesmos auspícios passam suas vidas decentemente no luxo com pilhas de riquezas e grãos acumulados por seus antepassados. As doenças das quais os homens sofrem são sem dúvida o resultado de seu próprio karma. Eles então se comportam como veados pequenos nas mãos de caçadores, e eles são atormentados por distúrbios mentais. E, ó Brahmana, como caçadores interceptam a fuga de sua caça, o progresso daquelas doenças é controlado por médicos capazes e habilidosos com suas coleções de remédios. E, ó melhor dos que apreciam a religião, tu tens observado que aqueles que tem em seu poder para desfrutar (as coisas boas desta terra), são impedidos de fazerem isso pelo fato de eles sofrerem de enfermidades crônicas nos intestinos, e que muitos outros que são fortes e poderosos passam por miséria, e são conseguem com grande dificuldade obter um meio de vida; e que todo homem é assim desamparado, oprimido por tristeza e ilusão, e repetidas vezes atirado e dominado pela correnteza poderosa das suas próprias ações (karma). Se houvesse liberdade absoluta de ação, nenhuma criatura morreria, ninguém estaria sujeito à decadência, ou esperaria seu destino mau, e todos obteriam os objetos de seu desejo. Todas as pessoas desejam colocar distância de seus vizinhos (na corrida da vida), e elas se esforçam para fazer isso ao máximo de seu poder; mas o resultado mostra ser de outra maneira. Muitas são as pessoas nascidas sob a influência da mesma estrela e dos mesmos auspícios de boa sorte; mas uma grande diversidade é observável na maturidade das suas ações. Nenhuma pessoa, ó bom Brahmana, pode ser o dispensador da sua própria sorte. As ações feitas em uma existência prévia são vistas darem frutos na nossa vida atual. É a tradição imemorial que a alma é eterna e infinita, mas a estrutura corpórea de todas as criaturas está sujeita à destruição aqui (na terra). Quando portanto a vida é extinguida, somente o corpo é destruído, mas o espírito, ligado às suas ações, viaja para outro lugar.'

O Brahmana respondeu, 'Ó melhor daqueles versados na doutrina do karma, e na pronúncia de discursos, eu almejo saber exatamente como a alma se torna eterna.' O caçador respondeu, 'O espírito não morre, havendo simplesmente uma mudança de habitação. Estão enganados aqueles que dizem tolamente que todas as criaturas morrem. A alma se dirige para outro corpo, e sua mudança de habitação é chamada de sua morte. No mundo dos homens, nenhum homem colhe as consequências do karma de outro homem. O que quer que ele faça, ele sem dúvida colherá as consequências disso; pois as consequências do karma que é uma vez feito nunca podem ser removidas. Os virtuosos se tornam dotados de grandes virtudes, e homens pecaminosos se tornam perpetradores de atos perversos. As ações dos homens os seguem; e influenciados por estas, eles

nascem novamente.' O Brahmana perguntou, 'Por que o espírito toma seu nascimento, e por que sua natividade se torna pecaminosa ou virtuosa, e como, ó bom homem, ele vem a pertencer a uma linhagem pecaminosa ou virtuosa?' O caçador respondeu, ‘Este mistério parece pertencer ao assunto de procriação, mas eu descreverei brevemente a você, ó bom Brahmana, como o espírito nasce novamente com sua carga acumulada de karma, o justo em uma natividade virtuosa, e o mau em uma pecaminosa. Pela realização de ações virtuosas ele alcança ao estado dos deuses, e por uma combinação de bem e mal ele adquire o estado humano; por indulgência em sensualidade e práticas similares que desmoralizam ele nasce nas espécies mais inferiores de animais, e por ações pecaminosas, ele vai para as regiões infernais. Afligido pelas tristezas de nascimento e velhice, o homem está fadado a apodrecer aqui na terra por causa das más consequências das suas próprias ações. Passando por milhares de nascimentos como também pelas regiões infernais, nossos espíritos andam ao léu, presos pelos grilhões do seu próprio karma. Seres vivos se tornam miseráveis no mundo seguinte por causa dessas ações feitas por eles mesmos e por consequência da reação daquelas misérias, eles assumem nascimentos inferiores e então eles acumulam uma nova série de ações, e eles por conseguinte passam por miséria novamente, assim como homens doentios partilhando de alimento prejudicial; e embora eles sejam assim afligidos, eles se consideram felizes e em paz e por conseguinte seus grilhões não são afrouxados e novo karma surge; e sofrendo por diversas tristezas eles se volvem neste mundo como uma roda. Se abandonando seus grilhões eles se purificam por suas ações e praticam austeridades e meditações religiosas, então, ó melhor dos Brahmanas, eles alcançam as regiões celestes por estas ações numerosas, e por abandonarem seus grilhões e pela purificação de karma, os homens alcançam aquelas regiões maravilhosas onde a tristeza é desconhecida para aqueles que vão lá. O homem pecaminoso que é viciado em maus hábitos nunca chega ao fim da sua rota de iniquidades. Portanto nós devemos nos esforçar para fazer o que é virtuoso e deixar de fazer o que é injusto. Todos os que com o coração cheio de gratidão e livres de malícia se esforçam para fazer o que é bom obtêm riqueza, virtude, felicidade e céu (futuramente). Aqueles que são purificados de pecados, sábios, indulgentes, constantes em virtude, e autocontrolados desfrutam de felicidade contínua neste como também no próximo mundo. O homem deve seguir o estandarte da virtude do bem e em suas ações imitar o exemplo dos justos. Há homens virtuosos, versados em escritos sagrados e eruditos em todos os departamentos de conhecimento. O dever próprio do homem consiste em seguir sua própria ocupação, e este sendo o caso estas últimas não se tornam confusas e misturadas. O homem sábio se regozija na virtude e vive pela justiça. E, ó bom Brahmana, tal homem com a riqueza da virtude a qual ele adquire por meio disto, rega a raiz da planta na qual ele encontra mais virtude. O homem virtuoso age assim e sua mente é acalmada. Ele está satisfeito com seus amigos neste mundo e ele também alcança felicidade futuramente. Pessoas virtuosas, ó bom homem, obtêm domínio sobre tudo e o prazer da beleza, sabor, som e toque de acordo com seu desejo. Estas são conhecidas como sendo as recompensas da virtude. Mas o homem de visão iluminada, ó grande Brahmana, não está satisfeito com a colheita dos frutos da virtude. Não contente com isso, ele com a luz da sabedoria

espiritual que está nele, se torna indiferente à dor e prazer e o vício do mundo não o influencia. Por seu próprio livre arbítrio ele se torna indiferente às atividades mundanas mas ele não abandona a virtude. Observando que tudo o que é terreno é evanescente, ele tenta renunciar a tudo e contando com mais oportunidade ele planeja meios para a obtenção da salvação. Assim ele renuncia às ocupações do mundo, evita os caminhos do pecado, se torna virtuoso e finalmente alcança a salvação. Sabedoria espiritual é o primeiro requisito dos homens para a salvação, resignação e paciência são suas raízes. Por estes meios ele obtém todos os objetos de seu desejo. Mas subjugando os sentidos e por meio de veracidade e paciência ele alcança, ó bom Brahmana, o retiro supremo de Brahma.' O Brahmana perguntou novamente, 'Ó tu o mais eminente em virtude e constante no desempenho das obrigações religiosas, tu falas de sentidos; o que são eles; como eles podem ser subjugados; e qual é o bem de subjugá-los; e como uma criatura colhe os frutos disso? Ó homem pio, eu peço para me familiarizar com a verdade desta questão.'"

209

"Markandeya continuou, 'Ouça, ó rei Yudhishthira, o que o caçador virtuoso, assim interrogado por aquele Brahmana, disse a ele em resposta. O caçador disse, 'As mentes dos homens estão a princípio concentradas na aquisição de conhecimento. Adquirido isto, ó bom Brahmana, eles se entregam às suas paixões e desejos, e para este objetivo, eles trabalham e iniciam tarefas de grande magnitude e se entregam aos prazeres muito desejados de beleza, sabor, etc. Então segue apego, então inveja, então avareza e então extinção de toda luz espiritual. E quando os homens estão assim influenciados por avareza, e dominados por inveja e apego, seu intelecto para de ser guiado pela retidão e eles praticam o próprio arremedo da virtude. Praticando virtude com hipocrisia, eles estão contentes em adquirir riqueza por meios desonrosos, com a riqueza assim adquirida o princípio inteligente neles se torna cativo daqueles maus caminhos, e eles ficam cheios do desejo de cometer pecados. E quando, ó bom Brahmana, seus amigos e homens de sabedoria reclamam com eles, eles estão preparados com respostas plausíveis, as quais não são nem seguras nem convincentes. Por serem viciados em más condutas, eles são culpados de um pecado triplo. Eles cometem pecado em pensamentos, em palavras, como também em ações. Eles sendo viciados em comportamentos pecaminosos, todas as suas boas qualidades desaparecem, e estes homens de atos maus cultivam a amizade de homens de caráter parecido, e por conseguinte eles passam por miséria neste mundo assim como no próximo. O homem pecaminoso é desta natureza, e agora ouça a respeito do homem de virtude. Ele percebe estes males por meio de seu discernimento espiritual, e é capaz de discriminar entre felicidade e tristeza, e é cheio de atenção respeitosa para com homens de virtude, e por praticar virtudes, sua mente se torna inclinada à justiça.' O Brahmana respondeu, 'Tu deste uma explicação verdadeira da religião a qual ninguém mais é capaz de explicar. Teu poder espiritual é grande, e tu me pareces ser como um grande Rishi.' O caçador respondeu, 'Os grandes Brahmanas são venerados com as mesmas honras como

nossos antepassados e eles são sempre propiciados com oferendas de alimento antes de outros. Homens sábios neste mundo fazem o que é agradável para eles, com todo seu coração. E eu descreverei para ti, ó bom Brahmana, o que é agradável para eles, depois de ter reverenciado os Brahmanas como uma classe. Aprenda de mim a filosofia Brahmânica. Todo este universo inconquistável em todos os lugares e abundando em grandes elementos é Brahma, e não há nada mais elevado do que isto. A terra, ar, água, fogo e céu são os grandes elementos. E forma, odor, som, toque e gosto são suas propriedades características. Estas últimas também tem suas propriedades as quais estão também correlacionadas umas às outras. E das três qualidades, as quais são gradualmente caracterizadas por cada um, em ordem de prioridade está a consciência que é chamada de mente. A sétima é a inteligência e depois desta vem egoísmo; e então os cinco sentidos, então a alma, então as qualidades morais chamadas sattwa, rajas e tamas. Estas dezessete são citadas como sendo qualidades desconhecidas ou incompreensíveis. Eu descrevi tudo isto para ti, o que mais tu desejas saber?'"

210

"Markandeya continuou, 'Ó Bharata, o Brahmana, assim interrogado pelo caçador virtuoso, retomou novamente este discurso tão agradável para a mente. O Brahmana disse, 'Ó melhor dos que estimam a religião, é dito que há cinco grandes elementos; descreva para mim integralmente as propriedades de todos os cinco.' O caçador respondeu, 'A terra, água, fogo, ar e céu todos tem propriedades sobrepondo-se umas às outras. Eu as descreverei para ti. A terra, ó Brahmana, tem cinco qualidades, a água quatro, o fogo três e o ar e céu juntos tem três também. Som, toque, forma, odor e gosto, estas cinco qualidades pertencem à terra, e som, toque, forma e gosto, ó Brahmana austero, tem sido descritas para ti como as propriedades da água, e som, toque e forma são as três propriedades do fogo e o ar tem duas propriedades: som e toque, e o som é a propriedade do céu. E, ó Brahmana, estas quinze propriedades inerentes aos cinco elementos existem em todas as substâncias das quais este universo é composto. E elas não são opostas umas às outras; elas existem, ó Brahmana, em combinação apropriada. Quando todo este universo é jogado em um estado de confusão, então todo ser corpóreo na plenitude do tempo assume outro corpo. Ele surge e perece na devida ordem. E lá estão presentes as cinco substâncias elementares dais quais todo o mundo móvel e imóvel é composto. O que quer que seja perceptível pelos sentidos, é chamado de vyakta (cognoscível ou compreensível) e o que quer que esteja além do alcance dos sentidos e pode somente ser percebido por suposições, é conhecido como sendo avyakta (não cognoscível ou compreensível). Quem tem vencido a dominação da ilusão, suas virtudes valorosas consistindo na essência de sabedoria espiritual, se dirige ao esclarecimento espiritual o qual ilumina a inteligência dos seres sensíveis. Tal pessoa é intitulada pelo Espírito onipotente, inteligente como alguém que é sem início e sem fim, existente por si mesmo, imutável, incorpóreo e incomparável. Isto, ó Brahmana, que tu perguntaste de mim é somente o resultado da

autodisciplina. E esta autodisciplina somente pode ser adquirida por subjugar os sentidos. Isto não pode ser de outra maneira, céu e inferno são ambos dependentes dos nossos sentidos. Quando subjugados, eles levam ao céu; quando indultados, eles levam à perdição. Esta subjugação dos sentidos é o meio mais elevado de alcançar luz espiritual. Nossos sentidos estão na raiz (causa) do nosso avanço espiritual como também na base da nossa degradação espiritual. Por se entregar a eles, uma pessoa sem dúvida contrai vícios, e por subjugá-los ela alcança a salvação. A pessoa autocontrolada que adquire domínio sobre os seis sentidos inerentes à nossa natureza nunca é maculada pelo pecado, e por conseguinte o mal não tem poder sobre ela. O ser corpóreo do homem é comparado a uma carruagem, sua alma a um cocheiro e seus sentidos a cavalos. Um homem habilidoso dirige por toda parte sem confusão, como um cocheiro calmo com cavalos bem domados. É um motorista excelente aquele homem que sabe como manejar pacientemente as rédeas daqueles cavalos selvagens, os seis sentidos inerentes em nossa natureza. Quando nossos sentidos se tornam ingovernáveis como cavalos na estrada, nós devemos refreá-los pacientemente; pois com paciência nós sem dúvida conseguiremos o melhor deles. Quando a mente de um homem é dominada por algum desses sentidos agindo sem controle ele perde sua razão, e se torna como um barco atirado por tempestades sobre o grande oceano. Os homens são enganados pela ilusão ao esperarem colher os frutos daquelas seis coisas, cujos efeitos são estudados por pessoas de discernimento espiritual, que assim colhem os frutos de sua percepção clara."

211

Markandeya continuou, "Ó Bharata, o caçador tendo explicado estes pontos abstrusos, o Brahmana com grande atenção perguntou novamente a ele acerca destes tópicos sutis. O Brahmana disse, 'Descreva realmente para mim, que agora te pergunto devidamente, as respectivas virtudes das qualidades de sattwa, rajas, e tamas.' O caçador respondeu, 'Muito bem, eu te direi o que tu perguntaste. Eu descreverei separadamente suas respectivas virtudes, ouça. Deles tamas é caracterizado por ilusão (espiritual), rajas incita (homens à ação), sattwa é de grande excelência, e por causa disso, é citado como sendo o maior deles. Está muito sob a influência de ignorância espiritual aquele que é tolo, insensato e dado a sonhar, que é preguiçoso, não ativo e dominado por raiva e arrogância, é considerado como estando sob a influência de tamas. E, ó Brahmana Rishi, aquele homem excelente que é agradável em palavras, pensativo, livre de inveja, diligente em ação por um desejo ávido de colher seus frutos, e de temperamento quente, é considerado como estando sob a influência de rajas. E aquele que é resoluto, paciente, não sujeito à raiva, livre de malícia, e não é habilidoso em ação por falta de um desejo egoísta de colher seus frutos, sábio e indulgente, é citado como estando sob a influência de sattwa. Quando um homem dotado da qualidade de sattwa é influenciado pela mundanidade, ele sofre tristeza; mas ele odeia a mundanidade quando ele percebe seu total significado. E então um sentimento de indiferença pelos assuntos mundanos começa a influenciá-lo. E então seu orgulho

diminui, e a retidão se torna mais proeminente, e seus sentimentos morais conflitantes são reconciliados. E então autodomínio em qualquer questão se torna desnecessário. Um homem, ó Brahmana, pode ser nascido na casta Sudra, mas se ele for possuidor de boas qualidades, ele pode alcançar o estado de Vaisya e da mesma maneira o de um Kshatriya, e se ele for firme em retidão, ele pode até se tornar um Brahmana. Eu descrevi para ti estas virtudes, o que mais tu desejas aprender?'"

212

"O Brahmana perguntou, 'Como é que o fogo (força vital) em combinação com o elemento terrestre (matéria), se torna a habitação corpórea (das criaturas vivas), e como o ar vital, de acordo com a natureza de seu assento (os músculos e nervos) excita para a ação (a estrutura corpórea)?' Markandeya disse, 'Esta questão, ó Yudhishthira, tendo sido feita pelo Brahmana para o caçador, o último, em resposta, falou àquele Brahmana de grande mente. (O caçador disse): 'O espírito vital, se manifestado no assento da consciência causa a ação da estrutura corpórea. E a alma estando presente em ambos age (através deles). O passado, o presente e o futuro estão inseparavelmente associados com a alma. E ela é a maior das posses de uma criatura; ela é da essência do Espírito Supremo e nós a adoramos. Ela é o princípio animante de todas as criaturas, e é o eterno Purusha (espírito). Ela é grandiosa e é a inteligência e o ego, e é o assento subjetivo das várias propriedades dos elementos. Assim enquanto localizada aqui (na estrutura corpórea) ela é sustentada em todas as suas relações externas ou internas (com a matéria ou mente) pelo ar sutil etéreo chamado prana, e depois disso, cada criatura segue seu próprio caminho pela ação de outro ar sutil chamado Samana. E este último se transformando em ar Apana, e sustentado pelo alto do estômago carrega a matéria refugo do corpo, urina (e fezes) para os rins e intestinos. Aquele mesmo ar está presente nos três elementos de esforço, empenho e poder, e naquela condição ele é chamado de ar Udana por pessoas versadas em ciência física, e quando se manifesta por sua presença em todos os pontos de junção do sistema humano, ele é conhecido pelo nome de Vyana. E o calor interno é difundido através de todos os tecidos do nosso sistema, e sustentado por estes tipos de ar, ele transforma nosso alimento e os tecidos e os líquidos orgânicos do nosso sistema. E pela coalizão de Prana e outros ares, uma reação (combinação) se segue, e o calor assim gerado é conhecido como o calor interno do sistema humano o qual causa a digestão do nosso alimento. Os ares Prana e Apana estão interpostos dentro dos ares Samana e Udana. E o calor gerado por sua união causa o crescimento do corpo (consistindo nas sete substâncias, ossos, músculos, etc). E aquela porção de sua base que se estende até tão longe quando o reto é chamada Apana; e daquelas artérias se eleva nos cinco ares Prana, etc. O ar Prana, influenciado pelo calor colide contra a extremidade da região Apana e então recuando, ele reage no calor. Acima do umbigo está a região de comida não digerida e abaixo deste a região da digestão. E o Prana e todos os outros ares do sistema estão assentados no umbigo. As artérias saindo do coração correm para cima e para baixo, como também em direções oblíquas; elas carregam a melhor

essência do nosso alimento, e são influenciadas pelos dez ares Prana. Este é o caminho pelo qual Yogues pacientes que tem vencido todas as dificuldades, e que observam as coisas com uma visão imparcial e justa, com suas almas estabelecidas no cérebro, encontram o Espírito Supremo; os ares Prana e Apana estão assim presentes no corpo de todas as criaturas. Saiba que o espírito está incorporado em disfarce corpóreo, nas onze condições alotrópicas (do sistema animal), e que embora eterno, seu estado normal é aparentemente modificado por seus acompanhamentos, assim como o fogo purificado em seu cadinho, eterno, ainda assim com seu rumo alterado por seus arredores; e que a coisa divina que está relacionada com o corpo está associada ao último da mesma maneira como uma gota de água à superfície lisa de uma folha de lótus sobre a qual ela rola. Saiba que sattwa, rajas e tamas são os atributos de toda vida e que a vida é o atributo do espírito, e que o último além disso é um atributo do Espírito Supremo. A matéria inerte e impassível é o assento do princípio vivo, o qual é ativo em si mesmo e induz atividade em outros. Aquela coisa pela qual os sete mundos são incitados à ação é chamada de a mais sublime por homens de grande discernimento espiritual. Assim em todos estes elementos, o espírito eterno não mostra a si mesmo, mas é percebido pelos eruditos em ciência espiritual por causa da sua percepção elevada e aguçada. Uma pessoa de mente pura, pela purificação de seu coração, é capaz de destruir os efeitos bons e maus de suas ações e alcançar beatitude eterna pela iluminação de seu espírito interno. Aquele estado de paz e purificação do coração é comparado ao estado de uma pessoa que em um estado de espírito alegre dorme profundamente, ou ao brilho de uma lâmpada preparada por uma mão habilidosa. Tal pessoa de mente pura vivendo de dieta parca percebe o Espírito Supremo refletido no seu próprio, e por praticar a concentração da mente ao anoitecer e poucas horas da noite, ela contempla o Espírito Supremo que não tem atributos, na luz do seu coração, brilhando como uma lâmpada deslumbrante, e assim ela alcança a salvação. Avareza e raiva devem ser subjugadas por todos os meios, pois este ato constitui a virtude mais sagrada que as pessoas podem praticar e é considerado como os meios pelos quais os homens podem atravessar para o outro lado deste mar de aflições e incômodos. Um homem deve proteger sua retidão de ser vencida pelas más consequências da raiva, suas virtudes dos efeitos do orgulho, sua erudição dos efeitos da vaidade, e seu próprio espírito da ilusão. Calma é a melhor das virtudes, e a paciência é o melhor dos poderes, o conhecimento da nossa natureza espiritual é o melhor de todo o conhecimento, e a veracidade é a melhor de todas as obrigações religiosas. Dizer a verdade é bom, e o conhecimento da verdade pode também ser bom, mas o que leva ao maior bem de todas as criaturas é conhecido como a verdade mais elevada. Aquele cujas ações são realizadas não com o objetivo de assegurar alguma recompensa ou bênção, que tem sacrificado tudo às exigências da sua renúncia, é um verdadeiro Sannyasin e é realmente sábio. E como a comunhão com Brahma não pode ser ensinada a nós, nem por nosso preceptor espiritual, pois ele somente nos dá um indício do mistério, a renúncia do mundo material é chamada de Yoga. Nós não devemos fazer mal para alguma criatura e devemos viver em termos de amizade com todos, e nesta nossa existência atual, nós não devemos nos vingar em alguma criatura. Abnegação, paz mental, renúncia de esperança, e equanimidade, estes são os

caminhos pelos quais a iluminação espiritual sempre pode ser assegurada; e o conhecimento do eu (da sua própria natureza espiritual) é o melhor de todo o conhecimento. Neste mundo assim como no próximo, renunciando a todos os desejos mundanos e assumindo uma indiferença estóica, na qual todo o sofrimento cessa, as pessoas devem cumprir seus deveres religiosos com a ajuda da sua inteligência. O Muni que deseja obter moksha (salvação), a qual é muito difícil de se alcançar, deve ser constante em austeridades, paciente, autocontrolado, e deve abandonar aquele apego veemente que o ata às coisas desta terra. Eles chamam esses os atributos do Espírito Supremo. Os gunas (qualidades ou atributos) dos quais nós somos conscientes, se reduzem a agunas (não-gunas) n'Ele; Ele não é limitado por alguma coisa, e é perceptível somente pela expansão e desenvolvimento da nossa visão espiritual; logo que a ilusão da ignorância é dissipada, esta beatitude suprema perfeita é alcançada. Por abandonar os objetos de prazer e dor, e por renunciar aos sentimentos que o atam às coisas desta terra, um homem pode alcançar Brahma (Espírito Supremo ou salvação). Ó bom Brahmana, eu agora expliquei brevemente tudo isso para ti, como eu tenho ouvido. O que mais tu desejas saber?"

213

"Markandeya disse, 'Quando, ó Yudhishthira, todo este mistério de salvação foi explicado para aquele Brahmana, ele estava muito satisfeito e ele disse se dirigindo ao caçador, 'Tudo isto que tu explicaste é racional, e me parece que não há nada com relação aos mistérios de religião que tu não saibas.' O caçador respondeu, 'Ó Brahmana bom e excelente, tu deves perceber com teus próprios olhos toda a virtude que eu declaro como um fato, e por causa da qual eu alcancei a este estado bem-aventurado. Levante-se, senhor venerável, e entre rapidamente neste aposento interno. Ó homem virtuoso, é apropriado que tu vejas meu pai e minha mãe.' Markandeya continuou, 'Assim endereçado o Brahmana entrou, e viu uma mansão bela admirável. Ela era uma casa magnífica dividida em quatro conjuntos de quartos, admirada por deuses e parecida com um dos seus palácios; ela estava também mobiliada com assentos e camas, e fragrante de perfumes excelentes. Seus pais reverendos vestidos em mantos brancos, tendo terminado suas refeições, estavam sentados tranquilamente. O caçador, vendo-os, se prostrou à frente deles com sua cabeça em seus pés. Seus pais idosos então se dirigiram a ele dessa maneira, 'Levante-se, ó homem de piedade, levante-se, que a retidão te proteja; nós estamos muito satisfeitos contigo por tua piedade; que tu sejas abençoado com uma vida longa, e com conhecimento, inteligência superior, e satisfação dos teus desejos. Tu és um filho bom e respeitoso, pois nós somos cuidados constantemente e sensatamente por ti, e até entre os celestiais tu não tens outra divindade para cultuar. Por subjugar a ti mesmo constantemente tu te tornaste dotado do poder de autodomínio dos Brahmanas, e todos os teus avôs e antepassados estão constantemente satisfeitos contigo por tuas virtudes de autodomínio e por tua piedade em direção a nós. Em pensamentos, palavras ou ações a tua atenção a nós nunca enfraquece, e parece que no momento tu não

tens outro pensamento em tua mente (exceto quanto a como nos agradar). Como Rama, o filho de Jamadagni, trabalhava para agradar a seus pais idosos, assim tu, ó filho, faz para nos agradar, e ainda mais.' Então o caçador apresentou o Brahmana para seus pais e eles o receberam com a saudação usual de boas-vindas, e o Brahmana, aceitando sua recepção cordial, perguntou se eles, com seus filhos e empregados, estavam todos bem em casa, e se eles estavam sempre desfrutando de boa saúde naquela época (da vida). O par idoso respondeu, 'Em casa, ó Brahmana, nós estamos todos bem, com todos os nossos empregados. Tu, senhor adorável, alcançaste este local sem problema nenhum?' Markandeya continuou, "O Brahmana respondeu, 'Sim, eu alcancei.' Então o caçador se dirigindo ao Brahmana disse para ele, 'Estes meus pais, senhor venerável, são os ídolos que eu cultuo; o que quer que seja devido aos deuses, eu faço para eles. Como os trinta e três deuses com Indra em sua chefia são adorados por homens, assim estes meus pais idosos são adorados por mim. Como os Brahmanas se esforçam para o propósito de obter oferenda para seus deuses, assim eu ajo com diligência por estes dois (ídolos meus). Estes meus pais, ó Brahmana, são meus deuses supremos, e eu procuro agradar a eles sempre com oferendas de flores, frutas e pedras preciosas. Para mim eles estão como os três fogos sagrados mencionados pelos eruditos; e, ó Brahmana, eles me parecem ser tão bons quanto sacrifícios ou os quatro Vedas. Meus cinco ares vitais, minha esposa e filhos e amigos são todos para eles (dedicados ao seu serviço). E com minha esposa e filhos eu sempre sirvo a eles. Ó bom Brahmana, com minhas próprias mãos eu ajudo eles no banho e também lavo seus pés e lhes dou comida e eu digo a eles somente o que é agradável, omitindo o que é desagradável. Eu considero como meu maior dever fazer o que é agradável para eles mesmo que isto não seja estritamente justificável. E, ó Brahmana, eu sou sempre diligente em auxiliá-los. Os dois pais, o fogo sagrado, a alma e o preceptor espiritual, estes cinco, ó bom Brahmana, são dignos da maior reverência de uma pessoa que procura prosperidade. Por servi-los devidamente alguém adquire o mérito de conservar perpetuamente o fogo sagrado. E este é o dever eterno e invariável de todos os chefes de família.'"

214

"Markandeya continuou, 'O caçador virtuoso, tendo apresentado (ambos os) seus pais para aquele Brahmana como seus maiores gurus, falou novamente a ele como segue, 'Note o poder desta minha virtude, pela qual minha visão espiritual interna é aumentada. Por isto, tu ouviste daquela senhora autocontrolada e sincera, devotada a seu marido, 'Vá para Mithila; pois lá vive um caçador que explicará para ti os mistérios de religião.' O Brahmana disse, 'Ó homem pio, tão constante em cumprir tuas obrigações religiosas, refletindo sobre o que aquela senhora sincera agradável tão leal a seu marido disse, eu estou convencido de que tu és realmente dotado de todas as qualidades elevadas.' O caçador respondeu, 'Eu não tenho dúvida, meu senhor, de que o que aquela senhora, tão fiel para seu marido, disse a ti sobre mim foi dito com total conhecimento dos

fatos. Eu, ó Brahmana, expliquei para ti tudo isso como uma questão de favor. E agora, bom senhor, ouça-me. Eu explicarei o que é bom para ti. Ó bom Brahmana de caráter irrepreensível, tu fostes injusto com teu pai e tua mãe, pois tu deixaste o lar sem sua permissão, para o propósito de aprender os Vedas. Tu não agiste devidamente nesta questão, pois teus pais ascéticos e idosos se tornaram totalmente cegos de dor pela tua perda. Volte para casa para consolá-los. Que esta virtude nunca te abandone. Tu és de grande mente, de mérito ascético, e sempre devotado à tua religião, mas tudo isto se torna inútil para ti. Sem demora volte para consolar teus pais. Tenha algum respeito pelas minhas palavras e não aja de outra maneira; eu te digo o que é bom para ti, ó Brahmana Rishi, volte para casa hoje mesmo.' O Brahmana respondeu, 'Isto que tu disseste é sem dúvida verdadeiro; que tu possas, ó homem pio, alcançar prosperidade; eu estou muito satisfeito contigo.' O caçador disse, 'Ó Brahmana, como tu praticas com assiduidade aquelas virtudes divinas, antigas, e eternas as quais são tão difíceis de obtenção mesmo por pessoas de mente pura, tu pareces (para mim) semelhante a um ser divino. Volte para o lado de teu pai e tua mãe e seja ligeiro e diligente em honrar teus pais; pois eu não sei se há alguma virtude mais elevada do que esta.' O Brahmana respondeu, 'Por uma boa sorte singular eu cheguei aqui, e por uma boa sorte similar eu fui assim associado contigo. É muito difícil descobrir, em nosso meio, uma pessoa que possa explicar tão bem os mistérios de religião; raramente há um homem entre milhares que seja bem versado na ciência de religião. Eu estou muito contente, ó grande homem, por ter assegurado a tua amizade; que tu possas ser próspero. Eu estava a ponto de cair no inferno, mas fui libertado por ti. Isto estava destinado a ser assim, pois tu entraste (inesperadamente) em meu caminho. E, ó grande homem, como o rei caído Yayati foi salvo por seus netos virtuosos (filhos da filha), assim eu fui salvo por ti. De acordo com o teu conselho, eu honrarei meu pai e minha mãe; pois um homem com um coração impuro nunca pode explicar os mistérios do pecado e retidão. Como é muito difícil para uma pessoa nascida na classe Sudra aprender os mistérios da religião eterna, eu não te considero como um Sudra. Certamente deve haver algum mistério com relação a este caso. Tu deves ter obtido a posição de Sudra por causa da fruição do teu próprio karma passado. Ó homem magnânimo, eu almejo saber a verdade acerca desta questão. Conte-me isso com atenção e de acordo com tua própria disposição.'"

"O caçador respondeu, 'Ó bom Brahmana, Brahmanas são dignos de todo o meu respeito. Ouça, ó impecável, a esta história de uma existência anterior minha. Ó filho de um Brahmana excelente, eu era antigamente um Brahmana, versado nos Vedas, e um estudante ilustre dos Vedangas. Por causa da minha própria falha eu fui degradado ao meu estado atual. Um certo rei, talentoso na ciência de Dhanurveda (ciência de manobrar arco e flecha), era meu amigo; e por sua companhia, ó Brahmana, eu também me tornei hábil no tiro de arco; e um dia o rei, em companhia com seus ministros e seguido por seus melhores guerreiros saiu em uma expedição de caça. Ele matou um grande número de veados perto de um eremitério. Eu, também, ó bom Brahmana, atirei uma flecha terrível. E um Rishi foi ferido por aquela flecha com sua ponta curvada para fora. Ele caiu sobre o solo, e gritando ruidosamente disse, 'Eu não fiz mal a ninguém, que homem

pecaminoso fez isto?' E, meu senhor, confundindo-o com um veado, eu fui até ele e descobri que ele tinha sido perfurado através do corpo por minha flecha. Por causa do meu ato pecaminoso eu fiquei muito aflito (em mente). E então eu disse para aquele Rishi de mérito ascético severo, que estava gritando ruidosamente, jazendo sobre o solo, 'Eu fiz isto inconscientemente, ó Rishi.' E eu também disse isto ao Muni: 'Julgue apropriado perdoar toda esta transgressão.' Mas, ó Brahmana, o Rishi, furioso me disse, 'Tu nascerás como um caçador cruel na classe Sudra.'"

215

"O caçador continuou, 'Assim amaldiçoado por aquele Rishi, eu procurei conciliá-lo com essas palavras: 'Perdoe-me, ó Muni, eu fiz este ato pecaminoso involuntariamente. Cabe a ti perdoar tudo isso. Senhor venerável, acalme-se.' O Rishi respondeu, 'A maldição que eu pronunciei nunca poderá ser falsificada, isto é indubitável. Mas por bondade para contigo eu te farei um favor. Embora nascido na classe Sudra tu permanecerás um homem virtuoso e sem dúvida honrarás teus pais; e por honrá-los tu alcançarás grande perfeição espiritual; tu também te lembrarás dos acontecimentos da tua vida passada e irás para o céu; e no término dessa maldição tu te tornarás um Brahmana novamente.' Ó melhor dos homens, assim, antigamente eu fui amaldiçoado por aquele Rishi de poder severo, e assim ele foi conciliado por mim. Então, ó bom Brahmana, eu soltei a flecha do corpo dele, e levei-o ao eremitério, mas ele não foi privado de sua vida (se recuperou). Ó bom Brahmana, eu assim descrevi para ti o que me aconteceu antigamente, e também como eu posso ir para o céu futuramente.' O Brahmana disse, 'Ó tu de grande inteligência, todos os homens estão assim sujeitos à felicidade ou tristeza, portanto tu não deves te afligir por isso. Em conformidade com os costumes da tua classe (atual) tu tens adotado estes hábitos maus, mas tu és sempre devotado à virtude e versado nos caminhos e mistérios do mundo. E, ó homem erudito, estes sendo os deveres da tua profissão, a mácula do karma mau não se vinculará a ti. E depois de morar aqui por pouco tempo, tu te tornarás um Brahmana novamente; e mesmo agora eu te considero como um Brahmana, não há dúvida sobre isto. Pois o Brahmana que é vaidoso e soberbo, que é viciado em maus hábitos e ligado à práticas más e degradantes, é como um Sudra. Por outro lado, eu considero um Sudra que é sempre adornado com estas virtudes: retidão, autodomínio, e veracidade, como um Brahmana. Um homem se torna um Brahmana por seu caráter; por seu próprio karma mau um homem obtém um destino mau e terrível. Ó bom homem, eu creio que o pecado em ti agora se extinguiu. Tu não deves te afligir por isto, pois homens como tu, que és tão virtuoso e versado nos caminhos e mistérios do mundo, não podem ter motivo para aflição.'"

"O caçador respondeu, 'As aflições corpóreas devem ser curadas com remédios, e as mentais com sabedoria espiritual. Este é o poder do conhecimento. Sabendo disto, os sábios não se comportam como garotos. Homens de inteligência inferior são dominados pela angústia pela ocorrência de alguma coisa

que não é agradável para eles, ou não-ocorrência de alguma coisa que é boa ou muito desejada. De fato, todas as criaturas estão sujeitas a esta característica (de tristeza ou felicidade). Não é simplesmente uma única criatura ou classe que está sujeita à tristeza. Cientes deste mal, as pessoas se corrigem rapidamente, e se elas o percebem no exato início elas conseguem curá-lo totalmente. Quem quer que se aflija por isto somente se torna inquieto. Aqueles homens sábios cujo conhecimento tornou-os felizes e satisfeitos, e que são indiferentes à felicidade e tristeza da mesma maneira, são realmente felizes. Os sábios estão sempre contentes e os tolos sempre descontentes. Não há fim para o descontentamento, e o contentamento é a maior felicidade. As pessoas que alcançaram o caminho perfeito não sofrem, elas estão sempre conscientes do destino final de todas as criaturas. Não se deve ceder ao descontentamento (vishada, uma mistura de descontentamento, perplexidade e confusão) pois ele é como um veneno virulento. Ele mata pessoas de inteligência não desenvolvida, assim como uma criança é morta por uma cobra enfurecida. Não tem virilidade aquele homem cujas energias o deixaram e que é dominado pela perplexidade quando se apresenta uma ocasião para o uso do vigor. Nossas ações são sem dúvida seguidas por suas consequências. Quem quer que simplesmente se entregue à indiferença passiva (pelos assuntos mundanos) não realiza bem algum. Em vez de resmungar uma pessoa deve tentar descobrir o caminho pelo qual ela possa assegurar isenção de miséria (espiritual); e os meios de salvação encontrados, ela deve então se livrar da sensualidade. O homem que alcançou um estado elevado de conhecimento espiritual está sempre consciente da grande deficiência (instabilidade) de toda matéria. Tal pessoa, mantendo em vista o destino final (de todos), nunca sofre. Eu também, ó homem erudito, não me aflijo; eu permaneço aqui (nesta vida) esperando minha hora. Por esta razão, ó melhor dos homens, eu não sou perturbado (por dúvidas)'. O Brahmana disse, 'Tu és sábio e excelente em conhecimento espiritual e tua inteligência é vasta. Tu que és versado em escritos sagrados estás satisfeito com tua sabedoria espiritual. Eu não tenho motivos para te criticar. Adeus, ó melhor dos homens pios, que tu sejas próspero, e que a retidão te proteja, e que tu sejas assíduo na prática da virtude.'"

"Markandeya continuou, ‘O caçador disse a ele, 'Assim seja'. E o bom Brahmana andou ao redor dele (uma forma de etiqueta Hindu à despedida) e então partiu. E o Brahmana voltando para casa foi devidamente assíduo em sua atenção para seus pais idosos. Eu assim, ó virtuoso Yudhishthira, narrei em detalhes para ti esta história cheia de instrução moral, a qual tu, meu bom filho, me pediste para recitar, a virtude da devoção das mulheres por seus maridos e aquela da piedade filial.' Yudhishthira respondeu, 'Ó Brahmana mais pio e melhor dos Munis, tu narraste para mim esta história moral boa e maravilhosa; e ouvindo-te, ó homem erudito, meu tempo tem passado como um momento; mas, ó senhor adorável, eu até agora não estou saciado com a audição deste discurso moral.'"

216

Vaisampayana continuou, "O rei virtuoso Yudhishthira, tendo escutado a este discurso religioso excelente, se dirigiu novamente ao Rishi Markandeya dizendo, 'Por que o deus do fogo se escondeu em água nos tempos antigos, e por que é que Angiras de grande esplendor oficiando como deus do fogo costumava transportar oblações durante sua dissolução? (Se supunha que Agni ou fogo transportasse as oblações oferecidas pelos homens para os deuses). Há somente um fogo, mas segundo a natureza de sua ação, ele é visto se dividir em muitos. Ó senhor venerável, eu almejo ser esclarecido sobre todos estes pontos; Como o Kumara nasceu, (Kumara significa um garoto, consequentemente um príncipe. Aqui se refere a Kartika, o deus da guerra) como ele veio a ser conhecido como o filho de Agni (o deus do fogo) e como ele foi gerado por Rudra ou Ganga e Krittika. Ó descendente nobre da linhagem de Bhrigu, eu desejo saber tudo isto exatamente como aconteceu. Ó grande Muni, eu estou cheio de grande curiosidade.' Markandeya respondeu, 'Em relação a isto essa história antiga é citada pelos eruditos, quanto a como o transportador de oblações (o deus do fogo), em um acesso de raiva, procurou as águas do mar para realizar uma penitência, e como o adorável Angiras, se transformando no deus do fogo (por carregar suas oblações para os deuses) destruiu a escuridão e afligiu o mundo com seus raios ardentes. Nos tempos antigos, ó herói de braços longos, o grande Angiras realizou uma penitência admirável em seu eremitério; ele até sobrepujou o deus do fogo, o carregador de oblações, em esplendor, e naquela condição ele iluminou o universo inteiro. Naquela época o deus do fogo também estava realizando uma penitência e estava muito angustiado pela refulgência (de Angirasa). Ele estava muito deprimido, mas não sabia o que fazer. Então aquele deus adorável pensou consigo mesmo, 'Brahma criou outro deus do fogo para este universo. Como eu tenho estado praticando austeridades, meus serviços como a divindade presidente do fogo foram dispensados'; e então ele considerou como ele poderia se restabelecer como o deus do fogo. Ele viu o grande Muni dando calor para todo o universo como fogo, e se aproximou dele lentamente com medo. Mas Angiras disse a ele, 'Restabeleça-te rapidamente como o fogo animando o universo, tu és bem conhecido nos três mundos estáveis e tu foste primeiro criado por Brahma para dissipar a escuridão. Ó destruidor da escuridão, ocupe rapidamente teu próprio lugar adequado.' Agni respondeu, 'Minha reputação foi agora prejudicada neste mundo. E tu deves tornar-te o deus do fogo, e as pessoas conhecerão a ti, e não a mim, como fogo. Eu tenho abandonado minha divindade de fogo, torne-te o fogo primitivo e eu oficiarei como o segundo fogo ou Prajapatyaka.' Angiras respondeu, 'Torne-te o deus do fogo e o destruidor da escuridão e cumpra o teu dever sagrado de clarear o caminho das pessoas para o céu, e, ó senhor, torne-me rapidamente teu primeiro filho.' Markandeya continuou, 'Ouvindo essas palavras de Angiras, o deus do fogo fez como desejado, e, ó rei, Angiras teve um filho chamado Vrihaspati. Sabendo que ele era o primeiro filho de Angiras por meio de Agni, os deuses, ó Bharata, foram (até Angiras) e perguntaram sobre o mistério. E assim perguntado pelos deuses ele lhes informou, e os deuses então aceitaram a explicação de Angiras. Em relação a isto,

eu descreverei para ti tipos religiosos de fogo de grande refulgência os quais são aqui conhecidos diferentemente nos Brahmanas (partes dos Vedas) por seus respectivos usos."

217

Markandeya continuou, 'Ó ornamento da linhagem Kuru, ele (Angiras) que era o terceiro filho de Brahma, tinha uma esposa de nome Subha. Ouça sobre os filhos que ele teve com ela. Seu filho Vrihaspati, ó rei, era muito famoso, de grande coração e de grande energia corpórea. Seu caráter e erudição eram profundos, e ele tinha uma grande reputação como um conselheiro. Bhanumati foi sua filha primogênita. Ela era a mais bela de todas as suas crianças. A segunda filha de Angiras se chamava Raga (Raga significa amor). Ela era assim chamada porque que ela era o objeto do amor de todas as criaturas. Siniwali era a terceira filha de Angiras. Seu corpo era de tal feitio delgado que ela era visível em um momento e invisível em outro; e por esta razão ela foi comparada à filha de Rudra. Archismati foi sua quarta filha, ela era assim chamada por sua grande refulgência. E sua quinta filha se chamava Havishmati, assim chamada por ela aceitar havis ou oblações. A sexta filha de Angiras se chamava Mahismati a virtuosa. Ó ser de compreensão aguçada, a sétima filha de Angiras é conhecida pelo nome de Mahamati, que está sempre presente em sacrifícios de grande esplendor, e aquela filha venerável de Angiras, a quem eles chamam de inigualável e sem fração, e sobre quem as pessoas proferem as palavras kuhu kuhu milagre, é conhecida pelo nome de Kuhu.'"

218

"Markandeya continuou, 'Vrishaspati tinha uma esposa (chamada Tara) pertencente ao mundo lunar. Com ela, ele teve seis filhos partilhando da energia do fogo, e uma filha. O fogo em cuja honra oblações de manteiga clarificada são oferecidas no Paurnamasya e outros sacrifícios, era um filho de Vrishaspati chamado Sanju; ele era de grande mérito ascético. Nos sacrifícios Chaturmasya (quatro mensais) e Aswamedha (cavalo), animais são oferecidos primeiro em sua honra, e este fogo poderoso é indicado por numerosas chamas. A esposa de Sanju era chamada Satya, ela era de beleza inigualável e ela nasceu de Dharma (justiça) por causa da verdade. O fogo resplandecente era seu filho, e ele teve três filhas de grande mérito religioso. O fogo o qual é honrado com as primeiras oblações em sacrifícios é seu primeiro filho chamado Bharadwaja. O segundo filho de Sanju é chamado Bharata em cuja honra oblações de manteiga clarificada são oferecidas com a concha sacrifical (chamada Sruk) em todos os sacrifícios da lua cheia (Paurnamasaya). Além destes três filhos dos quais Bharata é o mais velho, ele teve um filho chamado Bharata e uma filha chamada Bharati. O fogo Bharata é o filho do Prajapati Bharata Agni (fogo). E, ó ornamento da linhagem de Bharata, porque ele é muito honrado, ele é também chamado de poderoso. Vira é esposa de Bharadwaja; ela deu nascimento à Vira. É dito pelos Brahmanas que ele é

cultuado como Soma (com os mesmos hinos) com oferendas de manteiga clarificada. Ele é unido com Soma na oblação secundária de manteiga clarificada e é também chamado de Rathaprabhu, Rathadhwana e Kumbhareta. Ele gerou um filho chamado Siddhi com sua mulher Sarayu, e envolveu o sol com seu esplendor, e por ser o gênio presidente do fogo sacrifical ele é sempre mencionado nos hinos em louvor do fogo. E o fogo Nischyavana louva a terra somente; ele nunca sofre em reputação, esplendor e prosperidade. O fogo impecável Satya brilhando com chama pura é seu filho. Ele está livre de toda mácula e não é corrompido pelo pecado, e é o regulador do tempo. Aquele fogo tem outro nome Nishkriti, porque ele realizou o Nishkriti (libertação) de todas as criaturas barulhentas aqui. Quando devidamente cultuado ele concede boa sorte. Seu filho é chamado Swana, que é o gerador de todas as doenças; ele inflige sofrimentos severos nas pessoas pelos quais elas gritam alto, e se move na inteligência do universo inteiro. E o outro fogo (terceiro filho de Vrihaspati) é chamado de Viswajit por homens de sabedoria espiritual. O fogo, o qual é conhecido como o calor interno pelo qual o alimento de todas as criaturas é digerido, é o quarto filho de Vrihaspati conhecido por todos os mundos, ó Bharata, pelo nome de Viswabhuk. Ele é autocontrolado, de grande mérito religioso, e é um Brahmacharin e ele é cultuado por Brahmanas nos sacrifícios-Paka. O rio sagrado Gomati era sua esposa e por meio dela todos os homens de mente religiosa realizam seus ritos. E aquele terrível fogo bebedor de água do mar chamado Vadava é o quinto filho de Vrihaspati. Este Brâhmico tem uma tendência para se mover para cima e por isso é chamado de Urdhvabhag, e está assentado no ar vital chamado Prana. O sexto filho é chamado de grande Swishtakrit; pois por meio dele oblações se tornam swishta (su, excelentemente, e ishta, oferecido) e a oblação udagdhara é sempre feita em sua honra. E quando todas as criaturas são reclamadas, o fogo chamado Manyauti se torna cheio de fúria. Este fogo inexoravelmente terrível e muito irascível é a filha de Vrihaspati, e é conhecido como Swaha e está presente em toda matéria. (Pela respectiva influência das três qualidades de sattwa, rajas e tamas, Swaha teve três filhos). Por causa da primeira ela teve um filho que não era igualado por alguém no céu em beleza pessoal, e por causa deste fato ele foi apelidado pelos deuses como o fogo-Kama; (Kama é o nome do deus do amor, Cupido Indiano). (Por causa da segunda) ela teve um filho chamado Amogha ou fogo invencível, o destruidor de seus inimigos em batalha. Seguro do êxito ele refreia sua raiva e está armado com um arco e sentado em uma carruagem e adornado com guirlandas de flores. (Da ação da terceira qualidade) ela teve um filho, o grande Uktha (os meios de salvação) louvado por (semelhante aos) três Ukthas. (O corpo, a Causa excitante das nossas ações é um uktha, a alma do vivificador do corpo é o segundo uktha, e o Espírito Supremo, o incitador da alma é o terceiro). Ele é o originador da grande palavra (a palavra de Deus) e é portanto conhecido como o Samaswasa ou os meios de repouso (salvação).'"

219

"Markandeya continuou, 'Ele (Uktha) realizou uma penitência rigorosa que durou por muitos anos, com o objetivo de ter um filho pio que fosse igual a Brahma em reputação. E quando a invocação foi feita com os hinos do vyahriti e com a ajuda dos cinco fogos sagrados, Kasyapa, Vasistha, Prana, o filho de Prana, Chyavana, o filho de Angiras, e Suvarchaka, lá surgiu uma energia (força) muito brilhante, cheia do princípio animador (criativo), e de cinco cores diferentes. Sua cabeça era do cor do fogo ardente, seus braços eram brilhantes como o sol e sua pele e olhos eram de cor dourada e seus pés, ó Bharata, eram pretos. Suas cinco cores foram dadas a ele por aqueles cinco homens por causa de sua grande penitência. Este ser celeste é portanto descrito como pertencente a cinco homens, e ele é o progenitor de cinco tribos. Depois de ter realizado uma penitência por dez mil anos, aquele ser de grande mérito ascético produziu o fogo terrível pertencente aos Pitris (espíritos dos mortos) para começar o trabalho de criação, e de sua cabeça e boca respectivamente ele criou Vrihat e Rathantara (dia e noite) que rapidamente levam a vida embora. Ele também criou Siva de seu umbigo, Indra de seu poder e vento e fogo de sua alma, e de seus dois braços surgiram os hinos Udatta e Anudatta. Ele também produziu a mente, e os cinco sentidos, e outras criaturas. Tendo criado estes, ele produziu os cinco filhos dos Pitris. Deste Pranidhi era o filho de Vrihadratha. Vrihadratha era o filho de Kasyapa. Bhanu era o afilhado de Chyavana, Saurabha, o filho de Suvarchaka, e Anudatta, o filho de Prana. Estes vinte e cincos seres são reputados (como tendo sido criados por ele). Tapa também criou quinze outros deuses que obstruem sacrifícios (Asuras). Eles são Subhima, Bhima, Atibhima, Bhimavala, Avala, Sumitra, Mitravana, Mitasina, Mitravardhana e Mitradharaman, e Surapravira, Vira, Suveka, Suravarchas e Surahantri. Estes deuses são divididos em três classes de cinco cada uma. Localizados aqui neste mundo, eles destroem os sacrifícios dos deuses no céu; eles frustram seus objetivos e arruínam suas oblações de manteiga clarificada. Eles fazem isto somente para ofender os fogos sagrados que carregam oblações para os deuses. Se os sacerdotes oficiantes são cuidadosos, eles colocam as oblações em honra deles fora do altar sacrifical. Para aquele lugar específico onde o fogo sagrado possa estar colocado, eles não podem ir. Eles carregam a oblação de seus devotos por meio de asas. Quando apaziguados por hinos, eles não frustram os ritos sacrificais. Vrihaduktha, outro filho de Tapa, pertence à Terra. Ele é adorado aqui neste mundo por homens pios realizando sacrifícios Agnihotra. Do filho de Tapa que é conhecido como Rathantara, é dito por sacerdotes oficiantes que a oblação sacrifical oferecida em sua honra é oferecida para Mitravinda. O célebre Tapa foi assim muito feliz com seus filhos."

220

"Markandeya continuou, 'O fogo chamado Bharata foi limitado por regras rígidas de ascetismo. Pushtimati é outro nome de seu fogo; pois quando ele está satisfeito ele concede pushti (desenvolvimento) para todas as criaturas, e por esta razão ele

é chamado Bharata (ou o que nutre). E aquele outro fogo, de nome Siva, é dedicado ao culto de Sakti (as forças da divindade que preside as forças da Natureza), e porque ele sempre alivia os sofrimentos de todas as criaturas afligidas pela tristeza, ele é chamado de Siva (o que concede o bem). E após a aquisição de grande riqueza ascética por Tapa, um filho inteligente chamado Puranda nasceu para herdar a mesma. Outro filho chamado Ushma também nasceu. Este fogo é observado no vapor de toda matéria. Um terceiro filho Manu nasceu. Ele oficiou como Prajapati. Os Brahmanas que são versados nos Vedas então falam das façanhas do fogo Sambhu. E depois deste o fogo brilhante Avasathya de grande resplendor é citado pelos Brahmanas. Tapa assim criou os cinco fogos Urjaskara, todos brilhantes como ouro. Estes todos compartilham a bebida Soma em sacrifícios. O grande deus do sol quando fatigado (depois dos seus trabalhos do dia) é conhecido como o fogo Prasanta. Ele criou os Asuras terríveis e várias outras criaturas da terra. Angiras também criou o Prajapati Bhanu, o filho de Tapa. Ele é também chamado de Vrihadbhanu (o grande Bhanu) por Brahmanas versados nos Vedas. Bhanu casou-se com Supraja, e Brihadbhanu, a filha de Surya (o deus do sol). Eles deram à luz seis filhos; ouça sobre sua progênie. O fogo que dá força para o fraco se chama Valada (ou o concessor de força). Ele é o primeiro filho de Bhanu, e aquele outro fogo que parece terrível quando todos os elementos estão em um estado tranquilo é chamado de fogo Manjuman; ele é o segundo filho de Bhanu. E o fogo em cuja honra oblações de manteiga clarificada são ordenadas serem feitas aqui nos sacrifícios Darsa e Paurnamasya e que é conhecido como Vishnu neste mundo, é (o terceiro filho de Bhanu) chamado Angiras, ou Dhritiman. E o fogo para quem, com Indra, a oblação Agrayana é ordenada ser feita é chamado de fogo Agrayana. Ele é o (quarto) filho de Bhanu. O quinto filho de Bhanu é Agraha que é a fonte das oblações as quais são feitas diariamente para o desempenho dos ritos Chaturmasya (quatro mensais). E Stuva é o sexto filho de Bhanu. Nisa era o nome de outra esposa daquele Manu que é conhecido pelo nome de Bhanu. Ela deu à luz a uma filha, aos dois Agnishomas, e também a cinco outros deuses do fogo. O resplandecente deus do fogo que é honrado com as primeiras oblações em companhia com a divindade presidente das nuvens é chamado Vaiswanara. E aquele outro fogo que é chamado de senhor de todos os mundos é Viswapati, o segundo filho de Manu. E a filha de Manu é chamada Swistakrit, porque por meio de oblações para ela alguém adquire grande mérito. Embora ela fosse a filha de Hiranyakasipu, ela ainda assim se tornou sua esposa por seus atos maus. Ela é, entretanto, um dos Prajapatis. E aquele outro fogo que tem suas bases nos ares vitais de todas as criaturas e anima seus corpos é chamado de Sannihita. Ele é a causa das nossas percepções de som e forma. Aquele espírito divino cujo rumo é marcado por manchas pretas e brancas, que é o sustentador do fogo, e que, embora livre de pecado, é o realizador do karma desejado, a quem os sábios respeitam como um grande Rishi, é o fogo Kapila, o apresentador do sistema de Yoga chamado Sankhya. O fogo através do qual espíritos elementares sempre recebem as oferendas chamadas Agra feitas por outras criaturas na realização de todos os ritos peculiares neste mundo é chamado de Agrani. E estes outros fogos brilhantes famosos no mundo foram criados para a retificação dos ritos Agnihotra quando arruinados por quaisquer defeitos. Se os fogos se sobrepõem uns aos

outros pela ação do vento, então a retificação deve ser feita com os ritos Ashtakapala em honra do fogo Suchi. E se o fogo do sul entra em contato com os dois outros fogos, então deve ser feita retificação pelo desempenho dos ritos Ashtakapala em honra do fogo Viti. Se os fogos em seu lugar chamado Nivesa entram em contato com o fogo chamado Devagni, então os ritos Ashtakapala devem ser realizados em honra do fogo Suchi para retificação. E se o fogo perpétuo for tocado por uma mulher em seu curso mensal, então para retificação os ritos Ashtakapala devem ser realizados em honra do fogo chamado Dasyuman. Se no momento da realização desses ritos Agnihotra a morte de alguma criatura é mencionada, ou se animais morrem, então a retificação deve ser feita com o desempenho dos ritos Ashtakapala em honra do fogo Suraman. O Brahmana que enquanto sofrendo de uma doença não puder oferecer oblações ao fogo sagrado por três noites deve dar compensação para o mesmo por realizar os ritos Ashtakapala em honra do fogo do norte. Aquele que tem realizado os ritos Darsa e Paurnamasya deve fazer a retificação com a realização dos ritos Ashtakapala em honra do fogo Patikrit. Se o fogo de um quarto de resguardo entra em contato com o fogo perpétuo sagrado, então a retificação deve ser feita com o desempenho dos ritos Ashtakapala em honra do fogo Agniman.'"

221

Markandeya continuou, "Mudita, a esposa favorita do fogo Swaha, costumava viver na água. E Swaha que era o regente da terra e céu gerou naquela sua esposa um fogo muito sagrado chamado Advanta. Há uma tradição entre Brahmanas eruditos que este fogo é o soberano e alma interna de todas as criaturas. Ele é venerável, resplandecente e o senhor de todos os grandes Bhutas aqui. E aquele fogo, sob o nome de Grihapati, é sempre adorado em todos os sacrifícios e transporta todas as oblações que são feitas neste mundo. Aquele grande filho de Swaha, o grande fogo Adbhuta é a alma das águas e o príncipe e regente do céu e o senhor de todas as coisas grandiosas. Seu (filho), o fogo Bharata, consome os corpos mortos de todas as criaturas. Seu primeiro Kratu é conhecido como Niyata na realização do sacrifício Agnishtoma. Aquele fogo poderoso primordial (Swaha) é sempre perdido pelos deuses, porque quando ele vê Niyata se aproximando ele se esconde no mar por medo de contaminação. Procurando por ele em todas as direções, os deuses não puderam descobri-lo (outrora) e ao ver Atharvan o fogo disse para ele, 'Ó ser valente, carregue as oblações para os deuses! Eu estou incapacitado por falta de força. Alcançando o estado do fogo de olhos vermelhos, digne-te a me fazer este favor!' Tendo assim aconselhado Atharvan, o fogo partiu para algum outro lugar. Mas seu esconderijo foi divulgado pela tribo provida de barbatanas. Sobre eles o fogo pronunciou esta maldição com raiva, 'Vocês serão o alimento de todas as criaturas de várias maneiras.' E então aquele transportador de oblações falou para Atharvan (como antes). Embora rogado pelos deuses, ele não concordou em continuar a carregar suas oblações. Ele então se tornou insensível e morreu imediatamente. E deixando seu corpo material, ele entrou nas entranhas da terra. Entrando em

contato com a terra, ele criou os diferentes metais. Força e aroma surgiram de seu pus; o cedro do Himalaya de seus ossos; vidro de sua fleuma; a jóia Marakata de sua bílis; e o ferro negro de seu fígado. E todo o mundo foi embelezado com estas três substâncias (madeira, pedra e ferro). As nuvens foram feitas de suas unhas, e corais de suas veias. E, ó rei, vários outros metais foram produzidos de seu corpo. Assim deixando seu corpo material, ele permaneceu absorto em meditação (espiritual). Ele foi despertado pela penitência de Bhrigu e Angiras. O fogo poderoso assim gratificado com penitência resplandeceu intensamente. Mas ao contemplar o Rishi (Atharvan), ele procurou novamente seu refúgio aquoso. Por causa dessa extinção do fogo o mundo inteiro estava assustado, e procurou a proteção de Atharvan, e os deuses e outros começaram a cultuá-lo. Atharvan deu uma busca minuciosa no oceano inteiro na presença de todos aqueles seres ávidos com expectativa, e descobrindo o fogo, ele mesmo começou o trabalho de criação. Dessa maneira nos tempos antigos o fogo foi destruído e chamado de volta à vida pelo adorável Atharvan. Mas agora ele invariavelmente carrega as oblações de todas as criaturas. Vivendo no mar e viajando por vários países, ele produziu os vários fogos mencionados nos Vedas.

O rio Indus, os cinco rios (do Punjab), o Sone, o Devika, o Saraswati, o Ganga, o Satakumbha, o Sarayu, o Gandaki, o Charmanwati, o Mahi, o Medha, o Medhatithi, os três rios Tamravati, o Vetravati, e o Kausiki; o Tamasa, o Narmada, o Godavari, o Vena, o Upavena, o Bhima, o Vadawa, o Bharati, o Suprayoga, o Kaveri, o Murmura, o Tungavenna, o Krishnavenna e o Kapila, estes rios, ó Bharata, são citados como as mães dos fogos! O fogo chamado Adbhuta tinha uma esposa de nome Priya, e Vibhu era o mais velho de seus filhos com ela. Há tantas espécies diferentes de sacrifícios Soma quanto o número de fogos mencionados antes. Toda esta linhagem de fogos, primogênita do espírito de Brahma, surgiu também da geração de Atri. Atri em sua própria mente concebeu estes filhos, desejoso de estender a criação. Por esta ação, os fogos saíram do seu próprio corpo Brâhmico. Eu assim narrei para ti a história da origem desses fogos. Eles são numerosos, resplandecentes, e inigualáveis em poder, e eles são os destruidores de escuridão. Saiba que os poderes desses fogos são os mesmos que aqueles do fogo Adbhuta como relatado nos Vedas. Pois todos estes fogos são um e o mesmo. Este ser adorável, o fogo primogênito, deve ser considerado como um. Pois como o sacrifício Jyotishtoma ele saiu do corpo de Angiras em várias formas. Eu assim descrevi para ti a história da grande linhagem de Agni (fogos) que quando devidamente adorado com os vários hinos, carrega oblações de todas as criaturas para os deuses."

222

"Markandeya continuou, 'Ó descendente impecável da linhagem de Kuru, eu descrevi para ti os vários ramos da linhagem de Agni. Ouça agora a história do nascimento do inteligente Kartikeya. Eu te falarei daquele filho admirável e famoso e muito vigoroso do fogo Adbhuta gerado das esposas dos Brahmarshis. Nos tempos antigos os deuses e Asuras eram muito ativos em destruírem uns aos

outros. E os Asuras terríveis sempre conseguiam derrotar os deuses. E Purandara (Indra) vendo a grande matança de seus exércitos por eles e ansioso para descobrir um líder para a hoste celeste, pensou consigo mesmo, 'Eu devo descobrir uma pessoa poderosa que observando as tropas do exército celeste despedaçadas pelos Danavas seja capaz de reorganizá-las com vigor.' Ele então se dirigiu às montanhas Manasa e estava lá profundamente absorto em contemplação da natureza, quando ele ouviu os gritos de partir o coração de uma mulher neste sentido, 'Que alguém possa vir rápido e me salvar, e ou indicar um marido para mim, ou ser ele mesmo meu marido.' Purandara disse a ela, 'Não tenha medo, senhora!' E tendo dito estas palavras, ele viu Kesin (um Asura) adornado com uma coroa e maça na mão de pé assim como uma colina de metais a uma distância e segurando aquela senhora pela mão. Vasava se dirigiu então àquele Asura dizendo, 'Por que tu estás disposto a te comportar insolentemente com esta senhora? Saiba que eu sou o deus que maneja o raio. Abstenha-te de fazer alguma violência para esta senhora.' A ele Kesin respondeu, 'Ó Sakra, não interfira, eu desejo possuí-la. Tu pensas, ó matador de Paka, que tu serás capaz de voltar para casa com tua vida?' Com estas palavras Kesin arremessou sua maça para matar Indra. Vasava cortou-a em seu percurso com seu raio. Então Kesin, furioso, arremessou uma massa enorme de rocha nele. Vendo aquilo, ele de cem sacrifícios partiu-a com seu raio e ela caiu sobre o solo. E o próprio Kesin foi ferido pela queda daquela massa de rocha. Assim muito aflito, ele fugiu deixando a senhora para trás. E quando o Asura tinha partido, Indra disse para aquela senhora, 'Quem e esposa de quem tu és, ó senhora com um rosto belo, e o que te trouxe aqui?'"

223

"A senhora respondeu, 'Eu sou uma filha de Prajapati (o senhor de todas as criaturas, Brahma) e meu nome é Devasena. Minha irmã Daityasena antes disso foi raptada por Kesin. Nós duas com nossas empregadas habitualmente costumávamos vir para estas montanhas Manasa para nos divertirmos com a permissão de Prajapati. E o grande Asura Kesin costumava nos cortejar diariamente. Daityasena, ó conquistador de Paka, escutou a ele, mas eu não. Daityasena foi, portanto, levada por ele, mas, ó ilustre, tu me salvaste com teu poder. E agora, ó senhor dos celestiais, eu desejo que tu escolhas um marido invencível para mim.' A isto Indra respondeu, 'Tu és uma prima minha, tua mãe sendo uma irmã da minha mãe Dakshayani, e agora eu desejo te ouvir relatar teu próprio valor.' A senhora respondeu, 'Ó herói de braços longos, eu sou Avala (alguém que não tem vala ou força ou poder) mas meu marido deve ser poderoso. E pela potência da bênção do meu pai, ele será respeitado por deuses e Asuras igualmente.' Indra disse, 'Ó criatura irrepreensível, eu desejo saber de ti que tipo de poder tu desejas que teu marido possua.' A senhora respondeu, 'Aquele ser varonil e famoso e poderoso devotado à Brahma, que é capaz de conquistar todos os celestiais, Asuras, Yakshas, Kinnaras, Uragas, Rakshasas e os Daityas de mente má, e de subjugar todos os mundos contigo, será meu marido.'"

"Markandeya continuou, 'Ao ouvir suas palavras, Indra estava aflito e refletiu profundamente consigo mesmo, 'Não há marido para esta senhora, correspondendo à sua própria descrição.' E aquele deus adornado com resplendor como o do sol então percebeu o Sol nascendo na colina Udaya, (de acordo com os Hindus, o sol nasce e se põe atrás de duas colinas respectivamente. Ele nasce de Udaya ou colina Nascer do Sol, e se põe atrás de Asta ou colina Pôr do Sol) e o grande Soma (Lua) deslizando na direção do Sol. Sendo o tempo da Lua Nova, ele de cem sacrifícios, no momento Raudra (pertencente à Rudra, o deus da fúria, violência, guerra, etc), observou os deuses e Asuras lutando na colina Nascer do Sol. E ele viu que o crepúsculo da manhã estava tingido com nuvens vermelhas. E ele também viu que a residência de Varuna tinha se tornado vermelho-sangue. E ele também observou Agni transportando oblações oferecidas com vários hinos por Bhrigu, Angiras, e outros e entrando no disco do Sol. E ele além disso viu os vinte e quatro Parvas adornando o Sol, e o terrível Soma também presente no sol sob tais circundantes. E observando aquela união do Sol e da Lua e aquela conjunção terrível deles Sakra pensou consigo mesmo, ‘Esta magnífica conjunção do Sol e da Lua pressagia uma batalha terrível no dia seguinte. E o rio Sindhu (Indus) também está fluindo com uma corrente de sangue fresco e os chacais com olhares ardentes estão gritando para o Sol. Esta grande conjunção é temível e cheia de energia. Este união da Lua (Soma) com o Sol e Agni é muito admirável. E se Soma der nascimento a um filho agora, aquele filho pode ser vir a ser o marido desta senhora. E Agni também tem arredores similares agora, e ele também é um deus. Se os dois gerarem um filho, aquele filho pode se tornar o marido desta senhora.' Com estes pensamentos aquele ilustre celestial se dirigiu para as regiões de Brahma, levando Devasena (literalmente, o exército celestial) com ele. E saudando o Avô ele disse para ele, 'Determine um guerreiro renomado como marido desta senhora.' Brahma respondeu, 'Ó matador de Asuras, será como tu planejaste. O resultado daquela união será poderoso e vigoroso consequentemente. Aquele ser poderoso será o marido desta senhora e o líder das tuas forças junto contigo.' Assim endereçado, o senhor dos celestiais e a senhora reverenciaram a ele e então se dirigiram ao lugar onde aqueles grandes Brahmanas, os poderosos Rishis celestes, Vasistha e outros, viviam. E com Indra em sua chefia, os outros deuses também, desejosos de beber a bebida Soma, se dirigiram para os sacrifícios daqueles Rishis para receber suas respectivas partes das oferendas. Tendo devidamente realizado as cerimônias com o fogo ardente brilhante, aquelas pessoas de grande mente ofereceram oblações aos celestiais. E o fogo Adbhuta, aquele transportador de oblações, foi convidado com mantras. E saindo do disco solar, aquele fogo nobre se dirigiu devidamente para lá, reprimindo a fala. E, ó chefe da raça Bharata, aquele fogo entrando no fogo sacrifical que tinha sido aceso e para o qual várias oferendas foram feitas pelos Rishis com recitações de hinos, levou-as com ele e transferiu-as para os habitantes do céu. E enquanto voltava daquele local, ele observou as esposas daqueles Rishis de grande alma dormindo tranquilamente em suas camas. E aquelas senhoras tinham uma cor bela como aquela de um altar de ouro, imaculadas como raios lunares, parecendo com chamas ardentes e semelhantes a estrelas brilhantes. E observando aquelas esposas dos Brahmanas ilustres com olhares ávidos, sua mente ficou agitada e ele foi afetado por seus encantos.

Reprimindo seu coração ele considerou impróprio para ele estar assim agitado. E ele disse para si mesmo, ‘As esposas daqueles grandes Brahmanas são castas e fiéis e além do alcance dos desejos de outras pessoas. Eu estou cheio de desejo para possuí-las. Eu não posso legalmente lançar meus olhos sobre elas, nem mesmo tocá-las quando elas não estão cheias de desejo. Eu, portanto, me satisfazerei diariamente somente por olhar para elas por me tornar seu fogo Garhapatya (doméstico).'"

"Markandeya continuou, ‘O fogo Adbhuta, assim se transformando em um (fogo) doméstico, estava muito satisfeito por ver aquelas senhoras da cor do ouro e tocá-las com suas chamas. E influenciado por seus encantos ele morou lá por muito tempo, lhes dando seu coração e cheio de um amor intenso por elas. E frustrado em todos os seus esforços para ganhar os corações das senhoras Brahmana, e seu próprio coração torturado pelo amor, ele se dirigiu para uma floresta com o objetivo certo de destruir a si mesmo. Pouco tempo antes, Swaha, a filha de Daksha, tinha concedido seu amor a ele. A senhora excelente vinha se esforçando por muito tempo para descobrir seus momentos fracos; mas aquela senhora irrepreensível não conseguiu descobrir alguma fraqueza no calmo e controlado deus do fogo. Mas agora que o deus tinha se dirigido para uma floresta, realmente torturado pelas aflições do amor, ela pensou, 'Como eu também estou afligida pelo amor, eu assumirei a aparência das esposas dos sete Rishis, e naquele disfarce eu procurarei o deus do fogo assim encantado com seus atrativos. Isto feito, ele será gratificado e meu desejo também será satisfeito.'"

224

"Markandeya continuou, 'Ó senhor de homens, a bela Siva dotada de grandes virtudes e um caráter imaculado era a esposa de Angiras (um dos sete Rishis). Aquela senhora excelente (Swaha) a princípio assumindo o disfarce de Siva, procurou a presença de Agni para quem ela disse, 'Ó Agni, eu estou torturada com amor por ti. Pense que é adequado me cortejar. E se tu não concordares com meu pedido, saiba que eu cometerei suicídio. Eu sou Siva a mulher de Angiras. Eu vim aqui segundo o conselho das esposas dos outros Rishis, que me mandaram aqui depois de devida deliberação.'

Agni respondeu, 'Como tu sabias que eu estava torturado pelo amor e como poderiam as outras, as esposas queridas dos sete Rishis, de quem tu falaste, saber disso?'

Swaha respondeu, 'Tu és sempre um favorito para nós, mas nós temos medo de ti. Agora tendo lido a tua mente por sinais bem conhecidos, elas me enviaram à tua presença. Eu vim aqui para satisfazer meu desejo. Seja rápido, ó Agni, para realizar o objeto do teu desejo, minhas cunhadas estão me esperando. Eu devo voltar logo.'

Markandeya continuou, 'Então Agni, cheio de grande alegria e deleite, se uniu com Swaha no disfarce de Siva, e aquela senhora, coabitando alegremente com ele, segurou o sêmen viril em suas mãos. E então ela pensou consigo mesma que aqueles que a observassem naquele disfarce na floresta lançariam uma calúnia imerecida sobre a conduta daquelas senhoras Brahmana em conexão com Agni. Portanto, para impedir isso, ela deveria assumir o disfarce de uma ave, e naquele estado ela sairia mais facilmente da floresta.'

Markandeya continuou, 'Então assumindo o disfarce de uma criatura alada, ela saiu da floresta e alcançou a Montanha Branca envolvida por moitas de urzes e outras plantas e árvores, e guardada por estranhas serpentes de sete cabeças com veneno em seus próprios olhares, e abundando com Rakshasas, Pisachas machos e fêmeas, espíritos terríveis, e várias espécies de aves e animais. Aquela senhora excelente subindo rapidamente um pico daquelas montanhas, jogou aquele sêmen em um lago dourado. E então assumindo sucessivamente as formas das esposas dos sete Rishis de grande alma, ela continuou a ficar com Agni. Mas por causa do grande mérito ascético de Arundhati e de sua devoção por seu marido (Vasishtha), ela não pôde assumir sua forma. E, ó chefe da raça Kuru, a senhora Swaha no primeiro dia lunar jogou seis vezes naquele lago o sêmen de Agni. E jogado lá, ele produziu uma criança masculina dotada de grande poder. E do fato dela ser considerada pelos Rishis como rejeitada, a criança nascida disso veio a ser chamada pelo nome de Skanda. E a criança tinha seis rostos, doze orelhas, o mesmo número de olhos, mãos, e pés, um pescoço, e um estômago. E ele primeiro assumiu uma forma no segundo dia lunar, e ele cresceu até o tamanho de uma criança pequena no terceiro. E os membros de Guha foram desenvolvidos no quarto dia. E sendo cercado por massas de nuvens vermelhas emitindo relâmpagos, ele brilhou como o Sol surgindo no meio de uma massa de nuvens vermelhas. E pegando o arco extraordinário e imenso que foi usado pelo destruidor do Asura Tripura para a destruição dos inimigos dos deuses, aquele ser poderoso proferiu tal rugido terrível que os três mundos com duas divisões móveis e imóveis foram tomados pelo temor. E ouvindo aquele som que parecia com o ribombar de uma massa de nuvens grandes, os grandes Nagas, Chitra e Airavata, foram abalados pelo medo. E vendo eles inseguros aquele menino brilhando com resplendor como o do sol segurou-os com duas mãos. E com um dardo em (outra) mão, e com um galo robusto, de crista vermelha, e grande seguro firmemente em outra, aquele filho de braços longos de Agni começou a se divertir em volta fazendo um barulho terrível. E segurando uma concha excelente com duas de suas mãos, aquele ser poderoso começou a soprá-la para o grande terror até das criaturas mais poderosas. E batendo no ar com duas de suas mãos, e brincando no topo da colina, o poderoso Mahasena de destreza inigualável parecia como se ele estivesse a ponto de devorar os três mundos, e brilhava como o deus do sol resplandecendo no momento de sua ascensão nos céus. E aquele ser de destreza admirável e força inigualável, sentado no topo daquela colina, contemplava com seus numerosos rostos direcionados para os diferentes pontos cardeais, e observando várias coisas, ele repetiu seus rugidos altos. E ao ouvirem aqueles rugidos várias criaturas estavam prostradas com medo. E assustadas e perturbadas em mente elas procuraram proteção. E todas aquelas pessoas de

várias ordens que então procuraram a proteção daquele deus são conhecidas como seus poderosos seguidores Brahmana. E se levantando de seu assento, aquele deus poderoso aquietou os medos de todas aquelas pessoas, e então sacando seu arco, ele atirou suas flechas na direção da Montanha Branca. E com aquelas flechas a colina Krauncha, o filho de Himavat, foi rachada. Esta é a razão por que cisnes e urubus agora migram para as montanhas Sumeru. A colina Krauncha, muito ferida, caiu proferindo gemidos terríveis. E vendo-a caída, as outras colinas também começaram a gritar. E aquele ser poderoso de destreza sem igual, ouvindo os gemidos dos afligidos, não estava comovido em absoluto, mas erguendo sua maça ele mesmo proferiu seu grito de guerra. E aquele ser de grande alma então arremessou sua maça de grande brilho e rapidamente rachou em dois um dos picos da Montanha Branca. E a Montanha Branca sendo assim perfurada por ele estava com muito medo e se dissociando da terra fugiu com as outras montanhas. E a terra estava imensamente aflita e privada de seus ornamentos por toda parte. E nesta angústia, ela ficou perto de Skanda e mais uma vez resplandeceu com todo seu poder. E as montanhas também se curvaram à Skanda e voltaram e se fixaram no solo. E todas as criaturas então celebraram o culto de Skanda no quinto dia do mês lunar.”

225

"Markandeya continuou, 'Quando aquele ser vigoroso, de grande alma e poderoso nasceu, vários tipos de fenômenos assustadores ocorreram. E a natureza de machos e fêmeas, de calor e frio, e de outros pares de contrários semelhantes foi invertida. E os planetas, os pontos cardeais e o firmamento ficaram radiantes com luz e a terra começou a retumbar muito. E até os Rishis, procurando o bem-estar do mundo, enquanto eles observavam todos estes prodígios magníficos por todos os lados, começaram com corações ansiosos a restaurar a tranquilidade no universo. E aqueles que costumavam viver naquela floresta Chitraratha disseram, ‘Esta nossa condição muito miserável foi ocasionada por Agni coabitar com as seis esposas dos sete Rishis.' Outros além disso que tinham visto a deusa assumir o disfarce de uma ave disseram, 'Este mal foi ocasionado por uma ave.' Ninguém jamais imaginou que Swaha era a autora daquela injúria. Mas tendo sabido que a criança masculina (recém-nascida) era dela, ela foi até Skanda e gradualmente revelou para ele o fato que ela era sua mãe. E aqueles sete Rishis, quando eles ouviram que um filho de grande poder tinha nascido (para eles), repudiaram suas seis esposas com exceção da adorável Arundhati, porque todos os habitantes daquela floresta protestaram que aquelas seis pessoas tinham colaborado para gerar a criança. Swaha também, ó rei, falou repetidamente para os sete Rishis, dizendo, 'Ó ascetas, esta criança é minha, suas esposas não são mães dele.'

O grande Muni Viswamitra, depois da conclusão dos sacrifícios dos sete Rishis, tinha seguido despercebido o deus do fogo, enquanto o último estava atormentado pela luxúria. Ele, portanto, sabia como tudo tinha acontecido e ele foi o primeiro a

procurar a proteção de Mahasena. E ele ofereceu orações divinas para Mahasena e todos os treze ritos auspiciosos concernentes à infância, tal como a natalícia e outras cerimônias, foram todas realizadas pelo grande Muni em relação àquela criança. E para o bem do mundo ele promulgou as virtudes de Skanda de seis faces, e realizou cerimônias em honra do galo, da deusa Sakti, e dos primeiros seguidores de Skanda. E por esta razão ele se tornou um grande favorito do jovem celeste. Aquele grande Muni então informou os sete Rishis das transformações de Swaha e disse a eles que suas esposas eram totalmente inocentes. Mas embora assim informados os sete Rishis abandonaram suas cônjuges incondicionalmente.'

Markandeya continuou, 'Os celestiais tendo ouvido sobre a destreza de Skanda, disseram todos para Vasava, 'Ó Sakra, mate Skanda sem demora pois sua destreza é insuportável. E se tu não exterminá-lo, ele conquistará os três mundos conosco, e te subjugando, ele mesmo se tornará o senhor poderoso dos celestiais.' Perplexo em mente, Sakra respondeu para eles, 'Esta criança é dotada de grande destreza. Ele pode destruir o Criador do Universo em combate empregando seu poder. Eu não ouso, portanto, matá-lo.' A isto os deuses responderam, 'Tu não tens coragem em ti, que tu falas dessa maneira. Que as grandes Mães do Universo se dirijam hoje até Skanda. Elas podem controlar à vontade qualquer grau de energia. Que elas então matem esta criança.' 'Será assim,' as mães responderam. E então elas partiram. Mas ao verem que ele era possuidor de grande poder elas ficaram desanimadas, e considerando que ele era invencível, elas procuraram sua proteção e disseram a ele, 'Ó ser poderoso, torne-te nosso filho (adotado). Nós estamos cheias de afeição por ti e desejosas de te dar de mamar. Veja!, o leite goteja dos nossos seios!' Ao ouvir estas palavras, o poderoso Mahasena ficou desejoso de sugar os seios delas e ele recebeu-as com devido respeito e concordou com seu pedido. E aquela mais poderosa das criaturas poderosas então viu seu pai Agni indo em direção a ele. E aquele deus, que é o fazedor de tudo o que é bom, foi devidamente honrado por seu filho, e em companhia com as Mães, ele permaneceu lá ao lado de Mahasena para cuidar dele. E aquela senhora entre as Mães que foi nascida da Raiva (a Raiva personificada é uma divindade) com um ferrão na mão manteve vigilância sobre Skanda assim como uma mãe guardando seu próprio filho, e aquela filha irascível e de cor vermelha do Mar, que vivia de sangue, estreitou Mahasena em seu peito e cuidou dele como uma mãe. E Agni se transformando em um comerciante com uma boca de bode e seguido por numerosas crianças começou a gratificar aquele seu filho com brinquedos naquela sua residência da montanha."

226

"Markandeya continuou, 'Os planetas com seus satélites, os Rishis e as Mães, Agni e numerosos outros cortesãos resplandecentes e muitos outros habitantes do céu de aparência terrível serviam Mahasena junto com as Mães. E o ilustre soberano dos deuses, desejoso de vitória mas acreditando que o sucesso era

duvidoso montou em seu elefante Airavata e acompanhado pelos outros deuses avançou em direção a Skanda. Aquele ser poderoso seguido por todos os celestiais estava armado com seu raio. E com o objetivo de matar Mahasena, ele marchou com o exército celeste terrível de grande esplendor, emitindo seus gritos de guerra agudos e providos de vários tipos de estandartes, com guerreiros envolvidos em várias armaduras e armados com arcos numerosos e montados em vários animais. Quando Mahasena contemplou o gloriosamente ornamentado Sakra, vestido em suas melhores roupas, avançando com a determinação de matá-lo, ele (também de sua parte) avançou para encontrar com aquele chefe dos celestiais. Ó Partha, o poderoso Vasava, o senhor dos celestiais, então proferiu um grito alto, para encorajar seus guerreiros e marchando rapidamente com a intenção de matar o filho de Agni e louvado por Tridasas (outro nome dos deuses, assim chamados por eles terem somente três estágios de vida: infância, meninice, e juventude, e serem livres do quarto: velhice), e grandes Rishis, ele finalmente alcançou a residência de Kartikeya. E então ele gritou repetidamente com outros deuses; e Guha também, em resposta a isto, proferiu um grito de guerra terrível parecido com o bramido do mar. Ao ouvir aquele barulho, o exército celeste se comportou como um mar agitado, e estava atordoado e fixo no lugar. E aquele filho de Pavaka (o deus do fogo) observando os deuses se aproximarem dele com o objetivo de matá-lo, estava cheio de cólera, e emitiu chamas de fogo ascendentes de dentro de sua boca. E aquelas chamas destruíram as forças celestes se debatendo sobre o solo. Suas cabeças, seus corpos, suas armas e animais de montaria foram todos queimados naquela conflagração e eles pareceram todos de repente como estrelas deslocadas das suas próprias esferas. Assim atormentados, os deuses renunciaram à toda fidelidade ao (portador) do raio, e procuraram a proteção do filho de Pavaka; e assim a paz foi novamente assegurada. Quando ele foi assim abandonado pelos deuses, Sakra arremessou seu raio em Skanda. Este o perfurou do lado direito; e, ó grande rei, ele passou através do corpo daquele ser de grande alma. E ao ser atingido com o raio, surgiu do corpo de Skanda outro ser, um jovem com uma clava na mão, e enfeitado com um amuleto celeste. E porque ele nasceu por causa da perfuração do raio ele foi chamado de Visakha. E Indra, quando ele viu que outra pessoa parecida com o deus do fogo feroz e destruidor tinha nascido, estava apavorado e suplicou a proteção de Skanda, com as palmas de suas mãos unidas (como um sinal de respeito). E aquele ser excelente, Skanda, mandou-o abandonar todo o medo, com seu braço. Os deuses ficaram então extasiados com alegria, e suas mãos também se chocaram."

227

"Markandeya continuou, 'Agora ouça sobre aqueles seguidores de Skanda terríveis e de aparência singular. Várias crianças masculinas tomaram forma quando Skanda foi atingido com o raio, aquelas criaturas magníficas que roubam (fazem sumir) crianças pequenas, nascidas ou no útero, e várias crianças femininas também de grande força nasceram para ele. Aquelas crianças adotaram Visakha como seu pai. Aquele adorável e ágil Bhadrasakha, tendo um rosto

semelhante àquele de um bode foi no momento (da batalha), cercado por todos os seus filhos e filhas a quem ele protegeu cuidadosamente na presença das grandes mães. E por esta razão os habitantes dessa terra chamam Skanda de pai de Kumaras (crianças pequenas). Aquelas pessoas que desejam ter filhos nascidos para elas cultuam em suas residências o poderoso Rudra na forma do deus do fogo, e Uma na forma de Swaha. E por estes meios elas são abençoadas com filhos. As filhas geradas pelo deus do fogo, Tapa, se aproximaram de Skanda, que disse a elas, 'O que eu posso fazer por vocês?' Aquelas moças responderam, 'Nos faça este favor; por tua bênção, que nós possamos nos tornar as boas e respeitadas mães de todo o mundo!' Ele respondeu, 'Assim seja.' E aquele ser de visão ampla repetiu muitas vezes, 'Vocês serão divididas em Siva e Asiva (isto é, espíritos bons e maus).' E as mães então partiram, tendo primeiro estabelecido a condição de filho de Skanda; Kaki, Halima, Malini, Vrinhila, Arya, Palala e Vaimitra, estas foram as sete mães de Sisu. Elas tiveram um filho poderoso, de olhos vermelhos, terrível e muito turbulento chamado Sisu nascido pela bênção de Skanda. Ele foi reputado como o oitavo herói, nascido das mães de Skanda. Mas ele é também conhecido como o nono, quando aquele ser com a face de um bode é incluído. Saiba que o sexto rosto de Skanda era semelhante àquele de um bode. Aquele rosto, ó rei, está situado no meio dos seis, e é venerado constantemente pela mãe. Aquela cabeça pela qual Bhadrasakha criou a energia divina é reputada como a melhor de todas as suas cabeças. Ó soberano de homens, estes acontecimentos virtuosos e extraordinários aconteceram no quinto dia da metade clara do mês lunar, e no sexto, uma batalha muito violenta e terrível foi lutada naquele local."

228

"Markandeya continuou, 'Skanda estava enfeitado com um amuleto e coroa dourados, e usava uma crista e uma coroa de ouro; seus olhos eram de cor dourada, e ele tinha um conjunto de dentes afiados; ele estava vestido em um traje vermelho e parecia muito belo; ele tinha uma aparência atrativa, e era dotado de todas as boas características e era o favorito dos três mundos. Ele concedia benefícios (para as pessoas que o procuravam) e era corajoso, jovem, e adornado com brincos brilhantes. Enquanto ele estava descansando, a deusa da fortuna, parecendo com um lótus e assumindo uma encarnação pessoal, concedeu sua lealdade a ele. Quando ele se tornou assim possuidor de boa sorte, aquela criatura famosa e de aparência delicada pareceu para todos como a lua cheia. E Brahmanas de grande mente adoraram aquele ser poderoso, e os Maharshis (grandes Rishis) então disseram o seguinte para Skanda, 'Ó tu nascido do ovo dourado, que tu sejas próspero e que tu te tornes um instrumento de bem para o universo! Ó melhor dos deuses, embora tu tenhas nascido somente seis noites (dias) atrás, todo mundo jurou fidelidade a ti (dentro deste tempo curto), e tu também acalmaste seus medos. Portanto torne-te o Indra (senhor) dos três mundos e remova sua causa de apreensão.' Skanda respondeu, 'Vocês senhores de grande riqueza ascética (digam-me) o que Indra faz com todos os três mundos e como aquele soberano dos celestiais protege as hostes de deuses

constantemente.' Os Rishis responderam, 'Indra é o dador de força, poder, filhos e felicidade para todas as criaturas e quando propiciado, aquele Senhor dos celestiais concede para todos os objetos de seu desejo. Ele destrói os maus e realiza os desejos dos virtuosos; e aquele destruidor de Vala atribui para todas as criaturas seus vários deveres. Ele oficia para o sol e a lua em lugares onde não há sol ou lua; ele até quando a ocasião requer isso, age para (servir os propósitos do) fogo, ar, terra, e água. Estes são os deveres de Indra; suas capacidades são imensas. Tu também és poderoso; portanto grande herói, torne-te nosso Indra.'

Sakra disse, 'Ó ser poderoso, nos faça felizes, por se tornar nosso senhor. Ser excelente, tu és digno da honra; portanto nós te consagraremos hoje mesmo.'

Skanda respondeu, 'Continue a governar os três mundos com presença de espírito, e com teu coração inclinado à conquista. Eu permanecerei teu servo humilde. Eu não cobiço a tua soberania.'

Sakra respondeu, 'Tua bravura é sem igual, ó herói, portanto derrote os inimigos dos deuses. As pessoas foram tomadas pela admiração por tua bravura. Mais especialmente como eu fui privado da minha bravura, e derrotado por ti, agora se eu fosse agir como Indra eu não imporia o respeito de todas as criaturas, e elas estariam ocupadas em ocasionar dissensões entre nós; e então, meu senhor, elas se tornariam partidárias de um ou outro de nós. E quando elas se organizassem em duas facções distintas, a guerra como antes seria o resultado daquela deserção. E naquela guerra tu sem dúvida me derrotarias sem dificuldade e te tornarias o senhor de todos os mundos.'

Skanda respondeu, 'Tu, ó Sakra, és meu soberano, como também dos três mundos; que tu sejas próspero! Diga-me se eu posso obedecer alguns dos teus comandos.'

Indra respondeu, 'Por tua ordem, ó ser poderoso, eu continuarei a agir como Indra. E se tu disseste isso deliberadamente e com sinceridade, então ouça-me como tu podes satisfazer o teu desejo de me servir. Ó ser poderoso, aceite a liderança das forças celestes adequadamente.'

Skanda respondeu, 'Consagre-me como líder, para a destruição dos Danavas, para o bem dos celestiais, e para o bem-estar de vacas e Brahmanas.'

Markandeya continuou, "Assim ungido por Indra e todos outros deuses, e honrado pelos Maharshis, ele parecia formidável naquele momento. O guarda-sol dourado (um dos emblemas de realeza no Hindustão) segurado (sobre sua cabeça) parecia com uma auréola de fogo ardente. Aquele deus famoso, o Conquistador de Tripura, ele mesmo fixou a guirlanda celeste de ouro, de fabricação de Viswakarma, em volta de seu pescoço. E, ó grande homem e conquistador de teus inimigos, aquele deus venerável com o emblema do touro tinha ido lá anteriormente com Parvati. Ele honrou-o com o coração alegre. O deus do fogo é chamado de Rudra por Brahmanas, e por esse fato Skanda é chamado de filho de Rudra. A Montanha Branca foi formada de efusões do sêmen viril de Rudra e as indulgências sensuais do deus do fogo com os Krittikas aconteceu

naquela mesma Montanha Branca. E como Rudra foi visto por todos os habitantes do céu empilhar honras sobre o excelente Guha (Skanda), ele foi por essa razão reputado como o filho de Rudra. Aquela criança teve sua existência pela ação de Rudra entrando na constituição do deus do fogo, e por essa razão Skanda veio a ser conhecido como o filho de Rudra. E, ó Bharata, como Rudra, o deus do fogo, Swaha, e as seis esposas (dos sete Rishis) foram instrumentos para o nascimento do grande deus Skanda, ele foi por essa razão reputado como o filho de Rudra."

"Aquele filho do deus do fogo estava vestido em um par de tecidos vermelhos limpos, e assim ele parecia formidável e resplandecente como o Sol surgindo de trás de uma massa de nuvens vermelhas. E o galo vermelho dado a ele pelo deus do fogo formava sua bandeira; e quando pousado no topo de sua carruagem, ele parecia com a imagem do fogo todo-destrutivo. E a divindade presidente do poder que conduz à vitória dos deuses, e que é o diretor dos esforços de todas as criaturas, e constitui sua glória, suporte e refúgio, avançava diante dele. E um encantamento misterioso entrou em sua constituição, o encantamento que manifesta seus poderes no campo de batalha. Beleza, força, piedade, poder, vigor, veracidade, retidão, devoção por Brahmanas, liberdade de ilusão ou perplexidade, proteção de seguidores, destruição de inimigos, e cuidados de todas as criaturas, essas, ó senhor de homens, são as virtudes inatas de Skanda. Assim consagrado por todos os deuses, ele parecia contente e satisfeito; e vestido em seu melhor estilo, ele parecia belo como a lua cheia. O muito estimado encantamento de hinos Védicos, a música da banda celeste, e as canções de deuses e Gandharvas então tocaram por toda parte. E cercado por todas as Apsaras bem vestidas, e muitos outros Pisachas alegres e de aparência auspiciosa e hostes de deuses, aquele filho de Pavaka consagrado (pelos deuses) se divertiu em toda sua grandeza. Para os habitantes do céu, o ungido Mahasena parecia com o Sol nascendo depois da extinção da escuridão. E então as forças celestes, considerando-o como seu líder, o cercaram por todos os lados às milhares. Aquele adorável sendo seguido por todas as criaturas então assumiu seus comandos, e louvado e honrado por eles, ele os encorajou em retorno."

"O realizador de mil sacrifícios então pensou em Devasena, a quem ele tinha resgatado antes. E considerando que aquele ser (Skanda) estava sem dúvida destinado a ser o marido daquela senhora pelo próprio Brahma, ele a tinha levado lá, vestida com o melhor vestuário. E o vencedor de Vala então disse para Skanda, 'Ó principal dos deuses, esta senhora estava, mesmo antes do teu nascimento, destinada a ser tua noiva por aquele Ser Existente por Si Mesmo (Brahma). Portanto aceite devidamente sua mão direita bela como lótus com invocação dos hinos (matrimoniais).' Assim falado, ele se casou devidamente com ela. E Vrihaspati versado em hinos realizou as orações e oblações necessárias. Ela que é chamada de Shashthi, Lakshmi, Asa, Sukhaprada, Sinivali, Kuhu, Saivritti, e Aparajita, é conhecida entre os homens como Devasena, a esposa de Skanda. Quando Skanda se uniu a Devasena nos laços indissolúveis do matrimônio, então a deusa da prosperidade em sua própria encarnação pessoal começou o servi-lo com diligência. Como Skanda alcançou celebridade no quinto dia lunar, esse dia é chamado de Sripanchami (ou o quinto dia auspicioso) e como

ele alcançou seu objetivo no sexto, aquele dia lunar é considerado como sendo de grande importância."

229

"Markandeya continuou, 'Aquelas seis senhoras, as esposas dos sete Rishis, quando elas souberam que a boa sorte tinha sorrido para Mahasena e que ele tinha sido feito líder das forças celestes (Devasenapati, que pode significar o pati (líder) da sena (forças) dos devas ou o pati (marido) de Devasena), se dirigiram para seu acampamento. Aquelas senhoras virtuosas de grande mérito religioso tinham sido repudiadas pelos Rishis. Elas não perderam tempo em visitar o líder dos forças celestes e então se dirigiram a ele dessa maneira, 'Nós, ó filho, fomos expulsas por nossos maridos semelhantes a deuses, sem qualquer motivo. Algumas pessoas espalham o rumor de que nós demos à luz a ti. Acreditando na verdade desta história, eles ficaram muito indignados, e nos baniram de nossos lugares sagrados. Cabe a ti agora nos salvar desta infâmia. Nós desejamos te adotar como nosso filho, para que, ó ser poderoso, a felicidade eterna possa ser assegurada para nós por esse favor. Assim pague a dívida que tu tens conosco.'

Skanda respondeu, 'Ó senhoras de caráter impecável, tornem-se consequentemente minhas mães. Eu sou seu filho e vocês alcançarão todos os objetos de seu desejo.'

Markandeya continuou, 'Então Sakra tendo expressado um desejo de dizer algo para Skanda, o último perguntou, 'O que é?' Sendo dito por Skanda para se manifestar livremente, Vasava disse, ‘A senhora Abhijit, a irmã mais nova de Rohini, estando com ciúmes de sua superioridade em idade, se dirigiu às florestas para realizar austeridades. E eu sou incapaz de descobrir um substituto para a estrela caída. Que a boa sorte te acompanhe, consulte com Brahma (para propósito de ocupar o lugar) daquele grande asterismo. Dhanishtha e outros asterismos foram criados por Brahma, e Rohini costumava servir este propósito; e por conseguinte seu número estava completo.’ E de acordo com o conselho de Sakra, para Krittika foi designado um lugar nos céus, e aquela estrela presidida por Agni brilha como se com sete cabeças. Vinata também disse para Skanda, 'Tu és como um filho para mim, e autorizado a me oferecer os bolos fúnebres (nos meus ritos fúnebres). Eu desejo, meu filho, viver contigo sempre.'

"Skanda respondeu, 'Assim seja, toda honra para ti! Guie-me com a afeição de uma mãe, e honrada por tua nora, tu sempre viverás comigo.'"

"Markandeya continuou, 'Então as grandes mães falaram o seguinte para Skanda, 'Nós somos descritas pelos eruditos como as mães de todas as criaturas. Mas nós desejamos ser tuas mães, honre-nos.'"

"Skanda respondeu, 'Vocês são todas como mães para mim, e eu sou seu filho. Digam-me o que eu posso fazer para agradar vocês.'"

"As mães responderam, 'As senhoras (Brahmi, Maheswari, etc) foram designadas como mães do mundo em eras passadas. Nós desejamos, ó grande deus, que elas sejam despojadas daquela dignidade, e nós mesmas instaladas em seu lugar, e que nós, em vez delas, sejamos adoradas pelo mundo. Agora devolva para nós aquela nossa progênie, de quem nós fomos privadas por elas por tua causa.'"

"Skanda respondeu, 'Vocês não recuperarão o que uma vez foi doado, mas eu posso dar a vocês outra prole se vocês quiserem.' As mães responderam, 'Nós desejamos que vivendo contigo e assumindo formas diferentes nós sejamos capazes de consumir a progênie daquelas mães e seus protetores. Conceda-nos esse favor.'"

"Skanda disse, 'Eu posso lhes conceder progênie, mas este tópico sobre o qual vocês agora mesmo particularizaram é muito doloroso. Que vocês sejam prósperas! Toda honra a vocês, senhoras, concedam a eles seu cuidado protetor.'"

"As mães responderam, 'Nós os protegeremos, ó Skanda, como tu desejas. Que tu sejas próspero! Mas, ó ser poderoso, nós desejamos viver contigo sempre.'"

"Skanda respondeu, 'Enquanto as crianças da espécie humana não alcançarem o estado juvenil no décimo sexto ano de sua idade, vocês as afligirão com suas várias formas, e eu também concederei a vocês um espírito feroz inesgotável. E com isso vocês viverão felizmente, adoradas por todos.'"

"Markandeya continuou, 'E então um ser ígneo poderoso saiu do corpo de Skanda para o propósito de devorar a progênie de seres mortais. Ele caiu sobre a terra, insensível e faminto. E ordenado por Skanda, aquele gênio do mal assumiu uma forma terrível. Skandapasmara é o nome pelo qual ele é conhecido entre bons Brahmanas. Vinata é chamado o terrível Sakuni graha (espírito do mal). Ela que é conhecida como Putana Rakshasi pelos eruditos é a graha chamada Putana; aquela Rakshasa feroz e de aspecto terrível de uma aparência horrenda é também chamada de Pisacha, Sita Putana. Aquele espírito de aspecto feroz é a causa do aborto em mulheres. Aditi é também conhecida pelo nome de Revati; seu espírito mau é chamado Raivata, e aquele graha terrível também aflige crianças. Diti, a mãe dos Daityas (Asuras), é também chamada Muhkamandika, e aquela criatura terrível gosta muito da carne de crianças pequenas. Aquelas crianças masculinas e femininas, ó Kaurava, que são citadas como tendo sido geradas por Skanda, são espíritos do mal e elas destroem o feto no útero. Eles (os Kumaras) são conhecidos como os maridos daquelas mesmas senhoras, e crianças são apanhadas inesperadamente por esses espíritos cruéis. E, ó rei, Surabhi que é chamada a mãe da espécie bovina pelos sábios é melhor conduzida pelo mau espírito Sakuni, que em companhia com ela, devora crianças nesta terra. E Sarama, a mãe dos cachorros, também habitualmente mata seres humanos enquanto ainda no útero. Ela que é a mãe de todas as árvores tem sua residência em uma árvore karanja. Ela concede bênçãos e tem uma expressão

plácida e está sempre disposta favoravelmente em direção a todas as criaturas. Aquelas pessoas que desejam ter filhos reverenciam a ela, que está sentada em uma árvore karanja. Estes dezoito maus espíritos que gostam muito de carne e vinho, e outros da mesma espécie, invariavelmente tomam sua residência no quarto de resguardo por dez dias. Kadru se introduz em uma forma sutil no corpo de uma mulher grávida e lá ela causa a destruição do feto, e a mãe é feita dar nascimento a um Naga (serpente). E aquela mãe dos Gandharvas rouba o feto, e por esta razão, a concepção na mulher mostra ser abortiva. A mãe das Apsaras remove o feto do útero, e por esta razão tais concepções são citadas como sendo estacionárias pelos eruditos. A filha da Divindade do Mar Vermelho é citada como tendo cuidado de Skanda, ela é adorada sob o nome de Lohitayani em árvores Kadamva. Arya influencia a mesma parte entre seres femininos, como Rudra faz entre os masculinos. Ela é a mãe de todas as crianças e é distintamente cultuada pelo bem-estar delas. Esses que eu descrevi são os maus espíritos que presidem sobre os destinos de crianças jovens, e até as crianças alcançarem seu décimo sexto ano esses espíritos exercem sua influência para o mal, e depois disso, para o bem. O grupo inteiro de espíritos masculinos e femininos que eu agora descrevi é sempre denominado pelos homens como os espíritos de Skanda. Eles são propiciados com oferendas queimadas, abluções, unguentos, sacrifícios e outras oferendas, e em particular pelo culto de Skanda. E, ó rei, quando eles são honrados e cultuados com reverência devida, eles concedem para os homens o que quer que seja bom para eles, como também coragem e vida longa. E agora tendo reverenciado Maheswara, eu descreverei a natureza daqueles espíritos que influenciam nos destinos dos homens depois de eles terem alcançado seu décimo sexto ano.

O homem que contempla deuses enquanto adormecido ou em um estado desperto logo se torna louco, e o espírito sob cuja influência estas alucinações ocorrem é chamado de espírito celestial. Quando uma pessoa vê seus antepassados mortos enquanto ele está sentado descansando, ou deitado em sua cama, ele logo perde sua razão, e o espírito que causa esta ilusão de percepção sensível é chamado de espírito ancestral. O homem que mostra desrespeito aos Siddhas e que é amaldiçoado por eles em retorno logo enlouquece, e a má influência pela qual isto é ocasionado é chamado de espírito Siddha. E o espírito por cuja influência um homem cheira odor doce, e se torna ciente de vários gostos (quando não há substâncias odoríferas e saborosas perto dele) e logo fica atormentado, é chamado de espírito Rakshasa. E o espírito por cuja ação músicos celestes (Gandharvas), combinam sua existência na constituição de um ser humano e o fazem enlouquecer imediatamente, é chamado de espírito Gandharva. E aquele espírito mau por cuja influência os homens são sempre atormentados por Pisachas, é chamado de espírito Paisacha. Quando o espírito de Yakshas entra no sistema de um ser humano por algum acidente, ele perde sua razão imediatamente, e tal espírito é chamado de espírito Yaksha. O homem que perde sua razão por sua mente ser pervertida por vícios, enlouquece num abrir e fechar de olhos, e sua doença deve ser remediada segundo métodos prescritos nos Sastras. Homens também enlouquecem de perplexidade, de medo, como também ao contemplarem visões horríveis. O remédio se encontra em

acalmar suas mentes. Há três classes de espíritos, alguns são brincalhões, alguns são glutões, e alguns sensuais. Até os homens alcançarem a idade de três escore e dez (três vezes vinte mais dez = setenta), estas más influências continuam a atormentá-los, e então a febre se torna o único mau espírito que aflige seres sensíveis. Estes espíritos maus sempre evitam aquele que subjuga seus sentidos, que é autocontrolado, de hábitos limpos, temente a deus e livre de preguiça e contaminação. Eu assim descrevi para ti, ó rei, os maus espíritos que moldam os destinos dos homens. Tu que és devotado à Maheswara nunca és incomodado por eles."

230

Markandeya continuou, "Quando Skanda tinha conferido estes poderes, Swaha apareceu para ele e disse, 'Tu és meu filho natural, eu desejo que tu concedas felicidade excelente para mim."

"Skanda respondeu, 'Que tipo de felicidade tu desejas desfrutar?'"

"Swaha respondeu, 'Ó ser poderoso, eu sou a filha favorita de Daksha, de nome Swaha; e desde minha juventude eu tenho estado em amor por Hutasana (o deus do fogo); mas aquele deus, meu filho, não compreende meus sentimentos. Eu desejo viver para sempre com ele (como sua esposa).'"

"Skanda respondeu, 'Deste dia em diante, senhora, todas as oblações que homens de caráter virtuoso, que não abandonam o caminho da virtude, oferecerem para seus deuses ou antepassados com encantamento de hinos purificantes por Brahmanas, sempre serão oferecidas (através de Agni) junto com o nome de Swaha, e assim, senhora excelente, tu sempre viverás associada com Agni, o deus do fogo.'"

"Markandeya continuou, ‘Assim endereçada e honrada por Skanda, Swaha ficou muito satisfeita; e unida com seu marido Pavaka (o deus do fogo), ela o honrou em retorno.'"

"Então Brahma, o senhor de todas as criaturas, disse para Mahasena, 'Vá e visites teu pai Mahadeva, o conquistador de Tripura. Rudra se unindo com Agni (o deus do fogo) e Uma com Swaha se associaram para te fazer invencível para o bem-estar de todas as criaturas. E o sêmen de Rudra de grande alma lançado no órgão reprodutivo de Uma foi jogado de volta sobre esta colina, e disso os gêmeos Mujika e Minjika tomaram forma. Uma porção disto caiu no Mar de Sangue, outra porção, nos raios do sol, outra sobre a terra e assim isto foi dividido em cinco partes. Homens eruditos devem se lembrar de que estes teus seguidores multiformes e de aparência feroz vivendo da carne de animais foram produzidos do sêmen'. 'Assim seja' dizendo isso, Mahasena de grande alma com amor paterno, honrou seu pai Maheswara."

"Markandeya continuou, 'Homens que estão desejosos de adquirir riqueza devem cultuar aquelas cinco classes de espíritos com a flor do sol, e para o alívio

de doenças também culto deve ser dado a eles. Os gêmeos Mujika e Minjika gerados por Rudra devem sempre ser respeitados por pessoas que desejam o bem-estar de crianças pequenas; e pessoas que desejam ter filhos devem sempre adorar aqueles espíritos femininos que vivem de carne humana e são produzidos em árvores. Assim todos os Pisachas são citados como divididos em classes inumeráveis. E agora, ó rei, escute à origem dos sinos e estandartes de Skanda. É sabido que Airavata (elefante de Indra) tinha dois sinos de nome Vaijayanti, e Sakra de compreensão aguçada trouxe-os para ele e deu-os pessoalmente para Guha. Visakha pegou um daqueles sinos e Skanda o outro. Os estandartes de ambos, Kartikeya e Visakha, eram de uma cor vermelha. Aquele deus poderoso Mahasena estava satisfeito com os brinquedos que foram dados a ele pelos deuses. Cercado por hostes de deuses e Pisachas e sentado na Montanha Dourada, ele parecia esplêndido em toda a grandeza da prosperidade. E aquela montanha coberta com florestas agradáveis também parecia formidável em sua companhia, assim como a colina Mandara cheia de cavernas excelentes brilha com os raios do sol. A Montanha Branca estava adornada com áreas inteiras de floresta cobertas com flores Santanaka e com florestas de árvores Karavira, Parijata, Jana e Asoke, como também com regiões selvagens cobertas com árvores Kadamva; e ela abundava com rebanhos de veados celestes e bandos de aves celestes. E o ribombar de nuvens servindo o propósito de instrumentos musicais soava como o murmúrio de um mar agitado, e Gandharvas e Apsaras celestes começaram a dançar. E lá ergueu-se um grande som de alegria de todas as criaturas. Assim o mundo inteiro com o próprio Indra parecia ter sido transferido para a Montanha Branca. E todas as pessoas começaram a observar Skanda com satisfação em seus olhares, e elas não se sentiam cansadas em absoluto de fazer isso."

Markandeya continuou, "Quando aquele filho adorável do deus do fogo foi consagrado como líder do exército celeste, aquele senhor magnífico e feliz, Hara (Mahadeva) viajando com Parvati em uma carruagem brilhando com refulgência semelhante à do sol dirigiu-se para um lugar chamado Bhadravata. Sua carruagem excelente era puxada por mil leões e dirigida por Kala. Eles passaram pelo espaço vazio, e parecia como se eles estivessem prestes a devorar o céu; e infligindo terror no coração de todas as criaturas nas divisões móveis dos mundos, aqueles animais de juba voaram rapidamente pelo ar, proferindo rugidos pavorosos. E aquele senhor de todos os animais (Mahadeva) sentado naquela carruagem com Uma, parecia com o sol com brilhos de relâmpago iluminando massas de nuvens envolvidas pelo arco de Indra (arco-íris). Ele era precedido por aquele adorável Senhor das riquezas que passeia nas costas de seres humanos com seus atendentes Guhyakas viajando em seu belo carro Pushpaka. E Sakra também sobre seu elefante Airavata e acompanhado por outros deuses formava a retaguarda de Mahadeva, o que concede benefícios, marchando dessa maneira na vanguarda do exército celeste. E o grande Yaksha Amogha com seus atendentes, os Yakshas Jambhaka e outros Rakshasas enfeitados com guirlandas de flores, obtiveram um lugar na ala direita de seu exército; e muitos deuses de poderes de luta extraordinários em companhia com os Vasus e os Rudras, também marcharam com a divisão direita de seu exército. E Yama de aparência

terrível também em companhia com a Morte marchou com ele, (seguido por centenas de doenças terríveis); e atrás dele era transportado o tridente terrível, de pontas afiadas, e bem adornado de Siva, chamado Vijaya. E Varuna, o senhor adorável das águas com seu Pasa terrível (um tipo de míssil), e cercado por numerosos animais aquáticos, marchava lentamente com o tridente. E o tridente Vijaya era seguido pelo Pattisa (outro tipo de arma) de Rudra guardado por maças, projéteis, clavas e outras armas excelentes. E o Pattisa, ó rei, era seguido pelo guarda-sol brilhante de Rudra e o Kamandalu servido pelos Maharshis; e junto a ele avançava na companhia de Bhrigu, Angiras e outros. E atrás de todos esses viajava Rudra em sua carruagem branca, tranquilizando os deuses com a exibição de seus poderes. E rios e lagos e mares, Apsaras, Rishis, Celestiais, Gandharvas e serpentes, estrelas, planetas, e os filhos dos deuses, como também muitas mulheres, o seguiram em sua comitiva. Aquelas senhoras de olhos belos procederam espalhando flores em volta; e as nuvens marcharam, tendo prestado homenagem àquele deus (Mahadeva) armado com o arco Pinaka. E algumas delas seguraram um guarda-sol branco sobre sua cabeça, e Agni (deus do fogo) e Vayu (deus do vento) se ocuparam com dois leques peludos (emblemas de realeza). E, ó rei, ele era seguido pelo glorioso Indra acompanhado pelos Rajarshis, e cantando o louvor daquele deus com o emblema do touro. E Gauri, Vidya, Gandhari, Kesini, e a senhora chamada Mitra em companhia com Savitri, todas procederam no séquito de Parvati, como também todos os Vidyas (divindades presidentes de todos os ramos de conhecimento) que foram criados pelos eruditos. O espírito Rakshasa que passa para diferentes batalhões as ordens que são implicitamente obedecidas por Indra e outros deuses, avançava em frente ao exército como porta-estandarte. E aquele principal dos Rakshasas, de nome Pingala, o amigo de Rudra, que está sempre ocupado em lugares onde corpos são queimados, e que é agradável para todas as pessoas, marchava com eles alegremente, em um momento indo à frente do exército, e ficando para trás novamente em outro, seus movimentos sendo incertos. Ações virtuosas são as oferendas com as quais o deus Rudra é cultuado por mortais. Ele que é também chamado de Siva, o deus onipotente, armado com o arco Pinaka, é Maheswara. Ele é adorado em várias formas."

"O filho de Krittika, o líder do exército celeste, respeitoso para Brahmanas, cercado pelas forças celestes, também seguiu aquele senhor dos deuses. E então Mahadeva disse estas palavras importantes para Mahasena, 'Comande cuidadosamente o sétimo corpo de exército das forças celestes.'

"Skanda respondeu, 'Muito bem, meu senhor! Eu comandarei o sétimo corpo do exército. Agora diga-me rapidamente se há alguma coisa mais para ser feita.'

"Rudra disse, 'Tu sempre me encontrarás no campo de ação. Por procurar por mim e por devoção a mim tu alcançarás grande prosperidade.'

"Markandeya continuou, 'Com estas palavras Maheswara recebeu-o em seu abraço, e então dispensou-o. E, ó grande rei, depois da despedida de Skanda, prodígios de vários tipos ocorreram para perturbar a equanimidade dos deuses.'

"O firmamento com as estrelas estava em chamas, e todo o universo em um estado de total confusão. A terra tremeu e emitiu um som ribombante, e a escuridão cobriu o mundo inteiro. Então observando esta catástrofe terrível, Sankara com a estimável Uma, e os celestiais com os grandes Maharshis, estavam muito preocupados em mente. E quando eles tinham caído neste estado de confusão, apareceu diante deles uma hoste feroz e poderosa armada com várias armas, e parecendo com uma massa de nuvens e rochas. Aqueles seres terríveis e inumeráveis, falando línguas diferentes dirigiram seus movimentos em direção ao ponto onde Sankara e os celestiais estavam. Eles arremessaram nas tropas do exército celeste enxames de flechas em todas as direções, massas de rocha, maças, sataghnis, prasas e parighas. O exército celeste foi lançado em um estado de confusão por uma chuva dessas armas terríveis e suas tropas foram vistas vacilarem. Os Danavas fizeram uma grande destruição por retalharem seus soldados, cavalos, elefantes, carruagens e armas. E as tropas celestes então pareciam como se elas estivessem prestes a virar suas costas para o inimigo. E multidões deles caíram, mortos pelos Asuras, como árvores grandes em uma floresta queimada em uma conflagração. Aqueles habitantes do céu caíram com suas cabeças separadas de seus corpos, e não tendo alguém para liderá-los naquela batalha terrível, eles foram massacrados pelo inimigo. E então o deus Purandara (Indra), o matador de Vala, observando que eles estavam inseguros e sobrecarregados pelos Asuras, tentou reagrupá-los com este discurso, 'Não fiquem assustados, ó heróis, que o êxito acompanhe seus esforços! Peguem suas armas, e decidam sobre comportamento varonil, e vocês não encontrarão mais nenhum infortúnio, e derrotem aqueles Danavas maus e de aparência terrível. Que vocês sejam bem sucedidos! Caiam sobre os Danavas comigo.'

"Os habitantes do céu tiveram sua confiança renovada ao ouvirem este discurso de Sakra; e sob sua liderança, eles avançaram novamente contra os Danavas. E então os trinta e três crores de deuses e todos os poderosos Marutas e os Sadhyas com os Vasus voltaram ao ataque. E as flechas que eles dispararam com raiva contra o inimigo tirou uma grande quantidade de sangue dos corpos dos Daityas e de seus cavalos e elefantes. E aquelas flechas afiadas passando através de seus corpos caíam sobre o solo, parecendo com muitas cobras caindo dos lados de uma colina. E, ó rei, os Daityas perfurados por aquelas flechas caíam em rápida sucessão por toda parte, parecendo com muitas massas de nuvens separadas. Então a hoste Danava, tomada pelo pânico pelo ataque dos celestiais no campo de batalha vacilou sob aquela chuva de várias armas. Então todos os deuses ruidosamente deram vazão à sua alegria, com braços prontos para golpear; e as bandas celestes também começaram a tocar várias melodias. Assim ocorreu aquele combate, tão terrível para ambos os lados: pois todo o campo de batalha estava coberto com sangue e coberto com os corpos de ambos, deuses e Asuras. Mas os deuses foram logo derrotados de repente, e os Danavas terríveis novamente fizeram uma grande destruição do exército celeste. Então os Asuras começaram a tocar tambores e seus clarins agudos foram soados; e os chefes Danava deram seus magníficos gritos de guerra."

"Então um Danava poderoso, pegando uma massa enorme de rocha em suas mãos, saiu daquele terrível exército Daitya. Ele parecia com o sol emergindo diante de uma massa de nuvens escuras. E, ó rei, os celestiais, vendo que ele estava prestes a arremessar aquela massa de rocha neles, fugiram em confusão. Mas eles foram perseguidos por Mahisha, que arremessou aquela rocha neles. E, ó senhor do mundo, pela queda daquela massa de rocha dez mil guerreiros do exército celeste foram esmagados no solo e deram seu último suspiro. E esta ação de Mahisha infligiu terror nos corações dos deuses, e com seus atendentes Danavas ele caiu sobre eles como um leão atacando um bando de veados. E quando Indra e os outros celestiais observaram que Mahisha estava avançando para o ataque, eles fugiram, deixando para trás suas armas e estandartes. E Mahisha estava muito enfurecido por isto, e ele avançou rapidamente em direção à carruagem de Rudra; e chegando perto, ele agarrou seu mastro com suas mãos. E quando Mahisha em um acesso de raiva tinha assim agarrado a carruagem de Rudra, toda a Terra começou a gemer e os grandes Rishis perderam seus sentidos. E Daityas de proporções enormes, parecendo com nuvens escuras, estavam barulhentos com alegria, pensando que a vitória estava assegurada para eles. E embora aquele deus adorável (Rudra) estivesse naquela situação difícil, ainda assim ele não achou que valia a pena matar Mahisha em batalha; ele se lembrou de que Skanda desferiria o golpe mortal naquele Asura de mente má. E o irascível Mahisha, contemplando com satisfação a presa (a carruagem de Rudra) que ele tinha segurado, deu seu grito de guerra, para o grande alarme dos deuses e a alegria dos Daityas. E quando os deuses estavam naquela situação pavorosa, o poderoso Mahasena, queimando com raiva, e parecendo magnífico como o Sol avançou para sua salvação. E aquele ser nobre estava vestido de vermelho brilhante e enfeitado com uma guirlanda de flores vermelhas. E envolvido em armadura de ouro ele estava em uma carruagem da cor do ouro brilhante como o Sol e puxada por cavalos castanhos. E à sua visão o exército dos Daityas ficou desanimado de repente no campo de batalha. E, ó grande rei, o poderoso Mahasena disparou uma Sakti brilhante para a destruição de Mahisha. Aquele míssil cortou a cabeça de Mahisha, e ele caiu sobre o solo e morreu. E sua cabeça massiva como um morro pequeno, caindo no chão, bloqueou a entrada para o país dos Kurus do Norte, se estendendo em comprimento por dezesseis Yojanas, embora no momento as pessoas daquele país passem facilmente por aquele portão."

"Foi observado pelos deuses e os Danavas que Skanda lançou sua Sakti repetidas vezes no campo de batalha, e que ela voltou para suas mãos, depois de matar milhares das forças do inimigo. E os terríveis Danavas caíam em grandes números pelas flechas do sábio Mahasena. E então o pânico tomou conta deles, e os seguidores de Skanda começaram a matá-los e comê-los aos milhares e a beber seu sangue. E eles alegremente exterminaram os Danavas num abrir e fechar de olhos, assim como o sol destrói a escuridão, ou como o fogo destrói uma floresta, ou como os ventos afugentam as nuvens. E dessa maneira o famoso Skanda derrotou todos os seus inimigos. E os deuses vieram para felicitá-lo, e ele, por sua vez, prestou seus respeitos a Maheswara. E aquele filho de Krittika parecia majestoso como o sol em toda a glória do seu resplendor. E quando o

inimigo tinha sido completamente derrotado por Skanda e quando Maheswara deixou o campo de batalha, Purandara abraçou Mahasena e disse para ele, 'Este Mahisha, que foi tornado invencível pelo favor de Brahma, foi morto por ti. Ó melhor dos guerreiros, os deuses eram como grama para ele. Ó herói de membros fortes, tu removeste um espinho dos celestiais. Tu mataste em batalha centenas de Danavas iguais em valor a Mahisha, que eram todos hostis para nós, e que costumavam nos atormentar antes. E teus seguidores também os devoraram às centenas. Tu és, ó ser poderoso, invencível em batalha como o marido de Uma; e esta vitória será celebrada como tua primeira realização, e tua fama será eterna nos três mundos. E, ó deus de braços fortes, todos os deuses entregarão sua lealdade a ti.' Tendo falado assim para Mahasena, o marido de Sachi deixou o lugar acompanhado pelos deuses e com a permissão do adorável deus de três olhos (Siva). E Rudra voltou para Bhadravata, e os celestiais também voltaram para suas respectivas residências. E Rudra falou, se dirigindo aos deuses, 'Vocês devem dar fidelidade a Skanda assim como vocês fazem para mim.' E aquele filho do deus do fogo, tendo matado os Danavas, tinha conquistado os três mundos em um dia, e ele foi adorado pelos grandes Rishis. O Brahmana que com devida atenção lê esta história do nascimento de Skanda obtém grande prosperidade neste mundo e a companhia de Skanda após a morte."

Yudhishthira disse, "Ó Brahmana bom e adorável, eu desejo saber os nomes diferentes daquele ser de grande alma, pelos quais ele é celebrado por todos os três mundos."

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado pelo Pandava naquela assembléia de Rishis, o venerável Markandeya de grande mérito ascético respondeu, 'Agneya (Filho de Agni), Skanda (Rejeitado), Diptakirti (De fama resplandecente), Anamaya (Sempre vigoroso), Mayuraketu (De estandarte de pavão), Dharmatman (De alma virtuosa), Bhutesa (O senhor de todas as criaturas), Mahishardana (O matador de Mahisha), Kamajit (O subjugador de desejos), Kamada (O realizador de desejos), Kanta (O vistoso), Satyavak (O verdadeiro em palavras), Bhuvaneswara (O senhor do universo), Sisu (A criança), Sighra (O rápido), Suchi (O puro), Chanda (O ígneo), Diptavarna (De cor clara), Subhanana (De rosto belo), Amogha (Incapaz de ser impedido ou frustrado), Anagha (O impecável), Rudra (O terrível), Priya (O favorito), Chandranana (De rosto como a lua), Dipta-sasti (O manejador da lança ardente), Prasantatman (De alma tranquila), Bhadrakrit (O fazedor do bem), Kutamahana (A câmara até do mau), Shashthipriya (Verdadeiro favorito de Shashthi), Pavitra (O santo), Matrivatsala (O reverenciador de sua mãe), Kanya-bhartri (O protetor de virgens), Vibhakta (Difundido pelo universo), Swaheya (O filho de Swaha), Revatisuta (O filho de Revati), Prabhu (O senhor), Neta (O líder), Visakha (Criado por Visakha), Naigameya (Surgido do Veda), Suduschara (Difícil de conciliação), Suvrata (De votos excelentes), Lalita (O belo), Valakridanaka-priya (Que gosta de brinquedos), Khacharin (O que percorre os céus), Brahmacharin (O casto), Sura (O corajoso), Saravanodbhava (Nascido em uma mata de urzes), Viswamitra priya (O favorito de Viswamitra), Devasena-priya (O amante de Devasena), Vasudeva-priya (O amado de Vasudeva), e Priya-krit (O fazedor de coisas agradáveis), esses são os

nomes divinos de Kartikeya. Quem quer que os repita sem dúvida assegura fama, riqueza, e salvação."

'Markandeya continuou, "Ó filho corajoso da linhagem Kuru, eu agora com a devida devoção orarei para aquele inigualável Guha, poderoso, de seis faces, e corajoso que é adorado por deuses e Rishis, enumerando seus outros títulos de distinção: ouça-os: Tu és devotado a Brahma, gerado de Brahma, e versado nos mistérios de Brahma. Tu és chamado de Brahmasaya, e tu és o principal daqueles que são possuidores de Brahma. Tu és afeiçoado a Brahma, tu és austero como os Brahmanas e és versado no grande mistério de Brahma e o líder dos Brahmanas. Tu és Swaha, tu és Swadha, e tu és o mais santo dos santos, e és invocado em hinos e celebrado como o fogo de seis chamas. Tu és o ano, tu és as seis estações, tu és os meses, os meios meses (lunares), as declinações (solares), e os pontos cardeais do espaço. Tu és de olhos de lótus. Tu és possuidor de um rosto semelhante ao lírio. Tu tens mil rostos e mil braços. Tu és o soberano do universo, tu és a grande Oblação, e tu és o espírito animante de todos os deuses e os Asuras. Tu és o grande líder de exércitos. Tu és Prachanda (furioso), tu és o Senhor, e tu és o grande mestre e o vencedor de teus inimigos. Tu és Sahasrabhu (multiforme), Sahasratusti (mil vezes contente), Sahasrabhuk (devorador de tudo), e Sahasrapad (de mil pernas), e tu és a própria terra. Tu és possuidor de formas infinitas e mil cabeças e grande força. De acordo com tuas próprias inclinações tu apareceste como o filho de Ganga, Swaha, Mahi, ou Krittika. Ó deus de seis rostos, tu brincas com o galo e assumes formas diferentes segundo a tua vontade. Tu és Daksha, Soma, o Maruta, Dharma, Vayu, o príncipe das montanhas, e Indra, por todo o tempo. Tu és poderoso, a mais eterna de todas as coisas eternas, e o senhor de todos os senhores. Tu és o progenitor da Verdade, o destruidor da prole de Diti (Asuras), e o grande conquistador dos inimigos dos celestiais. Tu és a personificação da virtude e sendo tu mesmo vasto e diminuto, tu estás familiarizado com os pontos mais altos e mais baixos das ações virtuosas, e os mistérios de Brahma. Ó principal de todos os deuses e senhor do Universo de grande alma, toda essa criação está coberta com tua energia! Eu assim orei para ti de acordo com o melhor que eu posso. Eu saúdo a ti que és possuidor de doze olhos e muitas mãos. Teus atributos restantes transcendem meu poder de compreensão!'

O Brahmana que com devida atenção lê esta história do nascimento de Skanda, ou a relata para Brahmanas, ou a ouve narrada por homens regenerados, obtém riqueza, vida longa, fama, filhos, como também vitória, prosperidade e contentamento, e a companhia de Skanda."

231

(Draupadi-Satyabhama Samvada)

Vaisampayana disse, "Depois que aqueles Brahmanas e os filhos ilustres de Pandu tinham se sentado, Draupadi e Satyabhama entraram no eremitério. E com

corações cheios de alegria as duas senhoras riram felizes e se sentaram à vontade. E, ó rei, aquelas senhoras, que sempre falavam docemente uma para a outra, tendo se encontrado depois de muito tempo, começaram a conversar sobre vários assuntos agradáveis provenientes das histórias dos Kurus e os Yadus. E Satyabhama de cintura fina, a esposa favorita de Krishna e a filha de Satrajit, então questionou Draupadi em particular, dizendo, 'Por qual comportamento, ó filha de Drupada, tu és capaz de controlar os filhos de Pandu, aqueles heróis dotados de força e beleza e semelhantes aos próprios Lokapalas? Senhora bela, como é que eles são tão obedientes a ti e nunca estão zangados contigo? Sem dúvida os filhos de Pandu, ó tu de feições adoráveis, são sempre submissos a ti e atentos para cumprir tua ordem! Diga-me, ó senhora, a razão disto. É prática de votos, ou ascetismo, ou encantamento ou droga no momento do banho (na época certa) ou a eficácia de ciência, ou a influência de aparência jovem, ou a recitação de formula específica, ou Homa, ou colírio e outros medicamentos? Fale-me agora, ó princesa de Panchala, a respeito da coisa abençoada e auspiciosa pela qual, ó Krishna, Krishna possa ser sempre obediente a mim."

"Quando a célebre Satyabhama, tendo dito isso, cessou, a casta e abençoada filha de Drupada respondeu a ela dizendo, 'Tu me perguntaste, ó Satyabhama, das práticas de mulheres que são perversas. Como eu posso te responder, ó senhora, acerca do processo que é adotado por mulheres más? Não lhe fica bem, senhora, continuar as perguntas, ou duvidar de mim, depois disto, pois tu és dotada de inteligência e és a esposa favorita de Krishna. Quando o marido sabe que sua mulher é viciada em encantamentos e drogas, desde aquela hora ele começa a temê-la como uma serpente acomodada em seu quarto de dormir. E pode um homem que está perturbado com medo ter paz, e como pode alguém que não tem paz ter felicidade? Um marido nunca pode ser feito obediente por meio dos encantamentos de sua esposa. Nós ouvimos a respeito de doenças dolorosas sendo transmitidas por inimigos. De fato, aqueles que desejam matar outros enviam veneno na forma de presentes costumeiros, para que o homem que pegar os pós assim enviados, por meio da língua ou pele, seja, sem dúvida, rapidamente privado de vida. Mulheres tem às vezes causado hidropisia e lepra, decrepitude e impotência e idiotice e cegueira e surdez em homens. Essas mulheres perversas, sempre trilhando o caminho do pecado, às vezes (por esses meios) prejudicam seus maridos. Mas a esposa nunca deve fazer a menor injúria para seu marido. Ouça agora, ó senhora ilustre, do comportamento que eu adoto com os filhos de grande alma de Pandu. Mantendo de lado a vaidade, e controlando desejo e cólera, eu sempre sirvo com dedicação os filhos de Pandu com suas esposas. Reprimindo os ciúmes, com profunda devoção de coração, sem um senso de degradação pelos serviços que eu realizo, eu sirvo meus maridos. Sempre temendo proferir o que é mau ou falso, ou olhar ou sentar ou andar com impropriedade, ou lançar olhares indicativos dos sentimentos do coração, eu sirvo os filhos de Pritha, aqueles guerreiros poderosos brilhantes como o sol ou fogo, e belos como a lua, aqueles dotados de energia e coragem ardentes, e capazes de matar seus inimigos por um relance do olhar. Celestial, ou homem, ou Gandharva, jovem ou enfeitado com ornamentos, rico ou de aparência atrativa, meu coração não gosta de ninguém mais. Eu nunca me banho ou como

ou durmo até que ele que é meu marido tenha se banhado ou comido ou dormido, até, realmente, nossos servidores terem se banhado, comido, ou dormido. Se voltando do campo, da floresta, ou da cidade, me levantando depressa eu sempre saúdo meu marido com água e um assento. Eu sempre mantenho a casa e todas as peças pertencentes à casa e o alimento que é para ser ingerido bem organizados e limpos. Cuidadosamente eu mantenho o arroz, e sirvo a comida no momento apropriado. Eu nunca me entrego à raiva e modo de falar petulante, e nunca imito mulheres que são pecaminosas. Mantendo ociosidade à distância eu sempre faço o que é agradável. Eu nunca rio exceto em um gracejo, e nunca fico por qualquer duração de tempo no portão da casa. Eu nunca fico muito tempo em lugares para responder chamados da natureza, nem em jardins de divertimento ligados à casa. Eu sempre me abstenho de rir ruidosamente e de me entregar à emoção intensa, e de tudo o que possa ofender. De fato, ó Satyabhama, eu sempre estou engajada em servir meus maridos. Uma separação de meus maridos nunca é agradável para mim. Quando meu marido deixa a casa por causa de algum parente, então renunciando à flores e pasta fragrante de toda espécie, eu começo a passar por penitências. O que quer que meu marido não beba, o que quer que meu marido não coma, o que quer que meu marido não desfrute, eu sempre renuncio. Ó senhora bela, enfeitada com ornamentos e sempre controlada pela instrução dada a mim, eu sempre procuro fielmente o bem do meu marido. Aqueles deveres que minha sogra me falou a respeito de parentes, como também os deveres de atos de caridade, de oferecer culto aos deuses, de oblações para os doentes, de ferver comida em panelas em dias auspiciosos para oferecer para antepassados e convidados de reverência e serviço àqueles que merecem nosso respeito, e tudo mais que é conhecido por mim, eu sempre cumpro dia e noite, sem ociosidade de qualquer tipo. Tendo com todo meu coração recorrido à humildade e regras aprovadas eu sirvo meus maridos meigos e sinceros sempre observando a virtude, considerando eles como cobras venenosas capazes de serem excitadas por uma insignificância. Eu penso que é eterna para mulheres aquela virtude que é baseada sobre o respeito pelo marido. O marido é o deus da mulher, e ele é seu refúgio. De fato, não há outro refúgio para ela. Como pode, então, a esposa fazer a menor injúria para seu marido? Eu nunca, ao dormir ou comer ou adornar alguma pessoa, ajo contra os desejos do meu marido, e sempre guiada por meus maridos, eu nunca falo mal da minha sogra. Ó senhora abençoada, meus maridos se tornaram obedientes a mim por causa da minha diligência, minha boa vontade, e a humildade com a qual eu sirvo os superiores. Pessoalmente eu sirvo todo dia com comida e bebida e roupas a venerável e honesta Kunti, aquela mãe de heróis. Eu nunca mostro alguma preferência por mim mesma acima dela em questões de alimento e traje, e nunca reprovo em palavras aquela princesa igual à própria Terra em perdão. Antigamente, oito mil Brahmanas eram alimentados diariamente no palácio de Yudhishthira em pratos de ouro. E oitenta mil Brahmanas também da seita Snataka levando vidas familiares eram entretidos por Yudhishthira com trinta donzelas servidoras designadas para cada um. Além desses, dez mil yatis com a semente vital parada tinham seu alimento puro levado para eles em pratos de ouro. Todos aqueles Brahmanas que eram os reveladores do Veda eu costumava venerar devidamente com comida, bebida, e vestuário retirados de armazéns somente depois que uma

parte disso tinha sido dedicada ao Viswadeva. O ilustre filho de Kunti tinha cem mil empregadas bem vestidas com pulseiras nos braços e ornamentos dourados nos pescoços, e enfeitadas com guirlandas caras e coroas e ouro em profusão, e borrifadas com pasta de sândalo. E adornadas com jóias e ouro elas eram todas habilidosas em canto e dança. Ó senhora, eu sabia os nomes e feições de todas aquelas moças, como também o que elas são e o que elas eram, e o que elas não faziam. O filho de Kunti de grande inteligência tinha também cem mil criadas que costumavam diariamente alimentar convidados, com pratos de ouro em suas mãos. E enquanto Yudhishthira vivia em Indraprastha cem mil cavalos e cem mil elefantes costumavam seguir em seu séquito. Estas eram as posses de Yudhishthira enquanto ele governava a terra. Era eu no entanto, ó senhora, quem regulava seu número e traçava as regras para serem cumpridas em relação a eles; e era eu quem tinha que ouvir a todas as queixas sobre deles. De fato, eu sabia tudo acerca do que as criadas do palácio e outras classes de servidores, até os vaqueiros e os pastores do estabelecimento real, faziam ou não. Ó senhora abençoada e ilustre, era só eu entre os Pandavas quem conhecia a renda e gastos do rei e qual era toda sua riqueza. E aqueles touros entre os Bharatas, jogando sobre mim a responsabilidade de cuidar de todos aqueles que eram para ser alimentados por eles, iam, ó tu rosto bonito, fazer sua corte para mim. E este fardo, tão pesado e incapaz de ser carregado por pessoas de coração mau, eu costumava suportar dia e noite, sacrificando minha tranquilidade, e todo o tempo carinhosamente dedicada a eles. E enquanto meus maridos estavam engajados na busca de virtude, eu somente supervisava sua tesouraria inesgotável como o receptáculo sempre cheio de Varuna. Dia e noite suportando fome e sede, eu costumava servir os príncipes Kuru, pelo que minhas noites e dias eram iguais para mim. Eu costumava acordar primeiro e ir dormir por último. Este, ó Satyabhama, sempre tem sido meu encantamento para fazer meus maridos obedientes a mim! Esta grande arte tem sido sempre conhecida por mim para fazer meus maridos obedientes a mim. Eu nunca pratiquei os encantamentos de mulheres perversas, nem eu alguma vez desejei praticá-los."

Vaisampayana continuou, "Ouvindo aquelas palavras de significado virtuoso proferidas por Krishna, Satyabhama, tendo primeiro reverenciado a virtuosa princesa de Panchala, respondeu dizendo, 'Ó princesa de Panchala, eu sou culpada, ó filha de Yajnasena, me perdoe! Entre amigos, conversas de brincadeira surgem naturalmente, e sem premeditação."

232

"Draupadi disse, 'Eu agora indicarei para ti, para atrair o coração dos teus maridos, um caminho que é livre de artifício. Por adotá-lo devidamente, cara amiga, tu serás capaz de afastar teu marido de outras mulheres. Em todos os mundos, incluindo o dos celestiais, não há deus igual, ó Satyabhama, ao marido. Quando ele está satisfeito contigo, tu podes ter (de teu marido) todo objeto de desejo; quando ele está zangado, todos esses podem ser perdidos. É do seu

marido que a esposa obtém filhos e vários artigos de prazer. É do teu marido que tu podes ter camas e assentos bonitos, e mantos e guirlandas, e perfumes, e grande fama e o próprio céu após a morte. Uma pessoa não pode obter felicidade aqui por meios que são fáceis. De fato, a mulher que é casta obtém bem-estar com aflição. Sempre adore Krishna, portanto, com amizade e sofrimentos físicos do amor. E também aja de certo modo, por oferecer assentos bonitos e guirlandas excelentes e vários perfumes e serviço pronto, que ele possa ser devotado a ti, pensando, 'Eu sou realmente amado por ela!' Ouvindo a voz do teu marido no portão, levante-te do teu assento e fique de prontidão dentro do aposento. E logo que tu o vires entrar no teu quarto, cultue-o por oferecer a ele prontamente um assento e água para lavar seus pés. E mesmo quando ele mandar uma criada fazer alguma coisa, levante-te e faça tu mesma. Deixe Krishna compreender esta disposição da tua mente e saber que tu o adoras com todo o teu coração. E, ó Satyabhama, o que quer que teu marido fale na tua frente, não fale sobre isso mesmo que isso possa não merecer segredo, pois se algumas das tuas co-esposas falasse disto para Vasudeva, ele poderia ficar irritado contigo. Alimente por todos os meios em teu poder aqueles que são caros e dedicados ao teu marido e sempre procure seu bem. Tu deves, no entanto, sempre te manter afastada daqueles que são hostis e contra teu marido e procuram prejudicá-lo, como também daqueles que são afeitos à desonestidade. Abandonando todo excitamento e descuido na presença de homens, oculte tuas inclinações por observar silêncio, e tu não deves ficar ou conversar em particular nem com teus filhos, Pradyumna e Samva. Tu deves formar vínculos somente com tais mulheres que são de nascimento elevado e impecáveis e dedicadas a seus maridos, e tu deves sempre evitar mulheres que são coléricas, viciadas em bebidas, glutonas, desonestas, más e inconstantes. Comportamento tal como esse é respeitável e produtivo de prosperidade; e enquanto ele é capaz de neutralizar hostilidade, ele também leva ao céu. Portanto, venere teu marido, te enfeitando com guirlandas e ornamentos caros e te cobrindo com unguentos e perfumes excelentes."

233

Vaisampayana disse, "Então Kesava, o matador de Madhu, também chamado Janardana, tendo conversado sobre vários temas agradáveis com os ilustres filhos de Pandu e com aqueles Brahmanas que eram encabeçados por Markandeya e tendo se despedido deles, subiu em seu carro e chamou por Satyabhama. E Satyabhama então, tendo abraçado a filha de Drupada, se dirigiu a ela nestas palavras cordiais expressivas de seus sentimentos com relação a ela: 'Ó Krishna, que não haja ansiedade, nenhuma aflição, para ti! Tu não tens motivo para passar tuas noites em insônia, pois tu sem dúvida obterás de volta a terra conquistada por teus maridos, que são todos iguais aos deuses. Ó tu de olhos negros, mulheres dotadas de tal disposição e possuidoras de tais sinais auspiciosos nunca podem sofrer infortúnio por muito tempo. Foi ouvido por mim que tu desfrutarás indubitavelmente, com teus maridos, da terra pacificamente e livre de todos os tormentos! E, ó filha de Drupada, tu certamente verás a terra governada por

Yudhishthira depois que os filhos de Dhritarashtra tiverem sido mortos e os atos de sua hostilidade vingados! Tu logo contemplarás aquelas esposas dos Kurus, que, privadas da razão pelo orgulho, riram de ti enquanto no teu caminho para o exílio, elas mesmas reduzidas a um estado de desamparo e desespero! Saiba que eles todos, ó Krishna, que te ofenderam de alguma maneira enquanto tu estavas aflita, já foram para a residência de Yama. Teus filhos corajosos, Prativindhya com Yudhishthira e Sutasoma com Bhima, e Srutakarman com Arjuna, e Satanika com Nakula, e Srutasena gerado por Sahadeva, estão bem e se tornaram habilidosos com armas. Como Abhimanyu eles todos estão permanecendo em Dwaravati, encantados com o lugar. E Subhadra também, alegremente e com toda sua alma, cuida deles como tu, e como tu se regozija por eles e deriva muita felicidade deles. De fato, ela se aflige por suas aflições e se alegra em suas alegrias. E a mãe de Pradyumna também os ama com toda sua alma. E Kesava com seus filhos Bhanu e outros zela por eles com afeto especial. E minha sogra está sempre atenta em alimentá-los e vesti-los. E os Andhakas e Vrishnis, incluindo Rama e outros, os consideram com afeição. E, ó senhora bela, sua afeição por teus filhos é igual à que eles sentem por Pradyumna."

"Tendo dito essas palavras agradáveis e sinceras e cordiais, Satyabhama desejou ir para o carro de Vasudeva. E a esposa de Krishna então andou ao redor da rainha dos Pandavas. E tendo feito isso a bela Satyabhama subiu no carro de Krishna. E o chefe dos Yadavas, confortando Draupadi com um sorriso e fazendo os Pandavas voltarem, partiu para sua própria cidade, com cavalos rápidos (atrelados ao seu carro)."

234

(Ghosha yatra Parva)

Janamejaya disse, "Enquanto aqueles principais dos homens, os filhos de Pritha, estavam passando seus dias na floresta expostos às inclemências do inverno, do verão, do vento e do sol, o que eles fizeram, ó Brahmana, depois deles terem alcançado o lago e florestas que levam o nome de Dwaita?"

Vaisampayana disse, "Depois que os filhos de Pandu tinham chegado àquele lago, eles escolheram uma residência que era afastada das habitações dos homens. E eles começaram a vagar por bosques aprazíveis e montanhas sempre encantadoras e vales de rios pitorescos. E depois que eles tinham fixado sua residência lá, muitos ascetas veneráveis dotados de saber Védico foram vê-los muitas vezes. E aqueles principais dos homens sempre receberam aqueles Rishis conhecedores do Veda com grande respeito. E um dia foi lá até os príncipes Kaurava um certo Brahmana que era bem conhecido na terra por seus poderes de discurso. E tendo conversado com os Pandavas por um tempo, ele partiu como lhe agradava para a corte do filho real de Vichitravirya. Recebido com respeito por aquele chefe dos Kurus, o rei idoso, o Brahmana tomou seu assento; e perguntado pelo monarca ele começou a falar dos filhos de Dharma, Pavana, Indra e dos gêmeos, todos os quais tendo caído em dura miséria, tinham se

tornado emaciados e reduzidos devido à exposição ao vento e sol. E aquele Brahmana também falou de Krishna que estava oprimida pelo sofrimento e que então tinha se tornado completamente desamparada, embora ela tivesse heróis como seus maridos. E ouvindo as palavras daquele Brahmana, o filho real de Vichitravirya ficou afligido pela dor ao pensar naqueles príncipes de linhagem real então nadando em um rio de tristeza. Sua alma mais íntima afligida com tristeza e tremendo completamente com suspiros, ele se acalmou com um grande esforço, se lembrando de que tudo tinha resultado da sua própria falha. E o monarca disse, 'Ai, como é que Yudhishthira que é o mais velho dos meus filhos, que é sincero e pio e virtuoso em seu comportamento, que não tem um inimigo, que antigamente dormia em camas feitas de peles macias Ranku, dorme agora sobre o solo nu! Ai, acordado antigamente por Sutas e Magadhas e outros cantores com seus louvores, melodiosamente recitados toda manhã, aquele príncipe da raça Kuru, igual ao próprio Indra, é agora despertado do chão vazio perto das altas horas da noite por uma multidão de aves! Como Vrikodara, reduzido pela exposição ao vento e sol e cheio de cólera, dorme, na presença da princesa de Panchala, no solo nu, indigno como ele é de sofrer tal sina! Talvez também, o inteligente Arjuna, que é incapaz de suportar dor, e que, embora obediente à vontade de Yudhishthira, ainda se sente perfurado pela lembrança de suas injustiças, não durma durante a noite! Contemplando os gêmeos e Krishna e Yudhishthira e Bhima mergulhados em tristeza, Arjuna sem dúvida suspira como uma serpente de energia feroz e não dorme de raiva durante a noite! Os gêmeos também, que são assim como um par de abençoados celestiais no céu, mergulhados em dor embora merecedores de felicidade, sem dúvida passam suas noites em vigília inquieta impedidos (de vingarem seus males) pela virtude e verdade! O filho poderoso do deus do vento, que é igual ao próprio deus do vento em força, sem dúvida, suspira e reprime sua ira, sendo atado por seu irmão mais velho nos laços da verdade! Superior em batalha a todos os guerreiros, ele agora deita quieto sobre o solo, contido pela virtude e verdade, e ansioso para matar meus filhos, esperando o momento propício. As palavras cruéis que Dussasana falou depois que Yudhishthira tinha sido fraudulentamente derrotado no jogo de dados penetraram profundamente no coração de Vrikodara, e o estão consumindo como um feixe ardente de palha consumindo um fardo de madeira seca! O filho de Dharma nunca age pecaminosamente; Dhananjaya também sempre obedece a ele; mas a raiva de Bhima, por causa de uma vida de exílio, está aumentando como um incêndio ajudado pelo vento! Aquele herói, queimando com raiva dessa maneira, aperta suas mãos e exala suspiros quentes e ferozes, como se consumindo com isso meus filhos e netos! O manejador do Gandiva e Vrikodara, quando zangados, são como os próprios Yama e Kala; espalhando suas flechas, que são semelhantes a raios, eles exterminam em batalha os tropas do inimigo. Ai Duryodhana, e Sakuni, e o filho de Suta, e Dussasana também de alma perversa, ao roubarem os Pandavas de seu reino por meio dos dados, parecem ver o mel somente sem notarem a queda terrível. Um homem tendo agido corretamente ou injustamente aguarda o resultado daquelas ações. O resultado, no entanto, confundindo-o, paralisa-o completamente. Como pode o homem, daí, ter salvação? Se o solo é devidamente arado, e a semente semeada sobre ele, e se o deus (da chuva) derrama chuva na época, ainda assim a colheita pode não

crescer. Isto é o que nós muitas vezes ouvimos. De fato, como este ditado poderia ser verdadeiro a menos que, como eu penso, tudo aqui seja dependente do Destino? O jogador Sakuni se comportou fraudulentamente para com o filho de Pandu, que sempre age honestamente. Por afeição por meus filhos pecaminosos eu também tenho agido da mesma maneira. Ai, é devido a isso que a hora da destruição chegou para os Kurus! Oh, talvez, o que é inevitável deve acontecer! O vento, impelido ou não, se moverá. A mulher que concebe dará à luz. A escuridão será dissipada ao amanhecer, e o dia desaparece na noite! O que quer que possa ser ganho por nós ou outros, se as pessoas o gastam ou não, quando chega o momento, aquelas nossas posses ocasionam miséria. Por que então as pessoas ficam tão ansiosas sobre ganhar riqueza? Se, de fato, o que é adquirido é o resultado do destino, então isso deve ser protegido para que não possa ser dividido, nem perdido pouco a pouco, nem permitido fluir completamente de uma vez, pois se não for protegido, isso pode se romper em cem fragmentos. Mas qualquer que seja o caráter das nossas posses, nossas ações no mundo nunca são perdidas. Veja qual é a energia de Arjuna, que foi das florestas para a residência de Indra! Tendo dominado as quatro espécies de armas celestes ele voltou para este mundo! Que homem há que, tendo ido para o céu em sua forma humana, deseja retornar? Isto nunca teria acontecido exceto porque ele vê inúmeros Kurus estando às portas da morte, afligidos pelo Tempo! O arqueiro é Arjuna, capaz de manejar o arco com sua mão esquerda também! O arco que ele maneja é o Gandiva de ímpeto violento. Ele tem, além disso, aquelas suas armas celestes! Quem poderia suportar a energia desses três?"

"Ouvindo estas palavras do monarca, o filho de Suvala, indo até Duryodhana, que estava então sentado com Kama, disse a eles tudo em particular. E Duryodhana, embora possuidor de pouca sabedoria, ficou cheio de aflição pelo que ele ouviu."

235

Vaisampayana disse, "Ouvindo aquelas palavras de Dhritarashtra, Sakuni, quando a oportunidade se apresentou, ajudado por Kama, falou para Duryodhana estas palavras, 'Tendo exilado os Pandavas heróicos por meio da tua própria destreza, ó Bharata, governe esta terra sem um rival como o matador de Samvara governando o céu! Ó monarca, os reis do leste, do sul, do oeste, e do norte, todos foram feitos tributários a ti! Ó senhor da terra, aquela Prosperidade resplandecente que tinha antes cortejado os filhos de Pandu agora foi adquirida por ti junto com teus irmãos! Aquela Prosperidade fulgurante, ó rei, a qual nós não muitos dias atrás vimos com corações pesados em Yudhishthira em Indraprastha, é hoje vista por nós ser possuída por ti, ela tendo, ó monarca de braços poderosos, sido arrebatada por ti do nobre Yudhishthira somente por força do intelecto. Ó matador de heróis hostis, todos os reis da terra agora vivendo em submissão a ti esperam tuas ordens, como eles faziam antes sob Yudhishthira, esperando as dele. Ó monarca, a deusa Terra com sua extensão vasta com circunferência de mares, com suas montanhas e florestas, e cidades e municípios e minas, e decorada com

florestas e colinas agora é tua! Adorado pelos Brahmanas e venerado pelos reis, tu resplandeces, ó rei, por causa da tua coragem, como o Sol entre os deuses no céu! Circundado pelos Kurus, ó rei, como Yama pelos Rudras, ou Vasava pelos Maruts, tu brilhas, ó monarca, como a Lua entre as estrelas! Nos deixe, portanto, ó rei, ir e olhar para os filhos de Pandu, eles que estão agora privados de prosperidade, eles que nunca obedeceram ordens, eles quem nunca deveram submissão! Foi ouvido por nós, ó monarca, que os Pandavas estão agora vivendo nas margens do lago chamado Dwaitavana, com uma multidão de Brahmanas, tendo a selva como sua casa. Vá para lá, ó rei, em toda tua prosperidade, chamuscando o filho de Pandu com uma visão da tua glória, como o Sol chamuscando tudo com seus raios quentes! Tu mesmo um soberano e eles privados de soberania, tu mesmo em prosperidade e eles privados desta, tu mesmo possuindo riqueza e eles na pobreza, contemple agora, ó rei, os filhos de Pandu. Deixe os filhos de Pandu te contemplarem como Yayati, o filho de Nahusha, acompanhado por uma grande comitiva de seguidores e desfrutando de felicidade que é magnífica. Ó rei, aquela Prosperidade resplandecente a qual é vista por ambos, os amigos e inimigos de alguém, é considerada como bem aplicada! Que felicidade pode ser mais completa do que aquela a qual desfruta aquele que enquanto ele mesmo em prosperidade, olha para seus inimigos na adversidade, como uma pessoa no topo da colina olhando para baixo para outra se arrastando sobre a terra? Ó tigre entre reis, a felicidade que alguém deriva de ver seus inimigos na aflição é maior do que a que ele pode derivar da aquisição de oferenda ou riqueza ou reino! Que felicidade não será daquele que, ele mesmo em riqueza, lançar seus olhos em Dhananjaya vestido em cascas de árvores e peles de veado? Deixe tua esposa vestida em mantos caros olhar para a angustiada Krishna vestida em cascas de árvores e camurças, e aumentar a dor da última! Deixe a filha de Drupada censurar a si mesma e sua vida, privada como ela está de riqueza, pois a tristeza que ela sentirá ao ver tua esposa enfeitada com ornamentos será muito maior do que a que ela sentiu no meio da assembléia (quando Dussasana a tinha arrastado lá)!"

Vaisampayana continuou, "Tendo falado dessa maneira para o rei, ambos Karna e Sakuni ficaram calados, ó Janamejaya, depois que seu discurso estava terminado."

236

Vaisampayana disse, "Tendo ouvido estas palavras de Karna, o rei Duryodhana ficou muito satisfeito. Logo depois, no entanto, o príncipe ficou entristecido e se dirigindo ao orador disse, 'O que tu me disseste, ó Karna, está sempre diante da minha mente. Eu, no entanto, não obterei permissão para me dirigir ao local onde os Pandavas estão residindo. O rei Dhritarashtra está sempre se afligindo por aqueles heróis. De fato, o rei considera que os filhos de Pandu se tornaram mais poderosos do que antes por consequência de suas austeridades ascéticas. Ou, se o rei compreender nossos motivos, ele nunca, tendo respeito pelo futuro, nos concederá permissão, pois, ó tu de grande resplendor, nós não podemos ter outro

negócio nas florestas de Dwaitavana além da destruição dos Pandavas no exílio! Tu conheces as palavras que Kshatri falou para mim e para ti mesmo, e para o filho de Suvala, no momento da partida de dados! Refletindo sobre todas aquelas palavras como também sobre todas aquelas lamentações (às quais ele e outros se entregaram), eu não posso tomar uma decisão quanto a se eu devo ir ou não! Eu sem dúvida ficarei muito satisfeito se eu lançar meus olhos em Bhima e Phalguna passando seus dias em tormento com Krishna nas florestas. A alegria que eu posso sentir ao obter a soberania da terra inteira não é nada (comparada) àquela que será minha ao ver os filhos de Pandu vestidos em cascas de árvores e peles de veado. Que alegria pode ser maior, ó Karna, do que aquela que será minha ao ver a filha de Drupada vestida em trapos vermelhos nas florestas? Se o rei Yudhishthira e Bhima, os filhos de Pandu me virem agraciado com grande riqueza, somente então eu terei realizado o grande objetivo da minha vida! Eu, no entanto, não vejo os meios pelos quais eu posso me dirigir para aquelas florestas, pelo qual, realmente, eu posso obter a permissão do rei para ir para lá! Idealize, portanto, algum plano habilidoso, com o filho de Suvala e Dussasana, pelo qual nós possamos ir para aquelas matas! Eu também, decidindo hoje quanto a se eu devo ir ou não, me aproximarei amanhã da presença do rei. E quando eu estiver sentado com Bhishma, aquele melhor dos Kurus, tu, com Sakuni, apresentará o pretexto que vocês tiverem planejado. Ouvindo então as palavras de Bhishma e do rei sobre o assunto da nossa viagem, eu arranjarei tudo implorando ao nosso avô."

"Dizendo; 'Assim seja' eles então partiram todos para seus respectivos quartos. E logo que a noite tinha passado, Karna foi ao rei. E indo até ele, Karna sorridente falou para Duryodhana, dizendo, 'Um plano foi idealizado por mim. Ouça-o, ó senhor de homens! Nossos rebanhos estão agora esperando nas matas de Dwaitavana na expectativa de ti! Sem dúvida, nós podemos todos ir para lá sob o pretexto de supervisionar nossas estações de gado, pois, ó monarca, é apropriado que reis frequentemente se dirijam para suas estações de gado. Se este for o motivo apresentado, teu pai, ó príncipe, certamente te concederá permissão!' E enquanto Duryodhana e Karna estavam assim conversando alegremente, Sakuni dirigiu-se a eles e disse, 'Este plano, livre de dificuldades, foi o que eu também vi para ir para lá! O rei certamente nos dará permissão, ou até nos enviará para lá por sua própria vontade. Nossos rebanhos estão agora todos aguardando nos bosques de Dwaitavana te esperando. Sem dúvida, nós podemos todos ir para lá sob o pretexto de supervisionar nossas estações de gado!'"

"Eles então todos os três riram juntos, e deram suas mãos uns para os outros. E tendo chegado àquela conclusão, eles foram ver o chefe dos Kurus."

237

Vaisampayana disse, "Eles todos então viram o rei Dhritarashtra, ó Janamejaya, e tendo visto ele, perguntaram sobre seu bem-estar, e foram, em retorno, perguntados acerca de seu bem-estar. Então um vaqueiro chamado

Samanga, que tinha sido instruído antes por eles, se aproximando do rei, falou para ele do gado. Então o filho de Radha e Sakuni, ó rei, se dirigindo a Dhritarashtra, aquele principal dos monarcas, disse, 'Ó Kaurava, nossas estações de gado estão agora em um lugar encantador. O tempo para sua contagem como também para marcação dos bezerros chegou. E, ó monarca, esta também é uma estação excelente para teu filho ir caçar! Cabe a ti, portanto, conceder permissão para Duryodhana ir para lá.'

"Dhritarashtra respondeu, 'A caça do veado, como também o exame dos gados é muito apropriado, ó filho! Eu penso, de fato, que os boiadeiros não são de confiança. Mas nós soubemos que aqueles tigres entre homens, os Pandavas, estão agora permanecendo na vizinhança daquelas estações de gado. Eu penso, portanto, que vocês não devem ir para lá vocês mesmos! Derrotados por meios fraudulentos eles estão agora vivendo na floresta profunda em grande sofrimento. Ó Radheya, eles são guerreiros poderosos e naturalmente hábeis, eles estão agora dedicados a austeridades ascéticas. O rei Yudhishthira não permitirá que sua cólera seja despertada, mas Bhimasena é naturalmente impetuoso. A filha de Yajnasena é a própria natureza da energia. Cheios de orgulho e insensatez, vocês sem dúvida ofenderão. Dotada de mérito ascético ela certamente consumirá vocês, ou talvez, aqueles heróis, armados com espadas e armas! Nem, se por força de números, vocês procurarem prejudicá-los em alguma circunstância, esta será uma ação muito imprópria, embora, como eu penso, vocês nunca poderão ser bem sucedidos. O poderosamente armado Dhananjaya voltou daquele lugar para a floresta. Enquanto não aperfeiçoado em armas, Vivatsu tinha subjugado a terra inteira antes. Um poderoso guerreiro como ele é e educado em armas agora, ele não será capaz de matar vocês todos? Ou, se em obediência às minhas palavras, vocês se comportarem com cuidado tendo se dirigido para lá, vocês não poderão viver felizmente lá por consequência da ansiedade que vocês sentirão devido a um constante estado de desconfiança. Ou, algum soldado seu pode fazer alguma injúria para Yudhishthira, e aquela ação não premeditada será atribuída à sua falha. Portanto, que alguns homens fiéis procedam para lá para o trabalho de contagem. Eu não acho que é apropriado para ti, Bharata, ir tu mesmo para lá."

"Sakuni disse, 'O mais velho dos filhos de Pandu é ciente da moralidade. Ele prometeu no meio da assembléia, ó Bharata, que ele viveria por doze anos na floresta. Os outros filhos de Pandu são todos virtuosos e obedientes à Yudhishthira. E o próprio Yudhishthira, o filho de Kunti, nunca ficará zangado conosco. De fato, nós desejamos muito sair em uma expedição de caça, e aproveitaremos essa oportunidade para supervisionar a contagem de nossos gados. Nós não temos intenção de ver os filhos de Pandu. Nós não iremos para aquele local onde os Pandavas fixaram sua residência, e por conseguinte nenhuma exibição de comportamento impróprio pode quiçá surgir da nossa parte.'

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado por Sakuni, aquele senhor de homens, Dhritarashtra, concedeu a permissão, mas não de muito bom grado, para Duryodhana e seus conselheiros irem para o local. E permitido pelo monarca o príncipe Bharata nascido de Gandhari partiu, acompanhado por Karna e circundado por uma grande hoste. E ele estava também acompanhado por

Dussasana e o filho de Suvala de grande inteligência e por muitos outros irmãos dele e por senhoras às milhares. E quando o príncipe de braços poderosos partiu para contemplar o lago que era conhecido pelo nome de Dwaitavana, os cidadãos (de Hastina), também acompanhados por suas esposas começaram a segui-lo para aquela floresta. Oito mil carros, trinta mil elefantes, nove mil cavalos, e muitos milhares de soldados de infantaria, e lojas e pavilhões e comerciantes, bardos e homens treinados na caça às centenas e milhares seguiram o príncipe. E quando o rei partiu, seguido por esta grande multidão de pessoas, o tumulto que foi causado lá parecia, ó rei, o profundo tumulto dos ventos que ocorrem na estação chuvosa. E alcançando o lago Dwaitavana com todos os seus seguidores e veículos, o rei Duryodhana ergueu seu acampamento na distância de quatro milhas dele."

238

Vaisampayana disse, "O rei Duryodhana então se movendo de floresta em floresta finalmente se aproximou das estações de gado, e formou o acampamento de suas tropas. E seus servidores, escolhendo um local conhecido e encantador rico em água e árvores e que possuía todas as conveniências construíram uma residência para ele. E perto o bastante da residência real eles também erigiram residências separadas para Kama e Sakuni e os irmãos do rei. E o rei contemplou seus gados às centenas e milhares e examinando seus membros e marcas supervisionou sua contagem. E ele fez os bezerros serem marcados e cuidou daqueles que precisavam ser domesticados. E ele também contou aquelas vacas cujos bezerros ainda não tinham sido desmamados. E terminando a tarefa de contagem por marcar e contar todo bezerro que tinha três anos de idade, o príncipe Kuru, cercado pelos vaqueiros, começou a se divertir e passear alegremente. E os cidadãos também e os soldados aos milhares começaram a se divertir, como melhor lhes agradava, naquelas matas, como os celestiais. E os boiadeiros, bem habilidosos em canto e dança e música instrumental, e virgens enfeitadas com ornamentos, começaram a servir aos prazeres do filho de Dhritarashtra. E o rei cercado pelas senhoras da família real começou alegremente a distribuir riqueza e comida e bebidas de vários tipos entre aqueles que procuravam agradar a ele, de acordo com seus desejos."

"E o rei, escoltado por todos os seus seguidores, começou também a matar hienas e búfalos e veados e gayals e ursos e javalis por toda parte. E o rei, perfurando com suas flechas aqueles animais aos milhares na floresta profunda, fez os veados serem apanhados nas partes mais agradáveis das matas. Bebendo leite e desfrutando, ó Bharata, de vários outros artigos deliciosos e contemplando, conforme ele prosseguia, muitas florestas encantadoras e bosques enxameando com abelhas inebriadas com mel floral e ressoando com as notas do pavão, o rei finalmente alcançou o lago sagrado de Dwaitavana. E o local o qual o rei alcançou enxameava com abelhas inebriadas com mel floral, e ecoava com as notas harmoniosas do gaio (Garrulus glandarius) de garganta azul e era sombreado por Saptacchadas e punnagas e Vakulas. E o rei agraciado com grande prosperidade

procedeu para lá como o próprio chefe dos celestiais manejador do raio. E, ó tu melhor da raça Kuru, o rei Yudhishthira o justo, dotado de inteligência superior, estava então, ó monarca, residindo na vizinhança daquele lago tranquilamente e celebrando com sua esposa, a filha de Drupada, o sacrifício diurno chamado Rajarshi, segundo a ordenança sancionada para os celestiais e pessoas que vivem na selva. E, ó monarca, tendo alcançado aquele local, Duryodhana mandou seu homens aos milhares, dizendo, 'Que casas de diversão sejam construídas logo.' Assim mandados, aqueles cumpridores das ordens do rei respondendo ao chefe Kuru com as palavras 'Assim seja' foram em direção às margens do lago para construir casas de diversão. E quando os soldados escolhidos do filho de Dhritarashtra, tendo alcançado a região do lago, estavam prestes a entrar nas passagens da mata, vários Gandharvas apareceram e os proibiram de entrar. Pois, ó monarca, o rei dos Gandharvas acompanhado por seus seguidores tinha ido para lá antes, da residência de Kuvera. E o rei dos Gandharvas também estava acompanhado pelas várias tribos de Apsaras, como também pelos filhos dos celestiais. E planejando se divertir, ele tinha ido àquele local em busca de folia, e ocupando-o, tinha-o bloqueado contra todos os que chegavam. E os servidores do rei (Kuru), encontrando o lago bloqueado pelo rei dos Gandharvas, voltaram, ó monarca, para onde o rei Duryodhana estava. E Duryodhana tendo ouvido essas palavras, despachou vários de seus guerreiros difíceis de serem subjugados em batalha, mandando-os expulsar os Gandharvas. E aqueles guerreiros que formavam a vanguarda do exército Kuru, ouvindo aquelas palavras do rei, voltaram ao lago de Dwaitavana e se dirigiram aos Gandharvas, dizendo, 'O rei poderoso Duryodhana, o filho de Dhritarashtra, está vindo para cá para se divertir. Fiquem fora do caminho, portanto!' Assim endereçados por eles, ó rei, os Gandharvas riram e responderam para aqueles homens nessas palavras duras: 'Seu rei pecaminoso Duryodhana deve ser desprovido de inteligência. Do contrário como ele poderia ter assim ordenado a nós que somos habitantes do céu, como se, de fato, nós fôssemos seus empregados? Sem prudência, vocês também estão sem dúvida às portas da morte; pois idiotas insensatos como vocês são, vocês ousaram nos trazer sua mensagem! Voltem logo para onde aquele rei dos Kurus está, senão vão hoje mesmo para a residência de Yama.' Assim endereçada pelos Gandharvas, a guarda avançada do exército do rei voltou para o lugar onde o real filho de Dhritarashtra estava."

239

Vaisampayana disse, "Os soldados então, ó rei, voltaram todos até Duryodhana e repetiram para ele cada palavra que os Gandharvas tinham dito. E, ó Bharata, descobrindo que seus soldados tinham sido obstados pelos Gandharvas, o filho de Dhritarashtra, dotado de energia, estava cheio de raiva. E o rei se dirigiu aos seus soldados, dizendo, ‘Punam esses patifes que desejam se opor à minha vontade, mesmo que eles tenham vindo para cá por diversão, acompanhados por todos os celestiais com aquele de cem sacrifícios.’ E ouvindo estas palavras de Duryodhana, os filhos e oficiais de Dhritarashtra todos dotados de grande força,

como também guerreiros aos milhares, começaram a se armar para a batalha. E enchendo os dez lados com altos rugidos leoninos e avançando naqueles Gandharvas que vinham guardando as passagens, eles entraram na floresta. E quando os soldados Kuru entraram na floresta, outros Gandharvas se aproximaram e os proibiram de prosseguir. E embora gentilmente proibidos de avançar pelos Gandharvas, os soldados Kuru, sem a mínima consideração por eles, começaram a entrar naquela floresta imensa. E quando aqueles percorredores do céu descobriram que os guerreiros de Dhritarashtra junto com seu rei não poderiam ser parados por meio de palavras eles todos foram até seu rei Chitrasena e relataram tudo para ele. E quando Chitrasena, o rei dos Gandharvas, veio a saber tudo isso ele se encheu de raiva, aludindo ao Kuru, e mandou seus seguidores dizendo, 'Punam esses canalhas de comportamento pecaminoso.' E, ó Bharata, quando os Gandharvas foram assim mandados por Chitrasena, eles se apressaram com armas nas mãos em direção às tropas de Dhritarashtra. E vendo os Gandharvas avançando impetuosamente em direção a eles com armas erguidas, os guerreiros Kuru fugiram precipitadamente em todas as direções à própria vista de Duryodhana. E vendo os soldados Kuru todos fugindo do campo com suas costas para o inimigo, só o heróico Radheya não fugiu. E vendo a hoste poderosa dos Gandharvas avançando em direção a ele, Radheya os deteve por meio de uma chuva perfeita de flechas. E o filho de Suta, devido à sua extrema leveza de mão, atingiu centenas de Gandharvas com Kshurapras e flechas e Bhallas e várias armas feitas de ossos e aço. E aquele guerreiro poderoso, em pouco tempo fazendo as cabeças de numerosos Gandharvas rolarem, fez as tropas de Chitrasena gritarem em agonia. E embora eles fossem massacrados em grandes números por Karna dotado de grande inteligência, ainda assim os Gandharvas voltavam ao ataque às centenas e milhares. E em consequência dos enxames dos guerreiros de Chitrasena avançando impetuosamente para o campo a terra ficou logo coberta pela hoste Gandharva. Então o rei Duryodhana, e Sakuni, o filho de Suvala, e Dussasana, e Vikarna, e outros filhos de Dhritarashtra sentados em carros cujo ruído das rodas parecia com os rugidos de Garuda, voltaram ao ataque, seguindo a liderança de Karna, e começaram a massacrar aquela hoste. E desejosos de auxiliar Karna, aqueles príncipes cercaram o exército Gandharva com um grande número de carros e um grupo forte de cavalos. Então toda a hoste Gandharva começou a lutar com os Kauravas. E o combate que ocorreu entre as hostes opostas foi violento ao extremo e podia fazer os cabelos de alguém ficarem em pé. Os Gandharvas, finalmente, afligidos pelas flechas do exército Kuru, pareciam estar esgotados. E os Kauravas vendo os Gandharvas assim afligidos emitiram um som alto."

"E vendo a hoste Gandharva cedendo ao medo, o furioso Chitrasena levantou-se de seu assento, decidido a exterminar o exército Kuru. E conhecedor de vários modos de guerra, ele se movimentou na batalha, ajudado por suas armas de ilusão. E os guerreiros Kaurava foram então todos privados da sua razão pela ilusão de Chitrasena. E então, ó Bharata, parecia que cada guerreiro do exército Kuru estava caído e cercado por dez Gandharvas. E atacada com grande vigor, a hoste Kuru foi imensamente afligida e tomada pelo pânico. Ó rei, todos aqueles

que gostavam de viver fugiram do campo. Mas enquanto a hoste inteira de Dhritarashtra se rompia e fugia, Karna, aquele filho do Sol, permaneceu lá, ó rei, imóvel como uma colina. De fato, Duryodhana e Karna e Sakuni, o filho de Suvala, todos lutaram com os Gandharvas, embora todos eles estivessem muito feridos e lacerados no confronto. Todos os Gandharvas então, desejosos de matar Karna, avançaram juntos às centenas e milhares em direção a Karna. E aqueles guerreiros poderosos, desejosos de matar o filho de Suta, o cercaram por todos os lados com espadas e machados de combate e lanças. E alguns derrubaram o jugo de seu carro, e alguns seu mastro de bandeira, e alguns o eixo de seu carro, e alguns seus cavalos, e alguns seu quadrigário. E alguns derrubaram seu guarda-sol e alguns a proteção de madeira ao redor de seu carro e algum as juntas de seu carro. Foi dessa maneira que muitos milhares de Gandharvas, atacando juntos seu carro, o quebraram em fragmentos miúdos. E enquanto seu carro estava sendo assim atacando, Karna pulou dele com espada e escudo na mão, e subindo no carro de Vikarna, incitou os corcéis para se salvar."

240

Vaisampayana disse, "Depois que aquele grande guerreiro Karna tinha sido derrotado pelos Gandharvas, todo o exército Kuru, ó monarca, fugiu do campo na própria vista do filho de Dhritarashtra. E vendo todas as suas tropas fugindo do campo de batalha com suas costas para o inimigo, o rei Duryodhana se recusou a fugir. Vendo a hoste poderosa dos Gandharvas avançando em direção a ele, aquele repressor de inimigos despejou sobre eles uma chuva grossa de flechas. Os Gandharvas, no entanto, sem darem atenção àquela chuva de flechas, e desejosos também de matá-lo, cercaram seu carro. E por meio de suas flechas eles cortaram em fragmentos o jugo, o eixo, as proteções, o mastro de bandeira, os postes triplos de bambu, e a torre principal do carro dele. E eles também mataram seu quadrigário e cavalos, cortando-os em pedaços. E quando Duryodhana, privado de seu carro, caiu no chão, o fortemente armado Chitrasena avançou em direção a ele e agarrou-o de tal maneira que parecia que a sua própria vida tinha sido tirada. E depois que o rei Kuru tinha sido apanhado, os Gandharvas, cercando Dussasana, que estava sentado em seu carro, também o capturaram. E alguns Gandharvas agarraram Vivinsati e Chitrasena, e alguns Vinda e Anuvinda, enquanto outros prenderam todas as senhoras da família real. E os guerreiros de Duryodhana, que foram derrotados pelos Gandharvas, se juntando àqueles que tinham fugido primeiro, se aproximaram dos Pandavas (que estavam vivendo na vizinhança). E depois que Duryodhana tinha sido feito cativo, os veículos, as lojas, os pavilhões, as carruagens, e os animais de carga, tudo foi transferido aos Pandavas por proteção. E aqueles soldados disseram, 'O filho de braços fortes de Dhritarashtra, possuidor de grande força e bela aparência, foi feito prisioneiro pelos Gandharvas! Ó filhos de Pritha, sigam-nos! Dussasana, Durvishasa, Durmukha, e Durjaya, todos estão sendo levados como cativos em correntes pelos Gandharvas, como também as senhoras da família real!'

"Gritando dessa maneira, os seguidores de Duryodhana, afligidos pela angústia e melancolia, se aproximaram de Yudhishthira, desejosos de efetuar a libertação do rei. Bhima então respondeu àqueles velhos servidores de Duryodhana, que, afligidos pela dor e melancolia, estavam assim solicitando (a ajuda de Yudhishthira), dizendo, 'O que nós devíamos ter feito com grandes esforços, nos colocando em linha de batalha, auxiliados por cavalos e elefantes foi, de fato, feito pelos Gandharvas! Eles que vieram para cá para outros propósitos foram surpreendidos por consequências que não tinham previsto! De fato, esse é o resultado dos maus conselhos de um rei que gosta de jogo fraudulento! É sabido por nós que o inimigo de uma pessoa que é impotente é derrotado por outros. Os Gandharvas, de uma maneira extraordinária, ilustraram perante nossos olhos a verdade desse ditado! Parece que afortunadamente ainda há alguma pessoa no mundo que está desejosa de fazer bem para nós que, de fato, tomou sobre seus próprios ombros nossa carga agradável, embora nós estejamos sentados ociosamente! O patife veio para cá para lançar seus olhos em nós, ele mesmo em prosperidade enquanto nós estamos mergulhados em adversidade e emaciados por austeridades ascéticas e expostos ao vento, frio e calor. Aqueles que imitam o comportamento desse Kaurava pecaminoso e ordinário estão agora vendo sua ignomínia! Ele que instruiu Duryodhana a fazer isso sem dúvida agiu pecaminosamente. Que os filhos de Kunti não são maus e pecaminosos, eu digo isso perante vocês todos!"

"E enquanto Bhima, o filho de Kunti, estava falando assim em uma voz de sarcasmo, o rei Yudhishthira lhe disse, 'Este não é o momento para palavras cruéis.'"

241

"Yudhishthira disse, 'Ó filho, por que tu usas linguagem tal como essa em direção aos Kurus assustados, que estão agora em adversidade e que vieram a nós desejosos de proteção? Ó Vrikodara, desuniões e disputas ocorrem entre aqueles que são relacionados em sangue. Hostilidades assim como essas acontecem. Mas nunca é permitido que se interfira com a honra da família. Se algum estranho procura insultar a honra de uma família, aqueles que são bons nunca toleram tal insulto vindo do desconhecido. O rei dos Gandharvas de alma perversa sabe que nós estamos vivendo aqui desde algum tempo. Ainda assim nos desrespeitando ele fez este ato que é tão desagradável para nós! Ó exaltado, por causa dessa captura forçada de Duryodhana e deste insulto às senhoras da nossa casa por um estranho, a honra da nossa família está sendo destruída. Portanto, ó tigres entre homens, levantem-se e armem-se sem demora para resgatar aqueles que procuraram nossa proteção e para proteger a honra da nossa família. Ó tigres entre homens, que Arjuna e os gêmeos e tu mesmo também que és corajoso e invicto libertem Duryodhana, que está agora mesmo sendo levado prisioneiro! Ó principais dos guerreiros, estes carros resplandecentes, providos de hastes douradas e todos os tipos de armas pertencentes aos filhos de Dhritarashtra, estão prontos aqui. Com Indrasena e

outros quadrigários habilidosos com armas para guiá-los, sejam conduzidos nestes carros sempre equipados de estertor profundo! E viajando neles, se esforcem com diligência para lutar com os Gandharvas para libertar Duryodhana. Até um Kashatriya comum (entre aqueles que estão aqui), protegeria ao máximo de seu poder alguém que tivesse vindo para cá por proteção! O que então, ó Vrikodara, eu direi de ti? Rogado por ajuda em palavras tais como 'Ó te apresse para me auxiliar!' Quem há (entre aqueles que permanecem ao meu redor) que é de grande alma suficiente para ajudar até seu inimigo, vendo-o procurando proteção com mãos unidas? A concessão de um benefício, soberania, e o nascimento de um filho são fontes de grande alegria. Mas, ó filhos de Pandu, a libertação de um inimigo do infortúnio é igual a todos os três colocados juntos! O que pode ser uma fonte de maior alegria para você do que Duryodhana mergulhado em desgraça procurando sua própria vida como dependente do poder dos teus braços? Ó Vrikodara, se o voto no qual eu estou engajado tivesse terminado, há pouca dúvida de que eu mesmo teria corrido para ajudá-lo. Esforce-te por todos os meios, ó Bharata, para libertar Duryodhana por meio das artes de conciliação. Se, no entanto, o rei dos Gandharvas não puder ser manobrado pelas artes de conciliação, então tu deves tentar resgatar Suyodhana por escaramuçar levemente com o inimigo. Mas se o chefe dos Gandharvas não perdoar os Kurus mesmo então, eles devem ser resgatados por oprimir o inimigo por todos os meios. Ó Vrikodara, isso é tudo que eu posso te dizer agora, pois meu voto foi iniciado e não terminou ainda!"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras de Ajatasatru, Dhananjaya se comprometeu, por respeito por estas ordens de seu superior, a libertar os Kauravas. E Arjuna disse, 'Se os Gandharvas não libertarem os Dhritarashtras pacificamente a Terra beberá hoje o sangue do rei dos Gandharvas!' E ouvindo aquela promessa de Arjuna falador da verdade, os Kauravas então, ó rei, recuperaram a (pedida) tendência geral de suas mentes."

242

Vaisampayana disse, "Ouvindo as palavras de Yudhishthira, aqueles touros entre homens, encabeçados por Bhimasena, se levantaram com rostos brilhando de alegria. E aqueles guerreiros poderosos, ó Bharata, então começaram a se envolver em cotas de malha impenetráveis que eram além disso matizadas com ouro puro, e se armaram com armas celestes de vários tipos. E os Pandavas assim envolvidos em armaduras, e montados naquelas carruagens providas de hastes e armados com arcos e flechas, pareciam com fogos ardentes. E aqueles tigres entre guerreiros, sendo levados sobre aqueles carros bem equipados puxados por cavalos velozes, procederam para aquele local sem perderem um momento. E vendo aqueles guerreiros poderosos, os filhos de Pandu, assim procedendo juntos (para a libertação de Duryodhana), o exército Kuru deu um grito alto. E logo aqueles percorredores do céu excitados pela vitória, e aqueles guerreiros impetuosos, os filhos de Pandu, enfrentaram uns aos outros

destemidamente naquela floresta. Os Gandharvas estavam excitados pelo êxito, e vendo os quatro filhos valentes de Pandu vindo para a batalha sentados em seus carros eles todos voltaram atrás em direção aos combatentes que avançavam. E, os habitantes da Gandhamadana, contemplando os Pandavas parecendo com protetores do mundo resplandecentes provocados à ira, permaneceram agrupados em ordem de batalha. E, ó Bharata, de acordo com palavras do rei Yudhishthira de grande sabedoria, o confronto que ocorreu foi uma escaramuça. Mas quando Arjuna, aquele perseguidor de inimigos, viu que os tolos soldados do rei dos Gandharvas não podiam compreender o que era bom para eles por meio de uma leve escaramuça, ele dirigiu-se àqueles invencíveis percorredores dos céus em um tom conciliador e disse, 'Deixem meu irmão o rei Suyodhana.' Assim endereçados pelo filho ilustre de Pandu, os Gandharvas, rindo alto, responderam a ele dizendo, 'Ó criança, há somente um no mundo cujas ordens nós obedecemos e vivendo sob cujo governo nós passamos nossos dias em felicidade, ó Bharata, nós sempre agimos como aquela única pessoa nos manda! Além daquele chefe celeste não há ninguém que possa nos comandar!' Assim endereçado pelos Gandharvas, Dhananjaya, o filho de Kunti, respondeu para eles, dizendo, 'Este contato com esposas de outros homens e este encontro hostil com seres humanos são ambas ações que são censuráveis no rei dos Gandharvas e não apropriadas para ele. Portanto, deixem esses filhos de Dhritarashtra todos dotados de energia poderosa. E libertem também estas senhoras, por ordem do rei Yudhishthira o justo. Se, ó Gandharvas, vocês não libertarem os filhos de Dhritarashtra pacificamente, eu sem dúvida resgatarei Suyodhana (e seu grupo) por exercer minha bravura.' E falando dessa maneira para eles, o filho de Pritha, Dhananjaya, capaz de manejar o arco com sua mão esquerda também, então derramou uma chuva de flechas de pontas afiadas percorredoras do céu sobre aqueles que percorriam o firmamento. Assim atacados, os Gandharvas poderosos então enfrentaram os filhos de Pandu com uma chuva de flechas igualmente espessa, e os Pandavas também responderam por atacar aqueles habitantes de céu. E a batalha então, ó Bharata, que ocorreu entre os Gandharvas ativos e ágeis e o impetuoso filho de Pandu foi violenta ao extremo."

243

Vaisampayana disse, "Então aqueles Gandharvas enfeitados em guirlandas douradas e educados em armas celestes, derramando suas flechas ardentes, combateram os Pandavas de todos os lados. E como os filhos de Pandu eram somente quatro em número e os Gandharvas contados aos milhares, a batalha que se seguiu parecia ser extraordinária. E como os carros de Karna e Duryodhana antigamente tinham sido quebrados em centenas fragmentos pelos Gandharvas, assim mesmo eles tentaram quebrar os carros dos quatro heróis. Mas aqueles tigres entre homens começaram a combater com suas chuvas de flechas milhares e milhares de Gandharvas avançando em direção a eles. Aqueles percorredores dos céus dotados de grande energia, assim impedidos por todos os lados por aquela chuva de flechas, não conseguiram chegar nem perto dos filhos

de Pandu. Então Arjuna cuja ira tinha sido provocada, visando os Gandharvas zangados, preparou-se para lançar armas celestes contra eles. E naquele combate o poderoso Arjuna, por meio da sua arma Agneya, mandou dez centenas de milhares de Gandharvas para a residência de Yama. E aquele arqueiro poderoso, Bhima, também, aquele principal de todos os guerreiros em batalha, matou, por meio de suas flechas afiadas, Gandharvas às centenas. E os filhos poderosos de Madri também, lutando com energia, enfrentaram centenas de Gandharvas, ó rei, e massacraram eles todos. E quando os Gandharvas estavam sendo assim massacrados pelos guerreiros poderosos com suas armas celestes, eles se ergueram para os céus, levando com eles os filhos de Dhritarashtra. Mas Dhananjaya, o filho de Kunti, vendo eles se erguerem aos céus, cercou-os por todos os lados por meio de uma ampla rede de flechas. E confinados dentro daquela rede de flechas como aves dentro de uma gaiola, eles despejaram em cólera sobre Arjuna maças e dardos e espadas de lâminas largas. Mas Arjuna, que estava familiarizado com as armas mais eficazes, logo deteve aquela chuva de maças e dardos e espadas de lâminas largas, e em retorno começou a mutilar os membros dos Gandharvas com suas flechas em forma de meia-lua. E cabeças e pernas e braços começaram a cair do alto parecendo com uma chuva de pedras. E àquela visão, o inimigo foi tomado pelo pânico. E como os Gandharvas estavam sendo massacrados pelo filho ilustre de Pandu, eles começaram a derramar dos céus uma torrente pesada de flechas sobre Arjuna, que estava na superfície da terra. Mas aquele castigador de inimigos, Arjuna, dotado de energia poderosa, deteve aquela chuva de flechas por meio de suas próprias armas e começou, em retorno, a feri-los. Então Arjuna da linhagem Kuru disparou suas armas bem conhecidas chamadas Sthunakarna, Indrajala, Saura, Agneya e Saumya. E os Gandharvas, consumidos pelas armas ígneas do filho de Kunti, começaram a sofrer pesadamente, como os filhos de Diti enquanto sendo chamuscados pelo raio de Sakra. E quando eles atacavam Arjuna de cima, eles eram impedidos por sua rede de flechas. E quando eles o atacavam de todos os lados sobre a superfície da terra, eles eram detidos por suas flechas em forma de meia-lua. E vendo os Gandharvas apresentarem medo do filho de Kunti, Chitrasena avançou, ó Bharata, em Dhananjaya, armado com uma maça. E quando o rei dos Gandharvas estava avançando em Arjuna de cima com aquela maça na mão, o último cortou em sete pedaços com suas flechas aquela maça totalmente feita de ferro. E vendo aquela sua maça cortada em muitos pedaços por Arjuna de grande energia, com suas flechas, Chitrasena, por meio de sua ciência, se ocultou da vista do Pandava e começou a lutar com ele. O heróico Arjuna, no entanto, por meio de suas próprias armas celestes deteve todas as armas celestes que foram miradas nele pelos Gandharvas. E quando o chefe dos Gandharvas viu que ele foi impedido pelo ilustre Arjuna com aquelas suas armas ele desapareceu totalmente de vista por meio da ajuda de seus poderes de ilusão. E Arjuna, observando que o chefe dos Gandharvas o estava atacando ocultado de vista, atacou seu assaltante com arma celeste insuflada com Mantras apropriados. E o multiforme Dhananjaya cheio de cólera impediu o desaparecimento de seu inimigo por meio da sua arma conhecida pelo nome de Sabda-veda. E atacado com aquelas armas pelo ilustre Arjuna, seu amigo querido o rei dos Gandharvas se mostrou para ele. E Chitrasena disse, 'Veja em mim teu amigo lutando contigo!'

E vendo seu amigo Chitrasena exausto no combate, aquele touro entre os filhos de Pandu retirou as armas que ele tinha disparado. E os outros filhos de Pandu, vendo Arjuna retirar suas armas, detiveram seus corcéis voadores e o ímpeto de suas armas e afastaram seus arcos. E Chitrasena e Bhima e Arjuna e os gêmeos, perguntando sobre o bem-estar um do outro, sentaram-se por algum tempo em seus respectivos carros."

244

Vaisampayana disse, "Então aquele arqueiro poderoso de esplendor brilhante, Arjuna, disse sorridente para Chitrasena no meio da hoste Gandharva, 'Tu serves a que propósito, ó herói, ao punires os Kauravas? Ó, por que também Suyodhana com suas esposas foi assim punido?'

"Chitrasena respondeu, 'Ó Dhananjaya, sem me mover da minha própria residência eu vim a conhecer a intenção do pecaminoso Duryodhana e do patife Karna ao virem para cá. O propósito era esse mesmo: sabendo que vocês estão exilados na floresta e sofrendo grandes aflições como se vocês não tivessem ninguém para cuidar de vocês, ele mesmo em prosperidade, este canalha nutria o desejo de ver vocês mergulhados em adversidade e desgraça. Eles vieram para cá para escarnecer de vocês e da filha ilustre de Drupada. O senhor dos celestiais também, tendo averiguado este propósito deles, me disse, 'Vá e traga Duryodhana para cá acorrentado junto com seus conselheiros. Dhananjaya também com seu irmão devem sempre ser protegidos por ti em batalha, pois ele é teu amigo querido e discípulo.' Por causa destas palavras do senhor dos celestiais eu vim para cá rapidamente. Este príncipe mau também foi posto em correntes. Eu agora procederei para a região dos celestiais, para onde eu levarei este indivíduo pecaminoso por ordem do matador de Paka!'

“Arjuna respondeu, dizendo, ‘Ó Chitrasena, se tu desejas fazer o que é agradável para mim liberte Suyodhana, por ordem do rei Yudhishthira o justo, pois ele é nosso irmão!’”

Chitrasena disse, "Este patife pecaminoso está sempre cheio de vaidade. Ele não merece ser libertado. Ó Dhananjaya, ele enganou e foi injusto com ambos, o rei Yudhishthira o justo e Krishna. Yudhishthira o filho de Kunti até agora não conhece a intenção com a qual o canalha veio para cá. Que o rei, portanto, faça o que ele desejar depois de saber de tudo!"

Vaisampayana continuou, "Depois disto, todos eles foram até o rei Yudhishthira o justo. E indo ao rei eles relataram para ele tudo acerca do comportamento de Duryodhana. E Ajatasatru, ouvindo tudo o que os Gandharvas tinham dito, libertou todos os Kauravas e elogiou os Gandharvas. E o rei disse, 'É venturoso para nós que embora dotados de grande força vocês ainda assim não mataram o filho mau de Dhritarashtra junto com todos os conselheiros e parentes. Este, ó senhor, foi um ato de grande bondade feito para mim pelos Gandharvas. A honra também da minha família está salva por libertar este indivíduo pecaminoso. Eu estou contente

em ver vocês todos. Ordenem-me o que eu devo fazer por vocês. E tendo obtido tudo o que vocês desejam, voltem logo para o lugar de onde vocês vieram!'"

"Assim endereçados pelo filho inteligente de Pandu, os Gandharvas ficaram bem satisfeitos e foram embora com as Apsaras. E o senhor dos celestiais então, indo àquele local, reviveu aqueles Gandharvas que tinham sido mortos no confronto com os Kurus, por borrifar o Amrita celeste sobre eles. E os Pandavas também, tendo libertado seus parentes junto com as senhoras da família real, e tendo realizado aquela façanha difícil (a derrota da hoste Gandharva) ficaram bem satisfeitos. E aqueles guerreiros poderosos adorados pelos Kurus junto com seus filhos e esposas, brilharam em esplendor como fogos flamejantes na área sacrifical. E Yudhishthira então se dirigindo ao libertado Duryodhana no meio de seus irmãos, por afeição, lhe disse estas palavras: 'Ó filho, nunca mais faça tal ato imprudente. Ó Bharata, um indivíduo imprudente nunca obtém felicidade. Ó filho da raça Kuru, esteja satisfeito com todos os teus irmãos. Volte para tua capital como te agradar, sem te entregares ao desânimo ou tristeza!"

Vaisampayana continuou, "Assim despedido pelo filho de Pandu, o rei Duryodhana então saudou o rei Yudhishthira o justo e dominado pela vergonha, e com seu coração partido em dois, partiu mecanicamente para sua capital, como alguém desprovido de vida. E depois que o príncipe Kaurava tinha partido, o valente Yudhishthira, o filho de Kunti, junto com seus irmãos, foi venerado pelos Brahmanas, e cercado por aqueles Brahmanas dotados da riqueza do ascetismo, como o próprio Sakra pelos celestiais, ele começou há passar seus dias alegremente nos bosques de Dwaita."

245

Janamejaya disse, "Depois de sua derrota e captura pelo inimigo e sua subsequente libertação pelos filhos ilustres de Pandu pela força de armas, parece-me que a entrada em Hastinapura do orgulhoso, mau, vaidoso, violento, insolente, e canalha Duryodhana, engajado em insultar os filhos de Pandu e em se gabar da sua própria superioridade, deve tenho sido extremamente difícil. Descreva para mim em detalhes, ó Vaisampayana, a entrada na capital daquele príncipe dominado pela vergonha e emasculado pelo revés!"

Vaisampayana disse, "Despedido pelo rei Yudhishthira o justo, o filho de Dhritarashtra Suyodhana, curvando sua cabeça em vergonha e afligido pela tristeza e melancolia, partiu lentamente. E o rei, acompanhado por suas quatro espécies de forças, procedeu em direção à sua cidade, seu coração partido de dor e cheio com pensamentos de sua derrota pelo caminho em uma região que abundava em grama e água. O rei acampou em um trecho de terra encantador como melhor lhe agradava, com seus elefantes e carros e cavalaria e infantaria colocados em volta. E quando o rei Duryodhana estava sentado em uma armação de cama dotada do resplendor do fogo, ele mesmo parecendo com a lua sob um eclipse, perto das primeiras horas da manhã Karna, se aproximando dele, disse,

'É venturoso, ó filho de Gandhari, que tu estejas vivo! É venturoso que nós tenhamos nos encontrado mais uma vez! Por boa sorte é que tu derrotaste os Gandharvas capazes de assumir qualquer forma à vontade. E, ó filho da raça Kuru, é só por boa sorte que eu tenho a possibilidade de ver teus irmãos, todos guerreiros poderosos, saírem vitoriosos daquele confronto, tendo subjugado seus inimigos! Como relação a mim mesmo, atacado por todos os Gandharvas, eu fugi perante teus olhos, incapaz de reagrupar nossa hoste que fugia. Atacado pelo inimigo com todo seu poder, com meu corpo lacerado por suas flechas, eu procurei segurança na fuga. No entanto, ó Bharata, me parece ser um grande milagre que eu veja vocês todos saírem sãos e salvos em corpo, com suas esposas, tropas, e veículos, daquele combate sobre-humano. Ó Bharata, não há outro homem neste mundo que possa realizar o que tu, ó rei, realizaste hoje em batalha com teus irmãos."

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado por Karna, o rei Duryodhana respondeu para o soberano dos Angas em uma voz sufocada pelas lágrimas."

246

"Duryodhana disse, 'Ó Radheya, tu não sabes o que aconteceu. Portanto, eu não me ofendo com tuas palavras. Tu achas que os Gandharvas hostis foram derrotados por mim com minha própria energia. Ó tu de braços poderosos, meus irmãos, de fato, por um longo tempo ajudados por mim lutaram com os Gandharvas. O massacre, de fato, em ambos os lados foi grande. Mas quando aqueles Gandharvas corajosos, recorrendo aos seus muitos poderes de ilusão, subiram aos céus e começaram a lutar conosco de lá, nosso combate com eles parou de ser equitativo. A derrota então foi nossa e até o cativeiro. E afligidos com tristeza, nós junto com nossos servidores e conselheiros e filhos e esposas e tropas e veículos estávamos sendo levados por eles através dos céus. Foi então que alguns soldados nossos e alguns oficiais corajosos se dirigiram em aflição aos filhos de Pandu, aqueles heróis que nunca recusam socorro àqueles que pedem por isso. E tendo ido a eles disseram, 'Lá está o rei Duryodhana, o filho de Dhritarashtra, que com seus irmãos mais novos e amigos e esposas está sendo levado embora preso pelos Gandharvas através do céu. Abençoados sejam vocês. Libertem o rei junto com as mulheres da família real! Não permitam que todas as senhoras da linhagem Kuru sejam insultadas.' E quando eles falaram dessa maneira, o mais velho dos filhos de Pandu, que é dotado de uma alma virtuosa, então conciliou seus irmãos e mandou eles nos libertarem. Então aqueles touros entre homens, os Pandavas, alcançando os Gandharvas, solicitaram nossa libertação em palavras gentis, embora completamente capazes de efetuá-la pela força de armas. E quando os Gandharvas, endereçados em tais palavras conciliadoras se recusaram a nos colocar em liberdade, então Arjuna e Bhima e os gêmeos dotados de energia poderosa atiraram chuvas de flechas nos Gandharvas. Então os Gandharvas, abandonando a luta, fugiram pelo céu, arrastando nossas pessoas tristes atrás deles, cheios de alegria. Então nós vimos

uma rede de flechas espalhada em volta por Dhananjaya, que estava também disparando armas celestes sobre o inimigo. E vendo os pontos do horizonte cobertos por Arjuna com uma rede grossa de flechas afiadas, seu amigo, o chefe dos Gandharvas, se mostrou. E Chitrasena e Arjuna, abraçando um ao outro, perguntaram sobre o bem-estar um do outro. E os outros filhos de Pandu também abraçaram o chefe dos Gandharvas e foram abraçados por ele. E as perguntas de cortesia ocorreram entre eles também. E os Gandharvas corajosos então abandonado suas armas e armaduras se misturaram em um espírito amistoso com os Pandavas. E Chitrasena e Dhananjaya veneraram um ao outro com respeito."

247

Duryodhana disse, "Aquele matador de heróis hostis, Arjuna, então se aproximando de Chitrasena, se dirigiu a ele sorridente nestas palavras varonis: 'Ó herói, ó principal dos Gandharvas, cabe a ti por meus irmãos em liberdade. Eles não poderão ser insultados enquanto os filhos de Pandu estiverem vivos.' Assim endereçado pelo filho ilustre de Pandu, o chefe dos Gandharvas, ó Karna, revelou para os Pandavas o objetivo que nós tínhamos ao irmos para aquele local, isto é, que nós fomos lá para lançar nossos olhos nos filhos de Pandu com sua mulher, todos mergulhados na miséria. E enquanto o Gandharva estava revelando aqueles nossos planos, dominado pela vergonha eu desejei que a terra me produzisse uma fenda, para que eu pudesse desaparecer imediatamente. Os Gandharvas então, acompanhados pelos Pandavas, foram até Yudhishthira, e, revelando os planos para ele também, nos transferiram, amarrados como nós estávamos, para ele. Ai, que tristeza maior poderia ser minha do que essa que eu fosse assim oferecido como um tributo para Yudhishthira, na própria vista das mulheres da nossa família, eu mesmo acorrentado e mergulhado na miséria, e sob o controle absoluto de meus inimigos? Ai, eles, que sempre foram perseguidos por mim, eles para quem eu sempre fui um inimigo me libertaram do cativeiro, e desgraçado que eu sou, eu estou em dívida com eles por minha vida. Se, ó herói, eu tivesse encontrado minha morte naquela grande batalha, isto teria sido muito melhor do ter obtido minha vida dessa maneira. Se eu tivesse sido morto pelos Gandharvas, minha fama teria se espalhado pela terra inteira, e eu teria alcançado regiões auspiciosas de eterna felicidade no céu de Indra. Ouçam-me portanto, ó touros entre homens, quanto ao que eu pretendo fazer agora. Eu ficarei aqui renunciando a todo o alimento, enquanto todos vocês voltam para casa. Que todos os meus irmãos também vão para Hastinapura. Que todos os nossos amigos, incluindo Karna, e todos os nossos parentes encabeçados por Dussasana, voltem agora para a capital. Insultado pelo inimigo, eu mesmo não irei para lá. Eu que antes tirei à força do inimigo seu respeito, eu que sempre aumentei o respeito de meus amigos, agora me tornei uma fonte de tristeza para amigos e de alegria para inimigos. O que eu direi agora para o rei, indo para a cidade que recebeu o nome de elefante? O que Bhishma e Drona, Kripa, e o filho de Drona, Vidura e Sanjaya, Vahuka e Somadatta e outros superiores respeitados, o que os principais homens das outras classes e homens de profissões independentes, dirão para mim e o

que eu direi para eles em resposta? Tendo até agora permanecido acima das cabeças de meus inimigos, tendo até agora pisado sobre seus peitos, eu decaí da minha posição. Como eu mesmo falarei com eles? Homens insolentes tendo obtido prosperidade e conhecimento e riqueza raramente são abençoados por alguma duração de tempo como eu mesmo inchado de orgulho. Ai, levado pela tolice eu fiz um ato muito impróprio e pecaminoso, pelo qual, tolo como eu sou, eu caí em semelhante desgraça. Portanto, eu perecerei por fome, a vida tendo se tornado insuportável para mim. Libertado do infortúnio pelo inimigo, que homem de coragem poderia arrastar sua existência? Orgulhoso como eu sou, desprovido de brio, o inimigo riu de mim, pois os Pandavas possuidores de destreza olharam para mim mergulhado na miséria!"

Vaisampayana continuou, 'Enquanto dava passagem a tais reflexões Duryodhana falou para Dussasana dessa maneira: 'Ó Dussasana, escute a estas minhas palavras, ó tu da linhagem Bharata! Aceitando esta instalação que eu te ofereço, seja rei em meu lugar. Governe a terra extensa protegido por Karna e os filhos de Suvala. Como o próprio Indra cuidando dos Maruts, cuide dos teus irmãos de tal maneira que eles possam todos confiar em ti. Que os amigos e parentes dependam de ti como os deuses dependendo daquele de cem sacrifícios. Tu sempre deves conceder pensões para Brahmanas, sem ociosidade, e ser sempre o refúgio de teus amigos e parentes. Como Vishnu cuidando dos celestiais, tu deves sempre cuidar de todos os parentes consanguíneos. Tu deves também sempre estimar teus superiores. Vá, governe a terra alegrando teus amigos e reprovando teus inimigos.' E abraçando o pescoço dele, Duryodhana disse, 'Vá!' Ouvindo essas palavras dele, Dussasana em completo desânimo e dominado por grande tristeza, com sua voz sufocada em lágrimas, disse, com mãos unidas e curvando sua cabeça para seu irmão mais velho, 'Ceda!' E dizendo isso ele caiu ao chão com coração pesado. E afligido pela angústia aquele tigre entre homens, derramando suas lágrimas aos pés de seu irmão falou novamente, 'Nunca! A terra pode se partir, a abóbada do céu pode se romper em pedaços, o sol pode perder seu esplendor, a lua pode abandonar sua frialdade, o vento pode abandonar sua velocidade, o Himavat pode ser movido de sua posição, as águas do oceano podem secar completamente, e o fogo pode abandonar seu calor, ainda assim eu, ó rei, nunca poderei governar a terra sem ti.' E Dussasana repetidamente disse, 'Ceda, ó rei! Só tu serás rei em nossa família por cem anos.' E tendo falado assim para o rei, Dussasana começou a chorar melodiosamente pegando, ó Bharata, os pés de seu irmão mais velho merecedor de culto dele."

"E vendo Dussasana e Duryodhana lamentando dessa maneira, Karna em grande aflição se aproximou de ambos e disse, 'Ó príncipes Kuru, por que vocês cedem à tristeza dessa maneira como homens comuns, por insensatez? Mero lamento nunca pode aliviar a angústia de um homem entristecido. Quando chorar nunca pode remover as dores de alguém, o que vocês ganham por assim darem caminho à tristeza? Convoquem paciência para sua ajuda para não alegrarem o inimigo por tal conduta. Ó rei, os Pandavas somente cumpriram seu dever ao te libertar. Aqueles que residem nos domínios do rei devem sempre fazer o que é agradável para o rei. Protegidos por ti, os Pandavas estão residindo felizmente no

teu domínio. Não cabe a ti te entregar a semelhante tristeza como uma pessoa comum. Veja, teus irmãos estão todos tristes e desanimados ao te verem decidido a por um fim na tua vida por renunciar ao alimento. Abençoado sejas tu! Levante e venha para tua cidade e console estes teus irmãos."

248

"Kama continuou, 'Ó rei, este teu comportamento hoje parece ser infantil. Ó herói, ó matador de inimigos, o que é para ser admirado nisto que os Pandavas te libertaram quando tu fostes derrotado pelo inimigo? Ó filho da raça Kuru, aqueles que residem nos territórios do rei, especialmente aqueles (entre eles) que seguem a profissão de armas, devem sempre fazer o que é agradável para o rei aconteça de eles serem conhecidos para seu monarca ou desconhecidos para ele. Acontece muitas vezes que homens principais que oprimem as tropas da hoste hostil são derrotados por elas, e são resgatados por suas próprias tropas. Aqueles que levando a profissão de armas residem no reino do rei devem sempre se unir e se e empenhar pelo rei. Se, portanto, ó rei, os Pandavas, que vivem nos territórios, te libertaram, o que é lamentável nisto? Que os Pandavas, ó melhor dos reis, não tenham te seguido quando tu marchaste adiante para combater na vanguarda das tuas tropas foi uma ação imprópria da parte deles. Eles tinham antes disso caído sob teu poder, se tornando teus escravos. Eles são, portanto, obrigados a te ajudar agora, sendo dotados de coragem e poder e incapazes de fugir do campo de batalha. Tu estás desfrutando de todas as ricas posses dos Pandavas. Veja eles ainda vivos, ó rei! Eles não resolveram morrer, se abstendo de todo o alimento. Abençoado sejas tu! Levante-se, ó rei! Não cabe a ti te entregar à grande tristeza por mais tempo. Ó rei, é o dever indubitável daqueles que residem no reino do rei fazer o que é agradável para o rei. Onde está o desgosto em tudo isto? Se tu, ó rei, não agires de acordo com minhas palavras eu ficarei aqui empenhado em servir teus pés com reverência. Ó touro entre homens, eu não desejo viver privado da tua companhia. Ó rei, se tu resolveste te matar por renunciares à comida, tu simplesmente serás um objeto de riso para os outros reis."

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado por Karna, o rei Duryodhana, firmemente decidido a deixar o mundo, não desejou se levantar de onde ele estava sentado."

249

Vaisampayana disse, "Contemplando o rei Duryodhana, incapaz de suportar um insulto, sentado com a resolução de abandonar a vida por se abster de alimento, Sakuni, o filho de Suvala, disse estas palavras para consolá-lo. Sakuni disse, 'Ó filho da linhagem Kuru, tu acabaste de ouvir o que Kama disse. As palavras dele são, de fato, repletas de sabedoria. Por que tu deverias, abandonando por insensatez a grande prosperidade que eu ganhei para ti, rejeitar tua vida hoje, ó

rei, cedendo à tolice? Parece-me que hoje tu nunca serviste os idosos. Aquele que não pode controlar a acessão repentina de alegria ou dor está perdido mesmo que ele tenha obtido prosperidade, como um recipiente de barro não cozido em água. Aquele rei que é totalmente desprovido de coragem, que não tem traços de virilidade, que é escravo da protelação, que sempre age com indiscrição, que é viciado em prazeres sensuais, raramente é respeitado por seus súditos. Beneficiado como tu tens sido, de onde vem esta tua dor despropositada? Não desfaça este ato educado feito pelos filhos de Pritha, por te entregares à tal aflição. Quando tu deves te alegrar e recompensar os Pandavas, tu estás sofrendo, ó rei? De fato, este teu comportamento é inconsistente. Fique alegre, não jogue fora tua vida; mas lembre-te com o coração satisfeito do bem que eles te fizeram. Devolva para os filhos de Pritha seu reino, e ganhe virtude e renome por tal conduta. Por agires dessa maneira tu poderás ser grato. Estabeleça relações fraternas com os Pandavas por serem amigos, e lhes dê seu reino paterno, pois então tu serás feliz!'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras de Sakuni, e vendo o corajoso Dussasana jazendo prostrado diante dele emasculado por amor fraterno, o rei ergueu Dussasana e, abraçando-o em seus braços bem redondos, cheirou sua cabeça com afeição. E ouvindo estas palavras de Karna e Sauvala, o rei Duryodhana perdeu o ânimo mais do que nunca, e ele estava dominado pela vergonha e o total desespero tomou conta de sua alma. E ouvindo tudo o que seus amigos disseram, ele respondeu com tristeza, 'Eu não tenho nada mais que fazer com virtude, riqueza, amizade, riqueza, soberania, e prazeres. Não obstruam meu propósito, mas deixem-me todos vocês. Eu estou firmemente decidido a me livrar da minha vida por me abster de alimento. Voltem à cidade, e tratem meus superiores lá respeitosamente.'

"Assim endereçados por ele, eles responderam para aquele nobre opressor de inimigos, dizendo, 'Ó monarca, o rumo que é teu é também nosso, ó Bharata. Como nós podemos entrar na cidade sem ti?'"

Vaisampayana continuou, “Embora endereçado de todas as maneiras por seus amigos e conselheiros e irmãos e parentes, o rei não vacilou em seu propósito. E o filho de Dhritarashtra de acordo com seu propósito espalhou erva Kusa sobre o solo, e se purificando por tocar água, sentou-se naquele local. E vestido em trapos e erva Kusa ele se pôs a observar o voto mais elevado. E parando toda conversa, aquele tigre entre reis, movido pelo desejo de ir para o céu, começou a rezar e cultuar interiormente suspendendo todo relacionamento externo.”

"Enquanto isso os Daityas e os Danavas ferozes que tinham sido derrotados antigamente pelos celestiais e vinham morando nas regiões inferiores, tendo averiguado o propósito de Duryodhana e sabendo que se o rei morresse seu partido estaria enfraquecido, iniciaram um sacrifício com fogo para convocar Duryodhana para sua presença. E pessoas conhecedoras de mantras então começaram, com a ajuda de fórmulas declaradas por Brihaspati e Usanas, aqueles ritos que são indicados no Atharva Veda e nos Upanishads e que são capazes de ser realizados por meio de mantras e preces. E Brahmins de votos

rígidos, bem versados nos Vedas e nos ramos, começaram, com alma absorta, a derramar libações de manteiga clarificada e leite ao fogo, proferindo mantras. E depois que aqueles ritos estavam terminados, uma deusa desconhecida, ó rei, com boca escancarada, surgiu (do fogo sacrifical), dizendo, 'O que eu devo fazer?' E os Daityas com corações bens satisfeitos a ordenaram, dizendo, 'Traga para cá o filho real de Dhritarashtra, que está agora mesmo cumprindo o voto de fome para se livrar de sua vida.' Assim mandada, ela partiu dizendo, 'Assim seja.' E ela foi em um piscar de olhos para aquele local onde Suyodhana estava. E levando o rei de volta para as regiões inferiores, e tendo-o levado assim em um momento, ela avisou os Danavas disto. E os Danavas contemplando o rei levado para seu meio durante a noite, se reuniram, e todos eles com corações bem satisfeitos e olhos arregalados em deleite dirigiam estas palavras lisonjeiras para Duryodhana."

250

"O Danavas disseram, 'Ó Suyodhana, ó grande rei! Ó perpetuador da linhagem de Bharata, tu estás sempre cercado por heróis e homens ilustres. Por que então tu te comprometeste a fazer tal ato impetuoso como o voto de fome? O suicídio sempre leva para o inferno e se torna assunto de conversa caluniosa. Nem pessoas inteligentes como tu alguma vez colocam suas mãos em ações que são pecaminosas e contrárias aos seus melhores interesses e que atingem a própria base de seus propósitos. Reprima esta tua resolução, portanto, ó rei, a qual é destrutiva de moralidade, lucro, e felicidade, de fama, coragem, e energia, e que aumenta a alegria de inimigos. Ó rei exaltado, conheça a verdade, a origem celeste da tua alma, e o criador do teu corpo, e então convoque paciência para te ajudar. Antigamente, ó rei, nós te obtivemos, por austeridades ascéticas, de Maheswara. A parte superior do teu corpo é totalmente feita de um grupo de Vajras, e é, portanto, invulnerável a armas de toda espécie, ó impecável. A parte inferior do teu corpo, capaz de cativar o coração feminino por sua beleza foi feita de flores pela própria deusa, a esposa de Mahadeva. Teu corpo é dessa maneira, ó melhor dos reis, a criação do próprio Maheswara e sua deusa. Portanto, ó tigre entre reis, tu és de origem celeste, não humana. Outros Kshatriyas corajosos de energia poderosa encabeçados por Bhagadatta, e todos conhecedores de armas celestes, matarão teus inimigos. Portanto, que esta tua aflição cesse. Tu não tens motivo para temer. Para te ajudar, muitos Danavas heróicos nasceram sobre a terra. Outros Asuras também possuirão Bhishma e Drona e Kama e outros. Possuídos por aqueles Asuras, aqueles heróis perderão sua bondade e lutarão com teus inimigos. De fato, quando os Danavas entrarem em seus corações e os possuírem completamente, lançando toda afeição à distância, tornando-se desumanos, aqueles guerreiros atacarão todos (os que forem) antagônicos a eles em batalha sem poupar filhos, irmãos, pais, amigos, discípulos, parentes, até crianças e homens idosos. Cegos por ignorância e ira, e impelidos por aquele destino que foi ordenado pelo Criador, aqueles tigres entre homens, com corações imersos em pecado, despovoarão, ó tu principal dos Kurus, a terra por lançar e disparar todas as espécies de armas, com grande virilidade e força e sempre se

dirigindo uns aos outros vaidosamente com palavras tais como estas, 'Tu não escaparás de mim hoje com vida.' E aqueles ilustres filhos de Pandu também, cinco em número, lutarão com eles. E, dotados de força imensa e favorecidos pelo Destino, eles realizarão a destruição destes. E, ó rei, muitos Daityas e Rakshasas também que nasceram na classe Kshatriya lutarão com grande coragem em batalha com o inimigo, usando maças e clavas e lanças e várias armas de um tipo superior. E, ó herói, com relação ao temor que está no teu coração resultante de Arjuna, nós já determinamos os meios para matar Arjuna. A alma do morto Naraka assumiu a forma de Karna. Lembrando-se de sua hostilidade antiga ele enfrentará ambos, Kesava e Arjuna. E aquele guerreiro poderoso e principal dos batedores, orgulhoso de sua destreza vencerá Arjuna em batalha como também todos os teus inimigos. O manejador do raio, sabendo de tudo isso, e desejoso de salvar Arjuna, disfarçado tirará de Karna seus brincos e cota de malha. Nós também por esta razão designamos centenas e mais centenas e milhares e milhares de Daityas e Rakshasas, isto é, aqueles que são conhecidos pelo nome de Samsaptakas (literalmente, soldados que juraram vencer ou morrer. Um Akshauhini completo destes soldados era possuído por Krishna, que os deu para Duryodhana para lutarem por ele. A história de Krishna oferecendo para Duryodhana a escolha entre estes soldados de um lado e ele mesmo jurado não lutar no outro, é relatada inteira no Udyoga Parva. Duryodhana, por tolice, aceitou os primeiros, que foram todos mortos por Arjuna). Aqueles guerreiros famosos matarão o heróico Arjuna. Portanto, não sofra, ó rei. Tu governarás a terra inteira, ó monarca, sem um rival. Não te entregue ao desânimo. Comportamento tal como este não lhe fica bem. Ó tu da raça Kuru, se tu morreres, nosso partido se tornará fraco. Vá, ó herói, e não deixe a tua mente ser dirigida para qualquer outra atitude. Tu és sempre nosso refúgio como, de fato, os Pandavas são o refúgio dos deuses.'

Vaisampayana continuou, "Tendo se dirigido a ele dessa maneira, aqueles Daityas abraçaram aquele elefante entre reis, e aqueles touros entre os Danavas encorajaram aquele irreprimível como um filho. E, ó Bharata, acalmando sua mente com palavras agradáveis, eles o permitiram partir, dizendo, 'Vá e alcance a vitória.' E quando eles tinham dado permissão para ele de braços poderosos, aquela mesma deusa o levou de volta ao local onde ele tinha se sentado, com a intenção sobre por um fim à sua vida. E tendo descido aquele herói e prestado homenagem a ele, a deusa desapareceu, recebendo a permissão do rei. Ó Bharata, quando ela tinha partido, o rei Duryodhana considerou tudo (o que tinha acontecido) como um sonho. Ele então pensou consigo mesmo, 'Eu derrotarei os Pandavas em batalha.' E Suyodhana pensou que Karna e o exército Samsaptaka eram ambos hábeis (para destruir) e destinados a destruir daquele matador de inimigos, Partha. Assim, ó touro da raça Bharata, foi fortalecida a esperança do filho de mente má de Dhritarashtra, de conquistar os Pandavas. E Karna também, sua alma e faculdades possuídas pela alma mais interna de Naraka, tinha naquele momento cruelmente decidido matar Arjuna. E aqueles heróis, os Samsaptakas também, tendo sua razão possuída pelos Rakshasas, e influenciados pelas qualidades de emoção e ignorância, estavam desejosos de matar Phalguna. E, ó rei, outros com Bhishma, Drona, e Kripa em sua liderança, tendo suas faculdades

influenciadas pelos Danavas, não estavam mais tão afetuosos em direção aos filhos de Pandu como eles tinham sido. Mas o rei Suyodhana não falou para ninguém sobre isto."

"Quando a noite passou, Karna, aquele filho do Sol, com mãos unidas, sorridente dirigiu estas palavras sábias para o rei Duryodhana, 'Nenhum homem morto vence seus inimigos: é quando ele está vivo que ele pode procurar seu bem. Onde está o bem da pessoa morta; e, ó Kauraveya, onde está sua vitória? Portanto, esta não é hora para aflição, ou medo ou morte.' E tendo, com seus braços, abraçado aquele de braços poderosos, ele em seguida disse, 'Levante-te, ó rei! Por que tu deitas? Por que tu sofres, ó matador de inimigos? Tendo afligido teus inimigos com tua coragem, por que tu desejas a morte? Ou (talvez) o medo tenha te possuído à visão da coragem de Arjuna. Eu realmente te prometo que eu matarei Arjuna em batalha. Ó senhor de homens, eu juro por minha arma que quando os treze anos tiverem passado eu trarei os filhos de Pritha sob tua submissão.' Assim endereçado por Karna, e se lembrando das palavras dos Daityas e das súplicas feitas por eles (seus irmãos), Suyodhana se levantou. E tendo ouvido aquelas palavras dos Daityas aquele tigre entre homens, com uma firme resolução em seu coração pôs em ordem seu exército, cheio de cavalos e elefantes e carros e infantaria. E, ó monarca, muito apinhado de guarda-sóis brancos, e flâmulas, e Chamaras brancos, e carros, e elefantes, e soldados de infantaria, aquele exército poderoso, conforme ele se movimentava como as águas do Ganga, parecia gracioso como o firmamento, em uma época quando as nuvens se dispersam e os sinais do outono estão somente parcialmente desenvolvidos. E, ó principal dos reis, elogiado como um monarca pelos melhores dos Brahmanas abençoando com vitória, aquele senhor de homens, Suyodhana, filho de Dhritarashtra, recebendo honras prestadas com inumeráveis palmas unidas, e flamejando em esplendor excelente, seguiu na frente, acompanhado por Karna e aquele jogador, o filho de Suvala. E todos os seus irmãos com Dussasana em sua dianteira, e Bhurisrava, e Somadatta, e o rei poderoso Vahlika, seguiram aquele leão entre reis em seu caminho, com carros de várias formas, e cavalos, e os melhores dos elefantes. E, ó principal entre os monarcas, em um tempo curto, aqueles perpetuadores da linhagem Kuru entraram na sua própria cidade."

251

Janamejaya disse, "Quando os filhos de grande alma de Pritha estavam vivendo na floresta, o que aqueles principais dos homens e arqueiros, os poderosos filhos de Dhritarashtra, fizeram? E o que fez o filho do Sol, Karna, e o poderoso Sakuni, e Bhishma, e Drona, e Kripa? Cabe a ti relatar isto para mim."

Vaisampayana disse, "Quando, ó rei poderoso, os Pandavas tinham partido dessa maneira, deixando Suyodhana, e quando, tendo sido libertado pelos filhos de Pandu, ele tinha ido para Hastinapura, Bhishma disse essas palavras ao filho de Dhritarashtra, 'Ó filho, eu te disse antes, quando tu estavas planejando ir para o eremitério que tua viagem não me agradava. Mas tu fizeste isso. E como

consequência, ó herói, tu fostes capturado à força pelo inimigo, e foste libertado pelos Pandavas versados em moralidade. Ainda assim tu não estás envergonhado. Mesmo na tua presença, ó filho de Gandhari, junto com teu exército, o filho de Suta, tomado pelo pânico, fugiu da batalha dos Gandharvas, ó rei. E, ó principal dos reis, ó filho do monarca! Enquanto tu com teu exército estava gritando aflitivamente, tu testemunhaste a coragem dos Pandavas de grande alma, e também, ó de braços poderosos, do filho perverso do Suta, Karna. Ó melhor dos reis, na ciência de armas ou heroísmo, ou moralidade, Karna, ó tu dedicado à virtude, não é uma quarta parte dos Pandavas. Portanto, para o bem-estar desta família, o acordo de paz é, eu penso, desejável com os Pandavas de grande alma."

'Tendo sido assim endereçado por Bhishma, o filho de Dhritarashtra o rei riu muito, e então saiu de repente com o filho de Suvala. Nisso, sabendo que ele tinha saído aqueles arqueiros poderosos com Karna, e Dussasana em sua dianteira, seguiram o altamente poderoso filho de Dhritarashtra. E vendo eles saírem, Bhishma, o avô dos Kurus, baixou sua cabeça por vergonha, e então, ó rei, foi para seus próprios aposentos. E, ó monarca poderoso, quando Bhishma tinha se retirado, aquele senhor de homens, o filho de Dhritarashtra, foi lá novamente, e começou a consultar com seus conselheiros, 'O que é que é bom para mim? O que resta para ser feito? E como nós podemos eficazmente ocasionar o bem nós discutiremos hoje.' Karna disse, 'Ó filho de Kuru, Duryodhana, tome seriamente em consideração as palavras que eu digo. Bhishma sempre nos critica e elogia os Pandavas. E pela animosidade que ele tem por ti, ele odeia a mim também. E, ó senhor de homens, na tua presença ele sempre me deprecia. Eu nunca tolerarei, ó Bharata, estas palavras que Bhishma disse na tua presença em relação a este assunto, exaltando os Pandavas, e te criticando, ó repressor de inimigos! Ó rei, ordene-me, junto com empregados, tropas, e carros. Eu conquistarei, ó monarca, a terra provida de montanhas e matas e florestas. A terra foi conquistada pelos quatro Pandavas poderosos. Eu, sem dúvida, a conquistarei para ti sozinho. Que aquele canalha da família Kuru, Bhishma de mente extremamente má, veja isto, ele que vilipendia aqueles que não merecem crítica, e louva aqueles que não devem ser elogiados. Deixe-o hoje testemunhar meu poder, e repreender a si mesmo. Ó rei, ordene-me. A vitória sem dúvida será tua. Por minha arma, ó monarca, eu juro isto diante de ti.'"

"Ó rei, ó touro da raça Bharata, ouvindo aquelas palavras de Karna, aquele senhor de homens, sentindo o maior deleite, falou para Karna, dizendo, 'Eu sou abençoado. Eu sou favorecido por ti, já que tu, dotado de grande força, estás sempre concentrado no meu bem-estar. Minha vida deu frutos hoje. Como tu, ó herói, pretende subjugar todos os nossos inimigos, vá. Que o bem te aconteça! Ordene (o que eu devo fazer).' Ó subjugador de inimigos, tendo sido assim endereçado pelo inteligente filho de Dhritarashtra, Karna pediu todos os artigos necessários para a excursão. E em um dia lunar auspicioso, em um momento auspicioso, e sob a influência de uma estrela presidida por uma divindade auspiciosa, aquele arqueiro poderoso, tendo sido honrado por duas vezes nascidos, e sido banhado com substâncias auspiciosas e sagradas e também

louvado por meio de palavras partiu, enchendo com o estrépito de seu carro os três mundos, com seus objetos móveis e imóveis."

252

Vaisampayana continuou, "Então, ó touro entre os Bharatas, aquele arqueiro poderoso, Karna, cercado por um exército grande, sitiou a bela cidade de Drupada. E ele, depois de um conflito difícil, trouxe o herói sob submissão, e, ó melhor dos monarcas, fez Drupada dar prata e ouro e pedras preciosas, e também pagar tributo. E, ó principal dos reis, tendo-o subjugado, (Karna) trouxe sob submissão aqueles príncipes que estavam sob ele (Drupada) e fez eles pagarem tributo. Então, indo para o norte, ele subjugou os soberanos (daquele quadrante) e tendo efetuado a derrota de Bhagadatta o filho Radha subiu aquela montanha imensa Himavat, todo o tempo lutando com seus inimigos. E percorrendo todos os lados ele conquistou e trouxe sob submissão todos os reis que habitavam o Himavat, e os fez pagarem tributo. Então descendo da montanha e se apressando para o leste, ele subjugou os Angas, e os Bangas, e os Kalingas, e os Mandikas, e os Magadhas, os Karkakhandas; e também inclusos com eles os Avasiras, Yodhyas, e os Ahikshatras. Tendo (assim) conquistado o quadrante leste Karna então se apresentou perante Batsa-bhumi. E tendo tomado Batsa-bhumi, ele subjugou Kevali, e Mrittikavati, e Mohana e Patrana, e Tripura, e Kosala, e forçou todos estes a pagarem tributo. Então indo para o sul, Karna venceu os quadrigários poderosos (daquele quadrante) e em Dakshinatya, o filho Suta entrou em conflito com Rukmi. Depois de ter lutado formidavelmente, Rukmi falou para o filho de Suta dizendo, 'Ó principal dos monarcas, eu estou satisfeito com tua força e coragem. Eu não te farei mal, eu somente cumpri o voto de um Kshatriya. Alegremente eu te darei tantas moedas de ouro quanto tu desejares.' Tendo encontrado com Rukmi, Karna se dirigiu para Pandya e a montanha, Sri. E por meio de luta ele fez Karala, o rei Nila, filho de Venudari, e outros melhores dos reis que viviam na direção sul pagarem tributo. Então indo até o filho de Sisupala, o filho do Suta derrotou-o e aquele altamente poderoso também trouxe sob seu domínio todos os soberanos vizinhos. E, ó touro da raça Bharata, tendo subjugado os Avantis e chegado à paz com eles, e tendo encontrado com os Vrishnis, ele conquistou o oeste. E, tendo chegado ao quadrante de Varuna ele fez todos os reis Yavana e Varvara pagarem tributo. E, tendo conquistado a terra inteira, leste, oeste, norte e sul, aquele herói sem qualquer ajuda trouxe sob submissão todas as nações dos Mlechchhas, os montanheses, os Bhadras, os Rohitakas, os Agneyas e os Malavas. E, tendo conquistado os quadrigários poderosos encabeçados pelos Nagnajitas, o filho Suta trouxe os Sasakas e os Yavanas sob domínio. Tendo assim conquistado e trazido sob sua submissão o mundo, o quadrigário poderoso e tigre entre homens foi (de volta) para Hastinapura. Aquele senhor de homens, filho de Dhritarashtra, acompanhado por seu pai e irmãos e amigos, foi até aquele arqueiro poderoso, que tinha chegado, e devidamente prestou homenagem a Karna coroado com mérito marcial. E o rei proclamou suas façanhas, dizendo, 'O que eu não recebi nem de Bhishma, ou Drona, ou Kripa, ou

Vahlika, eu recebi de ti. Que o bem te aconteça! Qual a necessidade de falar demoradamente? Ouça minhas palavras, ó Karna! Em ti, ó chefe de homens, eu tenho meu refúgio. Ó poderosamente armado, ó tigre entre homens, sem dúvida todos os Pandavas e os outros reis coroados com prosperidade não chegam a uma décima sexta parte de ti. Ó arqueiro poderoso, ó Karna, veja Dhritarashtra, e a ilustre Gandhari, como o portador do raio viu Aditi.'"

"Então, ó rei, lá ergueu-se na cidade de Hastinapura um clamor, e sons de 'Oh!' e 'Ai!' e, ó senhor de homens, alguns dos reis o elogiaram (Karna), enquanto outros o criticaram, enquanto outros, além disso, ficaram calados. Tendo assim, ó principal dos monarcas, em um tempo curto conquistado a terra provida de montanhas e florestas e céus, e com oceanos, e campos, e cheia de regiões altas e baixas, e cidades, e repleta também com ilhas, ó senhor da terra, e trazido os monarcas sob submissão, e tendo ganhado riqueza imperecível, o filho do Suta apareceu perante o rei. Então, ó repressor de inimigos, entrando no interior do palácio aquele herói viu Dhritarashtra com Gandhari. Ó tigre entre homens, aquele conhecedor da moralidade tocou os pés deles assim como um filho. E Dhritarashtra abraçou-o carinhosamente, e então dispensou-o. Sempre desde aquele momento, ó monarca, ó Bharata, o rei Duryodhana e Sakuni, o filho de Suvala, pensaram que os filhos de Pritha já tinham sido derrotados em batalha por Karna."

253

Vaisampayana continuou, "Ó rei, ó senhor de homens, aquele matador de heróis hostis, o filho de Suta, disse estas palavras para Duryodhana, 'Ó Kaurava Duryodhana, leve seriamente em consideração as palavras que eu te direi; e, ó repressor de inimigos, depois de teres ouvido minhas palavras, cabe a ti agir conformemente de todas as maneiras. Agora, ó melhor dos monarcas, ó herói, a terra foi libertada de inimigos. Governe-a assim como o próprio Sakra de mente poderosa, tendo seus inimigos destruídos."

Vaisampayana continuou, "Tendo sido assim endereçado por Karna, o rei falou novamente para ele, dizendo, 'Ó touro entre homens, nada em absoluto é inalcançável para aquele que tem a ti como refúgio, e a quem tu és afeiçoado e em cujo bem-estar tu estás totalmente aplicado. Agora, eu tenho um objetivo, o qual escute realmente. Tendo visto aquele principal dos sacrifícios, o imenso Rajasuya realizado pelos Pandavas, surgiu em mim um desejo (de celebrar o mesmo). Ó filho de Suta, realize este meu desejo.' Assim endereçado, Karna falou desse modo para o rei, 'Agora que todos os soberanos da terra foram trazidos sob tua submissão convoque os principais Brahmanas, e, ó melhor dos Kurus, obtenha devidamente os artigos necessários para o sacrifício. E, ó repressor de inimigos, que os Ritwijas como prescrito, e versados nos Vedas, celebrem os teus ritos de acordo com a ordenança, ó rei. E, ó touro da raça Bharata, que o teu sacrifício magnífico também, abundando em carnes e bebidas, e grandioso com partes, comece.'"

"Ó rei, tendo sido assim endereçado por Karna, o filho de Dhritarashtra convocou o sacerdote, e falou para ele estas palavras, 'Celebre devidamente e em ordem apropriada para mim aquele melhor dos sacrifícios, o Rajasuya provido de Dakshinas excelentes.' Assim abordado, aquele melhor dos Brahmanas falou para o rei, dizendo, 'Ó principal dos Kauravas, enquanto Yudhishthira estiver vivo aquele melhor dos sacrifícios não pode ser realizado na tua família, ó Príncipe de reis! Além disso, ó monarca, teu pai Dhritarashtra, dotado de vida longa, vive. Por esta razão também, ó melhor dos reis, este sacrifício não pode ser empreendido por ti. Há, ó senhor, outro grande sacrifício, parecido com o Rajasuya. Ó principal dos reis, celebre aquele sacrifício. Ouça estas minhas palavras. Todos aqueles soberanos da terra, que, ó rei, se tornaram tributários a ti, te pagarão tributo em ouro, puro e impuro. Daquele ouro, ó melhor dos monarcas, faça imediatamente o arado (sacrifical), e, ó Bharata, lavre a área sacrifical com ele. Naquele local, que lá comece, ó principal dos reis, com os devidos ritos, e sem qualquer distúrbio, o sacrifício, santificado com mantras e abundante em comestíveis. O nome daquele sacrifício digno de pessoas virtuosas é Vaishnava. Nenhuma pessoa salvo o venerável Vishnu realizou-o antes. Este sacrifício imenso rivaliza com aquele melhor dos sacrifícios, o próprio Rajasuya. E, além disso, ele nos agrada, e é também para teu bem-estar (celebrá-lo). E, além do mais, ele é capaz de ser celebrado sem qualquer distúrbio. (Por empreender isto), teu desejo será realizado.'"

"Tendo sido assim endereçado por aqueles Brahmanas, o filho de Dhritarashtra, o rei, falou estas palavras para Karna, seus irmãos e o filho de Suvala, 'Sem dúvida alguma, as palavras dos Brahmanas são totalmente agradáveis para mim. Se elas são agradáveis para vocês também, manifestem isto sem demora.' Assim solicitados, eles todos disseram para o rei, 'Assim seja.' Então o rei designou uma a uma as pessoas para suas respectivas tarefas; e desejou todos os artesãos para construírem o arado (sacrifical). E, ó melhor dos reis, tudo o que foi mandado ser feito foi gradualmente realizado."

254

Vaisampayana continuou, "Então todos os artesãos, os conselheiros principais, e o altamente sábio Vidura disseram para o filho de Dhritarashtra, "Todos os preparativos para o sacrifício excelente foram feitos, ó rei; e também chegou o momento, ó Bharata. E o arado dourado muito precioso foi construído.' Ouvindo isto, ó monarca, aquele melhor dos reis, o filho de Dhritarashtra, ordenou que aquele principal entres os sacrifícios fosse iniciado. Então foi começado aquele sacrifício santificado por mantras, e abundante em comestíveis, e o filho de Gandhari foi devidamente iniciado segundo a ordenança. E Dhritarashtra, e o ilustre Vidura, e Bhishma, e Drona, e Kripa, e Karna, e a célebre Gandhari sentiram grande alegria. E, ó principal dos reis, Duryodhana despachou mensageiros velozes para convidar os príncipes e os Brahmanas. E subindo em veículos rápidos eles foram para as (respectivas) direções designadas para eles. Então para um certo mensageiro a ponto de partir, Dussasana disse, 'Vá depressa

às matas de Dwaita; e naquela floresta convide devidamente os Brahmanas e aquelas pessoas más, os Pandavas.' Imediatamente ele dirigiu-se para lá, e se curvando para todos os Pandavas, disse, 'Tendo adquirido imensa riqueza por meio de sua destreza natural, aquele melhor dos reis e principal dos Kurus, Duryodhana, ó monarca, está celebrando um sacrifício. Para lá estão indo de várias direções os reis e os Brahmanas. Ó rei, eu fui enviado pelo Kaurava de grande alma. Aquele rei e senhor de homens, filho de Dhritarashtra, convida vocês. Cabe a vocês, portanto, testemunharem o sacrifício encantador daquele monarca.'"

"Ouvindo estas palavras do mensageiro, aquele tigre entre reis, o nobre Yudhishthira, disse, 'Por boa sorte é que aquele realçador da glória de seus antepassados, o rei Suyodhana, está celebrando este melhor dos sacrifícios. Nós sem dúvida devemos nos dirigir para lá; mas nós não podemos fazer (isso) agora; pois até (o conclusão do) décimo terceiro ano, nós teremos que cumprir nossa promessa.' Ouvindo estas palavras de Yudhishthira o justo, Bhima disse estas palavras, 'Então o rei Yudhishthira o justo irá para lá, quando ele lançará (Duryodhana) no fogo aceso por armas. Diga para Suyodhana: 'Quando depois do término do décimo terceiro ano, aquele senhor de homens, o Pandava, for, no sacrifício da batalha, derramar sobre os Dhritarashtras a manteiga clarificada da sua ira, então eu irei!' Mas os outros Pandavas, ó rei, não disseram nada desagradável. O mensageiro (no seu retorno) relatou para o filho de Dhritarashtra tudo como tinha acontecido. Então foram à cidade de Dhritarashtra muitos principais dos homens, senhores de vários países, e Brahmanas altamente virtuosos. E devidamente recebidos em ordem de acordo com a ordenança, aqueles senhores de homens sentiram grande deleite e estavam todos bem satisfeitos. E aquele principal entre os monarcas, Dhritarashtra, cercado por todos os Kauravas, sentiu o auge da alegria, e falou para Vidura, dizendo, 'Ó Kshatta, aja rapidamente para que todas as pessoas na área sacrifical sejam servidas com alimento, sejam refrescadas e satisfeitas.' Imediatamente, ó repressor de inimigos, acedendo àquela ordem, o erudito Vidura, versado em moralidade, entreteve alegremente todas as classes em quantidade apropriada com carne e bebidas para comer e beber, e guirlandas fragrantes e várias espécies de trajes. E tendo construído pavilhões (para sua acomodação), aquele herói e principal dos reis entreteve devidamente os príncipes e os Brahmanas aos milhares, e também lhes concedendo riqueza de vários tipos ele se despediu deles. E tendo dispensado todos os reis, ele entrou em Hastinapura, cercado por seus irmãos, e em companhia com Karna e o filho de Suvala."

255

Vaisampayana disse, "Enquanto, ó grande rei, Duryodhana estava entrando (na cidade), os panegiristas elogiaram o príncipe de destreza infalível. E outros também elogiaram aquele arqueiro poderoso e principal dos reis. E salpicando sobre ele arroz frito e pasta de sândalo os cidadãos disseram, 'Por boa sorte é, ó

rei, que o teu sacrifício foi completado sem obstrução.' E alguns, mais imprudentes em palavras, que estavam presentes lá, disseram para aquele senhor da terra, 'Sem dúvida este teu sacrifício não pode ser comparado com o de Yudhishthira: ele nem alcança uma décima sexta parte daquele (sacrifício).' Assim falaram para aquele rei alguns que eram indiferentes às conseqüências. Seus amigos, no entanto, disseram, ‘Este teu sacrifício superou todos os outros. Yayati e Nahusha, e Mandhata e Bharata, tendo sido santificados por celebrarem tal sacrifício, foram todos para o céu.' Ouvindo tais palavras agradáveis de seus amigos, aquele monarca, ó touro da raça Bharata, bem satisfeito, entrou na cidade e finalmente em sua própria residência. Então, ó rei, venerando os pés de seu pai e mãe e de outros encabeçados por Bhishma, Drona e Kripa, e do sábio Vidura, e adorado por sua vez por seus irmãos mais novos, aquele encantador de irmãos sentou-se sobre um assento excelente, cercado pelos últimos. E o filho de Suta, se levantando, disse, 'Por boa sorte, ó principal da linhagem Bharata, é que este teu sacrifício imenso foi levado a um término. Quando, no entanto, os filhos de Pritha tiverem sido mortos em batalha e tu tiveres completado o sacrifício Rajasuya, mais uma vez, ó senhor de homens, eu te honrarei dessa maneira.' Então aquele rei poderoso, o ilustre filho de Dhritarashtra, respondeu a ele, 'Verdadeiramente isto foi falado por ti. Quando, ó principal dos homens, os Pandavas de mente má tiverem sido mortos, e quando também o grande Rajasuya tiver sido celebrado por mim, então tu me honrarás novamente, ó herói, desse modo.' E tendo dito isso, ó Bharata, o Kaurava abraçou Karna, e começou, ó rei poderoso, a pensar no Rajasuya, aquele principal dos sacrifícios. E aquele melhor dos reis também se dirigiu aos Kurus em volta dele, dizendo, 'Quando eu, ó Kauravas, tiver matado todos os Pandavas, nós celebraremos aquele suntuoso e principal dos sacrifícios, o Rajasuya.' Então falou Karna para ele, dizendo, 'Ouça-me, ó elefante entre os reis! Enquanto eu não matar Arjuna, eu não permitirei que alguém lave meus pés, nem provarei carne. E eu cumprirei o voto Asura (ou seja, Karna jura abandonar as práticas e costumes refinados dos Aryas e adotar aquelas dos Asuras até a consumação do desejo nutrido) e quem quer que me peça (por alguma coisa), eu nunca direi, 'Eu não o tenho.' Quando Karna tinha assim tinha jurado matar Phalguna em batalha, aqueles arqueiros e quadrigários poderosos, os filhos de Dhritarashtra, deram gritos altos de aprovação; e os filhos de Dhritarashtra pensaram que os Pandavas já tinham sido conquistados. Então aquele chefe de reis, o gracioso Duryodhana, deixando aqueles touros entre homens, entrou em seu aposento, como o senhor Kuvera entrando no jardim de Chitraratha. E todos aqueles arqueiros poderosos também, ó Bharata, foram para seus respectivos alojamentos.”

"Enquanto isso aqueles arqueiros poderosos, os Pandavas, excitados pelas palavras que o mensageiro tinha falado, ficaram ansiosos, e eles não sentiram a menor felicidade. Informações, além disso, ó principal dos reis, tinham sido trazidas por espiões a respeito do voto do filho de Suta de matar Vijaya. Ouvindo isso, ó senhor de homens, o filho de Dharma ficou muito ansioso. E considerando Karna de armadura impenetrável como sendo de destreza extraordinária, e se lembrando de todas as suas aflições, ele não conhecia paz. E aquele de grande

alma cheio de ansiedade decidiu abandonar os bosques em volta de Dwaitavana cheios de animais ferozes.”

"Enquanto isso o filho real de Dhritarashtra começou a reger a terra, junto com seus irmãos heróicos como também com Bhishma e Drona e Kripa. E com a ajuda do filho de Suta coroado com glória marcial, Duryodhana permaneceu sempre concentrado no bem-estar dos soberanos da terra, e ele cultuou os principais dos Brahmanas por celebrar sacrifícios com presentes abundantes. E aquele herói e subjugador de inimigos, ó rei, estava dedicado a fazer o bem para seus irmãos, concluindo com certeza em sua mente que dar e desfrutar eram os único usos das riquezas."

256

Janamejaya disse, 'Depois de terem libertado Duryodhana, o que fizeram os poderosos filhos de Pandu naquela floresta? Cabe a ti me dizer isto.'”

Vaisampayana disse, "Uma vez quando Yudhishthira se deitou à noite nas florestas Dwaita, alguns veados, com vozes sufocadas em lágrimas, apresentaram-se diante dele em seus sonhos. Para eles que permaneciam com mãos unidas, seus corpos tremendo completamente, aquele principal dos monarcas disse, 'Digam-me o que vocês desejam dizer. Quem são vocês? E o que vocês desejam?' Assim abordados pelo filho de Kunti, o ilustre Pandava, aqueles veados, o restante daqueles que tinham sido massacrados, responderam para ele, dizendo, 'Nós somos, ó Bharata, aqueles veados que ainda estão vivos depois daqueles que foram massacrados. Nós seremos totalmente exterminados. Portanto, mude tua residência. Ó rei poderoso, todos os teus irmãos são heróis, conhecedores de armas; eles diminuíram os grupos dos caminhantes da floresta. Nós poucos, os restantes, ó de mente poderosa, permanecemos como semente. Por favor, ó rei de reis, nos deixe aumentar.' Vendo aqueles veados, os quais permaneciam como semente depois do restante ter sido destruído, tremendo e afligidos pelo medo, Yudhishthira o justo foi imensamente afetado pela dor. E o rei, atento ao bem-estar de todas as criaturas, disse para eles, 'Assim seja. Eu agirei como vocês disseram.' Despertando depois de tal visão, aquele rei excelente, movido por compaixão pelos veados, falou dessa maneira para seus irmãos reunidos lá, 'Aqueles veados que estão vivos depois daqueles que foram massacrados me abordaram à noite, depois que eu tinha despertado, dizendo, 'Nós permanecemos como as sementes de nossas linhagens. Abençoado sejas tu! Tenha compaixão por nós.' E eles falaram verdadeiramente. Nós devemos sentir compaixão pelos habitantes da floresta. Nós temos nos alimentado deles por um ano e oito meses seguidos. Que nós, portanto, (nos dirijamos) novamente à pitoresca Kamyaka, aquela melhor das florestas abundando em animais selvagens, situada na ponta do deserto, perto do lago Trinavindu. E que nós passemos lá agradavelmente o restante do nosso tempo.' Então, ó rei, os Pandavas versados em moralidade partiram rapidamente (de lá), acompanhados pelos Brahmanas e todos aqueles que viviam com eles, e seguidos por Indrasena

e outros empregados. E procedendo pelas estradas percorridas (por viajantes), supridos por grãos excelentes e água límpida, eles finalmente contemplaram o retiro sagrado de Kamyaka dotado de mérito ascético. E como homens pios entram nas regiões celestes, aqueles principais da raça Bharata, os Kauravas, circundados por aqueles touros entre os Brahmanas, entraram naquela floresta."

257

Vaisampayana continuou, "Residindo nas florestas, ó touro da raça Bharata, os Pandavas de grande alma passaram onze anos em uma situação miserável. E embora merecendo felicidade, aqueles principais dos homens, meditando sobre suas condições, passaram seus dias tristemente, vivendo de frutas e raízes. E aquele sábio real, Yudhishthira de braços poderosos, refletindo que a extremidade de miséria que tinha acontecido a seus irmãos era devida ao seu próprio erro, e se lembrando daqueles sofrimentos que tinham resultado de sua ação de jogo, não podia dormir pacificamente. E ele sentiu como se seu coração tivesse sido perfurado com uma lança. E se lembrando das palavras duras do filho de Suta, o Pandava, reprimindo o veneno de sua cólera, passou seu tempo em aparência humilde, suspirando pesadamente. E Arjuna e ambos os gêmeos e a ilustre Draupadi, e o poderoso Bhima, ele que era o mais forte de todos os homens, sentiam a dor mais pungente ao olharem para Yudhishthira. E pensando que restava somente pouco tempo (de seu exílio), aqueles touros entre homens, influenciados por raiva e esperança e por recorrerem a vários esforços e aplicações, fizerem seus corpos assumirem quase formas diferentes."

"Depois de pouco tempo, aquele asceta poderoso, Vyasa, o filho de Satyavati, foi lá para ver os Pandavas. E vendo-o se aproximar, o filho de Kunti, Yudhishthira, se adiantou e recebeu devidamente aquele de grande alma. E tendo gratificado Vyasa por reverenciá-lo, o filho de Pandu de sentidos subjugados, depois que o Rishi estava sentado, sentou-se diante dele, desejoso de escutá-lo. E observando seus netos magros e vivendo na floresta dos produtos da selva, aquele sábio poderoso, movido por compaixão, disse estas palavras, em voz sufocada em lágrimas, 'Ó Yudhishthira de braços poderosos, ó tu melhor das pessoas virtuosas, aqueles homens que não realizam austeridades ascéticas nunca alcançam grande felicidade neste mundo. Pessoas sentem felicidade e tristeza alternadamente; pois sem dúvida, ó touro entre homens, nenhum homem sempre desfruta de felicidade ininterrupta. Um homem sábio dotado de sabedoria elevada, sabendo que a vida tem seus altos e baixos, não é nem cheio de alegria nem de dor. Quando a felicidade vem, deve-se desfrutar disto; quando a tristeza vem, deve-se suportá-la, como um semeador de colheitas deve aguardar sua época. Nada é superior ao ascetismo: por meio do ascetismo uma pessoa obtém resultado poderoso. Saiba, ó Bharata, que não há nada que o ascetismo não possa alcançar. Verdade, sinceridade, liberdade de raiva, justiça, autocontrole, restrição das faculdades, liberdade de malícia, inocência, santidade, e mortificação dos sentidos, estes, ó poderoso monarca, purificam uma pessoa de ações

meritórias. Pessoas tolas viciadas em maus hábitos e modos bestiais obtém nascimentos animalescos depois da morte e nunca desfrutam de felicidade. O fruto das ações feitas neste mundo é colhido no próximo. Portanto uma pessoa deve reprimir seu corpo por meio de ascetismo e da observância de votos. E, ó rei, livre de astúcia e com um espírito alegre, uma pessoa deve, segundo seu poder, conceder doações, depois de se curvar ao recebedor e lhe prestar homenagem. Uma pessoa que fala a verdade obtém uma vida desprovida de dificuldades. Uma pessoa desprovida de raiva obtém sinceridade, e alguém livre de malícia obtém contentamento supremo. Uma pessoa que subjugou seus sentidos e suas faculdades internas nunca conhece tribulação; nem uma pessoa de sentidos subjugados é afetada por tristeza no auge da prosperidade de outro. Um homem que dá a todo mundo seu devido, e o concessor de benefícios, alcança a felicidade, e consegue todo objeto de prazer; enquanto um homem livre de inveja colhe tranquilidade perfeita. Ele que honra aqueles a quem honra é devida obtém nascimento em uma linhagem ilustre; e aquele que subjugou seus sentidos nunca obtém infortúnio. Um homem cuja mente segue o bem, depois de ter pago sua dívida com a natureza, por causa disso, nasce novamente dotado de uma mente justa.'"

"Yudhishthira disse, 'Ó eminentemente virtuoso, ó sábio poderoso, a concessão de doações e a observância de ascetismo, qual é de maior eficácia no próximo mundo, e qual é o mais difícil de praticar?'"

"Vyasa disse, 'Não há nada, ó filho, nesse mundo mais difícil de praticar do que a caridade. Homens anseiam muito por riqueza, e a riqueza também é conseguida com dificuldade. Não só isso, renunciando até à própria vida preciosa, homens heróicos, ó magnânimo, entram nas profundidades do oceano e da floresta por causa de riqueza. Por riqueza, alguns se dirigem à agricultura e à criação de vacas, e alguns entram em servidão. Portanto, é extremamente difícil se desfazer de riqueza que é obtida com tal incômodo. Já que nada é mais difícil de praticar do que a caridade, portanto, na minha opinião, a concessão de benefícios é superior a tudo. Especialmente é para ser tido em mente que lucros bem merecidos devem, em tempo e lugar apropriados, ser doados para homens pios. Mas a concessão de lucros mal adquiridos nunca podem resgatar o doador do mal do renascimento. É declarado, ó Yudhishthira, que por entregar, em um espírito puro, mesmo um presente pequeno no momento devido e para um recebedor digno, um homem obtém fruto inesgotável no mundo seguinte. Em relação a isto é citada como exemplo a história antiga a respeito do resultado obtido por Mudgala, por ter doado somente um drona (uma quantidade muito pequena) de grãos.'"

258

Yudhishthira disse, "Por que aquele de grande alma doou um drona de grãos? E, ó eminentemente pio, a quem e de que maneira prescrita ele o doou? Conte-me isto. Sem dúvida, eu considero como tendo dado frutos a vida daquela pessoa

virtuosa com cujas práticas o próprio possuidor dos seis atributos, testemunhando tudo, está bem satisfeito."

"Vyasa disse, 'Vivia, ó rei, em Kurukshetra um homem virtuoso (sábio), de nome Mudgala. E ele era sincero, e livre de malícia, e de sentidos subjugados. E ele costumava levar os modos de vida Sila e Unchha. (Colher para sustento (1) espigas de milho e (2) grãos individuais, deixados sobre o campo por maridos depois que eles reuniram e levaram embora as pilhas, são chamados de modos de vida Sila e Unchha.) E embora vivendo como um pombo, ainda assim ele de austeridades poderosas entretinha seus convidados, celebrava o sacrifício chamado Istikrita, e realizava outros ritos. E aquele sábio junto com seu filho e mulher comia por uma quinzena, e durante a outra quinzena levava a vida de um pombo, coletando um drona de milho. E celebrando os sacrifícios Darsa e Paurnamasya, ele desprovido de fraude costumava passar seus dias pegando o alimento que restava depois que as divindades e os convidados tinham comido. E em dias lunares propícios, aquele senhor dos três mundos, o próprio Indra, acompanhado pelos celestiais costumava, ó monarca poderoso, partilhar do alimento oferecido em seu sacrifício. E ele, tendo adotado a vida de um Muni, com o coração alegre nutria seus convidados também com comida em tais dias. E conforme ele de grande alma distribuía seu alimento prontamente, o restante do drona de grãos aumentava logo que um convidado aparecia. E em virtude do espírito puro no qual o sábio doava, aquele alimento dele aumentava tanto que centenas e mais centenas de Brahmanas eruditos eram alimentados com isto."

"E, ó rei, veio a ocorrer que tendo ouvido a respeito do virtuoso Mudgala cumpridor de votos, o Muni Durvasa, tendo somente o espaço como sua cobertura (ou seja, nu), seus acessórios gastos como os de um maníaco, e sua cabeça sem cabelo, chegou lá proferindo, ó Pandava, várias palavras insultantes. E tendo chegado lá aquele melhor dos Munis disse para o Brahmana, 'Saiba, ó principal dos Brahmanas, que eu vim para cá procurando por comida.' Imediatamente Mudgala disse para o sábio, 'Tu és bem vindo!' E então oferecendo àquele maníaco de um asceta afetado pela fome,água para lavar seus pés e boca, aquele cumpridor do voto de alimentar convidados respeitosamente colocou diante dele alimentação excelente. Afetado pela fome, o Rishi frenético esgotou completamente o alimento que tinha sido oferecido para ele. Imediatamente Mudgala o supriu novamente com comida. Então tendo comido todo aquele alimento, ele sujou seu corpo com as sobras impuras e foi embora como ele tinha vindo. Dessa maneira, durante a próxima estação, ele veio novamente e comeu toda a comida abastecida por aquele sábio levando o modo de vida Unchha. Nisso, sem ele mesmo partilhar algum alimento, o sábio Mudgala novamente se engajou em coletar grãos, seguindo o modo Unchha. A fome não podia perturbar sua equanimidade. Nem ira, nem astúcia, nem um sentido de degradação, nem agitação podiam entrar no coração daquele melhor dos Brahmanas levando o modo de vida Unchha junto com seu filho e sua mulher. Desse modo, Durvasa, tendo tomado uma resolução, durante estações sucessivas se apresentou por seis vezes diferentes perante aquele melhor dos sábios vivendo segundo o modo Unchha; ainda assim aquele Muni não pode perceber alguma agitação no coração

de Mudgala; e ele encontrou o puro coração do asceta de alma pura sempre puro. Nisso, bem satisfeito, o sábio se dirigiu a Mudgala, dizendo, 'Não há outro ser inocente e caritativo como tu sobre a terra. A fome aguda afasta à distância o sentido de virtude e priva as pessoas de toda a paciência. A língua, amando acepipes, atrai os homens em direção a eles. A vida é sustentada por alimento. A mente, além do mais, é inconstante, e é difícil mantê-la em submissão. A concentração da mente e dos sentidos certamente constituem austeridades ascéticas. Deve ser difícil renunciar em um espírito puro a uma coisa ganha por meio de dores. Ainda assim, ó pio, tudo isto foi devidamente realizado por ti. Em tua companhia nós nos sentimos obsequiados e gratificados. Autodomínio, fortaleza, justiça, controle dos sentidos e de faculdades, piedade, e virtude, estes todos estão estabelecidos em ti. Tu pelas ações conquistaste os diferentes mundos e assim obtiveste admissão em caminhos de beatitude. Ah! até os habitantes do céu estão proclamando teus imensos feitos de caridade. Ó tu cumpridor de votos, tu irás para o céu mesmo no teu próprio corpo."

"Enquanto o Muni Durvasa estava falando dessa maneira, um mensageiro celeste apareceu perante Mudgala, sobre um carro unido com cisnes e grous, forrado com um maravilhoso trabalho de sinos, perfumado com fragrância divina, pintado pitorescamente, e possuidor do poder de ir em todos os lugares à vontade. E ele se dirigiu ao sábio Brahmana, dizendo, 'Ó sábio, suba nesta carruagem ganha por tuas ações. Tu alcançaste o fruto do teu ascetismo!'"

"Quando o mensageiro dos deuses estava falando dessa maneira, o sábio disse a ele, 'Ó mensageiro divino, eu desejo que tu descrevas para mim os atributos daqueles que residem lá. Quais são suas austeridades, e quais seus propósitos? E, ó mensageiro dos deuses, o que constitui a felicidade no céu, e quais são as desvantagens dele? É declarado por homens virtuosos de boa linhagem que amizade com pessoas virtuosas é contraída por somente andar sete passos com elas. Ó senhor, em nome dessa amizade eu te peço: sem hesitação diga-me a verdade e aquilo que é bom para mim agora. Tendo te ouvido, eu determinarei, segundo tuas palavras, o rumo que eu devo seguir.'"

259

"O mensageiro dos deuses disse, 'Ó grande sábio, tu és de compreensão simples; já que, tendo assegurado aquela felicidade celeste a qual traz grande honra, tu ainda estás deliberando como uma pessoa ininteligente. Ó Muni, aquela região que é conhecida como céu existe lá acima de nós. Aquelas regiões se elevam alto, e são providas de caminhos excelentes, e são, ó sábio, sempre percorridas por carros celestes. Ateus, e pessoas mentirosas, aquelas que não praticaram austeridades ascéticas e aquelas que não realizaram grandes sacrifícios não podem se dirigir para lá. Somente homens de almas virtuosas, e aqueles de espíritos subjugados, e aqueles que tem suas faculdades em submissão, e aqueles que tem controlado seus sentidos, e aqueles que estão livres de malícia, e pessoas aplicadas na prática de caridade; e heróis, e homens

que portam marcas de batalha, depois de terem, com sentidos e faculdades subjugados, realizado os ritos mais meritórios, alcançam aquelas regiões, ó Brahmana, capazes de serem obtidas somente por ações virtuosas, e habitadas por homens pios. Lá, ó Mudgala, estão estabelecidos separadamente miríades de mundos belos, brilhantes, e resplandecentes concedendo todos os objetos de desejo, possuídos por aqueles seres celestes, os deuses, os Sadhyas, e os Vaiswas, os grandes sábios, Yamas, e os Dharmas, e os Gandharvas e as Apsaras. E lá está aquele monarca das montanhas, o dourado Meru, se estendendo sobre um espaço de trinta e três mil Yojanas. E lá, ó Mudgala, estão os jardins sagrados dos celestiais, com Nandana encabeçando-os, onde se divertem as pessoas de atos meritórios. E nem fome, nem sede, nem lassidão, nem temor, nem qualquer coisa que seja repugnante ou infausta se encontra lá. E todos os odores daquele local são encantadores, e todas as brisas deliciosas ao toque. E todos os sons lá são cativantes, ó sábio, para o ouvido e o coração. E nem dor, nem decrepitude, nem trabalho, nem arrependimento também estão lá. Aquele mundo, ó Muni, obtido como resultado das próprias ações de alguém, é desta natureza. Pessoas se dirigem para lá em virtude de seus atos meritórios. E os corpos daqueles que moram lá parecem resplandecentes, e isto, ó Mudgala, somente por virtude das suas próprias ações, e não devido aos méritos de pais ou mães. E não há nem suor, nem fedor, nem urina lá. E, lá, ó Muni, o pó não suja as roupas das pessoas. E suas guirlandas excelentes, perfumadas com fragrância divina, nunca desbotam. E, ó Brahmana, eles atrelam carros tais como este (que eu trouxe). E, ó sábio poderoso, desprovidos de inveja e dor e fadiga e ignorância e malícia, os homens que alcançaram o céu moram naquelas regiões alegremente. E, ó touro entre os Munis, cada vez mais sublimes acima de tais regiões existem outras dotadas de virtudes celestes superiores. Dessas, as regiões belas e resplandecentes de Brahma são as principais. Para lá, ó Brahmana, se dirigem Rishis que foram santificados por meio de ações meritórias. E lá moram certos seres chamados Ribhus. Eles são os deuses dos próprios deuses. Suas regiões são supremamente abençoadas, e são adoradas até pelas divindades. Eles brilham por sua própria luz, e concedem todo objeto de desejo. Eles não sofrem dores que mulheres podem causar, não possuem riqueza mundana, e estão livres de fraude. Os Ribhus não subsistem de oblações, nem mesmo de ambrosia. E eles são dotados de tais formas celestes que eles não podem ser percebidos pelos sentidos. E esses deuses eternos dos celestiais não desejam felicidade por causa da felicidade, nem eles mudam na revolução de um Kalpa. Onde, de fato, está sua decrepitude ou dissolução? Para eles não há nem êxtase, nem alegria, nem felicidade. Eles não tem nem felicidade nem tristeza. Por que eles deveriam ter raiva ou aversão então, ó Muni? Ó Mudgala, seu estado supremo é cobiçado até pelos deuses. E aquela emancipação suprema, difícil de alcançar, nunca pode ser obtida por pessoas sujeitas ao desejo. O número daquelas divindades é trinta e três. Para suas regiões se dirigem homens sábios, depois de terem cumprido votos excelentes, ou concederem doações de acordo com a ordenança. Tu também alcançaste facilmente aquele êxito por meio de tuas caridades. Por refulgência exposta em virtude de tuas austeridades ascéticas, desfrute daquela condição obtida por meio de tuas ações meritórias. Tal, ó Brahmana, é a bem aventurança do céu contendo vários mundos."

"Assim eu descrevi para ti a bênção das regiões celestes. Ouça agora de mim algumas das desvantagens dele. Que nas regiões celestes uma pessoa, enquanto colhendo o fruto das ações já realizadas, não pode estar engajada em quaisquer outras, e que ela deve desfrutar das consequências das primeiras até que elas estejam completamente esgotadas, e, além disso, que ela está sujeita a cair depois de ela ter esgotado totalmente seu mérito, formam, na minha opinião, as desvantagens do céu. A queda de uma pessoa cuja mente foi imersa em felicidade, deve, ó Mudgala, ser proclamada como uma imperfeição. E o descontentamento e lamento que deve seguir a permanência de alguém em uma base inferior depois que ele desfrutou de regiões mais auspiciosas e brilhantes, deve ser difícil de suportar. E a consciência daqueles acerca da queda é entorpecida, e também agitada por emoções. E quando as guirlandas daqueles prestes a caírem se desvanecem, o temor invade seus corações. Estes inconvenientes imensos, ó Mudgala, se estendem até as regiões de Brahma. Nas regiões celestes, as virtudes dos homens que realizaram ações virtuosas são inumeráveis. E, ó Muni, este é outro dos atributos dos decaídos que, por razão de seus méritos, eles tomam nascimento entre homens. E então eles alcançam grande ventura e felicidade. Se uma pessoa, no entanto, não pode adquirir conhecimento aqui, ela obtém um nascimento inferior. Os frutos das ações feitas neste mundo são colhidos no próximo. Este mundo, ó Brahmana, é declarado como sendo um de ações; os outros, como os de frutos. Assim eu, ó Mudgala, perguntado por ti, descrevi tudo para ti. Agora, ó pio, com tua permissão, nós partiremos comodamente com velocidade.'"

"Vyasa continuou, 'Tendo ouvido este discurso, Mudgala começou a refletir. E tendo deliberado bem, aquele melhor dos Munis falou dessa maneira para o mensageiro celeste, 'Ó mensageiro dos deuses, eu me curvo a ti. Ó senhor, vá em paz. Eu não tenho nada que fazer nem com felicidade ou céu que tem tais defeitos proeminentes. Pessoas que desfrutam do céu sofrem, afinal, tristeza enorme e extremo desgosto neste mundo. Portanto, eu não desejo o céu. Eu procurarei por aquela região inexaurível se dirigindo para a qual as pessoas não tem que lamentar, ou ser atormentadas, ou agitadas. Tu descreveste para mim estes grandes defeitos pertencentes às regiões celestes. Agora descreva para mim uma região livre de imperfeições.' Nisso o mensageiro celeste disse, 'Acima da residência de Brahma há o supremo assento de Vishnu, puro, e eterno, e luminoso conhecido pelo nome de Para Brahma. Para lá, ó Brahmana, não podem ir pessoas que são apegadas aos objetos dos sentidos, nem podem aqueles que estão sujeitos à arrogância, cobiça, ignorância, raiva, e inveja, ir para aquele local. São somente aqueles que estão livres de afeição, e livres de orgulho, e livres de emoções divergentes, e aqueles que reprimem seus sentidos, e aqueles dados à contemplação e Yoga, que podem ir para lá.' Tendo ouvido estas palavras, o Muni se despediu do mensageiro celeste, e aquele virtuoso levando o modo de vida Unchha assumiu perfeito contentamento. E então elogio e crítica se tornaram iguais para ele; e um fragmento de tijolo, pedra, e ouro assumiram o mesmo aspecto aos seus olhos. E se utilizando dos meios para alcançar Brahma, ele se tornou sempre dedicado à meditação. E tendo obtido poder por meio do

conhecimento, e adquirido compreensão excelente, ele alcançou aquele estado supremo de emancipação que é considerado como Eterno. Portanto, tu também, ó filho de Kunti, não deves sofrer. Tu fostes realmente privado de um reino próspero, mas tu o recuperarás por meio das tuas austeridades ascéticas. Tristeza depois de felicidade, e felicidade depois de tristeza revolvem alternadamente ao redor um homem assim como o ponto da circunferência de uma roda ao redor do eixo. Depois que o décimo terceiro ano tiver passado, ó tu de poder incomensurável, tu regressarás ao reino possuído antes de ti por teu pai e avô. Portanto, deixe a febre do teu coração perecer!'"

Vaisampayana continuou "Tendo dito isso para o filho de Pandu, o venerável Vyasa voltou para seu eremitério para o propósito de realizar austeridades."

260

Janamejaya disse, "Enquanto os Pandavas de grande alma estavam vivendo naquelas florestas, encantados com a conversação agradável que eles mantinham com os Munis, e engajados em distribuir o alimento que eles obtinham do sol, com várias espécies de carne de veado para Brahmanas e outros que iam a eles em busca de comestíveis até a hora da refeição de Krishna, como, ó grande Muni, Duryodhana e os outros filhos maus e pecaminosos de Dhritarashtra, guiados pelos conselhos de Dussasana, Karna e Sakuni, se comportaram com eles? Eu te pergunto isto. Senhor venerável, esclareça-me."

Vaisampayana disse, "Quando, ó grande rei, Duryodhana soube que os Pandavas estavam vivendo tão alegremente nas florestas como em uma cidade, ele ansiou, com o ardiloso Karna, Dussasana e outros, lhes fazer mal. E enquanto aquelas pessoas de mente má estavam empenhadas em planejar vários esquemas perversos, o asteca célebre e virtuoso Durvasa, seguindo a inclinação da sua própria vontade, chegou à cidade dos Kurus com dez mil discípulos. E vendo o asceta irascível chegar, Duryodhana e seus irmãos o saudaram com grande humildade, humilhação própria e suavidade. E atendendo ao Rishi ele mesmo como um criado, o príncipe deu a ele uma recepção adequada respeitável. E o Muni ilustre ficou lá por poucos dias, enquanto o rei Duryodhana, atento às suas imprecações, atendeu-o diligentemente dia e noite. E às vezes o Muni dizia, 'Eu estou com fome, ó rei, dê-me algum alimento rapidamente.' E às vezes ele saía para um banho e, voltando em uma hora tardia, dizia, 'Eu não comerei qualquer coisa hoje porque eu não tenho nenhum apetite,' e assim dizendo desaparecia de sua vista. E às vezes, chegando de repente, ele dizia, 'Alimente-nos rapidamente.' E em outros momentos, empenhado em alguma travessura, ele despertava à meia-noite e tendo feito suas refeições serem preparadas como antes, as criticava e não partilhava delas em absoluto. E testando o príncipe dessa maneira por algum tempo, quando o Muni descobriu que o rei Duryodhana não estava nem zangado, nem aborrecido, ele se tornou bondosamente inclinado em direção a ele. E então, ó Bharata, o intratável Durvasa disse para ele, 'Eu tenho poder para te conceder benefícios. Tu podes me pedir o que quer que se encontre

mais próximo do teu coração. Que a boa fortuna seja tua. Satisfeito como eu estou contigo, tu podes obter de mim qualquer coisa que não seja contrária à religião e moralidade.'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras do grande asceta, Suyodhana sentiu-se insuflado com nova vida. De fato, tinha sido combinado entre ele mesmo e Karna e Dussasana qual deveria ser o benefício que ele pediria do Muni se o último estivesse satisfeito com sua recepção. E o rei de mente má, se lembrando do que tinha sido decidido anteriormente, alegremente solicitou o seguinte favor, dizendo, 'O grande rei Yudhishthira é o mais velho e o melhor da nossa linhagem. Aquele homem pio está agora vivendo na floresta com seus irmãos. Portanto, torne-te uma vez o convidado daquele ilustre assim como, ó Brahmana, tu com teus discípulos foste meu por algum tempo. Se tu estás disposto a me fazer um favor, vá até ele em um momento quando aquela senhora delicada e excelente, a princesa célebre de Panchala, depois de ter regalado os Brahmanas com comida, seus maridos e ela mesma, possa se deitar para descansar.' O Rishi respondeu, 'Assim mesmo eu agirei para tua satisfação.' E tendo dito isso para Suyodhana aquele grande Brahmana, Durvasa, foi embora no mesmo estado no qual ele tinha vindo. E Suyodhana se considerou como tendo alcançado todos os objetos de seu desejo. E segurando Karna pela mão ele expressou grande satisfação. E Karna, também, se dirigiu alegremente ao rei na companhia de seus irmãos, dizendo, 'Por uma boa sorte singular tu te saíste bem e alcançaste os objetos de teu desejo. E por boa sorte é que teus inimigos foram submersos em um mar de perigos que é difícil de cruzar. Os filhos de Pandu estão agora expostos ao fogo da cólera de Durvasa. Por causa da sua própria falha eles caíram em um abismo de escuridão.'"

Vaisampayana continuou, "Ó rei, expressando sua satisfação dessa maneira, Duryodhana e outros, empenhados em maquinações más, voltaram com alegria para suas respectivas casas."

261

(Draupadi-harana Parva)

Vaisampayana disse, "Um dia, tendo anteriormente averiguado que os Pandavas estavam todos sentados comodamente e que Krishna estava repousando depois de sua refeição, o sábio Durvasa, cercado por dez mil discípulos, se dirigiu àquela floresta. O rei Yudhishthira ilustre e correto, vendo aquele convidado chegar, avançou com seus irmãos para recebê-lo. E unindo as palmas de suas mãos e apontando para um assento apropriado e excelente, ele concedeu aos Rishis uma recepção adequada e respeitosa. E o rei disse para ele, 'Retorne rapidamente, ó senhor adorável, depois de realizares tuas abluções e observâncias diurnas.' E aquele Muni impecável, não sabendo como o rei seria capaz de fornecer um banquete para ele e seus discípulos, procedeu com os últimos para realizar suas abluções. E aquela hoste do Muni, de paixões

subjugadas, entrou no rio para realizar suas abluções. Enquanto isso, ó rei, a excelente princesa Draupadi, devotada a seus maridos, estava em grande ansiedade acerca do alimento (a ser fornecido aos Munis). E quando depois de muito pensamento ansioso ela chegou à conclusão de que não havia nenhum meio para fornecer um banquete, ela interiormente rezou para Krishna, o matador de Kansa. E a princesa disse, 'Krishna, ó Krishna, de braços poderosos, ó filho de Devaki, cujo poder é inesgotável, ó Vasudeva, ó senhor do Universo, que afastas as dificuldades daqueles que te reverenciam, tu és a alma, o criador e o destruidor do Universo. Tu, ó senhor, és inexaurível e o salvador dos aflitos. Tu és o preservador do Universo e de todos os seres criados. Tu és o mais alto dos altos, e a fonte das percepções mentais Akuli e Chiti! (Faculdades de conhecimento e de sentido moral respectivamente.) Ó Ser Supremo e Infinito, ó concessor de todo bem, sejas o refúgio dos desamparados. Ó Ser Primordial, incapaz de ser concebido pela alma ou as faculdades mentais ou de outra maneira, tu és o soberano de todos e o senhor de Brahma. Eu procuro tua proteção. Ó deus, tu estás sempre disposto bondosamente em direção àqueles que se refugiam em ti. Cuide de mim com tua bondade. Ó tu com uma cor escura como as folhas do lótus azul, e com olhos vermelhos como a corola do lírio, e vestido em mantos amarelos com, além disso, a brilhante jóia Kaustubha em teu peito, tu és o início e o fim da criação, e o grande refúgio de todos. Tu és a luz suprema e a essência do Universo! Tua face está direcionada para todos os pontos. Eles te chamam de Germe Supremo e o depositário todos os tesouros. Sob tuas proteções, ó senhor dos deuses, todos os males perdem seu terror. Como tu me protegeste antes de Dussasana, liberte-me agora desta dificuldade."

Vaisampayana continuou, "O Deus grandioso e soberano, e Senhor da terra, de movimentos misteriosos, o senhor Kesava que é sempre bondoso para os dependentes, assim adorado por Krishna, e percebendo sua dificuldade, imediatamente se dirigiu para aquele local deixando o leito de Rukmini que estava dormindo ao seu lado. Contemplando Vasudeva, Draupadi se curvou a ele em grande alegria e informou-o da chegada dos Munis e de todas as outras coisas. E tendo ouvido tudo Krishna disse para ela, 'Eu estou muitíssimo afligido pela fome, dê-me algum alimento sem demora, e então tu podes te ocupar com teu trabalho.' Nestas palavras de Kesava, Krishna ficou confusa, e respondeu para ele, dizendo, ‘O recipiente dado pelo sol permanece cheio até que eu termine minha refeição. Mas como eu já fiz minha refeição hoje, não há comida nele agora.’ Então aquele ser de olhos de lótus e adorável disse para Krishna, 'Este não é momento para gracejo, ó Krishna. Eu estou muito afligido pela fome, vá rapidamente buscar o recipiente e mostre-o para mim.' Quando Kesava, aquele ornamento da linhagem Yadu, teve o recipiente trazido para ele, com certa persistência ele investigou-o e viu uma partícula de arroz e vegetal colado em sua borda. E engolindo-o ele disse para ela, 'Possa isto agradar ao deus Hari, a alma do Universo, e possa aquele deus que toma refeições em sacrifícios ser saciado com isto.' Então Krishna de braços longos, aquele aliviador de tristezas, disse para Bhimasena, ‘Convide depressa os Munis para jantar.’ Então, ó bom rei, o célebre Bhimasena foi rapidamente convidar todos aqueles Munis, Durvasa e outros, que tinham ido ao rio mais próximo de água fresca e transparente para realizar suas abluções.

Enquanto isso, aqueles ascetas, tendo mergulhado no rio, estavam esfregando seus corpos e observando que eles todos sentiam que seus estômagos estavam cheios. E saindo da correnteza eles começaram se entreolhar. E indo em direção a Durvasa todos aqueles ascetas observaram, 'Tendo mandado o rei aprontar nossas refeições, nós viemos para cá para um banho. Mas como, ó Rishi regenerado, nós poderemos comer qualquer coisa agora que nossos estômagos parecem estar cheios até a garganta? A refeição foi inutilmente preparada para nós. Qual é a melhor coisa para ser feita agora?' Durvasa respondeu, 'Por frustrar a refeição nós fizemos um grande mal para aquele sábio real, o rei Yudhishthira. Os Pandavas não nos destruiriam por olharem para nós com olhos zangados? Eu sei que o sábio real Yudhishthira é possuidor de grande poder ascético. Ó Brahmanas, eu temo homens que são devotados a Hari. Os Pandavas de grande alma são todos homens religiosos, eruditos, guerreiros, diligentes em austeridades ascéticas e observâncias religiosas, devotados a Vasudeva, e sempre cumpridores de regras de boa conduta. Se provocados, eles podem nos consumir com sua cólera como o fogo a um fardo de algodão. Portanto, ó discípulos, fujam todos rapidamente sem verem a eles (novamente)!"

Vaisampayana continuou, "Todos aqueles Brahmanas, assim avisados por seu preceptor ascético, ficaram imensamente temerosos dos Pandavas e fugiram em todas as direções. Então Bhimasena, não vendo aqueles Munis excelentes no rio celestial, fez uma busca por eles aqui e ali em todos os desembarcadouros. E sabendo dos ascetas daqueles lugares que eles tinham fugido, ele voltou e informou Yudhishthira do que tinha acontecido. Então os Pandavas de sentidos subjugados, esperando a vinda deles, permaneceram esperando sua chegada por algum tempo. E Yudhishthira disse, 'Vindo altas horas da noite os Rishis nos enganarão. Oh, como nós podemos escapar desta dificuldade criada pelos fatos?' Vendo eles absortos em tais reflexões e dando longos suspiros profundos em intervalos frequentes, o ilustre Krishna apareceu de repente para eles e lhes dirigiu estas palavras: 'Conhecendo, ó filhos de Pritha, seu risco daquele Rishi colérico, eu fui implorado por Draupadi para vir, e (portanto) eu vim para cá depressa. Mas agora vocês não (devem) ter o menor medo do Rishi Durvasa. Temendo seus poderes ascéticos, ele furtou-se antes disto. Homens virtuosos nunca sofrem. Eu agora peço sua permissão para me deixarem voltar para casa. Que vocês sempre sejam prósperos!'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo as palavras de Kesava, os filhos de Pritha, com Draupadi, ficaram tranquilos em mente. E curados de sua febre (de ansiedade), eles disseram para ele, 'Como pessoas se afogando no amplo oceano alcançam a costa com segurança por meio de um barco, assim nós, por meio de tua ajuda, ó senhor Govinda, escapamos desta dificuldade inextricável. Agora parta em paz, e que a prosperidade seja tua.' Assim dispensado, ele se dirigiu para sua capital e os Pandavas também, ó senhor abençoado, vagando de floresta em floresta, passaram seus dias alegremente com Draupadi. Assim, ó rei, eu relatei para ti a história que tu me pediste para repetir. E foi assim que as maquinações dos filhos maus de Dhritarashtra acerca dos Pandavas na floresta foram frustradas."

262

Vaisampayana disse, "Aqueles grandes guerreiros da linhagem de Bharata permaneceram como imortais na imensa floresta de Kamyaka, empenhados em caçar e satisfeitos com a visão de numerosas regiões selvagens do país e amplas extensões de matas magníficas com flores florescendo na estação. E os filhos de Pandu, cada um semelhante a Indra e o terror de seus inimigos, moraram lá por algum tempo. E um dia aqueles homens valentes, os conquistadores de seus inimigos, circulavam em todas as direções à procura de caça para alimentar os Brahmanas em sua companhia, deixando Draupadi sozinha no eremitério, com a permissão do grande asceta Trinavindu, resplandecente com grandeza ascética, e de seu guia espiritual Dhaumya. Enquanto isso, o rei famoso de Sindhu, o filho de Vriddhakshatra, estava, em vista de matrimônio, procedendo para o reino de Salwa, vestido em seu melhor vestuário real e acompanhado por príncipes numerosos. E o príncipe se deteve nas matas de Kamyaka. E naquele lugar retirado ele encontrou a bela Draupadi, a esposa querida e célebre dos Pandavas, permanecendo no limiar do eremitério. E ela parecia maravilhosa na beleza excelente de sua forma, e parecia derramar um brilho na floresta em volta, como o relâmpago iluminando massas de nuvens escuras. E aqueles que a viram se perguntaram, 'Esta é uma Apsara, ou uma filha dos deuses, ou um fantasma celeste?' E com este pensamento, suas mãos também se uniram. Eles permaneceram fitando a beleza perfeita e impecável de sua forma. E Jayadratha, o rei de Sindhu, e o filho de Vriddhakshatra, cheio de perplexidade à visão daquela senhora de beleza impecável, foi tomado por uma má intenção. E inflamado pelo desejo ele disse ao príncipe chamado Kotika, 'De quem é esta senhora de forma impecável? É ela da espécie humana? Eu não tenho necessidade de me casar se eu puder obter esta criatura primorosamente bela. Levando ela comigo, eu voltarei para minha residência. Oh senhor, pergunte quem é ela e de onde ela veio e por que também aquele ser delicado entrou nesta floresta cercada por espinhos. Este ornamento do sexo feminino, esta senhora de cintura fina de tanta beleza, dotada de dentes bonitos e olhos grandes, me aceitará como seu marido? Eu certamente me considerarei bem sucedido se eu obtiver a mão desta senhora excelente. Vá, Kotika, e pergunte quem possa ser seu marido.' Assim pedido, Kotika, usando um kundala, pulou de sua carruagem e se aproximou dela, como um chacal se aproxima de um tigre fêmea, e falou a ela estas palavras.'"

263

Kotika disse, "Senhora excelente, quem és tu que permaneces sozinha, recostada em um ramo da árvore Kadamva neste eremitério, e parecendo majestosa como uma chama de fogo brilhando à noite, e abanada pelo vento? Primorosamente bela como tu és, como é que tu não sentes qualquer medo nestas florestas? Parece-me que tu és uma deusa, ou uma Yakshi, ou uma

Danavi, ou uma Apsara excelente, ou a mulher de um Daitya, ou uma filha do rei Naga, ou uma Rakshasi ou a mulher de Varuna, ou de Yama, ou de Soma, ou de Kuvera, que, tendo assumido uma forma humana, vaga nestas florestas. Ou, tu vieste das mansões de Dhatri, ou de Vidhatri, ou de Savitri, ou de Vibhu, ou de Sakra? Tu não perguntas quem nós somos, nem nós sabemos quem te protege aqui! Respeitosamente nós te perguntamos, boa senhora, quem é teu pai poderoso, e, ó, diga-nos realmente os nomes do teu marido, teus parentes, e tua linhagem, e diga-nos também o que tu fazes aqui. Quanto a nós, eu sou o rei filho de Suratha a quem as pessoas conhecem pelo nome de Kotika, e aquele homem com olhos grandes como as pétalas de lótus, sentado em uma carruagem de ouro, como o fogo sacrifical no altar, é o guerreiro conhecido pelo nome de Kshemankara, rei de Trigarta. E atrás dele está o famoso filho do rei de Pulinda, que está agora mesmo olhando para ti. Armado com um arco imenso e dotado de olhos grandes, e enfeitado com coroas florais, ele sempre vive nos leitos de montanhas. O homem jovem escuro e bonito, o flagelo de seus inimigos, permanecendo na margem daquele tanque, é o filho de Suvala da linhagem de Ikshwaku. E se, ó senhora excelente, tu já ouviste o nome de Jayadratha, o rei de Sauviras, ele mesmo está ali na vanguarda de seis mil carruagens, com cavalos e elefantes e infantaria, e seguido por doze príncipes Sauvira como seus porta-estandartes chamados Angaraka, Kunjara, Guptaka, Satrunjaya, Srinjaya, Suprabiddha, Prabhankara, Bhramara, Ravi, Sura, Pratapa e Kuhana, todos sobre carruagens puxadas por cavalos castanhos e cada um deles parecendo o fogo no altar sacrifical. Os irmãos também do rei, ou seja, o poderoso Valahaka, Anika, Vidarana e outros, estão entre seus seguidores. Estes jovens nobres e que possuem membros fortes são a nata da cavalaria Sauvira. O rei está viajando na companhia destes seus amigos, como Indra cercado pelos Maruts. Ó senhora de cabelo excelente, diga para nós que não estamos familiarizados (com estas questões), de quem tu és esposa e de quem tu és filha."

264

Vaisampayana continuou, "A princesa Draupadi, assim questionada por aquele ornamento da linhagem de Sivi, moveu seus olhos suavemente, e se soltando de seu apoio do ramo Kadamva e arrumando seu vestuário de seda ela disse, ‘Eu sou consciente, ó príncipe, de que não é apropriado para uma pessoa como eu se dirigir a você dessa maneira, mas como não há outro homem ou mulher aqui para falar contigo, e como eu estou sozinha aqui agora mesmo, deixe-me, portanto, falar. Saiba, senhor honrado, que estando só nesta floresta aqui, eu não devo falar para ti, me lembrando dos costumes do meu sexo. Eu soube, ó Saivya, que tu és filho de Suratha, a quem as pessoas conhecem pelo nome de Kotika. Portanto, de minha parte, eu agora te falarei de meus parentes e linhagem renomada. Eu sou a filha do rei Drupada, e as pessoas me conhecem pelo nome de Krishna, e eu aceitei como meus maridos cinco pessoas de quem vocês podem ter ouvido falar enquanto eles estavam vivendo em Kahandavaprastha. Aquelas pessoas nobres, Yudhishthira, Bhimasena, Arjuna, e os dois filhos de Madri, me deixando aqui e

tendo designado para si mesmos os quatro pontos do horizonte, saíram em uma excursão de caça. O rei foi para o leste, Bhimasena em direção ao sul, Arjuna ao oeste, e os irmãos gêmeos em direção ao norte! Portanto, agora desçam e dispensem suas carruagens para que vocês possam partir depois de receberem um acolhimento devido deles. O filho de Dharma de grande alma gosta muito de convidados e sem dúvida terá muito prazer em ver vocês!' Tendo se dirigido ao filho de Saivya dessa maneira, a filha de Drupada, com rosto belo como a lua, lembrando-se bem do caráter de seu marido para hospitalidade, entrou em sua cabana espaçosa."

265

Vaisampayana disse, "Ó Bharata, Kotikakhya relatou para aqueles príncipes que estavam esperando tudo o tinha se passado entre ele e Krishna. E ouvindo as palavras de Kotikakhya, Jayadratha disse para aquele filho da raça de Sivi, 'Tendo escutado somente suas palavras, meu coração está amorosamente inclinado em direção àquele ornamento do sexo feminino. Por que portanto, tu voltaste (assim malsucedido)? Eu te digo realmente, ó tu de braços fortes, que tendo uma vez visto esta senhora, outras mulheres agora me parecem muito como macacos. Eu tendo olhado para ela, ela cativou meu coração. Diga-me, ó Saivya, se aquela senhora excelente é da espécie humana.' Kotika respondeu, 'Esta senhora é a famosa princesa Krishna, a filha de Drupada, e a esposa célebre dos cinco filhos de Pandu. Ela é a muito estimada e querida e casta esposa dos filhos de Pritha. Levando ela contigo, proceda em direção a Sauvira!'"

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, Jayadratha de mente má, o rei de Sindhu, Sauvira e outros países, disse, 'Eu devo ver Draupadi.' E com seis outros homens ele entrou naquele eremitério solitário, como um lobo entrando na cova de um leão. E ele disse para Krishna, 'Saudações para ti, senhora excelente! Os teus maridos estão bem e aqueles, além disso, cuja prosperidade tu sempre desejas?' Draupadi respondeu, 'O filho de Kunti, o rei Yudhishthira da linhagem de Kuru, seus irmãos, eu mesma, e todos aqueles de quem tu perguntaste, estão bem. Está tudo bem com teu reino, teu governo, teu tesouro, e teu exército? Tu estás, como único soberano, governando com justiça os países ricos de Saivya, Sivi, Sindhu e outros que tu possas ter trazido sob teu domínio? Ó príncipe, aceite esta água para lavar teus pés. Também tome este assento. Eu te ofereço cinquenta animais para o desjejum da tua comitiva. Além destes, o próprio Yudhishthira, o filho de Kunti, te dará veados porcinos e veados Nanku, e corças, e antílopes, e Sarabhas, e coelhos, e veados Ruru, e ursos, e veados Samvara e gayals e muitos outros animais, além de javalis selvagens e búfalos e outros animais da classe quadrúpede.' Ouvindo isto Jayadratha respondeu, dizendo, 'Tudo está bem comigo. Por te ofereceres para fornecer nosso café da manhã, tu por assim dizer realmente fizeste isto. Venha agora e viaje na minha carruagem e seja completamente feliz. Pois não te convém ter qualquer respeito pelos filhos miseráveis de Pritha que estão vivendo nas florestas, cujas energias foram paralisadas, cujo reino foi arrebatado e cujas fortunas estão no maior declínio.

Uma mulher de inteligência como tu não se apega a um marido que é pobre. Ela deve seguir seu marido quando ele está em prosperidade mas abandoná-lo quando em adversidade. Os filhos de Pandu decaíram para sempre de seu estado elevado, e perderam seu reino por todo o tempo futuro. Tu não tens necessidade, portanto, de partilhar de sua miséria por alguma consideração por eles. Portanto, ó tu de quadris belos, abandonando os filhos de Pandu, seja feliz por te tornares minha mulher, e divida comigo os reinos de Sindhu e Sauvira.'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras terríveis do rei de Sindhu, Krishna se afastou daquele lugar, com sua face enrugada por um olhar carrancudo devido à contração de suas sobrancelhas. Mas desconsiderando suas palavras de desprezo supremo, Krishna de cintura esbelta repreendendo disse para o rei de Sindhu, 'Não fale assim novamente! Tu não tens vergonha? Esteja em tua guarda!' E aquela senhora de caráter irrepreensível ansiosamente esperando a volta de seu marido, começou, com discursos longos, a encantá-lo completamente."

266

Vaisampayana disse, "A filha de Drupada, embora naturalmente bonita, estava coberta com carmesim resultante de um acesso de raiva. E com olhos inflamados e sobrancelhas inclinadas em cólera, ela repreendeu o soberano dos Suviras, dizendo, 'Tu não estás envergonhado, ó tolo, de usar tais palavras insultantes a respeito daqueles guerreiros célebres e terríveis, cada um como o próprio Indra, e que são todos dedicados aos seus deveres e que nunca vacilam em combate mesmo com hostes Yakshas e Rakshasas? Ó Sauvira, bons homens nunca falam mal de pessoas eruditas dedicadas à austeridade e dotadas de erudição, não importa se elas vivem na selva ou em casas. São somente canalhas que são vis como tu que fazem isso. Parece-me que não há ninguém neste grupo de Kshatriyas que seja capaz de te segurar pela mão para te salvar de cair no buraco que tu abriste sob teus pés. Ao esperar derrotar o rei Yudhishthira o justo, tu realmente esperas separar, bastão na mão, de um rebanho vagando nos vales Himalayan, seu líder, enorme como um topo de montanha e com o suco temporal gotejando de suas têmporas fendidas. Por tolice infantil tu estás chutando para despertar o leão poderoso deitado adormecido, para puxar os pelos de sua face! Tu, no entanto, terás que fugir quando tu vires Bhimasena em cólera! Tu procurares um combate com o furioso Jishnu pode ser comparado a ti chutares um leão poderoso, terrível, adulto e furioso dormindo em uma caverna de montanha. O confronto que tu pedes com aqueles dois jovens excelentes, os Pandavas mais jovens, é semelhante à ação de um tolo que pisa intencionalmente nos rabos de duas najas negras venenosas com línguas bifurcadas. O bambu, o junco, e a bananeira dão frutos somente para perecerem e não para crescerem mais em tamanho. Como o caranguejo também que concebe para sua própria destruição, tu porás tuas mãos sobre mim que sou protegida por estes heróis poderosos!'

Jayadratha respondeu, 'Eu sei tudo isto, ó Krishna, e eu estou bem consciente da bravura daqueles príncipes. Mas tu não podes nos assustar agora com estas ameaças. Nós, também, ó Krishna, pertencemos por nascimento aos dezessete clãs superiores, e somos dotados das seis qualidades reais. (Os seis atos de um rei são paz, guerra, marcha, parada, semear dissensão, e procurar proteção). Nós, portanto, menosprezamos os Pandavas como homens inferiores! Portanto, ó filha de Drupada, suba neste elefante ou nesta carruagem rapidamente, pois tu não podes nos impedir só com tuas palavras; ou, falando menos vaidosamente, procure a piedade do rei dos Sauviras!'

Draupadi respondeu, "Embora eu seja tão poderosa, por que o rei de Sauvira ainda me considera tão impotente? Bem conhecida como eu sou, eu, por medo de violência, não vou me rebaixar perante aquele príncipe. Nem o próprio Indra pode sequestrar aquela para cuja proteção Krishna e Arjuna seguiriam juntos, viajando na mesma carruagem. O que eu direi, portanto, de um ser humano fraco? Quando Kiriti, aquele matador de inimigos, sobre seu carro, for, por minha causa, entrar nas tuas tropas, infligindo terror em todos os corações, ele destruirá tudo em volta como fogo consumindo uma pilha de grama seca no verão. Os príncipes guerreiros das linhagens Andhaka e Vrishni, com Janardana em sua vanguarda, e os poderosos arqueiros da tribo Kaikeya, seguirão todos no meu encalço com grande ardor. As setas terríveis de Dhananjaya, disparadas da corda do Gandiva e impulsionadas por seus braços voam com grande força pelo ar, ribombando como as próprias nuvens. E quando tu vires Arjuna disparando do Gandiva uma massa densa de setas poderosas como um enxame de gafanhotos, então tu te arrependerás da tua própria loucura! Pense no que tu sentirás quando aquele guerreiro armado com o Gandiva, soprando sua concha e com luvas reverberando com os golpes da corda de seu arco, perfurar repetidas vezes o teu peito com suas flechas. E quando Bhima avançar em tua direção, maça na mão, e os dois filhos de Madri percorrerem todas as direções, vomitando o veneno de sua cólera, tu então sentirás dores de grande arrependimento que durarão para sempre. Como eu nunca fui falsa para meus maridos dignos nem mesmo em pensamento, assim por este mérito eu agora terei o prazer de te ver derrotado e arrastado pelos filhos de Pritha. Tu não podes, cruel como tu és, me assustar por me sequestrar com violência, pois logo que aqueles guerreiros Kuru me descobrirem eles me trarão de volta às florestas de Kamyaka.'"

Vaisampayana continuou, "Então aquela senhora de olhos grandes, vendo eles prontos para porem mãos violentas sobre ela, os repreendeu e disse, 'Não me sujem por seu toque!' E em um grande alarme ela então apelou para seu conselheiro espiritual, Dhaumya. Jayadratha, no entanto, agarrou-a por sua peça de roupa superior, mas ela o empurrou com grande energia. E empurrado pela senhora, aquele canalha pecaminoso caiu sobre o chão como uma árvore cortada de suas raízes. Agarrada, no entanto, mais uma vez por ele com grande violência, ela começou a arquejar para respirar. E arrastada pelo patife, Krishna finalmente subiu em sua carruagem tendo adorado os pés de Dhaumya. E Dhaumya então se dirigiu a Jayadratha e disse, 'Ó Jayadratha, siga o antigo costume dos Kshatriyas. Tu não podes raptá-la sem ter derrotado aqueles grandes guerreiros. Sem dúvida,

tu colherás os frutos dolorosos dessa tua ação desprezível, quando tu enfrentares os heróicos filhos de Pandu com Yudhishthira o justo em sua chefia!'"

Vaisampayana continuou, "Tendo dito estas palavras Dhaumya, entrando no meio da infantaria de Jayadratha, começou a seguir aquela princesa renomada que estava sendo levada embora pelo raptor."

267

Vaisampayana disse, "Enquanto isso aqueles principais dos arqueiros sobre a face da terra, tendo vagado separadamente e caminhado em todas as direções, e tendo matado muitos veados e búfalos, finalmente se reuniram. E observando aquela floresta imensa, a qual estava apinhada com hostes de veados e animais selvagens, ressoando com os gritos agudos de aves, e ouvindo os guinchos e gritos dos habitantes da selva, Yudhishthira disse para seus irmãos, 'Estas aves e animais selvagens, fugindo para aquela direção que está iluminada pelo sol, estão proferindo gritos dissonantes e revelando uma agitação intensa. Tudo isso somente mostra que esta floresta imensa foi invadida por intrusos hostis. Sem a demora de um momento que nós desistamos da caçada. Nós não temos mais necessidade de caça. Meu coração dói e parece queimar! A alma em meu corpo, dominando o intelecto, parece pronta para escapar. Como um lago libertado por Garuda da cobra poderosa que mora nele, como um cântaro drenado de seu conteúdo por homens com sede, como um reino privado de rei e prosperidade, assim mesmo a floresta de Kamyaka parece para mim.' Assim endereçados, aqueles guerreiros heróicos prosseguiram em direção à sua residência em grandes carros de belo feitio e puxados por corcéis da raça Saindharva extremamente rápidos e possuidores da velocidade do furacão. E em seu caminho de volta eles viram um chacal gritando horrivelmente na beira da estrada em direção à sua esquerda. E o rei Yudhishthira, considerando isto atentamente, disse para Bhima e Dhananjaya, 'Este chacal que pertence a uma espécie muito inferior de animais, falando à nossa esquerda, fala uma linguagem que indica claramente que os Kurus pecaminosos, nos desrespeitando, começaram a nos oprimir por recorrerem à violência.' Depois que os filhos de Pandu tinham desistido da caçada e dito estas palavras, eles entraram no bosque que continha seu eremitério. E lá eles encontraram a criada de sua amada, a menina Dhatreyika, chorando e soluçando. E Indrasena então descendo rapidamente da carruagem e avançando com passos apressados em direção a ela, questionou-a, ó rei, em grande angústia mental, dizendo, 'O que te faz chorar assim, jazendo no chão, e por que teu rosto está tão triste e sem cor? Eu espero que nenhum canalha cruel tenha feito algum mal para a princesa Draupadi possuidora de beleza incomparável e olhos grandes e que é o segundo eu de cada um daqueles touros da raça Kuru? Tão ansioso tem estado o filho de Dharma que se a princesa entrou nas entranhas da terra ou subiu para o céu ou mergulhou ao fundo do oceano, ele e seus irmãos irão para lá em busca dela. Quem seria aquele tolo que raptaria aquela jóia inestimável pertencente aos filhos poderosos e sempre vitoriosos de

Pandu, aqueles opressores de inimigos, e que é preciosa para eles como suas próprias vidas? Eu não sei quem poderia ser a pessoa que pensaria em levar embora aquela princesa que tem tais protetores poderosos e que é assim como uma encarnação ambulante dos corações dos filhos de Pandu. Perfurando peitos de quem flechas terríveis se crivarão no solo hoje? Não chore por ela, ó menina tímida, pois saiba que Krishna voltará hoje mesmo, e os filhos de Pritha, tendo matado seus inimigos, se unirão novamente com Yagnaseni!' Assim endereçada por ele, Dhatreyika, limpando seu rosto belo, respondeu para Indrasena o quadrigário, dizendo, 'Desrespeitando os cinco filhos semelhantes a Indra de Pandu, Jayadratha levou Krishna embora à força. O caminho seguido por ele ainda não desapareceu, pois os ramos quebrados das árvores ainda não murcharam. Portanto, voltem para seus carros e sigam-na rapidamente, pois a princesa não pode ter ido longe nesse meio tempo! Ó guerreiros possuidores da destreza de Indra, pegando seus arcos caros de belo feitio, e levando suas aljavas valiosas se apressem em perseguição a ela, a fim de que ela, dominada por ameaça ou violência e perdendo seus sentidos e a cor de suas bochechas, não se submeta a um indivíduo indigno, assim como alguém derrama, da concha sacrifical, a oblação santificada sobre uma pilha de cinzas. Ó, cuidem para que a manteiga clarificada não seja derramada em um fogo que não se inflama de resíduos de arroz; para que uma guirlanda de flores não seja jogada em um cemitério. Ó, cuidem para que o suco Soma de um sacrifício não seja lambido por um cachorro pelo descuido dos sacerdotes oficiantes! Ó, não deixem o lírio ser rudemente arrancado por um chacal vagando por sua presa na floresta impenetrável. Ó, não deixem algum indivíduo inferior tocar com seus lábios o rosto brilhante e belo de sua esposa, formoso como os raios da lua e adornado com o nariz mais belo e os olhos mais bonitos, como um cachorro lambendo manteiga clarificada mantida no recipiente sacrifical! Se apressem nesse caminho e não deixem o tempo ganhar vantagem sobre vocês.'

Yudhishthira disse, 'Recolha-te, boa mulher, e controle tua língua. Não fale dessa maneira perante nós. Reis ou príncipes, quem quer que esteja enfeitiçado pela posse de poder, sem dúvida fracassará!'"

Vaisampayana continuou, "Com estas palavras eles partiram, seguindo o caminho indicado para eles, e frequentemente dando suspiros profundos semelhantes ao silvo de cobras, e vibrando as cordas de seus arcos grandes. E então eles observaram uma nuvem de poeira erguida pelos cascos dos corcéis pertencentes ao exército de Jayadratha. E eles também viram Dhaumya no meio da infantaria do raptor, exortando Bhima a apressar seus passos. Então aqueles príncipes (os filhos de Pandu) com corações não abatidos, ordenaram-no criar ânimo e disseram para ele, 'Volte alegremente!' E então eles avançaram em direção àquela hoste com grande fúria, como falcões mergulhando sobre sua presa. E possuidores da destreza de Indra, eles estavam cheios de fúria pelo insulto feito à Draupadi. Mas à visão de Jayadratha e de sua esposa querida sentada em seu carro, sua fúria não conheceu limites. E aqueles arqueiros poderosos, Bhima e Dhananjaya e os gêmeos e o rei, gritaram para Jayadratha

parar, no que o inimigo ficou tão desnorteado quanto a perder seu conhecimento das direções."

268

Vaisampayana disse, "Os Kshatriyas hostis, excitados à visão de Bhimasena e Arjuna, deram um grito alto na floresta. E o rei pecaminoso Jayadratha, quando ele viu os estandartes daqueles touros da raça Kuru, perdeu seu ânimo, e se dirigindo à Yagnaseni resplandecente sentada em seu carro, disse, 'Aqueles cinco grandes guerreiros, ó Krishna, que estão vindo, eu acredito que são teus maridos. Como tu conheces bem os filhos de Pandu, ó senhora de tranças belas, descreva eles um a um para nós, indicando qual deles viaja em qual carro!' Assim endereçada, Draupadi respondeu, 'Tendo feito este ato violento planejado para encurtar tua vida, de que utilidade será para ti agora, ó tolo, saber os nomes daqueles grandes guerreiros, pois agora que meus maridos heróicos estão vindo, nenhum de vocês será deixado vivo em batalha. No entanto como tu estás às portas da morte e me perguntou, eu te direi tudo, isto sendo compatível com a ordenança. Contemplando o rei Yudhishthira o justo com seus irmãos mais novos, eu não tenho a menor ansiedade ou medo de ti! Aquele guerreiro no topo de cujo mastro de bandeira dois tambores belos e sonoros chamados Nanda e Upananda são tocados constantemente, ele, ó chefe Sauvira, tem um conhecimento correto da moralidade de suas próprias ações. Homens que obtiveram êxito sempre andam em sua comitiva. Com uma cor semelhante àquela do ouro puro, possuidor de um nariz proeminente e olhos grandes, e dotado de um feitio delgado, aquele meu marido é conhecido entre as pessoas pelo nome de Yudhishthira, o filho de Dharma e o principal da linhagem Kuru. Aquele príncipe virtuoso de homens concede vida até para um inimigo que se rende. Portanto, ó tolo, jogando ao chão tuas armas e unindo tuas mãos, corra até ele para o teu bem, para procurar sua proteção. E aquele outro homem a quem tu vês com braços longos e alto como a árvore Sala crescida, sentado em sua carruagem, mordendo seus lábios, e contraindo sua testa a ponto de unir as duas sobrancelhas, é ele, meu marido Vrikodara! Corcéis da raça mais nobre, rechonchudos e fortes, bem treinados e dotados de grande força puxam o carro daquele guerreiro! Suas realizações são sobre-humanas. Ele é conhecido, portanto, pelo nome de Bhima sobre a terra. Aqueles que o ofendem nunca tem permissão de viver. Ele nunca esquece um inimigo. Sob algum pretexto ou outro ele efetua sua vingança. Nem ele é pacificado mesmo depois que ele efetuou um sinal de vingança. E lá, aquele principal dos arqueiros dotado de inteligência e renome, com sentidos sob completo controle e reverência pelos idosos, aquele irmão e discípulo de Yudhishthira, é meu marido Dhananjaya! Ele nunca abandona a Virtude por luxúria ou medo ou raiva! Nem ele alguma vez comete algum ato que é cruel. Dotado da energia do fogo e capaz de resistir a todo inimigo, aquele opressor de inimigos é o filho de Kunti. E aquele outro jovem, versado em todas as questões de moralidade e lucro, que sempre dissipa os medos dos atemorizados, que é dotado de grande sabedoria, que é considerado como a pessoa mais bonita no mundo inteiro e que é protegido por todos os filhos de Pandu, sendo considerado por eles como mais

precioso do que suas próprias vidas por sua devoção inabalável por eles, é meu marido Nakula possuidor de grande destreza. Dotado de grande sabedoria e tendo Sahadeva como seu auxiliar, possuidor de excelente leveza de mão, ele luta com a espada, fazendo passes hábeis com ela. Tu, homem tolo, testemunharás hoje suas performances no campo de batalha, semelhantes àquelas do próprio Indra em meio às tropas de Daityas! E aquele herói habilidoso com armas e possuidor de inteligência e sabedoria, e concentrado em fazer o que é agradável para o filho de Dharma, aquele favorito e mais novo dos Pandavas, é meu marido Sahadeva! Heróico, inteligente, sábio e sempre colérico, não há outro homem que seja igual a ele em inteligência ou em eloquência em meio a assembléias de sábios. Mais precioso para Kunti do que sua própria alma, ele é sempre consciente dos deveres dos Kshatriyas, e preferiria se precipitar no fogo ou sacrificar sua própria vida do que dizer alguma coisa que fosse contrária à religião e moralidade. Quando os filhos de Pandu tiverem matado os teus guerreiros em combate, então tu contemplarás teu exército na situação miserável de um navio no mar destruído com sua carga de jóias nas costas de uma baleia. Assim eu descrevi para ti a destreza dos filhos de Pandu, desconsiderando a quem em tua tolice tu agiste dessa maneira. Se tu escapares ileso deles, então, de fato tu terás obtido uma nova vida.'"

Vaisampayana continuou, "Então aqueles cinco filhos de Pritha, cada um semelhante ao próprio Indra, cheios de cólera, deixando em paz a infantaria tomada de pânico que estava lhes implorando por piedade, avançaram com fúria sobre os quadrigários, atacando-os por todos os lados e escurecendo o próprio ar com a densa chuva de setas que eles dispararam."

269

Vaisampayana disse, "Enquanto isso, o rei de Sindhu estava dando ordens para aqueles príncipes, dizendo, 'Parem, lancem, marchem, rápido', e semelhantes. E ao verem Bhima, Arjuna e os irmãos gêmeos com Yudhishthira, os soldados deram um grito alto no campo de batalha. E os guerreiros das tribos Sivi, Sauvira e Sindhu, à visão daqueles heróis poderosos parecidos com tigres ferozes, perderam o ânimo. E Bhimasena, armado com uma maça totalmente de ferro Saikya e ornada com relevos de ouro, avançou em direção ao monarca Saindhava fadado à morte. Mas Kotikakhya, cercando Vrikodara rapidamente com um agrupamento de quadrigários poderosos, se interpôs no meio e separou os combatentes. E Bhima, embora atacado com inúmeras lanças e clavas e setas de ferro arremessadas nele pelos braços fortes de heróis hostis, não vacilou nem por um momento. Por outro lado, ele matou, com sua maça, um elefante com seu guia e catorze soldados de infantaria lutando na frente do carro de Jayadratha. E Arjuna também, desejoso de capturar o rei Sauvira, matou quinhentos montanheses corajosos lutando na vanguarda do exército Sindhu. E naquele confronto, o próprio rei matou em um piscar de olhos cem dos melhores guerreiros dos Sauviras. E Nakula também, espada na mão, saltando de sua carruagem,

espalhou em um momento, como um semeador semeando sementes, as cabeças dos combatentes lutando na retaguarda. E Sahadeva de sua carruagem começou a derrubar com suas flechas de ferro muitos guerreiros lutando sobre elefantes, como aves caídas dos galhos de uma árvore. Então o rei dos Trigartas, arco na mão, descendo da sua grande carruagem, matou os quatro corcéis do rei com sua maça. Mas o filho de Kunti, o rei Yudhishthira o justo, vendo o inimigo se aproximar tão perto, e lutando a pé, perfurou seu peito com uma flecha de forma de meia-lua. E aquele herói, assim ferido no peito, começou a vomitar sangue e caiu sobre a terra perto do filho de Pritha, como uma árvore arrancada. E o rei Yudhishthira o justo, cujos corcéis tinham sido mortos, aproveitando aquela oportunidade, desceu com Indrasena de sua carruagem e subiu naquela de Sahadeva. E os dois guerreiros, Kshemankara e Mahamuksha, escolhendo Nakula, começaram a despejar sobre ele de ambos os lados uma perfeita chuva de setas de gume afiado. O filho de Madri, no entanto, conseguiu matar, com um par de flechas compridas, ambos aqueles guerreiros que vinham despejando sobre ele uma chuva de flechas como nuvens na estação chuvosa. Suratha, o rei de Trigartas, bem versado em direção de elefantes, se aproximando da frente da carruagem de Nakula a fez ser arrastada pelo elefante que ele montava. Mas Nakula, pouco intimidado por isto, pulou de sua carruagem, e assegurando um ponto de vantagem permaneceu com escudo e espada na mão, imóvel como uma colina. Nisso Suratha, desejando matar Nakula imediatamente, incitou em direção a ele seu elefante enorme e enfurecido com tromba erguida. Mas quando a besta se aproximou, Nakula com sua espada cortou de sua cabeça ambos: tromba e presas. E aquele elefante vestido em armadura, proferindo um rugido terrível, caiu de cabeça sobre o solo, esmagando seus passageiros pela queda. E tendo realizado esta façanha audaz, o heróico filho de Madri, subindo no carro de Bhimasena, obteve um breve descanso. E Bhima também, vendo o príncipe Kotikakhya avançar para o confronto, cortou a cabeça de seu quadrigário com uma flecha de ferradura. Aquele príncipe nem percebeu que seu motorista tinha sido morto por seu adversário de braços fortes, e seus cavalos, não mais controlados por um condutor, correram para todos os lados no campo de batalha em todas as direções. E vendo aquele príncipe sem um condutor virar suas costas, aquele principal dos batedores, Bhima o filho de Pandu, foi até ele e matou-o com um dardo farpado. E Dhananjaya também cortou com suas flechas afiadas em forma de meia-lua, as cabeças, assim como os arcos de todos os doze heróis Sauvira. E o grande guerreiro matou em batalha, com as flechas, os líderes dos Ikshwakus e hoste de Sivis e Trigartas e Saindhavas. E muitíssimos elefantes com seus emblemas, e carruagens com estandartes, eram vistos caírem pela mão de Arjuna. E cabeças sem troncos, e troncos sem cabeças, jaziam cobrindo todo o campo de batalha. E cachorros, e garças e corvos, e gralhas, e falcões, e chacais e urubus se banquetearam na carne e sangue de guerreiros mortos naquele campo. E quando Jayadratha o rei de Sindhu viu que seus guerreiros estavam mortos, ele ficou apavorado e ansioso para fugir deixando Krishna para atrás. E naquela confusão geral, o canalha, descendo Draupadi lá, fugiu por sua vida, seguindo o mesmo caminho da floresta pelo qual ele tinha vindo. E o rei Yudhishthira o justo, vendo Draupadi com Dhaumya andando à frente, a fez ser colocada sobre uma carruagem pelo heróico Sahadeva, o filho de Madri. E quando

Jayadratha tinha fugido Bhima começou a matar em grande quantidade com suas flechas de ferro aqueles de seus seguidores que estavam fugindo, abatendo cada soldado de cavalaria depois de nomeá-lo. Mas Arjuna, percebendo que Jayadratha tinha fugido, exortou seu irmão a se abster de massacrar o restante da hoste Saindhava. E Arjuna disse, 'Eu não encontro no campo de batalha Jayadratha por cujo erro somente nós temos experimentado este infortúnio amargo! Procure-o primeiro e que o êxito coroe teu esforço! Qual é o benefício de massacrar estes soldados de cavalaria? Por que tu estás empenhado nessa atividade não proveitosa?'

Vaisampayana continuou, "Bhimasena, assim exortado por Arjuna de grande sabedoria, virando-se para Yudhishthira, respondeu, dizendo, ‘Como muitos dos guerreiros do inimigo foram mortos e como eles estão fugindo em todas as direções, ó rei, agora volte para casa, levando contigo Draupadi e os irmãos gêmeos e Dhaumya de grande alma, e console a princesa depois de voltar para nosso retiro! Aquele tolo rei de Sindhu eu não deixarei em paz enquanto ele viver, mesmo que ele ache um abrigo nas regiões internas ou seja apoiado pelo próprio Indra!’ E Yudhishthira respondeu, dizendo, 'Ó tu de braços poderosos, lembrando-te de (nossa irmã) Dussala e da célebre Gandhari, tu não deves matar o rei de Sindhu ainda que ele seja tão perverso!'

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras, Draupadi ficou imensamente agitada. E aquela senhora muito inteligente em sua agitação disse para seus dois maridos Bhima e Arjuna, com indignação misturada com modéstia, 'Se vocês se importam em fazer o que é agradável para mim vocês devem matar aquele canalha vil e desprezível, aquele pecaminoso, tolo, infame e desprezível chefe do clã Saindhava! Aquele inimigo que leva embora à força uma esposa, e aquele que rouba um reino, nunca deve ser perdoado no campo de batalha, mesmo que ele suplique por piedade!' Assim admoestados, aqueles dois guerreiros corajosos partiram à procura do chefe Saindhava. E o rei levando Krishna com ele voltou para casa, acompanhado por seu conselheiro espiritual. E ao entrar no eremitério, ele descobriu que ele estava coberto com assentos para os ascetas e apinhado com seus discípulos e honrado com a presença de Markandeya e outros Brahmanas. E enquanto aqueles Brahmanas estavam lamentando gravemente a sina de Draupadi, Yudhishthira dotado de grande sabedoria se juntou à sua companhia, com seus irmãos. E vendo o rei retornar dessa maneira depois de ter derrotado as hostes Saindhava e Sauvira e recuperado Draupadi, eles todos se rejubilaram com alegria! E o rei tomou seu assento em seu meio. E a excelente princesa Krishna entrou no eremitério com os dois irmãos.”

"Enquanto isso, Bhima e Arjuna, sabendo que o inimigo estava duas milhas completas à frente deles, incitaram seus cavalos à grande velocidade em perseguição a ele. E o poderoso Arjuna realizou um ato estupendo, matando o cavalo de Jayadratha embora eles estivessem duas milhas inteiras à frente deles. Armado com armas celestes e não intimidado por dificuldades ele realizou esta façanha difícil com setas inspiradas com Mantras. E então os dois guerreiros, Bhima e Arjuna, avançaram em direção ao rei apavorado de Sindhu cujos cavalos

tinham sido mortos e que estava sozinho e desorientado em mente. E o último estava imensamente aflito ao ver seus corcéis mortos. E vendo Dhananjaya fazer tal ato arrojado, e atento em fugir, ele seguiu o mesmo caminho florestal pelo qual ele tinha vindo. E Falguna, vendo o chefe Saindhava tão ativo em seu pavor, alcançou-o e dirigiu-se a ele dizendo, 'Possuidor de tão pouca virilidade, como tu podes ousar tomar uma senhora pela força? Volte, ó príncipe; não é adequado que tu fujas! Como tu podes agir assim, deixando teus seguidores no meio dos teus inimigos?' Embora endereçado pelos filhos de Pritha dessa maneira, o monarca de Sindhu nem uma vez se voltou. E então declarando o que ele escolheu o poderoso Bhima alcançou-o em um instante, mas o gentil Arjuna rogou-o para não matar aquele canalha."

270

Vaisampayana disse, "Jayadratha, fugindo pela vida ao ver aqueles dois irmãos com armas erguidas, estava extremamente aflito e correu com velocidade e frieza. Mas o poderoso e indignado Bhimasena, descendo de sua carruagem, correu atrás dele que fugia desse modo, e agarrou-o pelo cabelo de sua cabeça. E segurando-o alto no ar, Bhima jogou-o no chão com violência. E agarrando o príncipe pela cabeça, ele bateu nele. E quando o canalha recuperou a consciência, ele gemeu alto e quis se levantar. Mas aquele herói dotado de braços fortes chutou-o na cabeça. E Bhima pressionou-o no peito com seus joelhos assim como com seus punhos. E o príncipe assim espancado logo ficou inconsciente. Então Falguna dissuadiu o colérico Bhimasena de infligir mais castigo ao príncipe, por lembrá-lo do que Yudhishthira tinha dito com relação à (sua irmã) Dussala. Mas Bhima respondeu, dizendo, 'Este canalha pecaminoso fez uma injúria cruel para Krishna, que nunca pode tolerar tal tratamento. Ele, portanto, merece morrer por meio de mãos! Mas o que eu posso fazer? O rei está sempre transbordando de piedade, e tu, também, estás constantemente pondo obstáculos em meu caminho por um sentido infantil de virtude!' Dizendo estas palavras, Vrikodara, com sua seta de forma de meia-lua, raspou o cabelo da cabeça do príncipe, levantando cinco tufos em cinco lugares. Jayadratha não proferiu uma palavra nisto. Então Vrikodara, se dirigindo ao inimigo disse, 'Se tu desejas viver, escute-me, ó tolo! Eu te direi os meios para realizar teu desejo! Em assembléias públicas e em cortes abertas tu deves dizer, ‘Eu sou o escravo dos Pandavas.’ Só sob esta condição eu te perdoarei tua vida! Esta é a regra costumeira de conquista no campo de batalha.' Assim endereçado e tratado, o rei Jayadratha disse ao guerreiro poderoso e feroz que sempre parecia terrível, 'Assim seja.' E ele estava tremendo e insensível e sujo de poeira. Então Arjuna e Vrikodara, prendendo-o com correntes, empurraram-no para uma carruagem. E Bhima, ele mesmo subindo naquela carruagem, e acompanhado por Arjuna, dirigiu em direção ao eremitério. E se aproximando de Yudhishthira sentado lá, ele colocou Jayadratha naquela condição perante o rei. E o rei, sorrindo, lhe disse para pôr o príncipe Sindhu em liberdade. Então Bhima disse para o rei, 'Diga para Draupadi que este canalha se tornou o escravo dos Pandavas.' Então seu irmão mais velho disse

para ele carinhosamente, 'Se tu tens algum respeito por nós, ponha este infeliz em liberdade!' E Draupadi também, lendo a mente do rei, disse, 'Perdoe-o! Ele se tornou um escravo do rei e tu também o desfiguraste por deixares cinco tufos de cabelo sobre sua cabeça.' Então aquele príncipe abatido, tendo obtido sua liberdade, se aproximou do rei Yudhishthira e se curvou a ele. E vendo aqueles Munis lá, ele saudou-os também. Então o rei Yudhishthira de bom coração, o filho de Dharma, contemplando Jayadratha naquela condição, quase escorado por Arjuna, disse para ele, 'Tu és um homem livre agora; eu te liberto! Agora vá embora e tenha cuidado para não fazer coisa semelhante outra vez; vergonha para ti! Tu pretendeste tomar uma senhora por violência, mesmo que tu sejas tão vil e impotente! Que outro patife além de ti pensaria em agir dessa maneira?" Então aquele rei principal da linhagem Bharata olhou com pena para aquele perpetrador de atos pecaminosos, e acreditando que ele tinha perdido a razão, disse, 'Que teu coração cresça em virtude! Nunca fixe teu coração novamente em atos imorais! Tu podes ir em paz agora com teus quadrigários, cavalaria e infantaria.' Assim endereçado por Yudhishthira, o príncipe, ó Bharata, foi dominado pela vergonha, e baixando sua cabeça ele silenciosamente e tristemente seguiu seu caminho para o local onde o Ganga desemboca nas planícies. E implorando a proteção do deus de três olhos, o consorte de Uma, ele fez penitência severa naquele local. E o deus de três olhos, satisfeito com suas austeridades se dignou a aceitar suas oferendas em pessoa. E ele também lhe concedeu uma bênção! Ouça, ó monarca, como o príncipe recebeu aquele benefício! Jayadratha, dirigindo-se àquele deus, pediu a bênção, 'Que eu seja capaz de derrotar em batalha todos os cinco filhos de Pandu em suas carruagens!' O deus, no entanto, lhe disse, ‘Isso não pode ser.’ E Maheswara disse, 'Ninguém pode matá-los ou vencê-los em batalha. Exceto Arjuna, no entanto, tu serás capaz somente de controlá-los (uma vez) no campo de batalha! O heróico Arjuna, com armas poderosas, é o deus encarnado chamado Nara. Ele praticou austeridades antigamente na floresta Vadari. O Deus Narayana é seu amigo. Portanto, ele é invencível pelos próprios deuses. Eu mesmo dei a ele a arma celeste chamada Pasupata. Dos regentes também de todos os dez pontos cardeais ele obteve o raio e outras armas poderosas. E o grande deus Vishnu que é o Espírito Infinito, o Senhor Preceptor de todos os deuses, é o Ser Supremo sem atributos, e a Alma do Universo, e existe permeando a criação inteira. No término de um ciclo de eras, assumindo a forma do fogo que a tudo consome, ele consumiu o Universo inteiro com montanhas e mares e ilhas e colinas e bosques e florestas. E depois da destruição do mundo Naga também nas regiões subterrâneas da mesma maneira, vastas massas de nuvens de muitas cores e de ribombar alto, com faixas de relâmpagos, se espalhando pelo firmamento inteiro, apareceram no alto. Então derramando água em torrentes espessas como eixos de carros, e enchendo o espaço em todos os lugares, elas extinguiram aquele fogo todo-devorador! Quando no fim de quatro mil Yugas a Terra dessa maneira ficou inundada com água, como um vasto oceano, e todas as criaturas móveis estavam silenciosas na morte, e o sol e a lua e os ventos estavam todos destruídos, e o Universo estava desprovido de planetas e estrelas, o Ser Supremo chamado Narayana, incognoscível pelos sentidos, adornado com mil cabeças e tantos olhos e pernas, ficou desejoso de descansar. E a serpente Sesha, parecendo terrível com seus mil

capelos, e brilhando com o esplendor de dez mil sóis, e branca como a flor Kunda ou a lua ou um colar de pérolas, ou o lótus branco, ou leite, ou as fibras de um caule de lótus, serviu como sua concha. E aquele Deus adorável e onipotente dormiu dessa maneira no leito do oceano, envolvendo todo o espaço com escuridão noturna. E quando sua faculdade criativa foi estimulada, ele despertou e encontrou o Universo despojado de tudo. Em relação a isso, o sloka seguinte é recitado a respeito do significado de Narayana. "Água foi criada pelo (Rishi) Nara, e ela formou seu corpo; portanto nós a ouvimos intitulada como Nara. E porque ela formou seu Ayana (lugar de descanso) portanto ele é conhecido como Narayana." Logo que aquele Ser eterno estava engajado em meditação para a re-criação do Universo, uma flor de lótus instantaneamente veio à existência de seu umbigo, e o Brahma de quatro faces saiu daquele lótus do umbigo. E então o Avô de todas as criaturas, sentando-se sobre aquela flor e descobrindo que o Universo inteiro era um espaço vazio, criou à sua própria semelhança, e da sua vontade os (nove) grandes Rishis, Marichi e outros. E estes por sua vez observando a mesma coisa completaram a criação, por criarem Yakshas, Rakshas, Pisachas, répteis, homens, e todas as criaturas móveis e imóveis. O Espírito Supremo tem três condições. Na forma de Brahma, ele é o Criador, e na forma de Vishnu ele é o Preservador, e em sua forma como Rudra, ele é o Destruidor do Universo! Ó rei de Sindhu, tu não ouviste das realizações extraordinárias de Vishnu, descritas para ti pelos Munis e os Brahmanas versados nos Vedas? Quando o mundo estava assim reduzido a um mar vasto de água, somente com os céus acima, o Senhor, como um pirilampo à noite durante a estação chuvosa, se movimentou para lá e para cá à procura de solo estável, com a intenção de restaurar sua criação, e ficou desejoso de erguer a Terra submersa em água. ‘Qual forma eu tomarei para resgatar a Terra desta inundação?’ Assim pensando e contemplando com discernimento divino, ele considerou a forma de um javali selvagem afeiçoado a se divertir em água. E assumindo a forma de um javali sacrifical brilhando com refulgência e animado com os Vedas e de dez Yojanas de comprimento, com presas pontudas e uma cor como nuvens escuras, e com um corpo enorme como uma montanha, e rugindo como uma conglomeração de nuvens, o Senhor mergulhou nas águas e levantou a Terra com uma de suas presas, e a repôs em sua própria esfera. Em outro tempo, o Senhor poderoso, assumindo uma forma esplêndida com um corpo metade leão, metade homem, e apertando suas mãos, dirigiu-se à corte do soberano dos Daityas. Aquele progenitor dos Daityas, o filho de Diti, que era o inimigo dos (deuses), contemplando a forma peculiar do Senhor, irrompeu em cólera e seus olhos ficaram inflamados com raiva. E Hiranya-Kasipu, o filho guerreiro de Diti e o inimigo dos deuses, adornado com guirlandas e parecendo com uma massa de nuvens escuras, pegando seu tridente na mão e rugindo como as nuvens, avançou naquele ser meio leão, meio homem. Então aquele rei poderoso das bestas selvagens, meio homem, meio leão, dando um salto no ar, imediatamente rasgou o Daitya em dois por meio das suas garras afiadas. E o Senhor adorável de olhos de lótus de grande refulgência, tendo assim matado o rei Daitya para o bem-estar de todas as criaturas, novamente tomou seu nascimento no útero de Aditi como filho de Kasyapa. E no término de mil anos ela deu à luz àquela concepção sobre-humana. E então nasceu aquele Ser, da cor de nuvens carregadas de chuva com olhos brilhantes e estatura anã. Ele tinha o

bastão do asceta e recipiente de água na mão, e era marcado com o emblema de um cacho de cabelo no peito. E aquele Ser adorável usava madeixas emaranhadas e o fio sacrifical, e ele era corpulento e belo e resplandecente com brilho. E aquele Ser, chegando no cercado sacrifical de Vali, rei dos Danavas, entrou na assembléia sacrifical com a ajuda de Vrihaspati. E vendo aquele Ser de corpo de anão, Vali estava bem satisfeito e disse para ele, 'Eu estou contente em te ver, ó Brahmana! Diga o que é que tu queres de mim!' Assim endereçado por Vali, o deus-anão respondeu com um sorriso, dizendo, 'Assim seja! Senhor dos Danavas, dê-me três passos de terra!' E Vali concordou em dar o que aquele Brahmana de poder infinito tinha pedido. E enquanto medindo com seus passos o espaço que ele solicitava, Hari assumiu uma forma maravilhosa e extraordinária. E somente com três passos ele cobriu imediatamente este mundo ilimitável. E então aquele Deus eterno, Vishnu, entregou-o para Indra. Esta história que acabou de ser narrada para ti é celebrada como a 'Encarnação do Anão'. E dele, todos os deuses tiveram seu ser, e por causa dele o mundo é citado como sendo Vaishnava, ou permeado por Vishnu. E para a destruição dos maus e a conservação da religião, Ele mesmo tomou seu nascimento entre os homens na linhagem dos Yadus. E o adorável Vishnu é chamado de Krishna. Estas, ó rei de Sindhu, são as realizações do Senhor a quem todos os mundos cultuam e a quem os eruditos descrevem como sem início e sem fim, não nascido e Divino! Eles o chamam de o inconquistável Krishna com a concha, o disco e a maça, e adornado com o emblema de um cacho de cabelo, Divino, vestido em mantos de seda de cor amarela, e o melhor daqueles versados na arte da guerra. Arjuna é protegido por Krishna, o possuidor desses atributos. Aquele Ser glorioso e de olhos de lótus de poder infinito, aquele matador de heróis hostis, viajando na mesma carruagem com o filho de Pritha, o protege! Ele é, portanto, invencível; os próprios deuses não podem resistir ao seu poder, ainda menos pode alguém com atributos humanos vencer o filho de Pritha em batalha! Portanto, ó rei, tu deves deixá-lo em paz! Tu, no entanto, serás capaz de vencer por um único dia somente o restante das forças de Yudhishthira junto com teus inimigos, os quatro filhos de Pandu!"

Vaisampayana continuou, "Tendo dito estas palavras àquele príncipe, o adorável Hara de três olhos, o destruidor de todos os pecados, o consorte de Uma, e senhor das bestas selvagens, o destruidor do sacrifício (de Daksha), o matador de Tripura e Ele que tinha arrancado os olhos de Bhaga, cercado por seus seguidores pigmeus e corcundas e terríveis tendo olhos pavorosos e orelhas e braços erguidos, desapareceu, ó tigre entre reis, daquele lugar com sua consorte Uma! E o perverso Jayadratha também voltou para casa, e os filhos de Pandu continuaram a morar na floresta de Kamyaka."

271

Janamejaya disse, "O que fizeram aqueles tigres entre homens, os Pandavas, depois que eles tinham sofrido tal tristeza por consequência do rapto de Draupadi?"

Vaisampayana disse, "Tendo derrotado Jayadratha e resgatado Krishna, o rei virtuoso Yudhishthira tomou seu assento ao lado daquele melhor dos Munis. E entre aqueles principais dos ascetas que estavam expressando seu pesar por Draupadi sofrer tal infortúnio, Yudhishthira, o filho de Pandu, se dirigiu a Markandeya, dizendo, 'Ó Senhor adorável, entre os deuses e os ascetas, tu és conhecido por ter o conhecimento mais completo do passado assim como do futuro. Uma dúvida existe na minha mente, a qual eu te pedirei para esclarecer! Esta senhora é a filha de Drupada; ela emanou do altar sacrifical e não foi gerada da carne; e ela é altamente abençoada e é também a nora do ilustre Pandu. Eu me inclino a pensar que o Tempo e o Destino humano que depende das nossas ações, e o Inevitável, são irresistíveis em relação às criaturas. (Se não fosse assim), como tal desgraça poderia afligir esta nossa esposa tão fiel e virtuosa, como uma acusação falsa de roubo contra um homem honesto? A filha de Drupada nunca cometeu alguma ação pecaminosa, nem fez alguma coisa que não fosse louvável, muito pelo contrário, ela tem praticado assiduamente as virtudes mais elevadas para com os Brahmanas. E ainda assim o rei tolo Jayadratha levou-a à força. Por causa deste ato de violência sobre ela, aquele patife pecaminoso teve seu cabelo raspado de sua cabeça e sofreu também, com todos seus aliados, derrota em combate. É verdade que nós a resgatamos depois de massacrar as tropas de Sindhu. Mas a ignomínia deste rapto de nossa esposa durante nossas horas de descuido nos maculou, de fato. Esta vida na selva é cheia de misérias. Nós subsistimos por meio da caça; e embora morando nas florestas, nós somos obrigados a matar os habitantes dela que vivem conosco! Este exílio também que nós sofremos é devido à ação de parentes enganadores! Há alguém que seja mais infeliz do que eu sou? Tu alguma vez viste ou ouviste sobre alguém assim antes?"

272

(História do Ramayana)

"Markandeya disse, 'Ó touro da raça Bharata, o próprio Rama sofreu miséria sem paralelo, pois Ravana de mente má, o rei dos Rakshasas, recorrendo ao engano e dominando o urubu Jatayu, levou embora à força sua esposa Sita do seu retiro nas florestas. De fato, Rama, com a ajuda de Sugriva, trouxe-a de volta, construindo uma ponte através do mar, e consumindo Lanka com suas flechas de gume afiado.'"

"Yudhishthira disse, 'Em que linhagem Rama nasceu e qual era a medida de seu poder e coragem? Filho de quem também era Ravana e por que foi que ele teve alguma dissensão com Rama? Cabe a ti, ó ilustre, me dizer tudo isto em detalhes; pois eu anseio ouvir a história das grandes realizações de Rama!'"

"Markandeya disse, 'Escute, ó príncipe da linhagem de Bharata, a esta história antiga exatamente como aconteceu! Eu te falarei tudo acerca da angústia sofrida por Rama junto com sua esposa. Havia um grande rei chamado Aja nascido da linhagem de Ikshwaku. Ele teve um filho chamado Dasaratha que era devotado ao estudo dos Vedas e era sempre puro. E Dasaratha teve quatro filhos

familiarizados com moralidade e lucro conhecidos pelos nomes, respectivamente, de Rama, Lakshmana, Satrughna, e o poderoso Bharata. E Rama teve como sua mãe Kausalya, e Bharata teve como sua mãe Kaikeyi, enquanto aqueles flagelos de seus inimigos Lakshmana e Satrughna eram os filhos de Sumitra. E Janaka era o rei de Videha, e Sita era sua filha. E o próprio Tashtri a criou, desejando fazer dela a esposa querida de Rama. Eu agora te contei a história do nascimento de ambos, de Rama e de Sita. E agora, ó rei, eu narrarei para ti o nascimento de Ravana. Aquele Senhor de todas as criaturas e o Criador do Universo, isto é, o próprio Prajapati auto-criado, aquele deus possuidor de grande mérito ascético, é o avô de Ravana. E Pulastya teve um filho poderoso chamado Vaisravana gerado de uma vaca. Mas seu filho, deixando seu pai, foi até seu avô. E, ó rei, zangado por isso seu pai então criou um segundo ser dele mesmo. E com metade do seu próprio eu aquele regenerado nasceu de Visrava para se vingar em Vaisravana. Mas o Avô, satisfeito com Vaisravana, lhe deu imortalidade, e soberania de toda a riqueza do Universo, a guarda de um dos pontos cardeais, a amizade de Isana, e um filho chamado Nalakuvera. E ele também lhe deu Lanka para sua capital, a qual era protegida por hostes de Rakshasas, e também uma carruagem chamada Pushpaka capaz de ir a todos os lugares segundo a vontade do passageiro. E a monarquia dos Yakshas e a soberania sobre os soberanos também eram dele.'"

273

Markandeya disse, "O Muni chamado Visrava, que foi gerado da metade da alma de Pulastya, em um acesso de cólera, começou a olhar Vaisravana com grande raiva. Mas, ó monarca, Kuvera, o rei dos Rakshasas, sabendo que seu pai estava zangado com ele, sempre procurava agradá-lo. E, ó melhor da linhagem de Bharata, aquele rei dos reis que vivia em Lanka, e carregado sobre os ombros de homens, enviou três mulheres Rakshasa para servirem seu pai. Seus nomes, ó rei, eram Pushpotkata, Raka e Malini. E elas eram habilidosas em cantar e dançar e eram sempre assíduas em suas atenções àquele Rishi de grande alma. E aquelas senhoras de cintura esbelta competiam umas com as outras, ó rei, para gratificar o Rishi. E aquele ser adorável e de grande alma estava satisfeito com elas e lhes concedeu bênçãos. E para todas elas ele deu filhos magníficos segundo seu desejo. Dois filhos, aqueles principais dos Rakshasas chamados Kumvakarna e Ravana de dez cabeças, ambos inigualáveis sobre a terra em coragem, nasceram para Pushpotkata. E Malini teve um filho chamado Vibhishana, e Raka teve filhos gêmeos chamados Khara e Surpanakha. E Vibhishana superava eles todos em beleza. E aquela pessoa excelente era muito virtuosa e realizava assiduamente todos os ritos religiosos. Mas aquele principal dos Rakshasas, com dez cabeças, era o mais velho deles todos. E ele era religioso, e enérgico e possuidor de grande força e destreza. E o Rakshasa Kumvakarna era o mais poderoso em batalha, pois ele era feroz e terrível e um mestre perfeito das artes de ilusão. E Khara era competente na arte de manejar arco e flecha, e hostil para os Brahmanas, subsistindo de carne como ele fazia. E o feroz Surpanakha era fonte constante de incômodo para os ascetas. E os

guerreiros, versados nos Vedas e diligentes em ritos cerimoniais, viviam todos com seu pai no Gandhamadana. E lá eles viram Vaisravana sentado com seu pai, possuidor de riquezas e conduzido nos ombros de homens. E tomados pelos ciúmes, eles resolveram realizar penitências. E com penitências ascéticas da espécie mais rigorosa eles gratificaram Brahma. E Ravana de dez cabeças, sustentando a vida por meio só do ar e cercado pelos cinco fogos sagrados e absorto em meditação, permaneceu em pé sobre uma perna por mil anos. E Kumvakarna com cabeça para baixo e com dieta controlada era constante em austeridades. E o sábio e magnânimo Vibhishana, fazendo jejuns e subsistindo somente de folhas secas e engajado em meditação, praticou austeridades severas por um longo período. E Khara e Surpanakha, com corações alegres, lhes protegiam e atendiam enquanto eles estavam realizando aquelas austeridades. E no fim de mil anos, aquele invencível de dez cabeças, cortando fora suas próprias cabeças, ofereceu-as como oferenda ao fogo sagrado. E por esta ação dele, o Senhor do Universo estava satisfeito com ele. E então Brahma, aparecendo pessoalmente para eles, lhes mandou desistirem daquelas austeridades e prometeu conceder bênçãos para cada um deles. E o adorável Brahma disse, ‘Eu estou satisfeito com vocês, meus filhos! Parem agora essas austeridades e peçam benefícios de mim! Quaisquer que possam ser seus desejos, eles, com a única exceção da imortalidade, serão realizados! Como tu ofereceste tuas cabeças ao fogo por grande ambição, elas adornarão novamente teu corpo como antes, de acordo com teu desejo. E o teu corpo não será desfigurado e tu serás capaz de assumir qualquer forma segundo teu desejo e te tornarás o conquistador de teus inimigos em batalha. Não há dúvida disto!' Então Ravana disse, 'Que eu nunca possa sofrer derrota nas mãos de Gandharvas, Celestiais, Kinnaras, Asuras, Yakshas, Rakshasas, Serpentes e todas as outras criaturas!' Brahma disse, 'Daqueles que tu mencionaste, tu nunca terás motivo para temer; à exceção de homens, (tu não terás razão para temer). Que o bem aconteça para ti! Assim isto foi ordenado por mim!'

"Markandeya disse, 'Assim endereçado, o (Ravana) de dez cabeças estava muito satisfeito, pois por sua compreensão pervertida o comedor de homens desprezava seres humanos. Então o Avô se dirigiu a Kumbhakarna como antes. Sua razão sendo nublada pela escuridão, ele pediu por sono de longa duração. Dizendo, 'Assim será,' Brahma então se dirigiu a Vibhishana, 'Ó meu filho, eu estou muito satisfeito contigo! Peça qualquer benefício que te agrade!' Nisso, Vibhishana respondeu, 'Mesmo em grande perigo, que eu nunca me desvie do caminho da virtude, e embora ignorante, que eu possa, ó senhor adorável, ser iluminado com a luz do conhecimento divino!' E Brahma respondeu, 'Ó flagelo de teus inimigos, como a tua alma não se inclina para a iniquidade embora tu tenhas nascido na raça Rakshasa, eu te concedo imortalidade!'"

“Markandeya continuou, ‘Tendo obtido este benefício, o Rakshasa de dez cabeças derrotou Kuvera em batalha e obteve dele a soberania de Lanka. Aquele Ser adorável, deixando Lanka e seguido por Gandharvas, Yakshas, Rakshas, e Kinnaras, foi viver no monte Gandhamadana. E Ravana tirou dele à força a carruagem celeste Pushpaka. E após isto Vaisravana a amaldiçoou, dizendo, ‘Esta

carruagem nunca te conduzirá; ela levará aquele que te matará em combate! E como tu insultaste a mim, teu irmão mais velho, tu morrerás logo!'"

"O pio Vibhishana, ó rei, trilhando o caminho seguido pelos virtuosos e possuidor de grande glória, seguiu Kuvera. Aquele adorável Senhor da riqueza, muito satisfeito com seus irmãos mais jovens, investiu-o com o comando das hostes Yaksha e Raksha. Por outro lado, os Rakshasas poderosos e comedores de homens e Pisachas, tendo se reunido, investiram Ravana de dez cabeças com sua soberania. E Ravana, capaz de assumir qualquer forma à vontade e terrível em destreza, e capaz também de percorrer o ar, atacou os deuses e os Daityas e tirou deles todas as suas posses de valor. E como ele tinha apavorado todas as criaturas, ele foi chamado de Ravana. E Ravana, capaz de reunir qualquer quantidade de poder, inspirou os próprios deuses com terror."

274

"Markandeya disse, 'Então os Brahmarshis, os Siddhas e os Devarshis, com Havyavaha como seu porta-voz procuraram a proteção de Brahma. E Agni disse, 'O filho poderoso de Visrava, aquele de dez cabeças não pode ser morto por causa da tua bênção! Dotado de grande poder ele oprime de todas as maneiras possíveis as criaturas da terra. Proteja-nos, portanto, ó adorável! Não há ninguém mais exceto tu para nos proteger!'"

"Brahma disse, 'Ó Agni, ele não pode ser conquistado em batalha nem pelos deuses nem pelos Asuras! Eu já ordenei aquilo que é necessário para esse propósito. De fato sua morte está próxima! Estimulado por mim, o Deus de quatro cabeças já se encarnou para aquele objetivo. O próprio Vishnu, aquele principal dos batedores, realizará este objetivo!'"

"Markandeya continuou, 'Então o Avô também pediu a Sakra, na presença deles, 'Tu, com todos os celestiais, nasça sobre a terra! E gerem em macacos e ursos filhos heróicos possuidores de grande força e capazes de assumir qualquer forma à vontade como aliados de Vishnu!' E nisto, os deuses, os Gandharvas e os Danavas rapidamente se reuniram para se aconselharem quanto a como eles deveriam nascer na terra de acordo com suas respectivas partes. E na presença deles o deus concessor de benefícios ordenou uma Gandharvi, de nome Dundubhi dizendo, 'Vá lá para realizar este objetivo.' E Dundubhi ouvindo estas palavras do Avô nasceu no mundo dos homens como a corcunda Manthara. E todos os celestiais principais, com Sakra e outros geraram prole nas esposas dos principais dos macacos e ursos. E aqueles filhos igualaram seus pais em força e fama. E eles eram capazes de rachar topos de montanha e suas armas eram pedras e árvores das espécies Sala e Tala. E seus corpos eram duros como diamante, e eles eram possuidores de força muito grande. E eles eram todos habilidosos em guerra e capazes de reunir qualquer quantidade de energia à vontade. E eles eram iguais a mil elefantes em poder, e eles pareciam com o vento em velocidade. E alguns deles viviam onde quer que eles desejassem, enquanto outros viviam em

florestas. E o adorável Criador do Universo, tendo ordenado tudo isso, instruiu Manthara quanto ao que ela teria que fazer. E Manthara rápida como pensamento compreendeu todas as palavras dele, e foi para lá e para cá sempre empenhada em fomentar disputas."

275

"Yudhishthira disse, 'Ó adorável, tu descreveste para mim em detalhes a história do nascimento de Rama e outros. Eu desejo saber o motivo de seu exílio. Ó Brahmana, conte por que os filhos de Dasaratha, os irmãos Rama e Lakshmana, foram para a floresta com a famosa princesa de Mithila.'"

"Markandeya disse, 'O rei pio Dasaratha, sempre atento aos idosos e assíduo em cerimônias religiosas, ficou imensamente satisfeito quando aqueles filhos nasceram. E seus filhos gradualmente cresceram em poder e eles se tornaram conhecedores dos Vedas junto com todos os seus mistérios, e da ciência de armas. E quando depois de terem praticado os votos Brahmacharyya os príncipes estavam casados, o rei Dasaratha ficou feliz e muito satisfeito. E o inteligente Rama, o mais velho deles todos, tornou-se o favorito de seu pai, e agradou muito o povo com seu comportamento encantador. E então, ó Bharata, o rei sábio, considerando ele mesmo velho em idade, se aconselhou com seus ministros virtuosos e conselheiros espirituais para instalar Rama como regente do reino. E todos aqueles grandes ministros estavam de acordo que aquele era o momento para fazer isso. E, ó filho da linhagem de Kuru, o rei Dasaratha estava muito contente em contemplar seu filho, aquele realçador do deleite Kausalya, possuidor de olhos que eram vermelhos, e braços que eram vigorosos. E seus passos eram como aqueles de um elefante selvagem. E ele tinha braços compridos e ombros altos e cabelo preto e encaracolado. E ele era corajoso, e brilhante com esplendor, e não inferior ao próprio Indra em batalha. E ele era bem versado em escritos sagrados e era igual a Vrihaspati em sabedoria. Um objeto de amor para todo o povo, ele era habilidoso em todas as ciências. E com sentidos sob controle completo, seus próprios inimigos ficavam satisfeitos em contemplá-lo. E ele era o terror dos maus e o protetor dos virtuosos. E possuidor de inteligência e incapaz de ser confundido, ele era vitorioso sobre todos e nunca derrotado por alguém. E, ó descendente dos Kurus, contemplando seu filho, aquele realçador da alegria dos Kausalyas, o rei Dasaratha ficou muito satisfeito. E refletindo sobre as virtudes de Rama, o rei forte e poderoso se dirigiu alegremente ao sacerdote da família, dizendo, 'Abençoado sejas tu, ó Brahmana! Esta noite a constelação Pushya produzirá uma conjunção muito auspiciosa. Portanto, que materiais sejam reunidos e que Rama também seja convidado. Esta constelação Pushya durará até amanhã. E Rama, portanto, dever ser investido por mim e meus ministros como príncipe-regente de todos os meus súditos!'"

"Enquanto isso Manthara (a criada de Kaikeyi), ouvindo estas palavras do rei, foi até sua patroa e falou para ela como era apropriado à ocasião. E ela disse, 'Tua grande má sorte, ó Kaikeyi, foi hoje proclamada pelo rei! Ó infeliz, tu podes

ser mordida por uma cobra feroz e enfurecida de veneno virulento! Kausalya, de fato, é afortunada, porque é o filho dela que será instalado no trono. Onde, de fato, está tua prosperidade, quando o teu filho não obtém o reino?'"

"Ouvindo estas palavras de sua criada, a bela Kaikeyi de cintura fina colocou todos os seus ornamentos e procurou seu marido em um lugar retirado. E com um ânimo alegre, e sorrindo agradavelmente, ela dirigiu estas palavras a ele com todos os agrados de amor, 'Ó rei, tu és sempre verdadeiro em tuas promessas. Tu me prometeste antes me conceder um objeto de meu desejo. Cumpra aquela promessa agora e salve a ti mesmo do pecado de uma promessa não cumprida!' O rei respondeu, dizendo, 'Eu te concederei um benefício. Peça o que quer que tu desejes! Que homem não merecedor de morte deve ser morto hoje e quem que merece a morte é para ser posto em liberdade? Para quem eu concederei riqueza hoje, ou de quem riqueza será confiscada? Qualquer riqueza que aja neste mundo, salvo a que pertence aos Brahmanas, é minha! Eu sou o rei dos reis neste mundo, e o protetor de todas as quatro classes! Diga-me rapidamente, ó senhora abençoada, qual é aquele objeto sobre o qual tu colocaste o teu coração!' Ouvindo estas palavras do rei, e atando-o firmemente à sua promessa, e consciente também de seu poder sobre ele, ela se dirigiu a ele nestas palavras, 'Eu desejo que Bharata seja o recebedor desta investidura que tu planejaste para Rama, e que Rama entre em exílio vivendo na floresta de Dandaka por catorze anos como um asceta com madeixas emaranhadas na cabeça e vestido em trapos e camurças!' Ouvindo estas palavras desagradáveis de significado cruel, o rei, ó chefe da raça Bharata, estava extremamente aflito e ficou completamente atônito! Mas o poderoso e virtuoso Rama, sabendo que seu pai tinha sido assim solicitado, entrou na floresta para que a veracidade do rei permanecesse inviolada. E, abençoado sejas tu, ele foi seguido pelo auspicioso Lakshmana, aquele principal dos arqueiros, e sua esposa Sita, a princesa de Videha e filha de Janaka. E depois que Rama tinha entrado na floresta, o rei Dasaratha partiu de seu corpo, de acordo com a lei eterna do tempo. E sabendo que Rama não estava perto e que o rei estava morto, a rainha Kaikeyi, fazendo Bharata ser levado diante dela, dirigiu-se a ele nessas palavras, 'Dasaratha foi para o céu e Rama e Lakshmana estão na floresta! Tome este reino que é tão extenso e cuja paz não há rival para perturbar.' Nisso o virtuoso Bharata respondeu para ela dizendo, 'Tu fizeste um ato perverso, tendo matado teu marido e exterminado esta família só por cobiça de riqueza! Amontoando infâmia sobre minha cabeça, ó mulher amaldiçoada de nossa família, tu, ó mãe, alcançaste teu objetivo!' E tendo dito estas palavras, o príncipe lamentou alto. E tendo provado sua inocência perante todos os súditos daquele reino ele partiu na esteira de Rama, desejando trazê-lo de volta. E colocando Kausalya e Sumitra e Kaikeyi nos veículos na vanguarda de seu séquito, ele procedeu com o coração pesado, em companhia com Satrughna. E ele estava acompanhado por Vasishtha e Vamadeva, e outros Brahmanas aos milhares e pelo povo das cidades e das províncias, desejando trazer Rama de volta. E ele viu Rama com Lakshmana, vivendo nas montanhas de Chitrakuta com arco na mão e enfeitado com os ornamentos de ascetas. Bharata, no entanto, foi dispensado por Rama, que estava determinado a agir segundo as palavras de seu pai. E retornando, Bharata governou em Nandigrama, mantendo perante ele as

sandálias de madeira de seu irmão. E Rama, temendo uma repetição de intrusão pelo povo de Ayodhya, entrou na grande floresta em direção ao retiro de Sarabhanga. E tendo prestado seus respeitos a Sarabhanga, ele entrou na floresta de Dandaka e fixou sua residência nas margens do belo rio Godavari. E enquanto vivia lá, Rama se envolveu em hostilidades com Khara, então residindo em Janasthana por causa de Surpanakha. E para a proteção dos ascetas o filho virtuoso da linhagem de Raghu matou catorze mil Rakshasas sobre a terra, e tendo matado aqueles Rakshasas poderosos, Khara e Dushana, o sábio descendente de Raghu tornou aquela floresta sagrada novamente livre de perigo.'"

"E depois que aqueles Rakshasas tinham sido mortos, Surpanakha, com nariz e lábios mutilados se dirigiu para Lanka, a residência de seu irmão (Ravana). E quando aquela mulher Rakshasa, insensível pela dor e com manchas de sangue seco sobre seu rosto, apareceu perante Ravana, ela caiu aos seus pés. E vendo ela assim horrivelmente mutilada, Ravana ficou irracional com cólera e rangendo seus dentes ergueu-se de repente de seu assento. E dispensando seus ministros, ele a questionou em particular, dizendo, 'Irmã abençoada, quem te fez isso, me desprezando e desrespeitando? Quem é ele que tendo pegado uma lança de ponta afiada esfregou seu corpo com ela? Quem é ele que dorme em felicidade e segurança, depois de colocar um fogo perto de sua cabeça? Quem é ele que pisou sobre uma cobra vingativa de veneno virulento? Quem de fato, é aquela pessoa que permanece com sua mão enfiada dentro da boca do leão de juba?' Então chamas de ira irromperam do corpo dele, como aquelas que são emitidas à noite dos buracos de uma árvore em chamas. Sua irmã então relatou para ele a coragem de Rama e a derrota dos Rakshasas com Khara e Dushana em sua chefia. Informado da morte de seus parentes, Ravana, impelido pelo Destino, se lembrou de Maricha para matar Rama. E resolvendo a respeito do rumo que ele deveria seguir e tendo tomado providências para o governo de sua capital, ele consolou sua irmã, e partiu em uma viagem aérea. E cruzando as montanhas Trikuta e Kala, ele contemplou o vasto receptáculo de águas profundas, a residência dos Makaras. Então cruzando o Oceano, Ravana de dez cabeças alcançou Gokarna, o recanto favorito do deus ilustre armado com o tridente. E lá Ravana encontrou com seu velho amigo Maricha que, por medo do próprio Rama, tinha adotado um modo ascético de vida.'"

276

"Markandeya disse, 'Vendo Ravana chegar, Maricha recebeu-o com uma saudação respeitosa, e lhe ofereceu frutas e raízes. E depois que Ravana tinha tomado seu assento, e descansado por um momento, Maricha habilidoso em discurso sentou-se junto de Ravana e se dirigiu a ele que era igualmente eloquente em palavras, dizendo, 'Tua tez assumiu uma cor antinatural; está tudo bem com teu reino, ó rei dos Rakshasas? O que te trouxe aqui? Os teus súditos continuam a te prestar a mesma obediência que eles costumavam te prestar antes? Que assunto te trouxe aqui? Saiba que isto já está cumprido, mesmo que

seja de realização muito difícil!' Ravana, cujo coração estava agitado com cólera e humilhação o informou resumidamente das ações de Rama e das medidas que eram para serem tomadas.' E ao ouvir sua história Maricha respondeu sumariamente para ele, dizendo, 'Tu não deves provocar Rama, pois eu conheço sua força! Existe alguma pessoa que seja capaz de resistir ao ímpeto de suas setas? Aquele homem notável foi a causa de eu assumir minha atual vida ascética. Que criatura de mente má te instigou a este rumo planejado para trazer ruína e destruição sobre ti?' A isto Ravana respondeu indignadamente, repreendendo-o dessa maneira, 'Se tu não obedeceres minhas ordens, tu sem dúvida morrerás nas minhas mãos.' Maricha então pensou consigo mesmo, 'Como a morte é inevitável, eu cumprirei as ordens dele; pois é melhor morrer nas mãos de alguém que é superior.' Então ele respondeu ao senhor dos Rakshasas dizendo, 'Eu certamente te darei qualquer ajudar que eu possa!' Então Ravana de dez cabeças disse para ele, 'Vá e atraia Sita, assumindo a forma de um veado com chifres dourados e pele dourada! Quando Sita te observar dessa maneira ela certamente enviará Rama para te caçar. E então Sita indubitavelmente ficará em meu poder, e eu a levarei embora à força. E então aquele perverso Rama certamente morrerá de dor pela perda de sua esposa. Ajude-me dessa maneira!'"

"Assim endereçado, Maricha realizou seus funerais (em antecipação) e com o coração triste seguiu Ravana que estava na frente dele. E tendo alcançado o eremitério de Rama de realizações difíceis ambos fizeram como arranjado antes. E Ravana apareceu na aparência de um asceta com cabeça raspada, adornado com um Kamandala e um bastão triplo. E Maricha apareceu na forma de um veado. E Maricha apareceu perante a princesa de Videha naquele aspecto. E impelida pelo Destino, ela mandou Rama atrás daquele veado. E Rama, com o objetivo de agradá-la, rapidamente pegou seu arco, e deixando Lakshmana atrás para protegê-la, partiu em perseguição àquele veado. E armado com seu arco e aljava e cimitarra, e seus dedos envolvidos em luvas de pele guana, Rama foi em busca daquele veado, do mesmo modo que Rudra seguindo o veado estelar antigamente. (Antigamente Prajapati, assumindo a forma de um veado, seguiu sua filha por luxúria, e Rudra, armado com um tridente, perseguiu Prajapati e cortou sua cabeça. Aquela cabeça de veado de Prajapati cortada do tronco se tornou a estrela, ou mais propriamente constelação chamada Mrigasiras.) E aquele Rakshasa atraiu Rama para uma grande distância por aparecer à frente dele em um momento e desaparecer de sua vista em outro. E quando Rama finalmente soube quem e o que aquele veado era, isto é, que ele era um Rakshasa, aquele descendente ilustre da raça de Raghu pegou uma seta infalível e matou aquele Rakshasa, no disfarce de um veado. E atingido pela seta de Rama, o Rakshasa, imitando a voz de Rama, gritou em grande angústia, chamando Sita e Lakshmana. E quando a princesa de Videha ouviu aquele grito de angústia, ela incitou Lakshmana a correr em direção ao quadrante de onde o grito vinha. Então Lakshmana disse a ela, “Senhora tímida, tu não tens razão para temer! Quem é tão poderoso a ponto de poder atingir Rama? Ó tu de doces sorrisos, em um momento tu verás teu marido Rama!’ Assim endereçada, a casta Sita, por causa daquela timidez que é natural para mulheres, ficou desconfiada até do puro Lakshmana, e começou a lamentar alto. E aquela senhora casta, devotada a seu

marido, reprovou Lakshmana severamente, dizendo, ‘O objetivo que tu, ó tolo, nutres no teu coração, nunca será realizado! Eu preferiria me matar com uma arma ou me jogar do topo de uma colina ou entrar em um fogo ardente do que viver com um canalha miserável como tu, abandonando meu marido Rama, como um tigre fêmea sob a proteção de um chacal!”

“Quando o afável Lakshmana, que gostava muito de seu irmão, ouviu estas palavras, ele fechou seus ouvidos (com suas mãos) e partiu no caminho que Rama tinha tomado. E Lakshmana saiu sem lançar um único olhar àquela senhora de lábios macios e vermelhos como a fruta Bimba. Enquanto isso, o Rakshasa Ravana, usando uma aparência distinta embora perverso no fundo, e semelhante a um fogo envolvido em uma pilha de cinzas, se mostrou lá. E ele apareceu lá no disfarce de um eremita, para tomar à força aquela dama de caráter irrepreensível. A filha virtuosa de Janaka, vendo ele chegar, recebeu-o com frutas e raízes e um assento. Desconsiderando estes e assumindo sua própria forma característica, aquele touro entre os Rakshasas começou a tranquilizar a princesa de Videha nestas palavras, 'Eu sou, ó Sita, o rei dos Rakshasas, conhecido pelo nome de Ravana! Minha cidade encantadora, conhecida pelo nome de Lanka, está no outro lado do grande oceano! Lá entre mulheres belas tu brilharás comigo! Ó senhora de lábios belos, abandonando o asceta Rama torne-te minha mulher!' A filha de Janaka de lábios belos, ouvindo estas e outras palavras semelhantes, fechou seus ouvidos e respondeu para ele, dizendo, 'Não fale assim! A abóbada do céu com todas as suas estrelas pode cair, a própria Terra pode ser quebrada em fragmentos, o próprio fogo pode mudar sua natureza por se tornar frio, ainda assim eu não posso abandonar o descendente de Raghu! Como pode um elefante fêmea, que tem vivido com o líder poderoso de uma manada com têmporas fendidas abandoná-lo e viver com um porco? Tendo uma vez experimentado o vinho doce preparado com mel ou flores, como pode uma mulher, eu imagino, apreciar o arrak ruim de arroz?' Tendo proferido aquelas palavras, ela entrou na cabana, seus lábios tremendo em cólera e seus braços se movendo para frente e para trás em emoção. Ravana, no entanto, seguiu-a até lá e interceptou seu progresso. E rudemente ralhada pelo Rakshasa, ela desmaiou. Mas Ravana agarrou-a pelos cabelos e ergueu-a no ar. Então um urubu enorme de nome Jatayu que vivia em um topo de montanha viu aquela dama desamparada assim chorando e rogando a Rama em grande angústia enquanto era raptada por Ravana."

277

"Markandeya disse, 'Aquele rei heróico dos urubus, Jatayu, tendo Sampati como seu irmão e o próprio Arjuna como seu pai, era um amigo de Dasaratha. E vendo sua nora Sita no colo de Ravana, aquele percorredor dos céus avançou em cólera contra o rei dos Rakshasas. E o urubu se dirigiu a Ravana, dizendo, 'Deixe a princesa de Mithila, deixe-a eu digo! Como tu podes, ó Rakshasa, arrebatá-la enquanto eu estou vivo? Se tu não libertares minha nora, tu não escaparás de mim com vida!' E tendo dito estas palavras Jatayu começou a ferir o rei dos

Rakshasas com suas garras. E ele o lacerou em uma centena de diferentes partes de seu corpo por atingi-lo com suas asas e bico. E sangue começou a fluir tão copiosamente do corpo de Ravana como água de uma fonte de montanha. E atacado dessa maneira por aquele urubu desejoso do bem de Rama, Ravana, pegando uma espada, cortou as duas asas daquela ave. E tendo matado aquele rei dos urubus, enorme como um topo de montanha passando acima das nuvens, o Rakshasa se ergueu nas alturas com Sita em seu colo. E a princesa de Videha, onde quer que ela visse um retiro de ascetas, um lago, um rio, ou um tanque, jogava para baixo um ornamento dela. E contemplando no topo de uma montanha cinco principais dos macacos, aquela senhora inteligente jogou entre eles um pedaço largo de seu traje caro. E aquele pedaço de tecido belo e amarelo caiu, esvoaçando pelo ar, entre aqueles cinco principais dos macacos como relâmpago das nuvens. E aquele Rakshasa logo percorreu um grande caminho pelo firmamento como uma ave pelo ar. E logo o Rakshasa viu sua cidade adorável e encantadora de muitos portões, cercada por todos os lados por muros altos e construída pelo próprio Viswakrit. E o rei dos Rakshasas então entrou em sua própria cidade conhecida pelo nome de Lanka, acompanhado por Sita.'"

"E enquanto Sita estava sendo raptada, o inteligente Rama, tendo matado o grande veado, retrocedeu seus passos e viu seu irmão Lakshmana (no caminho). E contemplando seu irmão, Rama o reprovou, dizendo, 'Como tu pudeste vir para cá, deixando a princesa de Videha em uma floresta que é frequentada pelos Rakshasas?' E refletindo sobre sua própria instigação para uma grande distância por aquele Rakshasa na aparência de um veado e sobre a chegada de seu irmão (deixando Sita sozinha no retiro), Rama estava cheio de agonia. E avançando rapidamente em direção a Lakshmana enquanto ainda o repreendia, Rama perguntou a ele, 'Ó Lakshmana, a princesa de Videha ainda está viva? Eu temo que ela não esteja mais!' Então Lakshmana lhe disse tudo acerca do que Sita tinha dito, especialmente aquela linguagem inapropriada dela subsequentemente. Com o coração ansioso Rama então correu em direção ao retiro. E no caminho ele viu um urubu enorme como uma montanha, jazendo em agonias de morte. E suspeitando que ele era um Rakshasa, o descendente da raça Kakutstha avançou em direção a ele junto com Lakshmana, esticando com grande força seu arco até um círculo. O urubu imenso, no entanto, se dirigindo a ambos, disse, 'Abençoado sejam vocês, eu sou o rei dos urubus, e amigo de Dasaratha!' Ouvindo essas palavras dele, ambos Rama e seu irmão puseram de lado seus arcos excelentes e disseram, 'Quem é este que fala o nome de nosso pai nessas matas?' E então eles viram que a criatura era uma ave desprovida das duas asas, e aquela ave então falou a eles da sua própria derrota nas mãos de Ravana por causa de Sita. Então Rama perguntou ao urubu a respeito do caminho que Ravana tinha tomado. O urubu lhe respondeu por um aceno de sua cabeça e então deu seu último suspiro. E compreendendo pelo sinal do urubu que Ravana tinha ido em direção ao sul, Rama, reverenciando o amigo de seu pai, fez seus ritos fúnebres serem devidamente realizados. Então aqueles castigadores de inimigos, Rama e Lakshmana, cheios de aflição pelo sequestro da princesa de Videha, tomaram um caminho para o sul através das florestas Dandaka contemplando ao longo de seu caminho muitos retiros inabitados de ascetas, cobertos com assentos de erva

Kusa e guarda-sóis de folhas e cântaros quebrados, e abundando com centenas de chacais. E naquela grande floresta, Rama junto com o filho de Sumatra contemplou muitos rebanhos de veados correndo em todas as direções. E eles ouviram um tumulto alto de várias criaturas, semelhante ao que é ouvido durante um incêndio da floresta que se espalha rápido. E logo eles contemplaram um Rakshasa sem cabeça de aparência terrível. E aquele Rakshasa era escuro como as nuvens e enorme como uma montanha, com ombros largos como aqueles de uma árvore Sala, e com braços que eram gigantescos. E ele tinha um par de olhos grandes em seu peito, e a abertura de sua boca estava colocada em sua barriga ampla. E aquele Rakshasa agarrou Lakshmana pela mão, sem qualquer dificuldade. E agarrado pelo Rakshasa, o filho de Sumitra, ó Bharata, ficou completamente desnorteado e impotente. E lançando seus olhares em Rama, aquele Rakshasa sem cabeça começou a puxar Lakshmana em direção à parte de seu corpo onde sua boca estava. E Lakshmana em aflição se dirigiu a Rama, dizendo, 'Veja minha situação! A perda do teu reino, e então a morte de nosso pai, e então o sequestro de Sita, e finalmente este desastre que me alcançou! Ai, eu não te verei retornar com a princesa de Videha para Kosala e sentar-te sobre teu trono ancestral como o soberano da Terra inteira! Somente aqueles que são afortunados verão o teu rosto, como a lua emergida das nuvens, depois do banho da tua coroação em água santificada com erva Kusa e arroz frito e ervilhas pretas!' E o inteligente Lakshmana proferiu estas e outras lamentações semelhantes. O descendente ilustre, no entanto, da linhagem de Kakutstha impávido em meio ao perigo respondeu para Lakshmana, dizendo, 'Ó tigre entre homens, não ceda à aflição! O que é esta coisa quando eu estou aqui? Corte o braço direito dele e eu cortarei o esquerdo.' E enquanto Rama ainda estava falando assim, o braço esquerdo do monstro foi cortado por ele com um cimitarra afiada, como se, de fato, aquele braço fosse um talo de grão Tila. O filho poderoso de Sumitra então vendo seu irmão permanecendo à sua frente cortou com sua espada o braço direito também daquele Rakshasa. E Lakshmana também começou a golpear repetidamente o Rakshasa sob as costelas, e então aquele monstro enorme sem cabeça caiu sobre o solo e expirou rapidamente. E então saiu do corpo do Rakshasa uma pessoa de aparência celeste. E ele se mostrou aos irmãos, permanecendo por um momento nos céus, como o Sol em seu resplendor no firmamento. E Rama hábil em discurso questionou-o, dizendo, 'Quem tu és? Responda a mim que te pergunto. Por que motivo tal coisa poderia acontecer? Tudo isto me parece ser extremamente admirável!' Assim endereçado por Rama, aquele ser respondeu para ele, dizendo, 'Eu sou, ó príncipe, um Gandharva de nome Viswavasu! Foi pela maldição de um Brahmana que eu tive que assumir a forma e natureza de um Rakshasa. Quanto a ti mesmo, ó Rama, Sita foi raptada com violência pelo rei Ravana que mora em Lanka. Vá até Sugriva que te dará sua amizade. Lá, bastante perto do topo de Rishyamuka se encontra o lago conhecido pelo nome de Pampa de água sagrada e garças. Lá mora, com quatro de seus conselheiros, Sugriva, o irmão do rei-macaco Vali enfeitado com uma guirlanda de ouro. Indo até ele, informe-o da causa da tua tristeza. Em situação muito semelhante à tua própria, ele de prestará ajuda. Isso é tudo o que nós podemos dizer. Tu verás, sem dúvida, a filha de Janaka! Sem dúvida Ravana e outros são conhecidos pelo rei dos macacos!' Tendo dito estas palavras, aquele

ser celestial de grande refulgência se fez invisível, e aqueles heróis, Rama e Lakshmana, ficaram muito admirados."

278

"Markandeya disse, 'Afligido pela dor por causa do sequestro de Sita, Rama não teve que ir muito mais adiante antes que ele alcançasse Pampa, aquele lago que abundava com lotos de várias espécies. E abanado pelas brisas frescas, deliciosas e fragrantes naquelas matas, Rama de repente se lembrou de sua cônjuge querida. E, ó monarca poderoso, pensando naquela sua esposa preciosa, e aflito ao pensamento de sua separação dela, Rama se entregou à lamentações. O filho de Sumitra então se dirigiu a ele dizendo, 'Ó tu que dás respeito apropriado para aqueles que o merecem, desânimo tal como este não deve ser permitido se aproximar de ti, como doença que nunca pode tocar um homem idoso levando uma vida normal! Tu obtiveste informações de Ravana e da princesa de Videha! Liberte-a agora com esforço e inteligência! Que nós agora nos aproximemos de Sugriva, aquele principal dos macacos, que está agora mesmo no topo da montanha! Conforte-te, porque eu, teu discípulo e escravo e aliado, estou próximo!' E endereçado por Lakshmana nestas e outras palavras do mesmo significado, Rama recuperou sua própria natureza e prestou atenção ao assunto diante dele. E se banhando nas águas de Pampa e oferecendo oblações com elas para seus antepassados, ambos aqueles irmãos heróicos, Rama e Lakshmana, partiram (para Rishyamuka). E chegando a Rishyamuka que abundava com frutas e raízes e árvores, aqueles heróis viram cinco macacos no topo do pico da montanha. E vendo eles se aproximarem Sugriva enviou seu conselheiro, o inteligente Hanuman, enorme como as montanhas Himavat, para recebê-los. E os irmãos, tendo primeiro trocado palavras com Hanuman, se aproximaram de Sugriva. E então, ó rei, Rama fez amizade com Sugriva. E quando Rama informou Sugriva do objetivo que ele tinha em vista, Sugriva mostrou a ele o pedaço de tecido que Sita tinha deixado cair entre os macacos, enquanto era raptada por Ravana. E tendo obtido dele aquelas credenciais, o próprio Rama instalou Sugriva, aquele principal dos macacos, na soberania de todos os macacos da Terra. E Rama também prometeu matar Vali em combate. E tendo chegado àquele acordo e colocando a mais completa confiança uns nos outros, eles todos se dirigiram para Kiskindhya, desejosos de lutar (com Vali). E chegando em Kiskindhya, Sugriva deu um rugido alto profundo como aquele de uma catarata. Incapaz de tolerar aquele desafio, Vali estava para sair mas (sua esposa) Tara ficou no caminho, dizendo, ‘Ele mesmo dotado de grande força, a maneira na qual Sugriva está rugindo mostra, eu penso, que ele encontrou ajuda! Não cabe a ti, portanto, sair!’ Assim endereçado por ela, aquele rei dos macacos, o eloquente Vali, enfeitado com uma guirlanda dourada respondeu para Tara de rosto belo como a lua, dizendo, 'Tu compreendes a voz de todas as criaturas. Diga-me depois de reflexão de quem é a ajuda que este meu irmão somente em nome obteve!' Assim endereçada por ele Tara dotada de sabedoria e possuidora da refulgência da lua respondeu para seu marido depois de um momento de reflexão,

dizendo, 'Ouça, ó monarca dos macacos! Aquele principal dos arqueiros, dotado de grande poder, Rama o filho de Dasaratha, cuja cônjuge foi raptada, fez uma aliança ofensiva e defensiva com Sugriva! E seu irmão, o inteligente Lakshmana, também de braços poderosos, o filho invicto de Sumitra, permanece junto a ele para o sucesso do objetivo de Sugriva. E Mainda e Dwivida, e Hanuman o filho de Pavana, e Jamvuman, o rei dos ursos, estão ao lado de Sugriva como seus conselheiros. Todos estes ilustres são dotados de grande força e inteligência. E estes todos, dependendo do poder e energia de Rama, estão preparados para a tua destruição!' Ouvindo estas palavras dela que eram para seu benefício, o rei dos macacos desconsiderou-as completamente. E cheio de ciúmes, ele também suspeitou que ela tinha fixado seu coração em Sugriva! E se dirigindo a Tara em palavras duras, ele saiu de sua caverna e chegando perante Sugriva, que estava permanecendo ao lado das montanhas de Malyavat, ele falou a ele dessa maneira, 'Frequentemente derrotado antes por mim, afeiçoado como tu és à vida, tu és permitido por mim escapar com vida devido ao teu parentesco comigo! O que te fez desejar a morte tão logo?' Assim endereçado por Vali, Sugriva, aquele matador de inimigos, como se dirigindo ao próprio Rama para informá-lo do que tinha acontecido, respondeu para seu irmão nestas palavras de significação solene, 'Ó rei, roubado por ti de minha esposa e meu reino também, que necessidade eu tenho da vida? Saiba que é por isso que eu vim!' Então se dirigindo um ao outro nestas e outras palavras de mesma significação, Vali e Sugriva se precipitaram para o confronto, lutando com árvores Sala e Tala e pedras. E eles derrubaram um ao outro no chão. E saltando alto no ar, eles golpearam um ao outro com seus punhos. E lacerados pelas unhas e dentes um do outro, ambos estavam cobertos com sangue. E os dois heróis brilhavam por causa disso como um par de Kinshukas florescentes. E enquanto eles lutavam entre si, nenhuma diferença (em aspecto) podia ser observada de maneira a distingui-los. Então Hanuman colocou no pescoço de Sugriva uma guirlanda de flores. E aquele herói então brilhou com aquela guirlanda em seu pescoço, como o belo e enorme topo de Malya com seu cinto de nuvens. E Rama, reconhecendo Sugriva por aquele sinal, então esticou seu principal dos arcos enormes, visando Vali como seu alvo. E o ressoar do arco de Rama parecia com o rugido de uma máquina. E Vali, perfurado no coração por aquela seta, tremeu em pavor. E Vali, seu coração tendo sido trespassado, começou a vomitar sangue. E ele então contemplou Rama permanecendo perante ele com o filho de Sumatra ao seu lado. E censurando aquele descendente da linhagem de Kakutstha, Vali caiu no chão e ficou insensível. E Tara então viu aquele seu marido possuidor da refulgência da Lua, jazendo prostrado na terra nua. E depois que Vali tinha sido assim morto, Sugriva recuperou a posse de Kishkindhya, e junto com esta, da viúva Tara também de rosto belo como a lua. E o inteligente Rama também morou sobre o leito belo da colina Malyavat por quatro meses, devidamente venerado por Sugriva todo o tempo.”

"Enquanto isso Ravana, excitado pela luxúria, tendo alcançado sua cidade de Lanka, colocou Sita em uma residência parecida com o próprio Nandana dentro de uma floresta de Asokas, que parecia com um retiro de ascetas. E Sita de olhos grandes passava seus dias lá em aflição, vivendo de frutas e raízes, praticando

austeridades ascéticas com jejuns, vestida em traje ascético, e definhando dia a dia pensando em seu marido ausente. E o rei dos Rakshasas designou muitas mulheres Rakshasa armadas com dardos farpados e espadas e lanças e machados de combate e maças e tições flamejantes, para guardá-la. E algumas dessas tinham dois olhos, e algumas três. E algumas tinham olhos em suas testas. E algumas tinham línguas compridas e algumas não tinham nenhuma. E algumas tinham três peitos e algumas tinham somente uma perna. E algumas tinham três tranças emaranhadas em suas cabeças, e algumas tinham somente um olho. E estas, e outras de olhos brilhantes e cabelo duro como o do camelo, permaneceram junto de Sita circundando-a dia e noite a muito atentamente. E aquelas mulheres Pisacha de voz horrível e aspecto terrível sempre se dirigiam àquela dama de olhos grandes nos tons mais cruéis. E elas diziam, 'Vamos comê-la, vamos mutilá-la, vamos rasgá-la em pedaços, ela que mora aqui desconsiderando nosso marido!' E cheia de dor pela separação de seu marido, Sita deu um suspiro profundo e respondeu àquelas mulheres Rakshasa, dizendo, 'Senhoras veneráveis, me comam sem demora! Eu não desejo viver sem aquele meu marido, de olhos como folhas de lótus e madeixas onduladas, e azul em cor! Realmente, sem comida e sem o menor amor pela vida eu emaciarei meus membros, como uma cobra fêmea (hibernando) dentro uma árvore Tala. Saibam com certeza que eu nunca procurarei a proteção de qualquer outra pessoa além do descendente de Raghu. E sabendo disso, façam o que vocês acharem conveniente!' E ouvindo essas palavras dela, aquelas Rakshasas com vozes dissonantes foram ao rei dos Rakshasas, para relatar para ele tudo o que ela tinha dito. E quando aquelas Rakshasas tinham ido (falar com o rei), uma de seu grupo conhecida pelo nome de Trijata, que era virtuosa e agradável em palavras, começou a consolar a princesa de Videha. E ela disse, 'Escute, ó Sita! Eu te direi uma coisa! Ó amiga, acredite no que eu digo! Ó tu de quadris formosos, abandone teus temores, e escute o que eu digo. Há um inteligente e idoso chefe dos Rakshasas conhecido pelo nome de Avindhya. Ele sempre procura o bem de Rama e me disse estas palavras por tua causa! 'Tranquilizando e animando a ela, fale a Sita em meu nome, dizendo: 'Teu marido, o poderoso Rama, está bem e é servido por Lakshmana. E o abençoado descendente de Raghu já fez amizade com Sugriva, o rei dos macacos, e está preparado para agir por ti! E, ó senhora tímida, não nutra medo por causa de Ravana, que é criticado pelo mundo inteiro, pois, ó filha, tu estás a salvo dele por causa da maldição de Nalakuvera. De fato, este canalha foi amaldiçoado antes por ele ter violado sua nora, Rambha. Aquele lascivo desgraçado não é capaz de violar alguma mulher pela força. Teu marido logo chegará, protegido por Sugriva e com o filho inteligente de Sumitra em seu séquito, e logo te tirará daqui! Ó senhora, eu tive um sonho muito terrível de mau presságio, indicando a destruição deste canalha de mente perversa da raça de Pulastya! Este viajante da noite de atos vis é, de fato, muito mau e cruel. Ele inspira terror em todos pelos defeitos de sua natureza e pela pecaminosidade de seu comportamento. E privado de sua razão pelo Destino, ele desafia os próprios deuses. Na minha visão eu vi todas as indicações de sua queda. Eu tenho visto ele de dez cabeças com sua cabeça raspada e com seu corpo lambuzado com óleo, afundado em lama, e no momento seguinte dançando sobre uma carruagem puxada por mulas. Eu tenho visto Kumbhakarna e outros, completamente nus e

com cabeças raspadas, enfeitados com guirlandas e unguentos vermelhos, e correndo em direção ao sul. Só Vibhishana, com guarda-sol sobre sua cabeça, e ornado com um turbante, e com corpo enfeitado com guirlandas e unguentos brancos, eu vi subindo o topo da colina Branca. E eu vi quatro de seus conselheiros também, enfeitados com guirlandas e unguentos brancos, subindo o topo daquela colina junto com ele. Tudo isto pressagia que somente estes serão salvos do terror iminente. A terra inteira com seus oceanos e mares será envolvida pelas flechas de Rama. Ó senhora, teu marido encherá a terra inteira com sua fama. Eu também vi Lakshmana, consumindo todas as direções (com suas flechas) e subindo em uma pilha de ossos e bebendo sobre isso mel e arroz fervido em leite. E tu, ó senhora, foste vista por mim correndo em direção ao norte, chorando e coberta com sangue e protegida por um tigre! E, ó princesa de Videha, logo tu encontrarás felicidade, sendo reunida, ó Sita, com teu marido, aquele descendente de Raghu acompanhado por seu irmão!' Ouvindo estas palavras de Trijata, aquela moça com olhos semelhantes àqueles de uma gazela jovem começou novamente a nutrir esperanças de uma união com seu marido. E quando finalmente aquelas guardas Pisacha ferozes e cruéis voltaram, elas a viram sentada com Trijata como antes."

279

"Markandeya disse, 'E enquanto a casta Sita estava morando lá afligida pela melancolia e dor por causa de seu marido, vestida em traje pobre, com somente uma única jóia (no fio matrimonial em seu pulso), e chorando incessantemente, sentada em uma pedra, e servida por mulheres Rakshasa, Ravana, afligido pelas flechas do deus do desejo, foi até ela e se aproximou de sua presença. E inflamado pelo desejo, aquele conquistador em batalha dos deuses, dos Danavas, dos Gandharvas, dos Yakshas, e dos Kimpurushas, vestido em mantos celestes e possuindo feições bonitas, enfeitado com brincos adornados com pedras preciosas e usando uma guirlanda e coroa belas, entrou nos bosques Asoka, como uma encarnação da estação vernal. E vestido com cuidado, Ravana parecia com a árvore Kalpa no jardim de Indra. Mas embora enfeitado com todos os adornos, isto inspirou-a somente com pavor, como uma figueira de bengala embelezada no meio de um cemitério. E aquele vagueador da noite, tendo se aproximado da presença daquela dama de cintura fina, parecia com o planeta Saturno na presença de Rohini. E atingido pelas flechas do deus do emblema florido ele abordou aquela dama de quadris formosos então assustada como uma corça desamparada, e disse a ela estas palavras, 'Tu, ó Sita, tens mostrado demais teu respeito pelo teu marido! Ó tu de membros delicados, seja piedosa para mim. Deixe o teu corpo ser embelezado agora (por estas criadas em serviço). Ó dama excelente, aceite-te como teu marido! E, ó tu da cor mais bela, vestida em mantos e ornamentos caros, tome o primeiro lugar entre todas as mulheres da minha família. Muitas são as filhas dos celestiais e também dos Gandharvas que eu possuo! Eu sou marido também de muitas damas Danava e Daitya! Cento e quarenta milhões de Pisachas, duas vezes mais Rakshasas comedores de

homens de atos terríveis, e três vezes mais tantos Yakshas cumprem minhas ordens! Alguns destes estão sob o domínio de meu irmão que é o senhor de todos os tesouros. Em meu salão para beber, ó dama excelente de coxas belas, Gandharvas e Apsaras me servem como eles fazem com meu irmão! Eu sou, além disso, o filho daquele Rishi regenerado, o próprio Visravas de mérito ascético elevado. Eu sou renomado, também, como o quinto Regente do Universo! E, ó senhora bela, de comida e víveres e bebidas do melhor tipo, eu tenho tanto quanto o próprio Senhor dos celestiais! Que todos os teus incômodos consequentes de uma vida nas florestas cessem! Ó tu de quadris formosos, seja minha Rainha, como a própria Mandodari!' Assim endereçada por ele, a bela princesa de Videha, virando-se e considerando-o como alguma coisa inferior a uma palha, respondeu para aquele vagueador da noite. E naquele momento a princesa de Videha, aquela moça de quadris belos, tinha seu peito profundo e compacto copiosamente encharcado por suas lágrimas inauspiciosas derramadas sem parar. E ela que considerava seu marido como seu deus, respondeu àquele patife desprezível, dizendo, 'Por pura má sorte, ó rei dos Rakshasas, é que eu sou obrigada a ouvir tais palavras de significado repugnante faladas por ti! Abençoado sejas tu, ó Rakshasa amoroso de prazeres sensuais, que o teu coração seja afastado de mim! Eu sou esposa de outro, sempre devotada a meu marido, e, portanto, incapaz de ser possuída por ti! Um ser humano impotente que eu sou, eu não posso ser uma esposa adequada para ti! Que alegria pode ser tua por usar violência em direção a uma mulher relutante? Teu pai é um Brahmana sábio, nascido de Brahma e igual àquele Senhor da criação! Por que tu, portanto, sendo igual a um Regente do Universo, não observas a virtude? Desgraçando teu irmão, aquele rei dos Yakshas, aquele adorável que é o amigo do próprio Maheswara, aquele senhor dos tesouros, como é aquele que tu não sentes vergonha?' Tendo dito estas palavras, Sita começou a chorar, seu peito tremendo em agitação, e cobrindo seu pescoço e rosto com suas roupas. E a trança longa e bem unida, preta e lustrosa, caindo da cabeça da dama que chorava, parecia com uma cobra preta. E ouvindo estas palavras cruéis proferidas por Sita, o tolo Ravana, embora assim rejeitado, se dirigiu a Sita mais uma vez, dizendo, 'Ó senhora, que o deus que tem o Makara como seu emblema me queime violentamente. Eu não me aproximarei, no entanto, em hipótese alguma, ó tu de doces sorrisos e quadris belos, de ti, porque tu estás relutante! O que eu posso fazer para ti que ainda sentes um respeito por Rama que é somente um ser humano e, portanto, nosso alimento?' Tendo dito essas palavras para aquela dama de feições impecáveis, o rei dos Rakshasas se tornou invisível imediatamente e foi embora para o lugar que lhe agradava. E Sita, cercada por aquelas mulheres Rakshasa, e tratada com ternura por Trijata, continuou a morar lá em aflição."

280

"Markandeya disse, 'Enquanto isso o descendente ilustre de Raghu, junto com seu irmão, tratado com hospitalidade por Sugriva, continuou a morar sobre o leito da colina Malyavat, contemplando todos os dias o céu azul claro. E uma noite, enquanto fitava do topo da montanha a lua brilhante no céu sem nuvens

circundada por planetas e estrelas e corpos estelares, aquele matador de inimigos foi de repente despertado (para uma recordação de Sita) pelas frias brisas fragrantes com os perfumes dos lírios, lotos e outras flores da mesma espécie. E o virtuoso Rama, abatido em disposição ao pensar no cativeiro de Sita na residência do Rakshasa, dirigiu-se ao heróico Lakshmana de manhã dizendo, 'Vá, Lakshmana, e procure em Kishkindhya aquele rei ingrato dos macacos, que compreende bem seu próprio interesse e está agora mesmo indulgenciando em dissipações, aquele insensato vil de sua raça a quem eu instalei em um trono e a quem todos os símios e macacos e ursos devem lealdade, aquele camarada por cuja causa, ó perpetuador poderosamente armado da linhagem de Raghu, Vali foi morto por mim com tua ajuda na floresta de Kishkindhya! Eu considero aquele pior dos macacos na terra como sendo muito mal-agradecido, pois, ó Lakshmana, aquele canalha agora esqueceu a mim que estou mergulhado em tal angústia! Eu penso que ele está relutante em cumprir sua promessa, desconsiderando, por embotamento de compreensão, alguém que lhe fez tais serviços! Se tu o encontrares indiferente e rolando em alegrias sensuais, tu deves então enviá-lo, pelo caminho que Vali foi feito seguir, à meta comum de todas as criaturas! Se, por outro lado, tu vires aquele principal dos macacos se deleitar em nossa causa, então, ó descendente de Kakutstha, tu deves trazê-lo para cá contigo! Ande depressa, e não demore!' Assim endereçado por seu irmão, Lakshmana, sempre atento às ordens e bem-estar de seus superiores, partiu levando consigo seu belo arco com corda e setas. E alcançando os portões de Kishkindhya ele entrou na cidade incontestado. E sabendo que ele estava zangado, o rei dos macacos se adiantou para recebê-lo. E com sua mulher, Sugriva o rei dos macacos, com o coração humilde, recebeu-o alegremente com honras devidas. E o intrépido filho de Sumitra então disse a ele o que Rama tinha dito. E tendo ouvido tudo em detalhes, ó monarca poderoso, Sugriva, o rei dos macacos com sua mulher e empregados, uniu suas mãos, e disse alegremente para Lakshmana, aquele elefante entre homens, estas palavras: 'Eu não sou, ó Lakshmana, nem mau, nem mal-agradecido, nem desprovido de virtude! Ouça que esforços eu tenho feito para descobrir o lugar do cativeiro de Sita! Eu tenho despachado macacos diligentes em todas as direções. Todos estipularam retornar dentro de um mês. Eles, ó herói, investigarão a terra inteira com suas florestas e colinas e mares, suas aldeias e cidades e municípios e minas. Estão faltando somente cinco noites para completar aquele mês, e então tu, com Rama, ouvirás informações de grande alegria!'"

"Assim endereçado por aquele rei inteligente dos macacos, Lakshmana de grande alma ficou apaziguado, e ele por sua vez reverenciou Sugriva. E acompanhado por Sugriva ele voltou até Rama no leito da colina Malyavat. E se aproximando dele, Lakshmana informou-o do início já feito com relação ao seu empreendimento. E logo milhares de chefes dos macacos começaram a retornar, depois de terem investigado cuidadosamente os três quadrantes da terra, isto é, o Norte, o Leste e o Oeste. Mas aqueles que tinham ido em direção ao Sul não apareceram. E aqueles que voltaram responderam a Rama, dizendo que embora eles tivessem investigado a terra inteira com seu cinto de mares, ainda assim eles não puderam encontrar nem a princesa de Videha nem Ravana. Mas aquele descendente da linhagem de Kakutstha, profundamente aflito, lidou para viver

ainda baseando suas esperanças (de ouvir notícias de Sita), nos grandes macacos que tinham ido em direção ao Sul."

"Depois do lapso de dois meses, vários macacos procurando com pressa a presença de Sugriva se dirigiram a ele, dizendo, 'Ó rei, aquele principal dos macacos, o filho de Pavana, como também Angada, o filho de Vali, e os outros grandes macacos que tu despachaste para investigar a região sul voltaram e estão saqueando aquele pomar grande e excelente chamado Madhuvana, o qual era sempre protegido por Vali e que também tem sido bem protegido por ti depois dele!' Ouvindo sobre esta ação de liberdade da parte deles Sugriva deduziu o sucesso de sua missão, pois eram somente empregados que estivessem coroados com êxito que podiam agir dessa maneira. E aquele inteligente e principal dos macacos comunicou suas suspeitas para Rama. E Rama também, disto, adivinhou que a princesa de Mithila tinha sido vista. Então Hanuman e os outros macacos, tendo se revigorado dessa maneira, foram em direção a seu rei, que estava então permanecendo com Rama e Lakshmana. E, ó Bharata, observando o modo de andar de Hanuman e a cor de sua face, Rama estava fortalecido na convicção de que Hanuman realmente tinha visto Sita. Então aqueles macacos bem sucedidos, com Hanuman em sua dianteira, reverenciaram devidamente Rama e Lakshmana e Sugriva. E Rama então pegando seu arco e aljava, dirigiu-se àqueles macacos, dizendo, 'Vocês foram bem sucedidos? Vocês darão vida para mim? Vocês me possibilitarão reinar em Ayodhya depois de ter matado meu inimigo em batalha e resgatado a filha de Janaka? Com a princesa de Videha não resgatada, e o inimigo não morto em combate, eu não ouso viver, despojado de esposa e honra!' Assim endereçado por Rama, o filho de Pavana respondeu para ele dizendo, 'Eu te trago boas notícias, ó Rama; pois a filha de Janaka foi vista por mim. Tendo investigado a região sul com todas as suas colinas, florestas, e minas por algum tempo, nós ficamos muito cansados. Finalmente nós contemplamos uma grande caverna. E tendo-a visto, nós entramos naquela caverna que se estendia por muitos Yojanas. Ela era escura e profunda e coberta com árvores e infestada por bichos. E tendo seguido um grande caminho através dela, nós encontramos claridade e vimos um palácio belo. Ele era, ó Raghava, a residência do Daitya Maya. E lá nós contemplamos uma mulher asceta chamada Prabhavati engajada em austeridades ascéticas. E ela nos deu comida e bebida de várias espécies. E nos tendo refrescado com isso e recuperado nossa força, nós procedemos pelo caminho mostrado por ela. Finalmente nós saímos da caverna e vimos o mar salgado, e em suas margens, as grandes montanhas Sahya, Malaia e Dardura. E subindo as montanhas de Malaia, nós nos vimos perante o vasto oceano (residência de Varuna). E o contemplando nós nos sentimos extremamente aflitos em mente. E abatidos em disposição e afligidos pela dor e com fome, nós nos desesperamos de retornar com nossas vidas. Lançando nossos olhares no grande oceano se estendendo por muitas centenas de Yojanas e abundando em baleias e jacarés e outros animais aquáticos, nós ficamos ansiosos e cheios de aflição. Nós então nos sentamos juntos, decididos a morrermos lá de fome. E no decorrer de conversação aconteceu de nós falarmos do urubu Jatayu. Então no mesmo momento nós vimos uma ave enorme como uma montanha, de forma terrível, e inspirando terror em

todos os corações, como um segundo filho de Vinata (Garuda). E se aproximando de nós sem intenção de nos devorar, ele disse, 'Quem são vocês que estão falando assim de meu irmão Jatayu? Eu sou seu irmão mais velho, de nome Sampati, e sou o rei das aves. Uma vez, nós dois, com o desejo de sobrepujar um ao outro, voamos em direção ao Sol. Minhas asas foram queimadas, mas as de Jatayu não. Aquela foi a última vez que eu vi meu querido irmão Jatayu, o rei dos urubus! Minhas asas queimaram, eu caí sobre o topo desta grande montanha onde eu ainda estou!' Quando ele terminou de falar, nós o informamos da morte de seu irmão em poucas palavras e também desta calamidade que aconteceu a ti! E, ó rei, o poderoso Sampati, ouvindo estas notícias desagradáveis de nós, ficou imensamente aflito e nos questionou novamente, dizendo, 'Quem é este Rama e por que Sita foi raptada e como Jatayu foi morto? Ó principais dos macacos, eu desejo saber tudo em detalhes!' Nós então informamos a ele de tudo acerca desta tua desventura e da razão também do nosso voto de fome. Aquele rei das aves então nos incitou (a desistirmos do nosso voto) por meio destas suas palavras: 'Ravana é, de fato, conhecido por mim. Lanka é sua capital. Eu a contemplei no outro lado do mar em um vale das colinas Trikuta! Sita deve estar lá. Eu tenho pouca dúvida disto!' Ouvindo estas palavras dele, nós levantamos rapidamente e começamos, ó castigador de inimigos, a nos aconselhar uns com os outros para cruzar o oceano! E quando ninguém ousou atravessá-lo, eu, recorrendo ao meu pai, cruzei o grande oceano que tem cem Yojanas de largura. E tendo matado as Rakshasis nas águas, eu vi a casta Sita dentro do harém de Ravana, observando austeridades ascéticas, ávida para ver seu marido, com madeixas emaranhadas na cabeça, e corpo lambuzado com sujeira, e magra, e melancólica e desamparada. Reconhecendo ela como Sita por aqueles sinais incomuns, e me aproximando daquela senhora venerável enquanto só, eu disse, 'Eu sou, ó Sita, um macaco emissário de Rama e gerado por Pavana! (Pavana é o deus do vento). Desejoso de ter uma visão de ti, eu vim para cá viajando pelos céus! Protegidos por Sugriva, aquele monarca de todos os macacos, os irmãos reais Rama e Lakshmana estão em paz! E Rama, ó senhora, com o filho de Sumitra, perguntou sobre teu bem-estar! E Sugriva também, por causa de sua amizade (com Rama e Lakshmana) perguntou pelo teu bem-estar. Seguido por todos os macacos teu marido logo estará aqui. Confie em mim, ó senhora adorável, eu sou um macaco e não um Rakshasa!' Assim endereçada por mim, Sita pareceu meditar por um momento e então me respondeu dizendo, 'Por causa das palavras de Avindhya eu sei que tu és Hanuman! Ó de braços poderosos, Avindhya é um Rakshasa idoso e respeitado! Ele me disse que Sugriva está cercado por conselheiros como tu. Tu podes partir agora!' E com estas palavras ela me deu esta jóia como uma credencial. E, de fato, foi por meio desta jóia que a impecável Sita foi capaz de suportar sua existência. E a filha de Janaka em seguida me disse como uma indicação dela, que por ti, ó tigre entre homens, uma folha de grama (inspirada com Mantras e assim convertida em uma arma fatal) foi uma vez disparada em um corvo enquanto vocês estavam no leito da colina imensa conhecida pelo nome de Chitrakuta! E isto ela disse como evidência de eu tê-la encontrado e de ela ser realmente a princesa de Videha. Eu então fiz com que eu mesmo fosse apanhado pelos soldados de Ravana, e então incendiei a cidade de Lanka!'"

281

"Markandeya disse, 'Foi no leito daquela mesma colina onde Rama estava sentado com aqueles principais dos macacos que grandes chefes macacos, por ordem de Sugriva, começaram a se reunir. O sogro de Vali, o ilustre Sushena, acompanhado por mil crores de macacos ativos, foi até Rama. E aqueles dois principais dos macacos dotados de energia poderosa, isto é, Gaya e Gavakshya, cada um acompanhado por cem crores de macacos, se mostraram lá. E, ó rei, Gavakshya também de aparência terrível e dotado de um rabo bovino apareceu lá, tendo reunido sessenta mil crores de macacos. E o renomado Gandhamadana, morando sobre as montanhas do mesmo nome, reuniu cem mil crores de macacos. E o macaco inteligente e poderoso conhecido pelo nome de Panasa reuniu juntos cinquenta e dois (ou cinquenta e sete) crores de macacos. E aquele principal e ilustre dos macacos chamado Dadhimukha de energia poderosa reuniu um exército grande de macacos possuidores de bravura terrível. E Jamvuvan apareceu lá com cem mil crores de ursos negros de atos terríveis e faces tendo a marca Tilaka. E estes e muitos outros chefes dos principais dos macacos, incontáveis em número, ó rei, foram lá para auxiliar a causa de Rama. E dotados de corpos enormes como topos de montanha e rugindo como leões, alto era o tumulto que era ouvido lá, feito por aqueles macacos que corriam inquietamente de lugar em lugar. E alguns deles pareciam com picos de montanha, e alguns pareciam com búfalos. E alguns eram da cor das nuvens outonais e os rostos de alguns eram vermelhos como cinabre. E alguns se erguiam alto, e alguns desciam, e alguns davam cambalhotas, e alguns espalhavam poeira, enquanto eles se reuniam a partir de várias direções. E aquele exército de macacos, vasto como o mar na maré cheia, formou acampamento lá por ordem de Sugriva. E depois que aqueles principais dos macacos tinham se reunido de todas as direções, o descendente ilustre de Raghu, com Sugriva ao seu lado, partiu em um momento auspicioso de um dia muito propício sob uma constelação afortunada, acompanhado por aquela hoste agrupada em ordem de batalha, como se para o propósito de destruir todos os mundos. E Hanuman, o filho do deus do vento, estava na vanguarda daquela hoste, enquanto a retaguarda era protegida pelo filho destemido de Sumitra. E cercados pelos chefes dos macacos, aqueles príncipes da casa de Raghu com dedos envolvidos em pele de guana brilhavam, enquanto eles prosseguiam, como o Sol e a Lua no meio dos planetas. E aquela hoste de macacos armados com pedras e árvores Sala e Tala parecia muito semelhante a um campo de milho amplamente espalhado sob o sol da manhã. E aquele exército poderoso, protegido por Nala e Nila e Angada e Kratha e Mainda e Dwivida, marchou adiante para realizar o propósito de Raghava. E acampando sucessivamente, sem interrupção de qualquer tipo, em regiões amplas e salubres e vales ricos em frutas e raízes e água e mel e carne, a hoste de macacos finalmente alcançou a costa do mar salgado. E como um segundo oceano, aquele exército imenso com suas cores inumeráveis, tendo alcançado as margens do mar, estabeleceu sua residência lá. Então o ilustre filho de Dasaratha, se dirigindo a Sugriva entre todos aqueles macacos principais, falou para ele estas palavras

que eram apropriadas para a ocasião, 'Este exército é grande. O oceano também é difícil de cruzar. Que artifício, portanto, se recomenda a ti para cruzar o oceano?' A estas palavras, muitos macacos vangloriosos responderam, 'Nós somos completamente capazes de atravessar o oceano.' Esta resposta, no entanto, não era de muita utilidade, porque nem todos podiam se valer daqueles meios. Algum dos macacos propuseram cruzar o mar em barcos, e alguns em balsas de vários tipos. Rama, no entanto, conciliando eles todos, disse, 'Isto não pode ser. O mar aqui tem cem Yojanas completas de largura. Todos os macacos, ó heróis, não serão capazes de atravessá-lo. Esta proposta, portanto, que vocês fizeram, não é congruente com a razão. Além disso nós não temos o número de barcos necessário para carregar todas as nossas tropas. Como, também, alguém como nós pode erguer tais obstáculos no caminho dos comerciantes? Nosso exército é muito grande. O inimigo pode fazer uma grande destruição se uma falha for descoberta. Portanto, cruzar o mar em barcos e balsas não se recomenda para mim. Eu, no entanto, rezarei ao Oceano pelos meios necessários. Abandonando alimento, eu me deitarei na costa. Ele certamente se mostrará para mim. Se, no entanto, ele não se mostrar, eu o castigarei então por meio das minhas armas formidáveis que são mais ardentes do que o próprio fogo e são incapazes de serem frustradas!' Tendo dito estas palavras, ambos Rama e Lakshmana tocaram água (como uma cerimônia purificatória, chamada de Achamana) e se deitaram devidamente em um leito de erva kusa no litoral. O Oceano divino e ilustre então, aquele senhor dos rios masculinos e femininos, cercado por animais aquáticos, apareceu para Rama em uma visão. E se dirigindo a Rama em tons gentis, o gênio do Oceano, cercado por inumeráveis minas de pedras preciosas, disse, 'Ó filho de Kausalya, diga-me qual ajuda, ó touro entre homens, eu devo te dar! Eu também surgi da linhagem de Ikshwaku e sou, portanto, um parente teu!' (Tradições representam os filhos do rei Sagara da linhagem Ikshwaku como os escavadores do oceano. Por isso o oceano é chamado de Sagara). Rama respondeu a ele dizendo, 'Ó senhor dos rios masculinos e femininos, eu desejo que tu me concedas um caminho para minhas tropas, passando pelo qual eu possa matar ele de dez cabeças (Ravana), aquele canalha da linhagem de Pulastya! Se tu não me concederes o caminho que eu te peço, eu então te secarei por meio das minhas setas celestes insufladas com mantras!' E ouvindo estas palavras de Rama, o gênio da residência de Varuna, juntando suas mãos, respondeu em grande aflição, 'Eu não desejo pôr qualquer obstáculo no teu caminho. Eu não sou teu inimigo! Escute, ó Rama, a estas palavras, e tendo escutado, faça o que for apropriado! Se, por tua ordem, eu arranjar um caminho para a passagem do teu exército, outros então, conforme a força de seus arcos, me mandarão fazer o mesmo! No teu exército há um macaco de nome Nala, que é um mecânico habilidoso. E dotado de grande força, Nala é o filho de Tashtri, o divino artífice do Universo. E seja madeira, ou grama ou pedra, que ele jogue em minhas águas, eu sustentarei o mesmo sobre minha superfície, e assim tu terás uma ponte (sobre a qual passar)!' E tendo dito estas palavras, o gênio do Oceano desapareceu. E Rama, despertando, chamou Nala até ele e disse, 'Construa uma ponte sobre o oceano! Somente tu, eu estou certo, és capaz de fazer isto!' E foi por estes meios que o descendente da linhagem de Kakutstha fez ser construída uma ponte que tinha dez Yojanas de largura e cem Yojanas de comprimento. E

até hoje aquela ponte é célebre por todo o mundo pelo nome de ponte de Nala. E tendo completado aquela ponte, Nala, de corpo enorme como uma colina, foi embora por ordem de Rama."

"E enquanto Rama estava deste lado do oceano, o virtuoso Vibhishana, o irmão do rei dos Rakshasas, acompanhado por quatro de seus conselheiros, foi até Rama. E Rama de grande alma recebeu-o com saudação devida. Sugriva, no entanto, teve receio, pensando que ele poderia ser um espião. O filho de Raghu, entretanto, perfeitamente satisfeito (com Vibhishana), por consequência da sinceridade de seus esforços e das muitas indicações de sua boa conduta, venerou-o com respeito. E ele também instalou Vibhishana na soberania de todos os Rakshasas e o fez seu próprio conselheiro júnior, e um amigo de Lakshmana. E foi sob a orientação de Vibhishana, ó rei, que Rama com todas as suas tropas cruzou o grande oceano por meio daquela ponte no decorrer de um mês. E tendo cruzado o oceano e chegado a Lanka, Rama fez seus extensos e numerosos jardins serem devastados por seus macacos. E enquanto as tropas de Rama estavam lá, dois dos conselheiros e oficiais de Ravana, chamados Suka e Sarana, que tinham se aproximado como espiões, tendo assumido a forma de macacos, foram apanhados por Vibhishana. E quando aqueles vagueadores da noite assumiram suas reais formas Rakshasa, Rama mostrou a eles sua tropa e os dispensou tranquilamente. E tendo aquartelado suas tropas naqueles bosques que rodeavam a cidade, Rama então mandou o macaco Angada com grande sabedoria como seu enviado para Ravana."

282

"Markandeya disse, 'Tendo aquartelado seu exército naqueles arvoredos ricos em comida e água e em frutas e raízes, o descendente de Kakutstha começou a zelar por eles com cuidado. Ravana, por outro lado, plantou em sua cidade muitos dispositivos construídos segundo as regras de ciência militar. E sua cidade, naturalmente invulnerável por causa de seus fortes bastiões e portões, tinha sete trincheiras, que eram profundas e cheias de água até a borda e que abundavam com peixes e tubarões e jacarés, tornadas mais invulneráveis ainda por meio de estacas pontudas de madeira Khadira. E os baluartes, empilhados com pedras, eram feitos invulneráveis por meio de catapultas. E os guerreiros (que guardavam os muros) estavam armados com recipientes de barro cheios com cobras venenosas, e com pós resinosos de muitas espécies. E eles estavam também armados com cassetetes, e tições e flechas e lanças e espadas e machados de combate. E eles tinham também Sataghnis (instrumentos que matam uma centena) e maças resistentes embebidas em cera. (Tições ou tochas mergulhados em cera, planejados para serem jogados queimando entre o inimigo). E em todos os portões da cidade estavam plantados acampamentos móveis e imóveis guarnecidos por grandes números de infantaria auxiliados por inumeráveis elefantes e cavalos. E Angada, tendo alcançado um dos portões da cidade, foi tornado conhecido aos Rakshasas. E ele entrou na cidade sem suspeita ou medo.

E circundado por inúmeros Rakshasas, aquele herói em sua beleza parecia com o próprio Sol no meio de massas de nuvens. E tendo se aproximado do herói da raça de Pulastya no meio de seus conselheiros, o eloquente Angada saudou o rei e começou a passar a mensagem de Rama nestas palavras, 'Aquele descendente de Raghu, ó rei, que governa em Kosala e cujo renome se espalhou pelo mundo inteiro, diz para ti estas palavras convenientes à ocasião. Aceite esta mensagem e aja em conformidade com ela! Províncias e cidades, por consequência de sua conexão com reis pecaminosos incapazes de controlar suas almas, são elas mesmas poluídas e destruídas. Pelo sequestro violento de Sita somente tu me prejudicaste! Tu, no entanto, te tornarás a causa de morte para muitas pessoas inocentes. Possuidor de poder e cheio de orgulho, tu, antes disto, mataste muitos Rishis que viviam nas florestas, e insultaste os próprios deuses. Tu assassinastes também muitos grandes reis e muitas mulheres lamentosas. Por essas tuas transgressões o castigo está prestes a te alcançar! Eu matarei a ti com teus conselheiros. Lute e mostre tua coragem! Ó vagueador da noite, veja o poder do meu arco, embora eu seja somente um homem! Liberte Sita, a filha de Janaka! Se tu não a libertares, eu tornarei a Terra desprovida de todos os Rakshasas com minhas flechas de gume afiado!' Ouvindo essas palavras desafiantes do inimigo, o rei Ravana mal as tolerou, ficando insensato com cólera. E então quatro Rakshasas habilidosos na leitura de todos os sinais de seu mestre agarraram Angada como quatro falcões agarrando um tigre. Com aqueles Rakshasas, no entanto, segurando-o firmemente por seus membros, Angada saltou para cima e desceu sobre o terraço do palácio. E como ele pulou com uma grande força, aqueles vagueadores da noite caíram no chão, e machucados pela violência da queda tiveram suas costelas quebradas. E do terraço dourado no qual ele tinha descido, ele deu um salto para baixo. E saltando por cima das paredes de Lanka, ele desceu para onde seus companheiros estavam. E se aproximando da presença do senhor de Kosala e informando-o de tudo, o macaco Angada dotado de grande energia se retirou para se revigorar, dispensado com o devido respeito por Rama.

O descendente de Raghu então fez os baluartes de Lanka serem derrubados por um ataque unido de todos aqueles macacos dotados da velocidade do vento. Então Lakshmana, com Vibhishana e o rei dos ursos marchando na vanguarda explodiu o portão sul da cidade que era quase inexpugnável. Rama então atacou Lanka com cem mil crores de macacos, todos possuidores de grande habilidade em batalha, e dotados de cores avermelhadas como aquelas de camelos jovens. E aqueles crores de ursos acinzentados com braços compridos, e pernas e patas enormes, e geralmente se sustentando sobre suas ancas largas, foram também incitados a apoiar o ataque. E em consequência daqueles macacos pulando para cima e saltando para baixo, e saltando em direções transversais, o próprio Sol, seu disco brilhante completamente escurecido, ficou invisível por causa da poeira que eles ergueram. E os cidadãos de Lanka viram a parede de sua cidade assumir por toda a parte uma cor fulva, coberta por macacos de cores amarelas como as espigas de arroz, e cinzas como as flores Shirisha, e vermelhos como o Sol em alta, e brancos como linho ou cânhamo. E os Rakshasas, ó rei, com suas esposas e os mais velhos, foram tomados pelo espanto àquela visão. E os macacos

guerreiros começaram a derrubar pilares feitos de pedras preciosas e os terraços e topos de mansões suntuosas. E quebrando em fragmentos os propulsores de catapultas e outros mecanismos, eles começaram jogá-los em volta em todas as direções. E erguendo os Sataghnis junto com os discos, os cassetetes, e pedras, eles os arremessaram na cidade com grande força e barulho alto. E atacados dessa maneira pelos macacos, aqueles Rakshasas que tinham sido colocados nas paredes para protegê-las fugiram precipitadamente às centenas e milhares."

"Então centenas de milhares de Rakshasas, de aparência terrível, e capazes de assumir qualquer forma à vontade, saíram por ordem do rei. E derramando uma perfeita chuva de setas e perfurando os habitantes da floresta, aqueles guerreiros, mostrando grande coragem, adornaram os baluartes. E logo aqueles vagueadores da noite, parecendo com massas de carne, e de aparência terrível, forçaram os macacos a deixar as paredes. E mutilados pelas lanças dos inimigos, numerosos chefes dos macacos caíram dos baluartes, e esmagados pela queda de colunas e portões numerosos Rakshasas também caíram para não mais se levantarem. E os macacos e os corajosos Rakshasas que começaram a comer o inimigo, lutaram, agarrando uns aos outros pelos cabelos, e mutilando e rasgando uns aos outros com suas unhas e dentes. E os macacos e os Rakshasas rugiram e gritaram terrivelmente, e enquanto muitos de ambos os partidos eram mortos e caíam para não mais se levantarem, nenhum dos dois lados abandonou a peleja. E Rama continuou todo o tempo a derramar uma espessa torrente de flechas como as próprias nuvens. E as flechas que ele atirou, envolvendo Lanka, mataram grandes números de Rakshasas. E o filho de Sumitra, também, aquele arqueiro poderoso incapaz de ficar fatigado em batalha, nomeando Rakshasas específicos colocados nos baluartes, matou-os com suas flechas de uma jarda. E então a hoste de macacos, tendo alcançado o êxito, foi retirada por ordem de Rama, depois de ter assim derrubado as fortificações de Lanka e feito todos os objetos dentro da cidade capazes de serem visados pela força sitiante."

283

"Markandeya disse, 'E enquanto aquelas tropas (assim retiradas) estavam descansando em seus alojamentos, muitos Rakshasas e Pisachas desprezíveis possuindo Ravana como seu líder penetraram entre eles. E entre esses estavam Parvana, Patana, Jambha, Khara, Krodha-vasa, Hari, Praruja, Aruja e Praghasa, e outros. E quando esses pecaminosos estavam penetrando (na hoste de macacos) em suas formas invisíveis, Vibhishana, que tinha o conhecimento disso, quebrou o encanto de sua invisibilidade. E uma vez vistos, ó rei, pelos macacos poderosos e de saltos longos, eles foram todos mortos e prostrados na terra, privados de vida. E incapaz de tolerar isso, Ravana marchou para fora na vanguarda de suas tropas. E cercado por seu exército terrível de Rakshasas e Pisachas, Ravana, que estava familiarizado com as regras de guerra como um segundo Usanas, cercou a hoste de macacos, tendo disposto suas tropas naquela ordem de batalha que recebeu o nome do próprio Usanas. E vendo Ravana avançando com seu exército

disposto naquela formação militar, Rama, seguindo o modo recomendado por Vrihaspati, dispôs suas tropas em formação contrária para se opor àquele vagueador da noite. E se aproximando rapidamente Ravana começou a lutar com Rama. E Lakshmana escolheu Indrajit, e Sugriva escolheu Virupakshya, e Nikharvata lutou com Tara, e Nala com Tunda, e Patusa com Panasa. E cada guerreiro, avançando até aquele a quem ele considerava como seu igual, começou a lutar com ele naquele campo de batalha, confiando na força de seus próprios braços, e aquele confronto, tão pavoroso para pessoas tímidas, logo se tornou terrível e violento como aquele entre os deuses e os Asuras nos tempos passados. E Ravana cobriu Rama com uma chuva de dardos e lanças e espadas, e Rama também afligiu Ravana com suas flechas de ferro afiadas equipadas com as pontas mais penetrantes, e da mesma maneira Lakshmana atacou o contendente Indrajit com setas capazes de penetrar nas partes mais vitais e Indrajit também atacou o filho de Sumitra com uma chuva de flechas. E Vibhishana despejou sobre Prahasta e Prahasta despejou sobre Vibhishana, sem qualquer consideração um pelo outro, uma torrente grossa de flechas rápidas equipadas com as pontas mais afiadas. E assim entre aqueles poderosos guerreiros aconteceu lá um confronto de armas celestes de grande força, no qual os três mundos com suas criaturas móveis e imóveis ficaram extremamente aflitos."

284

"Markandeya disse, "Então Prahasta, avançando de repente até Vibhishana e proferindo um grito alto, golpeou-o com sua maça. Mas embora atingido por aquela maça de força terrível Vibhishana de braços poderosos de grande sabedoria, sem vacilar o mínimo, permaneceu imóvel como as montanhas de Himavat. Então Vibhishana, erguendo um dardo enorme e poderoso equipado com uma centena de sinos, insuflou-o com mantras e arremessou-o na cabeça de seu adversário. E pela impetuosidade daquela arma avançando com a força do raio a cabeça de Prahasta foi cortada fora, e nisso ele pareceu com uma árvore imensa quebrada pelo vento. E vendo aquele vagueador da noite, Prahasta, assim morto em batalha, Dhumraksha avançou com grande impetuosidade contra a hoste de macacos. E vendo os soldados de Dhumraksha, parecendo com nuvens e dotados de aparência terrível, avançando em direção a eles, os chefes dos macacos subitamente se dividiram e fugiram. E vendo aqueles principais dos macacos recuarem de repente, aquele tigre entre macacos, Hanuman, o filho de Pavana, começou a avançar. E vendo o filho de Pavana permanecendo ainda no campo de batalha, os macacos em retirada, ó rei, todos juntos se reagruparam rapidamente. Então foi imenso e formidável e terrível o tumulto que surgiu lá em consequência dos guerreiros de Rama e Ravana avançando uns contra os outros. E naquela batalha que devastava terrivelmente o campo logo ficou lamacento com sangue. E Dhumraksha afligiu a hoste de macacos com saraivadas de flechas aladas. Então aquele vencedor de inimigos, Hanuman, o filho de Pavana, apanhou rapidamente o líder dos Rakshasas que avançava. E o combate que ocorreu entre aquele macaco e o herói Rakshasa, um desejoso de derrotar o outro, foi violento e

terrível, semelhante àquele de Indra e Prahlada (antigamente). E o Rakshasa golpeava o macaco com suas maças e clavas de pontas de ferro enquanto o macaco golpeava o Rakshasa com troncos de árvores não podadas de seus ramos. Então Hanuman, o filho de Pavana, matou em grande ira aquele Rakshasa junto com seu quadrigário e cavalos e quebrou sua carruagem também em pedaços. E contemplando Dhumraksha, aquele principal dos Rakshasas, assim morto, os macacos, abandonando todo o medo, avançaram contra o exército Rakshasa com grande coragem. E massacrados em grandes números pelos macacos vitoriosos e poderosos, os Rakshasas ficaram desanimados e fugiram com medo para Lanka. E o remanescente arruinado do exército Rakshasa, tendo alcançado a cidade, informou o rei Ravana de tudo o que tinha acontecido. E ouvindo deles que Prahasta e aquele arqueiro poderoso Dhumraksha, ambos, com seus exércitos, tinham sido mortos pelos macacos poderosos, Ravana deu um suspiro profundo e se levantando de um salto de seu assento excelente, disse, ‘Chegou a hora de Kumbhakarna agir.’ E tendo dito isso, ele despertou, por meio de vários instrumentos de som alto, seu irmão Kumbhakarna de seu sono profundo e prolongado. E tendo-o despertado com grandes esforços, o rei Rakshasa, ainda afligido pela ansiedade, dirigiu-se ao poderoso Kumbhakarna e falou a ele quando sentado tranquilamente em sua cama, tendo recuperado perfeitamente a consciência e presença de espírito, estas palavras, 'Tu, de fato, és feliz, ó Kumbhakarna, que podes desfrutar de repouso profundo e tranquilo, inconsciente da terrível calamidade que nos alcançou! Rama com sua hoste de macacos cruzou o Oceano por meio de uma ponte e desrespeitando todos nós está travando uma guerra terrível (contra nós). Eu furtivamente trouxe para cá sua esposa Sita, a filha de Janaka, e é para recuperá-la que ele veio para cá, depois de ter feito uma ponte sobre o grande Oceano. Nossos formidáveis parentes também, Prahasta e outros, já foram mortos por eles. E, ó flagelo de teus inimigos, não há outra pessoa, exceto tu, que possa matar Rama! Portanto, ó guerreiro, colocando tua armadura, parta hoje mesmo para o propósito de derrotar Rama e seus seguidores! Os dois irmãos mais novos de Dushana, Vajravega e Promathin, se juntarão a ti com suas forças!' E tendo dito isto para o poderoso Kumbhakarna, o rei Rakshasa deu instruções para Vajravega e Promathin quanto ao que eles deveriam fazer. E aceitando seu conselho, aqueles dois guerreiros irmãos de Dushana rapidamente marcharam para fora da cidade, precedidos por Kumbhakarna."

285

"Markandeya disse, "Então Kumbhakarna saiu da cidade acompanhado por seus seguidores. E logo ele contemplou as tropas vitoriosas de macacos acampadas à sua frente. E passando por elas com o objetivo de procurar Rama, ele viu o filho de Sumitra permanecendo em seu posto, arco na mão. Então os guerreiros macacos, avançando depressa em direção a ele, cercaram-no por todos os lados. E então eles começaram a golpeá-lo com inúmeras árvores grandes. E muitos entre eles destemidamente começaram a rasgar seu corpo com

suas unhas. E aqueles macacos começaram a lutar com ele de várias maneiras aprovadas pelas leis de guerra. E eles logo submergiram aquele chefe dos Rakshasas com uma chuva de armas terríveis de várias espécies. E atacado por eles dessa maneira Kumbhakarna somente riu deles e começou a comê-los. E ele devorou aqueles principais dos macacos conhecidos pelos nomes de Chala, e Chandachala, e Vajravahu. E vendo aquela ação pavorosa do Rakshasa, outros macacos ficaram assustados e deram um lamento alto de medo. E ouvindo os gritos daqueles líderes dos macacos Sugriva audaciosamente avançou em direção a Kumbhakarna. E aquele rei dos macacos de grande alma, se aproximando rapidamente do Rakshasa, golpeou-o violentamente na cabeça com o tronco de uma árvore Sala. E embora Sugriva de grande alma sempre rápido em ação tivesse quebrado aquela árvore Sala na cabeça de Kumbhakarna, ele fracassou em fazer qualquer impressão naquele Rakshasa. E então, como se despertado de seu torpor por aquela pancada, Kumbhakarna esticando seus braços agarrou Sugriva à viva força. E vendo Sugriva arrastado para longe pelo Rakshasa, o filho heróico de Sumitra, aquele encantador de seus amigos, avançou em direção a Kumbhakarna. E aquele matador de heróis hostis, Lakshmana, avançando em direção a Kumbhakarna, disparou nele uma flecha impetuosa e poderosa equipada com asas douradas. E aquela flecha, atravessando sua cota de malha e penetrando em seu corpo, passou através dele completamente e entrou no solo, manchada com o sangue do Rakshasa. Kumbhakarna então, tendo seu peito assim atravessado, libertou o rei dos macacos. E erguendo uma enorme massa de pedra como sua arma, o guerreiro poderoso Kumbhakarna então avançou em direção ao filho de Sumitra, mirando-a nele. E quando o Rakshasa avançou em direção a ele Lakshmana cortou seus braços erguidos por meio de um par de flechas de gume afiado equipadas com cabeças parecendo navalhas. Mas logo que os dois braços do Rakshasa tinham sido assim cortados, o dobro daquele número de braços logo apareceu em seu corpo. O filho de Sumitra, no entanto, revelando sua habilidade com armas, logo por meio de flechas similares cortou aqueles braços também, cada qual tinha agarrado uma massa de pedra. Nisso, aquele Rakshasa assumiu uma forma imensamente enorme e equipada com numerosas cabeças e pernas e braços. Então o filho de Sumitra rachou, com uma arma Brahma, aquele guerreiro parecido com um conjunto de colinas. E fendido por meio daquela arma celeste, aquele Rakshasa caiu sobre o campo de batalha como uma árvore enorme com ramos espalhados subitamente destruída pelo raio do céu. E contemplando Kumbhakarna dotado de grande energia e parecido com o próprio Asura Vritra privado de vida e prostrado no campo de batalha, os guerreiros Rakshasa fugiram com medo. E vendo os guerreiros Rakshasa fugindo do campo de batalha, o irmão mais novo de Dushana, reagrupando-os, avançou em grande cólera sobre o filho de Sumitra. O filho de Sumitra, no entanto, com um rugido alto, recebeu com suas flechas aladas ambos aqueles guerreiros coléricos, Vajravega e Promathin, que avançavam em sua direção. O combate então, ó filho de Pritha, que ocorreu entre aqueles dois irmãos mais novos de Dushana em um lado e o inteligente Lakshmana no outro, foi extremamente violento e fez os pelos dos espectadores se arrepiarem. E Lakshmana submergiu os dois Rakshasas com uma chuva perfeita de flechas. E aqueles dois heróis Rakshasa, por outro lado, ambos estimulados pela fúria, cobriram Lakshmana com uma chuva de flechas

como granizo. E aquela batalha terrível entre Vajravega e Promathin e o poderosamente armado Lakshmana durou por um momento curto. E Hanuman, o filho de Pavana, erguendo um pico de montanha, avançou em direção a um dos irmãos, e com aquela arma tirou a vida do Rakshasa Vajravega. E aquele macaco poderoso, Nala, também, com uma grande massa de rocha, esmagou Promathin, aquele outro irmão mais jovem de Dushana. A luta mortal, no entanto, entre os soldados de Rama e Ravana, avançando uns contra os outros, em vez de chegar a um fim mesmo depois disto, continuou violenta como antes. E centenas de Rakshasas foram mortos pelos habitantes da floresta, enquanto muitos dos últimos foram mortos pelos primeiros. A perda, no entanto, em mortos, dos Rakshasas era muito maior do que aquela dos macacos."

286

"Markandeya disse, 'Sabendo que Kumbhakarna com seus seguidores tinha morrido em batalha como também aquele grande guerreiro Prahasta, e Dhumraksha também de energia poderosa, Ravana então se dirigiu ao seu filho heróico Indrajit dizendo, 'Ó matador de inimigos, mate em batalha Rama e Sugriva e Lakshmana. Meu bom filho, foi por ti que esta minha fama resplandecente foi adquirida por vencer em batalha aquele manejador do raio, o marido de Sachi de mil olhos! Tendo o poder de aparecer e desaparecer à tua vontade, mate, ó batedor de inimigos, meus inimigos por meio, ó tu principal de todos os manejadores de armas, de tuas flechas celestes recebidas como benefícios (dos deuses)! Rama e Lakshmana e Sugriva são incapazes de aguentar o mero toque das tuas armas. O que eu direi, portanto, dos seguidores deles? Aquela cessação de hostilidades que não pode ser ocasionada nem por Prahasta ou Kumbhakarna em batalha, sejas tu, ó poderosamente armado, a ocasionar! Matando meus inimigos com todo seu exército por meio de tuas flechas de gume afiado, aumente hoje a minha alegria, ó filho, como tu fizeste uma vez antes por derrotar Vasava!' Assim endereçado por ele, Indrajit disse 'Assim seja' e envolvido em armadura ele subiu rapidamente em sua carruagem e procedeu, ó rei, em direção ao campo de batalha. E então aquele touro entre os Rakshasas, anunciando ruidosamente seu próprio nome, desafiou Lakshmana dotado de marcas auspiciosas para um combate individual. E Lakshmana, assim desafiado, avançou em direção àquele Rakshasa, com seu arco e flechas, e infligindo terror no coração de seu adversário por meio da batida da corda de seu arco na proteção de couro da sua mão esquerda. E o combate que ocorreu entre aqueles guerreiros que desafiavam a coragem um do outro e cada um dos quais estava desejoso de derrotar o outro, e ambos os quais eram familiarizados com armas celestes, foi terrível ao extremo. Mas quando o filho de Ravana descobriu que ele não podia por meio de suas flechas obter qualquer vantagem sobre seu adversário, aquele principal dos guerreiros poderosos reuniu toda sua energia. E Indrajit então começou a arremessar em Lakshmana com grande força inúmeros dardos. O filho de Sumitra, no entanto, cortou-os em fragmentos por meio de suas próprias flechas de gume afiado. E aqueles dardos, assim cortados em pedaços pelas flechas de gume afiado de Lakshmana, caíram no chão. Então o belo Angada, o filho de Vali,

erguendo uma árvore grande, avançou impetuosamente em Indrajit e golpeou-o com ela na cabeça. Impávido nisto, Indrajit de energia poderosa procurou atingir Angada com uma lança. Exatamente naquele momento, no entanto, Lakshmana cortou em pedaços a lança erguida pelo filho de Ravana. O filho de Ravana então pegou uma maça e bateu no flanco esquerdo daquele principal dos macacos, o heróico Angada que estava então permanecendo bem perto dele. Angada, o filho poderoso de Vali, pouco se importando com aquele golpe, arremessou em Indrajit um imenso tronco Sal. E lançada em cólera por Angada para a destruição de Indrajit, aquela árvore, ó filho de Pritha, destruiu a carruagem de Indrajit junto com seus cavalos e quadrigário. E nisso saltando de seu carro sem cavalos e sem motorista, o filho de Ravana desapareceu de vista, ó rei, pela ajuda de seus poderes de ilusão. E vendo aquele Rakshasa, abundantemente dotado de poderes de ilusão desaparecer tão subitamente, Rama procedeu em direção àquele local e começou a proteger suas tropas com cuidado. Indrajit, no entanto, com flechas, obtidas como benefícios dos deuses, começou a perfurar ambos, os poderosos Rama e Lakshmana, em todas as partes de seus corpos. Então os heróicos Rama e Lakshmana continuaram a lutar com suas flechas contra o filho de Ravana que tinha se tornado invisível por meio de seus poderes de ilusão. Mas Indrajit continuou a derramar em cólera sobre aqueles leões entre homens suas flechas de gume afiado às centenas e milhares. E procurando aquele guerreiro invisível que estava incessantemente despejando suas flechas, os macacos atravessaram todas as partes do firmamento, armados com massas enormes de pedra. A eles assim como aos dois irmãos, no entanto, o Rakshasa invisível começou a afligir com suas flechas. De fato, o filho de Ravana, se ocultando por meio de seus poderes de ilusão, atacou com fúria a hoste de macacos. E os irmãos heróicos Rama e Lakshmana, perfurados com flechas dos pés à cabeça, caíram sobre o solo como o Sol e a Lua caídos do firmamento.'"

287

"Markandeya disse, 'Contemplando ambos os irmãos Rama e Lakshmana prostrados no chão, o filho de Ravana confinou-os em uma rede daquelas flechas dele as quais ele tinha obtido como benefícios. E confinados por Indrajit no campo de batalha por meio daquela rede de flechas, aqueles tigres heróicos entre homens pareciam com um par de falcões presos em uma gaiola. E vendo aqueles heróis prostrados no chão perfurados por centenas de setas, Sugriva com todos os macacos permaneceu cercando-os por todos os lados. E o rei dos macacos ficou lá, acompanhado por Sushena e Mainda e Dwivida, e Kumuda e Angada e Hanuman e Nila e Tara e Nala. E Vibhishana, tendo obtido êxito em outra parte do campo, logo chegou àquele local, e despertou aqueles heróis da insensibilidade, acordando-os por meio da arma chamada Prajna. (Esta arma podia restaurar um guerreiro insensível à consciência, como a arma Sam-mohana podia privar um de consciência). Então Sugriva logo extraiu as flechas de seus corpos. E por meio daquele remédio mais eficaz chamado de Visalya, aplicado com mantras celestes, aqueles heróis humanos recuperaram sua consciência. (Visalya é uma planta

medicinal de grande eficácia em curar cortes e ferimentos). E as flechas tendo sido extraídas de seus corpos, aqueles poderosos guerreiros ergueram-se em um instante de sua postura deitada, suas dores e fadiga completamente aliviadas. E vendo Rama, o descendente da linhagem de Ikshwaku, totalmente reconfortado, Vibhishana, ó filho de Pritha, juntando suas mãos; lhe disse estas palavras, 'Ó castigador de inimigos, por ordem do rei dos Guhyakas, um Guhyaka veio das montanhas Brancas, trazendo com ele sua água! (Os Guhyakas ocupam, na mitologia Hindu, uma posição seguinte somente àquela dos deuses, e superior àquela dos Gandharvas que são os coristas celestes. A montanha Branca é outro nome de Kailasa, o pico onde Siva tem sua residência). Ó grande rei, esta água é um presente de Kuvera para ti, para que todas as criaturas que são invisíveis possam, ó castigador de inimigos, se tornar visíveis para ti! Esta água passada sobre os olhos tornará toda criatura invisível visível para ti, como também para qualquer outra pessoa a quem tu possas dá-la!' Dizendo ‘Assim seja,’ Rama pegou aquela água sagrada, e santificou seus próprios olhos com ela. E Lakshmana de grande mente também fez o mesmo. E Sugriva e Jambuvan, e Hanuman e Angada, e Mainda e Dwivida, e Nila e muitos outros principais dos macacos banharam seus olhos com aquela água. E nisso aconteceu exatamente como Vibhishana tido dito, pois, ó Yudhishthira, logo os olhos de todos se tornaram capazes de contemplar coisas que não podiam ser vistas pelo olho nu!”

"Enquanto isso, Indrajit, depois do êxito que ele tinha obtido, foi até seu pai. E tendo-o informado das façanhas que tinha realizado, ele voltou rapidamente ao campo de batalha e se colocou na vanguarda de seu exército. O filho de Sumitra então, sob a orientação de Vibhishana, avançou em direção àquele colérico filho de Ravana que voltava, por desejo de combate, a liderar o ataque. E Lakshmana, estimulado à fúria e recebendo uma dica de Vibhishana, e desejando matar Indrajit que não tinha terminado seu sacrifício diário, atingiu com suas flechas aquele guerreiro ansioso para obter sucesso. E desejosos de vencer um ao outro, o confronto que ocorreu entre eles foi extremamente admirável como aquele (antigamente) entre o Senhor dos celestiais e Prahrada. E Indrajit perfurou o filho de Sumitra com setas que penetravam em seus próprios órgãos vitais. E o filho de Sumitra também perfurou o filho de Ravana com setas de energia ardente. E perfurado pelas flechas de Lakshmana o filho de Ravana ficou irracional com cólera. E ele disparou em Lakshmana oito flechas ferozes como cobras venenosas. Ouça agora, ó Yudhishthira, enquanto eu te conto como o filho heróico de Sumitra então tirou a vida de seu adversário por meio de três flechas aladas possuidoras da energia e resplendor do fogo! Com uma dessas, ele cortou do corpo de Indrajit aquele braço de seu inimigo que segurava o arco. Com a segunda ele fez aquele outro braço que segurava as setas cair no chão. Com a terceira que era brilhante e possuidora do gume mais afiado ele cortou a cabeça dele ornada com um nariz belo e brilhante com brincos. E desprovido de braços e cabeça, o tronco se tornou pavoroso de se contemplar. E tendo matado o inimigo dessa maneira, aquele principal dos homens poderosos então matou com suas flechas o quadrigário de seu adversário. E os cavalos então arrastaram a carruagem vazia para a cidade. E Ravana então viu aquele carro sem seu filho sobre ele. E sabendo que seu filho tinha sido morto, Ravana permitiu seu coração

ser dominado pela dor. E sob a influência da dor e aflição extremas, o rei dos Rakshasas de repente nutriu o desejo de matar a princesa de Mithila. E apanhando uma espada, o perverso Rakshasa correu rapidamente em direção àquela dama que permanecia dentro do bosque Asoka ansiando ver seu marido. Então Avindhya, vendo aquela intenção pecaminosa do canalha perverso, apaziguou sua fúria. Ouça, ó Yudhishthira, os argumentos usados por Avindhya! Aquele Rakshasa sábio disse, 'Colocado como tu estás no trono resplandecente de um império, não cabe a ti matar uma mulher! Além disso, esta mulher já está morta, considerando que ela é uma cativa em teu poder! Eu penso que ela não estaria morta se somente seu corpo fosse destruído. Mate o marido dela! Ele estando morto, ela estará morta também! De fato, nem aquele de cem sacrifícios (Indra) é teu igual em bravura! Os deuses com Indra em sua dianteira tem sido repetidamente aterrorizados por ti em batalha!' Com estas e muitas outras palavras de significado semelhante Avindhya conseguiu apaziguar Ravana. E o último, de fato, escutou às palavras de seu conselheiro. E aquele vagueador da noite, então, resolvido a dar combate ele mesmo embainhou sua espada, e emitiu ordens para de preparar sua carruagem.'"

288

"Markandeya disse, ‘Aquele de dez pescoços (Ravana), excitado à fúria pela morte de seu filho querido, subiu em seu carro decorado com ouro e pedras preciosas. E cercado por Rakshasas terríveis com várias espécies de armas em suas mãos, Ravana avançou em direção a Rama, lutando com numerosos chefes de macacos. E vendo ele avançando em cólera em direção ao exército de macacos, Mainda e Nila e Nala e Angada, e Hanuman e Jamvuman o cercaram com todas as suas tropas. E aqueles principais dos macacos e ursos começaram a exterminar com troncos de árvores os soldados dele de dez pescoços (Ravana), na sua própria vista. E vendo o inimigo massacrando suas tropas, o rei Rakshasa, Ravana, possuidor de grandes poderes de ilusão, começou a usá-los. E para fora de seu corpo ele começou a produzir centenas e milhares de Rakshasas armados com flechas e lanças e espadas de dois gumes nas mãos. Rama, no entanto, com uma arma celeste matou todos aqueles Rakshasas. O rei dos Rakshasas então mais uma vez empregou sua habilidade de ilusão. Ele de dez faces, produzindo de seu corpo guerreiros numerosos parecidos, ó Bharata, com Rama e Lakshmana, avançou em direção aos dois irmãos. E então aqueles Rakshasas, hostis a Rama e Lakshmana e armados com arcos e flechas, avançaram em direção a Rama, e vendo aquele poder de ilusão manifestado pelo rei dos Rakshasas, aquele descendente da linhagem de Ikshwaku, o filho de Sumitra, dirigiu-se a Rama nestas palavras heróicas, 'Mate aqueles Rakshasas, aqueles canalhas com formas como a tua própria!' E Rama então matou aqueles e outros Rakshasas de formas parecidas com a sua própria. E naquele momento Matali, o quadrigário de Indra, se aproximou de Rama no campo de batalha, com um carro refulgente como o Sol e ao qual estavam atrelados cavalos de uma cor fulva. E Matali disse, 'Ó filho da linhagem de Kakutstha, este carro excelente e vitorioso, ao qual foi

unido este par de cavalos fulvos, pertence ao Senhor dos celestiais! É sobre esse carro excelente, ó tigre entre homens, que Indra tem matado centenas de Daityas e Danavas em batalha! Portanto, ó tigre entre homens, sendo conduzido no carro dirigido por mim, mate rapidamente Ravana em batalha! Não demore em realizar isto!' Assim endereçado por ele, o descendente da raça de Raghu, no entanto, duvidou das palavras sinceras de Matali, pensando que isto era outra ilusão produzida pelos Rakshasas. Vibhishana então se dirigiu a ele dizendo, 'Isto, ó tigre entre homens, não é uma ilusão do perverso Ravana! Suba nessa carruagem rapidamente, pois ela, ó tu de grande refulgência, pertence a Indra!' O descendente de Kakutstha então disse alegremente para Vibhishana, 'Assim seja', e naquele carro avançou colericamente sobre Ravana. E quando Ravana, também, avançou contra seu antagonista, um lamento alto de aflição foi proferido pelas criaturas da Terra, enquanto os celestiais no céu emitiram um rugido leonino acompanhado pela batida de grandes baterias. O combate que ocorreu então entre o Rakshasa de dez pescoços e aquele príncipe da linhagem Raghu foi violento ao extremo. De fato, aquele combate entre eles não teve paralelo em outra parte. E o Rakshasa arremessou em Rama um dardo terrível parecido com o raio de Indra e semelhante à maldição de um Brahmana a ponto de ser pronunciada. (De acordo com Vyasa e Valmiki, não há nada tão violento quanto a maldição de um Brahmana. O próprio raio de Indra é fraco comparado à maldição de um Brahmana. A razão é óbvia. O raio atinge somente o indivíduo no qual ele possa ser mirado. A maldição do Brahmana atinge a família inteira, a geração inteira, o país inteiro). Rama, no entanto, cortou rapidamente em fragmentos aquele dardo com suas flechas afiadas. E contemplando aquela façanha mais difícil, Ravana foi tomado pelo medo. Mas logo sua cólera foi excitada e o herói de dez pescoços começou a derramar sobre Rama flechas afiadas às milhares e dezenas de milhares e incontáveis armas de várias espécies, tais como foguetes e dardos e maças e machados de batalha e lanças de várias espécies e Shataghnis e setas afiadas. E vendo aquela terrível forma de ilusão exposta pelo Rakshasa de dez pescoços, os macacos fugiram com medo em todas as direções. Então o descendente de Kakutstha, tirando de sua aljava uma flecha excelente equipada com belas asas e penas douradas e uma cabeça bela e brilhante, fixou-a no arco com o mantra Brahmastra. E observando aquela flecha excelente transformada por Rama, com mantras apropriados, em uma arma Brahma, os celestiais e os Gandharvas com Indra em sua chefia começaram a se regozijar. E os deuses e os Danavas e os Kinnaras foram levados pela exibição daquela arma Brahma a considerar a vida de seu inimigo Rakshasa quase encerrada. Então Rama disparou aquela arma terrível de energia inigualável, destinada a empreender a morte de Ravana, e parecida com a maldição de um Brahmana no ponto de declaração. E logo, ó Bharata, que aquela flecha foi disparada por Rama de seu arco esticado a um círculo, o rei Rakshasa com sua carruagem e quadrigário e cavalos brilharam, totalmente cercados por um fogo impressionante. E vendo Ravana morto por Rama de realizações famosas, os celestiais, com os Gandharvas e os Charanas se regozijaram muito. E privados de domínio universal pela energia da arma Brahma, os cinco elementos abandonaram o ilustre Ravana. E foram consumidos pela arma Brahma os ingredientes físicos do corpo de

Ravana. Sua carne e sangue foram todos reduzidos a nada, de maneira que nem cinzas podiam ser vistas.'"

289

"Markandeya disse, 'Tendo matado Ravana, aquele infame rei dos Rakshasas e inimigo dos celestiais, Rama com seus amigos e o filho de Sumitra se regozijou muito. E depois que o (Rakshasa) de dez pescoços tinha sido morto, os celestiais com os Rishis em sua dianteira veneraram Rama de braços fortes, abençoando e proferindo a palavra Jaya repetidamente. E todos os celestiais e os Gandharvas e os habitantes das regiões celestes gratificaram Rama de olhos como folhas de lótus com hinos e chuvas floridas. E tendo devidamente adorado Rama, eles todos partiram para aquelas regiões de onde eles tinham vindo. E, ó tu de glória imperecível, o firmamento naquele momento parecia como se um grandioso festival estivesse sendo celebrado."

"E tendo matado o Rakshasa de dez pescoços, o senhor Rama de fama mundial, aquele conquistador de cidades hostis, entregou Lanka a Vibhishana. Então aquele conselheiro sábio e idoso (de Ravana) conhecido pelo nome de Avindhya, com Sita caminhando diante dele mas atrás de Vibhishana que estava na frente, saiu da cidade. E com grande humildade Avindhya disse para o descendente ilustre de Kakutstha, 'Ó ilustre, aceite esta deusa, a filha de Janaka de comportamento excelente!' Ouvindo estas palavras, o descendente da linhagem de Ikshwaku desceu de sua carruagem excelente e contemplou Sita banhada em lágrimas. E vendo aquela bela dama sentada dentro de seu veículo, afligida pela dor, coberta com sujeira, com madeixas emaranhadas na cabeça, e vestida em mantos sujos, Rama, com medo da perda de sua honra, disse a ela, 'Filha de Videha, vá para onde quer que tu queiras! Tu és livre agora! O que deveria ter sido feito por mim, foi feito! Ó dama abençoada, me possuindo como teu marido, não é apropriado que tu envelheças na residência do Rakshasa! Foi por isto que eu matei aquele vagueador da noite! Mas como pode alguém como nós, familiarizado com todas as verdades de moralidade, abraçar mesmo por um momento uma mulher que caiu nas mãos de outro? Ó princesa de Mithila, se tu és casta ou incasta, eu não ouso desfrutar de ti, agora que tu és como manteiga sacrifical lambida por um cachorro!' Ouvindo estas palavras cruéis, aquela moça adorável caiu de repente em grande aflição de coração, como uma árvore bananeira separada de suas raízes. E a cor que estava cobrindo seu rosto por consequência da alegria que ela tinha sentido desapareceu rapidamente, como partículas de água em um espelho sopradas nele pelo fôlego da boca. E ouvindo estas palavras de Rama, todos os macacos também com Lakshmana ficaram imóveis como mortos. Então o divino Brahma e de alma pura de quatro faces, aquele Criador do Universo ele mesmo nascido de um lótus, mostrou-se em seu carro para o filho de Raghu. E Sakra e Agni e Vayu, e Yama e Varuna e o ilustre Senhor dos Yakshas, e os Rishis santos, e o rei Dasaratha também em uma forma celestial e refulgente e em um carro puxado por cisnes, se mostraram. E então o firmamento apinhado com celestiais e Gandharvas se tornou tão belo quanto o

céu outonal coberto com estrelas. E se levantando do chão, a abençoada e famosa princesa de Videha, no meio daqueles presentes falou para Rama de peito largo, estas palavras, 'Ó príncipe, eu não imputo falha a ti, pois tu conheces bem o comportamento que uma pessoa deve adotar em relação a homens e mulheres. Mas ouça estas minhas palavras! O Ar sempre movente está sempre presente dentro de todas as criaturas. Se eu tenho pecado, que ele abandone minhas forças vitais! Se eu tenho pecado, oh, então que o Fogo, e Água, e Espaço, e Terra, como o Ar (a quem eu já invoquei), também abandonem minhas forças vitais! E como, ó herói, eu nunca, nem em meus sonhos, estimei a imagem de qualquer outro homem, assim sejas tu meu marido como designado pelos deuses.' Depois que Sita tinha falado, uma voz sagrada, ressoando por toda aquela região foi ouvida nos céus, alegrando os corações dos macacos de grande alma. E o deus do vento foi ouvido dizer, 'Ó filho de Raghu, o que Sita disse é verdade! Eu sou o deus do Vento. A princesa de Mithila é impecável! Portanto, ó rei, reúna-te com tua esposa!' E o deus do Fogo disse, 'Ó filho de Raghu, eu moro dentro dos corpos de todas as criaturas! Ó descendente de Kakutstha, a princesa de Mithila não é culpada nem da falha mais diminuta!' E Varuna então disse, 'Ó filho de Raghu, os líquidos orgânicos nos corpos de todas as criaturas derivam sua existência de mim! Eu te digo, que a princesa de Mithila seja aceita por ti!' E o próprio Brahma então disse, 'Ó descendente de Kakutstha, ó filho, em ti que és honesto e puro e conhecedor dos deveres dos sábios reais, esta conduta não é incomum. Escute, no entanto, a estas minhas palavras! Tu, ó herói, mataste este inimigo dos deuses, dos Gandharvas, dos Nagas, dos Yakshas, dos Danavas, e dos grandes Rishis! Foi pela minha graça que ele foi até agora incapaz de ser morto por todas as criaturas. E de fato, foi por alguma razão que eu o tolerei por algum tempo! O canalha, no entanto, sequestrou Sita para sua própria destruição. E com relação a Sita, eu a protegi por meio da maldição de Nalakuvera. Pois aquela pessoa tinha amaldiçoado Ravana antigamente, dizendo que se ele alguma vez se aproximasse de uma mulher relutante sua cabeça sem dúvida se partiria em cem fragmentos. Que nenhuma suspeita, portanto, seja tua! Ó tu de grande glória, aceite tua esposa! Tu, de fato, realizaste uma façanha poderosa para o benefício dos deuses, ó tu que tens resplendor divino!' E por último Dasaratha disse, 'Eu estou satisfeito contigo, ó filho! Abençoado sejas, eu sou teu pai Dasaratha! Eu te ordeno aceitar tua esposa de volta e reger teu reino, ó tu principal dos homens!' Rama então respondeu, 'Se tu és meu pai, eu te saúdo com reverência, ó rei dos reis! Eu, de fato, retornarei, por tua ordem, para a cidade encantadora de Ayodhya!'"

"Markandeya continuou, 'Assim endereçado, seu pai, ó touro da linhagem Bharata, respondeu alegremente para Rama, os cantos de cujos olhos eram de uma cor avermelhada, dizendo, 'Volte para Ayodhya e governe aquele reino! Ó tu de grande glória, os teus catorze anos (de exílio) foram completados.' Assim endereçado por Dasaratha, Rama reverenciou os deuses, e saudado por seus amigos ele foi reunido com sua esposa, como o Senhor dos celestiais com a filha de Puloman. E aquele castigador de inimigos então deu um benefício para Avindhya. E ele também concedeu riquezas e honras à mulher Rakshasa chamada Trijata. E quando Brahma com todos os celestiais tendo Indra

encabeçando-os disse para Rama, 'Ó tu que possuis Kausalya como tua mãe, que benefícios de acordo com tua inclinação nós te concederemos?' Rama, nisso, rogou a eles para lhe concederem firme aderência à virtude e invencibilidade com relação a todos os inimigos. E ele também pediu pela restauração à vida de todos aqueles macacos que tinham sido mortos pelos Rakshasas, e depois que Brahma disse 'Assim seja', aqueles macacos, ó rei, devolvidos à vida, se levantaram do campo de batalha, e Sita também, de grande ventura, concedeu para Hanuman uma bênção, dizendo, 'Que tua vida, ó filho, dure tanto quanto (a fama das) realizações de Rama! E, ó Hanuman de olhos amarelos, que iguarias e bebidas celestes estejam sempre disponíveis para ti por minha graça!'"

"Então os celestiais com Indra em sua chefia desapareceram todos na própria vista daqueles guerreiros de realizações impecáveis. E vendo Rama reunido com a filha de Janaka, o quadrigário de Sakra, muito satisfeito, dirigiu-se a ele no meio de amigos, e disse estas palavras, 'Ó tu de bravura que nunca pode ser confundida e que dissipaste a tristeza dos celestiais, dos Gandharvas, dos Yakshas, dos Asuras, dos Nagas, e dos seres humanos! Enquanto a Terra se mantiver no mesmo lugar, todas as criaturas com os celestiais, os Asuras, os Gandharvas, os Yakshas, os Rakshasas, e os Pannagas, falarão de ti.' E tendo dito estas palavras para Rama, Matali reverenciou aquele filho de Raghu, e tendo obtido a permissão daquele principal dos manejadores de armas, ele foi embora, naquela mesma carruagem de refulgência solar. E Rama também, com o filho de Sumatra e Vibhishana, e acompanhado por todos os macacos com Sugriva em sua chefia, colocando Sita na vanguarda e tendo feito arranjos para a proteção de Lanka, cruzou novamente o oceano pela mesma ponte. E ele viajou naquela carruagem bela e percorredora do céu chamada Pushpaka que era capaz de ir a todos os lugares à vontade do passageiro. E aquele subjugador de paixões estava cercado por seus conselheiros principais em ordem de precedência. E chegando àquela parte do litoral onde ele tinha se posicionado antigamente, o rei virtuoso, com todos os macacos, montou sua residência temporária. E o filho de Raghu então, trazendo os macacos diante de si no momento devido, reverenciou eles todos, e gratificando-os com presentes de jóias e pedras preciosas dispensou-os um depois do outro. E depois que todos os chefes dos macacos, e os macacos com caudas bovinas, e os ursos, tinham ido embora, Rama reentrou em Kishkindhya com Sugriva. E acompanhado por ambos, Vibhishana e Sugriva, Rama reentrou em Kishkindhya viajando no carro Pushpaka e mostrando à princesa de Videha as florestas pelo caminho. E tendo chegado a Kishkindhya, Rama, aquele principal de todos os batedores, instalou o bem sucedido Angada como príncipe regente do reino. E acompanhado pelos mesmos amigos como também pelo filho de Sumitra, Rama procedeu em direção à sua cidade pelo mesmo caminho pelo qual ele tinha vindo. E tendo alcançado a cidade de Ayodhya, o rei despachou Hanuman dali como enviado para Bharata. E Hanuman, tendo averiguado as intenções de Bharata a partir de indicações externas, deu a ele as boas notícias (da chegada de Rama). E depois que o filho de Pavana tinha voltado, Rama entrou em Nandigrama. E tendo entrado naquela cidade, Rama contemplou Bharata coberto com sujeira e vestido em trapos e sentado com as sandálias de seu irmão mais velho colocadas diante dele. E sendo reunido, ó touro

da raça Bharata, com ambos Bharata e Shatrughna, o filho poderoso de Raghu, junto com o filho de Sumitra, começou a se regozijar muito. E Bharata e Shatrughna também, reunidos com seu irmão mais velho, e vendo Sita, ambos derivaram grande alegria. E Bharata então, depois de ter venerado seu irmão restituído, transferiu para ele com grande prazer o reino que tinha estado em suas mãos como uma confiança sagrada. E Vasishtha e Vamadeva então juntos instalaram aquele herói na soberania (de Ayodhya) no oitavo Muhurta do dia sob o asterismo chamado Sravana. (Um muhurta sendo igual a uma hora de 48 minutos, isto é a terça parte de um dia e noite inteiros. O asterismo Vaishnava é o Sravava.) E depois que sua instalação estava terminada, Rama deu permissão para o bem satisfeito Sugriva, o rei dos macacos, junto com todos os seus seguidores, como também para o regozijante Vibhishana da raça de Pulastya, para voltarem para suas respectivas residências. E tendo venerado eles com vários artigos de prazer, e feito tudo o que era adequado à ocasião, Rama dispensou aqueles seus amigos com o coração triste. E o filho de Raghu então, tendo cultuado aquela carruagem Pushpaka, devolveu-a alegremente para Vaisravana. E então ajudado pelo Rishi celeste (Vasishtha), Rama realizou nas margens do Gomati dez sacrifícios de cavalo sem obstrução de qualquer tipo e com presentes triplos para Brahmanas.'"

290

"Markandeya disse, 'Foi assim, ó de braços poderosos, que Rama de energia imensurável sofreu antigamente tal infortúnio descomunal por causa de seu exílio nas florestas! Ó tigre entre homens, não sofra, pois, ó castigador de inimigos, tu és Kshatriya! Tu também andas no caminho no qual a força de armas é para ser empregada, o caminho que leva para recompensas tangíveis. Tu não tens nem uma partícula de pecado. Até os celestiais com Indra em sua chefia e os Asuras tem que trilhar o caminho que é trilhado por ti! Foi depois de tais aflições que o manejador do raio, ajudado pelos Maruts, matou Vritra, e o invencível Namuchi e a Rakshasi de língua comprida! Aquele que tem ajuda sempre assegura a realização de todos os seus propósitos! O que é que não pode ser vencido em batalha por aquele que tem Dhananjaya como seu irmão? Bhima, também, de bravura terrível, é o principal dos homens poderosos. Os filhos heróicos e jovens de Madravati além disso são arqueiros poderosos. Com aliados tais como esses, por que tu te desesperas, ó castigador de inimigos? Eles são capazes de derrotar o exército do próprio manejador do raio com os Maruts no meio. Tendo esses arqueiros poderosos de formas celestes como teus aliados, tu, ó touro da raça Bharata, sem dúvida conquistarás todos os teus inimigos em batalha! Veja, Krishna, a filha de Drupada, sequestrada à força pelo Saindhava de mente má por orgulho de força e energia, foi trazida de volta por estes guerreiros poderosos depois de realizarem feitos terríveis! Veja, o rei Jayadratha foi derrotado e colocado impotente diante de ti! A princesa de Videha foi resgatada com quase nenhum aliado por Rama depois da matança em batalha do Rakshasa de dez pescoços de destreza terrível! De fato, os aliados de Rama (naquela peleja) eram

macacos e ursos de rostos negros, criaturas que não eram nem humanas! Pense em tudo isto, ó rei, em tua mente! Portanto, ó principal dos Kurus, não sofra por tudo (o que tem ocorrido), ó touro da raça Bharata! Pessoas ilustres como tu nunca se entregam à tristeza, ó batedor de inimigos!'

Vaisampayana continuou, "Foi dessa maneira que o rei foi confortado por Markandeya. E então aquele de grande alma, abandonando suas tristezas, falou novamente para Markandeya."

291

(Pativrata mahatmya Parva)

"Yudhishthira disse, 'Ó sábio poderoso, eu não me aflijo muito por mim mesmo ou esses meus irmãos ou a perda do meu reino como eu me aflijo por esta filha de Drupada. Quando nós fomos afligidos no jogo de dados por aqueles de alma pecaminosa, foi Krishna quem nos libertou. E ela foi raptada à força da floresta por Jayadratha. Tu alguma vez viste ou ouviste de alguma dama casta e exaltada que se pareça com esta filha de Drupada?'"

"Markandeya disse, 'Ouça, ó rei, como o mérito superior de senhoras castas, ó Yudhishthira, foi totalmente obtido por uma princesa chamada Savitri. Havia um rei entre os Madras, que era virtuoso e altamente pio. E ele sempre atendia aos Brahmanas, e era de grande alma e firme em promessa. E ele era de sentidos subjugados e dado a sacrifícios. E ele era o principal dos doadores, e era competente, e querido por ambos: os cidadãos e a população rural. E o nome daquele senhor da Terra era Aswapati. E ele estava concentrado no bem-estar de todos os seres. E aquele (monarca) clemente de palavras sinceras e sentidos subjugados não tinha herdeiros. E quando ele envelheceu, ele foi tomado pela aflição por isto. E com o objetivo de criar prole, ele observou votos rígidos e começou a viver de alimentação frugal, recorrendo ao modo de vida Brahmacharya, e reprimindo seus sentidos. E aquele melhor dos reis, oferecendo (diariamente) dez mil oblações para o fogo, recitou Mantras em honra de Savitri (também chamada Gayatri, a esposa de Brahma) e comia moderadamente na sexta hora. E ele passou dezoito anos praticando tais votos. Então quando os dezoito anos estavam completos, Savitri estava satisfeita (com ele). E, ó rei, emergindo com grande deleite, em forma incorporada, do fogo Agnihotra, a deusa se mostrou para aquele rei. E empenhada em conferir bênçãos, ela falou essas palavras para o monarca, 'Eu estou satisfeita, ó rei, com tuas práticas Brahmacharya, tua pureza e autodomínio e observância de votos, e todos os teus esforços e veneração! Ó rei poderoso, ó Aswapati, peça a bênção que tu desejas! Tu deves, no entanto, de nenhuma maneira mostrar algum desrespeito pela virtude.' Nisso Aswapati disse, 'É com o desejo de alcançar virtude que eu estou engajado nesta tarefa. Ó deusa, que muitos filhos dignos da minha linhagem nasçam para mim! Se tu estás satisfeita comigo, ó deusa, eu peço este benefício. Os duas vezes nascidos me asseguraram de que existe grande mérito em ter

filhos!' Savitri respondeu, 'Ó rei, tendo já sabido desta tua intenção, eu falei para aquele senhor, o Avô, acerca dos teus filhos. Pelo favor concedido pelo Auto-criado, nascerá rapidamente para ti sobre a terra uma filha de grande energia. Não cabe a ti replicar. Bem satisfeita, eu te digo isto por ordem do Avô.'"

"Markandeya disse, 'Tendo aceitado as palavras de Savitri e dizendo, 'Assim seja' o rei novamente a gratificou e disse, 'Que isto possa acontecer logo.' Após Savitri desaparecer o monarca entrou na sua própria cidade. E aquele herói começou a viver em seu reino, governando seus súditos justamente. E quando algum tempo tinha passado, aquele rei, cumpridor de votos, gerou prole em sua rainha mais velha dedicada à prática de virtude. E então, ó touro da raça Bharata, o embrião no útero da princesa de Malava cresceu como o senhor das estrelas nos céus durante a quinzena iluminada. E quando chegou o momento, ela deu à luz uma filha dotada de olhos semelhantes ao lótus. E aquele melhor dos monarcas realizou alegremente as cerimônias usuais em nome dela. E porque ela tinha sido concedida com alegria pela deusa Savitri em virtude das oblações oferecidas em honra daquela deusa, ambos, seus pais e os Brahmanas, a chamaram de Savitri. E a filha do rei cresceu como a própria Sree em uma forma incorporada. E no tempo devido, aquela donzela alcançou sua puberdade. E contemplando aquela moça graciosa de cintura fina e quadris largos, e parecendo com uma imagem dourada, as pessoas pensavam, 'Nós recebemos uma deusa.' E subjugado por sua energia, ninguém podia se casar com aquela moça de olhos como folhas de lótus, e possuidora de um esplendor ardente.'"

'E aconteceu que uma vez na ocasião de um parva, tendo jejuado e banhado sua cabeça, ela se apresentou perante a divindade (da família) e fez os Brahmanas oferecerem oblações com ritos devidos ao fogo sacrifical. E pegando as flores que tinham sido oferecidas para o deus, aquela dama, bela como a própria Sree, foi até seu pai de grande alma. E tendo reverenciado os pés de seu pai e oferecendo a ele as flores que ela tinha trazido, aquela moça de graça excelente, com mãos unidas, permaneceu ao lado do rei. E vendo sua própria filha parecendo com uma donzela celeste chegada à puberdade, e não solicitada pelas pessoas, o rei ficou triste. E o rei disse, 'Filha, chegou o momento para te entregar! Ninguém ainda te pediu. (Portanto) tu mesmo procures por um marido igual a ti em qualidades! Aquela pessoa que for desejada por ti deve ser comunicada para mim. Escolha teu marido como te agradar. Eu te entregarei com deliberação. Ó auspiciosa, ouça-me enquanto eu te falo as palavras as quais eu ouvi recitadas pelos duas vezes nascidos. O pai que não concede sua filha obtém ignomínia. E o marido que não conhece sua esposa em sua época encontra com ignomínia. E o filho que não protege sua mãe quando seu marido está morto também sofre desgraça. Ouvindo estas minhas palavras, empenhe-te na busca de um marido. Aja de tal maneira que nós não possamos ser criticados pelos deuses!'

"Markandeya disse, 'Tendo dito estas palavras para sua filha e seus velhos conselheiros, ele instruiu os servidores para segui-la, dizendo, ‘Vão!’ Nisso, reverenciando timidamente os pés de seu pai, a donzela meiga partiu sem hesitação, em conformidade com as palavras de seu pai. E subindo em um carro dourado, ela foi ao retiro encantador dos sábios reais, acompanhada pelos

conselheiros idosos de seu pai. Lá, ó filho, reverenciando os pés dos idosos, ela gradualmente começou a vagar por todas as florestas. Assim a filha do rei distribuindo riqueza em todas as regiões sagradas percorreu os vários lugares pertencentes aos principais dos duas vezes nascidos.'"

292

"Markandeya continuou, 'Em uma ocasião, ó Bharata, quando aquele rei, o senhor dos Madras, estava sentado com Narada no meio de sua corte, engajado em conversação, Savitri, acompanhada pelos conselheiros do rei, chegou à residência de seu pai depois de ter visitado várias regiões e retiros sagrados. E vendo seu pai sentado com Narada, ela reverenciou os pés de ambos por inclinar sua cabeça. E Narada então disse, 'Para onde esta tua filha foi? E, ó rei, de onde também ela vem? Por que também tu não a entregas a um marido, agora que ela chegou à idade da puberdade?' Aswapati respondeu, dizendo, 'Certamente foi neste mesmo assunto que ela foi enviada, e ela retorna agora (de sua busca). Ó sábio celeste, ouça dela mesma quanto ao marido que ela própria escolheu!'"

"Markandeya continuou, 'Então a donzela abençoada, mandada por seu pai com as palavras, 'Conte tudo em detalhes,' considerou aquelas palavras de seu pai como se elas fossem as de um deus, e falou a ele dessa maneira, 'Havia, entre os Salwas, um rei Kshatriya virtuoso conhecido pelo nome de Dyumatsena. E aconteceu que com o decorrer do tempo ele se tornou cego. E aquele rei cego possuidor de sabedoria teve um filho único. E ocorreu que um velho inimigo residindo na vizinhança, se aproveitando do infortúnio do rei, privou-o de seu reino. E então o monarca, acompanhado por sua esposa carregando um filho em seu peito, entrou nas florestas. E tendo se retirado às florestas, ele adotou grandes votos e começou a praticar austeridades ascéticas. E seu filho, nascido na cidade, começou a crescer no eremitério. Aquele jovem, adequado para ser meu esposo, eu aceitei no meu coração como meu marido!' A estas palavras dela, Narada disse, 'Ai, ó rei, Savitri cometeu um grande erro, já que, sem saber, ela aceitou como seu marido Satyavan de qualidades excelentes! Seu pai fala a verdade e sua mãe também é sincera em suas palavras. E é por isto que os Brahmanas chamaram o filho de Satyavan. Em sua infância ele tinha grande deleite em cavalos, e costumava fazer cavalos de argila. E ele costumava também desenhar imagens de cavalos. E por isso aquele jovem é às vezes chamado pelo nome de Chitraswa.' O rei então perguntou, 'E o príncipe Satyavan, que é devotado a seu pai, é dotado de energia e inteligência e perdão e coragem?' Narada respondeu, dizendo, 'Em energia Satyavan é como o sol, e em sabedoria como Vrihaspati! E ele é corajoso como o senhor dos celestiais e clemente como a própria Terra!' Aswapati então disse, 'E o príncipe Satyavan é generoso em doações e dedicado aos Brahmanas? Ele é bonito e magnânimo e atraente para contemplar?' Narada disse, 'Em concessão de doações de acordo com seu poder, o filho poderoso de Dyumatsena é semelhante ao filho de Sankriti Rantideva. Em veracidade de palavras e devoção aos Brahmanas, ele é como Sivi, o filho de

Usinara. E ele é magnânimo como Yayati, e belo como a Lua. E em beleza pessoal ele é como um ou outro dos gêmeos Aswins. E com sentidos sob controle, ele é meigo, e corajoso, e sincero! E com paixão em submissão ele é devotado a seus amigos, e livre de malícia e modesto e paciente. De fato, falando brevemente, aqueles que são possuidores de grande mérito ascético e são de caráter elevado dizem que ele é sempre correto em sua conduta e que a honra está firmemente assentada em sua fronte.' Ouvindo isso, Aswapati disse, 'Ó sábio venerável, tu me disseste que ele é possuidor de todas as virtudes! Agora fale-me de seus defeitos se, de fato, ele tem algum!' Narada então disse, 'Ele tem somente um defeito que subjugou todas as suas virtudes. Aquele defeito é incapaz de ser conquistado até pelos maiores esforços. Ele tem somente um defeito, e nenhum outro. Dentro de um ano a partir deste dia, Satyavan, dotado de uma vida curta, abandonará seu corpo!' Ouvindo essas palavras do sábio, o rei disse, 'Aproxime-te, ó Savitri, vá e escolha outro para teu marido, ó bela donzela! Esse grande defeito existe (neste jovem), cobrindo todos os seus méritos. O ilustre Narada, honrado até pelos deuses, diz que Satyavan terá que abandonar seu corpo dentro de um ano, seus dias estando contados!' A estas palavras de seu pai, Savitri disse, 'A morte pode cair somente uma vez; uma filha pode ser entregue somente uma vez; e uma vez somente uma pessoa pode dizer, ‘Eu dou!’ Estas três coisas podem ocorrer somente uma vez. De fato, com uma vida curta ou longa, possuidor de virtudes ou desprovido delas, eu, por uma vez, escolhi meu marido. Duas vezes eu não escolherei. Tendo primeiro decidido uma coisa mentalmente, ela é expressada em palavras, e então é executada na prática. Disto minha mente é um exemplo!' Narada então disse, 'Ó melhor dos homens, o coração da tua filha Savitri não oscila! Não é possível de qualquer maneira fazer ela se desviar deste caminho de virtude! Em nenhuma outra pessoa se encontram aquelas virtudes que moram em Satyavan. A concessão da tua filha, portanto, é aprovada por mim!' O rei disse, 'O que tu disseste, ó ilustre, nunca deve ser desobedecido, pois tuas palavras são verdadeiras! E eu agirei como tu disseste, já que tu és meu preceptor!' Narada disse, 'Que a concessão da tua filha Savitri seja acompanhada de paz! Eu agora partirei. Abençoados sejam todos vocês!'"

"Markandeya continuou, 'Tendo dito isso, Narada se alçou ao firmamento e foi para o céu. Por outro lado, o rei começou a fazer preparativos para o casamento de sua filha!'"

293

"Markandeya disse, 'Tendo ponderado sobre aquelas palavras (de Narada) sobre o casamento de sua filha, o rei começou a fazer planos acerca das núpcias. E convocando todos os Brahmanas idosos, e Ritwijas junto com os sacerdotes, ele partiu com sua filha em um dia auspicioso. E chegando ao retiro de Dyumatsena na floresta sagrada, o rei se aproximou do sábio a pé, acompanhado pelos duas vezes nascidos. E lá ele contemplou o monarca cego de grande sabedoria sentado em uma almofada de erva Kusa espalhada sob uma árvore Sala. E depois de reverenciar devidamente o sábio real, o rei em um discurso humilde se

apresentou. Nisso, oferecendo a ele o Arghya, um assento, e uma vaca, o monarca perguntou ao seu convidado nobre, ‘Qual o motivo dessa visita?’ Assim endereçado o rei revelou tudo acerca de suas intenções e propósito com relação a Satyavan. E Aswapati disse, 'Ó sábio real, esta bela moça é minha filha chamada Savitri. Ó tu versado em moralidade, de acordo com os costumes de nossa classe, aceite-a de mim como tua nora!' Ouvindo estas palavras, Dyumatsena disse, 'Desprovido de reino, e fixando nossa residência nas florestas, nós somos dedicados à prática de virtude como ascetas com vidas reguladas. Indigna de uma vida na floresta, como a tua filha, vivendo no retiro silvestre, aguentará este sofrimento?' Aswapati disse, 'Quando minha filha sabe, assim como eu mesmo, que felicidade e tristeza vem e vão (sem um ou outro ser estacionário), tais palavras como essas não são adequadas para serem usadas em direção a alguém como eu! Ó rei, eu vim para cá, tendo tomado uma resolução! Eu tenho me curvado a ti por amizade; não cabe a ti, portanto, destruir minha esperança! Não cabe a ti, também, desrespeitar a mim que, movido por forte afeição, vim até ti! Tu és meu igual e digno de uma aliança comigo, como de fato, eu sou teu igual e digno de aliança contigo! Portanto, aceite minha filha como tua nora e a esposa do bom Satyavan!' Ouvindo essas palavras Dyumatsena disse, 'Antigamente eu desejei uma aliança contigo. Mas eu hesitei, sendo posteriormente privado do meu reino. Que este desejo, portanto, que eu nutria antigamente, seja realizado hoje mesmo. Tu és, de fato, um convidado bem vindo para mim!'

"Então, convocando todos os duas vezes nascidos que residiam nos eremitérios daquela floresta os dois reis fizeram a união se realizar com os ritos devidos. E tendo concedido sua filha com mantos e ornamentos adequados, Aswapati voltou para sua residência em grande alegria. E Satyavan, tendo obtido uma esposa possuidora de todas as habilidades, ficou muito contente, enquanto ela também se regozijou muito ao ter obtido o marido de acordo com seu próprio coração. E quando seu pai tinha partido, ela tirou todos os seus ornamentos e se vestiu com cascas de árvores e tecidos tingidos de vermelho. E por seus serviços e virtudes, sua ternura e abnegação, e por seus préstimos agradáveis a todos, ela alegrou a todos. E ela gratificou sua sogra por se encarregar de servir sua pessoa e por cobri-la com mantos e ornamentos. E ela gratificou seu sogro por reverenciá-lo como um deus e controlar suas palavras. E ela agradou seu marido por suas palavras doces como mel, sua habilidade em todos os tipos de trabalho, a regularidade de seu temperamento, e pelas indicações de seu amor em particular. E assim, ó Bharata, vivendo no retiro daqueles habitantes pios da floresta, eles continuaram por algum tempo a praticar austeridades ascéticas. Mas as palavras faladas por Narada estavam presentes noite e dia na mente da triste Savitri.'"

294

"Markandeya disse, 'Finalmente, ó rei, depois que um longo tempo tinha passado, a hora que estava designada para a morte de Satyavan chegou. E como as palavras que tinham sido faladas por Narada estavam sempre presentes na

mente de Savitri, ela tinha contado os dias conforme eles passavam. E tendo averiguado que seu marido morreria no quarto dia seguinte a donzela jejuou dia e noite, cumprindo o voto Triratra. E sabendo de seu voto, o rei ficou extremamente triste e se levantando acalmou Savitri e disse estas palavras, 'Este voto que tu começaste a cumprir, ó filha de um rei, é excessivamente rígido; pois é extremamente difícil jejuar por três noites seguidas!' E ouvindo estas palavras, Savitri disse, 'Tu não precisas ficar preocupado, ó pai! Este voto eu serei capaz de cumprir! Eu sem dúvida me comprometi a esta tarefa com perseverança; e perseverança é a causa da observância bem sucedida de votos.' E tendo escutado-a, Dyumatsena disse, 'Eu não posso de nenhuma maneira dizer para ti: Quebre teu voto. Alguém como eu deve, muito pelo contrário, dizer: Termine teu voto!' E tendo dito isso para ela, Dyumatsena de grande mente se interrompeu. E Savitri continuando a jejuar começou a parecer (magra) como uma boneca de madeira. E, ó touro da raça Bharata, pensando que seu marido morreria no dia seguinte, Savitri tomada pela aflição, fazendo um jejum, passou aquela noite em extrema angústia. E quando o Sol tinha subido cerca de um par de palmos Savitri, pensando consigo mesma, ‘Hoje é aquele dia’, terminou seus ritos matinais, e ofereceu oblações ao fogo flamejante. E reverenciando os Brahmanas idosos, e seu sogro, e sogra, ela ficou perante eles com mãos unidas, concentrando seus sentidos. E para o bem-estar de Savitri, todos os ascetas residindo naquele eremitério proferiram a bênção auspiciosa que ela nunca deveria sofrer viuvez. E Savitri imersa em contemplação aceitou aquelas palavras dos ascetas, dizendo mentalmente, ‘Assim seja!’ e a filha do rei, refletindo sobre aquelas palavras de Narada, permaneceu esperando a hora e o momento.”

Então, ó melhor dos Bharatas, bem satisfeitos, seu sogro e sogra disseram estas palavras para a princesa sentada em um canto, 'Tu terminaste o voto como prescrito. Agora chegou a hora da tua refeição; portanto, faça o que é apropriado!' Nisso Savitri disse, 'Agora que eu terminei o voto proposto, eu comerei quando o Sol se pôr. Esta mesma é a decisão do meu coração e este é meu voto!'

"Markandeya continuou, 'E quando Savitri tinha falado dessa maneira acerca de sua refeição, Satyavan, levando seu machado sobre seus ombros, saiu para as florestas. E nisto, Savitri disse para seu marido, 'Não cabe a ti ir sozinho! Eu te acompanharei. Eu não posso suportar estar separada de ti!' Ouvindo estas palavras dela, Satyavan disse, 'Tu nunca antes foste para a floresta. E, ó dama, os caminhos da floresta são difíceis de atravessar! Além disso tu estás enfraquecida pelo jejum por conta do teu voto. Como tu, portanto, serias capaz de andar a pé?' Assim endereçada, Savitri disse, 'Eu não sinto langor por causa do jejum, nem sinto exaustão. E eu decidi ir. Não cabe a ti, portanto, me impedir!' Nisto, Satyavan disse, 'Se tu desejas ir eu satisfarei este teu desejo. No entanto, pegue a permissão de meus pais, para que eu não possa ser culpado de falha!'"

"Markandeya continuou, 'Assim endereçada por seu marido, Savitri de votos elevados saudou seu sogro e sogra e se dirigiu a eles, dizendo, 'Este meu marido vai à floresta para obter frutas. Permitida por meus venerados sogro e sogra, eu o acompanharei. Pois hoje eu não posso suportar ficar separada dele. Teu filho sai por causa do fogo sacrifical e por seus superiores venerados. Ele não deve,

portanto, ser dissuadido. De fato, ele poderia ser dissuadido se ele entrasse na floresta em alguma outra incumbência. Não me impeçam! Eu entrarei na floresta com ele. Faz um pouco menos de um ano que eu não tenho saído do retiro. De fato, eu estou extremamente desejosa de contemplar os bosques florescentes!' Ouvindo estas palavras Dyumatsena disse, 'Desde que Savitri foi entregue por seu pai como minha nora, eu não me lembro de ela alguma vez ter falado quaisquer palavras formulando um pedido. Que minha nora, portanto, tenha seu desejo nesse assunto. No entanto, ó filha, aja de tal maneira que o trabalho de Satyavan não seja negligenciado!'

"Markandeya continuou, 'Tendo recebido a permissão de ambos, a ilustre Savitri saiu com seu marido, em aparência sorridente embora seu coração estivesse atormentado pela dor. E aquela senhora de olhos grandes foi em frente, contemplando bosques pitorescos e encantadores habitados por bandos de pavões. E Satyavan disse docemente para Savitri, 'Contemple estes rios de correntes sagradas e estas árvores excelentes enfeitadas com flores!' Mas a impecável Savitri continuava a olhar atentamente seu marido em todos os seus ânimos, e se lembrando das palavras do sábio celeste, ela considerou seu marido como já morto. E com seu coração partido em dois, aquela donzela, respondendo para seu marido, suavemente seguiu-o esperando aquela hora.'"

295

"Markandeya disse, ‘O poderoso Satyavan então, acompanhado por sua esposa, colheu frutos e encheu sua sacola com eles. E ele então começou a cortar ramos de árvores. E quando ele os estava cortando, ele começou a transpirar. E por consequência daquele exercício sua cabeça começou a doer. E afligido pelo esforço, ele se aproximou de sua esposa querida, e dirigiu-se a ela, dizendo, 'Ó Savitri, devido a este exercício fatigante minha cabeça dói, e todos os meus membros e meu coração também estão muito afligidos! Ó tu de palavras moderadas, eu me acho indisposto, eu sinto como se minha cabeça estivesse sendo perfurada com numerosos dardos. Portanto, ó dama auspiciosa, eu desejo dormir, pois eu não tenho força para ficar de pé.' Ouvindo estas palavras, Savitri, se adiantando rapidamente, aproximou-se de seu marido e sentou-se sobre o solo, colocando a cabeça dele sobre seu colo. E aquela dama desamparada, pensando nas palavras de Narada, começou a calcular a (estipulada) divisão do dia, a hora, e o momento. No momento seguinte ela viu uma pessoa vestida de traje vermelho com sua cabeça ornamentada com um diadema. E seu corpo era de grandes proporções e refulgente como o sol. E ele era de uma cor um pouco escura, tinha olhos vermelhos, carregava um laço em sua mão, e era terrível de se olhar. E ele estava em pé ao lado de Satyavan e o estava fitando firmemente. E vendo-o, Savitri colocou gentilmente a cabeça de seu marido no chão, e se levantando de repente, com o coração trêmulo, falou estas palavras em tons infelizes, 'Vendo esta tua forma sobre-humana, eu te considero como uma divindade. Se tu desejares, diga-me, ó principal dos deuses, quem tu és e também

o que tu pretendes fazer!' Nisso Yama respondeu, 'Ó Savitri, tu és sempre devotada ao teu marido, e tu és também dotada de mérito ascético. É por esta razão que eu mantenho conversa contigo. Ó auspiciosa, conheça-me como Yama. Este teu marido Satyavan, o filho de um rei, tem seus dias terminados. Eu o levarei embora, portanto, atando-o neste laço. Saiba que esta é a minha missão!' A estas palavras Savitri disse, 'Eu tinha ouvido que teus emissários vem para levar os mortais, ó venerável! Por que então, ó senhor, tu vieste pessoalmente?'"

"Markandeya continuou, 'Assim endereçado por ela, o ilustre senhor dos Pitris, com a intenção de obsequiá-la, começou a explicar para ela realmente tudo sobre suas intenções. E Yama disse, 'Este príncipe é dotado de virtudes e beleza pessoal, e é um mar de habilidades. Ele não merece ser levado embora por meus emissários. Por essa razão é que eu vim pessoalmente.' Dizendo isso, Yama à viva força arrancou do corpo de Satyavan uma pessoa da medida do polegar, amarrado no laço e completamente sob submissão. E quando a vida de Satyavan tinha sido assim tirada, o corpo, privado de respiração, e desprovido de brilho, e desprovido de movimento, se tornou feio de se olhar. E segurando a essência vital de Satyavan, Yama procedeu em uma direção meridional. Nisso, com coração dominado pela dor, a nobre Savitri, sempre devotada a seu marido e coroada com êxito em relação a seus votos, começou a seguir Yama. E nisto Yama disse, 'Desista, ó Savitri! Volte e realize os funerais do teu marido! Tu estás livre de todas as tuas obrigações com teu marido. Tu vieste tão longe quanto é possível vir.' Savitri respondeu, 'Para onde meu marido está sendo levado, ou para onde ele vá por sua própria vontade, eu o seguirei para lá. Este é o costume eterno. Em virtude do meu ascetismo, por meu respeito por meus superiores, por minha afeição por meu marido, por minha observância de votos, assim como por tua generosidade, meu progresso é desimpedido. É declarado por homens sábios dotados de conhecimento verdadeiro que por caminhar somente sete passos com outra, uma pessoa contrai uma amizade com seu companheiro. Mantendo em vista esta amizade (a qual eu contraí contigo), eu te falarei uma coisa. Ouça. Aqueles que não tem suas almas sob controle não adquirem mérito por levar os quatro modos sucessivos de vida, isto é, celibato com estudo, vida familiar, retiro nas florestas, e renúncia do mundo. Aquele que é chamado de mérito religioso é citado como consistindo de conhecimento verdadeiro. Os sábios, portanto, declaram que o mérito religioso é a principal de todas as coisas e não a passagem pelos quatro modos sucessivos. Por praticarmos os deveres de um desses quatro modos de acordo com as indicações dos sábios, nós alcançamos mérito verdadeiro, e, portanto, nós não desejamos o segundo ou o terceiro modo, isto é, celibato com estudo ou renúncia. É por isto também que os sábios declaram que o mérito religioso é a principal de todas as coisas!' Ouvindo estas palavras dela, Yama disse, 'Desista! Eu estou satisfeito com estas tuas palavras formuladas em letras e tonalidade apropriadas, e baseadas na razão. Peça uma bênção! Exceto a vida do teu marido, ó tu de feições impecáveis, eu concederei a ti qualquer benefício que tu solicites!' Ouvindo estas palavras, Savitri disse, 'Privado de seu reino e privado também de visão, meu sogro leva uma vida de isolamento em nosso retiro silvestre. Que aquele rei pelo teu favor obtenha sua visão, e se torne forte como o fogo ou o sol.' Yama disse, 'Ó tu de feições impecáveis, eu te

concedo esta bênção! Será assim como tu disseste! Parece que tu estás fatigada com tua viagem. Desista, portanto, e retorne! Não te permitas ficar mais cansada!' Savitri disse, 'Que cansaço eu posso sentir na presença do meu marido? A sina que é do meu marido é indubitavelmente minha também. Para onde tu levares meu marido, para lá eu irei também! Ó principal dos celestiais, ouça-me novamente! Mesmo um único encontro com os piedosos é altamente desejável; amizade com eles é ainda mais. E relacionamento com os virtuosos nunca pode ser inútil. Portanto, uma pessoa deve viver na companhia dos justos!' Yama disse, 'Estas palavras que tu falaste, tão repletas de instrução útil, deleitam o coração e aumentam a sabedoria até dos eruditos. Portanto, ó senhora, peça um segundo benefício, exceto a vida de Satyavan!' Savitri disse, 'Algum tempo antes, meu sogro sábio e inteligente foi privado de seu reino. Que aquele monarca possa recuperar seu reino. E que aquele meu superior nunca renuncie aos seus deveres! Este mesmo é o segundo benefício que eu peço!' Então Yama disse, 'O rei logo recuperará seu reino. Nem ele alguma vez renegará seus deveres. Assim, ó filha de um rei, eu realizei teu desejo. Agora desista! Volte! Não tome qualquer transtorno futuro!' Savitri disse, ‘Tu controlas todas as criaturas por meio dos teus decretos, e é por teus decretos que tu as leva embora, não segundo a tua vontade. É por isso, ó deus, ó ser divino, que as pessoas te chamam de Yama! Ouça as palavras que eu digo! O dever eterno dos bons em direção às criaturas é nunca feri-las em pensamentos, palavras, e ações, mas ter amor por elas e lhes dar o que lhes é devido. Com relação a este mundo, tudo aqui é como este (meu marido). Os homens são desprovidos de devoção e habilidade. Os bons, no entanto, demonstram compaixão até por seus inimigos quando estes procuram sua proteção.’ Yama disse, 'Como água para a alma sedenta, assim são estas palavras proferidas por ti para mim! Portanto, ó senhora formosa, se tu desejares, peça novamente algum benefício exceto a vida de Salyavana!' A estas palavras Savitri respondeu, ‘Aquele senhor da terra, meu pai, não tem filhos. Que ele possa ter cem filhos gerados de si mesmo, para que sua linhagem seja perpetuada, este é o terceiro benefício que eu pedirei de ti!' Yama disse, ‘Teu pai, ó dama auspiciosa, obterá cem filhos ilustres, que perpetuarão e aumentarão a família do teu pai! Agora, ó filha de um rei, tu obtiveste teu desejo. Desista! Tu chegaste longe o suficiente.' Savitri disse, 'Permanecendo ao lado do meu marido, eu não estou consciente da extensão do caminho que eu tenho andado. De fato, minha mente me impele para um caminho ainda muito mais longo. Novamente, conforme tu segues em frente, ouça as palavras que eu logo proferirei! Tu és o filho poderoso de Vivaswat. É por isso que tu és chamado de Vaivaswata pelos sábios. E, ó senhor, já que tu dispensas lei igual para todas as coisas criadas, tu és designado o senhor da justiça! Uma pessoa não deposita, nem em si mesmo, a confiança que ela deposita no virtuoso. Portanto, todos desejam particularmente amizade com os virtuosos. É somente a bondade de coração que inspira a confiança de todas as criaturas. E é por isto que as pessoas confiam particularmente nos virtuosos.' Ao ouvir estas palavras, Yama disse, 'As palavras que tu proferiste, ó dama formosa, eu não ouvi de ninguém exceto tu; eu estou muito satisfeito com este teu discurso. Exceto a vida de Satyavan, solicite, portanto, um quarto benefício, e então siga teu caminho!' Savitri então disse, 'Da força geratriz minha e de Satyavan, gerados por nós dois, que aja uma centena de

filhos possuidores de força e coragem e capazes de perpetuar nossa linhagem! Este mesmo é o quarto benefício que eu pedirei de ti!' Ouvindo estas palavras dela, Yama respondeu, 'Tu, ó senhora, obterás uma centena de filhos, possuidores de força e coragem, e te causando grande alegria. Ó filha de um rei, que mais nenhum cansaço seja teu! Desista! Tu já vieste longe demais!' Assim endereçada, Savitri disse, 'Aqueles que são virtuosos sempre praticam a moralidade eterna! E a comunhão dos piedosos com os piedosos nunca é infrutífera! Nem há algum perigo para os piedosos proveniente daqueles que são piedosos. E realmente é o virtuoso que por sua veracidade faz o Sol se mover no céu. E é o virtuoso que sustenta a terra por meio de suas austeridades! E, ó rei, é do virtuoso que o passado e o futuro dependem! Portanto, aqueles que são virtuosos nunca estão tristes na companhia dos virtuosos. Sabendo que esta é a prática eterna dos bons e justos, aqueles que são virtuosos continuam a fazer bem para outros sem esperar algum benefício em retorno. Um bom préstimo nunca é desperdiçado nos bons e virtuosos. Nem interesse nem dignidade sofre algum dano por tal ação. E já que tal conduta sempre adere aos virtuosos, os virtuosos frequentemente se tornam os protetores de todos.' Ouvindo estas palavras dela, Yama respondeu, 'Quanto mais tu proferes tais discursos que são abundantes com significado excelente, cheios de frases melíferas, permeadas com moralidade, e agradáveis para a mente, maior é o respeito que eu sinto por ti! Ó tu que és tão devotada ao teu marido, peça uma bênção incomparável!' Assim endereçada, Savitri disse, 'Ó concessor de honras, a bênção que tu já me deste é incapaz de realização sem união com meu marido. Portanto, entre outros benefícios, eu peço por isto, que Satyavan seja devolvido à vida! Privada de meu marido eu sou como uma pessoa morta! Sem meu marido, eu não desejo felicidade. Sem meu marido, eu não desejo o próprio céu. Sem meu marido, eu não desejo prosperidade. Sem meu marido, eu não posso tomar a resolução de viver! Tu mesmo me concedeste a bênção de uma centena de filhos; ainda assim tu levas embora meu marido! Eu peço este benefício: 'Que Satyavan seja devolvido à vida, pois por meio disto aquelas tuas palavras serão feitas verdadeiras.'"

"Markandeya continuou, 'Nisso dizendo ‘Assim seja,’ o filho de Vivaswat, Yama, o dispensador de justiça, desatou seu laço, e com coração alegre disse estas palavras para Savitri, 'Dessa maneira, ó senhora auspiciosa e casta, teu marido é libertado por mim! Tu poderás tê-lo de volta livre de doença. E ele alcançará o êxito! E junto contigo, ele alcançará uma vida de quatrocentos anos. E celebrando sacrifícios com ritos devidos, ele obterá grande fama neste mundo. E em ti Satyavan também gerará uma centena de filhos. E aqueles Kshatriyas com seus filhos e netos serão todos reis, e sempre serão famosos com relação ao teu nome. E teu pai também gerará cem filhos em tua mãe Malavi. E sob o nome de Malavas, teus irmãos Kshatriya, parecendo com os celestiais, serão amplamente conhecidos junto com seus filhos e filhas!' E tendo concedido estas bênçãos a Savitri e tendo assim feito-a ceder, Yama foi para sua residência. Savitri, depois que Yama tinha ido embora, voltou para o local onde o cadáver de cor cinza de seu marido se encontrava, e vendo seu marido no chão, ela se aproximou dele, e segurando-o, colocou sua cabeça em seu colo e sentou-se no chão. Então

Satyavan recuperou a consciência, e olhando Savitri carinhosamente repetidas vezes, como alguém que chega em casa depois de uma permanência em uma terra desconhecida, ele se dirigiu a ela dessa maneira, 'Ai, eu dormi muito tempo! Por que motivo tu não me acordaste? E onde está aquela mesma pessoa de cor negra que estava me arrastando para longe?' A estas palavras dele, Savitri disse, 'Tu, ó touro entre homens, dormiste muito tempo no meu colo! Aquele repressor de criaturas, o venerável Yama, foi embora. Tu estás revigorado, ó abençoado, e o sono te abandonou, ó filho de um rei! Se tu és capaz, levante-te! Veja, a noite é profunda!'"

"Markandeya continuou, 'Tendo recuperado a consciência, Satyavan levantou como alguém que tinha desfrutado de um sono agradável, e vendo todos os lados cobertos com matas, disse, 'Ó moça de cintura fina, eu vim contigo para obter frutas. Então enquanto eu estava cortando madeira eu senti uma dor na minha cabeça. E por conta daquela dor intensa por toda minha cabeça eu não pude ficar de pé por qualquer duração de tempo, e, portanto, eu me deitei no teu colo e dormi. Tudo isto, ó dama auspiciosa, eu me lembro. Então, quando tu me abraçaste, o sono roubou meus sentidos. Eu então vi que tudo em volta estava escuro. No meio disto eu vi uma pessoa de resplendor excelente. Se tu sabes tudo, então, ó moça de cintura fina, diga-me se o que eu vi foi somente um sonho ou uma realidade!' Nisso, Savitri se dirigiu a ele, dizendo, ‘A noite se aprofunda. Eu, ó príncipe, contarei tudo para ti de manhã. Levante, levante, que o bem aconteça para ti! E, ó tu de votos excelentes, venha e veja teus pais! O sol se pôs um longo tempo atrás e a noite se aprofunda. Aqueles vagueadores da noite, tendo vozes terríveis, estão andando em volta em alegria. E sons são ouvidos, procedendo dos habitantes da floresta andando pelas matas. Estes gritos terríveis de chacais que estão vindo do sul e do leste fazem meu coração tremer (de medo)!' Satyavan então disse, 'Coberta de escuridão profunda, a selva apresenta um aspecto terrível. Tu não serás, portanto, capaz de discernir o caminho, e por conseguinte não poderás ir!' Então Savitri respondeu, 'Por causa de um incêndio ter ocorrido na floresta hoje uma árvore seca permanece em chamas, e as chamas sendo atiçadas pelo vento são percebidas ocasionalmente. Eu buscarei algum fogo e acenderei estes feixes em volta. Dissipe toda ansiedade. Eu farei tudo (isto) se tu não ousares ir, pois eu te acho indisposto. Nem tu serás capaz de descobrir o caminho por esta floresta envolvida em escuridão. Amanhã quando as matas ficarem visíveis nós partiremos daqui, se te agradar! Se, ó impecável, for teu desejo, nós passaremos esta noite aqui mesmo!' A estas palavras dela, Satyavan respondeu, 'A dor na minha cabeça foi embora; e eu me sinto bem em meus membros. Com tua permissão eu desejo ver meu pai e mãe. Nunca antes eu voltei para o eremitério depois do tempo apropriado ter passado. Mesmo antes que seja crepúsculo minha mãe me confina dentro do retiro. Até quando eu saio durante o dia meus pais ficam ansiosos por minha causa, e meu pai procura por mim, junto com os habitantes dos retiros silvestres. Antes disto, movidos por angústia profunda, meu pai e mãe tinham me repreendido muitas e muitas vezes, dizendo, ‘Tu chegaste tendo demorado muito tempo!’ Eu estou pensando na situação à qual eles chegaram hoje por minha causa, pois, certamente, será grande a angústia deles quando eles me perderem. Uma noite antes desta, o

casal idoso, que me ama ternamente, chorou de tristeza profunda e disse para mim, 'Privados de ti, ó filho, nós não podemos viver nem por um momento. Tanto quanto tu viveres, sem dúvida, nós também viveremos. Tu és a muleta desses cegos; a posteridade da nossa família depende de ti. De ti também depende nosso bolo fúnebre, nossa fama e nossos descendentes!' Minha mãe é idosa, e meu pai também. Eu sou sem dúvida sua muleta. Se eles não me virem durante a noite, qual, oh, será sua situação? Eu odeio aquele meu sono por causa do qual minha mãe e meu pai inocentes estão em dificuldade, e eu mesmo também estou colocado em tal angústia dilacerante! Sem meu pai e mãe, eu não posso aguentar viver. É certo que agora meu pai cego, sua mente desconsolada com aflição, está perguntando a todos os habitantes do eremitério sobre mim! Eu, ó moça formosa, não sofro tanto por mim mesmo quanto eu sofro por meu pai e por minha mãe frágil sempre obediente a seu marido! Certamente eles serão afligidos por angústia extrema por minha causa. Eu mantenho minha vida enquanto eles viverem. E eu sei que eles devem ser mantidos por mim e que eu devo fazer somente o que é agradável para eles!'"

"Markandeya continuou, 'Tendo dito isso, aquele jovem virtuoso que amava e venerava seus pais, afligido pela dor, levantou seus braços e começou a lamentar em tons de pesar. E vendo seu marido dominado pela tristeza a virtuosa Savitri enxugou as lágrimas dos olhos dele e disse, 'Se eu tenho observado austeridades, e tenho doado em caridade, e tenho realizado sacrifícios, possa esta noite ser para o bem do meu sogro, sogra e marido! Eu não me lembro de ter dito uma única mentira, nem de brincadeira. Que meu sogro e sogra mantenham suas vidas em virtude da verdade!' Satyavan disse, 'Eu anseio pela visão de meu pai e mãe! Portanto, ó Savitri, proceda sem demora. Ó donzela bela, eu juro por meu próprio ser que se eu descobrir que algum mal aconteceu para meu pai e mãe, eu não viverei. Se tu tens alguma consideração pela virtude, se tu desejas que eu viva, se é teu dever fazer o que é agradável para mim, proceda para o eremitério!' A bela Savitri então se pôs de pé e amarrando seu cabelo, ergueu seu marido em seus braços. E Satyavan tendo levantado, esfregou seus membros com suas mãos. E quando ele olhou em volta, seus olhos caíram sobre sua sacola. Então Savitri disse para ele, 'Amanhã tu podes colher frutas. E eu carregarei teu machado para teu conforto.' Então pendurando a sacola sobre o ramo de uma árvore, e erguendo o machado, ela se reaproximou de seu marido. E aquela dama de coxas belas, colocando o braço esquerdo de seu marido sobre seu ombro esquerdo, e abraçando-o com seu braço direito, prosseguiu com passo pesado. Então Satyavan disse, 'Ó tímida, em virtude do hábito, os caminhos (da floresta) são conhecidos por mim. E além disso, pela luz da lua entre as árvores, eu posso vê-los. Nós agora alcançamos o mesmo caminho que nós tomamos de manhã para colher frutas. Ó auspiciosa, proceda pelo caminho que nós viemos, tu não precisas mais te sentir indecisa sobre nosso caminho. Perto daquela área coberta com árvores Palasa o caminho se separa em dois. Proceda pelo caminho que se encontra ao norte disto. Eu estou bem agora e tenho minha força de volta. Eu almejo ver meu pai e mãe!' Dizendo isso Satyavan procedeu rapidamente em direção ao eremitério.'"

296

"Markandeya disse, 'Enquanto isso o poderoso Dyumatsena, tendo recuperado sua visão, podia ver tudo. E quando sua visão clareou ele viu tudo em volta dele. E, ó touro da raça Bharata, procedendo com sua esposa Saivya a todos os retiros (vizinhos) à procura de seu filho, ele ficou extremamente aflito por causa dele. E aquela noite o casal idoso circulou procurando em retiros, e rios, e bosques, e lagos. E quando eles ouviam algum som, eles permaneciam erguendo suas cabeças, pensando ansiosamente que seu filho estava vindo, e diziam, 'Ó lá vem Satyavan com Savitri!' E eles iam para lá e para cá como loucos, seus pés dilacerados, fendidos, feridos, e sangrando, perfurados com espinhos e folhas Kusa. Então todos os Brahmanas que residiam naquele eremitério foram até eles, e circundando-os por todos os lados, os confortaram, e os levaram de volta para seu próprio retiro. E lá Dyumatsena com sua esposa cercados por ascetas idosos foram entretidos com histórias de monarcas dos tempos antigos. E embora aquele casal idoso desejoso de ver seu filho estivesse confortado, ainda assim se lembrando dos dias juvenis de seu filho, eles ficaram muito preocupados. E afligidos pela dor, eles começaram a lamentar em tons comoventes, dizendo, 'Ai, ó filho, ai, ó nora casta, onde estão vocês?' Então um Brahmana sincero de nome Suvarchas falou a eles, dizendo, 'Considerando as austeridades, autodomínio, e comportamento de sua esposa Savitri, não pode haver dúvida de que Satyavan vive!' E Gautama disse, 'Eu tenho estudado todos os Vedas com seus ramos, e eu adquiri grande mérito ascético. E eu tenho levado uma vida celibatária, praticando também o modo de vida Brahmacharya. Eu tenho gratificado Agni e meus superiores. Com alma absorta eu também tenho cumprido todos os votos, e eu tenho, de acordo com a ordenança, frequentemente vivido só do ar. Em virtude deste mérito ascético eu sou cônscio de todos os feitos de outros. Portanto, aceitem com certeza que Satyavan está vivo.' Nisso seu discípulo disse, 'As palavras que saíram dos lábios do meu preceptor nunca podem ser falsas. Portanto, Satyavan está vivo sem dúvida.' E o Rishi disse, 'Considerando as marcas auspiciosas que sua esposa Savitri carrega e todas as quais indicam imunidade de viuvez, não pode haver dúvida de que Satyavan vive!' E Varadwaja disse, 'Considerando o mérito ascético, autodomínio, e comportamento da esposa dele Savitri, não pode haver dúvida de que Satyavan vive.' E Dalbhya disse, 'Já que tu recuperaste tua visão, e já que Savitri partiu depois do término do voto, sem ingerir algum alimento, não pode haver dúvida de que Satyavan vive.' E Apastamba disse, 'Da maneira na qual as vozes de aves e animais selvagens estão sendo ouvidas através da tranquilidade da atmosfera por toda parte, e do fato também de tu teres recuperado o uso dos teus olhos, indicando a tua utilidade para propósitos mundanos mais uma vez, não pode haver dúvida de que Satyavan vive.' E Dhauma disse, 'Como teu filho está honrado com todas as virtudes, e como ele é o amado de todos, e como ele é possuidor de marcas que predizem uma vida longa, não pode haver dúvida de que Satyavan está vivo.'"

"Markandeya continuou, 'Assim animado por aqueles ascetas de palavras sinceras, Dyumatsena, ponderando sobre aqueles pontos, obteve um pouco de

conforto. Pouco tempo depois, Savitri com seu marido Satyavan alcançou o eremitério durante a noite e entrou nele com o coração contente. Os Brahmanas então disseram, 'Vendo este encontro com teu filho, e tua restauração à visão, nós todos te desejamos bem, ó senhor da terra. Tua reunião com teu filho, a visão de tua nora, e tua restauração à visão constituem uma prosperidade tripla que tu ganhaste. O que todos nós dissemos deve acontecer, não pode haver dúvida disto. De agora em diante tu crescerás rapidamente em prosperidade.' Então, ó filho de Pritha, os duas vezes nascidos acenderam um fogo e se sentaram em frente ao rei Dyumatsena. E Saivya, e Satyavan, e Savitri que estavam de pé à parte, seus corações livres de angústia, sentaram-se com a permissão deles todos. Então, ó Partha, sentados com o monarca aqueles habitantes das florestas, estimulados pela curiosidade, questionaram o filho do rei, dizendo, 'Por que, ó ilustre, tu não voltaste mais cedo com tua esposa? Por que tu chegaste tão tarde à noite? Que obstáculo te impediu? Nós não sabemos, ó filho de um rei, por que tu causaste tal alarme para nós, e para teu pai e mãe. Cabe a ti nos contar tudo sobre isto.' Nisso Satyavan disse, 'Com a permissão de meu pai eu fui para as matas com Savitri. Lá, quanto eu estava cortando madeira na floresta, eu senti uma dor na minha cabeça. E por consequência da dor eu caí em um sono profundo. Isso é tudo o que eu me lembro. Eu nunca tinha dormido por tanto tempo antes. Eu vim tão tarde à noite para que vocês não pudessem se afligir (por minha causa). Não há outra razão para isto.' Gautama então disse, 'Tu não sabes então a causa da restauração repentina do teu pai à visão. Portanto, cabe a Savitri relatar isto. Eu desejo saber (de ti), pois certamente tu és conhecedora dos mistérios do bem e do mal. E, ó Savitri, eu sei que tu és como a própria deusa Savitri em esplendor. Tu deves saber a razão disto. Portanto, conte isto verdadeiramente! Se isto não deve ser mantido em segredo, revele-o para nós!' A estas palavras de Gautama Savitri disse, ‘Isto é como vocês imaginam. Seu desejo certamente será realizado. Eu não tenho segredo para manter. Ouçam a verdade então! Narada de grande alma tinha previsto a morte de meu marido. Hoje era o momento designado. Eu não podia, portanto, aguentar ser separada da companhia de meu marido. E depois que ele tinha adormecido, Yama, acompanhado por seus mensageiros, se apresentou perante ele, e amarrando-o, começou a levá-lo em direção à região habitada pelos Pitris. Nisso eu comecei a louvar aquele deus venerável, com palavras sinceras. E ele me concedeu cinco benefícios, sobre os quais vocês ouçam de mim! Para meu sogro eu obtive dois benefícios, isto é, sua restauração à visão como também ao seu reino. Meu pai também obteve cem filhos. E eu mesma obtive cem filhos. E meu marido Satyavan obteve uma vida de quatrocentos anos. Foi pela vida de meu marido que eu tinha cumprido aquele voto. Assim eu narrei em detalhes para vocês a causa pela qual este meu imenso infortúnio foi posteriormente convertido em felicidade.’ Os Rishis disseram, 'Ó senhora casta de disposição excelente, cumpridora de votos e dotada de virtude, e nascida de uma linhagem ilustre, por ti a família deste principal dos reis, a qual estava oprimida por calamidades e estava afundando em um oceano de escuridão, foi resgatada.'"

"Markandeya continuou, 'Então tendo elogiado e reverenciado aquela melhor das mulheres, aqueles Rishis lá reunidos se despediram daquele principal dos reis

assim como de seu filho. E tendo saudado eles dessa maneira, eles partiram rapidamente, em paz com corações alegres, para suas respectivas residências.'"

297

"Markandeya continuou, 'Quando a noite tinha passado, e o orbe solar tinha se erguido, aqueles ascetas, tendo realizado seus ritos matinais, se reuniram. E embora aqueles sábios poderosos falassem repetidas vezes para Dyumatsena da grande boa sorte de Savitri, ainda assim eles nunca estavam satisfeitos. E aconteceu, ó rei, que chegou lá naquele eremitério um grande grupo de pessoas de Salwa. E eles trouxeram informações do inimigo de Dyumatsena ter sido assassinado por seu próprio ministro. E eles relataram para ele tudo o que tinha acontecido, ou seja, como tendo ouvido que o usurpador tinha sido morto com todos os seus amigos e aliados por seu ministro, suas tropas tinham todas fugido, e como todos os súditos tinham se tornado unânimes (em nome de seu rei legítimo), dizendo, 'Possuidor de visão ou não, ele mesmo será nosso rei!' E eles disseram, 'Nós fomos enviados a ti por causa daquela resolução. Este teu carro, e este exército também consistindo em quatro espécies de forças, chegou por ti! Que o bem te aconteça, ó rei! Venha! Tu tens sido proclamado na cidade. Ocupe para sempre o posto pertencente ao teu pai e avô!' E vendo o rei possuidor de visão e são, eles inclinaram suas cabeças, seus olhos arregalados de admiração. Então tendo reverenciado aqueles idosos Brahmanas que residiam no eremitério e honrados por eles em retorno o rei partiu para sua cidade. E cercado pelos soldados, Saivya também acompanhado por Savitri entrou em um veículo equipado com lençóis brilhantes e carregado nos ombros de homens. Então os sacerdotes com corações alegres instalaram Dyumatsena no trono com seu filho de grande alma como príncipe-regente. E depois do lapso de um longo tempo, Savitri deu à luz a uma centena de filhos, todos guerreiros e que não fugiam do combate, e aumentando a fama da linhagem de Salwa. E ela também teve uma centena de irmãos altamente poderosos nascidos para Aswapati, o senhor dos Madras, com Malavi. Assim, ó filho de Pritha, Savitri elevou de situação deplorável para grande ventura, ela mesma, seu pai e mãe, seu sogro e sogra, como também a família de seu marido. E como aquela dama amável Savitri, a filha auspiciosa de Drupada, dotada de caráter excelente, resgatará vocês todos."

Vaisampayana disse, "Assim exortado por aquele sábio de grande alma, o filho de Pandu, ó rei, com sua mente livre de ansiedade, continuou a viver na floresta de Kamyaka. O homem que ouve com reverência a excelente história de Savitri obtém felicidade e êxito em tudo, e nunca encontra miséria!"

298

Janamejaya disse, "Qual, ó Brahmana, era o grande temor nutrido por Yudhishthira em relação a Karna, pelo qual Lomasa transmitiu ao filho de Pandu uma mensagem de significado profundo de Indra nestas palavras, ‘Aquele teu medo intenso que tu nunca expressas para alguém, eu removerei depois que Dhananjaya partir daqui?’ E, ó melhor dos ascetas, por que foi que o virtuoso Yudhishthira nunca o expressou para alguém?"

Vaisampayana disse, "Porque tu me perguntas, ó tigre entre reis, eu narrarei aquela história para ti! Ouça minhas palavras, ó melhor dos Bharatas! Depois que doze anos (de seu exílio) tinham passado e décimo terceiro ano tinha começado, Sakra, sempre amável para os filhos de Pandu, resolveu pedir de Karna (seus brincos). E, ó monarca poderoso, averiguando esta intenção do grande chefe dos celestiais sobre os brincos (de Karna), Surya, tendo refulgência como sua riqueza, foi até Karna. E, ó principal dos reis, quando aquele herói devotado aos Brahmanas e sincero em palavras estava deitado à noite tranquilamente em uma cama opulenta sobreposta com um lençol caro, a divindade refulgente, cheia de bondade e afeição por seu filho, se mostrou, ó Bharata, para ele em sonhos. E assumindo por poder ascético a forma de um belo Brahmana versado nos Vedas, Surya disse agradavelmente para Karna estas palavras para seu benefício, 'Ó filho, ó Karna, ouça estas minhas palavras, ó tu principal das pessoas sinceras! Ó poderosamente armado, eu te digo hoje por afeição o que é para o teu grande bem! Com o objetivo, ó Karna, de obter teus brincos, Sakra, movido pelo desejo de beneficiar os filhos de Pandu, irá até ti, disfarçado como um Brahmana! Ele, assim como todo mundo, conhece o teu caráter, isto é, que quando solicitado por pessoas piedosas tu doas mas nunca recebes em doação! Tu, ó filho, doas para Brahmanas riqueza ou qualquer outra coisa que seja pedida de ti e nunca recusas alguma coisa a alguém. Sabendo que tu és assim, o próprio subjugador de Paka virá para pedir de ti teus brincos e cota de malha. Quando ele pedir os brincos de ti, não cabe a ti doá-los, mas gratificá-lo com palavras agradáveis com todas as tuas forças. Isto mesmo é para o teu bem supremo! Enquanto pedindo de ti pelos brincos, tu deves, com várias justificações, repetidamente recusar a Purandara que está desejoso de obtê-los, oferecendo a ele, em vez disso, várias outras espécies de riqueza, tais como pedras preciosas e mulheres e vacas, e citando vários precedentes. Se tu, ó Kama, doares teus belos brincos nascidos contigo, tua vida sendo encurtada, tu encontrarás a morte! Enfeitado com tua armadura e brincos, ó concessor de honras, tu não poderás ser morto por inimigos em batalha! Tomes seriamente em consideração estas minhas palavras! Ambos estes ornamentos adornados com jóias surgiram do Amrita. Portanto, eles devem ser preservados por ti, se tua vida é de alguma maneira preciosa para ti."

"Ouvindo estas palavras, Kama disse, 'Quem és tu que me falas dessa maneira, me mostrando tal bondade? Se te agradar, diga-me, ó ilustre, quem és tu no disfarce de um Brahmana!' O Brahmana então disse, 'Ó filho, eu sou aquele de mil raios! Por afeição, eu te indico o caminho! Aja segundo minhas palavras, porque é para teu grande bem fazer isto!' Kama respondeu, 'Certamente, é mesmo muito

venturoso para mim que o próprio deus de esplendor se dirija a mim hoje, procurando meu bem-estar. Ouça, no entanto, estas minhas palavras! Que isto possa agradar a ti, ó concessor de benefícios, é somente por afeição que eu te digo isto! Se eu sou caro para ti, eu não devo ser dissuadido do cumprimento do meu voto! Ó tu que és possuidor da riqueza de refulgência, o mundo inteiro conhece este como sendo meu voto que, realmente, eu estou preparado para entregar a própria vida para Brahmanas superiores! Se, ó melhor de todos os percorredores do céu, Sakra vier a mim, disfarçado como um Brahmana, para pedir pelo benefício dos filhos de Pandu, ó principal dos celestiais, eu darei a ele os brincos e a cota de malha excelente, para que minha fama que tem se espalhado pelos três mundos não possa sofrer alguma diminuição! Para pessoas como nós, não é digno salvar a vida por meio de uma ação censurável. Muito pelo contrário, é mesmo apropriado para nós encontrarmos a morte com a aprovação do mundo e sob circunstâncias que tragam fama. Portanto, eu entregarei para Indra os brincos com minha armadura! Se o próprio matador de Vala e Vritra vier pedir os brincos para o benefício dos filhos de Pandu, isso levará à minha fama, levando ao mesmo tempo para infâmia dele! Ó tu possuidor de esplendor, eu desejo fama neste mundo, mesmo que ela seja para ser comprada com a própria vida, pois aqueles que tem fama desfrutam das regiões celestes, enquanto aqueles que são desprovidos dela estão perdidos. A fama mantém as pessoas vivas neste mundo assim como uma mãe, enquanto a infâmia mata homens mesmo que eles possam se mover continuamente com corpos não destruídos. Ó senhor dos mundos, ó tu possuidor da riqueza de refulgência, que fama é a vida dos homens é evidenciado por um sloka antigo cantado pelo próprio Criador: ‘No mundo seguinte é a fama que é o principal sustento de uma pessoa, enquanto neste mundo fama pura prolonga a vida. Portanto, por doar meus brincos e cota de malha com ambos os quais eu nasci eu ganharei fama eterna! E por entregar devidamente o mesmo para Brahmanas de acordo com a ordenança, por oferecer meu corpo (como um presente para os deuses) no sacrifício da guerra, por realizar feitos difíceis de realização, e por conquistar meus inimigos em luta, eu obterei apenas renome. E por dissipar no campo de batalha os medos dos apavorados que possam suplicar por suas vidas, e aliviar homens velhos e meninos e Brahmanas do terror e ansiedade, eu ganharei fama excelente e o céu mais sublime. Minha fama deve ser protegida com o sacrifício até da minha vida. Este mesmo, saiba, é meu voto! Por dar tal presente valioso para Maghavan disfarçado como um Brahmana, ó deus, eu alcançarei neste mundo o estado mais elevado.'"

299

"Surya disse, 'Nunca faça, ó Karna, alguma coisa que seja prejudicial para ti mesmo e teus amigos, teus filhos, tuas esposas, teu pai, e tua mãe; ó tu melhor daqueles que tem vida, as pessoas desejam renome (neste mundo) e fama duradoura no céu, sem desejarem sacrificar seus corpos. Mas como tu desejas fama eterna às custas da tua vida, ela, sem dúvida, tirará tua vida! Ó touro entre homens, neste mundo, o pai, o mãe, o filho, e outros parentes são úteis somente

para aquele que está vivo. Ó tigre entre homens, com relação aos reis, é somente quando eles estão vivos que a coragem pode ser alguma utilidade para eles. Tu compreendes isto? Ó tu de esplendor excelente, fama é para o bem somente daqueles que estão vivos! Que utilidade a fama tem para os mortos cujos corpos foram reduzidos à cinzas? Alguém que está morto não pode desfrutar do renome. É somente quando uma pessoa está viva que ela pode desfrutar dele. A fama de alguém que está morto é como uma guirlanda de flores ao redor do pescoço de um cadáver. Como tu veneras a mim, eu te digo isto para teu benefício, porque tu és um devoto meu! Aqueles que me adoram são sempre protegidos por mim. Esta também é outra razão para mim me dirigir a ti dessa maneira! Pensando além disso, ó de braços poderosos, que tu me honras com grande reverência, eu fui inspirado com amor por ti! Portanto, aja de acordo com minhas palavras! Há, também, um mistério profundo em tudo isto, ordenado pelo destino. É por isto que eu te falo dessa maneira. Aja sem desconfiança de qualquer tipo! Ó touro entre homens, não é bom para ti conhecer este que é um segredo para os próprios deuses. Portanto, eu não revelo aquele segredo para ti. Tu, no entanto, compreenderás isto com o tempo. Eu repito o que eu já disse. Ó filho de Radha, tome minhas palavras seriamente em consideração! Quando o manejador do raio te pedir por eles, nunca dê a ele teus brincos! Ó tu de esplendor excelente, com teus brincos bonitos, tu pareces belo assim como a própria Lua no firmamento sem nuvens, no meio da constelação Visakha! Tu sabes que a fama beneficia somente a pessoa que está viva. Portanto, quando o senhor dos celestiais pedir teus brincos, tu deves, ó filho, recusar a ele! Repetindo muitas vezes respostas repletas de várias razões, ó impecável, tu serás capaz de remover a avidez do senhor dos celestiais pela posse dos brincos. Ó Karna, altere o propósito de Purandara por realçar respostas repletas de razão e significação importante e adornadas com graça e suavidade. Tu sempre, ó tigre entre homens, desafias àquele que pode esticar o arco com sua mão esquerda, e o heróico Arjuna também sem dúvida te enfrentará em combate. Mas quando equipado com teus brincos, Arjuna nunca poderá te derrotar em luta mesmo que o próprio Indra venha em sua ajuda. Portanto, ó Karna, se tu desejas vencer Arjuna em batalha, estes teus belos brincos nunca devem ser cedidos para Sakra.'"

300

"Karna disse, 'Como tu, ó senhor do esplendor, me conheces como teu devoto, assim também tu sabes que não há nada que eu não possa entregar em caridade, ó tu de raios ardentes! Nem minhas esposas, nem meus filhos, nem eu mesmo, nem meus amigos, são tão caros para mim como tu, por causa da veneração que eu sinto por ti, ó senhor do esplendor! Tu sabes, ó criador de luz, que pessoas de grande alma tem uma consideração afetuosa por seus devotos. ‘Karna me reverencia e é caro para mim. Ele não reconhece outra divindade no céu,’ pensando isto tu, ó senhor, disseste para mim o que é para meu benefício. Ainda assim, ó tu de raios brilhantes, eu novamente te suplico com cabeça inclinada, eu novamente me coloco em tuas mãos. Eu repetirei a resposta que eu já dei. Cabe a

ti me perdoar! A própria morte não é repleta de terrores semelhantes para mim como a mentira! Com relação especialmente aos Brahmanas, além disso, eu não hesito em entregar até minha vida por eles! E, ó ser divino, a respeito do que tu me disseste de Phalguna, o filho de Pandu, que tua aflição nascida da tua ansiedade de coração, ó senhor do esplendor, seja dissipada com relação a ele e a mim mesmo; pois eu sem dúvida derrotarei Arjuna em batalha! Tu sabes, ó divindade, que eu tenho grande força de armas obtidas de Jamadagnya e de Drona de grande alma. Permita-me agora, ó principal dos celestiais, cumprir meu voto, de maneira que quando ele do raio vir mendigar de mim, eu possa entregar até minha vida!'

"Surya disse, 'Se, ó filho, tu entregares os teus brincos para o manejador do raio, ó tu de força imensa, tu deves também, para o propósito de assegurar a vitória, falar para ele dizendo, 'Ó tu de cem sacrifícios, eu te darei os brincos sob uma condição.' Equipado com os brincos, tu és sem dúvida incapaz de ser morto por qualquer ser. Por essa razão é, ó filho, que desejoso de te ver morto em batalha por Arjuna, o destruidor dos Danavas deseja te privar dos teus brincos. Repetidamente adorando com palavras sinceras aquele senhor dos celestiais, Purandara armado com armas incapazes de serem frustradas, tu também peça a ele, dizendo, 'Dê-me um dardo infalível capaz de matar todos os inimigos, ó divindade de mil olhos, e eu te darei os brincos com a cota de malha excelente!' Sob esta condição tu deves dar os brincos para Sakra. Com aquele dardo, ó Karna, tu matarás inimigos em batalha, pois, ó poderosamente armado, aquele dardo do chefe dos celestiais não volta para a mão que o arremessou sem matar inimigos às centenas e aos milhares!'"

Vaisampayana continuou, "Tendo dito isso, a divindade de mil raios desapareceu de repente. No dia seguinte, depois de ter dito suas orações, Karna relatou seu sonho para o Sol. E Vrisha relatou para ele a visão que ele tinha visto, e tudo o que tinha se passado entre eles durante a noite. Nisso, tendo ouvido tudo, aquele inimigo de Swarbhanu, aquele senhor, o resplandecente e divino Surya, disse a ele com um sorriso, 'Isto é assim mesmo.' Então o filho de Radha, aquele matador de heróis hostis, sabendo de tudo sobre o assunto, e desejoso de obter o dardo, permaneceu na expectativa de Vasava."

301

Janamejaya disse, "Qual era aquele segredo que não devia ser revelado para Karna pela divindade de raios quentes? De que tipo também eram aqueles brincos e de que tipo era aquela cota de malha? De onde, também, era aquela armadura e aqueles brincos? Tudo isto, ó melhor dos homens, eu desejo saber! Ó tu possuidor da riqueza de ascetismo, conte-me tudo isso!"

Vaisampayana disse, "Ó monarca, eu te contarei aquele segredo que não devia ser revelado pela divindade possuidora da riqueza de refulgência. Eu também descreverei para ti aqueles brincos e aquela cota de malha. Uma vez, ó rei,

apareceu perante Kuntibhoja um Brahmana de energia ardente e estatura alta, portando uma barba e madeixas emaranhadas, e carregando um bastão em sua mão. E ele era agradável para a visão e de membros impecáveis, e parecia brilhar em esplendor. E ele era possuidor de uma cor azul-amarelada como aquela do mel. E suas palavras eram melíferas, e ele estava adornado com mérito ascético e o conhecimento dos Vedas. E aquela pessoa de grande mérito ascético, se dirigindo ao rei Kuntibhoja, disse, 'Ó tu que és livre de orgulho, eu desejo viver como um convidado na tua casa me alimentando da comida obtida como esmolas de ti! Nem teus seguidores, nem tu mesmo alguma vez agirão de maneira a produzir meu desagrado! Se, ó impecável, isto te agradar, eu então viverei na tua casa dessa maneira! Eu deixarei tua residência quando eu desejar, e voltarei quando eu quiser. E, ó rei, ninguém me ofenderá com relação à minha alimentação ou leito.' Então Kuntibhoja falou para ele estas palavras alegremente, 'Assim seja, e mais.' E ele também disse para ele, 'Ó tu de grande sabedoria, eu tenho uma filha ilustre chamada Pritha. E ela tem um caráter excelente, é observadora de votos, casta, e de sentidos subjugados. E ela se encarregará de servir e atender a ti com reverência. E tu ficarás satisfeito com sua disposição!' E tendo dito isto para aquele Brahmana e lhe prestado homenagem devidamente, o rei foi até sua filha Pritha de olhos grandes, e falou assim para ela, 'Ó filha, este Brahmana eminentemente pio está desejoso de morar em minha casa! Eu aceitei sua proposta, dizendo ‘Assim seja,’ confiando, ó filha, na tua aptidão e habilidade em servir Brahmanas. Portanto, cabe a ti agir de maneira que as minhas palavras não possam ser falsas. Dê a ele com diligência o que quer que este Brahmana venerável possuidor de mérito ascético e dedicado ao estudo dos Vedas possa querer. Que tudo o que este Brahmana pedir seja dado a ele alegremente. Um Brahmana é a personificação da energia preeminente, ele é também a personificação do mérito ascético mais elevado. É por causa das práticas virtuosas dos Brahmanas que o sol brilha nos céus. Foi por sua desconsideração por Brahmanas que eram merecedores de respeito que o poderoso Asura Vatapi, como também Talajangha, foram destruídos pela maldição dos Brahmanas. Por agora, ó filha, é um altamente virtuoso daquela classe que é confiado à tua manutenção. Tu deves sempre cuidar deste Brahmana com mente concentrada. Ó filha, eu sei que, da infância em diante, tu tens sido sempre atenciosa aos Brahmanas, e superiores, e parentes, e empregados, e amigos, à tua mãe e a mim mesmo. Eu sei que tu te comportas bem, conferindo respeito apropriado para todos. E, ó tu de membros impecáveis, na cidade do interior do meu palácio, por conta do teu comportamento amável, não há ninguém, nem entre os empregados, que esteja descontente contigo. Eu, portanto, te acho apropriada para servir todos os Brahmanas de temperamento colérico. Tu és, ó Pritha, uma moça e foste adotada como minha filha. Tu nasceste na linhagem dos Vrishnis, e és a filha favorita de Sura. Tu foste, ó menina, dada a mim alegremente pelo teu próprio pai. Irmã de Vasudeva por nascimento, tu és (por adoção) a principal das minhas filhas. Tendo me prometido nestas palavras, ‘Eu darei meu primogênito,’ teu pai te deu para mim com alegria enquanto tu estavas ainda na tua infância. É por esta razão que tu és minha filha. Nascida em tal família e criada em tal família, tu vieste de uma condição feliz para outra como um lótus transferido de um lago para outro. Ó moça auspiciosa, mulheres, especialmente aquelas que são de origem inferior,

embora elas possam com dificuldade ser mantidas sob restrição, se tornam em consequência de sua idade precoce geralmente deformadas em caráter. Mas tu, ó Pritha, és nascida em uma linhagem real, e tua beleza também é extraordinária. E então, ó menina, tu és dotada de todas as habilidades. Portanto, ó donzela, renunciando ao orgulho e arrogância e um senso de presunção, sirva e reverencie o Brahmana concessor de bênçãos, e assim alcance, ó Pritha, um estado auspicioso! Por agir assim, ó moça auspiciosa e impecável, tu sem dúvida obterás boa sorte! Mas se ao contrário, tu incitares a raiva daquele melhor dos duas vezes nascidos, minha família inteira será destruída por ele!'"

302

"Kunti disse, 'Segundo tua promessa eu sevirei, ó rei, com mente concentrada, aquele Brahmana. Ó principal dos reis, eu não digo isto falsamente. É minha natureza venerar Brahmanas. E, como no presente caso eu fazer isso será agradável para ti, isso mesmo será altamente conducente ao meu bem-estar. Se aquele venerável vier à tarde, ou de manhã, ou à noite ou mesmo à meia-noite, ele não terá motivo para ficar zangado comigo! Ó principal dos reis, fazer o bem por servir os duas vezes nascidos e cumprir todas as tuas ordens é o que eu considero como sendo altamente proveitoso para mim, ó melhor dos homens! Portanto, ó principal dos monarcas, confie em mim! Aquele melhor dos Brahmanas, enquanto residindo em tua casa, nunca terá motivo para descontentamento. Eu te digo isto verdadeiramente. Ó rei, eu estarei sempre atenta àquilo que é agradável para aquele Brahmana, e que é repleto também de bem para ti, ó impecável! Eu sei perfeitamente bem que Brahmanas que são eminentemente virtuosos quando propiciados conferem salvação, e quando desagradados são capazes de ocasionar a destruição do ofensor. Portanto, eu agradarei aquele principal dos Brahmanas. Ó monarca, tu não serás prejudicado por aquela melhor das pessoas regeneradas devido à alguma ação minha. Por consequência das transgressões de monarcas, Brahmanas, ó principal dos reis, se tornaram a causa de mal para eles, como Chyavana se tornou, por consequência do ato de Sukanya. Eu, portanto, ó rei, com grande regularidade, servirei aquele melhor dos Brahmanas de acordo com tuas instruções a este respeito!' E quando ela tinha assim falado demoradamente, o rei abraçou-a e encorajou-a, e instruiu-a em detalhes quanto ao que deveria ser feito por ela. E o rei disse, 'Ó donzela amável, tu agirás dessa maneira, sem medo, para o meu bem como também o teu próprio, e para o bem da tua família também, ó tu de membros impecáveis!' E tendo dito isso o ilustre Kuntibhoja, que era devotado aos Brahmanas, transferiu a moça Pritha para aquele Brahmana, dizendo, 'Esta minha filha, ó Brahmana, é jovem e criada no luxo. Se, portanto, ela pecar em algum momento, não leve isto a sério! Brahmanas ilustres nunca ficam zangados com homens velhos, crianças, e ascetas, mesmo que estes contrariem frequentemente. Mesmo em relação a um grande erro o perdão é próprio do regenerado. O culto, portanto, ó melhor dos Brahmanas, que é oferecido com todas as forças e empenho, deve ser aceitável!' Ouvindo estas palavras do

monarca, o Brahmana disse, 'Assim seja!' Nisso o rei ficou muito satisfeito e designou para ele aposentos que eram brancos como cisnes ou os raios da lua. E no quarto destinado para o fogo sacrifical, o rei colocou um assento brilhante especialmente construído para ele. E a comida e outras coisas que eram oferecidas para o Brahmana eram do mesmo tipo excelente. E lançando longe a preguiça e todo sentimento de presunção, a princesa se dirigiu com boa vontade apropriada para servir o Brahmana. E a casta Kunti, dotada de pureza de conduta, foi para lá para servir o Brahmana. E servindo devidamente aquele Brahmana como se ele fosse um verdadeiro deus, ela o gratificou muito."

303

Vaisampayana disse, "E aquela moça de votos rígidos, ó monarca poderoso, por servir com coração puro aquele Brahmana de votos rígidos, conseguiu satisfazê-lo. E, ó principal dos reis, dizendo, 'Eu voltarei de manhã,' aquele melhor dos Brahmanas às vezes chegava ao anoitecer ou à noite. No entanto, a moça o venerava em todas as horas com comida e bebida e cama suntuosos. E conforme dia após dia passava, suas atenções a ele, em relação à comida e assento e cama, aumentavam em vez de sofrerem alguma diminuição. E, ó rei, mesmo quando o Brahmana a reprovava, criticando algum dos seus arranjos, ou se dirigia a ela em palavras duras, Pritha não fazia qualquer coisa que fosse desagradável para ele. E em muitas ocasiões o Brahmana voltou depois que a hora designada tinha passado longamente. E em muitas ocasiões (tais como o meio da noite) quando alimento era difícil de se obter, ele disse, 'Dê-me comida.' Mas em todas aquelas ocasiões dizendo, 'Tudo está pronto,' Pritha segurou diante dele a comida. E assim como uma discípula, filha, ou uma irmã, aquela inocente jóia de menina com o coração devotado, ó rei, gratificou aquele principal dos Brahmanas. E aquele melhor dos Brahmanas ficou bem satisfeito com sua conduta e auxílio. E ele recebeu aquelas atenções dela, valorizando-as corretamente. E, ó Bharata, seu pai a questionava toda manhã e noite dizendo, ‘Ó filha, o Brahmana está satisfeito com teu auxílio?’ E aquela moça ilustre costumava responder, 'Extremamente bem.' E por causa disso Kuntibhoja de grande alma sentia o maior deleite. E quando depois de um ano inteiro aquele melhor dos ascetas foi incapaz de encontrar qualquer defeito em Pritha, que estava empenhada em servi-lo, bem satisfeito ele disse a ela, 'Ó donzela amável, eu estou bem satisfeito com tuas atenções, ó bela moça! Ó moça abençoada, peça até por tais benefícios que são difíceis de serem obtidos por homens neste mundo, e obtendo os quais tu possas superar em fama todas as mulheres neste mundo'. A estas palavras dele, Kunti disse, 'Tudo já foi feito em meu favor já que tu, ó principal daqueles que são versados nos Vedas, e meu pai também, estão satisfeitos comigo! Em relação aos benefícios, eu os considero como já obtidos por mim, ó Brahmana!' O Brahmana então disse, 'Se, ó donzela amável, ó tu de doces sorrisos, tu não desejas obter bênçãos de mim, então aceite de mim este mantra para invocar os celestiais! Qualquer um entre os celestiais a quem tu invoques por proferir este mantra aparecerá diante de ti e estará sob teu poder. Querendo ou não, em virtude deste

mantra, aquela divindade em aparência amável, e assumindo a obediente atitude de escravo, ficará sujeito ao teu poder!'"

Vaisampayana continuou, "Assim endereçada aquela donzela impecável não podia, ó rei, por medo de uma maldição, recusar pela segunda vez concordância com os desejos daquele melhor dos duas vezes nascidos. Então, ó rei, aquele Brahmana comunicou para aquela moça de membros impecáveis aqueles mantras que são recitados no início do Atharvan Veda. E, ó rei, tendo comunicado para ela aqueles mantras, ele disse para Kuntibhoja, 'Ó monarca, eu morei felizmente em tua casa, sempre venerado com respeito devido e gratificado por tua filha. Eu agora partirei.' E dizendo isso ele desapareceu imediatamente. E vendo Brahmana desaparecer lá mesmo, o rei foi tomado pela perplexidade. E o monarca então tratou sua filha Pritha com respeito adequado."

304

Vaisampayana disse, "Quando aquele principal dos Brahmanas tinha partido em alguma outra missão, a moça começou a ponderar sobre a virtude daqueles mantras. E ela disse a si mesma, 'De que natureza são aqueles mantras que foram conferidos a mim por aquele de grande alma? Eu sem demora testarei seu poder'. E quando ela estava pensando dessa maneira, ela de repente percebeu indicações da aproximação de seu período. E seu período tendo chegado, enquanto ela ainda estava solteira, ela corou de vergonha. E aconteceu que quando ela estava sentada em seu quarto em uma cama opulenta, ela contemplou o orbe solar nascendo no leste. E ambos, a mente e os olhos daquela donzela de cintura excelente ficaram presos firmemente no orbe solar. E ela fitou e fitou aquele orbe sem estar saciada com a beleza do Sol da manhã. E ela de repente se tornou dotada de visão celeste. E então ela viu aquele deus de forma divina envolvido em armadura e adornado com brincos. E à visão do deus, ó senhor de homens, ela ficou curiosa quanto à (potência dos) mantras. E nisso aquela moça resolveu invocá-lo. E recorrendo ao Pranayama, ela invocou o Fazedor do dia. E assim invocado por ela, ó rei, o Fazedor do dia se apresentou rapidamente. E ele era de uma cor amarelada como mel, e era possuidor de braços poderosos, e seu pescoço era marcado com linhas como aquelas de uma concha. E equipado com braceletes, e enfeitado com um diadema, ele chegou sorrindo e iluminando todas as direções. E foi por poder de Yoga que ele se dividiu em dois, um dos quais continuou a dar calor, e o outro apareceu diante de Kunti. E ele se dirigiu a Kunti em palavras que eram extremamente gentis, dizendo, ‘Ó donzela amável, dominado pelos mantras eu vim para cá obediente a ti. Sujeito como eu estou ao teu poder, o que eu devo fazer, ó rainha? Diga-me, pois eu farei o que quer que tu ordenes.’ Ouvindo essas palavras da divindade, Kunti disse, 'Ó venerável, volte para o lugar de onde tu viestes! Eu te invoquei só por curiosidade. Perdoe-me, ó venerável!' Surya então disse, 'Ó donzela de cintura fina, eu retornarei, assim como tu dissestes, para o lugar de onde eu vim! Tendo chamado um celestial, no entanto, não é apropriado mandá-lo embora em vão. Tua intenção, ó abençoada,

é ter de Surya um filho equipado com uma cota de malha e brincos, e que em relação à destreza será sem comparação neste mundo! Portanto, ó donzela de modo de andar elefantino, entregue tua pessoa a mim! Tu então terás, ó dama, um filho conforme teu desejo! Ó moça amável, ó tu de doces sorrisos, eu voltarei depois de ter te conhecido! Se tu não me gratificares hoje por obedeceres minha palavra, eu em raiva amaldiçoarei a ti, teu pai e aquele Brahmana também. Por teu erro eu certamente consumirei eles todos, e eu infligirei o castigo merecido àquele teu pai tolo que não conhece esta tua transgressão e àquele Brahmana que te concedeu os mantras sem conhecer tua disposição e caráter! Lá estão todos os celestiais no céu, com Purandara em sua dianteira, que estão me olhando com sorrisos zombeteiros por eu ter sido enganado por ti, ó dama! Olhe aqueles celestiais, pois tu és agora possuidora de visão celeste! Antes disto eu te dotei de visão celeste, por consequência do que tu pudeste me ver!'"

Vaisampayana continuou, "Nisso a princesa contemplou os celestiais permanecendo no firmamento, cada um em sua própria esfera (Vimanam, isto é, um carro), assim como ela via perante ela aquela divindade altamente resplandecente provida de raios, o próprio Surya. E contemplando eles todos, a moça ficou assustada e seu rosto estava coberto com rubores de vergonha. E então ela se dirigiu a Surya, dizendo, 'Ó senhor de raios, volte para tua própria região. Por conta da minha virgindade, este teu ultraje é repleto de aflição para mim! É somente o pai, mãe, e outros superiores que são aptos para entregar o corpo de sua filha. A virtude eu nunca sacrificarei, visto que neste mundo a conservação de seus corpos inviolados é julgada como o maior dever das mulheres, e é considerada com grande respeito! Ó tu possuidor de riqueza de esplendor, foi somente para testar o poder dos meus mantras que eu, por mera infantilidade, te convoquei. Considerando que isto foi feito por uma moça jovem, cabe a ti, ó senhor, perdoá-la!' Então Surya disse, 'É porque eu te considero uma menina que, ó Kunti, eu estou te falando tão brandamente. Para alguém que não é assim eu não concederia isto. Ó Kunti, entregue-te! Tu certamente obterás felicidade por meio disso. Já que, ó moça tímida, tu me invocaste com mantras, não é apropriado para mim ir embora sem algum propósito ser alcançado, pois, se eu fizer isto eu serei então, ó tu de membros impecáveis, o objeto de riso do mundo, e, ó donzela bela, também de todos os celestiais. Portanto, entregue-te a mim! Por meio disto tu obterás um filho assim como eu mesmo, e tu também serás muito louvada em todo o mundo.'"

305

Vaisampayana disse, “Embora aquela moça nobre se dirigisse a ele em várias palavras agradáveis, ainda assim ela não pode dissuadir aquela divindade de mil raios. E quando ela fracassou em dissuadir o dissipador da escuridão, finalmente por medo de uma maldição, ela refletiu, ó rei, por um longo tempo! ‘Como meu pai inocente, e aquele Brahmana também, podem escapar da maldição furiosa de Surya por minha causa? Embora energia e ascetismo sejam capazes de destruir pecados, ainda assim pessoas honestas, se elas são de idade precoce, não

devem provocá-los tolamente. Por agir imprudentemente daquela maneira eu hoje estou colocada em uma situação terrível. De fato, eu estou colocada totalmente dentro do alcance desta divindade. Ó como eu posso fazer o que é pecaminoso por aceitar me entregar a ele?'"

Vaisampayana continuou, 'Atormentada pelo medo de uma maldição, e pensando muito consigo mesma, uma total estupefação da razão veio sobre ela. E ela estava tão confusa que ela não podia decidir o que fazer. Com medo, por um lado, ó rei, da repreensão dos amigos se ela obedecesse a divindade, e, por outro, da maldição dele se ela o desobedecesse, a donzela finalmente, ó principal dos reis, disse estas palavras para aquele deus, em voz trêmula com timidez, 'Ó deus, como meu pai e mãe e amigos ainda estão vivos, esta violação do dever de minha parte não deve acontecer. Se, ó deus, eu cometer este ato proibido contigo, a reputação desta família será sacrificada neste mundo por minha causa. Se tu, no entanto, ó tu principal daqueles que dão calor, julga que este é um ato meritório, eu então realizarei teu desejo mesmo que meus parentes não tenham me concedido a ti! Que eu permaneça casta depois de ter me entregado a ti! Certamente, a virtude, a reputação, a fama, e a vida de todas as criaturas estão estabelecidas em ti!' Ouvindo estas palavras dela, Surya respondeu, 'Ó tu de doces sorrisos, nem teu pai, nem tua mãe, nem algum outro superior teu é competente para te entregar! Que o bem aconteça para ti, ó donzela bela! Escute minhas palavras! É porque uma virgem deseja a companhia de todos que ela recebe o nome de Kanya, da raiz kama significando desejar. Portanto, ó tu de quadris excelentes e da cor mais formosa, uma virgem é, por natureza, livre neste mundo. Tu não serás, ó dama, de qualquer maneira, culpada de algum pecado por ceder ao meu pedido. E como posso eu, que sou desejoso do bem-estar de todas as criaturas, cometer uma ação injusta? Que todos os homens e mulheres não devem ser limitados por restrições é a lei da natureza. A condição oposta é a perversão do estado natural. Tu permanecerás virgem depois de teres me satisfeito. E teu filho também será de braços poderosos e ilustre.' Nisso Kunti disse, 'Se, ó dissipador da escuridão, eu obtiver um filho de ti, que ele seja equipado com uma cota de malha e brincos, e que ele tenha braços fortes e seja dotado de grande força!' Ouvindo essas palavras dela, Surya respondeu, 'Ó moça amável, teu filho será de braços fortes e enfeitado com brincos e uma armadura celeste. E ambos os seus brincos e armadura serão feitos de Amrita, e sua cobertura também será invulnerável.' Kunti então disse, 'Se a armadura excelente e brincos do filho que tu gerarás em mim forem, de fato, feitos de Amrita, então, ó deus, ó divindade venerável, que o teu propósito seja realizado! Que ele seja poderoso, forte, enérgico, e bonito, assim como tu, e que ele também seja dotado de virtude!' Surya então disse, 'Ó princesa, ó donzela excelente, estes brincos foram dados a mim por Aditi. Ó dama tímida, eu os concederei, como também esta excelente armadura, ao teu filho!' Kunti então disse, 'Muito bem, ó venerável! Se meu filho, ó senhor da luz, vir a ser assim, eu, como tu dizes, te satisfarei!'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras dela Surya disse, 'Assim seja!' E aquele percorredor dos céus, aquele inimigo de Swarbhanu, com alma absorta em Yoga, entrou em Kunti, e tocou-a no umbigo. Nisto, aquela donzela,

por conta da energia de Surya, ficou entorpecida. E aquela dama venerável então caiu em seu leito, privada de seus sentidos. Surya então se dirigiu a ela, dizendo, 'Eu agora partirei, ó tu de quadris graciosos! Tu gerarás um filho que se tornará o principal de todos os manejadores de armas. Ao mesmo tempo tu permanecerás virgem.'"

Vaisampayana continuou, "Então, ó principal dos reis, quando o altamente refulgente Surya estava prestes a partir, aquela moça timidamente disse a ele, 'Assim seja!' E foi assim que a filha do rei Kuntibhoja, importunada por Surya, depois de solicitar um filho dele, caiu entorpecida sobre aquele leito excelente, como uma trepadeira quebrada. E foi dessa maneira que a divindade de raios ardentes, deixando-a entorpecida, entrou nela em virtude de poder de Yoga, e colocou seu próprio ser dentro do útero dela. A divindade, no entanto, não a maculou por deflorá-la na carne. E depois que Surya tinha ido embora, aquela moça recuperou sua consciência."

306

Vaisampayana disse, "Foi, ó senhor da terra, no primeiro dia da quinzena iluminada durante o décimo mês do ano que Pritha concebeu um filho semelhante ao próprio senhor das estrelas no firmamento. E aquela donzela de quadris excelentes, por medo de seus amigos escondeu sua concepção, de maneira que ninguém conhecia sua condição. E como a donzela vivia totalmente nos aposentos designados para as donzelas e ocultou cuidadosamente sua condição, ninguém exceto sua ama sabia a verdade. E no tempo devido aquela moça bela, pela graça da divindade, deu à luz um filho parecido com um verdadeiro deus. E assim como seu pai, a criança estava equipada em uma cota de malha, e enfeitada com brincos brilhantes. E ele era possuidor de olhos leoninos e ombros como aqueles de um touro. E imediatamente após a moça ter dado à luz uma criança, ela então consultou com sua ama e colocou o bebê em uma caixa cômoda e lisa feita de trabalho de vime e coberta com lençóis macios e equipada com um travesseiro valioso. E sua superfície era coberta com cera, e ela estava envolvida em uma cobertura cara. E com lágrimas em seus olhos ela levou o bebê ao rio Aswa, e entregou o cesto às suas águas. E embora ela soubesse que era impróprio para uma moça solteira ter filhos, ainda assim por afeição materna, ó principal dos reis, ela chorou lamentando. Ouça às palavras que Kunti proferiu lamentosamente, enquanto entregava a caixa às águas do rio Aswa, 'Ó criança, que o bem te aconteça nas mãos de todos os que habitam a terra, a água, o céu, e as regiões celestes. Que todos os teus caminhos sejam auspiciosos! Que ninguém possa obstruir teu caminho! E, ó filho, que todos os que entrarem em contato contigo tenham seus corações privados de hostilidade em direção a ti. E que aquele senhor das águas, Varuna, te proteja na água! E que a divindade que percorre os céus completamente te proteja no céu. E, ó filho, que o melhor daqueles que dão calor, Surya, teu pai, e de quem eu te obtive como ordenado pelo Destino, te proteja em todos os lugares! E que os Adityas e os Vasus, os Rudras e os Sadhyas, os Viswadevas e os Maruts, e os pontos cardeais com o

grande Indra e os regentes que presidem sobre eles, e, de fato, todos os celestiais, te protejam em todos os lugares! Mesmo em terras estrangeiras eu serei capaz de te reconhecer por causa desta tua armadura! Certamente, teu pai, ó filho, o divino Surya possuidor da riqueza de esplendor, é abençoado, pois ele te verá com sua visão celeste descendo a corrente! Abençoada também é aquela senhora, ó tu que foste gerado por um deus, que te aceitará como seu filho, e que te amamentará quando tu estiveres com sede! E que sonho afortunado foi sonhado por ela que te adotará como filho, a ti que és dotado do esplendor solar, e equipado com armadura celeste, e enfeitado com brincos celestes, a ti que tens olhos expansivos parecendo lótus, uma cor clara como cobre polido ou folhas de lótus, uma fronte formosa, e cabelo terminando em belos cachos! Ó filho, ela que te verá rastejar no chão, sujo com poeira, e proferindo docemente palavras inarticuladas, é sem dúvida abençoada! E ela também, ó filho, que te verá chegar na tua juventude vigorosa como um leão de juba nascido nas florestas Himalayan, é indubitavelmente abençoada!'"

"Ó rei, tendo assim lamentado muito tempo e de modo comovente, Pritha colocou o cesto nas águas do rio Aswa. E a donzela de olhos de lótus, afligida pela angústia por conta de seu filho e chorando amargamente, com sua ama lançou o cesto nas altas horas de noite, e embora desejosa de contemplar seu filho muitas vezes mais, voltou, ó monarca, para o palácio, temendo que seu pai viesse a saber do que tinha acontecido. Enquanto isso, o cesto flutuou do rio Aswa para o rio Charmanwati, e do Charmanwati ele passou ao Yamuna, e assim adiante para o Ganga. E carregada pelas ondas do Ganga, a criança contida no cesto chegou à cidade de Champa governada por uma pessoa da tribo Suta. De fato, a excelente cota de malha e aqueles brincos feitos de Amrita que tinham nascido com seu corpo, como também a ordenança do Destino, mantiveram a criança viva."

307

Vaisampayana disse, "E aconteceu que naquele momento um Suta chamado Adhiratha, que era um amigo de Dhritarashtra, foi ao rio Ganga, acompanhado por sua esposa. E, ó rei, sua esposa chamada Radha era incomparável sobre a terra em beleza. E embora aquela dama muito abençoada tivesse feito grandes esforços para obter um filho, ainda assim ela tinha fracassado, ó repressor de inimigos, em obter um. E ao chegar ao rio Ganga, ela viu uma caixa flutuando pela corrente. E contendo artigos capazes de proteger de perigos e decorada com unguentos, aquela caixa foi levada perante ela pelas ondas do Janhavi. E atraída pela curiosidade, a dama a fez ser apanhada. E ela então relatou tudo para Adhiratha da casta dos cocheiros. E ouvindo isto Adhiratha tirou a caixa da margem do rio, e abriu-a por meio de instrumentos. E então ele contemplou um menino parecido com o Sol da manhã. E o bebê estava equipado com armadura dourada, e parecia extremamente belo com o rosto enfeitado por brincos. E nisso o cocheiro, junto com sua mulher, foi tomado por tal assombro que seus olhos se arregalaram de admiração. E pegando o bebê em seu colo, Adhiratha disse para

sua esposa, 'Desde que eu nasci, ó dama tímida, eu nunca tinha visto tal milagre. Esta criança que veio para nós deve ser de nascimento celeste. Certamente, sem filhos como eu sou, foram os deuses que o enviaram para mim!' Dizendo isto, ó senhor da terra, ele deu o bebê para Radha. E nisso, Radha adotou, segundo a ordenança, aquela criança de forma celeste e origem divina, e possuidora do esplendor dos filamentos do lótus e dotada de graça excelente. E devidamente criada por ela, aquela criança dotada de grande coragem começou a crescer. E depois da adoção de Karna, Adhiratha teve outros filhos gerados por ele mesmo. E vendo a criança equipada com armadura brilhante e brincos dourados, os duas vezes nascidos o chamaram de Vasusena. E assim aquela criança dotada de grande esplendor e destreza incomensurável se tornou o filho do cocheiro, e veio a ser conhecido como Vasusena e Vrisha. E Pritha soube por meio de espiões que seu próprio filho vestido em cota de malha celeste estava crescendo entre os Angas como o filho mais velho de um cocheiro (Adhiratha). E vendo que no decorrer do tempo seu filho tinha crescido, Adhiratha enviou-o à cidade que recebeu o nome de elefante. E lá Karna se hospedou com Drona, para o propósito de aprender (o uso de) armas. E aquele jovem poderoso contraiu uma amizade com Duryodhana. E tendo adquirido todas as quatro espécies de armas de Drona, Kripa, e Rama, ele se tornou famoso no mundo como um arqueiro poderoso. E depois de ter contraído uma amizade com o filho de Dhritarashtra ele se tornou aplicado em prejudicar os filhos de Pritha. E ele estava sempre desejoso de lutar com Falguna de grande alma. E, ó rei, desde que eles viram um ao outro pela primeira vez, Karna sempre costumava desafiar Arjuna, e Arjuna, de sua parte, costumava desafiá-lo. Este, ó principal dos reis, era sem dúvida o segredo conhecido pelo Sol, ou seja, que gerado por ele mesmo em Kunti, Karna estava sendo criado na classe dos Sutas. E vendo-o enfeitado com seus brincos e armadura, Yudhishthira achou que ele não poderia ser morto em combate, e estava extremamente atormentado por isto. E quando, ó principal dos monarcas, Karna depois de se erguer da água, costumava ao meio dia cultuar o refulgente Surya com as mãos unidas, os Brahmanas costumavam lhe pedir riqueza. E naquele momento não havia nada que ele não doasse aos duas vezes nascidos. E Indra, assumindo a aparência de um Brahmana, apareceu perante ele (em tal momento) e disse, Dê-me.' E nisso o filho de Radha respondeu para ele, 'Tu és bem vindo.'"

308

Vaisampayana disse, "E quando o rei dos celestiais se apresentou no disfarce de um Brahmana, vendo-o, Kama disse, 'Bem vindo!' E não conhecendo sua intenção, o filho de Adhiratha se dirigiu ao Brahmana, dizendo, 'De um colar de ouro, e donzelas belas, e aldeias com abundância de vacas, qual eu te darei?' Nisso o Brahmana respondeu, 'Eu não te peço para me dar um colar de ouro, ou donzelas formosas, ou algum outro objeto agradável. Os dê para aqueles que os pedem. Se, ó impecável, tu és sincero em teu voto, então tu deves, separando (da tua pessoa) esta armadura nascida com teu corpo, e estes brincos também, entregue-os para mim! Eu desejo, ó castigador de inimigos, que tu me entregues

eles rapidamente; pois este meu único ganho será considerado como superior a todos os outros ganhos!' Ouvindo estas palavras, Kama disse, 'Ó Brahmana, eu te darei propriedades de terra, e donzelas formosas, e vacas, e campos; mas minha armadura e brincos eu não posso te dar!'"

Vaisampayana continuou, "Embora assim instigado com várias palavras por Karna, ainda assim, ó chefe da linhagem Bharata, aquele Brahmana não pediu por algum outro benefício. E embora Karna procurasse apaziguá-lo com todas as suas forças, e o reverenciasse devidamente, ainda assim aquele melhor dos Brahmanas não pediu outro benefício qualquer. E quando aquele principal dos Brahmanas não pediu qualquer outro benefício, o filho de Radha falou novamente para ele com um sorriso, 'Minha armadura, ó regenerado, nasceu com meu corpo, e este par de brincos surgiu do Amrita. É por causa deles que eu não posso ser morto nos mundos. Portanto, eu não posso cedê-los. Ó touro entre Brahmanas, aceite de mim o reino inteiro da terra, livre de inimigos e cheio de prosperidade! Ó principal dos regenerados, se eu for privado de meus brincos e da armadura nascidos com meu corpo, eu estarei sujeito a ser derrotado pelos inimigos!'"

Vaisampayana continuou, "Quando o ilustre matador de Paka se recusou a pedir algum outro benefício, Kama com um sorriso se dirigiu a ele outra vez, dizendo, 'Ó deus dos deuses, mesmo antes disto eu tinha te reconhecido, ó Senhor! Ó Sakra, não é apropriado para mim te conceder algum benefício não lucrativo, pois tu és o próprio senhor dos celestiais! Muito pelo contrário, sendo como tu és o Criador e senhor de todos os seres, és tu quem deve conferir bênçãos a mim! Se, ó deus, eu te der esta cota de malha e brincos, então eu sem dúvida encontrarei a destruição, e tu também passarás por zombaria! Portanto, ó Sakra, pegue meus brincos e armadura excelentes em troca de alguma coisa conferida por ti a mim! De outra maneira, eu não os entregarei para ti!' Nisso Sakra respondeu, 'Mesmo antes de eu vir a ti, Surya sabia do meu propósito e sem dúvida foi ele quem revelou tudo para ti! Ó Karna, que seja como tu desejas! Ó filho, exceto somente o raio, diga-me o que é que tu desejas ter!'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras de Indra, Karna estava cheio de deleite, e vendo que seu propósito estava prestes a ser realizado ele se aproximou de Vasava. Com a intenção de obter um dardo incapaz de ser frustrado ele se dirigiu a Indra, dizendo, 'Ó Vasava, em troca por minha armadura e brincos, dê-me um dardo incapaz de ser frustrado, e capaz de destruir hostes de inimigos quando enfileiradas em ordem de batalha!' Nisso, ó soberano da terra, fixando sua mente por um momento no dardo (para levá-lo lá), Vasava falou dessa maneira para Karna, 'Dê-me teus brincos e a armadura nascidos com teu corpo, e em retorno pegue esse dardo nestes termos! Quando eu enfrento os Daityas em batalha, este dardo que é incapaz de ser desviado, arremessado por minha mão, destrói inimigos às centenas e volta para minha mão depois de realizar seu propósito. Na tua mão, no entanto, este dardo, ó filho de Suta, matará somente um inimigo poderoso teu. E tendo realizado aquele feito ele voltará para mim ribombando e resplandecendo!' Nisso Karna disse, 'Eu desejo matar em luta feroz exatamente um inimigo meu, que ruge ferozmente e é quente como fogo, e de quem eu estou receoso!' Nisto, Indra disse, 'Tu matarás tal inimigo rugidor e

poderoso em batalha. Mas aquele a quem tu procuras matar é protegido por um personagem ilustre. Ele mesmo a quem as pessoas versadas nos Vedas chamam de ‘O Javali invencível’ e ‘O incompreensível Narayana,’ aquele próprio Krishna, o está protegendo!' Nisto Karna respondeu, 'Mesmo que seja assim, ó ilustre, dê-me a arma que destruirá somente um inimigo poderoso! Eu, de minha parte, te entregarei minha armadura e brincos, removendo-os do meu corpo. No entanto, conceda que meu corpo, assim ferido, não fique disforme!' Ouvindo isso Indra disse, 'Como tu, ó Karna, és aplicado em observar a verdade, teu corpo não será pouco apresentável, nem alguma cicatriz permanecerá sobre ele. E, ó tu melhor daqueles que são agraciados com fala, ó Karna, tu serás possuidor da cor e energia do teu próprio pai. E se, enlouquecido pela cólera, tu lançares este dardo enquanto ainda houver outras armas contigo, e quando tua vida também não estiver em perigo iminente, ele cairá sobre ti mesmo.' Karna respondeu, 'Como tu me instruis, ó Sakra, eu arremessarei este dardo Vasavi somente quando eu estiver em perigo iminente! Verdadeiramente eu te digo isto!'”

Vaisampayana continuou, "Nisso, ó rei, pegando o dardo brilhante, Karna começou a se despir de sua armadura natural. E vendo Karna cortando seu próprio corpo, a hoste inteira de celestiais e homens e Danavas deu um rugido leonino. E Karna não revelou contorções de rosto enquanto despia sua armadura. E observando aquele herói entre homens assim cortando seu corpo com uma arma, sorrindo sempre, timbales celestes começaram a ser tocados e flores celestes começaram a ser derramadas sobre ele. E Karna, cortando a armadura excelente de seu corpo, deu-a para Vasava, ainda pingando. E cortando seus brincos também de suas orelhas, ele os transferiu para Indra. E é por este fato que ele veio a ser chamado de Karna. E Sakra, tendo assim iludido Karna que o fez famoso no mundo, pensou com um sorriso que o assunto dos filhos de Pandu já tinha sido concluído. E tendo feito tudo isso, ele ascendeu para o céu. E ouvindo que Karna tinha sido enganado, todos os filhos de Dhritarashtra ficaram afligidos e privados de orgulho. E os filhos de Pritha, por outro lado, sabendo que tal situação tinha acontecido ao filho do cocheiro, ficaram cheios de alegria.’”

Janamejaya disse, "Onde estavam aqueles heróis, os filhos de Pandu, naquela época? E de quem eles ouviram esta notícia bem-vinda? E o que também eles fizeram quando o décimo segundo ano de seu exílio passou? Ó ilustre, conte-me tudo isso!"

Vaisampayana disse, “Tendo derrotado o chefe dos Saindhavas, e resgatado Krishna, e tendo sobrevivido ao prazo inteiro de seu doloroso exílio nas florestas, e tendo escutado às histórias antigas sobre deuses e Rishis narradas por Markandeya, aqueles heróis entre homens voltaram de seu retiro em Kamyaka para a sagrada Dwaitavana, com todos os seus carros e seguidores, e acompanhados por seus quadrigários, suas vacas, e os cidadãos que os tinham seguido.”

309

(Aranya Parva)

Janamejaya disse, "Tendo sentido grande aflição por conta do sequestro de sua esposa e tendo resgatado Krishna depois disso, o que os Pandavas fizeram em seguida?”

Vaisampayana disse, "Tendo sentido grande aflição por causa do sequestro de Krishna, o rei Yudhishthira de glória imperecível, com seus irmãos, deixou as florestas de Kamyaka e voltou à encantadora e pitoresca Dwaitavana abundante em árvores e contendo frutas e raízes deliciosas. E os filhos de Pandu com sua esposa Krishna começaram a residir lá, vivendo parcamente de frutas e praticando votos rígidos. E enquanto aqueles repressores de inimigos, o rei virtuoso Yudhishthira, o filho de Kunti, e Bhimasena, e Arjuna, e aqueles outros filhos de Pandu nascidos de Madri, estavam morando em Dwaitavana, praticando votos rígidos, eles passaram, por causa de um Brahmana, por grande dificuldade, a qual, no entanto, estava destinada a ocasionar sua felicidade futura. Eu te direi tudo acerca do transtorno pelo qual aqueles principais dos Kurus passaram enquanto viviam naquelas florestas, e que no fim ocasionou sua felicidade. Ouça! Uma vez, quando um veado estava dando chifradas em volta, aconteceu que os dois paus para fazer fogo e um bastão de fazer manteiga pertencentes a um Brahmana dedicado a austeridades ascéticas se cravaram firmemente em seus chifres. E, nisso, ó rei, aquele veado forte de velocidade excessiva com saltos longos saiu depressa do eremitério, levando aqueles artigos embora. E, ó principal dos Kurus, vendo aqueles seus artigos assim carregados para longe, o Brahmana, ansioso por conta de seu Agnihotra, foi rapidamente perante os Pandavas. E se aproximando sem perda de tempo de Ajatasatru sentado naquela floresta com seus irmãos, o Brahmana, em grande angústia, falou estas palavras, 'Quando um veado estava dando chifradas em volta aconteceu, ó rei, que meus bastões de fogo e o bastão de fazer manteiga, os quais tinham sido colocados contra uma árvore grande, se prenderam firmemente em seus chifres. Ó rei, aquele veado forte de velocidade excessiva saiu depressa do eremitério com saltos longos, levando aqueles artigos. Seguindo a trajetória daquele veado poderoso, ó rei, por meio de suas pegadas, ó filhos de Pandu, tragam de volta aqueles meus artigos, para que meu Agnihotra não seja interrompido!' Ouvindo estas palavras do Brahmana, Yudhishthira ficou muito preocupado. E o filho de Kunti pegando seu arco partiu com seus irmãos. E pondo seus corseletes (armaduras para o peito) e equipados com seus arcos, aqueles touros entre homens, empenhados em servir o Brahmana, partiram rapidamente na esteira do veado. E avistando o veado à pouca distância, aqueles guerreiros poderosos dispararam nele flechas farpadas e lanças e dardos, mas os filhos de Pandu não puderam perfurá-lo de nenhuma maneira. E enquanto eles se esforçavam para persegui-lo e matá-lo, aquele veado forte ficou invisível de repente. E perdendo o veado de vista, os filhos de Pandu de mente nobre, fatigados e desapontados e afligidos por fome e sede, se aproximaram de uma figueira de bengala naquela floresta profunda e se sentaram em sua sombra fresca. E quando eles tinham se sentado, Nakula, tomado pela

tristeza e incitado pela impaciência, se dirigiu a seu irmão mais velho da linhagem Kuru, dizendo, 'Na nossa família, ó rei, a virtude nunca foi sacrificada, nem tem havido perda de riqueza por insolência. E sendo pedidos, nós nunca dissemos para alguma criatura 'Não!' Por que então no presente caso nós encontramos com este desastre?"

310

Yudhishthira disse, "Não há limite para calamidades. Nem é possível averiguar seu final ou causa eficiente. É somente o Senhor da justiça quem distribui os frutos de ambos, virtude e vício.' Nisso Bhima disse, 'Certamente este infortúnio nos aconteceu porque eu não matei o Pratikamin no próprio local, quando ele arrastou Krishna como uma escrava para a assembléia.' E Arjuna disse, 'Certamente este infortúnio nos aconteceu porque eu não me ressenti daquelas palavras cruéis que perfuravam os próprios ossos, proferidas pelo filho de Suta!' E Sahadeva disse, 'Certamente ó Bharata, este infortúnio nos aconteceu porque eu não matei Sakuni quando ele te derrotou nos dados!'"

Vaisampayana continuou, "Então o rei Yudhishthira se dirigiu a Nakula e disse, 'Ó filho de Madri, suba nesta árvore e dê uma olhada nos dez pontos do horizonte. Veja se há água perto de nós ou árvores que crescem em solos úmidos! Ó filho, estes teus irmãos estão todos fatigados e sedentos.' Após dizer, 'Assim seja' Nakula subiu depressa em uma árvore, e tendo olhado em volta, disse para seu irmão mais velho, 'Ó rei, eu vejo muitas árvores que crescem na beira d'água, e eu ouço também os gritos de grous. Portanto, sem dúvida deve haver água em algum lugar por aqui.' Ouvindo estas palavras, o filho de Kunti Yudhishthira, firme em verdade, disse, 'Ó amável, vá e busque água nestas aljavas!' Dizendo, 'Assim seja,' por ordem de seu irmão mais velho Nakula procedeu rapidamente em direção ao lugar onde havia água e logo o encontrou. E contemplando um lago cristalino habitado por grous ele desejou beber dele, quando ele ouviu estas palavras do céu, 'Ó filho, não cometa este ato precipitado! Este lago sempre esteve em minha posse. Ó filho de Madri, primeiro responda minhas perguntas e então beba dessa água e leve embora (tanto quanto tu precisares).' Nakula, no entanto, que estava extremamente sedento, desconsiderando estas palavras, bebeu da água fresca, e tendo bebido dela, caiu morto. E, ó repressor de inimigos, vendo a demora de Nakula, o filho de Kunti Yudhishthira disse para Sahadeva, o irmão heróico de Nakula, 'Ó Sahadeva, faz muito tempo desde que nosso irmão, aquele que nasceu imediatamente antes de ti, saiu daqui! Portanto, vá e traga de volta teu irmão uterino, junto com a água.' Nisto, Sahadeva, dizendo, 'Assim seja' partiu naquela direção; e chegando ao local viu seu irmão jazendo morto no chão. E afligido pela morte de seu irmão, e sofrendo severamente de sede, ele avançou em direção à água, quando estas palavras foram ouvidas por ele, 'Ó filho, não cometa este ato precipitado! Este lago sempre esteve em minha posse. Primeiro responda minhas perguntas, e então beba da água e tire tanto quanto tu possas necessitar.' Sahadeva, no entanto, que estava extremamente sedento, desconsiderando estas palavras, bebeu da água, e tendo bebido dela, caiu morto.

Então Yudhishthira, o filho de Kunti, disse para Vijaya, 'Faz tempo desde que, ó Vibhatsu, aqueles teus dois irmãos partiram, ó repressor de inimigos! Abençoado sejas tu! Traga-os de volta, junto com a água. Tu és, ó filho, o refúgio de nós todos quando mergulhados em infortúnio!' Assim endereçado, o inteligente Gudakesa, pegando seu arco e flechas e também sua espada descoberta, partiu para aquele lago de águas. E alcançando aquele local, ele cujo carro era puxado por corcéis brancos viu aqueles tigres entre homens, seus dois irmãos mais novos que tinham ido buscar água, jazendo mortos lá. E vendo-os como se adormecidos, aquele leão entre homens, extremamente aflito, ergueu seu arco e começou a olhar em volta aquela floresta. Mas ele não descobriu ninguém naquela floresta imensa. E, estando fatigado, ele que era capaz de esticar o arco com sua mão esquerda também avançou na direção da água. E quando ele estava avançando (em direção à água), ele ouviu estas palavras do céu, 'Por que tu te aproximas desta água? Tu não serás capaz de beber dela pela força. Se tu, ó Kaunteya, puderes responder às perguntas que eu te farei, somente então tu beberás da água e levarás embora tanto quanto tu precisares, ó Bharata!' Assim proibido, o filho de Pritha disse, 'Proíba-me por aparecer na minha frente! E quando tu fores perfurado violentamente por minhas flechas, tu então não falarás novamente dessa maneira!' Tendo dito isso, Partha cobriu todos os lados com flechas inspiradas por mantras. E ele também mostrou sua habilidade em atirar em um alvo invisível por meio do som somente. E, ó touro da raça Bharata, muito afligido pela sede, ele disparou dardos farpados e lanças e setas de ferro, e despejou no céu inúmeras flechas incapazes de serem frustradas. Nisso, o Yaksha invisível disse, 'Qual a necessidade de todo este incômodo, ó filho de Pritha? Beba somente depois de responder minhas perguntas! Se tu beberes, no entanto, sem responder minhas perguntas, tu morrerás imediatamente em seguida.' Assim endereçado, o filho de Pritha Dhananjaya, capaz de esticar o arco com sua mão esquerda também, desconsiderando aquelas palavras, bebeu da água, e imediatamente depois caiu morto. E (vendo a demora de Dhananjaya) o filho de Kunti Yudhishthira se dirigiu a Bhimasena, dizendo, 'Ó repressor de inimigos, faz um longo tempo que Nakula e Sahadeva e Vibhatsu saíram para buscar água, e eles ainda não voltaram, ó Bharata! Que o bem aconteça para ti! Traga-os de volta, junto com a água!' Nisso dizendo, 'Assim seja' Bhimasena partiu para aquele local onde aqueles tigres entre homens, seus irmãos, jaziam mortos. E vendo eles, Bhima embora ele estivesse afligido pela sede, ficou extremamente angustiado. E aquele herói de braços fortes pensou que tudo aquilo tinha sido a ação de algum Yaksha ou Rakshasa. E o filho de Pritha Vrikodara pensou, 'Eu certamente terei que lutar hoje. Que eu, portanto, primeiro sacie minha sede.' Então aquele touro da raça Bharata avançou com a intenção de beber. Nisso o Yaksha disse, 'Ó filho, não cometa este ato apressado! Este lago sempre esteve em minha posse. Primeiro responda minhas perguntas, e então beba e tire tanta água quanto tu precises!'"

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado por aquele Yaksha de energia incomensurável, Bhima, sem responder suas perguntas, bebeu da água. E tão logo ele bebeu, ele caiu morto no lugar. Então achando que seus irmãos tinham-no deixado há muito tempo, Yudhishthira esperou por algum tempo. E o rei disse

para si mesmo repetidas vezes, 'Por que aqueles dois filhos de Madri estão demorando? E por que o manejador do Gandiva também demora? E por que Bhima também, dotado de grande força, demora? Eu procurarei por eles!' E decidido a fazer isso, Yudhishthira de braços fortes então se levantou, seu coração queimando em angústia. E aquele touro entre homens, o filho real de Kunti, pensou consigo mesmo, 'Esta floresta está sob alguma influência maligna? Ou ela está infestada por algumas bestas perversas? Ou eles todos pereceram em consequência de terem desrespeitado algum ser poderoso? Ou, não encontrando água no lugar para onde aqueles heróis tinham se dirigido primeiro, eles passaram todo este tempo em busca pela floresta? Qual é a razão pela qual aqueles touros entre homens não voltam?' E falando dessa maneira, aquele principal dos monarcas, o ilustre Yudhishthira, entrou naquela floresta imensa onde nenhum som humano era ouvido e que era habitada por veados e ursos e aves, e que estava adornada com árvores que eram luminosas e verdes, e que ecoava com o zumbido das abelhas pretas e as notas de cantores alados. Conforme ele estava procedendo adiante, ele contemplou aquele lago belo que parecia como se tivesse sido feito pelo próprio artífice celeste. E ele estava adornado com flores de uma cor dourada e com lotos e Sindhuvars. E ele abundava com juncos e Ketakas e Karaviras e Pippalas, e fatigado pelo esforço, Yudhishthira viu aquele tanque e foi tomado pela surpresa."

311

Vaisampayana disse, "Yudhishthira viu seus irmãos, cada um possuidor da glória do próprio Indra, jazendo mortos como os Regentes do mundo caídos de suas esferas no fim do Yuga. E contemplando Arjuna jazendo morto, com seu arco e flechas caídos no chão, e também Bhimasena e os gêmeos imóveis e privados de vida, o rei deu um suspiro difícil e longo, e estava banhado em lágrimas de tristeza. E vendo seus irmãos jazendo mortos, o filho de braços fortes de Dharma com coração torturado em ansiedade começou a lamentar profusamente, dizendo, 'Tu, ó Vrikodara de braços poderosos, juraste, dizendo, 'Eu esmagarei com maça as coxas de Duryodhana em combate! Ó realçador da glória dos Kurus, na tua morte, ó de braços poderosos e grande alma, tudo aquilo se tornou inútil agora! As promessas dos homens podem ser ineficazes; mas por que as palavras dos deuses proferidas em relação a ti foram assim inúteis? Ó Dhananjaya, enquanto tu estavas no quarto de resguardo da tua mãe os deuses disseram, 'Ó Kunti, este teu filho não será inferior àquele de mil olhos!' E nas montanhas Paripatra do norte todo os seres cantaram, dizendo, 'A prosperidade (desta linhagem), roubada por inimigos, será recuperada por este sem demora. Ninguém será capaz de derrotá-lo em batalha, enquanto não haverá ninguém a quem ele não será capaz de derrotar. Por que então Jishnu dotado de grande força foi sujeito à morte? Oh, por que aquele Dhananjaya, confiando em quem nós tínhamos até agora suportado toda essa miséria, jaz no chão matando todas as minhas esperanças? Por que aqueles heróis, aqueles filhos poderosos de Kunti, Bhimasena e Dhananjaya, caíram sob o poder do inimigo, aqueles que sempre matam seus inimigos, e a

quem nenhuma arma poderia resistir? Certamente, este meu coração vil deve ser feito de pedra, já que vendo estes gêmeos jazendo hoje no chão ele não se parte! Ó touros entre homens, versados em escritos sagrados e conhecedores das propriedades de tempo e lugar, e dotados de mérito ascético, vocês que realizaram devidamente todos os ritos sagrados, por que vocês jazem deitados, sem realizarem atos dignos de vocês? Ai, por que vocês jazem insensíveis sobre a terra, com seus corpos ilesos, ó invencíveis, e com seus votos intocados?' E contemplando seus irmãos dormindo docemente lá como (eles usualmente faziam) em ladeiras de montanha, o rei de grande alma, dominado pela dor e banhado em suor chegou a uma condição lamentável. E dizendo, 'Isto é assim mesmo', aquele senhor virtuoso de homens, submerso em um oceano de dor ansiosamente procedeu para averiguar a causa (daquela catástrofe). E aquele de braços poderosos e de grande alma, familiarizado com as divisões de tempo e lugar, não pode determinar seu rumo de ação. Tendo assim lamentado muito dessa maneira, o virtuoso Yudhishthira, o filho de Dharma ou Tapu, reprimiu sua alma e começou a refletir quanto a quem tinha matado aqueles heróis. 'Não há golpes de armas sobre eles, nem há alguma pegada aqui. O ser deve ser poderoso eu suponho, por quem meus irmãos foram mortos. Eu ponderarei seriamente sobre isto, ou, que eu beba da água primeiro, e então saiba tudo. Pode ser que Duryodhana de mente habitualmente desonesta tenha feito esta água ser colocada aqui secretamente pelo rei dos Gandharvas. Que homem de bom senso pode confiar em um indivíduo pecaminoso de más paixões para quem bem e mal são semelhantes? Ou, talvez, esta pode ser uma ação daquele de alma má através de seus mensageiros secretos.' E foi assim que aquele altamente inteligente deu caminho a diversas reflexões. Ele não acreditou que aquela água tivesse sido corrompida por veneno, pois embora mortos nenhuma palidez semelhante a de cadáver se encontrava neles. 'A cor nos rostos destes meus irmãos não desapareceu.' E foi assim que Yudhishthira pensou. E o rei continuou, 'Cada um destes principais dos homens era como uma catarata poderosa. Quem, portanto, salvo o próprio Yama que no tempo devido ocasiona o fim de todas as coisas, poderia tê-los frustrado dessa maneira?' E tendo concluído isso com certeza, ele começou a realizar suas abluções naquele lago. E enquanto descia até ele, ele ouviu estas palavras do céu, proferidas pelo Yaksha, 'Eu sou um grou que vive de peixes muito pequenos. Foi por mim que teus irmãos mais novos foram trazidos sob o domínio do senhor dos espíritos dos mortos. Se tu, ó príncipe, não responderes às perguntas feitas por mim, tu mesmo numerarás o quinto cadáver. Ó filho, não aja precipitadamente! Este lago sempre esteve em minha posse. Tendo respondido minhas perguntas primeiro, ó filho de Kunti, beba e leve embora (tanto quanto tu precisares)!' Ouvindo estas palavras, Yudhishthira disse, 'Tu és o principal dos Rudras, ou dos Vasus, ou dos Marutas? Eu pergunto, que deus tu és? Isto não pode ter sido feito por uma ave! Quem é aquele que derrubou as quatro montanhas imensas, ou seja, a Himavat, a Paripatra, a Vindhya, e a Malaia? Grande é a façanha feita por ti, ó principal das pessoas fortes! Aqueles a quem nem deuses, nem Gandharvas nem Asuras, nem Rakshasas podiam resistir em combate vigoroso foram mortos por ti! Portanto, extremamente admirável é a façanha feita por ti! Eu não sei qual pode ser teu negócio, nem eu sei o teu propósito. Portanto, é grande a curiosidade e medo

também que tomaram posse de mim. Minha mente está muito agitada, e como minha cabeça também está doendo, eu te pergunto, portanto, ó venerável, quem és tu que permaneces aqui?' Ouvindo estas palavras o Yaksha disse, 'Eu sou, que o bem te aconteça, um Yaksha, e não uma ave anfíbia. Foi por mim que todos estes meus irmãos, dotados de bravura imensa, foram mortos!'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras detestáveis expressadas em letras cruéis, Yudhishthira, ó rei, se aproximando do Yaksha que tinha falado então, permaneceu lá. E aquele touro entre os Bharatas então viu aquele Yaksha de olhos incomuns e corpo enorme alto como uma palmeira e parecendo com o fogo ou o Sol, e irresistível e gigantesco como uma montanha, permanecendo sobre uma árvore, e proferindo um rugido alto profundo como aquele das nuvens. E o Yaksha disse, 'Estes teus irmãos, ó rei, repetidamente proibidos por mim, tiraram água à força. Foi por isso que eles foram mortos por mim! Aquele que deseja viver não deve, ó rei, beber esta água! Ó filho de Pritha, não aja impetuosamente! Este lago sempre esteve em minha posse. Ó filho de Kunti, primeiro responda minhas perguntas, e então tire tanto quanto tu quiseres!' Yudhishthira disse, 'Eu, ó Yaksha, não cobiço o que já está em tua posse! Ó touro entre os seres masculinos, pessoas virtuosas nunca aprovam que alguém elogie a si mesmo (sem contar vantagem, eu, portanto, responderei tuas questões, de acordo com minha inteligência). Pergunte-me!' O Yaksha então disse, 'O que é que faz o Sol nascer? Quem lhe faz companhia? Quem o faz se pôr? E em quem ele está estabelecido?' Yudhishthira respondeu, 'Brahma faz o Sol nascer; os deuses lhe fazem companhia; Dharma o faz se pôr; e ele está estabelecido na verdade.'

(Além dos significados claros e óbvios das palavras empregadas nas perguntas e nas respostas, há uma profunda significação de um tipo espiritual. Por Aditya, que geralmente significa o Sol, é indicada a alma não purificada. A primeira questão então se torna, 'Quem é que exalta a alma não purificada?' O ato de exaltação implica uma elevação da alma de suas conexões terrestres. A resposta a isto é, 'Brahma, isto é, Veda ou Auto-conhecimento.' A segunda questão 'Quais são aqueles que fazem companhia para a alma durante seu progresso de purificação?' A resposta é, ‘Autodomínio e outras qualidades, que são todas de uma natureza semelhante à dos deuses ou divina.' A terceira pergunta é ‘Quem leva a alma para seu lugar (estado) de descanso?’ A resposta é, ‘Dharma, ou seja, retidão, moralidade, e observância religiosa.’ É afirmado frequentemente que se deve passar pelas observâncias (Karma) antes de alcançar um estado de Descanso ou Verdade ou Conhecimento Puro. A última pergunta é, 'No que a alma está estabelecida?' A resposta, segundo tudo o que foi dito anteriormente, é, ‘Verdade ou Conhecimento Puro.’ Pois a alma que está emancipada e elevada acima de todas as conexões carnais não tem mais necessidade de observâncias e ações (Karma), mas permanece inabalável no Conhecimento Verdadeiro (Janana)).’

O Yaksha perguntou, 'Pelo que uma pessoa torna erudita? Pelo que ela obtém o que é muito importante? Como alguém pode ter um auxiliar? E, ó rei, como

alguém pode adquirir inteligência?' Yudhishthira respondeu, 'É pelo (estudo dos) Srutis que uma pessoa se torna erudita; é por austeridades ascéticas que alguém obtém o que é muito importante; é pela inteligência que uma pessoa obtém um auxiliar e é por servir os idosos que alguém se torna sábio.' (Uma inteligência firme serve aos propósitos de uma companhia útil). O Yaksha perguntou, 'O que constitui a divindade dos Brahmanas? Qual é sua prática que é semelhante àquelas dos pios? Qual também é atributo humano dos Brahmanas? E que prática deles é como aquela dos ímpios?' Yudhishthira respondeu, 'O estudo dos Vedas constitui sua divindade; seu ascetismo constitui comportamento que é como aquele dos pios; sua sujeição à morte é seu atributo humano e difamação é sua impiedade.' O Yaksha perguntou, 'O que institui a divindade dos Kshatriyas? Qual é sua prática que é semelhante àquela dos pios? Qual é seu atributo humano? E qual prática deles é como aquela dos ímpios?' Yudhishthira respondeu, 'Flechas e armas são sua divindade; celebração de sacrifícios é aquela ação que é como aquela dos pios; sujeição ao temor é seu atributo humano; e recusa de proteção é aquele ato deles que é semelhante ao dos ímpios.' O Yaksha perguntou, 'O que é que constitui o Sama do sacrifício? Qual o Yajus do sacrifício? O que é que é a proteção de um sacrifício? E o que é aquilo o qual um sacrifício não pode passar sem?' Yudhishthira respondeu, 'Vida é o Sama do sacrifício; a mente é o Yajus do sacrifício; o Rik é aquilo que é a proteção do sacrifício; e é Rik somente sem o qual o sacrifício não pode passar.'

(Por 'sacrifício' se quer dizer o sacrifício espiritual para a aquisição de conhecimento puro. No sacrifício objetivo que alguém celebra, os mantras Sama, Yajus e Rik são todos necessários. No sacrifício subjetivo a aquisição do verdadeiro conhecimento, vida e mente são tão necessários quanto os mantras dos Sama e Yajur Vedas em um objetivo. Como nenhum sacrifício objetivo pode passar sem os Riks, sendo principalmente dependente deles, assim os sacrifícios subjetivos para adquirir conhecimento verdadeiro nunca podem passar sem devoção, a qual é representada como os Riks.)

O Yaksha perguntou, 'O que é da maior importância para aqueles que cultivam? O que é da maior importância para aqueles que semeiam? O que é da maior importância para aqueles que desejam prosperidade neste mundo? E o que é da maior importância para aqueles que produzem?' Yudhishthira respondeu, 'O que é da maior importância para aqueles que cultivam é a chuva; aquilo da maior importância para aqueles que semeiam é a semente; aquilo da maior importância para aqueles que produzem é a prole.' O Yaksha falou, 'Aquela pessoa, desfrutando de todos os objetos dos sentidos, dotada de inteligência, respeitada pelo mundo e gostada por todos os seres, que embora respirando não oferece nada para estes cinco: deuses, convidados, empregados, Pitris, e ela mesma, embora dotada de fôlego, ainda assim não está viva.' O Yaksha perguntou, 'O que é mais pesado do que a própria terra? O que é mais alto do que os céus? O que é mais veloz do que o vento? E o que é mais numeroso do que a grama?' Yudhishthira respondeu, 'A mãe é mais pesada (importante) do que a terra; o pai é mais alto do que o céu; a mente é mais veloz do que o vento; e nossos pensamentos são mais numerosos do que a grama.' O Yaksha perguntou, 'O que

é que não fecha seus olhos quando dorme; o que é que não se move depois do nascimento? O que é que não tem coração? E o que é que aumenta com seu próprio ímpeto?' Yudhishthira respondeu, 'Um peixe não fecha seus olhos quando dorme; um ovo não se move depois do nascimento; uma pedra não tem coração; e um rio aumenta com seu próprio ímpeto.' O Yaksha perguntou, 'Quem é o amigo do exilado? Quem é o amigo do chefe de família? Quem é o amigo daquele que está doente? E quem é o amigo de alguém que está prestes a morrer?' Yudhishthira respondeu, 'O amigo do exilado em uma terra distante é seu companheiro, o amigo do chefe de família é a esposa; o amigo do que está doente é o médico; e o amigo daquele prestes a morrer é a caridade.' O Yaksha perguntou, 'Quem é o convidado de todas as criaturas? Qual é o dever eterno? O que, ó principal dos reis, é Amrita? E o que é este Universo inteiro?' Yudhishthira respondeu, 'Agni é o convidado de todas as criaturas; o leite de vaca é amrita; Homa (com ele) é o dever eterno; e este Universo consiste somente em ar.' (Yudhishthira tem a autoridade dos Srutis para dizer que o único elemento que permeia o universo é o ar). O Yaksha perguntou, 'O que é que viaja sozinho? O que é que renasce depois de seu nascimento? Qual é o remédio contra o frio? E qual é o maior campo?' Yudhishthira respondeu, 'O sol viaja sozinho; a lua toma nascimento de novo; o fogo é o remédio contra o frio; e a Terra é o maior campo.' O Yaksha perguntou, 'Qual é o maior amparo da virtude? Qual da fama? Qual do céu? E qual, da felicidade?' Yudhishthira respondeu, 'Generosidade é o maior amparo da virtude; caridade, da fama; veracidade, do céu; e bom comportamento, da felicidade.' O Yaksha perguntou, 'O que é a alma do homem? Quem é aquele amigo concedido ao homem pelos deuses? Qual é o principal sustento do homem? E qual também é seu principal amparo?' Yudhishthira respondeu, 'O filho é a alma de um homem, a esposa é o amigo concedido ao homem pelos deuses; as nuvens são seu principal sustento; e a doação é seu principal amparo.' O Yaksha perguntou, 'Qual é a melhor de todas as coisas louváveis? Qual é a mais valiosa de todas as suas posses? Qual é o melhor de todos ganhos? E qual é a melhor de todas as espécies de felicidade?' Yudhishthira respondeu, 'A melhor de todas as coisas louváveis é a habilidade; a melhor de todas as posses é o conhecimento; o melhor de todos os ganhos é a saúde; e o contentamento é o melhor de todos os tipos de felicidade.' O Yaksha perguntou, 'Qual é o maior dever no mundo? Qual é aquela virtude que sempre dá frutos? O que é aquilo que se controlado não leva ao desgosto? E quem são aqueles com quem uma aliança não pode se romper?' Yudhishthira respondeu, 'O maior dos deveres é se abster de ferir; os ritos ordenados nos três (Vedas) sempre dão frutos; a mente, se controlada, não leva ao desgosto; e uma aliança com os bons nunca se rompe.' O Yaksha perguntou, 'O que é aquilo que, se renunciado, faz alguém agradável? O que é que, se renunciado, não leva ao arrependimento? O que é que, se renunciado, faz alguém rico? O que é que se renunciado faz alguém feliz?' Yudhishthira respondeu, 'Orgulho, se renunciado, faz alguém agradável; cólera, se renunciada, não leva ao arrependimento; desejo, se renunciado, faz alguém rico; e avareza, se renunciada, faz uma pessoa feliz.' O Yaksha perguntou, 'Por que alguém doa para Brahmanas? Por que para mímicos e dançarinos? Por que para empregados? E por que para o rei?' Yudhishthira respondeu, 'É por mérito religioso que alguém doa para Brahmanas; é por fama que alguém doa para

mímicos e dançarinos; é para sustentá-los que alguém doa para empregados; e é para obter alívio do temor que alguém doa para reis.' O Yaksha perguntou, 'Com o que o mundo é envolvido? O que é aquilo devido ao qual uma coisa não pode se revelar? Por que amigos são abandonados? E por que alguém fracassa em ir para o céu?' Yudhishthira respondeu, 'O mundo é envolvido pela escuridão. A escuridão não permite que uma coisa se mostre. É por avareza que amigos são abandonados. E é conexão com o mundo pela qual alguém fracassa em ir para o céu.' O Yaksha perguntou, 'Por que alguém pode ser considerado como morto? Por que um reino pode ser considerado como morto? Por que um Sraddha pode ser considerado como morto? E por que, um sacrifício?' Yudhishthira respondeu, 'Por falta de riqueza um homem pode ser considerado como morto. Um reino por falta de um rei pode ser considerado como morto. Um Sraddha que é realizado com a ajuda de um sacerdote que não tem erudição pode ser considerado como morto. E um sacrifício no qual não há presentes para Brahmanas é morto.' O Yaksha perguntou, 'O que constitui o caminho? O que tem sido citado como água? O que, como alimento? E o que, como veneno? Diga-nos também qual é o tempo apropriado de um Sraddha, e então beba e tire tanto quanto tu queiras!' Yudhishthira respondeu, 'Aqueles que são bons constituem o caminho; (isto é, o caminho pelo qual alguém deve andar é aquele dos bons). O Espaço tem sido citado como água. (Os Srutis realmente falam do espaço como água. Esta é uma questão para testar o conhecimento de Yudhishthira a respeito de cosmogonia Védica). A vaca é alimento. (Os Srutis falam da vaca como o único alimento no seguinte sentido: a vaca dá leite. O leite dá manteiga. A manteiga é usada no Homa. O Homa é a causa das nuvens. As nuvens dão chuva. A chuva faz as sementes brotarem e produzirem alimento). Um pedido é veneno. E um Brahmana é considerado como o tempo apropriado de um Sraddha. (Ou seja, não há tempo especial para um Sraddha. Ele é para ser realizado em qualquer tempo em que um sacerdote bom e hábil possa ser obtido). Eu não sei o que tu pensas de tudo isto, ó Yaksha!' O Yaksha perguntou, 'O que é considerado o sinal de ascetismo? E qual é o verdadeiro controle? O que constitui o perdão? E o que é vergonha?' Yudhishthira respondeu, 'Permanecer na própria religião é ascetismo; o controle da mente é de todos os controles o verdadeiro; perdão consiste em tolerar animosidade; e vergonha, em se afastar de todas as ações indignas.' O Yaksha perguntou, 'O que, ó rei, é citado como sendo o conhecimento? O que, a tranquilidade? O que constitui a compaixão? E o que é chamado de simplicidade?' Yudhishthira respondeu, 'Verdadeiro conhecimento é aquele da Divindade. Verdadeira tranquilidade é aquela do coração. Compaixão consiste em desejar felicidade para todos. E simplicidade é equanimidade de coração.' O Yaksha perguntou, 'Qual inimigo é invencível? O que constitui uma doença incurável para os homens? Qual tipo de homem é chamado de honesto e qual de desonesto?' Yudhishthira respondeu, 'A raiva é um inimigo invencível. A cobiça constitui uma doença incurável. É honesto aquele que deseja o bem-estar de todas as criaturas, e é desonesto aquele que é impiedoso.' O Yaksha perguntou, 'O que, ó rei, é ignorância? E o que é orgulho? O que também é para ser entendido por ociosidade? E o que tem sido citado como dor?' Yudhishthira respondeu, 'Verdadeira ignorância consiste em não conhecer os próprios deveres. Orgulho é uma consciência de alguém ser ele mesmo um ator ou sofredor na vida.

Ociosidade consiste em não cumprir os próprios deveres, e ignorância em tristeza.' O Yaksha perguntou, 'O que os Rishis dizem que é firmeza? E o que, paciência? Qual também é uma ablução verdadeira? E o que é caridade?' Yudhishthira respondeu, 'Firmeza consiste em permanecer na sua própria religião, e verdadeira paciência consiste na subjugação dos sentidos. Um banho verdadeiro consiste em limpar a mente de todas as impurezas, e caridade consiste em proteger todas as criaturas.' O Yaksha perguntou, 'Qual homem deve ser considerado como erudito, e quem deve ser chamado de ateu? Quem também é para ser chamado de ignorante? O que é chamado de desejo e quais são as fontes do desejo? E o que é inveja?' Yudhishthira respondeu, 'É para ser chamado de erudito quem conhece seus deveres. Um ateu é aquele que é ignorante e assim também é ignorante aquele que é um ateu. O desejo é devido aos objetos de posse, e inveja é nada mais do que mágoa de coração.' O Yaksha perguntou, 'O que é orgulho, e o que é hipocrisia? Qual é a graça dos deuses, e o que é maldade?' Yudhishthira respondeu, 'Ignorância apática é orgulho. Levantar um estandarte religioso é hipocrisia. A graça dos deuses é o fruto de nossas doações, e maldade consiste em falar mal de outros.' O Yaksha perguntou, 'Virtude, lucro, e desejo são opostos uns aos outros. Como podem coisas assim antagônicas umas às outras existirem juntas?' Yudhishthira respondeu, 'Quando uma esposa e virtude se harmonizam uma com a outra, então todos os três que tu mencionaste podem existir juntos.' O Yaksha perguntou, 'Ó touro da raça Bharata, quem é que está condenado ao inferno eterno? Cabe a ti responder logo a pergunta que eu faço!' Yudhishthira respondeu, 'Aquele que convoca um Brahmana pobre prometendo lhe fazer uma doação e então diz a ele que não tem nada para dar vai para o inferno eterno. Também deve ir para o inferno eterno aquele que atribui falsidade aos Vedas, às escrituras, aos Brahmanas, aos deuses, e às cerimônias em honra dos Pitris. Também vai para o inferno eterno aquele que, embora na posse de riqueza, nunca doa nem desfruta ele mesmo por avareza, dizendo que ele não tem nada.' O Yaksha perguntou, 'Pelo que, ó rei, nascimento, comportamento, estudo, ou erudição, uma pessoa se torna um Brahmana? Diga-nos com certeza!' Yudhishthira respondeu, 'Ouça, ó Yaksha! Não é nem nascimento, nem estudo, nem erudição que é a causa da condição de Brahmana, sem dúvida, é o comportamento que o constitui. O comportamento deve sempre ser bem vigiado, especialmente por um Brahmana. Aquele que mantém seu comportamento inalterado nunca é prejudicado. Professores e pupilos, de fato, todos que estudam as escrituras, se viciados em maus hábitos, devem ser considerados como patifes iletrados. É erudito somente aquele que cumpre seus deveres religiosos. Mesmo aquele que estudou os quatro Vedas é para ser considerado como um patife pecaminoso mal distinguível de um Sudra (se sua conduta não for correta). Somente aquele que realiza o Agnihotra e tem seus sentidos sob controle é chamado de Brahmana!' O Yaksha perguntou, 'O que ganha alguém que fala palavras agradáveis? O que ganha aquele que sempre age com discernimento? O que ganha aquele que tem muitos amigos? E o que ganha aquele que é devotado à virtude?' Yudhishthira respondeu, 'Aquele que fala palavras agradáveis se torna agradável para todos. Aquele que age com discernimento obtém o que quer que ele busque. Aquele que tem muitos amigos vive alegremente. E aquele que é devotado à virtude obtém um estado feliz (no

mundo seguinte).' O Yaksha perguntou, 'Quem é realmente feliz? O que é mais extraordinário? Qual é o caminho? E qual é a notícia? Responda estas quatro perguntas minhas e que teus irmãos mortos revivam.' Yudhishthira respondeu, 'Ó criatura anfíbia, um homem que cozinha em sua própria casa, na quinta ou na sexta parte do dia, com vegetais escassos, mas que não está em dívida e que não circula para longe de casa, é realmente feliz. Dia após dia incontáveis criaturas estão indo para a residência de Yama, ainda assim aquelas que ficam para atrás acreditam que elas mesmas são imortais. O que pode ser mais extraordinário do que isto? Debate não leva à conclusão certa, os Srutis são diferentes uns dos outros; não há nem um Rishi cuja opinião possa ser aceita por todos; a verdade sobre religião e dever está escondida em cavernas; portanto, é o caminho somente aquele ao longo do qual os notáveis tem andado. Este mundo cheio de ignorância é como uma panela. O sol é fogo, os dias e noites são combustível. Os meses e as estações constituem a concha de madeira. O Tempo está cozinhando todas as criaturas naquela panela (com tais ajudas); esta é a notícia.' O Yaksha perguntou, 'Tu, ó repressor de inimigos, realmente respondeste todas as minhas perguntas! Diga-nos agora quem é realmente um homem, e qual homem realmente possui todas as espécies de riqueza.' Yudhishthira respondeu, 'A fama da boa ação de um homem alcança o céu e se espalha pela terra. Tanto quanto aquela fama durar, uma pessoa para quem o agradável e o desagradável, bem-estar e dor, o passado e o futuro, são o mesmo, é citada como possuidora de todas as espécies de riqueza.' O Yaksha disse, 'Tu, ó rei, realmente respondeste quem é um homem, e que homem possui todas as espécies de riqueza. Portanto, que somente um entre teus irmãos, quem tu possas desejar, se levante com vida!' Yudhishthira respondeu, 'Que este que é de cor um pouco escura, cujos olhos são vermelhos, que é alto como uma grande árvore Sala, cujo peito é largo e braços longos, que este Nakula, ó Yaksha, se levante com vida!' O Yaksha replicou, 'Este Bhimasena é querido para ti, e este Arjuna também é alguém de quem todos vocês dependem! Por que, então, ó rei, tu desejas que um meio-irmão se levante com sua vida? Como tu podes, abandonando Bhima cuja força é igual àquela de dez mil elefantes, desejar que Nakula viva? As pessoas diziam que este Bhima era caro para ti. Por que motivo então tu desejas que um meio-irmão reviva? Abandonando Arjuna o poder de cujo braço é venerado por todos os filhos de Pandu, por que tu desejas que Nakula reviva?' Yudhishthira disse, 'Se a virtude for sacrificada, aquele que a sacrifica está perdido. Assim a virtude também nutre aquele que a nutre. Portanto cuidando para que a virtude por ser sacrificada não possa nos sacrificar, eu nunca abandono a virtude. Abstenção de ferir é a maior virtude, e é, eu penso, até mais elevada do que o mais elevado objeto de aquisição. Eu me esforço para praticar aquela virtude. Portanto, que Nakula, ó Yaksha, reviva! Que os homens saibam que o rei é sempre virtuoso! Eu nunca me afastarei do meu dever. Que Nakula, portanto, reviva! Meu pai teve duas esposas, Kunti e Madri. Que ambas delas tenham filhos. Isto é o que eu desejo. Como Kunti é para mim, assim também é Madri. Não há diferença entre elas aos meus olhos. Eu desejo agir igualmente em direção às minhas mães. Portanto, que Nakula viva!' O Yaksha disse, 'Já que abstenção de injúria é considerada por ti como mais elevada do que ambos, lucro e prazer, portanto, que todos os teus irmãos vivam, ó touro da raça Bharata!'"

312

Vaisampayana continuou, "Então de acordo com as palavras do Yaksha os Pandavas se levantaram; e em um momento sua fome e sede os deixaram. Nisso Yudhishthira disse, 'Eu pergunto a ti que és incapaz de ser derrotado e que permaneces sobre uma perna no tanque, que deus tu és, pois eu não posso te tomar por um Yaksha! Tu és o principal dos Vasus, ou dos Rudras, ou dos principais dos Maruts? Ou tu és o próprio senhor dos celestiais, manejador do raio? Cada um destes meus irmãos é capaz de lutar como cem mil guerreiros, e eu não vejo o guerreiro que possa matar eles todos! Eu vejo também que seus sentidos foram revigorados, como se eles tivessem despertado docemente do sono. Tu és um amigo nosso, ou mesmo nosso próprio pai?' Nisto o Yaksha respondeu, 'Ó filho, eu sou teu pai, o Senhor da justiça, possuidor de grande destreza! Saiba, touro da raça Bharata, que eu vim para cá desejoso de te ver! Fama, verdade, autodomínio, pureza, franqueza, modéstia, firmeza, caridade, austeridades e Brahmacharya, estes são meu corpo! E abstenção de ferir, imparcialidade, paz, penitências, santidade, e liberdade de malícia são as portas (pelas quais eu sou acessível). Tu és sempre caro para mim! Por boa sorte tu és devotado aos cinco (ou seja, tranquilidade de mente, autodomínio, abstenção de prazeres sensuais, resignação, e meditação de Yoga); e por boa sorte também tu conquistaste os seis (ou seja, fome, sede, tristeza, rudeza de sentimento mortal, decrepitude, e morte). Dos seis, dois aparecem na primeira parte da vida; dois na parte do meio dela; e os dois restantes no fim, para fazer os homens se dirigirem para o mundo seguinte. Eu sou, que o bem te aconteça, o senhor da justiça! Eu vim para cá para testar teu mérito. Eu estou bem satisfeito por testificar tua inofensividade; e, ó impecável, eu te concederei benefícios. Ó principal dos reis, peça-me benefícios. Eu sem dúvida os concederei, ó impecável! Aqueles que me reverenciam nunca obtêm desgraça!' Yudhishthira disse, 'Um veado estava levando embora os bastões de fogo do Brahmana. Portanto, o primeiro benefício que eu pedirei é que as adorações daquele Brahmana para Agni não sejam interrompidas!' O Yaksha disse, 'Ó filho de Kunti dotado de esplendor, fui eu quem para te examinar estava levando embora, no disfarce de um veado, os bastões de fogo daquele Brahmana!"

Vaisampayana continuou, "Nisso aquele venerável disse, 'Eu te dou este benefício! Que o bem te aconteça! Ó tu que és semelhante a um imortal, peça um outro benefício!' Yudhishthira disse, 'Nós temos passado estes doze anos na floresta; e o décimo terceiro ano está chegando. Que ninguém possa nos reconhecer quando nós passarmos este ano em algum lugar.'"

Vaisampayana continuou, 'Nisso aquele venerável respondeu, 'Eu dou este benefício para ti!' E então tranquilizando o filho de Kunti tendo a verdade como destreza, ele também disse, 'Mesmo que, ó Bharata, vocês percorram esta terra (inteira) em suas próprias formas, ninguém nos três mundos reconhecerá vocês. Ó perpetuadores da linhagem Kuru, pela minha graça, vocês passarão este décimo

terceiro ano, secretamente e não reconhecidos, no reino de Virata! E cada um de vocês será capaz de assumir à vontade qualquer forma que quiser! Agora presenteiem o Brahmana com seus bastões de fogo. Foi somente para testar vocês que eu os levei embora na forma de um veado! Ó amável Yudhishthira, peça por outro benefício que tu possas querer! Eu o concederei a ti. Ó principal dos homens, eu ainda não estou satisfeito por conceder benefícios para ti! Meu filho, aceite um terceiro benefício que seja maior e incomparável! Tu, ó rei, és nascido de mim, e Vidura de uma porção minha!" Nisso Yudhishthira disse, 'É suficiente que eu tenha te visto com meus sentidos, Deus eterno dos deuses como tu és! Ó pai, qualquer benefício que tu queiras me conceder eu sem dúvida aceitarei alegremente! Que eu possa, ó senhor, sempre conquistar a cobiça e insensatez e raiva, e que minha mente esteja sempre devotada à caridade, verdade, e austeridades ascéticas!' O Senhor da justiça disse, 'Pela própria natureza, ó Pandava, tu és dotado destas qualidades, pois tu és o próprio Senhor da justiça! Novamente obtenha o que tu pediste!"

Vaisampayana continuou, “Tendo dito estas palavras, o venerável Senhor da justiça, que é o objeto de contemplação de todos os mundos, desapareceu de lá; e os Pandavas de grande alma, depois que eles tinham dormido agradavelmente se reuniram uns com os outros. E com sua fadiga dissipada, aqueles heróis voltaram para o eremitério e devolveram àquele Brahmana seus bastões de fogo. Aquele homem que procura esta história ilustre e que aumenta a fama da revivificação (dos Pandavas) e do encontro de pai e filho (Dharma e Yudhishthira), obtém perfeita tranquilidade de mente, e filhos e netos, e também uma vida que se estende por cem anos! E a mente daquele homem que toma esta história seriamente em consideração nunca se deleita na injustiça, ou em desunião entre amigos, ou em apropriação indevida da propriedade de outra pessoa, ou em macular esposas de outros homens, ou em pensamentos nocivos!”

313

Vaisampayana continuou, "Comandados pelo Senhor da justiça para assim passarem disfarçados o décimo terceiro ano de não descobrimento, os Pandavas de grande alma, cumpridores de votos e tendo a verdade como destreza, sentaram-se perante aqueles ascetas eruditos e cumpridores de votos que por consideração estavam morando com eles em seu exílio na floresta. E com mãos unidas eles disseram estas palavras, com a intenção de obter permissão para passar o décimo terceiro ano da maneira indicada. E eles disseram, 'Vocês sabem bem que os filhos de Dhritarashtra nos privaram do nosso reino por meio de fraude, e também nos fizeram muitas outras injúrias! Nós passamos doze anos na floresta em grande aflição. Somente o décimo terceiro ano, o qual nós devemos passar irreconhecidos, ainda resta. Cabe a vocês nos permitirem agora passar este ano em segredo! Se aqueles nossos inimigos rancorosos Suyodhana, Kama de mente má, e o filho de Suvala nos descobrirem isto fará grande mal para os cidadãos e nossos amigos! Todos nós com os Brahmanas seremos novamente

estabelecidos no nosso próprio reino?' Tendo dito isso, aquele filho de Dharma de espírito puro, o rei Yudhishthira, dominado pelo pesar e com a voz sufocada em lágrimas, desmaiou. Nisso os Brahmanas, junto com seus irmãos, começaram a animá-lo. Então Dhaumya falou para o rei estas palavras repletas de forte significado, 'Ó rei, tu és erudito e capaz de suportar privações, és firme em promessa, e de sentidos subjugados! Homens de tal caráter não são subjugados por algum infortúnio seja qual for. Até os próprios deuses de grande alma tem vagado por vários lugares disfarçados, para o propósito de conquistar inimigos. Indra, para o propósito de superar seus inimigos, morou disfarçado no retiro de Giriprastha, em Nishadha, e assim alcançou seu objetivo. Antes de tomar seu nascimento no útero de Aditi, Vishnu para o propósito de destruir os Daityas passou muito tempo irreconhecido, assumindo a forma do Haya-griba (de pescoço de cavalo). Então como se disfarçando na forma de um anão ele por meio de sua destreza privou Vali de seu reino, foi ouvido por ti! E tu também ouviste como Hutasana entrando na água e permanecendo em ocultamento realizou o propósito dos deuses. E, ó tu versado em dever, tu ouviste como Hari com o objetivo de derrotar seus inimigos entrou no raio de Sakra e permaneceu escondido lá. E, ó impecável, tu soubeste do trabalho que o Rishi regenerado Aurva antigamente realizou para os deuses, permanecendo escondido no útero de sua mãe. E, ó filho, vivendo escondido em todas as partes da terra, Vivaswat, dotado de energia excelente, finalmente destruiu completamente todos os seus inimigos. E vivendo disfarçado na residência de Dasaratha, Vishnu de atos terríveis matou o de dez pescoços em combate. Assim permanecendo disfarçadas em vários lugares, pessoas de grande alma antes disso conquistaram seus inimigos em batalha.' Assim confortado por estas palavras de Dhaumya, o virtuoso Yudhishthira, confiando em sua própria sabedoria e também naquela adquirida das escrituras, recuperou sua serenidade. Então aquela principal das pessoas fortes, o poderoso Bhimasena dotado de grande força encorajando o rei grandemente, falou estas palavras, 'Olhando para tua face (em busca de permissão), o manejador do Gandiva, agindo de acordo com seu sentido de dever, ó rei, ainda não demonstrou qualquer impulsividade! E embora totalmente capazes de destruir o inimigo, Nakula e Sahadeva de bravura terrível tem sido sempre impedidos por mim! Nós nunca nos desviaremos daquilo no qual tu nos engajares! Diga-nos o que é para ser feito! Nós conquistaremos nossos inimigos rapidamente!' Quando Bhimasena tinha dito isto os Brahmanas proferiram bênçãos sobre os Bharatas, e então obtendo sua permissão, foram para seus respectivos alojamentos. E todos aqueles principais dos Yatis e Munis versados nos Vedas, muito desejosos de ver os Pandavas novamente, voltaram para suas casas. E acompanhados por Dhaumya, aqueles heróis, os cinco Pandavas eruditos equipados em votos, partiram com Krishna. E cada um versado em uma ciência separada, e todos peritos em mantras e cientes de quando a paz era para ser firmada e quando a guerra era para ser empreendida, aqueles tigres entre homens, prestes a entrar em uma vida de não-reconhecimento, no dia seguinte procederam por um Krose e então se sentaram com a intenção de se aconselhar uns com os outros."

Fim do Vana Parva.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 4

VIRATA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO

Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Pandavas decidem passar o tempo (no reino de) Virata. Yudhishthira como um cortesão.	4
2	Bhima será um cozinheiro. Arjuna um eunuco.	5
3	Nakula treinará cavalos. Sahadeva, vacas. Krishna uma criada.	6
4	Instruídos sobre como se comportar em frente a um rei.	8
5	Guardam armas na árvore. Entram na cidade.	11
6	Invocam e cultuam deusa Durga.	12
7	Yudhishthira pega posto como jogador de dados com o rei.	14
8	Bhima pega posto na cozinha.	15
9	Draupadi como criada para a filha da rainha.	16
10	Sahadeva como chefe vaqueiro.	18
11	Arjuna eunuco ensinando canto e dança para a filha da rainha.	19
12	Nakula pega chefia do cuidado dos cavalos.	20
13	Bhima feito combater e bater atletas principais.	21
14	General Kichaka tenta cortejar Draupadi.	23
15	Draupadi enviada para levar vinho para Kichaka.	26
16	Kichaka luta para pegar Draupadi. Ela escapa para o pátio.	27
17	Draupadi vai para o aposento de Bhima.	30
18	Queixa-se da aflição na corte.	31
19	(Idem).	32
20	(Idem).	34
21	Draupadi pede a Bhima para matar Kichaka.	36
22	Arranja para encontrar Kichaka no salão de dança. Ele encontra Bhima que esmaga Kichaka.	38
23	Parentes se preparam para queimar Draupadi na pira mortuária. Bhima mata 105 deles. Eles libertam Draupadi.	42
24	Alarme no reino. Pedida para partir. Draupadi pede 13 dias.	44
25	Os espiões de Duryodhana voltam para casa. A morte de Kichaka é conhecida.	45
26	Mais espiões mandados para procurar.	46
27	Drona fala.	47
28	Bhishma fala das qualidades do local onde os Pandavas residem.	48
29	Kripa fala de táticas para o confronto vindouro.	50
30	Decidem invadir o reino de Matsya.	51
31	Pandavas lutam juntos contra Trigartas (13 anos completados).	52
32	Batalha.	53
33	Pandavas resgatam Virata, capturam Susarman (rei dos Trigartas).	55
34	Retorno à cidade.	58
35	Enquanto isso Duryodhana rouba o gado real da cidade.	59
36	Arjuna pedido para ser quadrigário para trazer de volta o gado.	60
37	Arjuna sobe na carruagem com Uttara.	61
38	Encaram o inimigo. Uttara foge com medo. Arjuna o arrasta de volta e se prepara para lutar.	63
39	Drona reconhece Arjuna enquanto dirige a carruagem.	65

40	Chegam na árvore Sami para recuperar o arco Gandiva e as outras armas.	66
41	Uttara sobe na árvore e encontra os arcos.	67
42	Uttara se admira por causa das armas e as descreve.	67
43	Arjuna explica as armas.	68
44	Dez nomes de Arjuna (Arjuna, Falguna, Kiritin, Swetavahana, Vibhatsu, Vijaya, Krishna, Savyasachin, Dhanajaya).	69
45	Preparam-se para o combate.	71
46	Partem. Drona nota maus presságios para os Kurus.	73
47	Duryodhana e Karna desconsideram Drona. Preparam-se para o combate.	74
48	Karna se prepara para lutar com Arjuna.	76
49	Kripa argumenta com Karna, mas se prepara para lutar.	77
50	Aswatthaman se recusa a lutar com Arjuna.	78
51	Bhishma acalma todos e os encoraja a lutar.	79
52	Bhishma concorda que a promessa de 13 anos foi cumprida. Organiza soldados para a batalha.	81
53	Arjuna se dirige para Duryodhana. A luta começa.	82
54	Luta. Arjuna derrota heróis, incluindo Karna.	83
55	Reprime os heróis. Marcha em direção à Kripa.	85
56	Deuses vão assistir.	88
57	Kripa vencido.	89
58	Luta com Drona. Aswatthaman entra permitindo a Drona se retirar.	91
59	Luta com Aswatthaman, sofrendo o rompimento da corda do Gandiva.	95
60	Luta com Karna novamente, Karna é ferido e foge.	96
61	Ataca Bhishma. Também os filhos de Dhritarashtra são feridos.	97
62	Arjuna derruba milhares de guerreiros.	99
63	Bhishma e Arjuna tem uma luta terrível. Bhishma desmaia e é levado para longe.	100
64	Duryodhana fere Arjuna, que o fere em retorno. Duryodhana foge.	102
65	Tira os mantos de Drona, Karna e Kripa, mastros de bandeira. Arjuna deixa a batalha. Kurus voltam para casa.	104
66	Arjuna retorna à cidade.	106
67	Yudhishthira e o rei Matsya conversam. O rei fica furioso por causa dos elogios à Vrihanala. Atinge Yudhishthira no rosto.	107
68	Filho entra e Virata se desculpa.	110
69	Uttara fala dos feitos de Arjuna.	111
70	Os cinco Pandavas se revelam.	112
71	Louvor aos Pandavas. A filha de Virata é oferecida.	113
72	É casada com o filho de Arjuna. Reis vizinhos trazem tributo. Krishna chega.	115

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

(Pandava-Pravesa Parva)

Om! Reverenciado Narayana e Nara, o mais exaltado dos seres masculinos, como também a deusa Sarasvati, a palavra "Jaya" deve ser proferida.

1

Janamejaya disse, "Como meus bisavôs, afligidos pelo medo de Duryodhana, passaram seus dias não descobertos na cidade de Virata? E, ó Brahman, como a altamente abençoada Draupadi, tomada pela aflição, devotada a seus maridos, e sempre adorando a Divindade, passou seus dias não reconhecida?"

Vaisampayana disse, "Ouça, ó senhor de homens, como teus avôs passaram o período de não reconhecimento na cidade de Virata. Tendo dessa maneira obtido bênçãos do Deus da Justiça, aquele melhor dos homens virtuosos, Yudhishthira, voltou ao retiro e relatou para os Brahmanas tudo o que tinha acontecido. E tendo relatado tudo para eles, Yudhishthira devolveu para aquele Brahmana regenerado, que o tinha acompanhado, o bastão de bater manteiga e os bastões de fogo que ele tinha perdido. E, ó Bharata, o filho do Deus da Justiça, o nobre Yudhishthira de alma elevada então chamou juntos todos os seus irmãos mais novos e se dirigiu a eles, dizendo, 'Exilados do nosso reino, nós passamos doze anos. O décimo terceiro ano, difícil de passar, agora chegou. Portanto, ó Arjuna, ó filho de Kunti, escolha algum local onde nós possamos passar nossos dias não detectados por nossos inimigos.'"

Arjuna respondeu, "Em virtude do benefício de Dharma, nós iremos, ó senhor de homens, vaguear por toda parte não detectados por homens. Ainda assim, para propósitos de residência, eu mencionarei alguns lugares que são encantadores e retirados. Escolha tu algum deles. Circundando o reino dos Kurus há muitos países belos e abundantes em grãos tais como Panchala, Chedi, Matsya, Surasena, Pattachchara, Dasarna, Navarashtra, Malla, Salva, Yugandhara, Saurashtra, Avanti, e o vasto Kuntirashtra. Qual desses, ó rei, tu escolherás, e onde, ó principal dos monarcas, nós passaremos este ano?"

Yudhishthira disse "Ó tu de braços fortes, é isso mesmo. O que aquele Senhor adorável de todas as criaturas disse deve se tornar verdadeiro. Certamente, depois de deliberarmos, nós devemos escolher alguma região encantadora, auspiciosa, e agradável para nossa residência, onde nós possamos viver livres de medo. O idoso Virata, rei dos Matsyas, é virtuoso e poderoso e caritativo, e é gostado por todos. E ele é também afeiçoado aos Pandavas. Na própria cidade de Virata, ó filhos, ó Bharatas, nós passaremos este ano, entrando em seu serviço. Digam-me, ó filhos da raça Kuru, em quais capacidades vocês se apresentarão individualmente perante o rei dos Matsyas!"

Arjuna disse, "Ó deus entre homens, que serviço tu aceitarás no reino de Virata? Ó justo, em que capacidade tu residirás na cidade de Virata? Tu és suave, e caridoso, e modesto, e virtuoso, e firme em promessa. O que tu, ó rei, afligido como tu estás pelo infortúnio, farás? Um rei é qualificado para suportar incômodo como uma pessoa comum. Como tu superarás este grande infortúnio que te alcançou?”

Yudhishthira respondeu, "Ó filhos da raça Kuru, ó touros entre homens, ouçam o que eu farei ao aparecer perante o rei Virata. Apresentando-me como um Brahmana de nome Kanka, habilidoso com os dados e aficionado em jogo, eu me tornarei um cortesão daquele rei de grande alma. E movendo sobre tabuleiros de xadrez peões belos feitos de marfim, de cores azul e amarela e vermelha e branca, por meio de arremessos de dados pretos e vermelhos, eu entreterei o rei com seus cortesãos e amigos. E enquanto eu continuar a assim deleitar o rei, ninguém conseguirá me descobrir. E o monarca deve me perguntar, e eu direi, 'Antigamente eu era o amigo do peito de Yudhishthira.' Eu digo a vocês que é assim que eu passarei meus dias (na cidade de Virata). Que ofício tu, ó Vrikodara, ocuparás na cidade de Virata?"

2

Bhima disse, "Eu pretendo me apresentar perante o senhor de Virata como um cozinheiro portando o nome de Vallabha. Eu sou hábil em arte culinária, e eu prepararei pratos com caril (condimento apimentado) para o rei, e sobrepujando todos aqueles cozinheiros habilidosos que até agora tinham temperado sua comida eu satisfarei o monarca. E eu carregarei cargas imensas de madeira. E testemunhando aquele feito poderoso, o monarca estará satisfeito. E, ó Bharata, contemplando semelhantes façanhas sobre-humanas minhas, os empregados da família real me honrarão como um rei. E eu terei controle total sobre todas as espécies de provisões e bebidas. E mandado subjugar elefantes poderosos e touros fortes, eu farei como ordenado. E se alguns combatentes lutarem comigo nas arenas, então eu os derrotarei, e assim entreterei o monarca. Mas eu não tirarei a vida de algum deles. Eu somente os derrubarei de tal maneira que eles não sejam mortos. E ao ser perguntado com relação ao meu antecedente eu direi que antigamente eu era o lutador e cozinheiro de Yudhishthira. Assim, ó rei, eu me manterei.”

Yudhishthira disse, "E que ofício será realizado por aquele poderoso descendente dos Kurus, Dhananjaya, o filho de Kunti, aquele principal dos homens possuidor de braços longos, invencível em combate, e perante o qual, enquanto ele estava permanecendo com Krishna, o próprio Agni divino desejoso de consumir a floresta de Khandava antigamente apareceu no disfarce de um Brahmana? Que ofício será realizado por aquele melhor dos guerreiros, Arjuna, que procedeu para aquela floresta e gratificou Agni, derrotando em um único carro e matando Nagas e Rakshasas enormes, e que se casou com a irmã do próprio Vasuki, o rei dos Nagas? Assim como o sol é o principal de todos os corpos que

dão calor, como o Brahmana é o melhor de todos os bípedes, como a naja é a principal de todas as serpentes, como o Fogo é a principal de todas as coisas possuidoras de energia, como o raio é a principal de todas as armas, como o touro de corcova é o principal de todos os animais da raça bovina, como o oceano é a principal de todas as extensões aquosas, como as nuvens carregadas com chuva são as principais de todas as nuvens, como Ananta é o principal de todos os Nagas, como Airavata é o principal de todos os elefantes, como o filho é o principal de todos os objetos queridos, e por fim, como a esposa é o melhor de todos os amigos, assim, ó Vrikodara, o jovem Gudakesa é o principal de todos os arqueiros. E, ó Bharata, que ofício será realizado por Vibhatsu, o manejador do Gandiva, cujo carro é puxado por cavalos brancos e que não é inferior à Indra ou ao próprio Vasudeva? Que ofício será realizado por Arjuna que, residindo por cinco anos na residência da Divindade de mil olhos (Indra) brilhando em resplendor celeste, adquiriu por sua própria energia a ciência de armas sobre-humanas com todas as armas celestes, e a quem eu considero como o décimo Rudra, o décimo terceiro Aditya, o nono Vasu, e o décimo Graha, cujos braços, simétricos e compridos, tem a pele endurecida por golpes constantes da corda do arco e cicatrizes que parecem aquelas sobre as corcovas de touros, aquele principal dos guerreiros que é como o Himavat entre as montanhas, o oceano entre as extensões de água, Sakra entre os celestiais, Havya-vaha (fogo) entre os Vasus, o tigre entre os animais, e Garuda entre tribos emplumadas?”

Arjuna respondeu, "Ó senhor da Terra, eu me declararei como alguém do sexo neutro. Ó monarca, é de fato difícil esconder as marcas da corda do arco em meus braços. Eu, no entanto, cobrirei ambos os meus braços cicatrizados com braceletes. Usando aros brilhantes em minhas orelhas e braceletes de conchas em meus pulsos e fazendo uma trança pender de minha cabeça, ó rei, eu aparecerei com alguém do terceiro sexo, de nome Brihannala. E vivendo como uma mulher eu (sempre) entreterei o rei e os habitantes dos aposentos internos por narrar histórias. E, ó rei, eu também instruirei as mulheres do palácio de Virata em canto e modos de dança encantadores e em instrumentos musicais de diversos tipos. E eu também recitarei as várias ações excelentes de homens e assim me esconderei, ó filho de Kunti, por simular um disfarce. E, ó Bharata, o rei deve indagar, e eu direi que eu vivi como uma criada a serviço de Draupadi no palácio de Yudhishthira. E, ó principal dos reis, me ocultando por estes meios, como fogo é ocultado por cinzas, eu passarei meus dias agradavelmente no palácio de Virata.”

Vaisampayana continuou, "Tendo dito isso, Arjuna, aquele melhor dos homens e principal das pessoas virtuosas, ficou silencioso. Então o rei se dirigiu a outro irmão dele.”

3

Yudhishthira disse, "Meigo, possuidor de um porte gracioso, e merecedor de todo luxo como tu és, que ofício tu, ó heróico Nakula, cumprirás enquanto viveres nos domínios daquele rei? Diga-me tudo acerca disto!”

Nakula disse, "Sob o nome de Granthika eu me tornarei o mantenedor dos cavalos do rei Virata. Eu tenho um conhecimento completo (deste trabalho) e sou habilidoso em cuidar de cavalos. Além disso, a tarefa é agradável para mim, e eu possuo grande habilidade em treinar e tratar cavalos; e cavalos são sempre caros para mim como eles são para ti, ó rei dos Kurus. Em minhas mãos até potros e éguas se tornam dóceis; estes nunca ficam violentos em carregar um cavaleiro ou puxar um carro. E para aquelas pessoas na cidade de Virata que possam me perguntar, ó touro da raça Bharata, eu direi, 'Antigamente eu fui empregado por Yudhishthira no cuidado de seus cavalos.' Assim disfarçado, ó rei, eu passarei meus dias alegremente na cidade de Virata. Ninguém poderá me descobrir porque eu gratificarei o monarca dessa maneira!"

Yudhishthira disse, "Como tu, ó Sahadeva, te portarás perante aquele rei? E, ó filho, o que é que tu farás para viver disfarçado?"

Sahadeva respondeu, "Eu me tornarei um mantenedor das vacas do rei Virata. Eu sou hábil em ordenhar vacas e extrair sua história assim como em amansar sua ferocidade. Passando sob o nome de Tantripal, eu cumprirei meus deveres destramente. Que a ansiedade do teu coração seja dissipada. Antigamente eu fui frequentemente empregado para cuidar das vacas, e, ó Senhor da terra, eu tenho um conhecimento específico desse trabalho. E, ó monarca, eu sou bem familiarizado com a natureza das vacas, como também com seus sinais auspiciosos e outras questões relativas a elas. Eu posso também distinguir touros com marcas propícias, o perfume de cuja urina pode fazer até o estéril gerar descendente. Assim mesmo eu viverei, e eu sempre me deleito em trabalho deste tipo. De fato, ninguém então poderá me reconhecer, e eu, além disso, gratificarei o monarca."

Yudhishthira disse, "Esta é nossa esposa amada mais preciosa para nós do que nossas vidas. Na verdade, ela merece ser estimada por nós como uma mãe, e considerada como uma irmã mais velha. Não familiarizada como ela é com qualquer tipo de trabalho feminino, que ofício Krishna, a filha de Drupada, realizará? Delicada e jovem, ela é uma princesa de grande reputação. Devotada a seus maridos, e eminentemente virtuosa também, como ela viverá? Desde seu nascimento, ela tem desfrutado somente de guirlandas e perfumes e ornamentos e mantos caros!"

Draupadi respondeu, "Há uma classe de pessoas chamadas Sairindhris (mulheres artesãs independentes que trabalham nas casas de outras pessoas), que prestam serviços a outros. Outras mulheres, no entanto (que são respeitáveis) não fazem isso. Desta classe há algumas. Eu me anunciarei como uma Sairindhri, habilidosa em ornar cabelo. E, ó Bharata, ao ser questionada pelo rei, eu direi que eu servi como uma criada de Draupadi na casa de Yudhishthira. Eu assim passarei meus dias disfarçada. E eu servirei a famosa Sudeshna, a esposa do rei. Certamente, me obtendo ela me apreciará (devidamente). Não te aflijas dessa maneira, ó rei."

"Yudhishthira disse, "Ó Krishna, tu falaste bem. Mas, ó moça formosa, tu nasceste em uma família respeitável. Casta como tu és, e sempre engajada em cumprir votos virtuosos, tu não sabes o que é pecado. Portanto, te comporte de tal maneira que homens pecaminosos de corações maus não possam ser alegrados por olharem fixamente para ti."

4

Yudhishthira disse, "Vocês já disseram que ofícios vocês respectivamente realizarão. Eu também, segundo a capacidade da minha inteligência, disse que ofício eu realizarei. Que nosso sacerdote, acompanhado por cocheiros e cozinheiros, se dirija à residência de Drupada, e lá mantenha nossos fogos Agnihotra. E que Indrasena e os outros, levando com eles os carros vazios, procedam rapidamente para Dwaravati. Este mesmo é meu desejo. E que todas estas criadas de Draupadi vão para os Panchalas, com nossos cocheiros e cozinheiros. E que todos eles digam, 'Nós não sabemos onde os Pandavas foram, deixando-nos no lago de Dwaitavana."

Vaisampayana disse, "Tendo assim se consultado uns com os outros e dito uns aos outros os ofícios que eles realizariam, os Pandavas procuraram o conselho de Dhaumya. E Dhaumya também lhes aconselhou nas palavras seguintes, dizendo, 'Ó filhos de Pandu, os arranjos que vocês fizeram com relação aos Brahmanas, seus amigos, carros, armas, e os fogos (sagrados), são excelentes. Mas cabe a ti, ó Yudhishthira, e a Arjuna especialmente, tomar providências para a proteção de Draupadi. Ó rei, vocês estão bem familiarizados com o caráter dos homens. Ainda assim qualquer que possa ser seu conhecimento, amigos por afeição podem ser permitidos repetir o que já é sabido. Isto mesmo é útil aos interesses eternos de virtude, prazer, e lucro. Eu, portanto, lhes falarei algo. Prestem atenção. Morar com um rei é, ai, difícil. Eu lhes direi, ó príncipes, como vocês podem residir na casa real, evitando todas as falhas. Ó Kauravas, honrosamente ou de outra maneira, vocês terão que passar este ano no palácio do rei, não reconhecidos por aqueles que conhecem vocês. Então no décimo quarto ano vocês viverão felizes. Ó filho de Pandu, neste mundo, aquele que nutre e protege todos os seres, o rei, que é uma divindade em uma forma incorporada, é como um grande fogo santificado com todos os mantras. Uma pessoa deve se apresentar perante o rei depois de ter obtido sua permissão no portão. Ninguém deve manter contato com segredos reais. Nem se deve desejar um assento que outro possa cobiçar. Somente aquele que não, se considerando como um favorito, ocupa o carro (do rei), ou carruagem, ou assento, ou veículo, ou elefante, é digno de morar em uma casa real. Somente aquele que não senta sobre um assento a ocupação do qual está calculada para criar alarme nas mentes de pessoas maliciosas é digno de morar em uma casa real. Ninguém deve oferecer conselhos (para um rei) sem ser solicitado. Prestando homenagem na hora apropriada para o rei, se deve silenciosamente e respeitosamente sentar junto do rei, pois reis se ofendem com conversa tola, e degradam conselheiros mentirosos. Uma pessoa sábia não deve fazer amizade com a esposa do rei, nem com os habitantes dos aposentos

internos, nem com aqueles que são objetos do desgosto real. Uma pessoa perto do rei deve fazer até as ações mais insignificantes e com o conhecimento do rei. Se comportando dessa maneira com um soberano uma pessoa não obtém prejuízo. Mesmo que um indivíduo alcance ao posto mais alto, ele deve, desde que ele não seja pedido ou mandado, se considerar como nascido-cego, com relação à dignidade do rei, pois, ó repressores de inimigos, os soberanos de homens não perdoam nem seus filhos e netos e irmãos quando acontece de eles mexerem com sua dignidade. Reis devem ser servidos com cuidado respeitoso, assim como Agni e outros deuses; e aquele que é desleal com seu soberano sem dúvida é destruído por ele. Renunciando à raiva, e orgulho, e negligência, cabe a um homem seguir a direção indicada pelo monarca. Depois de deliberar cuidadosamente sobre todas as coisas, uma pessoa deve levantar perante o rei aqueles tópicos que são lucrativos e agradáveis; mas se um assunto for lucrativo sem ser agradável, ele ainda assim deve comunicá-lo, apesar de ele não ser agradável. Cabe a um homem ser bem disposto em direção ao rei em todos os seus interesses, e não se perder em discursos que sejam igualmente desagradáveis e inúteis. Sempre pensando ‘O rei não gosta de mim’ uma pessoa deve banir negligência, e estar concentrada em ocasionar o que é agradável e vantajoso para ele. Somente aquele que não se desvia do seu lugar, aquele que não é amistoso com aqueles que são hostis ao rei, aquele que não se esforça para fazer mal ao rei, é merecedor de morar em uma casa real. Um homem erudito deve se sentar ou à direita do rei ou à esquerda; ele não deve sentar-se atrás dele porque aquele é o lugar designado para guardas armados, e sentar-se à frente dele é sempre proibido. Que ninguém, quando o rei está engajado em fazer alguma coisa (em relação aos seus servidores) se adiante empurrando a si mesmo ardorosamente antes de outros, pois mesmo que o aflito seja muito pobre, tal conduta ainda seria imperdoável. (Ou, 'Que ninguém fale sobre o que transpira na presença do rei. Pois até aqueles que são pobres consideram isto como um grave erro.' Ou seja, as ocorrências em relação a um rei as quais alguém testemunha não devem ser divulgadas. Mesmo aqueles que não tem autoridade consideram tal divulgação do que ocorre em relação a eles como um insulto, e, portanto, indesculpável.) Não cabe a algum homem revelar para outro qualquer mentira que o rei possa ter dito visto que o rei tem hostilidade por aqueles que relatam suas mentiras. Reis também sempre desconsideram pessoas que se consideram como eruditas. Nenhum homem deve ser orgulhoso pensando ‘Eu sou valente’, ou, ‘Eu sou inteligente’, mas uma pessoa obtém as boas graças de um rei e desfruta das boas coisas da vida por se comportar de acordo com os desejos do rei. E, ó Bharata, obtendo coisas agradáveis, e riqueza também que é tão difícil de se obter, uma pessoa deve sempre fazer o que é lucrativo assim como agradável para o rei. Que homem que é respeitado pelos sábios pode até pensar em fazer injúria para alguém cuja ira é grande obstáculo e cujo favor é produtivo de frutos imensos? Ninguém deve mover seus lábios, braços e coxas, diante do rei. Uma pessoa deve falar e fungar perante o rei somente suavemente. Mesmo na presença de objetos risíveis, um homem não deve irromper em risada alta, como um louco; nem deve mostrar seriedade (excessiva) por se conter ao máximo. Deve-se sorrir modestamente, para mostrar seu interesse (no que está à sua frente). Somente aquele que está sempre atento ao bem-estar do rei, e que não é

nem alegrado por recompensa nem deprimido por ignomínia é digno de morar em uma casa real. Aquele cortesão erudito que sempre alegra o rei e seu filho com discursos agradáveis consegue residir em uma casa real como um favorito. O cortesão favorito que, tendo perdido o favor real por razão justa, não fala mal do rei, recupera a prosperidade. O homem que serve o rei ou vive em seus domínios, se sagaz, deve falar em louvor do rei em sua presença e ausência. O cortesão que tenta alcançar seu objetivo por empregar força sobre o rei não pode manter seu lugar muito tempo e incorre também no risco de morte. Ninguém deve, com o propósito de interesse próprio, abrir comunicações com os inimigos do rei. Nem se deve distinguir acima do rei em questões que requerem habilidade e talentos. Somente aquele que é sempre alegre e forte, corajoso e sincero, e gentil, e de sentidos subjugados, e que segue seu mestre como sua sombra, é merecedor de morar em uma casa real. Somente aquele que ao ser incumbido com um trabalho se adianta dizendo, ‘Eu farei isto’, é digno de viver em uma casa real. Só aquele que ao ser encarregado com uma tarefa, dentro do domínio do rei ou fora dele, nunca teme empreendê-la, é adequado para residir em uma casa real. Somente aquele que vivendo longe de sua casa não se lembra de seus queridos, e que passa por miséria (atual) na expectativa de felicidade (futura), é digno de morar em uma casa real. Uma pessoa não deve se vestir como o rei, nem deve se entregar ao riso na presença do rei nem deve revelar segredos reais. Por agir assim alguém pode ganhar favor real. Encarregada de uma tarefa, uma pessoa não deve tocar subornos, pois por meio de tal apropriação ela se torna sujeita aos grilhões ou morte. Os mantos, ornamentos, carros, e outras coisas as quais o rei possa estar satisfeito em conceder devem sempre ser usados, pois por isto uma pessoa ganha o favor real. Ó filhos, controlando suas mentes, passem este ano, ó filhos de Pandu, se comportando dessa maneira. Recuperando seu próprio reino, que vocês vivam como lhes agradar.”

Yudhishthira disse, "Nós fomos bem ensinados por ti. Abençoado sejas tu. Não há ninguém que poderia falar assim para nós, salvo nossa mãe Kunti e Vidura de grande sabedoria. Cabe a ti fazer tudo o que é necessário agora para nossa partida, e para nos permitir passar com segurança por esta aflição, assim como para nossa vitória sobre o inimigo.”

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado por Yudhishthira, Dhaumya, aquele melhor dos Brahmanas, realizou de acordo com a ordenança os ritos ordenados com relação à partida. E acendendo os fogos deles, ele ofereceu, com mantras, oblações sobre eles para a prosperidade e sucesso dos Pandavas, como para sua reconquista do mundo inteiro. E andando ao redor daqueles fogos e ao redor dos Brahmanas de riqueza ascética os seis partiram, colocando Yajnaseni em sua frente. E quando aqueles heróis tinham partido, Dhaumya, aquele melhor dos ascetas, levando seus fogos sagrados, partiu para os Panchalas. E Indrasena, e outros já mencionados, foram até os Yadavas, e cuidando dos cavalos e dos carros dos Pandavas passaram seu tempo alegremente e em privacidade."

5

Vaisampayana disse, "Cingindo suas cinturas com espadas, e equipados com protetores de dedos feitos de peles de iguana e com várias armas, aqueles heróis procederam na direção do rio Yamuna. E aqueles arqueiros desejosos de recuperar seu reino (rapidamente), até agora vivendo em colinas inacessíveis e fortalezas de floresta, terminaram sua vida na floresta e procederam para a margem sul daquele rio. E aqueles poderosos guerreiros dotados de grande força e até agora levando as vidas de caçadores por matarem veados da floresta, passaram por Yakrilloma e Surasena, deixando para trás, à sua direita, o país dos Panchalas, e à sua esquerda, aquele dos Dasarnas. E aqueles arqueiros, parecendo pálidos e usando barbas e equipados com espadas, entraram nos domínios de Matsya deixando a floresta, se anunciando como caçadores. E ao chegarem àquele país, Krishna dirigiu-se a Yudhishthira, dizendo, 'Nós vemos trilhas aqui, e vários campos. Disto parece que a metrópole de Virata ainda está longe. Passemos aqui a parte da noite que ainda resta, pois é grande minha fadiga."

Yudhishthira respondeu, "Ó Dhananjaya da linhagem de Bharata, erga Panchali e carregue-a. Exatamente ao sairmos desta floresta nós chegaremos à cidade."

Vaisampayana continuou, "Nisso, como o líder de uma manada de elefantes, Arjuna rapidamente ergueu Draupadi, e ao chegarem à vizinhança da cidade, baixou-a. E ao alcançarem a cidade, o filho de Ruru (Yudhishthira), dirigiu-se a Arjuna, dizendo, 'Onde nós depositaremos nossas armas, antes de entrarmos na cidade? Se, ó filho, nós entrarmos nela com nossas armas em volta de nós, nós certamente excitaremos o alarme dos cidadãos. Além disso, o arco tremendo, o Gandiva, é conhecido por todos os homens, pelo que as pessoas, sem dúvida, nos reconhecerão logo. E se mesmo um de nós for descoberto, nós teremos, de acordo com a promessa, que passar outros doze anos na floresta.'"

Arjuna disse, "Lá ao lado de um cemitério e perto daquele topo inacessível há uma imensa árvore Sami, esparramando seus gigantescos ramos e difícil de subir. Nem há algum ser humano que, eu penso, ó filho de Pandu, nos espiará depositando nossas armas naquele local. Aquela árvore está no meio de uma floresta afastada cheia de animais e cobras, e está na vizinhança de um cemitério lúgubre. Guardando nossas armas na árvore Sami, ó Bharata, vamos para a cidade, e vivamos lá, livres de ansiedade!"

Vaisampayana continuou, "Tendo, ó touro da raça Bharata, falado assim para o rei Yudhishthira o justo, Arjuna se preparou para depositar as armas (na árvore). E aquele touro entre os Kurus então soltou a corda do Gandiva grande e terrível, sempre produzindo uma vibração trovejante e sempre destrutivo de hostes hostis, e com o qual ele tinha conquistado, em um único carro, deuses e homens e Nagas e províncias que se expandiam. E o guerreiro Yudhishthira, aquele repressor de inimigos, desatou a corda imperecível daquele arco com o qual ele tinha defendido o campo de Kurukshetra. E o ilustre Bhimasena desencordoou aquele arco por meio do qual aquele impecável tinha vencido em combate os Panchalas e o

senhor de Sindhu, e com o qual, durante sua carreira de conquista, ele tinha, sozinho, se oposto a inimigos inumeráveis, e ouvindo cujo som, o qual era semelhante ao ribombar do trovão ou ao rachar de uma montanha, inimigos sempre fugiam (em pânico) do campo de batalha. E aquele filho de Pandu de cor de cobre e fala suave que é dotado de grande destreza no campo, e que é chamado de Nakula por causa de sua beleza sem precedente na família, então desatou a corda daquele arco com o qual ele tinha conquistado todas as regiões do oeste. E o heróico Sahadeva também, possuidor de uma disposição branda, então uniu a corda daquele arco com o qual que ele tinha subjugado os países do sul. E com seus arcos, eles puseram junto suas espadas longas e flamejantes, suas preciosas aljavas, e suas flechas afiadas como navalhas. E Nakula subiu na árvore e depositou sobre ela os arcos e as outras armas. E ele as amarrou firmemente naquelas partes da árvore as quais ele achou que não quebrariam, e onde a chuva não penetraria. E os Pandavas penduraram um cadáver (na árvore), sabendo que as pessoas cheirando o fedor do cadáver diriam: ‘Aqui sem dúvida há um morto corpo’, e evitariam a árvore à uma distância. E ao serem perguntados pelos pastores e vaqueiros com relação ao cadáver, aqueles repressores de inimigos disseram para eles, 'Esta é nossa mãe idosa de cento e oitenta anos. Nós penduramos seu corpo morto, de acordo com o costume observado por nossos antepassados.' E então aqueles que resistem a inimigos se aproximaram da cidade. E para propósitos de não descobrimento Yudhishthira manteve estes (cinco) nomes para si mesmo e seus irmãos respectivamente, ou seja, Jaya, Jayanta, Vijaya, Jayatsena, e Jayatvala. Então eles entraram na grande cidade, com a intenção de passar o décimo terceiro ano não descobertos naquele reino, em conformidade com a promessa (para Duryodhana).”

6

Vaisampayana disse, "E enquanto Yudhishthira estava em seu caminho para a cidade encantadora de Virata, ele começou a louvar mentalmente a Divina Durga, a Deusa Suprema do Universo, nascida no útero de Yasoda, e afeiçoada aos benefícios concedidos a ela por Narayana, nascida da linhagem do vaqueiro Nanda, e a concessora de prosperidade, a realçadora da (glória da) família (do devoto), a apavoradora de Kansa, e a destruidora de Asuras, e Deusa saudada, ela que ascendeu aos céus quando arremessada (por Kansa) em uma plataforma pedregosa, que é a irmã de Vasudeva, que está sempre enfeitada em guirlandas celestes e vestida em mantos celestes, que está armada com cimitarra e escudo, e que sempre resgata o devoto afundado em pecado como uma vaca na lama, que nas horas de angústia invoca aquela eterna dadora de bênçãos para aliviá-lo de suas cargas. E o rei, desejoso com seus irmãos de obter uma visão da Deusa, invocou-a e começou a louvá-la por recitar vários nomes derivados de hinos (autorizados). E Yudhishthira disse, 'Saudações a ti, ó concessora de bênçãos. Ó tu que és idêntica a Krishna, ó donzela, ó tu que tens observado o voto de Brahmacharya, ó tu de corpo brilhante como o Sol recém-nascido, ó tu de face bela como a lua cheia. Saudações para ti, ó tu de quatro mãos e quatro rostos, ó

tu de quadris redondos formosos e peito profundo, ó tu que usas braceletes feitos de esmeraldas e safiras, ó tu que levas pulseiras excelentes na parte superior dos teus braços. Tu brilhas, ó Deusa, como Padma, a consorte de Narayana. Ó tu que percorres as regiões etéreas, tua forma verdadeira e teu Brahmacharya são ambos da espécie mais pura. Escuro como as nuvens negras, teu rosto é belo como aquele de Sankarshana. Tu possuis dois braços grandes longos como um par de postes erguidos em honra de Indra. Nos teus (seis) outros braços tu levas um vaso, um lótus, um sino, um laço corrediço, um arco, um disco grande, e várias outras armas. Tu és a única mulher no universo que possui o atributo de pureza. Tu estás adornada com um par de orelhas bem-feitas enfeitadas com aros excelentes. Ó Deusa, tu brilhas com um rosto que desafia a lua em beleza. Com um diadema excelente e trança bela, com mantos feitos dos corpos de cobras, e também com a cinta brilhante em volta de teus quadris, tu brilhas como a montanha Mandara cercada por cobras. Tu brilhas também com plumas de pavão permanecendo eretas sobre tua cabeça, e tu santificas as regiões celestes por adotares o voto de virgindade perpétua. É por isto, ó tu que mataste o Mahishasura, que tu és louvada e adorada pelos deuses para a proteção dos três mundos. (Mahishasura era o filho de Rambhasura. Durga teve que lutar por muitos e muitos anos antes que ela pudesse matar este Asura formidável. A história se encontra no Markandeya Purana.) Ó tu principal de todas as divindades, estenda a mim tua graça, mostre-me tua piedade, e seja a fonte de bênçãos para mim. Tu és Jaya e Vijaya, e és tu que dás vitória em batalha. Conceda-me vitória, ó Deusa, e dê-me benefícios também nesta hora de angústia. Tua residência eterna é em Vindhya, aquela principal das montanhas. Ó Kali, ó Kali, tu és a grande Kali, sempre amorosa de vinho e carne e sacrifício animal. Capaz de ir a todos os lugares à vontade, e de conceder bênçãos para teus devotos, tu és sempre seguida em tuas viagens por Brahma e os outros deuses. Para aqueles que te invocam para o alívio de suas cargas, e para aqueles também que te reverenciam na alvorada sobre a Terra, não há nada que não possa ser alcançado em relação à progênie ou riqueza. E porque tu resgatas pessoas de dificuldades quando elas estão aflitas na selva ou afundando no grande oceano, é por isto que tu és chamada de Durga (literalmente alguém que salva de dificuldade) por todos. Tu és o único refúgio dos homens quando atacados por ladrões ou quando afligidos ao cruzarem rios e mares ou no ermo e florestas. Aqueles homens que se lembram de ti nunca são prostrados, ó Deusa formidável. Tu és Fama, tu és Prosperidade, tu és Firmeza, tu és Êxito; tu és a Esposa, tu és a Progênie dos homens, tu és Conhecimento, e tu és o Intelecto. Tu és os dois Crepúsculos, o Sono Noturno, Luz solar e lunar, Beleza, Perdão, Piedade, e todas as outras coisas. Tu dissipas, cultuada pelos devotos, seus grilhões, ignorância, perda de filhos e perda de riqueza, doença, morte, e medo. Eu, que fui privado do meu reino, procuro tua proteção. E como eu reverencio a ti com cabeça inclinada, ó Deusa Suprema, conceda-me proteção, ó tu de olhos semelhantes a folhas de lótus. E seja igualmente concessora de benefícios para nós que estamos agindo segundo a Verdade. E, ó Durga, bondosa como tu és para todos aqueles que procuram tua proteção, e afetuosa para todos os teus devotos, conceda-me proteção!'"

Vaisampayana continuou, "Assim louvada pelo filho de Pandu, a Deusa se mostrou para ele. E se aproximando do rei, ela dirigiu-se a ele nestas palavras, 'Ó rei de braços poderosos, escute, ó Senhor, estas minhas palavras. Tendo vencido e matado as tropas dos Kauravas pela minha graça, a vitória em batalha logo será tua. Tu novamente dominarás a Terra inteira, tendo feito teus domínios desprovidos de incômodos. E, ó rei, tu obterás também, com teus irmãos, grande felicidade. E por minha graça alegria e saúde serão tuas. E aqueles também no mundo que recitarem meus atributos e realizações serão libertados de seus pecados, e gratificados. Eu concederei a eles reino, vida longa, beleza pessoal, e progênie. E aqueles, ó rei, que me invocarem, da mesma maneira que tu, em exílio ou na cidade, no meio de combate ou de perigos provenientes de inimigos, em florestas ou em desertos inacessíveis, em mares ou fortalezas de montanha, não há nada que eles não obterão neste mundo. E ó filhos de Pandu, alcançará o êxito em todos os seus propósitos aquele que escutar, ou ele mesmo recitar com devoção, este hino excelente. E pela minha graça nem os espiões de Kuru, nem aqueles que moram no país dos Matsyas conseguirão reconhecer vocês todos enquanto vocês residirem na cidade de Virata!' E tendo dito estas palavras para Yudhishthira, aquele castigador de inimigos, e tendo arranjado para a proteção dos filhos de Pandu, a Deusa desapareceu de lá."

7

Vaisampayana disse, "Então amarrando em seu traje dados feitos de ouro e engastados com lápis lazúli, e segurando-os abaixo de sua axila, o rei Yudhishthira, aquele ilustre senhor de homens, aquele perpetuador de grande alma da linhagem Kuru, respeitado por reis, irreprimível em poder, e semelhante a uma cobra de veneno virulento, aquele touro entre homens, dotado de força e beleza e coragem, e possuidor de grandeza, e parecendo em forma com um celestial embora agora semelhante ao sol envolvido em nuvens densas, ou fogo coberto com cinzas, fez primeiro seu aparecimento quando o famoso rei Virata estava sentado em sua corte. E observando com seus seguidores aquele filho de Pandu em sua corte, parecendo com a lua escondida em nuvens e possuidor de um rosto belo como a lua cheia, o rei Virata dirigiu-se aos seus conselheiros e aos duas vezes nascidos e aos quadrigários e aos Vaisyas e outros, dizendo, 'Perguntem quem é este tão semelhante a um rei que olha para minha corte pela primeira vez. Ele não pode ser um Brahmana. Parece-me que ele é um homem de homens, e um senhor da terra. Ele não tem nem escravos, nem carros, nem elefantes com ele, ainda assim ele brilha como o próprio Indra. Os sinais em sua pessoa indicam que ele é alguém cujas madeixas coronais passaram pela investidura sagrada. Esta mesma é minha opinião. Ele se aproxima de mim sem qualquer hesitação, assim como um elefante no cio se aproxima de um conjunto de lótus!'"

"E quando o rei estava se entregando a estes pensamentos, aquele touro entre homens, Yudhishthira, chegou diante de Virata e dirigi-se a ele, dizendo, 'Ó

grande rei, saiba que eu sou um Brahmana que, tendo perdido tudo o que tinha, venho a ti em busca dos meios de subsistência. Eu desejo, ó impecável, viver aqui junto de ti agindo sob tuas ordens, ó senhor.' O rei então, bem satisfeito, respondeu a ele dizendo, 'Tu és bem vindo. Então aceite o cargo que tu procuras!' E tendo fixado o leão entre reis no posto pelo qual ele tinha rogado, o rei Virata se dirigiu a ele com o coração contente, dizendo, 'Ó filho, eu pergunto a ti por afeto, dos domínios de que rei tu vens para cá? Diga-me também realmente qual é o teu nome e família, e do que tu tens um conhecimento.'"

Yudhishthira disse, "Meu nome é Kanka e eu sou um Brahmana pertencente à família conhecida pelo nome de Vaiyaghra. Eu sou hábil em lançar dados, e antigamente eu era um amigo de Yudhishthira."

Virata respondeu, "Eu concederei a ti qualquer benefício que tu desejes. Governe os Matsyas. Eu permanecerei em submissão a ti. Mesmo jogadores habilidosos são gostados por mim. Tu, por outro lado, és semelhante a um deus, e mereces um reino."

Yudhishthira disse, "Meu primeiro rogo, ó senhor da terra, é que eu não seja envolvido em alguma disputa (por causa dos dados) com pessoas inferiores. Além disso, uma pessoa derrotada por mim (nos dados) não será permitida reter a riqueza (ganha por mim). Que este benefício seja concedido para mim pela tua graça."

Virata respondeu, "Eu certamente matarei aquele que possa ocorrer de desagradar a ti, e se for um dos duas vezes nascidos, eu irei bani-lo de meus domínios. Que os súditos reunidos escutem! Kanka é tanto senhor deste reino quanto eu mesmo. Tu (Kanka) serás meu amigo e usarás os mesmos veículos que eu. E também estará à tua disposição vestuário em abundância, e várias espécies de iguarias e bebidas. E tu examinarás meus negócios, internos e externos. E para ti todas as minhas portas estarão abertas. Quando homens desempregados ou em situação difícil recorrerem a ti, em todas as horas traga suas palavras para mim, e eu sem dúvida darei a eles o que quer que eles desejem. Nenhum temor será teu enquanto tu residires comigo."

Vaisampayana disse, "Tendo assim obtido uma entrevista com o rei Virata, e recebido benefícios dele, aquele touro heróico entre homens começou a viver alegremente, muito respeitado por todos. Nem alguém poderia descobri-lo enquanto ele vivia lá."

8

Vaisampayana disse, "Então outro dotado de força terrível e resplandecendo em beleza se aproximou do rei Virata, com o modo de andar galhofeiro do leão. E segurando na mão uma concha de cozinha e uma colher, como também uma espada desembainhada de cor escura e sem uma mancha sobre a lâmina, ele chegou na aparência de um cozinheiro iluminando tudo ao redor de si por seu

esplendor como o sol revelando o mundo inteiro. E vestido de preto e possuidor da força do rei das montanhas, ele se aproximou do rei dos Matsyas e permaneceu perante ele. E contemplando aquela pessoa semelhante a um rei diante ele, Virata dirigiu-se aos seus súditos reunidos dizendo, 'Quem é aquele jovem, aquele touro entre homens, com ombros largos como aqueles de um leão, e tão extremamente belo? Aquela pessoa, nunca vista antes, é como o sol. Revolvendo a questão em minha mente, eu não posso averiguar quem ele é, nem eu posso mesmo com pensamentos sérios adivinhar a intenção daquele touro entre homens (ao vir aqui). Vendo ele, me parece que ele é ou o rei dos Gandharvas ou o próprio Purandara. Averigúem quem é ele que permanece perante meus olhos. Que ele tenha rapidamente o que ele procura.' Assim mandados pelo rei Virata, seus mensageiros ligeiros foram até o filho de Kunti e informaram aquele irmão mais novo de Yudhishthira de tudo o que o rei tinha dito. Então o filho de grande alma de Pandu, se aproximando de Virata, dirigiu-se a ele em palavras que não eram inadequadas para seu objetivo, dizendo, 'Ó principal dos reis, eu sou um cozinheiro, de nome Vallava. Eu sou hábil em temperar pratos. Empregue-me na cozinha!'"

Virata disse, "Eu não acredito, ó Vallava, que cozinhar é teu ofício. Tu pareces a divindade de mil olhos; e em graça e beleza e bravura, tu brilhas entre estes todos como um rei!"

Bhima respondeu, "Ó rei de reis, eu sou teu cozinheiro e servo em primeiro lugar. Não é de condimentos somente dos quais eu tenho conhecimento, ó monarca, embora o rei Yudhishthira sempre costumasse nos tempos passados experimentar meus pratos. Ó senhor da terra, eu também sou um lutador. Nem existe alguém que é igual a mim em força. E me engajando em luta com leões e elefantes, ó impecável, eu sempre contribuirei para o teu entretenimento."

Virata disse, "Eu certamente te concederei benefícios. Tu farás o que tu desejas, visto que tu te descreves habilidoso nisto. Eu, no entanto, não penso que este ofício é digno de ti, pois tu mereces esta terra (inteira) cintada em volta pelo oceano. Mas faça como tu desejares. Seja o superintendente da minha cozinha, e tu estás colocado na chefia daqueles que foram designados lá antes por mim."

Vaisampayana continuou, "Assim nomeado na cozinha, Bhima logo se tornou o favorito do rei Virata. E, ó rei, ele continuou a viver lá não reconhecido pelos outros empregados de Virata como também por outras pessoas!"

9

Vaisampayana disse, "Amarrando seus cabelos pretos, macios, delicados, longos e impecáveis com extremidades encaracoladas em uma trança complicada, Draupadi de olhos negros e sorrisos doces, jogando-a sobre seu ombro direito, escondeu-a por meio de seu traje. E ela vestia um único pedaço um tecido preto e sujo embora caro. E se vestindo como uma Sairindhri, ela começou

a vagar para lá e para cá em aparente aflição. E observando sua perambulação, homens e mulheres foram a ela rapidamente e se dirigiram a ela, dizendo, 'Quem é você? E o que você procura?' E ela respondeu, 'Eu sou a Sairindhri de um rei. Eu desejo servir alguém que me mantenha.' Mas vendo sua beleza e vestido, e ouvindo também sua fala que era tão doce, as pessoas não podiam tomá-la por uma criada à procura de subsistência. E aconteceu que enquanto olhava naquela direção e do terraço, a rainha querida de Virata, filha do rei de Kekaya, viu Draupadi. E vendo ela desamparada e vestida em um único pedaço de tecido, a rainha dirigiu-se a ela dizendo, 'Ó bela, quem é você, e o que você procura?' Nisso Draupadi respondeu a ela, dizendo, 'Ó principal das rainhas, eu sou Sairindhri. Eu servirei alguém que me sustente.' Então Sudeshna disse, 'O que você diz (a respeito da tua profissão) nunca pode ser compatível com tanta beleza. (Muito pelo contrário) tu bem podes ser a patroa de empregados homens e mulheres. Teus calcanhares não são proeminentes, e tuas coxas tocam uma à outra. E tua inteligência é grande, e teu umbigo é profundo, e tuas palavras são solenes. E teus dedos dos pés grandes, e busto e quadris, e costas e lados, e unhas dos dedos dos pés, e palmas são todos bem desenvolvidos. E tuas palmas, solas, e rosto são corados. E tua fala é suave assim como a voz do cisne. E teu cabelo é belo, e teu busto bem-formado, e tu és possuidora da maior graça. E teus quadris e busto são roliços. E como uma égua Kashmerean tu estás provida de todos os sinais auspiciosos. E tuas pestanas são inclinadas (belas), e teu lábio inferior é como a terra rosada. E tua cintura é fina, e teu pescoço tem linhas que parecem aquelas da concha. E tuas veias são mal visíveis. De fato, teu semblante é como a lua cheia, e teus olhos parecem as folhas do lótus outonal, e teu corpo é fragrante como o próprio lótus. Em verdade, em beleza tu pareces com a própria Sri, cujo assento é o lótus outonal. Diga-me, ó donzela bela, quem tu és. Tu nunca podes ser uma criada. Tu és uma Yakshi, uma Deusa, uma Gandharvi, ou uma Apsara? Tu és a filha de um celestial, ou tu és uma mulher Naga? Tu és a deusa guardiã de alguma cidade, uma Vidyadhari, ou uma Kinnari, ou tu és a própria Rohini? Ou tu és Alamvusha, ou Misrakesi, Pundarika, ou Malini, ou a rainha de Indra, ou de Varuna? Ou, tu és a cônjuge de Viswakarma, ou do próprio Senhor criador? Dessas deusas que são renomadas nas regiões celestes, quem tu és, ó graciosa?'"

"Draupadi respondeu, 'Ó senhora auspiciosa, eu não sou nem uma deusa nem uma Gandharvi, nem uma Yakshi, nem uma Rakshasi. Eu sou uma criada da classe Sairindhri. Eu te digo isto realmente. Eu sei ornar o cabelo, triturar (substâncias fragrantes) para preparar unguentos, e também fazer guirlandas belas e variadas, ó senhora bela, de jasmins e lotos e lírios azuis e Champakas. Antigamente eu servi a rainha favorita de Krishna, Satyabhama, e também Draupadi, a esposa dos Pandavas e a principal beleza da família Kuru. Eu perambulo sozinha, ganhando boa comida e vestuário; e contanto que eu obtenha estes, eu continuo a viver no lugar onde eles são obteníveis. A própria Draupadi me chamava de Malini (fazedora de guirlandas).'"

"Ouvindo isso Sudeshna disse, 'Eu te manteria sob minha própria chefia se não cruzasse a minha mente a dúvida que o próprio rei seria atraído em direção a ti

com todo seu coração. Atraídas pela tua beleza, as mulheres da casa real e minhas empregadas estão te olhando. Que homem então poderia resistir à tua atração? Certamente, ó tu de quadris bem arredondados, ó donzela de encantos requintados, contemplando a tua forma de beleza sobre-humana, o rei Virata sem dúvida me abandonará e se voltará para ti com todo seu coração. Ó tu de membros impecáveis, ó tu que és dotada de olhos grandes lançando olhares rápidos, aquele sobre quem tu olhares com desejo indubitavelmente será atingido. Ó tu de doces sorrisos, ó tu que possuis uma forma impecável, aquele que te contemplar constantemente certamente arderá em paixões. Assim como uma pessoa que sobe em uma árvore para realizar sua própria destruição, assim como o caranguejo concebe para sua própria ruína, eu posso, ó tu de doces sorrisos, trazer a destruição sobre mim mesma por te abrigar.'"

"Draupadi respondeu, 'Ó dama formosa, nem Virata nem qualquer outra pessoa poderá ter a mim, pois meus cinco maridos jovens, que são Gandharvas e filhos de um rei Gandharva de grande poder, sempre me protegem. Ninguém pode me fazer mal. É o desejo dos meus maridos Gandharva que eu sirva somente tais pessoas que não me darão para usar algum alimento já partilhado por outro, ou me digam para lavar seus pés. Qualquer homem que tentar ter-me como alguma mulher comum encontrará com a morte naquela própria noite. Ninguém pode conseguir ter-me, pois, ó senhora bela, ó tu de sorrisos doces, aqueles Gandharvas queridos, possuidores de grande energia e força imensa sempre me protegem secretamente.'"

"Sudeshna disse, 'Ó tu que trazes deleite ao coração, se é como tu dizes, eu te aceitarei em minha casa. Tu não terás que tocar alimento que foi compartilhado por outro, ou lavar os pés de outro.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçada pela esposa de Virata, ó Janamejaya, Krishna (Draupadi) sempre devotada a seus maridos, começou a viver naquela cidade. Nem alguém podia averiguar quem ela era na verdade!'"

10

"Vaisampayana disse, 'Então vestido em um traje de vaqueiro, e falando o dialeto dos vaqueiros, Sahadeva chegou ao curral da cidade de Virata. E contemplando aquele touro entre homens, que estava brilhando em esplendor, o rei foi tomado pela perplexidade. E ele mandou seus homens convocarem Sahadeva. E quando o último chegou o rei se dirigiu a ele, dizendo, 'A quem tu pertences? E de onde tu vens? E que trabalho tu procuras? Eu nunca te vi antes. Ó touro entre homens, fale-me verdadeiramente acerca de ti.'

Tendo chegado diante do rei, aquele que afligia inimigos, Sahadeva, respondeu em voz profunda como o ribombar da nuvem, 'Eu sou um Vaisya, de nome Arishtanemi. Eu era empregado como um vaqueiro no serviço daqueles touros da raça Kuru, os filhos de Pandu. Ó principal dos homens, eu pretendo agora viver

junto de ti, pois eu não sei onde aqueles leões entre reis, os filhos de Pritha, estão. Eu não posso viver sem serviço, e, ó rei, eu não gostaria de entrar no serviço de alguém mais exceto tu.'

Ouvindo estas palavras, Virata disse, ‘Tu deves ser ou um Brahmana ou um Kshatriya. Tu pareces como se tu fosses o senhor da terra inteira cercada pelo oceano. Fale-me verdadeiramente, ó tu que ceifas teus inimigos. O ofício de um Vaisya não é adequado para ti. Conte-me dos domínios de qual rei tu vens, e o que tu sabes, e em que capacidade tu permanecerias conosco, e também que pagamento tu aceitarias.’"

"Sahadeva respondeu, 'Yudhishthira, o mais velho dos cinco filhos de Pandu, tinha uma divisão de vacas numerando oitocentas e dez mil, e outra, dez mil, e outra, além disso, vinte mil, e assim por diante. Eu era empregado em cuidar daqueles gados. As pessoas costumavam me chamar de Tantripala. Eu conheço o presente, o passado, e o futuro de todas as vacas vivendo dentro de dez Yojanas, e cuja história foi extraída. Meus méritos eram conhecidos por aquele ilustre, e o rei Kuru Yudhishthira estava bem satisfeito comigo. Eu também conheço os meios que ajudam as vacas a se multiplicarem dentro de um tempo curto, e pelos quais elas podem desfrutar de imunidade de doença. Também estas artes são conhecidas por mim. Eu posso também escolher touros que tem marcas auspiciosas pelas quais eles são venerados por homens, e por cheirar cuja urina os estéreis podem conceber.'

Virata disse, ‘Eu tenho cem mil vacas divididas em rebanhos distintos. Todos aqueles junto com seus mantenedores eu coloco a teu cargo. De agora em diante meus animais estarão sob tua manutenção.’"

"Vaisampayana continuou, 'Então, ó rei, não detectado por aquele monarca, aquele senhor de homens, Sahadeva, mantido por Virata, começou a viver alegremente. Nem alguém mais (além de seus irmãos) o reconheceu.'"

11

"Vaisampayana disse, 'Em seguida apareceu no portão dos baluartes outra pessoa de tamanho enorme e beleza rara enfeitado com os ornamentos de mulheres, e usando grandes brincos e belas pulseiras de conchas revestidas com ouro. E aquele indivíduo de braços fortes com cabelo longo e abundante flutuando em volta de seu pescoço parecia um elefante em porte. E sacudindo o próprio chão com seu passo, ele se aproximou Virata e permaneceu em sua corte. E contemplando o filho do grande Indra, brilhando com resplendor requintado e tendo o modo de andar de um elefante poderoso, aquele opressor de inimigos tendo sua forma verdadeira ocultada em disfarce, entrando na sala do conselho e avançando em direção ao monarca, o rei se dirigiu a todos os seus cortesãos, dizendo, 'De onde esta pessoa vem? Eu nunca soube dele antes.' E quando os homens presentes falaram do recém-chegado como alguém desconhecido para

eles o rei falou admirado, 'Possuidor de grande força, tu és como um celestial, e jovem e de cor escura, tu pareces o líder de uma manada de elefantes. Usando pulseiras de conchas revestidas com ouro, uma trança, e brincos, tu brilhas ainda como alguém entre aqueles que viajando em carruagens vagam equipados com armadura e arco e flechas e enfeitado com guirlandas e cabelo alinhado. Eu estou velho e desejoso de abandonar minha carga. Sejas tu como meu filho, ou governe como eu mesmo todos os Matsyas. Parece-me que tal pessoa como tu nunca pode ser do sexo neutro.'

Arjuna disse, ‘Eu canto, danço, e toco instrumentos. Eu sou perito em dança e hábil em canto. Ó senhor de homens, designe-me para (a princesa) Uttara. Eu serei professor de dança para a donzela real. Quanto a como eu obtive esta forma, o que te beneficiará ouvir o relato que somente aumentará minha dor? Saiba, ó rei de homens, que eu sou Vrihannala, um filho ou filha sem pai ou mãe.’

Virata disse, ‘Ó Vrihannala, eu te dou o que tu desejas. Instrua minha filha, e aquelas como ela, em dança. Para mim, no entanto, este ofício parece indigno de ti. Tu mereces (o domínio da) terra inteira cercada pelo oceano!’"

"Vaisampayana continuou, 'O rei dos Matsyas então testou Vrihannala em dança, música, e outras artes excelentes, e consultando com seus vários ministros em seguida o fez ser examinado por mulheres. E sabendo que aquela impotência era de uma natureza permanente ele enviou-o para os aposentos das donzelas. E lá o poderoso Arjuna começou a dar aulas de canto e música instrumental para a filha de Virata, suas amigas, e suas criadas, e logo ganhou suas boas graças. E dessa maneira o controlado Arjuna viveu lá disfarçado, partilhando de prazeres em sua companhia, e desconhecido para as pessoas dentro ou fora do palácio.'"

12

"Vaisampayana disse, 'Depois de um tempo, outro filho poderoso de Pandu foi visto indo em direção ao rei Virata às pressas. E conforme ele avançava, ele parecia para todos como o orbe solar emergido das nuvens. E ele começou a observar os cavalos em volta. E vendo isto, o rei dos Matsyas disse para seus seguidores, 'Eu gostaria de saber de onde vem este homem, possuidor da refulgência de um celestial. Ele olha atentamente para meus corcéis. Na verdade, ele deve ser competente em conhecimentos sobre cavalos. Que ele seja conduzido à minha presença rapidamente. Ele é um guerreiro e parece com um deus!' E aquele destruidor de inimigos então foi até o rei e abordou-o, dizendo, 'Vitória para ti, ó rei, e abençoados sejam vocês. Como um treinador de cavalos, eu sempre fui muito estimado por reis. Eu serei um mantenedor inteligente dos teus cavalos.'"

"Virata disse, 'Eu te darei veículos, riqueza, e alojamentos espaçosos. Tu serás o treinador dos meus cavalos. Mas primeiro diga-me. de onde tu vens, quem tu és, e como também aconteceu de tu vires para cá. Fale-nos também todas as artes

nas quais tu és mestre.' Nakula respondeu, 'Ó opressor de inimigos, saiba que Yudhishthira é o irmão mais velho dos cinco filhos de Pandu. Eu era antigamente empregado por ele para manter seus cavalos. Eu conheço o temperamento dos corcéis, e conheço perfeitamente a arte de domá-los. Eu sei também como corrigir cavalos violentos, e todos os métodos de tratar suas doenças. Nenhum animal em minhas mãos se torna fraco ou doente. Sem falar de cavalos, até éguas em minhas mãos nunca serão constatadas serem violentas. As pessoas me chamavam de Granthika por nome e assim fazia Yudhishthira, o filho de Pandu.'"

"Virata disse, 'Quaisquer cavalos que eu tenha, eu entrego ao teu cuidado a partir de hoje mesmo. E todos os mantenedores dos meus cavalos e todos os meus cocheiros a partir de hoje serão subordinados a ti. Se isto é conveniente para ti, diga que remuneração é desejada por ti. Mas, ó tu que pareces um celestial, o ofício de cavalariço não é digno de ti. Pois tu pareces com um rei e eu te estimo muito. Teu aparecimento aqui me agradou tanto como se o próprio Yudhishthira estivesse aqui. Oh, como aquele inocente filho de Pandu mora e se diverte floresta, agora desprovido de empregados como ele está?'"

"Vaisampayana continuou, 'Aquele jovem, semelhante a um chefe dos Gandharvas, foi tratado assim respeitosamente pelo encantado rei Virata. E ele se comportou lá de tal maneira quanto a se tornar querido e agradável para todos no palácio. E ninguém o reconheceu enquanto ele vivia sob a proteção de Virata. E foi dessa maneira então que os filhos de Pandu, a própria visão dos quais nunca era infrutífera, continuaram a viver no país dos Matsyas. E fiéis à sua promessa aqueles senhores da terra limitada por seu cinto de mares passaram seus dias incógnitos com grande compostura apesar dos seus sofrimentos pungentes.'"

13

(Samayapalana Parva)

"Janamejaya disse, 'Enquanto viviam assim disfarçados na cidade dos Matsyas, o que fizeram aqueles descendentes da linhagem Kuru dotados de grande coragem, ó regenerado?'"

"Vaisampayana disse, 'Ouça, ó rei, o que aqueles descendentes de Kuru fizeram enquanto eles moravam assim disfarçados na cidade dos Matsyas, venerando o rei dela. Pela graça do sábio Trinavindu e do Senhor da justiça de grande alma, os Pandavas continuaram a viver não reconhecidos por outros na cidade de Virata. Ó senhor de homens, Yudhishthira como cortesão se fez agradável para Virata e seus filhos como também para todos os Matsyas. Um perito nos mistérios dos dados, o filho de Pandu os fez jogarem dados de acordo com sua vontade e os fez sentarem juntos no salão de (jogos de) dados como uma fileira de aves amarrada em uma corda. E aquele tigre entre homens, o rei Yudhishthira o Justo, desconhecido pelo monarca, distribuía entre seus irmãos, na devida proporção, a riqueza que ele ganhava de Virata. E Bhimasena, de sua

parte, vendia para Yudhishthira por um preço carne e iguarias de vários tipos as quais ele obtinha do rei. E Arjuna distribuía entre todos os seus irmãos os produtos de tecidos usados os quais ele ganhava nos aposentos internos do palácio. E Sahadeva, também, que estava disfarçado como vaqueiro, dava leite, coalhos e manteiga clarificada para seus irmãos. E Nakula também dividia com seus irmãos a riqueza que o rei dava a ele, satisfeito com seu treinamento dos cavalos. E Draupadi, ela mesma em uma condição lastimável, cuidava de todos aqueles irmãos e se comportava de tal maneira quanto a permanecer não reconhecida. E assim atendendo às necessidades uns dos outros, aqueles guerreiros poderosos viveram na capital de Virata tão ocultos de vista como se eles estivessem mais uma vez no útero de sua mãe. E aqueles senhores de homens, os filhos de Pandu, apreensivos do perigo proveniente do filho de Dhritarashtra, continuaram a morar lá em segredo, zelando por sua esposa Draupadi. E depois que três meses tinham se passado, no quarto, o grandioso festival em honra do divino Brahma o qual era celebrado com pompa no país dos Matsyas, ocorreu. E foram lá atletas de todos os quadrantes aos milhares, como hostes de celestiais para a residência de Brahma ou de Siva, para testemunhar aquele festival. E eles eram dotados de corpos enormes e grande bravura, como os demônios chamados Kalakhanjas. E jubilosos com sua destreza e orgulhosos de sua força, eles foram muito honrados pelo rei. E seus ombros e cinturas e pescoços eram como aqueles de leões, e seus corpos eram muito bem formados, e seus corações estavam muito tranquilos. E eles tinham muitas vezes obtido êxito nas arenas na presença de reis. E entre eles havia um que dominava o restante e desafiava-os todos para um combate. E não havia ninguém que ousasse se aproximar dele quanto ele andava orgulhosamente na arena. E quando todos os atletas estavam tristes e desanimados, o rei dos Matsyas o fez lutar com seu cozinheiro. E incitado pelo rei, Bhima decidiu relutantemente, pois ele não podia desobedecer abertamente à ordem real. E aquele tigre entre homens então tendo reverenciado o rei entrou na arena espaçosa andando com os passos descuidados de um tigre. E o filho de Kunti então cingiu seus quadris para o grande deleite dos espectadores. E Bhima então convocou para o combate aquele atleta conhecido pelo nome de Jimuta que era como o Asura Vritra cuja bravura era amplamente conhecida. E ambos eram possuidores de grande coragem, e ambos eram dotados de bravura terrível. E eles eram como um par de elefantes enfurecidos e de corpos enormes, de sessenta anos cada. E aqueles valentes tigres entre homens então alegremente se engajaram em uma luta corporal, desejosos de derrotar um ao outro. E foi terrível o confronto que ocorreu entre eles, como o estrondo do raio contra o leito pedregoso da montanha. E ambos eram muito fortes e estavam extremamente deleitados com a força um do outro. E desejosos de vencer um ao outro, cada um permaneceu ávido para se aproveitar do descuido de seu adversário. E ambos estavam imensamente satisfeitos e ambos pareciam com elefantes enfurecidos de tamanho prodigioso. E vários eram os modos de ataque e defesa que eles exibiram com seus punhos cerrados. E cada um se arremessou contra o outro e lançou seu adversário à distância. E cada um lançou a outro para baixo e o pressionou junto ao solo. E cada um levantou outra vez e comprimiu o outro em seus braços. E cada um jogou o outro violentamente para fora de seu lugar por bater com os punhos em seu peito. E

cada um pegou o outro pelas pernas e girando-o em volta jogou-o no chão. E eles se esbofetearam com suas palmas que atingiam tão fortemente quanto o raio. E eles também atingiram um ao outro com seus dedos esticados, e estendendo-os como lanças, enfiaram as unhas nos corpos um do outro. E eles deram um no outro pontapés violentos. E eles bateram joelho e cabeça um contra o outro, produzindo o estrondo de uma pedra contra outra. E desta maneira aquele combate furioso entre aqueles guerreiros seguiu adiante sem armas, sustentado principalmente pelo poder de seus braços e sua energia física e mental, para o deleite infinito da multidão de espectadores. E todas as pessoas, ó rei, tomaram profundo interesse naquele combate daqueles lutadores poderosos que lutavam como Indra e o Asura Vritra. E eles encorajavam ambos deles com altas aclamações de louvor. E os peritos em luta de peito largo e braços compridos então puxaram e apertaram e giraram e arremessaram abaixo um ao outro e bateram um no outro com seus joelhos, expressando todo o tempo seu desprezo pelo outro em vozes altas. E eles começaram a lutar com seus braços nus dessa maneira, os quais eram como maças de pontas de ferro. E finalmente o poderoso Bhima de braços fortes, o matador de seus inimigos, gritando alto agarrou o vociferante atleta pelos braços assim como o leão agarra o elefante, e erguendo-o do chão e segurando-o no alto, começou a girá-lo em volta, para o grande assombro dos atletas reunidos e do povo de Matsya. E tendo-o girado ao redor uma centena de vezes até que ele ficou inconsciente, Vrikodara de braços fortes arremessou-o para a morte no chão. E quando o corajoso e renomado Jimuta estava assim morto, Virata e seus amigos ficaram cheios de grande deleite. E na exuberância de sua alegria, o rei de mente nobre recompensou Vallava lá mesmo com a generosidade de Kuvera. E matando numerosos atletas e muitos outros homens possuidores de grande força corpórea, ele agradou muitíssimo ao rei. E quando ninguém podia ser encontrado lá para enfrentá-lo nas arenas, o rei o fez lutar com tigres e leões e elefantes. E o rei também o fez lutar com leões furiosos e poderosos no harém para o prazer das damas. E Arjuna, também, agradou o rei e todas as senhoras dos aposentos internos por cantar e dançar. E Nakula agradou Virata, aquele melhor dos reis, por mostrar a ele corcéis velozes e bem treinados que o seguiam onde quer que ele fosse. E o rei, satisfeito com ele, recompensou-o com presentes generosos. E vendo ao redor de Sahadeva um rebanho de bois bem treinados, Virata, aquele touro entre homens, também concedeu a ele riqueza de diversas espécies. E, ó rei, Draupadi angustiada ao ver todos aqueles guerreiros sofrerem tormentos, suspirava constantemente. E foi dessa maneira que aquelas pessoas eminentes viveram lá disfarçadas, prestando serviços para o rei Virata.'"

14

(Kichaka badha Parva)

"Vaisampayana disse, 'Vivendo em tal disfarce, aqueles guerreiros poderosos, os filhos de Pritha, passaram dez meses na cidade de Matsya. E, ó monarca, embora ela mesma merecendo ser servida por outros, a filha de Yajnasena, ó

Janamejaya, passava seus dias em extrema miséria, servindo Sudeshna. E residindo dessa maneira nos aposentos de Sudeshna, a princesa de Panchala agradou aquela senhora como também as outras mulheres dos aposentos internos. E aconteceu que quando o ano estava prestes a terminar, o temível Kichaka, o Comandante das forças de Virata, viu por acaso a filha de Drupada. E observando aquela dama dotada do esplendor de uma filha dos celestiais, andando pela terra como uma deusa, Kichaka, afligido pelas flechas de Kama, desejou possuí-la. E queimando com a chama do desejo, o general de Virata foi até Sudeshna (sua irmã) e se dirigiu a ela sorridente nestas palavras, 'Esta bela dama nunca antes foi vista por mim na residência do rei Virata. Esta donzela me enlouquece com sua beleza, assim como um vinho novo enlouquece alguém com sua fragrância. Diga-me quem é esta dama graciosa e cativante possuidora da beleza de uma deusa, e de quem ela é, e de onde ela vem. Certamente, oprimindo meu coração ela me reduziu à submissão. Parece-me que (exceto ela) não há outro remédio para minha doença. Ó, esta tua criada formosa parece para mim ser possuidora da beleza de uma deusa. Certamente, alguém como ela não é apropriada para te servir. Que ela governe a mim e ao que quer que seja meu. Ó, deixe-a agraciar meu espaçoso e belo palácio, decorado com vários ornamentos de ouro, cheio de iguarias e bebidas em profusão, com pratos excelentes, e contendo toda espécie de abundância, além de elefantes e cavalos e carros em miríades.' E tendo consultado com Sudeshna dessa maneira, Kichaka foi até a princesa Draupadi, e como um chacal na floresta abordando uma leoa, falou para Krishna estas palavras em uma voz sedutora, 'Quem e de quem tu és, ó bela? E, ó tu de rosto belo, de onde tu vieste à cidade de Virata? Diga-me tudo isto, ó dama formosa. Tua beleza e graciosidade são da perfeita primeira classe e a graça das tuas feições é sem paralelo. Com seu encanto teu rosto brilha assim como a lua resplandecente. Ó tu de sobrancelhas formosas, teus olhos são belos e grandes como pétalas de lótus. Tua fala também, ó tu de membros belos, parece as notas do cuco. Ó tu de quadris formosos, nunca antes neste mundo eu vi uma mulher possuidora de beleza semelhante à tua, ó tu de feições impecáveis. Tu és a própria Lakshmi tendo sua residência no meio de lotos ou tu és, ó de cintura fina, aquela que é chamada Bhuti? Ou, qual entre estas: Sri, Kirti e Kanti, tu és, ó tu de rosto belo? (Bhuti, Hri, Sri, Kirti e Kanti são respectivamente as personificações femininas de Prosperidade, Modéstia, Beleza, Fama e Encanto.) Ou possuidora de beleza como a de Rati, tu és aquela que se diverte nos abraços do Deus do amor? Ó tu que possuis as sobrancelhas mais formosas, tu brilhas maravilhosamente assim como a luz encantadora da lua. Quem há no mundo inteiro que não sucumbiria à influência do desejo ao contemplar teu rosto? Dotada de beleza inigualável e graça celestial do tipo mais atraente, este teu rosto é assim como a lua cheia, seu resplendor celeste parecendo sua face radiante, seu sorriso parecendo sua luz suave, e seus cílios parecendo com os raios em seu disco. Ambos os teus peitos tão belos e bem desenvolvidos e dotados de graciosidade sem igual e profundos e simétricos e sem algum espaço entre deles, são sem dúvida dignos de serem adornados com guirlandas de ouro. Parecendo em forma com os belos botões do lótus, estes teus peitos, ó tu de sobrancelhas formosas, são assim como os chicotes de Kama que estão me incitando adiante. Ó tu de doces sorrisos, ó donzela de cintura fina, contemplando esta tua cintura marcada

com quatro dobras e medindo somente um palmo, e ligeiramente inclinada para frente por causa do peso dos teus peitos, e também olhando para este teus quadris graciosos largos como as margens de um rio, a incurável febre do desejo, ó bela dama, me aflige muito. O flamejante fogo do desejo, feroz como um incêndio na floresta, e atiçado pela esperança que meu coração nutre de uma união contigo está me consumindo intensamente. Ó tu de beleza excelente, apague este fogo flamejante acendido por Manmatha. União contigo é uma nuvem carregada de chuva, e a rendição da tua pessoa é a chuva que a nuvem pode derramar. Ó tu de rosto parecido com a lua, as violentas e enlouquecedoras flechas de Manmatha afiadas pelo desejo de uma união contigo, perfurando este meu coração em seu rumo impetuoso, penetraram no seu âmago. Ó dama de olhos negros, aquelas flechas impetuosas e cruéis estão me enlouquecendo além de resistência. Cabe a ti me aliviar desta situação por te entregares a mim e me favorecer com teus abraços. Enfeitada em guirlandas e mantos belos e adornada com todos os ornamentos, divirta-te, ó doce donzela, comigo até tua satisfação. Ó tu do porte de um elefante no cio, merecedora como tu és de felicidade embora privada disto agora, não cabe a ti morar aqui em miséria. Que prosperidade inigualável seja tua. Bebendo vários tipos de vinhos encantadores e deliciosos e ambrosíacos, e te divertindo à vontade no desfrute de diversos objetos de deleite, ó dama abençoada, obtenha prosperidade auspiciosa. Esta tua beleza e esta plenitude da tua juventude, ó dama gentil, estão agora sem seu uso. Pois, ó donzela bela e casta, dotada de tal encanto, tu não brilhas, como uma guirlanda graciosa jazendo nova e não usada. Eu abandonarei todas as minhas esposas antigas. Que elas, ó tu de sorrisos doces, se tornem tuas escravas. E eu também, ó donzela formosa, ficarei ao teu lado como teu escravo, sempre obediente a ti, ó tu do rosto mais bonito.' Ouvindo estas palavras dele, Draupadi respondeu, 'Ao desejar a mim, uma criada de origem inferior, empregada no ofício desprezível de ornar cabelo, ó filho de Suta, tu desejas alguém que não merece essa honra. Então, além disso, eu sou a esposa de outros. Portanto, que o bem te aconteça, este teu comportamento não é apropriado. Lembre-te do preceito de moralidade, isto é, que homens devem se deleitar somente com suas esposas. Tu não deves, portanto, por quaisquer meios inclinar teu coração para o adultério. Sem dúvida se abster de ações impróprias é sempre o esforço daqueles que são bons. Dominados pela ignorância homens pecaminosos sob a influência do desejo obtém ou infâmia extrema qualquer ou calamidade terrível.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado pela Sairindhri, o pecaminoso Kichaka, perdendo o controle sobre sua razão e dominado pela luxúria, embora consciente dos numerosos males da fornicação, males censurados por todos e às vezes levando à destruição da própria vida, então falou para Draupadi, 'Não cabe a ti, ó bela dama, ó tu de feições graciosas, assim desconsiderar a mim que estou, ó tu de doce sorriso, sob o poder de Manmatha por tua causa. Se agora, ó tímida, tu desconsiderares a mim que estou sob tua influência e que falo para ti tão cortês, ó donzela de olhos negros, tu terás que te arrepender por isto depois. Ó tu de sobrancelhas graciosas, o senhor real deste reino inteiro, ó dama de cintura fina, sou eu mesmo. É dependendo de mim que o povo deste reino vive. Em energia e coragem eu sou incomparável sobre a terra. Não há outro homem sobre

a terra que me rivalize em beleza pessoal, em juventude, em prosperidade, e na posse de objetos excelentes de prazer. Por que é, ó dama auspiciosa, que tendo em teu poder desfrutar aqui de todos os objetos de desejo e todo luxo e conforto sem seu igual, tu preferes servidão? Tornando-te a soberana deste reino o qual eu concederei a ti, ó tu de rosto formoso, me aceite, e desfrute, ó bela, de todos os objetos excelentes de desejo.' Endereçada nestas palavras execráveis por Kichaka, aquela casta filha de Drupada respondeu a ele assim de modo repreensivo, 'Ó filho de um Suta, não aja tão tolamente e não jogue fora a tua vida. Saiba que eu sou protegida por meus cinco maridos. Tu não podes ter-me. Eu tenho Gandharvas como meus maridos. Enfurecidos eles te matarão. Portanto, não traga destruição para ti mesmo. Tu pretendes andar por um caminho que não pode ser trilhado por homens. Tu, ó pecaminoso, és assim como uma criança tola que permanecendo em uma margem do oceano pretende atravessar para a outra. Mesmo que tu entrasses no interior da terra, ou te elevasses ao céu, ou fosses para a outra margem do oceano, ainda assim tu não poderias escapar das mãos daquela progênie percorredora do céu dos deuses, capaz de triturar todos os inimigos. Por que hoje tu, ó Kichaka, me solicita tão persistentemente assim como uma pessoa doente deseja a noite que porá um fim na sua existência? Por que tu me desejas, assim como um bebê deitado no colo de sua mãe desejando pegar a lua? Para ti que solicitaste dessa maneira a esposa querida deles, não há refúgio nem sobre a terra nem no céu. Ó Kichaka, tu não tens juízo o qual te leva a procurar teu bem e pelo qual a tua vida pode ser salva?'"

15

"Vaisampayana disse, 'Rejeitado assim pela princesa, Kichaka, afligido com luxúria enlouquecedora e desprezando todo sentido de retidão, dirigiu-se a Sudeshna dizendo, 'Ó filha de Kekaya, aja de maneira que tua Sairindhri possa vir para meus braços. Ó Sudeshna, adote os meios pelos quais a donzela do porte de um elefante possa me aceitar; eu estou morrendo de desejo consumidor.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo suas profusas lamentações, aquela dama amável, a rainha inteligente de Virata, ficou comovida com compaixão. E tendo deliberado consigo mesma e refletido sobre a intenção de Kichaka e sobre a ansiedade de Krishna, Sudeshna dirigiu-se ao filho de Suta nestas palavras, 'Na ocasião de algum festival, obtenha iguarias e vinhos para mim. Eu então enviarei minha Sairindhri para ti sob o pretexto de trazer vinho. E quando ela se dirigir para lá tu em solidão, livre de interrupção anime-a como tu quiseres. Assim acalmada, ela pode inclinar sua mente para ti.'

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, ele saiu dos aposentos de sua irmã. E ele logo obteve vinhos bem filtrados e dignos de um rei. E empregando cozinheiros habilidosos, ele preparou muitos e vários tipos de iguarias seletas e bebidas deliciosas e muitos e várias espécies de carne de graus diferentes de excelência. E quando tudo isso tinha sido feito, aquela dama amável Sudeshna, como anteriormente aconselhada por Kichaka, pediu que sua Sairindhri se

dirigisse para a residência de Kichaka, dizendo, 'Levante, ó Sairindhri e dirija-te para a residência de Kichaka para trazer vinho, pois, ó bela dama, eu estou afligida pela sede.' Nisso Sairindhri respondeu, 'Ó princesa, eu não poderei ir para os aposentos de Kichaka. Tu mesma sabes, ó rainha, quão sem vergonha ele é. Ó tu de membros impecáveis, ó bela senhora, no teu palácio eu não poderei levar uma vida lasciva, me tornando infiel para meus maridos. Tu lembras, ó senhora amável, ó bela, as condições que eu estabeleci antes de entrar em tua casa. Ó tu de tranças terminando em cachos graciosos, o tolo Kichaka afligido pelo deus do desejo, ao ver-me, me oferecerá insulto. Portanto, eu não irei para seus alojamentos. Tu tens, ó princesa, muitas empregadas sob ti. Que o bem te aconteça, envie uma delas. Pois, sem dúvida, Kichaka me insultará.' Sudeshna disse, 'Enviada por mim, da minha residência, certamente ele não te fará mal.' E tendo dito isso, ela entregou um recipiente dourado equipado com uma tampa. E cheia de apreensão, e chorando, Draupadi mentalmente rogou pela proteção dos deuses, e saiu para a residência de Kichaka para buscar vinho. E ela disse, 'Como eu não conheço outra pessoa salvo meus maridos, em virtude dessa Verdade que Kichaka não possa me dominar embora eu me aproxime de sua presença.'"

"Vaisampayana continuou, 'E aquela donzela desamparada então adorou Surya por um momento. E Surya, tendo considerado tudo o que ela suplicou, mandou um Rakshasa protegê-la invisivelmente. E desde aquele tempo o Rakshasa começou a servir aquela dama inocente sob quaisquer circunstâncias. E vendo Krishna em sua presença como uma corça assustada, o Suta se levantou de seu assento, e sentiu a alegria que é sentida por uma pessoa que deseja atravessar para a outra margem quando ela obtém um barco.'"

16

"Kichaka disse, 'Ó tu de cabelos terminando em belos cachos, tu és bem vinda. Certamente, a noite que se foi me trouxe um dia auspicioso, pois eu tenho a ti hoje como a dona da minha casa. Faça o que é agradável para mim. Que correntes douradas, e conchas e brincos brilhantes feitos de ouro, fabricados em vários países, e rubis belos e jóias, e mantos de seda e camurças, sejam trazidos para ti. Eu tenho também uma cama excelente preparada para ti. Venha, sentando sobre ela beba comigo o vinho preparado do mel de flores.' Ouvindo estas palavras, Draupadi disse, 'Eu fui enviada para ti pela princesa para levar vinho. Traga-me vinho rapidamente, pois ela me disse que ela está com muita sede.' A isto, Kichaka disse, 'Ó dama amável, outros levarão o que a princesa quer.' E dizendo isso, o filho de Suta segurou o braço direito de Draupadi. E nisto, Draupadi exclamou, 'Como eu nunca, por intoxicação dos sentidos, fui infiel para meus maridos nem em coração, por esta Verdade, ó canalha, eu te verei arrastado e jazendo impotente sobre o solo.'"

"Vaisampayana continuou, 'Vendo aquela dama de olhos grandes criticando-o dessa maneira, Kichaka de repente agarrou-a pela ponta de seu traje superior quando ela tentou fugir. E agarrada com violência por Kichaka, a princesa bela,

incapaz de tolerar isto, e com corpo tremendo com ira, e respirando rapidamente, arremessou-o ao solo. E arremessado ao solo daquela maneira, o canalha pecaminoso caiu como uma árvore cujas raízes tinham sido cortadas. E tendo jogado Kichaka no chão quando o último a tinha agarrado, ela, completamente trêmula, se apressou para a corte, onde o rei Yudhishthira estava, em busca de proteção. E enquanto ela estava correndo com toda sua velocidade, Kichaka (que a seguia), agarrando-a pelo cabelo, e derrubando-a no chão, chutou-a na própria presença do rei. Nisso, ó Bharata, o Rakshasa que tinha sido designado por Surya para proteger Draupadi deu em Kichaka um empurrão com uma força poderosa como aquela do vento. E subjugado pela força do Rakshasa, Kichaka cambaleou e caiu inconsciente no chão, assim como uma árvore arrancada. E ambos Yudhishthira e Bhimasena que estavam sentados lá, contemplaram com olhos coléricos aquele ultraje à Krishna por Kichaka. E desejoso de empreender a destruição do pecaminoso Kichaka, o ilustre Bhima rangeu seus dentes com raiva. E sua testa estava coberta de suor, e rugas terríveis apareceram sobre ela. E uma exalação fumegante se projetou de seus olhos, e seus cílios se eriçaram. E aquele matador de heróis hostis pressionou sua testa com suas mãos. E impelido pela raiva, ele estava prestes a se levantar com velocidade. Nisso o rei Yudhishthira, apreensivo de descoberta, apertou seus polegares e mandou Bhima se conter. E Bhima que então parecia com um elefante enfurecido mirando uma árvore grande foi assim proibido por seu irmão mais velho. E o último disse, 'Procure, ó cozinheiro, árvores para combustível. Se tu precisas de molhos de paus, então saia e derrube árvores.' E a lamentosa Draupadi de quadris formosos, aproximando-se da entrada da corte, e vendo seus maridos melancólicos, desejosos ainda de manter o disfarce obrigados por sua promessa, com olhos queimando em fogo, falou estas palavras para o rei dos Matsyas, 'Ai, o filho de um Suta chutou hoje a esposa orgulhosa e querida daqueles cujo inimigo nunca pode dormir em paz mesmo que quatro reinos estejam entre ele e eles. Ai, o filho de um Suta chutou hoje a esposa orgulhosa e querida daqueles personagens sinceros, que são devotados aos Brahmanas e que sempre doam sem pedir alguma coisa em doação. Ai! O filho de um Suta chutou hoje a esposa orgulhosa e querida daqueles, os sons de cujos timbales e as vibrações de cujas cordas de arco são ouvidos incessantemente. Ai, o filho de um Suta chutou hoje a esposa orgulhosa e querida daqueles que são possuidores de energia e poder abundantes, e que são generosos em doações e orgulhosos de sua dignidade. Ai, o filho de um Suta chutou hoje a esposa orgulhosa e querida daqueles que, se eles não fossem impedidos pelos laços do dever, poderiam destruir este mundo inteiro. Onde, ai, estão aqueles guerreiros poderosos hoje que, embora vivendo disfarçados, tem sempre concedido proteção para aqueles que a solicitam? Oh, por que aqueles heróis hoje, dotados como eles são de força e possuidores de energia incomensurável, permitem quietamente, como eunucos, que sua esposa querida e casta seja insultada dessa maneira pelo filho de um Suta? Oh, onde está aquela cólera deles, aquela bravura, e aquela energia, quando eles toleram calmamente que sua esposa seja assim insultada por um patife pecaminoso? O que posso fazer eu (uma mulher fraca), quando Virata, deficiente em virtude, permite calmamente que minha pessoa inocente seja assim ofendida por um canalha? Tu, ó rei, não age como um rei em direção a este Kichaka. Teu comportamento é

semelhante àquele de um ladrão, e não brilha em uma corte. Que eu seja insultada dessa maneira na tua própria presença, ó Matsya, é altamente impróprio. Oh, que todos os cortesões aqui contemplem esta violência de Kichaka. Kichaka é ignorante do dever e moralidade, e Matsya também é igualmente assim. Esses cortesãos também que servem tal rei são desprovidos de virtude.'"

"Vaisampayana continuou, 'Com estas e outras palavras do mesmo tipo a bela Krishna com olhos lacrimosos repreendeu o rei dos Matsyas. E ouvindo-a, Virata disse, 'Eu não sei qual foi sua contenda fora da nossa vista. Não sabendo a causa verdadeira como eu posso mostrar meu discernimento?' Então os cortesãos, tendo sido informados da situação toda, elogiaram Krishna, e eles todos exclamaram, 'Muito bem!' 'Muito bem!' e criticaram Kichaka. E os cortesãos disseram, 'Aquela pessoa que possui como esposa esta dama de olhos grandes tendo todos os seus membros dotados de beleza, possui o que é de imenso valor e não tem motivo para se entregar a alguma aflição. Sem dúvida, semelhante donzela de beleza transcendente e membros perfeitamente impecáveis é rara entre os homens. De fato, parece para nós que ela é uma deusa.'"

"Vaisampayana continuou, 'E enquanto os cortesãos, tendo contemplado Krishna (sob tais circunstâncias), a estavam elogiando dessa maneira, a testa de Yudhishthira, de raiva, ficou coberta com suor. E aquele touro da raça Kuru então se dirigiu àquela princesa, sua cônjuge querida, dizendo, 'Não fique aqui, ó Sairindhri; mas recolha-te aos aposentos de Sudeshna. As esposas de heróis aguentam aflição por causa de seus maridos, e passando por trabalho pesado em atender seus maridos, elas finalmente alcançam a região onde seus maridos possam ir. Teus maridos Gandharva, refulgentes como o sol, eu imagino, não consideram esta como uma ocasião para manifestar sua cólera, visto que eles não se apressaram para te ajudar. Ó Sairindhri, tu és ignorante da oportunidade das coisas, e é por isto que tu derramas lágrimas como um atriz, além de interromper o jogo de dados na corte de Matsya. Retire-se, ó Sairindhri; os Gandharvas farão o que é agradável para ti. E eles certamente revelarão seu pesar e tirarão a vida daquele que te ofendeu.' Ouvindo estas palavras a Sairindhri respondeu, 'Aqueles de quem eu sou esposa são, eu penso, extremamente bondosos. E como o mais velho deles todos é viciado nos dados, eles estão sujeitos a serem oprimidos por todos.'"

"Vaisampayana continuou, 'E tendo dito isso, Krishna de quadris formosos com cabelo despenteado e olhos vermelhos de raiva correu em direção aos aposentos de Sudhesna. E por consequência de ter chorado muito tempo seu rosto parecia belo como o disco lunar no firmamento, emergido das nuvens. E vendo ela naquela condição, Sudeshna perguntou, 'Quem, ó bela dama, te insultou? Por que, ó donzela amável, tu choras? Quem, amável, te fez mal? De onde vem esta tua aflição?' Assim endereçada, Draupadi disse, 'Quando eu fui trazer vinho para ti Kichaka bateu em mim na corte na própria presença do rei, como se no meio de uma floresta solitária.' Ouvindo isso, Sudeshna disse, 'Ó tu de cabelos que terminam em belos cachos, como Kichaka, enlouquecido pela luxúria, insultou a ti que és incapaz de ser possuída por ele, eu o farei ser morto se tu desejares isto.' Nisso Draupadi respondeu, 'Outros o matarão, aqueles mesmos a quem ele

ofendeu. Eu penso que é evidente que ele terá que ir para a residência de Yama hoje mesmo!'"

17

"Vaisampayana disse, 'Assim insultada pelo filho de Suta, aquela princesa ilustre, a bela Krishna, desejando avidamente a destruição do general de Virata, foi para seus alojamentos. E a filha de Drupada de cor escura e cintura fina então realizou suas abluções. E lavando seu corpo e roupas com água Krishna começou a ponderar lamentosamente sobre os meios de dissipar sua aflição. E ela refletiu, dizendo, 'O que eu devo fazer? Para onde irei? Como meu propósito pode ser efetuado?' E enquanto ela estava pensando assim, ela se lembrou de Bhima e disse a si mesma, 'Não há ninguém, exceto Bhima, que pode hoje realizar o propósito no qual meu coração está fixado!' E afligida com grande dor, Krishna de olhos grandes e inteligente possuidora de protetores poderosos então se levantou à noite, e deixando sua cama procedeu rapidamente em direção aos alojamentos de Bhimasena, desejosa de ver seu marido. E possuidora de grande inteligência, a filha de Drupada entrou nos alojamentos de seu marido, dizendo, 'Como tu podes dormir enquanto aquele comandante infame das forças de Virata, que é meu inimigo, ainda vive, tendo cometido hoje aquele (ato vil)?'"

"Vaisampayana continuou, 'Então o quarto onde Bhima dormia, respirando fortemente como um leão, sendo cheio com a beleza da filha de Drupada e de Bhima de grande alma, resplandeceu em esplendor. E Krishna de doces sorrisos, encontrando Bhimasena nos aposentos da cozinha, aproximou-se dele com a avidez de uma vaca de três anos de idade criada nas florestas se aproximando de um touro forte, em sua primeira estação, ou de uma grande garça fêmea vivendo perto da margem do rio se aproximando de seu companheiro na época do acasalamento. E a Princesa de Panchala então abraçou o segundo filho de Pandu, assim como uma trepadeira abraça uma Sala enorme e poderosa nas margens do Gomati. E abraçando-o com seus braços, Krishna de feições impecáveis o acordou como uma leoa acorda um leão adormecido em uma floresta não pisada. E abraçando Bhimasena assim como uma elefanta abraça seu companheiro poderoso, a impecável Panchali se dirigiu a ele em voz doce como o som de um instrumento de corda emitindo a nota Gandhara. E ela disse, 'Levante, levante! Por que tu, ó Bhimasena, deita como um morto? Certamente, aquele que não está morto nunca permite a um canalha pecaminoso que envergonhou sua esposa, viver.' E despertado pela princesa, Bhima de braços fortes então se levantou e sentou sobre sua cama coberta com um colchão esplêndido. E ele da raça Kuru então se dirigiu à princesa, sua esposa querida, dizendo, 'Para que propósito tu vieste para cá em tal inquietação? Tua cor está fraca e tu pareces magra e pálida. Diga-me tudo em detalhes. Eu devo saber a verdade. Se for aprazível ou doloroso, agradável, ou desagradável, conte-me tudo. Tendo ouvido tudo, eu aplicarei o remédio. Só eu, ó Krishna, tenho direito à tua confiança em todas as coisas, pois sou eu que te liberto de perigos repetidas

vezes! Diga-me rapidamente qual é teu desejo, e qual é o propósito que está em tua vista, e volte para tua cama antes que outros despertem.'"

18

"Draupadi disse, 'Que aflição não tem aquela que tem Yudhishthira como seu marido? Conhecendo todas as minhas angústias, por que tu me perguntas? O Pratikamin me arrastou para a corte no meio de uma assembléia de cortesãos, me chamando de escrava. Aquela dor, ó Bharata, me consome. Que outra princesa, salvo Draupadi, viveria tendo sofrido tal miséria intensa? Quem mais, salvo eu mesma, poderia suportar tal segundo insulto como o perverso Saindhava me ofereceu enquanto residia na floresta? Quem mais da minha posição, exceto eu mesma, poderia viver, tendo sido chutada por Kichaka na própria vista do rei perverso dos Matsyas? De que valor é a vida, ó Bharata, quando tu, ó filho de Kunti, não me achas miserável, embora eu esteja afligida com semelhantes mágoas? Aquele canalha vil e pecaminoso, ó Bharata, conhecido pelo nome de Kichaka, que é o cunhado do rei Virata e o comandante de suas forças, todos os dias, ó tigre entre homens, se dirige a mim que estou residindo no palácio como uma Sairindhri, dizendo, 'Torne-te minha esposa.' Assim solicitada, ó matador de inimigos, por aquele canalha que merece ser morto, meu coração está rebentando como uma fruta amadurecida na estação. Critique aquele teu irmão mais velho viciado no execrável jogo de dados, por cujo ato somente eu sou afligida com tal dor. Quem mais, salvo ele que é um jogador irremediável, jogaria abandonando reino e tudo inclusive até eu mesma, para levar uma vida nas florestas? Se ele tivesse jogado de manhã e à noite por muitos anos juntos, apostando nishkas aos milhares e outras espécies de riqueza substancial, ainda assim sua prata, e ouro, e mantos, e veículos, e parelhas, e cabras, e ovelhas, e multidões de corcéis e éguas e mulas não teriam sofrido alguma diminuição. Mas agora privado de prosperidade pela rivalidade dos dados ele senta mudo como um tolo, refletindo sobre seus próprios delitos. Ai, ele que, enquanto viajava, era seguido por dez mil elefantes adornados com guirlandas douradas agora se sustenta por lançar dados. Aquele Yudhishthira que em Indraprastha era adorado por reis de destreza incomparável às centenas de milhares, aquele poderoso monarca em cuja cozinha cem mil criadas, prato na mão, costumavam todos os dias alimentar convidados numerosos dia e noite, aquele melhor dos homens generosos, que dava (todo dia) mil nishkas, ai, ele mesmo subjugado pelo infortúnio por consequência do jogo que é a raiz de todo o mal agora se sustenta por lançar dados. Bardos e encomiastas aos milhares, enfeitados com brincos ornamentados com pedras preciosas brilhantes, e dotados de voz melodiosa, costumavam lhe prestar homenagem de manhã e à noite. Ai, aquele Yudhishthira, que era diariamente servido por mil sábios de mérito ascético, versados nos Vedas e tendo todos os desejos satisfeitos, como seus cortesãos, aquele Yudhishthira que mantinha oitenta e oito mil de Snatakas caseiros com trinta criadas designadas para cada um, como também dez mil yatis que não aceitavam qualquer coisa em doação e com semente vital parada, ai, aquele mesmo rei poderoso agora vive em tal

aparência. Aquele Yudhishthira que é sem malícia, que é cheio de bondade, e que dá para toda criatura o que lhe é devido, que tem todas estas qualidades excelentes, ai, ele mesmo agora vive de tal forma. Possuidor de firmeza e destreza imbatível, com coração disposto a dar para toda criatura seu devido, o rei Yudhishthira, movido por compaixão, constantemente sustentava em seu reino os cegos, os idosos, os desamparados, os órfãos e todos os outros em seus domínios em tal situação difícil. Ai, aquele Yudhishthira, se tornando um dependente e um empregado de Matsya, um lançador de dados em sua corte, agora chama a si mesmo de Kanka. Ele para quem enquanto residindo em Indraprastha todos os soberanos da terra costumavam pagar tributo adequado, ai, ele mesmo agora mendiga para subsistência das mãos de outros. Ele a quem os reis da terra estavam em sujeição, ai, aquele mesmo rei tendo perdido sua liberdade vive em submissão a outros. Tendo deslumbrado a terra inteira como o sol por sua energia, aquele Yudhishthira, ai, é agora um cortesão do rei Virata. Ó filho de Pandu, aquele Pandava que era respeitosamente servido em corte por reis e sábios, veja-o agora servindo outro. Ai, vendo Yudhishthira um cortesão sentado junto de outro e murmurando discursos adulatórios para outro, quem pode deixar de ser afligido pela dor? E contemplando o altamente sábio e virtuoso Yudhishthira, não merecedor como ele é de servir outros, realmente servindo outro por sustento, quem pode deixar de ser afligido pela dor? E, ó herói, aquele Bharata que era reverenciado em corte pela terra inteira, veja agora reverenciando outro. Por que então, ó Bharata, tu não me consideras como uma pessoa afligida com diversas misérias, como alguém desesperada e submersa em um mar de tristeza?'"

19

"Draupadi disse, 'Isto, ó Bharata, que eu vou te dizer é outra grande angústia minha. Tu não deves me culpar, pois eu te digo isso por tristeza de coração. Quem há cuja angústia não é aumentada à visão de ti, ó touro da raça Bharata, engajado no ofício ignóbil de um cozinheiro, tão completamente indigno de ti e chamando a ti mesmo como alguém da casta Vallava? O que pode ser mais triste do que isto, que as pessoas devam te conhecer como o cozinheiro de Virata, de nome Vallava, e portanto alguém que está afundado em servidão? Ai, quando o trabalho da cozinha está terminado, tu sentas humildemente junto de Virata, te chamando como Vallava o cozinheiro, então o desalento se apodera do meu coração. Quando o rei dos reis em alegria te faz lutar com elefantes, e as mulheres dos aposentos internos (do palácio) dão risada o tempo todo, então eu fico extremamente angustiada. Quando tu lutaste nos aposentos internos com leões, tigres, e búfalos, a princesa Kaikeyi assistindo, então eu quase desmaiei. E quando Kaikeyi e aquelas criadas, deixando seus assentos, vieram me ajudar e descobriram que em vez de sofrer algum ferimento em meus membros (aquilo) era somente um desmaio, o princesa falou para suas mulheres, dizendo, 'Certamente, é por afeição e o dever gerado de relacionamento que esta dama de doces sorrisos se aflige pelo cozinheiro extremamente poderoso quando ele luta com os animais. Sairindhri é possuidora de grande beleza e Vallava também é

eminentemente bonito. O coração da mulher é difícil de se conhecer, e eles, eu imagino, merecem um ao outro. É, portanto, plausível que a Sairindhri invariavelmente lamente (em tais momentos) por conta de sua ligação com seu amante. E então, eles ambos entraram nesta casa real ao mesmo tempo.' E falando palavras semelhantes ela sempre me repreende. E me vendo irada por isto, ela suspeita que eu sou afeiçoada a ti. Quando ela fala dessa maneira, é grande a dor que eu sinto. De fato, ao ver-te, ó Bhima de bravura terrível, afligido por tal infortúnio, mergulhada como eu já estou em aflição por causa de Yudhishthira, eu não desejo viver. Aquele jovem que em um único carro tinha derrotado todos os celestiais e homens é agora, ai, o professor de dança da filha do rei Virata. Aquele filho de Pritha de alma incomensurável, que satisfez Agni na floresta de Khandava, está agora vivendo nos aposentos internos (de um palácio) como fogo escondido em um poço. Ai, o touro entre homens, Dhananjaya, que era sempre o terror de inimigos, está agora vivendo de uma forma que é completamente desanimadora. Ai, ele cujos braços semelhantes a maças tem sido cicatrizados por consequência dos golpes da corda de seu arco, ai, aquele Dhananjaya está passando os dias em aflição cobrindo seus pulsos com pulseiras de conchas. Ai, aquele Dhananjaya a vibração de cuja corda de arco e o som de cujas proteções feitas de couro faziam todos os inimigos tremerem, agora diverte somente mulheres alegres com suas canções. Oh, aquele Dhananjaya cuja cabeça estava antigamente adornada com um diadema de esplendor solar está agora usando tranças terminando em cachos feios. Ó Bhima, contemplando aquele arqueiro terrível, Arjuna, agora usando tranças e no meio de mulheres, meu coração é atingido pela dor. Aquele herói de grande alma que é o mestre de todas as armas celestes, e que é o repositório de todas as ciências, agora usa brincos (como alguém do sexo belo). Aquele jovem a quem reis de bravura incomparável não podiam dominar em combate, assim como as águas do poderoso oceano não podem saltar por cima dos continentes, é agora o professor de dança das filhas do rei Virata e as serve disfarçado. Ó Bhima, aquele Arjuna o estrépito de cujas rodas de carro fazia a terra inteira com suas montanhas e florestas com suas coisas móveis e imóveis tremer, e cujo nascimento dissipou todas as tristezas de Kunti, aquele herói exaltado, aquele teu irmão mais novo, ó Bhimasena, agora me faz chorar por ele. Observando-o vindo em direção a mim, enfeitado com brincos dourados e outros ornamentos, e usando nos pulsos pulseiras de conchas, meu coração é afligido com desalento. E Dhananjaya que não tem um arqueiro igual a ele sobre a terra em destreza agora passa seus dias cantando, cercado por mulheres. Contemplando aquele filho de Pritha que em virtude, heroísmo e verdade era o mais admirado no mundo, agora vivendo na aparência de uma mulher, meu coração é afligido com tristeza. Quando eu vejo Partha semelhante a um deus no salão de música, como um elefante com têmporas fendidas circundado por elefantes fêmeas, no meio de mulheres, servindo diante de Virata o rei dos Matsyas, então eu perco todo o senso de direção. Sem dúvida, minha sogra não sabe que Dhananjaya está sendo afligido por tal angústia extrema. Nem ela sabe que aquele descendente da linhagem Kuru, Ajatasatru, viciado no jogo de dados desastroso, está mergulhado em miséria. Ó Bharata, vendo o mais jovem de vocês todos, Sahadeva, superintendendo as vacas, no disfarce de um vaqueiro, eu empalideço. Sempre

pensando na situação difícil de Sahadeva, eu, ó Bhimasena, não posso conseguir dormir, o que falar a você do restante? Eu não sei, ó de braços poderosos, que pecado Sahadeva pode ter cometido pelo qual aquele herói de destreza imbatível sofre tal miséria. Ó principal dos Bharatas, contemplando aquele teu irmão querido, aquele touro entre homens, empregado por Matsya em cuidar de suas vacas, eu estou cheia de dor. Vendo aquele herói de disposição orgulhosa gratificando Virata, por viver na chefia dos seus vaqueiros, vestido em mantos tingidos de vermelho, eu sou acometida pela febre. Minha sogra sempre elogia o heróico Sahadeva como alguém possuidor de nobreza, comportamento excelente, e retidão de conduta. Ardentemente apegada a seus filhos, a lamentosa Kunti permaneceu abraçando Sahadeva quando ele estava prestes a partir (conosco) para a grande floresta. E ela se dirigiu a mim dizendo, 'Sahadeva é tímido e de fala gentil, e virtuoso. Ele é também meu filho favorito. Portanto, ó Yajnaseni, cuide dele dia e noite na floresta. Delicado e valente, devotado ao rei, e sempre reverenciando seu irmão mais velho, ó Panchali, alimente-o tu mesma.' Ó Pandava, vendo aquele principal dos guerreiros, Sahadeva, engajado em cuidar das vacas, e dormindo à noite sobre peles de bezerro, como eu posso aguentar viver? Aquele também que é coroado com os três atributos de beleza, armas, e inteligência é agora o superintendente dos corcéis de Virata. Veja a mudança ocasionada pelo tempo. Granthika (Nakula), à vista de quem hostes hostis fugiam do campo de batalha, agora treina cavalos na presença do rei, dirigindo-os com velocidade. Ai, eu agora vejo aquele jovem bonito servir o magnificamente enfeitado e excelente Virata, o rei dos Matsyas, e exibir cavalos perante ele. Ó filho de Pritha, afligida como eu estou com todas estas cem espécies de miséria por conta de Yudhishthira, por que tu, ó castigador de inimigos, ainda me julga feliz? Escute agora a mim, ó filho de Kunti, enquanto eu te falo de outras dores que superam estas de longe. O que pode ser mais triste para mim do que misérias tão diversas como estas devam emaciar a mim enquanto vocês ainda estão vivos?'"

20

"Draupadi disse, 'Ai, por conta daquele jogador precipitado, eu estou agora sob o comando de Sudeshna, vivendo no palácio no disfarce de uma Sairindhri. E, ó castigador de inimigos, veja a situação de aflição pungente na qual eu, uma princesa, estou agora. Eu estou vivendo na expectativa do término deste período fixado. O extremo da miséria, portanto, é meu. Sucesso de propósito, vitória, e derrota, com relação aos mortais, são transitórios. É nesta crença que eu estou vivendo na esperança da volta da prosperidade para meus maridos. Prosperidade e adversidade giram como uma roda. É nesta crença que eu estou vivendo na expectativa do retorno da prosperidade para meus maridos. Aquela causa a qual ocasiona vitória pode trazer derrota também. Eu vivo nesta esperança. Por que tu, ó Bhimasena, não me consideras como alguém morto? Eu ouvi que pessoas que dão podem pedir; que aqueles que matam podem ser mortos; e que aqueles que derrotam outros podem eles mesmos ser derrotados por inimigos. Nada é difícil para o Destino e ninguém pode sobrepujar o Destino. É por isto que eu estou

esperando a volta da sorte favorável. Como um tanque uma vez secado é enchido uma vez mais, assim esperando por uma mudança para o melhor eu espero o retorno da prosperidade. Quando o propósito de alguém que tem sido bem provido é visto ser frustrado, uma pessoa realmente sábia nunca deve se esforçar para trazer de volta a boa sorte. Mergulhada como eu sou em tristeza, pedida ou não por ti para explicar o propósito destas palavras faladas por mim, eu te direi tudo. Rainha dos filhos de Pandu e filha de Drupada, quem mais, exceto eu mesma, desejaria viver, tendo caído em tal situação? Ó repressor de inimigos, a miséria, portanto, que me surpreendeu, realmente humilhou toda a linhagem Kuru, os Panchalas, e os filhos de Pandu. Cercada por numerosos irmãos e sogro e filhos, que outra mulher tendo tal motivo para alegria, salvo eu mesma, seria afligida com tal dor? Certamente, eu devo, na minha infância, ter cometido alguma ação altamente ofensiva para Dhatri por cujo desprazer, ó touro da raça Bharata, eu tenho sido visitada por tais consequências. Note, ó filho de Pandu, a palidez que veio sobre minha cor a qual nem uma vida nas florestas, repleta como ela foi com extrema miséria, poderia ocasionar. Tu, ó filho de Pritha, sabes qual felicidade, ó Bhima, era minha antigamente. Eu mesma, que era de tal maneira, agora caí em servidão. Muito triste, eu não posso achar descanso. Que o arqueiro poderosamente armado e terrível, Dhananjaya o filho de Pritha, deva agora viver como um fogo que foi extinto, me faz pensar em tudo isto como atribuível ao Destino. Certamente, ó filho de Pritha, é impossível para os homens compreender os destinos das criaturas (neste mundo). Eu, portanto, penso na nossa queda como algo que não podia ser evitado por prevenção. Ai, ela que tem vocês todos, que parecem o próprio Indra, para cuidar de seus confortos, ela mesma, tão casta e exaltada, agora tem que cuidar dos confortos de outros, que são muito inferiores a ela em posição. Veja, ó Pandava, minha situação. Isto não é o que eu mereço. Vocês estão vivos, ainda assim contemplam esta inversão de ordem que o tempo trouxe. Ela que tinha a Terra inteira até a beira do mar sob seu total controle está agora sob o controle de Sudeshna e vivendo com medo dela. Ela que tinha dependentes para caminhar na frente e atrás dela, ai, agora ela mesma caminha na frente e atrás de Sudeshna. Esta, ó Kaunteya, é outra dor minha que é intolerável. Ó, ouça. Ela que nunca tinha, exceto para Kunti, socado unguentos nem para seu próprio uso, agora, que o bem te aconteça, tritura sândalo (para outros). Ó Kaunteya, veja estas minhas mãos que não eram assim antes.' Dizendo isso ela mostrou a ele suas mãos marcadas com calos. E ela continuou, 'Aquela que nunca tinha temido a própria Kunti nem a ti e teus irmãos agora permanece temerosa diante de Virata como uma escrava, ansiosa sobre o que aquele rei de reis possa dizer para ela com relação à preparação apropriada dos unguentos, pois Matsya não gosta de sândalo socado por outros.'"

"Vaisampayana continuou, 'Relatando suas dores dessa maneira, ó Bharata, para Bhimasena, Krishna começou a chorar silenciosamente, lançando seus olhos em Bhima. E então, com palavras sufocadas em lágrimas, e suspirando repetidamente, ela se dirigiu a Bhima nestas palavras, tocando poderosamente seu coração, 'Notável, ó Bhima, deve ter sido minha ofensa de antigamente para os deuses, pois, infeliz como eu sou, eu ainda estou viva, quando, ó Pandava, eu devo morrer.'"

"Vaisampayana continuou, 'Então aquele matador de heróis hostis, Vrikodara, cobrindo seu rosto com aquelas mãos delicadas de sua esposa marcada com calos, começou a chorar. E aquele filho poderoso de Kunti, segurando as mãos de Draupadi nas dele, derramou lágrimas copiosas. E afligido com grande dor, ele falou estas palavras.'"

21

"Bhima disse, 'Vergonha para o poder dos meus braços e vergonha para o Gandiva de Falguni, visto que tuas mãos, antes vermelhas, agora ficaram cobertas com calos. Eu teria causado uma carnificina na corte de Virata exceto pelo fato que o filho de Kunti me olhou (a fim de proibir isto), ou como um elefante poderoso. Eu teria, sem dificuldade, esmagado a cabeça de Kichaka embriagado com o orgulho da soberania. Quando, ó Krishna, eu te vi chutada por Kichaka, eu concebi naquele instante uma matança indiscriminada dos Matsyas. Yudhishthira, no entanto, me proibiu por meio de um olhar de relance, e, ó bela dama, compreendendo sua intenção eu me mantive quieto. Que nós estejamos privados de nosso reino, que eu ainda não tenha matado os Kurus, que eu ainda não tenha obtido as cabeças de Suyodhana e Karna, e do filho de Suvala Sakuni, e do perverso Duhsasana; estes atos e omissões, ó dama, estão consumindo todos os meus membros. O pensamento sobre estes permanece em meu coração como um dardo plantado nele. Ó tu de quadris graciosos, não sacrifique a virtude, e, ó dama de coração nobre, subjugue tua ira. Se o rei Yudhishthira ouvir de ti tais reprimendas ele certamente porá um fim à vida dele. Se também Dhananjaya e os gêmeos te ouvirem falar assim, até eles renunciarão à vida. E se estes, ó moça de cintura fina, desistirem da vida, eu também não serei capaz de aguentar a minha própria. Antigamente a filha de Sarjati, a bela Sukanya, seguiu para a floresta Chyavana da linhagem de Bhrigu, cuja mente estava sob controle completo, e sobre quem, enquanto ele estava engajado em meditação ascética, as formigas tinham construído uma colina. Tu podes ter ouvido que Indrasena também que em beleza era como a própria Narayani seguiu seu marido idoso mil anos. Tu podes ter ouvido que a filha de Janaka, Sita, a princesa de Videha, seguiu seu marido enquanto ele estava vivendo em florestas densas. E aquela dama de quadris graciosos, a querida esposa de Rama, afligida por calamidades e perseguida pelos Rakshasas, finalmente recuperou a companhia de Rama. Lopamudra também, ó tímida, dotada com juventude e beleza, seguiu Agastya, renunciando a todos os objetos de prazer inalcançáveis por homens. E a inteligente e impecável Savitri também seguiu o heróico Satyavan, o filho de Dyumatsena, sozinha para o mundo de Yama. Assim como estas damas castas e belas que eu mencionei, tu, ó moça abençoada, vicejas com todas as virtudes. Passe mais um tempo curto que é medido por exatamente meio mês. E quando o décimo terceiro ano estiver completo, tu (novamente) te tornarás a Rainha reinante de um rei.' Ouvindo estas palavras, Draupadi disse, 'Incapaz, ó Bhima, de suportar minhas aflições, é só por angústia que eu tenho derramado estas lágrimas. Eu não critico Yudhishthira. Nem há alguma utilidade em se estender sobre o passado. Ó Bhima de força

imensa, te adiante rapidamente para o trabalho do momento. Ó Bhima, Kaikeyi, ciumenta da minha beleza, sempre me atormenta por meio de seus esforços para impedir o rei de se agradar de mim. E compreendendo esta disposição dela, Kichaka de alma pecaminosa de hábitos imorais constantemente me solicita. Zangada com ele por isto, mas então suprimindo minha cólera eu respondo para aquele canalha privado da razão por luxúria, dizendo, 'Ó Kichaka, proteja a ti mesmo. Eu sou a rainha querida e esposa de cinco Gandharvas. Aqueles heróis em cólera matarão a ti que és tão imprudente.' Assim endereçado, Kichaka de alma perversa me respondeu dizendo, 'Eu não tenho o menor medo dos Gandharvas, ó Sairindhri de doces sorrisos. Eu matarei cem mil Gandharvas, enfrentando eles em batalha. Portanto, ó tímida, consinta.' Ouvindo tudo isto, eu me dirigi novamente ao Suta afligido pela luxúria, dizendo, 'Tu não estás à altura daqueles Gandharvas ilustres. De linhagem respeitável e boa disposição, eu sempre adiro à virtude e nunca desejo a morte de alguém. É por isto que eu te aviso, ó Kichaka!' Nisto, aquele indivíduo de alma perversa explodiu em um riso alto. E aconteceu que Kaikeyi anteriormente incitada por Kichaka, e movida por afeição por seu irmão, e desejosa de fazer um favor a ele, me despachou para ele, dizendo 'Ó Sairindhri, vá buscar vinho dos alojamentos de Kichaka!' Ao ver-me o filho de Suta a princípio se dirigiu a mim em palavras doces, e quando aquilo fracassou ele ficou muito enfurecido, e tentou usar violência. Compreendendo o propósito do perverso Kichaka eu me apressei rapidamente em direção ao lugar onde o rei estava. Derrubando-me no chão o desgraçado então me chutou na presença do próprio rei e diante dos olhos de Kanka e muitos outros, incluindo os quadrigários, e favoritos reais, e cavaleiros de elefante, e cidadãos. Eu repreendi o rei e Kanka repetidas vezes. O rei, no entanto, nem impediu Kichaka, nem infligiu alguma punição a ele. O principal aliado do rei Virata em guerra, o cruel Kichaka privado de virtude é amado por ambos o rei e a rainha. O exaltado, corajoso, orgulhoso, pecaminoso, adúltero, e absorto em todos os objetos de prazer, ele ganha riqueza imensa (do rei), e rouba as posses de outros mesmo que eles chorem em aflição. E ele nunca anda no caminho da virtude, nem ele faz alguma ação virtuosa. De alma perversa, e disposição violenta, soberbo e desprezível, e sempre afligido pelas flechas de Kama, embora repelido repetidamente, se ele me vir outra vez, ele me ultrajará. Eu então sem dúvida renunciarei à minha vida. Embora se esforçando para adquirir virtude, (a partir da minha morte) suas ações altamente meritórias se reduzirão a zero. Vocês que estão agora obedecendo a sua promessa, vocês perderão sua esposa. Por proteger a própria esposa os filhos de um homem são protegidos, e por proteger seus filhos, sua própria pessoa é protegida. E é porque um homem gera a si mesmo na própria esposa que a esposa é chamada de Jaya (ela de quem alguém é nascido) pelos sábios. O marido também deve ser protegido pela esposa, pensando, ‘De que outra maneira ele tomará seu nascimento no meu útero?’ Eu tenho ouvido de Brahmanas explicando os deveres das várias classes que um Kshatriya não tem outro dever além de subjugar inimigos. Ai, Kichaka me chutou na própria presença de Yudhishthira o Justo, e também de ti mesmo, ó Bhimasena de força imensa. Foste tu, ó Bhima, que me salvaste do terrível Jatasura. Foste tu também que com teus irmãos derrotaste Jayadratha. Agora mate este desgraçado também que me insultou. Prevalecendo-se de ele ser um favorito do rei, Kichaka, ó Bharata,

aumentou minha dor. Portanto, quebre aquele indivíduo lascivo assim como um recipiente de terra arremessado sobre uma pedra. Se, ó Bharata, o sol da manhã derramar seus raios sobre ele que é a fonte de muitas aflições minhas, eu, sem dúvida, misturando veneno (com alguma bebida), o beberei, pois eu nunca me entregarei para Kichaka. Muito melhor seria, ó Bhima, que eu morresse diante de ti.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito isso, Krishna, escondendo seu rosto no peito de Bhima, começou a chorar. E Bhima, abraçando-a, consolou-a da melhor maneira que podia. E tendo consolado abundantemente aquela filha de Drupada de cintura fina por meio de palavras repletas de grave razão e sentido, ele secou com suas mãos o rosto dela inundado com lágrimas. E pensando em Kichaka e lambendo com sua língua os cantos de sua boca, Bhima, cheio de cólera falou dessa forma àquela dama angustiada.'"

22

"Bhima disse, 'Ó tímida, eu farei como tu disseste. Eu logo matarei Kichaka com todos os seus amigos. Ó Yajnaseni de doces sorrisos, amanhã à noite, renunciando à tristeza e dor, manobre para ter um encontro com Kichaka. O salão de dança que o rei dos Matsyas fez ser construído é usado pelas moças para dançar durante o dia. Elas se dirigem, no entanto, para suas as casas à noite. Lá naquela sala há uma excelente e bem colocada armação de cama de madeira. Lá mesmo eu o farei ver os espíritos dos seus antepassados falecidos. Mas, ó bela, quando tu mantiveres conversa com ele, tu deves manobrar isto para que outros não possam te avistar."

"Vaisampayana continuou, 'Tendo assim conversado entre si, e derramado lágrimas em aflição, eles esperaram pela alvorada daquela noite com dolorosa impaciência. E quando a noite tinha passado, Kichaka, levantando-se de manhã, foi ao palácio, e abordou Draupadi dizendo, 'Te jogando no chão na corte eu te chutei na presença do rei. Atacada por uma pessoa poderosa, tu não pudeste obter proteção. Este Virata é somente em nome o rei dos Matsyas. Comandando as forças armadas deste reino, sou eu que sou o senhor real dos Matsyas. Ó tímida, aceite-me alegremente. Eu me tornarei teu escravo. E, ó tu de quadris graciosos, eu te darei imediatamente cem nishkas, e encarregarei cem empregados homens e cem empregadas mulheres (para cuidarem de ti), e também te concederei carros unidos com mulas. Ó dama tímida, que nossa união se realize.' Draupadi respondeu, 'Ó Kichaka, saiba que esta mesma é minha condição. Nem teus amigos nem teus irmãos devem sabem da tua união comigo. Eu tenho um pavor de descoberta por aqueles Gandharvas ilustres. Prometa-me isto, e eu me entregarei a ti.' Ouvindo isto Kichaka disse, 'Ó tu de quadris graciosos, eu farei assim como tu disseste. Afligido pelo deus do amor, ó bela donzela, eu me dirigirei sozinho para a tua residência para união contigo, ó tu de coxas redondas e afiladas como os troncos da bananeira, para que aqueles Gandharvas, refulgentes como o sol, não possam vir a saber desta ação tua.'

Draupadi disse, 'Quando estiver escuro, vá ao salão de dança erigido pelo rei dos Matsyas onde as moças dançam durante o dia, se dirigindo para suas respectivas casas à noite. Os Gandharvas não conhecem aquele lugar. Nós então sem dúvida, escaparemos de toda censura.'"

"Vaisampayana continuou, 'Refletindo sobre o assunto de sua conversação com Kichaka, aquela metade de um dia pareceu para Krishna tão longa quanto um mês inteiro. E o estúpido Kichaka também, não sabendo que era a Morte que tinha assumido a forma de uma Sairindhri, voltando para casa sentiu o maior deleite. E privado da razão por luxúria, Kichaka se dedicou rapidamente a embelezar seu corpo com unguentos e guirlandas e ornamentos. E enquanto ele estava fazendo tudo isto, pensando naquela donzela de olhos grandes, o dia para ele parecia não ter um fim. E a beleza de Kichaka, que estava prestes a abandonar sua beleza para sempre, pareceu se intensificar, como o pavio de uma lâmpada queimando prestes a expirar. E depositando total confiança em Draupadi, Kichaka, privado de sua razão pela luxúria e absorto na contemplação do encontro esperado, nem percebeu que o dia tinha partido. Enquanto isso, a bela Draupadi se aproximando de seu marido Bhima da linhagem Kuru, ficou diante dele na cozinha. E aquela dama com cabelos terminando em belos cachos então falou para ele, dizendo, 'Ó castigador de inimigos, assim como tu instruíste, eu dei a entender para Kichaka que nossa reunião se realizará no salão de dança. Ele irá sozinho à noite à sala vazia. Mate-o lá, ó tu de braços poderosos. Ó filho de Kunti, dirija-te para aquele salão de dança, e tire a vida, ó Pandava, de Kichaka, aquele filho de um Suta intoxicado com vaidade. Só por vaidade, aquele filho de um Suta desdenha os Gandharvas. Ó melhor dos batedores, levante-o acima do solo assim como Krishna levantou o Naga (Kaliya) do Yamuna. Ó Pandava, afligida como eu estou pela angústia, enxugue minhas lágrimas, e abençoado sejas tu, proteja tua própria honra e aquela da tua família.'"

"Bhima disse, 'Bem vinda, ó bela dama. Exceto as notícias agradáveis que tu me trazes, eu não preciso, ó tu de beleza excelente, de nenhuma outra ajuda. O prazer que eu sinto, ó tu de grande beleza, ao ouvir de ti sobre meu encontro vindouro com Kichaka é igual ao que eu senti ao matar Hidimva. Eu te juro pela Verdade, por meus irmãos, e pela moralidade que eu matarei Kichaka assim como o senhor dos celestiais matou Vritra. Secretamente ou abertamente, eu esmagarei Kichaka, e se os Matsyas lutarem por ele, então eu os matarei também. E matando Duryodhana depois, eu ganharei de volta a terra. Que Yudhishthira, o filho de Kunti continue a prestar homenagem para o rei de Matsya.' Ouvindo estas palavras de Bhima, Draupadi disse, 'Para que, ó marido, tu não tenhas que renunciar à verdade já prometida a mim, ó herói, mate Kichaka em segredo.' Bhima assegurando-a disse, 'Hoje mesmo eu matarei Kichaka junto com seus amigos desconhecido para outros durante a escuridão da noite. Eu esmagarei, ó dama impecável, assim como um elefante esmaga uma fruta vela, a cabeça do pecaminoso Kichaka que deseja o que é inalcançável para ele!'"

"Vaisampayana continuou, 'Chegando primeiro ao lugar do encontro à noite, Bhima sentou-se, se disfarçando. E ele esperou lá na expectativa de Kichaka, como um leão aguardando em emboscada um veado. E Kichaka, tendo

embelezado seu corpo como ele escolheu, chegou ao salão de dança na hora designada na esperança de encontrar Panchali. E pensando no encontro amoroso, ele entrou no aposento. E tendo entrado naquela sala envolvida em escuridão profunda, aquele patife de alma perversa encontrou Bhima de bravura incomparável, que tinha chegado um pouco antes e que estava esperando em um canto. E como um inseto se aproximando em direção a um fogo flamejante, ou um débil animal em direção a um leão, Kichaka se aproximou de Bhima, deitado em uma cama e queimando de raiva ao pensamento do insulto oferecido à Krishna, como se ele fosse a Morte do Suta. E tendo se aproximado de Bhima, Kichaka possuído pela luxúria, e seu coração e alma cheios de êxtase disse sorridente, 'Ó tu de sobrancelhas desenhadas, para ti eu já dei muitas e várias espécies de riqueza dos estoques ganhados por mim, assim como cem empregadas e muitos mantos finos, e também uma mansão com um aposento interno adornado com criadas belas e graciosas e jovens e embelezado por todos os tipos de passatempos e diversões. E tendo reservado tudo isso para ti, eu vim para cá rapidamente. E de repente, mulheres começaram a me elogiar, dizendo, 'Não há neste mundo alguma outra pessoa semelhante a ti em beleza e vestuário!' Ouvindo isto, Bhima disse, 'É certo que tu és bonito, e é certo que tu louvas a ti mesmo. Eu penso, no entanto, que tu nunca tiveste antes disso tal toque agradável! Tu tens um toque intenso, e tu conheces os caminhos do galanteio. Hábil na arte do namoro, tu és um favorito com mulheres. Não há ninguém como tu neste mundo!'"

"Vaisampayana continuou, 'Dizendo isso, aquele filho de Kunti, Bhima de braços fortes e bravura terrível, levantou-se de repente, e disse risonho, 'Tua irmã, ó patife, hoje te verá arrastado por mim no chão, como um elefante poderoso, enorme como uma montanha, puxado à força ao chão por um leão. Tu estando morto Sairindhri viverá em paz, e nós, seus maridos, também viveremos em paz.' Dizendo isso, o poderoso Bhima agarrou Kichaka pelos cabelos de sua cabeça, os quais estavam enfeitados com guirlandas. E assim agarrado com força pelo cabelo, aquela principal das pessoas poderosas, Kichaka, rapidamente libertou seu cabelo e agarrou os braços de Bhima. E então entre aqueles leões entre homens, excitados com cólera, entre aquele chefe do clã Kichaka e aquele melhor dos homens, lá seguiu-se um combate corpo a corpo, semelhante àquele entre dois elefantes fortes por uma elefanta na estação da primavera, ou como aquele que aconteceu nos tempos passados entre aqueles leões entre os macacos, os irmãos Vali e Sugriva. E ambos igualmente enfurecidos e ambos ávidos pela vitória, aqueles combatentes ergueram seus braços parecidos com cobras providas de cinco capelos, e atacaram um ao outro com suas unhas e dentes, excitados até o frenesi da cólera. Impetuosamente atacado pelo poderoso Kichaka naquele confronto, o resoluto Bhima não vacilou um único passo. E trancados dentro dos braços um do outro e arrastando um ao outro, eles lutaram como dois touros fortes. E tendo as unhas e dentes como suas armas, o combate entre eles foi violento e terrível como o de dois tigres furiosos. E derrubando um ao outro em fúria, eles enfrentaram um ao outro como um par de elefantes com têmporas fendidas. E o poderoso Bhima então agarrou Kichaka, e Kichaka, aquela principal das pessoas fortes, jogou Bhima ao chão com violência. E enquanto aqueles

combatentes poderosos continuavam a lutar, o impacto dos seus braços produzia um barulho alto parecido com o ruído de bambus se partindo. Então Vrikodara jogando Kichaka ao chão à viva força dentro do quarto, começou a lançá-lo em volta com fúria assim como um furacão joga uma árvore. E atacado assim em batalha pelo poderoso Bhima Kichaka se tornou fraco e começou a tremer. Apesar de tudo isso, no entanto, ele lutou com o Pandava com todas as suas forças. E atacando Bhima, e fazendo-o oscilar um pouco, o poderoso Kichaka o golpeou com seus joelhos e derrubou-o no chão. E derrubado por Kichaka, Bhima ergueu-se rapidamente como o próprio Yama com maça na mão. E assim aquele Suta poderoso e o Pandava, embriagados com força e desafiando um ao outro, lutaram um com o outro à meia-noite naquele lugar solitário. E quando eles rugiram um para o outro em cólera, aquele edifício excelente e forte começou a tremer a todo o momento. E golpeado no peito pelo poderoso Bhima, Kichaka excitado com cólera não se moveu um único passo. E suportando somente por um momento aquela investida incapaz de ser suportada sobre a terra, o Suta, subjugado pelo poder de Bhima, ficou enfraquecido. E vendo-o ficando fraco, Bhima dotado de grande força puxou Kichaka à força em direção a seu peito, e começou a apertar duramente. E respirando fortemente repetidas vezes em cólera, aquele melhor dos vencedores, Vrikodara, agarrou Kichaka à força pelo cabelo. E tendo agarrado Kichaka, o poderoso Bhima começou a rugir como um tigre faminto que mata um animal grande. E percebendo-o extremamente esgotado, Vrikodara segurou-o firmemente com seus braços, como alguém ata um animal com uma corda. E então Bhima começou por um longo tempo a girar o insensível Kichaka, que começou a rugir terrivelmente como uma trombeta quebrada. E para apaziguar a cólera de Krishna Vrikodara agarrou a garganta de Kichaka com seus braços e começou a apertá-la. E atacando com seus joelhos a cintura daquele pior dos Kichakas, todos os membros de cujo corpo tinham sido quebrados em fragmentos e cujas pálpebras estavam fechadas, Vrikodara o matou como alguém mataria um animal. E vendo Kichaka totalmente imóvel, o filho de Pandu começou ao rolá-lo em volta sobre o chão. E Bhima então disse, 'Matando este desgraçado que pretendia violar nossa esposa, este tormento no lado de Sairindhri, eu estou livre da dívida que tinha com meus irmãos, e alcancei perfeita paz.' E tendo dito isso, aquele principal dos homens, com olhos vermelhos em cólera, abandonou seu aperto em Kichaka, cujas vestes e ornamentos tinham sido lançados longe de seu corpo, cujos olhos estavam rolando, e cujo corpo ainda estava tremendo. E aquela principal das pessoas poderosas, apertando suas próprias mãos, e mordendo seus lábios em raiva, outra vez atacou seu adversário e enfiou seus braços e pernas e pescoço e cabeça em seu corpo como o manejador do Pinaka reduzindo a uma massa informe o veado, cuja forma o sacrifício tinha assumido para fugir de sua ira. E tendo esmagado todos os seus membros, e o reduzido a uma bola de carne, o poderoso Bhimasena mostrou-o para Krishna. E dotado de energia imensa aquele herói então se dirigiu a Draupadi, aquela principal de todas as mulheres, dizendo, 'Venha princesa de Panchala, e veja o que se tornou aquele canalha lascivo!' E dizendo isso, Bhima de bravura terrível começou a pressionar com seus pés o corpo daquele indivíduo perverso. E acendendo uma tocha então e mostrando para Draupadi o corpo de Kichaka, aquele herói dirigiu-se a ela, dizendo, 'Ó tu de cabelos terminando em belos cachos, aqueles que solicitam a ti,

dotada como tu és de uma disposição excelente e toda virtude, será morto por mim assim como este Kichaka foi, ó tímida.' E tendo realizado aquela tarefa difícil assim muito agradável para Krishna, tendo, de fato, matado Kichaka e dessa maneira apaziguado sua cólera, Bhima se despediu de Krishna, a filha de Drupada, e voltou rapidamente para a cozinha. E Draupadi também, aquela melhor das mulheres, tendo feito Kichaka ser morto teve sua aflição eliminada e sentiu a maior alegria. E se dirigindo aos guardas do salão de dança, ela disse, 'Venham vocês e vejam Kichaka, que tinha violado esposas de outros homens, e jaz aqui, morto por meus maridos Gandharva.' E ouvindo estas palavras os guardas do salão de dança logo chegaram aos milhares àquele local, tochas na mão. E se dirigindo àquele aposento, eles viram Kichaka sem vida jogado no chão, encharcado com sangue. E vendo ele sem braços e pernas, eles estavam cheios de pesar. E quando eles olharam para Kichaka, eles foram tomados pelo assombro. E vendo aquela ação sobre-humana, a derrota de Kichaka, eles disseram, 'Onde está seu pescoço, e onde estão suas pernas?' E vendo ele nesta situação eles todos concluíram que ele tinha sido morto por um Gandharva.'"

23

"Vaisampayana disse, 'Então todos os parentes de Kichaka, chegando àquele local, o viram lá e começaram a lamentar alto, cercando-o por todos os lados. E vendo Kichaka com todos os membros mutilados, e jazendo como uma tartaruga arrastada da água para a terra seca, todos eles estavam dominados por grande pavor, e os pelos de seus corpos se arrepiaram. E vendo ele completamente esmagado por Bhima, como um Danava por Indra, eles procederam para levá-lo para fora, para realizar seus funerais. E então aquelas pessoas do clã Suta assim reunidas avistaram Krishna de membros impecáveis perto, que permanecia apoiada em um pilar. E todos os Kichakas reunidos lá exclamaram, 'Que seja morta esta mulher incasta por causa de quem o próprio Kichaka perdeu sua vida. Ou, sem matarmos ela aqui, vamos cremá-la com ele que a tinha cobiçado, pois cabe a nós realizarmos de todas as maneiras o que é agradável para aquele falecido filho de Suta.' E então eles se dirigiram a Virata, dizendo, 'Foi por causa dela que Kichaka perdeu sua vida. Que ele, portanto, seja cremado junto com ela. Cabe a ti conceder esta permissão.' Assim endereçado por eles, o rei Virata, ó monarca, conhecendo completamente bem a bravura do Suta, deu seu consentimento para Sairindhri ser queimada junto com o filho de Suta. E nisto, os Kichakas se aproximando da assustada e perplexa Krishna de olhos como lótus agarraram-na com violência. E amarrando aquela donzela de cintura esbelta e colocando-a sobre o féretro, eles partiram com grande energia em direção ao cemitério. E, ó rei, enquanto era assim carregada à força em direção ao cemitério por aqueles filhos da tribo Suta, a inocente e casta Krishna vivendo sob a proteção de seus maridos então lamentou alto pela ajuda de seus maridos, dizendo, 'Oh, que Jaya, e Jayanta, e Vijaya e Jayatsena, e Jayadvala escutem minhas palavras. Os Sutas estão me levando embora. Que aqueles Gandharvas ilustres dotados de velocidade de mão, o ruído de cujos carros é alto e as vibrações de cujas cordas

de arco no meio do combate poderoso são ouvidas como o ribombar do trovão, escutem minhas palavras, os Sutas estão me levando embora!'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo aquelas palavras e lamentações tristes de Krishna, Bhima sem um momento de reflexão levantou-se bruscamente de sua cama e disse, 'Eu ouvi, ó Sairindhri as palavras que tu disseste. Tu, portanto, ó dama tímida, não tens mais que temer nas mãos dos Sutas.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito isso, Bhima de braços poderosos desejoso de matar os Kichakas começou a expandir seu corpo. E cuidadosamente mudando seu traje, ele saiu do palácio por uma saída incorreta. E passando por cima de um muro pela ajuda de uma árvore ele procedeu em direção ao cemitério para onde os Kichakas tinham ido. E tendo saltado por cima do muro, e saído da cidade excelente, Bhima impetuosamente se apressou para onde os Sutas estavam. E, ó monarca, procedendo em direção à pira mortuária ele viu uma árvore grande, alta como uma palmeira, com projeções gigantescas e topo murcho. E aquele matador de inimigos agarrando com seus braços aquela árvore que media dez Vyamas arrancou-a assim como um elefante, e colocou-a sobre seus ombros. E erguendo aquela árvore com tronco e ramos e medindo dez Vyamas, aquele herói poderoso avançou em direção aos Sutas, como o próprio Yama, maça na mão. E pelo ímpeto de seu avanço bananeiras e peepals e Kinsukas caindo sobre a terra jaziam em grupos. E vendo aquele Gandharva se aproximar deles como um leão em fúria, todos os Sutas tremendo com medo e imensamente afligidos foram tomados pelo pânico. E eles se dirigiram uns aos outros, dizendo, 'Veja, o Gandharva poderoso vem para cá, cheio de raiva, e com uma árvore erguida na mão. Que Sairindhri, portanto, de quem este nosso perigo surgiu, seja libertada.' E vendo a árvore que tinha sido arrancada por Bhimasena, eles libertaram Draupadi e correram de modo esbaforido em direção à cidade. E vendo eles fugirem, Bhima, aquele poderoso filho do deus do vento, despachou, ó principal dos reis, por meio daquela árvore, cento e cinco deles para a residência de Yama, como o manejador do raio matando os Danavas. E libertando Draupadi de seus grilhões, ele então, ó rei, a confortou. E aquele de braços fortes e irreprimível Vrikodara, o filho de Pandu, então dirigiu-se à aflita princesa de Panchala com rosto banhado em lágrimas, dizendo, 'Dessa maneira, ó tímida, estão mortos aqueles que te fizeram mal sem motivo. Volte, ó Krishna, para a cidade. Tu não tens mais algum temor; eu mesmo irei para a cozinha de Virata por outra rota.'"

"Vaisampayana continuou, 'Foi assim, ó Bharata, que cento e cinco daqueles Kichakas foram mortos. E seus cadáveres jaziam sobre o solo, fazendo o lugar parecer com uma grande floresta coberta com árvores arrancadas depois de um furacão. Assim morreram aqueles cento e cinco Kichakas. E incluindo o general de Virata morto antes, os Sutas massacrados numeravam cento e seis. E contemplando aquela façanha extremamente admirável, homens e mulheres que se reuniram estavam cheios de espanto. E o poder da fala, ó Bharata, estava suspenso em todos.'"

24

"Vaisampayana disse, 'E vendo os Sutas mortos, os cidadãos foram até o rei e relataram para ele o que tinha acontecido, dizendo, 'Ó rei, aqueles filhos poderosos dos Sutas foram todos mortos pelos Gandharvas. De fato, eles jazem espalhados sobre o solo como topos enormes de montanhas rachados pelo raio. Sairindhri também, tendo sido libertada, retorna para teu palácio na cidade. Ai, ó rei, se Sairindhri vier, teu reino inteiro será posto em perigo. Sairindhri é dotada de grande beleza; os Gandharvas também são extremamente poderosos. Os homens além disso, sem dúvida, são naturalmente sexuais. Planeje, portanto, ó rei, sem demora, tais medidas que por causa dos males feitos para Sairindhri teu reino não possa encontrar a destruição.' Ouvindo aquelas palavras deles, Virata, aquele senhor de hostes, disse para eles, 'Realizem os últimos ritos dos Sutas. Que todos os Kichakas sejam queimados em uma pira flamejante com pedras preciosas e unguentos fragrantes em profusão.' E cheio de temor, o rei então se dirigiu à sua rainha Sudeshna, dizendo, 'Quando Sairindhri voltar, diga a ela estas palavras de minha parte, 'Abençoada sejas tu, ó Sairindhri de rosto formoso. Vá para onde quer que tu queiras. O rei está alarmado, ó tu de quadris graciosos, pela derrota já sofrida nas mãos dos Gandharvas. Protegida como tu és pelos Gandharvas, eu não ouso dizer isto pessoalmente para ti. Uma mulher, no entanto, não pode ofender, e é por isto que eu te digo tudo isto através de uma mulher.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim libertada por Bhimasena depois da matança dos Sutas, a inteligente e jovem Krishna, aliviada de todos os seus temores, lavou seus membros e roupas em água e procedeu em direção à cidade, como uma corça assustada por um tigre. E vendo ela, os cidadãos, ó rei, afligidos por medo dos Gandharvas fugiram em todas as direções. E alguns deles foram tão longe a ponto de fecharem seus olhos. E então, ó rei, no portão da cozinha, a princesa de Panchala viu Bhimasena de pé, como um elefante enfurecido de proporções gigantescas. E olhando para ele com olhos arregalados de admiração, Draupadi, por meio de palavras inteligíveis somente para eles, disse, 'Eu reverencio aquele príncipe dos Gandharvas, que me salvou.' A estas palavras dela, Bhima disse, 'Ouvindo estas palavras dela em obediência a quem aquelas pessoas estiveram até agora vivendo na cidade, eles de agora em diante vagarão aqui, se considerando como livres da dívida.' (Ou seja: 'Os Gandharvas, teus maridos, são sempre obedientes a ti! Se eles são capazes de te fazerem um serviço, eles somente pagaram uma dívida.'"

"Vaisampayana continuou, 'Então ela contemplou o poderosamente armado Dhananjaya no salão de dança instruindo as filhas do rei Virata em dança. E saindo com Arjuna do salão de dança, todas aquelas donzelas foram até Krishna que tinha chegado lá, e que tinha sido perseguida tão violentamente, embora ela fosse completamente inocente. E elas disseram, 'Por boa sorte também é, ó Sairindhri, que tu foste libertada dos teus perigos. Por boa sorte é que tu retornaste ilesa. E por boa sorte também é que foram mortos aqueles Sutas que

foram injustos contigo, embora tu sejas inocente.' Ouvindo isto, Virhannala disse, 'Como, ó Sairindhri, tu fostes libertada? E como aqueles canalhas pecaminosos foram mortos? Eu desejo saber tudo isto de ti exatamente como ocorreu.' Sairindhri respondeu, 'Ó abençoado Vrihannala, sempre passando teus dias alegremente nos aposentos das moças, que preocupação tu tens com o destino de Sairindhri para exprimir? Tu não tens que suportar a aflição que Sairindhri tem que suportar! É por isto que tu me questionas dessa maneira, angustiada como eu estou no ridículo.' Nisso Vrihannala disse, 'Ó abençoada, Vrihannala também tem suas próprias tristezas sem paralelo. Ela se tornou tão inferior como um animal irracional. Tu, ó moça, não compreendes isto. Eu tenho vivido contigo, e tu, também, tem vivido conosco. Quando, portanto, tu estás afligida por tristeza, quem é, ó tu de quadris belos, que não sentiria isso? Mas ninguém pode ler completamente o coração do outro. É por isso, ó amável, que tu não conheces meu coração!'"

"Vaisampayana continuou, 'Então Draupadi, acompanhada por aquelas moças, entrou na residência real, desejosa de aparecer perante Sudeshna. E quando ela chegou diante da rainha, a esposa de Virata se dirigiu a ela por ordem do rei, dizendo, 'Ó Sairindhri, vá rapidamente para onde quer que tu queiras. O rei, que o bem te aconteça, ficou cheio de temor por causa desta derrota nas mãos dos Gandharvas. Tu és, ó tu de sobrancelhas graciosas, jovem e incomparável sobre a terra em beleza. Tu és, além disso, um objeto de desejo para os homens. Os Gandharvas, além disso, são extremamente coléricos.' Nisso Sairindhri disse, 'Ó bela senhora, que o rei me permita viver aqui somente por mais treze dias. Sem dúvida os Gandharvas também ficarão muito gratos por isto. Eles então me levarão daqui e farão o que será agradável para Virata. Sem dúvida, o rei, por fazer isto, com seus amigos, colherá grande benefício.'"

25

"Vaisampayana disse, 'Pelo massacre de Kichaka e irmãos, o povo, ó rei, pensando naquela façanha terrível, estava cheio de surpresa. E na cidade e nas províncias era geralmente ouvido o boato que por bravura o Vallava do rei e Kichaka eram ambos guerreiros poderosos. O perverso Kichaka, no entanto, tinha sido um opressor de homens e um desonrador de esposas de outros homens. E foi por isto que aquele perverso de alma pecaminosa tinha sido morto pelos Gandharvas. E foi assim, ó rei, que as pessoas começaram a falar, de província a província a respeito do invencível Kichaka, aquele matador de tropas hostis.'"

'Enquanto isso os espiões empregados pelo filho de Dhritarashtra, tendo investigado várias aldeias e cidades e reinos e feito tudo o que eles tinham sido mandados fazer e completado seu exame, da maneira ordenada, dos países indicados em suas ordens, voltaram para Nagarupa, satisfeitos com pelo menos uma coisa que eles tinham sabido. E vendo o filho de Dhritarashtra, o rei Duryodhana da raça Kuru, sentado em sua corte com Drona e Karna e Kripa, com Bhishma de grande alma, seus próprios irmãos, e aqueles grandes guerreiros, os

Trigartas, eles se dirigiram a ele, dizendo, 'Ó senhor de homens, grande foi o cuidado sempre aplicado por nós na busca pelos filhos de Pandu naquela floresta imensa. Nós procuramos por selvas solitárias abundando com veados e outros animais e cobertas com árvores e trepadeiras de diversas espécies. Nós também procuramos em caramanchões de florestas e plantas e trepadeiras emaranhadas de todas as espécies, mas nós fracassamos em descobrir aquela rota pela qual o filho de Pritha de energia irreprimível pode ter seguido. Nós procuramos nestes e outros lugares por suas pegadas. Nós procuramos rigorosamente, ó rei, em topos de montanha e em fortalezas inacessíveis, em vários reinos e províncias cheios de pessoas, em acampamentos e cidades. Ainda assim nenhum traço foi encontrado dos filhos de Pandu. Que o bem te aconteça, ó touro entre homens, parece que eles pereceram sem deixar uma marca para atrás. Ó principal dos guerreiros, embora nós tenhamos seguido no rastro daqueles guerreiros, ainda assim, ó melhor dos homens, nós logo perdemos seus pegadas e não conhecemos sua residência atual. Ó senhor de homens, por algum tempo nós seguimos na esteira de seus quadrigários. E fazendo nossas perguntas devidamente, nós realmente averiguamos o que nós desejávamos saber. Ó matador de inimigos, os quadrigários alcançaram Dwaravati sem os filhos de Pritha entre eles. Ó rei, nem os filhos de Pandu nem a casta Krishna estão naquela cidade de Yadavas. Ó touro da raça Bharata, nós não pudemos descobrir nem seu caminho nem sua residência atual. Saudações a ti, eles se foram definitivamente. Nós estamos familiarizados com a disposição dos filhos de Pandu e sabemos alguma coisa das façanhas realizadas por eles. Cabe a ti, portanto, ó senhor de homens, nos dar instruções, ó monarca, quanto ao que nós devemos fazer em seguida na busca pelos filhos de Pandu. Ó herói, ouça também estas nossas palavras agradáveis, promissoras de grande benefício para ti. O comandante do rei de Matsya, Kichaka de alma perversa, por quem os Trigartas, ó monarca, foram repetidamente derrotados e mortos com força poderosa, agora jaz sobre a terra com todos os seus irmãos, morto, ó monarca, por Gandharvas invisíveis durante as horas de escuridão, ó tu de glória imperecível. Tendo ouvido esta notícia agradável acerca da derrota de nossos inimigos, nós ficamos muito satisfeitos, ó Kauravya. Agora ordene o que deve ser feito em seguida.'"

26

(Go-harana Parva)

"Vaisampayana disse, 'Tendo ouvido estas palavras de seus espiões, o rei Duryodhana refletiu interiormente por algum tempo e então se dirigiu aos seus cortesãos, dizendo, 'É difícil averiguar o rumo dos acontecimentos definitivamente. Discirnam vocês todos, portanto, para onde os filhos de Pandu foram, (pois) deste décimo terceiro ano o qual eles deviam passar não detectados por nós todos a maior parte já passou. A que resta à mão é muito pequena. Se, de fato, os filhos de Pandu puderem passar escondidos o que resta deste ano, dedicados ao voto de veracidade como eles são, eles então terão cumprido sua promessa. Eles

então voltarão como elefantes poderosos com suco temporal escorrendo, ou como cobras de veneno virulento. Cheios de cólera, eles, sem dúvida, infligirão castigo terrível aos Kurus. Cabe a vocês, portanto, sem perda de tempo fazerem esforços tais que possam induzir os filhos de Pandu, familiarizados como eles são com as propriedades de tempo, e permanecendo como eles agora estão em disfarce penoso, a reentrarem nas florestas suprimindo sua raiva. De fato, adotem tais medidas que possam remover todas as causas de discussão e ansiedade do reino, tornando-o tranquilo e sem inimigos e incapaz de sofrer uma diminuição de território.' Ouvindo estas palavras de Duryodhana, Kama disse, 'Que outros espiões, mais habilidosos e mais astutos, e capazes de realizar seu objetivo, partam rapidamente daqui, ó Bharata. Que eles, bem disfarçados, vaguem por reinos que se expandem e províncias populosas, indagando em assembléias de eruditos e retiros encantadores de províncias. Nos aposentos internos de palácios, em santuários e lugares sagrados, em minas e diversas outras regiões, os filhos de Pandu devem ser procurados com avidez bem dirigida. Que os filhos de Pandu que estão vivendo em disfarce sejam procurados por espiões bem habilidosos em grandes números, dedicados ao seu trabalho, eles mesmos bem disfarçados, e todos bem familiarizados com os objetos de sua busca. Que a busca seja feita nas margens de rios, em regiões sagradas, em aldeias e cidades, em retiros de ascetas, em montanhas encantadoras e cavernas de montanha.' Quando Karna parou de falar, o segundo irmão de Duryodhana, Dussasana, ligado a uma disposição pecaminosa, então se dirigiu a seu irmão mais velho e disse, 'Ó monarca, ó senhor de homens, que somente aqueles espiões em quem nós temos confiança, recebendo suas recompensas com antecedência, mais uma vez empreendam a busca. Isto e o que mais foi dito por Karna tem nossa total aprovação. Que todos os espiões se engajem na busca de acordo com as indicações já dadas. Que estes e outros se engajem na busca de província em província segundo regras aprovadas. É minha opinião, no entanto, que o caminho que os Pandavas seguiram ou sua residência atual ou ocupação não serão descobertos. Talvez eles estejam escondidos perto; talvez eles tenham ido para o outro lado do oceano. Ou, talvez, orgulhosos como eles são de sua força e coragem, eles tenham sido devorados por bestas selvagens; ou talvez, tendo sido alcançados por algum perigo incomum, eles tenham perecido pela eternidade. Portanto, ó príncipe da linhagem Kuru, dissipando todas as ansiedades do teu coração, realize o que tu queres, sempre agindo de acordo com tua energia.'"

27

"Vaisampayana disse, "Dotado de energia poderosa e possuidor de grande discernimento, Drona então disse, 'Pessoas como os filhos de Pandu nunca perecem nem sofrem derrota. Bravos e habilidosos em todas as ciências, inteligentes e com sentidos sob controle, virtuosos e gratos e obedientes ao virtuoso Yudhishthira, sempre seguindo na esteira de seu irmão mais velho que está familiarizado com as conclusões de política e virtude e lucro, que tem afeição por eles como um pai, e que adere estritamente à virtude e é firme em verdade,

pessoas como eles que são assim devotados a seu irmão ilustre e nobre, que, dotado de grande inteligência, nunca fere ninguém e que por sua vez ele mesmo obedece a seus irmãos mais jovens, nunca perecem dessa maneira. Por que, então, (Yudhishthira) o filho de Pritha possuindo o conhecimento de política não seria capaz de restaurar a prosperidade de seus irmãos que são tão obedientes e dedicados e de grande alma? É por isso que eles estão esperando cuidadosamente pela chegada de sua oportunidade. Homens tais como esses nunca perecem. Isto é o que eu vejo por meu intelecto. Faça, portanto, rapidamente e sem perda de tempo o que deve agora ser feito, depois de reflexão apropriada. E que também a residência a qual os filhos de Pandu com almas sob controle com relação a todo propósito de vida devem ocupar seja agora determinada. Heróicos e impecáveis e possuidores de mérito ascético, os Pandavas são difíceis de serem descobertos (dentro do período de não-descobrimento). Inteligente e possuidor de todas as virtudes, devotado à verdade e versado nos princípios de política, dotado de pureza e santidade, e a encarnação da energia incomensurável, o filho de Pritha é capaz de consumir (seus inimigos) só por um relance de seus olhos. Sabendo tudo isso, faça o que é apropriado. Que nós, portanto, procuremos novamente por eles, enviando Brahmanas e Charanas, ascetas coroados com êxito, e outros desta espécie que possam ter um conhecimento daqueles heróis!'"

28

"Vaisampayana disse, 'Então aquele avô dos Bharatas, Bhishma o filho de Sutanu, conhecedor dos Vedas, conhecedor das propriedades de hora e lugar, e possuidor de um conhecimento de todos os deveres de moralidade, depois da conclusão do discurso de Drona, elogiou as palavras do preceptor e falou para os Bharatas para seu benefício estas palavras compatíveis com virtude, expressivas de seu afeto pelo virtuoso Yudhishthira, raramente faladas por homens que são desonestos, e que sempre encontram a aprovação dos honestos. E as palavras que Bhishma falou eram completamente imparciais e respeitadas pelos sábios. E o avô dos Kurus disse, 'As palavras que o regenerado Drona conhecedor da verdade de todas as questões proferiu são aprovadas por mim. Eu não tenho hesitação em falar dessa maneira. Dotados de todos os sinais auspiciosos, cumpridores de votos virtuosos, possuidores de saber Védico, dedicados a observâncias religiosas, familiarizados com várias ciências, obedientes aos conselhos dos idosos, aderindo ao voto de veracidade, conhecedores das propriedades de tempo, cumpridores da promessa que eles deram (em relação a seu exílio), puros em seu comportamento, sempre aderindo os deveres da classe Kshatrya, sempre obedientes a Kesava, de grande alma, possuidores de grande força, e sempre portando as cargas dos sábios, aqueles heróicos nunca podem enfraquecer sob infortúnio. Ajudados por sua própria energia, os filhos de Pandu que estão agora levando uma vida de encobrimento em obediência à virtude certamente nunca perecerão. É assim mesmo que minha mente imagina. Portanto, ó Bharata, eu sou a favor de empregar a ajuda de conselhos honestos

em nosso comportamento em direção aos filhos de Pandu. Não seria a política de algum homem sábio fazer eles serem descobertos agora por meio de espiões, o que nós devemos fazer para os filhos de Pandu eu direi, refletindo com a ajuda do intelecto. Saiba que eu não direi nada por hostilidade a ti. Pessoas como eu nunca devem dar tais conselhos para aquele que é desonesto, pois somente conselhos (como aqueles que eu darei) devem ser oferecidos para aqueles que são honestos. Conselhos, no entanto, que são maus, nunca devem ser oferecidos. Aquele, ó filho, que é devotado à verdade e obediente aos idosos, aquele, de fato, que é sábio, enquanto falando no meio de uma assembléia, deve sob todas as circunstâncias falar a verdade, se a aquisição de virtude for um objetivo para ele. Eu devo, portanto, dizer o que eu penso diferentemente de todas estas pessoas aqui, a respeito da residência de Yudhishthira o justo nesse décimo terceiro ano de seu exílio. O soberano, ó filho, da cidade ou da província onde o rei Yudhishthira reside não pode ter algum infortúnio. Caridoso e generoso e humilde e modesto deve ser o povo do país onde o rei Yudhishthira reside. Agradável em palavras, com paixões sob controle, observador de verdade, alegre, saudável, puro em conduta, e habilidoso em trabalho deve ser o povo do país onde o rei Yudhishthira reside. As pessoas do lugar onde Yudhishthira está não podem ser invejosas ou maliciosas, ou vaidosas, ou orgulhosas, mas devem todas aderir aos seus respectivos deveres. De fato, no lugar onde Yudhishthira reside, hinos Védicos serão cantados por toda parte, sacrifícios serão realizados, as últimas libações abundantes sempre serão derramadas (indicando a conclusão desobstruída do sacrifício), e doações para Brahmanas sempre serão em profusão. Lá as nuvens, sem dúvida, derramarão chuva abundante, e suprido com boas colheitas o país sempre estará sem temor. Lá o arrozal não será sem grão, frutas não serão desprovidas de suco, guirlandas florais não serão sem fragrância, e a conversação de homens sempre será cheia de palavras agradáveis. Lá onde o rei Yudhishthira reside as brisas serão deliciosas, as reuniões de homens sempre serão amistosas, e não haverá motivo para medo. Lá vacas serão abundantes, sem alguma delas ser magra ou fraca, e leite e coalhos e manteiga serão todos saborosos e nutritivos. Lá onde o rei Yudhishthira reside todo tipo de grão será cheio de nutrição e todo comestível cheio de sabor. Lá onde o rei Yudhishthira reside, os objetos de todos os sentidos, paladar, tato, olfato, e audição, serão dotados de atributos excelentes. Lá onde o rei Yudhishthira reside as visões e cenas serão alegres. E os regenerados daquele local serão virtuosos e firmes em cumprir seus respectivos deveres. De fato, no país onde os filhos de Pandu possam ter tomado sua residência durante este décimo terceiro ano de seu exílio as pessoas serão contentes e alegres, puras em conduta e sem miséria de qualquer tipo. Devotadas aos deuses e convidados e ao culto destes com toda sua alma, elas gostarão muito de doar, e cheias com grande energia, elas serão todas observadoras de virtude eterna. Lá onde o rei Yudhishthira reside, as pessoas, evitando tudo o que é mau, serão desejosas de realizar somente o que é bom. Sempre cumpridoras de sacrifícios e votos puros, e odiando falsidade em palavras, as pessoas do lugar onde o rei Yudhishthira reside sempre estarão desejosas de obter o que é bom, auspicioso e benéfico. Lá onde Yudhishthira reside as pessoas certamente serão desejosas de realizar o que é bom, e seus corações sempre se inclinarão em direção à virtude, e seus votos sendo

agradáveis elas mesmas estarão sempre engajadas na aquisição de mérito religioso. Ó filho, aquele filho de Pritha em quem há inteligência e caridade, a maior tranquilidade e perdão indubitável, modéstia e prosperidade, e fama e grande energia e um amor por todas as criaturas, é incapaz de ser descoberto (agora que ele se escondeu) até por Brahmanas, sem falar de pessoas comuns. O sábio Yudhishthira está vivendo em disfarce perfeito em regiões cujas características eu descrevi. Considerando seu modo excelente de vida, eu não ouso dizer alguma coisa mais. Refletindo bem sobre tudo isto, faça sem perda de tempo o que pensas ser benéfico, ó príncipe da família Kuru, se de fato, tu tens alguma fé em mim.'"

29

"Vaisampayana disse, 'Então o filho de Saradwata, Kripa, disse, 'O que o idoso Bhishma disse sobre os Pandavas é razoável, apropriado à ocasião, compatível com virtude e lucro, agradável aos ouvidos, repleto de razão perfeita, e digno dele. Escutem também ao que eu direi sobre este assunto. Cabe a ti averiguar o caminho que eles seguiram e sua residência também por meio de espiões, e adotar aquela política que possa ocasionar o teu bem-estar. Ó filho, aquele que é solícito de seu bem-estar não deve desconsiderar nem um inimigo comum. O que eu direi, então, ó filho, dos Pandavas que são mestres perfeitos de todas as armas em combate? Quando, portanto, chegar o momento para a reaparição dos Pandavas de grande alma, que, tendo entrado na floresta, estão agora passando seus dias em disfarce cuidadoso, tu deves averiguar tua força no teu próprio reino e naqueles de outros reis. Sem dúvida, a volta dos Pandavas está perto. Quando seu prazo de exílio prometido estiver terminado, os filhos ilustres e poderosos de Pritha, dotados de bravura incomensurável, virão para cá cheios de energia. Portanto, para firmar um tratado vantajoso com eles, recorras à política forte e te dedique a aumentar tuas forças armadas e melhorar a tesouraria. Ó filho, averiguando todos estes, calcule tua própria força em relação a todos os teus aliados fracos e fortes. Averiguando a eficiência, e fraqueza, e indiferença das tuas tropas, como também quais entre elas são bem intencionadas e quais são desleais, nós devemos ou lutar com o inimigo ou fazer tratado com ele. Recorrendo às artes de conciliação, desunião, punição, suborno, presentes e comportamento justo, ataque teus inimigos e subjugue os fracos pela força, e conquiste os teus aliados e tropas por meio de discursos agradáveis. Quando tu tiveres (por estes meios) fortalecido o teu exército e enchido tua tesouraria, total êxito será teu. Quando tu tiveres feito tudo isto tu serás capaz de lutar com inimigos poderosos que possam se apresentar, sem falar dos filhos de Pandu deficientes em tropas e animais próprios. Por adotar todos estes recursos de acordo com os costumes da tua classe, ó principal dos homens, tu obterás felicidade duradoura no devido tempo!'"

30

"Vaisampayana disse, 'Derrotado antes, ó monarca, muitas vezes pelo Suta Kichaka de Matsya ajudado pelos Matsyas e os Salyas, o rei poderoso dos Trigartas, Susarman, que possuía carros inumeráveis, considerando a oportunidade como favorável, então falou as seguintes palavras sem perder um momento. E, ó monarca, subjugado à força junto com seus parentes pelo poderoso Kichaka, o rei Susarman, olhando Karna de soslaio, falou estas palavras para Duryodhana, 'Meu reino foi muitas vezes invadido à força pelo rei dos Matsyas. O poderoso Kichaka era generalíssimo daquele rei. Desonesto e colérico e de alma perversa, de bravura famosa por todo o mundo, pecaminoso em atos e muito cruel, aquele canalha, no entanto, foi morto pelos Gandharvas, Kichaka estando morto, o rei Virata, desprovido de orgulho e sua proteção perdida, perderá, eu imagino, toda a coragem. Eu penso que nós devemos agora invadir aquele reino, se isto agradar a ti, ó impecável, como também ao ilustre Karna e todos os Kauravas. O incidente que aconteceu é, eu imagino, favorável para nós. Que nós, portanto, nos dirijamos para o reino de Virata rico em grãos. Nós nos apropriaremos de suas pedras preciosas e outras riquezas de diversos tipos, e vamos repartir uns com os outros quanto às suas aldeias e reino. Ou, invadindo sua cidade pela força, vamos sequestrar aos milhares seus gados excelentes de várias espécies. Unindo, ó rei, as forças armadas dos Kauravas e dos Trigartas, vamos furtar seus gados em rebanhos. Ou, unindo bem nossas forças, nós controlaremos seu poder por forçá-lo a apelar por paz. Ou, destruindo sua hoste inteira, nós traremos Matsya sob submissão. Tendo trazido ele sob submissão por meios justos, nós viveremos em nosso reino alegremente, enquanto teu poder também será, sem dúvida, aumentado.' Ouvindo estas palavras de Susarman, Karna se dirigiu ao rei, dizendo, 'Susarman falou bem; a oportunidade é favorável e promete ser lucrativa para nós. Portanto, se isto te agradar, ó impecável, que nós, alinhando nossas tropas em formação de combate e as ordenando em divisões, partamos rapidamente. Ou, que a expedição seja gerenciada como o filho de Saradwata, Kripa, o preceptor Drona, e o sábio e idoso avô dos Kurus possam idear. Consultando uns aos outros, que nós, ó senhor da terra, partamos depressa para alcançar nosso objetivo. Que assunto nós temos com os filhos de Pandu, desprovidos como eles estão de riqueza, poder, e bravura? Eles ou desapareceram para sempre ou foram para a residência de Yama. Nós iremos, ó rei, sem ansiedade para a cidade de Virata, e pilharemos seus gados e outras riquezas de diversas espécies.'"

"Vaisampayana continuou, 'Aceitando estas palavras de Karna, o filho de Surya, o rei Duryodhana rapidamente ordenou seu irmão Dussasana, nascido imediatamente depois dele e sempre obediente aos seus desejos, dizendo, 'Consultando com os mais velhos, ponha em ordem sem demora nossas forças armadas. Nós iremos, com todos os Kauravas, ao local apontado. Que também o guerreiro poderoso, o rei Susarman, acompanhado por uma força suficiente com veículos e animais, saia com os Trigartas para os domínios dos Matsyas. E que Susarman proceda primeiro, escondendo cuidadosamente sua intenção. Seguindo

em sua esteira, nós partiremos no dia seguinte em ordem de batalha cerrada, para os domínios prósperos do rei Matsya. Que os Trigartas, no entanto, se dirijam de repente à cidade de Virata, e se aproximando dos vaqueiros, se apoderem daquela riqueza imensa (de gado). Nós também marchando em duas divisões, apanharemos milhares de vacas excelentes providas de marcas auspiciosas.'"

"Vaisampayana continuou, 'Então, ó Senhor da terra, aqueles guerreiros, os Trigartas, acompanhados por sua infantaria de bravura terrível, marcharam em direção ao sudoeste, pretendendo empreender hostilidades com Virata pelo desejo de apanhar seu gado. E Susarman partiu no sétimo dia da quinzena escura para apanhar os gados. E então, ó rei, no oitavo dia seguinte da quinzena escura, os Kauravas também acompanhados por todas as suas tropas começaram a sequestrar as vacas às milhares."

31

"Vaisampayana disse, 'Ó rei poderoso, entrando no serviço do rei Virata, e morando disfarçados em sua cidade excelente, os Pandavas de grande alma de destreza incomensurável completaram o período prometido de não-descoberta. E depois que Kichaka tinha sido morto, aquele matador de heróis hostis, o poderoso rei Virata, começou a apoiar suas esperanças nos filhos de Kunti. E foi no término do décimo terceiro ano de seu exílio, ó Bharata, que Susarman se apoderou dos gados de Virata aos milhares. E quando os gados tinham sido apanhados, os vaqueiros de Virata foram com grande velocidade à cidade, e viram seu soberano, o rei dos Matsyas, sentado no trono no meio de conselheiros sábios, e aqueles touros entre homens, os filhos de Pandu, e cercado por guerreiros valentes enfeitados com brincos e pulseiras. E aparecendo perante aquele realçador de seu domínio, o rei Virata sentado na corte, os vaqueiros se curvaram a ele, e se dirigiram a ele dizendo, 'Ó principal dos reis, nos derrotando e humilhando em batalha junto com nossos amigos os Trigartas estão pegando teus gados às centenas e milhares. Portanto, resgate-os depressa. Oh, cuide para que eles não sejam perdidos por ti.' Ouvindo estas palavras, o rei pôs em ordem para batalha as tropas Matsya ricas em carros e elefantes e cavalos e infantaria e estandartes. E reis e príncipes puseram rapidamente, cada um em seu lugar apropriado (ou de acordo com sua respectiva divisão), suas armaduras brilhantes e belas dignas de serem vestidas por heróis. E o caro irmão de Virata, Satanika, colocou uma armadura feita de aço impenetrável, adornada com ouro polido. E Madirakshya, seguinte em nascimento à Satanika, colocou uma cota de malha forte laminada com ouro e capaz de resistir a todas as armas. E a cota de malha que o próprio rei dos Matsyas pôs era invulnerável e decorada com cem sóis, cem círculos, cem manchas, e cem olhos. E a armadura que Suryadatta (um dos generais de Virata) colocou era brilhante como o sol, laminada com ouro, e larga como uma centena de lotos da espécie fragrante (Kahlara). E a cota de malha que o filho mais velho de Virata, o heróico Sanksha, pôs era impenetrável e feita de aço polido, e decorada com cem olhos de ouro. E foi dessa maneira que aqueles guerreiros semelhantes a deuses e poderosos às centenas, equipados com armas, e ávidos

pela batalha, cada um vestiu seu corselete (proteção para o peito). E então eles atrelaram aos seus carros excelentes de cor branca corcéis equipados em armadura. E então foi içado o glorioso estandarte de Matsya sobre seu carro excelente enfeitado com ouro e parecendo com o sol ou a lua em sua refulgência. E outros guerreiros Kshatriya também ergueram sobre seus respectivos carros estandartes decorados com ouro de várias formas e emblemas. E o rei Matsya então se dirigiu a seu irmão Satanika nascido imediatamente depois dele, dizendo, 'Kanka e Vallava e Tantripala e Damagranthi de grande energia lutarão, como me parece, sem dúvida. Dê a eles carros equipados com estandartes e deixe-os cobrir seus corpos com belas cotas de malha que devem ser invulneráveis e fáceis de usar. E que eles também tenham armas. Possuindo tais formas marciais e possuidores de braços parecidos com trombas de elefantes poderosos, eu nunca poderia me convencer de que eles não podem lutar.' Ouvindo estas palavras do rei, Satanika, ó monarca, imediatamente ordenou carros para aqueles filhos de Pritha, ou seja, o nobre Yudhishthira, e Bhima, e Nakula, e Sahadeva, e mandados pelo rei, os quadrigários, com corações alegres e mantendo lealdade em mente, logo aprontaram carros (para os Pandavas). E aqueles repressores de inimigos então puseram aquelas belas cotas de malha, invulneráveis e fáceis de usar, que Virata tinha ordenado para aqueles heróis de fama imaculada. E montados em carros unidos com bons corcéis, aqueles batedores de tropas hostis, aqueles principais dos homens, os filhos de Pritha, partiram com corações alegres. De fato, aqueles poderosos guerreiros hábeis em luta, aqueles touros da raça Kuru e filhos de Pandu, aqueles quatro irmãos heróicos possuidores de bravura incapaz de ser frustrada, subindo em carros adornados com ouro, partiram juntos, seguindo a esteira de Virata. E elefantes enfurecidos de aparência terrível, de sessenta anos de idade completos, com presas bem formadas e têmporas fendidas e suco gotejando e parecendo (por causa disso) com nuvens derramando chuva e montados por guerreiros treinados hábeis em combate, seguiram o rei como colinas moventes. E os principais guerreiros de Matsya que seguiram o rei alegremente tinham oito mil carros, mil elefantes e sessenta mil cavalos. E, ó touro entre os Bharatas, a força de Virata, ó rei, quando ela marchou adiante prestando atenção às pegadas dos gados, parecia extremamente bela. E em sua marcha aquele principal dos exércitos possuído por Virata, apinhado com soldados armados com armas fortes, e abundando em elefantes, cavalos e carros, parecia realmente esplêndido.'"

32

"Vaisampayana disse, 'Marchando para fora da cidade, aqueles heróicos batedores, os Matsyas, agrupados em ordem de batalha, alcançaram os Trigartas quando o sol tinha passado o meridiano. E ambos excitados à fúria e ambos desejosos de ter o rei, os Trigartas poderosos e os Matsyas, irreprimíveis em batalha, deram rugidos altos. E então os terríveis e enfurecidos elefantes conduzidos pelos combatentes habilidosos de ambos os lados foram instigados adiante com cassetetes e ganchos com pontas. E o confronto, ó rei, que ocorreu quando o sol estava baixo no horizonte, entre infantaria e cavalaria e carruagens e

elefantes de ambos os partidos foi semelhante àquele de antigamente entre os deuses e os Asuras, terrível e violento e suficiente para fazer os cabelos de alguém se arrepiarem e calculado para aumentar a população do reino de Yama. E quando os combatentes avançaram uns contra os outros, golpeando e cortando, nuvens espessas de poeira começaram a se erguer, pelo que nada podia ser avistado. E cobertas com a poeira levantada pelos exércitos contendentes, aves começaram a cair ao chão. E o próprio sol desapareceu atrás da nuvem densa de flechas atiradas, e o firmamento parecia brilhante como se com miríades de pirilampos. E mudando seus arcos, as varas dos quais eram adornadas com ouro, de uma mão para outra, aqueles heróis começaram derrubar uns aos outros, disparando suas flechas à direita e à esquerda. E carros enfrentaram carros, e soldados de infantaria lutaram com soldados de infantaria, e cavaleiros com cavaleiros, e elefantes com elefantes fortes. E eles combateram uns aos outros furiosamente com espadas e machados, dardos farpados e lanças, e maças de ferro. E embora, ó rei, aqueles guerreiros poderosamente armados atacassem uns aos outros com fúria naquele conflito, ainda assim nem um partido conseguiu prevalecer sobre o outro. E cabeças cortadas, algumas com narizes belos, algumas com lábios superiores profundamente cortados, algumas enfeitadas com brincos, e algumas divididas com ferimentos perto do cabelo bem enfeitado eram vistas rolando no chão coberto de pó. E logo o campo de batalha estava coberto com os membros de guerreiros Kshatriya, cortados por meio de flechas e jazendo como troncos de árvores Sala. E coberto com cabeças enfeitadas com brincos e braços cobertos com pasta de sândalo parecendo com os corpos de cobras, o campo de batalha tornou-se muito belo. E conforme carros enfrentavam carros, e cavaleiros combatiam cavaleiros, e soldados de infantaria lutavam com soldados de infantaria, e elefantes encontravam com elefantes, a poeira terrível logo ficou encharcada com torrentes de sangue. E alguns entre os combatentes começaram a desmaiar, e os guerreiros começaram a lutar indiferentes à consideração de humanidade, amizade e relacionamento. E seu rumo e visão obstruídos pela chuva de flechas, urubus começaram pousar sobre o solo. Mas embora aqueles combatentes de braços fortes lutassem furiosamente uns com os outros, ainda assim os heróis de nenhum dos partidos tiveram êxito em derrotar seus antagonistas. E Satanika tendo matado uma centena completa do inimigo e Visalaksha quatrocentos, ambos aqueles guerreiros poderosos penetraram no centro da grande hoste Trigarta. E tendo entrado na parte mais densa da hoste Trigarta, aqueles heróis famosos e poderosos começaram a privar seus adversários de seus sentidos por fazerem um combate mais próximo se iniciar, um combate no qual os combatentes agarravam uns aos outros pelo cabelo e dilaceravam uns aos outros com suas unhas. E olhando o ponto onde os carros dos Trigartas estavam reunidos em grande número, aqueles heróis finalmente dirigiram seu ataque em direção a ele. E aquele principal dos guerreiros em carros, o rei Virata também, com Suryadatta em sua vanguarda e Madiraksha em sua retaguarda, tendo destruído quinhentos carros naquele conflito, oitocentos cavalos, e cinco guerreiros em carros grandes, exibiu várias manobras habilidosas em seu carro naquele campo de batalha. E finalmente o rei se aproximou do soberano dos Trigartas montado em uma carruagem dourada. E aqueles guerreiros poderosos e de grande alma, desejosos de lutar, avançaram rugindo

um contra o outro como dois touros em um curral. Então aquele touro entre homens, irreprimível em batalha, Susarman, o rei dos Trigartas, desafiou Matsya para um duelo em carro. Então aqueles guerreiros excitados à fúria avançaram um contra o outro em seus carros e começaram a derramar suas flechas um sobre o outro como nuvens derramando torrentes de chuva. E enfurecidos um com o outro, aqueles guerreiros ferozes, ambos habilidosos com armas, ambos brandindo espadas e dardos e maças então se movimentaram continuamente (no campo de batalha) atacando um ao outro com flechas afiadas. Então o rei Virata perfurou Susarman com dez flechas e cada um de seus quatro cavalos também com cinco flechas. E Susarman também, irresistível em batalha e familiarizado com armas fatais, perfurou o rei de Matsya com cinquenta flechas afiadas. E então, ó monarca poderoso, por consequência do pó no campo de batalha, os soldados de Susarman e do rei de Matsya não podiam distinguir uns aos outros.'"

33

"Vaisampayana disse, 'Então, ó Bharata, quando o mundo estava envolvido em poeira e na escuridão da noite, os guerreiros de ambos os lados, sem romperem a ordem de batalha, desistiram por um tempo. E então, dissipando a escuridão a lua surgiu iluminando a noite e alegrando os corações dos guerreiros Kshatriya. E quando tudo se tornou visível a batalha começou novamente. E ela continuou tão furiosamente que os combatentes não podiam distinguir uns aos outros. E então o senhor de Trigarta, Susarman com seu irmão mais novo, e acompanhado por todos os seus carros, avançou em direção ao rei de Matsya. E descendo de seus carros, aqueles touros entre os Kshatriyas, os irmãos (reais), maças nas mãos, avançaram com fúria em direção aos carros do inimigo. E as hostes hostis atacaram ferozmente uma à outra com maças e espadas e cimitarras, machados de combate e dardos farpados de gumes afiados e pontas de têmpera excelente. E o rei Susarman, o senhor dos Trigartas, tendo por sua energia oprimido e derrotado todo o exército dos Matsyas, impetuosamente avançou em direção ao próprio Virata dotado de grande energia. E os dois irmãos tendo matado separadamente os dois corcéis de Virata e seu quadrigário, como também aqueles soldados que protegiam sua retaguarda, o pegaram cativo vivo, quando privado de seu carro. Então o afligindo violentamente, como um homem lascivo afligindo uma donzela indefesa, Susarman colocou Virata sobre seu próprio carro, e se apressou rapidamente para fora do campo. E quando o poderoso Virata, privado de seu carro, foi levado prisioneiro, os Matsyas, muito atormentados pelos Trigartas, começaram a fugir com medo em todas as direções. E vendo eles em pânico, o filho de Kunti, Yudhishthira, dirigiu-se àquele subjugador de inimigos, Bhima de braços poderosos, dizendo, 'O rei dos Matsyas foi pego pelos Trigartas. Ó de braços fortes, resgate-o, para que ele não possa cair sob o poder do inimigo. Como nós temos vivido alegremente na cidade de Virata, tendo todos os nossos desejos satisfeitos, cabe a ti, ó Bhimasena, pagar esta dívida (por libertar o rei).' Nisso Bhimasena respondeu, 'Eu o libertarei, ó rei, por tua ordem. Note a façanha que eu realizarei (hoje) ao lutar com o inimigo confiando somente no poder de

meus braços. Ó rei, fique à parte, junto com nossos irmãos e testemunhe minha destreza hoje. Arrancando esta árvore imensa de tronco enorme parecida com uma maça, eu derrotarei o inimigo.'"

"Vaisampayana continuou, 'Vendo Bhima lançando seus olhos naquela árvore como um elefante louco, o heróico rei Yudhishthira o justo falou para seu irmão, dizendo, 'Ó Bhima, não cometa tal ato imprudente. Deixe a árvore ficar aí. Tu não deves realizar tais façanhas de uma maneira de sobre-humana por meio daquela árvore, pois se tu fizeres isto, as pessoas, ó Bharata, te reconhecerão e dirão, 'Este é Bhima.' Pegue, portanto, uma arma humana tal como um arco (e flechas), ou um dardo, ou uma espada, ou um machado de combate. E pegando portanto, ó Bhima, alguma arma que é humana, liberte o rei sem dares a alguém os meios de te conhecer realmente. Os gêmeos dotados de grande força defenderão tuas rodas. Lutando juntos, ó filho, libertem o rei dos Matsyas!'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, o poderoso Bhimasena dotado de grande velocidade rapidamente pegou um arco excelente e impetuosamente atirou dele uma chuva de flechas, grossa como o aguaceiro de uma nuvem carregada de chuva. E Bhima então avançou furiosamente em direção a Susarman de feitos terríveis, e encorajando Virata com as palavras 'Ó bom rei!', disse para o senhor dos Trigartas, 'Fique! Fique!' Vendo Bhima como o próprio Yama em sua retaguarda, dizendo, 'Fique! Fique! Testemunhe este feito poderoso, este combate que está perto!', o touro entre os guerreiros, Susarman, considerou seriamente (a situação), e pegando seu arco voltou atrás, junto com seus irmãos. Em um piscar de olhos Bhima destruiu aqueles carros que procuraram se opor a ele. E logo novamente centenas de milhares de carros e elefantes e cavalos e cavaleiros e arqueiros bravos e ferozes foram derrubados por Bhima na própria vista de Virata. E a infantaria hostil também começou a ser massacrada pelo ilustre Bhima, maça na mão. E vendo aquela investida terrível, Susarman, irreprimível em luta, pensou consigo mesmo, 'Meu irmão parece já ter sucumbido no meio de sua hoste poderosa. Meu exército será aniquilado?' E puxando sua corda de arco até seu ouvido Susarman então voltou atrás e começou a disparar flechas de gume afiado incessantemente. E vendo os Pandavas voltarem à carga em seus carros, os guerreiros Matsya de hoste poderosa, incitando seus corcéis, dispararam armas excelentes para oprimir os soldados Trigarta. E o filho de Virata também, extremamente enfurecido começou a realizar feitos prodigiosos de heroísmo. E o filho de Kunti Yudhishthira matou mil (do inimigo), e Bhima mostrou a residência de Yama para sete mil. E Nakula enviou setecentos (para suas últimas prestações de contas) por meio de suas flechas. E o poderoso Sahadeva também, comandado por Yudhishthira, matou trezentos guerreiros corajosos. E tendo matado tais números, aquele guerreiro feroz e poderoso, Yudhishthira, com armas erguidas, avançou contra Susarman. E avançando impetuosamente em Susarman, aquele principal dos guerreiros em carros, o rei Yudhishthira o atacou com saraivadas de flechas. E Susarman também, em grande ira rapidamente perfurou Yudhishthira com nove flechas, e cada um dos seus quatro corcéis com quatro setas. Então, ó rei, o filho de Kunti Bhima de movimentos rápidos, se aproximando de Susarman aniquilou seus

corcéis. E tendo matado também aqueles soldados que protegiam sua retaguarda, ele arrastou do carro o quadrigário de seu adversário ao solo. E vendo o carro do rei Trigarta sem um motorista, o defensor das rodas do seu carro, o famoso e valente Madiraksha, foi rapidamente ajudá-lo. E nisso, saltando do carro de Susarman, e segurando a maça do último o poderoso Virata correu em perseguição dele. E embora velho, ele se movimentou no campo, maça na mão, assim como um jovem robusto. E vendo Susarman fugir Bhima se dirigiu a ele, dizendo, 'Desista, ó príncipe! Esta tua fuga não é apropriada! Com esta tua coragem, como tu pudeste desejar raptar os gados pela força? Como também, abandonando teu seguidor, tu enfraqueces assim entre inimigos?' Assim endereçado pelo filho de Pritha, o poderoso Susarman, aquele senhor de incontáveis carros dizendo para Bhima, 'Fique! Fique!' repentinamente voltou e avançou nele. Então Bhima, o filho de Pandu, saltando de seu carro, como só ele podia fazer, avançou adiante com grande frieza, desejoso de tirar a vida de Susarman. E desejoso de agarrar o rei de Trigarta avançando em direção a ele, o poderoso Bhimasena se apressou impetuosamente em direção a ele, assim como um leão avançando em um veado pequeno. E avançando impetuosamente, Bhima de braços poderosos agarrou Susarman pelo cabelo, e erguendo-o em cólera, arremessou-o no chão. E quando ele jazia gritando em agonia, Bhima de braços poderosos chutou-o na cabeça, e colocando seu joelho sobre seu peito lhe deu golpes severos. E violentamente afligido com aqueles chutes, o rei dos Trigartas ficou inconsciente. E quando o rei dos Trigartas privado de seu carro tinha sido agarrado dessa maneira, o exército Trigarta inteiro tomado pelo pânico se dividiu e fugiu em todas as direções, e os filhos poderosos de Pandu, dotados de modéstia e cumpridores de votos e confiando no poder de seus próprios braços, depois de terem derrotado Susarman, e resgatado as vacas assim como outras espécies de riqueza e tendo assim dissipado a ansiedade de Virata, ficaram juntos diante daquele monarca. E Bhimasena então disse, 'Este patife dado a feitos perversos não merece escapar de mim com vida. Mas o que eu posso fazer? O rei é tão indulgente!' E então pegando Susarman pelo pescoço quando ele estava jazendo no chão insensível e coberto com poeira, e amarrando-o firmemente, o filho de Pritha Vrikodara colocou-o em seu carro, e foi para onde Yudhishthira estava permanecendo no meio do campo. E Bhima então mostrou Susarman para o monarca. E vendo Susarman naquela situação, aquele tigre entre homens o rei Yudhishthira sorridente se dirigiu a Bhima, aquele ornamento de batalha, dizendo, 'Que este pior dos homens seja libertado.' Assim endereçado, Bhima falou para o poderoso Susarman, dizendo, 'Se, ó patife, tu desejas viver, escute estas minhas palavras. Tu deves dizer em toda corte e reunião de homens, 'Eu sou um escravo.' Somente sob esta condição eu te concederei tua vida. Na verdade, esta é a lei acerca do derrotado.' Nisso seu irmão mais velho dirigiu-se carinhosamente a Bhima, dizendo, 'Se tu nos considera como uma autoridade, liberte este indivíduo perverso. Ele já se tornou escravo do rei Virata.' E virando então para Susarman, ele disse, 'Tu estás livre. Vá um homem livre, e nunca aja novamente dessa maneira.'"

34

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçado por Yudhishthira Susarman foi dominado pela vergonha e baixou sua cabeça. E libertado (da escravidão), ele foi até o rei Virata, e tendo saudado o monarca, partiu. E os Pandavas também confiando no poder de seus próprios braços, e dotados de modéstia e cumpridores de votos, tendo matado seus inimigos e libertado Susarman, passaram aquela noite alegremente no campo de batalha. E Virata gratificou aqueles guerreiros poderosos, os filhos de Kunti, possuidores de destreza sobre-humana com riqueza e honra. E Virata disse, 'Todas estas minhas pedras preciosas são agora tanto minhas quanto suas. De acordo com sua vontade vivam aqui alegremente. E, ó batedores de inimigos em batalha, eu concederei a vocês donzelas enfeitadas com ornamentos, riqueza em abundância, e outras coisas que vocês possam querer. Libertado de perigos hoje por sua coragem, eu estou agora coroado com vitória. Vocês todos se tornem os senhores dos Matsyas.'"

"Vaisampayana continuou, 'E quando o rei dos Matsyas tinha se dirigido a eles dessa maneira, aqueles descendentes dos Kurus com Yudhishthira em sua dianteira, juntando suas mãos, responderam a ele separadamente dizendo, 'Nós estamos bem satisfeitos com tudo o que tu disseste, ó monarca. Nós, no entanto, estamos muito satisfeitos que tu tenhas sido hoje libertado de teus inimigos.' Assim respondido, aquele principal dos reis, Virata o senhor dos Matsyas, se dirigiu a Yudhishthira novamente, dizendo, 'Venha, nós te instalaremos na soberania dos Matsyas. E nós também te concederemos coisas que são raras sobre a terra e são objetos de desejo, pois tu mereces tudo em nossas mãos. Ó principal dos Brahmanas da ordem Vaiyaghra, eu te concederei pedras preciosas e vacas e ouro e rubis e pérolas. Eu me curvo a ti. É devido a ti que eu mais uma vez vejo hoje meus filhos e reino. Afligido e ameaçado como eu fui por desastre e perigo, foi pela tua destreza que eu não sucumbi ao inimigo.' Então Yudhishthira dirigiu-se outra vez ao (rei dos) Matsyas, dizendo, 'Nós estamos bem satisfeitos com as palavras encantadoras que tu falaste. Que tu sejas sempre feliz, sempre praticando bondade para todas as criaturas. Que mensageiros agora, por tua ordem, se dirijam rapidamente à cidade para comunicar as notícias agradáveis para nossos amigos, e proclamarem tua vitória.' Ouvindo estas palavras dele o rei Matsya ordenou os mensageiros, dizendo, 'Vão para a cidade e proclamem minha vitória em batalha. E que donzelas e cortesãos, enfeitados com ornamentos, saiam da cidade com todos os tipos de instrumentos musicais.' Ouvindo esta ordem proferida pelo rei dos Matsyas, os homens, colocando o mandato em sua cabeça, partiram todos com corações alegres. E tendo se dirigido à cidade naquela mesma noite, eles proclamaram na hora do nascer do sol a vitória do rei nas imediações dos portões da cidade.'"

35

"Vaisampayana disse, 'Quando o rei dos Matsyas, ansioso de recuperar os gados, tinha saído em perseguição dos Trigartas, Duryodhana com seus conselheiros invadiu os domínios de Virata. E Bhishma e Drona, e Karna, e Kripa familiarizados com as melhores das armas, Aswatthaman, e o filho de Suvala, e Dussasana, ó senhor de homens, e Vivingsati e Vikarna e Chitrasena dotados de grande energia, e Durmukha e Dussaha, estes e muitos outros grandes guerreiros, se aproximando do domínio de Matsya rechaçaram rapidamente os vaqueiros do rei Virata e levaram os gados à força. E os Kauravas, cercando todos os lados com uma multidão de carros, apanharam sessenta milhares de vacas. E alto foi o grito de aflição dado pelos vaqueiros derrotados por aqueles guerreiros naquele conflito terrível. E o chefe dos vaqueiros muito assustado subiu depressa em uma carruagem e partiu para a cidade, lamentando em aflição. E entrando na cidade do rei ele procedeu para o palácio, e descendo rápido da carruagem, conseguiu entrar para relatar (o que tinha acontecido). E vendo o filho orgulhoso de Matsya, chamado Bhuminjaya, ele lhe disse tudo acerca da captura do gado real. E ele disse, os Kauravas estão levando embora sessenta mil vacas. Levante-te, portanto, ó realçador da glória do reino, para trazer de volta teus gados. Ó príncipe, se tu estás desejoso de realizar o bem (do reino) parta tu mesmo sem perda de tempo. De fato, o rei dos Matsyas te deixou na cidade vazia. O rei (teu pai) se gaba de ti na corte, dizendo, 'Meu filho, igual a mim, é um herói e é o arrimo (da glória) da minha linhagem. Meu filho é um guerreiro habilidoso com flechas e armas e é sempre possuidor de grande coragem.' Oh, que as palavras daquele senhor de homens sejam verdadeiras! Ó chefe de donos de rebanhos, traga de volta os gados depois de derrotares os Kurus, e consuma suas tropas com a energia magnífica das tuas flechas. Como um líder de elefantes avançando em um rebanho, perfure as tropas do inimigo com flechas retas de asas douradas, disparadas do teu arco. Teu arco é assim como um Vina. Suas duas extremidades representam os travesseiros (apoios) de marfim; sua corda, a corda principal; sua vara, o braço; e as flechas disparadas dele as notas musicais. Toque no meio do inimigo aquela Vina de som musical. (O Vina consiste em um bambu de cerca de 50 centímetros ligado a duas cabaças próximas às suas extremidades. Ao longo do bambu o qual serve o propósito de um braço está a corda principal e várias cordas mais finas. Todas essas passam sobre um número de trastos, duas e meia heptacordas, representando a extensão total do instrumento. As cordas se apóiam perto de suas extremidades em dois pedaços de marfim chamados Upadhanas.) Que teus corcéis, ó senhor, de cor prateada, sejam atrelados ao teu carro, e que teu estandarte seja içado, portando o emblema do leão dourado. Que tuas flechas de gume afiado dotadas de asas de ouro, atiradas por teus braços fortes, obstruam o caminho daqueles reis e eclipsem o próprio sol. Vencendo todos os Kurus em batalha como o manejador do raio derrotando os Asuras, volte novamente à cidade tendo obtido grande renome. Filho do rei de Matsya, tu és o único amparo deste reino, como aquele principal dos guerreiros virtuosos, Arjuna,

é dos filhos de Pandu. Assim como Arjuna de seus irmãos, tu és, sem dúvida, o amparo daqueles que residem dentro destes domínios. De fato, nós, os súditos deste reino, temos nosso protetor em ti.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado pelo vaqueiro na presença das mulheres, em palavras exalando coragem, o príncipe entregando-se ao auto-elogio dentro dos aposentos femininos, falou estas palavras.'"

36

"Uttara disse, 'Firme como eu sou no uso do arco, eu partiria hoje mesmo no rastro do gado se somente alguém habilidoso na direção de cavalos se tornasse meu quadrigário. Eu, no entanto, não conheço o homem que pode ser meu quadrigário. Procurem, portanto, sem demora, por um quadrigário para mim que estou preparado para partir. Meu próprio quadrigário foi morto na grande batalha que foi lutada dia a dia por um mês inteiro ou pelo menos por vinte e oito noites. Logo que eu conseguir outra pessoa familiarizada com a direção de corcéis, eu partirei imediatamente, içando ao alto meu próprio estandarte. Penetrando no meio do exército hostil cheio de elefantes e cavalos e carruagens, eu trarei o gado de volta, tendo subjugado os Kurus que são débeis em força e fracos em armas. Como um segundo manejador do raio apavorando os Danavas, eu trarei de volta o gado neste mesmo momento, aterrorizando em luta Duryodhana e Bhishma e Karna e Kripa e Drona com seu filho, e outros arqueiros poderosos reunidos para o combate. Não encontrando alguém (para se opor), os Kurus estão roubando o gado. O que eu posso fazer quando eu não estou lá? Os Kurus reunidos testemunharão minha destreza hoje. E eles dirão uns aos outros, 'É o próprio Arjuna que está se opondo a nós?'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo ouvido estas palavras faladas pelo príncipe, Arjuna, totalmente familiarizado com a significação de tudo, depois de um breve momento falou alegremente em particular para sua esposa querida de beleza impecável, Krishna, a princesa de Panchala, filha de Drupada de feitio delgado, nascida do fogo (sacrifical) e dotada das virtudes de veracidade e honestidade e sempre atenta ao bem de seus maridos. E o herói disse, 'Ó bela, a meu pedido diga para Uttara sem demora, 'Este Vrihannala era antigamente o talentoso quadrigário resoluto do filho de Pandu (Arjuna). Experimentado em muitas grandes batalhas, ele mesmo será teu quadrigário.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo aquelas palavras proferidas pelo príncipe (Uttara) repetidas vezes no meio das mulheres, Panchali não pôde tolerar quietamente aquelas alusões a Vibhatsu. E timidamente saindo dentre as mulheres, a pobre princesa de Panchala falou suavemente para ele estas palavras, 'O belo jovem, parecendo com um elefante forte e conhecido pelo nome de Vrihannala era antigamente o quadrigário de Arjuna. Um discípulo daquele guerreiro ilustre, e inferior a ninguém no uso do arco, ele foi conhecido por mim enquanto eu estava vivendo com os Pandavas. Foi por ele que foram seguradas

as rédeas dos corcéis excelentes de Arjuna quando Agni consumiu a floresta de Khandava. Foi com ele como quadrigário que Partha conquistou todas as criaturas em Khandava-prastha. Realmente, não há algum quadrigário igual a ele.'"

"Uttara disse, 'Tu conheces, ó Sairindhri, este jovem. Tu sabes o que este do sexo neutro pode ser ou não. Eu não posso, no entanto, ó abençoada, eu mesmo pedir a Vrihannala para segurar as rédeas dos meus cavalos.'"

"Draupadi disse, 'Vrihannala, ó herói, sem dúvida obedecerá as palavras de tua irmã mais nova, aquela donzela de quadris graciosos. Se ele consentir em ser teu quadrigário, tu sem dúvida retornarás tendo derrotado Kurus e resgatado o teu gado.'"

"Assim endereçado pela Sairindhri, Uttara falou para sua irmã, 'Vá tu mesma, ó tu de beleza impecável, e traga Vrihannala para cá.' E enviada por seu irmão, ela se dirigiu rapidamente ao salão de dança onde aquele filho de braços fortes de Pandu estava permanecendo disfarçado.'"

37

"Vaisampayana disse, 'Assim despachada por seu irmão mais velho, a muito afamada filha do rei Matsya, enfeitada com um colar dourado, sempre obediente a seu irmão e possuidora de uma cintura fina como aquela da vespa, dotada do esplendor da própria Lakshmi, enfeitada com as plumas do pavão, de feitio delgado e membros graciosos, seus quadris envolvidos por uma faixa de pérolas, seus cílios ligeiramente curvados, e sua forma dotada de toda graça, foi depressa ao salão de dança como uma luz de relâmpago se precipitando em direção a uma massa de nuvens escuras. (A princesa sendo da cor do ouro polido e Arjuna escuro como uma massa de nuvens.) E a impecável e auspiciosa filha de Virata, de dentes excelentes e cintura fina, de coxas próximas uma da outra e cada uma semelhante à tromba de um elefante, sua pessoa embelezada com uma guirlanda excelente, procurou o filho de Pritha como uma elefanta procurando seu companheiro. E como uma pedra preciosa ou a própria encarnação da prosperidade de Indra, de beleza excelente e olhos grandes, aquela encantadora e adorada e celebrada donzela saudou Arjuna. E saudado por ela, Partha questionou aquela moça de coxas próximas e cor dourada, dizendo 'O que te traz para cá, uma donzela enfeitada com um colar de ouro? Por que tu estás em tal inquietação, ó moça de olhos de gazela? Por que teu rosto, ó dama bela, está tão desanimado? Diga-me tudo isto sem demora!'"

"Vaisampayana continuou, 'Contemplando, ó rei, sua amiga, a princesa de olhos grandes (naquela situação), seu amigo (Arjuna) alegremente perguntou a ela (nessas palavras) a causa de sua chegada lá. E tendo se aproximado daquele touro entre homens, a princesa, permanecendo no meio de suas servidoras, mostrando modéstia apropriada, dirigiu-se a ele, dizendo, 'Os gados deste reino, ó Vrihannala, estão sendo roubados pelos Kurus, e é para subjugá-los que meu

irmão partirá com arco na mão. Há pouco tempo seu próprio quadrigário foi morto em combate, e não há ninguém igual ao morto que possa agir como quadrigário do meu irmão. E para ele se esforçando para obter um quadrigário, Sairindhri, ó Vrihannala, falou sobre a tua habilidade na direção de corcéis. Tu foste antigamente o quadrigário favorito de Arjuna, e foi contigo que aquele touro entre os filhos de Pandu subjugou sozinho a terra inteira. Portanto, ó Vrihannala, aja como o quadrigário do meu irmão. (Nesse meio tempo) nosso gado certamente foi levado pelos Kurus a uma grande distância. Requisitado por mim se tu não agires de acordo com minhas palavras, eu, que estou pedindo este serviço de ti por afeição, abandonarei minha vida!' Assim endereçado por sua amiga de quadris graciosos, aquele opressor de inimigos, dotado de bravura imensurável, foi até a presença do príncipe. E como uma elefanta correndo atrás de sua cria, a princesa possuidora de olhos grandes seguiu aquele herói avançando com passos apressados como um elefante com têmporas fendidas. E vendo-o de uma distância, o próprio príncipe disse, 'Contigo como seu quadrigário, Dhananjaya o filho de Kunti gratificou Agni na floresta Khandava e subjugou o mundo inteiro! A Sairindhri falou de ti para mim. Ela conhece os Pandavas. Portanto, ó Vrihannala, segure, como tu fizeste, as rédeas dos meus corcéis, desejoso como eu estou de fazer justiça com os Kurus e resgatar minha riqueza bovina. Tu foste antigamente o quadrigário querido de Arjuna e foi contigo que aquele touro entre os filhos de Pandu subjugou sozinho a terra inteira!' Assim endereçado, Vrihannala respondeu para o príncipe, dizendo, 'Que habilidade eu tenho para agir como um quadrigário no campo de batalha? Se for canto ou dança ou instrumentos musicais ou outras coisas semelhantes eu posso te entreter com eles, mas onde está minha habilidade para me tornar um quadrigário?'"

"Uttara disse, 'Ó Vrihannala, tu sejas um cantor ou um dançarino, segure (por agora), sem perda de tempo, as rédeas dos meus corcéis excelentes, subindo em meu carro!'"

"Vaisampayana continuou, 'Embora aquele opressor de inimigos, o filho de Pandu, estivesse familiarizado com tudo, ainda assim na presença de Uttara ele começou a fazer muitos erros por diversão. E quando ele procurou pôr a cota de malha em seu corpo por levantá-la para cima, as moças de olhos grandes, vendo isto, irromperam em risadas. E vendo-o totalmente ignorante em colocar armadura, o próprio Uttara equipou Vrihannala com uma cota de malha cara. E cobrindo seu próprio corpo com uma armadura excelente de refulgência solar, e içando seu estandarte portando a figura de um leão, o príncipe fez Vrihannala se tornar seu quadrigário. E com Vrihannala para segurar suas rédeas o herói partiu, levando com ele muitos arcos valiosos e um grande número de flechas belas. E sua amiga Uttara e suas donzelas então disseram para Vrihannala, 'Ó Vrihannala, traga para nossas bonecas (quando tu voltares) várias espécies de tecidos bons e finos depois de venceres os Kurus reunidos para combate dos quais Bhishma e Drona são os principais!' Assim endereçado, Partha o filho de Pandu, em uma voz profunda como o ribombar das nuvens, falou sorridente para aquele grupo de moças formosas dessa maneira, 'Se Uttara puder subjugar aqueles guerreiros poderosos em batalha, eu sem dúvida trarei tecidos excelentes e belos.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito estas palavras, o heróico Arjuna incitou os corcéis em direção ao exército Kuru sobre o qual flutuavam inúmeras bandeiras. Exatamente, no entanto, quando eles estavam partindo, damas idosas e moças e Brahmanas de votos rígidos, vendo Uttara sentado em seu carro excelente com Vrihannala como quadrigário e sob aquele grande estandarte içado no alto, caminharam ao redor do carro para abençoar o herói. E as mulheres disseram, 'Que a vitória que Arjuna caminhando como um touro obteve antigamente na ocasião de queimar a floresta de Khandava seja tua, ó Vrihannala, quando tu enfrentares os Kurus hoje com o príncipe Uttara.'"

38

'Vaisampayana disse, 'Tendo saído da cidade, o filho intrépido de Virata se dirigiu a seu quadrigário, dizendo, 'Proceda para onde os Kurus estão. Derrotando os Kurus reunidos que vieram para cá por desejo de vitória, e resgatando rapidamente meu gado deles, eu voltarei para a capital.' Nestas palavras do príncipe, o filho de Pandu incitou aqueles corcéis excelentes. E dotados da velocidade do vento e enfeitados com colares de ouro, aqueles corcéis, instigados por aquele leão entre homens, pareciam voar pelo ar. E eles não tinham procedido longe quando aqueles batedores de inimigos, Dhananjaya e o filho de Matsya, avistaram o exército dos poderosos Kurus. E procedendo em direção ao cemitério, eles se aproximaram dos Kurus e contemplaram seu exército organizado em ordem de batalha. E aquele grande exército deles parecia com o vasto oceano ou uma floresta de inúmeras árvores se movendo pelo céu. E então era vista, ó melhor entre os Kurus, a poeira erguida por aquele exército movente a qual alcançava o céu e obstruía a visão de todas as criaturas. E observando aquela hoste imensa cheia de elefantes, cavalos e carruagens, e protegida por Karna e Duryodhana e Kripa e o filho de Santanu, e aquele arqueiro inteligente e formidável Drona, com seu filho (Aswatthaman), o filho de Virata, agitado com medo e com os pêlos de seu corpo eriçados, falou dessa maneira para Partha, 'Eu não ouso lutar com os Kurus. Veja, os pêlos do meu corpo se arrepiaram. Eu sou incapaz de lutar com esta hoste incontável dos Kurus, abundando em guerreiros heróicos, que são extremamente ferozes e difíceis de serem vencidos até pelos celestiais. Eu não ouso penetrar no exército dos Bharatas consistindo em arqueiros terríveis e cheio de cavalos e elefantes e carros e soldados de infantaria e estandartes. Minha mente está perturbada demais pela própria visão do (exército) inimigo no campo de batalha no qual estão Drona e Bhishma, e Kripa, e Karna, e Vivingsati, e Aswatthaman e Vikarna, e Saumadatti, e Vahlika, e o rei heróico Duryodhana também, aquele principal dos guerreiros em carros, e muitos outros arqueiros esplêndidos, todos hábeis em combate. Meus cabelos se arrepiaram, e eu estou desfalecendo com medo pela própria visão desses batedores, os Kurus organizados em ordem de batalha.'"

"Vaisampayana continuou, 'E o tolo Uttara de mente inferior somente por insensatez começou a lamentar (seu destino) na presença do dinâmico (Arjuna)

disfarçado (como seu quadrigários) nestas palavras, ‘Meu pai partiu para enfrentar os Trigartas levando com ele seu exército inteiro, me deixando na cidade vazia. Não há tropas para me ajudar. Sozinho e um mero garoto que não tem praticado muito exercício com armas, eu sou incapaz de enfrentar estes guerreiros inumeráveis e todos habilidosos com armas. Portanto, ó Vrihannala, pare de avançar!’”

"Vrihannala disse, 'Por que tu pareces tão pálido pelo medo e aumentas a alegria dos teus inimigos? Até agora tu não fizeste nada no campo de batalha com o inimigo. Foste tu que me ordenaste, dizendo, ‘Leve-me em direção aos Kauravas.’ Eu, portanto, te levarei para onde aquelas inumeráveis bandeiras estão. Eu certamente te levarei, ó de braços fortes, ao meio dos Kurus hostis, preparados para lutar como eles estão pelo gado como falcões pela carne. Eu faria isso mesmo que eu considerasse que eles vieram para cá para lutar por um prêmio muito superior tal como a soberania da terra. Tendo, na hora de partir, falado perante homens e mulheres tão favoravelmente da tua coragem, por que tu desistirias da luta? Se tu voltares para casa sem recapturar os gados, homens corajosos e até mulheres, quando eles se reunirem, rirão de ti (em menosprezo). Com relação a mim mesmo, eu não posso voltar à cidade sem ter resgatado os gados, elogiado com eu fui tão favoravelmente pela Sairindhri a respeito da minha habilidade na direção de carros. É por causa daqueles elogios pela Sairindhri e por aquelas tuas palavras também (que eu vim). Por que eu não deveria, portanto, dar combate aos Kurus? (Quanto a ti mesmo), fique calmo.'”

“Uttara disse, ‘Que os Kurus roubem dos Matsyas toda sua riqueza. Que os homens e mulheres, ó Vrihannala, riam de mim. Que meu gado pereça, que a cidade seja um deserto. Que eu fique exposto perante meu pai. Entretanto não há necessidade de combate.’”

"Vaisampayana continuou, 'Dizendo isso, aquele príncipe muito aterrorizado enfeitado com brincos pulou de seu carro, e jogando no chão seu arco e flechas começou a fugir, sacrificando honra e orgulho. Vrihannala, no entanto, exclamou, 'Esta não é a prática dos corajosos, esta fuga de um Kshatriya do campo de batalha. Até a morte em combate é melhor do que fuga por medo.' Tendo dito isso, Dhananjaya, o filho de Kunti, descendo daquele carro excelente correu atrás daquele príncipe que fugia dessa maneira, sua própria trança comprida e roupas vermelhas puras esvoaçando no ar. E alguns soldados, não sabendo que era Arjuna que estava assim correndo com sua trança esvoaçado no ar, caíram na gargalhada à visão. E vendo-o correr daquela maneira, os Kurus começaram a discutir, 'Quem é esta pessoa, assim disfarçada como fogo oculto em cinzas? Ele é em parte um homem e em parte uma mulher. Embora portando uma forma neutra, ele ainda assim parece Arjuna. Dele é a mesma cabeça e pescoço, e seus os mesmos braços semelhantes a um par de maças. E modo de andar deste também é como o dele. Ele não pode ser ninguém mais do que Dhananjaya. Como Indra é entre os celestiais, assim é Dhananjaya entre os homens. Quem mais neste mundo além de Dhananjaya viria sozinho contra nós? Virata deixou um único filho dele na cidade vazia. Ele saiu por infantilidade e não por heroísmo verdadeiro. É Uttara quem deve ter saído da cidade, tendo, sem dúvida, feito

como um quadrigário Arjuna, o filho de Pritha, agora vivendo disfarçado. Parece que ele está agora fugindo em pânico à visão do nosso exército. E sem dúvida Dhananjaya corre atrás dele para trazê-lo de volta.'"

"Vaisampayana continuou, 'Vendo o filho disfarçado de Pandu, os Kauravas, ó Bharata, começaram a se entregar a essas conjeturas, mas eles não podiam chegar a alguma conclusão definida. Enquanto isso Dhananjaya, perseguindo rapidamente o retirante Uttara, agarrou-o pelo cabelo dentro de cem passos. E agarrado por Arjuna, o filho de Virata começou a lamentar mais angustiosamente como alguém em grande aflição, e disse, 'Escute, ó bom Vrihannala, ó tu de cintura bonita. Mude rapidamente a direção do carro. Aquele que vive encontra prosperidade. Eu te darei cem moedas de ouro puro e oito lápis lazúli de grande brilho ornamentados com ouro, e uma carruagem equipada com um mastro de bandeira dourado e puxado por corcéis excelentes, e também dez elefantes de bravura enfurecida. Ó Vrihannala, liberte-me.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado aquele tigre entre homens rindo arrastou Uttara que estava quase privado de seus sentidos, e que estava proferindo estas palavras de lamentação, em direção ao carro. E o filho de Pritha então se dirigiu ao príncipe apavorado que quase tinha perdido seus sentidos, dizendo, 'Se, ó castigador de inimigos, tu não ousas lutar com o inimigo, venha e segure as rédeas dos corcéis enquanto eu luto com o inimigo. Protegido pelo poder de minhas armas penetre naquele formidável e invencível esquadrão de carros protegido por guerreiros heróicos e poderosos. Não temas, ó castigador de inimigos, tu és um Kshatriya e o principal dos príncipes reais. Por que tu, ó tigre entre homens, sucumbe em meio ao inimigo? Eu sem dúvida lutarei com os Kurus e recuperarei o gado, penetrando naquele formidável e inacessível esquadrão de carros. Sejas tu meu quadrigário, ó melhor dos homens, eu lutarei com os Kurus.' Falando assim para Uttara, o filho de Virata, Vibhatsu, antes inconquistado em combate, por algum tempo o confortou. E então o filho de Pritha, aquele principal dos batedores, ergueu no carro aquele príncipe fraco e relutante tomado pelo medo!'"

39

"Vaisampayana disse, 'Observando aquele touro entre homens sentado no carro no traje de uma pessoa do terceiro sexo, dirigindo em direção à árvore Sami, tendo erguido Uttara (que fugia), todos os grandes guerreiros em carros dos Kurus com Bhishma e Drona em sua vanguarda ficaram assustados no fundo, suspeitando que aquele que chegava era Dhananjaya. E vendo eles assim desanimados e notando também os muitos presságios admiráveis, aquele principal de todos os portadores de armas, o preceptor Drona, filho de Bharadwaja, disse, 'Violentos e quentes são os ventos que sopram, derramando cascalhos em profusão. O céu também está nublado com uma escuridão de cor cinzenta. As nuvens apresentam a visão estranha de estarem secas e sem água. Nossas armas também de vários tipos estão saindo de seus estojos. Os chacais

estão gritando horrivelmente assustados pelas conflagrações em todos os lados. Os cavalos também estão derramando lágrimas, e nossos estandartes estão tremendo embora movidos por ninguém. Sendo tais as indicações inauspiciosas vistas, um grande perigo está próximo. Fiquem vigilantes, protejam a si mesmos e organizem as tropas em formação de batalha. Fiquem esperando um massacre terrível, e protejam bem o gado. Este arqueiro poderoso, este principal de todos os manejadores de armas, aquele herói que vem no traje de uma pessoa do terceiro sexo, é o filho de Pritha. Não há dúvida disto.' Então se dirigindo a Bhishma, o preceptor continuou, 'Ó filho do Ganges, vestido como uma mulher, aquele é Kiriti que recebeu o nome de uma árvore (pois Arjuna é o nome de uma árvore indiana), o filho do inimigo das montanhas (filho de Indra, pois antigamente foi Indra quem cortou as asas de todas as montanhas e obrigou-as a serem estacionárias. Ele falhou no caso de Mainaka, o filho de Himavat), e tendo em seu estandarte o símbolo do devastador dos jardins do senhor de Lanka (Hanuman). Nos derrotando ele sem dúvida levará os gados hoje! Aquele castigador de inimigos é o filho valente de Pritha apelidado de Savyasachin. Ele não desiste de lutar nem com os deuses e demônios unidos. Sujeitado à grande privação na floresta ele vem em cólera. Ensinado até pelo próprio Indra, ele é semelhante à Indra em batalha. Portanto, ó Kauravas, eu não vejo algum herói que possa resistir a ele. É dito que o próprio senhor Mahadeva, disfarçado no traje de um caçador, foi gratificado por este filho de Pritha em combate nas montanhas de Himavat.' Ouvindo estas palavras, Karna disse, 'Você sempre nos critica por falar nas virtudes de Falguna, Arjuna, no entanto, não é igual nem a uma décima sexta parte completa de mim mesmo ou Duryodhana!' E Duryodhana disse, 'Se este for Partha, ó Radheya, então meu propósito já foi realizado, pois então, ó rei, se descobertos, os Pandavas terão que vagar por doze anos novamente. Ou, se este for alguma outra pessoa em um traje de eunuco, eu logo o prostrarei na terra com flechas de gume afiado.'"

"Vaisampayana continuou, 'O filho de Dhritarashtra, ó castigador de inimigos, tendo dito isso, Bhishma e Drona e Kripa e o filho Drona todos elogiaram sua coragem!'"

40

"Vaisampayana disse, 'Tendo alcançado aquela árvore Sami, e tendo averiguado que o filho de Virata era muito delicado e inexperiente em batalha, Partha se dirigiu a ele dizendo, 'Mandado por mim, ó Uttara, tire rapidamente de cima (desta árvore) alguns arcos que estão lá. Pois estes teus arcos são incapazes de aguentar minha força, minha pressão forte quando eu oprimir efetivamente cavalos e elefantes, e o estiramento de meus braços quando eu procurar subjugar o inimigo. Portanto, ó Bhuminjaya, suba nesta árvore de folhagem espessa, pois nesta árvore estão amarrados os arcos e flechas e estandartes e excelentes cotas de malha dos filhos heróicos de Pandu, Yudhishthira e Bhima e Vibhatsu e os gêmeos. Lá também está aquele arco de grande energia, o Gandiva de Arjuna, o qual sozinho é igual a muitos milhares de

outros arcos e que é capaz de estender os limites de um reino. Grande como uma palmeira, capaz de suportar a maior pressão, a maior de todas as armas, capaz de obstruir o inimigo, belo, e suave, e largo, sem um nó, e adornado com ouro, ele é firme e belo em feitio e suporta a maior pressão. E os outros arcos também que estão lá, de Yudhishthira e Bhima e Vibhatsu e dos gêmeos, são igualmente fortes e resistentes.'"

41

"Uttara disse, 'Foi ouvido por nós que um cadáver está amarrado nessa árvore. Como eu posso, portanto, sendo um príncipe por nascimento, tocá-lo com minhas mãos? Nascido na classe Kshatriya, e filho de um grande rei, e sempre observador de mantras e votos, não é apropriado para mim tocá-lo. Por que tu deverias, ó Vrihannala, me tornar um poluído e impuro carregador de cadáveres, por me obrigares a entrar contato com um cadáver?'"

"Vrihannala disse, 'Tu, ó rei de reis, permanecerás puro e não poluído. Não temas, há somente arcos nessa árvore e não corpos. Herdeiro do rei dos Matsyas, e nascido em uma família nobre, por que, ó príncipe, eu te faria executar tal ato reprovável?'"

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçado por Partha, o filho de Virata, enfeitado com brincos, desceu do carro e subiu naquela árvore Sami relutantemente. E ficando no carro, Dhananjaya, aquele matador de inimigos, disse para ele, 'Traga depressa para baixo aqueles arcos do topo da árvore.' E cortando seus envoltórios primeiro e então as cordas com as quais eles estavam atados, o príncipe contemplou o Gandiva lá junto com quatro outros arcos. E como eles estavam unidos, o esplendor daqueles arcos radiante como o sol começou a brilhar com grande refulgência semelhante àquela dos planetas perto do momento de sua ascensão. E contemplando as formas daqueles arcos, tão semelhantes a cobras suspirando, ele ficou afligido com medo e num momento os pêlos de seu corpo se arrepiaram. E tocando aqueles arcos grandes de esplendor magnífico, o filho de Virata, ó rei, falou dessa maneira para Arjuna.'"

42

"Uttara disse, 'À qual guerreiro famoso pertence este arco excelente, sobre o qual há cem enfeites dourados (em relevo) e que tem tais extremidades radiantes? De quem é este arco excelente de bons lados e alça confortável, na vara do qual brilham elefantes dourados de tal esplendor? De quem é este arco excelente, adornado com três entalhes de Indragoapkas (insetos indianos de um tipo específico) de ouro puro, colocados no verso da vara em intervalos apropriados? De quem é este arco excelente, equipado com três sóis dourados de grande refulgência, resplandecendo com tal brilho? De quem é este arco belo que é matizado com ouro e pedras preciosas, e sobre o qual há insetos dourados

cravejados com pedras belas? De quem são estas flechas equipadas com asas em volta, numerando mil, tendo cabeças douradas, e envolvidas em aljavas douradas? Quem possui estas flechas grandes, tão grossas, equipadas com asas de urubu, afiadas em pedra, de cor amarelada, de pontas afiadas, bem temperadas, e feitas totalmente de ferro? De quem é esta aljava de cor negra, portando cinco imagens de tigres, que contém setas misturadas com flechas de asas de javali ao todo numerando dez? De quem são estas setecentas flechas, longas e grossas, capazes de beber o sangue (do inimigo), e parecendo com a lua crescente? De quem são estas flechas coroadas com ouro, as metades inferiores das quais são bem equipadas com asas da cor das penas dos papagaios e as metades superiores de aço bem temperado? De quem é esta espada excelente irresistível, e terrível para adversários, com a marca de um sapo nela, e pontuda como uma cabeça de sapo? Envolvida em bainha matizada de pele de tigre, de quem é esta grande espada de lâmina excelente e matizada com ouro e provida de sinos tilintantes? De quem é esta bela cimitarra de lâmina polida e punho dourado? Fabricada no país dos Nishadas, irresistível, incapaz de ser quebrada, de quem é esta espada de lâmina polida em uma bainha de pele de vaca? De quem é esta espada bela e comprida, escura em cor como o céu, engastada com ouro, bem temperada, e encaixada em uma bainha de pele de cabra? Quem possui esta espada pesada, bem temperada, e larga, mais longa do que a extensão de trinta dedos, polida pela colisão constante com armas de outros e mantida em um estojo de ouro, brilhante como fogo? De quem é esta cimitarra bela de lâmina escura coberta com saliências douradas, capaz de atravessar os corpos de adversários, cujo toque é tão fatal como aquele de uma cobra venenosa a qual é irresistível e excita o terror de inimigos? Perguntado por mim, ó Vrihannala, responda-me verdadeiramente. Grande é minha admiração à visão de todos estes objetos excelentes.'"

43

"Vrihannala disse, 'Aquele sobre o qual tu perguntaste primeiro é o arco de Arjuna, de fama mundial, chamado Gandiva, capaz de devastar hostes hostis. Embelezado com ouro, este Gandiva, a mais sublime e maior de todas as armas pertence à Arjuna. Sozinho igual a cem mil armas, e sempre capaz de estender os confins de reinos, foi com ele que Partha venceu em batalha homens e celestiais. Venerado até pelos deuses, os Danavas e os Gandharvas, e matizado com cores excelentes, este arco grande e liso é sem um nó ou mancha em algum lugar. Shiva o manteve primeiro por mil anos. Depois Prajapati o manteve por quinhentos e três anos. Depois disso Sakra, por oitenta e cinco anos. E então Soma o manteve por quinhentos anos. E depois disso Varuna o manteve por cem anos. E finalmente Partha, apelidado Swetavahana (da cor de seus corcéis), o manteve por sessenta e cinco anos. Dotado de grande energia e de origem celeste superior, este é o melhor de todos os arcos. Adorado entre deuses e homens, ele tem uma forma vistosa. Partha obteve este arco belo de Varuna. Este outro arco de lados bonitos e cabo dourado é de Bhima com o qual aquele filho de Pritha,

aquele castigador de inimigos, conquistou todas as regiões do leste. Este outro arco excelente de forma bela, adornado com imagens de Indragopakas, pertence, ó filho de Virata, ao rei Yudhishthira. Esta outra arma, com sóis dourados de esplendor brilhante derramando uma refulgência deslumbrante em volta, pertence à Nakula. E este arco adornado com imagens douradas de insetos e cravejado também com jóias e pedras pertence àquele filho de Madri que é chamado Sahadeva. Estas flechas aladas, mil em número, afiadas como navalhas e destrutivas como o veneno de cobras, pertencem, ó filho de Virata, à Arjuna. Quando disparando elas em batalha contra inimigos, estas flechas rápidas resplandecem mais brilhantemente e se tornam inesgotáveis. E estas flechas longas e grossas parecidas com o crescente lunar em forma, de gume afiado e capazes de diminuir as tropas do inimigo, pertencem à Bhima. E esta aljava portando cinco imagens de tigres, cheia de flechas amareladas afiadas em pedra e equipadas com asas douradas pertencem a Nakula. Esta é a aljava do filho inteligente de Madri, com a qual ele conquistou em batalha todas as regiões ocidentais. E estas flechas, todas refulgentes como o sol, pintadas por todos os lados com várias cores, e capazes de destruir inimigos aos milhares são aquelas de Sahadeva. E estas flechas curtas e bem temperadas e grossas, equipadas com penas longas e cabeças douradas, e consistindo em três grupos, pertencem ao rei Yudhishthira. E esta espada com lâmina longa e gravada com a imagem de um sapo e cabeça moldada como a boca de um sapo, forte e irresistível pertence à Arjuna. Encaixada em uma bainha de pele de tigre, de lâmina longa, bela e irresistível, e terrível para adversários, esta espada pertence à Bhimasena. De lâmina excelente e envolvida em uma bainha bem pintada, e equipada com um punho dourado, esta espada vistosa pertence ao sábio Kaurava, Yudhishthira o justo. E esta espada de lâmina forte, irresistível e planejada para vários modos excelentes de luta e envolvida em uma bainha de pele de cabra pertence à Nakula. E esta cimitarra enorme, envolvida em uma bainha de couro de vaca, forte e irresistível pertence à Sahadeva.'"

44

"Uttara disse, 'De fato, estas armas adornadas com ouro, pertencentes à Partha de mãos ágeis e de grande alma, parecem extremamente belas. Mas onde está aquele Arjuna, o filho de Pritha, e Yudhishthira da linhagem Kuru, e Nakula, e Sahadeva, e Bhimasena, os filhos de Pandu? Tendo perdido seu reino nos dados, não se tem mais notícias dos Pandavas de grande alma, capazes de destruir todos os inimigos. Onde também está Draupadi, a princesa de Panchala, afamada como a jóia entre as mulheres, que seguiu os filhos de Pandu para a floresta depois de sua derrota nos dados?'"

"Arjuna disse, 'Eu sou Arjuna, também chamado Partha. O cortesão do teu pai é Yudhishthira e o cozinheiro do teu pai Vallava é Bhimasena, o tratador de cavalos é Nakula, e Sahadeva está no curral. E saiba que Sairindhri é Draupadi, por cuja causa os Kichakas foram mortos.'"

“Uttara disse, ‘Eu acreditarei em tudo isto se tu puderes enumerar os dez nomes de Partha, previamente ouvidos por mim!’”

"Arjuna disse, 'Ó filho de Virata, eu te direi meus dez nomes. Escute e os compare com o que tu ouviste antes. Ouça-os com total atenção e mente concentrada. Eles são: Arjuna, Falguna, Jishnu, Kiritin, Swetavahana, Vibhatsu, Vijaya, Krishna, Savyasachin e Dhananjaya."

“Uttara disse, ‘Diga-me realmente por que tu és chamado Vijaya, e por que Swetavahana. Por que tu és chamado Krishna e por que Arjuna e Falguna e Jishnu e Kiritin e Vibhatsu, e para que tu és Dhananjaya e Savyasachin? Eu ouvi antes acerca da origem dos vários nomes daquele herói, e posso por fé nas tuas palavras se tu puderes me dizer tudo sobre eles.’”

"Arjuna disse, 'Eles me chamaram de Dhananjaya porque eu vivia no meio de riqueza, tendo subjugado todos os países e levado seus tesouros. Eles me chamaram de Vijaya porque quando eu parto para lutar com reis invencíveis eu nunca volto (do campo) sem subjugá-los. Eu sou chamado de Swetavahana porque quando lutando com o inimigo, cavalos brancos enfeitados com armadura dourada estão sempre unidos ao meu carro. Eles me chamam de Falguna porque eu nasci no leito do Himavat em um dia quando a constelação Uttara Falguna estava em ascendência. Eu sou chamado de Kiritin por causa de um diadema, resplandecente como o sol, ter sido colocado antigamente sobre minha cabeça por Indra durante meu conflito com os Danavas poderosos. Eu sou conhecido como Vibhatsu entre deuses e homens por eu nunca ter cometido um ato detestável no campo de batalha. E já que ambas as minhas mãos são capazes de esticar o Gandiva, eu sou conhecido como Savyasachin entre deuses e homens. Eles me chamam de Arjuna porque minha cor é muito rara dentro dos quatro limites da terra e também porque minhas ações são sempre imaculadas. Eu sou conhecido entre seres humanos e celestiais pelo nome de Jishnu porque eu sou inalcançável e incapaz de ser reprimido, e um domador de adversários e filho do matador de Paka. E Krishna, meu décimo nome, foi dado a mim por meu pai por afeição em direção ao seu filho de pele negra de grande pureza.'”

"Vaisampayana continuou, "O filho de Virata então, se aproximando mais perto saudou Partha e disse, 'Meu nome é Bhuminjaya, e eu sou também chamado de Uttara. É por boa sorte, ó Partha, que eu te vejo. Tu és bem vindo, ó Dhananjaya, ó tu de olhos vermelhos, e braços que são fortes e cada um semelhante à tromba de um elefante, cabe a ti perdoar o que eu disse para ti por ignorância. E como foram maravilhosas e difíceis as façanhas realizadas por ti antes, meus medos foram dissipados, e de fato o amor que eu tenho por ti é grande.'”

45

“Uttara disse, ‘Ó herói, subindo neste carro grande com eu mesmo como motorista, em qual divisão do exército (hostil) tu penetrarás? Comandado por ti, eu te levarei para onde?’”

"Arjuna disse, 'Eu estou satisfeito contigo, ó tigre entre homens. Tu não tens motivo para temer. Eu derrotarei todos os teus inimigos em batalha, ó grande guerreiro. E, ó tu de braços fortes, fique à vontade. Realizando façanhas grandiosas e terríveis no combate, eu lutarei com teus inimigos. Amarre rapidamente todas aquelas aljavas ao meu carro, e pegue (dentre aquelas) uma espada de lâmina polida e enfeitada com ouro.'”

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Arjuna, Uttara abandonou toda a inatividade. E ele desceu rapidamente da árvore, trazendo com ele as armas de Arjuna. Então Arjuna se dirigiu a ele, dizendo, 'Sim, eu lutarei com os Kurus e recuperarei teu gado. Protegido por mim, o topo deste carro será para ti como uma fortaleza. As passagens e vielas e outras divisões deste carro serão as ruas e edifícios daquela cidade fortificada. Estes meus braços serão seus baluartes e portões. Este poste triplo e minhas aljavas constituirão fortificações defensivas inacessíveis ao inimigo. Este meu estandarte, único e grandioso, ele sozinho não será igual àqueles da tua cidade? Esta minha corda de arco constituirá as catapultas e canhões para vomitar mísseis sobre a hoste sitiante. Minha cólera excitada tornará esta fortaleza temível, e o estrépito das rodas do meu carro, ele não parecerá com os timbales da tua capital? Ocupado por eu mesmo manejando o Gandiva, este carro não poderá ser subjugado pela hoste hostil, ó filho de Virata, que teu medo seja dissipado.'"

"Uttara disse, 'Eu não estou mais com medo deles. Eu conheço tua firmeza em batalha, a qual é mesmo semelhante àquela de Kesava ou do próprio Indra. Mas refletindo sobre isso, eu estou continuamente confuso. Tolo como eu sou, eu sou incapaz de chegar à conclusão certa. Por quais circunstâncias aflitivas poderia uma pessoa de tais membros belos e sinais auspiciosos se tornar privado de virilidade? De fato, tu pareces para mim ser Mahadeva, ou Indra, ou o chefe dos Gandharvas, somente vivendo no disfarce de uma pessoa do terceiro sexo.'"

"Arjuna disse, 'Eu te digo realmente que eu estou só cumprindo este voto por um ano inteiro em conformidade com a ordem do meu irmão mais velho. Ó tu de braços fortes, eu não sou realmente alguém do sexo neutro, mas eu adotei este voto de eunuquismo por subserviência à vontade de outro e por desejo de mérito religioso. Ó príncipe, saiba que agora eu completei meu voto.'"

"Uttara disse, 'Tu conferiste um grande benefício para mim hoje, pois eu agora descubro que minha suspeita não era totalmente infundada. De fato, uma pessoa como tu, ó melhor dos homens, não poderia ser do sexo neutro. Eu tenho agora um aliado em batalha. Eu posso agora lutar com os próprios celestiais. Meus temores foram dissipados. O que eu devo fazer? Comande-me agora. Treinado em dirigir carros por um preceptor erudito, ó touro entre homens, eu segurarei as

rédeas dos teus cavalos que são capazes de romper as tropas de carros hostis. Saiba, ó touro entre homens, que eu sou tão competente como um quadrigário como Daruka de Vasudeva, ou Matali de Sakra. O cavalo que está unido ao poste à direita (do teu carro) e cujas patas quando elas pousam no chão mal são visíveis quando correndo, é semelhante à Sugriva de Krishna. Este outro cavalo bonito, o principal da sua raça, que está unido ao poste esquerdo, é, eu considero, igual em velocidade à Meghapushpa. Este (terceiro) cavalo belo, vestido em armadura dourada, unido ao poste traseiro à esquerda, é, eu considero, igual à Sivya em velocidade mas superior em força. E este (quarto) cavalo, unido ao poste traseiro à direita, é considerado como superior à Valahaka em velocidade e força. Este carro é digno de conduzir no campo de batalha um arqueiro como tu, e tu também és digno de lutar neste carro. Isto é o que eu penso!'"

"Vaisampayana continuou, 'Então Arjuna, dotado de grande energia, tirou as pulseiras de seus braços e vestiu em suas mãos um belo par de luvas bordadas com ouro. E ele então amarrou seus cabelos negros e encaracolados com um pedaço de tecido branco. E sentado naquele carro excelente com rosto virado para o leste, o herói de braços poderosos, purificando seu corpo e concentrando sua alma, evocou em sua mente todas as suas armas. E todas as armas vieram, e se dirigindo ao filho real de Partha, disseram, 'Nós estamos aqui, ó ilustre. Nós somos tuas servas, ó filho de Indra.' E reverenciando-as, Partha as recebeu em suas mãos e respondeu para elas, dizendo, 'Vivam vocês todas em minha memória.' E obtendo todas as suas armas, o herói parecia alegre. E rapidamente encordoando seu arco, o Gandiva, ele o vibrou. E o som daquele arco era tão alto como a colisão de dois touros fortes. E terrível foi o som que encheu a terra, e violento foi o vento que soprou por toda parte. E grossa foi a chuva de meteoros caídos e todos lados foram envolvidos em escuridão. E as aves começaram a cambalear no céu e árvores grandes começaram a tremer. E alto como o estouro do trovão, os Kurus souberam a partir daquele som que foi Arjuna quem puxou com suas mãos a corda do seu melhor dos arcos a partir de seu carro. E Uttara disse, 'Tu, ó melhor dos Pandavas, estás sozinho. Estes poderosos guerreiros em carros são muitos. Como tu subjugarás em batalha todos estes que são habilidosos com todos os tipos de armas? Tu, ó filho de Kunti, estás sem um seguidor, enquanto os Kauravas tem muitos. É por isto, ó tu de armas poderosas, que eu fico junto de ti, tomado pelo medo.' Caindo na risada, Partha disse para ele, 'Não tenha medo, ó herói, que seguidor aliado eu tinha enquanto lutava com os Gandharvas poderosos na ocasião do Ghoshayatra? Quem era meu aliado enquanto engajado no conflito terrível em Khandava contra tantos celestiais e Danavas? Quem foi meu aliado quando eu lutei em nome do senhor dos celestiais contra os poderosos Nivatakavachas e os Paulomas? E quem foi meu aliado, ó filho, quando eu enfrentei em combate inúmeros reis no Swayamvara para a princesa de Panchala? Treinado em armas pelo preceptor Drona, por Sakra, e Vaisravana, e Yama, e Varuna, e Agni, e Kripa, e Krishna da linhagem de Madhu, e pelo manejador do Pinaka (Siva), por que eu não lutaria com estes? Dirija meu carro depressa, e que a ansiedade do teu coração seja dissipada.'"

46

"Vaisampayana disse, 'Fazendo Uttara seu quadrigário, e circungirando a árvore Sami, o filho de Pandu partiu levando todas as suas armas com ele. E aquele poderoso guerreiro em carro partiu com Uttara como o motorista de seu carro, tendo descido aquele estandarte com a figura do leão e o depositado no pé da árvore Sami. E ele içou sobre aquele carro seu próprio estandarte dourado portando a figura de um macaco com um rabo de leão, o qual era uma ilusão celeste idealizada pelo próprio Viswakarman. Pois foi logo, de fato, que ele tinha pensado naquele presente de Agni, que o último, conhecendo seu desejo, mandou aquelas criaturas sobre-humanas (que usualmente sentavam lá) tomarem seus lugares naquele estandarte. E equipado com uma bandeira bela de feitio bonito, com aljavas presas a ele, e adornado com ouro, aquele excelente mastro de bandeira de beleza celeste então rapidamente desceu do firmamento sobre seu carro. E contemplando aquele estandarte chegado em seu carro, o herói o circungirou (respectivamente). E então Vibhatsu de estandarte de macaco, o filho de Kunti, chamado também de Swetavahana, com dedos envolvidos em proteções de couro feitas de pele de iguana, e pegando seu arco e flechas partiu na direção norte. E aquele opressor de inimigos, possuidor de grande força, então soprou com força sua grande concha, de som trovejante, capaz de fazer os pêlos dos inimigos se arrepiarem. E ao som daquela concha, aqueles corcéis dotados de rapidez caíram ao solo sobre seus joelhos. E Uttara também, imensamente assustado, sentou-se no carro. E então o filho de Kunti pegou as rédeas ele mesmo e erguendo os corcéis colocou-os em suas posições corretas. E abraçando Uttara, ele o encorajou também, dizendo, 'Não temas, ó principal dos príncipes, tu és, ó castigador de inimigos, um Kshatriya por nascimento. Por que, ó tigre entre homens, tu ficas assim desanimado no meio de inimigos? Tu deves ter ouvido antes o clangor de muitas conchas e as notas de muitas trombetas, e o rugido também de muitos elefantes no meio de tropas organizadas para a batalha. Por que tu estás, portanto, tão desanimado e agitado e apavorado pelo clangor desta concha, como se tu fosses uma pessoa comum?'"

"Uttara disse, 'Eu ouvi antes o clangor de muitas conchas e muitas trombetas e o rugido de muitos elefantes colocados nas formações de batalha, mas nunca antes eu ouvi o clangor de tal concha. Nem alguma vez eu vi um estandarte como este. Nunca antes eu ouvi também o som de um arco tal como este. Realmente, senhor, com o clangor desta concha, a vibração deste arco, os gritos sobre-humanos das criaturas colocadas neste estandarte, e o estrépito deste carro, minha mente está muito desnorteada. Minha percepção das direções também está confusa, e meu coração está terrivelmente angustiado. O firmamento inteiro me parece ter sido coberto por este estandarte, e tudo parece estar oculto da minha vista! Meus ouvidos também foram ensurdecidos pelo som do Gandiva!"

"Arjuna disse, 'Permaneça firmemente no carro, pressionado teus pés sobre ele, e te agarre firmemente às rédeas, pois eu soprarei a concha outra vez.'"

"Vaisampayana disse, 'Arjuna então soprou novamente sua concha, aquela concha que enchia inimigos com aflição e aumentava a alegria de amigos. E o som era tão alto que ele parecia rachar colinas e montanhas, e atravessar cavernas de montanha e os pontos cardeais. E Uttara novamente se sentou no carro, agarrando-se a ele com medo. E com o clangor da concha e o estrépito das rodas do carro, e o som do Gandiva, a própria terra parecia tremer. E contemplando a luta de Uttara, Dhananjaya começou a confortá-lo novamente.'"

"Enquanto isso Drona disse, 'Pelo estrépito do carro, e pela maneira na qual as nuvens envolveram o céu e a própria terra treme, este guerreiro não pode ser alguém mais do que Savyasachin. Nossas armas não brilham, nossos corcéis estão abatidos, e nossos fogos, embora alimentados com combustível, não resplandecem. Tudo isso é agourento. Todos os nossos animais estão dando um uivo pavoroso, olhando em direção ao sol. Os corvos estão pousando em nossos estandartes. Tudo isto é agourento. Acolá urubus e milhafres à nossa direita pressagiam um grande perigo. Aquele chacal também, passando por nossas tropas, geme sombriamente. Veja, ele escapou não atingido. Tudo isso pressagia uma calamidade pesada. Os pêlos também de vocês todos estão arrepiados. Certamente isto prediz uma grande destruição de Kshatriyas em batalha. Coisas dotadas de luz estão todas pálidas; animais e aves parecem ferozes; e acolá são testemunhados muitos presságios terríveis indicativos da destruição de Kshatriyas. E estes presságios prognosticam grande destruição entre nós. Ó rei, tuas tropas parecem estar confusas por estes meteoros resplandecentes, e teus animais parecem abatidos e parecem estar derramando lágrimas. Urubus e milhafres estão se movendo em forma circular em volta das tuas tropas. Tu terás que te arrepender ao veres teu exército afligido pelas flechas de Partha. De fato, nossas tropas parecem já ter sido derrotadas, pois ninguém está ansioso para lutar. Todos os nossos guerreiros estão com rosto pálido, e quase privados de seus sentidos. Enviando as vacas adiante nós devemos permanecer aqui, preparados para o ataque, com todos os nossos guerreiros organizados em ordem de batalha."

47

"Vaisampayana disse, 'O rei Duryodhana então, no campo de batalha disse para Bhishma, e para Drona, aquele tigre entre os guerreiros, e para Kripa, aquele poderoso guerreiro em carro, estas palavras, 'Eu mesmo e Kama tínhamos dito isso para os preceptores, (mas) eu me refiro ao assunto de novo, pois eu não estou satisfeito por ter dito isso uma vez. Esta mesma foi a promessa dos filhos de Pandu: que se derrotados (nos dados) eles residiriam para nosso conhecimento em países e florestas por doze anos, e mais um ano desconhecidos para nós. Aquele décimo terceiro ano, em vez de estar terminado, ainda está correndo. Vibhatsu, portanto, que ainda tem que viver escondido, apareceu diante de nós. E se Vibhatsu veio antes do período de exílio estar terminado os Pandavas terão que passar outros doze anos nas florestas. Se é devido a esquecimento (da parte deles) induzido por desejo de domínio, ou se isto é um erro nosso, cabe a

Bhishma calcular a curteza ou excesso (do período prometido). Quando um objeto de desejo pode ou não pode ser alcançado, uma dúvida necessariamente se liga a uma das alternativas, e o que é decidido de uma maneira muitas vezes termina de outro modo. Até moralistas são confundidos ao julgarem suas próprias ações. Quanto a nós, nós viemos para cá para lutar com os Matsyas e arrebatar seu gado colocado em direção ao norte. Se, enquanto isso, é Arjuna quem vem, que erro pode se vincular a nós? Nós viemos aqui para lutar com os Matsyas em nome dos Trigartas; e como foram numerosas as ações relatadas para nós das opressões cometidas pelos Matsyas, foi por isto que nós prometemos ajuda aos Trigartas que estavam dominados pelo medo. E estava combinado entre nós que eles deveriam capturar primeiro, na tarde do sétimo dia lunar, a enorme riqueza em gado que os Matsyas tem, e que nós devíamos, no nascer do sol do oitavo dia da lua, apanhar estas vacas quando o rei dos Matsyas estivesse perseguindo aquelas roubadas primeiro. Pode ser que os Trigartas estejam agora levando as vacas no caminho, ou, sendo derrotados, estejam vindo em direção a nós para negociar com o rei dos Matsyas. Ou, pode ser que tendo rechaçado os Trigartas, o rei dos Matsyas, na vanguarda de seu povo e seu exército inteiro de guerreiros ferozes, apareça em cena e avance para fazer ataques noturnos sobre nós. Pode ser que algum líder entre eles, dotado de energia poderosa, esteja avançando para nos subjugar, ou, pode ser que o próprio rei dos Matsyas esteja vindo. Mas seja o rei dos Matsyas ou Vibhatsu, nós devemos todos lutar com ele. Esta mesma foi nossa promessa. Por que todos estes principais guerreiros em carros, Bhishma e Drona e Kripa e Vikarna e o filho de Drona, estão agora sentados em seus carros, em pânico? No momento não há nada melhor do que lutar. Portanto, decidam. Se pelos gados que nós arrebatamos ocorrer um combate com o próprio manejador divino do raio ou até com Yama, quem seria capaz de alcançar Hastinapura? Perfurados pelas flechas (do inimigo), como os soldados de infantaria, ao fugirem pela floresta profunda com suas costas para o campo, escapariam com vida, quando fuga para a cavalaria é duvidosa?' Ouvindo estas palavras de Duryodhana, Karna disse, 'Desconsiderando o preceptor, faça todos os arranjos. Ele conhece bem as intenções dos Pandavas e inflige terror em nossos corações. Eu vejo que o afeto dele por Arjuna é muito grande. Vendo ele apenas vindo, ele canta seus louvores. Façam arranjos de tal maneira que nossas tropas não se rompam. Tudo está em confusão por Drona ter somente ouvido o relincho dos corcéis (de Arjuna). Façam planos para que estas tropas, vindo a uma terra distante nesta estação quente e no meio desta floresta imensa, não possam cair em confusão e ser subjugadas pelo inimigo. Os Pandavas são sempre os favoritos especiais do preceptor. Os Pandavas egoístas colocaram Drona contra nós. De fato, ele se trai por suas palavras. Quem exaltaria uma pessoa ao ouvir somente o relincho de seus corcéis? Cavalos sempre relincham, estejam andando ou parados, os ventos sopram em todos os momentos; e Indra também sempre derrama chuva. O ribombar das nuvens pode ser ouvido frequentemente. O que Partha tem a ver com isto, e por que ele deve ser elogiado por isto? Tudo isto (da parte de Drona), portanto, é devido somente ao desejo de fazer bem para Arjuna ou à sua cólera e ódio em direção a nós. Preceptores são sábios, e impecáveis, e muito bondosos para todas as criaturas. Eles, no entanto, nunca devem ser consultados em tempos de perigo. É em palácios luxuosos, e

assembléias e jardins de diversão que homens eruditos, capazes de fazer discursos, parecem estar em seu lugar. Realizando muitas coisas admiráveis na assembléia, é lá que aqueles homens eruditos encontram seu lugar, ou mesmo lá onde utensílios sacrificais e sua colocação e lavagem apropriadas são necessárias. Em um conhecimento dos lapsos de outros, em estudar o caráter de homens, na ciência de cavalos e elefantes e carros, em tratar as doenças de jumentos e camelos e cabras e ovelhas e vacas, em planejar construções e portões, e em indicar os defeitos de comida e bebida, os eruditos estão realmente em sua própria esfera. Desconsiderando homens eruditos que exaltam o heroísmo do inimigo, façam arranjos de tal maneira que o inimigo possa ser destruído. Colocando os gados seguramente, organizem as tropas em ordem de batalha. Coloquem guardas em lugares apropriados para que nós lutemos com o inimigo.'"

48

"Karna disse, 'Eu vejo todos estes abençoados, parecendo alarmados e em pânico e irresolutos e relutantes em combater. Se aquele que vem é o rei dos Matsyas ou Vibhatsu, eu mesmo resistirei a ele como as margens resistem ao mar que aumenta. Atiradas do meu arco, estas flechas retas e voadoras, como cobras deslizantes, são todas certas do alvo. Disparadas por minhas mãos ágeis, estas flechas de gume afiado equipadas com asas douradas cobrirão Partha completamente, como gafanhotos cobrindo uma árvore. Fortemente pressionada por estas flechas aladas, a corda do arco fará estas minhas proteções de couro produzirem sons que serão ouvidos parecendo com aqueles de um par de timbales. Tendo estado engajado em austeridades ascéticas pelos últimos oito e cinco anos, Vibhatsu só me atingirá brandamente neste conflito, e o filho de Kunti tendo se tornado um Brahmana dotado de boas qualidades dessa maneira se tornou uma pessoa apta para receber quietamente flechas às milhares disparadas por mim. Este arqueiro poderoso é de fato, célebre pelos três mundos. Eu, também não sou, de nenhuma maneira, inferior a Arjuna, aquele principal dos seres humanos. Com flechas douradas equipadas com asas de urubu atiradas por todos os lados, que o firmamento pareça hoje enxamear com pirilampos. Matando Arjuna em batalha, eu pagarei hoje aquela dívida, difícil de reembolso, mas prometida antigamente por mim para o filho de Dhritarashtra. Que homem há, mesmo entre todos os deuses e os Asuras, que aguentará permanecer nos dentes das flechas retas disparadas do meu arco? Que minhas flechas voadoras, aladas e achatadas no meio, apresentem o espetáculo do percurso dos pirilampos pelo céu. Embora ele seja firme como o raio de Indra e possuidor da energia do chefe dos celestiais, eu certamente oprimirei Partha, assim como alguém aflige um elefante por meio de tições queimando. Um heróico e poderoso guerreiro em carro como ele é, e o principal de todos os manejadores de armas, eu apanharei Partha sem resistência assim como Garuda agarrando uma cobra. Irresistível como fogo, e alimentado pelo combustível de espadas, dardos, e flechas, o flamejante fogo-Pandava que consome inimigos será extinto por eu mesmo que sou como uma nuvem imensa constantemente derramando uma chuva de flechas, aquela

multidão de carros (que eu liderarei) constituindo seu trovão, e a velocidade dos meus cavalos, o vento em antecipação. Disparadas do meu arco, minhas flechas como cobras venenosas furarão o corpo de Partha, como serpentes penetrando através de um formigueiro. Perfurado com flechas bem temperadas e retas dotadas de asas douradas e grande energia, contemplem hoje o filho de Kunti adornado como uma colina coberta com flores Karnikara. Tendo obtido armas daquele melhor dos ascetas, o filho de Jamadagni, eu, confiando em sua energia, lutaria com até os celestiais. Atingido por meu dardo, o macaco colocado no topo do seu estandarte cairá hoje na terra, proferindo gritos terríveis. O firmamento hoje será cheio com os gritos das criaturas (sobre-humanas) colocadas no mastro de bandeira do inimigo, e afligidas por mim, elas fugirão em todas as direções. Eu hoje arrancarei pelas raízes o dardo que está há muito tempo no coração de Duryodhana por derrubar Arjuna de seu carro. Os Kauravas hoje verão Partha com seu carro quebrado, seus cavalos mortos, sua bravura perdida, e ele mesmo suspirando como uma cobra. Que os Kauravas, seguindo sua própria vontade vão embora levando esta abundância de gados, ou, se eles desejarem, que eles fiquem em seus carros e testemunhem meu combate.'"

49

"Kripa disse, 'Ó Radheya, teu coração desonesto sempre se inclina para a guerra. Tu não conheces a natureza verdadeira das coisas; nem tu levas em conta suas consequências posteriores. Há vários tipos de recursos deduzíveis das escrituras. Desses, um combate é considerado por aqueles conhecedores do passado como o mais pecaminoso. É somente quando hora e lugar são favoráveis que operações militares podem levar ao êxito. No exemplo presente, no entanto, o tempo sendo desfavorável, nenhum bom resultado será derivado. Uma exposição de bravura em hora e lugar apropriados se torna benéfica. É pela benignidade ou não (de hora e lugar) ou o contrário que a conveniência de uma ação é determinada. Homens eruditos nunca podem agir segundo as idéias de um fabricante de carros. Em vista de tudo isso, um confronto com Partha não é aconselhável para nós. Sozinho ele salvou os Kurus (dos Gandharvas), e sozinho ele saciou Agni. Sozinho ele levou a vida de um Brahmacharin por cinco anos (no leito de Himavat). Colocando Subhadra em seu carro, sozinho ele desafiou Krishna para um duelo. Sozinho ele lutou com Rudra que ficou diante ele como um monteiro. Foi nesta mesma floresta que Partha resgatou Krishna quando ela estava sendo raptada (por Jayadratha). Foi só ele que, por cinco anos, estudou a ciência de armas sob Indra. Sozinho subjugando todos os inimigos ele espalhou a fama dos Kurus. Sozinho aquele castigador de inimigos venceu em batalha Chitrasena, o rei dos Gandharvas e num momento suas tropas invencíveis também. Só ele derrotou em batalha os ferozes Nivatakavachas e os Kalakhanchas, que eram ambos incapazes de serem mortos pelos próprios deuses. O que, no entanto, ó Kama, foi realizado por ti sozinho como algum dos filhos de Pandu, cada um dos quais subjugou sozinho muitos senhores da terra? Até o próprio Indra é inepto para enfrentar Partha em combate. Aquele, portanto,

que deseja lutar com Arjuna deve tomar um sedativo. Quanto a ti mesmo, tu desejas tirar as presas de uma cobra enfurecida de veneno virulento por esticar tua mão direita e estender teu indicador. Ou, vagando sozinho na floresta tu desejas dominar um elefante enfurecido e ir até um javali sem um laço na mão. Ou, besuntado com manteiga clarificada e vestido em mantos de seda, tu desejas passar pelo meio de um fogo ardente alimentado com gordura e sebo e manteiga clarificada. Quem iria, atando suas próprias mãos e pés e amarrando uma pedra enorme ao seu pescoço, cruzar o oceano nadando com seus braços nus? Que virilidade há em tal ação? Ó Kama, é um tolo aquele que, sem habilidade com armas e sem força, deseja lutar com Partha que é tão poderoso e habilidoso com armas! Desonestamente enganado por nós e libertado de um exílio de treze anos, o herói ilustre não nos aniquilará? Tendo ignorantemente vindo para um lugar onde Partha se encontra oculto como fogo escondido em um poço, nós, de fato, nos expusemos a um grande perigo. Mas embora ele seja irresistível em batalha, nós devemos lutar contra ele. Que, portanto, nossas tropas, vestidas com armaduras, fiquem aqui organizadas em fileiras e prontas para atacar. Que Drona e Duryodhana e Bhishma e tu mesmo e o filho de Drona e nós mesmos lutemos todos com o filho de Pritha. Ó Kama, não aja tão imprudentemente quanto a lutar sozinho. Se nós, seis guerreiros em carros, estivermos unidos, nós poderemos então estar à altura e lutar com aquele filho de Pritha que está decidido a lutar e que é tão feroz quanto o manejador do raio. Ajudados por nossas tropas organizadas em fileiras, nós mesmos, grandes arqueiros, permanecendo cautelosamente lutaremos com Arjuna assim como os Danavas enfrentaram Vasava em batalha.'"

50

"Aswatthaman disse, 'Os gados, ó Karna, ainda não foram ganhos, eles ainda nem cruzaram o limite (dos domínios de seu dono), nem mesmo alcançaram Hastinapura. Por que tu, portanto, te gabas de ti mesmo? Tendo ganhado batalhas numerosas, e adquirido riqueza enorme, e subjugado hostes hostis, homens de heroísmo verdadeiro não falam uma palavra a respeito de sua coragem. O fogo queima silenciosamente e silenciosamente o sol brilha. Silenciosamente também a Terra sustenta criaturas, móveis e imóveis. O Auto-existente sancionou tais ofícios para as quatro classes que recorrendo a eles cada um pode obter riqueza sem ser censurável. Um Brahmana, tendo estudado os Vedas, deve realizar sacrifícios ele mesmo, e oficiar nos sacrifícios de outros. E um Kshatriya, dependendo do arco, deve realizar sacrifícios ele mesmo, mas nunca deve oficiar nos sacrifícios de outros. E o Vaisya, tendo ganhado riqueza, deve fazer os ritos ordenados nos Vedas serem realizados para si mesmo. Um Sudra deve sempre atender e servir as outras três classes. Com relação àqueles que vivem por praticar a profissão de flores e vendedores de carne, eles podem ganhar riqueza por meios repletos de engano e fraude. Sempre agindo segundo os ditames das escrituras, os filhos exaltados de Pandu adquiriram a soberania da terra inteira, e eles sempre agem respeitosamente em direção a seus superiores, mesmo que os últimos demonstrem ser hostis a eles. Que Kshatriya expressaria alegria em ter obtido um

reino por meio de um jogo de dados, como este filho mau e sem vergonha de Dhritarashtra? Tendo adquirido riqueza dessa maneira por engano e fraude como um vendedor de carne, quem que é sábio se gabaria disso? Em que duelo tu derrotaste Dhananjaya, ou Nakula, ou Sahadeva, embora tu tivesses roubado deles sua riqueza? Em que combate tu derrotaste Yudhishthira, ou Bhima, aquele principal dos homens fortes? Em que batalha Indraprastha foi conquistada por ti? O que tu fizeste, no entanto, ó tu de feitos perversos, foi arrastar aquela princesa para a corte enquanto ela estava indisposta e tinha somente um traje colocado! Tu cortaste a raiz poderosa, delicada como o sândalo, da árvore Pandava. Estimulado pelo desejo de riqueza, quando tu fizeste os Pandavas agirem como escravos, tu te lembras do que Vidura disse! Nós vemos que homens e outros, até insetos e formigas, demonstram clemência segundo seu poder de tolerância. O filho de Pandu, no entanto, é incapaz de perdoar os sofrimentos de Draupadi. Certamente, Dhananjaya vem aqui para a destruição dos filhos de Dhritarashtra. É verdade, aparentando grande sabedoria, tu és a favor de fazer discursos, mas Vibhatsu, aquele matador de inimigos, não nos exterminará todos? Sejam deuses, ou Gandharvas ou Asuras, ou Rakshasas, Dhananjaya o filho de Kunti desistirá de lutar por pânico? Inflamado com cólera, aquele sobre quem ele cair ele derrubará assim como uma árvore sob o peso de Garuda! Superior a ti em destreza, em perícia na arte de manejar o arco igual ao próprio senhor dos celestiais, e em batalha igual ao próprio Vasudeva, quem é que não elogiaria Partha? Neutralizando armas celestes com celestes, e armas humanas com humanas, que homem está à altura de Arjuna? Aqueles familiarizados com as escrituras declaram que um discípulo não é de forma alguma inferior a um filho, e é por isto que o filho de Pandu é um favorito de Drona. Empregue agora os meios que tu adotaste na partida de dados, os mesmos meios pelos quais tu subjugaste Indraprastha, e os mesmos meios pelos quais tu arrastaste Krishna à assembléia! Este teu tio sábio, totalmente conhecedor dos deveres da classe Kshatriya, este jogador fraudulento Sakuni, o príncipe de Gandhara, que ele lute agora! O Gandiva, no entanto, não lança dados tais como o Krita ou o Dwapara, mas ele atira sobre inimigos flechas resplandecentes de gume afiado às miríades. As flechas ardentes disparadas do Gandiva, dotadas de grande energia e equipadas com asas de urubu, podem perfurar até montanhas. O destruidor de todos, chamado Yama, e Vayu, e Agni de rosto de cavalo, deixam um resíduo para trás, mas Dhananjaya inflamado com cólera nunca faz isso. Como tu, ajudado por teu tio, jogaste os dados na assembléia, desta maneira lute nesta batalha protegido pelo filho de Suvala. Que o preceptor, se ele escolher, lute; eu, no entanto, não lutarei com Dhananjaya. Nós devemos lutar com o rei dos Matsyas, se de fato, ele vier no rastro dos gados.'"

51

"Bhishma disse, 'O filho de Drona observou bem, e Kripa também observou corretamente. Quanto à Kama, é somente por respeito pelos deveres da classe Kshatriya que ele deseja lutar. Nenhum homem de sabedoria pode culpar o

preceptor. Eu, no entanto, sou de opinião que nós devemos lutar, considerando a hora e o lugar. Por que não deveria ficar desnorteado aquele homem que tem cinco adversários refulgentes como cinco sóis, que são heróicos combatentes e que há pouco saíram de adversidade? Até aqueles familiarizados com moralidade ficam confusos em relação aos seus próprios interesses. É por isto, ó rei, que eu te digo isto, sejam minhas palavras aceitáveis para vocês ou não. O que Karna disse para ti foi somente para fortalecer nossa coragem (que enfraquecia). Com relação a ti mesmo, ó filho do preceptor, perdoe tudo. O assunto à mão é muito sério. Quando o filho de Kunti se aproxima, este não é o momento para discussão. Tudo deve agora ser perdoado por ti e pelo preceptor Kripa. Como luz no sol, o domínio de todas as armas reside em vocês. Como a beleza nunca está separada de Chandramas, assim os Vedas e a arma Brahma estão ambos estabelecidos em vocês. É visto frequentemente que os quatro Vedas vivem em um objeto e os atributos Kshatriya em outro. Nós nunca soubemos destes dois residindo juntos em alguma outra pessoa além do preceptor da família Bharata e seu filho. Isto mesmo é o que eu penso. Nos Vedantas, nos Puranas, e em histórias antigas, quem exceto Jamadagni, ó rei, seria superior à Drona? Uma combinação da arma Brahma com os Vedas, isto nunca é visto em algum outro lugar. Ó filho do preceptor, perdoe. Este não é o momento para desunião. Que todos nós, nos unindo, lutemos com o filho de Indra que se aproxima. De todas as calamidades que podem acontecer a um exército enumeradas por homens de sabedoria, a pior é a desunião entre os líderes.' Aswatthaman disse, 'Ó touro entre homens, estas tuas observações justas não precisam ser proferidas na nossa presença; o preceptor, no entanto, cheio de ira, falou das virtudes de Arjuna. As virtudes até de um inimigo devem ser admitidas, enquanto as falhas mesmo do próprio preceptor podem ser indicadas; portanto se deve, com todas as forças, declarar os méritos de um filho ou de um discípulo.'

"Duryodhana disse, 'Que o preceptor conceda seu perdão e que a paz seja restaurada. Se o preceptor estivesse de acordo conosco, o que quer que deva ser feito (em vista da emergência atual) pareceria já ter sido feito.'

"Vaisampayana continuou, 'Então, ó Bharata, Duryodhana ajudado por Kama e Kripa, e Bhishma de grande alma acalmaram Drona.'"

"Drona disse, 'Eu já fui apaziguado pelas palavras faladas primeiro por Bhishma, o filho de Santanu. Que sejam feitos arranjos de tal maneira que Partha não possa se aproximar de Duryodhana em batalha. E que sejam feitos planos para que o rei Duryodhana não possa ser capturado pelo inimigo, por consequência da sua impetuosidade ou falta de juízo. Arjuna, de fato, não se revelou antes do término do período de exílio. Nem ele perdoará esta (nossa) ação hoje, tendo somente recuperado o gado. Que arranjos, portanto, sejam feitos para que ele não tenha êxito em atacar o filho de Dhritarashtra e derrotar nossas tropas. Como eu mesmo (que estou incerto do término do período de exílio) Duryodhana também tinha falado assim antes. Mantendo isto em mente, cabe ao filho de Ganga dizer o que é verdadeiro.'"

52

"Bhishma disse, 'A roda do tempo gira com suas divisões, ou seja, com Kalas e Kasthas e Muhurtas e dias e quinzenas e meses e constelações e planetas e estações e anos. Por causa de seus excedentes fracionários e dos desvios também dos corpos celestes há um aumento de dois meses a cada cinco anos. Parece-me que calculando dessa maneira haveria um excedente de cinco meses e doze noites em treze anos. Tudo, portanto, que os filhos de Pandu prometeram foi cumprido exatamente por eles. Sabendo isto com certeza Vibhatsu fez seu aparecimento. Todos eles são de grande alma e totalmente conhecedores dos sentidos das escrituras. Como se desviariam da virtude aqueles que tem Yudhishthira como seu guia? Os filhos de Kunti não cedem à tentação. Eles realizaram uma façanha difícil. Se eles tivessem cobiçado a posse de seu reino por meios injustos, então aqueles descendentes da linhagem Kuru teriam procurado mostrar sua bravura no momento da partida de dados. Amarrados nos laços da virtude, eles não se desviam dos deveres da classe Kshatriya. Aquele que os considerar como tendo se comportado falsamente certamente encontrará a derrota. Os filhos de Pritha prefeririam a morte à mentira. Quando chega a hora, no entanto, aqueles touros entre homens, os Pandavas, dotados de energia como aquela de Sakra, não desistirão do que é deles mesmo que isto seja defendido pelo próprio manejador do raio. Nós teremos que nos opor em batalha àquele principal de todos os manejadores de armas. Portanto, que tais arranjos vantajosos que tem a sanção dos bons e honestos sejam feitos agora sem perda de tempo para que nossas posses não sejam apropriadas pelo inimigo. Ó rei de reis, ó Kaurava, eu nunca vi uma batalha na qual um dos partidos pudesse dizer, 'Nós estamos certos da vitória.' Quando uma batalha ocorre, deve haver vitória ou derrota, prosperidade ou adversidade. Sem dúvida, um partido em uma batalha deve ter um dos dois. Portanto, ó rei de reis, se um combate é agora apropriado ou não, compatível com a virtude ou não, faça logo teus arranjos, pois Dhananjaya está perto.'

"Duryodhana disse, 'Eu, ó avô, não devolverei aos Pandavas seu reino. Que toda a preparação, portanto, para a batalha seja feita sem demora.'"

"Bhishma disse, 'Escute ao que eu considero apropriado, se isto te agradar. Eu devo sempre dizer o que é para o teu bem, ó Kaurava. Proceda em direção à capital, sem perda de tempo, levando contigo uma quarta parte do exército. E que outro quarto marche escoltando o gado. Com metade das tropas nós lutaremos com o Pandava. Eu mesmo e Drona, e Karna e Aswatthaman e Kripa resistiremos resolutamente a Vibhatsu, ou ao rei dos Matsyas, ou ao próprio Indra, se ele se aproximar. De fato, nós resistiremos a qualquer um destes como a margem resistindo à elevação do oceano.'"

"Vaisampayana continuou, 'Estas palavras faladas por Bhishma de grande alma foram aceitáveis para eles, e o rei dos Kauravas agiu em conformidade sem demora. E tendo expedido o rei e então as vacas, Bhishma começou a organizar os soldados em formação de combate. E se dirigindo ao preceptor, ele disse, 'Ó

preceptor, permaneça no centro, e que Aswatthaman fique à esquerda, e que o sábio Kripa, filho de Saradwata, defenda a ala direita, e que Karna da casta Suta, vestido em armadura, permaneça na vanguarda. Eu ficarei na retaguarda do exército inteiro, protegendo-o daquele ponto.'"

53

"Vaisampayana disse, 'Depois que os Kauravas, ó Bharata, tinham tomado sua posição nesta ordem, Arjuna, enchendo o ar com o estrépito e ruído de seu carro, avançou rapidamente em direção a eles. E os Kurus contemplaram seu estandarte no topo e ouviram o estrépito e estrondo de seu carro como também o som do Gandiva esticado repetidamente por ele. E observando tudo isto, e vendo aquele grande guerreiro em carro, o manejador do Gandiva, se aproximar, Drona falou assim, 'Aquele é o estandarte principal de Partha que brilha à distância, e este é o barulho de seu carro, e aquele é o macaco que ruge terrivelmente. De fato, o macaco inflige terror nas tropas. E lá, colocado sobre aquele carro excelente, o principal dos guerreiros em carros estica aquele melhor dos arcos, o Gandiva, cujo som é tão alto como o trovão. Vejam, estas duas flechas vindo juntas caem aos meus pés, e duas outras passam mal-e-mal tocando minhas orelhas. Completando o período de exílio e tendo realizado muitas façanhas admiráveis, Partha me saúda e sussurra em meus ouvidos. Dotado de sabedoria e querido de seus parentes, este Dhananjaya, o filho de Pandu, é, de fato, visto por nós depois de um longo tempo, resplandecendo com beleza e graça. Possuidor de carro e flechas, equipado com belas proteções e aljava e concha e estandarte e cota de malha, enfeitado com diadema e cimitarra e arco, o filho de Pritha brilha como o fogo resplandecente (Homa) cercado com as conchas sacrificais e alimentado com manteiga sacrifical.'

"Vaisampayana continuou, 'Vendo os Kurus prontos para a batalha, Arjuna, se dirigindo ao filho de Matsya em palavras apropriadas à ocasião, disse, 'Ó quadrigário, detenha os corcéis em tal ponto de onde minhas flechas possam alcançar o inimigo. Enquanto isso me deixe ver onde está, no meio desse exército, aquele canalha vil da família Kuru. Desconsiderando todos estes, e escolhendo aquele mais presunçoso dos príncipes eu cairei sobre sua cabeça, pois após a derrota daquele canalha os outros se considerarão derrotados. Lá está Drona, e atrás dele seu filho. E lá estão aqueles arqueiros formidáveis, Bhishma e Kripa e Kama. Eu não vejo, no entanto, o rei lá. Eu suspeito que ansioso para salvar sua vida ele tenha fugido pela estrada sul, levando com ele os gados. Deixando este esquadrão de guerreiros em carros, proceda para o local onde Suyodhana está. Lá eu lutarei, ó filho de Virata, pois lá o combate não será inútil. Derrotando ele eu voltarei, trazendo os gados.'

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, o filho de Virata conteve os corcéis com um esforço e virou-os por meio de um puxão nas rédeas do local onde aqueles touros da raça Kuru estavam, e os incitou em direção ao lugar onde Duryodhana estava. E quando Arjuna foi embora deixando aquele numeroso

esquadrão de carros, Kripa, adivinhando sua intenção, se dirigiu aos seus próprios companheiros, dizendo, 'Vibhatsu não deseja tomar sua posição em um lugar afastado do rei. Vamos nos lançar rapidamente sobre os flancos do herói que avança. Quando inflamado com cólera, ninguém mais, sem ajuda, pode enfrentá-lo em combate salvo a divindade de mil olhos, ou Krishna o filho de Devaki. De que utilidade para nós seriam os gados ou esta riqueza vasta também, se Duryodhana fosse afundar, como um barco, no oceano de Partha?' Enquanto isso Vibhatsu, tendo procedido em direção àquela divisão do exército, se anunciou rapidamente por nome, e cobriu as tropas com suas flechas numerosas como gafanhotos. E cobertos com aquelas incontáveis flechas atiradas por Partha, os guerreiros hostis não podiam ver nada, a própria terra e o céu ficando submersos por elas. E os soldados que tinham estado preparados para a luta estavam tão confusos que ninguém podia nem fugir do campo. E vendo a agilidade de mão de Partha eles todos a elogiaram mentalmente. E Arjuna então soprou sua concha que sempre fazia os pêlos do inimigo se arrepiarem. E vibrando seu melhor dos arcos, ele incitou as criaturas em seu mastro de bandeira a rugirem mais terrivelmente. E pelo clangor de sua concha e o estrépito das rodas de seu carro, e o som do Gandiva, e o rugido das criaturas sobre-humanas colocadas em seu mastro de bandeira, a própria terra começou a tremer. E agitando seus rabos erguidos e mugindo juntos, os gados retrocederam, procedendo pela estrada sul.'"

54

"Vaisampayana disse, 'Tendo desorganizado a hoste hostil à força e tendo recuperado as vacas, aquele principal dos arqueiros, desejoso de lutar novamente, procedeu em direção a Duryodhana. E vendo as vacas correndo desenfreadas em direção à cidade dos Matsyas, os principais guerreiros dos Kurus consideraram que Kiritin já tinha obtido êxito. E de repente eles se lançaram sobre Arjuna que estava avançando em direção a Duryodhana. E observando suas divisões inumeráveis firmemente organizadas em ordem de batalha com inumeráveis estandartes tremulando sobre deles, aquele matador de inimigos, se dirigindo ao filho do rei dos Matsyas, disse, 'Incite adiante, ao máximo de sua velocidade por esta estrada, estes corcéis brancos enfeitados com rédeas douradas. Esforce-te bem, pois eu me aproximarei desta multidão de leões Kuru. Como um elefante desejando um duelo com outro, o filho de Suta de alma perversa deseja avidamente um combate comigo. Leve-me, ó príncipe, até ele que se tornou tão orgulhoso sob o patrocínio de Duryodhana.' Assim endereçado, o filho de Virata por meio daqueles corcéis grandes dotados da velocidade do vento e equipados com armadura dourada rompeu aquela formação de carros e levou o Pandava para o meio do campo de batalha. E vendo isso aqueles poderosos guerreiros em carros, Chitrasena e Sangramajit e Satrusaha e Jaya, desejosos de ajudar Karna, se precipitaram com setas e flechas longas em direção ao herói da raça Bharata que avançava. Então aquele principal dos homens, inflamado com cólera, começou a consumir por meio de flechas ardentes disparadas de seu arco aquela formação de carros pertencente àqueles touros entre os Kurus, como um

incêndio tremendo consumindo uma floresta. Então, quando a batalha começou a assolar furiosamente, o herói Kuru, Vikarna, montado em seu carro, se aproximou daquele principal dos guerreiros em carros, Partha, o irmão mais novo de Bhima, derramando sobre ele flechas terríveis grossas e longas. Então cortando o arco de Vikarna equipado com uma corda resistente e cornos cobertos com ouro, Arjuna cortou seu mastro de bandeira. E Vikarna, vendo sua haste cortada, se pôs em fuga rapidamente. E depois da fuga de Vikarna, Satruntapa, incapaz de reprimir sua ira, começou a afligir Partha, aquele obstrutor de inimigos e realizador de façanhas sobre-humanas, por meio de uma perfeita chuva de flechas. E mergulhado, por assim dizer, no meio das tropas Kuru, Arjuna, perfurado por aquele guerreiro em carro poderoso, o rei Satruntapa, perfurou o último em retorno com cinco e então matou o motorista do carro dele com dez flechas, e perfurado por aquele touro da raça Bharata com uma flecha capaz de penetrar a cota de malha mais grossa, Satruntapa caiu morto sobre o campo de batalha, como uma árvore de um topo de montanha arrancada pelo vento. E aqueles corajosos touros entre homens, mutilados em combate por aquele touro valente entre homens, começaram a vacilar e tremer como florestas imensas agitadas pela violência do vento que sopra na hora da dissolução universal. E atingidos em batalha por Partha, o filho de Vasava, aqueles heróis bem vestidos entre homens, aqueles doadores de riqueza dotados da energia de Vasava, derrotados e privados de vida, começaram a se estatelar no solo como elefantes Himalayan crescidos vestidos em armadura de aço preto adornado com ouro. E como um fogo intenso consumindo uma floresta no fim do verão, aquele principal dos homens, manejando o Gandiva, percorreu o campo em todas as direções, matando seus inimigos em batalha dessa maneira. E como o vento vaga à vontade, espalhando massas de nuvens e folhas caídas na estação da primavera, assim aquele principal dos guerreiros em carros, Kiritin, devastou naquele combate, dispersando todos seus inimigos à sua frente. E logo matando os corcéis vermelhos unidos ao carro de Sangramajit, o irmão do filho de Vikatana, aquele herói enfeitado com diadema e dotado de grande vigor então cortou a cabeça de seu adversário com uma flecha em forma de meia-lua. E quando seu irmão tinha sido morto, o filho de Vikartana da casta Suta, reunindo toda sua coragem, avançou em Arjuna, como um elefante enorme com presas esticadas, ou como um tigre em um touro forte. E o filho de Vikarna rapidamente perfurou o filho de Pandu com doze flechas e todos os seus corcéis também em todas as partes de seus corpos e o filho de Virata também em sua mão. E se precipitando impetuosamente contra o filho de Vikarna que estava de repente avançando contra ele, Kiritin atacou-o ferozmente como Garuda de plumagem matizada mergulhando sobre uma cobra. E ambos eram principais dos arqueiros, e ambos eram dotados de grande força, e ambos eram capazes de matar inimigos. E vendo que um duelo era iminente entre eles, os Kauravas, ansiosos para testemunhar isto, permaneceram à distância como espectadores. E vendo o ofensor Karna o filho de Pandu, excitado à fúria, e contente também em tê-lo, logo fez a ele, seus cavalos, seu carro, e motorista do carro invisíveis por meio de uma chuva tremenda de flechas incontáveis. E os guerreiros dos Bharatas encabeçados por Bhishma, com seus cavalos, elefantes, e carros, perfurados por Kiritin e tornados invisíveis por meio de suas flechas, suas tropas também espalhadas e divididas, começaram a lamentar alto em

aflição. O ilustre e heróico Karna, no entanto, neutralizando com inúmeras flechas próprias aquelas flechas pela mão de Arjuna, logo irrompeu em vista com arco e flechas como um fogo ardente. E então lá se ergueu o som de aplausos altos, com o clangor de conchas e trombetas e timbales feitos pelos Kurus enquanto eles aplaudiam o filho de Vikartana que enchia a atmosfera com o som de sua corda de arco batendo contra sua proteção. E vendo Kiritin enchendo o ar com o som do Gandiva, e o rabo erguido do macaco que constituía sua bandeira e aquela criatura terrível gritando furiosamente do topo de sua haste, Karna deu um rugido alto. E afligindo por meio de suas flechas o filho de Vikartana junto com seus corcéis, carro e motorista do carro, Kiritin impetuosamente despejou uma chuva de flechas sobre ele, lançando seus olhos no avô e Drona e Kripa. E o filho de Vikartana também despejou sobre Partha uma chuva pesada de flechas como uma nuvem carregada de chuva. E Arjuna enfeitado com diadema também cobriu Karna com um espesso aguaceiro de flechas de gume afiado. E os dois heróis colocados em seus carros, criando nuvens de setas de gume afiado em um combate que continuou por meio de inúmeras flechas e armas, pareceram para os espectadores como o sol e a lua cobertos por nuvens. E Karna de mão ágil, incapaz de suportar a visão do inimigo, perfurou os quatro cavalos do herói enfeitado com diadema com flechas afiadas, e então atingiu o motorista do seu carro com três flechas, e sua haste também com três. Assim atingido, aquele opressor de todos os adversários em batalha, aquele touro da raça Kuru, Jishnu manejando o Gandiva, como um leão despertado do sono atacou Kama furiosamente por meio de flechas de rumo reto. E afligido pela chuva de flechas (de Karna), aquele realizador ilustre de feitos sobre-humanos logo exibiu uma chuva grossa de flechas em retorno. E ele cobriu o carro de Karna com incontáveis flechas como o sol cobrindo os diferentes mundos com raios. E como um leão atacado por um elefante, Arjuna, pegando algumas flechas afiadas em forma de meia-lua de sua aljava e puxando seu arco até seu ouvido, perfurou o filho de Suta em todas as partes de seu corpo. E aquele opressor de inimigos perfurou os braços e coxas de Karna e cabeça e testa e pescoço e outras partes principais de seu corpo com flechas afiadas dotadas da impetuosidade do raio e disparadas do Gandiva em batalha. E mutilado e afligido pelas setas atiradas por Partha o filho de Pandu, o filho de Vikartana abandonou a vanguarda da batalha, e se pôs em fuga rapidamente, como um elefante subjugado por outro.'"

55

"Vaisampayana disse, 'Depois que o filho de Radha tinha fugido do campo, outros guerreiros encabeçados por Duryodhana, um depois do outro, se lançaram sobre o filho de Pandu com suas respectivas divisões. E como a costa resistindo à fúria da elevação do mar, aquele guerreiro resistiu à ira daquela hoste incontável avançando em direção a ele, organizada em ordem de batalha e despejando nuvens de flechas. E aquele principal dos guerreiros em carro, o filho de Kunti, Vibhatsu de corcéis brancos, se precipitou em direção ao inimigo, disparando armas celestes todo o tempo. Partha logo cobriu todos os pontos do horizonte com

inúmeras flechas disparadas do Gandiva, como o sol cobrindo a terra inteira com seus raios. E entre aqueles que lutavam em carros e cavalos e elefantes, e entre os soldados de infantaria vestidos de armadura, não havia alguém que tivesse em seu corpo um espaço até da largura de dois dedos não ferido com flechas afiadas. E por sua destreza em aplicar armas celestes, e pelo treino dos corcéis e a habilidade de Uttara, e pela trajetória de suas armas, e sua coragem e mãos ágeis, as pessoas começaram a considerar Arjuna como o fogo que resplandece durante o tempo da dissolução universal para consumir todas as coisas criadas. E ninguém entre o inimigo podia lançar seus olhos em Arjuna que brilhava como um fogo ardente de grande refulgência. E mutiladas pelas setas de Arjuna, as tropas hostis pareciam com nuvens recém elevadas sobre o leito de uma colina refletindo os raios solares, ou com bosques de árvores Asoka resplandecentes com grupos de flores. De fato, afligidos pelas flechas de Partha, os soldados pareciam com esses, ou com uma guirlanda bela cujas flores gradualmente murcham e caem. E o vento que penetra tudo carregou em suas asas no céu as bandeiras rasgadas e guarda-sóis da hoste hostil. E aterrorizados pela destruição entre suas próprias tropas, os corcéis fugiram em todas as direções, libertados de seus jugos por meio das flechas de Partha e arrastando atrás deles partes quebradas de carros, e elefantes, atingidos em suas orelhas e costelas e presas e lábios inferiores e em outras partes delicadas do corpo, começaram a cair no campo de batalha. E a terra, coberta em um tempo curto com os corpos de elefantes pertencentes aos Kauravas, parecia com o céu nublado com massas de nuvens negras. E como aquele fogo de chamas ardentes no fim do yuga consome todas as coisas perecíveis do mundo, móveis e imóveis, dessa maneira Partha, ó rei, consumiu todos os inimigos em batalha. E pela energia de suas armas e o som do seu arco, e os gritos sobrenaturais das criaturas colocadas em sua haste, e o rugido terrível do macaco, e pelo som da sua concha, aquele poderoso opressor de inimigos, Vibhatsu, infligiu terror nos corações de todas as tropas de Duryodhana. E a força de cada guerreiro hostil parecia, por assim dizer, ser arrasada a pó por causa da própria visão de Arjuna. E sem vontade de cometer a ação temerária de pecado de matar aqueles que estavam indefesos, Arjuna de repente recuou e atacou o exército por trás por meio de nuvens de flechas de gume afiado procedendo em direção aos seus alvos como falcões soltos por caçadores. E ele logo cobriu o céu inteiro com enxames de flechas bebedoras de sangue. E como os raios (infinitos) do sol poderoso, entrando em um recipiente pequeno, são contraídos dentro dele por falta de espaço, assim as flechas inumeráveis de Arjuna não podiam achar espaço para sua expansão nem dentro do vasto firmamento. Inimigos eram capazes de contemplar o carro de Arjuna, quando perto, somente uma vez, pois imediatamente em seguida eles eram, com seus cavalos, mandados para o outro mundo. E como suas flechas não obstruídas pelos corpos de inimigos sempre passavam através deles, assim seu carro, não impedido por tropas hostis, sempre passava através das últimas. E, de fato, ele começou a jogar de lá para cá e agitar as tropas hostis com grande violência com Vasuki de mil cabeças se divertindo no grande oceano. E como Kiritin atirava suas flechas constantemente, o barulho da corda do arco, transcendendo todo som, era tão alto que algo semelhante a isto nunca tinha sido ouvido antes por seres criados. E os elefantes apinhando o campo, seus corpos perfurados com flechas (ardentes) com pequenos intervalos

no meio, pareciam com nuvens negras coruscadas com raios solares. E percorrendo todas as direções e atirando (flechas) à direita e à esquerda, o arco de Arjuna era sempre visto esticado a um círculo perfeito. E as flechas do manejador do Gandiva nunca caíram sobre alguma coisa exceto o alvo, assim como o olho nunca se demora sobre alguma coisa que não é bela. E como o caminho de uma manada de elefantes marchando pela floresta é feito por si mesmo, assim era feito por si mesmo o caminho para o carro de Kiritin. E atingidos e mutilados por Partha, os guerreiros hostis pensaram que, 'Na verdade, o próprio Indra, desejoso da vitória de Partha, acompanhado por todos os imortais está nos matando!' E eles também consideraram Vijaya, que estava fazendo um massacre terrível em volta, como sendo ninguém mais do que a própria Morte que, tendo assumido a forma de Arjuna, estava matando todas as criaturas. E as tropas dos Kurus, atingidas por Partha, estavam tão mutiladas e arrasadas que a cena parecia com a realização do próprio Partha e não podia ser comparada com nada mais exceto o que era observável nos combates de Partha. E ele cortava as cabeças de inimigos, assim como ceifeiros cortam os topos de ervas decíduas. E os Kurus todos perderam sua energia devido ao terror gerado de Arjuna. E agitada e mutilada pelo temporal-Arjuna, a floresta dos inimigos de Arjuna avermelhou o solo com secreções purpúreas. E a poeira misturada com sangue, erguida pelo vento, fez os próprios raios do sol se avermelharem continuamente. E logo o céu decorado com sol ficou tão vermelho que parecia muitíssimo com a noite. De fato, o sol cessa de derramar seus raios logo que ele se põe, mas o filho de Pandu não cessou de disparar suas flechas. E aquele herói de energia inconcebível subjugou, por meio de armas celestes, todos os grandes arqueiros do inimigo, embora eles fossem possuidores de grande destreza. E Arjuna então disparou setenta e três flechas de pontas afiadas em Drona, e dez em Dussaha e oito no filho de Drona, e doze em Dussasana, e três em Kripa, o filho de Saradwat. E aquele matador de inimigos perfurou Bhishma, o filho de Santanu, com flechas, e o rei Duryodhana com cem. E, por fim, ele perfurou Karna na orelha com uma flecha farpada. E quando aquele grande arqueiro Karna, hábil em todas as armas, foi assim perfurado, e seus cavalos e carro e motorista do carro foram todos destruídos, as tropas que o auxiliavam começaram a se dividir. E vendo aqueles soldados se dividirem e recuarem o filho de Virata desejoso de saber a intenção de Partha dirigiu-se a ele no campo de batalha, e disse, 'Ó Partha, permanecendo neste carro belo, com eu mesmo como quadrigário, em direção à qual divisão eu irei? Pois, comandado por ti, eu logo te levarei para lá.'

"Arjuna respondeu, 'Ó Uttara, lá o guerreiro auspicioso a quem tu vês envolvido em capa de pele de tigre e colocado em seu carro equipado com uma bandeira azul e puxado por corcéis vermelhos é Kripa. Lá é vista a vanguarda da divisão de Kripa. Leve-me para lá. Eu mostrarei àquele arqueiro formidável minha rapidez de mão na arte de manobrar arco e flecha. E aquele guerreiro cuja bandeira porta o emblema de um elegante vaso de água trabalhado em ouro é o preceptor Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas. Ele é sempre um objeto de respeito para mim, como também para todos os manejadores de armas. Portanto, circungire aquele grande herói alegremente. Que nós inclinemos nossas cabeças lá, pois esta é a virtude eterna. Se Drona golpear meu corpo primeiro, então eu o

golpearei, pois então ele não poderá se ressentir disto. Lá, perto de Drona, aquele guerreiro cuja bandeira porta o emblema de um arco é o filho do preceptor, o grande guerreiro em carro Aswatthaman, que é sempre um objeto de respeito para mim como também para todos os manejadores de armas. Portanto, pare frequentemente, enquanto tu te aproximas do seu carro. Lá, aquele guerreiro que permanece em seu carro, envolvido em armadura dourada e cercado por uma terça parte do exército consistindo nas tropas mais eficientes, e cuja bandeira tem o emblema de um elefante em um fundo dourado, é o rei ilustre Duryodhana, o filho de Dhritarashtra. Ó herói, leve à frente dele este teu carro que é capaz de triturar carros hostis. Aquele rei é difícil de ser subjugado em batalha e é capaz de oprimir todos os inimigos. Ele é considerado como o principal de todos os discípulos de Drona em agilidade de mão. Eu mostrarei a ele, em combate, minha rapidez superior na arte de manejar arco e flecha. Lá, aquele guerreiro cuja bandeira tem o emblema de uma corda forte para amarrar elefantes é Karna, o filho de Vikartana, já conhecido por ti. Quando tu chegares diante daquele filho perverso de Radha seja muito cauteloso, pois ele sempre me desafia para um combate. E aquele guerreiro cuja bandeira é azul e porta o emblema de cinco estrelas com um sol (no centro), e que dotado de grande energia permanece em seu carro segurando um arco enorme na mão e usando proteções excelentes, e sobre cuja cabeça se encontra um guarda-sol de branco puro, que se encontra na vanguarda de um esquadrão de carros numeroso com várias bandeiras e estandartes como o sol na frente de massas de nuvens negras, e cuja armadura de ouro parece brilhante como o sol ou a lua, e que com seu elmo de ouro inflige terror no meu coração é Bhishma, o filho de Santanu e o avô de todos nós. Regalado com esplendor real por Duryodhana, ele é muito parcial e bem intencionado em direção àquele príncipe. Aproxime-te dele por último, pois ele pode, agora mesmo, ser um obstáculo para mim. Enquanto lutando comigo, guie os corcéis atentamente.' Assim endereçado por ele, o filho de Virata, ó rei, guiou o carro de Savyasachin com grande entusiasmo em direção ao local onde Kripa permanecia ansioso para lutar.'

56

"Vaisampayana disse, 'E as tropas daqueles arqueiros ferozes, os Kurus, pareciam com massas de nuvens na estação chuvosa flutuando diante de um vento leve. E perto (daquelas tropas de infantaria) se encontravam os cavalos do inimigo montados por guerreiros terríveis. E havia também elefantes de aparência terrível, parecendo resplandecentes em armaduras belas, montados por combatentes habilidosos e instigados adiante com alavancas de ferro e laços. E, ó rei, em um carro belo, Sakra chegou lá acompanhado pelos celestiais, os Viswas e Maruts. E apinhado com deuses, Yakshas, Gandharvas e Nagas, o firmamento parecia tão resplandecente como quando coberto com a constelação planetária em uma noite sem nuvens. E os celestiais chegaram lá, cada um em seu próprio carro, desejosos de ver a eficácia de suas armas em guerra humana, e para testemunhar também o feroz e poderoso combate que se realizaria quando

Bhishma e Arjuna se encontrassem. E embelezado com pedras preciosas de todos os tipos e capaz de ir a todos os lugares segundo a vontade do passageiro, o carro celeste do senhor dos celestiais, cujo topo era sustentado por cem mil pilares de ouro com um (central) feito totalmente de jóias e pedras preciosas, era visível no céu claro. E lá apareceram em cena trinta e três deuses com Vasava (em sua dianteira), e (muitos) Gandharvas e Rakshasas e Nagas e Pitris, junto com os grandes Rishis. E sentados no carro do senhor dos celestiais apareciam as refulgentes pessoas do rei Vasumanas, e Valakshas e Supratarddana, e Ashtaka e Sivi e Yayati e Nahusha e Gaya e Manu e Puru e Raghu e Bhanu e Krisaswa e Sagara e Nala. E lá brilhavam em uma formação esplêndida, cada um em seu lugar apropriado, os carros de Agni e Isa e Soma e Varuna e Prajapati e Dhatri e Vidhatri e Kuvera e Yama, e Alamvusha e Ugrasena e outros, e do Gandharva Tumburu. E todos os celestiais e os Siddhas, e todos os principais dos sábios foram lá para ver o combate entre Arjuna e os Kurus. E a fragrância sagrada de guirlandas celestes encheu o ar como aquela de bosques florescentes na chegada da primavera. E os guarda-sóis vermelhos e avermelhados e mantos e guirlandas e chamaras dos deuses, quando eles estavam estacionados lá, pareciam extremamente belos. E a poeira da terra logo desapareceu e refulgência (celeste) iluminou tudo. E fragrante de perfumes divinos, a brisa começou a acalmar os combatentes. E o firmamento parecia em chamas e muito belo, enfeitado com carros já chegados e que chegavam de feitio vistoso e variado, todos iluminados com diversos tipos de jóias, e levados para lá pelos principais dos celestiais. E cercado pelos celestiais, e usando uma guirlanda de lotos e lírios o poderoso manejador do raio parecia extremamente belo em seu carro. E o matador de Vala, embora ele olhasse constantemente para seu filho no campo de batalha, não estava saciado com tal olhar.'"

57

"Vaisampayana disse, 'Contemplando o exército dos Kurus organizado em ordem de batalha, aquele descendente da linhagem Kuru, Partha, se dirigindo ao filho de Virata, disse, 'Proceda ao local onde Kripa, o filho de Saradwat, está indo pelo lado sul daquele carro cuja bandeira é vista portando o emblema de um altar dourado.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Dhananjaya, o filho de Virata instigou, sem a demora de um momento, aqueles corcéis de cor prateada adornados em armadura dourada. E fazendo-os adotarem, um depois do outro, todos os tipos de passos mais rápidos, ele incitou aqueles corcéis impetuosos parecendo com a lua em cor. E versado em conhecimento de cavalos, Uttara, tendo se aproximado da hoste Kuru, retrocedeu aqueles corcéis dotados da velocidade do vento. E hábil em guiar veículos, o príncipe de Matsya, às vezes se movendo de forma circular, e às vezes procedendo em labirintos circulares, e às vezes virando à esquerda, começou a desorientar os Kurus. E se virando repentinamente, o intrépido e poderoso filho de Virata finalmente se aproximou do

carro de Kripa, e permaneceu confrontando-o. Então anunciando seu próprio nome Arjuna soprou fortemente aquela melhor das conchas chamada Devadatta, de clangor alto. E soprada no campo de batalha pelo poderoso Jishnu, o clangor daquela concha foi ouvido como o rachar de uma montanha. E vendo que a concha não se partiu em cem fragmentos quando soprada por Arjuna, os Kurus com todos os seus guerreiros começaram a aplaudir muito isto. E tendo alcançado os próprios céus, aquele som voltando era ouvido assim como o estrondo do raio arremessado por Maghavat no leito da montanha. Nisso aquele heróico e intrépido e poderoso guerreiro em carro, o filho de Saradwat, Kripa, dotado de força e destreza, ficando enfurecido por causa de Arjuna, e incapaz de suportar aquele som e ávido para lutar, pegou sua própria concha gerada do oceano e soprou-a veementemente. E enchendo os três mundos com aquele som, aquele principal dos guerreiros em carros pegou um arco grande e vibrou a corda do arco poderosamente. E aqueles poderosos guerreiros em carros, iguais a dois sóis, permanecendo de frente um para o outro, brilhavam como duas massas de nuvens outonais. Então o filho de Saradwat rapidamente perfurou Partha, aquele matador de heróis hostis, com dez flechas rápidas e afiadas capazes de entrar nos próprios órgãos vitais. E o filho de Pritha também, de sua parte, esticando aquela principal das armas, o Gandiva, célebre pelo mundo, atirou inúmeras flechas de ferro, todas capazes de penetrar no próprio centro do corpo. Nisso Kripa, por meio de flechas afiadas, cortou em centenas e milhares de fragmentos aquelas flechas bebedoras de sangue de Partha antes que elas pudessem se aproximar. Então aquele poderoso guerreiro em carro, Partha também, em fúria expondo várias manobras, cobriu todos os lados com uma chuva de flechas. E cobrindo o firmamento inteiro com suas flechas, aquele guerreiro poderoso de alma incomensurável, o filho de Pritha, envolveu Kripa com centenas de flechas. E violentamente afligido por aquelas flechas afiadas parecendo chamas de fogo, Kripa ficou furioso e rapidamente afligindo Partha de grande alma de destreza imensurável com dez mil flechas, deu no campo de batalha um rugido alto. Então o heróico Arjuna rapidamente perfurou os quatro corcéis de seu adversário com quatro flechas fatais disparadas do Gandiva, afiadas e retas, e equipadas com asas douradas. E perfurados por meio daquelas flechas afiadas parecendo chamas de fogo aqueles corcéis de repente se empinaram, e em consequência Kripa cambaleou para fora de seu lugar. E vendo Gautama lançado para fora de seu lugar, o matador de heróis hostis, o descendente da linhagem Kuru, por respeito pela dignidade de seu oponente, parou de disparar suas flechas nele. Então recuperando seu lugar apropriado, Gautama rapidamente perfurou Savyasachin com dez flechas equipadas com penas da ave Kanka. Então com uma flecha em forma de meia-lua de gume afiado Partha cortou o arco e proteções de couro de Kripa. E logo Partha cortou a cota de malha de Kripa também por meio de flechas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais, mas ele não feriu seu corpo. E privado de sua cota de malha, seu corpo parecia com aquele de uma serpente o qual na época abandona sua pele. E logo que seu arco tinha sido cortado por Partha, Gautama pegou outro e encordoou-o em um instante. E é estranho, aquele arco dele também foi cortado pelo filho de Kunti, por meio de flechas retas. E dessa maneira aquele matador de heróis hostis, o filho de Pandu, cortou outros arcos logo que eles foram erguidos, um depois do outro, pelo

filho de Saradwat. E quando todos os seus arcos tinham sido assim cortados, aquele herói poderoso arremessou, de seu carro, no filho de Pandu, um dardo de arremesso semelhante ao raio ardente. Nisso, quando o dardo enfeitado com ouro veio zunindo pelo ar com o lampejo de um meteoro, Arjuna cortou-o por meio de dez flechas. E vendo seu dardo assim cortado pelo inteligente Arjuna Kripa rapidamente pegou outro arco e quase simultaneamente disparou várias flechas em forma de meia-lua. Partha, no entanto, rapidamente cortou-as em fragmentos por meio de dez flechas de gume afiado, e dotado de grande energia, o filho de Pritha então, inflamado com cólera no campo de batalha, atirou treze flechas afiadas em pedra e parecendo chamas do fogo. E com uma dessas ele cortou o jugo do carro de seu adversário, e com quatro perfurou seus quatro corcéis, e com a sexta ele cortou a cabeça do motorista do carro de seu adversário para fora de seu corpo. E com três aquele poderoso guerreiro em carro perfurou, naquele duelo, o poste triplo de bambu do carro de Kripa e com duas, suas rodas. E com a décima segunda flecha ele cortou o mastro de bandeira de Kripa. E com a décima terceira Falguni, que era semelhante ao próprio Indra como se sorrindo em menosprezo, perfurou Kripa no peito. Então com seu arco cortado, seu carro quebrado, seus corcéis mortos, seu motorista morto, Kripa saltou para baixo e pegando uma maça rapidamente arremessou-a em Arjuna. Mas aquela maça pesada e polida arremessada por Kripa foi mandada de volta ao longo de seu curso, atingida por meio das flechas de Arjuna. E então os guerreiros (da divisão de Kripa), desejosos de resgatar o colérico filho de Saradwat, enfrentaram Partha de todos os lados e o cobriram com suas flechas. Então o filho de Virata, virando os corcéis para a esquerda começou a realizar a evolução tortuosa chamada Yamaka e assim resistiu a todos aqueles guerreiros. E aqueles ilustres touros entre homens, levando Kripa com eles que tinha sido privado de seu carro, o conduziram para longe da vizinhança de Dhananiaya, o filho de Kunti.'"

58

"Vaisampayana disse, 'Depois que Kripa tinha sido assim levado embora, o invencível Drona de corcéis vermelhos, pegando seu arco ao qual ele já tinha encordoado uma flecha, se precipitou em direção a Arjuna de corcéis brancos. E vendo à pouca distância dele o preceptor avançando em seu carro dourado, Arjuna, aquele principal dos guerreiros vitoriosos, se dirigindo a Uttara, disse, 'Abençoado sejas tu, ó amigo, leve-me diante daquele guerreiro em cujo estandarte alto no topo é visto um altar dourado parecendo com uma longa chama de fogo e decorado com numerosas bandeiras colocadas em volta, e cujo carro é puxado por corcéis que são vermelhos e grandes, extremamente belos e altamente treinados, de rosto agradável e de aparência pacífica, e semelhante aos corais em cor e com face de cor de cobre, pois aquele guerreiro é Drona com quem eu desejo lutar. De braços longos e dotado de energia imensa, possuidor de força e beleza pessoal, célebre por todos os mundos por sua destreza, parecendo com o próprio Usanas em inteligência e Vrihaspati em conhecimento de moralidade, ele é conhecedor dos quatro Vedas e dedicado à prática das virtudes

Brahmacharya. Ó amigo, o uso das armas celestes junto com os mistérios de sua retirada e a ciência de armas inteira sempre residem nele. Perdão, autocontrole, verdade, abstenção de ferir, retidão de conduta, estas e outras virtudes inumeráveis sempre se encontram naquele regenerado. Eu desejo lutar com aquele altamente abençoado no campo. Portanto, leve-me diante do preceptor e me conduza para lá, ó Uttara.'

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por Arjuna, o filho de Virata instigou seus corcéis enfeitados com ouro em direção ao carro do filho de Bharadwaja. E Drona também avançou em direção a Partha que avançava impetuosamente, o filho de Pandu, aquele principal dos guerreiros em carros, como um elefante enfurecido se precipitando em direção a um companheiro enfurecido. E o filho de Bharadwaja então soprou sua concha cujo clangor parecia com aquele de cem trombetas. E por causa daquele som o exército inteiro ficou agitado como o mar em uma tempestade. E contemplando aqueles corcéis excelentes de cor vermelha se misturando em batalha com os corcéis de Arjuna de brancura como a do cisne, dotados da velocidade da mente, todos os espectadores estavam maravilhados. E vendo no campo de batalha aqueles guerreiros em carros, o preceptor Drona e seu discípulo Partha, ambos dotados de destreza, ambos invencíveis, ambos bem treinados, ambos possuidores de grande energia e grande força, envolvidos em combate um com o outro, aquela hoste imensa dos Bharatas começou a tremer frequentemente. E aquele poderoso guerreiro em carro Partha, possuidor de grande bravura e cheio de alegria ao alcançar o carro de Drona no seu próprio, saudou o preceptor. E aquele matador de heróis hostis, o filho poderosamente armado de Kunti, então se dirigiu a Drona em um tom humilde e gentil, dizendo, 'Tendo terminado nosso exílio nas florestas, nós estamos agora desejosos de vingar nossos males. Mesmo invencível em batalha, não cabe a ti estar zangado conosco. Ó impecável, eu não te atingirei a menos que tu me atinjas primeiro. Esta mesma é minha intenção. Cabe a ti agir como tu escolheres.' Assim endereçado Drona disparou nele mais do que vinte setas. Mas Partha de mãos ágeis cortou-as antes que elas pudessem alcançá-lo. E nisto, o poderoso Drona, mostrando sua agilidade de mão no uso de armas, cobriu o carro de Partha com mil flechas. E desejoso de irritar Partha, aquele herói de alma incomensurável então cobriu seus corcéis de brancura prateada com flechas afiadas em pedra e aladas com as penas da ave Kanka. E quando a batalha entre Drona e Kiritin começou dessa maneira, ambos disparando no combate flechas de esplendor ardente, ambos bem conhecidos por suas realizações, ambos iguais ao próprio vento em velocidade, ambos familiarizados com armas celestes, e ambos dotados de energia imensa, começaram disparando nuvens de flechas para desnortear os nobres Kshatriyas. E todos os guerreiros que estavam reunidos lá ficaram cheios de admiração à vista de tudo isso. E eles todos admiraram Drona que rapidamente disparava nuvens de flechas, exclamando ‘Muito Bem! Muito Bem! De fato, quem mais salvo Falguna é digno de lutar com Drona em batalha? Sem dúvida os deveres de um Kshatriya são rigorosos, pois Arjuna luta até com seu próprio preceptor!’ E foi assim que aqueles que permaneceram no campo de batalha falaram uns aos outros. E inflamados com ira, aqueles heróis poderosamente armados permanecendo diante um do

outro, e ambos incapazes de vencer um ao outro, cobriram um ao outro com chuvas de flechas. E o filho de Bharadwaja, ficando furioso, curvou seu arco grande e inconquistável laminado no dorso com ouro, e perfurou Falguna com suas flechas. E atirando no carro de Arjuna inúmeras flechas afiadas possuidoras de refulgência solar, ele encobriu totalmente a luz do sol. E aquele poderoso guerreiro em carro de braços fortes perfurou violentamente o filho de Pritha com flechas de gume afiado assim como as nuvens derramam chuva sobre uma montanha. Então erguendo aquele principal dos arcos, o Gandiva, destrutivo de inimigos e capaz de resistir à maior tensão, o filho impetuoso de Pandu disparou alegremente inúmeras flechas de várias espécies adornadas com ouro, e aquele poderoso guerreiro também frustrou em um momento a chuva de flechas de Drona por meio daquelas flechas disparadas do seu próprio arco. E nisto os espectadores ficaram muito admirados. E o belo Dhananjaya, o filho de Pritha, vagando em seu carro, exibiu suas armas em todos os lados ao mesmo tempo. E o firmamento inteiro coberto com suas flechas se tornou uma ampla extensão de sombra. E nisto Drona ficou invisível como o sol envolvido em neblina. E encoberto por aquelas flechas excelentes por todos os lados, Drona parecia com uma montanha em chamas. E vendo seu próprio carro completamente envolvido pelas flechas do filho de Pritha, Drona, aquele ornamento de batalha, curvou seu terrível e principal dos arcos cujo barulho era tão alto como aquele das nuvens. E esticando aquela principal das armas, a qual era semelhante a um círculo de fogo, ele disparou uma nuvem de flechas de gume afiado. E então foram ouvidos lá no campo sons altos como o rachar de bambus incendiados. E aquele guerreiro de alma incomensurável, atirando de seu arco flechas equipadas com asas douradas, cobriu todos os lados, encobrindo a própria luz do sol. E aquelas flechas com nós bem descamados, e equipadas com asas douradas, pareciam com bandos de aves no céu. E as flechas disparadas por Drona de seu arco, tocando umas às outras nas asas, pareciam com uma linha interminável no céu. E aqueles heróis, disparando dessa maneira suas flechas enfeitadas com ouro, pareciam cobrir o céu com chuvas de meteoros. E equipadas com penas da ave Kanka, aquelas flechas pareciam com fileiras de garças percorrendo o céu outonal. E o combate violento e terrível que aconteceu entre o ilustre Drona e Arjuna parecia com aquele entre Virata e Vasava de antigamente. E atirando flechas um no outro de arcos esticados até sua mais completa amplitude, eles pareciam com dois elefantes atacando um ao outro com suas presas. E aqueles guerreiros coléricos, aqueles ornamentos de combate, lutando estritamente segundo o costume estabelecido, expuseram naquele conflito várias armas celestes na devida ordem. Então aquele principal dos homens vitoriosos, Arjuna, por meio de suas flechas afiadas resistiu às flechas afiadas disparadas por aquele melhor dos preceptores. E expondo diante dos espectadores várias armas, aquele herói de bravura terrível cobriu o céu com vários tipos de flechas. E contemplando aquele tigre entre homens, Arjuna, dotado de energia feroz e concentrado em atingi-lo, aquele principal dos guerreiros e melhor dos preceptores (por afeição) começou a lutar com ele alegremente por meio de flechas lisas e retas. E o filho de Bharadwaja continuou lutando com Falguna, resistindo com suas próprias às armas celestes disparadas pelo último. E a luta que ocorreu entre aqueles enfurecidos leões entre homens, incapazes de suportar um ao outro, foi semelhante à batalha entre os deuses e os

Danavas. E o filho de Pandu repetidamente frustrou com suas próprias as armas Aindra, Vayavya, e Agneya que foram disparadas por Drona. E atirando flechas afiadas, aqueles arqueiros poderosos, por meio de suas chuvas de flechas cobriram completamente o céu e fizeram uma ampla extensão de sombra. E então as flechas disparadas por Arjuna, caindo sobre os corpos de guerreiros hostis, produziam o estrondo do raio. Ó rei, elefantes, carros, e cavalos, banhados em sangue, pareciam com árvores Kinsuka coroadas com flores. E naquele duelo entre Drona e Arjuna, vendo o campo coberto com braços enfeitados com braceletes, e guerreiros em carros esplendidamente vestidos, e cotas de malha matizadas com ouro, e com estandartes jazendo espalhados por toda parte, e com guerreiros mortos por meio das flechas de Partha, a hoste Kuru ficou em pânico. E vibrando seus arcos capazes de suportar muita força, aqueles combatentes começaram a cobrir e enfraquecer um ao outro com suas flechas. E, ó touro da raça Bharata, o confronto que ocorreu entre Drona e o filho de Kunti foi terrível ao extremo e parecia com aquele entre Vali e Vasava. E apostando suas próprias vidas, eles começaram a perfurar um ao outro com flechas retas atiradas das suas cordas de arco completamente esticadas. E uma voz foi ouvida no céu elogiando Drona, e dizendo, 'Difícil é o feito realizado por Drona, visto que ele luta com Arjuna, aquele opressor de inimigos, aquele guerreiro dotado de energia imensa, de aperto firme, e invencível em combate, aquele conquistador de celestiais e Daityas, aquele principal de todos os guerreiros em carros.' E vendo a infalibilidade de Partha, treino, ligeireza de mão, e o alcance também das flechas de Arjuna, Drona ficou assombrado. E, ó touro da raça Bharata, levantando seu arco excelente, o Gandiva, o irreprimível Partha que o esticava ora com uma mão e ora com outra atirou uma chuva de flechas. E contemplando aquela chuva parecida com um bando de gafanhotos os espectadores admirados o aplaudiram exclamando, 'Excelente'! 'Excelente'! E ele atirava suas flechas tão incessantemente que o próprio ar era incapaz de penetrar na formação compacta. E os espectadores não podiam perceber algum intervalo entre o ato de pegar as flechas e seu disparo. E naquele combate violento caracterizado por ligeireza de mão no disparo de armas, Partha começou a atirar suas flechas mais rapidamente do que antes. E então simultaneamente centenas e milhares de flechas retas caíram sobre o carro de Drona. E, ó touro da raça Bharata, vendo Drona completamente coberto pelo manejador do Gandiva com suas flechas, o exército Kuru deu exclamações de 'Oh'! e 'Ai'! E Maghavat, junto com aqueles Gandharvas e Apsaras que tinham ido lá, elogiou a agilidade da mão de Partha. E aquele poderoso guerreiro em carro, o filho do preceptor, então resistiu ao Pandava com uma imensa formação de carros. E embora enfurecido com Arjuna, ainda assim Aswatthaman admirou mentalmente aquela façanha do filho de grande alma de Pritha. E ficando furioso, ele avançou em direção a Partha, e atirou nele uma chuva de flechas como um aguaceiro pesado pela nuvem. E virando seus corcéis em direção ao filho de Drona, Partha deu à Drona uma oportunidade de deixar o campo. E nisso o último, ferido naquele combate terrível, e com sua armadura e estandarte perdidos se apressou para longe pela ajuda de cavalos velozes.'"

59

"Vaisampayana disse, 'Então, ó rei poderoso, o filho de Drona avançou para um duelo com Arjuna em batalha. E observando sua investida para o conflito como um furacão, derramando flechas como uma nuvem carregada de chuva o filho de Pritha o recebeu com uma nuvem de flechas. E terrível foi o combate entre eles, semelhante àquele entre os deuses e os Danavas. E eles dispararam flechas um no outro como Virata e Vasava. E o céu sendo envolvido por todos os lados com flechas, o sol foi completamente escondido, e o próprio ar estava silencioso. E, ó conquistador de cidades hostis, quando eles atacavam e atingiam um ao outro, se elevaram sons altos como de bambus em chamas. E, ó rei, os cavalos de Aswatthaman sendo violentamente afligidos por Arjuna, eles ficaram desnorteados e não podiam determinar qual caminho seguir. E enquanto o filho de Pritha percorria o campo, o filho poderoso de Drona achando uma oportunidade cortou a corda do Gandiva com uma flecha equipada com uma cabeça de ferradura. E vendo aquele feito extraordinário dele, os celestiais o aplaudiram muito. E exclamando 'Muito bem!' 'Muito bem!' Drona e Bhishma, e Karna, e o guerreiro poderoso Kripa, todos aplaudiram muito aquela sua façanha. E o filho de Drona, esticando seu arco excelente, perfurou com suas flechas, equipadas com as penas da ave Kanka, o peito de Partha, aquele touro entre guerreiros. Nisso, com uma risada alta, o poderosamente armado filho de Pritha prendeu uma corda forte e nova ao Gandiva. E umedecendo sua corda de arco com o suor que se encontrava em sua testa parecida com a meia-lua, o filho de Pritha avançou em direção a seu adversário, assim como um líder enfurecido de uma manada de elefantes avança em outro elefante. E o confronto que ocorreu entre aqueles dois heróis incomparáveis no campo de batalha foi extremamente violento e fez os pêlos dos espectadores se arrepiarem. E enquanto aqueles heróis dotados de energia imensa lutavam, os dois elefantes poderosos, os Kurus os observaram com admiração. E aqueles bravos touros entre homens atacaram um ao outro com flechas de formas serpentiformes e parecidas com fogos ardentes. E como o par de aljavas pertencentes ao Pandava eram inesgotáveis, aquele herói pôde permanecer no campo imóvel como uma montanha. E como as flechas de Aswatthaman, por causa de seu disparo incessante naquele conflito, estavam rapidamente esgotadas, foi por isto que Arjuna prevaleceu sobre seu adversário. Então Karna, esticando seu arco grande com força formidável vibrou a corda do arco. E nisso elevaram-se exclamações altas de 'Oh'! e 'Ai'! E o filho de Pritha, lançando seus olhos em direção ao local onde aquele arco tinha sido vibrado, viu diante dele o filho de Radha. E por causa daquela visão sua cólera foi imensamente excitada. E inflamado com ira e desejoso de matar Karna, aquele touro da raça Kuru o fitou com olhos rolantes. E, ó rei, vendo Partha se desviando do lado de Aswatthaman, os guerreiros Kuru dispararam milhares de flechas em Arjuna. E o poderosamente armado Dhananjaya, aquele conquistador de inimigos, deixando o filho de Drona, se precipitou de repente em direção a Karna. E avançando em direção a Karna, com olhos avermelhados de raiva o filho de Kunti, desejoso de um duelo com ele, disse estas palavras.'"

60

"Arjuna disse, 'Agora, ó Karna, chegou a hora de confirmar tua jactância loquaz no meio da assembléia, isto é, que não há alguém igual a ti em luta. Hoje, ó Karna, lutando comigo em terrível combate, tu conhecerás tua própria força, e não mais desrespeitarás outros. Abandonando a boa educação, tu proferiste muitas palavras duras, mas isto que tu te esforças para fazer, é, eu penso, extremamente difícil. Agora, ó filho de Radha, lutando comigo na vista dos Kurus, demonstre o que tu disseste antes em desconsideração a mim. Tu que presenciaste a princesa de Panchala ultrajada por patifes no meio da corte, agora colha o fruto daquela tua ação. Impedido pelos laços da moralidade antes, eu desisti da vingança naquela hora. Veja agora, ó filho de Radha, o fruto daquela cólera no combate à mão. Ó indivíduo perverso, nós suportamos muita miséria naquela floresta por doze anos completos. Colha hoje os frutos da nossa vingança concentrada. Venha, ó Karna, me enfrente em batalha. Que estes teus guerreiros Kaurava testemunhem o combate.' Ouvindo estas palavras, Karna respondeu, 'Ó Partha, realize em ação o que tu dizes em palavras. O mundo sabe que tuas palavras na verdade excedem teus feitos. Que tu tenhas te contido antigamente foi devido à tua incapacidade de fazer alguma coisa. Se nós testemunharmos tua destreza agora mesmo nós poderemos admitir sua veracidade. Se tua abstenção passada foi devido a tu teres sido retido pelos laços da moralidade, realmente tu estás igualmente limitado agora embora tu te consideres livre. Tendo como tu disseste, passado teu exílio nas florestas exatamente de acordo com tua promessa e sendo portanto enfraquecido pela prática de um método de vida ascético, como tu podes desejar um combate comigo agora? Ó filho de Pritha, se o próprio Sakra lutasse ao teu lado, ainda assim eu não sentiria ansiedade em aplicar minha destreza. Teu desejo, ó filho de Kunti, está prestes a ser satisfeito. Lute comigo agora, e contemple minha força.' Ouvindo isto, Arjuna disse, 'Até agora, ó filho de Radha, tu fugiste de combate comigo, e é por isto que tu estás vivo embora teu irmão mais novo tenha sido morto. Que outra pessoa, exceto tu, tendo visto seu irmão mais novo morto em batalha fugiria do campo, e contaria vantagem como tu fazes, em meio a homens bons e verdadeiros?'

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito estas palavras para Karna, o invencível Vibhatsu avançou nele e disparou uma saraivada de flechas capazes de penetrar por uma cota de malha. Mas aquele guerreiro em carro poderoso, Karna, recebeu com grande vivacidade aquela descarga com uma chuva de suas próprias flechas, pesada como o aguaceiro das nuvens. E aquela saraivada violenta de flechas cobriu todos os lados e separadamente perfurou os corcéis e braços e proteções de couro dos combatentes. E incapaz de tolerar aquele ataque, Arjuna cortou as cordas da aljava de Karna por meio de uma flecha reta e afiada. Nisso, tirando de sua aljava outra flecha, Karna perfurou o Pandava na mão, no que o segurar do arco do último foi afrouxado. E então Partha de braços fortes cortou o arco de Karna em fragmentos. E Karna respondeu por arremessar um dardo em seu adversário, mas Arjuna o cortou por meio de suas flechas. E então os guerreiros que seguiam o filho de Radha se precipitaram em multidões sobre Arjuna, mas Partha os mandou todos para a residência de Yama por meio de flechas

disparadas do Gandiva. E Vibhatsu matou os corcéis de Karna por meio de flechas afiadas e firmes disparadas da corda do arco puxada até o ouvido, e privados de vida eles caíram no chão. E pegando outra flecha afiada e ardente dotada de grande energia, o filho poderoso de Kunti perfurou o peito de Kama. E aquela flecha, atravessando sua armadura, penetrou em seu corpo. E nisto, a visão de Karna foi obscurecida e seus sentidos o deixaram. E recuperando a consciência, ele sentiu uma grande dor, e deixando o combate fugiu na direção norte. E nisto, o poderoso guerreiro em carro Arjuna e Uttara, ambos começaram a se dirigir a ele injuriosamente.'"

61

"Vaisampayana disse, 'Tendo derrotado o filho de Vikartana Arjuna disse para o filho de Virata, 'Leve-me em direção àquela divisão onde aquele emblema de uma palmeira dourada é visto. Lá nosso avô, filho de Santanu, semelhante a um celestial, espera, desejoso de um combate comigo.' Nisso, contemplando aquela hoste imensa apinhada com carros e cavalos e elefantes, Uttara, violentamente perfurado com flechas, disse, 'Ó herói, eu não sou mais capaz de guiar teus corcéis excelentes. Minha força enlanguesce e minha mente está extremamente confusa. Todas as direções parecem estar girando perante meus olhos por consequência da energia das armas celestes usadas por ti e os Kurus. Eu tenho sido privado da minha razão pelo fedor de gordura e sangue e carne. Contemplando tudo isto, por terror minha mente está, por assim dizer, partida em duas. Nunca antes eu tinha visto semelhante número de cavalos em batalha. E por causa da batida das proteções, e do clangor de conchas, dos rugidos leoninos dados pelos guerreiros e dos gritos de elefantes, e do som do Gandiva parecendo com o trovão, eu, ó herói, tenho ficado tão estupefato que tenho sido privado de audição e memória. E, ó herói, vendo-te esticando constantemente a um círculo, no decorrer do combate, o Gandiva o qual parece um círculo de fogo, minha visão me falha e meu coração é lacerado. E vendo tua forma feroz em batalha, como aquela do manejador do Pinaka quando inflamado com cólera, e olhando também para as flechas terríveis disparadas por ti, eu estou cheio de temor. Eu fracasso em ver quando tu pegas tuas flechas excelentes, quando tu fixas elas na corda do arco, e quando tu as disparas. E embora tudo isto seja feito diante dos meus olhos, ainda assim, privado do meu juízo, eu não vejo isto. Meu vigor está enfraquecendo e a própria terra parece estar girando à minha frente. Eu não tenho força para segurar o chicote e as rédeas.' Ouvindo estas palavras, Arjuna disse, 'Não temas. Anime-te. Tu também, no campo de batalha, tens realizado, ó touro entre homens, façanhas admiráveis. Abençoado seja, tu és um príncipe e nascido na linhagem ilustre dos Matsyas. Não cabe a ti sentir-te desanimado em castigar teus inimigos. Portanto, ó príncipe, postado em meu carro, reúna toda a tua fortaleza e segure as rédeas dos meus corcéis, ó matador de inimigos, enquanto eu me envolvo mais uma vez em combate.'

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito isso para o filho de Virata, aquele melhor dos homens e principal dos guerreiros em carros, Arjuna de braços fortes, se

dirigiu novamente ao filho de Virata, dizendo, 'Leve-me sem demora para a vanguarda da divisão de Bhishma. Eu cortarei sua própria corda de arco na batalha. Tu verás hoje as armas celestes de beleza resplandecente, atiradas por mim, parecendo com lampejos de relâmpago brincando em meio às nuvens no céu. Os Kauravas contemplarão o dorso enfeitado com ouro do meu Gandiva hoje, e reunidos os inimigos discutirão, dizendo, 'Por meio de qual mão dele, a direita ou a esquerda, ele (atirará)? E eu farei um rio terrível (de morte) fluir hoje em direção ao outro mundo com sangue em lugar de suas águas e carros em lugar de seus redemoinhos, e elefantes como seus crocodilos. Eu extirparei hoje, com minhas flechas retas, a floresta Kuru tendo mãos e pés e cabeças e costas e braços como os ramos de suas árvores. Sozinho, arco na mão, derrotando a hoste Kuru, uma centena de caminhos se abrirão diante de mim como aqueles de uma floresta em conflagração. Tu verás hoje o exército Kuru atingido por mim se movendo em círculos como uma roda (incapaz de fugir do campo). Eu te mostrarei hoje meu treinamento excelente em flechas e armas. Permaneça firmemente sobre meu carro, o solo seja plano ou acidentado. Eu posso perfurar com minhas flechas aladas até a montanha de Sumeru que se encontra tocando os próprios céus. Eu matei antigamente, por ordem de Indra, centenas e milhares de Paulomas e Kalakhanjas em batalha. Eu obtive minha firmeza de pulso de Indra, e minha agilidade de mão de Brahman, e eu aprendi vários modos de ataque e defesa violentos em meio a multidões de inimigos de Prajapati. Eu subjuguei, no outro lado do grande oceano, sessenta milhares de guerreiros em carros, todos arqueiros ferozes, residindo em Hiranyapura. Veja, agora eu derroto a numerosa hoste dos Kurus como uma tempestade espalhando uma pilha de algodão. Com minhas flechas ígneas eu hoje porei fogo na floresta-Kuru, tendo estandartes como suas árvores, os soldados de infantaria como seus arbustos, e os guerreiros em carros como seus animais predadores. Como o manejador do raio derrotando os Danavas, eu sozinho, com minhas flechas retas, derrubarei dos compartimentos de seus carros os poderosos guerreiros do exército Kuru postados sobre eles e lutando no combate com todas as suas forças. Eu obtive de Rudra a Raudra, de Varuna a Varuna, de Agni a Agneya, do deus do Vento a Vayava, e de Sakra o raio e outras armas. Eu exterminarei sem dúvida a floresta-Dhartarashtra selvagem embora protegida por muitos guerreiros leoninos. Portanto, ó filho de Virata, que os teus temores sejam dissipados.'

"Vaisampayana continuou, 'Assim assegurado por Savyasachin, o filho de Virata penetrou naquela formação ameaçadora de carros protegida por Bhishma. O filho de Ganga, no entanto, de feitos bravios, resistiu alegremente ao herói poderosamente armado que avançava pelo desejo de vencer os heróis em batalha. Jishnu, então, enfrentando Bhishma, cortou seu estandarte completamente fora das bases por atirar uma flecha decorada com ouro trespassado pela qual ele caiu no chão. E nisto, quatro guerreiros poderosos, Dussasana e Vikarna e Dussaha e Vivingsati, habilidosos com armas e dotados de grande energia, e todos enfeitados com guirlandas e ornamentos bonitos, avançaram em direção àquele terrível arqueiro. E avançando em direção a Vibhatsu, aquele arqueiro impetuoso, estes todos o rodearam. Então o heróico Dussasana perfurou o filho de Virata com uma flecha em forma de meia-lua e ele

atingiu Arjuna com outra flecha no peito. E Jishnu, enfrentando Dussasana, cortou por meio de uma flecha de gume afiado equipada com asas de urubu o arco de seu adversário entrançado com ouro, e então perfurou seu corpo no peito por meio de cinco flechas. E afligido pelas flechas de Partha, Dussasana fugiu, deixando o combate. Então Vikarna, o filho de Dhritarashtra, perfurou Arjuna, aquele matador de heróis hostis, por meio de flechas afiadas e retas equipadas com asas de urubu. Mas o filho de Kunti dentro de um momento o acertou também na testa com flechas retas. E perfurado por Arjuna, ele caiu de seu carro. E nisto, Dussaha, protegido por Vivingsati, cobriu Arjuna com uma nuvem de setas afiadas, impelido pelo desejo de resgatar seu irmão. Dhananjaya, no entanto, sem a menor ansiedade, perfurou os dois quase no mesmo instante por meio de um par de flechas de gume afiado e então matou os corcéis de ambos. E nisto, ambos aqueles filhos de Dhritarashtra, privados de seus corcéis e com seus corpos mutilados, foram levados embora pelos guerreiros atrás deles que tinham se adiantado com outros carros. Então o invencível Vibhatsu, o filho poderoso de Kunti, enfeitado com diadema e de mira infalível, atacou simultaneamente todos os lados com suas flechas.'"

62

"Vaisampayana disse, 'Então, ó tu da linhagem Bharata, todos os grandes guerreiros em carros dos Kurus, juntos, começaram a atacar Arjuna com todas as suas forças de todos os lados. Mas aquele herói de alma incomensurável cobriu totalmente todos aqueles fortes guerreiros em carros com nuvens de flechas, assim como a neblina cobre as montanhas. E os rugidos de elefantes enormes e conchas, se misturando, produziram um barulho alto. E trespassando corpos de elefantes e cavalos como também cotas de malha de aço, as flechas atiradas por Partha caíam às milhares. E atirando flechas com a máxima rapidez, o filho de Pandu parecia naquele combate se assemelhar ao sol brilhante de um meio-dia outonal. E afligidos pelo medo, os guerreiros em carros começaram a pular de seus carros e os soldados a cavalo das costas dos cavalos, enquanto os soldados de infantaria começaram a fugir para todas as direções. E alto era o ruído feito pelas flechas de Arjuna quando elas perfuravam as cotas de malha pertencentes a guerreiros poderosos, feitas de aço, prata, e cobre. E o campo logo estava coberto com os corpos de guerreiros montados em elefantes e cavalos, todos mutilados pelas flechas de Partha de grande impetuosidade como cobras suspirantes. E então parecia como se Dhananjaya, arco na mão, estivesse dançando no campo de batalha. E muito apavorados por causa do som do Gandiva parecido com o barulho do trovão, muitos foram os combatentes que fugiram daquele combate terrível. E o campo de batalha estava coberto com cabeças cortadas enfeitadas com turbantes, brincos e colares de ouro, e o solo parecia belo por estar espalhado por toda parte com troncos humanos mutilados por flechas, e braços tendo arcos em seu alcance e mãos enfeitadas com ornamentos. E, ó touro da raça Bharata, por causa de cabeças cortadas por flechas adiadas caindo incessantemente no chão, parecia como se uma chuva de pedras caísse do céu.

E Partha de destreza formidável, mostrando sua ferocidade, agora percorria o campo de batalha, despejando o fogo terrível da sua ira sobre os filhos de Dhritarashtra. E contemplando a destreza aterradora de Arjuna que assim chamuscava a hoste hostil, os guerreiros Kuru, na própria presença de Duryodhana, ficaram desanimados e pararam de lutar. E, ó Bharata, tendo infligido terror àquela hoste e derrotado aqueles poderosos guerreiros em carros, aquele principal dos vitoriosos vagueava no campo. E o filho de Pandu então criou no campo de batalha um rio horrendo de sangue, com vagalhões ondulantes, semelhante ao rio de morte que é criado pelo Tempo no fim do Yuga, tendo o cabelo despenteado dos mortos e dos moribundos em lugar de seu musgo e palha flutuantes, com arcos e flechas como seus barcos, aterrador ao extremo e tendo carne e sucos carnais como sua lama. E cotas de malha e turbantes flutuavam numerosos sobre sua superfície. E elefantes constituíam seus jacarés e os carros suas balsas. E medula e gordura e sangue constituíam suas correntes. E ele era calculado para infligir terror nos corações dos espectadores. E terrível de se olhar, e medonho ao extremo, e ressoando com os gritos de animais ferozes, armas de gume afiado constituíam seus crocodilos. E Rakshasas e outros canibais o assombravam de um fim a outro. E cordões de pérolas constituíam suas ondulações, e vários ornamentos excelentes, suas bolhas. E tendo enxames de flechas em lugar de seus redemoinhos violentos e corcéis como suas tartarugas, ele era incapaz de ser cruzado. E o poderoso guerreiro em carro constituía sua ilha grande, e ele ressoava com o som de conchas e de baterias. E o rio de sangue que Partha criou era incapaz de ser cruzado. De fato, Arjuna tinha as mãos tão rápidas que os espectadores não podiam perceber algum intervalo entre ele pegar uma flecha, fixá-la na corda do arco, e dispará-la por um estiramento do Gandiva.'"

63

"Vaisampayana disse, 'Então enquanto um grande massacre estava sendo feito entre os Kurus, o filho de Santanu, Bhishma, avô dos Bharatas, avançou em Arjuna, pegando um arco excelente adornado com ouro, e muitas flechas também de pontas afiadas e capazes de perfurar os próprios órgãos vitais do inimigo e afligi-lo violentamente. E por consequência de um guarda-sol branco ser mantido sobre sua cabeça, aquele tigre entre homens parecia belo como uma colina ao nascer do sol. E o filho de Ganga soprando sua concha animou os filhos de Dhritarashtra, e rodando ao longo de sua direita se aproximou de Vibhatsu e impediu seu progresso. E aquele matador de heróis hostis, o filho de Kunti, vendo ele se aproximar, recebeu-o com o coração contente, como uma colina recebendo uma nuvem carregada de chuva. E Bhishma, dotado de grande energia, perfurou a haste de Partha com oito flechas. As flechas alcançando o mastro de bandeira do filho de Pandu atingiram o macaco resplandecente e aquelas criaturas também colocadas no estandarte do topo. E então o filho de Pandu, com um dardo de arremesso imenso e de gume afiado cortou o guarda-sol de Bhishma que imediatamente caiu no chão. E então o filho de Kunti de mãos ágeis atingiu o mastro de bandeira de seu adversário também com muitas flechas, e então seus

corcéis e então o par de motoristas que protegiam os flancos de Bhishma. E incapaz de tolerar isto, Bhishma embora cônscio do poder do Pandava cobriu Dhananjaya com uma poderosa arma celeste. E o filho de Pandu, de alma incomensurável, arremessando em retorno uma arma celeste em Bhishma, recebeu aquela de Bhishma como uma colina recebendo uma massa profunda de nuvens. E o combate que ocorreu entre Partha e Bhishma foi violento e os guerreiros Kaurava com suas tropas permaneceram como espectadores. E na luta entre Bhishma e o filho de Pandu flechas batendo contra flechas brilharam no ar como pirilampos na estação das chuvas. E, ó rei, por consequência de Partha disparar flechas com ambas as mãos, a direita e a esquerda, o Gandiva curvado parecia com um círculo contínuo de fogo. E o filho de Kunti então cobriu Bhishma com centenas de flechas penetrantes e de gume afiado, como uma nuvem cobrindo o leito da montanha com seu aguaceiro pesado. E Bhishma frustrou com suas próprias flechas aquela chuva de flechas, como a margem resistindo à elevação do mar, e cobriu o filho de Pandu em retorno. E aqueles guerreiros, cortados em mil pedaços em batalha, caíam rapidamente na vizinhança do carro de Falguna. E então houve uma torrente, proveniente do carro do filho de Pandu, de flechas equipadas com asas douradas, e percorrendo céu como um bando de gafanhotos. E Bhishma novamente repeliu aquela chuva de flechas com centenas de flechas afiadas disparadas por ele. E então os Kauravas exclamaram, ‘Excelente! Excelente! De fato, Bhishma realiza uma façanha extremamente difícil visto que ele luta com Arjuna. Dhananjaya é poderoso e jovem, e hábil e de mão rápida. Quem mais, salvo Bhishma, o filho de Santanu, ou Krishna, o filho de Devaki, ou o poderoso filho de Bharadwaja, o principal dos preceptores seria capaz de suportar o ímpeto de Partha em batalha?’ E repelindo armas com armas, aqueles dois touros da raça Bharata, ambos dotados de grande força, continuaram lutando alegremente e enfeitiçaram os olhos de todos os seres criados. E aqueles guerreiros ilustres percorriam o campo de batalha usando as armas celestes obtidas de Prajapati e Indra, de Agni e do feroz Rudra, e Kuvera, e Varuna, e Yama, e Vayu. E todos os seres estavam muito surpresos ao verem aqueles guerreiros engajados em combate. E eles todos exclamavam, ‘Bravo Partha de braços longos! Bravo Bhishma! De fato, esta aplicação de armas celestes que está sendo testemunhada no combate entre Bhishma e Partha é rara entre seres humanos.’"

"Vaisampayana continuou, 'Assim foi travado aquele combate com armas entre aqueles guerreiros familiarizados com todas as armas. E quando aquele conflito de armas celestes cessou, então começou um conflito com flechas. E Jishnu, se aproximando de seu oponente, cortou com uma flecha afiada como uma navalha o arco enfeitado com ouro de Bhishma. Dentro de um piscar de olhos, no entanto, Bhishma, aquele guerreiro em carro formidável e de braços fortes, pegou outro arco e o encordoou. E inflamado com cólera, ele despejou sobre Dhananjaya uma nuvem de setas. E Arjuna, também, dotado de imensa energia, derramou sobre Bhishma inumeráveis setas de pontas penetrantes e gume afiado. E Bhishma também disparou nuvens de flechas sobre o filho de Pandu. E familiarizados com armas celestes e engajados em atirar flechas de pontas afiadas um no outro, nenhuma distinção, ó rei, podia então ser percebida entre aqueles ilustres

guerreiros. E aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Kunti, coberto com um diadema, e o heróico filho de Santanu escureceram as dez direções com suas flechas. E o Pandava cobriu Bhishma, e Bhishma também cobriu o Pandava com nuvens de flechas. E, ó rei, extraordinário foi aquele combate que ocorreu neste mundo de homens. E os guerreiros heróicos que protegiam o carro de Bhishma, mortos pelo filho de Pandu, caíram prostrados, ó monarca, junto ao carro do filho de Kunti. E as flechas emplumadas de Svetavahana, atiradas do Gandiva, caíam em todas as direções como se com o objetivo de fazer um massacre indiscriminado do inimigo. E saindo de seu carro aquelas flechas resplandecentes equipadas com asas douradas pareciam com fileiras de cisnes no céu. E todos os celestiais com Indra, postados no firmamento, observaram admirados outra arma celeste lançada com grande força por aquele arqueiro extraordinário Arjuna. E contemplando aquela arma maravilhosa de grande beleza, o poderoso Gandiva, Chitrasena, muito satisfeito, se dirigiu ao senhor dos celestiais, dizendo, 'Veja estas flechas atiradas por Partha percorrendo o céu em uma linha contínua. Admirável é a destreza de Jishnu em expandir esta arma celeste! Seres humanos são incapazes de disparar tal arma, pois esta não existe entre os homens. Quão maravilhosa, além disso, é esta junção de armas poderosas existentes desde os tempos de antigamente! Nenhum intervalo pode ser percebido entre ele pegar as flechas, fixá-las na corda do arco, e dispará-las por esticar o Gandiva. Os soldados são incapazes até de olhar para o filho de Pandu, que é como o sol do meio-dia brilhando no céu. Da mesma maneira também ninguém ousa olhar para Bhishma, o filho de Ganga. Ambos são famosos por suas realizações, e ambos são de destreza aterradora. Ambos são iguais em feitos de heroísmo, e ambos são difíceis de serem vencidos em batalha.'

'Assim endereçado pelo Gandharva acerca daquele combate entre Partha e Bhishma, o senhor dos celestiais, ó Bharata, prestou respeito apropriado a ambos por meio de uma chuva de flores celestes. Enquanto isso, Bhishma, o filho de Santanu, atacou Arjuna do lado esquerdo, quando aquele puxador do arco com as duas mãos estava prestes a trespassá-lo. E nisto, Vibhatsu, rindo alto, cortou com uma flecha de gume afiado e equipada com asas de urubu o arco de Bhishma, aquele herói de refulgência solar. E então Dhananjaya, o filho de Kunti, perfurou Bhishma no peito com dez flechas embora o último estivesse lutando com toda sua destreza. E violentamente afligido com dor o filho de Ganga de braços poderosos e irresistível em batalha permaneceu por um longo tempo se apoiando no poste de seu carro. E vendo ele privado de consciência o motorista dos corcéis do seu carro, se lembrando das instruções sobre proteger os guerreiros quando em um desmaio, levou-o para longe para a segurança.'"

64

"Vaisampayana disse, 'Depois que Bhishma tinha fugido, deixando a vanguarda da batalha, o filho ilustre de Dhritarashtra içando bandeira alta se aproximou de Arjuna, com arco na mão e dando um rugido alto. E com uma flecha de cabeça de

lança atirada de seu arco esticado até o ouvido, ele perfurou a testa daquele arqueiro terrível de destreza impetuosa, Dhanajaya, vagando entre inimigos. E perfurado com aquela flecha afiada de ponta dourada na testa, aquele herói de feitos famosos parecia resplandecente, ó rei, como uma bela colina com um único topo. E cortado por aquela flecha, o sangue quente vital jorrava profusamente do ferimento. E o sangue escorrendo sobre seu corpo brilhava belamente como uma guirlanda de flores douradas. E atingido por Duryodhana com a flecha, Arjuna de mãos rápidas de força inexaurível, se enchendo de raiva, perfurou o rei em retorno, pegando flechas que eram dotadas da energia de cobras de veneno virulento. E Duryodhana de energia formidável atacou Partha, e Partha também, aquele principal dos heróis, atacou Duryodhana. E foi assim que aqueles principais dos homens, ambos nascidos na linhagem de Ajamida, atingiram um ao outro igualmente no combate. E então (sentado) em um elefante enfurecido enorme como uma montanha e protegido por quatro carros, Vikarna avançou contra Jishnu, o filho de Kunti. E vendo aquele elefante enorme avançando com velocidade, Dhananjaya o atingiu na cabeça no meio das têmporas com uma flecha de ferro de grande ímpeto disparada da corda do arco estirada até o ouvido. E como o raio arremessado por Indra rachando uma montanha, aquela flecha equipada com penas de urubu, atirada por Partha, penetrou, até as próprias penas, no corpo daquele elefante enorme como uma colina. E violentamente afligido pela flecha, aquele senhor da espécie elefante começou a tremer, e privado de força caiu sobre o solo em intensa agonia, como o topo de uma montanha rachado pelo raio. E aquele melhor dos elefantes caindo no chão, Vikarna apeando de repente em grande terror retrocedeu oitocentos passos completos e subiu no carro de Vivingsati. E tendo matado com aquela flecha semelhante ao trovão aquele elefante enorme como uma colina imensa e parecido com uma massa de nuvens, o filho de Pritha atingiu Duryodhana no peito com outra flecha do mesmo tipo. E ambos o elefante e o rei tendo sido assim feridos, e Vikarna tendo cedido e fugido junto com os protetores do carro do rei, os outros guerreiros, atingidos pelas flechas disparadas do Gandiva, fugiram do campo em pânico. E vendo o elefante morto por Partha, e todos os outros guerreiros fugindo, Duryodhana, o principal dos Kurus, virando seu carro fugiu precipitadamente naquela direção onde Partha não estava. E quando Duryodhana estava fugindo rápido em alarme, perfurado por aquela flecha e vomitando sangue, Kiritin, ainda ávido para lutar e capaz de resistir a todos os inimigos, assim o censurou de raiva, 'Sacrificando a tua grande fama e glória, por que tu foges, virando as costas? Por que aquelas trombetas não são soadas agora, como elas foram quando tu saíste do teu reino? Veja, eu sou um servo obediente de Yudhishthira, eu mesmo sendo o terceiro filho de Pritha, permanecendo aqui para lutar. Volte e me mostre teu rosto, ó filho de Dhritarashtra, e mantenha em tua mente o comportamento dos reis. O nome Duryodhana concedido a ti antes é por meio disto tornado sem sentido. Quando tu foges, deixando a batalha, onde está tua persistência em combate? Eu não vejo teus guarda-costas, ó Duryodhana, nem à frente nem atrás. Ó principal dos homens, fuja e salve tua vida que é valiosa das mãos do filho de Pandu.'"

65

"Vaisampayana disse, 'Assim convocado para a batalha pelo herói ilustre, o filho de Dhritarashtra voltou atrás aguilhoado por aquelas críticas, como um elefante enfurecido e forte aferroado por um gancho. E atormentado por aquelas repreensões e incapaz de tolerá-las, aquele bravo guerreiro em carro poderoso e dotado de grande rapidez retornou em seu carro, como uma cobra que é pisoteada. E vendo Duryodhana voltar atrás com seus ferimentos, Karna, aquele herói entre homens, enfeitado com um colar dourado, parou o rei no caminho e acalmando-o procedeu ele mesmo pelo norte do carro de Duryodhana para enfrentar Partha em batalha. E Bhishma de braços fortes também, o filho de Santanu, voltando seus corcéis enfeitados com ouro, enormes em tamanho, e de cor fulva, avançou com arco na mão para proteger Duryodhana das mãos de Partha. E Drona e Kripa e Vivingsati e Dussasana e outros também, voltando rapidamente, investiram com velocidade com arcos esticados e flechas fixadas nas cordas dos arcos, para proteger Duryodhana. E vendo aquelas divisões avançarem em direção a ele como as ondas elevadas do oceano, Dhananjaya o filho de Pritha avançou neles rapidamente como uma garça investindo em uma nuvem descendente. E com armas celestes em suas mãos, eles cercaram completamente o filho de Pritha e despejaram sobre ele de todos os lados uma perfeita chuva de flechas, como nuvens derramando no leito da montanha um aguaceiro pesado de chuva. E desviando com armas todas as armas daqueles touros entre os Kurus, o manejador do Gandiva que era capaz de resistir a todos os inimigos usou outra arma irresistível obtida de Indra, chamada Sanmohana. E cobrindo totalmente os (pontos) cardeais e outras direções com flechas penetrantes e de gume afiado equipadas com belas penas, aquele herói poderoso entorpeceu os sentidos deles com o som do Gandiva. E uma vez mais, pegando com ambas as mãos aquela concha grande de clangor alto, Partha, aquele matador de inimigos, soprou-a com força e encheu os pontos cardeais e outros, a terra inteira e o céu, com aquele barulho. E aqueles principais dos heróis Kuru foram todos privados de seus sentidos por causa do som daquela concha soprada por Partha. E todos eles ficaram imóveis, seus arcos, dos quais eles nunca estavam separados, caindo de suas mãos. E quando o exército Kuru ficou inconsciente, Partha, se lembrando das palavras de Uttara, dirigiu-se ao filho do rei Matsya, dizendo, 'Ó melhor dos homens, vá entre os Kurus, enquanto eles permanecem inconscientes, e traga as peças de roupa brancas de Drona e Kripa, e as amarelas e vistosas de Karna, como também as azuis do rei e do filho de Drona. Parece-me que Bhishma não está entorpecido, pois ele sabe como neutralizar esta minha arma. Assim, passe adiante, mantendo os corcéis dele à tua esquerda; pois aqueles que estão conscientes devem ser evitados dessa maneira.' Ouvindo estas palavras, o filho ilustre de Matsya, abandonando as rédeas dos corcéis, pulou do carro e tirando as peças de roupa dos guerreiros, voltou para seu lugar. E o filho de Virata então incitou os quatro corcéis bonitos com flancos adornados com armaduras douradas. E aqueles corcéis brancos, instigados adiante, levaram Arjuna para longe do meio do campo de batalha e além do esquadrão de tropas da infantaria carregando estandartes em suas mãos.

E, Bhishma, vendo aquele melhor dos homens indo embora desse modo, atingiu-o com flechas. E Partha, também, tendo matado os corcéis de Bhishma, perfurou-o com dez flechas. E abandonando Bhishma no campo de batalha, tendo primeiro matado o motorista do seu carro, Arjuna com um arco vistoso na mão saiu daquela multidão de carros, como o sol saindo das nuvens. E o filho de Dhritarashtra, aquele principal dos heróis entre os Kurus, recuperando seus sentidos, viu o filho de Pritha permanecendo como o senhor dos celestiais, sozinho no campo de batalha. E ele disse com pressa (para Bhishma), 'Como ele escapou de ti? Aflija-o de tal maneira que ele não possa escapar.' E nisto, o filho de Santanu, sorrindo, disse para ele, 'Onde estava essa tua sagacidade, e onde estava tua coragem também, quando tu estavas em um estado de inconsciência renunciando às tuas flechas e arco bonito? Vibhatsu não é afeito à perpretação de atos cruéis; nem sua alma se inclina para o pecado. Ele não renunciaria aos seus princípios nem pelos três mundos. É somente por isso que todos nós não fomos mortos nesta batalha. Ó tu principal dos heróis Kuru, volte para a cidade dos Kurus, e deixe Partha também ir embora, tendo conquistado os gados. Nunca jogue fora imprudentemente o teu próprio bem. De fato, aquilo que leva ao próprio bem-estar deve ser realizado.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo escutado às palavras do avô que visavam o seu próprio bem-estar, o colérico rei Duryodhana, não mais ávido pelo combate, deu um suspiro profundo e ficou silencioso. E refletindo que o conselho de Bhishma era benéfico e vendo que os Pandavas ganhavam em força, os outros guerreiros também, desejosos de proteger Duryodhana, resolveram voltar. E vendo aqueles principais dos heróis Kuru partindo para sua cidade, Dhananjaya, o filho de Pritha, com o coração alegre seguiu-os por algum tempo, desejoso de se dirigir a eles e reverenciá-los. E tendo venerado o avô idoso, o filho de Santanu, como também o preceptor Drona, e tendo saudado com flechas belas o filho de Drona e Kripa e outros veneráveis entre os Kurus, o filho de Pritha quebrou em fragmentos a coroa de Duryodhana enfeitada com pedras preciosas, com outra flecha. E tendo saudado todos os guerreiros veneráveis e valentes dessa maneira ele encheu os três mundos com o som do Gandiva. E soprando de repente sua concha chamada Devadatta, o herói trespassou os corações de todos os seus inimigos. E tendo humilhado os hostis, ele parecia resplandecente em seu carro enfeitado com uma bandeira vistosa. E vendo os Kurus partindo, Kiritin alegremente disse para o filho de Matsya, 'Vire teus corcéis; teu gado foi recuperado; o inimigo está indo embora e tu também volte para tua cidade com o coração alegre.' E os celestiais também, tendo testemunhado aquela batalha extraordinária entre Falguna e os Kurus estavam muito satisfeitos, e foram para suas respectivas residências, refletindo sobre as façanhas de Partha.'"

66

"Vaisampayana disse, 'Tendo vencido os Kurus em batalha, aquele com olhos semelhantes aos de um touro trouxe de volta aquela profusa riqueza em gado de Virata. E enquanto os Dhritarashtras, depois de sua derrota, estavam indo embora, um grande número de soldados Kuru saindo da floresta profunda apareceu com passos lentos à frente de Partha, seus corações afligidos pelo medo. E eles permaneceram diante dele com palmas unidas e com cabelo despenteado. E fatigados com fome e sede, chegados em uma terra estrangeira, insensíveis com terror, e perplexos em mente, eles todos se curvaram ao filho de Pritha e disseram, 'Nós somos teus escravos.'

Arjuna disse, 'Bem vindos, abençoados sejam vocês. Vão embora. Vocês não tem motivo para temer. Eu não tirarei as vidas daqueles que estão aflitos. Vocês tem minha garantia de proteção.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de garantia, os guerreiros reunidos o saudaram com bênçãos em louvor de suas realizações e fama e lhe desejando vida longa. E os Kauravas foram incapazes de enfrentar Arjuna quando depois de derrotar o inimigo ele procedeu em direção à cidade de Virata, como um elefante com têmporas fendidas. E tendo derrotado todo o exército dos Kurus como um vento violento espalhando as nuvens, aquele matador de inimigos, Partha, se dirigindo respeitosamente ao príncipe de Matsya, disse, 'É sabido somente por ti, ó filho, que os filhos de Pritha estão todos vivendo com teu pai. Não os elogie ao entrar na cidade, pois então o rei dos Matsyas pode se esconder com medo. Por outro lado, entrando na cidade, proclame na presença do teu pai que o feito é teu próprio, dizendo, 'Por mim o exército dos Kurus foi subjugado e por mim os gados foram recuperados do inimigo!'

"Uttara disse, 'O feito que tu realizaste está além do meu poder. Eu não possuo a habilidade para realizar isto. Eu, no entanto, ó Savyasachin, não te revelarei para meu pai enquanto tu não me disseres para fazer isso.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo derrotado o exército hostil e tirado à força toda a fortuna em gados dos Kurus, Jishnu voltou novamente para o cemitério e tendo se aproximado da mesma árvore Sami ficou lá com corpo lacerado pelas flechas do inimigo. Então aquele macaco terrível resplandecente como fogo ascendeu ao céu com aquelas outras criaturas no mastro de bandeira. E a ilusão criada (por Viswakarma) desapareceu e o próprio estandarte de Uttara portando o emblema de um leão foi levantado sobre o carro outra vez. E tendo reposto as flechas e aljavas daqueles principais dos príncipes Kuru, e também aquela outra arma o (Gandiva) a qual aumenta a ferocidade de uma batalha, o príncipe ilustre de Matsya partiu para a cidade com o coração contente, tendo Kiritin como seu quadrigário. E tendo realizado uma façanha extremamente poderosa e matado o inimigo, Partha também, aquele matador de inimigos, amarrando seu cabelo em uma trança como antes, pegou as rédeas das mãos de Uttara. E aquele herói ilustre entrou na cidade de Virata, com o coração alegre reabilitando a si mesmo como Vrihannala, o motorista do carro de Uttara.'

"Vaisampayana continuou, 'Quando todos os Kauravas completamente derrotados e subjugados partiram em um ânimo abatido para Hastinapura, Falguna, no seu caminho de volta, se dirigiu a Uttara, dizendo, 'Ó príncipe, ó herói de braços fortes, vendo as vacas escoltadas à nossa frente pelos vaqueiros, nós entraremos na metrópole de Virata à tarde, tendo cuidado dos corcéis com bebida e um banho. Que os vaqueiros, despachados por ti, se dirijam rapidamente à cidade com as boas notícias e proclamem a tua vitória.'

"Vaisampayana continuou, 'Em conformidade com as palavras de Arjuna, Uttara ordenou rapidamente os mensageiros, dizendo, 'Vão e proclamem a vitória do rei. O inimigo foi derrotado, e o gado foi recuperado.' E os príncipes Matsya e Bharata tendo assim consultado juntos se reaproximaram da mesma árvore Sami. E satisfeitos com a vitória que eles tinham obtido, e chegados no pé da árvore Sami, eles vestiram em seus corpos e colocaram em seu carro os ornamentos e vestes que eles tinham deixado lá. E tendo subjugado todo o exército hostil e recuperado toda a riqueza dos Kurus, o filho heróico de Virata voltou à cidade com Vrihannala como o motorista do seu carro.'"

67

"Vaisampayana disse, 'Tendo recuperado rapidamente sua riqueza, Virata possuindo um exército grande entrou em sua cidade com o coração alegre, acompanhado pelos quatro Pandavas. E tendo vencido os Trigartas em batalha e recuperado todos os gados, aquele monarca poderoso, junto com os filhos de Pritha, parecia resplandecente e brilhava em beleza. E quando o rei valente, aquele realçador das alegrias de amigos, estava sentado em seu trono, todos os seus súditos encabeçados pelos Brahmanas ficaram diante dele. E reverenciado por eles, o rei dos Matsyas, na chefia de seu exército, saudou os Brahmanas e seus súditos em retorno e dispensou-os alegremente. E Virata, o rei dos Matsyas possuidor de um exército grande, perguntou por Uttara, dizendo, 'Onde Uttara foi?' E as mulheres e as donzelas do palácio e as outras mulheres vivendo nos aposentos internos disseram alegremente para ele, 'Nossos gados tenho sido roubados pelos Kurus, Bhuminjaya enfurecido por causa disto e por excesso de bravura saiu sozinho com somente Vrihannala como seu auxiliar para subjugar os seis poderosos guerreiros em carros, Bhishma o filho de Santanu, e Kripa, e Karna, e Duryodhana, e Drona, e o filho de Drona que vieram todos com o exército Kuru.'"

"Vaisampayana continuou, 'Então o rei Virata, ouvindo que seu filho corajoso tinha partido com um único carro e com Vrihannala como o motorista de seu carro ficou cheio de aflição, e se dirigindo aos seus principais conselheiros, disse, 'Sem dúvida, os Kauravas e outros senhores da terra, sabendo da derrota dos Trigartas, nunca manterão seu terreno. Portanto, que aqueles dos meus guerreiros que não foram feridos pelos Trigartas partam, acompanhados por uma força poderosa, para a proteção de Uttara.' E dizendo isso, o rei despachou rapidamente, por

causa de seu filho, cavalos e elefantes e carros e um grande número de soldados de infantaria, equipados e enfeitados com várias espécies de armas e ornamentos. E foi dessa maneira que Virata, o rei dos Matsyas, possuindo um exército grande, rapidamente mandou sair uma grande divisão consistindo em quatro tipos de tropas. E tendo feito isso, ele disse, 'Descubram sem perda de tempo se o príncipe ainda vive ou não! Eu mesmo penso que ele que pegou uma pessoa do sexo neutro como seu motorista não está vivo.'"

"Vaisampayana continuou, 'Então o rei Yudhishthira o justo disse sorridente para o aflito rei Virata, 'Se, ó monarca, Vrihannala tem sido seu quadrigário o inimigo nunca será capaz de levar teu gado hoje. Protegido por aquele quadrigário, teu filho será capaz de derrotar em batalha todos os senhores da terra aliados com os Kurus, de fato, até os deuses e os Asuras e os Siddhas e os Yakshas juntos.'

"Vaisampayana continuou, 'Enquanto isso, os mensageiros ligeiros despachados por Uttara, tendo alcançado a cidade de Virata deram as notícias da vitória. E o ministro-chefe então informou o rei de tudo, isto é, da grande vitória que tinha sido obtida, da derrota dos Kurus, e da chegada esperada de Uttara. E ele disse, 'Todo o gado foi trazido de volta, os Kurus foram derrotados, e Uttara, aquele matador de inimigos, está bem com seu motorista.' Então Yudhishthira disse, 'Por boa sorte é que o gado foi recuperado e os Kurus derrotados. Eu, no entanto, não considero estranho que teu filho tenha subjugado os Kurus, pois está assegurada a vitória daquele que tem Vrihannala como seu quadrigário.'

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo da vitória de seu filho possuidor de poder incomensurável, o rei Virata ficou tão contente que os pêlos de seu corpo se arrepiaram. E tendo feito presentes de vestuário para os mensageiros, ele ordenou seus ministros, dizendo, 'Que as estradas sejam enfeitadas com bandeiras, e que todos os deuses e deusas sejam adorados com oferendas floridas. E que os príncipes e guerreiros valentes, e músicos e meretrizes enfeitados com ornamentos marchem para receber meu filho. E que o pregoeiro, guiando depressa um elefante excitado, proclame minha vitória em lugares onde quatro estradas se encontram. E que Uttara, também, em trajes suntuosos e cercada por virgens e cantores de elogios, saia para receber meu filho.'

"Vaisampayana continuou, 'Tendo escutado a estas palavras do rei, todos os cidadãos com coisas auspiciosas nas mãos, e muitos entre eles com pratos e trombetas e conchas, e mulheres vestidas em mantos deslumbrantes, e recitadores de hinos auspiciosos e sagrados, acompanhados por encomiastas e menestréis, e bateristas e outros tipos de músicos saíram da cidade do poderoso Virata para das as boas vinda a Uttara de coragem imensurável. E tendo despachado tropas e donzelas e cortesãos enfeitados com ornamentos, o rei sábio dos Matsyas alegremente disse estas palavras, 'Ó Sairindhri, vá buscar os dados. E, ó Kanka, que o jogo comece.' O filho de Pandu respondeu, dizendo, 'Nós ouvimos dizer que aquele cujo coração está cheio de alegria não deve jogar com um jogador astuto. Eu portanto, não ouso jogar contigo que estás tão

extasiado com alegria. Eu estou sempre desejoso de fazer o que é para o teu bem. Que o jogo, no entanto, comece se isto te agrada.'

"Virata disse, 'Minhas escravas mulheres e gados, meu ouro e qualquer outra riqueza que eu tenha, nada de tudo isso tu serás capaz de proteger hoje mesmo que eu não aposte.' Kanka disse em resposta, 'Ó monarca, ó concessor de honras, que negócio tu tens com jogo o qual está ligado a males numerosos? O jogo está repleto de muitos males; ele deve, portanto, ser evitado. Tu podes ter visto ou pelo menos ouvido falar de Yudhishthira, o filho de Pandu. Ele perdeu seu reino extenso e próspero e seus irmãos semelhantes a deuses no jogo de dados. Por isto eu sou contrário ao jogo. Mas se tu quiseres, ó rei, eu jogarei.'"

"Vaisampayana continuou, 'Enquanto o jogo estava continuando, Matsya disse para o filho de Pandu, 'Veja, os Kauravas que são tão formidáveis foram subjugados em batalha por meu filho.' Sobre isto, o rei ilustre Yudhishthira disse, 'Por que não deveria vencer aquele que tem Vrihannala como seu quadrigário?'

'Assim endereçado, o rei Matsya ficou zangado e disse para o filho de Pandu, 'Tu infeliz de um Brahmana, tu comparas alguém do sexo neutro com meu filho! Tu não tens conhecimento do que é próprio e do que é impróprio para alguém dizer? Sem dúvida, tu me desrespeitaste. Por que meu filho não deveria derrotar todos aqueles com Bhishma e Drona como seus líderes? Ó Brahmana, somente por amizade eu te perdôo esta tua ofensa. Tu não deves, no entanto, falar assim novamente se tu desejas viver.'

"Yudhishthira disse, 'Lá onde Bhishma e Drona e o filho de Drona e o filho de Vikartana e Kripa e o rei Duryodhana e outros guerreiros em carros poderosos e nobres estão reunidos ou lá onde o próprio Indra está circundado pelos Maruts, que outra pessoa além de Vrihannala pode lutar, enfrentando eles todos? Ninguém foi e ninguém será seu igual em força de braços! De fato, é Vrihannala somente cujo coração fica cheio de alegria à vista de um combate terrível. Foi ele quem derrotou os celestiais e os Asuras e seres humanos lutando juntos. Com tal pessoa como seu aliado, por que o teu filho não deveria conquistar o inimigo?' Virata disse, 'Repetidamente proibido por mim, tu ainda assim não reprime tua língua. Se não há ninguém para punir ninguém praticará a virtude.'

"Vaisampayana continuou, 'Dizendo isso o rei inflamado com cólera golpeou Yudhishthira com força no rosto com um dado, e o repreendeu com raiva, dizendo, 'Que isto não ocorra outra vez!' E tendo sido violentamente atingido, sangue começou a fluir de seu nariz. Mas o filho de Pritha o segurou em suas mãos antes que ele caísse no chão. E o virtuoso Yudhishthira então olhou de relance para Draupadi que estava em pé ao seu lado. Sempre obediente aos desejos de seu marido, a impecável Draupadi, compreendendo seu significado, e trazendo um recipiente dourado cheio de água, recebeu o sangue que fluía de seu nariz. Enquanto isso; Uttara, entretido com perfumes agradáveis de diversas espécies e enfeitado com coroas florais entrou lentamente na cidade, recebido com respeito pelos cidadãos, as mulheres, e o povo das províncias. E se aproximando do portão do palácio ele enviou as notícias da sua chegada para seu pai. E o porteiro

então, se aproximando do rei, disse, 'Teu filho Uttara espera no portão com Vrihannala como seu companheiro.' E o rei Matsya, com o coração alegre disse para ele, 'Acompanhe ambos, porque eu estou muito ansioso para vê-los.' Então Yudhishthira, o rei dos Kurus, sussurrou levemente nos ouvidos do guarda, 'Deixe Uttara entrar sozinho; Vrihannala não deve entrar. Tal é o voto daquele herói de braços fortes que quem quer que cause um ferimento em meu corpo ou derrame meu sangue exceto em batalha não viverá. Inflamado com raiva ele nunca tolerará pacientemente me ver sangrando, mas matará Virata aqui mesmo com seus conselheiros e tropas e corcéis.'"

68

"Vaisampayana disse, 'Então Bhuminjaya, o filho mais velho do rei, entrou, e tendo reverenciado os pés de seu pai se aproximou de Kanka. E ele viu Kanka coberto com sangue, e sentado no chão em um ponto da corte, e servido pela Sairindhri. E vendo isso, Uttara questionou seu pai com pressa, dizendo, 'Por quem, ó rei, ele foi golpeado? Por quem esta ação pecaminosa foi cometida?'

“Virata disse, ‘Este Brahmana falso foi golpeado por mim. Ele merece ainda mais do que isto. Quando eu estava te elogiando, ele elogiou aquela pessoa do terceiro sexo.’”

“Uttara disse, ‘Tu, ó rei, cometeste uma ação imprópria. O concilie rapidamente para que o veneno virulento da maldição de um Brahmana não possa te consumir até as tuas raízes!’”

"Vaisampayana continuou, 'Tendo ouvido as palavras de seu filho, Virata, aquele aumentador dos limites de seu reino, começou a acalmar o filho de Kunti, que era como um fogo escondido em cinzas, para obter seu perdão. E para o rei desejoso de obter seu perdão o Pandava respondeu, 'Ó rei, eu perdoei isto há tempo. Raiva eu não tenho nenhuma. Se o sangue das minhas narinas tivesse caído no chão, então, sem dúvida, tu, ó monarca, teria sido destruído com teu reino. Eu, no entanto, não te culpo, ó rei, por teres batido em uma pessoa inocente. Pois, ó rei, aqueles que são poderosos geralmente agem com severidade ilógica.'

"Vaisampayana continuou, 'Quando o sangramento tinha parado, Vrihannala entrou (na sala de conselho) e tendo saudado ambos Virata e Kanka, ficou silencioso. E o rei, tendo apaziguado o chefe dos Kurus, começou a louvar, na audição de Savyasachin, Uttara que tinha voltado da batalha. E o rei disse, 'Ó realçador das alegrias da princesa de Kekaya, em ti eu tenho realmente um filho! Eu nunca tive nem terei um filho que seja igual a ti! Como, de fato, tu pudeste, ó filho, enfrentar aquele Karna que não deixa um único alvo não atingido mesmo entre mil que ele possa mirar todos de uma vez? Como tu pudeste, ó filho, enfrentar aquele Bhishma que não tem igual no mundo inteiro de homens? Como também tu pudeste, ó filho, enfrentar Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas, aquele preceptor dos Vrishnis e Kauravas, aquele duas

vezes nascido que pode ser considerado como o preceptor de todos os Kshatriyas? Como tu pudeste enfrentar em batalha o célebre Aswatthaman? Como tu pudeste, ó filho, enfrentar aquele Duryodhana, o príncipe que é capaz de trespassar até uma montanha com suas flechas poderosas? Meus inimigos foram todos surrados. Uma brisa deliciosa parece soprar em volta de mim. E visto que tu recuperaste em batalha toda a minha riqueza que tinha sido apanhada pelos Kurus, parece que todos aqueles guerreiros poderosos foram tomados pelo pânico. Sem dúvida, tu, ó touro entre homens, derrotaste o inimigo e tiraste deles minha riqueza em gados, como sua presa de um tigre.'"

69

"Uttara disse, 'Os gados não foram recuperados por mim, nem o inimigo foi derrotado por mim. Tudo isso foi realizado pelo filho de uma divindade. Capaz de golpear como um raio, aquele jovem de origem celeste, me vendo fugindo com medo, parou-me e ele mesmo subiu no meu carro. Foi por ele que o gado foi recuperado e os Kauravas subjugados. O feito, ó pai, é do herói e não meu. Foi ele quem repeliu com flechas Kripa e Drona e o filho de Drona de energia imensa, e o filho de Suta e Bhishma. Aquele herói poderoso então falou para o príncipe Duryodhana apavorado que estava fugindo como o líder de uma manada de elefantes, estas palavras, 'Ó príncipe da linhagem Kuru, eu não vejo que tu estás seguro de qualquer maneira nem em Hastinapura. Proteja tua vida por empregar tua força. Tu não escaparás de mim por meio da fuga. Portanto, decida lutar. Se vitorioso, a soberania da terra será tua, ou se morto, o próprio céu será teu.'

'Assim endereçado, o rei Duryodhana, aquele tigre entre homens cercado por seus conselheiros, suspirando em seu carro como uma cobra voltou atrás, despejando flechas dotadas da velocidade e força de raios. Vendo tudo isto, pai venerável, minhas coxas começaram a tremer. Então aquele jovem celeste perfurou com flechas o exército Kuru consistindo em guerreiros leoninos. E tendo trespassado e afligido aquela multidão de carros, aquele jovem, forte como o leão, riu deles e roubou deles suas roupas e trajes. De fato, os seis grandes guerreiros em carros dos Kurus foram derrotados por aquele herói sozinho, assim como manadas de animais vagando na floresta por um único tigre com raiva.'

Virata disse, 'Onde está aquele jovem de braços fortes e famoso de origem celeste, aquele herói que recuperou em batalha minha riqueza que tinha sido roubada pelos Kurus? Eu estou ansioso para ver e reverenciar aquele guerreiro forte de origem celeste que salvou a ti e meus gados também.'

"Uttara respondeu, 'O poderoso filho de uma divindade desapareceu lá mesmo. Eu penso, no entanto, que ele se mostrará amanhã ou no dia seguinte.'"

"Vaisampayana continuou, 'Virata, aquele dono de um exército grande, permaneceu ignorante do filho de Pandu que tinha sido assim descrito para ele por Uttara, e que estava vivendo no palácio disfarçado. E permitido por Virata de

grande alma, Partha apresentou com suas próprias mãos as peças de roupa que ele tinha trazido para a filha de Virata. E a bela Uttara, obtendo aquelas vestes novas e suntuosas de diversos tipos, ficou muito contente, junto com o filho do rei Matsya.'"

70

"Vaisampayana disse, 'Então, no terceiro dia, vestidos em mantos brancos depois de um banho, e enfeitados com ornamentos de todos os tipos, aqueles formidáveis guerreiros em carros, os cinco irmãos Pandava, tendo completado seu voto, e com Yudhishthira em sua dianteira, pareciam resplandecentes quando eles entraram no portão do palácio como cinco elefantes excitados. E tendo entrado na sala de conselho de Virata eles tomaram seus assentos nos tronos reservados para reis, e resplandeceram brilhantemente como fogos no altar sacrifical. E depois que os Pandavas tinham tomado seus assentos, Virata, aquele senhor da terra, foi lá para manter suas conferências e cumprir outros ofícios reais. E vendo os Pandavas ilustres resplandecendo como fogos o rei refletiu por um momento. E então, cheio de cólera, o rei Matsya falou para Kanka sentado lá como um celestial e parecendo com o senhor dos celestiais cercado pelos Maruts. E ele disse, 'Um jogador de dados tu foste empregado por mim como um cortesão! Como tu podes ocupar o assento real vestido dessa maneira em mantos e ornamentos vistosos?"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Virata, ó rei, e desejoso de brincar com ele, Arjuna disse sorridente em resposta, 'Esta pessoa, ó rei, merece ocupar o mesmo assento com o próprio Indra. Devotado aos Brahmanas, conhecedor dos Vedas, indiferente a luxo e prazeres carnais, habitualmente realizando sacrifícios, firme em votos, este, de fato, é a própria encarnação da virtude. A principal de todas as pessoas dotadas de energia e superior a todos sobre a terra em inteligência, dedicado ao ascetismo, ele está familiarizado com várias armas. Nenhuma outra pessoa entre as criaturas móveis e imóveis dos três mundos possui ou alguma vez possuirá tal conhecimento de armas. E não há ninguém nem entre os deuses, ou Asuras, ou homens, ou Rakshasas, ou Gandharvas, ou chefes Yaksha, ou Kinnaras, ou Uragas poderosos que seja semelhante a ele. Dotado de grande previdência e energia, querido pelos cidadãos e habitantes das províncias, ele é o mais poderoso dos guerreiros em carro entre os filhos de Pandu. Um realizador de sacrifícios, dedicado à moralidade, e de paixões subjugadas, como um grande Rishi, este sábio real é célebre por todos os mundos. Possuidor de grande força e grande inteligência, habilidoso e sincero, ele tem todos os seus sentidos sob completo controle. Igual à Indra em riqueza e Kuvera em armazenagem, ele é o protetor dos mundos como o próprio Manu de coragem imensa. Dotado de grande poder, ele é exatamente assim. Gentil para todas as criaturas ele não é outro além do touro da raça Kuru, o rei Yudhishthira o justo. As realizações deste rei parecem com o próprio sol de refulgência brilhante. E sua fama tem viajado por todas as direções como os raios daquele corpo luminoso. E como os raios seguindo o sol elevado de resplendor

brilhante, dez mil elefantes velozes o seguiam, ó rei, quando ele morava entre os Kurus. E, ó rei, trinta mil carros adornados com ouro e puxados pelos melhores corcéis também costumavam segui-lo então. E oitocentos bardos no total enfeitados com brincos ornamentados com pedras preciosas brilhantes, e acompanhados por menestréis, recitavam seus louvores naqueles dias, como os Rishis adorando Indra. E, ó rei, os Kauravas e outros senhores da terra sempre o serviam como escravos, como os celestiais a Kuvera. Este rei eminente, parecendo com o sol de raios brilhantes, fez todos os senhores da terra pagarem tributo a ele como pessoas da classe agrícola. E oitenta e oito milhares de Snatakas de grande alma dependiam para sua subsistência deste rei praticante de votos excelentes. Este senhor ilustre protegia os idosos e os incapazes, os mutilados e os cegos, como seus filhos, e ele governava seus súditos virtuosamente. Firme em moralidade e autocontrole, capaz de reprimir sua raiva, generoso, devotado aos Brahmanas, e sincero, este é o filho de Pandu. A prosperidade e coragem dele afligem o rei Suyodhana com seus seguidores incluindo Kama e o filho de Suvala. E, ó senhor de homens, as virtudes dele são incapazes de ser enumeradas. Este filho de Pandu é devotado à moralidade e sempre se abstém de ferir. Possuidor de tais atributos, este touro entre reis, este filho de Pandu, não merece, ó monarca, ocupar um assento real?'"

71

"Virata disse, 'Se este, de fato, é o rei Kuru Yudhisthira o filho de Kunti, qual entre vocês é seu irmão Arjuna, e qual, o poderoso Bhima? Qual destes é Nakula, e qual Sahadeva e onde está a célebre Draupadi? Depois da sua derrota nos dados, ninguém tem tido notícia dos filhos de Pritha.'"

"Arjuna disse, 'Este mesmo, ó rei, que é chamado de Vallava e é teu cozinheiro, é Bhima de braços fortes e bravura terrível e ímpeto furioso. Foi ele quem matou os furiosos Rakshasas nas montanhas de Gandhamadana, e obteve para Krishna flores celestes de grande fragrância. Ele mesmo é aquele Gandharva que matou Kichaka de alma pecaminosa e foi ele quem matou tigres e ursos e javalis nos aposentos internos do teu palácio. Ele que era o guarda dos teus cavalos é aquele matador de inimigos chamado Nakula, e este é Sahadeva, o guarda dos teus gados. Ambos estes filhos de Madri são grandes guerreiros em carros, possuidores de grande renome e beleza pessoal. Estes dois touros da raça Bharata, vestidos em mantos belos e enfeitados com ornamentos excelentes, estão à altura de mil grandes guerreiros em carros. E esta mesma dama de olhos como pétalas de lótus e cintura fina e doces sorrisos é a filha de Drupada, a Sairindhri da tua esposa, por cuja causa, ó rei, os Kichakas foram mortos. Eu sou, ó rei, Arjuna que, é evidente, tu já ouviste, é aquele filho de Pritha que é mais novo que Bhima e mais velho que os gêmeos! Nós temos, ó rei, passado alegremente na tua residência o período de não descobrimento, como bebês no útero!'"

"Vaisampayana continuou, 'Depois que Arjuna tinha indicado aqueles heróis, os cinco Pandavas, o filho de Virata então falou da destreza de Arjuna. E Uttara

novamente identificou os filhos de Pritha. E o príncipe disse, 'Aquele cuja cor é luminosa como aquela do ouro puro, que é forte como um leão adulto, cujo nariz é tão proeminente, cujos olhos são grandes e expansivos, e cujo rosto é largo e de cor de cobre, é o rei dos Kurus. E veja, aquele cujo modo de andar é semelhante àquele de um elefante enfurecido, cuja cor é como a do ouro aquecido, cujos ombros são largos e expandidos, e cujos braços são longos e grossos, é Vrikodara. E ele que permanece ao seu lado, aquele jovem de cor escura, que é semelhante a um líder de uma manada de elefantes, cujos ombros são largos como aqueles de um leão, cujo passo é como o de um elefante poderoso, e cujos olhos são grandes e expansivos como folhas de lótus, é Arjuna, aquele principal dos arqueiros. Todos vejam, perto do rei estão aqueles principais dos homens, os gêmeos, como Vishnu e Indra, e que não incomparáveis, no mundo dos homens, em beleza, poder, e comportamento. E perto deles, veja, está Krishna, bela como ouro, como a própria encarnação da luz, possuindo a cor do lótus azul, semelhante a uma donzela celeste, e parecendo com a encarnação viva da própria Lakshmi.'"

"Vaisampayana continuou, 'Então o filho de Virata começou a descrever a coragem de Arjuna, dizendo, 'Ele mesmo é aquele que matou os inimigos, como um leão devastando um bando de veados. Ele mesmo vagou através de multidões de carros hostis, matando seus melhores guerreiros em carros. Por ele foi morto um elefante enorme e enfurecido por meio de uma única flecha. Perfurado por ele, aquele animal enorme tendo seus flancos adornados com uma armadura de ouro caiu perfurando a terra com suas presas. Por ele os gados foram recuperados e os Kauravas derrotados em batalha. Meus ouvidos ficaram ensurdecidos pelo clangor de sua concha. Foi por este herói de feitos aterradores que Bhishma e Drona, junto com Duryodhana, foram subjugados. Essa realização é dele e não minha.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras dele, o poderoso rei dos Matsyas, se considerando culpado de ter ofendido Yudhishthira, disse para Uttara em resposta, 'Eu penso que chegou o momento para eu propiciar os filhos de Pandu. E, se tu quiseres, eu concederei minha filha Uttara para Arjuna.'"

"Uttara disse, 'Dignos de nossas adorações e culto e respeito, chegou a hora de reverenciar os filhos ilustres de Pandu que merecem ser reverenciados por nós.'"

"Virata disse, 'Quando trazido sob a submissão do inimigo em batalha, foi Bhimasena quem me resgatou. Meu gado também foi recuperado por Arjuna. Foi por causa do poder de suas armas que nós obtivemos vitória em batalha. Sendo tal o caso, todos nós, com nossos conselheiros, propiciaremos Yudhishthira o filho de Kunti. Abençoado sejas tu, com todos os teus irmãos, ó touro entre os filhos de Pandu. Se, ó rei, nós alguma vez dissemos ou fizemos alguma coisa em ignorância para te ofender, cabe a ti nos perdoar. O filho de Pandu é virtuoso.'"

"Vaisampayana continuou, 'Então Virata de grande alma, imensamente encantado, se aproximou do rei Yudhishthira e fez uma aliança com ele, e ofereceu a ele todo o seu reino junto com o cetro e tesouraria e metrópole. E se

dirigindo a todos os Pandavas, e especialmente a Dhananjaya, o rei poderoso dos Matsyas repetidamente disse, 'Por boa sorte é que eu vejo vocês.' E tendo repetidas vezes abraçado Yudhishthira e Bhima e os filhos de Madri, e cheirado suas cabeças, Virata, aquele dono de um grande exército, não se saciava de olhar para eles. E estando muito satisfeito, ele disse para o rei Yudhishthira, 'Por boa sorte é que eu vejo vocês salvos das florestas. Por boa sorte vocês finalizaram com dificuldade o período de exílio, não descobertos por aqueles indivíduos perversos. Eu transfiro meu reino inteiro para os filhos de Pritha, e o que mais eu tiver. Que os filhos de Pandu aceitem estes sem a menor hesitação. E que Dhananjaya, também chamado Savyasachin, aceite a mão de Uttara, pois aquele melhor dos homens é digno de ser marido dela.' Assim endereçado, o rei Yudhishthira o justo lançou um olhar para Dhananjaya, o filho de Pritha. E olhado por seu irmão, Arjuna disse para o rei Matsya, 'Ó monarca, eu aceito tua filha como minha nora. E uma aliança deste tipo entre os Matsyas e os Bharatas é, de fato, desejável.'"

72

"Virata disse, 'Por que, ó melhor entre os Pandavas, tu não desejas aceitar como esposa esta minha filha que eu concedo para ti?'"

"Arjuna disse, 'Residindo nos teus aposentos internos eu sempre tive oportunidade de ver tua filha, e ela também, sozinha ou acompanhada, confiava em mim como seu pai. Bem versado em canto e dança, eu era gostado e considerado por ela, e, de fato, tua filha sempre me considera com seu protetor. Ó rei, eu vivi por um ano inteiro com ela embora ela tivesse alcançado a idade da puberdade. Sob estas circunstâncias, tu mesmo ou outro homem pode, não sem razão, nutrir suspeitas contra ela ou contra mim. Portanto, ó rei, eu mesmo que sou puro, e que tenho meus sentidos sob controle, te peço, ó monarca, tua filha como minha nora. Dessa maneira eu atesto sua pureza. Não há diferença entre uma nora e uma filha, como também entre um filho e a própria pessoa do filho. Por adotar este comportamento, portanto, a pureza dela estará comprovada. Eu temo acusações caluniosas e falsas. Eu aceito, portanto, ó rei, tua filha Uttara como minha nora. Superando todos em conhecimento de armas, parecendo com um jovem celeste em beleza, meu filho, Abhimanyu de braços fortes, é o sobrinho favorito de Vasudeva, o manejador do disco. Ele, ó rei, é digno de seu teu genro e o marido da tua filha.'

Virata disse, 'Cabe ao melhor dos Kurus, Dhananjaya, o filho de Kunti, que é tão virtuoso e sábio, dizer isto. Ó filho de Pritha, execute o que tu achas que deve ser feito depois disto. Aquele que tem Arjuna como o pai de seu genro tem todos os seus desejos satisfeitos.'"

"Vaisampayana continuou, 'O monarca tendo dito isso, Yudhishthira, o filho de Kunti, deu seu consentimento para o que tinha sido assim combinado entre o rei Matsya e Arjuna. E, ó Bharata, o filho de Kunti enviou convites para Vasudeva e para todos os seus amigos e parentes, e Virata também fez o mesmo. E então,

depois do término do décimo terceiro ano, os cinco Pandavas fixaram sua residência em uma das cidades de Virata chamada Upaplavya, e Vibhatsu, o filho de Pandu, levou para lá Abhimanyu e Janardana, e também muitas pessoas da raça Dasarha do país Anarta. E o rei de Kasi, e também Saivya, sendo muito amigo de Yudhishthira, chegou lá, cada um acompanhado por um Akshauhini de tropas. E o poderoso Drupada também com os filhos heróicos de Draupadi e o invencível Sikhandin, e aquele principal dos manejadores de armas, o invencível Dhrishtadyumna, foram lá com outro Akshauhini de tropas. E todos os reis que chegaram não eram somente senhores de Akshauhini, mas realizadores de sacrifícios com presentes em profusão para Brahmanas, conhecedores dos Vedas dotados de heroísmo, e preparados para morrer em combate. E vendo eles chegarem, aquele principal dos homens virtuosos, o rei dos Matsyas, reverenciou-os devidamente, e entreteve suas tropas e empregados e transportadores de cargas. E ele estava muito satisfeito por entregar sua filha para Abhimanyu. E depois que os reis tinham chegado de partes diferentes do país, lá chegou Vasudeva enfeitado com guirlandas florais, e Halayudha, e Kritavarman, o filho de Hridika, e Yuyudhana, o filho de Satyaki, e Anadhristi e Akrura, e Samva e Nisatha. E estes repressores de inimigos chegaram lá trazendo com eles Abhimanyu e sua mãe. E Indrasena e outros, tendo vivido em Dwaraka por um ano inteiro, chegaram lá, levando com eles os carros bem enfeitados dos Pandavas. E chegaram lá também dez mil elefantes e dez mil carros, e cem milhões de cavalos e cem bilhões de soldados de infantaria, e inúmeros guerreiros Vrishni e Andhaka e Bhoja de grande energia, na comitiva daquele tigre entre os Vrishnis, Vasudeva de grande refulgência. E Krishna deu para cada um dos ilustres filhos de Pandu numerosas escravas e pedras preciosas e mantos. E então o festival nupcial começou entre as famílias do rei Matsya e dos Pandavas. E então conchas e pratos e chifres e baterias e outros instrumentos musicais designados pelos Pandavas começaram a tocar no palácio de Virata. E veados de várias espécies e animais puros às centenas foram mortos. E vinhos de várias espécies e sucos inebriantes de árvores foram profusamente reunidos. E mímicos e bardos e encomiastas, versados em canto e tradições legendárias, serviram os reis, e cantaram seus louvores e genealogias. E as matronas dos Matsyas de corpos e membros simétricos, e usando brincos de pérolas e pedras preciosas, encabeçadas por Sudeshna, chegaram ao local onde o laço do casamento seria atado. E entre aquelas mulheres belas de cor formosa e ornamentos excelentes Krishna era a principal em beleza e fama e esplendor. E elas todas foram lá, levando adiante a princesa Uttara enfeitada com todos os ornamentos e parecendo com a filha do próprio Indra grandioso. E então Dhananjaya, o filho de Kunti, aceitou a filha de Virata de membros impecáveis em nome de seu filho com Subhadra. E aquele grande rei, Yudhishthira, o filho de Kunti, que permanecia lá como Indra, também a aceitou como sua nora. E tendo-a aceitado, o filho de Pritha, com Janardana à frente dele, fez serem realizadas as cerimônias nupciais do filho ilustre de Subhadra. E Virata então deu a ele (como dote) sete mil corcéis dotados da velocidade do vento e duzentos elefantes da melhor espécie e muita riqueza também. E tendo devidamente derramado libações de manteiga clarificada no fogo ardente, e prestado homenagem aos duas vezes nascidos, Virata ofereceu para os Pandavas seu reino, exército, tesouraria, e sua própria pessoa. E

depois que o casamento tinha ocorrido, Yudhishthira, o filho de Dharma, doou para os Brahmanas toda a riqueza que tinha sido trazida por Krishna de glória imorredoura. E ele também doou milhares de vacas, e diversos tipos de mantos, e vários ornamentos excelentes, e veículos, e camas, iguarias deliciosas de várias espécies, e bebidas principais de diversos tipos. E o rei também fez doações de terra para os Brahmanas com os ritos devidos, e também gados aos milhares. E ele também doou milhares de corcéis e muito ouro e muita riqueza de outros tipos, para pessoas de todas as idades. E, ó touro da raça Bharata, a cidade do rei Matsya, apinhada de homens alegres e bem alimentados, resplandecia brilhantemente como um grandioso festival.'"

Fim do Virata Parva.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 5

UDYOGA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO
Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004.
Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Krishna fala na assembléia, sugerindo que um mensageiro vá até Duryodhana e peça metade do reino.	8
2	Baladeva fala.	9
3	Satyaki fala, pedindo batalha.	10
4	Drupada fala.	11
5	Pandavas enviam mensageiro pela paz.	12
6	Drupada fala para o sacerdote mensageiro.	13
7	Duryodhana e Arjuna vão à Krishna por auxílio. Arjuna obtém Krishna, Duryodhana um exército. Outros reis tomam lados.	14
8	Salya se aproxima. Concede benefício para Duryodhana para lutar. Concede a Yudhishthira um Karna desanimado em batalha.	16
9	História de Indra, e luta com o filho de Twashtri.	19
10	Luta entre Indra e Vritra. Depois da vitória de Indra ele é escondido devido ao Brahmanicídio.	22
11	Nahusha se torna rei dos celestiais. Volta-se para prazeres sensuais. Persegue a rainha de Indra, Sachi.	24
12	Sachi obtém a proteção de Vrihaspati. Os deuses a convencem a ir até Nahusha.	25
13	Por sacrifício Indra é libertado do pecado.	27
14	Deusa da Divinação leva Sachi até Indra.	28
15	Sachi pede veículo para conduzir Nahusha até ela.	29
16	Indra restaurado à forma. Alia-se com Kuvera, Yama, Agni, e Varuna para derrotar Nahusha.	30
17	Agastya enquanto isso lança Nahusha à terra como uma cobra (ver Vana Parva, CLXXVIX).	32
18	Termina a história da tristeza de Indra e esposa. Salya, rei dos Madras, volta para casa.	33
19	Exércitos chegam para Duryodhana e Yudhishthira.	35
20	Sacerdote vai à Dhritarashtra, pede pela paz.	36
21	Bhishma e Karna discutem. Dhritarashtra intervém.	37
22	Sanjaya enviado aos Pandavas.	38
23	Yudhishthira responde.	41
24	Sanjaya continua (paz).	43
25	Mensagem de paz de Dhritarashtra é narrada.	43
26	Yudhishthira fala, pede Indraprastha como reino, pela paz.	44
27	Sanjaya roga a Yudhishthira para não ir à guerra de modo algum.	46
28	Yudhishthira responde e se refere à Krishna.	48
29	Krishna fala pela paz. Menciona deveres das quatro castas.	49
30	Yudhishthira dá mensagem de partida para Sanjaya.	53
31	Yudhishthira falando.	56
32	Sanjaya vai à Dhritarashtra.	57
33	**Vidura instrui Dhritarashtra nos caminhos da virtude. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete.**	60
34	Conselho adicional de Vidura.	66

35	História de Virochana e Sudharwan.	68
36	Mais conselho. Dhritarashtra pergunta sobre famílias nobres.	72
37	Mais conselho. Dezessete tipos de homens.	77
38	Vidura fala mais sobre virtude.	81
39	Vidura sobre prosperidade.	83
40	Mais avisos. Dhritarashtra diz que o Destino é responsável.	88
41	**Evocam Rishi Sanat-sujata.**	90
42	**Dhritarashtra questiona o Rishi sobre virtude e vício.**	91
43	**Perguntas sobre austeridades, renúncia, Alma Suprema.**	94
44	**Perguntas sobre a realização de Brahman.**	99
45	**Conselho sobre amigos.**	102
46	**Alma Suprema.**	103
47	Conselho dos Kurus se reúne para ouvir mensagem de Sanjaya.	106
48	Narra a mensagem de Arjuna.	107
49	Bhishma e Drona falam, mas Duryodhana não responde. Eles abandonam toda a esperança de vida.	114
50	Sanjaya relata tamanho das forças de combate.	116
51	Dhritarashtra prevê destruição dos Kurus.	119
52	(Idem).	121
53	Dhritarashtra diz que ele deseja paz.	122
54	Sanjaya afirma que lamentar é inútil.	123
55	Duryodhana ávido para lutar.	124
56	Duryodhana pergunta sobre os Pandavas. Sanjaya relata corcéis.	127
57	Descrição de como os Pandavas repartiram os reis Kurus para serem mortos.	129
58	Dhritarashtra pede a Duryodhana para fazer as pazes. Duryodhana se recusa e é abandonado por Dhritarashtra.	131
59	Sanjaya narra mensagem de Krishna.	133
60	Dhritarashtra pede novamente por paz.	134
61	Duryodhana fala em orgulho.	135
62	Karna fala, é ofendido, guarda suas armas.	137
63	Vidura dá conselhos.	138
64	Vidura, história das duas aves em uma rede.	139
65	Dhritarashtra apela mais.	140
66	Sanjaya relata as últimas palavras de Arjuna.	141
67	Dhritarashtra pergunta sobre os Pandavas de Sanjaya. Conselho terminado.	142
68	Sanjaya fala de Krishna.	143
69	Dhritarashtra recomendado no caminho da salvação. Vyasa presente.	144
70	Significados dos nomes de Krishna.	145
71	Dhritarashtra procura refúgio em Krishna.	146
72	Yudhishthira pede ajuda a Krishna. Krishna vai aos Kurus.	147
73	Krishna fala expectante de batalha.	151
74	Bhima pede a Krishna para pedir por paz.	153
75	Krishna insulta Bhima, dizendo que isto não é típico dele.	154

76	Bhima responde de forma zangada.	155
77	Krishna responde sobre ações, destino e esforço.	156
78	Arjuna pede pela paz.	157
79	Krishna diz para não esperar paz.	158
80	Nakula fala.	159
81	Sahadeva ávido para lutar. Satyaki ávido para lutar.	160
82	Draupadi fala, querendo guerra.	160
83	Krishna parte para os Kurus.	163
84	Presságios ao longo do caminho.	166
85	Dhritarashtra levanta pavilhões no caminho. Krishna passa por eles.	168
86	Arranjos feitos para a visita de Krishna.	168
87	Vidura aconselha Dhritarashtra em recepção apropriada. Nenhum presente.	169
88	Duryodhana afirma que ele encarcerará Krishna. Bhishma deixa a assembléia.	170
89	Krishna é bem recebido em Hastinapura.	171
90	Krishna visita Kunti.	172
91	Recusa comida de Duryodhana. Janta somente com Vidura.	178
92	Vidura discute Duryodhana com Krishna.	180
93	Krishna explica seu propósito em vir.	181
94	Krishna vai para a assembléia.	183
95	Krishna profere mensagem de paz.	185
96	Jamadagnya relata história de Nara e Narayana, e explica isto como Arjuna e Krishna.	188
97	Kanwa narra história de Matali.	191
98	Matali e Narada vão até Varuna.	192
99	Narada descreve a região. Matali não pode encontrar um noivo lá.	193
100	Considera cidade de Daityas e Davanas. Parte de lá.	194
101	Região das aves descendentes de Garuda.	195
102	Rasatala, onde a mãe das vacas mora.	196
103	Região dos Nagas. Matali vê o jovem Sumukha.	197
104	Sumukha e Gunakesi se casam. Garuda a fim de devorar Sumukha.	198
105	Garuda humilhado por Vishnu. Kanwa conclui recomendando paz. Duryodhana dá risada e o desrespeita.	199
106	Narada fala sobre obstinação. História de Viswamitra e Galava.	201
107	Galava lamenta ter que encontrar 800 corcéis brancos.	203
108	Garuda vai até Galava. Oferece-se para levá-lo para os quadrantes. Leste.	204
109	Descrição do segundo quadrante. Sul.	205
110	Descrição do terceiro quadrante. Oeste.	206
111	Descrição do quarto quadrante. Norte.	207
112	Garuda leva Galava em direção ao Leste em grande velocidade.	208
113	Garuda perde e recupera suas asas por causa de Sandili sobre o pico de Rishabha.	210
114	Vai até Yayati.	211
115	Obtém uma donzela Madhavi. Vai até o rei Haryyaswa.	212

116	Obtêm 200 corcéis, Madhavi produz um filho, e é uma virgem novamente. Atributos da Dama.	213
117	O mesmo para Divodasa.	214
118	O mesmo para Usinara (dos Bhojas).	215
119	Donzela aceita por Viswamitra como os 200 corcéis restantes. Depois de dar à luz um filho, a donzela vai para casa. Garuda parte.	216
120	Yayati dá Madhavi para a floresta. Ele ascende para o céu, mas então desrespeita os celestiais.	217
121	Cai entre Madhavi e seus 4 filhos.	218
122	Mandado de volta para o céu por meio das austeridades de seus netos.	220
123	Narada conclui, sobre infortúnio causado por obstinação e vaidade.	221
124	Krishna pede paz diretamente de Duryodhana.	222
125	Bhishma, Drona e Vidura mandam Duryodhana fazer como Krishna deseja.	225
126	Argumentam com Duryodhana.	226
127	Duryodhana recusa positivamente.	227
128	Krishna fala, e Duryodhana deixa a corte. Krishna recomenda aprisionar Duryodhana e seus conselheiros imediatos.	228
129	Gandhari reprova Duryodhana.	231
130	Trama para aprisionar Krishna. Isto é conhecido e Satyaki se prepara. Duryodhana avisado contra isto.	234
131	Krishna dá a Duryodhana visão de sua forma completa. Faz arranjos para partir.	236
132	Pritha dá mensagem para Krishna.	238
133	Kunti dá história de Vidula e seu filho.	239
134	Vidula repreende filho sobre deveres de Kshatriya.	242
135	Filho fala para sua mãe.	244
136	Término da história, desespero do filho removido.	246
137	Kunti termina mensagem para Krishna. Krishna deixa a cidade.	247
138	Conselheiros para Duryodhana falam de maus presságios.	248
139	Bhishma e Drona se dirigem a Duryodhana silencioso.	250
140	Krishna conta à Karna sobre seu real nascimento.	251
141	Karna fala, rejeitando irmãos Pandu, aderindo ao dever, de sua própria morte no sacrifício da batalha.	252
142	Krishna instrui Karna a respeito do dia em que a batalha é para começar.	255
143	Discurso de Karna aceitando vitória Pandava.	256
144	Vidura e Kunti falam. Kunti vai até Karna.	258
145	Kunti revela a Karna seu real nascimento.	260
146	Karna afirma sua posição de lutar com Arjuna. Devotado à verdade.	260
147	Krishna relata palavras de Bhishma para Duryodhana.	262
148	Drona e Vidura falam (repetido por Krishna). Também Gandhari.	264
149	Discurso de Dhritarashtra, com linhagem e declaração de Yudhishthira como rei legítimo.	266
150	Krishna conclui. Duryodhana partindo para a batalha.	268
151	Escolha de Dhrishtadyumna como líder.	269

152	Partida para a batalha.	271
153	No caminho. Descrição da tenda.	272
154	Duryodhana se prepara para a batalha.	273
155	Yudhishthira fala a Krishna na véspera da batalha.	274
156	Descrição do exército de Duryodhana.	276
157	Bhishma general do exército Kuru.	278
158	Preparação para primeiro combate com Bhishma. Visita de Rama e tribo Vrishni. Rama se retira da luta.	279
159	Rei Rukmi com 3º arco celestial também se retira da batalha.	281
160	Sanjaya fala com Dhritarashtra.	283
161	Duryodhana manda palavras terríveis para os Pandavas.	284
162	Uluka se dirige a Yudhishthira e Arjuna com palavras de Duryodhana.	290
163	Resposta enfurecida dos Pandavas e Yudhishthira.	292
164	Mensagem volta dos Pandavas para Kurus.	295
165	Dhrishtadyumna une guerreiros e organiza tropas.	298
166	Bhishma explica Rathas e Atirathas para Duryodhana.	298
167	(Idem).	300
168	Bhishma continua, sobre Aswatthaman e outros. Méritos como Maharatha ou Ratha.	301
169	Karna e Bhishma argumentam sobre quem é o melhor.	303
170	Bhishma fala da grandeza dos Pandavas.	305
171	Maharathas em Pandavas e reis aliados.	306
172	(Idem).	307
173	Bhishma termina. Não lutará com Sikhandin (antigamente uma mulher).	308
174	Bhishma explica porque ele não lutará com Sikhandin.	309
175	Filha mais velha pede pelo governante dos Salwas (depois que Bhishma as sequestrou).	311
176	Rei dos Salwas rejeita Amva.	311
177	Amva vai aos ascetas.	312
178	Hotravahana manda Amva para Rama.	313
179	Rama ouve. Longa discussão sobre o melhor curso de ação. Amva deseja a morte de Bhishma.	316
180	Rama parte até Bhishma com Amva.	318
181	Rama e Bhishma diferem. Vão lutar em Kurukshetra. Ganga tenta intervir.	319
182	Batalha entre Rama e Bhishma. Rama cai, Bhishma se compadece.	323
183	Batalha feroz, ambos os líderes feridos.	325
184	Mais combate. Armas celestes usadas.	327
185	Batalha continua por 23 dias.	328
186	Bhishma descobre em um sonho como vencer Rama.	329
187	Luta até Bhishma usar arma Praswapa.	330
188	Deuses proíbem a luta de continuar. Rama forçado a desistir, Bhishma descobre que Arjuna será seu matador.	331
189	Princesa pratica austeridades. Eventualmente se transforma em metade de um rio.	333
190	Rudra concede uma bênção a Amva. Ela entra no fogo com seu corpo.	335

191	A rainha do rei Drupada dá nascimento a uma menina que se torna um menino.	336
192	Casamento de Sikhandin (uma mulher) com a filha do rei Hiranyavarman.	337
193	Hiranyavarman desafia Drupada. Drupada se aconselha com sua esposa.	338
194	Sikhandin entra na floresta onde Yaksha Sthunakarna lhe concede uma bênção.	339
195	Guerra apaziguada quando Yaksha troca de sexo com Sikhandin. Yaksha amaldiçoado a manter o sexo até a morte de Sikhandin. Bhishma completa dizendo que não lutará com Amva (Sikhandin).	340
196	Bhishma, Kripa, Drona, Aswatthaman e Karna especificam tempos para destruir o exército Pandava.	343
197	Arjuna afirma que ele tem arma celeste para aniquilar todos instantaneamente.	344
198	Exército de Duryodhana parte.	346
199	Exército de Yudhishthira também parte.	347

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

Om! Reverenciando Narayana, e Nara o mais sublime dos seres masculinos, como também a deusa Sarasvati, a palavra “Jaya” deve ser proferida.

1

"Vaisampayana disse, 'Então aqueles descendentes valentes de Kuru, que pertenciam ao mesmo partido (com Virata), tendo alegremente celebrado as núpcias de Abhimanyu e descansado aquela noite, se apresentaram na alvorada, bem satisfeitos, na corte de Virata. E a câmara do rei de Matsya estava cheia de riquezas, e matizada com pedras preciosas seletas e jóias, com assentos metodicamente arranjados, adornada com guirlandas, e cheia de fragrância. E aqueles poderosos monarcas de homens foram todos para aquele local. E nos assentos em frente sentaram-se os dois reis Virata e Drupada. E os veneráveis e idosos soberanos da terra, e Valarama e Krishna junto com seu pai, todos se sentaram lá. E perto do rei de Panchala estava sentado o grande herói da linhagem de Sini, junto com o filho de Rohini. E lado a lado com o rei de Matsya sentaram-se Krishna e Yudhishthira, e todos os filhos do rei Drupada, e Bhima e Arjuna, e os dois filhos de Madri, e Pradyumna e Samva, ambos valentes em batalha, e Abhimanyu com os filhos de Virata. E aqueles príncipes, os filhos de Draupadi, rivalizando seus pais em coragem, força, graça, e destreza, sentaram sobre excelentes assentos revestidos com ouro. E quando aqueles heróis poderosos usando ornamentos brilhantes e mantos tinham se sentado, aquela magnífica assembléia de reis parecia bela como o firmamento coberto com estrelas resplandecentes. E aqueles homens corajosos, reunidos, tendo conversado uns com os outros sobre vários tópicos, permaneceram por algum tempo em um ânimo pensativo, com seus olhos fixados em Krishna. E no fim de sua conversa, Krishna atraiu sua atenção para os assuntos dos Pandavas. E aqueles reis poderosos juntos escutaram ao discurso de Krishna, significativo e altivo. E Krishna disse, ‘É sabido por vocês todos como Yudhishthira foi fraudulentamente derrotado nos dados pelo filho de Suvala, e como ele teve seu reino roubado e como uma estipulação foi feita por ele a respeito de seu exílio na floresta. Capazes como eles eram de conquistar a terra pela força, os filhos de Pandu permaneceram firmes em sua promessa empenhada. E consequentemente por seis e sete anos estes homens incomparáveis realizaram a tarefa cruel imposta sobre eles. E este último, o décimo terceiro ano, foi extremamente difícil para eles passarem. Ainda assim não reconhecidos por alguém eles o passaram, como sabido por vocês, passando por sofrimentos insuportáveis de vários tipos. Isto é conhecido por vocês todos. Estes homens ilustres passaram o décimo terceiro ano empregados em serviço humilde de outros. Isto sendo assim, vocês devem considerar o que será para o bem de ambos, Yudhishthira e Duryodhana, e o que, com relação aos Kurus e aos Pandavas, será compatível com as regras de justiça e retidão e o que encontrará a aprovação de todos. O rei virtuoso Yudhishthira não cobiçaria injustamente nem o reino celeste. Mas justamente ele aceitaria governar até de uma única aldeia. Como os filhos de Dhritarashtra fraudulentamente o roubaram de seu reino paterno, e como ele tem passado uma

vida de sofrimentos intoleráveis é conhecido por todos os reis reunidos aqui. Os filhos de Dhritarashtra são incapazes de vencer pela força Arjuna, o filho de Pritha. Todavia, o rei Yudhishthira e seus amigos não têm outro desejo além do bem do filho de Dhritarashtra. Estes corajosos filhos de Kunti, e os dois filhos de Madri pedem somente o que eles mesmos, alcançando vitória em batalha, ganharam dos reis derrotados. Vocês, sem dúvida, sabem perfeitamente bem como aqueles inimigos dos Pandavas, com o objetivo de possuir o reino, se esforçaram por vários meios para destruí-los, quando eles ainda eram meros garotos. Tão perversos e rancorosos eles eram. Considerem quão ávidos eles são e quão virtuoso Yudhishthira é. Considerem também o relacionamento que existe entre eles. Eu suplico a vocês todos para consultarem juntos e também pensarem separadamente. Os Pandavas sempre têm tido respeito pela verdade. Eles têm cumprido sua promessa ao pé da letra. Se agora tratados injustamente pelos filhos de Dhritarashtra, eles os matariam todos embora reunidos. Eles têm amigos que, ao serem informados de seu tratamento indigno nas mãos de outros, estariam ao lado deles, engajados em luta com seus perseguidores, e prontamente os matariam mesmo que eles perdessem suas próprias vidas por isto. Se vocês supõem que eles são muito poucos para serem capazes de obter uma vitória sobre seus inimigos, vocês devem saber que unidos e seguidos por seus amigos eles tentariam, sem dúvida, seu máximo para destruir aqueles inimigos. O que Duryodhana pensa não é sabido exatamente, nem o que ele pode fazer. Quando a mente do outro lado não é conhecida, que opinião pode ser formada por vocês quanto ao que é o melhor a ser feito? Portanto, que uma pessoa virtuosa e honesta e de nascimento respeitável, e cautelosa, um embaixador capaz, parta para suplicar a eles brandamente para induzi-los a darem metade do reino para Yudhishthira.' Tendo escutado ao discurso de Krishna, marcado por prudência e respeito pela virtude e mostrando um espírito pacífico e imparcial, seu irmão mais velho então se dirigiu à assembléia concedendo grande louvor às palavras do irmão mais novo.'"

2

"Baladeva disse, 'Vocês todos escutaram as palavras dele que é o irmão mais velho de Gada, caracterizadas como são por um sentido de virtude e prudência, e igualmente salutares para Yudhishthira e o rei Duryodhana. Estes filhos valentes de Kunti estão preparados para abandonar metade de seu reino, e eles fazem este sacrifício por Duryodhana. Os filhos de Dhritarashtra, portanto, devem desistir de metade do reino, e devem se regozijar e ficar muito felizes conosco que a discussão possa ser assim decidida satisfatoriamente. Estas pessoas poderosas tendo obtido o reino sem dúvida seriam pacificadas e felizes, desde que o partido oposto se comporte bem. Pois eles serem acalmados redundará no bem-estar dos homens. E eu ficaria bem satisfeito se alguém daqui, com o objetivo de pacificar ambos os Kurus e os Pandavas, empreendesse uma viagem e averiguasse qual é a intenção de Duryodhana e explicasse as idéias de Yudhishthira. Que ele saúde respeitosamente Bhishma, o descendente heróico da linhagem de Kuru, e o filho

magnânimo de Vichitravirya, e Drona junto com seu filho, e Vidura e Kripa, e o rei de Gandhara, junto com o filho de Suta. Que ele também preste seus respeitos para todos os outros filhos de Dhritarashtra, para todos os que são renomados por força e erudição, dedicados aos seus próprios deveres, heróicos, e familiarizados com os sinais dos tempos. Quando todas estas pessoas estiverem reunidas e quando também os cidadãos idosos estiverem reunidos, que ele fale palavras cheias de humildade e adequadas para servir aos interesses de Yudhishthira. Em todos os eventos, que eles não sejam provocados, pois eles tomaram posse do reino com uma mão forte. Quando Yudhishthira tinha seu trono, ele se esqueceu de si mesmo por estar envolvido no jogo e foi despojado por eles de seu reino. Este Kuru valente, este descendente de Ajamida, Yudhishthira, embora não habilidoso no jogo de dados e embora dissuadido por todos os seus amigos desafiou o filho do rei de Gandhara, um perito nos dados, para a partida. Havia então naquele lugar milhares de jogadores de dados a quem Yudhishthira poderia derrotar em uma partida. No entanto, não tomando conhecimento de algum deles, ele desafiou de todos os homens o filho de Suvala para o jogo, e assim ele perdeu. E embora os dados constantemente fossem desfavoráveis para ele, ele ainda assim teve somente Sakuni como seu adversário. Competindo com Sakuni no jogo, ele sofreu uma derrota esmagadora. Por isto, nenhuma culpa pode se atribuir a Sakuni. Que o mensageiro faça uso de palavras caracterizadas por humildade, palavras planejadas para conciliar o filho de Vichitravirya. O mensageiro pode dessa maneira trazer o filho de Dhritarashtra para seu próprio ponto de vista. Não procurem guerra com os Kurus; se dirijam a Duryodhana somente em um tom conciliador. O objetivo possivelmente pode fracassar em ser alcançado pela guerra, mas ele pode ser alcançado por conciliação, e por estes meios também ele pode ser obtido duradouramente.'"

"Vaisampayana continuou, 'Enquanto aquele descendente corajoso da linhagem de Madhu estava continuando seu discurso, o valente filho da linhagem de Sini se levantou de repente e indignadamente condenou as palavras do primeiro por meio destas palavras dele.'"

3

"Satyaki disse, 'Assim como o coração de um homem é, assim ele fala! Tu estás falando exatamente de acordo com a natureza do teu coração. Há homens valentes, e igualmente aqueles que são covardes. Homens podem ser divididos nestas duas classes bem definidas. Como em uma única árvore grande pode haver dois ramos um dos quais porta frutos enquanto o outro não, assim da mesma linha de progenitores podem surgir pessoas que são imbecis assim como aquelas que são dotadas de grande força. Ó tu portando o emblema de um arado no teu estandarte, eu, de fato, não condeno as palavras que tu falaste, mas eu simplesmente condeno aqueles, ó filho de Madhu, que estão escutando as tuas palavras! Como, de fato, pode aquele que descaradamente ousa atribuir até a menor culpa ao rei virtuoso Yudhishthira ser permitido falar para todos no meio da assembléia? Pessoas talentosas no jogo de dados desafiaram o magnânimo

Yudhishthira, não habilidoso como ele é em jogo, e confiando nelas ele foi derrotado! Tais pessoas podem ser citadas como tendo ganhado o jogo virtuosamente? Se eles tivessem vindo até Yudhishthira enquanto jogando nesta casa com seus irmãos e o derrotado aí, então o que eles ganhassem teria sido ganho justamente. Mas eles desafiaram Yudhishthira que estava determinado em consciência a seguir as regras cumpridas pela casta militar, e eles ganharam por meio de uma trapaça. O que há de justo nesta conduta deles? E como pode este Yudhishthira aqui, tendo cumprido ao máximo as estipulações estabelecidas por meio de apostas no jogo, livre da promessa de uma estada na floresta, e portanto tendo direito ao seu trono ancestral, se humilhar? Mesmo que Yudhishthira cobiçasse as posses de outras pessoas, ainda assim não caberia a ele mendigar! Como eles podem ser considerados virtuosos e não absortos em usurpar o trono quando, embora os Pandavas tenham sobrevivido sua permanência em segredo não reconhecidos, eles ainda dizem que os últimos foram reconhecidos? Eles foram pedidos por Bhishma e pelo magnânimo Drona, mas eles ainda assim não concordam em devolver aos Pandavas o trono que pertence a eles por direito de nascimento. Os meios pelos quais eu suplicaria a eles seriam flechas afiadas. Eu lutarei e com uma mão forte os forçarei a se prostrarem aos pés do filho ilustre de Kunti. Se, no entanto, eles não se curvarem aos pés do sábio Yudhishthira, então eles e seus partidários deverão ir para as regiões de Yama. Quando Yuyudhana (eu mesmo) está enfurecido e decidido a lutar, eles, de fato, não estão à altura de resistir ao seu ímpeto, como montanhas não podem resistir àquele do raio. Quem pode resistir a Arjuna em luta, ou a ele que tem o disco como sua arma em batalha, ou a mim mesmo também? Quem pode resistir ao incomparável Bhima? E quem, tendo respeito por sua vida, se aproximaria dos irmãos gêmeos que seguram seus arcos firmemente e parecem com Yama concessor de morte em inteligência? Quem se aproximaria de Dhrishtadyumna, o filho de Drupada, ou destes cinco filhos dos Pandavas que têm somado brilho ao nome de Draupadi, rivalizando seus pais em coragem, iguais a eles em todos os aspectos e cheios de orgulho marcial, ou ele do arco poderoso, filho de Subhadra, irresistível até pelos próprios deuses; ou Gada, ou Pradyumna, ou Samva, parecendo com Yama ou o raio ou fogo? Nós mataremos o filho de Dhritarashtra e Sakuni e Karna em batalha, e colocaremos o Pandava no trono. Não há pecado em matar aqueles que estão empenhados em nos matar, mas ser um mendigo diante de inimigos é ímpio e infame. Eu peço a vocês para serem diligentes em fazer o que é sinceramente desejado por Yudhishthira. Que o filho de Pandu receba de volta o reino renunciado por Dhritarashtra! Ou Yudhishthira recebe de volta seu reino neste mesmo dia ou todos os nossos inimigos jazerão sobre o solo mortos por mim!'"

4

"Drupada disse, 'Ó de braços fortes, isto será, sem dúvida, assim como tu disseste! Duryodhana nunca desistirá do reino por meios pacíficos, e Dhritarashtra, que adora seu filho, o seguirá em seu desejo. E assim farão Bhishma e Drona por imbecilidade, e Karna e Sakuni por tolice. As palavras de

Valadeva se recomendam ao meu julgamento; a conduta indicada por ele deve, de fato, ser seguida por um homem que deseja acordo pacífico. Mas Duryodhana nunca deve ser endereçado em palavras suaves. Violento por natureza, ele, eu creio, não pode ser trazido à razão por meio de gentileza. Com relação a um asno a gentileza está no lugar; mas com relação a animais da espécie bovina deve-se recorrer à severidade. Se alguém fosse falar palavras gentis para Duryodhana, violento por natureza aquele indivíduo perverso consideraria o orador como uma pessoa imbecil. Se um comportamento gentil for adotado em direção a ele, o tolo pensará que ele ganhou. Que nós façamos exatamente isto: que nós façamos nossos preparativos; que nós enviemos notícia para nossos amigos para que eles possam reunir um exército para nós. Que mensageiros velozes vão até Salya, e Dhrishtaketu, e Jayatsena, e o príncipe dos Kekayas. Duryodhana também, de sua parte, enviará notícia para todos os reis. Pessoas honestas, no entanto, responderão ao pedido daqueles que lhes pedirem primeiro. Portanto, eu peço a vocês para se apressarem em apresentar primeiro sua petição àqueles soberanos de homens. Parece-me que um grande empreendimento está nos esperando. Rapidamente enviem notícias para Salya, e para os reis sob ele, e para o rei Bhagadatta de coragem incomensurável residindo no litoral leste, e para o feroz Hardikya, e Ahuka, e ao rei dos Mallas de mente poderosa, e Rochamana. Que Vrihanta seja convocado e o rei Senavindu, e Vahlika e Mudjakesa e o soberano dos Chedis, e Suparsva, Suvahu; e aquele grande herói, Paurava; e também os reis dos Sakas, dos Pahlavas, e dos Daradas, e Surari, e Nadija, e o rei Karnavest, e Nila, e o rei valente Viradharman; e Durjaya, e Dantavakra, e Rukmi, e Janamejaya; e Ashada e Vayuvega, e o rei Purvapali; e Bhuritejas, e Devaka, e Ekalaya com seus filhos; e também os reis da raça Krausha, e o bravo Kshemamurti, e os reis do Kamboja e as tribos Richika, e da costa ocidental; e Jayatsena e o rei de Kashi, e os soberanos da terra dos cinco rios, e o filho orgulhoso de Kratha, e os soberanos das regiões montanhosas, e Janaki, e Susarman e Maniman, e Potimatsyaka, e o corajoso Dhrishtaketu, e o soberano do reino de Pansu; e Paundra, e Dandadhara, e o valente Vrihatsena; e Aparajita, e Nishada e Srenimat e Vasumat; e Vrihadvala de grande força, e Vahu o conquistador de cidades hostis; e o rei guerreiro Samudrasena com seu filho; e Uddhava, e Kshemaka e o rei Vatadhana; e Srutayus, e Dridhayus, e o valente filho de Salwa; e o rei dos Kalingas, e Kumara, inconquistável em batalha. Enviem rapidamente mensagens a eles. Isto é o que se recomenda para mim. E que este meu sacerdote, Brahmana erudito, seja enviado, ó rei, para Dhritarashtra. Diga a ele as palavras que ele deve dizer e o que deve ser dito a Duryodhana; e como Bhishma deve ser endereçado, e como Drona, aquele melhor dos guerreiros em carros!"

5

"Krishna disse, 'Estas palavras são dignas do chefe da tribo Somaka, e são calculadas para promover os interesses do filho de Pandu de força imensurável. Como nós estamos desejosos de adotar um comportamento hábil, este é, sem dúvida, nosso primeiro dever; um homem agindo de outra maneira seria um

grande tolo. Mas nosso relacionamento com ambos, os Kurus e os Pandus, é igual, de qualquer forma que estes dois partidos possam se comportar um com o outro. Ambos vocês e nós fomos convidados aqui na ocasião de um casamento. O casamento tendo sido agora celebrado, vamos para casa bem satisfeitos. Você é o principal dos reis, em idade e erudição; e aqui todos nós, sem dúvida, somos como seus pupilos. Dhritarashtra sempre nutriu um grande respeito por você; e você é também amigo dos preceptores Drona e Kripa. Eu, portanto, lhe peço para enviar uma mensagem (para os Kurus) nos interesses dos Pandavas. Nós todos decidimos sobre isso: que você deve enviar uma mensagem para eles. Se aquele chefe da linhagem Kuru fizer as pazes em termos equitativos, então os sentimentos fraternos entre os Kurus e os Pandus não sofrerão dano. Se, por outro lado, o filho de Dhritarashtra se tornar soberbo e por tolice se recusar a fazer as pazes, então, tendo convocado outros, nos convoque também. O portador do Gandiva então ficará inflamado com cólera e o estúpido e pecaminoso Duryodhana, com seus partidários e amigos, encontrará seu destino.'"

"Vaisampayana disse, 'O rei Virata, então tendo honrado Krishna, mandou-o para casa com seus seguidores e parentes. E depois que Krishna tinha partido para Dwaraka, Yudhishthira e seus seguidores, com o rei Virata, começou a fazer preparativos para a guerra. E Virata e seus parentes enviaram mensagens para todos os monarcas, e o rei Drupada também fez o mesmo. E a pedido daqueles leões da raça Kuru, como também dos dois reis dos Matsyas e dos Panchalas, muitos senhores da terra possuidores de grande força foram ao local com corações alegres. E quando os filhos de Dhritarashtra souberam que os Pandavas tinham reunido um exército grande eles também reuniram muitos soberanos da terra. E, ó rei, naquele tempo a terra inteira ficou apinhada com os soberanos da terra que estavam marchando para abraçar a causa ou dos Kurus ou dos Pandavas. E a terra estava cheia de grupos militares compostos de quatro tipos de tropas. E de todos os lados as tropas começaram a afluir. E a deusa Terra com suas montanhas e florestas parecia tremer sob seu passo. E o rei dos Panchalas, tendo consultado os desejos de Yudhishthira, despachou para os Kurus seu próprio sacerdote, que era velho em idade e compreensão.'"

6

"Drupada disse, 'Dos seres aqueles que são dotados de vida são superiores. Dos seres vivos aqueles que são dotados de inteligência são superiores. Das criaturas inteligentes os homens são superiores. Dos homens os duas vezes nascidos são superiores. Dos duas vezes nascidos, estudantes do Veda são superiores. De estudantes do Veda aqueles de mente culta são superiores. De homens cultos pessoas práticas são superiores. E finalmente, de homens práticos aqueles que conhecem o Ser Supremo são superiores. Você, me parece, está no próprio topo daqueles que são de mente culta. Você é distinguido por ambos: idade e erudição. Você é igual em intelecto a Sukra ou Vrihaspati, o filho de Angiras. Você sabe que espécie de homem é o chefe da raça Kuru, e que espécie

de homem também é Yudhishthira, o filho de Kunti. Foi com o conhecimento de Dhritarashtra que os Pandavas foram enganados por seus oponentes. Embora instruído por Vidura ele ainda segue seu filho! Sakuni deliberadamente desafiou Yudhishthira para um jogo embora o último fosse inábil no jogo enquanto o primeiro era um perito nisto. Inexperiente em jogo, Yudhishthira é ingênuo e firme em seguir as regras da classe militar. Tendo assim trapaceado o rei virtuoso Yudhishthira eles não entregarão livremente o reino de nenhuma maneira. Se você falar palavras de justiça para Dhritarashtra, você certamente ganhará os corações de seus homens combatentes. Vidura também fará uso daquelas suas palavras e dessa maneira alienará os corações de Bhishma, e Drona, e Kripa, e outros. Quando os oficiais de estado estiverem alienados e homens de luta estiverem relutantes, a tarefa do inimigo será ganhar de volta seus corações. No meio tempo, os Pandavas, com facilidade e com todo seu ânimo, tratarão de preparar o exército e reunir suprimentos. E quando os partidários do inimigo estiverem alienados, e enquanto você pairar em volta deles, eles certamente não serão capazes de fazer preparativos adequados para a guerra. Este comportamento parece oportuno dessa forma. No teu encontro com Dhritarashtra é possível que Dhritarashtra faça o que você diz. E como você é virtuoso, você deve, portanto, agir virtuosamente em direção a eles. E para os compassivos, você deve falar sobre os vários sofrimentos que os Pandavas têm suportado. E você deve alienar os corações das pessoas idosas por discursar sobre os costumes da família que foram seguidos por seus antepassados. Eu não nutro a menor dúvida nesta questão. Nem você precisa ficar receoso de algum perigo deles, pois você é um Brahmana, versado nos Vedas; e você está indo para lá como um embaixador, e mais especialmente, você é um homem idoso. Portanto, eu lhe peço para partir sem demora em direção aos Kauravas com o objetivo de promover os interesses dos Pandavas, determinando sua partida sob a combinação (astrológica) chamada Pushya e naquela parte do dia chamada Jaya.'

"Vaisampayana continuou, 'Assim instruído pelo magnânimo Drupada, o sacerdote virtuoso partiu para Hastinapura (a cidade que recebeu o nome de elefante). E aquele homem erudito, bem versado nos princípios da ciência de política, saiu com um séquito de discípulos em direção aos Kurus para promover o bem-estar dos filhos de Pandu.'"

7

"Vaisampayana disse, 'Tendo despachado o sacerdote para a cidade que recebeu o nome de elefante eles enviaram mensageiros para os reis de vários países. E tendo enviado mensageiros para outros lugares, o herói Kuru Dhananjaya, aquele touro entre homens e filho de Kunti, partiu ele mesmo para Dwaraka. E depois que Krishna e Valadeva, os descendentes de Madhu, tinham ido para Dwaraka com todos os Vrishnis, os Andhakas e os Bhojas, às centenas, o filho real de Dhritarashtra, por enviar agentes secretos, se supriu com informações de todos os feitos dos Pandavas. E sabendo que Krishna estava em seu caminho, o príncipe foi à cidade de Dwaraka por meio de cavalos excelentes possuidores da

velocidade do vento, e levando com ele um pequeno número de tropas. E naquele mesmo dia o filho de Kunti e Pandu, Dhananjaya, também chegou rapidamente à cidade bela da terra Anarta. E os dois descendentes da linhagem Kuru, aqueles tigres entre homens, ao chegarem lá viram que Krishna estava dormindo, e se aproximaram dele quando ele estava deitado. E como Krishna estava dormindo, Duryodhana entrou no quarto e se sentou em um assento refinado na cabeceira da cama. E depois dele entrou aquele que usa o diadema, o magnânimo Arjuna. E ele permaneceu na parte traseira da cama, demonstrando reverência e unindo suas mãos. E quando o descendente de Vrishni, Krishna, despertou, ele primeiro lançou seus olhos em Arjuna. E tendo os questionado quanto à segurança de sua viagem, e tendo adequadamente dado seus comprimentos a eles, o matador de Madhu os questionou quanto ao motivo de sua visita. Então Duryodhana se dirigiu a Krishna, com uma expressão alegre, dizendo, ‘Cabe a você me fornecer sua ajuda na guerra iminente. Arjuna e eu mesmo somos ambos igualmente seus amigos. E, ó descendente de Madhu, você também tem o mesmo relacionamento com nós dois. E hoje, ó matador de Madhu, eu fui o primeiro a vir a você. Pessoas honestas adotam a causa daquele que vem primeiro a eles. Assim é como os antigos agiam. E, ó Krishna, você permanece no próprio topo de todas as pessoas honradas no mundo, e é sempre respeitado. Eu peço a você para seguir a regra de conduta observada pelos homens honestos.' Nisso Krishna respondeu, 'Que você veio primeiro, ó rei, eu não duvido de maneira alguma. Mas, ó rei, o filho de Kunti, Dhananjaya, foi visto primeiro por mim. Por conta da sua chegada primeiro, e por conta de eu ter visto Arjuna primeiro, eu irei, sem dúvida, fornecer minha ajuda, ó Suyodhana, a ambos. Mas é dito que aqueles que são mais novos em idade devem ter a primeira escolha. Portanto, Dhananjaya o filho de Kunti tem direito à primeira escolha. Há um grande exército de vaqueiros numerando dez crores, me rivalizando em força e conhecidos como os Narayanas, todos os quais são hábeis para lutar no centro da batalha. Estes soldados, irresistíveis em combate, serão enviados para um de vocês e eu sozinho, resolvido a não lutar no campo, e abaixando minhas armas, irei para o outro. Você pode, ó filho de Kunti, escolher primeiro qualquer um destes dois que se recomende a você. Pois, segundo a lei, você tem o direito à primeira escolha.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por Krishna, Dhananjaya o filho de Kunti escolheu Kesava que não lutaria no campo de batalha, o próprio Narayana, o matador de inimigos, incriado, nascido entre os homens por sua própria vontade, o principal de todos os Kshatriyas e acima de todos os deuses e os Danavas. E Duryodhana escolheu para si mesmo aquele exército inteiro (composto dos Narayanas). E, ó descendente de Bharata, tendo obtido aquelas tropas numerando milhares sobre milhares ele estava muito satisfeito, embora ele soubesse que Krishna não estava ao seu lado. E tendo assegurado aquele exército possuidor de bravura terrível, Duryodhana foi ao filho de Rohini de grande força e explicou a ele o objetivo de sua visita. O descendente de Sura em resposta endereçou as seguintes palavras para o filho de Dhritarashtra, 'Tu deves te lembrar, ó tigre entre homens, de tudo o que eu disse na cerimônia de casamento celebrada por Virata. Ó tu encantador da família de Kuru, por tua causa eu então contradisse Krishna e falei contra suas opiniões. E repetidas vezes eu aludi à

igualdade do nosso relacionamento com ambos os partidos. Mas Krishna não adotou os pontos de vista que eu então expressei; nem eu posso me separar de Krishna nem por um único momento. E vendo que eu não posso agir contra Krishna esta mesma é a decisão tomada por mim: eu não lutarei nem pelos filhos de Kunti nem por você. E, ó touro dos Bharatas, nascido como tu és na linhagem Bharata que é respeitada por todos os reis, vá e lute de acordo com as regras de retidão.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, Duryodhana abraçou aquele herói que maneja um arado como sua arma de combate, e embora sabendo que Krishna tinha sido afastado de seu lado, ele ainda assim considerou Arjuna como já derrotado. E o filho nobre de Dhritarashtra então foi até Kritavarman. E Kritavarman lhe deu um exército de tropas numerando um Akshauhini. E cercado por aquela hoste militar, terrível de se contemplar, o Kaurava marchou adiante alegrando seus amigos. E depois que Duryodhana partiu, Krishna, o Criador do mundo, vestido em traje amarelo, se dirigiu a Kiritin, dizendo, 'Por que razão você escolheu a mim que não lutarei em absoluto?'

Nisso Arjuna respondeu, 'Eu não questiono que você pode matar eles todos. Eu também sozinho sou capaz de matá-los, ó melhor dos homens. Mas você é uma pessoa ilustre no mundo; e este renome acompanhará você. Eu também sou um pleiteante de fama; portanto, você foi escolhido por mim. Sempre foi meu desejo ter você para dirigir meu carro. Eu, portanto, peço a você para realizar meu desejo nutrido por muito tempo.'

O filho de Vasudeva então disse, 'Fica-lhe bem, ó filho de Kunti, que tu te compares comigo. Eu agirei como teu quadrigário; que o teu desejo seja realizado.'"

"Vaisampayana continuou, 'Então com o coração contente o filho de Kunti, acompanhado por Krishna assim como pela flor da tribo Dasarha, voltou para Yudhishthira.'"

8

"Vaisampayana disse, 'Ó rei, tendo sabido as notícias dos mensageiros, Salya, acompanhado por um grande exército de tropas e por seus filhos, todos os quais eram poderosos em batalha, estava indo aos Pandavas. Seu acampamento cobria uma área de um yojana e meio, tão grande era o exército possuído por aquele melhor dos homens. Ele era o dono, ó rei, de um Akshauhini e tinha grande destreza e coragem. E havia em seu exército heróis portando armaduras de várias cores, com diversas espécies de estandartes e arcos e ornamentos e carros e animais, todos usando guirlandas excelentes, e vários mantos e ornamentos. E centenas e milhares dos principais dos Kshatriyas eram os líderes de suas tropas, vestidos e enfeitados da maneira de sua terra nativa. E ele procedeu por meio de marchas lentas, dando descanso para suas tropas, em direção ao lugar onde o Pandava estava. E as criaturas da terra se sentiram oprimidas e a terra tremia sob

o passo de suas tropas. E o rei Duryodhana, sabendo que aquele herói magnânimo e poderoso estava em seu caminho, se apressou em direção a ele e lhe prestou honras, ó melhor da linhagem Bharata e fez serem construídos lugares de entretenimento finamente decorados em locais diferentes para sua recepção, em terrenos belos, e para onde muitos artistas foram conduzidos para divertir os convidados. E aqueles pavilhões continham guirlandas e carne e iguarias e bebidas seletas, e poços de várias formas, capazes de refrescar o coração, e tanques de várias formas, e comestíveis, e aposentos espaçosos. E chegando naqueles pavilhões, e servido como um verdadeiro deus pelos empregados de Duryodhana localizados em locais diferentes, Salya alcançou outra casa de entretenimento resplandecente como um retiro dos celestiais. E lá, saudado com necessidades pessoais seletas adequadas para seres superiores ao homem, ele se julgou superior até ao próprio senhor dos deuses e pensou torpemente em Indra como comparado consigo mesmo. E aquele principal dos Kshatriyas, bem satisfeito, questionou os empregados, dizendo, 'Onde estão aqueles homens de Yudhishthira que prepararam estes lugares de repouso? Que aqueles homens que fizeram isto sejam trazidos a mim. Eu os julgo dignos de serem recompensados por mim. Eu devo recompensá-los, que isto assim agrade ao filho de Kunti!' Os empregados, surpresos, apresentaram toda a questão para Duryodhana. E quando Salya estava muitíssimo satisfeito e disposto a conceder até sua vida, Duryodhana, que tinha permanecido escondido, se adiantou e se mostrou para seu tio materno. E o rei dos Madras o viu e compreendeu que tinha sido Duryodhana que tinha se esforçado para recebê-lo. E Salya abraçou Duryodhana e disse, 'Aceite alguma coisa que você deseje.'

Duryodhana então disse, 'Ó tu auspicioso, que a tua palavra seja verdadeira, me conceda um benefício. Eu te peço para ser o líder de todo o meu exército.'"

"Vaisampayana continuou, 'E ouvindo isso, Salya disse, 'Assim seja! O que mais é para ser feito?' E o filho de Gandhari repetiu muitas vezes, 'Está feito.' E Salya disse, 'Ó Duryodhana, ó melhor dos homens, vá para tua própria cidade. Eu prosseguirei para retribuir uma visita para Yudhishthira, o subjugador de inimigos. Ó rei, eu voltarei rapidamente, ó soberano de homens. Aquele melhor dos homens, o filho de Pandu, Yudhishthira, deve, sem dúvida, ser visitado por mim.' E tolerando isto Duryodhana disse, 'Ó rei, ó soberano da terra, tendo visto o Pandava, volte depressa. Eu dependo totalmente de ti, ó rei de reis. Lembre-te do benefício que tu me concedeste.' E Salya respondeu, 'Que o tem te aconteça! Eu voltarei rapidamente. Dirija-te para tua própria cidade, ó protetor de homens.' E então aqueles dois reis Salya e Duryodhana abraçaram um ao outro. E tendo assim saudado Salya, Duryodhana voltou para sua própria cidade. E Salya seguiu para informar os filhos de Kunti daquele seu procedimento. E tendo alcançado Upaplavya, e entrado no acampamento, Salya viu lá todos os filhos de Pandu. E Salya de braços poderosos tendo encontrado com os filhos de Pandu, aceitou como de hábito água para lavar seus pés, e os presentes costumeiros de honra incluindo uma vaca. E o rei dos Madras, aquele matador de inimigos, primeiro perguntou a eles como eles estavam, e então com grande alegria abraçou Yudhishthira, e Bhima, e Arjuna, e os filhos de sua irmã, os dois irmãos gêmeos. E

quando todos tinham se sentado Salya falou com Yudhishthira, o filho de Kunti, dizendo, 'Ó tigre entre reis, ó tu encantador da família de Kuru, está tudo bem contigo? Ó melhor dos vitoriosos, quão afortunadamente tu tens passado o período de tua residência no ermo? Ó rei, ó senhor dos monarcas, foi uma tarefa extremamente difícil que tu realizaste por residires na selva junto com teus irmãos e esta nobre dama aqui. E uma tarefa muito difícil além disso foi esta tua estada, o período de encobrimento, tarefa que tu também realizaste, ó descendente de Bharata; para alguém derrubado de um trono não há nada exceto o sofrimento que o espera. Ó rei, onde há alguma felicidade para ele? Ó tu que afliges teus inimigos, em compensação por toda esta vasta miséria causada pelo filho de Dhritarashtra tu alcançarás felicidade proporcional depois de ter matado teus inimigos. Ó grande rei, ó senhor de homens, os caminhos do mundo são conhecidos por ti. Portanto, ó meu filho, tu nunca és guiado por avareza em alguma das tuas transações. Ó descendente de Bharata, siga nas pegadas de reis santos antigos. Meu filho, Yudhishthira, seja firme no caminho da generosidade, e auto-abnegação, e veracidade. E, ó nobre Yudhishthira, piedade e autocontrole, e verdade e compaixão universal, e tudo admirável neste mundo são encontrados em ti. Tu és gentil, munificente, religioso, e generoso, e tu consideras a virtude como o maior bem. Ó rei, muitas são as regras de virtude que prevalecem entre os homens, e todas são conhecidas por ti. Ó meu filho, ó tu que afliges inimigos, tu conheces realmente tudo relativo a este mundo. Ó rei, ó melhor da família Bharata, quão afortunado é que tu tenhas saído desta tua dificuldade. Quão afortunado, ó rei, ó principal dos monarcas, ó senhor, é que eu te veja, uma alma tão virtuosa, um tesouro de virtude, livre disto com estes teus seguidores.'"

"Vaisampayana continuou, 'Então, ó descendente de Bharata, o rei falou de seu encontro com Duryodhana e deu um relato detalhado com relação àquela sua promessa e aquele benefício concedido por ele. E Yudhishthira disse, 'Ó rei valente, foi bem-feito por ti que estando profundamente satisfeito tu tenhas empenhado tua fidelidade para Duryodhana. Mas, que o bem te aconteça, ó soberano da terra, eu te peço para fazer uma coisa somente. Ó rei, ó melhor dos homens, tu terás que fazer isto somente por mim, embora possa não ser apropriado fazer isto. Ó valente, ouça o que eu te sugiro. Ó grande rei, tu és igual a Krishna no campo de batalha. Quando, ó melhor dos reis, o duelo entre Karna e Arjuna se realizar, eu não duvido que tu tenhas que dirigir o carro de Karna. Naquela ocasião, se tu estás disposto a fazer bem para mim, tu deves proteger Arjuna. Ó rei, tu deves igualmente agir de maneira que o filho de Suta Karna fique desanimado e que a vitória seja nossa. Impróprio isto é sem dúvida; mas, ó meu tio, apesar de tudo isso tu deves fazê-lo.' Salya disse, 'Que o bem te aconteça. Escute, ó filho de Pandu. Tu me disseste para agir de maneira que o vil filho do Suta possa ficar desanimado em combate. De fato, eu serei seu quadrigário no campo, pois ele sempre me considera igual a Krishna. Ó descendente de Kuru semelhante a um tigre, eu sem dúvida falarei para ele, quando desejoso de lutar no campo de batalha, palavras contraditórias e repletas de mal para ele, para que privado de orgulho e coragem ele possa ser morto facilmente por seu adversário. Isto eu te digo realmente. Pedido por ti para fazê-lo, eu estou determinado a fazê-lo, ó meu filho. Qualquer coisa mais que eu seja capaz de ocasionar, eu farei para

o teu bem. Todos os transtornos que foram sofridos por ti junto com Draupadi na ocasião do jogo de dados, as palavras rudes e desumanas proferidas pelo filho de Suta, a miséria infligida pelo Asura Jata e por Kichaka, ó ilustre, todas as misérias sofridas por Draupadi, semelhantes àquelas antigamente experimentadas por Damayanti, ó herói, todas terminarão em alegria. Tu não deves ficar aflito por isto; pois o Destino é todo poderoso neste mundo; e, ó Yudhishthira, pessoas de mente elevada têm que suportar miséria de vários tipos, não somente isto, mas até os próprios deuses, ó rei, sofrem infortúnios. Ó rei, ó descendente de Bharata, é narrado que Indra de grande mente, o chefe dos celestiais, teve que aguentar junto com sua esposa uma miséria muito grande, de fato.'"

9

"Yudhishthira disse, 'Ó principal dos monarcas, eu desejo saber como foi que aquela miséria grande e sem paralelo teve que ser suportada pelo ilustre Indra junto com sua rainha.'"

"Salya disse, 'Ouça-me, ó rei, enquanto eu narro esta antiga história dos acontecimentos dos tempos passados, como, ó descendente de Bharata, a miséria sobreveio a Indra e sua esposa. Uma vez Twashtri, o senhor das criaturas e o principal dos celestiais, estava engajado em praticar austeridades rígidas. E é dito que por antipatia a Indra ele criou um filho que tinha três cabeças. E aquele ser de forma universal possuidor de grande brilho desejava ardentemente o assento de Indra. E possuidor daqueles três rostos impressionantes parecendo com o sol, a lua, e o fogo, ele lia os Vedas com uma boca, bebia vinho com outra, e parecia com a terceira como se ele fosse absorver todos os pontos cardeais. E dado à prática de austeridades, e sendo gentil e auto-controlado, ele estava empenhado em uma vida de práticas religiosas e austeridades. E sua prática de austeridades, ó subjugador de inimigos, era rígida e terrível e de um caráter extremamente severo. E observando as austeridades, coragem, e veracidade daquele possuidor de energia imensurável, Indra ficou ansioso, receando que aquele ser tomasse seu lugar. E Indra refletiu, 'Como ele pode ser feito se viciar em prazeres sensuais; como ele pode ser feito cessar sua prática de tais austeridades rígidas? Pois se o ser de três cabeças se tornar forte, ele absorverá o universo inteiro.' E foi dessa maneira que Indra ponderou em sua mente; e, ó melhor da linhagem Bharata, dotado de inteligência, ele mandou as ninfas celestes tentarem o filho de Twashtri. E ele as mandou, dizendo, 'Sejam rápidas, e vão sem demora, e o tentem de maneira que o ser de três cabeças mergulhe em prazer sensual até a máxima extensão. Dotadas de quadris cativantes, se arrumem em trajes voluptuosos, e se enfeitando com colares encantadores exibam gestos e palavras lisonjeiras de amor. Dotadas de graça, o tentem e aliviem meu temor. Eu me sinto inquieto em meu coração, ó donzelas encantadoras. Afastem, ó damas, este perigo terrível que pende sobre mim. Que o bem lhes aconteça.'"

"Então as ninfas disseram, 'Ó Indra, ó matador de Vala, nós nos esforçaremos tanto para cativá-lo que tu não terás nada a temer em suas mãos. Aquele verdadeiro receptáculo de austeridades, sentando agora como alguém chamuscando tudo com seus olhos, ó deus, nós estamos indo juntas tentar. Nós tentaremos trazê-lo sob nosso controle, e poremos um fim nos teus temores.'"

"Salya continuou, 'Mandadas por Indra, elas então foram até o ser de três cabeças. E chegando lá aquelas donzelas encantadoras o tentaram com vários gestos de amor, mostrando suas figuras agradáveis. Mas engajado na prática de austeridades extremamente rígidas, embora ele as olhasse, ainda assim ele não foi influenciado pelo desejo. De sentidos subjugados ele era como o oceano, cheio até a borda, em gravidade. E as ninfas depois de terem tentado tudo quanto estava em seu alcance voltaram para Indra. E elas todas com mãos unidas falaram para o senhor dos celestiais, dizendo, 'Ó, aquele ser inalcançável é incapaz de ser perturbado por nós. Ó ser altamente dotado, tu podes fazer agora o que pareça apropriado para ti.' Indra de grande mente honrou as ninfas e então as dispensou refletindo, ó Yudhishthira, unicamente sobre outros meios de destruir seu inimigo. E dotado de inteligência, ele escolheu um plano para destruir o ser de três cabeças. E ele disse, 'Que eu hoje atire meu raio nele. Dessa maneira ele será morto rapidamente. Uma pessoa forte não deve negligenciar um inimigo ascendente, embora ele seja desprezível.' E assim refletindo sobre as lições inculcadas em tratados de erudição, ele estava firmemente decidido a matar aquele ser. Então Indra, enfurecido, arremessou no ser de três cabeças seu raio o qual parecia com fogo e era terrível de se contemplar, e que inspirava temor. E atingido com força por aquele raio ele foi morto e caiu, como cai sobre a terra o topo desprendido de uma colina. E vendo ele morto pelo raio, e jazendo enorme como uma colina, o chefe dos celestiais não encontrou paz, e se sentiu como se chamuscado pela aparência refulgente do morto; pois embora morto ele tinha uma aparência brilhante e refulgente e parecia com alguém vivo. E, é estranho, embora sem vida, suas cabeças pareciam estar vivas quando elas eram vistas jazendo no campo. E muito receoso daquele brilho, Indra permaneceu mergulhado em pensamentos. E naquele momento, ó grande rei, levando um machado em seu ombro, um carpinteiro foi à floresta e se aproximou do local onde aquele ser se encontrava. E Indra, o marido de Sachi, que estava com medo, viu o carpinteiro chegar lá por acaso. E o castigador de Paka disse para ele imediatamente, 'Cumpra esta minha ordem. Corte rapidamente as cabeças deste.' O carpinteiro então disse, 'Os ombros dele são largos, este machado não será capaz de cortá-los. Nem eu poderei fazer o que é condenado por pessoas justas.' E Indra disse, 'Não temas, faça rapidamente o que eu digo. Por minha ordem teu machado será igual ao raio.' O carpinteiro disse, 'Quem eu devo supor que és tu que fizeste hoje este ato terrível? Eu desejo saber, diga-me a verdade exata.' E Indra disse, 'Ó carpinteiro, eu sou Indra, o chefe dos deuses. Que isto seja sabido por ti. Aja exatamente como eu te disse. Não hesite, ó carpinteiro!' O carpinteiro disse, 'Ó Indra, como é que tu não estás envergonhado deste teu ato desumano? Como é que tu não temes o pecado de matar um Brahmana, depois de teres matado este filho de um santo?' Indra disse, 'Eu realizarei depois alguma cerimônia religiosa de um tipo rigoroso para me purificar desta mácula. Ele era um inimigo poderoso meu

a quem eu matei com meu raio. Até agora eu estou inquieto, ó carpinteiro; eu, de fato, o temo mesmo agora. Rapidamente corte fora suas cabeças, eu concederei meu favor a ti. Em sacrifícios, os homens te darão a cabeça do animal sacrifical como tua parte. Este é o favor que eu concedo a ti. Realize rapidamente o que eu desejo.'"

"Salya disse, 'Ouvindo isso, o carpinteiro, a pedido do grande Indra, imediatamente cortou as cabeças do ser de três cabeças com seu machado. E quando as cabeças tinham sido cortadas, voaram para fora delas várias aves, perdizes, codornizes e pardais. E da boca com a qual ele costumava recitar os Vedas e beber o suco Soma saíram perdizes em rápida sucessão. E, ó rei, ó filho de Pandu, da boca com a qual ele costumava olhar os pontos cardeais como se absorvendo eles todos saíram várias codornizes. E daquela boca do ser de três cabeças que costumava beber vinho voaram diversos pardais e falcões. E as cabeças tendo sido cortadas Indra ficou livre de seu medo, e foi para o céu, profundamente contente. E o carpinteiro também voltou para sua casa. E o matador de Asuras, tendo matado seu inimigo, considerou seu objetivo alcançado. Assim sendo quando o senhor das criaturas, Twashtri, soube que seu filho tinha sido morto por Indra, seus olhos ficaram vermelhos de ira, e ele falou as seguintes palavras, 'Já que Indra matou meu filho que não tinha cometido ofensa em absoluto, que estava constantemente engajado na prática de austeridades, que era piedoso, possuidor de autocontrole, e de paixões subjugadas, portanto, para a destruição de Indra, eu criarei Vritra. Que os mundos contemplem qual poder eu possuo, e quão poderosa é a prática de austeridades! Que aquele desumano senhor dos deuses de mente perversa também testemunhe o mesmo!' E dizendo isso, aquele enfurecido, famoso por suas austeridades, lavou sua boca com água, fez oferendas no fogo, criou o terrível Vritra e falou a ele, dizendo, 'Ó matador destinado de Indra, cresça em poder a partir da força dos meus ritos austeros.' E aquele Asura cresceu em poder, se elevando em direção ao firmamento, e parecendo o filho do fogo. E ele perguntou, 'Nascido como o sol do juízo final, o que eu devo fazer?' 'Matar Indra,' foi a resposta. E então ele partiu em direção às regiões celestes. E em seguida ocorreu uma grande luta entre Vritra e Indra, ambos estimulados pela ira. E lá aconteceu um combate terrível, ó melhor da família Kuru. E o heróico Vritra agarrou o senhor celeste que tinha realizado cem sacrifícios. E cheio de ira ele girou Indra e jogou-o em sua boca. E quando Indra foi consumido por Vritra os deuses mais velhos apavorados, possuidores de grande poder, criaram Jrimbhika para matar Vritra. E quando Vritra bocejou e sua boca se abriu o matador do Asura Vala contraiu as diferentes partes de seu corpo e saiu de dentro da boca de Vritra. E desde então o bocejo se vincula ao ar vital dos seres animados nos três mundos. E os deuses se regozijaram pelo egresso de Indra. E começou novamente a luta terrível entre Vritra e Indra, ambos cheios de ira. E ela foi travada por um longo tempo, ó melhor da linhagem Bharata. E quando Vritra, inspirado com o espírito poderoso de Twashtri e ele mesmo dotado de força obteve vantagem em luta, Indra retrocedeu. E em sua retirada os deuses ficaram muito aflitos. E todos eles junto com Indra foram dominados pelo poder de Twashtri. E eles todos consultaram com os santos, ó descendente de Bharata. E eles deliberaram a respeito do que deveria ser feito, e foram oprimidos pelo medo.

E sentados no topo da montanha Mandara, e decididos a matar Vritra, eles somente lembraram-se de Vishnu, o indestrutível.'"

10

"Indra disse, 'Todo este universo indestrutível, ó deuses, foi permeado por Vritra. Não há nada que possa ser igual à tarefa de se opor a ele. Eu era capaz antigamente, mas agora eu sou incapaz. Que o bem lhes aconteça, o que eu posso fazer? Eu creio que ele é inalcançável. Poderoso e magnânimo, possuindo força imensurável em combate, ele seria capaz de consumir todos os três mundos com os deuses, os Asuras, e os homens. Portanto, ouçam habitantes do céu, esta é minha resolução. Procedendo para a residência de Vishnu, em companhia com aquele Ser de grande alma nós devemos consultar, e averiguar os meios de matar aquele canalha implacável.'"

"Salya continuou, 'Indra tendo assim falado, os deuses com aquela hoste de Rishis se dirigiram ao poderoso deus Vishnu para se colocarem sob a proteção daquele protetor de todos. E atormentados por medo de Vritra, eles disseram para o Senhor Supremo das divindades, 'Tu nos tempos antigos cobriste os três mundos com três passos. Tu obtiveste o alimento ambrosíaco, ó Vishnu, e destruíste os Asuras em batalha. Tu ataste o grande Asura Vali e elevaste Indra ao trono do céu. Tu és o senhor dos deuses, e este universo inteiro é permeado por ti. Tu és o Deus, a Divindade poderosa, saudada por todas as pessoas. Seja tu o refúgio de todos os celestiais junto com Indra, ó melhor dos deuses. O universo inteiro, ó matador de Asuras, foi permeado por Vritra.' E Vishnu disse, 'Eu estou comprometido sem dúvida a fazer o que é para o seu bem. Eu, portanto, lhes falarei de um plano pelo qual ele pode ser aniquilado. Se dirijam com os Rishis e os Gandharvas ao lugar onde Vritra, aquele portador de uma forma universal, está e adotem em direção a ele uma política conciliadora. Vocês dessa maneira conseguirão derrotá-lo. Por virtude do meu poder, a vitória, ó deuses, será obtida por Indra, pois, permanecendo invisível, eu entrarei no seu raio, aquela melhor das armas. Ó principais dos deuses, partam com os Rishis e os Gandharvas. Que não haja demora em efetuar uma paz entre Indra e Vritra.'"

"Salya continuou, 'Quando ele assim tinha falado, os Rishis e os celestiais colocaram Indra em sua vanguarda, e se reunindo, partiram. Aproximando-se de Indra eles viram Vritra brilhando e resplandecente como se chamuscando os dez pontos, e engolindo todos os três mundos, e parecendo com o sol ou a lua. E então os Rishis alcançaram Vritra e falaram a ele em termos conciliadores, dizendo, 'Ó ser inconquistável, todo este universo foi permeado por tua energia. Tu não és capaz, no entanto, de dominar Indra, ó melhor dos seres poderosos. Um longo período agora decorreu desde que vocês começaram a lutar. Todos os seres, com os deuses e os Asuras e homens, estão sofrendo por causa dos efeitos da luta. Que haja eterna amizade entre ti e Indra. Tu serás feliz e morarás eternamente nas regiões de Indra.' E o poderoso Vritra tendo ouvido as palavras dos santos curvou sua cabeça para eles. E o Asura falou (dessa maneira), 'O que

vocês, ó seres altamente dotados, e também todos estes Gandharvas estão dizendo, eu ouvi. Ó seres imaculados, ouçam também o que eu tenho a dizer. Como pode haver paz entre nós dois, Indra e eu? Como pode haver amizade, ó deuses, entre dois poderes hostis?' Os Rishis disseram, 'Amizade entre pessoas virtuosas acontece em um único encontro. Este é um objetivo desejável. Depois disso acontecerá o que está predestinado a ser. A oportunidade de formar amizade com uma pessoa justa não deve ser sacrificada. Portanto, a amizade dos justos deve ser procurada. A amizade dos virtuosos é (como) riqueza excelente, pois aquele que é sábio dará conselho quando isto for necessário. A amizade de uma boa pessoa é de grande utilidade; portanto, uma pessoa sábia não deve desejar matar uma virtuosa. Indra é honrado pelos justos, e é o refúgio de pessoas magnânimas, sendo veraz e irrepreensível, e sabe o que é a virtude, e é possuidor de um raciocínio refinado. Que haja eterna amizade entre ti e Indra, como descrita acima. Dessa maneira, tenha fé (nele); não deixe o teu coração ser inclinando diferentemente.'"

"Salya disse, 'Ouvindo estas palavras dos grandes Rishis, o ilustre Asura falou para eles, 'Sem dúvida, os Rishis dotados de poderes sobrenaturais devem ser respeitados por mim. Que o que eu vou dizer, ó deuses, seja realizado em sua totalidade; então eu farei tudo o que (estes) melhores dos Brahmanas me disseram. Ó senhores da classe Brahmana, ordenem que o próprio Indra ou os deuses não me matem por meio do que é seco, ou molhado; por pedra, ou por madeira; por uma arma adequada para luta corpo-a-corpo, ou por um míssil; de dia, ou à noite. Nestes termos paz eterna com Indra será aceitável para mim', 'Muito bem!' Foi o que os Rishis disseram para ele, ó melhor da família Bharata. Dessa maneira a paz tendo sido firmada, Vritra estava muito satisfeito. E Indra também ficou satisfeito embora constantemente ocupado com o pensamento de matar Vritra. E o chefe das divindades passava seu tempo à procura de um meio de evasão, inquieto (em mente). E em um certo dia quando era anoitecer e a hora sublime, Indra avistou o poderoso Asura à beira-mar. E ele se lembrou do benefício que foi concedido para o Asura ilustre, dizendo, 'Esta é a respeitável hora do anoitecer; não é nem dia, nem noite; e este Vritra, meu inimigo, que me despojou de tudo o que eu tinha, deve sem dúvida ser morto por mim. Se eu não matar Vritra, este Asura grande e poderoso de corpo gigantesco, mesmo por meio de fraude, isto não ficará bem para mim.' E quando Indra pensou em tudo isto, tendo Vishnu em mente, ele viu naquele instante no mar uma massa de espuma tão grande quanto uma colina. E ele disse, 'Isto não é nem seco, nem molhado, nem é uma arma; que eu a arremesse em Vritra. Sem dúvida, ele morrerá imediatamente.' E ele jogou em Vritra aquela massa de espuma combinada com o raio. E Vishnu, tendo entrado dentro daquela espuma, pôs um fim à vida de Vritra. E quando Vritra foi morto, os pontos cardeais ficaram livres de escuridão; e lá também soprou uma brisa agradável; e todos os seres estavam muito contentes. E as divindades com os Gandharvas e Yakshas e Rakshasas, com as grandes cobras e santos, glorificaram o poderoso Indra com vários hinos laudatórios. E saudado por todos os seres Indra falou palavras de estímulo para todos. E seu coração estava contente como também aquele de cada um dos deuses por ter matado o inimigo. E conhecendo a natureza da virtude, ele adorou Vishnu, o mais

louvável de todos os objetos no mundo. Nessas circunstâncias quando o poderoso Vritra, terrível para os deuses, foi morto, Indra foi profundamente afetado pela falsidade, e ele se tornou extremamente triste; e ele foi também subjugado pelo pecado de Brahmanicídio por conta de ter matado o filho de três cabeças de Twashtri. E ele se dirigiu para os confins dos mundos, e ficou privado de sua razão e consciência. E dominado por seus próprios pecados ele não podia ser reconhecido. E ele jazia escondido em água, assim como uma cobra se retorcendo. E quando o senhor dos celestiais, oprimido pelo medo do Brahmanicídio, tinha desaparecido de vista, a terra parecia como se uma destruição tivesse passado sobre ela. E ela ficou sem árvores, e suas florestas murcharam; e o curso dos rios foi interrompido; e os reservatórios perderam toda sua água; e havia angústia entre animais por conta da cessação das chuvas. E as divindades e todos os grandes Rishis estavam muito temerosos; e o mundo não tinha rei, e era surpreendido por desastres. Então as divindades e os santos divinos no céu, separados do chefe dos deuses, ficaram apavorados e queriam saber quem seria seu rei. E ninguém tinha alguma inclinação para agir como o rei dos deuses.'"

11

"Salya disse, 'Então todos os Rishis e os deuses superiores disseram, ‘Que o belo Nahusha seja coroado como rei dos deuses. Ele é poderoso e renomado, e sempre devotado à virtude.' E eles todos foram até ele e lhe disseram, 'Ó senhor da terra, seja nosso rei.' E Nahusha, atento ao seu bem-estar, falou para aqueles deuses e santos acompanhados pelos progenitores (da humanidade), 'Eu sou fraco; eu não sou capaz de proteger vocês; é uma pessoa poderosa que deve ser seu rei; é Indra quem sempre tem sido possuidor de força.' E todos os deuses, guiados pelos santos, falaram a ele outra vez, 'Auxiliado pela virtude das nossas austeridades, governe o reino do céu. Não há dúvida de que nós todos temos nossos respectivos receios. Seja coroado, ó senhor dos monarcas, como o rei do céu. Qualquer ser que possa ficar dentro da tua vista, seja ele um deus, um Asura, um Yaksha, um santo, um Pitri, ou um Gandharva, tu absorverás seu poder e (assim) te tornarás forte. Sempre colocando a virtude antes (de todas as outras coisas), seja o soberano dos mundos. Proteja também os Brahmarsis (santos Brahmana) e os deuses no céu.' Então, ó senhor dos monarcas, Nahusha foi coroado rei no céu. E colocando a virtude antes (de tudo mais), ele se tornou o soberano de todos os mundos. E embora sempre de uma disposição virtuosa, ainda assim quando ele obteve aquele benefício precioso e o reino do céu Nahusha assumiu uma inclinação sensual de mente. E quando Nahusha virou o rei dos deuses, ele se circundou com ninfas celestes, e com donzelas de nascimento celeste, e se ocupou em prazeres de várias espécies nos bosques Nandana, no monte Kailasa, no topo do Himavat, em Mandara, na colina Branca Sahya, Mahendra e Malaia, como também sobre mares e rios. E ele escutou várias narrativas divinas que cativavam o ouvido e o coração, e o toque de instrumentos musicais de diferentes tipos, e melodias vocais agradáveis. E

Viswavasu e Narada e grupos de ninfas celestes e bandos de Gandharvas e as seis estações em formas viventes serviam o rei dos deuses. E brisas fragrantes, frias de modo refrescante, sopravam em volta dele. E enquanto aquele patife estava se divertindo dessa maneira, em uma ocasião a deusa que era a rainha favorita de Indra entrou em sua visão. E aquela pessoa depravada, tendo olhado para ela, disse aos cortesãos, 'Por que esta deusa, a rainha de Indra, não me serve? Eu sou o monarca dos deuses, e também o soberano dos mundos. Que Sachi se apresse e me visite em minha casa.' Entristecida ao ouvir isto, a deusa disse para Vrihaspati, 'Proteja-me, ó Brahmana, de Nahusha. Eu venho a você como meu refúgio. Você sempre diz, ó Brahmana, que eu tenho em minha pessoa todos os sinais auspiciosos, sendo a favorita do rei divino; que eu sou casta, devotada ao meu marido, e destinada a nunca me tornar uma viúva. Tudo isto sobre mim você disse antes. Que as tuas palavras sejam feitas verdadeiras. Ó possuidor de poderes formidáveis, ó senhor, você nunca falou palavras que fossem vãs. Portanto, ó melhor dos Brahmanas, isto que você disse deve ser verdadeiro.' Então Vrihaspati disse para a rainha de Indra que estava fora de si de tanto medo, 'O que tu ouviste de mim virá a ser verdadeiro, esteja certa, ó deusa. Tu verás Indra, o senhor dos deuses, que logo voltará para cá. Eu te digo realmente, tu não tens que temer Nahusha; eu logo te unirei com Indra.' Assim sendo Nahusha veio a saber que a rainha de Indra rainha tinha procurado proteção com Vrihaspati, o filho de Angiras. E nisto o rei ficou muito enfurecido.'"

12

"Salya disse, 'Vendo Nahusha enfurecido, os deuses guiados pelos santos falaram para ele, 'Quem era agora seu rei de aparência horrível? Ó rei dos deuses, abandone tua cólera. Quando tu estás em cólera, ó senhor, o Universo, com seus Asuras e Gandharvas, seus Kinnaras, e grandes cobras, treme. Abandone esta raiva, ó ser virtuoso. Pessoas como tu não se desconcertam. Aquela deusa é esposa de outra pessoa. Tranquilize-te, ó senhor dos deuses! Retroceda tua inclinação do pecado de ultrajar a esposa de outro. Tu és o rei dos deuses, prosperidade para ti! Proteja os teus súditos com toda virtude!' Assim endereçado ele não prestou atenção ao que foi dito, tornado insensato por causa da luxúria. E o rei falou para os deuses, em alusão a Indra, 'Ahalya de fama imaculada, a esposa de um santo, foi ultrajada por Indra enquanto seu marido estava vivo. Por que vocês não o impediram? Muitos foram os feitos de desumanidade, de injustiça, de engano, cometidos por Indra nos tempos antigos. Por que vocês não o impediram? Que a deusa faça minha vontade; isto seria seu bem permanente. E dessa maneira o mesmo repercutirá eternamente para sua segurança, ó deuses!'

Os deuses disseram, 'Nós traremos para ti a rainha de Indra assim como tu ordenaste, ó senhor do céu! Abandone essa ira, ó pessoa valente! Fique apaziguado, ó senhor dos deuses!'"

"Salya continuou, 'Tendo falado dessa maneira para ele, os deuses com os santos foram informar Vrihaspati e a rainha de Indra das notícias citadas. E eles disseram, 'Nós sabemos, ó principal dos Brahmanas, que a rainha de Indra se dirigiu para tua casa, por proteção, e que tu lhe prometeste proteção, ó melhor dos santos divinos! Mas nós, os deuses e Gandharvas e santos, te suplicamos, ó tu de grande resplendor, para entregar rainha de Indra para Nahusha. Nahusha, o rei dos deuses, de grande refulgência, é superior a Indra. Que ela, aquela dama de figura e cor excelentes, o escolha como seu marido!' Assim endereçada, a deusa deu vazão às lágrimas; e soluçando de forma audível, ela lamentou em tons comoventes. E ela falou para Vrihaspati, 'Ó melhor dos santos divinos, eu não desejo que Nahusha seja meu marido. Eu me dirigi para tua proteção, ó Brahmana! Salve-me deste grande perigo!'"

"Vrihaspati disse, 'Minha resolução é esta: eu não abandonarei uma pessoa que procurou minha proteção. Ó tu de vida irrepreensível, eu não te abandonarei, virtuosa como tu és e de uma disposição sincera! Eu não desejo fazer uma ação imprópria, especialmente porque eu sou um Brahmana que sabe o que é virtude, tem respeito pela verdade, e consciente também dos preceitos de virtude. Eu nunca farei isto. Sigam seus caminhos, ó melhores dos deuses. Ouçam o que foi antigamente cantado por Brahma com relação à questão à mão. Aquele que entrega para um inimigo uma pessoa apavorada e pedindo proteção não obtém proteção quando ele mesmo está precisando disto. Sua semente não cresce na época de plantio e a chuva não vem para ele na estação das chuvas. Aquele que entrega para um inimigo uma pessoa apavorada e pedindo proteção nunca tem êxito em qualquer coisa que ele empreenda; insensato como ele é, ele cai paralisado do céu; os deuses recusam oferendas feitas por ele. Sua progênie morre prematuramente e seus antepassados sempre brigam (entre eles mesmos). Os deuses com Indra em sua chefia arremessam o raio nele. Saibam que isto é assim, eu não entregarei esta Sachi aqui, a rainha de Indra, famosa no mundo como sua consorte favorita. Ó melhores dos deuses, o que possa ser para o bem dela e meu eu peço para vocês fazerem. Eu nunca entregarei Sachi!'

"Salya continuou, 'Então os deuses e os Gandharvas disseram estas palavras para o preceptor dos deuses, 'Ó Vrihaspati, delibere sobre alguma coisa que seja compatível com a política correta!' Vrihaspati disse, 'Que esta deusa de olhares auspiciosos peça tempo de Nahusha para decidir sobre sua proposta. Isto será para o bem da rainha de Indra, e nosso também. O tempo, ó deuses, pode erguer muitos obstáculos. O tempo impelirá tempo em diante. Nahusha é orgulhoso e poderoso em virtude do benefício concedido a ele!'"

"Salya continuou, 'Vrihaspati tendo falado desse modo, os deuses satisfeitos então disseram, 'Tu falaste bem, ó Brahmana. Isto é para o bem de todos os deuses. Isto é assim sem dúvida. Somente, que esta deusa seja propiciada.' Então os deuses reunidos precedidos por Agni, visando o bem-estar de todos os mundos, falaram com a rainha de Indra de um modo calmo. E os deuses disseram, 'Tu estás sustentando o universo inteiro de coisas móveis e imóveis. Tu és casta e verdadeira, vá até Nahusha. Aquele ser depravado, luxurioso atrás de ti, em breve cairá, e Indra, ó deusa, obterá a soberania dos deuses!' Averiguando

que este era o resultado daquela deliberação, a rainha de Indra, para alcançar seu objetivo, foi timidamente até Nahusha de aparência terrível. O vicioso Nahusha também, tornado irracional pela luxúria, viu quão jovem e encantadora ela era, e ficou muito satisfeito.'"

13

"Salya disse, 'Nessas circunstâncias então Nahusha, o rei dos deuses, olhou para ela e disse, 'Ó tu de doces sorrisos, eu sou o Indra de todos os três mundos. Ó tu de coxas belas e cor formosa, aceite-me como teu marido!' Aquela deusa casta, assim endereçada por Nahusha, estava apavorada e tremia como um talo de bananeira em um local ventoso. Ela curvou sua cabeça para Brahma, e juntando suas mãos falou para Nahusha, o rei dos deuses, de aparência terrível, dizendo, 'Ó senhor das divindades, eu desejo obter tempo. Não se sabe o que aconteceu a Indra, ou onde ele está. Tendo investigado a verdade com relação a ele, se, ó senhor, eu não obtiver notícias dele, então eu te visitarei; isto eu te digo pela verdade.' Assim endereçado pela rainha de Indra, Nahusha ficou satisfeito. E Nahusha disse, 'Que seja assim mesmo, ó dama de quadris graciosos, como tu me disseste. Tu virás, depois de teres averiguado as notícias. Eu espero que tu te lembres da tua veracidade empenhada.' Dispensada por Nahusha, ela de olhares auspiciosos saiu depressa; e aquela dama famosa foi à residência de Vrihaspati. E, ó melhor dos reis, os deuses com Agni em sua dianteira, quando eles ouviram suas palavras, deliberaram, atentos ao que promoveria os interesses de Indra. E eles então se encontraram com o poderoso Vishnu, o Deus dos deuses. E hábeis em fazer discursos, os deuses inquietos falaram as seguintes palavras para ele, 'Indra, o senhor de todos os deuses, foi dominado pelo pecado de Brahmanicídio. Tu, ó senhor dos deuses, és o primogênito, o soberano do universo, e nosso refúgio. Tu assumiste a forma de Vishnu para a proteção de todos os seres. Quando Vritra foi morto por meio da tua energia, Indra foi subjugado pelo pecado de Brahmanicídio. Ó melhor de todos os deuses, prescreva os meios de libertá-lo.' Ouvindo essas palavras dos deuses, Vishnu disse, 'Que Indra ofereça sacrifício para mim. Eu mesmo purificarei o portador do raio. O castigador de Paka, tendo realizado o santo Sacrifício de Cavalo recuperará destemidamente sua dignidade como senhor dos deuses. E Nahusha de mente perversa será levado à destruição por seus feitos maus. Por um certo período, ó deuses, vocês devem ser pacientes, sendo vigilantes ao mesmo tempo.' Ouvindo estas palavras de Vishnu, palavras que eram verdadeiras e agradáveis como ambrosia para seus ouvidos, os deuses, com seu preceptor, e com os Rishis procederam para aquele local onde Indra estava preocupado com medo. E lá, ó rei, foi realizado um grande Sacrifício de Cavalo, capaz de remover o pecado de Brahmanicídio, para a purificação do formidável Indra de grande mente. E o senhor dos deuses, ó Yudhishthira, dividiu o pecado de Brahmanicídio entre árvores e rios e montanhas e a terra e mulheres. E tendo-o distribuído dessa maneira entre aqueles seres e se desfeito dele, Indra estava livre de agitação. E livre de seu pecado, ele voltou a si. E naquele local, o matador do Asura Vala tremeu quando ele olhou para Nahusha, diante de quem todos os seres animados se sentiam intimidados, e que era inalcançável em

virtude do benefício que os Rishis tinham concedido a ele. E o marido divino de Sachi desapareceu de vista novamente. E invisível para todos os seres, ele vagou esperando seu momento. E Indra tendo desaparecido, Sachi caiu em aflição. E extremamente miserável, ela lamentou, 'Ai! Ó Indra, se eu alguma vez fiz uma doação, ou fiz oferenda para os deuses, ou propiciei meus guias espirituais, se há alguma verdade em mim, então eu rogo que minha castidade permaneça inviolada. Eu reverencio esta deusa Noite, santa, pura, seguindo seu curso durante esta jornada do sol para o norte, (isto é, passagem do sol do solstício de inverno para o solstício de verão), que meu desejo seja realizado.' Dizendo isto, ela, em um estado purificado de corpo e alma, adorou a deusa Noite. E em nome de sua castidade e veracidade ela recorreu à divinação. (Divinação era praticada com referência às estrelas na noite.) E ela pediu, 'Mostre-me o lugar onde o rei dos deuses está. Que a verdade seja verificada pela verdade.' E foi dessa maneira que ela se dirigiu à deusa da Divinação.'"

14

"Salya disse, 'Então a deusa da Divinação ficou perto daquela dama casta e bela. E vendo aquela deusa, jovem e encantadora, permanecendo diante dela, a rainha de Indra, profundamente contente, apresentou seus cumprimentos a ela e disse, 'Eu desejo saber quem tu és, ó tu de rosto gracioso.' E Divinação disse, 'Eu sou Divinação, ó deusa, próxima a ti. Já que tu és sincera, portanto, ó dama de mente elevada, eu apareço na tua visão. Já que tu és devotada ao teu marido, empenhada em controlar a ti mesma, e engajada na prática de ritos religiosos, eu mostrarei para ti o deus Indra, o matador de Vritra. Siga-me rapidamente, de maneira que o bem te aconteça! Tu verás aquele melhor dos deuses.' Então Divinação procedeu e a rainha divina de Indra foi atrás dela. E ela cruzou bosques celestiais, e muitas montanhas; e então tendo cruzado as montanhas Himavat ela chegou ao seu lado norte. E tendo alcançado o mar, que se estende por muitos yojanas, ela chegou a uma ilha grande coberta com várias árvores e plantas. E lá ela viu um lago belo, de aparência celestial, coberto com aves, (tendo) oitocentas milhas de comprimento, e o mesmo de largura. E sobre ele, ó descendente de Bharata, havia lotos completamente desabrochados de aparência celeste, de cinco cores, com abelhas zunindo em volta, e contados aos milhares. E no meio daquele lago havia um conjunto grande e belo de lotos que tinham em seu meio um lótus branco grande permanecendo sobre um talo alto. E penetrando no talo do lótus, junto com Sachi, ela viu Indra lá que tinha entrado em suas fibras. E vendo seu marido jazendo lá um uma forma minúscula, Sachi também assumiu uma forma minúscula, e assim também fez a deusa da divinação. E a rainha de Indra começou a glorificá-lo por recitar seus feitos célebres de antigamente. E assim glorificado, o divino Purandara falou para Sachi, 'Para que propósito tu vieste? Como também eu fui descoberto?' Então a deusa falou das ações de Nahusha. E ela disse, 'Ó realizador de cem sacrifícios, tendo obtido a soberania dos três mundos, poderoso e soberbo e de alma viciosa, ele me mandou visitá-lo, e o canalha cruel até me fixou um tempo definido. Se tu não me protegeres, ó

marido, ele me trará sob seu poder. Por esta razão, ó Indra, eu vim a ti em alarme. Ó tu de braços fortes, mate o terrível Nahusha de alma viciosa. Revele-te, ó matador de Daityas e Danavas. Ó senhor, assuma tua própria força e governe o reino celeste.'"

15

"Salya disse, 'Assim endereçado por Sachi, o deus ilustre disse a ela novamente, 'Este não é o momento para empregar bravura. Nahusha é mais forte do que eu. Ó bela dama, ele tem sido fortalecido pelos Rishis com os méritos de oferendas aos deuses e aos Pitris. Eu recorrerei à política agora. Tu terás que executar isto, ó deusa. Ó dama, tu deves fazê-lo secretamente e não deves revelá-lo para qualquer pessoa. Ó dama de uma cintura bela, indo até Nahusha em particular, diga a ele, 'Ó senhor do Universo, tu deves me visitar sobre um veículo bonito carregado por Rishis. Nesse caso eu ficarei satisfeita e me colocarei à tua disposição.' Isto tu deves dizer a ele.' E assim endereçada pelo rei dos deuses, sua consorte de olhos de lótus expressou seu consentimento e foi até Nahusha. E Nahusha, tendo-a visto, se dirigiu a ela sorridente, dizendo, 'Eu te recebo com alegria, ó dama de coxas graciosas. Qual é teu desejo, ó tu de doces sorrisos? Aceite a mim, ó dama de olhares propícios, que sou devotado a ti. Qual é tua vontade, ó dama espirituosa? Eu farei o teu desejo, ó senhora de olhares propícios e cintura fina. Nem tu precisas ficar tímida, ó tu de quadris graciosos. Tenha confiança em mim. Em nome da verdade eu juro, ó deusa, que eu cumprirei tua ordem.'"

"Sachi disse, 'Ó senhor do Universo, eu preciso do tempo que tu me concedeste. Depois disso, ó senhor dos deuses, tu serás meu marido. Eu tenho um desejo. Preste atenção e ouça, ó rei dos deuses, o que eu direi, ó rei, para que tu possas fazer o que eu quero. Esta é uma indulgência que eu peço do teu amor por mim. Se tu concederes isto, eu estarei à tua disposição. Indra tinha cavalos para carregá-lo, e elefantes, e carros. Eu quero que tu tenhas, ó rei dos deuses, um novo veículo, tal como nunca pertenceu a Vishnu, ou Rudra, ou aos Asuras, ou aos Rakshasas, ó senhor. Que vários Rishis muito dignos, juntos, te carreguem em um palanquim. Isto é o que se recomenda para mim. Tu não deves te comparar aos Asuras ou aos deuses. Tu absorves a força de todos por meio da tua própria força logo que eles olham para ti. Não há ninguém tão forte a ponto de poder resistir diante de ti.'"

"Salya continuou, 'Assim endereçado, Nahusha estava muitíssimo satisfeito. E o senhor das divindades disse para aquela dama de feições impecáveis, 'Ó dama da cor mais formosa, tu falaste de um veículo nunca ouvido antes. Eu gosto muito disto, ó deusa. Eu estou em teu poder, ó tu de rosto encantador. Não pode ser uma pessoa fraca aquela que emprega Rishis para carregá-lo. Eu tenho praticado austeridades, e sou poderoso. Eu sou o senhor do passado, do presente e do futuro. O Universo não existiria mais se eu estivesse com raiva. O Universo inteiro está estabelecido em mim. O tu de doces sorrisos, os deuses, os Asuras e Gandharvas, e cobras, e Rakshasas juntos são incapazes competir comigo

quando eu estou com raiva. Quem quer que eu olhe fixo eu privo de sua energia. Portanto, teu pedido eu realizarei sem dúvida, ó deusa. Os sete Rishis, e também os Rishis regenerados, me carregarão. Veja nossa grandeza e esplendor, ó dama de cor adorável.'"

"Salya continuou, 'Tendo se dirigido dessa maneira àquela deusa de rosto encantador, e tendo dispensado ela assim, ele arreou ao seu carro celestial diversos santos dedicados à prática de austeridades. Um desrespeitador de Brahmanas, dotado de poder e embriagado com orgulho, caprichoso, e de alma viciosa, ele empregou aquele santos para carregá-lo. Enquanto isso, dispensada por Nahusha, Sachi foi até Vrihaspati e disse, 'Resta somente pouco do período fixado por Nahusha para mim. Mas te compadeças de mim que te respeito tanto, e rapidamente descubra Indra.'"

"O ilustre Vrihaspati então disse a ela, 'Muito bem, tu não precisas, ó deusa, temer Nahusha de alma viciosa. Sem dúvida ele não manterá seu poder por muito tempo. O canalha, realmente, já está perdido, não tendo consideração pela virtude e porque, ó dama adorável, ele está empregando os grandes santos para carregá-lo. E eu realizarei um sacrifício para a destruição daquele patife violento, e eu descobrirei Indra. Tu não precisas ter medo. Passe bem.' E Vrihaspati de grande poder então acendeu um fogo na forma prescrita, e pôs as melhores de todas as oferendas sobre ele para averiguar onde o rei dos deuses estava. E tendo posto suas oferendas, ó rei, ele disse ao Fogo, 'Descubra Indra.' E nisso aquele deus venerável, o comedor de oferendas queimadas, assumiu por iniciativa própria uma forma feminina maravilhosa e desapareceu de vista naquele mesmo local. E dotado da velocidade da mente, ele procurou em todos os lugares, montanhas e florestas, terra e céu, e voltou para Vrihaspati dentro de um piscar de olhos. E Agni disse, 'Vrihaspati, em lugar nenhum nestes locais eu encontro o rei dos deuses. Só restam as águas para serem examinadas. Eu sou sempre relutante em entrar nas águas. Eu não tenho ingresso nelas. Ó Brahmana, o que eu devo fazer por ti?' O preceptor dos deuses então disse a ele, 'Ó deus ilustre, entre na água.'

Agni disse, 'Eu não posso entrar na água. Nesse lugar é a extinção que me espera. Eu me coloco em tuas mãos, ó tu de grande resplendor. Que tu te saias bem! O fogo surgiu da água, a casta militar surgiu da casta sacerdotal; e o ferro teve sua origem na pedra. O poder destes que podem penetrar todas as outras coisas não têm operação sobre as fontes das quais eles surgem.'"

16

"Vrihaspati disse, 'Tu és a boca, ó Agni, de todos os deuses. Tu és o transportador de oferendas sagradas. Tu, como uma testemunha, tens acesso às almas internas de todas as criaturas. Os poetas te chamam de único, e também de triplo. Ó comedor de oferendas queimadas, abandonado por ti o Universo imediatamente cessaria de existir. Os Brahmanas, por te reverenciarem, alcançam com suas esposas e filhos uma região eterna, a recompensa de seus próprios

feitos meritórios. Ó Agni, és tu que és o carregador de oferendas sagradas. Tu, ó Agni, és tu mesmo a melhor oferenda. Em uma cerimônia sacrifical de ordem suprema é a ti que eles cultuam com presentes e oferendas incessantes. Ó transportador de oferendas, tendo criado os três mundos, quando chega a hora, tu os consome em tua forma não acesa. Tu és a mãe do Universo inteiro; e tu, além disso, ó Agni, és seu término. Os sábios te citam como idêntico às nuvens e ao relâmpago; chamas emanando de ti sustentam todas as criaturas. Todas as águas estão depositadas em ti; assim é este mundo inteiro. Para ti, ó purificador, nada é desconhecido nos três mundos. Todo mundo se refugia agradavelmente em seu progenitor; entre nas águas sem medo. Eu te tornarei forte com os hinos eternos do Veda.' Assim glorificado, o transportador de oferendas queimadas, aquele melhor dos poetas, bem satisfeito, falou palavras louváveis para Vrihaspati. E ele disse, 'Eu mostrarei Indra para ti. Isto eu te digo pela verdade.'"

"Salya continuou, 'Então Agni entrou nas águas incluindo mares e lagos pequenos, e chegou àquele reservatório onde, ó melhor da linhagem Bharata, enquanto examinava as flores do lótus, ele viu o rei dos deuses dentro das fibras de um talo de lótus. E voltando rapidamente, ele informou Vrihaspati como Indra tinha se refugiado nas fibras de um talo de lótus, assumindo uma forma diminuta. Então Vrihaspati, acompanhado pelos deuses, os santos e os Gandharvas, foi e glorificou o matador de Vala por se referir aos seus feitos antigos. E ele disse, 'Ó Indra, o grande Asura Namuchi foi morto por ti; e aqueles dois Asuras também de força terrível, ou seja, Samvara e Vala. Torne-te forte, ó realizador de cem sacrifícios, e mate todos os teus inimigos. Levante-te, ó Indra! Veja, aqui estão reunidos os deuses e os santos. Ó Indra, ó senhor grandioso, por matar Asuras tu salvaste os mundos. Tendo pegado a espuma das águas, fortalecida com a energia de Vishnu, tu antigamente mataste Vritra. Tu és o refúgio de todas as criaturas e és adorável. Não há ser igual a ti. Todas as criaturas, ó Indra, são sustentadas por ti. Tu construíste a grandeza dos deuses. Liberte todos, junto com os mundos, por assumires tua força, ó grande Indra.' E assim glorificado, Indra aumentou pouco a pouco; e tendo assumido sua própria forma ele se tornou forte e falou para o preceptor Vrihaspati que estava diante dele. E ele disse, 'Que propósito de vocês ainda resta? O grande Asura, o filho de Twashtri, foi morto; e Vritra também, cuja forma era muito grande e que destruiu os mundos.'

Vrihaspati disse, 'O humano Nahusha, um rei, tendo obtido o trono do céu em virtude do poder dos santos divinos, está nos dando muito incômodo.'

Indra disse, 'Como Nahusha obteve o trono do céu, difícil de alcançar? Que austeridades ele praticou? Quão grande é seu poder, ó Vrihaspati?'"

"Vrihaspati disse, 'Os deuses tendo ficado assustados desejaram um rei do céu, pois tu abandonaste a dignidade elevada de soberano do céu. Então os deuses, os Pitris do universo, os santos, e os principais Gandharvas, todos se reuniram, ó Indra, e foram até Nahusha e disseram, 'Seja nosso rei, e o defensor do Universo!' Para eles Nahusha disse, 'Eu não sou apto; encham-me com seu poder e com a virtude das suas austeridades!' Assim ordenadas, as divindades o fortaleceram, ó rei dos deuses! E por causa disso Nahusha se tornou uma pessoa de força

terrível, e se tornando assim o soberano dos três mundos ele pôs os grandes santos em arreios, e o canalha está viajando dessa maneira de mundo para mundo. Tu nunca podes olhar Nahusha que é terrível. Ele emite veneno de seus olhos, e absorve a energia de todos. Todos os deuses estão extremamente assustados; eles vagueiam escondidos e não olham para ele!'"

"Salya continuou, 'Enquanto aquele melhor da linhagem de Angiras estava falando dessa maneira chegou lá aquele guardião do mundo, Kuvera, e também Yama o filho de Surya, e o velho deus Soma, e Varuna. E chegando lá eles disseram para o grande Indra, 'Quão afortunado é que o filho de Twashtri tenha sido morto, e Vritra também! Quão afortunado, ó Indra, que nós estejamos te vendo são e salvo, enquanto todos os teus inimigos foram mortos!' Indra recebeu todos aqueles protetores dos mundos, e com o coração contente saudou-os de forma apropriada com a intenção de lhes requisitar com relação a Nahusha. E ele disse, 'Nahusha de aparência terrível é o rei dos deuses; forneçam-me sua ajuda nisso.' Eles responderam, 'Nahusha é de aparência horrível; sua visão é veneno; nós temos medo dele, ó Deus. Se tu derrotares Nahusha então nós teremos direito às nossas partes das oferendas sacrificais, ó Indra.' Indra disse, 'Que seja assim. Você e o soberano das águas, e Yama, e Kuvera serão hoje coroados junto comigo. Ajudados por todos os deuses, derrotemos o inimigo Nahusha de olhar terrível.' Então Agni também disse para Indra, 'Dê-me uma parte das oferendas sacrificais. Eu também lhe emprestarei minha ajuda.' Indra disse a ele, 'Ó Agni, tu também obterás uma parte em grandes sacrifícios, haverá uma única parte (disto) para ambos Indra e Agni.'"

"Salya continuou, 'Assim o senhor ilustre Indra, o castigador de Paka, o concessor de benefícios, entregou, depois de deliberação, para Kuvera a soberania sobre os Yakshas e toda a riqueza do mundo; para Yama a soberania sobre os Pitris; e para Varuna a soberania sobre as águas.'"

17

"Salya disse, 'Nestas circunstâncias quando o grande Indra, o chefe inteligente dos deuses, estava deliberando com os guardiões do mundo e outras divindades sobre os meios de matar Nahusha, apareceu naquele local o venerável asceta Agastya. E Agastya reverenciou o senhor dos deuses e disse, 'Quão afortunado que tu estejas próspero depois da destruição daquele ser de forma universal, como também aquela de Vritra. E quão afortunado, ó Purandara, que Nahusha tenha sido lançado do trono do céu. Quão afortunado, ó matador de Vala, que eu te veja com todos os teus inimigos mortos.'

Indra disse, 'Tua viagem para cá foi agradável, ó grande santo? Eu sou encantado em ver-te. Aceite de mim água para lavar teus pés e rosto, como também o Arghya e a vaca.'

Salya continuou, ‘Indra, bem satisfeito, começou a questionar aquele melhor dos santos e maior dos Brahmanas quando ele estava sentado em um assento depois de ter recebido as devidas honras, dessa maneira, ‘Ó santo venerável, ó melhor dos Brahmanas, eu desejo ter recitado por ti como Nahusha de alma viciosa foi lançado do céu.’”

"Agastya disse, 'Ouça, ó Indra, à narrativa agradável de como o perverso e vicioso Nahusha, embriagado com orgulho de força, foi arremessado do céu. Os Brahmanas de espírito puro e santos celestes, enquanto o carregavam, fatigados com o trabalho pesado, questionaram aquele ser vicioso, ó melhor de vitoriosos, dizendo, ‘Ó Indra, há certos hinos nos Vedas, ordenados para serem recitados enquanto borrifando as vacas. Eles são autênticos ou não?’ Nahusha, que tinha perdido a razão pela operação de Tamas, disse a eles que eles não eram autênticos.' Os santos então disseram, 'Tu estás te inclinando em direção à injustiça; tu não vais para o caminho virtuoso. Os maiores santos antigamente disseram que eles eram autênticos, ó Indra.' E incitado pela Falsidade, ele me tocou na minha cabeça com seu pé. Por causa disso, ó marido de Sachi, ele ficou privado de poder e de bom aspecto. Então, quando ele estava agitado e dominado pelo medo, eu falei a ele, 'Já que tu declaraste como espúrios os irrepreensíveis hinos do Veda os quais são recitados por Brahmarsis (Brahmanas santos), e já que tu tocaste minha cabeça com teu pé, e já que tu, ó patife ignorante, transformaste estes santos incomparáveis, iguais a Brahma, em animais para te carregar, portanto, ó canalha, seja privado do teu brilho, e sendo lançado de ponta-cabeça, caia do céu, o efeito de todos os teus bons feitos estando esgotados. Por dez mil anos tu, na forma de uma enorme cobra, vagarás pela terra. Quando aquele período estiver completo, tu poderás voltar para o céu.’ Assim aquele canalha foi lançado do trono do céu, ó repressor de inimigos. Quão afortunado, ó Indra, que nós estejamos prosperando agora. Aquele tormento dos Brahmanas foi morto. Ó marido de Sachi, dirija-te para o céu, proteja os mundos, subjugue teus sentidos, subjugue teus inimigos, e seja glorificado pelos grandes santos.'”

"Salya continuou, 'Então, ó soberano de homens, os deuses, e os grupos de grandes santos estavam muito satisfeitos. E assim também estavam os Pitris, os Yakshas, as Cobras, os Rakshasas, os Gandharvas, e todos os grupos de ninfas celestes. E os tanques, os rios, as montanhas, e os mares também estavam muito contentes. E todos se aproximaram e disseram, 'Quão afortunado, ó matador de inimigos, que tu estejas próspero! Quão afortunado que o inteligente Agastya tenha matado o vicioso Nahusha! Quão afortunado é que aquele indivíduo vil tenha sido transformado em uma cobra para vagar pela terra!'"

18

"Salya disse, ‘Então Indra, glorificado pelos bandos de Gandharvas e ninfas celestes montou em Airavata, o rei dos elefantes, caracterizado por marcas auspiciosas. E o ilustre Agni, e o grande santo Vrihaspati, e Yama, e Varuna, e

Kuvera, o senhor das riquezas, o acompanharam. E o senhor Sakra, o matador de Vritra, então foi para os três mundos cercado pelos deuses junto com os Gandharvas e as ninfas celestes. E o realizador de cem sacrifícios, o rei das divindades, foi assim reunido com sua rainha. E ele começou a proteger os mundos com muita alegria. Então o santo divino ilustre Angiras chegou à assembléia de Indra e o reverenciou devidamente por recitar os hinos do Atharva. E o grande senhor Indra ficou satisfeito e concedeu um benefício para o Atharvangiras. E Indra disse, 'Tu serás conhecido como um Rishi de nome Atharvangiras no Atharva Veda, e tu também obterás uma parte em sacrifícios.' E tendo honrado Atharvangiras dessa maneira, o grande senhor Indra, o realizador de cem sacrifícios, se despediu dele, ó grande rei. E ele reverenciou todas as divindades e todos os santos dotados de riqueza de ascetismo. E, ó rei, Indra, bem satisfeito, governou o povo virtuosamente. Dessa maneira miséria foi suportada por Indra com sua esposa. E com o propósito de matar seus inimigos, até ele teve que passar um período escondido. Tu não deves levar a sério isto que tu, ó rei de reis, sofreste com Draupadi como também com teus irmãos de grande mente na floresta extensa. Ó rei de reis, ó descendente de Bharata, ó encantador da família Kuru, tu obterás teu reino de volta da mesma maneira como Indra obteve o dele, depois de ter matado Vritra. O vicioso Nahusha, aquele inimigo de Brahmanas, de mente má, foi derrotado pela maldição de Agastya, e reduzido a nada por anos infindáveis. Similarmente, ó matador de inimigos, teus inimigos Karna e Duryodhana e outros de almas viciosas serão rapidamente destruídos. Então, ó herói, tu desfrutarás de toda esta terra, até o mar, com teus irmãos e esta Draupadi. Esta história da vitória de Indra, igual ao Veda em seu caráter sagrado, deve ser escutada por um rei desejoso de vitória e quando suas tropas estão organizadas em ordem de batalha. Portanto, ó melhor dos vencedores, eu a estou recitando para ti para a tua vitória. Ó Yudhishthira, pessoas de grande alma alcançam prosperidade quando elas são glorificadas. Ó Yudhishthira, a destruição de Kshatriyas de grande alma está perto por causa dos crimes de Duryodhana, e pelo poder também de Bhima e Arjuna. Aquele que lê esta história da vitória de Indra com o coração cheio de fé religiosa é limpo de seus pecados, alcança uma região de bem aventurança, e obtém alegria neste mundo e no próximo. Ele não teme seus inimigos; ele nunca se torna um homem sem filhos, nunca enfrenta algum perigo de qualquer tipo, e desfruta de vida longa. Em toda parte vitória é declarada para ele, e ele não sabe o que é derrota.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ó melhor da linhagem de Bharata, o rei, aquele melhor dos homens justos, assim encorajado por Salya, honrou-o de forma apropriada. E Yudhishthira, o filho de Kunti de armas poderosas, tendo ouvido as palavras de Salya, falou para o rei dos Madras as seguintes palavras, 'Não há dúvida que tu atuarás como o quadrigário de Karna. Tu deves abater a disposição de Karna então por relatar os louvores de Arjuna.'

Salya disse, ‘Que assim seja. Eu farei exatamente como tu me disseste. E eu farei para ti qualquer coisa mais que eu seja capaz de fazer.’"

"Vaisampayana continuou, 'Então Salya, o rei dos Madras, se despediu dos filhos de Kunti. E aquele homem bonito então foi com seu exército até Duryodhana, ó repressor de inimigos.'"

19

"Vaisampayana disse, 'Então Yuyudhana, o grande herói da tribo Satwata, foi até Yudhishthira com um exército grande de soldados de infantaria, e cavalos e carros e elefantes. E seus soldados de grande coragem vinham de várias terras, portavam várias armas de guerra, e heróicos em aparência eles embelezaram o exército Pandava. E aquele exército parecia esplêndido por causa de machados de batalha, e mísseis e lanças, e arpões, e malhos, e clavas, e bastões, e laços, e espadas inoxidáveis, e punhais, e flechas de vários tipos, todos da melhor têmpera. E o exército, embelezado por aquelas armas, e parecendo em cor com o céu nublado, assumiu uma aparência semelhante a um aglomerado de nuvens com lampejos de relâmpago em seu meio. E o exército contava um Akshauhini de tropas. E quando absorvido nas tropas de Yudhishthira ele desapareceu completamente, como um rio pequeno quando entra no mar. E similarmente, o chefe poderoso dos Chedis, Dhrishtaketu, acompanhado por um Akshauhini, foi até os filhos de Pandu de força incomensurável. E o rei de Magadha, Jayatsena de grande força, levou com ele para Yudhishthira um Akshauhini de tropas. E da mesma maneira Pandya, que morava na região costeira, foi acompanhado por tropas de várias espécies até Yudhishthira, o rei dos reis. E, ó rei, quando todas essas tropas estavam reunidas, seu exército, finamente vestido e extremamente forte, assumiu uma aparência agradável para os olhos. E o exército de Drupada também estava embelezado por soldados valentes que tinham vindo de várias terras, e também por seus filhos poderosos. E similarmente, Virata, o rei dos Matsyas, um líder de tropas, acompanhado pelo rei das regiões montanhosas, foi até os filhos de Pandu. E para os filhos de grande alma de Pandu haviam assim se reunido de várias direções sete Akshauhinis de tropas, cheios de entusiasmo com estandartes de várias formas. E ávidos para lutar com os Kurus, eles alegraram os corações dos Pandavas. E da mesma maneira o rei Bhagadatta, alegrando o coração do filho de Dhritarashtra, deu um Akshauhini de tropas para ele. E a inatacável massa de suas tropas, apinhada com Chins e Kiratas, todos parecendo com figuras de ouro, assumiu uma beleza semelhante àquela de uma floresta de árvores Karnikara. E assim os bravos Bhurisravas, e Salya, ó filho de Kuru, foram até Duryodhana, com um Akshauhini de tropas cada um. E Kritavarman, o filho de Hridika, acompanhado pelos Bhojas, os Andhas, e os Kukuras, foi até Duryodhana com um Akshauhini de tropas. E o corpo de suas tropas composto daqueles soldados poderosos, que usavam em seus corpos guirlandas de flores de muitas cores, parecia tão gracioso quanto uma quantidade de elefantes alegres que passavam através de um bosque. E outros conduzidos por Jayadratha, os habitantes da terra de Sindhusauvira, chegaram com tal força que as colinas pareciam tremer sob seu passo. E sua força, contando um Akshauhini, parecia com uma massa de nuvens movida pelo vento. E Sudakshina, o rei dos Kambhojas, ó soberano de homens, acompanhado pelos Yavanas e

Sakas, foi ao chefe Kuru com um Akshauhini de tropas. E o corpo de suas tropas que parecia com um bando de gafanhotos, encontrando com a força Kuru, foi absorvido e desapareceu nela. E similarmente chegou o rei Nila, o residente da cidade de Mahishmati, com soldados poderosos do país sulista que carregavam armas belo feitio. E os dois reis de Avanti, acompanhados por uma força imensa, levaram para Duryodhana, cada um, um Akshauhini separado de tropas. E aqueles tigres entre homens, os cincos irmãos reais, os príncipes de Kekaya, foram depressa até Duryodhana com um Akshauhini de tropas, e alegraram seu coração. E dos reis ilustres de outros quadrantes chegaram lá, ó melhor da linhagem Bharata, três grandes divisões de tropas. E assim Duryodhana tinha uma força que numerava onze Akshauhinis, todos ávidos para lutar com os filhos de Kunti, e cheios de energia com estandartes de várias formas. E, ó descendente de Bharata, não havia espaço na cidade de Hastinapura nem para os principais líderes do exército de Duryodhana. E por esta razão a terra dos cinco rios, e toda a região chamada Kurujangala, e a floresta de Rohitaka a qual era uniformemente selvagem, e Ahichatra e Kalakuta, e as margens do Ganga, e Varana, e Vatadhana, e as regiões de colina na margem do Yamuna, toda esta região extensa, cheia de grãos e fartura abundante, estava totalmente coberta com o exército dos Kauravas. E aquele exército, assim arranjado, foi visto pelo sacerdote que tinha sido enviado pelo rei dos Panchalas para os Kurus.'"

20

"Vaisampayana disse, 'Então o sacerdote de Drupada, tendo se aproximado do chefe Kaurava, foi honrado por Dhritarashtra como também por Bhishma e Vidura. E tendo primeiro dito as notícias do bem-estar dos Pandavas, ele perguntou acerca do bem-estar dos Kauravas. E ele falou as seguintes palavras no meio de todos os líderes do exército de Duryodhana, 'Os deveres eternos dos reis são conhecidos por vocês todos. Mas embora conhecidos, eu ainda os recitarei como uma introdução ao que eu vou dizer. Ambos, Dhritarashtra e Pandu, são conhecidos como filhos do mesmo pai. Não há dúvida que a parte de cada um da riqueza paterna deve ser igual. Os filhos de Dhritarashtra obtiveram a riqueza paterna. Por que os filhos de Pandu não recebem em absoluto sua parte paterna? Vocês estão cientes de como antigamente os filhos de Pandu não receberam sua propriedade paterna a qual foi toda usurpada pelos filhos de Dhritarashtra. Os últimos se esforçaram de várias maneiras para tirar os filhos de Pandu de seu caminho até pelo emprego de planos homicidas; mas como seus períodos determinados de vida não tinham terminado totalmente os filhos de Pandu não puderam ser enviados para a residência de Yama. Então, além disso, quando aqueles príncipes de grande alma tinham estabelecido um reino por meio de sua própria força, os filhos de mente vil de Dhritarashtra, ajudados pelo filho de Suvala, o roubaram deles por meio de fraude. Este Dhritarashtra deu sua sanção até para aquele ato como tem sido costumeiro dele. E por treze anos eles foram então enviados para permanência na grande selva. Na sala de conselho eles também foram submetidos a indignidades de vários tipos, junto com sua esposa,

embora eles fossem valentes. E grandes também foram os sofrimentos que eles tiveram que aguentar nas florestas. Aqueles príncipes virtuosos também tiveram que suportar aflições indizíveis na cidade de Virata, tais como são sofridas somente por homens viciosos quando suas almas transmigram para as formas de seres inferiores. Ó melhores da linhagem de Kuru, deixando passar todas essas injúrias de antigamente eles desejam somente um acordo pacífico com os Kurus! Lembrando-se do comportamento deles, e daquele de Duryodhana também, os amigos do último devem pedir a ele para concordar com a paz! Os heróicos filhos de Pandu não estão ávidos por guerra com os Kurus. Eles desejam receber de volta sua própria parte sem envolver o mundo em ruína. Se o filho de Dhritarashtra aponta uma razão em favor da guerra, aquela nunca pode ser uma razão apropriada. Os filhos de Pandu são mais poderosos. Sete Akshauhinis de tropas foram reunidos em nome de Yudhishthira, todos ávidos para lutar com os Kurus, e eles estão agora esperando sua palavra de ordem. Há outros tigres entre homens, iguais em força a mil Akshauhinis, tais como Satyaki e Bhimasena, e os irmãos gêmeos de força imensa. É verdade que estas onze divisões de tropas estão agrupadas de um lado, mas elas são equilibradas no outro pelo poderosamente armado Dhananjaya de formas múltiplas. E como Kiritin excede em força até todas essas tropas juntas, assim também o faz o filho de Vasudeva de grande refulgência e intelecto poderoso. Quem há que lutaria, em vista da magnitude da força oposta, do heroísmo de Arjuna, e da sabedoria de Krishna? Portanto, eu peço a vocês para devolverem o que deve ser dado, como ditado pela moralidade e pelo acordo. Não deixem a oportunidade passar!'"

21

"Vaisampayana disse, 'Tendo ouvido suas palavras, Bhishma, superior em sabedoria, e dotado de grande refulgência, prestou honras a ele, e então falou palavras adequadas para a ocasião. E ele disse, 'Quão afortunado que eles estejam todos bem, com Krishna! Quão afortunado que eles tenham obtido apoio, e que eles estejam inclinados para um comportamento virtuoso! Quão afortunado é que aqueles descendentes da linhagem de Kuru desejem paz com seus primos! Não há dúvida que o que tu disseste é verdade. Tuas palavras, no entanto, são excessivamente severas, o motivo, eu suponho, sendo que tu és um Brahmana. Sem dúvida, os filhos de Pandu foram muito atormentados aqui e nas florestas. Sem dúvida, por lei eles têm direito a ganhar toda a propriedade de seu pai. Arjuna, o filho de Pritha, é forte e treinado em armas, e é um grande guerreiro em carro. Quem, de fato, pode resistir em batalha a Dhananjaya o filho de Pandu? Mesmo o próprio manejador do raio não pode, outros arqueiros mal são dignos de menção. Minha opinião é que ele está à altura de todos os três mundos!' E enquanto Bhishma estava falando dessa maneira, Karna colericamente e insolentemente interrompeu suas palavras, e olhando para Duryodhana disse, 'Não há criatura no mundo, ó Brahmana, que não esteja informada de todos estes fatos. Qual é o benefício de repeti-los várias vezes? Em nome de Duryodhana, Sakuni antigamente ganhou no jogo de dados. Yudhishthira o filho de Pandu foi

para as florestas segundo uma estipulação. Ele agora não está respeitando aquela estipulação, mas confiante da ajuda dos Matsyas e Panchalas, ele deseja obter de volta seu trono ancestral. Ó homem erudito, Duryodhana não daria nem um único pé de terra se tu apelasses para seus temores, mas se a justiça requeresse, ele entregaria toda a terra até para um inimigo. Se eles desejam ter de volta seu trono ancestral, eles devem passar o período especificado de tempo na floresta como tinha sido estipulado. Depois que eles vivam como dependentes de Duryodhana, sãos e salvos. Por estupidez, no entanto, que eles não dirijam sua mente para uma conduta absolutamente injusta. Se, todavia, abandonando o caminho da virtude eles desejam guerra, então quando eles enfrentarem em batalha esses Kurus louváveis, eles se lembrarão dessas minhas palavras.'"

"Bhishma disse, 'Qual é a utilidade do teu discurso, ó filho de Radha? Tu deves te lembrar daquela ocasião quando o filho de Pritha, sozinho, subjugou em combate seis guerreiros em carros. Se nós não agirmos como este Brahmana disse, de fato, nós todos seremos mortos por ele em batalha!"

"Vaisampayana continuou, 'Então Dhritarashtra acalmou Bhishma com palavras de rogo, repreendeu o filho de Radha, e falou as seguintes palavras, 'O que Bhishma, o filho de Santanu disse é salutar para nós, como também para os Pandavas, e igualmente para todo o universo. Eu, no entanto, depois de deliberação enviarei Sanjaya aos filhos de Pandu. Assim tu não precisas esperar. Vá ao filho de Pandu hoje mesmo.' O chefe Kaurava então reverenciou o sacerdote de Drupada e enviou-o de volta aos Pandavas. E convocando Sanjaya à sala de conselho, ele se dirigiu a ele nas seguintes palavras."

22

"Dhritarashtra disse, 'Eles dizem, ó Sanjaya, que os Pandavas chegaram a Upaplavya. Vá e pergunte por eles. Tu deves saudar Ajatasatru nas seguintes palavras, 'Por boa sorte é que (saído das florestas) tu alcançaste tal cidade.' E para todos eles tu deves dizer, ó Sanjaya, estas palavras, 'Vocês estão bem, tendo passado aquele período difícil de permanência, vocês que eram indignos de tal tormento?' Num abrir e fechar de olhos eles estarão apaziguados com relação a nós, pois embora tratados traiçoeiramente (por inimigos), eles ainda assim são justos e bons. Em nenhum caso, ó Sanjaya, eu alguma vez encontrei alguma falsidade da parte dos Pandavas. Foi por sua própria bravura que eles obtiveram toda sua prosperidade, e (ainda assim) eles eram sempre obedientes a mim. Embora eu escrutinasse sua conduta, eu nunca podia criticá-los, não, nem uma única falha pela qual nós pudéssemos culpá-los. Eles sempre agem atentos à virtude e riqueza; eles nunca se submetem ao amor de prazeres sensuais, ou frio, ou fome, ou sede; eles subjugam sono e preguiça e cólera e alegria e negligência. Os filhos de Pritha, atentos à virtude e riqueza, são sempre agradáveis para todos. Em ocasiões apropriadas eles partilham sua riqueza com amigos. Amizade com eles nunca perde seu ardor por conta da passagem do tempo; pois eles concedem honras e riqueza para cada um de acordo com seus merecimentos. Nem uma

pessoa na linhagem de Ajamida nutre ódio por eles exceto este vil, caprichoso, estúpido Duryodhana, e exceto também o ainda mais estúpido Karna. Estes dois sempre aumentam a energia daqueles de grande alma que estão privados de amigos e felicidade. Ousado e criado em toda indulgência, Duryodhana considera que tudo aquilo foi bem feito. É infantil da parte de Duryodhana pensar que é possível roubar os Pandavas de sua parte justa enquanto eles estão vivos. É sábio dar para Yudhishthira sua parte devida antes da guerra, para ele cujos passos são seguidos por Arjuna e Krishna e Bhima e Satyaki e os dois filhos de Madri e os guerreiros da raça Srinjaya. Aquele manejador do Gandiva, Savyasachin, sentado em seu carro, seria capaz de devastar sozinho o mundo inteiro. E igualmente o vitorioso Krishna de grande alma, o senhor dos três mundos, incapaz de ser derrotado é capaz de fazer o mesmo. Que mortal resistiria diante dele que é a única pessoa mais notável em todos os mundos e que dispara sua multidão de flechas que rugem como as nuvens, cobrindo todos os lados como bandos de gafanhotos se movimentando rapidamente? Sozinho em seu carro, segurando o Gandiva, ele conquistou as regiões do norte como também os Kurus do norte e levou consigo toda a riqueza deles. Ele transformou o povo da terra Dravida em uma parte do seu próprio exército. Foi Falguna, o manejador do Gandiva, que derrotando na floresta Khandava todos os deuses junto com Indra fez oferendas para Agni, aumentando o respeito e fama dos Pandavas. De todos os manejadores de maças, além disso, não há ninguém igual à Bhima; e não há ninguém também que seja um condutor de elefantes tão habilidoso. Em carro, eles dizem, ele não se rende nem para Arjuna; e quanto à força de braços ele é igual a dez mil elefantes. Bem treinado e ativo, ele que novamente foi tornado amargamente hostil consumiria com fúria os Dhritarashtras num abrir e fechar de olhos. Sempre colérico, e de braços fortes, ele não pode ser subjugado em batalha nem pelo próprio Indra. De grande coração, e fortes, e dotados de grande agilidade de mão, os dois irmãos (gêmeos), filhos de Madri, treinados cuidadosamente por Arjuna, não deixariam um inimigo vivo, como um par de falcões matando um grande bando de aves. Este nosso exército, tão amplo, para te dizer a verdade, não estará em lugar nenhum quando enfrentá-los. Ao lado deles estará Dhrishtadyumna, dotado de grande energia, alguém que é considerado como um dos próprios Pandavas. O chefe da tribo Somaka, com seus seguidores, é, eu tenho ouvido, tão dedicado à causa dos Pandavas que ele está disposto a sacrificar sua própria vida por eles. Quem poderia resistir a Yudhishthira que tem o melhor da tribo Vrishni (Krishna) como seu líder? Eu soube que Virata, o chefe dos Matsyas, com quem os Pandavas viveram por algum tempo e cujos desejos foram realizados por eles, velho em idade, está dedicado junto com seus filhos à causa Pandava, e que se tornou um partidário de Yudhishthira. Depostos do trono da terra Kekaya, e desejosos de serem readmitidos nele, os cinco irmãos poderosos daquela terra, manejando arcos imensos, estão agora seguindo os filhos de Pritha preparados para lutar. Todos os que são heróicos entre os senhores da terra foram reunidos e estão dedicados à causa Pandava. Eu ouço que são audaciosos, dignos, e respeitáveis aqueles que se aliaram ao virtuoso rei Yudhishthira por sentimentos de simpatia por ele. E muitos guerreiros morando nas colinas e fortalezas inacessíveis, e muitos que são nobres em linhagem e velhos em idade, e muitas tribos Mlechcha também

manejando armas de várias espécies, foram reunidos e estão dedicados à causa dos Pandavas. E lá foi Pandya também, que, dificilmente inferior a Indra no campo de batalha, é seguido quando ele luta por inúmeros guerreiros de grande coragem. Notavelmente heróico e dotado de bravura e energia que não tem paralelo, ele está dedicado à causa Pandava. Aquele mesmo Satyaki que, eu soube, obteve armas de Drona e Arjuna e Krishna e Kripa e Bhishma, e que é citado como igual ao filho de Krishna, está dedicadamente ligado à causa Pandava. E os reis reunidos das tribos Chedi e Karusha todos tomaram o partido dos Pandavas com todos os seus recursos. Aquele em meio a eles, que, tendo sido dotado de beleza refulgente, brilhava como o sol, a quem todas as pessoas julgavam inatacável em batalha e o melhor de todos os puxadores de arco sobre a terra, foi morto por Krishna em um instante, pela ajuda do seu próprio poder formidável, e reduzindo a zero o espírito audacioso de todos os reis Kshatriya. Kesava lançou seus olhos naquele Sisupala e o atingiu, aumentando a fama e respeito dos filhos de Pandu. Era o mesmo Sisupala que era muito respeitado por aqueles reis em cuja vanguarda permanecia o rei da tribo Karusha. Então os outros reis, julgando Krishna inatacável quando sentado em seu carro puxado por Sugriva e outros corcéis, deixaram o chefe dos Chedis e fugiram como animais pequenos à visão de um leão. E foi dessa maneira que ele que por audácia tinha procurado se opor e enfrentar Krishna em um combate corpo a corpo foi morto por Krishna e jazeu sem vida, parecendo com uma árvore Karnikara arrancada por uma ventania. Ó Sanjaya, ó filho de Gavalgana, o que eles têm me falado da atividade de Krishna em causa dos filhos de Pandu, e o que eu me lembro de suas realizações passadas, não me deixam paz mental. Nenhum inimigo, seja qual for, é capaz de resistir a eles que estão sob a orientação daquele leão da tribo Vrishni. Meu coração está tremendo com medo ao saber que os dois Krishnas estarão sentados no mesmo carro. Se meu filho estúpido se abstiver de lutar com aqueles dois, então ele pode se sair bem, se não aqueles dois consumirão a família de Kuru como Indra e Upendra consomem as hostes Daitya. Dhananjaya é, eu concebo, igual a Indra, e o maior da raça Vrishni, Krishna, é o próprio Vishnu Eterno. O filho de Kunti e Pandu, Yudhishthira, é virtuoso e corajoso e evita atos que causam vergonha. Dotado de grande energia, ele tem sido tratado injustamente por Duryodhana. Se ele não fosse de mente elevada, ele em cólera queimaria os Dhritarashtras. Eu não temo tanto Arjuna ou Bhima ou Krishna ou os irmãos gêmeos como eu temo a cólera do rei, ó Suta, quando sua cólera é excitada. Suas austeridades são grandiosas; ele é dedicado a práticas Brahmacharya. Os desejos de seu coração certamente serão realizados. Quando eu penso em sua cólera, ó Sanjaya, e considero quão justa ela é, eu me encho de alarme. Vá depressa em um carro, despachado por mim, onde as tropas do rei dos Panchalas estão acampadas. Tu questionarás Yudhishthira sobre seu bem-estar. Tu repetidamente te dirigirás a ele em termos afetuosos. Tu também encontrarás Krishna, ó filho, que é o principal de todos os homens valentes e que é dotado de uma alma magnânima. A ele tu também perguntarás de minha parte quanto ao seu bem-estar, e lhe dirá que Dhritarashtra está desejoso de paz com os filhos de Pandu. Ó Suta, não há nada que Yudhishthira, o filho de Kunti, não faria a pedido de Krishna. Kesava é tão querido para eles quanto eles mesmos. Possuidor de grande erudição, ele está sempre dedicado à causa deles. Tu

também perguntarás sobre o bem-estar de todos os filhos reunidos de Pandu e dos Srinjayas e Satyaki e Virata e de todos os cinco filhos de Draupadi, declarando ser um mensageiro meu. E qualquer coisa também que tu julgues ser oportuna e benéfica para a família Bharata, tudo aquilo, ó Sanjaya, tu deves dizer no meio daqueles reis, tudo, de fato, que não seja desagradável ou provocativo de guerra.'"

23

"Vaisampayana disse, 'Tendo ouvido estas palavras do rei Dhritarashtra Sanjaya foi para Upaplavya para ver os Pandavas de força imensurável. E tendo se aproximado do rei Yudhishthira, o filho de Kunti, ele prestou homenagem a ele primeiro e então falou. E o filho de Gavalgana, por nome Sanjaya e por casta um Suta, falou alegremente para Ajatasatru, 'Quão afortunado, ó rei, que eu te veja com saúde, acompanhado por amigos e de modo algum inferior ao grande Indra. O rei idoso e sábio Dhritarashtra, o filho de Ambika, perguntou sobre seu bem-estar. Eu espero que Bhimasena esteja bem, e que Dhananjaya, aquele principal dos Pandavas, e estes dois filhos de Madri, estejam bem. Eu espero que a princesa Krishna também, a filha de Drupada, esteja bem, ela que nunca se desvia do caminho da verdade, aquela dama de grande energia, aquela esposa de heróis. Eu espero que ela esteja bem com seus filhos, ela em quem estão centradas todas as suas alegrias mais preciosas e por cujo bem-estar vocês constantemente oram.'"

"Yudhishthira disse, 'Ó Sanjaya, o filho de Gavalgana, tua viagem para cá foi segura? Nós estamos satisfeitos em te ver. Eu te pergunto em retorno como tu estás. Eu estou, ó homem erudito, em saúde excelente com meus irmãos mais novos. Ó Suta, depois de um longo tempo eu agora recebo notícias do idoso rei dos Kurus, aquele descendente de Bharata. Tendo te visto, ó Sanjaya, eu sinto como se eu tivesse visto o próprio rei, tão satisfeito eu estou! Nosso avô idoso Bhishma, o descendente de Kuru, dotado de grande energia e a sabedoria mais elevada e sempre dedicado às práticas da sua própria classe, ó senhor, está com saúde? Eu espero que ele ainda conserve todos os seus hábitos antigos. Eu espero que o rei de grande alma Dhritarashtra, o filho de Vichitravirya, esteja com saúde com seus filhos. Eu espero que o grande rei Vahlika, o filho de Pratipa, dotado de grande erudição, esteja também com saúde. Eu espero, ó senhor, que Somadatta esteja com saúde, e Bhurisravas, e Satyasandha, e Sala, e Drona com seu filho, e o Brahmana Kripa também estejam bem. Eu espero que todos aqueles arqueiros poderosos estejam livres de doença. Ó Sanjaya, todos aqueles maiores e melhores dos arqueiros, dotados da mais sublime inteligência e versados em letras, e ocupando o próprio topo daqueles que manejam armas, se ligaram aos Kurus. Eu espero que aqueles arqueiros recebam suas devidas honras. Eu espero que eles estejam livres de doença. Quão felizes são aqueles em cujo reino mora o arqueiro forte e belo, o bem-comportado filho de Drona! Eu espero que Yuyutsu, o muito inteligente filho de Dhritarashtra com sua mulher Vaisya esteja com saúde. Eu espero, ó senhor, que o conselheiro Karna, cujos conselhos são seguidos pelo

estúpido Suyodhana, esteja com saúde. Eu espero que as senhoras idosas, as mães da família Bharata, e as criadas de cozinha, as servas, as noras, os meninos, os filhos da irmã, e as irmãs, e os filhos das filhas da casa de Dhritarashtra estejam todos livres de preocupações. Ó senhor, eu espero que o rei ainda conceda sua antiga subsistência para os Brahmanas. Eu espero, ó Sanjaya, que o filho de Dhritarashtra não tenha apreendido aqueles presentes que eu fiz para os Brahmanas. Eu espero que Dhritarashtra com seus filhos receba em um espírito de clemência qualquer comportamento arrogante da parte dos Brahmanas. Eu espero que ele nunca descuide de fazer provisão para eles, essa sendo a única estrada para o céu. Pois essa é a luz excelente e brilhante que foi fornecida pelo Criador neste mundo de seres vivos. Se, como pessoas estúpidas, os filhos de Kuru não tratarem os Brahmanas com uma disposição indulgente, uma destruição indiscriminada os alcançará. Eu espero que o rei Dhritarashtra e seu filho tentem sustentar os funcionários de estado. Eu espero que não haja inimigos para eles, que, disfarçados como amigos, estejam conspirando para sua ruína. Ó senhor, eu espero que nenhum desses Kurus fale de nós como tendo cometido quaisquer crimes. Eu espero que Drona e seu filho e o heróico Kripa não falem de nós como sendo culpados de alguma maneira. Eu espero que todos os Kurus olhem com respeito o rei Dhritarashtra e seus filhos como os protetores de sua tribo. Eu espero que quando eles vejam uma horda de ladrões, eles se lembrem dos feitos de Arjuna, o líder em todos os campos de batalha. Eu espero que eles se lembrem das flechas disparadas do Gandiva, as quais percorrem o ar em um caminho reto, impelidas adiante pela corda do arco esticada em contato com os dedos de sua mão, e fazendo um barulho alto como aquele do trovão. Eu não vejo o guerreiro que sobrepuje ou mesmo rivalize Arjuna que possa disparar por um único esforço de sua mão sessenta e uma flechas amoladas e de gume afiado equipadas com penas excelentes. Eles se lembram de Bhima também, que, dotado de grande energia faz as hostes hostis em batalha tremerem de medo, como um elefante com têmporas fendidas agitando uma floresta de juncos? Eles se lembram do poderoso Sahadeva, o filho de Madri, que em Dantakura conquistou os Kalingas disparando flechas com ambas as mãos, a esquerda e a direita? Eles se lembram de Nakula, que, ó Sanjaya, foi enviado, sob seu olhar, para conquistar os Sivis e os Trigartas, e que trouxe a região oeste sob meu poder? Eles se lembram da ignomínia que foi deles quando sob maus conselhos eles vieram às florestas de Dwaitavana sob o pretexto de levarem embora seu gado? Aqueles perversos tendo sido subjugados por seus inimigos foram depois libertados por Bhimasena e Arjuna, eu mesmo protegendo a retaguarda de Arjuna (na luta que se seguiu) e Bhima protegendo a retaguarda dos filhos de Madri, e o manejador do Gandiva saindo ileso da pressão da batalha tendo feito um grande massacre da hoste hostil, eles se lembram daquilo? Não é por um único feito bom, ó Sanjaya, que a felicidade pode ser alcançada aqui, quando por todos os nossos esforços nós somos incapazes de conquistar a simpatia do filho de Dhritarashtra!"

24

"Sanjaya disse, 'É assim mesmo como tu disseste, ó filho de Pandu! Tu perguntaste sobre o bem-estar dos Kurus e dos principais entre eles? Livres de doença de todos os tipos e na posse de espírito excelente estão aqueles principais entre os Kurus sobre quem, ó filho de Pritha, tu perguntaste. Saiba, ó filho de Pandu, que há sem dúvida homens justos e idosos, como também homens que são pecaminosos e perversos em volta do filho de Dhritarashtra. O filho de Dhritarashtra faria doações até para seus inimigos; não é provável, portanto, que ele retire as doações feitas aos Brahmanas. É usual para vocês, Kshatriyas, seguirem uma regra adequada para açougueiros, que leva vocês a fazerem mal para aqueles que não têm inimizade com vocês; mas a prática não é boa. Dhritarashtra com seus filhos seria culpado do pecado de dissensão interna se ele, como um homem mau, tivesse animosidade para com vocês que são virtuosos. Ele não aprova esta injúria (feita a vocês); ele está muito pesaroso por isto; ele sofre em seu coração, o homem idoso, Yudhishthira, pois, tendo se comunicado com os Brahmanas, ele soube que provocar dissensões internas é o maior de todos os pecados. Ó rei de homens, eles se lembram da tua destreza no campo, e daquela de Arjuna, que toma a dianteira no campo de batalha. Eles se lembram de Bhima manejando sua maça quando o som da concha e do tambor sobe para o pico mais alto. Eles se lembram daqueles poderosos guerreiros em carros, os dois filhos de Madri, que no campo de batalha se movem rapidamente em todas as direções, atirando chuvas incessantes de flechas em hostes hostis, e que não sabem o que é tremer em combate. Eu creio, ó rei, que aquilo que o Futuro tem de reserva para uma pessoa específica não pode ser conhecido, já que tu, ó filho de Pandu, que és dotado de todas as virtudes, tiveste que passar por dificuldade de tal tipo insuportável. Tudo isto, sem dúvida, ó Yudhishthira, tu ajustarás novamente pela ajuda da tua inteligência. Os filhos de Pandu, todos iguais a Indra, nunca abandonariam a virtude pelo prazer. Tu, ó Yudhishthira, ajustarás tua inteligência de tal maneira que eles todos, isto é, os filhos de Dhritarashtra e Pandu e os Srinjayas, e todos os reis que se reuniram aqui, alcançarão a paz. Ó Yudhishthira, ouça o que o teu pai Dhritarashtra, tendo consultado com seus ministros e filhos, falou para mim. Fique atento ao mesmo.'"

25

“Yudhishthira disse, ‘Aqui são encontrados os Pandavas e os Srinjayas, e Krishna, e Yuyudhana e Virata, ó filho do Suta Gavalgana, nos diga tudo o que Dhritarashtra te mandou dizer.’”

"Sanjaya disse, 'Eu saúdo Yudhishthira, e Vrikodara e Dhananjaya, e os dois filhos de Madri, e Vasudeva o descendente de Sura, e Satyaki, e o soberano idoso dos Panchalas, e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata. Que todos escutem as palavras que eu digo pelo desejo do bem-estar dos Kurus. O rei Dhritarashtra, recebendo ansiosamente a chance de paz, acelerou a preparação do meu carro

para esta viagem aqui. Que isto seja aceitável para o rei Yudhishthira com seus irmãos e filhos e parentes. Que o filho de Pandu prefira a paz. Os filhos de Pritha são dotados de todas as virtudes com firmeza e suavidade e franqueza. Nascidos em uma família nobre eles são humanos, generosos, e contrários a fazer qualquer ação que cause vergonha. Eles sabem o que é apropriado para ser feito. Um feito vil não é condizente com vocês, pois vocês têm mente muito elevada, e têm tal séquito terrível de tropas. Se vocês cometessem uma ação pecaminosa, isto seria uma mácula em seu nome limpo, como uma gota de colírio em um tecido branco. Quem seria culpado intencionalmente de uma ação que resultaria em matança geral, que seria pecaminosa e levaria ao inferno, uma ação consistindo na destruição (de homens), uma ação o resultado da qual, seja vitória ou derrota, será do mesmo valor? Abençoados são aqueles que servem à causa de seus parentes. São os verdadeiros filhos e amigos e parentes (da linhagem Kuru) aqueles que sacrificariam a vida, vida a qual está sujeita a ser prejudicada por más ações, para assegurar o bem-estar dos Kurus. Se vocês, ó filhos de Pritha, castigarem os Kurus, por derrotarem e matarem todos os seus inimigos, aquela sua vida subsequente seria equivalente à morte, pois o que, de fato, é a vida depois de ter matado todos os seus parentes? Quem, mesmo que ele tivesse o próprio Indra com todos os deuses ao seu lado, seria capaz de derrotar vocês que são ajudados por Kesava e Chekitanas, e Satyaki, e são protegidos pelas armas de Dhrishtadyumna? Quem, além disso, ó rei, pode derrotar em batalha os Kurus que são protegidos por Drona e Bhishma, e Aswatthaman, e Salya, e Kripa e Karna com uma hoste de reis Kshatriya? Quem, sem perda para si mesmo, é capaz de matar a vasta força reunida pelo filho de Dhritarashtra? Por isso é que eu não vejo algum benefício nem na vitória nem na derrota. Como podem os filhos de Pritha, como pessoas vis de linhagem inferior, cometer uma ação de iniquidade? Portanto, eu me curvo, eu me prostro diante de Krishna e do rei idoso dos Panchalas. Eu me dirijo a vocês como meu refúgio, com mãos unidas, para que ambos os Kurus e os Srinjayas possam ser beneficiados. É improvável que Krishna ou Dhananjaya não ajam de acordo com estas minhas palavras. Qualquer um deles sacrificaria sua vida, se suplicado (para fazer isso). Portanto, eu digo isso para o êxito da minha missão. Este é o desejo do rei e de seu conselheiro Bhishma, que possa ser confirmada paz entre vocês (e os Kurus).'"

26

"Yudhishthira disse, 'Que palavras de mim, ó Sanjaya, tu tens ouvido, indicativas de guerra, que tu receias guerra? Ó senhor, paz é preferível à guerra. Quem, ó quadrigário, tendo recebido outra alternativa desejaria lutar? É sabido por mim, ó Sanjaya, que se um homem puder ter todo desejo de seu coração sem ter que fazer qualquer coisa, ele dificilmente gostará de fazer alguma coisa mesmo que ela seja do tipo menos incômodo, menos ainda ele se engajaria em guerra. Por que um homem deveria ir para a guerra? Quem seria tão amaldiçoado pelos deuses que escolheria a guerra? Os filhos de Pritha, sem dúvida, desejam sua própria felicidade, mas sua conduta é sempre marcada pela virtude e conducente

ao bem do mundo. Eles desejam somente aquela felicidade que resulta da justiça. Aquele que apaixonadamente segue a direção de seus sentidos, e está desejoso de obter felicidade e evitar tristeza, se dirige para ação a qual em sua essência é só tristeza. Aquele que anseia por prazer faz seu corpo sofrer; alguém livre de tal desejo ardente não sabe o que é tristeza. Como um fogo aceso, se mais combustível for posto sobre ele, resplandece outra vez com força aumentada, assim o desejo nunca é saciado com a aquisição de seu objeto, mas ganha força como fogo aceso quando manteiga clarificada é derramada sobre ele. Compare todo este abundante capital de gozo que o rei Dhritarashtra tem com o que nós possuímos. Aquele que é desventurado nunca obtém vitórias. Aquele que é desventurado não desfruta a voz da música. Aquele que é desventurado não desfruta de guirlandas e perfumes! Nem pode alguém que é desventurado desfrutar de unguentos frescos e fragrantes! E finalmente aquele que é desventurado não veste roupas finas. Se isto não fosse assim, nós nunca teríamos sido expulsos dos Kurus. Embora, no entanto, tudo isto seja verdade, ainda ninguém nutriu tormentos do coração. O rei estando ele mesmo em dificuldade procura proteção no poder de outros. Isto não é sábio. Que ele, no entanto, receba de outros o mesmo comportamento que ele mostra em direção a eles. O homem que lança um fogo ardente no meio-dia na estação da primavera em uma floresta de vegetação rasteira densa, sem dúvida, quando aquele fogo resplandece com a ajuda do vento, tem que se afligir por sua sina se ele deseja escapar. Ó Sanjaya, por que o rei Dhritarashtra agora lamenta, embora ele tenha toda esta prosperidade? Isto é porque ele seguiu a princípio os conselhos de seu filho mau de alma corrupta, viciado em hábitos desonestos e incorrigível em insensatez. Duryodhana desconsiderou as palavras de Vidura, o melhor dos seus benquerentes, como se o último fosse hostil a ele. O rei Dhritarashtra, desejoso somente de satisfazer seus filhos, entraria intencionalmente em um rumo iníquo. De fato, por conta do seu apego por seu filho, ele não prestaria atenção em Vidura, que, de todos os Kurus, é o mais sábio e o melhor de todos os seus benquerentes, possuindo vasta erudição, inteligente em discurso, e justo em ação. O rei Dhritarashtra está desejoso de satisfazer seu filho, que, embora ele mesmo procurando honras de outros, é invejoso e colérico, que viola as regras para a aquisição de virtude e riqueza, cuja língua é suja, que sempre segue os ditames de sua ira, cuja alma está absorvida em prazeres sensuais, e que, cheio de sentimentos hostis contra muitos, não obedece lei, e cuja vida é má, coração implacável, e mente maligna. Por um filho como esse o rei Dhritarashtra abandonou conscientemente virtude e prazer. Naquele momento, ó Sanjaya, quando eu estava engajado naquele jogo de dados eu pensei que a destruição dos Kurus estava perto, pois quando falando aquelas palavras sábias e excelentes Vidura não obteve elogio de Dhritarashtra. Então, ó quadrigário, a desgraça alcançou os Kurus quando eles desconsideraram as palavras de Vidura. Enquanto eles tinham se colocado sob a orientação da sabedoria dele, seu reino estava em um estado próspero. Ouça de mim, ó quadrigário, quem são agora os conselheiros do cobiçoso Duryodhana. Eles são Dussasana, e Sakuni o filho de Suvala, e Karna o filho de Suta! Ó filho de Gavalgana, olhe esta insensatez dele! Assim eu não vejo, embora eu pense sobre isto, como pode haver prosperidade para os Kurus e os Srinjayas quando Dhritarashtra tomou o trono de outros, e o previdente

Vidura foi banido para outro lugar. Dhritarashtra com seus filhos está agora procurando uma soberania extensa e incontestável por todo o mundo. Paz absoluta é, portanto, inalcançável. Ele considera o que ele já conseguiu como seu. Quando Arjuna utiliza sua arma em luta, Karna acredita que ele é capaz de ser resistido. Antigamente lá ocorreram muitas grandes batalhas. Por que Karna não poderia então ser de alguma utilidade para eles? É sabido por Karna e Drona e o avô Bhishma, como também por muitos outros Kurus, que não há manejador do arco comparável a Arjuna. É sabido por todos os soberanos reunidos da terra como a soberania foi obtida por Duryodhana embora aquele repressor de inimigos, Arjuna, estivesse vivo. Obstinadamente o filho de Dhritarashtra acredita que é possível roubar dos filhos de Pandu o que é deles, embora ele saiba, tendo ido ele mesmo ao lugar de combate, como Arjuna se comportou quando ele tinha só um arco de quatro cúbitos de comprimento como sua arma de batalha. Os filhos de Dhritarashtra estão vivos simplesmente porque eles até agora não ouviram aquele som do Gandiva esticado. Duryodhana acredita que seu objetivo já foi alcançado, contanto que ele não veja o colérico Bhima. Ó senhor, até Indra se absteria de roubar nossa soberania enquanto Bhima e Arjuna e o heróico Nakula e o paciente Sahadeva estivessem vivos! Ó quadrigário, o rei idoso com seu filho ainda nutre a noção de que seus filhos não perecerão, ó Sanjaya, no campo de batalha, consumidos pela cólera ardente dos filhos de Pandu. Tu sabes, ó Sanjaya, que miséria nós temos sofrido! Por meu respeito por ti, eu perdoaria eles todos. Tu sabes o que ocorreu entre nós e aqueles filhos de Kuru. Tu sabes como nós nos comportamos em direção ao filho de Dhritarashtra. Que o mesmo estado de coisas ainda continue, eu procurarei a paz, como tu me aconselhaste a fazer. Que eu tenha Indraprastha como meu reino. Que ele seja dado para mim por Duryodhana, o chefe da linhagem de Bharata.'"

27

"Sanjaya disse, 'Ó Pandava, o mundo tem ouvido que tua conduta é justa. Eu vejo também que isto é assim, ó filho de Pritha. A vida é transitória, e pode terminar em grande infâmia; considerando isto, tu não deves perecer. Ó Ajatasatru, sem guerra, os Kurus não entregarão tua parte, eu penso que é muito melhor para ti viver de esmolas no reino dos Andhakas e dos Vrishnis do que obter soberania por meio da guerra. Já que esta existência mortal é somente por um período curto, e imensamente sujeita a falha, sujeita a sofrimento constante, e instável, e já que ela nunca é comparável a um bom nome, portanto, ó Pandava, nunca cometa um pecado. São os desejos, ó soberano de homens, que se prendem aos homens mortais e são uma obstrução para uma vida virtuosa. Portanto, um homem sábio deve antes matar eles todos e assim ganhar uma fama imaculada no mundo, ó filho de Pritha. A sede por riqueza é somente como grilhões neste mundo; a virtude daqueles que procuram isso sem dúvida sofrerá. É sábio aquele que procura a virtude somente; seus desejos sendo aumentados, um homem deve sofrer em seus assuntos mundanos, ó senhor. Colocando a virtude antes de todos os outros interesses na vida, um homem brilha como o sol quando

seu esplendor é maior. Um homem desprovido de virtude, e de alma viciosa, é alcançado pela ruína, embora ele possa obter toda esta terra. Tu tens estudado os Vedas, vivido a vida de um Brahman santo, tens realizado os ritos sacrificais, feito caridades para Brahmanas. Mesmo te lembrando da posição mais alta (alcançável por seres), tu tens também dedicado tua alma por anos e anos à busca de prazer. Aquele que, se dedicando excessivamente aos prazeres e alegrias da vida, nunca se empenha na prática de meditação religiosa, deve ser extremamente miserável. Suas alegrias o abandonam depois que sua riqueza é perdida e seus instintos fortes o aguilhoam na direção da sua habitual busca de prazer. Similarmente aquele que, nunca tendo vivido uma vida continente, abandona o caminho da virtude e comete pecado, não tem fé na existência de um mundo futuro. Obtuso como ele é depois da morte ele tem tormento (como sua sina). No mundo futuro, seus atos, sejam bons ou maus, de forma alguma são aniquilados. Atos, bons e maus, precedem o agente (em sua viagem ao mundo futuro); o agente sem dúvida segue no caminho deles. Seu trabalho (nesta vida) é célebre por todos como comparável àquele alimento, saboroso e delicioso, o qual é apropriado para ser oferecido com reverência aos Brahmanas, o alimento que é oferecido em cerimônias religiosas com grandes doações (aos sacerdotes oficiantes). Todas as ações são feitas enquanto este corpo dura, ó filho de Pritha. Depois da morte não há nada a ser feito. E tu tens feito atos consideráveis que te farão bem no mundo seguinte, e eles são admirados por homens justos. Lá (no mundo seguinte) uma pessoa está livre de morte e decrepitude e medo, e de fome e sede, e de tudo o que é desagradável para a mente; não há nada para ser feito naquele local, a menos que seja deleitar os próprios sentidos. Deste tipo, ó soberano de homens, é o resultado dos nossos feitos. Portanto, não aja mais por desejo neste mundo. Ó filho de Pandu, não te dirija para ação neste mundo e por meio disso abandone verdade e sobriedade e franqueza e humanidade. Tu podes realizar os sacrifícios Rajasuya e Aswamedha, mas nem te aproxime de uma ação a qual em si mesma é pecado! Se depois de tal duração de tempo, ó filhos de Pritha, vocês agora cederem ao ódio e cometerem um ato pecaminoso, vocês terão morado em vão, por causa da virtude, por anos e anos nas florestas em semelhante miséria! Foi em vão que vocês foram para o exílio, depois de desistirem de todo o seu exército; pois este exército estava totalmente em seu controle então. E estas pessoas que estão agora ajudando vocês têm sido sempre obedientes a vocês, Krishna, e Satyaki, e Virata do carro dourado da terra Matsya com seu filho na liderança de guerreiros marciais. Todos os reis, antigamente derrotados por vocês teriam abraçado sua causa a princípio. Possuidores de recursos imensos, temidos por todos, tendo um exército, e seguidos por Krishna e Arjuna, vocês poderiam ter matado seus principais inimigos no campo de batalha. Vocês poderiam (então) ter abatido o orgulho de Duryodhana. Ó Pandava, por que você permitiu que seus inimigos se tornassem tão poderosos? Por que vocês enfraqueceram seus amigos? Por que vocês permaneceram nas florestas por anos e anos? Por que vocês estão agora desejosos de lutar, tendo deixado passar a oportunidade apropriada? Um homem imprudente ou um injusto pode ganhar prosperidade por meio de luta; mas um homem sábio e justo livre de orgulho que se dirige para a luta (contra seu melhor instinto) somente decai de um caminho próspero. Ó filho de Pritha, tua mente não se inclina para um comportamento iníquo. Por cólera

você nunca cometeu uma ação pecaminosa. Então qual é a causa, e qual é a razão, pela qual você está agora empenhado em fazer este ato, contra os ditames da sabedoria? Cólera, ó rei poderoso, é uma droga amarga, embora ela não tenha nada a ver com doença; ela causa uma doença da cabeça, despoja uma pessoa de sua fama justa, e leva a ações pecaminosas. Ela é esvaziada (controlada) por aqueles que são justos e não por aqueles que são injustos. Eu peço a você para engoli-la e desistir da guerra. Quem se inclinaria para a cólera que leva ao pecado? Clemência seria mais benéfica para você do que amor aos prazeres onde Bhishma seria morto, e Drona com seu filho, e Kripa, e o filho de Somadatta, e Vikarna e Vivingsati, e Karna e Duryodhana. Tendo matado todos estes, qual felicidade, ó filho de Pritha, você obteria? Diga-me isso! Mesmo tendo ganhado a terra inteira cercada pelo oceano você nunca estará livre de velhice e morte, prazer e dor, felicidade e tristeza. Sabendo tudo isso, não se engaje na guerra. Se você está desejoso de tomar este rumo porque seus conselheiros desejam o mesmo, então abandone (tudo) para eles, e fuja. Você não deve decair deste caminho que conduz à região dos deuses!'"

28

"Yudhishthira disse, 'Sem dúvida, ó Sanjaya, é verdade que atos virtuosos são as principais de todas as nossas ações, como tu disseste. Tu deves, no entanto, me assegurar tendo primeiro averiguado se é virtude ou vício que eu pratico. Quando vício assume o aspecto de virtude e a própria virtude parece inteiramente como vício, e a virtude, além disso, aparece em sua forma inata, aqueles que são eruditos devem discernir isto por meio de sua razão. Assim, novamente, virtude e vício, que são ambos eternos e absolutos, trocam seus aspectos durante épocas de infortúnio. Uma pessoa deve seguir sem desvio os deveres prescritos para a classe à qual ela pertence por nascimento. Saiba, ó Sanjaya, que os deveres em épocas de infortúnio são diferentes. Quando seus meios de subsistência estão totalmente perdidos, o homem que está privado de recursos deve sem dúvida desejar aqueles outros meios pelos quais ele possa ser capaz de cumprir os deveres sancionados de sua classe. Alguém que não está desprovido de seus meios de vida, como também alguém que está em infortúnio, devem, ó Sanjaya, ambos serem culpados se eles agirem como se o estado de cada um fosse outro. Quando o Criador ordenou expiação para aqueles Brahmanas que, sem desejarem autodestruição, se dirigem para ações não sancionadas para eles, isto prova que as pessoas podem, em tempos de infortúnio, se dirigir para ações não ordenadas para as classes às quais elas pertencem. E, ó Sanjaya, tu deves considerar como dignos aqueles que aderem às práticas da sua própria classe em épocas comuns como também aqueles que não aderem a elas em tempos de angústia; tu deves criticar aqueles que agem de outra maneira em tempos comuns enquanto aderindo às suas práticas ordenadas durante tempos de angústia. Com relação aos homens que desejam trazer suas mentes sob controle, quando eles se esforçam para adquirir um conhecimento do eu, as práticas que são ordenadas para os melhores, isto é, os Brahmanas, são igualmente ordenadas para eles.

Com relação àqueles, no entanto, que não são Brahmanas e que não se esforçam para adquirir conhecimento do eu, devem ser seguidas por eles aquelas práticas que estão ordenadas para suas respectivas classes em épocas de infortúnio ou prosperidade. Este mesmo é o caminho seguido por nossos pais e avôs antes de nós e aqueles também que viveram antes deles. Com respeito àqueles que estão desejosos de conhecimento e de evitar agir, até estes também mantém o mesmo ponto de vista e se consideram como ortodoxos. Eu, portanto, não penso que há algum outro caminho. Qualquer riqueza que possa haver nesta terra, qualquer que possa haver entre os deuses, ou qualquer que possa ser alcançável por eles, a região do Prajapati, ou céu ou a região do próprio Brahma, eu, ó Sanjaya, não a procuraria por meios injustos. Aqui está Krishna, o dador de frutos de virtude, que é esperto, prudente, inteligente, que tem servido os Brahmanas, que conhece tudo e aconselha vários reis poderosos. Que o célebre Krishna diga se seria criticável se eu descartasse toda idéia de paz, ou se eu lutasse eu estaria abandonando os deveres da minha casta, pois Krishna busca o bem-estar de ambos os lados. Este Satyaki, estes Chedis, os Andhakas, os Vrishnis, os Bhojas, os Kukuras, os Srinjayas, adotando os conselhos de Krishna, matam seus inimigos e deleitam seus amigos. Os Vrishnis e os Andhakas, em cuja chefia permanece Ugrasena, guiados por Krishna, se tornaram como Indra, dinâmicos, devotados à verdade, poderosos, e felizes. Vabhru, o rei de Kasi, tendo obtido Krishna, aquele frutificador de desejos, como seu irmão, e sobre quem Krishna derrama todas as bênçãos da vida, como as nuvens sobre todas as criaturas terrestres quando a estação quente está terminada, alcançou a maior prosperidade, ó senhor, tão formidável é este Krishna! A ele você deve conhecer como o grande juiz da retidão ou não de todas as ações. Krishna é querido para nós, e é o mais ilustre dos homens. Eu nunca desconsidero o que Krishna diz.'"

29

"Krishna disse, 'Eu desejo, ó Sanjaya, que os filhos de Pandu não sejam arruinados; que eles prosperem, e realizem seus desejos. Similarmente, eu rezo pela prosperidade do rei Dhritarashtra cujos filhos são muitos. Sempre, ó Sanjaya, meu desejo tem sido informar a eles que nada mais do que a paz seria aceitável para o rei Dhritarashtra. Eu também a julgo apropriada para os filhos de Pandu. Uma disposição pacífica de um caráter extremamente raro tem sido mostrada pelo filho de Pandu nesta questão. Quando Dhritarashtra e seus filhos, no entanto, são tão cobiçosos, eu não vejo por que a hostilidade não deveria continuar alta. Tu não podes fingir, ó Sanjaya, ser mais versado do que eu ou Yudhishthira nas sutilezas do certo e errado. Então por que tu falas palavras de repreensão com referência à conduta de Yudhishthira que é empreendedor, consciente do seu próprio dever, e atento, desde o início, ao bem-estar de sua família em conformidade com as injunções (de tratados de moralidade)? Com relação ao tópico à mão, os Brahmanas têm defendido opiniões de vários tipos. Alguns dizem que êxito no mundo seguinte depende de trabalho. Alguns declaram que a ação deve ser evitada e que a salvação é alcançável pelo conhecimento. Os

Brahmanas dizem que embora uma pessoa tenha um conhecimento de coisas comestíveis, ainda assim sua fome não será apaziguada a menos que ela realmente coma. Aqueles ramos de conhecimento que ajudam a execução de trabalho dão resultados, mas não outros tipos, pois o resultado do trabalho é de manifestação ocular. Uma pessoa com sede bebe água, e por meio daquela ação sua sede é aliviada. Este resultado procede, sem dúvida, do trabalho. Nisso jaz a eficácia do trabalho. Se alguém pensa que alguma outra coisa é melhor do que trabalho, eu considero que seu trabalho e suas palavras são sem sentido. No outro mundo, é em virtude do trabalho que os deuses prosperam. É pelo trabalho que o vento sopra. É por virtude do trabalho que o irrequieto Surya se ergue todo dia e se torna a causa do dia e da noite, e Soma passa pelos meses e as quinzenas e as combinações de constelações. O fogo é aceso de si mesmo e queima por virtude do trabalho, fazendo bem para a humanidade. A deusa Terra que não dorme sustenta pela força esta carga muito grande. Os rios que não dormem, dando satisfação para todos os seres (organizados), carregam suas águas com velocidade. O irrequieto Indra, possuidor de uma força imensa, derrama chuva, ressoando o céu e os pontos cardeais. Desejoso de ser o maior dos deuses, ele levou uma vida de austeridades tal como um santo Brahmana leva. Indra abandonou prazer, e todas as coisas agradáveis ao coração. Ele laboriosamente nutriu virtude e veracidade e autocontrole, e clemência, e imparcialidade, e bondade. Foi pelo trabalho que ele alcançou a posição mais alta (de todas). Seguindo a direção de vida acima, Indra alcançou a ilustre soberania sobre os deuses. Vrihaspati, atentamente e com autocontrole, levou de uma maneira apropriada aquela vida de austeridades que um Brahmana leva. Ele abandonou prazer e controlou seus sentidos e assim alcançou a posição de preceptor dos celestiais. Similarmente, as constelações no outro mundo, em virtude do trabalho, e os Rudras, os Adityas, os Vasus, o rei Yama, e Kuvera, e os Gandharvas, os Yakshas, e as ninfas celestes, todos alcançaram sua posição atual por meio do trabalho. No outro mundo, os santos brilham, seguindo uma vida de estudo, austeridade e trabalho (combinados). Sabendo, ó Sanjaya, que esta é a regra seguida pelos melhores dos Brahmanas, e Kshatriyas, e Vaisyas, e tu sendo um dos homens mais sábios, por que tu estás fazendo este esforço em nome daqueles filhos dos Kurus? Tu deves saber que Yudhishthira está constantemente empenhado no estudo dos Vedas. Ele está inclinado ao sacrifício de cavalo e ao Rajasuya. Além disso, ele monta cavalos e elefantes, está vestido em armadura, usa um carro, e leva o arco e todas as espécies de armas. Agora, se os filhos de Pritha pudessem ver um rumo de ação não envolvendo a matança dos filhos de Kuru eles o adotariam. Sua virtude então seria salva, e uma ação de mérito religioso também seria realizada por eles, mesmo se eles tivessem então que forçar Bhima a seguir uma conduta marcada por humanidade. Por outro lado, se ao fazer o que seus antepassados fizeram eles encontrassem a morte sob destino inevitável, então ao tentarem seu máximo para cumprir seu dever, tal morte seria mesmo digna de louvor. Presumindo que tu aprovas somente a paz eu gostaria de ouvir o que tu tens a dizer a esta questão: qual caminho a injunção da lei religiosa declara, isto é, se é apropriado para o rei lutar ou não? Tu deves, ó Sanjaya, levar em consideração a divisão das quatro castas, e o esquema dos respectivos deveres designados para cada uma. Tu deves ouvir aquele curso de

ação que os Pandavas vão adotar. Então tu podes elogiar ou criticar, exatamente como isso possa te agradar. Um Brahmana deve estudar, oferecer sacrifícios, fazer caridades, e viajar para os melhores de todos os lugares santos sobre a terra; ele deve ensinar, ministrar como um sacerdote em sacrifícios oferecidos por outros dignos de tal ajuda, e aceitar doações de pessoas que são conhecidas. Similarmente, um Kshatriya deve proteger o povo de acordo com as injunções da lei, diligentemente praticar a virtude da caridade, oferecer sacrifícios, estudar o Veda inteiro, tomar uma esposa, e levar uma vida virtuosa de chefe de família. Se ele for possuidor de uma alma virtuosa, e se ele praticar as virtudes santas, ele pode facilmente alcançar a religião do Ser Supremo. Um Vaisya deve estudar e diligentemente ganhar e acumular riqueza por meio de comércio, agricultura, e a criação de gado. Ele deve agir de maneira quanto a agradar aos Brahmanas e aos Kshatriyas, ser virtuoso, fazer bons trabalhos, e ser um chefe de família. Os seguintes são os deveres declarados para um Sudra desde os tempos antigos. Ele deve servir os Brahmanas e se submeter a eles; não estudar; sacrifícios estão proibidos para ele; ele deve ser diligente e estar constantemente ativo em fazer tudo o que é para o seu bem. O rei protege todos estes com cuidado (apropriado), e põe todas as castas para realizarem seus respectivos deveres. Ele não deve ser dado a prazeres sensuais. Ele deve ser imparcial, e tratar todos os seus súditos em termos iguais. O rei nunca deve obedecer aos ditames de desejos tais como os que são opostos à virtude. Se houver alguém que seja mais digno de louvor do que ele, que seja bem conhecido e dotado de todas as virtudes, o rei deve instruir seus súditos para vê-lo. Um (rei) mau, no entanto, não compreenderia isso. Se tornando forte e desumano e se tornando um alvo para a ira do destino, ele lançaria um olhar cobiçoso nas riquezas de outros. Então vem a guerra, para qual propósito formaram-se armas, e armaduras, e arcos. Indra inventou estes instrumentos para matar os saqueadores. Ele também idealizou armaduras, e armas, e arcos. Mérito religioso é adquirido por matar os ladrões. Muitos males horríveis têm se manifestado por conta dos Kurus terem sido injustos, e sem consideração pela lei e religião. Isto não é certo, ó Sanjaya. Assim sendo, o rei Dhritarashtra com seus filhos desarrazoadamente se apoderou do que legalmente pertencia ao filho de Pandu. Ele não presta atenção à lei imemorial observável por reis. Todos os Kurus estão seguindo na esteira. Um ladrão que rouba riqueza despercebido e alguém que rouba a mesma à força, na clara luz do dia, devem ambos ser condenados, ó Sanjaya. Qual é a diferença entre eles e os filhos de Dhritarashtra? Por avareza ele considera que é justo aquilo que ele pretende fazer, seguindo os ditames da sua ira. A parte dos Pandavas está, sem dúvida, fixada. Por que aquela parte deles deveria ser arrebatada por aquele tolo? Este sendo o estado de coisas, seria louvável para nós até sermos mortos em combate. Um reino paterno é preferível à soberania recebida de um estranho. Estas regras de lei consagradas pelo tempo, ó Sanjaya, tu deves propor para os Kurus, no meio dos reis reunidos, eu quero dizer aqueles tolos estúpidos que foram reunidos pelo filho de Dhritarashtra, e que já estão sob as garras da morte. Olhe mais uma vez para aquele mais vil de todos os seus atos, o comportamento dos Kurus na sala de conselho. Que aqueles Kurus, em cuja chefia permanecia Bhishma, não interferiram quando a esposa querida dos filhos de Pandu, filha de Drupada, de fama íntegra, vida pura, e conduta digna de elogio, foi agarrada, enquanto

chorava, por aquele escravo da luxúria. Todos os Kurus, incluindo jovens e velhos, estavam presentes lá. Se eles então tivessem impedido aquela indignidade oferecida a ela, então eu teria ficado satisfeito com o comportamento de Dhritarashtra. Isto teria sido para o bem final dos seus filhos também. Dussasana levou Krishna à força para o meio da sala pública na qual estavam sentados seus sogros. Levada para lá, esperando compaixão, ela não encontrou ninguém para tomar seu partido, exceto Vidura. Os reis não proferiram uma palavra de protesto, unicamente porque eles eram um grupo de imbecis. Só Vidura falou palavras de oposição, por um sentido de dever, palavras concebidas em retidão endereçadas àquele homem de pouca inteligência (Duryodhana). Tu, ó Sanjaya, então não disseste o que eram lei e moralidade, mas agora tu vens instruir o filho de Pandu! Krishna, no entanto, tendo se dirigido para a sala naquele momento fez tudo certo, pois como um navio no mar, ela resgatou os Pandavas como também ela mesma daquele oceano (de desgraças) reunido! Então naquela sala, enquanto Krishna resistia, o filho do cocheiro se dirigiu a ela na presença de seus sogros dizendo, 'Ó filha de Drupada, tu não tens proteção. Melhor te dirigires como uma escrava para a casa do filho de Dhritarashtra. Teus maridos, estando derrotados, não existem mais. Tu tens uma alma amorosa, escolha outro para teu marido.' Este discurso, procedendo de Karna, foi uma flecha verbal afiada, cortando todas as esperanças, acertando as partes mais delicadas do organismo, e terrível. Ela se enterrou profundamente no coração de Arjuna. Quando os filhos de Pandu estavam prestes a adotar as roupas feitas das peles de veado preto, Dussasana falou as seguintes palavras pungentes, 'Esses todos são eunucos desprezíveis, arruinados, e condenados por um tempo prolongado.' E Sakuni, o rei da terra Gandhara, falou para Yudhishthira no momento do jogo de dados as palavras seguintes como um truque astuto, 'Nakula foi ganho por mim de você, o que mais você obteve? Agora será melhor você apostar sua esposa Draupadi'. Você conhece, ó Sanjaya, todas essas palavras de um tipo semelhante as quais foram faladas no momento do jogo de dados. Eu desejo ir pessoalmente aos Kurus para decidir esta questão difícil. Se sem dano para a causa Pandava eu conseguir ocasionar esta paz com os Kurus, uma ação de mérito religioso, resultando em bênçãos muito grandes, então terá sido feita por mim; e os Kurus também terão sido libertados das redes da morte. Eu espero que quando eu falar para os Kurus palavras de sabedoria, apoiadas em regras de retidão, palavras repletas de sentido e livres de toda tendência para desumanidade, o filho de Dhritarashtra, na minha presença, preste atenção a elas. Eu espero que quanto eu chegar os Kurus me prestem o devido respeito. Do contrário tu podes ter certeza de que aqueles filhos viciosos de Dhritarashtra, já chamuscados por suas próprias ações violentas serão queimados por Arjuna e Bhima prontos para batalha. Quando os filhos de Pandu foram derrotados (no jogo), os filhos de Dhritarashtra falaram para eles palavras que eram rudes e cruéis. Mas quando chegar a hora, Bhima sem dúvida cuidará de lembrar Duryodhana daquelas palavras. Duryodhana é uma árvore grande de maus sentimentos; Karna é seu tronco; Sakuni é seus ramos; Dussasana forma suas abundantes flores e frutas; (enquanto) o rei sábio Dhritarashtra é suas raízes. Yudhishthira é uma árvore grande de justiça; Arjuna é seu tronco; e Bhima é seus ramos; os filhos de Madri são suas flores e frutas abundantes; e suas raízes são eu mesmo e religião e homens religiosos. O rei Dhritarashtra com seus filhos

constitui uma floresta, enquanto, ó Sanjaya, os filhos de Pandu são seus tigres. Não, oh, derrube a floresta com seus tigres, e que os tigres não sejam expulsos da floresta. O tigre, fora das florestas, é morto facilmente; a floresta também, que está sem um tigre, é facilmente derrubada. Portanto, é o tigre que protege a floresta e a floresta que abriga o tigre. Os Dhritarashtras são como trepadeiras, enquanto, ó Sanjaya, os Pandavas são árvores Sala. Uma trepadeira nunca pode florescer a menos que ela tenha uma grande árvore para se enrolar em volta. Os filhos de Pritha estão preparados para servir Dhritarashtra como, de fato, aqueles repressores de inimigos estão preparados para a guerra. Que o rei Dhritarashtra agora faça o que é apropriado para ele fazer. Os filhos virtuosos e de grande alma de Pandu, embora competentes para se engajarem em combate, agora ainda estão em paz (com seus primos). Ó homem erudito, relate tudo isto realmente (para Dhritarashtra).'"

30

"Sanjaya disse, 'Eu me despeço de ti, ó divino soberano de homens. Eu partirei agora, ó filho de Pandu. Que a prosperidade seja tua. Eu espero que, levado pelos sentimentos do meu coração, eu não tenha feito sentir qualquer coisa ofensiva. Eu também me despedirei de Janardana, de Bhima e Arjuna, dos filhos de Madri, de Satyaki, e de Chekitana, e partirei. Que paz e felicidade sejam suas. Que todos os reis olhem para mim com olhos de simpatia.'"

"Yudhishthira disse, 'Permitido por nós, ó Sanjaya, parta. Paz para ti! Ó homem erudito, tu nunca pensaste mal de nós. Ambos eles e nós sabemos que tu és uma pessoa de coração puro no meio de todos na corte (dos Kurus). Além disso, sendo um embaixador agora, ó Sanjaya, tu és fiel, querido por nós, de discurso agradável e conduta excelente, e bem intencionado em direção a nós. Tua mente nunca é nublada, e mesmo se endereçado severamente tu nunca és induzido à cólera. Ó Suta, tu nunca proferes palavras duras e mordazes, ou aquelas que são falsas ou amargas. Nós sabemos que tuas palavras, livres de malícia, estão sempre repletas de moralidade e grave importância. Entre os enviados tu és o mais querido para nós. Além de ti, há outro que pode vir aqui, e este é Vidura. Antigamente, nós sempre costumávamos te ver. Tu és, de fato, um amigo para nós tão querido quanto Dhananjaya. Prosseguindo daqui, ó Sanjaya, com toda velocidade, tu deves visitar respeitosamente aqueles Brahmanas de energia pura e dedicados ao estudo segundo o modo Brahmacharya, aqueles, a saber, que são dedicados ao estudo dos Vedas enquanto levam vidas de mendicância, aqueles ascetas que habitualmente moram nas florestas, como também os idosos de outras classes, devem todos ser endereçados por ti em meu nome, ó Sanjaya, e então tu deves perguntar sobre seu bem-estar. Ó Suta, indo ao sacerdote do rei Dhritarashtra como também aos seus preceptores e Ritwijas, tu deves te dirigir a eles e perguntar pelo seu bem-estar. Mesmo aqueles entre eles que embora não bem nascidos são pelo menos idosos, dotados de energia, e possuidores de bom comportamento e força, que recordando falam de nós e praticam segundo seu poder até a menor virtude, devem ser primeiro informados de minha paz, ó

Sanjaya, e então tu deves perguntar sobre seu bem-estar. Tu deves também perguntar pelo bem-estar daqueles que vivem no reino mantendo comércio em andamento, e daqueles que vivem lá ocupando importantes postos de estado. Nosso querido preceptor Drona, que é totalmente versado em moralidade, que é nosso conselheiro, que tem praticado o voto Brahmacharya para dominar a fundo os Vedas, que uma vez mais fez a ciência de armas inteira e completa, e que está sempre inclinado com benevolência em direção a nós, deve ser saudado por ti em nosso nome. Tu deves também perguntar pelo bem-estar de Aswatthaman, dotado de grande erudição, dedicado ao estudo dos Vedas, levando o modo de vida Brahmacharya, possuidor de grande energia, e semelhante a um jovem da raça Gandharva, e que, além disso, novamente fez a ciência de armas inteira e completa. Tu deves também, ó Sanjaya, te dirigir à residência de Kripa, o filho de Saradwat, aquele poderoso guerreiro em carro e principal de todas as pessoas que têm conhecimento do eu, e saudando-o repetidamente em meu nome tocar seus pés com tua mão. Tu deves também, tocando seus pés, me descrever como com saúde para aquele principal dos Kurus, Bhishma, em quem estão combinados coragem, e abstenção de ferir, e ascetismo, e sabedoria e bom comportamento, e saber Védico, e grande excelência, e firmeza. Saudando também aquele rei sábio, venerável, e cego (Dhritarashtra), que, possuidor de grande erudição e respeitoso para os idosos, é o líder dos Kurus, tu deves também, ó Sanjaya, perguntar, ó senhor, acerca do bem-estar do mais velho dos filhos de Dhritarashtra, Suyodhana, que é perverso e ignorante e enganoso e vicioso, e que agora governa o mundo inteiro. Tu deves também perguntar sobre o bem-estar até do pecaminoso Dussasana, aquele arqueiro poderoso e herói entre os Kurus, que é o mais novo de Duryodhana e que possui um caráter semelhante ao de seu irmão mais velho. Tu deves, ó Sanjaya, também saudar o chefe sábio dos Vahlikas, que sempre nutre o único desejo que haja paz entre os Bharatas. Eu penso que tu deves também reverenciar aquele Somadatta que é dotado de numerosas qualidades excelentes, que é sábio e possui um coração piedoso, e que por sua afeição pelos Kurus sempre controla sua raiva em direção a eles. O filho de Somadatta é digno da maior reverência entre os Kurus. Ele é meu amigo e é um irmão para nós. Um arqueiro poderoso e o principal dos guerreiros em carros, ele é digno sob todos os pontos de vista. Tu deves, ó Sanjaya, perguntar pelo bem-estar dele junto com o de seus amigos e conselheiros. Há outros que são jovens e de consideração entre os Kurus, que têm uma relação conosco como aquela de filhos, netos, e irmãos. Para cada um desses tu deves falar palavras que tu consideres apropriadas, perguntando, ó Suta, sobre seu bem-estar. Tu deves também perguntar acerca do bem-estar daqueles reis que foram reunidos pelo filho de Dhritarashtra para lutar com os Pandavas, ou seja, os Kekayas, os Vasatis, os Salwakas, os Amvashthas, e os principais Trigartas, e daqueles dotados de grande coragem que vieram do leste, do norte, do sul, e do oeste, e daqueles que vieram de países montanhosos, realmente, de todos entre eles que não são cruéis e levam vidas boas. Tu deves também relatar para todas aquelas pessoas que montam em elefantes, e cavalos e carros, e que lutam a pé, aquela hoste imensa composta de homens honrados, que eu estou bem, e então tu deves perguntar acerca do próprio bem-estar deles. Tu deves também perguntar sobre o bem-estar daqueles que servem o rei na questão de sua receita ou como seus

porteiros, ou como os líderes de suas tropas, ou como os contadores de sua renda e despesas, ou como oficiais constantemente ocupados em cuidar de outros assuntos importantes. Tu deves, ó senhor, também perguntar sobre o bem-estar do filho de Dhritarashtra com sua esposa Vaisya, aquele jovem que é um dos melhores da família Kuru, que nunca cai em erro, que possui sabedoria vasta, que é dotado de todas as virtudes, e que nunca nutre uma simpatia por esta guerra! Tu deves também perguntar acerca do bem-estar de Chitrasena que é incomparável nos truques do jogo de dados, cujos truques nunca são descobertos por outros, que joga bem, que é bem versado na arte de manejar os dados, e que é invencível em jogo, mas não em luta. Tu deves também, ó senhor, inquirir acerca do bem-estar de Sakuni, o rei dos Gandharas, aquele nativo do país montanhoso, que é sem igual em jogos fraudulentos de dados, que ressalta o orgulho do filho de Dhritarashtra, e cuja mente naturalmente leva à falsidade. Tu deves também inquirir sobre o bem-estar de Karna, o filho de Vikartana, aquele herói que está disposto a vencer, sozinho e sem ajuda, em seu carro, os Pandavas a quem ninguém ousa atacar em batalha, aquele Karna que é sem paralelo em iludir aqueles que já estão iludidos. Tu deves também indagar acerca do bem-estar de Vidura, ó senhor, que sozinho é dedicado a nós, que é nosso instrutor, que nos criou, que é nosso pai e mãe e amigo, cuja inteligência acha obstrução em nada, cuja compreensão chega longe, e que é nosso conselheiro. Tu deves também saudar todas as damas idosas e aquelas que são conhecidas como possuidoras de mérito, e aquelas que são como mães para nós, encontrando elas juntas em um lugar, tu deves dizer a elas, ó Sanjaya, estas palavras a princípio, ‘Ó mães de filhos vivos, eu espero que seus filhos se comportem em direção a vocês de uma maneira boa, atenciosa, e digna.’ Tu deves então dizer a elas que Yudhishthira está passando bem com seus filhos. Àquelas damas, ó Sanjaya, que estão na posição de nossas esposas, tu deves perguntar quanto ao seu bem-estar também se dirigindo a elas nestas palavras, ‘Eu espero que vocês estejam bem protegidas. Eu espero que sua fama íntegra não tenha sofrido injúria. Eu espero que vocês estejam morando dentro de suas residências irrepreensivelmente e cuidadosamente. Eu espero que vocês estejam se comportando com seus sogros de uma maneira boa, louvável e atenciosa. Vocês devem adotar firmemente tal conduta para si mesmas que ajudará vocês a ganharem o favor de seus maridos!’ Aquelas jovens damas, ó Sanjaya, que têm uma relação conosco semelhante àquela de nossas noras, que foram trazidas de famílias nobres, que são possuidoras de mérito e que são mães de crianças, tu deves encontrar elas todas e dizer a elas que Yudhishthira lhes envia seus bons cumprimentos. Tu deves, ó Sanjaya, abraçar as filhas de sua casa, e deves perguntar a elas acerca de seu bem-estar em meu nome. Tu deves dizer a elas, ‘Que seus maridos sejam bondosos e agradáveis; que vocês sejam agradáveis para seus maridos; que vocês tenham ornamentos e roupas e perfumaria e limpeza; que vocês sejam felizes e tenham à sua disposição as alegrias da vida; que suas aparências sejam atraentes e suas palavras agradáveis’; tu deves perguntar, ó senhor, às mulheres da casa quanto ao seu bem-estar. Tu deves também relatar para as criadas e criados lá, que sejam dos Kurus, e também para os muitos corcundas e coxos entre eles, que eu estou passando bem, e tu deves então questioná-los sobre seu bem-estar. Tu deves dizer a eles, ‘Eu espero que o filho de Dhritarashtra ainda

conceda o mesmo bom tratamento a vocês. Eu espero que ele dê a vocês os confortos da vida.' Tu deves também relatar para aqueles que são defeituosos em membros, para aqueles que são imbecis, para os anões a quem Dhritarashtra dá comida e vestuário por motivos de filantropia, aqueles que são cegos, e todos aqueles que são idosos, como também para os muitos que têm o uso somente de suas mãos sendo desprovidos de pernas, que eu estou passando bem, e que eu lhes pergunto com relação ao seu bem-estar, se dirigindo a eles nas seguintes palavras, 'Não temam, nem fiquem desanimados por conta de suas vidas tristes tão cheias de sofrimentos; sem dúvida, pecados devem ter sido cometidos por você sem suas vidas anteriores. Quando eu controlar meus inimigos, e encantar meus amigos, eu satisfarei vocês por meio de doações de alimento e roupas.' Tu deves também, ó senhor, a nosso pedido, perguntar pelo bem-estar daqueles que são desamparados e fracos, e daqueles que se esforçam em vão para ganhar a vida, e daqueles que são ignorantes, realmente, de todas aquelas pessoas que estão em circunstâncias deploráveis. Ó quadrigário, encontrando aqueles outros que, vindo de diferentes quadrantes, procuraram a proteção dos Dhritarashtras, e realmente, todos os que merecem nossos cumprimentos, tu deves também perguntar sobre seu bem-estar e paz. Tu deves também inquirir acerca do bem-estar daqueles que foram aos Kurus por iniciativa própria ou que foram convidados, como também de todos os embaixadores chegados de todos os lados e então relatar para eles que eu estou bem. Com relação aos guerreiros que foram obtidos pelo filho de Dhritarashtra, não há ninguém igual a eles sobre a terra. A virtude, no entanto, é eterna, e a virtude é meu poder para a destruição de meus inimigos. Tu deves, ó Sanjaya, também relatar para Suyodhana, o filho de Dhritarashtra, o seguinte, 'Aquele teu desejo que atormenta teu coração, ou seja, o desejo de governar os Kurus sem um rival é muito irracional. Isto não teve justificação. Quanto a nós, nós nunca agiremos de maneira a fazer qualquer coisa que possa ser desagradável para ti! Ó principal dos heróis entre os Bharatas, ou dê-me de volta minha própria Indraprastha ou lute comigo!'"

31

"Yudhishthira disse, 'Ó Sanjaya, os justos e os injustos, os jovens e os velhos, os fracos e os fortes, estão todos sob o controle do Criador. É aquele Senhor Supremo quem dá conhecimento à criança e criancice ao erudito, segundo sua própria vontade. Se Dhritarashtra te perguntar a respeito da nossa força, diga a ele tudo verdadeiramente, tendo alegremente consultado com todo mundo aqui e averiguado a verdade. Ó filho de Gavalgana, te dirigindo aos Kurus, tu deves saudar o poderoso Dhritarashtra, e tocando seus pés perguntar sobre seu bem-estar falando em nosso nome. E quando sentado no meio dos Kurus, diga a ele de nós: 'Os filhos de Pandu, ó rei, estão vivendo felizmente pela tua coragem. Foi pela tua graça, ó repressor de inimigos, que aquelas jovens meninos obtiveram um reino. Tendo primeiro concedido um reino a eles, tu não deves agora ser indiferente a eles, pois a destruição então os tragaria!' Este reino inteiro, ó Sanjaya, não é adequado para ser possuído por uma pessoa. Diga a ele

novamente, de nós. ‘Ó majestade, nós desejamos viver unidos. Não te permitas ser derrotado por inimigos.’ Tu deves também, ó Sanjaya, inclinando tua cabeça, em meu nome cumprimentar o avô dos Bharatas, Bhishma, o filho de Santanu. Tendo saudado nosso avô, a ele deve então ser dito, ‘Por ti, quando a linhagem de Santanu estava prestes a ser extinta, ela foi restabelecida. Portanto, ó senhor, faça segundo o teu próprio julgamento aquilo pelo qual os teus netos possam todos viver em harmonia uns com os outros.’ Tu deves então te dirigir a Vidura também, aquele conselheiro dos Kurus, dizendo, ‘Aconselhe paz, ó amável, pelo desejo de fazer bem para Yudhishthira.’ Tu deves te dirigir ao inclemente príncipe Duryodhana também, quando sentado no meio dos Kurus, suplicando-o repetidas vezes, dizendo, ‘Os insultos que tu ofereceste para a inocente e desamparada Draupadi no meio da assembléia nós toleraremos quietamente, simplesmente porque nós não temos desejo de ver os Kurus mortos. As outras injúrias também, antes e depois disso, os filhos de Pandu estão aguentando calmamente, embora eles sejam possuidores de poder para vingá-las. Tudo isso, de fato, os Kauravas sabem. Ó amável, tu mesmo nos exilaste vestidos em peles de veado. Nós estamos tolerando aquilo também porque nós não queremos ver os Kurus mortos. Dussasana, em obediência a ti arrastou Krishna, desrespeitando Kunti. Aquela ação também será perdoada por nós. Mas, ó castigador de inimigos, nós devemos ter nossa própria parte do reino. Ó touro entre homens, desvie o teu coração cobiçoso do que pertence a outros. Haverá paz então, ó rei, entre nossas pessoas satisfeitas. Nós estamos desejosos de paz; nos dê até uma única província do império. Nos dê mesmo Kusasthala, Vrikasthala, Makandi, Varanavata, e como a quinta alguma outra que tu queiras. Assim mesmo terminará a disputa. Ó Suyodhana, dê para teus cinco irmãos ao menos cinco aldeias.’ Ó Sanjaya, ó tu de grande sabedoria, que haja paz entre nós e nossos primos. Diga a ele também, ‘Que irmãos sigam irmãos, que pais se unam com filhos. Que os Panchalas se misturem com os Kurus em riso alegre. Que eu possa ver os Kurus e os Panchalas inteiros e sãos é o que eu desejo. Ó touro da raça Bharata, com corações alegres que nós façamos as pazes.’ Ó Sanjaya, eu sou igualmente capaz de guerra e paz. Eu estou preparado para obter riqueza assim como para ganhar virtude. Eu sou apto o bastante para severidade quanto para suavidade.'"

32

"Vaisampayana disse, 'Despedido com saudação pelos Pandavas, Sanjaya partiu para (Hastinapura) tendo executado todas as ordens do ilustre Dhritarashtra. Alcançando Hastinapura ele rapidamente entrou nela e se apresentou no portão dos aposentos internos do palácio. Se dirigindo ao porteiro, ele disse, 'Ó guarda do portão, diga para Dhritarashtra que eu, Sanjaya, acabei de chegar, vindo dos filhos de Pandu. Não demore. Se o rei estiver acordado, então somente tu deves falar assim, ó guarda, pois eu gosto de entrar tendo primeiro o informado da minha chegada. No presente caso eu tenho uma coisa de importância muito grande para comunicar.' Ouvindo isto, o guarda do portão foi ao rei e se dirigiu a ele, dizendo, 'Ó senhor da terra, eu te reverencio. Sanjaya está

nos teus portões, desejoso de ver-te. Ele vem trazendo uma mensagem dos Pandavas. Emita tuas ordens, ó rei, quanto ao que ele deve fazer.'

O rei disse, 'Diga a Sanjaya que eu estou feliz e saudável. Deixe-o entrar. Boas vindas a Sanjaya. Eu estou sempre pronto para recebê-lo. Por que deveria ficar do lado de fora aquele cuja admissão nunca é proibida?'"

"Vaisampayana continuou, 'Então, com a permissão do rei, tendo entrado naquele aposento espaçoso, o filho de Suta, com mãos unidas, se aproximou do filho nobre de Vichitravirya que era protegido por muitas pessoas sábias, valentes, e virtuosas, e que estava então sentado em seu trono. E Sanjaya se dirigiu a ele, dizendo, 'Eu sou Sanjaya, ó rei. Eu te reverencio. Ó chefe de homens, procedendo daqui eu encontrei os filhos de Pandu. Depois de ter prestado seus cumprimentos para ti, o filho de Pandu, o inteligente Yudhishthira, perguntou sobre teu bem-estar. E bem satisfeito, ele também perguntou pelos teus filhos, e perguntou se tu estás feliz com teus filhos e netos e amigos e conselheiros, e, ó rei, todos aqueles que dependem de ti.'

Dhritarashtra disse, 'Ó filho, dando minhas bênçãos para Ajatasatru, eu te pergunto, ó Sanjaya, se aquele rei dos Kauravas, o filho de Pritha, está bem com seus filhos e irmãos e conselheiros.'

Sanjaya disse, 'O filho de Pandu está bem com seus conselheiros. Ele deseja a posse daquilo que ele antigamente tinha como seu. Ele procura virtude e riqueza sem fazer qualquer coisa que seja censurável, possui inteligência e vasta erudição, e é, além disso, perspicaz e de disposição excelente. Para aquele filho de Pandu, abstenção de injúria é superior até à virtude, e a virtude superior ao acúmulo de riqueza. A mente dele, ó Bharata, está sempre inclinada para felicidade e alegria, e para tal rumo de ação que é virtuoso e conducente aos fins superiores da vida. Assim como um boneco puxado para esta direção e aquela por meio de fios, o homem (neste mundo) se move, controlado por uma força não sua própria. Vendo os sofrimentos de Yudhishthira, eu considero a força do destino como superior ao efeito do esforço humano. Vendo também teus feitos indignos, os quais, além disso, sendo altamente pecaminosos e indizíveis, sem dúvida terminarão em miséria, me parece que alguém da tua natureza ganha louvor somente enquanto seu inimigo capaz espera o momento propício. Renunciando a todo o pecado, assim como uma serpente rejeita sua pele desgastada a qual ela não pode mais reter, o heróico Ajatasatru brilha em sua perfeição natural, deixando sua carga de pecados ser carregada por ti. Considere, ó rei, tuas próprias ações que são contrárias à religião e lucro, e ao comportamento daqueles que são justos. Tu, ó rei, ganhaste uma má reputação neste mundo, e colherás miséria no próximo. Obedecendo aos conselhos do teu filho tu esperas desfrutar desta propriedade duvidosa, mantendo eles à distância. Este ato injusto é ruidosamente espalhado no mundo. Portanto, ó principal dos Bharatas, este feito é indigno de ti. A calamidade traga aquele que é falho em sabedoria, ou que é de nascimento inferior, ou que é cruel, ou que nutre hostilidade por muito tempo, ou que não é firme nas virtudes Kshatriya, ou é desprovido de energia, ou é de uma disposição má, realmente, aquele que tem tais marcas. É em virtude de sorte que

uma pessoa toma seu nascimento em boa família, ou se torna forte, ou famosa, ou versada em muitas tradições, ou possuidora dos confortos da vida, ou se torna capaz de subjugar seus sentidos, ou discriminar virtude e vício que estão sempre ligados juntos. Que pessoa há que, servida pelos principais dos conselheiros, possuidora de inteligência, capaz de fazer distinção entre virtude e vício em tempos de infortúnio, não desprovida dos rituais de religião, e retendo o uso de todas as suas faculdades, cometeria atos cruéis? Esses conselheiros, sempre dedicados ao teu trabalho, esperam aqui reunidos. Esta mesma é a determinação firme deles (isto é, que os Pandavas não devem obter de volta sua parte). A destruição dos Kurus, portanto, é certa de ser ocasionada pela força das circunstâncias. Se, provocado pelas ofensas, Yudhishthira desejar miséria para ti, então os Kurus serão destruídos prematuramente, enquanto, dando todos os seus pecados para ti, a culpa daquele feito será tua neste mundo. De fato, o que mais há exceto a vontade dos Deuses? Pois Arjuna, o filho de Pritha, deixando este mundo ascendeu aos próprios céus e foi honrado imensamente lá. Isto comprova que esforço individual não é nada. Há, sem dúvida, (mais) quanto a isto. Vendo que os atributos de nascimento elevado, coragem, etc., dependiam das ações para seu desenvolvimento ou não, e vendo também prosperidade e adversidade e estabilidade e instabilidade (em pessoas e suas posses), o rei Vali, em sua busca de causas, tendo fracassado em descobrir um início (na corrente de ações de vidas antigas uma antes da outra), considerou a Essência eterna como a causa de tudo. A visão, a audição, o olfato, o tato, e o paladar, estas são as portas do conhecimento de uma pessoa. Se o desejo fosse refreado, estes estariam satisfeitos por si mesmos. Portanto, alegremente e sem se lamentar uma pessoa deve controlar os sentidos. Há outros que pensam de outro modo. Eles afirmam que se as ações de uma pessoa são bem aplicadas elas devem produzir o resultado desejado. Dessa maneira a criança gerada pela ação da mãe e do pai cresce quando devidamente cuidada com alimento e bebida. Homens neste mundo se tornam sujeitos a amor e ódio, prazer e dor, louvor e crítica. Um homem é elogiado quando ele se comporta honestamente. Eu critico a ti, já que estas dissensões dos Bharatas (cuja causa és tu) certamente causarão a destruição de inúmeras vidas. Se a paz não for firmada, então por tua falha Arjuna consumirá os Kurus como um fogo ardente consumindo uma pilha de grama seca. Ó soberano de homens, só tu de todo o mundo, te sujeitando ao teu filho a quem nenhuma restrição pode refrear, te consideraste como coroado com êxito e te abstiveste de evitar a disputa no momento da partida com dados. Veja agora o resultado daquela (tua fraqueza)! Ó monarca, por rejeitar conselheiros que são fiéis e aceitando aqueles que não merecem confiança, este império extenso e próspero, ó filho de Kuru, tu és incapaz de manter devido à tua fraqueza. Cansado por causa da minha viagem rápida e muitíssimo fatigado, eu peço tua permissão para ir dormir agora, ó leão de homens, pois amanhã de manhã os Kurus, reunidos na sala do conselho, ouvirão as palavras de Ajatasatru.'"

33

"Vaisampayana disse, 'O rei Dhritarashtra dotado de grande sabedoria (então) disse ao ordenança em serviço, 'Eu desejo ver Vidura. Traga-o aqui sem demora.' Despachado por Dhritarashtra, o mensageiro foi até Kshatri e disse, 'Ó tu de grande sabedoria, nosso senhor o rei poderoso deseja te ver.' Assim endereçado, Vidura (saiu e) chegando ao palácio, falou para o ordenança, 'Informe Dhritarashtra da minha chegada.' Nisso o ordenança foi até Dhritarashtra, e disse, 'Ó principal dos reis, Vidura está aqui por tua ordem. Ele deseja ver teus pés. Ordene-me quanto ao que ele deve fazer.' Nisso Dhritarashtra disse, 'Deixe Vidura de grande sabedoria e previdência entrar. Eu nunca estou sem vontade ou despreparado para ver Vidura.' O ordenança então saiu e falou para Vidura, 'Ó Kshatri, entre nos aposentos internos do rei sábio. O rei diz que ele nunca está sem vontade de te ver.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo entrado no aposento de Dhritarashtra, Vidura disse com mãos unidas para aquele soberano de homens que estava então mergulhado em pensamentos, 'Ó tu de grande sabedoria, eu sou Vidura, chegado aqui por tua ordem. Se há alguma coisa a ser feita, eu aqui estou, ordene-me!'

Dhritarashtra disse, 'Ó Vidura, Sanjaya voltou. Ele foi embora depois de me repreender. Amanhã ele entregará, no meio da corte, a mensagem de Ajatasatru. Eu não fui capaz hoje de averiguar qual é a mensagem do herói Kuru. Portanto, meu corpo está ardente, e isto produziu insônia. Diga-nos o que pode ser bom para uma pessoa que está irrequieta e ansiosa. Tu és, ó filho, versado em religião e lucro. Desde que Sanjaya voltou dos Pandavas meu coração não conhece paz. Cheio de ansiedade acerca do que ele possa proferir, todos os meus sentidos estão desordenados.'

Vidura disse, 'Insônia toma conta do ladrão, de uma pessoa lasciva, daquele que perdeu toda sua riqueza, daquele que fracassou em alcançar sucesso, e também daquele que é fraco e tem sido atacado por uma pessoa forte. Eu espero, ó rei, que nenhuma destas graves calamidades tenha te alcançado. Eu espero que tu não te aflijas, cobiçando a riqueza de outros.'

Dhritarashtra disse, 'Eu desejo ouvir de ti palavras que sejam benéficas e repletas de moralidade superior. Nesta linhagem de Rishis nobres só tu és reverenciado pelos sábios.' Vidura respondeu, 'O rei (Yudhishthira), agraciado com todas as virtudes, é digno de ser o soberano dos três mundos; porém, ó Dhritarashtra, embora digno de ser mantido ao teu lado, ele foi exilado por ti. Tu és, no entanto, possuidor de qualidades que são o próprio inverso daquelas possuídas por ele. Embora virtuoso e versado em moralidade, tu ainda assim não tens direito a uma parte no reino devido à tua perda de visão. Por sua inofensividade e bondade, sua retidão, amor à verdade e energia, e por ele ter em mente a reverência que é devida a ti, Yudhishthira pacientemente tolera males inumeráveis. Tendo concedido a Duryodhana e ao filho de Suvala e Karna e Dussasana a administração do império, como tu podes esperar por prosperidade? Aquele que não é desviado dos objetivos superiores da vida pela ajuda do

autoconhecimento, esforço, paciência e firmeza em virtude, é chamado de sábio. Estes, além disso, são os sinais de um homem sábio, ou seja: aderência às ações, merecimento de louvor, rejeição do que é culpável, fé e reverência. Aquele a quem nem raiva nem alegria, nem orgulho, nem falsa modéstia, nem estupor, nem vaidade podem afastar dos fins sublimes da vida é considerado como sábio. Aquele cujas ações planejadas e conselhos propostos permanecem ocultados de inimigos, e cujas ações se tornam conhecidas somente depois que elas estão feitas, é considerado sábio. Aquele cujas ações intentadas nunca são obstruídas por calor ou frio, medo de ligação, prosperidade ou adversidade, é considerado sábio. Aquele cujo julgamento dissociado de desejo vai atrás de virtude e lucro, e que desconsiderando prazer escolhe objetivos que são úteis em ambos os mundos, é considerado sábio. Aqueles que se esforçam com todas as forças, e agem também com todas as forças, e que não desprezam nada como insignificante, são chamados de sábios. Aquele que compreende rapidamente, ouve pacientemente, busca seus objetivos com juízo e não por causa do desejo e não gasta seu fôlego nos assuntos de outros sem ser perguntado, é considerado como possuidor do principal sinal de sabedoria. Aqueles que não se esforçam por objetivos que são inalcançáveis, que não se afligem pelo que está perdido e passado, que não permitem que suas mentes sejam nubladas em meio a calamidades, são considerados possuidores de intelectos dotados de sabedoria. Aquele que se esforça, tendo começado alguma coisa, até que ela esteja terminada, que nunca perde seu tempo, e que tem sua alma sob controle, é considerado sábio. Aqueles que são sábios, ó touro da raça Bharata, sempre se deleitam em atos honestos, fazem o que tende para sua felicidade e prosperidade, e nunca olham com desprezo para o que é bom. Aquele que não exulta por causa de honras, e não se aflige por causa de desfeitas, e permanece calmo e não agitado como um lago no curso do Ganga, é considerado sábio. Aquele homem que conhece a natureza de todas as criaturas (isto é, que tudo está sujeito à destruição), que é ciente também das conexões de todas as ações, e que é proficiente no conhecimento dos meios aos quais os homens podem recorrer (para alcançar seus objetivos), é considerado sábio. Aquele que fala corajosamente, pode conversar sobre vários assuntos, conhece a ciência de argumentação, possui força de espírito, e pode interpretar o significado do que está escrito em livros, é considerado sábio. Aquele cujos estudos são regulados pela razão, e cuja razão segue as escrituras, e que nunca se abstém de prestar respeito àqueles que são bons, é chamado de homem sábio. Aquele, por outro lado, que é ignorante das escrituras, contudo vaidoso, pobre, contudo orgulhoso, e que recorre a meios injustos para a aquisição de seus objetos, é um tolo. Aquele que, abandonando os seus próprios se ocupa com os objetivos de outros, e que pratica meios fraudulentos para servir seus amigos, é chamado de tolo. Aquele que deseja aquelas coisas que não devem ser desejadas, e abandona aquelas que podem legitimamente ser desejadas, e que tem malícia em direção àqueles que são poderosos, é considerado como uma alma tola. Aquele que considera seu inimigo como seu amigo, que odeia e tem malícia em direção ao seu amigo, e que comete atos pecaminosos, é citado como uma pessoa de alma tola. Ó touro da raça Bharata, aquele que divulga seus projetos, duvida de todas as coisas, e gasta muito tempo em fazer o que requere um tempo curto, é um tolo. Aquele que não

realiza o Sraddha para os Pitris, nem cultua as divindades, nem adquire amigos de mente nobre, é citado como uma pessoa de alma tola. Aquele pior dos homens que entra em um lugar sem ser convidado, e fala muito sem ser pedido, e deposita confiança em indivíduos indignos de confiança, é um tolo. Aquele homem que sendo ele mesmo culpado joga a culpa em outros, e que embora impotente dá vazão à raiva, é o mais tolo dos homens. Aquele homem que, sem conhecer sua própria força e dissociado de virtude e lucro deseja um objeto de aquisição difícil, além disso, sem adotar meios adequados, é citado como desprovido de inteligência. Ó rei, aquele que pune alguém que não é merecedor de punição, presta homenagem para pessoas sem o conhecimento delas, e serve avaros, é citado como de pouca compreensão. Mas aquele que, tendo obtido riqueza imensa e prosperidade ou adquirido (vasta) erudição não se comporta soberbamente é considerado como sábio. Quem, além disso, é mais cruel do que aquele que, embora possuidor de riqueza, come e usa mantos excelentes sem distribuir sua riqueza entre seus dependentes? Enquanto uma pessoa comete pecados, muitos colhem a vantagem resultante disso; (contudo no fim) é somente o fazedor a quem o pecado se vincula enquanto aqueles que desfrutam do resultado escapam ilesos. Quando um arqueiro atira uma flecha, ele pode ou não pode ter êxito em matar nem uma única pessoa, mas quando um indivíduo inteligente aplica sua inteligência (malvadamente), isto pode destruir um reino inteiro com o rei. Discriminando os dois por meio do um, traga sob tua submissão os três por meio dos quatro, e também conquistando os cinco e conhecendo os seis, e te abstendo dos sete, seja feliz. Veneno mata somente uma pessoa, e uma arma também somente uma; maus conselhos, no entanto, destroem um reino inteiro com rei e súditos. Sozinha uma pessoa não deve partilhar de alguma iguaria saborosa, nem refletir sozinha sobre assuntos de ganho, nem ir sozinha em uma viagem, nem permanecer desperta sozinha entre companheiros adormecidos. Aquele Ser que é Um sem um segundo, e o qual, ó rei, tu não tens sido capaz de compreender, é a própria Verdade e o Caminho para o céu, assim como um navio no oceano. Há um único defeito em pessoas clementes, e nenhum outro; aquele defeito é que as pessoas tomam uma pessoa clemente como sendo fraca. Aquele defeito, no entanto, não deve ser levado em consideração, pois clemência é um grande poder. Clemência é uma virtude dos fracos, e um ornamento dos fortes. Clemência subjuga (tudo) neste mundo; o que há que o perdão não possa realizar? O que uma pessoa má pode fazer àquele que leva o sabre do perdão em sua mão? Fogo caindo em um solo sem grama é extinto por si mesmo. Um indivíduo rancoroso polui a si mesmo com muitas barbaridades. Virtude é o maior bem; e perdão é a paz suprema; conhecimento é o contentamento supremo; e benevolência, uma felicidade única. Assim como uma serpente devora animais que vivem em buracos, a terra devora esses dois, isto é, um rei que é incompetente para lutar, e um Brahmana que não viaja para lugares sagrados. Um homem pode alcançar renome neste mundo por fazer duas coisas, isto é, por se abster de palavras duras, e por desconsiderar aqueles que são perversos. Ó tigre entre homens, esses dois não têm vontade própria: aquelas mulheres que cobiçam homens simplesmente porque os últimos são cobiçados por outras de seu sexo, e aquela pessoa que venera outra simplesmente porque a última é idolatrada por outras. Esses dois são como espinhos afiados afligindo o

corpo: os desejos de um homem pobre, e a raiva do impotente. Essas duas pessoas nunca brilham por causa de suas ações incompatíveis: um chefe de família sem esforço, e um mendigo atarefado em planos. Esses dois, ó rei, vivem (por assim dizer) em uma região mais alta do que o próprio céu: um homem de poder dotado de clemência, e um homem pobre que é caridoso. De coisas honestamente obtidas, esses dois usos devem ser considerados como impróprios, isto é, fazer doações aos indignos e recusar aos dignos. Esses dois devem ser jogados na água, amarrando firmemente pesos em seus pescoços: um homem rico que não doa, e um homem pobre que é orgulhoso. Esses dois, ó tigre entre homens, podem atravessar o próprio orbe do sol: um mendicante aperfeiçoado em Yoga, e um guerreiro que morreu em luta aberta. Ó touro da raça Bharata, pessoas versadas nos Vedas dizem que os modos dos homens podem ser bons, medianos, e maus. Homens também, ó rei, são bons, indiferentes, e maus. Eles devem, portanto, ser respectivamente empregados naquele tipo de trabalho para o qual eles possam ser aptos. Esses três, ó rei, não podem ter riqueza própria, isto é, a esposa, o escravo, e o filho, e o que quer que possa ser ganho por eles seria daquele a quem eles pertencem. Grande temor surge desses três crimes: roubo da propriedade de outro, ultraje a esposas de outros homens, e rompimento com amigo. Esses três, além disso, sendo destrutivos para a própria pessoa, são os portões do inferno: luxúria, ira, e cobiça. Portanto, todos devem renunciar a eles. Esses três nunca devem ser abandonados nem em perigo iminente: um seguidor, alguém que procura proteção, dizendo, 'Eu sou teu', e por fim alguém que chegou à sua residência. Na verdade, ó Bharata, libertar um inimigo de infortúnio equivale sozinho com referência a mérito a esses três tomados juntos: conferir um benefício, adquirir um reino, e obter um filho. Homens eruditos declaram que um rei, embora poderoso, nunca deve consultar com esses quatro: homens de pouca compreensão, homens que são procrastinadores, homens que são indolentes, e homens que são lisonjeadores. Ó majestade, coroado com prosperidade e levando a vida de um chefe de família, deixe estes quatro morarem contigo: velhos consanguíneos, parentes, pessoas de nascimento nobre caídas em adversidade, amigos pobres, e irmãs sem descendentes. Ao ser perguntado pelo chefe dos celestiais, Vrihaspati, ó rei poderoso, declarou quatro coisas capazes de frutificar ou ocorrendo dentro de um único dia, isto é, a resolução dos deuses, as compreensões de pessoas inteligentes, a humildade de homens eruditos, e a destruição dos pecaminosos. Estes quatro são calculados para remover temor, e ocasionam temor quando eles são impropriamente realizados: o Agnihotra, o voto de silêncio, estudo, e sacrifício (em geral). Ó touro da raça Bharata, estes cinco fogos devem ser adorados com respeito por uma pessoa: pai, mãe, fogo (próprio), alma e preceptor. Por servir a estes cinco, homens alcançam grande fama neste mundo: os deuses, os Pitris, homens, mendigos, e convidados. Estes cinco te seguem onde quer que tu vás: amigos, inimigos, aqueles que são indiferentes, dependentes, e aqueles que têm direito à manutenção. Dos cinco sentidos pertencentes ao homem, se um faz água, então daquele único buraco escorre sua inteligência, assim como água escorrendo de um recipiente de couro perfurado. As seis falhas devem ser evitadas por uma pessoa que deseja alcançar prosperidade: sono, inércia, medo, raiva, indolência e procrastinação. Estes seis devem ser abandonados como um navio fendido no mar: um preceptor que não pode explicar

as escrituras, um sacerdote que é analfabeto, um rei que é incapaz de proteger, uma esposa que fala palavras desagradáveis, um vaqueiro que não deseja ir para os campos, e um barbeiro que deseja abandonar uma aldeia pelas florestas. Na verdade, aquelas seis qualidades nunca devem ser abandonadas por homens: veracidade, caridade, diligência, benevolência, perdão e paciência. Estes seis são imediatamente destruídos, se negligenciados: vacas, serviço, agricultura, uma esposa, aprendizagem, e a riqueza de um Sudra. Estes seis esquecem aqueles que fazem favores a eles: discípulos educados, seus preceptores; pessoas casadas, suas mães; pessoas cujos desejos são satisfeitos, mulheres; aqueles que alcançaram o sucesso, aqueles que prestaram ajuda; aqueles que cruzaram um rio, o barco (que os levou); e pacientes que foram curados, seus médicos. Saúde, não ter dívidas, viver em casa, companhia com bons homens, certeza com relação aos meios de vida, e viver sem medo, estes seis, ó rei, conduzem à felicidade de homens. Estes seis são sempre miseráveis: o invejoso, o malicioso, o descontente, o irascível, o sempre suspeitoso, e aqueles que dependem da boa sorte de outros. Estes seis, ó rei, abrangem a felicidade de homens: aquisição de riqueza, saúde ininterrupta, uma esposa querida e de fala agradável, um filho obediente, e conhecimento que é lucrativo. Aquele que consegue ganhar domínio sobre os seis que estão sempre presentes no coração humano, sendo assim o mestre de seus sentidos, nunca comete pecado, e, portanto (não) está sujeito à calamidade. Estes seis podem ser vistos subsistir de outros seis: ladrões, de pessoas que são descuidadas; médicos, de pessoas que são doentes; mulheres, de pessoas que sofrem de luxúria; sacerdotes, daqueles que sacrificam; um rei, de pessoas que disputam; e por fim homens de erudição, daqueles que não a têm. Um rei deve renunciar a estas sete falhas que são produtivas de calamidade, visto que elas podem causar a ruína até de monarcas firmemente estabelecidos; estas são mulheres, dados, caça, alcoolismo, dureza de discurso, severidade de castigo, e uso impróprio de riqueza. Estas oito são as indicações imediatas de um homem destinado à destruição: odiar os Brahmanas, disputas com Brahmanas, apropriação das posses de um Brahmana, tirar a vida de Brahmana, ter prazer em ultrajar Brahmanas, se afligir ao ouvir os louvores de Brahmanas, esquecê-los em ocasiões cerimoniais, e dar vazão ao rancor quando eles pedem alguma coisa. Estas transgressões um homem sábio deve compreender, e compreendendo, evitar. Estes oito, ó Bharata, são a própria nata da felicidade, e estes somente são alcançáveis aqui: encontro com amigos, acessão de riqueza imensa, abraçar um filho, união para relações sexuais, conversação com amigos em horas apropriadas, o progresso de pessoas pertencentes ao seu próprio partido, a aquisição do que tinha sido previsto, e respeito em sociedade. Estas oito qualidades glorificam um homem: sabedoria, nascimento nobre, autodomínio, erudição, destreza, moderação em palavras, doações segundo seu poder, e gratidão. Esta casa tem nove portas, três pilares, e cinco testemunhas. Ela é presidida pela alma. Aquele homem erudito que sabe tudo isto é realmente sábio. Ó Dhritarashtra, esses dez não sabem o que é virtude: o embriagado, o desatento, o delirante, o fatigado, o zangado, o faminto, o apressado, o cobiçoso, o assustado, e o lascivo. Portanto, aquele que é sábio deve evitar a companhia desses. Em relação a isto é citada a antiga história sobre o que ocorreu entre Suyodhana e (Prahlada) o chefe dos Asuras com respeito ao filho do último.

Aquele rei que renuncia luxúria e ira, que concebe riqueza para recebedores adequados, e é perspicaz, erudito, e ativo, é considerado como uma autoridade de todos os homens. Grande prosperidade acompanha aquele rei que sabe como inspirar confiança em outros, que inflige punição àqueles cuja culpa foi comprovada, que conhece a medida adequada de castigo, e que sabe quando piedade deve ser mostrada. É uma pessoa sábia aquela que não desconsidera nem um inimigo fraco; que procede com inteligência em relação a um inimigo, ansiosamente esperando por uma oportunidade; que não deseja hostilidades com pessoas mais fortes do que ele; e que revela sua bravura no tempo propício. Aquela pessoa ilustre que não sofre quando uma calamidade já caiu sobre ele, que se esforça com todos os seus sentidos serenos, e que pacientemente suporta miséria em época, é certamente a principal das pessoas, e todos os seus inimigos são derrotados. Aquele que não vive alegre e despreocupadamente de esperança inútil, que não faz amizade com pessoas pecaminosas, que nunca ultraja a esposa de outro, que nunca mostra arrogância, e que nunca comete um roubo nem demonstra ingratidão nem se entrega ao alcoolismo é sempre feliz. Aquele que nunca se esforça jactanciosamente para alcançar os três objetivos de busca humana, que quando perguntado, diz a verdade, que não briga nem por causa de amigos, e que nunca fica zangado embora desprezado, é considerado como sábio. Aquele que não tem malícia em direção a outros, mas é bondoso para todos, que sendo fraco não disputa com outros, que não fala arrogantemente, e esquece uma disputa, é elogiado em todos os lugares. Aquele homem que nunca assume uma aparência soberba, que nunca critica outros enquanto elogia a si mesmo, e nunca dirige palavras duras para outros para ser bem sucedido, é sempre amado por todos. Aquele que não relembra antigas hostilidades, que não se comporta nem arrogantemente nem com demasiada humildade, e que mesmo quando aflito nunca comete uma ação imprópria, é considerado por homens respeitáveis uma pessoa de boa conduta. Aquele que não exulta em sua própria felicidade, nem se deleita na tristeza de outro, e que não se arrepende depois de ter feito um presente, é citado como um homem de boa natureza e conduta. Aquele que deseja obter um conhecimento dos costumes de diferentes países, e também as línguas de diferentes nações, e das práticas de diferentes classes de homens, conhece imediatamente tudo o que é alto e baixo; e onde quer que ele possa ir, ele está seguro de ganhar uma ascendência até sobre aqueles que são alegres. O homem inteligente que abandonando orgulho, tolice, insolência, ações pecaminosas, deslealdade para com o rei, maldade de comportamento, inimizade com muitos, e também discussões com homens que são bêbados, loucos e maus, é o principal da sua espécie. Os próprios deuses concedem prosperidade para aquele que diariamente pratica autodomínio, purificação, ritos propícios, culto dos deuses, cerimônias expiatórias, e outros ritos de observância universal. São bem concebidas e bem aplicadas as ações daquele homem erudito que forma alianças matrimoniais com pessoas de posição igual e não com aquelas que são inferiores, que coloca diante de si aqueles que são mais qualificados, e que conversa, age e faz amizades com pessoas de igual posição. Aquele que come frugalmente depois de dividir o alimento entre seus dependentes, que dorme pouco depois de trabalhar muito, e que, quando solicitado, doa até para seus inimigos, tem sua alma sob controle, e as calamidades sempre se mantém à distância dele. Aquele

cujos conselhos são bem guardados e bem executados na prática, e cujas ações por consequência disso nunca são sabidas por outros prejudicarem homens, tem êxito em assegurar até seus objetivos mais insignificantes. Aquele que está atento em se abster de injúria para todas as criaturas, que é sincero, amável, caritativo, e puro em mente, brilha imensamente entre seus parentes como uma pedra preciosa do fulgor mais puro tendo sua origem em uma mina excelente. Aquele homem que sente vergonha mesmo que suas falhas não sejam conhecidas por alguém exceto ele mesmo é altamente honrado entre todos os homens. Possuidor de um coração puro e energia ilimitada e abstraído dentro de si mesmo, ele brilha por sua energia como um verdadeiro sol. O rei Pandu consumido pela maldição de um (Brahmana), teve cinco filhos nascidos para ele nas florestas que são como cinco Indras. Ó filho de Ambika, tu criaste aqueles filhos e ensinaste tudo a eles. Eles obedecem as tuas ordens. Dando a eles de volta sua parte justa do reino, ó majestade, cheio de alegria, seja feliz com teus filhos. Então, ó monarca, tu inspirarás confiança em ambos, deuses e homens.'"

34

"Dhritarashtra disse, 'Diga-me o que pode ser feito por uma pessoa que está com insônia e queimando com ansiedades, pois só tu entre nós, ó filho, és versado em ambos, religião e lucro. Aconselhe-me sabiamente, ó Vidura. Ó tu de coração magnânimo, diga-me o que é que tu consideras benéfico para Ajatasatru e o que é produtivo de bem para os Kurus. Temendo males futuros, eu rememoro somente minha culpa prévia. Eu te peço com coração ansioso, ó erudito, diga-me o que está exatamente na mente de Ajatasatru.'"

"Vidura disse, 'Mesmo que não solicitada, uma pessoa deve falar verdadeiramente, suas palavras sejam boas ou más, odiosas ou agradáveis, para aquele cuja derrota ela não deseja. Eu direi, portanto, ó rei, o que é para o bem dos Kurus. Eu direi o que é benéfico e compatível com moralidade. Ouça-me. Não, ó Bharata, estabeleça o coração em meios de sucesso que são injustos e impróprios. Um homem de inteligência não deve sofrer se algum propósito seu não for bem sucedido, apesar da aplicação de meios justos e apropriados. Antes de se engajar em uma ação deve-se considerar a competência do agente, a natureza da própria ação e seu propósito, pois todas as ações são dependentes disto. Considerando isto dev-se iniciar uma ação, e não começá-la em um impulso repentino. Aquele que é sábio deve ou fazer uma ação ou desistir completamente dela considerando sua própria habilidade, a natureza da ação, e a consequência também do êxito. O rei que não conhece proporção ou medida com relação a território, lucro, perda, tesouraria, população, e castigo, não pode manter seu reino por muito tempo. Aquele, por outro lado, que conhece as medidas desses como prescritas em tratados, sendo necessariamente possuidor do conhecimento de religião e lucro, pode manter seu reino. Como as estrelas são afetadas pelos planetas, assim este mundo é afetado pelos sentidos, quando eles são dirigidos, descontrolados, para seus respectivos objetos. Como a lua durante a quinzena iluminada, calamidades aumentam em relação àquele que é derrotado pelos cinco

sentidos em seu estado natural, os quais sempre o levam em direção a várias ações. Aquele que deseja controlar seus conselheiros antes de controlar a si mesmo, ou subjugar seus adversários antes de controlar seus conselheiros, finalmente sucumbe privado de força. Aquele, portanto, que primeiro subjuga o seu próprio eu considerando-o como um inimigo, nunca falha em subjugar seus conselheiros e adversários finalmente. Grande prosperidade acompanha aquele que subjuga seus sentidos, ou controla sua alma, ou que é capaz de punir todos os ofensores, ou que age com juízo ou que é abençoado com paciência. O corpo de uma pessoa, ó rei, é seu carro; a alma dentro é o motorista; e os sentidos são seus corcéis. Puxado por aqueles corcéis excelentes, quando bem treinados, aquele que é sábio realiza agradavelmente a jornada da vida, e desperta em paz. Os cavalos que não são domados e que são incapazes de ser controlados, sempre levam um motorista não hábil à destruição no decorrer da viagem; assim os sentidos, não subjugados, levam somente à destruição. O indivíduo inexperiente que, levado por estes sentidos não dominados, espera tirar mal do bem e bem do mal, necessariamente confunde tristeza com felicidade. Aquele que, abandonando religião e lucro, segue o comando de seus sentidos, perde sem demora prosperidade, vida, riqueza e esposa. Aquele que é o dono de riquezas, mas não de seus sentidos, certamente perde suas riquezas por consequência de sua falta de domínio sobre seus sentidos. Uma pessoa deve procurar conhecer o próprio eu por meio do próprio eu, controlando a própria mente, intelecto, e sentidos, pois o próprio eu é um amigo como, de fato, é um inimigo. Aquele homem que conquistou o eu por meio do eu tem seu eu como um amigo, pois o próprio eu é sempre amigo ou inimigo de uma pessoa. Desejo e raiva, ó rei, abrem caminho através da sabedoria, exatamente como um peixe grande abre caminho por uma rede de cordas finas. Aquele que, neste mundo, considerando religião e lucro busca adquirir os meios de êxito, ganha felicidade, possuindo tudo o que ele procura. Aquele que, sem subjugar seus cinco inimigos internos de origem mental deseja derrotar outros adversários, é, realmente, dominado pelos últimos. É visto que muitos reis de mente má, devido à falta de domínio sobre seus sentidos, são arruinados por suas próprias ações, ocasionadas pela avidez de território. Como combustível que está molhado queima com aquele que está seco, assim um homem impecável é punido igualmente com o pecaminoso por associação constante com o último. Portanto, amizade com os pecaminosos deve ser evitada. Aquele que, por ignorância, fracassa em controlar seus cinco inimigos avarentos, tendo cinco objetos distintos, é subjugado por calamidades. Inocência e simplicidade, pureza e contentamento, gentileza de palavras e autodomínio, veracidade e firmeza, estes nunca são os atributos do perverso. Autoconhecimento e firmeza, paciência e devoção à virtude, competência para aproveitar conselhos e caridade, esses, ó Bharata, nunca existem em homens inferiores. Tolos procuram prejudicar os sábios por repreensões falsas e discursos maus, a consequência é que por isto eles tomam sobre si mesmos os pecados dos sábios, enquanto os últimos, livres de seus pecados, são perdoados. Na malícia jaz a força dos maus; no código criminal, a força dos reis, em atenções a dos fracos e de mulheres; e no perdão aquela dos virtuosos. Controlar as palavras, ó rei, é considerado o mais difícil. Não é fácil manter uma longa conversação proferindo palavras cheias de significado e encantadoras para os

ouvintes. Discurso bem falado é produtivo de muitos resultados benéficos; e discurso mal falado, ó rei, é a causa de males. Uma floresta perfurada por flechas, ou derrubada por machadinhas pode crescer outra vez, mas um coração ferido e censurado por palavras mal faladas nunca se recupera. Armas, tais como flechas, projéteis, e dardos farpados, podem ser facilmente extraídos do corpo, mas um punhal verbal mergulhado profundamente no coração é incapaz de retirado. Flechas verbais são disparadas da boca; atingida por elas uma pessoa sofre dia e noite. Um homem erudito não deve disparar tais flechas, para que elas não toquem os próprios órgãos vitais de outros. Aquele a quem os deuses ordenam derrota tem sua razão tirada, e é por isso que ele se inclina para atos ignóbeis. Quando o intelecto fica ofuscado e a destruição está próxima, o errado, parecendo com o certo, se adere firmemente ao coração. Tu não vês isto claramente, ó touro da raça Bharata, aquele intelecto obscurecido agora possuiu os teus filhos por causa de sua hostilidade aos Pandavas. Dotado de todos os sinais auspiciosos e digno de governar os três mundos, Yudhishthira é obediente às tuas ordens. Deixe-o, ó Dhritarashtra, governar a terra, à exclusão de todos os teus filhos, Yudhishthira é o principal de todos os teus herdeiros. Dotado de energia e sabedoria, e conhecedor das verdades de religião e lucro, Yudhishthira, aquele principal dos homens virtuosos, tem, ó rei de reis, sofrido muita miséria por bondade e compaixão, para preservar tua reputação.'"

35

"Dhritarashtra disse, 'Ó tu de grande inteligência, fale-me novamente palavras tais como essas, consistentes com religião e lucro. Minha sede por ouvi-las não está saciada. O que tu dizes é atrativo!'"

"Vidura disse, 'Ablução em todos os lugares sagrados e bondade para todas as criaturas, estes dois são iguais. Talvez, bondade para todas as criaturas supere o primeiro. Ó mestre, mostre bondade para todos os teus filhos, pois por isso ganhando grande renome neste mundo tu terás o céu futuramente. Por tanto tempo quanto os bons feitos de um homem são falados neste mundo, ó tigre entre homens, ele é glorificado no céu. Em relação a isto é citada uma velha história acerca da conversa entre Virochana e Sudhanwan, ambos pretendentes à mão de Kesini. Uma vez, ó rei, havia uma moça de nome Kesini, incomparável em beleza; movida pelo desejo de obter um bom marido, ela resolveu escolher seu marido em Swayamvara. Então um dos filhos de Diti, de nome Virochana, foi para aquele local, desejoso de obter a donzela. Contemplando aquele chefe dos Daityas, Kesini se dirigiu a ele, dizendo, 'Os Brahmanas são superiores, ó Virochana, ou os filhos de Diti são superiores? E por que também Sudhanwan não deve se sentar no sofá?' Virochana disse, 'Nascidos do próprio Prajapati, nós, ó Kesini, somos os melhores e estamos no topo de todas as criaturas, e este mundo é nosso sem dúvida. Quem são os deuses, e quem são os Brahmanas?' Kesini disse, 'Nós ficaremos, ó Virochana, aqui neste mesmo pavilhão. Sudhanwan virá para cá amanhã, e me deixe ver vocês dois sentados juntos.' Virochana disse, 'Ó moça

amável e tímida, eu farei o que tu dizes. Tu verás Sudhanwan e eu mesmo reunidos juntos de manhã.'"

"Vidura continuou, 'Quando a noite tinha passado e o disco solar tinha se erguido, Sudhanwan, ó melhor dos reis, chegou àquele local onde, ó mestre, Virochana estava esperando com Kesini. E Sudhanwan viu lá ambos, o filho de Prahlada e Kesini. E vendo o Brahmana chegar, Kesini, ó touro da raça Bharata, se levantando do dela, ofereceu a ele um assento, água para lavar seus pés, e Arghya. E pedido por Virochana (para dividir seu assento) Sudhanwan disse, 'Ó filho de Prahlada, eu toco teu assento dourado excelente. Eu não posso, no entanto, me permitir ser considerado como teu igual, e sentar sobre ele contigo.' Virochana disse, 'Uma tábua de madeira, uma pele de animal, ou uma esteira de grama ou palha, somente estes, ó Sudhanwan, são adequados para ti. Tu não mereces, de qualquer modo, o mesmo assento que eu.' Sudhanwan disse, 'Pai e filho, Brahmanas da mesma idade e erudição igual, dois Kshatriyas, dois Vaisyas e dois Sudras podem sentar juntos no mesmo assento. Exceto esses, outros não podem sentar juntos. Teu pai costumava prestar seus respeitos a mim, tomando um assento mais baixo do que aquele ocupado por mim. Tu és uma criança, criado em todo luxo em casa e não compreendes nada.' Virochana disse, 'Apostando todo o ouro, gado, cavalos, e todos os outros tipos de riqueza que nós temos entre os Asuras, que nós, ó Sudhanwan, façamos esta pergunta para aqueles que são aptos para responder.' Sudhanwan disse, 'Deixe teu ouro, gado, e cavalos, ó Virochana. Apostando nossas vidas, nós faremos esta pergunta para aqueles que são competentes.' Virochana disse, 'Apostando nossas vidas aonde nós iremos? Eu não aparecerei diante de algum dos deuses e nunca diante de algum entre os homens.' Sudhanwan disse, 'Tendo apostado nossas vidas, nós nos aproximaremos do teu pai, pois ele, Prahlada, nunca dirá uma mentira nem por causa de seu filho.'"

"Vidura continuou, 'Tendo assim feito uma aposta, Virochana e Sudhanwan, ambos movidos pela raiva, procederam para aquele local onde Prahlada estava. E vendo eles juntos, Prahlada disse, 'Esses dois que nunca antes foram companheiros são vistos agora vindo juntos para cá pela mesma estrada, como duas cobras zangadas. Vocês agora se tornaram companheiros, vocês que nunca foram companheiros antes? Eu te pergunto, ó Virochana, há amizade entre ti e Sudhanwan?' Virochana disse, 'Não há amizade entre mim e Sudhanwan. Por outro lado, nós dois apostamos nossas vidas. Ó chefe dos Asuras, eu te farei uma pergunta, não responda incorretamente!' Prahlada disse, 'Que água, e mel e coalhos, sejam trazidos para Sudhanwan. Tu mereces nossa reverência, ó Brahmana. Uma vaca branca e gorda está pronta para ti.' Sudhanwan disse, 'Água e mel e coalhos foram oferecidos a mim no meu caminho para cá. Eu te farei uma pergunta. Prahlada, responda-a verdadeiramente! Os Brahmanas são superiores, ou Virochana é superior?' Prahlada disse, 'Ó Brahmana, este é meu filho único. Tu também estás presente aqui em pessoa. Como pode alguém como nós responder uma questão acerca da qual vocês dois têm disputado?' Sudhanwan disse, 'Dê para teu filho teu gado e outras riquezas preciosas que tu possas ter, mas, ó sábio, tu deves declarar a verdade já que nós dois estamos disputando sobre isto.'

Prahlada disse, 'Como sofre aquele que faz mau uso de sua língua, ó Sudhanwan, que não responde verdadeiramente mas falsamente uma pergunta que é feita a ele? Eu te pergunto isto.' Sudhanwan disse, 'A pessoa que faz mau uso de sua língua sofre como a esposa abandonada, que lamenta, à noite, vendo seu marido dormindo nos braços de uma co-esposa; como uma pessoa que perdeu nos dados, ou que está oprimida com uma carga insuportável de ansiedades. Tal homem também tem que ficar passando fome fora dos portões da cidade, na qual sua admissão é barrada. De fato, aquele que dá evidência falsa está destinado a sempre encontrar seus inimigos. Aquele que fala uma mentira por conta de um animal derruba do céu cinco dos seus antepassados de ordem ascendente. Aquele que fala uma mentira por conta de uma vaca derruba do céu dez dos seus antepassados. Uma mentira por conta de um cavalo causa a queda de cem; e uma mentira por conta de um ser humano, a queda de mil dos antepassados de ordem ascendente. Uma mentira por conta de ouro arruína os membros da linhagem de uma pessoa, nascidos e por nascer, enquanto uma mentira por causa de terra arruína tudo. Portanto, nunca fale uma mentira por causa de terra.' Prahlada disse, 'Angiras é superior a mim, e Sudhanwan é superior a ti, ó Virochana. A mãe também de Sudhanwan é superior à tua mãe; portanto, tu, ó Virochana, foste derrotado por Sudhanwan. Sudhanwan é agora o dono da tua vida. Mas, ó Sudhanwan, eu desejo que tu conceda para Virochana sua vida.' Sudhanwan disse, 'Já que, ó Prahlada, tu preferiste a virtude e não, por tentação, disseste uma mentira, eu concedo para teu filho sua vida que é cara para ti. Assim aqui está teu filho Virochana, ó Prahlada, devolvido por mim para ti. Ele, no entanto, terá que lavar meus pés na presença da donzela Kesini.'"

"Vidura continuou, 'Por estas razões, ó rei de reis, não cabe a ti dizer uma mentira por causa de terra. Dizendo uma mentira por afeição por teu filho, ó rei, não te apresse para a destruição, com todos os teus filhos e conselheiros. Os deuses não protegem os homens pegando cassetetes em suas mãos da mesma maneira que os boiadeiros; para aqueles, no entanto, que eles desejam proteger, eles concedem inteligência. Não há dúvida que os objetivos de alguém encontram o êxito em proporção à atenção que ele dirige à retidão e moralidade. Os Vedas nunca resgatam do pecado uma pessoa enganadora que vive por meio de falsidade. Por outro lado, eles o abandonam enquanto ele está em seu leito de morte, como aves recém emplumadas abandonando seus ninhos. Alcoolismo, rixas, inimizade com grande número de homens, todas as ligações com disputas conjugais, e rompimento de relacionamento entre marido e esposa, dissensões internas, deslealdade ao rei; esses e todos os caminhos que são pecaminosos, devem, é dito, ser evitados. Um quiromante, um ladrão convertido em um comerciante, um caçador, um médico, um inimigo, um amigo, e um menestrel, estes sete são incompetentes como testemunhas. Um Agnihotra realizado por motivos de orgulho, abstenção de falar praticada por motivos similares, estudo e sacrifício pelos mesmos motivos, estes quatro, por si mesmos inocentes, se tornam prejudiciais quando praticados indevidamente. Alguém que põe fogo em uma residência, um aplicador de veneno, um alcoviteiro, um vendedor do suco Soma, um fabricante de flechas, um astrólogo, alguém que prejudica amigos, um adúltero, alguém que causa aborto, um violador do leito de seu preceptor, um

Brahmana viciado em bebida, alguém que é de língua afiada, alguém que relembra velhas mágoas, um ateu, um difamador dos Vedas, e um recebedor de subornos, alguém cuja investidura com o fio sagrado foi retardada além da idade prescrita, alguém que secretamente mata gado, e alguém que mata uma pessoa que lhe suplica por proteção, estes todos são considerados como iguais em torpeza moral aos assassinos de Brahmanas. Ouro é testado por fogo; uma pessoa bem nascida, por seu comportamento; um homem honesto, por sua conduta. Um homem corajoso é testado durante uma época de pânico; aquele que é auto-controlado, em tempos de pobreza; e amigos e inimigos, em tempos de calamidade e perigo. Decrepitude destrói beleza; esperanças ambiciosas, paciência; morte, vida; inveja, retidão; raiva, prosperidade; companhia com o inferior, bom comportamento; luxúria, modéstia; e orgulho, tudo. Prosperidade toma seu nascimento em bons feitos, cresce por consequência de atividade, lança suas raízes profundamente por habilidade, e adquire estabilidade devido ao autodomínio. Sabedoria, boa linhagem, autocontrole, conhecimento das escrituras, coragem, ausência de loquacidade, doações à extensão de seu poder, e gratidão, estas oito qualidades derramam um brilho sobre seu possuidor. Mas, ó majestade, há uma dotação a qual sozinha pode fazer todos estes atributos virem juntos; o fato é, quando o rei honra uma pessoa específica, o favor real pode fazer todos estes atributos derramarem seu brilho (sobre o favorito). Aqueles oito, ó rei, no mundo dos homens, são indicações de céu. Dos oito (mencionados abaixo) quatro estão inseparavelmente ligados com os bons, e quatro outros são sempre seguidos pelos bons. Os quatro primeiros que estão inseparavelmente ligados com os bons são sacrifício, doação, estudo e ascetismo, enquanto os outros quatro que são sempre seguidos pelos bons são autocontrole, veracidade, simplicidade, e abstenção de injúria para todos.

Sacrifício, estudo, caridade, ascetismo, verdade, perdão, piedade, e contentamento constituem os oito diferentes caminhos da retidão. Os quatro primeiros desses podem ser praticados por motivos de orgulho, mas os últimos quatro podem existir somente naqueles que são realmente nobres. Não há assembléia onde não há homens idosos, e aqueles que não são idosos não declaram o que é moralidade. Não existe moralidade que esteja separada da verdade, e não existe verdade que esteja repleta de engano. Verdade, beleza, familiaridade com as escrituras, conhecimento, nascimento nobre, bom comportamento, força, riqueza, coragem, e capacidade para conversa variada, estes dez são de origem celeste. Uma pessoa pecaminosa, por cometer pecado, é alcançada por más consequências. Um homem virtuoso, por praticar virtude, colhe grande felicidade. Portanto, um homem, rigidamente decidido, deve se abster do pecado. Pecado, repetidamente cometido, destrói a inteligência; e o homem que perdeu a inteligência comete pecados repetidamente. Virtude, repetidamente praticada, aumenta a inteligência; e o homem cuja inteligência aumentou repetidamente pratica virtude. O homem virtuoso, por praticar virtude, vai para regiões de bem aventurança. Portanto, um homem deve, firmemente resolvido, praticar virtude. Aquele que é invejoso, aquele que fere outros profundamente, aquele que é cruel, aquele que disputa constantemente, aquele que é enganador, logo encontram grande miséria por praticar esses pecados. Aquele que não é

invejoso e é possuidor de sabedoria, por sempre fazer o que é bom, nunca encontra grande miséria; por outro lado, ele brilha em todos os lugares. Quem recebe sabedoria daqueles que são sábios é realmente erudito e sábio. E aquele que é sábio, por se dedicar à virtude e lucro, tem êxito em alcançar a felicidade. Faça durante o dia aquilo que possa te permitir passar a noite em felicidade; e faça durante oito meses do ano o que possa te permitir passar a estação das chuvas felizmente. Faça durante a juventude o que possa te assegurar uma velhice feliz; e faça durante toda a tua vida aqui o que possa te permitir viver felizmente na vida futura. O sábio aprecia aquele alimento que é facilmente digerido, aquela esposa cuja juventude passou, aquele herói que é vitorioso e aquele asceta cujos esforços são coroados com êxito. A brecha que se procura encher por meio de riqueza adquirida injustamente permanece descoberta, enquanto novas aparecem em outros lugares. O preceptor controla aqueles cujas almas estão sob seu próprio controle; o rei controla pessoas que são más; enquanto aqueles que pecam secretamente têm seu controlador em Yama, o filho de Vivaswat. A grandeza de Rishis, de rios, de margens de rios, de homens de grande alma, e a causa da maldade da mulher, não podem ser averiguados. Ó rei, aquele que é devotado ao culto dos Brahmanas, aquele que faz doações, aquele que se comporta justamente em direção a seus parentes, e o Kshatriya que se comporta nobremente governa a terra para sempre. Aquele que é possuidor de coragem, aquele que é possuidor de erudição, e aquele que sabe como proteger outros, esses três são sempre capazes de colher flores de ouro da terra. Das ações, aquelas realizadas pela inteligência são as primeiras; aquelas realizadas pelos braços, as segundas; aquelas pelas coxas, e aquelas por carregar pesos sobre a cabeça, são realmente as piores. Depositando o cuidado do teu reino em Duryodhana, em Sakuni, no tolo Dussasana, e em Karna, como tu podes esperar prosperidade? Possuidores de todas as virtudes, os Pandavas, ó touro da raça Bharata, dependem de ti como seu pai. Ó, repouse neles como em teus filhos!"

36

"Vidura disse, 'Em relação a isto é citada a antiga história da conversa entre o filho de Atri e as divindades chamadas Sadhyas como é conhecida por nós. Antigamente, as divindades conhecidas pelo nome de Sadhyas questionaram o Rishi altamente sábio e de votos rígidos (o filho de Atri), enquanto o último estava vagando na aparência de alguém dependendo de caridade como meio de vida. Os Sadhyas disseram, 'Nós somos, ó grande Rishi, divindades conhecidas como Sadhyas. Vendo-te, nós somos incapazes de adivinhar quem tu és. Parece-nos, no entanto, que tu és possuidor de inteligência e autocontrole por familiaridade com as escrituras. Portanto, cabe a ti discursar para nós em palavras magnânimas repletas de erudição.' O Rishi mendicante respondeu, 'Ó imortais, tem sido ouvido por mim que por desatar todos os nós no coração pela ajuda da tranquilidade, e por domínio sobre todas as paixões, e observância da religião verdadeira, uma pessoa deve considerar o agradável e o desagradável como seu próprio eu. Não se deve devolver as calúnias ou repreensões de outros, pois a dor que é sentida

por aquele que tolera silenciosamente consome o caluniador; e aquele que suporta têm êxito também em se apropriar das virtudes do caluniador. Não se percam em calúnias e repreensões. Não humilhem e insultem outros. Não disputem com amigos. Se abstenham de companhia com aqueles que são vis e inferiores. Não sejam arrogantes e ignóbeis em conduta. Evitem palavras que sejam duras e repletas de ira. Palavras duras queimam e chamuscam os próprios órgãos vitais, ossos, coração, e as próprias fontes da vida dos homens. Portanto, aquele que é virtuoso deve sempre se abster de palavras ríspidas e zangadas. Aquele pior dos homens que é de fala cruel e colérica, que perfura os órgãos vitais de outros com espinhos verbais, leva o inferno em sua língua, e deve sempre ser considerado como um dispensador de miséria para os homens. O homem que é sábio, perfurado pelas flechas verbais de outros, de pontas afiadas e ardentes como o fogo ou o sol, deve, mesmo que profundamente ferido e queimando de dor, aguentá-las pacientemente lembrando que os méritos do caluniador se tornam seus. Aquele que serve alguém que é bom ou alguém que é mau, alguém que é possuidor de mérito ascético ou alguém que é um ladrão, logo toma a cor daquele seu companheiro, como um tecido da tintura na qual está embebido. Os próprios deuses desejam a companhia daquele que, aguilhoado com censura, não a devolve ele mesmo nem faz com que outros a devolvam, ou que sendo atingido não devolve o golpe ele mesmo nem faz com que outro o faça, e que não deseja o menor dano àquele que o fere. Silêncio, é dito, é melhor do que conversa, se você deve falar, então é melhor dizer a verdade; se a verdade é para ser dita, é melhor dizer o que é agradável; e se o que é agradável é para ser dito, então é melhor dizer o que é compatível com a moralidade. Um homem se torna exatamente como aquele com quem ele vive, ou como aquele a quem ele respeita, ou como aquele o qual ele deseja ser. Uma pessoa está livre daquelas coisas das quais ela se abstém, e se alguém se abstém de tudo ele não tem que sofrer nem a menor tristeza. Tal homem nem derrota outros, nem é derrotado por outros. Ele nunca prejudica nem se opõe a outros. Ele é indiferente a louvor ou crítica. Ele nem se aflige nem se exalta em alegria. É considerado como o principal da sua espécie aquele homem que deseja a prosperidade de todos e nunca fixa seu coração na miséria de outros, que é sincero em palavras, humilde em comportamento, e que tem todas as suas paixões sob controle. É considerado como um medíocre em bondade aquele homem que nunca consola outros por dizer o que não é verdade; que doa tendo promessa; e que vigia a fraqueza de outros. Essas, no entanto, são as indicações de um homem mau, ou seja, incapacidade de ser controlado; sujeição a ser afligido por perigos; propensão a ceder à cólera, ingratidão; inabilidade para se tornar amigo de outro, e perversidade de coração. Também é o pior dos homens aquele que está descontente com qualquer bem que possa vir a ele de outros, que é suspeitoso de si mesmo, e que afasta de si mesmo todos os seus verdadeiros amigos. Quem deseja prosperidade para si mesmo deve servir aqueles que são bons, e às vezes aqueles que são indiferentes, mas nunca aqueles que são maus. Aquele que é mau ganha riqueza, é verdade, por empregar sua força, por esforço constante, por inteligência, e por destreza, mas ele nunca pode ganhar fama honesta, nem pode adquirir a virtude e boas maneiras de famílias nobres (em alguma das quais ele possa ser nascido).'

Dhritarashtra disse, 'Os deuses, aqueles que consideram virtude e lucro sem se desviarem de um ou outro, e aqueles que são possuidores de grande erudição expressam uma simpatia por famílias nobres. Eu te faço, ó Vidura, esta pergunta, quais são aquelas famílias que são chamadas nobres?'

Vidura disse, 'Ascetismo, autodomínio, conhecimento dos Vedas, sacrifícios, casamentos puros, e doações de alimento, aquelas famílias nas quais estes sete existem ou são praticados devidamente são consideradas nobres. Há famílias ilustres que não se desviam da direção correta, cujos antepassados falecidos nunca são atormentados (por testemunharem os crimes de seus descendentes), que praticam alegremente todas as virtudes, que desejam aumentar a fama pura da linhagem na qual elas são nascidas, e que evitam todas as espécies de falsidade. Famílias que são nobres decaem e se tornam inferiores devido à ausência de sacrifícios, casamentos impuros, abandono dos Vedas, e insultos oferecidos para Brahmanas. Famílias nobres decaem e se tornam vis devido aos seus membros desconsiderarem ou falarem mal de Brahmanas, ou à apropriação indevida, ó Bharata, do que foi depositado com eles por outros. Aquelas famílias que são possuidoras de membros, riqueza e gado, não são consideradas como famílias se elas forem desprovidas de boas maneiras e boa conduta, enquanto famílias desprovidas de riqueza, mas distinguidas por boas maneiras e boa conduta são consideradas como tais e ganham grande reputação. Portanto, boas maneiras e boa conduta devem ser mantidas com cuidado, pois, quanto à riqueza, ela vem ou vai. Aquele que é desprovido de riqueza não é realmente necessitado, mas aquele que é desprovido de boas maneiras e conduta está realmente em miséria. Aquelas famílias que são ricas em vacas e outros gados e na produção do campo não são realmente dignas de respeito e fama se elas são deficientes em boas maneiras e boa conduta. Que ninguém na nossa família seja um fomentador de disputas, ninguém sirva um rei como ministro, ninguém roube a riqueza de outros, ninguém provoque dissensões internas, ninguém seja enganador ou falso em comportamento, e ninguém coma antes de servir os Rishis, os deuses, e convidados. Aquele, em nossa família, que mata Brahmanas, ou nutre sentimentos de aversão em direção a eles, ou impede ou de outra maneira prejudica a agricultura, não merece se misturar conosco. Palha (para um assento), chão (para se sentar), água (para lavar os pés e rosto), e, em quarto lugar palavras agradáveis, estes nunca estão faltando nas casas dos bons. Homens virtuosos dedicados à prática de ações virtuosas, quando desejosos de entreter (convidados), têm estas coisas prontas para serem oferecidas com reverência. Como a árvore Sândalo, ó rei, embora fina, é capaz de suportar pesos que as madeiras de outras árvores (mais grossas) não podem; assim aqueles que pertencem a famílias nobres são sempre capazes de aguentar o peso de grandes cuidados que homens comuns não podem. Não é amigo aquele cuja raiva inspira temor, ou que é para ser servido com medo. Aquele, no entanto, em quem uma pessoa pode depositar confiança como em um pai, é um amigo verdadeiro. Outras amizades são relações triviais. Aquele que se comporta como um amigo, mesmo que não relacionado por nascimento de sangue, é um amigo verdadeiro, um refúgio real, e um protetor. Aquele cujo coração é instável, ou que não serve os idosos, ou que é de uma disposição desassossegada não pode fazer amigos.

Sucesso (na realização de objetivos) abandona a pessoa cujo coração é instável, ou que não tem controle sobre sua mente, ou que é um escravo de seus sentidos, como cisnes abandonando um tanque cuja água foi secada. Aqueles que são de mentes fracas cedem à raiva de repente e são gratificados sem causa suficiente; eles são como nuvens que são tão inconstantes. As próprias aves de rapina se abstêm de tocar os corpos mortos daqueles que tendo sido servidos e beneficiados por amigos mostram ingratidão aos últimos. Sejas pobre ou sejas rico, tu deves respeitar teus amigos. Até que um serviço é pedido, a sinceridade ou não de amigos não pode ser conhecida. Tristeza mata beleza; tristeza mata força; tristeza mata a compreensão; e tristeza causa doença. Aflição, em vez de ajudar a aquisição de seu objetivo, seca o corpo, e faz contentes os inimigos de alguém. Portanto, não ceda à aflição. Homens repetidamente morrem e renascem; repetidamente eles definham e crescem; repetidamente eles pedem ajuda a outros, e eles mesmos são pedidos por ajuda; repetidamente eles lamentam e são lamentados. Felicidade e tristeza, abundância e falta, lucro e perda, vida e morte são partilhados por todos na devida ordem. Portanto, aquele que é auto-controlado não deve se regozijar na alegria nem se queixar na tristeza. Os seis sentidos estão sempre agitados. Através do mais predominante entre eles a compreensão de uma pessoa escapa em proporção à força que ele assume, como água de um vaso através de seus buracos.'

Dhritarashtra disse, 'O rei Yudhishthira, que é como uma chama de fogo, foi enganado por mim. Ele certamente exterminará em batalha todos os meus filhos perversos. Tudo, portanto, me parece estar repleto de perigo, e minha mente está cheia de ansiedade. Ó tu de grande inteligência, diga-me palavras que possam dissipar minha ansiedade.'

Vidura disse, 'Ó impecável, em nada mais do que conhecimento e ascetismo, em nada mais do que controle dos sentidos, em nada mais do que abandono completo da avareza, eu vejo o teu bem. O medo é dissipado por autoconhecimento; por ascetismo uma pessoa obtém o que é grandioso e valioso; por servir superiores erudição é adquirida; e paz é obtida por autodomínio. Aqueles que desejam salvação sem terem adquirido o mérito obtenível por meio de doações, ou aquele que é alcançável pela prática do ritual dos Vedas, não viajam pela vida livres de raiva e aversão. A felicidade que pode ser derivada de um método judicioso de estudo, de uma batalha lutada virtuosamente, de austeridades ascéticas realizadas rigidamente, sempre aumenta no fim. Aqueles que não estão mais em paz com seus parentes não conseguem dormir mesmo que eles recorram a camas bem feitas; nem eles, ó rei, derivam algum prazer de mulheres, ou dos hinos laudatórios de bardos e elogiadores. Tais pessoas nunca podem praticar virtude. Felicidade nunca pode ser deles neste mundo. Honras nunca podem ser deles, e a paz não tem encanto para eles. Conselhos que são para seu benefício não os agradam. Eles nunca adquirem o que eles não têm, nem conseguem manter o que eles têm. Ó rei, não há outro fim para semelhantes homens salvo a destruição. Como leite é possível em vacas, ascetismo em Brahmanas, e inconstância em mulheres, assim temor é possível de parentes. Numerosos fios finos de comprimento igual, colocados juntos, são competentes

para suportar, por causa da força de números, o constante rolar da peteca sobre eles. O caso é assim mesmo com parentes que são bons, ó touro da raça Bharata, separados uns dos outros, tições ardentes produzem somente fumaça; mas juntos eles resplandecem em uma chama poderosa. O caso é assim mesmo, ó Dhritarashtra, com parentes. Aqueles, ó Dhritarashtra, que maltratam Brahmanas, mulheres, parentes, e vacas logo caem de suas bases, como frutas que estão maduras. E a árvore que fica sozinha, embora gigantesca e forte e enraizada, tem seu tronco logo quebrado e torcido por um vento poderoso. Aquelas árvores, no entanto, que crescem unidas firmemente são competentes devido à mútua dependência de resistir a ventos mais violentos ainda. Dessa maneira aquele que está sozinho, embora dotado de todas as virtudes, é considerado por inimigos como capaz de ser derrotado como uma árvore isolada pelo vento. Parentes, além disso, por dependência mútua e ajuda mútua, crescem juntos, como hastes de lotos em um lago. Estes nunca devem ser mortos, isto é, Brahmanas, vacas, parentes, crianças, mulheres, aqueles cujo alimento é comido, e aqueles também que se entregam pedindo proteção. Ó rei, sem bem-estar nenhuma boa qualidade pode se mostrar em uma pessoa. Se, no entanto, tu estás com saúde, tu podes realizar o teu bem, pois está sem força aquele que está adoentado e mal. Ó rei, a raiva é um tipo de bebida amarga, pungente, acre, e quente, dolorosa em suas consequências; ela é uma espécie de dor de cabeça não nascida de alguma doença física, e aqueles que não são inteligentes nunca podem digeri-la. Ó rei, engula-a e obtenha paz. Aqueles que são torturados por doenças não têm gosto por prazeres, nem eles desejam alguma felicidade da riqueza. O doente, de qualquer modo, cheio de tristeza, não sabe o que é felicidade ou o que são os prazeres da riqueza. Vendo Draupadi ganha no jogo de dados, eu te disse antes, ó rei, estas palavras, ‘Aqueles que são honestos evitam fraude em jogo. Portanto, pare Duryodhana!’ Tu, no entanto, não agiste segundo minhas palavras. Não há força que seja oposta à suavidade. Por outro lado, força misturada com suavidade constitui verdadeira política que deve sempre ser adotada. Aquela prosperidade a qual é dependente de desonestidade somente está destinada a ser destruída. Aquela prosperidade, no entanto, a qual depende de força e suavidade descende para filhos e netos de fato. Deixe, portanto, teus filhos apreciarem os Pandavas, e os Pandavas também apreciarem teus filhos. Ó rei, que os Kurus e os Pandavas, ambos tendo os mesmos amigos e os mesmos inimigos, vivam juntos em felicidade e prosperidade. Tu és, hoje, ó rei, o refúgio dos filhos de Kuru. De fato, a família de Kuru, ó Ajamida, é dependente de ti. Ó majestade, preservando a tua fama imaculada, trate com carinho os filhos de Pandu, afligidos como eles estão com os sofrimentos do exílio. Ó descendente de Kuru, faça as pazes com os filhos de Pandu. Não deixe teus inimigos descobrirem tuas falhas. Eles todos, ó deus entre homens, são devotados à verdade. Ó rei de homens, retire Duryodhana de seus maus caminhos.'"

37

"Vidura disse, 'Ó filho de Vichitravirya, Manu, o filho do Auto-criado, ó rei, falou dos seguintes dezessete tipos de homens, como aqueles que golpeiam o espaço vazio com seus punhos, ou procuram curvar o arco vaporoso de Indra no céu, ou desejam pegar os raios intangíveis do sol. Aqueles dezessete tipos de homens tolos são os seguintes: aquele que procura controlar uma pessoa que é incapaz de ser controlada; aquele que está contente com pequenos lucros; aquele que humildemente corteja inimigos; aquele que procura reprimir a instabilidade das mulheres; aquele que pede doações àquele a quem nunca deve ser pedido; aquele que se gaba, tendo feito qualquer coisa; aquele que, nascido em uma família nobre, comete um ato impróprio; aquele que sendo fraco sempre mantém hostilidades com alguém que é poderoso; aquele que fala para uma pessoa escutando com zombaria; aquele que deseja ter o que é inalcançável; aquele que sendo um sogro graceja com sua nora; aquele que se gaba ao ter seus alarmas dissipados por sua nora; aquele que espalha suas próprias sementes no campo de outro; aquele que fala mal de sua própria esposa; aquele que tendo recebido alguma coisa de outro diz que ele não se lembra disso, aquele que, tendo doado alguma coisa em palavras em lugares sagrados se gaba em casa quando pedido para cumprir suas palavras, e aquele que se esforça para comprovar a verdade do que é falso. Os enviados de Yama, com laços nas mãos, arrastam estas pessoas para o inferno. Uma pessoa deve se comportar em direção a outra exatamente como aquela outra se comporta em direção a ela. Isso mesmo é consistente com política social. Uma pessoa pode se comportar enganadoramente em direção àquele que se comporta enganadoramente, mas honestamente em direção àquele que é honesto em seu comportamento. Velhice mata beleza; paciência, expectativa; morte, vida; a prática da virtude, prazeres mundanos; luxúria, modéstia; companhia com os maus, bom comportamento; raiva, prosperidade; e orgulho, tudo.'

Dhritarashtra disse, 'O homem tem sido citado em todos os Vedas como tendo cem anos como o período de sua vida. Por que razão então nem todos os homens alcançam o período concedido?'

Vidura disse, 'Excesso de orgulho, excesso em palavras, excesso em comer, raiva, o desejo de prazer, e dissensões internas, estas, ó rei, são seis espadas afiadas que cortam o período de vida concedido para as criaturas. São estas que matam os homens, e não a morte. Sabendo disto, seja abençoado!

Aquele que se apropria da esposa de alguém que confiou nele; aquele que viola a cama de seu preceptor; aquele Brahmana, ó Bharata, que se torna o marido de uma mulher Sudra, ou bebe vinhos; aquele que domina Brahmanas ou se torna seu patrão, ou tira as terras que os sustentam; e aquele que tira as vidas daqueles que se entregam pedindo proteção, são todos culpados do pecado de matar Brahmanas. Os Vedas declaram que contato com estes requer expiação. Aquele que aceita o ensino dos sábios; aquele que conhece as regras de moralidade; aquele que é generoso; aquele que come tendo primeiro oferecido o

alimento aos deuses e Pitris; aquele que não inveja ninguém; aquele que é incapaz de fazer alguma coisa que prejudique outros; aquele que é grato, sincero, humilde e erudito, estes têm êxito em alcançar o céu.

São abundantes, ó rei, aqueles que podem sempre falar palavras agradáveis. O orador, no entanto, é raro, como também o ouvinte, de palavras que são desagradáveis, porém medicinais. Aquele homem que, sem considerar o que é agradável ou desagradável para seu mestre, mas mantendo somente a virtude em vista diz o que é desagradável, mas medicinal, realmente contribui para a força do rei. Por causa de uma família um membro pode ser sacrificado; por causa de uma aldeia, uma família pode ser sacrificada; por causa de um reino uma aldeia pode ser sacrificada; e por uma alma, a terra inteira pode ser sacrificada. Uma pessoa deve proteger sua riqueza em vista das calamidades que podem lhe acontecer; por meio de sua riqueza um homem deve proteger suas esposas, e por meio de sua riqueza e esposas ele deve proteger a si mesmo. Desde tempos muito antigos é visto que o jogo provoca brigas. Portanto, aquele que é sábio não deve recorrer a ele nem de brincadeira. Ó descendente de Pratipa, no momento daquele jogo eu te disse, 'Ó rei, isto não é apropriado.' Mas, ó filho de Vichitravirya, como remédio para um homem doente, aquelas minhas palavras não foram agradáveis para ti. Ó rei, tu desejaste derrotar os filhos de Pandu, que são assim como pavões de plumagem multicor, uma vez que teus filhos são todos como corvos. Abandonando leões tu estás protegendo chacais! Ó rei, quando chegar a hora, tu terás que sofrer por tudo isto. Aquele mestre, ó majestade, que não dá vazão ao seu desgosto com servos leais zelosamente buscando seu bem conquista a confiança de seus servos. Realmente, os últimos aderem a ele mesmo em infortúnio. Por confiscar os privilégios para um empregado ou parar seu pagamento um homem não deve procurar acumular riqueza, pois até conselheiros afetuosos privados de seus meios de vida e prazer se voltam contra ele e o deixam (em infortúnio). Refletindo primeiro sobre todas as ações intentadas e ajustando os salários e concessões de empregados com sua renda e gastos, um rei deve fazer alianças apropriadas, pois não há nada que não possa ser realizado por alianças. Aquele oficial que compreendendo inteiramente as intenções de seu mestre real cumpre todos os deveres prontamente, e que é respeitável e dedicado ao seu mestre, sempre diz o que é para o bem de seu mestre, e que está totalmente familiarizado com a extensão de sua própria força e com aquela também daqueles contra quem ele possa estar engajado, deve ser considerado pelo rei como sua segunda pessoa. Daquele empregado, no entanto, que mandado (por seu patrão) desconsidera as injunções do último e que mandado fazer alguma coisa se recusa a ceder, orgulhoso como ele é de sua própria inteligência e dado a argumentar contra seu patrão, uma pessoa deve se livrar sem a menor demora. Homens de erudição dizem que um empregado deve ser dotado destas oito qualidades, isto é, ausência de orgulho, habilidade, ausência de procrastinação, bondade, limpeza, incorruptibilidade, nascimento em uma família livre da mácula de doença, e palavras significativas. Nenhum homem deve confiantemente entrar na casa de um inimigo depois do crepúsculo nem com aviso. Não se deve à noite espreitar na área do recinto de outro, nem se deve procurar desfrutar de uma mulher a quem o próprio rei possa namorar. Nunca te

coloque contra a decisão à qual chegou uma pessoa que mantém companhia inferior e que tem o hábito de consultar todos os que ela encontra. Nunca diga a ela, 'Eu não acredito em ti', mas apontando algum motivo mande-a embora sob um pretexto. Um rei que é extremamente piedoso, uma mulher de caráter lascivo, o empregado de um rei, um filho, um irmão, uma viúva tendo um filho menor, alguém servindo no exército, e alguém que tem sofrido grandes perdas, nunca deve ser engajado em transações pecuniárias de empréstimos ou obtenção de empréstimos. Estas oito qualidades derramam um brilho sobre homens, ou seja, sabedoria, linhagem nobre, conhecimento das escrituras, autodomínio, coragem, moderação em palavras, doações à extensão de seu poder, e gratidão. Estas qualidades elevadas, ó majestade, são necessariamente reunidas por alguém somente por meio de doações. Quando o rei favorece uma pessoa, aquele incidente (de favor real) traz todos os outros e os mantém juntos. Aquele que realiza abluções ganha estes dez: força, beleza, uma voz clara, capacidade para proferir todos os sons alfabéticos, delicadeza de toque, sutileza de aroma, limpeza, graciosidade, delicadeza de membros, e mulheres belas. Aquele que come frugalmente ganha estes seis: saúde, vida longa, e bem-estar; seus filhos também se tornam saudáveis, e ninguém o repreende por gula. Uma pessoa não deve dar abrigo em sua casa a estes: alguém que sempre age impropriamente, alguém que come demasiado, alguém que é odiado por todos, alguém que é extremamente enganador, alguém que é cruel, alguém que é ignorante das propriedades de hora e lugar, e alguém que se veste indecentemente. Uma pessoa, embora aflita, nunca deve solicitar um avaro por esmolas, ou alguém que fala mal de outros, ou alguém que não conhece os shastras, ou um habitante das florestas, ou alguém que é astuto, ou alguém que não respeita pessoas dignas de consideração, ou alguém que é cruel, ou alguém que habitualmente briga com outros, ou alguém que é mal-agradecido. Uma pessoa nunca deve visitar estes seis piores dos homens: alguém que é um inimigo, alguém que sempre transgride as normas, alguém que é ligado à falsidade, alguém que é desprovido de devoção aos deuses, alguém que não tem afeto, e alguém que sempre se considera competente para fazer tudo. Os propósitos de uma pessoa dependem (para seu êxito) dos meios; e meios são dependentes, além disso, da natureza dos propósitos (procurados ser realizados por meio deles). Eles estão intimamente ligados um ao outro, pelo que o sucesso depende de ambos. Gerando filhos e os tornando independentes por fazer alguma provisão para eles, e entregando filhas moças para homens qualificados, um homem deve se retirar para as florestas, e desejar viver como um Muni. Ele deve, para obter os favores do Ser Supremo, fazer o que é para o bem de todas as criaturas como também para sua própria felicidade, pois é isto que é a base dos mais bem sucedidos de todos os objetivos de alguém. Que ansiedade por um meio de vida tem aquele que tem inteligência, energia, coragem, força, entusiasmo e perseverança?

Veja os males de um rompimento com os Pandavas o qual entristeceria os próprios deuses com Sakra. Estes são, primeiro, inimizade entre aqueles que são todos teus filhos; em segundo lugar, uma vida de ansiedade contínua; em terceiro lugar, a perda da fama justa dos Kurus; e por fim, a alegria daqueles que são teus inimigos. A ira de Bhishma, ó tu do esplendor de Indra, de Drona, e do rei

Yudhishthira consumirão o mundo inteiro, como um cometa de grandes proporções caindo transversalmente na terra. Teus cem filhos e Karna e os filhos de Pandu podem governar juntos a vasta terra com a faixa dos mares. Ó rei, os Dhritarashtras constituem uma floresta da qual os Pandavas são, eu penso, tigres. Ó, não derrube aquela floresta com seus tigres! Ó, não deixe os tigres serem expulsos daquela floresta! Não pode haver floresta sem tigres, e nem tigres sem uma floresta. A floresta abriga os tigres e os tigres guardam a floresta!

Aqueles que são pecaminosos nunca procuram tanto averiguar as boas qualidades de outros quanto averiguar seus defeitos. Aquele que deseja o maior êxito em todas as questões conectadas com lucro mundano deve praticar a virtude desde o início, pois verdadeiro lucro nunca está separado do céu. Aquele cuja alma está dissociada do pecado e firmemente fixada na virtude compreendeu todas as coisas em seus estados naturais e adventícios; aquele que vai atrás de virtude, lucro, e desejo, em épocas apropriadas, obtém, neste mundo e no outro, uma combinação de todos os três. Aquele que refreia a força da raiva e alegria, e nunca, ó rei, perde sua razão sob calamidades, ganha prosperidade. Ouça-me, ó rei. Homens são citados como tendo cinco diferentes espécies de força. Destas, a força de braços é considerada como sendo a espécie mais inferior. Abençoado sejas tu, a aquisição de bons conselheiros é considerada como a segunda espécie de força. Os sábios dizem que a aquisição de riqueza é a terceira espécie de força. A força de nascimento, ó rei, que uma pessoa adquire naturalmente de seus pais e avôs é considerada como a quarta espécie de força. Aquela, no entanto, ó Bharata, pela qual todas essas são obtidas, e que é a principal de todas as espécies de força, é chamada de força de intelecto. Tendo provocado a hostilidade de uma pessoa que é capaz de infligir grande dano em uma criatura semelhante, uma pessoa não deve acumular confiança do pensamento que ela vive longe da outra. Quem que é sábio pode colocar sua confiança em mulheres, reis, serpentes, seu próprio patrão, inimigos, prazeres, e período de vida? Não há médicos nem remédios para alguém que foi atingido pela flecha da sabedoria. No caso de tal pessoa nem os mantras de homa, nem cerimônias auspiciosas, nem os mantras do Atharva Veda, nem algum dos antídotos de veneno, são de alguma eficácia. Serpentes, fogo, leões, e parentes consanguíneos, nenhum desses, ó Bharata, deve ser desconsiderado por um homem; todos esses são possuidores de grande poder. Fogo é uma coisa de grande energia neste mundo. Ele espreita em madeira e nunca a consome até que seja aceso por outros. Aquele mesmo fogo, quando tirado por fricção, consome com sua energia não somente a madeira na qual ele se esconde, mas também uma floresta inteira e muitas outras coisas. Homens de linhagem nobre são exatamente como fogo em energia. Dotados de clemência, eles não mostram sintomas externos de ira e são quietos como fogo em madeira. Tu, ó rei, com teus filhos és possuidor da virtude de trepadeiras, e os filhos de Pandu são considerados como árvores Sala. Uma trepadeira nunca cresce a menos que haja uma árvore grande para se enrolar em volta. Ó rei, ó filho de Ambika, teu filho é como uma floresta. Ó majestade, saiba que os Pandavas são os leões daquela floresta. Sem seus leões a floresta está fadada à destruição, e leões também estão fadados à destruição sem a floresta (para abrigá-los).'"

38

"Vidura disse, 'O coração de um homem jovem, quando uma pessoa idosa e venerável vai à sua casa (como um convidado), se eleva às alturas. Por se adiantar e saudá-la, ele recebe isto de volta. Aquele que é auto-controlado, primeiro oferecendo um assento, e trazendo água e fazendo os pés do seu convidado serem lavados e fazendo as perguntas usuais de boas vindas, deve então falar dos seus próprios assuntos, e levando tudo em consideração, lhe oferecer alimento. Os sábios dizem que vive em vão o homem em cuja residência um Brahmana conhecedor de mantras não aceita água, mel e coalhos, e vacas por medo de não poder se apropriar deles, ou por causa da avareza e má vontade com as quais os presentes são feitos. Um médico, um fabricante de setas, até alguém que abandonou o voto de Brahmacharya antes dele estar terminado, um ladrão, um homem de mente desonesta, um Brahmana que bebe, alguém que causa aborto, alguém que vive por servir no exército, e alguém que vende os Vedas, quando chegado como um convidado, embora ele não seja merecedor, a oferta de água deve ser considerada (por um chefe de família) como muito prezada. Um Brahmana nunca deve ser um vendedor de sal, de alimento cozido, coalhos, leite, mel, óleo, manteiga clarificada, gergelim, carne, frutas, raízes, ervas cozinhas e mantidas em tempero, roupas tingidas, todas espécies de perfumaria, e melado. Aquele que nunca cede à raiva, aquele que está acima de aflição, aquele que não tem mais necessidade de amizade e discussões, aquele que desconsidera elogio e crítica, e aquele que permanece indiferente ao que é agradável e desagradável, como uma pessoa perfeitamente afastada do mundo, é um Yogin nobre da ordem Bhikshu. Aquele asceta virtuoso que vive de arroz crescendo selvagem, ou raízes, ou ervas, que tem sua alma sob controle, que mantém cuidadosamente seu fogo para culto, e residindo nas florestas é sempre atencioso aos convidados, é de fato, o principal de sua confraria. Tendo sido injusto com uma pessoa inteligente, alguém nunca deve colher garantia do fato de que vive longe da pessoa prejudicada. Longos são os braços que as pessoas inteligentes têm, pelos quais elas podem devolver males por males feitos a elas. Uma pessoa nunca deve pôr confiança naquele que não é de confiança, nem pôr confiança demais naquele em quem se deve confiar, pois o perigo que surge de ter depositado confiança em outro corta as próprias bases de uma pessoa. Um homem deve renunciar à inveja, proteger suas esposas, dar a outros o que lhes é devido, e ser agradável em palavras. Ele deve ser de fala gentil e agradável em sua atitude com respeito a suas esposas, mas nunca deve ser seu escravo. É dito que esposas que estão altamente abençoadas e virtuosas, dignas de culto e os ornamentos de suas casas, são realmente encarnações da prosperidade doméstica. Elas devem, portanto, ser protegidas particularmente. Um homem deve transferir a seu pai a inspeção dos seus aposentos internos; da cozinha, à sua mãe; dos gados, a alguém que ele considere como a si mesmo, mas com relação à agricultura, ele mesmo deve inspecioná-la. Ele deve cuidar de convidados da casta comerciante por meio de seus empregados, e daqueles da casta Brahmana através de seus filhos. Fogo tem sua origem em água; Kshatriyas em Brahmanas;

e ferro em pedra. A energia desses (fogo, Kshatriyas, e ferro) pode afetar todas as coisas, mas é neutralizada logo que as coisas entram em contato com seus progenitores. Fogo jaz oculto em madeira sem se mostrar externamente. Homens bons e clementes nascidos em famílias nobres e dotados de energia ardente não mostram quaisquer sintomas externos do que está dentro deles. Aquele rei cujos planos não podem ser conhecidos nem por estranhos ou aqueles em volta dele, mas que conhece os planos de outros por meio de seus espiões, desfruta de sua prosperidade por muito tempo. Uma pessoa nunca deve falar do que ela pretende fazer. Que qualquer coisa que tu faças em relação à virtude, lucro, e desejo não seja conhecida até que esteja feita. Que planos não sejam divulgados. Subindo no topo da montanha ou no terraço de um palácio, ou procedendo para um ermo desprovido de árvores e plantas, deve-se, em sigilo, amadurecer seus planos. Ó Bharata, nem um amigo que não tem erudição, nem um amigo erudito que não tem controle sobre seus sentidos merece ser um repositório de segredos de estado. Ó rei, nunca faça teu ministro uma pessoa sem examiná-la bem, pois as finanças de um rei e a manutenção de seus planos dependem ambas de seu ministro. É o principal dos soberanos aquele cujos ministros conhecem suas ações em relação à virtude, lucro e desejo somente depois que elas estão feitas. O rei cujos planos são mantidos fechados sem dúvida faz jus ao sucesso. Aquele que por ignorância comete ações que são censuráveis perde sua própria vida por consequência dos resultados desfavoráveis daquelas ações. O cometimento de ações que são dignas de louvor está sempre ligado ao bem-estar. Omissão em fazer tais ações leva ao arrependimento. Como um Brahmana sem ter estudado os Vedas não está apto para oficiar em um Sraddha (em honra dos Pitris), assim aquele que não sabe dos seis (meios para proteger um reino) não merece tomar parte em deliberações políticas. Ó rei, aquele que tem um olhar vigilante sobre aumento, diminuição, e excedente, aquele que está familiarizado com os seis meios e conhece também a si mesmo, ele cuja conduta é sempre elogiada traz a terra inteira sob submissão a si mesmo. Aquele cuja raiva e alegria são produtivas de consequências, aquele que inspeciona pessoalmente o que deve ser feito, aquele que tem sua tesouraria sob seu próprio controle traz a terra inteira sob submissão a si mesmo. O rei deve estar contente com o nome que ele ganha e o guarda-sol que é mantido sobre sua cabeça. Ele deve dividir a riqueza do reino entre aqueles que o servem. Ele não deve se apropriar sozinho de tudo. Um Brahmana conhece um Brahmana, o marido compreende a esposa, o rei conhece o ministro, e monarcas conhecem monarcas. Um inimigo que merece a morte, quando trazido sob submissão nunca deve ser libertado. Se uma pessoa for fraca ela deve cortejar um inimigo que é mais forte, mesmo que o último mereça a morte; mas ela deve matar aquele inimigo logo que ela domine força suficiente, pois, se não morto, perigos logo surgem dele. Deve-se, com um esforço, controlar sua ira contra os deuses, reis, Brahmanas, homens velhos, crianças, e aqueles que são desamparados. Aquele que é sábio deve evitar disputas não lucrativas nas quais somente tolos se engajam. Por meio disto uma pessoa ganha grande renome neste mundo e evita miséria e tristeza. As pessoas nunca desejam como um patrão aquele cuja graça é inútil e cuja ira não tem valor, como mulheres nunca desejam para um marido aquele que é um eunuco. Inteligência não existe para a aquisição de riqueza, nem é a ociosidade a causa da adversidade; somente

o homem de sabedoria conhece, e não outros, a causa das diversidades de condição neste mundo. O tolo, ó Bharata, sempre desrespeita as pessoas de idade, e eminentes em conduta e conhecimento, em inteligência, riqueza, e linhagem. Calamidades logo caem sobre aqueles que são de disposição perversa, desprovidos de sabedoria, invejosos, ou pecaminosos, de língua suja, e coléricos. Ausência de falsidade, caridade, observância das regras estabelecidas de relacionamento, e fala bem controlada trazem todas as criaturas sob submissão. Aquele que não tem propensão para enganar, que é ativo, agradecido, inteligente, e honesto, mesmo que sua tesouraria esteja vazia, consegue amigos, conselheiros, e empregados. Inteligência, tranquilidade de mente, autocontrole, pureza, ausência de palavras ríspidas e repugnância em fazer qualquer coisa desagradável para amigos, estes sete são considerados como o combustível da chama da prosperidade. O patife que não dá para outros o que lhes é devido, que é de alma má, que é mal-agradecido, e sem vergonha, deve, ó rei, ser evitado. A pessoa culpada que provoca outra sobre aquele que é inocente não pode dormir pacificamente à noite, como uma pessoa passando a noite com uma cobra no mesmo quarto. Aqueles, ó Bharata, que ao ficarem zangados põem em perigo as posses e meios de aquisição de alguém devem sempre ser propiciados como os próprios deuses. Aqueles objetivos que dependem de mulheres, pessoas descuidadas, homens que abandonaram os deveres de sua casta, e daqueles que são maus em disposição são de sucesso duvidoso. Afundam sem auxílio, ó rei, como uma balsa feita de pedra, aqueles que têm uma mulher, uma pessoa enganadora, ou uma criança como seu guia. Aqueles que são competentes nos princípios gerais de trabalho, embora não em tipos específicos de trabalho são considerados por homens como eruditos e sábios, pois tipos específicos de trabalho são subsidiários. Aquele homem que é citado em termos elogiosos por vigaristas, mímicos e mulheres de má fama está mais morto do que vivo. Abandonando aqueles arqueiros poderosos de energia incomensurável, isto é, os filhos de Pandu, tu, ó Bharata, transferiste para Duryodhana os cuidados de um império imenso. Tu, portanto, logo verás esta grande afluência declinar, como Vali caído dos três mundos.'"

39

"Dhritarashtra disse, 'O homem não é o distribuidor de sua prosperidade ou adversidade. Ele é como um boneco de madeira movido por cordas. De fato, o Criador fez o homem sujeito ao Destino. Continue a me falar, eu estou atento ao que tu dizes.'"

"Vidura disse, 'Ó Bharata, por falar palavras em tempo impróprio até Vrihaspati se expôs à crítica e ao fardo da ignorância. Uma pessoa se torna agradável por meio de presentes, outra por palavras gentis, uma terceira pela força de encantamentos e drogas. Aquele, no entanto, que é naturalmente agradável, sempre permanece assim. Aquele que é odiado por outro nunca é considerado por aquele outro como honesto ou inteligente ou sábio. Uma pessoa atribui tudo de bom a alguém que ela ama; e tudo de mau ao que ela odeia. Ó rei, logo que

Duryodhana nasceu eu te disse, tu deves abandonar este único filho, pois por abandoná-lo tu assegurarás a prosperidade dos teus cem filhos, e por mantê-lo, a destruição tragará teus cem filhos. Nunca deve ser considerado favoravelmente aquele ganho que leva à perda. Por outro lado, deve ser considerada favoravelmente aquela perda que traz lucro. Não é perda, ó rei, aquela que ocasiona ganho. No entanto, deve ser considerado como perda aquilo que sem dúvida ocasionará perdas maiores ainda. Alguns se tornam eminentes por boas qualidades; outros se tornam assim por riqueza. Evite aqueles, ó Dhritarashtra, que são eminentes em riqueza mas desprovidos de boas qualidades!'"

"Dhritarashtra disse, 'Tudo o que você diz é aprovado pelos sábios e é para meu bem futuro. Eu não ouso, no entanto, abandonar meu filho. É bem sabido que onde há retidão há vitória.'"

"Vidura disse, 'Aquele que é agraciado com todas as virtudes e é dotado de humildade nunca é indiferente nem aos minúsculos sofrimentos de criaturas vivas. Aqueles, no entanto, que estão sempre ocupados em falar mal de outros sempre se esforçam com energia disputando uns com os outros e em todas as questões, calculadas para causar dor para outros. Há pecado em aceitar presentes, e perigo em fazer presentes para aqueles cuja própria visão é inauspiciosa e cuja companhia é repleta de perigo. Aqueles que são briguentos, cobiçosos, desavergonhados, enganadores, são conhecidos injustos, e sua companhia deve sempre ser evitada. Deve-se também evitar aqueles homens que são dotados de defeitos similares de uma natureza grave. Quando o motivo que causou a amizade está terminado a amizade daqueles que são inferiores, o resultado benéfico daquela conexão, e a felicidade também derivável disto, tudo acaba. Eles então se esforçam para falar mal de seu (último) amigo e se esforçam para infligir prejuízo a ele, e mesmo se a perda que eles sofrem for muito pequena, apesar de tudo isso eles, por falta de autocontrole, fracassam em desfrutar de paz. Aquele que é erudito, examinando tudo com cuidado e refletindo bem, deve, de uma distância, evitar a amizade de pessoas vis e de mente perversa tais como essas. Aquele que ajuda seus parentes pobres e desventurados e incapazes obtém filhos e animais e desfruta de prosperidade que não conhece fim. Aqueles que desejam seu próprio benefício devem sempre auxiliar seus parentes. Por todos os meios, portanto, ó rei, procure o crescimento da tua família. A prosperidade será tua, ó monarca, se tu te comportares bem para com todos os teus parentes. Até parentes que são desprovidos de boas qualidades devem ser protegidos. Ó touro da raça Bharata, quanto mais, portanto, devem ser protegidos aqueles que são dotados de todas as virtudes e estão humildemente expectantes dos teus favores? Favoreça os filhos heróicos de Pandu, ó monarca, e deixe que poucas aldeias sejam conferidas a eles para sua manutenção. Por agires dessa maneira, ó rei, a fama será tua neste mundo. Tu és idoso; tu deves, portanto, controlar teus filhos. Eu devo dizer o que é para o teu bem. Conheça-me como alguém que deseja bem para ti. Aquele que deseja seu próprio benefício nunca deve brigar, ó majestade, com seus parentes. Ó touro da raça Bharata, felicidade deve ser sempre desfrutada com os parentes, e não sem eles; comer um com o outro, conversar um com o outro, e amar um ao outro, é o que parentes sempre devem fazer. Eles nunca devem brigar. Neste

mundo são os parentes que resgatam, e os parentes que arruínam (parentes). Aqueles entre eles que são justos resgatam; enquanto aqueles que são injustos afundam (seus confrades). Ó rei, seja, ó concessor de honras, justo em teu comportamento em direção aos filhos de Pandu. Cercado por eles, tu serás inconquistável por teus inimigos. Se um parente se contrai na presença de um parente próspero, como um veado à visão de um caçador armado com flechas, então o parente próspero tem que tomar sobre ele mesmo todos os pecados do outro. Ó melhor dos homens, o arrependimento será teu (por esta tua inação no momento) quando no futuro tu souberes da morte ou dos Pandavas ou dos teus filhos. Ó, pense em tudo isso. Como a própria vida é instável, uma pessoa deve no próprio início evitar aquela ação por consequência da qual ela tenha que se entregar ao remorso tendo entrado no aposento da dor. Verdade é que toda pessoa a não ser Bhargava, o autor da ciência de moralidade, está sujeita a cometer ações que vão contra a moralidade. É visto, no entanto, que uma justa noção de consequência está presente em todas as pessoas de inteligência. Tu és um descendente idoso da linhagem de Kuru. Se Duryodhana infligiu estes males aos filhos de Pandu, é teu dever, ó rei de homens, desfazer todos eles. Reinstalando eles em suas posições, tu serás, neste mundo, purificado de todos os teus pecados e serás, ó rei de homens, um objeto de admiração até para aqueles que têm suas almas sob controle. Refletindo sobre as palavras bem faladas dos sábios correspondentes às suas consequências, aquele que se engaja em ações nunca perde renome. O conhecimento comunicado até por homens de erudição e habilidade é imperfeito, pois aquilo que se procura inculcar pode ser mal-compreendido, ou, se compreendido, pode não ser realizado na prática. Aquela pessoa erudita que nunca faz uma ação cujas consequências são pecado e tristeza sempre cresce (em prosperidade). A pessoa, no entanto, de alma perversa, que por insensatez continua seu comportamento pecaminoso começado anteriormente cai em um pântano de lama profunda. Aquele que é sábio deve sempre manter em vista os seis canais (seguintes) pelos quais planos vêm a ser divulgados, e aquele que deseja êxito e uma longa dinastia deve sempre se proteger desses seis. Eles são: intoxicação, torpor, desatenção a espiões, colocar um acima de outro, a própria conduta como dependente da operação do seu próprio coração, confiança depositada em um conselheiro pecaminoso, e enviados inábeis. Conhecendo estas seis portas (através das quais planos são divulgados), aquele que as mantém fechadas enquanto busca a obtenção de virtude, lucro, e desejo tem êxito em permanecer acima das cabeças de seus inimigos. Sem um conhecimento das escrituras e sem visitar os idosos, nem virtude nem lucro podem ser conhecidos (ou obtidos) nem por pessoas abençoadas com a inteligência de Vrihaspati. Uma coisa é perdida se lançada ao mar; palavras são perdidas se dirigidas a alguém que não escuta; as escrituras estão perdidas em alguém que não tem sua alma sob controle; e uma libação de manteiga clarificada é perdida se derramada sobre as cinzas deixadas por um fogo que está extinto. Aquele que é dotado de inteligência faz amizade com aqueles que são sábios, tendo primeiro examinado pela ajuda de sua inteligência, repetidamente investigando por meio de sua mente, e usando seus ouvidos, olhos, e discernimento. Humildade elimina infâmia; atenção, fracasso, bravura; perdão sempre conquista raiva; e ritos auspiciosos destroem todas as indicações de mal.

A linhagem de alguém, ó rei, é provada por seus objetos de prazer, lugar de nascimento, casa, comportamento, alimentação, e vestuário. Quando um objeto de prazer está disponível, até aquele que alcançou a emancipação não fica relutante em desfrutar; o que, então, precisa ser dito daquele que ainda está ligado ao desejo? Um rei deve apreciar um conselheiro que reverencia pessoas de sabedoria, é dotado de erudição, virtude, aparência agradável, amigos, discurso gentil, e um bom coração. Seja de nascimento inferior ou superior, aquele que não viola as regras de relacionamento educado, que tem um olhar vigilante sobre a virtude, que é dotado de humildade e modéstia, é superior a cem pessoas de nascimento nobre. Nunca esfria a amizade daquelas pessoas cujos corações, buscas secretas, e prazeres, e conhecimentos, se harmonizam em todos os aspectos. Aquele que é inteligente deve evitar uma pessoa ignorante de alma pecaminosa, como uma cova cuja boca está coberta com grama, pois amizade com tal pessoa nunca pode durar. O homem de sabedoria nunca deve contrair amizade com aqueles que são orgulhosos, ignorantes, violentos, irrefletidos e que abandonaram a retidão. Aquele que é grato, virtuoso, sincero, generoso, e leal, e aquele que tem seus sentidos sob controle, preserva sua dignidade, e nunca abandona um amigo deve ser desejado como um amigo. O afastamento dos sentidos de seus respectivos objetos é equivalente à própria morte. Sua excessiva indulgência, além disso, arruinaria os próprios deuses. Humildade, amor por todas as criaturas, perdão, e respeito por amigos, estes, os eruditos dizem, encompridam a vida. Aquele que com uma resolução firme se esforça para realizar por meio de uma política virtuosa propósitos que uma vez foram frustrados, é citado como possuidor de coragem genuína. Alcança todos os seus objetivos o homem que conhece os remédios a serem aplicados no futuro, que está firmemente resolvido no presente, e que podia prever no passado como uma ação começada terminaria. Aquilo que um homem busca em palavras, atos, e pensamentos, ganha ele como seu próprio; portanto, sempre se deve procurar aquilo que é para o seu bem. Esforço depois de verificar o que é bom, as propriedades de tempo, lugar, e recursos, conhecimento das escrituras, energia, honestidade, e frequentar reuniões com aqueles que são bons, estes ocasionam prosperidade. Perseverança é a base da prosperidade, do lucro, e do que é benéfico. O homem que persegue um objetivo com perseverança e sem abandoná-lo em aborrecimento é realmente formidável, e desfruta de felicidade que é interminável. Ó majestade, não há nada mais conducente à felicidade e nada mais apropriado para um homem de poder e energia quanto clemência em todos os lugares e em todos os tempos. Aquele que é fraco deve perdoar sob todas as circunstâncias. Aquele que é possuidor de poder deve mostrar perdão por motivos de virtude; e aquele para quem o sucesso ou fracasso de seus objetivos é o mesmo é naturalmente perdoador. Aquele prazer a busca do qual não prejudica a virtude e lucro de uma pessoa deve certamente ser buscado até a satisfação da pessoa. Não se deve, no entanto, agir como um tolo por dar livre indulgência a seus sentidos. A prosperidade nunca reside em alguém que se permite ser torturado por uma angústia, que é viciado em maus hábitos, que nega a Divindade, que é inativo, que não tem seus sentidos sob controle, e que é desprovido de esforço. O homem que é humilde, e que por humildade é modesto, é considerado como fraco e perseguido por pessoas de inteligência mal orientada.

A prosperidade nunca se aproxima por medo da pessoa que é excessivamente generosa, que doa sem medida, que é possuidora de valentia extraordinária, que pratica os votos mais rígidos, e que é muito orgulhosa de sua sabedoria. A prosperidade não reside em alguém que é muito aperfeiçoado, nem em alguém que não tem qualquer realização. Ela não deseja uma combinação de todas as virtudes, nem ela está satisfeita com a total ausência de todas as virtudes. Cega, como uma vaca louca, a prosperidade reside com alguém que não é fora do comum. Os frutos dos Vedas são cerimônias realizadas diante do fogo (homa); os frutos do conhecimento das escrituras são bondade de disposição e conduta. Os frutos das mulheres são os prazeres de relacionamento sexual e filhos; e os frutos da riqueza são divertimento e caridade. Aquele que realiza ações que visam assegurar sua prosperidade no outro mundo com riqueza adquirida pecaminosamente nunca colhe os frutos destas ações no outro mundo, por causa da pecaminosidade das aquisições (gastas para o propósito). No meio de desertos, ou florestas profundas, ou fortalezas inacessíveis, em meio a todas as espécies de perigos e alarmes ou em vista de armas mortais erguidas para atingi-lo, aquele que tem força mental não nutre temor. Esforço, autocontrole, habilidade, cuidado, firmeza, memória, e começo de ações depois de deliberação madura, saiba que estas são as bases da prosperidade. Austeridades constituem a força de ascetas; os Vedas são a força daqueles familiarizados com eles; na inveja se encontra a força do mau; e no perdão, a força do virtuoso. Estes oito, isto é, água, raízes, frutas, leite, manteiga clarificada, (o que é feito conforme) o desejo de um Brahmana, (ou por) ordem de um preceptor, e remédios, não são destrutivos de um voto. Aquilo que é antagônico à própria pessoa nunca deve ser aplicado em relação à outra. Resumidamente isto mesmo é virtude. Há outras espécies de virtude, mas essas procedem de capricho. Raiva deve ser conquistada por perdão; e o mau deve ser conquistado por meio de honestidade; o avaro deve ser conquistado por generosidade, e a mentira deve ser conquistada pela verdade. Não se deve colocar confiança em uma mulher, um vigarista, uma pessoa ociosa, um covarde, alguém que é violento, alguém que conta vantagem do seu próprio poder, um ladrão, uma pessoa ingrata, e um ateu. Realizações, período de vida, fama, e poder, estes quatro sempre se expandem no caso daquele que saúda respeitosamente seus superiores e serve os idosos. Não ponha teu coração no encalço daqueles objetos os quais não podem ser adquiridos exceto por meio de esforço muito doloroso, ou por sacrificar a virtude, ou por reverenciar um inimigo. É para se ter pena de um homem sem conhecimento; é para se ter pena de uma relação sexual que não é frutífera; é para se ter pena das pessoas de um reino que não tem alimento; e é para se ter pena de um reino sem um rei. Estes constituem a fonte de dor e fraqueza para criaturas incorporadas: as chuvas, queda de colinas e montanhas; ausência de diversão, angústia de mulheres; e flechas verbais do coração. A escória dos Vedas é falta de estudo; de Brahmanas, ausência de votos; da Terra, os Vahlikas; do homem, a falsidade; da mulher casta, curiosidade; de mulheres, exílio de casa. A escória do ouro é a prata; da prata, estanho; do estanho, chumbo; e do chumbo, refugo inútil. Não se pode vencer o sono por deitar; mulheres por desejo; fogo por combustível; e vinho por alcoolismo. É, de fato, coroada com êxito a vida daquele que ganhou seus amigos por meio de presentes, seus inimigos em batalha, e esposa por comida e bebida;

aqueles que têm milhares vivem; aqueles que têm centenas, também vivem. Ó Dhritarashtra, abandone o desejo. Não há ninguém que não possa conseguir viver por um meio ou outro. Teu arroz, trigo, ouro, animais, e mulheres que estão sobre a terra todos não podem saciar mesmo uma pessoa. Refletindo sobre isto, aqueles que são sábios nunca se afligem por falta de domínio universal. Ó rei, eu te falo novamente, adote um comportamento igual em direção aos teus filhos, isto é, em direção aos filhos de Pandu e teus próprios filhos.'"

40

"Vidura disse, 'Respeitado pelos bons e abandonando o orgulho, aquele bom homem que busca seus objetivos sem extravasar os limites de sua força logo consegue obter fama, pois aqueles que são bons, quando satisfeitos com uma pessoa, são certamente competentes para outorgar felicidade a ele. Ele que abandona, por iniciativa própria, até um grande objetivo devido a ele ser repleto de injustiça vive alegremente, perdendo todos os inimigos, como uma cobra que abandona sua pele. Uma vitória obtida por meio de uma mentira, conduta fraudulenta em direção ao rei, e insinceridade de intenções expressadas diante do preceptor, esses três são cada um igual ao pecado de matar um Brahmana. Inveja excessiva, morte e jactância são as causas da destruição de prosperidade. Descuido em servir o preceptor, pressa, e ostentação, são os três inimigos do conhecimento. Preguiça, desatenção, confusão do intelecto, inquietude, reunião para matar tempo, arrogância, orgulho, e cobiça, estes sete constituem, é dito, as falhas de estudantes na busca de conhecimento. Como aqueles que desejam prazer podem ter conhecimento? Estudantes, além disso, engajados na busca de erudição, não podem ter prazer. Devotos do prazer devem desistir do conhecimento, e devotos do conhecimento devem desistir do prazer. O fogo nunca está satisfeito com combustível (mas pode consumir qualquer quantidade disso). O grande oceano nunca está satisfeito com os rios que recebe (mas pode receber qualquer número deles). A morte nunca está satisfeita nem com todas as criaturas vivas. Uma bela mulher nunca está satisfeita com qualquer número de homens (que ela possa ter). Ó rei, expectativa mata paciência; Yama mata crescimento; raiva mata prosperidade; avareza mata fama; ausência de cuidado mata gados; um Brahmana zangado destrói um reino inteiro. Que cabras, cobre, prata, mel, antídotos de venenos, aves, Brahmanas versados nos Vedas, parentes idosos, e homens de nascimento nobre afundados em pobreza estejam sempre presentes na tua casa. Ó Bharata, Manu disse que cabras, touros, sândalo, liras, espelhos, mel, manteiga clarificada, ferro, cobre, conchas, salagram (o imagem de pedra de Vishnu com ouro dentro) e gorochana devem sempre ser mantidos em uma casa para o culto dos deuses, Brahmanas, e convidados, pois todos aqueles objetos são auspiciosos. Ó majestade, eu comunicarei para ti outra lição sagrada produtiva de grandes resultados, e que é o mais elevado de todos os ensinamentos, isto é, virtude nunca deve ser abandonada por desejo, medo, ou tentação, não, nem pela própria vida. A virtude é eterna; prazer e dor são transitórios; a vida é, de fato, eterna, mas suas fases específicas são transitórias.

Abandonando aqueles que são transitórios, dirija-te àquilo que é eterno, e que o contentamento seja teu, pois o contentamento é a maior de todas as aquisições. Veja, reis ilustres e poderosos, tendo governado terras ricas em riqueza e grãos, se tornaram as vítimas do Destruidor Universal, deixando para trás seus reinos e vastas fontes de prazer. O filho criado com cuidado ansioso, quando morto, é erguido e carregado para longe por homens (para a área de queima). Com o cabelo despenteado e chorando lastimavelmente, eles então lançam o corpo na pira mortuária, como se ele fosse um pedaço de madeira. Outros desfrutam da riqueza do falecido, enquanto aves e fogo se banqueteiam com os elementos do corpo dele. Com dois somente ele vai para o outro mundo, isto é, seus méritos e seus pecados que lhe fazem companhia. Jogando fora o corpo, ó majestade, parentes, amigos, e filhos retrocedem seus passos, como aves abandonando árvores sem flores e frutos. A pessoa lançada na pira mortuária é seguida somente por suas próprias ações. Portanto, os homens devem ganhar cuidadosamente e gradualmente o mérito da virtude. No mundo acima deste, e também naquele abaixo deste, há regiões de grande tristeza e escuridão. Saiba, ó rei, que aquelas são regiões onde os sentidos dos homens são extremamente atormentados. Oh, não deixe algum daqueles lugares serem teus. Ouvindo estas palavras cuidadosamente, se tu puderes agir de acordo com elas tu obterás grande renome neste mundo de homens, e o temor não será teu nem aqui nem futuramente. Ó Bharata, a alma é citada como um rio; mérito religioso constitui seus banhos sagrados; verdade, sua água; autocontrole, suas margens; bondade, suas ondas. Aquele que é justo se purifica por meio de um banho nele, pois a alma é sagrada, e a ausência de desejo é o maior mérito. Ó rei, a vida é um rio cujas águas são os cinco sentidos, e cujos crocodilos e tubarões são desejo e raiva. Fazendo do autocontrole tua balsa, cruze seus redemoinhos que são representados por repetidos nascimentos! Respeitando e gratificando amigos que são eminentes em sabedoria, virtude, aprendizagem, e idade, aquele que pede seu conselho sobre o que ele deve ou não deve fazer nunca é enganado. Uma pessoa deve reprimir sua luxúria e estômago por meio de paciência; suas mãos e pés por meio dos olhos; seus olhos e ouvidos por meio da mente; e sua mente e palavras por meio de suas ações. Aquele Brahmana que nunca deixa de realizar suas abluções, que sempre usa seu fio sagrado, que sempre presta atenção ao estudo dos Vedas, que sempre evita alimento que é impuro, que diz a verdade e realiza ações em honra de seu preceptor, nunca cai da região de Brahma. Tendo estudado os Vedas, despejado libações no fogo, realizado sacrifícios, protegido os súditos, santificado sua alma por sacar armas para proteger vacas e Brahmanas, e morrido no campo de batalha, o Kshatriya alcança o céu. Tendo estudado os Vedas, e distribuído em tempo apropriado sua riqueza entre Brahmanas, Kshatriyas, e seus próprios dependentes, e inalado a fumaça santificada dos três tipos de fogos, o Vaisya desfruta de felicidade celestial no outro mundo. Tendo devidamente adorado Brahmanas, Kshatriyas, e Vaisyas em ordem devida, e tendo queimado seus pecados por gratificá-los, e então abandonando pacificamente seu corpo, o Sudra desfruta da felicidade do céu. Os deveres das quatro classes foram assim mostrados diante de ti. Ouça agora a razão do meu discurso, porque eu o pronuncio. Yudhishthira, o filho de Pandu, está

abandonando os deveres da ordem Kshatriya. Coloque-o, portanto, ó rei, em uma posição para cumprir os deveres dos reis.'"

"Dhritarashtra disse, 'É assim mesmo como tu sempre me ensinas. Ó amável, meu coração também se inclina a este mesmo caminho do qual tu me falaste. Embora, no entanto, eu me incline em minha mente em direção aos Pandavas assim como tu me instruíste a fazer, logo que eu entro em contato com Duryodhana isto se desvia para um caminho diferente. Nenhuma criatura é capaz de impedir o destino. De fato, o Destino, eu penso, indubitavelmente segue seu rumo; esforço individual é inútil.'"

41

(Sanat-sujata Parva)

"Dhritarashtra disse, 'Se há alguma coisa ainda não dita por ti, ó Vidura, diga-a então, porque eu estou disposto a te escutar. O discurso é, de fato, encantador.'"

"Vidura disse, 'Ó Dhritarashtra, ó tu da linhagem Bharata, aquele Rishi antigo e imortal Sanat-sujata que, levando uma vida de celibato perpétuo disse que não há Morte, aquela principal de todas as pessoas inteligentes, esclarecerá para ti todas as dúvidas na tua mente, expressadas e não expressadas.'

"Dhritarashtra disse, 'Tu não sabes o que aquele Rishi imortal me dirá? Ó Vidura, diga se, de fato, tu tens aquele grau de sabedoria.'

"Vidura disse, 'Eu sou nascido na classe Sudra e, portanto, não ouso dizer mais do que o que eu já disse. A compreensão, no entanto, daquele Rishi levando uma vida de celibato é considerada por mim como infinita. Ele que é um Brahmana por nascimento, por discursar até sobre os mistérios mais profundos, nunca atrairá sobre si a censura dos deuses. É somente por isto que eu não te falo sobre o assunto.'

"Dhritarashtra disse, 'Diga-me, ó Vidura, como com este meu corpo eu posso encontrar com aquele antigo e imortal?'

"Vaisampayana disse, 'Então Vidura começou a pensar naquele Rishi de votos rígidos. E sabendo que ele estava sendo lembrado, o Rishi, ó Bharata, mostrou-se lá. Vidura então o recebeu com os ritos prescritos pela ordenança. E quando, tendo descansado um pouco, o Rishi estava sentado à vontade, Vidura se dirigiu a ele, dizendo, 'Ó ilustre, há uma dúvida na mente de Dhritarashtra que é incapaz de ser elucidada por mim. Cabe a ti, portanto, esclarecê-la, para que ouvindo ao teu discurso este chefe de homens possa passar sobre todas estas tristezas, e para que lucro e perda, o que é agradável e o que é desagradável, decrepitude e morte, medo e inveja, fome e sede, orgulho e prosperidade, antipatia, torpor, luxúria e ira, e diminuição e aumento possam todos ser tolerados por ele!'"

42

"Vaisampayana disse, 'Então o rei ilustre e sábio Dhritarashtra, tendo aplaudido as palavras faladas por Vidura, questionou Sanat-sujata em segredo, desejoso de obter o maior de todos os conhecimentos. E o rei questionou o Rishi dizendo, 'Ó Sanat-sujata, eu sei que tu tens a opinião de que não há Morte. Além disso, é dito que os deuses e os Asuras praticam austeridades ascéticas para evitar a morte. Destas duas opiniões, então, qual é verdadeira?'

"Sanat-sujata disse, 'Alguns dizem que a morte pode ser evitada por ações específicas; a opinião de outros é de que não há morte; tu me perguntaste qual dessas é verdadeira. Ouça-me, ó rei, enquanto eu te falo sobre isto, para que tuas dúvidas possam ser removidas. Saiba, ó Kshatriya, que ambas são verdadeiras. Os eruditos são de opinião que a morte resulta da ignorância. Eu digo que ignorância é Morte, e assim a ausência de ignorância (conhecimento) é imortalidade. Foi por ignorância que os Asuras se tornaram sujeitos à derrota e morte, e é pela ausência de ignorância que os deuses alcançaram a natureza de Brahman. A Morte não devora criaturas como um tigre; sua própria forma não pode ser averiguada. Além disso, alguns imaginam que Yama é a Morte. Isto, no entanto, é devido à fraqueza da mente. A busca de Brahman ou autoconhecimento é imortalidade. Aquele (imaginário) deus (Yama) mantém seu domínio na região dos Pitris, sendo a fonte de felicidade para os virtuosos e de dor para os pecaminosos. É por ordem dele que a morte na forma de ira, ignorância, e cobiça, ocorre entre os homens. Dominados pelo orgulho, os homens sempre andam no caminho iníquo. Ninguém entre eles consegue alcançar sua natureza real. Com sua compreensão nublada, e eles mesmos dominados por paixões, eles abandonam seus corpos e repetidamente caem no inferno. Eles são sempre seguidos por seus sentidos. É por isto que a ignorância recebe o nome de morte. Aqueles homens que desejam os frutos da ação quando chega o tempo de desfrutar daqueles frutos procedem para o céu, abandonando seus corpos. Por isso eles não podem evitar a morte. Criaturas incorporadas, por incapacidade de alcançar o conhecimento de Brahman e por sua conexão com prazeres terrestres, são obrigadas a permanecer em um ciclo de renascimentos, para o alto e para baixo e em círculos. A tendência natural do homem em direção a buscas que são irreais é a única causa dos sentidos serem levados ao erro. A alma que é constantemente afetada pela busca de objetos que são irreais, se lembrando somente daquilo com o qual ela está sempre ocupada, adora somente prazeres mundanos que a circundam. O desejo de prazeres primeiro mata os homens. Luxúria e ira logo seguem atrás dele. Estes três, isto é, o desejo de prazeres, luxúria, e cólera, levam os homens tolos à morte. Aqueles, no entanto, que conquistaram suas almas conseguem, por meio de autodomínio, escapar da morte. Aquele que conquistou sua alma sem se permitir ser excitado por seu desejo ambicioso os conquista, considerando-os como de nenhum valor, pela ajuda do autoconhecimento. Ignorância, assumindo a forma de Yama, não pode devorar aquele homem erudito que controlou seus desejos dessa maneira. Aquele homem que segue seus desejos é destruído junto com seus desejos. Aquele, no

entanto, que pode renunciar ao desejo, pode sem dúvida afastar todas as espécies de dor. Desejo é, de fato, ignorância e escuridão e inferno em relação a todas as criaturas, pois dominadas por ele elas perdem sua razão. Como pessoas embriagadas ao andarem por uma rua cambaleiam em direção a sulcos e buracos, assim homens sob a influência do desejo, enganados por alegrias ilusórias, correm em direção à destruição. O que a morte pode fazer para uma pessoa cuja alma não tem sido confundida ou enganada pelo desejo? Para ele, a morte não tem terrores, como um tigre feito de palha. Portanto, ó Kshatriya, se a existência do desejo, que é ignorância, é para ser destruída, nenhum desejo, nem mesmo o menor, é para ser pensado ou buscado. Aquela alma, a qual está no teu corpo, está associada com ira e cobiça e cheia de ignorância, que é a morte. Sabendo que a morte surge dessa maneira, aquele que confia no conhecimento não nutre medo da morte. De fato, como o corpo é destruído quando trazido sob a influência da morte, assim a própria morte é destruída quando ela cai sob a influência do conhecimento.'

"Dhritarashtra disse, 'O Vedas declaram a capacidade de emancipar (libertar da obrigação do renascimento e Karma) daquelas regiões altamente sagradas e eternas, que são citadas como obteníveis pelas classes regeneradas por meio de orações e sacrifícios. Sabendo disto, por que uma pessoa erudita não deveria recorrer a ações (religiosas)?'

"Sanat-sujata disse, 'De fato, aquele que não tem conhecimento procede para lá pelo caminho indicado por ti, e os Vedas também declaram que lá (naquelas regiões) existem ambas: felicidade e emancipação. Mas aquele que considera o corpo material como o eu, se ele consegue renunciar ao desejo, imediatamente alcança emancipação (ou Brahman, pois por renunciar ao desejo, ações e atributos são perdidos. O estado, portanto, de tal alma é um de inação, ou perfeita quietude ou a ausência de atributos, o qual é exatamente a natureza da Alma Suprema). Se, no entanto, alguém procura a emancipação sem renunciar ao desejo, ele deve ter que proceder pela rota de ação (prescrita), tomando cuidado para destruir as chances de retroceder as rotas pelas quais ele já passou.'

"Dhritarashtra disse, 'O que é que incita Aquele Não Nascido e Antigo? Se, além disso, é Ele que é todo este Universo por consequência d'Ele ter entrado em tudo (sem desejo como Ele é) qual pode ser sua ação, ou sua felicidade? Ó sábio erudito, diga-me tudo isto realmente.'

"Sanat-sujata disse, 'Há grande objeção em identificar completamente (como aqui) as duas que são Criaturas diferentes que sempre surgem da união de Condições, (com o que em sua essência é sem Condições). Este ponto de vista não deprecia a supremacia do Não Nascido e Antigo. Quanto a homens, eles também têm origem na união de Condições. Tudo isto que aparece é somente aquela Alma Suprema eterna. De fato, o universo é criado pela própria Alma Suprema passando por transformações. Os Vedas atribuem este poder (de auto-transformação) à Alma Suprema. Para a identidade, além disso, do poder e seu possuidor, ambos os Vedas e outros são autoridade.'

"Dhritarashtra disse, 'Neste mundo, alguns praticam virtude, e alguns renunciam à ação ou Karma (adotando o que é chamado de Sannyasa Yoga). (A respeito daqueles que praticam virtude) eu pergunto, a virtude é competente para destruir o vício, ou é ela mesma destruída pelo vício?'

"Sanat-sujata disse, 'Os frutos da virtude e da inação (perfeita) são ambos úteis em relação àquilo (isto é, para obter emancipação). De fato, ambos são meios certos para o alcance da emancipação. O homem, no entanto, que é sábio, obtém êxito pelo conhecimento (inação). Por outro lado, o materialista obtém mérito (por meio da ação) e (como consequência disso) emancipação. Ele tem também (no decorrer de sua busca) que incorrer em pecado. Tendo obtido novamente os frutos da virtude e vício os quais são transitórios, (céu tendo o seu fim como também inferno com relação aos virtuosos e aos pecaminosos), o homem de ação se torna mais uma vez dedicado à ação como consequência de suas próprias virtudes e vícios anteriores. O homem de ação, no entanto, que possui inteligência, destrói seus pecados por meio de suas ações virtuosas. A virtude, portanto, é forte, e daí o êxito do homem de ação.'

"Dhritarashtra disse, 'Fale-me, de acordo com sua gradação, daquelas regiões eternas que são citadas como alcançáveis, como os resultados de suas próprias ações virtuosas, por pessoas regeneradas, dedicadas à prática da virtude. Fale-me das regiões de outros de um tipo similar. Ó senhor erudito, eu não desejo ouvir sobre as ações (em direção às quais o coração do homem se inclina naturalmente, embora elas sejam proibidas ou pecaminosas).'

"Sanat-sujata disse, 'Aquelas pessoas regeneradas que se orgulham de suas práticas de Yoga, como homens fortes de sua própria força, partindo daqui, brilham na região de Brahman. Aquelas pessoas regeneradas que orgulhosamente se esforçam em realizar sacrifícios e outros ritos Védicos, como o fruto daquele conhecimento que é deles, por consequência daquelas ações, libertos deste mundo, procedem para aquela região que é a residência das divindades. Há outros, além disso, familiarizados com os Vedas, que são de opinião que a realização dos sacrifícios e ritos (ordenados pelos Vedas) é obrigatória (sua não realização sendo pecaminosa). Ligados a formas externas, embora procurando o desenvolvimento do eu interno (pois eles praticam esses ritos somente por causa da virtude e não para a realização de objetivos particulares), estas pessoas não devem ser consideradas muito favoravelmente (embora algum respeito deva ser delas). Onde quer que, além disso, alimento e bebida dignos de um Brahmana sejam abundantes, como grama e juncos em um local durante a estação chuvosa, lá o Yogin deve procurar seu sustento (sem afligir o chefe de família de recursos escassos); de nenhuma maneira ele deve afligir a si mesmo por fome e sede. Em um local onde possa haver inconveniência e perigo para alguém, por aversão de uma pessoa, revelar sua própria superioridade, aquele que não proclama sua superioridade é melhor do que aquele que o faz. O alimento oferecido por aquela pessoa que não é atormentada à visão de outra revelando sua superioridade, e que nunca come sem oferecer a parte prescrita para Brahmanas e convidados, é aprovado pelos virtuosos. Como um cachorro muitas vezes devora suas próprias evacuações para sua injúria,

assim devoram seu próprio vômito aqueles Yogins que obtém seu sustento por divulgarem sua preeminência. Os sábios reconhecem como um Brahmana aquele que, vivendo no meio de parentes, deseja que suas práticas religiosas permaneçam sempre desconhecidas para eles. Que outro Brahmana merece conhecer a Alma Suprema, que é incondicionada, sem atributos, imutável, uma e única, e sem dualidade qualquer tipo? Em consequência de tais práticas, um Kshatriya pode conhecer a Alma Suprema e vê-la em sua própria alma. Aquele que considera a Alma como sendo o Eu que age e sente, que pecados não são cometidos por aquele ladrão que rouba a Alma de seus atributos? Um Brahmana deve viver sem esforço, nunca deve aceitar doações, deve ganhar o respeito dos justos, deve ser tranquilo, e embora familiarizado como os Vedas deve parecer não sê-lo, pois somente então ele pode alcançar o conhecimento e conhecer Brahman. Aqueles que são pobres mundanamente, mas ricos em bens celestiais e sacrifícios se tornam inconquistáveis e destemidos, e eles devem ser considerados como encarnações de Brahman. Nem aquela pessoa, que (por realizar sacrifícios) neste mundo, consegue encontrar com os deuses que concedem todos os tipos de objetos desejáveis (aos realizadores de sacrifícios), é igual àquele que conhece Brahman, pois o realizador de sacrifícios tem que passar por esforços (enquanto aquele que conhece Brahman alcança a Ele sem tais esforços). É considerado como realmente honrado aquele que, desprovido de ações, é respeitado pelas divindades. Nunca se deve considerar como respeitado aquele que é honrado por outros. Uma pessoa não deve, portanto, se afligir quando ela não é respeitada por outras. As pessoas agem de acordo com sua natureza exatamente como elas abrem e fecham suas pálpebras; e é somente o erudito que presta respeito a outros. O homem que é respeitado deve pensar dessa maneira. Aqueles também, neste mundo, que são tolos, inclinados a pecar, e peritos em falsidade, nunca prestam respeito àqueles que são dignos de respeito; por outro lado, eles sempre mostram desrespeito por tais pessoas. A estima do mundo e ascetismo (práticas de Mauna), nunca podem existir juntos. Saiba que este mundo é para aqueles que são candidatos a estima, enquanto o outro mundo é para aqueles que são dedicados ao ascetismo. Aqui, neste mundo, ó Kshatriya, felicidade (consideração do mundo) reside em prosperidade mundana. A última, no entanto, é um obstáculo (para a felicidade celestial). Prosperidade celestial, por outro lado, é inalcançável por uma pessoa que não tem sabedoria verdadeira. Os justos dizem que há vários tipos de portões, todos difíceis de serem vigiados, para dar acesso ao último tipo de prosperidade. Estes são veracidade, retidão, modéstia, autocontrole, pureza de mente e conduta e conhecimento (dos Vedas). Estes seis são destrutivos de vaidade e ignorância.'"

43

"Dhritarashtra disse, 'Qual é o objetivo do ascetismo (mauna)? Dos dois tipos de mauna (o reprimir da fala e meditação), qual é aprovado por ti? Ó erudito, diga-me o aspecto verdadeiro de mauna. Uma pessoa de erudição pode alcançar um

estado de quietude e emancipação (moksha) por aquele mauna? Ó Muni, como também o ascetismo (mauna) é para ser praticado aqui?'

"Sanat-sujata disse, 'Já que a Alma Suprema não pode ser penetrada pelos Vedas e a mente, é por isso que a própria Alma é chamada de mauna. Aquilo do qual ambos, a sílaba Védica Om e estes (sons comuns) surgiram, aquele Único, ó rei, está manifestado como a Palavra.'

"Dhritarashtra disse, 'Aquele que conhece os Vedas Rig e Yajus, e aquele que conhece o Sama Veda é maculado por pecados ou não quando ele comete pecados?'

"Sanat-sujata disse, 'Eu te digo realmente que o homem que não controlou seus sentidos não é resgatado de suas ações pecaminosas nem pelo Sama ou o Rig, ou o Yajus Veda. Os Vedas nunca resgatam do pecado a pessoa enganadora que vive por meio de fraude. Por outro lado, como aves recém emplumadas abandonando seu ninho, o Vedas abandonam tal pessoa no fim.'

"Dhritarashtra disse, 'Ó tu que controlaste teus sentidos, se, de fato, os Vedas não são competentes para resgatar uma pessoa sem a ajuda da virtude, de onde então é esta ilusão dos Brahmanas de que os Vedas são sempre destrutivos de pecados?'

"Sanat-sujata disse, 'Ó magnânimo, este universo surgiu daquela Alma Suprema pela união de Condições com relação a nome, forma, e outros atributos. Os Vedas também, chamando a atenção para isto devidamente, declaram o mesmo, e inculcam que a Alma Suprema e o universo são diferentes e não idênticos. É para alcançar àquela Alma Suprema que ascetismo e sacrifícios estão ordenados, e é por meio desses dois que o homem de erudição ganha virtude. Destruindo o pecado pela virtude, sua alma é iluminada pelo conhecimento. O homem de conhecimento, pela ajuda do conhecimento, alcança a Alma Suprema. Por outro lado, aquele que cobiça os quatro objetivos de busca humana, levando com ele tudo o que ele faz aqui, desfruta de seus resultados após a morte, e (como aqueles resultados) não são eternos ele volta para a região de ação (quando o gozo está terminado). De fato, os frutos de austeridades ascéticas realizadas neste mundo têm que ser desfrutados no outro mundo (com relação àquelas pessoas que não obtiveram o domínio de suas almas). Quanto àqueles Brahmanas empenhados em práticas ascéticas (que têm o domínio de suas almas), até essas regiões são capazes de produzir frutos.'

"Dhritarashtra disse, 'Ó Sanat-sujata, como podem austeridades ascéticas que são todas da mesma espécie ser às vezes bem sucedidas e às vezes frustradas? Diga-nos isto para que nós possamos saber!'

"Sanat-sujata disse, 'Aquele ascetismo que não é maculado por (desejo e outras) imperfeições é citado como sendo capaz de obter emancipação, e é, portanto, bem sucedido, enquanto o ascetismo que é manchado por vaidade e falta de verdadeira devoção é considerado frustrado. Todas as tuas perguntas, ó

Kshatriya, tocam a própria base do ascetismo. É por meio do ascetismo que aqueles que são eruditos conhecem Brahman e ganham imortalidade!'

"Dhritarashtra disse, 'Eu tenho escutado ao que tu tens falado sobre ascetismo não maculado por imperfeições, e pelo qual eu tenho conseguido entender um mistério eterno. Fale-me agora, ó Sanat-sujata, sobre o ascetismo que é manchado por falhas!'

"Sanat-sujata disse, 'Ó rei, os doze, incluindo a raiva, como também os treze tipos de maldade, são as imperfeições do ascetismo que é maculado. Raiva, luxúria, avareza, ignorância do certo e errado, descontentamento, crueldade, malícia, vaidade, aflição, amor ao prazer, inveja, e falar mal de outros, são geralmente os defeitos dos seres humanos. Estes doze devem sempre ser evitados por homens. Qualquer um entre estes sozinho pode efetuar a destruição de homens, ó touro entre homens. De fato, cada um desses espera por oportunidade em relação aos homens, como um caçador expectante de oportunidades em relação a veados. Afirmação da própria superioridade, desejo de desfrutar das esposas de outros homens, humilhar outros por excesso de orgulho, caráter colérico, inconstância, e se recusar a manter aqueles dignos de serem mantidos, estas seis ações de maldade são sempre praticadas por homens pecaminosos desafiando todos os perigos neste mundo e no outro. Aquele que considera a satisfação da luxúria como um dos objetivos da vida, aquele que é extremamente orgulhoso, aquele que sofre tendo doado, aquele que nunca gasta dinheiro, aquele que persegue seus súditos por cobrar impostos odiosos, aquele que se deleita na humilhação de outros, e aquele que odeia suas próprias esposas, estes sete são outros que são também chamados de maus. Retidão, verdade (abstenção de ferir e veracidade de palavra), autodomínio, ascetismo, deleite na felicidade de outros, modéstia, paciência, amor aos outros, sacrifícios, doações, perseverança, conhecimento das escrituras, estes doze constituem as práticas de Brahmanas. Aquele que consegue adquirir este doze se torna competente para dominar a terra inteira. Aquele que é dotado de três, dois, ou mesmo um destes, deve ser considerado de prosperidade celestial. Autodomínio, renúncia, e conhecimento do Eu, nestes está a emancipação. Aqueles Brahmanas que são dotados de sabedoria dizem que estes são atributos nos quais a verdade predomina. Autodomínio é constituído por dezoito virtudes. Brechas e não-observância de ações ordenadas e omissões, mentira, malícia, luxúria, riqueza, amor ao prazer (sensual), raiva, angústia, ânsia, avareza, falsidade, alegria na tristeza de outros, inveja, ferir outros, desgosto, aversão a ações piedosas, esquecimento do dever, caluniar outros, e vaidade, aquele que está livre destes (dezoito) vícios; é citado pelos justos como autodominado. As dezoito falhas (que foram enumeradas) constituem o que é chamado de mada ou orgulho. Renúncia é de seis espécies. O contrário daquelas seis também são falhas chamadas mada. (As falhas, portanto, que recebem o nome de mada são dezoito e seis). As seis espécies de renúncia são todas louváveis. A terceira somente é difícil de prática, mas por meio disso toda tristeza é vencida. De fato, se aquela espécie de renúncia for realizada na prática, aquele que a realiza vence todos os pares de contrários no mundo.

As seis espécies de renúncia são todas louváveis. Elas são estas: A primeira é nunca experimentar alegria em ocasiões de prosperidade. A segunda é o abandono de sacrifícios, orações, e ações piedosas. Aquela que é chamada de terceira, ó rei, é o abandono do desejo ou afastamento do mundo. De fato, é por consequência deste terceiro tipo de renúncia do desejo, o qual é evidenciado pelo abandono de todos os objetos de prazer (sem desfrutar deles) e não seu abandono depois de ter desfrutado deles até a satisfação, nem por abandono depois de aquisição, nem por abandono somente depois de ter se tornado incompetente para desfrutar por perda de apetite. O quarto tipo de renúncia consiste nisto: Uma pessoa não deve se afligir nem se permitir ser afligida pela angústia quando suas ações fracassam, não obstante sua posse de todas as virtudes e todas as espécies de riqueza. Ou, quando alguma coisa desagradável acontece, a pessoa não sente aflição. A quinta espécie de renúncia consiste em não solicitar nem os filhos, esposas, e outros que possam ser todos muito queridos. A sexta espécie consiste em doar para uma pessoa merecedora que solicita, qual ato de doação é sempre produtivo de mérito. Por meio desses alguém adquire o conhecimento do Eu. Com relação a este último atributo, ele envolve oito qualidades. Estes são verdade, meditação, distinção de sujeito e objeto, capacidade para tirar inferências, afastamento do mundo, nunca pegar o que pertence a outros, as práticas de votos Brahmacharya (abstinência), e não-aceitação (de presentes).

Assim também o atributo de mada (o oposto de dama ou autodomínio) tem falhas as quais são todas indicadas (nas escrituras). Estas falhas devem ser evitadas. Eu tenho falado (para ti) de renúncia e autoconhecimento. E como o autoconhecimento tem oito virtudes, assim a falta dele tem oito falhas. Aquelas falhas devem ser evitadas. Ó Bharata, aquele que está livre destes cinco sentidos, mente, o passado e o futuro, se torna feliz. Ó rei, que tua alma seja devotada à verdade; todos os mundos estão estabelecidos na verdade; de fato, autocontrole, renúncia, e autoconhecimento são citados como tendo a verdade como seu principal atributo. Evitando (estas) falhas, deve-se praticar ascetismo aqui. O Ordenador ordenou que somente a verdade deve ser o voto dos justos. Ascetismo, que está dissociado destas falhas e dotado destas virtudes, se torna a fonte de grande prosperidade. Eu agora falei brevemente sobre este assunto sagrado e destruidor de pecado que tu me perguntaste e que é capaz de libertar uma pessoa de nascimento, morte, e decrepitude.'

"Dhritarashtra disse, 'Com Akhyana (Puranas) como seu quinto, os Vedas declaram que a Alma Suprema é este universo consistindo em coisas móveis e imóveis. Outros consideram quatro Divindades; e outros três; outros, além disso, consideram duas; e outros somente uma; e outros consideram somente Brahman como o único objeto existente (não havendo nada mais possuidor uma existência separada). Entre estes, qual eu devo reconhecer como sendo realmente possuidor do conhecimento de Brahman?'

"Sanat-sujata, 'Há somente um Brahman que é a própria Verdade. É por ignorância daquele Único que as divindades são concebidas como diversas. Mas quem há, ó rei, que tenha alcançado a própria Verdade ou Brahman? O homem se

considera sábio sem conhecer aquele Único Objeto de conhecimento, e por desejo de felicidade está engajado em estudo e nas práticas de caridade e sacrifícios. Eles se desviaram da Verdade (Brahman) e nutrem propósitos correspondentes (com seu estado) e daí confiando na verdade dos textos Védicos deles realizam sacrifícios. Alguns realizam (ou alcançam o objetivo de) sacrifícios pela mente (meditação), alguns por palavras (recitação de orações específicas, ou Yapa); e alguns por ações (real realização do Yatishtoma e outros ritos caros). A pessoa, no entanto, que busca Brahman através da Verdade obtém seus objetos desejados à vontade. Quando, no entanto, os propósitos de uma pessoa fracassam (pela ausência de conhecimento do Eu), ela deve adotar votos de silêncio e semelhantes, chamados Dikshavrata. De fato, Diksha vem da raiz Diksha, significando a observância de votos. Com relação àqueles que têm conhecimento do Eu, para eles a Verdade é o mais elevado objeto de busca.'

'Os frutos do conhecimento são visíveis; o ascetismo produz resultados futuramente. Um Brahmana que (sem conhecimento e ascetismo) somente lê muito deve somente ser reconhecido como um grande leitor. Portanto, ó Kshatriya, nunca pense que alguém pode ser um Brahman (conhecedor de Brahman) somente por ler as escrituras. Por outro lado, deve ser reconhecido por ti como possuidor do conhecimento de Brahman aquele que não se desvia da Verdade. Ó Kshatriya, os versos que foram recitados por Atharvan para um conclave de grandes sábios, antigamente, são conhecidos pelo nome de Chhandas. Não são considerados como conhecedores dos Chhandas aqueles que somente leram os Vedas do princípio ao fim, sem terem alcançado o conhecimento d'Ele que é para ser conhecido através dos Vedas. Os Chhandas, ó melhor dos homens, se tornaram os meios de alcançar Brahman independentemente e sem a necessidade de qualquer coisa externa. Não podem ser considerados como conhecedores dos Chhandas aqueles que estão familiarizados somente com os modos de sacrifício ordenados nos Vedas. Por outro lado, tendo servido aqueles que conhecem os Vedas, os virtuosos não têm alcançado ao Objeto que é conhecível pelos Vedas? Não há alguém que tenha realmente entendido o sentido dos Vedas ou pode haver alguém que tenha, ó rei, compreendido o sentido. Aquele que somente lê os Vedas não conhece o Objeto conhecível por eles. Quem, no entanto, está estabelecido na Verdade conhece o Objeto conhecível pelos Vedas. Entre aquelas faculdades que levam à percepção do corpo como o agente ativo, não há alguma pela qual o conhecimento verdadeiro pode ser adquirido. Só pela mente uma pessoa não pode adquirir o conhecimento do Eu e não-Eu. De fato, aquele que conhece o Eu também sabe o que é não-Eu. Aquele, por outro lado, que conhece somente o que é não-Eu, não sabe a Verdade. Aquele, também, que conhece as provas conhece também o que é que se procura comprovar. Mas o que aquele Objeto é em sua natureza (o qual se procura provar) não é conhecido pelos Vedas ou por aqueles que conhecem os Vedas. Apesar de tudo isso, no entanto, aqueles Brahmanas que estão (realmente) familiarizados com os Vedas conseguem obter o conhecimento do Objeto conhecível (pelos Vedas) através dos Vedas. Como o ramo de uma árvore específica é às vezes utilizado para indicar o dígito lunar do primeiro dia da quinzena iluminada assim os Vedas são usados para indicar os maiores atributos da Alma Suprema. Eu

reconheço como um Brahmana (possuidor do conhecimento de Brahman) aquele que esclarece as dúvidas de outros, tendo ele mesmo dominado todas as suas próprias dúvidas, e que é possuidor do conhecimento do Eu. Uma pessoa não pode descobrir o que a Alma é por procurar no Leste, no Sul, no Oeste, no Norte, ou nas direções subsidiárias ou horizontalmente. Muito raramente ela pode ser encontrada naquele que considera que este corpo é o Eu. Além da concepção até dos Vedas, somente o homem de meditação-Yoga pode contemplar o Supremo. Dominando completamente todos os teus sentidos e tua mente, procure também aquele Brahman que se sabe que reside na tua própria Alma. Não é um Muni aquele que pratica somente meditação-Yoga; nem aquele que vive somente nas florestas (tendo se retirado do mundo). No entanto, é um Muni e é superior a todos aquele que conhece sua própria natureza. Por uma pessoa poder explicar todos os assuntos (Vyakarana), ela é citada como dotada de conhecimento universal (Vaiyakarana); e, de fato, a própria ciência é chamada Vyakarana devido a ela ser capaz de explicar todos os assuntos até seu próprio fundamento (que é Brahman). O homem que contempla todas as regiões como presentes diante de seus olhos é considerado possuidor de conhecimento universal. Aquele que permanece na Verdade e conhece Brahman é considerado como um Brahmana, e um Brahmana possui conhecimento universal. Um Kshatriya também, que pratica virtudes semelhantes, pode contemplar Brahman. Ele pode também alcançar àquele estado sublime por ascender passo a passo, de acordo com o que está indicado nos Vedas. Sabendo disto com certeza, eu te digo isto.'"

44

"Dhritarashtra disse, 'Excelente, ó Sanat-sujata, como este teu discurso é, tratando do alcance de Brahman e da origem do universo, eu te rogo, ó Rishi célebre, para continuar me falando palavras tais como essas, que não são relacionadas com objetos de desejo mundano e são, portanto, raras entre homens.'

"Sanat-sujata disse, 'Aquele Brahman acerca do qual tu me perguntas com tal alegria não é para ser alcançado logo. Depois (que os sentidos foram controlados e) a vontade foi imersa no intelecto puro, o estado que se sucede é um de ausência completa de pensamento mundano. Aquele mesmo é o conhecimento (que conduz ao alcance de Brahman). Isto é alcançável somente por praticar Brahmacharya.'

"Dhritarashtra disse, 'Tu disseste que o conhecimento de Brahman reside por si mesmo na mente, sendo somente descoberto por Brahmacharya; ele está residindo na mente, ele não requer para sua manifestação algum esforço (tal como é necessário para trabalho) sendo manifestado (por si mesmo) durante a procura (por meio de Brahmacharya). Como então a imortalidade é associada com o alcance de Brahman?'

"Sanat-sujata disse, 'Embora residindo e inerente à mente, o conhecimento de Brahman ainda não está manifestado. É pela ajuda do intelecto puro e Brahmacharya que aquele conhecimento é tornado manifesto. De fato, tendo alcançado àquele conhecimento, Yogins abandonam este mundo. Ele é sempre para ser encontrado entre preceptores eminentes. Eu agora te falarei sobre aquele conhecimento.'

"Dhritarashtra disse, 'Qual deve ser a natureza daquele Brahmacharya pelo qual o conhecimento de Brahman pode ser alcançado sem muita dificuldade? Ó regenerado, diga-me isto.'

"Sanat-sujata disse, 'Aqueles que, residindo nas residências de seus preceptores e, ganhando sua boa vontade e amizade, praticam austeridades Brahmacharya, se tornam mesmo neste mundo as encarnações de Brahman e abandonando seus corpos são unidos com a Alma Suprema. Aqueles que neste mundo estão desejosos de obter o estado de Brahman subjugam todos os desejos, e dotados como eles são de retidão, eles conseguem dissociar a Alma do corpo como uma folha projetada de uma moita de urzes. O corpo, ó Bharata, é criado por estes, isto é, o pai e a mãe; o (novo) nascimento, no entanto, que é devido às instruções do preceptor é sagrado, livre de decrepitude, e imortal. Falando sobre Brahman e concedendo a imortalidade, aquele que envolve todas as pessoas com (o manto da) verdade deve ser considerado como pai e mãe; e levando em consideração o bem que ele faz, nunca se deve lhe fazer alguma injúria. Um discípulo deve habitualmente saudar seu preceptor com respeito, e com pureza (de corpo e mente) e atenção bem dirigida, ele deve se dirigir ao estudo. Ele não deve considerar algum serviço como inferior, e não deve nutrir raiva. Este mesmo é o primeiro passo de Brahmacharya. As práticas daquele discípulo que adquire conhecimento por cumprir os deveres ordenados para alguém de sua classe são consideradas também como o primeiro passo de Brahmacharya. Um discípulo deve, com sua própria vida e todas as suas posses, em pensamentos, palavras e ações, fazer tudo o que é agradável para o preceptor. Isto é considerado como o segundo passo de Brahmacharya. Ele deve se comportar em direção à esposa de seu preceptor e filho também da mesma maneira como em direção ao seu próprio preceptor. Este também é considerado como o segundo passo de Brahmacharya. Mantendo bem em mente o que tem sido feito por ele pelo preceptor, e compreendendo também o objetivo disso, o discípulo deve, com o coração muito satisfeito pensar, ‘Eu tenho sido ensinado e tornado nobre por ele.’ Este é o terceiro passo de Brahmacharya. Sem requerer o preceptor pelo pagamento do presente final, um discípulo sábio não deve se dirigir para outro modo de vida; nem ele deve dizer ou mesmo pensar em sua mente, ‘Eu fiz este presente.’ Este é o quarto passo de Brahmacharya. Ele alcança o primeiro passo do (conhecimento de Brahman que é) o objetivo de Brahmacharya pela ajuda do tempo; o segundo passo, através das preleções do preceptor; o terceiro, pelo poder da sua própria compreensão; e finalmente, o quarto, por discussão. Os eruditos dizem que Brahmacharya é constituído pelas doze virtudes, as práticas de Yoga são chamadas de seus Angas, e perseverança em meditação-Yoga é chamada de seu Valam, e alguém é coroado com êxito nisto pela ajuda do

preceptor e da compreensão do sentido dos Vedas. Qualquer riqueza que um discípulo, assim engajado, possa ganhar, deve ser dada toda para o preceptor. É dessa maneira que o preceptor obtém seu sustento altamente louvável. E assim também o discípulo deve se comportar em direção ao filho do preceptor. Assim postado (em Brahmacharya), o discípulo prospera sem dúvida neste mundo e obtém progênie numerosa e renome. Homens também de todas as direções derramam riqueza sobre ele; e muitas pessoas vão para sua residência para praticar Brahmacharya. Foi através de Brahmacharya deste tipo que os celestiais alcançaram sua divindade, e sábios, altamente abençoados e de grande sabedoria, alcançaram a região de Brahman. Foi por meio disto que os Gandharvas e as Apsaras obtiveram tal beleza pessoal, e é por Brahmacharya que Surya se ergue para fazer o dia. Como os buscadores da pedra filosofal derivam grande felicidade quando eles obtêm o objeto de sua busca, aqueles acima mencionados (os celestiais e outros), ao completarem seu Brahmacharya, derivam grande felicidade por serem capazes de ter o que quer que eles desejem. Aquele, ó rei, que dedicado à prática de austeridades ascéticas, se dirige para Brahmacharya em sua totalidade e assim purifica seu corpo, é realmente sábio, pois por isto ele se torna como uma criança (livre de todos os maus sentimentos) e triunfa sobre a morte finalmente. Os homens, ó Kshatriya, por meio de trabalho, embora puro, alcançam somente mundos que são perecíveis; aquele, no entanto, que é dotado de Conhecimento, alcança, pela ajuda daquele Conhecimento, a Brahman que é eterno. Não há outro caminho (além do Conhecimento ou o alcance de Brahman) que leve à emancipação.'

"Dhritarashtra disse, 'A existência de Brahman, tu dizes, um homem sábio percebe na sua própria alma. Assim sendo, Brahman é branco, ou vermelho, ou preto ou azul, ou roxo? Diga-me qual é a forma e cor verdadeiras do Onipresente e Eterno Brahman?'

"Sanat-sujata disse, 'De fato, Brahman como (percebido) pode aparecer como branco, vermelho, preto, marrom, ou brilhante. Mas nem na terra, nem no céu, nem na água do oceano, há alguma coisa semelhante a ele. Nem nas estrelas, nem no relâmpago, nem nas nuvens sua forma é vista, nem ele é visível na atmosfera, nem nas divindades, nem na lua, nem no sol. Nem nos Riks, nem entre os Yajus, nem entre os Atharvans, nem nos Samans puros ele é encontrado. Na verdade, ó rei, ele não é encontrado em Rathantara ou Varhadratha, nem em grandes sacrifícios. Incapaz de ser entendido e colocado além do alcance do intelecto limitado, até o Destruidor universal, depois da Dissolução, se perde nele. Incapaz de ser olhado, ele é sutil como o fio da navalha, e mais grosso do que montanhas. Ele é a base sobre a qual tudo está fundado; ele é imutável; ele é este universo visível (onipresente); ele é vasto; ele é encantador; as criaturas têm todas surgido dele e vão retornar a ele. Livre de todas as espécies de dualidade, ele está manifestado como o universo e permeia tudo. Homens de erudição dizem que ele não tem mudança, exceto na linguagem usada para descrevê-lo. Estão emancipados aqueles que estão familiarizados com Aquilo no qual este universo está estabelecido.'"

45

"Sanat-sujata disse, 'Tristeza, raiva, cobiça, luxúria, ignorância, preguiça, malícia, presunção, desejo contínuo de ganho, afeto, ciúmes e falar mal, estes doze, ó monarca, são falhas graves que são destrutivas das vidas dos homens. Cada um destes, ó monarca, espera por oportunidades para apanhar a humanidade. Afligidos por eles, os homens perdem sua razão e cometem ações pecaminosas. Aquele que é cobiçoso, aquele que é violento, aquele que é de fala ríspida, aquele que é tagarela, aquele que é dado a nutrir raiva, e aquele que é jactancioso, estes seis de disposição pecaminosa, ao obterem riqueza, não podem tratar outros com cortesia. Aquele que considera satisfação sensual como o objetivo da vida, aquele que é convencido, aquele que se gaba tendo feito uma doação, aquele que nunca gasta, aquele que é fraco em mente, aquele que é dado à vaidade, e aquele que odeia sua própria esposa, estes sete são considerados como homens maus de hábitos pecaminosos. Retidão, veracidade, ascetismo, autodomínio, contentamento, modéstia, renúncia, amor aos outros, caridade, conhecimento das escrituras, paciência, e perdão, estas doze são as práticas de um Brahmana. Aquele que não abandona estes doze pode dominar a terra inteira. Aquele que é dotado de três, ou dois, ou mesmo uma destas, nunca considera alguma coisa como sua à exclusão de outros. Autodomínio, renúncia, e conhecimento, nestes reside emancipação. Estes são os atributos de Brahmanas dotados de sabedoria e que consideram Brahman como o maior de todos os objetos de conhecimento. Verdadeiro ou falso, não é louvável para um Brahmana falar mal de outros; aqueles que fazem isso têm o inferno para sua residência. Mada tem dezoito falhas que ainda não foram enumeradas por mim. Elas são: animosidade em direção a outros, pôr obstáculos no caminho de ações virtuosas, difamação, falsidade em palavras, luxúria, raiva, dependência, falar mal de outros, descobrir os defeitos de outros para contar, desperdício de riqueza, disputa, insolência, crueldade para criaturas vivas, malícia, ignorância, desrespeito àqueles que são dignos de consideração, perda da compreensão de certo e errado, e sempre procurar ferir outros. Um homem sábio, portanto, não deve ceder à mada, pois os acompanhamentos de mada são censuráveis. É dito que amizade possui seis indicações; primeiramente, amigos se alegram na prosperidade de amigos, e em segundo lugar, ficam aflitos em sua adversidade. Se alguém pede alguma coisa a qual é cara para seu coração, mas que não deve ser pedida, um amigo verdadeiro certamente dá até isto. Quarto, um amigo verdadeiro que é de uma disposição justa, quando pedido, pode dar até sua própria prosperidade, seus filhos queridos, e até sua própria esposa. Quinto, um amigo não deve morar na casa de um amigo, a quem ele possa ter concedido tudo, mas deve desfrutar do que ele ganha si mesmo. Sexto, um amigo não pára de sacrificar seu próprio bem (por seu amigo). O homem de riqueza que procura adquirir aquelas boas qualidades, e que se torna caridoso e justo reprime seus cinco sentidos de seus respectivos objetos. Tal restrição dos sentidos é ascetismo. Quando isto cresce em intensidade, isto é capaz de conquistar regiões de felicidade futura (diferente do Conhecimento que leva ao êxito aqui mesmo). Aqueles que abandonaram a paciência (e são incapazes, portanto, de obter Conhecimento) adquirem tal

ascetismo pelo propósito que eles nutrem, ou seja, a obtenção de bem aventurança nas regiões elevadas futuramente. Em consequência de sua habilidade para compreender aquela Verdade (Brahman) da qual sacrifícios fluem, o Yogin é capaz de realizar sacrifícios por meio da mente. Outros realizam sacrifícios por Palavras (Yapa) e outros por Trabalho. Verdade (Brahman) reside naquele que conhece Brahman como investido com atributos. Ela reside mais completamente naquele que conhece Brahman como privado de atributos. Ouça agora outra coisa de mim. Esta filosofia célebre e sublime deve ser ensinada (para discípulos). Todos os outros sistemas são somente uma miscelânea de palavras. Todo este (universo) está estabelecido nesta Filosofia-Yoga. Aqueles que a conhecem não estão sujeitos à morte. Ó rei, uma pessoa não pode, por meio de Trabalho, embora bem realizado, alcançar a Verdade (Brahman). O homem que é desprovido de conhecimento mesmo que ele derrame libações homa ou realize sacrifícios, nunca pode, pelo Trabalho, ó rei, alcançar a imortalidade (emancipação). Nem ele desfruta de grande felicidade no fim. Reprimindo todos os sentidos externos e sozinha, uma pessoa deve procurar Brahman. Abandonando o Trabalho, ela não deve se esforçar mentalmente. Ela deve também (enquanto engajada dessa maneira) evitar sentir alegria em elogio ou raiva em crítica. Ó Kshatriya, por se comportar dessa maneira segundo os passos sucessivos indicados nos Vedas, uma pessoa pode, aqui mesmo, alcançar Brahman. Isto, ó erudito, é tudo o que eu te digo.'"

46

"Sanat-sujata disse, 'A Semente primária (do universo), chamada Mahayasas, é desprovida de acidentes, é Conhecimento puro, e brilha com refulgência. Ela comanda os sentidos, e é por essa Semente que Surya brilha. Aquela Eterna dotada de Divindade é contemplada por Yogins (por meio de sua visão mental). É por consequência daquela Semente (a qual é o próprio Contentamento) que Brahman se torna capaz de Criação e é através dela que Brahman aumenta em expansão. É aquela Semente que entrando em corpos luminosos dá luz e calor. Sem derivar sua luz e calor de alguma outra coisa ela é auto-luminosa, e é um objeto de terror para todos os corpos luminosos. O Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por sua visão mental). O corpo composto dos cinco elementos mais grosseiros, que são eles mesmos originados dos cinco mais sutis, os últimos, por sua vez, tendo origem em uma substância homogênea chamada Brahman, é mantido (percebido) em consciência pela Alma da criatura dotada de vida e Iswara. (Estes dois, durante o sono e a dissolução universal, são privados de consciência). Brahman por outro lado, que nunca está privado de consciência, e que é o Sol do Sol, sustenta estes dois e também a Terra e o Céu. O Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por sua visão mental). A Semente sustenta os dois deuses, a Terra e o Céu, as Direções, e o Universo inteiro. É daquela Semente que as direções (pontos do espaço) e rios surgem, e os mares vastos também têm derivado sua origem. O Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por sua visão mental). O corpo é

como um carro destinado à destruição. Suas ações, no entanto, são eternas. Atados às rodas daquele carro (que são representadas pelas ações de vidas passadas), os sentidos, que são como corcéis, levam, pela região da consciência, o homem de sabedoria em direção àquele Incriado e Imutável, àquele Uno Eterno dotado de Divindade que é contemplado por Yogins (por meio de sua visão mental). A forma daquele Uno não pode ser revelada por alguma comparação. Ninguém alguma vez contemplou a Ele pela visão. Aqueles que conhecem a Ele pelas faculdades absorvidas, a mente, e o coração, ficam livres da morte. O Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por sua visão mental). A corrente da ilusão é terrível; guardada pelos deuses, ela tem doze frutos. Bebendo de suas águas e vendo muitas coisas agradáveis em seu meio, homens nadam ao longo dela de um lugar para outro. Esta corrente flui daquela Semente. Aquele Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por sua visão mental). Destinada a viajar de um lugar para outro, a Alma-criatura, tendo refletido desfruta (no outro mundo) somente da metade dos frutos de suas ações. Esta é aquela Alma-criatura que é Iswara, permeando tudo no universo. É Iswara que tem ordenado sacrifícios. Aquele Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por sua visão mental). Almas privadas de acidentes, recorrendo a Avidya, que é semelhante a uma árvore de folhagem dourada, assume acidentes, e toma nascimentos em ordens diferentes de acordo com suas propensões. Aquele Uno Eterno dotado de Divindade (em Quem todas aquelas almas estão unidas) é contemplado por Yogins (por meio de sua visão mental). Acidentes (os quais entrando em contato com Brahman fazem o último assumir muitas formas) criam o universo em sua Plenitude a partir daquele Brahman que é pleno. Aqueles acidentes também, em sua Plenitude, se originam de Brahman em sua Plenitude. Quando alguém consegue dissipar todos os acidentes de Brahman que é sempre Pleno, aquilo que resta é Brahman em sua Plenitude. Aquele Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por sua visão mental). É daquela Semente que os cinco elementos surgem, e é nela que reside o poder para controlá-los. É daquela Semente que ambos, o consumidor e o consumido (chamados Agni e Soma) surgem, e é nela que os organismos vivos com os sentidos repousam. Tudo deve ser considerado como tendo se originado dela. Aquela Semente chamada nos Vedas de TATH (Tad), nós não podemos descrever. Aquele Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por sua visão mental). O ar vital chamado Apana é consumido pelo Ar chamado Prana; Prana é consumido pela Vontade, e a Vontade pelo Intelecto, e o Intelecto pela Alma Suprema. Aquele Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por sua visão mental). A Alma Suprema dotada de quatro pernas, chamadas respectivamente de Vigília, Sonho, Sono profundo, e Turiya, como um cisne, andando acima do insondável oceano de assuntos mundanos, não estende uma perna que está profundamente escondida. Para aquele que contempla aquela perna (a saber, Turiya) como estendida para o propósito de guiar as outras três, morte e emancipação são o mesmo. Aquele Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por sua visão mental). Da medida do polegar, sempre Pleno, e diferente deste organismo eterno, entrando em contato com os Ares Vitais, a Vontade, o Intelecto, e os dez Sentidos, ele se move de um lugar para outro. Aquele Controlador Supremo, digno de hinos veneráveis, capaz de tudo

quando investido com acidentes e a primeira causa de tudo, está manifestado como Conhecimento nas Almas-criaturas. Só tolos não o vêem; aquele Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por sua visão mental). Entre indivíduos há aqueles que obtiveram o domínio de suas mentes, e aqueles que não. Contudo em todos os homens a Alma Suprema pode ser vista igualmente. De fato, ela reside igualmente no que está emancipando e no que não está, com somente esta diferença: que aqueles que estão emancipados obtêm mel fluindo em um jato espesso. Aquele Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por meio de sua visão mental). Quando uma pessoa faz a jornada da vida, tendo alcançado o conhecimento do Eu e não-Eu, então pouco importa se seu Agnihotra é realizado ou não. Ó monarca, não deixe tais palavras como 'Eu sou teu servo' saírem dos lábios delas. A Alma Suprema tem outro nome, isto é, Conhecimento Puro. Somente aqueles que reprimem suas mentes O obtêm. Aquele Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por sua visão mental). Assim mesmo é Ele. Ilustre e Pleno, todas as criaturas vivas estão imersas n'Ele. Quem conhece aquela encarnação da Plenitude alcança seu objetivo (emancipação) aqui mesmo. Aquele Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por sua visão mental). Aquilo que voa para longe esticando milhares de asas, sim, se dotado da velocidade da mente, deve, contudo voltar para o Espírito Central dentro do organismo vivo (no qual as mais distantes coisas residem... Aquele Uno Eterno dotado de Divindade) é contemplado por Yogins (por meio de sua visão mental). Sua forma não pode ser objeto de visão. Somente aqueles que têm corações puros podem contemplá-lo. Quando uma pessoa procura o bem de todos, têm êxito em controlar sua mente, e nunca permite que seu coração seja afetado pela aflição, então ela é citada como tendo purificado seu coração. Aqueles, além disso, que podem abandonar o mundo e todos os seus cuidados se tornam imortais. (Aquela Alma Suprema que é eterna), aquele Uno Eterno dotado de Divindade, é contemplado por Yogins (por sua visão mental). Como serpentes se escondendo em buracos, há pessoas que seguindo os ditames de seus preceptores, ou por sua própria conduta, escondem seus vícios do olhar de escrutínio. Aqueles que são de pouca inteligência são enganados por estes. Realmente, se comportando externamente sem qualquer impropriedade, eles enganam suas vítimas para levá-las ao inferno. (Ele, portanto, que pode ser alcançado por companhia com pessoas da classe exatamente oposta), aquele Uno Eterno dotado de Divindade, é contemplado por Yogins (por sua visão mental). Aquele que é emancipado pensa: 'Este organismo transitório nunca pode me fazer sujeito à alegria e dor e aos outros atributos inerentes a ele: nem pode haver, no meu caso, alguma coisa como morte e nascimento; e, além disso, quando Brahman, o qual não tem força oposta para lutar contra e que está igualmente em todos os tempos e todos os lugares, constitui o lugar de descanso de realidades e irrealidades, como a emancipação pode ser minha? Sou Eu somente que sou a origem e o fim de todas as causas e efeitos. (Existindo na forma do Eu ou Ser) aquele Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por sua visão mental). A pessoa conhecedora de Brahman, que é igual ao próprio Brahman, não é nem glorificada por boas ações nem maculada por más. É somente em homens comuns que ações, boas ou más, produzem resultados diferentes. A pessoa que conhece Brahman deve ser considerada como idêntica a

Amrita ou ao estado chamado Kaivalya que é incapaz de ser afetado por alguma virtude ou vício. Deve-se, portanto, dispondo sua mente da maneira indicada, alcançar àquela essência da doçura (Brahman). Aquele Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por sua visão mental). Calúnia não aflige o coração da pessoa que conhece Brahman nem o pensamento: 'Eu não tenho estudado (o Veda)', ou, 'Eu não tenho realizado meu Agni-hotra'. O conhecimento de Brahman logo dá a ela aquela sabedoria a qual obtêm somente aqueles que controlam sua mente. (Aquele Brahman o qual liberta a Alma da dor e ignorância), aquele Uno Eterno dotado de Divindade é contemplado por Yogins (por sua visão mental). Aquele, portanto, que contempla seu próprio Eu em tudo não tem mais que sofrer, pois somente têm que sofrer aqueles que estão empenhados em diversas outras ocupações do mundo. Como os propósitos de uma pessoa (de apaziguar a sede, etc.) podem ser satisfeitos em um poço como em um reservatório grande ou extensão vasta, assim os vários propósitos dos Vedas podem ser todos deriváveis por aquele que conhece a Alma. Residindo no coração, e da medida do polegar, aquele Uno ilustre, a corporificação da Plenitude, não é um objeto de visão. Não nascido ele se move, desperto dia e noite. Aquele que o conhece se torna erudito e cheio de alegria. Eu sou chamado de mãe e pai. Eu sou também o filho. De tudo o que foi, e de tudo o que será, Eu sou a Alma. Ó Bharata, Eu sou o avô idoso, Eu sou o pai, Eu sou o filho. Vocês estão permanecendo em minha alma, contudo vocês não são meus, nem Eu sou seu! A Alma é a causa do meu nascimento e procriação. Eu sou a urdidura e o tecido do universo. Aquilo sobre o qual eu me apóio é indestrutível. Não nascido Eu me movimento, desperto dia e noite. Sou Eu conhecendo a quem uma pessoa se torna erudita e cheia de alegria. Mais sutil do que o sutil, de olhos excelentes capazes de investigar o passado e o futuro, Brahman está desperto em todas as criaturas. Aqueles que O conhecem sabem que o Pai Universal mora no coração de todas as coisas criadas!'"

47

"Vaisampayana disse, 'Assim conversando com Sanat-sujata e o erudito Vidura, o rei passou aquela noite. E depois que a noite tinha passado, todos os príncipes e chefes entraram na sala da corte com corações alegres e desejosos de ver aquele Suta (que tinha retornado). E ansiosos para ouvir a mensagem de Partha, repleta de virtude e lucro, todos os reis com Dhritarashtra em sua dianteira foram para aquela sala bela. Imaculadamente branca e espaçosa, ela era adornada com um chão dourado. E refulgente como a lua e extremamente bela, ela tinha sido borrifada com água de sândalo. E ela estava coberta com assentos excelentes feitos de ouro e madeira, e mármore e marfim. E todos os assentos estavam envolvidos com coberturas excelentes. E Bhishma e Drona e Kripa e Salya, e Kritavarman e Jayadratha, e Aswatthaman e Vikarna, e Somadatta e Vahlika e Vidura de grande sabedoria e Yuyutsu, o formidável guerreiro em carro, todos estes reis heróicos em um grupo, ó touro entre os Bharatas, tendo Dhritarashtra em sua chefia, entraram naquela sala de grande beleza. E Dussasana e

Chitrasena, e Sakuni, o filho de Suvala, e Durmukha e Dussaha, Karna e Uluka e Vivingsati, estes também, com Duryodhana o colérico rei dos Kurus em sua dianteira entraram naquela sala, ó monarca, como os celestiais formando a comitiva do próprio Sakra. E cheia com aqueles heróis possuidores de braços semelhantes a maças de ferro, aquela sala parecia, ó rei, com uma caverna de montanha cheia com leões. E todos aqueles arqueiros poderosos, dotados de grande energia e brilhando com refulgência solar, entrando na sala, sentaram-se sobre aqueles assentos belos. E depois que todos aqueles reis, ó Bharata, tinham tomado seus assentos, o ordenança em serviço anunciou a chegada do filho de Suta, dizendo, 'Lá vem o carro que foi despachado para os Pandavas. Nosso enviado voltou rapidamente, por meio da ajuda de corcéis bem treinados da raça Sindhu.' E tendo se aproximado do lugar com velocidade e descido do carro, Sanjaya enfeitado com brincos entrou naquela sala cheia de reis de grande alma. E o Suta disse, 'Ó Kauravas, saibam que tendo ido aos Pandavas eu voltei há pouco deles. Os filhos de Pandu oferecem seus cumprimentos para todos os Kurus segundo a idade de cada um. Tendo oferecido seus respeitos em retorno, os filhos de Pritha saudaram os idosos, e aqueles que são iguais a eles em idade, e aqueles também que são jovens, exatamente como cada um deve, de acordo com sua idade, ser saudado. Escutem, ó reis, ao que eu, instruído antes por Dhritarashtra, disse para os Pandavas, tendo ido até eles a partir deste lugar.'"

48

"Dhritarashtra disse, "Eu te pergunto, ó Sanjaya, na presença do meu filho e destes reis, quais palavras foram ditas pelo ilustre Dhananjaya de poder que não conhece diminuição, aquele líder de guerreiros, aquele destruidor das vidas dos perversos?'

"Sanjaya disse, 'Que Duryodhana escute as palavras que Arjuna de grande alma, ávido para lutar, proferiu, com a sanção de Yudhishthira e na audição de Kesava. Destemido (em batalha) e consciente do poder de suas armas, o heróico Kiritin, ávido por luta, falou dessa maneira para mim na presença de Vasudeva, 'Ó Suta, diga para o filho de Dhritarashtra, na presença de todos os Kurus, e também na audição daquele filho de Suta de língua suja e alma má, de pouca inteligência, razão estúpida, e de dias contados, que sempre deseja lutar contra mim, e também na audição daqueles reis reunidos para lutar contra os Pandavas, e cuide para que todas as palavras agora proferidas por mim sejam ouvidas bem por aquele rei com seus conselheiros.' Ó monarca, assim como os celestiais escutam avidamente as palavras de seu chefe armado com o raio, assim os Pandavas e os Srinjayas escutaram àquelas palavras de grave significado proferidas por Kiritin. Exatamente estas são as palavras faladas por Arjuna, o manejador do Gandiva, ávido pela luta e com olhos vermelhos como o lótus, 'Se o filho de Dhritarashtra não entregar ao rei Yudhishthira da linhagem Ajamida o reino dele, então (é evidente) deve haver algum ato pecaminoso cometido pelos filhos de Dhritarashtra cujas consequências não foram ainda colhidas por eles, pois não pode ser nada além disso quando eles desejam lutar com Bhimasena e Arjuna, e os Aswins e

Vasudeva e o filho de Sini, e Dhrishtadyumna infalível em armas, e Sikhandin, e Yudhishthira que é como o próprio Indra e que pode consumir céu e terra por simplesmente lhes desejar mal. Se o filho de Dhritarashtra deseja guerra com estes, então todos os objetivos dos Pandavas serão realizados. Portanto, não proponha paz aos filhos de Pandu, mas tenha guerra se tu quiseres. Aquele leito de dor nas florestas que era de Yudhishthira quando aquele filho virtuoso de Pandu vivia no exílio; oh, que um leito mais doloroso do que aquele, na terra nua, seja agora de Duryodhana e que ele se deite sobre ele, como seu último, privado de vida. Conquiste aqueles homens que eram governados pelo perverso Duryodhana de conduta injusta para o lado do filho de Pandu dotado de modéstia e sabedoria e ascetismo e autodomínio e coragem e poder regulados por virtude. Dotado de humildade e retidão, com ascetismo e autodomínio e com bravura regulada por virtude, e sempre falando a verdade, nosso rei, embora afligido por numerosas fraudes, perdoou tudo e suportou grandes males pacientemente. Quando o filho mais velho de Pandu, de alma sob controle apropriado, lançar indignadamente nos Kurus sua ira terrível acumulada por anos, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. Como um fogo ardente queimando tudo em volta consome grama seca na estação quente, assim Yudhishthira, inflamado com cólera consumirá a hoste Dhritarashtra só por um golpe de vista de seus olhos. Quando o filho de Dhritarashtra contemplar Bhimasena, aquele Pandava colérico de ímpeto terrível, colocado em seu carro, maça na mão, vomitando o veneno de sua ira, então Duryodhana se arrependerá por esta guerra. De fato, quando ele vir Bhimasena, que sempre luta na vanguarda, envolvido em armadura, mal capaz de ser olhado até por seus próprios seguidores, derrubando heróis hostis e devastando as tropas do inimigo como o próprio Yama, então o extremamente vaidoso Duryodhana se lembrará destas palavras. Quando ele vir elefantes, parecendo com picos de montanha, derrubados por Bhimasena, sangue fluindo de suas cabeças partidas como água de barris quebrados, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. Quando caindo sobre os filhos de Dhritarashtra o feroz Bhima de aparência terrível, maça na mão, massacrá-los como um leão enorme caindo sobre um rebanho de vacas, então Duryodhana se arrependerá por esta guerra. Quando o heróico Bhima impávido mesmo em situações de grande perigo e hábil em armas, quando aquele opressor de hostes hostis em batalha, em seu carro, e sozinho, esmagar com sua maça multidões de carros superiores e tropas inteiras de infantaria, agarrar por meio de seus braços fortes como ferro os elefantes do exército hostil, e ceifar a hoste Dhritarashtra como um lenhador forte derrubando uma floresta com um machado, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. Quando ele contemplar a hoste de Dhritarashtra consumida como uma vila cheia de cabanas construídas de palha pelo fogo, ou um campo de milho maduro pelo raio, de fato quando ele contemplar seu exército vasto espalhado, seus líderes mortos, e homens fugindo com suas costas para o campo afligidos pelo medo, e todos os guerreiros, humilhados ao pó, serem chamuscados por Bhimasena com o fogo de suas armas, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra, Quando Nakula, aquele guerreiro de façanhas admiráveis, aquele principal de todos os guerreiros em carros, atirando destramente flechas às centenas, mutilar os guerreiros em carros de Duryodhana,

então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. Acostumado a desfrutar de todos os confortos e luxos da vida, quando Nakula, se lembrando daquele leito de dor sobre o qual ele dormiu por muito tempo nas florestas vomitar o veneno de sua ira como uma cobra enfurecida, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. Dispostos a sacrificar suas próprias vidas, os monarcas (aliados), ó Suta, instigados para a batalha pelo rei Yudhishthira o justo, avançarão com fúria em seus carros resplandecentes contra o exército (hostil). Vendo isso, o filho de Dhritarashtra sem dúvida terá que se arrepender. Quando o príncipe Kuru vir os cinco filhos heróicos de (Draupadi), jovens em idade, mas não em ações, e todos bem versados em armas, avançarem indiferentes às suas vidas contra os Kauravas, então aquele filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. Quando empenhado na carnificina Sahadeva, sobre seu carro de rodas silenciosas, e de movimento incapaz de ser obstruído, e ornamentado com estrelas douradas, e puxado por corcéis bem treinados, fizer rolar as cabeças dos monarcas no campo de batalha com descargas de flechas, de fato, vendo aquele guerreiro hábil em armas colocado em seu carro no meio daquela destruição terrível, virando ora à esquerda e ora à direita e caindo sobre o inimigo em todas as direções, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. De fato, quando o modesto, mas poderoso Sahadeva, hábil em batalha, sincero, familiarizado com todos os caminhos da moralidade, e dotado de grande energia e impetuosidade cair sobre o filho de Gandhari em confronto feroz e derrotar todos os seus seguidores, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. Quando ele vir os filhos de Draupadi, aqueles grandes arqueiros, aqueles heróis hábeis em armas e bem versados em todos os modos de luta em carruagens se lançarem no inimigo como cobras de veneno virulento, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. Quando aquele matador de heróis hostis, Abhimanyu, habilidoso com armas como o próprio Krishna, subjugar os inimigos derramando sobre eles, como as próprias nuvens, uma torrente espessa de flechas, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. De fato, quando ele contemplar aquele filho de Subhadra, uma criança em idade mas não em energia, hábil em armas e semelhante ao próprio Indra, caindo como a própria Morte sobre as tropas do inimigo, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. Quando os jovens Prabhadrakas, dotados de grande energia, bem versados em combate, e possuidores da energia de leões derrotarem os filhos de Dhritarashtra com todas suas tropas, então Duryodhana se arrependerá desta guerra. Quando aqueles veteranos guerreiros em carros Virata e Drupada atacarem, na liderança de suas respectivas divisões, os filhos de Dhritarashtra e suas tropas, então Duryodhana se arrependerá desta guerra. Quando Drupada, hábil em armas, e sobre em seu carro, desejoso de colher as cabeças de guerreiros jovens cortá-las colericamente com flechas atiradas de seu arco, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá desta guerra. Quando aquele matador de heróis hostis, Virata, penetrar nas tropas do inimigo, oprimindo todos diante dele com a ajuda de seus guerreiros Matsya de coragem impassível, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá desta guerra. Quando ele contemplar na própria dianteira o filho mais velho do rei Matsya, de coragem arrojada e aparência calma, em seu carro e envolvido em armadura em nome dos Pandavas, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá desta guerra. Eu te digo realmente que quando

aquele principal dos heróis Kaurava, o filho virtuoso de Santanu, for morto em batalha por Sikhandin, então todos os nossos inimigos, sem dúvida, perecerão. De fato, quando, derrubando numerosos guerreiros em carros, Sikhandin, sobre seu próprio carro bem protegido, proceder em direção a Bhishma, esmagando multidões de carros (hostis) por meio de seus próprios corcéis poderosos, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. Quando ele vir Dhristadyumna para quem Drona comunicou todos os mistérios da ciência de armas, posicionado em esplendor na própria vanguarda das tropas Srinjaya, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá. De fato, quando o líder da hoste Pandava, de bravura incomensurável e capaz de resistir à investida de qualquer força proceder para atacar Drona em batalha, aniquilando com suas flechas as tropas Dhritarashtra, então Duryodhana se arrependerá por esta guerra. Que inimigo pode resistir a ele que tem, para lutar em sua vanguarda, aquele leão da raça Vrishni, aquele chefe dos Somakas, que é modesto e inteligente, poderoso e dotado de grande energia, e abençoado com todo o tipo de prosperidade? Diga também isto (para Duryodhana); 'Não cobice (o reino). Nós escolhemos, para nosso líder, o intrépido e poderoso guerreiro em carro Satyaki, o neto de Sini, hábil em armas e que não tem ninguém sobre a terra como seu igual. De peito largo e braços longos, aquele opressor de inimigos, inigualável em batalha, e familiarizado com as melhores das armas, o neto de Sini, de braços habilidosos e perfeitamente destemido, é um poderoso guerreiro em carro que maneja um arco de quatro cúbitos completos de comprimento. Quando aquele matador de inimigos, aquele chefe dos Sinis, instigado por mim, derramar, como as próprias nuvens, suas flechas sobre o inimigo, subjugando completamente seus líderes com aquela torrente, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá desta guerra. Quando aquele guerreiro ilustre de braços longos e firme aperto do arco reúne sua resolução para lutar, o inimigo então, como vacas sentindo o cheiro do leão, fogem dele antes mesmo de começar o combate. Aquele guerreiro ilustre de braços compridos e firme aperto do arco é capaz de rachar as próprias colinas e destruir o universo inteiro. Experiente em armas, hábil (em batalha), e dotado de excelente agilidade mão, ele brilha no campo de batalha como o próprio sol no céu. Aquele leão da raça Vrishni, aquele descendente da linhagem de Yadu, de treinamento superior, tem diversas armas extraordinárias e excelentes. De fato, Satyaki é possuidor do conhecimento de todos aqueles usos de armas que são citadas como da maior excelência. Quando ele vir em batalha o carro dourado de Satyaki da linhagem de Madhu, puxado por quatro corcéis brancos, então aquele patife de paixões descontroladas, o filho de Dhritarashtra, se arrependerá. Quando ele também contemplar meu carro terrível, dotado da refulgência do ouro e pedras preciosas brilhantes, puxado por corcéis brancos e equipado com o estandarte portando o emblema do Macaco e guiado pelo próprio Kesava, então aquele patife de paixões descontroladas se arrependerá. Quando ele ouvir o som violento produzido pelo constante estiramento da corda do arco com dedos envolvidos em luvas de couro, aquela vibração terrível, alta como o ribombar do trovão, do meu arco Gandiva manejado por mim no meio da grande batalha, então aquele canalha pecaminoso, o filho de Dhritarashtra irá se arrepender vendo a si mesmo abandonado por suas tropas, fugindo como gado do campo de batalha em todas as direções, oprimidos pela escuridão criada por minha torrente de flechas.

Quando ele vir inúmeras flechas de gume afiado, equipadas com asas belas, e capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais, atiradas da corda do Gandiva, como violentas e terríveis luzes de relâmpagos emitidas pelas nuvens, destruindo inimigos aos milhares e devorando incontáveis corcéis e elefantes vestidos em armadura, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. Quando ele contemplar as flechas disparadas pelo inimigo desviadas, ou devolvidas atingidas por minhas flechas, ou cortadas em pedaços perfuradas transversalmente por minhas flechas, então o filho tolo de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. Quando flechas de cabeça larga disparadas por minhas mãos cortarem as cabeças de guerreiros jovens, como aves apanhando frutos de topos de árvores, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. Quando ele vir seus excelentes guerreiros caindo de seus carros, e elefantes e corcéis rolando no campo, privados de vida por minhas flechas, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. Quando ele vir seus irmãos, mesmo antes de entrarem completamente dentro do alcance das armas do inimigo, morrerem todos em volta, sem terem realizado qualquer coisa em batalha, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. Quando despejando minhas flechas ardentes incessantemente, eu, como a própria Morte com boca escancarada, destruir por todos os lados multidões de carros e soldados de infantaria, então aquele canalha se arrependerá. Quando ele contemplar suas próprias tropas cobertas com o pó erguido por meu carro vagarem em todas as direções, despedaçadas pelo Gandiva e privadas de razão, então aquele desgraçado se arrependerá. Quando ele vir todo o seu exército fugindo com medo em todas as direções, mutilado em membros, e privado de razão; quando ele vir seus corcéis, elefantes, e principais heróis mortos; quando ele vir suas tropas sedentas, em pânico, lamentando alto, mortas e moribundas, com seus animais exaustos; e cabelos, ossos e caveiras jazendo em pilhas em volta como trabalhos meio acabados do Criador, então aquele desgraçado se arrependerá. Quando ele contemplar em meu carro, Gandiva, Vasudeva, e a concha celeste Panchajanya, eu mesmo, meu par de aljavas inesgotáveis, e minha concha chamada Devadatta como também meus corcéis brancos, então o filho de Dhritarashtra se arrependerá por esta guerra. Quando eu consumir os Kauravas, como Agni consumindo inúmeras almas pecaminosas reunidas na hora de prenunciar outro Yuga no fim do último, então Dhritarashtra com todos os seus filhos se arrependerá. Quando o filho colérico e de coração perverso de Dhritarashtra estiver privado de prosperidade com irmãos e exército e seguidores, então, privado de orgulho e perdendo o ânimo e tremendo completamente, aquele tolo se arrependerá. Uma manhã quando eu tinha terminado meus ritos de água e orações, um Brahmana me falou estas palavras agradáveis, ‘Ó Partha, tu terás que realizar uma tarefa muito difícil. Ó Savyasachin, tu terás que lutar com teus inimigos. Ou Indra montado em seu corcel excelente com raio na mão andará diante de ti matando teus inimigos em batalha, ou Krishna, o filho de Vasudeva, te protegerá por detrás dirigindo seu carro puxado pelos corcéis encabeçados por Sugriva.’ Confiando nestas palavras eu, nesta batalha, ignorando Indra o manejador do raio, preferi Vasudeva como meu aliado. Aquele Krishna foi obtido por mim para a destruição daqueles pecaminosos. Eu vejo a mão dos deuses em tudo isso. A pessoa cujo êxito é somente desejado por Krishna, sem o último

realmente pegar armas em seu nome, sem dúvida triunfa sobre todos os inimigos, mesmo se aqueles forem os celestiais com Indra em sua chefia, enquanto não há ansiedade se eles forem humanos. Aquele que deseja conquistar em batalha aquele principal dos heróis, o filho de Vasudeva, Krishna dotado de grande energia, deseja cruzar só por meio de seus dois braços o grande oceano de ampla extensão e água imensurável. Aquele que deseja partir por meio um tapa de sua palma a alta montanha Kailasa não é capaz de fazer o menor dano à montanha embora somente sua mão com suas unhas sem dúvida se desgaste. Aquele que conquistasse Vasudeva em batalha extinguiria, com seus dois braços, um fogo ardente, pararia o Sol e a Lua, e pilharia à força o Amrita dos deuses, aquele Vasudeva, que tendo matado em batalha por pura força todos os nobres guerreiros da raça Bhoja, sequestrou em um único carro Rukmini de grande fama para fazer dela sua esposa; e dela depois nasceu Pradyumna de grande alma. Foi este favorito dos deuses que, tendo vencido rapidamente os Gandharas e subjugado todos os filhos de Nagnajit, libertou à força da prisão o rei Sudarsana de grande energia. Foi ele que matou o rei Pandya por bater seu peito contra ele, e rebaixou os Kalingas em batalha. Queimada por ele, a cidade de Varanasi permaneceu por muitos anos sem um rei, incapaz de ser derrotada por outros. Ekalavya, o rei dos Nishadas, sempre costumava desafiá-lo para combate; mas morto por Krishna ele jaz morto como o Asura Jambha violentamente espancado sobre um morro pequeno. Foi Krishna que, tendo Baladeva como seu auxiliar, matou o filho pecaminoso de Ugrasena (Kansa), sentado na corte no meio dos Vrishnis e dos Andhakas, e então deu o reino para Ugrasena. Foi Krishna que lutou com o rei Salya, o senhor de Saubha, estacionado nos céus, sem medo por causa de seus poderes de ilusão; e foi ele que, no portão de Saubha pegou com suas mãos o ardente Sataghni (lançado pelo senhor de Saubha). Que mortal é capaz de suportar seu poder? Os Asuras tinham uma cidade chamada Pragjyotisha, que era formidável, inacessível e irresistível. Foi lá que o poderoso Naraka, o filho da Terra, mantinha os brincos adornados com pedras preciosas de Aditi, tendo levado eles pela força. Os próprios deuses que, sem medo da morte, se reuniram com Sakra em sua chefia eram incapazes de subjugá-lo. Contemplando a destreza e poder de Kesava, e arma que é irresistível, e conhecendo também o objetivo de seu nascimento, os deuses o empregaram para a destruição daqueles Asuras. Vasudeva, também, dotado de todos os atributos divinos que asseguram êxito, concordou em empreender aquela tarefa extremamente difícil. Na cidade de Nirmochana aquele herói matou seis mil Asuras, e cortando em pedaços inumeráveis flechas de gume afiado ele matou Mura e hostes de Rakshasas, e então entrou naquela cidade. Foi lá que ocorreu um combate entre o poderoso Naraka e Vishnu de força incomensurável. Morto por Krishna, Naraka jaz sem vida lá, como uma árvore Karnikara arrancada pelo vento. Tendo matado o filho da Terra, Naraka, e também Mura, e tendo recuperado aqueles brincos adornados com pedras preciosas, o erudito Krishna de destreza sem paralelo voltou, adornado com beleza e fama eterna. Tendo testemunhado seus feitos terríveis naquela batalha, os deuses o abençoaram lá mesmo dizendo, 'Fadiga nunca será tua em lutas, nem o firmamento nem as águas pararão teu percurso, nem armas penetrarão teu corpo.' E Krishna, por tudo isto, se considerou amplamente recompensado. Incomensurável e possuidor de

grande poder, em Vasudeva sempre existem todas as virtudes. E, contudo o filho de Dhritarashtra procura vencer aquele Vishnu irresistível de energia infinita, pois aquele canalha frequentemente pensa em encarcerá-lo. Krishna, no entanto, tolera tudo isto somente por nossa causa. Aquele canalha procura criar uma desunião repentina entre Krishna e eu. Até que ponto, no entanto, ele é capaz de tirar o afeto de Krishna dos Pandavas, será visto no campo de batalha. Tendo reverenciado o filho de Santanu, e também Drona com seu filho, e o incomparável filho de Saradwat, eu lutarei para recuperar nosso reino. O próprio Deus da justiça, eu estou certo, provocará a destruição daquele homem pecaminoso que lutar com os Pandavas. Derrotados fraudulentamente nos dados por aqueles canalhas, nós, de nascimento real, tivemos que passar doze anos em grande infortúnio na floresta e um longo ano escondidos. Quando aqueles Pandavas ainda estão vivos, como os filhos de Dhritarashtra se regozijarão, possuindo posição e riqueza? Se eles nos derrotassem em luta, ajudados pelos próprios deuses encabeçados por Indra, então a prática do mal seria melhor do que a virtude, e certamente não haveria nada semelhante à retidão sobre a terra. Se o homem é afetado por suas ações, se nós somos superiores a Duryodhana, então, eu espero que, com Vasudeva como meu segundo, eu mate Duryodhana com todos os seus parentes. Ó senhor de homens, se o ato de roubar nosso reino é pecaminoso, se estes nossos próprios bons feitos não são inúteis, então vendo este e aquele, me parece que a derrota de Duryodhana é indubitável. Ó Kauravas, vocês verão com seus próprios olhos que, se eles lutarem, os filhos de Dhritarashtra sem dúvida perecerão. Se eles agirem de outra maneira em vez de lutarem, então eles podem viver; mas no caso de uma batalha se seguir, nenhum deles sobrará vivo. Matando todos os filhos de Dhritarashtra junto com Karna, eu certamente tirarei à força seu reino inteiro. Façam, enquanto isso, o que quer que vocês achem melhor, e desfrutem também de suas esposas e outras coisas boas da vida. Há, conosco, muitos Brahmanas idosos, versados em várias ciências, de comportamento amável, bem nascidos, familiarizados com o ciclo dos anos, dedicados ao estudo de astrologia, capazes de compreender com certeza os movimentos de planetas e as conjunções das estrelas como também de explicar os mistérios do destino, e respondendo perguntas relativas ao futuro, familiarizados com os signos do Zodíaco, e versados com as ocorrências de todas as horas, que estão profetizando a grande destruição dos Kurus e dos Srinjayas, e a vitória final dos Pandavas, pelo que Yudhishthira, que nunca fez um inimigo, já considera seus objetivos realizados pelo massacre de seus inimigos. E Janardana também, aquele leão entre os Vrishnis, dotado do conhecimento do futuro invisível, sem dúvida, vê tudo isto. E eu também, com previdência infalível vejo aquele futuro, pois esta minha previdência, adquirida antigamente, não está obstruída. Os filhos de Dhritarashtra, se eles lutarem, não viverão. Meu arco, Gandiva, boceja sem ser manejado; minha corda de arco treme sem ser esticada; e flechas também, saindo da boca da minha aljava, estão repetidamente procurando voar. Minha cimitarra brilhante sai por si mesma de sua bainha, como uma cobra deixando sua própria pele gasta; e no topo do meu mastro de bandeira são ouvidas vozes terríveis; ‘Quando teu carro será emparelhado, ó Kiritin?’ Inúmeros chacais proferem uivos horríveis à noite, e Rakshasas frequentemente descem do céu; veados e chacais e pavões, corvos, urubus e garças, e lobos e

aves de plumagem dourada seguem na retaguarda do meu carro quando meus corcéis brancos são unidos a ele. Sozinho eu posso despachar, com chuvas de flechas, todos os reis guerreiros para as regiões da morte. Como um fogo ardente consome uma floresta na estação quente, assim, expondo diversos movimentos, eu lançarei aquelas armas formidáveis chamadas Sthur-karna, Pasupata, e Brahma, e todas aquelas que Sakra me deu, todas as quais são dotadas de impetuosidade ardente. E com sua ajuda, colocando meu coração na destruição daqueles monarcas, eu não deixarei resto daqueles que forem para o campo de batalha. Eu descansarei, tendo feito tudo isto. Esta mesma é minha resolução principal e decidida. Diga isto a eles, ó filho de Gavalgana. Veja a tolice de Duryodhana! Ó Suta, aqueles que são invencíveis em batalha mesmo se enfrentados com a ajuda dos próprios deuses encabeçados por Indra, contra eles aquele filho de Dhritarashtra pensa em guerrear! Mas que seja como os idosos Bhishma, o filho de Santanu, e Kripa, e Drona com seu filho, e Vidura dotado de grande sabedoria, estão dizendo, ‘Que os Kauravas todos vivam por longo tempo!’"

49

"Vaisampayana disse, 'No meio, ó Bharata, de todos aqueles reis reunidos, Bhishma, o filho de Santanu, então disse estas palavras para Duryodhana, 'Uma vez Vrihaspati e Sakra foram até Brahma. Os Maruts também com Indra, os Vasus com Agni, os Adityas, os Sadhyas, os sete Rishis celestes, os Gandharvas, Viswavasu, e as belas tribos das Apsaras, todos se aproximaram do Avô antigo. E tendo reverenciado o Senhor do Universo, todos aqueles habitantes do céu se sentaram em volta dele. Justamente então, as duas divindades antigas, os Rishis Nara e Narayana, como se atraindo para si mesmos por meio de sua própria energia as mentes e energias de todos os que estavam presentes lá, deixaram o local. Nisso Vrihaspati questionou Brahma, dizendo, ‘Quem são esses dois que deixaram o local sem te reverenciar? Diga-nos, ó Avô, quem são eles?’ Assim questionado, Brahma disse, 'Esses dois, dotados de mérito ascético, brilhando com refulgência e beleza, iluminando a terra e o céu, possuidores de grande poder, e permeando e sobrepujando todos, são Nara e Narayana, morando agora na região de Brahman tendo chegado do outro mundo. Dotados de grande força e coragem, eles brilham por seu próprio ascetismo. Por suas ações eles sempre contribuem para a alegria do mundo. Reverenciados pelos deuses e os Gandharvas, eles existem somente para a destruição de Asuras.'

"Bhishma continuou, 'Tendo ouvido estas palavras, Sakra foi ao local onde aqueles dois estavam praticando austeridades ascéticas, acompanhado por todos os celestiais e tendo Vrihaspati em sua dianteira. Naquele tempo, os habitantes do céu estavam muito alarmados por causa de uma guerra que ocorria entre eles mesmos e os Asuras. E Indra pediu àquele par ilustre para lhe conceder um benefício. Assim solicitados, ó melhor da linhagem Bharata, aqueles dois disseram, ‘Cite o benefício.’ Nisso Sakra disse para eles, ‘Nos dêem sua ajuda.’ Eles então disseram para Sakra, ‘Nós faremos o que tu desejas.’ E então foi com

a ajuda deles que Sakra posteriormente venceu os Daityas e os Danavas. Ó castigador de inimigos, Nara matou em batalha centenas e milhares de inimigos de Indra entre os Paulomas e os Kalakhanjas. Foi este Arjuna que, sobre um carro giratório, cortou em batalha, com uma flecha de gume afiado, a cabeça do Asura Jambha quando o último estava prestes a engoli-lo. Fui ele quem afligiu (a cidade Daitya de Hiranyapura) no outro lado do oceano, tendo subjugado em batalha sessenta milhares de Nivatakavachas. Foi este conquistador de cidades hostis, este Arjuna de armas poderosas que gratificou Agni, tendo derrotado os próprios deuses com Indra em sua chefia. E Narayana também, neste mundo, tem destruído inúmeros outros Daityas e Danavas da mesma maneira. Assim mesmo são aqueles dois de energia poderosa que são agora vistos unidos um com o outro. Foi ouvido por nós que os dois heróicos e poderosos guerreiros em carros, Vasudeva e Arjuna, que estão agora unidos, são aqueles mesmos deuses antigos, os divinos Nara e Narayana. Entre todos sobre a terra eles são incapazes de ser vencidos pelos Asuras e os deuses encabeçados pelo próprio Indra. Aquele Narayana é Krishna, e aquele Nara é Falguna. De fato eles são uma Alma nascida em duas. Esses dois, por suas ações, desfrutam de numerosas regiões eternas e inesgotáveis, e nascem repetidamente naqueles mundos quando guerras destrutivas são necessárias. Por esta razão sua missão é lutar. Exatamente isso foi o que Narada, conhecedor dos Vedas, disse para os Vrishnis. Quando tu, ó Duryodhana, vires Kesava com concha e disco, e maça na mão, e aquele terrível manejador do arco, Arjuna, armado com armas, quando tu vires aqueles eternos e ilustres, os dois Krishnas sentados no mesmo carro, então, ó filho, tu te lembrarás destas minhas palavras. Por que tal perigo não ameaçaria os Kurus quando teu intelecto, ó filho, abandonou lucro e virtude? Se tu não prestares atenção às minhas palavras, tu então terás que ouvir do massacre de muitos, pois todos os Kauravas aceitam tua opinião. Tu estás sozinho em defender como verdadeira a opinião, ó touro da raça Bharata, somente três pessoas, isto é, Karna, um filho de Suta de nascimento humilde amaldiçoado por Rama, Sakuni, o filho de Suvala, e teu irmão vil e pecaminoso Dussasana.'

Karna disse, 'Não cabe a ti, ó avô abençoado, usar tais palavras em direção a mim, pois eu tenho adotado os deveres da classe Kshatriya sem abandonar aqueles meus próprios. Além disso, que pecaminosidade existe em mim? Eu não tenho pecado conhecido por alguém do povo de Dhritarashtra. Eu nunca fiz alguma injúria para o filho de Dhritarashtra; por outro lado, eu matarei todos os Pandavas em batalha. Como podem aqueles que são sábios fazer as pazes novamente com aqueles que foram prejudicados antes? É sempre meu dever fazer tudo o que é agradável para o rei Dhritarashtra, e especialmente para Duryodhana, pois ele está em posse do reino.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo escutado estas palavras de Karna, Bhishma o filho de Santanu, se dirigindo ao rei Dhritarashtra disse novamente, 'Embora este muitas vezes se gabe dizendo, ‘Eu matarei os Pandavas,’ ainda assim ele não é igual nem a uma décima sexta parte dos Pandavas de grande alma. Saiba que a grande calamidade que está prestes a alcançar teus filhos de almas perversas é a ação deste filho desventurado de um Suta! Confiando nele teu filho

tolo Suyodhana insultou aqueles heróis de descendência celeste, aqueles castigadores de todos os inimigos. Qual, no entanto, é aquela façanha difícil realizada por este patife anteriormente que esteja à altura de alguma daquelas realizadas antigamente por cada um dos Pandavas? Vendo na cidade de Virata seu irmão querido morto por Dhananjaya que mostrou semelhante bravura o que ele fez então? Quando Dhananjaya, avançando contra todos os Kurus reunidos, os subjugou e tirou seus mantos, ele não estava lá então? Quando teu filho estava sendo levado como um cativo pelos Gandharvas na ocasião da contagem do gado, onde estava este filho de um Suta então que agora berra como um touro? Mesmo lá, foi Bhima, e o ilustre Partha, e os gêmeos que enfrentaram os Gandharvas e os derrotaram. Sempre belas, e sempre sem consideração por virtude e lucro, estas, ó touro da raça Bharata, são as muitas coisas falsas, abençoado sejas tu, que ele profere.'

Tendo ouvido estas palavras de Bhishma, o filho de grande alma de Bharadwaja, tendo prestado devida homenagem a Dhritarashtra e aos reis reunidos, falou para ele estas palavras, 'Faça, ó rei, aquilo que o melhor dos Bharatas, Bhishma, disse. Não cabe a ti agir segundo as palavras daqueles que são cobiçosos de riqueza. Paz com os Pandavas, antes de a guerra acontecer, parece ser o melhor. Tudo dito por Arjuna e repetido aqui por Sanjaya será cumprido, eu sei, por aquele filho de Pandu, pois não há arqueiro igual a ele nos três mundos!' Sem considerar, no entanto, estas palavras faladas por Drona e Bhishma, o rei novamente questionou Sanjaya sobre os Pandavas. Desde aquele momento, quando o rei não deu uma resposta apropriada para Bhishma e Drona, os Kauravas abandonaram todas as esperanças de vida.'"

50

"Dhritarashtra disse, 'O que aquele rei Pandava, o filho de Dharma, disse, ó Sanjaya, depois de saber que uma grande força foi reunida aqui para nos alegrar? Como também Yudhishthira está agindo, em vista do conflito vindouro? Ó Suta, quem entre seus irmãos e filhos está olhando com respeito para seu rosto, desejoso de receber suas ordens? Ofendido como ele está pelos logros dos meus filhos maus, quem, além disso, está dissuadindo aquele rei de comportamento virtuoso e conhecedor da virtude, dizendo, 'Tenha paz?'

"Sanjaya disse, 'Todos os Panchalas, junto com os outros filhos de Pandu, estão olhando para o rosto de Yudhishthira, abençoado sejas tu, e ele também está contendo eles todos. Multidões de carros pertencentes aos Pandavas e aos Panchalas estão vindo em grupos separados para alegrar Yudhishthira, o filho de Kunti, prontos para marchar para o campo de batalha. Como o céu se torna mais brilhante na chegada do sol nascente, assim os Panchalas estão se regozijando em sua união com o filho de Kunti de esplendor ardente, surgido como uma enchente de luz. Os Panchalas, os Kekayas, e os Matsyas, junto com os próprios pastores que cuidam de seus gados e ovelhas, estão se regozijando e alegrando Yudhishthira, o filho de Pandu. Moças Brahmana e Kshatriya e as próprias filhas

dos Vaisyas, em grande número, estão indo em disposição divertida para verem Partha vestido em cota de malha.'

"Dhritarashtra disse, 'Nos fale, ó Sanjaya, das forças armadas de Dhrishtadyumna, como também dos Somakas, e de todos os outros, com as quais os Pandavas pretendem lutar conosco.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim interrogado no meio dos Kurus e em sua própria sala, o filho de Gavalgana ficou pensativo por um momento e parecia dar repetidamente suspiros profundos e longos; e de repente ele caiu em um desmaio sem qualquer razão aparente. Então naquela assembléia de reis Vidura disse ruidosamente, 'Sanjaya, ó grande rei, caiu sem sentidos ao solo, e não pode proferir uma palavra, privado de sentidos e com seu intelecto nublado.'

"Dhritarashtra disse, 'Sem dúvida, Sanjaya, tendo visto aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Kunti, teve sua mente cheia com grande ansiedade por causa daqueles tigres entre homens.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo recuperado a consciência, e estando confortado, Sanjaya se dirigiu ao rei Dhritarashtra no meio daquela afluência de Kurus naquela sala, dizendo, 'De fato, ó rei dos reis, eu vi aqueles grandes guerreiros, os filhos de Kunti, emagrecidos em corpo pela restrição na qual eles viveram na cidade do rei dos Matsyas. Ouça, ó rei, com quem os Pandavas lutarão contra você. Com aquele herói Dhrishtadyumna como seu aliado, eles lutarão contra você. Com aquele personagem de alma virtuosa, que nunca abandona a verdade por raiva ou medo, tentação, ou por riqueza, ou disputa; e que é, ó rei, uma verdadeira autoridade em questões de religião, sendo ele mesmo o melhor daqueles que praticam a virtude; com ele, que nunca fez um inimigo, os filhos de Pandu lutarão contra você. Ele a quem ninguém sobre a terra é igual em força de braços, e que, manejando seu arco trouxe todos os reis sob submissão e que, subjugando antigamente todo o povo de Kasi e Anga e Magadha, como também os Kalingas; com aquele Bhimasena os filhos de Pandu vão lutar contra você. De fato, ele através de cujo poder os quatro filhos de Pandu podiam rapidamente descer sobre a terra, tendo saído da casa de laca (queimando), aquele filho de Kunti, Vrikodara, que se tornou os meios de seu resgate do canibal Hidimva; aquele filho de Kunti, Vrikodara, que se tornou seu refúgio quando a filha de Yajnasena estava sendo levada por Jayadratha; de fato, com aquele Bhima que salvou os Pandavas do incêndio em Varanavata; com ele mesmo (como seu aliado) eles lutarão contra você. Ele, que para a satisfação de Krishna matou os Krodhavasas, tendo penetrado nas acidentadas e terríveis montanhas de Gandhamadana, ele para cujos braços foi dado o poder de dez mil elefantes; com aquele Bhimasena os Pandavas lutarão contra você. Aquele herói, que, para a satisfação de Agni, com Krishna somente como seu auxiliar, corajosamente derrotou antigamente Purandara em luta; ele que gratificou por meio de um combate aquele Deus dos deuses, o manejador do tridente marido de Uma, o próprio Mahadeva tendo as montanhas para sua residência; aquele principal dos guerreiros que subjugou todos os reis da terra, com aquele Vijaya (como seu aliado) os Pandavas enfrentarão você em batalha. Aquele guerreiro

admirável Nakula, que subjugou todo o mundo ocidental abundando em Mlechchas, está presente no acampamento Pandava. Com aquele herói belo, aquele arqueiro incomparável, aquele filho de Madri, ó Kauravya, os Pandavas lutarão contra você. Ele que derrotou em batalha os guerreiros de Kasi, Anga, e Kalinga, com aquele Sahadeva os Pandavas enfrentarão você em batalha. Ele, que em energia tem como seus iguais somente quatro homens sobre a terra, a saber, Aswatthaman e Dhrishtaketu e Rukmi e Pradyumna, com aquele Sahadeva, o mais jovem em idade, aquele herói entre homens, aquele que alegra o coração de Madri, com ele, ó rei, você terá uma batalha destrutiva. Ela que, enquanto vivendo antigamente como a filha do rei de Kasi praticou as penitências mais austeras; ela que, ó touro da raça Bharata, desejando em uma vida subsequente realizar a destruição de Bhishma tomou seu nascimento como a filha de Panchala, e acidentalmente se tornou depois um homem; que, ó tigre entre homens, está familiarizado com os méritos e deméritos de ambos os sexos; aquele invencível príncipe dos Panchalas que enfrentou os Kalingas em batalha, com aquele Sikhandin hábil em todas as armas os Pandavas lutarão contra você. Ela a quem um Yaksha transformou em um homem para a destruição de Bhishma, com aquele arqueiro formidável os Pandavas lutarão contra você. Com aqueles arqueiros poderosos, todos irmãos, aqueles cinco príncipes Kekaya, com aqueles heróis vestidos em armadura os Pandavas lutarão contra você. Com aquele guerreiro de braços longos, dotado de grande força no uso de armas, possuidor de inteligência e bravura incapaz de ser frustrada, com aquele Yuyudhana, o leão da raça Vrishni, você terão que lutar. Ele que tem sido a proteção dos Pandavas de grande alma por um tempo, com aquele Virata vocês terão um confronto em batalha. O senhor de Kasi, aquele poderoso guerreiro em carro que governa em Varanasi se tornou um aliado deles; com os Pandavas lutará contra você. Os filhos de grande alma de Draupadi, jovens em idade, mas invencíveis em batalha, e inalcançáveis como cobras de veneno virulento, com eles, os Pandavas lutarão contra você. Ele, que em energia é semelhante a Krishna e em autodomínio a Yudhishthira, com aquele Abhimanyu os Pandavas lutarão contra você. Aquele filho guerreiro de Sisupala, Dhrishtaketu de grande renome, que em energia está além de comparação e que quando enfurecido é incapaz de ser resistido em batalha, com aquele rei dos Chedis que se juntou aos Pandavas na chefia de um Akshauhini próprio os filhos de Pandu lutarão contra você. Ele é o refúgio dos Pandavas, assim como Vasava é dos celestiais, com aquele Vasudeva, os Pandavas lutarão contra você. Ele também, ó touro da raça Bharata, Sarabha o irmão do rei dos Chedis, que, além disso, está unido com Karakarsa, com ambos, os Pandavas lutarão contra você. Sahadeva, o filho de Jarasandha, e Jayatsena, ambos heróis incomparáveis em batalha, estão decididos a lutar pelos Pandavas. E Drupada também, possuidor de grande poder, e seguido por uma grande tropa, e indiferente à sua vida, está decidido a lutar pelos Pandavas. Confiando nestes e em outros reis às centenas, dos países do leste e do norte, o rei Yudhishthira o justo está preparado para a batalha.'"

51

"Dhritarashtra disse, 'Todos estes mencionados por ti são, de fato, dotados de grande coragem, mas todos eles juntos são iguais a Bhima sozinho. Meu medo, ó filho, do Bhima colérico é, de fato, muito grande, como aquele de um veado cevado de um tigre enfurecido. Eu passo todas as minhas noites em insônia, dando suspiros profundos e ansiosos com medo de Vrikodara, ó filho, como um animal de alguma outra espécie com medo do leão. De braços fortes, e em energia igual ao próprio Sakra, eu não vejo neste exército inteiro nem uma pessoa que possa resistir a ele em batalha. Extremamente colérico e resoluto em animosidade, aquele filho de Kunti e Pandu não sorri nem em brincadeira, é louco com raiva, lança seus olhares obliquamente, e fala em uma voz de trovão. De grande impetuosidade e grande coragem, de braços longos e grande força, ele não deixará vivo, em batalha, nem um dos meus filhos tolos. De fato, Vrikodara, aquele touro entre os Kurus, girando sua maça em batalha como um segundo Yama com maça na mão, matará todos os meus filhos que estão afligidos por uma pesada calamidade. Agora mesmo eu vejo aquela maça terrível dele, com oito lados feitos de aço, e adornada com ouro, erguida como a maldição de um Brahmana. Como um leão de força imensa entre um bando de veados, Bhima vagará entre minhas tropas. Somente ele (entre seus irmãos) sempre mostrou sua força cruelmente em direção aos meus filhos. Comendo vorazmente, e dotado de grande impetuosidade, desde sua infância ele tem se comportando hostilmente em direção aos meus filhos. Meu coração treme (ao lembrar) que mesmo em sua infância, Duryodhana e outros filhos meus, enquanto lutando com ele (esportivamente) eram sempre postos no chão por Bhima semelhante a elefante. Ai, meus filhos sempre foram oprimidos por seu poder, e é aquele Bhima de bravura terrível que foi a causa deste rompimento. Agora mesmo eu vejo Bhima, louco com raiva, lutando na própria vanguarda, e devorando toda a minha hoste consistindo em homens, elefantes, e corcéis. Igual a Drona e Arjuna em armas, sua velocidade é igual à velocidade do vento, e em ira semelhante ao próprio Maheswara, quem é, ó Sanjaya, que mataria aquele herói colérico e terrível em batalha? Eu penso que é um grande ganho que meus filhos não tenham sido mortos naquela época por aquele matador de inimigos que é dotado de tal energia. Como pode um ser humano resistir à impetuosidade daquele guerreiro em batalha que matou Yakshas e Rakshasas de força terrível no passado? Ó Sanjaya, mesmo em sua infância ele nunca esteve completamente sob meu controle. Prejudicado por meus filhos perversos, como pode aquele filho de Pandu estar sujeito ao meu controle agora? Cruel e extremamente colérico, ele se quebraria, mas não se dobraria. De olhares oblíquos e sobrancelhas contraídas, como ele pode ser induzido a permanecer calmo? Dotado de heroísmo, de poder incomparável e cor clara, alto como uma palmeira, e em altura maior do que Arjuna pela medida do polegar, o segundo filho de Pandu supera os próprios corcéis em rapidez, e elefantes em força, fala com pronúncia indistinta, e possui olhos que têm a cor do mel. Com relação à forma e força, ele era assim mesmo em sua juventude, como eu realmente ouvi muito antes dos lábios de Vyasa! Terrível e possuidor de poder cruel, quando zangado ele destruirá em batalha com

sua maça de ferro carros e elefantes e homens e cavalos. Por agir contra seus desejos, aquele principal dos batedores que é sempre colérico e furioso foi anteriormente, ó filho, insultado por mim. Ai, como meus filhos aguentarão aquela maça dele que é reta, feito de aço, compacta, de lados belos, adornada com ouro, capaz de matar uma centena, e que produz um som terrível quando arremessada no inimigo? Ai, ó filho, meus filhos tolos estão desejosos de cruzar aquele oceano inacessível constituído por Bhima, o qual é realmente sem margens, sem uma balsa sobre ele, imensurável em profundidade, e cheio de correntezas impetuosas como o percurso de flechas. Tolos na verdade embora contando vantagem de sua sabedoria, ai, meus filhos não me escutam ainda que eu grite. Vendo somente o mel eles não vêem a queda terrível que está diante deles. Aqueles que avançarem para a batalha com a própria Morte naquela forma humana estão sem dúvida fadados à destruição pelo Ordenador Supremo, como animais dentro da vista do leão. De quatro cúbitos completos de comprimento, dotada de seis lados e grande poder, e tendo também um toque mortal, quando ele lançar sua maça da funda, como meus filhos, ó filho, suportarão seu ímpeto? Girando sua maça e quebrando com ela as cabeças de elefantes (hostis), lambendo com sua língua os cantos de sua boca e dando longas respirações, quando ele avançar com rugidos altos contra elefantes poderosos, devolvendo os gritos daqueles animais enfurecidos que possam avançar contra ele, e quando entrando na formação cerrada de carros ele matar, depois de visar corretamente os principais guerreiros à frente dele, que mortal do meu partido escapará dele que parece com uma chama ardente? Oprimindo minhas tropas e abrindo uma passagem através delas, aquele herói de braços fortes, dançando com maça na mão, exibirá a cena testemunhada durante a Dissolução universal no fim de um Yuga. Como um elefante enfurecido esmagando árvores adornadas com flores, Vrikodara em batalha penetrará com fúria nas tropas dos meus filhos. Privando meus guerreiros de seus carros, motoristas, corcéis, e hastes de bandeira, e afligindo todos os guerreiros lutando de carros e das costas de elefantes, aquele tigre entre homens, ó Sanjaya, como a correnteza impetuosa do Ganga derrubando árvores diversas permanecendo em suas margens, subjugará em batalha as tropas dos meus filhos. Sem dúvida, ó Sanjaya, afligidos por medo de Bhimasena, meus filhos e seus dependentes e todos os reis aliados fugirão em diferentes direções. Foi este Bhima que, tendo entrado antigamente, com a ajuda de Vasudeva, nos aposentos mais recônditos de Jarasandha, derrotou aquele rei dotado de grande energia; aquele senhor de Magadha, o poderoso Jarasandha, que tendo trazido completamente sob sua submissão a deusa Terra, a oprimia com sua energia. Que os Kauravas pela bravura de Bhishma, e os Andhakas e os Vrishnis por sua política não pudessem ser subjugados por ele era devido somente à sua boa sorte. O que poderia ser mais extraordinário do que isto: que o filho heróico de Pandu, de braços fortes e sem quaisquer armas, tendo se aproximado daquele rei, o matasse em um instante? Como uma cobra venenosa, cujo veneno tem se acumulado por anos, Bhima, ó Sanjaya, vomitará em batalha o veneno de sua ira sobre meus filhos! Como o principal dos celestiais, o grande Indra, atingindo os Danavas com seu raio, Bhimasena, com maça na mão, matará todos os meus filhos! Incapaz de ser resistido ou detido, de ímpeto e poderes violentos, e com olhos de uma cor de cobre, eu vejo agora mesmo aquele Vrikodara caindo sobre meus filhos. Sem

maça ou arco, sem carro ou cota de malha, lutando somente com seus braços nus, que homem poderia resistir diante dele? Bhishma, aquele regenerado Drona, e Kripa o filho de Saradwat, estes estão tão familiarizados quanto eu com a energia do inteligente Bhima. Conhecedores da prática daqueles que são nobres, e desejosos de morte em batalha, estes touros entre homens tomarão suas posições na vanguarda do nosso exército. O destino é poderoso em toda parte, especialmente no caso de um homem, pois vendo a vitória dos Pandavas em batalha eu, contudo não contenho meus filhos. Estes meus arqueiros poderosos, desejosos de trilhar aquele caminho antigo que conduz ao céu, sacrificarão suas vidas em batalha, cuidando, no entanto, de fama terrestre. Ó filho, meus filhos são os mesmos para estes arqueiros poderosos como os Pandavas são para eles, pois todos eles são os netos de Bhishma e discípulos de Drona e Kripa. Ó Sanjaya, os pequenos serviços aceitáveis que nós temos sido capazes de fazer para estes três veneráveis certamente serão retribuídos por eles devido a suas próprias disposições nobres. É dito que morte em batalha de um Kshatriya que ergueu armas e deseja cumprir práticas Kshatriya é, de fato, boa e meritória. Eu lamento, no entanto, por todos aqueles que vão lutar contra os Pandavas. Aproxima-se agora aquele perigo que foi previsto por Vidura no início. Parece, ó Sanjaya, que a sabedoria é incapaz de dissipar a angústia; por outro lado, é a angústia opressiva que dissipa a sabedoria. Quando os próprios sábios que estão emancipados de todos os interesses mundanos e que contemplam, permanecendo à distância, todos os assuntos do universo são afetados por prosperidade e adversidade, é de admirar que eu sofra, eu que tenho minhas afeições fixadas em mil coisas tais como filhos, reino, esposas, netos, e parentes? Que benefício possivelmente pode estar reservado para mim na acessão de tal perigo terrível? Refletindo sobre todas as circunstâncias, eu vejo a destruição certa dos Kurus. Aquela partida de dados parece ser a causa deste grande perigo dos Kurus. Ai, este pecado foi cometido por tentação pelo tolo Duryodhana, desejoso de riqueza; eu acredito que tudo isso é o efeito adverso do Tempo sempre fugaz que ocasiona tudo. Atado à roda do Tempo, como sua periferia, eu não sou capaz de fugir disto. Diga-me, ó Sanjaya, aonde eu irei? O que eu farei, e, como eu o farei? Estes Kauravas insensatos serão todos destruídos, sua Hora tendo chegado. Desamparadamente eu terei que ouvir o lamento de mulheres quando meus cem filhos estiverem todos mortos. Oh, como a morte pode cair sobre mim? Como um fogo ardente na estação do verão, quando incitado pelo vento, consome grama seca, assim Bhima, maça na mão, e unido com Arjuna, matará todos do meu lado!'"

52

"Dhritarashtra disse, 'Ele a quem nós nunca ouvimos falar uma mentira, ele que tem Dhananjaya para lutar por ele pode ter a soberania até dos três mundos. Refletindo dia a dia eu não acho o guerreiro que possa, em seu carro, avançar em batalha contra o manejador do Gandiva. Quando aquele manejador do Gandiva disparar flechas aladas e Nalikas e setas capazes de perfurar o peito de

guerreiros, não haverá rival dele em batalha. Se aqueles touros entre homens, aqueles heróis, Drona e Karna, aqueles principais dos homens poderosos, versados em armas e invencíveis em batalha, resistirem a ele, o resultado pode ser muito duvidoso, mas eu estou certo de que a vitória não será minha. Karna é compassivo e desatento, e o preceptor é idoso e tem afeição por este pupilo. Partha, no entanto, é hábil e poderoso, de firme aperto (do arco). Terrível será o combate entre eles, sem resultar na derrota de alguém. Conhecedores de armas e dotados de heroísmo, todos eles ganharam grande renome. Eles podem abandonar a própria soberania dos deuses, mas não a chance de obter vitória. Haveria paz, sem dúvida, após a queda ou destes dois (Drona e Karna) ou de Falguna. Não há ninguém, no entanto, que possa ou matar ou derrotar Arjuna. Ai, como pode esta ira que foi excitada contra meus filhos tolos ser pacificada? Há outros que familiarizados com o uso de armas, que (sendo) conquistadores são conquistados; mas é ouvido que Falguna sempre conquista. Trinta e três anos se passaram desde o tempo quando Arjuna, tendo convidado Agni, o gratificou em Khandava, derrotando todos os celestiais. Nós nunca soubemos de sua derrota em algum lugar, ó filho. Como o caso de Indra, a vitória é sempre de Arjuna, que tem para seu quadrigário em batalha Hrishikesa, dotado do mesmo caráter e posição. Nós soubemos que os dois Krishnas no mesmo carro e o Gandiva encordoado, estas três forças, se reuniram. Com relação a nós, nós não temos um arco daquele tipo, ou um guerreiro como Arjuna, ou um quadrigário como Krishna. Os seguidores tolos de Duryodhana não estão conscientes disto. Ó Sanjaya, o raio brilhante caindo na cabeça deixa alguma coisa não destruída, mas as flechas, ó filho, disparadas por Kiritin não deixam nada não destruído. Agora mesmo eu vejo Dhananjaya atirando suas flechas e cometendo uma destruição em volta, separando cabeças de corpos com suas chuvas de flechas! Agora mesmo eu vejo a conflagração de flechas, brilhando em todas as direções, emanando do Gandiva, consumindo em batalha as tropas dos meus filhos. Agora mesmo me parece que, em pânico pelo estrépito do carro de Savyasachin, meu vasto exército consistindo em diversas tropas está fugindo em todas as direções. Como um incêndio tremendo, vagando em todas as direções, de chamas elevadas e instigadas pelo vento consome folhas secas e grama, assim a grande fama das armas de Arjuna consumirá todas as minhas tropas. Kiritin, aparecendo como um inimigo em batalha vomitará inúmeras flechas e se tornará irresistível como a Morte que a tudo destrói incitada adiante pelo Ordenador Supremo. Quando eu ouvir constantemente dos maus presságios de diversos tipos acontecendo nas casas dos Kurus e em volta deles e no campo de batalha, então a destruição, sem dúvida, tragará os Bharatas.'"

53

"Dhritarashtra disse, 'Dotados de grande coragem e ávidos pela vitória, assim como os próprios filhos de Pandu são, assim são seus seguidores, que estão todos decididos a sacrificar suas vidas e determinados a obter vitória. Tu mesmo, ó filho, me falaste dos meus inimigos poderosos, isto é, os reis dos Panchalas, os Kekayas, os Matsyas, e os Magadhas. Ele, além disso, que à sua vontade pode

trazer sob sua submissão todos os três mundos com Indra em sua chefia, até aquele Criador do universo, o poderoso Krishna, está empenhado em dar vitória aos Pandavas. Com relação a Satyaki, ele adquiriu num instante toda a ciência de armas de Arjuna. Aquele descendente da família de Sini permanecerá no campo de batalha, disparando suas flechas como agricultores semeando sementes. O príncipe de Panchala, Dhristadyumna, aquele poderoso guerreiro em carro de feitos impiedosos, conhecedor de todas as armas superiores, lutará com minha hoste. É grande meu medo, ó filho, da cólera de Yudhishthira, da destreza de Arjuna, e dos gêmeos e Bhimasena. Quando aqueles senhores de homens, no meio do meu exército, espalharem sua rede sobre-humana de flechas, eu temo que minhas tropas não saiam dela. É por isto, ó Sanjaya, que eu lamento. Aquele filho de Pandu, Yudhishthira, é bonito, dotado de grande energia, altamente abençoado, possuidor de força Brahma, inteligente, de grande sabedoria, e alma virtuosa. Tendo aliados e conselheiros, unido com pessoas preparadas para a batalha, e possuindo irmãos e sogro que são todos heróis e poderosos guerreiros em carros, aquele tigre entre homens, o filho de Pandu, é também dotado de paciência, capaz de executar seus planos, compassivo, modesto, de poderes incapazes de serem frustrados, possuidor de grande erudição, com alma sob controle adequado, sempre servindo idosos, e de sentidos subjugados; possuidor dessa maneira de todas as habilidades, ele é semelhante a um fogo ardente. Qual tolo, fadado à destruição e privado de razão, saltaria, como mariposa, dentro daquele brilhante e irresistível fogo Pandava? Ai, eu tenho me comportado enganadoramente em direção a ele. O rei, como um fogo de chamas longas, destruirá todos os meus filhos tolos em batalha sem deixar algum vivo. Eu, portanto, penso que não é oportuno lutar com eles. Ó Kauravas, sejam da mesma opinião. Sem dúvida, toda a família de Kuru será destruída no caso das hostilidades serem empreendidas. Isto me parece muito evidente, e se nós agirmos adequadamente, minha mente poderá ter paz. Se guerra com eles não parecer benéfica para vocês, então nós nos esforçaremos para ocasionar a paz. Yudhishthira nunca ficará indiferente quando ele nos vir angustiados, pois ele critica a mim somente como a causa desta guerra injusta.'"

54

"Sanjaya disse, 'É assim mesmo, ó grande rei, como tu, ó Bharata, dizes. No caso de batalha, a destruição dos Kshatriyas por meio do Gandiva é indubitável. Isto, no entanto, eu não entendo, como quando tu és sempre sábio e especialmente conhecedor da destreza de Savyasachin, tu ainda segues os conselhos dos teus filhos. Tendo, ó touro da raça Bharata, ofendido os filhos de Pritha logo no começo, tendo realmente cometido pecados repetidamente, esta não é, ó grande rei, a hora (para se afligir). Aquele que ocupa a posição de um pai e um amigo, se ele é sempre vigilante e de bom coração, deve procurar o bem-estar (de seus filhos); mas aquele que prejudica não pode ser chamado de pai. Sabendo da derrota dos Pandavas nos dados, tu, ó rei, riste como uma criança, dizendo, 'Isto foi ganho, isto foi adquirido!' Quando palavras duras foram

endereçadas aos filhos de Pritha, tu então não interferiste, satisfeito pela probabilidade dos teus filhos ganharem o reino inteiro. Tu não podias no entanto, naquele tempo ver a queda inevitável diante de ti. O país dos Kurus, inclusive a região chamada Jangala é, ó rei, teu reino paterno. Tu, no entanto, obtiveste toda a terra por meio daqueles heróis. Obtido pela força de suas armas, os filhos de Pritha transferiram para ti este extenso império. Tu pensas, no entanto, ó melhor dos reis, que tudo isto foi adquirido por ti. Quando teus filhos, apanhados pelo rei dos Gandharvas, estavam prestes a afundar em um mar sem praias sem uma balsa para salvá-los, foi Partha, ó rei, quem os trouxe de volta. Tu, como uma criança, deste risada repetidamente, ó monarca, dos Pandavas quando eles foram derrotados nos dados e estavam indo para o exílio. Quando Arjuna derrama uma chuva de flechas afiadas, os próprios oceanos secam completamente, sem falar de carne e sangue. Falguna é o principal de todos os atiradores; Gandiva é o principal de todos os arcos; Kesava é o principal de todos os seres; a Sudarsana é a principal de todas as armas; e dos carros, aquele equipado com o estandarte portando o Macaco resplandecente nele é o principal. Aquele carro dele, portando todos estes e puxado por corcéis brancos, ó rei, destruirá todos nós em batalha como a roda erguida do Tempo. Ó touro da raça Bharata, dele é mesmo agora a terra inteira e é o principal de todos os reis aquele que tem Bhima e Arjuna para lutar por ele. Vendo a hoste afundando em desespero quando atingida por Bhima, os Kauravas encabeçados por Duryodhana todos encontrarão a destruição. Tomados por medo de Bhima e Arjuna, teus filhos, ó rei, e os reis seguindo eles, ó senhor, não serão capazes de obter a vitória. Os Matsyas, os Panchalas, os Salways e os Surasenas, todos se recusaram a te prestar homenagem agora e todos te desconsideram. Familiarizados com a energia daquele rei sábio, todos, no entanto, se juntaram àquele filho de Pritha, e por sua devoção a ele eles são sempre contrários aos teus filhos. Aquele que, por seus maus feitos afligiu os filhos de Pandu, que são todos dedicados à virtude e não merecedores de destruição, ele que os odeia até agora, aquele homem pecaminoso, ó monarca, que é ninguém mais do que teu filho, deve, com todos os seus partidários, ser controlado de todas as maneiras. Não cabe a ti lamentar dessa maneira. Isto mesmo foi dito por mim assim como pelo sábio Vidura na hora do jogo de dados. Estas tuas lamentações com relação aos Pandavas, como se tu fosses uma pessoa impotente, são, ó rei, todas inúteis.'"

55

"Duryodhana disse, 'Não temas, ó rei. Nem tu deves te afligir por nós. Ó monarca, ó senhor, nós somos bastante capazes de vencer o inimigo em batalha. Quando os Parthas foram exilados para as florestas, foi lá até eles o matador de Madhu com um vasto exército em formação de batalha e capaz de oprimir reinos hostis; e também foram até eles os Kekayas, e Dhrishtaketu, e Dhrishtadyumna da família de Pritha e outros reis numerosos em sua comitiva; e todos aqueles grandes guerreiros em carros estavam reunidos em um lugar não longe de Indraprastha; e tendo se reunido eles criticaram a ti e todos os Kurus. E ó Bharata,

todos aqueles guerreiros com Krishna em sua chefia prestaram suas homenagens para Yudhishthira vestido em camurça e sentado em seu meio. E todos aqueles reis então sugeriram para Yudhishthira que ele deveria tomar o reino de volta. E todos eles desejaram matar a ti com todos os seguidores. E sabendo de tudo isto, ó touro da raça Bharata, eu me dirigi a Bhishma e Drona e Kripa, tomado pelo medo, ó rei, na probabilidade da ruína que ameaçava nossos parentes. E eu disse para eles, 'Eu penso que os Pandavas não cumprirão o acordo feito por eles; Vasudeva deseja nossa extinção completa. Eu penso também que com a exceção de Vidura todos vocês serão mortos, embora o chefe dos Kurus, Dhritarashtra, familiarizado com moralidade, não será incluído no massacre. Ó senhores, efetuando nossa destruição completa, Janardana deseja conceder a Yudhishthira o reino inteiro dos Kurus. O que deve ser feito? Nós nos renderemos, ou fugiremos, ou nós lutaremos com o inimigo abandonando toda a esperança de vida? Se, de fato, nós nos levantamos contra eles, nossa derrota é indubitável, pois todos os reis da terra estão sob o comando de Yudhishthira. As pessoas do reino estão todas aborrecidas conosco, e todos os nossos amigos também estão zangados conosco. Todos os reis da terra estão falando mal de nós, e especialmente todos os nossos amigos e parentes. Não pode haver erro em nossa rendição, pois desde tempos imemoriais se sabe que o partido mais fraco firma a paz. Eu sofro, no entanto, por aquele senhor de homens, meu pai cego, que pode, por minha causa, ser tragado por dor e tristeza que é interminável. [É sabido por ti, ó rei, mesmo antes disto, que teus outros filhos eram todos opostos ao inimigo para agradar a mim somente]. Aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Pandu, de fato, vingarão seus males por destruírem toda a família do rei Dhritarashtra com todos os seus conselheiros.' (Foi dessa maneira que eu me dirigi a eles, e) me vendo afligido por grande ansiedade e meus sentidos torturados, Drona e Bhishma e Kripa e o filho de Drona então se dirigiram a mim, dizendo, 'Não temas, ó repressor de inimigos, pois se o inimigo travar hostilidades conosco, eles não serão capazes de nos derrotar quando nós tomarmos o campo. Cada um de nós é capaz de vencer sozinho todos os reis da terra. Que eles venham. Com flechas de gume afiado nós refrearemos seu orgulho. Inflamado com raiva após a morte de seu pai, este Bhishma (entre nós) nos tempos passados conquistou todos os reis da terra, em um único carro. Ó Bharata, com sua ira excitada, aquele melhor dos Kurus derrotou inúmeros entre eles, depois do que, por medo, eles se renderam a este Devavrata procurando sua proteção. Bhishma, unido conosco, ainda é capaz de vencer o inimigo em batalha. Que teus temores, portanto, ó touro da raça Bharata, sejam todos dissipados.'

"Duryodhana continuou, 'Esta mesma foi então a resolução formada por estes heróis de energia incomensurável. A terra inteira estava antigamente sob o comando do inimigo. Agora, no entanto, eles são incapazes de nos vencer em batalha, pois nossos inimigos, os filhos de Pandu, estão agora sem aliados e desprovidos de energia. Ó touro da raça Bharata, a soberania da terra agora repousa em mim, e os reis também, reunidos por mim, são da mesma opinião que eu por bem ou por mal. Saiba, ó melhor da linhagem Kuru, que todos estes reis, ó matador de inimigos, podem, por minha causa, entrar no fogo ou no mar. Eles estão todos rindo de ti, vendo-te cheio de aflição e envolvido nestas lamentações

como alguém apavorado, e aterrorizado pelos louvores do inimigo. Cada um entre estes reis é capaz de resistir aos Pandavas. De fato, majestade, cada um considera a si mesmo; que teus medos, portanto, sejam dissipados. Nem o próprio Vasava é capaz de derrotar minha hoste vasta. O próprio Brahma Auto-criado, se desejoso de matá-la, não poderia aniquilá-la. Tendo abandonado todas as esperanças de uma cidade, Yudhishthira deseja somente cinco aldeias, com medo, ó senhor, do exército que eu reuni e do meu poder. A crença que tu nutres na destreza de Vrikodara, o filho de Kunti, é infundada. Ó Bharata, tu não conheces a extensão da minha destreza. Não há ninguém na terra igual a mim em um combate com a maça. Ninguém alguma vez me superou em semelhante combate, nem alguém irá me superar. Com aplicação devotada e sofrendo muitas privações eu vivi na residência do meu preceptor. Eu completei meu conhecimento e exercícios lá. É por isto que eu não tenho medo nem de Bhima nem de outros. Quando eu humildemente servi Sankarshana (meu preceptor), abençoado sejas tu, era firme sua convicção de que Duryodhana não tinha igual na maça. Em luta eu sou igual a Sankarshana, e em força não há ninguém superior a mim sobre a terra. Bhima nunca será capaz de suportar o golpe da minha maça em batalha. Um único golpe, ó rei, que eu possa dar colericamente em Bhima certamente o levará, ó herói, sem demora para a residência de Yama. Ó rei, eu desejo ver Vrikodara com maça na mão. Este tem sido meu desejo nutrido há muito tempo. Atingido em batalha com minha maça, Vrikodara, o filho de Pritha, cairá morto no chão, com seus membros despedaçados. Atingidas por um golpe da minha maça, as montanhas de Himavat podem se partir em cem mil fragmentos. O próprio Vrikodara conhece esta verdade, como também Vasudeva e Arjuna, que não há ninguém igual a Duryodhana no uso da maça. Que teus temores, portanto, causados por Vrikodara, sejam dissipados, pois eu sem dúvida o matarei em combate violento. Ó rei, não ceda à melancolia. E depois de eu tê-lo matado, numerosos guerreiros em carro de energia igual ou superior, ó touro entre Bharatas, derrotarão Arjuna rapidamente. Bhishma, Drona Kripa e o filho de Drona, Karna e, Bhurisravas, Salya, o rei de Pragjyotish, e Jayadratha, o rei dos Sindhus, cada um destes, ó Bharata, é sozinho capaz de matar os Pandavas. Quando unidos, eles enviarão Arjuna, dentro de um momento, para a residência de Yama. De fato, não existe razão pela qual o exército unido de todos os reis seja incapaz de derrotar Dhananjaya sozinho. Cem vezes coberto por flechas imensuráveis atiradas por Bhishma e Drona e o filho de Drona e Kripa, e privado de força, Partha terá que ir para a residência de Yama. Nosso avô nascido de Ganga é, ó Bharata, superior ao próprio Santanu. Semelhante a um santo regenerado, e incapaz de ser resistido pelos próprios celestiais, ele tomou seu nascimento entre os homens. Não há matador de Bhishma, ó rei, sobre a terra, pois seu pai, estando gratificado, lhe deu a bênção: ‘Tu não morrerás exceto quando este for teu próprio desejo.’ E Drona tomou seu nascimento em um vaso de água do santo regenerado Bharadwaja. E de Drona tomou nascimento seu filho, tendo o conhecimento das maiores armas. E este, o principal dos preceptores, Kripa também, tomou seu nascimento do formidável Rishi Gautama. Nascido em uma moita de urzes este ilustre, eu penso, é incapaz de ser morto. Então, além disso, ó rei, o pai, mãe e tio materno de Aswatthaman, estes três, não são nascidos de útero de mulher. Eu tenho aquele herói também ao meu lado.

Todos estes poderosos guerreiros em carros, ó rei, são semelhantes aos celestiais, e podem, ó touro da raça Bharata, infligir dor ao próprio Sakra em batalha. Arjuna é incapaz até de olhar para algum destes separadamente. Quando unidos, estes tigres entre homens certamente matarão Dhananjaya. Karna também, eu suponho, é igual a Bhishma e Drona e Kripa. Ó Bharata, o próprio Rama disse a ele, 'Tu és igual a mim.' Karna tinha dois brincos nascidos com ele, de grande brilho e beleza; para a satisfação de Sachi Indra pediu-os daquele repressor de inimigos, em troca, ó rei, de uma flecha infalível e terrível. Como Dhananjaya, portanto, escapará com vida de Karna que é protegido por aquela flecha? Meu êxito, portanto, ó rei, é tão certo como uma fruta segurada firmemente em minha própria mão. A derrota completa também de meus inimigos já foi anunciada sobre a terra. Este Bhishma, ó Bharata, mata todo dia dez mil soldados. Iguais a ele são estes arqueiros, Drona, o filho de Drona e Kripa. Então, ó repressor de inimigos, as tropas dos guerreiros Samsaptaka tomaram esta decisão, 'Ou nós mataremos Arjuna ou aquele guerreiro de estandarte de macaco nos matará.' Há outros reis também, que firmes em sua resolução de matar Savyasachin consideram que ele não está à altura deles mesmos. Por que tu então temes perigo dos Pandavas? Quando Bhimasena estiver morto, ó Bharata, quem mais (entre eles) lutará? Diga-me isto, ó repressor de inimigos, se tu conheces algum entre os inimigos. Os cinco irmãos, com Dhrishtadyumna e Satyaki, estes sete guerreiros do inimigo, ó rei, são considerados como sua força principal. Aqueles, no entanto, entre nós, que são nossos principais guerreiros, são Bhishma, Drona, Kripa, o filho de Drona, Karna, Somadatta, Vahlika, e Salya, o rei de Pragjyotisha, os dois reis (Vindha e Anuvinda) de Avanti, e Jayadratha; e então, ó rei, teus filhos Dussasana, Durmukha, Dussaha, Srutayu; Chitrasena, Purumitra, Vivingsati, Sala, Bhurisravas, e Vikarna. Ó rei, eu reuni onze Akshauhinis. O exército do inimigo é menor do que o meu, chegando somente a sete Akshauhinis. Como então eu posso ser derrotado? Vrihaspati disse que um exército que é menor por um terço deve ser enfrentado. Meu exército, ó rei, excede aquele do inimigo por um terço. Além disso, ó Bharata, eu sei que o inimigo tem muitos defeitos, enquanto os meus (guerreiros), ó senhor, são dotados de muitas boas virtudes. Conhecendo tudo isso, ó Bharata, como também a superioridade da minha força e a inferioridade dos Pandavas, não cabe a ti perder tua razão.'

Tendo dito isso, ó Bharata, aquele conquistador de chefes hostis, Duryodhana, questionou Sanjaya outra vez, ansioso para saber mais acerca das ações dos Pandavas.'"

56

"Duryodhana disse, 'Tendo obtido, ó Sanjaya, um exército numerando sete Akshauhinis, o que Yudhishthira, o filho de Kunti, com os outros reis em sua companhia, estão fazendo em vista da guerra?'

"Sanjaya disse, 'Yudhishthira, ó rei, está muito alegre em vista da batalha. E assim também estão Bhimasena e Arjuna. Os gêmeos também estão

perfeitamente destemidos. Desejoso de fazer um experimento dos mantras (obtidos por ele), Vibhatsu, o filho de Kunti, emparelhou seu carro celeste iluminando todas as direções. Envolvido em armadura, ele parecia com uma massa de nuvens carregadas com relâmpago. Depois de refletir por um instante, ele se dirigiu a mim alegremente, dizendo, ‘Veja, ó Sanjaya, estes sinais preliminares. Nós sem dúvida venceremos.’ De fato, o que Vibhatsu disse para mim me pareceu ser verdadeiro.'

"Duryodhana disse, 'Tu te regozijas em elogiar aqueles filhos de Pritha derrotados nos dados. Diga-nos agora que tipo de corcéis estão unidos ao carro de Arjuna e que tipo de estandartes estão levantados sobre ele.'

"Sanjaya disse, 'Ó grande rei, o artífice celeste chamado Tashtri ou Bhaumana, ajudado por Sakra e Dhatri, criou formas de diversas espécies e grande beleza para o carro de Arjuna. E manifestando ilusão divina eles colocaram no mastro de bandeira dele aquelas formas celestes, grandes e pequenas, de grande valor. E a pedido de Bhimasena, Hanuman, o filho do deus do vento, também colocará sua própria imagem nele. E Bhaumana, em sua criação, recorreu a tal ilusão que aquele estandarte cobre, perpendicularmente e lateralmente, a área de um yojana, e mesmo que árvores fiquem em seu caminho, seu progresso não pode ser impedido. De fato, assim como o arco de Sakra de cores diversas está manifestado no firmamento, e ninguém sabe do que ele é feito, assim aquele estandarte foi idealizado por Bhaumana, pois sua forma é variada e sempre varia. E como uma coluna de fumaça misturada com fogo se ergue cobrindo o céu e expondo muitas cores claras e formas graciosas, assim aquele estandarte idealizado por Bhaumana levanta sua cabeça. De fato, ele não tem peso, nem é capaz de ser obstruído. E àquele carro (estão unidos) uma centena de corcéis celestes excelentes de cor branca e dotados da velocidade da mente, todos presenteados por Chitrasena (o rei dos Gandharvas). E nem sobre a terra, ó rei, nem no céu, nem no firmamento, seu movimento pode ser impedido. E antigamente um benefício foi concedido no sentido de que seu número sempre permanecesse completo quantas vezes eles pudessem ser mortos. E ao carro de Yudhishthira estão unidos corcéis grandes de energia igual e brancos em cor como marfim. E ao carro de Bhimasena estão unidos corcéis dotados da velocidade do vento e do esplendor dos sete Rishis. E corcéis de corpos negros e costas matizadas como as asas da ave Tittri, todos presenteados por seu satisfeito irmão Falguna, e superiores àqueles do próprio Falguna heróico, conduzem Sahadeva alegremente. E Nakula da linhagem de Ajamida, o filho de Madri, é conduzido, como Indra o matador de Vritra, por corcéis excelentes, presenteados pelo próprio Indra grandioso, todos fortes como o vento e dotados de grande velocidade. E excelentes corcéis de tamanho grande, iguais àqueles dos próprios Pandavas em idade e força, dotados de grande rapidez e de belo feitio, e todos presenteados pelos celestiais, conduzem aqueles príncipes jovens, os filhos de Subhadra e Draupadi.'"

57

"Dhritarashtra disse, 'Quem tu viste chegar lá, ó Sanjaya, por afeição, e quem lutará, em nome dos Pandavas, com as forças armadas do meu filho?'

"Sanjaya disse, 'Eu vi Krishna, o principal dos Andhakas e dos Vrishnis, chegado lá, e Chekitana, como também Satyaki, também chamado Yuyudhana. E aqueles dois poderosos guerreiros em carros, orgulhosos de sua força e afamados pelo mundo inteiro, se juntaram aos Pandavas, cada um com um Akshauhini separado de tropas. E Drupada o rei dos Panchalas, cercado por seus dez filhos heróicos, Satyajit e outros, encabeçados por Dhrishtadyumna, e bem protegidos por Sikhandin, e tendo equipado seus soldados com todas as coisas necessárias, foram lá com um Akshauhini completo, desejosos de honrar Yudhishthira. E aquele senhor da terra, Virata, com seus dois filhos Sankha e Uttara, como também com aqueles heróis Suryadatta e outros, encabeçados por Madiraksha e cercados por um Akshauhini de tropas, acompanhados dessa maneira por irmãos e filhos, se juntaram ao filho de Pritha. E o filho de Jarasandha, o rei de Magadha, e Dhrishtaketu, o rei dos Chedis, foram lá separadamente, cada um acompanhado por um Akshauhini de tropas. E os cinco irmãos de Kekaya, todos tendo bandeiras púrpuras, se juntaram aos Pandavas, cercados por um Akshauhini de tropas. Então contando até esta extensão, eu vi reunidos lá, e estes, em nome dos Pandavas, enfrentarão a hoste Dhartarashtra. Aquele formidável guerreiro em carro, Dhrishtadyumna, que conhece formações de combate humanas, celestes, Gandharvas e Asuras, lidera aquela hoste. Ó rei, Bhishma, o filho de Santanu, foi designado para Sikhandin como sua parte; e Virata com todos os seus guerreiros Matsya defenderá Sikhandin. O rei poderoso dos Madras foi designado para o filho mais velho de Pandu como sua parte, embora alguns sejam de opinião que aqueles dois não estão bem equiparados. Duryodhana com seus filhos e seus noventa e nove irmãos, como também os soberanos do leste e do sul, foram designados para Bhimasena como sua parte. Karna, o filho de Vikartana, e Jayadratha o rei dos Sindhus, foram designados para Arjuna como sua parte. E aqueles heróis também sobre a terra quem são incapazes de ser resistidos e que são orgulhosos de seu poder foram aceitos por Arjuna como sua parte. E aqueles arqueiros poderosos, os cinco irmãos reais de Kekaya, aplicarão sua força em batalha, aceitando os guerreiros Kekaya (do lado de Dhritarashtra) como adversários. E em sua parte estão incluídos os Malavas também, e os Salwakas, como também os dois famosos guerreiros da hoste Trigarta que juraram vencer ou morrer. E todos os filhos de Duryodhana e Dussasana, como também o rei Vrihadvala foram designados para o filho de Subhadra como sua parte. E aqueles arqueiros formidáveis, os filhos de Draupadi, tendo carros equipados com estandartes bordados com ouro, todos liderados por Dhrishtadyumna, ó Bharata, avançarão contra Drona. E Chekitana em seu carro deseja enfrentar Somadatta em duelo com ele, enquanto Satyaki está ansioso para lutar contra o chefe Bhoja, Kritavarman. E o filho heróico de Madri, Sahadeva, que dá rugidos terríveis em batalha, planejou tomar como sua parte teu cunhado, o filho de Suvala. E Nakula também, o filho de Madravati, planejou tomar como sua parte o enganador Uluka e as tribos dos Saraswatas. Quanto a todos os outros reis da terra, ó monarca, que

vão para a batalha, os filhos de Pandu, por nomeá-los, os distribuíram para suas próprias partes respectivas. Assim a hoste Pandava foi distribuída em divisões. Agora, sem demora, com teus filhos, aja como tu achares melhor.'

"Dhritarashtra disse, 'Ai, todos os meus filhos tolos, viciados nos dados enganosos, já estão mortos quando é o poderoso Bhima com quem eles desejam lutar no campo de batalha. Todos os reis da terra também, consagrados pela própria Morte para sacrifício, avançarão para o Gandiva, como muitas mariposas para o fogo. Parece-me que minha hoste já foi afugentada por aqueles guerreiros ilustres antigamente ofendidos por mim. Quem, de fato, seguiria para a batalha meus guerreiros, cujas tropas serão rompidas pelos filhos de Pandu no confronto? Todos eles são poderosos guerreiros em carros, possuidores de grande coragem, de realizações famosas, dotados de grande destreza, iguais ao sol ardente em energia, e todos vitoriosos em batalha. Aqueles que têm Yudhishthira como seu líder, o matador de Madhu como seu protetor, os heróicos Savyasachin e Vrikodara como seus guerreiros, e Nakula, e Sahadeva, e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, e Satyaki, e Drupada, e Dhrishtaketu com seu filho, e Uttamaujas, e o invencível Yudhamanyu dos Panchalas, e Sikhandin, e Kshatradeva, e Uttara, o filho de Virata, e Kasayas, os Chedis, os Matsyas, os Srinjayas, Vabhru o filho de Virata, os Panchalas, e os Prabhadrakas, para lutar por eles, aqueles, de fato, de quem o próprio Indra não pode, se eles não quiserem isso, roubar esta terra, aqueles heróis, impassíveis e firmes em combate, que podem rachar as próprias montanhas, ai, é com eles que são dotados de todas as virtudes e possuidores de destreza sobre-humana que este meu filho vicioso, ó Sanjaya, deseja lutar, me desconsiderando embora eu esteja gritando rouco!'

"Duryodhana disse, 'Ambos os Pandavas e nós somos da mesma família; ambos andamos sobre a mesma terra, por que tu pensas que a vitória se revelará somente para os Pandavas? Bhishma, Drona, Kripa, o invencível Karna, Jayadratha, Somadatta, e Aswatthaman, todos arqueiros poderosos e dotados de grande energia, são incapazes de ser subjugados pelo próprio Indra unido com os celestiais. O que tu dizes então, ó pai, dos Pandavas? Todos estes reis nobres e heróicos da terra, portando armas, ó pai, são bastante capazes, por minha causa, de resistir aos Pandavas, enquanto os últimos não são capazes nem de fitar minhas tropas. Eu sou poderoso o suficiente para enfrentar em batalha os Pandavas com seus filhos. Ó Bharata, todos estes soberanos da terra, que estão ansiosos pelo meu bem-estar, certamente apanharão todos os Pandavas como um bando de veados jovens por meio de rede. Eu te digo, por nossas multidões de carros e armadilhas de flechas, os Panchalas e os Pandavas serão todos derrotados.'

"Dhritarashtra disse, 'Ó Sanjaya, este meu filho fala como um homem louco, pois ele é incapaz de vencer em batalha Yudhishthira o justo. Bhishma realmente conhece o poder dos Pandavas famosos, poderosos, virtuosos, e de grande alma e seus filhos, pois ele não deseja uma batalha com aqueles ilustres. Mas fale-me novamente, ó Sanjaya, dos movimentos deles. Diga-me quem está incitando aqueles arqueiros poderosos e ilustres e dotados de grande energia, como sacerdotes acendendo fogos (Homa) com libações de manteiga clarificada?'

"Sanjaya disse, 'Ó Bharata, Dhrishtadyumna está sempre incitando os Pandavas para guerra, dizendo, 'Lutem, ó melhores entre os Bharatas. Não nutram o menor receio. Todos aqueles soberanos da terra que, cortejados pelo filho de Dhritarashtra, se tornarão naquele combate feroz alvos de chuvas de armas, de fato, eu sozinho enfrentarei todos aqueles reis zangados reunidos com seus parentes, como uma baleia pegando pequenos peixes da água. Bhishma e Drona e Kripa e Karna e o filho de Drona e Salya e Suyodhana, a eles todos eu resistirei, como a margem resiste à elevação do mar.' Para ele que assim falava, o rei virtuoso Yudhishthira disse, 'Os Panchalas e os Pandavas dependem totalmente da tua destreza e firmeza. Nos resgate com segurança da guerra. Eu sei, ó poderosamente armado, que tu és firme nos deveres da classe Kshatriya. Tu és, de fato, bastante competente para derrotar sozinho os Kauravas. Quando os últimos ávidos por luta ficarem diante de nós, o que tu, ó repressor de inimigos, arranjarás sem dúvida será para o nosso bem. Esta mesma é a opinião daqueles que conhecem as escrituras: que o herói que, mostrando sua bravura, liberta aqueles que depois da derrota fogem do campo de batalha, procurando por proteção, é para ser adquirido com mil. Tu, ó touro entre homens, és bravo, forte, e poderoso. Sem dúvida, tu és aquele libertador daqueles que estão dominados pelo medo no campo de batalha.' E quando o virtuoso Yudhishthira o filho de Kunti disse isso, Dhrishtadyumna se dirigiu destemidamente a mim nestas palavras, 'Vá, ó Suta, sem demora, e diga para todos aqueles que vieram lutar por Duryodhana, diga para os Kurus da dinastia de Pratipa com os Vahlikas, o filho de Saradwata e Karna e Drona, e o filho de Drona, e Jayadratha, e Dussasana, e Vikarna e o rei Duryodhana, e Bhishma, 'Não se permitam serem mortos por Arjuna, que é protegido pelos celestiais. Antes disso acontecer, que algum bom homem se aproxime de Yudhishthira e implore àquele filho de Pandu, aquele melhor dos homens, para aceitar o reino (renunciado por eles) sem demora. Não há guerreiro sobre a terra como Savyasachin, filho de Pandu, de destreza incapaz de ser frustrada. O carro celeste do portador do Gandiva é protegido pelos próprios deuses. Ele é incapaz de ser vencido por seres humanos. Portanto, não inclinem suas mentes para a guerra!'"

58

"Dhritarashtra disse, 'Yudhishthira o filho de Pandu é dotado de energia Kshatriya e leva o modo de vida Brahmacharya desde sua juventude. Ai, com ele estes meus filhos tolos desejam lutar, desconsiderando a mim que estou lamentando dessa maneira. Eu te peço, ó Duryodhana, ó principal da linhagem Bharata, desista da hostilidade. Ó castigador de inimigos, sob quaisquer circunstâncias, a guerra nunca é aprovada. Metade da terra é bastante suficiente para o sustento de ti mesmo e de todos os teus seguidores. Devolva para os filhos de Pandu, ó castigador de inimigos, sua parte apropriada. Todos os Kauravas consideram apenas isto como compatível com justiça: que tu deves fazer as pazes com os filhos de grande alma de Pandu. Reflita dessa maneira, ó filho, e tu descobrirás que este teu exército é para a tua própria morte. Tu não compreendes

isto por causa da tua própria insensatez. Eu mesmo não desejo guerra, nem Vahlika, nem Bhishma, nem Drona, nem Aswatthaman, nem Sanjaya, nem Somadatta, nem Salya, nem Kripa, nem Satyavrata, nem Purumitra, nem Bhurisravas, de fato, nenhum destes deseja guerra. De fato, aqueles guerreiros em quem os Kauravas, quando afligidos pelo inimigo, terão que confiar, não aprovam a guerra. Ó filho, que isto seja aceitável para ti. Ai, tu não a procuras por tua própria vontade, mas é Karna e Dussasana de mente má e Sakuni, o filho de Suvala, que estão te levando a isto.'

"Duryodhana disse, 'Eu desafio os Pandavas para a batalha, sem depender de ti, de Drona, ou de Aswatthaman, ou de Sanjaya, ou Vikarna, ou Kamvoja, ou Kripa, ou Vahlika, ou Satyavrata, ou Purumitra, ou Bhurisravas, ou outros do teu partido. Mas, ó touro entre homens, eu mesmo somente e Karna, ó pai, estamos preparados para celebrar o sacrifício da batalha com todos os ritos necessários, fazendo Yudhishthira a vítima. Naquele sacrifício, meu carro será o altar; minha espada será a concha menor, minha maça, a maior, para derramar libações; minha cota de malha será a assembléia de espectadores; meus quatro corcéis serão os sacerdotes oficiantes; minhas flechas serão as folhas de erva Kusa; e fama será a manteiga clarificada. Ó rei, realizando, em honra de Yama, tal sacrifício em batalha, os ingredientes do qual serão todos fornecidos por nós mesmos, nós voltaremos vitoriosamente cobertos com glória, depois de termos matado nossos inimigos. Três de nós, ó pai, ou seja, eu mesmo e Karna e meu irmão Dussasana, mataremos os Pandavas em batalha. Ou eu, matando os Pandavas, governarei esta Terra, ou os filhos de Pandu, tendo me matado, desfrutarão desta Terra. Ó rei, ó tu de glória imorredoura, eu sacrificaria minha vida, reino, riqueza, tudo, mas não seria capaz de viver lado a lado com os Pandavas. Ó venerável, eu não entregarei aos Pandavas nem aquela quantidade de terra que possa ser coberta pela ponta afiada de uma agulha.'

"Dhritarashtra disse, 'Eu agora abandono Duryodhana para sempre. Contudo eu me aflijo por vocês todos, ó reis, que seguirão este tolo que está prestes a proceder para a residência de Yama. Como tigres entre um bando de veados, aqueles principais dos batedores, os filhos de Pandu, derrotarão seus principais líderes reunidos para a batalha. Parece-me que a hoste Bharata, como uma mulher desamparada, será afligida e oprimida e lançada a uma distância por Yuyudhana de braços longos. Se juntando à força do exército de Yudhishthira, o qual sem ele já era suficiente, o filho de Sini tomará sua posição no campo de batalha e espalhará suas flechas como sementes em um campo cultivado. E Bhimasena tomará sua posição na própria vanguarda dos combatentes, e todos os seus soldados destemidamente permanecerão em sua retaguarda, como atrás de um baluarte. De fato, quando tu, ó Duryodhana, vires elefantes, enormes como colinas, prostrados no chão com suas presas inválidas, suas têmporas esmagadas e corpos tingidos com sangue coagulado, de fato, quando tu os vires jazendo no campo de batalha como colinas partidas, então, com medo de uma colisão com ele tu te lembrarás destas minhas palavras. Vendo tua hoste consistido em carros, corcéis e elefantes, consumida por Bhimasena, e apresentando o espetáculo de um rastro de um incêndio muito espalhado, tu te lembrarás destas minhas

palavras. Se nós não fizermos as pazes com os Pandavas, uma calamidade esmagadora será nossa. Mortos por Bhimasena com sua maça, vocês descansarão em paz. De fato, quando tu vires a hoste Kuru arrasada ao chão por Bhima, como uma grande floresta arrancada pelas raízes, então tu te lembrarás destas minhas palavras.'

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito isto para todos aqueles soberanos da terra, o rei se dirigindo a Sanjaya novamente questionou-o como segue.'"

59

Dhritarashtra disse, 'Diga-me, ó tu de grande sabedoria, o que Vasudeva e Dhananjaya de grande alma disseram. Eu estou ansioso para ouvir de ti tudo sobre isto.'

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, enquanto eu te falo do estado no qual eu encontrei Krishna e Dhananjaya. Eu também, ó Bharata, te falarei o que aqueles heróis disseram. Ó rei, com olhar dirigido para baixo e mãos unidas, e com sentidos bem controlados, eu entrei nos aposentos internos para conferenciar com aqueles deuses entre homens. Nem Abhimanyu nem os gêmeos podem se dirigir para aquele local onde estão os dois Krishnas e Draupadi e a dama Satyabhama. Lá eu vi aqueles castigadores de inimigos, alegres com o vinho Bassia, e com seus corpos enfeitados com guirlandas de flores. Vestidos em mantos excelentes e adornados com ornamentos celestes, eles se sentavam em um estrado dourado enfeitado com numerosas pedras preciosas, e coberto com tapetes de diversas texturas e cores. E eu vi os pés de Kesava repousando sobre o colo de Arjuna enquanto aqueles de Arjuna de grande alma repousavam sobre os colos de Krishna e Satyabhama. Partha então indicou para mim (como um assento) um tamborete feito de ouro. Tocando-o com minha mão, eu me sentei no chão. E quando ele retirou seus pés do supedâneo eu vi marcas auspiciosas em ambas as suas solas. Estas consistiam em duas linhas longitudinais correndo dos calcanhares para o dedão do pé. Ó majestade, dotados de cores negras, de estatura alta, e eretos como troncos Sala, vendo aqueles heróis jovens, ambos sentados sobre o mesmo assento, um grande medo tomou conta de mim. Eles me pareciam ser Indra e Vishnu sentados juntos. Embora Duryodhana de raciocínio fraco não conheça consequência de sua confiança em Drona e Bhishma e nas altas fanfarrices de Karna. Naquele mesmo momento, eu estava convencido de que os desejos de Yudhishthira o justo, que tinha aqueles dois para obedecer a suas ordens, sem dúvida seriam realizados. Sendo hospitaleiramente entretido com comida e bebida, e honrado com outras cortesias, eu transmiti para eles tua mensagem, colocando minhas mãos unidas sobre minha cabeça. Então Partha, removendo os auspiciosos pés de Kesava de seu colo, com sua mão cheia de cicatrizes pelos açoites da corda do arco, incitou-o a falar. Sentando-se ereto como o estandarte de Indra, enfeitado com todos os ornamentos, e parecendo com o próprio Indra em energia, Krishna então se dirigiu a mim. E as palavras que

aquele melhor dos oradores disse eram gentis, encantadoras e suaves, embora terríveis e alarmantes para o filho de Dhritarashtra. De fato, as palavras proferidas por Krishna, que é o único digno de falar, eram de ênfase e tonalidade corretas, e cheias de significado, embora de partir o coração no fim. E Vasudeva disse, 'Ó Sanjaya, diga estas palavras para o sábio Dhritarashtra e na audição daquele principal dos Kurus, Bhishma, e também de Drona, tendo primeiro saudado a nosso pedido, ó Suta, todos os idosos e tendo perguntado sobre o bem-estar dos mais jovens, 'Celebrem diversos sacrifícios, fazendo doações para os Brahmanas, e se regozijem com seus filhos e esposas, pois um grande perigo ameaça vocês. Doem riqueza para pessoas merecedoras, gerem filhos desejáveis, e façam préstimos agradáveis para aqueles que são queridos para vocês, pois o rei Yudhishthira está ávido pela vitória'. Enquanto eu estava a uma distância, Krishna com lágrimas se dirigindo a mim disse, 'Aquela dívida, acumulada com o tempo, ainda não foi paga por mim. Vocês provocaram hostilidades com Savyasachin, que tem por seu arco o invencível Gandiva, de energia ardente, e que tem a mim como seu colaborador. Quem, mesmo se ele fosse o próprio Purandara, desafiaria Partha tendo a mim como seu colaborador a menos que, é claro, seu período de vida estivesse completo? Aquele que é capaz de derrotar Arjuna em batalha é, de fato, hábil para sustentar a Terra com seus dois braços, para destruir todas as coisas criadas em fúria e lançar os celestiais do Céu. Entre os celestiais, Asuras, e homens, entre Yakshas, Gandharvas, e Nagas, eu não encontro a pessoa que possa enfrentar Arjuna em batalha. Aquela admirável história que é ouvida de um combate na cidade de Virata entre uma única pessoa de um lado e inumeráveis guerreiros do outro é prova suficiente disto. Que vocês todos tenham fugido em todas as direções sendo derrotados na cidade de Virata por aquele filho de Pandu sozinho é prova suficiente disto. Poder, destreza, energia, velocidade, agilidade de mão, infatigabilidade e paciência não são encontradas em ninguém mais exceto Partha.' Assim falou Hrishikesa animando Partha com suas palavras e rugindo como nuvens carregadas de chuva no firmamento. Tendo ouvido estas palavras de Kesava, Arjuna enfeitado com diadema, de corcéis brancos, também falou no mesmo sentido.'"

60

"Vaisampayana disse, 'Tendo ouvido estas palavras de Sanjaya, o monarca dotado da visão da sabedoria levou aquelas palavras em consideração com relação aos seus méritos e deméritos. E tendo contado em detalhes os méritos e deméritos tanto quanto ele podia, e tendo averiguado exatamente a força e fraqueza de ambos os partidos, o rei erudito e inteligente, sempre desejoso da vitória de seus filhos então começou a comparar os poderes de ambos os lados. E tendo finalmente averiguado que os Pandavas eram dotados de força e energia humana e divina, e que os Kurus eram muito mais fracos, Dhritarashtra disse para Duryodhana, 'Esta ansiedade, ó Duryodhana, sempre toma conta de mim. De fato, ela não me deixa. Realmente, parece que eu a vejo com minha visão. Esta convicção não é uma questão de inferência. Todos os seres criados mostram grande afeição por suas proles, e fazem, da melhor maneira que podem, o que é

agradável e benéfico para elas. Isto é geralmente visto também no caso de benfeitores. Aqueles que são bons sempre desejam retribuir o bem feito a eles e fazer o que é muito agradável para seus benfeitores. Lembrando-se do que foi feito para ele em Khandava, Agni, sem dúvida, prestará ajuda a Arjuna neste terrível combate entre os Kurus e os Pandavas. E por afeto paterno, Dharma e outros celestiais devidamente invocados virão juntos para ajudar os Pandavas. Eu penso que para salvá-los de Bhishma e Drona e Kripa os celestiais estarão cheios de ira, parecendo o raio em seus efeitos. Dotados de energia e bem versados no uso de armas, aqueles tigres entre homens, os filhos de Pritha, quando unidos com os celestiais, não poderão nem ser olhados por guerreiros humanos. Ele que tem o Gandiva irresistível, excelente e celeste como seu arco, ele que tem um par de aljavas celestes obtidas de Varuna, grandes, cheias de flechas, e inesgotáveis, ele em cujo estandarte, que é desimpedido como fumaça em sua ação, está colocada a imagem do macaco de origem celeste, cujo carro é inigualável sobre a terra envolvida pelos quatro mares, e o estrépito do qual como ouvido por homens é semelhante ao rugido das nuvens, e o qual como o ribombar do trovão assusta o inimigo; ele a quem o mundo inteiro considera como sobre-humano em energia; ele a quem todos os reis da terra conhecem como o vencedor dos próprios deuses em batalha; ele que pega quinhentas flechas em um instante e em um piscar de olhos as dispara, não visto por outro, a uma grande distância; aquele filho de Pritha e tigre entre os guerreiros em carros e castigador de inimigos, a quem Bhishma e Drona e Kripa e o filho de Drona e Salya, o rei dos Madras, e de fato, todas as pessoas imparciais consideram como incapaz de ser derrotado até por reis terrestres dotados de destreza sobre-humana, que quando pronto para a luta dispara em um estiramento (do arco) quinhentas flechas completas, e que é igual a Kartavirya em força de braços; aquele arqueiro formidável, Arjuna, igual a Indra ou Upendra em destreza, eu vejo aquele grande guerreiro cometendo uma grande destruição nesta batalha terrível. Ó Bharata, refletindo dia e noite sobre isto, eu estou triste e insone por ansiedade pelo bem-estar dos Kurus. Uma destruição terrível está prestes a alcançar os Kurus, se não houvesse nada exceto a paz para terminar esta disputa. Eu sou a favor da paz com os Parthas e não da guerra. Ó filho, eu sempre considero os Pandavas mais fortes do que os Kurus.'"

61

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras de seu pai, o filho impetuoso de Dhritarashtra inflamado com grande ira novamente disse estas palavras, de inveja, 'Tu pensas que os Parthas tendo os celestiais como seus aliados não podem ser vencidos. Que este teu receio, ó melhor dos reis, seja dissipado. Os deuses alcançaram sua divindade por meio da ausência de desejo, cobiça, e de inimizade, como também por sua indiferença a todos os assuntos mundanos. Antigamente, Dwaipayana-Vyasa e Narada de grandes austeridades acéticas, e Rama, o filho de Jamadagni, nos disseram isto. Os deuses nunca se engajam em trabalho como seres humanos, ó touro da raça Bharata, por desejo, ou cólera, ou cobiça, ou inveja. De fato, se Agni, ou Vayu, ou Dharma, ou Indra, ou os Aswins tivessem

alguma vez se engajado em trabalhos por desejos mundanos, então os filhos de Pritha nunca teriam caído em infortúnio. Portanto, de nenhuma maneira te entregues a tal ansiedade, porque os deuses, ó Bharata, sempre fixam seus olhares em assuntos dignos deles mesmos. Se, no entanto, inveja ou luxúria se tornam observáveis nos deuses por eles se entregarem ao desejo, então, de acordo com o que tem sido ordenado pelos próprios deuses, tal inveja ou avidez nunca pode prevalecer. Enfeitiçado por mim, Agni será extinto instantaneamente, mesmo que ele resplandeça por toda a parte para consumir todas as criaturas. A energia com a qual os deuses são dotados é, de fato, grande, mas saiba, ó Bharata, que a minha é maior do que aquela dos deuses. Se a própria Terra se partir em duas, ou topos de montanha se partirem, eu posso reuni-los, ó rei, por meio de meus encantamentos diante dos olhos de todos. Se para a destruição deste universo de criaturas animadas e inanimadas, móveis e imóveis, acontecer uma terrível tempestade ou chuva de pedras de ribombar alto, eu posso sempre, por compaixão pelos seres criados, pará-la diante dos olhos de todos. Quando as águas são solidificadas por mim, até carros e infantaria podem se movimentar sobre elas. Sou eu que estou determinando o andamento de todos os assuntos dos deuses e Asuras. Para quaisquer países que eu vá com meus Akshauhinis em alguma missão, meus corcéis se movem onde quer que eu deseje. Dentro dos meus domínios não há cobras temíveis, e protegidas por meus encantamentos, as criaturas dentro dos meus territórios nunca são prejudicadas por outras que são assustadoras. As próprias nuvens, ó rei, derramam, com relação àqueles que moram em meus domínios, as chuvas tanto quanto eles desejam e quando eles desejam. Todos os meus súditos, além disso, são devotados à religião e nunca estão sujeitos a calamidades do tempo. Os Aswins, Vayu, Agni, Indra com os Maruts, e Dharma não ousarão proteger meus inimigos. Se estes tivessem sido capazes de proteger por seu poder meus adversários, os filhos de Pritha nunca teriam caído em tal desgraça por treze anos. Eu te digo realmente que nem deuses, nem Gandharvas nem Asuras nem Rakshasas são capazes de salvar aquele que incorreu em meu desagrado; eu nunca antes fui frustrado com relação à recompensa ou castigo que eu pretendi conceder ou infligir ao amigo ou inimigo. Se alguma vez, ó repressor de inimigos, eu disse que isto é, isto tem sempre sido. As pessoas, portanto, tem sempre me conhecido como alguém que fala a verdade. Todas as pessoas podem dar testemunho da minha grandeza, a fama da qual se espalhou por toda a parte. Eu menciono isto, ó rei, para tua informação e não por orgulho. Eu nunca, ó rei, tinha me elogiado antes, pois elogiar a si mesmo é desprezível. Tu saberás da derrota dos Pandavas e dos Matsyas, dos Panchalas e dos Kekayas, de Satyaki e Vasudeva, por minhas mãos. De fato, como rios, ao entrarem no oceano, são totalmente perdidos nele, assim os Pandavas com todos os seus seguidores, ao se aproximarem de mim, serão todos aniquilados. Minha inteligência é superior, minha energia é superior, minha coragem é superior, meu conhecimento é superior, meus recursos são muito superiores àqueles dos Pandavas. Qualquer conhecimento de armas que exista no Avô, em Drona, e Kripa, e Salya, e Shalya, existem em mim também.’

Tendo dito estas palavras, ó Bharata, Duryodhana, aquele repressor de inimigos, novamente questionou Sanjaya para averiguar os procedimentos de Yudhishthira inclinado à guerra."

62

"Vaisampayana disse, 'Sem prestar muita atenção a Dhritarashtra, o filho de Vichitravirya que estava prestes a perguntar sobre Partha, Karna disse para o filho de Dhritarashtra estas palavras, animando o espírito dos Kurus reunidos, 'Vindo a saber do falso pretexto sob o qual eu obtive a arma Brahma antigamente de Rama, o último me disse, 'Quando tua hora chegar tua memória te falhará em relação a esta arma'. Assim por uma ofensa tão grande eu fui amaldiçoado tão levemente por aquele grande Rishi, meu preceptor. Aquele grande Rishi de energia ardente é capaz de consumir até a Terra inteira com seus mares. Por meio de atenção e coragem pessoal eu tranquilizei seu coração. Eu tenho aquela arma comigo ainda, e meu período ainda não passou. Eu sou, portanto, totalmente competente (para obter vitória). Que a responsabilidade seja minha. Tendo obtido o favor daquele Rishi, eu matarei em um piscar de olhos os Panchalas, os Karushas, os Matsyas, e os filhos de Pritha com seus filhos e netos, e entregarei para ti numerosas regiões obtidas por meio das minhas armas. Que o Avô, e Drona e todos os reis fiquem contigo. Eu matarei os filhos de Pritha, marchando adiante com os principais guerreiros do meu exército. Que essa tarefa seja minha.' Para ele que estava falando dessa maneira Bhishma disse, 'O que tu dizes, ó Karna? Teu intelecto está nublado pela aproximação da tua hora. Tu não sabes, ó Karna, que quando o chefe estiver morto, os filhos de Dhritarashtra serão todos mortos? Tendo ouvido do feito realizado por Dhananjaya, com Krishna somente como seu aliado, no incêndio da floresta Khandava, cabe a ti com teus amigos e parentes reprimir tua mente. A flecha que o ilustre e adorável chefe dos celestiais, o grande Indra, te deu, tu verás, será quebrada e reduzida a cinzas quando atingida por Kesava com seu disco. Aquela outra flecha de boca serpentina que brilha (em tua aljava) e é respeitosamente venerada por ti com guirlandas floridas, ó Karna, quando atingida pelo filho de Pandu com suas flechas perecerá contigo. Ó Karna, o matador de Vana e do filho de Bhumi (Naraka), o próprio Vasudeva, que tem, na parte mais densa da batalha, matado inimigos iguais e até superiores a ti, protege Arjuna enfeitado com diadema.'

"Karna disse, 'Sem dúvida o chefe dos Vrishnis é assim mesmo. Além disso, eu admito que aquele de grande alma é ainda mais do que isto. Que, no entanto, o Avô escute ao efeito do pedaço de discurso ríspido que ele proferiu. Eu deponho minhas armas. O Avô de agora em diante me verá na corte somente e não em batalha. Depois que tu ficares quieto, os soberanos da terra verão minha destreza neste mundo.'

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito isso, aquele grande arqueiro (Karna), deixando a corte foi para sua própria residência. Bhishma, no entanto, ó rei, se dirigindo a Duryodhana no meio dos Kurus, e dando risada, disse, 'Quão

verdadeiramente o filho do Suta mantém sua promessa! Por que tendo repetidamente dado sua palavra, dizendo, ‘Os reis de Avanti e Kalinga, Jayadratha, e Chediddhaja e Valhika permanecendo como espectadores, eu matarei guerreiros hostis aos milhares e dezenas de milhares,’ como ele cumprirá aquela obrigação? Tendo distribuído suas divisões em formação contrária e espalhando cabeças às milhares, (ele) verá a destruição cometida por Bhimasena. De fato, naquele momento, quando, se revelando como um Brahmana para o santo e irrepreensível Rama, o filho de Vikartana obteve aquela arma, aquele patife vil perdeu sua virtude e ascetismo.' Ó rei de reis, quando Bhishma disse isto depois que Karna tinha ido embora abandonando suas armas, Duryodhana, aquele filho tolo do filho de Vichitravirya, se dirigiu ao filho de Santanu nestas palavras.'"

63

"Duryodhana disse, 'Os filhos de Pritha são todos como outros homens, e são, em fato, de nascimento terrestre como outros homens. Por que então tu pensas que eles estão certos de obter vitória? Ambos nós e eles somos iguais em energia, em coragem, em idade, em inteligência, em conhecimento das escrituras, em armas, na arte da guerra, em agilidade de mão, e em habilidade. Todos nós somos da mesma espécie, todos sendo homens por nascimento. Como então, ó avô, tu sabes que a vitória será deles? Eu não procuro a realização do meu propósito por confiar em ti, ou Drona, ou Kripa ou Valhika, ou nos outros reis. Eu mesmo, e Karna, o filho de Vikartana, e meu irmão Dussasana mataremos em batalha os cinco filhos de Pandu por meio de flechas afiadas. Então nós gratificaremos, ó rei, Brahmanas por realizar sacrifícios grandiosos de diversos tipos, com Dakshinas abundantes, e por doações de vacas e cavalos e riqueza. Quando minhas tropas arrastarem pela ajuda de suas armas poderosas os Pandavas em batalha, como caçadores arrastando um bando de veados com uma rede, ou redemoinhos de água puxando um barco sem tripulação, então os filhos de Pandu, nos vendo seu inimigo, auxiliados por multidões e carros e elefantes, abandonarão seu orgulho, e não só eles, mas Kesava também.' Ouvindo isto, Vidura disse, 'Pessoas veneráveis de conhecimento infalível dizem que neste mundo o autodomínio é muito benéfico. No caso do Brahmana especialmente, é seu dever. Aquele cujo autodomínio segue caridade, ascetismo, conhecimento, e estudo dos Vedas, sempre obtém êxito, perdão, e o fruto de suas doações. O autodomínio aumenta energia, e é um atributo excelente e santo. Livre do pecado e com sua energia aumentada por meio do autodomínio, uma pessoa alcança até Brahma através dele. As pessoas sempre temem aqueles que não têm autodomínio, como se os últimos fossem verdadeiros Rakshasas. E é para manter estes sob controle que o Auto-existente criou os Kshatriyas. É dito que o Autodomínio é um voto excelente para todos os quatro modos de vida. Eu considero como suas indicações aqueles atributos que devem sua origem ao autodomínio. Aquelas indicações são perdão, firmeza de mente, abstenção de ferir, uma consideração igual por todas as coisas, falar a verdade, simplicidade, controle sobre os sentidos, paciência, gentileza em palavras, modéstia, firmeza,

generosidade, suavidade, contentamento, e fé. Aquele que tem autodomínio abandona luxúria, avareza, orgulho, cólera, torpor, bazófia, amor próprio, malícia, e tristeza. Pureza e ausência de desonestidade e fraude são os sinais distintivos de um homem de autodomínio. Aquele que não é cobiçoso, que está satisfeito com pouco, que não considera objetos que provocam luxúria, e que é tão grave como o oceano, é conhecido como um homem de autodomínio. Aquele que é bem educado, de boa disposição e alma satisfeita, que conhece a si mesmo e que é possuidor de sabedoria, ganha grande respeito aqui e alcança a um estado bem-aventurado futuramente. Possuidor de sabedoria madura, aquele que não tem medo de outras criaturas e de quem outras criaturas não têm medo é citado como o principal dos homens. Procurando o bem de todos, ele é um amigo universal, e ninguém é tornado infeliz por ele. Dotado de gravidade semelhante àquela do oceano e desfrutando de contentamento por sua sabedoria, tal homem é sempre calmo e alegre. Regulando sua conduta segundo as ações praticadas pelos virtuosos dos tempos antigos e diante de seus olhos, aqueles que são autocontrolados, sendo dedicados à paz, se regozijam neste mundo. Ou, abandonando a Ação, porque (está) satisfeita pelo Conhecimento, tal pessoa, com seus sentidos sob controle, se move rapidamente neste mundo, esperando pela hora inevitável e absorção em Brahma. E como o rastro das criaturas aladas no céu é incapaz de ser percebido, assim o rastro do sábio que desfruta do contentamento por consequência do Conhecimento não é visível. Abandonando o mundo aquele que se dirige, em busca da emancipação, ao modo de vida Sannyasa, tem regiões brilhantes e eternas designadas para ele no céu.'"

64

"Vidura disse, 'Nós ouvimos, ó majestade, de homens idosos, que uma vez um caçador de aves selvagens espalhou sua rede no chão para capturar habitantes emplumados do ar. E naquela rede foram apanhadas ao mesmo tempo duas aves que viviam juntas. E erguendo a rede, as duas criaturas aladas se ergueram juntas no ar. E vendo elas se erguerem ao céu, o caçador, sem ceder ao desespero, começou a segui-las na direção em que elas voavam. Naquele momento, um asceta que vivia em um eremitério (próximo), que tinha terminado suas orações matinais, viu o caçador correndo daquela maneira esperando ainda prender as criaturas emplumadas. E vendo aquele morador da terra perseguindo rapidamente aqueles moradores do ar, o asceta, ó Kaurava, se dirigiu a ele neste Sloka, ‘Ó caçador, parece muito estranho e admirável para mim que tu, que és um caminhante da terra, persigas ainda um par de criaturas que são moradoras do ar.’ O caçador disse, 'Estes dois, juntos, estão levando embora minha armadilha. Lá, no entanto, onde eles disputarem eles cairão sob meu controle.'

"Vidura continuou, 'As duas aves, fadadas à morte, brigaram logo depois. E quando o par tolo brigou, ambas caíram no chão. E quando, apanhadas nas malhas da morte, elas começaram a lutar com raiva uma contra a outra, o caçador se aproximou despercebido e apanhou ambas. Assim mesmo aqueles parentes que brigam uns com os outros por causa de riqueza caem nas mãos do inimigo

como as aves que eu mencionei, por consequência de sua briga. Comer juntos, falar juntos, estes são os deveres de parentes, e não brigar sob quaisquer circunstâncias. Aqueles parentes, que com corações afetuosos servem os idosos, se tornam inconquistáveis como uma floresta guardada por leões. Enquanto aqueles, ó touro da raça Bharata, que tendo ganhado riquezas enormes todavia se comportam como homens de mentes vis sempre contribuem para a prosperidade de seus inimigos. Parentes, ó Dhritarashtra, ó touro da raça Bharata, são como tições chamuscados, os quais resplandecem quando unidos mas somente soltam fumaça quando desunidos. Eu agora te falarei outra coisa que eu vi em um leito de montanha. Tendo escutado a isso também, faça, ó Kaurava, o que é para o teu bem. Uma vez nós nos dirigimos para a montanha do norte, acompanhados por alguns caçadores e diversos Brahmanas, que gostavam muito de falar sobre encantamentos e plantas medicinais. Aquela montanha do norte, Gandhamadana, parecia com um bosque. Como seu leito estava coberto com árvores e diversas espécies de ervas medicinais luminosas, ela era habitada por Siddhas e Gandharvas. E lá nós todos vimos uma quantidade de mel, de uma cor amarela brilhante e da medida de um jarro, colocada em um precipício inacessível da montanha. Aquele mel, o qual era a bebida favorita de Kuvera, era protegido por cobras de veneno virulento. E ele era de tal maneira que um mortal, bebendo dele ganharia a imortalidade, um homem cego obteria visão, e um homem velho se tornaria um jovem. Foi assim que aqueles Brahmanas familiarizados com feitiçaria falaram sobre aquele mel. E os caçadores, vendo aquele mel, desejaram, ó rei, obtê-lo. E eles todos pereceram naquela caverna inacessível da montanha cheia de cobras. Da mesma maneira, este teu filho deseja desfrutar da terra inteira sem um rival. Ele vê o mel, mas não vê, por insensatez, a queda terrível. É verdade, Duryodhana deseja um confronto em batalha com Savyasachin, mas eu não vejo aquela energia ou destreza nele a qual possa levá-lo a salvo através disto. Sobre um único carro Arjuna conquistou toda a terra. Na vanguarda de suas hostes Bhishma e Drona e outros foram intimidados por Arjuna e completamente derrotados na cidade de Virata. Lembre-te do que aconteceu naquela ocasião. Ele releva, todavia, olhando o teu rosto e esperando para saber o que tu farás. Drupada, e o rei dos Matsyas, e Dhananjaya, quando zangados, como chamas de fogo incitadas pelo vento, não deixarão resto (do teu exército). Ó Dhritarashtra, tome o rei Yudhishthira sobre teu colo já que ambos os partidos não podem, de modo algum, obter vitória quando tua vontade estiver envolvida na batalha.'"

65

"Dhritarashtra disse, 'Considere, ó Duryodhana, ó filho querido, o que eu te digo. Como um viajante ignorante tu pensas que o caminho errado é o certo, já que tu estás desejoso de roubar a energia dos cinco filhos de Pandu, que são assim como os cinco elementos do universo em sua forma sutil sustentando todas as coisas móveis e imóveis. Sem o sacrifício indubitável da tua vida tu és incapaz de vencer Yudhishthira, o filho de Kunti, que é a principal de todas as pessoas virtuosas neste mundo. Ai, como uma árvore afrontando a tempestade poderosa,

tu te encolerizas por causa de Bhimasena que não tem seu igual (entre homens) em força e que é igual ao próprio Yama em batalha. Que homem de inteligência enfrentaria em batalha o manejador do Gandiva, que é o principal de todos os manejadores de armas, como Meru entre as montanhas? Que homem há a quem Dhrishtadyumna, o príncipe de Panchala, não possa derrotar, disparando suas flechas entre os inimigos, como o chefe dos celestiais arremessando seu raio? Aquele guerreiro honrado entre os Andhakas e os Vrishnis, o irresistível Satyaki, sempre dedicado ao bem dos Pandavas, também massacrará a tua hoste. Que homem de razão, além disso, enfrentaria Krishna de olhos de lótus, que, com relação à medida de sua energia e poder, supera os três mundos? Quanto a Krishna, suas esposas, amigos, parentes, sua própria alma e toda a terra, postos em um prato da balança, se comparam com Dhananjaya no outro. Aquele Vasudeva, em quem Arjuna confia, é irresistível, e aquela hoste onde Kesava está se torna irresistível em todos os lugares. Ouça, portanto, ó filho, aos conselhos daqueles teus benquerentes cujas palavras são sempre para o teu bem. Aceite teu avô idoso, Bhishma, o filho de Santanu, como teu guia. Escute ao que eu digo, e ao que estes benquerentes dos Kurus, Drona, e Kripa, e Vikarna, e o rei Vahlika, dizem. Estes todos são como eu mesmo. Cabe a ti respeitar a eles tanto quanto tu me respeitas, já que, ó Bharata, todos eles estão familiarizados com moralidade e têm afeição por ti tanto quanto eu mesmo tenho. O pânico e derrota, diante dos teus olhos, na cidade de Virata, de todas as tuas tropas com teus irmãos, depois da rendição do rei, de fato, aquela história extraordinária que é ouvida de um combate naquela cidade entre um e muitos, é prova suficiente (da sabedoria do que eu digo). Quando Arjuna sozinho realizou tudo isso, o que os Pandavas não realizarão quando unidos juntos? Tome eles pelas mãos como teus irmãos, e os aprecie com uma parte do reino.'"

66

"Vaisampayana disse, 'Tendo se dirigido a Suyodhana dessa maneira, o altamente abençoado e sábio Dhritarashtra outra vez questionou Sanjaya, dizendo, 'Diga-me, ó Sanjaya, o que tu ainda não disseste, isto é, o que Arjuna te disse depois da conclusão do discurso de Vasudeva, pois é grande minha curiosidade para ouvir isto.'

"Sanjaya disse, 'Tendo ouvido as palavras faladas por Vasudeva, o irresistível Dhananjaya, o filho de Kunti, quando veio a oportunidade, disse estas palavras na audição de Vasudeva, 'Ó Sanjaya, nosso avô, o filho de Santanu, e Dhritarashtra, e Drona, e Kripa, e Karna, e o rei Vahlika, e o filho de Drona, e Somadatta, e Sakuni o filho de Suvala; e Dussasana, e Sala, e Purumitra, e Vivingsati; Vikarna, e Chitrasena, e o rei Jayatsena, e Vinda e Anuvinda, os dois chefes de Avanti, e Bhurisravas, e o rei Bhagadatta, e o rei Jarasandha e outros soberanos da terra, reunidos lá para lutar pelo bem dos Kauravas, estão todos na véspera da morte. Eles foram reunidos pelo filho de Dhritarashtra para serem oferecidos como libações no ardente fogo Pandava. Em meu nome, Sanjaya, pergunte pelo bem-estar daqueles reis reunidos de acordo com suas respectivas tropas, lhes

prestando respeito apropriado ao mesmo tempo. Tu deves também, ó Sanjaya, dizer isto, na presença de todos os reis, para Suyodhana, aquele principal de todos os homens pecaminosos. Colérico e perverso, de alma pecaminosa e extremamente cobiçoso, ó Sanjaya, providencie para que aquele tolo com seus conselheiros ouça tudo o que eu digo.' E com este prefácio, o filho de Pritha Dhananjaya, dotado de grande sabedoria, e possuidor de olhos grandes com cantos vermelhos, olhando de relance para Vasudeva, então falou para mim estas palavras repletas de virtude e lucro, 'Tu já ouviste as palavras medidas faladas pelo chefe de grande alma da linhagem de Madhu. Diga para os reis reunidos que aquelas também são minhas palavras. E diga isto também por mim, para aqueles reis, ‘Tentem juntos agir de tal maneira que libações não tenham que ser derramadas no fogo de flechas do grande sacrifício da batalha, no qual a batida das rodas dos carros soarão como mantras, e o arco que derrota tropas agirá como a concha. Se, de fato, vocês não entregarem para Yudhishthira, aquele matador de inimigos, sua própria parte do reino pedida de volta por ele, eu então, por meio das minhas flechas, mandarei todos vocês, com cavalaria, infantaria, e elefantes, para as regiões inauspiciosas dos espíritos dos mortos.' Então me despedindo de Dhananjaya e de Hari de quatro braços e reverenciando a ambos, eu vim para cá com grande velocidade para transmitir aquelas palavras de grave significado para ti, ó tu que és dotado de refulgência igual àquela dos próprios deuses.'"

67

"Vaisampayana disse, 'Quando Duryodhana, o filho de Dhritarashtra, mostrou pouca consideração pelas palavras faladas por Sanjaya, e quando o restante permaneceu silencioso, os reis reunidos se levantaram e se retiraram. E depois que todos os reis da terra tinham se retirado, o rei Dhritarashtra, que sempre seguia os conselhos de seu filho por afeto, desejando sucesso para os reis reunidos, começou a perguntar em segredo de Sanjaya acerca da resolução do seu próprio partido, e dos Pandavas que eram hostis a ele. E Dhritarashtra disse, 'Diga-me realmente, ó filho de Gavalgana, em que consiste a força e fraqueza da nossa própria hoste. Minuciosamente familiarizado como tu és com os assuntos dos Pandavas, diga-me no que se encontra sua superioridade e no que, sua inferioridade. Tu conheces completamente a força de ambos os partidos. Tu conheces todas as coisas, e és versado em todas as questões de virtude e lucro. Perguntado por mim, ó Sanjaya, diga qual dos partidos, quando engajado na batalha, perecerá?'

"Sanjaya disse, 'Eu não direi coisa alguma para ti em segredo, ó rei, pois então tu poderás nutrir ressentimentos por mim. Traga para cá, ó Ajamida, teu pai Vyasa de votos sublimes e tua rainha Gandhari. Familiarizados com moralidade, de percepção aguçada, e capazes de chegar à verdade, eles removerão quaisquer ressentimentos que tu possas nutrir contra mim. Na presença deles, ó rei, eu te direi tudo acerca da força de Kesava e Partha.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, Dhritarashtra fez ambos, Gandhari e Vyasa, serem levados lá. E introduzidos por Vidura eles entraram na corte sem demora. E compreendendo as intenções de Sanjaya e seu filho, Krishna-Dwaipayana dotado de grande sabedoria disse, 'Fale, ó Sanjaya, para o questionador Dhritarashtra tudo o que ele deseja saber. Diga a ele realmente tudo o que tu sabes sobre Vasudeva e Arjuna.'"

68

"Sanjaya disse, 'Aqueles arqueiros adoráveis, Arjuna e Vasudeva, que são perfeitamente iguais um ao outro em relação à sua natureza divina, tomaram seus nascimentos por sua própria vontade. Ó senhor, o disco possuído por Vasudeva, de energia abundante, ocupa um espaço de cinco cúbitos completos em diâmetro, é capaz também de ser arremessado no inimigo (em formas grandes ou pequenas) segundo a vontade do próprio manejador, e ele depende de ilusão. Sempre notável por sua refulgência, ele é invisível para os Kurus; e em averiguar a força ou fraqueza dos Pandavas, aquele disco oferece a melhor base. De fato, aquele descendente da família de Madhu, dotado de grande poder, venceu com um esforço e em aparente brincadeira os formidáveis Naraka e Samvara e Kansa e (Sisupala) o chefe dos Chedis. Possuidor de divindade e de alma superior a tudo, aquele mais sublime dos seres masculinos pode, somente por sua vontade, trazer a terra, firmamento, e céu sob seu controle. Tu me questionaste repetidamente, ó rei, acerca dos Pandavas para saber sua força e fraqueza. Escute agora a tudo isso em resumo. Se o universo inteiro for colocado em um prato da balança e Janardana no outro, mesmo então Janardana terá mais valor do que o universo inteiro. Janardana, à sua vontade, pode reduzir o universo a cinzas, mas o universo inteiro é incapaz de reduzir Janardana a cinzas. Onde quer que haja veracidade, onde quer que haja virtude, modéstia, simplicidade, lá mesmo está Govinda. E lá onde Krishna está, o êxito deve estar. Aquela alma de todas as criaturas, o mais sublime dos seres masculinos, Janardana, guia, como se em diversão, a terra inteira, o firmamento, e o céu. Fazendo dos Pandavas os meios indiretos, e encantando o mundo inteiro, Janardana deseja destruir teus filhos perversos que são todos viciados no pecado. Dotado de atributos divinos, Kesava, pelo poder de sua alma faz a roda do Tempo, a roda do Universo, e a roda do Yuga girar incessantemente. E eu te digo realmente que aquele Ser glorioso é sozinho o Senhor do Tempo, da Morte, e deste Universo de objetos móveis e imóveis. Aquele grande asceta Hari, embora o Senhor do Universo inteiro, contudo se dirige ele mesmo para o trabalho, como um humilde operário que cultiva os campos. De fato, Kesava ilude a todos pela ajuda de Sua ilusão. Aqueles homens, no entanto, que alcançaram a Ele não são enganados.'"

69

"Dhritarashtra disse, 'Como tu, ó Sanjaya, és capaz de reconhecer Madhava como o Senhor Supremo do universo? E como é que eu sou incapaz de reconhecer a Ele como tal? Diga-me isto, ó Sanjaya.'

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei! Tu não tens Conhecimento, ao passo que meu Conhecimento não sofreu diminuição. Aquele que não tem Conhecimento e está envolvido com a escuridão da ignorância não conhece Kesava. Ajudado por meu conhecimento, ó majestade, eu conheço o matador de Madhu como a união do Grosseiro, do Sutil e da Causa; e que Ele é o Criador de tudo, mas é Ele Mesmo incriado; e também que, dotado de Divindade, é Ele de quem tudo se origina e é Ele para quem todas as coisas retornam.'

"Dhritarashtra disse, 'Ó filho de Gavalgana, qual é a natureza daquela Fé que tu tens em Janardana e pela qual tu identificas o matador de Madhu como a união do Grosseiro, do Sutil, e da Causa?'

"Sanjaya disse, 'Abençoado sejas tu, ó rei, eu não tenho consideração pela ilusão (que está identificada com prazeres mundanos) e eu nunca pratico as virtudes inúteis (de votos e trabalho sem confiança n'Ele e pureza de Alma). Tendo obtido pureza de Alma através da Fé, eu tenho conhecido Janardana a partir das escrituras.'

"Dhritarashtra disse, 'Ó Duryodhana, procure a proteção de Janardana, também chamado Hrishikesa. Ó filho, Sanjaya é um dos nossos amigos mais fidedignos. Procure refúgio com Kesava.'

"Duryodhana disse, 'Se o divino filho de Devaki unido em amizade com Arjuna fosse matar toda a humanidade, eu não poderia, mesmo então, me submeter à Kesava.'

"Dhritarashtra disse, 'Este teu filho de mente má, ó Gandhari, está resolvido a afundar em miséria. Invejoso, de alma pecaminosa, e vaidoso, ele despreza as palavras de todos os seus superiores.'

"Gandhari disse, 'Tu infeliz cobiçoso que desconsideras as ordens dos idosos, abandonando teu pai e eu mesma e abandonando prosperidade e vida, aumentando a alegria dos teus inimigos, e me afligindo com angústia profunda, ó tolo, tu te lembrarás das palavras do teu pai, quando atingido por Bhimasena, tu fores vencido.'

"Vyasa disse, 'Ouça-me, ó rei! Tu, ó Dhritarashtra, és o amado de Krishna. Quando Sanjaya foi teu enviado, ele realmente te levará ao teu bem. Ele conhece Hrishikesa, aquele Ser antigo e sublime. Se tu o ouvires com atenção, ele sem dúvida te salvará do grande perigo que pende sobre ti. Ó filho de Vichitravirya, sujeitos à cólera e alegria, os homens são enredados em várias armadilhas. Aqueles que não estão satisfeitos com suas próprias posses, privados de razão como eles são por avareza e desejo, repetidamente se tornam sujeitos à Morte por

consequência das suas próprias ações, como homens cegos (caindo em buracos) quando conduzidos pelo cego. O caminho que é trilhado pelos sábios é o único (que leva a Brahma). Aqueles que são superiores, mantendo aquele caminho em vista, vencem a morte e alcançam a meta por isto.'

"Dhritarashtra disse, 'Fale-me, ó Sanjaya, daquele caminho sem terrores pelo qual, alcançando Hrishikesa, a salvação pode ser minha.'

"Sanjaya disse, 'Um homem de mente descontrolada não pode de nenhuma maneira conhecer Janardana cuja alma está sob perfeito comando. A realização de sacrifícios sem o controle dos próprios sentidos não é meio para aquele fim. A renúncia aos objetos de nossos sentidos excitados é devido à luz espiritual; luz espiritual e abstenção de ferir surgem sem dúvida de sabedoria verdadeira. Portanto, ó rei, resolva subjugar teus sentidos com toda a energia possível; não deixe teu intelecto se desviar do conhecimento verdadeiro; e reprima teu coração de tentações mundanas que o circundam. Brahmanas eruditos descrevem a subjugação dos sentidos como sabedoria verdadeira; e esta sabedoria é o caminho pelo qual homens eruditos procedem para sua meta. Ó rei, Kesava não é alcançável por homens que não subjugaram seus sentidos. Aquele que subjugou seus sentidos deseja conhecimento espiritual, despertado pelo conhecimento das escrituras e o prazer de absorção-Yoga.'"

70

"Dhritarashtra disse, 'Eu te peço, ó Sanjaya, para me falar novamente de Krishna de olhos de lótus; pois, por conhecer a significação dos seus nomes, eu posso, ó filho, alcançar aquele mais sublime dos seres masculinos.'

"Sanjaya disse, 'Os nomes auspiciosos (de Kesava) foram anteriormente ouvidos por mim. Daqueles eu te direi tanto quanto eu sei. Kesava, no entanto, é incomensurável, estando acima do poder das palavras para descrever. Ele é chamado de Vasudeva por ele envolver todas as criaturas com a tela da ilusão, ou de seu esplendor glorioso, ou de Ele ser o suporte e lugar de descanso dos deuses. Ele é chamado de Vishnu por causa de sua natureza que a tudo permeia. Ele é chamado de Madava, ó Bharata, por causa de sua prática como um Muni, concentração mental na verdade e absorção-Yoga. Ele é chamado de Madhusudana por ele ter matado o Asura Madhu, e também por ele ser a substância dos vinte e quatro objetos de conhecimento. Nascido da linhagem Sattwata, ele é chamado de Krishna porque ele une em si mesmo o que é implicado pelas duas palavras ‘Krishi’ que significa 'o que existe' e ‘na’ que significa 'paz eterna'. Ele é chamado de Pundarikaksha de ‘Pundarika’ implicando sua residência sublime e eterna, e ‘Aksha’ implicando 'indestrutível'; e ele é chamado de Janardana porque ele inflige medo nos corações de todos os seres maus. Ele é chamado de Sattwata porque o atributo de Sattwa nunca está dissociado dele e também porque ele nunca está dissociado disto; e ele é chamado de Vrishabhakshana de ‘Vrishabha’ implicado os 'Vedas' e ‘ikshana’

implicando 'olho', a união dos dois significando que os Vedas são seus olhos, ou os Vedas são os olhos através dos quais ele pode ser visto. Aquele conquistador de hostes é chamado de Aja, ou ‘não nascido’, porque ele não tomou seu nascimento de algum ser de modo comum. Aquela Alma Suprema é chamada de Damodara porque diferentemente dos deuses sua refulgência é incriada e própria, e também porque ele tem auto-controle e grande esplendor. Ele é chamado de Hrishikesa, de ‘Hrishika’ significando ‘felicidade eterna’ e ‘Isa’ significando ‘os seis atributos divinos’, a união significando alguém que tem alegria, felicidade, e divindade. Ele é chamado de Mahavahu porque ele sustenta a terra e o céu com seus dois braços. Ele é chamado de Adhakshaja porque ele nunca decai ou sofre alguma deterioração, e é chamado de Narayana por ser o refúgio de todos os seres humanos. Ele é chamado de Purusottama de ‘Puru’ implicando 'aquele que cria e preserva' e ‘so’ significando ‘aquele que destrói’, a união significando alguém que cria, preserva, e destrói o universo'. Ele possui o conhecimento de todas as coisas, e, portanto, é chamado de Sarva; Krishna está sempre na Verdade e a Verdade está sempre n’Ele, e Govinda é a Verdade da Verdade. Portanto, ele é chamado de Satya. Ele é chamado de Vishnu por causa de sua destreza, e Jishnu por causa de seu êxito. Ele é chamado de Ananta por sua eternidade, e Govinda por seu conhecimento de discurso de todos os tipos. Ele faz o irreal aparecer como real e assim ilude todas as criaturas. Possuidor de tais atributos, sempre dedicado à justiça, e dotado de divindade, o matador de Madhu, aquele poderosamente armado incapaz de decadência, virá para cá para impedir o massacre dos Kurus.'"

71

"Dhritarashtra disse, 'Ó Sanjaya, eu invejo aqueles dotados de visão, que verão diante deles aquele Vasudeva cujo corpo dotado de grande beleza brilha com refulgência, iluminando os pontos cardeais e subsidiários do espaço; que dará expressão a palavras que serão ouvidas com respeito pelos Bharatas; palavras que serão auspiciosas para os Srinjayas, aceitáveis por aqueles desejosos de prosperidade, impecáveis em todos os aspectos, e inaceitáveis por aqueles que estão fadados à morte; que é cheio de resoluções elevadas, eterno, possuidor de heroísmo inigualável, que é o touro dos Yadavas e seu líder, e que é o matador e inspirador de temor de todos os inimigos, e que é o destruidor da fama de todo inimigo! Os Kauravas reunidos verão aquele de grande alma e adorável, aquele matador de inimigos, aquele chefe dos Vrishnis, proferindo palavras cheias de bondade, e fascinando todos do meu partido. Eu me ponho nas mãos daquele Eterno, aquele Rishi dotado de autoconhecimento, aquele oceano de eloquência, aquele Ser que é facilmente alcançável por ascetas, aquela ave chamada Arishta provida de asas belas, aquele destruidor de criaturas, aquele refúgio do universo; aquele de mil cabeças, aquele Criador e Destruidor de todas as coisas, aquele Antigo, aquele sem início, meio, ou fim, aquele de realizações infinitas, aquela causa da semente primordial, aquele não nascido, aquele Ser da Eternidade, mais sublime dos sublimes, Criador dos três mundos, aquele Criador de deuses,

Asuras, Nagas, e Rakshasas, principal de todas as pessoas eruditas e soberano de homens, aquele irmão mais novo de Indra.'"

72

(Bhagwat Yana Parva)

"Janamejaya disse, 'Quando o bom Sanjaya (deixando o acampamento Pandava) voltou aos Kurus, o que meus antepassados, os filhos de Pandu, fizeram então? Ó principal dos Brahmanas, eu desejo saber tudo isto. Diga-me isto, portanto.'

"Vaisampayana disse, 'Depois que Sanjaya tinha ido, Yudhishthira o justo se dirigiu a Krishna da linhagem Dasarha, aquele principal de todos os Sattwatas, dizendo, 'Ó tu que és dedicado aos amigos, chegou a hora dos amigos demonstrarem sua amizade. Eu não vejo quaisquer outras pessoas além de ti que possam nos salvar neste tempo de angústia. Confiando em ti, ó Madhava, nós destemidamente pedimos de volta nossa parte de Duryodhana que está cheio de orgulho imensurável e de seus conselheiros. Ó castigador de inimigos, tu proteges os Vrishnis em todas as suas calamidades, agora proteja os Pandavas também de um grande perigo, pois eles merecem tua proteção.'

"O Divino Krishna disse, 'Aqui estou eu, ó poderosamente armado. Diga-me o que tu desejas dizer, pois, ó Bharata, eu realizarei o que quer que tu me digas.'

"Yudhishthira disse, 'Tu ouviste qual é a intenção de Dhritarashtra e seus próprios. Tudo o que Sanjaya, ó Krishna, disse para mim certamente tem o consentimento de Dhritarashtra. Sanjaya é a alma de Dhritarashtra, e declarou seu parecer. Um enviado fala de acordo com suas instruções, pois se ele falar de outra maneira ele merece ser morto. Sem olhar igualmente para todos os que são dele, movido por avareza e um coração pecaminoso, Dhritarashtra procura fazer as pazes conosco sem nos devolver nosso reino. De fato, por ordem de Dhritarashtra nós passamos doze anos nas florestas e um ano adicional escondidos, acreditando cabalmente, ó senhor, que Dhritarashtra permaneceria firmemente fiel àquele nosso compromisso. Que nós não nos desviamos da nossa promessa é bem conhecido para os Brahmanas que estavam conosco. O cobiçoso rei Dhritarashtra está agora relutante em cumprir as virtudes Kshatriya. Devido à afeição por seu filho, ele está escutando aos conselhos de homens perversos. Aceitando os conselhos de Suyodhana, o rei, ó Janardana, influenciado por avareza e procurando seu próprio benefício, se comporta falsamente em direção a nós. O que pode ser mais triste, ó Janardana, do que isto, que eu esteja incapaz de manter minha mãe e meus amigos? Tendo os Kasis, os Panchalas, os Chedis, e os Matsyas como meus aliados e contigo, ó matador de Madhu, como meu protetor, eu pedi somente cinco aldeias, ou seja, Avishthala, Vrikasthala, Makandi, Varanavata, com alguma outra, ó Govinda, como a quinta; ‘Nos conceda,’ nós dissemos, ‘cinco aldeias ou cidades, ó majestade, onde nós cinco possamos morar em união, pois nós não desejamos a destruição dos Bharatas.’ O filho de

mente má de Dhritarashtra, no entanto, considerando o domínio do mundo como dele, não concorda nem com isso. O que pode ser mais triste do que isto? Quando um homem nasce e, criado em uma família respeitável, cobiça as posses de outros, aquela sua avareza destrói sua inteligência; e a inteligência sendo destruída, a vergonha é perdida; e perda da vergonha leva à diminuição de virtude; e perda de virtude ocasiona perda de prosperidade. A destruição da prosperidade, por sua vez, arruína uma pessoa, pois a pobreza é a morte de uma pessoa. Parentes e amigos e Brahmanas evitam um homem pobre como aves evitam, ó Krishna, uma árvore que não tem flores nem frutas. Isto mesmo, ó senhor, é morte para mim: que parentes me evitem, como se eu fosse alguém decaído, como o ar vital abandonando um corpo morto. Samvara disse que nenhuma condição de vida poderia ser mais miserável do que aquela na qual uma pessoa está sempre atormentada pela ansiedade causada pelo pensamento, 'Eu não tenho carne para hoje, o que será de mim amanhã?' É dito que riqueza é a maior virtude, e tudo depende da riqueza. Aqueles que têm riqueza são citados como vivos, ao passo que aqueles que não têm riqueza estão mais mortos do que vivos. Aqueles que por violência roubam um homem de sua riqueza não matam somente o roubado, mas destroem também sua virtude, lucro e prazer. Alguns homens quando tragados pela pobreza escolhem a morte; outros se mudam de cidades para aldeias, outros se retiram à floresta; enquanto outros, além disso, se tornam mendicantes religiosos para destruir suas vidas. Alguns por causa de riqueza são levados à loucura; outros por riqueza vivem sob submissão a seus inimigos; enquanto muitos outros, também, por riqueza, se dirigem à servidão de outros. A pobreza de um homem é ainda mais angustiante para ele do que a morte, pois riqueza é a única causa de virtude e prazer. A morte natural de uma pessoa não é muito considerada, pois este é o caminho eterno de todas as criaturas. De fato, nenhum entre os seres criados pode transgredi-la. Ó Krishna, um homem que é pobre por nascimento não é tão afligido como alguém que, tendo uma vez possuído grande prosperidade e tendo sido criado no luxo, é privado daquela prosperidade. Tendo por seu próprio erro caído em infortúnio, tal pessoa culpa os próprios deuses com Indra e a si mesma. De fato, o conhecimento até de todas as escrituras fracassa em mitigar suas dores. Às vezes ele se zanga com seus empregados, e às vezes ele nutre malícia até em direção a seus benquerentes. Sujeito à raiva constante, ele perde sua própria razão, e seus sentidos estando nublados, ele pratica maus atos. Por pecaminosidade tal pessoa contribui para uma fusão de castas. Uma fusão de castas leva ao inferno e é a principal de todas as ações pecaminosas. Se ele não for despertado a tempo, ele vai, sem dúvida, ó Krishna, para o inferno, e, de fato, a sabedoria é a única coisa que pode despertá-lo, pois se ele obtiver de volta a visão da sabedoria, ele estará salvo. Quando a sabedoria é recuperada, tal homem dirige sua atenção para as escrituras; e atenção às escrituras auxilia sua virtude. Então a vergonha se torna seu melhor ornamento. Aquele que tem vergonha tem uma aversão contra o pecado, e sua prosperidade também aumenta; e aquele que tem prosperidade realmente se torna um homem. Aquele que é sempre devotado à virtude, e tem sua mente sob controle, e sempre age depois de deliberação nunca se inclina em direção à iniquidade e nunca se engaja em alguma ação que é pecaminosa. Aquele que é sem vergonha e razão não é nem homem nem mulher. Ele é

incapaz de ganhar mérito religioso, e é como um Sudra. Aquele que tem vergonha gratifica os deuses, os Pitris, e até a si mesmo, e por isto ele alcança a emancipação, a qual, de fato, é o maior objetivo de todas as pessoas corretas.

Tu tens, ó matador de Madhu, visto tudo isto em mim com teus próprios olhos. Não é desconhecido para ti como, privados de reino, nós temos vivido esses anos. Nós não podemos abandonar legalmente aquela prosperidade (que era nossa). Nossos primeiros esforços serão de tal maneira, ó Madhava, que nós e os Kauravas, unidos em paz, desfrutemos tranquilamente de nossa prosperidade. Do contrário, depois de matarmos os piores dos Kauravas, nós recuperaremos aquelas províncias, embora êxito através do derramamento de sangue pela destruição mesmo de inimigos desprezíveis que são aparentados conosco tão afetuosamente seja o pior de todos os atos violentos, ó Krishna. Nós temos numerosos parentes, e numerosos também são os veneráveis mais velhos que tomaram este ou aquele outro lado. A matança destes seria muito pecaminosa. Que benefício, portanto, pode haver na batalha? Ai, tais práticas pecaminosas são os deveres da classe Kshatriya! Nós tomamos nossos nascimentos nesta classe desventurada! Se aquelas práticas são pecaminosas ou virtuosas, qualquer outra exceto a profissão de armas seria censurável para nós. Um Sudra serve; um Vaisya vive por meio de comércio; o Brahmana escolheu a tigela de madeira (para mendigar), enquanto nós devemos viver por matança! Um Kshatriya mata um Kshatriya; peixes vivem de peixes; um cachorro se alimenta de um cachorro! Veja, ó tu da linhagem Dasarha, como cada um destes segue sua virtude peculiar. Ó Krishna, Kali está sempre presente em campos de batalha; vidas são perdidas por toda parte. É verdade, força regulada por política é invocada; contudo êxito e derrota são independentes do desejo dos combatentes. As vidas também das criaturas são independentes de seus próprios desejos, e nem bem nem mal podem ser de alguém quando não chegou a hora para isto, ó melhor da linhagem Yadu. Às vezes um homem mata muitos, às vezes muitos e unidos matam um. Um covarde pode matar um herói, e alguém desconhecido à fama pode matar um herói de celebridade. Ambos os partidos não podem obter êxito, nem ambos podem ser derrotados. A perda, no entanto, em ambos os lados pode ser igual. Se alguém foge, perda de vida e fama é dele. Sob todas as circunstâncias, no entanto, a guerra é um pecado. Quem ao atingir outro não é ele mesmo atingido? Com relação à pessoa, no entanto, que é atingida, vitória e derrota, ó Hrishikesa, são o mesmo. É verdade que derrota não é muito diferente de morte, mas a perda também, ó Krishna, daquele que obtém vitória, não é menor. Ele mesmo pode não ser morto, mas seus adversários matarão ao menos alguém que é caro para ele, ou alguns outros e assim o homem, ó senhor, privado de força e não vendo à sua frente seus filhos e irmãos, se torna indiferente, ó Krishna, à própria vida. Aqueles que são calmos, modestos, virtuosos, e compassivos são geralmente mortos em batalha, enquanto aqueles que são pecaminosos escapam. Mesmo depois de matar os inimigos, o arrependimento, ó Janardana, domina o coração. Aquele que sobrevive entre os inimigos causa problemas, pois o sobrevivente, reunindo uma força, busca destruir o vencedor sobrevivente. Na esperança de terminar a disputa, alguém muitas vezes procura exterminar o inimigo. Assim a vitória cria animosidade, e aquele que é derrotado vive em tristeza. Aquele que é pacífico

dorme em felicidade, abandonando todos os pensamentos de vitória e derrota, ao passo que aquele que provocou hostilidade sempre dorme em miséria, de fato, com o coração ansioso, como se dormisse com uma cobra no mesmo quarto. Aquele que extermina raramente ganha renome. Por outro lado, tal pessoa colhe infâmia eterna na avaliação de todos. Hostilidades, mantidas por muito tempo, não cessam; pois se há mesmo alguém vivo na família do inimigo nunca faltam narradores para lembrá-lo do passado. Inimizade, ó Kesava, nunca é neutralizada por inimizade; por outro lado, ela é fomentada por inimizade, como fogo alimentado por manteiga clarificada. Portanto, não pode haver paz sem a aniquilação de um partido, pois falhas podem sempre ser detectadas das quais vantagem pode ser tirada por um lado ou outro. Aqueles que estão engajados em procurar por falhas têm este mau hábito. Confiança na própria destreza perturba o ânimo do coração como uma doença incurável. Sem renunciar àquilo imediatamente, ou morte, não pode haver paz. É verdade, ó matador de Madhu, que exterminar o inimigo pelas próprias bases pode levar a bom resultado na forma de grande prosperidade, contudo tal ato é o mais cruel. A paz que pode ser ocasionada por nossa renúncia ao reino mal é diferente da morte, a qual está implicada pela perda do reino, pelo intento do inimigo e da nossa ruína completa. Nós não desejamos desistir do reino, nem desejamos ver a extinção da nossa linhagem. Sob estas circunstâncias, portanto, a paz que é obtida mesmo por humilhação é a melhor. Quando aqueles que se esforçam pela paz de todas as maneiras, sem naturalmente desejarem a guerra, constatam que a conciliação falhou, a guerra se torna inevitável, e então é o momento para a exibição de bravura. De fato, quando a conciliação fracassa, resultados terríveis se seguem. Os eruditos notam tudo isso em uma peleja canina. Primeiro, vem o abanar de rabos, então o latido, então o latido em resposta, então o andar à roda, então o mostrar dos dentes, então repetidos rugidos, e então finalmente a briga. Em tal peleja, ó Krishna, o cachorro que é mais forte, derrotando seu adversário, ganha a carne do último. O mesmo é exatamente o caso com homens. Não há qualquer diferença. Aqueles que são poderosos devem ser indiferentes para evitar disputas com os fracos que sempre se submetem. O pai, o rei, e aqueles que são veneráveis em idade, sempre merecem respeito. Dhritarashtra, portanto, ó Janardana, é digno do nosso respeito e reverência. Mas, ó Madhava, o afeto de Dhritarashtra por seu filho é grande. Obediente ao seu filho, ele rejeitará nossa submissão. O que tu, ó Krishna, achas melhor neste momento crítico? Como nós podemos, ó Madhava, preservar ambos: nossos interesses e virtude? Quem também, além de ti, ó matador de Madhu, e principal dos homens, nós consultaremos nesse caso difícil? Que outro amigo nós temos, ó Krishna, que como tu seja tão querido para nós, que procure nosso bem-estar dessa maneira, que seja tão familiarizado com o andamento de todas as ações, e que seja tão conhecedor da verdade?'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, Janardana respondeu para Yudhishthira o justo, dizendo, 'Eu irei à corte dos Kurus por causa de ambos vocês. Se sem sacrificar teus interesses eu puder obter paz, ó rei, uma ação de grande mérito religioso será minha, produtiva de grandes frutos. Eu então também

salvarei das malhas da morte os Kurus e os Srinjayas inflamados com cólera, os Pandavas e os Dhritarashtras, e, realmente, esta terra inteira.'

"Yudhishthira disse, 'Não é meu desejo, ó Krishna, que tu vás aos Kurus, pois Suyodhana nunca agirá de acordo com tuas palavras, mesmo se tu o aconselhares bem. Todos os Kshatriyas do mundo obedientes ao comando de Duryodhana estão reunidos lá. Eu não quero que tu, ó Krishna, procedas para seu meio. Se alguma injúria for feita para ti, ó Madhava, sem falar de felicidade; nada, nem divindade, nem mesmo a soberania sobre todos os deuses, nos alegrará.'

"O santo disse, 'Eu conheço, ó monarca, a pecaminosidade do filho de Dhritarashtra, mas por irmos lá nós escaparemos da crítica de todos os reis da terra. Como outros animais à frente do leão, todos os reis da terra reunidos não são competentes para permanecerem calmos diante de mim em batalha quando eu estou enfurecido. Se, afinal, eles me fizerem alguma injúria, então eu destruirei todos os Kurus. Esta mesma é minha intenção. Minha ida para lá, ó Partha, não será inútil, pois se nosso objetivo não for realizado, nós pelo menos escaparemos de toda crítica.'

"Yudhishthira disse, 'Faça, ó Krishna, como te agradar. Abençoado sejas tu, vá então aos Kurus. Eu espero te ver retornar bem sucedido e próspero. Indo aos Kurus, ó senhor, faça as pazes de maneira que todos os filhos de Bharata possam viver juntos com corações alegres e contentes. Tu és nosso irmão e amigo, querido para mim tanto quanto para Vibhatsu. Tal tem sido nossa intimidade contigo que nós não receamos negligência de nossos interesses de ti. Vá lá para o nosso bem. Tu nos conheces, tu conheces nossos antagonistas, tu sabes quais são nossos propósitos, e tu sabes também o que dizer. Tu dirás, ó Krishna, para Suyodhana tais palavras que sejam para nosso benefício. Se a paz é para ser estabelecida por (aparente) pecado ou por quaisquer outros meios, ó Kesava, fale palavras que demonstrem ser benéficas para nós.'"

73

"O santo disse, 'Eu ouvi as palavras de Sanjaya e agora eu ouvi as tuas. Eu sei tudo acerca dos propósitos dele como também dos teus. Teu coração se inclina para a retidão, ao passo que a tendência deles é em direção à inimizade. Aquilo que é obtido sem guerra é de grande valia para ti. Uma longa vida Brahmacharya não é, ó senhor da terra, o dever de um Kshatriya. De fato, homens de todas as quatro classes dizem que um Kshatriya nunca deve subsistir de esmolas; vitória ou morte em batalha foram eternamente ordenadas pelo Criador; este mesmo é o dever de um Kshatriya. Covardia não é aprovada (em um Kshatriya). Subsistência, ó Yudhishthira, não é possível por covardia, ó tu de braços poderosos. Mostre tua bravura, e vença, ó castigador de inimigos, teus inimigos. O cobiçoso filho de Dhritarashtra, ó castigador de inimigos, vivendo por um longo tempo (com muitos reis) por afeição e amizade se tornou muito poderoso. Portanto, ó rei, não há esperança dele fazer as pazes contigo. Eles se consideram fortes, tendo Bhishma

e Drona e Kripa e outros com eles. Enquanto tu, ó rei, ó opressor de inimigos, te comportares brandamente com eles, eles reterão o teu reino. Nem por compaixão, nem por brandura, nem por um sentimento de justiça os filhos de Dhritarashtra, ó castigador de inimigos, realizarão teus desejos. Esta, ó filho de Pandu, é outra prova de que eles não farão as pazes contigo: tendo te afligido tão profundamente por te fazerem vestir um Kaupina eles não foram aguilhoados pelo remorso. Na própria vista do Avô (Bhishma) e de Drona e do sábio Vidura, de muitos Brahmanas santos, do rei, dos cidadãos, e de todos os principais Kauravas, o cruel Duryodhana, te derrotando fraudulentamente no jogo de dados, a ti que és caridoso, amável, autocontrolado, virtuoso, e de votos rígidos, não estava, ó rei, envergonhado de sua ação vil. Ó monarca, não mostre qualquer compaixão por aquele canalha de semelhante disposição. Eles merecem a morte nas mãos de todos, quão mais então de ti, ó Bharata? Ó Bharata, com que discursos impróprios Duryodhana com seus irmãos, cheio de alegria e se gabando muito, te afligiu com teus irmãos! Ele disse, 'Os Pandavas agora não têm nada deles nesta terra extensa. Seu próprio nome e linhagem estão extintos. Com o Tempo, que é sem fim, a derrota será deles. Todas as suas virtudes tendo imergido em mim, eles agora serão reduzidos aos cinco elementos.' Enquanto a partida de dados estava em progresso, o patife Dussasana de alma mais pecaminosa, agarrando a dama lamentosa pelo cabelo arrastou a princesa Draupadi, como se ela não tivesse protetores, para a assembléia de reis, e na presença de Bhishma e Drona e outros, repetidamente a chamou de ‘Vaca! Vaca!’ Reprimidos por ti, teus irmãos de bravura terrível, atados também pelos laços da virtude, não fizeram nada para vingar isto; e depois que tu foste exilado para as florestas, Duryodhana tendo proferido tais e outras palavras cruéis contou vantagem em meio aos seus parentes. Sabendo que tu eras inocente, aqueles que estavam reunidos sentaram silenciosos na casa de assembléia, lamentando com voz sufocada. Os reis reunidos com os Brahmanas não o elogiaram por isto. De fato, todos os cortesãos presentes lá o criticaram. Para um homem de descendência nobre, ó opressor de inimigos, a crítica é a morte. A morte é até muitas vezes melhor do que uma vida de censura. Exatamente então, ó rei, ele morreu, quando ao ser censurado por todos os reis da terra ele não sentiu vergonha! Aquele cujo caráter é tão abominável pode ser facilmente destruído assim como uma árvore arrancada permanecendo ereta sobre uma única raiz fraca. O pecaminoso Duryodhana de mente má merece a morte nas mãos de todos, assim como uma serpente. Mate-o, portanto, ó matador de inimigos, e não hesite de modo algum. Isto cabe a ti, ó impecável, e eu gosto disto também, que tu prestes homenagem para teu pai Dhritarashtra e também para Bhishma. Indo para lá eu removerei as dúvidas de todos os homens que ainda estão indecisos quanto à maldade de Duryodhana. Lá na presença de todos os reis eu enumerarei todas aquelas tuas virtudes que não são encontradas em todos os homens, como também todos os maus hábitos de Duryodhana. E me ouvindo falar palavras benéficas, repletas de virtude e lucro, os soberanos de vários reinos te considerarão como possuidor de uma alma virtuosa, e como um falador da verdade, enquanto ao mesmo tempo, eles entenderão como Duryodhana é influenciado pela avareza. Eu também falarei da maldade de Duryodhana diante dos cidadãos e dos habitantes do país, diante de jovens e velhos, de todas as quatro classes que estarão reunidas lá. E como tu pedes paz

ninguém te acusará de pecaminoso, enquanto todos os chefes da terra criticarão os Kurus e Dhritarashtra; e quando Duryodhana for morto por ser abandonado por todos os homens, não restará nada a fazer. Faça então o que deve ser feito agora. Indo até os Kurus, eu me esforçarei para fazer as pazes sem sacrificar teus interesses, e notando a inclinação deles para a guerra e todos os seus procedimentos, eu logo voltarei, ó Bharata, para a tua vitória. Eu penso que a guerra com o inimigo é indubitável. Todos os presságios que são perceptíveis por mim apontam para isso. Aves e animais dão guinchos terríveis e uivam na aproximação do crepúsculo. Os principais dos elefantes e corcéis assumem formas horríveis; o próprio fogo exibe diversas espécies de cores terríveis! Este nunca seria o caso exceto pelo fato da própria Devastação destruidora do mundo estar chegando em nosso meio! Aprontando suas armas, máquinas, cotas de malha, e carros, elefantes, e corcéis, que todos os teus guerreiros fiquem preparados para a batalha, e que eles cuidem de seus elefantes e cavalos e carros. E, ó rei, reúna tudo o que tu precisas para a guerra iminente. Enquanto ele viver, Duryodhana não será capaz, de nenhuma maneira, de devolver para ti, ó rei, aquele teu reino que, cheio de prosperidade, foi anteriormente obtido por ele por meio dos dados!'"

74

"Bhima disse, 'Fale, ó matador de Madhu, de tal maneira que possa haver paz com os Kurus. Não os ameace com guerra. Se ofendendo com tudo, com sua cólera sempre excitada, hostil ao seu próprio bem e arrogante, Duryodhana não deve ser endereçado de forma rude. Comporte-te em direção a ele com suavidade. Duryodhana é pecaminoso por natureza de coração semelhante ao de um ladrão, embriagado com o orgulho de prosperidade, hostil aos Pandavas, sem previdência, cruel em palavras, sempre disposto a censurar outros, de bravura perversa, de cólera que não é facilmente apaziguada, não suscetível de ser ensinado, de alma má, enganador em comportamento, capaz de desistir da sua própria vida em vez de ceder ou abandonar sua própria opinião. Paz com tal pessoa, ó Krishna, é, eu suponho, muito difícil. Sem respeito pelas palavras até de seus simpatizantes, desprovido de virtude, amando a falsidade, ele sempre age contra as palavras de seus conselheiros e fere seus corações. Como uma serpente escondida dentro de juncos, ele naturalmente comete ações pecaminosas, dependendo da sua própria disposição perversa, e obediente ao impulso da ira. Que exército Duryodhana tem, qual é sua conduta, qual é sua natureza, seu poder, e sua destreza, são todos bem conhecidos por ti. Antes disto, os Kauravas com seu filho passavam seus dias em alegria, e nós também com nossos amigos nos regozijávamos como o irmão mais novo de Indra com o próprio Indra. Ai, por causa da cólera de Duryodhana, ó matador de Madhu, os Bharatas serão todos consumidos, assim como florestas pelo fogo no fim das estações úmidas, e, ó matador de Madhu, são bem conhecidos aqueles dezoito reis que aniquilaram seus amigos e parentes. Assim como, quando Dharma se tornou extinto, Kali nasceu na raça de Asuras florescentes com prosperidade e resplandecentes com energia, assim nasceu Udavarta entre os Haihayas,

Janamejaya entre os Nepas, Vahula entre os Talajanghas, o orgulhoso Vasu entre os Krimis, Ajavindu entre os Suviras, Rushardhik entre os Surashtras, Arkaja entre os Valihas, Dhautamulaka entre os Chinas, Hayagriva entre os Videhas, Varayu entre os Mahaujasas, Vahu entre os Sundaras, Pururavas entre os Diptakshas, Sahaja entre os Chedis e Matsyas, Vrishaddhaja entre os Praviras, Dharana entre os Chandra-batsyas, Bigahana entre os Mukutas e Sama entre os Nandivegas. Estes indivíduos vis, ó Krishna, nascem no fim de cada Yuga, em suas respectivas raças, para a destruição de seus parentes. Assim Duryodhana, a própria encarnação do pecado e a ignomínia de sua família, nasceu, no fim do Yuga, entre nós os Kurus. Portanto, ó tu de bravra feroz, tu deves te dirigir a ele lentamente e brandamente, não em palavras amargas, mas em palavras gentis repletas de virtude e lucro, e discursar completamente sobre o assunto de maneira a atrair seu coração. Todos nós, ó Krishna, preferiríamos em humilhação seguir Duryodhana submissamente, mas, oh, não deixe os Bharatas serem aniquilados. Ó Vasudeva, aja de tal maneira que nós possamos antes viver como estranhos para os Kurus do que incorrer no pecado de ocasionar a destruição da linhagem inteira que deve atingi-los. Ó Krishna, que o avô idoso e os outros conselheiros dos Kurus sejam pedidos para provocar sentimentos fraternos entre irmãos e acalmar o filho de Dhritarashtra. Isto mesmo é o que eu digo. O rei Yudhishthira também aprova isto, e Arjuna também é contrário à guerra, pois há grande compaixão nele.'"

75

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras de Bhima, que eram repletas de tal brandura e que eram tão inesperadas como se as colinas tivessem perdido seu peso e o fogo tivesse se tornado frio, o irmão mais novo de Rama, Kesava da linhagem Sura e braços poderosos, manejando o arco chamado Saranga, riu alto, e como se para estimular Bhima com suas palavras, como a brisa abanando um fogo, se dirigiu a ele que estava então dominado dessa maneira pelo impulso de bondade, dizendo, 'Em outros tempos, ó Bhimasena, tu aprovavas somente a guerra, desejoso de oprimir os filhos pecaminosos de Dhritarashtra que se deleitam com a destruição de outros. Ó castigador de inimigos, tu não dormias mas ficavas desperto a noite inteira, sentado com o rosto para baixo. Tu proferias frequentemente exclamações terríveis de cólera, indicativas da tempestade dentro do teu coração. Inflamado com o fogo da tua própria fúria, tu suspiravas, ó Bhima, com o coração inquieto, como uma chama de fogo misturada com fumaça. Te afastando de companhia tu te deitavas dando suspiros ansiosos, como um homem fraco oprimido por uma carga pesada. Aqueles que não sabem a causa te consideram como louco. Como um elefante quebrando em fragmentos árvores arrancadas colocadas sobre o solo grunhe com raiva enquanto as pisoteia, assim tu também, ó Bhima, prosseguias, dando suspiros profundos e sacudindo a terra sob o passo. Aqui nesta região tu não tens alegria em companhia mas passas teu tempo em privacidade. Noite ou dia, nada te agrada tanto quanto reclusão. Sentando à parte tu às vezes dás risadas altas de repente, e às vezes colocando

tua cabeça entre teus dois joelhos, tu continuas naquela postura por muito tempo com olhos fechados. Em outras ocasiões, ó Bhima, contraindo tuas sobrancelhas frequentemente e mordendo teus lábios, tu olhas ferozmente à tua frente. Tudo isto é indicativo de ira. Uma vez tu tinhas, no meio dos teus irmãos, agarrado a maça, proferindo este juramento, 'Como o sol é visto se erguendo no leste expondo seu brilho, e como ele realmente se põe no oeste viajando em volta de Meru, assim eu juro que eu sem dúvida matarei o insolente Duryodhana com esta minha maça, e este meu juramento nunca será falso.' Como então aquele teu mesmo coração, ó castigador de inimigos, agora segue os conselhos de paz? Ai, quando o medo entra no teu coração, ó Bhima, é certo que os corações de todos os que desejam guerra estão perturbados porque a guerra se torna realmente iminente. Dormindo ou acordado, tu vês, ó filho de Pritha, presságios inauspiciosos. Talvez é por isto que tu desejas paz. Ai, como um eunuco, tu não mostras qualquer sinal da tua virilidade em ti. Tu estás dominado pelo pânico, e é por isso que teu coração está perturbado. Teu coração treme, tua mente está dominada pelo desespero, tuas coxas tremem, e é por isso que tu desejas paz. Os corações dos mortais, ó Partha, são sem dúvida tão inconstantes como as vagens da semente Salmali expostas à força do vento. Esta tua disposição de ânimo é tão estranha como fala articulada em gados. De fato, os corações dos teus irmãos estão prestes a afundar em um oceano de desespero, como nadadores no mar sem uma balsa para resgatá-los. Que tu, ó Bhimasena, profiras palavras tão inesperadas de ti é tão estranho quanto o deslocamento de uma colina. Lembrando-te dos teus próprios feitos e da família também na qual tu és nascido, levante, ó Bharata, não ceda à aflição, ó herói, e seja firme. Tal langor, ó repressor de inimigos, não é digno de ti, pois um Kshatriya nunca desfruta daquilo que ele não adquiriu por meio de bravura.'"

76

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçado por Vasudeva, o sempre colérico Bhima, incapaz de tolerar insultos, foi imediatamente incitado como um corcel de grande vigor, e respondeu sem perder um momento, dizendo, 'Ó Achyuta, eu desejo agir de um modo específico; tu, no entanto, me compreendeste de um ponto de vista completamente diferente. Que eu tenho grande prazer na guerra e que minha bravura é incapaz de ser frustrada deve, ó Krishna, ser bem conhecido por ti por nós termos vivido juntos por um longo tempo. Ou pode ser que tu não me conheças, como alguém nadando em um lago ignorante de sua profundidade. É por isto que tu me admoestas com tais palavras inapropriadas. Quem mais, ó Madhava, sabendo que eu sou Bhimasena, poderia se dirigir a mim com tais palavras inapropriadas como tu fizeste? Portanto, eu te falarei, ó encantador dos Vrishnis, acerca da minha própria destreza e poder incomparáveis. Embora falar da própria destreza seja sempre uma ação ignóbil, contudo, perfurado como eu estou por tuas críticas descorteses, eu falarei da minha própria força. Veja, ó Krishna, estes: o firmamento e a terra, os quais são imóveis, imensos, e infinitos, e que são o refúgio de, e nos quais nascem essas criaturas inumeráveis. Se por

raiva eles colidissem de repente como duas colinas, somente eu, com meus braços, poderia mantê-los separados com todos os seus objetos móveis e imóveis. Veja as juntas destes meus braços semelhantes a maças. Eu não encontro a pessoa que possa se soltar tendo uma vez entrado dentro do seu alcance. O Himavat, o oceano, o próprio poderoso manejador do raio, isto é, o matador de Vala, mesmo estes três não podem, com todo seu poder, soltar a pessoa atacada por mim. Eu facilmente calcarei sobre o chão sob meus pés todos os Kshatriyas que virão lutar contra os Pandavas. Não é sabido por ti, ó Achyuta, com que bravura eu derrotei os reis da terra e os trouxe sob submissão? Se, de fato, tu realmente não conheces minha bravura que é como a energia feroz do sol do meio-dia então tu irás conhecê-la, ó Janardana, na escaramuça violenta da batalha. Tu me feriste com tuas palavras cruéis, me atormentando com a dor da abertura de um tumor fétido. Mas saiba que eu sou mais poderoso do que o que eu disse de mim mesmo por minha própria vontade. Naquele dia, quando a devastação violenta e destrutiva da batalha começar, tu então me verás lançando por terra elefantes e combatentes, guerreiros em carros, em corcéis e aqueles em elefantes, e matando com raiva os principais dos guerreiros Kshatriya. Tu, assim como outros, me verás fazer tudo isso e oprimir os principais dos combatentes. A medula dos meus ossos ainda não se enfraqueceu, nem meu coração treme. Se o mundo inteiro avançar contra mim em cólera, eu ainda assim não sentirei a influência do medo. É somente por compaixão, ó matador de Madhu, que eu sou a favor de mostrar boa vontade para o inimigo. Eu estou suportando demasiado calmamente todas as nossas injúrias para que a linhagem Bharata não seja extirpada.'"

77

"O santo disse, 'Foi somente por afeição que eu te disse tudo isso, desejando conhecer tua disposição, e não pelo desejo de te repreender, nem por orgulho de erudição, nem por raiva, nem pelo desejo de fazer um discurso. Eu conheço tua magnanimidade de alma, e também tua força, e teus feitos. Não foi por esta razão que eu te repreendi. Ó filho de Pandu, mil vezes maior será o benefício conferido por ti à causa dos Pandavas do que aquele o qual tu achas que és capaz de conferir a ela. Tu, ó Bhima, com teus parentes e amigos, és exatamente o que deve ser alguém que tomou seu nascimento em uma família como a tua, que é respeitada por todos os reis da terra. O fato, no entanto, é que nunca podem chegar à verdade aqueles que, sob a influência da dúvida, passam a perguntar sobre as consequências futuras de virtude e vício, ou sobre a força e fraqueza de homens. Por isso é visto que o que é a causa do êxito do objetivo de uma pessoa se torna também a causa de sua ruína. Atos humanos, portanto, são duvidosos em suas consequências. Homens eruditos, capazes de julgar os males das ações decretam um curso de ação específico como digno de ser seguido. Isto produz, no entanto, consequências, o completo oposto do que estava previsto, muito semelhante à direção do vento. De fato, até aquelas ações de homens que são os resultados de deliberação e política bem direcionada, e que são compatíveis com considerações de retidão, são frustradas pelas dispensações da Providência.

Então, além disso, dispensações Providenciais, tais como calor e frio e chuva e fome e sede, que não são as consequências de ações humanas, podem ser frustradas por esforço humano. Então também, além daquelas ações as quais uma pessoa está preordenada a praticar (como o resultado das ações de vidas passadas), uma pessoa pode sempre se livrar de todas as outras ações começadas por sua vontade, como é testificado pelos Smritis e os Srutis. Portanto, ó filho de Pandu, uma pessoa não pode continuar no mundo sem agir. Ela deve, por essa razão, se dedicar ao trabalho sabendo que seu propósito será alcançado por uma combinação de Destino e Esforço. Aquele que se engaja em ações sob esta convicção nunca é atormentado pelo fracasso, nem encantado pelo sucesso. Este, ó Bhimasena, foi o significado pretendido das minhas palavras. Não foi planejado por mim que a vitória seria certa em um confronto com o inimigo. Uma pessoa, quando sua mente está perturbada não deve perder sua alegria e não deve se entregar nem ao langor nem à depressão. É por isso que eu falei para ti da maneira que eu fiz. Quando vier o dia seguinte, ó Pandava, eu irei à presença de Dhritarashtra. Eu me esforçarei para fazer as pazes sem sacrificar seus interesses. Se os Kauravas fizerem as pazes, então fama ilimitada será minha. Seus propósitos estarão alcançados, e eles também colherão grande benefício. Se, no entanto, os Kauravas, sem escutarem às minhas palavras, decidirem manter sua opinião, então sem dúvida haverá uma guerra formidável. Nessa guerra a responsabilidade se apóia sobre ti, ó Bhimasena. Aquela responsabilidade deve também ser levada por Arjuna, enquanto outros guerreiros devem ser todos liderados por vocês dois. No caso de a guerra acontecer, eu sem dúvida serei o motorista do carro de Vibhatsu, pois esse, de fato, é o desejo de Dhananjaya e não que eu mesmo não esteja desejoso de lutar. É por isto que, te ouvindo proferir tua intenção, eu reacendi aquela tua energia, ó Vrikodara.'"

78

"Arjuna disse, 'Ó Janardana, Yudhishthira já disse o que deve ser dito. Mas, ó castigador de inimigos, ouvindo o que tu disseste, me parece que tu, ó senhor, não pensas que a paz é facilmente obtenível ou por causa da cobiça de Dhritarashtra ou de nossa fraqueza atual. Tu pensas também que destreza humana só é inútil, e também que sem empregar destreza os propósitos de alguém não podem ser realizados. O que tu disseste pode ser verdade, mas ao mesmo tempo isto não pode ser sempre verdade. Nada, no entanto, deve ser considerado como impraticável. Isto é verdade, a paz te parece ser impossível por nossa condição aflitiva, contudo eles ainda estão agindo contra nós sem colher os frutos de suas ações. Paz, portanto, se devidamente proposta, ó senhor, pode ser firmada. Ó Krishna, esforce-te, portanto, para fazer as pazes com o inimigo. Tu, ó herói, és o principal de todos os amigos dos Pandavas e dos Kurus, assim como Prajapati é dos deuses e dos Asuras. Realize, portanto, aquilo que é para o bem dos Kurus e dos Pandavas. A realização do nosso bem não é, eu creio, difícil para ti. Se tu te esforçares, ó Janardana, de tal maneira é esta ação que ela estará logo efetuada. Logo que tu fores para lá, isto estará realizado. Se, ó herói, tu

tencionares tratar Duryodhana de mente má de alguma outra maneira, aquele teu propósito será realizado exatamente como tu desejas. Se é paz ou guerra com o inimigo que tu desejas, qualquer desejo, ó Krishna, que tu possas nutrir, certamente será respeitado por nós. Duryodhana mente má com seus filhos e parentes não merece a destruição quando, incapaz de suportar a visão da prosperidade de Yudhishthira e não encontrando um meio impecável, aquele canalha, ó matador de Madhu, nos despojou do nosso reino pelo pecaminoso expediente dos dados enganosos? Que arqueiro há, que, nascido na classe Kshatriya e convidado para o combate se desviaria da luta mesmo que ele esteja certo de morrer? Nos vendo derrotados por meios pecaminosos e banidos para as florestas, exatamente então, ó tu da tribo Vrishni, eu pensei que Suyodhana merecia a morte nas minhas mãos. O que tu, no entanto, ó Krishna, desejas fazer por teus amigos mal é incomum, embora pareça inexplicável como o objetivo em vista é capaz de ser efetuado por suavidade ou seu contrário. Ou, se tu consideras preferível a destruição imediata deles, que isto seja efetuado logo sem mais deliberação. Certamente, tu sabes como Draupadi foi insultada no meio da assembléia por Duryodhana de alma pecaminosa e como também nós suportamos isto com paciência. Que Duryodhana, ó Madhava, se comportará com justiça em direção aos Pandavas é o que eu não posso crer. Conselhos sábios estarão perdidos nele como semente semeada em uma terra estéril. Portanto, faça sem demora o que tu, ó tu da linhagem Vrishni, pensas ser apropriado e benéfico para os Pandavas, ou o que, de fato, deve ser feito em seguida.'"

79

"O santo disse, 'Será, ó tu de armas poderosas, o que tu, ó Pandava, disseste. Eu me esforçarei para causar aquilo que será benéfico para os Pandavas e os Kurus. Entre os dois tipos de ações, guerra e paz, a última, ó Vibhatsu, está talvez dentro do meu poder. Veja, o solo é umedecido e privado de ervas daninhas por esforço humano. Sem chuva, no entanto, ó filho de Kunti, ele nunca produz colheitas. De fato, na ausência de chuva alguns falam de irrigação artificial como os meios de sucesso devido ao esforço humano, mas mesmo então pode ser visto que a água artificialmente introduzida é secada por seca providencial. Vendo tudo isto, os homens sábios de antigamente disseram que os assuntos humanos são colocados em andamento pela cooperação de expedientes providenciais e humanos. Eu farei tudo o que puder ser feito por esforço humano da melhor maneira. Mas eu não serei, de nenhuma maneira, capaz de controlar o que é providencial. Duryodhana de mente má age desprezando ambos: virtude e o mundo. Nem ele sente algum remorso por agir dessa maneira. Além do mais, suas tendências pecaminosas são alimentadas por seus conselheiros Sakuni e Karna e seu irmão Dussasana. Suyodhana nunca fará as pazes por desistir do reino, sem, ó Partha, sofrer em nossas mãos uma destruição indiscriminada com seus parentes. O rei Yudhishthira o justo não deseja desistir do reino submissamente. Duryodhana de mente má também, por nossa solicitação, não entregará o reino. Eu, portanto, acho que mal é apropriado entregar a mensagem de Yudhishthira

para ele. O pecaminoso Duryodhana da família de Kuru não realizará, ó Bharata, os objetivos citados por Yudhishthira. Se ele recusar complacência, ele merecerá a morte nas mãos de todos. De fato, ele merece a morte nas minhas mãos, como também, ó Bharata, de todos já que em sua infância ele sempre perseguia vocês todos, e já que aquele patife perverso e pecaminoso roubou de vocês seu reino e não podia aguentar a visão da prosperidade de Yudhishthira. Muitas vezes, ó Partha, ele se esforçou para me afastar de ti, mas eu nunca considerei aquelas más tentativas dele. Tu sabes, ó tu de armas poderosas, quais são as intenções nutridas por Duryodhana, e tu sabes também que eu procuro o bem-estar do rei Yudhishthira o justo. Conhecendo, portanto, o coração de Duryodhana e quais são meus maiores desejos, por que então tu, ó Arjuna, nutres tais apreensões em relação a mim como alguém não familiarizado com tudo? Aquele ato importante também o qual foi ordenado no céu é conhecido por ti. Como então, ó Partha, a paz pode ser firmada com o inimigo? O que, no entanto, ó Pandavas, puder ser feito ou por palavras ou ação, será tudo feito por mim. Não espere, no entanto, ó Partha, que a paz seja possível com o inimigo. Cerca de um ano atrás, na ocasião de atacar o gado de Virata, Bhishma, no seu caminho de volta, não solicitou Duryodhana acerca desta mesma paz tão benéfica para todos? Acredite em mim, eles foram derrotados naquele tempo quando sua derrota foi resolvida por ti. De fato, Suyodhana não concorda em ceder a menor parte do reino nem pelo mais curto período de tempo. Com relação a mim, eu sou sempre obediente às ordens de Yudhishthira, e, portanto, as ações pecaminosas daquele canalha perverso devem ser novamente ponderadas em minha mente!'"

80

"Nakula disse, 'Muito foi dito, ó Madhava, pelo rei Yudhishthira o justo que é familiarizado com a moralidade e dotado de generosidade, e tu ouviste o que foi dito por Falguni também. Com relação à minha própria opinião, ó herói, tu repetidamente a expressaste. Ouvindo primeiro quais são os desejos do inimigo e desconsiderando todos, faça o que tu considerares apropriado para a ocasião. Ó Kesava, diversas são as conclusões chegadas com relação a diversas questões. Êxito, no entanto, ó castigador de inimigos, é obtido quando um homem faz aquilo que deve ser feito em vista da ocasião. Quando uma coisa é decidida de uma maneira em uma ocasião, isto se torna inadequado quando a ocasião se torna diferente. As pessoas, portanto, neste mundo, ó principal dos homens, não podem manter a mesma opinião em todas as ocasiões. Enquanto nós estávamos vivendo nas florestas, nossos corações estavam inclinados para um rumo de ação específico. Enquanto nós estávamos passando o período escondidos, nossos desejos eram de um tipo, e agora, no tempo presente, ó Krishna, quando se esconder não é mais necessário, nossos desejos se tornaram diferentes. Ó tu da tribo Vrishni, enquanto nós vagávamos nas florestas, a atração pelo reino não era tão grande como agora. O período do nosso exílio tendo acabado, saiba, ó herói, que nós tendo retornado, um exército numerando sete Akshauhinis completos, por tua graça, ó Janardana, foi reunido. Contemplando estes tigres entre homens, de

força e coragem inconcebíveis, permanecendo equipados para a batalha armados com armas, que homem há que não seria tomado pelo medo? Portanto indo para o meio dos Kurus, fale primeiro palavras repletas de brandura e então aquelas repletas de ameaças, para que o pecaminoso Suyodhana possa ser agitado pelo medo. Que homem mortal, de carne e sangue, enfrentaria em batalha Yudhishthira e Bhimasena, os invencíveis Vibhatsu e Sahadeva, eu mesmo, tu mesmo e Rama, ó Kesava, e Satyaki de energia poderosa, Virata com seus filhos, Drupada com seus aliados, e Dhrishtadyumna, ó Madhava, e o soberano de Kasi de grande destreza e Dhrishtaketu o senhor dos Chedis? Tão logo tu fores para lá então tu realizarás, sem dúvida, ó tu de braços fortes, o objetivo desejado do rei Yudhishthira o justo. Vidura, e Bhishma e Drona e Vahlika, estes talentos, ó impecável, te compreenderão quando tu proferires palavras de sabedoria. Eles pedirão àqueles soberanos de homens, Dhritarashtra e Suyodhana de disposição pecaminosa, com seus conselheiros, para agirem de acordo com o conselho. Quando tu, ó Janardana, és o orador e Vidura o ouvinte, que assunto há que não possa ser tornado agradável e claro?'"

81

"Sahadeva disse, 'O que foi dito pelo rei é, de fato, virtude eterna, mas tu, ó castigador de inimigos, deves agir de tal maneira que a guerra possa acontecer sem dúvida. Mesmo se os Kauravas expressarem seu desejo de paz com os Pandavas, ainda assim, ó tu da tribo de Dasarha, provoque uma guerra com eles. Tendo visto, ó Krishna, a princesa de Panchala levada naquela situação para o meio da assembléia, como minha raiva pode ser apaziguada sem a morte de Suyodhana? Se, ó Krishna, Bhima e Arjuna e o rei Yudhishthira o justo estão dispostos a serem virtuosos, abandonando a virtude eu desejo um confronto com Duryodhana em batalha.'

"Satyaki disse, 'Sahadeva de grande alma, ó tu de armas poderosas, falou a verdade. A raiva que eu sinto por Duryodhana pode ser apaziguada somente por sua morte. Tu não te lembras da raiva que tu também sentiste ao veres nas florestas os Pandavas afligidos vestidos em trapos e camurças? Portanto, ó principal dos homens, todos os guerreiros reunidos aqui concordam unanimemente com o que o filho heróico de Madri, feroz em batalha, disse!'

"Vaisampayana continuou, 'A estas palavras de Yuyudhana de grande alma, um rugido leonino foi dado por todos os guerreiros reunidos lá. E todos os heróis, aplaudindo muito aquelas palavras de Satyaki, o elogiaram, dizendo, 'Excelente! Excelente!' E ansiosos para lutar, eles todos começaram a expressar sua alegria.'"

82

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo as palavras pacíficas do rei que eram repletas de virtude e lucro, a filha do rei Drupada, Krishna, de longos cabelos negros,

atormentada com grande angústia, aplaudindo Sahadeva e aquele poderoso guerreiro em carro Satyaki, se dirigiu a Madhava sentado ao seu lado. E vendo Bhimasena se declarar em favor da paz, aquela dama inteligente, dominada pela dor e com olhos banhados em lágrimas, disse, 'Ó matador de Madhu, é sabido por ti, ó tu de braços fortes, por quais meios fraudulentos, ó justo, o filho de Dhritarashtra com seus conselheiros roubou dos Pandavas, ó Janardana, sua felicidade. Tu sabes também, ó tu da tribo de Dasarha, que mensagem foi entregue privadamente para Sanjaya pelo rei. Tu também ouviste tudo o que foi dito para Sanjaya. Ó tu de grande esplendor, aquelas palavras foram estas mesmas, 'Que somente cinco aldeias sejam concedidas para nós, isto é, Avishthala, e Vrikasthala, e Makandi, e Varanavata, e como a quinta, qualquer outra.' Ó tu de braços poderosos, ó Kesava, esta mesma era a mensagem que era para ser entregue para Duryodhana e seus conselheiros. Mas, ó Krishna, ó tu da raça de Dasarha, ouvindo aquelas palavras de Yudhishthira, dotado de modéstia e ansioso pela paz, Suyodhana não agiu de acordo com elas. Se, ó Krishna, Suyodhana deseja fazer as pazes sem entregar o reino, não há necessidade de ir lá para fazer semelhante paz. Os Pandavas com os Srinjayas, ó tu de armas poderosas, são bastante capazes de resistir à feroz hoste Dhritarashtra inflamada com fúria. Quando eles não são mais sensíveis a estas artes de conciliação, não é apropriado, ó matador de Madhu, que tu lhes mostre piedade. Aqueles inimigos, ó Krishna, com quem a paz não pode ser estabelecida por conciliação ou presentes devem ser tratados com severidade por alguém desejoso de salvar sua vida. Portanto, ó Achyuta de braços fortes, pesado deve ser o castigo que merece ser rapidamente infligido a eles por ti ajudado pelos Pandavas e os Srinjayas. De fato, isto mesmo ficaria bem para o filho de Pritha, e contribuiria para tua glória, e se realizado, ó Krishna, será uma fonte de grande felicidade para toda a classe Kshatriya. Aquele que é cobiçoso, se pertencente à classe Kshatriya ou alguma outra, salvo é claro um Brahmana, mesmo se mais pecaminoso, deve sem dúvida ser morto por um Kshatriya que é fiel aos deveres da sua própria classe. A exceção no caso de um Brahmana, ó senhor, é devido ao Brahmana ser o preceptor de todas as outras classes, como também o primeiro repartidor de tudo. Pessoas conhecedoras das escrituras declaram, ó Janardana, que se incorre em pecado por matar alguém que não merece ser morto. Assim há igual pecado em não matar alguém que merece ser morto. Aja, portanto, ó Krishna, de tal maneira com as forças armadas dos Pandavas e dos Srinjayas, que o pecado não possa te tocar. Por excesso de confiança em ti, ó Janardana, eu repetirei o que foi dito repetidas vezes. Que mulher semelhante a mim, ó Kesava, existe sobre a terra? Eu sou a filha do rei Drupada, surgida do altar sacrifical. Eu sou a irmã de Dhrishtadyumna, tua amiga querida, ó Krishna. Eu por casamento me tornei uma senhora da linhagem de Ajamida, a nora do ilustre Pandu. Eu sou a rainha dos filhos de Pandu, que parecem com cinco Indras em esplendor. Eu tenho, com estes cinco heróis, cinco filhos que são todos poderosos guerreiros em carros, e que são moralmente vinculados a ti, ó Krishna, como o próprio Abhimanyu. Sendo de tal maneira, ó Krishna, eu fui agarrada pelos cabelos, arrastada para a assembléia e insultada na própria vista dos filhos de Pandu e no teu tempo de vida. Ó Kesava, os filhos de Pandu, os Panchalas, e os Vrishnis estando todos vivos, exposta ao olhar da assembléia eu fui tratada como uma escrava por

aqueles desgraçados pecaminosos. E quando os Pandavas vendo isso tudo ficaram silenciosos sem cederem à cólera, em meu coração eu te chamei, ó Govinda, dizendo, ‘Salve-me! Ó, salve-me!’ Então o rei ilustre Dhritarashtra, meu sogro, disse a mim, 'Peça algum benefício, ó princesa de Panchala. Tu mereces benefícios e até honra das minhas mãos.' Assim endereçada eu disse, 'Que os Pandavas sejam homens livres com seus carros e armas.' Após isto os Pandavas, ó Kesava, estavam livres mas somente para serem exilados nas florestas. Ó Janardana, tu conheces todas estas minhas tristezas. Salve-me, ó de olhos de lótus, com meus maridos, amigos, e parentes, desta angústia. Moralmente, ó Krishna, eu sou a nora de ambos, Bhishma e Dhritarashtra. Embora seja assim, eu, contudo fui feita uma escrava à força. Que vergonha para a perícia de Partha com o arco, oh, que vergonha para a força de Bhimasena já que Duryodhana, ó Krishna, vive mesmo por um momento. Se eu mereço algum favor das tuas mãos, se tu tens alguma compaixão por mim, que a tua ira, ó Krishna, seja dirigida para os filhos de Dhritarashtra.'

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito isso, a bela Krishna de olhos que eram negros em cor e grandes como folhas de lótus, banhada em lágrimas, e andando como uma elefanta se aproximou de Krishna de olhos de lótus, e pegando com sua mão esquerda seus próprios cabelos belos de pontas encaracoladas, de cor azul profundo e perfumados com todos os perfumes, dotados de todos os sinais auspiciosos, e embora reunidos em uma trança, ainda macios e lustrosos como uma cobra poderosa, falou estas palavras, 'Ó tu de olhos de lótus que estás ansioso pela paz com o inimigo, tu deves, em todas as tuas ações, te lembrar destes meus cabelos agarrados pelas mãos rudes de Dussasana! Se Bhima e Arjuna, ó Krishna, se tornaram tão baixos a ponto de ansiar pela paz, meu pai idoso então com seus filhos guerreiros se vingarão por mim em batalha. Meus cinco filhos também que são dotados de grande energia, com Abhimanyu, ó matador de Madhu, em sua dianteira, lutarão com os Kauravas. Que paz esse meu coração pode conhecer a menos que eu veja o braço escuro de Dussasana cortado de seu tronco e triturado a átomos? Treze longos anos eu passei na expectativa de tempos melhores, escondendo em meu coração minha ira como um fogo queimando sem chama. E agora perfurada pelos dardos verbais de Bhima esse meu coração está prestes a se partir, pois Bhima de braços poderosos agora lança seu olhar em moralidade.’ Proferindo estas palavras com voz sufocada em lágrimas, Krishna de olhos grandes começou a chorar alto, com soluços convulsivos, e lágrimas se derramavam por suas bochechas. E aquela dama, com quadris cheios e redondos, começou a encharcar seu busto compacto e profundo com as lágrimas que ela derramava as quais eram quentes como fogo líquido. Kesava de braços poderosos então falou, consolando-a com estas palavras, 'Logo, ó Krishna, tu verás as damas da família de Bharata chorarem como tu choras. Elas mesmas, ó tímida, chorarão como tu, seus parentes e amigos estando mortos. Aqueles com quem, ó senhora, tu estás zangada, têm seus parentes e guerreiros já mortos. Com Bhima e Arjuna e os gêmeos, por ordem de Yudhishthira, e em conformidade com o destino e o que foi ordenado pelo Ordenador, eu realizarei tudo isto. Sua hora tendo chegado, os filhos de Dhritarashtra, se eles não escutarem minhas palavras, certamente jazerão sobre o

solo transformados em bocados de cachorros e chacais. As montanhas de Himavat podem mudar sua localização, a própria Terra pode se partir em centenas de fragmentos, o próprio firmamento com suas miríades de estrelas pode cair, contudo minhas palavras nunca podem ser inúteis. Pare tuas lágrimas, eu te juro, ó Krishna, logo tu verás teus maridos, com seus inimigos mortos, e com prosperidade os coroando.'"

83

"Arjuna disse, 'Tu és agora, ó Kesava, o melhor amigo de todos os Kurus. Relacionado com ambos os partidos, tu és o amigo querido de ambos. Cabe a ti ocasionar paz entre os Pandavas e o filho de Dhritarashtra. Tu, ó Kesava, és competente e, portanto, cabe a ti causar uma reconciliação. Ó de olhos de lótus, procedendo daqui pela paz, ó matador de inimigos, diga para nosso irmão sempre colérico Suyodhana, o que, de fato, deve ser dito. Se o tolo Duryodhana não aceitar teus conselhos auspiciosos e benéficos repletos de virtude e lucro, ele sem dúvida então será a vítima de seu destino.'

"O santo disse, 'Sim, eu irei até o rei Dhritarashtra, desejoso de realizar o que é consistente com retidão, o que pode ser benéfico para nós, e o que também é para o bem dos Kurus.'"

"Vaisampayana continuou, 'A noite tendo passado, um sol brilhante se ergueu no leste. A hora chamada Maitra começou, e os raios do sol ainda eram suaves. O mês era (Kaumuda Kartika) sob a constelação Revati. Era a estação do orvalho, o Outono tinha passado. A terra estava coberta com colheitas abundantes por toda parte. Foi em tal época que Janardana, a principal das pessoas poderosas, no desfrute de saúde excelente, tendo ouvido as palavras auspiciosas, de som sagrado e gentis de Brahmanas gratificados, como o próprio Vasava ouvindo as adorações dos Rishis (celestes), e tendo também passado pelas ações costumeiras e ritos da manhã, se purificou com um banho, e enfeitou seu corpo com unguentos e ornamentos, e adorou o Sol e o Fogo. E tendo tocado o rabo de um touro e reverentemente se curvado aos Brahmanas, andado em volta do fogo sagrado, e lançado seus olhos nos (usuais) artigos auspiciosos colocados à vista, Janardana se lembrou da ordem de Yudhishthira e se dirigiu ao neto de Sini, Satyaki, sentado perto, dizendo, 'Que meu carro seja aprontado e que minha concha e disco junto com minha maça, e aljavas e dardos e todas as espécies de armas, ofensivas e defensivas, sejam colocadas sobre ele, pois Duryodhana e Karna e o filho de Suvala que são todos de almas perversas, e inimigos, embora desprezíveis, nunca devem ser desconsiderados nem por uma pessoa poderosa.' Compreendendo os desejos de Kesava, o manejador do disco e da maça, seus servidores imediatamente se dirigiram para unir seu carro. E aquele carro parecia em refulgência com o fogo que se mostra na hora da dissolução universal, e ele mesmo em velocidade. E ele estava equipado com duas rodas que pareciam com o sol e a lua em brilho. E ele portava brasões de luas, crescentes e cheias, e de peixes, animais, e aves e estava adornado com guirlandas de diversas flores e com pérolas e pedras preciosas de várias espécies por toda parte. E dotado do

esplendor do sol nascente, ele era grande e vistoso. E matizado com pedras preciosas e ouro, ele estava equipado com um excelente mastro de bandeira portando belas flâmulas. E bem abastecido com todos os artigos necessários, e incapaz de ser resistido pelo inimigo, ele estava coberto com peles de tigre, e capaz de roubar a fama de todo inimigo, ele aumentou a alegria dos Yadavas. E eles uniram a ele aqueles corcéis excelentes chamados Saivya e Sugriva e Meghapushpa e Valahaka, depois que estes tinham sido banhados e vestidos em arreios belos. E ressaltando a dignidade de Krishna ainda mais, Garuda, o senhor da criação emplumada, chegou e pousou no mastro de bandeira daquele carro que produzia um estrépito terrível. E Saurin então subiu naquele carro, alto como o topo do Meru, e produzindo um estrépito profundo e alto como o som do timbale ou das nuvens e que parecia com o carro celeste que segue de acordo com a vontade do passageiro. E levando Satyaki também sobre ele, aquele melhor dos seres masculinos partiu, enchendo a terra e o céu com o som das rodas de seu carro. E o céu ficou sem nuvens, e ventos auspiciosos começaram a soprar em volta, e a atmosfera livre de poeira se tornou pura. De fato, quando Vasudeva partiu, animais e aves auspiciosos, se movendo pelo lado direito, começaram a segui-lo, e garças e pavões e cisnes todos seguiram o matador de Madhu, proferindo gritos de bons presságios. O próprio fogo, alimentado com libações Homa em acompanhamento com Mantras, livres de fumaça resplandeceram alegremente, enviando suas chamas em direção à direita. E Vasishtha e Vamadeva, e Bhuridyumna e Gaya, e Kratha e Sukra e Kusika e Bhrigu, e outros Brahmarshis e Rishis celestes reunidos, todos ficaram no lado direito de Krishna, aquele encantador dos Yadavas, aquele irmão mais novo de Vasava. E assim reverenciado por aqueles e outros Rishis ilustres e homens santos, Krishna partiu para a residência dos Kurus. E enquanto Krishna estava procedendo, Yudhishthira, o filho de Kunti, o seguiu, como também Bhima e Arjuna e aqueles outros Pandavas, os gêmeos filhos de Madri. E os bravos Chekitana e Dhrishtaketu, o soberano dos Chedis, e Drupada e o rei de Kasi e aquele poderoso guerreiro em carro Sikhandin, e Dhrishtadyumna, e Virata com seus filhos, e os príncipes de Kekaya também, todos estes Kshatriyas seguiram aquele touro da linhagem Kshatriya para honrá-lo. E o rei ilustre Yudhishthira o justo, tendo seguido Govinda até alguma distância, dirigiu a ele algumas palavras na presença de todos aqueles reis. E o filho de Kunti abraçou aquela principal de todas as pessoas, que nunca, por desejo, ou raiva, ou medo, ou objetivo de lucro cometeu o menor mal, cuja mente era sempre constante, que era um estranho para a cobiça, que era familiarizado com moralidade e dotado de grande inteligência e sabedoria, que conhecia os corações de todas as criaturas e era o senhor de tudo, que era o Deus dos deuses, que era eterno, que era possuidor de todas as virtudes, e que portava a marca auspiciosa em seu peito. E o abraçando o rei começou a indicar o que ele deveria fazer.'

"Yudhishthira disse, 'Aquela senhora que nos criou desde nossa infância; que está sempre engajada em ações e penitências ascéticas e ritos e cerimônias propiciatórias; que é devotada ao culto dos deuses e convidados; que está sempre empenhada em servir seus superiores, que é afeiçoada a seus filhos, tendo por eles uma afeição que não conhece limites; que, ó Janardana, é ternamente amada

por nós; que, ó opressor de inimigos, repetidamente nos salvou das armadilhas de Suyodhana, como um navio salvando a tripulação de um barco naufragado dos terrores pavorosos do mar; e que, ó Madhava, embora não merecedora de aflição, tem por nossa causa suportado inúmeros sofrimentos, deve ser questionada sobre seu bem-estar. Saúde e abrace, e, oh, a console vezes sem conta, dominada pela angústia como ela está por causa de seus filhos por falares dos Pandavas. Desde seu casamento ela tem sido vítima, embora não merecedora, de tristezas e aflições devido à conduta de seu sogro, e sofrimento tem sido sua situação. Eu, ó Krishna, alguma vez verei o tempo quando, ó castigador de inimigos, minhas aflições estando terminadas, eu serei capaz para fazer minha triste mãe feliz? Na véspera do nosso exílio, por afeição por seus filhos, ela correu atrás de nós em angústia, chorando amargamente. Mas deixando-a para trás nós entramos nas florestas. A tristeza não necessariamente mata. É possível, portanto, que ela esteja viva, sendo hospitaleiramente entretida pelos Anartas, embora afligida com tristeza por causa de seus filhos. Ó Krishna glorioso, saúde ela por mim, o rei Kuru Dhritarashtra também, e todos aqueles monarcas que são superiores a nós em idade, e Bhishma, e Drona, e Kripa, e o rei Vahlika, e o filho de Drona e Somadatta, e de fato, todos da família Bharata, e também Vidura dotado de grande sabedoria, aquele conselheiro dos Kurus, de intelecto profundo e conhecimento íntimo de moralidade, devem todos, ó matador de Madhu, ser abraçados por ti!' Tendo na presença dos reis dito estas palavras para Kesava, Yudhishthira, com a permissão de Krishna, retornou tendo a princípio andado em volta dele. Então Arjuna, procedendo uns poucos passos, em seguida falou para seu amigo, aquele touro entre homens, aquele matador de heróis hostis, aquele guerreiro invencível da tribo de Dasarha, 'É conhecido por todos os reis, ó Govinda ilustre, que em nossa consulta foi decidido que nós deveríamos pedir o reino de volta. Se sem nos insultar, se te respeitando eles honestamente nos derem o que nós exigimos, então, ó de braços poderosos, eles me agradarão imensamente e escaparão de um perigo terrível. Se, no entanto, o filho de Dhritarashtra, que sempre adota meios impróprios, agir de outra maneira, então eu sem dúvida, ó Janardana, aniquilarei a raça Kshatriya.'

"Vaisampayana continuou, 'Quando Arjuna disse estas palavras, Vrikodara ficou cheio de alegria. E aquele filho de Pandu tremia continuamente com raiva; e enquanto ainda tremia de raiva e com o deleite que encheu seu coração ao ouvir as palavras de Dhananjaya, ele deu um grito terrível. E ouvindo aquele seu grito, todos os arqueiros tremeram de medo e corcéis e elefantes foram vistos expelir urina e fezes. E tendo se dirigido a Kesava então e o informado de sua resolução, Arjuna retornou com a permissão de Janardana, tendo primeiro o abraçado. E depois que todos os reis tinham desistido de segui-lo, Janardana partiu com o coração alegre em seu carro puxado por Saivya, Sugriva, e outros. E aqueles corcéis de Vasudeva, incitados por Daruka, seguiram adiante, devorando o céu e bebendo a estrada. E em seu caminho Kesava de braços poderosos encontrou com alguns Rishis que resplandeciam com brilho Brâhmico, permanecendo em ambos os lados da estrada. E logo descendo de seu carro, Janardana os saudou reverentemente. E os reverenciando devidamente, ele os questionou, dizendo, 'Há paz em todo o mundo? A virtude está sendo devidamente praticada? E as outras

três classes são obedientes aos Brahmanas?' E tendo devidamente adorado eles, o matador de Madhu outra vez disse, 'Onde estiveram vocês coroados com êxito? Para onde vocês irão, e para que objetivo? O que também eu farei por vocês? O que trouxe suas pessoas ilustres para a terra?' Assim endereçado, o filho de Jamadagni, o amigo de Brahma, aquele senhor de deuses e Asuras, se aproximou de Govinda, o matador de Madhu, o abraçou, e disse, 'Os Rishis celestes de feitos pios, e Brahmanas de extenso conhecimento das escrituras, e sábios reais, ó Dasarha, e ascetas veneráveis, estas testemunhas, ó ilustre, das façanhas antigas de deuses e Asuras, estão desejosos de ver todos os Kshatriyas da terra reunidos de toda parte como também os conselheiros sentados na assembléia, os reis, e tu mesmo, a encarnação da verdade, ó Janardana. Ó Kesava, nós iremos para lá para contemplar aquela visão maravilhosa. Nós estamos também ansiosos, ó Madhava, para ouvir àquelas palavras repletas de virtude e lucro que serão faladas por ti, ó castigador de inimigos, para os Kurus na presença de todos os reis. De fato, Bhishma, e Drona, e outros, como também o ilustre Vidura e tu mesmo, ó tigre entre os Yadavas, vocês todos estarão reunidos juntos em conclave! Nós desejamos, ó Madhava, ouvir as palavras excelentes, sinceras, e benéficas que tu proferirás e eles também, ó Govinda. Tu estás agora informado do nosso propósito, ó tu de armas poderosas. Nós te encontraremos novamente. Vá para lá com segurança, ó herói. Nós esperamos te ver no meio do conclave, sentado em um assento excelente reunindo toda tua energia e poder.'"

84

"Vaisampayana disse, 'Ó batedor de inimigos, quando o filho de Devaki de armas poderosas partiu (para Hastinapura), dez poderosos guerreiros em carros, capazes de matar heróis hostis, completamente armados, seguiram em sua comitiva. E mil soldados de infantaria, e mil cavaleiros, e servidores às centenas também formavam sua comitiva, carregando, ó rei, provisões em abundância.'

"Janamejaya disse, 'Como o matador ilustre de Madhu, da linhagem de Dasarha, procedeu em sua viagem? E que presságios foram vistos quando aquele herói partiu?'

"Vaisampayana continuou, 'Ouça-me enquanto eu narro todos aqueles presságios naturais e antinaturais que foram observados no momento quando o ilustre Krishna partiu (para Hastinapura). Embora não houvesse nuvens no céu, ainda assim o ribombar do trovão acompanhado por luzes de relâmpago foi ouvido. E nuvens fofas em um céu limpo derramavam chuva incessantemente na retaguarda! Os sete grandes rios incluindo o Sindhu (Indus) embora fluíssem para o leste então fluíram em direções opostas. As próprias direções pareciam estar invertidas e nada podia ser distinguido. Fogos resplandeceram em todos os lugares, ó monarca, e a terra tremeu repetidamente. Os conteúdos de poços e recipientes de água às centenas se elevaram e transbordaram. O universo inteiro estava envolvido em escuridão. A atmosfera estando cheia de pó, nem os pontos

cardeais nem os pontos secundários do horizonte podiam, ó rei, ser distinguidos. Altos rugidos eram ouvidos no céu sem ser visível algum ser de quem eles poderiam emanar. Este fenômeno extraordinário, ó rei, por percebido por todo o país. Um vento do sudoeste, com o estrépito dissonante do trovão, arrancando árvores às milhares, oprimiu a cidade de Hastinapura. Naqueles lugares, no entanto, ó Bharata, pelos quais ele da linhagem Vrishni passou, brisas deliciosas sopraram e tudo se tornou auspicioso. Chuvas de lotos e flores fragrantes caíram lá. A própria estrada se tornou encantadora, estando livre de grama espinhenta e espinhos. Naqueles locais onde ele ficou, Brahmanas aos milhares glorificaram aquele doador de riqueza com (louvação) e o reverenciaram com pratos de coalhos, ghee, mel, e presentes de riqueza. As próprias mulheres, saindo na estrada, derramaram flores selvagens de grande fragrância sobre a pessoa daquele herói ilustre, dedicado ao bem-estar de todas as criaturas. Ele então chegou em um local encantador chamado Salibhavana que estava cheio de todos os tipos de colheitas, um local que era delicioso e sagrado, depois de ter, ó touro da raça Bharata, visto várias aldeias abundando em abelhas, e pitorescas para a visão, e deleitáveis para o coração, e depois de ter passado por diversas cidades e reinos. Sempre alegres e de bom ânimo, bem protegidos pelos Bharatas e, portanto livres de todas as ansiedades por conta dos projetos de invasores, e não familiarizados com calamidades de qualquer tipo, muitos dos cidadãos de Upaplavya, saindo de sua cidade, permaneceram juntos no caminho, desejosos de ver Krishna. E vendo aquele ilustre parecido com um fogo ardente chegando ao local, eles reverenciaram a ele que merecia seu culto com todas as honras de um convidado chegado em sua residência. Quando finalmente aquele matador de heróis hostis, Kesava, chegou a Vrikasthala, o sol parecia avermelhar o céu com seus esparsos raios de luz. Descendo de seu carro, ele devidamente passou pelos ritos purificatórios usuais, e ordenando que os corcéis fossem desarreados, ele se pôs a dizer suas orações noturnas. E Daruka também, libertando os corcéis, cuidou deles segundo as regras da ciência equina, e tirando os jugos e tirantes, deixou-os soltos. Depois que isto estava feito, o matador de Madhu disse, ‘Nós devemos passar a noite aqui por causa da missão de Yudhishthira.’ Averiguando que aquela era sua intenção, os servidores logo fixaram uma residência temporária e prepararam em um instante comida e bebida excelentes. Entre os Brahmanas, ó rei, que residiam na vila, aqueles que eram de descendência nobre e elevada, modestos, e obedientes às injunções dos Vedas em sua conduta se aproximaram daquele castigador ilustre de inimigos, Hrishikesa, e o honraram com suas bênçãos e palavras auspiciosas. E tendo honrado a ele da linhagem de Dasarha que merecia honra de todos, eles colocaram à disposição daquela pessoa ilustre suas casas, abundando em riqueza. Dizendo para eles 'Basta!', o ilustre Krishna lhes prestou homenagem apropriada, cada um segundo sua posição, e se dirigindo com eles para suas casas, ele voltou em sua companhia para sua própria (tenda). E alimentando todos os Brahmanas com doces e ele mesmo tomando suas refeições com eles, Kesava passou a noite alegremente lá.'"

85

"Vaisampayana disse, 'Enquanto isso, sendo informado por seus espiões de que o matador de Madhu tinha partido, Dhritarashtra, com seu cabelo em pé, se dirigindo respeitosamente aos poderosamente armados Bhishma e Drona e Sanjaya e ao ilustre Vidura, disse estas palavras para Duryodhana e seus conselheiros, 'Ó filho da linhagem de Kuru, estranhas e maravilhosas são as notícias que nós ouvimos. Homens, mulheres e crianças estão falando disto. Outros estão falando disto respeitosamente, e outros além disso se reuniram. Dentro de casas onde homens se congregam e em locais abertos, as pessoas estão discutindo isto. Todos dizem que Dasarha de grande destreza virá para cá por causa dos Pandavas. O matador de Madhu é, sem dúvida, digno de honra e adoração em nossas mãos. Ele é o Senhor de todas as criaturas, e nele se apóia o progresso de tudo no universo. De fato, inteligência e destreza e sabedoria e energia, todos residem em Madhava. Digno de respeito nas mãos de todas as pessoas virtuosas ele é o principal de todos os homens, e é, de fato, Virtude eterna. Se reverenciado sem dúvida ele concederá felicidade; e se não reverenciado ele sem dúvida infligirá miséria. Se aquele batedor de inimigos, Dasarha, ficar satisfeito com nossas oferendas, todos os nossos desejos podem ser obtidos por nós, por sua graça, no meio dos reis. Ó castigador de inimigos, faça sem perda de tempo todos os arranjos para sua recepção. Que pavilhões sejam fixados na estrada, providos de todos os objetos de prazer. Ó filho de braços fortes de Gandhari, faça tais arranjos para que ele possa ficar gratificado contigo. O que Bhishma pensa sobre esta questão?' Nisto, Bhishma e outros, todos aplaudindo aquelas palavras do rei Dhritarashtra, disseram, 'Excelente!' O rei Duryodhana então, compreendendo seus desejos, ordenou que terrenos encantadores fossem escolhidos para a construção de pavilhões. Muitos pavilhões foram então construídos ricos em pedras preciosas de todas as espécies, em intervalos apropriados e em lugares agradáveis. E o rei enviou para lá belos assentos dotados de qualidades excelentes, moças belas, e perfumes e ornamentos, e mantos finos, e iguarias excelentes, e bebidas de qualidades diversas, e guirlandas fragrantes de muitos tipos. E o rei dos Kurus tomou cuidado especial em erigir, para a recepção de Krishna, um pavilhão muito belo em Vrikasthala, cheio de pedras preciosas. E tendo feito todos estes arranjos que eram divinos e muito acima da capacidade de seres humanos, o rei Duryodhana informou Dhritarashtra do mesmo. Kesava, no entanto, da tribo de Dasarha, chegou à capital dos Kurus sem lançar um único olhar para todos aqueles pavilhões e todas aquelas pedras preciosas de diversos tipos.'"

86

"Dhritarashtra disse, 'Ó Vidura, Janardana partiu de Upaplavya. Ele está agora em Vrikasthala e virá para cá amanhã. Janardana é o líder dos Ahukas, a pessoa mais importante entre todos os membros da linhagem Sattwata, é de grande alma, e dotado de grande energia e grande poder. De fato, Madhava é o guardião e

protetor do reino próspero dos Vrishnis e é o ilustre Avô grandioso dos três mundos. Os Vrishnis adoram a sabedoria do inteligente Krishna, assim como os Adityas, os Vasus, e os Rudras adoram a sabedoria de Vrihaspati. Ó virtuoso, eu ofereceria, na tua presença, culto àquele descendente ilustre da linhagem de Dasarha. Ouça-me acerca daquele culto. Eu darei a ele dezesseis carros feitos de ouro, cada um puxado por quatro corcéis excelentes e bem enfeitados de cor uniforme e da raça Vahlika. Ó Kaurava, eu darei a ele oito elefantes com suco temporal sempre escorrendo e presas tão grandes quanto estacas de arado, capazes de prostrar tropas hostis, e cada um tendo oito servidores humanos. Eu darei a ele uma centena de belas criadas da cor do ouro, todas virgens, e darei a ele o mesmo número de criados homens. Eu darei a ele dezoito mil cobertores de lã macios ao toque, todos oferecidos para nós pelos homens das colinas. Eu também darei a ele mil peles de veado trazidas de China e outras coisas do tipo que sejam dignas de Kesava. Eu também darei a ele esta pedra preciosa clara dos raios mais puros que brilha dia e noite, pois somente Kesava a merece. Este meu carro puxado por mulas que faz um circuito de catorze yojanas completas por dia eu também darei a ele. Eu colocarei diante dele provisões diárias oito vezes maiores do que o que é necessário para os animais e servidores que formam sua comitiva. Em seus carros, tendo seus corpos bem enfeitados, todos os meus filhos e netos, exceto Duryodhana, sairão para recebê-lo. E milhares de dançarinas graciosas e bem enfeitadas sairão a pé para receber o ilustre Kesava. E as belas moças que sairão da cidade para receber Janardana sairão sem véu. Que todos os cidadãos com suas esposas e filhos vejam o matador ilustre de Madhu com tanto respeito e devoção como eles mostram quando lançam seus olhos no sol da manhã. Que o céu por toda parte, por minha ordem, seja apinhado com flâmulas e estandartes, e que a estrada, pela qual Kesava virá, seja bem regada e suas poeiras removidas. Que a residência de Dussasana, a qual é melhor do que a de Duryodhana, seja limpa e bem adornada sem demora. Aquela mansão consistindo em muitas construções belas é agradável e encantadora, e está cheia com a abundância de todas as estações. É naquela residência que toda a minha riqueza, como também a de Duryodhana, está depositada. Que tudo o que aquele descendente da linhagem Vrishni merece seja dado a ele.'"

87

"Vidura disse, 'Ó monarca, ó melhor dos homens, tu és respeitado pelos três mundos. Tu, ó Bharata, és amado e respeitado por todos. Venerável em idade como tu és, o que tu dirás nesta idade nunca pode ser contra os ditames das escrituras ou as conclusões da razão bem direcionada, pois tua mente é sempre calma. Teus súditos, ó rei, estão bem assegurados de que, como caracteres na pedra, luz no sol, e vagalhões no oceano, a virtude reside em ti permanentemente. Ó monarca, todos são honrados e felizes por tuas virtudes numerosas. Esforce-te, portanto, com teus amigos e parentes para manter aquelas tuas virtudes. Oh, adote sinceridade de comportamento. Por insensatez, não cause uma destruição indiscriminada dos teus filhos, netos, amigos, parentes, e todos os que são caros

para ti. É muito, ó rei, o que tu desejas dar para Kesava como teu convidado. Saiba, no entanto, que Kesava merece tudo isto e muito mais, sim, a própria terra inteira. Eu realmente juro por minha própria alma que tu não desejas dar tudo isso para Krishna por motivos de virtude ou para o objetivo de fazer o que é agradável para ele. Ó doador de grande riqueza, tudo isto evidencia somente fraude, mentira, e insinceridade. Pelas ações externas, ó rei, eu conheço o teu propósito secreto. Os cinco Pandavas, ó rei, desejam somente cinco aldeias. Tu, no entanto, não desejas lhes dar nem isso. Tu estás, portanto, relutante em fazer as pazes. Tu procuras fazer o poderosamente armado herói da raça Vrishni teu por meio da tua riqueza; de fato, por estes meios, tu procuras separar Kesava dos Pandavas. Eu te digo, no entanto, tu és incapaz, por riqueza, ou atenção, ou culto, de separar Krishna de Dhananjaya. Eu conheço a magnanimidade de Krishna; eu conheço a firme devoção de Arjuna por ele, eu sei que Dhananjaya, que é a vida de Kesava, é incapaz de ser abandonado pelo último. Salvo somente um recipiente de água, salvo somente a lavação de seus pés, salvo somente as perguntas (usuais) pelo bem-estar (daqueles que ele verá), Janardana não aceitará alguma outra hospitalidade ou fixará seus olhos em alguma outra coisa. Ofereça a ele, no entanto, ó rei, aquela hospitalidade que é a mais agradável para aquele ilustre merecedor de todo o respeito, pois não há respeito que não possa ser oferecido para Janardana. Dê para Kesava, ó rei, aquele objetivo na expectativa do qual, pelo desejo de beneficiar ambos os partidos, ele vem aos Kurus. Kesava deseja que a paz seja estabelecida entre ti e Duryodhana de um lado e os Pandavas no outro. Siga seus conselhos, ó monarca. Tu és pai deles, ó rei, e os Pandavas são teus filhos. Tu és idoso, e eles são crianças para ti em idade, te comporte como pai em direção a eles que estão dispostos a te prestar respeito filial."

88

"Duryodhana disse, 'Tudo o que Vidura disse acerca de Krishna, de fato, foi dito verdadeiramente; pois Janardana é imensamente dedicado aos Pandavas e nunca pode ser separado deles. Todas as diversas espécies de riqueza, ó principal dos reis, que foram propostas para serem concedidas para Janardana nunca devem ser concedidas a ele. Kesava não é, naturalmente, indigno do nosso culto, mas hora e lugar estão contra isto, pois ele (Krishna), ó rei, ao receber nosso culto, muito provavelmente pensará que nós o estamos reverenciando por medo. É minha convicção certa, ó rei, que um Kshatriya inteligente não deve fazer aquilo que possa trazer ignomínia sobre ele. É bem sabido por mim que Krishna de olhos grandes merece o culto mais reverente dos três mundos. É completamente fora de propósito, portanto, ó rei ilustre, dar a ele alguma coisa agora, pois a guerra tendo sido decidida, ela nunca deve ser protelada por hospitalidade.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras dele, o Avô dos Kurus falou estas palavras para o filho real de Vichitravirya, 'Adorado ou não adorado, Janardana nunca fica zangado. Ninguém, no entanto, pode tratá-lo com desrespeito, pois Kesava não é desprezível. Qualquer coisa, ó poderoso, que ele tencione fazer é incapaz de ser frustrada por alguém por todos meios em seu

poder. Faça sem hesitação o que Krishna de braços poderosos disser e faça as pazes com os Pandavas através de Vasudeva. Realmente Janardana, possuidor de alma virtuosa, dirá o que é consistente com religião e lucro. Cabe a ti, portanto, com todos os teus amigos, dizer somente o que é agradável para ele.'

"Duryodhana disse, 'Ó avô, eu não posso, de nenhuma maneira, viver por dividir esta minha grande prosperidade com os Pandavas. Ouça, esta, de fato, é uma grande decisão que eu tomei: eu prenderei Janardana que é o refúgio dos Pandavas. Ele virá para cá amanhã de manhã; e quando ele estiver preso, os Vrishnis e os Pandavas, sim, a terra inteira, se submeterá a mim. Quais são os meios para realizar isto, para que Janardana não possa adivinhar nossa intenção, e para que nenhum perigo também possa nos alcançar, cabe a ti dizer.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras terríveis de seu filho sobre encarcerar Krishna, Dhritarashtra, com todos os seus conselheiros, estava muito atormentado e ficou profundamente aflito. O rei Dhritarashtra então falou estas palavras para Duryodhana, 'Ó soberano de homens, nunca diga isto novamente, este não é o costume imemorial. Hrishikesa vem aqui como um embaixador. Ele é, além disso, parente e é querido para nós. Ele não nos fez mal; como então ele merece a prisão?'

"Bhishma disse, 'Este teu filho perverso, ó Dhritarashtra, tem sua hora chegada. Ele escolhe o mal, não o bem, embora rogado por seus benquerentes. Tu também segues na esteira deste canalha mau de circundantes pecaminosos, que trilha um caminho espinhoso desprezando as palavras de seus simpatizantes. Este teu filho extremamente mau, com todos os seus conselheiros, entrando em contato com Krishna de atos imaculados, será destruído num momento. Eu ouso não escutar as palavras deste patife pecaminoso e perverso que abandonou toda a virtude.'

'Tendo dito isso, aquele chefe idoso da família Bharata, Bhishma de bravura imbatível, inflamado com raiva se levantou e deixou aquele local.'"

89

"Vaisampayana disse, 'Levantando-se (de sua cama) na alvorada, Krishna praticou seus ritos matinais, e se despedindo dos Bharatas, partiu para a cidade (dos Kurus). E todos os habitantes de Vrikasthala, se despedindo daquele poderoso de braços longos quando ele estava prestes a partir, voltaram todos para suas casas. E todos os Dhartarashtras exceto Duryodhana, vestidos em mantos excelentes, e com Bhishma, Drona, Kripa, e outros, saíram para encontrar com ele. E os cidadãos aos milhares, ó rei, em carros de diversos tipos, e muitos a pé também saíram, desejosos de ver Hrishikesa. E encontrando no caminho Bhishma de feitos sem mácula, e Drona, e os filhos de Dhritarashtra, ele entrou na cidade, cercado por eles todos. E em honra de Krishna a cidade estava belamente adornada, e as principais ruas estavam enfeitadas com diversas jóias e pedras preciosas. E, ó rei, ó touro da raça Bharata, naquela ocasião ninguém, homem, mulher, ou criança, permaneceu dentro de casa, tão ávidos estavam os cidadãos

para ver Vasudeva. E todos os cidadãos saíram e se alinharam nas ruas e inclinaram suas cabeças até o solo cantando louvores em sua honra, ó rei, quando Hrishikesa entrou na cidade e passou por ela. E mansões abastadas, cheias de damas de nascimento nobre, pareciam estar prestes a cair ao chão por causa de seu peso vivo. E embora os corcéis de Vasudeva fossem dotados de grande velocidade eles se moveram muito lentamente através daquela massa densa de seres humanos. E ele de olhos de lótus, opressor de inimigos, então entrou no palácio de Dhritarashtra de cor cinza que era enriquecido com construções numerosas. E tendo passado pelos primeiros três aposentos do palácio, aquele castigador de inimigos, Kesava, se aproximou do filho real de Vichitravirya. E quando aquele filho da linhagem de Dasarha se aproximou de sua presença, o monarca cego de grande renome se levantou junto com Drona e Bhishma, Kripa e Somadatta, e o rei Vahlika também, todos ficaram de pé para honrar Janardana. E o herói Vrishni, tendo se aproximado do rei Dhritarashtra de grande fama, reverenciou a ele e Bhishma com palavras apropriadas e sem perder tempo. E tendo oferecido aquele culto a ele segundo o costume estabelecido, Madhava, o matador de Madhu, saudou os outros reis segundo sua superioridade em idade. E Janardana então abordou o ilustre Drona e seu filho, e Vahlika, e Kripa, e Somadatta. E lá naquela câmara estava colocado um assento espaçoso de belo acabamento, feito de ouro e adornado com jóias. E a pedido de Dhritarashtra, Achyuta tomou aquele assento; e os sacerdotes de Dhritarashtra devidamente ofereceram a Janardana uma vaca, mel e coalhos e água. E depois que os ritos de hospitalidade estavam terminados, Govinda permaneceu lá por um tempo, circundado pelos Kurus, rindo e gracejando com eles segundo seu relacionamento com ele. E aquele opressor ilustre de inimigos, honrado e adorado por Dhritarashtra, saiu com a permissão do rei. E Madhava tendo devidamente saudado todos os Kurus em sua assembléia, então foi à encantadora residência de Vidura; e Vidura, tendo se aproximado de Janardana da linhagem de Dasarha assim chegado em sua residência, o adorou com todas as oferendas auspiciosas e desejáveis. E ele disse, 'Qual a necessidade, ó de olhos de lótus, de te falar da alegria que eu sinto nesta tua chegada? Pois tu és a Alma interna de todas as criaturas incorporadas.' E depois que a recepção hospitaleira estava terminada, Vidura, familiarizado com todos os princípios de moralidade, questionou Govinda, o matador de Madhu, acerca do bem-estar dos Pandavas. E aquele descendente da linhagem de Dasarha, aquele chefe dos Vrishnis, para quem o passado e o futuro eram como o presente, sabendo que Vidura era amado pelos Pandavas e amigável em direção a eles, e erudito, e firme em moralidade, e honesto, e que não nutria cólera (contra os Pandavas), e sábio, começou a dizer a ele tudo em detalhes sobre os procedimentos dos filhos de Pandu.'"

90

"Vaisampayana disse, 'Janardana, o castigador de inimigos, depois de seu encontro com Vidura, foi então à tarde até sua tia paterna, Pritha. E vendo Krishna cujo semblante brilhava com a refulgência do sol radiante chegar à sua residência,

ela envolveu o pescoço dele com seus braços e começou a emitir suas lamentações recordando seus filhos. E à visão, depois de muito tempo, de Govinda da tribo de Vrishni, o companheiro daqueles filhos poderosos dela, as lágrimas de Pritha fluíram rápido. E depois que Krishna, aquele principal dos guerreiros, tinha tomado seu assento tendo primeiro recebido os ritos de hospitalidade, Pritha, com rosto abatido e voz sufocada com lágrimas se dirigiu a ele, dizendo, 'Eles que, desde seus primeiros anos sempre serviram seus superiores com reverência; eles que em amizade têm afeição um pelo outro; eles, que, privados fraudulentamente de seu reino foram para reclusão, embora dignos de viver no meio de amigos e servidores, eles, que tendo subjugado ira e alegria são devotados a Brahman, e sinceros em palavras, aqueles meus filhos que, abandonando reino e alegria e deixando minha pessoa miserável para trás, foram para as florestas, arrancando as próprias raízes do meu coração, aqueles filhos ilustres de Pandu, ó Kesava, que têm suportado aflições embora não merecedores disso, como, ai, eles viveram na floresta profunda cheia de leões e tigres e elefantes? Privados em sua infância de seu pai, eles foram todos afetuosamente criados por mim. Como, também, eles viveram na floresta imensa, sem ver ambos os seus pais? Desde sua infância, ó Kesava, os Pandavas eram despertados de suas camas pela música de conchas e baterias e flautas. Que eles que enquanto em casa costumavam dormir em grandes câmaras suntuosas em cobertores macios e peles de veado Ranku, e eram levantados de manhã pelo grunhido de elefantes, o relincho de corcéis, o ruído de rodas de carros e a música de conchas e pratos em acompanhamento com as notas de flautas e liras, que, adorados de manhã cedo com hinos de sons sagrados proferidos por Brahmanas, reverenciavam aqueles entre eles que mereciam tal culto com mantos e jóias e ornamentos, e que eram abençoados com as bênçãos auspiciosas daqueles membros ilustres da classe regenerada, como um retorno pela homenagem que os últimos recebiam, que eles, ó Janardana, pudessem dormir nas florestas profundas ressoando com os gritos agudos e dissonantes de animais predadores mal pode ser acreditado, não merecedores como eles eram de tanta miséria. Como poderiam eles, ó matador de Madhu, que eram despertados de seus leitos pela música de pratos e baterias e conchas e flautas, com os acordes melíferos de cantoras e os louvores cantados por bardos e narradores profissionais, ai, como eles podiam ser despertados nas florestas profundas pelos gritos de bestas selvagens? Ele que é dotado de modéstia, é firme na verdade, com sentidos sob controle e compaixão por todas as criaturas, ele que subjugou luxúria e malícia e sempre trilha o caminho dos justos, ele que habilmente carregou a responsabilidade pesada carregada por Amvarisha e Mandhatri, Yayati e Nahusha e Bharata e Dilip e Sivi o filho de Usinara e outros sábios reais de antigamente, ele que é dotado de um caráter e disposição excelentes, ele que está familiarizado com a virtude, e cuja destreza é incapaz de ser frustrada, ele que é digno de se tornar o monarca dos três mundos por sua posse de todas as habilidades, que é o principal de todos os Kurus legitimamente e em relação à erudição e disposição, que é bonito e de braços fortes e que não tem inimigos, oh, como está aquele Yudhishthira de alma virtuosa, e de cor semelhante àquela do ouro puro? Ele que tem a força de dez mil elefantes e a velocidade do vento, ele que é poderoso e sempre colérico entre os filhos de Pandu, ele que sempre faz bem para seus

irmãos e é, portanto, querido para eles todos, ele, ó matador de Madhu, que matou Kichaka com todos os seus parentes, ele que é o matador dos Krodhavasas, de Hidimva, e de Vaka, ele que em destreza é igual a Sakra, e em poder ao Deus do vento, ele que é terrível, e em cólera igual ao próprio Madhava, ele que é o principal de todos os batedores, aquele colérico filho de Pandu e castigador de inimigos, que, reprimindo sua raiva, poder, impaciência, e controlando sua alma, é obediente às ordens de seu irmão mais velho, fale para mim, ó Janardana, diga-me como está aquele batedor de coragem imensurável, aquele Bhimasena, que em aspecto também justifica seu nome, aquele Vrikodara possuindo braços como maças, aquele segundo filho poderoso de Pandu? Ó Krishna, aquele Arjuna de dois braços que sempre se considera superior ao seu xará de antigamente de mil braços, e que em uma esticada dispara quinhentas flechas, aquele filho de Pandu que no uso de armas é igual ao rei Kartavirya, em energia a Aditya, em restrição dos sentidos a um grande sábio, em perdão à Terra, e em destreza ao próprio Indra, ele, por cuja bravura, ó matador de Madhu, os Kurus entre todos os reis da terra obtiveram este império extenso, brilhando com refulgência, ele cuja força de braços é sempre adorada pelos Pandavas, aquele filho de Pandu que é o principal de todos os guerreiros em carros e cuja destreza é incapaz de ser frustrada, ele, de um confronto com quem em batalha nenhum inimigo alguma vez escapou com vida, ele, ó Achyuta, que é o conquistador de todos, mas que é incapaz de ser conquistado por alguém, ele que é o refúgio dos Pandavas como Vasava dos celestiais, como, ó Kesava, está aquele Dhananjaya agora, aquele teu irmão e amigo? Ele que é compassivo para todas as criaturas, é dotado de modéstia e conhecedor de armas poderosas, é gentil e delicado e virtuoso, ele que é querido para mim, aquele arqueiro poderoso Sahadeva, aquele herói e ornamento de assembléias, ele, ó Krishna, que é jovem em idade, é dedicado ao serviço de seus irmãos, e é familiarizado com virtude e lucro, cujos irmãos, ó matador de Madhu, sempre elogiam a disposição daquele meu filho bem educado e de grande alma, fale-me, ó tu da tribo Vrishni, daquele heróico Sahadeva, aquele principal dos guerreiros, aquele filho de Madri, que sempre serve submissamente seus irmãos mais velhos e a mim tão reverentemente. Ele que é delicado e jovem em idade, ele que é corajoso e bonito pessoalmente, aquele filho de Pandu que é querido para seus irmãos como também para todos, e que, de fato, é sua própria vida embora andando com um corpo separado, ele que é familiarizado com vários modos de combate, ele que é dotado de grande força e é um arqueiro poderoso, fale-me, ó Krishna, se aquele meu filho querido, Nakula, que foi criado no luxo, está agora bem em corpo e mente? Ó tu de armas poderosas, eu alguma vez verei de novo meu Nakula, aquele poderoso guerreiro em carro, aquele jovem delicado criado em todo luxo e não merecedor de infortúnio? Veja, ó herói, eu estou viva hoje, eu mesma, que não podia conhecer paz por perder Nakula de vista pelo curto espaço de tempo tomado por um piscar de olhos. Mais do que todos os meus filhos, ó Janardana, a filha de Drupada é querida para mim. De nascimento nobre e possuidora de grande beleza, ela é dotada de todas as habilidades. Sincera em palavras, ela escolheu a companhia de seus maridos, abandonando aquela de seus filhos. De fato, deixando seus filhos queridos para trás, ela seguiu os filhos de Pandu. Servida antigamente por uma grande comitiva de empregados, e adorada por

seus maridos com todos os objetos de prazer, possuidora de todos os sinais e talentos auspiciosos, como, ó Achyuta, está aquela Draupadi agora? Tendo cinco maridos heróicos que são todos batedores de inimigos e todos arqueiros poderosos, cada um igual a Agni em energia, ai, o infortúnio contudo foi a sina da filha de Drupada. Eu não vi, por catorze longos anos, ó castigador de inimigos, a princesa de Panchala, aquela minha nora que tem sido uma vítima constante de ansiedade por conta de seus filhos, a quem ela não viu por aquele período. Quando a filha de Drupada dotada de semelhante disposição não desfruta de felicidade ininterrupta, parece, ó Govinda, que a felicidade que alguém desfruta nunca é o resultado de suas ações. Quando eu me lembro que Draupadi foi arrastada à força para a assembléia, então nem Vibhatsu nem Yudhishthira, nem Bhima, nem Nakula, nem Sahadeva se tornam um objeto de afeto para mim. Nunca antes uma dor mais pesada foi minha do que a que trespassou meu coração quando aquele canalha Dussasana, movido por cólera e cobiça, arrastou Draupadi, naquele momento em suas regras, e, portanto vestida em uma única peça de roupa, à presença de seu sogro na assembléia e a expôs ao olhar de todos os Kurus. É sabido que entre aqueles que estavam presentes, o rei Vahlika, Kripa, Somadatta, foram tomados pela angústia por causa dessa visão, mas de todos os presentes naquela assembléia, é Vidura a quem eu venero. Nem por erudição nem por riqueza uma pessoa se torna digna de homenagem. É somente por disposição que alguém se torna respeitável. Ó Krishna, dotado de grande inteligência e sabedoria profunda, o caráter do ilustre Vidura, como um ornamento (que ele usa) enfeita o mundo inteiro.'

"Vaisampayana continuou, 'Cheia de alegria pela chegada de Govinda, e afligida pela tristeza (por causa de seus filhos), Pritha deu expressão a todas as suas diversas angústias. E ela disse, 'Pode o jogo e a matança de veados, que, ó castigador de inimigos, ocuparam todos os reis maus de antigamente, ser uma ocupação agradável para os Pandavas? O pensamento consome, ó Kesava, que sendo arrastada à presença de todos os Kurus em sua assembléia pelos filhos de Dhritarashtra, insultos piores do que a morte foram feitos à Krishna. Ó castigador de inimigos, o banimento dos meus filhos de sua capital e suas vagueações na selva, estas e outras várias angústias, ó Janardana, têm sido minhas. Nada poderia ser mais doloroso para mim ou para meus próprios filhos, ó Madhava, do que eles terem que passar um período escondidos, fechados na casa de um estranho. Catorze anos completos se passaram desde o dia quando Duryodhana primeiro exilou meus filhos. Se a tristeza é destrutiva dos resultados de pecados, e felicidade é dependente dos resultados do mérito religioso, então parece que a felicidade ainda pode ser nossa depois de tanta tristeza. Eu nunca fiz alguma distinção entre os filhos de Dhritarashtra e os meus (no que diz respeito à afeição materna). Por esta verdade, ó Krishna, eu certamente te verei junto com os Pandavas sair com segurança do conflito atual com seus inimigos mortos, e o reino recuperado por eles. Os próprios Pandavas cumpriram sua promessa com tal veracidade aderindo ao Dharma que eles não podem ser derrotados por seus inimigos. Na questão das minhas tristezas atuais, no entanto, eu não culpo nem eu mesmo nem Suyodhana, mas somente meu pai. Como um homem rico dando uma soma de dinheiro de presente, meu pai me deu para Kuntibhoja. Enquanto eu

era uma criança brincando com uma bola em minhas mãos, teu avô, ó Kesava, me deu para seu amigo, o ilustre Kuntibhoja. Abandonada, ó castigador de inimigos, por meu próprio pai, e meu sogro, e afligida por desgraças insuportáveis, que necessidade, ó Madhava, há de eu estar viva? Na noite do nascimento de Savyasachin, no quarto de resguardo, uma voz invisível me disse, 'Este teu filho conquistará o mundo inteiro, e sua fama alcançará os próprios céus. Matando os Kurus em uma grande batalha e recuperando o reino, teu filho Dhanajaya, com seus irmãos, realizará três sacrifícios formidáveis.' Eu não duvido da verdade daquele anúncio. Eu reverencio Dharma que sustém a criação. Se Dharma não for um mito, então, ó Krishna, tu sem dúvida realizarás tudo o que a voz invisível disse. Nem a perda de meu marido, ó Madhava, nem perda de riqueza, nem nossa hostilidade com os Kurus alguma vez infligiu tais dores dilacerantes em mim como esta separação de meus filhos. Que paz meu coração pode conhecer quando eu não vejo diante de mim aquele manejador do Gandiva, Dhananjaya, aquele principal de todos os portadores de armas? Eu não tenho visto, por catorze anos, ó Govinda, Yudhishthira, e Dhananjaya, e Vrikodara. Homens realizam os funerais daqueles que estão perdidos por muito tempo, tomando-os como mortos. Praticamente, ó Janardana, meus filhos estão todos mortos para mim e eu estou morta para eles. Diga para o virtuoso rei Yudhishthira, ó Madhava, que ‘Tua virtude, ó filho, está diminuindo diariamente. Aja, portanto, de tal maneira que teu mérito religioso não possa diminuir.’ Vergonha para aqueles que vivem, ó Janardana, por dependência de outros. Até a morte é melhor do que um sustento obtido por meio de baixeza. Tu deves também dizer para Dhananjaya e para o sempre preparado Vrikodara que ‘Chegou a hora para aquele acontecimento em virtude do qual uma mulher Kshatriya cria um filho. Se vocês permitirem que o tempo passe sem terem realizado alguma coisa, então, embora no momento vocês sejam respeitados por todo o mundo, vocês estarão somente fazendo o que será considerado como desprezível. E se o desprezo tocar vocês, eu abandonarei vocês para sempre. Quando chega a hora, até a vida, que é tão preciosa, deve ser sacrificada.’ Ó principal dos homens, tu deves também dizer para os filhos de Madri que são sempre dedicados aos costumes Kshatriya, ‘Mais do que a própria vida, se esforcem para obter aqueles objetos de prazer obteníveis por meio de bravura, já que somente objetos ganhados por bravura podem satisfazer o coração de uma pessoa desejosa de viver segundo os costumes Kshatriya.’ Dirigindo-te para lá, ó poderosamente armado, diga para aquele principal de todos os manejadores de armas, Arjuna o heróico filho de Pandu, ‘Trilhe o caminho que for indicado para ti por Draupadi.’ É sabido por ti, ó Kesava, que quando excitados pela raiva, Bhima e Arjuna, cada um como o próprio Destruidor universal, podem matar os próprios deuses. Aquele foi um grande insulto oferecido a eles, isto é, que sua esposa Krishna sendo arrastada para assembléia tenha sido endereçada em tais termos humilhantes por Dussasana e Karna. O próprio Duryodhana insultou Bhima de energia imensa na própria presença dos chefes Kuru. Eu estou certa de que ele colherá o fruto daquele comportamento, pois Vrikodara, provocado por um inimigo, não conhece paz. De fato, uma vez provocado, Bhima não esquece isto por um longo tempo, até aquele opressor de inimigos exterminar o inimigo e seus aliados. A perda do reino não me afligiu; a derrota nos dados não me afligiu. Que a ilustre e bela princesa de Panchala tenha sido arrastada à

assembléia enquanto vestida em uma única peça de roupa e feita ouvir palavras amargas me afligiu muito. O que, ó Krishna, poderia ser uma aflição maior para mim? Ai, sempre dedicada aos costumes Kshatriya e dotada de grande beleza, a princesa, enquanto indisposta, sofreu aquele tratamento cruel, e embora possuindo protetores poderosos estava então tão desamparada como se ela não tivesse ninguém. Ó matador de Madhu, tendo a ti e aquela principal de todas as pessoas poderosas, Rama, e aquele poderoso guerreiro em carro Pradyumna como meus protetores e de meus filhos e tendo, ó principal dos homens, meus filhos os invencíveis Bhima e Vijaya que não recuam ambos vivos, que eu ainda tenha que suportar tal aflição é estranho sem dúvida!'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por ela, Sauri, o amigo de Partha, então consolou seu tia paterna, Pritha, afligida com angústia por conta de seus filhos. E Vasudeva disse, 'Que mulher existe, ó tia, no mundo, que seja como tu? Ó filha do rei Surasena, tu foste, por casamento, admitida na linhagem de Ajamida. De nascimento nobre e altamente casada, tu és como um lótus transplantado de um lago imenso para outro. Dotada de toda prosperidade e grande ventura, tu foste adorada por teu marido. Esposa de herói, tu além disto deste à luz filhos heróicos. Possuidora de todas as virtudes, e dotada de grande sabedoria, cabe a ti tolerar com paciência ambas: felicidade e tristeza. Vencendo torpor e langor, e cólera e alegria, e fome e sede, e frio e calor, teus filhos estão sempre no desfrute daquela felicidade que, como heróis, deve ser deles. Dotados de grande esforço e grande poder, teus filhos, sem ligarem para os confortos deriváveis dos sentidos tais como os que satisfazem somente os inferiores e os vis, sempre buscam aquela felicidade à qual como heróis eles devem. Nem eles estão satisfeitos como homens mesquinhos tendo desejos inferiores. Aqueles que são sábios desfrutam ou sofrem o mesmo de qualquer coisa agradável ou sofrível. De fato, pessoas comuns, apegadas aos confortos que satisfazem os inferiores e os vis, desejam um estado uniforme de embotamento, sem excitamentos de qualquer tipo. Aqueles, no entanto, que são superiores, desejam ou o mais agudo sofrimento humano ou o mais elevado de todos os prazeres que é dado para o homem. Os sábios sempre se deleitam em extremos. Eles não encontram prazer no meio; eles consideram o extremo como felicidade, enquanto aquilo que se encontra no meio é considerado por eles como tristeza. Os Pandavas com Krishna te saúdam através de mim. Descrevendo a si mesmos como estando bem, eles perguntaram pelo teu bem-estar. Tu logo os verás se tornarem os senhores do mundo inteiro, com seus inimigos mortos, e eles mesmos investidos com prosperidade.'

Assim consolada por Krishna, Kunti, afligida com tristeza por conta de seus filhos, mas logo dissipando a ignorância causada por sua perda temporária de compreensão, respondeu para Janardana, dizendo, 'O que quer que, ó de braços fortes, tu, ó matador de Madhu, consideres apropriado para ser feito, que isto seja feito sem sacrificar a retidão, ó castigador de inimigos, e sem a menor fraude. Eu sei, ó Krishna, qual é o poder da tua verdade e da tua linhagem. Eu conheço também qual discernimento e qual destreza tu trazes para apoiar a realização de qualquer coisa que interesse aos teus amigos. Em nossa família, tu és a própria

Virtude, tu és Verdade, e tu és a encarnação de austeridades ascéticas. Tu és o grandioso Brahma, e tudo se apóia em ti. O que, portanto, tu disseste deve ser verdade.'"

"Vaisampayana continuou, 'Despedindo-se dela e respeitosamente andando em volta dela, Govinda de braços poderosos então partiu para a mansão de Duryodhana.'"

91

"Vaisampayana disse, 'Com a permissão de Pritha e tendo andado em volta dela, o castigador de inimigos, Govinda, também chamado Sauri, foi para o palácio de Duryodhana era suprido com grande abundância, adornado com assentos belos, e semelhante à residência do próprio Purandara. Não obstruído pelos ordenanças em serviço, aquele herói de grande renome cruzou três pátios espaçosos em sucessão e então entrou naquela mansão parecida com uma massa de nuvens, alta como o topo de uma colina, e brilhando em esplendor. E lá ele viu o filho de Dhritarashtra de braços fortes sentado em seu trono no meio de mil reis e cercado por todos os Kurus. E ele também viu lá Dussasana e Karna e Sakuni, o filho de Suvala, sentados em seus respectivos assentos ao lado de Duryodhana. E após aquele filho da linhagem de Dasarha entrar na corte, o filho de Dhritarashtra de grande fama se levantou de seu assento com seus conselheiros para honrar o matador de Madhu. E Kesava então saudou os filhos de Dhritarashtra e todos os seus conselheiros como também os reis que estavam presentes lá, segundo suas respectivas idades. E Achyuta da tribo de Vrishni então tomou seu assento em um assento belo feito de ouro e coberto com um tapete bordado com ouro. E o rei Kuru então ofereceu para Janardana uma vaca, e mel e coalhos e água, e colocou à seu serviço palácios e mansões e o reino inteiro. E então os Kauravas, com todos os reis lá presentes, reverenciaram Govinda em seu assento e parecendo o próprio sol em esplendor. O culto estando terminado, o rei Duryodhana convidou ele da tribo de Vrishni, aquele principal dos vitoriosos, para comer em sua casa, Kesava, no entanto não aceitou o convite. O rei Kuru Duryodhana sentado no meio dos Kurus, em uma voz amável mas com fraude espreitando atrás de suas palavras, olhando para Karna, e se dirigindo a Kesava, então disse, 'Por que, ó Janardana, tu não aceitas os diversos tipos de iguarias e bebidas, mantos e camas que foram todos preparados e mantidos prontos para ti? Tu concedeste ajuda para ambos os lados; tu estás engajado no bem de ambos os partidos. Tu és, além disso, o principal dos parentes de Dhritarashtra e muito amado por ele. Tu, ó Govinda, também conheces completamente religião e lucro, e todas as coisas em detalhes. Eu, portanto, desejo saber, ó portador do disco e da maça, qual é a verdadeira razão desta tua recusa.'

"Vaisampayana continuou, 'Govinda de grande alma, de olhos como folhas de lótus, então erguendo seu poderoso braço (direito), e em uma voz profunda como aquela das nuvens, respondeu para o rei em palavras excelentes repletas de razões, palavras que eram claras, distintas, corretamente pronunciadas, e sem

uma única letra suprimida, dizendo, 'Enviados, ó rei, comem e aceitam adoração somente depois do sucesso de suas missões. Portanto, ó Bharata, depois que a minha missão se tornar bem sucedida tu poderás entreter a mim e meus servidores.' Assim respondido, o filho de Dhritarashtra falou novamente para Janardana, 'Não cabe a ti, ó Kesava, se comportar conosco dessa maneira. Tu te tornes bem sucedido ou frustrado, nós estamos nos esforçando para te agradar, ó matador de Madhu, por causa do teu relacionamento conosco. Parece, no entanto, que todos os nossos esforços, ó tu da linhagem de Dasarha, são inúteis. Nem nós vemos a razão, ó matador de Madhu, pela qual, ó principal dos homens, tu não aceitas o culto oferecido por nós por amor e amizade. Contigo, ó Govinda, nós não temos hostilidade, nenhuma guerra. Portanto, após reflexão, parecerá para ti que palavras tais como essas não te ficam bem.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado pelo rei, Janardana da linhagem de Dasarha, lançando seus olhos no filho de Dhritarashtra e em seus conselheiros, respondeu, dizendo, 'Nem por desejo, nem por ira, nem por malícia, nem por lucro, nem por causa de argumentação, nem por tentação eu abandonaria a virtude. Uma pessoa aceita a comida de outra quando ela está em infortúnio. No momento, no entanto, ó rei, tu não tens inspirado amor em mim por meio de qualquer ação tua, nem eu mesmo estou mergulhado em infortúnio. Sem qualquer motivo, ó rei, tu odeias, desde o momento de seu nascimento, teus irmãos queridos e amáveis, os Pandavas, dotados de todas as virtudes. Este teu ódio irracional pelos filhos de Pritha não te fica bem. Os filhos de Pandu são todos dedicados à virtude. Quem, de fato, pode fazer a eles a menor injúria? Aquele que odeia a eles odeia a mim; aquele que os ama, ama a mim. Saiba que os Pandavas virtuosos e eu temos somente uma alma em comum. Aquele que, seguindo os impulsos da luxúria e ira, e por escuridão de alma, odeia e procura ferir alguém que é possuidor de todas as boas qualidades é considerado como o mais vil dos homens. Aquele infeliz colérico de alma descontrolada que, por ignorância e avareza odeia seus parentes dotados de todas as qualidades auspiciosas, nunca pode desfrutar de sua prosperidade por muito tempo. Aquele, por outro lado que, por bons préstimos conquista o apoio de pessoas dotadas de boas qualidades, mesmo que ele tenha aversão por elas dentro de seu coração, desfruta de prosperidade e fama para sempre. Maculado pela maldade, todo este alimento, portanto, não é digno de ser comido por mim. Somente o alimento fornecido por Vidura deve, eu penso, ser comido por mim.'

Tendo dito isso para Duryodhana que era sempre incapaz de tolerar qualquer coisa contra seus próprios desejos, Kesava de armas poderosas então saiu do palácio resplandecente do filho de Dhritarashtra. E Vasudeva de grande alma de braços fortes, saindo daquela mansão, dirigiu seus passos para a residência do ilustre Vidura. E enquanto aquele poderosamente armado permaneceu dentro da residência de Vidura, para lá foram até ele Drona, e Kripa, e Bhishma, e Vahlika, e muitos dos Kauravas. E os Kauravas que foram lá se dirigiram a Madhava, o matador heróico de Madhu, dizendo, 'Ó tu da tribo de Vrishni, nós colocamos à tua disposição nossas casas com toda a riqueza dentro delas.'

O matador de Madhu, de energia imensa, respondeu a eles dizendo, 'Vocês podem ir embora. Eu estou muito honrado por estas suas ofertas.' E depois que os Kurus tinham ido embora, Vidura com grande cuidado entreteve aquele herói invencível da linhagem de Dasarha com todos os objetos de desejo. E Kunti então colocou à frente do ilustre Kesava comida pura e saborosa em abundância. Com ela o matador de Madhu primeiro gratificou os Brahmanas. De fato, daquela comida ele deu primeiro uma porção, junto com muita riqueza, para diversos Brahmanas familiarizados com os Vedas, e então para seus atendentes, como Vasava no meio dos Marutas, ele jantou o que restou da comida limpa e saborosa fornecida por Vidura.'"

92

"Vaisampayana disse, 'Depois que Kesava tinha jantado e estava revigorado, Vidura disse para ele durante a noite, 'Ó Kesava, esta tua chegada não foi bem calculada, pois, ó Janardana, o filho de Dhritarashtra viola as regras de lucro e religião, é mau e colérico, insulta outros, embora desejoso de respeito, e desobedece as ordens dos idosos. Ele é, ó Madhava, um transgressor das escrituras, ignorante, e de alma perversa, já tragado pelo destino, intratável, e disposto a fazer mal para aqueles que procuram seu bem. Sua alma está possuída por desejo e luxúria. Ele tolamente se considera muito sábio. Ele é o inimigo de todos os seus amigos verdadeiros. Sempre suspeitoso, sem qualquer controle sobre sua alma, e ingrato, ele abandonou toda a virtude e está em amor com pecado. Ele é tolo, com mente pouco desenvolvida, um escravo de seus sentidos, sempre obediente aos impulsos de luxúria e avareza, e irresoluto em toda ação que deve ser feita. Ele é dotado desses e muitos outros defeitos. Embora tu vás indicar para ele o que é para seu bem, ele contudo desconsiderará tudo isso, movido por orgulho e raiva. Ele tem grande fé em Bhishma, e Drona, e Kripa, e Karna, e no filho de Drona, e Jayadratha, e, portanto, ele nunca fixa seu coração na paz, ó Janardana. Os filhos de Dhritarashtra, com Karna, acreditam firmemente que os Pandavas são incapazes até de olhar para Bhishma, Drona, e outros heróis, sem falar de lutar contra eles. O tolo Duryodhana de visão limitada, tendo reunido um exército enorme considera, ó matador de Madhu, que seus propósitos já estão alcançados. O tolo filho de Dhritarashtra chegou à conclusão de que Karna, sem ajuda, é competente para vencer seus inimigos. Ele, portanto, nunca fará as pazes. Tu, ó Kesava, desejas estabelecer paz e sentimentos fraternos entre os dois partidos. Mas saiba que todos os filhos de Dhritarashtra chegaram à conclusão de que eles não devem dar para os Pandavas aquilo ao qual, de fato, os últimos têm direito. Com aqueles que estão assim decididos tuas palavras certamente virão a ser inúteis. Onde, ó matador de Madhu, palavras, boas ou más, são do mesmo efeito, nenhum homem sábio gastaria seu fôlego para nada, como um cantor diante do surdo. Como um Brahmana diante de um conclave de Chandalas, tuas palavras, ó Madhava, não imporiam respeito entre aqueles patifes ignorantes e pecaminosos que não têm reverência por todos os que merecem reverência. Insensato, desde que ele tenha força, ele nunca obedecerá teus conselhos. Quaisquer palavras que tu possas falar para ele serão

completamente inúteis. Não me parece apropriado, ó Krishna, que tu devas ir para o meio daqueles canalhas de mente perversa reunidos. Não me parece apropriado, ó Krishna, que indo para lá tu profiras palavras contra aqueles indivíduos de alma pecaminosa, insensatos e iníquos, fortes em número. Por eles nunca terem reverenciado os idosos, por eles terem sido cegados por prosperidade e orgulho, e devido ao orgulho de juventude e ira, eles nunca aceitarão o bom conselho que tu possas colocar diante deles. Ele reuniu um exército poderoso, ó Madhava, e ele tem suas suspeitas de ti. Ele, portanto, nunca obedecerá qualquer conselho que tu possas oferecer. Os filhos de Dhritarashtra, ó Janardana, estão inspirados com a firme crença que no momento o próprio Indra, na vanguarda de todos os celestiais, é incapaz de derrotá-los em batalha. Eficazes como as tuas palavras sempre são, elas não virão a ser de eficácia com pessoas impressionadas com semelhante convicção e que sempre seguem os impulsos de luxúria e ira. Permanecendo no meio de suas tropas de elefantes e de seu exército consistindo em carros e infantaria heróica, o tolo e pecaminoso Duryodhana, com todos os receios dissipados, considera que a terra inteira já foi subjugada por ele. De fato, o filho de Dhritarashtra cobiça o império extenso na terra sem quaisquer rivais. A paz, portanto, com ele é inalcançável. Aquilo que ele tem em sua posse ele considera como inalteravelmente seu. Ai, a destruição sobre a terra parece estar perto por causa de Duryodhana, pois, impelidos pelo destino, os reis da terra, com todos os guerreiros Kshatriya, se reuniram, desejosos de lutar com os Pandavas! Todos aqueles reis, ó Krishna, estão em inimizade contigo e todos foram privados de suas posses antes disto por ti. Por medo de ti aqueles monarcas heróicos se reuniram com Karna e fizeram uma aliança com os filhos de Dhritarashtra. Indiferentes às suas próprias vidas, todos aqueles guerreiros se uniram com Duryodhana e estão cheios de alegria pela probabilidade de lutar com os Pandavas. Ó herói da linhagem de Dasarha, não se recomenda para mim que tu entres no meio deles. Como, ó opressor de inimigos, tu te dirigirás para o meio daqueles teus inimigos numerosos, de almas perversas, e sentados juntos? Ó tu de armas poderosas, tu és, de fato, incapaz de ser vencido pelos próprios deuses, e eu conheço, ó matador de inimigos, tua coragem e inteligência. Ó Madhava, o amor que eu tenho por ti é igual àquele que eu tenho pelos filhos de Pandu. Eu digo, portanto, estas palavras para ti por causa do meu afeto, respeito, e amizade por ti. Que necessidade há de expressar para ti o deleite que tem sido meu à visão da tua pessoa? Pois tu, ó tu de olhos como lótus, és a Alma interna de todas as criaturas incorporadas.'"

93

"O santo disse, 'Aquilo, de fato, que deve ser dito por uma pessoa de grande sabedoria; aquilo, de fato, que deve ser dito por alguém possuidor de grande previdência; aquilo de fato, que deve ser dito por alguém como tu para um amigo como eu; aquilo de fato, que é digno de ti, sendo consistente com virtude e lucro e verdade; aquilo, ó Vidura, foi dito por ti, como pai e mãe, para mim. Isso que tu me disseste é sem dúvida verdadeiro, digno de aprovação e consistente com o bom

senso. Ouça, no entanto, com atenção, ó Vidura, à razão da minha vinda. Conhecendo bem a pecaminosidade do filho de Dhritarashtra e a hostilidade dos Kshatriyas que tomaram o partido dele, eu ainda assim, ó Vidura, vim aos Kurus. Grande será o mérito ganho por aquele que libertar das malhas da morte a terra inteira, com seus elefantes, carros e corcéis, oprimida por uma calamidade terrível. Se um homem se esforçando ao melhor de suas habilidades para realizar uma ação virtuosa encontra o fracasso, eu não tenho a menor dúvida de que o mérito daquela ação se torna seu, apesar de tal fracasso. Também é sabido por aqueles que são familiarizados com religião e escrituras, que se uma pessoa tendo planejado mentalmente cometer uma ação pecaminosa realmente não a comete, o demérito daquela ação nunca pode ser dela. Eu me esforçarei sinceramente, ó Vidura, para ocasionar a paz entre os Kurus e os Srinjayas que estão prestes a ser massacrados em batalha. Aquela terrível calamidade (que pende sobre eles todos) tem sua origem na conduta dos Kurus, pois isto é devido diretamente à ação de Duryodhana e Karna, os outros Kshatriyas somente seguindo a liderança destes dois. Os eruditos consideram um canalha aquele que por sua solicitação não procura salvar um amigo que está prestes a afundar em calamidade. Se esforçando da melhor maneira que pode, até a ponto de agarrá-lo pelo cabelo, uma pessoa deve procurar dissuadir um amigo de uma ação imprópria. Nesse caso, aquele que age assim, em vez de incorrer em crítica, colhe elogios. Cabe ao filho de Dhritarashtra, portanto, ó Vidura, com seus conselheiros, aceitar meus conselhos bons e benéficos que são compatíveis com virtude e lucro e apropriados para dissipar a atual calamidade. Eu, portanto, me esforçarei sinceramente para ocasionar o bem dos filhos de Dhritarashtra e dos Pandavas, como também de todos os Kshatriyas sobre a face da terra. Se enquanto me esforçando para ocasionar o bem (de meus amigos), Duryodhana me julgar injustamente, eu terei a satisfação da minha própria consciência, e um amigo verdadeiro é alguém que assume as funções de um intercessor quando dissensões irrompem entre parentes. A fim de que, além disso, pessoas injustas, tolas, e hostis não digam depois que embora competente Krishna não fez qualquer tentativa para impedir os zangados Kurus e os Pandavas de massacrarem uns aos outros, eu vim aqui. De fato, é para servir a ambos os partidos que eu vim para cá. Tendo me esforçado para ocasionar paz, eu escaparei da reprovação de todos os reis. Se depois de escutar minhas palavras auspiciosas, repletas de virtude e lucro, o tolo Duryodhana não aceitá-las, ele somente convidará seu destino. Se sem sacrificar os interesses dos Pandavas eu puder ocasionar paz entre os Kurus, minha conduta será considerada muito meritória, ó de grande alma, e os próprios Kauravas estarão livres das malhas da morte. Se os filhos de Dhritarashtra refletirem calmamente sobre as palavras que eu falarei, palavras repletas de sabedoria, compatíveis com retidão, e possuidoras de significado importante, então aquela paz que é meu objetivo será ocasionada e os Kauravas também me adorarão (como o agente disso). Se, por outro lado, eles procurarem me ferir, eu te digo que todos os reis da terra; juntos, não estão à minha altura, como um bando de veados incapazes de resistir diante de um leão enfurecido.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito estas palavras, aquele touro da raça Vrishni e encantador de Yadavas então se deitou em sua cama macia para dormir.'"

94

"Vaisampayana disse, 'Em tal conversação entre aquelas duas pessoas eminentes, ambas as quais eram dotadas de grande inteligência, aquela noite, luminosa com estrelas brilhantes, passou. De fato, a noite passou contra os desejos do ilustre Vidura, que tinha estado escutando a conversa variada de Krishna repleta de virtude, lucro, e desejo, e composta de palavras encantadoras e sílabas de significação agradável; e também (contra) aqueles do próprio Krishna, de destreza incomensurável, escutando a discursos iguais em estilo e caráter. Então, na alvorada uma banda de coristas e bardos dotados de vozes melodiosas despertou Kesava com sons agradáveis de conchas e pratos. E levantando da cama, Janardana da linhagem de Dasarha, aquele touro entre todos os Sattwatas, passou por todas as ações costumeiras da manhã. E tendo se purificado com um banho, recitado os Mantras sagrados e derramado libações de manteiga clarificada no fogo sacrifical, Madhava enfeitou seu corpo e começou a cultuar o sol nascente. E enquanto o invencível Krishna da linhagem de Dasarha ainda estava engajado em suas devoções matinais, Duryodhana e o filho de Suvala, Sakuni, foram a ele e disseram, 'Dhritarashtra está sentado em sua corte, com todos os Kurus encabeçados por Bhishma e com todos os reis da terra. Eles estão todos solicitando a tua presença, ó Govinda, como os celestiais no céu desejando a presença do próprio Sakra.' Assim endereçado, Govinda cumprimentou ambos com perguntas gentis e corteses. E quando o sol tinha subido um pouco mais, Janardana, aquele castigador de inimigos, convocando vários Brahmanas, fez a eles presentes de ouro e mantos e vacas e corcéis. E depois que ele tinha doado dessa maneira muita riqueza e tomado seu assento, seu motorista (Daruka) chegou e saudou aquele herói invicto da linhagem de Dasarha. E Daruka logo retornou com o carro grande e brilhante de seu chefe equipado com fileiras de sinos tilintantes e adornado com corcéis excelentes. E compreendendo que seu carro vistoso enfeitado com todos os ornamentos e produzindo um som profundo como o ribombar das massas poderosas de nuvens estava pronto, Janardana de grande alma, aquele encantador de todos os Yadavas, andando ao redor do fogo sagrado e de um grupo de Brahmanas, e colocando a pedra preciosa conhecida pelo nome de Kaustubha, e resplandecendo com beleza, cercado pelos Kurus, e bem protegido pelos Vrishnis, subiu nele. E Vidura, conhecedor de todos os preceitos de religião, seguiu no seu próprio carro aquele descendente da linhagem de Dasarha, aquela mais importante de todas as criaturas vivas, aquela principal de todas as pessoas dotadas de inteligência. E Duryodhana e o filho de Suvala Sakuni também em um carro seguiram Krishna, aquele castigador de inimigos. E Satyaki e Kritavarman e os outros poderosos guerreiros em carros da tribo Vrishni todos foram atrás de Krishna em carros e corcéis e elefantes. E, ó rei, os carros belos daqueles heróis, adornados com ouro e puxados por corcéis excelentes e cada um produzindo um estrépito alto, conforme eles se moviam adiante,

brilhavam gloriosamente. E Kesava, dotado de grande inteligência, e radiante com beleza, logo chegou a uma rua larga que tinha sido previamente varrida e regada, e que era digna de ser usada pelo maior dos reis. E quando aquele filho da linhagem de Dasarha partiu, pratos começaram a ser tocados, e conchas começaram a ser sopradas, e outros instrumentos também a emitir sua música. E grande número de heróis jovens, os mais notáveis no mundo por heroísmo, e possuidores de bravura semelhante à do leão, procederam, cercando o carro de Sauri. E muitos milhares de soldados, vestidos em trajes matizados, portando espadas e lanças e machados, marcharam à frente de Kesava. E havia quinhentos elefantes no total, e carros aos milhares, que seguiram aquele herói invicto da linhagem de Dasarha enquanto ele procedia. E, ó castigador de inimigos, todos os cidadãos da capital, de todas as idades e ambos os sexos, desejosos de ver Janardana, saíram às ruas. E os terraços e varandas das casas estavam tão apinhados com damas que as casas estavam prestes a cair com o peso. E reverenciado pelos Kurus, e escutando várias palavras agradáveis, e respondendo os cumprimentos de todos como cada um merecia, Kesava seguiu ao longo da rua, lançando seus olhares em todos. E finalmente, quando Kesava alcançou a corte Kuru, seus servidores ruidosamente sopraram suas conchas e trombetas e encheram o firmamento com aquele clangor. E, nisso, toda a assembléia de reis, de destreza incomensurável, tremeu com deleite na expectativa de logo fixar seus olhos em Krishna. E ouvindo o estrépito de seu carro, que ressoava como o ribombar profundo de nuvens carregadas de chuva, os monarcas compreenderam que Krishna estava perto, e os pêlos de seus corpos se arrepiaram de prazer. E tendo alcançado o portão da corte, Sauri, aquele touro entre os Satwatas, descendo de seu carro, que parecia o topo de Kailasa, entrou na corte que parecia uma massa de nuvens recém surgidas, e brilhava com beleza, e parecia com a própria residência do grande Indra. E aquele herói ilustre entrou na corte, de braços dados com Vidura e Satyaki de ambos os lados, e eclipsando com seu próprio o esplendor de todos os Kurus, como o sol eclipsando o brilho de luzes menores no firmamento. E diante de Vasudeva sentavam-se Karna e Duryodhana, enquanto atrás dele estavam sentados os Vrishnis com Kritavarman. E Bhishma e Drona, e outros com Dhritarashtra estavam a ponto de se levantar de seus assentos para honrar Janardana. De fato, logo que ele, da linhagem de Dasarha, chegou, o ilustre monarca cego, Drona e Bhishma, todos se levantaram de seus assentos. E quando aquele soberano poderoso de homens, o rei Dhritarashtra, se ergueu de seu assento, aqueles reis aos milhares em volta dele se levantaram todos também. E por ordem de Dhritarashtra, um belo assento todo coberto e adornado com ouro foi mantido lá para Krishna. E depois de tomar seu assento, Madhava cumprimentou sorridente o rei, e Bhishma, e Drona, e todos os outros soberanos, cada um segundo sua idade. E todos os reis da terra, e todos os Kurus também, vendo Kesava chegar naquela assembléia, o reverenciaram devidamente. E quando aquele castigador de inimigos, aquele subjugador de cidades hostis, aquele herói da linhagem de Dasarha estava sentado lá, ele viu os Rishis a quem ele tinha visto enquanto procedia para Hastinapura, permanecendo no firmamento. E vendo aqueles Rishis com Narada em sua chefia, ele da linhagem de Dasarha se dirigiu lentamente a Bhishma, o filho de Santanu, dizendo, ‘Ó rei, os Rishis vieram para ver este nosso

conclave terrestre. Convide-os com oferta de assentos e cortesia abundante, pois se eles não se sentarem ninguém aqui é capaz de tomar seu assento. Que culto adequado, portanto, esteja oferecido rapidamente para estes Rishis com almas sob controle apropriado.' E vendo os Rishis então no portão do palácio, o filho de Santanu rapidamente mandou os empregados trazerem assentos para eles. E logo eles trouxeram assentos grandes e belos bordados com ouro e enfeitados com jóias. E depois que os Rishis, ó Bharata, tinham tomado seus assentos e aceitado os Arghyas oferecidos a eles, Krishna tomou seu assento, e assim também os reis. E Dussasana deu um assento excelente para Satyaki, enquanto Vivingsati deu outro dourado para Kritavarman. E não longe de onde Krishna estava, aquele par ilustre e colérico, Karna e Duryodhana, estava sentado junto no mesmo assento. E Sakuni, o rei de Gandhara, cercado pelos chefes de seu país, sentava lá, ó rei, com seu filho ao seu lado. E Vidura de grande alma sentava em um assento enfeitado com pedras preciosas coberto com uma camurça branca que quase tocava o assento de Krishna. E todos os reis na assembléia, embora eles olhassem para Janardana da linhagem de Dasarha por um longo tempo, não estavam, no entanto, satisfeitos em olhá-lo, como bebedores de Amrita que nunca estão saciados por beber medida atrás de medida. E Janardana vestido em mantos amarelos tendo a cor da flor Atasi estava sentado no meio daquela assembléia como uma safira engastada em ouro. E depois que Govinda tinha tomado seu assento um completo silêncio se seguiu, pois ninguém lá presente falou uma única palavra.'"

95

"Vaisampayana disse, 'E depois que todos os reis tinham se sentado e perfeito silêncio tinha se seguido, Krishna, possuidor de dentes excelentes e tendo uma voz profunda como aquela do tambor, começou a falar. E Madhava, embora ele se dirigisse a Dhritarashtra, falou em uma voz profunda como o ribombar de nuvens na estação chuvosa, fazendo a assembléia inteira ouvir. E ele disse, 'Para que, ó Bharata, a paz possa ser estabelecida entre os Kurus e os Pandavas sem um massacre de heróis, eu vim para cá. Além disto, ó rei, eu não tenho outras palavras benéficas para proferir, ó castigador de inimigos, tudo o que deve ser aprendido neste mundo já é conhecido por ti. Esta tua linhagem, ó rei, devido à sua erudição e comportamento, e devido a ela ser também adornada com todas as habilidades, é a mais distinta entre todas as dinastias reais. Alegria na felicidade de outros, aflição à visão da tristeza de outras pessoas, desejo de aliviar a angústia, abstenção de ferir, sinceridade, perdão, e veracidade, estes, ó Bharata, prevalecem entre os Kurus. Então tua linhagem, portanto, ó rei, é tão nobre, que seria uma pena se alguma coisa imprópria fosse feita por alguém pertencente a ela, e maior pena ainda se isto fosse feito por ti. Ó chefe dos Kurus, tu és o primeiro daqueles que devem reprimir os Kurus se eles se comportarem fraudulentamente em direção a estranhos ou àqueles incluídos com eles mesmos. Saiba, ó tu da linhagem de Kuru, que aqueles teus filhos pecaminosos, encabeçados por Duryodhana, abandonando virtude e lucro, desconsiderando a moralidade, e privados de sua razão pela avareza, estão agora agindo muito

injustamente em direção, ó touro dos homens, aos seus principais parentes. Aquele perigo terrível (o qual ameaça a todos) tem sua origem na conduta dos Kurus. Se tu te tornares indiferente a isto, isto então produzirá uma matança geral. Se, ó Bharata, tu estiveres disposto, tu podes ser capaz de atenuar aquele perigo agora mesmo, pois, ó touro da raça Bharata, a paz, eu penso, não é de aquisição difícil. O estabelecimento da paz, ó rei, depende de ti e de mim mesmo, ó monarca. Corrija teus filhos, ó tu da família de Kuru, e eu corrigirei os Pandavas. Qualquer que seja teu comando, ó rei, cabe aos teus filhos com seus seguidores obedecê-lo. Se, além disso, eles viverem em obediência a ti, isto seria o melhor que eles poderiam fazer. Se tu te esforçares pela paz por reprimires os teus filhos, isto será para o teu benefício, ó rei, como também para o benefício dos Pandavas. Tendo refletido com cuidado, aja tu mesmo, ó rei. Que aqueles filhos de Bharata (os Pandavas), sejam, ó soberano de homens, teus aliados. Auxiliado pelos Pandavas, ó rei, procure ambos: religião e lucro. Por todo o esforço em teu poder, tu não podes ter, ó rei, aliados tais como eles que são de tal maneira. Protegido pelos ilustres filhos de Pandu, o próprio Indra na chefia dos celestiais não será capaz de te derrotar. Como seria possível então para meros reis terrestres resistir à tua destreza? Se com Bhishma, e Drona, e Kripa, e Karna, e Vivingsati, e Aswatthaman, Vikarna, e Somadatta, e Vahlika e o chefe dos Sindhus, e o soberano dos Kalingas, e Sudakshina, o rei dos Kamvojas, estivessem Yudhishthira, e Bhimasena e Savyasachin, e os gêmeos, e se Satyaki de energia poderosa, e Yuyutsu, aquele poderoso guerreiro em carro, estivessem posicionados, quem, ó touro da raça Bharata, de tal inteligência mal orientada lutaria com eles? Se, ó matador de inimigos, tu tiveres ambos os Kurus e os Pandavas em teu apoio, a soberania do mundo inteiro e invencibilidade diante de todos os inimigos serão teus. Todos os soberanos da terra, ó monarca, que são iguais ou superiores a ti, então procurarão aliança contigo. Protegido por todos os lados por filhos, netos, pais, irmãos, e amigos, tu poderás então viver em felicidade excelente. Mantendo estes diante de ti e tratando-os com bondade como nos tempos de antigamente tu, ó monarca, desfrutarás da soberania da terra inteira. Com estes como teus partidários e com os filhos de Pandu também, ó Bharata, tu serás capaz de conquistar todos os teus inimigos. Esta mesma é tua melhor vantagem. Se, ó castigador de inimigos, tu estiveres unido com teus filhos e parentes e conselheiros, tu desfrutarás da soberania da terra inteira obtida para ti por eles. Em batalha, ó grande rei, somente uma destruição indiscriminada é visível. De fato, na destruição de ambos os partidos, que mérito tu vês? Se os Pandavas forem massacrados em batalha, ou se teus próprios filhos poderosos caírem, diga-me, ó touro da raça Bharata, de que felicidade tu desfrutarás? Todos eles são corajosos e hábeis em armas. Todos eles estão desejosos de lutar, os Pandavas como também teus filhos. Oh, salve-os do perigo terrível que os ameaça. Depois da batalha tu não verás todos os Kurus ou todos os Pandavas; guerreiros em carros mortos por guerreiros em carros, tu verás os heróis de ambos os partidos reduzidos em número e força. Todos os governantes da terra, ó melhor dos reis, estão reunidos. Excitados com cólera, eles certamente exterminarão a população da terra. Salve, ó rei, o mundo. Não deixe a população da terra ser exterminada. Ó filho da linhagem de Kuru, se tu recuperares tua disposição natural, a terra poderá continuar a ser povoada como agora. Salve, ó

rei, estes monarcas, que são todos de descendência pura, dotados de modéstia e generosidade e piedade, e ligados uns aos outros por laços de relacionamento ou aliança, do perigo terrível que os ameaça. Abandonando cólera e inimizade, ó castigador de inimigos, que estes reis, abraçando uns aos outros em paz, comendo e bebendo juntos, vestidos em mantos excelentes e enfeitados com guirlandas, e fazendo cortesias uns para os outros, voltem para suas respectivas casas. Que a afeição que tu tinhas pelos Pandavas seja reavivada em teu peito, e que isto, ó touro da raça Bharata, leve ao estabelecimento da paz. Privados de seu pai enquanto eles eram crianças, eles foram criados por ti. Trate-os agora como é adequado para ti, ó touro da raça Bharata, como se eles fossem teus próprios filhos. É teu dever protegê-los. E especialmente é assim quando eles estão afligidos. Ó touro da raça Bharata, não deixe que tua virtude e lucro sejam ambos perdidos. Cumprimentando-te e propiciando-te, os Pandavas te disseram, 'Por tua ordem nós temos, com nossos seguidores, sofrido grande miséria. Por estes doze anos nós vivemos nas florestas, e pelo décimo terceiro ano nós vivemos incógnitos em uma parte habitada do mundo. Nós não quebramos nossa promessa, acreditando firmemente que nosso pai também seria fiel à dele. Que nós não violamos nossa palavra é conhecido pelos Brahmanas que estavam conosco. E como nós, ó touro da raça Bharata, cumprimos nossa promessa, cumpra a tua também. Nós sofremos a maior miséria por muito tempo, mas nos deixe agora ter nossa parte do reino. Completamente familiarizado como tu és com virtude e lucro, cabe a ti nos resgatar. Sabendo que nossa obediência é devida a ti, nós temos passado quietamente por muita tristeza. Comporte-te então em direção a nós como um pai ou irmão. Um preceptor deve se comportar como um preceptor em direção a seus discípulos, e como discípulos nós estamos dispostos a nos comportar como tais em direção a ti, nosso preceptor. Aja, portanto, conosco como um preceptor deve. Se nós erramos, é o dever do nosso pai nos corrigir. Portanto, nos estabeleça no caminho e trilhe tu também o caminho excelente da retidão.' Aqueles teus filhos, ó touro da raça Bharata, também disseram para estes reis reunidos na corte estas palavras, 'Se os membros de uma assembléia são familiarizados com moralidade, nada impróprio deve ser permitido por eles acontecer. Onde, na presença dos membros virtuosos de uma assembléia, se procura subjugar a retidão pela iniquidade, e a verdade pela mentira, são aqueles próprios membros que são derrotados e mortos. Quando a retidão, perfurada pela iniquidade, procura a proteção de uma assembléia, se a flecha não é extraída, são os próprios membros que são perfurados por aquela flecha. De fato, nesse caso, a retidão mata os membros daquela assembléia, como um rio destruindo as raízes das árvores em sua margem.' Julgue agora, ó touro da raça Bharata. Os Pandavas, com seus olhos voltados para a retidão e refletindo sobre tudo, estão mantendo uma atitude calma, e o que eles disseram é consistente com verdade e virtude e justiça. Ó soberano de homens, o que tu podes dizer para eles, exceto que tu estás disposto a devolver a eles seu reino? Que estes soberanos da terra que estão sentados aqui digam (qual deve ser a resposta)! Se te parece que o que eu falei depois de refletir bem sobre a virtude é verdadeiro, salve todos estes Kshatriyas, ó touro da raça Bharata, das malhas da morte. Efetue a paz, ó chefe da linhagem de Bharata, e não ceda à raiva. Dando para os Pandavas sua parte justa do reino paterno, desfrute então, com teus

filhos, ó castigador de inimigos, de felicidade e luxo, teus desejos sendo todos coroados com êxito. Saiba que Yudhishthira sempre trilha o caminho que é trilhado pelos justos. Tu sabes também, ó rei, qual é o comportamento de Yudhishthira em direção a ti e teus filhos. Embora tu tenhas procurado queimá-lo até a morte e o tenhas exilado de habitação humana, ainda assim ele voltou e mais uma vez depositou confiança em ti. Além disso, tu com teus filhos não o baniste para Indraprastha? Enquanto lá, ele trouxe todos os reis da terra à submissão e ainda olhou para teu rosto, ó rei, sem procurar te desrespeitar. Embora ele tenha se comportado dessa maneira, ainda assim o filho de Suvala, desejoso de roubá-lo de seus domínios e riqueza e posses, aplicou o meio muito eficaz do jogo de dados. Reduzido àquela condição e até vendo Krishna arrastada à assembléia, Yudhishthira de alma incomensurável, contudo não se desviou dos deveres de um Kshatriya. Com relação a mim, eu desejo, ó Bharata, teu bem como também o deles. Por causa de virtude, de lucro, de felicidade, faça as pazes, ó rei, e não permita que a população da Terra seja massacrada, considerando mal como bem e bem como mal. Reprima teus filhos, ó monarca, que por cobiça foram longe demais. Com relação aos filhos de Pritha, eles estão igualmente preparados para te atender em serviço respeitoso ou para lutar. Adote aquilo que, ó castigador de inimigos, te pareça ser para o teu bem!'

"Vaisampayana continuou, 'Todos os soberanos da terra lá presentes aplaudiram muito as palavras de Kesava dentro de seus corações, mas nenhum deles ousou dizer qualquer coisa na presença de Duryodhana.'"

96

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras proferidas por Kesava de grande alma, todas as pessoas que estavam sentadas naquela assembléia ficaram caladas, com seus cabelos arrepiados. E todos os reis pensaram consigo mesmos que não havia homem que ousaria responder àquele discurso. E vendo que todos os reis sentavam silenciosos, o filho de Jamadagni (se dirigindo a Duryodhana) então disse estas palavras naquela assembléia de Kurus, 'Ouça confiantemente minhas palavras ilustradas por um exemplo, e procure teu próprio benefício se meu discurso se recomendar para ti. Houve um rei antigamente chamado Dambhodbhava, que era o Chefe da terra. É ouvido por nós que sua soberania se estendia sobre o mundo inteiro. E aquele poderoso guerreiro em carro, se levantando toda manhã depois que a noite tinha passado, chamava os Brahmanas e os Kshatriyas para si e os questionava, dizendo, 'Seja um Sudra, um Vaisya, um Kshatriya, ou um Brahmana, existe alguém que seja superior ou mesmo igual a mim em batalha?' E proferindo estas palavras aquele rei vagava pela terra, embriagado de orgulho e não pensando em nada mais. E aconteceu que certos Brahmanas dotados de grandes almas, familiarizados com os Vedas, e não temendo nada sobre a terra, aconselharam o monarca, que repetidamente se gabava de sua coragem, a refrear seu orgulho. Mas embora proibido por aqueles Brahmanas de se jactar daquela maneira, o rei continuou a fazer aos Brahmanas como antes a mesma pergunta dia após dia. E alguns Brahmanas de grande alma

então, dotados de mérito ascético e conhecedores das provas fornecidas pelos Vedas, estavam inflamados pela raiva, e se dirigindo àquele rei orgulhoso e vaidoso embriagado com prosperidade, disseram a ele, 'Há duas pessoas que são os mais importantes de todos os homens e que são sempre vitoriosos em batalha. Tu, ó rei, de nenhuma maneira estará à altura deles se tu procurares um confronto com qualquer um deles.' E assim endereçado por eles, o rei questionou aqueles Brahmanas, dizendo, ‘Onde estes dois heróis podem ser encontrados? Em que linhagem eles são nascidos? Que façanhas eles têm realizado? E quem são eles?’ E os Brahmanas responderam a ele, dizendo, ‘É sabido por nós que aquelas duas pessoas são ascetas chamados Nara e Narayana. Os dois tomaram seus nascimentos na raça dos homens. Vá e lute com eles, ó rei. É aquele par ilustre, Nara e Narayana, que está agora praticando as mais severas das penitências em uma região oculta das montanhas de Gandhamadana.' Ouvindo aquelas palavras dos Brahmanas, aquele rei rapidamente reuniu seu exército grande consistindo em seis espécies de tropas, (carros, elefantes, cavalos, infantaria, veículos e outros exceto carros, e guerreiros lutando das costas de camelos), e incapaz de tolerar a reputação deles, marchou para o local onde aqueles ascetas invencíveis estavam, e chegou nas montanhas acidentadas e terríveis de Gandhamadana. Ele começou a procurar por aqueles Rishis, e finalmente os encontrou escondidos dentro das florestas. E vendo aquelas melhores das pessoas emaciadas com fome e sede, suas veias inchadas e visíveis, e eles mesmos muito afligidos pelos ventos frios e os raios quentes do sol, ele se aproximou deles, e tocando seus pés, perguntou pelo seu bem-estar. E os dois Rishis receberam o rei hospitaleiramente, com frutas e raízes, e um assento e água. E eles então perguntaram pelo propósito do rei, dizendo, 'Que isto seja feito.' E assim endereçado por eles, o rei disse para eles as mesmas palavras que ele costumava dizer para todos. E ele disse, 'A terra inteira foi conquistada pelo poder de minhas armas. Todos os meus inimigos estão mortos. Desejando um combate com vocês dois eu vim para esta montanha. Ofereçam-me esta hospitalidade. Eu venho nutrindo este desejo por muito tempo.' Assim endereçados, Nara e Narayana disseram, 'Ó melhor dos reis, cólera e cobiça não têm lugar neste retiro. Como pode uma batalha, portanto, ser possível aqui? Não há armas aqui, e nada de iniquidade e malícia. Procure batalha em outro lugar. Há muitos Kshatriyas sobre a terra.'

"Rama continuou, 'Embora assim endereçado, o rei, contudo os pressionou para lhe darem combate. Os Rishis, no entanto, continuamente o acalmaram e deixaram passar sua importunidade. O rei Dambhodbhava, ainda desejoso de lutar, repetidamente convocou aqueles Rishis para o combate. Nara, então, ó Bharata, pegando um punhado de folhas de grama, disse, 'Desejoso de lutar como tu estás, venha, ó Kshatriya, e lute! Pegue todas as tuas armas, e organize tuas tropas. Eu refrearei tua avidez por batalha futuramente!' Dambhodbhava então disse, ‘Se, ó asceta, tu achas esta tua arma adequada para ser usada contra nós, eu lutarei contigo embora tu uses esta arma, pois eu vim para cá desejoso de lutar.' Dizendo isso, Dambhodbhava com todas as suas tropas, desejoso de matar aquele asceta, cobriu todos os lados com uma chuva de flechas. Aquele asceta, no entanto, por meio daquelas folhas de grama frustrou todas aquelas flechas

terríveis do rei que eram capazes de mutilar os corpos de guerreiros hostis. O Rishi invencível então atirou em direção ao rei sua própria arma terrível feita de folhas de grama e que era incapaz de ser neutralizada. E muito extraordinário foi aquilo que aconteceu, pois aquele asceta, incapaz de errar seu alvo, perfurou e cortou, por meio daquelas folhas de grama somente, os olhos e orelhas e narizes dos guerreiros hostis, ajudado também por seu poder de ilusão. E vendo o firmamento inteiro alvejado por aquelas folhas de grama, o rei caiu aos pés do Rishi e disse, 'Que eu seja abençoado!' Sempre inclinado a conceder proteção para aqueles que a procuravam, Nara então, ó rei, disse para aquele monarca, 'Seja obediente aos Brahmanas e seja virtuoso. Nunca faça isto novamente. Ó rei, ó tigre entre monarcas, um conquistador de cidades hostis, um Kshatriya consciente dos deveres da sua própria classe nunca deve, nem dentro de seu coração, ser como tu és. Cheio de orgulho, nunca insulte alguém em qualquer ocasião, seja inferior ou superior a ti. Tal conduta conviria a ti. Adquirindo sabedoria, abandonando cobiça e orgulho, controlando tua alma, reprimindo tuas paixões, praticando perdão e humildade, e te tornando amável, ó rei, vá, e cuide dos teus súditos. Sem averiguar a força e fraqueza de homens, nunca insulte alguém sob quaisquer circunstâncias. Abençoado sejas tu, e com nossa permissão, vá, e nunca mais te comporte dessa maneira. Por nossa ordem, pergunte sempre aos Brahmanas a respeito do que é para o teu bem!' O rei então, reverenciando os pés daqueles dois Rishis ilustres, voltou para sua cidade, e desde aquele tempo começou a praticar retidão. Grandiosa de fato foi aquela façanha realizada antigamente por Nara. Narayana, além disso, se tornou superior a Nara por muito mais qualidades. Portanto, ó rei, antes que tais armas como Kakudika, Suka, Naka, Akshisantarjana, Santana, Nartana, Ghora, e Asyamodaka, sejam colocadas na corda daquele melhor dos arcos chamado Gandiva, vá até Dhananjaya, pondo de lado o teu orgulho. Atingidos por estas armas, homens sempre entregam suas vidas. De fato, estas armas têm outros significados correspondentes às oito paixões, tais como luxúria, cólera, cobiça, vaidade, insolência, orgulho, malícia, e egoísmo. Atingidos por elas, os homens são confundidos, e se movem freneticamente privados de sua razão. Sob sua influência, as pessoas sempre dormem pesadamente, fazem tolices, vomitam, expelem urina e fezes, choram, e riem constantemente. De fato, é irresistível em luta aquele Arjuna que tem Narayana como seu amigo, o Criador e Senhor de todos os mundos, totalmente familiarizado com o rumo de tudo. Quem há nos três mundos, ó Bharata, que ousaria derrotar aquele herói, Jishnu de estandarte de Macaco, que não tem igual em batalha? Inumeráveis são as virtudes que residem em Partha. Janardana, além disso, é superior a ele. Tu mesmo és bem familiarizado com Dhananjaya, o filho de Kunti. Aqueles que eram Nara e Narayana nos tempos de antigamente são agora Arjuna e Kesava. Saiba então, ó grande rei, quem são aquelas pessoas corajosas e importantes. Se tu acreditas nisto e não suspeitas de mim adote uma resolução virtuosa e faça as pazes com os filhos de Pandu. Se tu consideras isto como teu bem, isto é, que não deve haver desunião na tua família, então faça as pazes, ó principal da família de Bharata, e não fixe teu coração na batalha. Ó tu que és o principal da linhagem de Kuru, a família à qual tu pertences é muito respeitada sobre a terra. Que aquele

respeito continue a ser prestado a ela. Abençoado sejas tu, pense no que leva ao teu próprio bem-estar.'"

97

"Vaisampayana disse, 'Tendo escutado as palavras de Jamadagnya, o ilustre Rishi Kanwa também disse estas palavras para Duryodhana naquela assembléia dos Kurus.'

"Kanwa disse, 'Brahman, o Avô do universo, é indestrutível e eterno. Aqueles Rishis ilustres, Nara e Narayana, são do mesmo caráter. De todos os filhos de Aditi, somente Vishnu é eterno. Somente ele é inconquistável e indestrutível, existindo para sempre, o Senhor de tudo, e o possuidor de atributos divinos. Todos os outros, tais como o sol e a lua, terra e água, vento, fogo e firmamento, planetas, e estrelas, estão sujeitos à destruição. Todos estes, quando chega o fim do universo, partem dos três mundos. Eles são destruídos e criados repetidas vezes. Outros também, tais como homens e animais e aves, e criaturas pertencentes a outras ordens de existência viva, de fato, tudo o que se move neste mundo de homens é dotado de vida curta. E com relação aos reis, todos eles, tendo desfrutado de grande prosperidade, alcançam, finalmente, a hora da destruição e renascem para desfrutar dos resultados de atos bons e maus. Cabe a ti então fazer as pazes com Yudhishthira. Que os Pandavas e os Kauravas governem juntos esta terra. Ó Suyodhana, uma pessoa não deve pensar dessa maneira: ‘Eu sou forte!’ pois, ó touro entre homens, é visto que há pessoas mais fortes do que aquelas geralmente consideradas fortes. Ó filho da linhagem de Kuru, força física mal é considerada como força por aqueles que são realmente fortes. Em relação aos Pandavas, dotados como todos eles são de destreza igual àquela dos celestiais, eles são também considerados como fortes. Relacionado a isto é citada uma história antiga, como um exemplo, a história, a saber, de Matali procurando por um noivo a quem entregar sua filha. O rei dos três mundos (Indra) tinha um quadrigário, chamado Matali, a quem ele ternamente amava. Para ele nasceu uma filha célebre pelo mundo por beleza. Dotada de beleza celestial, aquela filha de Matali era conhecida pelo nome de Gunakesi. E, de fato, em graciosidade e simetria de figura corpórea ela superava de longe outros membros de seu sexo. Sabendo que o momento para entregá-la tinha chegado, Matali com sua esposa ficou muito ansioso, pensando, ó monarca, no que ele deveria fazer em seguida. E ele pensou consigo mesmo, 'Ai, o nascimento de uma filha nas famílias daqueles que são bem educados e de nascimento elevado e possuidores de reputação e humildade de caráter, é sempre acompanhado de maus resultados. Filhas, quando nascidas em famílias respeitáveis, sempre põem em perigo a honra de três famílias, isto é, suas famílias materna e paterna e a família na qual elas são adotadas por casamento. Olhando na visão da minha mente os mundos de deuses e homens, eu tenho procurado em ambos, mas eu não encontrei nenhum noivo elegível.'

"Kanwa continuou, 'E assim aconteceu que entre os deuses, os Daityas e Gandharvas, homens e Rishis numerosos, ninguém era considerado por Matali

como um marido elegível para sua filha. E tendo mantido uma consulta então à noite com sua esposa Sudharma, Matali fixou seu coração em fazer uma viagem ao mundo dos Nagas. E ele pensou consigo mesmo, 'Entre deuses e homens eu não encontrei um marido adequado, em relação à beleza, para minha Gunakesi. Certamente, alguém poderá ser encontrado entre os Nagas.' E dizendo isto ele se despediu de sua esposa, e cheirando a cabeça de sua filha Matali entrou nas regiões inferiores.'"

98

"Kanwa disse, 'Quando Matali estava seguindo seu caminho, ele viu o grande Rishi Narada procedendo à vontade para prestar uma visita para Varuna (o deus das águas). E vendo Matali, Narada o questionou, dizendo, 'Para onde tu vais? É, ó quadrigário, em alguma missão própria, ou é por ordem de Satakratu que esta tua viagem é empreendida?' Assim endereçado no caminho por Narada que estava procedendo em direção ao seu destino, Matali devidamente informou Narada de sua missão. E o Rishi, informado de tudo, então disse para Matali, 'Nós iremos juntos. Com relação a mim, é para ver o Senhor das águas que eu estou procedendo, tendo deixado os céus, procurando as regiões inferiores, eu direi tudo a você. Depois de uma boa procura lá, nós escolheremos um noivo, ó Matali!' E penetrando então nas regiões inferiores, aquele par ilustre, Matali e Narada, viu aquele Regente do mundo, o Senhor das águas. E lá Narada recebeu culto devido a um Rishi celeste, e Matali recebeu aquele igual ao que é oferecido ao grande Indra. E ambos habilidosos em negócios informaram Varuna de seu propósito, e obtendo sua permissão eles começaram a vagar naquela região dos Nagas. E Narada que conhecia todos os residentes das regiões inferiores então começou a descrever em detalhes para seu companheiro tudo acerca dos habitantes do mundo Naga.'

"E Narada disse, 'Tu, ó quadrigário, viste Varuna cercado por seus filhos e netos. Contemple os domínios do Senhor das águas. Ele é encantador por toda parte, e cheio de riquezas. O filho, dotado de grande sabedoria, de Varuna, o Senhor do Oceano, é mesmo muito distinto por sua conduta e disposição e por sua santidade. Possuidor de olhos parecidos com folhas de lótus, este Pushkara é, de fato, o filho muito amado de Varuna, dotado de grande beleza e encantador de se olhar. Ele foi escolhido pela filha de Soma como seu marido. Aquela filha de Soma, igual em beleza a uma segunda Sree, é conhecida pelo nome de Jyotsnakali. De fato, é dito que ela uma vez antes tinha escolhido o mais velho e principal dos filhos de Aditi como seu marido. Veja agora, ó companheiro do Senhor dos celestiais, aquela residência, feita totalmente de ouro, e cheia do vinho chamado Varuni. De fato, tendo obtido aquele vinho, os deuses adquiriram sua divindade. Estas armas brilhantes também de todos os tipos que tu vês, pertenceram, ó Matali, aos Daityas que foram privados de sua soberania. Estas armas são incapazes de deterioração, e quando arremessadas no inimigo sempre voltam para a mão que as lançou. Obtidas pelos deuses como os despojos da guerra, elas requerem energia mental considerável para serem usadas contra

inimigos. Aqui moravam antigamente muitas tribos de Rakshasas e Daityas, possuidores de muitas espécies de armas celestes, mas eles foram todos vencidos pelos deuses. Veja lá, no lago de Varuna está aquele fogo de chamas ardentes, e aquele disco de Vishnu cercado pelo esplendor brilhante de imenso calor. Veja, lá se encontra aquele arco nodoso que foi criado para a destruição do mundo. Ele é sempre protegido com grande vigilância pelos deuses, e é por causa deste arco que aquele manejado por Arjuna recebeu seu nome. Dotado da força de cem mil arcos, o poder que ele assume na hora da batalha é indescritivelmente formidável. Ele pune todos os reis pecaminosos puníveis dotados da natureza de Rakshasas. Esta arma feroz foi primeiro criada por Brahman, o proferidor dos Vedas. O grande preceptor Sukra disse que esta arma é terrível em relação a todos os reis. Dotada de grande energia, ela é mantida pelos filhos do Senhor das águas. Veja, lá na sala do guarda-sol está o guarda-sol do Senhor das águas. Ele derrama chuvas refrescantes como as nuvens. A água caída deste guarda-sol, embora pura como a lua, é, contudo envolvida por tal escuridão que ela não pode ser vista por ninguém. Aqui, nestas regiões, ó Matali, são inúmeras as maravilhas a serem vistas. Teu negócio, no entanto, sofrerá se nós passarmos mais tempo aqui. Nós, portanto, deixaremos esta região logo.'"

99

"Narada continuou, 'Aqui no verdadeiro centro do mundo dos Nagas está situada a cidade conhecida pelo nome de Patalam. Célebre por todo o universo, ela é adorada pelos Daityas e Danavas. Criaturas habitando a terra, se trazidas para cá pela força da corrente de água, gritam ruidosamente, afligidas pelo medo. Aqui o fogo conhecido pelo nome de fogo-Asura (ou fogo-Badava) e que é alimentado por água brilha continuamente. Retido firmemente pelo plano dos celestiais, ele não se move, se considerando como limitado e confinado. Foi aqui que os deuses, tendo primeiro vencido e matado seus inimigos, beberam o Amrita e depositaram o resíduo. É deste lugar que o diminuir e aumentar da lua é visto. É aqui que o filho de Aditi, (Vishnu) de cabeça de cavalo, na repetição de toda ocasião auspiciosa, se ergue, enchendo em tais tempos o universo, também chamado Suvarna, com o som de hinos e Mantras Védicos. E porque todas as formas aquosas tais como a Lua e outras derramam sua água sobre a região, portanto esta região excelente foi chamada de Patala. É daqui que o elefante celeste Airavata, para o benefício do universo, pega água fria para dá-la às nuvens, e é esta água que Indra despeja como chuva. Aqui moram diversas espécies de animais aquáticos, de várias formas tais como o Timi e outros, que subsistem dos raios da lua. Ó quadrigário, aqui existem muitas espécies de criaturas que morrem durante o dia, sendo perfuradas pelos raios do sol, mas todas as quais revivem à noite, a razão sendo que a lua, se elevando aqui todo dia, tocando aquelas criaturas falecidas com Amrita por meio de raios, que constituem seus braços, as ressuscita por meio daquele toque. Privados de sua prosperidade por Vasava, é aqui que muitos Danavas pecaminosos vivem presos, derrotados por ele e afligidos pelo Tempo. Foi aqui que o Senhor das criaturas,

aquele grande Mestre de todos os seres criados, Mahadeva, praticou as mais severas das austeridades ascéticas para o benefício de todas as criaturas. Aqui moram muitos regenerados e grandes Rishis cumpridores de votos chamados 'Go' e emaciados com a recitação e estudo dos Vedas, e que, tendo suspendido o ar vital chamado Prana, alcançaram o céu por força de suas austeridades. É dito que um homem adota o voto chamado Go quando ele dorme onde quer que ele deseje, e quando ele subsiste de qualquer coisa que outros coloquem diante dele, e se veste com mantos que outros possam fornecer. Aqui na raça do elefante célebre Supratika nasceram aqueles melhores dos elefantes conhecidos pelos nomes de Airavata, Vamana, Kumuda e Anjana, o primeiro sendo o rei de sua tribo. Veja, ó Matali, se há algum noivo aqui, que seja distinto pela posse de méritos superiores, pois então eu irei até ele para respeitosamente pedi-lo para aceitar tua filha. Veja, aqui jaz um ovo nestas águas, resplandecendo com beleza. Desde o começo da criação ele está aqui. Ele não se move, nem se rompe. Eu nunca ouvi alguém falando de seu nascimento ou natureza. Ninguém sabe quem é seu pai ou mãe. É dito, ó Matali, que quando chega o fim do mundo, um poderoso fogo irrompe de dentro dele, e se espalhando consome os três mundos com todos os seus objetos móveis e imóveis.' Ouvindo aquelas palavras de Narada, Matali respondeu a ele, dizendo, 'Ninguém aqui me parece ser elegível. Vamos embora, portanto, sem demora!'"

100

"Narada continuou, 'Aqui é aquela espaçosa e célebre cidade das cidades, chamada Hiranyapura, pertencente aos Daityas e Danavas, possuindo cem diversas espécies de ilusão. Aqui nestas regiões chamadas Patala ela foi construída com grande cuidado pelo artífice divino, e planejada pelo Danava Maya. Dotados de grande energia e heroísmo, muitos Danavas, tendo obtido bênçãos (de Brahman) antigamente viviam aqui, exibindo mil espécies diferentes de ilusão. Eles eram incapazes de ser vencidos por Sakra ou algum outro celestial, isto é, ou por Yama, ou Varuna, ou o Senhor dos tesouros (Kuvera). Aqui moram, ó Matali, aqueles Asuras chamados Kalakhanjas que surgiram de Vishnu, e aqueles Rakshasas também chamados Yatudhanas que surgiram dos pés de Brahman. Todos eles são dotados de dentes terríveis, ímpeto terrível, a velocidade e bravura do vento, e grande energia dependendo de poderes de ilusão. Além desses, outra classe de Danavas chamados Nivatakavachas, que são invencíveis em batalha, têm sua residência aqui. Tu sabes como Sakra não pode derrotá-los. Muitas vezes, ó Matali, tu, com teu filho Gomukha, e o chefe dos celestiais e marido de Sachi, junto com seu filho, tiveste que te retirar diante deles. Veja suas casas, ó Matali, que são todas feitas de prata e ouro, e bem adornadas com decorações feitas de acordo com as regras de arte. Todas aquelas mansões são ornamentadas com lápis lazúli e coral, e feitas refulgentes com o brilho do Arkasphatika, e o brilho da pedra preciosa chamada Vajrasara. E muitas daquelas residências suntuosas parecem como se elas tivessem sido feitas do brilho destas pedras preciosas chamadas Padmaragas, ou de mármore claro, ou de madeira excelente. E elas são também possuidoras do brilho do sol, ou do fogo ardente. E

todos os edifícios, adornados com pedras preciosas e jóias, são muito altos e próximos uns dos outros. De proporções espaçosas e grande beleza arquitetônica, é impossível dizer de que material estas mansões são construídas ou descrever seu estilo de beleza. De fato, elas são extremamente belas por causa de suas decorações. Veja estes retiros dos Daityas para recreação e esporte, estas camas deles para dormir, estes utensílios caros deles enfeitados com pedras preciosas, e estes assentos também para seu uso. Veja estas colinas deles, parecendo com as nuvens, aquelas fontes de água, estas árvores também que se movem por sua própria vontade e produzem todas as frutas e flores que alguém possa pedir. Veja, ó Matali, se pode haver algum noivo aqui, aceitável para ti. Se ninguém puder ser encontrado, nós iremos, se tu quiseres, daqui para alguma outra parte do mundo.' Assim endereçado, Matali respondeu para Narada, dizendo, 'Ó Rishi celeste, não me cabe fazer qualquer coisa que possa ser desagradável para os habitantes do céu. Os deuses e os Danavas, embora irmãos estão sempre em hostilidade uns com os outros. Como eu posso, portanto, fazer uma aliança com aqueles que são nossos inimigos? Vamos, portanto, para algum outro lugar. Não cabe a mim procurar entre os Danavas. Com relação a ti, eu sei que o teu coração está sempre fixado em fomentar disputas.'"

101

"Narada disse, 'Este região pertence às aves, todas as quais possuem penas excelentes. Elas todas subsistem de cobras. Elas nunca sentem qualquer fadiga em empregar sua bravura, ou em fazer viagens, ou em conduzir cargas. Esta raça, ó quadrigário, se multiplicou dos seis filhos de Garuda. Eles são Sumukha, Sunaman, Sunetra, Suvarchas, Suanch e aquele príncipe das aves chamado Suvala. Nascidas da linhagem de Kasyapa e aumentando a glória da família de Vinata muitas criaturas aladas, as principais da sua espécie, por gerar filhos têm fundado e aumentado mil dinastias de aves, todos dotadas de nobreza de sangue. Todas estas criaturas são dotadas de grande prosperidade, tem o vórtice auspicioso chamado Sreevatsa, possuem grande riqueza, e são inspiradas com grande poder. Por suas ações elas podem ser citadas como pertencentes à ordem Kshatriya, mas elas são todas sem qualquer compaixão, subsistindo como elas fazem de cobras. Elas nunca alcançam iluminação espiritual por elas matarem seus parentes para comer. Eu agora enumerarei as principais por seus nomes, ouça-me, ó Matali. Esta raça é muito respeitada por causa da predileção que é mostrada a ela por Vishnu. Eles todos adoram Vishnu, e Vishnu é seu protetor. Vishnu sempre mora em seus corações, e Vishnu é seu grande refúgio. Estes então são seus nomes: Suvarnachuda, Nagasin Daruna, Chandatundaka, Anala, Vaisalaksha, Kundalin, Pankajit, Vajraviskambha, Vainateya, Vamana, Vatavega, Disachakshu, Nimisha, Animisha, Trirava, Saptarava, Valmiki, Dipaka, Daityadwipa, Saridwipa, Sarasa, Padmaketana, Sumukha, Chitraketu, Chitravara, Anagha, Meshahrit, Kumuda, Daksha, Sarpanta, Somabhojana, Gurubhara, Kapota, Suryanetra, Chirantaka, Vishnudharman, Kumara, Parivarha, Hari, Suswara, Madhuparka, Hemavarna, Malaia, Matariswan, Nisakara e Divakara.

Estes filhos de Garuda que eu citei moram somente em uma única província desta região. Eu mencionei só aqueles que ganharam distinção por poder, fama e realizações. Se tu não gostaste de ninguém aqui, venha, nós partiremos, ó Matali. Eu te levarei para outra região onde tu possas achar um marido qualificado para tua filha.'"

102

"Narada disse, 'A região onde nós estamos agora é chamada de Rasatala e é a sétima camada abaixo da Terra. Aqui mora Surabhi, a mãe de todas as vacas, ela que nasceu do Amrita. Ela sempre produz leite o qual é a essência de todas as melhores coisas da terra, e que, excelente como é, e de um gosto, surge da essência das seis diferentes espécies de gostos (que são mencionados). A própria impecável Surabhi surgiu nos tempos passados da boca do Avô, satisfeito por beber o Amrita e vomitando as melhores coisas. Um jato único somente de seu leite, caindo na terra, criou o que é conhecido como o sagrado e o excelente 'Oceano Leitoso.' A margem daquele oceano está sempre coberta por toda parte com espuma branca parecendo um cinto de flores. Aqueles melhores dos ascetas que são conhecidos pelo nome de 'Bebedores de espuma' moram em volta daquele oceano, subsistindo daquela espuma somente. Eles são chamados de 'Bebedores de espuma' porque eles vivem, ó Matali, de nada mais salvo aquela espuma. Engajados na prática das mais severas das austeridades, sabe-se que os próprios deuses os temem. Dela (Surabhi) nasceram quatro outras vacas, ó Matali, sustentando os quatro quadrantes e portanto, elas são chamadas de sustentadoras dos quadrantes (Dikpali). Nascida da própria Surabhi, aquela que sustenta o quadrante leste é chamada Surupa. Aquela que sustenta o quadrante sul é chamada Hansika. Aquela vaca ilustre, ó Matali, de forma universal, que sustenta o quadrante oeste governado por Varuna é conhecida pelo nome de Subhadra. O quadrante norte abrangendo a região da virtude, e que recebeu o nome de Kuvera o Senhor de tesouros, é sustentado pela vaca chamada Sarva-kamadugha. Os deuses, se unindo com os Asuras, e fazendo da montanha Mandara sua vara, bateram as águas do oceano e obtiveram o vinho chamado Varuni, e (a Deusa da Prosperidade e Graça chamada) Lakshmi, e Amrita, e aquele príncipe dos corcéis chamado Uchchhaisrava, e aquela melhor das jóias chamada Kaustubha. Aquelas águas, ó Matali, que produziram estas coisas preciosas tinham sido todas misturadas com o leite destas quatro vacas. Em relação à Surabhi, o leite que ela produziu se tornou Swaha para aqueles que vivem de Swaha, Swadha para aqueles que vivem de Swadha, e Amrita para aqueles que vivem de Amrita. O dístico (parelha de versos) que era cantado pelos habitantes de Rasatala antigamente, ainda é ouvido recitado no mundo pelas pessoas de erudição. Aquele dístico é este, 'Nem na região dos Nagas, nem em Swarga, nem em Vimana, nem em Tripishtapa a residência é tão feliz como em Rasatala!'"

103

"Narada disse, 'Esta principal das cidades que tu vês e que parece com a Amaravati do próprio chefe dos celestiais é conhecida pelo nome de Bhogavati. Ela é governada por Vasuki, o rei dos Nagas. Mora aqui aquele Shesha que, por suas austeridades ascéticas da principal ordem é capaz de sustentar esta terra com toda sua vastidão. Seu corpo é como aquele de uma montanha branca. Ele está enfeitado com ornamentos celestes. Ele tem mil cabeças. Suas línguas são ardentes como chamas de fogo, e ele é dotado de grande força. Nesse lugar moram em felicidade inúmeros Nagas, filhos de Surasa, possuidores de formas diversas, e enfeitados com ornamentos de diversos tipos, portando os sinais de pedras preciosas, Suástica, círculos e recipientes para beber. Todos eles dotados de grande força são ferozes por natureza. Alguns têm mil cabeças, alguns quinhentas, e alguns três. E alguns têm duas cabeças, e alguns cinco, e alguns têm sete faces. E todos eles são possuidores de corpos enormes que parecem as montanhas se estendendo sobre a terra. Milhões e dezenas de milhões são eles, realmente, incontáveis, mesmo com relação àqueles que pertencem a uma única família. Ouça, no entanto, a mim enquanto eu cito uns poucos dos mais famosos entre eles. Eles são Vasuki, Takshaka, Karkotaka, Dhanjaya, Kaliya, Nahusha, Aswatara, Vakyakunda, Mani, Apurana, Khaga, Vamana, Elapatra, Kukura, Kukuna, Aryaka, Nandaka, Kalasa, Potaka, Kalilasaka, Pinjaraka, Airavata, Sumanmukha, Dadhimukha, Sankha, Nanda, Upanandaka, Apta, Kotaraka, Sikhi, Nishthuraka, Tittiri, Hastibhadra, Kumuda, Maylapindaka, os dois Padmas, Pundarika, Pushpa, Mudgaraparnaka, Karavira, Pitharaka, Samvritta, Vritta, Pindara, Vilwapatra, Mushikada, Sirishaka, Dilipa, Sankha-sirsha, Jyotishka, Aparajita, Kauravya, Dhritarashtra, Kuhara, Krisaka, Virajas, Dharana, Savahu, Mukhara, Jaya, Vidhira, Andha, Visundi, Virasa, e Sarasa. Há estes e muitos outros entre os filhos de Kasyapa. Veja, ó Matali, se há alguém aqui a quem tu possas eleger.'

"Kanwa continuou, 'Matali enquanto isso tinha estado olhando atentamente para uma pessoa que estava perto. E depois que Narada tinha parado de falar, o quadrigário celeste com mente satisfeita questionou o Rishi, dizendo, 'De que linhagem é aquele encantador, aquele jovem gracioso de grande esplendor, que está à frente de Aryaka da linhagem Kauravya? Quem é seu pai, e quem é sua mão? De que família Naga ele é? De fato, de que linhagem ele permanece como uma haste elevada? Por sua inteligência, sua paciência, sua beleza, e sua juventude, meu coração, ó Rishi celeste, foi atraído para ele. Aquele jovem será o melhor dos maridos para minha Gunakesi.'

"Kanwa continuou, 'Vendo a satisfação de Matali ao ver o Naga chamado Sumukha, Narada informou-o da nobreza de sua ascendência e de suas façanhas. E ele disse, 'Nascido na linhagem de Airavata aquele príncipe dos Nagas se chama Sumukha. Ele é o neto favorito de Aryaka, e o filho da filha de Vamana. O pai deste jovem era, ó Matali, o Naga chamado Chikura. Não muito antes ele foi morto pelo filho de Vinata.' Ouvindo isto Matali ficou muito satisfeito, e se dirigindo

a Narada o quadrigário disse, 'Este melhor de Nagas é, ó senhor, muito aceitável para mim como um genro. Faça um esforço para assegurá-lo, pois eu estou muito satisfeito ao pensar em entregar a este Naga, ó Muni, minha filha querida.'"

104

"Narada então disse (para Aryaka), 'Este é o quadrigário de nome Matali. Ele é, além disso, um amigo querido de Sakra. Puro em conduta, ele tem uma excelente disposição e possui virtudes numerosas. Dotado de força mental, ele tem grande energia e grande poder. Ele é o amigo, conselheiro, e quadrigário de Sakra. É visto em toda batalha que é pouca a diferença que existe entre ele e Vasava em relação à coragem e força. Em todas as batalhas entre os deuses e Asuras é este Matali que dirige, só por meio de sua mente, aquele sempre vitorioso e melhor dos carros pertencentes a Indra, o qual é puxado por mil corcéis. Vencidos por seu manejo dos corcéis, os inimigos dos deuses são subjugados por Vasava pelo uso de suas mãos. Derrotados antes por Matali, os Asuras são posteriormente mortos por Indra. Matali tem uma filha excelente, que em beleza é incomparável no mundo. Sincera e possuidora de todas as habilidades, ela é conhecida pelo nome de Gunakesi. Ele estava procurando nos três mundos por um noivo elegível. Ó tu que és possuidor do esplendor de um celestial, teu neto, Sumukha, se tornou aceitável para ele como um marido para sua filha. Se, ó melhor das serpentes, sua proposta for aceitável para ti, decida rapidamente, ó Aryaka, receber sua filha de presente para teu neto. Como Lakshmi na casa de Vishnu, ou Swaha naquela de Agni, assim deixe Gunakesi de cintura fina ser uma esposa na tua família. Que Gunakesi, portanto seja aceita por ti para teu neto, como Sachi para Vasava que a merece. Embora este jovem tenha perdido seu pai, contudo nós o escolhemos por suas virtudes, e pela tua respeitabilidade e de Airavata. De fato, é pelos méritos de Sumukha, sua disposição, pureza, autodomínio e outras qualificações que Matali ficou desejoso de entregar sua filha para ele. Cabe a ti, portanto, honrar Matali.'

"Kanwa continuou, 'Assim endereçado por Narada, Aryaka vendo seu neto escolhido como um noivo e se lembrando da morte de seu filho estava cheio de alegria e tristeza ao mesmo tempo. E ele então se dirigiu a Narada e disse, 'Como, ó Rishi celeste, eu posso desejar Gunakesi como nora? Não é, ó grande Rishi, que tuas palavras não são muito respeitadas por mim, pois quem não desejaria uma aliança com o amigo de Indra? Eu hesito, no entanto, ó grande Muni, por causa da instabilidade da própria causa que não faria aquela aliança durável. Ó tu de grande refulgência, o criador desta jovem, isto é, meu filho, foi devorado por Garuda. Nós estamos afligidos com tristeza por conta disso. Mas pior ainda, ó senhor, o filho de Vinata, na hora de deixar estas regiões, disse, ‘Depois de um mês eu devorarei este Sumukha também.’ Certamente, isto acontecerá como ele disse, pois nós sabemos com quem nós temos lidado. Por causa destas palavras, portanto, de Suparna nós ficamos desconsolados!'

"Kanwa continuou, 'Matali então disse para Aryaka, 'Eu formei um plano. Este teu neto está escolhido por mim como meu genro. Deixe este Naga então,

procedendo comigo e Narada, ir ao Senhor do céu, o chefe dos celestiais, ó melhor dos Nagas. Eu então me esforçarei para colocar obstáculos no caminho de Suparna, e como um último recurso, nós averiguaremos o período de vida que foi concedido para Sumukha. Abençoado sejas tu, ó Naga, deixe Sumukha, portanto, vir comigo à presença do Senhor dos celestiais.' Dizendo isto, eles levaram Sumukha com eles, e todos os quatro, dotados de grande esplendor, indo para o céu viram Sakra, o chefe dos deuses, sentado em toda sua glória. E aconteceu que o ilustre Vishnu de quatro braços estava também presente lá. Narada então relatou toda a história acerca de Matali e sua escolha.'

"Kanwa continuou, 'Ouvindo tudo o que Narada disse, Vishnu se dirigiu a Purandara, o Senhor do universo, dizendo, 'Que Amrita seja dado para este jovem, e que ele seja feito imortal como os próprios deuses. Que Matali, e Narada, e Sumukha, ó Vasava, todos realizem seu desejo por meio da tua graça.' Purandara, no entanto, refletindo sobre a bravura do filho de Vinata disse para Vishnu, 'Que Amrita seja dado a ele por ti.' Assim endereçado, Vishnu disse, 'Tu és o Senhor de todas as criaturas móveis e imóveis. Quem, ó senhor, recusaria um presente feito por ti?' Por estas palavras Sakra deu para aquele Naga extensão de dias. O matador de Vala e Vritra não o fez um bebedor de Amrita. Sumukha, tendo obtido aquele benefício, (em realidade) se tornou Sumukha (literalmente, alguém que tem uma bela ou excelente face), pois seu rosto estava coberto com sinais de alegria. E tendo se casado com a filha de Matali, ele voltou para casa alegremente. E Narada e Aryaka também cheios de alegria pelo êxito de seu objetivo partiram, depois de terem adorado o glorioso chefe dos celestiais.'"

105

"Kanwa disse, 'Enquanto isso, ó Bharata, o poderoso Garuda soube o que tinha acontecido, isto é, a concessão por Sakra de extensão de dias ao Naga Sumukha. E inflamado com grande ira aquele viajante do firmamento, Suparna, atingindo os três mundos com o furacão causado pelas batidas de suas asas, foi rapidamente até Vasava. E Garuda disse, 'Ó ilustre, me desrespeitando por que tu interferiste com meu sustento? Tendo me concedido um benefício por tua própria vontade, por que tu agora o retiras? O Senhor Supremo de todas as criaturas, desde o início, ordenou qual deve ser meu alimento. Por que tu então ficas no caminho daquele decreto divino? Eu tinha escolhido este grande Naga e tinha fixado tempo, pois, ó deus, eu pretendia oferecer a carne de seu corpo como sustento para minha numerosa prole. Quando ele, portanto, obteve um benefício de ti e se tornou indestrutível por mim, como eu posso de agora em diante ousar matar outro de sua espécie? Tu te divertes assim, ó Vasava, como tu queres? Eu, no entanto, terei que morrer, como também os membros da minha família e os empregados que eu contratei em minha casa. Isso, eu penso, te satisfará, ó Vasava! De fato, ó matador de Vala e Vritra, eu mereço tudo isso, não, mais ainda, já que sendo o senhor dos três mundos em força, eu contudo consenti em me tornar empregado de outro. Ó monarca dos três mundos, Vishnu, no entanto, não é a única causa da minha inferioridade, pois embora, ó Vasava, eu seja realmente teu igual,

entretanto a soberania dos três mundos se apóia em ti, ó chefe dos celestiais. Como tu, eu também tenho uma filha de Daksha como minha mãe e Kasyapa como meu pai. Como tu, eu também posso, sem qualquer fadiga, aguentar o peso dos três mundos. Eu tenho força que é incomensurável e incapaz de ser resistida por qualquer criatura. Na guerra com os Daityas eu também realizei grandes feitos. Srutasri e Srutasena e Vivaswat, e Rochanamukha, e Prasrura, e Kalakaksha entre os filhos de Diti foram mortos por mim. Pousando ainda sobre o mastro de bandeira do carro do teu irmão mais novo eu o protejo cuidadosamente em batalha, e às vezes eu também carrego aquele teu irmão em minhas costas. É, talvez, por isso que tu me desconsideras. Quem mais há no universo que seja capaz de carregar tais cargas pesadas? Quem há que seja mais forte do que eu? Embora eu seja superior, eu ainda carrego em minhas costas aquele teu irmão mais novo com todos os seus amigos. Quando, no entanto, me desconsiderando tu interferiste com minha alimentação, tu, ó Vasava, infligiste desgraça sobre mim, como este teu irmão mais novo tem estado até agora me desgraçando por me fazer carregá-lo em minhas costas. Em relação a ti, ó Vishnu, entre todos aqueles dotados de coragem e força que nasceram do útero de Aditi, tu és superior em força. Contudo eu te carrego sem qualquer fadiga, com somente uma das minhas penas. Pense friamente então, ó irmão, quem entre nós é mais forte?'

"Kanwa continuou, 'Ouvindo as palavras orgulhosas daquela ave prenunciando perigo o portador do disco, provocando Tarkshya ainda mais, disse para ele, 'Embora tão fraco, por que tu, ó Garuda, ainda te consideras forte? Ó criatura ovípara, não cabe a ti te vangloriar dessa maneira em nossa presença. Os três mundos juntos não podem suportar o peso do meu corpo. Eu mesmo suporto meu próprio peso e o teu também. Aproxime-te agora, aguente o peso deste meu braço direito. Se tu puderes aguentar exatamente isto, tua jactância será considerada razoável.' Dizendo isso, o santo colocou seu braço nos ombros de Garuda. Nisso o último caiu, afligido com seu peso, confuso, e privado de seus sentidos. E Garuda sentiu que o peso daquele braço de Vishnu era tão grande como aquele da Terra inteira com suas montanhas. Dotado de poder infinitamente maior, Vishnu, no entanto, não o afligiu muito. De fato, Achyuta não tirou sua vida. Aquele que percorre o céu, afligido então por aquele peso imenso, ofegou, e começou a perder suas penas. Com todos os membros enfraquecidos, e completamente confuso, Garuda estava quase privado de sua razão. O filho alado de Vinata então, assim confuso e quase privado de seus sentidos, e tornado completamente impotente, se curvando a Vishnu com cabeça inclinada, dirigiu-se a ele fracamente, dizendo, 'Ó Senhor ilustre, a essência daquela força que sustenta o universo reside neste teu corpo. É de admirar, portanto, que eu seja esmagado no solo por um único braço teu, esticado à tua vontade? Cabe a ti, ó Senhor Divino, perdoar esta criatura alada que pousa no teu mastro de bandeira, este tolo embriagado com orgulho de força, mas agora tornado completamente incapaz. Tua grande força, ó Senhor Divino, nunca foi antes conhecida por mim. Era por isso que eu considerava meu próprio poder como inigualável.' Assim endereçado, o ilustre Vishnu ficou satisfeito, e se dirigindo a Garuda com afeição, disse, 'Que teu comportamento não seja assim novamente.' E dizendo isso, Upendra jogou Sumukha com o dedo de seu pé sobre o peito de Garuda. E desde aquele tempo,

ó rei, Garuda sempre viveu em amizade com aquela cobra. Foi assim, ó rei, que aquele poderoso e ilustre Garuda, o filho de Vinata, afligido pelo poder de Vishnu, foi curado de seu orgulho.'

"Kanwa continuou, 'Da mesma maneira, ó filho de Gandhari, tu vives, ó filho, enquanto tu não te aproximas dos filhos heróicos de Pandu em batalha. Quem há a quem Bhima, aquele principal dos batedores, aquele poderoso filho de Vayu, e Dhananjaya, o filho de Indra, não possam matar em batalha? O próprio Vishnu, e Vayu e Dharma, e os Aswins, esses deuses são teus inimigos. Sem falar de um confronto com eles, tu não és competente nem para olhar para eles no campo. Portanto, ó príncipe, não fixe teu coração na guerra; que a paz seja feita através da agência de Vasudeva. Cabe a ti salvar tua família dessa maneira. Este grande asceta Narada testemunhou com seus próprios olhos o incidente (que eu relatei para ti) o qual mostra a grandeza de Vishnu, e saiba que este Krishna é aquele portador do disco e da maça!'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras do Rishi, Duryodhana contraiu suas sobrancelhas e começou a respirar pesadamente. E lançando seus olhos então no filho de Radha, ele caiu na gargalhada. E desprezando aquelas palavras do Rishi, aquele canalha perverso começou a bater em sua coxa que parecia com a tromba de um elefante. E se dirigindo ao Rishi, ele disse, 'Eu sou, ó grande Rishi, precisamente o que o Criador me fez. O que é para ser, deve ser. O que também foi ordenado no meu caso deve acontecer, eu não posso agir de outra maneira. De que utilidade essas declamações sem sentido, portanto, podem ser?'"

106

"Janamejaya disse, 'Interminavelmente dedicado ao mal, cegado pela avareza, viciado em comportamentos pecaminosos, decidido a trazer destruição sobre sua cabeça, inspirando aflição nos corações dos parentes, aumentando as dores de amigos, afligindo todos os seus simpatizantes, aumentando as alegrias de inimigos, e trilhando o caminho errado, por que seus amigos não procuraram reprimi-lo, e por que também aquele amigo formidável (da família de Kuru), o Santo; com alma tranquila, ou o avô não disseram alguma coisa a ele por afeição?'

"Vaisampayana disse, 'Sim, o santo falou. Bhishma também falou o que era benéfico. E Narada também falou muito. Ouça tudo o que eles disseram.'

"Vaisampayana continuou, 'Narada disse, 'Pessoas que escutam os conselhos de amigos são raras. Também são raros os amigos que oferecem conselhos benéficos, pois um amigo (necessitado de conselhos) nunca está lá onde um amigo (oferecendo conselho) está. Ó filho da linhagem de Kuru, eu penso que as palavras de amigos devem ser escutadas. Obstinação deve ser evitada; pois ela é repleta de grande mal. Em relação a isto é citada uma velha história a respeito de Galava ter encontrado desgraça por teimosia. Nos tempos antigos, para testar

Viswamitra, que estava então engajado em austeridades ascéticas, Dharma foi pessoalmente até ele, tendo assumido a forma do Rishi Vasishtha. Assumindo dessa maneira, ó Bharata, a forma de um dos sete Rishis, e fingindo estar faminto e desejoso de comer, ele foi, ó rei, ao eremitério de Kausika. Nisso, Viswamitra dominado por temor respeitoso começou a cozinhar Charu (que era uma preparação de arroz e leite). E pelo cuidado que ele tomou em preparar aquela comida excelente ele não pôde servir devidamente seu convidado. E não foi até depois de o convidado ter jantado a comida oferecida pelos outros eremitas que Viswamitra conseguiu se aproximar dele com o Charu que ele tinha cozinhado e que ainda estava fumegando. 'Eu já jantei; espere aqui,' foram as palavras que o santo disse. E tendo dito aquilo o santo foi embora. E por esse motivo, o ilustre Viswamitra, ó rei, esperou lá. E sustentando aquele alimento sobre sua cabeça e segurando-o com seus braços, aquele asceta de votos rígidos ficou de pé em seu eremitério, imóvel com um poste, subsistindo de ar. E enquanto ele estava lá, um asceta de nome Galava, por motivos de respeito e reverência e afeição e desejo de fazer o que era agradável, começou a servi-lo. E depois que cem anos tinham passado, Dharma, assumindo novamente a forma de Vasishtha, se aproximou de Kausika pelo desejo de comer. E vendo o magnífico Rishi Viswamitra, que era dotado de sabedoria superior, de pé lá com aquela comida sobre sua cabeça, ele mesmo subsistindo todo o tempo de ar, Dharma aceitou aquele alimento que ainda estava quente e fresco. E tendo comido aquele alimento, o deus disse, ‘Eu estou satisfeito, ó Rishi regenerado.’ E dizendo isso, ele partiu. E por aquelas palavras de Dharma, Viswamitra privado da condição de Kshatriya por ser dotado da condição de um Brahmana ficou cheio de alegria.

(A história da promoção de Viswamitra para a condição de um Brahmana é muito característica. Engajado em uma disputa com o Rishi Brahmana Vasishtha, Viswamitra era um rei Kshatriya (o filho de Kusika), que descobriu, por experiência amarga, que a energia e poder Kshatriya auxiliados por toda a ciência de armas não tinha nenhuma eficácia contra o poder de um Brahmana, pois Vasishtha por meio de seus poderes ascéticos criou miríades e miríades de tropas ferozes que infligiram uma derrota notável ao grande rei Kshatriya. Frustrado dessa maneira, Viswamitra se retirou para o leito de Himavat e prestou homenagem a Siva. O grande Deus apareceu e Viswamitra lhe pediu o domínio de toda a ciência de armas. O deus concedeu seu rogo. Viswamitra então voltou e procurou um combate com Vasishtha, mas o último somente com a ajuda de seu bastão Brahmânico (bambu) frustrou as armas mais violentas de Viswamitra, mesmo de eficácia celeste. Humilhado e desgraçado Viswamitra fixou seu coração em se tornar um Brahmana. Ele abandonou seu reino e se retirando para as florestas com sua rainha começou a praticar as mais severas austeridades. Depois do término de dez mil anos o Criador Brahma apareceu diante dele e se dirigiu a ele como um Rishi nobre. Desanimado por isto, ele se dedicou a austeridades ainda mais rígidas. Finalmente, por ordem de Dharma, o grande rei Kshatriya se tornou um Brahmana. Este, nas escrituras Hindus, é o único caso de uma pessoa pertencente a uma ordem inferior se tornando um Brahmana por meio de austeridades ascéticas.)

E satisfeito como ele estava com os serviços e devoção de seu discípulo, o asceta Galava, Viswamitra se dirigiu a ele e disse, 'Com minha permissão, ó Galava, vá para onde quer que tu queiras.' Assim mandado por seu preceptor, Galava, muito contente, disse em uma voz agradável para Viswamitra de grande resplendor, 'Que presente final eu farei para ti por teus serviços como preceptor? Ó concessor de honras, é por causa da doação (final) que um sacrifício se torna bem sucedido. O doador de tais presentes obtém a emancipação. De fato, estes presentes constituem os resultados (que alguém desfruta no céu). Eles são considerados como paz e tranquilidade personificados. O que, portanto, eu devo obter para meu preceptor? Oh, que isto seja dito.' O ilustre Viswamitra sabia que ele realmente tinha sido conquistado por Galava por meio dos serviços do último, e o Rishi, portanto, procurou dispensá-lo por dizer repetidamente, 'Vá, Vá.' Mas apesar de ser repetidamente mandado embora por Viswamitra, Galava contudo se dirigiu a ele dizendo, 'O que eu darei?' E vendo essa teimosia da parte do asceta Galava, Viswamitra sentiu uma leve elevação de raiva e finalmente disse, 'Dê-me oitocentos corcéis, todos os quais devem ser tão brancos quanto os raios da lua, e todos os quais devem tem uma orelha preta. Vá agora, ó Galava, e não demore.'"

107

"Narada disse, 'Assim endereçado por Viswamitra de grande inteligência Galava ficou cheio de tal ansiedade que ele não podia ficar sentado ou deitado, ou consumir sua comida. Uma vítima de ansiedade e arrependimento, lamentando amargamente, e queimando com remorso, Galava empalideceu, e foi reduzido a um esqueleto. E atingido por tristeza, ó Suyodhana, ele se entregou a essas lamentações, 'Onde eu encontrarei amigos ricos? Onde eu encontrarei dinheiro? Eu tenho algumas economias? Onde eu encontrarei oitocentos corcéis de brancura lunar? Que prazer eu posso ter em comer? Que felicidade pode ser minha em objetos de prazer? O próprio amor à vida está extinto em mim. Que necessidade eu tenho da vida? Dirigindo-me para a outra margem do grande oceano, ou ao limite mais longe da terra, eu abandonarei minha vida. De que utilidade a vida pode ser para mim? Que felicidade, sem esforço severo, pode ser daquele que é pobre, frustrado, privado de todas as boas coisas da vida, e carregado com dívida? A morte é preferível à vida em relação àquele que tendo desfrutado da riqueza de amigos por causa da amizade deles por ele não pode retribuir seu favor. Perdem sua eficácia as ações religiosas daquele homem que tendo prometido fazer uma ação fracassa em realizá-la e é assim maculado pela mentira. Alguém que está manchado pela mentira não pode ter beleza, ou filhos, ou poder, ou influência. Como, portanto, tal pessoa pode alcançar um estado bem-aventurado? Qual homem ingrato alguma vez ganhou renome? Onde, de fato, está seu lugar, e onde sua felicidade? Uma pessoa mal-agradecida nunca pode ganhar estima e afeto. A salvação também nunca pode ser dela. Aquele que é desprovido de riqueza é um desgraçado que mal pode ser considerado como vivo. Tal infeliz não pode sustentar seus parentes e amigos. Incapaz de dar algum retorno pelos benefícios que recebe, ele certamente encontra a destruição. Eu

mesmo sou aquele desgraçado, mal-agradecido, desprovido de recursos, e manchado pela mentira, pois tendo obtido meus objetos de meu preceptor, eu sou incapaz de cumprir sua ordem. Tendo primeiro me esforçado ao máximo, eu sacrificarei minha vida. Antes disto, eu nunca ansiei por alguma coisa dos próprios deuses. As divindades me consideram por isto em local sacrifical. Eu irei e procurarei a proteção de Vishnu, o Senhor divino dos três mundos, de Krishna, o grande refúgio de todos os que são abençoados com proteção. Reverenciando a ele, eu desejo ver aquele maior de todos os ascetas, o Eterno Krishna de quem fluem todas aquelas posses e prazeres que são possuídos por deuses e Asuras.' E enquanto Galava estava lamentando dessa maneira, seu amigo Garuda, o filho de Vinata, apareceu em sua visão. E Garuda, pelo desejo de lhe fazer bem, se dirigiu alegremente a ele, dizendo, 'Tu és um amigo querido para mim. É o dever de um amigo, quando ele mesmo em prosperidade, cuidar da realização dos desejos de seus amigos. A prosperidade que eu tenho, ó Brahmana, é constituída pelo irmão mais novo de Vasava, Vishnu. Antes disto, eu falei para ele em teu nome e ele ficou satisfeito em conceder meus desejos. Venha agora, nós iremos juntos. Eu te levarei confortavelmente para a outra margem do oceano, ou à extremidade mais distante da terra. Venha, ó Galava, e não demore.'"

108

"Garuda disse, 'Ó Galava, eu fui mandado por Deus, que é a causa de todo o conhecimento. Eu te pergunto, em direção à qual quadrante eu devo te levar primeiro para ver o que se encontra lá? O leste, o sul, o oeste, ou o norte, em direção à qual, ó melhor das pessoas regeneradas, eu irei, ó Galava? Aquele quadrante no qual Surya, o iluminador do universo, se eleva primeiro; onde, à noite, os Sadhyas se engajam em suas austeridade ascéticas; onde aquela Inteligência, que permeia todo o universo, surge primeiro; onde os dois olhos de Dharma, assim como ele mesmo, estão colocados; onde a manteiga clarificada derramada primeiro em sacrifício posteriormente fluiu por toda parte; aquele quadrante, ó melhor de todas as pessoas regeneradas, é o portão do Dia e Tempo. Lá as filhas de Daksha, nos tempos primitivos, deram à luz seus filhos. Lá os filhos de Kasyapa primeiro se multiplicaram. Aquele quadrante é a fonte de toda a prosperidade dos deuses, pois foi lá que Sakra foi primeiro ungido como o rei dos celestiais. Foi lá, ó Rishi regenerado, que Indra e os deuses praticaram suas penitências ascéticas. É por isto, ó Brahmana, que este quadrante é chamado de Purva (o Primeiro). E porque nos tempos mais antigos este quadrante estava coberto pelos Suras, é por isto que ele é chamado de Purva. Os deuses, desejosos de prosperidade, realizavam todas as suas cerimônias religiosas aqui. Foi aqui que o Criador divino do universo cantou primeiro os Vedas. Foi aqui que o Gayatri foi proclamado primeiro por Surya para os declamadores daquele hino sagrado. Foi aqui, ó melhor dos Brahmanas, que os Yajurvedas foram entregues por Surya (para Yajnavalkya). Foi aqui que o suco Soma, santificado por bênçãos, foi bebido primeiro em sacrifícios por Suras. Foi aqui que os fogos Homa, (satisfeitos por mantras), beberam primeiro artigos de origem cognata. (Estes

artigos de origem cognata são manteiga clarificada, leite, e outras coisas usadas como libações em sacrifícios.) Foi aqui que Varuna primeiro se dirigiu às regiões inferiores e obteve toda sua prosperidade. Foi aqui, ó touro entre os duas vezes nascidos, que o nascimento, crescimento, e morte do antigo Vasishtha ocorreram. Aqui cresceram primeiro os cem ramos diferentes do Om! (Isto é, as subdivisões do Pravana, o Mantra misterioso, o qual é o começo de tudo, foram declaradas primeiro aqui.) Foi aqui que os Munis comedores de fumaça comeram a fumaça de fogos sacrificais. Foi nessa região que miríades de javalis e outros animais foram mortos por Sakra e oferecidos como porções sacrificais para os deuses. É aqui que o sol de mil raios, se erguendo, consome, por ira, todos aqueles que são maus e ingratos entre homens e Asuras. Este é o portão dos três mundos. Este é o caminho do céu e felicidade. Este quadrante é chamado Purva (leste). Nós iremos para lá, se isto te agradar. Eu sempre farei o que é agradável para aquele que é meu amigo. Diga-me, ó Galava, se algum outro quadrante te agrada, pois nós então iremos para lá. Escute agora ao que eu digo de outro quadrante.'"

109

"Garuda continuou, 'Antigamente, Vivaswat, tendo realizado um sacrifício, deu este quadrante como um presente (Dakshina) para seu preceptor, e é por isso que essa região é conhecida pelo nome de Dakshina (sul). É aqui que os Pitris dos três mundos têm sua habitação. E, ó Brahmana, é dito que uma classe de celestiais que subsiste só de fumaça também vive lá. Aqueles celestiais também que levam o nome de Viswedevas sempre moram nessa região junto com os Pitris. Adorados em sacrifícios em todos os mundos, eles são repartidores iguais com os Pitris. Este quadrante é chamado de a segunda porta de Yama. É aqui que os períodos concedidos para os homens são calculados em Trutis e Lavas. (Pequenas divisões de tempo). Nesta região sempre moram os Rishis celestes, os Pitriloka Rishis, e os Rishis reais, em grande felicidade. Aqui estão religião e verdade. É aqui que as ações (das pessoas) exibem seus resultados. Esta região, ó melhor dos duas vezes nascidos, é a meta das ações dos mortos. É esta região, ó melhor das pessoas regeneradas, para onde todos devem se dirigir. E como as criaturas estão todas dominadas pela escuridão, elas não podem, portanto, vir para cá em felicidade. Aqui, ó touro entre as pessoas regeneradas, há muitos milhares de Rakshasas malévolos para serem vistos pelos pecaminosos. Aqui, ó Brahmana, nos caramanchões sobre o leito de Mandara e nas residências de Rishis regenerados, os Gandharvas cantam salmos, roubando o coração e o intelecto. Foi aqui que Raivata (um Daitya), ouvindo os hinos Sama cantados em uma voz doce, se retirou para as florestas, deixando sua mulher e amigos e reino. Nesta região, ó Brahmana, Manu e o filho de Yavakrita juntos estabeleceram um limite que Surya nunca pode ultrapassar. Foi aqui que o descendente ilustre de Pulastya, Ravana, o rei dos Rakshasas, praticando austeridades ascéticas, solicitou (a bênção da) imortalidade dos deuses. Foi aqui que (o Asura) Vritra, em consequência de sua má conduta, incorreu na inimizade de Sakra. É nesta região que vidas de diversas formas todas chegam e são então dissociadas em seus

cinco elementos (constituintes). É nesta região, ó Galava, que homens de atos perversos apodrecem (em torturas). É aqui que o rio Vaitarani flui, cheio com os corpos de pessoas condenadas ao inferno. Chegando aqui, as pessoas alcançam os extremos de felicidade e tristeza. Alcançando esta região, o sol derrama águas doces e dali procedendo novamente para a direção que recebeu o nome de (Vasishtha), mais uma vez derrama orvalho. Foi aqui que eu uma vez obtive (como alimento), um elefante prodigioso que lutava com uma tartaruga enorme. Foi aqui que o grande sábio Chakradhanu tomou seu nascimento de Surya. Aquele sábio divino depois veio a ser conhecido pelo nome de Kapila, e foi por ele que os (sessenta mil) filhos de Sagara foram afligidos. Foi aqui que uma classe de Brahmanas chamados Sivas, dominando completamente os Vedas, vieram a ser coroados com êxito (ascético). Tendo estudado todos os Vedas eles finalmente alcançaram salvação eterna. Nesta região está a cidade chamada Bhogavati que é governada por Vasuki, pelo Naga Takshaka e também por Airavata. Aqueles que têm que viajar para cá (depois da morte) enfrentam aqui uma densa escuridão. E tão espessa é aquela escuridão que ela não pode ser penetrada nem pelo próprio Sol ou por Agni. Digno de culto como tu és, até tu terás que passar por esta estrada. Diga-me agora se tu desejas viajar para esta direção. Além disso, ouça um relato sobre a direção oeste.'"

110

"Garuda disse, 'Este quadrante é o favorito do rei Varuna, o soberano do oceano. De fato, o senhor das águas teve sua origem aqui, e é para cá que se encontra sua soberania. E já que é aqui que perto do fim do dia (paschat) o sol dispensa seus raios que este quadrante, ó melhor dos duas vezes nascidos, é chamado de oeste (paschima). Para governar sobre todas as criaturas aquáticas e para a proteção das próprias águas, o ilustre e divino Kasyapa instalou Varuna aqui (como o rei desta região). Bebendo todos os seis sucos de Varuna, a lua, a dissipadora de escuridão, se torna jovem novamente no início da quinzena. Foi neste quadrante, ó Brahmana, que os Daityas foram derrotados e retidos firmemente pelo Deus do vento. E afligidos por uma tempestade poderosa, e respirando com dificuldade (enquanto fugiam), eles finalmente se deitaram nesta região para dormir (o sono que não conhece despertar). Para cá está aquela montanha chamada Asta que é a causa do crepúsculo noturno, e que (diariamente) recebe o sol carinhosamente virando em direção a ele. É deste quadrante que Noite e Sono, saindo no fim do dia, se espalham, como se para roubar de todas as criaturas vivas metade dos seus períodos concedidos de vida. Foi aqui que Sakra, vendo (sua madrasta) a deusa Diti jazendo adormecida em um estado de gravidez, cortou o feto (em quarenta e nove partes), de onde surgiram os (quarenta e nove) Maruts. É perto desta direção que as bases de Himavat se estendem em direção à eterna Mandara (afundada no oceano). Por viajar por até mil anos uma pessoa não pode chegar ao fim dessa base. É nesta região que Surabhi (a mãe das vacas), se dirigindo às margens do lago extenso, adornado com lotos dourados, emana seu leite. Aqui no meio do oceano é visto o

tronco sem cabeça do ilustre Swarbhanu (Rahu) que está sempre inclinado a devorar o sol e a lua. Aqui é ouvido o alto canto dos Vedas por Suvarnasiras, que é invencível e de energia incomensurável, e cujo cabelo é eternamente verde. Foi nesta região que a filha do Muni Harimedhas permaneceu paralisada no céu pela injunção de Surya formulada nas palavras 'Pare. Pare.' Aqui, ó Galava, vento, e fogo, e terra, e água, são todos libertos, dia e noite, de suas sensações dolorosas. É a partir desta região que o rumo do sol começa a se desviar do caminho reto, e é nesta direção que todos os corpos luminosos (as constelações) entram na região solar. E tendo se movido por vinte e oito noites com o sol, eles saem do curso do sol para se movimentarem na companhia da lua. É nesta região que os rios que sempre alimentam o oceano têm suas fontes. Aqui, na residência de Varuna, estão as águas dos três mundos. Nesta região está situada a residência de Anarta, o príncipe das cobras. E aqui é a residência inigualável também de Vishnu, que é sem início e sem fim. Nesta região está também situada a residência do grande Rishi Kasyapa, o filho de Maricha. O quadrante oeste foi assim relatado para ti na sequência de te falar dos diferentes pontos. Diga-me agora, ó Galava, em direção a qual lado, ó melhor das pessoas regeneradas, nós iremos?'"

111

"Garuda disse, 'Ó Brahmana, já que este quadrante salva do pecado, e já que uma pessoa alcança a salvação aqui, é por este poder de salvar (Uttarana) que ele é chamado de norte (uttara). E, ó Galava, porque a residência de todos os tesouros do norte se estende em uma linha em direção ao leste e ao oeste, portanto o norte é às vezes chamado de região central (madhyama). E, ó touro entre os duas vezes nascidos, nesta região que é superior a todas não pode viver alguém que seja hostil, ou de paixões desenfreadas, ou injusto. Para cá, no retiro conhecido pelo nome de Vadari, moram eternamente Krishna que é o próprio Narayana, e Jishnu, aquele mais exaltado de todos os seres masculinos, e Brahman (o Criador). Aqui, no leito de Himavat sempre mora Maheswara dotado da refulgência do fogo que resplandece no fim do Yuga. Como Purusha, ele se diverte aqui com Prakriti (a mãe universal). Exceto por Nara e Narayana, ele é incapaz de ser visto pelas diversas classes de Munis, os deuses com Vasava em sua chefia, os Gandharvas, os Yakshas, e os Siddhas. Embora coberto com Maya, a ele somente o Vishnu eterno, de mil cabeças e mil pernas, pode contemplar. Foi nesta região que Chandramas (a lua) foi instalada na soberania de toda a ordem regenerada. Foi nesta região, ó tu principal de todos os conhecedores de Brahma, que Mahadeva recebendo-a primeiro sobre sua cabeça, depois deixou (a sagrada corrente) Ganga cair dos céus para o mundo dos homens. Foi aqui que a Deusa (Uma) praticou suas austeridades ascéticas por seu desejo de obter Maheswara (como seu marido). Foi nesta região que Kama, a ira (de Siva), Himavat, e Uma, resplandeceram todos juntos brilhantemente. Foi aqui, sobre o leito de Kailasa, ó Galava, que Kuvera foi instalado na soberania dos Rakshasas, dos Yakshas, e dos Gandharvas. É nesta região que se encontram (os jardins de Kuvera chamados) Chitraratha, e é aqui que o retiro dos (Munis chamados) Vaikhanasas

está situado. É aqui, ó touro entre os duas vezes nascidos, que a corrente celeste chamada Mandakini, e a montanha Mandara são vistos. É aqui que os jardins chamados Saugandhi-kanaka são sempre protegidos pelos Rakshasas. Aqui se encontram muitas planícies cobertas com verdor gramíneo, como também a floresta de bananeiras, e aquelas árvores celestes chamadas Sautanakas. É nesta região, ó Galava, que os Siddhas, com almas sempre sob controle e sempre se divertindo à vontade, têm suas residências dignas, abundando com todos os objetos de prazer. É aqui que os sete Rishis com Arundhati podem ser vistos. É aqui que a constelação Swati é para ser vista, e é aqui que ela primeiro se eleva à visão. É nesta região que o Avô Brahman mora na vizinhança de Yajna (sacrifício incorporado). É neste quadrante que o sol, a lua, e os outros corpos luminosos são vistos girar regularmente. É nesta região, ó principal dos Brahmanas, que aqueles Munis ilustres e falantes da verdade chamados pelo nome de Dharma protegem a fonte do Ganges. A origem e aspecto físico e penitências ascéticas destes Munis não são conhecidos por todos. Os mil pratos que eles usam para servir o alimento oferecido em hospitalidade e os comestíveis também que eles criam à vontade são todos um mistério. O homem, ó Galava, que passa além do ponto protegido por estes Munis, é certo, ó principal dos Brahmanas, de encontrar a destruição. Ninguém mais, ó touro entre os Brahmanas, exceto o divino Narayana, e o eterno Nara chamado também de Jishnu, conseguiu passar além do ponto assim protegido. É nesta região que as montanhas de Kailasa estão localizadas, a residência de Ailavila (Kuvera). É aqui que as dez Apsaras conhecidas nome de Vidyutprabha tiveram sua origem. Ao cobrir, ó Brahmana, os três mundos com três passos no sacrifício de Vali (o rei Asura), Vishnu cobriu toda esta região norte; e, consequentemente, há um local aqui chamado Vishnupada. E ele dessa maneira recebeu o nome da pegada de Vishnu causada naquela ocasião. Aqui, neste quadrante, em um lugar chamado Usiravija, ao lado do lago dourado, o rei Marutta realizou, ó principal dos Brahmanas, um sacrifício. Foi aqui que as brilhantes e luminosas minas de ouro de Himavat se mostraram para o ilustre e regenerado Rishi Jimuta. E Jimuta doou toda aquela riqueza para os Brahmanas. E a tendo doado, aquele grande Rishi pediu a eles para chamá-la pelo seu próprio nome. E por isso aquela riqueza é conhecida pelo nome de ouro Jaimuta. Aqui, nesta região, ó touro entre os Bharatas, os regentes dos mundos, ó Galava, toda manhã e noite, proclamam, 'Qual propósito de qual pessoa nós executaremos?' É por estes, ó principal dos Brahmanas, e outros incidentes, que a região norte é superior a todos os quadrantes. E porque esta região é superior (uttara) a todas, portanto, ela é chamada de norte (uttara). As quatro regiões foram assim descritas, ó senhor, uma depois da outra para ti em detalhes. Em direção a qual quadrante então tu desejas ir? Eu estou pronto, ó principal dos Brahmanas, para te mostrar todos os quadrantes da terra!'"

112

"Galava disse, 'Ó Garuda, ó matador das principais cobras, ó tu de belas penas, ó filho de Vinata, leve-me, ó Tarkhya, para o leste onde os dois olhos de Dharma

são abertos primeiramente. Ó, leve-me para o leste o qual tu descreveste primeiro, e onde, tu disseste, os deuses estão sempre presentes. Tu disseste que lá residem verdade e virtude. Eu desejo encontrar todos os deuses. Portanto, ó irmão mais novo de Aruna, leve-me para lá, para que eu possa ver os deuses.'

"Narada continuou, 'Assim endereçado, o filho de Vinata respondeu para aquele Brahmana dizendo, 'Suba nas minhas costas.' E nisso, o Muni Galava viajou nas costas de Garuda. E Galava disse, 'Tua beleza, ó devorador de cobras, enquanto tu procedes, parece ser como a do próprio de manhã, aquele criador do dia dotado de mil raios. E, ó viajante dos céus, tua velocidade é tão grande que as próprias árvores, quebradas pela tempestade causada pelo bater das tuas asas, parecem te perseguir no percurso. Tu pareces, ó morador do céu, arrastar com a tempestade causada por tuas asas a própria Terra com todas as águas de seus oceanos, e com todas as suas montanhas, bosques e florestas. De fato, a tempestade causada pelo movimento das tuas asas parece erguer continuamente para o meio do ar as águas do mar, com todos os seus peixes e cobras e crocodilos. Eu vejo peixes possuidores de faces similares, e Timis e Timingilas e cobras dotadas de rostos humanos, todos oprimidos pela tempestade erguida por tuas asas. Meus ouvidos estão ensurdecidos pelo rugido do mar. Tão atordoado eu estou que eu não posso nem ouvir nem ver alguma coisa. De fato, eu esqueci meu próprio propósito. Diminua tua velocidade, ó viajante do céu, se lembrando do risco para a vida de um Brahmana. Ó senhor, nem o sol, nem os pontos cardeais, nem o próprio firmamento é mais perceptível para mim. Eu vejo somente uma densa escuridão à minha volta. O corpo não é mais visível para mim. Eu vejo somente teus dois olhos, ó ser ovíparo, parecendo duas jóias radiantes. Eu não posso ver o teu corpo nem o meu próprio. A cada passo, eu vejo faíscas de fogo emitidas do teu corpo. Pare sem demora estas faíscas de fogo e extinga o brilho deslumbrante dos teus olhos. Ó filho de Vinata, diminua essa velocidade excessiva do teu percurso. Ó devorador de cobras, eu não tenho interesse em ir contigo. Desista, ó abençoado, eu não posso suportar esta tua velocidade. Eu prometi dar para meu preceptor oitocentos corcéis brancos de refulgência lunar, cada um tendo uma orelha de cor preta. Eu não vejo modo, ó ser ovíparo, de cumprir minha promessa. Há somente uma maneira que eu posso ver, e esta é sacrificar minha própria vida. Eu não tenho riqueza própria, nem algum amigo rico, nem pode riqueza, embora imensa, obter a realização do meu objetivo.'

"Narada continuou, 'Para Galava que estava proferindo estas e muitas outras palavras de rogo e tristeza, o filho de Vinata, sem diminuir sua velocidade, respondeu de modo risonho, dizendo, 'Tu tens pouca sabedoria, ó Rishi regenerado, já que tu desejas pôr um fim na tua própria vida. A morte nunca pode ser ocasionada por esforço próprio. De fato, a Morte é o próprio Deus. Por que tu, antes disto, não me informaste do teu propósito? Há meios excelentes pelos quais tudo isso pode ser realizado. Lá está aquela montanha chamada Rishabha na orla marítima. Descansando aqui por algum tempo e nos revigorando com alimento, ó Galava, eu retornarei.'"

113

"Narada disse, 'Descendo então no pico de Rishabha, o Brahmana e a Ave viram uma dama Brahmana de nome Sandili, engajada lá em penitências ascéticas. E Galava e Garuda a cumprimentaram por inclinarem suas cabeças, e a reverenciaram. E nisso, a dama perguntou pelo seu bem-estar e lhes deu assentos. E tendo tomado seus assentos, ambos aceitaram o alimento cozido que a dama lhes ofereceu, depois de terem primeiro o oferecido aos deuses com Mantras. E tendo ingerido aquele alimento, eles se deitaram no chão e caíram em um sono profundo. E Garuda, por causa do desejo de deixar aquele local, após despertar, descobriu que suas asas tinham caído. De fato, ele tinha se tornado como uma bola de carne, com somente sua cabeça e pernas. E vendo ele chegar àquela situação, Galava tristemente perguntou, dizendo, 'Que condição é esta que tomou conta de ti como consequência da tua estada aqui? Ai, por quanto tempo nós teremos que residir aqui? Tu nutriste algum pensamento mau e pecaminoso na tua mente? Não pode, eu estou certo, ser algum pecado insignificante do qual tu foste culpado.' Assim endereçado, Garuda respondeu para o Brahmana, dizendo, 'De fato, ó regenerado, eu nutri o pensamento de levar embora esta dama coroada com êxito ascético deste lugar para onde o próprio Criador, o divino Mahadeva, o eterno Vishnu, e ambos: Virtude e Sacrifício personificados, vivem juntos, pois como eu pensei esta dama deve viver lá. Eu agora, pelo desejo de me fazer bem, me prostrarei diante dessa dama santa, e rogarei a ela, dizendo, ‘Com o coração cheio de compaixão, eu tinha, de fato, nutrido tal pensamento. Se eu agi corretamente ou erradamente, este mesmo era o desejo, evidentemente contra o teu próprio, que era nutrido por mim por causa do meu respeito por ti. Cabe a ti, portanto, me conceder perdão, por tua nobreza de coração.' Aquela dama ficou satisfeita com aquele príncipe das aves e aquele touro dos Brahmanas. E se dirigindo a Garuda, ela disse, 'Não temas, ó tu de penas belas. Retome tuas asas, e abandone teus receios. Eu fui desprezada por ti, mas saiba que eu não perdôo desprezo. Aquele ser pecaminoso que nutre desprezo por mim abandonará rapidamente todas as regiões bem-aventuradas. Sem uma única indicação inauspiciosa sobre mim, e perfeitamente irrepreensível como eu sou, eu tenho, pela pureza do meu comportamento, alcançado êxito ascético superior. Pureza de conduta dá virtude como seu fruto. Pureza de conduta dá riqueza como seu fruto. É pureza de conduta que ocasiona prosperidade. E é pureza de conduta que expulsa todas as indicações inauspiciosas. Vá, ó abençoado príncipe das aves, para onde quer que tu desejes, deste lugar. Nunca nutra desprezo por mim, e tome cuidado para que tu não desprezes mulheres que possam mesmo ser realmente faltosas. Tu serás novamente, como antes, investido com força e energia.' A estas palavras daquela dama Garuda teve suas asas de volta, e elas se tornaram até mais fortes do que antes. E então com a permissão de Sandili Garuda partiu com Galava em suas costas. Mas eles fracassaram em encontrar a espécie de corcéis que eles estavam procurando. E aconteceu que Viswamitra encontrou Galava no caminho. E nisso aquele principal dos oradores se dirigiu a Galava na presença do filho de Vinata e disse, 'Ó regenerado, já chegou o momento quando tu deves me dar a riqueza que tu me prometeste por iniciativa

própria. Eu não sei o que tu fizeste. Eu tenho esperado muito tempo. Eu esperarei mais algum tempo. Procure o caminho pelo qual tu possas ter êxito (na questão da tua promessa).' Ouvindo estas palavras, Garuda se dirigiu ao desanimado Galava que estava dominado pela tristeza, dizendo, 'O que Viswamitra disse para ti antes foi agora repetido na minha presença. Venha, portanto, ó Galava, melhor dos Brahmanas, nós deliberaremos sobre a questão. Sem dar para o teu preceptor toda a riqueza (prometida por ti), tu não podes nem sentar-te.'"

114

"Narada disse, 'Garuda então, aquele principal dos seres alados, se dirigiu ao triste Galava e disse, 'Porque ela é criada por Agni nas entranhas da terra e avolumada por Vayu, e porque também a própria terra é citada como sendo Hiranmaya, portanto, a riqueza é chamada de Hiranya. E porque a riqueza suporta o mundo e sustenta a vida, portanto, ela é chamada de Dhana. É para servir a estes fins que Dhana (riqueza) existe desde o início nos três mundos. Naquela Sexta-feira, quando uma ou outra das duas constelações, a Purvabhadra ou a Uttarabhadra, está ascendente, Agni, criando riqueza por um decreto de sua vontade, a concede à humanidade para o aumento do estoque de Kuvera. A riqueza que está entranhada na Terra é protegida pelas divindades chamadas de Ajaikapats e Ahivradnas, e também por Kuvera. Extremamente difícil de obtenção, aquela riqueza, portanto, ó touro entre os Brahmanas, é raramente alcançada. Sem riqueza não há chance da tua aquisição dos corcéis prometidos. Peça, portanto, de algum rei nascido na linhagem de algum sábio nobre que possa, sem oprimir seus súditos, coroar nosso pedido com sucesso. Há um rei nascido na linhagem lunar, que é meu amigo. Nós iremos a ele, pois ele, entre todos sobre a Terra, tem grande riqueza. Aquele sábio real é conhecido pelo nome de Yayati, e ele é o filho de Nahusha. Sua destreza é incapaz de ser frustrada. Solicitado por ti em pessoa, e incitado por mim, ele dará o que nós procuramos, pois ele tem riqueza imensa, igual à que pertence a Kuvera, o senhor dos tesouros. Assim mesmo, por aceitar uma doação, ó erudito, salde tua dívida com teu preceptor.' Falando dessa maneira, e pensando sobre o que era melhor para ser feito, Garuda e Galava foram juntos ao rei Yayati, que estava então em sua capital chamada Pratisthana. O rei os recebeu hospitaleiramente e deu a eles Arghya excelente e água para lavar seus pés. E o rei então lhes perguntou o motivo de sua vinda. E nisso Garuda respondeu, dizendo, 'Ó filho de Nahusha, este oceano de ascetismo, chamado Galava, é meu amigo. Ele foi, ó monarca, um discípulo de Viswamitra por muitos milhares de anos. Este Brahmana santo, quando mandado embora por Viswamitra para onde quer que ele escolhesse, se dirigiu ao seu preceptor naquele momento, dizendo, ‘Eu desejo dar alguma coisa como taxa do preceptor.’ Sabendo que os recursos dele eram escassos, Viswamitra não pediu qualquer coisa. Mas quando ele foi repetidamente endereçado por este Brahmana sobre o assunto da taxa tutorial, o preceptor, sob uma leve acessão de cólera, disse, 'Dê-me oitocentos corcéis brancos de boa raça e de brilho lunar, e cada um tendo uma orelha de cor preta. Se, ó Galava, tu desejas dar alguma coisa para teu

preceptor, que isto então seja dado!' Foi assim que Viswamitra dotado de riqueza de ascetismo falou a ele com raiva. E por causa disso este touro entre os Brahmanas está sofrendo com grande angústia. Incapaz de cumprir aquela ordem (de seu preceptor), ele agora vem procurar tua proteção. Ó tigre entre homens, aceitando isto como esmolas de ti, e cheio de alegria novamente, depois de pagar a dívida com seu preceptor, ele se dedicará novamente a praticar penitências ascéticas. Um Rishi nobre como tu és, e, portanto, dotado da tua própria riqueza de ascetismo, este Brahmana, por te dar uma parte da sua riqueza de ascetismo te fará mais rico em riqueza desse tipo. Tantos pêlos, ó senhor de homens, quantos existam no corpo de um cavalo, tantas regiões de bem-aventurança, ó soberano da Terra, são alcançadas por aquele que dá um cavalo em doação. Este é tão digno de aceitar uma doação quanto tu és de fazer uma doação. Que, portanto, tua doação neste caso seja como leite depositado em uma concha.'"

115

"Narada disse, 'Assim endereçado por Suparna em palavras excelentes repletas de verdade, aquele realizador de mil sacrifícios, aquele principal dos doadores, aquele soberano generoso de todos os Kasis, o senhor Yayati, revolvendo aquelas palavras em sua mente e refletindo sobre elas calmamente, e vendo diante de si seu amigo querido, Tarkshya, e aquele touro entre os Brahmanas, Galava, e considerando as esmolas procuradas como uma indicação, altamente louvável, de mérito ascético (de Galava), e em vista particularmente do fato de que aqueles dois tinham ido a ele tendo ignorando todos os reis da linhagem Solar, disse, 'Abençoada é minha vida hoje, e a linhagem também na qual eu nasci, de fato, foi hoje abençoada. Esta própria província minha também foi igualmente abençoada por ti, ó impecável Tarkshya. Há uma coisa, no entanto, ó amigo, que eu desejo dizer para ti, e esta é, que eu não sou tão rico agora como tu pensas, pois minha riqueza sofreu uma grande diminuição. Eu não posso, no entanto, ó viajante dos céus, fazer inútil a tua vinda aqui. Nem eu posso ousar frustrar as esperanças nutridas por este Rishi regenerado. Eu darei a ele, portanto, aquilo que realizará seu propósito. Se alguém tendo vindo por esmolas volta desapontado, ele pode destruir a família inteira (do anfitrião). Ó filho de Vinata, é dito que não há ação mais pecaminosa do que aquela de dizer, 'Eu não tenho nada,' destruindo dessa maneira a esperança de alguém que vem dizendo, 'Dê.' O homem decepcionado cujas esperanças foram mortas e seu objetivo não realizado pode destruir os filhos e netos da pessoa que falhou em lhe fazer bem. Portanto, ó Galava, leve esta minha filha, esta perpetuadora de quatro famílias. Em beleza, ela parece uma filha dos celestiais. Ela é capaz de inspirar todas as virtudes. De fato, devido à sua beleza, ela é sempre solicitada (de minhas mãos) por deuses e homens, e Asuras. Sem falar de oitocentos corcéis cada um com uma orelha preta, os reis da terra darão seus reinos inteiros como seu dote. Leve, portanto, esta minha filha, chamada Madhavi. Meu único desejo é que eu possa ter um neto por meio dela.' Aceitando aquela filha em doação, Galava então, com Garuda, partiu, dizendo, 'Nós te veremos novamente'. E eles levaram aquela moça com

eles. E o amigo ovíparo de Galava se dirigiu a ele, dizendo, 'Finalmente foram obtidos os meios pelos quais os corcéis podem ser obtidos.' E dizendo isto, Garuda partiu para sua própria residência, tendo obtido a permissão de Galava. E depois que o príncipe das aves tinha ido, Galava, com aquela moça em sua companhia, começou a pensar em ir a algum entre os reis que seria capaz de dar dote (adequado) pela moça. E ele primeiro pensou naquele melhor dos reis, Haryyaswa da linhagem de Ikshaku, que governava em Ayodhya, era dotado de grande energia, possuidor de um grande exército consistindo em quatro espécies de tropas, tinha uma tesouraria bem cheia e abundância de grãos, e que era ternamente amado por seus súditos, e que amava os Brahmanas apropriadamente. Desejoso de filhos, ele estava vivendo na quietude e paz, e engajado em austeridades excelentes. E o Brahmana Galava, se dirigindo a Haryyaswa, disse, 'Esta moça, ó rei de reis, aumentará a família de seu marido por gerar filhos. Aceite-a de mim, ó Haryyaswa, como tua esposa, por me dares um dote. Eu te direi qual dote tu terás que dar. Ouvindo isto, decida o que tu farás.'"

116

"Narada disse, 'Aquele melhor dos monarcas, o rei Haryyaswa, depois de refletir por um longo tempo e dando um suspiro longo e ansioso acerca do nascimento de um filho, finalmente disse, 'Os seis membros que devem ser elevados (proeminentes) são elevados nesta moça. (A opinião geral é que estes seis são: as costas de cada palma, os dois dorsos, e os dois seios devem ser elevados; outra opinião indicaria que os dois seios, os dois quadris, e os dois olhos devem ser assim.) Aqueles sete, além disso, que devem ser finos são finos nela. (Os sete que devem ser delicados ou finos são a pele, o cabelo, os dentes, os dedos das mãos, os dedos dos pés, a cintura, e o pescoço.) Aqueles três, também, que devem ser profundos são profundos nela. (Os três que devem ser profundos são o umbigo, a voz e a compreensão.) E por fim, aqueles cinco que devem ser vermelhos são vermelhos nela. (Os cinco que devem ser vermelhos são as duas palmas, os dois cantos externos dos olhos, a língua, os lábios, e o palato.) Parece que ela é digna de ser olhada até pelos deuses e os Asuras, e é talentosa em todas as artes e ciências. Possuidora de todos os sinais auspiciosos, ela certamente gerará muitas crianças. Ela é até capaz de gerar um filho que possa se tornar um imperador. Quanto à minha riqueza, diga-me, ó principal dos Brahmanas, qual deve ser seu dote.' Galava disse, 'Dê-me oitocentos corcéis, nascidos em um bom país, de brancura lunar, e cada um com uma orelha de cor preta. Esta moça auspiciosa e de olhos grandes então se tornará a mãe dos teus filhos, como o bastão de fogo se tornando a geratriz do fogo.'"

"Narada continuou, 'Ouvindo estas palavras, aquele sábio real, o rei Haryyaswa, cheio de tristeza, mas cegado pela luxúria, se dirigiu a Galava, aquele principal dos Rishis, dizendo, 'Eu tenho somente duzentos corcéis em volta de mim da espécie que tu queres, embora de outras espécies todas dignas de sacrifício eu tenha muitos milhares se movimentando (em meus domínios). Ó Galava, eu desejo gerar somente um filho nesta donzela. Bondosamente conceda este meu

pedido.' Ouvindo estas palavras do rei, aquela donzela disse para Galava, 'Um recitador de Brahma me concedeu um benefício que depois de cada parto eu seria uma donzela novamente. Entregue-me, portanto, para este rei, aceitando seus excelentes corcéis. Dessa maneira, oitocentos corcéis no total podem ser obtidos por ti de quatro reis em sucessão, e eu também posso ter quatro filhos. Recolha a riqueza destinada para teu preceptor dessa maneira. Isto mesmo é o que eu penso. Depende, no entanto, de ti, ó Brahmana, quanto a como tu deves agir.' Assim endereçado por aquela moça, o Muni Galava disse estas palavras para o rei Haryyaswa, 'Ó Haryyaswa, ó melhor dos homens, aceite esta donzela por uma quarta parte do dote que eu fixei, e gere somente um filho nela.' Recebendo então aquela moça e reverenciando Galava, o rei no hora e lugar devidos teve com ela um filho do tipo desejado. E o filho assim nascido veio a ser chamado pelo nome de Vasumanas. Mais rico do que todos os reis ricos da terra, e parecendo com um dos próprios Vasus ele se tornou um rei e doador de grande riqueza.

Depois de algum tempo, o inteligente Galava voltou e se aproximando do muito satisfeito Haryyaswa disse para ele, 'Tu, ó rei, obtiveste um filho. De fato, esta criança é como o próprio sol em esplendor. Chegou o momento, ó principal dos homens, de eu ir para algum outro rei em busca de esmolas.' Ouvindo estas palavras, Haryyaswa que era mesmo sincero em palavras e firme em ações de virilidade, e se lembrando de que o restante de seiscentos corcéis não poderia ser suprido por ele, devolveu Madhavi para Galava. E Madhavi também, abandonando aquela resplandecente prosperidade majestosa, e mais uma vez se tornando uma donzela, seguiu os passos de Galava. E Galava também, dizendo, 'Que os corcéis permaneçam contigo' então foi, acompanhado pela moça, ao rei Divodasa.'"

117

"Narada disse, 'Galava então, se dirigindo a Madhavi, disse, ‘O soberano dos Kasis é um rei ilustre conhecido pelo nome de Divodasa. Ele é o filho de Bhimasena, é dotado de grande coragem, e é um poderoso soberano. Ó moça abençoada, nós estamos agora indo até ele. Siga-me lentamente e não te aflijas. Aquele soberano de homens é virtuoso e devotado à verdade e tem suas paixões sob controle.'

"Narada Continuou, 'Quando o Muni chegou diante daquele rei ele foi recebido com devida hospitalidade pelo último. Galava, então, começou a incitar o monarca a gerar um filho. Assim endereçado, Divodasa disse, 'Eu ouvi sobre tudo isto antes. Tu não precisas falar muito. Ó Brahmana, eu posso te dizer, ó melhor dos Brahmanas, que logo que eu ouvi sobre este assunto, meu coração foi fixado nisto. Também é um sinal de grande honra para mim que passando por cima de todos os outros reis tu vieste a mim. Sem dúvida, teu objetivo será obtido. Na questão dos corcéis, ó Galava, minha riqueza é semelhante àquela do rei Haryyaswa. Eu gerarei, portanto, somente um filho nobre nesta donzela.' Ouvindo estas palavras, aquele melhor dos Brahmanas deu aquela donzela para o rei, e, o rei, nisso, casou-se devidamente com ela. E o sábio real então se divertiu com ela,

como Surya com Prabhavati, Agni com Swaha, Vasava com Sachi, Chandra com Rohini, Yama com Urmila, Varuna com Gauri, Kuvera com Riddhi, Narayana com Lakshmi, Sagara com Jahnavi, Rudra com Rudrani, o Avô com Saraswati, Saktri o filho de Vasishtha com Adrisyanti, Vasishtha com Arundhati (chamada também Akshamala), Chyavana com Sukanya, Pulastya com Sandhya, Agastya com a princesa de Vidarbha Lopamudra, Satyavan com Savitri, Bhrigu com Puloma, Kasyapa com Aditi, Jamadagni o filho de Richika com Renuka, Viswamitra o filho de Kusika com Himavati, Vrihaspati com Tara, Sukra com Sataprava, Bhumipati com Bhumi, Pururavas com Urvasi, Richika com Satyavati, Manu com Saraswati, Dushyanta com Sakuntala, o eterno Dharma com Dhriti, Nala com Damayanti, Narada com Satyavati, Jaratkaru com Jaratkaru, Pulastya com Pratichya, Urnayus com Menaka, Tumvuru com Rambha, Vasuki com Satasirsha, Dhananjaya com Kamari, Rama com a princesa de Videha Sita, ou Janardana com Rukmini. E para o rei Divodasa, que se divertiu e se deleitou com ela, Madhavi deu um filho chamado Pratardana. E depois que ela tinha dado um filho a ele, o santo Galava foi até Divodasa no tempo fixado, e disse para ele, 'Deixe a moça vir comigo, e que os corcéis também que tu deves me dar permaneçam contigo, pois eu desejo ir a outro lugar, ó soberano da Terra, em busca de dote.' Assim endereçado, o rei virtuoso Divodasa, que era devotado à verdade, por isso, devolveu a moça para Galava no tempo estabelecido.'"

118

"Narada disse, 'A ilustre Madhavi, fiel à sua promessa, abandonando aquela prosperidade e mais uma vez se tornando uma donzela, seguiu os passos do Brahmana Galava. E Galava, cujo coração estava fixado na realização do seu próprio propósito, refletindo sobre o que ele devia fazer em seguida então foi à cidade dos Bhojas para visitar o rei Usinara. E chegando diante daquele rei de destreza imbatível Galava se dirigiu a ele, dizendo, 'Esta moça de dará dois filhos nobres. E, ó rei, gerando nela dois filhos iguais ao Sol e à Lua, tu poderás alcançar todos os teus objetivos neste e no outro mundo. Como seu dote, no entanto, ó tu que és familiarizado com todos os deveres, tu terás que me dar quatrocentos corcéis de esplendor lunar, cada um tendo uma orelha de cor preta. Este meu esforço para obter os corcéis é somente por causa do meu preceptor, do contrário eu mesmo não teria nada que fazer com eles. Se tu és capaz de aceitar (meus termos), faça como eu te ofereço sem qualquer hesitação. Ó sábio real, tu estás agora sem filhos. Gere, ó rei, um par de filhos. Com prole assim gerada como uma balsa, salve teus Pitris e a ti mesmo também. Ó sábio real, aquele que tem frutos na forma de prole para desfrutar nunca cai do céu. Nem tal pessoa tem que ir para aquele inferno terrível para onde os sem filhos estão fadados a ir.' Ouvindo estas e outras palavras de Galava, o rei Usinara respondeu para ele, dizendo, 'Eu ouvi o que tu, ó Galava, disseste. Meu coração também tende a fazer o que tu pedes. O Ordenador Supremo, no entanto, é todo-poderoso. Eu tenho somente duzentos corcéis do espécie indicada por ti, ó melhor dos Brahmanas. De outras espécies, eu tenho muitos milhares se movimentando em meus domínios.

Eu gerarei, ó Galava, somente um filho nela, por trilhar o caminho que foi trilhado por outros tais como Haryyaswa e Divodasa. Eu agirei da mesma maneira deles na questão do dote. Ó melhor dos Brahmanas, minha riqueza existe somente para meus súditos residentes na cidade e no país, e não para meus próprios confortos e prazeres. Aquele rei, ó virtuoso, que dá para seu próprio prazer a riqueza que pertence a outros nunca pode ganhar virtude ou renome. Que esta donzela, dotada do brilho de uma moça celeste, seja apresentada a mim. Eu a aceitarei para gerar somente um filho.' Ouvindo estas e muitas outras palavras que Usinara falou, aquele melhor dos Brahmanas, Galava, então elogiou o monarca e lhe entregou a moça. E fazendo Usinara aceitar aquela donzela, Galava foi para as florestas. E como um homem justo desfrutando da prosperidade (ganha por seus feitos), Usinara começou a se divertir e desfrutar com aquela donzela em vales e vales de montanhas, perto de fontes e cascatas de rios, em mansões, câmaras encantadoras, jardins coloridos, florestas e bosques, lugares agradáveis, e terraços de casas. E, no tempo devido, nasceu para ele um filho do esplendor do sol da manhã, que depois se tornou um rei excelente, célebre pelo nome Sivi. E depois do nascimento daquele filho, o Brahmana Galava foi até Usinara, e pegando a moça de volta dele, foi, ó rei, ver o filho de Vinata.'"

119

"Narada disse, 'Vendo Galava, o filho de Vinata se dirigiu a ele sorridente, dizendo, 'Por boa sorte é, ó Brahmana, que eu te vejo bem sucedido.' Galava, no entanto, ouvindo as palavras faladas por Garuda informou-o que uma quarta parte da tarefa ainda não estava terminada.' Garuda então, aquele principal de todos os oradores, disse para Galava, 'Não faça qualquer esforço (para obter os duzentos restantes), pois isto não sucederá. Antigamente, Richika procurou em Kanyakuyja a filha de Gadhi, Satyavati, para fazê-la sua esposa. Nisso Gadhi, ó Galava, se dirigindo ao Rishi, disse, 'Ó santo, que mil corcéis de brilho lunar, cada um com uma orelha de cor preta, sejam oferecidos a mim.' Assim pedido, Richika disse, 'Assim seja'. E então seguindo seu caminho para o grande mercado de corcéis (Aswatirtha) na residência de Varuna, o Rishi obteve o que ele procurava e os deu para o rei. Realizando um sacrifício então de nome Pundarika, aquele monarca doou aqueles corcéis (como Dakshina) para os Brahmanas. Os três reis a quem tu recorreste compraram aqueles cavalos dos Brahmanas, cada um ao número de duzentos. Os quatrocentos restantes, ó melhor dos Brahmanas, enquanto eram transportados sobre o rio, foram levados pelo (rio) Vitasta (um dos cinco rios do Punjab). Portanto, ó Galava, tu nunca poderás ter aquilo que não é para ser tido. Então, ó virtuoso, apresente para Viswamitra esta moça como um equivalente a duzentos corcéis, junto com os seiscentos que tu já obtiveste. Tu então, ó melhor dos Brahmanas, serás libertado da tua aflição e coroado com êxito.' Galava então, dizendo, 'Assim seja' e levando consigo a moça e os corcéis, foi com Garuda em sua companhia até Viswamitra. E chegando em sua presença, Galava disse, 'Aqui estão seiscentos corcéis da espécie exigida por ti. E esta moça é oferecida como um equivalente aos duzentos restantes. Que todos estes sejam aceitos por ti.

Após esta moça ter gerado três filhos virtuosos com três sábios reais, que um quarto, mais importante de todos, seja gerado nela por ti. E assim, que o número de corcéis, oitocentos, seja considerado por ti como completo, e deixe-me também, sendo liberado da tua dívida, partir e praticar penitências ascéticas como eu desejo.' Viswamitra então, vendo Galava na companhia da ave, e aquela moça muito bela, disse, 'Por que, ó Galava, tu não me desde esta moça antes? Quatro filhos então, santificadores da minha linhagem, teriam sido todos só meus. Eu aceito esta moça tua para gerar nela um filho. Em relação aos corcéis, deixe-os pastarem em meu retiro.' Dizendo isso, Viswamitra de grande esplendor começou a passar seu tempo felizmente com ela. E Madhavi deu a ele um filho de nome Ashtaka. E logo que aquele filho nasceu, o grande Muni Viswamitra o endereçou para virtude e lucro, e deu a ele aqueles seiscentos corcéis. Ashtaka então foi para uma cidade brilhante como a cidade de Soma. E o filho de Kusika Viswamitra também tendo transferido a donzela para seu discípulo, foi para as florestas. E Galava também, com seu amigo Suparna, tendo dessa maneira conseguido dar para seu preceptor o taxa que ele tinha exigido, com o coração alegre se dirigiu àquela moça e disse, 'Tu geraste um filho que é extremamente caridoso, e outro que é extremamente corajoso, e um terceiro que é devotado à verdade e justiça, e ainda outro que é um realizador de grandes sacrifícios. Ó moça bela, tu, por meio destes filhos, não salvaste somente teu pai, mas quatro reis e eu mesmo, também. Vá agora, ó tu de cintura fina.' Dizendo isso, Galava dispensou Garuda, aquele devorador de cobras, e devolvendo a donzela para seu pai ele mesmo entrou nas florestas.'"

120

"Narada disse, 'O rei Yayati então, desejoso novamente de dispor de sua filha em Swayamvara, foi para um eremitério na confluência do Ganga e do Yamuna, levando Madhavi consigo em uma carruagem, seu corpo enfeitado com guirlandas de flores. E Puru e Yadu seguiram sua irmã para aquele retiro sagrado. E naquele local estava reunida uma vasta assembléia de Nagas e Yakshas e seres humanos, de Gandharvas e animais e aves, e de habitantes de montanhas e árvores e florestas, e de muitos habitantes daquela província específica. E os bosques em volta daquele retiro estavam cheios de numerosos Rishis parecidos com o próprio Brahman. E quando a seleção de marido tinha começado, aquela moça da cor mais formosa, ignorando todos os noivos lá reunidos, escolheu a floresta como seu marido. Descendo de sua carruagem e cumprimentando todos os seus amigos, a filha de Yayati entrou na floresta que é sempre sagrada, e se dedicou a austeridades ascéticas. Reduzindo seu corpo por meio de jejuns de várias espécies e ritos religiosos e votos rígidos, ela adotou o modo de vida dos veados. E subsistindo de folhas de grama macias e verdes, parecendo os brotos de lápis lazúli e que eram amargas e doces ao paladar, e bebendo a água doce, pura, fria, cristalina, e muito superior de correntes sagradas da montanha, e vagando com os veados em florestas desprovidas de leões e tigres, em desertos livres de incêndios florestais, e em bosques densos, aquela moça, levando a vida

de uma corça selvagem, ganhou grande mérito religioso pela prática de austeridades Brahmacharya.

(Enquanto isso) o rei Yayati, seguindo a prática de reis antes dele, cedeu à influência do Tempo, depois de ter vivido por muitos milhares de anos. A progênie de dois dos seus filhos, aqueles principais dos homens, Puru e Yadu, se multiplicou imensamente, e por isso o filho de Nahusha ganhou grande respeito neste e no outro mundo. Ó monarca, residindo no céu, o rei Yayati, parecendo com um grande Rishi, se tornou um objeto de muito respeito, e desfrutou dos frutos mais sublimes daquelas regiões. E depois que muitos milhares de anos tinham passado em grande felicidade, em uma ocasião enquanto sentado entre os ilustres sábios reais e grandes Rishis, o rei Yayati, por insensatez, ignorância, e orgulho, desprezou mentalmente todos os deuses e Rishis, e todos os seres humanos. Nisso o divino Sakra, o matador de Vala, imediatamente leu seu coração. E aqueles sábios reais também se dirigiram a ele dizendo, 'Que vergonha! Que vergonha!' E vendo o filho de Nahusha, foram feitas as perguntas, ‘Quem é esta pessoa? Ele é filho de qual rei? Por que ele está no céu? Por quais ações ele obteve êxito? Onde ele ganhou mérito ascético? Pelo que ele é conhecido aqui? Quem o conhece?’ Os habitantes do céu, falando assim daquele monarca, fizeram uns aos outros estas perguntas acerca de Yayati, aquele soberano de homens. E centenas de quadrigários do céu, e centenas daqueles que protegiam os portões do céu, e daqueles que estavam encarregados de assentos do céu, assim questionados, todos responderam, 'Nós não o conhecemos.' E as mentes de todos estavam temporariamente nubladas, pelo que ninguém reconheceu o rei e por causa disso o monarca foi logo privado de seu esplendor.'"

121

"Narada disse, 'Removido de seu lugar e rechaçado de seu assento com coração tremendo de medo, e consumido por remorso ardente, com suas guirlandas opacas em esplendor e seu conhecimento nublado, privado de sua coroa e braceletes, com cabeça atordoada e todos os membros relaxados privados de ornamentos e mantos, incapaz de ser reconhecido, às vezes não vendo os outros residentes do céu, cheio de desespero, e sua mente um perfeito vazio, o rei Yayati caiu de cabeça em direção à terra. E antes do rei cair, ele pensou consigo mesmo, 'Que pensamento inauspicioso e pecaminoso foi nutrido por mim pelo qual eu sou lançado do meu lugar?' E todos os reis lá, como também os Siddhas e as Apsaras, riram ao verem Yayati perdendo seu apoio, e a ponto de cair. E logo, ó rei, por ordem do rei dos deuses, chegou lá uma pessoa cujo propósito era arremessar para baixo aqueles cujos méritos estavam esgotados. E chegando lá, ele disse para Yayati, 'Extremamente embriagado com orgulho, não há ninguém a quem tu não tenhas desrespeitado. Por este teu orgulho o céu não é mais para ti. Tu não mereces uma residência aqui, ó filho de um rei. Tu não és reconhecido aqui, vá e caia.' Assim mesmo o mensageiro celeste falou para ele. O filho de Nahusha então disse, repetindo as palavras três vezes, 'Se eu devo cair,

que eu caia entre os virtuosos.' E dizendo isso, aquela principal das pessoas que tinha alcançado regiões elevadas por suas ações começou a pensar na região específica na qual ele deveria cair. Vendo enquanto isso quatro reis poderosos, isto é, Pratardana, Vasumanas, Sivi, o filho de Usinara, e Ashtaka, reunidos nos bosques de Naimisha, o rei caiu entre eles. E aqueles monarcas estavam então engajados em gratificar o senhor dos celestiais pela realização do sacrifício conhecido pelo nome de Vajapeya. E a fumaça que se erguia do seu altar sacrifical alcançava os próprios portões do céu. E a fumaça que subia dessa maneira parecia com um rio conectando a terra e o céu. E ela parecia com a corrente sagrada Ganga enquanto descendo do céu para a terra. E cheirando aquela fumaça e guiando seu rumo por ela, Yayati, o senhor do mundo, desceu sobre a terra. E o rei assim caiu entre aqueles quatro leões entre os soberanos, que eram todos dotados de grande beleza, que eram os principais de todos os realizadores de sacrifícios, que eram, de fato, seus próprios parentes, e que pareciam os quatro regentes dos quatro quadrantes, e pareciam quatro poderosos fogos sacrificais. E assim, pelo esgotamento dos seus méritos, o sábio real Yayati caiu entre eles. E vendo-o brilhando com beleza aqueles reis o questionaram, dizendo, ‘Quem és tu? De que família, país, ou cidade tu és? Tu és um Yaksha, ou um deus, um Gandharva, ou um Rakshasa? Tu não pareces ser um ser humano. Que objetivo tu tens em vista?' Assim questionado, Yayati respondeu, 'Eu sou o sábio real Yayati. Eu caí do céu por causa do término da minha virtude. Tendo desejado cair entre os virtuosos, eu caí entre vocês.' Os reis então disseram, 'Ó principal das pessoas, que aquele teu desejo seja realizado. Aceite nossas virtudes e os frutos de todos os nossos sacrifícios.' Yayati respondeu dizendo, 'Eu não sou um Brahmana qualificado para aceitar uma doação. Por outro lado, eu sou um Kshatriya. Nem meu coração se inclina em direção a diminuir as virtudes de outros.'

"Narada continuou, 'Nesta ocasião, Madhavi, no curso de suas vagueações sem propósito, chegou lá. Vendo ela, aqueles monarcas a saudaram e disseram, 'Que objetivo tu tens em vir aqui? Que ordem tua nós obedeceremos? Tu mereces nos comandar, pois todos nós somos teus filhos, ó tu que és dotada de riqueza de ascetismo!' Ouvindo estas palavras deles, Madhavi estava cheia de alegria e se aproximando então de seu pai, ela saudou Yayati com reverência. E tocando as cabeças de todos os seus filhos, aquela dama dedicada a austeridades ascéticas disse para seu pai, 'Sendo meus filhos, esses todos são filhos da tua filha, ó rei de reis. Eles não são estranhos para ti. Eles te salvarão. A prática não é nova, sua origem se estende à antiguidade. Eu sou tua filha Madhavi, ó rei, vivendo nas florestas da mesma maneira dos veados. Eu também tenho obtido virtude. Pegue uma metade. E porque, ó rei, todos os homens têm o direito de desfrutar de uma porção dos méritos ganhos por sua progênie, é por isto que eles desejam ter netos. Este mesmo foi o caso contigo, ó rei (quando tu me transferiste para Galava).' A estas palavras de sua mãe, aqueles monarcas a saudaram, e reverenciando também seu avô materno, repetiram aquelas mesmas palavras em uma voz alta, incomparável, e agradável, e fazendo, de certo modo, a terra inteira ressoar com elas, para resgatar aquele avô materno deles que tinha caído do céu. E naquele momento Galava também chegou lá, e se dirigindo a Yayati, disse,

'Aceitando uma oitava parte das minhas austeridades ascéticas, ascenda para o céu novamente.'"

122

"Narada disse, 'Logo que aquele touro entre homens, o rei Yayati, foi reconhecido por aquelas pessoas virtuosas, ele se elevou outra vez para o céu, sem ter que tocar a superfície da terra. E ele recuperou sua forma celeste e teve todas as suas ansiedades totalmente dissipadas. E ele se ergueu novamente, enfeitado com guirlandas e mantos celestes, adornado com ornamentos celestes, borrifado com perfumes celestes, e provido de atributos celestiais, e sem ter sido compelido a tocar a terra com seus pés. Enquanto isso, Vasumanas que era famoso no mundo por sua generosidade, se dirigindo primeiro ao rei, proferiu estas palavras em voz alta, 'O mérito que eu tenho ganho na terra por minha conduta impecável em direção a homens de todas as classes eu dou para ti. Que ele seja todo teu, ó rei. O mérito que alguém ganha por generosidade e perdão, o mérito que é meu pelos sacrifícios que eu tenho realizado, que tudo isso também seja teu.' Depois disto, Pratardana, aquele touro entre os Kshatriyas, disse, 'Sempre dedicado à virtude como também à guerra, a fama que aqui foi minha como um Kshatriya, pelo título de herói (pelo qual eu sou conhecido), seja teu aquele mérito.' Depois disto, Sivi, o filho inteligente de Usinara, disse estas palavras agradáveis, 'Para crianças e mulheres em brincadeira, perigo, ou calamidade, em angústia, ou no jogo de dados, eu nunca falei uma mentira. Por esta verdade a qual eu nunca sacrifiquei ascenda para o céu. Eu posso, ó rei, abandonar todos os objetos de desejo e prazer, meu reino, sim, a própria vida, mas a verdade eu não posso abandonar. Por esta verdade, ascenda para o céu; aquela verdade pela qual Dharma, aquela verdade pela qual Agni, aquela verdade pela qual ele de cem sacrifícios, cada um tem sido gratificado por mim, por aquela verdade ascenda para o céu.' E por fim, o sábio real Ashtaka, a prole do filho de Kusika e Madhavi, se dirigindo ao filho de Nahusha Yayati que tinha realizado muitas centenas de sacrifícios, disse, 'Eu tenho, ó senhor, realizado centenas de sacrifícios Pundarika, Gosava e Vajapeya. Receba o mérito destes. Riqueza, pedras preciosas, mantos, eu não tenho poupado nada para a realização de sacrifícios. Por esta verdade ascenda para o céu.' E aquele rei então deixando a terra, começou a ascender em direção ao céu, cada vez mais alto, conforme aqueles filhos da filha dele, um depois do outro, diziam aquelas palavras para ele. E foi assim que aqueles reis por seus bons atos salvaram rapidamente Yayati, que tinha sido lançado do céu. Foi dessa maneira que aqueles netos nascidos em quatro linhagens reais, aqueles multiplicadores de suas famílias, por meio de suas virtudes, sacrifícios, e doações, fizeram seu sábio avô materno ascender outra vez para o céu. E aqueles monarcas conjuntamente disseram, 'Dotados dos atributos de realeza e possuidores de todas as virtudes, nós somos, ó rei, filhos da tua filha! (Em virtude dos nossos bons feitos) ascenda para o céu.'"

123

"Narada disse, 'Mandado de volta para o céu por aqueles reis virtuosos, distintos pela generosidade de suas doações sacrificais, Yayati possuidor de filhos da filha os dispensou e alcançou as regiões celestes. Alcançando a região eterna obtida pelo mérito de seus netos, e adornado por seus próprios feitos, Yayati, banhado em chuva de flores fragrantes e acariciado por brisas perfumadas e deliciosas, brilhou com grande beleza. E alegremente recebido de volta no céu com sons de pratos, ele foi entretido com canções e danças por várias tribos de Gandharvas e Asuras. E diversos Rishis celestes e reais e Charanas começaram a prestar suas adorações a ele. E divindades o adoraram com um Arghya excelente e o encantaram com outras honras. E depois que ele assim tinha alcançado novamente o céu e tranquilidade de coração, e uma vez mais ficado livre de ansiedade, o Avô, gratificando-o com suas palavras disse, 'Tu ganhaste a medida completa de virtude por teus feitos terrestres, e esta região (que tu alcançaste) é eterna, como teus feitos são no céu. Tu, no entanto, ó sábio real, destruíste tua aquisição somente por tua vaidade, e assim cobriste os corações de todos os habitantes do céu com escuridão pela qual nenhum deles podia te reconhecer. E já que tu não podias ser reconhecido, tu foste arremessado daqui! Salvo mais uma vez pelo amor e afeição dos filhos da tua filha, tu chegaste aqui de novo, e recuperaste esta região imutável, eterna, sagrada, excelente, estável, e indestrutível alcançada antes por teus próprios feitos.' Assim endereçado, Yayati disse, 'Ó santo, eu tenho uma dúvida, a qual cabe a ti dissipar. Ó Avô de todos os mundos, não me cabe questionar alguém mais. Grande era meu mérito, aumentado por um governo (virtuoso) sobre meus súditos por muitos milhares de anos e ganho por inumeráveis sacrifícios e doações. Como poderia mérito (tão grande) ser esgotado tão rapidamente em consequência do qual eu fui arremessado daqui? Tu sabes, ó santo, que as regiões criadas para mim eram todas eternas. Por que todas aquelas minhas regiões foram destruídas, ó tu de grande refulgência?' O Avô respondeu, dizendo, 'Teu mérito, aumentado por um governo (virtuoso) sobre teus súditos por muitos milhares de anos e ganho por sacrifícios inumeráveis e presentes foi esgotado por uma única falha, pela qual tu foste arremessado (desta região). Aquela falha, ó rei de reis, foi tua vaidade pela qual tu te tornaste um objeto de desprezo para todos os residentes do céu. Ó sábio real, esta região nunca pode ser tornada eterna por vaidade, ou orgulho de força, ou malícia, ou falsidade, ou engano. Nunca desrespeite aqueles que são inferiores, ou superiores, ou na posição intermediária. Não há um pecador maior do que aquele que é consumido pelo fogo da vaidade. Aqueles homens que conversarem sobre esta tua queda e re-ascensão serão, sem dúvida, protegidos mesmo se alcançados pela calamidade.'

"Narada continuou, 'Ó monarca, tal mesmo foi o infortúnio no qual Yayati caiu por consequência da vaidade, e tal é o infortúnio no qual Galava caiu devido à sua teimosia. Aqueles que desejam seu próprio bem devem escutar os amigos que desejam seu bem. Obstinação nunca deve ser nutrida, pois obstinação é sempre a base da ruína. Por esta razão, ó filho de Gandhari, abandone vaidade e cólera, ó herói, faça as pazes com os filhos de Pandu. Evite a raiva, ó rei, (pois assim)

aquilo que é doado, aquilo que é feito, as austeridades que são praticadas, as libações que são despejadas no fogo, nenhum desses é destruído ou sofre alguma diminuição. Ninguém mais, além disso, desfruta dos resultados desses exceto aquele que é seu agente. Aquele que consegue compreender esta história realmente superior e excelente, que é aprovada por pessoas de grande erudição também como por aquelas que estão livres de raiva e luxúria, e que é reforçada por várias referências às escrituras e razão, obtém um conhecimento de virtude e lucro e desejo, e desfruta da soberania do mundo inteiro!'"

124

"Dhritarashtra disse, 'Ó santo, é mesmo assim como tu, ó Narada, dizes. Meu desejo também é precisamente este, mas, ó santo, eu não tenho poder (para realizá-lo)!'

"Vaisampayana continuou, 'O rei Kuru, tendo dito estas palavras para Narada, então se dirigiu a Krishna e disse, 'Tu, ó Kesava, me disseste aquilo que leva ao céu, que é benéfico para o mundo, consistente com virtude, e repleto de razão. Eu, no entanto, ó senhor, não sou independente. Duryodhana nunca faz o que é agradável para mim. Portanto, ó Krishna de braços poderosos, ó melhor das pessoas, esforce-te para persuadir aquele meu filho tolo e mau, que desobedece minhas ordens. Ó poderosamente armado, ele nunca ouve as palavras benéficas, ó Hrishikesa, de Gandhari, ou do sábio Vidura, ou de outros amigos encabeçados por Bhishma, todos os quais procuram seu bem. Portanto, aconselhe tu mesmo aquele príncipe desonesto, insensato, e de alma perversa, de disposição má e coração pecaminoso. Por fazeres isto, ó Janardana, tu farás aquela ação nobre a qual um amigo deve sempre fazer.' Assim endereçado, ele da linhagem de Vrishni, conhecedor das verdades de virtude e lucro, se aproximou mais do sempre colérico Duryodhana e disse para ele estas palavras gentis, 'Ó Duryodhana, ó melhor dos Kurus, ouça estas minhas palavras, proferidas especialmente para o teu bem, como também, ó Bharata, para aquele dos teus seguidores. Tu és nascido em uma família que é distinta por sua grande sabedoria. Cabe a ti agir honradamente como eu indico. Possuidor de erudição e dotado de comportamento excelente, tu és adornado com todas as qualidades excelentes. Aqueles que são nascidos em famílias ignóbeis, ou que são de alma perversa, cruéis, e sem vergonha, somente eles, ó senhor, agem da maneira que parece aceitável para ti. Neste mundo, somente as inclinações daqueles que são virtuosos parecem ser compatíveis com os ditames de virtude e lucro. As inclinações, no entanto, daqueles que são injustos parecem ser perversas. Ó touro da raça Bharata, a disposição que tu estás repetidamente manifestando é daquela espécie perversa. Persistência em tal comportamento é pecaminosa, terrível, muito má, e capaz de levar à própria morte. Isso é, além disso, infundado, enquanto, também, tu não podes, ó Bharata, aderir a isso por muito tempo. Se por evitares isso que é produtivo somente de desgraça tu realizarás teu próprio bem, se, ó castigador de inimigos, tu escaparás dos feitos pecaminosos e infames dos teus irmãos, seguidores, e conselheiros, então, ó tigre entre homens, faça as pazes, ó touro

entre os Bharatas, com os filhos de Pandu que são todos dotados de grande sabedoria e grande coragem, com grande esforço e grande erudição e todos os quais têm suas almas sob completo controle. Tal conduta seria agradável e conducente à felicidade de Dhritarashtra que é dotado de grande sabedoria, do avô (Bhishma), Drona, de Kripa de grande alma, Somadatta, do sábio Vahlika, Aswatthaman, Vikarna, Sanjaya, Vivingsati, e de muitos dos teus parentes, ó castigador de inimigos, e muitos dos teus amigos também. O mundo inteiro, ó senhor, derivará benefício daquela paz. Tu és dotado de modéstia, nascido em uma família nobre, tens erudição e bondade de coração. Seja obediente, ó senhor, às ordens do teu pai, e também da tua mãe, ó touro da raça Bharata. São bons filhos aqueles que sempre respeitam aquilo que é benéfico o qual seus pais mandam. De fato, quando alcançados por calamidade, todos se lembram das injunções de seus pais. Paz com os Pandavas, ó senhor, se recomenda para teu pai. Que isto, portanto, ó chefe dos Kurus, se recomende para ti também com teus conselheiros. Aquele mortal que tendo ouvido os conselhos de amigos não age segundo eles é consumido no fim pelas consequências de sua desconsideração, como aquele que engole a fruta chamada Kimpaka. Aquele que por insensatez não aceita conselhos benéficos, enfraquecido por procrastinação e incapaz de alcançar seu objetivo, é obrigado a se arrepender no fim. Aquele, por outro lado, que tendo escutado conselhos benéficos os aceita imediatamente, abandonando sua opinião, sempre ganha felicidade no mundo. Quem rejeita as palavras de amigos bem intencionados, considerando aquelas palavras como contrárias ao seu interesse, mas aceita palavras que são realmente assim contrárias, é logo subjugado por seus inimigos. Desconsiderando as opiniões dos corretos aquele que aceita as opiniões dos maus logo faz seus amigos chorarem por ele, por ele ser mergulhado em infortúnio. Abandonando conselheiros superiores aquele que procura o conselho dos inferiores logo cai em grande tormento e não consegue salvar a si mesmo. Aquele companheiro do pecaminoso, que se comporta falsamente e nunca ouve bons amigos, que honra desconhecidos, mas odeia aqueles que são seus próprios, é logo, ó Bharata, expulso pela Terra. Ó touro da raça Bharata, tendo brigado com aqueles (os filhos de Pandu), tu procuras proteção de outros, isto é, daqueles que são pecaminosos, incapazes, e tolos. Que outro homem há sobre a terra além de ti, que, desconsiderando parentes, que são todos quadrigários poderosos, e cada um dos quais parece o próprio Sakra, procuraria proteção e ajuda de estranhos? Tu tens perseguido os filhos de Kunti desde seu próprio nascimento. Eles não estão zangados contigo, pois os filhos de Pandu são de fato virtuosos. Embora tu tenhas te comportado enganosamente em direção aos Pandavas desde seu próprio nascimento, contudo, ó poderosamente armado, aquelas pessoas distintas têm agido generosamente em direção a ti. Cabe a ti, portanto, ó touro da raça Bharata, agir em direção àqueles teus principais parentes com igual generosidade. Não te entregue à influência da cólera. Ó touro da raça Bharata, os esforços dos sábios estão sempre associados com virtude, lucro, e desejo. Se, de fato, todos estes três não podem ser alcançados, os homens seguem pelo menos virtude e lucro. Se, além disso, estes três são buscados separadamente, é visto que aqueles que têm seus corações sob controle escolhem a virtude; aqueles que não são nem bons nem maus, mas ocupam um estado intermediário escolhem o lucro, que é sempre assunto de

disputa; enquanto aqueles que são tolos escolhem a satisfação do desejo. O tolo que por tentação abandona virtude e busca lucro e desejo por meios injustos, é logo destruído por seus sentidos. Aquele que busca lucro e desejo deve, contudo praticar a virtude no início, pois nem lucro nem desejo estão (realmente) dissociados de virtude. Ó rei, é dito que somente a virtude é a causa dos três, pois aquele que busca os três pode, só pela ajuda da virtude, crescer como fogo quando entra em contato com uma pilha de grama seca. Ó touro da raça Bharata, tu procuras obter, ó senhor, por meios injustos este império extenso, florescendo com prosperidade e bem conhecido por todos os monarcas da terra. Ó rei, aquele que se comporta falsamente em direção àqueles que vivem e se comportam justamente certamente derruba a si mesmo, como uma floresta com um machado. Uma pessoa não deve procurar confundir a compreensão daquele cuja ruína ela não deseja, pois se a compreensão de alguém está confusa, ele nunca pode dedicar sua atenção ao que é benéfico. Alguém que tem sua alma sob controle nunca, ó Bharata, desrespeita alguém nos três mundos, não, nem mesmo a criatura mais comum, menos ainda aqueles touros entre homens, os filhos de Pandu. Aquele que se entrega à influência da ira perde sua compreensão do bem e do mal. Crescimento extremo deve sempre ser cortado. Veja, ó Bharata, esta é a prova. No momento, ó senhor, união com os filhos de Pandu é melhor para ti do que tua união com os maus. Se tu fizeres as pazes com eles, tu poderás obter a realização de todos os teus desejos. Ó melhor dos reis, enquanto desfrutando do reino que foi fundado pelos Pandavas tu procuras proteção de outros, desconsiderando os próprios Pandavas. Depositando os cuidados do teu estado em Dussasana, Durvisaha, Karna, e no filho de Suvala, tu desejas a continuação da tua prosperidade, ó Bharata. Estes, no entanto, são muito inferiores aos Pandavas em conhecimento, em virtude, em capacidade para adquirir riqueza, e em destreza. De fato, ó Bharata, (sem falar dos quatro que eu mencionei) todos estes reis juntos, contigo em sua chefia, são incapazes até de olhar para o rosto de Bhima, quando zangado, no campo de batalha. Ó senhor, este exército consistindo em todos os reis da terra está, de fato, ao teu alcance. Há também Bhishma, e Drona, e este Karna, e Kripa, e Bhurisrava, e Somadatta, e Aswatthaman, e Jayadratha. Todos estes juntos são incapazes de lutar contra Dhananjaya. De fato, Arjuna é incapaz de ser derrotado em batalha até por todos os deuses, Asuras, homens, e Gandharvas. Não estabeleça teu coração em prol da batalha. Tu vês o homem em alguma das linhagens reais da terra, que tendo enfrentado Arjuna em batalha possa voltar para casa são e salvo? Ó touro da raça Bharata, que vantagem há em uma matança geral? Mostre-me um único homem que derrotará aquele Arjuna, por derrotar a quem somente a vitória pode ser tua? Quem enfrentará aquele filho de Pandu em batalha, que venceu todos os celestiais com os Gandharvas, Yakshas e Pannagas em Khandavaprastha? Então também o relato maravilhoso que é ouvido do que aconteceu na cidade de Virata, concernente àquele combate entre um e muitos, é prova suficiente disto. Tu esperas vencer em batalha Arjuna que quando excitado com raiva é invencível, irresistível, sempre vitorioso, e sem deterioração; Arjuna, aquele herói que gratificou o Deus dos deuses, o próprio Siva, em combate? Comigo mesmo, além disso, como seu segundo, quando aquele filho de Pritha avançar para o campo de batalha contra um inimigo, quem é que será competente para desafiá-lo então?

Pode o próprio Purandara fazer isso? Aquele que derrotasse Arjuna em batalha sustentaria a Terra em seus braços, consumiria com raiva toda a população da Terra, e arremessaria os próprios deuses do céu. Olhe para teus filhos, teus irmãos, parentes, e outros aparentados. Não deixe estes chefes da linhagem de Bharata perecerem todos por tua causa. Não deixe a linhagem dos Kauravas ser exterminada ou reduzida. Ó rei, não deixe as pessoas dizerem que tu és o exterminador da tua linhagem e o destruidor de suas realizações. Aqueles poderosos guerreiros em carros, os Pandavas (se a paz for feita) te instalarão como o Yuvaraja, e teu pai Dhritarashtra, aquele senhor de homens, como o soberano deste extenso império. Ó senhor, não desconsidere a prosperidade que está te esperando e está certa de vir. Dando aos filhos de Pritha metade do reino, ganhe grande prosperidade. Fazendo as pazes com os Pandavas e agindo de acordo com os conselhos dos teus amigos, e te regozijando com eles, tu sem dúvida obterás o que é para o teu bem para sempre.'"

125

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo, ó touro da raça Bharata, estas palavras de Kesava, Bhishma, o filho de Santanu, então disse para o vingativo Duryodhana, 'Krishna falou a ti, desejoso de ocasionar paz entre parentes. Ó majestade, siga aqueles conselhos, e não ceda à influência da ira. Se tu não agires, ó senhor, segundo as palavras de Kesava de grande alma, nem prosperidade, nem felicidade, nem o que é para o teu bem, tu terás. Kesava de braços fortes, ó senhor, disse para ti o que é compatível com virtude e lucro. Aceite aquele propósito, e ó rei, não extermine a população da terra. Esta prosperidade resplandecente dos Bharatas entre todos os reis da terra, durante a própria vida de Dhritarashtra, tu destruirás por tua maldade, e tu também, por causa desta tua disposição arrogante, privarás tu mesmo com todos os teus conselheiros, filhos, irmãos, e parentes, de vida, se, ó tu principal da linhagem de Bharata, tu contrariares as palavras de Kesava, de teu pai, e do sábio Vidura, palavras que são compatíveis com verdade e repletas de benefício para ti mesmo. Não seja o exterminador da tua linhagem, não seja um homem mau, não deixe o teu coração ser pecaminoso, não trilhe o caminho da iniquidade. Não afunde teus pais em um oceano de dor.' Depois que Bhishma tinha concluído, Drona também disse estas palavras para Duryodhana, que, cheio de raiva, estava então respirando pesadamente, 'Ó majestade, as palavras que Kesava falou para ti estão repletas de virtude e lucro, o filho de Santanu Bhishma também disse o mesmo. Aceite aquelas palavras, ó monarca. Ambos são sábios, dotados de grande inteligência, com almas sob controle, desejosos de fazer o que é para o teu bem, e possuidores de grande erudição. Eles disseram o que é benéfico. Aceite as palavras deles, ó rei, ó tu possuidor de grande sabedoria, aja segundo o que Krishna e Bhishma disseram. Ó castigador de inimigos, não, por ilusão de compreensão, desconsidere Madhava. Aqueles que estão sempre te encorajando são incapazes de te darem vitória. Durante o tempo da batalha eles jogarão a carga de hostilidade sobre os pescoços de outros. Não massacre a população da

Terra. Não mate teus filhos e irmãos. Saiba que é invencível aquela hoste no meio da qual estão Vasudeva e Arjuna. Se, ó Bharata, tu não aceitares as palavras sinceras dos teus amigos, Krishna e Bhishma, então, ó majestade, tu certamente terás que te arrepender. Arjuna é até maior do que o que o filho de Jamadagni o descreveu como sendo. Com respeito a Krishna, o filho de Devaki, ele é incapaz de ser resistido até pelos deuses. Ó touro da raça Bharata, que utilidade há em te dizer o que é realmente conducente à tua felicidade e bem? Tudo agora foi dito para ti. Faça o que tu desejares. Eu não desejo dizer nada mais para ti, ó principal da linhagem de Bharata.'

"Vaisampayana continuou, 'Depois que Drona tinha cessado, Vidura, também chamado Kshatri, lançando seus olhos em Duryodhana, disse para aquele vingativo filho de Dhritarashtra, 'Ó Duryodhana, ó touro da raça Bharata, eu não me aflijo por ti. Eu sofro, no entanto, por este casal idoso, Gandhari e teu pai. Tendo a ti de alma perversa como seu protetor (de quem eles em breve estarão privados), eles terão que vagar com ninguém para cuidar deles, e privados também de amigos e conselheiros, como um par de aves desprovido de suas asas. Tendo gerado tal filho pecaminoso que é o exterminador de sua linhagem, ai, estes dois terão que vagar sobre terra em tristeza, subsistindo de esmolas.' Depois disto, o rei Dhritarashtra, se dirigindo a Duryodhana, sentado no meio de seus irmãos e cercado por todos os reis, disse, 'Escute, ó Duryodhana, ao que o Sauri de grande alma disse. Aceite aquelas palavras que são eternas, altamente benéficas e conducentes ao que é para o teu maior bem. Com a ajuda deste Krishna de feitos impecáveis, nós entre todos os reis estamos certos de obter todos os nossos objetos apreciados. Firmemente unidos por Kesava, reconcilie-te, ó senhor, com Yudhishthira. Dirija-te para este grande bem dos Bharatas como para uma cerimônia augusta de conciliação. Através da agência de Vasudeva, vincule-te estreitamente com os Pandavas. Eu penso que chegou a hora para isto. Não deixe a oportunidade passar. Se, no entanto, tu desconsiderares Kesava, que por um desejo de realizar o que é para o bem está te pedindo para fazer as pazes, então a vitória nunca será tua.'"

126

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras de Dhritarashtra, Bhishma e Drona que concordavam com o velho rei se dirigiram novamente ao desobediente Duryodhana e disseram, 'Até agora os dois Krishnas não estão envolvidos em armadura, até agora Gandiva repousa inativo, até agora Dhaumya não consome a força do inimigo por derramar libações sobre o fogo da guerra, até agora aquele poderoso arqueiro Yudhishthira, tendo a modéstia como seu ornamento, não lançou olhares zangados nas tuas tropas, assim deixe que a hostilidade cesse. Até agora aquele arqueiro poderoso, Bhimasena, o filho de Pritha, não é visto colocado no meio de sua divisão, assim deixe que a hostilidade cesse. Até agora Bhimasena, com maça na mão, não anda no campo de batalha, oprimindo divisões hostis, assim que a paz seja feita com os Pandavas. Até agora Bhima, com sua maça matadora de heróis não faz as cabeças dos guerreiros lutando das

costas de elefantes rolarem no campo de batalha, como frutos da palmeira na época de seu amadurecimento, assim que a hostilidade cesse. Até agora Nakula, e Sahadeva, Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, e Virata, e Sikhandin, e o filho de Sisupala, envolvidos em armadura e todos bem versados em armas, não penetram nas tuas tropas, como crocodilos enormes penetrando no mar, e despejam sua chuva de flechas, assim que a hostilidade cesse. Até agora flechas ferozmente aladas não caem sobre os corpos delicados dos reis reunidos, assim deixe a hostilidade cessar. Até agora armas violentas feitas de ferro e aço, atiradas infalivelmente por poderosos arqueiros bem habilidosos em armas, dotados de agilidade de mão e capazes de acertar de qualquer longa distância, não penetraram nos peitos de guerreiros, cobertos com sândalo e outros unguentos fragrantes, e adornados com guirlandas douradas e jóias, assim que hostilidade cesse. Deixe aquele elefante entre os reis, Yudhishthira o Justo, te receber com um abraço enquanto tu o cumprimentas inclinando tua cabeça. Ó touro da raça Bharata, deixe aquele rei, distinto pela generosidade de seus presentes sacrificais, colocar no teu ombro aquele braço direito dele, a palma do qual tem as marcas do estandarte e do gancho. Deixe-o, com mãos vermelhas e enfeitadas com pedras preciosas, adornadas com dedos, bater de leve nas tuas costas enquanto tu estás sentado. Deixe Vrikodara de braços fortes, com ombros largos como aqueles da árvore Sala, te abraçar, ó touro da raça Bharata, e gentilmente conversar contigo em prol da paz. E, ó rei, saudado com reverência por aqueles três, isto é, Arjuna e os gêmeos, cheire suas cabeças e converse com eles carinhosamente. E vendo-te unido com teus irmãos heróicos, os filhos de Pandu, que todos estes monarcas derramem lágrimas de alegria. Deixe as notícias desta união cordial serem proclamadas nas cidades de todos os reis. Que a Terra seja governada por ti com sentimentos de afeto fraterno (em teu peito), e que o teu coração fique livre da febre (de ciúmes e cólera).'"

127

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo naquela assembléia dos Kurus estas palavras que eram desagradáveis para ele, Duryodhana respondeu para o poderosamente armado Kesava de grande renome dizendo, 'Cabe a ti, ó Kesava, falar depois de refletir sobre todas as circunstâncias. De fato, proferindo tais palavras duras, tu, sem qualquer razão, criticaste só a mim, endereçado respeitosamente como tu sempre és pelos filhos de Pritha, ó matador de Madhu. Mas tu me repreendes, tendo avaliado a força e fraqueza (de ambos os lados)? De fato, tu mesmo e Kshattri, o Rei, o Preceptor, e o Avô, todos repreendem somente a mim e não algum outro monarca. Eu, no entanto, não encontro a menor falha em mim mesmo. Contudo todos vocês, incluindo o próprio (velho) rei, me odeiam. Ó repressor de inimigos, mesmo depois de reflexão, eu não vejo qualquer falha grave em mim, ou mesmo, ó Kesava, algum defeito por mais que minúsculo. No jogo de dados, ó matador de Madhu, que foi aceito alegremente por eles, os Pandavas foram vencidos e seu reino foi ganho por Sakuni. Que culpa pode ser minha com respeito a isso? Por outro lado, ó matador de Madhu, a riqueza que foi

ganha dos Pandavas então, foi ordenada por mim ser devolvida para eles. Não pode, além disso, ó principal dos vencedores, ser qualquer falha nossa que os Pandavas invencíveis foram derrotados uma outra vez nos dados e tiveram que ir para as florestas. Imputando que falta a nós eles nos consideram como seus inimigos? E, ó Krishna, embora (realmente) fracos, por que os Pandavas ainda procuram tão alegremente uma disputa conosco, como se eles fossem fortes? O que nós temos feito a eles? Por que injúria (feita para eles) os filhos de Pandu, junto com os Srinjayas, procuram matar os filhos de Dhritarashtra? Nós não iremos por algum feito violento, ou palavra (alarmante) deles, nos curvar a eles com medo, privados de nossa razão. Nós não podemos nos curvar ao próprio Indra, sem falar dos filhos de Pandu. Eu, ó Krishna, não vejo o homem, observador das virtudes Kshatriya, que possa, ó matador de inimigos, ousar nos conquistar em batalha. Sem falar dos Pandavas, ó matador de Madhu, os próprios deuses não são competentes para vencer Bhishma, Kripa, Drona e Karna, em batalha. Se, ó Madhava, nós formos, no cumprimento de práticas da nossa ordem, cortados com armas em batalha, quando nosso fim chegar, isso mesmo nos levará para o céu. Este mesmo, ó Janardana, é nosso maior dever como Kshatriyas, isto é, que nós devemos nos deitar no campo de batalha sobre um leito de flechas. Se, sem nos submetermos a nossos inimigos, for nosso o leito de flechas em batalha, isso, ó Madhava, nunca nos afligirá. Quem, nascido em uma família nobre e agindo de acordo com as práticas Kshatriya, se submeteria por medo a um inimigo, desejoso somente de salvar sua vida? Aqueles Kshatriyas que desejam seu próprio bem aceitam respeitosamente este ditado de Matanga, isto é, que (com respeito a um Kshatriya), ele deve sempre se manter ereto, e nunca se curvar, pois somente esforço é virilidade; ele deve antes se quebrar nas junções do que se dobrar. Uma pessoa como eu deve somente se curvar aos Brahmanas por piedade, sem considerar alguém mais. (Com relação a outras pessoas exceto Brahmanas), deve-se, enquanto estiver vivo, agir segundo o ditado de Matanga. Este mesmo é o dever de Kshatriyas; essa mesma é sempre minha opinião. Aquela parte do reino que foi antigamente dada a eles por meu pai nunca mais, ó Kesava, será obtenível por eles enquanto eu viver. Enquanto, ó Janardana, o rei Dhritarashtra viver, nós e eles, embainhando nossas armas, ó Madhava, devemos viver na dependência dele. Entregue antigamente por ignorância ou medo, quando eu era uma criança e dependente de outros, o reino, ó Janardana, incapaz de ser doado novamente, ó encantador da linhagem de Vrishni, não será obtenível pelos Pandavas. No momento, ó Kesava de braços fortes, enquanto eu viver, mesmo aquela quantidade de nossa terra que possa ser coberta pela ponta de uma agulha afiada, ó Madhava, não será dada para nós aos Pandavas.'"

128

"Vaisampayana disse, 'Refletindo (por um momento), com olhos vermelhos de raiva, ele da linhagem de Dasarha, se dirigindo a Duryodhana naquela assembléia dos Kurus, então disse estas palavras, 'Tu desejas um leito de heróis? Na verdade, tu irás tê-lo, com teus conselheiros. Espere (pouco tempo), uma grande

matança se sucederá. Tu pensas, ó tu de pouca inteligência, que tu não cometeste ofensa contra os Pandavas? Que os monarcas (reunidos) julguem. Atormentado pela prosperidade dos Pandavas de grande alma tu conspiraste, ó Bharata, com o filho de Suvala acerca do jogo. Ó senhor, como poderiam aqueles teus parentes virtuosos, honestos, e superiores (de outra maneira) se engajarem em tal ação pecaminosa com o enganoso Sakuni? Ó tu que és dotado de grande sabedoria, o jogo rouba a compreensão até dos bons, e em relação aos maus, desunião e consequências terríveis surgem disto. Foste tu que planejaste com teus conselheiros perversos aquela fonte terrível de calamidade na forma de jogo, sem consultar com pessoas de comportamento justo. Quem mais há, capaz de insultar a esposa de um irmão da maneira que tu fizeste ou de arrastá-la à assembléia e se dirigir a ela na linguagem que tu usaste em direção a Draupadi? De ascendência nobre, e dotada de comportamento excelente, e mais preciosa para eles do que suas próprias vidas, a rainha consorte dos filhos de Pandu foi tratada assim mesmo por ti. Todos os Kauravas sabem quais palavras foram endereçadas em sua assembléia por Dussasana para aqueles castigadores de inimigos, os filhos de Kunti, quando eles estavam prestes a partir para as florestas. Quem seria capaz de se comportar de modo tão ignóbil para com seus próprios parentes honestos, que estão sempre engajados na prática de virtude, que não são maculados pela avareza, e que são sempre corretos em seu comportamento? Tal linguagem que fica bem somente naqueles que são cruéis e desprezíveis foi frequentemente repetida por Karna e Dussasana e também por ti. Tu fizeste grandes esforços para matar queimados, em Varanavata, os filhos de Pandu com sua mãe, enquanto eles eram crianças, embora aquele teu esforço não tenha sido coroado com sucesso. Depois disto, os Pandavas com sua mãe foram obrigados a viver por um longo tempo escondidos na cidade de Ekachakra na residência de um Brahmana. Com veneno, com cobras e cordas, tu tinhas, por todos os meios, procurado a destruição dos Pandavas, embora nenhum dos teus projetos tenha sido bem sucedido. Com tais sentimentos quando tu tens sempre agido em direção a eles tão enganosamente, como tu podes dizer que não pecaste contra os Pandavas de grande alma? Tu não estás, ó homem pecaminoso, desejando dar eles sua parte paterna do reino, embora eles estejam pedindo isto de ti. Tu terás que dá-la a eles, desse modo, quando privado de prosperidade, tu serás destruído. Tendo, como um sujeito cruel, feito inumeráveis males aos Pandavas e te comportado tão desonestamente em direção a eles, tu procuras agora aparecer de uma maneira diferente. Embora repetidamente pedido por teus pais, por Bhishma, Drona, e Vidura, para fazer as pazes, tu, contudo, ó rei, não fazes as pazes. Grande é a vantagem na paz, ó rei, para ti mesmo e Yudhishthira. A paz, no entanto, não se recomenda para ti. Ao que mais isto pode ser devido, exceto à tua perda de compreensão? Desobedecendo as palavras dos teus amigos, tu nunca poderás alcançar o que é para o teu benefício. Pecaminosa e infame é aquela ação que tu, ó rei, estás prestes a fazer.'

"Vaisampayana continuou, 'Enquanto ele da linhagem de Dasarha estava dizendo isto, Dussasana se dirigiu ao vingativo Duryodhana e disse para ele estas palavras no meio dos Kurus, 'Se, ó rei, tu não fizeres prontamente as pazes com os Pandavas, na verdade os Kauravas te amarrarão (mãos e pés) e te transferirão

ao filho de Kunti. Bhishma, e Drona, e teu (próprio) pai, ó touro entre homens, entregarão nós três, a saber, o filho de Vikartana, tu, e eu mesmo, para os Pandavas!'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de seu irmão, o filho de Dhritarashtra, mau, sem vergonha, desobediente, desrespeitoso, e vaidoso Suyodhana, respirando pesadamente como uma grande cobra se levantou de seu assento com raiva, e desrespeitando Vidura, e Dhritarashtra e o grande rei Vahlika, e Kripa, e Somadatta, e Bhishma, e Drona, e Janardana, realmente, todos eles, saiu da corte. E vendo aquele touro entre homens deixar a corte, seus irmãos e todos os seus conselheiros, e todos os reis o seguiram. E vendo Duryodhana se levantar e deixar a corte enraivecido com seus irmãos, o filho de Santanu, Bhishma, disse, 'Os inimigos daquela pessoa que, abandonando virtude e lucro, segue os impulsos da cólera, se regozijam ao vê-la mergulhada em desgraça em data não distante. Este filho mau de Dhritarashtra, não familiarizado com os verdadeiros meios (de realizar seus objetivos), este tolo que é injustamente vaidoso de sua soberania, obedece somente os ditames da ira e avareza. Eu vejo também, ó Janardana, que a hora de todos aqueles Kshatriyas é chegada, pois todos aqueles reis, por ilusão, com seus conselheiros seguiram Duryodhana.' Ouvindo estas palavras de Bhishma, o herói de olhos de lótus da linhagem de Dasarha, possuidor de poderes formidáveis, se dirigindo a todos aqueles (que ainda estavam lá) encabeçados por Bhishma e Drona, disse, 'Esta é uma grande transgressão, da qual todos os mais velhos da família de Kuru estão se tornando culpados, pois eles não agarram e amarram à força este rei perverso no desfrute da soberania. Ó castigadores de inimigos, eu penso que chegou a hora de fazer isto. Se for feito, isto ainda pode ser produtivo de bem. Ouçam-me, ó impecáveis. As palavras que eu falarei logo levarão a resultados benéficos, se, de fato, ó Bharatas, vocês aceitarem o que eu disser por isso se recomendar a vocês. O filho pecaminoso, de alma mal-regulada, do velho rei Bhoja, tendo usurpado a soberania de seu pai durante o tempo de vida do último, se expôs à morte. De fato, Kansa, o filho de Ugrasena, abandonado por seus parentes, foi morto por mim em um grande confronto, por desejo de beneficiar meus parentes. Nós mesmos com nossos parentes então, tendo prestado honras devidas a Ugrasena, o filho de Ahuka, instalamos aquele ampliador do reino Bhoja no trono. E todos os Yadavas e Andhakas e os Vrishnis, abandonando uma única pessoa, isto é, Kansa, por causa de toda sua família, têm prosperado e obtido felicidade. Ó rei, quando os deuses e Asuras estavam enfileirados para a batalha e armas estavam erguidas para golpear, o senhor de todas as criaturas, Parameshthin, falou dessa maneira (algo que se aplica ao caso à mão). De fato, ó Bharata, quando a população dos mundos estava dividida em dois partidos e estava prestes a ser massacrada, a divina e santa Causa do universo, o Criador, disse, 'Os Asuras e os Daityas com os Danavas serão vencidos, e os Adityas, os Vasus, os Rudras e outros habitantes do céu serão vitoriosos. De fato, os deuses, e Asuras, e seres humanos, e Gandharvas, e Cobras, e Rakshasas, massacrarão com raiva uns aos outros nesta batalha.' Pensando assim, o Senhor de todas as criaturas, Parameshthin, ordenou Dharma, dizendo, 'Amarrando rapidamente os Daityas e os Danavas, os transfira para Varuna.' Assim endereçado, Dharma, por ordem de

Parameshthin, atando os Daityas e os Danavas, os transferiu para Varuna. E Varuna, o Senhor das águas, tendo atado aqueles Danavas com o laço de Dharma, como também com seu próprio, os mantém dentro das profundidades do oceano, sempre os vigiando com cuidado. Amarrando da mesma maneira Duryodhana e Karna e Sakuni, o filho de Suvala, e Dussasana, os transfira para os Pandavas. Por uma família, um indivíduo pode ser sacrificado. Por uma aldeia, uma família pode ser sacrificada. Por uma província, uma aldeia pode ser sacrificada. E por fim, por causa da alma de uma pessoa a terra inteira pode ser sacrificada. Ó monarca, amarrando Duryodhana firmemente, faça as pazes com os Pandavas. Ó touro entre os Kshatriyas, não deixe toda a classe Kshatriya ser massacrada por tua causa.'"

129

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras de Krishna, o rei Dhritarashtra não demorou a se dirigir a Vidura, que estava familiarizado com todos os ditames de virtude. E o rei disse, 'Vá, ó filho, até Gandhari, possuidora de grande sabedoria e previdência e traga-a para cá. Com ela eu solicitarei aquele (meu filho) de coração perverso. Se ela puder pacificar aquele indivíduo pecaminoso, de coração mau, nós ainda seremos capazes de agir de acordo com as palavras de nosso amigo Krishna. Pode ser que falando palavras em recomendação de paz, ela possa ainda conseguir indicar o caminho correto para aquele tolo, afligido pela avareza e tendo aliados pecaminosos. Se ela puder dissipar esta calamidade grande e terrível (prestes a ser) causada por Duryodhana, isto levará então à obtenção e preservação de felicidade e paz para sempre.' Ouvindo estas palavras do rei, Vidura, por ordem de Dhritarashtra, levou Gandhari (lá), possuidora de grande previdência. E Dhritarashtra então se dirigiu a Gandhari e disse, 'Veja, ó Gandhari, este teu filho de alma má, desobedecendo todas as minhas ordens, está prestes a sacrificar soberania e vida por sua cobiça pela soberania. De alma perversa e pouca compreensão, ele, como alguém de mente inculta, deixou a corte, com seus conselheiros pecaminosos, desrespeitando seus superiores e desprezando as palavras de seus benquerentes.'

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras de seu marido, aquela princesa de grande fama, Gandhari, desejosa do que era altamente benéfico, disse estas palavras, 'Tragam para cá, sem perda de tempo, aquele meu filho doente, cobiçoso de reino. Ele que é de alma pouco desenvolvida e sacrifica virtude e lucro não merece governar um reino. Apesar de tudo isso, no entanto, Duryodhana, que é desprovido de humildade, por todos os meios, obteve um reino. De fato, ó Dhritarashtra, tu tão afeiçoado ao teu filho és muitíssimo culpado por isto, pois conhecendo bem sua pecaminosidade tu ainda seguiste seu conselho. Aquele teu filho, totalmente possuído por luxúria e cólera é agora o escravo da ilusão, e é, portanto, incapaz, ó rei, de ser agora feito voltar atrás à força por ti. Tu estás agora colhendo o fruto, ó Dhritarashtra, de ter transferido o reino para um tolo ignorante de alma perversa, possuído por avareza e tendo conselheiros pecaminosos. Por que o rei está indiferente (hoje) àquela desunião,

que está prestes a ocorrer entre pessoas relacionadas tão de perto? De fato, vendo-te desunido com aqueles que são teus próprios, teus inimigos rirão de ti. Quem usaria força para transpor aquela calamidade, ó rei, que pode ser vencida por conciliação e presentes?'

"Vaisampayana continuou, 'Kshattri então, por ordem de Dhritarashtra, e da mãe dele também, mais uma vez fez o vingativo Duryodhana entrar na corte. Expectante das palavras de sua mãe, o príncipe reentrou na corte, com olhos vermelhos como cobre de ira, e respirando pesadamente como uma cobra. E vendo seu filho, que estava andando em um caminho errado, entrar na corte, Gandhari o repreendeu severamente e disse a ele estas palavras para ocasionar paz.'

"Gandhari disse, 'Ó Duryodhana, preste atenção, ó filho querido, a estas palavras minhas que são benéficas para ti como também para todos os teus seguidores, palavras que tu és competente para obedecer e que conduzirão à tua felicidade. Ó Duryodhana, obedeça as palavras dos teus benquerentes, aquelas palavras que aqueles melhores dos Bharatas, teu pai, e Bhishma, e Drona, e Kripa, e Kshattri, têm falado. Se tu fizeres as pazes, tu por meio disto prestarás homenagem a Bhishma, ao teu pai, a mim, e a todos os teus simpatizantes com Drona em sua chefia. Ó tu de grande sabedoria, ninguém, ó melhor dos Bharatas, consegue só por seu próprio desejo adquirir e manter ou desfrutar de um reino. Alguém que não tem seus sentidos sob controle não pode desfrutar da soberania por qualquer duração de tempo. Aquele que tem sua alma sob controle e é dotado de grande inteligência pode governar um reino. Luxúria e ira afastam um homem de suas posses e prazeres. Conquistando estes inimigos primeiro, um rei traz a terra sob sua submissão. Soberania sobre homens é uma coisa formidável. Aqueles que são de almas perversas podem facilmente desejar ganhar um reino, mas eles não são competentes para manter um reino (quando ganho). Aquele que deseja obter império extenso deve atar seus sentidos à lucro e virtude, pois se os sentidos são reprimidos a inteligência aumenta, como fogo que aumenta quando alimentado com combustível. Se não controlados, eles podem até matar seu possuidor, como cavalos não domados e furiosos, capazes de matar um cavaleiro não habilidoso. Alguém que procura conquistar seus conselheiros sem conquistar a si mesmo, e conquistar inimigos sem conquistar seus conselheiros, é logo vencido e é arruinado. Aquele que conquista primeiro seu próprio eu, tomando-o por um inimigo, não procurará em vão conquistar seus conselheiros e inimigos depois. A prosperidade reverencia imensamente aquela pessoa que conquistou seus sentidos e seus conselheiros, que inflige castigos em transgressores, que age depois de deliberação, e que é possuidor de sabedoria. Luxúria e cólera que habitam no corpo são privados de sua força pela sabedoria, como um par de peixes apanhados em uma rede com buracos estreitos. Aqueles dois pelos quais os deuses fecham os portões do céu contra alguém, que livre de propensões mundanas está desejoso de ir para lá, são excitados por luxúria e cólera. Aquele rei que sabe bem como conquistar luxúria e cólera e avareza e bazófia e orgulho pode possuir a soberania da terra inteira. Aquele rei que está desejoso de ganhar riqueza e virtude e vencer seus inimigos deve sempre estar engajado em controlar

suas paixões. Influenciado por luxúria, ou por ira, aquele que se comporta enganosamente em direção a seus próprios parentes ou outros nunca pode ganhar muitos aliados. Unindo-te com aqueles castigadores de inimigos, os filhos heróicos de Pandu, que são todos dotados de grande sabedoria, tu podes, ó filho, desfrutar da terra em felicidade. O que Bhishma, o filho de Santanu, e aquele poderoso guerreiro em carro, Drona, disseram, ó filho, é realmente verdadeiro, Krishna e Dhananjaya são invencíveis. Procure, portanto, a proteção deste poderosamente armado, deste que não é preocupado por esforço, pois se Kesava se tornar benevolente, ambos os lados serão felizes. Aquele homem que não é obediente aos desejos de amigos sábios e eruditos, que sempre procuram sua prosperidade, somente alegra seus inimigos. Ó filho, não há bem na batalha, nem virtude, nem lucro. Como ela pode trazer felicidade então? Mesmo a vitória não é sempre certa. Não coloque teu coração, portanto, na batalha. Ó tu de grande sabedoria, Bhishma e teu pai e Vahlika (antigamente) deram para os Pandavas sua parte (do reino) por medo. Ó castigador de inimigos, nunca pense em desunião com eles. Tu vês hoje o resultado daquela cessão (pacífica) no fato da tua soberania sobre a terra inteira, com todos os seus espinhos removidos por aqueles heróis. Dê, ó castigador de inimigos, para os filhos de Pandu o que lhes é devido. Se tu desejas desfrutar, com teus conselheiros igualmente de metade (do império), deixe a parte deles então ser dada a eles. Metade da terra é suficiente para produzir os meios de sustento para ti e teus conselheiros. Por agires segundo as palavras dos teus benquerentes, ó Bharata, tu ganharás grande renome. Uma disputa com os filhos de Pandu que são todos dotados de prosperidade, que têm suas almas sob controle completo, que são possuidores de grande inteligência e têm conquistado suas paixões, somente te privará da tua grande prosperidade. Dissipando a cólera de todos os teus simpatizantes, governe teu reino como te convém, dando, ó touro da raça Bharata, para os filhos de Pandu a parte que pertence a eles. Ó filho, perseguição aos filhos de Pandu por treze anos completos foi suficiente. Aumentado por luxúria e ira, apague (aquele fogo) agora, ó tu de grande sabedoria. Tu que cobiças a riqueza dos Pandavas não és um páreo para eles, nem este filho de Suta, que é extremamente colérico, nem este teu irmão Dussasana. De fato, quando Bhishma e Drona e Kripa e Karna e Bhimasena e Dhananjaya e Dhrishtadyumna estiverem enfurecidos, a população da terra será exterminada. Sob a influência da cólera, ó filho, não extermine os Kurus. Não deixe a terra extensa ser destruída por tua causa. De pouca compreensão como tu és, tu pensas que Bhishma, e Drona, e Kripa, e todos os outros lutarão (por ti) com todo seu poder. Isso nunca acontecerá, pois com relação a estes, que são dotados de auto-conhecimento, a afeição deles pelos Pandavas e por vocês é igual. Se por causa do sustento que eles têm obtido do rei (Dhritarashtra), eles consentirem em entregar suas próprias vidas, eles, contudo não serão capazes de lançar olhares zangados sobre o rei Yudhishthira. Nunca é visto neste mundo que homens adquirem riqueza por avareza. Abandone tua avareza então, ó filho, e desista, ó touro da raça Bharata.'"

130

"Vaisampayana disse, 'Desconsiderando estas palavras de significado importante, faladas por sua mãe, Duryodhana foi embora, com raiva, daquele lugar para a presença de pessoas perversas. E indo para longe da corte, o príncipe Kuru começou a consultar com o filho real de Suvala, Sakuni, o mais hábil nos dados. E foi esta a resolução à qual Duryodhana e Karna e o filho de Suvala Sakuni, com Dussasana como seu quarto, chegaram, 'Este Janardana, rápido em ação, busca, com o rei Dhritarashtra e o filho de Santanu, nos apanhar primeiro. Nós, no entanto, apanharemos à força este tigre entre homens, Hrishikesa, primeiro, como Indra agarrando à força o filho de Virochana (Vali). Sabendo que ele da linhagem de Vrishni foi apanhado, os Pandavas perderão seu ânimo e se tornarão incapazes de esforço, como cobras cujas presas estão quebradas. Este de braços poderosos é, de fato, o refúgio e proteção deles todos. Se este concessor de desejos, este touro de todos os Satwatas, for confinado, os Pandavas com os Somakas ficarão deprimidos e incapazes de qualquer esforço. Portanto, desconsiderando os gritos de Dhritarashtra, nós prenderemos aqui mesmo este Kesava, que é rápido em ação, e então lutaremos com o inimigo.' Depois que aqueles homens pecaminosos de almas perversas tinham chegado a esta decisão pecaminosa, o muito inteligente Satyaki, capaz de ler o coração por meio de sinais, logo veio a saber disso. E por causa desse conhecimento ele logo saiu da corte, acompanhado pelo filho de Hridika (Kritavarman). E Satyaki se dirigiu a Kritavarman, dizendo, 'Organize as tropas logo. E vestido em armadura e com tuas tropas enfileiradas para batalha, espere na entrada da corte, até que eu relate esta questão para Krishna, não fatigado por esforço.' Dizendo isso, aquele herói reentrou na corte, como um leão entrando em um caverna de montanha. E ele (primeiro) informou Kesava de grande alma e então Dhritarashtra, e então Vidura daquela conspiração. E tendo informado eles daquela resolução, ele disse de modo risonho, 'Estes homens pecaminosos pretendem cometer aqui uma ação que é desaprovada pelos bons por consideração de virtude, lucro, e desejo. Eles, no entanto, nunca serão capazes de realmente executar isto. Estes tolos de almas pecaminosas reunidos, estes patifes dominados por luxúria, raiva e se entregando à cólera e cobiça, estão prestes a cometer um ato muito impróprio. Aqueles canalhas de pouca inteligência e desejosos de prender a ele de olhos de lótus são como idiotas e crianças desejando apanhar um fogo ardente por meio de suas peças de roupa.' Ouvindo estas palavras de Satyaki, Vidura, dotado de grande previdência disse estas palavras para Dhritarashtra de braços fortes no meio dos Kurus, 'Ó rei, ó castigador de inimigos, a hora de todos os teus filhos é chegada, pois eles estão se esforçando para cometer uma ação muito infame, embora eles sejam incapazes de realmente realizá-la. Ai, unidos eles desejam subjugar este irmão mais novo de Vasava, e prender este de olhos de lótus. De fato, enfrentando este tigre entre homens, este invencível e irresistível, eles todos perecerão como insetos em um fogo ardente. Se Janardana desejar, ele pode enviar todos, mesmo que eles lutem em conjunto, para a residência de Yama, como um leão enfurecido despachando uma manada de elefantes. Ele, no entanto, nunca fará algum ato pecaminoso e censurável semelhante. Esta melhor

das pessoas, de glória imperecível, nunca se desviará da virtude.' Depois que Vidura tinha dito estas palavras, Kesava, lançando seus olhos em Dhritarashtra, disse no meio daquelas pessoas bem intencionadas, que escutavam as palavras de outros, 'Ó rei, se estes (homens) desejam me castigar por usar violência, os permita me castigarem. Ó monarca, quanto ao meu castigo para eles, pois eu ouso castigar todos eles juntos que estão tão excitados com raiva, eu, no entanto, não cometerei qualquer ato pecaminoso e censurável. Cobiçando as posses dos Pandavas, teus filhos perderão as deles. Se eles desejam cometer tal ato, o objetivo de Yudhishthira então será (facilmente) realizado, pois, neste mesmo dia, ó Bharata, prendendo-os com todos os que os seguem, eu posso transferi-los para os filhos de Pritha. O que há que seja difícil de obtenção por mim? Eu não cometerei, no entanto, ó Bharata, na tua presença, ó grande monarca, algum ato censurável como este, que pode proceder somente da ira e de uma mente pecaminosa. Que seja, ó rei, como Duryodhana deseja. Eu dou permissão, ó monarca, para todos os teus filhos fazerem isto.'

"Ouvindo estas palavras (de Kesava), Dhritarashtra se dirigiu a Vidura dizendo, 'Traga rapidamente para cá o pecaminoso Duryodhana, que é tão cobiçoso de soberania, com seus amigos, conselheiros, irmãos, e seguidores. Eu verei se de fato, fazendo mais um esforço eu posso levá-lo ao caminho correto.'

Assim endereçado por Dhritarashtra, Kshattri mais uma vez fez o teimoso Duryodhana entrar na corte com seus irmãos, e cercado pelos reis (que o seguiam). O rei Dhritarashtra então se dirigiu a Duryodhana, circundado por Karna e Dussasana e todos aqueles reis, dizendo, 'Ó infeliz de pecados acumulados, tendo como teus aliados homens de ações desprezíveis, infame é o ato que tu, unido com amigos pecaminosos, procuras fazer. De pouca inteligência, tu, infâmia da tua linhagem, só alguém como tu poderias procurar fazer uma ação tão infame e desaprovada pelos bons, embora ela seja impossível de ser realmente realizada. Unindo-te com aliados pecaminosos, tu desejas castigar este invencível e irresistível de olhos semelhantes a folhas de lótus? Como uma criança desejando ter a lua, tu procuras, ó tolo, fazer o que não pode ser feito pelos próprios deuses encabeçados por Vasava com toda sua força? Tu não sabes que Kesava não pode ser resistido em batalha por deuses e homens e Gandharvas e Asuras e Uragas? Como o vento o qual ninguém pode agarrar de ser agarrado com suas mãos, como a lua a qual nenhuma mão pode alcançar, como a Terra a qual ninguém pode sustentar sobre sua cabeça, Kesava não pode ser (apanhado) à força.'

"Depois que Dhritarashtra tinha dito estas palavras, Vidura (lançando) seus olhos em Duryodhana, se dirigiu àquele filho vingativo de Dhritarashtra, dizendo, 'Ó Duryodhana, escute agora estas minhas palavras. Nos portões de Saubha, aquele principal dos macacos, conhecido pelo nome de Dwivida, cobriu Kesava com uma chuva imensa de pedras. Desejoso de capturar Madhava por aplicar sua destreza e esforço, ele contudo não conseguiu agarrá-lo. Tu procuras prender aquele Kesava à força? Quando Sauri foi para Pragjyotisha, Naraka com todos os Danavas não conseguiu apanhá-lo lá. Tu procuras capturá-lo à força? Matando aquele Naraka em batalha, ele levou (de sua cidade) mil donzelas e casou-se com

elas todas, de acordo com a ordenança. Na cidade de Nirmochana, seis mil poderosos Asuras fracassaram em apanhá-lo com seus laços. Tu procuras prender aquele Kesava pela força? Quando somente uma criança, ele matou Putana e dois Asuras assumindo a forma de aves, e ó touro da linhagem de Bharata, ele levantou as montanhas de Govardhana (sobre seu dedo mínimo) para proteger o gado (de um chuva contínua). Ele também matou Aristha, e Dhenuka e Chanura de grande força, e Aswaraja, e Kansa, o fazedor do mal. Ele matou Jarasandha, e Vakra, e Sisupala de energia poderosa, e Vana em batalha, e numerosos outros reis também foram mortos por ele. De força imensurável, ele venceu o rei Varuna e também Pavaka (Agni), e na ocasião de trazer (das regiões celestes) a (flor celestial chamada) Parijata, ele derrotou o próprio marido de Sachi. Enquanto flutuando no vasto oceano, ele matou Madhu e Kaitabha, e em outro nascimento ele matou Hayagriva (de pescoço de cavalo). Ele é o criador de tudo mas é ele mesmo feito por ninguém. Ele é a Causa de todo o poder. Qualquer coisa que Sauri deseja ele executa sem qualquer esforço. Tu não conheces o impecável Govinda, de bravura terrível e incapaz de deterioração? Este, parecendo com uma cobra zangada de veneno virulento, é a interminável fonte de energia. Ao procurar usar violência em direção a Krishna, dotado de braços fortes e incansável por esforço, tu, com todos os teus seguidores, perecerás como um inseto caindo no fogo.'"

131

"Vaisampayana disse, 'Depois que Vidura tinha dito isso, Kesava, aquele matador de divisões hostis, dotado de grande energia, se dirigiu ao filho de Dhritarashtra, Duryodhana, e disse, 'Por ilusão, ó Suyodhana, tu achas que eu estou sozinho, e é por isto, ó tu de pouca inteligência, que tu procuras me fazer um prisioneiro depois de me subjugar por violência. Aqui, no entanto, estão todos os Pandavas e todos os Vrishnis e Andhakas. Aqui estão todos os Adityas, os Rudras, e os Vasus, com todos os grandes Rishis.' Dizendo isto Kesava, aquele matador de heróis hostis, deu uma risada alta. E quando Sauri de grande alma riu, de seu corpo, que parecia um fogo ardente, emergiram miríades de deuses, cada um do esplendor do relâmpago, e não maiores do que o polegar. E em sua testa apareceu Brahman, e em seu peito Rudra. E em seus braços apareceram os regentes do mundo, e de sua boca emergiram Agni, os Adityas, os Sadhyas, os Vasus, os Aswins, os Marutas, com Indra, e os Viswedevas. E miríades de Yakshas, e os Gandharvas, e Rakshasas também, da mesma medida e forma, emergiram dali. E de seus dois braços saíram Sankarshana e Dhananjaya. E Arjuna ficou à sua direita, arco na mão, e Rama ficou à sua esquerda, armado com o arado. E atrás dele ficaram Bhima, e Yudhishthira, e os dois filhos de Madri, e à frente dele estavam todos os Andhakas e os Vrishnis com Pradyumna e outros chefes levando armas poderosas erguidas. E nos seus diversos braços eram vistos a concha, o disco, a maça, o arco chamado Saranga, o arado, o dardo, o Nandaka, e todas as outras armas, todas brilhando com refulgência, e erguidas para golpear. E de seus olhos e nariz e orelhas e de todas as partes de seu corpo

saíram faíscas ferozes de fogo misturadas com fumaça. E dos poros de seu corpo saíram faíscas de fogo como os raios do sol. E vendo aquela forma terrível de Kesava de grande alma, todos os reis fecharam seus olhos com corações aterrorizados, exceto Drona, e Bhishma, e Vidura, dotado de grande inteligência, o imensamente abençoado Sanjaya, e os Rishis possuidores de riqueza de ascetismo, pois o divino Janardana deu a eles sua visão divina na ocasião. E vendo na corte (Kuru) aquela visão muito extraordinária, baterias celestes foram tocadas (no céu) e uma chuva floral caiu (sobre ele). E a Terra inteira tremeu (naquela hora) e os oceanos estavam agitados. E, ó touro da raça Bharata, todos os habitantes da terra estavam muito admirados. Então aquele tigre entre homens, aquele castigador de inimigos, retraiu aquela forma divina e estupenda, e extremamente variada e auspiciosa. E de braços dados com Satyaki de um lado e o filho de Hridika (Kritavarman) no outro, e obtendo permissão dos Rishis, o matador de Madhu saiu. E durante o tumulto que então ocorreu, os Rishis, Narada e outros desapareceram, para se dirigirem para seus respectivos lugares. E este também foi outro incidente extraordinário que aconteceu. E vendo aquele tigre entre homens deixar a corte, os Kauravas com todos os reis o seguiram, como os deuses seguindo Indra. Sauri, no entanto, de alma incomensurável, sem conceder um único pensamento àqueles que o seguiam, saiu da corte, como um fogo resplandecente misturado com fumaça. E ele viu (no portão seu quadrigário) Daruka esperando com seu carro branco grande, equipado com fileiras de sinos tilintantes, decorado com ornamentos dourados, e dotado de grande velocidade, o estrépito de cujas rodas ressoava como o ribombar das nuvens, e que estava totalmente coberto com peles brancas de tigre, e ao qual estavam arreados seus corcéis Saivya (e outros). E lá também apareceu, sobre seu carro, aquele herói favorito dos Vrishnis, o poderoso guerreiro em carro Kritavarman, o filho de Hridika. E (quando) aquele castigador de inimigos, Sauri, que tinha seu carro pronto, estava prestes a partir, o rei Dhritarashtra se dirigiu a ele mais uma vez e disse, 'Ó opressor de inimigos, tu viste, ó Janardana, o poder que eu tenho sobre meus filhos! Tu, de fato, testemunhaste tudo com teus próprios olhos. Nada agora é desconhecido para ti. Vendo meu esforço para ocasionar paz entre os Kurus e os Pandavas, realmente, sabendo o estado (no qual eu estou), não cabe a ti nutrir alguma suspeita com relação a mim. Ó Kesava, eu não tenho sentimentos pecaminosos pelos Pandavas. Tu sabes quais palavras foram faladas por mim para Suyodhana. Os Kauravas e todos os reis da Terra, também sabem, ó Madhava, que eu tenho feito todos os esforços para ocasionar paz.'

"Vaisampayana continuou, 'O poderosamente armado Janardana então se dirigiu a Dhritarashtra, Drona, ao avô Bhishma, Kshattri, Vahlika, e Kripa e disse, 'Vocês testemunharam tudo o que aconteceu na assembléia dos Kurus, isto é, como o pecaminoso Duryodhana, como um canalha inculto, deixou a corte por raiva, e como o rei Dhritarashtra também descreve a si mesmo como impotente. Com a permissão de vocês todos, eu agora voltarei para Yudhishthira.' Saudando-os, aquele touro entre homens, Sauri, então subiu em seu carro e partiu. E aqueles touros heróicos entre os Bharatas, aqueles arqueiros poderosos, isto é, Bhishma, Drona, e Kripa, e Kshattri, e Aswatthaman e Vikarna, e aquele poderoso guerreiro em carro Yuyutsu, todos começaram a segui-lo. E Kesava, em seu carro

branco grande, equipado com fileiras de sinos tilintando, procedeu então, na própria vista dos Kurus, para a residência de sua tia paterna (Kunti).'"

132

"Vaisampayana disse, 'Entrando em sua residência e reverenciando seus pés, Kesava explicou a ela brevemente tudo o que tinha ocorrido na assembléia dos Kurus. E Vasudeva disse, 'Diversas palavras, dignas de serem aceitas e repletas de razões, foram ditas por mim e os Rishis, mas Duryodhana não as aceitou. Quanto a Suyodhana e seus seguidores, sua hora é chegada. Com tua permissão agora, eu irei rapidamente até os Pandavas. O que eu devo dizer para os Pandavas como tuas instruções para eles? Diga-me isso, ó tu dotada de grande sabedoria. Eu desejo ouvir tuas palavras.'

"Kunti disse, 'Ó Kesava, diga para o rei Yudhishthira de alma virtuosa estas palavras, 'Tua virtude, ó filho, está diminuindo imensamente. Não aja futilmente, ó rei, como um leitor dos Vedas incapaz de compreender seu real significado, e, portanto, realmente inculto. Tua mente, afetada somente pelas palavras dos Vedas, considera só a virtude. Lance teu olhar nos deveres da tua própria classe, como ordenado pelo Auto-criado. Para todos os atos implacáveis e para a proteção do povo, dos braços (do Brahmana) foi criado o Kshatriya, que deve depender da destreza de seus próprios braços. Ouça, um exemplo é citado com relação a isto, ele foi ouvido por mim dos idosos. Antigamente, Vaisravana, tendo sido gratificado, fez uma doação desta Terra ao sábio real Muchukunda. O último sem aceitar o presente, disse, 'Eu desejo desfrutar daquela soberania que é ganha por destreza de braços.' Nisto, Vaisravana ficou muito satisfeito e muito surpreso. O rei Muchukunda então, cumprindo totalmente os deveres da classe Kshatriya governou esta terra, tendo-a conquistado pela destreza de seus braços. Então além disso, uma sexta parte da virtude praticada por súditos bem protegidos pelo rei, é obtida, ó Bharata, pelo rei. A virtude também que o próprio rei pratica confere divindade a ele, enquanto se ele comete pecado, ele vai para o inferno. O código penal, devidamente aplicado pelo soberano, faz as quatro classes aderirem aos seus respectivos deveres, e leva a uma aquisição (pelo próprio governante) de virtude (lucro, e salvação). Quando o rei é devidamente fiel ao código penal, sem fazer qualquer parte dele uma letra morta, então aquele melhor dos períodos chamado de Krita Yuga se inicia. Que esta dúvida não seja tua, isto é, se a era é a causa do rei, ou o rei a causa da era, pois (saiba com certeza que) o rei é a causa da era. É o rei que cria a era Krita, a Treta, ou a Dwapara. De fato, o rei é a causa também do quarto Yuga (o Kali). Aquele rei que faz a era Krita se iniciar desfruta muito do céu. Aquele rei que faz a era Treta se iniciar, desfruta do céu, mas não muito. Por fazer a era Dwapara se iniciar, um rei desfruta do céu segundo seu devido. O rei, no entanto, que faz a era Kali se iniciar ganha muito pecado. Por isso, aquele rei de atos perversos reside no inferno por inúmeros anos. De fato, os pecados do rei afetam o mundo, e os pecados do mundo o afetam. Cumpra aqueles deveres reais que condizem com tua linhagem. Não é a conduta de um sábio real aquela na qual tu desejas permanecer. De fato, aquele que está

maculado por fraqueza de coração e adere à compaixão, e é instável, nunca obtém o mérito nascido de tratar seus súditos com amor. Aquela compreensão segundo a qual tu estás agora agindo nunca foi desejada (para ti) por Pandu, ou eu mesma, ou teu avô, quando nós proferimos bênçãos sobre ti antes; sacrifício, doações, mérito, e coragem, súditos e filhos, grandeza de alma, e poder, e energia, eram sempre rogados por mim para ti. Brahmanas que desejam o bem devidamente adoraram e gratificaram os deuses e os Pitris por tua vida longa, riqueza, e filhos, por juntar Swaha e Swadha. A mãe e o pai, como também os deuses, sempre desejam para seus filhos generosidade e presentes e estudo e sacrifício e domínio sobre súditos. Se tudo isso é justo ou injusto, você deve praticá-lo, por consequência do teu próprio nascimento. (Veja, ó Krishna, até aqui por fazer tudo isto), embora nascidos em uma família nobre, eles ainda estão desprovidos dos próprios meios de sustento, e estão afligidos com miséria. Homens famintos, se aproximando de um monarca valente e generoso, são satisfeitos, e vivem ao seu lado. Que virtude pode ser superior a isto? Uma pessoa virtuosa, ao adquirir um reino, deve neste mundo fazer todas as pessoas suas próprias, conquistando algumas por presentes, algumas à força, e algumas por palavras gentis. Um Brahmana deve adotar mendicância; um Kshatriya deve proteger (súditos); um Vaisya deve ganhar riqueza; e um Sudra deve servir os outros três. Mendicância, portanto, está proibida para ti. Nem agricultura é apropriada para ti. Tu és um Kshatriya e, portanto, o protetor de todos em infortúnio. Tu deves viver pela destreza dos teus braços. Ó tu de braços poderosos, recupere a tua parte paterna do reino a qual tu perdeste, por conciliação, ou por induzir desunião entre teus inimigos, ou por doações de dinheiro ou violência, ou política bem direcionada. Qual pode ser uma causa de maior aflição do que esta: que eu, carente de amigos, deva viver de alimento fornecido por outros, depois de ter gerado a ti, ó realçador das alegrias de teus amigos? Lute, segundo as práticas de reis. Não afunde teus antepassados (em infâmia). Com teu mérito esgotado, com teus irmãos mais novos, não obtenha um fim pecaminoso.'"

133

"Kunti disse, 'Em relação a isto, ó castigador de inimigos, é citada uma velha história da conversa entre Vidula e seu filho. Cabe a ti dizer para Yudhishthira qualquer coisa que possa ser concluída disso ou qualquer coisa mais benéfica do que isso.'

'Havia uma dama de nascimento nobre de grande previdência, chamada Vidula. Ela era famosa, levemente colérica, de disposição falsa, e dedicada às virtudes Kshatriya. Bem educada, ela era conhecida por todos os reis da terra. De grande erudição, ela tinha escutado aos discursos e instruções de diversos modos. E a princesa Vidula, um dia, repreendeu seu próprio filho, que, depois de sua derrota pelo rei dos Sindhus, jazia prostrado com coração deprimido pelo desespero. E ela disse, 'Tu não és meu filho, ó realçador das alegrias de inimigos. Tu não foste gerado por mim e teu pai! De onde tu vieste? Sem cólera como tu és, tu não

podes ser contado como um homem. Tuas feições te revelam como um eunuco. Tu afundas em desespero enquanto tu estás vivo? Se tu estás desejoso do teu próprio bem-estar, aguentes a carga (das tuas obrigações em teus ombros). Não desgrace tua alma. Não a permita ser satisfeita com um pouco. Ponha teu coração no teu bem-estar, e não tenha medo. Abandone teus temores. Levante-te, ó covarde. Não deite dessa maneira, depois da tua derrota, alegrando todos os teus inimigos e afligindo os amigos, e privado de todo o senso de honra. Pequenas correntes são cheias completamente somente com uma quantidade de água. As palmas de um camundongo são cheias somente com uma pequena quantidade. Um covarde está logo satisfeito com aquisições que são pequenas. Antes perecer em arrancar as presas de uma cobra do que morrer miserável como um cachorro. Use tua coragem mesmo com o risco da tua vida. Como um falcão que percorre o céu destemidamente, tu também vague destemidamente ou empregue tua destreza, ou vigie silenciosamente os teus inimigos em busca de uma oportunidade. Por que tu deitas como uma carcaça ou como alguém atingido pelo raio? Levante-te, ó covarde, não durma depois de ter sido vencido pelo inimigo. Não desapareça da vista de todos tão miseravelmente. Faça-te conhecido pelos teus feitos. Nunca ocupe a posição intermediária, a inferior, ou a mais baixa. Resplandeça (como um fogo bem alimentado). Como um tição de madeira Tinduka, inflame-te mesmo que por um momento, mas nunca queime sem chama de desejo, como um fogo sem chamas de resíduos de arroz. É melhor se inflamar por um momento do que fumegar para sempre. Que nenhum filho nasça em uma família real que seja extremamente violento ou extremamente brando. Indo ao campo de batalha e realizando todas as grandes façanhas que são possíveis para o homem realizar, um homem corajoso é liberto da dívida que tem para com os deveres da ordem Kshatriya. Tal pessoa nunca desgraça a si mesma. Se ele alcança seu objetivo ou não, aquele que é possuidor de inteligência nunca se entrega à aflição. Por outro lado, tal pessoa executa o que deve ser feito em seguida, sem se importar nem mesmo com sua vida. Portanto, ó filho, mostre tua coragem, ou obtenha aquele fim que é inevitável. Por que, de fato, tu vives, desconsiderando os deveres da tua classe? Todos os teus ritos religiosos, ó eunuco, e todas as tuas realizações estão perdidas. A verdadeira raiz de todos os teus prazeres está cortada. Por que tu vives então? Se um homem deve cair e afundar, ele deve agarrar o inimigo pelos quadris (e assim cair com o inimigo). Mesmo que as raízes de alguém estejam cortadas, ele contudo não deve ceder ao desespero. Cavalo de grande vigor aplica toda sua destreza para arrastar ou carregar pesos pesados. Lembrando do comportamento dele, reúna toda a tua força e senso de honra. Saiba também no que consiste tua virilidade. Esforce-te para erguer aquela linhagem que afundou, por causa de ti. Aquele que não realizou um grande feito que forme o assunto de conversação de homens somente aumenta o número da população. Ele não é homem nem mulher. Ele cuja fama não está construída em relação à caridade, ascetismo, verdade, erudição e aquisição de riqueza, é somente as fezes de sua mãe. Por outro lado, aquele que supera outros em erudição, ascetismo, riqueza, coragem, e feitos, é (realmente) um homem. Não cabe a ti adotar a ociosa, desventurada, infame, e miserável profissão de mendicância que é digna somente de um covarde. Amigos nunca derivam alguma felicidade em obter como amiga aquela pessoa fraca à cuja visão

inimigos ficam satisfeitos, que é desprezada por homens, que não tem assentos e mantos, que é satisfeita com pequenas aquisições, que é necessitada, que não tem coragem, e é inferior. Ai, exilados de nosso reino, expulsos de casa, privados de todos os meios de diversão e prazer, e necessitados de recursos, nós teremos que perecer por falta dos próprios meios de vida! Comportando-te mal no meio daqueles que são bons, e o destruidor da tua linhagem e família, por te gerar, ó Sanjaya, eu criei o próprio Kali na forma de um filho. Oh, que nenhuma mulher crie tal filho (como tu) que és sem ira, sem esforço, sem energia, e que és a alegria dos inimigos. Não queime sem chamas. Inflame-te, mostrando eficazmente teu heroísmo. Mate teus inimigos. Por apenas um momento, mesmo que por um pequeno espaço de tempo, brilhe sobre as cabeças de teus inimigos. É um homem aquele que nutre cólera e não perdoa. Por outro lado, aquele que é clemente e sem cólera não é nem um homem nem mulher. Contentamento e suavidade de coração e estes dois, isto é, falta de esforço e medo, são destrutivos de prosperidade. Aquele que não se esforça nunca obtém o que é grande. Portanto, ó filho, te liberte, por teus próprios esforços, destes defeitos que levam à derrota e queda. Endureça teu coração e procure recuperar o que é teu. Um homem é chamado de Purusha porque ele é competente para incomodar seu inimigo (param). Aquele, portanto, que vive como uma mulher é chamado erroneamente de Purusha (homem). Um rei corajoso de força poderosa, e que se move como um leão pode seguir o caminho de todas as criaturas. Os súditos, no entanto, que residem em seus domínios, contudo não se tornam infelizes. Aquele rei que, desconsiderando sua própria felicidade e prazeres busca a prosperidade de seu reino, consegue logo alegrar seus conselheiros e amigos.'

"Ouvindo estas palavras, o filho disse, 'Se tu não me vires, de que uso a terra inteira seria para ti, de que uso teus ornamentos, de que uso todos os meios de prazer e até a própria vida?' A mãe disse, 'Que sejam obtidas por nossos inimigos aquelas regiões que pertencem àqueles que são inferiores. Que também aqueles que são amigos vão para aquelas regiões que são obteníveis por pessoas cujas almas são consideradas com respeito. Não adote o modo de vida que é seguido por aquelas pessoas desventuradas, que, desprovidas de força, e sem empregados e servidores (para cumprir suas ordens), vivem do alimento fornecido por outros. Como as criaturas da terra que dependem das nuvens, ou os deuses dependendo de Indra, que os Brahmanas e todos os teus amigos dependam de ti para seu sustento. Ó Sanjaya, não é em vão a vida daquele de quem todas as criaturas dependem para seu sustento, como aves se dirigindo para uma árvore cheia de frutas maduras. A vida daquele homem valente é, de fato, louvável, através de cuja bravura amigos derivam felicidade, como os deuses derivando felicidade pela bravura de Sakra. Aquele homem que vive em grandeza dependendo da destreza de seus próprios braços consegue ganhar renome neste mundo e estado abençoado no próximo!'"

134

"Vidula disse, 'Se, tendo caído em tal situação, tu desejas abandonar a coragem, tu terás então, imediatamente, que seguir o caminho que é trilhado por aqueles que são inferiores e ignóbeis. Aquele Kshatriya que, pelo desejo de vida, não mostra sua energia segundo o melhor de seu poder e bravura é considerado como um ladrão. Ai, como remédio para um homem moribundo, estas palavras que são repletas de significado importante, e são apropriadas e razoáveis, não fazem qualquer impressão em ti! É verdade, o rei dos Sindhus tem muitos seguidores. Eles, no entanto, não são levados em conta. Por fraqueza, e ignorância dos meios apropriados, eles estão esperando pelo infortúnio de seu mestre (sem serem capazes de efetuar uma libertação para si mesmos por seus próprios esforços). Em relação a outros (seus inimigos diretos), eles virão para ti com seus auxiliares se eles te virem aplicar tua destreza. Unindo-te com eles, procure proteção agora em fortalezas de montanha, esperando por aquela época quando a calamidade alcançará o inimigo, como ela deve, pois ele não está livre de doença e morte. Por nome tu és Sanjaya (o vitorioso). Eu, no entanto, não vejo qualquer indicação semelhante em ti. Seja verdadeiro para teu nome. Seja meu filho. Oh, não faça teu nome falso. Observando-te quando tu eras uma criança, um Brahmana de grande previdência e sabedoria disse, 'Este, caindo em grande desgraça novamente alcançará a grandeza.' Lembrando-me das palavras dele, eu espero por tua vitória. É por isso, ó filho, que eu te falo assim, e te falarei repetidas vezes. Aquele homem que busca a realização de seus objetivos segundo os caminhos de política e pelo sucesso de cujos objetivos outras pessoas se esforçam cordialmente, está sempre certo de obter êxito. Se o que eu tenho for ganho ou perdido, eu não desistirei, com tal resolução. Ó Sanjaya, ó erudito, engaje-te na guerra, sem te afastares disto. Samvara disse, 'Não há estado mais miserável do que aquele no qual alguém está ansioso por seu alimento dia a dia.' Um estado tal como este é citado como mais triste do que a morte do marido e filhos de alguém. Aquilo que é chamado de pobreza é somente uma forma de morte. Quanto a mim, nascida em uma família nobre, eu fui transplantada de um lago para outro. Possuidora de todas as coisas auspiciosas, e adorada por meu marido, meu poder se estendia sobre todos. Ficando no meio de amigos, nossos amigos antigamente me viam enfeitada com guirlandas e ornamentos caros, com corpo bem lavado, vestida em mantos excelentes, e eu mesma sempre alegre. Quando tu vires a mim e tua esposa enfraquecidas (por falta de comida), tu então, ó Sanjaya, mal desejarás viver. De que uso a vida será para ti quando tu vires todos os nossos empregados engajados em nos atender, nossos preceptores e nossos sacerdotes ordinários e extraordinários, nos deixando por falta de sustento? Se, além disso, eu agora não vejo em ti aquelas realizações louváveis e famosas nas quais tu estavas antigamente engajado, que paz meu coração pode conhecer? Se eu tiver que dizer não para um Brahmana meu coração rebentará, pois nem eu nem meu marido alguma vez dissemos não para um Brahmana antes. Nós éramos o refúgio de outros, sem termos alguma vez nos refugiado com outros. Tendo sido assim, se eu tiver que sustentar a vida por depender de outro eu sem dúvida abandonarei minha vida. Seja nossos meios de cruzar o oceano

que é difícil de atravessar. Na ausência de barcos, seja tu nosso barco. Faça para nós um lugar onde não há nenhum lugar. Reviva a nós que estamos mortos. Tu és competente para enfrentar todos os inimigos se tu não nutrires o desejo de viver. Se, no entanto, tu és a favor de adotar este modo de vida que é adequado somente para um eunuco, então com alma perturbada e coração deprimido seria melhor para ti sacrificar tua vida. Um homem valente ganha fama até por matar um único inimigo. Por matar Vritra, Indra se tornou o grande Indra e obteve a soberania de todos os deuses e a xícara para beber Soma, e o domínio de todos os mundos. Proclamando seu nome em batalha, desafiando seus inimigos envolvidos em aço, e oprimindo ou matando os principais guerreiros das tropas hostis, quando um herói ganha fama que se estende longe em combate justo, seus inimigos então são atormentados e se submetem a ele. Aqueles que são covardes se tornam impotentes e contribuem por sua própria conduta para conceder todos os objetos de desejo àqueles que são hábeis e corajosos e que lutam indiferentes às suas vidas. Se reinos forem tragados por grande ruína, ou se a própria vida for posta em perigo, aqueles que são nobres nunca desistem até eles exterminarem os inimigos dentro do seu alcance. Soberania é ou a porta do céu ou Amrita. Considerando-a como um desses, e mantendo em mente que isto está agora fechado contra ti, caia como um tição ardente no meio dos teus inimigos. Ó rei, mate teus inimigos em batalha. Cumpra os deveres da tua classe. Não me deixe te ver triste, ó realçador dos medos dos teus inimigos. Não me deixe em desânimo ver-te permanecendo em miséria, cercado por nós tristes e inimigos jubilosos. Regozije-te, ó filho, e faça-te feliz na posse de riqueza na companhia das filhas dos Sauviras e não, em fraqueza de coração, seja governado pelas filhas dos Saindhavas. Se um homem jovem como tu, que é possuidor de beleza pessoal, erudição e nascimento nobre, e fama mundial, agir de tal modo impróprio, como um touro vicioso na questão de carregar sua carga, então isso, eu penso, seria igual à própria morte. Que paz meu coração pode conhecer se eu vir-te proferindo discursos laudatórios em honra de outros ou andando (submissamente) atrás deles? Oh, nunca nasceu nesta linhagem alguém que andou atrás de outro. Ó filho, não cabe a ti viver como um dependente de outro. Eu sei o que a eterna essência das virtudes Kshatriya é, como citada pelos idosos e os mais antigos e por aqueles que vieram mais tarde e mais recentemente ainda. Eterno e inabalável, isto foi ordenado pelo próprio Criador. Aquele que, neste mundo, nasceu como um Kshatriya em alguma família nobre e adquiriu um conhecimento dos deveres dessa classe, nunca por medo ou por causa de sustento se submeterá a alguém sobre a terra. Ele deve permanecer ereto com coragem e não se curvar, pois empenho é virilidade. Ele deve antes quebras nas juntas do que se render neste mundo aqui a alguém. Um Kshatriya de grande alma deve sempre vagar como um elefante enfurecido. Ele deve, ó Sanjaya, reverenciar somente Brahmanas, por causa de virtude. Ele deve governar sobre todas as outras classes, destruindo todos os que fazem mal. Possuidor de aliados, ou desprovido deles, ele deve ser assim enquanto ele viver.'"

135

"Kunti disse, 'Ouvindo estas palavras de sua mãe o filho disse, ‘Ó mãe implacável e colérica, ó tu que pensas favoravelmente de heroísmo marcial, teu coração é certamente feito de aço batido naquela forma. Que vergonha para as práticas Kshatriya, de acordo com as quais tu me incitas para batalha, como se eu fosse um estranho para ti, e por causa das quais tu falas para mim, teu único filho, tais palavras como se tu não fosses minha mãe. Se tu não me vires, se tu estiveres separada de mim, teu filho, de que uso então seria a terra inteira para ti, de que uso todos os teus ornamentos e todos os meios de diversão, de fato, de que uso seria a própria vida para ti?'

"A mãe disse, 'Todas as ações daqueles que são sábios, são (empreendidas), ó filho, por causa de virtude e lucro. Mirando estes (virtude e lucro) somente, eu te incito, ó Sanjaya, para a batalha. A hora adequada chegou para tu mostrares teu valor. Se em tal momento tu não recorreres à ação, então desrespeitado pelo povo tu farás aquilo que será mais desagradável para mim. Se, ó Sanjaya, tu estivesses prestes a ser maculado com infâmia e eu (por afeição) não te dissesse nada, então aquela afeição, sem valor e irracional, seria como aquela da jumenta por seu filhote. Não trilhe o caminho que é desaprovado pelos sábios e adotado pelos tolos. Grande é a ignorância aqui. Inumeráveis criaturas do mundo têm tomado seu refúgio nisto. Se tu, no entanto, adotares o comportamento dos sábios, tu então serás querido para mim. De fato, se tu recorreres à virtude e lucro, se com Deus acima tu confiares no esforço humano, se teu comportamento se tornar como aquele dos bons, então é por isto e não por quaisquer outros meios que tu te tornarás querido para mim. Aquele que se deleita com filhos e netos que são bem instruídos (desfruta de um deleite que é real). Aquele, por outro lado, que se encanta com um filho que é desprovido de esforço, teimoso, e de mente má, não tem realizado o verdadeiro objetivo pelo qual um filho é desejado. Aqueles piores dos homens que nunca fazem o que é apropriado e sempre fazem o que é censurável não obtêm felicidade neste ou no outro mundo. Um Kshatriya, ó Sanjaya, foi criado para batalha e vitória. Se ele vence ou perece, ele alcança a região de Indra. A felicidade que um Kshatriya obtém por reduzir seus inimigos à submissão é tal que igual a ela não existe no céu na região sagrada de Indra. Queimando de raiva, um Kshatriya de grande energia, se derrotado muitas vezes, deve esperar desejando vencer seus inimigos. Sem perder sua própria vida ou matar seus inimigos, como ele pode obter paz mental por meio de algum outro procedimento? Aquele que é possuidor de sabedoria considera qualquer coisa pequena como desagradável. Para a pessoa para quem qualquer coisa pequena se torna agradável, aquele pouco (no final) se torna uma fonte de dor. O homem que não tem o que é desejável logo se torna infeliz. De fato, ele logo sente toda a miséria e é perdido como o Ganga ao entrar no oceano.'

“O filho disse, ‘Tu não deves, ó mãe, dar expressão a tais pontos de vista diante do teu filho. Mostre bondade a ele agora, ficando ao seu lado, como um ser silencioso e taciturno.’”

"A mãe disse, 'Grande é minha satisfação já que tu falas assim. Eu que posso ser incitada (por ti a fazer o que é meu dever) sou dessa maneira incitada por ti. Eu, portanto, te incitarei mais (para fazer o que tu deves fazer). Eu, de fato, te respeitarei então quando eu te vir coroado com completo sucesso depois do massacre de todos os Saindhavas.'

"O filho disse, 'Sem riqueza, sem aliados, como sucesso e vitória podem ser meus? Consciente deste meu estado extremamente miserável, eu tenho me abstido do desejo de reino, como um fazedor do mal se abstendo do desejo de céu. Se, portanto, ó tu de sabedoria madura, tu vês quaisquer meios (pelos quais tudo isto pode ser efetuado), fale detalhadamente disto para mim como eu peço, pois eu farei tudo o que tu possas me ordenar fazer.'

"A mãe disse, 'Não desgrace tua alma, ó filho, por antecipações de fracasso. Objetivos não alcançados têm sido alcançados; enquanto aqueles alcançados têm sido perdidos. A realização de objetivos nunca deve ser procurada com raiva e tolice. Em todas as ações, ó filho, a obtenção de êxito é sempre incerta. Sabendo que o sucesso é incerto, as pessoas ainda agem, pelo que elas às vezes têm êxito e às vezes não. Aqueles, no entanto, que se abstêm da ação nunca obtêm êxito. Na ausência de esforço, há somente um resultado, isto é, a ausência de sucesso. Há, no entanto, dois resultados no caso de esforço, isto é, a aquisição do sucesso ou sua não aquisição. Aquele, ó príncipe, que decidiu de antemão que todas as ações são incertas em relação a seus resultados faz sucesso e prosperidade inalcançáveis para si mesmo. ‘Isto será’, com tal convicção uma pessoa deve, expulsando toda preguiça, se esforçar e despertar e se dirigir para toda ação. Aquele rei sábio que, ó filho, se engaja em ações, tendo realizado todos os ritos auspiciosos e com os deuses e os Brahmanas ao seu lado, logo obtém sucesso. Como o sol abraçando o leste, a deusa da prosperidade o abraça. Eu vejo que tu te mostras preparado para as várias sugestões e meios e discursos encorajadores que tu tens tido de mim. Mostre (agora) tua coragem. Cabe a ti alcançar, por todo empenho, o objetivo que tu tens em vista. Traga juntos para o teu próprio lado aqueles que estão zangados (com teus inimigos), aqueles que são cobiçosos, aqueles que foram enfraquecidos (por teus inimigos), aqueles que estão com ciúmes (de teus inimigos), aqueles que têm sido humilhados (por eles), aqueles que sempre desafiam (eles) por excesso de orgulho, e todos os outros desta classe. Por estes meios tu serás capaz de dividir a hoste poderosa (do teu inimigo) como uma tempestade impetuosa e que surge violenta espalhando as nuvens. Dê a eles (teus futuros aliados) riqueza antes que ela seja devida, obtenha seu alimento, seja versátil e prestativo, e fale gentilmente para eles todos. Eles então te farão bem, e te colocarão em sua chefia. Quando o inimigo vem a saber que seu inimigo se tornou indiferente à sua vida, então ele fica perturbado por conta do último, (assim como) por causa de uma cobra em seu aposento. Se, sabendo que alguém é poderoso, seu inimigo não se esforça para subjugá-lo, ele deve pelo menos torná-lo amistoso pela aplicação das artes de conciliação, presentes, e coisas semelhantes. Isso mesmo seria equivalente à subjugação. Obtendo um intervalo por meio da arte de conciliação, a riqueza de uma pessoa pode aumentar. E se a riqueza dela aumenta, ela é venerada e procurada como um

refúgio por seus amigos. Se, além disso, alguém está privado de riqueza, ele é abandonado por amigos e parentes, e mais do que isso, até suspeitado e desprezado por eles. É completamente impossível para ele alguma vez recuperar seu reino, que, tendo se unido com seu inimigo, vive confiantemente.'"

136

"A mãe disse, 'Em qualquer adversidade que um rei possa cair, ele ainda não deve mostrar isso. Vendo o rei afligido com medo, o reino inteiro, o exército, os conselheiros, todos se rendem ao temor, e todos os súditos se tornam desunidos. Alguns partem e adotam o lado do inimigo; outros simplesmente abandonam o rei; e outros também, que antes tinham sido humilhados, se esforçam para atacar. Aqueles, no entanto, que são amigos íntimos esperam ao seu lado, e embora desejando seu bem-estar ainda por incapacidade de fazer alguma coisa esperam sem poder fazer nada, como uma vaca cujo bezerro foi amarrado. Como amigos se afligem por amigos que estão mergulhados em infortúnio, assim aqueles benquerentes também sofrem ao ver seu senhor mergulhado em aflição. Tu mesmo tens muitos amigos a quem tu veneraste antes. Tu tens muitos amigos do teu coração, que sentem por teu reino e que desejam tomar o estado de tuas calamidades sobre eles mesmos. Não assuste aqueles amigos, e não permita que eles te abandonem ao te verem afligido com medo. Desejando testar tua força, virilidade, e compreensão, e desejando também te encorajar, eu digo tudo isso para aumentar tua energia. Se tu compreendeste o que eu disse, e se tudo o que eu disse parece apropriado e suficiente, então, ó Sanjaya, reúna a tua paciência e cinja teus quadris para a vitória. Nós temos um grande número grande de casas de tesouro desconhecidas para ti. Só eu sei de sua existência, e nenhuma outra pessoa. Eu colocarei todas elas à tua disposição. Tu tens também, ó Sanjaya, mais do que um amigo que simpatiza contigo em tuas alegrias e aflições, e que, ó herói, nunca se retira do campo de batalha. Ó opressor de inimigos, aliados tais como esses sempre desempenham o papel de conselheiros fiéis para uma pessoa que procura seu próprio bem-estar e deseja obter o que é agradável para si mesma.'

"Kunti continuou, 'Ouvindo este discurso de sua mãe repleto de palavras excelentes, e sentido, o desespero que tinha tomado conta do coração de Sanjaya cessou imediatamente, embora aquele príncipe não fosse dotado de grande inteligência. E o filho disse, 'Quando eu tenho a ti que és tão vigilante do meu bem-estar futuro como minha guia, eu sem dúvida resgatarei meu reino paterno que está afundado em água ou perecerei na tentativa. Durante teu discurso eu fui quase um ouvinte silencioso. Só de vez em quanto eu interpunha uma palavra. Isto foi, no entanto, somente com o objetivo de te prolongar, para que eu pudesse ouvir mais sobre o assunto. Eu não tenho sido saciado com tuas palavras, como uma pessoa não saciada por beber amrita. Derivando apoio de quaisquer aliados, veja, eu cinjo meus quadris para reprimir meus inimigos e obter a vitória.'

"Kunti continuou, 'Perfurado pelas flechas verbais de sua mãe, o filho se incitou como um corcel de ímpeto orgulhoso e realizou tudo o que sua mãe tinha indicado. Quando um rei está afligido por inimigos e dominado pelo desespero, seu ministro deve fazê-lo ouvir esta história excelente que aumenta energia e inspira poder. De fato, esta história é chamada de Jaya e deve ser ouvida por todos os que desejam vitória. De fato, tendo escutado a isto, uma pessoa pode logo subjugar a terra inteira e oprimir seus inimigos. Esta história faz uma mulher gerar um filho heróico, a mulher grávida que a ouve repetidamente certamente dá nascimento a um herói. A mulher Kshatriya que a ouve gera um filho corajoso de destreza irresistível, alguém que é principal em erudição, principal em austeridades ascéticas, principal em generosidade, dedicado a ascetismo, resplandecente com beleza Brâhmica, enumerável com os bons, radiante com refulgência, dotado de grande energia, abençoado, um poderoso guerreiro em carro, possuidor de grande inteligência, irresistível (em batalha), sempre vitorioso, invencível, um castigador dos maus e um protetor de todos os que praticam a virtude.'"

137

"Kunti disse, 'Diga para Arjuna estas palavras, 'Quando tu nasceste no quarto de resguardo e quando eu estava sentada no eremitério cercada por senhoras, uma voz celestial e encantadora foi ouvida no céu, dizendo, 'Ó Kunti, este teu filho rivalizará a divindade de mil olhos. Ele derrotará em batalha todos os Kurus reunidos. Ajudado por Bhima, ele conquistará a Terra inteira e sua fama tocará os próprios céus. Com Vasudeva como seu aliado, ele matará os Kurus em batalha e recuperará sua parte paterna perdida do reino. Dotado de grande prosperidade, ele, com seus irmãos, realizará três sacrifícios grandiosos.' Ó tu glória de imperecível, tu sabes quão firme, em verdade, é Vibhatsu, também chamado Savyasachin, quão irresistível ele é. Ó tu da linhagem de Dasarha, que seja como aquela voz (celeste) disse. Se, ó tu da linhagem de Vrishni, existe alguma coisa como justiça, aquelas palavras serão verdadeiras, já que então, Krishna, tu mesmo realizarás isto tudo. Eu não duvido do que aquela voz disse. Eu reverencio a justiça que é superior a tudo. É a justiça que sustenta todas as criaturas. Tu deves dizer estas palavras para Dhananjaya. Para Vrikodara também, que está sempre pronto para esforço, tu dirás estas palavras, 'Chegou a hora para aquilo em vista do qual uma dama Kshatriya cria um filho! Aqueles que são os principais entre os homens nunca ficam desanimados quando eles têm hostilidades para travar.' Tu sabes qual é o estado da mente de Bhima. Aquele opressor de inimigos nunca fica pacificado até ele exterminar seus inimigos. Tu dirás, ó Madhava, em seguida para a auspiciosa Krishna de grande renome, aquela nora de Pandu de grande alma, que está familiarizada com os detalhes de toda virtude, estas palavras, 'Ó tu que és muito abençoada, ó tu de ascendência nobre, ó tu que és dotada de grande fama, aquele comportamento adequado o qual tu sempre mostraste em direção aos meus filhos é, de fato, digno de ti.' Tu deves também dizer para os filhos de Madri que estão sempre dedicados às virtudes Kshatriya, estas palavras, 'Desejem mais do que a própria vida aqueles prazeres que são

adquiridos por meio de coragem. Objetos obtidos por coragem sempre agradaram o coração de uma pessoa que vive de acordo com as práticas Kshatriya. Engajados como vocês estão em adquirir todos os tipos de virtude, diante dos seus olhos a princesa de Panchala foi endereçada em epítetos cruéis e ofensivos. Quem é que pode perdoar aquele insulto? A privação de seu reino não me afligiu. Sua derrota nos dados não me afligiu. Mas que a nobre e formosa Draupadi, no entanto, enquanto chorava no meio da assembléia, tivesse que ouvir aquelas palavras cruéis e insultantes é o que me aflige mais. Ai, a muito bela Krishna, sempre dedicada às virtudes Kshatriya, não encontrou protetor naquela ocasião, embora ela fosse casada com tais protetores poderosos.' Ó tu de braços fortes, diga para aquele tigre entre homens, Arjuna, aquele principal de todos os manejadores de armas, que ele deve sempre andar no caminho que possa ser indicado por Draupadi. Tu sabes muito bem, Kesava, que Bhima e Arjuna, aquele par de Yamas ferozes e destruidores de tudo, são capazes de fazer os próprios deuses seguirem o caminho de todas as criaturas. Não é um insulto para eles que (sua esposa) Krishna tenha sido arrastada à assembléia? Ó Kesava, faça-os se lembrarem de todas aquelas palavras cruéis e ríspidas que Dussasana disse para Bhima na própria presença de todos os guerreiros da família de Kuru. Pergunte (em meu nome) sobre o bem-estar dos Pandavas com seus filhos e Krishna. Diga para eles, ó Janardana, que eu estou bem. Vá no teu caminho auspicioso, e proteja meus filhos!'"

"Vaisampayana continuou, 'Saudando e andando ao redor ela, o poderosamente armado Krishna cujo modo de andar parecia com o modo de andar majestoso do leão, então saiu da residência de Pritha. E ele então dispensou aqueles chefes entre os Kurus com Bhishma em sua chefia (que o tinham seguido), e levando Karna sobre sua carruagem, deixou (a cidade Kuru), acompanhado por Satyaki. E depois que ele da linhagem de Dasarha tinha partido, os Kurus se reuniram e começaram a falar daquele incidente muito extraordinário e maravilhoso relacionado com ele. E eles disseram, 'Dominada por ignorância, a terra inteira foi enredada nas malhas da morte!' E eles também disseram, 'Por causa da insensatez de Duryodhana, todos estão fadados à destruição.'

Tendo saído da cidade (Kuru), aquela principal das pessoas prosseguiu, deliberando com Karna por um longo tempo. E aquele encantador de todos os Yadavas então dispensou Karna e incitou seus corcéis para maior velocidade. E dirigidos por Daruka, aqueles corcéis rápidos dotados da velocidade da tempestade da mente seguiram adiante como se sorvendo os céus. E rapidamente atravessando um caminho longo como falcões velozes, eles logo alcançaram Upaplavya, levando o manejador do Saranga.'"

138

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo as palavras de Kunti, os poderosos guerreiros em carros, Bhishma e Drona, então falaram estas palavras para o desobediente

Duryodhana, 'Tu, ó tigre entre homens, ouviste as palavras bravias de grave significado, excelentes e consistentes com virtude, que Kunti falou na presença de Krishna? Seus filhos agirão de acordo com elas, especialmente porque elas são aprovadas por Vasudeva. Ó Kaurava, eles seguramente não desistirão sem sua parte do reino (ser dada a eles). Tu tens infligido muita dor aos filhos de Pritha. E Draupadi também foi afligida por ti na assembléia. Eles estavam, no entanto, então limitados pelos laços da verdade e foi por isso que eles toleraram aquele tratamento. Obtendo Arjuna agora, que é habilidoso em todas as armas, e Bhima de resolução firme, e Gandiva e o par de aljavas (inesgotáveis), e aquele carro (de Arjuna) e aquele estandarte (portando o emblema do macaco), e Nakula e Sahadeva, ambos dotados de grande poder e energia, e Vasudeva também, como seus aliados, Yudhishthira não (te) perdoará. Ó de braços fortes, tu testemunhaste com teus próprios olhos como o inteligente Arjuna venceu todos nós em combate antes, na cidade de Virata. De fato, depois disto, aquele (guerreiro) de estandarte de macaco consumiu em batalha, erguendo suas armas ferozes, aqueles Danavas de feitos terríveis chamados de Nivatakavachas. Na ocasião também da contagem dos gados, quando capturados pelos Gandharvas, este Karna e todos estes teus conselheiros e tu mesmo envolvido em armadura e no teu carro foram todos libertados da posse dos Gandharvas por aquele Arjuna. Isso é uma prova suficiente. Portanto, ó principal dos Bharatas, com todos os teus irmãos faça as pazes com os filhos de Pandu. Salve esta terra inteira das mandíbulas da destruição. Yudhishthira é teu irmão mais velho, virtuoso em comportamento, afetuoso em direção a ti, de palavras gentis e erudito. Abandonando tuas intenções pecaminosas, una-te com aquele tigre entre homens. Se o filho de Pandu vir-te despojado do teu arco, e sem as rugas de raiva na tua fronte, e alegre, isto mesmo será para o bem da nossa família. Aproximando-te com todos os teus conselheiros abrace-o fraternamente. Ó repressor de inimigos, saúde o rei respeitosamente como antes. E deixe Yudhishthira, o filho de Kunti, o irmão mais velho de Bhima, considerado com afeição, te cumprimentar com seus braços. E deixe aquele principal dos batedores, Bhima, possuidor de ombros leoninos e coxas redondas, e braços longos e fortes, te abraçar. E então deixe aquele filho de Kunti, Dhananjaya, chamado também de Partha, de olhos como pétalas de lótus, e cabelo encaracolado e pescoço semelhante à concha, te cumprimentar respeitosamente. Então deixe aqueles tigres entre homens, os gêmeos Aswins, incomparáveis sobre a terra por beleza, servirem a ti com afeição e reverência como a seu preceptor. E deixe todos os reis com ele da linhagem de Dasarha em sua chefia derramarem lágrimas de alegria. Abandonando teu orgulho, una-te com teus irmãos. Governe toda a terra, com teus irmãos. Deixe todos os reis voltarem alegremente para suas respectivas casas, tendo abraçado uns aos outros. Não há necessidade de batalha, ó rei de reis. Escute as dissuasões dos teus amigos. Na batalha que se seguirá uma grande destruição dos Kshatriyas está indicada sem dúvida. As estrelas são todas hostis. Os animais e aves têm todos assumido aspectos medonhos. Diversos presságios, ó herói, são visíveis, todos indicando os massacres dos Kshatriyas. Todos esses presságios, além disso, são visíveis particularmente em nossas residências. Meteoros ardentes estão afligindo tua hoste. Nossos animais estão todos desanimados e parecem, ó rei, estar chorando. Urubus estão voando em volta das tuas tropas. Nem a cidade nem o palácio

parecem como antes. Chacais, soltando gritos ameaçadores, estão correndo por todos os quatro quadrantes que estão em chamas com conflagrações. Obedeça aos conselhos dos teus pais como também de nós que somos teus benquerentes. Guerra e paz, ó tu de armas poderosas, estão dentro do teu controle. Se, ó opressor de inimigos, tu não agires de acordo com as palavras dos teus amigos, tu terás então que te arrepender ao vires teu exército afligido pelas flechas de Partha. Ouvindo em batalha os gritos terríveis proferidos pelo poderoso Bhima e o som do Gandiva, tu te lembrarás dessas nossas palavras. De fato, se o que nós dizemos parece inaceitável para ti, então será como nós dissemos.'"

139

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçado por eles, Duryodhana, contraindo o espaço entre suas sobrancelhas, ficou desanimado, e com rosto abaixado começou lançar olhares enviesados. E ele não disse uma palavra em resposta. Vendo-o triste, aqueles touros entre homens, Bhishma e Drona, olhando um para o outro, mais uma vez se dirigiram a ele, e disseram (estas palavras).'

"Bhishma disse, 'O que pode ser uma causa de maior tristeza para nós do que nós termos que lutar contra aquele Yudhishthira que é dedicado ao serviço de seus superiores, desprovido de inveja, conhecedor de Brahma, e sincero em palavras?'

"Drona disse, 'Meu afeto por Dhananjaya é maior do que aquele que eu tenho por meu filho Aswatthaman. Há maior reverência também e humildade (em direção a mim) naquele herói de estandarte de macaco (do que em Aswatthaman). Ai, no cumprimento dos deveres Kshatriya, eu terei que lutar até contra aquele Dhananjaya que é mais querido para mim do que meu filho. Que vergonha para a profissão Kshatriya! Aquele Vibhatsu que não tem outro arqueiro no mundo como seu igual, por minha graça, obteve esta superioridade sobre todos os arqueiros. Aquele que odeia seus amigos, aquele que é de disposição perversa, aquele que nega a Divindade, aquele que é desonesto e enganador nunca obtém o respeito dos virtuosos, como uma pessoa ignorante presente em um sacrifício. Embora desaconselhado de pecado, um homem pecaminoso ainda desejará cometer atos pecaminosos; enquanto aquele que é virtuoso, embora tentado pelo pecado, ainda não abandonará a retidão. Embora tu tenhas te conduzido com falsidade e engano em direção a eles, os Pandavas ainda estão desejosos de fazer o que é agradável para ti. Em relação a ti, ó tu melhor dos Bharatas, todas as tuas falhas estão calculadas para ocasionar desastres sobre ti. Tu tens sido endereçado pelo mais velho dos Kurus, por mim, por Vidura, e por Vasudeva. Tu, entretanto não entendes o que é benéfico para ti mesmo. ‘Eu tenho uma grande força’, com esta convicção tu desejas penetrar na hoste Pandava, cheia de heróis, como a corrente do Ganga perfurando o oceano abundando com tubarões e jacarés e makaras. Tendo obtido a prosperidade de Yudhishthira como os mantos ou guirlandas rejeitados de outro, tu a consideras como tua própria. Se o filho de Pritha e Pandu ficar mesmo nas florestas com Draupadi, e cercado por seus irmãos armados,

quem, mesmo na posse de um reino, é competente para subjugá-lo? Na presença até daquele Ailavila (Kuvera) sob cujo comando todos os Yakshas vivem como empregados, Yudhishthira o Justo brilhou com esplendor. Tendo procedido para a residência de Kuvera e tendo obtido riqueza de lá, os Pandavas estão agora desejosos de atacar teu reino excelente e ganhar soberania para si mesmos. (Em relação a nós dois), nós temos feito doações, derramado libações sobre o fogo, estudado (as escrituras), e gratificado os Brahmanas com presentes de riqueza. Os períodos (concedidos) de nossa vida também terminaram. Saiba que nosso trabalho está feito. (Em relação a ti, no entanto), abandonando felicidade, reino, amigos, e riqueza, grande será tua calamidade se tu procurares guerra com os Pandavas. Como tu podes vencer o filho de Pandu, quando Draupadi que é sincera em palavras e dedicada a votos e austeridades rígidas reza pelo sucesso dele? Como tu vencerás aquele filho de Pandu que tem Janardana como seu conselheiro, e que tem como um irmão aquele Dhananjaya que é o principal dos manejadores de armas? Como tu derrotarás aquele filho de Pandu, de austeridades severas, que tem tantos Brahmanas como seus aliados, dotado de inteligência e domínio sobre seus sentidos? De acordo com o que um amigo desejando prosperidade deve fazer quando ele vê seus amigos afundando em um oceano de angústia, eu outra vez te digo, não há necessidade de guerra. Faça as pazes com aqueles heróis para a prosperidade dos Kurus. Não corteje a derrota, com teus filhos, conselheiros, e o exército!'"

140

"Dhritarashtra disse, 'Ó Sanjaya, no meio de todos os príncipes e os empregados, o matador de Madhu colocou Karna sobre seu carro e saiu (da nossa cidade). O que aquele matador de heróis hostis, aquele de alma incomensurável, disse para o filho de Radha? Que palavras conciliadoras Govinda falou para o filho de Suta? Diga-me, ó Sanjaya, quais foram aquelas palavras, brandas ou bravias, que Krishna, possuidor de uma voz profunda como aquelas das nuvens recém surgidas durante a estação chuvosa disse para Karna?'

“Sanjaya disse, ‘Ouça-me, ó Bharata, enquanto eu repito na devida ordem aquelas palavras, intimidantes e gentis, agradáveis e consistentes com virtude, verdadeiras e benéficas, e agradáveis ao coração, que o matador de Madhu, de alma incomensurável, disse para o filho de Radha.’"

"Vasudeva disse, 'Ó filho de Radha, tu tens reverenciado muitos Brahmanas totalmente familiarizados com os Vedas. Com atenção concentrada e mente livre de inveja tu tens também (em muitas ocasiões) perguntado a eles sobre a verdade. Tu sabes, portanto, ó Karna, qual é o ditado eterno dos Vedas. Tu és também bem versado em todas as conclusões sutis das escrituras. É dito por aqueles que conhecem as escrituras que os dois tipos de filhos chamados Kanina e Sahoda que são nascidos de uma moça, têm como seu pai aquele que se casa com a moça. Tu, ó Karna, nasceste dessa maneira. Tu és, portanto, moralmente o filho de Pandu. Venha, seja um rei, de acordo com a injunção das escrituras. No

lado do teu pai tu tens os filhos de Pritha, no lado da tua mãe tu tens os Vrishnis, (como teus parentes). Ó touro entre homens, saiba que tu tens estes dois como teus próprios. Procedendo hoje mesmo comigo daqui, ó senhor, deixe os Pandavas te conhecerem como um filho de Kunti nascido antes de Yudhishthira. Os irmãos, os cinco Pandavas, o filho de Draupadi, e o filho invencível de Subhadra, todos abraçarão teus pés. Todos os reis e príncipes, além disso, que estão reunidos pela causa Pandava, e todos os Andhakas e Vrishnis, também abraçarão teus pés. Deixe as rainhas e princesas trazerem jarros de ouro e prata e barro (cheios de água) e ervas deliciosas e todas as espécies de sementes e pedras preciosas, e trepadeiras, para a tua instalação. Durante o sexto período, Draupadi também se aproximará de ti (como uma esposa). Deixe aquele melhor dos Brahmanas, Dhaumya, de alma controlada, derramar libações de manteiga clarificada no fogo (sagrado), e deixe aqueles Brahmanas que consideram todos os quatro Vedas como autoritários (e que estão agindo como sacerdotes para os Pandavas), realizarem a cerimônia da tua instalação. Deixe que o sacerdote da família dos Pandavas que é devotado a ritos Védicos, e aqueles touros entre homens, aqueles irmãos, os cinco filhos de Pandu, e os cinco filhos de Draupadi, e os Panchalas, e os Chedis, e eu mesmo também, te instalemos como o senhor da terra inteira. Deixe o filho de Dharma Yudhishthira, de alma justa e votos rígidos, ser teu herdeiro presuntivo, governando o reino sob ti. Segurando o chamara branco em sua mão (para te abanar), deixe Yudhishthira, o filho de Kunti, andar no mesmo carro atrás de ti. Depois de tua instalação estar terminada, deixe aquele outro filho de Kunti, o poderoso Bhimasena, segurar o guarda-sol branco sobre tua cabeça. De fato, Arjuna então guiará teu carro equipado com cem sinos tilintando, seus lados cobertos com peles de tigre, e com corcéis brancos arreados a ele. Então Nakula e Sahadeva, e os cinco filhos de Draupadi, e os Panchalas com aquele poderoso guerreiro em carro Sikhandin, todos procederão atrás de ti. Eu mesmo, com todos os Andhakas e os Vrishnis, andaremos atrás de ti. De fato, todos os Dasarhas e os Dasarnas, ó rei, serão numerados com teus parentes. Desfrute da soberania da terra, ó tu de braços poderosos, com teus irmãos os Pandavas, com yapas e homas e ritos auspiciosos de diversos tipos realizados em tua honra. Deixe os Dravidas, com os Kuntalas, os Andhras, e os Talacharas, e os Shuchupas, e os Venupas, todos andarem diante de ti. Deixe os cantores e panegiristas te elogiarem com hinos laudatórios inumeráveis. Deixe os Pandavas proclamarem, ‘Vitória para Vasusena.’ Cercado pelos Pandavas, como a lua pelas estrelas, governe o reino, ó filho de Kunti, e alegre a própria Kunti. Deixe os teus amigos se regozijarem, e teus inimigos sofrerem. Deixe haver, neste dia, uma união fraterna entre ti e teus irmãos, os filhos de Pandu.’"

141

"Karna disse, 'Sem dúvida, ó Kesava, tu disseste estas palavras por teu amor, afeição, e amizade por mim, como também pelo teu desejo de me fazer bem, ó tu da linhagem de Vrishni. Eu sei tudo o que tu disseste para mim. Moralmente, eu sou o filho de Pandu, como também pelas injunções das escrituras, como tu, ó Krishna, pensas. Minha mãe, quando moça, me levou em seu útero, ó Janardana,

por causa de sua relação com Surya. E por ordem do próprio Surya ela me abandonou logo que eu nasci. Assim mesmo, ó Krishna, eu vim para o mundo. Moralmente, portanto, eu sou o filho de Pandu. Kunti, no entanto, me abandonou sem pensar no meu bem-estar. O Suta, Adhiratha, logo que ele me viu, me levou para sua casa, e por sua afeição por mim os seios de Radha se encheram com leite naquele mesmo dia, e ela, ó Madhava, limpou minha urina e evacuações. Como pode alguém como nós, conhecedor dos deveres e sempre engajado em escutar as escrituras privá-la de seu Pinda? Assim também Adhiratha da classe Suta me considera como um filho, e eu também, por afeto, sempre o considero como (meu) pai. Ó Madhava, aquele Adhiratha, ó Janardana, por afeição paterna fez todos os ritos de infância serem realizados sobre minha pessoa segundo as regras prescritas nas escrituras. Foi aquele Adhiratha, também, que fez o nome Vasusena ser concedido a mim pelos Brahmanas. Quando também eu alcancei a juventude, eu me casei com esposas de acordo com suas escolhas. Através delas nasceram meus filhos e netos, ó Janardana. Meu coração também, ó Krishna, e todos os laços de afeto e amor, estão fixados neles. Por alegria ou temor, ó Govinda, eu não posso ousar destruir aqueles laços nem por causa da terra inteira ou pilhas de ouro. Por consequência também da minha conexão com Duryodhana da família de Dhritarashtra, eu tenho, ó Krishna, desfrutado da soberania por treze anos, sem um tormento ao meu lado. Eu tenho realizado muitos sacrifícios, sempre no entanto com relação a pessoas da tribo Suta. Todos os meus ritos de família e ritos de casamento têm sido realizados com os Sutas. Obtendo-me, ó Krishna, Duryodhana, ó tu da linhagem de Vrishni, fez estes preparativos para um confronto armado e provocou hostilidades com os filhos de Pandu. E é por isto, ó Achyuta, que na batalha (que se seguirá), eu, ó Krishna, fui escolhido como o grande adversário de Arjuna para avançar contra ele em um duelo. Por causa de morte, ou dos laços de sangue, ou medo, ou tentação, eu não posso ousar, ó Janardana, me comportar falsamente em direção ao filho inteligente de Dhritarashtra. Se eu agora não me engajar em um duelo com Arjuna, ó Hrishikesa, isso será inglório para ambos: eu mesmo e Partha. Sem dúvida, ó matador de Madhu, tu me disseste tudo isso para me fazer bem. Os Pandavas também, obedientes como eles são a ti, sem dúvida farão tudo o que tu disseste. Tu deves, no entanto, esconder essa nossa conversa por ora, ó matador de Madhu. Nisso jaz nosso benefício, eu penso, ó encantador de todos os Yadavas. Se o rei Yudhishthira, de alma virtuosa e sentidos bem controlados, vier a me conhecer como o filho primogênito de Kunti, ele nunca aceitará o reino. Se, além disso, ó matador de Madhu, este império imenso e crescente se tornar meu eu irei, ó repressor de inimigos, sem dúvida transferi-lo para Duryodhana somente. Deixe Yudhishthira de alma virtuosa se tornar rei para sempre. Aquele que tem Hrishikesa como seu guia, e Dhananjaya e aquele poderoso guerreiro em carro Bhima como seus combatentes, como também Nakula e Sahadeva, e os filhos de Draupadi, é digno, ó Madhava, de governar a terra inteira. Dhrishtadyumna, o príncipe dos Panchalas, aquele poderoso guerreiro em carro Satyaki, Uttamaujas, Yudhamanyu, o príncipe dos Somakas que é devotado à verdade, o soberano dos Chedis, Chekitana, o invencível Sikhandin, os irmãos Kekaya, todos da cor de insetos Indragopaka, o tio de Bhimasena Kuntibhoja de grande alma e possuidor de corcéis dotados das cores do arco-íris, o poderoso guerreiro em carro Syenajit,

Sanka o filho de Virata, e tu mesmo, ó Janardana, como um oceano, formidável é esta assembléia, ó Krishna, de Kshatriyas (que foi feita por Yudhishthira). Este reino resplandecente, célebre entre todos os reis da terra, já está ganho (por Yudhishthira). Ó tu da linhagem de Vrishni, um grande sacrifício de armas está prestes a ser celebrado pelo filho de Dhritarashtra. Tu, ó Janardana, serás o Upadrashtri daquele sacrifício. O ofício de Adhyaryu também, ó Krishna, naquele sacrifício, será teu. Vibhatsu de estandarte de macaco envolvido em armadura será o Hotri, (seu arco) Gandiva será a concha sacrifical, e a coragem dos guerreiros será a manteiga sacrifical (que é para ser consumida). As armas chamadas Aindra, Pasupata, Brahma, e Sthunakarna, aplicadas por Arjuna, ó Madhava, serão os mantras (daquele sacrifício). Parecendo com seu pai, ou talvez, superando-o em heroísmo, o filho de Subhadra (Abhimanyu) será o principal hino Védico a ser cantado. Aquele destruidor de tropas de elefantes, aquele que profere rugidos ferozes em batalha, aquele tigre entre homens, o extremamente poderoso Bhima, será Udgatri e Prastotri naquele sacrifício. O rei Yudhishthira de alma virtuosa, sempre engajado em Yapa e Homa, ele mesmo será o Brahma daquele sacrifício. Os sons de conchas, tambores, e baterias, e os rugidos leoninos se erguendo alto no céu, serão os chamados aos convidados para comer. Os dois filhos de Madri, Nakula e Sahadeva, de grande fama e destreza, serão os matadores dos animais sacrificais; fileiras de carros brilhantes equipados com estandartes de cores variadas, ó Govinda, serão as estacas (para amarrar os animais), ó Janardana, neste sacrifício. Flechas farpadas e Nalikas, e setas compridas, e flechas com cabeças como o dente do bezerro, desempenharão o papel de colheres (com as quais distribuir o suco Soma) enquanto Tomaras serão os recipientes de Soma, e arcos serão pavitras. As espadas serão Kapalas, as cabeças (dos guerreiros mortos) os Purodasas e o sangue dos guerreiros a manteiga clarificada, ó Krishna, neste sacrifício. As lanças e maças brilhantes (dos guerreiros) serão atiçadores (para atiçar o fogo sacrifical) e as estacas angulares (para impedir a lenha de cair). Os discípulos de Drona e Kripa, o filho de Saradwat, serão os Sadasyas (sacerdotes auxiliares). As flechas disparadas pelo manejador do Gandiva e por (outros) poderosos guerreiros em carros, e por Drona e o filho de Drona, farão o papel de conchas para distribuir o Soma. Satyaki cumprirá os deveres do principal assistente do Adhyaryu. Deste sacrifício, o filho de Dhritarashtra será instalado como o realizador, enquanto este exército vasto será sua esposa. Ó tu de armas poderosas, quando os ritos noturnos de sacrifício começarem, o poderoso Ghatotkacha desempenhará o papel de matador das vítimas (consagradas). O poderoso Dhrishtadyumna, que surgiu do fogo sacrifical, tendo como sua boca os ritos celebrados com mantras, ó Krishna, será o Dakshina daquele sacrifício. Por aquelas palavras duras, ó Krishna, que eu disse diante dos filhos de Pandu para a satisfação do filho de Dhritarashtra, por aquele meu mau comportamento, eu estou consumido pelo arrependimento. Quando, ó Krishna, tu me vires morto por Arjuna, então o Punachiti deste sacrifício começará. Quando o (segundo) filho de Pandu beber o sangue de Dussasana (que estará) rugindo ruidosamente, então o ato de beber o Soma deste sacrifício terá acontecido! Quando os dois príncipes de Panchala (Dhrishtadyumna e Sikhandin) derrotarem Drona e Bhishma, então, ó Janardana, este sacrifício será suspenso por um intervalo. Quando o poderoso

Bhimasena matar Duryodhana, então, ó Madhava, este sacrifício do filho de Dhritarashtra estará terminado. Quando as esposas dos filhos e netos de Dhritarashtra reunidas, privadas, ó Kesava, de seus maridos e filhos e sem protetores, se entregarem a lamentações com Gandhari em seu meio, no campo de batalha assombrado por cachorros e urubus e outras aves carnívoras, então, ó Janardana, o banho final deste sacrifício se realizará.

Eu rogo a ti, ó touro da classe Kshatriya, não deixe que os Kshatriyas, velhos em erudição e velhos em idade, pereçam miseravelmente, ó Janardana, por tua causa. Oh, que esta hoste de Kshatriyas que se expande pereça por meio de armas sobre aquele mais sagrado de todos os locais nos três mundos, isto é, Kurukshetra, ó Kesava. Ó tu de olhos como folhas de lótus, realize neste local o que tu tens em mente, para que, ó tu da linhagem de Vrishni, toda a classe Kshatriya possa alcançar o céu. Tanto, ó Janardana, quanto as colinas e os rios durarem, assim durará a fama destas realizações. Os Brahmanas narrarão esta grande guerra dos Bharatas. A fama, ó tu da linhagem de Vrishni, que eles alcançam em batalhas é a riqueza que os Kshatriyas possuem. Ó Kesava, traga o filho de Kunti (Arjuna) diante de mim para combate, mantendo para sempre esta nossa conversa em segredo, ó castigador de inimigos.'"

142

"Sanjaya disse, 'Ouvindo estas palavras de Karna, Kesava, aquele matador de heróis hostis, falou sorridente para ele estas palavras, 'Os meios de ganhar um império não se recomendam para ti, ó Karna? Tu não desejas governar a terra inteira dada por mim para ti? A vitória dos Pandavas, portanto, é muito certa. Não parece haver dúvida nisto. O estandarte triunfal do filho de Pandu, com o macaco feroz sobre ele, parece já estar levantado. O artífice divino, Bhaumana, aplicou tal ilusão celeste (em sua construção) que ele permanece no alto, exposto como o estandarte de Indra. Várias criaturas celestiais de formas impressionantes, indicando vitória, são vistas naquele estandarte. Se estendendo por um yojana para cima e por todos os lados, aquele estandarte belo de Arjuna, parecendo com o fogo em brilho, ó Karna, quando levantado, nunca é obstruído por colinas ou árvores. Quando tu vires Arjuna em batalha, em seu carro puxado por corcéis brancos e guiado por Krishna, usando armas Aindra, Agneya e Maruta, e quando tu ouvires o som do Gandiva atravessando o firmamento como o próprio trovão, então todos os sinais das eras Krita, Treta, e Dwapara desaparecerão (mas, em vez disso, Kali incorporada estará presente). Quando tu vires em batalha o filho de Kunti, o invencível Yudhishthira, dedicado a Yapa e Homa e parecendo com o próprio sol em brilho, protegendo seu próprio exército imenso e queimando o exército de seus inimigos, então todos os sinais das eras Krita, Treta, e Dwapara desaparecerão. Quando tu vires em batalha o poderoso Bhimasena dançando, depois de ter bebido o sangue de Dussasana, como um elefante feroz com têmporas fendidas depois de ter matado um adversário poderoso, então todos os sinais das eras Krita, Treta, e Dwapara desaparecerão. Quando tu vires em batalha Arjuna reprimindo Drona e o filho de Santanu e Kripa e o rei Suyodhana, e

Jayadratha linhagem de Sindhu, todos avançando ferozmente para o confronto, então todos os sinais das eras Krita, Treta e Dwapara desaparecerão. Quando tu vires em batalha os dois filhos fortes de Madri, aqueles heróicos guerreiros em carros, capazes de quebrar em pedaços todos os carros hostis, agitando, desde o momento quando armas começarem a se chocar, o exército dos filhos de Dhritarashtra como um par de elefantes enfurecidos, então todos os sinais das eras Krita, Treta e Dwapara desaparecerão. Voltando daqui, ó Karna, diga para Drona e o filho de Santanu e Kripa que o mês atual é encantador, e que comida, bebida, e combustível são abundantes agora. Todas as plantas e ervas estão vigorosas agora, todas as árvores cheias de frutas, e não há insetos. As estradas estão livres de lama, e as águas são de gosto agradável. O tempo não está nem muito quente nem muito frio e é, portanto, muito agradável. Sete dias depois será o dia da lua nova. Que a batalha comece então, pois aquele dia, isto tem sido dito, é presidido por Indra. Diga também para todos os reis que vieram para lutar que eu realizarei integralmente o desejo nutrido por eles. De fato, todos os reis e príncipes que obedecem às ordens de Duryodhana, obtendo a morte por meio de armas, alcançarão um estado excelente.'"

143

"Sanjaya disse, 'Ouvindo estas palavras benéficas e auspiciosas de Kesava, Karna venerou Krishna, o matador de Madhu, e disse estas palavras, 'Sabendo (tudo), por que tu ainda, ó tu de armas poderosas, procuras me iludir? A destruição da terra inteira está próxima por causa de Sakuni, e eu mesmo, e Dussasana, e do rei Duryodhana, o filho de Dhritarashtra. Sem dúvida, ó Krishna, uma batalha formidável e violenta está perto entre os Pandavas e os Kurus a qual cobrirá a terra com lama sangrenta. Todos os reis e príncipes seguindo a liderança de Duryodhana, consumidos pelo fogo de armas procederão para a residência de Yama. Diversas visões pavorosas são vistas, ó matador de Madhu, e muitos presságios terríveis, e perturbações violentas também. Todos esses presságios, fazendo os cabelos (dos espectadores) se arrepiarem, indicam, ó tu da linhagem de Vrishni, a derrota do filho de Dhritarashtra e a vitória de Yudhishthira. Aquele planeta ameaçador de grande refulgência, Sanaischara (Saturno), está afligindo a constelação chamada Rohini, a fim de afligir imensamente as criaturas da terra. O planeta Angaraka (Marte), se virando, ó matador de Madhu, para a constelação Jeshthya, se aproxima em direção a Anuradhas, indicando um grande massacre de amigos. Sem dúvida, ó Krishna, uma calamidade terrível se aproxima dos Kurus especialmente quando, ó tu da linhagem de Vrishni, o planeta Mahapat aflige a constelação Chitra. A mancha sobre o disco lunar mudou sua posição; e Rahu também se aproxima em direção ao sol. Meteoros estão caindo do céu com barulho alto e movimento tremente. Os elefantes estão dando gritos terríveis, enquanto os corcéis, ó Madhava, estão derramando lágrimas, sem terem qualquer deleite com comida e bebida. Eles dizem, ó tu de armas poderosas, que no aparecimento destes presságios uma catástrofe terrível se aproxima, produtiva de um grande massacre. Ó Kesava, entre os corcéis, elefantes e soldados, em todas

as divisões do exército de Duryodhana, é visto, ó matador de Madhu, que enquanto é pouca a comida que estes ingerem, amplas são as fezes que eles evacuam. Os sábios dizem que isto é uma indicação de deficiência. Os elefantes e corcéis dos Pandavas, ó Krishna, todos parecem estar contentes, enquanto todos os animais se movimentam à sua direita. Isto também é uma indicação de seu sucesso. Os mesmos animais, ó Kesava, passam pelo lado esquerdo do exército de Duryodhana, enquanto vozes incorpóreas são constantemente ouvidas (sobre suas cabeças). Tudo isso é uma indicação de derrota. Todas as aves auspiciosas, tais como pavões, cisnes, garças, Chatakas, Jivajivas, e grandes bandos de Vakas seguem os Pandavas, enquanto urubus, Kankas, falcões, Rakshasas, lobos e abelhas, em bandos e rebanhos, seguem os Kauravas. As baterias no exército do filho de Dhritarashtra não produzem sons, enquanto aquelas dos Pandavas produzem sons sem serem batidas. Os poços no meio do acampamento de Duryodhana emitem rugidos altos como aqueles de touros enormes. Tudo isso é uma indicação de derrota. Os deuses estão derramando carne e sangue, ó Madhava, sobre os soldados de Duryodhana. Edifícios vaporosos de grande refulgência com muros altos, trincheiras profundas e pórticos belos estão aparecendo de repente nos céus (sobre o acampamento Kuru). Um círculo negro cercando o disco solar aparece à vista. Os crepúsculos no nascer e pôr do sol indicam grandes terrores. Os chacais gritam horrivelmente. Tudo isso é uma indicação de derrota. Diversas aves, cada uma tendo somente uma asa, um olho, e uma perna, proferem gritos terríveis. Tudo isso, ó matador de Madhu, indica derrota. Aves selvagens com asas pretas e pernas vermelhas pairam sobre o acampamento Kuru ao anoitecer. Tudo isso é uma indicação de derrota. Os soldados de Duryodhana demonstram ódio por Brahmanas primeiro, e então por seus preceptores, e então por todos os seus empregados afetuosos. O horizonte leste (do acampamento de Duryodhana) se mostra vermelho; o sul da cor de armas; e oeste, ó matador de Madhu, de uma cor de terra. Todos os quadrantes em volta do acampamento de Duryodhana parecem, ó Madhava, estar em chamas. No aparecimento de todos esses presságios, grande é o perigo que é indicado.

Eu em uma visão, ó Achyuta, vi Yudhishthira ascendendo com seus irmãos um palácio sustentado por mil colunas. Todos eles apareciam com coberturas brancas para a cabeça e em mantos brancos. E todos eles me pareciam estar sentados em assentos brancos. No meio da mesma visão, tu, ó Janardana, foste visto por mim empenhado em envolver a terra tingida de sangue com armas. Yudhishthira ao mesmo tempo, de energia incomensurável, subindo sobre uma pilha de ossos, estava comendo alegremente manteiga payasa de uma xícara dourada. Eu, além disso, vi Yudhishthira empenhado em engolir a terra entregue a ele por ti. Isso indica que ele realmente governará a terra. Eu vi aquele tigre entre homens, Vrikodara, de feitos selvagens, permanecendo no ponto mais alto, com maça na mão, e como se devorando esta terra. Isto indica claramente que ele matará todos nós em combate feroz. É sabido por mim, ó senhor dos sentidos, que a vitória está lá onde a retidão está. Eu vi também Dhananjaya, o manejador do Gandiva, sentado nas costas de um elefante branco, contigo, ó senhor dos sentidos, e brilhando com grande beleza. Eu não tenho dúvida, ó Krishna, de que vocês

matarão em batalha todos os reis encabeçados por Duryodhana. Eu vi Nakula e Sahadeva e aquele poderoso guerreiro em carro Satyaki enfeitados com braceletes brancos, couraças brancas, guirlandas brancas, e vestes brancas. Aqueles tigres entre homens estavam sentados em veículos excelentes carregados sobre os ombros de homens. E eu vi que guarda-sóis eram segurados sobre as cabeças de todos os três. Entre os soldados do filho de Dhritarashtra, três, ó Janardana, foram vistos por mim enfeitados com proteções brancas para a cabeça. Saiba, ó Kesava, que aqueles três eram Aswatthaman, Kripa, e Kritavarman da linhagem de Satwata. Todos os outros reis, ó Madhava, foram vistos por mim terem proteções vermelho-sangue para a cabeça. Eu vi também, ó tu de armas poderosas, que aqueles poderosos guerreiros em carros Bhishma e Drona subindo em um veículo puxado por camelos, e por eu mesmo, e pelo filho de Dhritarashtra, procediam, ó senhor, para o quadrante governado por Agastya, ó Janardana. Isso indica que nós logo teremos que proceder para a residência de Yama. Eu não tenho dúvida de que eu mesmo e os outros reis, de fato, a assembléia inteira de Kshatriyas terá que entrar no fogo Gandiva.'

"Krishna disse, 'De fato, a destruição da terra está próxima quando minhas palavras, ó Karna, não se tornam aceitáveis para o teu coração. Ó senhor, quando a destruição de todas as criaturas se aproxima, o mal assumindo a aparência do bem não deixa o coração.'

"Karna disse, 'Se, ó Krishna, nós sairmos com vida desta grande batalha que será tão destrutiva de Kshatriyas heróicos, então, ó tu de armas poderosas, nós podemos nos encontrar aqui novamente. Do contrário, ó Krishna, nós certamente nos encontraremos no céu. Ó impecável, me parece agora que somente lá é possível nós nos encontrarmos.'

"Sanjaya disse, 'Tendo falado estas palavras, Karna apertou Madhava estreitamente em seu peito. Dispensado por Kesava, ele então desceu do carro. E viajando em seu próprio carro adornado com ouro, o filho de Radha, imensamente abatido, voltou conosco!'"

144

"Vaisampayana disse, 'Após o fracasso das solicitações de Krishna (por paz), e depois que ele tinha partido para os Pandavas dos Kurus, Kshatri se aproximou de Pritha e disse estas palavras lentamente em aflição, 'Ó mãe de filhos vivos, tu sabes que minha inclinação é sempre para a paz, e embora eu apele até ficar rouco, Suyodhana ainda não aceita minhas palavras. O rei Yudhishthira, tendo os Chedis, os Panchalas, e os Kekayas, Bhima e Arjuna, Krishna, Yuyudhana, e os gêmeos como seus aliados, permanece ainda em Upaplavya, e por afeição pelos parentes, procura retidão somente, como um homem fraco, embora ele seja possuidor de grande força. O rei Dhritarashtra aqui, embora velho em idade, não efetua paz, e embriagado com orgulho de filhos, trilha um caminho pecaminoso. Pela pecaminosidade de Jayadratha e Karna e Dussasana e do filho de Suvala, dissensões internas irromperão. Eles que se comportam injustamente em direção

àquele que é justo, realmente aquele pecado deles logo produz suas consequências. Quem é que não se encherá de tristeza à visão dos Kurus oprimindo a retidão dessa maneira? Quando Kesava retornar sem ter podido ocasionar paz, os Pandavas certamente se dirigirão para a batalha. Por causa disso, o pecado dos Kurus levará a uma destruição de heróis. Refletindo sobre tudo isto, eu não consigo dormir de dia ou de noite.'

"Ouvindo estas palavras proferidas por Vidura, que sempre desejou aos filhos dela a realização de seus objetivos, Kunti começou a suspirar pesadamente, afligida pela angústia, e começou a pensar consigo mesma, 'Que vergonha para a riqueza, por causa da qual este grande massacre de parentes está prestes a se realizar. De fato, nesta guerra, aqueles que são amigos sofrerão derrota. Qual pode ser uma dor maior do que esta: que os Pandavas, os Chedis, os Panchalas, e os Yadavas, reunidos, lutem com os Bharatas? Na verdade, eu vejo demérito na guerra. (Por outro lado) se nós não lutarmos, pobreza e humilhação serão nossas. Em relação à pessoa que é pobre, até a morte é benéfica (para ela). (Por outro lado) o extermínio dos parentes não é vitória. Enquanto eu reflito sobre isto, meu coração se enche de tristeza. O avô (Bhishma), o filho de Santanu, o preceptor (Drona), que é o principal dos guerreiros, e Karna, tendo adotado o lado de Duryodhana, aumentam meus temores. O preceptor Drona, me parece, nunca lutará de bom grado contra seus pupilos. Em relação ao avô, por que ele não mostrará alguma afeição pelos Pandavas? Há somente este pecaminoso Karna então, de mente iludida e sempre seguindo a liderança iludida do pecaminoso Duryodhana, que odeia os Pandavas. Obstinadamente procurando aquilo que prejudica os Pandavas, este Karna é, além disso, muito poderoso. É isto que me angustia no momento. Procedendo para gratificá-lo, eu hoje revelarei a verdade e procurarei atrair seu coração em direção aos Pandavas. Satisfeito comigo, enquanto eu estava vivendo nos aposentos internos do palácio do meu pai, Kuntibhoja, o santo Durvasa me deu um benefício na forma de uma invocação consistindo em mantras. Refletindo muito tempo com o coração trêmulo sobre a força ou fraqueza daqueles mantras e o poder também das palavras do Brahmana, e por consequência também da minha disposição como uma mulher, e minha natureza como uma moça imatura, deliberando repetidamente e enquanto protegida por uma ama de confiança e cercada por minhas criadas, e pensando também em como não incorrer em alguma censura, como manter a honra do meu pai, e como eu mesma podia ter uma acessão de boa sorte sem ser culpada de alguma transgressão, eu, finalmente, me lembrei daquele Brahmana e o reverenciei, e tendo obtido aqueles mantras, por excesso de curiosidade e insensatez, eu convoquei, durante minha virgindade, o deus Surya. Ele, portanto, que foi levado em meu útero durante minha juventude, porque ele não deveria obedecer minhas palavras que são sem dúvida aceitáveis e benéficas para seus irmãos?' E refletindo desta maneira, Kunti tomou uma excelente decisão. E tendo tomado aquela decisão, ela foi à sagrada corrente que recebeu o nome de Bhagiratha. E tendo alcançado as margens do Ganga, Pritha ouviu o canto dos hinos Védicos por seu filho, dotado de grande bondade e firmemente devotado à verdade. E enquanto Karna permanecia com rosto virado para o leste e com braços erguidos, então a desamparada Kunti, por causa de seus interesses ficou

atrás dele, esperando a conclusão das orações. E a senhora da linhagem de Vrishni, aquela esposa da casa de Kuru, afligida pelo calor do sol começou a parecer com uma guirlanda murcha de lótus. E, finalmente, ela ficou na sombra fornecida pelas peças de roupas superiores de Karna. E Karna, de votos regulados, disse suas orações até suas costas ficarem aquecidas pelos raios do sol. Então se virando para trás, ele viu Kunti e ficou cheio de surpresa. E saudando-a de forma apropriada e com palmas unidas aquela principal das pessoas virtuosas, dotada de grande energia e orgulho, isto é, Vrisha, o filho de Vikartana, se curvou a ela e disse (as seguintes palavras).'"

145

"Karna disse, 'Eu sou Karna, filho de Radha e Adhiratha. Para que, ó senhora, tu vieste aqui? Diga-me o que eu posso fazer por ti.'

"Kunti disse, 'Tu és filho de Kunti, e não de Radha. Nem Adhiratha é teu pai. Tu, ó Karna, não és nascido na classe Suta. Acredite no que eu digo. Tu foste gerado por mim enquanto uma donzela. Eu te levei primeiro em meu útero. Ó filho, tu nasceste no palácio de Kuntiraja. Ó Karna, aquele Surya divino que resplandece em luz e faz tudo visível, ó principal de todos os manejadores de armas, te gerou em mim. Ó irresistível, tu, ó filho, foste dado à luz por mim na residência do meu pai, enfeitado com brincos (naturais) e envolvido em uma cota de malha (natural), e resplandecendo em beleza. Que tu, sem conhecer teus irmãos, deva, portanto, por ignorância, servir o filho de Dhritarashtra, não é apropriado. Isto é impróprio especialmente em ti, ó filho. A satisfação do pai e da mãe, que é a única que mostra afeição (por seu filho), tem, ó filho, na questão de determinar os deveres dos homens, sido declarada como o maior de todos os deveres. Adquirida antigamente por Arjuna, a prosperidade de Yudhishthira, por avareza, foi tirada à força por pessoas más. Tomando-a de volta dos filhos de Dhritarashtra, desfrute daquela prosperidade. Deixe os Kurus verem hoje a união de Karna e Arjuna. Vendo a ti e teu irmão unidos em laços de amor fraterno, deixe aquelas pessoas perversas se curvarem a vocês. Que Karna e Arjuna sejam chamados da mesma maneira como Rama e Janardana. Se vocês dois estiverem juntos, o que não poderá ser realizado no mundo? Ó Karna, cercado por teus irmãos, tu sem dúvida brilharás como o próprio Brahma cercado pelos deuses na plataforma de um grande sacrifício. Dotado de todas as virtudes, tu és o principal de todos os meus parentes. Não deixe o epíteto filho de Suta se vincular a ti. Tu és um Partha, dotado de grande energia.'"

146

"Vaisampayana disse, '(Depois que Kunti tinha dito isso), Karna ouviu uma voz afetuosa saída do círculo solar. Vinda de uma grande distância, aquela voz foi proferida pelo próprio Surya com afeto paterno. (E ela dizia), 'As palavras ditas por

Pritha são verdadeiras. Ó Karna, aja de acordo com as palavras de tua mãe. Ó tigre entre homens, grande bem resultará para ti se tu seguires completamente aquelas palavras.'

"Vaisampayana continuou, 'Embora assim endereçado por sua mãe, e por também seu pai, o próprio Surya, o coração de Karna, contudo não vacilou, pois ele era firmemente dedicado à verdade. E ele disse, 'Ó dama Kshatriya, eu não posso admitir o que tu disseste, isto é, que obediência às tuas ordens constitui (no meu caso) o maior dos meus deveres. Ó mãe, eu fui abandonado por ti logo que eu nasci. Esta grande injúria, envolvendo risco para a própria vida, que tu me fizeste, tem sido destrutiva das minhas realizações e fama. Se, de fato, eu sou um Kshatriya, eu fui, por ti, privado de todos os ritos de um Kshatriya. Que inimigo teria me feito uma injúria maior? Sem me mostrar piedade, quando tu deverias tê-la mostrado, e tendo me mantido privado de todos os ritos (que são obrigatórios por consequência da ordem de meu nascimento), portanto, tu não porás teu comando sobre mim hoje! Tu nunca antes procuraste meu bem como uma mãe deve. Tu te diriges a mim hoje, no entanto, desejando fazer bem para ti mesma. Quem é que não teria medo de Dhananjaya tendo Krishna com ele (como o motorista de seu carro)? Se, portanto, eu for hoje aos Parthas, quem é que não me consideraria como fazendo isso por medo? Até agora, ninguém sabia que eu era irmão deles. Se, anunciando na véspera da batalha que eu sou seu irmão, eu fosse aos Pandavas, o que todos os Kshatriyas diriam? Provido com todos os objetos de desejo, e adorado por eles com o objetivo de me fazer feliz, como eu posso tornar aquela amizade dos filhos de Dhritarashtra completamente vã? Tendo provocado hostilidades com outros, eles sempre me servem respeitosamente, e sempre reverenciam a mim, como os Vasus reverenciam Vasava. Eles pensam que ajudados por meu poder eles são capazes de enfrentar o inimigo. Como eu posso então frustrar aquela esperança nutrida por deles? Comigo como seu navio, eles desejam cruzar o oceano intransponível da batalha. Como eu posso então abandonar a eles que estão desejosos de cruzar aquele oceano o qual não tem outra balsa? Esta é a hora quando todos aqueles que têm sido sustentados pelos filhos de Dhritarashtra devem se esforçar por seus mestres. Eu sem dúvida agirei por eles, indiferente até à minha vida. Aqueles homens pecaminosos de coração instável que, bem alimentados e bem supridos (com todo necessário) por seus mestres, desfazem o benefício recebido por eles quando chega a hora de devolvê-lo, são ladrões dos bolos dos seus mestres, não têm nem este nem o outro mundo para eles. Eu não falarei enganosamente para ti. Por causa do filho de Dhritarashtra, eu lutarei contra teus filhos com toda a minha força e poder. Eu não devo, no entanto, abandonar a bondade e a conduta que convém aos bons. Tuas palavras, portanto, embora benéficas não podem ser obedecidas por mim agora. Esta tua solicitação a mim, contudo não será inútil. Exceto Arjuna, teus outros filhos, Yudhishthira, Bhima, e os gêmeos, embora capazes de serem resistidos por mim em luta e capazes também de serem mortos, não serão mortos por mim. É com Arjuna somente, entre todos os combatentes de Yudhishthira, que eu lutarei. Matando Arjuna em batalha, eu alcançarei grande mérito, ou morto por Savyasachin, eu serei coberto com glória.

Ó dama famosa, o número de teus filhos nunca será menor do que cinco. Cinco ele sempre será, ou comigo, ou com Arjuna, e eu mesmo morto.'

"Ouvindo estas palavras de Karna, Kunti que estava tremendo com aflição, abraçou seu filho que estava impassível por sua fortaleza, e disse, 'De fato, ó Karna, mesmo que o que tu dizes pareça ser possível, os Kauravas certamente serão exterminados. Destino é tudo. Tu, no entanto, ó opressor de inimigos, concedeste para teus quatro irmãos a promessa de segurança. Que esta promessa seja levada na tua lembrança no momento do disparo de armas em batalha.' E tendo dito tudo isso, Pritha também se dirigiu a Karna, dizendo, 'Abençoado sejas tu, e que saúde seja tua.' E Karna respondeu para ela, dizendo, 'Assim seja.' E eles então deixaram o local, indo em direções diferentes.'"

147

"Vaisampayana disse, 'Voltando para Upaplavya de Hastinapura, aquele castigador de inimigos, Kesava, relatou para os Pandavas tudo o que tinha acontecido, e deliberando com eles por um longo espaço de tempo, e mantendo repetidas consultas, Sauri foi para seus próprios aposentos para descansar. E dispensando todos os reis, com Virata e outros em suas lideranças, os cinco irmãos, os Pandavas, quando o sol tinha se posto, disseram suas orações noturnas. E com corações sempre fixados em Krishna eles começaram a pensar nele. E, finalmente, trazendo Krishna da linhagem de Dasarha para seu meio, eles começaram a deliberar novamente acerca do que eles deveriam fazer. E Yudhishthira disse, 'Ó tu de olhos parecidos com pétalas de lótus, cabe a ti nos dizer tudo o que tu disseste para o filho de Dhritarashtra na assembléia (dos Kurus), tendo ido para Nagapura.' Vasudeva disse, 'Tendo ido para Nagapura, eu enderecei ao filho de Dhritarashtra na assembléia palavras que eram verdadeiras, razoáveis, e benéficas. Aquele indivíduo de mente perversa, no entanto, não as aceitou.'

"Yudhishthira disse, 'Quando Duryodhana desejou seguir pelo caminho errado, o que o idoso avô Kuru disse, ó Hrishikesa, para aquele príncipe vingativo? O que também o preceptor altamente abençoado, o filho de Bharadwaja, disse? E o que seus pais Dhritarashtra e Gandhari disseram? O que o irmão mais novo do nosso pai, Kshattri, que é a principal de todas as pessoas familiarizadas com virtude, e que está sempre afligido com tristeza por causa de nós a quem ele considera como seus filhos, disse para o filho de Dhritarashtra? O que disseram também todos os reis que se encontravam naquela assembléia? Ó Janardana, diga tudo isso para nós, exatamente como aconteceu. Tu já disseste para nós todas as palavras desagradáveis que os chefes Kuru (Bhishma e Dhritarashtra) e outros naquela assembléia dos Kurus disseram para o pecaminoso Duryodhana que está dominado pela luxúria e cobiça, e que se considera sábio. Aquelas palavras, no entanto, ó Kesava, desapareceram da minha memória. Ó Govinda, eu desejo ouvir, ó senhor, todas aquelas palavras novamente. Aja de tal maneira que a

oportunidade não possa passar. Tu, ó Krishna, és nosso refúgio, tu és nosso senhor, tu és nosso guia!'

"Vasudeva disse, 'Ouça, ó rei, as palavras que foram endereçadas para o rei Suyodhana no meio da assembléia dos Kurus, e, ó rei de reis, mantenha-as em tua mente. Depois que minhas palavras estavam terminadas, o filho de Dhritarashtra riu alto. Muito enfurecido por isto, Bhishma então disse, 'Ouça, ó Duryodhana, o que eu digo para (a preservação da) nossa família, e tendo ouvido isso, ó tigre entre reis, faça o que é benéfico para a tua própria casa. Ó senhor, ó rei, meu pai Santanu era amplamente conhecido no mundo. Eu era, inicialmente, seu único filho. Um desejo surgiu de repente em seu coração quanto a como ele poderia obter um segundo filho, pois os sábios dizem que um único filho é nenhum filho, 'Que minha linhagem não seja extinta e que minha fama possa ser propagada.' Este mesmo era seu desejo. Sabendo que este era seu desejo, eu obtive Kali para se tornar minha mãe, tendo eu mesmo feito uma promessa muito difícil de se cumprir, por meu pai como também por nossa família. Como, por consequência daquela promessa eu não posso ser rei e parei minha semente vital, é, naturalmente, conhecido por ti. (Eu não me aflijo por isso). Cumprindo aquele meu voto, veja, eu estou vivendo em felicidade e alegria. Nela, ó rei, nasceu meu irmão mais novo, aquele sustentador belo de braços fortes da família de Kuru, ou seja, Vichitravirya de alma virtuosa. Depois da ascensão do meu pai para o céu, eu instalei Vichitravirya como o soberano do reino, que era meu, enquanto eu me coloquei sob ele como um empregado dele. Ó rei de reis, eu então trouxe para ele esposas adequadas, tendo derrotado muitos monarcas reunidos. Tu ouviste sobre isto muitas vezes. Algum tempo depois, eu estava engajado em um duelo com o (formidável) Rama. Por medo de Rama, meu irmão fugiu, além do mais igualmente seu súdito o abandonou. Durante este período, ele ficou muito apegado às suas duas esposas e consequentemente teve um ataque de tísica. Após sua morte, houve anarquia no reino e o chefe dos deuses não derramou uma gota de chuva (sobre o reino). Os súditos então, afligidos por medo da fome, se apressaram em direção a mim e disseram, 'Teus súditos estão a ponto de ser exterminados. Seja tu nosso rei por causa do nosso bem. Dissipe esta seca. Abençoado sejas tu, ó perpetuador da linhagem de Santanu. Teus súditos estão sendo imensamente afligidos por enfermidades severas e terríveis. Muito poucos deles ainda estão vivos. Cabe a ti, ó filho de Ganga, salvá-los. Dissipe estas torturas. Ó herói, cuide dos teus súditos corretamente. Já que tu estás vivo, não deixe o reino ir para a destruição.' Ouvindo estas palavras deles proferidas em uma voz lamentosa, meu coração estava imperturbado. Lembrando-me do comportamento dos bons, eu desejei manter minha promessa. Então, ó rei, os cidadãos, minha própria mãe Kali auspiciosa, nossos empregados, os sacerdotes e os preceptores (da nossa casa), e muitos Brahmanas de grande erudição, todos afligidos com grande angústia, me pediram para ocupar o trono. E eles disseram, 'Quando tu estás vivo, o reino governado (antigamente) por Pratipa, irá para a ruína? Ó tu de coração magnânimo, seja tu o rei para o nosso bem.' Assim endereçado por eles, eu juntei minhas mãos e, eu mesmo cheio de angústia e muito afligido, revelei a eles o voto que eu tinha feito por respeito filial. Eu repetidamente os informei que por causa da nossa família eu tinha feito votos de

viver com a semente vital interrompida e renegando o trono. Foi especialmente por minha mãe, além disso, que eu fiz isso. Eu, portanto, pedi a eles para não me subjugarem. Eu novamente juntei minhas mãos e conciliei minha mãe, dizendo, 'Ó mãe, gerado por Santanu e sendo um membro da linhagem de Kuru, eu não posso falsificar minha promessa.' Eu repetidamente disse isto a ela. E, ó rei, eu disse também, 'Foi por ti especialmente, ó mãe, que eu fiz este voto; eu sou na verdade teu empregado e escravo, ó mãe, tu que és distinta por afeto materno.' Tendo rogado à minha mãe e ao povo dessa maneira, eu então pedi ao grande sábio Vyasa para gerar filhos nas esposas de meu irmão. De fato, ó rei, eu mesmo e minha mãe gratificamos aquele Rishi. Finalmente, ó rei, o Rishi concedeu nossos rogos na questão das crianças. E ele gerou três filhos ao todo, ó melhor da família de Bharata. Teu pai nasceu cego, e por causa deste defeito congênito de um sentido ele não pôde se tornar rei. O célebre Pandu de grande alma se tornou rei. E como Pandu se tornou rei, seus filhos devem obter sua herança paterna. Ó senhor, não dispute, dê a eles metade do reino. Quando eu estou vivo, que outro homem é competente para reinar? Não desconsidere minhas palavras. Eu somente desejo que haja paz entre vocês. Ó senhor, ó rei, eu não faço distinção entre tu e eles (mas amo todos vocês igualmente). O que eu tenho dito para ti representa também a opinião de teu pai, de Gandhari, e também de Vidura. As palavras daqueles que são idosos devem sempre ser ouvidas. Não desconsidere estas minhas palavras. Não destrua tudo o que tu tens e a terra também.'"

148

"Vasudeva disse, 'Depois que Bhishma tinha dito estas palavras, Drona, sempre competente para falar, então se dirigiu a Duryodhana no meio dos monarcas (reunidos) e disse estas palavras que são benéficas para ti. E ele disse, 'Ó senhor, como o filho de Pratipa, Santanu, era dedicado ao bem-estar de sua família, e como Devavrata, também chamado de Bhishma, é dedicado ao bem-estar de sua família, assim era o nobre Pandu, aquele rei dos Kurus, que era firmemente devotado à verdade, que tinha suas paixões sob controle, que era virtuoso, de votos excelentes, e atento a todos os deveres. (Embora rei por direito) aquele perpetuador da linhagem de Kuru contudo transferiu a soberania para seu irmão mais velho, Dhritarashtra, dotado de grande sabedoria, e para seu irmão mais novo Kshattri (Vidura). E colocando este Dhritarashtra de glória imorredoura no trono, aquele filho nobre da família de Kuru foi para a floresta com suas duas esposas. E aquele tigre entre homens, Vidura, com grande humildade, se colocando em submissão a Dhritarashtra, começou a servi-lo como um escravo, abanando-o com o ramo de uma palmeira jovem. E todos os súditos então, ó senhor, devidamente ofereceram sua submissão ao rei Dhritarashtra exatamente como eles tinham feito ao próprio rei Pandu. E tendo transferido o reino para Dhritarashtra e Vidura, aquele conquistador de cidades hostis, Pandu, vagou por toda a terra. Sempre devotado à verdade, Vidura então tomou conta das finanças, doações, superintendência dos empregados (do estado), e da alimentação de todos, enquanto aquele conquistador de cidades hostis, Bhishma, de energia

poderosa, supervisionou a criação de guerra e paz e a necessidade de fazer ou de reter presentes para reis. Quando o rei Dhritarashtra de grande força estava no trono, Vidura de grande alma estava perto dele. Nascido na família de Dhritarashtra como tu ousas causar uma desunião na família? Unindo-te com teus irmãos (os Pandavas) desfrute de todos os objetos de prazer. Ó rei, eu não te digo isso por covardia, nem por causa de riqueza. Eu estou desfrutando da riqueza que Bhishma me deu, e não tu, ó melhor dos reis. Eu não desejo, ó rei, obter de ti meus meios de sustento. Onde Bhishma está, lá Drona deve estar. Faça o que Bhishma te disse. Ó opressor de inimigos, dê metade do reino para os filhos de Pandu. Ó senhor, eu agi como preceptor deles tanto como teu. De fato, assim como Aswatthaman é para mim, assim é Arjuna de corcéis brancos. Que uso há de muita declamação? A vitória está lá onde a retidão está.'

"Vasudeva continuou, 'Depois que Drona, de energia imensurável, tinha dito isso, o virtuoso Vidura então, ó rei, que é devotado à verdade, disse a ele estas palavras, virando em direção a seu tio (Bhishma) e olhando para seu rosto. E Vidura disse, 'Ó Devavrata, preste atenção nas palavras que eu falo. Esta linhagem de Kuru, quando se tornou extinta, foi revivida por ti. É por isto que tu estás indiferente às minhas lamentações agora. Nesta nossa família, sua mácula é este Duryodhana, cujas tendências são seguidas por ti, embora ele esteja escravizado pela avareza, e seja perverso e ingrato e privado de sua razão pela luxúria. Os Kurus certamente sofrerão consequências das ações daquele Duryodhana que desobedece a ordem de seu pai, observador de virtude e lucro. Ó grande rei, aja tu para que os Kurus não pereçam. Como um pintor produzindo um quadro, foste tu, ó rei, que fizeste com que eu e Dhritarashtra surgíssemos. O Criador, tendo criado criaturas, as destrói novamente. Não aja como ele. Vendo diante dos teus próprios olhos esta extinção da tua linhagem, não seja indiferente a isto. Se, no entanto, tua compreensão está perdida por consequência da matança geral que está perto, vá então para as florestas, levando a mim e Dhritarashtra contigo. Do contrário, amarrando hoje mesmo o pecaminoso Duryodhana que tem falsidade como sua sabedoria, governe este reino com os filhos de Pandu protegendo-o em volta. Ceda, ó tigre entre reis. Um grande massacre dos Pandavas, dos Kurus, e de outros reis de energia imensurável está diante de nós.'

Tendo dito isso, Vidura parou, seu coração transbordando de tristeza. E refletindo sobre a questão, ele começou suspirar repetidamente. Então a filha do rei Suvala, alarmada por causa da probabilidade da destruição de uma linhagem inteira, disse, por ira, estas palavras repletas de virtude e benefício, para o cruel Duryodhana de coração pecaminoso, na presença dos monarcas reunidos, 'Que todos os reis presentes nesta nobre assembléia e que os Rishis regenerados que formam os outros membros deste conclave, escutem (a mim) enquanto eu proclamo a culpa da tua pessoa pecaminosa apoiada por todos os teus conselheiros. O reino dos Kurus deve ser possuído em perfeita ordem de sucessão. Este mesmo sempre foi o costume da nossa família. De alma pecaminosa e extremamente mau em ações, tu procuras a destruição do reino Kuru por tua iniquidade. O sábio Dhritarashtra está em posse do reino, tendo

Vidura de grande previdência sob ele (como seu conselheiro). Passando por cima destes dois, por que, ó Duryodhana, tu, por ilusão, cobiça a soberania agora? Até o rei de grande alma e Kshattri, quando Bhishma está vivo, devem ser ambos subordinados a ele. De fato, este principal dos homens, este filho de Ganga, Bhishma de grande alma, por sua retidão, não deseja a soberania. É por esta razão que este reino invencível veio a ser de Pandu. Seus filhos, portanto, são donos hoje e nenhum outro. O reino extenso então, por direito paterno, pertence aos Pandavas e aos seus filhos e netos na devida ordem. Observando os costumes da nossa linhagem e a regra com respeito ao nosso reino, todos nós realizamos completamente aquilo que este chefe sábio e de grande alma dos Kurus, Devavrata, firmemente aderindo à verdade, diz. Que o rei (Dhritarashtra) e Vidura também, por ordem de Bhishma de votos grandiosos, proclamem a mesma coisa. Este mesmo é um ato que deve ser feito por aqueles que são benquerentes (desta família). Mantendo virtude à frente, que Yudhishthira, o filho de Dharma, guiado pelo rei Dhritarashtra e estimulado pelo filho de Santanu, governe por muitos longos anos este reino dos Kurus legalmente obtenível por ele.'"

149

"Vasudeva disse, 'Depois que Gandhari tinha dito isso, aquele soberano de homens, Dhritarashtra, então disse estas palavras para Duryodhana no meio dos monarcas reunidos, 'Ó Duryodhana, escute, ó filho, o que eu digo, e abençoado sejas tu; faça isto se tu tens algum respeito por teu pai. O senhor das criaturas, Soma, foi o progenitor original da linhagem de Kuru. Sexto em descendência de Soma era Yayati, o filho de Nahusha. Yayati teve cinco melhores dos sábios reais como seus filhos. Entre eles, o senhor Yadu de energia poderosa era o primogênito. Mais novo que Yadu era Puru, que, como nosso progenitor, gerou com Sarmistha a filha de Vrishaparvan. Yadu, ó melhor do Bharatas, nasceu de Devayani e, portanto, ó senhor, era o filho da filha de Sukra, também chamado de Kavya, de energia incomensurável. Dotado de grande força e coragem, aquele progenitor dos Yadavas, cheio de orgulho e possuidor de mente má, humilhou todos os Kshatriyas. Embriagado com orgulho de força, ele não obedeceu às injunções de seu pai. Invencível em batalha, ele insultou seu pai e irmão. Sobre esta terra envolvida nos quatro lados pelo mar, Yadu virou todo-poderoso, e reduzindo todos à submissão, ele se estabeleceu nesta cidade que recebeu o nome do elefante. Seu pai Yayati, o filho de Nahusha, enfurecido com ele, amaldiçoou aquele filho dele, e, ó filho de Gandhari, até o expulsou do reino. Yayati zangado também amaldiçoou aqueles irmãos de Yadu que obedeceram àquele irmão mais velho deles, que era tão orgulhoso de sua força. E tendo amaldiçoado estes seus filhos, aquele melhor dos reis colocou em seu trono seu filho mais novo Puru que era dócil e obediente a ele. Assim mesmo o filho mais velho pode ser ignorado e privado do reino, e filhos mais jovens podem, por seu comportamento respeitoso para com os idosos, obter o reino. Assim também, conhecedor de todas as virtudes havia o avô do meu pai, o rei Pratipa, que era célebre pelos três mundos. Para aquele leão entre reis, que governou seu reino

virtuosamente, nasceram três filhos de grande fama e parecendo com três deuses. Deles, Devapi era o mais velho, Vahlika o seguinte e Santanu de grande inteligência, que, ó senhor, foi meu avô, era o mais novo. Devapi, dotado de grande energia, era virtuoso, de fala sincera, e sempre dedicado a servir seu pai. Mas aquele melhor dos reis tinha uma doença de pele. Popular com os cidadãos e os súditos das províncias, respeitado pelos bons, e ternamente amado pelos jovens e velhos, Devapi era generoso aderindo firmemente à verdade, dedicado ao bem de todas as criaturas, e obediente às instruções de seu pai como também dos Brahmanas. Ele era ternamente amado por seu irmão Vahlika como também por Santanu de grande alma. Grande, de fato, era o amor fraterno que prevalecia entre ele e seus irmãos de grande alma. No decorrer do tempo, o idoso e melhor dos reis, Pratipa, fez todos os preparativos segundo as escrituras para a instalação de Devapi (no trono). De fato, o senhor Pratipa fez toda preparação auspiciosa. A instalação de Devapi, no entanto, foi proibida pelos Brahmanas e todas as pessoas idosas entre os cidadãos e os habitantes das províncias. Sabendo que a instalação de seu filho estava proibida, a voz do velho rei ficou sufocada com lágrimas e ele começou a sofrer por seu filho. Assim, embora Devapi fosse generoso, virtuoso, devotado à verdade, e amado pelos súditos, contudo por causa de sua doença de pele ele foi excluído de sua herança. Os deuses não aprovam um rei que é defeituoso de um membro. Pensando nisto, aqueles touros entre os Brahmanas proibiram o rei Pratipa de instalar seu filho mais velho. Devapi então, que era defeituoso de um membro, viu o rei (seu pai) impedido (de instalá-lo no trono) e cheio de tristeza por sua causa, se retirou para as florestas. Quanto a Vahlika, abandonando seu reino (paterno) ele morou com seu tio materno. Abandonando seu pai e irmão, ele obteve o reino muito rico de seu avô materno. Com a permissão de Vahlika, ó príncipe, Santanu de fama mundial, após a morte de seu pai (Pratipa), se tornou rei e governou o reino. Dessa maneira também, ó Bharata, embora eu seja o mais velho, contudo sendo defeituoso de um membro, eu fui excluído do reino pelo inteligente Pandu, sem dúvida, depois de muita reflexão. E o próprio Pandu, embora mais novo do que eu em idade, obteve o reino e se tornou rei. Na morte dele, ó castigador de inimigos, aquele reino deve passar para seus filhos. Quando eu não poderia obter o reino, como tu podes cobiçá-lo? Tu não és o filho de um rei, e, portanto, não tens direito a este reino. Tu, no entanto, desejas te apropriar da propriedade de outros. Yudhishthira de grande alma é o filho de um rei. Este reino é legalmente dele. De alma magnânima, ele mesmo é o soberano e senhor desta família de Kuru. Ele é devotado à verdade, de percepção clara, obediente aos conselhos de amigos, honesto, amado pelos súditos, bondoso para todos os benquerentes, mestre de suas paixões, e o castigador de todos aqueles que não são bons. Perdão, renúncia, autocontrole, conhecimento das escrituras, piedade de todas as criaturas, competência para governar segundo os ditames da virtude, todos estes atributos de realeza existem em Yudhishthira. Tu não és o filho de um rei, e estás sempre inclinado pecaminosamente em direção a teus parentes. Ó infeliz, como tu podes ter êxito em te apropriares deste reino que legalmente pertence a outros? Dissipando esta ilusão, dê metade do reino com (uma parte dos) animais e outras posses. Então, ó rei, tu podes esperar viver por algum tempo com teus irmãos mais novos.'"

150

"Vasudeva disse, 'Embora assim endereçado por Bhishma, e Drona, e Vidura, e Gandhari, e Dhritarashtra, aquele indivíduo perverso, contudo não poderia ser trazido à razão. Por outro lado, o pecaminoso Duryodhana, desconsiderando eles todos, se levantou com olhos vermelhos de raiva. E todos os reis (convidados por ele), preparados para sacrificar suas vidas, seguiram atrás dele. O rei Duryodhana então repetidamente ordenou aqueles soberanos de coração pecaminoso, dizendo, 'Hoje a constelação Pushya está ascendente, marchem (hoje mesmo) para Kurukshetra.' Impelidos pelo Destino, aqueles monarcas então, com seus soldados, partiram alegremente, fazendo Bhishma seu generalíssimo. Onze Akshauhinis de tropas foram, ó rei, reunidos pelos Kauravas. Na vanguarda daquela hoste brilha Bhishma, com o emblema da palmeira no estandarte de seu carro. Em vista, portanto, do que aconteceu, faça agora, ó monarca, aquilo que pareça ser apropriado. Eu disse para ti, ó rei, ó Bharata, tudo o que foi dito por Bhishma, Drona, Vidura, Gandhari e Dhritarashtra, na minha presença. As artes começando com conciliação foram todas, ó rei, aplicadas por mim pelo desejo de estabelecer sentimentos fraternos (entre vocês e seus primos), para a conservação desta linhagem, e para o crescimento e prosperidade da população (da terra). Quando conciliação falhou, eu empreguei a arte de (produzir) dissensões e mencionei, ó Pandavas, todos os seus feitos ordinários e extraordinários. De fato, quando Suyodhana não mostrou respeito pelas palavras conciliadoras, (que eu falei), eu fiz todos os reis serem reunidos e me esforcei para produzir dissensões (entre eles). Indicações extraordinárias e horríveis e terríveis e sobre-humanas, ó Bharata, foram então manifestadas por mim. Ó senhor, repreendendo todos os reis, fazendo pouco de Suyodhana, apavorando o filho de Radha e repetidamente criticando o filho de Suvala pelo jogo dos filhos de Dhritarashtra, e novamente me esforçando para desunir todos os reis por meio de palavras e intrigas, eu outra vez recorri à conciliação. Pela unidade da família de Kuru e em vista dos requisitos especiais do propósito (à mão), eu falei também de presentes. De fato, eu disse, 'Aqueles heróis, os filhos de Pandu, sacrificando seu orgulho, viverão na dependência de Dhritarashtra, Bhishma e Vidura. Que o reino seja dado para ti. Que eles não tenham poder. Que tudo seja como o rei (Dhritarashtra), como o filho de Ganga (Bhishma) e como Vidura dizem para o teu bem. Que o reino seja teu. Ceda somente cinco aldeias (para os Pandavas). Ó melhor dos reis, sem dúvida eles merecem ser sustentados pelo teu pai.' Embora endereçado dessa maneira, aquela pessoa má entretanto não lhes dá sua parte. Eu, portanto, vejo que punição, e nada mais, é agora o meio que deve ser empregado contra aquelas pessoas pecaminosas. De fato, todos aqueles reis já marcharam para Kurukshetra. Eu agora te falei tudo o que aconteceu na assembléia dos Kurus. Eles não vão, ó filho de Pandu, te dar o reino sem batalha. Com a morte esperando diante deles, eles todos se tornaram a causa de uma destruição geral.'"

151

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras de Janardana, o rei Yudhishthira o justo, de alma virtuosa, se dirigiu a seus irmãos na presença de Kesava e disse, 'Vocês ouviram tudo o que aconteceu na corte dos Kurus reunidos. Vocês também entenderam as palavras proferidas por Kesava. Ó melhores dos homens, coloquem, portanto, minhas tropas agora em formação de batalha na qual elas devem lutar. Aqui estão sete Akshauhinis de tropas reunidos para nossa vitória. Ouçam os nomes daqueles sete guerreiros célebres que conduzirão estes sete Akshauhinis. Eles são Drupada, e Virata, e Dhristadyumna, e Sikhandin, e Satyaki, Chekitana, e Bhimasena de grande energia. Aqueles heróis serão os líderes de minhas tropas. Todos eles estão familiarizados com os Vedas. Dotados de grande coragem, todos eles têm praticado votos excelentes. Possuidores de modéstia, todos são familiarizados com política, e aperfeiçoados em guerra. Bem habilidosos com flechas e armas, todos eles são competentes no uso de todas as espécies de armas. Diga-nos agora, ó Sahadeva, ó filho da linhagem de Kuru, quem é aquele guerreiro, familiarizado com todos os tipos de formações de combate, que pode se tornar o líder destes sete e pode também resistir em batalha a Bhishma que é como um fogo tendo flechas como suas chamas. Nos dê tua própria opinião, ó tigre entre homens, quanto a quem é digno de ser nosso generalíssimo.'

"Sahadeva disse, 'Relacionado estreitamente conosco, simpatizando conosco em nosso infortúnio, dotado de grande poder, conhecedor de todas as virtudes, hábil em armas, e irresistível em batalha, o rei poderoso dos Matsyas, Virata, confiando em quem nós esperamos recuperar nossa parte do reino, será capaz de resistir em batalha a Bhishma e a todos aqueles poderosos guerreiros em carros.'"

"Vaisampayana continuou, 'Depois que Sahadeva tinha dito isso, o eloquente Nakula então disse estas palavras, 'Ele que em idade, em conhecimento de escrituras, em perseverança, em família e nascimento, é respeitável; ele que é dotado de modéstia, força, e prosperidade; ele que é versado em todos os ramos de erudição; ele que estudou a ciência de armas (com o sábio Bharadwaja); ele que é irresistível e firmemente devotado à verdade; ele que sempre desafia Drona e o poderoso Bhishma; ele que pertence a uma das principais das casas reais; ele que é um líder famoso de hostes; ele que parece com uma árvore de cem ramos por causa dos filhos e netos que o circundam; aquele rei que, com sua esposa, realizou, movido por ira, as penitências mais austeras para a destruição de Drona; aquele herói que é um ornamento de assembléias; aquele touro entre os monarcas que sempre nos aprecia como um pai; aquele nosso sogro, Drupada, deve ser nosso generalíssimo. É minha opinião que ele poderá resistir a ambos Drona e Bhishma avançando para a batalha, pois aquele rei é o amigo do descendente de Angira, Drona, e está familiarizado com armas celestes.'

Depois que os dois filhos de Madri tinham expressado dessa maneira suas opiniões individuais, o filho de Vasava, Savyasachin, que era igual ao próprio Vasava, disse estas palavras, 'Esta pessoa celeste da cor do fogo e dotada de braços fortes, que surgiu pelo poder de penitências ascéticas e da satisfação de

sábios; que emanou do buraco do fogo sacrifical armado com arco e espada, envolvido em armadura de aço, sobre um carro ao qual estavam unidos corcéis excelentes da melhor raça, e o estrépito de cujas rodas é tão profundo como o ribombar de massas imensas de nuvens; aquele herói dotado daquela energia e força e parecendo com o próprio leão em sua estrutura de corpo e bravura, e possuidor de ombros, braços, e peito leoninos, e voz como o rugido do leão; este herói de grande refulgência; este guerreiro de sobrancelhas bonitas, bons dentes, bochechas redondas, braços compridos, de feitio corpulento, coxas excelentes, grandes olhos expansivos, pernas excelentes, e corpo forte; este príncipe que é incapaz de ser penetrado por armas de qualquer tipo, e que parece com um elefante com têmporas fendidas; este Dhrishtadyumna de fala sincera, e com paixões sob controle, nasceu para a destruição de Drona. É este Dhrishtadyumna, eu penso, que será capaz de resistir às flechas de Bhishma as quais golpeiam com a intensidade do raio e parecem cobras com bocas ardentes, que parecem com os mensageiros de Yama em velocidade, e caem como chamas de fogo (consumindo tudo o que tocam), e que foram resistidas antes somente por Rama em batalha. Eu, ó rei, não vejo o homem exceto Dhrishtadyumna que possa resistir a Bhishma de votos formidáveis. Isto é exatamente o que eu penso. Dotado de grande agilidade de mão e conhecedor de todos os modos de guerra, envolvido em cota de malha que é incapaz de ser penetrada por armas, este herói bonito, parecendo com o líder de uma manada de elefantes, é, segundo minha opinião, apto para ser nosso generalíssimo.'

"Bhima então disse, 'Aquele filho de Drupada, Sikhandin, que nasceu para a destruição de Bhishma, como é dito, ó rei, pelos sábios e Siddhas em conjunto, cuja forma no campo de batalha, enquanto expondo armas celestes, será vista por homens se assemelhando com a do próprio Rama ilustre, eu não vejo, ó rei, a pessoa que seja capaz de perfurar com armas aquele Sikhandin, quando ele está posicionado para batalha em seu carro, envolvido em armadura. Exceto o heróico Sikhandin, não há outro guerreiro que possa matar Bhishma em duelo. É por isto, ó rei, que eu acho que Sikhandin é apto para ser nosso generalíssimo.'

"Yudhishthira disse, 'Ó senhores, a força e fraqueza, poder e debilidade de tudo no universo, e as intenções de todas as pessoas aqui, são bem conhecidos pelo virtuoso Kesava. Hábil ou não-hábil em armas, velho ou jovem, que seja o líder dos meus exércitos aquele que for indicado por Krishna da linhagem de Dasarha. Ele mesmo é a base do nosso sucesso ou derrota. Nele estão nossas vidas, nosso reino, nossa prosperidade e adversidade, nossa felicidade e tristeza. Ele mesmo é o Ordenador e Criador. Nele está estabelecida a realização dos nossos desejos. Portanto, que seja o líder da nossa hoste aquele que possa ser nomeado por Krishna. Que aquele principal dos oradores diga, pois a noite se aproxima. Tendo escolhido nosso líder, reverenciado nossas armas com oferendas de flores e perfumes, nós iremos, no romper do dia, sob as ordens de Krishna marchar para o campo de batalha!'

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras do rei inteligente, Yudhishthira o justo, Krishna de olhos de lótus disse, olhando para Dhananjaya, o branco, (e disse), ‘Ó rei, eu aprovo totalmente todos aqueles guerreiros poderosos

que vocês citaram para se tornarem os líderes das tuas tropas. Todos eles são competentes para resistir aos teus inimigos. De fato, eles podem assustar o próprio Indra em grande batalha, sem falar dos filhos cobiçosos e de mente má de Dhritarashtra. Ó tu de braços fortes, pelo teu bem eu fiz grandes esforços para impedir a batalha por ocasionar a paz. Por isso nós estamos livres da dívida que temos para com a virtude. Pessoas repreensivas não poderão nos repreender por nada. O tolo Duryodhana, desprovido de inteligência, se considera hábil em armas, e embora realmente fraco se acha possuidor de força. Organize tuas tropas logo, pois matança é o único meio pelo qual eles podem ceder às nossas exigências. De fato, os filhos de Dhritarashtra nunca poderão manter seu terreno quando eles virem Dhananjaya com Yuyudhana como seu segundo, e Abhimanyu, e os cinco filhos de Draupadi, e Virata, e Drupada, e os outros reis de bravura feroz, todos senhores de Akshauhinis. Nosso exército é possuidor de grande força, e é invencível e incapaz de ser resistido. Sem dúvida, ele matará a hoste de Dhritarashtra. Com relação ao nosso líder, eu indicarei aquele castigador de inimigos, Dhrishtadyumna.'"

152

"Vaisampayana disse, 'Quando Krishna disse isso, todos os monarcas lá se encheram de alegria. E o grito dado por aqueles reis contentíssimos foi tremendo. E as tropas começaram a se movimentar com grande velocidade, dizendo, 'Alinhem-se! Alinhem-se!' E os relinchos de corcéis e rugidos de elefantes e o estrépito de rodas de carros e o clangor de conchas e o som de baterias, ouvidos em todos os lugares, produziram um rumor tremendo. E abundando com carros e soldados de infantaria e corcéis e elefantes, aquela hoste invencível dos Pandavas que marchava se movendo para lá e para cá, vestindo suas armaduras, e proferindo seus gritos de guerra, parecia com a corrente impetuosa do Ganga quando em sua cheia, agitada com redemoinhos e ondas violentas. E na vanguarda daquela hoste marchavam Bhimasena, e os dois filhos de Madri envolvidos em suas cotas de malha, e o filho de Subhadra e os cinco filhos de Draupadi e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata. E os Prabhadrakas e os Panchalas marchavam atrás de Bhimasena. E o rumor feito pelas hostes marchantes, cheias de alegria, era semelhante aos rugidos do oceano quando a maré é mais alta no dia da lua nova. De fato, o tumulto era tal que ele parecia alcançar os próprios céus. E capazes de romper tropas hostis, aqueles guerreiros vestidos em armadura marcharam assim, cheios de alegria. E o filho de Kunti, o rei Yudhishthira, marchava entre eles, levando com ele os carros e outros veículos para transporte, os estoques de alimento e forragem, as tendas, carruagens, e os gados de carga, os cofres, as máquinas e armas, os cirurgiões e médicos, os inválidos, e todos os soldados emaciados e fracos, e todos os servidores e vivandeiros. E a sincera Draupadi, a princesa de Panchala, acompanhada pelas senhoras da família, e cercada por servos e empregadas, permaneceu em Upaplavya. E fazendo seu tesouro e damas serem protegidos por grupos de soldados, alguns dos quais estavam colocados como linhas permanentes de circunvalação e alguns mandados se movimentarem em volta a uma distância

daquela linha, os Pandavas partiram com sua hoste imensa. E tendo feito presentes de vacas e ouro para os Brahmanas, que andaram em volta deles e proferiram bênçãos, os filhos de Pandu começaram a marchar em seus carros ornamentados com jóias. E os príncipes de Kekaya, e Dhrishtaketu, e o filho do rei dos Kasis, e Srenimat, e Vasudana, e o invencível Sikhandin, todos sãos e bem dispostos, vestidos em armaduras e armados com armas e enfeitados com ornamentos marcharam atrás de Yudhishthira, mantendo-o em seu centro. E na retaguarda estavam Virata, o filho de Yajnasena da linhagem de Somaka (Dhrishtadyumna), Susarman, Kuntibhoja, os filhos de Dhrishtadyumna, quarenta mil carros, cinco vezes esse número de cavaleiros, infantaria dez vezes mais numerosa (do que a última), e sessenta mil elefantes. E Anadhrishti, e Chekitana e Dhrishtaketu e Satyaki marchavam todos cercando Vasudeva e Dhananjaya. E alcançando o campo de Kurukshetra com suas tropas em formação de batalha, aqueles batedores, os filhos de Pandu, pareciam com touros rugindo. E entrando no campo, aqueles castigadores de inimigos sopraram suas conchas. E Vasudeva e Dhananjaya também sopraram suas conchas. E ouvindo o clangor da concha chamada Panchajanya, que parecia o ribombar do trovão, todos os guerreiros (do exército Pandava) ficaram cheios de alegria. E os rugidos leoninos daqueles guerreiros, dotados de grande agilidade de mão e rapidez de movimento, se misturando com o clangor de conchas e batida de baterias, fizeram a terra inteira, o firmamento, e os oceanos ressoarem com eles.'"

153

"Vaisampayana disse, 'O rei Yudhishthira então fez suas tropas acamparem em uma parte do campo que era nivelada, fresca, e abundando com grama e combustível. Evitando cemitérios, templos e solos consagrados às divindades, retiros de sábios, santuários, e outros locais sagrados, o filho de grande alma de Kunti, Yudhishthira, montou seu acampamento em uma parte encantadora, fértil, acessível e sagrada da planície. E levantando-se, novamente, depois que seus animais tinham descansado o suficiente, o rei partiu alegremente cercado por centenas e milhares de monarcas. E Kesava acompanhado por Partha começou a se movimentar, dispersando numerosos soldados de Dhritarashtra (mantidos como postos avançados). E Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata e aquele poderoso guerreiro em carro de grande energia, isto é, Yuyudhana, também chamado Satyaki, mediram a área para o acampamento. E chegando, ó Bharata, no sagrado Hiranwati que flui através de Kurukshetra, o qual estava cheio com água sagrada, e cujo leito era desprovido de seixos pontudos e lama, e que era considerado como um tirtha excelente, Kesava fez um fosso ser escavado lá, e para sua proteção colocou um número suficiente de tropas com instruções apropriadas. E as regras que eram observadas em relação às tendas dos Pandavas de grande alma foram seguidas por Kesava a respeito das tendas que ele fez serem montadas para os reis (que vieram como seus aliados). E, ó monarca, tendas caras, incapazes de serem atacadas, separadas umas das outras, foram, às centenas e milhares, montadas para aqueles reis sobre a

superfície da terra, que pareciam com residências suntuosas e abundavam com combustíveis e comestíveis e bebidas. E lá estavam reunidos centenas e centenas de mecânicos habilidosos, recebendo salários regulares, e cirurgiões e médicos, bem versados em sua própria ciência, e equipados com todos os componentes que eles pudessem precisar. E o rei Yudhishthira fez serem colocadas em todos os pavilhões grandes quantidades, altas como colinas, de cordas de arcos e arcos e cotas de malha e armas, mel e manteiga clarificada, laca socada, água, forragem de gado, debulha e carvões, máquinas pesadas, flechas compridas, lanças, machados de batalha, bastões de arco, peitorais, cimitarras e aljavas. E inúmeros elefantes envolvidos em chapas de aço com ferrões sobre elas, enormes como colinas, e capazes de lutar com centenas e milhares, eram vistos lá. E sabendo que os Pandavas tinham acampado naquele campo, seus aliados, ó Bharata, com suas forças e animais, começaram a marchar para lá. E muitos reis que tinham praticado votos Brahmacharya, bebido Soma (consagrado) e tinham feitos grande presentes para Brahmanas em sacrifícios, foram lá para o êxito dos filhos de Pandu.'"

154

"Janamejaya disse, 'Sabendo que Yudhishthira tinha, com suas tropas, marchado pelo desejo de batalha e acampado em Kurukshetra, protegido por Vasudeva, e ajudado por Virata e Drupada com seus filhos, e circundado pelos Kekayas, os Vrishnis, e outros reis às centenas, e guardado por numerosos guerreiros em carros poderosos como o próprio grande Indra pelos Adityas, que medidas foram planejadas pelo rei Duryodhana? Ó de grande alma, eu desejo ouvir em detalhes tudo o que aconteceu em Kurujangala naquela ocasião terrível. O filho de Pandu, com Vasudeva e Virata e Drupada e Dhrishtadyumna, o príncipe Panchala e aquele poderoso guerreiro em carro Sikhandin e o forte Yudhamanyu, incapaz de ser resistido pelos próprios deuses, poderiam afligir as próprias divindades em batalha com Indra em sua chefia. Eu, portanto, desejo ouvir em detalhes, ó tu que és possuidor de riqueza de ascetismo, todas as ações dos Kurus e dos Pandavas conforme elas aconteceram.'

"Vaisampayana disse, 'Quando ele da linhagem de Dasarha tinha partido (da corte Kuru), o rei Duryodhana, se dirigindo a Karna e Dussasana e Sakuni, disse estas palavras, 'Kesava foi aos filhos de Pritha sem ter sido capaz de alcançar seu objetivo. Cheio de ira como ele está, ele certamente estimulará os Pandavas. Uma batalha entre eu e os Pandavas é muito desejada por Vasudeva. Bhimasena e Arjuna são sempre da mesma opinião que ele. Yudhishthira, também, está muito sob a influência de Bhimasena. Antes disto, Yudhishthira com todos os seus irmãos foi perseguido por mim. Virata e Drupada com quem eu tinha empreendido hostilidades, obedientes a Vasudeva, se tornaram ambos os líderes da hoste de Yudhishthira. A batalha, portanto, que ocorrerá, será violenta e terrível. Expulsando toda indolência, façam todas as preparações para o combate. Que os reis (meus aliados) montem suas tendas às centenas e milhares em Kurukshetra, todas as quais devem ser espaçosas, incapazes de serem aproximadas por

inimigos, perto suficiente de lugares ricos em água e combustível, em tais posições que as passagens para lá para enviar suprimentos não possam ser interrompidas em qualquer tempo pelo inimigo; cheias de armas de diversos tipos, e ornamentadas com flâmulas e bandeiras. Que a estrada da nossa cidade para o campo seja tornada plana para sua marcha. Que seja anunciado hoje mesmo, sem perda de tempo, que nossa marcha começará amanhã.' (Ouvindo estas palavras do rei), eles disseram, 'Assim seja,' e quando chegou o dia seguinte, aquelas pessoas de grande alma fizeram tudo o que elas tinham sido mandadas fazer para a acomodação dos monarcas. E todos aqueles monarcas (enquanto isso), ouvindo a ordem do rei, se levantaram de seus assentos caros, com ira tendo o inimigo como seu objeto. E eles começaram lentamente a esfregar seus braços semelhantes a maças, brilhando com pulseiras de ouro, e enfeitados com pasta de sândalo e outras substâncias fragrantes. E eles também começaram, com aquelas mãos como lotos deles, a vestir suas proteções para a cabeça e peças de roupa inferiores e superiores e diversas espécies de ornamentos. E muitos principais dos guerreiros em carros começaram a superintender o equipamento de seus carros, e pessoas familiarizadas com o cuidado de cavalos começaram a arrear seus corcéis, enquanto aqueles versados em assuntos relativos a elefantes começaram a equipar aqueles animais enormes. E todos aqueles guerreiros começaram a vestir diversas espécies de armaduras belas feitas de ouro, e a se armarem com diversas armas. E os soldados de infantaria começaram a pegar vários tipos de armas e envolver seus corpos em vários tipos de armaduras enfeitadas com ouro. E, ó Bharata, a cidade de Duryodhana então, cheia como estava com milhões jubilosos, apresentava o aspecto brilhante de uma ocasião festiva. E, ó rei, a capital Kuru na expectativa da batalha parecia com o oceano no aparecimento da lua, com as multidões vastas de humanidade representando suas águas com seus redemoinhos; os carros, elefantes, e cavalos representando seus peixes; o tumulto de conchas e baterias, seu ribombar; os cofres, suas pedras preciosas e jóias; as diversas espécies de ornamentos e armaduras suas ondas; as armas brilhantes sua espuma branca; as fileiras de casas as montanhas em suas margens; e as estradas e lojas, como lagos!'"

155

"Vaisampayana disse, 'Lembrando-se das palavras faladas por Vasudeva, Yudhishthira mais uma vez se dirigiu àquele descendente da linhagem de Vrishni, dizendo, 'Como, ó Kesava, o perverso Duryodhana pôde dizer isto? Ó tu de glória imorredoura, o que nós devemos fazer em vista da ocasião que chegou? Por agir de que maneira nós podemos continuar no caminho do nosso dever? Tu, ó Vasudeva, conheces as opiniões de Duryodhana, Karna, e Sakuni, o filho de Suvala. Tu sabes também quais idéias são nutridas por eu mesmo e meus irmãos. Tu ouviste as palavras proferidas por Vidura e Bhishma. Ó tu de grande sabedoria, tu também ouviste em sua totalidade as palavras de sabedoria faladas por Kunti. Examinando tudo isto, nos diga, ó tu de braços fortes, depois de reflexão, e sem hesitação, o que é para o nosso bem.'

Ouvindo estas palavras do rei Yudhishthira o justo, que eram repletas de virtude e lucro, Krishna respondeu em uma voz profunda como aquelas das nuvens ou pratos, dizendo, 'Correspondendo à sua vantagem e consistentes com virtude e lucro, aquelas palavras que foram proferidas por mim na corte Kuru não encontraram resposta no príncipe Kuru Duryodhana em quem falsidade preenche o lugar de sabedoria. Aquele patife de mente pecaminosa não ouviu de maneira alguma aos conselhos de Bhishma ou Vidura ou meus. Ele contrariou a todos. Ele não deseja ganhar virtude, nem ele deseja renome. Aquele indivíduo de alma perversa, confiando em Karna, considera tudo como já ganho. De fato, Suyodhana de coração mau e pecaminoso em suas resoluções até ordenou meu encarceramento embora ele, no entanto, não tenha obtido a realização de seu desejo. Nem Bhishma nem Drona disseram alguma coisa sobre aquele assunto. De fato, todos seguem Duryodhana, exceto Vidura. Ó tu de gloria imperecível, Sakuni, o filho de Suvala, e Karna, e Dussasana, todos igualmente tolos, deram ao tolo e vingativo Duryodhana muitos conselhos impróprios com relação a ti. De fato, que utilidade há em eu repetir para ti tudo aquilo que o príncipe Kuru disse? Em resumo, aquele sujeito de alma perversa não tem boa vontade em direção a ti. Nem mesmo em todos estes reis juntos, que formam teu exército, existe aquela medida de pecaminosidade e maldade que reside em Duryodhana sozinho. Em relação a nós, nós não desejamos fazer as pazes com os Kauravas por abandonar nossa propriedade. Guerra, portanto, é o que deve acontecer agora.'

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras proferidas por Vasudeva, todos os reis (lá presentes), ó Bharata, sem dizerem qualquer coisa, olharam para o rosto de Yudhishthira. E Yudhishthira, compreendendo a intenção dos monarcas, disse, com Bhima e Arjuna e os gêmeos, 'Organizem as tropas em formação de batalha.' E a palavra de ordem tendo sido passada, um grande tumulto surgiu entre o exército Pandava e todos os soldados estavam cheios de alegria. O rei Yudhishthira o justo, no entanto, vendo o (iminente) massacre daqueles que não mereciam ser mortos, começou a suspirar profundamente, e se dirigindo a Bhimasena e Vijaya, disse, 'Aquilo por causa do qual eu aceitei um exílio nas florestas e pelo qual eu sofri tanta miséria, aquele grande infortúnio nos alcançou deliberadamente. Aquilo pelo qual nós nos esforçamos tanto nos deixa como se por causa do nosso próprio esforço. Por outro lado, uma grande desgraça nos alcança, embora nós não tenhamos feito nada para atraí-la. Como nós lutaremos com aqueles (nossos) superiores veneráveis a quem nós de modo nenhum podemos matar? Que espécie de vitória nós obteremos por matar nossos preceptores de idade venerável?'

Ouvindo estas palavras do rei Yudhishthira o justo, Savyasachin repetiu para seu irmão mais velho todas aquelas palavras que Vasudeva tinha dito. E se dirigindo a Yudhishthira, Arjuna continuou, 'Tu, ó rei, sem dúvida entendeste todas as palavras faladas por Kunti e Vidura, que foram repetidas para ti pelo filho de Devaki. Eu sei com certeza que nem Vidura nem Kunti diriam qualquer coisa que fosse pecaminosa. Além disto, ó filho de Kunti, nós não podemos nos retirar sem nos empenharmos em combate.'

Ouvindo estas palavras de Savyasachin, Vasudeva também disse para Partha, ‘É assim mesmo (como tu disseste).’ Os filhos de Pandu então, ó grande rei, se decidiram pela guerra, e passaram aquela noite com seus soldados em grande felicidade.'"

156

"Vaisampayana disse, 'Depois que a noite tinha passado, o rei Duryodhana, ó Bharata, distribuiu (em ordem apropriada) seus onze Akshauhinis de tropas. E organizando seus homens, elefantes, carros, e corcéis em três classes, isto é, superior, mediana, e inferior, o rei os distribuiu entre suas divisões (por colocá-los na vanguarda, centro, e retaguarda das tropas). E equipadas com madeira e tábuas para consertar os danos que seus carros poderiam sofrer na pressão da batalha, com grandes aljavas levadas sobre carros, com peles de tigre e outros couros firmes para envolver os lados dos carros, com dados farpados para serem lançados pela mão, com aljavas levadas nas costas de corcéis e elefantes, com lanças de ferro de cabo longo e mísseis, com aljavas levadas nas costas de soldados de infantaria, com cassetetes pesados de madeira, com mastros de bandeira e estandartes, com longas flechas pesadas disparadas de arcos, com diversas espécies de laços e laçadores, com armaduras de vários tipos, com clavas de madeira com pontas afiadas, com óleo, melaço, e areia, com vasos de barro cheios com cobras venenosas, com laca triturada e outras substâncias inflamáveis, com lanças curtas equipadas com sinos tilintando, com diversas armas de ferro, e máquinas para arremessar melaço quente, água, e pedras, com clavas sibilantes de madeira dura, com cera e malhos pesados, com bastões de madeira tendo pontas de ferro, com estacas de arado e dardos envenenados, com seringas compridas para despejar melaço quente e pranchas de caniço, com machados de batalha e lanças bifurcadas, com manoplas com ferrões, com machados e cavilhas de ferro pontudas, com carros tendo seus lados cobertos com peles de tigre e leopardo, com pranchas de madeira circulares de cantos afiados, com chifres, com dardos e várias outras armas de ataque, com machados do tipo kuthara, e espadas, com tecidos molhados em óleo, e com manteiga clarificada, as divisões de Duryodhana, reluzindo com mantos bordados com ouro e ornamentada com várias espécies de jóias e pedras preciosas e consistindo em guerreiros dotados de corpos bonitos, brilhavam como fogo. E envolvidas em cotas de malha e bem habilidosas com armas, talentosas em cuidar de cavalos, pessoas corajosas de bom nascimento foram empregadas como motoristas de carro. E todos os carros estavam equipados com vários remédios, e com cavalos tendo fileiras de sinos e pérolas em suas cabeças, e com estandartes e mastros de bandeira, e com ornamentos enfeitando seus campanários e torres e com escudos, espadas, e lanças, e dardos e maças com ferrões. E a cada um daqueles carros estavam unidos quatro corcéis da melhor raça. E sobre cada um deles eram mantidos cem arcos. E cada carro tinha um motorista encarregado do par de corcéis à frente, e dois motoristas encarregados do par de corcéis ligados às rodas nos dois lados. E ambos os motoristas citados por último eram hábeis guerreiros em carros, enquanto o próprio guerreiro do carro era também hábil em

dirigir corcéis. E milhares de carros assim equipados e ornados com ouro, e protegidos como cidades fortificadas e incapazes de ser conquistados por inimigos, estavam estacionados por toda parte. E os elefantes também estavam equipados com fileiras de sinos e pérolas e enfeitados com diversos ornamentos. E nas costas de cada um daqueles animais montavam sete guerreiros. E por causa de tais acessórios aqueles animais pareciam com colinas adornadas com jóias. E entre os sete, dois estavam armados com ganchos, dois eram arqueiros excelentes, dois eram espadachins de primeira categoria, e um, ó rei, estava armado com uma lança e tridente. E, ó rei, o exército do ilustre rei Kuru estava cheio de inúmeros elefantes enfurecidos, levando em suas costas carregamentos de armas e aljavas cheias de flechas. E havia também milhares de corcéis conduzidos por soldados valentes vestidos em armadura, enfeitados com ornamentos, e equipados com bandeiras. E numerando centenas e milhares, todos aqueles corcéis eram livres do hábito de riscar o solo com suas patas dianteiras. E eles eram todos bem treinados, e enfeitados com ornamentos de ouro, e muito obedientes aos seus cavaleiros. E de soldados de infantaria havia centenas de milhares de diversas aparências, vestidos em armaduras de diversos tipos e armados também com armas de diversas espécies, e enfeitados com ornamentos dourados. E para cada carro estavam designados dez elefantes, e para cada elefante dez cavalos, e para cada cavalo dez soldados de infantaria, como protetores. Além disso, uma grande formação de tropas foi mantida como uma reserva para reagrupar as tropas que fossem divididas. E esta reserva consistia em carros, a cada dos quais estavam ligados cinquenta elefantes; e a cada elefante estavam ligados cem cavalos; e a cada cavalo estavam ligados sete soldados de infantaria. Quinhentos carros, o mesmo número de elefantes (quinze centenas de cavalos, e dois mil e quinhentos soldados de infantaria) constituem um Sena. Dez Senas constituem um Pritana; e dez Pritanas, um Vahini. Em linguajar comum, no entanto, as palavras Sena, Vahini, Pritana, Dhwajini, Chamu, Akshauhini, e Varuthini são usadas no mesmo sentido.

Foi dessa maneira que o inteligente Kaurava organizou seu exército. Entre os dois lados, o número total era de dezoito Akshauhinis. Disto, a força Pandava consistia em sete Akshauhinis, enquanto a força Kaurava consistia em dez Akshauhinis e mais um. Cinco vezes cinquenta homens constituem um Patti. Três Pattis fazem um Senamukha ou Gulma. Três Gulmas fazem um Gana. No exército de Duryodhana havia milhares e centenas de tais Ganas consistindo em guerreiros capazes de derrotar (o inimigo) e ansiosos pela batalha. E o rei poderosamente armado Duryodhana, selecionando dentre eles guerreiros corajosos e inteligentes, tornou-os líderes de suas tropas. E colocando um Akshauhini de tropas sob cada um destes melhores dos homens, isto é, Kripa, Drona, Salya, Jayadratha, o rei dos Sindhus, Sudakshina o soberano dos Kamvojas, Kritavarman, o filho de Drona (Aswatthaman), Karna, Bhurisravas, Sakuni, o filho de Suvala, e o poderoso Vahlika, o rei costumava trazê-los diariamente diante dele e em todas as horas, e falar a eles. E ele repetidamente lhes oferecia culto perante seus próprios olhos. E assim nomeados, todos os guerreiros, com todos os seus seguidores, ficaram desejosos de fazer o que era mais agradável para o rei.'"

157

"Vaisampayana disse, ‘O filho de Dhritarashtra, acompanhado por todos os reis, então se dirigiu a Bhishma, filho de Santanu, e com mãos unidas disse a ele estas palavras, 'Sem um comandante, até um exército poderoso é derrotado em batalha como um bando de formigas. A inteligência de duas pessoas nunca pode combinar. Diferentes comandantes, além disso, são ciumentos um do outro em relação à sua destreza. Ó tu de grande sabedoria, é sabido (por nós) que (uma vez) os Brahmanas, erguendo um estandarte de erva Kusa, enfrentaram em batalha os Kshatriyas do clã Haihaya dotado de energia incomensurável. Ó avô, os Vaisyas e os Sudras seguiram os Brahmanas, pelo que todas as três classes estavam de um lado, enquanto aqueles touros entre os Kshatriyas estavam sós no outro. Nas batalhas, no entanto, que se seguiram, as três classes repetidamente se dividiram, enquanto os Kshatriyas, embora sós, venceram aquele exército grande que se opunha a eles. Então aqueles melhores dos Brahmanas perguntaram aos próprios Kshatriyas (quanto à causa disto). Ó avô, aqueles que eram virtuosos entre os Kshatriyas deram a resposta verdadeira aos perguntadores, dizendo, 'Em batalha nós obedecemos às ordens de uma pessoa dotada de grande inteligência, enquanto vocês são desunidos uns com os outros e agem de acordo com sua compreensão individual.' Os Brahmanas então nomearam um entre eles mesmos como seu comandante, que era corajoso e conhecedor dos caminhos de política. E eles então conseguiram derrotar os Kshatriyas. Assim sempre conquistam seus inimigos em batalha aquelas pessoas que nomeiam um comandante hábil, valente, e impecável, atento ao bem das forças armadas sob ele. Em relação a ti, tu és igual ao próprio Usanas, e sempre procuras meu bem. Incapaz de ser morto, tu és, além disso, devotado à virtude. Seja tu, portanto, nosso comandante. Como o sol entre todos os corpos luminosos, como a lua para todas as ervas deliciosas, como Kuvera entre os Yakshas, como Vasava entre os deuses, como Meru entre as montanhas, Suparna entre as aves, Kumara entre os deuses, Havyavaha entre os Vasus, és tu entre nós. Como os deuses protegidos por Sakra, nós, protegidos por ti, seguramente nos tornaremos invencíveis pelos próprios deuses. Como o filho de Agni (Kumara) na chefia dos deuses, marche tu em nossa vanguarda, e nos deixe seguir a ti como bezerros seguindo a liderança de um touro poderoso.'

"Bhishma disse, 'Ó de braços fortes, é assim mesmo, ó Bharata, como tu disseste. Mas os Pandavas são tão queridos para mim quanto vocês. Portanto, ó rei, eu devo certamente procurar o bem deles também, embora eu deva certamente lutar por ti, tendo te dado uma promessa (antes) com essa finalidade. Eu não vejo o guerreiro sobre a terra que esteja à minha altura, exceto aquele tigre entre homens, Dhananjaya, o filho de Kunti. Dotado de grande inteligência, ele está familiarizado com inúmeras armas celestes. Aquele filho de Pandu, no entanto, nunca lutará comigo abertamente. Com o poder das minhas armas, eu posso, em um instante, destruir este universo consistindo em deuses, Asuras, Rakshasas, e seres humanos. Os filhos de Pandu, no entanto, ó rei, não podem

ser exterminados por mim. Eu, portanto, matarei todo dia dez mil guerreiros. Se, de fato, eles não me matarem primeiro em batalha, eu continuarei a massacrar suas tropas dessa maneira. Não há outro entendimento pelo qual eu possa me tornar de boa vontade o comandante dos teus exércitos. Cabe a ti escutar a isso, ó senhor da terra: ou Karna deve lutar primeiro, ou eu lutarei primeiro. O filho de Suta sempre conta vantagem de sua destreza em batalha, comparando-a com a minha.'

"Karna disse, 'Enquanto o filho de Ganga viver, ó rei, eu nunca lutarei. Depois que Bhishma estiver morto eu lutarei com o manejador do Gandiva.'

"Vaisampayana continuou, 'Depois disto, o filho de Dhritarashtra devidamente fez de Bhishma o comandante de sua força militar, distribuindo grandes presentes. E depois de sua instalação no comando, ele resplandeceu com beleza. E por ordem do rei, músicos alegremente tocaram baterias e sopraram conchas às centenas e milhares. E numerosos rugidos leoninos foram dados e todos os animais no campo proferiram seus gritos juntos. E embora o céu estivesse sem nuvens, uma chuva sangrenta caiu e tornou o solo lamacento. E violentos redemoinhos de vento, e terremotos, e rugidos de elefantes, ocorrendo, deprimiram os corações de todos os guerreiros. Vozes incorpóreas e lampejos de quedas meteóricas foram ouvidos e vistos no firmamento. E chacais, uivando ferozmente, predisseram grande calamidade. E, ó monarca, estes e uma centena de outros tipos de presságios violentos fizeram seu aparecimento quando o rei instalou o filho de Ganga no comando de suas tropas. E depois de fazer Bhishma, aquele opressor de hostes hostis, seu general, e tendo feito também abundantes presentes de vacas e ouro aos Brahmanas para pronunciarem bênçãos sobre ele, e glorificado por aquelas bênçãos, e cercado por suas tropas, e com o filho de Ganga na vanguarda, e acompanhado por seus irmãos, Duryodhana marchou para Kurukshetra com sua grande hoste. E o rei Kuru, passando pela planície com Karna em sua companhia, fez seu campo ser medido sobre uma parte nivelada, ó monarca, daquela planície. E o acampamento, montado em um local encantador e fértil rico em grama e combustível, brilhava como a própria Hastinapura.'"

158

"Janamejaya disse, 'Quando Yudhishthira soube que Bhishma, o filho de grande alma de Ganga, o principal de todos os manejadores de armas, o avô dos Bharatas, o chefe de todos os reis, o rival de Vrihaspati em intelecto, parecendo o oceano em gravidade, as montanhas de Himavat em calma, o próprio Criador em nobreza, e o sol em energia, e capaz de matar hostes hostis como o próprio grande Indra por derramar suas flechas, tinha sido instalado, até sua remoção por morte, no comando do exército Kuru na véspera do grande sacrifício da batalha, terrível em sua aparência e capaz de fazer os cabelos se arrepiarem, o que aquele filho de braços fortes de Pandu, aquele principal dos manejadores de armas, disse? O que também Bhima e Arjuna disseram? E o que também Krishna disse?'

"Vaisampayana disse, 'Quando foi recebida a notícia disto, Yudhishthira dotado de grande inteligência e bem familiarizado com que devia ser feito em vista de perigo e calamidade convocou todos os seus irmãos e também o eterno Vasudeva (à sua presença). E aquele principal dos oradores então disse em uma voz suave, 'Façam suas rondas entre os soldados, e permaneçam cuidadosamente se envolvendo em armadura. Nosso primeiro encontro será com nosso avô. Procurem por (sete) líderes para os sete Akshauhinis de minhas tropas.'

Krishna disse, 'Aquelas palavras de grave significado, as quais, ó touro da raça Bharata, cabe a ti proferir em uma ocasião como esta, foram, de fato, proferidas por ti. Isto mesmo, ó poderosamente armado, é o que eu também acho bom. Que, portanto, seja feito aquilo que deve ser feito em seguida. Que, de fato, sete líderes sejam escolhidos para o teu exército.'"

"Vaisampayana continuou, 'Convocando então aqueles guerreiros ávidos pela batalha, isto é, Drupada e Virata, e aquele touro da linhagem de Sini, e Dhrishtadyumna o príncipe de Panchala, e o rei Dhrishtaketu, e o príncipe Shikhandi de Panchala, e Sahadeva, o soberano dos Magadhas, Yudhishthira devidamente os nomeou no comando de suas sete divisões. E acima deles todos foi colocado no comando de todas as tropas aquele Dhrishtadyumna que tinha surgido do ardente fogo (sacrifical) para a destruição de Drona. E Dhananjaya, de cabelo encaracolado, foi feito o líder de todos aqueles líderes de grande alma. E o belo Janardana dotado de grande inteligência, ele que era o irmão mais novo de Sankarshana, foi escolhido como o guia de Arjuna e o condutor de seus corcéis.

E vendo que uma batalha muito destrutiva estava prestes a se realizar, chegaram lá, ó rei, ao acampamento Pandava, Halayudha, acompanhado por Akrura, e Gada e Samva, e Uddhava, e o filho de Rukmini (Pradyumna), e os filhos de Ahuka, e Charudeshna, e outros. E cercado e protegido por aqueles principais guerreiros da linhagem Vrishni, parecendo com um bando de tigres poderosos, como Vasava no meio dos Maruts, o belo Rama de braços fortes, vestido em roupas de seda azul e parecendo o pico da montanha Kailasa, e dotado do modo de andar esportivo do leão e possuidor de olhos tendo suas extremidades avermelhadas com bebida, chegou lá (em tal momento). E vendo ele, o rei Yudhishthira o justo, e Kesava de grande refulgência, e o filho de Pritha Vrikodara de feitos terríveis, e (Arjuna) o manejador do Gandiva, e todos os outros reis que estavam lá, se ergueram de seus assentos. E eles todos ofereceram culto a Halayudha quando ele chegou àquele local. E o rei Pandava tocou as mãos de Rama com as suas. E aquele castigador de inimigos, Halayudha, em retorno, abordando eles todos com Vasudeva em sua dianteira, e saudando (respeitosamente) Virata e Drupada que eram mais velhos em idade, sentou-se no mesmo assento com Yudhishthira. E depois que os reis tinham tomado seus assentos, o filho de Rohini, lançando seus olhos em Vasudeva, começou a falar. E ele disse, 'Este massacre terrível e violento é inevitável. Ele é, sem dúvida, um decreto do destino, e eu penso que isto não pode ser impedido. Deixem-me esperança, no entanto, de ver todos vocês, com seus amigos, saírem com segurança desta luta, com corpos intactos e perfeitamente saudáveis. Sem dúvida, todos os Kshatriyas do mundo que estão reunidos têm sua hora chegada.

Uma escaramuça feroz cobrindo (a terra) com uma lama de carne e sangue com certeza se realizará. Eu disse para Vasudeva repetidamente em particular, 'Ó matador de Madhu, para aqueles que têm relacionamento igual conosco, observe um comportamento igual. Como os Pandavas são para nós, assim mesmo é o rei Duryodhana. Portanto, dê a ele também a mesma ajuda. De fato, ele repetidamente solicita isto.' Por tua causa, no entanto, o matador de Madhu não considerou minhas palavras. Olhando para Dhananjaya, ele com todo seu coração está dedicado à sua causa. Isto mesmo é o que eu penso sem dúvida, ou seja, que a vitória dos Pandavas é certa, pois o desejo de Vasudeva, ó Bharata, é exatamente este. Em relação a mim mesmo, eu não ouso lançar meus olhos no mundo sem Krishna (ao meu lado). É por isto que eu sigo o que quer que Krishna procure realizar. Ambos destes heróis, bem habilidosos em combate com a maça, são meus discípulos. Minha afeição, portanto, por Bhima é igual àquela pelo rei Duryodhana. Por estas razões, eu irei agora para o tirtha de Saraswati para abluções, pois eu não serei capaz de contemplar com indiferença a destruição dos Kauravas.'

Tendo dito isso, Rama de braços poderosos, obtendo a permissão dos Pandavas, e fazendo o matador de Madhu desistir (de segui-lo mais longe), partiu em sua jornada para as águas sagradas.'"

159

"Vaisampayana disse, 'Perto dessa hora entrou no acampamento Pandava o filho de Bhishmaka, principal entre todas as pessoas de resolução sincera, e muito conhecido pelo nome de Rukmi. Bhishmaka de grande alma, que era também chamado de rei Hiranyaroman, era amigo de Indra. E ele era o mais ilustre entre os descendentes de Bhoja e era o soberano do país sulista inteiro. E Rukmi foi um discípulo daquele leão entre os Kimpurushas que era conhecido pelo nome de Drona, tendo sua residência nas montanhas de Gandhamadana. E ele tinha aprendido de seu preceptor toda a ciência de armas com suas quatro divisões. E aquele guerreiro de braços fortes tinha obtido também o arco chamado Vijaya de feitura celeste, pertencente ao grande Indra, e que era igual ao Gandiva em energia e também ao Sarnga (possuído por Krishna). Havia três arcos celestiais possuídos pelos habitantes do céu, isto é, Gandiva possuído por Varuna, o arco chamado Vijaya possuído por Indra, e aquele outro arco celeste de grande energia citado como possuído por Vishnu. Este último (Sarnga), capaz de infligir medo nos corações de guerreiros hostis, era possuído por Krishna. O arco chamado Gandiva foi obtido pelo filho de Indra (Arjuna) de Agni na ocasião do incêndio de Khandava, enquanto o arco chamado Vijaya foi obtido de Drona por Rukmi de grande energia. Frustrando os laços de Mura e matando por seu poder aquele Asura, e subjugando Naraka, o filho da Terra, Hrishikesa, enquanto recuperava os brincos enfeitados com pedras preciosas (de Aditi), com dezesseis mil moças e várias espécies de jóias e pedras preciosas, obteve aquele arco excelente chamado Sarnga. E Rukmi tendo obtido o arco chamado Vijaya cujo som parecia com o

ribombar das nuvens foi até os Pandavas, como se inspirando o universo inteiro com temor. Antigamente, orgulhoso do poder de seus próprios braços, o heróico Rukmi não pôde tolerar o rapto de sua irmã Rukmini pelo sábio Vasudeva. Ele saiu em perseguição, tendo jurado que não voltaria sem ter matado Janardana. E acompanhado por um grande exército consistindo em quatro espécies de tropas que ocupava (enquanto marchava) uma porção muito grande da terra, envolvido em belas cotas de malha e armado com diversas armas e parecendo com a correnteza cheia do Ganga, aquele principal de todos os manejadores de armas partiu em perseguição a Vasudeva da linhagem de Vrishni. E tendo se aproximado dele da linhagem de Vrishni, que era senhor e mestre de tudo obtenível por austeridades ascéticas, Rukmi, ó rei, foi derrotado e coberto com vergonha. E por isto ele não voltou para (sua cidade) Kundina. E no local onde aquele matador de heróis hostis foi vencido por Krishna ele construiu uma excelente cidade chamada Bhojakata. E, ó rei, aquela cidade cheia com grandes tropas e abundando em elefantes e corcéis é amplamente conhecida na terra por esse nome. Dotado de grande energia, aquele herói, vestido em armadura e armado com arcos, grades, espadas e aljavas, entrou rapidamente no acampamento Pandava, cercado por um Akshauhini de tropas. E Rukmi entrou naquele exército vasto, sob um estandarte refulgente como o sol, e se fez conhecer aos Pandavas, pelo desejo de fazer o que era agradável para Vasudeva. O rei Yudhishthira, avançando uns poucos passos, lhe ofereceu culto. E devidamente adorado e elogiado pelos Pandavas, Rukmi saudou-os em retorno e descansou por um tempo com suas tropas. E se dirigindo a Dhananjaya, o filho de Kunti, no meio dos heróis lá reunidos ele disse, 'Se, ó filho de Pandu, tu estás com medo, eu estou aqui para te prestar auxílio na batalha. A ajuda que eu te darei será insuportável por teus inimigos. Não há homem neste mundo que seja igual a mim em heroísmo. Eu matarei aqueles teus inimigos que tu, ó filho de Pandu, designares para mim. Eu matarei um daqueles heróis: Drona e Kripa, e Bhishma, e Karna. Ou, que todos estes reis da terra fiquem à distância. Matando em batalha teus inimigos eu mesmo, eu te darei a Terra.' E ele disse isso na presença do rei Yudhishthira o justo e de Kesava e na audição dos monarcas (reunidos) e de todos os outros (no campo). Então lançando seus olhos em Vasudeva e no filho de Pandu o rei Yudhishthira o justo, Dhananjaya, o filho inteligente de Kunti, sorridente, mas em uma voz amistosa disse estas palavras, 'Nascido da família de Kuru, sendo especialmente o filho de Pandu, citando Drona como meu preceptor, tendo Vasudeva como meu aliado, e possuindo, além disso, o arco chamado Gandiva, como eu posso dizer que eu estou com medo? Ó herói, quando na ocasião da contagem do gado eu lutei com os Gandharvas poderosos, quem estava lá para me ajudar? Naquele combate terrível também com os Deuses e Danavas reunidos em grandes números em Khandava, quem era meu aliado quando eu lutei? Quando, também, eu lutei com os Nivatakavachas e com aqueles outros Danavas chamados Kalakeyas, quem foi meu aliado? Quando, além disso, na cidade de Virata eu lutei com os inumeráveis Kurus, quem foi meu aliado naquela luta? Tendo prestado meus respeitos, por causa da batalha, a Rudra, Sakra, Vaisravana, Yama, Varuna, Pavaka, Kripa, Drona, e Madhava, e manejando aquele resistente arco celeste de grande energia chamado Gandiva, e equipado com flechas inesgotáveis e armado com armas celestes, como pode uma pessoa

como eu, ó tigre entre homens, dizer, mesmo a respeito de Indra armado com o raio, palavras tais como ‘Eu estou com medo’? Palavras que privam alguém de todo o seu renome? Ó tu de armas poderosas, eu não estou com medo, nem tenho qualquer necessidade da tua ajuda. Vá, portanto, ou fique, como isto te agradar ou te for conveniente.' Ouvindo estas palavras de Arjuna, Rukmi, levando com ele seu exército vasto como o mar, se dirigiu então, ó touro da linhagem de Bharata, até Duryodhana. E o rei Rukmi, se dirigindo para lá, disse as mesmas palavras para Duryodhana. Mas aquele rei orgulhoso de sua coragem o rejeitou da mesma maneira.

Assim, ó rei, duas pessoas se retiraram da batalha, ou seja, o filho de Rohini (Rama) de linhagem de Vrishni, e o rei Rukmi. E depois que Rama tinha partido em sua peregrinação aos tirthas, e o filho de Bhishmaka Rukmi tinha partido dessa maneira, os filhos de Pandu mais uma vez se sentaram para consultar uns com os outros. E aquele conclave presidido pelo rei Yudhishthira o justo, cheio de monarcas numerosos, brilhava como o firmamento coberto com corpos luminosos menores com a lua em seu meio.'"

160

“Janamejaya disse, ‘Depois que os soldados tinham sido organizados dessa maneira para a batalha (no campo de Kurukshetra), o que, ó touro entre os Brahmanas, os Kauravas fizeram então, incitados como eles foram pelo próprio destino?’”

“Vaisampayana disse, ‘Depois que os soldados, ó touro da raça Bharata, tinham sido organizados assim em ordem de batalha, Dhritarashtra, ó rei, disse estas palavras para Sanjaya.’”

"Dhritarashtra disse, 'Venha, ó Sanjaya, conte-me com os detalhes mais completos tudo o que aconteceu no acampamento das tropas Kuru e Pandava. Eu considero o destino como superior, e o esforço inútil, pois embora eu compreenda as más consequências da guerra que levará somente à ruína, contudo eu sou incapaz de impedir meu filho que se regozija em jogar e considera a falsidade como sabedoria. Compreendendo tudo, eu ainda não sou capaz de assegurar meu próprio bem-estar. Ó Suta, minha inteligência é capaz de ver os defeitos (das medidas), mas quando eu me aproximo de Duryodhana, aquela minha inteligência se desvia (daquele caminho correto). Quando tal é o caso, ó Sanjaya, será aquilo que deve ser. De fato, o sacrifício do corpo físico em batalha é o dever louvável de todo Kshatriya.'

Sanjaya disse, 'Esta questão, ó grande rei, que tu formulaste, é de fato, digna de ti. Não cabe a ti, no entanto, imputar toda a culpa a Duryodhana somente. Ouça-me, ó rei, enquanto eu falo disto exaustivamente. Aquele homem que obtém infortúnio por seu próprio comportamento impróprio nunca deve atribuir a falha ao tempo ou aos deuses. Ó grande rei, aquele entre os homens que perpetra todas as ações más merece ser morto por cometer aquelas ações. Afligidos com injúrias

por causa da partida de dados, os filhos de Pandu, no entanto, com todos os seus conselheiros suportaram quietamente todas aquelas injúrias, olhando, ó melhor dos homens, para teu rosto somente. Ouça de mim detalhadamente, ó rei, sobre o massacre que está prestes a se realizar em batalha, de corcéis e elefantes e reis dotados de energia incomensurável. Ouvindo pacientemente, ó tu que és dotado de grande sabedoria, a respeito da destruição do mundo na batalha violenta que foi ocasionada, chegue a esta conclusão e nenhuma outra, ou seja, que o homem nunca é o agente de seus atos certos ou errados. De fato, como um mecanismo de madeira, o homem não é um agente (em tudo o que ele faz). A este respeito, três opiniões são nutridas; alguns dizem que tudo é ordenado por Deus; alguns dizem que nossas ações são o resultado do livre-arbítrio; e outros dizem que nossas ações são o resultado daquelas das nossas vidas passadas. Escute então, portanto, com paciência, ao mal que veio sobre nós.'"

161

(Uluka Dutagamana Parva)

"Sanjaya disse, 'Depois que os Pandavas de grande alma, ó rei, tinham acampado ao lado do Hiranwati, os Kauravas também fixaram seus acampamentos. E o rei Duryodhana tendo postado fortemente suas tropas e prestado homenagem a todos os reis (do seu lado) e plantado postos avançados e grupos de soldados para a proteção de guerreiros, convocou aqueles soberanos de homens, ou seja, Karna e Dussasana e Sakuni, o filho de Suvala, e começou, ó Bharata, a consultar com eles. E o rei Duryodhana, ó Bharata, tendo (primeiro) consultado com Karna, e (em seguida), ó monarca, com Karna e seu (próprio) irmão Dussasana, e o filho de Suvala todos juntos, então convocou, ó touro entre homens, Uluka e trazendo-o à sua presença em particular disse a ele, ó rei, estas palavras, 'Ó Uluka, ó filho de um perito no jogo de dados, vá até os Pandavas e os Somakas. E indo para lá, repita estas minhas palavras (para Yudhishthira) na audição de Vasudeva. ‘Esta batalha terrível entre os Kurus e os Pandavas, que era esperada desde muito tempo atrás, finalmente chegou. Aquelas palavras jactanciosas que Sanjaya trouxe para mim, no meio dos Kurus e que tu, com Vasudeva e teus irmãos mais novos, proferiste em rugido profundo, finalmente chegou a hora, ó filho de Kunti, de confirmá-las. Realizem, portanto, tudo o que vocês mesmos garantiram realizar.’ Para o filho mais velho de Kunti tu deves dizer, como minhas palavras, o seguinte, 'Virtuoso como tu és, como tu podes então, com todos os teus irmãos, com os Somakas, e os Kekayas, fixar teu coração na iniquidade? Como tu podes desejar a destruição do mundo, quando, como eu penso, tu deves ser o dissipador dos temores de todas as criaturas? Ó touro da raça Bharata, este sloka cantado antigamente por Prahlada quando seu reino tinha sido tirado à força dele pelos deuses, foi ouvido por nós, ‘Ó deuses, aquela pessoa cujo estandarte de retidão está sempre no alto, mas cujos pecados estão sempre escondidos é citada como adotando o comportamento do gato (na história).' Eu aqui repetirei para ti, ó rei, esta história excelente recitada por Narada

para meu pai. Um gato malvado, ó rei, uma vez fixou sua residência nas margens do Ganges, abandonando todo o trabalho e com suas mãos erguidas (da mesma maneira de um devoto). Fingindo ter purificado seu coração, ele disse para todas as criaturas estas palavras, para inspirar confiança nelas: ‘Eu estou agora praticando a virtude.’ Depois de um longo tempo, todas as criaturas ovíparas depositaram confiança nele, e indo até ele todas juntas, ó monarca, elas todas elogiavam aquele gato. E adorado por todas as criaturas emplumadas, aquele devorador de criaturas aladas considerou seu propósito já realizado, como também o propósito de suas austeridades. E depois de mais algum tempo os ratos foram àquele lugar. E estes também todos viram que ele era um ser virtuoso engajado no cumprimento de votos, e orgulhosamente se esforçando em um grande ato. E tendo chegado àquela firme convicção, eles nutriram o seguinte desejo, ó rei, ‘Nós temos muitos inimigos. Que este, portanto, se torne nosso tio materno, e que ele sempre proteja todos os velhos e os jovens da nossa raça.’ E indo finalmente ao gato, todos eles disseram, 'Pela tua graça nós desejamos vagar em felicidade. Tu és nosso abrigo benevolente, tu és nosso grande amigo. Por isto, todos nós nos colocamos sob tua proteção. Tu és sempre devotado à virtude, tu estás sempre engajado na aquisição de virtude. Ó tu de grande sabedoria, nos proteja, portanto, como o manejador do raio protegendo os celestiais.' Assim endereçado, ó rei, por todos os ratos, o gato respondeu a eles, dizendo, 'Eu não vejo a compatibilidade destes dois, isto é, minhas buscas ascéticas e esta proteção (que eu sou rogado a conceder). Eu não posso evitar, no entanto, fazer bem a vocês em conformidade com seu pedido. Vocês todos, ao mesmo tempo, devem sempre obedecer minhas palavras. Permanecendo como eu estou na observância de um voto rígido, eu estou enfraquecido por minhas práticas ascéticas. Eu, portanto, não vejo os meios de me mover de lugar para lugar. Vocês todos devem, portanto, me levar daqui todos os dias para a margem do rio.' Dizendo, 'Assim seja' os ratos então, ó touro da raça Bharata, transferiram todos os seus velhos e jovens para aquele gato. Então aquela criatura pecaminosa de alma perversa, se alimentando de ratos, gradualmente se tornou gordo e de boa cor e forte em seus membros. E assim enquanto os ratos começaram a ser reduzidos em número, o gato começou a crescer em vigor e força. Então todos os ratos, se reunindo, disseram uns aos outros, 'Nosso tio está diariamente se tornando robusto, enquanto nós estamos sendo diariamente reduzidos (em número)!' Então certo camundongo dotado de sabedoria, chamado Dindika, disse, ó rei, estas palavras para o grande bando de ratos reunido lá, 'Vão todos vocês à margem do rio juntos. Eu seguirei vocês, acompanhando nosso tio.' 'Excelente! Excelente!' eles disseram, e aplaudiram aquele de seu número. E eles todos fizeram exatamente como aquelas palavras de grave significado faladas por Dindika pareciam indicar. O gato, no entanto, não sabendo de tudo isto, comeu Dindika naquele dia. Todos os ratos então, sem perderem muito tempo, começaram a se aconselhar uns com os outros. Então um camundongo muito velho, chamado Kilika disse estas palavras justas, ó rei, na presença de todos os seus parentes, 'Nosso tio não está realmente desejoso de ganhar virtude. Ele, como um hipócrita, se tornou nosso amigo quando na verdade ele é nosso inimigo. De fato, as fezes de uma criatura que vive somente de frutas e raízes nunca contém pêlo ou pele. Então, além disso, enquanto seus membros estão

crescendo, nosso número está diminuindo. Além disso, Dindika não foi visto por estes oito dias.' Ouvindo estas palavras, os ratos fugiram em todas as direções. E aquele gato também de alma perversa voltou para o lugar de onde ele veio. Ó tu de alma pecaminosa, tu também és um praticante de tal comportamento felino. Tu te comportas em direção aos teus parentes da mesma maneira que o gato (na história) em direção aos ratos. Tuas palavras são de um tipo, e teu comportamento é de outro. Tua (devoção à) escritura e tua quietude de comportamento são somente para exibição diante dos homens. Abandonando esta hipocrisia, ó rei, adote as práticas de um Kshatriya e faça tudo o que alguém deve fazer como tal. Tu não és virtuoso, ó touro entre homens? Obtendo a terra por meio da destreza de teus braços, faça presentes, ó melhor dos Bharatas, para os Brahmanas e para os espíritos dos teus antepassados falecidos como se deve. Procurando o bem daquela tua mãe que tem sido afligida com angústia por uma série de anos, seque as lágrimas dela, e conceda honras a ela por venceres (teus inimigos) em batalha. Tu, com grande abjeção, solicitaste somente cinco aldeias. Até isso foi rejeitado por nós, pois como nós poderíamos ocasionar uma batalha, como nós poderíamos conseguir enfurecer os Pandavas, era tudo o que nós procurávamos. Lembrando-te de que foi por tua causa que o pecaminoso Vidura foi expulso (por nós) e que nós tentamos queimar vocês todos na casa de laca, seja um homem agora; no momento da partida de Krishna (de Upaplavya) para a corte Kuru, tu através dele comunicaste esta mensagem (a nós), ou seja: ‘Ouça, ó rei, eu estou preparado para guerra ou paz!’ Saiba, ó monarca, que chegou a hora de lutar. Ó Yudhishthira, eu fiz todos estes preparativos em vista disso. O que um Kshatriya considera como uma acessão (de boa sorte) mais apreciável do que a batalha? Tu nasceste na classe Kshatriya. Tu também és conhecido no mundo. Tendo obtido também armas de Drona e Kripa, por que, ó touro da raça Bharata, tu confias em Vasudeva que pertence à mesma ordem de vida que tu e que não é superior a ti em poder?'

Tu deves também dizer para Vasudeva na presença dos Pandavas estas palavras, ‘Por tua própria causa, como também pelos Pandavas, resista a mim em batalha com todas as tuas forças! Assumindo mais uma vez aquela forma que tu assumiste antes na corte Kuru, avance com Arjuna contra mim (no campo)! Um conjurador de truques ou ilusões pode (às vezes) inspirar terror. Mas em relação à pessoa que permanece armada para lutar, tais ilusões (em vez de inspirarem medo) somente provocam raiva! Nós também somos competentes, por nossos poderes de ilusão, de ascender para o céu ou o firmamento, ou penetrar na região inferior, ou na cidade de Indra! Nós também podemos expor várias formas em nosso próprio corpo! O grande Ordenador traz todas as criaturas à submissão por um decreto de Sua vontade (e nunca por meio de tal conjurador de truques)! Tu sempre dizes, ó tu da linhagem de Vrishni, estas palavras, isto é, ‘Fazendo os filhos de Dhritarashtra serem mortos em batalha, eu concederei soberania incontestável aos filhos de Pritha!’ Estas tuas palavras foram trazidas a mim por Sanjaya. Tu também disseste, 'Saibam, ó Kauravas, que é com Arjuna, tendo a mim como seu segundo, que vocês provocaram hostilidades!' Sinceramente aderindo àquele penhor, empregue tua energia pelos Pandavas e lute agora em batalha com todas as tuas forças! Mostre-nos que tu podes ser um homem! É

citado como estando realmente vivo aquele que, tendo averiguado (a bravura de seus) inimigos inspira aflição neles por recorrer à verdadeira virilidade! Sem qualquer razão, ó Krishna, grande tem sido tua fama espalhada no mundo! No entanto, logo será sabido que há muitos homens no mundo que são realmente eunucos embora possuidores dos sinais de virilidade. Um escravo de Kansa, especialmente como tu és, um monarca como eu nunca deve se cobrir em armadura contra ti!'

Diga (em seguida) repetidamente, de mim, ó Uluka, para aquele estúpido, ignorante, glutão Bhimasena, que é mesmo como um touro embora privado de chifres, estas palavras: 'Ó filho de Pritha, tu te tornaste um cozinheiro, conhecido pelo nome de Vallabha, na cidade de Virata! Tudo isso é evidência da tua virilidade! Não deixe o voto que tu fizeste antes no meio da corte Kuru ser falsificado! Que o sangue de Dussasana seja bebido se tu és capaz! Ó filho de Kunti, tu muitas vezes disseste, 'Eu matarei rapidamente os filhos de Dhritarashtra em combate!' Agora chegou a hora de realizar isso! Ó Bharata, tu mereces ser recompensado na arte culinária! A diferença, no entanto, é muito grande entre temperar comida e lutar! Lute agora, seja um homem! De fato, tu terás que jazer, carente de vida, sobre a terra, abraçando a tua maça, ó Bharata! A jactância à qual tu te entregaste no meio da assembléia é toda inútil, ó Vrikodara!'

Diga, ó Uluka, para Nakula, de minha parte, estas palavras: 'Lute agora, ó Bharata, pacientemente! Nós desejamos, ó Bharata, ver tua coragem, tua reverência por Yudhishthira, e teu ódio por mim! Recorde em sua totalidade os sofrimentos que Krishna tem sofrido!'

Em seguida, tu deves dizer estas minhas palavras para Sahadeva na presença dos monarcas (reunidos), 'Lute em batalha agora, com todas as tuas forças! Lembre-te de todas as suas aflições!'

Diga em seguida, de mim, para Virata e Drupada, estas palavras: 'Desde o início da criação, escravos, mesmo dotados de grandes talentos, nunca puderam entender completamente seus mestres. Nem reis ricos têm sido sempre capazes de entender seus escravos! 'Este rei não merece louvor,' possivelmente, sob tal crença, vocês vêm contra mim! Juntos, lutem, portanto, contra mim para efetuar minha morte, e realizem os objetivos que vocês têm em vista, como também aqueles que os Pandavas têm!'

Diga também, de mim, para Dhrishtadyumna, o príncipe dos Panchalas, estas palavras: 'A hora agora chegou para ti, e tu também chegaste à tua hora! Aproximando-te de Drona em batalha tu saberás o que é bom para ti! Realize o propósito do teu amigo! Realize aquela façanha que é de realização difícil!'

Diga em seguida, repetidamente, de mim, ó Uluka, para Sikhandin, estas palavras, 'O poderosamente armado Kaurava, principal de todos os arqueiros, o filho de Ganga (Bhishma), não te matará, sabendo que tu és somente uma mulher! Lute agora sem qualquer medo! Realize em batalha o que tu podes com todas as tuas forças! Nós desejamos ver a tua coragem!'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito isso, o rei Duryodhana deu risada. E se dirigindo a Uluka outra vez, ele disse, 'Diga novamente para Dhananjaya na audição de Vasudeva estas palavras: ‘Ó herói, ou nos derrotando governe este mundo, ou derrotado por nós jaza no campo (carente de vida)! Recordando os sofrimentos ocasionados por seu banimento do reino, as dores da sua estada nas florestas, e a aflição de Krishna, seja homem, ó filho de Pandu! Aquilo pelo qual uma dama Kshatriya cria um filho está agora chegando! Mostrando, portanto, em batalha, teu poder, energia, coragem, virilidade, e grande destreza e velocidade no uso de armas, satisfaça tua ira! Afligido com miséria, e desanimado e exilado (de casa) por muito tempo, e expulso de seu reino, quem há cujo coração não se partiria? Quem há, bem nascido, e bravo, e não cobiçoso da riqueza de outro, que não teria sua cólera excitada quando seu reino descendo de geração a geração é atacado? Realize em atos aquelas palavras nobres que tu disseste! Alguém que só se gaba sem ser capaz fazer alguma coisa é considerado como um homem sem valor por aqueles que são bons. Recupere teu reino e aquelas posses que são agora possuídas por teus inimigos! Estes dois são os propósitos que uma pessoa desejosa de guerra tem em vista. Mostre, portanto, tua virilidade! Tu foste ganho (como um escravo) no jogo de dados! Krishna foi levada por nós à assembléia! Aquele que se considera um homem deve certamente mostrar sua ira por isto! Por doze longos anos tu ficaste exilado de casa nas florestas, e um ano inteiro tu passaste a serviço de Virata! Lembrando-te das aflições do desterro do reino e da tua estada nas florestas, como também daquilo que Krishna sofreu, seja homem! Mostre tua ira em direção àqueles que repetidamente proferem palavras cruéis para ti e teus irmãos! De fato, cólera (tal como esta) consistirá em virilidade! Que tua raiva, teu poder e destreza, e conhecimento, e tua agilidade de mão no uso de armas, sejam mostrados! Lute, ó filho de Pritha, e prove ser um homem! Os encantamentos em relação a todas as tuas armas foram realizados. O campo de Kurukshetra está livre de lama. Teus corcéis estão robustos e fortes. Teus soldados têm recebido seu pagamento. Com Kesava, portanto, como (teu) segundo, lute (conosco)! Sem enfrentar Bhishma até agora, por que tu te entregas a semelhantes jactâncias? Como um tolo que, sem ter subido as montanhas Gandhamadana, se gaba (de sua façanha imaginária), tu, ó filho de Kunti, estás te jactando da mesma maneira, seja homem! Sem ter vencido em batalha o invencível Karna da classe Suta, ou Salya, aquela principal das pessoas, ou Drona, o principal de todos os guerreiros poderosos e igual ao marido de Sachi em batalha, como tu podes, ó Partha, cobiçar o teu reino? Ele que é um preceptor de conhecimento Védico e arte de manejar arco e flecha, ele que cruzou ambos aqueles ramos de conhecimento, ele que é o mais importante em batalha e imperturbável (como uma torre), ele cuja força não conhece diminuição, aquele comandante de exércitos, Drona de grande refulgência, a ele, ó Partha, tu desejas em vão conquistar! Nunca é ouvido que o pico Sumeru foi despedaçado pelo vento. Contudo até o vento levará Sumeru para longe, o próprio céu cairá na terra, os próprios Yugas serão alterados em relação ao seu curso, se o que tu me disseste se tornar verdadeiro! Que homem há, desejoso de vida, seja Partha ou alguém mais, que tendo se aproximado daquele opressor de inimigos seria capaz de voltar para casa com corpo intacto? Que pessoa há, andando sobre a terra com seus pés, que, enfrentado por Drona e Bhishma e atingido por suas flechas,

escaparia da batalha com vida? Como uma rã tendo sua residência em um poço, por que tu não és capaz de perceber o poder deste vasto exército de monarcas reunidos, invencível, parecendo com a própria hoste celeste, e protegido por estes senhores de homens, como a hoste celeste pelos próprios deuses, protegido que é pelos reis do Leste, do Oeste, do Sul e do Norte, pelos Kamvojas, os Sakas, os Khasas, os Salwas, os Matsyas, os Kurus do país do meio, os Mlechchhas, os Pulindas, os Dravidas, os Andhras, e os Kanchis, esta hoste de muitas nações, pronta para a batalha, e parecendo a correnteza do Ganga que não se pode cruzar? Ó tu de pouca inteligência, como tu podes, ó tolo, ousar lutar comigo quando posicionado no meio da minha hoste de elefantes? Tuas aljavas inesgotáveis, teu carro dado a ti por Agni, e teu estandarte celeste, ó Partha, serão todos, ó Bharata, testados por nós em batalha! Lute, ó Arjuna, sem te gabares! Por que tu te entregas a tanta jactância? Sucesso em batalha resulta do método no qual ela é lutada. Uma batalha nunca é ganha por jactância. Se, ó Dhananjaya, as ações neste mundo tivessem êxito por bazófia, todas as pessoas então teriam tido êxito em seus objetivos, pois quem não é competente para se gabar? Eu sei que tu tens Vasudeva como teu aliado. Eu sei que teu Gandiva tem seis cúbitos completos de comprimento. Eu sei que não há guerreiro igual a ti. Sabendo de tudo isto eu ainda retenho o teu reino! Um homem nunca obtém êxito por causa dos atributos de linhagem. É o Ordenador Supremo somente que por seu decreto de vontade faz coisas (hostis) amigavelmente subservientes. Por estes treze anos, eu tenho desfrutado da soberania enquanto vocês estavam chorando. Eu continuarei a governar da mesma maneira, matando a ti com teus parentes. Onde estava o teu Gandiva então, quando tu foste feito escravo ganho em aposta? Onde, ó Falguni, estava a força de Bhima então? Tua libertação então não veio nem de Bhimasena, armado com maça, nem de ti armado com Gandiva, mas da impecável Krishna. Foi ela, a filha da casa de Prishata, que libertou vocês todos, afundados em escravidão, engajados em ocupações dignas somente dos inferiores, e trabalhando como servidores. Eu caracterizei vocês todos como sementes de gergelim sem núcleo. Isto é verdade. Pois Partha, (algum tempo depois) não usou uma trança quando vivia na cidade de Virata? Nos aposentos da cozinha de Virata, Bhimasena estava fatigado por fazer o trabalho de um cozinheiro. Isto mesmo, ó filho de Pritha, é (evidência da) minha coragem! Fugindo de um confronto, com quadris e tranças e fitas na cintura, tu mesmo amarrando teu cabelo estavas empenhado em ensinar as moças a dançar? É assim que Kshatriyas sempre infligem castigo em Kshatriyas! Por medo de Vasudeva, ou por medo de ti, ó Falguni, eu não desistirei do reino! Lute com Kesava como teu aliado! Nem ilusão, nem conjuração de truques, nem prestidigitação podem apavorar o homem armado dirigido para a luta. Por outro lado, estes provocam somente sua ira. Mil Vasudevas, cem Falgunis, se aproximando de mim cujos braços e armas nunca avançam em vão certamente fugirão em todas as direções. Enfrente Bhishma em combate, ou bata na colina com tua cabeça, ou atravesse só com a ajuda dos teus dois braços o oceano vasto e profundo! Com relação ao meu exército, ele é um verdadeiro oceano com o filho de Saradwat como seu peixe grande, Vivingsati como sua cobra enorme, Bhishma como sua correnteza de força imensurável, Drona como seu jacaré inconquistável, Karna e Salwa e Salya seus peixes e redemoinhos, o soberano dos Kamvojas sua cabeça equina

emitindo fogo, Vrihadvala suas ondas violentas, o filho de Somadatta sua baleia, Yuyutsu e Durmarshana suas águas, Bhagadatta seu vento forte, Srutayus e o filho de Hridika seus golfos e baías, Dussasana sua corrente, Sushena e Chitrayuda seus elefantes aquáticos (hipopótamos) e crocodilos, Jayadratha sua rocha (submarina), Purumitra sua profundidade, e Sakuni suas margens! Quando, tendo mergulhado neste oceano se movimentando com suas ondas inesgotáveis de armas, tu, por fadiga, fores privado de sentidos e tiveres todos os teus parentes e amigos mortos, então o arrependimento possuirá teu coração! Então também teu coração se desviará do pensamento de governar a terra, como o coração de uma pessoa de feitos impuros se desviando da (esperança do) céu. De fato, para tu ganhares um reino para governar é tão impossível quanto para alguém não possuidor de mérito ascético alcançar o céu!'"

162

"Sanjaya disse, 'Tendo alcançado o acampamento Pandava, o filho do jogador (Uluka) se apresentou perante os Pandavas, e se dirigindo a Yudhishthira disse, 'Tu és totalmente familiarizado com o que enviados dizem! Não cabe a ti, portanto, ficar zangado comigo se eu somente repetir aquelas palavras que Duryodhana me instruiu a dizer!'

Ouvindo isto, Yudhishthira disse, 'Tu não tens que temer, ó Uluka! Diga-nos sem qualquer ansiedade quais são as opiniões do cobiçoso Duryodhana de visão limitada!' Então, no meio e presença dos Pandavas ilustres e de grande alma, dos Srinjayas, e de Krishna possuidor de grande renome, de Drupada com seus filhos, de Virata, e de todos os monarcas, Uluka disse estas palavras.'"

"Uluka disse, 'Isso mesmo é o que o rei Duryodhana de grande alma, na presença de todos os heróis Kuru, disse para ti! Ouça àquelas palavras, ó Yudhishthira! 'Tu foste derrotado nos dados, e Krishna foi levada para a assembléia! Nisto, uma pessoa que se considera um homem seria justificado em ceder à ira! Por doze anos tu foste banido de casa para as florestas! Por um ano inteiro tu viveste no serviço de Virata. Lembrando-te da razão que há para cólera, teu exílio, e a perseguição de Krishna, seja homem, ó filho de Pandu! Embora fraco, Bhima, porém, ó Pandava, fez um voto! Que ele, se capaz, beba o sangue de Dussasana! Tuas armas têm sido devidamente adoradas e suas divindades presidentes têm sido invocadas! O campo de Kurukshetra também está sem lama. As estradas estão planas. Teus corcéis estão bem alimentados. Empenhe-te na batalha, portanto, no dia seguinte, com Kesava como teu aliado! Sem ter ainda se aproximado Bhishma em batalha, por que tu te entregas a jactâncias? Como um tolo que se gaba de sua intenção de subir as montanhas de Gandhamadana, tu, ó filho de Kunti, estás te gabando em vão. Sem ter vencido em batalha o filho de Suta (Karna) que é invencível, e Salya, aquela principal das pessoas poderosas, e aqueles principais dos guerreiros e são iguais ao próprio marido de Sachi em combate, por que, ó filho de Pritha, tu desejas soberania? Um preceptor nos Vedas e no arco, ele alcançou o fim de ambos estes ramos de conhecimento. Tu

desejas inutilmente, ó filho de Pritha, derrotar aquele líder de tropas, o ilustre Drona, que luta na vanguarda, é incapaz de ser agitado, e cuja força não conhece diminuição. Nós nunca ouvimos que as montanhas de Sumeru foram quebradas pelo vento! Mas o vento levará Sumeru para longe, o próprio céu cairá na terra, os próprios Yugas serão invertidos se o que tu me disseste realmente ocorrer! Quem, apegado à vida, lutando das costas de um elefante ou de um cavalo ou de um carro, voltaria para casa (são e salvo), depois de ter enfrentado aquele opressor de inimigos? Que criatura pisando a terra com seus pés escaparia com vida da batalha, tendo sido atacada por Drona e Bhishma, ou perfurada por suas flechas terríveis? Como uma rã dentro de um poço, por que tu não percebes a força desta hoste reunida de monarcas, que parece a própria hoste celeste, e que é protegida por estes reis como os deuses protegendo a deles no céu, e que, enxameando com os reis do Leste, Oeste, Sul, e Norte, com Kamvojas, Sakas, Khasas, Salwas, Matsyas, Kurus do país do meio, Mlechchhas, Pulindas, Dravidas, Andhras, e Kanchis, de fato, com muitas nações, todas dirigidas para a batalha, impossível de atravessar como a maré elevada do Ganga? Ó tolo de pouca compreensão, como tu podes lutar comigo enquanto eu estiver colocado no meio da minha tropa de elefantes?'

Tendo dito estas palavras para o rei Yudhishthira, o filho de Dharma, Uluka, virando seu rosto então em direção a Jishnu, disse a ele estas palavras, 'Lute sem te gabares, ó Arjuna! Por que tu te gabas tanto? Sucesso resulta da aplicação de método. Uma batalha nunca é ganha por jactância. Se as ações neste mundo, ó Dhananjaya, fossem bem sucedidas somente por jactâncias, então todos os homens teriam êxito em seus objetivos, pois quem não é competente para se gabar? Eu sei que tu tens Vasudeva como teu aliado. Eu sei que o teu Gandiva tem seis cúbitos completos de comprimento. Eu sei que não há guerreiro igual a ti. Sabendo de tudo isso, eu ainda retenho o teu reino! Um homem nunca alcança êxito por consequência do atributo de linhagem. É somente o Ordenador Supremo que por seu decreto torna (coisas hostis) amistosas e subservientes. Por estes treze anos eu tenho desfrutado da soberania, enquanto vocês estavam chorando! Eu continuarei a governar da mesma maneira, matando a ti com teus parentes! Onde estava teu Gandiva então quando tu foste feito um escravo ganho nos dados? Onde, ó Falguni, estava a força de Bhimasena então? Tua libertação então não veio nem de Bhimasena armado com maça, nem de ti armado com Gandiva, mas da impecável Krishna. Foi ela, a filha da casa de Prishata, que libertou vocês todos, afundados em escravidão, engajados em ocupações dignas somente dos inferiores, e trabalhando como servidores! Eu caracterizei vocês como sementes de gergelim sem núcleo. Isto é realmente verdade, pois Partha não usou uma trança enquanto vivia na cidade de Virata? Nos aposentos da cozinha de Virata, Bhimasena estava fatigado por fazer o trabalho de um cozinheiro. Isto mesmo, ó filho de Pritha, é (evidência da) tua virilidade! Fugindo de um confronto, com tranças e fitas na cintura e amarrando teu cabelo em uma trança, tu foste empregado em ensinar as moças a dançar! É assim que Kshatriyas sempre infligem punição em um Kshatriya! Por medo de Vasudeva, ou por medo de ti, ó Falguni, eu não desistirei do reino. Lute, com Kesava como teu aliado! Nem ilusão, nem conjuração de truques, nem prestidigitação podem

apavorar um homem armado preparado para lutar. Por outro lado, tudo isso provoca somente sua ira. Mil Vasudevas, cem Falgunis, se aproximando de mim cuja pontaria e armas sempre são eficazes, fugirão em todas as direções. Enfrente Bhishma em combate, ou perfure as colinas com tua cabeça, ou atravesse com a ajuda dos teus dois braços o oceano vasto e profundo! Com relação ao meu exército, ele é um verdadeiro oceano com o filho de Saradwat como seu peixe grande; Vivingsati, seu peixe menor; Vrihadvala suas ondas; o filho de Somadatta sua baleia; Bhishma sua força imensa, Drona seu jacaré inconquistável; Karna e Salya seus peixes e redemoinhos, Kamvoja sua cabeça equina vomitando fogo, Jayadratha sua rocha (submarina); Purumitra sua profundidade; e Durmarshana suas águas, e Sakuni suas margens! Quando, tendo mergulhado neste oceano se movimentando com suas ondas inesgotáveis de armas, tu por fadiga fores privado dos teus sentidos, e tiveres todos os teus parentes e amigos mortos, então o arrependimento tomará conta do teu coração! Então teu coração se desviará, ó Partha, do pensamento de governar a terra como o coração de uma pessoa de feitos impuros se desviando da (esperança do) céu. De fato, tu ganhares um reino para governar é tão impossível quanto alguém não possuidor de mérito ascético alcançar o céu!'"

163

"Sanjaya disse, 'Ó monarca, provocando mais ainda Arjuna que era como uma cobra de veneno virulento, por meio daqueles seus golpes verbais Uluka mais uma vez repetiu as palavras que ele tinha falado uma vez. Os Pandavas, diante de tal repetição, tinham sido suficientemente provocados, mas ouvindo aquelas palavras (uma segunda vez) e recebendo aquelas críticas através do filho do jogador, eles foram provocados além de resistência. Eles todos se levantaram, e começaram a esticar seus braços. E parecendo com cobras de veneno virulento enfurecidas, eles começaram a olhar uns para os outros. E Bhimasena, com rosto para baixo, e respirando pesadamente como uma cobra, começou a olhar obliquamente para Kesava, dirigindo os cantos vermelho vivo de seus olhos em direção a ele. E vendo o filho do deus do vento muito atormentado e extremamente provocado com raiva, ele da linhagem de Dasarha se dirigiu sorridente ao filho do jogador e disse, 'Parta daqui sem a demora de um momento, ó filho do jogador, e diga para Suyodhana estas palavras: ‘Tuas palavras foram ouvidas e o sentido compreendido. Que se realize aquilo que tu desejas.' Tendo dito isso, ó melhor dos monarcas, Kesava de braços fortes olhou mais uma vez para Yudhishthira dotado de grande sabedoria. Então no meio e presença de todos os Srinjayas, de Krishna possuidor de grande fama, de Drupada com seus filhos, de Virata, e de todos os reis (lá reunidos), Uluka mais uma vez repetiu para Arjuna as palavras que ele tinha dito, provocando ele ainda mais por meio disso, como alguém incomodando uma cobra colérica de veneno virulento por meio de uma estaca. E ele também disse para todos eles, ou seja, Krishna e outros, aquelas palavras que Duryodhana tinha instruído ele a dizer. E ouvindo aquelas palavras duras e muito desagradáveis proferidas por Uluka, Partha estava muito irritado e limpou o suor de sua testa. E vendo Partha, ó rei, naquela condição,

aquela assembléia de monarcas não pôde tolerar isso em absoluto. E por causa daquele insulto à Krishna e à Partha de grande alma, os guerreiros em carros dos Pandavas estavam muito agitados. Embora dotados de grande firmeza de mente, aqueles tigres entre homens começaram a queimar com raiva. E Dhrishtadyumna e Sikhandin e aquele poderoso guerreiro em carro, Satyaki, e os cinco irmãos Kekaya, e o Rakshasa Ghatotkacha, os filhos de Draupadi, e Abhimanyu, e o rei Dhrishtaketu, e Bhimasena, dotado de grande bravura, e aqueles poderosos guerreiros em carros, os gêmeos, pularam de seus assentos, seus olhos vermelhos de raiva, agitando seus belos braços enfeitados com pasta vermelha de sândalo e ornamentos de ouro. Então Vrikodara, o filho de Kunti, entendendo seus gestos e ânimos, se levantou de um salto de seu assento. E rangendo seus dentes, e lambendo com sua língua os cantos de sua boca, e queimando com raiva, e apertando suas mãos e girando seus olhos ferozmente, disse estas palavras para Uluka, 'Tolo ignorante, agora foram ouvidas tuas palavras que Duryodhana disse para ti com o objetivo de nos provocar como se nós fôssemos um grupo de imbecis! Ouça agora as palavras que eu digo e que tu deves repetir para o inacessível Suyodhana no meio de todos os Kshatriyas e na audição do filho de Suta e de Sakuni de coração mau. 'Nós sempre procuramos gratificar nosso irmão mais velho! Foi por isto, ó tu de comportamento pecaminoso, que nós toleramos tuas ações. Tu não consideras isto como muito venturoso para ti? Foi somente para o bem da nossa família que o rei Yudhishthira o justo, dotado de grande inteligência, enviou Hrishikesa aos Kurus para ocasionar paz! Impelido pelo Destino, sem dúvida, tu estás desejoso de ir para a residência de Yama! Venha, lute conosco. Isso, no entanto, sem dúvida vai se realizar amanhã! Eu, de fato, fiz votos de matar a ti com teus irmãos! Ó tolo pecaminoso, não nutra a menor dúvida, pois será como eu prometi! O próprio oceano, a residência de Varuna, pode de repente ultrapassar seus continentes. As próprias montanhas podem se partir, contudo minhas palavras nunca podem ser falsas! Se o próprio Yama, ou Kuvera, ou Rudra te ajudarem, os Pandavas ainda realizarão o que eles prometeram! Eu certamente beberei o sangue de Dussasana segundo minha vontade! E eu também prometo que qualquer Kshatriya que se aproxime de mim com raiva, mesmo que ele venha com o próprio Bhishma na dianteira, eu o enviarei para a residência de Yama! Aquilo que eu disse no meio de uma assembléia Kshatriya sem dúvida será verdadeiro. Eu juro por minha alma!'

Ouvindo estas palavras de Bhimasena, o colérico Sahadeva também, com olhos vermelhos de raiva disse estas palavras na presença das tropas (reunidas), palavras que ficaram bem naquele herói orgulhoso. E ele disse, 'Ouça, ó pecaminoso, as palavras que eu profiro e que devem ser repetidas para teu pai! Uma divergência nunca teria ocorrido entre nós e os Kurus se Dhritarashtra não tivesse relacionamento contigo! De ações pecaminosas e o exterminador da tua própria família, tu nasceste como uma encarnação da disputa para a destruição do mundo inteiro como também para a destruição da linhagem de Dhritarashtra! Desde nosso nascimento, ó Uluka, aquele teu pai pecaminoso sempre procurou nos fazer injúria e mal. Eu desejo alcançar a margem oposta daquela relação hostil. Matando a ti primeiro diante dos próprios olhos de Sakuni, eu então matarei o próprio Sakuni na vista de todos os arqueiros!'

Ouvindo estas palavras de Bhima e Sahadeva, Falguni sorridente se dirigiu a Bhima, dizendo, 'Ó Bhimasena, aqueles que provocaram hostilidades contigo não podem viver! Embora eles possam morar alegremente em suas casas, aqueles tolos contudo estão enredados nas malhas da morte! Ó melhor dos homens, Uluka não merece ser endereçado severamente por ti! Que erro enviados cometem, repetindo como eles fazem somente o que eles são instruídos (a dizer)?' E tendo se dirigido dessa maneira a Bhima de bravura terrível, aquele herói de braços fortes então se dirigiu a seus aliados heróicos e simpatizantes encabeçados por Dhrishtadyumna, dizendo, 'Vocês ouviram as palavras do filho pecaminoso de Dhritarashtra em censura a Vasudeva e especialmente a mim! E ouvindo-as vocês estão cheios de raiva porque vocês nos desejam bem! Mas pelo poder de Vasudeva e seus esforços, eu não considero nem todos os Kshatriyas da terra juntos! Com sua permissão eu agora comunicarei para Uluka qual é a resposta àquelas palavras, o que, de fato, ele deve dizer para Duryodhana! Quando chegar a manhã, posicionado na dianteira da minha divisão, eu darei a resposta a estas palavras através do Gandiva! Pois aqueles que são eunucos respondem em palavras!'

Ouvindo isso, todos aqueles melhores dos reis aplaudiram Dhananjaya, surpresos pela simplicidade daquela resposta. O rei Yudhishthira o justo, então, tendo falado brandamente a todos os reis cada um de acordo com sua idade e como cada um merecia disse, finalmente, para Uluka estas palavras para que ele pudesse levá-las para Duryodhana. E Yudhishthira disse, 'Nenhum bom rei deve tolerar pacientemente um insulto. Tendo até agora ouvido o que tu tinhas a dizer, eu agora te direi qual é minha resposta!'

Tendo ouvido então, ó melhor da linhagem de Bharata, aquelas palavras de Duryodhana, Yudhishthira, aquele touro da raça Bharata, com olhos muito vermelhos de raiva e suspirando como uma cobra de veneno virulento, lambendo os cantos de sua boca com sua língua, como se inchando com cólera, e lançando seus olhos em Janardana e em seus próprios irmãos, disse para Uluka estas palavras eram repletas de suavidade e energia. E sacudindo seus braços massivos ele disse para o filho do jogador, 'Vá, ó Uluka, e diga para Duryodhana, aquele ingrato, encarnação de mente perversa de hostilidades, aquele patife infame de sua linhagem, estas palavras: ‘Ó patife pecaminoso, tu sempre te comportaste com desonestidade em direção aos Pandavas! Ó tolo pecaminoso, aquele que mostra sua coragem confiando na sua própria força e convoca seus inimigos (para a batalha) e cumpre suas próprias palavras, ele mesmo é um homem da classe Kshatriya! Seja um Kshatriya, ó canalha pecaminoso, e nos convoque para a batalha! Ó infame de tua raça, não venha para a batalha colocando em tua dianteira outros a quem nós professamos respeito! Ó Kaurava, confiando no teu próprio poder e naquele dos teus servos convoque os filhos de Pritha para batalha! Seja Kshatriya de todas as maneiras! Aquele que convoca seus inimigos confiando no poder de outros, ele mesmo incapaz de recebê-los é, de fato, um eunuco! Tu, no entanto, pensas grandemente sobre ti mesmo confiando no poder de outros! Sendo fraco e incapaz, por que então tu ruges assim (em palavras) para nós?'

"Krishna disse, 'Minhas palavras também, ó filho do jogador, devem ser comunicadas para Suyodhana. Que chegue para ti aquela manhã na qual a batalha vai se realizar. Ó tu de alma má, seja homem! Ó tolo, tu pensas: Janardana não lutará, já que ele foi escolhido pelos Pandavas para agir somente como um quadrigário, assim tu não estás alarmado. Isso, no entanto, não será, nem por um momento. Se minha ira for excitada, eu posso então destruir todos os reis (reunidos por ti) como um fogo consumindo uma pilha de palha. Por ordem de Yudhishthira, no entanto, eu somente cumprirei as funções de quadrigário para Falguni de grande alma, de sentidos sob controle completo e que sozinho, (entre nós dois) lutará! Se tu fugires além dos limites dos três mundos, se tu mergulhares nas profundidades da terra, tu verás, mesmo nesses locais, o carro de Arjuna amanhã de manhã. Tu pensas que as palavras de Bhima foram faladas em vão! Mas saiba que o sangue de Dussasana já foi bebido. Saiba também que embora tu tenhas proferido tais palavras zangadas e perversas, contudo nem Partha, nem o rei Yudhishthira, nem Bhimasena, nem algum dos gêmeos tem a mínima consideração por ti!'"

164

"Sanjaya disse, 'Tendo ouvido aquelas palavras de Duryodhana, Gudakesha de grande renome olhou para o filho do jogador com olhos extremamente vermelhos. E olhando para Kesava também e sacudindo seus braços massivos, ele se dirigiu ao filho do jogador, dizendo, 'Aquele que, confiando na sua própria força convoca seus inimigos e luta com eles destemidamente é considerado como um homem. Ele, no entanto, que, confiando na força de outros convoca seus inimigos é um Kshatriya infame. Por sua incapacidade, ele é considerado como o mais inferior dos homens. Confiando na força de outros, tu (ó Duryodhana), sendo tu mesmo um covarde, desejas ainda, ó tolo, repreender teus inimigos. Tendo instalado (Bhishma) o mais velho de todos os Kshatriyas, cujo coração está sempre inclinado a fazer o que é bom, que tem todas as suas paixões sob controle, e que é dotado de grande sabedoria, no comando das tuas tropas e o feito sujeito à morte certa, tu te gabas! Ó tu de mente perversa, teu objetivo (ao fazer isso) é totalmente conhecido por nós, ó infame da tua raça! Tu fizeste isso acreditando que os filhos de Pandu, por bondade, não matarão o filho de Ganga. Saiba, no entanto, ó filho de Dhritarashtra, que eu matarei aquele Bhishma primeiro na visão de todos os arqueiros, confiando em cuja força tu te entregas a tais jactâncias! Ó filho do jogador, indo (daqui) até os Bharatas e te aproximando de Duryodhana, o filho de Dhritarashtra, diga a ele que Arjuna disse, ‘Assim seja! Depois que esta noite tiver passado, o confronto violento de armas se realizará. De fato, Bhishma de poder inexaurível e aderindo firmemente à verdade disse para ti no meio dos Kurus estas palavras: ‘Eu matarei o exército dos Srinjayas e os Salweyas. Que esta seja minha tarefa. Exceto Drona eu posso matar o mundo inteiro. Tu não precisas, portanto, nutrir qualquer medo dos Pandavas!’ Por causa disso, tu, ó Duryodhana, consideras o reino como teu e pensas que os Pandavas mergulharam em angústia. Tu te encheste de orgulho por isso. Tu não vês, no

entanto, o perigo que está em ti mesmo. Eu matarei primeiro, portanto, em batalha, diante dos teus próprios olhos Bhishma, o mais velho dos Kurus! No nascer do sol (amanhã) na vanguarda das tropas, com estandartes e carros, protejam aquele líder das suas forças firme em suas promessas. Eu irei, com minhas flechas, derrubar ele que é seu refúgio de seu carro diante dos olhos de vocês todos! Quando a manhã chegar, Suyodhana saberá o que é se gabar, vendo o avô coberto com minhas flechas! Tu, ó Suyodhana, logo verás o cumprimento daquilo que Bhimasena com raiva disse, no meio da assembléia, para teu irmão, aquele homem de visão limitada, Dussasana, ligado à iniquidade, sempre brigão, de mente má, e cruel em comportamento. Tu logo verás os efeitos terríveis da vaidade e orgulho, da cólera e arrogância, da jactância e crueldade, palavras mordazes e ações, de aversão à retidão, e pecaminosidade, e de falar mal de outros, de desobedecer aos conselhos dos idosos, de visão oblíqua, e de todas as espécies de vícios! A escória da humanidade, como tu podes, ó tolo, esperar por vida ou reino se eu, tendo Vasudeva como meu segundo, ceder à raiva? Depois que Bhishma e Drona tiverem sido aquietados e depois que o filho de Suta tiver sido derrotado, tu estarás sem esperança de vida, reino e filhos! Sabendo do massacre de teus irmãos e filhos, e atingido mortalmente por Bhimasena, ó Suyodhana, tu te lembrarás de todos os teus crimes!' Diga a ele, ó filho do jogador, que eu não prometo uma segunda vez. Eu digo a ti realmente que tudo isso será verdade! Partindo daqui, ó Uluka, diga, ó senhor, estas minhas palavras para Suyodhana! 'Não cabe a ti compreender meu comportamento pela luz do teu próprio! Saiba que há diferença entre a tua conduta e a minha, a qual é exatamente a diferença entre verdade e mentira! Eu não desejo ferir nem insetos e formigas. O que eu direi, portanto, de eu alguma vez desejar ferir meus parentes? Ó senhor, foi por isso que cinco aldeias somente foram solicitadas por mim! Por que, ó tu de mente perversa, tu não vês a calamidade terrível que te ameaça? Tua alma dominada pela luxúria, tu te gabas por falha de compreensão. É por isso também que tu não aceitaste as palavras benéficas de Vasudeva. Qual a necessidade agora de muita conversa? Lute (contra nós) com todos os teus amigos!' Diga, ó filho do jogador, para o príncipe Kuru que sempre faz o que é injurioso para mim (estas palavras também:) 'Tuas palavras foram ouvidas; seu significado também foi entendido. Que seja como tu desejas!'

Ó filho de rei, Bhimasena então mais uma vez disse estas palavras, 'Ó Uluka, diga essas palavras minhas para Suyodhana de mente pecaminosa, enganador, e injusto, que é uma encarnação do pecado, que é ligado à fraude, e cujo comportamento é extremamente mau; 'Tu terás que morar no estômago de um urubu ou em Hastinapura. Ó escória da espécie humana, eu seguramente cumprirei a promessa que eu fiz no meio da assembléia. Eu juro em nome da Verdade: matando Dussasana em batalha, eu beberei seu sangue vital! Matando também teus (outros) irmãos, eu esmagarei tuas próprias coxas. Sem dúvida, ó Suyodhana, eu sou o destruidor de todos os filhos de Dhritarashtra, como Abhimanyu é de todos os príncipes (mais jovens)! Eu, por meus feitos, recompensarei todos vocês! Ouça mais uma vez a mim. Ó Suyodhana: matando-te, com todos os teus irmãos, eu baterei no topo da tua cabeça com meu pé na visão do rei Yudhishthira o justo!'

Nakula, então, ó rei, disse estas palavras, 'Ó Uluka, diga para o filho de Dhritarashtra, Suyodhana, da família de Kuru, que todas as palavras proferidas por ele agora foram ouvidas e seu sentido compreendido. Eu farei, ó Kauravya, tudo o que tu me recomendaste fazer.'

E Sahadeva também, ó monarca, disse estas palavras de grave significado, 'Ó Suyodhana, será tudo como tu desejas! Tu terás que te arrepender, ó grande rei, junto com teus filhos, parentes, e conselheiros, assim como tu estás agora te gabando alegremente por causa dos nossos sofrimentos.'

Então Virata e Drupada, ambos veneráveis em idade, disseram estas palavras para Uluka, 'É mesmo nosso desejo nos tornarmos escravos de uma pessoa virtuosa! Se, no entanto, nós somos escravos ou mestres será conhecido amanhã, como também quem possui qual virilidade!'

Depois deles, Sikhandin disse estas palavras para Uluka, 'Tu deves dizer para o rei Duryodhana que é sempre viciado na pecaminosidade, estas palavras, 'Veja, ó rei, que feito bravio será cometido por mim em batalha! Eu matarei teu avô em seu carro, confiando em cuja destreza tu estás certo de sucesso em batalha! Sem dúvida, eu fui criado pelo Criador de grande alma para a destruição de Bhishma. Eu seguramente matarei Bhishma na vista de todos os arqueiros.'

Depois disto, Dhrishtadyumna também disse para Uluka, o filho do jogador, estas palavras, 'Diga para o príncipe Suyodhana estas minhas palavras, 'Eu matarei Drona com todos os seus seguidores e amigos. E eu farei uma façanha a qual ninguém nunca mais fará.'

O rei Yudhishthira mais uma vez disse estas palavras nobres repletas de clemência, 'Ó monarca, eu nunca desejo o massacre de meus parentes. Ó tu de mente má, é por causa do teu erro que tudo isso indubitavelmente acontecerá. Eu, naturalmente, terei que sancionar o cumprimento de suas grandes façanhas por todos estes (ao meu redor). Parta daqui, ó Uluka, sem demora, ou fique aqui, ó senhor, pois, abençoado sejas, nós também somos teus parentes.'

Uluka, então, ó rei, recebendo permissão de Yudhishthira, o filho de Dharma, foi para onde o rei Suyodhana estava. Assim endereçado, o filho do jogador mantendo cuidadosamente em mente tudo o que ele tinha ouvido, voltou ao lugar do qual ele tinha vindo. E chegando lá, ele relatou integralmente para o vingativo Duryodhana tudo o que Arjuna tinha lhe ordenado. E ele também comunicou fielmente para o filho de Dhritarashtra as palavras de Vasudeva, de Bhima, do rei Yudhishthira o justo, de Nakula e Virata e Drupada, ó Bharata e as palavras de Sahadeva e Dhrishtadyumna e Sikhandin, e as palavras que também foram faladas (posteriormente) por Kesava e Arjuna. E tendo escutado as palavras do filho do jogador, Duryodhana, aquele touro da linhagem de Bharata, ordenou que Dussasana e Karna e Sakuni, ó Bharata, e suas próprias tropas e as tropas dos aliados, e todos os reis (reunidos) se organizassem em divisões e ficassem prontos para a batalha antes do nascer do sol (na manhã seguinte). Mensageiros então, instruídos por Karna e subindo rapidamente em carros e camelos e éguas e

bons corcéis dotados de grande velocidade, percorreram rapidamente o acampamento. E ao comando de Karna eles promulgaram a ordem ‘Organizem-se antes de nascer do sol amanhã!'"

165

'Sanjaya disse, 'Tendo escutado as palavras de Uluka, Yudhishthira, o filho de Kunti, moveu seu exército encabeçado por Dhrishtadyumna e outros. E aquele vasto exército comandado por Dhrishtadyumna, consistindo em quatro tipos de tropas, ou seja, soldados de infantaria e elefantes e carros e cavalaria, terrível, e impassível como a própria terra, e protegido por poderosos guerreiros em carros liderados por Bhimasena e Arjuna, podia ser comparado ao vasto oceano repousando em tranquilidade. E na chefia daquela vasta força estava aquele arqueiro poderoso, o príncipe dos Panchalas, invencível em batalha, Dhrishtadyumna, desejoso de obter Drona como seu adversário. E Dhrishtadyumna começou a escolher combatentes (do seu próprio exército) para colocá-los contra guerreiros específicos da força hostil. E ele deu ordens para seus guerreiros em carros, condizentes à sua força e coragem. E ele colocou Arjuna contra o filho de Suta (Karna), Bhima contra Duryodhana, Dhrishtaketu contra Salya, Uttamaujas contra o filho de Gautama (Kripa), Nakula contra Kritavarman, Yuyudhana contra o soberano dos Sindhus (Jayadratha). E ele colocou Sikhandin na vanguarda, colocando-o contra Bhishma. E ele incitou Sahadeva contra Sakuni, e Chekitana contra Sala, e os cinco filhos de Draupadi contra os Trigartas. E ele instigou o filho de Subhadra (Abhimanyu) contra Vrishasena (o filho de Karna), e também contra todo o restante dos reis, pois ele considerava Abhimanyu superior ao próprio Arjuna em batalha. E distribuindo seus guerreiros dessa maneira, individualmente e coletivamente, aquele arqueiro poderoso, da cor do fogo ardente, manteve Drona como sua própria parte. E aquele líder de líderes de tropas, o arqueiro poderoso e inteligente Dhrishtadyumna, tendo organizado suas tropas devidamente, esperou pela batalha com o coração firme. E tendo organizado os combatentes dos Pandavas como indicado acima, ele esperou, com mente serena, no campo para assegurar vitória para os filhos de Pandu.'"

166

"Dhritarashtra disse, ‘Depois que Falguni prometeu matar Bhishma em batalha, o que meus filhos maus encabeçados por Duryodhana fizeram? Ai, eu já vejo meu pai, o filho de Ganga, morto em batalha por aquele arqueiro de pulso firme, Partha, tendo Vasudeva como seu aliado! E o que também aquele arqueiro poderoso, aquele principal dos batedores, Bhishma, dotado de sabedoria incomensurável, disse ao ouvir as palavras de Partha? Tendo aceitado também o comando dos Kauravas, o que aquele principal dos guerreiros, o filho de Ganga, de inteligência e destreza excelentes, fez?'"

“Vaisampayana continuou, ‘Assim questionado, Sanjaya disse a ele tudo acerca do que aquele mais velho dos Kurus, Bhishma de energia incomensurável, tinha dito.’”

"Sanjaya disse, 'Ó monarca, obtendo o comando, Bhishma o filho de Santanu disse estas palavras para Duryodhana, alegrando-o muito, 'Reverenciando o líder das forças celestes, Kumara armado com a lança, eu serei, sem dúvida, o comandante do teu exército hoje! Eu sou bem versado em todos os assuntos poderosos, como também em vários tipos de formações de combate. Eu sei também como fazer soldados regulares cumprirem seus deveres. Na questão da marcha das tropas e em organizá-las, em combates e retirada, eu sou tão bem versado, ó grande rei, como Vrihaspati (o preceptor dos celestiais), é! Eu conheço todos os métodos de organizar exércitos predominantes entre os celestiais, Gandharvas, e seres humanos. Com estes eu confundirei os Pandavas. Que a ansiedade do teu (coração) seja dissipada. Eu lutarei (com o inimigo), protegendo devidamente o teu exército e segundo as regras da ciência (militar)! Ó rei, que a febre do teu coração seja dissipada!'

Ouvindo estas palavras Duryodhana disse, 'Ó filho de Ganga de armas poderosas, eu te digo realmente, eu não tenho medo nem de todos os deuses e Asuras juntos! Quanto menos, portanto, é meu medo quando tua pessoa invencível se tornou o líder das minhas tropas e quando aquele tigre entre homens, Drona, também espera desejosamente pela batalha! Quando vocês dois, os mais importantes dos homens, estão dedicados a lutar ao meu lado, a vitória, não só isso, até a soberania celeste não pode seguramente ser inalcançável por mim! Eu desejo, no entanto, ó Kaurava, saber quais entre todos os guerreiros do inimigo e meus próprios devem ser contados como Rathas e quais (como) Atirathas. Tu, ó avô, conheces bem (a destreza dos) combatentes do inimigo, e também dos nossos! Eu desejo saber isso, com todos estes senhores da terra!'

"Bhishma disse, 'Ouça, ó filho de Gandhari, ó rei de reis, a contagem de Rathas no teu próprio exército! Ouça, ó rei, quem são Rathas e quem são Atirathas! Há no teu exército muitos milhares, muitos milhões, e muitas centenas de milhões de Rathas. Escute, no entanto, a mim enquanto eu cito somente os principais. Primeiramente, com teu povo de irmãos incluindo Dussasana e outros, tu és o principal dos Rathas! Todos vocês são hábeis em golpear, e competentes em cortar carruagens e perfurar. Todos vocês são motoristas talentosos de carruagens quando sentados na cabina do motorista, e guias talentosos de elefantes quando sentados nos pescoços daqueles animais. Todos vocês são inteligentes golpeadores com maças e dardos farpados e espadas e escudos. Vocês são talentosos com armas e competentes em exercer cargos de responsabilidade. Vocês todos são discípulos de Drona e de Kripa, o filho de Saradwat, em flechas e outras armas. Ofendidos pelos filhos de Pandu, estes Dhartarashtras, dotados de energia, seguramente matarão na batalha os Panchalas irresistíveis em combate. Então, ó principal dos Bharatas, venho eu, o líder de todas as tuas tropas, que exterminarei teus inimigos, subjugando os Pandavas! Não cabe a mim falar dos meus próprios méritos. Tu me conheces. O principal de todos os manejadores de armas, (o chefe) Bhoja, Kritavarman, é

Atiratha. Sem dúvida, ele realizará teu propósito em batalha. Incapaz de ser humilhado por pessoas talentosas com armas, atirando ou arremessando suas armas a uma grande distância, e um severo golpeador, ele destruirá as tropas do inimigo como o grande Indra destruindo os Danavas. O soberano dos Madras, o poderoso arqueiro Salya, é, como eu penso, um Atiratha. Aquele guerreiro se gaba como à altura de Vasudeva, em toda batalha (que ele luta). Tendo abandonado os filhos da sua própria irmã, aquele melhor dos reis, Salya, se tornou teu. Ele enfrentará em batalha os Maharathas do partido Pandava, inundando o inimigo com suas flechas parecendo as próprias ondas do mar. O poderoso arqueiro Bhurisravas, o filho de Somadatta, que é talentoso com armas e é um dos teus amigos bem intencionados, é um líder de líderes de divisões de carros. Ele, certamente, fará uma grande destruição entre os combatentes dos teus inimigos. O rei dos Sindhus, ó monarca, é, no meu julgamento, igual a dois Rathas. Aquele melhor dos guerreiros em carros lutará na batalha, mostrando grande bravura. Humilhado, ó rei, pelos Pandavas na ocasião em que ele sequestrou Draupadi, e mantendo aquela humilhação em mente, aquele matador de heróis hostis lutará (por ti). Tendo praticado depois disso, ó rei, as austeridades mais severas, ele obteve um benefício de aquisição muito difícil, para enfrentar os Pandavas em batalha. Aquele tigre entre guerreiros em carros, portanto, lembrando-se de sua antiga hostilidade, ó senhor, lutará com os Pandavas em batalha, indiferente à sua própria vida que é tão difícil de se sacrificar.'"

167

"Bhishma disse, 'Sudhakshina, o soberano dos Kamvojas, na minha opinião é igual a um único Ratha. Desejando o sucesso do teu objetivo, ele certamente lutará com o inimigo em batalha. Ó melhor dos reis, os Kauravas verão a destreza daquele leão entre os guerreiros em carros empregada para ti, igual àquela do próprio Indra em batalha. Com respeito ao exército de carros deste rei, ó monarca, aqueles batedores de ímpeto feroz, os Kamvojas, cobrirão uma grande área como um bando de gafanhotos! Vindo (da província) de Mahishmati, Nila, equipado com armadura azul, é um dos teus Rathas. Com seu exército de carros ele causará uma grande destruição entre teus inimigos. Ó filho, ele teve hostilidades com Sahadeva. Ó rei, ele continuamente lutará por ti, ó tu da linhagem de Kuru. Talentoso em batalha, e de energia e destreza bravias, (os príncipes) Vinda e Anuvinda de Avanti são ambos considerados como excelentes Rathas. Estes dois heróis entre homens destruirão as tropas dos teus inimigos, com maças e dardos farpados, e espadas e flechas longas, e dardos lançados de suas mãos. Como um par de líderes (elefantes) se divertindo no meio de suas manadas, estes dois príncipes, ó monarca, ansiosos pela batalha, percorrerão o campo, cada um como o próprio Yama. Os cinco irmãos (reais) de Trigarta são, na minha opinião, todos os mais importantes dos Rathas. Os filhos de Pritha provocaram hostilidades com eles na cidade Virata naquela ocasião (bem conhecida). Como Makaras enormes, ó rei, agitando a corrente do Ganges encrespada com ondas altas, eles agitarão as tropas dos Parthas em batalha. Todos os cinco, ó rei, são Rathas, tendo

Satyaratha (entre eles) como seu principal. Lembrando-se dos males infligidos a eles antigamente por aquele filho de Pandu que é o irmão mais novo de Bhima, quando o último, ó Bharata, em seu carro puxado por corcéis brancos estava empenhado, ó monarca, em subjugar todos os reis da terra, eles certamente se esforçarão bravamente em batalha. Enfrentando muitos Maharathas, principais dos arqueiros, líderes de Kshatriyas, do lado dos Parthas, eles sem dúvida os matarão. Teu filho Lakshmana e o filho também de Dussasana, aqueles tigres entre homens são ambos guerreiros que não recuam em batalha. No início da juventude, de membros delicados, dotados de grande energia, aqueles dois príncipes, bem versados em batalhas e capazes de liderar todos, aqueles tigres entre os Kurus, aqueles guerreiros em carros, são, eu penso, dois dos nossos melhores Rathas. Dedicados aos deveres da classe Kshatriya, aqueles dois heróis realizarão grandes façanhas. Dandadhara, ó monarca, é, ó touro entre homens, igual a um único Ratha. Protegido por seus próprios soldados, ele lutará em batalha por ti. Dotado de grande ímpeto e destreza, o rei Vrihadvala, o soberano dos Kosalas, é, na minha opinião, ó senhor, igual a um Ratha. Bravio com armas, este poderoso arqueiro, dedicado ao bem dos Dhritarashtras, se esforçará poderosamente em batalha, alegrando seus próprios amigos. Kripa, o filho de Saradwat é, ó rei, um líder de líderes de tropas de carros. Indiferente até à vida que é tão preciosa, ele consumirá teus inimigos. Nascido em uma moita de urzes como o filho daquele sábio formidável, ou seja, o preceptor Gautama, também chamado de Saradwat, ele é tão invencível como o próprio Kartikeya. Consumindo guerreiros incontáveis armados com várias armas e arcos, ó senhor, ele vagará pelo campo de batalha como um fogo ardente.'"

168

"Bhishma disse, 'Este teu tio materno Sakuni é, ó rei, igual a um único Ratha. Tendo feito as (atuais) hostilidades (irromperem) com os filhos de Pandu, ele lutará. Não há dúvida nisto. Suas tropas são irresistíveis quando avançam para a batalha. Armados com vários tipos de armas em abundância, em velocidade eles são iguais ao próprio vento. O arqueiro poderoso (Aswatthaman) que é filho de Drona supera todos os arqueiros. Familiarizado com todos os modos de guerra, e de armas imbatíveis, ele é um Maharatha. Como o manejador do Gandiva, as flechas deste guerreiro, disparadas de seu arco, procedem em uma linha contínua, tocando umas às outras. Se ele desejar, este Maharatha é capaz de destruir os três mundos. Engajado em austeridades em seu eremitério, ele, por meio destas, aumentou sua fúria e energia. Possuidor de grande inteligência, ele foi favorecido por Drona com (o presente de todas as) armas celestes. Há, no entanto, ó touro da raça Bharata, um grande defeito nele, pelo qual, ó melhor dos reis, eu não o considero nem como um Ratha ou um Maharatha. Este homem regenerado é extremamente apegado à vida, a vida sendo muito preciosa para ele. Entre os guerreiros de ambos os exércitos não há ninguém que possa ser considerado como seu igual. Em um único carro ele pode aniquilar o próprio exército dos celestiais. Possuidor de um corpo forte, ele pode fender as próprias montanhas

pelos golpes da corda de seu arco, batendo contra a proteção de couro em seu braço esquerdo. Dotado de qualidades inumeráveis, aquele batedor de refulgência ardente vagará (sobre o campo de batalha), incapaz de ser resistido como o próprio Yama, maça na mão. Parecendo com o fogo no fim do Yuga em relação à sua fúria, possuidor de pescoço leonino, e dotado de grande brilho, Aswatthaman extinguirá as brasas desta batalha entre os Bharatas. Seu pai (Drona) é dotado de grande energia, e embora idoso, ainda é superior a muitos homens jovens. Ele realizará façanhas grandiosas em batalha. Eu não tenho dúvida disto. Permanecendo imovelmente (no campo), ele consumirá as tropas de Yudhishthira. O exército Pandava desempenhará o papel da grama seca e combustível nos quais aquele fogo se originará, enquanto o ímpeto de suas próprias armas será o vento para atiçá-lo para uma chama (imensa). Este touro entre homens é um líder de grupos de guerreiros em carros. O filho de Bharadwaja realizará feitos bravios para o teu benefício! O preceptor de todos os Kshatriyas de linhagem real, o venerável preceptor exterminará os Srinjayas. Dhananjaya, no entanto, é querido para ele. Este arqueiro poderoso, portanto, lembrando-se dos seus próprios célebres e muito meritórios serviços como preceptor, nunca será capaz de matar Partha que é capaz de realizar façanhas formidáveis sem qualquer problema. Ó herói, Drona sempre se gaba das numerosas habilidades de Partha. De fato, Bharadwaja olha para ele com maior afeição do que para seu próprio filho. Dotado de grande coragem, ele pode, em um único carro, vencer em batalha por meio de suas armas celestes todos os deuses, Gandharvas, e seres humanos juntos. Aquele tigre entre os reis é, ó monarca, um dos teus Maharathas. Capaz de romper as tropas de carros de heróis hostis, ele, na minha opinião, é um dos principais dos teus guerreiros em carros. Afligindo as tropas do inimigo na vanguarda da sua própria grande tropa ele consumirá os Panchalas como fogo consumindo uma pilha de grama seca. Possuidor de fama verdadeira, o príncipe Vrihadvala é igual a um único Ratha. Ele, ó monarca, vagará em meio às tropas dos teus inimigos como a própria Morte. Suas tropas, ó rei de reis, equipadas com várias espécies de armaduras e armadas com diversas espécies de armas, vagarão no campo, matando todos os guerreiros opostos a eles. Vrishasena, o filho de Karna, é um dos teus principais guerreiros em carros e é um Maharatha. Aquele principal dos homens poderosos consumirá as tropas do teu inimigo. Dotado de grande energia, Jalasandha, ó rei, é um dos teus principais Rathas. Nascido na tribo de Madhu, aquele matador de heróis hostis está preparado para perder sua própria vida em batalha. Hábil em batalha, aquele guerreiro poderosamente armado, espalhando as tropas do inimigo diante dele, lutará em batalha sobre um carro ou das costas do elefante. Aquele melhor dos reis, ó monarca, na minha opinião é um Ratha. Ele, em batalha violenta, perderá por tua causa sua própria vida com todas as suas tropas; possuidor de grande heroísmo e familiarizado com todos os modos de guerra, ó rei, ele lutará destemidamente com teus inimigos em batalha. Nunca recuando da batalha, corajoso, e parecendo com o próprio Yama, Vahlika, ó rei, na minha opinião é um Atiratha. Avançando para o combate ele nunca volta atrás. De fato, ele matará guerreiros hostis em batalha como o próprio deus do vento. Aquele aniquilador de tropas de carros hostis, aquele guerreiro em carro de feitos extraordinários em batalha, comandante das tuas tropas, Satyavan, ó rei, é um Maharatha. Ele nunca nutre angústia na

perspectiva da batalha. Confundindo aqueles guerreiros que ficam no caminho de seu carro, ele cai sobre eles. Sempre mostrando sua bravura contra o inimigo, aquele melhor dos homens, por tua causa, na violenta pressão da batalha realizará tudo o que um bom Kshatriya deve. Aquele chefe de Rakshasas, Alambhusha, de feitos cruéis, é um Maharatha. Lembrando-se de suas antigas hostilidades (com os Pandavas), ele cometerá grandes execuções entre o inimigo. Ele é o melhor dos Rathas entre todos os guerreiros Rakshasa. Possuindo poderes de ilusão, e firme em inimizade, ele vagará ferozmente no campo. O soberano de Pragjyotisha, o valente Bhagadatta de coragem excelente é o principal daqueles que seguram o gancho do elefante, e é hábil também em lutar de um carro. Um combate ocorreu entre ele e o manejador do Gandiva por dias seguidos, ó rei, cada um desejoso de vitória sobre o outro. Então Bhagadatta, ó filho de Gandhari, que considerava Indra como seu amigo, fez amizade com (o filho de Indra), o Pandava de grande alma. Hábil em lutar do pescoço do elefante, este rei lutará em batalha como Vasava entre os celestiais, lutando de seu (elefante) Airavata.'"

169

"Bhishma disse, 'Ambos os irmãos Achala e Vrisha são Rathas. Invencíveis (em batalha), eles matarão teus inimigos. Dotados de grande força, aqueles tigres entre homens, aqueles principais dos Gandharvas, são firmes em ira. Jovens e bonitos, eles são possuidores de grande força. Em relação a este teu amigo sempre caro, este que é sempre vaidoso de sua habilidade em batalha, este que sempre te incita, ó rei, a lutar com os Pandavas, este arrogante vil, Karna, o filho de Surya, este que é teu conselheiro, guia, e amigo, este sujeito vaidoso que é desprovido de razão, este Karna não é nem um Ratha nem um Atiratha. Sem inteligência, ele foi privado de sua armadura natural. Sempre bondoso, ele também foi privado de seus brincos celestes. Pela maldição de Rama (seu preceptor em armas) como também das palavras de um Brahmana (que o amaldiçoou em outra ocasião), devido também à sua privação dos equipamentos de batalha, ele, na minha opinião, é somente metade de um Ratha. Tendo se aproximado de Falguni (em batalha), ele certamente não escapará com vida!' Ouvindo isso, Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas, disse, 'É assim mesmo como tu disseste. Isso não é incorreto! Ele se gaba na véspera de toda batalha, mas contudo ele é visto se retirar de todo combate. Bondoso (fora de época) e descuidado, é por isto que Karna, na minha opinião, é somente metade de um Ratha!'

"Ouvindo estas palavras, o filho de Radha, arregalando seus olhos de raiva, e afligindo Bhishma com palavras como ganchos afiados, disse para o filho de Ganga estas palavras, 'Ó avô, embora eu seja inocente, contudo por tua aversão por mim tu me mutilas dessa maneira, segundo tua vontade, com tuas flechas verbais a cada passo. Eu suporto, no entanto, tudo isto por Duryodhana. Indicando-me como somente metade de um Ratha, tu me consideras sem valor, como se, de fato, eu fosse um covarde! Que dúvida há nisto? Eu não falo uma

mentira quando eu digo que tu, ó filho de Ganga, és um inimigo do universo inteiro, e especialmente de todos os Kurus! O rei, no entanto, não sabe disso! Quem mais procuraria desunir e abater dessa maneira a energia desses reis que são todos iguais e que são todos igualmente corajosos, como tu, por teu ódio de mérito, procuras fazer? Ó Kaurava, nem idade, nem rugas, nem riqueza, nem posse de amigos dão direito a um Kshatriya ser considerado como um Maharatha! É dito que um Kshatriya adquire eminência somente através da força, como Brahmanas adquirem eminência através superioridade em mantras, como Vaisyas por riqueza, e Sudras pela idade. Influenciado, no entanto, por luxúria e inveja, e agindo por ignorância, tu indicaste Rathas e Atirathas de acordo somente com teu próprio capricho! Abençoado sejas tu, ó Duryodhana de braços poderosos, julgue devidamente! Que este Bhishma perverso, que somente te faz mal, seja abandonado por ti! Teus guerreiros, uma vez desunidos, podem com dificuldade ser unidos novamente. Ó tigre entre homens, teu exército principal, sob tais circunstâncias, pode ser unido com dificuldade; muito maior será a dificuldade em unir um exército reunido de várias províncias! Veja, ó Bharata, dúvida (do êxito) já surgiu nos corações dos teus guerreiros! Este Bhishma enfraquece nossa energia na nossa própria presença! Onde está a tarefa de averiguar os méritos de Rathas, e onde está Bhishma de pouca compreensão? Eu sozinho resistirei ao exército dos Pandavas. Entrando em contato comigo, cujas flechas nunca partem em vão, os Pandavas e os Panchalas fugirão em todas as direções como bois quando eles entram em contato com um tigre! Onde, oh, estão luta, a pressão do confronto armado, bons conselhos e palavras bem expressadas, e onde está Bhishma, que é obsoleto e de alma pecaminosa, e que é impelido pelos próprios destinos a se tornar sua vítima? Sozinho ele desafia todo o universo! De visão falsa ele não considera ninguém mais como um homem. É verdade que as escrituras ensinam que as palavras dos idosos devem ser escutadas. Isso, no entanto, não se refere àqueles que são muito velhos, pois estes, na minha opinião, se tornam crianças novamente. Sozinho eu exterminarei o exército dos Pandavas! A fama, no entanto, de semelhante façanha se atribuirá à Bhishma, ó tigre entre reis, pois este Bhishma, ó monarca, foi feito por ti o comandante das tuas tropas, e o renome sempre se liga ao líder e não àqueles que lutam sob ele. Eu, portanto, ó rei, não lutarei enquanto o filho de Ganga viver! Depois que Bhishma, no entanto, tiver sido derrotado, eu lutarei com todos os Maharathas do inimigo juntos!'

"Bhishma disse, 'Esta responsabilidade, vasta como o oceano, na questão da batalha de Duryodhana (com os Pandavas), está prestes a ser tomada por mim. Eu tenho pensado nisto por muitos anos. Agora que chegou a hora daquele combate terrível dissensões entre nós não devem ser criadas por mim. É por isto, filho de Suta, que tu estás vivo! Do contrário, embora eu seja obsoleto e tu sejas jovem em idade, eu abrandaria o teu desejo de combate e esmagaria tua esperança de vida! (Teu preceptor) Rama, o filho de Jamadagni, disparando suas armas formidáveis, não poderia me causar a menor dor. O que tu podes, portanto, fazer a mim? Aqueles que são bons não aprovam auto-elogio. Patife infame da tua raça, saiba que eu cedo à pouca jactância porque eu estou enfurecido. Subjugando em um único carro todos os Kshatriyas do mundo reunidos no Swayamvara das filhas do soberano de Kasi, eu sequestrei aquelas moças.

Sozinho, eu parei no campo de batalha o avanço de reis inumeráveis com seus soldados! Obtendo a ti como encarnação da discórdia, uma grande calamidade está prestes a alcançar os Kurus! Esforce-te então para matar nossos adversários. Seja homem, lute com aquele Partha, a quem tu desafiaste tão frequentemente. Ó tu de mente má, eu desejo ver-te sair daquele duelo com tua vida!'

"O rei Duryodhana então disse para Bhishma de grande destreza, 'Olhe para mim, ó filho de Ganga! Grandioso é o propósito que está à mão! Pense seriamente como eu posso ser mais beneficiado! Vocês dois me prestarão grandes serviços! Eu desejo agora saber dos melhores guerreiros em carros entre o inimigo, isto é, daqueles que são Atirathas entre eles e daqueles que são líderes de divisões de carros. Ó Kaurava, eu desejo ouvir sobre a força e fraqueza de meus inimigos, já que quando esta noite amanhecer, nossa grande batalha se realizará.'"

170

"Bhishma disse, 'Eu agora, ó rei, indiquei quem são teus Rathas e quem são teus Atirathas e meio Rathas. Ouça agora a contagem de Rathas e Atirathas entre os Pandavas. Se tu sentes alguma curiosidade, escute então, ó rei, com estes monarcas, a contagem de Rathas no exército dos Pandavas. O próprio rei, filho de Pandu e Kunti, é um Ratha poderoso. Sem dúvida, ó senhor, ele deslizará pelo campo de batalha como um fogo ardente; Bhimasena, ó rei, é considerado igual a oito Rathas. Em um confronto com a maça ou mesmo com flechas, não há ninguém igual a ele. Dotado da força de dez mil elefantes, e cheio de orgulho, em energia ele é sobre-humano. Aqueles dois touros entre homens, os filhos de Madri, são ambos Rathas. Em beleza, eles são iguais aos gêmeos Aswins, e eles são dotados de grande energia. Posicionados na vanguarda de suas divisões, todos eles, lembrando-se de seus grandes sofrimentos, sem dúvida vagarão pelo campo como dois Indras! Todos eles são dotados de grandes almas, e são altos em estatura como troncos de árvores Sala. Mais altos do que outros homens por meio cúbito em estatura, todos os filhos de Pandu são bravos como leões e dotados de grande força. Todos eles, ó senhor, têm praticado votos Brahmacharya e outras austeridades ascéticas. Dotados de modéstia, aqueles tigres entre homens são possuidores de força impetuosa como os verdadeiros tigres. Em velocidade, em golpear, e em esmagar (inimigos), todos eles são mais do que humanos. Todos eles, na ocasião da campanha de conquista universal, derrotaram grandes reis, ó touro da linhagem de Bharata! Nenhum outro homem pode manejar suas armas, maças, e flechas. De fato, ó Kaurava, não há homens que possam mesmo encordoar seus arcos, ou erguer suas maças, ou atirar suas flechas em batalha. Em velocidade, em acertar o alvo, em comer, e em esportes sobre o pó eles costumavam superar todos vocês mesmo quando eles eram crianças. Possuidores de poder ardente quando eles enfrentarem esta força eles a exterminarão em batalha. Um conflito, portanto, com eles, não é desejável. Cada um deles pode matar sozinho todos os reis da terra! Aquilo que aconteceu, ó grande rei, na ocasião do sacrifício Rajasuya ocorreu diante dos teus próprios olhos! Lembrando-se dos sofrimentos de Draupadi e das palavras cruéis

proferidas depois da sua derrota nos dados, eles vagarão em batalha como muitos Rudras. Com relação à Gudakesha, de olhos avermelhados, tendo Narayana como seu aliado, não há entre ambos os exércitos algum bravo guerreiro em carro que possa ser considerado como seu igual. Sem falar de homens, não foi ouvido por nós que mesmo entre deuses, Asuras, Uragas, Rakshasas e Yakshas, alguma vez nasceu ou nascerá futuramente algum guerreiro em carro semelhante a ele! Ó grande rei, o inteligente Partha possui aquele carro que está equipado com o estandarte portando o emblema do macaco; o motorista daquele carro é Vasudeva! O próprio Dhananjaya é o guerreiro que luta sobre ele; seu, também, é aquele arco celeste chamado Gandiva; ele possui, além disso, aqueles corcéis velozes como o vento; sua cota de malha é impenetrável e de feitio celeste; suas duas aljavas grandes são inesgotáveis; suas armas foram obtidas do grande Indra, Rudra, Kuvera, Yama e Varuna; e sobre seu carro, também, estão aquelas maças de aparência terrível, e diversas outras armas formidáveis tendo o raio entre elas! Que guerreiro em carro pode ser considerado como igual a ele que, posicionado sobre um único carro matou em batalha mil Danavas, tendo sua residência em Hiranyapura? Inflamado com cólera, possuidor de grande poder e destreza, incapaz de ser frustrado, aquele guerreiro de braços poderosos, enquanto protegendo seu próprio exército, certamente exterminará tuas tropas! Eu mesmo e o preceptor (Drona) entre os dois exércitos, e nenhum terceiro guerreiro em carro, ó grande rei, podemos avançar contra Dhananjaya, aquele espalhador de chuvas de flechas! Despejando suas flechas, como as próprias nuvens durante a estação chuvosa quando propelidas por ventos poderosos, aquele filho de Kunti tendo Vasudeva como seu segundo marcha para a batalha! Ele é habilidoso e jovem, enquanto nós dois estamos velhos e desgastados!'

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Bhishma, e relembrando com o coração trêmulo a bem conhecida coragem dos filhos de Pandu e pensando nisto, como se eles estivesses presentes diante de seus olhos, os braços massivos dos reis, enfeitados com braceletes e cobertos com pasta de sândalo, pareceram pender privados de força.'"

171

"Bhishma disse, 'Todos os cinco filhos de Draupadi, ó monarca, são Maharathas. O filho de Virata, Uttara, é, na minha opinião, um dos principais dos Rathas. Abhimanyu de braços fortes é um líder de líderes de divisões de carros. De fato, aquele matador de inimigos é igual em batalha ao próprio Partha ou Vasudeva. Dotado de grande agilidade de mão em disparar armas, e conhecedor de todos os modos de guerra, ele é possuidor de grande energia e é firme na observância de votos. Lembrando-se dos sofrimentos de seu próprio pai, ele empregará sua destreza. O bravo Satyaki da linhagem de Madhu é um líder de líderes de divisões de carros. Principal entre os heróis da tribo Vrishni, ele é dotado de grande ira, e é perfeitamente destemido. Uttamaujas também, ó rei, é um excelente guerreiro em carro na minha opinião. E Yudhamanyu, também, de grande destreza, é, no meu julgamento, um excelente guerreiro em carro. Todos

estes chefes possuem muitos milhares de carros e elefantes e cavalos e eles lutarão, indiferentes às suas próprias vidas, pelo desejo de fazer o que é agradável para os filhos de Kunti. Unindo-se com os Pandavas, ó grande rei, eles passarão impetuosamente entre tuas tropas como o fogo ou o vento, desafiando teus guerreiros. Invencíveis em batalha, aqueles touros entre homens, os idosos Virata e Drupada, ambos dotados de grande coragem, são, na minha opinião, ambos Maharathas. Embora velhos em idade os dois ainda estão dedicados à observância das virtudes Kshatriya. Andando pelo caminho que é trilhado por heróis, ambos se esforçarão com o melhor de seu poder. Por seu relacionamento (com os Pandavas) e devido também, ó rei, a eles serem dotados de força e destreza, aqueles grandes arqueiros dedicados a votos puros têm ambos derivado força adicional da intensidade de sua afeição. Conforme é a causa, todos os homens fortemente armados se tornam, ó touro da raça Kuru, heróis ou covardes. Influenciados por uma unidade de propósito, ambos estes reis, que são arqueiros poderosos, sacrificarão suas próprias vidas ao causarem um grande massacre das tuas tropas com todas as suas forças, ó matador de inimigos! Ferozes em batalha, estes heróis eminentes, estes arqueiros poderosos, indiferentes, ó Bharata, às suas vidas, na vanguarda dos seus respectivos Akshauhinis, realizarão grandes façanhas, justificando seu relacionamento e a confiança que é depositada neles (pelos Pandavas).'"

172

"Bhishma disse, 'Aquele subjugador de cidades hostis, Sikhandin, o filho do rei dos Panchalas, é, ó rei, na minha opinião, um dos principais dos Rathas de Yudhishthira. Tendo renunciado ao seu sexo anterior, ele lutará em batalha e ganhará grande fama, ó Bharata, entre tuas tropas! Ele tem um grande número de tropas, Panchalas e Prabhadrakas, para apoiá-lo. Com aquelas hostes de carros ele realizará grandes façanhas. Dhrishtadyumna também, ó Bharata, o líder de todo o exército de Yudhishthira, aquele poderoso guerreiro em carro que é também um discípulo de Drona, é, ó rei, na minha opinião, um Atiratha. Afligindo todos os inimigos em batalha ele sozinho percorrerá impetuosamente o campo, como o próprio Deus que porta o Pinaka em fúria na ocasião da dissolução universal. Até grandes guerreiros falarão das divisões de carros dele, tão numerosas elas são, como parecidas com o próprio oceano ou aquela dos deuses, em batalha! Kshattradharman, o filho de Dhrishtadyumna, devido a seus poucos anos, como também por sua falta de exercício em armas, é, na minha opinião, ó rei, somente metade de um Ratha. Aquele parente dos Pandavas, o arqueiro poderoso Dhrishtaketu, o filho heróico de Sisupala, o rei dos Chedis, é um Maharatha. Aquele corajoso soberano dos Chedis, ó rei, com seu filho, realizará façanhas que são difíceis até para um Maharatha. Kshattradeva, aquele subjugador de cidades hostis, que é dedicado às virtudes Kshatriya, é, ó grande rei, no meu julgamento, um dos melhores Rathas entre os Pandavas. Aqueles guerreiros corajosos entre os Panchalas, ou seja, Jayanta e Amitaujas e o grande guerreiro em carro Satyajit são todos, ó rei, Maharathas de grande alma. Eles todos, ó senhor, lutarão em batalha como elefantes furiosos. Aja e Bhoja, ambos

dotados de grande heroísmo, são ambos Maharathas. Possuidores de grande poder, aqueles dois heróis lutarão pelos Pandavas. Ambos são dotados de grande agilidade de mão no uso de armas. Ambos estão familiarizados com todos os modos de guerra, ambos são bem habilidosos e possuidores de coragem firme. Os cinco irmãos Kshatriya, ó rei, que são difíceis de serem vencidos, e todos os quais têm estandartes vermelho sangue, são principais dos Rathas. Kasika, e Sukumara, e Nila, e aquele outro, Suryadatta, e Sankha, também chamado de Madiraswa, são todos na minha opinião principais dos Rathas. Possuidores de todas as qualificações que os tornam adequados para a batalha, eles conhecem todas as armas, e todos eles são dotados de almas elevadas. Vardhakshemi, ó rei, na minha opinião é um Maharatha. O rei Chitrayudha é, no meu julgamento, um dos melhores Rathas. Ele é, além disso, um ativo em batalha e devotadamente ligado àquele enfeitado com diadema (Arjuna). Aqueles poderosos guerreiros em carros, aqueles tigres entre homens, Chekitana e Satyadhriti, são os dois dos melhores Rathas dos Pandavas na minha opinião. Vyaghradatta, ó monarca, e Chandrasena também, ó Bharata, são sem dúvida dois dos melhores Rathas, como eu penso, dos Pandavas. Senavindu, ó rei, também chamado pelo nome de Krodhahantri, que, ó senhor, é considerado como igual a Vasudeva e Bhimasena, lutará com grande coragem em batalha contra teus guerreiros. De fato, aquele melhor dos reis, que sempre se gaba de suas façanhas em batalha, deve ser considerado por ti exatamente como eu mesmo, Drona e Kripa são considerados por ti! Aquele melhor dos homens, digno de louvor, isto é, Kasya, é dotado de grande agilidade de mão no uso de armas. De fato, aquele subjugador de cidades hostis é conhecido por mim como igual a um Ratha. O filho de Drupada, Satyajit, jovem em idade e que demonstra grande coragem em batalha, deve ser considerado como igual a oito Rathas. De fato, sendo igual a Dhrishtadyumna, ele é um Atiratha. Desejoso de espalhar a fama dos Pandavas, ele realizará atos formidáveis. Dedicado aos Pandavas e dotado de grande coragem, há outro grande Ratha dos Pandavas, ou seja, o rei Pandya, aquele arqueiro de energia imensa. O poderoso arqueiro Dhridadhanwan é outro Maharatha dos Pandavas. Ó subjugador de cidades hostis, aquele principal dos Kurus, ou seja, Srenimat e o rei Vasudeva são ambos, na minha opinião, Atirathas.'"

173

"Bhishma disse, 'Ó grande rei, Rochamana é outro Maharatha dos Pandavas. Ó Bharata, ele lutará em batalha contra guerreiros hostis, como um segundo deus. Aquele subjugador de inimigos, o arqueiro poderoso Kuntibhoja de grande força, o tio materno de Bhimasena, é, na minha opinião, um Atiratha. Aquele arqueiro forte e heróico é bem versado e muito hábil em combate. Familiarizado com todos os modos de guerra, este touro entre os guerreiros em carros é considerado extremamente competente por mim. Mostrando sua coragem ele lutará como um segundo Indra contra os Danavas. Aqueles célebres soldados que ele possui são todos talentosos em luta. Posicionado ao lado dos Pandavas e dedicado ao que é agradável e benéfico para eles, aquele herói, pelos filhos de sua irmã, realizará

façanhas extraordinárias. Aquele príncipe dos Rakshasas (Ghatotkacha), ó rei, nascido de Bhima e Hidimva, e dotado de amplos poderes de ilusão, é, na minha opinião, um líder de líderes de divisões de carros. Amoroso de batalha, e dotado de poderes de ilusão, ele, ó rei, lutará seriamente em batalha. Aqueles Rakshasas heróicos que são seus conselheiros ou dependentes também lutarão sob ele.

Estes e muitos outros governantes de províncias, encabeçados por Vasudeva, se reuniram pelo filho de Pandu. Estes, ó rei, são principalmente os Rathas, Atirathas, e meio Rathas do Pandava de grande alma, e estes, ó rei, liderarão em batalha o exército terrível de Yudhishthira que é protegido, também, por aquele herói enfeitado com diadema (Arjuna), que é assim como o próprio grande Indra. É com eles (assim) dotados de poderes de ilusão e estimulados pelo desejo de sucesso que eu lutarei em batalha, expectante de vitória ou morte. Eu avançarei contra estes dois principais dos guerreiros em carros, Vasudeva e Arjuna, portando (respectivamente) Gandiva e o disco, e parecendo o sol e a lua como vistos juntos no anoitecer. Eu também enfrentarei, no campo de batalha, aqueles outros guerreiros em carros de Yudhishthira (que eu mencionei) na chefia de suas respectivas tropas.

Os Rathas e Atirathas, de acordo com sua precedência, foram agora declarados por mim para ti, e aqueles também que são meio Rathas, pertencentes a ti ou a eles, ó chefe dos Kauravas! A Arjuna e Vasudeva e a outros senhores da terra que possam estar lá, a todos eles sobre quem meu olhar possa cair eu resistirei, ó Bharata! Mas, tu de armas poderosas, eu não atingirei ou matarei Sikhandin o príncipe dos Panchalas, mesmo que eu o veja avançando contra mim em batalha com armas erguidas. O mundo sabe como por um desejo de fazer o que era agradável para meu pai, que eu renunciei ao reino que tinha se tornado meu e vivi na observância do voto Brahmacharya. Eu então instalei Chitrangada na soberania dos Kauravas, fazendo ao mesmo tempo a criança Vichitravirya o Yuvaraja. Tendo notificado meu voto divino entre todos os reis da terra, eu nunca matarei uma mulher ou alguém que era antigamente uma mulher. Pode ser conhecido por ti, ó rei, que Sikhandin antigamente era uma mulher. Tendo nascido como uma filha, ela posteriormente veio a ser transformada (em uma pessoa do) sexo masculino. Ó Bharata, eu não lutarei contra ele. Eu certamente derrotarei todos os outros reis, ó touro da raça Bharata, que eu possa enfrentar em batalha. Eu, no entanto, ó rei, não serei capaz de matar os filhos de Kunti!'"

174

"Duryodhana disse, 'Por que razão, ó chefe dos Bharatas, tu não matarás Sikhandin mesmo que tu o vejas se aproximar de ti como um inimigo com armas erguidas? Tu, ó poderosamente armado, me disseste antigamente, ‘Eu matarei os Panchalas com os Somakas.' Ó filho de Ganga, diga-me, ó avô (a razão da presente reserva).'

"Bhishma disse, 'Ouça, ó Duryodhana, a esta história, com todos estes senhores da terra, quanto ao porque eu não matarei Sikhandin mesmo que eu o veja em batalha! Meu pai, Santanu, ó rei, era célebre por todo o mundo. Ó touro da raça Bharata, aquele rei de alma virtuosa pagou sua dívida para a natureza com o tempo. Cumprindo minha promessa, ó chefe dos Bharatas, eu então instalei meu irmão, Chitrangada, no trono do reino extenso dos Kurus. Depois do falecimento de Chitrangada, obediente aos conselhos de Satyavati, eu instalei, de acordo com a ordenança, Vichitravirya como rei. Embora jovem em idade, contudo sendo instalado devidamente por mim, ó monarca, o virtuoso Vichitravirya me consultava em tudo. Desejoso de casá-lo, eu fixei meu coração em obter as filhas de uma família apropriada. (Naquela época) eu soube, ó tu de braços fortes, que três moças, todas inigualáveis em beleza, filhas do soberano de Kasi, de nomes Amva, Amvika, e Amvalika escolheriam maridos para si mesmas, e que todos os reis da terra, ó touro da raça Bharata, tinham sido convidados. Entre aquelas donzelas Amva era a mais velha, Amvika a segunda, enquanto a princesa Amvalika, ó monarca, era a mais nova. Dirigindo-me em um único carro à cidade do soberano de Kasi eu vi, ó tu de braços fortes, as três moças enfeitadas com ornamentos e também todos os reis da terra convidados para lá na ocasião. Então, ó touro da raça Bharata, desafiando para a batalha todos aqueles reis que estavam prontos para o confronto, eu coloquei aquelas moças sobre meu carro e disse repetidamente para todos os reis lá reunidos estas palavras, ‘Bhishma, o filho de Santanu, está levando embora à força estas donzelas. Ó reis, se esforcem todos com o melhor de seu poder para resgatá-las! Pela força eu as levo embora, ó touros entre homens, fazendo vocês espectadores do meu ato!’ A estas palavras minhas aqueles soberanos da terra se levantaram repente com armas desembainhadas. E eles incitaram com raiva os motoristas de seus carros, dizendo, 'Aprontem os carros! Aprontem os carros!' E aqueles monarcas se levantaram para o resgate, com armas desembainhadas; guerreiros em carros sobre seus carros parecendo com massas de nuvens, aqueles que lutavam de elefantes em seus elefantes, e outros em seus corcéis robustos e roliços. Então todos aqueles reis, ó monarca, me cercaram por todos os lados com um grande número de carros. Com uma chuva de flechas eu parei sua investida por todos os lados e os venci como o chefe dos celestiais vencendo hordas de Danavas. Risonhamente, com facilidade eu derrubei os estandartes matizados, adornados com ouro, dos reis que avançavam, com flechas ardentes, ó touro da raça Bharata! Naquele combate eu derrubei seus corcéis e elefantes e motoristas de carros, cada um com uma única flecha. Vendo aquela minha agilidade (de mão), eles desistiram (da luta) e se dividiram. E tendo subjugado todos aqueles soberanos da terra eu voltei para Hastinapura. Eu então, ó tu de armas poderosas, transferi aquelas moças, destinando-as por meus irmãos para Satyavati e relatei a ela tudo o que eu tinha feito.'"

175

"Bhishma disse, 'Então, ó chefe dos Bharatas, me aproximando de minha mãe, aquela filha do clã Dasa, e saudando aquela mãe de heróis, eu disse estas palavras, ‘Tendo derrotado todos os reis, estas filhas do soberano de Kasi, tendo somente a beleza como seu dote, foram sequestradas por mim por causa de Vichitravirya!’ Então, ó rei, Satyavati com olhos banhados em lágrimas, cheirou minha cabeça e disse alegremente, 'Por boa sorte é, ó filho, que tu triunfaste!' Quando em seguida, com o consentimento de Satyavati, as núpcias se aproximaram, a filha mais velha do soberano de Kasi disse estas palavras com grande acanhamento, ‘Ó Bhishma, tu és familiarizado com moralidade e és bem versado em todas as nossas escrituras! Ouvindo minhas palavras, cabe a ti fazer em direção a mim aquilo que é consistente com moralidade. O soberano dos Salwas foi antes disto escolhido mentalmente por mim como meu marido. Por ele também, sem o conhecimento do meu pai, eu fui solicitada em particular. Como, ó Bhishma, nascido especialmente como tu és na família de Kuru, tu violarias as leis de moralidade e farias alguém que anseia por outro viver na tua residência? Sabendo disto, ó touro da raça Bharata, e deliberando na tua mente, cabe a ti, ó de braços fortes, realizar o que é apropriado. Ó monarca, é evidente que o soberano dos Salwas espera (por mim). Cabe a ti, portanto, ó melhor dos Kurus, me permitir partir. Ó poderosamente armado, seja piedoso para mim, ó principal das pessoas virtuosas! Tu, ó herói, és devotado à verdade, isto é bem conhecido por toda a terra!'"

176

"Bhishma disse, 'Eu então coloquei a questão perante (minha mãe) Kali, também chamada Gandhavati, como também todos os nossos conselheiros, e também perante nossos sacerdotes especiais e comuns e então permiti, ó rei, que a mais velha daquelas moças, Amva, partisse. Permitida por mim, aquela moça então foi para a cidade do governante dos Salwas. E ela tinha como sua escolta diversos Brahmanas idosos e estava também acompanhada por sua própria ama. E tendo viajado toda a distância (entre Hastinapura e a cidade de Salwa), ela se aproximou do rei Salwa e disse estas palavras, ‘Eu venho, ó tu de braços fortes, expectante de ti, ó de grande alma!’ Para ela, no entanto, ó rei, o senhor dos Salwas disse com uma risada, 'Ó tu de cor mais formosa, eu não desejo mais fazer uma esposa de ti que eras para estar casada com outro. Portanto, ó abençoada, volte para lá para a presença de Bhishma. Eu não desejo mais a ti que foste raptada à força por Bhishma. De fato, quando Bhishma, tendo vencido os reis, te levou embora, tu o acompanhaste alegremente. Porque tendo humilhado e subjugado todos os reis da terra Bhishma te levou embora eu não te desejo mais, ó tu da cor mais formosa, como uma esposa, a ti que eras para ter sido casada com outro! Como pode um rei como eu, que conhece todos os ramos de conhecimento e que prescreve leis para orientação de outros, admitir (em sua residência) uma mulher que era para estar casada com outro? Ó dama abençoada, vá para onde quer que tu queiras, sem gastares teu tempo em vão!'

Ouvindo estas palavras dele, Amva então, ó rei, afligida pelas flechas do deus do amor, se dirigiu a Salwa, dizendo, 'Não fale dessa maneira, ó senhor da terra, pois isto não é assim! Ó opressor de inimigos, eu não estava alegre quando levada embora por Bhishma! Ele me levou à força, tendo derrotado todos os reis, e eu estava chorando o tempo todo. Uma moça inocente que eu sou e afeiçoada a ti, aceite-me, ó senhor dos Salwas! O abandono (por alguém) daqueles que são afeiçoados (a ele) nunca é aprovado nas escrituras. Tendo solicitado o filho de Ganga que nunca se retira da batalha, e tendo finalmente obtido sua permissão, eu venho a ti! De fato, Bhishma de braços fortes, ó rei, não me deseja! Foi sabido por mim que sua ação (nesta questão) foi por causa de seu irmão. Minhas duas irmãs Amvika e Amvalika, que foram sequestradas comigo ao mesmo tempo, ó rei, foram concedidas pelo filho de Ganga ao seu irmão mais novo Vichitravirya! Ó senhor dos Salwas, eu juro, ó tigre entre homens, por tocar minha própria cabeça que eu nunca pensei em algum outro marido exceto tu! Eu, ó grande rei, não venho a ti como alguém que devia estar casada com outro! Eu te digo a verdade, ó Salwa, realmente jurando por minha alma! Me aceite, ó tu de olhos grandes, a mim, uma donzela que vem a ti por iniciativa própria, que não é noiva de outro, desejosa da tua graça!' Embora ela falasse dessa maneira, Salwa, no entanto, ó chefe dos Bharatas, rejeitou aquela filha do soberano de Kasi, como uma cobra rejeitando sua pele. De fato, embora aquele rei fosse fervorosamente solicitado com diversas expressões tais como essas, o senhor dos Salwas, contudo, ó touro da raça Bharata, não manifestou qualquer inclinação para aceitar a moça. Então a filha mais velha do soberano de Kasi, cheia de raiva, e com seus olhos banhados em lágrimas, disse estas palavras com uma voz sufocada com lágrimas e angústia, 'Rejeitada, ó rei, por ti, para onde quer que eu possa ir, os virtuosos serão meus protetores, pois a verdade é indestrutível!'

"Foi assim, ó tu da família de Kuru, que o senhor dos Salwas rejeitou aquela moça que se dirigiu a ele em linguagem tal como essa e que estava soluçando em aflição tão ternamente. ‘Vá! Vá!’ Foram as palavras que Salwa disse a ela repetidamente. ‘Eu estou com medo de Bhishma, ó tu de quadris formosos, tu és captura de Bhishma!’ Assim endereçada por Salwa desprovido de previdência, aquela moça saiu de sua cidade tristemente e lamentando como uma águia pescadora.'"

177

"Bhishma disse, 'Saindo da cidade, Amva refletiu tristemente dessa maneira: 'Não há no mundo inteiro uma mulher jovem em tal situação miserável como eu! Ai, sem amigos, eu fui rejeitada por Salwa também! Eu não posso voltar à cidade que recebeu o nome de elefante, pois eu fui permitida por Bhishma deixar aquela cidade, expectante de Salwa! Quem então eu culparei? Eu mesma? Ou o invencível Bhishma? Ou, aquele meu pai tolo que fez arranjos para minha escolha de marido? Talvez, isto seja minha própria falha! Por que eu não saltei na frente do carro de Bhishma, quando aconteceu aquela batalha violenta, para ir até Salwa? Que eu esteja tão atormentada agora, como se privada de minha razão, é

o resultado daquela minha omissão! Amaldiçoado seja Bhishma! Amaldiçoado seja meu próprio pai infeliz de mente insensata, que tinha arranjado destreza como meu dote, me mandando sair como se eu fosse uma mulher (disposta) por um pagamento! Amaldiçoada seja eu mesma! Amaldiçoado seja o próprio rei Salwa e amaldiçoado seja meu criador também! Amaldiçoados sejam aqueles por cuja falha tal grande miséria é minha! Seres humanos sempre sofrem o que está destinado para eles. A causa, no entanto, da minha presente aflição é Bhishma, o filho de Santanu; eu, portanto, vejo que no momento minha vingança deve cair sobre ele, ou por austeridades ascéticas ou por batalha, pois ele é a causa da minha dor! Mas que rei ousaria derrotar Bhishma em batalha?' Tendo decidido isso, ela saiu da cidade para ir para um retiro de ascetas de grande alma de feitos virtuosos. À noite ela ficou lá, cercada por aqueles ascetas. E aquela dama de sorrisos doces disse àqueles ascetas, ó Bharata, tudo o que tinha acontecido a ela com os mínimos detalhes, ó poderosamente armado, sobre seu sequestro, e sua rejeição por Salwa.

Vivia lá naquele retiro um Brahmana eminente de votos rígidos, e seu nome era Saikhavatya. Dotado de mérito ascético de uma ordem elevada, ele era um preceptor das escrituras e dos Aranyakas. E o sábio Saikhavatya, de grande mérito ascético se dirigiu àquela donzela aflita, àquela moça casta suspirando pesadamente em angústia, e disse, 'Se isto foi assim, ó dama abençoada, o que podem ascetas de grande alma, residindo em seus retiros (arborizados) e engajados em penitências, fazer?' Aquela moça, no entanto, ó rei, respondeu a ele, dizendo, 'Que piedade seja mostrada por mim; eu desejo uma vida nas florestas, tendo renunciado ao mundo. Eu praticarei as mais severas das austeridades ascéticas. Tudo o que eu sofro agora é certamente o fruto daqueles pecados que eu cometi por ignorância na minha vida anterior. Eu não ouso voltar para meus parentes, ó ascetas, rejeitada e triste como estou sabendo que eu fui humilhada por Salwa! Vocês que têm purificado seus pecados, divinos como vocês são, eu desejo que vocês me instruam em penitência ascética! Oh, que piedade seja mostrada por mim!' Assim endereçado, aquele sábio então consolou a moça por exemplos e fundamentos tirados das escrituras. E a tendo consolado dessa maneira, ele prometeu, com os outros Brahmanas, fazer o que ela desejava.'"

178

"Bhishma disse, 'Aqueles ascetas virtuosos então iniciaram suas ocupações usuais, pensando todo o tempo quanto ao que eles deviam fazer por aquela moça. E alguns entre eles disseram, 'Que ela seja levada para a residência de seu pai.' E alguns entre eles colocaram seus corações em nos repreender. E alguns pensaram que se dirigindo ao governante dos Salwas, ele deveria ser solicitado a aceitar a moça. E alguns disseram, 'Não, isso não deve ser feito, pois ela foi rejeitada por ele.' E depois que algum tempo tinha passado dessa maneira, aqueles ascetas de votos rígidos mais uma vez disseram a ela, 'O que, ó dama abençoada, podem ascetas com sentidos sob controle fazer? Não te dedique a

uma vida nas florestas, renunciando ao mundo! Ó dama abençoada, escute a estas palavras que são benéficas para ti! Parta daqui, abençoada sejas, para a mansão do teu pai! O rei, teu pai, fará o que deve ser feito em seguida. Ó auspiciosa, cercada por todo conforto, tu podes viver lá em felicidade. Tu és uma mulher! No momento, portanto, ó abençoada, tu não tens outro protetor exceto teu pai. Ó tu da cor mais formosa, em relação a uma mulher, ela tem seu pai ou seu marido como seu protetor. Seu marido é seu protetor quando ela está em circunstâncias confortáveis, mas quando mergulhada em miséria ela tem seu pai como seu protetor. Uma vida nas florestas é extremamente dolorosa, especialmente para alguém que é delicado. Tu és uma princesa por nascimento; além disso tu és, também, muito delicada, ó dama bela! Ó dama abençoada, há numerosos desconfortos e dificuldades ligados a uma vida em um retiro (nas florestas), nenhum dos quais, ó tu da compleição mais formosa, tu terás que suportar na residência do teu pai!' Outros ascetas, vendo aquela moça desamparada disseram a ela, 'Vendo a ti sozinha nas florestas profundas e solitárias, reis podem te cortejar! Portanto, não coloque teu coração em tal conduta!'

"Ouvindo estas palavras Amva disse, 'Eu sou incapaz de voltar para a residência do meu pai na cidade de Kasi, pois sem dúvida eu então serei desrespeitada por todos os meus parentes. Ó ascetas, eu vivi lá, na residência do meu pai, durante minha infância. Eu não posso, portanto, ir agora para lá onde meu pai está. Protegida pelos ascetas, eu desejo praticar austeridades ascéticas, para que mesmo em minha vida futura tais aflições dolorosas não possam ser minhas! Ó melhores dos ascetas, eu desejo, portanto, praticar austeridades ascéticas!'

"Bhishma continuou, 'Quando aqueles Brahmanas estavam pensando assim sobre ela chegou lá naquela floresta aquele melhor dos ascetas, o sábio real Hotravahana. Então aqueles ascetas reverenciaram o rei com culto, perguntas de boas-vindas e cortesia, um assento, e água. E depois que ele estava sentado e tinha descansado por um tempo, aqueles habitantes da floresta mais uma vez começaram a se dirigir àquela moça na audição daquele sábio real. Ouvindo a história de Amva e do rei de Kasi, aquele sábio nobre de grande energia ficou muito ansioso. Ouvindo ela falar daquela maneira, e vendo-a (angustiada), aquele sábio real de austeridades rígidas, Hotravahana de grande alma, ficou cheio de compaixão. Então, ó senhor, aquele avô materno dela se ergueu com corpo trêmulo e fazendo aquela moça sentar em seu colo, começou a confortá-la. Ele então perguntou a ela em detalhes acerca daquela sua aflição desde seu início. E ela, por isso, explicou a ele minuciosamente tudo o que tinha acontecido. Ouvindo tudo o que ela disse, o sábio real estava cheio de compaixão e dor. E aquele grande sábio decidiu o que ela faria. Tremendo de agitação ele se dirigiu à moça aflita mergulhada em infortúnio, dizendo, 'Não volte para a residência do teu pai, ó moça abençoada! Eu sou o pai da tua mãe. Eu dissiparei tua dor. Confie em mim, ó filha! Grande, de fato, deve ser tua aflição porque tu estás muito emaciada! Por meu conselho, vá até o asceta Rama, o filho de Jamadagni. Rama dissipará esta tua grande aflição e dor. Ele matará Bhishma em batalha se o último não obedecer

sua ordem. Vá, portanto, até aquele principal da linhagem de Bhrigu que parece o próprio fogo do Yuga em energia! Aquele grande asceta te colocará novamente no caminho correto!' Ouvindo isso, aquela donzela, derramando lágrimas todo o tempo, saudou seu avô materno, Hotravahana, com uma inclinação de sua cabeça e se dirigiu a ele, dizendo, 'Eu irei por tua ordem! Mas eu conseguirei ver aquele senhor venerável célebre pelo mundo? Como ele dissipará esta minha aflição pungente? E como eu irei até aquele descendente de Bhrigu? Eu desejo saber tudo isto.'

"Hotravahana disse, 'Ó donzela abençoada, tu verás o filho de Jamadagni, Rama, que é devotado à verdade e dotado de grande poder e engajado em penitências austeras na grande floresta. Rama sempre mora naquela principal das montanhas chamada Mahendra. Muitos Rishis, versados nos Vedas, e muitos Gandharvas e Apsaras também moram lá. Vá, abençoada sejas tu, e diga a ele estas palavras minhas, tendo saudado com tua cabeça inclinada aquele sábio de votos rígidos e grande mérito ascético. Diga a ele também, ó moça abençoada, tudo o que tu procuras. Se tu me mencionares, Rama fará tudo por ti, pois Rama, o filho heróico de Jamadagni, aquele principal de todos os manejadores de armas, é um amigo meu muito satisfeito comigo, e sempre me deseja bem!' E enquanto o rei Hotravahana estava dizendo tudo isso para aquela moça, apareceu lá Akritavrana, um companheiro caro de Rama. E na sua chegada aqueles Munis às centenas, e o rei Srinjaya Hotravahana, velhos em idade, ficaram todos de pé. E aqueles habitantes da floresta, se reunindo, fizeram a ele todos os ritos de hospitalidade. E eles todos tomaram seus assentos o circundando. E cheios, ó monarca, com satisfação e alegria, eles então iniciaram vários assuntos de conversa agradáveis, louváveis, e encantadores. E depois que sua conversa tinha acabado, aquele sábio real, Hotravahana de grande alma, questionou Akritavrana acerca de Rama, aquele principal dos grandes sábios, dizendo, 'Ó tu de braços poderosos, onde, ó Akritavrana, aquela mais importante das pessoas conhecedoras dos Vedas, ou seja, o filho de Jamadagni de grande bravura, pode ser visto?' Akritavrana respondeu a ele dizendo, 'Ó senhor, Rama sempre fala de ti, ó rei, dizendo, ‘Aquele sábio real dos Srinjayas é meu caro amigo;’ Eu acredito que Rama estará aqui amanhã de manhã. Tu o verás aqui mesmo quando ele chegar para te ver. Em relação a esta moça, por que, ó sábio real, ela veio para a floresta? De quem é ela, e o que ela é para ti? Eu desejo saber tudo isso.' Hotravahana disse, 'A filha favorita do soberano de Kasi, ela é, ó senhor, filha da minha filha! Filha mais velha do rei de Kasi, ela é conhecida pelo nome de Amva. Junto com suas duas irmãs mais novas, ó impecável, ela estava no meio de suas cerimônias Swayamvara. Os nomes de suas duas irmãs mais jovens são Amvika e Amvalika, ó tu dotado de riqueza de ascetismo! Todos os reis Kshatriya da terra estavam reunidos na cidade de Kasi. E, ó Rishi regenerado, grandes festividades estavam acontecendo lá por causa (da escolha própria) daquelas donzelas. No meio destas, o filho de Santanu, Bhishma, de coragem imensa, desconsiderando todos os reis, sequestrou as moças. Derrotando todos os monarcas, o príncipe Bhishma de alma pura da família de Bharata então alcançou Hastinapura, e relatando tudo para Satyavati, ordenou que o casamento de seu irmão Vichitravirya se realizasse com as moças que ele tinha trazido. Vendo concluídos

os arranjos para aquelas núpcias, esta donzela, ó touro entre Brahmanas, então se dirigiu ao filho de Ganga na presença de seus ministros e disse, ‘Eu, ó herói, dentro do meu coração escolhi o senhor dos Salwas para ser meu marido. Como tu és familiarizado com moralidade, não cabe a ti me entregar para teu irmão, cujo coração está entregue para outro!’ Ouvindo estas palavras dela, Bhishma se aconselhou com seus ministros. Deliberando sobre o assunto, ele, finalmente, com o consentimento de Satyavati, dispensou esta donzela. Permitida assim por Bhishma, esta moça se dirigiu alegremente para Salwa, o senhor de Saubha, e se aproximando dele disse, ‘Eu fui dispensada por Bhishma. Cuide para que eu não me desvie da virtude! No meu coração, eu escolhi a ti como meu marido, ó touro entre reis.’ Salwa, no entanto, a rejeitou, suspeitando da pureza de seu comportamento. Ela mesma veio para estas florestas, sagradas para ascetismo, estando ardentemente inclinada a se dedicar a penitências ascéticas! Ela foi reconhecida por mim a partir do relato que ela deu de sua ascendência. Em relação à sua tristeza, Bhishma é considerado por ela como sua origem!' Depois que Hotravahana tinha cessado, a própria Amva disse, 'Ó santo, é assim mesmo como este senhor da terra, este criador do corpo da minha mãe, Hotravahana da linhagem Srinjaya, disse. Eu não posso ousar voltar para minha própria cidade, ó tu que és dotado de riqueza de ascetismo, por vergonha e medo de ignomínia, ó grande Muni! No momento, ó santo, esta mesma é minha determinação, isto é, que será meu maior dever aquilo que o santo Rama, ó melhor dos Brahmanas, puder indicar para mim!'"

179

"Akritavrana disse, 'Destas tuas duas aflições, para qual, ó dama abençoada, tu procuras um remédio? Diga-me isto. É teu desejo que o senhor de Saubha seja incitado a se casar contigo? Rama de grande alma certamente o incitará pelo desejo de te fazer bem. Ou, se tu desejares ver o filho de Ganga, Bhishma, derrotado em batalha pelo inteligente Rama, Bhargava satisfará até este desejo teu. Ouvindo o que Srinjaya tem a dizer, e o que tu também, ó tu de doces sorrisos, possa ter a dizer, que seja decidido hoje mesmo o que deve ser feito por ti.' Ouvindo essas palavras, Amva disse, 'Ó santo, eu fui sequestrada por Bhishma agindo por ignorância, pois, ó regenerado, Bhishma não sabia que meu coração tinha sido entregue para Salwa. Pensando nisto em tua mente, que seja decidido por ti aquilo que é compatível com justiça, e que passos sejam dados para realizar aquela decisão. Faça, ó Brahmana, o que é apropriado para ser feito em direção ou àquele tigre entre os Kurus, Bhishma, sozinho, ou em direção ao soberano dos Salwas, ou em direção a ambos! Eu te falei verdadeiramente sobre a causa da minha dor. Cabe a ti, ó santo, fazer aquilo que é consistente com a razão.'

"Akritavrana disse, 'Isto, ó dama abençoada, ó tu da cor mais formosa, que tu dizes com olhos fixos na virtude, é, de fato, digno de ti. Ouça, no entanto, o que eu digo! Se o filho de Ganga nunca tivesse te levado para a cidade que recebeu o nome de elefante, então, ó moça tímida, Salwa teria, por ordem de Rama, te colocado sobre sua cabeça! É porque Bhishma te levou embora à força que as

suspeitas do rei Salwa foram despertadas a respeito de ti, ó tu de cintura fina! Bhishma é orgulhoso de sua coragem e é coroado com sucesso. Portanto, tu deves fazer tua vingança cair sobre Bhishma (e nenhum outro)!' Ouvindo estas palavras do sábio, Amva disse, 'Ó regenerado, este desejo tem sido nutrido por mim também no meu coração, isto é, que, se possível, Bhishma deve ser feito por mim ser morto em batalha! Ó tu de braços fortes, seja Bhishma ou seja o rei Salwa, puna aquele homem a quem tu pensas ser culpado e por causa de cujo ato eu tenho sido tão miserável!'

"Bhishma continuou, 'Em conversação tal como esta aquele dia passou e a noite também, ó melhor da linhagem de Bharata, com sua brisa deliciosa que não era nem fria nem quente. Então Rama apareceu lá, brilhando com energia. E aquele sábio usando madeixas emaranhadas em sua cabeça e vestido em peles de veado estava cercado por seus discípulos. E dotado de alma magnânima, ele tinha seu arco na mão. E levando também uma espada e um machado de batalha, aquele impecável, ó tigre entre reis, se aproximou do rei Srinjaya (Hotravahana) naquela floresta. E os ascetas que moravam lá e aquele rei também que era dotado de grande mérito ascético, vendo ele, todos se levantaram e esperaram, ó rei, com mãos unidas. E aquela moça desamparada também fez o mesmo. E eles todos alegremente adoraram Bhargava com a oferta de mel e coalhos. Sendo adorado devidamente por eles, Rama sentou-se com eles sentados em volta dele. Então, ó Bharata, o filho de Jamadagni e Hotravahana, sentados assim juntos, começaram a conversar. E depois que sua conversa tinha acabado, o sábio Hotravahana oportunamente disse em uma voz gentil estas palavras de grave significado para aquele mais importante da linhagem de Bhrigu, Rama de força imensa, 'Ó Rama, esta é filha da minha filha, ó senhor, sendo a filha do rei de Kasi. Ela tem algo a ser feito por ela! Oh, escute a isto devidamente, ó tu que és hábil em todas tarefas!' Ouvindo estas palavras de seu amigo, Rama se dirigiu àquela donzela e disse, 'Diga-me o que tu tens a dizer.' A estas palavras, Amva se aproximou de Rama que parecia com um fogo ardente, e reverenciando seus pés com sua cabeça inclinada, tocou-os com suas mãos que pareciam, em radiância, com um par de lótus e ficou silenciosamente diante dele. E cheia de aflição, ela chorou alto, seus olhos banhados em lágrimas. E ela então procurou a proteção daquele descendente de Bhrigu que era o refúgio de todas as pessoas aflitas. E Rama disse, 'Diga-me qual dor está no teu coração. Eu agirei de acordo com tuas palavras!' Assim encorajada, Amva disse, 'Ó tu de votos grandiosos, ó santo, hoje eu procuro tua proteção! Ó senhor, tire-me deste oceano insondável de tristeza.'

"Bhishma continuou, 'Vendo sua beleza e seu corpo jovem e sua grande delicadeza, Rama começou a pensar, ‘O que ela dirá?’ E aquele perpetuador da linhagem de Bhrigu, pensando interiormente sobre isto, ficou muito tempo em silêncio, cheio de compaixão. Ele então se dirigiu novamente àquela moça de sorrisos doces, dizendo, 'Nos diga o que tu tens a dizer.' Assim encorajada, ela relatou tudo verdadeiramente para Bhargava. E o filho de Jamadagni, ouvindo as palavras da princesa, e tendo primeiro decidido o que ele deveria fazer, se dirigiu àquela donzela da cor mais formosa, dizendo, 'Ó dama bela, eu enviarei ordem para Bhishma, aquele principal da família Kuru. Tendo ouvido qual é minha ordem,

aquele rei certamente a obedecerá. Se, no entanto, o filho de Jahnavi não agir segundo minhas palavras, eu então o destruirei em batalha, ó moça abençoada, com todos os seus conselheiros! Ou, ó princesa, se tu desejares, eu posso até me dirigir ao soberano heróico dos Salwas a respeito do assunto à mão.' Ouvindo estas palavras de Rama, Amva disse, 'Eu fui dispensada por Bhishma, ó filho da linhagem de Bhrigu, logo que ele soube que meu coração tinha sido anteriormente entregue livremente ao governante dos Salwas. Me aproximando então do senhor de Saubha, eu me dirigi a ele em linguagem que era inconveniente. Duvidoso da pureza da minha conduta, ele se recusou a me aceitar. Refletindo sobre tudo isso, com a ajuda da tua própria compreensão, cabe a ti, ó filho da família de Bhrigu, fazer aquilo que deve ser feito em vista dessas circunstâncias. Bhishma, no entanto, de votos grandiosos é a causa do meu infortúnio, pois ele me trouxe sob seu poder me colocando (sobre seu carro) por meio de violência! Mate aquele Bhishma, ó tu de armas poderosas, por cuja causa, ó tigre da linhagem de Bhrigu, subjugada por semelhante desgraça, eu sofro tal tristeza pungente! Bhishma, ó tu da família de Bhrigu, é cobiçoso, e vil, e orgulhoso de sua vitória. Portanto, ó impecável, tu deves dar a ele o que ele merece. Enquanto, ó senhor, eu estava sendo sequestrada por ele, este mesmo era o desejo que eu nutri em meu coração, ou seja, que eu deveria fazer aquele herói de grande votos ser morto. Portanto, ó impecável Rama, satisfaça este meu desejo! Ó tu de armas poderosas, mate Bhishma, assim como Purandara matou Vritra.'"

180

"Bhishma disse, 'Ó senhor, repetidamente incitado por aquela donzela a matar Bhishma, Rama respondeu para aquela moça chorosa dizendo, 'Ó filha de Kasi, ó tu da cor mais formosa, eu, por qualquer motivo, não faço uso de armas agora exceto por causa daqueles que estão familiarizados com os Vedas. Diga-me, portanto, o que mais eu posso fazer por ti? Bhishma e Salwa são, ó princesa, muito obedientes a mim. Não sofra, eu realizarei teu objetivo. Eu, no entanto, ó dama bela, não utilizarei armas, exceto por ordem de Brahmanas. Esta tem sido minha regra de conduta.'

"Amva disse, 'Minha tristeza, ó santo, deve de qualquer maneira ser dissipada por ti. Esta minha miséria foi causada por Bhishma. Mate-o, portanto, ó senhor, sem muita demora.'

"Rama disse, 'Ó filha de Kasi, diga somente a ordem e Bhishma, embora merecedor de reverência de ti, irá, por minha ordem, colocar teus pés sobre sua cabeça!'

"Amva disse, 'Ó Rama, mate em batalha aquele Bhishma que ruge como um Asura. De fato, convocado para o confronto (por ele), mate-o, ó Rama, se tu desejas (fazer) o que é agradável para mim. Cabe a ti, além disso, fazer verdadeira tua promessa.'

"Bhishma continuou, 'Enquanto, ó rei, Rama e Amva estavam conversando dessa maneira entre si, o Rishi (Akritavrana) de alma muito virtuosa disse essas palavras, 'Não cabe a ti, ó poderosamente armado, abandonar esta moça que procura tua proteção! Se convocado para lutar Bhishma vier para o confronto e disser 'Eu estou derrotado', ou se ele obedecer tuas palavras, então aquilo que está moça procura será realizado, ó filho da linhagem de Bhrigu, e as palavras faladas por ti, ó herói, também, ó senhor, serão verdadeiras! Este também foi, ó grande Muni, o voto então feito por ti, ó Rama, a promessa feita por ti diante de Brahmanas depois que tu tinhas conquistado todos os Kshatriyas, ou seja, que tu matarias em batalha a pessoa, fosse ela um Brahmana, um Kshatriya, um Vaisya, ou um Sudra, que fosse um inimigo para os Brahmanas. Tu em seguida prometeste que enquanto tu vivesses tu não abandonarias aqueles que fossem a ti com medo e procurassem tua proteção, e que tu, ó Bhargava, matarias aquele guerreiro orgulhoso que derrotasse em batalha todos os Kshatriyas da terra reunidos! Ó Rama, o próprio Bhishma, aquele perpetuador da linhagem de Kuru, alcançou tal sucesso (sobre todos os Kshatriyas)! Aproximando-te dele, ó filho da linhagem de Bhrigu, enfrente-o agora em combate!'

"Rama disse, 'Ó melhor dos Rishis, eu me lembro daquela minha promessa feita antes. Eu, no entanto (no caso atual) farei aquilo que a conciliação possa indicar. Essa tarefa que a filha de Kasi tem em sua mente é grave, ó Brahmana! Levando esta moça comigo, eu irei para o lugar onde Bhishma está. Se Bhishma, orgulhoso de suas realizações em batalha, não obedecer minha ordem, eu então matarei aquele indivíduo arrogante. Esta mesma é minha resolução fixa. As flechas disparadas por mim não se fixam nos corpos das criaturas incorporadas (mas passam através deles). Isto é sabido por vocês a partir do que vocês viram em meus confrontos com os Kshatriyas!' Tendo dito isso, Rama então, junto com todos aqueles buscadores de Brahma, resolveu partir daquele retiro, e o grande asceta então se levantou de seu assento. Então aqueles ascetas, passando aquela noite lá, realizaram (na manhã seguinte) seus ritos homa e recitaram suas orações. E então eles todos partiram, desejosos de tirar minha vida. E Rama, acompanhado por todos aqueles devotos de Brahma, então veio para Kurukshetra, ó monarca, com aquela donzela, ó Bharata, em sua companhia. E aqueles ascetas de grande alma, com aquele principal da linhagem de Bhrigu na dianteira, tendo chegado nas margem da corrente do Saraswati, se aquartelaram lá.'"

181

"Bhishma disse, 'Depois que ele tinha se aquartelado lá, no terceiro dia, ó rei, o filho de Jamadagni de votos superiores enviou uma mensagem para mim, dizendo, 'Eu cheguei aqui, faça o que é agradável para mim.' Sabendo que Rama, de grande poder, tinha chegado aos confins do nosso reino, eu fui rapidamente com o coração alegre até aquele mestre que era um oceano de energia. E eu fui até ele, ó rei, com uma vaca colocada na frente da minha comitiva, e acompanhado por muitos Brahmanas e sacerdotes (comuns da nossa família), e

por outros, parecendo os próprios deuses em esplendor, empregados por nós em ocasiões especiais. E me vendo chegado em sua presença, o filho de Jamadagni, de grande destreza aceitou o culto que eu ofereci a ele e disse essas palavras para mim.'

"Rama disse, 'Tu mesmo desprovido de desejo, com que disposição de mente, ó Bhishma, tu sequestraste, na ocasião da sua própria escolha (de marido), a filha do rei de Kasi e, além disso, a dispensaste posteriormente? Por ti esta dama famosa foi dissociada da virtude! Contaminada pelo toque das tuas mãos antes, quem poderia se casar com ela agora? Ela foi rejeitada por Salwa porque tu, ó Bharata, a sequestraste. Aceite-a, portanto, para ti mesmo, ó Bharata, por minha ordem. Que esta filha de um rei, ó tigre entre homens, seja encarregada com os deveres de seu sexo! Ó rei, ó impecável, não é apropriado que esta humilhação seja dela!'

Vendo-o mergulhado em tristeza (por causa da donzela) eu disse a ele, 'Ó Brahmana, eu não posso, de maneira nenhuma, entregar esta moça ao meu irmão. Ó tu da linhagem de Bhrigu, foi para mim mesmo que ela disse, 'Eu sou de Salwa!' E foi por mim que ela foi permitida ir para a cidade de Salwa. Em relação a mim mesmo, é meu firme voto que eu não posso abandonar as práticas Kshatriya por medo ou compaixão, ou cobiça de riqueza, ou luxúria!' Ouvindo estas minhas palavras, Rama se dirigiu a mim, com olhos rolando de raiva, dizendo, 'Se, ó touro entre homens, tu não agires de acordo com minhas palavras, eu te matarei hoje mesmo junto com todos os teus conselheiros!' De fato, com olhos rolando de raiva, Rama em grande ira me disse estas palavras repetidamente. Eu, no entanto, ó castigador de inimigos, então o supliquei em palavras gentis. Mas embora suplicado por mim, ele não se acalmou. Reverenciando com minha cabeça aquele melhor dos Brahmanas eu então perguntei dele a razão pela qual ele procurava lutar comigo. Eu também disse, 'Ó tu de armas poderosas, quando eu era uma criança foste tu que me instruíste nas quatro espécies de armas. (A ciência de armas (Dhanurveda), classifica armas sob quatro categorias, ou seja, Mukta, Amukta, Muktamukta, e Yantramukta. Uma arma Mukta é uma que é lançada da mão, como um disco. Uma Amukta não é lançada da mão, como uma espada. Uma Muktamukta é uma que é às vezes arremessada e às vezes não, como uma maça. Uma Yantramukta é uma disparada de um mecanismo, como uma flecha ou uma bala. Todas as armas Mukta são Astras, enquanto todas as Amukta são chamadas de sastras.) Eu sou, portanto, ó tu da linhagem de Bhrigu, teu discípulo!' Então Rama me respondeu com olhos vermelhos de raiva, 'Tu me reconheces, ó Bhishma, como teu preceptor, e, contudo, ó Kauravya, tu não aceitas, para agradar a mim, esta filha do soberano de Kasi! Ó encantador dos Kurus, eu não posso ser satisfeito a menos que tu ajas dessa maneira! Ó poderosamente armado, aceite esta moça e preserve tua linhagem! Tendo sido sequestrada por ti, ela não obteve um marido.' Para Rama, aquele subjugador de cidades hostis, eu respondi, dizendo, 'Isto não pode ser, ó Rishi regenerado! Todo o teu trabalho é inútil. Ó filho de Jamadagni, lembrando-me do teu antigo cargo de preceptor, eu estou me esforçando, ó santo, para te gratificar! Com relação a esta moça, ela foi recusada por mim antes sabendo quais são as imperfeições,

produtivas de grandes males, do sexo feminino; quem admitiria em sua residência uma mulher cujo coração é de outro e que, (por causa disso) é assim como uma cobra de veneno virulento? Ó tu de votos elevados, nem por medo de Vasava eu abandonaria o dever! Seja bondoso para mim, ou faça a mim sem demora aquilo que tu achas apropriado. Este sloka também, ó tu de alma pura, é ouvido nos Puranas, ó senhor, cantado por Marutta de grande alma, ó tu de grande inteligência! 'É sancionada pela ordenança a renúncia de um preceptor que é cheio de vaidade, que é desprovido do conhecimento do certo e errado, e que está trilhando um caminho errôneo.' Tu és meu preceptor e é por isso que eu por amor tenho te reverenciado imensamente. Tu, no entanto, não conheces o dever de um preceptor, e é por isso que eu lutarei contigo. Eu não mataria algum preceptor em batalha, especialmente também um Brahmana, e mais especialmente alguém dotado de mérito ascético. É por isto que eu te perdôo. É verdade bem conhecida, dedutível das escrituras, que não é culpado de matar um Brahmana quem mata em batalha uma pessoa daquela ordem que utiliza armas como Kshatriya e luta colericamente sem procurar fugir. Eu sou um Kshatriya colocado na prática dos deveres Kshatriya. Uma pessoa não incorre em pecado, nem atrai sobre si algum mal por se comportar em direção a uma pessoa exatamente como aquela pessoa merece. Quando uma pessoa familiarizada com as propriedades de hora e lugar, e bem versada em questões concernentes a lucro e virtude se sente duvidosa com relação a alguma coisa, ela deve sem escrúpulos de qualquer tipo se dedicar à aquisição de virtude que concederá o maior benefício a ela. E já que tu, ó Rama, em uma questão ligada com lucro de retidão duvidosa ages injustamente, eu certamente lutarei contigo em um grande combate. Veja a força de meus braços e minha destreza que é sobre-humana! Em vista de tais circunstâncias, eu certamente farei, ó filho de Bhrigu, o que eu puder. Eu lutarei contigo, ó regenerado, no campo de Kurukshetra! Ó Rama de grande refulgência, equipe-te como tu desejares para duelar! Venha e te coloque no campo de Kurukshetra onde, afligido com minhas flechas em grande batalha, e santificado por minhas armas, tu poderás alcançar aquelas regiões que foram ganhas por ti (através de tuas austeridades). Ó tu de braços poderosos e riqueza de ascetismo, lá eu me aproximarei de ti para combate, de ti que gostas tanto de combate! Lá, ó Rama, onde antigamente tu propiciaste teus antepassados (falecidos com oblações de sangue Kshatriya), matando-te lá, ó filho de Bhrigu, eu propiciarei os Kshatriyas mortos por ti! Vá lá, ó Rama, sem demora! Lá, ó tu que és difícil de ser vencido, eu refrearei teu velho orgulho sobre o qual os Brahmanas falam! Por muitos longos anos, ó Rama, tu te gabaste, dizendo, 'Eu, sozinho, venci todos os Kshatriyas da Terra!' Ouça agora o que te permitiu ceder àquela jactância! Naqueles dias Bhishma não era nascido, ou algum Kshatriya semelhante a Bhishma! Kshatriyas realmente dotados de valor tomaram seus nascimentos mais tarde! Com relação a ti mesmo, tu consumiste somente pilhas de palha! A pessoa que facilmente abrandará teu orgulho de batalha nasceu desde então! Ele, ó poderosamente armado, não é outro a não ser eu mesmo, o próprio Bhishma, este subjugador de cidades hostis! Sem dúvida, ó Rama, eu sozinho suprimirei teu orgulho de combate!'

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas minhas palavras, Rama se dirigiu a mim, dizendo risonhamente, 'Por boa sorte é, ó Bhishma, que tu desejas lutar comigo em batalha! Ó tu da família de Kuru, agora mesmo eu vou contigo para Kurukshetra! Eu farei o que tu disseste! Vá para lá, ó castigador de inimigos! Que tua mãe, Jahnavi, ó Bhishma, te veja morto naquela planície, perfurado com minhas flechas, e te tornares o alimento de urubus, corvos, e outras aves carnívoras! Que aquela deusa adorada por Siddhas e Charanas, aquela filha abençoada de Bhagiratha, na forma de um rio, que gerou tua pessoa pecaminosa, chore hoje, ó rei, vendo-te morto por mim e jazendo miserável sobre aquela planície, embora ela não seja merecedora de ver tal visão! Venha, ó Bhishma, e siga-me, ó indivíduo orgulhoso, sempre desejoso de batalha! Ó tu da linhagem de Kuru, leve contigo, ó touro da linha de Bharata, teus carros e todos os outros equipamentos de batalha!' Ouvindo estas palavras de Rama, aquele subjugador de cidades hostis, eu o reverenciei com uma inclinação de minha cabeça e respondi a ele, dizendo, ‘Assim seja!’ Tendo dito tudo isso, Rama então foi para Kurukshetra por desejo de combate, e eu também, entrando em nossa cidade, relatei tudo para Satyavati. Então fazendo cerimônias propiciatórias serem realizadas (por minha vitória), e sendo abençoado também por minha mãe, e fazendo os Brahmanas proferirem bênçãos sobre mim, eu subi em um carro bonito feito de prata e ao qual, ó tu de grande glória, estavam unidos corcéis de cor branca. E cada parte daquele carro era bem-construída, e ele era extremamente cômodo e coberto por todos os lados com peles de tigre. E ele estava equipado com muitas armas formidáveis e guarnecido com todos os artigos necessários. E ele era dirigido por um quadrigário que era bem nascido e corajoso, que era versado no conhecimento de cavalos, cuidadoso em batalha, e bem treinado em sua arte, e que tinha visto muitos combates. E eu estava equipado com uma cota de malha de cor branca, e tinha meu arco na mão. E o arco que eu peguei também era branco. E assim equipado eu parti, ó melhor da família de Bharata! E um guarda-sol branco era segurado sobre minha cabeça. E, ó rei, eu era abanado com leques que também eram brancos. E vestido de branco, com uma proteção também branca para a cabeça, todos os meus enfeites eram brancos. E elogiado (com hinos laudatórios) por Brahmanas me desejando vitória, eu saí da cidade que recebeu o nome de elefante, e procedi para Kurukshetra, que, ó touro da raça Bharata, era para ser o campo de batalha! E aqueles corcéis, velozes como a mente ou o vento, incitados por meu quadrigário, logo me levaram, ó rei, para aquele grande confronto. E chegados no campo de Kurukshetra, eu e Rama, ávidos para lutar, ficamos desejosos de mostrar um ao outro nossa destreza. E chegado dentro da visão do grande asceta Rama, eu peguei minha concha excelente e dei um sopro alto. E muitos Brahmanas, ó rei, e muitos ascetas que tinham suas residências na floresta, como também os deuses com Indra em sua chefia, estavam posicionados lá para ver o grande confronto. E muitas guirlandas celestes e diversas espécies de música celeste e muitos pálios como nuvens podiam ser observados lá. E todos aqueles ascetas que tinham vindo com Rama, desejando se tornar espectadores da luta permaneceram todos em volta do campo. Exatamente neste momento, ó rei, minha mãe divina dedicada ao bem de todas as criaturas apareceu diante de mim em sua própria forma e disse, 'O que é isto que tu procuras fazer? Dirigindo-me ao filho de Jamadagni, ó filho da linhagem

de Kuru, eu repetidamente o solicitarei dizendo, ‘Não lute com Bhishma que é teu discípulo!’ Ó filho, sendo um Kshatriya não fixe teimosamente teu coração em um confronto em batalha com o filho de Jamadagni que é um Brahmana!' De fato, foi dessa maneira que ela me reprovou. E ela também disse, 'Ó filho, Rama, igual em destreza ao próprio Mahadeva, é o exterminador da classe Kshatriya! Isto não é sabido por ti, que tu desistas de uma luta com ele.' Assim endereçado por ela, eu saudei a deusa reverentemente e respondi a ela com mãos unidas, dando a ela, ó chefe dos Bharatas, um relato de tudo o que tinha ocorrido naquela escolha de marido (da filha de Kasi). Eu também disse a ela tudo, ó rei de reis, sobre como eu tinha suplicado a Rama (para desistir do combate). Eu dei a ela também uma história de todas as ações passadas da filha (mais velha) de Kasi. Minha mãe então, o grande Rio, indo até Rama, começou, por mim, a suplicar ao Rishi da linhagem de Bhrigu. E ela disse a ele estas palavras, ‘Não lute com Bhishma que é teu discípulo!’ Rama, no entanto, disse para ela enquanto ela o estava suplicando dessa maneira, 'Vá e faça Bhishma desistir! Ele não realizou meu desejo! É por isto que eu o desafiei!'

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçada por Rama, Ganga, por afeição por seu filho, voltou para Bhishma. Mas Bhishma, com olhos rolando de raiva, se recusou a cumprir sua ordem. Justamente nesse momento, o poderoso asceta Rama, aquele principal da linhagem de Bhrigu, apareceu na visão de Bhishma. E então aquele melhor dos duas vezes nascidos o desafiou para o confronto.'"

182

"Bhishma disse, 'Eu então me dirigi sorridente a Rama posicionado para a batalha, dizendo, ‘Eu mesmo em meu carro, eu não desejo lutar contigo que estás sobre a terra! Suba em um carro, ó herói, e equipe teu corpo com armadura, ó de braços fortes, se de fato, ó Rama, tu desejas lutar comigo em combate!’ Então Rama sorridente respondeu para mim naquele campo de batalha, dizendo, 'A Terra, ó Bhishma, é meu carro, e os Vedas, como bons corcéis, são os animais que me carregam! O vento é o motorista do meu carro, e minha cota de malha é constituída por aquelas mães nos Vedas (Gayatri, Savitri e Saraswati). Bem coberto por estas em batalha, ó filho da família de Kuru, eu lutarei!' Tendo dito isso, ó filho de Gandhari, Rama de destreza incapaz de ser frustrada me cobriu por todos os lados com uma chuva grossa de flechas. Eu então vi o filho de Jamadagni posicionado sobre um carro equipado com todos os tipos de armas excelentes! E o carro no qual ele estava era extremamente belo e era de aparência extraordinária. E ele tinha sido criado por um decreto de sua vontade, e era belo como uma cidade. E corcéis celestes estavam unidos a ele, e ele estava bem protegido pelas defesas necessárias. E ele estava todo decorado com ornamentos de ouro. E ele estava bem coberto com peles resistentes por todos os lados, e tinha o emblema do sol e da lua. Rama estava armado com arco e equipado com uma aljava, e com dedos envolvidos em proteções de couro! Akritavrana, o amigo caro de Bhargava, bem versado nos Vedas, cumpria os

deveres de um motorista de carro para aquele guerreiro. E ele, da família de Bhrigu, repetidamente me convocando para o combate, dizendo, ‘Venha! Venha!’ alegrou meu coração. E eu então sozinho obtive para meu adversário aquele exterminador invencível e poderoso da classe Kshatriya, Rama erguido como o próprio sol em esplendor, desejoso (de sua parte) de lutar sozinho! E depois que ele tinha despejado três chuvas de flechas em mim refreando meus corcéis, eu desci do meu carro e colocando meu arco de lado procedi a pé até aquele melhor dos Rishis. E chegando diante dele eu adorei o melhor dos Brahmanas com reverência. E tendo-o saudado devidamente eu disse a ele estas palavras excelentes, ‘Ó Rama, seja tu igual ou superior a mim, eu lutarei contigo, meu preceptor virtuoso, em batalha! Ó senhor, abençoe-me, me desejando vitória!'

"Rama, assim endereçado, disse, 'Ó principal da família de Kuru, aquele que deseja prosperidade deve agir assim mesmo! Ó tu de armas poderosas, aqueles que lutam com guerreiros mais eminentes do que eles têm este dever a cumprir. Ó rei, eu teria te amaldiçoado se tu não tivesses te aproximado de mim dessa maneira! Vá, lute cuidadosamente e convocando toda a tua paciência, ó tu da linhagem de Kuru! Eu não posso, no entanto, te desejar vitória, pois eu mesmo estou aqui para te subjugar! Vá, lute justamente! Eu estou satisfeito com teu comportamento!’ Curvando-me a ele, eu então voltei rapidamente, e subindo em meu carro eu mais uma vez soprei minha concha enfeitada com ouro, E então, ó Bharata, começou o combate entre nós. E ele durou por muitos dias, cada um de nós, ó rei, estando desejoso de vencer o outro. E naquela batalha, foi Rama quem me atacou primeiro com novecentas e sessenta flechas retas equipadas com asas de urubu. E com aquela chuva de flechas, ó rei, meus quatro corcéis e quadrigários foram totalmente cobertos! Apesar de tudo isto, no entanto, eu permaneci calmo naquele combate, envolvido em minha cota de malha! Reverenciando os deuses, e especialmente os Brahmanas, eu então me dirigi sorridente a Rama posicionado para batalha, dizendo, ‘Embora tu tenhas mostrado pouco respeito por mim, eu contudo honrei completamente tua condição de preceptor! Escute também, ó Brahmana, a um outro dever auspicioso que deve ser cumprido se a virtude é para ser ganha! Os Vedas que estão no teu corpo, e a nobre posição de Brahmana que está também em ti, e o mérito ascético que tu tens ganhado pelas mais severas das austeridades, eu não ataco estes! Eu ataco, no entanto, aquela condição de Kshatriya que tu, ó Rama, tens adotado! Quando um Brahmana utiliza armas, ele se torna um Kshatriya. Veja agora o poder do meu arco e a energia dos meus braços! Eu cortarei rapidamente este teu arco com uma flecha afiada!’ Dizendo isso eu disparei nele, ó touro da raça Bharata, uma flecha afiada de cabeça larga, e cortando fora um dos chifres de seu arco com isto, eu o fiz cair no chão. Eu então disparei no carro (do filho) de Jamadagni cem flechas retas aladas com penas de urubu. Trespassando o corpo de Rama e levadas adiante pelo vento, aquelas flechas percorrendo o espaço pareciam vomitar sangue (de suas bocas) e pareciam verdadeiras cobras. Totalmente coberto com sangue e com sangue saindo de seu corpo. Rama, ó rei, brilhava em batalha, como a montanha Sumeru com correntezas de metal líquido deslizando em seu leito, ou como a árvore Asoka na chegada da primavera, quando coberta com ramos vermelhos de flores, ou, ó rei, como a árvore Kinsuka quando vestida em

seu traje florido! Pegando então outro arco, Rama, cheio de ira, despejou sobre mim numerosas flechas muito afiadas, equipadas com asas douradas. E aquelas flechas ardentes de ímpeto tremendo, parecendo cobras, ou fogo, ou veneno, vindo a mim de todos os lados, perfuraram meus próprios órgãos vitais e me fizeram tremer. Convocando toda minha frieza eu então me dirigi para o combate, e cheio de ira eu perfurei Rama com cem flechas. E afligido por aquelas cem flechas ardentes parecendo com fogo ou com o sol ou parecendo cobras de veneno virulento, Rama pareceu perder seus sentidos! Cheio, ó Bharata, de compaixão (à visão), eu parei por iniciativa própria e disse, 'Oh, que vergonha para a luta! Que vergonha para a prática Kshatriya!' E dominado, ó rei, pela aflição, eu repetidamente disse, 'Ai, grande é o pecado cometido por mim pela observância das práticas Kshatriya já que eu tenho afligido com flechas meu preceptor que é um Brahmana dotado de uma alma virtuosa!' Depois disso, ó Bharata, eu parei de atingir mais o filho de Jamadagni. Nesse momento, o corpo luminoso de mil raios, tendo aquecido a terra com seus raios, procedeu no fim do dia para seus aposentos no oeste e a batalha também entre nós cessou.'"

183

"Bhishma disse, 'Depois que a batalha tinha parado, meu quadrigário, bem hábil em tais operações, tirou do seu próprio corpo, dos corpos dos meus corcéis, e do meu corpo também as flechas que tinham atingido lá. Na manhã seguinte, quando o sol nasceu, a batalha começou outra vez, meus cavalos tendo sido (pouco tempo antes) banhados e permitidos rolar no chão e tendo sua sede saciada e assim revigorados. E vendo-me indo rapidamente para o combate vestido em uma cota de malha e posicionado em meu carro, o poderoso Rama equipou seu carro com grande cuidado. E eu também, vendo Rama vindo em direção a mim por desejo de batalha, coloquei de lado meu arco e desci rapidamente do meu carro. Saudando Rama eu voltei a subir nele, ó Bharata, e desejoso de dar combate, permaneci destemidamente diante daquele filho de Jamadagni. Eu então o oprimi com uma chuva espessa de flechas, e ele também me cobriu com uma chuva de flechas em retorno. E cheio de cólera, o filho de Jamadagni mais uma vez atirou em mim várias flechas ardentes de grande força e bocas em chamas parecendo verdadeiras cobras! E eu também, ó rei, disparando flechas afiadas às centenas e milhares, repetidamente cortava as flechas de Rama no meio do ar antes que elas pudessem chegar a mim. Então o filho poderoso de Jamadagni começou a lançar armas celestes em mim, todas as quais eu repelia, desejoso de realizar façanhas mais poderosas, ó tu de braços fortes, com minhas armas. E alto foi o estrondo que se ergueu então no firmamento por todos os lados. Naquele momento, eu arremessei em Rama a arma chamada Vayavya que Rama neutralizou, ó Bharata, por meio da arma chamada Guhyaka. Então eu apliquei, com mantras apropriados, a arma chamada Agneya, mas o senhor Rama neutralizou aquela minha arma por meio de uma (dele) chamada Varuna. E foi dessa maneira que eu neutralizei as armas celestes de Rama, e aquele castigador de inimigos, Rama também, dotado de grande energia e conhecedor de armas celestes, neutralizou

as armas disparadas por mim. Então, ó monarca, aquele melhor dos Brahmanas, o filho poderoso de Jamadagni, cheio de ira, inesperadamente se virando para minha direita, me perfurou no peito. Nisto, ó melhor dos Bharatas, eu desmaiei sobre o melhor dos meus carros. E vendo-me privado de consciência meu quadrigário rapidamente me levou para longe do campo. E vendo-me afligido e perfurado pelas armas de Rama e levado para longe enlanguescido e desmaiado, todos os seguidores de Rama, incluindo Akritavrana e outros e a princesa de Kasi, cheios de alegria, ó Bharata, começaram a gritar! Recuperando a consciência então eu me dirigi ao meu quadrigário, dizendo, 'Vá para onde Rama está! Minhas dores me deixaram, e eu estou pronto para combater!' Assim instruído, meu quadrigário logo me levou para onde Rama estava, com a ajuda daqueles meus corcéis muito belos que pareciam dançar conforme eles percorriam (a planície) e que eram dotados da velocidade do vento. E me aproximando de Rama então, ó tu da família de Kuru, e cheio de ira, pelo desejo de derrotar sua pessoa zangada, eu o submergi com uma chuva de flechas! Mas Rama, disparando três para cada uma das minhas, cortou em fragmentos todas as minhas flechas retas de curso reto em meio ao ar antes que alguma delas pudesse alcançá-lo! E vendo minhas flechas bem equipadas às centenas e milhares, cada uma cortada em dois pelas flechas de Rama, todos os seguidores de Rama estavam cheios de alegria. Impelido então pelo desejo de matá-lo eu disparei em Rama, o filho de Jamadagni, uma fecha vistosa de refulgência brilhante com a própria Morte sentada em sua cabeça. Atingido com muita força por ela e sucumbindo ao seu ímpeto, Rama desfaleceu e caiu no chão. E quando Rama caiu assim sobre o solo, exclamações de 'Oh' e 'Ai' surgiram por todos os lados, e o universo inteiro, ó Bharata, estava cheio de confusão e alarme, tal como poderia ser testemunhado se o próprio sol estivesse alguma vez para cair do firmamento! Então todos aqueles ascetas junto com a princesa de Kasi procederam quietamente, ó filho da linhagem de Kuru, com grande ansiedade em direção a Rama. E o abraçando, ó Kaurava, eles começaram a confortá-lo suavemente com o toque de suas mãos, tornadas frias pelo contato com água, e com garantias de vitória. Assim confortado, Rama se levantou e fixando uma flecha em seu arco ele se dirigiu a mim em uma voz agitada, dizendo, 'Fique, ó Bhishma! Tu já estás morto!' E disparada por ele, aquela flecha perfurou rapidamente meu lado esquerdo naquele confronto violento. E atingido por ela eu comecei a tremer como uma árvore sacudida pela tempestade. Matando meus cavalos então em combate terrível, Rama, lutando com grande frieza, me cobriu com enxames de flechas aladas, atiradas com notável agilidade de mão. Nisto, ó poderosamente armado, eu também comecei a atirar flechas com grande agilidade de mão para obstruir a chuva de flechas de Rama. Então aquelas flechas disparadas por eu mesmo e Rama, cobrindo totalmente o firmamento, ficaram lá mesmo (sem cair). E, nisso, envolvido por nuvens de flechas, o próprio sol não podia derramar seus raios através delas. E o próprio vento, obstruído por aquelas nuvens, parecia ser incapaz de passar através delas. Então, pelo movimento obstruído do vento, os raios do sol, e o estrépito das flechas umas contra as outras, um incêndio foi causado no céu. E então aquelas flechas brilharam pelo fogo gerado por elas mesmas, e caíram sobre a terra, reduzidas a cinzas! Então Rama, ó Kaurava, cheio de raiva, me cobriu com centenas e milhares e centenas de milhares e centenas de milhões de

flechas! E eu também, ó rei, com minhas flechas parecidas com cobras de veneno virulento, cortei em fragmentos todas aquelas flechas de Rama e as fiz caírem no chão como cobras cortadas em pedaços. E foi assim, ó melhor dos Bharatas, que aquele combate se realizou. Quando, no entanto, as sombras da noite se aproximaram, meu preceptor se retirou da luta.'"

184

"Bhishma disse, 'No dia seguinte, ó touro da raça Bharata, terrível novamente foi o combate que ocorreu entre Rama e eu quando eu o enfrentei mais uma vez. Aquele herói de alma virtuosa, familiarizado com armas celestes, o senhor Rama, dia a dia, começou a usar diversas espécies de armas celestes. Indiferente à própria vida, a qual é tão difícil de ser sacrificada, naquele combate violento, ó Bharata, eu frustrei todas aquelas armas com semelhantes das minhas que eram capazes de frustrá-las. E, ó Bharata, quando diversas armas foram neutralizadas dessa maneira e frustradas por meio de contra-armas, Rama, de energia imensa, começou a lutar contra mim naquela batalha indiferente à sua própria vida. Vendo todas as suas armas frustradas, o filho de grande alma de Jamadagni então arremessou em mim uma lança ardente, brilhante como um meteoro, com boca flamejante, enchendo o mundo inteiro, por assim dizer, com sua refulgência, e parecendo com o dardo arremessado pela própria Morte! Eu, no entanto, com minhas flechas cortei em três fragmentos aquele dardo ardente que avançava contra mim, e parecendo em esplendor com o sol que se eleva no fim do Yuga! Nisto, brisas carregadas com odores fragrantes começaram a soprar (em volta de mim). Vendo aquele seu dardo cortado, Rama, queimando com raiva, arremessou uma dúzia de outros dardos ardentes. Suas formas, ó Bharata, eu sou incapaz de descrever por sua grande refulgência e velocidade. Como, de fato, eu descreverei suas formas? Vendo aqueles dardos de diversas aparências se aproximarem de mim por todos os lados, como línguas compridas de fogo e resplandecendo com energia ardente como a dúzia de sóis que surge na época da destruição do universo, eu estava cheio de temor. Vendo uma rede de flechas avançando contra mim, eu a frustrei com uma chuva das minhas, e então enviei uma dúzia de flechas com as quais eu destruí aquela dúzia de dardos de aparência ardente de Rama. Então, ó rei, o filho de grande alma de Jamadagni despejou sobre mim numerosos dardos de aparência ardente, equipados com cabos matizados decorados com ouro, possuidores de asas douradas, e parecendo meteoros flamejantes! Frustrando aqueles dardos brilhantes por meio do meu escudo e espada, e fazendo-os caírem no chão naquele combate, eu então, com nuvens de flechas excelentes, cobri os excelentes corcéis de Rama e seu quadrigário. Então aquele batedor de grande alma do senhor dos Haihayas, (o Arjuna de mil mãos, chamado também de Kartaviryarjuna, o subjugador de Ravana, o chefe do clã Haihaya de Kshatriyas tendo sua capital em Mahishmati nas margens do Narmada (Nerbuda), foi morto por Rama); vendo aqueles meus dardos equipados com cabos decorados com ouro e parecendo cobras saindo de seus buracos, e cheio de ira à visão, recorreu mais uma vez a armas celestes! Então enxames de

flechas ardentes, parecendo com bandos de gafanhotos, caíram sobre mim e oprimiram a mim, meus corcéis, meu quadrigário, e meu carro! De fato, ó rei, meu carro, cavalos, e quadrigário foram totalmente cobertos por aquelas flechas! E o jugo, mastro, rodas, e os raios das rodas do meu carro, submersos por aquela chuva de flechas, se quebraram imediatamente. Depois que aquela chuva de flechas, no entanto, estava terminada, eu também cobri meu preceptor com uma chuva densa de flechas. Nisso, aquela massa de mérito Brâhmico, mutilado por aquela torrente de flechas, começou a sangrar copiosa e repetidamente. De fato, como Rama afligido com minhas nuvens de flechas, eu também estava densamente perfurado com suas flechas. Quando finalmente ao anoitecer o sol se pôs atrás das colinas ocidentais, nosso combate chegou a um fim.'"

185

"Bhishma disse, 'Na manhã seguinte, ó rei, quando o sol nasceu brilhantemente, o combate entre eu e ele da linhagem de Bhrigu começou novamente. Então Rama, aquele principal dos batedores, posicionado em seu carro de movimento rápido, derramou sobre mim uma torrente grossa de flechas como as nuvens sobre o leito da montanha. Meu quadrigário querido então, afligido por aquela chuva de flechas, se desviou de seu lugar no carro, me enchendo de aflição por sua causa. Uma total inconsciência então veio sobre dele. E assim ferido por aquela torrente de flechas ele caiu no chão desmaiado. E afligido como ele tinha sido pelas flechas de Rama, ele logo abandonou sua vida. Então, ó grande rei, o medo entrou no meu coração. E quando, na morte do meu quadrigário, eu ainda estava lamentando por ele com coração perturbado pela tristeza, Rama começou a atirar em mim muitas flechas concessoras de morte. De fato, exatamente quando posto em perigo pela morte do meu quadrigário eu estava lamentando por ele, ele da linhagem de Bhrigu, estirando o arco com força, me perfurou profundamente com uma flecha! Ó rei, aquela flecha bebedora de sangue, caindo sobre meu peito, me trespassou e caiu simultaneamente com minha pessoa sobre a terra! Então, ó touro da raça Bharata, pensando que eu estava morto, Rama repetidamente rugiu alto como as nuvens e se regozijou muito! De fato, ó rei, quando eu caí ao solo dessa maneira, Rama, cheio de alegria, deu gritos altos junto com seus seguidores, enquanto todos os Kauravas que estavam ao meu lado e todos aqueles que tinham ido lá para testemunhar o combate estavam angustiados com grande dor ao me verem cair. Enquanto jazia prostrado, ó leão entre reis, eu vi oito Brahmanas dotados da refulgência do sol ou do fogo. Eles ficaram me circundando naquele campo de batalha e me sustentando em seus braços. De fato, sustentado por aqueles Brahmanas eu não tive que tocar o solo. Como amigos eles me sustentaram no meio do ar enquanto eu estava respirando pesadamente. E eles estavam me borrifando com gotas de água. E me sustentando tanto quanto eles aguentavam, eles então, ó rei, repetidamente disseram para mim, 'Não temas! Que a prosperidade seja tua!' Confortado então por aquelas palavras deles, eu me ergui rapidamente. Eu então vi minha mãe Ganga, aquele principal dos rios, posicionada sobre meu carro. De

fato, ó rei dos Kurus, foi a grande deusa-rio que controlou meus corcéis no combate (depois da queda do meu quadrigário)! Reverenciando então os pés de minha mãe e dos espíritos dos meus ancestrais, eu subi no meu carro. Minha mãe então protegeu meu carro, corcéis, e todos os instrumentos de batalha. Com as mãos unidas eu roguei a ela para ir embora. Tendo dispensado ela, eu mesmo reprimi aqueles corcéis dotados da velocidade do vento, e lutei com o filho de Jamadagni, ó Bharata, até o fim do dia! Então, ó chefe dos Bharatas, no decorrer daquele combate, eu atirei em Rama uma flecha poderosa e dilacerante dotada de grande velocidade. Afligido com aquela flecha, Rama então, seu arco solto de suas mãos, caiu na terra sobre seus joelhos, privado de consciência! E quando Rama, aquele doador de muitos milhares (de moedas de ouro) caiu, massas de nuvens cobriram o firmamento, despejando uma chuva copiosa de sangue! E meteoros caíram às centenas, e o ribombar de trovões foram ouvidos, fazendo tudo tremer! E de repente Rahu envolveu o sol brilhante, e ventos tempestuosos começaram a soprar! E a própria terra começou a tremer. E urubus e corvos e garças começaram a descer em alegria! E os pontos do horizonte pareciam estar em chamas e chacais começaram repetidamente a gritar ferozmente! E baterias, não batidas (por mãos humanas), começaram a produzir um som dissonante! De fato, quando Rama de grande alma abraçou a terra, privado de consciência, todos estes presságios terríveis e alarmantes de mal foram vistos! Então se levantando de repente, Rama se aproximou de mim uma vez mais, ó Kaurava, para lutar, esquecendo tudo e privado de sua razão pela raiva. E aquele de braços fortes pegou seu arco dotado de grande força e também uma flecha mortal. Eu, no entanto, resisti a ele com sucesso. Os grandes Rishis então (que permaneciam lá) ficaram cheios de pena à visão, enquanto ele, no entanto, da linhagem de Bhrigu, estava cheio de grande ira. Eu então peguei uma flecha parecida com o fogo ardente que aparece no fim do Yuga, mas Rama de alma incomensurável frustrou aquela minha arma. Então, coberto por nuvens de poeira, o esplendor do disco solar foi ofuscado, e o sol foi para o monte ocidental. E a noite veio com suas brisas deliciosas e frescas, e então nós dois desistimos da luta. Dessa maneira, ó rei, quando a noite vinha a batalha violenta cessava, e (no dia seguinte) com o reaparecimento do sol ela começava novamente. E ela durou por vinte e três dias seguidos.'"

186

"Bhishma disse, 'Então, ó grande rei, durante a noite, tendo reverenciado os Brahmanas, os Rishis, os deuses, e todas aquelas criaturas que vagam durante a escuridão, e também os reis da terra, eu me deitei em minha cama, e na solidão do meu quarto eu comecei a refletir do seguinte modo: 'Por muitos dias este combate violento de consequência terrível tem durado entre eu mesmo e Jamadagni. Eu sou incapaz, no entanto, de vencer no campo de batalha aquele Rama de energia poderosa. Se de fato, eu sou competente para vencer em batalha aquele Brahmana de força poderosa, ou seja, o filho de Jamadagni de grande destreza, então que os deuses se mostrem bondosamente para mim esta noite!' Mutilado com flechas eu deitei adormecido. Ó grande rei, aquela noite ao

meu lado direito, perto da manhã, aqueles principais dos Brahmanas que tinham me erguido quando eu caí do meu carro e me segurado e dito para mim 'Não temas' e que tinham me confortado, se mostraram para mim, ó rei, em um sonho! E eles permaneceram me circundando e disseram estas palavras. Escute a elas conforme eu as repito para ti, ó perpetuador da linhagem de Kuru! 'Levante-se, ó filho de Ganga, tu não precisas temer! Nós te protegeremos, pois tu és nosso próprio corpo! Rama, o filho de Jamadagni, nunca será capaz de te vencer em batalha! Tu, ó touro da raça Bharata, serás o conquistador de Rama em combate! Esta arma querida, ó Bharata, chamada Praswapa, pertencente ao senhor de todas as criaturas, e forjada pelo artífice divino, virá ao teu conhecimento, pois ela era conhecida por ti na tua vida passada! Nem Rama, nem alguma pessoa sobre a terra a conhece. Lembre-te dela, portanto, ó tu de armas poderosas, e aplique-a com força! Ó rei de reis, ó impecável, ela virá a ti por si mesma! Com ela, ó Kaurava, tu serás capaz de controlar todas as pessoas dotadas de energia poderosa! Ó rei, Rama não será morto completamente por ela, tu não irás, portanto, ó concessor de honras, incorrer em algum pecado por usá-la! Afligido pela força desta tua arma, o filho de Jamadagni dormirá! Subjugando-o dessa maneira, tu o despertarás novamente em batalha, ó Bhishma, com aquela arma preciosa chamada Samvodhana! Faça o que nós te dissemos, ó Kauravya, de manhã, posicionado em teu carro. Dormindo ou morto nós consideramos isto como o mesmo, ó rei, Rama certamente não morrerá! Aplique, portanto, esta arma Praswapa tão felizmente recordada!' Tendo dito isso, ó rei, aqueles principais dos Brahmanas, oito em número e parecidos uns com os outros em forma, e possuidores de corpos refulgentes, todos desapareceram da minha visão!'"

187

"Bhishma disse, 'Depois que a noite tinha passado, eu despertei, ó Bharata, e me lembrando do meu sonho eu estava cheio de grande alegria. Então, ó Bharata, o combate começou entre ele e eu, um combate que era violento e inigualável e que fazia os cabelos de todas as criaturas se arrepiarem. E Bhargava despejou em mim uma chuva de flechas que eu frustrei com uma chuva das minhas flechas. Então cheio de ira pelo que ele tinha visto na véspera e pelo que ele via naquele dia Rama arremessou em mim um dardo, firme como o raio de Indra e possuidor de refulgência, parecido com a maça de Yama! Ele veio em direção a mim como uma chama de fogo ardente e sorvendo, por assim dizer, todos os quadrantes daquele campo de batalha! Então, ó tigre entre os Kurus, ele caiu, ó perpetuador da linha de Kuru, sobre meu ombro, como a chama do relâmpago que percorre o céu. Ferido assim por Rama, ó tu de olhos vermelhos, meu sangue, ó poderosamente armado, começou a fluir copiosamente como correntezas de terra vermelha de uma montanha (depois de uma chuva)! Cheio de grande cólera eu então atirei no filho de Jamadagni uma flecha mortal, fatal como o veneno de uma cobra. Aquele heróico e melhor dos Brahmanas, atingido com ela na testa, ó monarca, então parecia tão belo como uma colina cristada! Extremamente zangado, aquele herói então, mudando sua posição e puxando a corda do arco

com grande força, mirou em mim uma flecha terrível parecida com a própria Morte que a tudo destrói, e capaz de oprimir todos os inimigos! Aquela flecha ardente caiu sobre meu peito, silvando (pelo ar) como uma cobra. Coberto com sangue, eu caí sobre a terra, ó rei, atingido dessa maneira. Recuperando a consciência, eu arremessei no filho de Jamadagni um dardo terrível, refulgente como o raio. Aquele dardo caiu sobre o peito daquele principal dos Brahmanas. Privado de seus sentidos nisto, Rama começou a tremer todo. Aquele grande asceta então, isto é, seu amigo, o regenerado Akritavrana, o abraçou e com diversas palavras de conforto o acalmou. Assim tranquilizado, Rama de votos elevados estava então cheio de ira e disposição para vingança. Ele invocou a formidável arma Brahma. Para frustrá-la eu também usei a mesma arma excelente. Chocando-se uma contra a outra, as duas armas começaram a resplandecer brilhantemente, mostrando o que acontece no fim do Yuga! Sem poderem alcançar eu mesmo ou Rama, aquelas duas armas, ó melhor do Bharatas, encontraram uma à outra no meio do ar. Então todo o firmamento parecia estar em chamas, e todas as criaturas, ó monarca, ficaram muito atormentadas. Afligidos pela energia daquelas armas, os Rishis, os Gandharvas, e os deuses estavam todos muito angustiados. Então a terra, com suas montanhas e mares e árvores começou a tremer, e todas as criaturas, aquecidas com a energia das armas, estavam imensamente aflitas. O firmamento, ó rei, ficou em chamas e os dez pontos do horizonte ficaram cheios com fumaça. As criaturas, portanto, que percorrem o firmamento não podiam permanecer em seu elemento. Quando, em tudo isto, o mundo inteiro com os deuses, os Asuras e os Rakshasas começaram a proferir exclamações de dor, eu pensei ‘Este é o momento’, e fiquei desejoso, ó Bharata, de disparar rapidamente a arma Praswapa por ordem daqueles reveladores de Brahma (que tinham aparecido para mim no meu sonho!). Os Mantras também para invocar aquela arma excelente vieram de repente à minha mente!'"

188

"Bhishma disse, 'Quando eu tinha tomado esta decisão, ó rei, um rumor de vozes tumultuadas surgiu no céu. E ele dizia, ‘Ó filho da linhagem de Kuru, não dispare a arma Praswapa!’ Apesar disso, eu contudo mirei aquela arma no descendente de Bhrigu. Quando eu a tinha mirado, Narada se dirigiu a mim, dizendo, 'Lá, ó Kauravya, estão os deuses no céu! Até eles estão te proibindo hoje! Não mire a arma Praswapa! Rama é um asceta possuidor de mérito Brahma, e ele é, além disso, teu preceptor! Nunca, Kauravya, o humilhe.' Enquanto Narada estava me dizendo isto, eu vi aqueles oito reveladores de Brahma posicionados no céu. Sorridentes, ó rei, eles me disseram lentamente, ‘Ó chefe dos Bharatas, faça exatamente o que Narada diz. Isso mesmo, ó melhor da linhagem de Bharata, é muito benéfico para o mundo!' Eu então retirei aquela arma formidável chamada Praswapa e invoquei de acordo com a ordenança a arma chamada Brahma no combate. Vendo a arma Praswapa retirada, ó leão entre reis, Rama estava muito ofendido, e de repente exclamou, 'Infeliz que eu sou, eu estou derrotado, ó Bhishma!' Então o filho de Jamadagni viu diante dele seu pai venerável e os pais

de seu pai. Eles permaneceram circundando ele lá, e se dirigiram a ele nestas palavras de consolação, 'Ó senhor, nunca mostre tal impetuosidade outra vez, ou seja, a impetuosidade de te engajares em combate com Bhishma, ou especialmente com qualquer Kshatriya, ó descendente da linhagem de Bhrigu, pois lutar é o dever de um Kshatriya! Estudo (dos Vedas) e prática de votos são as maiores riquezas dos Brahmanas! Por uma razão, antes disto, tu foste ordenado por nós utilizar armas. Tu então cometeste aquele ato terrível e impróprio. Que esta batalha com Bhishma seja realmente tua última, pois tu já tiveste o suficiente disto. Ó tu de armas poderosas, deixe o combate. Abençoado sejas tu, que esta realmente seja a última ocasião de tu fazeres uso do arco! Ó invencível, jogue teu arco de lado, e pratique austeridades ascéticas, ó tu da família de Bhrigu! Veja, Bhishma, o filho de Santanu, é proibido por todos os deuses! Eles estão se esforçando para acalmá-lo, dizendo repetidamente, ‘Desista desta batalha! Não lute com Rama que é teu preceptor. Não é apropriado para ti, ó perpetuador da linhagem de Kuru, subjugar Rama em batalha! Ó filho de Ganga, mostre a este Brahmana toda a honra no campo de batalha!’ Em relação a ti, nós somos os teus superiores e, portanto te proibimos! Bhishma é um dos principais dos Vasus! Ó filho, é afortunado que tu ainda estejas vivo! O filho de Santanu com Ganga, um célebre Vasu como ele é, como ele pode ser derrotado por ti? Desista, portanto, ó Bhargava! Aquele principal dos Pandavas, Arjuna, o poderoso filho de Indra, foi ordenado pelo Auto-criado para ser o matador de Bhishma!'

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por seus próprios antepassados, Rama respondeu a eles, dizendo, 'Eu não posso desistir do combate. Este mesmo é o voto solene que eu fiz. Antes disto, eu nunca deixei o campo, abandonando a batalha! Ó antepassados, se vocês quiserem, façam o filho de Ganga desistir da luta! Com relação a mim mesmo, eu não posso, de nenhuma maneira, desistir do combate!' Ouvindo estas palavras dele, ó rei, aqueles ascetas com Richika em sua dianteira, vindo a mim com Narada em sua companhia, me disseram, 'Ó senhor, desista da batalha! Honre aquele principal dos Brahmanas!' Por causa da moralidade Kshatriya, eu respondi a eles, dizendo, ‘Este mesmo é o voto que eu fiz neste mundo, ou seja, que eu nunca desistiria da batalha virando minhas costas, ou permitiria que minhas costas fossem feridas com flechas! Eu não posso, por tentação ou angústia, ou medo, ou por riqueza, abandonar meu dever eterno! Esta mesma é minha decisão fixa!’ Então todos aqueles ascetas com Narada em sua frente, ó rei, e minha mãe Bhagirathi ocuparam o campo de batalha (diante de mim). Eu, no entanto, permaneci quietamente com arco e flechas como antes, decidido a lutar. Eles então mais uma vez viraram em direção a Rama e se dirigiram a ele, dizendo, 'Os corações dos Brahmanas são feitos de manteiga. Fique calmo, portanto, ó filho da linhagem de Bhrigu! Ó Rama, ó Rama, desista desta luta, ó melhor dos Brahmanas! Bhishma é incapaz de ser morto por ti, como de fato, tu, ó Bhargava, és incapaz de ser morto por ele!' Dizendo estas palavras enquanto eles permaneciam obstruindo o campo, os Pitris fizeram aquele descendente da linhagem de Bhrigu colocar de lado suas armas. Exatamente naquele momento eu vi novamente aqueles oito reveladores de Brahma, brilhando com refulgência e parecendo com estrelas brilhantes surgidas no firmamento. Posicionado para batalha como eu estava, eles disseram estas palavras para mim

com grande afeição, ‘Ó tu de armas poderosas, vá até Rama que é teu preceptor! Faça o que é benéfico para todos os mundos.’ Vendo então que Rama tinha desistido devido às palavras de seus benquerentes, eu também, para o bem dos mundos, aceitei as palavras dos meus benquerentes. Embora muito mutilado, eu, contudo me aproximei de Rama e o adorei. O grande asceta Rama então, sorridente, e com grande afeição, disse para mim, 'Não há Kshatriya igual a ti sobre a terra! Vá agora, ó Bhishma, pois neste combate tu me agradaste muito!' Convocando então em minha presença aquela donzela (a filha de Kasi), Bhargava tristemente disse a ela estas palavras no meio de todas aquelas pessoas de grande alma.'"

189

"Rama disse, 'Ó donzela, na própria vista de todas essas pessoas, eu lutei de acordo com o melhor do meu poder e mostrei minha coragem! Por usar até a melhor das armas eu não fui capaz de obter alguma vantagem sobre Bhishma, aquele principal de todos os manejadores de armas! Eu empreguei agora toda a minha força e poder. Ó dama bela, vá para onde quer que tu desejes! Que outro propósito teu eu posso realizar? Procure a proteção do próprio Bhishma! Tu não tens outro refúgio agora! Disparando armas poderosas Bhishma me derrotou!' Tendo dito isso, Rama de grande alma suspirou e ficou calado. Aquela donzela então se dirigiu a ele, dizendo, 'Ó santo, é assim mesmo como tua pessoa santa disse! Este Bhishma de grande inteligência é incapaz de ser vencido em batalha até pelos deuses! Tu realizaste meu propósito com o melhor do teu esforço e poder. Tu expuseste nesta batalha energia incapaz de ser frustrada e armas também de diversos tipos. Tu contudo não pudeste obter alguma vantagem sobre Bhishma em combate. Com relação a mim mesma, eu não irei uma segunda vez a Bhishma. Eu irei, no entanto, ó perpetuador da linhagem de Bhrigu, para onde, ó tu dotado de riqueza de ascetismo, eu possa (obter os meios para) eu mesma matar Bhishma em batalha!' Dizendo estas palavras aquela moça foi embora, com olhos agitados com raiva, e pensando em realizar minha morte, ela firmemente resolveu se dedicar ao ascetismo. Então aquele principal da linhagem de Bhrigu, acompanhado por aqueles ascetas, se despedindo de mim, partiu, ó Bharata, para as montanhas de onde ele tinha vindo. Eu também, subindo em meu carro, e elogiado pelos Brahmanas, entrei na nossa cidade e relatei para minha mãe Satyavati tudo o que tinha ocorrido, e ela, ó grande rei, proferiu bênçãos sobre mim. Eu então designei pessoas dotadas de inteligência para averiguar os atos daquela moça. Dedicados ao meu bem, benquerente deles, aqueles meus espiões com grande aplicação me traziam relatos do seu curso de ação, suas palavras e ações, dia a dia. Quando aquela moça foi para as florestas, decidida com relação a austeridades ascéticas, naquele momento eu fiquei triste, e afligido pela dor, eu perdi o teor do meu coração. Exceto alguém familiarizado com Brahma e cumpridor de votos, que são louváveis devido às austeridades que eles envolvem, nenhum Kshatriya alguma vez, por sua destreza, me venceu em combate! Eu então, ó rei, humildemente expliquei para Narada como também para Vyasa tudo o que a moça fez. Eles ambos me disseram, 'Ó Bhishma, não ceda à tristeza por

causa da filha de Kasi. Quem ousaria frustrar o destino por meio do esforço individual?' Enquanto isso, ó grande rei, aquela moça, entrando em um agrupamento de retiros praticou austeridades que estavam além dos poderes humanos (de resistência). Sem comida, emaciada, seca, com madeixas emaranhadas e pretejada com sujeira, por seis meses ela viveu do ar somente, e permaneceu imóvel como um poste de rua. E aquela dama, possuidora de riqueza de ascetismo, abandonando todo alimento pelo jejum que ela mantinha, passou um ano inteiro depois disto de pé nas águas do Yamuna. Dotada de grande ira, ela passou todo o ano seguinte de pé sobre a parte anterior dos seus dedos dos pés e tendo comido somente uma folha caída (de uma árvore). E assim por doze anos ela fez os céus quentes por suas austeridades. E embora desaconselhada por seus parentes, ela não pôde por quaisquer meios ser afastada (daquele curso de ação). Ela então foi ao Vatsabhumi frequentado pelos Siddhas e Charanas, e que era o retiro de ascetas de grande alma de feitos pios. Banhando-se frequentemente nas águas sagradas daquele retiro, a princesa de Kasi vagou de acordo com sua vontade. Procedendo em seguida (um após o outro) para o retiro, ó rei, de Narada e para o retiro auspicioso de Uluka e àquele de Chyavana, e ao local sagrado para Brahmana, e para Prayaga, a plataforma sacrifical dos deuses, e para aquela floresta sagrada para os deuses, e para Bhogawati, e, ó monarca, ao retiro do filho de Kusika (Viswamitra), e ao retiro de Mandavya, e também ao retiro de Dwilipa, e para Ramhrada, e, ó Kaurava, ao retiro de Garga, a princesa de Kasi, ó rei, realizou abluções nas águas sagradas de todos esses, cumprindo todo o tempo os mais difíceis dos votos. Um dia, minha mãe das águas a questionou, ó Kauravya, dizendo, 'Ó dama abençoada, para que tu te afliges assim? Diga-me a verdade!' Assim perguntada, ó monarca, aquela donzela impecável respondeu a ela com mãos unidas, dizendo, 'Ó tu de olhos bonitos, Rama foi vencido em batalha por Bhishma. Que outro rei (Kshatriya) então ousaria derrotar o último quando preparado com suas armas? Com relação a mim mesma, eu estou praticando as mais severas penitências para a destruição de Bhishma. Eu vago pela terra, ó deusa, para que eu possa matar aquele rei! Em tudo o que eu faço, ó deusa, este mesmo é o grande objetivo dos meus votos!' Ouvindo estas palavras dela, a que vai para o oceano (o rio Ganga) respondeu a ela, dizendo, 'Ó dama, tu estás agindo tortuosamente! Ó moça fraca, este teu desejo tu não serás capaz de realizar, ó impecável! Se, ó princesa de Kasi, tu cumpres estes votos para a destruição de Bhishma, e se tu deixares teu corpo enquanto os cumpre, (no teu próximo nascimento) tu virarás um rio, tortuoso em seu curso e de água somente durante as chuvas! Todos os lugares de banho ao longo do teu curso serão difíceis de se aproximar, e cheia somente durante as chuvas, tu serás seca por oito meses (durante o ano)! Cheia de jacarés terríveis, e criaturas de aparência terrível tu inspirarás temor em todas as criaturas!' Dirigindo-se a ela dessa maneira, ó rei, minha mãe, aquela senhora altamente abençoada, em semblante risonho, dispensou a princesa de Kasi. Aquela donzela muito formosa então mais uma vez começou a praticar votos, abandonando toda comida, sim, até água, às vezes por oito meses e às vezes por dez meses! E a filha do rei de Kasi, vagando para lá e para cá por seu desejo ardente de tirthas, mais uma vez voltou, ó Kauravya, para Vatsabhumi. E é lá, ó Bharata, que ela é conhecida como tendo se tornado um rio, cheio somente durante as estações chuvosas,

abundando com crocodilos, tortuoso em seu curso, e desprovido de acesso fácil à sua água. E, ó rei, por causa de seu mérito ascético somente metade do seu corpo se tornou tal rio em Vatsabhumi, enquanto com a outra metade ela permaneceu uma moça como antes!'

190

"Bhishma disse, 'Então todos aqueles ascetas (que moram em Vatsabhumi), vendo a princesa de Kasi firmemente resolvida com relação a austeridades ascéticas, a desaconselharam e a questionaram, dizendo, 'Qual é teu propósito?' Assim endereçada, a moça respondeu àqueles ascetas, maduros em penitências ascéticas, dizendo, 'Eu fui expulsa por Bhishma, impedida por ele (de obter) a virtude que teria sido minha por viver com um marido! Minha observância deste voto é para sua destruição e não por regiões de felicidade, ó dotados de riqueza de ascetismo! Tendo executado a morte de Bhishma, a paz será minha. Esta é minha resolução. Ele por quem este estado de dor contínua tem sido meu, ele por quem eu fui privada da região que teria sido minha se eu pudesse obter um marido, ele por quem eu me tornei nem mulher nem homem, sem matar em batalha aquele filho de Ganga eu não desistirei, ó dotados de riqueza de ascetismo. Isto mesmo que eu disse é o propósito que está no meu coração. Como uma mulher, eu não tenho mais algum desejo. Eu estou, no entanto, decidida a obter masculinidade, pois eu serei vingada em Bhishma. Eu não devo, portanto, ser desaconselhada por vocês.' A eles ela disse estas palavras repetidamente. Logo, o marido divino de Uma, portando o tridente, se mostrou em sua própria forma para aquela mulher asceta no meio daqueles grandes Rishis. Sendo pedida para solicitar a bênção que ela desejava, ela rogou da divindade minha derrota. 'Tu o matarás', foram as palavras que o deus disse para aquela dama de grande força mental. Assim assegurada, a moça, no entanto, mais uma vez disse para Rudra, 'Como pode acontecer, ó deus, que sendo uma mulher eu ainda serei capaz de alcançar vitória em batalha? Ó senhor de Uma, como uma mulher, meu coração está muito tranquilo. Tu, no entanto, me prometeste, ó senhor das criaturas, a derrota de Bhishma. Ó senhor que tens o touro como tua montaria, aja de tal maneira que tua promessa possa se tornar verdadeira, que enfrentando Bhishma, o filho de Santanu, em batalha, eu possa ser capaz de matá-lo.' O deus dos deuses, tendo o touro como seu símbolo, então disse àquela donzela, 'As palavras que eu proferi não podem ser falsas. Ó dama abençoada, verdadeiras elas serão. Tu matarás Bhishma, e certamente obterás masculinidade. Tu também te lembrarás de todos os incidentes (desta vida) mesmo quando tu obtiveres um novo corpo. Nascida na família de Drupada, tu te tornarás um Maharatha. Rápido no uso de armas e um guerreiro feroz, tu serás bem hábil em batalha. Ó dama abençoada, tudo que eu disse será verdade. Tu te tornarás um homem no término de algum tempo (desde teu nascimento)!' Tendo dito isso, o deus dos deuses, chamado também de Kapardin, tendo o touro como seu símbolo, desapareceu lá mesmo, na própria vista daqueles Brahmanas. Após isto, aquela moça impecável da cor mais formosa, a filha mais velha filha do rei de

Kasi, obtendo madeira daquela floresta na própria vista daqueles grandes Rishis, fez uma grande pira mortuária nas margens do Yamuna, e tendo ateado fogo nela, entrou naquele fogo ardente, ó grande rei, com o coração queimado com cólera, e proferindo, ó rei, as palavras, ‘(Eu faço isso) para a destruição de Bhishma!'"

191

"Duryodhana disse, 'Diga-me, ó avô, como Sikhandin, ó filho de Ganga, tendo antes nascido uma filha, depois se tornou um homem, ó principal dos guerreiros.'

"Bhishma disse, 'Ó grande rei, a rainha mais velha e querida do rei Drupada era, ó monarca, sem filhos (a princípio). Durante aqueles anos, o rei Drupada, ó monarca, prestou sua adoração ao deus Sankara por progênie, resolvendo em sua mente realizar minha destruição e praticando as mais rígidas das penitências. E ele rogou a Mahadeva, dizendo, 'Que um filho, e não uma filha, nasça para mim. Eu desejo, ó deus, um filho para me vingar de Bhishma.' Nisso, aquele deus dos deuses disse a ele, 'Tu terás um filho que será mulher e homem. Desista, ó rei, isto não será de outra maneira.' Voltando então para sua capital, ele se dirigiu à sua esposa, dizendo, 'Ó grande deusa, formidável tem sido o esforço feito por mim. Praticando austeridades ascéticas, eu prestei minhas adorações a Siva, e eu fui dito por Sambhu que meu filho se tornando uma filha (primeiro) posteriormente se tornaria uma pessoa masculina. E embora eu o solicitasse repetidamente, contudo Siva disse, ‘Este é o decreto do Destino. Isto não será de outra maneira. Aquilo que está destinado deve se realizar!' Então aquela senhora de grande energia, a rainha do rei Drupada, quando seu período chegou, observando todos os regulamentos (acerca de pureza), se aproximou de Drupada. E no devido tempo a esposa de Prishata concebeu, em conformidade com o decreto do Destino, como eu fui informado, ó rei, por Narada. E aquela senhora, de olhos parecidos com pétalas de lótus, continuou a manter o embrião em seu útero. E, ó filho da linhagem de Kuru, o rei Drupada de braços fortes, por afeto paterno, cuidou de todo o conforto daquela sua esposa querida. E, ó Kaurava, a esposa daquele senhor de terra, o rei Drupada, que não tinha filhos, teve todos os seus desejos satisfeitos. E no devido tempo, ó monarca, aquela deusa, a rainha de Drupada deu à luz uma filha de grande beleza. Nisso, a mulher de mente forte daquele rei, o sem filhos Drupada, anunciou, ó monarca, que a criança que ela tinha gerado era um filho. E então o rei Drupada, ó soberano de homens, fez todos os ritos prescritos para uma criança masculina serem realizados em relação àquela filha descrita enganosamente, como se ela fosse realmente um filho. E dizendo que a criança era um filho, a rainha de Drupada manteve seus planos muito cuidadosamente. E nenhum outro homem na cidade, salvo Prishata, sabia o sexo daquela criança. Acreditando nas palavras daquela divindade de energia imperecível, ele também ocultou o sexo real de sua criança, dizendo, ‘Ela é um filho.’ E, ó rei, Drupada fez todos os ritos de infância, prescritos para um filho, serem realizados em relação àquela criança, e ele deu o nome de Sikhandin a ela. Só eu, através dos meus espiões e das palavras de Narada, sabia a verdade,

informado como eu tinha sido anteriormente das palavras do deus e das austeridades ascéticas de Amva!'"

192

"Bhishma disse, 'Drupada, ó castigador de inimigos, concedeu grande atenção em tudo com relação àquela filha dele, ensinando a ela escrita e pintura e todas as artes. E em flechas e armas aquela criança se tornou um discípulo de Drona. E a mãe da criança, de compleição superior, então instou o rei (seu marido) para encontrar, ó monarca, uma esposa para ela, como se ela fosse um filho. Então Prishata, vendo que aquela sua filha tinha alcançado o total desenvolvimento da juventude e assegurado de seu sexo começou a consultar com sua rainha. E Drupada disse, 'Esta minha filha que aumenta assim minha aflição alcançou sua mocidade. Escondida, no entanto, ela foi até agora por mim por causa das palavras da divindade portadora do tridente!' A rainha respondeu, 'Aquilo, ó grande rei, nunca pode ser falso! Por que, de fato, o Senhor dos três mundos diria o que não ocorrerá? Se isto te agrada, ó rei, eu falarei, e escute as minhas palavras, e, ó filho da linhagem de Prishata, tendo escutado a mim, siga tua própria inclinação! Que o casamento desta criança com uma mulher seja realizado com cuidado. As palavras daquele deus serão verdadeiras. Esta é minha crença indubitável!' Então aquele casal real, tendo assentado sua resolução daquele caso, escolheram a filha do rei dos Dasarnakas como esposa de seu filho. Depois disto, o nobre Drupada, aquele leão entre reis, tendo perguntado acerca da pureza de descendência, de todos os soberanos da terra, escolheu a filha do rei dos Dasarnakas como esposa para Sikhandin. Ele que era chamado de rei dos Dasarnakas se chamava Hiranyavarman; e ele entregou sua filha para Sikhandin. E Hiranyavarman, o rei dos Dasarnakas, era um monarca poderoso, incapaz de ser facilmente vencido. Incapaz de ser resistido, aquele monarca de grande alma possuía um exército grande. E algum tempo depois do casamento, a filha de Hiranyavarman, ó melhor dos monarcas, alcançou sua mocidade enquanto a filha de Drupada também tinha alcançado a dela. E Sikhandin, depois do casamento, voltou para Kampilya. E a primeira logo veio a saber que a última era uma mulher como ela mesma. E a filha de Hiranyavarman, tendo averiguado que Sikhandin era realmente uma mulher, timidamente relatou para suas amas e companheiras tudo acerca do assim chamado filho do rei dos Panchalas. Então, ó tigre entre reis, aquelas amas do país Dasarnakas ficaram cheias de grande aflição e enviaram emissários para seu rei. E aqueles emissários relataram para o rei dos Dasarnakas tudo sobre o embuste que tinha ocorrido. E, nisso, o rei dos Dasarnakas ficou cheio de raiva. De fato, ó touro da raça Bharata, Hiranyavarman, ouvindo as notícias depois do término de poucos dias, estava muito atormentado pela ira. O governante dos Dasarnakas então, cheio de cólera violenta, enviou um mensageiro para a residência de Drupada. E o mensageiro do rei Hiranyavarman, tendo se aproximado sozinho de Drupada, levou-o para um lado e disse a ele em particular, 'O rei dos Dasarnakas, ó monarca, enganado por ti e enfurecido, ó impecável, pelo insulto que tu ofereceste a ele, disse estas palavras para ti: ‘Tu

me humilhaste! Sem dúvida isto não foi sabiamente feito por ti! Tu, por insensatez, solicitaste minha filha para tua filha! Ó pecaminoso, colha agora a consequência daquele ato de fraude! Eu agora matarei a ti com todos os teus parentes e conselheiros! Espere um pouco!'"

193

"Bhishma disse, 'Assim endereçado, ó rei, por aquele mensageiro, o rei Drupada, como um ladrão pego (na ação), não pôde falar. Ele se esforçou muito, por enviar emissários de palavras agradáveis com sua própria instrução para eles, dizendo, 'Isto não é assim,' para acalmar seu irmão. O rei Hiranyavarman, no entanto, averiguando novamente que o filho do rei dos Panchalas era realmente uma filha, saiu de sua cidade sem perder tempo. Ele então enviou mensagens para todos os seus amigos poderosos sobre aquela fraude praticada sobre sua filha, da qual ele tinha sabido a partir das amas dela. Então, aquele melhor dos reis, tendo reunido um grande exército, resolveu, ó Bharata, marchar contra Drupada. Então, ó monarca, o rei Hiranyavarman deliberou com seus ministros acerca do soberano dos Panchalas. E foi decidido entre aqueles reis de grande alma que se, ó monarca, Sikhandin fosse realmente uma filha, eles deveriam amarrar o soberano dos Panchalas e arrastá-lo de sua cidade, e instalando outro rei sobre os Panchalas eles deveriam matar Drupada com Sikhandin. Tomando aquela como a resolução fixa (de todos a quem ele tinha convocado) o rei Hiranyavarman uma vez mais mandou um enviado ao descendente de Prishata, dizendo 'Eu te matarei, fique calmo.'

"Bhishma continuou, 'O rei Drupada não era naturalmente corajoso. Em consequência, além disso, daquela sua ofensa, ele ficou cheio de medo. Mandando seus enviados outra vez ao soberano dos Dasarnakas, o rei Drupada, afligido pela angústia, se aproximou de sua esposa e se aconselhou com ela. E possuído por grande pavor e com coração atormentado pela angústia o rei dos Panchalas disse para sua esposa predileta, a mãe de Sikhandin, estas palavras, 'Meu irmão poderoso, o rei Hiranyavarman, tendo reunido uma grande tropa, está vindo em direção a mim com raiva. Tolos que nós dois somos, o que nós vamos fazer agora em relação a esta nossa filha? Suspeita-se que teu filho, Sikhandin, é uma filha. Sob esta suspeita, Hiranyavarman com seus aliados e seguido por seu exército deseja me matar pensando que ele foi enganado por mim! Ó tu de quadris belos, nos diga agora o que é verdadeiro ou falso nisto, ó bela dama! Ó dama abençoada, ouvindo de ti primeiro, eu decidirei como agir. Eu estou em grande perigo e este filho, Sikhandin, também está igualmente assim. De fato, ó rainha, ó tu da cor mais formosa, tu também estás ameaçada pelo perigo! Para o alívio de todos, diga a mim que te pergunto qual é a verdade! Ó tu de belos quadris e sorrisos doces, ouvindo o que tu tens a dizer eu agirei apropriadamente. Embora eu tenha sido enganado por ti quanto aos deveres que eu tenho para com um filho, contudo, ó senhora bela, por bondade eu agirei em direção a ambas de uma maneira apropriada. Portanto, não temas, nem deixe esta tua filha ter medo de alguma coisa. De fato, eu enganei o rei dos Dasarnakas. Diga-me, ó dama muito

abençoada, como eu posso agir em direção a ele para que tudo possa ainda acabar bem!' De fato, embora o rei soubesse de tudo ele se dirigiu à sua esposa na presença de outros dessa maneira, para proclamar sua própria inocência diante de outros. Sua rainha então lhe respondeu nas seguintes palavras.'"

194

"Bhishma disse, 'Então, ó rei de braços poderosos, a mãe de Sikhandin relatou para seu marido a verdade acerca de sua filha, Sikhandin. E ela disse, 'Sem filhos, ó grande rei, como eu era, por medo das minhas co-esposas, quando Sikhandini, minha filha, nasceu, eu contei para você que era um filho! Por teu amor por mim, tu também confirmaste isto, e, ó touro entre reis, tu realizaste todos os ritos prescritos para um filho em relação a esta minha filha! Tu então a casaste, ó rei, com a filha do rei dos Dasarnakas. Eu também aprovei esta ação, me lembrando das palavras do (grande) deus! De fato, eu não impedi isto, me lembrando das palavras de Siva, 'Nascida uma filha, ela se tornará um filho!'' Ouvindo tudo isso, Drupada, de também chamado Yajnasena, informou todos os seus conselheiros destes fatos. E, ó monarca, o rei então se aconselhou com ministros para a proteção apropriada de seus súditos (do suposto invasor). Embora ele mesmo tivesse enganado o rei dos Dasarnakas, contudo anunciando que a aliança que ele tinha feito era apropriada, ele começou a arranjar seus planos com total atenção. A cidade do rei Drupada era, ó Bharata, naturalmente bem protegida. Porém na chegada do perigo, ó monarca, eles começaram a protegê-la toda com mais cuidado e a fortalecê-la (com trabalhos defensivos). O rei, no entanto, com sua rainha, estava imensamente aflito, pensando em como uma guerra poderia não acontecer com seu irmão. Refletindo sobre isto, ele começou a prestar suas adorações aos deuses. Sua esposa respeitada, vendo-o confiando nos deuses e prestando suas adorações a eles, então se dirigiu a ele, ó rei, e disse, 'Homenagem aos deuses é produtiva de benefícios! Ela é, portanto, aprovada pelos virtuosos. O que eu direi, além disso, daqueles que estão afundados em um oceano de infortúnio? Portanto, preste homenagem àqueles que são teus superiores e que todos os deuses também sejam adorados, enquanto fazes grandes presentes (para os Brahmanas)! Que oblações sejam derramadas sobre o fogo para pacificar o soberano dos Dasarnakas. Ó senhor, pense nos meios pelos quais, sem uma guerra, tu possas acalmar teu irmão! Pela graça de todos os deuses tudo isso acontecerá. Para a preservação desta cidade, ó tu de olhos grandes, tu te aconselhaste com teus ministros. Faça tudo, ó rei, o que aqueles conselhos parecem indicar, pois confiança nos deuses, quando apoiada por esforço humano, sempre, ó rei, leva ao sucesso. Se estes dois não seguirem lado a lado, o sucesso se torna inalcançável. Portanto, com todos os teus conselheiros, faça tais arranjos em tua cidade que sejam apropriados, e preste homenagem, ó monarca, como tu quiseres, aos deuses.' Enquanto marido e mulher estavam conversando assim entre si, ambos cheios de aflição, sua filha impotente, Sikhandini, estava cheia de vergonha. Ela então refletiu, dizendo, 'É por minha causa que esses dois estão mergulhados em aflição!' Pensando assim, ela

resolveu pôr um fim em sua própria vida. Tendo tomado essa decisão, ela deixou a casa, cheia de grande tristeza, e entrou em uma floresta densa e solitária que era o abrigo, ó rei, de um Yaksha formidável chamado Sthunakarna. Por medo daquele Yaksha homens nunca entravam naquela floresta. E dentro dela ficava uma mansão com paredes altas e um portão, rebocada com terra em pó, e rica com fumaça portando a fragrância de arroz frito. Entrando naquela mansão, Sikhandini, a filha de Drupada, ó rei, começou a reduzir a si mesma por abandonar todo alimento por muitos dias. Nisso, o Yaksha chamado Sthuna, que era dotado de bondade, se mostrou para ela. E ele a questionou, dizendo, 'Para que objetivo é este teu esforço? Eu o realizarei, diga-me sem demora!' Assim perguntada, a moça lhe respondeu, dizendo repetidamente, 'Tu és incapaz de realizar isto!' O Guhyaka, no entanto, replicou, sem a demora de um momento, dizendo, 'Eu o realizarei! Eu sou um seguidor do Senhor dos tesouros, eu posso, ó princesa, conceder bênçãos! Eu te concederei até aquilo que não pode ser dado! Diga-me o que tu tens a dizer!' Assim assegurada, Sikhandini relatou em detalhes tudo o que tinha acontecido, para aquele chefe de Yakshas chamado Sthunakarna. E ela disse, 'Meu pai, ó Yaksha, logo encontrará a destruição. O soberano dos Dasarnakas marcha contra ele em fúria. Aquele rei equipado em armadura dourada é dotado de grande poder e grande coragem. Portanto, ó Yaksha, salve a mim, minha mãe, e meu pai! De fato, tu já prometeste aliviar minha angústia! Pela tua graça, ó Yaksha, eu me tornarei um homem perfeito! Enquanto aquele rei não se afastar da minha cidade, ó grande Yaksha, mostre-me benevolência, ó Guhyaka!'"

195

"Bhishma disse, 'Ouvindo, ó touro da raça Bharata, aquelas palavras de Sikhandini, afligida pelo destino, aquele Yaksha disse depois refletir em sua mente, estas palavras. De fato, estava ordenado para ser assim, e, ó Kaurava, isto estava ordenado para minha aflição! O Yaksha disse, 'Ó dama abençoada, eu sem dúvida farei o que tu desejas! Escute, no entanto, à condição que eu faço. Por certo período eu te darei minha masculinidade. Tu deves, no entanto, voltar a mim no devido tempo. Prometa fazer isso! Possuidor de imenso poder, eu sou um viajante dos céus, vagando à minha vontade, e capaz de realizar o que quer que eu planeje. Pela minha graça, salve a cidade e teus parentes totalmente! Eu manterei tua feminilidade, ó princesa! Garanta tua honestidade para mim, eu farei o que é agradável para ti!' Assim endereçada, Sikhandini disse a ele, 'Ó santo de votos excelentes, eu te darei de volta tua masculinidade! Ó vagueador da noite, mantenha minha feminilidade por um tempo curto! Depois que o governante dos Dasarnakas que está envolvido em uma armadura dourada tiver partido (da minha cidade) eu mais uma vez me tornarei uma moça e tu te tornarás um homem!'

"Bhishma continuou, 'Tendo dito isso (um ao outro), os dois, ó rei, fizeram um pacto, e deram ao corpo um do outro seus sexos. E o Yaksha Sthuna, ó Bharata, se tornou uma mulher, enquanto Sikhandini obteve a forma resplandecente do Yaksha. Então, ó rei, Sikhandini da linhagem de Panchala, tendo obtido

masculinidade, entrou em sua cidade em grande alegria e se aproximou de seu pai. E ele relatou para Drupada tudo o que tinha acontecido. E Drupada, ouvindo tudo isto ficou muito contente. E junto com sua esposa o rei lembrou-se das palavras de Maheswara. E ele em seguida enviou, ó rei, um mensageiro para o soberano dos Dasarnakas, dizendo, 'Meu filho é um homem. Que tu acredites nisto!' O rei dos Dasarnakas enquanto isso, cheio com tristeza e dor, de repente se aproximou de Drupada, o soberano dos Panchalas. E chegado a Kampilya, o rei Dasarnaka despachou, depois de prestar a ele honras apropriadas, um enviado que era um dos principais daqueles familiarizados com os Vedas. E ele se dirigiu ao enviado, dizendo, 'Instruído por mim, ó mensageiro, diga para aquele pior dos reis, o soberano dos Panchalas, estas palavras, ou seja, ‘Ó tu de mente má, tendo escolhido minha filha como uma esposa para alguém que é tua filha, tu verás hoje, sem dúvida, o resultado dessa ação de fraude.' Assim endereçado e despachado por ele, ó melhor dos reis, o Brahmana partiu para a cidade de Drupada como enviado de Dasarnaka. E tendo chegado à cidade, o sacerdote foi até a presença de Drupada. O rei dos Panchalas então, com Sikhandin, ofereceu ao enviado, ó rei, uma vaca e mel. O Brahmana, no entanto, sem aceitar aquela adoração, disse para ele estas palavras que tinham sido comunicadas através dele pelo corajoso governante dos Dasarnakas que estava vestido em uma armadura dourada. E ele disse, 'Ó tu de comportamento vil, eu fui enganado por ti através da tua filha (como os meios)! Eu exterminarei a ti com teus conselheiros e filhos e parentes!' Tendo, no meio de seus conselheiros, sido feito por aquele sacerdote ouvir aquelas palavras repletas de censura e proferidas pelo soberano dos Dasarnakas, o rei Drupada então, ó chefe da família de Bharata, assumindo um comportamento suave por motivos de amizade, disse, ‘A resposta a estas palavras de meu irmão que tu disseste para mim, ó Brahmana, serão levadas àquele monarca por meu enviado!' E o rei Drupada então enviou para Hiranyavarman de mente elevada um Brahmana versado nos Vedas como seu enviado. E aquele enviado, indo ao rei Hiranyavarman, o soberano dos Dasarnakas, disse a ele, ó monarca, a informação que Drupada tinha lhe confiado.' E ele disse, 'Este meu filho é realmente um homem. Que isto seja tornado claro por meio de testemunha! Alguém tem falado falsamente para ti. Isso não ser crido!' Então o rei dos Dasarnakas, ouvindo as palavras de Drupada, ficou cheio de tristeza e despachou várias damas de grande beleza para averiguarem se Sikhandin era homem ou mulher. Enviadas por ele, aquelas damas, tendo averiguado (a verdade) disseram alegremente ao rei dos Dasarnakas tudo, ou seja, que Sikhandin, ó chefe dos Kurus, era uma poderosa pessoa do sexo masculino. Ouvindo aquele testemunho, o governante dos Dasarnakas ficou cheio de grande alegria, e indo então até seu irmão Drupada, passou uns poucos dias com ele em alegria. E o rei, alegre como ele estava, deu para Sikhandin muita riqueza, muitos elefantes e corcéis e vacas. E reverenciado por Drupada (enquanto ele permaneceu), o rei Dasarnaka então partiu, tendo repreendido sua filha. E depois que o rei Hiranyavarman, o soberano dos Dasarnakas, tinha partido em alegria e com sua raiva suprimida, Sikhandin começou a regozijar muito. Enquanto isso, algum tempo depois (que a troca de sexos tinha ocorrido) Kuvera, que era sempre carregado sobre os ombros de seres humanos, no decorrer de uma viagem (pela terra), chegou à residência de Sthuna. Permanecendo (no firmamento) acima daquela mansão, o protetor de

todos os tesouros viu que a excelente residência do Yaksha Sthuna estava bem adornada com guirlandas belas de flores, e perfumada com raízes fragrantes de ervas e muitos perfumes agradáveis. E ela estava decorada com dosséis, e incenso perfumado. E ela era também bela com estandartes e pendões. E ela estava cheia com comestíveis e bebidas de todos os tipos. E vendo aquela residência bela do Yaksha totalmente adornada, e cheia também com guirlandas de jóias e pedras preciosas e perfumada com a fragrância de espécies diversas de flores, e bem irrigada, e bem varrida, o senhor dos Yakshas se dirigiu aos Yakshas que o seguiam, dizendo, 'Vocês que são dotados de destreza incomensurável, esta mansão de Sthuna está bem enfeitada! Por que, no entanto, aquele indivíduo de má compreensão não vem até mim? E já que ele de alma pecaminosa, sabendo que eu estou aqui, não se aproxima de mim, portanto, algum castigo severo deve ser infligido a ele! Esta mesma é minha intenção!' Ouvindo estas palavras dele os Yakshas disseram, 'Ó rei, o rei Drupada teve uma filha nascida para ele, de nome Sikhandini! Para ela, por alguma razão, Sthuna deu sua própria masculinidade, e tendo tomado sua feminilidade sobre si ele fica dentro de sua residência tendo se tornado uma mulher! Portando uma forma feminina, ele, portanto, não se aproxima de ti em vergonha! É por esta razão, ó rei, que Sthuna não vem a ti! Sabendo de tudo isso, faça o que possa ser apropriado!' 'Que o carro seja parado aqui! Que Sthuna seja trazido a mim,' foram as palavras que o senhor dos Yakshas proferiu, e repetidamente disse, 'Eu irei puni-lo!' Convocado então pelo Senhor dos Yakshas, Sthuna portando uma forma feminina foi até lá, ó rei, e ficou diante dele envergonhado. Então, ó tu da família de Kuru, o doador de riqueza o amaldiçoou em fúria, dizendo, 'Ó Guhyakas, que a feminilidade do patife permaneça como está!' E o senhor de grande alma dos Yakshas também disse, 'Já que humilhando todos os Yakshas, tu, ó tu de feitos pecaminosos, entregaste teu próprio sexo para Sikhandini e pegaste dela, ó tu de mente má, sua feminilidade, já que, ó canalha pecaminoso, tu fizeste o que nunca foi feito por alguém, portanto deste dia em diante tu permanecerás uma mulher e ela permanecerá um homem!' A estas palavras dele, todos os Yakshas começaram a acalmar Vaisravana por causa de Sthunakarna dizendo repetidamente, 'Estabeleça um limite para tua maldição.' O senhor de grande alma dos Yakshas então disse para todos aqueles Yakshas que o seguiam, pelo desejo de estabelecer um limite para sua maldição, estas palavras, 'Depois da morte de Sikhandin, ó Yakshas, este recuperará sua própria forma! Portanto, que este Yaksha Sthuna de grande alma fique livre de sua ansiedade!' Tendo dito isso, o rei ilustre e divino dos Yakshas, recebendo culto devido, partiu com todos os seus seguidores que eram capazes de atravessar uma grande distância dentro do mais curto espaço de tempo. E Sthuna, com aquela maldição pronunciada sobre ele, continuou a viver lá. E quando chegou a hora, Sikhandin sem perder um momento foi àquele vagueador da noite. E se aproximando de sua presença ele disse, 'Eu vim a ti, ó santo!' Sthuna então repetidamente disse a ele, 'Eu estou satisfeito contigo!' De fato, vendo aquele príncipe retornar a ele sem fraude, Sthuna disse a Sikhandin tudo o que tinha acontecido. De fato, o Yaksha disse, 'Ó filho de um rei, por tua causa eu fui amaldiçoado por Vaisravana. Vá agora, e viva felizmente entre os homens como tu escolheres. Tua vinda aqui e a chegada do filho de

Pulastya estavam, eu penso, ambos ordenados antecipadamente. Tudo isto não podia ser evitado!'

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado pelo Yaksha Sthuna, Sikhandin, ó Bharata, foi para sua cidade, cheio de grande alegria. E ele adorou com diversos perfumes e guirlandas de flores e presentes caros pessoas da classe regenerada, divindades, árvores grandes e cruzamentos. E Drupada, o soberano dos Panchalas, junto com seu filho Sikhandin cujos desejos tinham sido coroados com êxito, e também com seus parentes, ficou muito contente. E o rei então, ó touro da raça Kuru, deu seu filho, Sikhandin, que tinha sido uma mulher, como um pupilo, ó monarca, para Drona. E o príncipe Sikhandin obteve, junto com vocês mesmos, toda a ciência de armas com suas quatro divisões. E (seu irmão) Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata também obteve o mesmo. De fato, tudo isto foi relatado para mim, ó senhor, pelos espiões, disfarçados como idiotas e como pessoas sem os sentidos de visão e audição que eu tinha colocado perto de Drupada. Foi assim, ó rei, que aquele melhor dos Rathas, Sikhandin, o filho de Drupada, tendo primeiro nascido uma mulher, posteriormente se tornou uma pessoa do outro sexo. E foi a filha mais velha do soberano de Kasi, célebre pelo nome de Amva, que foi, ó touro da linhagem de Bharata, nascida na linhagem de Drupada como Sikhandin. Se ele se aproximar de mim com arco na mão e desejoso de lutar, eu não olharei para ele nem por um momento nem o atingirei, ó tu de glória imorredoura! Este mesmo é meu voto, conhecido por todo o mundo, ou seja, que eu não irei, ó filho da família de Kuru, disparar armas sobre uma mulher, ou alguém que era uma mulher antes ou alguém portando um nome feminino, ou alguém cuja forma pareça com a de uma mulher. Por esta razão eu não matarei Sikhandin. Esta mesma, ó senhor, é a história que eu averiguei do nascimento de Sikhandin. Eu, portanto, não o matarei em batalha mesmo que ele se aproxime de mim com arma na mão. Se Bhishma matar uma mulher os virtuosos todos falarão mal dele. Eu não irei, portanto, matá-lo mesmo que eu o veja esperando para lutar!'

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo estas palavras de Bhishma, o rei Duryodhana da família de Kuru, refletindo por um momento, pensou que aquele comportamento era apropriado para Bhishma.'"

196

"Sanjaya disse, 'Quando a noite passou e a manhã se aproximou, teus filhos mais uma vez, no meio de todas as tropas, questionaram seu avô, dizendo, 'Ó filho de Ganga, este exército que está pronto para lutar, do filho de Pandu, que abunda com homens, elefantes, e corcéis, que está apinhado com Maharathas, que é protegido por estes arqueiros poderosos dotados de grande força, ou seja, Bhima e Arjuna e outros encabeçados por Dhrishtadyumna e todos parecendo os próprios regentes do mundo, que é invencível e incapaz de ser resistido, que parece com o oceano ilimitado, este mar de guerreiros incapaz de ser agitado pelos próprios deuses em batalha, em quantos dias, ó filho de Ganga, ó tu de

grande refulgência, tu podes aniquilá-lo, e em quanto tempo pode aquele arqueiro poderoso, nosso preceptor (Drona), em quanto tempo também o poderoso Kripa, em quanto tempo Karna que tem prazer em batalha, e em quanto tempo aquele melhor dos Brahmanas, ou seja, o filho de Drona, podem cada um aniquilá-lo? Vocês que estão no meu exército são todos conhecedores de armas celestes! Eu desejo saber isto, pois a curiosidade que eu sinto em meu coração é grande! Ó tu de armas poderosas, cabe a ti dizer isso para mim!'

"Bhishma disse, 'Ó principal dos Kurus, ó senhor da terra, tu perguntaste sobre a força e fraqueza do inimigo. Isto, de fato, é digno de ti. Ouça, ó rei, enquanto eu te digo o limite máximo do meu poder em batalha, ou da energia das minhas armas, ou da força dos meus braços, ó tu de braços fortes! Com relação a combatentes comuns, deve-se lutar com eles naturalmente. Com respeito àqueles que são possuidores de poderes de ilusão, deve-se lutar com eles auxiliado pelos modos de ilusão. Isto mesmo é o que é prescrito sobre os deveres dos guerreiros. Eu posso aniquilar o exército Pandava, ó monarca abençoado, pegando toda manhã dez mil guerreiros (comuns) e mil guerreiros em carros como minha parte dia a dia. Equipado em armadura e sempre me esforçando ativamente, eu posso, ó Bharata, aniquilar esta grande força, de acordo com este arranjo em relação a número e tempo. Se, no entanto, posicionado em batalha, eu disparar minhas grandes armas que matam centenas e milhares de uma vez, então eu posso, ó Bharata, terminar a matança em um mês.'

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo estas palavras de Bhishma, o rei Duryodhana então questionou Drona, ó monarca, aquele principal da linhagem de Angira, dizendo, 'Ó preceptor, em quanto tempo tu podes aniquilar as tropas do filho de Pandu?' Assim endereçado por ele, Drona disse sorridente, 'Eu sou velho, ó de braços fortes! Minha energia e atividade ambas se tornaram fracas. Com o fogo das minhas armas eu posso consumir o exército dos Pandavas, como o filho de Santanu, Bhishma, eu penso, no tempo de um mês. Este mesmo é o limite do meu poder, este mesmo é o limite da minha força.' Então o filho de Saradwat, Kripa, disse ele podia aniquilar o inimigo no tempo de dois meses. O filho de Drona (Aswatthaman) prometeu aniquilar o exército Pandava em dez noites, Karna, no entanto, familiarizado como ele era com armas de grande eficácia, se comprometeu em realizar aquela façanha em cinco dias. Ouvindo as palavras do filho de Suta, o filho daquela que ruma para o oceano (Ganga), deu risada e disse, 'Enquanto, ó filho de Radha, tu não enfrentares em batalha Partha com suas flechas, concha, e arcos e avançando para o combate em seu carro com Vasudeva em sua companhia, tu podes pensar assim! Por que tu és capaz de dizer qualquer coisa, exatamente o que te agrada!'"

197

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras (dos líderes do exército Kuru), o filho de Kunti Yudhishthira, convocando todos os seus irmãos, disse para eles estas palavras em particular.'"

"Yudhishthira disse, 'Os espiões que eu coloquei no exército do filho de Dhritarashtra me trouxeram estas notícias de manhã. Duryodhana questionou o filho de Ganga de votos grandiosos, dizendo, 'Ó senhor, em quanto tempo tu podes aniquilar as tropas dos filhos de Pandu?' De fato, o perverso Duryodhana foi respondido por ele nestas palavras, ou seja, 'Em um mês!' Drona também declarou que ele podia fazer a mesma façanha mais ou menos no mesmo tempo. Gautama (Kripa) indicou duas vezes aquele período, como foi ouvido por nós. O filho de Drona conhecedor de armas de grande eficácia declarou que o período (no seu caso) seria dez noites. Karna também, conhecedor de armas de grande eficácia, perguntado no meio dos Kurus, declarou que poderia completar a matança em cinco dias. Portanto, eu também, ó Arjuna, estou desejoso de ouvir tuas palavras, 'Em quanto tempo tu podes, ó Falguni, exterminar o inimigo?' Assim endereçado pelo rei, Dhananjaya de cabelo ondulado, lançando um olhar sobre Vasudeva, disse estas palavras, 'Todos estes (Bhishma e outros) são (guerreiros) de grande alma, habilidosos com armas e familiarizados com todos os modos de guerra. Sem dúvida, ó rei, eles podem exterminar (nossas tropas) exatamente assim! Que a angústia do teu coração, no entanto, seja dissipada. Eu te digo realmente que com Vasudeva como meu aliado eu posso, em um único carro, exterminar os três mundos até com os imortais, de fato, todas as criaturas móveis que existiram, existem, e existirão, em um piscar de olhos. Isto é o que eu penso. Aquela arma terrível e poderosa que o Senhor de todas as criaturas (Mahadeva) me deu na ocasião da minha luta corpo a corpo com ele (no disfarce de) um caçador, ainda está comigo. De fato, ó tigre entre homens, aquela arma a qual o Senhor de todas as criaturas usa no fim do Yuga para destruir as coisas criadas está comigo. O filho de Ganga não conhece aquela arma; nem Drona nem Gautama (Kripa); nem o filho de Drona, ó rei! Como, portanto, o filho de Suta pode conhecê-la? No entanto, não é apropriado matar homens comuns em batalha por meio de armas celestes. Nós (por outro lado) venceremos nossos inimigos em um combate justo. Então, estes tigres entre homens, ó rei, são teus aliados! Todos eles são bem versados em armas celestes, e todos eles estão ávidos para lutar. Todos eles depois de sua iniciação nos Vedas passaram pelo banho final em sacrifícios. Todos eles são invictos. Eles são competentes, ó filho de Pandu, para matar em batalha até o exército dos celestiais. Tu tens como teus aliados Sikhandin, e Yuyudhana e Dhristadyumna da linhagem de Prishata; e Bhimasena, e esses gêmeos, e Yudhamanyu, e Uttamaujas, e Virata e Drupada que são iguais em batalha a Bhishma e Drona; e o poderosamente armado Sankha, e o filho de Hidimva de poder formidável; e este filho do último Anjanparvan dotado de grande força e bravura; e o descendente de Sini de braços fortes e bem versado em batalha, e o poderoso Abhimanyu e os cinco filhos de Draupadi! Tu mesmo, além disso, és competente para exterminar os três mundos! Ó tu que és dotado de refulgência igual àquela do próprio Sakra, eu sei disso, ó Kaurava, pois é evidente que aquele homem sobre quem tu possas lançar teu olhar em fúria sem dúvida será aniquilado!'"

198

"Vaisampayana disse, 'Na manhã seguinte, sob um céu sem nuvens, todos os reis, incitados pelo filho de Dhritarashtra, Duryodhana, partiram contra os Pandavas. E todos eles tinham se purificado por meio de banhos, estavam enfeitados em guirlandas, e vestidos em mantos brancos. E tendo derramado libações sobre o fogo, feito Brahmanas proferirem bênçãos sobre eles, eles pegaram suas armas e ergueram seus (respectivos) estandartes. E todos eles eram conhecedores dos Vedas, e dotados de grande coragem, e tinham praticado votos excelentes. E todos eram concessores de desejos (de outras pessoas), e todos eram hábeis em batalha. Dotados de grande força, eles partiram, depositando confiança uns nos outros, e com unidade de propósito desejando alcançar em batalha as regiões mais elevadas. E primeiro Vinda e Anuvinda, ambos de Avanti, e os Kekayas, e os Vahlikas, todos partiram com o filho de Bharadwaja em sua dianteira. Então vinha Aswatthaman, e o filho de Santanu (Bhishma), e Jayadratha do país do Sindhu, e os reis dos países do sul e do oeste e das regiões montanhosas, e Sakuni, o soberano dos Gandharas, e todos os chefes das regiões leste e norte, e os Sakas, os Kiratas, e Yavanas, os Sivis e os Vasatis com seus Maharathas na dianteira de suas respectivas divisões. Todos estes grandes guerreiros em carro marchavam na segunda divisão. Então vinha Kritavarman na dianteira de suas tropas, e aquele poderoso guerreiro em carro, o soberano dos Trigartas, e o rei Duryodhana cercado por seus irmãos, e Sala, e Bhurisravas, e Salya, e Vrihadratha, o soberano dos Kosalas. Estes todos marcharam na retaguarda, com os filhos de Dhritarashtra encabeçando-os. E todos estes Dhartarashtras dotados de grande poder, se unindo em ordem apropriada, e todos vestidos em armadura, tomaram sua posição na outra extremidade de Kurukshetra, e, ó Bharata, Duryodhana fez seu acampamento ser tão adornado a ponto de fazê-lo parecer com uma segunda Hastinapura. De fato, ó rei, até aqueles que eram espertos entre os cidadãos de Hastinapura não podiam distinguir sua cidade do acampamento. E o rei Kuru fez pavilhões inacessíveis, parecidos com o seu próprio, serem construídos às centenas e milhares para os (outros) reis (em seu exército). E aquelas tendas, ó rei, para a acomodação das tropas estavam bem plantadas em uma área medindo cinco yojanas completos daquele campo de batalha. E naquelas tendas às milhares que estavam cheias de provisões, os soberanos da terra entraram, cada um segundo sua coragem e segundo a força que ele possuía. E o rei Duryodhana ordenou que provisões excelentes fossem fornecidas para todos aqueles reis de grande alma com suas tropas consistindo em infantaria, elefantes, e cavalos, e com todos os seus seguidores. E com relação a todos aqueles que subsistiam de artes mecânicas e todos os bardos, cantores, e panegiristas dedicados à sua causa, e vendedores e comerciantes, e prostitutas, e espiões, e pessoas que tinham ido para testemunhar a batalha, o rei Kuru fez provisão devida para todos.'"

199

"Vaisampayana disse, 'Como Duryodhana, o rei Yudhishthira também, o filho de Kunti e Dharma, mandou partir, ó Bharata, seus guerreiros heróicos encabeçados por Dhrishtadyumna. De fato, ele ordenou que aquele matador de inimigos e comandante de tropas, aquele líder, firme em coragem, dos Chedis, dos Kasis, e dos Karushas, isto é, Dhrishtaketu, como também Virata, e Drupada, e Yuyudhana, e Sikhandin, e aqueles dois arqueiros poderosos, aqueles dois príncipes de Panchala, Yudhamanyu e Uttamaujas, partissem. Aqueles bravos guerreiros, envolvidos em belas cotas de malha e enfeitados com brincos dourados, brilhavam como fogos no altar sacrifical quando alimentado com manteiga clarificada. De fato, aqueles arqueiros poderosos pareciam resplandecentes como os planetas no firmamento. Então aquele touro entre homens, o rei Yudhishthira, tendo devidamente honrado todos os seus combatentes, mandou-os marchar. E o rei Yudhishthira ordenou excelentes provisões de alimentos para aqueles reis de grande alma com suas tropas consistindo em infantaria, e elefantes e cavalos, e com todos os seus seguidores, como também para todos aqueles que subsistiam de artes mecânicas. E o filho de Pandu primeiro ordenou Abhimanyu, e Vrihanta, e os cinco filhos de Draupadi, marcharem com Dhrishtadyumna em sua dianteira. E ele então despachou Bhima, e Dhananjaya o filho de Pandu, na segunda divisão de suas tropas. E o rumor feito pelos homens se movimentando e correndo para lá e para cá para arrearem seus corcéis e elefantes e carregarem os carros com instrumentos de batalha, e os gritos dos combatentes alegres, parecia tocar os próprios céus. E por último, o próprio rei marchava, acompanhado por Virata e Drupada e os outros monarcas (ao seu lado). E aquele exército de arqueiros ferozes comandado por Dhrishtadyumna, até então estacionado em um local, mas agora estendido em colunas para marchar, parecia com a (impetuosa) corrente do Ganga. Então o inteligente Yudhishthira dependendo de sua sabedoria dispôs suas divisões em uma ordem diferente, confundindo os filhos de Dhritarashtra. E o filho de Pandu ordenou que aqueles arqueiros poderosos, os (cinco) filhos de Draupadi, e Abhimanyu, e Nakula, e Sahadeva, e todos os Prabhadrakas, e dez mil cavalos, e dois mil elefantes, e dez mil soldados de infantaria, e quinhentos carros, constituindo a primeira divisão irresistível de seu exército, fosse colocada sob o comando de Bhimasena. E ele colocou na divisão do meio de seu exército Virata e Jayatsena, e aqueles dois poderosos guerreiros em carros, Yudhamanyu e Uttamauja, os dois príncipes de grande alma de Panchala, ambos dotados de grande destreza e ambos armados com maça e arco. E nesta divisão do meio marchavam Vasudeva e Dhananjaya. Lá estavam (colocados) combatentes muito talentosos em armas e queimando com raiva. Entre eles estavam corcéis montados por guerreiros valentes, e cinco mil elefantes, e multidões de carros por toda parte. E soldados de infantaria aos milhares, que eram todos bravos e armados com arcos, espadas, e maças, marchavam atrás deles, como mil marchavam à frente deles. E naquela parte daquele mar de tropas onde o próprio Yudhishthira estava estavam posicionados numerosos senhores de terra. E lá também havia milhares de elefantes, e corcéis às dezenas de milhares, e carros e

soldados de infantaria também aos milhares. E lá também marchava, ó touro entre reis, Chekitana com sua própria tropa grande, e o rei Dhrishtaketu, o líder dos Chedis. E lá também estava aquele arqueiro poderoso, Satyaki, o principal guerreiro em carro dos Vrishnis, aquele combatente poderoso, cercado por centenas e milhares de carros e levando (eles para a batalha)! E aqueles touros entre homens, Kshatrahan e Kshatradeva, em seus carros, marcharam atrás, protegendo a retaguarda. E lá (na retaguarda) estavam as carroças, tendas, uniformes, veículos e animais de tiro. Lá também estavam milhares de elefantes e cavalos às dezenas de milhares. E levando todos os inválidos e mulheres, e todos os que estavam emaciados e fracos, e todos os animais que carregavam seus tesouros, e todos os seus armazéns, com a ajuda de suas divisões de elefantes, Yudhishthira marchou lentamente. E ele era seguido por Sauchitti, que aderia firmemente à verdade e era invencível em batalha, e Srenimat, e Vasudeva e Vibhu, o filho do soberano de Kasi, com vinte mil carros, e cem milhões corcéis de grande vigor, cada um levando grande número de sinos em seus membros, e vinte mil elefantes golpeadores com presas tão longas quanto relhas de arado, todos de boa raça e têmporas divididas e todos parecendo massas de nuvens moventes. De fato, estes andavam habitualmente atrás daqueles monarcas. Além destes, ó Bharata, os elefantes que Yudhishthira tinha em seus sete Akshauhinis, numerando setenta mil, com líquido orgânico gotejando de suas trombas e de suas bocas, e parecendo (por causa disso) com nuvens de chuvas, também seguiam o rei, como colinas moventes.

Assim foi organizado aquele exército terrível do filho inteligente de Kunti. E confiando naquele exército ele lutou com Suyodhana, o filho de Dhritarashtra. Além daqueles já mencionados, outros homens às centenas e milhares e dezenas de milhares, em divisões contadas às milhares, seguiram (o exército Pandava), rugindo ruidosamente. E os guerreiros aos milhares e dezenas de milhares, cheios de alegria, bateram suas baterias às milhares e sopraram conchas às dezenas de milhares!'"

Fim do Udyoga Parva.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 6

BHISHMA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO

Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Exércitos em formação. Regras de batalha.	6
2	Dhritarashtra recusa visão da batalha, então Vyasa dá a Sanjaya visão celeste. Vyasa descreve maus presságios.	7
3	Vyasa discursa sobre batalha, presságios, Tempo.	9
4	Sanjaya fala sobre tipos de criaturas (7 selvagens, 7 domésticas, etc.). Porque a Terra é tão vital.	14
5	5 elementos básicos. Ilha chamada Sudarsana (mente).	15
6	Descrição da ilha (lugares na região Indra).	16
7	Descrição das áreas Kuru do Norte e do Leste.	19
8	Descrição termina com Ele. Dhritarashtra se rende à roda do Tempo.	20
9	Nomes de rios, províncias, reinos.	21
10	4 Yugas.	24
11	Regiões mais distantes (provavelmente Ásia).	25
12	Sumário da construção do Universo concluída. Incitado a pacificar Duryodhana.	27
	(Bhagavat-Gita Parva segue)	
13	Sanjaya relata que Bhishma foi morto por Sikhandin.	29
14	Dhritarashtra lamenta muito e pergunta a Sanjaya como aconteceu.	30
15	Sanjaya começa: Duryodhana cuida da proteção de Bhishma.	34
16	Tropas se levantam ao nascer do sol preparadas para a batalha.	35
17	Aparência das tropas. Só Karna não lutando. Caminho aberto para o céu do Kshatriya.	36
18	Barulho se ergue.	38
19	Tropas Pandavas em formação. Tomam posições. Distúrbios no céu e na terra.	39
20	Parthas encaram leste, os de Dhritarashtra o oeste.	41
21	Yudhishthira preocupado sobre maior força de Bhishma. Arjuna diz que a justiça vencerá.	42
22	Bhishma observa tropas Pandava.	43
23	Arjuna recita hino a Durga e obtém bênção da vitória.	44
24	Dhritarashtra pergunta quem desferiu o primeiro golpe.	46
	(Começo do Bhagavad-Gita Capítulo I)	
25	**O Desânimo de Arjuna.**	47
26	**Sankhya Yoga – A Filosofia do Discernimento.**	49
27	**Karma Yoga – O Caminho da Ação.**	53
28	**Jnana Yoga – O Caminho da Sabedoria.**	55
29	**Samnyasa Yoga – Renúncia à Ação.**	57
30	**Dhyana Yoga – Autocontrole.**	59
31	**Vijnana Yoga – Conhecimento e Experiência.**	62
32	**Abhyasa Yoga – A Vida Eterna.**	63
33	**Sabedoria e Segredo Soberanos.**	65
34	**Manifestações Divinas.**	67
35	**A Forma Universal.**	69
36	**Bhakti Yoga – O Caminho do Amor.**	72

37	**Matéria e Espírito.**	73
38	**Os Três Gunas.**	75
39	**O Espírito Supremo.**	76
40	**Espiritualidade e Materialismo.**	77
41	**Os Três Tipos de Fé.**	79
42	**Conclusão – O Espírito da Renúncia.**	80
43	Yudhishthira presta tributo a Bhishma, Drona, Kripa, Salya. Yuyutsu se junta aos Pandavas.	84
	(** Números em negrito indicam os dias da batalha **)	
44	**(1)** Batalha começa em meio a barulho terrível.	90
45	Principais reis enfrentam uns aos outros.	91
46	Infantaria em combate.	95
47	Alguma luta entre filho de Arjuna e Bhishma.	97
48	Depois de batalha violenta, Bhishma mata Sweta.	100
49	Sankha e Arjuna lutam com Bhishma. Bhishma causa devastação. Noite.	105
50	Yudhishthira fala a Krishna sobre derrota. Novo dia. Arjuna organiza as tropas como uma grande ave.	107
51	**(2)** Tropas prontas para a batalha.	110
52	Bhishma e Arjuna lutam igualmente equiparados.	111
53	Drona e Dhrishtadyumna lutam.	114
54	Bhima enfrenta exército dos Kalingas. Luta brevemente com Bhishma.	116
55	Tarde. Arjuna salva seu filho cercado por Drona, Kripa, etc. Noite.	121
56	**(3)** Dia seguinte luta começa.	123
57	Pandavas causam carnificina entre Kauravas.	124
58	Pandavas desbaratando exército com Duryodhana, Kripa, Drona, Bhishma.	126
59	Arjuna vai lutar com Bhishma. Hesita. Krishna pula do carro e avança em direção a Bhishma. Arjuna o trás de volta. Noite.	127
60	**(4)** Dia seguinte batalha começa.	135
61	Arjuna e filho em batalha. Príncipe de Panchala mata filho de Samyamani.	137
62	Bhima luta com maça, auxiliado por Abhimanyu.	138
63	Bhima destrói divisão de elefantes e detém avanço do exército inteiro.	141
64	Bhima mata vários filhos de Dhritarashtra. Enquanto desmaiado em batalha, Ghatotkacha ataca com energia. Bhishma ordena retirada pelo dia. Pandavas vitoriosos novamente.	143
65	Dhritarashtra pergunta a Sanjaya porque os Pandavas vencem. Em resposta, Sanjaya narra resposta de Bhishma para Duryodhana. Brahman louva o Ser Divino – pede para Krishna nascer para matar Asuras.	146
66	Brahman fala do plano para matar Daityas e Rakshasas nascidos entre os homens. Bhishma fala a Duryodhana, e porque lutar com Krishna é inútil.	150
67	Duryodhana pergunta quem Krishna é.	152
68	Bhishma novamente aconselha paz. Retira-se para a noite.	153
69	**5)** Batalha. Bhishma evita Sikhandin.	154
70	Bhima e Bhishma lutam.	155
71	Batalha.	157
72	Luta dos heróis uns contra os outros. Morte do quadrigário de Satyaki causa	

	medo nos Pandavas.	159
73	Arjuna v Aswatthaman. Bhima v Duryodhana. Abhimanyu v Lakshmana, que é levado embora.	160
74	Dez filhos de Satyaki mortos por Bhurisravas. Noite.	162
75	**(6)** Novo dia. Pandavas lutam em formação Makara (um animal aquático lendário parecido com um jacaré).	164
76	Dhritarashtra explica grandes preparações do exército.	166
77	Sanjaya critica Dhritarashtra por causar a batalha. Bhima e Dhrishtadyumna causam massacre. Drona aparece.	167
78	Bhima v Duryodhana.	170
79	Batalha à tarde.	171
80	Batalha violenta ao pôr do sol. Dushkama morto.	172
81	**(7)** Bhishma lidera exército, animando Duryodhana, dia seguinte de batalha.	175
82	Batalha. Herói v herói. Arjuna confunde inimigos com Aindra.	176
83	Drona mata Sankha. Sikhandin luta com Aswatthaman.	178
84	Iravat luta com dois príncipes Avanti. Ghatotkatcha foge de Bhagadatta. Sahadeva fere e expulsa Bhagadatta do campo.	181
85	Yudhishthira põe Srutayush para fugir. Chekitan v Kripa. Abhimanyu se abstém de lutar com irmãos de Duryodhana.	184
86	Yudhishthira impede Sikhandin de fugir. Bhima ataca Chitrasena a pé.	186
87	Bhishma enfrenta Yudhishthira - evita Sikhandin. Noite.	189
88	**(8)** Dia seguinte – na batalha.	191
89	Bhima mata vários dos filhos de Dhritarashtra.	193
90	Meio dia, batalha violenta.	195
91	Iravat, filho de Arjuna com filha do rei Naga luta heroicamente matando grandes guerreiros (filhos de Suvala) até que ele é morto pelo Rakshasa Alamvusha.	197
92	Ghatotkacha ataca Duryodhana.	201
93	Duryodhana sob pressão.	202
94	Ghatotkacha é ajudado. Batalha feroz. Kauravas retrocedem lentamente.	204
95	Ghatotkacha destroça exército perto do pôr do sol com uma ilusão.	206
96	Bhagadatta luta com Pandavas.	208
97	Arjuna tem notícia da morte de Iravat. Batalha até o pôr do sol.	212
98	Karna afirma que se Bhishma se retirar da batalha em sem dúvida matará os Pandavas. Duryodhana vai até Bhishma.	216
99	Bhishma jura matar os Somakas. Prepara-se para grande batalha.	217
100	**(9)** Presságios quando ambos os lados vão para a batalha.	220
101	Abhimanyu luta com Rakshasa Alamvusha.	221
102	Abhimanyu derrota Rakshasa. Drona e Arjuna combatem.	224
103	Arjuna luta com Drona usando armas celestes. Bhima destrói uma tropa de elefantes.	226
104	Bhishma luta com Dhrishtadyumna e Sikhandin.	228
105	Batalha violenta com todos os heróis. Drupada foge de Drona.	230
106	Salya, enviado para proteger Bhishma, é detido por Yudhishthira. Tarde.	232

107	Krishna diz para Arjuna lutar com Bhishma que está destruindo Pandavas. Arjuna luta brandamente e Krishna corre até Bhishma. Arjuna o detém.	233
108	Noite. Pandavas se aconselham com Bhishma a respeito de como eles podem matá-lo! Ele aconselha Arjuna e Sikhandin. Arjuna aflito por seu dever de matar o Avô.	237
109	**(10)** Bhishma faz formação de batalha de Asuras ou Rakshasas. Arjuna e Sikhandin procedem contra Bhishma.	242
110	Bhishma jura ser morto ou matar os Pandavas.	245
111	Todos avançam em direção a Bhishma. Arjuna faz Dussasana se retirar.	246
112	Batalha feroz em volta de Bhishma. Pandavas se aproximando lentamente.	248
113	Drona nota presságios. Manda seu filho para a batalha.	251
114	Bhima lutando com herói dos Kauravas. Arjuna se move em direção a Bhishma.	253
115	Arjuna lutando com Susarman e outros.	255
116	Bhishma abandona o desejo de viver.	257
117	Ambos os lados lutando - por Arjuna ou Bhishma.	259
118	Dussasana luta corajosamente por Bhishma. Arjuna finalmente segue atacando reis (Kripa, Salya, Vikarna, Dussasana, Vivingsati). Volta-se para Bhishma.	262
119	Bhishma mata Satanika (irmão de Virata). Bhishma atingido repetidamente.	265
120	Por escolha de Bhishma (devido à bênção) ele abandona a vida. Atingido incontáveis vezes ele cai perto do pôr do sol. Rishis, celestiais, Ganga assistem. Mantém sua vida até o sol alcançar solstício norte (muitos meses depois).	267
121	A luta cessa. Drona e o restante dos Pandavas/Kauravas vão até Bhishma em um leito de flechas não tocando o chão. Ele pede um travesseiro.	273
122	Arjuna faz travesseiro de flechas. Bhishma jaz em um leito de flechas.	274
123	**11)** De manhã todos vão ao Avô. Arjuna consegue água para ele por atingir o chão com uma flecha. Bhishma avisa Duryodhana para desistir da luta. Duryodhana não escuta.	276
124	Karna vai até Bhishma e obtém permissão para lutar.	279

Índice traduzido por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

(Jamvu-khanda Nirmana Parva)

Om! Reverenciando Narayana, e Nara, o mais sublime dos seres masculinos, como também a deusa Saraswati, a palavra “Jaya” deve ser proferida.

Janamejaya disse, "Como aqueles heróis, os Kurus, os Pandavas, e os Somakas, e os reis de grande alma reunidos de vários países, lutaram?”

Vaisampayana disse, "Ouça, ó senhor da terra, como aqueles heróis, os Kurus, os Pandavas, e os Somakas lutaram na planície sagrada de Kurukshetra. Entrando em Kurukshetra, os Pandavas dotados de grande poder, junto com os Somakas, avançaram, desejosos de vitória, contra os Kauravas. Aperfeiçoados nos estudo dos Vedas, todos eles tinham grande prazer em batalha. Expectantes de sucesso em batalha, com suas tropas (eles) encararam a luta. Aproximando-se do exército do filho de Dhritarashtra, aqueles (guerreiros) invencíveis em batalha se posicionaram com suas tropas na parte ocidental (da planície), seus rostos virados em direção ao leste. Yudhishthira, o filho de Kunti, fez tendas às milhares serem montadas de acordo com a regra, além da região chamada Samantapanchaka. A terra inteira parecia então estar vazia, privada de cavalos e homens, desprovida de carros e elefantes, e com somente as crianças e os velhos deixados (em casa). De toda a área de Jamvudwipa sobre a qual o sol derrama seus raios tinha sido reunido aquele exército, ó melhor dos reis. Homens de todas as raças, reunidos, ocuparam uma área que se estendia por muitos Yojanas sobre distritos, rios, colinas, e florestas. Aquele touro entre homens, o rei Yudhishthira, arranjou alimento excelente e outros artigos de prazer para todos eles junto com seus animais. E Yudhishthira fixou diversas senhas para eles; de maneira que alguém dizendo-as deveria ser reconhecido como pertencente aos Pandavas. E aquele descendente da linhagem de Kuru também determinou nomes e distintivos para todos eles para reconhecimento durante a hora da batalha.

Vendo o estandarte principal do filho de Pritha, o filho de grande alma de Dhritarashtra, com um guarda-sol branco sobre sua cabeça, no meio de mil elefantes, e cercado por sua centena de irmãos, começou com todos os reis (do seu lado) a organizar suas tropas contra o filho de Pandu. Vendo Duryodhana, os Panchalas que se deleitavam em batalha estavam cheios alegria e sopraram suas conchas de som alto e pratos de sons agradáveis. Contemplando aquelas tropas assim encantadas, o filho de Pandu e Vasudeva de grande energia tinham seus corações cheios de alegria. E aqueles tigres entre homens, Vasudeva e Dhananjaya, sentados em um carro, sentindo grande alegria, ambos sopraram suas conchas celestes. E ouvindo o clangor de Gigantea e o som alto de Theodotes pertencentes aos dois, os combatentes expeliram urina e fezes. Como outros animais ficam cheios de medo ao ouvirem a voz do leão rugindo, assim mesmo ficou aquele exército ao ouvir aqueles sons. Uma poeira terrível se ergueu e nada podia ser visto, pois o próprio sol, de repente envolvido por ela, parecia ter se posto. Uma nuvem negra derramou uma chuva de carne e sangue sobre as

tropas por toda parte. Tudo isso parecia extraordinário. Um vento se ergueu lá, carregando ao longo da terra miríades de nódulos pedregosos, e afligindo com eles os combatentes às centenas e milhares. (Apesar de tudo isso), ó monarca, ambos os exércitos, cheios de alegria, permaneceram dirigidos para a batalha em Kurukshetra, como dois oceanos agitados. De fato, aquele encontro dos dois exércitos era muito extraordinário, como aquele de dois oceanos quando o fim do Yuga é chegado. A terra inteira estava vazia, tendo somente as crianças e os velhos deixados (em casa), por causa daquele grande exército reunido pelos Kauravas. Então os Kurus, os Pandavas, e os Somakas fizeram certos pactos, e decidiram as regras, ó touro da raça Bharata, com relação aos diferentes tipos de combate. Pessoas igualmente situadas devem se enfrentar, lutando com justiça. E se tendo lutado honestamente os combatentes se retirarem (sem medo de molestamento), isso mesmo será gratificante para nós. Aqueles que se engajarem em disputa de palavras devem ser enfrentados com palavras. Aqueles que deixarem as tropas nunca devem ser mortos (isto é, soldados extraviados não devem ser mortos). Um guerreiro em carro deve ter um guerreiro em carro como seu adversário; aquele sobre o pescoço de um elefante deve ter um combatente similar como seu inimigo; um cavaleiro deve ser enfrentado por meio de um cavalo, e um soldado de infantaria, ó Bharata; deve ser enfrentado por um soldado de infantaria. Guiado por considerações de aptidão, boa vontade, ousadia e poder, um combatente deve golpear outro, dando aviso. Ninguém deve golpear outro que está despreparado ou em pânico. Alguém ocupado com outro, alguém procurando refúgio, alguém se retirando, alguém cuja arma está inutilizada, não equipado em armadura, nunca deve ser golpeado. Motoristas de carros, animais (unidos aos carros ou carregando armas), homens dedicados ao transporte de armas, tocadores de baterias e sopradores de conchas nunca devem ser golpeados. Tendo feito estes acordos, os Kurus, e os Pandavas, e os Somakas se admiraram muito, fitando uns aos outros. E tendo posicionado (suas tropas dessa maneira), aqueles touros entre homens, aqueles de grande alma, com suas tropas, ficaram profundamente contentes, sua alegria sendo refletida em suas expressões.”

2

Vaisampayana disse, "Vendo então os dois exércitos (posicionados) no leste e no oeste para a batalha violenta que era iminente, o santo Rishi Vyasa, o filho de Satyavati, aquela principal de todas as pessoas familiarizadas com os Vedas, aquele avô dos Bharatas, conhecedor do passado, do presente, e do futuro, e vendo tudo como se isto estivesse presente diante de seus olhos, disse estas palavras em particular para o nobre filho de Vichitravirya que estava então aflito e cedendo à tristeza, refletindo sobre a má política de seus filhos.”

"Vyasa disse, 'Ó rei, teu filho e os outros monarcas tem sua hora chegada; (tem seus períodos terminados). Reunidos em batalha ele matarão uns aos outros. Ó Bharata, sua hora tendo chegado, eles todos perecerão. Mantendo em mente as mudanças ocasionadas pelo tempo, não entregue teu coração ao pesar. Ó rei, se

tu desejas ver eles (lutando) em batalha, eu, ó filho, te concederei visão. Contemple a batalha."

"Dhritarashtra disse, 'Ó melhor dos Rishis regenerados, eu não gostaria de ver o massacre de parentes. Eu, no entanto, através da tua potência ouvirei sobre esta batalha minuciosamente."

Vaisampayana continuou, "Por ele não desejar ver a batalha mas desejar ouvir sobre ela, Vyasa, aquele senhor de benefícios, deu um benefício para Sanjaya. (E dirigindo-se a Dhritarashtra ele disse), 'Este Sanjaya, ó rei, descreverá a batalha para ti. Nada na batalha inteira estará além dos olhos dele. Dotado, ó rei de visão celeste, Sanjaya narrará a batalha para ti. Ele terá o conhecimento de tudo. Manifesto ou oculto, (acontecendo) de dia ou de noite, até aquilo que é pensado na mente, Sanjaya saberá tudo. Armas não o cortarão e esforço não o fatigará. Este filho de Gavalgani sairá da batalha com vida. Em relação a mim mesmo, ó touro da raça Bharata, a fama destes Kurus, como também de todos os Pandavas, eu espalharei. Não te aflijas. Isto é destino, ó tigre entre homens. Não cabe a ti ceder à angústia. Isto não é capaz de ser impedido. Com relação à vitória, ela está onde a retidão está.'"

Vaisampayana continuou, "Aquele avô santo e altamente abençoado dos Kurus, tendo dito isso, mais uma vez se dirigiu a Dhritarashtra e disse, 'O massacre será extenso, ó monarca, nesta batalha. Eu vejo aqui também (numerosos) presságios indicativos de terror. Falcões e urubus, e corvos e garças, junto com grous, estão pousando nos topos de árvores e se reunindo em bandos. Estas aves, deleitadas na expectativa da batalha, estão olhando para baixo (para o campo) diante delas. Bestas carnívoras se alimentarão da carne de elefantes e corcéis. Garças ferozes, predizendo terror, e proferindo gritos impiedosos, estão se movendo em círculos através do centro em direção à região sul. Em ambos os crepúsculos, anterior e posterior, eu vejo diariamente, ó Bharata, que o sol durante seu nascimento e ocaso está coberto por troncos sem cabeças. Nuvens de três cores com suas extremidades brancas e vermelhas e pescoços negros, carregadas com relâmpagos, e parecendo maças (em figura) envolvem o sol em ambos os crepúsculos. Eu tenho visto que o sol, a lua e as estrelas estão todos fulgurantes. Nenhuma diferença em seu aspecto é observada à noite. Eu tenho visto isso todo dia e toda noite. Tudo isto pressagia terror. Até na décima quinta noite da quinzena iluminada no (mês de) Kartika, a lua, privada de esplendor, se tornou invisível, ou da cor do fogo, o firmamento estando da cor do lótus. Muitos heróicos senhores de terra, reis e príncipes, dotados de grande coragem e possuidores de braços parecidos com maças, serão mortos e jazerão sobre a terra. Diariamente eu noto no céu durante a noite os gritos ferozes de javalis e gatos lutando. As imagens de deuses e deusas às vezes dão risada, às vezes tremem, e às vezes também elas vomitam sangue por suas bocas e às vezes elas suam e às vezes caem. Ó monarca, baterias, sem serem batidas, produzem sons, e os grandes carros de Kshatriyas se movem sem (serem puxados por) animais unidos a eles. Kokilas, pica-paus, jaws, galos d'água, papagaios, corvos, e pavões proferem gritos terríveis. Aqui e ali, soldados da cavalaria, vestidos em armadura, armados com armas, dão gritos ferozes. No nascer do sol bandos de insetos são

vistos às centenas. Em ambos os crepúsculos os pontos cardeais parecem estar em chamas, e as nuvens, ó Bharata, derramam poeira e gordura. Ela, ó rei, que é célebre pelos três mundos e é elogiada pelos virtuosos, aquela (constelação) Arundhati mantém (seu senhor) Vasistha às suas costas. O planeta Sani também, ó rei, aparece afligindo (a constelação) Rohini. O sinal do veado na Lua se desviou de sua posição usual. Um grande terror é indicado. Mesmo que o céu esteja sem nuvens, um ribombar terrível é ouvido lá. Os animais todos estão chorando e suas lágrimas estão caindo rápido.'"

3

"Vyasa disse, 'Jumentos estão tomando nascimentos em vacas. Alguns estão tendo prazer sexual com mães. As árvores nas florestas estão exibindo flores e frutos fora de época. Mulheres grávidas, e até aquelas que não estão assim, estão dando à luz monstros. Animais carnívoros, se misturando com aves (carnívoras), estão se alimentando juntos. Bestas de mau presságio, algumas tendo três chifres, algumas com quatro olhos, algumas com cinco pernas, algumas com dois órgãos sexuais, algumas com duas cabeças, algumas com dois rabos, algumas tendo dentes ameaçadores, estão nascendo, e com bocas escancaradas estão proferindo gritos temíveis. Cavalos com três pernas, providos de cristas, tendo quatro dentes, e dotados de chifres, também estão nascendo. Ó rei, na tua cidade também é visto que as esposas de muitos anunciadores de Brahma estão gerando Garudas e pavões. A égua está gerando o bezerro e a cadela está gerando, ó rei, chacais e galos, e antílopes e papagaios estão todos proferindo gritos inauspiciosos. Certas mulheres estão dando à luz quatro ou cinco filhas (de uma vez), e estas logo que nascem dançam e cantam e riem. Os membros das classes mais baixas estão rindo e dançando e cantando, e dessa maneira indicando consequências horrendas. Crianças, como se instigadas pela morte, estão desenhando imagens armadas, e estão correndo umas contra as outras, armadas com cassetetes, e desejosas de batalha estão também derrubando as cidades (que elas constroem de brincadeira). Lotos de espécies diferentes e lírios estão crescendo em árvores. Ventos fortes estão soprando violentamente e a poeira não cessa. A terra está tremendo frequentemente, e Rahu se aproxima em direção ao sol. O planeta branco (Ketu) para, tendo passado além da constelação Chitra. Tudo isso pressagia particularmente a destruição dos Kurus. Um cometa ardente se ergue, afligindo a constelação Pusya. Este grande planeta causará terrível prejuízo para ambos os exércitos. Marte se move em direção a Magha e Vrihaspati (Júpiter) em direção a Sravana. A prole do Sol (Sani) indo em direção à constelação Bhaga, a aflige. O planeta Sukra, ascendendo em direção a Purva Bhadra, resplandece brilhantemente, e virando-se para a Uttara Bhadra, olha para ela, tendo efetuado uma junção (com um planeta menor). O planeta branco (Ketu), brilhando como fogo misturado com fumaça, para, tendo atacado a brilhante constelação Jeshtha que é sagrada para Indra. A constelação Dhruva, resplandecendo ardentemente, se vira para a direita. A Lua e o Sol estão ambos afligindo Rohini. O planeta feroz (Rahu) tomou sua posição entre as constelações

Chitra e Swati. O de corpo vermelho (Marte) possuidor da refulgência do fogo, se movimentando por voltas, permanece em uma linha com a constelação Sravana dominada por Vrihaspati. O solo que produz colheitas específicas em estações específicas está agora coberto com as colheitas de todas as estações. Cada haste de cevada está ornada com cinco espigas, e cada haste de arroz com cem. Elas que são as melhores das criaturas nos mundos e de quem depende o universo, ou seja, as vacas, quando ordenhadas depois que os bezerros mamaram, produzem somente sangue. Raios brilhantes de luz emanam de arcos, e espadas resplandecem brilhantemente. É evidente que as armas vêem (diante delas) a batalha, como se esta já tivesse chegado. A cor das armas e da água, como também de cotas de malha e estandartes, é semelhante àquela do fogo. Um grande massacre acontecerá. Nesta batalha, ó Bharata, dos Kurus com os Pandavas, a terra, ó monarca, será um rio de sangue com os estandartes (dos guerreiros) como suas balsas. Animais e aves por todos os lados, com bocas brilhando como fogo, proferindo gritos ferozes, e revelando estes maus presságios, estão predizendo consequências terríveis. Uma ave (selvagem) com somente uma asa, um olho, e uma perna, pairando sobre o céu durante a noite, grita pavorosamente em fúria, como se para fazer os ouvintes vomitarem sangue! Parece, ó grande rei, que todas as armas estão agora brilhando com esplendor. O brilho da constelação conhecida pelo nome dos sete Rishis de grande alma tem sido ofuscado. Aqueles dois planetas brilhantes, Vrihaspati e Sani, tendo se aproximado da constelação chamada Visakha, se tornaram estacionários lá por um ano inteiro. Três lunações se encontrando duas vezes no decorrer da mesma quinzena lunar (o que é muito raro), a duração da última é encurtada por dois dias. No décimo terceiro dia portanto (em vez do décimo quinto), da primeira lunação, conforme aquele seja o dia da lua cheia ou da lua nova, a lua e o sol são afligidos por Rahu. (Eclipses lunares sempre ocorrem em dias de lua cheia, enquanto eclipses solares naqueles da lua nova. Tais eclipses, no entanto, ocorrendo em dias afastados da primeira lunação por treze em vez de quinze dias, são ocorrências muito extraordinárias.) Tais eclipses estranhos, lunares e solares, pressagiam um grande massacre. Todos os quadrantes da terra, estando dominados por chuvas de poeira, parecem inauspiciosos. Nuvens ameaçadoras pressagiosas de perigo derramam chuvas sangrentas durante a noite. Rahu de feitos violentos está também, ó monarca, afligindo a constelação Kirtika. Ventos irregulares, pressagiando perigo aterrador, estão soprando constantemente. Tudo isso origina uma guerra caracterizada por muitos incidentes tristes. As constelações estão divididas em três classes. Sobre uma ou outra de cada classe, um planeta de mau presságio tem derramado sua influência, pressagiando perigos terríveis. (Reis estão divididos em três classes: proprietários de elefantes (Gajapati), possuidores de cavalos (Aswapati), e possuidores de homens (Narapati). Se um planeta de mau presságio (papa-graha) derrama sua influência sobre alguma das nove constelações começando com Aswini, isto prediz perigo para Aswapatis; se sobre alguma das nove começando com Magha, isto prediz perigo para Gajapatis; e se sobre alguma das nove começando com Mula, isto prediz perigo para Narapatis. Neste momento, portanto, um ou outro papa-graha tem derramado sua influência sobre um outro de cada uma das três classes de constelações, dessa maneira pressagiando perigo para todas as classes de reis.)

Uma quinzena lunar tinha até agora consistido em catorze dias, ou quinze dias (como usual), ou dezesseis dias. No entanto, eu nunca soube que o dia da lua nova seria no décimo terceiro dia a partir da primeira lunação, ou o dia da lua-cheia no décimo terceiro dia da mesma. E ainda no decorrer do mesmo mês a Lua e o Sol têm passado por eclipses nos décimo terceiro dias a partir do dia da primeira lunação. O Sol e a Lua portanto, por passarem por eclipses em dias incomuns, causarão um grande massacre das criaturas da terra. De fato, Rakshasas, embora bebendo sangue por bocado, ainda não estarão saciados. Os grandes rios estão fluindo em direções opostas. As águas dos rios se tornaram sangrentas. Os poços, espumando para cima, estão berrando como touros. Meteoros, refulgentes como o raio de Indra, caem com silvos altos. Quando esta noite passar, más consequências alcançarão vocês. Pessoas, para se encontrarem, saindo de suas casas com tições acesos, ainda tem que enfrentar uma densa escuridão por toda parte. Grandes Rishis disseram que em vista de tais circunstâncias a terra bebe o sangue de milhares de reis. Das montanhas de Kailasa e Mandara e Himavat milhares de explosões são ouvidas e milhares de topos estão vindo abaixo. Pelo tremor da Terra, cada um dos quatro oceanos tendo aumentado imensamente parece pronto para ultrapassar seus continentes para afligir a Terra. Ventos violentos carregados com seixos pontudos estão soprando, despedaçando árvores imensas. Em aldeias e cidades, árvores comuns e sagradas estão caindo, subjugadas por ventos poderosos e atingidas por raios. O fogo (sacrifical), quando Brahmanas despejam libações nele, se torna azul, ou vermelho, ou amarelo. Suas chamas se inclinam para a esquerda, produzindo um mau cheiro, acompanhado por estampidos altos. Toque, cheiro, e gosto, ó monarca, se tornaram o que eles não eram. Os estandartes (de guerreiros), repetidamente tremendo estão emitindo fumaça. Baterias e pratos estão lançando chuvas de carvão em pó. E dos topos de árvores altas por toda parte, corvos, voando em círculos a partir da esquerda, estão proferindo gritos ferozes. Todos eles também estão proferindo gritos terríveis de pakka, pakka e estão pousando sobre os topos de estandartes para a destruição dos reis. Elefantes indóceis, completamente trêmulos, estão correndo para lá e para cá, urinando e expelindo fezes. Os cavalos estão todos tristes, enquanto os elefantes são recorrendo à água. Ouvindo tudo isto, que seja feito o que é conveniente, para que, ó Bharata, o mundo não possa ser despovoado.'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras de seu pai, Dhritarashtra disse, 'Eu acho que tudo isso foi ordenado antigamente. Um grande massacre de seres humanos se realizará. Se os reis morrerem em batalha cumprindo os deveres da classe Kshatriya, eles então, alcançando as regiões reservadas para heróis, obterão somente felicidade. Estes tigres entre homens, perdendo suas vidas em grande batalha, ganharão fama neste e grande bem aventurança para sempre no mundo seguinte.'"

Vaisampayana continuou, "Ó melhor dos reis, assim endereçado por seu filho Dhritarashtra, aquele príncipe dos poetas, o Muni (Vyasa) concentrou sua mente em Yoga supremo. Tendo contemplado por somente um curto espaço de tempo, Vyasa mais uma vez disse, 'Sem dúvida, ó rei de reis, é o Tempo que destrói o

universo. É o Tempo também que cria os mundos. Não há nada aqui que seja eterno. Mostre o caminho da retidão para os Kurus, para teus parentes, aparentados, e amigos. Tu és competente para reprimi-los. A matança de parentes é citada como pecaminosa. Não faça aquilo que é desagradável para mim. Ó rei, a própria Morte nasceu na forma de teu filho. Matança nunca é elogiada nos Vedas. Isto nunca pode ser benéfico. Os costumes de uma linhagem são como o próprio corpo. Aqueles costumes matam aquele que os destrói. Para a destruição desta família e daqueles reis da terra é o Tempo que te faz te desviar para o caminho errado como alguém em desgraça, embora tu sejas competente (para andar pelo caminho da retidão). Ó rei, na forma de teu reino a calamidade vem para ti. Tua virtude está sofrendo uma diminuição muito grande. Mostre o que é retidão para teus filhos. Ó tu que és invencível, que valor tem para ti aquele reino o qual te traz pecado? Cuide do teu bom nome, da tua virtude, e da tua fama. Tu então ganharás o céu. Deixe os Pandavas terem seu reino, e deixe os Kauravas terem paz."

"Enquanto aquele melhor dos Brahmanas estava dizendo estas palavras em um tom triste, Dhritarashtra, o filho de Ambika, talentoso em discurso, mais uma vez se dirigiu a ele, dizendo, 'Meu conhecimento de vida e morte é similar ao teu. A verdade é conhecida por mim com relação a estes. O homem, no entanto, no que diz respeito aos seus próprios interesses, é privado de bom senso. Ó senhor, saiba que eu sou alguém que é uma pessoa comum. Tu tens poder incomensurável. Eu rogo a ti para estender o teu em direção a nós. De alma sob controle completo, tu és nosso refúgio e instrutor. Meus filhos não são obedientes a mim, ó grande Rishi. Minha mente também não está inclinada a cometer pecado. Tu és a causa da fama, das realizações, e da inclinação para virtude dos Bharatas. Tu és o venerável avô de ambos, dos Kurus e dos Pandavas.'

"Vyasa disse, 'Ó filho nobre de Vichitravirya, diga-me livremente o que está em tua mente. Eu removerei tuas dúvidas."

"Dhritarashtra disse, 'Ó santo, eu desejo ouvir de ti sobre todas aquelas indicações que acontecem para aqueles que se tornam vitoriosos em batalha."

"Vyasa disse, 'O fogo (sagrado) assume um brilho alegre. Sua luz ascende para cima. Sua chama se inclina em direção à direita. Ele resplandece sem ser fumegante. As libações derramadas sobre ele produzem um perfume fragrante. É dito que essas são as indicações de sucesso futuro. As conchas e pratos produzem sons que são profundos e altos. O Sol assim como a Lua dão raios puros. É dito que essas são as indicações de sucesso futuro. Corvos, estacionários ou em suas asas, proferem gritos que são agradáveis. Eles além disso que estão atrás, incitam os guerreiros para avançar; enquanto aqueles que estão adiante, proíbem todo avanço. (Quando corvos pairam atrás de um exército isto é um sinal auspicioso, enquanto é um sinal inauspicioso se eles são vistos à frente.) Onde urubus, cisnes, papagaios, grous, e pica-paus proferem gritos encantadores, e se voltam para a direita, os Brahmanas dizem que a vitória em batalha é certa. Eles cujas divisões, por ornamentos, cotas de malha, e estandartes, ou do relincho melodioso de seus corcéis, se tornam resplandecentes

e incapazes de serem olhadas, sempre conquistam seus inimigos. Eles que proferem gritos alegres, aqueles guerreiros, ó Bharata, cujas energias não estão abatidas e cujas guirlandas não murcham sempre cruzam o oceano da batalha. Eles que proferem gritos alegres tendo penetrado nas divisões do inimigo, que proferem até palavras gentis para o inimigo, (tais como 'não lute, pois você será um homem morto logo' e semelhantes) e que, antes de golpear, previnem o inimigo, obtêm vitória. Os objetos de audição, visão, paladar, tato e olfato, sem sofrerem alguma mudança para o pior, se tornam auspiciosos. Esta também é outra indicação de um exército vitorioso, isto é, há alegria entre os combatentes todo o tempo. Esta também é outra indicação de sucesso, os ventos que sopram, as nuvens, e as aves, todos se tornam favoráveis; enquanto as nuvens (assim favoráveis) e os arco-íris derramam chuvas benéficas. Estas, ó rei, são as indicações de exércitos a serem coroados com vitória, enquanto, ó monarca, todos estes se tornam contrários no caso daqueles que estão prestes a serem destruídos. Se o exército é pequeno ou grande, alegria, como um atributo dos combatentes, é citada como uma indicação certa de vitória. Um soldado, em pânico, pode fazer até um grande exército se assustar e fugir. E quando um exército, tomado pelo pânico, se põe em fuga, isto faz até guerreiros heróicos se assustarem. Se um exército grande é uma vez dividido e posto em fuga, ele não pode, como um bando desordenado de veados apavorados ou uma correnteza poderosa de água, ser facilmente controlado. Se um exército grande é uma vez desbaratado, ele é incapaz de ser reagrupado; por outro lado, vendo-o dividido, até aqueles bem habilidosos em batalha, ó Bharata, se tornam cruéis. Vendo soldados tomados pelo medo e fugindo, o pânico se espalha em outras direções, e logo, ó rei, o exército inteiro está dividido e foge em todas as direções. E quando um exército é desbaratado, até bravos líderes, ó rei, na dianteira de divisões grandes consistindo nas quatro espécies de tropas, são incapazes de reagrupá-las. Um homem inteligente, sempre se empenhando ativamente, deve se esforçar (para obter êxito) pela ajuda de meios. É dito que aquele êxito que é obtido por negociação e outros meios é realmente o melhor. Aquele que é alcançado por produzir desunião (entre os inimigos) é indiferente. Enquanto aquele êxito, ó rei, o qual é ganho por batalha, é o pior. Na batalha existem muitos males, o inicial, como é dito, sendo a matança. Até cinquenta homens corajosos que conhecem uns aos outros, que não estão desanimados, que estão livres de laços familiares, e que estão firmemente resolvidos, podem esmagar um exército grande. Até cinco, seis, sete homens, que não recuam, obtêm vitória. O filho de Vinata, Garuda, ó Bharata, mesmo vendo uma grande multidão de aves, não pede a ajuda de muitos seguidores (para derrotá-las). A força em número, portanto, de um exército não é sempre a causa da vitória. A vitória é incerta. Ela depende do acaso. Até aqueles que se tornam vitoriosos tem que sofrer perda.'"

4

Vaisampayana disse, "Tendo dito aquelas palavras para Dhritarashtra, Vyasa partiu. E Dhritarashtra também, ouvindo aquelas palavras, começou a refletir em silêncio. E tendo refletido por somente um curto espaço de tempo, ele começou a suspirar repetidamente. E logo, ó touro da raça Bharata, o rei questionou Sanjaya de alma digna de louvor, dizendo, 'Ó Sanjaya, estes reis, estes senhores de terra, tão corajosos e que se deleitam em batalha, estão para golpear uns aos outros com armas de diversas espécies, estando preparados para sacrificar suas próprias vidas por causa de terra. Incapazes de serem contidos, eles estão, de fato, golpeando uns aos outros para aumentar a população do domínio de Yama. Desejosos de prosperidade ligada com a posse de terra eles são incapazes de suportar uns aos outros. Eu, portanto, penso que a terra deve ser possuidora de muitos atributos. Diga-me todos eles. Ó Sanjaya, muitos milhares, muitos milhões, muitas dezenas de milhões, muitas centenas de milhões de homens heróicos se reuniram em Kurujangala. Eu desejo ouvir, ó Sanjaya, com detalhes exatos, sobre a situação e dimensões daqueles países e cidades dos quais eles vieram. Através da potência daquele Rishi regenerado Vyasa de energia imensurável tu estás dotado da lâmpada da percepção celestial e da visão do conhecimento.'

Sanjaya disse, 'Ó tu de grande sabedoria, eu relatarei para ti os méritos da terra segundo meu conhecimento. Contemple-os com tua visão de sabedoria. Eu te reverencio, ó touro da raça Bharata. As criaturas neste mundo são de duas espécies, móveis e imóveis. As criaturas móveis são de três espécies de acordo com seu nascimento, ou seja, ovíparas, vivíparas, e engendradas por calor e umidade. Das criaturas móveis, ó rei, as principais são certamente aquelas chamadas vivíparas. Das criaturas vivíparas as principais são homens e animais. Animais, ó rei, de formas diversas, são de catorze espécies. Sete têm suas residências nas florestas, e sete dessas são domésticas. Leões, tigres, javalis, búfalos, e elefantes como também ursos e macacos, são, ó rei, considerados como selvagens. Vacas, cabras, ovelhas, homens, cavalos, mulas, e jumentos, estes sete entre os animais são considerados como domésticos pelos eruditos. Estes catorze, ó rei, completam o total de animais domésticos e selvagens, mencionados, ó senhor de terra, nos Vedas, e dos quais os sacrifícios dependem. Das criaturas que são domésticas os homens são as principais, enquanto leões são as principais daquelas que tem sua residência nas florestas. Todas as criaturas sustentam suas vidas por viverem umas das outras. Vegetais são citados como imóveis, e eles são de quatro espécies, isto é, árvores, arbustos, trepadeiras, plantas rastejantes existindo por somente um ano (tais como a abóbora), e todas as plantas sem haste da espécie gramínea. Das criaturas móveis e imóveis, há assim vinte menos um; e com relação aos seus constituintes universais, há cinco. Vinte e quatro ao todo, estes são descritos como Gayatri (Brahma), como é bem sabido por todos. (Quando Gayatri, ou Brahma ou o Universo é mencionado, estes vinte e quatro estão indicados, cinco dos quais existem independentemente, os dezenove restantes sendo o resultado dos cinco naquelas várias proporções.) Aquele que sabe realmente que estes são o sagrado Gayatri possuidor de toda virtude, não está sujeito, ó melhor dos Bharatas, à

destruição neste mundo. Tudo surge da terra e tudo, quando destruído, imerge na Terra. A Terra é a morada e refúgio de todas as criaturas, e a Terra é eterna. Aquele que tem a Terra, tem o universo inteiro com sua população móvel e imóvel. É por isso que desejando (a posse da) Terra, reis matam uns aos outros.'"

5

"Dhritarashtra disse, 'Os nomes de rios e montanhas, ó Sanjaya, como também de províncias, e todas as outras coisas que permanecem sobre a terra, e suas dimensões, ó tu que conheces as medidas de coisas da terra em sua totalidade, e as florestas, ó Sanjaya, conte para mim em detalhes.'

"Sanjaya disse, 'Ó grande rei, todas as coisas no universo, pela presença (neles) dos cinco elementos, são citadas como iguais pelos sábios. Estes elementos são espaço, ar, fogo, água, e terra. Seus (respectivos) atributos são som, tato, visão, gosto, e cheiro. Cada um destes elementos possui (além do que é seu especialmente) o atributo ou atributos daquele ou daqueles que vem antes dele. A terra, portanto, é o principal deles todos, possuindo os atributos de todos os outros quatro, além daquele que é especialmente seu, como dito por Rishis conhecedores da verdade. Há quatro atributos, ó rei, na água. Cheiro não existe nela. Fogo tem três atributos, som, tato, e visão. Som e tato pertencem ao ar, enquanto espaço tem som somente. Estes cinco atributos, ó rei, existem (dessa maneira) nos cinco principais elementos dependendo dos quais todas as criaturas no universo existem. Eles existem separadamente e independentemente quando há homogeneidade no universo. (A alusão é ao estado do universo antes da criação, quando não existe nada exceto uma massa homogênea ou Brahma somente.) Quando, no entanto, estes não existem em seu estado natural mas uns com os outros, então as criaturas passam a existir, providas de corpos. Isto nunca é de outra maneira. Os elementos são destruídos na ordem do subsequente, imergindo naquele que do qual provém; e eles entram também em existência, um surgindo daquele anterior a ele. (A ordem de destruição é essa: terra imerge na água, água no fogo, fogo no ar, e ar no espaço. E assim a ordem de nascimento é que do espaço surge o ar, do ar surge o fogo, do fogo surge a água, e da água surge a terra.) Todos estes são imensuráveis, suas formas sendo o próprio Brahma. No universo são vistas criaturas consistindo dos cinco elementos. Homens se esforçam para averiguar suas proporções por usarem sua razão. Aquelas matérias, no entanto, que são inconcebíveis, nunca se deve procurar esclarecer pela razão. Aquilo que está acima da natureza (humana) é uma indicação do inconcebível.

Ó filho da família de Kuru, eu descreverei para ti, no entanto, a ilha chamada Sudarsana. Esta ilha, ó rei, é circular e da forma de uma roda. Ela está coberta com rios e outras partes de água e com montanhas parecidas com massas de nuvens, e com cidades e muitas províncias encantadoras. Ela é também cheia de árvores providas de flores e frutas, e com colheitas de diversas espécies e outras riquezas. Ela é cercada por todos os lados pelo oceano salgado. Como uma

pessoa pode ver seu próprio rosto em um espelho, assim mesmo a ilha chamada Sudarsana é vista no disco lunar. Duas de suas partes parecem ser uma árvore peepul, enquanto duas outras parecem com uma grande lebre. Ela é totalmente cercada por um conjunto de todas as espécies de plantas decíduas. Além destas porções, o resto é tudo água. O que resta eu descreverei para ti em poucas palavras. Do resto eu falarei depois. Ouça agora isto que eu descrevo resumidamente."

6

"Dhritarashtra disse, 'Tu és inteligente, ó Sanjaya, e conhecedor da verdade (sobre tudo). Tu deste devidamente uma descrição da ilha em resumo. Fale-nos agora da ilha em detalhes. Fale-nos agora da dimensão da extensão de terra que se encontra na parte parecida com uma lebre. Tu podes então falar da parte que parece a árvore peepul."

Vaisampayana disse, "Assim endereçado pelo rei, Sanjaya começou a falar. Sanjaya disse, 'Estendendo-se de leste a oeste estão estas seis montanhas que são iguais e que se estendem do oceano leste ao oeste. Elas são Himavat, Hemakuta, aquela melhor das montanhas chamada Nishadha, Nila rica em pedras de lápis lazúli, Sweta branca como a lua, e as montanhas chamadas Sringavat compostas de todos os tipos de metais. Estas são as seis montanhas, ó rei, que são sempre os recantos de Siddhas e Charanas. O espaço localizado no meio de cada uma delas mede mil Yojanas, e neles existem muitos reinos encantadores. E estas divisões são chamadas Varshas, ó Bharata. Em todos aqueles reinos residem criaturas de diversas espécies. Esta (a terra onde nós estamos) está no Varsha que recebeu o nome de Bharata. Próximo a ela (na direção norte) está o Varsha que recebeu o nome de Himavat. A terra que está além de Hemakuta é chamada Harivarsha, ao sul da cordilheira Nila e ao norte de Nishadha há uma montanha, ó rei, chamada Malyavat que se estende de leste a oeste. Além de Malyavat na direção norte está a montanha chamada Gandhamadana. Entre essas duas (Malyavat e Gandhamadana) há uma montanha globular chamada Meru feita de ouro. Refulgente como o sol da manhã, ela é como fogo sem fumaça. Ela tem oitenta e quatro Yojanas de altura, e, ó rei, sua profundidade também é de oitenta e quatro Yojanas. Ela permanece sustentando os mundos acima, abaixo e transversalmente. Além de Meru estão situadas, ó senhor, estas quatro ilhas, Bhadraswa, e Ketumala, e Jamvudwipa também chamada Bharata, e Uttar-Kuru que é a residência de pessoas que alcançaram o mérito da retidão. A ave Sumukha, o filho de Suparna, vendo que todas as aves em Meru eram de plumagem dourada, refletiu que ele devia deixar aquela montanha visto que não havia diferença entre aves boas, medianas, e más. O principal dos corpos luminosos, o sol, sempre circungira Meru, como também a lua com (sua) constelação acompanhante, e o deus do vento também. A montanha, ó rei, é dotada de frutas e flores celestiais, e está coberta inteiramente com mansões feitas de ouro polido. Lá, naquela montanha, ó rei, os celestiais, os Gandharvas, os Asuras, e os Rakshasas, acompanhados pelas tribos de Apsaras, sempre se

divertem. Lá Brahman, e Rudra, e também Sakra o chefe dos celestiais, reunidos, realizaram diversos tipos de sacrifícios com presentes abundantes. Tumvuru, e Narada e Viswavasu, e os Hahas e os Huhus, dirigindo-se para lá, adoravam o principal dos celestiais com diversos hinos. Os sete Rishis de grande alma, e Kasyapa o senhor das criaturas, se dirigem para lá, abençoado sejas tu, em todo dia parva (dia da lua cheia e aquele da lua nova). Sobre o topo daquela montanha, Usanas, também chamado o Poeta, passa o tempo com os Daityas (seus discípulos). As jóias e pedras preciosas (que nós vemos) e todas as montanhas abundando em pedras preciosas são de Meru. Disto uma quarta parte é desfrutada pelo santo Kuvera. Somente uma décima sexta parte daquela riqueza ele deu para os homens. No lado norte de Meru há uma floresta encantadora e excelente de Karnikaras, coberta com as flores de todas as estações, e ocupando uma série de colinas. Lá o próprio ilustre Pasupati, o criador de todas as coisas, cercado por seus servidores celestes e acompanhado por Uma, se diverte portando uma corrente de flores Karnikara (em seu pescoço) que chega a seus pés, e resplandece com brilho com seus três olhos parecidos com três sóis no alto. A ele Siddhas sinceros em palavras, de votos excelentes e penitências ascéticas austeras, podem ver. De fato, Maheswara não pode ser visto por pessoas de má conduta. Do topo daquela montanha, como uma correnteza de leite, ó soberano de homens, a sagrada e auspiciosa Ganga, também chamada Bhagirathi, adorada pelos mais honrados, de forma universal e incomensurável e emergindo com barulho terrível, cai com força impetuosa no lago encantador de Chandramas. De fato aquele lago sagrado, como um oceano, foi formado pela própria Ganga. (Enquanto saltando das montanhas), Ganga, incapaz de ser suportada até pelas montanhas, foi segurada por cem mil anos pelo manejador do Pinaka sobre sua cabeça. (Aludindo à tradição de Siva segurando Ganga sobre sua cabeça e pelo que o grande deus é às vezes chamado de Gangadhara.) No lado oeste de Meru, ó rei, está Ketumala. E lá também está Jamvukhanda. Ambas são grandes bases de humanidade, ó rei. Lá, ó Bharata, a média de vida humana é dez mil anos. Os homens são todos de uma cor dourada, e as mulheres são como Apsaras. E todos os residentes são sem doença, sem tristeza, e sempre alegres. Os homens nascidos lá são do esplendor do ouro fundido. Nos topos de Gandhamadana, Kuvera o senhor dos Guhyakas, com muitos Rakshasas e acompanhado por tribos de Apsaras, passa seu tempo em alegria. Além de Gandhamadana há muitas montanhas e colinas menores. A medida da vida humana lá é onze mil anos. Lá, ó rei, os homens são alegres, e dotados de grande energia e grande força e as mulheres são todas da cor do lótus e muito belas. Além de Nila é (o Varsha chamado) Sweta, além de Sweta é (o Varsha chamado) Hiranyaka. Além de Hiranyaka é (o Varsha chamado) Airavata coberto com províncias. O último Varsha no (extremo) norte e o Varsha de Bharata no (extremo) sul são ambos, ó rei, da forma de um arco. Estes cinco Varshas (Sweta, Hiranyaka, Elavrita, Harivarsha, e Haimavat-varsha) estão no meio, dos quais Elavrita existe no exato meio de todos. Entre estes sete Varshas (os cinco já mencionados e Airavata e Bharata), aquele que está mais ao norte sobrepuja aquele ao seu imediato sul em relação a estes atributos, isto é, o período de vida, estatura, saúde, retidão, prazer, e lucro. Nestes Varshas, ó Bharata, as criaturas (embora de diversas espécies) ainda vivem juntas. Assim, ó rei, a Terra está

coberta com montanhas. As montanhas enormes de Hemakuta também são chamadas Kailasa. Lá, ó rei, Vaisravana passa seu tempo em alegria com seus Guhyakas. Imediatamente ao norte de Kailasa e perto das montanhas de Mainaka há uma montanha enorme e bela chamada Manimaya dotada de topos dourados. Junto desta montanha existe um lago grande, belo, cristalino e encantador chamado Vindusaras com areias douradas (em sua margem). Lá o rei Bhagiratha, vendo Ganga (desde então) chamada pelo seu próprio nome, residiu por muitos anos. Lá podem ser vistas inúmeras estacas sacrificais feitas de pedras preciosas, e árvores Chaitya feitas de ouro. Foi lá que ele de mil olhos e grande renome obteve êxito (ascético) por realizar sacrifícios. Lá o Senhor de todas as criaturas, o Criador eterno de todos os mundos, dotado de energia suprema cercado por seus servidores espectrais, é adorado. Lá Nara e Narayana, Brahman, e Manu, e Sthanu como o quinto, estão (sempre presentes). E lá o rio celeste Ganga tendo três correntezas, (acredita-se que o rio sagrado Ganga tem três correntes, no céu a corrente se chama Mandakini; na terra, ela se chama Ganga; e no mundo subterrâneo ela se chama Bhogavati), emanando da região de Brahman, se mostrou primeiro, e então se dividindo em sete correntes, tornou-se Vaswokasara, Nalini, Saraswati purificadora de pecado, Jamvunadi, Sita, Ganga e Sindhu como a sétima. O Senhor Supremo fez (ele mesmo) o arranjo com referência àquele rio celeste e inconcebível. É lá que sacrifícios são realizados (por deuses e Rishis) em mil ocasiões depois do fim do Yuga (quando a criação começa). Com relação à Saraswati, em algumas partes (de seu curso) ela se torna visível e em algumas partes não. Esta sétupla Ganga celeste é bem conhecida pelos três mundos. Rakshasas residem em Himavat, Guhyakas em Hemakuta, e serpentes e Nagas em Nishadha, e ascetas em Gokarna. As montanhas Sweta são citadas como a residência dos celestiais e dos Asuras. Os Gandharvas sempre residem em Nishadhas, e os Rishis regenerados em Nila. As montanhas de Sringavat também são consideradas como o recanto dos celestiais.

Estes então, ó grande rei, são os sete Varshas do mundo como eles são divididos. Diversas criaturas, móveis e imóveis, estão colocadas neles todos. Diversas espécies de prosperidade, providenciais e humanas, são visíveis neles. Elas não podem ser contadas. Aqueles desejosos, portanto, de seu próprio bem acreditam (em tudo isto). Eu agora te falei daquela região encantadora (de terra) da forma de uma lebre acerca da qual tu me perguntaste. Nas extremidades daquela região estão os dois Varshas, um no norte e o outro no sul. Aqueles dois também agora foram relatados para ti. Então além disso as duas ilhas Naga-dwipa e Kasyapa-dwipa são as duas orelhas desta região da forma de uma lebre. As belas montanhas de Maleya, ó rei, tendo rochas semelhantes a placas de cobre, formam outra parte (proeminente) de Jamvudwipa que tem sua forma parecendo uma lebre.'"

7

"Dhritarashtra disse, 'Fale-me, ó Sanjaya, tu de grande inteligência, das regiões ao norte e ao lado leste de Meru, como também das montanhas de Malyavat, em detalhes.'

Sanjaya disse, 'No sul da montanha Nila e no lado norte de Meru estão os sagrados Kurus do Norte, ó rei, que são a residência dos Siddhas. As árvores lá dão frutos doces, e estão sempre cobertas com frutos e flores. Todas as flores (lá) são fragrantes, e os frutos de gosto excelente. Algumas das árvores, além disso, ó rei, produzem frutos de acordo com a vontade (do colhedor). Há também algumas outras árvores, ó rei, que são chamadas de produtoras de leite. Estas sempre produzem leite e os seis diferentes tipos de alimento de gosto do próprio Amrita. Aquelas árvores também produzem tecidos e em seus frutos há ornamentos (para o uso do homem). A terra inteira abunda com finas areias douradas. Uma parte da região lá, muito aprazível, é vista ser possuidora do brilho do rubi ou diamante, ou do lápis lazúli ou outras jóias e pedras preciosas. Todas as estações lá são agradáveis e em lugar nenhum a terra se torna lodosa, ó rei. Os tanques são encantadores, deliciosos, e cheios de água cristalina. Os homens nascidos lá caíram do mundo dos celestiais (isto é, decaíram de um estado celestial). Todos são de nascimento puro e todos são extremamente belos em aparência. Lá gêmeos (de sexos opostos) nascem e as mulheres parecem Apsaras em beleza. Eles bebem o leite, doce como Amrita, daquelas árvores produtoras de leite (já mencionadas). E os gêmeos nascidos lá (de sexos opostos) crescem igualmente. Ambos possuidores de beleza igual, ambos dotados de virtudes similares, e ambos igualmente vestidos, ambos crescem em amor, ó monarca, como um par de chakrabakas. As pessoas daquele país estão livres de doença e estão sempre alegres. Dez mil e dez centenas anos elas vivem, ó rei, e nunca abandonam umas às outras. Uma classe de aves chamada Bharunda, provida de bicos afiados e possuidora de grande força, as leva para cima quando mortas e as joga em cavernas de montanha. Eu agora descrevi para ti, ó rei, os Kurus do Norte brevemente.

Eu agora descreverei para ti o lado leste de Meru devidamente. De todas as regiões lá, a principal, ó rei, é chamada Bhadraswa, onde há uma grande floresta de Bhadra-salas, como também uma árvore enorme chamada Kalamra. Esta Kalamra, ó rei, está sempre ornada com frutos e flores. Aquela árvore além disso tem um Yojana de altura e é adorada pelos Siddhas e os Charanas. Os homens lá são todos de uma cor branca, dotados de grande energia, e possuidores de grande força. As mulheres são da cor de lírios, muito belas, e agradáveis para a visão. Possuidores do brilho da lua, e brancos como a lua, seus rostos são como a lua-cheia. Seus corpos também são tão frescos como os raios da lua e elas são todas talentosas em canto e dança. O período de vida humana lá, ó touro da raça Bharata, é dez mil anos. Bebendo o suco de Kalamra elas continuam jovens para sempre. No sul de Nila e no norte de Nishadha há uma enorme árvore Jamvu que é eterna. Adorada por Siddhas e Charanas, aquela árvore sagrada concede todos os desejos. Por causa do nome daquela árvore esta divisão sempre tem sido

chamada de Jamvudwipa. Ó touro da raça Bharata, mil e cem Yojanas é a altura daquele príncipe das árvores, que toca os próprios céus, ó rei de homens. Dois mil e quinhentos cúbitos mede a circunferência de um fruto daquela árvore o qual estoura quando maduro. Ao caírem sobre a terra estes frutos fazem um barulho alto, e então despejam, ó rei, um suco prateado sobre a terra. Aquele suco de Jamvu, se tornando, ó rei, um rio, e passando indiretamente em volta de Meru, chega (à região dos) Kurus do Norte. Se o suco daquele fruto é bebido, ele leva à paz mental. Nenhuma sede é sentida alguma vez depois, ó rei. Decrepitude nunca os enfraquece. E lá uma espécie de ouro chamado Jamvunada e usado para ornamentos celestiais, muito brilhante e como a cor de insetos Indragopoka, é produzido. Os homens nascidos lá são da cor do sol da manhã.

Sobre o topo de Malyavat é sempre visto, ó touro da raça Bharata, o fogo chamado Samvataka que resplandece no fim do Yuga para a destruição do universo. No topo de Malyavat em direção ao leste há muitas montanhas pequenas e Malyavat, ó rei, mede onze mil Yojanas. Os homens nascidos lá são da cor do ouro. E eles são todos caídos da região de Brahman e são proferidores de Brahma. Eles praticam as mais severas das austeridades ascéticas, e sua semente vital está parada. Para a proteção de criaturas eles todos entram no sol. Numerando sessenta e seis mil, eles procedem na frente de Aruna, cercando o sol. Aquecidos pelos raios do sol por sessenta e seis mil anos, eles então entram no disco lunar.'"

8

"Dhritarashtra disse, 'Diga-me realmente, ó Sanjaya, os nomes de todos os Varshas, e de todas as montanhas, e também de todos aqueles que residem sobre aquelas montanhas.'

Sanjaya disse, 'No sul de Sweta e norte de Nishadha é o Varsha chamado Romanaka. Os homens nascidos lá são todos de cor branca, de boa ascendência, e feições belas. E os homens nascidos lá são também todos sem inimigos. E eles vivem, ó rei, por onze mil e quinhentos anos, sendo sempre de corações alegres. No sul de Nishadha é o Varsha chamado Hiranmaya onde está o rio chamado Hiranwati. Lá, ó rei, vive aquela principal das aves chamada Garuda. E as pessoas lá, ó monarca, são todas seguidoras dos Yakshas, ricas, e de feições belas. E, ó rei, os homens lá são dotados de grande força e tem corações alegres. E eles vivem por doze mil e quinhentos anos, ó rei, a qual é a medida de suas vidas. As montanhas de Sringavat, ó soberano de homens, tem três belos topos. Um destes é feito de jóias e pedras preciosas, outro é muito extraordinário, sendo feito de todas as espécies de pedras preciosas e adornado com mansões suntuosas. Lá a dama auto-luminosa chamada Sandili sempre vive. No norte de Sringavat e até a margem do oceano, ó rei, é o Varsha chamado Airavat. E porque aquela montanha adornada com pedras preciosas é lá, portanto aquele Varsha é superior a todos. O sol não dá calor lá e os homens não estão sujeitos à decadência. E a lua lá, com as estrelas, se tornando a única fonte de luz, cobre (o firmamento).

Possuindo o brilho e cor do lótus, e dotados de olhos que parecem com pétalas de lótus, os homens nascidos lá tem a fragrância do lótus. Com olhos que não piscam, e perfume agradável (emanando de seus corpos), eles seguem sem alimento e tem seus sentidos sob controle. Eles são todos caídos da região dos celestiais, e são todos, ó rei, sem pecado de qualquer tipo. E eles vivem, ó monarca, por treze mil anos, esta sendo, ó melhor dos Bharatas, a medida de suas vidas. E assim no norte do oceano leitoso, o Senhor Hari de pujança ilimitada mora em seu carro feito de ouro. Aquele veículo é dotado de oito rodas, com numerosas criaturas sobrenaturais posicionadas sobre ele, e tendo a velocidade da mente. E sua cor é aquela do fogo, e ele é dotado de energia imensa e adornado com ouro Jamvunada. Ele é o Senhor de todas as criaturas, e é possuidor, ó touro da raça Bharata, de todos os tipos de prosperidade. Nele o universo imerge (quando chega a dissolução), e dele ele emana novamente (quando o desejo criativo o apanha). Ele é o ator, e é Ele que faz todos os outros agirem. Ele, ó monarca, é terra, água, espaço, ar, e fogo. Ele é o próprio Sacrifício para todas as criaturas, e o fogo é Sua boca."

Vaisampayana continuou, "O rei de grande alma Dhritarashtra, assim endereçado por Sanjaya, ficou, ó monarca, absorto em meditação sobre seus filhos. Dotado de grande energia, ele então, tendo refletido, disse a ele estas palavras: 'Sem dúvida, ó filho de Suta, é o Tempo que destrói o universo. E é o Tempo que além disso cria tudo. Nada aqui é eterno. É Nara e Narayana, dotado de onisciência, que destrói todas as criaturas. (Eles são somente partes do mesmo Ser Supremo.) Os deuses falam dele como Vaikuntha (de pujança incomensurável), enquanto homens o chamam de Vishnu (aquele que permeia o universo)!'"

9

"Dhritarashtra disse, 'Fale-me realmente (ó Sanjaya), deste Varsha que recebeu o nome de Bharata, onde este exército insensato foi reunido, em relação ao qual este meu filho Duryodhana tem sido tão absolutamente cobiçoso, o qual os filhos de Pandu também estão desejosos de obter, e no qual minha mente também afunda. Ó, fale-me isto, pois na minha opinião tu és dotado de inteligência.'

Sanjaya disse, 'Ouça-me, ó rei. Os filhos de Pandu não são cobiçosos acerca deste país. Por outro lado, é Duryodhana que é cobiçoso, e Sakuni, o filho de Suvala, como também muitos outros Kshatriyas que são governantes das províncias, que sendo cobiçosos deste país não são capazes de tolerar uns aos outros. Eu agora te falarei, ó tu da família de Bharata, da região de terra conhecida pelo nome de Bharata. Esta terra é a amada de Indra, e, ó tu da linhagem de Bharata, esta terra, ó monarca, que recebeu o nome de Bharata, é também a terra querida de Manu, o filho de Vivaswat, de Prithu, de Vainya, de Ikshwaku de grande alma, de Yayati, de Amvarisha, de Mandhatri, de Nahusha, de Muchukunda, de Sivi o filho de Usinara, de Rishava, de Ila, do rei Nriga, de Kusika, ó invencível, de Gadhi de grande alma, de Somaka, ó irreprimível, e de

Dilipa, e também, ó monarca, de muitos outros Kshatriyas poderosos. Eu agora, ó castigador de inimigos, descreverei para ti aquele território como eu tenho ouvido sobre ele. Ouça-me, ó rei, enquanto eu falo do que tu me perguntaste. Mahendra, Malaia, Sahya, Suktimat, Rakshavat, Vindhya, e Paripatra, estas sete são as montanhas Kala (montanhas que formam limites de divisões, de Bharatvarsha). Além dessas, ó rei, há milhares de montanhas que são desconhecidas, de feitio sólido, enormes, e tendo vales excelentes. Além dessas há muitas outras montanhas pequenas habitadas por tribos bárbaras. Aryans e Mlecchas, ó Kauravya, e muitas raças, ó senhor, mistas dos dois elementos, bebem as águas dos seguintes rios, dos magníficos Ganga, Sindhu, e Saraswati; de Godavari, e Narmada, e do rio grande chamado Yamuna; de Dhrishadwati, e Vipapa, e Vipasa e Sthulavaluka; do rio Vetravati, e aquele outro chamado Krishna-vena; de Iravati, e Vitasta, e Payosyini, e Devika; de Vedasmrita e Vedavati, e Tridiva, e Ikshumalavi; de Karishini, e Chitravaha, e do rio chamado Chitrasena; de Gomati, e Dhutapada e do rio grande chamado Gandaki, de Kausiki, e Nischitra, e Kirtya, e Nichita, e Lohatarini; de Rashasi e Satakumbha, e também Sarayu; de Charmanwati, e Vetravati, e Hastisoma, e Disa; do rio chamado Saravati, e Venna, e Bhimarathi; de Kaveri, e Chuluka, e Vina, e Satavala; de Nivara, e Mahila, e Suprayoga, ó rei; de Pavitra, e Kundala, e Rajani, e Puramalini; de Purvabhirama, e Vira, e Bhima, e Oghavati; de Palasini, e Papahara, e Mahendra, e Patalavati, de Karishini, e Asikni, e do grande rio Kusachira, de Makari, e Pravara, e Mena, e Hema, e Dhritavati; de Puravati, e Anushna, e Saivya, e Kapi, ó Bharata; de Sadanira, e Adhrishya, e da corrente poderosa Kusadhara; de Sadakanta, e Siva, e Viravati; de Vatsu, e Suvastu, e Kampana com Hiranwati; de Vara, e do imenso rio Panchami, de Rathachitra, e Jyotiratha, e Viswamitra, e Kapinjala; de Upendra, e Vahula, e Kuchira, e Madhuvahini; de Vinadi, e Pinjala, e Vena, e do grande rio Pungavena; de Vidisa e Krishna-vena, e Tamra, e Kapila, de Salu, e Suvama, o Vedaswa, e do rio poderoso Harisrava; de Sighra, e Pischala, e do rio Bharadwaji, do rio Kausiki, e Sona, e Chandrama; de Durgamantrasila, e Brahma-vodhya, e Vrihadvati; de Yaksha, e Rohi, e Yamvunadi; de Sunasa e Tamasa, e Dasi, e Vasa, e Varuna, e Asi; de Nila, e Dhrimati, e do poderoso rio Parnasa; de Pomasi, e Vrishabha, e Brahma-meddhya, e Vrihaddhani. Estes e muitos outros grandes rios, ó rei, tais como Sadonirmaya e Krishna, e Mandaga, e Mandavahini; e Mahagouri, e Durga, ó Bharata; e Chitropala, Chitraratha, e Manjula, e Vahini; e Mandakini, e Vaitarani, e Kosa, e Mahanadi; e Suktimati, e Ananga, e Pushpaveni, e Utpalavati; e Lohitya, Karatoya, e Vrishasabhya; e Kumari, e Rishikullya e Marisha, e Saraswati; e Mandakini, e Supunya, Sarvasanga, ó Bharata, são todos mães do universo e produtivos de mérito excelente. Além desses, há rios, às centenas e milhares, que não são conhecidos (por nomes). Eu agora relatei para ti, ó rei, todos os rios tanto quanto eu me lembro.

Depois disto, ouça os nomes das províncias enquanto eu os menciono. Elas são os Kuru-Panchalas, os Salwas, os Madreyas, os Jangalas, os Surasenas, os Kalingas, os Vodhas, os Malas, os Matsyas, os Sauvalyas, os Kuntalas, os Kasi-kosalas, os Chedis, os Karushas, os Bhojas, os Sindhus, os Pulindakas, os Uttamas, os Dasarnas, os Mekalas, os Utkalas; os Panchalas, os Kausijas, os Nikarprishthas, Dhurandharas; os Sodhas, os Madrabhujingas, os Kasis, e os

Kasis mais distantes; os Jatharas, os Kukuras, ó Bharata; os Kuntis, os Avantis, e os Kuntis mais distantes; os Gomantas, os Mandakas, os Shandas, os Vidarbhas, os Rupavahikas; os Aswakas, os Pansurashtras, os Goparashtras, e os Karityas; os Adhirjayas, os Kuladyas, os Mallarashtras, os Keralas, os Varatrasyas, os Apavahas, os Chakras, os Vakratapas, os Sakas; os Videhas, os Magadhas, os Swakshas, os Malaias, os Vijayas, os Angas, os Vangas, os Kalingas, os Yakrillomans; os Mallas, os Suddellas, os Pranradas, os Mahikas, os Sasikas; os Valhikas, os Vatadhanas, os Abhiras, os Kalajoshakas; os Aparantas, os Parantas, os Pahnabhas, os Charmamandalas; os Atavisikharas, os Mahabhutas, ó senhor; os Upavrittas, os Anupavrittas, os Surashatras, Kekayas; os Kutas, os Maheyas, os Kakshas, os Samudranishkutas; os Andhras, e, ó rei, muitas tribos montanhosas, e muitas tribos residindo em áreas situadas na base de colinas, e os Angamalajas, e os Manavanjakas; os Pravisheyas, e os Bhargavas, ó rei; os Pundras, os Bhargas, os Kiratas, os Sudeshnas, e os Yamunas, os Sakas, os Nishadhas, os Anartas, os Nairitas, os Durgalas, os Pratimasyas, os Kuntalas, e os Kusalas; os Tiragrahas, os Ijakas, os Kanyakagunas, os Tilabharas, os Samiras, os Madhumattas, os Sukandakas; os Kasmiras, os Sindhusauviras, os Gandharvas, e os Darsakas; os Abhisaras, os Utulas, os Saivalas, e os Valhikas; os Darvis, os Vanavadarvas, os Vatagas, os Amarathas, e os Uragas; os Vahuvadhas, os Kauravyas, os Sudamanas, os Sumalikas; os Vadhras, os Karishakas, os Kalindas, e os Upatyakas; os Vatayanas, os Romanas, e os Kusavindas; os Kacchas, os Gopalkacchas, os Kuruvarnakas; os Kiratas, os Varvasas, os Siddhas, os Vaidehas, e os Tamraliptas; os Aundras, os Paundras, os Saisikatas, e os Parvatiyas, ó majestade.

Há outros reinos, ó touro da raça Bharata, no sul. Eles são os Dravidas, os Keralas, os Prachyas, os Mushikas, e os Vanavashikas; os Karanatakas, os Mahishakas, os Vikalpas, e também os Mushakas; os Jhillikas, os Kuntalas, os Saunridas, e os Nalakananas; os Kankutakas, os Cholas, e os Malavayakas; os Samangas, os Kanakas, os Kukkuras, e os Angara-marishas; os Samangas, os Karakas, os Kukuras, os Angaras, os Marishas, os Dhwajinis, os Utsavas, os Sanketas, os Trigartas, e os Salwasenas; os Vakas, os Kokarakas, os Pashtris, e os Lamavegavasas; os Vindhyachulakas, os Pulindas, e os Valkalas; os Malavas, os Vallavas, os Vallavas mais distantes, os Kulindas, os Kalavas, os Kuntaukas, e os Karatas; os Mrishakas, os Tanavalas, os Saniyas; os Alidas, os Pasivatas, os Tanayas, e os Sulanyas; os Rishikas, os Vidarbhas, os Kakas, os Tanganas, e os Tanganas mais distantes. Entre as tribos do norte estão os Mlecchas, e os Kruras, ó melhor dos Bharatas; os Yavanas, os Chinas, os Kamvojas, os Darunas, e muitas tribos Mleccha; os Sukritvahas, os Kulatthas, os Hunas, e os Parasikas; os Ramanas, e os Dasamalikas. Estes países são, além disso, as residências de muitas tribos Kshatriya, Vaisya, e Sudra. Então além disso há os Sudra-abhiras, os Dardas, os Kasmiras, e os Pattis; os Khasiras; os Atreyas, os Bharadwajas, os Stanaposhikas, os Poshakas, os Kalingas, e diversas tribos de Kiratas; os Tomaras, os Hansamargas, e os Karamanjakas. Estes e outros reinos estão no leste e no norte. Ó senhor, aludindo a eles brevemente eu te disse tudo. A Terra, se seus recursos são devidamente desenvolvidos de acordo com suas qualidades e valor, é como uma vaca que sempre produz leite (Kamadhuk é aquela espécie

de vaca que sempre produz leite), da qual os frutos triplos de virtude, lucro e prazer, podem ser ordenhados. Reis corajosos familiarizados com virtude e lucro se tornaram cobiçosos de Terra. Dotados de energia, eles até perderão suas vidas em batalha por fome de riqueza. A terra é certamente o refúgio de criaturas dotadas de corpos celestes como também de criaturas dotadas de corpos humanos. (Os deuses dependem de sacrifícios realizados por seres humanos; e com relação aos seres humanos, sua alimentação é fornecida pela Terra. Criaturas superiores e inferiores, portanto, são todas sustentadas pela terra; a Terra sendo seu refúgio.) Desejosos de desfrutar da Terra, os reis, ó chefe dos Bharatas, se tornaram como cachorros que roubam carne uns dos outros. Sua ambição é ilimitada, não conhecendo satisfação. É por isso que os Kurus e os Pandavas estão se esforçando pela posse de Terra, por meio de negociação, desunião, presentes, e batalha, ó Bharata. Se a Terra for bem cuidada, ela se torna o pai, mãe, filhos, firmamento e céu, de todas as criaturas, ó touro entre homens.'"

10

"Dhritarashtra disse, 'Fale-me, ó Sanjaya, do período de vida, da força, das coisas boas e más, do futuro, passado e presente, dos residentes, ó Suta, deste Varsha de Bharata, e do Himavat-varsha, como também de Hari-varsha, em detalhes.'

Sanjaya disse, 'Ó touro da raça Bharata, quatro Yugas se manifestam no Varsha de Bharata, isto é, Krita, Treta, Dwapara, e Kali. O Yuga que inicia primeiro é Krita. Ó senhor; depois do término de Krita vem Treta; depois do término de Treta vem Dwapara; e depois desse último se inicia Kali. Quatro mil anos, ó melhor dos Kurus, são calculados como a média de vida, ó melhor dos reis, na época Krita. Três mil anos é o período em Treta, ó governante de homens. No momento em Dwapara as pessoas vivem sobre a Terra por dois mil anos. Em Kali, no entanto, ó touro da raça Bharata, não há limite fixo de média de vida, tanto que homens morrem enquanto no útero, como também logo depois do nascimento. Na era Krita, ó rei, homens nascem e geram filhos, às centenas e milhares, que são de grande força e grande poder, dotados do atributo de grande sabedoria, e possuidores de riqueza e belas feições. Naquela era são nascidos e gerados Munis dotados de riqueza de ascetismo, capazes de grande esforço, possuidores de almas elevadas, e virtuosos, e verdadeiros em palavras. Os Kshatriyas também, nascidos naquela era, são de feições agradáveis, saudáveis, possuidores de grande energia, talentosos no uso do arco, muito habilidosos em batalha e extremamente corajosos. Na era Treta, ó rei, todos os reis Kshatriya eram imperadores governando de mar a mar. Em Treta são gerados bravos Kshatriyas não sujeitos a ninguém, dotados de vidas longas, possuidores de heroísmo, e manejando o arco em batalha com grande habilidade. Quando Dwapara se inicia, ó rei, todas as (quatro) classes nascidas se tornam capazes de grande esforço, dotadas de grande energia, e desejosas de conquistar umas às outras. Os homens nascidos em Kali, ó rei, são dotados de pouca energia, muito

coléricos, cobiçosos, e mentirosos. Ciúmes, orgulho, raiva, fraude, malícia e avareza, ó Bharata, são os atributos das criaturas na era Kali. A porção que resta, ó rei, desta era Dwapara, é pequena, ó soberano de homens. O Varsha conhecido como Haimavat é superior a Bharatavarsha, enquanto Harivarsha é superior a Hainavatvarsha, em relação a todas as qualidades.'"

11

(Bhumi Parva)

"Dhritarashtra disse, 'Tu, ó Sanjaya, descreveste Jamvukhanda devidamente para mim. Diga-me agora suas dimensões e extensão realmente. Fale-me também, ó Sanjaya, da extensão do oceano de Sakadwipa, e Kusadwipa, de Salmalidwipa e Kraunchadwipa, verdadeiramente e sem deixar qualquer coisa e fale-me também, ó filho de Gavalgani, de Rahu e Soma e Surya.'

Sanjaya disse, 'Há, ó rei, muitas ilhas, sobre as quais a Terra se estende. Eu descreverei para ti, no entanto, somente sete ilhas, e a lua, e o sol, e o planeta (Rahu), também. A montanha Jamvu, ó rei, se estende sobre dezoito mil e seiscentos Yojanas completos. A extensão do oceano salgado é citada como duas vezes isto. Aquele oceano está coberto com muitos reinos, e é adornado com pedras preciosas e corais. Ele é, além disso, ornamentado com muitas montanhas que são matizadas com metais de diversos tipos. Densamente povoado por Siddhas e Charanas, o oceano é circular em forma.

Eu agora te falarei realmente de Sakadwipa, ó Bharata. Ouça-me, ó filho da linhagem de Kuru, enquanto eu a descrevo para ti devidamente. Aquela ilha, ó soberano de homens, tem duas vezes a extensão de Jamvudwipa. E o oceano também, ó grande rei, tem duas vezes a extensão daquela ilha. De fato, ó melhor dos Bharatas, Sakadwipa está cercada por todos os lados pelo oceano. Os reinos lá são cheios de retidão, e os homens lá nunca morrem. Como a penúria poderia ocorrer lá? As pessoas são todas dotadas de clemência e grande energia. Eu agora, ó touro da raça Bharata, te dei devidamente uma descrição breve de Sakadwipa. O que mais, ó rei, tu desejas ouvir?'"

"Dhritarashtra disse, 'Tu me deste, ó Sanjaya, uma descrição de Sakadwipa em resumo. Ó tu que és possuidor de grande sabedoria, conte-me agora tudo em detalhes verdadeiramente.'

Sanjaya disse, 'Naquela ilha, ó rei, há sete montanhas que são enfeitadas com jóias e que são minas de jóias, pedras preciosas. Há muitos rios também naquela ilha. Ouça-me enquanto eu relato seus nomes. Tudo lá, ó rei, é excelente e encantador. A primeira daquelas montanhas se chama Meru. Ela é a residência dos deuses, Rishis, e Gandharvas. A montanha seguinte, ó rei, se chama Malaia que se estende em direção ao leste. É lá que as nuvens são geradas e é de lá que elas se dispersam para todos os lados. A próxima, ó tu da família de Kuru, é a grande montanha chamada Jaladhara. De lá Indra diariamente toma água da

melhor qualidade. É daquela água que nós obtemos chuvas na estação das chuvas, ó governante de homens. Em seguida vem a montanha alta chamada Raivataka, sobre a qual, no firmamento, foi colocada permanentemente a constelação chamada Revati. Este arranjo foi feito pelo próprio Avô. No norte desta, ó grande rei, está a grande montanha chamada Syama. Ela tem o esplendor de nuvens recém surgidas, é muito alta, bela e de corpo brilhante. E já que a cor daquelas montanhas é escura, as pessoas que residem lá são todas de cor escura, ó rei.'"

"Dhritarashtra disse, 'Uma grande dúvida surge na minha mente, ó Sanjaya, a respeito do que tu disseste. Por que, ó filho de Suta, as pessoas lá seriam de cor escura?'

Sanjaya disse, 'Ó grande rei, em todas as ilhas, ó filho da linhagem de Kuru, podem ser encontrados homens que são claros, e aqueles que são escuros, e aqueles também que são produzidos por uma união das raças claras e escuras. Mas porque as pessoas lá são todas escuras, portanto aquela montanha é chamada de Montanha Escura. Depois desta, ó chefe dos Kurus, é a grande montanha chamada Durgasaila. E então vem a montanha chamada Kesari. As brisas que sopram daquela montanha são todas carregadas com eflúvios (odoríferos). A medida de cada uma destas montanhas é o dobro daquela mencionada imediatamente antes. Ó tu da família de Kuru, é dito pelos sábios que há sete Varshas naquela ilha. O Varsha de Meru é chamado Mahakasa; aquele da doadora de água (Malaia) é chamado Kumudottara. O Varsha de Jaladhara é chamado Sukumara; enquanto aquele de Raivatak é chamado Kaumara; e de Syama, Manikanchana. O Varsha de Kesara é chamado Mandaki, e aquele citado depois da próxima montanha se chama Mahapuman. No meio daquela ilha há uma árvore grande chamada Saka. Em altura e largura a medida daquela árvore é igual àquela da árvore Jamvu em Jamvudwipa. E o povo lá sempre adora aquela árvore. Lá naquela ilha há muitas províncias encantadoras onde Siva é adorado, e para lá se dirigem os Siddhas, os Charanas, e os celestiais. As pessoas lá, ó rei, são virtuosas, e todas as quatro classes, ó Bharata, são dedicadas às suas respectivas ocupações. Nenhum caso de roubo pode ser visto lá. Livres de decrepitude e morte e dotadas de vida longa, as pessoas lá, ó rei, crescem como rios durante a estação das chuvas. Os rios lá são cheios de água sagrada, e a própria Ganga, distribuída como ela foi em várias correntes, está lá, Sukumari, e Kumari, e Seta, e Keveraka, e Mahanadi, ó Kauravya, e o rio Manijala, e Chakshus, e o rio Vardhanika, ó tu melhor dos Bharatas, estes e muitos outros rios aos milhares e centenas, todos cheios de água sagrada, se encontram lá, ó perpetuador da família de Kuru, dos quais Vasava retira água para derramá-la como chuva. É impossível narrar os nomes e comprimentos dos rios. Todos eles são os principais dos rios e purificadores de pecados. Como ouvido por todos homens lá, naquela ilha de Saka há quatro províncias sagradas. Eles são os Mrigas, os Masakas, os Manasas, e os Mandagas. Os Mrigas na maior parte são Brahmanas dedicados às ocupações da sua ordem. Entre os Masakas estão Kshatriyas virtuosos concedendo (aos Brahmanas) todo desejo (nutrido por eles). Os Manasas, ó rei, vivem por seguir os deveres da classe Vaisya. Tendo todos os

desejos deles satisfeitos, eles são também corajosos e firmemente dedicados à virtude e lucro. Os Mandagas são todos Sudras valentes de comportamento virtuoso. Nestas províncias, ó monarca, não há nenhum rei, nenhum castigo, nenhuma pessoa que mereça ser punida. Conhecedoras dos ditames do dever elas estão todas engajadas na prática dos seus respectivos deveres e protegem umas às outras. Isto é tudo o pode ser dito da ilha chamada Saka. Isto tudo também deve ser ouvido sobre aquela ilha dotada de grande energia.'"

12

"Sanjaya disse, 'Ó Kauravya, aquilo que é ouvido sobre as ilhas no norte, eu relatarei para ti, ó grande rei. Ouça-me agora. (Lá no norte) se encontra o oceano cujas águas são manteiga clarificada. Então vem o oceano cujas águas são coalhos. Em seguida vem o oceano cujas águas são vinho, e então outro oceano de água. As ilhas, ó rei, são o dobro em área uma da outra conforme elas procedem cada vez mais longe em direção ao norte. E elas estão cercadas, ó rei, por estes oceanos. Na ilha que está no meio há uma montanha grande chamada Goura feita de arsênico vermelho; na ilha ocidental, ó rei, é a montanha Krishna que é a (residência) predileta de Narayana. Lá Kesava guarda pedras preciosas celestes (em profusão), e de lá, inclinado à benevolência, ele concede felicidade às criaturas. Junto com os reinos lá, ó rei, a moita (celeste) de erva Kusa em Kusadwipa, e a árvore Salmali na ilha de Salmalika, são adoradas. Na ilha Krauncha também, a montanha chamada Maha-krauncha que é uma mina de todas as espécies de pedras preciosas, ó rei, é sempre adorada por todas as quatro classes de homens. (Lá), ó monarca, é a montanha chamada Gomanta que é enorme e compõe-se de todos os tipos de metais, e sobre a qual sempre reside, misturando-se com aqueles que são emancipados, o pujante Narayana, também chamado Hari, agraciado com prosperidade e possuidor de olhos como folhas de lótus. Em Kusadwipa, ó rei de reis, há outra montanha matizada com corais e que recebeu o nome daquela própria ilha. Aquela montanha é inacessível e feita de ouro. Possuidora de grande esplendor, ó Kauravya, há uma terceira montanha lá que é chamada Sumida. A sexta é chamada Harigiri. Estas são as seis principais montanhas. Os espaços entre estas seis montanhas aumenta na proporção de um para dois conforme elas procedem cada vez mais longe em direção ao norte. O primeiro Varsha é chamado Audhido; o segundo é Venumandala; o terceiro é chamado Suratha; o quarto é conhecido pelo nome de Kamvala; o quinto Varsha é chamado Dhritimat; e o sexto é chamado Prabhakara; o sétimo Varsha é chamado Kapila. Estes são os sete Varshas sucessivos. Nestes, deuses e Gandharvas, e outras criaturas do universo se divertem e se deleitam. Nestes Varshas os habitantes nunca morrem. Lá, ó rei, não há ladrões, nem quaisquer tribos de Mlecchas. Todos os residentes são quase brancos em cor, e muito delicados, ó rei.

Com respeito ao restante das ilhas, ó soberano de homens, eu relatarei tudo o que foi ouvido por mim. Ouça, ó monarca, com a mente atenta. Na ilha Krauncha, ó grande rei, há uma montanha grande chamada Krauncha. Ao lado de Krauncha

é Vamanaka; e ao lado de Vamanaka é Andhakara. E ao lado de Andhakara, ó rei, é aquela excelente das montanhas chamada Mainaka. Depois de Mainaka, ó monarca, é aquela melhor das montanhas chamada Govinda; e depois de Govinda, ó rei, é a montanha chamada Nivida. Ó multiplicador de tua linhagem, os espaços entre essas montanhas aumenta na proporção de um para dois. Eu agora te direi os países que se encontram lá. Ouça-me enquanto eu falo deles. A região perto de Krauncha é chamada Kusala; aquela perto de Vamanaka é Manonuga. A região ao lado de Manonuga, ó perpetuador da família de Kuru, é chamada Ushna. Depois de Ushna é Pravaraka; e depois de Pravaraka é Andhakaraka. O país depois de Andhakaraka é chamado Munidesa. Depois de Munidesa a região é chamada Dundubhiswana cheia com Siddhas e Charanas. As pessoas são quase brancas em cor, ó rei. Todos estes países, ó monarca, são as habitações de deuses e Gandharvas. Na (ilha de) Pushkara existe uma montanha chamada Pushkara que abunda com jóias e pedras preciosas. Lá sempre mora o próprio Prajapati divino. A ele todos os deuses e grandes Rishis sempre adoram com palavras gratificantes e cultuam reverentemente, ó rei. Diversas pedras preciosas de Jamvudwipa são usadas lá. Em todas estas ilhas, ó rei, Brahmacharya, veracidade, e autocontrole dos habitantes, como também sua saúde e períodos de vida são na proporção de um para dois conforme as ilhas são cada vez mais distantes (na direção norte). Ó rei, a terra naquelas ilhas, ó Bharata, abrange somente um país, pois aquele é citado como um país no qual uma religião é encontrada. O próprio Prajapati Supremo, levantando a vara de castigo, sempre reside lá, protegendo aquelas ilhas. Ele, ó monarca, é o rei. Ele é sua fonte de felicidade. Ele é o pai, e ele é o avô. É ele, ó melhor dos homens, que protege todas as criaturas lá, móveis ou imóveis. Alimento cozido, ó Kauravya, chega lá por si mesmo e as criaturas o comem diariamente. Ó de braços fortes, depois destas regiões é vista uma habitação de nome Sama. Ela tem uma forma estrelada tendo quatro cantos, e ela tem, ó rei, trinta e três mandalas. Lá moram, ó Kauravya, quatro elefantes principescos adorados por todos. (Dig-gaja, isto é, um elefante que sustenta o globo. Há quatro destes na mitologia Hindu ou dez de acordo com alguns relatos). Eles são, ó melhor dos Bharatas, Vamana, e Airavata, e outro, e também Supratika (isto é, com o suco escorrendo de suas bochechas e boca. Na época do cio, um tipo peculiar de suco sai de várias partes do corpo de um elefante. Acredita-se que ele é o suco temporal. Quanto mais forte e feroz o elefante, maior a quantidade de suco que sai de seu corpo). Ó rei, com bochechas e boca fendidas, eu não ouso calcular as proporções destes quatro elefantes. Seu comprimento, largura e espessura sempre permaneceram não determinados. Lá naquelas regiões, ó rei, ventos sopram irregularmente de todas as direções. Estes são apanhados por aqueles elefantes com as pontas de suas trombas, as quais são da cor do lótus e dotadas de grande esplendor e capazes de arrastar tudo em seu caminho. E logo depois de apanhá-los eles então sempre os deixam sair. Os ventos, ó rei, assim deixados sair por aqueles elefantes respirando vem sobre a Terra e por consequência disso as criaturas respiram e vivem.'

Dhritarashtra disse, 'Tu, ó Sanjaya, me falaste tudo acerca do primeiro assunto muito elaboradamente. Tu também indicaste as posições das ilhas. Fale agora, ó Sanjaya, sobre o que resta.'

Sanjaya disse, 'De fato, ó grande rei, as ilhas foram todas descritas para ti. Ouça agora ao que eu verdadeiramente digo sobre os corpos celestes e sobre Swarbhanu, ó chefe dos Kauravas, com relação às suas dimensões. É sabido, ó rei, que o planeta Swarbhanu é globular. Seu diâmetro é doze mil Yojanas, e sua circunferência, porque ele é muito grande, é quarenta e dois mil Yojanas, ó impecável, como dito pelos eruditos dos tempos antigos. É afirmado que o diâmetro da lua, ó rei, é onze mil Yojanas. Sua circunferência, ó chefe dos Kurus, é declarada que é trinta oito mil e novecentos Yojanas do planeta ilustre de raios frios. É sabido que o diâmetro do Sol beneficente, que avança rápido e que dá luz, ó tu da família de Kuru, é dez mil Yojanas, e sua circunferência, ó rei, é trinta e cinco mil e oitocentas milhas, por causa de sua imensidade, ó impecável. Estas são as dimensões calculadas aqui, ó Bharata, de Arka. O planeta Rahu, por sua grande massa, envolve o Sol e a Lua em tempos devidos. Eu te digo isto em resumo. Com a visão da ciência, ó grande rei, eu agora te disse tudo o que tu perguntaste. Que a paz seja tua. Eu agora te falei sobre a construção do universo como indicada nos Shastras. Portanto, ó Kauravya, acalme teu filho Duryodhana.'

Tendo escutado a este encantador Bhumi Parva, ó chefe dos Bharatas, um Kshatriya vem a ser dotado de prosperidade, obtém a realização de todos os seus desejos, e ganha a aprovação dos virtuosos. O rei que ouve a isto em dias da lua-cheia ou da lua-nova, cumprindo votos cuidadosamente todo o tempo, tem o período de sua vida, sua fama e energia, todos aumentados. Seus pais e avôs (falecidos) ficam satisfeitos. Tu agora ouviste sobre todos os méritos que fluem deste Varsha de Bharata onde nós estamos agora!'"

13

(Bhagavat-Gita Parva)

Vaisampayana disse, "Possuidor do conhecimento do passado, do presente e do futuro, e vendo todas as coisas como se presentes diante de seus olhos, o filho erudito de Gavalgana, ó Bharata, chegando rapidamente do campo de batalha, e entrando com aflição (na corte) contou para Dhritarashtra que estava mergulhado em pensamentos que Bhishma, o avô dos Bharatas, estava morto."

"Sanjaya disse, 'Eu sou Sanjaya, ó grande rei. Eu te reverencio, ó touro da raça Bharata. Bhishma, o filho de Santanu e o avô dos Bharatas, foi morto. Aquele principal de todos os guerreiros, aquele avô dos Bharatas, foi morto. Aquele principal de todos os guerreiros, aquela energia incorporada de todos os arqueiros, aquele avô dos Kurus jaz hoje em um leito de flechas. Aquele Bhishma. ó rei, confiando em cuja energia teu filho se engajou naquela partida de dados, agora jaz no campo de batalha morto por Sikhandin. Aquele poderoso guerreiro em carro que em um único carro venceu em combate terrível na cidade de Kasi todos os reis da Terra reunidos, ele que lutou destemidamente em batalha com Rama, o filho de Jamadagni, ele a quem o filho de Jamadagni não pode matar, oh, ele mesmo foi morto hoje por Sikhandin. Parecido com o próprio grande Indra em

coragem, e Himavat em firmeza, semelhante ao próprio oceano em gravidade, e à própria Terra em paciência, aquele guerreiro invencível tendo flechas como seus dentes, arco como sua boca, e a espada como sua língua, aquele leão entre homens, foi morto hoje pelo príncipe de Panchala. Aquele matador de heróis, vendo a quem quando dirigido para a batalha o poderoso exército dos Pandavas, desprovido de qualidades viris por causa do medo, costumava tremer como um rebanho de vacas vendo um leão, ai, tendo protegido aquele (teu) exército por dez noites e tendo realizado feitos de realização extremamente difícil, se pôs como o Sol. Ele que como o próprio Sakra, espalhando flechas às milhares com a maior compostura matou diariamente dez mil guerreiros por dez dias, ele mesmo morto (pelo inimigo), jaz, embora ele não mereça isso, na terra nua como uma árvore (poderosa) quebrada pelo vento, por consequência, ó rei, dos teus maus conselhos, ó Bharata.'"

14

"Dhritarashtra disse, 'Como Bhishma, aquele touro entre os Kurus, foi morto por Sikhandin? Como meu pai, que parecia o próprio Vasava, caiu de seu carro? O que veio a ser dos meus filhos, ó Sanjaya, quando eles foram privados do poderoso Bhishma que era como um celestial, e que levava vida de Brahmacharya por causa de seu pai? Após a queda daquele tigre entre homens que era dotado de grande sabedoria, grande capacidade para esforço, grande poder e grande energia, como nossos guerreiros se sentiram? Sabendo que aquele touro entre os Kurus, aquele principal dos homens, aquele herói firme, está morto, é grande a dor que trespassa meu coração. Enquanto avançava (contra o inimigo), quem o seguiu e quem prosseguiu adiante? Quem ficou ao seu lado? Quem procedeu com ele? Quais combatentes valentes seguiram atrás (protegendo a retaguarda) daquele tigre entre os guerreiros em carros, aquele arqueiro formidável, aquele touro entre os Kshatriyas, quando ele penetrou nas divisões do inimigo? Enquanto apanhando as tropas hostis, quais guerreiros se opuseram àquele matador de inimigos parecido com o corpo luminoso de mil raios, que espalhando terror entre o inimigo destruía suas tropas como o Sol destruindo a escuridão, e que realizou em batalha entre as tropas dos filhos de Pandu façanhas de realização extremamente difícil? Como, de fato, ó Sanjaya, os Pandavas se opuseram em batalha ao filho de Santanu, aquele guerreiro habilidoso e invencível quando ele se aproximou deles atacando? Massacrando as tropas (hostis), tendo flechas como seus dentes, e cheio de energia, com o arco como sua boca escancarada, e com a espada terrível como sua língua, e invencível, um verdadeiro tigre entre homens, dotado de modéstia, e nunca antes derrotado, ai, como o filho de Kunti derrotou em batalha aquele invencível, não merecedor como ele era de semelhante destino, aquele arqueiro feroz disparando flechas ardentes, posicionado em seu carro excelente, e arrancando as cabeças de inimigos (de seus corpos), aquele guerreiro irresistível como o fogo do Yuga, vendo a quem dirigido para a batalha o grande exército dos Pandavas sempre costumava vacilar? Mutilando as tropas hostis por dez noites, ai, aquele matador de tropas se pôs como o Sol, tendo realizado feitos de realização difícil. Ele que, espalhando

como o próprio Sakra uma inesgotável chuva de flechas, matou em batalha cem milhões de guerreiros em dez dias, aquele descendente da linhagem de Bharata, agora jaz, embora ele não mereça isso, na terra nua, no campo de batalha, carente de vida, uma árvore poderosa arrancada pelos ventos, como um resultado dos meus maus conselhos! Vendo o filho de Santanu, Bhishma de bravura terrível, como de fato, o exército dos Pandavas pode conseguir atingi-lo lá? Como os filhos de Pandu lutaram com Bhishma? Como é, ó Sanjaya, que Bhishma não pode vencer quando Drona vive? Quando Kripa, além disso, estava perto dele, e o filho de Drona (Aswatthaman) também, como pode Bhishma, aquele principal dos batedores, ser morto? Como pode Bhishma, que era considerado um Atiratha e que não podia ser resistido pelos próprios deuses, ser morto em batalha por Sikhandin, o príncipe de Panchala? Ele que sempre se considerava igual ao filho poderoso de Jamadagni em batalha, ele a quem o próprio filho de Jamadagni não pode vencer, ele que parecia com o próprio Indra em destreza, ai, ó Sanjaya, conte-me como aquele herói, Bhishma, nascido na linhagem de Maharathas, foi morto em batalha, pois sem saber todos os detalhes eu não posso recuperar minha equanimidade. Qual grande arqueiro do meu exército, ó Sanjaya, não abandonou aquele herói de glória imorredoura? Quais guerreiros heróicos, além disso, por ordem de Duryodhana, permaneceram em volta daquele herói (para protegê-lo)? Quando todos os Pandavas colocando Sikhandin em sua vanguarda avançaram contra Bhishma, todos os Kurus, ó Sanjaya, não ficaram ao lado daquele herói de destreza imperecível? Duro como meu coração é, certamente ele deve ser feito de pedra, pois ele não se quebra ao saber da morte daquele tigre entre homens, Bhishma! Naquele touro irresistível da raça Bharata havia verdade, e inteligência, e política, a uma extensão imensurável. Ai, como ele foi morto em batalha? Semelhante a uma nuvem poderosa de grande altitude, tendo o som da corda de seu arco como seu ribombar, suas flechas como suas gotas de chuva, e o som de seu arco como seu trovão, aquele herói derramando suas flechas sobre os filhos de Kunti com os Panchalas e os Srinjayas ao seu lado, atingia guerreiros em carros hostis como o matador de Vala atingindo os Danavas. Quem foram os heróis que resistiram, como a margem resistindo à elevação do mar, àquele castigador de inimigos, que era um oceano terrível de flechas e armas, um oceano no qual flechas eram os crocodilos irresistíveis e arcos eram as ondas, um oceano que era inesgotável, sem uma ilha, agitado e sem uma balsa para cruzá-lo, no qual maças e espadas eram como tubarões e corcéis e elefantes como redemoinhos, e soldados de infantaria como peixes em abundância, e o som de conchas e baterias como seu ribombar, um oceano que engolia cavalos e elefantes e soldados de infantaria rapidamente, um oceano que devorava heróis hostis e fervia com fúria e energia que constituíam seu fogo Yadava? Quando para o benefício de Duryodhana, aquele matador de inimigos, Bhishma, realizou façanhas (terríveis) em batalha, quem estava então em sua dianteira? Quem eram aqueles que protegiam a roda direita daquele guerreiro de energia incomensurável? Quem eram aqueles que, reunindo paciência e energia, resistiram aos heróis hostis de sua retaguarda? Quem se colocou em sua frente para protegê-lo? Quem foram os heróis que protegeram a roda dianteira daquele bravo guerreiro enquanto ele lutava (com o inimigo)? Quem foram eles que se colocando perto de sua roda esquerda castigaram os Srinjayas? Quem foram

aqueles que defenderam o avanço irresistível (das) tropas de sua dianteira? Quem protegeu os flancos daquele guerreiro que fez a última viagem dolorosa? E quem, ó Sanjaya, lutou com heróis hostis na batalha geral? Se ele estava protegido por (nossos) heróis, e se eles eram protegidos por ele, por que ele não poderia então vencer rapidamente em batalha o exército dos Pandavas, embora ele fosse invencível? De fato, ó Sanjaya, como os Pandavas puderam mesmo atingir Bhishma que era como o próprio Parameshti, aquele Senhor e criador de todas as criaturas? Tu me contaste, ó Sanjaya, do desaparecimento daquele Bhishma, aquele tigre entre homens, que era nosso refúgio e confiando em quem os Kurus estavam lutando com seus inimigos, aquele guerreiro de força imensa confiando em cuja energia meu filho nunca tinha considerado os Pandavas, ai, como ele foi morto pelo inimigo? Antigamente, todos os deuses, quando empenhados em matar os Danavas, procuraram a ajuda daquele guerreiro invencível, meu pai de votos sublimes. Aquele principal dos filhos dotado de grande energia, após cujo nascimento o mundialmente famoso Santanu abandonou toda a aflição, melancolia, e tristezas, como tu podes me dizer, ó Sanjaya, que aquele herói célebre, aquele grande protetor de todos, aquela pessoa sábia e santa que era dedicada aos deveres de sua classe e familiarizada com as verdades dos Vedas e seus ramos, foi morto? Habilidoso com todas as armas e dotado de humildade, amável e com paixões sob total controle, e possuidor de grande energia como ele era, ai, sabendo que o filho de Santanu está morto eu considero o restante do meu exército como já morto. Na minha opinião, a iniquidade agora se tornou mais forte do que a retidão, pois os filhos de Pandu desejam soberania até por matar seu superior venerável! Nos tempos passados, o filho de Jamadagni Rama, que conhecia todas as armas e a quem ninguém superava, quando dirigido para o combate em nome de Amvya, foi vencido por Bhishma em combate. Tu me disseste que aquele Bhishma, que era o principal de todos os guerreiros e que parecia com o próprio Indra nas façanhas que ele realizava, foi morto. O que pode ser uma dor maior para mim do que isto? Dotado de grande inteligência, ele que não foi morto nem por aquele matador de heróis hostis, aquele Rama, o filho de Jamadagni, que derrotou em batalha multidões de Kshatriyas repetidamente, ele agora foi morto por Sikhandin. Sem dúvida, o filho de Drupada Sikhandin, portanto que matou em batalha aquele touro da raça Bharata, aquele herói familiarizado com as armas mais superiores, aquele guerreiro corajoso e talentoso conhecedor de todas as armas, é superior em energia, destreza, e poder ao invencível Vargava dotado da maior energia. Naquele confronto de armas quem eram os heróis que seguiam aquele matador de inimigos? Narre para mim agora a batalha que foi lutada entre Bhishma e os Pandavas. O exército de meu filho, ó Sanjaya, desprovido de seu herói, é como uma mulher desprotegida. De fato, aquele meu exército é como um rebanho de vacas em pânico privado de seu vaqueiro. Ele em quem residia coragem superior àquela de todos, quando ele foi abatido no campo de batalha, qual era o estado de espírito do meu exército? Que poder há, ó Sanjaya, em nossa vida, quando nós fizemos nosso pai de energia imensa, aquele mais importante dos homens virtuosos no mundo, ser morto? Como uma pessoa desejosa de cruzar o mar quando ela vê o barco afundado em águas insondáveis, ai, meus filhos, eu penso, estão chorando amargamente pela morte de Bhishma. Meu coração, ó Sanjaya, sem dúvida é feito de pedra, pois ele não se parte nem

mesmo depois de saber da morte de Bhishma, aquele tigre entre homens. Aquele touro entre homens em quem havia armas, inteligência, e política, a uma extensão imensurável, como, ai, aquele guerreiro invencível foi morto em batalha? Nem por armas nem por coragem, nem por mérito ascético, nem por inteligência, nem por firmeza, nem por presentes, um homem pode se livrar da morte. De fato, o tempo, dotado de grande energia, é incapaz de ser contrariado por qualquer coisa no mundo, quando tu me dizes, ó Sanjaya, que o filho de Santanu Bhishma está morto. Queimando de aflição por causa de meus filhos, realmente, dominado por grande tristeza, eu esperava por alívio de Bhishma, o filho de Santanu. Quando ele viu o filho de Santanu, ó Sanjaya, jazendo na terra como o Sol (caído do firmamento), o que mais foi feito por Duryodhana como sua proteção? Ó Sanjaya, refletindo com a ajuda de minha inteligência, eu não vejo qual será o fim dos reis pertencentes ao meu lado e àquele do inimigo e agora reunidos em tropas opostas de batalha. Ai, cruéis são os deveres da classe Kshatriya como prescritos pelos Rishis, já que os Pandavas estão desejosos de soberania mesmo por executarem a morte do filho de Santanu, e nós também estamos desejosos de soberania por oferecer aquele herói de votos sublimes como um sacrifício. Os filhos de Pritha, como também meus filhos, estão todos no cumprimento dos deveres Kshatriya. Eles, portanto, não incorrem em pecado (por fazer) isto. Até uma pessoa correta deve fazer isto, ó Sanjaya, quando calamidades terríveis chegam. A exposição de coragem e a exibição de maior força estão declarados entre os deveres dos Kshatriyas.

Como, de fato, os filhos de Pandu se opuseram a meu pai Bhishma, o filho de Santanu, aquele herói invicto dotado de modéstia, enquanto ele estava empenhado em destruir as tropas hostis? Como as tropas estavam organizadas, e como ele lutou com inimigos de grande alma? Como, ó Sanjaya, meu pai Bhishma foi morto pelo inimigo? Duryodhana e Karna e o enganador Sakuni, o filho de Suvala, e Dussasana também, o que eles disseram quando Bhishma foi morto? Lá onde o tabuleiro de dados é constituído pelos corpos de homens, elefantes, e corcéis, e onde flechas e lanças e grandes espadas e dardos farpados pelos dados, entrando naquela mansão terrível do destrutivo jogo da batalha, quem eram aqueles jogadores desventurados, aqueles touros entre homens, que apostaram, fazendo de suas próprias vidas as apostas terríveis? Quem ganhou, quem foi vencido, quem lançou os dados com sucesso, e quem foi morto, além de Bhishma, o filho de Santanu? Conte-me tudo, ó Sanjaya, pois a paz não pode ser minha sabendo que Devavrata foi morto, aquele meu pai, de atos terríveis, aquele ornamento de batalha, Bhishma! Uma angústia pungente penetrou no meu coração, nascida do pensamento de que todos os meus filhos podem morrer. Tu fizeste esta minha aflição resplandecer, ó Sanjaya, como fogo por despejar manteiga clarificada sobre ele. Meus filhos, eu penso, estão agora mesmo sofrendo, vendo Bhishma morto, Bhishma célebre em todos os mundos e que tomou sobre si mesmo uma carga pesada. Eu escutarei a todas aquelas tristezas resultantes da ação de Duryodhana. Portanto, conte-me, ó Sanjaya, tudo o que aconteceu lá, tudo o que aconteceu na batalha nascida da tolice de meu filho perverso. Mal ordenado ou bem ordenado, diga-me tudo, ó Sanjaya. Qualquer coisa que tenha sido realizada com a ajuda de energia na batalha por Bhishma

desejoso de vitória, por aquele guerreiro ilustre em armas, diga-me tudo completamente e em detalhes. Como, de fato, ocorreu a batalha entre os exércitos dos Kurus e a maneira na qual cada uma aconteceu.'"

15

Sanjaya disse, "Digno como tu és, esta pergunta é, de fato, digna de ti, ó grande rei. Não cabe a ti, no entanto, imputar este erro a Duryodhana. O homem que atrai o mal sobre si como consequência de seu próprio comportamento impróprio não deve atribuir aquele comportamento impróprio a outros. Ó grande rei, o homem que faz toda espécie de injúria para outros homens merece ser morto por todos os homens por aqueles seus atos censuráveis. Os Pandavas não familiarizados com os aspectos da pecaminosidade tinham, por muito tempo, com seus amigos e conselheiros, olhado o teu rosto com respeito, suportado as ofensas (feitas a eles) e as perdoado, residindo nas florestas.

A respeito dos corcéis e elefantes e reis de energia imensurável que foram vistos pela ajuda de poder de Yoga, ouça, ó senhor da terra, e não fixe teu coração na tristeza. Tudo isto estava predestinado, ó rei. Tendo reverenciado teu pai, aquele filho (sábio e de grande alma) de Parasara, por cuja graça, (por cuja bênção dada a mim) eu obtive percepção excelente e celeste, visão além do alcance do sentido visual, e audição, ó rei, de grande distância, conhecimento do coração de outras pessoas e também do passado e do futuro, um conhecimento também da origem de todas as pessoas que desobedecem as ordenanças, o poder encantador de percorrer os céus, e incapacidade de ser tocado por armas em batalhas, ouça-me em detalhes enquanto eu narro a batalha fabulosa e muito extraordinária que aconteceu entre os Bharatas, uma batalha de arrepiar os cabelos.

Quando os combatentes estavam organizados de acordo com o regulamento e quando eles estavam dirigidos para a batalha, Duryodhana, ó rei, disse estas palavras para Dussasana, 'Ó Dussasana, que carros sejam ordenados rapidamente para a proteção de Bhishma, e incite rapidamente todas as nossas divisões (para avançar). Chegou agora para mim aquilo sobre o qual eu vinha pensando por uma série de anos, o encontro dos Pandavas e os Kurus na dianteira de suas respectivas tropas. Eu não penso que há alguma ação mais importante (para nós) nesta luta do que a proteção de Bhishma. Se for protegido ele matará os Pandavas, os Somakas, e os Srinjayas. Aquele guerreiro de alma pura disse, 'Eu não matarei Sikhandin. É sabido que ele era uma mulher antes. Por essa razão ele deve ser renunciado por mim em batalha.' Por isso, Bhishma deve ser particularmente protegido. Que todos os meus guerreiros tomem suas posições, decididos a matar Sikhandin. Que também todas as tropas do leste, do oeste, do sul, e do norte, aperfeiçoadas em todos os tipos de armas, protejam o avô. Até o leão de força imensa, se deixado desprotegido, pode ser morto pelo lobo. Não deixemos, portanto, Bhishma ser morto por Sikhandin como o leão morto pelo chacal. Yudhamanyu protege a roda esquerda, e Uttamauja protege a

roda direita de Phalguni. Protegido por aqueles dois, o próprio Phalguni protege Sikhandin. Ó Dussasana, aja de maneira que Sikhandin que é protegido por Phalguni e a quem Bhishma renunciará não possa matar o filho de Ganga.'"

16

Sanjaya disse, "Quando a noite tinha passado, se tornou alto o barulho feito pelos reis, todos exclamando, 'Ponham-se em ordem! Ponham-se em ordem!' Com o clangor de conchas e o som de baterias que pareciam rugidos leoninos, ó Bharata, com o relincho de corcéis, e o estrépito de rodas de carro, com o barulho de elefantes turbulentos e os gritos, batidas no peito, e gritos de combatentes que rugiam, o tumulto causado em todos os lugares era muito grande. Os grandes exércitos dos Kurus e dos Pandavas, ó rei, se levantando ao nascer do sol, terminaram todos os seus arranjos. Então quando o sol subiu, as armas violentas de ataque e defesa e as cotas de malha de teus filhos e dos Pandavas, e os grandes e esplêndidos exércitos de ambos os lados ficaram totalmente visíveis. Lá elefantes e carros, enfeitados com ouro, pareciam resplandecentes como nuvens misturadas com relâmpagos. As tropas de carros, posicionadas em profusão, pareciam com cidades. E teu pai, posicionado lá, resplandecia brilhantemente, com a lua cheia. E os guerreiros armados com arcos e espadas e cimitarras e maças, dardos e lanças e armas brilhantes de diversos tipos, tomaram suas posições em suas (respectivas) tropas. E estandartes resplandecentes eram vistos, levantados aos milhares, de diversas formas, pertencentes a nós mesmos e ao inimigo. E feitos de ouro e enfeitados com pedras preciosas e brilhando como fogo, aqueles estandartes aos milhares dotados de grande refulgência, pareciam belos como os combatentes heróicos envolvidos em armadura que fitavam aqueles estandartes, ansiosos pela batalha. E muitos principais dos homens, com olhos grandes como aqueles de touros, dotados de aljavas, e com mãos envolvidas em proteções de couro, permaneceram nas cabeças de suas divisões, com suas armas brilhantes erguidas. E o filho de Suvala Sakuni, e Salya, Jayadratha e os dois príncipes de Avanti chamados Vinda e Anuvinda, e os irmãos Kekaya, e Sudakshina o governante dos Kamvojas e Srutayudha o governante dos Kalingas, e o rei Jayatsena, e Vrihadvala o soberano dos Kosalas, e Kritavarman da linhagem de Satwata, estes dez tigres entre homens, dotados de grande coragem e possuindo braços que pareciam com maças, estes realizadores de sacrifícios com presentes abundantes (para Brahmanas), ficaram cada um na liderança de um Akshauhini de tropas. Estes e muitos outros reis e príncipes, poderosos guerreiros em carros familiarizados com política, obedientes às ordens de Duryodhana, todos envolvidos em armadura, foram vistos posicionados em suas respectivas divisões. Todos eles, vestidos em camurças pretas, dotados de grande força, habilidosos em batalha, e alegremente preparados, por causa de Duryodhana, para ascender à região de Brahma, permaneceram lá comandando dez Akshauhinis eficientes. (Um Kshatriya falhando bravamente em luta vai imediatamente para a mais elevada região de bem-aventurança). A décima primeira grande divisão dos Kauravas, consistindo nas tropas de Dhartarashtra,

permaneceu na frente do exército inteiro. Lá na vanguarda daquela divisão estava o filho de Santanu. Com sua proteção branca para a cabeça, guarda-sol branco, e armadura branca, ó monarca, nós vimos Bhishma de destreza infalível parecer com a lua no alto. Seu estandarte portando o emblema de uma palmeira dourada, ele mesmo posicionado sobre um carro feito de prata, os Kurus e os Pandavas viram aquele herói parecendo com a lua cercada por nuvens brancas. Os grandes arqueiros entre os Srinjayas liderados por Dhrishtadyumna, (contemplando Bhishma) pareciam com pequenos animais quando eles viam um leão enorme bocejando. De fato, todos os combatentes liderados por Dhrishtadyumna tremeram repetidamente amedrontados. Estas, ó rei, eram as onze divisões esplêndidas do teu exército. Assim também as sete divisões pertencentes aos Pandavas eram protegidas pelos mais importantes dos homens. De fato, os dois exércitos encarando um ao outro pareciam com dois oceanos no fim do Yuga agitados por Makaras ferozes, e abundando com crocodilos enormes. Nunca antes, ó rei, nós vimos ou soubemos de dois exércitos semelhantes enfrentando um ao outro como estes dos Kauravas.'"

17

Sanjaya disse, "Exatamente como o santo Krishna-Dwaipayana Vyasa disse, daquela exata maneira os reis da Terra, reunidos, foram para o confronto. Naquele dia no qual a batalha começou Soma se aproximou da região dos Pitris. (Aqueles que morrem em batalha ascendem imediatamente para o céu, naturalmente eles tem primeiro que ir para a região dos Pitris. Daí eles tem que ir para a região lunar para obter corpos celestes. Tudo isso implica uma pequena demora. Aqui, no entanto, no caso daqueles que morreriam no campo de Kurukshetra eles não teriam que incorrer nem em tal pequena demora. Chandramas ou Soma se aproximou da região dos Pitris para que os guerreiros caídos pudessem ter corpos celestes logo sem de fato qualquer necessidade de sua parte de incorrer na demora de uma jornada para a região lunar anterior à sua ascensão para o céu com corpos resplandecentes.) Os sete grandes planetas, quando eles apareceram no céu, pareciam todos brilhantes como fogo. O Sol, quando ele nasceu, parecia estar dividido em dois. Além disso, aquele corpo luminoso, quando ele apareceu no firmamento, parecia resplandecer em chamas. Chacais e corvos carnívoros, esperando corpos mortos para se banquetear, começaram a proferir gritos ferozes de todas as direções que pareciam estar em chamas. Todos os dias o velho avô dos Kurus, e o filho de Bharadwaja, se levantando da cama de manhã, com mentes concentradas, diziam, 'Vitória para os filhos de Pandu', enquanto aqueles castigadores de inimigos costumavam (ao mesmo tempo) ainda lutar por tua causa de acordo com a promessa que eles tinham dado. Teu pai Devavrata, completamente familiarizado com todos os deveres, convocando todos os reis, disse estas palavras (para eles), 'Ó Kshatriyas, esta porta larga está aberta para vocês entrarem no céu. Atrevessem-na para a região de Sakra e Brahman. Os Rishis dos tempos antigos mostraram a vocês este caminho eterno. Honrem a si mesmos por se engajarem na batalha com mentes atentas. Nabhaga, e Yayati, e

Mandhatri, e Nahusa, e Nriga, foram coroados com êxito e alcançaram a região mais elevada de bem aventurança por meio de atos como estes. Morrer de doença em casa é pecado para um Kshatriya. A morte que ele encontra em batalha é seu dever eterno.' Assim endereçados, ó touro da raça Bharata, por Bhishma, os reis, parecendo belos em seus carros excelentes, procederam para as dianteiras de suas respectivas divisões. Somente o filho de Vikartana, Karna, com seus amigos e parentes, ó touro da raça Bharata, pôs de lado suas armas em batalha por causa de Bhishma. Sem Karna então, teus filhos e todos os reis do teu lado procederam, fazendo os dez pontos do horizonte ressoarem com seus rugidos leoninos. E suas divisões brilhavam muito, ó rei, com guarda-sóis brancos, estandartes, bandeiras, elefantes, corcéis, carros, e soldados de infantaria. E a Terra foi agitada com os sons de baterias e tambores e pratos, e estrépito de rodas de carros. E os poderosos guerreiros em carros, enfeitados com suas pulseiras e braceletes de ouro e com seus arcos (matizados com ouro), pareciam resplandecentes como colinas de fogo. E com seu grande estandarte de palmeira decorado com estrelas, Bhishma, o generalíssimo do exército Kuru, parecia com o próprio Sol fulgurante. Aqueles arqueiros poderosos de nascimento nobre, ó touro da raça Bharata, que estavam do teu lado, todos tomaram suas posições, ó rei, como o filho de Santanu ordenou. (O rei) Saivya do país dos Govasanas, acompanhado por todos os monarcas, saiu sobre um elefante principesco digno de uso real e ornamentado com um estandarte em suas costas. E Aswatthaman, da cor do lótus, partiu pronto para toda emergência, se colocando na própria dianteira de todas as divisões, com seu estandarte portanto o emblema do rabo do leão. E Srutayudha e Chitrasena e Purumitra e Vivinsati, e Salya e Bhurisravas, e aquele poderoso guerreiro em carro Vikarna, estes sete arqueiros poderosos em seus carros e vestidos em excelente armadura, seguiram o filho de Drona detrás mas na frente de Bhishma. Os altos estandartes destes guerreiros, feitos de ouro, belamente levantados para adornar seus carros excelentes, pareciam muito resplandecentes. O estandarte de Drona, o principal dos preceptores, portava o emblema de um altar dourado ornamentado com um vaso de água e a figura de um arco. O estandarte de Duryodhana guiando muitas centenas e milhares de divisões portava o emblema de um elefante trabalhado em pedras preciosas. Paurava e o soberano dos Kalingas, e Salya, estes Rathas, tomaram sua posição na dianteira de Duryodhana. Em um carro caro com seu estandarte portando o emblema de um touro, e guiando a própria vanguarda (de sua divisão), o soberano dos Magadhas marchou contra o inimigo. Aquela grande tropa de habitantes do leste, parecendo com nuvens fofas de outono, era (além disso) protegida pelo chefe dos Angas (o filho de Karna Vrishaketu) e Kripa dotado de grande energia. Posicionando-se na vanguarda de sua divisão com seu belo estandarte de prata portando o emblema do javali, o famoso Jayadratha parecia muito resplandecente. Cem mil carros, oito mil elefantes, e sessenta mil cavaleiros estavam sob seu comando. Comandada pelo nobre chefe dos Sindhus, aquela grande divisão ocupando a própria dianteira (do exército) e abundando com incontáveis carros, elefantes, e corcéis, parecia magnífica. Com sessenta mil carros e dez mil elefantes, o soberano dos Kalingas, acompanhado por Ketumat, partiu. Seus elefantes enormes, parecendo com colinas, e adornados com Yantras (máquinas, talvez catapultas), lanças, aljavas e estandartes, pareciam muito belos. E o

soberano dos Kalingas, com seu alto estandarte refulgente como fogo, com seu guarda-sol branco, e couraça dourada, e Chamaras (com os quais ele era abanado), resplandecia brilhantemente. E Ketumat também, montando um elefante com um gancho muito belo e excelente, estava posicionado na batalha, ó rei, como o Sol no meio de nuvens (negras). E o rei Bhagadatta, brilhando com energia e montando naquele elefante dele, partiu como o manejador do raio. E os dois príncipes de Avanti chamados Vinda e Anuvinda, que eram considerados como iguais a Bhagadatta, seguiram Ketumat, montados nos pescoços de seus elefantes. E, ó rei, posto em formação por Drona e o filho real de Santanu, e pelo filho de Drona, e Valhika, e Kripa, o Vyuha (exército de tropas em uma certa forma) Kaurava consistindo em muitas divisões de carros era tal que os elefantes formavam seu corpo; os reis, sua cabeça; e os corcéis, seus flancos. Com face para todos os lados, aquele Vyuha feroz parecia sorrir e pronto para saltar (sobre o inimigo)."

18

Sanjaya disse, "Logo depois, ó rei, um tumulto alto, fazendo o coração tremer, foi ouvido, feito pelos combatentes prontos para a luta. De fato, com os sons de conchas e baterias, os grunhidos de elefantes, e o ruído de rodas de carro, a Terra parecia se rasgar em duas. E logo o firmamento e a Terra inteira foram cheios com o relincho de carregadores e os gritos de combatentes. Ó irresistível, as tropas dos teus filhos e dos Pandavas ambas tremeram quando elas encontraram umas às outras. Lá (no campo de batalha) elefantes e carros, enfeitados com ouro, pareciam belos como nuvens enfeitadas com relâmpago. E estandartes de formas diversas, ó rei, pertencentes aos combatentes do teu lado, e adornados com aros dourados, pareciam brilhantes como fogo. E aqueles estandartes do teu lado e do deles, pareciam, ó Bharata, os estandartes de Indra em suas mansões celestiais. E os guerreiros heróicos todos equipados e envolvidos em cotas de malha douradas dotadas da refulgência do Sol brilhante, eles mesmos pareciam com o fogo ardente ou o Sol. Todos os principais guerreiros entre os Kurus, ó rei, com arcos excelentes, e armas erguidas (para golpear), com proteções de couro em suas mãos, e com estandartes, aqueles arqueiros poderosos, de olhos grandes como aqueles de touros, todos se colocaram nas dianteiras de suas (respectivas) divisões. E estes entre teus filhos, ó rei, protegiam Bhishma de trás, isto é, Dussasana, e Durvishaha, e Durmukha, e Dussaha e Vivinsati, e Chitrasena, e aquele poderoso guerreiro em carro Vikarna. E entre eles estavam Satyavrata, e Purumitra, e Jaya, e Bhurisravas, e Sala. E vinte mil guerreiros em carros os seguiam. Os Abhishahas, os Surasenas, os Sivis, e os Vasatis, os Swalyas, os Matsyas, os Amvashtas, os Trigartas, e os Kekayas, os Sauviras, os Kitavas, e os habitantes dos países do Leste, do Oeste, e do Norte, estas doze bravas raças estavam decididas a lutar indiferentes às vidas. E elas protegiam o avô com uma formação numerosa de carros. E com uma divisão que consistia em dez mil elefantes vigorosos, o rei de Magadha seguia aquela grande divisão de carros. Aqueles que protegiam as rodas dos carros e aqueles que protegiam os elefantes numeravam seis milhões completos. E os soldados de infantaria que

marchavam na frente (do exército), armados com arcos, espadas, e escudos, numeravam muitas centenas de milhares. E eles lutavam também usando suas unhas e dardos farpados. E os onze Akshauhinis do teu filho, ó Bharata, pareciam, ó rei poderoso, com Ganga separado do Yamuna."

19

Dhritarashtra disse, "Vendo nossos onze Akshauhinis organizados em ordem de batalha, como Yudhishthira, o filho de Pandu, fez sua formação contrária com suas tropas menores em número? Como o filho de Kunti, ó Sanjaya, formou sua formação de combate contrária contra aquele Bhishma que conhecia todas as espécies de formações, isto é, humana, celeste, Gandharva, e Asura?"

Sanjaya disse, "Vendo as divisões de Dhritarashtra organizadas em ordem de batalha, o filho de Pandu de alma virtuosa, o rei Yudhishthira o justo, dirigiu-se a Dhananjaya, dizendo, ‘Os homens estão informados das palavras daquele grande Rishi Vrihaspati que os poucos devem ser feitos lutar por condensá-los, enquanto os muitos podem ser espalhados de acordo com a vontade. Em confrontos dos poucos com os muitos, o exército a ser formado deve ser um de boca de agulha. Nossas tropas em comparação com as do inimigo são poucas. Mantendo em vista esse preceito do grande Rishi, organize nossas tropas, ó filho de Pandu.' Ouvindo isso, aquele filho de Pandu respondeu ao rei Yudhishthira o justo, dizendo, ‘Aquela formação inalterável conhecida pelo nome de Vajra, a qual foi traçada pelo manejador do raio, aquela formação invencível é a que eu farei para ti, ó melhor dos reis. Ele que é como uma tempestade repentina, ele que é incapaz de ser suportado em batalha pelo inimigo, aquele Bhima o principal dos batedores, lutará em nossa dianteira. Aquele principal dos homens, familiarizado com todos os instrumentos de batalha, se tornando nosso líder, lutará na vanguarda, e suprimirá a energia do inimigo. Aquele principal dos batedores, Bhima, vendo a quem todos os guerreiros hostis encabeçados por Duryodhana se retirarão em pânico como animais menores vendo o leão, todos nós, com nossos temores dissipados, procuraremos sua proteção como se ele fosse uma parede, como os celestiais procurando a proteção de Indra. Não respira no mundo o homem que aguenta olhar para aquele touro entre homens, Vrikodara de feitos violentos, quando ele está enfurecido.' Dizendo isso, Dhananjaya de braços fortes fez como ele disse. E Phalguni, dispondo rapidamente suas tropas em formação de combate, procedeu (contra o inimigo). E o poderoso exército dos Pandavas, vendo o exército Kuru se mover, parecia com a correnteza cheia, inalterável, de ondulação rápida do Ganga. E Bhimasena, e Dhrishtadyumna dotado de grande energia, e Nakula, e Sahadeva, e o rei Dhrishtaketu se tornaram os líderes daquele exército. E o rei Virata, cercado por um Akshauhini de tropas e acompanhado por seus irmãos e filhos, marchava em sua retaguarda, protegendo eles de trás. Os dois filhos de Madri, ambos dotados de grande refulgência, se tornaram os protetores das rodas de Bhima; enquanto os (cinco) filhos de Draupadi e o filho de Subhadra todos dotados de grande força protegiam (Bhima) de trás. E aquele poderoso guerreiro em carro, Dhrishtadyumna, o príncipe de Panchala, com aqueles mais corajosos

combatentes e os principais dos guerreiros em carros, os Prabhadrakas, protegia aqueles príncipes de trás. E atrás dele estava Sikhandin que (por sua vez) era protegido por Arjuna, e que, ó touro da raça Bharata, avançava com atenção concentrada para a destruição de Bhishma. Atrás de Arjuna estava Yuyudhana de força imensa; e os dois príncipes de Panchala, Yudhamanyu e Uttamaujas, se tornaram protetores das rodas de Arjuna, junto com os irmãos Kekaya, e Dhrishtaketu, e Chekitana de grande heroísmo. 'Este Bhimasena, manejando sua maça feita do metal mais rígido, e se movendo (sobre o campo de batalha) com velocidade impetuosa pode secar o próprio oceano. E lá também estão, com seus conselheiros olhando para ele, ó rei, os filhos de Dhritarashtra.' Isso mesmo, ó monarca, foi o que Vibhatsu disse, indicando o poderoso Bhimasena (para Yudhishthira). E enquanto Partha estava falando assim, todas as tropas, ó Bharata, o reverenciaram no campo de batalha com palavras gratulatórias. O rei Yudhishthira, o filho de Kunti, tomou sua posição no centro de seu exército, cercado por elefantes enormes e furiosos parecendo colinas moventes. Yajnasena de grande alma, o rei dos Panchalas, dotado de grande coragem, se posicionou atrás de Virata com um Akshauhini de tropas pela causa dos Pandavas. E sobre os carros daqueles reis, ó monarca, estavam estandartes altos portando diversos emblemas, enfeitados com ornamentos excelentes de ouro, e dotados da refulgência do Sol e da Lua. Fazendo aqueles reis se moverem e abrirem espaço para ele, aquele poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, acompanhado por seus irmãos e filhos protegia Yudhishthira de trás. Superando os enormes estandartes sobre todos os carros do teu lado e aquele do inimigo estava o macaco gigantesco sobre o carro de Arjuna. Soldados de infantaria, muitas centenas de milhares, armados com espadas, lanças, e cimitarras, procediam adiante para proteger Bhimasena. E dez mil elefantes com suco (temporal) escorrendo de suas bochechas e bocas, e parecendo (por causa disso) nuvens derramando chuva, dotados de grande coragem, brilhando com armaduras douradas, colinas enormes, caras, e emitindo a fragrância de lótus, seguiam atrás do rei como montanhas moventes. E o invencível Bhimasena de grande alma, girando sua maça violenta que parecia um parigha (um cassetete compacto engastado com ferro) parecia esmagar o grande exército (do teu filho). Incapaz de ser olhado como o próprio Sol, e chamuscando, por assim dizer, o exército hostil (como fogo), nenhum dos combatentes podia suportar olhar para ele de algum ponto próximo. E aquela formação de batalha, destemida e tendo sua face virada para todos os lados chamada Vajra, tendo arcos como seu sinal de relâmpago, e extremamente feroz, era protegida pelo manejador do Gandiva. Dispondo suas tropas nessa formação contrária contra teu exército, os Pandavas esperavam pela batalha. E protegido pelos Pandavas, aquele exército se tornou invencível no mundo dos homens.

E quando (ambos) os exércitos permaneceram no amanhecer do dia esperando pelo nascer do sol, um vento começou a soprar com gotas de água (caindo), e embora não houvesse nuvens, o ribombar do trovão era ouvido. E ventos secos começaram a soprar por toda parte, carregando uma chuva de seixos afiados ao longo do solo. E densa poeira se ergueu, cobrindo o mundo com escuridão. E meteoros grandes começaram a cair para o leste, ó touro da raça Bharata, e

batendo contra o Sol nascente, se partiam em fragmentos com barulho alto. Quando as tropas permaneciam em formação, ó touro da raça Bharata, o Sol nasceu privado de esplendor, e a Terra tremeu com um som alto, e se partiu em muitos lugares, ó chefe dos Bharatas, com barulho alto. E o ribombar do trovão, ó rei, era ouvido frequentemente por toda parte. Tão denso era o pó que se ergueu que nada podia ser visto. E os estandartes altos (dos combatentes), providos de cordões de sinos, decorados com ornamentos dourados, guirlandas de flores, e rico drapejamento, enfeitados com pendões e parecendo o Sol em esplendor, sendo subitamente balançados pelo vento, fizeram um barulho alto tilintante semelhante àquele de uma floresta de palmeiras (quando movida pelo vento). Foi dessa maneira que aqueles tigres entre homens, os filhos de Pandu, sempre tendo prazer em batalha, permaneceram tendo disposto suas tropas em formação contrária contra o exército do teu filho, e sugando, por assim dizer, a medula, ó touro da raça Bharata, dos nossos guerreiros, e olhando para Bhimasena posicionado em sua dianteira, com maça na mão."

20

Dhritarashtra disse, "Quando o sol nasceu, ó Sanjaya, do meu exército liderado por Bhishma e do exército Pandava liderado por Bhima, qual se aproximou primeiro alegremente do outro, desejoso de lutar? Para qual lado estava o Sol, a Lua e o vento hostil, e contra quem os animais predadores proferiram sons inauspiciosos? Quem eram aqueles homens jovens, as feições de cujos rostos estavam alegres? Conte-me tudo isso verdadeiramente e devidamente."

Sanjaya disse, "Ambos os exércitos, quando em formação, estavam igualmente alegres, ó rei. Ambos os exércitos pareciam igualmente belos, assumindo o aspecto de bosques florescentes, e ambos os exércitos estavam cheios de elefantes, carros e cavalos. Ambos os exércitos eram vastos e terríveis em aspecto; e assim também, ó Bharata, nenhum deles podia tolerar o outro. Ambos estavam organizados para conquistar os próprios céus, e ambos consistiam em pessoas excelentes. Os Kauravas pertencentes ao partido de Dhritarashtra permaneciam de frente para o oeste, enquanto os Parthas permaneciam de frente para o leste, dirigidos para a luta. As tropas dos Kauravas pareciam com o exército do chefe dos Danavas, enquanto aquelas dos Pandavas pareciam com o exército dos celestiais. O vento começou soprar detrás dos Pandavas (contra o rosto dos Dhartarashtras), e os animais predadores começaram a gritar contra os Dhartarashtras. Os elefantes pertencentes aos teus filhos não podiam suportar o forte odor de suco temporal emitido pelos elefantes enormes (dos Pandavas). E Duryodhana montava um elefante da cor do lótus, com têmporas fendidas, enfeitado com um Kaksha dourado (em suas costas), e envolvido em armadura de rede de aço. E ele estava no próprio centro dos Kurus e era adorado por elogiadores e bardos. E um guarda-sol branco de esplendor lunar era mantido sobre sua cabeça enfeitado com uma corrente dourada. A ele Sakuni, o soberano dos Gandharas, seguia com montanheses de Gandhara colocados por todos os lados. E o venerável Bhishma estava na dianteira de todas as tropas, com um

guarda-sol branco mantido sobre sua cabeça, armado com arco e espada, com um proteção branca para a cabeça, com um estandarte branco (sobre seu carro), e com corcéis brancos (unidos a ele), e parecendo totalmente com uma montanha branca. Na divisão de Bhishma estavam todos os filhos de Dhritarashtra, e também Sala que era um compatriota dos Valhikas, e também todos aqueles Kshatriyas chamados Amvastas, e aqueles chamados Sindhus, e aqueles também que eram chamados Sauviras, e os habitantes heróicos do país dos cinco rios. E em um carro dourado ao qual estavam unidos corcéis vermelhos, Drona de grande alma, com arco na mão e coragem que nunca enfraquecia, o preceptor de quase todos os reis, permanecia atrás de todas as tropas, protegendo-as como Indra. E o filho de Saradwat, aquele combatente na vanguarda, aquele arqueiro poderoso e de grande alma, também chamado Gautama, conhecedor de todos os modos de guerra, acompanhado pelos Sakas, os Kiratas, os Yavanas, e os Pahlavas, tomou sua posição no ponto norte do exército. Aquela grande tropa que era bem protegida por poderosos guerreiros em carros das tribos Vrishni e Bhoja, como também pelos guerreiros de Surashtra bem armados e familiarizados com os usos de armas, e que era liderada por Kritavarman, procedeu em direção ao sul do exército. Dez mil carros dos Samasaptakas que foram criados ou para a morte ou para a fama de Arjuna, e que, habilidosos com armas, pretendiam seguir Arjuna em seus calcanhares partiram todos como também os bravos Trigartas. No teu exército, ó Bharata, estavam mil elefantes dos maiores poderes de luta. Para cada elefante estava designada uma centena de carros; para cada carro, cem cavaleiros; para cada cavaleiro, dez arqueiros; e para cada arqueiro dez combatentes armados com espada e escudo. Dessa maneira, ó Bharata, tuas divisões foram organizadas por Bhishma. Teu generalíssimo Bhishma, o filho de Santanu, quando cada dia amanhecia, às vezes dispunha tuas tropas em formação humana, às vezes na celeste, às vezes na Gandharva, e às vezes na Asura. Apinhado com grande número de Maharathas, e rugindo como o próprio oceano, o exército de Dhartarashtra, organizado por Bhishma, permaneceu de frente para o oeste para lutar. Ilimitável como era teu exército, ó soberano de homens, ele parecia terrível; mas o exército dos Pandavas, embora ele não fosse de tal maneira (em número), ainda me parecia ser muito grande e invencível já que Kesava e Arjuna eram seus líderes."

21

Sanjaya disse, "Vendo o vasto exército de Dhartarashtra pronto para a batalha, o rei Yudhishthira, o filho de Kunti, cedeu à aflição. Vendo aquela formação de batalha impenetrável formada por Bhishma e considerando-a como realmente impenetrável, o rei ficou pálido e dirigiu-se a Arjuna, dizendo, ‘Ó Dhananjaya de braços fortes, como nós poderemos lutar em batalha com os Dhartarashtras que tem a avô como seu (principal) combatente? Inalterável e impenetrável é esta formação de combate que foi projetada, de acordo com as regras prescritas nas escrituras, por aquele opressor de inimigos, Bhishma, de glória transcendente. Com nossas tropas nós nos tornamos duvidosos (a respeito do êxito), ó opressor

de inimigos. Como, de fato, a vitória será nossa diante deste exército poderoso?' Assim endereçado, aquele matador de inimigos Arjuna respondeu para Yudhishthira, o filho de Pritha, que estava mergulhado em angústia à visão, ó rei, de teu exército, nessas palavras , 'Ouça, ó rei, como soldados que são poucos em número podem vencer muitos que são possuidores de todas as qualidades. Tu és sem malícia; eu, portanto, te direi os meios, ó rei. O Rishi Narada conhece isso, como também Bhishma e Drona. Referente a esses meios, o próprio avô antigamente na ocasião da batalha entre os Deuses e os Asuras disse para Indra e os outros celestiais, 'Aqueles que estão desejosos de vitória não vencem por poder e energia tanto quanto pela veracidade, compaixão, retidão e energia. Discriminando entre retidão e iniquidade, e compreendendo o que quer dizer cobiça e recorrendo ao esforço lute sem arrogância, pois a vitória está onde a retidão está.' Por isso saiba, ó rei, que para nós a vitória é indubitável nessa batalha. De fato, como Narada disse, 'Há vitória onde Krishna está.' A vitória é inerente a Krishna. De fato, ela segue Madhava. E como a vitória é um de seus atributos, assim humildade é seu outro atributo. Govinda é possuidor de energia que é infinita. Até no meio de inimigos imensuráveis ele permanece sem aflição. Ele é o mais eterno dos seres masculinos. E há vitória onde Krishna está. Ele mesmo, indestrutível e de armas que não podem ser desviadas, aparecendo como Hari nos tempos antigos, disse em uma voz alta para os Deuses e os Asuras, 'Quem entre vocês será vitorioso?' Venceram aqueles que disseram, 'Com Krishna na vanguarda nós venceremos.' (Os deuses, que aceitaram a liderança de Krishna, ou o escolheram como seu líder, se tornaram vitoriosos.) E foi pela graça de Hari que os três mundos foram obtidos pelos deuses encabeçados por Sakra. Eu, portanto, não vejo a menor causa de tristeza em ti, a ti que tens o Soberano do Universo e o próprio Senhor dos celestiais para desejar vitória para ti."

22

Sanjaya disse, "Então, ó touro da raça Bharata, o rei Yudhishthira, dispondo suas próprias tropas em formação contrária contra as divisões de Bhishma, incitou-as adiante, dizendo, 'Os Pandavas agora dispuseram suas tropas em formação de batalha contrária em conformidade com o que é declarado (nas escrituras). Ó impecáveis, lutem de modo justo, desejosos de (entrar) no céu mais elevado.' No centro (do exército Pandava) estava Sikhandin e suas tropas, protegidas por Arjuna. E Dhristadyumna se movia na vanguarda, protegido por Bhima. A divisão sul (do exército Pandava) era protegida, ó rei, por aquele arqueiro poderoso, o belo Yuyudhana, aquele principal combatente da linhagem de Satwata, parecido com o próprio Indra. Yudhishthira estava posicionado em um carro que era digno de conduzir o próprio Mahendra, adornado com um estandarte excelente, matizado com ouro e pedras preciosas, e equipado com tirantes dourados (para os corcéis), no meio de suas divisões de elefantes. Seu guarda-sol branco puro com cabo de marfim, erguido sobre sua cabeça, parecia muito belo; e muitos grandes Rishis andavam em volta do rei, proferindo palavras em seu louvor. E muitos sacerdotes, e Rishis e Siddhas regenerados, proferindo hinos em

seu louvor desejaram a ele, enquanto eles andavam em volta, a destruição de seus inimigos, pela ajuda de Japas, e Mantras, drogas eficazes, e diversas cerimônias propiciatórias. Aquele chefe de grande alma dos Kurus, então dando para os Brahmanas vacas e frutas e flores e moedas de ouro junto com tecidos, procedeu como Sakra, o chefe dos celestiais. O carro de Arjuna, equipado com cem sinos, enfeitado com ouro Jamvunada da melhor espécie, dotado de rodas excelentes, possuidor da refulgência do fogo, e ao qual estavam unidos corcéis brancos, parecia extremamente brilhante como mil sóis. E naquele carro de estandarte de macaco as rédeas do qual eram seguradas por Kesava, Arjuna permaneceu com Gandiva e flechas nas mãos, um arqueiro cujo igual não existe sobre a terra, nem existirá. Para esmagar as tropas de teus filhos ele que assume a forma mais horrível, que, privado de armas, com somente suas mãos nuas, soca à poeira homens, cavalos, e elefantes, aquele Bhimasena de braços fortes, também chamado Vrikodara, acompanhado pelos gêmeos, se tornou o protetor dos heróicos guerreiros em carros do exército (Pandava). Semelhante a um príncipe furioso de leões de andar esportivo, ou como o próprio grande Indra com corpo (terreno) sobre a Terra, vendo aquele invencível Vrikodara, semelhante a um líder orgulhoso de uma manada de elefantes, posicionado na vanguarda (do exército), os guerreiros no teu lado, sua força enfraquecida pelo medo, começaram a tremer como elefantes afundados no lodo.

Para aquele invencível príncipe Gudakesa permanecendo no meio de suas tropas, Janardana, ó chefe da linhagem de Bharata, disse, ‘Ele, que nos chamuscando com sua ira está no meio de sua tropa, ele que atacará nossas tropas como um leão, ele que realizou trezentos sacrifícios de cavalos, aquele estandarte da família de Kuru, aquele Bhishma, está lá! Lá tomam posição em volta dele de todos os lados grandes guerreiros como nuvens escondendo o corpo luminoso brilhante. Ó principal dos homens, matando aquelas tropas, procure lutar com aquele touro da raça Bharata."

23

Sanjaya disse, "Vendo o exército Dhartarashtra se aproximar para lutar, Krishna disse estas palavras para benefício de Arjuna."

"O santo disse, 'Purificando-te, ó de braços fortes, profira na véspera da batalha teu hino para Durga para (realizar) a derrota do inimigo."

Sanjaya continuou, ‘Assim endereçado na véspera da batalha por Vasudeva dotado de grande inteligência, o filho de Pritha Arjuna, descendo de seu carro, recitou o seguinte hino com mãos unidas.”

"Arjuna disse, 'Eu te reverencio, ó líder de Yogins, ó tu que és idêntica a Brahman, ó tu que moras na floresta de Mandara, ó tu que és livre de decrepitude e decadência, ó Kali, ó esposa de Kapala, ó tu que és de uma cor preta e morena, eu te reverencio. Ó tu que trazes benefícios para teus devotos, eu te reverencio, ó Mahakali, ó esposa do destruidor universal, eu te reverencio. Ó orgulhosa, ó tu

que salvas de perigos, ó tu que és dotada de todo atributo propício. Ó tu que surgiste da raça Kata, ó tu que mereces o culto mais respeitoso, ó feroz, ó tu que concedes vitória, ó própria vitória, ó tu que levas um estandarte de plumas de pavão, ó tu que estás enfeitada com todos os ornamentos, ó tu que carregas uma lança terrível, ó tu que seguras uma espada e escudo, ó tu que és a irmã mais nova do principal dos vaqueiros, ó mais velha, ó tu que nasceste na linhagem do vaqueiro Nanda! Ó tu que sempre gostas muito de sangue de búfalo, ó tu que nasceste na linhagem de Kusika, ó tu que estás vestida em mantos amarelos, ó tu que devoras Asuras assumindo a face de um lobo, eu me curvo a ti que gostas muito de batalha! Ó Uma, Sakambhari, ó tu que és de cor branca, ó tu que és de cor negra, ó tu que mataste o Asura Kaitabha, ó tu que tens olhos amarelos, ó tu que tens olhos multiformes, ó tu de olhos que tem a cor de fumaça, eu te reverencio. Ó tu que és os Vedas, os Srutis, e a maior virtude, ó tu que és benigna para Brahmanas engajados em sacrifício, ó tu que tens o conhecimento do passado, ó tu que estás sempre presente nas residências sagradas erigidas para ti em cidades de Jamvudwipa, eu te reverencio. Tu és a ciência de Brahma entre as ciências, e tu que és aquele sono das criaturas do qual não há despertar. Ó mãe de Skanda, ó tu que possuis os seis (mais elevados) atributos, ó Durga, ó tu que moras em regiões acessíveis, tu és descrita como Swaha, e Swadha (mantras de grande eficácia), como Kala, como Kashta (divisões de tempo), e como Saraswati (palavra), como Savitra a mãe dos Vedas, e como a ciência de Vedanta. Com alma interna purificada, eu te louvo. Ó grande deusa, que a vitória sempre me acompanhe por tua graça no campo de batalha. Em regiões inacessíveis, onde há temor, em lugares de dificuldade, nas residências dos teus devotos e nas regiões inferiores (Patala), tu sempre resides. Tu sempre derrotaste os Danavas. Tu és a inconsciência, o sono, a ilusão, a modéstia, a beleza de (todas as criaturas). Tu és o crepúsculo, tu és o dia, tu és Savitri, e tu és a mãe. Tu és contentamento, tu és crescimento, tu és luz. És tu que sustentas o Sol e a Lua e que as faz brilhar. Tu és a prosperidade daqueles que são prósperos. Os Siddhas e os Charanas te vêem em contemplação.'"

Sanjaya continuou, "Compreendendo (a extensão da) devoção de Partha, Durga que está sempre inclinada com benevolência em direção à humanidade apareceu no firmamento e na presença de Govinda, disse estas palavras.

A deusa disse, 'Dentro de pouco tempo tu conquistarás teus inimigos, ó Pandava. Ó invencível, tu tens Narayana (além disso) para te ajudar. Tu não podes ser derrotado por inimigos, nem pelo próprio manejador do raio.'

Tendo dito isso, a deusa concessora de bênção desapareceu logo. O filho de Kunti, no entanto, obtendo aquele benefício, se considerou como bem sucedido, e o filho de Pritha então subiu no seu próprio carro excelente. E então Krishna e Arjuna, sentados no mesmo carro, sopraram suas conchas celestes. O homem que recita este hino levantando ao amanhecer, não tem medo em qualquer momento de Yakshas, Rakshasas, e Pisachas. Ele não pode ter inimigos; ele não tem medo de cobras e de todos os animais que tem presas e dentes, como também de reis. Ele é certo de ser vitorioso em todas as disputas, e se atado, ele é libertado de seus grilhões. Ele está certo de se recuperar de todas as

dificuldades, está livre de ladrões, é sempre vitorioso em batalha e obtém a deusa da prosperidade para sempre. Com saúde e força, ele vive por cem anos.

Eu sei de tudo isso pela graça de Vyasa dotado de grande sabedoria. Teus filhos perversos, no entanto, todos enredados nas malhas da morte, por ignorância, não sabem que eles são Nara e Narayana. Nem eles, enredados nas malhas da morte, sabem que a hora deste reino chegou. Dwaipayana e Narada, e Kanwa, e o impecável Rama, todos preveniram teu filho. Mas ele não aceitou suas palavras. Lá onde a retidão está, há glória e beleza. Lá onde a modéstia está, há prosperidade e inteligência. Lá onde a justiça está, lá está Krishna; e lá onde Krishna está, lá está a vitória."

24

Dhritarashtra disse, "Lá (no campo de batalha), ó Sanjaya, os guerreiros de qual lado avançaram primeiro para lutar alegremente? Os corações de quem estavam cheios de confiança, e quem estava abatido por tristeza? Naquela batalha que fez os corações dos homens tremerem de medo, quem foram aqueles que deram o primeiro sopro, (foram os) meus ou eles pertencentes aos Pandavas? Conte-me tudo isso, ó Sanjaya. Entre as tropas de quem as guirlandas floridas e unguentos emitiram odores fragrantes? E as tropas de quem, rugindo ferozmente, proferiram palavras piedosas?"

Sanjaya disse, "Os combatentes de ambos os exércitos estavam alegres naquela hora e as guirlandas floridas e perfumes de ambas as tropas emitiam fragrância igual. E, ó touro da raça Bharata, violenta foi a colisão que ocorreu quando as tropas cerradas organizadas para batalha encontraram uma à outra. E o som de instrumentos musicais, misturado com o clangor de conchas e o barulho de baterias, e os gritos de bravos guerreiros rugindo ferozmente uns para os outros, se tornou muito alto. Ó touro da raça Bharata, terrível foi o choque causado pelo encontro dos combatentes de ambos os exércitos, cheios de alegria e fitando uns aos outros, e dos elefantes proferindo grunhidos estrondosos."

25

(O BHAGAVAD GITA)

Dhritarashtra disse, "Reunidos na planície sagrada de Kurukshetra pelo desejo de lutar, o que meus filhos e os Pandavas fizeram, ó Sanjaya?"

"Sanjaya disse, 'Vendo o exército dos Pandavas em formação de combate, o rei Duryodhana, se aproximando do preceptor (Drona) disse estas palavras: 'Veja, ó preceptor, este vasto exército do filho de Pandu, organizado pelo filho de Drupada (Dhrishtadyumna), teu discípulo inteligente. Lá (naquele exército) há muitos arqueiros corajosos e poderosos, que em batalha são iguais a Bhima e Arjuna. (Eles são) Yuyudhana, e Virata, e aquele poderoso guerreiro em carro Drupada, e Dhrishtaketu, e Chekitana, e o soberano de Kasi dotado de grande energia; e Purujit, e Kuntibhoja, e Saivya aquele touro entre homens; e Yudhamanyu de grande coragem, e Uttamaujas de grande energia; e o filho de Subhadra, e os filhos de Draupadi, todos os quais são fortes guerreiros em carros. Ouça, no entanto, ó melhor dos regenerados, quem são os eminentes entre nós, os líderes do exército. Eu citarei eles para ti para (tua) informação. (Eles são) tu mesmo, e Bhishma, e Karna, e Kripa que é sempre vitorioso; e Aswatthaman e Vikarna, e Saumadatta, e Jayadratha. Além desses há muitos guerreiros heróicos, dispostos a sacrificar suas vidas por mim, armados com diversos tipos de armas, e todos habilidosos em batalha. Nosso exército, no entanto, protegido por Bhishma, é insuficiente. Esta tropa, no entanto, destes (os Pandavas), protegida por Bhima, é suficiente. Posicionando-se então nas entradas das divisões que lhes foram atribuídas, todos vocês protejam Bhishma somente.' (Exatamente nesse momento) o valente e venerável avô dos Kurus, proporcionando grande alegria a ele (Duryodhana) por proferir ruidosamente um rugido leonino, soprou (sua) concha. Então conchas e baterias e pratos e chifres foram soados imediatamente e o barulho (feito) se tornou um tumulto alto. Então Madhava e o filho de Pandu (Arjuna), ambos posicionados sobre um carro magnífico ao qual estavam unidos corcéis brancos, sopraram suas conchas celestes. E Hrishikesha soprou (a concha chamada) Panchajanya (Gigantea) e Dhananjaya (aquela chamada) Devadatta (Theodotes); e Vrikodara de feitos terríveis soprou a concha enorme (chamada) Paundra (Arundinca). E o filho de Kunti, o rei Yudhishthira, soprou (a concha chamada) Anantavijaya (Triumpphatrix); enquanto Nakula e Sahadeva, (aquelas conchas chamadas respectivamente) Sughosa (Dulcisona) e Manipushpaka (Gemmiflora). E aquele arqueiro esplêndido, o soberano de Kasi e aquele poderoso guerreiro em carro, Sikhandin, Dhrishtadyumna, Virata, e o invicto Satyaki, e Drupada, e os filhos de Draupadi, e o poderosamente armado filho de Subhadra, todos estes, ó senhor da terra, respectivamente sopraram suas conchas. E aquele clangor, reverberando ruidosamente pelo céu e pela terra, despedaçou os corações dos Dhartarashtras. Então vendo as tropas de Dhartarashtra alinhadas, o filho de estandarte de macaco de Pandu, erguendo seu arco, quando o lançamento de projéteis apenas tinha começado, disse estas palavras, ó senhor da terra, para Hrishikesha (o senhor dos sentidos).

Arjuna disse, 'Ó tu que não conheces deterioração, coloque meu carro (uma vez) entre os dois exércitos, para que eu possa observar esses que estão aqui desejosos de combate, e com quem eu terei que lutar nos labores deste conflito. Eu observarei aqueles que estão reunidos aqui e que estão preparados para lutar fazendo o que é agradável em batalha para o filho de mente má de Dhritarashtra.'"

Sanjaya continuou, “Assim endereçado por Gudakesa, ó Bharata, Hrishikesa, colocando aquele carro excelente no meio dos dois exércitos, na vista de Bhishma e Drona e de todos os reis da terra, disse, 'Observe, ó Partha, esses Kurus reunidos.’ E lá o filho de Pritha viu, posicionados, (seus) progenitores e netos, e amigos, e sogro e benquerentes, em ambos os exércitos. Vendo todos aqueles parentes posicionados (lá), o filho de Kunti, possuído por extrema compaixão, desanimadamente disse (estas palavras).”

“Arjuna disse, 'Vendo esses parentes, ó Krishna, reunidos e ávidos pela luta, meus membros ficam lânguidos, e minha boca fica seca. Meu corpo treme, e meus cabelos se arrepiam. O Gandiva desliza da minha mão, e minha pele queima. Eu não posso aguentar (mais); minha mente parece vagar. Eu vejo presságios adversos também, ó Kesava. Eu não desejo vitória, ó Krishna, nem soberania, nem prazeres. De que utilidade a soberania seria para nós, ó Govinda, ou prazeres, ou mesmo a vida, uma vez que eles, por cuja causa soberania, divertimentos e prazeres são desejados por nós, estão aqui organizados para lutar preparados para abandonar vida e riqueza, isto é, preceptores, progenitores, filhos e avôs, tios maternos, sogros, netos, cunhados, e amigos? Eu não desejo matá-los embora eles me matem, ó matador de Madhu, nem pela soberania dos três mundos, quanto mais então por causa (dessa) terra! Que satisfação pode ser nossa, ó Janardana, por matar os Dhartarashtras? Mesmo que eles sejam considerados como inimigos, o pecado nos colherá se nós os matarmos. Portanto, não cabe a nós matarmos os filhos de Dhritarashtra que são nossos próprios parentes. Como, ó Madhava, nós poderíamos ser felizes por matar nossos próprios parentes? Mesmo que eles, com raciocínio pervertido pela avareza, não vejam o mal que resulta do extermínio de uma família, e o pecado de rixas mutuamente destrutivas, por que nós, ó Janardana, que vemos os males do extermínio de uma linhagem, não deveríamos nos abster desse pecado? Uma linhagem sendo destruída, os costumes eternos daquela linhagem são perdidos; e após aqueles costumes serem perdidos o pecado domina a linhagem inteira. Por causa da predominância do pecado, ó Krishna, as mulheres daquela linhagem se tornam corruptas. E as mulheres se tornando corruptas, uma mistura de castas acontece, ó descendente de Vrishni. Esta mistura de castas leva para o inferno o destruidor da linhagem e a própria linhagem. Os ancestrais deles caem (do céu), seus ritos de pinda e água cessando. Por estes pecados de destruidores de raças, causando mistura de castas, as regras de casta e os ritos eternos de famílias se tornam extintos. Nós temos ouvido, ó Janardana, que homens cujos ritos familiares se tornam extintos sempre residem no inferno. Ai, nós decidimos cometer um grande pecado, pois nós estamos prontos para matar nossos próprios parentes por cobiça das doçuras da soberania. Seria melhor para mim se os filhos

de Dhritarashtra, armas nas mãos, me matassem em batalha, (eu mesmo) desarmado não reagindo.'"

Sanjaya continuou, "Tendo falado dessa maneira no campo de batalha, Arjuna, sua mente atormentada pela aflição, jogando de lado seu arco e flechas, sentou-se em seu carro."

[Aqui termina a primeira lição intitulada "Avaliação das Tropas" (ou A Aflição de Arjuna), no diálogo entre Krishna e Arjuna do Bhagavadgita, a essência da religião, do conhecimento de Brahma, e do sistema de Yoga, contido dentro do Bhishma Parva do Mahabharata de Vyasa que contém cem mil versos.]

26

Sanjaya disse, "Para ele assim cheio de compaixão, seus olhos cheios e oprimidos por lágrimas, e desanimando, o matador de Madhu disse estas palavras."

O Santo disse, "De onde, ó Arjuna, vem sobre ti, em tal crise, este desânimo que é impróprio em uma pessoa de nascimento nobre, que exclui uma pessoa do céu, e é produtivo de infâmia? Que nenhuma afeminação seja tua, ó filho de Kunti. Isso não te fica bem. Livrando-te desta vil fraqueza de coração, levante, ó castigador de inimigos."

Arjuna disse, "Como, ó matador de Madhu, eu posso lutar com flechas em batalha contra Bhishma e Drona, dignos como eles são, ó matador de inimigos, de veneração? Sem matar (os próprios) preceptores de grande glória, é certo (para uma pessoa), viver até de esmolas neste mundo. Por matar preceptores, mesmo que eles sejam cobiçosos de riqueza, eu somente desfrutaria de prazeres que estariam manchados de sangue! Nós não sabemos qual dos dois é de maior importância para nós, isto é, se nós devemos vencê-los ou eles devem nos vencer. Por matar a quem nós não gostaríamos de viver, eles mesmos, os filhos de Dhritarashtra, estão diante (de nós). Minha natureza afetada pela mácula da compaixão, minha mente incerta sobre (meu) dever, eu te peço, diga-me o que é seguramente bom (para mim). Eu sou teu discípulo. Ó, instrua-me, eu procuro teu auxílio. Eu não vejo (aquilo) que possa dissipar essa minha aflição (que está) destruindo minha própria razão, mesmo que eu obtenha um reino próspero sobre a terra sem um inimigo ou a própria soberania dos deuses.'"

Sanjaya disse, "Tendo dito isso para Hrishikesa, aquele castigador de inimigos, Gudakesa, (mais uma vez) dirigiu-se a Govinda, dizendo, 'Eu não lutarei,' e então ficou silencioso. Para ele tomado pelo desânimo, Hrishikesa, no meio dos dois exércitos, falou."

"O Santo disse, 'Tu lamentas aqueles que não merecem ser lamentados. Tu falaste também as palavras dos (assim chamados) sábios. Aqueles, no entanto, que são (realmente) sábios, não se afligem nem pelos mortos nem pelos vivos.

Não é que eu ou tu ou aqueles soberanos de homens nunca existimos, ou que todos nós não existiremos futuramente. Com relação a um ser incorporado, assim como infância, juventude, e velhice existem neste corpo, assim (também) existe a aquisição de outro corpo. O homem que é sábio nunca é iludido nisto. Os contatos dos sentidos com seus (respectivos) objetos produzindo (as sensações de) calor e frio, prazer e dor não são permanentes, tendo (como tem) um início e um fim. Ó Bharata, resista a eles. Pois o homem a quem estes não afligem, ó touro entre homens, que é o mesmo no prazer e na dor e que é de mente firme está preparado para a emancipação. Não há existência (objetiva) de algo que seja distinto da alma; nem não-existência de algo que possua as virtudes da alma. Esta conclusão em relação a ambas foi alcançada por aqueles que conhecem as verdades (das coisas). Saiba que é imortal [a alma] pela qual todo este [universo] é permeado. Ninguém pode realizar a destruição daquilo que é imperecível. É dito que aqueles corpos da (Alma) incorporada que é eterna, indestrutível e infinita, tem um fim. Portanto, lute, ó Bharata. Aquele que pensa que (a alma) é o matador e aquele que pensa que ela é morta, ambos não sabem nada; pois ela nem mata nem é morta. Ela nunca nasce, nem morre; nem, tendo existido, não existirá mais. Não nascida, imutável, eterna, e antiga, ela não morre após o corpo ter perecido. Aquele homem que sabe que ela é indestrutível, imutável, sem decadência, como e quem ele pode matar ou fazer ser morto? Como um homem, rejeitando mantos que estão gastos pelo uso, coloca outros que são novos, assim a (Alma) incorporada, abandonando corpos que estão gastos, entra em outros corpos que são novos. Armas não a perfuram, fogo não a consome; as águas não a encharcam, nem o vento a dissipa. Ela não pode ser cortada, queimada, encharcada, ou secada. Ela é imutável, permeia tudo, é estável, firme, e eterna. É dito que ela é imperceptível, inconcebível e inalterável. Portanto, sabendo que ela é assim, não cabe a ti lamentar (por ela). Então além disso mesmo se tu a considerasse como constantemente nascida e constantemente morta, ainda não te caberia, ó de braços fortes, lamentar (por ela) dessa maneira. Pois, de alguém que é nascido, a morte é certa; e de alguém que está morto, o nascimento é certo. Portanto, não cabe a ti lamentar em uma questão que é inevitável. Todos os seres (antes do nascimento) eram imanifestos. Somente durante um intervalo (entre nascimento e morte), ó Bharata, eles se manifestam; e então novamente, quando a morte vem, eles se tornam (mais uma vez) imanifestos. Que tristeza então há nisto? Uma pessoa a considera como um maravilha; outra fala dela como uma maravilha. Contudo mesmo depois de ter ouvido sobre ela, ninguém a compreende realmente. A (Alma) incorporada, ó Bharata, é sempre indestrutível no corpo de todos. Portanto, não cabe a ti lamentar por todas (aquelas) criaturas. Lançando teu olhar nos deveres (prescritos) da tua classe, não cabe a ti vacilar, pois não há nada melhor para um Kshatriya do que uma batalha lutada de modo justo. Chegada por si mesma e (como) um portão aberto do céu, felizes são aqueles Kshatriyas, ó Partha, que obtém tal luta. Mas se tu não lutares tal batalha justa, tu então incorrerás em pecado por abandonar os deveres da tua classe e tua fama. O povo então proclamará tua infâmia eterna, e para alguém que é considerado com respeito, a infâmia é maior (como um mal) do que a própria morte. Todos os grandes guerreiros em carros te considerarão como te abstendo da batalha por medo, e tu serás pouco considerado por aqueles que tinham (até

agora) te estimado muito. Teus inimigos, depreciando tua coragem, dirão muitas palavras que não devem ser ditas. O que pode ser mais doloroso do que isso? Morto, tu alcançarás o céu; ou vitorioso, tu desfrutarás da Terra. Portanto, levante, ó filho de Kunti, decidido pela batalha. Considerando prazer e dor, lucro e perda, vitória e derrota, como iguais, lute por causa da batalha e o pecado não será teu. Este conhecimento, que foi comunicado a ti é (ensinado) no (sistema) Sankhya. Escute agora aquele (inculcado) no (sistema) Yoga. Possuidor daquele conhecimento, tu, ó Partha, rejeitarás os vínculos da ação. Neste (sistema Yoga) não há desperdício nem da primeira tentativa. Não há impedimentos. Mesmo um pouco desta (forma de) devoção liberta de grande temor. Aqui neste caminho, ó filho de Kuru, há somente um estado de mente, consistindo em firme devoção (a um objetivo, isto é, assegurar a emancipação). As mentes daqueles, no entanto, que não estão firmemente dedicados (a isto), são muito ramificadas (instáveis) e ligadas a ocupações intermináveis. Aquela conversa floreada a qual os que são ignorantes, que se deleitam nas palavras dos Vedas, que eles, ó Partha, que dizem que não há nada mais, eles cujas mentes são apegadas a prazeres mundanos, eles que consideram (um) céu (de prazeres e divertimentos) como o mais alto objeto de aquisição, proferem e que promete nascimento como o fruto da ação e se ocupa com diversos ritos de caráteres específicos para a obtenção de prazeres e poder, iludem seus corações, e as mentes desses homens que são apegados a prazeres e poder não podem ser dirigidas para contemplação (do ser divino) considerando-a como o único meio de emancipação. Os Vedas tratam de três qualidades, (religião, lucro, e prazer). Seja, ó Arjuna, livre delas, não afetado por pares de contrários (tais como prazer e dor, calor e frio, etc.), sempre aderindo à paciência sem ansiedade por novas aquisições ou proteção daquelas já adquiridas, e controlado. Quaisquer objetos que são supridos por um tanque ou poço, podem todos ser supridos por um lençol vasto de água que se estende por toda parte; assim quaisquer objetos que podem ser supridos por todos os Vedas podem todos ser tidos por um Brahmana que tem conhecimento (do Eu ou Brahma). Teu interesse é com trabalho somente, mas não com o resultado (do trabalho). Que o resultado não seja teu motivo para trabalho; nem que tua tendência seja para inação. Permanecendo em devoção, dedique-te ao trabalho, rejeitando o apego (a ele), ó Dhananjaya, e sendo o mesmo no sucesso ou insucesso. Esta equanimidade é chamada de Yoga (devoção). Trabalho (com desejo de resultado) é muito inferior à devoção, ó Dhananjaya. Procure a proteção da devoção. Aqueles que trabalham por causa dos resultados são miseráveis. Aquele também que tem devoção se livra, mesmo nesse mundo, de boas ações e más ações. Portanto, dedique-te à devoção. Devoção é somente inteligência em ação. O sábio, possuidor de devoção, rejeita o resultado nascido da ação, e livre da obrigação de (repetidos) nascimentos, alcança aquela região onde não há tristeza. Quando tua mente tiver cruzado o labirinto da ilusão, então tu obterás uma indiferença com relação ao audível e ao ouvido. (Isto é, ao que você pode ouvir ou ouvirá, e ao que você ouviu). Quando tua mente, distraída (agora) por que tu ouviste (acerca dos meios de alcançar os diversos objetivos de vida), estiver firmemente e imovelmente fixa em contemplação, então tu atingirás a devoção.'"

"Arjuna disse, ‘Quais, ó Kesava, são as indicações de alguém cuja mente está fixa em contemplação? Como alguém de mente constante fala, como senta, como se move?’"

"O Santo disse, 'Quando alguém rejeita todos os desejos de seu coração e está satisfeito dentro de si consigo, então ele é citado como de mente constante. Aquele cuja mente não se agita em meio a calamidades, cuja ânsia por prazer está morta, que está livre de apegos (a objetos mundanos), medo e ira, é citado como um Muni de mente firme. A firmeza mental é daquele que é sem afeição em todos os lugares, e que não sente exultação nem aversão ao obter diversos objetos que são agradáveis e desagradáveis. Quando alguém afasta seus sentidos dos objetos daqueles sentidos como a tartaruga (retrai) seus membros de todos os lados, dele mesmo é a firmeza de mente. Os objetos dos sentidos recuam de uma pessoa abstinente, mas não a paixão (por aqueles objetos). Até a paixão retrocede de alguém que contempla o (Ser) Supremo. (Uma pessoa pode se abster dos objetos de prazer, ou por escolha ou inabilidade de obtê-los. Até, no entanto, o próprio desejo de desfrutar estar eliminado, uma pessoa não pode ser considerada tendo obtido firmeza mental.) Os sentidos agitados, ó filho de Kunti, arrastam à força a mente mesmo de um homem sábio que se esforça duramente para se manter à distância deles. Reprimindo eles todos, uma pessoa deve permanecer em contemplação, fazendo de mim seu único refúgio. Pois a firmeza de mente é daquele cujos sentidos estão sob controle. Pensando nos objetos dos sentidos, a atração de uma pessoa é gerada em direção a eles. Da atração surge a ira; da ira surge a falta de discernimento; da falta de discernimento, perda de memória; da perda de memória, perda da compreensão; e da perda da compreensão (ela) é completamente arruinada. Mas o homem autocontrolado, desfrutando dos objetos (dos sentidos) com sentidos livres de atração e aversão sob seu próprio controle, atinge a paz (mental). Após a paz (mental) ser alcançada, ocorre a aniquilação de todas as suas tristezas, já que a mente daquele cujo coração é sereno logo se torna firme. Aquele que não é autocontrolado não tem contemplação (do Eu). Aquele que não tem contemplação não tem paz (mental). Como pode haver felicidade para aquele que não tem paz (mental)? Pois o coração que segue na esteira dos sentidos que se movem (entre seus objetos) destrói sua inteligência como o vento destruindo um barco nas águas. Portanto, ó tu de armas poderosas, a firmeza mental é daquele cujos sentidos estão reprimidos dos objetos dos sentidos por todos os lados. O homem controlado está desperto quando é noite para todas as criaturas; e quando as outras criaturas estão despertas é noite para um Muni discernente. (Os comuns, sendo espiritualmente ignorantes, estão engajados em buscas mundanas. Os sábios em conhecimento espiritual estão mortos para as últimas.) Aquele em quem todos os objetos de desejo entram, assim como as águas entram no oceano o qual (embora) constantemente reenchido contudo mantém sua linha d’água inalterada, ele obtém paz (mental) e não alguém que anseia por objetos de desejo. Aquele homem que se move continuamente, abandonando todos os objetos de desejo, que está livre do desejo ardente (por diversões) e que não tem afeição e orgulho, obtem paz (mental). Este, ó Partha, é o estado divino. Atingindo a ele,

uma pessoa nunca é iludida. Permanecendo nele ela alcança, na morte, absorção no Ser Supremo.'"

27

"Arjuna disse, 'Se a devoção, ó Janardana, é considerada por ti como superior à ação, por que então, ó Kesava, tu me engajas em tal trabalho terrível? Por meio de palavras ambíguas tu pareces confundir minha compreensão. Portanto, diga-me uma coisa definitivamente pela qual eu possa realizar o que é bom.'

"O Santo disse, 'Já foi dito por mim, ó impecável, que há aqui, neste mundo, dois tipos de devoção; aquele dos Sankhyas através do conhecimento e aquele dos yogins através da ação. Um homem não adquire liberdade da ação (somente) pela não realização da ação. Nem ele adquire emancipação final somente da renúncia (à ação). Ninguém pode subsistir nem por um momento sem agir. Aquele homem de alma iludida que, refreando os órgãos dos sentidos, vive mentalmente apreciando os objetos dos sentidos, é considerado um hipócrita. Aquele no entanto, ó Arjuna, que reprimindo (seus) sentidos por meio de sua mente, se engaja em devoção (na forma de) atividade com os órgãos de atividade, e está livre de atração, é eminente (acima de todos). (Portanto), sempre te aplique ao trabalho, pois ação é melhor do que inação. O próprio sustento do teu corpo não pode ser realizado sem trabalho. Este mundo é agrilhoado por toda ação exceto aquela que é (realizada) por Sacrifício (por Vishnu). (Portanto), ó filho de Kunti, realize trabalho por causa disto, livre de atração. Nos tempos antigos, o Senhor da Criação, criando homens e sacrifício juntos, disse, 'Prosperem por meio deste (Sacrifício). Que este (Sacrifício) seja para vocês (todos) o dispensador de todos os objetos apreciados por vocês. Façam os deuses crescerem com isto, e deixem os deuses (em retorno) fazerem vocês crescer. Assim realizando os interesses mútuos vocês obterão aquilo que é benéfico (para vocês). Propiciados com sacrifícios os deuses concederão a vocês os prazeres que vocês desejam. Aquele que desfruta (sozinho) sem oferecer a eles o que eles tem dado, é indubitavelmente um ladrão. Os bons que comem o resto de sacrifícios estão livres de todos os pecados. Incorrem em pecado aqueles iníquos que cozinham alimento por sua própria causa.' Por causa do alimento existem todas as criaturas; e sacrifício é o resultado de trabalho. Saiba que o trabalho provém dos Vedas, e os Vedas se originaram d'Ele que não tem decadência. Portanto, o Ser Supremo que permeia tudo está instalado em sacrifício. Aquele que não se adapta a esta roda que está girando dessa maneira, aquele homem de vida pecaminosa que se deleita (na indulgência de) seus sentidos, vive em vão, ó Partha. (A roda se refere àquilo que foi dito antes, isto é, dos Vedas vem o trabalho, do trabalho a chuva, da chuva o alimento, do alimento todas as criaturas, das criaturas novamente o trabalho e assim de volta aos Vedas.) O homem, no entanto, que é apegado ao Eu somente, que está contente consigo, e que está satisfeito em si mesmo, não tem trabalho (a fazer). Ele não tem inquietação com qualquer ação nem com alguma omissão aqui. Nem, entre todas as criaturas, há alguma da qual seu interesse dependa. (Tal homem não ganha mérito por ação, nem pecado por inação ou

omissão. Nem há alguém desde o Ser Supremo até a mais baixa criatura de quem ele dependa para alguma coisa.) Portanto, sempre faça o trabalho que deve ser feito, sem apego. O homem que realiza ação sem apego alcança o Supremo. Somente pelo trabalho, Janaka e outros alcançaram a realização de seus objetivos. Tendo consideração também pelo cumprimento por homens de seus deveres, cabe a ti trabalhar. Qualquer coisa que um grande homem faça é também feita pelas pessoas comuns. Homens comuns seguem o ideal estabelecido por eles (os grandes). Não há nada em absoluto para mim, ó Partha, fazer nos três mundos, (já que eu não tenho) nada que não tenha sido adquirido por mim; entretanto eu me dedico à ação. Porque se em algum momento eu não, sem preguiça, me engajasse em ação, os homens seguiriam meu caminho, ó Partha, por toda parte. Os mundos pereceriam se eu não realizasse trabalho, e eu causaria mistura de castas e arruinaria estas pessoas. Como os ignorantes trabalham, ó Bharata, tendo apego pelo realizador, assim um homem sábio deve trabalhar sem ser apegado, desejando fazer homens cumpridores de seus deveres. Um homem sábio não deve causar confusão de compreensão entre pessoas ignorantes, que tem apego ao próprio trabalho; (por outro lado) ele deve (ele mesmo), agindo com devoção, engajá-los em todos (os tipos de) trabalho. Todas as atividades são, de todas as maneiras, feitas pelas qualidades da natureza (natureza significando matéria primordial). Aquele cuja mente está iludida pelo egoísmo, no entanto, considera a si mesmo como o ator. Mas aquele, ó de braços fortes, que conhece a distinção (do Eu) das qualidades e trabalho, não é apegado ao trabalho, considerando que são seus sentidos somente (e não ele mesmo) que se ocupam de seus objetos. Aqueles que são iludidos pelas qualidades da natureza ficam ligados às ações feitas pelas qualidades. Uma pessoa de conhecimento perfeito não deve confundir aqueles homens de conhecimento imperfeito. Dedicando todo trabalho a mim (isto é, na crença de que tudo o que você faz é por mim ou por minha causa), com (tua) mente dirigida ao Eu, empenhe-te na batalha, sem desejo, sem afeto e com tua fraqueza (de coração) dissipada. Aqueles homens que sempre seguem esta minha opinião com fé e sem cavilação alcançam a emancipação final até por trabalho. Mas aqueles que contestam capciosamente e não seguem esta minha opinião, saiba que, privados de todo conhecimento e sem discernimento, eles são arruinados. Mesmo um homem sábio age de acordo com sua própria natureza. Todos os seres vivos seguem (sua própria) natureza. Qual então seria a utilidade da restrição? Os sentidos tem, com relação aos objetos dos sentidos, ou atração ou aversão fixas. Uma pessoa não deve se submeter a elas, pois elas são obstáculos no caminho. (Os sentidos, com relação aos seus diversos objetos no mundo, são ou puxados em direção a eles ou repelidos por eles. Estes gostos e desgostos (no caso dos homens que, é claro, somente agem de acordo com sua natureza) ficam no caminho de sua emancipação, se os homens cedem a eles.) O próprio dever, mesmo que imperfeitamente realizado, é melhor do que ser feito por outro mesmo se bem realizado. Morte (na realização do) próprio dever é preferível. (A adoção do) dever de outro carrega temor (consigo).'

"Arjuna disse, 'Impelido por quem, ó filho da linhagem Vrishni, um homem comete pecado, mesmo que relutante e como se obrigado pela força'?

"O Santo disse, 'É o desejo, é a ira, nascido do atributo de paixão; ele devora tudo, ele é muito pecaminoso. (O desejo, se não satisfeito, resulta em ira). Saiba que este é o inimigo neste mundo. Como fogo é envolvido por fumaça, um espelho por poeira, o feto pelo útero, assim este mundo é envolvido pelo desejo. O conhecimento, ó filho de Kunti, é envolvido por este constante inimigo dos sábios na forma de desejo o qual é insaciável e como um fogo. Os sentidos, a mente e o intelecto são considerados como sua residência. Com estes ele ilude o ser incorporado, envolvendo (seu) conhecimento. Portanto, controlando (teus) sentidos primeiro, ó touro da raça Bharata, rejeite esta coisa pecaminosa, pois ela destrói o conhecimento derivado de instrução e meditação. É dito que os sentidos são superiores (ao corpo que é inerte). Superior aos sentidos é a mente. Superior à mente é o conhecimento. Mas o que é superior ao conhecimento é Ele (a Alma ou Ser Supremo). Conhecendo dessa maneira aquilo que é superior ao conhecimento e controlando (teu) eu por meio do eu, mate, ó de braços fortes, o inimigo na forma de desejo o qual é difícil de se subjugar.'"

28

"O Santo disse, 'Este imperecível (sistema de) devoção eu declarei para Vivaswat; Vivaswat o declarou para Manu; e Manu o comunicou para Ikshaku. Descendo assim de geração, os sábios nobres vieram a conhecê-lo. Mas, ó castigador de inimigos, pelo (intervalo de um) longo tempo aquela devoção se tornou perdida para o mundo. O mesmo (sistema de) devoção foi hoje declarado por mim para ti, pois tu és meu devoto e amigo, (e) este é um grande mistério.'

"Arjuna disse, 'Teu nascimento é posterior; o nascimento de Vivaswat é anterior. Como eu entenderei então que tu declaraste (isto) primeiro?'

"O Santo disse, 'Muitos nascimentos meus se passaram, ó Arjuna, como também teus. Estes todos eu conheço, mas tu não, ó castigador de inimigos. Embora (eu seja) não nascido e de essência que não conhece deterioração, embora (eu seja) o senhor de todas as criaturas, entretanto, confiando em minha própria natureza (material) eu tomo nascimento por meio dos meus próprios (poderes) de ilusão. Sempre que, ó Bharata, a perda de piedade e o aumento de impiedade ocorrem, nessas ocasiões eu crio a mim mesmo. Para a proteção dos justos e para a destruição dos fazedores de males, para estabelecer a Devoção, eu nasço era após era. Aquele que realmente conhece meu nascimento e trabalho divinos como sendo desta maneira, abandonando (seu corpo) não nasce outra vez; (por outro lado) ele vem a mim, ó Arjuna. Muitos que eram livres de atração, medo, ira, que estavam repletos de mim, e que confiavam em mim, tem, purificados por conhecimento e ascetismo, atingido a minha essência. De qualquer maneira que os homens venham a mim, da mesma maneira eu os aceito. É meu caminho, ó Partha, que os homens seguem por toda parte. (Seja qual for o tipo de adoração, sou Eu que sou adorado. Nenhuma forma de culto é inaceitável para mim.) Aqueles neste mundo que estão desejosos do êxito em ação adoram os

deuses, pois nesse mundo de homens sucesso resultante de ação é logo alcançado. A divisão quádrupla de castas foi criada por mim segundo a distinção de qualidades e deveres. Embora eu seja o autor delas, (contudo) saiba que eu não sou seu autor e imperecível, (isto é, sou inativo e imorredouro. Trabalho implica esforço, e, portanto, perda de energia. Em mim não há ação, nenhuma perda de energia e portanto, nenhuma decadência.) As ações não me tocam. Eu não tenho desejo pelos resultados das ações. Aquele que me conhece dessa maneira não é impedido pelas ações. Sabendo disso, até os homens de antigamente que eram desejosos de emancipação realizaram trabalho. Portanto, tu também realize trabalho como foi feito pelos antigos do passado remoto. O que é ação e o que é inação, até os eruditos são desorientados por isto. Portanto, eu te falarei sobre ação (para que) sabendo disto tu possas ser libertado do mal. Uma pessoa deve ter conhecimento de ação, e deve ter conhecimento de ações proibidas; ela deve também saber a respeito de inação. O curso de ação é incompreensível. Aquele que vê inação em ação e ação em inação é sábio entre os homens; ele é possuidor de devoção; e ele é um fazedor de todas as ações. Os eruditos chamam de sábio aquele cujos esforços são todos livres do desejo (de resultado) e (consequente) desejo (de agir), e cujas ações foram todas consumidas pelo fogo do conhecimento. Quem quer que, renunciando à toda atração pelo fruto da ação, está sempre contente e não é dependente de ninguém, não faz nada, de fato, embora engajado em ação. Aquele que, sem desejo, com mente e sentidos sob controle, e abandonando todas as inquietações, realiza ação somente para a conservação do corpo, não incorre em pecado. Aquele que está satisfeito com o que é ganho sem esforço, que se elevou acima dos pares de opostos, que é sem ciúmes, que é equânime em sucesso e fracasso, não é agrilhoado (pela ação) embora ele trabalhe. Perecem todas as ações daquele que trabalha por causa de sacrifício, (por causa da Alma Suprema; o que é feito por sacrifício é feito para obter emancipação), que é sem afeições, que é livre (de atrações), e cuja mente está fixa no conhecimento. Brahma é o recipiente (com o qual a libação é derramada); Brahma é a libação (que é oferecida); Brahma é o fogo sobre o qual por Brahma é despejada (a libação); Brahma é a meta para qual ele procede por fixar sua mente no próprio Brahma o qual é a ação. (No caso de tal pessoa acontece uma completa identificação com Brahma, e quanto tal identificação ocorre, a ação é destruída.) Alguns devotos realizam sacrifício para os deuses. Outros, por meio de sacrifício, oferecem sacrifícios ao fogo de Brahma, (oferecendo o próprio sacrifício como um sacrifício para o fogo Brahma, eles se livram de toda ação.) Outros oferecem (como libação sacrifical) os sentidos dos quais a audição é o primeiro ao fogo da restrição. Outros (também) oferecem (como libações) os objetos dos sentidos dos quais som é o primeiro ao fogo dos sentidos. (Oferecer os sentidos ao fogo da restrição significa controlar os sentidos pela prática de Yoga. Oferecer os objetos dos sentidos significa não atração por aqueles objetos.) Outros (além disso) oferecem todas as funções dos sentidos e as funções dos ares vitais ao fogo da devoção por autodomínio aceso pelo conhecimento; (suspendendo as funções vitais por contemplação ou Yoga). Outros também realizam o sacrifício de riqueza, o sacrifício de austeridades ascéticas, o sacrifício de meditação, o sacrifício de estudo (Védico), o sacrifício de conhecimento, e outros são ascetas de votos rígidos. Alguns oferecem o ar vital

ascendente (Prana) ao ar vital descendente (Apana); e outros, o ar vital descendente ao ar vital ascendente; alguns, detendo o curso dos ares vitais ascendentes e descendentes, estão dedicados à retenção dos ares vitais. Outros de ações controladas oferecem os ares vitais aos ares vitais. (Todos estes são diferentes tipos de Yoga, ou os diferentes estágios da prática de Yoga.) Todos estes que estão familiarizados com sacrifícios, cujos pecados tem sido consumidos por sacrifício, e que comem os restos de sacrifícios os quais são amrita, alcançam ao eterno Brahma. (Nem) este mundo é para aquele que não realiza sacrifício. Como então (seria) o outro, ó melhor da família de Kuru? Dessa maneira diversos são os sacrifícios que se acham nos Vedas. Saiba que todos eles resultam de ação, e sabendo disso tu serás emancipado. O sacrifício do conhecimento, ó castigador de inimigos, é superior a todo sacrifício que envolve (a obtenção de) resultados de ação, pois toda ação, ó Partha, está totalmente contida no conhecimento. (Isto é, o conhecimento sendo alcançado, os frutos da ação são alcançados por, pelo menos, seu objetivo ser realizado.) Aprenda aquele (Conhecimento) por prostração, indagação, e serviço. Aqueles que possuem conhecimento e podem ver a verdade te ensinarão aquele conhecimento, sabendo o qual, ó filho de Pandu, tu não obterás novamente tal ilusão, e pelo qual tu verás as criaturas infinitas (do universo) em ti mesmo (primeiro) e então em mim. Mesmo se tu fosses o maior pecador entre todos os que são pecaminosos, tu ainda passarias por cima de todas as transgressões pela balsa do conhecimento. Como um fogo ardente, ó Arjuna, reduz combustível a cinzas, assim o fogo do conhecimento reduz todas as ações a cinzas. Pois não há nada aqui que seja tão purificador como o conhecimento. Alguém que alcançou o êxito por devoção o encontra sem esforço dentro de si mesmo com o tempo. Obtém conhecimento aquele que tem fé e está concentrado nisto e que tem seus sentidos sob controle; obtendo conhecimento uma pessoa encontra a maior tranquilidade imediatamente. Alguém que não tem conhecimento e nenhuma fé, e cuja mente está cheia de dúvidas, está perdido. Nem este mundo, nem o próximo, nem felicidade é para aquele cuja mente está cheia de dúvidas. As ações não agrilhoam, ó Dhananjaya, aquele que rejeitou ação por devoção, cujas dúvidas foram dissipadas pelo conhecimento, e que é auto-controlado. Portanto, destruindo, pela espada do conhecimento, esta tua dúvida que é nascida da ignorância e que mora em tua mente, dirija-te à devoção, (e) levante, ó filho de Bharata.'"

29

"Arjuna disse, 'Tu aclamaste, ó Krishna, o abandono das ações, e novamente a aplicação (a elas). Diga-me definitivamente qual destes dois é superior.'

"O Santo disse, 'O abandono das ações e aplicação às ações ambos levam à emancipação. Mas destes, aplicação à ação é superior ao abandono. Deve ser sempre reconhecido como um asceta aquele que não tem aversão nem desejo. Pois, sendo livre dos pares de opostos, ó tu de braços poderosos, ele é facilmente libertado dos vínculos (da ação). Tolos dizem, mas não aqueles que são sábios, que Sankhya e Yoga são distintos. Alguém que permanece em um (dos dois)

colhe o fruto de ambos (Sankhya é renúncia à ação, enquanto Yoga é devoção através da ação.) Qualquer assento que é alcançado por aqueles que professam o sistema Sankhya também é alcançado por aqueles que professam o Yoga. Vê verdadeiramente quem vê Sankhya e Yoga como um. Mas renúncia, ó poderosamente armado, sem devoção (à ação), é difícil de se alcançar. O asceta que está engajado em devoção (por meio da ação) alcança o Ser Supremo sem demora. Aquele que está engajado em devoção (por meio da ação) e é de alma pura, que tem conquistado seu corpo e subjugado seus sentidos, e que se identifica com todas as criaturas, não é agrilhoado embora realizando (ação). O homem de devoção, que sabe a verdade, pensa 'Eu não estou fazendo nada' quando vendo, ouvindo, tocando, cheirando, comendo, se movendo, dormindo, respirando, falando, excretando, pegando (algo com as mãos), abrindo as pálpebras ou fechando-as; ele considera que são os sentidos que estão ocupados nos objetos dos sentidos. Aquele que renunciando ao apego se engaja em ações, submetendo-as a Brahma, não é tocado pelo pecado como a folha do lótus (não é tocada) pela água. (A água quando jogada sobre uma folha de lótus escapa sem molhar ou encharcar a folha em absoluto.) Aqueles que são devotos, abandonando o apego, realizam ações (obtendo) pureza pessoal, com o corpo, a mente, o intelecto, e até os sentidos (livres de desejo). Aquele que é possuidor de devoção, renunciando ao fruto da ação, alcança a tranquilidade mais elevada. Aquele que não possui devoção e é apegado ao fruto da ação é agrilhoado pela ação realizada por desejo. O (ser) incorporado auto-controlado, renunciando a todas ações por meio da mente, permanece tranquilo dentro da casa de nove portas, nem agindo ele mesmo nem fazendo (qualquer coisa) agir. (O corpo é descrito como uma cidade de nove portas, tendo dois olhos, dois ouvidos, duas narinas, uma boca, e as duas aberturas para excreções.) O Senhor não é a causa da capacidade para ação, ou das ações dos homens, ou da conexão de ações e (seus) frutos. É a natureza que se envolve (em ação). O Senhor não recebe os pecados de alguém, nem também mérito. Pela ignorância, o conhecimento é escondido. É por isso que as criaturas são iludidas. Mas de quem quer que a ignorância tenha sido destruída pelo autoconhecimento, aquele conhecimento (o qual é) como o Sol revela o Ser Supremo. Aqueles cujas mentes estão n'Ele, cuja própria alma é Ele, que residem n'Ele, e que tem a Ele como sua meta, partem para nunca mais voltar, seus pecados sendo todos destruídos pelo conhecimento. (Tais homens são dispensados da obrigação do renascimento. Deixando este corpo eles imergem na Alma Suprema.) Aqueles que são sábios lançam um olhar igual em um Brahmana dotado de erudição e modéstia, em uma vaca, um elefante, um cachorro, e um chandala (um membro da casta mais baixa). Aqui mesmo o nascimento foi conquistado por aqueles cujas mentes repousam na igualdade; e já que Brahma é impecável e uniforme, portanto, (é dito que) eles residem em Brahma. Aquele cuja mente é firme, que não é iludido, que conhece Brahma, e que descansa em Brahma, não exulta ao obter alguma coisa que é agradável, nem ele se aflige ao obter o que é desagradável. Aquele cuja mente não está ligada a objetos externos dos sentidos, obtém aquela felicidade que se encontra no Eu; e por concentrar sua mente na contemplação de Brahma, ele desfruta de uma felicidade que é imperecível. Os prazeres nascidos do contato (dos sentidos com seus objetos) são produtivos de tristeza. Aquele que é sábio, ó

filho de Kunti, nunca tem prazer nestes que tem um início e um fim. Aquele homem seja quem for aqui, antes da dissolução do corpo, é capaz de aguentar as agitações resultantes de desejo e ira, está fixo em contemplação, e é feliz. Aquele que encontra felicidade dentro de si mesmo, (e) que se diverte dentro de si mesmo, ele cuja luz (de conhecimento) é derivada de dentro de si mesmo é um devoto, e tornando-se uno com Brahma atinge absorção em Brahma. Aquelas pessoas santas cujos pecados foram destruídos, cujas dúvidas foram dissipadas, que são auto-controladas, e que são dedicadas ao bem de todas as criaturas, obtem absorção em Brahma. Para estes devotos que estão livres de desejo e ira, cujas mentes estão sob controle, e que tem conhecimento do eu, absorção em Brahma existe aqui e futuramente. Excluindo (de sua mente) todos os objetos externos dos sentidos, dirigindo o olhar visual entre as sobrancelhas, misturando (em um) os ares vitais ascendente e descendente e fazendo-os passar pelas narinas, o devoto, que tem controlado os sentidos, a mente, e o intelecto, estando concentrado na emancipação, e que está livre de desejo, medo, e ira, está emancipado, de fato. Sabendo que eu sou o desfrutador de todos sacrifícios e austeridades ascéticas, o grande Senhor de todos os mundos, e amigo de todas as criaturas, tal pessoa obtem tranquilidade.'"

30

"O Santo disse, 'Indiferente ao resultado da ação, aquele que realiza as ações que devem ser realizadas é um renunciador e devoto (Sannyasin e Yogin), e não alguém que descarta o fogo (sacrifical), nem alguém que se abstém da ação. Aquilo que é chamado de renúncia, saiba que, ó filho de Pandu, é devoção, já que não pode ser um devoto quem não renunciou a (todas) as resoluções (as quais surgem do desejo). Para o sábio desejoso de se elevar à devoção, a ação é citada como o modo; e quando ele se elevou à devoção, a cessação da ação é citada como o modo. Quando alguém não é mais apegado aos objetos dos sentidos, nem às ações, e quando ele renuncia a todas as resoluções, então é dito que ele se elevou à devoção. Uma pessoa deve elevar (seu) eu pelo eu; ela não deve degradar (seu) eu; pois seu próprio eu é seu amigo, e seu próprio eu é seu inimigo. (A mente, a menos que controlada, não pode levar à devoção.) (Somente) para aquele que subjuga seu eu por meio de seu eu o eu é um amigo. Mas para aquele que não subjuga seu eu, seu eu se comporta hostilmente como um inimigo. A alma de alguém que subjuga seu eu e que está no desfrute de tranquilidade está firmemente fixa (em si mesma) em meio a frio e calor, prazer e dor, e também honra e desonra. É citado como devotado aquele asceta cuja mente está satisfeita com conhecimento e experiência, que não tem afeição, que tem subjugado seus sentidos, e para quem um torrão, uma pedra e ouro são iguais. Aquele que considera igualmente benquerentes, amigos, inimigos, desconhecidos que são indiferentes a ele, aqueles que tomam parte em ambos os lados, aqueles que são objetos de aversão, aqueles que são parentes (dele), aqueles que são bons, e aqueles que são maus, é notável (acima de todos os outros). Um devoto deve sempre fixar sua mente em contemplação, permanecendo sozinho em um lugar

retirado, controlando sua mente e corpo, sem expectativas (de qualquer tipo), e sem preocupar-se (com alguma coisa). Instalando seu assento imovelmente em um local limpo, não muito alto nem muito baixo, e espalhando sobre ele um tecido, uma pele de veado, ou folhas de erva Kusa, e lá sentado naquele assento, com mente fixa em um objeto, e refreando as funções do coração e os sentidos, ele deve praticar contemplação para a purificação do eu. Mantendo corpo, cabeça, e pescoço alinhados, imóveis e firmes, e lançando seu olhar sobre a ponta de seu nariz, e sem olhar em volta em alguma das diferentes direções, com mente em tranquilidade, livre do medo, observador das práticas de Brahmacharins, reprimindo a mente, com coração fixo em mim, o devoto deve se sentar, me considerando como o objeto de seu alcance. Dessa maneira aplicando sua alma constantemente, o devoto cujo coração é controlado alcança aquela tranquilidade a qual culmina em absorção final e assimilação em mim. A devoção (Yoga) não é de alguém, ó Arjuna, que come muito, nem de alguém que não come em absoluto; nem de alguém que é viciado em dormir muito, nem de alguém que está sempre desperto. Devoção que é destrutiva de miséria é daquele que é moderado em alimento e diversões, que devidamente se esforça moderadamente em todas as suas atividades, e que é moderado em sono e vigílias. Quando o coração de alguém, devidamente controlado, está fixo em seu próprio Eu (afastado de todos os objetos dos sentidos), então, indiferente a todos os objetos de desejo, ele é alguém chamado de devoto. Como uma lâmpada em um local sem vento não tremula, esta mesma é a semelhança declarada de um devoto cujo coração foi controlado e que consagra seu eu à abstração. Aquela (condição) na qual a mente, reprimida pela prática de abstração, repousa, na qual contemplando o eu pelo eu uma pessoa está satisfeita dentro de si mesma; na qual ela sente aquela felicidade mais sublime que está além (da esfera dos) sentidos e que (somente) a compreensão pode alcançar, e fixada na qual uma pessoa nunca se desvia da verdade; adquirindo a qual ninguém considera outra aquisição maior do que ela, e permanecendo na qual uma pessoa nunca é movida nem pela tristeza mais forte; deve ser conhecida como a que é chamada devoção aquela (condição) na qual há um rompimento de ligação com a dor. Aquela devoção deve ser praticada com perseverança e com um ânimo firme. Renunciando sem exceção a todos os desejos que são nascidos de resoluções, reprimindo totalmente o grupo dos sentidos só pela mente, uma pessoa deve, por passos lentos, tornar-se tranquila (auxiliada) por (seu) intelecto controlado por paciência, e então dirigindo sua mente ao Eu não deve pensar em nada. Para onde quer que a mente, a qual é (por natureza) inquieta e instável, possa correr, refreando-a disso, uma pessoa deve dirigi-la para o Eu somente. De fato, para tal devoto cuja mente está em tranquilidade, cujas paixões foram suprimidas, que se tornou uno com Brahma e que está livre do pecado, a maior felicidade vem (por iniciativa própria). Assim aplicando sua alma constantemente (à abstração), o devoto, livre do pecado, obtém facilmente aquela felicidade sublime, isto é, com Brahma. Aquele que dedica seu eu à abstração lançando um olhar igual em todos os lugares, vê a si mesmo em todas as criaturas e todas as criaturas em si mesmo. Para ele que me vê em tudo e vê tudo em mim, eu nunca estou perdido e ele também nunca está perdido para mim; (isto é, eu sou sempre visível para ele, e ele também está sempre dentro da minha vista e eu sou sempre bondoso para ele.) Aquele que me

reverencia como residindo em todas as criaturas, considerando também que tudo é um, é um devoto, e qualquer que seja o modo de vida que ele leve, ele vive em mim. Aquele devoto, ó Arjuna, que lança um olhar igual em todos os lugares, considerando todas as coisas como seu próprio eu e a felicidade e tristeza de outros como sua própria, é considerado o melhor.'

"Arjuna disse, 'Esta devoção por meio de equanimidade que tu declaraste, ó matador de Madhu, por conta da inquietação da mente eu não vejo sua presença estável; (isto é, como sua existência estável pode ser assegurada, a mente sendo por natureza sempre inquieta.) Ó Krishna, a mente é agitada, tumultuosa, perversa, e obstinada. Seu controle eu considero como de realização tão difícil como o controle do vento.'

"O Santo disse, 'Sem dúvida, ó tu de armas poderosas, a mente é de subjugação difícil e é inquieta. Com a prática, no entanto, ó filho de Kunti, e com o abandono do desejo, ela pode ser controlada. É minha opinião que para aquele cuja mente não é controlada a devoção é de aquisição difícil. Mas por alguém cuja mente é controlada e que é assíduo, ela pode ser adquirida com a ajuda de meios.'

"Arjuna disse, 'Sem assiduidade, embora dotado de fé, e com a mente agitada para longe da devoção, qual é o fim daquele, ó Krishna, que não obteve êxito em devoção? Caído de ambos, (do céu (por trabalho) e de absorção em Brahma (por devoção)), ele é perdido como uma nuvem separada ou não, sendo como ele é sem refúgio, ó tu de braços poderosos, e iludido no caminho que leva à Brahma? Esta minha dúvida, ó Krishna, cabe a ti remover sem deixar qualquer coisa, (isto é, removê-la completamente). Além de ti, nenhum dissipador desta dúvida é para ser tido.'

"O Santo disse, 'Ó filho de Pritha, nem nesse mundo nem no seguinte a ruína existe para ele, já que ninguém, ó senhor, que realiza boas (ações) obtém um fim infeliz. Alcançando as regiões reservadas para aqueles que realizam atos meritórios e vivendo lá por muitos e muitos anos, aquele que abandonou a devoção toma nascimento na residência daqueles que são pios e dotados de prosperidade, ou, ele nasce até na família de devotos dotados de inteligência. De fato, um nascimento tal como este é de aquisição muito difícil neste mundo. Naquele nascimento ele obtem contato com aquele conhecimento Brâhmico o qual era dele em sua vida anterior; e a partir daquele ponto ele se esforça novamente, ó descendente de Kuru, em direção à perfeição. E embora relutante, ele ainda continua se desenvolvendo por aquela mesma prática antiga dele. Até alguém que perguntou sobre devoção se eleva acima dos (frutos) da Palavra Divina; (isto é, dos Vedas. Tão grande é a eficácia da devoção que alguém meramente se informando sobre ela transcende aquele que obedece aos ritos dos Vedas.) Empenhando-se com grandes esforços, o devoto, purificado de todos os seus pecados, atinge a perfeição depois de muitos nascimentos, e então alcança a meta suprema. O devoto é superior aos ascetas engajados em austeridades; ele é considerado superior até ao homem de conhecimento. O devoto é superior àqueles que estão engajados em ação. Portanto, torne-te um devoto, ó Arjuna.

Mesmo entre todos os devotos, aquele que, cheio de fé e com a alma repousando em mim, me venera, é considerado por mim como o mais dedicado."

31

"O Santo disse, 'Ouça, ó filho de Pritha, como, sem dúvida, tu podes me conhecer totalmente, fixando tua mente em mim, praticando devoção, e te refugiando em mim. Eu te falarei agora, sem deixar qualquer coisa, sobre conhecimento e experiência, conhecendo os quais não sobrará nada neste mundo (para ti) conhecer. Um entre milhares de homens se esforça pela perfeição (isto é, pelo conhecimento de si mesmo). Mesmo daqueles que são assíduos e alcançaram a perfeição, somente alguns (muito poucos) me conhecem realmente. Terra, água, fogo, ar, espaço, mente, também intelecto, e consciência, dessa maneira minha natureza é dividida em oito partes. Esta é uma (forma) inferior (da minha) natureza. Diferente desta, saiba que há uma (forma) superior (da minha) natureza que é animada, ó tu de braços fortes, e pela qual este universo é mantido. Saiba que todas as criaturas tem estas como sua fonte. Eu sou a fonte da evolução e também da dissolução do universo inteiro. Não há nada mais, ó Dhananjaya, que seja mais elevado do que eu mesmo. Em mim está tudo isso como uma fileira de pérolas em um cordão. Eu sou o sabor nas águas, ó filho de Kunti, (e) eu sou o esplendor da lua e do sol, eu sou o Om em todos os Vedas, o som no espaço, e a virilidade nos homens. Eu sou o odor fragrante na terra, o esplendor no fogo, a vida em todas as criaturas (viventes), e penitência em ascetas. Saiba, ó filho de Pritha, que eu sou a semente eterna de todos os seres. Eu sou a inteligência de todas as criaturas dotadas de inteligência, a glória de todos os objetos gloriosos. Eu sou também a força de todos os que são dotados de força, (eu mesmo) livre de desejo e ânsia, e, ó touro da raça Bharata, sou o desejo, consistente com dever, em todas as criaturas. E todas as existências que são da qualidade de bondade, e as que são da qualidade de paixão e da qualidade de ignorância, saiba que elas são, de fato, de mim. Eu, no entanto, não estou nelas, mas elas estão em mim. Todo este universo, iludido por estas três entidades consistindo (nessas) três qualidades não conhece a mim que estou além delas e (sou) imperecível; já que esta minha ilusão, dependendo das (três) qualidades, é muito maravilhosa e muito difícil de ser transcendida. Somente aqueles que recorrem a mim atravessam esta ilusão. Fazedores de mal, homens ignorantes, os piores de sua espécie, roubados de seu conhecimento por (minha) ilusão e ligados à condição de demônios, não recorrem a mim. Quatro classes de fazedores de bons atos me adoram, ó Arjuna, isto é, aquele que está aflito, que é possuidor de conhecimento, sendo sempre devotado e tendo sua fé somente em Um é superior ao resto, pois para o homem de conhecimento eu sou caro acima de tudo, e ele também é caro para mim. Todos estes são nobres. Mas o homem de conhecimento é considerado (por mim) como meu próprio eu, já que ele, com alma fixa em abstração, se refugia em mim como a meta mais elevada. No fim de muitos nascimentos, o homem possuidor de conhecimento alcança a mim, (pensando) que Vasudeva é tudo isto. Tal pessoa de grande alma, no entanto, é

extremamente rara. Aqueles que são privados de conhecimento pelo desejo recorrem às suas divindades, observadores de diversos regulamentos e controlados por sua própria natureza (isto é, temperamento como dependente das ações de suas vidas passadas.) Qualquer forma, (de divindade ou eu mesmo) que algum devoto deseje cultuar com fé, aquela sua fé naquela (forma) eu torno firme. Dotado daquela fé, ele presta suas adorações àquela (forma), e obtém dela todos os seus desejos, já que todos aqueles são ordenados por mim. Os frutos, no entanto, daquelas pessoas dotadas de pouca inteligência são perecíveis. (As divindades sendo perecíveis, o que elas obtem é perecível.) Aqueles que adoram as divindades vão às divindades, (enquanto) aqueles que me adoram vem até mim. (Eu mesmo sendo imperecível, o que meus adoradores obtem é imperecível.) Aqueles que não tem discernimento, consideram a mim que sou (realmente) imanifesto como tendo me tornado manifesto, porque eles não conhecem o meu estado transcendente e imperecível ao qual não há nada superior. Encoberto pela ilusão do meu poder inconcebível, eu não estou manifesto para todos. Este mundo iludido não conhece a mim que sou não nascido e imorredouro. Eu conheço, ó Arjuna, todas as coisas que são passadas, e todas as coisas que são presentes, e todas as coisas que são futuras. Mas não há ninguém que me conheça. Todas as criaturas, ó castigador de inimigos, são iludidas no momento de seu nascimento pela ilusão, ó Bharata, dos pares de opostos resultantes do desejo e aversão. Mas aquelas pessoas de atos meritórios cujos pecados alcançaram seu fim, sendo livres da ilusão dos pares de opostos, me adoram, firmes em seu voto (daquele culto). Aqueles que, se refugiando em mim, se esforçam para se libertar de decadência e morte, conhecem Brahman, todo o Adhyatma (tudo aquilo pelo qual Brahman é para ser alcançado), e ação, (todo o curso de deveres e práticas que levam ao conhecimento de Brahman.) E aqueles que me reconhecem como o Adhibhuta, o Adhidaiva, e o Adhiyajna, tendo mentes fixas em abstração, me conhecem no momento de sua partida (deste mundo).'"

32

"Arjuna disse, 'O que é Brahman, o que é Adhyatma, o que é ação, ó melhor dos seres masculinos? O que também é citado como Adhibhuta, e o que é chamado de Adhidaiva? O que é aqui Adhiyajna, e como, neste corpo, ó matador de Madhu? E como na hora da partida tu deves ser conhecido por aqueles que tem controlado seu eu? '

"O Santo disse, 'Brahman é o Supremo e indestrutível. Adhyatma é citado como sua própria manifestação. A oferenda (para alguma divindade em um sacrifício) a qual causa a produção e desenvolvimento de todos, isso é chamado de ação. Lembrando somente de mim em (seus) últimos momentos, aquele que, abandonando seu corpo, parte (daqui), entra em minha essência. Não há dúvida nisto. Qualquer forma (de divindade) que uma pessoa lembre quando ela abandona, no fim, (seu) corpo, àquela ela vai, ó filho de Kunti, tendo habitualmente meditado nela sempre. Portanto, pense em mim em todos os

momentos, e te engaje em batalha. Fixando tua mente e intelecto em mim, tu, sem dúvida, virás até a mim. Pensando (no Supremo) com uma mente não correndo para outros objetos e dotada de abstração na forma de aplicação ininterrupta, uma pessoa vai, ó filho de Pritha, para o Divino e Supremo Ser masculino. Aquele que na hora de sua partida, com uma mente firme, dotado de reverência, com poder de abstração, e dirigindo o ar vital chamado Prana entre as sobrancelhas, pensa naquele vidente antigo, que é o soberano (de todos), que é mais minúsculo do que o átomo mais minúsculo, que é o ordenador de tudo, que é inconcebível em forma, e que está além de toda escuridão, vai àquele Divino e Supremo Ser Masculino. Eu te falarei em poucas palavras acerca daquela base a qual pessoas familiarizadas com os Vedas declaram ser indestrutível, na qual entram ascetas livres de todos os desejos, e na expectativa da qual (as pessoas) praticam os votos de Brahmacharins. Abandonando (este) corpo, aquele que parte, bloqueando todas as portas (os sentidos), confinando a mente dentro do coração (afastando a mente de todos os objetos externos), colocando seu próprio ar vital chamado Prana entre as sobrancelhas, repousando em contínua meditação, proferindo esta única sílaba Om que é Brahman, e pensando em mim, alcança a meta mais sublime. Aquele que sempre pensa em mim com mente sempre afastada de todos os outros objetos, para aquele devoto sempre empenhado em meditação, eu sou, ó Partha, de fácil acesso. Pessoas de grande alma que atingiram a maior perfeição, alcançando a mim, não incorrem no renascimento o qual é a residência da tristeza e que é transitório. Todos os mundos, ó Arjuna, da residência de Brahman para baixo tem que passar por um círculo de nascimentos, (todas estas regiões sendo destrutíveis e sujeitas ao renascimento, aqueles que vivem lá são igualmente sujeitos à morte e renascimento), ao alcançar a mim, no entanto, ó filho de Kunti, não há renascimento. Aqueles que sabem que um dia de Brahman termina depois de mil Yugas, e uma noite (dele) termina depois de mil Yugas são pessoas que conhecem dia e noite. Na chegada do dia de (Brahman) tudo o que é manifesto surge do imanifesto; e quando chega (sua) noite, naquele mesmo que é chamado de imanifesto todas as coisas desaparecem. Aquele mesmo conjunto de criaturas, surgindo repetidas vezes, se dissolve na chegada da noite, e surge (novamente), ó filho de Pritha, quando chega o dia, obrigado (pela força da ação, etc.) (Neste círculo de nascimentos e mortes, as próprias criaturas não são agentes livres, estando todo o tempo sujeitas à influência do Karma.) Há, no entanto, outro ente, imanifesto e eterno, o qual está além daquele imanifesto, e que não é destruído quando todas as entidades são destruídas. Ele é citado como imanifesto e indestrutível. Eles o chamam de a meta mais alta, alcançando a qual ninguém tem que voltar. Aquela é minha base Suprema. Aquele Ser Supremo, ó filho de Pritha, Ele dentro de quem estão todos os entes, e por quem tudo isso é permeado, é para ser alcançado por reverência não dirigida para qualquer outro objeto. Eu te direi os momentos, ó touro da raça Bharata, nos quais devotos partindo (dessa vida) vão, para nunca retornar, ou para retornar. O fogo, a Luz, o dia, a quinzena iluminada, os seis meses do solstício do norte, partindo daqui, as pessoas que conhecem Brahma atravessam este caminho para Brahma. Fumaça, noite, também a quinzena escura (e) os seis meses do solstício do sul, (partindo) por este caminho, o devoto, alcançando a luz lunar, retorna. O claro e o escuro, estes dois caminhos são considerados como (os dois caminhos) eternos

do universo. Pelo primeiro, (uma pessoa) vai para nunca voltar; pelo outro, uma pessoa (indo) retorna. Conhecendo estes dois caminhos, ó filho de Pritha, nenhum devoto é iludido. Portanto, em todos os momentos, seja dotado de devoção, ó Arjuna. O resultado meritório que é prescrito para o (estudo dos) Vedas, para sacrifícios, para austeridades ascéticas e para doações, um devoto conhecendo tudo isso (que foi dito aqui), obtem tudo isto, e (também) alcança a base Suprema e Primeva.'"

33

"O Santo disse, 'Agora eu direi a ti que és sem inveja aquele conhecimento mais misterioso junto com prática, conhecendo os quais tu serás livre do mal. Esta é a ciência real, um mistério real, altamente purificador, diretamente compreensível, consistente com as leis sagradas, fácil de praticar, (e) imperecível. Aquelas pessoas, ó castigador de inimigos, que não tem fé nesta doutrina sagrada, não alcançando a mim, voltam ao caminho deste mundo que está sujeito à destruição. Este universo inteiro é permeado por mim em minha forma imanifesta. Todas as entidades estão em mim, mas eu não resido nelas. Nem também todos os entes estão em mim. Veja meu poder divino. Sustentando todos os entes e produzindo todos os entes, eu mesmo (contudo) não resido (naqueles) entes. Como a grande atmosfera sempre ocupa espaço, entenda que todas as existências residem em mim da mesma maneira. (A atmosfera ocupa espaço sem afetar a ele ou sua natureza. Assim todas as coisas estão no Ser Supremo sem afetá-lo.) Todas as entidades, ó filho de Kunti, atingem minha natureza (o princípio imanifesto ou essência primordial) no fim de um Kalpa. Eu as crio novamente no início de um Kalpa. Regulando minha própria natureza (independente) eu crio novamente todo este grupo de existências o qual é maleável por sua sujeição à natureza, (ao Karma; a influência do Karma ou ação sendo universal em determinar a forma de uma entidade específica no momento de sua criação.) Aqueles atos, no entanto, ó Dhananjaya, não restringem a mim que permaneço como alguém indiferente, sendo independente daquelas ações (de criação). Através de mim, o supervisor, a natureza primordial produz (o universo dos) móveis e imóveis. Por essa razão (minha supervisão), ó filho de Kunti, o universo passa por suas rondas (de nascimento e destruição). Não conhecendo minha natureza suprema de grande senhor de todas as entidades, pessoas ignorantes de esperanças inúteis, ações inúteis, conhecimento inútil, mentes confusas, ligadas à natureza ilusória de Asuras e Rakshasas, me desconsideram como (alguém) que assumiu um corpo humano. Mas pessoas de grande alma, ó filho de Pritha, possuidoras de natureza divina, e com mentes dirigidas para nada mais, me adoram, reconhecendo (a mim) como a origem de todos os entes e indestrutível. Sempre me glorificando, (ou) se esforçando com votos firmes, (ou) reverenciando a mim, com veneração e sempre devotados, (eles) me cultuam. Outros além disso, realizando o sacrifício do conhecimento (crendo que Vasudeva é tudo), me adoram, (alguns) como único, (alguns) como diverso, (alguns) como permeando o universo, em muitas formas (como Brahman, Rudra, etc.) Eu sou o sacrifício Védico, eu sou o sacrifício ordenado nos Smritis, eu sou Swadha, eu o

medicamento produzido de ervas; eu sou o mantra (o verso ou versos sagrados usados para invocar divindades e para outros propósitos), eu sou a libação sacrifical, eu sou o fogo, e eu sou a oferenda (sacrifical). Eu sou o pai deste universo, a mãe, o criador, avô; (eu sou) a coisa a ser conhecida, os meios pelos quais tudo é purificado, a sílaba Om, o Rik, o Saman e o Yajus, (eu sou) a meta, o sustentador, o senhor, o espectador, a residência, o refúgio, o amigo, a fonte, a destruição, o suporte, o receptáculo; e a semente indestrutível. Eu dou calor, eu produzo e suspendo a chuva; eu sou a imortalidade, e também a morte; e eu sou o existente e o inexistente, ó Arjuna. Aqueles que conhecem os três ramos de conhecimento, e também bebem o suco Soma, e cujos pecados tem sido purificados adorando a mim por sacrifícios, procuram admissão no céu; e estes alcançando a região sagrada do chefe dos deuses desfrutam no céu do prazer celestial dos deuses. Tendo desfrutado daquele mundo celeste de vasta extensão, após o esgotamento de seus méritos eles reentram no mundo mortal. É dessa maneira que aqueles que aceitam as doutrinas dos três Vedas e desejam objetos de desejos obtem inda e vinda. Aquelas pessoas que, pensando (em mim) sem dirigir suas mentes para qualquer coisa mais, me adoram, àqueles que são (assim) sempre devotados (a mim), eu faço presentes e preservo o que eles tem. Até aqueles devotos que dotados de fé adoram outras divindades, eles mesmos, ó filho de Kunti, adoram a mim somente, (embora) irregularmente. Eu sou o desfrutador, como também o senhor, de todos os sacrifícios. Eles, no entanto, não me conhecem realmente; por isso eles caem (do céu). Aqueles cujos votos são dirigidos aos Pitris alcançam os Pitris; aqueles que dirigem (seu) culto para os espíritos inferiores chamados Bhutas alcançam os Bhutas; aqueles que me adoram, alcançam a mim mesmo. Aqueles que me oferecem com reverência uma folha, flor, fruta, ou água, esse oferecido com reverência, eu aceito daquele cujo eu é puro. O que quer que tu faças, o que quer que comas, o que quer que bebas, o que quer que does, quaisquer austeridades que tu realizes, maneje isto de tal maneira, ó filho de Kunti, que isto possa ser uma oferenda a mim. Dessa maneira tu poderás ser libertado dos grilhões da ação que tem resultados bons e maus. Dotado de renúncia e devoção, tu serás libertado e virás a mim. Eu sou igual para todas as criaturas; não há ninguém odioso para mim, ninguém caro. Aqueles, no entanto, que me adoram com reverência estão em mim e eu também estou neles. Se uma pessoa de conduta extremamente pecaminosa me reverencia, sem cultuar alguém mais, ela deve certamente ser considerada boa, pois seus esforços são bem dirigidos. (Tal pessoa) logo vem a ser de alma virtuosa, e obtem tranquilidade eterna. Saiba, ó filho de Kunti, que alguém devotado a mim jamais é perdido. Pois, ó filho de Pritha, mesmo aqueles que sejam de nascimento pecaminoso, mulheres, Vaisyas, e também Sudras, até eles, recorrendo a mim, alcançam a meta suprema. O que então (eu direi) de Brahmanas pios e santos que são meus devotos? Tendo vindo a este mundo transitório e miserável, te dedique ao meu culto. Fixe tua mente em mim; seja meu devoto, meu adorador; curve-te a mim; e assim me fazendo teu refúgio e aplicando teu eu à abstração, tu sem dúvida virás a mim.'"

34

"O Santo disse, 'Mais uma vez ainda, ó de braços fortes, escute as minhas palavras divinas as quais, por desejo do (teu) bem, eu digo para ti que ficarás satisfeito (com elas). As hostes de deuses não conhecem minha origem, nem os grandes Rishis, já que eu sou, de todas as maneiras (isto é, como criador, como guia, etc.), a fonte dos deuses e dos grandes Rishis. Aquele que me reconhece como o Senhor Supremo dos mundos, sem nascimento e início, (ele), não iludido entre mortais, é livre de todos os pecados. Inteligência, conhecimento, a ausência de ilusão, perdão, verdade, autodomínio, e tranquilidade, prazer, dor, nascimento, morte, medo, e também segurança, abstenção de mal, uniformidade de mente, contentamento, austeridades ascéticas, doações, fama, infâmia, estes vários atributos das criaturas se originam de mim. Os Sete grandes Rishis, os quatro Maharishis antes (deles), e os Manus, participando da minha natureza, nasceram da minha mente, da qual neste mundo estes são produtos. Aquele que conhece realmente esta preeminência e poder místico meus se torna possuidor de devoção inabalável. Disto não (há) dúvida. Eu sou a origem de todas as coisas, de mim todas as coisas procedem. Pensando assim, os sábios, dotados da minha natureza, me veneram. Seus corações em mim, suas vidas dedicadas a mim, instruindo uns aos outros, e glorificando a mim eles estão sempre contentes e felizes. A eles sempre devotados, e reverenciando (a mim) com amor, eu dou aquela devoção na forma de conhecimento pelo qual eles vem a mim. Deles, por compaixão, eu destruo a escuridão nascida da ignorância, pela lâmpada brilhante do conhecimento, (eu mesmo) residindo em suas almas.'

"Arjuna disse, 'Tu és o Brahma Supremo, a Residência Suprema, o mais Santo dos Santos, o eterno Ser Masculino Divino, o Primeiro dos deuses, Não Nascido, o Senhor. Todos os Rishis te proclamam dessa maneira, e também o Rishi celeste Narada; e Asita, Devala, (e) Vyasa; tu mesmo também me falaste (assim). Tudo isso que tu me disseste, ó Kesava, eu considero verdadeiro já que, ó Santo, nem os deuses nem os Danavas compreendem tua manifestação. Tu somente conheces a ti mesmo por ti mesmo, ó Melhor dos Seres Masculinos. Ó Criador de todas as coisas; ó Senhor de todas as coisas, ó Deus dos deuses, ó Senhor do Universo, cabe a ti declarar sem qualquer reserva aquelas tuas perfeições divinas pelas quais tu permaneces permeando estes mundos. Como, sempre meditando, eu te conhecerei, ó tu de poder místico, em que estados específicos tu podes, ó Santo, ser meditado por mim? (Conhecer-te completamente é impossível. Em que formas ou manifestações específicas, portanto, eu devo pensar em ti?) Declare novamente, ó Janardana, abundantemente teus poderes místicos e (tuas) perfeições, pois eu nunca estou saciado em ouvir tuas palavras como néctar."

"O Santo disse, 'Bem, para ti eu declararei minhas perfeições divinas, por meio das principais (entre elas), ó chefe dos Kurus, pois não há fim para a extensão das minhas (perfeições). Eu sou a alma, ó tu de cabelo ondulado, situada no coração de todos os seres, eu sou o início, e o meio, e também o fim de todos os seres. Eu sou Vishnu entre os Adityas (divindades solares, doze em número, correspondentes aos doze meses do ano), o Sol resplandecente entre todos os

corpos luminosos; eu sou Marichi entre os Maruts (deuses do vento, cujo chefe é Marichi), e a Lua entre constelações. Eu sou o Sama Veda entre os Vedas; eu sou Vasava entre os deuses; eu sou a mente entre os sentidos; eu sou o intelecto nos seres (viventes). Eu sou Sankara entre os Rudras (uma classe de deuses destrutivos, onze em número), o Senhor dos tesouros (Kuvera) entre os Yakshas e os Rakshasas; eu sou Pavaka entre os Vasus (uma classe inferior de divindades, oito em número), e Meru entre as (montanhas) de picos. Conheça-me, ó filho de Pritha, como Vrihaspati, o chefe dos sacerdotes familiares. Eu sou Skanda entre os comandantes de exércitos. Eu sou o Oceano entre os receptáculos de água. Eu sou Bhrigu entre os grandes Rishis, eu sou a Única, indestrutível (sílaba Om) entre as palavras. Dos sacrifícios eu sou o sacrifício Japa (sacrifício por meditação o qual é superior a todos os sacrifícios). Dos imóveis eu sou o Himavat. Eu sou a figueira entre todas as árvores, eu sou Narada entre os Rishis celestes. Eu sou Chitraratha entre os Gandharvas e o asceta Kapila entre os ascetas coroados com êxito em Yoga. Saiba que eu sou Uchchaisravas entre os cavalos, gerado pelo (batimento por) néctar, Airavata entre os elefantes principescos, e o rei entre os homens. Entre as armas eu sou o raio, entre as vacas eu sou (aquela chamada) Kamadhuk (a vaca realizadora de desejos chamada Surabhi). Eu sou Kandarpa a causa da reprodução (isto é, eu não sou a mera paixão carnal, mas aquela paixão que procria ou é coroada com fruto), eu sou Vasuki entre as serpentes. Eu sou Ananta entre os Nagas, eu sou Varuna entre seres aquáticos, eu sou Aryaman entre os Pitris, e Yama entre aqueles que julgam e punem. Eu sou Prahlada entre os Daityas, e Tempo entre as coisas que contam. Eu sou o leão entre os animais, e o filho de Vinata entre as criaturas aladas. Dos purificadores eu sou o vento. Eu sou Rama (o filho de Dasaratha) entre os manejadores de armas. Eu sou o Makara entre os peixes, e eu sou Jahnavi (Ganga) entre os rios. (Ganga é chamada de Jahnavi porque ela foi, depois de ter sido esvaziada, libertada pelo asceta Jahnu através de seu joelho.) Das coisas criadas eu sou o início e o fim e também o meio, ó Arjuna. Eu sou o conhecimento do Espírito Supremo entre todos os tipos de conhecimento, e a disputa entre os disputadores. Entre todas as letras eu a letra A, e (o composto chamado) Dwanda entre todos os compostos. Eu sou também o Tempo Eterno, e eu sou o Ordenador com face virada para todos os lados. Eu sou a Morte que apanha todos, e a fonte de tudo o que existirá. Entre as mulheres, eu sou a Fama, Fortuna, Palavra, Memória, Inteligência, Constância, Perdão. Dos hinos Sama, eu sou o Vrihat-sama (o melhor, porque ele leva à emancipação imediatamente) e Gayatri entre as métricas. Dos meses, eu sou Margasirsha (o mês do meio de Fevereiro ao meio de Março), das estações (eu sou) aquela que é produtiva de flores (primavera). Eu sou o jogo de dados daqueles que trapaceiam, e o esplendor daqueles que são esplêndidos. Eu sou Vitória, eu sou Esforço, eu sou a bondade dos bons. Eu sou Vasudeva entre os Vrishnis, eu sou Dhananjaya entre os filhos de Pandu. Eu sou o próprio Vyasa entre os ascetas, e Usanas entre os videntes. Eu sou a Vara daqueles que castigam, eu sou a Política daqueles que procuram vitória. Eu sou silêncio entre aqueles que são secretos. Eu sou o Conhecimento daqueles que são possuidores de Conhecimento. Aquilo que é a Semente de todas as coisas, eu sou aquilo, ó Arjuna. Não há nada móvel ou imóvel que possa existir sem mim. Não há fim, ó castigador de inimigos, das minhas perfeições divinas. Esta narração da extensão

(daquelas) perfeições foi proferida por mim (somente) a fim de exemplificá-las. Quaisquer coisas sublimes ou gloriosas (que há), ou fortes, entenda que tudo é nascido de uma porção da minha energia. Ou melhor, o que tu tens a fazer, por conhecer tudo isso em detalhes, ó Arjuna? Eu permaneço sustentando este universo inteiro somente com uma fração (de mim mesmo),"

35

"Arjuna disse, 'Este discurso acerca do mistério supremo, chamado Adhyatman (a relação entre a Alma Suprema e a alma individual), o qual tu proferiste para meu bem-estar, dissipou minha ilusão. Pois eu ouvi detalhadamente de ti sobre a criação e dissolução dos seres, ó tu de olhos como pétalas de lótus, e também da tua grandeza que não conhece deterioração. O que ti disseste sobre ti mesmo, ó Senhor grandioso, é assim mesmo. Ó melhor dos Seres Masculinos, eu desejo contemplar tua forma soberana. Se, ó Senhor, tu achas que eu sou qualificado para contemplar (aquela forma), então, ó Senhor de poder místico, mostre-me teu Eu eterno.'

"O Santo disse, 'Veja, ó filho de Pritha, minhas formas às centenas e milhares, várias, divinas, diversas em cor e forma. Veja os Adityas, os Vasus, os Rudras, os Aswins, e os Maruts. Veja, ó Bharata, inúmeras maravilhas não vistas antes (por ti). Contemple, ó tu de cabelo ondulado, o universo inteiro de móveis e imóveis reunido neste meu corpo, (e) qualquer coisa mais que tu desejes ver. Tu, no entanto, não estás apto para me contemplar com esta tua visão. Eu te dou visão divina. Veja minha natureza mística soberana.'"

Sanjaya continuou, "Dizendo isso, ó monarca, Hari, o poderoso Senhor de poder místico, então revelou para o filho de Pritha sua Suprema forma soberana, com muitas bocas e olhos, muitos aspectos magníficos, muitos ornamentos celestes, muitas armas celestes erguidas, usando guirlandas e mantos celestes, (e) com unguentos de fragrância celeste, cheia de todas as maravilhas, resplandecente, infinita, com faces viradas para todos os lados. Se o esplendor de mil sóis irrompesse ao mesmo tempo no céu, (então) ele seria semelhante ao esplendor daquele Poderoso. O filho de Pandu então viu lá no corpo daquele Deus dos deuses o universo inteiro dividido e sub-dividido em muitas partes, todas juntas. Então Dhananjaya, cheio de assombro, (e) com cabelo arrepiado, reverenciando com (sua) cabeça, com mãos unidas dirigiu-se ao Deus.'

"Arjuna disse, 'Eu vejo todos os deuses, ó Deus, como também as variadas hostes de criaturas, (e) Brahman sentado em (seu) assento de lótus, e todos os Rishis e as cobras celestes. Eu Te vejo com inúmeros braços, estômagos, bocas, (e) olhos, por toda parte, ó tu de formas infinitas. Nem fim nem meio, nem também teu começo eu vejo, ó Senhor do universo, ó tu de forma universal. Portando (teu) diadema, maça, e disco, uma massa de energia, brilhando intensamente por todos os lados, eu vejo a ti que és difícil de se olhar, dotado em todos os lados da refulgência do fogo ardente ou do Sol, (e) incomensurável. Tu és indestrutível, (e)

o Supremo objeto deste universo. Tu és sem decadência, o protetor da eterna virtude. Eu te considero como o eterno Ser (masculino). Eu vejo que tu és sem início, meio, fim, de destreza infinita, de inúmeros braços, tendo o Sol e a Lua como teus olhos, o fogo ardente como tua boca, e aquecendo este universo com tua própria energia. Pois o espaço entre céu e terra é permeado por Ti somente, como também os pontos do horizonte. À visão desta tua forma maravilhosa e aterradora, ó Alma Suprema, o mundo triplo treme. Pois estas hostes de deuses são entrando em ti. Alguns, atemorizados, estão rezando com mãos unidas. Dizendo 'Saudações a Ti', as hostes de grandes Rishis e Siddhas Te louvam com hinos copiosos de louvor. Os Rudras, os Adityas, os Vasus, aqueles (chamados) Siddhas, os Viswas, os Aswins, os Maruts, também os Ushmapas, os Gandharvas, os Yakshas, os Asuras, as hostes de Siddhyas, Te contemplam e estão todos assombrados. Vendo Tua forma imensa com muitas bocas e olhos, ó poderosamente armado, com inúmeros braços, coxas e pés, muitos estômagos, (e) terrível por causa de muitas presas, todas as criaturas estão assustadas e eu também. De fato, tocando os próprios céus, de brilho resplandecente, de muitas cores, boca escancarada, com olhos que são brilhantes e grandes, contemplando a ti, ó Vishnu, com (minha) alma interna tremendo (apavorada), eu não posso mais dispor de coragem e paz mental. Vendo tuas bocas que são terríveis por causa de (suas) presas, e que são ameaçadoras (como o fogo todo-destrutivo no fim do Yuga), eu não posso reconhecer os pontos do horizonte nem posso dispor de paz mental. Sejas benevolente, ó Deus de deuses, ó tu que és o refúgio do Universo. E todos estes filhos de Dhritarashtra, junto com as hostes de reis, e Bhishma, e Drona, e também este filho de Suta (Karna), acompanhados até pelos principais guerreiros do nosso lado, estão entrando rapidamente nas tuas bocas terríveis tornadas ferozes por tuas presas. Alguns, com suas cabeças esmagadas, são vistos batendo nas frestas dos (teus) dentes. Como muitas correntes de água fluindo por diferentes canais rolam rapidamente em direção ao oceano, assim estes heróis do mundo dos homens entram nas tuas bocas que flamejam por toda parte. Como mariposas com velocidade crescente se precipitam para (sua própria) destruição para o fogo ardente, assim também (estas) pessoas, com velocidade ininterrupta, entram nas tuas bocas para (sua) destruição. Engolindo todos estes homens de todos os lados, tu os lambes com tuas bocas flamejantes. Enchendo todo o universo com (tua) energia, teus esplendores ardentes, ó Vishnu, estão aquecendo (tudo). Diga-me quem és tu de (tal) forma feroz. Eu me curvo a ti, ó principal dos deuses, sejas benévolo para mim. Eu desejo conhecer a ti que és o Primevo, eu não compreendo tua ação.'

O Santo disse, "Eu sou a Morte, o destruidor dos mundos, totalmente revelado. Eu estou agora empenhado em matar a raça de homens. Sem ti todos estes guerreiros permanecendo nas diferentes divisões cessarão de existir; (isto é, mesmo que tu não lutes, todos perecerão.) Por isso levante, ganhe renome, (e) subjugando o inimigo, desfrute (deste) reino próspero. Por mim todos estes já foram mortos. Seja somente (meu) instrumento. Ó tu que podes estirar o arco (até) com a mão esquerda. Drona e Bhishma, e Jayadratha, e Karna, e também outros guerreiros heróicos, (já) mortos por mim, mate. Não fique consternado, lute; tu vencerás (teus) inimigos em batalha."

Sanjaya continuou, "Ouvindo estas palavras de Kesava, o enfeitado com diadema (Arjuna), tremendo, (e) com mãos unidas, curvou-se (a ele); e mais uma vez falou a Krishna, com voz sufocada e dominado pelo medo, e fazendo suas saudações (a ele).'

Arjuna disse, "É apropriado, Hrishikesa, que o universo se deleite e se encante em proferir teus louvores, e os Rakshasas fujam com medo em todas as direções, e as hostes dos Siddhas reverenciem (a ti). E por que eles não deveriam te reverenciar, ó Alma Suprema, que és maior até do que (o próprio) Brahman, e a causa primordial? Ó tu que és Infinito, ó Deus dos deuses, ó tu que és o refúgio do universo, tu és indestrutível, tu és aquilo que é, e aquilo que não é, e aquilo que está além de (ambos). Tu és o Primeiro Deus, o antigo Ser (Masculino), tu és o amparo Supremo deste universo. Tu és o Conhecedor, tu és o Objeto a ser conhecido, tu és a residência mais elevada. Por ti é permeado este universo, ó tu de forma infinita. Tu és Vayu, Yama, Agni, Varuna, Lua, Prajapati, e Avô. Homenagens sejam para ti mil vezes, e mais e mais reverências a ti. Reverências para ti em frente, e também atrás. Que reverências sejam para ti de todos os lados, ó tu que és tudo. Tu és tudo, de energia que é infinita, e destreza que é incomensurável. Tu abarcas o Todo. Considerando (a ti) um amigo, qualquer coisa que tenha sido dita por mim descuidadamente, tal como: 'Ó Krishna, ó Yadava, ó amigo,' não conhecendo esta tua grandeza por falta de bom senso ou por amor, qualquer desrespeito que tenha sido mostrado a ti para propósito de hilaridade, em ocasiões de jogo, deitado, sentado, (ou) em refeições, enquanto sós ou na presença de outros, ó imperecível, eu rogo teu perdão por isto, que és incomensurável. Tu és o pai deste universo de móveis e imóveis. Tu és o grande mestre digno de culto. Não há ninguém igual a ti, como poderia haver alguém maior, ó tu cujo poder é sem paralelo mesmo nos três mundos? Portanto reverenciando (a ti) prostrando (meu) corpo, eu peço tua benevolência, ó Senhor, ó adorável. Cabe a ti, ó Deus, tolerar (minhas falhas) como um pai as de (seu) filho, um amigo as de (seu) amigo, um amante as de (seu) amado. Contemplando (tua) forma (não vista) antes, eu tenho estado alegre, (contudo) minha mente está perturbada pelo temor. Mostre-me aquela (outra) forma (habitual), ó Deus. Seja bondoso, ó Senhor dos deuses, ó tu que és o amparo do universo. (Enfeitado) em diadema, e (armado) com maça, disco na mão, como antes, eu desejo te ver. Seja daquela mesma forma de quatro braços, ó tu de mil braços, tu de forma universal."

"O Santo disse, 'Satisfeito contigo, ó Arjuna, eu tenho, por meu (próprio) poder místico, te mostrado esta forma suprema, cheia de glória, Universal, Infinita, Primeva, a qual não foi vista antes por ninguém salvo tu. Exceto por ti somente, herói da família de Kuru, eu não posso ser visto nesta forma no mundo dos homens por ninguém mais, mesmo (ajudado) pelo estudo dos Vedas e de sacrifícios, por presentes, por ações, (ou) pelas austeridades mais severas. Que nenhum receio seja teu, nem perplexidade de mente ao vires esta minha forma terrível. Livre do medo com o coração alegre, veja-me novamente assumindo aquela outra forma.'"

Sanjaya continuou, "Vasudeva, tendo dito tudo isto para Arjuna, mais uma vez mostrou (a ele) sua própria forma (habitual), e aquele de grande alma, assumindo mais uma vez (sua) forma amável, confortou a ele que estava aflito."

"Arjuna disse, 'Vendo essa tua bondosa forma humana, ó Janardana, eu agora fiquei com mente sã e voltei ao meu estado normal.'

"O Santo disse, 'Esta minha forma que tu viste é difícil de ser vista. Até os deuses estão sempre desejosos de se tornar observadores desta (minha) forma. Nem pelos Vedas, nem por austeridades, nem por doações, nem por sacrifícios eu posso ser visto nesta minha forma que tu viste. Por reverência, no entanto, que é exclusiva (em seu objeto), ó Arjuna, eu posso ser conhecido nesta forma, visto realmente, e alcançado, ó castigador de inimigos. Aquele que faz tudo para mim, que tem a mim como seu objetivo supremo, que é livre de apego, que é sem inimizade em direção a todos os seres, ele mesmo, ó Arjuna, vem a mim.'"

36

"Arjuna disse, 'Daqueles devotos que, constantemente dedicados, te adoram, e aqueles que (meditam) em ti como o Imutável e Imanifesto, quem é mais bem familiarizado com devoção?'

"O Santo disse, 'Fixando (sua) mente em mim, aqueles que constantemente me adoram, sendo dotados (além disso) da fé mais elevada, são considerados por mim como os mais devotados. Aqueles, no entanto, que veneram o Imutável, o Imanifesto, o que permeia a tudo, o Inconcebível, o Indiferente, o Imutável, o Eterno, que, reprimindo o grupo inteiro dos sentidos, são de mente igual em relação a tudo em volta e estão dedicados ao bem de todas as criaturas, (também) alcançam a mim. A dificuldade é maior para aqueles cujas mentes são fixadas no Imanifesto; pois o caminho para o Imanifesto é difícil de ser encontrado por aqueles que estão incorporados. Aqueles (também) que, pondo toda ação em mim (e) me considerando como seu objeto mais alto (de conhecimento), me adoram, meditando em mim com devoção não dirigida a qualquer coisa mais, deles cujas mentes estão (assim) fixadas em mim, eu, sem demora, me torno o libertador do oceano (deste) mundo mortal. Fixe teu coração em mim somente, coloque tua mente em mim, após a morte então tu residirás em mim. Não (há) dúvida (nisto). Se no entanto, tu és incapaz de fixar teu coração firmemente em mim, então, ó Dhananjaya, esforce-te para me alcançar por devoção (resultante) de aplicação contínua. Se tu fores inadequado até para (esta) aplicação contínua, então que ações realizadas por mim sejam teu maior alvo. Realizando todas as tuas ações por minha causa, tu obterás perfeição. Se mesmo isto tu fores incapaz de fazer, então recorrendo à devoção em mim, (e) subjugando tua alma, abandone o fruto de todas as ações. Conhecimento é superior à aplicação (em devoção); meditação é melhor do que conhecimento; o abandono do fruto da reação (é melhor) do que meditação, e tranquilidade (resulta) imediatamente do abandono. Aquele que não tem ódio por qualquer criatura, que é amistoso e compassivo também, que é livre

de egoísmo, que não tem vaidade, apego, que é igual em prazer e dor, que é perdoador, contente, sempre devotado, de alma subjugada, de propósito firme, com coração e mente fixos em mim, ele mesmo é amado por mim. Aquele por quem o mundo não é incomodado, (e) que não é incomodado pelo mundo, que é livre de alegria, ira, medo e ansiedades, ele mesmo é amado por mim. Aquele meu devoto que é tranquilo, puro, diligente, não ligado (com objetos mundanos), e livre de angústia (mental), e que renuncia toda ação (por resultado), ele mesmo é amado por mim. Ele que não tem alegria, nem aversão, que nem se aflige nem deseja, que renuncia ao bem e ao mal, (e) que é cheio de fé em mim, ele mesmo é amado por mim. Ele que é igual para com amigo e inimigo, como também em honra e desonra, que é igual em frio e calor, (e prazer e dor), que é livre de apego, para quem crítica e elogio são iguais, que é taciturno, que está satisfeito com qualquer coisa que aconteça (a ele), que é sem lar, de mente imperturbável e cheia de fé, este homem é amado por mim. Aqueles que recorrem a esta equidade (que leva à) imortalidade a qual (já) foi declarada, aqueles devotos cheios de fé e que me consideram como o objeto mais elevado (de sua obtenção) são os mais queridos para mim.'"

37

"O Santo disse, 'Este corpo, ó filho de Kunti, é chamado de Kshetra. Aquele que o conhece, os eruditos chamam de Kshetrajna. Conheça-me, ó Bharata, como Kshetras. O conhecimento de Kshetra e Kshetrajna eu considero como (verdadeiro) conhecimento. O que aquele Kshetra (é), e ao que (ele é) similar, e que mudanças ele sofre, e de onde (ele vem), o que é ele (o Kshetrajna), e quais são seus poderes, ouça de mim em poucas palavras. Tudo isto tem sido cantado separadamente de muitas maneiras por Rishis em vários versos, em textos bem assentados repletos de bom senso e dando indicações de Brahman. Os grandes elementos, egoísmo, intelecto, o imanifesto (isto é, Prakriti), também os dez sentidos, o único (manas), os cinco objetos dos sentidos, desejo, aversão, prazer, dor, consciência do corpo, coragem, tudo isso em resumo é declarado como Kshetra em sua forma modificada. Ausência de vaidade, ausência de ostentação, abstenção de ferir, perdão, retidão, devoção ao preceptor, pureza, constância, autodomínio, indiferença pelos objetos dos sentidos, ausência de egoísmo, percepção da miséria e mal de nascimento, morte, velhice e doença, liberdade de apego, ausência de afinidade por filho, esposa, casa, e o resto, e constante equanimidade de coração na obtenção de bem e mal, devoção inabalável a mim sem meditação em qualquer coisa mais, frequentação de lugares solitários, aversão por multidão de homens, constância no conhecimento da relação do ser individual com o supremo, percepção do objetivo do conhecimento da verdade (que é a dissipação da ignorância e a aquisição de felicidade), tudo isso é chamado de Conhecimento; tudo aquilo que é contrário a isto é Ignorância. Aquilo que é o objeto de conhecimento eu (agora) declararei (para ti), conhecendo o qual uma pessoa obtém imortalidade. [Ele é] o Brahma Supremo que não tem início, que é citado como não sendo nem existente nem inexistente; cujas mãos e pés estão em toda parte, cujos olhos, cabeças e rostos estão em toda parte, que vive

permeando tudo no mundo, que é possuidor de todas as qualidades dos sentidos (embora) desprovido de sentidos, sem ligação (contudo) sustentando todas as coisas, sem atributos (porém) desfrutando de todos os atributos; (não tendo olhos, etc., porém vendo, etc., sem atributos, contudo tendo ou desfrutando de tudo o que os atributos dão); fora e dentro de todas as criaturas, imóvel e móvel, não conhecível por causa de (sua) sutileza, distante porém perto, não distribuído em todos os seres, (contudo) permanecendo como se distribuído, que é o sustentador de (todos os) seres, o que absorve e cria (tudo); que é a luz de todos os corpos luminosos, que é citado como estando além de toda escuridão; que é conhecimento, o Objeto de conhecimento, o Fim do conhecimento e situado nos corações de todos. Assim Kshetra, e Conhecimento, e o Objeto de Conhecimento, foram declarados (para ti) em resumo. Meu devoto, sabendo (tudo) isso, se torna uno em espírito comigo. Saiba que Natureza (Prakriti, a matéria primordial) e Espírito (Purusha, o princípio ativo) são ambos sem início (e) saiba (também) que todas as modificações e todas as qualidades provem da Natureza. A Natureza é citada como a fonte da capacidade de desfrutar de prazeres e dores. Pois o Espírito, residindo na natureza desfruta das qualidades nascidas da Natureza. A causa de seus nascimentos em úteros bons e maus é (sua) conexão com as qualidades. (É o espírito incorporado somente que pode desfrutar das qualidades da Natureza. Então, o tipo de conexão que ele tem com aquelas qualidades determina seu nascimento em bons e maus úteros.) O Purusha Supremo neste corpo é citado como o avaliador, aprovador, sustentador, desfrutador, o senhor poderoso, e também a Alma Suprema. Aquele que conhece dessa maneira Espírito, e Natureza, com as qualidades, em qualquer estado que ele possa estar, nunca nasce novamente. Alguns por meditação contemplam o eu no eu por meio do eu; outros por devoção segundo o sistema Sankhya; e outros (também), por devoção através de trabalhos. Outros ainda não conhecendo isto, veneram, ouvindo sobre isto de outros. Mesmo estes, devotados ao que é ouvido (os Srutis ou as doutrinas sagradas), vencem a morte. Qualquer ente, imóvel ou móvel, que nasce, saiba que, ó touro da raça Bharata, é proveniente da conexão de Kshetra e Kshetrajna (matéria e espírito). Aquele que vê o Senhor Supremo morando igualmente em todos os seres, (vê) o Imperecível no Perecível. Pois vendo o Senhor residindo igualmente em todos os lugares, uma pessoa não destrói a si mesma por si mesma (não é privada do verdadeiro conhecimento), e então alcança a meta mais elevada. Vê (realmente) quem vê que todas as ações são feitas pela natureza somente de todas as maneiras e igualmente que o eu não é o fazedor. Quando alguém vê a diversidade de entidades como existindo em uma, e a emissão (de tudo) daquela (Uma), então ele é citado como tendo alcançado Brahma. Este Ser Supremo inexaurível, ó filho de Kunti, sendo sem início e sem atributos, não age, nem é maculado mesmo quando colocado no corpo. Como o espaço, que é onipresente, nunca é manchado, por sua sutileza, assim a alma, posicionada em todo corpo, nunca é maculada. Como o único Sol ilumina o mundo inteiro, assim o Espírito, ó Bharata, ilumina toda (a esfera das) matérias. Aqueles que, pela visão do conhecimento, conhecem a diferença entre matéria e espírito, e a libertação da natureza de todas as entidades, alcançam o Supremo.”

38

"O Santo disse, 'Eu declararei (para ti) novamente aquela sublime ciência das ciências, aquela ciência excelente, conhecendo a qual todos os munis tem alcançado a maior perfeição dos (grilhões) deste corpo. Valendo-se desta ciência, e atingindo a minha natureza, eles não renascem nem na (ocasião de) uma (nova) criação e não são perturbados na dissolução universal. O poderoso Brahma é um útero para mim. Lá eu coloco o embrião (vivente). Dali, ó Bharata, o nascimento de todos os seres se realiza. Quaisquer formas (corpóreas), ó filho de Kunti, que são nascidas em todos os úteros, delas Brahma é o útero imenso, (e) eu o Pai que dá a semente. Bondade, paixão, escuridão (ignorância), estas qualidades, nascidas da natureza, amarram, ó tu de braços fortes, a eterna [alma] incorporada no corpo. Entre estas, a Bondade, de sua natureza pura, sendo iluminadora e livre de miséria, ata (a Alma), ó impecável, com a obtenção de felicidade e de conhecimento. (Felicidade e conhecimento são atributos da mente, não da alma. Por isso, quando ligados à alma, eles são como grilhões dos quais a alma deve ser libertada.) Saiba que a paixão, tendo desejo como sua essência, nasce da ânsia e apego. Ela, ó filho de Kunti, ata a (alma) incorporada pelo apego à atividade. Escuridão, no entanto, saiba, é nascida da ignorância, (e) desnorteia toda [alma] incorporada. Ela vincula, ó Bharata, por erro, indolência, e torpor. Bondade une (a alma) com prazer; Paixão, ó Bharata, une com trabalho; mas a Ignorância, velando o conhecimento, une com erro. Paixão e ignorância, sendo reprimidas, permanece a Bondade, ó Bharata. Paixão e bondade (sendo reprimidas), (resta) ignorância; (e) ignorância e bondade (sendo reprimidas), (resta) a paixão. Quando neste corpo, em todos os seus portões, a luz do conhecimento é produzida, então se sabe que a bondade tem sido desenvolvida lá. Avareza, atividade, realização de trabalhos, falta de tranquilidade, desejo, estes, ó touro da raça Bharata, nascem quando a paixão está desenvolvida. Ignorância, inatividade, erro, e também ilusão, ó filho da família de Kuru, nascem quando a ignorância está desenvolvida. Quando o portador de um corpo vai para a dissolução enquanto a bondade está desenvolvida, então ele alcança as regiões imaculadas daqueles que conhecem o Supremo. Indo para a dissolução quando a paixão prevalece, uma pessoa nasce entre aqueles que são vinculados à atividade. Igualmente, dissolvida durante ignorância, uma pessoa nasce em úteros que geram os ignorantes. O resultado de boa ação é citado como bom e imaculado. O resultado, no entanto, da paixão, é tristeza; (e) o fruto da Escuridão é ignorância. Da bondade é produzido o conhecimento; da paixão, avareza; (e) da escuridão são erro e ilusão, e também ignorância. Aqueles que vivem em bondade vão para o alto; aqueles que são afeitos à paixão vivem no meio; (enquanto) aqueles que são da escuridão, sendo afeitos à qualidade mais baixa, descem. Quando um observador reconhece que ninguém mais é um agente exceto as qualidades, e conhece aquilo que está além (das qualidades), ele atinge minha natureza. A [alma] incorporada, por transcender estas três qualidades que constituem a fonte de todos os corpos, desfruta da imortalidade, sendo livre de nascimento, morte, velhice, e miséria.'

"Arjuna disse, 'Quais são as indicações, ó Senhor, de alguém que transcendeu estas três qualidades? Qual é sua conduta? Como também alguém transcende estas três qualidades?"

"O Santo disse, 'Aquele que não tem aversão por conhecimento, atividade, e mesmo ilusão (que são as três qualidades como indicadas por seus efeitos), ó filho de Pandu, quando eles estão presentes, nem os deseja quando eles estão ausentes, que, assentado como alguém indiferente, não é agitado por aquelas qualidades; que está em posição fixa e não se altera, pensando que são as qualidades (e não ele) que estão engajadas (em suas respectivas funções); para quem prazer e dor são iguais, que é independente, e para quem um torrão de terra, uma pedra, e ouro são iguais; para quem o agradável e o desagradável são o mesmo; que tem discernimento; para quem crítica e elogio são o mesmo; para quem honra e desonra são o mesmo; que considera amigo e inimigo igualmente; que renunciou a todo esforço, é citado como tendo transcendido as qualidades. Aquele também que venera a Mim com devoção exclusiva, ele, transcendendo aquelas qualidades, se torna apto para admissão na natureza de Brahma. Pois eu sou o esteio de Brahma, da imortalidade, da indestrutibilidade, da piedade eterna, e da bem aventurança ininterrupta.'"

39

"O Santo disse, 'Eles dizem que a Aswattha, tendo suas raízes acima e ramos abaixo, é eterna, sua folhas são os Chhandas. Aquele que a conhece, conhece os Vedas. (A 'Aswattha' é a sagrada figueira indiana, aqui emblemática do curso de vida mundana. Suas raízes estão acima; aquelas raízes são o Ser Supremo. Seus ramos estão abaixo, estes sendo as divindades inferiores. Suas folhas são os hinos sagrados dos Vedas, isto é, as folhas mantém a árvore viva e conduzem aos seus frutos, assim os Vedas sustentam esta árvore e levam à salvação.) Para baixo e para cima (das mais elevadas às mais baixas das coisas criadas) estão esticados seus ramos os quais são aumentados pelas qualidades (as qualidades aparecendo como o corpo, os sentidos, etc.); seus brotos são os objetos dos sentidos, (sendo ligados aos próprios sentidos como brotos aos ramos.) Para baixo suas raízes (os desejos por diversos prazeres), que levam à ação, estão estendidas para este mundo de homens. Sua forma não pode aqui (na terra) ser assim conhecida, nem (seu) fim, nem (seu) início, nem (seu) suporte. Cortando, com a arma firme do desinteresse, esta Aswattha de raízes firmemente fixadas, uma pessoa deve então procurar por aquele local se dirigindo ao qual não se retorna outra vez (pensando): 'Eu procurarei a proteção daquele Senhor Primevo de quem o antigo curso de vida (mundana) fluiu.' Aqueles que são livres de orgulho e ilusão, que subjugaram o mal do apego, que são firmes na contemplação da relação do Supremo com o ser individual, de quem o desejo se apartou, livre dos pares de opostos conhecidos pelos nomes de prazer e dor (e semelhantes), se dirigem, sem ilusão, àquela base eterna. O sol não ilumina aquela [base], nem a lua, nem o fogo. Indo para lá ninguém retorna, aquela é minha base suprema. Uma porção eterna de Mim é aquela que, se tornando uma

alma individual no mundo de vida, atrai para si mesma os (cinco) sentidos com a mente como o sexto os quais dependem todos da natureza. Quando o soberano (desta moldura corpórea) assume ou abandona (um) corpo, ele parte levando embora estes, como o vento (levando) perfumes de seus assentos. Presidindo sobre o ouvido, o olho, (os órgãos de) tato, paladar e olfato, e também sobre a mente, ele desfruta de todos os objetos dos sentidos. Aqueles que estão iludidos não vêem (a ele) quando abandonando ou habitando (o corpo), quando desfrutando ou unidos às qualidades (isto é, quando percebendo objetos dos sentidos ou sentindo prazer e dor). Aqueles (no entanto) que tem a visão do conhecimento o vêem. Devotos se esforçando (em direção àquele fim) o vêem residindo neles mesmos. Aqueles (no entanto) que são insensatos e cujas mentes não são controladas, não o vêem, mesmo enquanto (eles mesmos) se esforçando. Aquele esplendor residindo no sol o qual ilumina o universo vasto, aquele (que se encontra) na lua, e aquele (que se encontra) no fogo, saiba que aquele esplendor é meu. Entrando na terra eu sustenho as criaturas por minha força; e me tornando a lua suculenta (Soma) eu nutro todas as ervas. Eu mesmo me tornando o calor vital (Vaiswanara) residindo nos corpos das criaturas que respiram, (e) me unindo com os ares vitais ascendentes e descendentes, eu digiro os quatro tipos de alimento, (que são aquele que é mastigado, aquele que é sugado, aquele que é lambido, e aquele que é bebido.) Eu estou situado nos corações de todos. Provenientes de Mim são memória e conhecimento e a perda de ambos. Eu sou os objetos de conhecimento a serem conhecidos por meio (da ajuda de) todos os Vedas. Eu sou o autor dos Vedantas, e somente Eu sou o conhecedor dos Vedas. Há estas duas existências no mundo, isto é, a mutável e a imutável. A mutável é todas (estas) criaturas. A permanente é chamada de imutável. Mas há outra, o Ser Supremo, chamado Paramatman, que é o Senhor Eterno, que permeia os três mundos, os sustém (e) já que eu transcendo o mutável, e estou acima até do imutável; por isso eu sou celebrado no mundo (entre os homens) e no Veda como Purushottama (o Ser mais Elevado). Aquele que, sem ser iludido, me conhece como este Ser mais elevado, ele sabendo tudo, ó Bharata, me adora de todas as maneiras. Assim, ó impecável, este conhecimento, formando o maior dos mistérios, foi declarado por Mim (para ti). Conhecendo isto, ó Bharata, uma pessoa se tornará dotada de inteligência, e terá feito tudo o que ela precisa fazer.'"

40

"O Santo disse, 'Destemor, pureza de coração, perseverança na (busca de) conhecimento e meditação Yoga, doações, autodomínio, sacrifício, estudo dos Vedas, penitências ascéticas, retidão, abstenção de ferir, veracidade, abstenção de raiva, renúncia, tranquilidade, abstenção de relatar as imperfeições de outros, compaixão por todas as criaturas, ausência de cobiça, bondade, modéstia, ausência de inquietação, energia, perdão, firmeza, limpeza, ausência de vontade de disputar ou discutir, ausência de vaidade, estes se tornam daquele, ó Bharata, que é nascido para posses divinas. Hipocrisia, orgulho, presunção, cólera, rudeza e ignorância, são, ó filho de Pritha, dele que é nascido para posses demoníacas.

Posses divinas são consideradas para libertação; as demoníacas para escravidão. Não te aflijas, ó filho de Pandu, pois tu és nascido para posses divinas. (Há) dois tipos de seres criados neste mundo, isto é, os divinos e os demoníacos. O divinos foram descritos detalhadamente. Ouça agora, de mim, ó filho de Pritha, acerca dos demoníacos. Pessoas de natureza demoníaca não conhecem inclinação (para ações corretas) nem aversão (por todas as ações injustas). Nem pureza, nem boa conduta, nem veracidade existem neles. Eles dizem que o universo é desprovido de verdade, de princípio guia, (e) de soberano; produzido pela união de um com o outro (macho e fêmea) por luxúria, e nada mais. Sujeitos a esse ponto de vista, estes homens perdidos, de pouca inteligência, e feitos violentos, estes inimigos (do mundo), nascem para a destruição do universo. Nutrindo desejos que são insaciáveis, e dotados de hipocrisia, presunção e tolice, eles adotam falsas noções por ilusão e se engajam em práticas profanas. Nutrindo pensamentos ilimitados limitados (somente) pela morte, e considerando o desfrute de (seus) desejos como o maior objetivo, eles estão convencidos de que isso é tudo. Presos pelas centenas de laços da esperança, viciados em luxúria e raiva, eles cobiçam obter esta riqueza hoje, 'Isto eu obterei mais tarde', 'Esta riqueza eu tenho', 'Esta (riqueza) será minha além do mais', 'Este inimigo foi morto por mim', 'Eu matarei outros', 'Eu sou o senhor', 'Eu sou o desfrutador', 'Eu sou bem sucedido, poderoso, feliz', 'Eu sou rico e de nascimento nobre', 'Quem mais há que é como eu?', 'Eu sacrificarei', 'Eu farei doações', 'Eu serei alegre', assim iludidos pela ignorância, jogados de lá para cá por numerosos pensamentos, envolvidos nas redes da ilusão, apegados ao desfrute de objetos de desejo, eles afundam no inferno hediondo. Presunçosos, teimosos, cheios de orgulho, e excitação de riqueza, eles realizam sacrifícios que são nominalmente assim, com hipocrisia e contra a ordenança (prescrita). Ligados à vaidade, poder, orgulho, luxúria e ira, estes difamadores odeiam a Mim em seus próprios corpos e naqueles de outros. Estes que tem ódio (de Mim), cruéis, os mais vis entre os homens, e pecaminosos, eu lanço continuamente para baixo em úteros demoníacos. Entrando em úteros demoníacos, iludidos nascimento após nascimento, eles, ó filho de Kunti, sem alcançarem a Mim descem ao estado mais vil. Triplo é o caminho para o inferno, desastroso para o ser, isto é, luxúria, ira, e avareza igualmente. Portanto, estes três uma pessoa deve abandonar. Livre destes três portões da escuridão, um homem, ó filho de Kunti, realiza seu próprio bem-estar, e então se dirige para sua meta mais elevada. Aquele que, abandonando as ordenanças das escrituras, age somente sob os impulsos do desejo, nunca alcança a perfeição, nem felicidade, nem a meta mais sublime. Portanto, as escrituras devem ser tua autoridade em determinar o que deve ser feito e o que não deve ser feito. Cabe a ti trabalhar aqui, tendo averiguado o que é declarado pelas ordenanças das escrituras.'"

41

"Arjuna disse, 'Qual é o estado, ó Krishna, daqueles que abandonando a ordenança das escrituras, realizam sacrifícios dotados de fé? Ele é da Bondade, ou Paixão, ou Ignorância?'

"O Santo disse, 'A fé das (criaturas) incorporadas é de três tipos. Ela é (também) nascida de suas qualidades (individuais). Ela é boa, passional, e tenebrosa. Ouça agora estas. A fé de uma pessoa, ó Bharata, é correspondente à sua própria natureza. Um ser aqui é cheio de fé; e qualquer que seja a fé de uma pessoa, ela é exatamente aquilo. Aqueles que são da qualidade de bondade cultuam os deuses; aqueles que são da qualidade de paixão (cultuam) os Yakshas e os Rakshasas; outras pessoas que são da qualidade de ignorância adoram os espíritos mortos e hostes de Bhutas. Aquelas pessoas que praticam austeridades ascéticas rígidas não ordenadas pelas escrituras, são entregues a hipocrisia e orgulho, e dotadas de desejo de ligação, e violência, aquelas pessoas que não possuem discernimento, torturando os grupos de órgãos em (seus) corpos e a Mim também situado dentro (daqueles) corpos, devem ser reconhecidas como sendo de resoluções demoníacas. Alimento o qual é precioso para todos é de três tipos. Sacrifício, penitência, e doações são igualmente (de três tipos). Escute as suas distinções como se segue. Aqueles tipos de alimento que aumentam o período de vida, energia, força, saúde, bem-estar, e alegria, que são saborosos, oleaginosos, nutritivos, e agradáveis, são gostados por Deus. Aqueles tipos de alimento que são amargos, azedos, salgados, quentes demais, acres, secos, e ardentes, e que produzem dor, aflição e doença, são desejados pelos passionais. O alimento que é frio, sem sabor, mal cheiroso e estragado, e que é refugo, e sujo, é querido por homens de ignorância. É bom aquele sacrifício que, sendo prescrito pela ordenança, é realizado por pessoas sem qualquer desejo pelo resultado (dele) e a mente sendo induzida (a ele sob a crença de) que sua realização é um dever. Mas aquele que é realizado na expectativa de resultado e até por ostentação, saiba que aquele sacrifício, ó principal dos filhos de Bharata, é da qualidade de paixão. Aquele sacrifício que é contra a ordenança, no qual nenhum alimento é distribuído, que é desprovido de mantras (versos sagrados), no qual nenhuma taxa é paga aos brahmanas que auxiliam nele, e que é desprovido de fé, é citado como sendo da qualidade de ignorância. Reverência aos deuses, regenerados, preceptores, e homens de conhecimento, pureza, retidão, as práticas de um Brahmacharin, e abstenção de ferir são citados como constituindo a penitência do corpo. A fala que não causa agitação, que é verdadeira, que é agradável e benéfica, e o estudo diligente dos Vedas, são citados como a penitência da fala. Serenidade da mente, gentileza, taciturnidade, autodomínio, e pureza da disposição, estes são citados como a penitência da mente. Esta penitência tripla realizada com fé perfeita, por homens sem desejo de resultados, e com devoção, é citada como da qualidade de bondade. Aquela penitência que é realizada para (ganhar) respeito, honra, e reverência, com hipocrisia, (e) que é instável e transitória é citada como da qualidade de paixão. Aquela penitência que é realizada sob uma convicção iludida, com tortura de si mesmo, e para a

destruição de outro, é citada como da qualidade de ignorância. Aquela doação que é dada porque ela deve ser dada, para alguém que não pode retornar algum serviço por ela, em um momento apropriado, e para uma pessoa apropriada, é citada como da qualidade de bondade. Aquela, no entanto, que é dada relutantemente, por retorno de serviços (passados ou esperados), ou mesmo na expectativa de resultado, aquela doação é citada como da qualidade de paixão. Em um lugar inadequado e em um momento inapropriado, a doação que é feita para um objeto indigno, sem respeito, e com desprezo, é citada como da qualidade de ignorância. OM, TAT, SAT, esta é mencionada como a designação tripla de Brahma. Por aquele (Brahma), os Brahmanas e os Vedas, e os Sacrifícios foram ordenados antigamente. Portanto, proferindo a sílaba OM, os sacrifícios, doações, e penitências prescritos pela ordenança, de todos os proferidores de Brahma começam. Proferindo TAT, os vários ritos de sacrifício, penitência, e doação, sem expectativa de resultados, são realizados por aqueles que estão desejosos de libertação. SAT é empregada para denotar existência e bondade. Igualmente, ó filho de Pritha, a palavra SAT é usada em qualquer ato auspicioso. Constância em sacrifícios, em penitências e em doações, é também chamada SAT, e uma ação, também, por causa d'Aquilo é chamada SAT. (Como as palavras OM, TAT, e SAT denotam Brahma, quando usadas como instruído aqui, tal uso cura os defeitos das respectivas ações às quais elas são aplicadas.) Qualquer oblação que seja oferecida (ao fogo), o que quer que seja doado, qualquer penitência que seja realizada, o que quer que seja feito, sem fé, é, ó filho de Pritha, citado como o oposto de SAT; e isto é nada neste mundo e após a morte.'"

42

"Arjuna disse, 'Da renúncia, ó tu de braços fortes, eu desejo saber a natureza verdadeira, e também do abandono, ó senhor dos sentidos, claramente, ó matador de Kesi.'

"O Santo disse, 'A rejeição das atividades com desejo é conhecida pelos eruditos como renúncia. O abandono do resultado de todas as atividades os discernentes chamam de abandono. Alguns homens sábios dizem que a (própria) atividade deve ser abandonada como mal; outros (dizem) que atividades de sacrifício, doações, e penitência não devem ser abandonadas. Quanto àquele abandono, escute a minha decisão, ó melhor dos filhos de Bharata, pois o abandono, ó tigre entre homens, é declarado como sendo de três tipos. Os trabalhos de sacrifício, doações, e penitências não devem ser abandonados. Eles devem, de fato, ser feitos. Sacrifícios, doações, e penitências são as purificações dos sábios. Mas mesmo aqueles trabalhos devem ser feitos abandonando apego e resultado. Esta, ó filho de Pritha, é minha opinião excelente e decidida. A renúncia de uma ação prescrita (nas escrituras) não é apropriada. Seu abandono (é) por ilusão, (e) é (portanto) declarado como sendo da qualidade de ignorância. (Considerando-o) como (uma fonte de) tristeza, quando o trabalho é abandonado por (medo de) dor corpórea, a pessoa que faz tal abandono o qual é da qualidade de paixão nunca obtém o fruto do abandono. (Considerando-o) como algo que

deve ser feito, quando o trabalho que é prescrito (nas escrituras) é feito, ó Arjuna, abandonando apego e resultado também, aquele abandono é considerado da qualidade de bondade. Possuidor de inteligência e com dúvidas dissipadas, um renunciante que é dotado da qualidade de bondade não tem aversão por uma ação desagradável e nenhuma atração pelas agradáveis. Já que as ações não podem ser absolutamente abandonadas por um ser incorporado, (portanto) aquele que abandona o resultado das ações é verdadeiramente considerado um renunciante. Ação má, boa e mesclada tem (esse) resultado triplo após a morte para aqueles que não abandonam. Mas não há nenhum de qualquer tipo para o renunciante. Ouça-me, ó tu de armas poderosas, àquelas cinco causas para a conclusão de todas as ações, declaradas no Sankhya que trata da aniquilação das ações. (Elas são) substrato, agente, as diversas espécies de órgãos, os diversos esforços separadamente, e com eles as divindades como a quinta. (O substrato é o corpo. O agente é a pessoa que pensa que ela mesma é o ator. Os órgãos são aqueles de percepção etc. Os esforços são as ações dos ares vitais, Prana, etc. As divindades são aquelas que presidem sobre a visão e os outros sentidos.) Com corpo, fala, ou mente, qualquer atividade, justa ou o contrário, que um homem empreenda, estas cinco são suas causas. Isso sendo assim, aquele que, devido a uma compreensão não refinada, vê somente a si mesmo como o agente, ele, de mente obtusa, não vê. Aquele que não tem sentimento de egoísmo (que não se considera como o fazedor), cuja mente não é maculada (pela mancha do desejo de resultado), ele, mesmo matando todas estas pessoas, não mata, nem é agrilhoado (pela ação). Conhecimento, o objeto de conhecimento, e o conhecedor formam o triplo impulso da ação. Instrumento, ação, e o agente formam o complemento triplo da ação. Conhecimento, ação, e agente são declarados na enumeração de qualidades (no sistema Sankhya) como sendo triplos, de acordo com a diferença de qualidades. Escute isso também devidamente. Aquele pelo qual Uma Essência Eterna é vista em todas as coisas, indivisa no dividido, saiba que aquele é o conhecimento que tem a qualidade de bondade. Aquele conhecimento que discerne todas as coisas como diversas essências de diferentes tipos por sua separatividade, saiba que aquele conhecimento tem a qualidade de paixão. Mas aquele o qual é ligado a (cada) objeto único como se ele fosse o todo, o qual é sem bom senso, sem verdade, e desprezível, aquele conhecimento é citado como da qualidade de ignorância. A ação que é prescrita (pelas escrituras), (feita) sem apego, realizada sem desejos e aversão, por alguém que não anseia por (seu) resultado, é citado como sendo da qualidade de bondade. Mas aquela ação que é feita por alguém procurando objetos de desejo, ou por alguém cheio de egoísmo, e que é acompanhada por grande incômodo, é citada como da qualidade de paixão. Aquela ação que é empreendida por ilusão, sem consideração pelas consequências, perda, dano (para outros), e (pelo próprio) poder também, é citada como da qualidade de ignorância. O agente que é livre de apego, que nunca fala dele mesmo, que é dotado de constância e energia, e é inalterado por sucesso e derrota, é mencionado como sendo da qualidade de bondade. O agente que é cheios de afeições, que deseja o resultado das ações, que é cobiçoso, dotado de crueldade, e impuro, e que sente alegria e tristeza, é declarado como da qualidade de paixão. O agente que é desprovido de aplicação, sem discernimento, teimoso, enganador, malicioso, indolente, desanimado, e

procrastinador, é citado como da qualidade de ignorância. Ouça agora, ó Dhananjaya, a divisão tripla de intelecto e constância, segundo suas qualidades, os quais eu estou prestes a declarar exaustivamente e claramente. O intelecto que conhece ação e inação, o que deve ser feito e o que não deve ser feito, medo e destemor, escravidão e libertação, é, ó filho de Pritha, da qualidade de bondade. O intelecto pelo qual uma pessoa discerne imperfeitamente certo e errado, aquilo que deve ser feito e aquilo que não deve ser feito, é, ó filho de Pritha, da qualidade de paixão. Aquele intelecto que, coberto pela escuridão, considera errado como certo, e todas coisas como invertidas, é, ó filho de Pritha, da qualidade de ignorância. Aquela constância inabalável pela qual uma pessoa controla as funções da mente, os ares vitais, e os sentidos, através da devoção, aquela constância, é, ó filho de Pritha, da qualidade de bondade. Mas aquela constância, ó Arjuna, pela qual alguém adere a religião, desejo, e lucro, por apego, desejando o resultado, aquela constância, ó filho de Pritha, é da qualidade de paixão. Aquela pela qual uma pessoa sem discernimento não abandona torpor, medo, tristeza, desânimo, e tolice, aquela constância é considerada da qualidade de ignorância. Ouça agora de mim, ó touro da raça Bharata, sobre os três tipos de felicidade. Aquela na qual alguém encontra satisfação da repetição (do prazer), a qual traz um fim à dor, que é como veneno no princípio mas parece néctar no fim, aquela felicidade nascida da serenidade produzida pelo autoconhecimento, é citada como sendo da qualidade de bondade. Aquela que é proveniente do contato dos sentidos com seus objetos a qual parece néctar primeiro mas é como veneno no fim, aquela felicidade é considerada da qualidade de paixão. Aquela felicidade a qual no início e em suas consequências ilude a alma, e surge do torpor, indolência, e estupidez, é descrita como da qualidade de ignorância. Não há, nem na terra nem no céu entre os deuses, a entidade que está livre destas três qualidades nascidas da natureza. Os deveres de Brahmanas, Kshatriyas, e Vaisyas, e de Sudras também, ó castigador de inimigos, são distinguidos por (essas três) qualidades nascidas da natureza. Tranquilidade, autodomínio, austeridades ascéticas, pureza, perdão, retidão, conhecimento, experiência, e fé (na existência futura), são os deveres dos Brahmanas, nascidos da (própria) natureza (deles). Coragem, energia, firmeza, habilidade, não fugir da batalha, generosidade, a conduta de um soberano, estes são os deveres dos Kshatriyas, nascidos de (sua própria) natureza. Agricultura, criação de gado, e comércio, são os deveres naturais dos Vaisyas. Dos Sudras também, o dever natural consiste em servidão. Todo homem, dedicado aos seus próprios deveres, alcança a perfeição. Ouça agora como alguém obtém perfeição por aplicação aos seus deveres. Ele de quem são os movimentos de todos os seres, Ele por quem tudo isso é permeado, reverenciando a Ele (pelo cumprimento) do próprio dever, uma pessoa obtém perfeição. Melhor é o próprio dever embora realizado imperfeitamente do que o dever de outro bem realizado. Realizando o dever prescrito por (sua própria) natureza, uma pessoa não incorre em pecado. Não se deve abandonar, ó filho de Kunti, o próprio dever natural embora maculado pelo mal, pois todas as ações estão envolvidas pelo mal como fogo por fumaça. Aquele cuja mente é livre em todos os lugares, que subjugou sua personalidade, e cujo desejo pereceu, obtém, através da renúncia, a perfeição suprema da liberdade de atividade. Aprenda de mim, somente em resumo, ó filho de Kunti, como uma

pessoa, tendo obtido (esse tipo de) perfeição, alcança Brahma que é o fim supremo do conhecimento. Dotado de uma mente pura, e controlando a si mesmo pela constância, renunciando a som e outros objetos dos sentidos, e abandonando afeição e aversão, aquele que reside em um lugar solitário, come pouco, e controla a fala, corpo, e mente, que está sempre concentrado em meditação e abstração, que recorreu à indiferença, que, abandonando egoísmo, violência, orgulho, luxúria, ira, e (todos os) circundantes, está livre de egoísmo e é tranquilo (em mente), torna-se apto para assimilação com Brahma. Tornando-se una com Brahma, tranquila em espírito, (tal) pessoa não se aflige, não deseja; igual para com todos os seres, ela obtém a maior devoção por Mim. Por (aquela) devoção ela realmente compreende a Mim. O que Eu sou, e quem Eu sou; então compreendendo a Mim realmente, ela entra em Mim em seguida. Realizando todas as ações em todos os momentos tendo se refugiado em Mim, ela alcança, por meu favor, a base que é eterna e imperecível. Dedicando em teu coração todas as ações a Mim, sendo devotado a Mim, recorrendo à abstração mental, fixe teus pensamentos constantemente em Mim. Fixando teus pensamentos em Mim, tu superarás todas as dificuldades por minha graça. Mas se por presunção tu não escutares, tu (então) perecerás totalmente. Se, recorrendo à presunção, tu pensares ‘Não lutarei’, aquela tua resolução será inútil, (pois) a Natureza te obrigará. Aquilo que, por ilusão, tu não desejares fazer, tu farás involuntariamente, obrigado por teu próprio dever que nasce da (tua própria) natureza. O Senhor, ó Arjuna, mora na região do coração dos seres, girando todos os seres como se colocados sobre uma máquina, por seu poder ilusório. Procure abrigo com Ele de todas as maneiras, ó Bharata. Por sua graça tu obterás tranquilidade suprema, a base eterna. Assim foi declarado a ti por Mim o conhecimento que é mais misterioso do que qualquer (outro) assunto. Refletindo sobre isto detalhadamente, aja como tu quiseres. Mais uma vez, escute as minhas palavras sublimes, as mais misteriosas de todas. Tu és muitíssimo amado por Mim, portanto, eu declararei o que é para teu benefício. Fixe teu coração em Mim, torne-te Meu devoto, sacrifique para Mim, reverencie a Mim. Então tu virás a Mim. Eu te declaro verdadeiramente, (pois) tu és querido para Mim. Abandonando todos os deveres (religiosos), venha a Mim como teu único refúgio. Eu te libertarei de todos os pecados. Não te aflijas. Isto nunca deve ser revelado por ti para alguém que não pratica austeridades, para alguém que não é um devoto, para alguém que nunca serviu um preceptor, nem ainda para alguém que calunia a Mim. Aquele que inculcar este mistério supremo àqueles que são devotados a Mim, me oferecendo a devoção mais sublime, virá a Mim, livre de (todas as suas) dúvidas. Entre os homens não há ninguém que possa me fazer um serviço mais precioso do que ele, nem algum outro sobre a terra será mais estimado por Mim do que ele. E aquele que estudar esta santa conversa entre nós, por ele será oferecido a Mim o sacrifício do conhecimento. Tal é minha opinião. Até o homem que, com fé e sem contestar capciosamente, a ouvir (ler), ele mesmo livre (do renascimento), alcançará as regiões abençoadas daqueles que realizam ações virtuosas. Isto, ó filho de Pritha, foi ouvido por ti com mente não dirigida para quaisquer outros objetos? Tua ilusão, (causada) pela ignorância, foi destruída, ó Dhananjaya?'

"Arjuna disse, 'Minha ilusão foi destruída, e a recordação (do que eu sou) foi obtida por mim, ó Imperecível, por tua graça. Eu agora estou resoluto. Minhas dúvidas foram dissipadas. Eu farei o que tu dizes.'"

Sanjaya continuou, "Assim eu ouvi esta conversa entre Vasudeva e o filho de grande alma de Pritha, (que é) maravilhosa e faz os cabelos se arrepiarem. Pela bênção de Vyasa eu ouvi este mistério supremo, esta (doutrina do) Yoga, do próprio Krishna, o Senhor do Yoga, que declarou isto pessoalmente. Ó rei, lembrando e (novamente) lembrando daquela conversa magnífica (e) sagrada de Kesava e Arjuna, eu me regozijo repetidamente. Lembrando repetidas vezes daquela forma extraordinária também de Hari, grande é meu assombro, ó rei, e eu me regozijo sempre mais. Lá onde Krishna, o Senhor do Yoga (está), lá onde o grande arqueiro (Partha) está, lá, na minha opinião, se encontram prosperidade, e vitória, e grandeza, e justiça eterna.'"

43

Sanjaya disse, "Vendo Dhananjaya então erguer novamente (suas) flechas e o Gandiva, os poderosos guerreiros em carros (do partido Pandava) proferiram um grito tremendo. E aqueles heróis, os Pandavas e os Somakas, e aqueles que os seguiam, cheios de alegria, sopraram suas conchas nascidas no mar. E baterias, e Pesis, e Karkachas, e chifres de vaca foram batidos e soprados juntos, e o barulho feito foi muito alto. E então, ó soberano de homens, chegaram lá os deuses, com Gandharvas e os Pitris, e as hostes de Siddhas e Charanas, pelo desejo de testemunhar (a visão). E Rishis altamente abençoados chegaram lá em um grupo com ele (Indra) de cem sacrifícios em sua dianteira, para contemplar aquele grande massacre. Então, ó rei, vendo os dois exércitos, que pareciam dois oceanos, prontos para o confronto e se movendo repetidamente, o rei heróico Yudhishthira, o Justo, tirando sua cota de malha e colocando de lado sua arma excelente e descendo rapidamente de seu carro, com mãos unidas, procedeu a pé, olhando para o avô, com fala contida, encarando o leste, para a direção onde o hoste hostil estava (parada). E vendo-o proceder (dessa maneira), Dhananjaya, o filho de Kunti, descendo depressa de seu carro, o seguiu, acompanhado por seus (outros) irmãos. E o Senhor Vasudeva também o seguiu detrás. E os principais reis também (de seu exército), cheios de ansiedade, seguiram no mesmo caminho.

Arjuna disse, 'O que é este teu ato, ó rei, que abandonando teus irmãos, tu procedes a pé, encarando o leste, para a hoste hostil?'

Bhimasena disse, 'Aonde tu vais, ó rei de reis, tendo deixado tua cota de malha e armas, em direção aos guerreiros do inimigo envolvidos em armaduras, e deixando teus irmãos, ó soberano da terra?'

Nakula disse, 'Tu és meu irmão mais velho, ó Bharata, (vendo-te) procedendo dessa maneira, o temor perturba meu peito. (Nos) diga, para onde tu vais?'

Sahadeva disse, 'Quando estas divisões hostis, terríveis e numerosas, com as quais nós lutaremos estão aqui, para onde tu vais, ó rei, na direção de nossos inimigos?'"

Sanjaya continuou, "Embora assim endereçado por seus irmãos, ó filho da linhagem de Kuru, Yudhishthira de fala contida não disse nada mas continuou a proceder. A eles (então), Vasudeva de grande alma de grande sabedoria disse sorridente, 'O objetivo dele é conhecido por mim. Tendo prestado seus respeitos para todos os seus superiores (tais como) Bhishma, Drona, e Kripa, e Salya também, ele lutará com o inimigo. É ouvido em histórias dos tempos antigos que aquele que, tendo prestado seus respeitos de acordo com a ordenança para seus preceptores, veneráveis em idade e seus parentes, luta com aqueles que são seus superiores, está certo de obter vitória em batalha. Essa é exatamente minha opinião.' Quando Krishna estava dizendo isso, entre as tropas do filho de Dhritarashtra um tumulto alto de 'Ai', e 'Oh' se ergueu, mas o outro (exército) permaneceu perfeitamente imóvel. Observando Yudhishthira, os guerreiros heróicos do filho de Dhritarashtra conversaram entre si dizendo, 'Este é um patife infame de sua linhagem. É evidente que este rei está vindo com medo para o lado de Bhishma. Yudhishthira, com seus irmãos, veio a ser alguém que procura obter a proteção (de Bhishma). Quando Dhananjaya, no entanto, é (seu) protetor, e o filho de Pandu Vrikodara, e Nakula, e Sahadeva também, por que o filho (mais velho) de Pandu vem (para cá) com medo? Embora célebre no mundo, este, no entanto, nunca poderia ter nascido na classe Kshatriya, já que ele é fraco e seu peito está cheio de medo (na expectativa) da batalha.' Então aqueles guerreiros todos elogiaram os Kauravas. E todos eles, se regozijando, com corações alegres acenaram seus artigos de vestuário. E, ó monarca, todos os guerreiros lá (então) criticaram Yudhishthira com todos os seus irmãos e junto com Kesava também. Então o exército Kaurava, tendo dito 'Que vergonha para Yudhishthira!', logo, ó monarca, ficou totalmente quieto novamente. 'O que esse rei vai dizer? O que Bhishma dirá em resposta? O que Bhima orgulhoso de seus poderes em batalha, (dirá), e o que Krishna e Arjuna? O que, de fato, (Yudhishthira) tem a dizer?' Grande era a curiosidade então, ó rei, de ambos os exércitos a respeito de Yudhishthira. O rei (enquanto isso), penetrando no esquadrão de tropas hostil cheio de flechas e dardos, procedeu rapidamente em direção a Bhishma, cercado por seus irmãos. Pegando os pés dele com suas duas mãos, o filho nobre de Pandu então disse para o filho de Santanu Bhishma que estava lá pronto para a batalha, (estas palavras).

Yudhishthira disse, 'Eu te saúdo, ó invencível. Contigo nós lutaremos. (Nos) conceda tua permissão a respeito deste assunto. (Nos) dê também (tua) bênção.'

Bhishma disse, 'Se, ó senhor da terra, tu, nesta batalha, não tivesses vindo a mim dessa maneira, eu teria, ó grande rei, te amaldiçoado, ó Bharata, para ocasionar tua derrota. Eu estou satisfeito (contigo), ó filho. Lute, e obtenha vitória, ó filho de Pandu. O que mais possa ser desejado por ti, obtenha em batalha. Solicite também a bênção, ó filho de Pritha, que tu desejas ter de nós. Se isto acontecer dessa maneira, ó grande rei, então a derrota não será tua. Um homem é escravo da riqueza, mas a riqueza não é escrava de ninguém. Isso é realmente

verdade, ó rei. Eu fui amarrado pelos Kauravas com (sua) riqueza. É por isso, ó filho da família de Kuru, que como um eunuco eu estou proferindo estas palavras, isto é, eu sou obrigado pelos Kauravas com riqueza. Exceto batalha, o que tu desejas?' (Eu sou obrigado pelos Kauravas e, portanto, eu não sou um agente livre. Eu sou obrigado a lutar contra vocês. Contudo eu estou dizendo, 'O que você pede de mim?' como se eu pudesse realmente te dar o que você possa pedir. Minhas palavras, portanto, são sem significado, ou vãs, como aquelas de um eunuco.)

Yudhishthira disse, 'Ó tu de grande sabedoria, desejoso de meu bem-estar, dia a dia, consulte meus interesses. Lute, no entanto, para os Kauravas. Este mesmo é sempre meu rogo (a ti).'

Bhishma disse, 'Ó rei, ó filho da linhagem de Kuru, que ajuda eu posso te dar nisto? Eu, naturalmente, lutarei por (teus) inimigos. Diga-me o que tu tens a dizer.'

Yudhishthira disse, 'Por essa razão, ó senhor, eu te pergunto, eu reverencio a ti, ó avô, como nós iremos, em batalha, vencer a ti que és invencível? Diga-me isso que é para meu benefício, se de fato, tu vês algum bem nisto.'

Bhishma disse, 'Eu não posso, ó filho de Kunti, ver a pessoa que, mesmo que ele fosse o próprio chefe dos celestiais, possa me derrotar em batalha quando eu luto.'

Yudhishthira disse, 'Minhas saudações a ti, ó avô. Portanto, eu te pergunto (isto). Diga-nos como tua própria morte pode ser atingida por inimigos em batalha.'

Bhishma disse, 'Eu não vejo a pessoa, ó senhor, que possa me vencer em batalha. A hora também da minha morte ainda não chegou para mim mais uma vez.'"

Sanjaya continuou, "Então, ó filho da linhagem de Kuru, Yudhishthira, saudando-o mais uma vez, aceitou as palavras de Bhishma com uma inclinação de sua cabeça. E aquele de braços fortes então procedeu em direção ao carro do preceptor (Drona) pelo meio de todos os soldados que estavam olhando para ele, acompanhado por seus irmãos. Então saudando Drona e andando ao redor dele, o rei falou para aquele guerreiro invencível palavras que eram para seu próprio benefício.

Yudhishthira disse, 'Eu te pergunto, ó invencível, como eu posso lutar sem incorrer em pecado, e como, com tua permissão, ó regenerado, eu posso vencer todos os meus inimigos?'

Drona disse, 'Se, tendo resolvido lutar, tu não tivesses vindo a mim (dessa maneira), eu teria te amaldiçoado, ó rei, para tua completa derrota. Eu estou, contudo, satisfeito, ó Yudhishthira, e honrado por ti, ó impecável. Eu te permito, lute e obtenha vitória. Eu também realizarei teu desejo. Diga o que tu tens a dizer. Sob estas circunstâncias, exceto batalha, o que tu desejas? Um homem é escravo da riqueza, mas a riqueza não é escrava de ninguém. Isso é totalmente verdadeiro, ó rei! Eu fui amarrado com (sua) riqueza pelos Kauravas! É por isso

que como um eunuco eu lutarei pelos Kauravas. É por isso que como um eunuco eu estou proferindo estas palavras. Exceto combate, o que tu desejas? Eu lutarei pelos Kauravas, mas rezarei pela tua vitória.'

Yudhishthira disse, 'Reze por minha vitória, ó regenerado, e aconselhe o que é para meu bem. Lute, no entanto, pelos Kauravas. Este é o benefício solicitado por mim.'

Drona disse, 'Vitória, ó rei, é indubitável para ti que tens Hari como teu conselheiro. Eu (também) te concedo que tu subjugues teus inimigos em batalha. Lá onde a retidão está, lá está Krishna, e lá onde Krishna está, lá está a vitória. Vá, lute, ó filho de Kunti! Pergunte-me, o que eu direi para ti?'

Yudhishthira disse, ‘Eu te pergunto, ó principal dos regenerados, ouça o que eu tenho a dizer. Como nós venceremos em batalha a ti que és invencível?’

Drona disse, 'Enquanto eu lutar, a vitória nunca poderá ser tua. (Portanto) ó rei, com teus irmãos, procure me matar depressa.'

Yudhishthira disse, 'Ai, por isso, ó tu de armas poderosas, (nos) diga os meios de tua morte. Ó preceptor, prostrando-me eu te peço isto. (Minhas) saudações a ti.’

Drona disse, 'Eu não vejo o inimigo, ó senhor, que possa me matar enquanto permanecendo em batalha eu estiver engajado na luta, com ira excitada, e espalhando (minhas) chuvas de flechas continuamente. Exceto quando dirigido à morte, ó rei, tendo abandonado minhas armas e afastado (em meditação Yoga) de visões circundantes, ninguém poderá me matar. Isto que eu te digo é verdadeiro. Eu também te digo realmente que eu abandonarei minhas armas em batalha, tendo ouvido alguma coisa muito desagradável de alguma pessoa de palavras críveis.'"

Sanjaya continuou, "Ouvindo estas palavras, ó rei, do filho sábio de Bharadwaja, e honrando o preceptor, (Yudhishthira então) procedeu em direção ao filho de Saradwat. E cumprimentando Kripa e andando em volta dele, ó rei, Yudhishthira, talentoso em discurso, disse estas palavras àquele guerreiro de grande coragem.

Yudhishthira disse, 'Obtendo tua permissão, ó preceptor, eu lutarei sem incorrer em pecado, e permitido por ti, ó impecável, eu vencerei todos os (meus) inimigos.’

Kripa disse, 'Se tendo resolvido lutar, tu não tivesses vindo a mim (dessa forma), eu teria te amaldiçoado, ó rei, para tua completa derrota. Um homem é escravo da riqueza, mas a riqueza não é escrava de ninguém. Isso é muito verdadeiro, ó rei, eu fui amarrado com riqueza pelos Kauravas. Eu devo, ó rei, lutar por eles. Essa é minha opinião. Eu portanto, falo como um eunuco ao te perguntar: exceto combate, o que tu desejas?'

Yudhishthira disse, 'Ai, eu te peço, portanto, ó preceptor, ouça minhas palavras.' Dizendo isso, o rei, imensamente agitado e privado de sua razão, permaneceu silencioso."

Sanjaya continuou, "Compreendendo, no entanto, o que ele pretendia dizer, Gautama (Kripa) respondeu a ele dizendo, 'Eu não posso ser morto, ó rei. Lute, e obtenha vitória. Eu estou satisfeito com tua vinda. Levantando-me todos os dias [da cama] eu rezarei pela tua vitória, ó monarca. Eu te digo isso verdadeiramente.' Ouvindo, ó rei, estas palavras de Gautama, e prestando a ele as devidas honras, o rei procedeu para onde o soberano dos Madras estava. Saudando Salya e andando ao redor dele o rei disse para aquele guerreiro invencível aquelas palavras que eram para seu próprio benefício.

Yudhishthira disse, 'Obtendo tua permissão, ó invencível, eu lutarei sem incorrer em pecado, e permitido por ti, ó rei, eu vencerei (meus) inimigos corajosos.'

"Salya disse, 'Se, tendo decidido lutar, tu não tivesses vindo a mim (dessa maneira), eu teria, ó rei, te amaldiçoado para tua derrota em batalha. Eu estou satisfeito e honrado (por ti). Que seja como tu desejas. Eu te concedo permissão, lute e obtenha vitória. Fale, ó herói, do que tu tens alguma necessidade? O que eu te darei? Sob estas circunstâncias, ó rei, exceto combate, o que tu desejas? Um homem é escravo da riqueza mas a riqueza não é escrava de ninguém. Isso é verdade, ó rei. Amarrado eu fui com riqueza pelos Kauravas, ó sobrinho, é por isso que eu estou te falando como um eunuco, eu realizarei o desejo que tu possas nutrir. Exceto combate, o que tu desejas?'

Yudhishthira disse, 'Pense, ó rei, diariamente no que é para meu maior benefício. Lute, segundo tua vontade, para o inimigo. Este é o benefício que eu solicito.'

Salya disse, 'Sob estas circunstâncias, diga, ó melhor dos reis, que ajuda eu prestarei a ti? Eu, naturalmente, lutarei para (teu) inimigo, pois eu fui feito um de seu partido pelos Kauravas com sua riqueza.' (Salya não era vinculado aos Kauravas como Bhishma ou Drona ou Kripa por meio de pensões, mas satisfeito pela recepção concedida a ele por Duryodhana em segredo, ele generosamente concordou em ajudar o último mesmo contra os próprios filhos de sua irmã e seus meio-irmãos.)

Yudhishthira disse, 'Aquele mesmo é meu benefício, ó Salya, o qual foi solicitado por mim durante os preparativos (para a luta). A energia do filho de Suta (Karna) deve ser enfraquecida por ti em batalha.'

Salya disse, 'Este teu desejo, ó Yudhishthira, será realizado, ó filho de Kunti. Vá, lute segundo teu desejo. Eu procurarei tua vitória.'"

Sanjaya continuou, "Tendo obtido a permissão de seu tio materno, o soberano dos Madras, o filho de Kunti, cercado por seus irmãos, saiu daquele exército vasto. Vasudeva então foi até o filho de Radha no campo de batalha. E o irmão

mais velho de Gada, por causa dos Pandavas, então disse para Karna, ‘Foi ouvido por mim, ó Karna, que por ódio a Bhishma tu não lutarás. Venha para nosso lado, ó filho de Radha, e (fique conosco) enquanto Bhishma não for morto. Depois que Bhishma estiver morto, ó filho de Radha, tu poderás então te dedicar novamente à batalha no lado de Duryodhana, se tu não tens preferência por algum dos partidos.'

Karna disse, 'Eu não farei qualquer coisa que seja desagradável para o filho de Dhritarashtra, ó Kesava. Dedicado ao bem de Duryodhana, saiba que eu abandonaria minha vida (por ele).’ Ouvindo estas palavras (de Karna), Krishna parou, ó Bharata, e se reuniu com os filhos de Pandu encabeçados por Yudhishthira. Então em meio a todos os guerreiros o filho mais velho de Pandu exclamou ruidosamente, ‘Aquele que nos escolher, a ele nós escolheremos para nosso aliado!’ Lançando então seu olhar sobre eles, Yuyutsu disse estas palavras, com o coração alegre, para o filho de Kunti o rei Yudhishthira o Justo, ‘Eu lutarei sob teu comando em batalha, por vocês todos, com os filhos de Dhritarashtra, se, ó rei, tu me aceitares, impecável.'

Yudhishthira disse, 'Venha, venha, todos nós lutaremos com teus irmãos tolos. Ó Yuyutsu, Vasudeva e todos nós dizemos para ti: Eu te aceito, ó tu de braços fortes, lute por minha causa. De ti depende, parece, o fio da linhagem de Dhritarashtra como também seu bolo fúnebre. Ó príncipe, ó tu de grande esplendor, aceite a nós que te aceitamos. O colérico Duryodhana de mente pecaminosa cessará de viver.'"

Sanjaya continuou, 'Yuvutsu então, abandonando os Kurus teus filhos, mudou para o exército dos Pandavas, com a batida de baterias e pratos. Então o rei Yudhishthira de braços fortes, cheio de alegria, pôs novamente sua cota de malha brilhante de esplendor dourado. E aqueles touros entre homens então subiram em seus respectivos carros. E eles organizaram suas tropas em formação de combate contrária como antes. E eles fizeram baterias e pratos às muitas centenas serem soados. E aqueles touros entre homens também deram diversos rugidos leoninos. E vendo aqueles tigres entre homens, isto é, os filhos de Pandu, em seus carros, os reis (do lado deles) com Dhrishtadyumna e outros, mais uma vez deram gritos de alegria. E vendo a nobreza dos filhos de Pandu que tinham prestado a devida honra àqueles que eram merecedores de honra, todos os reis lá presentes os aplaudiram muito. E os monarcas falaram uns com os outros acerca da amizade, da compaixão, e da bondade em direção aos parentes, mostradas na hora apropriada por aquelas pessoas de grande alma. ‘Excelente! Excelente!,’ foram as palavras agradáveis espalhadas em todos os lugares, junto com hinos laudatórios sobre aqueles homens famosos. E por isso as mentes e corações de todos lá foram atraídos em direção a eles. E os Mlechchhas e os Aryas lá que testemunharam ou ouviram sobre aquele comportamento dos filhos de Pandu, todos lamentaram com vozes sufocadas. E aqueles guerreiros então, dotados de grande energia, fizeram grandes baterias e Pushkaras às centenas e mais centenas serem soados e também sopraram suas conchas todas brancas como o leite de vacas.'"

44

Dhritarashtra disse, 'Quando as divisões do meu lado e do inimigo estavam assim organizadas, quem atacou primeiro, os Kurus ou os Pandavas?'

Sanjaya disse, "Ouvindo aquelas palavras de seu irmão (mais velho), teu filho Dussasana avançou com suas tropas, com Bhishma em sua dianteira, e os Pandavas também avançaram com corações alegres, desejando lutar com Bhishma, tendo Bhimasena em sua vanguarda. Então gritos leoninos, e tumultos clamorosos e o barulho de Krakachas, o clangor de chifres de vaca, e o som de baterias e pratos e tambores, elevou-se em ambos os exércitos. E os guerreiros do inimigo avançaram contra nós, e nós também (avançamos) contra eles com gritos altos. E o grande barulho (causado por esse avanço) foi ensurdecedor. As hostes vastas dos Pandavas e os Dhartarashtras, naquele confronto homicida tremeram por aquele barulho de conchas e pratos, como florestas sacudidas pelo vento. E o rumor feito por aquelas hostes cheias de reis, elefantes, e corcéis, avançando umas contra as outras naquela má hora, era tão alto quanto aquele de oceanos agitados pela tempestade. E quando aquele rumor, alto e de arrepiar os cabelos, se ergueu, Bhimasena de braços fortes começou a rugir como um touro. E aqueles rugidos de Bhimasena se elevaram acima do clamor de conchas e baterias, dos grunhidos de elefantes, e dos gritos leoninos dos combatentes. De fato, os gritos de Bhimasena superaram o barulho feito pelos milhares de cavalos de batalha relinchando em (ambos) os exércitos. E ouvindo aqueles gritos de Bhimasena que estava rugindo como as nuvens, gritos que pareciam com o estrondo do raio de Sakra, teus guerreiros estavam cheios de temor. E por causa dos rugidos do herói, os corcéis e elefantes todos expeliram urina e fezes como outros animais por causa do rugido do leão. E rugindo como uma massa profunda de nuvens, e assumindo uma forma terrível, aquele herói amedrontou teus filhos e se lançou sobre eles. Nisso os irmãos, isto é, teus filhos Duryodhana, e Durmukha e Dussaha, e aquele poderoso guerreiro em carro Dussasana, e Durmarshana, ó rei, e Vivingsati, e Chitrasena, e o grande guerreiro em carro Vikarna e também Purumitra, e Jaya, e Bhoja, e o corajoso filho de Somadatta, vibrando seus arcos esplêndidos como massas de nuvens exibindo lampejos de relâmpago, e tirando (de suas aljavas) flechas compridas parecendo cobras que tinham acabado de abandonar suas peles, cercaram aquele arqueiro poderoso que avançava (em direção a eles) cobrindo-o com enxames de flechas como as nuvens encobrindo o sol. E os (cinco) filhos de Draupadi, e o poderoso guerreiro em carro Saubhadra (o filho de Subhadra, Abhimanyu), e Nakula, e Sahadeva, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, avançaram contra (aqueles) Dhartarashtras, dilacerando-os com flechas afiadas como topos de montanhas com os impetuosos raios do céu. E naquele primeiro combate caracterizado pela vibração impressionante de cordas de arcos e sua batida contra as proteções de couro (dos guerreiros, proteções que eram feitas de peles de iguana e envolviam as mãos dos arqueiros até poucas polegadas da junta do cotovelo) nenhum combatente, ou do teu lado ou daquele do inimigo, voltou atrás. E, ó touro da raça Bharata, eu vi a agilidade de mão dos discípulos de Drona (em particular), que, atirando inúmeras flechas, ó rei, sempre

conseguiam acertar o alvo. E a vibração das cordas de arco soando não parava por um momento, e as flechas ardentes disparadas atravessavam (o ar) como meteoros (caindo) do firmamento. E todos os outros reis, ó Bharata, permaneceram como espectadores (silenciosos) testemunhando aquele combate interessante e terrível de parentes. E então aqueles poderosos guerreiros em carros, com ira estimulada e lembrando-se dos males sofridos nas mãos uns dos outros, lutaram em batalha, ó rei, desafiando uns aos outros. E os dois exércitos dos Kurus e dos Pandavas, cheios de elefantes, corcéis e carros, pareciam muito belos sobre o campo de batalha como imagens pintadas em uma tela. E então os (outros) reis todos pegaram seus arcos. E o próprio Sol ficou encoberto pela poeira erguida pelos combatentes. E eles caíram uns sobre os outros, no comando de suas (respectivas) tropas, por ordem de teu filho. E o tumulto alto feito pelos elefantes e os cavalos de batalha daqueles reis que avançavam para o combate, se misturou com os gritos leoninos dos combatentes e o rumor feito pelo clangor de conchas e os sons de baterias. E o grande barulho daquele oceano tendo flechas como seus crocodilos, arcos como suas cobras, espadas como suas tartarugas, e os saltos para diante dos guerreiros como sua tempestade, parecia com o rumor feito pelo (verdadeiro) oceano quando agitado. E reis aos milhares, comandados por Yudhishthira, com suas (respectivas) tropas caíram sobre as tropas do teu filho. E a luta entre os combatentes das duas hostes foi violenta ao extremo. E nenhuma diferença podia ser percebida entre os combatentes do nosso lado ou aqueles do inimigo, enquanto lutando, ou se retirando em ordem de batalha rompida ou se reagrupando novamente para o combate. Naquela batalha terrível e impressionante, teu pai (Bhishma) brilhava, transcendendo aquela hoste incontável."

45

Sanjaya disse, "Na manhã daquele dia terrível, ó rei, aquela batalha impressionante que mutilou os corpos de (tantos) reis começou. E os gritos altos, parecendo rugidos leoninos dos Kurus e dos Srinjayas, ambos desejosos de vitória em batalha, faziam o céu e a terra ressoar com eles. E um grande barulho tumultuoso era ouvido misturado com as batidas de proteções de couro e o clangor de conchas. E muitos eram os rugidos leoninos que se elevavam lá de homens gritando uns contra os outros. E, ó touro da raça Bharata, o som de cordas de arco esticadas por (mãos envolvidas em) proteções, o passo pesado da infantaria, o relincho furioso de cavalos de batalha, a queda de bastões e ganchos de ferro (sobre as pérolas de elefantes), o estridor de armas, o retinir de sinos de elefantes avançando uns contra os outros, e o ruído de carros parecendo o ribombar de nuvens, misturados, produziram um tumulto alto de arrepiar os cabelos. E todos os guerreiros Kuru, indiferentes às suas próprias vidas e com intenções cruéis, precipitaram-se, com estandartes erguidos, contra os Pandavas. E o próprio filho de Santanu, pegando um arco terrível que parecia a vara da Morte, avançou, ó rei, no campo de batalha, contra Dhananjaya. E Arjuna também, dotado de grande energia, pegando o arco Gandiva célebre por todo o mundo, investiu, no campo de batalha, contra o filho de Ganga. E ambos aqueles tigres

entre os Kurus ficaram desejosos de matar um ao outro. O poderoso filho de Ganga no entanto, perfurando em batalha o filho de Pritha não pode fazê-lo vacilar. E assim, ó rei, o filho de Pandu também não pode fazer Bhishma vacilar em batalha. E o poderoso arqueiro Satyaki avançou contra Kritavarman. E a batalha entre aqueles dois foi violenta ao extremo e fez os cabelos (dos espectadores) se arrepiarem. E Satyaki afligiu Kritavarman, e Kritavarman afligiu Satyaki, com gritos altos e um enfraqueceu o outro. E totalmente perfurados com flechas aqueles guerreiros poderosos brilhavam como duas Kinsukas na primavera adornadas com flores. E o poderoso arqueiro Abhimanyu lutou com Vrihadvala. Logo, no entanto, naquele combate, ó rei, o soberano de Kosala cortou o estandarte e derrubou o quadrigário do filho de Subhadra. O filho de Subhadra então após a derrota de seu quadrigário estava cheio de ira e perfurou Vrihadvala, ó rei, com nove flechas, e com um par de flechas afiadas aquele opressor de inimigos também cortou o estandarte (de Vrihadvala), e com uma (mais) matou um dos protetores das rodas de seu carro e com a outra seu quadrigário. E aqueles castigadores de inimigos continuaram a enfraquecer um ao outro com flechas afiadas. E Bhimasena lutou em batalha com teu filho Duryodhana, aquele poderoso guerreiro em carro, orgulhoso e enfatuado, que tinha ofendido (os filhos de Pandu). Ambos daqueles principais (príncipes) entre os Kurus são tigres entre homens e poderosos guerreiros em carro. E eles cobriram um ao outro, no campo de batalha, com suas chuvas de flechas. E vendo aqueles guerreiros habilidosos e de grande alma familiarizados com todos os modos de guerra, todas as criaturas de Bharata estavam pasmas. E Dussasana, avançando contra aquele poderoso guerreiro em carro Nakula, perfurou-o com muitas flechas afiadas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. O filho de Madri, então, dando risada, cortou, com (suas) flechas afiadas, o estandarte e arco do adversário, e então o atingiu com vinte e cinco flechas de cabeça pequena. Teu filho, no entanto, então, que podia ser vencido com dificuldade, matou naquele combate violento os corcéis de Nakula e cortou seu estandarte. E Durmukha avançando contra o poderoso Sahadeva lutando naquele combate terrível, perfurou-o com uma chuva de flechas. O heróico Sahadeva então, naquela batalha pavorosa, derrubou o quadrigário de Durmukha com uma flecha de gume excelente. Ambos, irreprimíveis em luta, se aproximando um do outro em combate, e um atacando o outro e desejoso de repelir o ataque do outro, começaram a infligir terror um no outro com flechas terríveis. E o próprio rei Yudhishthira combateu o soberano dos Madras. O chefe dos Madras então em sua própria vista cortou em dois o arco de Yudhishthira. Nisso o filho de Kunti, jogando de lado aquele arco quebrado, pegou outro que era mais forte e capaz de dar uma velocidade maior. O rei então, com flechas retas, cobriu o soberano dos Madras, e em grande ira disse, 'Espere, Espere'. E Dhrishtadyumna, ó Bharata, avançou contra Drona. E Drona, então, em grande fúria, cortou naquele combate o arco sólido do príncipe de grande alma de Panchala que sempre era capaz de tirar a vida de inimigos. E ao mesmo tempo ele disparou naquele conflito uma flecha terrível que era como uma segunda vara da Morte. E a flecha atirada penetrou no corpo do príncipe. Pegando então outro arco e catorze flechas, o filho de Drupada perfurou Drona naquele combate. E furiosos um com o outro, eles continuaram lutando ferozmente. E o impetuoso Sankha enfrentou o filho de Somadatta que era

igualmente impetuoso em batalha e dirigiu-se a ele, ó rei, dizendo 'Espere, espere'. E aquele herói então perfurou o braço direito (de seu adversário) naquele combate. E nisso o filho de Somadatta atingiu Sankha nos ombros. E a batalha que se seguiu entre aqueles dois heróis orgulhosos, ó rei, logo se tornou tão terrível como um combate entre os deuses e os Danavas. E aquele poderoso guerreiro em carro Dhrishtaketu de alma incomensurável, com ira estimulada, investiu em batalha, ó rei, contra Valhika, a própria encarnação da ira. Valhika, então, ó rei, dando um rugido leonino, enfraqueceu o colérico Dhrishtaketu com inúmeras flechas. O rei dos Chedis, no entanto, extremamente provocado, rapidamente perfurou Valhika naquele combate com nove flechas. Como um elefante enfurecido contra um elefante enfurecido, naquele combate eles rugiram um contra o outro repetidamente, ambos extremamente enraivecidos. E eles combateram um ao outro com grande cólera e pareciam com os planetas Angaraka (Marte) e Sukra (Vênus). E Ghatotkacha de feitos cruéis combateu o Rakshasa Alamvusha de feitos cruéis como Sakra (combatendo) Vala em batalha. E Ghatotkacha, ó Bharata, perfurou aquele Rakshasa enfurecido e poderoso com noventa flechas de gume afiado. E Alamvusha também naquele combate perfurou o filho poderoso de Bhimasena em muitos lugares com (suas) flechas retas. E mutilados por flechas eles brilhavam naquele combate como o poderoso Sakra e o vigoroso Vala no combate (de antigamente) entre os celestiais e os Asuras. O poderoso Sikhandin, ó rei, avançou contra o filho de Drona, Aswatthaman, que perfurando profundamente o furioso Sikhandin posicionado (diante dele) com uma flecha de gume afiado, o fez tremer, Sikhandin também, ó rei, atingiu o filho de Drona com uma flecha de ponta afiada de têmpera excelente. E eles continuaram naquele combate a atacar um ao outro com várias espécies de flechas. E contra o heróico Bhagadatta em batalha, Virata, o comandante de uma grande divisão, investiu impetuosamente, ó rei, e então começou (seu) combate. Virata, muito afrontado, despejou sobre Bhagadatta uma chuva de flechas como, ó Bharata, as nuvens derramando chuva no leito da montanha. Mas Bhagadatta, aquele senhor de terra, rapidamente envolveu Virata naquele combate (com flechas) como as nuvens envolvendo o sol. Kripa, o filho de Saradwat, avançou contra Vrihadkshatra, o soberano dos Kaikeyas. E Kripa, ó Bharata, o envolveu com uma chuva de flechas. Vrihadkshatra também encobriu o enfurecido filho de Gautama com uma torrente de flechas. E aqueles guerreiros, então, tendo matado os cavalos um do outro e cortado os arcos um do outro, ficaram ambos privados de seus carros. E muito enfurecidos, eles então se aproximaram um do outro para lutar com suas espadas. E o combate que então teve lugar entre eles foi terrível em aspecto e sem paralelo. Aquele castigador de inimigos, o rei Drupada, então, em grande ira investiu contra Jayadratha, o soberano dos Sindhus, alegremente esperando (pela batalha). O soberano dos Sindhus perfurou Drupada naquele combate com três flechas, e Drupada o perfurou em retorno. E a batalha que ocorreu entre eles foi terrível e feroz, e produtiva de satisfação nos corações de todos os espectadores e parecendo um conflito entre os planetas Sukra e Angaraka. E Vikarna, teu filho, com cavalos velozes, avançou contra o poderoso Sutasoma e o combate entre eles começou. Vikarna, no entanto, embora ele perfurasse Sutasoma com muitas flechas, falhou em fazê-lo vacilar. Nem Sutasoma podia fazer Vikarna vacilar. E aquilo pareceu extraordinário (para

todos). E contra Susarman, aquele poderoso guerreiro em carro e tigre entre homens, isto é, Chekitana de grande coragem, avançou com muita ira por causa dos Pandavas. E Susarman também, ó grande rei, naquele combate deteve o avanço daquele forte guerreiro em carro Chekitana com abundante chuva de flechas. E Chekitana também, muito irritado, despejou sobre Susarman, naquela luta terrível, uma chuva de flechas como uma massa imensa de nuvens derramando chuva no leito da montanha. E Sakuni, dotado de grande destreza, avançou, ó rei, contra Prativindhya (o filho de Yudhishthira com Draupadi) de grande coragem, como um leão contra um elefante enfurecido. Nisso o filho de Yudhishthira, com muita raiva, mutilou o filho de Suvala naquele combate, com flechas afiadas, como Maghavat (Indra, mutilando) um Danava. E Sakuni também, naquele combate violento, perfurou Prativindhya em retorno e mutilou aquele guerreiro de grande inteligência com flechas retas. E Srutakarman avançou em batalha, ó grande rei, contra aquele poderoso guerreiro em carro Sudakshina de grande destreza, o soberano dos Kamvojas. Sudakshina, no entanto, ó grande rei, perfurando aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Sahadeva, fracassou em fazê-lo vacilar (pois ele resistiu) como a montanha Mainaka (contra os ataques de Indra). Nisso Srutakarman, muito provocado, enfraqueceu aquele poderoso guerreiro em carro dos Kamvojas com inúmeras flechas e mutilou-o em todas as partes de seu corpo. E Iravan, aquele castigador de inimigos, em grande fúria e se empenhando cuidadosamente, avançou em batalha contra o colérico Srutayush. O filho poderoso de Arjuna, aquele poderoso guerreiro em carro, então matando os corcéis de seu adversário, deu um rugido alto, e nisso, ó rei, todos os guerreiros (que viram o feito) o elogiaram muito. E Srutasena também, muito provocado, matou naquele combate os corcéis do filho de Falguni com uma maça poderosa, e a batalha entre eles continuou. E Vinda e Anuvinda, aqueles dois príncipes de Avanti, se aproximaram em batalha daquele poderoso guerreiro em carro, o heróico Kuntibhoja na chefia de suas tropas acompanhado por seu filho. E extraordinária foi a coragem que nós vimos daqueles dois príncipes naquela ocasião, pois eles lutaram muito friamente embora combatendo uma grande formação de tropas. E Anuvinda arremessou uma maça em Kuntibhoja, mas Kuntibhoja rapidamente cobriu-o com uma chuva de flechas. E o filho de Kuntibhoja perfurou Vinda com muitas flechas, e o último também o perfurou em retorno. E o combate (entre eles) parecia esplêndido. E os irmãos Kekaya, ó majestade, na vanguarda de suas tropas, enfrentaram em batalha os cinco príncipes Gandhara com suas tropas. E teu filho Viravahu lutou com aquele melhor dos guerreiros em carros Uttara, o filho de Virata e perfurou-o com nove flechas. E Uttara também perfurou aquele herói com flechas de gume afiado. E o soberano dos Chedis, ó rei, avançou em batalha contra Uluka. E ele perfurou Uluka com uma chuva de flechas, e Uluka também o perfurou com flechas afiadas equipadas com asas excelentes. E o combate que teve lugar entre eles, ó rei, foi violento ao extremo, pois incapazes de vencer um ao outro, eles mutilaram um ao outro terrivelmente. E assim naquela batalha geral milhares de duelos ocorreram entre homens em carros, guerreiros em elefantes e cavaleiros, e soldados de infantaria, do lado deles e do teu. Por um pouco tempo somente aquele combate ofereceu uma visão bela. Logo, no entanto, ó rei, ele se tornou furioso e nada podia ser avistado. Na batalha (que se seguiu) elefantes avançaram contra

elefantes, guerreiros em carros contra guerreiros em carros, cavalo contra cavalo e soldado de infantaria contra soldado de infantaria. A luta então se tornou confusa e violenta ao extremo, de heróis investindo uns contra os outros no combate. E os Rishis celestes, e Siddhas e Charanas que estavam presentes lá, contemplaram aquela batalha terrível parecida com o combate dos deuses e os Asuras. E elefantes aos milhares, e carros também aos milhares, e vastas tropas de infantaria, ó majestade, pareciam alterar seu caráter. (Homens em carros lutavam a pé, soldados de cavalaria sobre elefantes, guerreiros sobre elefantes das costas de cavalos, etc. O próprio caráter das tropas estava alterado.) E, ó tigre entre homens, era visto que carros e elefantes e cavalos e infantaria lutavam uns com os outros repetidamente nos mesmos lugares; (isto é, embora repelidos, estes se reagrupavam frequentemente, e ocupavam o mesmo terreno como antes.)

46

Sanjaya disse, "Ó rei, eu agora descreverei para ti os combates de centenas e milhares de soldados de infantaria, ó Bharata, em total esquecimento de toda a consideração devida a outros. Lá o filho não reconheceu o pai, o pai (não reconheceu) seu filho, o irmão (não reconheceu) o irmão, o filho da irmã (não reconheceu) o tio materno. O tio materno (não reconheceu) o filho da irmã, o amigo não (não reconheceu) o amigo. Os Pandavas e os Kurus lutaram como se eles estivessem possuídos por demônios. Alguns tigres entre homens caíam com carros em pedaços. E os varais de carros quebravam se chocando contra varais, e as pontas de jugos de carros contra pontas de jugos de carros. E alguns (guerreiros) unidos enfrentavam outros que estavam unidos, todos desejosos de tirar a vida uns dos outros. E alguns carros, obstruídos por carros, não podiam se mover. E elefantes de corpos enormes com têmporas fendidas, caindo sobre elefantes enormes, dilaceraram raivosamente uns aos outros em muitos lugares com suas presas. Outros, ó rei, enfrentando impetuosos e enormes (indivíduos) de sua espécie com edifícios arqueados (de madeira para a proteção e conforto dos passageiros) e estandartes (sobre suas costas) e treinados para a luta atingidos por suas presas, gritavam em grande agonia. Disciplinados por treinamento e incitados adiante por lanças e ganchos, elefantes que não estavam no cio (sem suco temporal escorrendo) avançavam contra aqueles que estavam no cio. E alguns elefantes enormes, combatendo iguais no cio, corriam, proferindo gritos como aqueles de grous, em todas as direções. E muitos elefantes enormes, bem treinados, e com suco escorrendo de têmporas fendidas e boca, mutilados por espadas, lanças, e flechas, e perfurados em suas partes vitais, gritavam alto e caindo expiravam. E alguns, proferindo gritos terríveis, corriam em todas as direções. Os soldados de infantaria que protegiam os elefantes, dotados de peitos largos, e capazes de golpear eficientemente, com ira excitada, e armados com lanças e arcos, e brilhantes machados de batalha, e com maças e cassetetes, e flechas curtas, e arpões, e com dardos, e clavas sólidas engastadas com pontas de ferro e espadas, bem agarrados do polimento mais brilhante, corriam para lá e para cá, ó rei, e pareciam decididos a tirar a vida uns dos outros. E os sabres de

bravos combatentes avançando uns contra os outros molhados em sangue humano pareciam reluzir brilhantemente. E o zunido de espadas rodopiadas e feitas descer por braços heróicos e caindo sobre as partes vitais (dos corpos) de inimigos, se tornou muito alto. E os lamentos de partir o coração de combatentes em hostes numerosas, esmagados com maças e clavas, e cortados com espadas bem temperadas, e perfurados pelas presas de elefantes, e pisados por elefantes, apelando uns aos outros, eram ouvidos, ó Bharata, parecidos com os lamentos daqueles que estão condenados ao inferno. E cavaleiros, em cavalos de batalha de muita velocidade e providos de rabos esticados parecendo (as plumas de) cisnes, investiram uns contra os outros. E arremessados por eles, longos dardos farpados adornados com ouro puro, rápidos, e polidos, e de pontas afiadas, caíam como cobras. E alguns cavaleiros heróicos, em cavalos velozes, saltando alto, cortavam as cabeças de guerreiros em carros de seus carros. E (aqui e ali) um guerreiro em carro, tendo tropas de cavalaria dentro da distância de tiro, matava muitos com flechas retas providas de cabeças. E muitos elefantes enfurecidos enfeitados com arreios de ouro, e parecendo com nuvens recém surgidas, derrubando corcéis, os esmagavam com suas próprias pernas. E alguns elefantes atingidos em seus globos frontais e flancos, e mutilados por meio de lanças, gritavam alto em grande agonia. E muitos elefantes enormes, na confusão da luta, esmagando corcéis com seus cavaleiros, os jogavam ao chão. E alguns elefantes, derrubando com as pontas de suas presas corcéis com seus cavaleiros, vagavam, esmagando carros com seus estandartes. E alguns elefantes machos enormes, por excesso de energia e com o suco temporal jorrando em grandes quantidades, matavam corcéis junto com seus cavaleiros por meio de suas trombas e pernas. Flechas rápidas polidas e de pontas afiadas e parecendo cobras caíam sobre as cabeças, as têmporas, os flancos, e os membros de elefantes. E dardos polidos de aparência terrível, e parecendo com grandes lampejos meteóricos, arremessados por braços heróicos, caíam para lá e para cá, ó rei, trespassando os corpos de homens e cavalos, e atravessando cotas de malha. E muitos tirando seus sabres polidos de bainhas feitas das peles de leopardo e tigre matavam os combatentes opostos a eles em batalha. E muitos guerreiros, embora eles mesmos atacados e com os flancos de seus corpos cortados expostos, ainda se lançavam furiosamente sobre (seus inimigos) com espadas, escudos e machados de batalha. E alguns elefantes arrastando e derrubando carros com seus corcéis por meios de suas trombas, começaram a vagar em todas as direções, guiados pelos gritos daqueles atrás deles. E para lá e para cá alguns perfurados por dardos, e alguns cortados em pedaços por machados de batalha, e alguns esmagados por elefantes e outros pisados por cavalos, e alguns cortados por rodas de carro, e alguns por machados, chamavam ruidosamente por seus parentes, ó rei. E alguns chamavam por seus filhos, e alguns por seus pais, e alguns por seus irmãos e parentes. E alguns chamavam por seus tios maternos, e alguns pelos sobrinhos. E alguns apelavam a outros, no campo de batalha. E um número muito grande de combatentes, ó Bharata, perdeu suas armas, ou teve suas coxas quebradas. E outros com braços arrancados ou lados perfurados ou (com) cortes abertos, eram vistos lamentando alto, pelo desejo de viver. E alguns, dotados de pouca força, torturados pela sede, ó rei, e jazendo no campo de batalha na terra nua, pediam água. E alguns, se agitando em poças de sangue e

extremamente enfraquecidos, ó Bharata, criticaram muito a si mesmos e teus filhos reunidos para batalha. E havia bravos Kshatriyas, que tendo ferido uns aos outros, não abandonavam suas armas ou davam quaisquer lamentos, ó senhor. Por outro lado, jazendo naqueles lugares onde eles estavam, rugiam com corações alegres, e mordendo de raiva com seus dentes seus próprios lábios, olhavam uns para os outros com rostos tornados ferozes pela contração de suas sobrancelhas. E outros dotados de grande força e tenacidade em grande dor, afligidos por flechas e sofrendo sob seus ferimentos, permaneciam totalmente silenciosos. E outros heróicos guerreiros em carros, privados, no combate, de seus próprios carros e jogados ao chão e feridos por elefantes enormes, pediam para ser levados nos carros de outros. E muitos, ó rei, pareciam belos em seus ferimentos como Kinsukas florescentes. E em todas as divisões eram ouvidos gritos terrificantes, incontáveis em número. E naquele combate tremendo destrutivo de heróis, o pai matou o filho, o filho matou o pai, o filho da irmã matou o tio materno, o tio materno matou o filho da irmã, amigo matou amigo, e parentes mataram parentes. Assim mesmo ocorreu o massacre naquele combate dos Kurus com os Pandavas. E naquela batalha terrível na qual nenhuma consideração era mostrada (por alguém a alguém), as divisões dos Pandavas, se aproximando de Bhishma, começaram a vacilar. E, ó touro da raça Bharata, o poderosamente armado Bhishma, ó rei, com seu estandarte que era feito de prata e enfeitado com o emblema da palmeira com cinco estrelas, posicionado sobre seu carro magnífico, brilhava como o orbe lunar sobre o pico de Meru."

47

Sanjaya disse, "Depois que a maior parte da manhã daquele dia terrível tinha passado, naquele combate terrível, ó rei, que foi (tão) destrutivo de principais dos homens, Durmukha e Kritavarman, e Kripa, e Salya, e Vivinsati, incitados por teu filho, se aproximaram de Bhishma e começaram a protegê-lo. E protegido por aqueles cinco poderosos guerreiros em carros, ó touro da raça Bharata, aquele formidável guerreiro em carro penetrou na hoste Pandava. E o estandarte de palmeira de Bhishma era visto deslizar continuamente, ó Bharata, através dos Chedis, dos Kasis, dos Karushas, e dos Panchalas. E aquele herói, com flechas de cabeça larga de grande rapidez que eram além disso perfeitamente retas, cortava as cabeças (de inimigos) e seus carros com cangas e estandartes. E, ó touro da raça Bharata, Bhishma parecia dançar em seu carro enquanto ele percorria seu caminho. E alguns elefantes, atingidos (por ele) em suas partes vitais, gritavam em agonia. Então Abhimanyu em grande ira, posicionado em seu carro ao qual estavam unidos corcéis excelentes de cor fulva, avançou em direção ao carro de Bhishma. E com seu estandarte adornado com ouro puro e parecendo uma árvore Karnikara, ele se aproximou de Bhishma e daqueles (cinco) principais dos guerreiros em carros. E atingindo com uma flecha de gume afiado o estandarte do (guerreiro) de estandarte de palmeira, aquele herói se engajou em batalha com Bhishma e aqueles outros guerreiros em carros que o protegiam. Perfurando Kritavarman com uma flecha, e Salya com cinco, ele enfraqueceu seu

bisavô com nove flechas. E com uma flecha bem atirada de seu arco esticado à sua total extensão, ele cortou o estandarte (de seu adversário) adornado com ouro puro. E com uma flecha de cabeça larga capaz de penetrar toda cobertura, a qual era perfeitamente reta, ele cortou de seu corpo a cabeça do quadrigário de Durmukha. E com outra flecha de gume afiado ele cortou em dois o arco enfeitado com ouro de Kripa. A eles também, com muitas flechas de pontas afiadas, aquele guerreiro em carro poderoso atingiu em grande ira, parecendo dançar (enquanto fazia isso). E vendo sua agilidade de mão os próprios deuses estavam satisfeitos. E pela certeza de pontaria de Abhimanyu, todos os guerreiros em carros encabeçados por Bhishma o consideraram como possuidor da capacidade do próprio Dhananjaya. E seu arco, emitindo um som semelhante àquele do Gandiva, quando esticado e re-esticado, parecia girar como um círculo de fogo. Bhishma então, aquele matador de heróis hostis, avançando sobre ele impetuosamente, perfurou rapidamente o filho de Arjuna naquele combate com nove flechas. E ele também, com três flechas de cabeça larga, cortou o estandarte daquele guerreiro de grande energia. De votos rígidos, Bhishma também atingiu o quadrigário (de seu adversário). E Kritavarman, e Kripa, e Salya também, ó majestade, perfurando o filho de Arjuna, todos falharam em fazê-lo vacilar, pois ele permaneceu firme como a montanha Mainaka. E o filho heróico de Arjuna, embora cercado por aqueles poderosos guerreiros em carros do exército Dhartarashtra, ainda derramava chuvas de flechas sobre aqueles cinco guerreiros em carros. E frustrando as poderosas armas deles por meio de suas chuvas de flechas, e derramando sobre Bhishma suas flechas, o filho poderoso de Arjuna deu um grito alto. E lutando na batalha dessa maneira e afligindo Bhishma com (suas) flechas, a força que nós vimos de seus braços então era muito grande. Mas embora dotado de tal destreza Bhishma também disparou suas flechas nele. Mas ele cortava naquele combate as flechas disparadas do arco de Bhishma. E então aquele guerreiro heróico de flechas que nunca eram perdidas cortou com nove flechas, naquele combate, o estandarte de Bhishma. E por causa daquela façanha as pessoas lá deram um grito alto. Enfeitado com jóias e feito de prata, aquele estandarte alto portando o emblema da palmeira, cortado, ó Bharata, pelas flechas do filho de Subhadra, caiu no chão. E vendo, ó touro da raça Bharata, aquele estandarte caindo pelas flechas do filho de Subhadra, o orgulhoso Bhima deu um grito alto para animar o filho de Subhadra. Então em combate violento, o poderoso Bhishma fez muitas armas celestes de grande eficácia aparecerem. E o bisavô de alma imensurável então cobriu o filho de Subhadra com milhares de flechas. E nisto, dez grandes arqueiros e poderosos guerreiros em carros dos Pandavas avançaram rapidamente em seus carros para proteger o filho de Subhadra. E aqueles eram Virata com seu filho, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, e Bhima, os cinco irmãos Kekaya, e Satyaki também, ó rei. E quando eles estavam caindo sobre ele com grande impetuosidade, Bhishma o filho de Santanu, naquela luta, perfurou o príncipe de Panchala com três flechas, e Satyaki com dez. E com uma flecha alada, amolada e de gume afiado como uma navalha, e atirada de seu arco esticado até sua mais completa extensão, ele cortou o estandarte de Bhimasena. E, ó melhor dos homens, o estandarte de Bhimasena, feito de ouro e portando o emblema de um leão, cortado por Bhishma, caiu do carro. E Bhima então, perfurando o filho de Santanu Bhishma naquele combate com três flechas,

perfurou Kripa com uma, e Kritavarman com oito. E Uttara também, o filho de Virata, sobre um elefante com tromba erguida, avançou contra o soberano dos Madras. Salya, no entanto, teve êxito em deter a impetuosidade sem paralelo daquele príncipe de elefantes avançando rapidamente em direção a seu carro. Aquele príncipe dos elefantes, em grande fúria, colocando sua perna sobre a canga do carro (de Salya), matou seus quatro grandes corcéis de velocidade excelente. O soberano dos Madras então, ficando naquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, arremessou um dardo, todo feito de ferro, e parecendo uma cobra, para matar Uttara imediatamente. A cota de malha do último sendo atravessada por aquele dardo, ele ficou totalmente privado de seus sentidos e caiu do pescoço de seu elefante, com o gancho e a lança soltos de suas mãos. E Salya então, pegando sua espada e saltando de seu carro excelente, e empregando sua destreza, cortou a tromba grande daquele príncipe dos elefantes. Sua cota de malha perfurada totalmente por uma chuva de flechas, e sua tromba cortada, aquele elefante proferiu um grito alto e caiu e expirou. Realizando tal feito, ó rei, o soberano dos Madras subiu rapidamente no carro esplêndido de Kritavarman. E vendo seu irmão Uttara morto e vendo Salya permanecendo com Kritavarman, o filho de Virata, Sweta, inflamou-se com fúria, como fogo (resplandecendo) com manteiga clarificada. E aquele guerreiro poderoso, esticando seu arco grande que parecia o arco do próprio Sakra, avançou com o desejo de matar Salya, o soberano dos Madras. Cercado por todos os lados por uma imensa divisão de carros, ele avançou em direção ao carro de Salya derramando uma chuva de flechas. E vendo-o avançar para a luta com bravura igual àquela de um elefante enfurecido, sete guerreiros em carros do teu lado o cercaram por todos os lados, desejosos de proteger o soberano dos Madras que parecia já estar dentro das mandíbulas da Morte. E aqueles sete guerreiros eram Vrihadvala o soberano dos Kosalas, e Jayatsena de Magadha, e Rukmaratha, ó rei, que era o corajoso filho de Salya, e Vinda e Anuvinda de Avanti, e Sudakshina o rei dos Kamvojas, e Jayadratha, o soberano dos Sindhus e o parente de Vrihadkshatra. E os arcos esticados daqueles guerreiros de grande alma, enfeitados com diversas cores, pareciam com lampejos de relâmpago nas nuvens. E eles todos despejaram sobre a cabeça de Sweta chuvas contínuas de flechas como as nuvens agitadas pelo vento derramando chuva no leito da montanha no término do verão. Aquele arqueiro poderoso e comandante de tropas, enfurecido por causa disto, com sete flechas de cabeça larga de grande de impetuosidade atingiu seus arcos, e então continuou a oprimi-los. E aqueles arcos nós vimos foram cortados, ó Bharata, e nisso eles todos pegaram, dentro de metade do tempo utilizado em uma piscada de olho, outros arcos. E eles então dispararam em Sweta sete flechas. E novamente aquele guerreiro de braços fortes de alma incomensurável, com sete flechas velozes, cortou aqueles (outros) arcos destes arqueiros. Aqueles guerreiros então, cujos arcos grandes tinham sido cortados, aqueles poderosos guerreiros em carros enchendo-se (de raiva), pegando (sete) dardos, deram um grito alto. E, ó chefe dos Bharatas, eles arremessaram aqueles sete dardos no carro de Sweta. E aqueles dardos resplandecentes que percorriam (o ar) como grandes meteoros, com o som do trovão, foram todos cortados, antes que eles pudessem alcançar a ele, aquele guerreiro familiarizado com armas poderosas, por meio de sete flechas de cabeça larga. Então pegando uma flecha capaz de

penetrar em todas as partes do corpo, ele atirou-a, ó chefe dos Bharatas, em Rukmaratha. E aquela flecha poderosa, superando (a força do) raio, penetrou no corpo do último. Então, ó rei, atingido violentamente por aquela flecha, Rukmaratha sentou-se na plataforma de seu carro e caiu em um desmaio mortal. Seu quadrigário então, sem demonstrar qualquer medo, levou-o para longe, sem sentidos e desmaiado, na própria vista de todos. Então pegando seis outras (flechas) adornadas com ouro, Sweta de braços fortes cortou os topos dos estandartes de seus seis adversários. E aquele castigador de inimigos então, perfurando seus corcéis e quadrigários também, e cobrindo aqueles seis guerreiros com flechas incessantes, procedeu em direção ao carro de Salya. E vendo aquele generalíssimo das tropas (Pandava) procedendo rapidamente em direção ao carro de Salya, um tumulto alto de 'Oh' e 'Ai' se elevou no teu exército, ó Bharata. Então teu filho poderoso, com Bhishma na dianteira, e defendido por guerreiros heróicos e muitas tropas, procedeu em direção ao carro de Sweta. E ele (assim) resgatou o soberano dos Madras que já tinha entrado nas mandíbulas da Morte. E então começou uma batalha, terrível e de arrepiar os cabelos, entre tuas tropas e aquelas do inimigo, na qual carros e elefantes todos se misturaram em confusão. E sobre o filho de Subhadra e Bhimasena, e aquele poderoso guerreiro em carro Satyaki, e sobre o soberano dos Kekayas, e Virata, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishatas, e sobre as tropas Chedi, o velho avô Kuru despejou chuvas de flechas."

48

Dhritarashtra disse, "Quando aquele formidável arqueiro Sweta procedeu em direção ao carro de Salya, o que os Kauravas e os Pandavas fizeram, ó Sanjaya? E o que também fez Bhishma o filho de Santanu? Diga a mim que te pergunto, tudo isto."

Sanjaya disse, "Ó rei, centenas e milhares de touros entre os Kshatriyas, todos valentes e poderosos guerreiros em carros, colocando o generalíssimo Sweta na vanguarda, e mostrando sua força, ó Bharata, para teu filho nobre e com Sikhandin também em sua chefia, desejaram resgatar (Sweta). E aqueles poderosos guerreiros em carros avançaram em direção ao carro de Bhishma ornamentado com ouro desejosos de matar aquele principal dos guerreiros. E a batalha que se seguiu então foi terrível. Eu descreverei para ti aquela batalha estupenda e terrível como ela ocorreu entre tuas tropas e aquelas do inimigo. O filho de Santanu fez os terraços de muitos carros vazios, (pois) aquele melhor dos guerreiros em carros derramando (suas) flechas cortou muitas cabeças. Dotado de energia igual àquela do próprio Sol, ele encobriu o próprio Sol com suas flechas. E ele removeu seus inimigos em volta de si naquele combate como o Sol nascente dissipando a escuridão em volta. E naquela batalha, ó rei, flechas foram disparadas por ele às centenas e milhares que eram poderosas e possuidoras de grande ímpeto e que tiraram naquele conflito as vidas de inúmeros Kshatriyas. E naquele combate ele derrubou cabeças, às centenas, de guerreiros heróicos, ó rei, e elefantes envolvidos em armaduras cheias de espinhos, como topos de

montanha (derrubados) pelo raio do céu. E carros, ó rei, eram vistos se misturar com carros. Um carro podia ser visto sobre outro carro, e um corcel sobre outro corcel. E cavalos de batalha impetuosos, ó rei, levavam para lá e para cá cavaleiros heróicos no auge da juventude, mortos e pendendo (de suas selas, ainda segurando) seus arcos. Com espadas e aljavas presas (aos seus corpos) e cotas de malha soltas (de seus corpos), centenas de guerreiros, privados de vida, jaziam sobre o solo, dormindo em leitos (dignos) de heróis. Avançando uns contra os outros, caindo e se levantando novamente e avançando novamente tendo se levantado, os combatentes lutavam corpo a corpo. Afligidos uns pelos outros, muitos rolavam no campo de batalha. Elefantes enfurecidos investiam para lá e para cá, e guerreiros em carros às centenas eram mortos. E guerreiros em carros, junto com seus carros, eram esmagados por todos os lados. E alguns guerreiros caíam sobre seus carros, mortos por outros com flechas. E um guerreiro em carro poderoso podia ser visto cair do alto, seu cocheiro (também) tendo sido morto. Uma poeira espessa se ergueu, e para o guerreiro lutando em batalha, o som do arco (hostil) indicava o adversário lutando adiante. Por causa da pressão também em seus corpos, os combatentes adivinhavam seus inimigos. E os guerreiros, ó rei, continuaram lutando com flechas, guiados pelo som de cordas de arco e divisão (hostil). O próprio zunido das flechas atiradas pelos combatentes um no outro não podia ser ouvido. E tão alto era o som de baterias que ele parecia perfurar os ouvidos. E naquele tumulto barulhento que fazia os cabelos se arrepiarem, o nome do combatente proferido na batalha, enquanto expondo sua destreza, não podia ser ouvido. O pai não podia reconhecer o filho. Uma das rodas estando quebrada, ou a canga sendo arrancada ou um dos corcéis estando morto, o valente guerreiro em carro era derrubado de seu carro, junto com seu cocheiro, por meio de flechas retas. E assim muitos guerreiros heróicos, privados de seus carros, eram vistos fugir. Aquele que estava morto tinha sido cortado; aquele que não estava morto tinha sido atingido nos próprios órgãos vitais, mas não havia ninguém ileso quando Bhishma atacou o inimigo. E naquela batalha terrível Sweta causou um grande massacre dos Kurus. E ele (matou) muitos príncipes nobres às centenas e centenas. E ele cortava, por meio de suas flechas, as cabeças de guerreiros em carros às centenas e centenas, e (seus) braços enfeitados com Angadas, e (seus) arcos por toda parte. E guerreiros em carros e rodas de carros e outros que estavam sobre carros, e os próprios carros, e estandartes pequenos e caros, ó rei, e grandes grupos de cavalos, e multidões de carros, e multidões de homens, ó da família de Bharata, foram destruídos por Sweta. Nós mesmos, por medo de Sweta, abandonando (Bhishma), aquele melhor dos guerreiros em carros, deixamos a batalha nos retirando para a retaguarda e, portanto, nós (agora) vemos seu domínio. E todos os Kurus, ó filho da linhagem de Kuru, fora do alcance de flechas, e abandonando Bhishma o filho de Santanu, naquela batalha, permaneceram (como expectadores embora) armados para o combate. Alegre na hora de tristeza (geral), só aquele tigre entre homens Bhishma, do nosso exército, naquela batalha terrível permaneceu imóvel como a montanha Meru. Tirando as vidas (do inimigo) como o Sol no fim do inverno, ele permaneceu resplandecente com os raios dourados (de seu carro) como o próprio Sol com seus raios. E aquele grande arqueiro disparou nuvens de flechas e derrubou os Asuras. E enquanto eram massacrados por Bhishma naquele

combate tremendo, aqueles guerreiros fugindo de suas tropas, eles todos escaparam dele, como se de um fogo alimentado por combustível. Enfrentando o guerreiro sozinho (Sweta), aquele matador de inimigos, Bhishma, era o único (entre nós) que estava alegre e incólume. Dedicado ao bem-estar de Duryodhana, ele começou a consumir os (guerreiros) Pandava. Indiferente à sua própria vida a qual é difícil de ser rejeitada, e abandonando todo o temor ele massacrou, ó rei, o exército Pandava naquele combate violento. E vendo o generalíssimo (Sweta) atingindo as divisões (Dhartarashtra), teu pai Bhishma, também chamado Devavrata, avançou impetuosamente contra ele. Nisso, Sweta cobriu Bhishma com uma extensa rede de flechas. E Bhishma também cobriu Sweta com uma revoada de flechas. E rugindo como um par de touros, eles avançaram, como dois elefantes enfurecidos de tamanho gigantesco ou dois tigres furiosos um contra o outro. Desviando as armas um do outro por meio de suas armas, aqueles touros entre homens, Bhishma e Sweta, lutaram entre si, desejosos de tirar a vida um do outro. Em um único dia Bhishma, enfurecido com raiva, podia destruir o exército Pandava com suas flechas, se Sweta não o protegesse. Vendo o avô então desviado por Sweta, os Pandavas estavam cheios de alegria, enquanto teu filho ficou desanimado. Duryodhana então, com cólera excitada e cercado por muitos reis, avançou com suas tropas contra a hoste Pandava em batalha. Então Sweta, abandonando o filho de Ganga, massacrou a hoste de teu filho com grande impetuosidade como o vento (arrancando) árvores com violência. E o filho de Virata, insensível com fúria, tendo desbaratado teu exército, avançou (mais uma vez), ó rei, para o lugar onde Bhishma estava posicionado. E aqueles dois guerreiros poderosos e de grande alma então, ambos brilhando com suas flechas, lutaram um com o outro como Vritra e Vasava (antigamente), desejosos, ó rei, de matar um ao outro. Esticando (seu) arco até sua mais completa extensão, Sweta perfurou Bhishma com sete flechas. O corajoso (Bhishma) então, empregando sua destreza, rapidamente deteve a bravura de seu inimigo, como um elefante enfurecido detendo um igual enfurecido. E Sweta então, aquele encantador de Kshatriyas atingiu Bhishma, e Bhishma o filho de Santanu também perfurou-o em retorno com dez flechas. E embora perfurado (dessa maneira) por ele, aquele poderoso guerreiro permaneceu imóvel como uma montanha. E Sweta novamente perfurou o filho de Santanu com vinte e cinco flechas retas, pelo que todos se admiraram. Então sorrindo e lambendo com sua língua os cantos de sua boca, Sweta naquele combate cortou o arco de Bhishma em dez fragmentos com dez flechas. Então mirando uma flecha emplumada feita totalmente de ferro, (Sweta) despedaçou a palmeira no todo do estandarte de (Bhishma) de grande alma. E vendo o estandarte de Bhishma derrubado, teus filhos pensaram que Bhishma estava morto, tendo sucumbido a Sweta. E os Pandavas também cheios de alegria sopraram suas conchas por toda parte. E vendo o estandarte de palmeira de Bhishma de grande alma destruído, Duryodhana, por cólera, incitou seu próprio exército para a batalha. E eles todos começaram muito cuidadosamente a proteger Bhishma que estava em grande perigo. Para eles, também para aqueles que permaneciam espectadores (inativos), o rei disse, ‘Ou Sweta morrerá (hoje), ou Bhishma o filho de Santanu. Eu digo isso realmente.’ Ouvindo as palavras do rei, os poderosos guerreiros em carro avançaram rapidamente com quatro tipos de tropas protegendo o filho de Ganga. E Valhika e Kritavarman, e Kripa, e Salya

também, ó Bharata, e o filho de Jarasandha, e Vikarna, e Chitrasena, e Vivinsati, com grande velocidade, quando velocidade eram tão necessária, cercando-o por todos os lados, despejaram em Sweta chuvas contínuas de flechas. Aquele guerreiro poderoso então, de alma incomensurável, deteve rapidamente aqueles guerreiros zangados por meio de flechas afiadas, mostrando sua própria agilidade de mão. E detendo eles todos como um leão e uma multidão de elefantes, Sweta então cortou o arco de Bhishma com uma grossa chuva de flechas. Então Bhishma o filho de Santanu, pegando outro arco naquela batalha, perfurou Sweta, ó rei, com flechas equipadas com penas de ave Kanka. Então o comandante (do exército Pandava), com cólera estimulada, perfurou Bhishma naquele combate, ó rei, com muitíssimas flechas na própria vista de todos. Vendo Bhishma, aquele principal dos heróis em todo o mundo, detido em batalha por Sweta, o rei (Duryodhana) ficou muito preocupado, e grande também foi a angústia de todo o teu exército. E vendo o heróico Bhishma detido e mutilado por Sweta com suas flechas, todos pensaram que Bhishma, tendo sucumbido a Sweta, tinha sido morto por ele. Então teu pai Devavrata, cedendo à raiva, e vendo seu (próprio) estandarte derrubado e o exército (Dhartarashtra) contido, disparou muitas flechas, ó rei, em Sweta. Sweta, no entanto, aquele principal dos guerreiros em carros, desviando todas aquelas flechas de Bhishma, mais uma vez cortou, com uma flecha de cabeça larga, o arco de teu pai. Jogando de lado aquele arco, ó rei, o filho de Ganga, insensível com raiva, pegando outro arco maior e mais forte, e mirando sete flechas grandes de cabeças largas afiadas em pedra, matou com quatro flechas os quatro corcéis do generalíssimo Sweta, cortou seu estandarte com duas e com a sétima flecha aquele guerreiro de destreza formidável, extremamente provocado, cortou a cabeça de seu quadrigário. Nisso, aquele poderoso guerreiro em carro, pulando de seu carro cujos corcéis e quadrigário tinham sido mortos, e cedendo à influência da ira, ficou muito inquieto. O avô, vendo Sweta, aquele principal dos guerreiros em carros, privado de carro, começou a atingi-lo por todos os lados com uma chuva de flechas. E atingido naquele combate por flechas atiradas do arco de Bhishma, Sweta, deixando seu arco em seu carro (abandonado) pegou um dardo enfeitado com ouro e pegando aquele dardo terrível e brilhante, o qual parecia a vara fatal da Morte e era capaz de matar a própria Morte, Sweta então, em grande ira, dirigiu-se a Bhishma o filho de Santanu naquele combate, dizendo, ‘Espere um pouco, e me observe, ó melhor dos homens.’ E tendo dito isso para Bhishma em batalha, aquele grande arqueiro de bravura excelente e alma incomensurável arremessou o dardo parecido com uma cobra, mostrando seu heroísmo por causa dos Pandavas e desejando realizar teu mal. Então gritos altos de ‘Oh’ e ‘Ai’ se ergueram entre teus filhos, ó rei, ao verem aquele dardo terrível parecendo a vara da Morte em esplendor. E arremessado dos braços de Sweta, (aquele dardo), parecendo uma cobra que tinha acabado de rejeitar sua pele, caiu com grande força, ó rei, como um grande meteoro do firmamento. Teu pai Devavrata então, ó rei, sem o menor medo, com oito flechas afiadas e aladas cortou em nove fragmentos aquele dardo enfeitado com ouro puro e que parecia estar coberto com chamas de fogo, enquanto ele percorria flamejante o ar. Todas as tuas tropas então, ó touro da raça Bharata, deram gritos altos de alegria. O filho de Virata, no entanto, vendo seu dardo cortado em fragmentos, ficou irracional por raiva, e como alguém cujo ânimo tinha

sido vencido pela (chegada de) sua hora, não podia decidir o que fazer. Privado de sua razão pela raiva, ó rei, o filho de Virata, então, sorrindo, alegremente pegou uma maça para matar Bhishma, com olhos vermelhos de ira, e parecendo um segundo Yama armado com maça, ele avançou contra Bhishma como uma torrente elevada contra as rochas. Considerando a impetuosidade dele como incapaz de ser detida, Bhishma dotado de grande coragem e conhecedor da força (de outros), desceu de repente no chão para precaver-se contra aquele golpe. Sweta então, ó rei, girando em cólera aquela maça pesada, arremessou-a no carro de Bhishma como o deus Maheswara. E por aquela maça destinada para a destruição de Bhishma, aquele carro foi reduzido a cinzas, com estandarte, e quadrigário, e corcéis e varal. Vendo Bhishma, aquele principal dos guerreiros em carros, se tornar um combatente a pé, muitos guerreiros em carros, isto é, Salya e outros, se apressaram rapidamente (para seu resgate). Subindo então em outro carro, e esticando seu arco tristemente, Bhishma avançou lentamente em direção a Sweta, observando aquele principal dos guerreiros em carros. Enquanto isso, Bhishma ouviu uma voz alta proferida nos céus, que era celestial e repleta de bem para ele. (E a voz disse), 'Ó Bhishma, ó tu de armas poderosas, esforce-te sem perder um momento. Essa é a hora fixada pelo Criador do Universo para êxito sobre este (Sweta)'. Ouvindo aquelas palavras proferidas pelo mensageiro celeste, Bhishma, cheio de alegria, fixou seu coração na destruição de Sweta. E vendo aquele principal dos guerreiros em carros, Sweta, se tornar um combatente a pé, muitos fortes guerreiros em carros (do lado Pandava) se apressaram unidamente (para seu resgate). (Eles eram) Satyaki, e Bhimasena, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata; e os (cinco) irmãos Kekaya, e Dhrishtaketu e Abhimanyu de grande energia. E vendo-os avançando (para o resgate), com Drona e Salya e Kripa, aquele herói de alma incomensurável (Bhishma) deteve eles todos como a montanha resistindo à força do vento. E quando os guerreiros de grande alma do lado Pandava eram (assim) mantidos sob controle, Sweta, pegando uma espada cortou o arco de Bhishma. Jogando de lado aquele arco, o avô rapidamente decidiu pela destruição de Sweta, tendo ouvido as palavras do mensageiro celeste. Embora frustrado (por Sweta), teu pai Devavrata então, aquele poderoso guerreiro em carro, pegando rapidamente outro arco que parecia o arco do próprio Sakra em esplendor, encordoou-o em um instante. Então teu pai, ó chefe dos Bharatas, vendo aquele poderoso guerreiro em carro Sweta, embora o último estivesse então cercado por aqueles tigres entre homens com Bhimasena em sua chefia, (teu pai) o filho de Ganga, avançou firmemente somente por causa do generalíssimo Sweta. Vendo Bhishma avançar, Bhimasena de grande bravura o perfurou com sessenta flechas. Mas aquele poderoso guerreiro em carro, teu pai Devavrata, detendo Bhimasena e Abhimanyu e outros guerreiros em carros com flechas terríveis, atingiu-o com três flechas retas. E o avô dos Bharatas também atingiu Satyaki, naquele combate, com cem flechas, e Dhrishtadyumna com vinte e os irmãos Kekaya com cinco. E detendo todos aqueles arqueiros formidáveis com flechas terríveis, teu pai Devavrata avançou somente em direção a Sweta. Então tirando uma flecha parecendo a própria Morte e capaz de aguentar uma grande tensão e incapaz de ser resistida, o poderoso Bhishma colocou-a na corda de seu arco. E aquela flecha, provida de asas e devidamente dotada da força da arma Brahma, foi vista pelos deuses e

Gandharvas e Pisachas e Uragas, e Rakshasas. E aquela flecha, de esplendor semelhante àquele de um fogo ardente, atravessando sua cota de malha (passou através de seu corpo e) entrou na terra, com um lampejo semelhante àquele do relâmpago do céu. Como o Sol quando se retira rapidamente para seus aposentos ocidentais levando junto com ele os raios de luz, assim mesmo aquela flecha atravessou o corpo de Sweta, levando embora consigo a vida dele. Assim morto em batalha por Bhishma, nós vimos aquele tigre entre homens cair como o topo desprendido de uma montanha. E todos os poderosos guerreiros em carro da classe Kshatriya pertencentes ao lado Pandava lamentaram. Teus filhos, no entanto, e todos os Kurus, estavam cheios de alegria. Então, ó rei, vendo Sweta derrotado, Dussasana dançou em alegria sobre o campo em acompanhamento com a música alta de conchas e baterias. E quando aquele grande arqueiro tinha sido morto por Bhishma, aquele ornamento de batalha, os arqueiros poderosos (do lado Pandava) com Sikhandin em sua dianteira tremeram amedrontados. Então quando seu comandante estava morto, Dhananjaya, ó rei, e ele da linhagem de Vrishni, retiraram lentamente as tropas (para seu descanso noturno). E então, ó Bharata, realizou-se a retirada dos deles e dos teus, enquanto ambos estavam dando rugidos altos frequentemente. E os poderosos guerreiros em carros dos Parthas entraram desanimadamente (em seus alojamentos), pensando, ó castigador de inimigos, naquela morte horrível em duelo (de seu comandante)."

49

Dhritarashtra disse, "Quando o generalíssimo Sweta, ó filho, foi morto em batalha pelo inimigo, o que aqueles arqueiros poderosos, os Panchalas com os Pandavas, fizeram? Sabendo que seu comandante Sweta estava morto, o que aconteceu entre aqueles que lutavam por causa dele e seus inimigos que recuavam diante deles? Ó Sanjaya, ouvindo sobre nossa vitória, (tuas) palavras agradam meu coração! Nem meu coração sente qualquer vergonha ao lembrar de nossa transgressão. (Isto é, a morte por Bhishma de seu carro, de Sweta que era então um combatente a pé). O velho chefe da família de Kuru é sempre alegre e leal (a nós). (Com relação a Duryodhana), tendo provocado hostilidades com aquele filho inteligente de seu tio, ele procurou uma vez a proteção dos filhos de Pandu por sua ansiedade e medo devidos a Yudhishthira. Naquele tempo, abandonando tudo ele vivia em miséria. Pela destreza dos filhos de Pandu, e em todo lugar recebendo empecilhos, tendo se colocado em meio a obstáculos, de seus inimigos, Duryodhana tinha (por algum tempo) recorrido a comportamento honrado. Antigamente aquele rei de mente pecaminosa tinha se colocado sob a proteção deles. Por que, portanto, ó Sanjaya, Sweta que era devotado a Yudhishthira, foi morto? De fato, este príncipe de mente estreita, com todas as suas chances de sucesso futuro, foi lançado nas regiões inferiores por diversos canalhas. Bhishma não desejava a guerra, nem mesmo o preceptor. Nem Kripa, nem Gandhari a desejava. Ó Sanjaya, nem eu a desejo, nem Vasudeva da linhagem de Vrishni, nem aquele rei justo o filho de Pandu; nem Bhima, nem Arjuna, nem aqueles touros entre homens, os gêmeos (a desejam). Sempre proibido por mim, por Gandhari, por Vidura, por Rama o filho de Jamadagni, e por

Vyasa de grande alma também, Duryodhana de mente má e pecaminosa, com Dussasana, ó Sanjaya, sempre seguindo os conselhos de Karna e do filho de Suvala, comportou-se maliciosamente em direção aos Pandavas. Eu penso, ó Sanjaya, que ele caiu em grande infortúnio. Depois da morte de Sweta e da vitória de Bhishma o que Partha, estimulado pela ira, fez em batalha acompanhado por Krishna? De fato, é de Arjuna que meus temores provêm, e aqueles temores, ó Sanjaya, não podem ser dissipados. Ele, Dhananjaya, o filho de Kunti, é bravo e dotado de grande energia. Eu penso, com suas flechas ele cortará em fragmentos os corpos de seus inimigos. O filho de Indra, e em batalha igual a Upendra o irmão mais novo de Indra, um guerreiro cuja ira e propósitos nunca são inúteis, ai, vendo ele qual se tornou o estado de suas mentes? Valente, conhecedor dos Vedas, parecendo o fogo e o Sol em esplendor, e possuindo o conhecimento da arma Aindra, aquele guerreiro de alma incomensurável é sempre vitorioso quando ele cai sobre o inimigo! Suas armas sempre caindo sobre o inimigo com a força do raio e seus braços extraordinariamente rápidos em puxar a corda do arco, o filho de Kunti é um poderoso guerreiro em carro. O formidável filho de Drupada também, ó Sanjaya, é dotado de grande sabedoria. O que, de fato, fez Dhristadyumna quando Sweta foi morto em batalha? Eu penso que por causa dos males que eles sofreram antigamente, e da morte de seu comandante, os corações dos Pandavas de grande alma se inflamaram. Pensando em sua ira eu nunca estou em paz, de dia ou de noite, por conta de Duryodhana. Como a grande batalha aconteceu? Fale-me tudo sobre isto, ó Sanjaya."

Sanjaya disse, "Ouça, ó rei, tranquilamente sobre tuas transgressões. Não cabe a ti imputar o resultado a Duryodhana. Como é a construção de um dique quando as águas desapareceram, assim é tua compreensão, ou, é como a escavação de um poço quando a casa está pegando fogo. (Como ambas as operações são inúteis, assim são esses teus arrependimentos.) Quando, depois que a manhã tinha passado, o comandante Sweta foi, ó Bharata, morto por Bhishma naquele combate violento, o filho de Virata, Sankha, aquele opressor de tropas hostis que sempre se deleitava em batalha, vendo Salya posicionado com Kritavarman (em seu carro), inflamou-se de repente com ira, como fogo com manteiga clarificada. Aquele guerreiro poderoso, esticando seu arco grande que parecia o arco do próprio Indra, avançou com o desejo de matar o soberano dos Madras em batalha, ele mesmo protegido por todos os lados por uma grande divisão de carros. E Sankha, causando uma chuva de flechas avançou em direção ao carro no qual Salya estava. E vendo-o avançar como um elefante enfurecido, sete poderosos guerreiros em carros do teu lado o cercaram, desejosos de salvar o soberano dos Madras já dentro das mandíbulas da morte. Então o poderosamente armado Bhishma, rugindo como as próprias nuvens, e pegando um arco de seis cúbitos completos de comprimento, avançou em direção a Sankha em batalha. E vendo aquele poderoso guerreiro em carro e grande arqueiro avançando dessa maneira, a hoste Pandava começou a tremer como um barco atirado pela violência de uma tempestade. Então Arjuna, avançando rapidamente, colocou-se na frente de Sankha, pensando que Sankha devia, nessas circunstâncias, ser protegido de Bhishma. E então começou o combate entre Bhishma e Arjuna. E gritos altos de 'Oh' e 'Ai' ergueram-se entre os guerreiros engajados na batalha. E uma força

parecia imergir em outra força. (Arjuna representando uma força, e Bhishma outra, as duas forças pareciam se misturar, uma na outra.) E dessa maneira todos estavam surpresos. Então Salya, maça na mão, descendo de seu carro grande, matou, ó touro da raça Bharata, os quatro corcéis de Sankha. Saltando de seu carro assim desprovido de corcéis, e pegando uma espada, Sankha correu em direção ao carro de Vibhatsu e (subindo sobre ele) ficou mais uma vez à vontade. E então lá caíram do carro de Bhishma inúmeras flechas pelas quais foram cobertos o firmamento inteiro e a terra. E aquele principal dos batedores, Bhishma, massacrou com suas flechas as hostes Panchala, Matsya, Kekaya, e Prabhadraka. E logo abandonando naquela batalha o filho de Pandu (Arjuna), capaz de estirar o arco até com sua mão esquerda, Bhishma avançou em direção a Drupada, o rei dos Panchalas, cercado por sua hoste. E ele logo cobriu seu querido parente com inúmeras flechas. Como uma floresta consumida por fogo no fim do inverno, as tropas de Drupada foram vistas serem consumidas. E Bhishma permaneceu naquela batalha como um fogo ardente sem fumaça, ou como o próprio Sol no meio-dia chamuscando tudo em volta com seu calor. Os combatentes dos Pandavas não eram capazes nem de olhar para Bhishma. E afligida pelo medo, a hoste Pandava lançou seus olhos em volta, e não vendo qualquer protetor, parecia com um rebanho de vacas afligido pelo frio. Massacradas ou se retirando em desalento enquanto eram oprimidas, gritos altos, ó Bharata, de ‘Oh’ e ‘Ai’ ergueram-se entre as tropas dos Pandavas. Então Bhishma o filho de Santanu, com arco sempre puxado a um círculo, atirou dele flechas ardentes que pareciam veneno virulento. E criando linhas contínuas de flechas em todas as direções, aquele herói de votos rígidos matou guerreiros em carros Pandava, nomeando cada um, ó Bharata, antes. E então quando as tropas dos Pandavas estavam derrotadas e oprimidas por todo o campo, o sol se pôs e nada podia ser visto. E então observando Bhishma, ó touro da raça Bharata, de pé orgulhosamente em batalha, os Parthas retiraram suas tropas (para descanso noturno)."

50

Sanjaya disse, "Quando as tropas, ó touro da raça Bharata, foram retiradas no primeiro dia, e quando Duryodhana estava cheio de alegria ao (ver) Bhishma excitado com ira em batalha, o rei Yudhishthira o justo dirigiu-se rapidamente até Janardana, acompanhado por todos os seus irmãos e todos os reis (do seu lado). Cheio de grande aflição pensando em sua derrota, e vendo a bravura de Bhishma, ó rei, ele se dirigiu àquele descendente da linhagem de Vrishni, dizendo, 'Veja, ó Krishna, aquele poderoso arqueiro Bhishma de bravura terrível. Ele consome com suas flechas minhas tropas como fogo (consumindo) grama seca. Como nós iremos até olhar para aquele (guerreiro) de grande alma que está devorando minhas tropas como fogo alimentado com manteiga clarificada? Vendo aquele tigre entre homens, aquele guerreiro poderoso armado com o arco, minhas tropas fogem, atormentadas por flechas. O próprio Yama enfurecido, ou Ele armado com o raio, ou mesmo Varuna com o laço na mão, ou Kuvera armado com maça, podem ser subjugados em batalha, mas o poderoso guerreiro em carro Bhishma,

de energia formidável, não pode ser subjugado. Tal sendo o caso, eu estou afundando no oceano insondável representado por Bhishma, sem um bote (para me resgatar). Por consequência, ó Kesava, da fraqueza de minha inteligência, tendo obtido Bhishma (como um inimigo em batalha), eu irei, ó Govinda, me retirar para as florestas. Viver lá é preferível a sacrificar estes senhores de terra à Morte na forma de Bhishma. Conhecedor de armas poderosas, Bhishma, ó Krishna, aniquilará meu exército. Como insetos se precipitando no fogo ardente para sua própria destruição, os combatentes do meu exército são exatamente assim. Ao aplicar minha destreza por causa do reino, ó tu da linhagem de Vrishni, eu estou sendo levado à destruição. Meus irmãos heróicos também estão atormentados e afligidos com flechas por minha causa, tendo sido privados de soberania e felicidade por seu amor por seu irmão mais velho. Nós consideramos muito a vida, pois, sob estas circunstâncias, a vida é preciosa demais (para ser sacrificada). Durante o resto de meus dias eu praticarei as mais rígidas das austeridades ascéticas. Eu não farei, ó Kesava, estes meus amigos serem mortos. O poderoso Bhishma mata incessantemente, com sua arma celeste, muitos milhares de meus guerreiros em carros que são principais dos batedores. Diga-me, ó Madhava, sem demora, o que deve ser feito que possa me fazer bem. Com relação a Arjuna, eu vejo que ele é um espectador indiferente nessa batalha. Dotado de grande força, somente este Bhima, se lembrando dos deveres Kshatriya, luta empregando a destreza de seus braços e o máximo de sua força. Com sua maça matadora de heróis, esse (guerreiro) de grande alma, até a total capacidade de seus poderes, realiza as façanhas mais difíceis sobre soldados de infantaria e corcéis e carros e elefantes. Este herói, no entanto, é incapaz, ó senhor, de destruir em luta justa a hoste hostil mesmo em um século. Só este teu amigo (Arjuna entre nós) é conhecedor de armas (poderosas). Ele, no entanto, nos vendo destruídos por Bhishma e por Drona de grande alma, olha indiferentemente para nós. As armas celestes de Bhishma e de Drona de grande alma, incessantemente aplicadas, estão consumindo todos os Kshatriyas. Ó Krishna, tal é sua destreza que Bhishma, com cólera excitada, ajudado pelos reis (do seu lado), irá, sem dúvida nos aniquilar. Ó Senhor do Yoga, procure aquele grande arqueiro, aquele poderoso guerreiro em carro, que dará em Bhishma seu golpe final como nuvens carregadas de chuva apagando um incêndio na floresta. (Então) pela tua graça, ó Govinda, os filhos de Pandu, seus inimigos estando mortos, depois da recuperação de seu reino serão felizes com seus parentes.'

Tendo dito isso, o filho de grande alma de Pritha, com coração afligido pela dor e mente dirigida para dentro, ficou calado por um longo tempo em uma disposição meditativa. Vendo o filho de Pandu tomado pela dor e privado de sua razão pela tristeza, Govinda então alegrando todos os Pandavas disse, 'Não sofra, ó chefe dos Bharatas. Não cabe a ti te afligir quando teus irmãos são todos heróis e arqueiros renomados no mundo. Eu também estou empenhado em te fazer bem, como também aquele poderoso guerreiro em carro Satyaki e Virata e Drupada, ambos veneráveis em idade, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata. E assim também, ó melhor dos reis, todos estes monarcas com suas (respectivas) tropas estão expectantes do teu favor e dedicados a ti, ó rei. Este poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata colocado no comando do teu

exército está sempre desejoso do teu bem-estar e dedicado a fazer aquilo que é agradável para ti, como também este Sikhandin, ó tu de braços fortes, que é certamente o matador de Bhishma.' Ouvindo estas palavras, o rei (Yudhishthira), disse para aquele poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, naquela mesma assembléia e na audição de Vasudeva, estas palavras, 'Ó Dhrishtadyumna, preste atenção nessas palavras que eu te digo, ó tu da linha de Prishata. As palavras proferidas por mim não devem ser desobedecidas. Aprovado por Vasudeva, tu tens sido o comandante de nossas tropas. Como Kartikeya, nos tempos antigos, era sempre o comandante da hoste celeste, assim também tu és, ó touro entre homens, o comandante da hoste Pandava. Aplicando tua destreza, ó tigre entre homens, mate os Kauravas. Eu te seguirei, e Bhima, e Krishna também, ó senhor, e os filhos de Madri unidos, e os filhos de Draupadi equipados em armadura, e todos os outros principais dos reis, ó touro entre homens.' Então alegrando (os ouvintes) Dhrishtadyumna disse, 'Ordenado antigamente pelo próprio Sambhu, eu sou, ó filho de Pritha, o matador de Drona. Eu agora lutarei em batalha contra Bhishma, e Drona e Kripa e Salya e Jayadratha e todos os monarcas orgulhosos (do lado Kuru)'. Quando aquele principal dos príncipes, aquele matador de inimigos, o filho de Prishata, disse isso desafiadoramente, os guerreiros Pandava, dotados de grande energia e incapazes de ser derrotados em batalha, todos deram um grito alto. E então o filho de Pritha Yudhishthira disse para o comandante de seu exército, o filho de Prishata, (essas palavras), 'Uma formação de combate conhecida pelo nome de Krauncharuma, que é destrutiva de todos os inimigos, e que foi citada por Vrihaspati para Indra nos tempos antigos quando os deuses e os Asuras lutaram, aquela formação destrutiva de divisões hostis, forme. Não vista antes, (que) os reis a vejam, junto com os Kurus.' Assim endereçado por aquele deus entre homens, como Vishnu endereçado pelo manejador do raio, ele (Dhrishtadyumna), quando amanheceu, colocou Dhananjaya na vanguarda do exército inteiro. E o estandarte de Dhananjaya, criado por ordem de Indra pelo artífice celeste, enquanto se movia pelos céus, parecia maravilhosamente belo. Decorado com pendões portando cores parecidas com aquelas do arco de Indra (arco-íris), percorrendo o ar como um vagueador dos céus (ave), e parecendo com o edifício fugaz de vapor no firmamento (os edifícios e formas vaporosos, constantemente se fundindo reaparecendo em novas formas, são chamados de cidades dos Gandharvas ou coristas celestiais), ele parecia, ó majestade, planar de modo dançante pelo caminho do carro (ao qual ele estava ligado). E o portador do Gandiva com aquele (estandarte) enfeitado com pedras preciosas, e aquele próprio estandarte com o portador do Gandiva, pareciam muito adornados, como o Auto-criado com o Sol (e o Sol com o Auto-criado, ou como a montanha Meru com o Sol, e o Sol com Meru). E o rei Drupada, cercado por um grande número de tropas, tornou-se a cabeça (daquela ordem de batalha). E os dois reis Kuntibhoja e Saivya se tornaram seus dois olhos. E o soberano dos Dasarnas, e os Prayagas, com os Daserakas, e os Anupakas, e os Kiratas estavam posicionados em seu pescoço, ó touro da raça Bharata. E Yudhishthira, ó rei, com os Patachcharas, os Hunas, os Pauravakas e os Nishadas tornou-se suas duas asas, assim também os Pisachas, com os Kundavishas, e os Mandakas, os Ladakas, os Tanganas, e os Uddras, ó Bharata, e os Saravas, os Tumbhumas, os Vatsas, e os Nakulas. E Nakula e Sahadeva se colocaram na asa esquerda. E nas juntas das duas asas

estavam colocados dez mil carros e na cabeça cem mil, e nas costas cem milhões e vinte mil e no pescoço cento e setenta mil. E nas juntas das asas, nas asas e na extremidade das asas procediam elefantes em grandes grupos, parecendo, ó rei, com montanhas fulgurantes. E a retaguarda era protegida por Virata ajudado pelos Kekayas, e o soberano de Kasi e o rei dos Chedis, com trinta mil carros. Formando, ó Bharata, sua ordem de batalha poderosa dessa maneira, os Pandavas, expectantes do nascer do sol, esperaram pela batalha, todos envolvidos em armadura. E seus guarda-sóis brancos, imaculados e valiosos, e brilhantes como o sol, brilhavam resplandecentes sobre seus elefantes e carros."

51

Sanjaya disse, "Observando a formação de batalha poderosa e terrível chamada Krauncha formada pelo filho de Pandu de energia infinita, teu filho, se aproximando do preceptor, e de Kripa, e de Salya, ó senhor, e do filho de Somadatta, e de Vikarna, e de Aswatthaman também, e de todos os seus irmãos também encabeçados por Dussasana, ó Bharata, e de outros heróis imensuráveis reunidos lá para a batalha, disse essas palavras oportunas, alegrando eles todos, 'Armados com vários tipos de armas, vocês todos conhecem o sentido das escrituras. Ó poderosos guerreiros em carros, cada um de vocês é sozinho capaz de matar em batalha os filhos de Pandu com suas tropas. Quanto mais então, quando vocês estão reunidos. Nossa hoste, portanto, que é protegida por Bhishma, é imensurável, enquanto aquela hoste deles, que é protegida por Bhima, é mensurável. Que os Samsthanas, os Surasenas, os Venikas, os Kukkuras, os Rechakas, os Trigartas, os Madrakas, os Yavanas, com Satrunjayas, e Dussasana, e aquele herói excelente Vikarna, e Nanda e Upanandaka, e Chitrasena, junto com os Manibhadrakas, protejam Bhishma com suas (respectivas) tropas.' Então Bhishma e Drona e teus filhos, ó majestade, formaram uma ordem de batalha poderosa para resistir àquela dos Parthas. E Bhishma, cercado por um grande corpo de tropas, avançou, liderando um exército imenso, como o próprio chefe dos celestiais. E aquele arqueiro poderoso, o filho de Bharadwaja, dotado de grande energia, seguiu-o com os Kuntalas, os Dasarnas, e os Magadhas, ó rei, e com os Vidarbhas, os Melakas, os Karnas, e os Pravaranas também. E os Gandharas, os Sindhusauviras, os Sivis e os Vasatis com todos os seus combatentes também, (seguiram) Bhishma, aquele ornamento de batalha, e Sakuni com todas as suas tropas protegia o filho de Bharadwaja. E então o rei Duryodhana, junto com todos os seus irmãos, com os Aswalakas, os Vikarnas, os Vamanas, os Kosalas, os Daradas, os Vrikas, como também os Kshudrakas e os Malavas avançou alegremente contra a hoste Pandava. E Bhurisravas, e Sala, e Salya, e Bhagadatta, ó majestade, e Vinda e Anuvinda de Avanti, protegiam o flanco esquerdo. E Somadatta, e Susarman, e Sudakshina, o soberano dos Kamvojas e Satayus, e Srutayus, estavam no flanco direito. E Aswatthaman, e Kripa, e Kritavarman da linhagem de Satwata, com uma divisão muito grande das tropas, estavam posicionados na retaguarda do exército. E atrás deles estavam os soberanos de muitas províncias, e Ketumat, e Vasudana, e o filho poderoso do rei

de Kasi. Então as tropas do teu lado esperando alegremente pela batalha, ó Bharata, sopraram suas conchas com grande prazer, e deram rugidos leoninos. E ouvindo os gritos daqueles (combatentes) cheios de alegria o venerável avô Kuru, dotado de grande bravura, proferindo um rugido leonino, soprou sua concha. Nisso, conchas e baterias e diversas espécies de Pesis e pratos foram soados imediatamente por outros, e o barulho feito tornou-se um tumulto alto. E Madhava e Arjuna, ambos posicionados em um grande carro ao qual estavam unidos corcéis brancos, sopraram suas conchas excelentes enfeitadas com ouro e jóias. E Hrishikesa soprou a concha chamada Panchajanya, e Dhananjaya (aquela chamada) Devadatta. E Vrikodara de atos terríveis soprou a concha enorme chamada Paundra. E o filho de Kunti o rei Yudhishthira soprou a concha chamada Anantavijaya, enquanto Nakula e Sahadeva (aquelas conchas chamadas) Sughosa e Manipushpaka. E o soberano de Kasi, e Saivya, e Sikhandin o poderoso guerreiro em carro, e Dhrishtadyumna, e Virata, e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, e aquele grande arqueiro o rei dos Panchalas, e os cinco filhos de Draupadi, todos sopraram suas conchas grandes e deram rugidos leoninos. E aquele grande barulho proferido lá por aqueles heróis reverberou ruidosamente pela terra e o firmamento. Assim, ó grande rei, os Kurus e os Pandavas, ambos cheios de alegria, avançaram uns contra os outros para lutar novamente, e chamuscar uns aos outros dessa maneira."

52

Dhritarashtra disse, "Quando as minhas e as hostes hostis estavam assim formadas em ordem de batalha, como os principais batedores começaram a atacar?"

Sanjaya disse, "Quando todas as divisões estavam assim organizadas, os combatentes esperaram, todos equipados em armadura, e com seus estandartes belos todos erguidos. E vendo a hoste (Kuru) que parecia o oceano ilimitado, teu filho Duryodhana, ó rei, posicionado dentro dela, disse para todos os combatentes do teu lado, 'Equipados em armadura (como vocês estão), comecem a lutar.' Os combatentes então, nutrindo intenções cruéis, e abandonando suas próprias vidas, todos avançaram contra os Pandavas, com estandartes erguidos. A batalha que ocorreu então foi violenta e de arrepiar os cabelos. E os carros e elefantes estavam todos misturados. E flechas com belas penas, e dotadas de grande energia e pontas afiadas, disparadas dos guerreiros em carros caíam sobre elefantes e cavalos. E quando a batalha começou dessa maneira, o venerável avô Kuru, o poderosamente armado Bhishma de destreza terrível, equipado em armadura, pegando seu arco, e se aproximando deles, derramou uma chuva de flechas sobre o filho heróico de Subhadra, e o poderoso guerreiro em carro Arjuna, e o soberano dos Kekayas e Virata, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, como também sobre os guerreiros Chedi e Matsya. E aquela formação de combate imensa (dos Pandavas) vacilou no começo por causa daquele herói. E terrificante foi a luta que ocorreu entre todos os combatentes. E homens a cavalo e guerreiros em carros e principais dos corcéis caíram rápido. E as divisões de

carros dos Pandavas começaram a fugir. Então aquele tigre entre homens, Arjuna, observando aquele poderoso guerreiro em carro Bhishma, disse furiosamente para ele da linhagem de Vrishni, 'Proceda para o lugar onde o avô está. Ó tu da linhagem de Vrishni, é evidente que este Bhishma, com ira estimulada, aniquilará minha hoste para benefício de Duryodhana. E este Drona, e Kripa e Salya e Vikarna, ó Janardana, junto com os filhos de Dhritarashtra encabeçados por Duryodhana, e protegidos por este arqueiro firme massacrarão os Panchalas. Eu mesmo, portanto, pararei Bhishma por causa de minhas tropas, ó Janardana.' Para ele Vasudeva então disse, 'Tenha cuidado, ó Dhananjaya, pois eu logo te levarei, ó herói, em direção ao carro do avô.' Dizendo isso, ó rei, Saurin levou aquele carro, o qual era célebre pelo mundo, diante do carro de Bhishma. Com pendões numerosos todos ondulando, com corcéis parecendo belos como um bando de grous (brancos), com estandarte erguido no qual estava o macaco rugindo ferozmente, sobre seu carro grande de refulgência solar e cujo estrépito parecia o ribombar das nuvens, massacrando as divisões Kaurava e os Surasenas também, o filho de Pandu, aquele aumentador das alegrias de amigos foi rapidamente para o confronto. Ele (assim) avançando impetuosamente como um elefante enfurecido e (assim) apavorando na batalha combatentes valentes e derrubando-os com suas flechas, Bhishma o filho de Santanu, protegido pelos guerreiros encabeçados por Saindhava e pelos combatentes do Leste e os Sauviras e os Kekayas, enfrentou com grande impetuosidade. Quem mais salvo o avô Kuru e aqueles guerreiros em carros, isto é, Drona e o filho de Vikartana (Karna), é capaz de avançar em batalha contra o portador do arco chamado Gandiva? Então, ó grande rei, Bhishma, o avô dos Kauravas atingiu Arjuna com setenta e sete flechas e Drona (o atingiu) com vinte e cinco, e Kripa com cinquenta, e Duryodhana com sessenta e quatro, e Salya com nove flechas; e o filho de Drona, aquele tigre entre homens, com sessenta, e Vikarna com três flechas; e Saindhava com nove e Sakuni com cinco. E Artayani, ó rei, perfurou o filho de Pandu com três flechas de cabeça larga. E (embora) perfurado por todos os lados por eles com flechas afiadas, aquele arqueiro formidável, aquele (guerreiro) poderosamente armado, não vacilou como uma montanha que é perfurada (com flechas). Nisso ele, o enfeitado com diadema, de alma incomensurável, ó touro da raça Bharata, em retorno perfurou Bhishma com vinte e cinco, e Kripa com nove flechas, e Drona com sessenta, ó tigre entre homens, e Vikarna com três flechas; e Artayani com três flechas, e o rei (Duryodhana) também com cinco. E então Satyaki, e Virata e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, e os filhos de Draupadi, e Abhimanyu, todos o cercaram, (procedendo para sua defesa). Então o príncipe dos Panchalas, apoiado pelos Somakas, avançou em direção ao grande arqueiro Drona que estava empenhado em procurar o bem-estar do filho de Ganga. Então Bhishma, aquele principal dos guerreiros em carros, perfurou rapidamente o filho de Pandu com oitenta flechas afiadas, pelo que os combatentes no teu lado ficaram muito satisfeitos. Ouvindo os gritos daqueles leões entre os guerreiros em carros, Dhananjaya, dotado de grande coragem, então entrou alegremente no meio daqueles leões entre guerreiros em carros e se divertiu com seu arco, ó rei, visando (sucessivamente) aqueles poderosos guerreiros em carros. Então aquele soberano de homens, o rei Duryodhana disse para Bhishma, vendo suas próprias tropas (assim) afligidas em

batalha pelo filho de Pritha, 'Este filho poderoso de Pandu, ó senhor, acompanhado por Krishna, derrubando todas as nossas tropas, derruba nossas bases, mesmo que tu, ó filho de Ganga, e aquele principal dos guerreiros em carros, Drona, estejam vivos. Ó monarca, é somente por tua causa que Karna, pondo de lado suas armas, não luta com os filhos de Pritha em batalha (embora) ele seja sempre um benquerente meu. Faça, portanto, ó filho de Ganga, aquilo pelo qual Phalguni possa ser morto.' Assim endereçado, ó rei, teu pai Devavrata, dizendo, 'Que vergonha para o costume Kshatriya!', então procedeu em direção ao carro de Partha. E todos os reis, ó monarca, vendo ambos aqueles guerreiros com corcéis brancos unidos aos seus carros posicionados (para lutar), deram altos rugidos leoninos, e também sopraram suas conchas, ó majestade. E o filho de Drona e Duryodhana, e teu filho Vikarna, cercando Bhishma naquele combate, se posicionaram, ó majestade, para lutar. E assim todos os Pandavas, cercando Dhananjaya, se posicionaram para combate feroz. E a batalha então começou. E o filho de Ganga perfurou Partha naquele combate com nove flechas. E Arjuna o perfurou em retorno com dez flechas penetrando nos próprios órgãos vitais. Então, com mil flechas, bem disparadas, o filho de Pandu Arjuna, afamado por sua habilidade em batalha, encobriu Bhishma por todos os lados. Aquela rede de flechas, no entanto, de Partha, ó rei, Bhishma o filho de Santanu frustrou com uma rede de flechas (própria). E ambos bem satisfeitos, e ambos se deleitando em batalha, lutaram um com o outro sem um ganhar qualquer vantagem sobre o outro, e cada um desejoso de neutralizar as façanhas do outro. E as sucessivas revoadas de flechas disparadas do arco de Bhishma eram vistas serem dispersadas pelas flechas de Arjuna. E assim as revoadas de flechas atiradas por Arjuna, cortadas pelas flechas do filho de Ganga, caíam todas no chão. E Arjuna perfurou Bhishma com vinte e cinco flechas de pontas afiadas. E Bhishma, também, naquele combate, perfurou Partha em retorno com nove flechas. E aqueles dois guerreiros poderosos, aqueles castigadores de inimigos, perfurando os corcéis um do outro, e também os varais e as rodas do carro um do outro, começaram a se divertir. Então, ó rei, Bhishma, aquele principal dos batedores, atingiu Vasudeva no meio de seu peito com três flechas. E o matador de Madhu, atingido por aquelas flechas atiradas do arco de Bhishma, brilhava naquela batalha, ó rei, como uma Kinsuka florescente. Então Arjuna, indignado ao ver Madhava, perfurou naquele combate o quadrigário do filho de Ganga com três flechas. E ambos os heróis, lutando um com o outro contra o carro um do outro, não tiveram êxito em visar um ao outro no combate. E pela habilidade e destreza dos quadrigários de ambos aqueles guerreiros, ambos exibiram, ó rei, belos círculos e avanços e retiradas em relação a seus carros moventes. E, ó monarca, vendo a oportunidade para atacar, eles frequentemente mudavam posições, ó rei, para obter o que eles procuravam. E ambos os heróis sopraram suas conchas, misturando aquele clangor com seus rugidos leoninos. E aqueles poderosos guerreiros em carros vibraram seus arcos, ambos da mesma maneira. E com o clangor de suas conchas e o estrépito das rodas de seus carros a própria Terra foi repentinamente fendida. E ela começou a tremer e produzir barulhos subterrâneos. E ninguém, ó touro da raça Bharata, podia detectar quaisquer pontos fracos em ambos. Os dois eram possuidores de grande poder e grande coragem em batalha, um era igual ao outro. E somente pela (visão de) seu

estandarte os Kauravas podiam se aproximar dele (para ajudar). E da mesma maneira os Pandavas se aproximaram do filho de Pritha (para ajudar) guiados por seu estandarte somente. E vendo, ó rei, destreza assim mostrada por aqueles dois principais dos homens, ó Bharata, todas as criaturas (presentes) naquela batalha estavam muito admiradas. E ninguém, ó Bharata, observava qualquer diferença entre os dois, exatamente como ninguém encontra qualquer transgressão em uma pessoa observadora de moralidade. E ambos (às vezes) se tornavam perfeitamente invisíveis por causa de nuvens de flechas. E logo ambos se tornavam visíveis naquela batalha. E os deuses com Gandharvas e os Charanas, e os grandes Rishis vendo sua destreza disseram uns aos outros, 'Estes poderosos guerreiros em carros, quando excitados com raiva, não podem jamais ser vencidos em batalha por todos os mundos com os deuses, os Asuras e os Gandharvas. Esta batalha muito extraordinária seria extraordinária em todos os mundos. De fato, uma batalha como esta nunca acontecerá novamente. Bhishma é incapaz de ser conquistado em combate pelo filho de Pritha de grande inteligência, derramando suas flechas em batalha, com arco e carros e corcéis. Assim também aquele grande arqueiro, o filho de Pandu, incapaz de ser vencido em batalha pelos próprios deuses, Bhishma não é competente para conquistar em combate. Enquanto o próprio mundo durar, assim esta batalha continuará igualmente.' Nós ouvimos essas palavras espalhadas lá, ó rei, repletas de louvor ao filho de Ganga e Arjuna em batalha. E enquanto aqueles dois estavam empenhados em mostrar sua destreza, outros guerreiros do teu lado e dos Pandavas, ó Bharata, matavam uns aos outros em batalha, com cimitarras de pontas afiadas, e machados de batalha polidos, e inúmeras flechas, e diversos tipos de armas. E os bravos combatentes de ambos os exércitos derrubaram uns aos outros, enquanto aquele conflito terrível e homicida durou. E o confronto também, ó rei, que ocorreu entre Drona e o príncipe dos Panchalas foi terrível."

53

Dhritarashtra disse, "Diga-me, ó Sanjaya, como aquele grande arqueiro Drona e o príncipe Panchala da linhagem de Prishata enfrentaram um ao outro em batalha, cada um lutando seu melhor. Eu considero o destino como superior, ó Sanjaya, ao esforço, quando (nem) o filho de Santanu Bhishma pode escapar do filho de Pandu em batalha. De fato, Bhishma, quando enfurecido em batalha podia destruir todas as criaturas móveis e imóveis, por que, ó Sanjaya, ele não pode então por meio de sua destreza escapar do filho de Pandu em batalha?"

Sanjaya disse, "Escute, ó rei, calmamente a esta batalha magnífica. O filho de Pandu é incapaz de ser vencido pelos próprios deuses com Vasava. Drona com diversas flechas perfurou Dhrishtadyumna e derrubou o quadrigário do último de seu nicho no carro. E, ó majestade, o herói enfurecido também afligiu os quatro corcéis de Dhrishtadyumna com quatro flechas excelentes. E o heróico Dhrishtadyumna também perfurou Drona no combate com nove flechas afiadas e dirigiu-se a ele, dizendo, 'Espere. Espere.' 'Então, além disso, o filho de Bharadwaja de grande destreza e alma incomensurável cobriu com suas flechas o

colérico Dhrishtadyumna. E ele pegou uma flecha terrível para a destruição do filho de Prishata cuja força parecia aquela do raio de Sakra e que era como uma segunda vara da morte. E vendo aquela flecha mirada pelo (filho de) Bharadwaja em batalha, gritos altos de 'Oh' e 'Ai' ergueram-se, ó Bharata, dentre todos os combatentes. E então nós vimos a extraordinária coragem de Dhrishtadyumna tanto que aquele herói resistiu sozinho, imóvel como uma montanha. E ele cortou aquela flecha terrível e ardente indo em direção a ele como sua própria Morte, e também derramou uma chuva de flechas no filho de Bharadwaja. E vendo aquele feito difícil realizado por Dhrishtadyumna, os Panchalas com os Pandavas, cheios de alegria, deram gritos altos. E aquele príncipe, dotado de grande destreza, desejoso de matar Drona arremessou nele um dardo de grande impetuosidade, decorado com ouro e pedras de lápis lazúli. Nisso o filho de Bharadwaja, sorrindo, cortou em três fragmentos aquele dardo enfeitado com ouro que estava indo em direção a ele impetuosamente. Vendo seu dardo assim frustrado, Dhrishtadyumna de grande destreza derramou torrentes de flechas em Drona, ó rei. Então aquele poderoso guerreiro em carro Drona, desviando aquela chuva de flechas, cortou, quando a oportunidade se apresentou, o arco do filho de Drupada. Seu arco (assim) cortado no combate, aquele guerreiro poderoso de grande renome arremessou em Drona uma maça pesada dotada da força da montanha. E arremessada de suas mãos, aquela maça percorreu o ar para a destruição de Drona. E então nós vimos a destreza estupenda do filho de Bharadwaja. Pela agilidade (do movimento de seu carro), ele se desviou daquela maça decorada com ouro, e tendo-a frustrado, ele disparou no filho de Prishata muitas flechas de gume afiado, bem temperadas, providas de asas douradas, e afiadas em pedra. E estas, atravessando a cota de malha do filho de Prishata, beberam seu sangue naquela batalha. Então Dhrishtadyumna de grande alma, pegando outro arco, e aplicando sua destreza perfurou Drona naquele combate com cinco flechas. E então aqueles dois touros entre homens, ambos cobertos com sangue, pareciam belos como duas Kinsukas florescentes na primavera matizadas com flores. Então, ó rei, inflamado com ira e empregando sua destreza na chefia de sua divisão, Drona mais uma vez cortou o arco do filho de Drupada. E então aquele herói de alma incomensurável cobriu aquele guerreiro cujo arco estava cortado, com incontáveis flechas retas como as nuvens derramando chuva em uma montanha. E ele também derrubou o quadrigário de seu inimigo de seu nicho no carro. E seus quatro corcéis, também, com quatro flechas afiadas, Drona derrubou naquele combate e deu um rugido leonino. E com outra flecha ele cortou a proteção de couro que envolvia a mão de Dhrishtadyumna. Seu arco cortado, privado de carro, seus corcéis mortos, e quadrigário derrubado, o príncipe de Panchala desceu de seu carro, maça na mão, mostrando grande coragem. Mas antes que ele pudesse descer de seu carro, ó Bharata, Drona com suas flechas cortou aquela maça em fragmentos. Esta façanha pareceu extraordinária para nós. E então o príncipe poderoso dos Panchalas de braços fortes, pegando um escudo belo e grande decorado com cem luas, e uma cimitarra grande de belo feitio, avançou impetuosamente pelo desejo de matar Drona, como um leão faminto na floresta em direção a um elefante enfurecido. Então esplêndida foi a bravura que nós vimos do filho de Bharadwaja, e sua habilidade (de mão) no uso de armas, como também a força de seus braços, ó Bharata, visto que, sozinho, ele

deteve o filho de Prishata com uma chuva de flechas. E embora possuidor de grande poder em batalha, ele não pode proceder mais adiante. E nós vimos o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna permanecendo onde ele estava e desviando aquelas nuvens de flechas com seu escudo, usando seus braços com grande destreza. Então o poderosamente armado Bhima dotado de grande força chegou lá rapidamente, desejoso de ajudar em batalha o filho de grande alma de Prishata. E ele perfurou Drona, ó rei, com sete flechas de ponta afiada, e rapidamente fez o filho de Prishata subir em outro carro. Então o rei Duryodhana instigou o soberano dos Kalingas, apoiado por uma grande divisão, para a proteção do filho de Bharadwaja. Então aquela terrível e imensa divisão dos Kalingas, ó soberano de homens, avançou contra Bhima por ordem de teu filho. E Drona então, aquele principal dos guerreiros em carros, abandonando o príncipe de Panchala, enfrentou Virata e Drupada juntos. E Dhrishtadyumna também procedeu para proteger o rei Yudhishthira em batalha. E então começou uma batalha violenta, de arrepiar os cabelos, entre os Kalingas e Bhima de grande alma, uma batalha que foi destrutiva da população, impressionante, e terrível."

54

Dhritarashtra disse, "Como o soberano dos Kalingas, aquele comandante de uma grande divisão, incitado por meu filho, e protegido por suas tropas, lutou em batalha com o poderoso Bhimasena de façanhas extraordinárias, aquele herói vagando sobre o campo de batalha com sua maça como a própria Morte com maça nas mãos?"

Sanjaya disse, "Assim incitado por teu filho, ó grande rei, o poderoso rei dos Kalingas, acompanhado por um grande exército avançou em direção ao carro de Bhima. E Bhimasena, então, ó Bharata, protegido pelos Chedis, avançou em direção àquele exército grande e poderoso dos Kalingas, abundando com carros, corcéis, e elefantes, e armado com armas poderosas, e avançando em direção a ele com Ketumat, o filho do rei dos Nishadas. E Srutayus também, excitado com fúria, envolvido em armadura, seguido por suas tropas em formação de combate, e acompanhado pelo rei Ketumat, chegou diante de Bhima em batalha. E o soberano dos Kalingas com muitos milhares de carros, e Ketumat com dez mil elefantes e os Nishadas cercaram Bhimasena, ó rei, por todos os lados. Então os Chedis, os Matsyas, e Karushas, com Bhimasena em sua dianteira, com muitos reis avançaram impetuosamente contra os Nishadas. E então começou a batalha, feroz e terrível, entre os guerreiros avançando uns nos outros pelo desejo de matar. E terrificante foi batalha que ocorreu repentinamente entre Bhima e seus inimigos, parecendo a batalha, ó grande rei, entre Indra e a hoste imensa dos filhos de Diti. E alto se tornou o barulho, ó Bharata, daquele exército poderoso lutando em batalha, que parecia o som do oceano ribombante. E os combatentes, ó rei, cortando uns aos outros, fizeram o campo inteiro parecer um crematório coberto com carne e sangue. E combatentes, impelidos pelo desejo de matança não podiam distinguir amigo de inimigo. E aqueles bravos guerreiros, incapazes de ser facilmente derrotados em batalha, começaram até a derrubar seus próprios

amigos. E terrível foi o conflito que ocorreu entre poucos e muitos, entre os Chedis (de um lado) e os Kalingas e os Nishadas, ó rei, (do outro). Mostrando sua coragem com todas as suas forças, os poderosos Chedis, abandonando Bhimasena, retrocederam, e quando os Chedis pararam de segui-lo, o filho de Pandu, enfrentando todos os Kalingas, não retrocedeu, dependendo da força de seus próprios braços. De fato, o poderoso Bhimasena não se moveu, mas do terraço de seu carro cobriu a divisão dos Kalingas com chuvas de flechas afiadas. Então aquele arqueiro poderoso, o rei dos Kalingas, e aquele guerreiro em carro, seu filho conhecido pelo nome de Sakradeva, começaram ambos a atingir o filho de Pandu com suas flechas. E o poderosamente armado Bhima, vibrando seu arco belo, e dependendo do poder de seus próprios braços, lutou com Kalinga; e Sakradeva, disparando naquela batalha flechas inumeráveis, matou os corcéis de Bhimasena com elas. E vendo aquele castigador de inimigos Bhimasena privado de seu carro, Sakradeva avançou nele, disparando flechas afiadas. E sobre Bhimasena, ó grande rei, o poderoso Sakradeva derramou torrentes de flechas como as nuvens depois do verão ter passado. Mas o poderoso Bhimasena, permanecendo sobre seu carro cujos corcéis tinham sido mortos, arremessou em Sakradeva uma maça feita do ferro mais duro. E morto por aquela maça, ó rei, o filho do soberano dos Kalingas, de seu carro, caiu no chão, com seu estandarte e quadrigário. Então aquele poderoso guerreiro em carro, o rei dos Kalingas, vendo seu próprio filho morto, cercou Bhima por todos os lados com muitos milhares de carros. Então o poderosamente armado Bhima dotado de grande força, abandonando a maça, pegou uma cimitarra, desejoso de realizar um ato bravio. E aquele touro entre homens também pegou, ó rei, meias-luas feitas de ouro. E o soberano dos Kalingas também, estimulado pela ira, e friccionando a corda de seu arco, e pegando uma flecha terrível (mortal) como veneno de cobra, disparou-a em Bhimasena, desejoso como aquele monarca estava de matar (o Pandava). Aquela flecha afiada, assim atirada e correndo impetuosamente, Bhimasena, ó rei, cortou em duas com sua espada enorme. E cheio de alegria ele deu um grito alto, terrificando as tropas. E o soberano dos Kalingas, excitado com raiva naquele combate com Bhimasena, arremessou rapidamente nele catorze dardos fartados afiados em pedra. O filho de braços fortes de Pandu, no entanto, com aquela melhor das cimitarras, destemidamente cortou em fragmentos em um instante, ó rei, aqueles dardos enquanto percorriam o firmamento e antes que eles pudessem alcançá-lo. E tendo naquela batalha cortado (dessa maneira) aqueles catorze dardos Bhima, aquele touro entre homens, vendo Bhanumat, avançou nele. Bhanumat então cobriu Bhima com uma chuva de flechas, e deu um grito alto, fazendo o firmamento ressoar com ele. Bhima, no entanto, naquela batalha feroz, não pode tolerar aquele grito leonino. Ele mesmo dotado de uma voz alta, ele também gritou muito ruidosamente. E por causa daqueles gritos dele o exército dos Kalingas ficou cheio de temor. Naquela batalha eles não mais consideravam Bhima, ó touro entre homens, como um ser humano. Então, ó grande rei, tendo proferido um grito alto, Bhima, espada na mão, saltando impetuosamente sobre o elefante excelente (de Bhanumat) ajudado pelas presas do último, alcançou, ó senhor, as costas daquele príncipe dos elefantes, e com sua enorme espada cortou Bhanumat, dividindo-o ao meio. Aquele castigador de inimigos, então, tendo matado (dessa maneira) em batalha o príncipe dos Kalingas, em seguida

fez sua espada que era capaz de aguentar uma grande tensão descer sobre o pescoço daquele elefante. Sua cabeça cortada, aquele príncipe dos elefantes caiu com um rugido alto, como uma montanha cristada (cuja base é) destruída pelas violentas (ondas do) mar. E saltando, ó Bharata, daquele elefante que caía, o príncipe da família de Bharata, de espírito não desanimado, permaneceu sobre o solo, espada na mão e envolvido em armadura (como antes). E derrubando numerosos elefantes por todos os lados, ele vagou (pelo campo), fazendo muitos caminhos (para si mesmo). E então ele parecia ser como uma roda movente de fogo massacrando divisões inteiras de cavalaria, de elefantes, e carros, e grandes grupos de infantaria. E aquele senhor entre homens, o poderoso Bhima, era visto se mover sobre o campo com a energia do falcão, cortando rapidamente naquela batalha, com sua espada de gume afiado, seus corpos e cabeças, como também aqueles dos combatentes em elefantes. E combatente a pé, excitado com raiva, completamente sozinho, e como Yama na época da dissolução universal, ele infligiu terror em seus inimigos e confundiu aqueles bravos guerreiros. Somente aqueles que eram insensatos avançavam nele com gritos altos vagando naquela grande batalha com fúria, espada na mão. E aquele opressor de inimigos, dotado de grande força, cortando os varais e cangas de guerreiros em seus carros, matava aqueles guerreiros também. E Bhimasena era visto, ó Bharata, mostrar diversos tipos de movimentos lá. Ele se movia de forma circular, e rodopiava no alto, e, fazia ataques de lado, e pulava para a frente, e corria por cima, e saltava alto. E, ó Bharata, ele era também visto avançar para a frente e avançar para cima. E alguns mutilados pelo filho de grande alma de Pandu por meio de sua excelente espada gritavam alto, atingidos em seus órgãos vitais ou caíam privados de vida. E muitos elefantes, ó Bharata, alguns com trombas e as extremidades de suas presas cortadas, e outros tendo seus globos temporais abertos, privados de guias, matavam suas próprias tropas e caíam proferindo gritos altos. E lanças quebradas, ó rei, e as cabeças de guias de elefantes, e belas mantas de elefantes, e cordas brilhantes com ouro, e colares, e dardos e maças e aljavas, diversas espécies de máquinas, e arcos belos, flechas curtas com cabeças polidas, com ganchos e alavancas de ferro para guiar elefantes, sinos de formas diversas, e punhos enfeitados com ouro eram vistos por nós caindo ou (já) caídos junto com cavaleiros. E com elefantes (jazendo) tendo as partes dianteiras e partes traseiras de seus corpos e suas trombas cortadas, ou totalmente mortos, o campo parecia estar coberto com rochedos caídos. Aquele touro entre homens, tendo assim oprimido os elefantes enormes, em seguida oprimiu os corcéis também. E, ó Bharata, aquele herói também derrubou os principais soldados de cavalaria. E a batalha, ó majestade, que ocorreu entre ele e eles foi violenta ao extremo. E punhos e tirantes, e selas e cilhas resplandecentes com ouro, e cobertores para as costas de corcéis, e dardos farpados, e espadas caras, e cotas de malha, e escudos, e ornamentos belos, eram vistos por nós espalhados sobre o solo naquela grande batalha. E ele fez a terra ser coberta (com sangue) como se ela estivesse matizada com lírios. E o poderoso filho de Pandu, saltando alto e arrastando alguns guerreiros em carros com sua espada os derrubava junto com (seus) estandartes. Frequentemente saltando repentinamente ou avançando para todos os lados, aquele herói dotado de grande energia, vagando por muitas rotas, fez os combatentes ficarem assombrados. E alguns ele matou por meio de suas

pernas, e arrastando outros ele os pressionou para baixo sob a terra. E outros ele cortou com sua espada, e outros ele assustou com seus rugidos. E outros ele derrubou sobre o solo pela força de suas coxas (enquanto ele corria). E outros, vendo-o, fugiram aterrorizados. Foi assim que aquela vasta tropa dos Kalingas dotada de grande energia, cercando o terrível Bhimasena em batalha, avançou nele. Então, ó touro da raça Bharata, vendo Srutayush na chefia das tropas Kalinga, Bhimasena avançou nele. E vendo-o avançando o soberano dos Kalingas, de alma incomensurável, perfurou Bhimasena entre seus peitos com nove flechas. Atingido por aquelas flechas disparadas pelo soberano dos Kalingas, como um elefante perfurado pelo gancho, Bhimasena inflamou-se com fúria como fogo alimentado com combustível. Então Asoka, aquele melhor dos quadrigários, trazendo um carro ornamentado com ouro, fez Bhima subir sobre ele. E nisso aquele matador de inimigos, o filho de Kunti subiu rapidamente naquele carro. E então ele avançou no soberano dos Kalingas, dizendo, 'Espere, Espere'. E então o poderoso Srutayush excitado com cólera atirou em Bhima muitas flechas afiadas, mostrando sua agilidade de mão, e aquele guerreiro poderoso, Bhima, atingido violentamente com aquelas nove flechas afiadas disparadas por Kalinga de seu arco excelente, cedeu à grande ira, ó rei, como uma cobra atingida com uma vara. Então aquele principal dos homens poderosos, Bhima, o filho de Pritha, excitado com raiva e puxando seu arco com grande força, matou o soberano dos Kalingas com sete flechas feitas totalmente de ferro. E com duas flechas ele matou os dois fortes protetores das rodas de carro de Kalinga. E ele também despachou Satyadeva e Satya para a residência de Yama. De alma incomensurável, Bhima também, com muitas flechas afiadas e longas, fez Ketumat se dirigir para a residência de Yama. Então os Kshatriyas do país Kalinga, excitados com raiva e apoiados por muitos milhares de combatentes, enfrentaram o colérico Bhimasena em batalha. E armados com dardos e maças e cimitarras e lanças e espadas e machados de batalha, os Kalingas, ó rei, centenas sobre centenas cercaram Bhimasena. Desviando aquela chuva intensa de flechas, aquele guerreiro poderoso então pegou sua maça e pulou (de seu carro) com grande velocidade. E Bhima então despachou setecentos heróis para a residência de Yama. E aquele opressor de inimigos despachou, além disso, dois mil Kalingas para a região da morte. E aquele feito pareceu muito extraordinário. E foi dessa maneira que o heróico Bhima de bravura terrível repetidamente derrubou em batalha grandes grupos dos Kalingas. E elefantes privados pelo filho de Pandu, naquela batalha, de seus guias, e afligidos por flechas vagavam no campo, pisoteando suas próprias tropas e proferindo rugidos altos como massas de nuvens movidas pelo vento. Então Bhima de braços fortes, cimitarra na mão, e cheio de alegria, soprou sua concha de sonoridade terrível. E com aquele clangor ele fez os corações de todas as tropas Kalinga tremerem com medo. E, ó castigador de inimigos, todos os Kalingas pareciam ao mesmo tempo estar privados de sua razão. E todos os combatentes e todos os animais tremeram com terror. E por Bhimasena vagando naquela batalha por muitos caminhos ou avançando em todos os lados como um príncipe de elefantes, ou frequentemente saltando num ímpeto, um transe pareceu ser engendrado lá que privou seus inimigos de seus sentidos. E todo o exército (Kalinga) estremeceu com terror de Bhimasena, como um lago grande agitado por um jacaré. E tomados pelo pânico pelas realizações fenomenais de Bhima, todos

os combatentes Kalinga fugiram em todas as direções. Quando, no entanto, eles foram reagrupados novamente, o comandante do exército Pandava (Dhrishtadyumna), ó Bharata, ordenou suas próprias tropas, dizendo, 'Lutem'. Ouvindo as palavras de seu comandante, muitos líderes (do exército Pandava) encabeçados por Sikhandin se aproximaram de Bhima, apoiados por muitas divisões de carros habilidosas em atacar. E o filho de Pandu, o rei Yudhishthira o justo, seguiu todos eles com um grande exército de elefantes da cor das nuvens. E assim incitando todas as suas divisões, o filho de Prishata, circundado por muitos guerreiros excelentes, tomou sobre si mesmo a proteção de um dos flancos de Bhimasena. Não existe ninguém sobre a terra, exceto Bhima e Satyaki, que para o príncipe dos Panchalas seja mais querido do que sua própria vida. Aquele matador de heróis hostis, o filho de Prishata, viu Bhimasena de braços fortes, aquele matador de inimigos, vagando entre os Kalingas. Ele deu muitos gritos, ó rei, e estava cheio de deleite, ó castigador de inimigos. De fato, ele soprou sua concha em batalha e proferiu um rugido leonino. E Bhimasena também, vendo o estandarte vermelho de Dhrishtadyumna sobre seu carro enfeitado com ouro e ao qual estavam unidos corcéis brancos como pombos, ficou confortado. E Dhrishtadyumna de alma incomensurável, vendo Bhimasena combatido pelos Kalingas se apressou para a batalha para seu resgate. E ambos aqueles heróis, Dhrishtadyumna e Vrikodara, dotados de grande energia, vendo Satyaki a uma distância, enfrentaram furiosamente os Kalingas em batalha. E aquele touro entre homens, o neto de Sini, aquele principal dos guerreiros vitoriosos, avançando rapidamente para o local tomou o flanco de Bhima e do filho de Prishata. Arco na mão criando uma grande destruição lá e tornando-se violento ao extremo, ele começou a matar o inimigo em batalha. E Bhima fez fluir lá um rio de correnteza sangrenta, misturado com o sangue e carne dos guerreiros nascidos em Kalinga. E observando Bhimasena então, as tropas bradaram alto, ó rei, dizendo, 'Essa é a própria Morte que está lutando na forma de Bhima com os Kalingas.' Então o filho de Santanu Bhishma, ouvindo aqueles gritos em batalha, foi rapidamente em direção a Bhima, ele mesmo cercado por todos os lados por combatentes em exército. Nisso, Satyaki e Bhimasena e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata avançaram em direção àquele carro de Bhishma enfeitado com ouro. E todos cercando rapidamente o filho de Ganga em batalha, perfuraram Bhishma, cada um com três flechas terríveis, sem perderem um momento. Teu pai Devavrata, no entanto, em retorno perfurou cada um daqueles arqueiros poderosos lutando (em batalha) com três flechas retas. E detendo aqueles poderosos guerreiros em carros, com milhares de flechas ele matou com suas flechas os corcéis de Bhima enfeitados com armadura dourada. Bhima, no entanto, dotado de grande energia, permanecendo naquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, com grande violência arremessou um dardo no carro de Bhishma. Teu pai Devavrata então, naquela batalha, cortou aquele dardo em dois antes que ele pudesse alcançá-lo, e nisso (o dardo) caiu no chão. Então aquele touro entre homens, Bhimasena, pegando uma maça pesada e imensa feita de ferro Saikya saltou depressa de seu carro. E Dhrishtadyumna recebendo rapidamente aquele principal dos guerreiros em carros sobre seu próprio carro, levou para longe, na própria vista de todos os combatentes, aquele guerreiro renomado. E Satyaki então pelo desejo de fazer o que era agradável para Bhima

derrubou com sua flecha o quadrigário do venerável avô Kuru. Após seu quadrigário ser morto, aquele principal dos guerreiros em carros, Bhishma, foi levado para longe do campo de batalha por seus corcéis com a velocidade do vento. E quando aquele poderoso guerreiro em carro foi (assim) levado para longe do campo, Bhimasena então, ó monarca, resplandeceu como um fogo poderoso enquanto consumindo grama seca. E matando todos os Kalingas, ele permaneceu no meio das tropas, e ninguém, ó touro da raça Bharata, do teu lado ousava resistir a ele. E reverenciado pelos Panchalas e os Matsyas, ó touro da raça Bharata, ele abraçou Dhrishtadyumna e então se aproximou de Satyaki. E Satyaki, o tigre entre os Yadus, de bravura incapaz de ser frustrada, então alegrando Bhimasena, disse para ele, na presença de Dhrishtadyumna, (essas palavras), 'Por boa sorte o rei dos Kalingas, e Ketumat, o príncipe dos Kalingas, e Sakradeva também daquele país e todos os Kalingas foram mortos em batalha. Com o poder e destreza dos teus braços, por ti somente, foi esmagada a divisão realmente grande dos Kalingas que abundava com elefantes e corcéis e carros, e com guerreiros nobres, e combatentes heróicos.' Tendo dito isso, o neto de braços longos de Sini, aquele castigador de inimigos, subindo rapidamente em seu carro, abraçou o filho de Pandu. E então aquele poderoso guerreiro em carro, voltando para seu próprio carro, começou a massacrar tuas tropas excitado com raiva e fortalecendo (as mãos de) Bhima."

55

Sanjaya disse, "Quando a manhã daquele dia tinha passado, ó Bharata, e quando a destruição de carros, elefantes, corcéis, soldados de infantaria e soldados a cavalo prosseguia, o príncipe de Panchala se engajou em luta com esses três poderosos guerreiros em carros: o filho de Drona, Salya, e Kripa de grande alma. E o herdeiro poderoso do rei de Panchala com muitas flechas afiadas matou os corcéis do filho de Drona que era célebre por todo o mundo. Privado então de seus animais, o filho de Drona subindo rapidamente no carro de Salya derramou suas flechas sobre o herdeiro do rei Panchala. E vendo Dhrishtadyumna engajado em batalha com o filho de Drona, o filho de Subhadra, ó Bharata, se aproximou rapidamente espalhando suas flechas afiadas. E, ó touro da raça Bharata, ele perfurou Salya com vinte e cinco, e Kripa com nove flechas, e Aswatthaman com oito. O filho de Drona, no entanto, rapidamente perfurou o filho de Arjuna com muitas flechas aladas, e Salya o perfurou com doze, e Kripa com três flechas afiadas. Teu neto Lakshmana então, vendo o filho de Subhadra engajado em batalha, avançou nele, estimulado pela raiva. E começou a batalha entre eles. E o filho de Duryodhana, excitado com raiva, perfurou o filho de Subhadra com flechas afiadas naquele combate. E aquele (feito), ó rei, pareceu muito extraordinário. Abhimanyu de mãos ágeis então, ó touro da raça Bharata, excitado com raiva, rapidamente perfurou seu primo com quinhentas flechas. Lakshmana também, com suas flechas, então cortou a vara do arco (do seu primo) no meio, pelo que, ó monarca, todas as pessoas deram um grito alto. Então aquele matador de heróis hostis, o filho de Subhadra, deixando de lado aquele

arco quebrado, pegou outro que era belo e mais resistente. E nisso aqueles dois touros entre homens, assim engajados em combate e desejosos de neutralizar os feitos um do outro, perfuraram um ao outro com flechas afiadas. O rei Duryodhana então, ó monarca, vendo seu filho poderoso assim afligido por teu neto (Abhimanyu), procedeu para aquele local. E quando teu filho se dirigiu (para aquele local), todos os reis cercaram o filho de Arjuna por todos os lados com multidões de carros. Incapaz de ser derrotado em batalha e igual em coragem ao próprio Krishna, aquele herói, ó rei, assim cercado por aqueles heróis, não ficou agitado de modo algum. Então Dhananjaya, vendo o filho de Subhadra engajado em combate se apressou para aquele local, cheio de fúria, desejoso de resgatar seu próprio filho. Nisso os reis (do lado Kuru), encabeçados por Bhishma e Drona e com carros, elefantes e corcéis, avançaram violentamente em Savyasachin. Então um pó de terra espesso, erguido repentinamente por soldados de infantaria e corcéis e carros e soldados de cavalaria, cobrindo o céu apareceu à vista. E aqueles milhares de elefantes e centenas de reis, quando eles entraram dentro do alcance das flechas de Arjuna, foram todos incapazes de fazer qualquer avanço adicional. E todas as criaturas lá deram lamentos altos, e os pontos do horizonte ficaram escuros. E então a transgressão dos Kurus assumiu um aspecto selvagem e terrível com relação às suas consequências. Nem o céu, nem os pontos cardeais do horizonte nem a terra, nem o sol, podiam ser distinguidos, ó melhor dos homens, por causa das flechas disparadas por Kiritin. E muitos eram os elefantes lá privados dos estandartes (em suas costas), e muitos guerreiros em carros também, privados de seus corcéis. E alguns líderes de divisões de carros eram vistos vagando, tendo abandonado seus carros. E outros guerreiros em carros, desprovidos de seus carros, eram vistos vagar para lá e para cá, armas nas mãos e seus braços enfeitados com Angadas. E cavaleiros de corcéis abandonando seus corcéis e de elefantes abandonando seus elefantes por medo de Arjuna, ó rei, fugiam em todas as direções. E reis eram vistos derrubados ou caindo de carros e elefantes e corcéis pelas flechas de Arjuna. E Arjuna, assumindo uma expressão selvagem, cortava com suas flechas terríveis os braços erguidos de guerreiros, maças em punhos, e braços portando espadas, ó rei, ou dardos, ou aljavas, ou flechas, ou arcos, ou ganchos, ou estandartes, por todo o campo. E maças com pontas quebradas em fragmentos, e malhos, ó majestade, e dardos farpados, e flechas curtas, e espadas também, naquela batalha, e machados de batalha de gume afiado, e lanças, ó Bharata, e escudos quebrados em pedaços, e cotas de malha também, ó rei, e estandartes, e armas de todos os tipos jogadas fora e guarda-sóis providos de varas douradas, e ganchos de ferro também, ó Bharata, e esporas e chicotes, e tirantes também, ó majestade, eram vistos espalhados sobre o campo de batalha em pilhas. Não havia homem no teu exército, ó majestade, que pudesse avançar contra o heróico Arjuna em batalha. Quem quer que, ó rei, avançasse contra o filho de Pritha em batalha, perfurado por flechas afiadas era despachado para o outro mundo. Quando todos aqueles teus combatentes se dividiram e fugiram, Arjuna e Vasudeva sopraram suas conchas excelentes. Teu pai Devavrata então, vendo a hoste (Kuru) derrotada, dirigiu-se sorridente ao filho heróico de Bharadwaja na batalha e disse, ‘Este poderoso e heróico filho de Pandu, Dhananjaya, acompanhado por Krishna, está lidando com (nossas) tropas visto que ele sozinho é competente para lidar com

elas. Ele é incapaz de ser vencido hoje em batalha de qualquer maneira, julgando por sua forma que nós vemos agora tão semelhante àquela do próprio Destruidor no fim do Yuga. Esta (nossa) hoste vasta além disso não pode ser reagrupada. Veja, olhando umas para as outras, nossas tropas estão fugindo. Lá o Sol, roubando de todas as maneiras a visão do mundo inteiro, está prestes a alcançar aquela melhor das montanhas chamadas Asta, (isto é, está prestes a se pôr). Por isso, ó touro entre homens, eu penso que chegou a hora para a retirada (do exército). Os guerreiros, que estão todos cansados e tomados pelo pânico, nunca lutarão.' Tendo dito isso para Drona, aquele melhor dos preceptores, Bhishma, aquele poderoso guerreiro em carro, fez teu exército ser retirado. E então quando o sol se pôs a retirada de ambos os exércitos ocorreu, ó majestade, e o crepúsculo começou."

56

Sanjaya disse, "Quando a noite tinha passado e a alvorada se aproximava, o filho de Santanu Bhishma, aquele castigador de inimigos, deu a ordem para o exército (Kuru) se preparar para a batalha. E o filho de Santanu, o velho avô Kuru, desejoso de vitória para teus filhos, formou aquela ordem de batalha poderosa conhecida pelo nome de Garuda. E no bico daquele Garuda estava o teu próprio pai Devavrata. E seus dois olhos eram o filho de Bharadwaja e Kritavarman da linhagem de Satwata. E aqueles guerreiros renomados, Aswatthaman e Kripa, apoiados pelos Trigartas, os Matsyas, os Kekayas, e os Vatadhanas, estavam em sua cabeça. E Bhurisravas e Sala, e Salya e Bhagadatta, ó majestade, e os Madrakas, os Sindhu-Souviras, e aqueles que eram chamados de Pancha-nodas, junto com Jayadratha, estavam posicionados em seu pescoço. E em suas costas estava o rei Duryodhana com todos os seus seguidores. E Vinda e Anuvinda de Avanti, e os Kamvojas com os Sakas, e os Surasenas, ó majestade, formavam seu rabo, ó grande rei. E os Magadhas e os Kalingas, com todas as tribos dos Daserakas, envolvidos em armadura, formavam a asa direita daquela formação de combate. E os Karushas, os Vikunjas, os Mundas, e os Kaundivrishas, com Vrithadvala estavam posicionados na asa esquerda. Então aquele castigador de inimigos, Savyasachin, contemplando a hoste disposta em formação de batalha, ajudado por Dhrishtadyumna dispôs suas tropas em formação de batalha contrária. E em oposição àquela tua ordem de batalha, o filho de Pandu formou aquela ordem de batalha ameaçadora em forma de meia-lua. E posicionado no chifre direito, Bhimasena brilhava cercado por reis de diversos países abundantemente armados com várias armas. Próximos a dele estavam aqueles poderosos guerreiros em carros Virata e Drupada; e ao lado deles estava Nila armado com armas envenenadas. E ao lado de Nila estava o poderoso guerreiro em carro Dhrishtaketu circundado pelos Chedis, os Kasis, os Karushas, e os Pauravas. E Dhrishtadyumna, e Sikhandin, com os Panchalas e os Prabhadrakas, apoiados por outras tropas, estavam posicionados no meio, ó Bharata, para lutar. E lá também estava o rei Yudhishthira o justo, cercado por sua divisão de elefantes. E ao lado dele estava Satyaki, ó rei, e os cinco filhos de Draupadi. E logo junto a eles estava Iravan. E próximo a ele estava o filho de Bhimasena

(Ghatotkacha) e aqueles poderosos guerreiros em carros, os Kekayas. E em seguida, no chifre esquerdo (daquela formação de combate), estava aquele melhor dos homens, isto é, ele que tinha como seu protetor Janardana, aquele protetor do Universo inteiro. Foi assim que os Pandavas formaram sua ordem de batalha contrária para a destruição de teus filhos e daqueles que estavam ao lado deles. Então começou a batalha entre tuas tropas e aquelas do inimigo atacando umas às outras, e na qual carros e elefantes se misturaram no estrépito do combate. Grandes números de elefantes e multidões de carros eram vistos em todos os lugares, ó rei, avançando em direção uns aos outros para propósitos de matança. E o estrépito de inúmeros carros se apressando (para se juntar ao combate), ou envolvidos em combate separadamente criou um tumulto alto, se misturando com a batida de baterias. E os gritos dos combatentes heróicos pertencentes ao teu exército e ao deles, ó Bharata, matando uns aos outros naquele confronto aterrador, alcançaram os próprios céus."

57

Sanjaya disse, "Depois que as tropas do teu exército e do deles tinham sido dispostas em formação de combate, aquele poderoso guerreiro em carro, Dhananjaya, derrubando naquele conflito líderes de divisões de carros com suas flechas, causou uma grande carnificina, ó Bharata, entre as tropas de carros. Os Dhartarashtras, (assim) massacrados em batalha pelo filho de Pritha, como o próprio Destruidor no fim do Yuga, ainda lutavam perseverantemente com os Pandavas. Desejosos de (ganhar) glória resplandecente e (determinados a) fazer da morte (o único motivo para) uma cessação da luta, com mentes não dirigidas para qualquer coisa mais, eles dividiram as tropas Pandava em muitos lugares e foram também eles mesmos divididos. Então as tropas Pandava e Kaurava se romperam, mudaram posições, e fugiram. Nada podia ser avistado. Um pó de terra se ergueu, encobrindo o próprio sol. E ninguém lá podia ser distinguido, nem as direções cardeais ou secundárias. E em todos os lugares a batalha devastava, ó rei, os combatentes sendo guiados pelas indicações fornecidas por cores, por senhas, nomes e distinções tribais. E a formação de combate dos Kauravas, ó rei, não podia ser rompida, devidamente protegida como ela era pelo filho de Bharadwaja, ó majestade. E da mesma maneira a formidável ordem de batalha do Pandava também, protegida por Savyasachin, e bem guardada por Bhima, não podia ser rompida. E os carros e elefantes em fileiras cerradas, ó rei, de ambos os exércitos, e outros combatentes, saindo de suas respectivas formações de batalha, se engajaram no combate. E naquela batalha feroz soldados de cavalaria derrubavam soldados de cavalaria com espadas polidas de gumes afiados e lanças longas. E guerreiros em carros, surpreendendo guerreiros em carros (ao alcance) naquele conflito violento, os derrubavam com flechas enfeitadas com asas douradas. E guias de elefantes, do teu lado e do deles, derrubavam grandes números de guias de elefantes em fileiras cerradas, com flechas de cabeça larga e setas e lanças. E grandes grupos de infantaria, inspirados com ira em direção uns aos outros, alegremente derrubavam combatentes de sua própria classe com flechas curtas e machados de batalha. E guerreiros em carros, ó rei, tendo guias

de elefantes (ao alcance) naquele conflito, os derrubavam junto com seus elefantes. E guias de elefantes similarmente derrubavam guerreiros em carros. E, ó touro da raça Bharata, o soldado da cavalaria com sua lança derrubava o guerreiro em carro naquele conflito, e o guerreiro em carro também derrubava o soldado de cavalaria. E em ambos os exércitos o soldado de infantaria derrubava o guerreiro em carro no combate, e o guerreiro em carro derrubava os soldados de infantaria, com armas afiadas. E guias de elefantes derrubaram cavaleiros, e cavaleiros derrubavam guerreiros nas costas de elefantes. E tudo isso parecia muito extraordinário. E aqui e ali soldados de infantaria eram derrubados por principais dos guias de elefantes, e guias de elefantes eram vistos serem derrubados pelos primeiros. E grupos de soldados de infantaria, às centenas e milhares, eram vistos serem derrubados por cavaleiros e cavaleiros por soldados de infantaria. E coberto com estandartes quebrados e arcos e lanças e mantas de elefantes, e cobertores caros e dardos farpados, e maças, e cassetetes providos de ferrões, e Kampanas, e dardos, e armaduras matizadas e Kunapas, e ganchos de ferro, e cimitarras polidas, e flechas providas de asas douradas, o campo, ó melhor da linhagem de Bharata, brilhava como se com coroas florais. E a terra, lodosa com carne e sangue, tornou-se intransitável com os corpos de homens e cavalos e elefantes mortos naquela batalha terrível. E encharcada com sangue humano, a poeira de terra desapareceu. E os pontos cardeais, por toda parte, tornaram-se perfeitamente claros, ó Bharata. E inúmeros troncos sem cabeça surgiam por toda parte indicando, ó Bharata, a destruição do mundo. E naquela batalha terrível e horrível, guerreiros em carros eram vistos fugindo em todas as direções. Então Bhishma e Drona, e Jayadratha, o soberano dos Sindhus e Purumitra, e Vikarna, e Sakuni o filho de Suvala, estes guerreiros invencíveis em batalha e possuidores de bravura leonina, permanecendo em batalha dividiram as tropas dos Pandavas. E assim Bhimasena e o Rakshasa Ghatotkacha, e Satyaki, e Chekitana, e os filhos de Draupadi, ó Bharata, apoiados por todos os reis (do lado deles), começaram a oprimir tuas tropas e teus filhos posicionados em batalha, como os deuses oprimindo os Danavas. E aqueles touros entre os Kshatriyas, atingindo uns aos outros em batalha, tornaram-se terríveis de se olhar e cobertos com sangue brilhavam como Kinsukas. E os principais guerreiros de ambos os exércitos, subjugando seus oponentes, pareciam, ó rei, com os corpos luminosos planetários no firmamento. Então teu filho Duryodhana, protegido por mil carros avançou para lutar com os Pandavas e o Rakshasa. E assim todos os Pandavas, com um grande grupo de combatentes avançaram em batalha contra aqueles castigadores de inimigos, os heróicos Bhishma e Drona. E o enfeitado com diadema (Arjuna) também, excitado com raiva avançou contra os principais dos reis. E o filho de Arjuna (Abhimanyu), e Satyaki, ambos avançaram contra as forças armadas do filho de Suvala. E então começou mais uma vez uma batalha pavorosa, de arrepiar os cabelos, entre as tuas tropas e as do inimigo, ambas desejosas de subjugar uma à outra."

58

Sanjaya disse, "Então aqueles reis, estimulados pela raiva, vendo Phalguni em batalha o cercaram por todos os lados com muitos milhares de carros. E tendo, ó Bharata o cercado com uma divisão numerosa de carros, eles o encobriram de todos os lados com muitos milhares de flechas. E lanças brilhantes de pontas afiadas, e maças, e cassetetes providos de ferrões, e dardos farpados e machados de batalha, e malhos e clavas eles arremessaram no carro de Phalguni, agitados pela ira. E aquela chuva de armas se aproximando (em direção a ele) como um bando de gafanhotos, o filho de Pritha deteve em todos os lados com suas flechas enfeitadas com ouro. E vendo lá naquela ocasião a agilidade sobre-humana de mão que Vibhatsu possuía, os deuses, os Danavas, os Gandharvas, os Pisachas, os Uragas e os Rakshasas elogiaram Phalguni, ó rei, dizendo, 'Excelente, Excelente.' E os Gandharvas heróicos junto com o filho de Suvala com uma grande tropa cercaram Satyaki e Abhimanyu. Então os bravos guerreiros liderados pelo filho de Suvala de raiva cortaram em pedaços o carro excelente do herói Vrishni, com armas de diversas espécies. E no decorrer daquele conflito selvagem, Satyaki, abandonando aquele seu carro, subiu rapidamente no carro de Abhimanyu, ó castigador de inimigos. E aqueles dois, sobre o mesmo carro, então começaram a massacrar rapidamente o exército do filho de Suvala com flechas retas de pontas afiadas. E Drona e Bhishma, lutando firmemente em batalha, começaram a massacrar a divisão do rei Yudhishthira o justo, com flechas afiadas equipadas com as penas da ave Kanka. Então o filho de Dharma e os dois outros filhos de Pandu com Madri, na própria vista de todo o exército, começaram a oprimir a divisão de Drona. E a batalha que ocorreu lá foi violenta e impressionante, de arrepiar os cabelos, como a terrível batalha que ocorreu entre os deuses e os Asuras nos tempos antigos. E Bhimasena e Ghatotkacha ambos realizaram feitos poderosos. Então Duryodhana, se aproximando, deteve ambos. E a bravura que nós então vimos do filho de Hidimva foi muito extraordinária, tanto que ele lutou em batalha, ó Bharata, superando seu próprio pai. E Bhimasena, o filho de Pandu, excitado pela ira, perfurou o vingativo Duryodhana no peito, com uma flecha, enquanto sorria. Então o rei Duryodhana, afligido pela violência daquele golpe sentou-se na plataforma de seu carro e desmaiou. E seu quadrigário então, vendo ele sem sentidos, levou-o rapidamente para longe, ó rei, da batalha. E então as tropas que apoiavam Duryodhana se dividiram e fugiram. E nisso Bhima, atingindo o exército Kuru assim fugindo em todas as direções, com flechas de pontas afiadas, o perseguiu. E o filho de Prishata (Dhrishtadyumna), aquele principal dos guerreiros, e o filho de Pandu o rei Yudhishthira, o justo, na própria visão, ó Bharata, de Drona e do filho de Ganga, massacraram seu exército com flechas afiadas capazes de matar tropas hostis. Aquela hoste do teu filho, assim fugindo em batalha, aqueles poderosos guerreiros em carros, Bhishma e Drona, eram incapazes de conter. Pois embora Bhishma e Drona de grande alma tentassem detê-la, aquela hoste fugiu na própria vista de Drona e Bhishma. E então quando (aqueles) milhares de guerreiros em carros fugiam em todas as direções, o filho de Subhadra e aquele touro da raça Sini, ambos posicionados no mesmo carro, começaram, ó castigador de inimigos, a massacrar o exército do

filho de Suvala em batalha. E o neto de Sini e aquele touro da raça Kuru pareciam resplandecentes como o sol e a lua quando juntos no firmamento depois da passagem da última lunação da quinzena escura. E então Arjuna também, ó rei, excitado com raiva derramou flechas sobre teu exército como as nuvens derramando chuva em torrentes. E o exército Kaurava, assim massacrado em batalha com as flechas de Partha, fugiu, tremendo em aflição e temor. E vendo o exército fugindo, os poderosos Bhishma e Drona, estimulados pela ira e ambos desejosos do bem-estar de Duryodhana procuraram detê-lo. Então o próprio rei Duryodhana, encorajando os combatentes, controlou aquele exército, que então fugia em todas as direções. E nisso todos os poderosos guerreiros em carros Kshatriya pararam, cada um no local onde ele viu teu filho. E então outros entre os soldados comuns, vendo-os parar, pararam por iniciativa própria, ó rei, por vergonha e desejo de mostrar sua coragem uns aos outros. E a fúria, ó rei, daquele exército assim reagrupado para a luta parecia aquela das ondas do mar no momento da elevação da lua. E o rei Duryodhana, vendo aquele seu exército reagrupado para a batalha, dirigiu-se rapidamente ao filho de Santanu Bhishma e disse estas palavras, 'Ó avô, escute o que eu digo, ó Bharata. Quando, ó filho de Kuru, tu estás vivo, e Drona, aquele principal dos homens familiarizados com armas, junto com seu filho e com todos os nossos outros amigos (está vivo), e quando aquele arqueiro poderoso Kripa também está vivo, eu não considero como crível em absoluto que meu exército fuja dessa maneira. Eu não considero os Pandavas como estando, de qualquer maneira, à tua altura ou de Drona, em batalha, ou do filho de Drona, ou de Kripa. Sem dúvida, ó avô, os filhos de Pandu estão sendo favorecidos por ti, visto que tu relevas, ó herói, esse massacre do meu exército. Tu deverias ter me dito, ó rei, antes dessa batalha ocorrer, que tu não lutarias com os Pandavas. Ouvindo tais palavras de ti, como também do preceptor, ó Bharata, eu então teria, com Karna, refletido sobre que rumo eu deveria seguir. Se eu não mereço ser abandonado por vocês dois em batalha, então, ó touros entre homens, lutem de acordo com a extensão de sua destreza.' Ouvindo estas palavras, Bhishma, dando risada repetidamente, e virando seus olhos para cima em fúria, disse para teu filho, 'Muitas vezes, ó rei, eu disse para ti palavras dignas de tua aceitação e repletas de teu benefício. Os Pandavas não podem ser vencidos em batalha pelos próprios deuses com Vasava entre eles. Aquilo, no entanto, que minha pessoa idosa é capaz de fazer, eu farei à extensão de meu poder, ó melhor dos reis, nessa batalha. Testemunhe isto agora com teus parentes. Hoje, na própria vista de todos, sozinho eu deterei os filhos de Pandu na chefia de suas tropas e com todos os seus parentes.' Assim endereçado por Bhishma, teu filho, ó rei, cheio de alegria, fez conchas serem sopradas e tambores serem batidos. E os Pandavas também, ó rei, ouvindo aquele barulho alto, sopraram suas conchas, e fizeram suas baterias e pratos serem tocados."

59

Dhritarashtra disse, "Depois que aquele voto terrível tinha sido feito em batalha por Bhishma enfurecido pelas palavras de meu filho, o que, ó Sanjaya, Bhishma

fez para os filhos de Pandu ou o que os Panchalas fizeram para o avô? Conte tudo isso para mim, ó Sanjaya."

Sanjaya disse, "Depois que a manhã daquele dia, ó Bharata, tinha passado, e o sol em seu rumo para o oeste tinha percorrido uma parte de seu caminho, e depois que os Pandavas de grande alma tinham obtido a vitória, teu pai Devavrata, familiarizado com a distinção de todos os códigos de moralidade, avançou levado pelos corcéis mais velozes em direção ao exército dos Pandavas, protegido por uma grande tropa e por todos os teus filhos. Então, ó Bharata, por consequência de tua política pecaminosa, começou uma batalha terrível, de arrepiar os cabelos, entre nós mesmos e os Pandavas. E a vibração de arcos, a batida de cordas de arcos contra as proteções de couro (que envolvem as mãos do arqueiro), se misturando, fizeram um barulho alto parecendo aquele de colinas se partindo. ‘Pare’, ‘Eu estou aqui’, ‘Identifique esse’, ‘Volte’, ‘Resista’, ‘Eu espero por ti’, ‘Ataque’, essas eram as palavras ouvidas em todos os lugares. E o som de cotas de malha feitas de ouro caindo, de coroas e diademas, e de estandartes parecia o som de pedras caindo em um solo pedregoso. E cabeças, e braços enfeitados com ornamentos, caindo às centenas e milhares sobre o solo moviam-se em convulsões. E alguns bravos combatentes, com cabeças cortadas de seus troncos, continuavam com armas em punho ou armados com arco esticado. E um rio terrível de sangue começou a fluir lá, de correnteza violenta, lodoso com carne e sangue, e com os corpos de elefantes (mortos) como suas rochas (sub-aquáticas). Fluindo dos corpos de corcéis, homens, e elefantes, e agradável para urubus e chacais, ele corria em direção ao oceano representado pelo próximo mundo. Uma batalha tal como essa, ó rei, a qual (então) teve lugar entre teus filhos, ó Bharata, e os Pandavas, nunca foi vista ou ouvida antes. E por causa dos corpos de combatentes mortos naquele conflito, carros não podiam fazer seu caminho. E o campo de batalha por causa dos corpos de elefantes mortos parecia estar coberto com topos azuis de colinas. E o campo de batalha, coberto com armaduras matizadas e turbantes, ó majestade, parecia belo como o firmamento outonal. E alguns combatentes eram vistos que, embora severamente feridos, ainda avançavam alegremente e orgulhosamente sobre o inimigo em batalha. E muitos, caídos no campo de batalha, gritavam alto, dizendo, 'Ó pai, ó irmão, ó amigo, ó parente, ó companheiro, ó tio materno, não me abandonem!' E outros gritavam alto, dizendo, 'Venha! Venha aqui! Por que tu estás assustado? Aonde tu vais? Eu continuo em batalha, não tenha medo.' E naquele combate Bhishma, o filho de Santanu, com arco incessantemente puxado a um círculo, disparava flechas de pontas ardentes, parecendo cobras de veneno virulento. E atirando linhas contínuas de flechas em todas as direções, aquele herói de votos rígidos atingiu os guerreiros em carros Pandava nomeando cada um antes, ó Bharata. E mostrando sua extrema agilidade de mãos, e dançando (por assim dizer) ao longo do caminho de seu carro, ele parecia, ó rei, estar presente em todos os lugares como um círculo de fogo. E pela agilidade de seus movimentos, os Pandavas naquela luta, junto com os Srinjayas, viram aquele herói, embora realmente sozinho, como multiplicado mil vezes. E todos lá consideraram Bhishma como tendo multiplicado a si mesmo por meio de ilusão. Tendo visto ele no leste, no momento seguinte eles o viram no oeste. E assim tendo visto ele no norte, no

momento seguinte eles o viam no sul. E o filho de Ganga era assim visto lutando naquela batalha. E não havia ninguém entre os Pandavas capaz mesmo de olhar para ele. O que eles todos viam era somente as inúmeras flechas disparadas de seu arco. E guerreiros heróicos, vendo-o realizar tais feitos em batalha, e massacrando suas tropas (dessa maneira), proferiram muitos lamentos. E reis aos milhares entraram em contato com teu pai, assim percorrendo o campo de uma maneira sobre-humana, e caíram sobre aquele fogo representado pelo enfurecido Bhishma como bandos de insetos inconscientes (sobre um fogo ardente) para sua própria destruição. Nem uma única flecha daquele guerreiro de mãos ágeis foi inútil, caindo sobre os corpos de homens, elefantes, e corcéis, por causa dos números (opostos a ele). Com uma única flecha reta disparada naquela batalha, ele despachou um único elefante como uma colina partida pelo raio. Dois ou três guias de elefante de uma vez, envolvidos em armadura e permanecendo juntos, teu pai perfurou com uma flecha de ponta afiada. Quem quer que se aproximasse de Bhishma, aquele tigre entre homens, em batalha, visto por um momento era em seguida visto cair no chão. E aquela hoste vasta do rei Yudhishthira o justo, assim massacrada por Bhishma de destreza incomparável, recuou em mil direções. E afligido por aquela chuva de flechas, o exército vasto começou a tremer na própria presença de Vasudeva e de Partha de grande alma. E embora os líderes heróicos do exército Pandava fizessem grandes esforços, contudo eles não podiam controlar a fuga (até) de grandes guerreiros em carros de seu lado atormentados pelas flechas de Bhishma. A destreza pela qual aquele exército vasto foi debandado era igual àquela do próprio chefe dos deuses. E aquele exército estava tão completamente desbaratado, ó grande rei, que duas pessoas não podiam ser vistas juntas. E carros e elefantes e cavalos estavam completamente perfurados, e estandartes e varais de carros estavam espalhados sobre o campo. E o exército dos filhos de Pandu proferiu gritos de ‘Oh’ e ‘Ai’, e ficou privado de razão. E o pai atingiu o filho e o filho atingiu o pai; e o amigo desafiou o mais querido dos amigos para lutar como se sob a influência do destino. E outros entre os combatentes do filho de Pandu eram vistos, ó Bharata, fugir, jogando de lado suas cotas de malha, e com cabelo despenteado. E o exército dos filhos de Pandu, lamentando alto, inclusive os próprios líderes de seus melhores guerreiros em carros, era visto estar tão confuso como um verdadeiro rebanho de gado. O alegrador dos Yadavas então, vendo aquele exército assim desbaratado, disse para Partha, parando aquele melhor dos carros (que ele guiava), estas palavras, 'Chegou a hora, ó Partha, a qual era desejada por ti. Ataque Bhishma, ó tigre entre homens, se não, tu perderás a razão. Ó herói, antigamente, no conclave de reis, tu disseste, 'Eu matarei todos os guerreiros dos filhos de Dhritarashtra, encabeçados por Bhishma e Drona, todos realmente, que lutarem comigo em batalha'. Ó filho de Kunti, ó castigador de inimigos, faça verdadeiras aquelas tuas palavras. Veja, ó Vibhatsu, este teu exército está sendo destroçado por todos os lados. Veja, os reis na hoste de Yudhishthira estão todos fugindo, vendo Bhishma em batalha, que parece com o próprio Destruidor com boca escancarada. Afligidos com medo, eles estão se furtando como os animais mais fracos à visão do leão.’ Assim endereçado, Dhananjaya respondeu para Vasudeva, dizendo, 'Mergulhando por este mar da hoste hostil, incite os corcéis para onde Bhishma está. Eu derrubarei aquele guerreiro invencível, o venerável avô Kuru'. Então Madhava incitou aqueles

corcéis de cor prateada para onde, ó rei, o carro de Bhishma estava, aquele carro o qual, como o próprio sol, era incapaz de ser fitado. E vendo o poderosamente armado Partha avançando para um confronto com Bhishma, o imenso exército de Yudhishthira se reagrupou para a batalha. Então Bhishma, aquele principal dos guerreiros entre os Kurus, rugindo repetidamente como um leão, rapidamente cobriu o carro de Dhananjaya com uma chuva de flechas. Num momento aquele carro dele, com estandarte e quadrigário, ficou invisível, encoberto por aquela chuva de flechas. Vasudeva, no entanto, dotado de grande força destemidamente e convocando toda sua paciência, começou a guiar aqueles corcéis mutilados pelas flechas de Bhishma. Então Partha, pegando seu arco celeste cuja vibração parecia o ribombar das nuvens fez o arco de Bhishma cair, cortando-o com flechas afiadas. O guerreiro Kuru, teu pai, vendo seu arco cortado, pegou outro e encordoou-o em um piscar de olhos. E ele esticou aquele arco cujo som parecia o rugido das nuvens, com suas duas mãos. Mas Arjuna, enfurecido, cortou aquele arco dele também. Então o filho de Santanu elogiou aquela agilidade de mão (mostrada por Arjuna), dizendo, 'Excelente, ó Partha, ó tu de braços fortes, excelente, ó filho de Pandu. Ó Dhananjaya, tal feito poderoso é, de fato, digno de ti. Eu estou satisfeito contigo. Lute duramente comigo, ó filho.' E tendo elogiado Partha dessa maneira, e pegando outro arco grande, aquele herói atirou suas flechas no carro de Partha. E Vasudeva então mostrou sua grande habilidade na condução da carruagem, pois ele frustrou aquelas flechas dele por guiar o carro em círculos rápidos. Então, ó majestade, Bhishma com grande força perfurou Vasudeva e Dhananjaya com flechas afiadas sobre seus corpos. E mutilados por aquelas flechas de Bhishma, aqueles dois tigres entre homens pareciam com dois touros rugindo com arranhões de chifres em seus corpos. E novamente, estimulado pela raiva, Bhishma cobriu os dois Krishnas completamente com flechas às centenas e milhares. E com aquelas suas flechas afiadas, o enfurecido Bhishma fez ele da linhagem de Vrishni tremer. E rindo ruidosamente ele também fez Krishna se admirar. Então Krishna de braços fortes, observando a bravura de Bhishma em batalha como também a suavidade com a qual Arjuna lutava, e vendo que Bhishma estava criando incessantes chuvas de flechas naquele conflito e parecia com o próprio Sol que a tudo consome no meio dos dois exércitos, e notando além disso, que aquele herói estava matando os principais dos combatentes na hoste de Yudhishthira e causando uma destruição naquele exército como se a hora da dissolução tivesse chegado, o adorável Kesava, aquele matador de hostes, dotado de alma incomensurável, incapaz de tolerar o que ele via, pensou que o exército de Yudhishthira não poderia sobreviver àquele massacre. 'Em um único dia Bhishma pode matar todos os Daityas e os Danavas. Com quanta facilidade então ele pode matar em batalha os filhos de Pandu com todas as suas tropas e seguidores? O exército vasto do filho ilustre de Pandu está fugindo outra vez. E os Kauravas também vendo os Somakas derrotados estão avançando para lutar alegremente, alegrando o avô. Envolvido em armadura, eu mesmo matarei Bhishma hoje por causa dos Pandavas. Esta carga dos Pandavas de grande alma eu aliviarei. Com relação a Arjuna, embora atingido em batalha com flechas afiadas, ele não sabe o que ele deve fazer, por respeito por Bhishma', e enquanto Krishna estava refletindo dessa maneira o avô, excitado com cólera, disparou novamente suas flechas no carro de Partha. E pelo grande número

daquelas flechas todos os pontos do horizonte ficaram totalmente encobertos. E nem o firmamento nem os quadrantes nem a terra nem o próprio sol de raios brilhantes podiam ser vistos. E os ventos que sopraram pareciam estar misturados com fumaça, e todos os pontos do horizonte pareciam estar agitados. E Drona, e Vikarna, e Jayadratha, e Bhurisrava, e Kritavarman, e Kripa, e Srutayush e o soberano dos Amvashtas e Vinda e Anuvinda, Sudakshina e os habitantes do oeste, e as diversas tribos de Sauviras, os Vasatis, e os Kshudrakas, e os Malavas, todos esses, por ordem do filho real de Santanu, se aproximaram rapidamente de Kiritin para lutar. E o neto de Sini viu que Kiritin estava cercado por muitas centenas de cavalos, e infantaria, e carros, e elefantes imensos. E vendo Vasudeva e Arjuna assim cercados por infantaria e elefantes e cavalos e carros por todos os lados, aquele principal de todos os portadores de armas, isto é, o chefe dos Sinis, procedeu rapidamente para aquele local. E aquele principal dos arqueiros, o chefe dos Sinis, avançando rapidamente naquelas tropas chegou ao lado de Arjuna como Vishnu chegando para auxiliar o matador de Vritra. E aquele principal guerreiro da linhagem de Sini disse alegremente para a hoste de Yudhishthira, todos os combatentes da qual estavam assustados por causa de Bhishma e cujos elefantes, corcéis, carros, e inúmeros estandartes tinham sido mutilados e quebrados em pedaços, e que estava fugindo do campo, essas palavras, 'Ó Kshatriyas, aonde vocês vão? Esse não é o dever dos virtuosos como é declarado pelos antigos. Ó principais dos heróis, não quebrem suas promessas. Cumpram seus próprios deveres como heróis.' Vendo que aqueles principais dos reis estavam fugindo juntos do campo de batalha, e notando a suavidade com a qual Partha lutava, e vendo também que Bhishma estava se esforçando muito poderosamente em batalha, e que os Kurus estavam avançando de todos os lados, o irmão mais novo de Vasava, o protetor de grande alma de todos os Dasarhas, incapaz de tolerar isso tudo dirigiu-se ao neto renomado de Sini, e elogiando-o disse, 'O herói da linhagem de Sini, aqueles que estão se retirando, estão, de fato, se retirando. Aqueles que ainda estão permanecendo, ó tu da linhagem Satwata, deixe eles também irem embora. Observe, eu logo derrubarei Bhishma de seu carro, e Drona também em batalha, com todos os seus seguidores. Não há ninguém na hoste Kuru, ó tu da tribo Satwata, que seja capaz de escapar de mim furioso. Portanto, pegando meu disco ardente, eu matarei Bhishma de votos superiores. E matando em batalha aqueles dois principais dos guerreiros em carros, isto é, Bhishma junto com seus seguidores e Drona também, ó neto de Sini, eu alegrarei Dhananjaya, e o rei, e Bhima, e os gêmeos Aswins. E matando todos os filhos de Dhritarashtra e todos aqueles principais dos reis que adotaram o lado deles, eu alegremente suprirei o rei Ajatasatru com um reino hoje.' Dizendo isso, o filho de Vasudeva, abandonando (as rédeas dos) corcéis, pulou do carro, girando com seu braço (direito) seu disco de nave bela com gume afiado como uma navalha, refulgente como o sol e possuidor de força igual àquela de mil raios do céu. E fazendo a terra tremer sob seu passo, Krishna de grande alma avançou impetuosamente em direção a Bhishma. E aquele opressor de inimigos, o irmão mais novo do chefe dos deuses, estimulado pela ira, avançou em direção a Bhishma que estava no meio de suas tropas, como um leão pelo desejo de matar um príncipe de elefantes cegado pela fúria e esperando orgulhosamente pelo ataque. E a extremidade de suas roupas amarelas

ondulando no ar parecia com uma nuvem carregada com relâmpago no céu. E aquele lótus de um disco chamado Sudarsana, tendo como seu caule o belo braço de Saurin, parecia tão belo quanto o lótus primordial, brilhante como o sol da manhã, o qual surgiu do umbigo de Narayana. E a ira de Krishna era o sol da manhã que fazia aquele lótus florescer. E as folhas belas daquele lótus eram tão afiadas como o fio de uma navalha. E o corpo de Krishna era o lago belo, e seu braço (direito) o caule emergindo dele, sobre o qual aquele lótus brilhava. E vendo o irmão mais novo de Mahendra, cheio de fúria e rugindo ruidosamente e armado com aquele disco, todas as criaturas deram um lamento alto, pensando que a destruição dos Kurus estava próxima. E armado com seu disco Vasudeva parecia com o fogo Samvarta que aparece no fim do Yuga para consumir o mundo. E o preceptor do universo resplandecia como um cometa ardente surgido para consumir todas as criaturas. E vendo aquele principal dos bípedes, aquela personalidade divina, avançando armado com o disco, o filho de Santanu posicionado em seu carro, arco e flechas na mão, disse destemidamente, 'Venha, venha, ó Senhor dos deuses, ó tu que tens o universo como tua residência. Eu te reverencio, ó tu que estás armado com maça, espada e Saranga. Ó senhor do universo, me derrube violentamente deste carro excelente, ó tu que és o refúgio de todas as criaturas nessa batalha. Morto aqui por ti, ó Krishna, grande será minha boa fortuna nesse mundo e no próximo. Grande é o respeito que tu me prestas, ó Senhor dos Vrishnis e dos Andhakas. Minha dignidade será celebrada nos três mundos.' Ouvindo essas palavras do filho de Santanu, Krishna avançando impetuosamente em direção a ele disse, 'Tu és a causa desse grande massacre sobre a terra. Tu verás Duryodhana morto hoje. Um ministro sábio que anda no caminho da justiça deve reprimir um rei que é viciado no mal do jogo. Aquele canalha além disso de sua raça que contraria o dever deve ser abandonado como alguém cuja inteligência foi mal orientada pelo destino.' O nobre Bhishma, ouvindo essas palavras, respondeu para o chefe dos Yadus, dizendo, 'O destino é todo poderoso. Os Yadus, para seu benefício, abandonaram Kansa. Eu disse isso para o rei (Dhritarashtra) mas ele não prestou atenção. O ouvinte que não tem benefício a receber se torna, para (sua própria) miséria, de inteligência pervertida por causa (da influência do destino).' Enquanto isso, pulando de seu carro, Partha, ele mesmo de braços massivos e compridos, correu rapidamente a pé atrás daquele principal da linhagem de Yadu possuidor de braços massivos e compridos, e agarrou-o com suas duas mãos. Aquele principal de todos os deuses dedicado em natureza, Krishna, estava excitado com raiva. E portanto, embora assim agarrado, Vishnu arrastou Jishnu violentamente atrás dele, como uma tempestade carregando uma árvore solitária. Partha de grande alma, no entanto, agarrando então com grande força suas pernas enquanto ele estava procedendo em um passo rápido em direção a Bhishma, conseguiu, ó rei, pará-lo com dificuldade no décimo passo. E quando Krishna parou, enfeitado como ele estava com uma guirlanda bela de ouro, alegremente se curvou a ele e disse, 'Abrande esta tua ira. Tu és o refúgio dos Pandavas, ó Kesava. Eu juro, ó Kesava, por meus filhos e irmãos que eu não recuarei das ações às quais eu me comprometi. Ó irmão mais novo de Indra, por tua ordem eu sem dúvida aniquilarei os Kurus.' Ouvindo aquela promessa e juramento dele, Janardana ficou satisfeito. E sempre empenhado como ele estava em fazer o que era agradável para Arjuna,

aquele melhor dos Kurus, ele subiu mais uma vez, disco no braço, em seu carro. E aquele matador de inimigos novamente pegou aquelas rédeas (que ele tinha abandonado), e pegando sua concha chamada Panchajanya, Saurin encheu todos os pontos do horizonte e o firmamento com seu clangor. E nisso vendo Krishna enfeitado com colar e Angada e brincos, com cílios curvados cobertos com pó, e com dentes de brancura perfeita, pegar mais uma vez sua concha os heróis Kuru proferiram um grito alto. E o som de pratos e baterias e timbales, e o estrépito de rodas de carros e o barulho de baterias menores, se misturando com aqueles gritos leoninos, partindo de todas as tropas dos Kurus, tornou-se um tumulto aterrador. E o som do Gandiva de Partha, parecendo o ribombar do trovão, encheu o firmamento e todos os quadrantes. E disparadas do arco do filho de Pandu, flechas brilhantes e ardentes procediam em todas as direções. Então o rei Kuru, com uma grande tropa, e com Bhishma e Bhurisravas também, flechas nas mãos, e parecendo um cometa surgido para consumir uma constelação, avançou contra ele. E Bhurisravas arremessou em Arjuna sete dardos equipados com asas de ouro, e Duryodhana uma lança de impetuosidade ardente, e Salya uma maça, e o filho de Santanu um dardo. Nisso, Arjuna, desviando com sete flechas os sete dardos, velozes como flechas, atirados por Bhurisravas, cortou com outra flecha de gume afiado a lança arremessada do braço de Duryodhana. E o dardo brilhante indo em direção a ele, refulgente como relâmpago, lançado pelo filho de Santanu, e a maça arremessada do braço do soberano dos Madras, aquele herói cortou com duas (outras) flechas. Então puxando com suas duas mãos e com grande força seu belo arco Gandiva de energia incomensurável, ele invocou com mantras apropriados a extraordinária e terrível arma Mahendra e a fez aparecer no céu. E com aquela arma poderosa produzindo profusas chuvas de flechas dotadas da refulgência do fogo ardente, aquele arqueiro poderoso e de grande alma, enfeitado com diadema e guirlanda de ouro, conteve a hoste Kaurava inteira. E aquelas flechas do arco de Partha, contando os braços, arcos, topos de estandartes, e carros, penetravam nos corpos dos reis e dos elefantes enormes e corcéis do inimigo. E enchendo as direções cardeais e secundárias com aquelas flechas afiadas e terríveis dele, o filho de Pritha enfeitado com diadema e guirlanda de ouro agitou os corações de seus inimigos por meio da vibração do Gandiva. E naquele tremendo duelo, o clangor de conchas e a batida de baterias e o estrépito profundo de carros foram todos silenciados pelo som do Gandiva. E averiguando que aquele som era do Gandiva, o rei Virata e outros heróis entre os homens, e o valente Drupada, o rei dos Panchalas, todos procederam para aquele local com corações não abatidos. E todos os teus combatentes ficaram, tomados pelo medo, cada um no local onde ele ouviu aquela vibração do Gandiva. E ninguém entre eles ousou proceder para aquele lugar de onde aquele som era ouvido. E naquela matança terrível de reis, combatentes heróicos foram mortos e guerreiros em carros com aqueles que guiavam seus carros. E elefantes com mantas resplandecentes de ouro e estandartes magníficos (em suas costas), afligidos por flechas de cabeças largas caindo sobre eles, caíam de repente, privados de vida e com seus corpos mutilados por Kiritin. E atingidos violentamente por Partha com suas flechas aladas de grande ímpeto e cabeças largas de gume e pontas afiadas, os estandartes de inúmeros reis posicionados nas cabeças de seus yantras e Indrajalas foram cortados. E grupos de infantaria e

guerreiros em carros, naquela batalha, e corcéis e elefantes, caíam rápido sobre o campo, seus membros paralisados, ou eles mesmos privados rapidamente de vida, atacados por Dhananjaya com aquelas flechas. E, ó rei, muitos foram os guerreiros que naquele conflito terrível tiveram suas armaduras e corpos atravessados por aquela arma poderosa que recebeu o nome de Indra. E com aquelas flechas terríveis e afiadas dele, Kiritin fez um rio medonho correr sobre o campo de batalha, tendo como suas águas o sangue fluindo dos corpos mutilados dos combatentes e tendo como sua espuma a gordura deles. E sua correnteza era larga e corria ferozmente. E os corpos de elefantes e corcéis despachados para o outro mundo formavam suas margens. E seu lodo consistia nas entranhas, na medula, e na carne de seres humanos, e prodigiosos Rakshasas formavam as (altas) árvores (localizadas em suas margens). E as coroas de cabeças humanas em profusão, cobertas com cabelo, formavam sua desordem (flutuante), e pilhas de corpos humanos, formando seus bancos de areia, faziam a correnteza fluir em mil direções. E as cotas de malha espalhadas por todos os lados formavam seus seixos duros. E suas margens eram infestadas por grande número de chacais e lobos e garças e urubus e multidões de Rakshasas, e bandos de hienas. E aqueles que estavam vivos viram aquele rio terrível de correnteza consistindo em gordura, medula, e sangue, causado pelas chuvas de flechas de Arjuna, aquela encarnação da crueldade (do homem), parecer com o grande Vaitarani (o fabuloso rio que separa esse mundo do seguinte). E vendo os principais guerreiros daquele exército dos Kurus assim mortos por Phalguni, os Chedis, os Panchalas, os Kurushas, os Matsyas, e todos os combatentes do lado Pandava, aqueles principais dos homens, se rejubilaram com a vitória, e juntos deram um grito alto para apavorar os guerreiros Kaurava. E eles proferiram aquele grito indicativo de vitória, vendo os principais combatentes do exército (Kuru), as próprias tropas protegidas por poderosos líderes de divisões, mortos dessa maneira por Kiritin, aquele terror de inimigos, que os apavorava como um leão assustando bandos de animais menores. E então o próprio portador do Gandiva, e Janardana ambos cheios de deleite proferiram rugidos altos. E os Kurus, com Bhishma, e Drona e Duryodhana e Valhika, muito mutilados pelas armas (de Arjuna), vendo o sol recolher seus raios, e vendo também aquela arma terrível e irresistível chamada pelo nome de Indra espalhar e fazendo (por assim dizer) o fim do Yuga aparecer, retiraram suas tropas para o descanso noturno. E aquele principal dos homens, Dhananjaya também, tendo realizado um grande feito e ganhando grande renome por oprimir seus inimigos, e vendo o sol assumir uma cor vermelha e o crepúsculo noturno se iniciar, e tendo completado seu trabalho, retirou-se com seus irmãos para o acampamento para descanso noturno. Então quando a escuridão estava prestes a se iniciar ergueu-se entre as tropas Kuru um grande e terrível tumulto. E todos disseram, 'Na batalha de hoje Arjuna matou dez mil guerreiros em carros, e setecentos elefantes ao todo. E todos os habitantes do oeste, e as diversas tribos dos Sauviras, e os Kshudrakas e os Malavas foram todos mortos. A façanha realizada por Dhananjaya é considerável. Ninguém mais é competente para realizar isso. Srutayush, o soberano dos Amvashtas, e Durmarshana, e Chitrasena, e Drona, e Kripa, e o soberano dos Sindhus, e Valhika, e Bhurisravas, e Salya, e Sala, ó rei, e outros guerreiros às centenas reunidos, junto com o próprio Bhishma, na batalha, pela destreza de seus próprios braços, foram hoje

vencidos pelo filho irado de Pritha, Kiritin, aquele poderoso guerreiro em carro único no mundo.' Falando dessa maneira, ó Bharata, todos os guerreiros do teu lado foram para suas tendas do campo de batalha. E todos os combatentes do exército Kuru assustados por Kiritin, então entraram em suas tendas iluminadas por milhares de tochas, e embelezadas por inúmeras lâmpadas."

60

Sanjaya disse, "Quando a noite passou, ó Bharata, Bhishma de grande alma, com fúria gerada, protegido por um grande exército, e posicionado na vanguarda do exército Bharata, procedeu contra o inimigo. E Drona e Duryodhana e Valhika, e também Durmarshana e Chitrasena, o poderoso Jayadratha, e outros guerreiros nobres, protegidos por grandes divisões o acompanhavam, cercando-o por todos lados. E circundado por aqueles guerreiros em carros formidáveis e poderosos dotados de grande coragem e energia, ó rei, ele brilhava, ó melhor dos monarcas, no meio daqueles principais dos guerreiros reais, como o chefe dos celestiais no meio dos deuses. E os magníficos estandartes nas costas dos elefantes posicionados na frente daquelas tropas, de cores diversas, isto é, vermelhos, amarelos, pretos e marrons, ondulando no ar, pareciam muito belos. E aquele exército com o filho nobre de Santanu e outros poderosos guerreiros em carros e com elefantes e corcéis, parecia resplandecente como uma massa de nuvens carregadas com relâmpago, ou como o firmamento, na estação das chuvas, com nuvens reunidas. E então o exército ameaçador dos Kurus, decidido a lutar e protegido pelo filho de Santanu, avançou impetuosamente em direção a Arjuna como a violenta correnteza do Ganga que vai para o oceano. Permeada por diversos tipos de tropas possuidoras de grande força, e tendo em suas alas elefantes, corcéis, infantaria, e carros em profusão, aquela formação de combate ele de grande alma (Arjuna), tendo o príncipe dos macacos em seu estandarte, observou de uma distância assemelhar-se a uma massa imensa de nuvens. Aquele herói de grande alma, aquele touro entre homens, sobre seu carro provido de estandarte alto e ao qual estavam unidos corcéis brancos, na chefia de sua (própria) divisão e cercado por um exército poderoso, procedeu contra todo o exército hostil. E todos os Kauravas com teus filhos, vendo aquele (guerreiro) de bandeira de macaco com seu estandarte excelente e belos varais de carro enrolados (em cobertura cara), acompanhado por aquele touro da raça Yadu, seu quadrigário em batalha, estavam cheios de desânimo. E teu exército contemplou aquela melhor das formações de batalha, que era protegida por aquele poderoso guerreiro em carro do mundo, Kiritin, com armas erguidas tendo em cada um de seus cantos quatro mil elefantes. Semelhante à ordem de batalha que tinha sido formada na véspera por aquele melhor dos Kurus, isto é, o rei Yudhishthira o justo, e igual à qual nunca tinha sido vista ou conhecida antes por seres humanos, era essa de hoje (que os Pandavas formaram). Então no campo de batalha milhares de baterias foram ruidosamente batidas, e lá ergueu-se de todas as divisões o alto clangor de conchas e as notas de trombetas e muitos gritos leoninos. Então (incontáveis) arcos de som alto, esticados por guerreiros heróicos com flechas

fixadas nas cordas de arcos, e o clangor de conchas, silenciaram aquele tumulto de baterias e pratos. E o firmamento inteiro cheio com aquele clangor de conchas estava coberto com um pó de terra que o tornava maravilhoso de se observar. E com aquela poeira o céu parecia como se um vasto dossel estivesse espalhado por cima. E contemplando aquele dossel os guerreiros valentes todos se apressaram impetuosamente (para lutar). E guerreiros em carros, atingidos por guerreiros em carros, eram derrubados com quadrigários, corcéis, carros, e estandartes. E elefantes, atingidos por elefantes, caíam, e soldados de infantaria atingidos por soldados de infantaria. E cavaleiros impetuosos, derrubados por cavaleiros impetuosos com lanças e espadas, caíam com expressões terríveis. E tudo isso parecia muito extraordinário. E escudos excelentes decorados com estrelas douradas e possuidores de refulgência solar, quebrados por (golpes de) machados de batalha, lanças e espadas caíam no campo. E muitos guerreiros em carro mutilados e machucados pelas presas e as trombas fortes de elefantes caíam com seus quadrigários. E muitos touros entre os guerreiros em carros atingidos por touros entre os guerreiros em carros com suas flechas, caíam no chão. E muitas pessoas ouvindo os lamentos de cavaleiros e soldados a pé atingidos pelas presas e outros membros de elefantes ou esmagados pelo ímpeto daquelas criaturas enormes que avançavam em fileiras cerradas, caíam no campo de batalha.

Então quando cavalaria e soldados de infantaria estavam caindo rápido, e elefantes e cavalos e carros estavam fugindo com medo, Bhishma, cercado por muitos poderosos guerreiros em carro, obteve visão dele que tinha o príncipe dos macacos em seu estandarte. E o guerreiro de estandarte de palmeira, o filho de Santanu, tendo cinco palmeiras em seu estandarte, então avançou contra o enfeitado com diadema (Arjuna) cujo carro, por causa da velocidade dos corcéis excelentes ligados a ele era dotado de energia fenomenal e que brilhava como o próprio relâmpago pela energia de suas armas poderosas. E assim contra aquele filho de Indra que era como o próprio Indra, avançaram muitos (outros) guerreiros encabeçados por Drona e Kripa e Salya e Vivinsati e Duryodhana e também o filho de Somadatta, ó rei. Então o heróico Abhimanyu, o filho de Arjuna, familiarizado com todas as armas e envolvido em uma cota de malha bela e dourada, saindo precipitadamente das tropas, procedeu rapidamente contra todos aqueles guerreiros. E aquele filho de Krishna de feitos incapazes de serem resistidos, frustrando as armas poderosas de todos aqueles guerreiros de grande força, parecia resplandecente como o adorável Agni, no altar sacrifical, de chamas ardentes, invocado com mantras sublimes. Então Bhishma de energia poderosa, criando naquela batalha um verdadeiro rio cujas águas eram o sangue de inimigos, e rapidamente evitando o filho de Subhadra, enfrentou aquele poderoso guerreiro em carro, o próprio Partha. Então Arjuna enfeitado com diadema e guirlandas com seu Gandiva de aparência admirável e som alto como o ribombar do trovão, disparando chuvas de flechas, desviou aquela chuva de armas poderosas (atirada por Bhishma). E aquele guerreiro de grande alma tendo o príncipe dos macacos em seu estandarte, de feitos incapazes de ser resistidos, então derramou em retorno sobre Bhishma, aquele melhor de todos os manejadores de arcos, uma chuva de flechas de gume afiado e flechas polidas de

cabeças largas. E assim tuas tropas também viram aquela chuva de armas poderosas disparada por ele que tinha o príncipe dos macacos em seu estandarte, resistida e dispersada por Bhishma como o criador do dia dissipando (a escuridão da noite). E os Kurus e os Srinjayas, e todas as pessoas lá, contemplaram aquele duelo entre aqueles dois principais dos homens, Bhishma e Dhananjaya, procedendo assim firmemente e assim distinguidos pela vibração terrível dos arcos de ambos."

61

Sanjaya disse, "E o filho de Drona, e Bhurisravas, e Chitrasena, ó majestade, e o filho de Samyamani também, todos lutaram com o filho de Subhadra. E enquanto lutando sozinho com cinco tigres entre os homens, as pessoas viram a ele possuidor de energia excelente, como um leão jovem lutando com cinco elefantes. E nenhum entre eles igualava o filho de Krishna em certeza de pontaria, em coragem, em destreza, em agilidade de mão ou em conhecimento de armas. E vendo seu filho, aquele castigador de inimigos lutando dessa maneira e mostrando sua bravura em batalha, Partha deu um rugido leonino. E vendo teu neto, ó rei, afligindo tua hoste dessa maneira, teus guerreiros, ó monarca, o cercaram por todos os lados. Então aquele batedor de inimigos, o filho de Subhadra, dependendo de sua destreza e força, avançou com ânimo não abatido contra a hoste Dhartarashtra. E enquanto lutando com o inimigo naquele conflito, seu arco poderoso dotado da refulgência do sol era visto por todos incessantemente esticado para atirar. E perfurando o filho de Drona com uma flecha, e Salya com cinco, ele derrubou o estandarte do filho de Samyamani com oito flechas. E com outra flecha de gume afiado ele cortou o dardo imenso de vara dourada, parecendo uma cobra, que foi arremessado nele pelo filho de Somadatta. E o herdeiro de Arjuna, desviando na própria vista de Salya suas centenas de flechas terríveis, matou seus quatro corcéis. Nisso Bhurisravas, e Salya, e o filho Drona e Samyamani, e Sala tomados pelo medo pela força de braços mostrada pelo filho de Krishna não podiam ficar diante dele. Então, ó grande rei, os Trigartas e os Madras, com os Kekayas, numerando vinte e cinco mil instigados por teu filho, todos os quais eram principais dos homens habilidosos na ciência de armas e que eram incapazes de ser derrotados por inimigos em batalha, cercaram Kiritin com seu filho para matar os dois. Então, ó rei, aquele subjugador de inimigos, o comandante do exército Pandava, o príncipe dos Panchalas, viu os carros do pai e do filho (assim) cercados (pelo inimigo). Apoiado por muitos milhares de elefantes e carros, e por centenas de milhares de cavalaria e infantaria, e esticando seu arco em grande fúria ele avançou contra aquela divisão dos Madras e dos Kekayas, ó castigador de inimigos, levando suas tropas com ele. E aquela divisão (do exército Pandava), protegida por aquele arqueiro renomado e firme, e consistindo em carros, elefantes, e cavalaria, parecia resplandecente conforme ela avançava para o combate. E enquanto procedendo em direção a Arjuna, aquele perpetuador da linhagem de Panchala atingiu o filho de Saradwat na junta de seu ombro com três flechas. E perfurando os Madrakas então com dez flechas afiadas, ele matou rapidamente o protetor da retaguarda de Kritavarman. E aquele

castigador de inimigos então, com uma flecha de cabeça larga, matou Damana, o herdeiro do Paurava de grande alma. Então o filho de Samyamani perfurou o príncipe Panchala incapaz de ser derrotado em batalha com dez flechas, e seu quadrigário também com dez flechas. Então aquele arqueiro poderoso, (assim) severamente perfurado, lambeu com sua língua os cantos de sua boca, e cortou o arco de seu inimigo com uma flecha de cabeça larga de corte excelente. E logo o príncipe de Panchala afligiu seu inimigo com vinte e cinco flechas, e então matou seus corcéis, ó rei, e então ambos os protetores de seus flancos. Então, ó touro da raça Bharata, o filho de Samyamani, permanecendo naquele carro cujos corcéis estavam mortos, olhou para o filho do renomado rei dos Panchalas. Então pegando uma cimitarra terrível do melhor tipo, feita de aço, o filho de Samyamani, andando a pé, se aproximou do filho de Drupada que estava em seu carro. E os Pandavas, soldados e Dhrishtadyumna também da linhagem de Prishata viram-no se aproximando como uma onda e parecendo uma cobra caída dos céus. E ele girava sua espada e parecia com o sol e avançava com o andar de um elefante enfurecido. O príncipe de Panchala então, excitado com raiva, pegando rapidamente uma maça, esmagou a cabeça do filho de Samyamani que avançava dessa maneira em direção a ele, cimitarra de gume afiado em punho e escudo na mão, logo que o último, tendo cruzado a distância de tiro, estava perto suficiente do carro de seu adversário. E então, ó rei, enquanto caindo privado de vida, sua cimitarra e escudos brilhantes, soltos de suas mãos, caíram com seu corpo no chão. E o filho de grande alma do rei Panchala, de bravura terrível, tendo matado seu inimigo com sua maça, ganhou grande renome. E quando aquele príncipe, aquele poderoso guerreiro em carro e grande arqueiro, tinha sido morto (dessa maneira), altos gritos de ‘Oh’ e ‘Ai’ ergueram-se entre tuas tropas, ó majestade. Então Samyamani, estimulado pela ira ao ver seu próprio filho morto, avançou furiosamente em direção ao príncipe de Panchala que não podia ser derrotado em batalha. E todos os reis de ambos os exércitos Kuru e Pandava viram aqueles dois príncipes e principais dos guerreiros em carros engajados em batalha. Então aquele matador de heróis hostis Samyamani, estimulado pela fúria, atingiu o filho de Prishata com três flechas como (o condutor de um elefante atingindo) um elefante imenso com ganchos. E assim Salya também, aquele ornamento de assembléias, excitado pela raiva, atingiu o filho heróico de Prishata em seu peito. E então começou (outra) batalha (lá)."

62

Dhritarashtra disse, "Eu considero o destino superior ao esforço, ó Sanjaya, visto que o exército de meu filho é constantemente massacrado pelo exército dos Pandavas. Tu sempre falas, ó suta, de minhas tropas como sendo massacradas, e tu sempre falas dos Pandavas como não mortos e alegres. De fato, ó Sanjaya, tu falas de minhas como privadas de coragem, derrotadas e caindo, e massacradas, embora elas estejam lutando com todas as suas forças e se esforçando duramente pela vitória. Tu sempre falas para mim dos Pandavas como obtendo vitória e dos meus como se tornando cada vez mais fracos. Ó filho, eu estou

ouvindo incessantemente sobre inúmeras causas de aflição insuportável e pungente por conta do ato de Duryodhana. Eu não vejo, ó Sanjaya, os meios pelos quais os Pandavas possam ser enfraquecidos e meus filhos possam obter a vitória em batalha."

Sanjaya disse, "Esse grande mal procedeu de ti, ó rei. Ouça agora com paciência à grande matança de homens, elefantes, corcéis e guerreiros em carros. Dhrishtadyumna, afligido por Salya com nove flechas, afligiu em retorno o soberano de Madras com muitas flechas feitas de aço. E então nós vimos a destreza do filho de Prishata como muito extraordinária visto que ele deteve rapidamente Salya, aquele ornamento de assembléias. A batalha entre eles durou somente por um curto espaço de tempo. Enquanto engajados furiosamente em combate, ninguém viu nem um momento de descanso tomado por algum deles. Então, ó rei, Salya naquela batalha cortou o arco de Dhrishtadyumna com uma flecha de cabeça larga de gume afiado e têmpera excelente. E ele também o cobriu, ó Bharata, com uma chuva de flechas como nuvens carregadas de chuva derramando suas gotas no leito da montanha durante a estação das chuvas. E enquanto Dhrishtadyumna estava sendo assim afligido, Abhimanyu, excitado com ira, avançou impetuosamente em direção ao carro do soberano dos Madras. Então o colérico filho de Krishna, de alma incomensurável, obtendo o carro do soberano dos Madras (dentro da distância de tiro), perfurou Artayani com três flechas afiadas. (Salya é chamado de Artayani por causa do nome de seu pai.) Então os guerreiros do teu exército, ó rei, desejosos de se opor ao filho de Arjuna em batalha, cercaram rapidamente o carro do soberano de Madras. E Duryodhana, e Vikarna, e Dussasana, e Vivinsati e Durmarshana, e Dussala, e Chitrasena, e Durmukha, e Satyabrata, abençoado sejas tu, e Purumitra, ó Bharata, esses, protegendo o carro do soberano dos Madras, se posicionaram lá. Então Bhimasena, estimulado pela ira, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, e os cinco filhos de Draupadi, e Abhimanyu, e os gêmeos filhos de Madri e Pandu, esses dez resistiram àqueles dez guerreiros do exército Dhritarashtra disparando, ó rei, diversas espécies de armas. E eles se aproximaram e enfrentaram uns aos outros em batalha desejosos de matar uns aos outros, por consequência, ó rei, da tua má política. E quando aqueles dez guerreiros em carros, excitados com cólera, se envolveram em combate com os dez outros naquela batalha terrível, os outros guerreiros em carros do teu exército e do inimigo todos permaneceram como espectadores. E aqueles poderosos guerreiros em carros, disparando diversos tipos de armas e rugindo uns para os outros, atingiram uns aos outros ferozmente. Com cólera gerada em seus peitos, desejosos de matar uns aos outros, eles proferiram gritos selvagens, desafiando uns aos outros. E ciumentos uns dos outros, ó rei, aqueles parentes reunidos se enfrentaram colericamente, disparando armas poderosas. E admirável de dizer, Duryodhana, excitado com raiva, perfurou Dhrishtadyumna naquela luta com quatro flechas afiadas. E Durmarshana o perfurou com vinte, e Chitrasena com cinco, e Durmukha com nove, e Dussaha com sete, e Vivinsati com cinco, e Dussasana com três flechas. Então, ó grande rei, aquele opressor de inimigos, o filho de Prishata, perfurou cada um deles em retorno com vinte e cinco flechas, mostrando sua agilidade de mão. E Abhimanyu, ó Bharata, perfurou Satyavrata e Purumitra cada um com dez flechas. Então os

filhos de Madri, aqueles alegradores de sua mãe, cobriram seu tio com chuvas de flechas afiadas. E tudo isso parecia extraordinário. Então, ó monarca, Salya cobriu seus sobrinhos, aqueles dois principais dos guerreiros em carros desejosos de neutralizar os feitos de seu tio, com flechas, mas os filhos de Madri não vacilaram. Então o poderoso Bhimasena, o filho de Pandu, vendo Duryodhana e desejoso de terminar o conflito, pegou sua maça. E vendo Bhimasena de braços fortes com maça erguida e parecendo com o monte Kailasa cristado, teus filhos fugiram aterrorizados. Duryodhana, no entanto, excitado pela fúria, instigou a divisão Magadha consistindo em dez mil elefantes de grande energia. Acompanhado por aquela divisão de elefantes e colocando o soberano de Magadha à frente dele, o rei Duryodhana avançou em direção a Bhimasena. Observando aquela divisão de elefantes avançando em direção ele, Vrikodara, maça na mão, pulou de seu carro, proferindo um rugido alto como aquele de um leão. E armado com aquela maça imensa que era dotada de grande peso e força de diamante, ele avançou em direção àquela divisão de elefantes como o próprio Destruidor com boca escancarada. E o poderosamente armado Bhimasena dotado de grande força, matando elefantes com sua maça, vagou sobre o campo, como o matador de Vritra entre a hoste Danava. E com os gritos altos de Bhima que rugia, gritos que faziam a mente e o coração tremer de medo, os elefantes, se agachando cautelosamente, perdiam todo o poder de movimento. Então os filhos de Draupadi, e aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Subhadra, e Nakula e Sahadeva, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, protegendo a retaguarda de Bhima, avançaram atrás dele, detendo todos por espalhar suas chuvas de flechas como as verdadeiras nuvens derramando chuva no leito da montanha. E aqueles guerreiros Pandava cortavam as cabeças de seus inimigos que lutavam das costas de elefantes, com flechas bem temperadas e de gume afiado de formas diversas. (Essas eram Kshuras: flechas com cabeças como navalhas; kshurapras: flechas com cabeças de ferradura; bhallas: flechas de cabeça larga; e anjalikas: flechas com cabeças em forma de meia-lua.) E as cabeças (de guias de elefantes), e braços enfeitados com ornamentos, e mãos com ganchos de ferro em punho, caindo rápido, pareciam uma chuva de pedras. E os troncos sem cabeça de guias de elefantes sobre os pescoços dos animais que eles montavam, pareciam com árvores sem cabeça em topos de montanha. E nós vimos elefantes imensos derrubados e caindo, mortos por Dhrishtadyumna, o filho de grande alma de Prishata. Então o soberano dos Magadhas, naquela batalha, incitou seu elefante parecendo o próprio Airavata, em direção ao carro do filho de Subhadra. Vendo aquele elefante poderoso avançando em direção a ele, aquele matador de heróis hostis, o bravo filho de Subhadra, matou-o com uma única flecha. E quando o soberano dos Magadhas estava assim privado de seu elefante, aquele conquistador de cidades hostis, o filho de Krishna, então cortou a cabeça daquele rei com uma flecha de cabeça larga com asas de prata. E Bhimasena, o filho de Pandu, tendo penetrado naquela divisão de elefantes, começou a vagar pelo campo, esmagando aqueles animais em volta dele como o próprio Indra despedaçando as montanhas. E nós vimos elefantes mortos naquela batalha por Bhimasena, cada com um único golpe (de sua maça), como colinas partidas pelo raio. E muitos elefantes, enormes como colinas, estavam mortos lá, tendo suas presas ou têmporas quebradas, ou ossos, ou costas, ou globos frontais. E outros,

ó rei, privados de vida, jaziam lá com bocas espumando. E muitos elefantes poderosos, com globos frontais completamente esmagados, vomitavam grandes quantidades de sangue. E alguns, por medo, se deitavam no chão como (muitos) morros pequenos. E coberto com a gordura e sangue (de elefantes) e quase banhado em sua medula, Bhima vagava sobre o campo como o próprio Destruidor, maça na mão. E Vrikodara, girando aquela sua maça que estava molhada com o sangue de elefantes, tornou-se terrível e horrível de se olhar, como o manejador do Pinaka armado com o Pinaka (isto é, o destruidor universal armado com seu arco). E aqueles elefantes enormes, quando (assim) oprimidos pelo furioso Bhima, fugiam repentinamente, aflitos, esmagando tuas próprias tropas. E aqueles arqueiros poderosos e guerreiros em carros, encabeçados pelo filho de Subhadra (todo o tempo) protegiam aquele herói que lutava girando sua maça ensanguentada, molhada com o sangue de elefantes, como os celestiais protegendo o manejador do raio. De alma terrível, Bhimasena então parecia o próprio Destruidor. De fato, ó Bharata, aplicando sua força por todos os lados, maça nas mãos, nós vimos Bhimasena então parecendo com o próprio Sankara dançando (no fim do Yuga), e sua maça ameaçadora, pesada, e retumbante parecendo a maça de Yama e possuidora do som do raio de Indra. E aquela maça sangrenta dele, coberta com medula e cabelo, parecia (também) o Pinaka do enfurecido Rudra enquanto ele está empenhado em destruir todas as criaturas. Como um boiadeiro castiga seu rebanho com um aguilhão, assim Bhima castigou aquela divisão de elefantes com aquela maça dele. E enquanto eram assim massacrados por Bhima com sua maça e com flechas (por aqueles que protegiam a retaguarda dele), os elefantes corriam para todos os lados, esmagando os carros do teu próprio exército. Então afugentando aqueles elefantes do campo como um vento poderoso afastando massas de nuvens, Bhima permaneceu lá como o manejador do tridente em um crematório."

63

Sanjaya disse, "Quando aquela divisão de elefantes estava exterminada, teu filho Duryodhana incitou seu exército inteiro, mandando os guerreiros matarem Bhimasena. Então o exército inteiro por ordem de teu filho avançou em direção a Bhimasena que estava proferindo gritos ferozes. Aquela hoste vasta e ilimitada difícil de ser resistida pelos próprios deuses, incapaz de ser cruzada como o mar agitado no dia da lua cheia ou da lua nova, cheia de carros, elefantes, e corcéis, ressoando com o clangor de conchas e a batida de baterias, numerando incontáveis soldados de infantaria e guerreiros em carros, e encoberta pela poeira (erguida), aquele verdadeiro mar de tropas hostis incapaz de ser agitado, indo assim em direção a ele, Bhimasena deteve em batalha, ó rei, como a margem resistindo ao oceano. Aquela façanha, ó rei, que nós vimos, de Bhimasena o filho de grande alma de Pandu, foi muito extraordinária e sobre-humana. Com sua maça, ele deteve destemidamente todos aqueles reis que avançavam furiosamente em direção a ele, com seus corcéis e carros, e elefantes. Reprimindo aquela vasta tropa com maça, aquele principal dos homens poderosos, Bhima,

permaneceu naquela luta feroz, inalterável como a montanha Meru. E naquele combate terrível, violento, e impressionante seu irmão e filhos e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, e os filhos de Draupadi e Abhimanyu, e o invicto Sikhandin, esses guerreiros poderosos, não o abandonaram por medo. Pegando sua maça maciça e pesada feita de ferro Saika, ele avançou em direção aos guerreiros do teu exército como o próprio Destruidor, armado com sua maça. E prensando multidões de carros e multidões de cavaleiros no chão, Bhima vagava sobre o campo como o fogo no fim do Yuga. E o filho de Pandu de bravura infinita esmagando multidões de carros com o ímpeto de suas coxas e matando teus guerreiros em batalha, vagava como o próprio Destruidor no fim do Yuga. E ele começou a oprimir tuas tropas com a maior facilidade como um elefante esmagando uma mata de juncos. E arrastando guerreiros em carros de seus carros, e guerreiros lutando das costas de cavalos, e soldados de infantaria quando eles estavam no chão, no exército de teu filho, Bhimasena de braços fortes matava eles todos com sua maça como o vento quebrando árvores com sua força. E aquela maça dele, matando elefantes e corcéis, ficou coberta com gordura, medula, carne, e sangue, e parecia extremamente terrível. E com os corpos de homens e cavalos mortos jazendo espalhados por todos os lados, o campo de batalha mostrava a aparência da residência de Yama. E a maça terrível e massacrante de Bhimasena, parecendo com a maça ameaçadora da Morte e dotada da refulgência do raio de Indra, parecia com Pinaka do furioso Rudra enquanto destruindo criaturas vivas. De fato, aquela maça do filho de grande alma de Kunti, que estava matando todos em volta, parecia ferozmente resplandecente como a maça do próprio Destruidor na hora da dissolução universal. E vendo-o derrotando dessa maneira aquele exército grande repetidamente e avançando como a própria Morte, todos os guerreiros ficaram desanimados. Para onde quer que o filho de Pandu, erguendo sua maça, lançasse seus olhos, somente por causa de seu olhar, ó Bharata, todas as tropas lá pareciam se dissolver. Vendo Vrikodara de feitos terríveis assim desbaratando o exército e não subjugado nem mesmo por um exército tão grande e devorando a divisão (hostil) como o próprio Destruidor com boca escancarada, Bhishma foi rapidamente em direção a ele, em seu carro de refulgência solar e estrépito alto como aquele das nuvens, (cobrindo o firmamento) com suas chuvas de flechas como um dossel vaporoso carregado com chuva. Então Bhimasena de braços fortes, vendo Bhishma avançando dessa maneira como o próprio Destruidor com boca escancarada, avançou em direção a ele, estimulado pela ira. Naquele momento, aquele herói principal da linhagem de Sini, Satyaki de pontaria certeira, lançou-se sobre o avô, matando seus inimigos (ao longo do caminho) com seu arco firme e fazendo o exército de teu filho tremer. E todos os combatentes que pertenciam ao teu exército eram então, ó Bharata, incapazes de impedir o progresso daquele herói assim avançando com seus corcéis de cor prateada e espalhando suas flechas afiadas equipadas com belas asas. Naquele momento (somente) o Rakshasa Alamvusha conseguiu perfurá-lo com dez flechas. Mas perfurando Alamvusha em retorno com quatro flechas, o neto de Sini prosseguiu em seu carro. Observando aquele herói da linhagem de Vrishni avançando dessa maneira e rolando (por assim dizer) pelo próprio meio de seus inimigos, e detendo (enquanto ele prosseguia) os principais dos guerreiros Kuru, e repetidamente proferindo gritos altos naquela batalha, teus guerreiros

então como massas de nuvens derramando chuva em torrentes no leito da montanha, derramaram suas chuvas de flechas sobre ele. Eles foram, no entanto, incapazes de impedir o progresso daquele herói que parecia com o sol do meio-dia em sua glória. E não havia ninguém que não estivesse então desanimado, exceto o filho de Somadatta, ó rei, e Bhurisravas, o filho de Somadatta, ó Bharata, vendo os guerreiros em carros do seu próprio lado afugentados, avançou contra Satyaki pelo desejo de lutar, pegando seu arco de ímpeto feroz."

64

Sanjaya disse, "Então, ó rei, Bhurisravas, estimulado por grande ira, perfurou Satyaki com nove flechas como o condutor de um elefante perfurando um elefante com o gancho de ferro. Satyaki também, de alma incomensurável, na própria vista de todas as tropas, perfurou o guerreiro Kaurava com nove flechas. Então o rei Duryodhana, acompanhado por seus irmãos, cercou o filho de Somadatta que lutava assim em batalha. Similarmente os Pandavas também, de grande energia, rapidamente circundando Satyaki naquela batalha tomaram suas posições em volta dele. E Bhimasena, excitado com cólera, e com maça erguida, ó Bharata, enfrentou todos os teus filhos encabeçados por Duryodhana. Com muitos milhares de carros, e excitado com ira e disposição para vingança, teu filho Nandaka perfurou Bhimasena de grande poder com flechas de gume afiado e pontas afiadas em pedra e aladas com as penas da ave kanka. Então Duryodhana, ó rei, naquela grande batalha, estimulado pela raiva, atingiu Bhimasena no peito com nove flechas. Então o poderosamente armado Bhima de grande força subiu em seu próprio carro excelente e se dirigindo (a seu quadrigário) Visoka, disse, 'Esses heróicos e poderosos filhos de Dhritarashtra, todos grandes guerreiros em carros, estão extremamente zangados comigo e desejosos de me matar em batalha. Eu matarei todos eles hoje em tua visão, sem dúvida. Portanto, ó quadrigário, guie meus cavalos em batalha com cuidado.' Tendo dito isso, ó monarca, o filho de Pritha perfurou teu filho com flechas de pontas afiadas enfeitadas com ouro. E ele perfurou Nandaka em retorno com três flechas entre seus dois peitos. Então Duryodhana tendo perfurado o poderoso Bhima com seis flechas perfurou Visoka em retorno com três outras flechas afiadas. E Duryodhana, ó rei, como se sorrindo naquele momento, com três outras flechas afiadas cortou no punho o brilhante arco de Bhima naquela luta. Bhima então, aquele touro entre homens, vendo seu quadrigário Visoka afligido, naquele conflito, com flechas afiadas por teu filho armado com o arco, e incapaz de tolerar isso, sacou outro arco excelente, excitado com fúria, para a destruição de teu filho, ó monarca. E cheio de grande ira, ele também pegou uma flecha com cabeça de ferradura e equipada com asas excelentes. E com aquela (flecha) Bhima cortou o arco excelente do rei. Então teu filho, excitado até o mais alto pico da fúria, deixando aquele arco quebrado de lado, pegou rapidamente outro que era mais resistente. E mirando uma flecha terrível brilhante como a vara da Morte, o rei Kuru, excitado com raiva atingiu Bhimasena entre seus dois peitos. Profundamente perfurado com isso, e muito atormentado, ele sentou-se na plataforma de seu carro. E enquanto sentado na

plataforma de seu carro, ele desmaiou. Vendo Bhima assim debilitado, os ilustres e poderosos guerreiros em carros do exército Pandava, encabeçados por Abhimanyu não puderam tolerar isso. E aqueles guerreiros então, com grande constância, derramaram sobre a cabeça de teus filhos uma torrente grossa de flechas ardentes. Então o poderoso Bhimasena, recuperando os sentidos, perfurou Duryodhana inicialmente com aquelas flechas e então com cinco. E aquele guerreiro poderoso, o filho de Pandu, então perfurou Salya com vinte e cinco flechas providas de asas douradas. E perfurado por elas, Salya foi levado para longe da batalha. Então teus catorze filhos, isto é, Senapati, Sushena, Jalasandha, Sulochana, Ugra, Bhimaratha, Bhima, Viravahu, Aolupa, Durmukha, Dushpradarsha, Vivitsu, Vikata, e Sama, então enfrentaram Bhimasena em batalha. Juntos eles avançaram contra Bhimasena, e com olhos vermelhos de raiva, derramando flechas incontáveis, eles o perfuraram profundamente. Então o heróico e poderoso Bhimasena de braços fortes, vendo teus filhos, lambendo os cantos de sua boca como um lobo no meio de criaturas menores, lançou-se sobre eles com a impetuosidade de Garuda. E o filho de Pandu então cortou a cabeça de Senapati com uma flecha de cabeça de ferradura. E com alma deleitada e dando risada, aquele guerreiro de braços fortes, perfurando Jalasandha com três flechas, despachou-o para a residência de Yama. E em seguida, atingindo Sushena, ele o enviou para a presença da própria Morte. E com uma única flecha de cabeça larga ele derrubou no chão a cabeça, bela como a lua, de Ugra, enfeitada com turbante e adornada com brincos. E naquela batalha, o filho de Pandu Bhima, com setenta flechas, despachou Viravahu para o outro mundo com seus corcéis e estandarte e quadrigário. E sorrindo, ó rei, Bhimasena rapidamente despachou ambos os irmãos Bhima e Bhimaratha também para a residência de Yama. E então naquela grande batalha na própria vista de todas as tropas, com uma flecha de cabeça de ferradura Bhima despachou Sulochana também para o domínio da Morte. Então o restante de teus filhos que estavam lá, ó rei, vendo a bravura de Bhimasena e enquanto estavam sendo assim atacados por aquele guerreiro ilustre, todos fugiram da batalha por medo de Bhima. Então o filho de Santanu, dirigindo-se a todos os poderosos guerreiros em carros (de seu exército) disse, 'Aquele arqueiro feroz, Bhima, excitado com cólera em batalha, está matando os poderosos filhos de Dhritarashtra e outros heróicos guerreiros em carros reunidos, qualquer que seja seu conhecimento de armas, e qualquer que seja sua bravura. Portanto, apanhem vocês todos o filho de Pandu'. Assim endereçadas, todas as tropas do exército Dhritarashtra, estimuladas pela raiva, avançaram em direção a Bhimasena dotado de grande poder. E Bhagadatta, ó rei, em seu elefante de têmporas fendidas, avançou repentinamente para onde Bhimasena estava posicionado. E (indo) para lá para o combate, ele cobriu Bhima com suas flechas afiadas em pedra de maneira a fazê-lo totalmente invisível, como nuvens cobrindo o sol. Aqueles poderosos guerreiros em carros, no entanto, (do exército Pandava), confiando na destreza de seus próprios braços, não puderam tolerar aquele encobrimento de Bhima (com a chuva de flechas de Bhagadatta). Eles, portanto, cercando Bhagadatta por todos os lados, derramaram sobre ele suas torrentes de flechas. E eles perfuraram seu elefante também com chuvas de flechas. E atingido por todos aqueles poderosos guerreiros em carros com chuvas de flechas ardentes de diversos tipos aquele elefante, ó rei, do

soberano dos Pragjyotishas com sangue escorrendo em seu corpo, tornou-se belo de se olhar no campo de batalha como uma massa de nuvens tingida com os raios do sol. E aquele elefante com suco temporal escorrendo incitado por Bhagadatta, como o Destruidor, correu com o dobro de sua velocidade anterior, sacudindo a própria terra com seu passo. Então todos aqueles poderosos guerreiros em carros, vendo aquela aparência terrível do animal, e considerando-o irresistível, ficaram desanimados. Então o rei Bhagadatta, aquele tigre entre homens, excitado com raiva, atingiu Bhimasena no meio de seus dois peitos com uma flecha reta. Profundamente perfurado pelo rei com aquela flecha, aquele arqueiro formidável e poderoso guerreiro em carro, com membros desprovidos de sensação por consequência de um desmaio, sentou-se em seu carro, segurando seu mastro de bandeira. E contemplando aqueles poderosos guerreiros em carros apavorados e Bhimasena desmaiado, Bhagadatta de grande bravura proferiu um rugido alto. Então, ó rei, aquele terrível Rakshasa Ghatotkacha, vendo Bhima naquele estado, ficou furioso e imediatamente desapareceu de vista. E criando uma ilusão terrível aumentando os temores dos medrosos, ele reapareceu em um momento assumindo uma forma feroz. Ele mesmo sobre um Airavata criado por seus poderes de ilusão, os outros Dik-Elefantes, isto é, Anjana, Vamana, e Mahapadma de glória resplandecente, o seguiam. E aqueles três elefantes poderosos, guiados por Rakshasas, eram de forma enorme, com suco escorrendo profusamente em três linhas, e dotados de grande velocidade e bravura. Então Ghatotkacha incitou seu próprio elefante para a batalha, desejoso, ó castigador de inimigos, de matar Bhagadatta com seu elefante. E aqueles outros elefantes, excitados com fúria e cada um dotado de quatro presas, incitados por Rakshasas de grande força, se lançaram de todos os lados sobre o elefante de Bhagadatta e o afligiram com suas presas. E o elefante de Bhagadatta, assim afligido por aqueles elefantes, (já) atingido por flechas e sentindo grande dor, proferiu gritos altos que pareciam o raio de Indra. E ouvindo aqueles gritos terríveis e altos daquele elefante que rugia, Bhishma, se dirigindo a Drona, Suyodhana e todos os reis, disse, 'O poderoso arqueiro Bhagadatta está lutando com o filho de alma pecaminosa de Hidimva, e está em grande perigo. Aquele Rakshasa é de forma enorme, e o rei também é muito colérico. Envolvidos em combate, eles sem dúvida causarão a morte um do outro. Gritos altos são também ouvidos dos Pandavas regozijantes, e os gritos de agonia do elefante apavorado (do rei Bhagadatta). Abençoados sejam vocês, vamos nós todos lá salvar o rei, pois, se deixado desprotegido, em batalha, ele logo abandonará sua vida. Ó guerreiros de grande energia, façam como eu ordeno, agora mesmo. Ó impecáveis, não demorem. O combate se intensifica e se torna violento, de arrepiar os cabelos. Aquele comandante de uma divisão é nobre de nascimento, dotado de grande coragem, e dedicado a nós. Ó guerreiros de glória imperecível, é adequado que seu resgate seja efetuado por nós.' Ouvindo estas palavras de Bhishma, todos os reis (do exército Kuru), encabeçados pelo filho de Bharadwaja, desejosos de resgatar Bhagadatta, procederam com grande velocidade para onde o soberano dos Pragjyotishas estava. E vendo o inimigo avançando, os Panchalas com os Pandavas, encabeçados por Yudhishthira, os perseguiram. Então aquele príncipe dos Rakshasas, dotado de grande bravura, vendo aquela divisão (do inimigo) avançar, proferiu um rugido selvagem, profundo como aquele do trovão. Ouvindo aquele rugido dele e vendo aqueles elefantes

lutando, o filho de Santanu Bhishma dirigiu-se novamente ao filho de Bharadwaja e disse, 'Eu não quero lutar (hoje) com o filho de alma perversa de Hidimva. Dotado de grande poder e energia, ele está no momento bem protegido. Ele é incapaz de ser subjugado agora pelo próprio manejador do raio. De pontaria certeira, ele é um batedor formidável. Com relação a nós, nossos animais estão cansados (hoje). Nós também fomos muito mutilados pelos Panchalas e os Pandavas. Eu não quero um novo confronto com os Pandavas vitoriosos. Que a retirada do nosso exército, portanto, seja proclamada hoje. Amanhã nós lutaremos com o inimigo.' Ouvindo essas palavras do avô, os Kauravas, afligidos com medo de Ghatotkacha, e aproveitando a chegada da noite como um pretexto, fizeram alegremente o que o avô disse. E depois que os Kauravas tinham se retirado, os Pandavas, coroados com vitória proferiram rugidos leoninos, misturando-os com o clangor de conchas e as notas de flautas. Assim a batalha se realizou naquele dia, ó Bharata, entre os Kurus e os Pandavas encabeçados por Ghatotkacha. E os Kauravas também, vencidos pelos Pandavas e dominados pela vergonha, se retiraram para suas próprias tendas quando a noite chegou. E aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Pandu, seus corpos mutilados com flechas e eles mesmos satisfeitos com (o resultado da) batalha, procederam, ó rei, em direção ao seu acampamento, com Bhimasena e Ghatotkacha, ó monarca, em sua dianteira. E cheios de grande alegria, ó rei, eles reverenciaram aqueles heróis. E eles proferiram diversos tipos de gritos os quais se misturavam com as notas de trombetas. E aqueles guerreiros de grande alma gritaram fazendo a própria terra tremer com isso, e oprimindo, por assim dizer, ó majestade, os corações de teus filhos. E foi assim que aqueles castigadores de inimigos, quando chegou a noite, procederam para suas tendas. E o rei Duryodhana, triste pela morte de seus irmãos, passou algum tempo em meditação, tomado pela dor e lágrimas. Então fazendo todos os arranjos para seu acampamento segundo as regras (da ciência militar), ele começou a passar as horas em reflexão, oprimido pelo pesar e afligido com tristeza por conta de seus irmãos (mortos)."

65

Dhritarashtra disse, 'Ouvindo sobre aqueles feitos dos filhos de Pandu os quais não podem ser realizados pelos próprios deuses, meu coração, ó Sanjaya, está cheio de temor e admiração. Sabendo também da humilhação de meus filhos de todas as maneiras, grande é minha ansiedade quanto à consequência que se seguirá. As palavras proferidas por Vidura, sem dúvida, consumirão meu coração. Tudo o que aconteceu parece ser devido ao Destino, ó Sanjaya. Os combatentes do exército Pandava estão enfrentando e derrotando aqueles melhores guerreiros tendo Bhishma em sua chefia, aqueles heróis conhecedores de todas as armas. Quais penitências ascéticas foram realizadas pelos filhos poderosos e de grande alma de Pandu, qual bênção eles obtiveram, ó filho, ou qual ciência é conhecida por eles, pelas quais, como as estrelas no firmamento, eles não estão sofrendo diminuição? Eu não posso suportar que meu exército esteja sendo repetidamente massacrado pelos Pandavas. O castigo divino, muito severo, caiu sobre mim

somente. Conte-me tudo realmente, ó Sanjaya, acerca daquilo pelo qual os filhos de Pandu não podem ser mortos e os meus podem. Eu não vejo a outra margem deste (mar de) infortúnio. Eu sou como um homem desejoso de cruzar o imensamente profundo oceano com meus dois braços somente. Eu sem dúvida acho que uma grande desgraça alcançou meus filhos. Certamente, Bhima matará todos os meus filhos. Eu não vejo aquele herói que seja capaz de proteger meus filhos em batalha. A morte de meus filhos nessa batalha, ó Sanjaya, é certa. Cabe a ti, portanto, ó Suta, contar a mim, que te pergunto, tudo sobre a verdadeira causa de tudo isso. Vendo suas próprias tropas se retirando da batalha, o que Duryodhana fez? E o que os velhos Bhishma e Drona, e Kripa, e o filho de Suvala, e Jayadratha, e aquele arqueiro poderoso, isto é, o filho de Drona e Vikarna de grande força fizeram? Quando também, ó tu de grande sabedoria, meus filhos voltaram da luta, qual, ó Sanjaya, veio a ser a decisão daqueles guerreiros de grande alma?"

Sanjaya disse, "Ouça, ó rei, com atenção, e tendo ouvido, que isto vá para o teu coração. Nada (nisso) é resultado de encantamento, nada é resultado de ilusão de qualquer tipo. Nem os filhos de Pandu criaram quaisquer novos terrores. Eles são dotados de força; e eles estão lutando por meios justos nessa batalha. Desejosos de fama excelente, os filhos de Pritha sempre fazem todas as ações, incluindo até o sustento de suas vidas, em conformidade com o rumo da moralidade. Dotados de todos os tipos de prosperidade, e possuidores de grande poder, eles nunca desistem da batalha, mantendo seus olhos na virtude. E a vitória está onde a virtude está. É por isso, ó rei, que os filhos de Pritha não podem ser mortos em batalha e são sempre vitoriosos. Teus filhos são de almas perversas e são afeitos à pecaminosidade. Eles são cruéis e ligados a atos vis. É por isso que eles estão sendo enfraquecidos em batalha. Teus filhos, ó rei, como homens desprezíveis, fizeram muitos atos cruéis e enganosos para os filhos de Pandu. Desconsiderando, no entanto, todas aquelas ofensas de teus filhos, os filhos de Pandu sempre ocultaram aquelas ações, ó irmão mais velho de Pandu. Teus filhos também, ó rei, em numerosas ocasiões humilharam os Pandavas. Que eles agora colham o fruto terrível, como veneno, daquele comportamento persistente de pecaminosidade. Aquele fruto deve ser desfrutado por ti também, ó rei, com teus filhos e parentes, já que tu, ó rei, não pudeste ser despertado mesmo que aconselhado por teus benquerentes. Repetidamente proibido por Vidura, por Bhishma, por Drona de grande alma, e por mim mesmo também tu não compreendeste, rejeitando nossas palavras destinadas ao teu bem e dignas de tua aceitação, como um homem doente rejeitando o remédio prescrito. Aceitando as opiniões de teus filhos tu consideraste os Pandavas como já vencidos. Ouça novamente, ó rei, ao que tu me perguntaste, isto é, a verdadeira causa, ó chefe dos Bharatas, da vitória dos Pandavas. Eu te direi o que eu ouvi, ó castigador de inimigos. Duryodhana fez ao avô esta mesma pergunta. Vendo seus irmãos, todos poderosos guerreiros em carros, vencidos em batalha, teu filho Duryodhana, ó Kaurava, com coração confuso pela dor, dirigindo-se com humildade durante a noite ao avô possuidor de grande sabedoria, fez a ele essa pergunta. Ouça-me, ó monarca, acerca disto tudo."

"Duryodhana disse, 'Drona e tu, e Salya, e Kripa, e o filho de Drona, e Kritavarman o filho de Hridika, e Sudakshina o soberano dos Kamvojas, e Bhurisravas, e Vikarna, e Bhagadatta de destreza excelente, são todos considerados poderosos guerreiros em carros. Todos esses, além disso, são de nascimento nobre, e estão preparados para perder suas vidas em batalha. É minha opinião que eles estão à altura até dos três mundos (juntos). Mesmo todos os guerreiros do exército Pandava (juntos) não podem resistir à sua bravura. Uma dúvida surgiu na minha mente. Esclareça-a para mim que te pergunto. Quem é, confiando em quem os Pandavas estão nos derrotando repetidamente?'

Bhishma disse, 'Escute, ó rei, as palavras que eu te falarei, ó tu da família de Kuru. Frequentemente tu foste endereçado por mim no mesmo sentido mas tu não fizeste o que eu disse. Que as pazes sejam feitas com os Pandavas, ó melhor dos Bharatas. Eu considero isso como benéfico para o mundo e para ti, ó senhor. Desfrute dessa terra, ó rei, com teus irmãos e seja feliz, gratificando todos os teus simpatizantes e alegrando teus parentes. Embora eu tivesse apelado até ficar rouco antes disto, tu contudo não me escutaste, ó senhor. Tu sempre desrespeitaste os filhos de Pandu. O efeito de tudo aquilo agora te alcançou. Ouça também, ó rei, de mim enquanto eu falo disto, ó senhor, da razão por que os Pandavas, cujas realizações não os cansam (que realizam facilmente os maiores feitos), não podem ser mortos. Não há, não houve, nem haverá, o ser em todos os mundos que fosse ou será capaz de vencer os filhos de Pandu que são todos protegidos pelo manejador do Saranga. Ouça realmente, ó tu que estás familiarizado com moralidade, aquela história antiga que foi narrada a mim por sábios de almas sob controle. Antigamente, todos os celestiais e os Rishis, reunidos, serviam com reverência o Avô sobre as montanhas de Gandhamadana. E o Senhor de todas as criaturas, sentado à vontade no meio deles, viu um carro excelente estacionado no firmamento, brilhando com esplendor. Tendo averiguado (tudo sobre isto) por meio de meditação, unindo suas mãos com coração controlado, Brahman, com alma encantada, fez suas saudações ao mais sublime Ser Divino. E os Rishis e os celestiais, vendo no firmamento (a forma assim) mostrada, todos permaneceram com mãos unidas, seus olhos fixos naquela maravilha das maravilhas. Reverenciando-o devidamente, Brahma, o principal de todos os que conhecem Brahman, o Criador do universo, familiarizado com a moralidade superior, proferiu essas palavras sublimes: ‘Tu és a Glória do Universo por tua forma. Tu és o Senhor do Universo. Ó tu cuja proteção se estende por todo o Universo, ó tu que tens o Universo como teu trabalho, ó tu que tens tua alma sob controle, Tu és o Mestre Supremo do Universo. Tu és Vasudeva. Portanto, eu procuro proteção em Ti que és a alma do Yoga e a Divindade mais elevada. Vitória para Ti que és o Deus Supremo do Universo. Vitória para Ti que estás sempre empenhado no bem dos mundos. Vitória para Ti que és o Senhor do Yoga. A Ti que és todo-poderoso. Vitória para Ti que és anterior, e posterior ao Yoga. Tendo o lótus surgindo do teu umbigo, e tendo grande olhos expansivos, vitória para Ti que és o Senhor dos Senhores do Universo. Ó Senhor do Passado, do Presente, e do Futuro, vitória para Ti que és a encarnação da bondade. A Ti que és o sol dos sóis. Ó tu que és o receptáculo de atributos incontáveis, vitória para Ti que és o refúgio de todas as coisas. Tu és Narayana, tu não podes ser

compreendido, vitória para Ti que és o manejador do arco chamado Saranga. Vitória para Ti que és dotado de todos os atributos, ó tu que tens o Universo como tua forma, ó tu que és sempre vigoroso. Ó Senhor do Universo, ó tu de braços poderosos, vitória para Ti que estás sempre pronto para beneficiar os mundos. Ó grande Cobra, ó Javali enorme, ó Causa primordial, ó tu de madeixas fulvas, vitória para Ti que és Onipotente. Ó tu de mantos amarelos, ó Senhor dos pontos cardeais e secundários do horizonte, ó tu que tens o Universo como tua residência, ó tu que és Infinito, ó tu que não tens decadência, ó tu que és o Manifesto, ó tu que és o Imanifesto, ó tu que és o Espaço imensurável, ó tu que tens todos os teus sentidos sob controle, ó tu que sempre realizas o que é bom, ó tu que és incomensurável, ó tu que só conheces tua própria natureza, vitória para Ti que és profundo, ó tu que és o concessor de todos os desejos, ó tu que és sem fim, ó tu que és conhecido como Brahma, ó tu que és Eterno, ó tu que és o Criador de todas as criaturas, ó tu que és sempre bem sucedido, ó tu cujas ações sempre demonstram sabedoria, ó tu que és familiarizado com moralidade, ó tu que dás vitória, ó tu de Ser misterioso, ó tu que és a Alma de todo Yoga, ó tu que és a Causa de tudo o que existe, ó tu que és o autoconhecimento de todos os seres, ó Senhor dos mundos, vitória para ti que és Criador de todos os seres. Ó tu que tens tu mesmo como tua origem, ó tu que és altamente abençoado, ó tu que és o Destruidor de tudo, ó tu que és o inspirador de todos os pensamentos mentais, vitória para Ti que és caro para todos os que conhecem Brahma. Ó tu que estás ocupado em criação e destruição, ó controlador de todos os desejos, ó Senhor Supremo, ó tu que és a Causa de Amrita, ó tu que és Todo-existente, ó tu que és o primeiro que aparece no fim do Yuga, ó tu que és o concessor de vitória, ó Senhor Divino do Senhor de todas as criaturas, ó tu que tens o lótus surgindo do teu umbigo, ó tu de força imensa, ó tu que és originado de Ti mesmo, ó tu que és os grandes elementos em seu estado primordial, ó tu que és a alma de todos os ritos (religiosos), vitória para Ti que dás tudo. A deusa Terra representa teus dois pés, as direções cardeais e secundárias teus braços, e os céus tua cabeça. Eu sou tua forma, os celestiais constituem teus membros, e o Sol e a lua são teus dois olhos. Austeridades ascéticas e Verdade nascidos de moralidade e ritos (religiosos) constituem tua força. O fogo é tua energia, o vento é tua respiração, e as águas surgiram do teu suor. Os gêmeos Aswins constituem teus ouvidos, e a deusa Saraswati é tua língua. Os Vedas são teu Conhecimento, e em ti repousa este Universo. Ó Senhor do Yoga e Yogins, nós não conhecemos tua extensão, tua medida, tua energia, tua destreza, teu poder, tua origem. Ó Deus, ó Vishnu, cheios de devoção em Ti, e dependendo de Ti com votos e observâncias, nós sempre Te adoramos como o Senhor mais sublime, o Deus dos deuses. Os Rishis, os deuses, Gandharvas, os Yakshas, os Rakshasas, os Pannagas, os Pisachas, seres humanos, animais, aves, répteis, todos esses foram criados por mim sobre a Terra por Tua graça. Ó tu tendo o lótus surgindo do teu umbigo, ó tu de grandes olhos expansivos, ó Krishna, ó Dissipador de toda dor, Tu és o Refúgio de todas as criaturas, e Tu és seu Guia. Tu tens o Universo como tua boca. Pela tua graça, ó Senhor dos deuses, os deuses estão sempre felizes. Pela tua graça a Terra tem sempre sido libertada de terrores. Portanto, ó tu de olhos grandes, tome nascimento na linhagem de Yadu! Para estabelecer a virtude, para matar os filhos de Diti, e para manter o Universo, faça o que eu disse, ó Senhor. Ó Vasudeva,

aquilo que é teu mistério supremo, aquilo, ó Senhor, tem sido cantado por mim por Tua graça. Tendo criado o divino Sankarshana de Ti mesmo por Ti mesmo, tu então, ó Krishna, criaste a Ti mesmo como Pradyumna nascido de Ti mesmo. De Pradyumna tu então criaste Aniruddha que é conhecido como o eterno Vishnu. E foi Aniruddha que me criou como Brahma, o sustentador do Universo. Criado da essência de Vasudeva eu, portanto, fui criado por ti. Dividindo-te em porções, tome nascimento, ó Senhor, entre os seres humanos. E massacrando os Asuras lá para a felicidade de todos os mundos, e estabelecendo a retidão, e ganhando renome, Tu outra vez realmente atingirás o Yoga. Os Rishis regenerados na Terra e os deuses, ó tu de destreza infinita, devotados a ti, cantam sobre tua Pessoa extraordinária sob aqueles nomes que pertencem a ti. Ó tu de braços excelentes, todas as classes de criaturas dependem ti, tendo tomado refúgio em Ti, tu concessor de bênçãos. Os regenerados cantam a Ti como a ponte do mundo, não tendo início, meio e fim, e como possuidor de Yoga ilimitado.'"

66

"Bhishma disse, 'Então aquela Divindade ilustre, o Senhor dos mundos, respondeu para Brahma em uma voz profunda gentil, dizendo, 'Por meio de Yoga, ó senhor, tudo o que é desejado por ti é conhecido por mim. Será assim como tu desejas.' E dizendo isso, ele desapareceu. Então os deuses, Rishis, e Gandharvas, cheios de grande admiração e curiosidade todos questionaram o Avô, dizendo, 'Quem é aquele, ó Senhor, que foi adorado por tua pessoa ilustre com tal humildade e louvado em tais palavras sublimes? Nós desejamos saber.' Assim endereçado, o Avô ilustre respondeu para todos os Deuses, os Rishis regenerados, e os Gandharvas, em palavras agradáveis dizendo, 'Ele que é chamado TAT, Ele que é Supremo, Ele que é existente no momento e que existirá por todo o tempo, Ele que é o Ser mais elevado, Ele que é a Alma dos seres, e que é o grande Senhor, Eu estava falando exatamente com Sua pessoa sempre alegre, ó touros entre deuses. O Senhor do Universo foi solicitado por mim, para o bem do Universo, a tomar seu nascimento entre a humanidade na família de Vasudeva. Eu disse a ele, 'Para a matança dos Asuras tome teu nascimento no mundo dos homens!' Aqueles Daityas e Rakshasas, de forma feroz e grande força, que foram mortos em batalha, nasceram entre os homens. De fato, o Senhor ilustre e poderoso, tomando nascimento no útero humano, viverá sobre a Terra, acompanhado por Nara. Aqueles antigos e melhores dos Rishis, isto é, Nara e Narayana, não podem ser derrotados em batalha nem por todos os celestiais juntos. De refulgência incomensurável, aqueles Rishis Nara e Narayana, quando nascidos juntos no mundo dos homens, não serão reconhecidos (como tais) por tolos. Ele, de cujo Ser, Eu, Brahman, o Senhor do Universo inteiro, surgi, aquele Vasudeva, aquele Deus Supremo de todos os mundos, é digno de sua adoração. Dotado de grande energia, e portando a concha, o disco, e a maça, ele nunca deve ser desconsiderado como um homem, ó melhores das divindades. Ele é o Mistério Supremo, o Refúgio Supremo, o Brahma Supremo, e a glória Suprema. Ele é sem decadência, Imanifesto, e Eterno. É Ele que é cantado como

Purusha, no entanto ninguém pode compreendê-lo. O Artífice divino fala dele como a Energia Suprema, a Felicidade Suprema, e a Verdade Suprema. Portanto, o Senhor Vasudeva de destreza incomensurável nunca deve ser desconsiderado como um homem por todos os Asuras e os deuses com Indra em sua chefia. É chamada de desgraçada aquela pessoa de mente insensata que, por desconsideração, fala de Hrishikesa como somente um homem. As pessoas dizem que trabalha sob ignorância a pessoa que desconsidera Vasudeva, aquele Yogin de alma ilustre, por sua entrada em uma forma humana. As pessoas falam dele como alguém trabalhando sob ignorância que não conhece aquela pessoa Divina, aquela Alma da criação móvel e imóvel, aquele que porta a roda auspiciosa (em seu peito), aquele de resplendor deslumbrante, aquele de cujo umbigo surge o lótus (primordial). Quem desconsidera aquele que usa o diadema e a jóia Kaustuva, aquele dissipador dos temores de seus amigos, aquele de grande alma, afunda em densa escuridão. Conhecendo todas essas verdades devidamente, aquele Senhor dos mundos, isto é, Vasudeva, deve ser adorado por todos, ó melhores dos deuses.'"

"Bhishma continuou, 'Tendo dito essas palavras para aqueles deuses e Rishis nos tempos antigos, o ilustre Avô, dispensando eles todos, se dirigiu para sua própria residência. E os deuses e os Gandharvas, e os Munis e as Apsaras também, ouvindo aquelas palavras faladas por Brahman, estavam cheios de alegria e foram para o céu. Isso mesmo foi ouvido por mim, ó senhor, de Rishis de alma desenvolvida falando em sua assembléia, a respeito de Vasudeva, aquele antigo. E, ó tu que és bem versado em escrituras, eu ouvi isso de Rama, o filho de Jamadagni, e de Markandeya de grande sabedoria, e de Vyasa e Narada também. Tendo aprendido tudo isso e ouvido a respeito do ilustre Vasudeva como o Senhor Eterno, o Deus Supremo de todos os mundos, e o grande Mestre, de quem se originou o próprio Brahman, o Pai do Universo, por que aquele Vasudeva não deveria ser adorado e reverenciado por homens? Tu foste proibido antes, ó senhor, por sábios de almas desenvolvidas, (que te disseram), 'Nunca entre em guerra com aquele Vasudeva armado com arco como também com os Pandavas.' Isso, por insensatez, tu não pudeste compreender. Eu te considero portanto, como um Rakshasa perverso. Tu estás, além disso, envolvido em escuridão. É por isso que tu odeias Govinda e Dhananjaya o filho de Pandu, pois quem mais entre os homens odiaria os divinos Nara e Narayana? É por isso, ó rei, que eu digo para ti que ele é Eterno e Imperecível, permeando o Universo inteiro, Imutável, o Soberano, Criador e Sustentador de tudo, e o realmente Existente. É Ele que sustenta os três mundos. Ele é o Senhor Supremo de todas as criaturas móveis e imóveis, e Ele é o grande Mestre, Ele é guerreiro, Ele é Vitória, Ele é Vitorioso, e Ele é o Senhor de toda natureza. Ó rei, Ele é cheio de bondade e privado de todas as qualidades de Ignorância e Paixão. Lá onde Krishna está, está a virtude; e há vitória onde a virtude está. É pelo Yoga de sua Excelência Suprema, e o Yoga de sua Pessoa, que os filhos de Pandu, ó rei, são apoiados. A vitória, portanto, indubitavelmente será deles. É Ele que sempre concede aos Pandavas uma compreensão dotada de virtude, e força em batalha; e é Ele que sempre os protege do perigo. Ele é o Deus Eterno, permeando todos os seres, e sempre abençoado. Ele, de quem tu me perguntaste, é conhecido pelo nome de

Vasudeva. É Ele a quem Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras, tendo características distintivas próprias, servem e reverenciam humildemente com corações controlados e realizando seus próprios deveres. Ele é quem, perto do fim do Dwapara Yuga e do início do Kali Yuga, é cantado com Sankarshana, por crentes com devoção. É aquele Vasudeva que cria, Yuga após Yuga, os mundos dos deuses e dos mortais, todas as cidades cercadas pelo oceano, e a região de habitação humana."

67

"Duryodhana disse, 'Em todos os mundos Vasudeva é citado como o Ser Supremo. Eu desejo, ó Avô, conhecer sua origem e glória."

"Bhishma disse, 'Vasudeva é o Ser Supremo. Ele é o Deus de todos os Deuses. Ninguém superior a Ele de olhos como pétalas de lótus é visto, ó touro da raça Bharata. Markandeya fala de Govinda como o Mais Maravilhoso e o Mais Sublime, como o Todo-existente, como o Todo-alma, como a Alma mais Sublime, e como o Ser masculino Supremo. Água, Ar, e Fogo, esses três foram criados por Ele. Aquele Mestre Divino e Senhor de todos os mundos criou essa Terra. Aquele Ser Supremo de alma ilustre se deitou sobre as águas. E aquele Ser Divino composto de todos os tipos de energia dormiu sobre elas em Yoga. De sua boca Ele criou Fogo, e de sua respiração, o Vento. De glória imperecível, Ele criou de sua boca a Palavra e os Vedas. Foi assim que ele criou primeiro os Mundos e também os deuses junto com as diversas classes de Rishis. E ele criou decadência e morte também de todas as criaturas, assim como nascimento e crescimento. Ele é Justiça e de alma justa. Ele é o concessor de bênçãos e o realizador de todos os (nossos) desejos. Ele é o Ator e a Ação, e Ele é ele mesmo o Mestre Divino. Ele primeiro fez o Passado, o Presente, e o Futuro; Ele é o Criador do Universo. Ele é de alma ilustre; Ele é o Mestre possuidor de glória eterna. Ele criou Sankarshana, o Primogênito de todas as criaturas. Ele criou o divino Sesha que é conhecido como Ananta e que sustenta todas as criaturas e a Terra com suas montanhas. De Energia Suprema, é Ele a quem os regenerados conhecem por meio de meditação Yoga. Nascido das secreções de seu ouvido, o grande Asura conhecido pelo nome de Madhu, violento e de atos violentos e nutrindo uma intenção violenta e prestes a destruir Brahman, foi morto por aquele Ser Supremo. E, ó majestade, pela morte de Madhu, os deuses, os Danavas, e seres humanos, e Rishis chamam Janardana de matador de Madhu. Ele é o grande Javali. Ele é o grande Leão, e Ele é o Senhor de Três Passos. (Vishnu se tornou Vamana ou o anão para roubar do Asura Vali seus domínios. Disfarçado naquela forma ele pediu de Vali três passos de terra. Vali, sorrindo pela pequenez do que foi pedido, o deu. Mas quando o anão expandiu sua forma e cobriu os céus e a terra com somente dois passos dele, nenhum espaço podia ser encontrado para o terceiro passo. Vali foi em seguida agarrado e amarrado como um quebrador de promessa, e enviado para residir nas regiões inferiores.) Ele é a Mãe e o Pai de todas as criaturas vivas. Nunca houve, nem haverá alguém superior a ele de olhos como pétalas de lótus. De Sua boca Ele criou os Brahmanas; e de Seus dois

braços os Kshatriyas, e de Suas coxas, ó rei, Ele criou os Vaisyas, e de Seus pés Ele criou os Sudras. Uma pessoa servindo respeitosamente a Ele, cumpridora de votos com austeridades ascéticas nos dias de lua-cheia e de lua-nova, sem dúvida alcançará o Divino Kesava, aquele refúgio de todas as criaturas incorporadas, aquela essência de Brahma e do Yoga. Kesava é a Energia mais elevada, o Avô de todos os mundos. A Ele, ó rei, os sábios chamam de Hrishikesa (o senhor dos sentidos). A Ele também todos devem conhecer como o Preceptor, o Pai, e o Mestre. Regiões inesgotáveis (de bem-aventurança) são alcançadas por aquele com quem Krishna está satisfeito. Aquele também que, em um lugar de temor, procura a proteção de Kesava, e aquele que lê frequentemente essa descrição, se torna feliz e dotado de toda prosperidade. Aqueles homens que alcançam Krishna nunca são enganados, Janardana sempre salva aqueles que estão submersos em grandes terrores. Sabendo disso realmente, ó Bharata, Yudhishthira, com toda sua alma, ó rei, procurou a proteção do muito abençoado Kesava, o Senhor do Yoga, e o Senhor da Terra."

68

"Bhishma disse, 'Ouça de mim, ó rei, esse hino que foi proferido pelo próprio Brahman. Esse hino foi antigamente comunicado pelos Rishis regenerados e pelos deuses (para os homens) sobre a Terra: Narada te descreveu como o Mestre e o Senhor do deus dos deuses e todos os Sadhyas e os celestiais, e como alguém conhecedor da natureza do Criador dos mundos. Markandeya falou de ti como o Passado, o Presente, e o Futuro, e o sacrifício dos sacrifícios, e a austeridade das austeridades. O ilustre Bhrigu disse de ti que tu és o Deus dos deuses, que tua é a forma antiga de Vishnu. Dwaipayana disse de ti que tu és Vasudeva dos Vasus, o instituidor de Sakra, e o Deus dos deuses e todas as criaturas. Antigamente na ocasião de procriar criaturas, os sábios falaram de ti como Daksha, o Pai da criação. Angiras disse que tu és o criador de todos os seres. Devala disse de ti que o imanifesto todo é teu corpo, e que o manifesto está em tua mente, e que os deuses são todos o resultado da tua respiração (palavra de comando). Com tuas cabeças são permeados os céus, e teus dois braços sustentam a Terra. No teu estômago existem três mundos e tu és o Ser Eterno. Assim mesmo homens nobres por ascetismo te conhecem. Tu és o Sat de Sat, para Rishis satisfeitos com a visão do Eu, (isto é, realmente existente entre todas as coisas). Para sábios nobres de mentes generosas, que nunca se retiram da batalha e tendo a moralidade como seu objetivo mais elevado, tu, ó matador de Madhu, és o único refúgio. Assim mesmo aquele Ser ilustre e Supremo, Hari, é adorado e venerado por Sanatkumara e outros ascetas dotados de Yoga. A verdade sobre Kesava, ó majestade, foi agora narrada para ti, em resumo e em detalhes. Dirija teu coração em amor à Kesava.'"

Sanjaya continuou, "Ouvindo essa história sagrada, teu filho, ó grande rei, começou a respeitar muito Kesava e aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Pandu. Então, ó monarca, Bhishma o filho de Santanu mais uma vez se dirigiu a teu filho, dizendo, 'Tu agora ouviste realmente, ó rei, acerca da glória de

Kesava de grande alma e de Nara sobre a qual tu me perguntaste. Tu também ouviste sobre o objetivo pelo qual Nara e Narayana tomaram seus nascimentos entre os homens. Tu também ouviste a razão porque aqueles heróis são invencíveis e nunca foram vencidos em batalha, e porque também, ó rei, os filhos de Pandu não podem ser mortos por alguém em batalha. Krishna tem grande amor pelos filhos ilustres de Pandu. É por isso, ó rei de reis, que eu digo: que as pazes sejam feitas com os Pandavas. Reprimindo tuas paixões desfrute da Terra com teus irmãos poderosos (em volta de ti). Por desconsiderares os divinos Nara e Narayana, tu certamente serás destruído.' Dizendo essas palavras, teu pai ficou silencioso, ó monarca, e dispensando o rei, entrou em sua tenda. E o rei também voltou para sua (própria) tenda, tendo reverenciado o avô ilustre. E então, ó touro da raça Bharata, ele se deitou em sua cama branca para passar a noite de sono."

69

Sanjaya disse, "Depois que a noite tinha passado e o sol tinha se erguido, os dois exércitos, ó rei, se aproximaram um do outro para lutar. Observando um ao outro, cada um avançou em tropas unidas direção ao outro excitado com raiva e desejoso de derrotar o outro. E por consequência da tua má política, ó rei, os Pandavas e os Dhartarashtras avançaram dessa maneira, equipados em armadura e formando ordens de batalha, para atacar uns aos outros. E a formação de combate que Bhishma protegia de todos os lados, ó rei, era da forma de um Makara (um animal aquático lendário parecido com um jacaré). E assim os Pandavas também, ó rei, protegeram a ordem de batalha que eles tinham formado (de suas tropas). Então teu pai Devavrata, ó grande rei, aquele principal dos guerreiros em carros, procedeu na frente, apoiado por uma divisão grande de carros. E outros, isto é, guerreiros em carros, infantaria, elefantes, e cavalaria, todos o seguiram, cada um posicionado no lugar designado. E vendo eles preparados para a batalha, os ilustres filhos de Pandu organizaram suas tropas naquela invencível e soberana das formações de batalha chamada Syena (formada segundo a forma de um falcão). E no bico daquela formação brilhava Bhimasena de grande força. E em seus dois olhos estavam o invencível Sikhandin e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata. E na cabeça estava o heróico Satyaki de destreza incapaz de ser frustrada. E em seu pescoço estava Arjuna vibrando seu Gandiva. E em sua asa esquerda estava o abençoado Drupada de grande alma com seu filho e apoiado por um akshauhini de todas as tropas. E o rei dos Kekayas, possuindo um akshauhini, formava a asa direita (daquela formação de combate). E em suas costas estavam os filhos de Draupadi, e o filho de Subhadra de grande coragem. E em seu rabo estava o próprio rei heróico Yudhishthira, de destreza excelente, apoiado por seus irmãos gêmeos. Então na batalha (que se seguiu), Bhima, penetrando na ordem de batalha Makara (dos Kauravas) através de sua boca, e se aproximando de Bhishma, cobriu-o com suas flechas. Então naquela grande batalha, Bhishma possuidor de grande destreza disparou suas armas poderosas, confundindo os combatentes dos Pandavas dispostos em formação de combate. E quando os combatentes (do exército Pandava) estavam

assim confusos, Dhananjaya, procedendo rapidamente, perfurou Bhishma na vanguarda da batalha com mil flechas. E neutralizando, naquele conflito, as armas disparadas por Bhishma, Arjuna permaneceu preparado para o combate, apoiado por sua própria divisão cheia de disposição. Então o rei Duryodhana, aquele principal dos homens poderosos, aquele formidável guerreiro em carro, vendo aquela carnificina terrível de suas tropas e se lembrando da morte de seus irmãos (no dia anterior), foi rapidamente em direção ao filho de Bharadwaja, e dirigindo-se a ele disse, 'Ó preceptor, ó impecável, tu és sempre meu benquerente. Confiando em ti como também no avô Bhishma, nós esperamos subjugar sem dúvida os próprios deuses em batalha, sem falar dos filhos de Pandu que são desprovidos de energia e coragem. Abençoado sejas tu, aja de tal maneira que os Pandavas possam ser mortos.' Assim endereçado em batalha por teu filho, Drona penetrou na formação de combate Pandava na própria vista de Satyaki. Então, ó Bharata, Satyaki deteve o filho de Bharadwaja, (e por isso) seguiu-se uma batalha que foi violenta em seus incidentes e horrível de se contemplar. Então o filho de Bharadwaja excitado com raiva e dotado de grande destreza, como se estivesse sorrindo, perfurou o neto de Sini com dez flechas na junta de seu ombro. E Bhimasena também, estimulado pela ira, perfurou o filho de Bharadwaja (com muitas flechas), desejoso de proteger Satyaki, ó rei, de Drona, aquele principal de todos os guerreiros. Então Drona e Bhishma, e Salya também, ó majestade, excitados com raiva, cobriram Bhimasena, naquela batalha, com suas flechas. Nisso Abhimanyu cheio de cólera, e os filhos de Draupadi, ó senhor, perfuraram com suas flechas de pontas afiadas todos aqueles guerreiros com armas erguidas. Então naquela batalha feroz, o grande arqueiro Sikhandin avançou contra aqueles dois guerreiros poderosos, Bhishma e Drona que, estimulados pela raiva, tinham se lançado (dessa maneira) sobre os Pandavas. Apertando firmemente seu arco cuja vibração parecia o ribombar das nuvens, aquele herói, encobrindo o próprio Sol com suas flechas, rapidamente cobriu seus adversários com elas. O avô dos Bharatas, no entanto, tendo Sikhandin diante dele, evitou-o, lembrando-se da feminilidade de seu sexo. Então, ó rei, incitado por teu filho, Drona se apressou para a batalha, desejoso de proteger Bhishma naquele esforço. Sikhandin, no entanto, se aproximando de Drona aquele principal de todos os manejadores de armas, evitou, por medo, aquele guerreiro parecendo o fogo ardente que aparece no fim do Yuga. Então, ó rei, teu filho com um grande exército, desejoso de ganhar grande glória, procedeu para proteger Bhishma. E os Pandavas também procederam, ó rei, firmemente pondo seus corações na vitória, e a batalha que então teve lugar entre os combatentes de ambos os exércitos desejosos de vitória e fama, foi violenta e muito extraordinária, parecida com aquela (nos tempos passados) entre os deuses e Danavas."

70

Sanjaya disse, "Então Bhishma, o filho de Santanu, lutou ferozmente, desejoso de proteger teus filhos do terror de Bhimasena. E a batalha que ocorreu então entre os reis dos exércitos Kaurava e Pandava foi horrível ao extremo e destrutiva

de grandes heróis. E naquele combate geral, tão violento e terrível, tremendo foi o rumor que se ergueu, tocando os próprios céus. E pelos gritos de elefantes enormes e o relincho de corcéis e o clangor de conchas e batida de baterias, o tumulto era ensurdecedor. Lutando pela vitória, os combatentes poderosos dotados de grande bravura rugiam uns para os outros como touros em um curral. E cabeças cortadas naquela batalha com flechas de gume afiado, caindo incessantemente, criaram, ó touro da raça Bharata, a aparência de uma chuva de pedras no firmamento. De fato, ó touro da raça Bharata, incontáveis eram as cabeças jazendo no campo de batalha, enfeitadas com brincos e turbantes e resplandecentes com ornamentos de ouro. E o solo estava coberto com membros cortados com flechas de cabeça larga, com cabeças enfeitadas com brincos, e com braços adornados com ornamentos. E em um momento o campo inteiro estava coberto com corpos envolvidos em armaduras, com braços enfeitados com ornamentos, com rostos belos como a lua e tendo olhos com cantos avermelhados, e com todos os membros, ó rei, de elefantes, cavalos e homens. E a poeira (erguida pelos guerreiros) parecia com uma nuvem densa, e os instrumentos brilhantes de destruição, com lampejos de relâmpago. E o barulho feito pelas armas parecia o ribombar do trovão. E aquele duelo violento e terrível, ó Bharata, entre os Kurus e os Pandavas fez um verdadeiro rio de sangue fluir lá. E naquela batalha terrível, violenta, e horrível de arrepiar os cabelos, guerreiros Kshatriya incapazes de ser derrotados despejavam incessantemente suas chuvas de flechas. E os elefantes do teu exército e do inimigo, afligidos por aquelas chuvas de flechas, gritavam alto e corriam para lá e para cá em fúria. E por causa do (som de) arcos, dotados de grande energia, de guerreiros bravios e heróicos excitados com fúria, e da batida das cordas de seus arcos contra suas proteções de couro, nada podia ser distinguido. E por todo o campo o qual parecia com um lago de sangue, troncos sem cabeças ficavam em pé, e os reis determinados a matar seus inimigos avançavam para a batalha. E guerreiros valentes de energia imensurável e possuidores de braços parecidos com clavas resistentes, matavam uns aos outros com flechas e dardos e maças e cimitarras. E elefantes, perfurados com flechas e privados de condutores para guiá-los com ganchos, e corcéis desprovidos de cavaleiros, corriam desenfreadamente em todas as direções. E muitos guerreiros, ó melhor dos Bharatas, pertencentes ao teu exército e àquele do inimigo, profundamente perfurados com flechas saltavam para o alto e caíam. E naquele combate entre Bhima e Bhishma, pilhas de braços e cabeças, como também de arcos e maças e clavas com ferrões e mãos e coxas, de pernas e ornamentos e braceletes, eram vistas jazendo sobre o campo. E aqui e ali sobre o campo, ó rei, eram vistos grandes grupos de elefantes e corcéis e carros que não retrocediam. E os guerreiros Kshatriya, incitados pelo destino, matavam uns aos outros com maças, espadas, lanças, e flechas retas. E outros dotados de grande heroísmo e habilidosos em luta, enfrentavam uns aos outros com seus braços nus que pareciam cassetetes com pontas feitos de ferro. E outros guerreiros heróicos do teu exército, lutando com os combatentes da hoste Pandava, continuaram combatendo matando uns aos outros com punhos cerrados e joelhos, e tapas e golpes, ó rei. E com os guerreiros caídos e caindo e aqueles se agitando em agonia sobre o solo, o campo de batalha em todos os lugares tornou-se, ó rei, terrível de se olhar, e guerreiros em carros, privados dos carros e pegando

espadas excelentes, avançavam uns nos outros, desejosos de matar. Então o rei Duryodhana, cercado por uma grande divisão de Kalingas, e colocando Bhishma na dianteira, avançou em direção aos Pandavas. E assim os combatentes Pandava também, apoiando Vrikodara, e possuindo animais velozes, avançaram, estimulados pela raiva, contra Bhishma."

71

Sanjaya disse, "Vendo seus irmãos e os outros reis engajados em batalha com Bhishma, Dhananjaya, com armas erguidas, avançou contra o filho de Ganga. Ouvindo o clangor de Panchajanya e o som do arco Gandiva, e vendo também o estandarte do filho de Pritha, um grande temor entrou nos nossos corações. E o estandarte que nós contemplamos, ó rei, do manejador do Gandiva tinha o emblema do rabo do leão e parecia com uma montanha brilhante no firmamento. Belo e de feitio celeste, ele era matizado com diversas cores, e parecendo com um cometa surgido ele não podia ser obstruído por árvores. E naquela grande batalha, os guerreiros viram Gandiva, o verso de cuja vara era ornamentado com ouro puro, e que parecia belo como um lampejo de relâmpago no meio de uma massa de nuvens no firmamento. E enquanto matava os combatentes do teu exército, os gritos que nós ouvimos proferidos por Arjuna pareciam os rugidos altos do próprio Indra, e os tapas também de suas palmas eram terrivelmente altos. Como uma massa ribombante de nuvens carregadas com relâmpago e ajudadas por uma tempestade violenta, Arjuna derramava incessantemente suas chuvas de flechas por toda parte, cobrindo totalmente os dez pontos do horizonte. Dhananjaya então, possuidor de armas terríveis, procedeu rapidamente em direção ao filho de Ganga. Privados de quatro sentidos por suas armas, nós então não podíamos distinguir o Leste do Oeste. E teus guerreiros, então, ó touro da raça Bharata, seus animais cansados, corcéis mortos, e corações deprimidos, completamente confusos e se amontoando perto uns dos outros, procuraram a proteção de Bhishma junto com todos os teus filhos. E naquela batalha Bhishma o filho de Santanu se tornou seu protetor. Tomados pelo medo, guerreiros em carros pulando de seus carros, soldados de cavalaria pulando das costas de seus corcéis, e os soldados de infantaria onde eles estavam, todos começaram a cair sobre a terra. Ouvindo a vibração do Gandiva que parecia o ribombar do trovão, todos os teus guerreiros estavam tomados pelo medo e pareciam, ó Bharata, se dissolver. Então, ó rei, com muitos cavalos enormes e velozes da raça Kamvoja, e cercado por muitos milhares de Gopas com um grande exército Gopayana e apoiado pelos Madras, os Sauviras, os Gandharas e os Trigartas, e circundado por todos os principais Kalingas, o rei dos Kalingas, e o rei Jayadratha acompanhado por todos os reis e apoiado por uma grande tropa de diversas linhagens com Dussasana em sua chefia, e catorze mil cavaleiros principais, incitados por teu filho, cercaram o filho de Suvala (para protegê-lo). Então naquela batalha, todos os Pandavas, juntos, e sobre carros e animais separados, começaram, ó touro da raça Bharata, a massacrar tuas tropas. E o pó erguido por guerreiros em carros e corcéis e soldados de infantaria, parecendo com uma

massa de nuvens, tornou o campo de batalha extremamente horrível. E com um grande exército consistindo em elefantes, corcéis e carros, e armado com lanças e dardos farpados e flechas de cabeça larga, Bhishma se engajou em batalha com o enfeitado com diadema (Arjuna). E o rei de Avanti lutou com o soberano de Kasi, e o soberano dos Sindhus lutou com Bhimasena. E o rei Yudhishthira com seus filhos e conselheiros lutou com Salya, o famoso chefe dos Madras. E Vikarna lutou com Sahadeva, e Chitrasena com Sikhandin. E os Matsyas, ó rei, lutaram com Duryodhana, e Sakuni; e Drupada e Chekitana, e aquele poderoso guerreiro em carro Satyaki se engajou em batalha com Drona de grande alma ajudado por seu filho. E Kripa e Kritavarman ambos avançaram contra Dhrishtadyumna. E assim, por todo o campo, grupos de cavalos impetuosos, de elefantes e carros, se envolveram uns com os outros em batalha. E embora não houvesse nuvens no céu, contudo lampejos de relâmpago eram vistos. E todos os pontos do horizonte estavam cobertos com poeira. E, ó rei, meteoros ardentes eram vistos caindo com barulho trovejante. E ventos violentos sopravam e uma chuva de poeira caiu de cima. E o sol, coberto pelo pó erguido pelas tropas, desapareceu no firmamento. E todos os guerreiros, cobertos por aquele pó e lutando com armas, estavam privados de seus sentidos. E o som feito por armas, todas capazes de penetrar toda armadura e arremessadas de braços heróicos, tornou-se um tumulto tremendo. E, ó touro da raça Bharata, armas lançadas de braços excelentes e possuidoras de brilho estelar iluminavam todo o firmamento. E escudos matizados feitos de peles de touro e ornados com ouro estavam espalhados, ó touro da raça Bharata, por todo o campo. E cabeças e membros eram vistos caindo por todos os lados, cortados por espadas e cimitarras possuidoras de refulgência solar. E grandes guerreiros em carros, as rodas, eixos, e cabinas de cujos carros estavam quebrados, caíam no chão, seus corcéis mortos e seus estandartes altos caindo. E muitos guerreiros em carros tendo sido mortos, seus corcéis, mutilados por armas, caíam enquanto eles corriam arrastando os carros (aos quais eles estavam unidos). E, em muitos lugares sobre o campo, corcéis excelentes, afligidos por flechas, com membros mutilados, e com seus tirantes colocados, corriam, arrastando as cangas dos carros atrás deles. E muitos guerreiros em carros, com seus quadrigários e corcéis, eram vistos, ó rei, serem esmagados por elefantes sozinhos dotados de grande força. E naquela batalha, no meio de grandes tropas, muitos elefantes, cheirando o odor do suco temporal de seus iguais, começaram a cheirar a brisa repetidamente. E o campo inteiro estava coberto com elefantes mortos, privados de vida por meio de flechas de cabeças largas e caindo com os edifícios de madeira e os guias em suas costas. E muitos elefantes, no meio de grandes tropas, com os estandartes e guerreiros em suas costas, oprimidos por iguais enormes incitados por seus guias, caíam no campo. E muitos varais de carros, ó rei, eram vistos serem quebrados naquela batalha por enormes elefantes usando suas trombas, cada uma das quais parecia com a tromba do príncipe dos elefantes (chamado Airavata). E muitos guerreiros em carros também, naquele conflito, os Jalas de cujos carros tinham sido quebrados, eram como ramos de árvores arrastados por elefantes, agarrados pelos cabelos de suas cabeças e, espancados violentamente no chão, eram esmagados em massas informes. E outros elefantes enormes, arrastando carros que estavam emaranhados com outros carros, corriam em todas as direções gritando ruidosamente. E aqueles

elefantes, assim arrastando aqueles carros, pareciam com outros de sua espécie arrastando talos de lotos crescendo em lagos. E assim aquele vasto campo de batalha estava coberto com soldados de cavalaria e soldados de infantaria e grandes guerreiros em carro e estandartes."

72

Sanjaya disse, "Sikhandin com o rei Virata dos Matsyas se aproximou rapidamente de Bhishma, aquele arqueiro invencível e poderoso. E Dhananjaya enfrentou Drona e Kripa, e Vikarna e muitos outros reis, bravos em batalha, todos arqueiros poderosos dotados de grande força, como também aquele poderoso arqueiro, o soberano dos Sindhus, apoiado por seus amigos e parentes e muitos reis do oeste e do sul também, ó touro da raça Bharata. E Bhimasena procedeu contra aquele arqueiro poderoso, teu filho vingativo Duryodhana, e também contra Dussaha. E Sahadeva procedeu contra aqueles guerreiros invencíveis, isto é, Sakuni e aquele poderoso guerreiro em carro Uluka, aquele grande arqueiro, que eram pai e filho. E aquele poderoso guerreiro em carro Yudhishthira, enganosamente tratado por teu filho, procedeu naquela batalha, ó rei, contra a divisão de elefantes (dos Kauravas). E aquele filho de Pandu e Madri, o heróico Nakula capaz de arrancar à força lágrimas do inimigo, se engajou em batalha com os excelentes guerreiros em carros dos Trigartas. E aqueles guerreiros invencíveis, Satyaki e Chekitana, e o filho poderoso de Subhadra, procederam contra Salya e os Kaikeyas. E Dhrishtaketu e o Rakshasa Ghatotkacha, ambos invencíveis em batalha, procederam contra a divisão de carros dos teus filhos. E aquele poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, aquele generalíssimo (dos exércitos Pandava) de alma incomensurável, se engajou em batalha, ó rei, com Drona de realizações violentas. E foi assim que aqueles arqueiros heróicos e poderosos do teu exército e os Pandavas, empenhados em combate, começaram a atacar uns aos outros. E quando o sol tinha alcançado o meridiano e o céu estava brilhantemente iluminado por seus raios, os Kauravas e os Pandavas começaram a matar uns aos outros. Então carros, equipados com estandartes de cujos topos pendões estavam flutuando, matizados com ouro e cobertos com peles de tigre, pareciam belos conforme eles se moviam no campo de batalha. E os gritos de guerreiros engajados na batalha pelo desejo de vencer uns aos outros se tornaram tão altos quanto rugidos leoninos. E aquele combate que nós vimos entre os heróicos Srinjayas e os Kurus foi violento ao extremo e muito extraordinário. E por causa das flechas disparadas por toda parte, nós não podíamos, ó rei, distinguir, ó castigador de inimigos, o firmamento, o sol e os pontos cardeais e secundários do horizonte. E o esplendor, semelhante àquele do lótus azul, de dardos com pontas polidas, de lanças farpadas arremessadas (no inimigo), de sabres e cimitarras bem temperados, de cotas de malha matizadas e dos ornamentos (nos corpos dos guerreiros), iluminava o céu e os pontos cardeais e secundários com seu esplendor. E o campo de batalha em muitos lugares, ó rei, brilhava por causa dos exércitos de monarcas cuja refulgência parecia com aquela da lua e do sol. E bravos guerreiros em carros, tigres entre homens, brilhavam

naquela batalha, ó rei, como planetas no firmamento. E Bhishma, aquele principal dos guerreiros em carros, excitado com raiva, deteve o poderoso Bhimasena na própria vista das tropas. E as flechas impetuosas disparadas por Bhishma, providas de asas douradas, e afiadas em pedra, e esfregadas com óleo perfuraram Bhima naquele batalha. Então Bhimasena dotado de grande força arremessou nele, ó Bharata, um dardo de impetuosidade ardente que parecia com uma cobra colérica. Mas Bhishma naquele combate cortou com flechas retas aquele dardo com vara feita de ouro e difícil de ser resistido, enquanto ele rumava impetuosamente em direção a ele. E com outra flecha de cabeça larga, afiada e bem temperada, ele cortou o arco de Bhimasena, ó Bharata, em duas partes. Então, ó rei, naquela batalha, Satyaki, indo rapidamente em direção a Bhishma, perfurou teu pai com inumeráveis flechas de gume e pontas afiadas de ímpeto violento disparadas da corda de seu arco esticada até o ouvido. Então Bhishma, mirando uma flecha muito ameaçadora, derrubou o quadrigário do herói Vrishni de sua cabina no carro. E quando o quadrigário do carro de Satyaki tinha sido morto dessa maneira, seus corcéis, ó rei, dispararam para longe. Dotados da velocidade da tempestade ou da mente, eles correram descontroladamente sobre o campo. Então gritos foram proferidos pelo exército inteiro os quais se tornaram um tumulto alto. E exclamações de ‘Oh’ e ‘Ai’ procederam dos guerreiros de grande alma do exército Pandava. E aqueles gritos diziam, ‘Corra!’, ‘Agarre!’, ‘Detenha os cavalos!’ ‘Vá depressa!’ E este tumulto seguiu o carro de Yuyudhana. Enquanto isso, Bhishma o filho de Santanu começou a massacrar as tropas Pandava como Indra matando os Danavas. Mas os Panchalas e os Somakas, embora mortos por Bhishma dessa maneira, tomando contudo uma resolução louvável, avançaram em direção a Bhishma. E outros guerreiros do exército Pandava, encabeçados por Dhrishtadyumna, e desejosos de massacrar as tropas do teu filho, avançaram em direção ao filho de Santanu naquela batalha. E assim também, ó rei, os guerreiros do teu exército, encabeçados por Bhishma e Drona, avançaram impetuosamente em direção aos seus inimigos. E nisso outra batalha ocorreu."

73

Sanjaya disse, "O rei Virata então perfurou aquele poderoso guerreiro em carro, Bhishma, com três flechas. E aquele grande guerreiro em carro perfurou os cavalos (de seu oponente) também com três flechas equipadas com asas douradas. E aquele arqueiro terrível e poderoso guerreiro em carro de mão firme, isto é, o filho de Drona, perfurou com seis flechas o manejador do Gandiva entre seus dois peitos. Nisso aquele opressor de inimigos, Phalguni, aquele matador de heróis hostis, cortou o arco de Aswatthaman e perfurou-o profundamente em retorno com cinco flechas. Privado de sua razão pela raiva, e incapaz de tolerar o corte de seu arco naquela batalha, o filho de Drona, pegando outro arco que era mais resistente, perfurou Phalguni, ó rei, com noventa flechas afiadas, e Vasudeva também com setenta flechas ardentes. Então, com olhos vermelhos de ira, Phalguni, com Krishna, tomando fôlegos longos e difíceis, refletiu por um momento. Apertando firmemente o arco com sua mão esquerda, aquele opressor

de inimigos, o manejador do Gandiva excitado com fúria, fixou na corda de seu arco diversas flechas ameaçadoras, afiadas e perfeitamente retas, e capazes de tirar a vida (do inimigo). E aquele principal dos homens poderosos perfurou rapidamente o filho de Drona, naquela batalha, com aquelas flechas. E aquelas flechas, atravessando sua armadura, beberam seu sangue vital. Mas embora perfurado dessa maneira pelo manejador do Gandiva, o filho de Drona não vacilou. Disparando em retorno flechas similares em Partha, ele permaneceu imperturbado, naquela batalha, desejoso, ó rei, de proteger Bhishma de votos superiores. E aquela façanha dele foi aplaudida pelos principais guerreiros do exército Kuru, consistindo, como ela consistia, dele ter enfrentado os dois Krishnas juntos. De fato, Aswatthaman diariamente lutava destemidamente em meio às forças armadas, tendo obtido de Drona todas as armas com os métodos também de sua retirada. 'Esse é o filho do meu preceptor. Ele é além disso o filho querido de Drona. Ele é especialmente um Brahmana, e, portanto, digno do meu respeito.' Pensando assim, aquele opressor de inimigos, o heróico Vibhatsu, aquele principal dos guerreiros em carros, mostrava piedade pelo filho de Bharadwaja. Evitando o filho de Drona, o filho de Kunti dotado de grande destreza e tendo corcéis brancos (unidos ao seu carro), começou a lutar, mostrando formidável rapidez de braços e causando uma grande carnificina de tuas tropas. Duryodhana então perfurou aquele grande arqueiro Bhima com dez flechas aladas com penas de urubu, adornadas com ouro, e afiadas em pedra. Nisso Bhimasena, excitado com cólera, pegou um arco resistente e bem enfeitado capaz de tirar a vida do inimigo, e também dez flechas afiadas. E mirando firmemente aquelas flechas de pontas afiadas de energia ardente e velocidade impetuosa, e puxando a corda do arco até sua orelha, ele perfurou profundamente o rei dos Kurus em seu peito largo. Nisso a pedra preciosa pendendo em seu peito em fios de ouro, cercada por aquelas flechas, parecia bela como o Sol no céu cercado pelos planetas. Teu filho, no entanto, dotado de grande energia, assim atingido por Bhimasena, não pode tolerar isso (friamente), como uma cobra incapaz de suportar os sons do tapa de um homem. Estimulado pela fúria e desejoso de proteger seu exército, ele então perfurou Bhima em retorno, ó rei, com muitas flechas afiadas em pedra e dotadas de asas douradas. Assim lutando em batalha e mutilando um ao outro furiosamente, aqueles dois poderosos filhos teus pareciam com um par de celestiais."

"Aquele tigre entre homens e matador de heróis hostis, o filho de Subhadra, perfurou Chitrasena com muitas flechas afiadas e Purumitra também com sete flechas. E perfurando Satyavrata também com setenta flechas, aquele herói parecido com o próprio Indra em batalha, começou por assim dizer a dançar no campo, e nos causou muita dor. Chitrasena então perfurou-o em retorno com dez flechas, e Satyavrata com nove, e Purumitra com sete. Então o filho de Arjuna, assim perfurado, enquanto ainda coberto com sangue, cortou o arco grande e belo de Chitrasena que era capaz de deter inimigos. E atravessando sua cota de malha ele perfurou o peito de seu adversário com uma flecha. Então os príncipes do teu exército, todos heróicos e poderosos guerreiros em carros, excitados com cólera e unidos naquele conflito, o perfuraram com flechas afiadas. E Abhimanyu, familiarizado com as armas mais poderosas, atingiu eles todos com flechas

afiadas. Vendo aquele feito dele, teus filhos então cercaram o filho de Arjuna, que estava consumindo teu exército naquele conflito como um fogo elevado de chamas ardentes consumindo uma pilha de grama seca no verão. E o filho de Subhadra, enquanto derrotava tuas tropas (dessa maneira), parecia brilhar em esplendor. Vendo aquela conduta dele, teu neto Lakshmana então, ó monarca, rapidamente lançou-se sobre o filho de Subhadra. Nisso aquele poderoso guerreiro em carro Abhimanyu, estimulado pela ira, perfurou Lakshmana ornado com marcas auspiciosas, como também seu quadrigário, com seis flechas afiadas. Mas Lakshmana também, ó rei, perfurou o filho de Subhadra com muitas flechas afiadas. E aquela façanha, ó rei, parecia ser muito admirável. Então aquele poderoso guerreiro em carro, Abhimanyu, matando os quatro corcéis como também o quadrigário de Lakshmana com flechas afiadas, avançou em direção ao último. Nisso Lakshmana, aquele matador de heróis hostis, permanecendo naquele seu carro cujos corcéis tinham sido mortos, e estimulado pela ira, arremessou um dardo em direção ao carro do filho de Subhadra. Abhimanyu, no entanto, com suas flechas afiadas, cortou aquele dardo irresistível de aparência ameaçadora, parecendo com uma cobra, e indo impetuosamente em direção a ele. Então Kripa, acolhendo Lakshmana em seu próprio carro, levo-o para longe do conflito, na própria vista de todas as tropas. Então quando aquele conflito aterrador se tornou geral, os combatentes avançaram uns contra os outros, desejosos de tirar a vida uns dos outros. E os poderosos arqueiros do teu exército e os grandes guerreiros em carros da hoste Pandava, preparados para perder suas vidas na batalha, matavam uns aos outros. Com cabelo despenteado, privados de suas cotas de malha, privados de seus carros, e com seus arcos quebrados, os Srinjayas lutaram com os Kurus com seus braços nus. Então o poderosamente armado Bhishma, dotado de grande força, e excitado com cólera, massacrou com suas armas celestes as tropas dos Pandavas de grande alma. E a terra ficou coberta com os corpos caídos de elefantes privados de seus guias, de homens e cavalos e guerreiros em carros e soldados de cavalaria."

74

Sanjaya disse, "Então, ó rei, Satyaki de braços fortes invencível em batalha, esticando naquele combate um arco excelente capaz de suportar uma grande tensão disparou inúmeras flechas aladas parecendo cobras de veneno virulento, mostrando sua admirável agilidade de mão. E enquanto matava seus inimigos em batalha, ele esticava tão rapidamente o arco, pegava suas flechas, as fixava na corda do arco, e disparando-as atirava-as entre o inimigo, que ele então parecia ser uma massa de nuvens derramando uma chuva grossa. Vendo ele então brilhando dessa maneira (como um fogo que aumenta), o rei Duryodhana, ó Bharata, despachou dez mil carros contra ele. Mas aquele arqueiro formidável, Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada e possuidor de grande energia, matou com suas armas celestes todos aqueles poderosos guerreiros em carros. Tendo realizado, arco na mão, aquele feito bravio, aquele herói então se aproximou de Bhurisravas em batalha. E Bhurisravas também, aumentador da

fama dos Kurus, vendo as tropas Dhartarashtra assim derrubadas por Yuyudhana, avançou furioso contra o último. Esticando seu arco grande o qual parecia com aquele do próprio de Indra em cor, ele disparou milhares de flechas, ó monarca, parecendo com cobras de veneno virulento e possuidoras da força do raio, mostrando sua extrema agilidade de mão. Nisso os combatentes que seguiam Satyaki, incapazes de suportar aquelas flechas de toque fatal, fugiram, ó rei, em todas as direções, abandonando, ó monarca, o invencível Satyaki naquele conflito. Vendo isso, os filhos poderosos de Yuyudhana, todos poderosos guerreiros em carros de grande renome, equipados com armaduras excelentes, portando diversas armas, e possuindo estandartes excelentes, se aproximando daquele grande arqueiro, isto é, Bhurisravas, em batalha, dirigiram-se colericamente àquele guerreiro portando em seu estandarte o emblema de uma estaca sacrifical, e disseram essas palavras, 'Ouça, ó parente dos Kauravas, ó tu que és possuidor de grande força, venha, lute em batalha conosco, isto é, com todos nós conjuntamente ou com cada um de nós separadamente. Nos subjugando em batalha tu poderás ganhar grande renome, ou nós, te derrotando, teremos grande satisfação.' Assim endereçado por eles, aquele herói poderoso dotado de grande força e orgulhoso de sua destreza, aquele principal dos homens, vendo-os diante de si, respondeu a eles, dizendo, 'Ó heróis, vocês disseram bem. Se este é agora seu desejo, lutem então vocês todos juntos com cuidado. Eu matarei todos vocês em batalha.' Assim endereçados por ele, aqueles arqueiros heróicos e poderosos dotados de grande energia cobriram aquele castigador de inimigos com uma chuva grossa de flechas. E foi perto da tarde, ó rei, que aquela batalha terrível ocorreu entre Bhurisravas sozinho de um lado e muitos juntos do outro. E aqueles dez heróis cobriram aquele único guerreiro em carro poderoso com chuvas de flechas como as nuvens derramando chuva em um rochedo da montanha na estação das chuvas. Aquele poderoso guerreiro em carro, no entanto, cortou aquelas nuvens de flechas disparadas por eles parecendo os dardos fatais da Morte ou o próprio trovão em refulgência, antes que elas pudessem alcançá-lo. Eles então, cercando aquele guerreiro poderosamente armado, se esforçaram para matá-lo. Mas o filho de Somadatta, excitado com raiva, cortou seus arcos, ó Bharata, e então suas cabeças, com flechas afiadas. Assim mortos, eles caíram, ó monarca, como árvores imensas derrubadas pelo trovão. Vendo então seus filhos poderosos mortos dessa maneira em batalha, o herói Vrishni (Satyaki), ó rei, proferindo um rugido alto, avançou contra Bhurisravas. E aqueles poderosos guerreiros então apressaram seus carros um contra o outro. E cada um deles naquele combate matou os cavalos do carro um do outro. E ambos privados de seus carros, aqueles guerreiros fortes pularam sobre o solo. E ambos pegando cimitarras grandes e escudos excelentes se enfrentaram. E aqueles tigres entre homens, posicionados para o combate, resplandeciam brilhantemente. Então Bhimasena, ó rei, se aproximando rapidamente de Satyaki assim armado com uma cimitarra excelente, recebeu-o em seu próprio carro. E teu filho também, ó monarca, rapidamente acolheu Bhurisravas em seu carro, naquela batalha, na própria vista de todos os arqueiros.

Enquanto isso, durante a continuação daquela batalha, os Pandavas, ó touro da raça Bharata, excitados com cólera, lutavam com aquele poderoso guerreiro em

carro Bhishma. E quando o sol assumiu uma cor vermelha, Dhananjaya, se esforçando ativamente, matou vinte e cinco mil grandes guerreiros em carros. Esses, incitados adiante por Duryodhana para matar Partha, foram assim totalmente destruídos antes que eles pudessem mesmo se aproximar dele, como insetos em um fogo ardente. Então os Matsyas e os Kekayas, todos habilidosos na ciência de armas, cercaram aquele poderoso guerreiro em carro Partha como também seu filho (para protegê-los). Exatamente naquele momento o sol desapareceu, e todos os combatentes pareceram estar privados de seus sentidos. Então no crepúsculo, ó rei, teu pai Devavrata, seus animais estando cansados, fez as tropas serem retiradas. E as tropas dos Pandavas e dos Kurus, cheias de temor e ansiedade no decorrer daquele confronto terrível, procederam para seus respectivos acampamentos, os Pandavas com os Srinjayas, e os Kauravas também, descansaram à noite em conformidade com as regras (da ciência militar)."

75

Sanjaya disse, "Tendo descansado por um tempo, ó rei, ambos os Kurus e os Pandavas, depois que a noite tinha passado, mais uma vez saíram para a batalha. E então alto foi o tumulto, ó rei, que proveio de poderosos guerreiros em carros enquanto eles se preparavam para o combate, e de elefantes enquanto eles estavam sendo equipados para o conflito, e da infantaria enquanto eles colocavam suas armaduras, e de cavalos também, ó Bharata. E o clangor de conchas e a batida de baterias se tornaram ensurdecedores em todas as partes do campo. Então o rei Yudhishthira dirigiu-se a Dhrishtadyumna e disse, 'Ó poderosamente armado, disponha as tropas na formação de combate chamada Makara que oprime o inimigo.' Assim endereçado pelo filho de Pritha, aquele poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, aquele principal dos combatentes em carros, emitiu a ordem, ó grande rei, para os guerreiros em carros (formarem a ordem de batalha Makara). Drupada, e Dhananjaya o filho de Pandu formaram a cabeça daquela formação de combate, e Sahadeva e aquele poderoso guerreiro em carro Nakula formaram seus dois olhos. E o poderoso Bhimasena formou seu bico. E o filho de Subhadra, e os filhos de Draupadi e o Rakshasa Ghatotkacha, e Satyaki, e o rei Yudhishthira o justo, estavam posicionados em seu pescoço. E o rei Virata, aquele comandante de uma grande divisão, formava suas costas, apoiado por Dhrishtadyumna e um grande exército. E os cinco irmãos Kekaya consistiam seu flanco esquerdo, e aquele tigre entre homens, Dhrishtaketu, e Chekitana de grande destreza, posicionados no flanco direito, estavam colocados para proteger aquela formação. E seus dois pés, ó monarca, eram constituídos por aquele poderoso guerreiro em carro, o abençoado Kuntibhoja, e Satanika, apoiados por um grande exército. E aquele grande arqueiro, o poderoso Sikhandin, cercado pelos Somakas, e Iravat, estavam posicionados no rabo daquela formação Makara. E tendo, ó Bharata, formado sua magnífica ordem de batalha, os Pandavas, ó monarca, equipados com armadura ao amanhecer, novamente se mantiveram em posição para a batalha. E com elefantes e corcéis e carros e

infantaria, e com estandartes erguidos e guarda-sóis levantados, e armados com armas brilhantes e afiadas, eles procederam rapidamente contra os Kauravas."

"Então teu pai Devavrata, observando o exército (Pandava) assim organizado, dispôs seu exército, ó rei, em formação de combate contrária seguindo a forma de um enorme grou. E em seu bico estava o filho de Bharadwaja (Drona). E Aswatthaman e Kripa, ó monarca, formavam seus dois olhos. E aquele principal de todos os arqueiros, Kritavarman, unido com o soberano dos Kamvojas e com os Valhikas estava posicionado, ó rei, em sua cabeça. E em seu pescoço, ó Bharata, estava Surasena, e teu filho Duryodhana, ó rei, cercado por muitos reis. E o soberano dos Pragjyotishas, junto com os Madras, os Sauviras, e os Kekayas, e cercado por um grande exército, estava posicionado, ó rei, em seus peitos. E Susarman o rei de Prasthala, acompanhado por suas próprias tropas, permaneceu, equipado com armadura, na asa esquerda. E os Tusharas, os Yavanas e os Sakas, junto com os Chulikas, ficaram na asa direita, ó Bharata, daquela ordem de batalha. E Srutayush e Sataytish e o filho de Somadatta, ó majestade, estavam posicionados na retaguarda daquela ordem de batalha protegendo uns aos outros."

"Então os Pandavas, ó rei, avançaram contra os Kauravas para lutar. O sol, ó Bharata, tendo subido quando a batalha começou. E elefantes procederam contra elefantes. E cavaleiros avançaram contra cavaleiros, guerreiros em carros contra guerreiros em carros, ó rei, e contra elefantes também, naquele conflito aterrador. E homens em carros avançaram contra condutores de elefantes, e condutores de elefantes contra cavaleiros. E guerreiros em carros lutaram com soldados de infantaria, e cavalaria com infantaria. E todos os guerreiros, ó rei, estimulados pela fúria, avançaram uns contra os outros em batalha. E o exército Pandava, protegido por Bhimasena e Arjuna e os gêmeos, parecia belo como a noite enfeitada com estrelas. E teu exército também, com Bhishma e Kripa e Drona e Salya e Duryodhana, e outros, brilhava como o firmamento coberto com os planetas. E Bhimasena o filho de Kunti, dotado de grande bravura, vendo Drona, avançou contra a divisão do filho de Bharadwaja, levado por seus corcéis de grande velocidade. Então Drona, excitado com cólera naquele conflito e dotado de grande energia, perfurou Bhima com nove flechas feitas totalmente de ferro, visando seus membros vitais. Profundamente perfurado pelo filho de Bharadwaja naquele combate, Bhima despachou o quadrigário de Drona para a região de Yama. Nisso o filho de Bharadwaja, dotado de grande destreza, ele mesmo controlando seus corcéis, começou a consumir o exército Pandava como fogo consumindo uma pilha de algodão. E enquanto assim massacrados, ó rei, por Drona e Bhishma, os Srinjayas junto com os Kekayas fugiram. E assim tuas tropas também, mutiladas por Bhima e Arjuna, ficaram privadas de sua razão enquanto elas resistiam, como uma mulher bela em seu orgulho. E naquele conflito destrutivo de heróis grande foi a desgraça, ó Bharata, que aconteceu ao teu exército e ao deles. E nós contemplamos a visão extraordinária, ó Bharata, das tropas lutando umas com as outras indiferentes às suas vidas. E os Pandavas e os Kauravas, ó rei, naquele conflito, lutaram uns com os outros neutralizado as armas uns dos outros."

76

Dhritarashtra disse, "Nosso exército é possuidor de muitas excelências, consistindo em diversas tropas, sua eficiência é admirável. Ele é além disso organizado de acordo com as regras da ciência e, portanto, deve ser irresistível. Ele é extremamente afeiçoado a nós, e sempre dedicado a nós. Ele é submisso, e livre dos defeitos de embriaguez e licenciosidade. Sua bravura foi testada anteriormente. Os soldados não são nem muito velhos nem muito jovens. Eles não são nem magros nem corpulentos. De hábitos ativos, de corpos bem desenvolvidos e fortes, eles estão livres de doença. Eles estão envolvidos em armaduras e bem equipados com armas. Eles são experimentados em todas as espécies de armas. Eles são hábeis em lutas com espadas, com braços nus, e com maças. Eles são bem exercitados em lanças, sabres, e dardos, como também em clavas de ferro, flechas curtas, venábulos e malhos. Eles são dedicados a todos os tipos de exercícios armados, e são experientes em montar e descer das costas de elefantes, em se deslocar para a frente e recuar, em atacar eficientemente, em marcha e retirada. Muitas vezes eles foram testados na condução de elefantes e cavalos e carros. Tendo sido examinados devidamente eles tem recebido remuneração, e não por causa de linhagem, nem por favoritismo nem por relacionamento, nem por força de afeiçoamento, nem por conexões de nascimento e sangue. Eles são todos respeitáveis e honestos, e seus parentes tem sido bem tratados e gratificados por nós. Nós temos feito a eles muitos préstimos. Eles são, além disso, todos homens renomados e dotados de grande energia mental. Ó filho, eles são além disso protegidos por muitos principais dos homens dotados de grande energia, e de realizações famosas, parecendo os próprios Regentes do mundo e famosos na terra inteira. Inúmeros Kshatriyas, respeitados por todo o mundo, e que por sua própria vontade tomaram nosso partido com seus exércitos e seguidores também os protegem. De fato, nosso exército é como o vasto oceano cheio com a água de rios inumeráveis correndo de todas as direções. Ele está cheio de elefantes, e de carros os quais embora desprovidos de asas, contudo parecem com os ocupantes alados do ar. Vastos números de combatentes constituem as águas daquele oceano, e os corcéis e outros animais constituem suas ondas terríveis. Inúmeras espadas e maças e dardos e flechas e lanças constituem os remos (amontoados naquele oceano). Abundando com estandartes e ornamentos e adornados com tecidos incrustados com ouro e pedras preciosas, os corcéis e elefantes impetuosos constituem os ventos que o agitam à fúria. Nossa hoste, portanto, realmente parece com o oceano vasto sem margem rugindo em fúria. E aquela hoste é protegida por Drona e Bhishma e por Kritavarman e Kripa e Dussasana, e outros encabeçados por Jayadratha. Ela é também protegida por Bhagadatta e Vikarna, pelo filho de Drona e o filho de Suvala, e Valhika e por muitos outros heróis poderosos e de grandes almas do mundo. Que nosso exército contudo seja massacrado em batalha é devido somente ao fado predestinado, ó Sanjaya. Nem homens nem Rishis muito abençoados de antigamente alguma vez viram semelhantes preparações (para batalha) sobre a terra antes. Que um exército tão

grande, reunido de acordo com a ciência, e ligado (a nós) por riqueza, ainda seja massacrado em batalha, ai, o que isso pode ser exceto o resultado do Destino? Ó Sanjaya, tudo isso parece ser antinatural. De fato Vidura muitas vezes disse o que era benéfico e desejável. Mas meu filho perverso Duryodhana não aceitaria isso. Eu creio que aquela pessoa sábia e de grande alma tinha previsto tudo o que está agora acontecendo e por isso ele deu o conselho. Ou, ó Sanjaya, tudo isso, em todos os seus detalhes, foi pré-arranjado por Ele, pois aquilo que é ordenado pelo Criador deve acontecer como ordenado e não pode ser de outra maneira."

77

Sanjaya disse, "Tu, ó rei, por consequência do teu próprio erro, foste atingido por esta calamidade. Ó touro da raça Bharata, as falhas que tu, ó monarca, viste naquele comportamento injusto (em direção aos Pandavas), não foram vistas por Duryodhana. Foi por tua falha, ó rei, que o jogo de dados ocorreu. E foi por tua falha que essa batalha ocorreu com os Pandavas. Tendo cometido um pecado, portanto, colha o fruto daquele teu pecado. Uma pessoa colhe o fruto das ações cometidas por ela mesma. Portanto, ó rei, colha o resultado das tuas próprias ações nesse e no outro mundo. Portanto, ó monarca, embora atingido por essa calamidade, todavia fique calmo, e escute, ó majestade, ao (relato da) batalha enquanto eu a recito."

"O heróico Bhimasena, tendo com suas flechas afiadas rompido a tua poderosa formação de combate, então se aproximou de todos os irmãos mais novos de Duryodhana. O poderoso Bhima, vendo Dussasana e Durvisaha e Dussaha e Durmada e Jaya, e Jayasena e Vikarna e Chitrasena e Sudarsana, e Charuchitra e Suvarman e Duskarna e Karna, e muitos outros poderosos guerreiros em carros, excitado com raiva da hoste Dhartarashtra perto o suficiente dele, penetrou na (tua) imensa formação de combate que era protegida por Bhishma naquela batalha. Então, vendo ele em seu meio, todos aqueles guerreiros disseram, 'Ó reis, vamos matá-lo'! Então aquele filho de Pritha foi cercado por aqueles seus primos que estavam firmemente decididos (a tirar sua vida). E Bhima então parecia com o próprio Surya de esplendor ardente cercado pelos planetas poderosos de natureza má, na época da destruição universal. E embora o filho de Pandu estivesse lá no próprio meio da hoste (Kaurava), contudo o medo não entrou em seu coração, como ele não entrou no de Indra enquanto cercado pelos Danavas na batalha violenta de antigamente entre os celestiais e os Asuras. Então milhares de guerreiros em carros armados com todas as armas e totalmente preparados para a batalha oprimiram sua pessoa solitária com flechas terríveis. Nisso o heróico Bhima, desconsiderando os filhos de Dhritarashtra, matou naquele conflito muitos guerreiros principais (do exército Kaurava) lutando de carros ou sobre as costas de elefantes e corcéis. E averiguando o propósito nutrido por aqueles seus primos que estavam empenhados em sua destruição, o poderoso Bhima colocou seu coração em matar todos eles. Então deixando seu carro e pegando sua maça, o filho de Pandu começou a castigar aquele verdadeiro mar de tropas Dhartarashtra."

"Então quando Bhimasena penetrou dessa maneira na hoste Dhartarashtra, Dhrishtadyumna o filho de Prishata, abandonando Drona (com quem ele tinha estado lutando), rapidamente procedeu ao local onde o filho de Suvala estava posicionado. Aquele touro entre homens, frustrando inúmeros guerreiros do teu exército, aproximou-se do carro vazio de Bhimasena naquela batalha. E vendo naquele conflito Visoka, o quadrigário de Bhimasena, Dhrishtadyumna, ó rei, ficou muito triste e quase privado de sua razão. Com voz sufocada em lágrimas, e suspirando enquanto falava, ele questionou Visoka, em aflição, dizendo, 'Onde está Bhima que é caro para mim como minha própria vida?' Visoka então, unindo suas mãos, respondeu para Dhrishtadyumna dizendo, 'O filho poderoso de Pandu, dotado de grande força, me mandando esperar por ele aqui, penetrou sozinho na hoste Dhartarashtra que parece o próprio oceano. Aquele tigre entre homens muito alegremente disse para mim essas palavras, 'Espere por mim, ó quadrigário, contendo os cavalos por um curto espaço de tempo, até eu matar aqueles que estão empenhados na minha destruição.' Vendo então o poderoso Bhima avançando com maça na mão, todas as nossas tropas (que o protegiam) ficaram cheias de alegria. Então nessa batalha terrível e violenta, ó príncipe, teu amigo, rompendo a poderosa formação de combate (do inimigo), entrou dentro dela.' Ouvindo essas palavras de Visoka, o filho de Prishata Dhrishtadyumna, dotado de grande força, disse para o quadrigário essas palavras no campo de batalha, 'Que necessidade eu tenho hoje da própria vida, se esquecendo minha afeição pelos Pandavas eu abandonar Bhima em batalha? Se eu voltar hoje sem Bhima, o que os Kshatriyas dirão de mim? O que eles falarão de mim quando eles souberem que enquanto eu estava no campo Bhima penetrou sozinho na ordem de batalha hostil fazendo uma única abertura nela? Os deuses com Indra em sua chefia castigam com mal aquele que, abandonando seus camaradas em batalha, volta para casa ileso! O poderoso Bhima além disso é meu amigo e parente. Ele é dedicado a mim, e eu também sou dedicado àquele matador de inimigos. Portanto, eu irei para lá, para onde Bhima foi. Veja-me matando o inimigo como Vasava matando os Danavas.' Dizendo isso, o heróico Dhrishtadyumna, ó Bharata, procedeu pelo meio do inimigo, pelos caminhos abertos por Bhimasena e marcados por elefantes esmagados com sua maça. Ele então obteve visão de Bhimasena destruindo as tropas hostis ou derrubando guerreiros Kshatriya como a tempestade devastando fileiras de árvores. E guerreiros em carros e cavaleiros e soldados de infantaria e elefantes, enquanto assim massacrados por ele, proferiam gritos altos de dor. E gritos de 'Ah' e 'Ai' provinham das tuas tropas, ó majestade, enquanto elas eram massacradas pelo vitorioso Bhima habilidoso em todos os modos de guerra. Então os guerreiros Kaurava todos habilidosos com armas, cercando Vrikodara por todos os lados, destemidamente derramaram sobre ele suas chuvas de flechas ao mesmo tempo. Então o filho poderoso de Prishata, vendo aquele principal de todos os manejadores de armas, aquele herói célebre, o filho de Pandu, assim atacado por todos os lados por tropas ferozes de inimigos em formação cerrada, mutilado com flechas, trilhando o campo a pé, e vomitando o veneno de sua ira, com maça na mão e parecendo com o próprio Destruidor na hora da dissolução universal, rapidamente se aproximou dele e confortou-o com sua presença. E acolhendo-o em seu carro, e arrancando as

flechas de todos os seus membros, e abraçando-o calorosamente, o filho de grande alma de Prishata confortou Bhimasena no próprio meio do inimigo. Então teu filho, naquele conflito terrível, se aproximando rapidamente de seus irmãos, disse para eles, 'Esse filho de Drupada de alma perversa está agora reunido com Bhimasena. Vamos todos nos aproximar juntos dele para matá-lo. Não deixemos o inimigo procurar nossas tropas (para lutar).' Ouvindo essas palavras, os Dhartarashtras, assim incitados pela ordem de seu irmão mais velho e incapazes de tolerar (o inimigo), avançaram rapidamente, com armas erguidas, para matar Dhrishtadyumna como cometas ardentes na hora da dissolução universal. Pegando seus arcos belos, aqueles heróis, fazendo a própria terra tremer com a vibração das cordas de seus arcos e o estrépito das rodas de seus carros, derramaram flechas sobre o filho de Drupada, como as nuvens cobrindo o leito da montanha com torrentes de chuva. Mas aquele herói conhecedor de todos os modos de guerra, embora assim atacado com flechas afiadas naquela batalha, não vacilou. Por outro lado, aquele poderoso guerreiro em carro, o filho jovem de Drupada, vendo aqueles teus filhos heróicos diante dele em batalha e se esforçando ao máximo, estando desejoso de matá-los aplicou aquela arma aterradora chamada Pramohana e lutou com teus filhos, ó rei, como Indra com os Danavas em batalha. Então aqueles guerreiros heróicos foram privados de seus sentidos, suas mentes e força afligidas pela arma Pramohana. E os Kauravas fugiram em todas as direções, com seus corcéis e elefantes e carros, vendo aqueles teus filhos privados de seus sentidos em um desmaio como aqueles cujas horas tinham chegado. E naquele momento Drona, o principal de todos os manejadores de armas, se aproximando de Drupada, perfurou-o com três flechas ardentes. E aquele monarca então, ó rei, Drupada, profundamente perfurado por Drona, deixou a batalha, ó Bharata, lembrando de sua antiga hostilidade (com o filho de Bharadwaja). Nisso Drona dotado de grande destreza tendo assim derrotado Drupada, soprou sua concha. E ouvindo o clangor de sua concha, todos os Somakas foram tomados pelo medo. Então Drona, possuidor de grande energia, aquele principal de todos os manejadores de armas, soube que teus filhos tinham sido privados de seus sentidos em batalha com a arma Pramohana. Então o filho de Bharadwaja, desejoso de resgatar os príncipes, deixou depressa aquela parte do campo onde ele estava e foi ao local onde teus filhos estavam. E aquele arqueiro poderoso, o filho de Bharadwaja de grande coragem, viu lá Dhrishtadyumna e Bhima se movendo rapidamente pelo campo naquele conflito terrível. E aquele poderoso guerreiro em carro viu teus filhos privados de seus sentidos. Pegando então a arma chamada Prajna, ele neutralizou a arma Pramohana (que Dhrishtadyumna tinha disparado). Então teus filhos, aqueles poderosos guerreiros em carros, quando seus sentidos voltaram, mais uma vez procederam para lutar com Bhima e o filho de Prishata. Então Yudhishthira, se dirigindo às suas próprias tropas disse, 'Que doze bravos guerreiros em carros equipados com armadura e encabeçados pelo filho de Subhadra sigam, ao máximo de seu poder, o caminho de Bhima e do filho de Prishata em batalha. Que informações sejam obtidas (daqueles dois guerreiros). Meu coração está muito inquieto.' Assim ordenados pelo rei, aqueles heróis possuidores de grande destreza em batalha e orgulhosos de sua coragem, dizendo ‘Sim’, todos prosseguiram adiante quando o sol tinha alcançado o meridiano. E aqueles

castigadores de inimigos então, isto é, os Kaikeyas e os filhos de Draupadi, e Dhrishtaketu de grande destreza, apoiados por uma grande tropa e com Abhimanyu em sua chefia, e se dispondo na formação de combate chamada Suchimukha, ('de boca de agulha', é uma coluna em forma de cunha com a extremidade fina ou pontuda virada para o lado do inimigo), penetraram naquela divisão de carros dos Dhartarashtras em batalha. E tuas tropas, ó rei, cheias de medo de Bhimasena e privadas de seus sentidos por Dhrishtadyumna, foram incapazes de resistir (ao avanço) daqueles arqueiros poderosos encabeçados por Abhimanyu. E eles estavam realmente desamparados, como uma dama nas ruas. E aqueles arqueiros poderosos com estandartes matizados com ouro atravessando (as tropas Kaurava), procederam com grande velocidade para resgatar Dhrishtadyumna e Vrikodara. E os últimos, vendo aqueles arqueiros poderosos encabeçados por Abhimanyu, se regozijaram e continuaram a prostrar tuas tropas. E o heróico príncipe de Panchala, o filho de Prishata, vendo enquanto isso seu preceptor avançando em direção a ele com grande velocidade, não desejou mais efetuar a morte de teus filhos. Fazendo Vrikodara então ser levado sobre o carro do rei dos Kaikeyas, ele avançou em grande cólera contra Drona habilidoso com flechas e todas as armas. E aquele matador de inimigos, o filho valente de Bharadwaja, excitado com raiva, cortou com uma flecha de cabeça larga o arco do filho de Prishata que estava avançando em direção a ele com impetuosidade. E se lembrando do alimento ele tinha comido de seu mestre e desejoso de fazer bem para Duryodhana, ele também despachou centenas de flechas atrás do filho de Prishata. Então aquele matador de heróis hostis, o filho de Prishata, pegando outro arco, perfurou Drona com setenta flechas afiadas em pedra e providas de asas de ouro. Então aquele opressor de inimigos, Drona, mais uma vez cortou seu arco, e despachou seus quatro corcéis para a residência de Yama com quatro flechas excelentes, e também matou seu quadrigário, ó Bharata, com uma flecha de cabeça larga. Então aquele poderoso guerreiro em carro de braços fortes, Dhrishtadyumna, descendo rapidamente daquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, subiu no carro magnífico de Abhimanyu. Então Drona fez o exército Pandava consistindo em carros, elefantes, e corcéis, tremer, na própria vista de Bhimasena e do filho inteligente de Prishata. Vendo então aquele exército assim enfraquecido por Drona de energia imensurável, todos aqueles poderosos guerreiros em carros foram incapazes de impedir sua fuga. E aquele exército, assim massacrado por Drona com suas flechas afiadas, começou a se mover em círculos lá, como o mar agitado. E contemplando o exército (Pandava) naquela condição, tuas tropas estavam cheias de satisfação. E vendo o preceptor excitado com raiva e consumindo dessa maneira as tropas do inimigo, todos os teus guerreiros, ó Bharata, deram gritos altos e proferiram exclamações em louvor a Drona."

78

Sanjaya disse, "Então o rei Duryodhana, recuperando seus sentidos, mais uma vez começou a resistir a Bhima com chuvas de flechas. E mais uma vez aqueles poderosos guerreiros em carros, teus filhos, juntos, começaram a lutar

valentemente com Bhimasena. E Bhimasena também de braços poderosos durante aquela batalha, alcançando seu carro, subiu nele e procedeu para o local onde teus filhos estavam. E pegando um arco forte e muito resistente adornado com ouro e capaz de tirar as vidas de inimigos ele perfurou teus filhos naquele conflito, com suas flechas. Então o rei Duryodhana atingiu o poderoso Bhimasena nos próprios órgãos vitais com uma flecha comprida muito afiada. Então aquele arqueiro poderoso, perfurado assim profundamente por teu filho, arco na mão, estirando violentamente o seu próprio com olhos vermelhos de ira, atingiu Duryodhana em seus dois braços e no peito com três flechas. Mas atingido dessa maneira, ó rei, ele não se moveu, como um príncipe das montanhas. Vendo então aqueles dois heróis estimulados pela raiva e atingindo um ao outro, os irmãos mais novos de Duryodhana, todos os quais eram heróis preparados para sacrificar suas vidas, lembrando de seu plano anteriormente formado de atormentar Vrikodara de feitos terríveis, se puseram em movimento firmemente decididos, para derrotá-lo. E quando eles se lançaram sobre ele em batalha, Bhimasena de grande força avançou contra eles, ó rei, como um elefante avançando contra um atacante igual. Excitado com fúria e dotado de grande energia, aquele herói célebre então, ó rei, afligiu teu filho Chitrasena com uma flecha comprida. E com relação aos teus outros filhos, aquele descendente de Bharata atingiu eles todos naquela batalha, com diversas espécies de flechas equipadas com asas de ouro e dotadas de grande ímpeto. Então o rei Yudhishthira o justo, dispondo todas as suas próprias divisões apropriadamente despachou doze poderosos guerreiros em carros incluindo Abhimanyu e outros para seguirem atrás de Bhimasena. Eles, ó rei, todos procederam contra aqueles poderosos guerreiros em carros, teus filhos. Vendo aqueles heróis em seus carros, parecendo com o próprio Sol ou o fogo em esplendor, aqueles grandes arqueiros de refulgência brilhante e beleza excelente, parecendo resplandecentes naquele conflito terrível com ornamentos de ouro, teus filhos poderosos abandonaram Bhima (com quem eles tinham estado lutando). Os filhos de Kunti, no entanto, não puderam tolerar a visão deles abandonando o conflito com vida."

79

Sanjaya disse, "Então Abhimanyu, acompanhado por Bhimasena perseguindo teus filhos, afligiu eles todos. Então os poderosos guerreiros em carros do teu exército, incluindo Duryodhana e outros, vendo Abhimanyu e Bhimasena junto com o filho de Prishata no meio das tropas (Kaurava), pegaram seus arcos, e levados por seus cavalos velozes avançaram para o local onde aqueles guerreiros estavam. E naquela tarde, ó rei, uma luta terrível ocorreu entre os combatentes poderosos do teu exército e aqueles do inimigo, ó Bharata. E Abhimanyu, tendo, naquela batalha aterradora, matado os corcéis de Vikarna, perfurou o último com vinte e cinco flechas pequenas. Então aquele poderoso guerreiro em carro, Vikarna, abandonando aquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, subiu no carro resplandecente, ó rei, de Chitrasena. Então assim posicionados no mesmo carro, aqueles dois irmãos da família de Kuru, o filho de Arjuna cobriu, ó Bharata, com chuvas de flechas. Então Durjaya e Vikarna perfuraram Abhimanyu com cinco

flechas feitas totalmente de ferro. Abhimanyu no entanto, não estremeceu de modo algum mas ficou firme como a montanha Meru. Dussasana naquela batalha, ó majestade, lutou com os cinco irmãos Kekaya. Tudo isso, ó grande rei, parecia muito extraordinário. Os filhos de Draupadi, excitados com raiva, resistiram a Duryodhana naquela batalha. E cada um deles, ó rei, perfurou teu filho com três flechas. Teu filho também, invencível em batalha, perfurou cada um dos filhos de Draupadi, ó monarca, com flechas afiadas. E perfurado por eles (em retorno) e banhado em sangue, ele brilhava como uma colina com corregozinhos de água misturada com greda vermelha (deslizando por seu leito). E o poderoso Bhishma também, naquela batalha, ó rei, afligiu o exército Pandava como um vaqueiro espancando seu rebanho. Então, ó monarca, o som do Gandiva foi ouvido, de Partha, que estava empenhado em massacrar o inimigo à direita do exército."

"E naquela parte do campo troncos sem cabeças acumulavam-se aos milhares, entre as tropas, ó Bharata, dos Kauravas e dos Pandavas. E o campo de batalha parecia um oceano cuja água era sangue, e cujos redemoinhos eram as flechas (disparadas pelos combatentes). E os elefantes constituíam as ilhas daquele oceano, e os corcéis suas ondas. E carros constituíam os navios pelos quais homens valentes o cruzavam. E muitos combatentes corajosos, com braços cortados, privados de armadura, e horrivelmente mutilados, eram vistos jazendo lá às centenas e milhares. E com os corpos de elefantes enfurecidos privados de vida e banhados em sangue, o campo de batalha, ó Bharata, parecia como se coberto com colinas. E a vista estupenda que nós vimos lá, ó Bharata, era que nem no exército deles nem no teu havia uma única pessoa que estivesse relutante em lutar. E assim, ó monarca, aqueles bravos guerreiros, do teu exército e dos Pandavas, lutaram, procurando glória e desejosos de vitória."

80

Sanjaya disse, "Então quando o sol assumiu uma cor vermelha, o rei Duryodhana, desejoso de lutar, avançou em direção a Bhima desejando matá-lo. Vendo aquele guerreiro heróico nutrindo animosidade profunda indo (dessa maneira) em direção a ele, Bhimasena, excitado com grande fúria, disse essas palavras, 'Chegou aquela hora a qual eu tenho desejado por tantos anos. Eu te matarei hoje se tu não abandonares a batalha. Matando a ti eu hoje dissiparei as tristezas de Kunti como também de Draupadi e as misérias que foram nossas durante nosso exílio nas florestas. Cheio de orgulho, tu antigamente humilhaste os filhos de Pandu. Veja, ó filho de Gandhari, o terrível resultado daquele comportamento pecaminoso. Seguindo os conselhos de Karna como também do filho de Suvala, e fazendo pouco caso dos Pandavas, tu antigamente te comportaste em direção a eles como tu tinhas sugerido. Tu também desrespeitaste Krishna que te rogou (pela paz). Com o coração alegre tu despachaste Uluka (até nós) com tuas mensagens. Por tudo isso, eu te matarei hoje com todos os teus parentes, e assim vingarei todas aquelas tuas ofensas dos tempos passados.' Tendo dito essas palavras, Bhima curvando seu arco e esticando-o repetidamente, e pegando diversas flechas terríveis cuja refulgência

parecia aquela do próprio relâmpago, e cheio de ira, rapidamente disparou trinta e seis delas em Duryodhana. E aquelas flechas pareciam as chamas de um fogo ardente, e rumaram reto com a força do raio. E então ele perfurou o arco de Duryodhana com duas flechas, e seu quadrigário com duas. E com quatro flechas ele despachou os (quatro) corcéis de Duryodhana para as regiões de Yama. E aquele opressor de inimigos então, com duas flechas disparadas com grande força, cortou naquela batalha o guarda-sol do rei de seu carro excelente. E com três outras flechas ele cortou seu estandarte belo e brilhante. E tendo-o cortado, ele proferiu um grito alto na própria vista do teu filho. E aquele belo estandarte do último, decorado com diversas pedras preciosas, caiu repentinamente no chão de seu carro como um lampejo de relâmpago das nuvens. E todos os reis viram aquele estandarte belo do rei Kuru, portando o emblema de um elefante, enfeitado com pedras preciosas, e brilhante como o sol, cair cortado (por Bhimasena). E aquele poderoso guerreiro em carro, Bhima, então perfurou Duryodhana naquela batalha, sorrindo naquele momento, com dez flechas como um condutor perfurando um elefante poderoso com o gancho. Então aquele principal dos guerreiros em carros, o rei poderoso dos Sindhus, apoiado por muitos guerreiros valentes, se colocou no flanco de Duryodhana. E então aquele grande guerreiro em carro, Kripa, ó rei, fez o vingativo Duryodhana, aquele filho da linhagem de Kuru, de energia imensurável, subir no seu próprio carro. Então o rei Duryodhana, profundamente perfurado por Bhimasena e sentindo grande dor, sentou-se na plataforma daquele carro. Então Jayadratha, desejoso de matar Bhima, cercou-o por todos os lados com vários milhares de carros. Então, ó rei, Dhrishtaketu e Abhimanyu de grande energia, e os Kekayas, e os filhos de Draupadi, todos enfrentaram teus filhos. E Abhimanyu de grande alma atingiu eles todos, perfurando cada um com cinco flechas retas, parecendo os raios do céu ou da própria Morte, disparadas de seu arco excelente. Nisso, todos eles, incapazes de suportar isso (friamente), derramaram sobre aquele principal dos guerreiros em carros, o filho de Subhadra, uma perfeita torrente de flechas afiadas como nuvens carregadas de chuva derramando chuva no leito das montanhas de Meru. Mas Abhimanyu, aquele guerreiro invencível talentoso com armas, afligido dessa maneira por eles em batalha, fez todos os teus filhos, ó rei, tremerem como o manejador do raio fazendo os poderosos Asuras tremerem na batalha entre os celestiais e os últimos. Então aquele principal dos guerreiros em carros, ó Bharata, disparou catorze flechas de cabeça larga, ameaçadoras e parecendo cobras de veneno virulento, em Vikarna. Dotado de grande destreza e como se dançando naquela batalha, ele derrubou com aquelas flechas o estandarte de Vikarna de seu carro e matou também seu quadrigário e corcéis. Então aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Subhadra, novamente disparou em Vikarna muitas outras flechas que eram bem temperadas, de rumo reto, e capazes de penetrar toda armadura. E aquelas flechas equipadas com penas da ave kanka, atingindo Vikarna e atravessando seu corpo, entraram na terra, como cobras silvando. E aquelas flechas, com asas e pontas decoradas com ouro, banhadas no sangue de Vikarna, pareceram vomitar sangue sobre a terra. Vendo Vikarna assim perfurado, seus outros irmãos avançaram, naquela batalha, contra aqueles guerreiros em carros encabeçados pelo filho de Subhadra. E quando aqueles guerreiros invencíveis sobre seus (próprios) carros se aproximaram daqueles combatentes

(do exército Pandava), resplandecentes como muitos sóis e permanecendo em seus carros, ambos começaram a perfurar uns aos outros. E Durmukha, tendo perfurado Srutakarman com cinco flechas, cortou o estandarte do último com uma única flecha e então perfurou seu quadrigário com sete. E chegando mais perto, ele matou com meia dúzia de flechas os corcéis de seu inimigo, velozes como o vento e equipados em armadura dourada, e então derrubou seu quadrigário. Srutakarman, no entanto, permanecendo naquele seu carro, os corcéis do qual estavam mortos, arremessou em grande cólera um dardo brilhante como um meteoro ardente. Aquele dardo, brilhando com refulgência, atravessando a sólida cota de malha de Durmukha, penetrou na terra. Enquanto isso o poderoso Sutasoma vendo Srutakarman privado de seu carro, o fez subir sobre seu próprio carro na própria vista de todas as tropas. O heróico Srutakirti avançou contra teu filho Jayatsena naquela batalha, desejoso, ó rei, de matar aquele guerreiro renomado. Então teu filho Jayatsena, ó rei, com uma flecha afiada tendo uma cabeça de ferradura, sorrindo naquele momento, cortou o arco do Srutakirti de grande alma quando o último se aproximou esticando-o em suas mãos. Então Satanika, vendo o arco de seu irmão cortado, dotado como ele era de grande coragem, rapidamente foi àquele local rugindo repetidamente como um leão. E Satanika, esticando seu arco naquela batalha com grande força, perfurou Jayatsena rapidamente com dez flechas, e proferiu um grito alto como um elefante enfurecido. E com outra flecha de ponta afiada e capaz de penetrar toda armadura, Satanika perfurou profundamente Jayatsena no peito. Exatamente naquele momento, Dushkarna que estava perto de seu irmão (Jayatsena) enfurecido, cortou arco e flecha de Satanika. Então o poderoso Satanika pegando outro arco excelente capaz de aguentar uma grande tensão, mirou muitas flechas afiadas. E dirigindo-se a Dushkarna na presença de seu irmão (Jayatsena), dizendo 'Espere', 'Espere', ele atirou nele aquelas flechas afiadas e ardentes parecendo com muitas cobras. E então ele rapidamente cortou o arco de Dushkarna com uma flecha, e matou seu quadrigário, ó majestade, com duas, e então perfurou o próprio Dushkarna com sete flechas. E aquele guerreiro impecável então com uma dúzia de flechas afiadas matou todos os corcéis de Dushkarna que eram velozes como a mente e de cor variada. E então com outra flecha de cabeça larga, bem mirada e capaz de correr rapidamente, Satanika, excitado com grande ira perfurou Dushkarna profundamente no peito. E nisso o último caiu sobre a terra como uma árvore atingida pelo raio. Vendo Dushkarna morto, cinco poderosos guerreiros em carros, ó rei, cercaram Satanika por todos os lados, desejos de matá-lo. E eles atacaram o renomado Satanika com chuvas de flechas. Então os cinco irmãos Kekaya, estimulados pela cólera, se aproximaram (de Satanika para resgatá-lo). Vendo os últimos se aproximando deles, teus filhos, aqueles poderosos guerreiros em carros, avançaram em direção a eles como elefantes avançando contra elefantes poderosos. (Esses entre teus filhos, isto é,) Durmukha e Durjaya e o jovem Durmarshana e Satranjaya e Satrusha, todos guerreiros renomados, excitados com raiva, procederam, ó rei, contra os (cinco) irmãos Kekaya. Em seus carros que pareciam cidades (fortificadas), aos quais estavam unidos corcéis enfeitados com ornamentos, e que estavam decorados com belos estandartes de cor variada, aqueles heróis manejando arcos excelentes e equipados com belas cotas de malha e possuindo

estandartes excelentes, entraram no exército hostil como leões entrando em uma floresta de outros. Atacando uns aos outros, violenta e terrificante foi a batalha que se seguiu entre eles e o inimigo, na qual carros e elefantes se emaranharam uns com os outros. Nutrindo sentimentos de hostilidade uns pelos outros, a batalha terrível na qual eles tomaram parte durou por um curto espaço de tempo por volta do pôr do sol, aumentando a população do reino de Yama. E guerreiros em carros e cavaleiros aos milhares estavam espalhados sobre o campo. E Bhishma o filho de Santanu excitado com fúria, começou a massacrar as tropas dos Pandavas de grande alma com suas flechas retas. E com suas flechas ele começou a despachar os combatentes dos Panchalas para os domínios de Yama. E o avô, tendo assim dividido as tropas dos Pandavas finalmente retirou suas tropas e se recolheu, ó rei, para seu acampamento. E o rei Yudhishthira também, vendo Dhrishtadyumna e Vrikodara, cheirou suas cabeças, e cheio de alegria, se retirou para suas tendas."

81

Sanjaya disse, "Então aqueles heróis, ó rei, que nutriam sentimentos de hostilidade uns pelos outros, se retiraram para suas tendas, seus corpos cobertos com sangue. Tendo descansado por um tempo em conformidade com a regra, e elogiando uns aos outros (pelos feitos do dia), eles foram vistos novamente vestidos em armadura, desejosos de lutar. Então teu filho, ó rei, dominado pela ansiedade e coberto com sangue escorrendo (de seus ferimentos), questionou o avô, dizendo, 'Nossas tropas são ferozes e terríveis e carregam incontáveis estandartes. Elas estão, além disso, organizadas devidamente. Contudo os bravos e poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, tendo penetrado (em nossa formação de combate) e afligido e massacrado (nossas tropas), escaparam ilesos. Confundindo a nós todos, eles tem ganhado grande renome em batalha. Bhima além disso, penetrando em nossa ordem de batalha Makara a qual era forte como o raio, me afligiu com suas flechas terríveis cada uma parecendo com a vara da Morte. Vendo ele excitado com fúria, ó rei, eu fui privado de meus sentidos. Mesmo agora eu não posso recuperar minha paz de mente. Pela tua graça, ó tu que és firme em verdade, eu desejo obter a vitória e matar os filhos de Pandu.' Assim endereçado por ele, o filho de grande alma de Ganga, aquele principal de todos os manejadores de armas, dotado de grande energia mental, compreendendo que Duryodhana estava possuído pela aflição respondeu para ele, rindo naquele momento embora triste, dizendo, 'Penetrando no exército (deles) com os maiores esforços e com toda minha alma, ó príncipe, eu desejo te dar vitória e alegria. Por tua causa eu não dissimulo em absoluto. Aqueles que se tornaram os aliados dos Pandavas nessa batalha são ferozes e numerosos. Poderosos guerreiros em carros de grande renome, eles são extremamente corajosos e educados em armas. Incapazes de serem fatigados, eles vomitam sua ira. Nutrindo sentimentos de animosidade por ti, e cheios de bravura, eles não podem ser derrotados facilmente. Eu, no entanto, ó rei, lutarei contra aqueles heróis com toda minha alma e sacrificando minha própria vida. Por tua causa, em batalha, ó tu de grande glória, minha própria vida hoje será arriscada

temerariamente. Por tua causa eu consumiria todos os mundos com os celestiais e os Daityas, sem falar dos teus inimigos aqui. Eu lutarei, ó rei, com aqueles Pandavas, e farei tudo o que é agradável para ti.' Ouvindo essas palavras, Duryodhana ficou inspirado com grande confiança e seu coração estava cheio de deleite. E alegremente ele ordenou todas as tropas, e todos os reis, (em seu exército) dizendo, 'Avancem.' E conforme aquela ordem, ó rei, seu exército consistindo em carros, corcéis, soldados de infantaria, e elefantes, começou a avançar. E aquela grande tropa, ó rei, armada com diversos tipos de armas, estava muito alegre. E aquele teu exército, ó monarca, consistindo em elefantes, corcéis, e soldados de infantaria, no campo de batalha, parecia extremamente belo. E elefantes enormes, posicionados em grandes grupos, e habilmente incitados, pareciam resplandecentes sobre o campo por toda parte. E muitos combatentes nobres educados em diversas armas eram vistos no meio de tuas tropas. E a poeira, vermelha como o sol da manhã, erguida por aqueles carros e soldados de infantaria e elefantes e corcéis em grandes grupos conforme eles eram devidamente movidos sobre o campo, parecia bela, encobrindo os raios do sol. E os estandartes de muitas cores colocados sobre carros e elefantes, tremulando no ar e se movendo pelo firmamento, pareciam belos como lampejos de relâmpago em meio às nuvens. E alto e ameaçador era o barulho feito pelo som dos arcos esticados pelos reis, parecendo o ribombar do oceano enquanto batido na era Krita pelos deuses e os grandes Asuras. E aquele exército de teus filhos, parecendo tão orgulhoso, compondo-se de (combatentes de) diversas cores e formas, gritando tão ferozmente, e capaz de matar guerreiros hostis, então parecia com aquelas massas de nuvens que aparecem no fim do Yuga.'"

82

Sanjaya disse, "Ó chefe dos Bharatas, o filho de Ganga, dirigindo-se novamente a teu filho que estava mergulhado em pensamentos, disse a ele essas palavras agradáveis, 'Eu mesmo e Drona e Salya e Kritavarman da linhagem de Satwata, e Aswatthaman e Vikarna e Bhagadatta e o filho de Suvala e Vinda e Anuvinda de Avanti, e Valhika com os Valhikas, e o poderoso rei dos Trigartas e o soberano invencível dos Magadhas, Vrihadvala o rei dos Kosalas, e Chitrasena e Vivingsati e muitos milhares de guerreiros em carros enfeitados com estandartes altos, um grande número de corcéis nascidos no país, bem montados por excelentes soldados de cavalaria e muitos elefantes enfurecidos de tamanho grande com suco temporal saindo de suas bocas e bochechas, e muitos valentes soldados de infantaria armados com diversas armas e nascidos em diversos reinos, estão todos preparados para lutar por tua causa. Esses, e muitos outros preparados por tua causa para sacrificar suas vidas, são, como eu penso, competentes para derrotar os próprios deuses em batalha. Eu devo, no entanto, sempre te falar, ó rei, o que é para o teu bem. Os Pandavas não podem ser vencidos pelos próprios deuses com Vasava. Eles tem Vasudeva como seu aliado e são iguais ao próprio Mahendra em bravura. Com relação a mim mesmo, no entanto, eu sempre cumprirei tua ordem. Ou eu vencerei os Pandavas em batalha

ou eles me vencerão.' Dizendo essas palavras, o avô deu a ele uma erva excelente de grande eficácia para curar seus ferimentos. E com isso teu filho foi curado de suas feridas. Então ao amanhecer quando o céu estava claro, o bravo Bhishma, aquele principal dos homens bem versado em todas as espécies de formações de combate, ele mesmo dispôs suas tropas naquela formação de batalha chamada Mandala cheia de armas. E ela abundava com principais dos guerreiros e com elefantes e soldados de infantaria. E ela era cercada por todos os lados por muitos milhares de carros, e com grandes grupos de cavaleiros armados com espadas e lanças. Perto de cada elefante estavam colocados sete carros, e perto de cada carro estavam colocados sete cavaleiros. E atrás de cada cavaleiro estavam colocados sete arqueiros, e atrás de cada arqueiro estavam sete combatentes com escudos. E assim, ó rei, teu exército, organizado por poderosos guerreiros em carros, estava posicionado para batalha feroz, protegido por Bhishma. E dez mil cavalos, e o mesmo número de elefantes, e dez mil carros, e teus filhos, todos equipados com armaduras, isto é, o heróico Chitrasena e outros, protegiam o avô. E era visto que Bhishma era protegido por aqueles guerreiros valentes, e aqueles mesmos príncipes de grande força, equipados em armaduras, eram (por sua vez) protegidos por ele. E Duryodhana equipado em armadura posicionado sobre seu carro no campo, e possuidor de toda graça, parecia resplandecente como o próprio Sakra no céu. Então, ó Bharata, altos eram os gritos proferidos por teus filhos e ensurdecedor o estrépito de carros e o grande barulho de instrumentos musicais. Aquela imensa e impenetrável formação de batalha daquele matador de inimigos, isto é, os Dhartarashtras, (na forma chamada) Mandala, (assim) organizada por Bhishma, começou a proceder, de frente para o oeste. Incapaz de ser derrotada por inimigos, ela parecia bela em todos os pontos. Contemplando então a formação de combate chamada Mandala que era extremamente ameaçadora, o próprio rei Yudhishthira dispôs suas tropas na ordem de batalha chamada Vajra. E quando as divisões estavam assim organizadas, guerreiros em carros e cavaleiros, colocados em seus próprios lugares, proferiram gritos leoninos. Acompanhados por suas respectivas tropas, os corajosos guerreiros de ambos os exércitos, bem versados em luta, e ansiosos pela batalha, procederam, desejosos de romper a formação de combate uns dos outros. E o filho de Bharadwaja procedeu contra o rei dos Matsyas, e seu filho (Aswatthaman) contra Sikhandin. E o próprio rei Duryodhana avançou contra o filho de Prishata. E Nakula e Sahadeva avançaram contra o rei dos Madras. E Vinda e Anuvinda de Avanti procederam contra Iravat. E muitos reis juntos lutaram com Dhananjaya. E Bhimasena, se esforçando bastante, se opôs ao filho de Hridika em batalha. E possuidor de grande destreza, (Abhimanyu) o filho de Arjuna, lutou em batalha, ó rei, contra os filhos Chitrasena e Vikarna, e Durmarshana. E o filho de Hidimva, aquele príncipe dos Rakshasas, avançou contra aquele arqueiro poderoso, o soberano dos Pragjyotishas, como um elefante enfurecido contra outro. E o Rakshasa Alamvusha, ó rei, estimulado pela ira, avançou em batalha contra o invencível Satyaki no meio de seus seguidores. E Bhurisravas, se esforçando muito, lutou com Dhrishtaketu. E Yudhishthira, o filho de Dharma, procedeu contra o rei Srutayush. E Chekitana naquela batalha lutou contra Kripa. E outros (entre os guerreiros Kuru), se esforçando vigorosamente, procederam contra aquele poderoso guerreiro em carro Bhima. E milhares de

(outros) reis cercaram Dhananjaya, com dardos, lanças, flechas, maças, e cassetetes com ferrões em suas mãos. Então Arjuna, excitado com grande fúria, dirigindo-se a ele da linhagem de Vrishni, disse, 'Veja, ó Madhava, as tropas Dhartarashtra em batalha, organizadas pelo filho de grande alma de Ganga, conhecedor de todos os tipos de formações de combate. Veja, ó Madhava, aqueles bravos guerreiros, incontáveis em número, e desejosos de lutar (comigo). Veja, ó Kesava, o soberano dos Trigartas com seus irmãos. Hoje mesmo eu matarei eles todos, ó Janardana, diante de teus olhos, eles, ó principal dos Yadus, que, desejando lutar (comigo), estão no campo.' Dizendo essas palavras, o filho de Kunti, friccionando a corda de seu arco, derramou suas flechas sobre aquela multidão de reis. E aqueles grandes arqueiros também despejaram sobre ele chuvas grossas de flechas, como nuvens que enchem um lago com torrentes de chuva na estação chuvosa. E gritos altos foram ouvidos em teu exército, ó monarca, quando naquela batalha formidável os dois Krishnas foram vistos cobertos com chuvas grossas de flechas. E os deuses, os Rishis celestes, e os Gandharvas com os Uragas, vendo os dois Krishnas naquele estado, estavam cheios de grande admiração. Então Arjuna, ó rei, cheio de ira, invocou a arma Aindra. E então a destreza que nós vimos de Vijaya parecia ser muito extraordinária visto que aquelas chuvas de flechas disparadas por seus inimigos foi contida por suas miríades de flechas. E lá entre aqueles milhares de reis e corcéis e elefantes, não havia ninguém, ó rei, que não estivesse ferido. E outros, ó majestade, o filho de Pritha perfurou, cada um com duas ou três flechas. E enquanto estavam sendo assim atacados por Pritha, eles procuraram a proteção de Bhishma, o filho de Santanu. Somente Bhishma então veio a ser o salvador daqueles guerreiros que eram como homens afundando no oceano insondável. E por causa daqueles guerreiros assim fugindo e se misturando com tuas tropas, tuas tropas divididas, ó rei, estavam agitadas como o vasto oceano com uma tempestade."

83

Sanjaya disse, "E quando a batalha estava assim intensa e depois que Susarman tinha parado de lutar, e os (outros) guerreiros heróicos (do exército Kuru) tinham sido derrotados pelo filho de grande alma de Pandu; depois que, de fato, teu exército, parecendo o verdadeiro oceano, tinha ficado rapidamente agitado e o filho de Ganga tinha procedido rapidamente contra o carro de Vijaya (Arjuna), o rei Duryodhana, vendo a destreza de Partha em batalha, foi rapidamente em direção àqueles reis, e dirigindo-se a eles como também ao heróico e poderoso Susarman posicionado em sua vanguarda, disse em meio a eles essas palavras, alegrando eles todos, 'Bhishma, o filho de Santanu, esse principal entre os Kurus, indiferente à sua própria vida, está desejoso de lutar com toda sua alma contra Dhananjaya. Exercendo seu melhor, vocês todos, juntos, e acompanhados por suas tropas, protejam em batalha o avô da família de Bharata, que está procedendo contra o exército hostil.' Dizendo, 'Sim' todas aquelas divisões, pertencentes àqueles reis, ó monarca, procederam, seguindo o avô. Então o poderoso Bhishma, o filho de Santanu, (avançando dessa maneira para a

batalha), se aproximou rapidamente de Arjuna da linhagem de Bharata que também estava indo em direção a ele, em seu carro muito resplandecente e grande ao qual estavam unidos corcéis brancos e sobre o qual estava levantado seu estandarte portando o macaco feroz, e cujo estrépito parecia o ribombar profundo das nuvens. E teu exército inteiro, vendo Dhananjaya enfeitado com diadema, indo dessa maneira para a batalha, proferiram, por medo, muitas exclamações altas. E vendo Krishna, rédeas nas mãos, e parecendo com o sol do meio dia em esplendor, tuas tropas não podiam fitá-lo. E assim também os Pandavas eram incapazes de olhar para o filho de Santanu Bhishma de cavalos brancos e arco branco e parecendo o planeta Sukra surgido no firmamento. E o último estava cercado por todos os lados pelos guerreiros de grande alma dos Trigartas encabeçados por seu rei com seus irmãos e filhos, e por muitos outros poderosos guerreiros em carros."

"Enquanto isso, o filho de Bharadwaja perfurou com suas flechas aladas o rei dos Matsyas em batalha. E naquele combate ele cortou o estandarte do último com uma flecha, e seu arco também com outra. Então Virata, o comandante de uma grande divisão, deixando de lado aquele arco assim cortado, rapidamente pegou outro que era forte e capaz de aguentar uma grande tensão. E ele também pegou várias flechas brilhantes que pareciam cobras de veneno virulento. E ele perfurou Drona em retorno com três (dessas) e seus (quatro) corcéis com quatro. E então ele perfurou o estandarte de Drona com uma flecha, e seu quadrigário com cinco. E ele também perfurou o arco de Drona com uma flecha, e (por tudo isso) aquele touro entre os Brahmanas ficou furioso. Então Drona matou os corcéis de Virata com oito flechas retas, e então seu quadrigário, ó chefe dos Bharatas, com uma flecha. Seu quadrigário tendo sido morto, Virata pulou de seu carro cujos corcéis também tinham sido mortos. E então aquele principal dos guerreiros em carros subiu rapidamente sobre o carro de Sankha (seu filho). Então pai e filho, sobre o mesmo carro, começaram com grande força a resistir ao filho de Bharadwaja com uma chuva grossa de flechas. Então o poderoso filho de Bharadwaja, excitado com cólera, rapidamente atirou em Sankha naquele combate uma flecha parecendo uma cobra de veneno virulento. E aquela flecha, atravessando o peito de Sankha e bebendo seu sangue, caiu sobre a terra, molhada e coberta com sangue. Atingido por aquela flecha do filho de Bharadwaja, Sankha caiu rapidamente de seu carro, seu arco e flechas soltos de suas mãos na própria presença de seu pai. E vendo seu filho morto, Virata fugiu por medo, evitando Drona em batalha, que parecia com a própria Morte com boca escancarada. O filho de Bharadwaja então, sem perder um momento, deteve a imensa hoste dos Pandavas resistindo a combatentes às centenas e milhares."

"Sikhandin também, ó rei, alcançando o filho de Drona naquela batalha, atingiu rapidamente o último entre suas sobrancelhas com três flechas. E aquele tigre entre homens, Aswatthaman, perfurado com aquelas flechas parecia belo como a montanha Meru com seus três topos dourados altos. Então, ó rei, Aswatthaman estimulado pela raiva, e dentro de metade do tempo tomado por um piscar de olhos, derrubou naquele combate o quadrigário de Sikhandin e estandarte e corcéis e armas, cobrindo-os com miríades de flechas. Então aquele principal dos

guerreiros em carros, Sikhandin, aquele opressor de inimigos, pulando daquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, e pegando uma cimitarra afiada e polida e um escudo, excitado com raiva, se moveu sobre o campo com grande energia como um falcão. E enquanto ele se movimentava com grande energia, ó rei, no campo com espada na mão, o filho de Drona fracassou em encontrar uma oportunidade (para atingi-lo). E tudo isso parecia muito extraordinário. E então, ó touro da raça Bharata, o muito colérico filho de Drona enviou atrás de Sikhandin naquela batalha muitos milhares de flechas. Mas Sikhandin, aquele principal dos homens poderosos, com sua espada afiada cortou aquela chuva ameaçadora de flechas que ia em direção a ele. Então o filho de Drona cortou em pedaços aquele escudo belo e resplandecente e enfeitado com cem luas e então aquela espada também de Sikhandin. E ele perfurou o corpo do último também, ó rei, com um grande número de flechas aladas. Então Sikhandin, girando o fragmento (em sua mão) daquela sua espada que tinha sido cortada por Aswatthaman com suas flechas e que parecia uma cobra brilhante, arremessou-o rapidamente nele. O filho de Drona no entanto, mostrando naquela batalha a agilidade de seus braços, cortou aquela (lâmina quebrada) que ia impetuosamente em direção a ele e que parecia em esplendor com o fogo que resplandece no fim do Yuga. E ele perfurou o próprio Sikhandin com inúmeras flechas feitas de ferro. Então Sikhandin, ó rei, muito afligido por aquelas flechas aladas, subiu rapidamente no carro de (Satyaki), aquele descendente de grande alma da linhagem de Madhu. Então Satyaki, excitado com raiva, perfurou naquela batalha, com suas flechas terríveis o cruel Rakshasa Alamvusha por todos os lados. Aquele príncipe dos Rakshasas então, ó Bharata, cortou naquele combate o arco de Satyaki com uma flecha de forma de meia-lua e perfurou Satyaki também com muitas flechas. E criando por meio de seus poderes Rakshasa uma ilusão, ele cobriu Satyaki com chuvas de flechas. Mas admirável foi a coragem que nós então vimos do neto de Sini, visto que atacado por aquelas flechas afiadas ele não demonstrou medo. Por outro lado, ó Bharata, aquele filho da linhagem de Vrishni aplicou (com Mantras) a arma Aindra, a qual aquele herói ilustre da família de Madhu tinha obtido de Vijaya. (Satyaki era discípulo de Arjuna em armas.) Aquela arma, reduzindo a cinzas aquela ilusão demoníaca, cobriu Alamvusha totalmente com flechas terríveis, como uma massa de nuvens cobrindo o leito da montanha com torrentes de chuva na estação chuvosa. Nisso o Rakshasa, assim afligido por aquele herói da linhagem de Madhu, fugiu com medo, evitando Satyaki em batalha. Então o neto de Sini, tendo vencido aquele príncipe dos Rakshasas que era incapaz de ser derrotado pelo próprio Maghavat, proferiu um rugido alto na própria vista de todas as tuas tropas. E Satyaki, de bravura incapaz de ser frustrada, então começou a massacrar tuas tropas com inúmeras flechas depois do que as últimas fugiram amedrontadas."

"Enquanto isso, ó monarca, Dhrishtadyumna, o filho poderoso de Drupada, cobriu teu filho nobre em batalha com inúmeras flechas retas. Enquanto, no entanto, ó Bharata, Dhrishtadyumna o estava encobrindo dessa maneira com suas flechas, teu filho nobre não estava nem agitado nem tomado pelo medo. Por outro lado, ele rapidamente perfurou Dhrishtadyumna naquela batalha (primeiro) com sessenta e (então) com trinta flechas. E tudo isso parecia muito extraordinário. Então o comandante do exército Pandava, ó Bharata, estimulado pela raiva cortou

seu arco. E aquele poderoso guerreiro em carro então matou naquele combate os quatro corcéis do teu filho, e também o perfurou com sete flechas das pontas mais afiadas. Nisso (teu filho), aquele guerreiro de braços poderosos dotado de grande força, pulando daquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, correu a pé, com um sabre erguido, em direção ao filho de Prishata. Então o poderoso Sakuni, dedicado ao rei, indo rapidamente àquele local, fez teu filho nobre subir em seu próprio carro à vista de todos. Então aquele matador de inimigos, o filho de Prishata, tendo derrotado o rei, começou a massacrar tuas tropas como o manejador do raio massacrando os Asuras."

"Kritavarman, naquela batalha, cobriu com suas flechas aquele poderoso guerreiro em carro Bhima. De fato, ele submergiu o último totalmente, como uma imensa massa de nuvens encobrindo o sol. Então aquele castigador de inimigos, Bhimasena, cheio de cólera, e dando risada, disparou algumas flechas em Kritavarman. Atingido por elas, aquele Atiratha da linhagem Satwata, superando todos em poder, não tremeu, ó rei, mas (em vez disso) perfurou Bhima (em retorno) com muitas flechas afiadas. Então o poderoso Bhimasena, matando os quatro corcéis de Kritavarman, derrubou o quadrigário do último, e então seu estandarte belo. E aquele matador de heróis hostis (Bhima) então perfurou o próprio Kritavarman com muitas flechas de diversos tipos. E Kritavarman, totalmente perfurado, parecia estar muito mutilado em todos os membros. Então daquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, Kritavarman foi rapidamente para o carro de Vrishaka, na própria vista, ó rei, de Salya e de teu filho. E Bhimasena estimulado pela raiva começou a atormentar tuas tropas. Instigado à fúria, ele começou a massacrá-las, como o próprio Destruidor armado com sua maça."

84

Dhritarashtra disse, "Muitos e admiráveis, ó Sanjaya, foram os duelos que eu te ouvi contar entre os Pandavas e meus guerreiros. Tu não falaste, no entanto, ó Sanjaya, de nenhum do meu lado estando alegre (em tais ocasiões). Tu sempre falas dos filhos de Pandu como alegres e nunca derrotados, ó Suta e tu falas dos meus como desanimados, desprovidos de energia, e constantemente vencidos em batalha. Tudo isso, sem dúvida, é Destino."

Sanjaya disse, "Teus homens, ó touro da raça Bharata, se esforçam de acordo com a medida de seu poder e coragem, e mostram seu valor até a máxima extensão de sua força. Como contato com as propriedades do oceano faz as águas doces da corrente celeste Ganga frearem, assim a bravura, ó rei, dos guerreiros ilustres do teu exército entrando em contato com os filhos heróicos de Pandu em batalha, torna-se inútil. Se esforçando segundo seu poder, e realizando as mais difíceis façanhas, tu não deves, ó chefe dos Kurus, criticar tuas tropas. Ó monarca, essa destruição grande e terrível do mundo, aumentando (a população) dos domínios de Yama, resultou do teu comportamento impróprio e daquele dos teus filhos. Não cabe a ti, ó rei, te afligir pelo que resultou do teu próprio erro. Reis nesse mundo nem sempre protegem suas vidas. Estes soberanos da Terra,

desejosos de alcançar por meio de batalha as regiões dos justos, lutam diariamente, penetrando em divisões (hostis), com o céu somente como seu alvo."

"Na manhã daquele dia, ó rei, grande foi a carnificina que se seguiu, parecendo a que ocorreu na batalha entre os deuses e os Asuras (antigamente). Ouça, ó monarca, com atenção indivisa. Os dois príncipes de Avanti, aqueles arqueiros formidáveis dotados de grande força, aqueles guerreiros excelentes bravios em batalha, vendo Iravat, avançaram contra ele. A batalha que ocorreu entre eles foi aterradora, de arrepiar os cabelos. Então Iravat, excitado com raiva, rapidamente perfurou aqueles dois irmãos de formas celestes com muitas flechas afiadas e retas. Aqueles dois, no entanto, familiarizados com todos os modos de guerra, o perfuraram em retorno naquela batalha. Lutando com o máximo de empenho para matar o inimigo, e desejosos de neutralizar os feitos uns dos outros, nenhuma distinção, ó rei, podia ser observada entre eles enquanto eles lutavam. Iravat então, ó monarca, com quatro flechas, despachou os quatro corcéis de Anuvinda para a residência de Yama. E com um par de flechas afiadas de cabeça larga, ó majestade, ele cortou o arco e estandarte também de Anuvinda. E esse feito, ó rei, pareceu muito extraordinário. Então Anuvinda, deixando seu próprio carro, subiu no carro de Vinda. Pegando um arco excelente e forte capaz de aguentar uma grande tensão, Anuvinda, como também seu irmão Vinda, aqueles principais dos guerreiros em carros vindos de Avanti, ambos posicionados no mesmo carro, rapidamente dispararam muitas flechas em Iravat de grande alma. Disparadas por eles, aquelas flechas de grande ímpeto enfeitadas com ouro, enquanto percorriam o ar, cobriram o firmamento. Então Iravat, excitado com raiva, derramou sobre aqueles poderosos guerreiros em carros, aqueles dois irmãos (de Avanti) suas chuvas de flechas, e derrubou seu quadrigário. Quando o quadrigário, privado de vida, caiu no chão, os cavalos, não mais controlados, fugiram com o carro. Tendo vencido aqueles dois guerreiros, aquele filho da filha do rei dos Nagas, mostrando sua bravura, então começou a consumir com grande energia tuas tropas. Então aquela imensa hoste Dhartarashtra, enquanto assim massacrada em batalha, começou a cambalear em muitas direções como uma pessoa que bebeu veneno."

"Aquele príncipe dos Rakshasas, o filho poderoso de Hidimva, em seu carro de refulgência solar provido de um estandarte, avançou contra Bhagadatta. O soberano dos Pragjyotishas estava posicionado em seu príncipe dos elefantes como o manejador do raio nos tempos passados na batalha ocasionada pelo rapto de Taraka. Os deuses, os Gandharvas, e os Rishis tinham todos chegado lá. Eles, no entanto, não podiam notar qualquer distinção entre o filho de Hidimva e Bhagadatta. Como o chefe dos celestiais, estimulado pela ira, tinha inspirado os Danavas com medo, assim Bhagadatta, ó rei, assustou os guerreiros Pandava. E os guerreiros do exército Pandava, amedrontados por ele por todos os lados, fracassaram, ó Bharata, em encontrar entre suas tropas algum protetor. Nós vimos no entanto, ó Bharata, o filho de Bhimasena lá, em seu carro. Os outros poderosos guerreiros em carros fugiram com corações desanimados. Quando, no entanto, ó Bharata, as tropas dos Pandavas se reagruparam, na batalha que então se seguiu um tumulto aterrador ergueu-se entre tuas tropas. Então Ghatotkatcha, ó rei, naquela batalha terrível, cobriu Bhagadatta com suas flechas como as nuvens

derramando chuva no leito de Meru. Desviando todas aquelas flechas disparadas do arco do Rakshasa, o rei rapidamente atingiu o filho de Bhimasena em todos os seus membros vitais. Aquele príncipe dos Rakshasas, no entanto, embora atingido por inúmeras flechas retas, não vacilou em absoluto (mas permaneceu imóvel) como uma montanha perfurada (por flechas). Então o soberano dos Pragjyotishas, excitado com cólera, arremessou naquele combate catorze lanças, todas as quais, no entanto, foram cortadas pelo Rakshasa. Cortando por meio de suas flechas afiadas aquelas lanças, o Rakshasa poderosamente armado perfurou Bhagadatta com setenta flechas, cada uma parecendo o raio em energia. Então o soberano dos Pragjyotishas, dando risada, ó Bharata, despachou naquele combate os quatro corcéis do Rakshasa para o domínio da Morte. O príncipe dos Rakshasas, no entanto, de grande coragem, permanecendo naquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, arremessou com grande força um dardo no elefante do soberano dos Pragjyotishas. O rei Bhagadatta então cortou aquele dardo veloz equipado com uma vara de ouro e correndo impetuosamente em direção a ele em três fragmentos, e nisso ele caiu no chão. Vendo seu dardo cortado, o filho de Hidimva fugiu com medo como Namuchi, aquele principal dos Daityas, nos tempos passados, da batalha com Indra. Tendo vencido em batalha aquele herói de grande bravura e destreza renomada, que, ó rei, não podia ser vencido em batalha pelo próprio Yama ou Varuna, o rei Bhagadatta com seu elefante começou a esmagar as tropas dos Pandavas como um elefante selvagem, ó rei, esmagando conforme ele anda os caules de lotos (em um lago)."

"O soberano dos Madras se envolveu em batalha com os filhos de sua irmã, os gêmeos. E ele oprimiu aqueles filhos de Pandu com nuvens de flechas. Então Sahadeva, vendo seu tio materno, engajado em batalha (com ele), cobriu-o com flechas como as nuvens cobrindo o criador do dia. Coberto com aquelas nuvens de flechas, o soberano dos Madras mostrava uma expressão encantada, e os gêmeos também sentiram grande alegria por sua mãe. (Salya estava satisfeito em testemunhar a habilidade dos filhos de sua irmã, enquanto os próprios gêmeos estavam satisfeitos em mostrar aquela habilidade diante de alguém que era parente deles por parte de mãe.) Então Salya, aquele poderoso guerreiro em carro, atacando eficazmente naquela batalha, despachou com quatro flechas excelentes, ó rei, os quatro corcéis de Nakula para a residência de Yama. Nakula então, aquele poderoso guerreiro em carro, pulando rapidamente daquele carro cujos corcéis estavam mortos, subiu no veículo de seu irmão renomado. Posicionados então no mesmo carro, aqueles dois heróis, ambos ferozes em batalha, e ambos excitados com raiva, começaram a cobrir o carro do soberano de Madras, (com suas flechas), esticando seus arcos com grande força. Mas aquele tigre entre homens, embora assim coberto pelos filhos de sua irmã com inúmeras flechas retas não se abalou de maneira nenhuma (mas permaneceu impassível) como uma colina. Dando risada, ele os atacou (em retorno) com chuvas de flechas. Então Sahadeva de grande destreza, ó Bharata, cheio de ira, pegou uma flecha (poderosa), e avançando no soberano dos Madras, disparou-a nele. Aquela flecha dotada da impetuosidade do próprio Garuda, disparada por ele, atravessou o soberano dos Madras, e caiu sobre a terra. Nisso aquele poderoso guerreiro em carro, profundamente perfurado e muito atormentado, sentou-se, ó rei, no terraço

de seu carro, e desmaiou. Vendo-o (assim) afligido pelos gêmeos, privado de consciência, e prostrado (em seu carro), seu quadrigário levou-o para longe em seu veículo sobre o campo. Vendo o carro do soberano dos Madras se retirando (da batalha) os Dhartarashtras todos ficaram tristes e pensaram que estava tudo acabado para ele, (isto é, que ele estava morto). Então aqueles poderosos guerreiros em carros, os dois filhos de Madri, tendo vencido em batalha seu tio materno, sopraram alegremente suas conchas e proferiram rugidos leoninos. E então eles avançaram alegremente, ó rei, em direção ao teu exército como os deuses Indra e Upendra, ó monarca, em direção à hoste Daitya."

85

Sanjaya disse, "Então quando o sol alcançou o meridiano, o rei Yudhishthira, vendo Srutayush, incitou seus corcéis adiante. E o rei avançou em Srutayush, aquele castigador de inimigos, atacando-o com nove flechas retas de pontas afiadas. Aquele grande arqueiro, o rei Srutayush então, detendo naquela batalha aquelas flechas disparadas pelo filho de Pandu, atingiu Yudhishthira com sete flechas. Essas atravessando sua armadura, beberam seu sangue naquela batalha, como se sugando as próprias energias vitais residentes no corpo daquele de grande alma. O filho de Pandu então, embora profundamente perfurado por aquele rei de grande alma, perfurou o rei Srutayush (em retorno), no coração do último, com uma flecha moldada como a orelha do javali. E aquele principal dos guerreiros em carros, o filho de Pritha, com outra flecha de cabeça larga, rapidamente derrubou no chão o estandarte de Srutayush de grande alma de seu carro. Vendo seu estandarte derrubado, o rei Srutayush então, ó monarca, perfurou o filho de Pandu com sete flechas afiadas. Nisso Yudhishthira, o filho de Dharma, resplandeceu com fúria, como o fogo que resplandece no fim do Yuga para consumir as criaturas. Contemplando o filho de Pandu excitado com raiva, os deuses, os Gandharvas, e os Rakshasas, tremeram, ó rei, e o universo ficou agitado. E esse mesmo foi o pensamento que surgiu nas mentes de todas as criaturas, isto é, que aquele rei, excitado com raiva, naquele dia consumiria os três mundos. De fato, quando o filho de Pandu estava assim excitado com cólera, os Rishis e os celestiais rezaram pela paz do mundo. Cheio de ira e frequentemente lambendo os cantos de sua boca, Yudhishthira assumiu uma expressão terrível parecendo com o sol que se ergue no fim do Yuga. Então todos os teus guerreiros, ó rei, ficaram sem esperança com relação às suas vidas, ó Bharata. Controlando, no entanto, aquela ira com paciência, aquele grande arqueiro dotado de renome excelente então cortou o arco de Srutayush no punho. E então, na própria vista de todas as tropas, o rei naquela batalha perfurou Srutayush cujo arco tinha sido cortado, com uma flecha comprida no centro do peito. E o poderoso Yudhishthira então, ó rei, matou rapidamente com suas flechas os corcéis de Srutayush e então, sem perder um momento, seu quadrigário. Vendo a destreza do rei, Srutayush deixando aquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, fugiu rapidamente da batalha. Depois que aquele grande arqueiro tinha sido vencido em combate pelo filho de Dharma, todas as tropas de Duryodhana, ó

rei, viraram seus rostos. Tendo, ó monarca, realizado essa façanha, Yudhishthira, o filho de Dharma, começou a matar tuas tropas como a própria Morte com boca escancarada."

"Chekitana da linhagem de Vrishni, na própria vista de todas as tropas, cobriu com suas flechas Gautama, aquele principal dos guerreiros em carros. Desviando todas aquelas flechas, Kripa o filho de Saradwat, perfurou Chekitana em retorno que estava lutando com grande cautela, ó rei, com flechas naquela batalha. Então, ó Bharata, com outra flecha de cabeça larga ele cortou o arco de Chekitana, e dotado de grande agilidade de mão, ele também derrubou com outra flecha de cabeça larga o quadrigário do último. Kripa então, ó monarca, matou os cavalos de Chekitana, como também ambos os guerreiros que protegiam os flancos do último. Então Chekitana da linhagem Satwata saltou rapidamente de seu carro, e pegou uma maça. O principal de todos os manejadores de maças, Chekitana, com aquela sua maça matadora de heróis, matou os corcéis de Gautama e então derrubou seu quadrigário. Então Gautama, permanecendo no solo, disparou dezesseis flechas em Chekitana. Aquelas flechas, atravessando aquele herói da linhagem de Satwata, entraram na terra. Nisso, Chekitana excitado com raiva mais uma vez arremessou sua maça, desejoso de matar Gautama, como Purandara desejoso de matar Vritra. Então Gautama com muitos milhares de flechas deteve aquela maça enorme, dotada da força do diamante, que estava correndo em direção a ele. Então Chekitana, ó Bharata, tirando seu sabre da bainha, avançou com grande velocidade em direção a Gautama. Nisso Gautama também, jogando fora seu arco, e pegando um sabre polido, avançou com grande velocidade em direção a Chekitana. Ambos possuidores de grande força, e ambos armados com sabres excelentes, começaram a golpear um ao outro com aquelas suas armas de gume afiado. Então aqueles touros entre homens, atingidos com a força dos sabres um do outro, caíram sobre a terra, aquele elemento (comum) de todas as criaturas. Exaustos pelos esforços que eles tinham feito, os membros de ambos estavam imóveis em um desmaio. Então Karakarsha, impelido por amizade, rapidamente avançou para aquele local. E aquele guerreiro invencível, vendo Chekitana naquela situação, acolheu-o em seu carro na própria vista de todas as tropas. E assim também o bravo Sakuni, teu cunhado, ó monarca, rapidamente fez Gautama, aquele principal dos guerreiros em carros, subir em seu carro."

"O poderoso Dhrishtaketu, excitado com cólera, rapidamente perfurou o filho de Somadatta, ó rei, com noventa flechas no peito. E o filho de Somadatta parecia muito resplandecente com aquelas flechas em seu peito, como o sol, ó rei, com seus raios ao meio-dia. Bhurisravas, no entanto, naquela batalha, com suas flechas excelentes, privou Dhrishtaketu, aquele poderoso guerreiro em carro, de seu carro, matando seu quadrigário e corcéis. E vendo-o privado de seu carro, e seus corcéis e quadrigário mortos, Bhurisravas cobriu Dhrishtaketu naquele combate com uma chuva grossa de flechas. Dhrishtaketu de grande alma então, ó majestade, abandonando aquele carro dele, subiu no veículo de Satanika. Chitrasena, e Vikarna, ó rei, e também Durmarshana, esses guerreiros em carros equipados com armaduras douradas, todos avançaram contra o filho de Subhadra. Então uma batalha violenta ocorreu entre Abhimanyu e aqueles guerreiros, como

a batalha do corpo, ó rei, com ar, bílis, e fleuma. (Esses, na fisiologia Hindu, são os três líquidos orgânicos do corpo sempre lutando pelo domínio sobre as forças vitais.) Aquele tigre entre homens, no entanto, (Abhimanyu), tendo, ó rei, privado teus filhos de seus carros, não os matou, se lembrando das palavras de Bhima. (Bhima prometeu matar os filhos de Dhritarashtra; portanto, Abhimanyu não desejou falsificar o voto de seu tio por matar ele mesmo algum deles.) Então durante o progresso da luta, o filho de Kunti (Arjuna), de corcéis brancos, vendo Bhishma, que era incapaz de ser vencido pelos próprios deuses, procedendo para resgatar teus filhos por causa de Abhimanyu, um garoto e sozinho embora um poderoso guerreiro em carro, dirigiu-se a Vasudeva e disse essas palavras, 'Incite os corcéis, ó Hrishikesa, para aquele local onde estão aqueles numerosos guerreiros em carros. Eles são muitos em número, bravos, educados em armas, invencíveis em batalha. Guie os cavalos de maneira que, ó Madhava, o inimigo não possa ser capaz de matar nossas tropas.' Assim solicitado pelo filho de Kunti de energia incomensurável, ele da linhagem de Vrishni então dirigiu aquele carro, ao qual estavam unidos corcéis brancos, para a batalha. Quando Arjuna, excitado com raiva, procedeu assim em direção ao teu exército, um tumulto alto, ó majestade, ergueu-se entre tuas tropas. O filho de Kunti então, tendo se aproximado daqueles reis que estavam protegendo Bhishma, (primeiro) se dirigiu a Susarman, ó rei, e disse essas palavras, 'Eu sei que tu és o mais notável em batalha, e um inimigo terrível (nosso) de antigamente. Veja hoje o resultado terrível daquele (teu) mau comportamento. Eu hoje te farei visitar os espíritos dos teus antepassados mortos.' Aquele líder de divisões de carros, Susarman, no entanto, ouvindo essas palavras duras proferidas por aquele matador de inimigos, Vibhatsu, não disse nada a ele (em resposta), bem ou mal. (Mas) se aproximando do heróico Arjuna, com um grande número de reis em seu séquito, e cercando-o naquela batalha, ele cobriu-o ajudado por teus filhos, ó impecável, com flechas por todos os lados, frente, retaguarda, e flancos, como as nuvens cobrindo o criador do dia. Então, ó Bharata, uma batalha terrível teve lugar entre teu exército e os Pandavas, na qual sangue correu como água."

86

Sanjaya disse, "Então o poderoso Dhananjaya, atingido por aquelas flechas e dando respirações longas como uma cobra pisada, cortou, com grande força, por meio de suas flechas sucessivas, os arcos daqueles poderosos guerreiros em carros. Cortando em um momento, ó rei, os arcos daqueles monarcas poderosos naquela batalha, Arjuna de grande alma desejando exterminá-los perfurou eles todos simultaneamente com suas flechas. Atingidos (dessa maneira) pelo filho de Indra, ó rei, alguns deles caíram no campo, cobertos com sangue. E alguns tiveram seus membros mutilados, e alguns tiveram suas cabeças cortadas. E alguns pereceram com corpos mutilados e cotas de malha cortadas de lado a lado. E afligidos pelas flechas de Partha, muitos deles, caindo sobre a terra, pereceram juntos. Vendo então aqueles príncipes mortos em batalha, o soberano dos Trigartas avançou em seu carro. E trinta e dois outros entre aqueles

guerreiros em carros, eles que tinham estado protegendo a retaguarda dos combatentes mortos também se lançaram sobre Partha. Esses todos, cercando Partha, e esticando seus arcos de vibração alta, despejaram sobre ele uma chuva grossa de flechas como as nuvens derramando torrentes de água no leito da montanha. Então Dhananjaya afligido por aquela torrente de flechas naquela batalha ficou furioso, e com sessenta flechas embebidas em óleo ele liquidou todos aqueles protetores da retaguarda. Tendo subjugado em batalha aqueles sessenta guerreiros em carros, o ilustre Dhananjaya ficou profundamente alegre. E tendo matado também as forças armadas daqueles reis, Jishnu correu para o massacre de Bhishma. Então o soberano dos Trigartas, vendo seus amigos, aqueles poderosos guerreiros em carros, mortos, avançou rapidamente sobre Partha, com vários (outros) reis em sua vanguarda, para matá-lo. Então os guerreiros Pandava encabeçados por Sikhandin, vendo aqueles combatentes avançando sobre Dhananjaya, o mais notável de todos aqueles conhecedores de armas, procederam com armas afiadas nas mãos, desejosos de proteger o carro de Arjuna. Partha também vendo aqueles homens valentes avançando em direção a ele com o soberano dos Trigartas, mutilou-os em batalha com flechas disparadas do Gandiva. Então aquele arqueiro afamado, desejoso de se aproximar de Bhishma viu Duryodhana e outros reis encabeçados pelo soberano dos Sindhus. Lutando com grande energia por um momento e detendo aqueles guerreiros que estavam desejosos de proteger Bhishma, o heróico Arjuna grande coragem e destreza infinita evitando Duryodhana e Jayadratha e outros, aquele guerreiro de força poderosa e grande vigor mental, finalmente procedeu, arco e flechas nas mãos, em direção ao filho de Ganga em batalha. Yudhishthira de grande alma também, de destreza feroz e renome infinito, evitando em batalha o soberano dos Madras que tinha sido designado como sua parte, rapidamente procedeu, com cólera estimulada e acompanhado por Bhima e o filho de Madri em direção a Bhishma, o filho de Santanu, para lutar. Conhecedor de todos os modos de guerra o filho de grande alma de Ganga e Santanu, embora atacado em batalha por todos os filhos de Pandu juntos, não vacilou em absoluto. De poder feroz e grande energia o rei Jayadratha de pontaria certeira, avançando em batalha, cortou violentamente com seu próprio arco excelente os arcos de todos aqueles poderosos guerreiros em carros. E o ilustre Duryodhana também com cólera estimulada e tendo ira como sua atitude, atingiu Yudhishthira e Bhimasena e os gêmeos e Partha, com flechas parecendo chamas de fogo. Perfurados por flechas por Kripa e Sala e Chitrasena, ó senhor, os Pandavas, inflamados com raiva, pareciam os deuses perfurados por flechas pelos Daityas reunidos (nos tempos passados). O rei Yudhishthira então, vendo Sikhandin fugindo, tendo tido sua arma cortada pelo filho de Santanu, encheu-se de raiva. Ajatasatru de grande alma, dirigindo-se furiosamente a Sikhandin naquela batalha, disse essas palavras, 'Tu disseste naquela hora, na presença do teu pai, para mim, 'Eu mesmo matarei Bhishma de votos superiores com minhas flechas da cor do sol refulgente. Realmente eu digo isso.' Esse mesmo foi teu juramento. Aquele teu juramento tu não cumpres visto que tu não matas Devavrata em batalha. Ó herói, não seja uma pessoa de voto não cumprido. Cuide da tua virtude, linhagem, e fama. Contemple Bhishma de impetuosidade terrível oprimindo todas as minhas tropas com suas inúmeras flechas de energia ardente e destruindo tudo num momento como a

própria Morte. Com teu arco cortado evitando a batalha, e vencido pelo filho nobre de Santanu, para onde tu vais, abandonando teus parentes e irmãos? Isso não fica bem em ti. Vendo Bhishma de destreza infinita, e nosso exército desbaratado e fugindo, tu estás seguramente, ó filho de Drupada, apavorado, já que a cor do teu rosto está pálida. Desconhecido por ti, ó herói, Dhananjaya se engajou na batalha terrível. Célebre por todo o mundo, por que, ó herói, tu estás com medo hoje de Bhishma?' Ouvindo essas palavras do rei Yudhishthira o justo, que eram duras, embora repletas de razão acertada, Sikhandin de grande alma, considerando-as como bom conselho, rapidamente se decidiu sobre matar Bhishma. E enquanto Sikhandin estava procedendo para a batalha com grande impetuosidade para se lançar sobre Bhishma, Salya começou a resistir a ele com armas terríveis que eram difíceis de serem frustradas. O filho de Drupada, no entanto, ó rei, de destreza igual àquela do próprio Indra, vendo aquelas armas refulgentes como o fogo que resplandece na hora da dissolução universal (assim) expostas, não estava confuso de modo algum. Detendo aquelas armas por meio de suas próprias flechas, aquele arqueiro poderoso, Sikhandin, permaneceu lá sem se mover. E então ele pegou outra arma, isto é, a aterradora arma Varuna para frustrar (aquelas armas ígneas de Salya). Então os celestiais que estavam no firmamento, e os reis da terra também, todos viram as armas de Salya frustradas por aquela arma Varuna de Sikhandin. Enquanto isso, o heróico Bhishma grande alma, ó rei, naquela batalha, cortou o arco e o estandarte matizado também do filho de Pandu, o rei Yudhishthira da linhagem Ajamida. Nisso jogando de lado seu arco e flechas ao ver Yudhishthira dominado pelo medo, e pegando uma maça naquela batalha, Bhimasena avançou, a pé, em Jayadratha. Então Jayadratha, com quinhentas flechas terríveis de pontas afiadas e cada uma parecendo a vara da Morte, perfurou Bhimasena de todos os lados que estava assim avançando impetuosamente nele, maça na mão. Desconsiderando aquelas flechas, o impetuoso Vrikodara, com coração cheio de raiva, matou naquela batalha todos os corcéis, nascidos em Aratta, do rei dos Sindhus. Então vendo Bhimasena a pé, teu filho (Chitrasena) de coragem inigualável e parecendo o próprio chefe dos celestiais, rapidamente avançou nele em seu carro, com armas erguidas, para dar a ele seu golpe final. Bhima também, rugindo e proferindo um grito alto, avançou nele impetuosamente, maça na mão. Nisso os Kauravas por toda parte vendo aquela maça erguida parecendo a vara da Morte, abandonando teu filho valente, fugiram, desejosos de evitar a queda dela (entre eles). Naquela violenta e terrível aglomeração (de homens), ó Bharata, confundindo os sentidos, Chitrasena, no entanto, vendo aquela maça correndo em direção a ele, não foi privado de sua razão. Pegando uma cimitarra brilhante e um escudo, ele abandonou seu carro e se tornou um guerreiro a pé no campo, pois saltando (de seu veículo) como um leão do topo de um rochedo ele desceu sobre o solo plano. Enquanto isso aquela maça, caindo sobre aquele carro belo e destruindo o próprio veículo com seus corcéis e quadrigário naquela batalha, caiu no chão como um meteoro ardente, solto do firmamento, caindo sobre a terra. Então tuas tropas, ó Bharata, contemplando aquela façanha muito admirável ficaram cheias de alegria, e todas juntas deram um grito alto sobre o campo de batalha. E os guerreiros todos aplaudiram teu filho (por causa do que eles testemunharam)."

87

Sanjaya disse, "Aproximando-se então de teu filho Chitrasena de grande energia que foi privado dessa maneira de seu carro, teu filho Vikarna o fez subir em seu carro. E durante o progresso daquele combate geral, tão violento e terrível, Bhishma, o filho de Santanu, avançou impetuosamente em Yudhishthira. Então os Srinjayas com seus carros, elefantes, e cavalos, tremeram. E eles consideraram Yudhishthira como já estando dentro das mandíbulas da Morte. O senhor Yudhishthira, no entanto, da linhagem de Kuru, acompanhado pelos gêmeos, procedeu em direção àquele arqueiro poderoso, aquele tigre entre homens, Bhishma. Então o filho de Pandu, disparando naquela batalha milhares de flechas, encobriu Bhishma como nuvens encobrindo o sol. E aquelas inúmeras flechas, bem disparadas por Yudhishthira, foram recebidas pelo filho de Ganga em grupos distintos às centenas e milhares. E assim também, ó majestade, inúmeras foram as flechas atiradas por Bhishma (em retorno), as quais pareciam com bandos de insetos percorrendo o ar. Em metade do tempo utilizado em um piscar de olhos, Bhishma, o filho de Santanu, naquela batalha, fez o filho de Kunti invisível por meio suas inúmeras flechas disparadas em grupos. Então o rei Yudhishthira, excitado com raiva, disparou no Kaurava de grande alma uma flecha longa parecendo uma cobra de veneno virulento. Aquele poderoso guerreiro em carro, Bhishma, no entanto, ó rei, cortou naquele combate, com uma flecha (de cabeça) em forma de ferradura, aquela flecha disparada do arco de Yudhishthira antes que ela pudesse alcançá-lo. Tendo cortado aquela flecha longa parecida com a própria Morte, Bhishma então matou naquela batalha os corcéis, enfeitados com ouro, daquele príncipe da linhagem de Kuru. Então Yudhishthira o filho de Pandu, abandonando aquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, rapidamente subiu sobre o carro de Nakula de grande alma. Então Bhishma aquele subjugador de cidades hostis, excitado com raiva, e se aproximando dos gêmeos naquela batalha, cobriu-os com flechas. Vendo aqueles dois (irmãos), ó rei, assim afligidos pelas flechas de Bhishma, Yudhishthira começou a refletir seriamente desejoso, ó monarca, de (efetuar) a destruição de Bhishma. Então Yudhishthira, ó rei, instigou seus amigos e os soberanos (ao seu lado), dizendo, 'Matem Bhishma o filho de Santanu, se unindo.' Então todos aqueles soberanos, ouvindo essas palavras do filho de Pritha, cercaram o avô com um grande número de carros. Teu pai Devavrata então, assim cercado por todos os lados, começou a se divertir, ó rei, com seu arco, derrubando (todo o tempo) muitos poderosos guerreiros em carros. Ele da família de Kuru, assim se movendo rapidamente sobre o campo de batalha, os Pandavas viram parecendo um leão jovem na floresta em meio a um bando de veados. Proferindo um rugido alto naquela batalha e infligindo temor nos corações de bravos guerreiros por meio de suas flechas, os Kshatriyas o observaram, ó rei, todos cheios de medo, como animais inferiores ao verem um leão. De fato os Kshatriyas contemplaram os movimentos daquele leão da raça Bharata em batalha parecer com aqueles de um incêndio ajudado pelo vento enquanto consumindo uma pilha de grama seca. E Bhishma naquela batalha derrubou as cabeças de guerreiros em carros como um homem habilidoso derrubando (com

pedras) frutos maduros (da palmeira) de árvores que as produzem. E as cabeças de guerreiros, ó rei, caindo sobre a superfície da terra produziam um barulho alto parecido com aquele de uma chuva de pedras. Durante a continuação daquela batalha violenta e aterradora uma grande confusão começou entre todas as tropas. E por causa daquela confusão as formações de combate (de ambos os exércitos) foram rompidas. E os Kshatriyas convocando uns aos outros individualmente, aproximaram-se uns dos outros para lutar. Então Sikhandin, avistando o avô dos Bharatas, avançou nele impetuosamente, dizendo, 'Espere', 'Espere.' Lembrando-se, no entanto, da feminilidade de Sikhandin, e desconsiderando-o por isso, Bhishma procedeu contra os Srinjayas. Nisso os Srinjayas, vendo Bhishma naquela grande batalha, estavam cheios de alegria. E eles deram diversos tipos de gritos altos, misturados com o clangor de suas conchas. Então começou uma batalha violenta no decorrer da qual carros e elefantes ficaram emaranhados uns com os outros. E essa era aquela hora do dia, ó senhor, quando o sol estava no outro lado (do meridiano). Então Dhrishtadyumna, o príncipe dos Panchalas, e aquele poderoso guerreiro em carro Satyaki, afligiram muito a hoste (Bharata) com chuvas de flechas e lanças. E com inúmeras flechas, ó rei, aqueles dois começaram a derrotar teus guerreiros naquela batalha. Teus combatentes, no entanto, ó touro entre homens, embora massacrados em batalha (dessa maneira) não fugiram da luta, tendo tomado uma decisão nobre naquele combate. De fato, tuas tropas começaram a atacar de acordo com a medida de sua coragem. Enquanto, no entanto, ó rei, teus combatentes de grande alma estavam sendo massacrados pelo filho ilustre de Prishata, altos gritos de dor eram ouvidos entre eles. Ouvindo aqueles gritos altos, aquele par de poderosos guerreiros em carros do teu exército, Vinda e Anuvinda de Avanti, foram rapidamente contra o filho de Prishata. E aqueles poderosos guerreiros em carros, matando rapidamente seus corcéis, juntos cobriram o filho de Prishata com chuvas de flechas. Nisso aquele poderoso guerreiro em carro, o príncipe dos Panchalas, pulando rapidamente daquele seu carro, subiu sem perda de tempo no carro de Satyaki de grande alma. Então o rei Yudhishthira, apoiado por uma grande tropa, procedeu contra aqueles castigadores de inimigos, os dois príncipes de Avanti excitados com raiva. Similarmente teu filho, ó majestade, com toda preparação, resistiu, cercando Vinda e Anuvinda naquela batalha (para apoiá-los). Arjuna também naquela batalha, excitado com raiva, lutou contra muitos touros da classe Kshatriya, como o manejador do raio contra os Asuras. Drona também, que sempre faz o que é agradável para teu filho, inflamado com ira naquela batalha, começou a consumir os Panchalas como fogo consumindo uma pilha de algodão. Teus outros filhos, ó rei, possuindo Duryodhana como seu chefe, circundando Bhishma naquela batalha, lutaram contra os Pandavas. Então quando o sol assumiu uma cor vermelha, (pouco antes de se pôr), o rei Duryodhana, ó Bharata, dirigindo-se às tuas tropas, disse, ‘Não percam tempo!’ E enquanto eles estavam assim lutando e realizando feitos de realização difícil, o sol tendo se tornado invisível por sua retirada atrás da colina ocidental, lá logo fluiu, perto do crepúsculo, um rio horrível cuja correnteza e vagalhões eram de sangue, e que estava infestado por inúmeros chacais. E o campo de batalha tornou-se terrível, cheio como estava de fantasmas e com aqueles chacais uivando horrivelmente, pressagiando mal. Rakshasas e Pisachas e outros canibais eram

vistos por toda parte, às centenas e milhares. Então Arjuna, tendo vencido aqueles reis encabeçados por Susarman junto com todos os seus seguidores, no meio de sua divisão, procedeu em direção à sua tenda. E o senhor Yudhishthira também da família de Kuru, acompanhado por seus irmãos, e seguido por suas tropas, procedeu, ó rei, quando a noite começou, para sua tenda. E Bhimasena também, tendo vencido aqueles reis, isto é, aqueles guerreiros encabeçados por Duryodhana, procedeu em direção à sua tenda. E o rei Duryodhana (com suas tropas), cercando Bhishma, o filho de Santanu, naquela grande batalha procedeu em direção à sua tenda. E Drona, e o filho de Drona, e Kripa, e Salya, e Kritavarman da linhagem Satwata, circundando todo o exército (Dhartarashtra), foram em direção às suas tendas. E similarmente Satyaki também, ó rei, e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, circundando seu exército, foram para suas tendas. Foi assim, ó rei, que aqueles castigadores de inimigos, tuas tropas e os Pandavas, cessaram de lutar quando veio a escuridão. Então os Pandavas, e os Kauravas, se retirando para suas tendas, entraram nas mesmas, elogiando uns aos outros. E fazendo arranjos para a proteção de seus bravos guerreiros e dispondo postos avançados de acordo com o regulamento, eles arrancaram as flechas (de seus corpos) e se banharam em diversos tipos de água. E Brahmanas realizaram ritos propiciatórios para eles, e bardos cantaram seus louvores. E aqueles homens renomados se divertiram por algum tempo em acompanhamento com música vocal e instrumental. E por um tempo a cena inteira parecia o próprio céu. E aqueles touros entre homens por um tempo não falaram da batalha. E quando ambos os exércitos cheios de homens cansados e elefantes e corcéis dormiram lá, eles se tornaram, ó monarca, belos de se contemplar."

88

Sanjaya disse, "Tendo passado a noite em sono profundo, aqueles soberanos de homens, os Kauravas e os Pandavas, mais uma vez procederam para a batalha. E quando as tropas de ambos os exércitos estavam prestes a se dirigir para o campo, grande foi o tumulto ouvido lá, parecendo o barulho alto do próprio oceano. Então o rei Duryodhana, e Chitrasena, e Vivinsati, e aqueles principais dos guerreiros em carros, Bhishma e o filho de Bharadwaja possuidores de grande destreza, aqueles poderosos guerreiros em carros, vestidos com armadura e juntos, ó rei, formaram com grande cuidado a formação de combate dos Kauravas contra os Pandavas. Tendo formado aquela poderosa ordem de batalha bravia como o oceano e tendo como seus vagalhões e correnteza seus corcéis e elefantes, teu pai Bhishma, o filho de Santanu, então, ó rei, procedeu na vanguarda do exército inteiro, apoiado pelos Malavas, e os habitantes dos países do sul, e os Avantis. Ao lado dele estava o filho valente de Bharadwaja, acompanhado pelos Pulindas, os Paradas, e os Kshudraka-Malavas. Ao lado de Drona estava o bravo Bhagadatta, ó rei, firmemente determinado em luta, acompanhado pelos Magadhas, os Kalingas, e os Pisachas. Atrás de Bhagadatta estava Vrihadvala o rei dos Kosalas acompanhado pelos Melakas, os Tripuras, e os Chichilas. Ao lado de Vrihadvala estava o bravo Trigarta, o soberano de

Prasthala, acompanhado por um grande número dos Kamvojas, e por Yavanas aos milhares. Ao lado do soberano dos Trigartas, ó Bharata, procedia aquele herói poderoso, o filho de Drona, proferindo rugidos leoninos e enchendo a terra com aqueles gritos. Ao lado do filho de Drona procedia o rei Duryodhana com o exército inteiro, cercado por seus irmãos. Atrás de Duryodhana procedia Kripa o filho de Saradwat. Foi assim que aquela ordem de batalha imensa, parecendo o verdadeiro oceano, avançou (para o combate). E estandartes e guarda-sóis brancos, ó senhor, e belos braceletes e arcos caros derramavam sua refulgência lá. E contemplando aquela formação de combate poderosa de tuas tropas, aquele grande guerreiro em carro Yudhishthira dirigiu-se rapidamente ao generalíssimo (de seus exércitos), o filho de Prishata dizendo, 'Veja, ó grande arqueiro, aquela ordem de batalha, já formada, parecendo o oceano. Tu também, ó filho de Prishata, forme sem demora tua ordem de batalha contrária.' (Assim endereçado), o filho heróico de Prishata, ó grande rei, formou aquela terrível formação de combate chamada Sringataka que é destrutiva de todas as formações hostis. Nos chifres estavam Bhimasena e aquele poderoso guerreiro em carro, Satyaki, com muitos milhares de carros como também de cavalos e infantaria. Próximo a eles estava aquele principal dos homens, (Arjuna) de corcéis brancos e tendo Krishna como seu quadrigário. No centro estavam o rei Yudhishthira e os filhos gêmeos de Pandu com Madri. Outros arqueiros nobres, conhecedores da ciência de ordens de combate, com suas tropas, completavam aquela ordem de batalha. Na retaguarda estavam dispostos Abhimanyu, e aquele poderoso guerreiro em carro, Virata, e os filhos de Draupadi e o Rakshasa Ghatotkacha. Assim, ó Bharata, tendo formado sua ordem de batalha poderosa, os Pandavas heróicos esperaram sobre o campo, ansiando pela batalha e desejosos de vitória. E o barulho alto de baterias se misturando com o clangor de conchas e rugidos leoninos e gritos (dos combatentes) e a batida de seus braços, se tornou terrível e encheu todos os pontos do horizonte. Então aqueles guerreiros corajosos, se aproximando uns dos outros para lutar, olharam uns para os outros, ó rei, com olhos sem piscar. Então, ó soberano de homens, os guerreiros, primeiro desafiando uns aos outros pelo nome, lutaram uns com os outros. Então começou uma batalha violenta e terrível entre tuas tropas e aquelas do inimigo atacando umas às outras. E naquela batalha, ó Bharata, flechas afiadas caíam em chuvas como cobras terríveis com bocas escancaradas. E dardos polidos de força impetuosa, lavados com óleo, ó rei, brilhavam como os lampejos refulgentes do relâmpago das nuvens. E maças enfeitadas com ouro e ligadas a ganchos com correntes eram vistas caindo por todo o campo, parecendo belos topos de colinas. E sabres da cor do céu sem nuvens (azul), ó Bharata, e escudos de peles de touro e decorados com cem luas, conforme eles caíam em todos os lugares sobre o campo, ó rei, pareciam belos. E quando os dois exércitos, ó rei, estavam engajados em lutar um com o outro, eles pareciam resplandecentes como as hostes celestes e demoníacas lutando entre si. Por toda parte eles avançavam uns contra os outros em batalha. Os mais notáveis dos nobres guerreiros em carros, se lançando impetuosamente contra guerreiros em carros naquela batalha aterradora, prosseguiram lutando, com as cangas de seus carros engatadas com aquelas de seus adversários. E, ó touro da raça Bharata, por todo o campo lampejos de fogo misturados com fumaça eram gerados, por causa de fricção, nas presas de elefantes lutando. E combatentes

nas costas de elefantes, atingidos por lanças, eram vistos caírem por todos os lados como blocos (soltos) de topos de colinas. E bravos soldados de infantaria, lutando com seus braços nus ou com lanças, e golpeando uns aos outros, pareciam muitos belos. E os guerreiros das hostes Kaurava e Pandava, se aproximando uns aos outros naquele conflito, despachavam uns aos outros com diversas espécies de flechas para a residência de Yama. Então Bhishma, o filho de Santanu, enchendo (o ar) com o estrépito de seu carro, e privando o inimigo de seus sentidos pelo som de seu arco, avançou contra os Pandavas em batalha. Os guerreiros em carros dos Pandavas, também, encabeçados por Dhrishtadyumna, proferindo gritos ferozes, avançaram nele, firmemente resolutos em combate. Então começou, ó Bharata, uma batalha entre infantaria, guerreiros em carros, e elefantes, deles e teus, na qual os combatentes ficaram todos emaranhados uns com os outros."

89

Sanjaya disse, "Os Pandavas eram incapazes até de olhar para Bhishma excitado com raiva em batalha e chamuscando tudo em volta como o próprio Sol derramando calor ardente. Então as tropas (Pandava), por ordem do filho de Dharma, avançaram no filho de Ganga que estava oprimindo (tudo) com suas flechas afiadas. Bhishma, no entanto, que se deleitava em batalha derrubou os arqueiros mais poderosos dentre os Srinjayas e os Panchalas, com suas flechas. Embora massacrados dessa maneira por Bhishma, os Panchalas junto com os Somakas ainda avançaram impetuosamente nele, abandonando o medo da morte. O heróico Bhishma, o filho de Santanu, no entanto, naquela batalha, cortava, ó rei, os braços e cabeças de seus guerreiros em carros. Teu pai Devavrata privou seus guerreiros em carros de carros. E as cabeças de soldados da cavalaria sobre seus cavalos de batalha caíam rapidamente. E nós vimos, ó rei, elefantes enormes parecendo com colinas, privados de seus condutores, e paralisados pelas armas de Bhishma, jazendo por toda parte. Entre os Pandavas, ó rei, não havia outro homem exceto aquele principal dos guerreiros em carros, o poderoso Bhimasena, (que pudesse resistir a Bhishma). De fato, só Bhima, se aproximando de Bhishma, enfrentou-o em batalha. Então naquele combate entre Bhima e Bhishma, um tumulto selvagem e terrível surgiu entre todas as tropas (dos Kauravas). Os Pandavas então, cheios de alegria, proferiram gritos leoninos. Durante aquela carnificina destrutiva, o rei Duryodhana, cercado por seus irmãos, protegeu Bhishma naquela batalha. Então aquele principal dos guerreiros em carros, Bhima, matou o quadrigário de Bhishma. Nisso os corcéis não mais controlados correram para longe do campo com o carro. Então aquele matador de inimigos, Bhima, com uma flecha afiada tendo uma cabeça de ferradura, cortou a cabeça de Sunabha. (Assim) morto, o último caiu no chão. Quando aquele teu filho, aquele poderoso guerreiro em carro e grande arqueiro estava morto, sete dos seus heróicos irmãos, ó majestade, não puderam tolerar (quietamente) aquele ato. Estes, isto é, Adityaketu e Vahvasin, e Kundadhara e Mahodara, e Aparajita, e Panditaka e o invencível Visalaksha, vestidos em armadura matizada e com suas belas cotas de malha e armas, estes opressores de inimigos desejosos de lutar, avançaram

contra o filho de Pandu. E Mahodara, naquela batalha, perfurou Bhimasena com nove flechas aladas, cada uma parecendo com o raio em força, como o matador de Vritra atingindo (o grande Asura) Namuchi. E Adityaketu o atingiu com setenta flechas, e Vishnu com cinco. E Kundadhara o atingiu com noventa flechas, e Visalaksha com sete. E aquele conquistador de inimigos, o poderoso guerreiro em carro Aparajita, ó rei, atingiu Bhimasena de grande força com muitas flechas. E Panditaka também, em batalha, perfurou-o com três flechas. Bhima, no entanto, não suportou (quietamente) esses ataques de seus inimigos em batalha. Agarrando com força o arco com sua mão esquerda, aquele opressor de inimigos cortou, naquela batalha, a cabeça, com uma flecha reta, de teu filho Aparajita, ornada com um nariz fino. Assim vencido por Bhima, sua cabeça então caiu no chão. Então, na própria vista de todas as tropas, Bhima despachou, com outra flecha de cabeça larga, o poderoso guerreiro em carro Kundadhara para o domínio da Morte. Então aquele herói de alma incomensurável, mais uma vez mirando uma flecha, disparou-a, ó Bharata, em Panditaka naquela batalha. E a flecha matando Panditaka, entrou na terra, como uma cobra impelida pela Morte entrando rapidamente na terra depois de despachar a pessoa (cuja hora tinha chegado). De alma não deprimida, aquele herói então, ó rei, lembrando de suas antigas misérias, derrubou a cabeça de Visalaksha, cortando-a com três flechas. Então Bhima, naquela batalha, atingiu o arqueiro poderoso Mahodara no centro do peito com uma flecha comprida. Morto (imediatamente), ó rei, o último caiu no chão. Então, ó Bharata, cortando com uma flecha o guarda-sol de Adityaketu naquela batalha, ele cortou sua cabeça com outra flecha de cabeça larga de corte excelente. Então, ó monarca, estimulado pela ira, Bhima, com outra flecha reta, despachou Vahvasin para a residência de Yama. Então teus outros filhos, ó rei, todos fugiram considerando que eram verdadeiras as palavras que Bhima tinha proferido no (meio da) assembléia (Kaurava); (isto é, sua promessa de que em batalha ele mataria todos os filhos de Dhritarashtra.) Então o rei Duryodhana afligido pela tristeza por conta de seus irmãos, dirigiu-se a todas as suas tropas, dizendo, 'Lá está Bhima. Que ele seja morto.' Assim, ó rei, teus filhos, aqueles arqueiros poderosos, vendo seus irmãos mortos, lembraram daquelas palavras benéficas e pacíficas que Vidura de grande sabedoria tinha falado. De fato, aquelas palavras do sincero Vidura estão agora sendo realizadas, aquelas palavras benéficas, ó rei, as quais, influenciado por cobiça e insensatez como também por afeição por teus filhos, tu naquele tempo não pudeste entender. A julgar pelo modo no qual aquele herói de braços fortes está matando os Kauravas, parece que aquele filho poderoso de Pandu seguramente tomou seu nascimento para a destruição dos teus filhos. Enquanto isso, o rei Duryodhana, ó majestade, dominado por grande pesar, foi até Bhishma, e lá, tomado pela tristeza, ele começou a lamentar, dizendo, 'Meus irmãos heróicos tem sido mortos em batalha por Bhimasena. Embora, além disso, todas as nossas tropas estejam lutando bravamente, contudo elas também estão fracassando. Tu pareces nos desconsiderar, comportando-te (como tu te comportas) como um espectador indiferente. Ai, que rumo eu tomei. Veja meu destino infeliz.'"

Sanjaya continuou, "Ouvindo essas palavras cruéis de Duryodhana, teu pai Devavrata com olhos cheios de lágrimas disse para ele, 'Isso mesmo foi dito por

mim antes, como também por Drona, e Vidura, e a renomada Gandhari. Ó filho, tu então não compreendeste. Ó opressor de inimigos, também foi decidido antes por mim que nem eu mesmo, nem Drona, escaparemos com vida dessa batalha. Eu te digo realmente que aqueles sobre quem Bhima lançar seus olhos em batalha, ele certamente matará. Portanto, ó rei, convocando toda tua paciência, e firmemente resoluto em batalha, lute com os filhos de Pritha, fazendo do céu tua meta. Com relação aos Pandavas, eles não podem ser vencidos pelos próprios deuses com Vasava (em sua chefia). Portanto, colocando teu coração firmemente na batalha, lute, ó Bharata.'"

90

Dhritarashtra disse, "Vendo meus filhos, tantos em número, ó Sanjaya, mortos por uma única pessoa, o que Bhishma e Drona e Kripa fizeram em batalha? Dia após dia, ó Sanjaya, meus filhos estão sendo mortos. Eu penso, ó Suta, que eles estão completamente tomados por destino mau, visto que meus filhos nunca vencem mas são sempre vencidos. Quando meus filhos permanecendo no meio daqueles heróis que não recuam, isto é, Drona e Bhishma, e Kripa de grande alma, e o filho heróico de Somadatta e Bhagadatta, e Aswatthaman também, ó filho, e outros bravos guerreiros, ainda estão sendo mortos em batalha, o que isso pode ser considerado exceto o resultado do destino? O perverso Duryodhana não compreendeu (nossas) palavras antes, embora admoestado por mim, ó filho, e por Bhishma e Vidura. (Embora proibido) sempre por Gandhari, também, por motivos de fazer bem a ele, Duryodhana de mente má não despertou antes de sua insensatez. Aquele (comportamento) agora deu resultado, visto que Bhimasena, excitado com cólera, despacha, dia após dia em batalha, meus filhos insensatos para a residência de Yama."

Sanjaya disse, "Aquelas palavras excelentes de Vidura, proferidas para teu bem, mas as quais tu então não compreendeste, agora vieram a ser realizadas. Vidura disse, 'Impeça teus filhos de jogar dados.' Como um homem cuja hora chegou recusando o remédio apropriado, tu naquela época não escutaste às palavras dos teus amigos benquerentes te aconselhando (para o teu bem). Aquelas palavras proferidas pelos virtuosos tem sido agora realizadas diante de ti. De fato, os Kauravas estão agora sendo destruídos por terem rejeitado aquelas palavras, dignas de aceitação, de Vidura e Drona e Bhishma e outros benquerentes teus. Essas consequências aconteceram exatamente quando tu te recusaste a escutar àqueles conselhos. (As más consequências, que agora te alcançaram, se originaram naquele momento quando os conselhos benéficos de Vidura foram rejeitados.) Ouça agora, no entanto, a minha narração da batalha exatamente como ela tem acontecido. Ao meio-dia a batalha se tornou extremamente horrível e repleta de grande carnificina. Ouça-me, ó rei, enquanto eu a descrevo. Naquele momento todas as tropas (do exército Pandava), excitadas pela raiva, avançaram, por ordem do filho de Dharma, somente contra Bhishma pelo desejo de matá-lo. Dhrishtadyumna e Sikhandin, e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, acompanhados, ó rei, por suas tropas, avançaram

contra Bhishma sozinho. E aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, Virata e Drupada, com todos os Somakas, avançaram em batalha contra Bhishma sozinho. E os Kaikeyas, e Dhrishtaketu, e Kuntibhoja, equipados com armadura e apoiados por suas tropas, avançaram, ó rei, contra Bhishma sozinho. E Arjuna, e os filhos de Draupadi, e Chekitana de grande destreza, procederam contra todos os reis (que estavam) sob o comando de Duryodhana. E o heróico Abhimanyu, e aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Hidimva, e Bhimasena excitado com cólera, avançaram contra os (outros) Kauravas. (Assim) os Pandavas, divididos em três grupos começaram a massacrar os Kauravas. E da mesma maneira os Kauravas também, ó rei, começaram a massacrar seus inimigos. Aquele principal dos guerreiros em carros, isto é, Drona excitado com cólera, avançou contra os Somakas e os Srinjayas, desejoso de mandá-los para a residência de Yama. Nisso gritos altos de dor se elevaram dentre os bravos Srinjayas enquanto eles estavam sendo massacrados, ó rei, pelo filho de Bharadwaja com arco na mão. Grande número de Kshatriyas, derrubados por Drona, eram vistos todos convulsionando como pessoas se contorcendo na agonia de doença. Por todo o campo eram continuamente ouvidos gemidos e gritos e lamentos parecendo aqueles de pessoas afligidas pela fome. E assim o poderoso Bhimasena, estimulado pela fúria, e como um segundo Yama, causou uma carnificina terrível entre as tropas Kaurava. Lá naquela batalha terrível, por causa dos guerreiros matando uns aos outros, um rio terrível começou a fluir cuja correnteza revolta consistia em sangue. E aquela batalha, ó rei, entre os Kurus e os Pandavas, se tornando violenta e horrível, começou a aumentar a população do reino de Yama. Então naquela batalha Bhima excitado com cólera se lançou com grande impetuosidade sobre a divisão de elefantes (dos Kauravas) e começou a mandar muitos para as regiões da Morte. Então, ó Bharata, atingidos pelas flechas de Bhima, alguns daqueles animais caíam, alguns eram paralisados, alguns gritavam (de dor), e alguns fugiam em todas as direções. Elefantes enormes, suas trombas cortadas e membros mutilados, gritando como grous, começaram, ó rei, a cair ao chão. Nakula e Sahadeva se lançaram sobre a cavalaria (Kaurava). Muitos corcéis com guirlandas de ouro em suas cabeças e com seus pescoços e peitos enfeitados com ornamentos de ouro, eram vistos serem mortos às centenas e milhares. A terra, ó rei, estava coberta com corcéis caídos. E alguns estavam privados de suas línguas; e alguns respiravam com dificuldade; e alguns proferiam gemidos baixos, e alguns estavam desprovidos de vida. A terra parecia bela, ó chefe de homens, com aqueles corcéis de tais diversas espécies. Ao mesmo tempo, ó Bharata, ela parecia ferozmente resplandecente, ó monarca, com um grande número de reis mortos por Arjuna naquela batalha. E coberta com carros quebrados e estandartes e guarda-sóis brilhantes partidos, com chamaras e leques rasgados, e armas poderosas quebradas em fragmentos, com guirlandas e colares de ouro, com braceletes, com cabeças enfeitadas com brincos, com proteções para a cabeça soltas (de cabeças), com bandeiras, com belos fundos de carros, ó rei, e com tirantes e rédeas, a terra resplandecia tão brilhantemente como ela brilha na primavera quando coberta com flores. E foi assim, ó Bharata, que a hoste Pandava sofreu destruição quando Bhishma o filho de Santanu, e Drona aquele principal dos guerreiros em carros, e Aswatthaman, e Kripa, e Kritavarman, estavam cheios de

ira. E da mesma maneira teu exército também sofreu o mesmo tipo de destruição quando o outro lado, isto é, os heróis Pandava, estavam excitados com raiva."

91

Sanjaya disse, "Durante o progresso, ó rei, daquela batalha feroz repleta da matança de heróis grandiosos, Sakuni o filho glorioso de Suvala, avançou contra os Pandavas. E assim também, ó monarca, o filho de Hridika da linhagem Satwata, aquele matador de heróis hostis, avançou naquela batalha contra as tropas Pandava. E sorrindo naquele momento, (vários guerreiros no teu lado), com um grande número de corcéis consistindo do melhor da raça Kamvoja como também daqueles nascidos no país dos Rios, e daqueles pertencentes a Aratta e Mahi e Sindhu, e daqueles de Vanayu também que eram de cor branca, e finalmente aqueles de países montanhosos, cercaram (o exército Pandava). E assim também com cavalos, extremamente velozes, rápidos como os próprios ventos, e pertencentes à raça Tittri, (outros cercaram aquele exército). E com muitos cavalos, vestidos com armadura e enfeitados com ouro, os principais de sua raça e velozes como os ventos o filho poderoso de Arjuna (Iravat), aquele matador de inimigos, se aproximou do exército (Kaurava). Aquele filho belo e valente de Arjuna, chamado Iravat, foi gerado na filha do rei dos Nagas pelo inteligente Partha. Seu marido tendo sido morto por Garuda, ela ficou desamparada, e de alma triste. Sem filhos como ela era, ela foi concedida (para Arjuna) por Airavat de grande alma. Partha aceitou-a como esposa, indo até ele como ela foi sob a influência do desejo. Foi assim que aquele filho de Arjuna foi gerado na esposa de outro. Abandonado por seu tio perverso por ódio de Partha, ele cresceu na região dos Nagas, protegido por sua mãe. E ele era belo e dotado de grande força, possuidor de diversos talentos, e de bravura incapaz de ser frustrada. Sabendo que Arjuna tinha ido à região de Indra, ele foi para lá rapidamente. E Iravat de braços fortes, possuidor de bravura incapaz de ser frustrada, se aproximando de seu pai, saudou-o devidamente, permanecendo diante dele com mãos unidas. E ele se apresentou a Arjuna de grande alma, dizendo, 'Eu sou Iravat, abençoado sejas tu, e eu sou teu filho, ó senhor'. E ele lembrou Arjuna de todas as circunstâncias ligadas com o encontro do último com sua mãe. E nisso o filho de Pandu se lembrou de todas aquelas circunstâncias exatamente como elas aconteceram. Abraçando seu filho então que parecia com ele mesmo em habilidades, Partha, na residência de Indra, estava cheio de alegria. Iravat de braços fortes então, ó rei, nas regiões celestes foi, ó Bharata, alegremente mandado por Arjuna, com relação ao seu próprio propósito, (nessas palavras), 'Quando a batalha ocorrer, assistência deve ser dada por ti'. Dizendo 'Sim', ó senhor, ele partiu. E agora na hora da batalha ele se apresentou, ó rei, acompanhado por um grande número de corcéis de grande velocidade e cor bela. E aqueles corcéis, enfeitados com ornamentos de ouro, de várias cores e rapidez excelente, repentinamente corriam sobre o campo, ó rei, como cisnes sobre a superfície do vasto oceano. E aqueles corcéis se lançando sobre os teus de velocidade excelente, bateram seus peitos e narizes contra aqueles dos teus.

Afligidos por sua própria colisão impetuosa (contra os teus), eles caíram de repente, ó rei, ao chão. E por causa daqueles corcéis como também dos teus, ocasionados por aquele choque sons altos foram ouvidos parecendo os que ocorrem no ataque de Garuda. E os cavaleiros daqueles corcéis, ó rei, colidindo dessa maneira uns contra os outros naquela batalha, começaram a matar uns aos outros ferozmente. E durante aquele combate geral o qual foi violento e terrível, os cavalos de batalha de ambos os lados (escapando da pressão da batalha) fugiam desenfreadamente sobre o campo. Enfraquecidos pelas flechas uns dos outros, guerreiros valentes, com seus cavalos mortos sob eles, e eles mesmos desgastados pelo esforço, pereciam rapidamente ferindo uns aos outros com sabres. Então quando aquelas divisões de cavalaria estavam diminuídas e um restante somente sobrevivia, os irmãos mais novos do filho de Suvala, possuidores de grande sabedoria, saíram, ó Bharata (da formação de combate Kaurava) para a vanguarda da batalha, montados em excelentes cavalos que pareciam a própria tempestade em velocidade e na violência de sua arremetida e que eram bem treinados e nem velhos nem novos. Aqueles seis irmãos dotados de grande força, isto é, Gaya, Gavaksha, Vrishava, Charmavat, Arjava, e Suka saíram precipitadamente da poderosa formação de combate (Kaurava), protegidos por Sakuni e por suas respectivas tropas de grande coragem, eles mesmos vestidos em armadura, hábeis em batalha, ferozes em aparência, e possuidores de grande poder. Abrindo caminho através daquela invencível divisão de cavalaria (dos Pandavas), ó tu de braços fortes, aqueles guerreiros Gandhara que podiam ser vencidos com dificuldade, apoiados por uma grande tropa, desejosos do céu, ansiando pela vitória, e cheios de alegria, penetraram nela. Vendo-os cheios de alegria, o bravo Iravat, dirigindo-se aos seus próprios guerreiros enfeitados com diversos ornamentos e armas, disse para eles, 'Adotem tais planos pelos quais esses guerreiros Dhritarashtra com suas armas e animais possam ser todos destruídos.' Dizendo 'Sim', todos aqueles guerreiros de Iravat começaram a matar aqueles soldados Dhartarashtra poderosos e invencíveis. Vendo seus próprios guerreiros assim derrubados pela divisão de Iravat, aqueles filhos de Suvala, não podendo tolerar isso friamente, avançaram todos em Iravat e o cercaram por todos os lados. E mandando (todos os seus seguidores) atacarem aqueles de Iravat com lanças, aqueles heróis se moveram rapidamente sobre o campo, criando uma grande confusão. E Iravat, perfurado com lanças por aqueles guerreiros de grande alma, e banhado em sangue que escorria (de seus ferimentos), parecia com um elefante perfurado pelo gancho. Ferido profundamente no peito, costas, e flancos, sozinho enfrentando muitos, ele contudo, ó rei, não se desviou de sua firmeza (natural). De fato, Iravat, excitado com raiva, privou todos aqueles adversários de seus sentidos, perfurando-os, naquela batalha, com flechas afiadas. E aquele castigador de inimigos, arrancando aquelas lanças de seu corpo, atingiu com elas os filhos de Suvala em batalha. Então desembainhando sua espada polida e pegando um escudo, ele avançou a pé, desejoso de matar os filhos de Suvala naquele combate. Os filhos de Suvala, no entanto, recuperando seus sentidos, mais uma vez avançaram em Iravat, excitados com ira. Iravat, no entanto, orgulhoso de sua força, e mostrando sua agilidade de mão, procedeu em direção a todos eles, armado com sua espada. Movendo-se como ele se movia com grande energia, os filhos de Suvala, embora eles se movimentassem sobre seus

cavalos velozes, não podiam encontrar uma oportunidade para atingir aquele herói (a pé). Vendo-o então a pé, seus inimigos o cercaram de perto e desejaram capturá-lo. Então aquele opressor de inimigos, vendo eles próximos de si mesmo, cortou, com sua espada, seus braços direito e esquerdo, e mutilou seus outros membros. Então aqueles braços deles enfeitados com ouro, e suas armas, caíram no chão, e eles mesmos, com membros mutilados, caíram no campo, privados de vida. Somente Vrishava, ó rei, com muitos ferimentos em seu corpo, escapou (com vida) daquela batalha terrível destrutiva de heróis. Vendo-os jazendo sobre o campo de batalha, teu filho Duryodhana, cheio de raiva disse para aquele Rakshasa de aparência terrível, isto é, o filho de Rishyasringa (Alamvusha), aquele grande arqueiro versado em ilusão, aquele castigador de inimigos, que nutria sentimentos de animosidade contra Bhimasena por causa da morte de Vaka, essas palavras: ‘Veja, ó herói, como o filho poderoso de Phalguni, versado em ilusão, tem me causado um dano grave por destruir minhas tropas. Tu também, ó senhor, és capaz de ir a todos os lugares à vontade e habilidoso em todas as armas de ilusão. Tu nutres animosidade também por Partha. Portanto, mate este em batalha.' Dizendo 'Sim', aquele Rakshasa de aparência terrível procedeu com um rugido leonino para aquele local onde o filho poderoso e jovem de Arjuna estava. E ele era apoiado pelos guerreiros heróicos de sua própria divisão, hábeis em atacar, bem montados, habilidosos em batalha e lutando com lanças brilhantes. Acompanhado pelo restante daquela divisão de cavalaria excelente (dos Kauravas), ele procedeu, desejoso de matar em batalha o poderoso Iravat. Aquele matador de inimigos, isto é, o bravo Iravat, excitado com raiva, e avançando rapidamente pelo desejo de matar o Rakshasa, começou a resistir a ele. Vendo-o avançar, o Rakshasa poderoso rapidamente se colocou perto para expor seus poderes de ilusão. O Rakshasa então criou diversos cavalos de batalha ilusórios os quais eram montados por Rakshasas terríveis armados com lanças e machados. Aqueles dois mil batedores hábeis avançando com fúria, foram no entanto, logo mandados para as regiões de Yama, (caindo no combate com as tropas de Iravat). E enquanto as forças armadas de ambos pereceram, ambos, invencíveis em batalha, enfrentaram um ao outro como Vritra e Vasava. Vendo o Rakshasa, que era difícil de ser subjugado em batalha, avançando em direção a ele, o poderoso Iravat, excitado com raiva, começou a deter seu avanço. E quando o Rakshasa chegou mais perto dele, Iravat com sua espada rapidamente cortou seu arco, como também cada uma de suas flechas em cinco fragmentos. Vendo seu arco cortado, o Rakshasa rapidamente se elevou para o céu, confundindo com sua ilusão o enfurecido Iravat. Então Iravat também, difícil de aproximação, capaz de assumir qualquer forma à vontade, e tendo o conhecimento de quais são os membros vitais do corpo, se elevando ao céu, e confundindo com sua ilusão o Rakshasa, começou a cortar os membros do último naquela batalha, e assim os membros do Rakshasa foram repetidamente cortados em vários pedaços. Naquele momento o Rakshasa, no entanto, ó rei, renasceu, assumindo uma aparência jovem. Ilusão é natural para eles, e sua idade e forma são ambos dependentes de sua vontade. E os membros daquele Rakshasa, ó rei, cortados em pedaços, apresentavam uma bela visão. Iravat, excitado com raiva, repetidamente cortou aquele Rakshasa poderoso com seu machado afiado. O bravo Rakshasa, assim cortado em pedaços como uma árvore pelo poderoso

Iravat, rugia ferozmente. E aqueles rugidos dele se tornaram ensurdecedores. Mutilado com o machado, o Rakshasa começou a emanar sangue em torrentes. Então (Alamvusha), o filho poderoso de Rishyasringa, vendo seu inimigo resplandecendo com energia, ficou enfurecido e ele mesmo empregou sua destreza naquele combate. Assumindo uma forma prodigiosa e feroz, ele se esforçou para apanhar o filho heróico de Arjuna, o renomado Iravat. Na vista de todos os combatentes lá presentes, contemplando aquela ilusão do Rakshasa perverso na vanguarda da batalha, Iravat ficou cheio de raiva e adotou medidas por ele mesmo recorrer à ilusão. E quando aquele herói, que nunca se retirava da batalha, ficou inflamado com cólera, um Naga parente dele pelo lado de sua mãe se aproximou dele. Cercado por todos os lados, naquela batalha, por Nagas, aquele Naga, ó rei, assumiu uma forma enorme poderosa como o próprio Ananta. Com diversas espécies de Nagas então ele cobriu o Rakshasa. Enquanto era coberto por aqueles Nagas, aquele touro entre os Rakshasas refletiu por um momento, e assumindo a forma de Garuda, ele devorou aquelas cobras. Quando aquele Naga da linhagem de sua mãe foi devorado por meio de ilusão, Iravat ficou desnorteado. E enquanto ele estava naquele estado, o Rakshasa o matou com sua espada, Alamvusha derrubou sobre a terra a cabeça de Iravat enfeitada com brincos e ornada com um diadema e parecendo bela como um lótus ou a lua."

"Quando o filho heróico de Arjuna foi assim morto pelo Rakshasa, a hoste Dhartarashtra com todos os reis (nela) foi libertada da aflição. Naquela grande batalha que era tão violenta, horrível foi a carnificina que ocorreu entre ambas as divisões. Cavalos e elefantes e soldados de infantaria emaranhados uns com os outros, foram mortos por elefantes. E muitos cavalos e elefantes foram mortos por soldados de infantaria. E naquele combate geral grupos de soldados de infantaria e carros, e grande número de cavalos pertencentes ao teu exército e ao deles, foram mortos, ó rei, por guerreiros em carros. Enquanto isso Arjuna, não sabendo que seu filho tinha sido morto, matou naquela batalha muitos reis que estavam protegendo Bhishma. E os guerreiros, ó rei, do teu exército e os Srinjayas, aos milhares, derramaram suas vidas como libações (no fogo da batalha), golpeando uns aos outros. E muitos guerreiros em carros, com cabelo despenteado, e com espadas e arcos caídos de seus punhos lutavam com seus braços nus, enfrentado uns aos outros. O poderoso Bhishma também, com flechas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais, matou muitos poderosos guerreiros em carros e fez o exército Pandava tremer (naquele momento). Por ele foram mortos muitos combatentes na hoste de Yudhishthira, e muitos elefantes e soldados de cavalaria e guerreiros em carros e corcéis. Contemplando, ó Bharata, a destreza de Bhishma naquela batalha, parecia para nós que ela era igual àquela do próprio Sakra. E a destreza de Bhimasena, como também aquela de Parshata, mal era menor, ó Bharata, (do que aquela de Bhishma). E assim também a batalha lutada por aquele arqueiro formidável (Satyaki) da linhagem de Satwata, foi igualmente feroz. Observando, no entanto, a destreza de Drona, os Pandavas estavam tomados pelo medo. De fato eles pensaram, 'Sozinho, Drona pode nos matar com todas as nossas tropas. O que então deve se dito dele quando ele está cercado por um grande grupo de guerreiros que por sua coragem são renomados no mundo?' Isso mesmo, ó rei, foi o que Partha disse, afligido por Drona. Durante o

progresso daquela batalha violenta, ó touro da raça Bharata, os bravos combatentes de nenhum dos dois exércitos perdoaram seus adversários do outro. Ó majestade, os poderosos arqueiros do teu exército e daquele dos Pandavas, estimulados pela raiva, lutaram furiosamente uns com os outros, como se eles estivessem possuídos pelos Rakshasas e demônios. De fato, eles não viam ninguém na batalha que foi tão destrutiva de vidas e que foi considerada uma batalha de demônios, para tirar a vida."

92

Dhritarashtra disse, "Conte-me, ó Sanjaya, tudo o que o poderoso Partha fez em batalha quando ele soube que Iravat tinha sido morto."

Sanjaya disse, "Vendo Iravat morto em batalha, o Rakshasa Ghatotkacha, o filho de Bhimasena, proferiu gritos altos. E pela sonoridade daqueles rugidos, a terra tendo o oceano como seus mantos, junto com suas montanhas e florestas, começou a tremer violentamente. E o firmamento também e os quadrantes cardeais e secundários, todos tremeram. E ouvindo aqueles rugidos altos dele, ó Bharata, as coxas e outros membros das tropas começaram a tremer, e suor também apareceu em seus corpos. E todos os teus combatentes, ó rei, ficaram desanimados de coração. E por todo o campo os guerreiros permaneceram imóveis, como um elefante com medo do leão. E o Rakshasa, proferindo rugidos altos parecendo o estrépito do trovão, assumindo uma forma terrível, e com uma lança ameaçadora erguida na mão, e cercado por muitos touros entre Rakshasas de formas ferozes armados com diversas armas, avançou, excitado com raiva e parecendo o próprio Destruidor no fim do Yuga. Vendo-o avançar em fúria e com uma expressão terrível, e vendo também suas próprias tropas quase todas fugindo por medo daquele Rakshasa, o rei Duryodhana avançou contra Ghatotkacha, pegando seu arco com flecha fixada na corda, e rugindo repetidamente como um leão. Atrás dele procedia o soberano dos Vangas, com dez mil elefantes, enormes como colinas, todos com suco escorrendo. Vendo teu filho, ó rei, (assim) avançando cercado por aquela divisão de elefantes, aquele caminhante da noite (Ghatotkacha) estava muito inflamado com raiva. Então começou uma batalha com a máxima intensidade de arrepiar os cabelos, entre o Rakshasa formidável e as tropas de Duryodhana. E observando também aquela divisão de elefantes surgida (no horizonte) como uma nuvem, os Rakshasas, inflamados com raiva, avançaram em direção a ela, armas nas mãos, e proferindo diversos rugidos como nuvens carregadas com relâmpagos. Com flechas e dardos e espadas e flechas compridas, como também com lanças e malhos e machados de batalha e flechas curtas, eles começaram a derrubar aquela hoste de elefantes. E eles mataram elefantes enormes com topos de montanha e árvores grandes. Enquanto os Rakshasas matavam aqueles elefantes, ó rei, nós vimos que alguns deles tinham seus globos frontais esmagados, alguns estavam banhados em sangue, e alguns tinham seus membros quebrados ou cortados de lado a lado. Finalmente quando aquela hoste de elefantes tinha sido rompida e diminuída, Duryodhana, ó rei, avançou sobre os Rakshasas, sob a influência da raiva e se tornando indiferente à

sua própria vida. E aquele guerreiro poderoso disparou nuvens de flechas afiadas nos Rakshasas. E aquele grande arqueiro matou muitos dos seus principais guerreiros. Cheio de fúria, ó chefe dos Bharatas, aquele poderoso guerreiro em carro, teu filho Duryodhana, então matou com quatro flechas quatro dos principais Rakshasas, isto é, Vegavat, Maharudra, Vidyujihva, e Pramathin. E novamente, ó chefe dos Bharatas, aquele guerreiro de alma incomensurável disparou na hoste Rakshasa chuvas de flechas que podiam ser resistidas com dificuldade. Vendo aquele grande feito de teu filho, ó majestade, o poderoso filho de Bhimasena se inflamou com ira. Puxando seu arco grande refulgente como o relâmpago, ele avançou impetuosamente no colérico Duryodhana. Vendo-o avançando (dessa maneira) como a própria Morte incumbida pelo Destruidor, teu filho Duryodhana, ó rei, não tremeu em absoluto. Com olhos vermelhos de raiva, e excitado com fúria, Ghatotkacha, então, dirigindo-se a teu filho, disse, 'Eu hoje me livrarei da dívida que tenho com meus pais, como também com minha mãe, eles que foram exilados por tanto tempo por tua pessoa cruel. Os filhos de Pandu, ó rei, foram vencidos por ti naquela partida de dados. A filha de Drupada Krishna também, enquanto indisposta e, portanto, vestida em uma única peça de roupa, foi levada à assembléia e grande transtorno foi dado por ti de diversas maneiras, ó tu o mais perverso, a ela. Enquanto morando também em seu retiro silvestre, teu benquerente, aquele indivíduo pecaminoso, o soberano dos Sindhus, além disso a perseguiu, desrespeitando meus pais. Por essas e outras injúrias, ó desgraçado de tua raça, eu hoje me vingarei se tu não deixares o campo.' Dizendo essas palavras, o filho de Hidimva, esticando seu arco gigantesco, mordendo seu lábio (inferior) com seus dentes, e lambendo os cantos de sua boca, cobriu Duryodhana com uma chuva abundante, como uma massa de nuvens cobrindo o leito da montanha com torrentes de chuva na estação chuvosa."

93

Sanjaya disse, "Aquela chuva de flechas, difícil de ser suportada até pelos Danavas, o rei Duryodhana, no entanto, suportou (tranquilamente) naquela batalha, como um elefante gigantesco suportando uma chuva (do céu). Então cheio de raiva e suspirando como uma cobra, teu filho, ó touro da raça Bharata, estava colocado em uma posição de grande perigo. Ele então disparou vinte e cinco flechas afiadas de pontas penetrantes. Essas, ó rei, caíram com grande força naquele touro entre os Rakshasas, como cobras zangadas de veneno virulento no leito de Gandhamadana. Perfurado com aquelas flechas, sangue escorreu do corpo do Rakshasa e ele parecia com um elefante com têmporas fendidas (isto é, com suco temporal escorrendo). Nisso aquele canibal colocou seu coração na destruição do rei (Kuru). E ele pegou um dardo enorme que era capaz de perfurar até uma montanha. Brilhando com luz, refulgente como um meteoro grande, ele fulgurava com brilho como o próprio relâmpago. E Ghatotkacha de braços fortes, desejoso de matar teu filho, ergueu aquele dardo. Vendo aquele dardo erguido, o soberano dos Vangas montando sobre um elefante enorme como uma colina, dirigiu-o em direção ao Rakshasa. No campo de batalha, com o

poderoso elefante de grande velocidade, Bhagadatta se colocou exatamente na frente do carro de Duryodhana. E com aquele elefante ele cobriu completamente o carro do teu filho. Vendo então o caminho (para o carro de Duryodhana) assim coberto pelo inteligente rei dos Vangas, os olhos de Ghatotkacha, ó rei, ficaram vermelhos de raiva. E ele lançou aquele dardo enorme, antes erguido, naquele elefante. Atingido, ó rei, por aquele dardo arremessado dos braços de Ghatotkacha, aquele elefante, coberto com sangue e em grande agonia, caiu e morreu. O poderoso rei dos Vangas, no entanto, saltando rapidamente daquele elefante, desceu no chão. Duryodhana então vendo o príncipe dos elefantes morto, e vendo também suas tropas divididas e recuando, estava cheio de angústia. Por respeito, no entanto, pelo dever de um Kshatriya (que consistia em não se retirar do campo), como também seu próprio orgulho, o rei, embora derrotado, permaneceu firme como uma colina. Cheio de ira e mirando uma flecha afiada que parecia o fogo Yuga em energia, ele a disparou naquele vagueador feroz da noite. Contemplando aquela flecha, brilhando como o raio de Indra, assim correndo em direção a ele, Ghatotkacha de grande alma desviou-a pela rapidez de seus movimentos. Com olhos vermelhos de raiva, ele mais uma vez gritou ferozmente, assustando todas as tuas tropas, como as nuvens que aparecem no fim do Yuga. Ouvindo aqueles rugidos ferozes do terrível Rakshasa, Bhishma o filho de Santanu, se aproximando do preceptor, disse essas palavras, 'Esses rugidos selvagens que são ouvidos, proferidos pelos Rakshasas, sem dúvida indicam que o filho de Hidimva está lutando com o rei Duryodhana. Aquele Rakshasa é incapaz de ser vencido em batalha por qualquer criatura. Portanto, abençoados sejam vocês, vão para lá e protejam o rei. O abençoado Duryodhana está sendo atacado pelo Rakshasa de grande alma. Portanto, ó castigadores de inimigos, esse mesmo é nosso maior dever (isto é, o resgate do rei).' Ouvindo aquelas palavras do avô, aqueles poderosos guerreiros em carros sem perda de tempo e com a maior velocidade procederam ao local onde o rei dos Kurus estava. Eles encontraram com Duryodhana e Somadatta e Valhika e Jayadratha; e Kripa e Bhurisravas e Salya, e os dois príncipes de Avanti junto com Vrihadvala, e Aswatthaman e Vikarna, e Chitrasena e Vivinsati. E muitos milhares de outros guerreiros em carros, incluindo todos aqueles que os seguiam, procederam, desejosos de resgatar teu filho Duryodhana que estava em grandes dificuldades. Contemplando aquela divisão invencível protegida por aqueles poderosos guerreiros em carros, indo em direção a ele com intenções hostis, aquele melhor dos Rakshasas, o poderosamente armado Ghatotkacha, ficou firme como a montanha Mainaka, com um arco enorme na mão, e cercado por seus parentes armados com cassetetes e malhos e diversos outros tipos de armas. Então começou uma batalha violenta, de arrepiar os cabelos, entre aqueles Rakshasas de um lado e aquela principal das divisões de Duryodhana do outro. E o barulho alto de vibração de arcos naquela batalha era ouvido, ó rei, em todos os lados parecendo com o barulho feito por bambus queimando. E o estrondo produzido pelas armas caindo sobre as cotas de malha dos combatentes parecia, ó rei, com o barulho de colinas rachando. E as lanças, ó monarca, arremessadas por braços heróicos, enquanto percorriam o céu, pareciam com cobras voando como setas. Então, excitado com grande ira e esticando seu arco gigantesco, o poderosamente armado príncipe dos Rakshasas, proferindo um rugido alto, cortou, com uma

flecha em forma de meia-lua, o arco do preceptor com fúria. E derrubando, com outra flecha de cabeça larga, o estandarte de Somadatta, ele proferiu um grito alto. E ele perfurou Valhika com três flechas no centro do peito. E ele perfurou Kripa com uma flecha, e Chitrasena com três. E com outra flecha, bem armada e bem disparada de seu arco alongado até sua mais completa extensão, ele atingiu Vikarna na junta do ombro. Nisso o último, coberto com sangue, sentou-se no terraço de seu carro. Então aquele Rakshasa de alma incomensurável, excitado com raiva, ó touro da raça Bharata, disparou em Bhurisravas quinze flechas. Essas, atravessando a armadura do último, entraram na terra. Ele então atingiu os quadrigários de Vivingsati e Aswatthaman. Esses caíram na frente de seus carros, abandonando as rédeas dos cavalos. Com outra flecha em forma de meia-lua ele derrubou o estandarte de Jayadratha portando o emblema de um javali e enfeitado com ouro. E com uma segunda flecha ele cortou o arco do último. E com olhos vermelhos em cólera, ele matou com quatro flechas os quatro corcéis do rei de grande alma de Avanti. E com outra flecha, ó rei, bem temperada e afiada, e disparada de seu arco esticado até sua mais total extensão, ele perfurou o rei Vrihadvala. Profundamente perfurado e muito atormentado, o último sentou-se no terraço de seu carro. Cheio de grande ira e posicionado em seu carro, o príncipe dos Rakshasas então disparou muitas flechas brilhantes de pontas afiadas que pareciam cobras de veneno virulento. Essas, ó rei, conseguiram perfurar Salya talentoso em batalha."

94

Sanjaya disse, "Tendo naquela batalha feito todos aqueles guerreiros (do teu exército) desviarem seus rostos do campo, o Rakshasa então, ó chefe dos Bharatas, avançou em Duryodhana, desejoso de matá-lo. Vendo ele avançando com grande impetuosidade em direção ao rei, muitos guerreiros do teu exército, incapazes de ser derrotados em batalha, avançaram em direção a ele (em retorno) pelo desejo de matá-lo. Aqueles poderosos guerreiros em carros, alongando seus arcos que mediam seis cúbitos completos de comprimento, e proferindo altos rugidos como um bando de leões, avançaram todos juntos contra aquele guerreiro sozinho. E cercando-o por todos os lados, eles o cobriram com suas chuvas de flechas como as nuvens cobrindo o leito da montanha com torrentes de chuva no outono. Profundamente perfurado por aquelas flechas e muito atormentado, ele parecia então um elefante perfurado pelo gancho. Rapidamente então ele se elevou ao céu como Garuda. E (enquanto lá) ele proferiu muitos rugidos altos como as nuvens outonais, fazendo o céu e todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários, ressoarem com aqueles gritos ferozes. Ouvindo aqueles rugidos do Rakshasa, ó chefe dos Bharatas, o rei Yudhishthira então, dirigindo-se a Bhima, disse para aquele castigador de inimigos essas palavras, 'O barulho que nós ouvimos proferido pelo Rakshasa rugindo ferozmente, sem dúvida indica que ele está lutando com os poderosos guerreiros em carros do exército Dhartarashtra. Eu vejo também que a carga se evidenciou mais pesada do que a que aquele touro entre os Rakshasas pode suportar. O avô, também, excitado com raiva, está disposto a massacrar os Panchalas. Para protegê-los Phalguni está lutando com o

inimigo. Ó tu de braços fortes, sabendo agora dessas duas tarefas, ambas as quais exigem atenção imediata, vá e socorra o filho de Hidimva que está em uma posição de perigo muito grande.' Escutando essas palavras de seu irmão, Vrikodara, com grande velocidade, procedeu, assuntando todos os reis com seus rugidos leoninos, com grande impetuosidade, ó rei, como o próprio oceano durante o período da nova lua cheia. A ele seguiram Satyadhriti e Sauchiti difíceis de serem vencidos em batalha, e Srenimat, e Vasudana e o poderoso filho do soberano de Kasi, e muitos guerreiros em carros encabeçados por Abhimanyu, como também aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os filhos de Draupadi, e o valente Kshatradeva, e Kshatradharman, e Nila, o soberano dos países baixos, na chefia de suas próprias tropas. E esses circundaram o filho de Hidimva com uma grande divisão de carros (para ajudá-lo). E eles avançaram para o resgate de Ghatotkacha, aquele príncipe dos Rakshasas, com seis mil elefantes, sempre enfurecidos e habilidosos em atacar. E com seus rugidos leoninos altos, e o estrépito das rodas de seus carros, e com o ruído dos cascos de seus cavalos, eles fizeram a própria terra tremer. Ouvindo o rumor daqueles guerreiros que avançavam os rostos das tuas tropas que estavam cheias de ansiedade por causa de seu medo de Bhimasena ficaram pálidos. Deixando Ghatotkacha então eles todos fugiram. Então começou naquela parte do campo uma terrível batalha entre aqueles guerreiros de grande alma e os teus, ambos os quais não retrocediam. Poderosos guerreiros em carros, arremessando diversas espécies de armas, perseguiam e atingiam uns aos outros. Aquela batalha terrível infligindo terror nos corações dos medrosos, era tal que diferentes classes de combatentes ficaram envolvidos uns com os outros. Cavalos lutavam com elefantes e soldados de infantaria com guerreiros em carros. E desafiando uns aos outros, ó rei, eles se engajaram na luta. E por causa daquela colisão de carros, corcéis, elefantes, e soldados de infantaria, uma poeira grossa apareceu, erguida pelas rodas de carros e o passo (daqueles combatentes e animais). E aquela poeira, grossa e da cor de fumaça avermelhada, cobriu o campo de batalha. E os combatentes não podiam distinguir os seus próprios do inimigo. Pai não reconheceu o filho, e filho não reconheceu o pai, naquele combate terrível de arrepiar os cabelos e no qual nenhuma consideração era mostrada (por alguém para alguém). E o barulho feito pelo silvo de armas e pelos combatentes gritando parecia, ó chefe da linhagem de Bharata, aquele feito pelos espíritos dos mortos (nas regiões infernais). E lá fluiu um rio cuja correnteza consistia no sangue de elefantes e corcéis e homens. E o cabelo (dos combatentes) formava suas algas e musgo. E naquela batalha cabeças caindo dos troncos de homens faziam um barulho alto como aquele de uma chuva de pedras caindo. E a terra estava coberta com os troncos sem cabeças de seres humanos, com os corpos mutilados de elefantes e com os membros cortados de corcéis. E poderosos guerreiros em carros perseguiam uns aos outros para atingir uns aos outros, e arremessavam diversas espécies de armas. Corcéis, incitados por seus cavaleiros e se lançando sobre corcéis, se chocavam uns contra os outros e caíam privados de vida. E homens, com olhos vermelhos em cólera, avançando contra homens e atingindo uns aos outros com seus peitos, derrubavam uns aos outros. E elefantes, incitados por seus condutores contra elefantes hostis, matavam seus iguais naquela batalha, com as pontas de suas presas. Cobertos com sangue por causa

de seus ferimentos e enfeitados com estandartes (em suas costas), elefantes estavam envolvidos com elefantes e pareciam com massas de nuvens carregadas com relâmpago. E alguns entre eles levantados (por outros) com as pontas de suas presas, e alguns com seus globos frontais partidos com lanças, corriam para lá e para cá com gritos altos como massas de nuvens ribombando. E alguns entre eles com suas trombas cortadas, e outros com membros mutilados, caíam naquela batalha aterradora como montanhas desprovidas de suas asas. (As montanhas, na mitologia Hindu, tinham asas, até que elas foram privadas destas por Indra com seu raio. Somente Mainaka, o filho de Himavat, salvou-se por meio de um vôo oportuno. Até hoje ele se esconde dentro do oceano.) Outros elefantes enormes, derramando sangue copiosamente de seus flancos, rasgados por companheiros, pareciam com montanhas com greda vermelha (liquidificada) escorrendo por seus lados (depois de uma chuva). Outros, mortos com flechas ou perfurados com lanças e privados de seus condutores, pareciam montanhas privadas de seus topos. Alguns entre eles, possuídos pela ira e cegos (de fúria) por causa do suco (escorrendo de suas têmporas e bochechas), e não mais controlados com o gancho, esmagavam carros e cavalos e soldados de infantaria naquela batalha às centenas. E assim corcéis, atacados por cavaleiros com dardos farpados e lanças, avançavam contra seus atacantes, como se agitando os pontos do horizonte. Guerreiros em carros de ascendência nobre e preparados para sacrificar suas vidas, enfrentando guerreiros em carros, lutavam destemidamente, confiando em sua força máxima. Os combatentes, ó rei, procurando glória ou céu, golpeavam uns aos outros naquela pressão terrível, como se em um casamento por escolha própria. Durante no entanto, aquela batalha terrível de arrepiar os cabelos, as tropas Dhartarashtra geralmente eram feitas retroceder no campo."

95

Sanjaya disse, "Vendo suas próprias tropas mortas, o rei Duryodhana então excitado com cólera, avançou em direção a Bhimasena, aquele castigador de inimigos. Pegando um arco grande cuja refulgência parecia aquela do raio de Indra, ele cobriu o filho de Pandu com uma chuva grossa de setas. E cheio de raiva, e mirando uma flecha em forma de meia-lua afiada alada com penas, ele cortou o arco de Bhimasena. E aquele poderoso guerreiro em carro, notando uma oportunidade, rapidamente mirou em seu adversário uma flecha afiada capaz de fender as próprias colinas. Com aquela (flecha), aquele (guerreiro) de braços fortes atingiu Bhimasena no peito. Profundamente perfurado por aquela flecha, e extremamente atormentado, e lambendo os cantos de sua boca, Bhimasena de grande energia se agarrou em seu mastro de bandeira enfeitado com ouro. Contemplando Bhimasena naquele estado triste, Ghatotkacha se inflamou com fúria como uma conflagração que a tudo consome. Então muitos poderosos guerreiros em carro do exército Pandava, encabeçados por Abhimanyu e com cólera gerada (em seus peitos), avançaram no rei gritando ruidosamente. Vendo eles (assim) avançando (para a luta) cheios de cólera e em grande fúria, o filho de Bharadwaja dirigindo-se aos poderosos guerreiros em carros (do teu lado), disse

essas palavras, 'Vão rapidamente, abençoados sejam vocês, e protejam o rei. Afundando em um oceano de angústia, ele está em uma situação de grande perigo. Esses poderosos guerreiros em carros do exército Pandava, esses arqueiros formidáveis, colocando Bhimasena em sua chefia, estão avançando em direção a Duryodhana, atirando e arremessando diversos tipos de armas, resolvidos a obter sucesso, proferindo gritos terríveis, e amedrontando os reis (no seu lado)'. Ouvindo essas palavras do preceptor, muitos guerreiros do teu lado encabeçados por Somadatta avançaram sobre as tropas Pandava. Kripa e Bhurisravas e Salya, e o filho de Drona e Vivingsati, e Chitrasena e Vikarna, e o soberano dos Sindhus, e Vrihadvala, e aqueles dois arqueiros poderosos, isto é, os dois príncipes de Avanti, cercaram o rei Kuru. Avançando somente vinte passos, os Pandavas e os Dhartarashtras começaram a atacar, desejosos de massacrar uns aos outros. O poderosamente armado filho de Bharadwaja também, tendo dito aquelas palavras (para os guerreiros Dhartarashtra), esticou seu próprio arco grande e perfurou Bhima com vinte e seis setas. E outra vez aquele poderoso guerreiro em carro rapidamente cobriu Bhimasena com uma chuva de setas como uma massa de nuvens derramando torrentes de chuva nos leitos da montanha na estação chuvosa. Aquele arqueiro poderoso Bhimasena, no entanto, de grande força, rapidamente perfurou-o em retorno com dez flechas no lado esquerdo. Profundamente perfurado com aquelas flechas e extremamente atormentado, ó Bharata, o preceptor, enfraquecido como ele está com a idade, sentou-se de repente no terraço de seu carro, privado de consciência. Vendo ele atormentado dessa maneira, o próprio rei Duryodhana, e Aswatthaman também, excitados com cólera, ambos avançaram em direção a Bhimasena. Vendo aqueles dois guerreiros avançarem, cada um como Yama como ele se mostra no fim do Yuga, Bhimasena de braços fortes, pegando rapidamente uma maça, e pulando de seu carro sem perda de tempo, permaneceu imóvel como uma colina, com aquela maça pesada parecendo a própria maça de Yama, erguida em batalha. Contemplando-o com maça (assim) erguida e parecendo (por conta disso) com a Kailasa cristada, o rei Kuru e o filho de Drona avançaram em direção a ele. Então o próprio Bhimasena poderoso avançou impetuosamente naqueles dois principais dos homens assim avançando juntos em direção a ele com grande velocidade. Vendo-o avançando em fúria e com expressão terrível no rosto, muitos poderosos guerreiros em carros do exército Kaurava procederam rapidamente em direção a ele. Aqueles guerreiros em carros encabeçados pelo filho de Bharadwaja, impelidos pelo desejo de matar Bhimasena, arremessaram em seu peito diversas espécies de armas, e assim todos eles juntos afligiram Bhima de todos os lados. Vendo aquele poderoso guerreiro em carro assim afligido e colocado em uma situação de grande perigo, muitos poderosos guerreiros em carros do exército Pandava, encabeçados por Abhimanyu, e preparados para sacrificar a própria vida preciosa, avançaram para o local, desejosos de resgatá-lo. O heróico soberano do país baixo, o amigo querido de Bhima, Nila, parecendo com uma massa de nuvens azuis, avançou no filho de Drona, cheio de ira. Um arqueiro formidável, Nila sempre desejou um combate com o filho de Drona. Alongando seu arco grande, ele perfurou o filho de Drona com muitas flechas aladas, como Sakra nos tempos passados, ó rei, perfurando o invencível Danava Viprachitti, aquele terror dos celestiais, que, movido por raiva amedrontava os três mundos com sua

energia. Perfurado da mesma maneira por Nila com suas flechas bem disparadas aladas com penas, o filho de Drona, coberto com sangue e muito atormentado, estava cheio de fúria. Estirando então seu arco grande, de som alto como o ribombar do trovão de Indra, aquela principal das pessoas inteligentes colocou seu coração na destruição de Nila. Mirando então umas poucas flechas brilhantes de cabeças largas e afiadas pelas mãos de seu forjador, ele matou os quatro corcéis de seu adversário e derrubou também seu estandarte. E com a sétima flecha ele perfurou o próprio Nila no peito. Profundamente perfurado e muito atormentado, ele se sentou no terraço de seu carro. Vendo o rei Nila, que parecia com uma massa de nuvens azuis, desmaiado, Ghatotkacha, cheio de cólera e cercado por seus parentes, avançou impetuosamente em direção ao filho de Drona, aquele ornamento de batalha. Similarmente muitos outros Rakshasas, incapazes de ser facilmente derrotados em batalha, avançaram em Aswatthaman. Vendo então aqueles Rakshasas de aparência terrível indo em direção a ele, o filho valente de Bharadwaja avançou impetuosamente em direção a eles. Cheio de fúria ele matou muitos Rakshasas de aparência formidável, isto é, aqueles coléricos entre eles que estavam na dianteira de Ghatotkacha. Vendo eles repelidos do combate por meio das flechas disparadas do arco do filho de Drona, o filho de Bhimasena Ghatotkacha de tamanho gigantesco estava cheio de raiva. Ele então exibiu uma ilusão feroz e aterradora. Com isso aquele príncipe dos Rakshasas, dotado de poderes de ilusão extraordinários, confundiu o filho de Drona naquela batalha. Então todas as tuas tropas, em consequência daquela ilusão, viraram suas costas sobre o campo. Eles viram uns aos outros derrubados e jazendo prostrados sobre a superfície da terra, se contorcendo convulsivamente, totalmente desamparados, e banhados em sangue. Drona e Duryodhana e Salya e Aswatthaman, e outros grandes arqueiros que eram considerados como os mais notáveis entre os Kauravas, também pareciam fugir. Todos os guerreiros em carros pareciam estar subjugados, e todos os reis pareciam estar mortos. E cavalos e cavaleiros pareciam estar derrubados aos milhares. Contemplando tudo isso, tuas tropas fugiram em direção às suas tendas. E embora, ó rei, eu mesmo e Devavrata gritássemos com o máximo de nossas vozes, dizendo, 'Lutem, não fujam, tudo isso é ilusão Rakshasa em batalha, aplicada por Ghatotkacha!' Eles porém não pararam, seus sentidos estando confusos. Embora nós dois falássemos assim, contudo tomados pelo pânico, eles não deram crédito às nossas palavras. Vendo eles fugirem os Pandavas consideraram que a vitória era deles. Com Ghatotkacha (entre eles) eles proferiram muitos gritos leoninos. E por toda parte eles encheram o ar com seus gritos misturados com o clangor de suas conchas e a batida de suas baterias. Foi assim que teu exército inteiro, derrotado pelo perverso Ghatotkacha, perto da hora do pôr do sol, fugiu em todas as direções.'"

96

Sanjaya disse, "Depois daquela grande batalha, o rei Duryodhana, se aproximando do filho de Ganga e saudando-o com humildade, começou a narrar para ele tudo o que tinha acontecido acerca da vitória obtida por Ghatotkacha e

sua própria derrota. Aquele guerreiro invencível, ó rei, suspirando repetidamente, disse essas palavras para Bhishma, o avô dos Kurus, 'Ó senhor, confiando em ti, como o inimigo tem (confiado em) Vasudeva, uma guerra violenta foi começada por mim com os Pandavas. Esses onze Akshauhinis de tropas célebres que eu tenho, são, comigo mesmo, obedientes ao teu comando, ó castigador de inimigos. Ó tigre entre os Bharatas, embora assim situado, eu ainda tenho sido derrotado em batalha pelos guerreiros Pandava encabeçados por Bhimasena confiando em Ghatotkacha. É isso que consome meus membros como fogo consumindo árvore seca. Ó abençoado, ó castigador de inimigos, eu portanto, desejo, pela tua graça, ó avô, eu mesmo matar Ghatotkacha, aquele pior dos Rakshasas, confiando na tua pessoa invencível. Cabe a ti cuidar para que esse meu desejo seja realizado.' Ouvindo essas palavras do rei, aquele principal entre os Bharatas, Bhishma, o filho de Santanu, disse essas palavras para Duryodhana, 'Ouça, ó rei, essas minhas palavras que eu digo para ti, ó tu da linhagem de Kuru, sobre a maneira na qual tu, ó castigador de inimigos, deves sempre te comportar. A própria pessoa, sob todas as circunstâncias, deve ser protegida em batalha, ó repressor de inimigos. Tu deves sempre, ó impecável, lutar com o rei Yudhishthira o justo, ou com Arjuna, ou com os gêmeos, ou com Bhimasena. Mantendo o dever de um rei diante dele mesmo, um rei ataca um rei. Eu mesmo, e Drona, e Kripa, e o filho de Drona, e Kritavarman da linhagem de Satwata, e Salya, e o filho de Somadatta, e o poderoso guerreiro em carro Vikarna, e teus irmãos heróicos encabeçados por Dussasana, iremos todos, por tua causa, lutar contra aqueles Rakshasas poderosos. Ou se tua aflição por conta daquele feroz príncipe dos Rakshasas for grande demais, que este proceda em batalha contra aquele guerreiro perverso, isto quer dizer, o rei Bhagadatta que é igual ao próprio Purandara em luta'. Tendo dito isso para o rei, o avô hábil em discurso então se dirigiu a Bhagadatta na presença do rei (Kuru), dizendo, 'Proceda rapidamente, ó grande monarca, contra aquele guerreiro invencível, o filho de Hidimva. Resista em batalha, com cuidado, e em vista de todos os arqueiros, àquele Rakshasa de feitos cruéis, como Indra nos tempos passados resistindo a Taraka. Tuas armas são celestiais. Tua destreza também é grandiosa, ó castigador de inimigos. Antigamente muitos foram os combates que tu tiveste com Asuras, ó tigre entre reis, tu estás à altura daquele Rakshasa na grande batalha. Fortemente apoiado por tuas próprias tropas, mate, ó rei, aquele touro entre os Rakshasas'. Ouvindo essas palavras de Bhishma o generalíssimo (do exército Kaurava), Bhagadatta partiu especialmente com um rugido leonino encarando as tropas do inimigo. Vendo-o avançar em direção a eles como uma massa de nuvens ribombando, muitos poderosos guerreiros em carros do exército Pandava procederam contra ele, inflamados com cólera. Eles eram Bhimasena, e Abhimanyu e o Rakshasa Ghatotkacha; e os filhos de Draupadi, e Satyadhriti, e Kshatradeva, ó majestade, e os soberanos dos Chedis, e Vasudana, e o rei dos Dasarnas. Bhagadatta então, em seu elefante chamado Supratika, avançou contra eles. Então começou uma batalha feroz e terrível entre os Pandavas e Bhagadatta, que aumentou a população do reino de Yama. Flechas de energia terrível e grande ímpeto, disparadas por guerreiros em carros, caíam, ó rei, sobre elefantes e carros. Elefantes enormes com têmporas fendidas e treinados (para a luta) por seus guias, se aproximando lançavam-se uns sobre os outros destemidamente. Cegados (com fúria) por causa do suco temporal

escorrendo por seus corpos, e excitados com raiva, atacando uns aos outros com suas presas parecendo cassetetes firmes, eles perfuravam uns aos outros com as pontas daquelas armas. Ornados com rabos excelentes, e conduzidos por guerreiros armados com lanças, corcéis, incitados por aqueles cavaleiros se lançavam destemidamente e com grande impetuosidade uns sobre os outros. E soldados de infantaria, atacados por grupos de soldados de infantaria com dardos e lanças, caíam no chão às centenas e milhares. E guerreiros em carros sobre seus carros, massacrando adversários heróicos naquela batalha por meio de setas farpadas e mosquetes e flechas, proferiam gritos leoninos. E durante a continuação da batalha de arrepiar os cabelos, aquele grande arqueiro, Bhagadatta, avançou em direção a Bhimasena, em seu elefante de têmporas fendidas e com suco escorrendo em sete correntes e parecendo (por conta disso) uma montanha com (sete) pequenos riachos fluindo em declive em seu leito depois de uma chuva. E ele se aproximou, ó impecável, espalhando milhares de flechas a partir da cabeça de Supratika (sobre o qual ele permanecia) como o próprio Purandara ilustre em seu Airavata. O rei Bhagadatta afligiu Bhimasena com aquela chuva de flechas como as nuvens afligindo o leito da montanha com torrentes de chuva no término do verão. Aquele arqueiro poderoso Bhimasena, no entanto, excitado com raiva, matou com suas chuvas de flechas os combatentes numerando mais do que cem, que protegiam os flancos e a retaguarda de Bhagadatta. Vendo eles mortos, o bravo Bhagadatta, cheio de raiva, incitou seu príncipe dos elefantes em direção ao carro de Bhimasena. Aquele elefante, assim incitado por ele, avançou impetuosamente como uma flecha propelida da corda do arco em direção a Bhimasena, aquele castigador de inimigos. Vendo aquele elefante avançando, os poderosos guerreiros em carros do exército Pandava, colocando Bhimasena em sua dianteira, avançaram eles mesmos em direção a ele. Aqueles guerreiros eram os (cinco) príncipes Kekaya, e Abhimanyu, e os (cinco) filhos de Draupadi e o heróico soberano dos Dasarnas, e Kshatradeva também, ó majestade, e o soberano dos Chedis, e Chitraketu. E todos esses guerreiros poderosos se aproximaram, inflamados com raiva, e exibindo suas armas celestes excelentes. E eles todos cercaram com fúria aquele elefante sozinho (sobre o qual seu adversário montava). Perfurado por muitas flechas, aquele elefante enorme, coberto com sangue fluindo de seus ferimentos, parecia resplandecente como um príncipe das montanhas matizado com greda vermelha (liquidificada depois de uma chuva). O soberano dos Dasarnas então, em um elefante que parecia uma montanha, avançou em direção ao elefante de Bhagadatta. Aquele príncipe dos elefantes, no entanto, Supratika, aguentou (a investida) daquele igual que avançava como o continente aguentando (a investida das) ondas do mar. Vendo aquele elefante do rei de grande alma dos Dasarnas assim resistido, até as tropas Pandava, aplaudindo, gritaram: 'Excelente, excelente!' Então aquele melhor dos reis, o soberano dos Pragjyotishas, excitado com raiva, disparou catorze lanças naquele elefante. Essas, atravessando rapidamente a armadura excelente, enfeitada com ouro, que cobria o corpo do animal, entraram nele, como cobras entrando em formigueiros. Profundamente perfurado e extremamente atormentado, aquele elefante, ó chefe dos Bharatas, sua fúria abrandada, retrocedeu rapidamente com grande força. E ele fugiu com grande velocidade, proferindo gritos terríveis, e esmagando as tropas Pandava

como a tempestade oprimindo árvores com sua violência. Depois que aquele elefante tinha sido (assim) subjugado, os poderosos guerreiros em carros do exército Pandava, proferindo altos gritos leoninos, se aproximaram para lutar. Colocando Bhima em sua chefia, eles avançaram em Bhagadatta espalhando diversas espécies de setas e diversas espécies de armas. Ouvindo os gritos selvagens, ó rei, daqueles guerreiros que avançavam cheios de raiva e vingança, aquele grande arqueiro Bhagadatta, cheio de fúria e perfeitamente destemido, incitou seu próprio elefante. Aquele príncipe dos elefantes então, assim incitado com o gancho e o dedo do pé, logo assumiu a forma (todo-destrutiva) do fogo Samvarta (que aparece no fim do Yuga). Esmagando multidões de carros e iguais (hostis) e corcéis com cavaleiros, naquela batalha, ele começou, ó rei, a se mover para lá e para cá. Cheio de fúria ele também esmagou soldados de infantaria às centenas e milhares. Atacado e agitado por aquele elefante, aquele exército grande dos Pandavas encolheu em dimensões, ó rei, como um pedaço de couro exposto ao calor do fogo. Contemplando então a formação de combate Pandava rompida pelo inteligente Bhagadatta, Ghatotkacha, de aparência feroz, ó rei, com rosto brilhante e olhos vermelhos como fogo, cheio de raiva, avançou em direção a ele. Assumindo uma forma terrível e queimando com cólera, ele pegou um dardo brilhante capaz de fender as próprias colinas. Dotado de grande força, ele arremessou com força aquele dardo que emitia chamas ardentes de todas as partes, desejoso de matar aquele elefante. Vendo aquele dardo correndo em direção a ele com grande impetuosidade, o soberano dos Pragjyotishas disparou nele uma flecha bela mas feroz e afiada com uma cabeça de meia-lua. Possuidor de grande energia ele cortou aquele dardo com aquela sua flecha. Nisso aquele dardo, decorado com ouro, assim dividido em dois, caiu no chão, como o raio do céu, arremessado por Indra, flamejando pelo firmamento. Vendo aquele dardo (de seu adversário), ó rei, dividido em dois e caído no chão, Bhagadatta pegou uma lança grande equipada com uma vara dourada e parecendo uma chama de fogo em refulgência, e arremessou-a no Rakshasa, dizendo, 'Espere, Espere'. Vendo ela correndo em direção a ele como o raio do céu pelo firmamento, o Rakshasa saltou para o alto e agarrando-a rapidamente proferiu um grito alto. E colocando-a rapidamente contra seu joelho, ó Bharata, ele a quebrou na própria vista de todos os reis. Tudo isso parecia muito extraordinário. Vendo aquela façanha realizada pelo Rakshasa poderoso, os celestiais no firmamento, com os Gandharvas e os Munis, estavam cheios de admiração. E os guerreiros Pandava também, encabeçados por Bhimasena, encheram a terra com gritos de 'Excelente, Excelente'. Ouvindo, no entanto, aqueles gritos altos dos Pandavas regozijantes, aquele grande arqueiro, o valente Bhagadatta, não pode tolerar isso (friamente). Alongando seu arco grande cuja refulgência parecia aquela do raio de Indra, ele rugiu com grande energia para os poderosos guerreiros em carros do exército Pandava, disparando ao mesmo tempo muitas flechas brilhantes de gume excelente e possuidoras da refulgência do fogo. E ele perfurou Bhima com uma seta, e o Rakshasa com nove. E ele perfurou Abhimanyu com três, e os irmãos Kekaya com cinco. E com outra flecha reta atirada de seu arco esticado até sua mais completa extensão, ele perfurou, naquela batalha, o braço direito de Kshatradeva. Nisso o arco do último com flecha fixada na corda caiu de sua mão. E ele atingiu os cinco filhos de Draupadi com cinco setas. E por raiva, ele matou

os corcéis de Bhimasena. E com três flechas aladas com penas, ele derrubou o estandarte de Bhimasena portando o emblema de um leão. E com três outras flechas ele perfurou o quadrigário de Bhima. Profundamente perfurado por Bhagadatta naquela batalha, e muito atormentado, Visoka por causa disso, ó chefe dos Bharatas, sentou-se na plataforma do carro. Então, ó rei, aquele principal dos guerreiros em carros, Bhima, assim privado de seu carro, saltou rapidamente de seu veículo grande pegando sua maça. Vendo ele com maça erguida e parecendo com uma colina cristada, todas as tuas tropas, ó Bharata, ficaram cheias de grande temor. Exatamente nesse momento aquele filho de Pandu que tinha Krishna como seu quadrigário, ó rei, massacrando o inimigo por todos os lados enquanto ele se aproximava, apareceu naquele local onde aqueles tigres entre os homens, aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, Bhimasena e Ghatotkacha, pai e filho, estavam lutando com o soberano dos Pragjyotishas. Vendo seus irmãos, aqueles poderosos guerreiros em carros, engajados na batalha, aquele filho de Pandu rapidamente começou a lutar, espalhando profusamente suas flechas, ó chefe dos Bharatas. Então aquele poderoso guerreiro em carro, o rei Duryodhana, incitou depressa para a frente uma divisão de suas tropas abundando com carros e elefantes. Em direção àquela poderosa divisão dos Kauravas assim avançando com impetuosidade, Arjuna de corcéis brancos avançou com grande energia. Bhagadatta também, sobre aquele elefante dele, ó Bharata, esmagando as tropas Pandava, avançou em direção a Yudhishthira. Então começou uma batalha violenta entre Bhagadatta, ó majestade, e os Panchalas, os Srinjayas, e os Kekayas, com armas erguidas. Então Bhimasena, naquela batalha contou para Kesava e Arjuna em detalhes sobre a morte de Iravat como ela tinha ocorrido."

97

Sanjaya disse, "Sabendo que seu filho Iravat tinha sido morto, Dhananjaya estava cheio de grande aflição e suspirava como uma cobra. E dirigindo-se a Vasava no meio da batalha, ele disse essas palavras, 'Sem dúvida, Vidura de grande alma de sabedoria excelente viu antes (com a visão de sua mente) essa destruição terrível dos Kurus e dos Pandavas. Foi por isso que ele se opôs ao rei Dhritarashtra. Nessa batalha, ó matador de Madhu, muitos outros heróis tem sido mortos pelos Kauravas e muitos entre os Kauravas similarmente tem sido mortos por nós. Ó melhor dos homens, por causa de riqueza atos vis estão sendo feitos. Que vergonha para aquela riqueza por causa da qual tal massacre de parentes está sendo perpetrado. Para aquele que não tem riqueza, até morte seria melhor do que a aquisição de riqueza pela matança de parentes. O que, ó Krishna, nós ganharemos por matarmos nossos parentes reunidos? Ai, pelo erro de Duryodhana, e também de Sakuni o filho de Suvala, como também por causa dos maus conselhos de Karna, a classe Kshatriya está sendo exterminada, ó matador de Madhu. Eu agora compreendo, ó de braços fortes, que o rei agiu sabiamente ao rogar de Suyodhana somente metade do reino, ou, em vez disso, somente cinco aldeias. Ai, nem isso foi concedido por aquele indivíduo de alma perversa.

Contemplando tantos Kshatriyas valentes jazendo (mortos) no campo de batalha, eu me censuro, (dizendo) que vergonha para a profissão de um Kshatriya! Os Kshatriyas me considerarão impotente em batalha. Só por isso eu estou lutando. Além disso, ó matador de Madhu, essa batalha com parentes é repugnante para mim. Incite os corcéis adiante com velocidade em direção ao exército Dhartarashtra, eu irei, com meus dois braços, alcançar a outra margem desse oceano de batalha que é tão difícil de se cruzar. Não há tempo, ó Madhava, a perder em ação'. Assim endereçado por Partha, Kesava, aquele matador de heróis hostis, incitou aqueles corcéis de cor branca dotados da velocidade do vento. Então, ó Bharata, alto era o barulho que era ouvido entre tuas tropas, parecendo aquele do próprio oceano na maré cheia quando agitado pela tempestade. Na tarde, ó rei, a batalha que se seguiu entre Bhishma e os Pandavas foi marcada por barulho que parecia o ribombar das nuvens. Então, ó rei, teus filhos, cercando Drona como os Vasus cercando Vasava, avançaram na batalha contra Bhimasena. Então o filho de Santanu, Bhishma, e aqueles mais notáveis dos guerreiros em carros, isto é, Kripa, e Bhagadatta, e Susarman, todos foram em direção a Dhananjaya. E o filho de Hridika (Kritavarman) e Valhika avançaram em direção a Satyaki. E o rei Amvashta se colocou diante de Abhimanyu. E outros grandes guerreiros em carros, ó rei, enfrentaram outros grandes guerreiros em carros. Então começou uma batalha feroz que foi terrível de se ver. Bhimasena então, ó rei, vendo teus filhos, se inflamou com ira naquela batalha, como fogo com (uma libação de) manteiga clarificada. Teus filhos, no entanto, ó monarca, cobriram aquele filho de Kunti com suas flechas como as nuvens encharcando o leito da montanha na estação das chuvas. Enquanto sendo (assim) coberto de diversas maneiras por teus filhos, ó rei, aquele herói, possuidor da vivacidade do tigre, lambeu os cantos de sua boca. Então, ó Bharata, Bhima derrubou Vyudoroska com uma flecha afiada de cabeça de ferradura. Nisso aquele teu filho foi privado de vida. Com outra flecha de cabeça larga, bem temperada e afiada, ele então derrubou Kundalin como um leão derrubando um animal menor. Então, ó majestade, tendo teus (outros) filhos (dentro do alcance de suas flechas), ele pegou diversas flechas, afiadas e bem temperadas, e com mira cuidadosa disparou-as rapidamente neles. Aquelas flechas, atiradas por aquele arqueiro forte, Bhimasena, derrubou teus filhos, aqueles poderosos guerreiros em carros, de seus veículos. (Esses filhos teus que foram mortos dessa maneira eram) Anadhriti, e Kundabhedin, e Virata, e Dirghalochana, e Dirghavahu, e Suvahu, e Kanykadhyaja. Enquanto caíam (de seus carros), ó touro da raça Bharata, aqueles heróis pareciam resplandecentes como mangueiras matizadas com flores na primavera. Então teus outros filhos, ó monarca, fugiram, considerando o poderoso Bhimasena como a própria Morte. Então como as nuvens derramando torrentes de chuva no leito da montanha, Drona naquela batalha cobriu com flechas de todos os lados aquele herói que estava assim consumindo teus filhos. A destreza que nós então vimos do filho de Kunti foi muito extraordinária, pois embora refreado por Drona, ele ainda matou teus filhos. De fato, como um touro aguenta uma chuva caída de cima, Bhima alegremente suportou aquela chuva de setas disparadas por Drona. Admirável, ó monarca, foi o feito que Vrikodara realizou lá, pois ele matou teus filhos naquela batalha e resistiu a Drona ao mesmo tempo. De fato, o irmão mais velho de Arjuna se divertiu entre aqueles teus filhos heróicos,

como um tigre poderoso, ó rei, entre um bando de veados. Como um lobo, no meio de um bando de veados, perseguiria e apavoraria aqueles animais, assim Vrikodara, naquela batalha, perseguiu e apavorou teus filhos."

"Enquanto isso o filho de Ganga e Bhagadatta, e aquele poderoso guerreiro em carro, Gautama, começaram a resistir a Arjuna, aquele filho impetuoso de Pandu. Aquele Atiratha, desviando com suas armas as armas daqueles seus adversários naquela batalha, despachou muitos heróis proeminentes do teu exército para a residência da Morte. Abhimanyu também, com suas flechas, privou aquele renomado e principal dos guerreiros em carros, o rei Amvashta, de seu carro. Privado de seu carro e prestes a ser morto pelo filho célebre de Subhadra, aquele rei saltou rapidamente de seu carro em vergonha, e arremessou sua espada naquela batalha em Abhimanyu de grande alma. Então, aquele monarca poderoso subiu no carro do filho de Hridika, conhecedor de todos os movimentos em batalha. O filho de Subhadra, aquele matador de heróis hostis, vendo aquela espada correndo em direção a ele, desviou-a pela celeridade de seus movimentos. Vendo aquela espada assim frustrada naquela batalha pelo filho de Subhadra, gritos altos de 'Muito bem!' 'Muito bem!' foram, ó rei, ouvidos entre as tropas. Outros guerreiros encabeçados por Dhrishtadyumna lutaram com tuas tropas, enquanto tuas tropas, também, todas lutaram com aquelas dos Pandavas. Então, ó Bharata, violento foi o combate que teve lugar entre os teus e os deles, aqueles combatentes atacando uns aos outros com grande força e realizando as façanhas mais difíceis. Bravos combatentes, ó majestade, agarrando uns aos outros pelo cabelo, lutavam usando suas unhas e dentes, e punhos e joelhos, e palmas e espadas, e seus braços bem proporcionados. E aproveitando os pontos fracos uns dos outros, eles despachavam uns aos outros para a residência de Yama. Pai matou filho, e filho matou pai. De fato, os combatentes lutavam entre si, usando todos os seus membros. Arcos belos com bastões dourados, ó Bharata, soltos dos punhos de guerreiros mortos, e ornamentos caros, e flechas afiadas equipadas com asas de ouro puro ou prata e lavadas com óleo, pareciam resplandecentes (quando eles jaziam espalhados sobre o campo), as últimas parecendo, em particular, cobras que tinham abandonado sua pele. E espadas equipadas com cabos de marfim decorados com ouro, e os escudos também de arqueiros, matizados com ouro, jaziam sobre o campo, soltos de seus punhos. Dardos farpados e machados e espadas e venábulos, todos enfeitados com ouro, belas cotas de malha, e cassetetes pesados e curtos, e maças com ferrões, e machados de batalha, e setas curtas, ó majestade, e cobertores de elefantes de diversas formas, e rabos de iaque, e leques, jaziam espalhados no campo. E poderosos guerreiros em carros jaziam no campo com diversos tipos de armas em suas mãos ou ao lado deles, e parecendo vivos, embora o ar vital tivesse ido embora. E homens jaziam sobre o campo com membros despedaçados com maças e cabeças esmagadas com clavas, ou esmagados por elefantes, corcéis, e carros. E a terra, coberta em muitos lugares com os corpos de corcéis mortos, homens, e elefantes, parecia bela, ó rei, como se coberta com colinas. E o campo de batalha se encontrava coberto com dardos caídos e espadas e flechas e lanças e cimitarras e machados e dardos farpados e alavancas de ferro e machados de batalha, e maças com pontas de ferro e setas curtas e Sataghnis (literalmente

'matadores de cem', que se supõe que sejam um tipo de foguete) e corpos mutilados por armas. E, ó matador de inimigos, cobertos com sangue, guerreiros jaziam prostrados no campo, alguns privados de vida e portanto, no silêncio da morte, e outros proferindo gemidos baixos. E a terra, coberta com aqueles corpos, apresentava uma visão variada. E coberta com os braços de guerreiros fortes cobertos com pasta de sândalo e enfeitados com proteções de couro e braceletes, com coxas afiladas parecendo trombas de elefantes, e com cabeças caídas, ornadas com pedras preciosas anexadas a turbantes e com brincos de combatentes de olhos grandes, ó Bharata, a terra assumiu uma visão bela. E o campo de batalha, coberto com sangue, cotas de malha tingidas e ornamentos dourados de muitos tipos, parecia muito bela como se com fogos (espalhados) de chamas suaves. E com ornamentos de diversas espécies caídos de seus lugares, com arcos jazendo por todos os lados, com flechas de asas douradas espalhadas em volta, com muitos carros quebrados adornados com fileiras de sinos, com muitos corcéis mortos espalhados em volta cobertos com sangue e com suas línguas para fora, com fundos de carros, bandeiras, aljavas, e estandartes, com conchas gigantescas, pertencentes a grandes heróis, de brancura leitosa jazendo em volta, e com elefantes sem trombas jazendo prostrados, a terra parecia bela como uma donzela enfeitada com diversos tipos de ornamentos. E lá, com outros elefantes perfurados com lanças e em grande agonia, e frequentemente proferindo gemidos baixos com suas trombas, o campo de batalha parecia belo como se com colinas moventes. Com cobertores de diversas cores, e mantas de elefantes, com ganchos belos caindo por todos os lados tendo cabos decorados com pedras de lápis lazúli, com sinos espalhados que tinham adornado elefantes gigantescos, com tecidos claros e matizados como também peles de veado Ranku, com belas correntes para o pescoço de elefantes, com cinturões enfeitados com ouro, com mecanismos quebrados de diversos tipos, com dardos farpados enfeitados com ouro, com mantas bordadas de cavalos, empardecidas com poeira, com os braços cortados de soldados da cavalaria, enfeitados com braceletes e jazendo por todos os lados, com lanças polidas e afiadas e espadas brilhantes, com variadas proteções para a cabeça caídas (de cabeças) e espalhadas em volta, com belas flechas em forma de meia-lua adornadas com ouro, com mantos de corcéis, com peles de veado Ranku, rasgadas e trituradas, com pedras preciosas belas e caras que enfeitavam as proteções para a cabeça de reis, com seus guarda-sóis espalhados e rabos de iaque e leques, com rostos, luminosos como o lótus ou a lua, de guerreiros heróicos, enfeitados com brincos belos e ornados com barbas bem cortadas, coberta e brilhante com outros ornamentos de ouro, a terra parecia com o firmamento coberto com planetas e estrelas. Assim, ó Bharata, os dois exércitos, o teu e o deles, enfrentando um ao outro em batalha, oprimiram um ao outro. E depois que os combatentes estavam fatigados, derrotados, e oprimidos, ó Bharata, a noite escura começou e a batalha não podia mais ser vista. Por isso ambos os Kurus e os Pandavas retiraram seus exércitos, quando chegou aquela noite terrível de escuridão pícea. E tendo retirado suas tropas, os Kurus e os Pandavas descansaram à noite, se recolhendo para suas respectivas tendas."

98

Sanjaya disse, "Então o rei Duryodhana, e Sakuni o filho de Suvala, e teu filho Dussasana, e o invencível filho do Suta (Karna) se reunindo, trocaram idéias da seguinte maneira: Como os filhos de Pandu, com seus seguidores, podem ser subjugados em batalha? Esse mesmo foi o assunto de sua conversa. Então o rei Duryodhana, dirigindo-se ao filho do Suta e ao poderoso Sakuni, disse para todos aqueles seus conselheiros, 'Drona, Bhishma, e Kripa, e Salya e o filho de Somadatta não resistem aos Parthas. Eu não sei qual é o motivo de tal conduta (deles). Não mortos por algum desses, os Pandavas estão destruindo minhas tropas. Portanto, ó Karna, eu estou me tornando mais fraco em poder e minhas armas também estão se esgotando. Eu estou sendo logrado pelos Pandavas heróicos, eles que são incapazes de ser vencidos pelos próprios deuses. Dúvida enche a minha mente quanto a como, de fato, eu conseguirei derrotá-los em batalha.' Para o rei que falou assim, ó grande monarca, o filho do Suta respondeu, 'Não te aflijas, ó chefe dos Bharatas. Eu mesmo farei o que é agradável para ti. Que o filho de Santanu Bhishma se retire logo da grande batalha. Depois que o filho de Ganga tiver se retirado da luta e posto de lado suas armas, eu matarei Partha junto com todos os Somakas, na própria vista de Bhishma. Eu empenho minha verdade, ó rei. De fato, Bhishma todo dia mostra piedade pelos Pandavas. Ele é, além disso, incapaz de vencer aqueles poderosos guerreiros em carros. Bhishma é orgulhoso de mostrar sua destreza em batalha. Ele também gosta muito de lutar. Por que, ó majestade, ele vencerá, portanto, os Pandavas reunidos (pois em tal caso a batalha estará terminada)? Portanto, dirigindo-te sem demora para a tenda de Bhishma, peça àquele velho e venerável senhor pôr de lado suas armas. Depois que ele tiver posto de lado suas armas, ó Bharata, pense nos Pandavas como já mortos, com todos os seus amigos e parentes, ó rei, por eu mesmo sozinho.' Assim endereçado por Karna, teu filho Duryodhana então disse para seu irmão Dussasana essas palavras, 'Cuide, ó Dussasana, para que sem demora todos aqueles que andam em meu séquito estejam vestidos.' Tendo dito essas palavras, ó monarca, o rei se dirigiu a Karna, dizendo, 'Fazendo Bhishma, aquele mais notável dos homens, concordar com isso, eu, sem demora, virei a ti, ó castigador de inimigos. Depois que Bhishma tiver se retirado da batalha, tu atacarás (o inimigo) em batalha'. Então teu filho, ó monarca, saiu sem demora, acompanhado por seus irmãos como Ele de cem sacrifícios (acompanhado) pelos deuses. Então seu irmão Dussasana fez aquele tigre entre os reis, dotado, além disso, da bravura de um tigre, montar em seu cavalo. Enfeitado com braceletes, com diadema na cabeça, e adornado com outros ornamentos em seus braços, ó rei, teu filho resplandecia brilhantemente conforme ele procedia pelas ruas. Coberto com pasta de sândalo fragrante da cor da flor Bhandi e brilhante como ouro polido, e vestido em vestimentas limpas, e procedendo com o modo de andar esportivo do leão, Duryodhana parecia belo como o Sol de brilho resplandecente no firmamento. E conforme aquele tigre entre homens procedia em direção à tenda de Bhishma, muitos arqueiros poderosos, célebres pelo mundo, seguiram atrás dele. E seus irmãos também andavam em seu séquito, como os celestiais andado atrás de Vasava. E outros, principais dos homens, montados sobre

corcéis, e muitos outros também em elefantes, ó Bharata, e outros em carros, o circundaram por todos lados. E muitos entre aqueles que lhe desejavam bem, pegando armas para proteção de sua pessoa nobre, apareceram lá em grupos grandes, como os celestiais cercando Sakra no céu. O poderoso chefe dos Kurus, adorado por todos os Kauravas, seguiu dessa maneira, ó rei, em direção aos aposentos do filho renomado de Ganga. Sempre seguido e cercado por seus irmãos, ele procedeu, erguendo muitas vezes seu braço direito, massivo e parecendo a tromba de um elefante e capaz de resistir a todos os inimigos. E com aquele braço dele, ele aceitou os cumprimentos que foram prestados a ele de todos os lados por espectadores curiosos que permaneciam erguendo em direção a ele suas mãos unidas. E ele ouvia, enquanto ele viajava, as vozes belas dos nativos de reinos diversos. De grande fama, ele foi elogiado por bardos e elogiadores. E em retorno aquele grande rei prestou seus cumprimentos a eles todos. E muitas pessoas de grande alma ficaram em volta dele com lâmpadas acesas de ouro alimentadas com óleo fragrante. E cercado por lâmpadas douradas, o rei parecia radiante como a Lua acompanhada pelos planetas brilhantes em redor dela. E (servidores) com enfeites de cabeça adornados com ouro, tendo bastões e Jhariharas nas mãos, gentilmente fizeram a multidão por toda parte abrir caminho. O rei então, alcançando os aposentos excelentes de Bhishma, apeou de seu cavalo. E chegado na presença de Bhishma, aquele soberano de homens saudou Bhishma e então sentou-se em um assento excelente feito de ouro, inteiramente belo e coberto com um rico revestimento. Com mãos unidas, olhos banhados em lágrimas, e voz sufocada em angústia, ele então se dirigiu a Bhishma, dizendo, 'Recebendo tua proteção em batalha, ó matador de inimigos, nós ousamos vencer os próprios deuses e os Asuras com Indra em sua chefia. O que eu direi, portanto, dos filhos de Pandu, embora eles sejam heróicos, com seus parentes e amigos? Portanto, ó filho de Ganga, cabe a ti, ó senhor, me mostrar piedade. Mate os bravos filhos de Pandu como Mahendra matando os Danavas. 'Eu matarei, ó rei, todos os Somakas e os Panchalas e os Karushas junto com os Kekayas, ó Bharata.' Essas foram tuas palavras para mim. Que essas palavras se tornem verdadeiras. Mate os Parthas reunidos, e aqueles arqueiros poderosos, os Somakas. Faça verdadeiras tuas palavras, ó Bharata. Se por bondade (pelos Pandavas), ó rei, ou por teu ódio por minha pessoa infeliz, tu poupas os Pandavas, então permitas que Karna, aquele ornamento de batalha, lute. Ele vencerá em batalha os Parthas com todos os seus amigos e parentes.' O rei, teu filho Duryodhana, tendo dito isso, fechou seus lábios sem dizer qualquer coisa mais para Bhishma de bravura terrível."

99

Sanjaya disse, "Bhishma de grande alma, profundamente perfurado por aqueles punhais verbais por teu filho, ficou cheio de grande angústia. Mas ele não disse uma única palavra desagradável em resposta. De fato, mutilado por aqueles punhais verbais e cheio de dor e raiva, ele suspirou como uma cobra e refletiu (em silêncio) por um longo tempo. Erguendo seus olhos então, e como se consumindo,

por ira, o mundo com os celestiais, os Asuras, e os Gandharvas, aquela principal das pessoas conhecedoras do mundo, então se dirigiu a teu filho e disse a ele essas palavras tranquilas, 'Por que, ó Duryodhana, tu me atinges dessa maneira com teus punhais verbais? Eu sempre me esforço ao máximo para realizar, e realizo, o que é para o teu bem. De fato, pelo desejo de fazer o que é agradável para ti, eu estou preparado para sacrificar minha vida em batalha. Os Pandavas são realmente invencíveis. Quando o corajoso filho de Pandu gratificou Agni na floresta de Khandava, derrotando o próprio Sakra em batalha, essa mesma é uma indicação suficiente. Quando, ó poderosamente armado, o mesmo filho de Pandu te resgatou enquanto tu estavas sendo levado preso pelos Gandharvas, essa mesma é uma indicação suficiente. Naquela ocasião, ó senhor, teus bravos irmãos todos fugiram, como também o filho de Radha da casta Suta. Aquele (resgate, portanto, por Arjuna) é uma indicação suficiente. Na cidade de Virata, sozinho ele se lançou sobre todos nós juntos. Essa é uma indicação suficiente. Vencendo em batalha Drona e eu mesmo excitado com raiva, ele levou nossos mantos. Essa é uma indicação suficiente. Naquela ocasião, antigamente, da captura do gado, ele venceu aquele poderoso arqueiro filho de Drona, e Saradwat também. Essa é uma indicação suficiente. Derrotando Karna também que é muito vaidoso de sua coragem, ele deu os mantos do último para Uttara. Essa é uma indicação suficiente. O filho de Pritha derrotou em batalha os Nivatakavachas que não podiam ser vencidos pelo próprio Vasava. Essa é uma indicação suficiente. Quem, de fato, é capaz de subjugar em batalha o filho de Pandu pela força, ele que tem como seu protetor o Protetor do Universo armado com concha, disco, e maça? Vasudeva é possuidor de poder infinito, e é o Destruidor do Universo. Ele é o Senhor sublime de todos, o Deus dos deuses, a Alma Suprema e eterna. Ele é descrito de modo variado, ó rei, por Narada e outros grandes Rishis. Por causa da tua insensatez, no entanto, ó Suyodhana, tu não sabes o que deve ser dito e o que não se deve. O homem a ponto de morrer vê todas as árvores como sendo feitas de ouro. Assim tu também, ó filho de Gandhari, vês tudo invertido. Tendo provocado hostilidades terríveis com os Pandavas e os Srinjayas, lute agora (tu mesmo) com eles em batalha. Deixe-nos ver-te agir como um homem. Com relação a mim mesmo, ó tigre entre homens, eu matarei todos os Somakas e os Panchalas juntos, evitando somente Sikhandin. Morto por eles em batalha, eu irei para a residência de Yama, ou matando eles em batalha, eu te darei alegria. Sikhandin nasceu no palácio de Drupada como mulher a princípio. Ela se tornou um homem por causa da concessão de um benefício. Afinal, de qualquer modo, ela é Sikhandini. Ele eu não matarei mesmo que eu tenha que perder minha vida, ó Bharata. Ela é a mesma Sikhandini que o Criador fez a princípio. Passe a noite em sono tranquilo, ó filho de Gandhari. Amanhã eu lutarei uma batalha feroz sobre da qual os homens falarão enquanto o mundo durar.' Assim endereçado por ele, teu filho, ó monarca, foi embora. E saudando seu superior com uma inclinação de cabeça, ele voltou para sua própria tenda. Voltando, o rei dispensou seus servidores. E logo então aquele destruidor de inimigos entrou em sua residência. E tendo entrado (em sua tenda) o monarca passou a noite (em sono). E quando amanheceu, se levantando, o rei ordenou todos os guerreiros nobres, dizendo, 'Alinhem as tropas. Hoje Bhishma, excitado com cólera, matará todos os Somakas.'

Ouvindo aquelas lamentações copiosas de Duryodhana à noite, Bhishma considerou-as, ó rei, como ordens para ele mesmo. Cheio de grande aflição e desaprovando a posição de servidão, o filho de Santanu refletiu por um longo tempo, pensando em um combate com Arjuna em batalha. Compreendendo a partir de sinais que o filho de Ganga vinha pensando nisso, Duryodhana, ó rei, ordenou Dussasana dizendo, 'Ó Dussasana, que carros sejam rapidamente designados para proteger Bhishma. Que todas as vinte e duas divisões (do nosso exército) sejam incitadas adiante. Agora acontecerá aquilo no qual nós vínhamos pensando por uma série de anos, isto é, o massacre dos Pandavas com todas as suas tropas e a aquisição (por nós) do reino. Nessa questão, eu penso, a proteção de Bhishma é nosso principal dever. Protegido por nós, ele nos protegerá e matará os Parthas em batalha. De alma purificada, ele me disse, 'Eu não matarei Sikhandini. Ele era uma mulher antes, ó rei, e, portanto, deve ser evitado por mim em batalha. O mundo sabe, ó tu de braços fortes, que pelo desejo de fazer bem para meu pai, eu antigamente abandonei um reino próspero. Eu, portanto, não matarei em batalha, ó principal de homens, alguma mulher ou alguém que foi uma mulher antes. Isso que eu te digo é verdade. Este Sikhandin, ó rei, primeiro nasceu mulher. Tu ouviste aquela história. Ela nasceu como Sikhandini da mesma maneira que eu te contei antes da batalha começar. Tomando seu nascimento como uma filha ela se tornou um homem. De fato, ela lutará comigo, mas eu nunca atirarei minhas flechas nela. Em relação a todos os outros Kshatriyas desejosos de vitória para os Pandavas, ó majestade, a quem eu possa obter dentro do meu alcance no campo de batalha, eu os matarei.' Essas foram as palavras que o filho de Ganga conhecedor das escrituras, aquele chefe da linhagem de Bharata, disse para mim. Portanto, com toda minha alma eu penso que proteger o filho de Ganga é nosso principal dever. O próprio lobo pode matar o leão deixado desprotegido na grande floresta. Que o filho de Ganga não seja morto por Sikhandin como o leão morto pelo lobo. Que nosso tio materno Sakuni, e Salya, e Kripa, e Drona, e Vivingsati, protejam cuidadosamente o filho de Ganga. Se ele estiver protegido, (nossa) vitória é certa.'"

"Ouvindo essas palavras de Duryodhana, todos cercaram o filho de Ganga com uma grande divisão de carros. E teus filhos também, tomando suas posições em volta de Bhishma, procederam para a batalha. E eles todos seguiram, sacudindo a terra e o firmamento, e causando medo nos corações dos Pandavas. Os poderosos guerreiros em carros (do exército Kaurava), apoiados por aqueles carros e elefantes, e vestidos em armadura, reuniram-se em batalha, cercando Bhishma. E todos eles tomaram suas posições para proteger aquele poderoso guerreiro em carro como os celestiais na batalha entre eles mesmos e os Asuras para proteger o manejador do raio. Então o rei Duryodhana mais uma vez se dirigindo a seu irmão, disse, 'Yudhamanyu protege a roda esquerda do carro de Arjuna, e Uttamaujas sua roda direita. E (assim protegido) Arjuna protege Sikhandin. Ó Dussasana, adote tais medidas para que, protegido por Partha, Sikhandin não possa matar Bhishma deixado desprotegido por nós.' Ouvindo essas palavras de seu irmão, teu filho Dussasana, acompanhado pelas tropas, avançou para a batalha, colocando Bhishma na vanguarda. Vendo Bhishma

cercado dessa maneira por um grande número de carros, Arjuna, aquele principal dos guerreiros em carros, dirigiu-se a Dhrishtadyumna e disse, 'Ó príncipe, coloque aquele tigre entre homens, Sikhandin, hoje em frente à Bhishma, eu mesmo serei seu protetor, ó príncipe de Panchala."

100

Sanjaya disse, "Então Bhishma, o filho de Santanu, partiu com as tropas. E ele dispôs suas próprias tropas na formação de combate poderosa chamada Sarvatobhadra, (um tipo de ordem de batalha quadrada na qual as tropas encaravam todos os pontos do horizonte). Kripa, e Kritavarman, e aquele poderoso guerreiro em carro Saivya, e Sakuni, e o soberano dos Sindhus, e Sudakshina o soberano dos Kamvojas, esses todos, junto com Bhishma e teus filhos, ó Bharata, tomaram suas posições na vanguarda do exército inteiro e na própria frente da ordem de batalha (Kaurava). Drona e Bhurisravas e Salya e Bhagadatta, ó majestade, vestidos em armadura, tomaram suas posições na ala direita daquela formação de combate. E Aswatthaman, e Somadatta, e aqueles fabulosos guerreiros em carros, isto é, os dois príncipes de Avanti, acompanhados por um grande exército, protegiam a ala esquerda. Duryodhana, ó monarca, cercado por todos os lados pelos Trigartas, tomou, para combater os Pandavas, uma posição no meio daquela formação de combate. Aquele principal dos guerreiros em carros, Alamvusha, e aquele poderoso guerreiro em carro, Srutayush, vestidos em armadura, tomaram suas posições na retaguarda daquela ordem de batalha, e portanto, do exército inteiro. Tendo, ó Bharata, naquela ocasião formado sua ordem de batalha dessa maneira, teus guerreiros, vestidos em armadura, pareciam com fogos ardentes."

"Então o rei Yudhishthira, e aquele filho de Pandu, Bhimasena, e os filhos gêmeos de Madri, Nakula e Sahadeva, vestidos em armadura, tomaram suas posições na vanguarda daquela formação de combate e portanto, na própria dianteira de todas as suas tropas. E Dhrishtadyumna, e Virata, e aquele poderoso guerreiro em carro, Satyaki, esses destruidores de tropas hostis, se mantiveram em posição, protegidos por uma grande tropa. E Sikhandin, e Vijaya (Arjuna), e o Rakshasa Ghatotkacha, e Chekitana de armas poderosas, e o valente Kuntibhoja, ficaram em posição para lutar, cercados por um grande exército. E aquele grande arqueiro Abhimanyu, e o poderoso Drupada, e os (cinco) irmãos Kaikeya, se posicionaram para a batalha, vestidos em armadura. Tendo formado sua imensa e invencível ordem de batalha dessa maneira, os Pandavas, dotados de grande coragem em batalha, se posicionaram para o combate, vestidos em armadura."

"Então os reis da tua formação de combate, ó monarca, se empenhando ao máximo, acompanhados por suas tropas, e colocando Bhishma em sua vanguarda, avançaram contra os Parthas em batalha. Similarmente os Pandavas também, ó rei, encabeçados por Bhimasena, e desejosos de vitória em batalha procederam, para lutar com Bhishma. Com rugidos leoninos e gritos confusos, soprando suas conchas Krakachas, e chifres de vaca, batendo em suas baterias e

pratos aos milhares, e proferindo gritos terríveis, os Pandavas avançaram para a batalha. Com o barulho de nossas baterias e pratos e conchas e baterias menores, com rugidos leoninos altos, e outros tipos de gritos, nós também, respondendo aos gritos do inimigo, avançamos contra ele com grande impetuosidade, cheios de raiva. Aqueles sons se misturando uns com os outros produziram um tumulto tremendo. Os guerreiros então, dos dois exércitos, avançando uns nos outros, começaram a golpear. E por causa do rumor produzido por aquele combate, a terra parecia tremer. E aves, proferindo gritos selvagens, pairavam no ar. O Sol, brilhante como ele estava quando tinha surgido, ficou ofuscado. E ventos violentos sopraram, indicando grandes terrores. Chacais horríveis vagavam, gritando terrivelmente, ó rei, e pressagiando uma horrível carnificina. Os quadrantes pareciam, ó rei, estar em chamas, e chuvas de poeira caíam do céu. E uma chuva caiu lá, de pedaços de ossos misturados com sangue. E lágrimas caíam dos olhos dos animais que estavam todos chorando. E cheios de ansiedade, ó rei, eles começaram a urinar e expulsar os conteúdos de seus estômagos. E os altos gritos da batalha, ó touro da raça Bharata, foram tornados inaudíveis pelos gritos altos de Rakshasas e canibais. E chacais e urubus e corvos e cachorros, proferindo diversos tipos de gritos, começaram, ó majestade, a correr e se precipitar no campo. E meteoros ardentes, batendo contra o disco do Sol, caíram com grande velocidade na terra, pressagiando grandes terrores. Então aquelas duas vastas hostes pertencentes aos Pandavas e aos Dhartarashtras, no decorrer daquele confronto aterrador, estremeceram por consequência de daquele tumulto tremendo de conchas e baterias como as florestas sacudidas pela tempestade. E o barulho feito pelos dois exércitos, ambos os quais abundavam com reis, elefantes, e corcéis, e que enfrentavam um ao outro em uma má hora, parecia o barulho feito por oceanos agitados pela tempestade."

101

Sanjaya disse, "Então o nobre Abhimanyu de grande energia, levado por seus corcéis de uma cor fulva, avançou na hoste imensa de Duryodhana, espalhando suas chuvas de flechas como as nuvens derramando torrentes de chuva. Ó filho da linhagem de Kuru, teus guerreiros, naquela batalha, não podiam resistir àquele matador de inimigos, o filho de Subhadra, que, excitado com cólera e possuidor de abundância de armas, estava então mergulhado naquele oceano inesgotável de tropas (Kaurava). Flechas dadoras de morte, ó rei, atiradas por ele naquela batalha, despachavam muitos Kshatriyas heróicos para as regiões do rei dos espíritos dos mortos. De fato, estimulado pela ira o filho de Subhadra naquela batalha disparou flechas ferozes e ardentes em profusão que pareciam cobras de veneno virulento ou varas da própria morte. E o filho de Phalguni rapidamente partiu em fragmentos guerreiros em carros com seus carros, corcéis com seus cavaleiros, e guerreiros em elefantes junto com os animais enormes que eles montavam. E os soberanos da terra, cheios de alegria, aplaudiram aqueles feitos poderosos em batalha e elogiaram também aquele que os realizava. E o filho de Subhadra, ó Bharata, agitou aquelas divisões (do exército Kaurava) como a

tempestade agitando uma pilha de algodão por todos os lados no céu. Desbaratadas por ele, ó Bharata, as tropas falharam em encontrar um protetor, como elefantes afundados em um pântano. Então, ó melhor dos homens, tendo desnorteado todas as tropas, Abhimanyu permanecia, ó rei, como um fogo brilhante sem um anel de fumaça. De fato, ó rei, teus guerreiros eram incapazes de resistir àquele matador de inimigos, como insetos impelidos pelo destino incapazes de resistir a um fogo ardente. Aquele poderoso guerreiro em carro e grande arqueiro, tendo atacado todos os inimigos dos Pandavas, parecia naquele momento com o próprio Vasava armado com o trovão. E seu arco, o lado posterior de cujo bastão era decorado com ouro, conforme ele se movia por todos os lados, parecia, ó rei, com o lampejo de relâmpago quando ele passava em meio às nuvens. E flechas bem temperadas e afiadas saíam da corda de seu arco naquela batalha como enxames de abelhas, ó rei, de árvores florescentes na floresta. E quando o filho de grande alma de Subhadra se movia rapidamente no campo em seu carro cujos membros eram ornamentados com ouro, as pessoas eram incapazes de encontrar uma oportunidade (para atingi-lo). Confundindo Kripa e Drona e o filho poderoso de Drona, como também o soberano dos Sindhus, o grande arqueiro se movia no campo de batalha com grande energia e habilidade. Quando ele consumia tuas tropas, ó Bharata, eu vi seu arco constantemente alongado a um círculo e parecendo por conta disso o halo circular de luz que é às vezes visto em volta do sol. Bravos Kshatriyas, vendo ele dotado de tal energia e chamuscando o inimigo dessa maneira, pensaram, por causa daquelas façanhas, que o mundo continha dois Phalgunis. De fato, ó rei, a vasta hoste dos Bharatas, afligida por ele, cambaleava para lá e para cá como uma mulher bêbada com vinho. Destroçando aquele exército grande e fazendo muitos poderosos guerreiros em carro tremerem, ele alegrou seus amigos (como Vasava alegrando os celestiais) depois de subjugar Maya. E enquanto estavam sendo desbaratadas por ele naquela batalha, tuas tropas proferiram altas exclamações de dor que pareciam o ribombar das nuvens. Ouvindo aquele lamento terrível das tuas tropas, ó Bharata, que parecia o rugido do próprio mar na maré cheia quando agitado pelos ventos, Duryodhana então, ó rei, dirigiu-se ao filho de Rishyasringa e disse, 'Esse Abhimanyu sozinho, ó tu de armas poderosas, como um segundo Phalguni, destroça por raiva (meu) exército como Vritra desbaratando a hoste celeste. Eu não vejo qualquer outro remédio eficaz para ele em batalha do que tu mesmo, ó melhor dos Rakshasas, que és bem hábil em todas as ciências. Portanto, vá rapidamente e mate o filho heróico de Subhadra em batalha. Com relação a nós, encabeçados por Bhishma e Drona, nós mataremos o próprio Partha.' Assim endereçado, o Rakshasa poderoso e valente foi rapidamente para a batalha por ordem de teu filho, proferindo rugidos altos como as próprias nuvens na estação das chuvas. E por causa daquele barulho alto, ó rei, a vasta hoste dos Pandavas estremeceu por toda parte como o oceano quando agitado pelo vento. E muitos combatentes, ó rei, apavorados por aqueles rugidos, abandonando a vida preciosa, caíram prostrados no chão. Cheio de alegria e pegando seu arco com flecha fixada na corda, e aparentemente dançando no terraço de seu carro, aquele Rakshasa procedeu contra o próprio Abhimanyu. Então o Rakshasa furioso, tendo naquela batalha o filho de Arjuna dentro do alcance, começou a derrotar suas tropas, aquelas que não estavam longe dele. De fato, o Rakshasa avançou em

batalha contra aquela imensa hoste Pandava a qual ele começou a massacrar, como Vala avançando contra a hoste celeste. Atacadas em batalha por aquele Rakshasa de aparência terrível, foi muito grande a matança, ó majestade, que teve lugar entre aquelas tropas. Empregando sua bravura, o Rakshasa começou a desbaratar aquele vasto exército dos Pandavas, com milhares de flechas. Assim massacrado por aquele Rakshasa de aparência terrível, o exército Pandava fugiu com muito medo. Oprimindo aquele exército como um elefante moendo caules de lotos, o Rakshasa poderoso então avançou em batalha contra os filhos de Draupadi. Então aqueles grandes arqueiros, talentosos em combate, isto é, os filhos de Draupadi, avançaram em direção ao Rakshasa em batalha como cinco planetas avançando contra o sol. Aquele melhor dos Rakshasas então foi afligido por aqueles irmãos dotados de grande energia, como a Lua afligida pelos cinco planetas na ocasião terrível da dissolução do mundo. Então o poderoso Prativindhya rapidamente perfurou o Rakshasa com flechas afiadas, cortantes como machados de batalha e providas de pontas capazes de penetrar toda armadura. Nisso aquele principal dos Rakshasas, com sua armadura trespassada, parecia com uma massa de nuvens atravessada pelos raios do Sol. Perfurado por aquelas flechas equipadas com asas douradas, o filho de Rishyasringa, ó rei, parecia resplandecente como uma montanha com topos brilhantes. Então aqueles cinco irmãos naquela grande batalha, perfuraram aquele principal dos Rakshasas com muitas flechas afiadas de asas douradas. Perfurado com aquelas flechas terríveis parecendo cobras zangadas, Alamvusha, ó rei, ficou inflamado com raiva como o próprio rei das serpentes. Profundamente perfurado, ó rei, dentro de somente uns poucos momentos, ó majestade, por aqueles grandes guerreiros em carros, o Rakshasa, muito atormentado, permaneceu sem sentidos por um longo tempo. Recuperando sua consciência então, e crescendo por causa da raiva à duas vezes suas dimensões, ele cortou as flechas deles e estandartes e arcos. E como se sorrido naquele momento ele atingiu cada um deles com cinco flechas. Então aquele Rakshasa poderoso e grande guerreiro em carro, Alamvusha, estimulado pela fúria, e como se dançando na plataforma de seu carro, rapidamente matou os corcéis, e então os quadrigários, daqueles cinco adversários ilustres dele. E excitado com raiva ele mais uma vez os perfurou com flechas afiadas de diversas formas às centenas e milhares. Então aquele vagueador da noite, o Rakshasa Alamvusha, privando aqueles grandes arqueiros de seus carros, avançou impetuosamente neles, desejando despachá-los para a residência de Yama. Vendo eles afligidos (dessa maneira) em batalha por aquele Rakshasa de alma perversa, o filho de Arjuna avançou nele. Então a batalha que ocorreu entre ele e o canibal pareceu aquela entre Vritra e Vasava. E os poderosos guerreiros em carro do teu exército, como também dos Pandavas, todos se tornaram espectadores daquele combate. Enfrentando um ao outro em batalha violenta, resplandecendo com ira, dotado de grande poder, e com olhos vermelhos de raiva, cada um viu o outro naquela batalha parecer o fogo Yuga. E aquela luta entre eles tornou-se feroz e aterradora como aquela entre Sakra e Samvara nos tempos antigos na batalha entre os deuses e os Asuras."

102

Dhritarashtra disse, "Como, ó Sanjaya, Alamvusha resistiu em combate ao filho heróico de Arjuna que atingiu muitos dos nossos poderosos guerreiros em carros em batalha? E como também aquele matador de heróis hostis, o filho de Subhadra, lutou com o filho de Rishyasringa? Conte-me tudo isso em detalhes, exatamente como aconteceu naquele combate. O que também Bhima, aquele principal dos guerreiros em carros, e o Rakshasa Ghatotkacha, e Nakula, e Sahadeva e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, e Dhananjaya, fizeram com minhas tropas em combate? Diga-me tudo isso realmente, ó Sanjaya, pois tu és hábil (em narração)."

Sanjaya disse, "Eu logo descreverei para ti, ó majestade, a batalha tremenda que ocorreu entre aquele principal dos Rakshasas e o filho de Subhadra. Eu também descreverei para ti a destreza que Arjuna empregou em batalha, e Bhimasena o filho de Pandu e Nakula, e Sahadeva, como também os guerreiros do teu exército encabeçados por Bhishma e Drona, todos os quais destemidamente realizaram feitos extraordinários de diversos tipos. Alamvusha, proferindo gritos altos e repetidamente rugindo para Abhimanyu, avançou impetuosamente contra aquele poderoso guerreiro em carro em batalha, dizendo, 'Espere, Espere.' Abhimanyu também, rugindo repetidamente como um leão, avançou com grande força naquele arqueiro formidável, o filho de Rishyasringa, que era um inimigo implacável do pai do primeiro. Logo então aqueles dois principais dos guerreiros em carro, homem e Rakshasa, em seus carros, enfrentaram um ao outro, como um deus e um Danava. Aquele melhor dos Rakshasas era dotado de poderes de ilusão, enquanto o filho de Phalguni conhecia armas celestes. Então Abhimanyu, ó rei, perfurou o filho de Rishyasringa naquela batalha com três flechas afiadas e mais uma vez com cinco. Alamvusha, também, excitado com cólera, rapidamente perfurou Abhimanyu no peito com nove flechas como um condutor perfurando um elefante com ganchos. Então, ó Bharata, aquele vagueador da noite, dotado de grande energia, afligiu o filho de Arjuna naquele combate com mil flechas. Então Abhimanyu cheio de raiva, perfurou aquele príncipe dos Rakshasas em seu peito largo com nove flechas retas de gume excelente. Atravessando seu corpo elas penetraram em seus órgãos vitais. E aquele melhor dos Rakshasas, seus membros mutilados por elas, parecia belo como uma montanha coberta com Kinsukas florescentes. Portando aquelas flechas de asas douradas em seu corpo, aquele poderoso príncipe dos Rakshasas parecia radiante como uma montanha em chamas. Então o filho vingativo de Rishyasringa, inflamado com cólera, cobriu Abhimanyu, que era igual ao próprio Mahendra, com nuvens de flechas aladas. Aquelas flechas afiadas parecendo as varas do próprio Yama, atiradas por ele, atravessaram Abhimanyu e entraram na terra. E similarmente as flechas decoradas com ouro atiradas pelo filho de Arjuna, atravessando Alamvusha, entraram na terra. O filho de Subhadra então, naquela batalha, com suas flechas retas, obrigou o Rakshasa a virar suas costas sobre o campo, como Sakra repelindo Maya nos tempos antigos. Aquele opressor de inimigos, o Rakshasa, então, assim repelido e atingido repetidamente por seu adversário, manifestou seus grandes poderes de ilusão por fazer uma

densa escuridão se iniciar. Então todos os combatentes lá, ó rei, foram cobertos por aquela escuridão. Nem Abhimanyu podia ser visto, nem amigos podiam ser distinguidos de inimigos naquela batalha. Abhimanyu, no entanto, vendo aquela escuridão densa e terrível, chamou à existência, ó filho da linhagem de Kuru, a brilhante arma solar. Por isso, ó rei, o universo mais uma vez se tornou visível. E assim ele neutralizou a ilusão daquele Rakshasa perverso. Então aquele príncipe de homens, excitado pela raiva e dotado de grande energia, cobriu aquele principal dos Rakshasas naquela batalha com muitas flechas retas. Diversas outras espécies de ilusão foram conjuradas lá por aquele Rakshasa. Conhecedor de todas as armas, o filho de Phalguni no entanto, neutralizou elas todas. O Rakshasa então, suas ilusões todas destruídas, e ele mesmo atingido por flechas, abandonou seu carro lá mesmo, e fugiu com grande temor. Depois que aquele Rakshasa que gostava muito de luta injusta tinha sido assim derrotado, o filho de Arjuna começou a oprimir tuas tropas em batalha, como um príncipe de elefantes selvagens cegado pelo suco agitando um lago coberto com lotos. Então Bhishma o filho de Santanu, vendo suas tropas desbaratadas, cobriu o filho de Subhadra com uma chuva grossa de setas. Então muitos poderosos guerreiros em carros do exército Dhartarashtra, se colocando em um círculo em volta daquele único herói, começaram a atacá-lo violentamente com suas flechas. Aquele herói então, que parecia seu pai em destreza e que era igual a Vasudeva em coragem e força, aquele mais notável de todos os manejadores de armas, realizou diversas façanhas naquela batalha que eram dignas de seu pai e tio materno. Então o heróico Dhananjaya, excitado com raiva e desejoso de resgatar seu filho, chegou ao local onde o último estava massacrando tuas tropas conforme ele se aproximava. E da mesma maneira, ó rei, teu pai Devavrata naquela batalha se aproximou de Partha como Rahu se aproximando do sol. (Na mitologia Hindu, eclipses solares são causados pelas tentativas de Rahu de engolir o Sol.) Então teus filhos, ó monarca, apoiados por carros, elefantes, e corcéis, circundaram Bhishma naquela batalha e o protegeram por todos os lados. E assim também os Pandavas, ó rei, vestidos de armadura e cercando Dhananjaya, se engajaram em batalha feroz, ó touro da raça Bharata. Então o filho de Saradwat (Kripa), ó rei, perfurou Arjuna que estava posicionado na frente de Bhishma, com vinte e cinco flechas. Nisso, como um tigre atacando um elefante, Satyaki, se aproximando Kripa, perfurou-o com muitas flechas afiadas pelo desejo de fazer o que era agradável para os Pandavas. Gautama em retorno, cheio de cólera, rapidamente perfurou ele da linhagem de Madhu no peito com nove flechas aladas com as penas da ave Kanka. O neto de Sini também, excitado com raiva, e esticando seu arco violentamente, rapidamente disparou nele uma seta capaz de tirar sua vida. O filho impetuoso de Drona, no entanto, estimulado pela ira, cortou em duas aquela flecha quando ela voava impetuosamente em direção a Kripa, parecendo o raio de Indra em refulgência. Nisso aquele principal dos guerreiros em carros, o neto de Sini, abandonando Gautama, avançou em batalha em direção ao filho de Drona como Rahu no firmamento contra a Lua. O filho de Drona, no entanto, ó Bharata, cortou o arco de Satyaki em dois. Depois que seu arco tinha sido assim cortado, o primeiro começou a atacar último com suas flechas. Satyaki então, pegando outro arco capaz de resistir a uma grande tensão e massacrar o inimigo, atingiu o filho de Drona, ó rei, no peito e braços com seis flechas. Perfurado por

elas e sentindo grande dor, por um momento ele foi privado de seus sentidos, e ele se sentou no terraço de seu carro, se agarrando ao seu mastro de bandeira. Recuperando sua consciência então, o filho valente de Drona, furioso, afligiu ele da linhagem de Vrishni naquela batalha, com uma flecha longa. Aquela flecha, atravessando o neto de Sini, entrou na terra como uma cobra jovem vigorosa entrando em seu buraco na estação da primavera. E com outra flecha de cabeça larga, o filho de Drona naquela batalha cortou o estandarte excelente de Satyaki. E tendo realizado esse feito ele proferiu um rugido leonino. E mais uma vez, ó Bharata, ele cobriu seu adversário com uma chuva de flechas impetuosas como as nuvens, ó rei cobrindo o Sol depois do verão ter passado, Satyaki também, ó monarca, desviando aquela chuva de flechas, logo cobriu o filho de Drona com diversas chuvas de setas. Aquele matador de heróis hostis, o neto de Sini, livre daquela chuva de flechas como o Sol das nuvens, começou a oprimir o filho de Drona (com sua energia). Enchendo-se de raiva o poderoso Satyaki mais uma vez cobriu seu inimigo com mil setas e proferiu um grito alto. Vendo seu filho então afligido como a Lua por Rahu, o filho valente de Bharadwaja avançou em direção ao neto de Sini. Desejoso, ó rei, de resgatar seu filho que era afligido pelo herói Vrishni, Drona, naquela grande batalha, perfurou o último com uma flecha de gume excelente. Satyaki então, abandonando o poderoso guerreiro em carro Aswatthaman, perfurou o próprio Drona naquela batalha com vinte setas de gume excelente. Logo depois, aquele opressor de inimigos e poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho de Kunti de alma imensurável, estimulado pela fúria, avançou naquela batalha contra Drona. Então Drona e Partha enfrentaram um ao outro em combate violento como os planetas Budha e Sukra, ó rei, no firmamento. (Budha é Mercúrio, e Sukra é Vênus.)"

103

Dhritarashtra disse, "Como aqueles touros entre homens, isto é, aquele grande arqueiro Drona, e Dhananjaya o filho de Pandu, enfrentaram um ao outro em batalha? O filho de Pandu é sempre querido para o filho sábio de Bharadwaja. O preceptor também é sempre querido para o filho de Pritha, ó Sanjaya. Ambos aqueles guerreiros em carros se deleitam em batalha, e ambos são ferozes como leões. Como portanto, o filho de Bharadwaja e Dhananjaya, ambos lutando com cuidado, enfrentaram um ao outro em batalha?"

Sanjaya disse, "Em batalha Drona nunca reconhece Partha como caro para ele mesmo. Partha também, mantendo o dever de um Kshatriya em vista, não reconhece em batalha seu preceptor. Kshatriyas, ó rei, nunca evitam uns aos outros em batalha. Sem mostrar qualquer consideração um pelo outro, eles lutam com pais e irmãos. Naquela batalha, ó Bharata, Partha perfurou Drona com três flechas. Drona, no entanto, não considerou aquelas flechas disparadas em batalha do arco de Partha. De fato, Partha mais uma vez cobriu o preceptor no combate com uma chuva de setas. Nisso o último se inflamou com fúria como um incêndio em uma floresta profunda. Então, ó rei, Drona logo cobriu Arjuna naquele combate com muitas flechas retas, ó Bharata. Então o rei Duryodhana, ó monarca,

despachou Susarman para tomar o flanco de Drona. Então o soberano dos Trigartas, excitado com raiva e estirando seu arco violentamente, cobriu Partha, ó rei, com uma profusão de flechas providas de cabeças de ferro. Disparadas por aqueles dois guerreiros, ó rei, as flechas pareciam belas no firmamento como garças no céu do outonal. Aquelas flechas, ó senhor, alcançando o filho de Kunti, entraram em seu corpo como aves desaparecendo dentro de uma árvore curvada com uma carga de frutas saborosas. Arjuna então, aquele principal dos guerreiros em carros, proferindo um rugido alto naquela batalha perfurou o soberano dos Trigartas e seu filho com suas flechas. Perfurados por Partha como a própria Morte no fim do Yuga, eles não estavam desejosos de evitar Partha, decididos como eles estavam a sacrificar suas vidas. E eles dispararam chuvas sobre o carro de Arjuna. Arjuna, no entanto, recebeu aquelas chuvas de flechas com chuvas das suas próprias, como uma montanha, ó monarca, recebendo um aguaceiro das nuvens. E a agilidade de mão que nós então vimos de Vibhatsu foi muito extraordinária. Pois sozinho ele desviou aquela insuportável chuva de setas disparadas por muitos guerreiros como o vento sozinho espalhando miríades de nuvens avançando sobre nuvens. E por aquela façanha de Partha, os deuses e os Danavas (reunidos lá para testemunhar a luta) estavam muito satisfeitos. Então, ó Bharata, ele lutou com os Trigartas naquela batalha. Partha disparou, ó rei, a arma Vayavya contra a divisão deles. Então se ergueu um vento que agitou o firmamento, derrubou muitas árvores, e castigou as tropas (hostis). Então Drona, vendo a feroz arma Vayavya, disparou uma arma terrível chamada Saila. E quando aquela arma, ó soberano de homens, foi disparada por Drona naquela batalha, o vento diminuiu e os dez quadrantes ficaram calmos. O filho heróico de Pandu, no entanto, fez os guerreiros em carros da divisão Trigarta (ficarem) desprovidos de coragem e esperança, e os fez retrocederem no campo. Então Duryodhana e aqueles principais dos guerreiros em carros, Kripa, e Aswatthaman, e Salya, e Sudakshina, o soberano dos Kamvojas, e Vinda e Anuvinda de Avanti, e Valhika apoiado pelos Valhikas, com um grande número de carros cercou Partha por todos os lados. E similarmente Bhagadatta também, e o poderoso Srutayush, cercaram Bhima por todos os lados com uma divisão de elefantes. E Bhurisravas, e Sala, e o filho de Suvala, ó monarca, começaram a deter os filhos gêmeos de Madri com chuvas de setas brilhantes e afiadas. Bhishma, no entanto, naquela batalha, apoiado pelos filhos de Dhritarashtra com suas tropas, se aproximando de Yudhishthira, cercou-o por todos os lados. Contemplando aquela divisão de elefantes indo em direção a ele, o filho de Pritha Vrikodara, possuidor de grande coragem, começou a lamber os cantos de sua boca como um leão na floresta. Então Bhima, aquele principal dos guerreiros em carros, pegando sua maça naquela grande batalha, rapidamente saltou de seu carro e infligiu terror nos corações de teus guerreiros. Vendo ele com maça na mão, aqueles guerreiros em elefantes naquela batalha cercaram Bhimasena cuidadosamente por todos os lados. Posicionado no meio daqueles elefantes, o filho de Pandu parecia resplandecente como o Sol no meio de uma massa imensa de nuvens. Então aquele touro entre os filhos de Pandu começou com sua maça a destruir aquela divisão de elefantes como o vento dissipando uma massa enorme de nuvens cobrindo o céu. Aqueles elefantes, enquanto eram massacrados pelo poderoso Bhimasena, proferiam gritos altos de dor como massas de nuvens ribombando.

Com diversos arranhões (em seu corpo) infligidos por aqueles animais enormes com suas presas, o filho de Pritha parecia belo no campo de batalha como uma Kinsuka florescente. Agarrando alguns dos elefantes por suas presas, ele os privava daquelas armas. Arrancando as presas de outros, com aquelas próprias presas ele os atingia em seus globos frontais e os derrubava em batalha como o próprio Destruidor armado com sua vara. Brandindo sua maça banhada em sangue, e ele mesmo salpicado com gordura e medula e coberto com sangue, ele parecia com o próprio Rudra. Assim massacrados por ele, os poucos elefantes gigantescos que restaram fugiram para todos os lados, ó rei, esmagando até tropas não hostis. E por causa daqueles elefantes enormes fugindo para todos os lados, as tropas de Duryodhana mais uma vez, ó touro da raça Bharata, fugiram do campo."

104

Sanjaya disse, "Ao meio dia, ó rei, aconteceu uma batalha violenta, repleta de grande carnificina, entre Bhishma e os Somakas. Aquele principal dos guerreiros em carros, o filho de Ganga, começou a destruir as tropas dos Pandavas com flechas afiadas às centenas e milhares. Teu pai Devavrata começou a oprimir aquelas tropas como um rebanho de touros moendo (com seu passo) uma pilha de feixes de arroz. Então Dhrishtadyumna e Sikhandin e Virata e Drupada, se lançando sobre Bhishma naquela batalha, atacaram aquele poderoso guerreiro em carro com numerosas flechas. Bhishma então, tendo perfurado Dhrishtadyumna e Virata cada um com três setas, disparou uma flecha comprida, ó Bharata, em Drupada. Assim perfurados em batalha por Bhishma, aquele opressor de inimigos, aqueles arqueiros formidáveis ficaram cheios de raiva ó rei, como cobras pisadas (por pés humanos). Então Sikhandin perfurou o avô dos Bharatas (com muitas flechas). De glória imorredoura, Bhishma, no entanto, considerando seu inimigo como uma mulher não o atacou. Dhrishtadyumna então, naquela batalha, resplandecendo com fúria como fogo, atingiu o avô com três flechas em seus braços e peito. E Drupada perfurou Bhishma com vinte e cinco flechas, e Virata o perfurou com dez, e Sikhandin com vinte e cinco. Profundamente perfurado (com aquelas flechas) ele ficou coberto de sangue, e parecia belo como uma Asoka vermelha matizada com flores. Então o filho de Ganga perfurou, em retorno, cada um deles com três flechas retas. E então, ó majestade, ele cortou o arco de Drupada com uma seta de cabeça larga. O último então, pegando outro arco, perfurou Bhishma com cinco flechas. E ele perfurou o quadrigário de Bhishma também com três flechas afiadas no campo de batalha. Então os cinco filhos de Draupadi, e os cinco irmãos Kaikeya e Satyaki também da linhagem de Satwata, encabeçados por Yudhishthira, todos avançaram em direção ao filho de Ganga, desejosos de proteger os Panchalas encabeçados por Dhrishtadyumna. E assim todos os guerreiros do teu exército também, ó rei, preparados para proteger Bhishma, avançaram na chefia de suas tropas contra a hoste Pandava. E então aconteceu lá um violento combate geral entre teu exército de homens e corcéis e o deles, que aumentou a população do reino de Yama. E guerreiros em carros se lançando sobre guerreiros em carros despachavam uns aos outros para a

residência de Yama. E assim homens e condutores de elefantes e cavaleiros, se lançando sobre outros (de sua classe), os despachavam para o outro mundo com flechas retas. E aqui e ali sobre o campo, ó monarca, carros, privados de passageiros e quadrigários por meio de diversas espécies de flechas ardentes, eram naquela batalha arrastados por todos os lados sobre o campo. E aqueles carros, ó rei, esmagando grande número de homens e corcéis em batalha, eram vistos parecer o próprio vento (em velocidade) e edifícios vaporosos no firmamento (por suas formas pitorescas). E muitos guerreiros em carros equipados em armadura e dotados de grande energia, enfeitados com brincos e proteções para a cabeça e adornados com guirlandas e braceletes, parecendo os filhos dos celestiais, iguais ao próprio Sakra por destreza em batalha, superando Vaisravana em riqueza e Vrishaspati em inteligência, governando territórios extensos, e possuidores de grande heroísmo, ó monarca, privados de seus carros, eram vistos correndo para lá e para cá como homens comuns. Elefantes enormes também, ó chefe de homens, privados de seus condutores hábeis, corriam, esmagando tropas não hostis, e caíam com gritos altos. Elefantes prodigiosos parecendo com nuvens recém surgidas e rugindo também como as nuvens, eram vistos correndo em todas as direções, privados de suas cotas de malha. E, ó majestade, seus Chamaras e estandartes coloridos, seus guarda-sóis com varetas douradas, e as lanças brilhantes (de seus condutores), jaziam espalhados em volta. E condutores de elefantes, ó rei, privados de seus elefantes, pertencentes a ambos os exércitos, eram vistos correndo (a pé) em meio àquela multidão aterradora. E cavalos de diversos países, enfeitados com ornamentos de ouro, eram vistos, às centenas e milhares, correndo com a velocidade do vento. E cavaleiros, privados de seus cavalos, e armados com espadas eram vistos correndo naquela batalha, ou feitos correr (por outros que os atacavam). Elefante, encontrando com um elefante fugindo naquela batalha terrível, prosseguia, esmagando rapidamente soldados de infantaria e cavalos. E, similarmente, ó rei aquelas criaturas prodigiosas esmagavam muitos carros naquela batalha, e carros também, se aproximando de corcéis caídos os esmagavam (em seu percurso). E corcéis também, na pressão da batalha, esmagavam muitos soldados de infantaria, ó rei (com seus cascos). E assim, ó monarca, eles esmagavam uns aos outros de diversas maneiras. E naquela batalha violenta e terrível lá fluiu um rio terrível de correnteza sangrenta. E pilhas de arcos obstruíam seu curso reto, e o cabelo (de guerreiros mortos) formava seu musgo. E carros (quebrados) formavam seus lagos, e flechas seus redemoinhos. E corcéis formavam seus peixes. E cabeças (cortadas de troncos) formavam seus blocos de pedra. E ele abundava com elefantes que formavam seus crocodilos. E cotas de malha e proteções para a cabeça formavam sua espuma. E arcos (nas mãos dos guerreiros) constituíam a velocidade de sua correnteza, e espadas suas tartarugas. E bandeiras e estandartes em profusão formavam as árvores em suas margens. E mortais constituíam suas margens as quais aquele rio destruía constantemente. E ele abundava com canibais que formavam seus cisnes. E aquele rio (em vez de aumentar o oceano com sua desembocadura) aumentava a população do reino de Yama. E bravos Kshatriyas, poderosos guerreiros em carros, perdendo todo o medo, ó rei, procuravam atravessar aquele rio com a ajuda de carros, elefantes, e corcéis que faziam o papel de balsas e barcos. E como o rio Vaitarani leva todos os espíritos dos

mortos em direção aos domínios do Rei dos mortos, aquele rio de correnteza sangrenta levava embora todos os homens medrosos privados de seus sentidos em um desmaio. E os Kshatriyas, contemplando aquela carnificina aterradora, todos exclamaram, dizendo, 'Ai, por causa do erro de Duryodhana os Kshatriyas estão sendo exterminados. Por que, oh, Dhritarashtra de alma pecaminosa, iludido por avareza, nutriu inveja pelos filhos de Pandu, que são agraciados com numerosas virtudes?' Diversas exclamações desse tipo foram ouvidas lá, feitas um para o outro, repletas de elogios aos Pandavas e crítica aos teus filhos. Ouvindo então essas palavras proferidas por todos os combatentes, teu filho Duryodhana, aquele pecador contra todos, dirigiu-se a Bhishma e Drona e Kripa e Salya, ó Bharata, dizendo, 'Lutem sem jactância. Por que vocês demoram de qualquer modo?' Então a batalha entre os Kurus e os Pandavas foi retomada, aquela batalha violenta, ó rei, causada pelo jogo de dados e marcada por um massacre horrível. Tu vês agora, ó filho de Vichitravirya, o resultado terrível daquela rejeição por ti (dos conselhos de teus amigos) embora avisado contra isso por muitas pessoas ilustres. Nem os filhos de Pandu, ó rei, nem suas tropas, nem aqueles que os seguem, nem os Kauravas, mostram a menor consideração por suas vidas em batalha. Por essa razão, ó tigre entre homens, uma destruição terrível de parentes está acontecendo, causada ou pelo Destino ou por tua má política, ó rei."

105

Sanjaya disse, "Ó tigre entre homens, Arjuna enviou aqueles Kshatriyas que seguiam Susarman para a residência do Rei dos Mortos por meio de suas flechas afiadas. Susarman no entanto, naquela batalha, perfurou Partha com suas flechas. E ele perfurou Vasudeva com setenta, e Arjuna novamente com nove flechas. Detendo aquelas flechas por meio de suas chuvas de flechas, aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Indra, despachou as tropas de Susarman para a residência de Yama. Aqueles poderosos guerreiros em carros, enquanto eram massacrados por Partha naquela batalha como se pela própria Morte no fim do Yuga, fugiram todos do campo, ó rei, em pânico. Alguns abandonando seus cavalos, alguns abandonando, ó majestade, seus carros, e outros seus elefantes, fugiram em todas as direções. Outros levando com eles seus cavalos, elefantes, e carros, fugiram, ó rei, com grande velocidade. Soldados de infantaria naquela batalha temível, jogando de lado suas armas, e sem qualquer consideração uns pelos outros, fugiam para lá e para cá. Embora proibidos por Susarman o soberano dos Trigartas, e por outros principais dos reis, eles contudo não permaneceram em batalha. Vendo aquela hoste desbaratada, teu filho Duryodhana, ele mesmo na chefia do exército inteiro e com Bhishma adiante, atacou Dhananjaya com toda sua energia, ó rei, para (proteger) a vida do soberano dos Trigartas. E ele permaneceu em batalha, espalhando diversas espécies de flechas, apoiado por todos os seus irmãos. Todo o restante dos homens fugiu. Similarmente, os Pandavas, ó rei, vestidos em armadura e com todo seu vigor, procederam, por causa de Phalguni, para o local onde Bhishma estava. Embora familiarizados com a destreza formidável, em batalha, do

manejador do Gandiva, eles contudo procederam com gritos altos e grande coragem para o local onde Bhishma estava e o cercaram por todos os lados. Então o herói de estandarte de palmeira cobriu o exército Pandava, naquela batalha, com suas flechas retas. O sol tendo alcançado o meridiano, os Kauravas, ó rei, lutaram com os Pandavas em uma massa confusa. O heróico Satyaki, tendo perfurado Kritavarman com cinco setas, permaneceu em batalha espalhando suas setas às milhares. E assim o rei Drupada também, perfurando Drona com muitas flechas afiadas, mais uma vez perfurou-o com setenta flechas e seu quadrigário com nove. Bhimasena também, tendo perfurado seu bisavô o rei Valhika, proferiu um rugido alto como um tigre na floresta. O filho de Arjuna (Abhimanyu) perfurado por Chitrasena com muitas flechas, perfurou Chitrasena profundamente no peito com três flechas. Lutando um com o outro em batalha, aqueles dois principais dos homens pareciam resplandecentes sobre o campo como os planetas Vênus e Saturno, ó rei, no firmamento. Então aquele matador de inimigos, o filho de Subhadra, matando os cavalos e quadrigário de seu adversário com nove flechas, proferiu um grito alto. Nisso aquele poderoso guerreiro em carro, (Chitrasena), pulando rapidamente daquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, subiu, ó rei, sem demora, no carro de Durmukha. O bravo Drona perfurou o quadrigário do último também, então, ó rei, Drupada, assim afligido na chefia de suas tropas, retirou-se pela ajuda de seus corcéis velozes, lembrando da hostilidade que existia desde os tempos passados (entre ele mesmo e Drona). Bhimasena, dentro de um momento, privou o rei Valhika de seus corcéis, carro e quadrigário, na própria vista de todas as tropas. Lançado em uma situação de grande perigo e com medo em seu coração, ó rei, Valhika, aquele melhor dos homens, saltando daquele veículo, subiu rapidamente no carro de Lakshmana naquela batalha. Satyaki, tendo detido Kritavarman naquela batalha terrível, lançou-se sobre o avô e derramou sobre ele flechas de diversos tipos. Perfurando o avô com sessenta flechas afiadas aladas com penas, ele parecia dançar em seu carro, vibrando seu arco grande. O avô então arremessou nele um dardo imenso feito de ferro, decorado com ouro, dotado de grande velocidade, e belo como uma filha dos Nagas. Vendo aquele dardo irresistível, parecendo a própria Morte, correndo em direção a ele, aquele guerreiro ilustre da linhagem de Vrishni desviou-o pela rapidez de seus movimentos. Nisso aquele dardo ameaçador, incapaz de alcançar ele da linhagem de Vrishni, caiu sobre o chão como um grande meteoro de esplendor brilhante. Então ele da linhagem de Vrishni, ó rei, pegando com uma mão firme seu próprio dardo de refulgência dourada, arremessou-o no carro do avô. Aquele dardo, arremessado naquela batalha terrível com a força dos braços de Satyaki, correu impetuosamente como a noite fatal, correndo depressa em direção a um homem (condenado). Enquanto ele corria, no entanto, em direção a ele com grande força, Bhishma cortou-o em dois, ó Bharata, com um par de flechas de cabeça de ferradura de gume afiado, e então o dardo caiu no chão. Tendo cortado aquele dardo, aquele opressor de inimigos, o filho de Ganga, excitado com cólera e sorrindo naquele momento atingiu Satyaki no peito com nove setas. Então os guerreiros Pandava, ó irmão mais velho de Pandu, com seus carros, elefantes, e cavalos de batalha, cercaram Bhishma naquela batalha, para resgatar ele da linhagem de Madhu. Então começou novamente uma batalha violenta, de arrepiar

os cabelos, entre os Pandavas e os Kurus, ambos os quais estavam desejosos de vitória."

106

"Sanjaya disse, 'Vendo Bhishma estimulado pela fúria em batalha, cercado por todos os lados pelos Pandavas como o Sol no firmamento, ó rei, pelas nuvens no fim do verão, Duryodhana, ó monarca, dirigiu-se a Dussasana, dizendo, 'Aquele arqueiro heróico e formidável Bhishma, aquele matador de heróis, ó touro da raça Bharata, foi totalmente cercado pelos bravos Pandavas. É teu dever, ó herói, proteger aquele ilustre. Protegido por nós em batalha, nosso avô Bhishma matará todos os Panchalas junto com os Pandavas. A proteção de Bhishma, portanto, eu penso, é nosso maior dever, pois aquele grande arqueiro de votos sublimes, Bhishma, é nosso protetor em retorno. Portanto, cercando o avô com todas as nossas tropas, proteja ele que sempre realiza as façanhas mais difíceis em batalha.' Assim endereçado por Duryodhana, teu filho Dussasana, circundando Bhishma com uma grande tropa por todos os lados tomou sua posição. Então o filho de Suvala Sakuni, com centenas e milhares de cavaleiros tendo lanças e espadas brilhantes e arpões nas mãos, e que formavam um grupo orgulhoso, bem-vestido, e forte portando estandartes, e que estavam misturados com excelentes soldados de infantaria que eram todos bem treinados e hábeis em batalha começaram a deter Nakula, e Sahadeva, e Yudhishthira o filho de Pandu, cercando aqueles principais dos homens por todos os lados. Então o rei Duryodhana despachou dez (outros) mil bravos cavaleiros para resistirem aos Pandavas. Quando esses avançaram como muitos Garudas em direção ao inimigo com grande impetuosidade, a terra, ó rei, batida com seus cascos de cavalos, tremeu e proferiu um barulho alto. E o estrépito alto de seus cascos era ouvido parecendo o barulho feito por uma grande floresta de bambus, em conflagração em uma montanha. E quando estes se lançavam sobre o campo, ergueu-se lá uma nuvem de poeira, a qual subindo ao céu encobriu o próprio Sol. E por causa daqueles corcéis impetuosos, o exército Pandava estava agitado como um lago grande com um bando de cisnes descendo de repente em sua superfície. E por causa de seus relinchos, nada mais podia ser ouvido lá. Então o rei Yudhishthira, e os dois filhos de Pandu com Madri, detiveram rapidamente o ataque daqueles cavaleiros em batalha, como o continente, ó rei, resistindo à força, na maré cheia, das ondas do mar cheio com as águas da estação chuvosa. Então aqueles (três) guerreiros em carros, ó monarca, com suas flechas retas, cortaram as cabeças daqueles cavaleiros. Mortos por aqueles arqueiros fortes, eles caíam, ó rei, (no chão), como elefantes poderosos caídos em cavernas de montanha, mortos por companheiros enormes. De fato, percorrendo todo o campo, aqueles guerreiros (do exército Pandava) cortavam as cabeças daqueles soldados de cavalaria com dardos farpados afiados e flechas retas. Atingidos com espadas, aqueles cavaleiros, ó touro da raça Bharata, tinham suas cabeças desprendidas como árvores altas soltando seus frutos. Por todo o campo, ó rei, cavalos junto com seus cavaleiros eram vistos caídos ou caindo, privados de vida. E enquanto estavam sendo (assim) massacrados, os corcéis, tomados pelo pânico, fugiam

como pequenos animais desejosos de salvar suas vidas à visão do leão. E os Pandavas, ó rei, tendo vencido seus inimigos naquela grande batalha, sopraram suas conchas e bateram suas baterias. Então Duryodhana, cheio de aflição ao ver suas tropas vencidas, dirigiu-se ao soberano dos Madras, ó chefe dos Bharatas, e disse, 'Lá, o filho mais velho de Pandu, acompanhado pelos gêmeos em batalha, na tua própria vista, ó tu de armas poderosas, desbarata nossas tropas, ó senhor. Ó poderosamente armado, resista a ele como o continente resistindo ao oceano. Tu és muito conhecido como possuidor de poder e bravura que são irresistíveis.' Ouvindo essas palavras de teu filho, o corajoso Salya procedeu com um grande grupo de carros ao local onde Yudhishthira estava. Nisso, o filho de Pandu começou a resistir em batalha àquela grande hoste de Salya que avançava impetuosamente em direção a ele com a força de uma onda imensa. E aquele poderoso guerreiro em carro, o rei Yudhishthira o justo, naquela batalha rapidamente perfurou o soberano dos Madras no centro do peito com dez flechas. E Nakula e Sahadeva o atingiram com sete flechas retas. O soberano dos Madras então atingiu cada um deles com três setas. E mais uma vez ele perfurou Yudhishthira com sessenta flechas de ponta afiada. E excitado com cólera ele atingiu cada um dos filhos de Madri também com duas flechas. Então aquele subjugador de inimigos, Bhima de braços fortes, vendo o rei, naquela grande batalha, ao alcance do carro de Salya como se dentro das próprias mandíbulas da Morte, foi rapidamente para o lado de Yudhishthira. Então quando o Sol, tendo passado o meridiano, estava afundando, começou uma batalha violenta e terrível lá (naquela parte do campo)."

107

Sanjaya disse, "Então teu pai, estimulado pela fúria, começou a atacar os Parthas e suas tropas por toda parte, com flechas excelentes muito afiadas. E ele perfurou Bhima com doze flechas, e Satyaki com nove. E tendo perfurado Nakula com três flechas, ele perfurou Sahadeva com sete. E ele perfurou Yudhishthira nos braços e no peito com doze flechas. E perfurando Dhrishtadyumna também, aquele guerreiro poderoso proferiu um rugido alto. Nakula o perfurou (em retorno) com doze flechas, e Satyaki com três. E Dhrishtadyumna o perfurou com setenta flechas, e Bhimasena com sete. E Yudhishthira perfurou o avô em retorno com doze flechas. Drona (por outro lado), tendo perfurado Satyaki, perfurou Bhimasena em seguida. E ele perfurou cada um deles com cinco flechas afiadas, cada uma das quais parecia a vara da Morte. Cada um daqueles dois, no entanto, perfurou Drona, aquele touro entre os Brahmanas, em retorno, com três flechas retas. Os Sauviras, os Kitavas, os habitantes do Leste, os habitantes do Oeste, os habitantes do Norte, os Malavas, os Abhishahas, os Surasenas, os Sivis, e os Vasatis, não evitaram Bhishma em batalha embora eles fossem constantemente massacrados por ele com flechas afiadas. E similarmente reis vindos de diversos países e armados com diversas armas, se aproximaram dos Pandavas (sem procurar evitá-lo em batalha). E os Pandavas, ó rei, cercaram o avô por todos os lados. Cercado por todos os lados, contudo não subjugado por aquele grande

grupo de carros, Bhishma brilhava como um fogo no meio de uma floresta, e consumia seus inimigos. Seu carro era sua câmara de fogo; seu arco constituía as (chamas desse fogo); espadas, dardos, e maças, constituíam o combustível; suas flechas eram as faíscas (daquele fogo); e Bhishma era ele mesmo o fogo que consumia os principais dos Kshatriyas. De fato, com flechas providas de asas douradas e penas urubu e dotadas de grande energia, com setas farpadas, e nalikas, e flechas longas, ele cobria a hoste hostil. E ele derrubou elefantes e guerreiros em carros também com suas flechas afiadas. E ele fez aquele grande grupo de carros parecer uma floresta de palmeiras ceifada de suas cabeças folhosas. E aquele guerreiro poderosamente armado, aquele principal de todos os manejadores de armas, ó rei, privou carros e elefantes e cavalos de seus condutores naquele combate. E ouvindo a vibração da corda de seu arco e o barulho de suas palmas, altos como o ribombar do trovão, todas as tropas tremeram, ó Bharata. As flechas de teu pai, ó touro da raça Bharata, consumiam o inimigo. De fato, disparadas do arco de Bhishma elas não atingiam as cotas de malha somente (mas as atravessavam). E nós vimos, ó rei, muitos carros desprovidos de seus bravos passageiros arrastados sobre o campo de batalha, ó monarca, pelos corcéis velozes unidos a eles. Catorze mil guerreiros em carros, pertencentes aos Chedis, aos Kasis, e aos Karushas, de grande celebridade e ascendência nobre, preparados para sacrificar suas vidas, que não recuavam do campo, e possuindo estandartes excelentes enfeitados com ouro, tendo encontrado Bhishma em batalha que parecia o próprio Destruidor com boca escancarada, foram todos para o outro mundo junto com seus carros, corcéis, e elefantes. E nós vimos lá, ó rei, carros às centenas e milhares, alguns com seus eixos e fundos quebrados, e alguns, ó Bharata, com rodas quebradas. E a terra estava coberta com carros quebrados junto com suas cercas de madeira, com as formas prostradas de guerreiros em carros, com flechas, com cotas de malha belas porém partidas, com machados, ó monarca; com maças e setas curtas e flechas afiadas, com fundos de carros, com aljavas e rodas quebradas, ó majestade, com inúmeros arcos e cimitarras e cabeças enfeitadas com brincos; com proteções de couro e luvas e estandartes derrubados, e com arcos quebrados em várias partes. E elefantes, ó rei, desprovidos de condutores, e cavaleiros mortos (do exército Pandava), jaziam mortos. Os Pandavas valentes apesar de todos os seus esforços, não puderam reagrupar aqueles guerreiros em carros, que, afligidos pelas flechas de Bhishma, estavam fugindo do campo. De fato, ó rei, aquela hoste imensa enquanto estava sendo massacrada por Bhishma dotado de energia igual àquela do próprio Indra, dividiu-se tão completamente que nem duas pessoas fugiam juntas. Com seus carros, elefantes, e corcéis derrubados, e com seus estandartes colocados abaixo em profusão, o exército dos filhos de Pandu, privado de juízo, proferia exclamações altas de dor. E naquela hora, pai matou filho, e filho matou pai, e amigo golpeou o amigo querido, impelidos pelo destino. E muitos combatentes do exército Pandava, jogando de lado suas armaduras, eram vistos fugindo em todas as direções com cabelo despenteado. De fato, as tropas Pandava pareciam com touros correndo a esmo apavorados, e não mais controlados pela canga. De fato, altas foram as exclamações que nós ouvimos de dor que eles proferiram."

"Então aquele alegrador dos Yadavas, vendo o exército Pandava se dividindo, refreou o carro excelente (que ele guiava), e dirigindo-se a Vibhatsu o filho de Pritha, disse, ‘Chegou aquela hora, ó Partha, pela qual tu esperavas. Ataque agora, ó tigre entre homens, ou tu serás privado de tua razão. Antigamente, ó herói, tu disseste, ó Partha, naquele conclave de reis na cidade Virata, na presença também de Sanjaya, essas palavras: 'Eu matarei todos os guerreiros do filho de Dhritarashtra, todos eles com seus seguidores, incluindo Bhishma e Drona, que lutarem comigo em batalha.' Ó filho de Kunti, ó castigador de inimigos, faça verdadeiras aquelas tuas palavras. Lembrando-te do dever de um Kshatriya, lute, sem qualquer ansiedade.' Assim endereçado por Vasudeva, Arjuna baixou sua cabeça e olhou de soslaio para ele. E Vibhatsu respondeu de muita má vontade, dizendo, 'Obter soberania com inferno no fim, tendo matado aqueles que não devem ser mortos, ou as dores de um exílio nas florestas, (essas são as alternativas). Qual destas eu devo realizar? Incite os corcéis, ó Hrishikesa, eu cumprirei tua ordem. Eu derrubarei o avô Kuru Bhishma, aquele guerreiro invencível.' Assim pedido, Madhava incitou aqueles corcéis de cor prateada para o local onde Bhishma, incapaz de ser olhado como o próprio Sol, estava. Então aquela grande hoste de Yudhishthira se reagrupou e foi novamente para a luta, vendo o poderosamente armado Partha procedendo para um combate com Bhishma. Então Bhishma, aquele principal entre os Kurus, rugiu repetidamente como um leão. E ele logo cobriu o carro de Dhananjaya com uma chuva de setas. Em um instante aquele carro dele com seus corcéis e quadrigário ficou totalmente invisível por causa daquela chuva grossa de setas. Vasudeva, no entanto, sem medo, reunindo paciência, e dotado de grande presteza, incitou aqueles corcéis mutilados pelas flechas de Bhishma. Então Partha, pegando seu arco celeste de vibração alta como o rugido das nuvens, fez o arco de Bhishma cair de suas mãos, cortando-o (em fragmentos) por meio de suas flechas afiadas. Então teu pai, o herói Kuru, cujo arco tinha sido assim cortado, encordoou outro arco grande em um piscar de olhos. Arjuna, no entanto, excitado com cólera, cortou também aquele arco dele. O filho de Santanu aplaudiu aquela agilidade de mão mostrada por Arjuna, dizendo, 'Muito bem, muito bem, ó de braços fortes. Muito bem, ó filho de Kunti.' Tendo se dirigido a ele dessa maneira, Bhishma pegou outro arco belo naquela batalha, e disparou muitas flechas no carro de Partha. E Vasudeva mostrou grande habilidade na condução de cavalos, pois, mostrando o movimento circular ele frustrou todas aquelas setas (de Bhishma). Mutilados pelas setas de Bhishma, aqueles dois tigres entre os homens pareciam belos como dois touros furiosos marcados com arranhões de chifres. Então aquele matador de heróis hostis, Vasudeva de braços fortes da linhagem de Madhu, vendo que Partha estava lutando brandamente e que Bhishma estava espalhando incessantemente suas chuvas de flechas em batalha, e que posicionado entre as duas hostes, o último estava chamuscando tudo como o próprio Sol, derrotando os principais combatentes de Yudhishthira, e, realmente, realizando um feito sobre o exército de Yudhishthira semelhante ao que acontece no fim do Yuga, não pode mais tolerar aquilo. Abandonando então, ó majestade, os cavalos de Partha que pareciam com prata, e cheio de ira, aquele grande senhor de poderes Yoga saltou daquele grande carro. Rugindo repetidamente como um leão, o poderoso Krishna de grande energia e esplendor incomensurável, o Senhor do Universo, com olhos

vermelhos como cobre de raiva, e tendo somente seus braços nus como suas armas, avançou em direção a Bhishma, chicote na mão, desejoso de matá-lo e parecendo partir o próprio universo com seu passo. Vendo Madhava próximo a Bhishma e prestes a se lançar sobre ele naquela batalha furiosa, os corações de todos os combatentes pareciam estar em um estupor. 'Bhishma está morto, Bhishma está morto.' Estas exclamações altas foram ouvidas lá, ó rei, causadas pelo temor inspirado por Vasudeva. Vestido em seda amarela, e ele mesmo escuro como o lápis lazúli, Janardana, quando ele perseguiu Bhishma, parecia belo como uma massa de nuvens carregadas com relâmpago. Como um leão em direção a um elefante, ou o líder de um rebanho bovino sobre outro de sua espécie, aquele touro da raça Madhu, com um rugido alto, avançou impetuosamente em direção a Bhishma. Vendo ele de olhos como pétalas de lótus (assim) avançando em direção a ele naquela batalha, Bhishma começou a estirar seu arco grande destemidamente. E com o coração sem medo ele se dirigiu a Govinda, dizendo, 'Venha, venha, ó tu de olhos como pétalas de lótus. Ó Deus dos deuses, eu te reverencio. Ó melhor dos Satwatas, derrube-me hoje nessa grande batalha. Ó deus, morto por ti em batalha, ó impecável, grande será o bem feito a mim, ó Krishna, em todos os aspectos no mundo. Entre todos, nos três mundos, grande é a honra feita a mim hoje em batalha, ó Govinda. Golpeie-me como tu quiseres, pois eu sou teu escravo, ó impecável.' Enquanto isso, Partha de braços fortes, seguindo rapidamente atrás de Kesava, agarrou-o por envolvê-lo com seus dois braços. Aquele melhor dos seres masculinos, Krishna, de olhos parecidos com pétalas de lótus, agarrado por Partha, ainda procedeu com grande velocidade, levando o último com ele. O poderoso Partha, aquele matador de heróis hostis, no entanto, agarrando-se violentamente às pernas dele, parou Hrishikesa com grande dificuldade no décimo passo. Então Arjuna, seu querido amigo, cheio de tristeza, dirigiu-se afetuosamente a Kesava, que estava então suspirando como uma cobra e cujos olhos estavam perturbados em fúria, dizendo, 'Ó tu de braços poderosos, pare, ó Kesava, não cabe a ti tornar falsas aquelas palavras que tu falaste antes, isto é, 'Eu não lutarei.' Ó Madhava, as pessoas dirão que tu és um mentiroso. Toda essa responsabilidade é minha. Eu matarei o avô. Eu juro, ó Kesava, por minhas armas, pela verdade, e meus bons atos, que, ó matador de inimigos, eu farei tudo pelo qual a destruição de meus inimigos possa ser realizada. Veja nesse mesmo dia aquele guerreiro em carro poderoso e invencível na ação de ser derrubado por mim, com a maior facilidade, como a lua crescente no fim do Yuga (quando se aproxima a destruição do universo).' Madhava, no entanto, ouvindo essas palavras de Phalguni de grande alma, não falou uma palavra, mas furioso subiu novamente no carro. E então sobre aqueles dois tigres entre os homens, quando posicionados em seu carro, Bhishma o filho de Santanu, mais uma vez derramou suas chuvas de flechas como as nuvens derramando chuva sobre o leito da montanha. Teu pai Devavrata tirava as vidas dos guerreiros (hostis) como o Sol sugando com seus raios as energias de todas as coisas durante o verão. Como os Pandavas tinham estado dividindo as tropas dos Kurus em batalha, assim teu pai dividia as tropas Pandava em batalha. E os soldados derrotados, desamparados e sem entusiasmo, massacrados às centenas e milhares por Bhishma, eram incapazes até de olhar para ele naquela batalha, ele que parecia o Sol do meio-dia brilhando em seu próprio esplendor. De dato, os

Pandavas afligidos pelo medo, timidamente fitavam Bhishma que estava então realizando façanhas sobre-humanas naquela batalha. E as tropas Pandava, fugindo dessa maneira, ó Bharata, fracassaram em achar um protetor, como um rebanho de vacas afundado em um baixio ou formigas enquanto sendo pisadas por uma pessoa forte. De fato, os Pandavas não podiam, ó Bharata, olhar para aquele poderoso guerreiro em carro incapaz de ser derrubado, que, equipado com uma profusão de flechas, estava oprimindo os reis (no exército Pandava), e que por causa daquelas flechas parecia com o Sol brilhante derramando seus raios ardentes. E enquanto ele estava assim castigando o exército Pandava, o criador de mil raios do dia dirigiu-se para as colinas do ocaso, e as tropas, exaustas com fadiga, colocaram seus corações na retirada (do campo)."

108

Sanjaya disse, "Enquanto eles estavam lutando, o Sol se pôs, ó Bharata, e chegou a hora temível do crepúsculo e a batalha não pode mais ser vista. Então o rei Yudhishthira, vendo que o crepúsculo tinha chegado e que suas próprias tropas, massacradas por Bhishma, tinham jogado de lado suas armas, e que tomadas pelo medo, e afastadas do campo, elas estavam procurando fugir e contemplando Bhishma também, aquele poderoso guerreiro em carro, excitado com cólera e afligindo todos em combate, e reparando que os poderosos guerreiros em carros dos Somakas, derrotados, tinham todos ficado desanimados, refletiu um pouco, e então ordenou que as tropas fossem retiradas. Então o rei Yudhishthira retirou suas tropas. E da mesma maneira, a retirada das tuas tropas também ocorreu ao mesmo tempo. Então aqueles poderosos guerreiros em carros, ó chefe dos Kurus, tendo retirado suas tropas, entraram em suas tendas, eles mesmos mutilados em batalha. Afligidos pelas flechas de Bhishma e refletindo sobre aqueles feitos do herói em batalha, os Pandavas não obtiveram paz mental. Bhishma também, tendo vencido os Pandavas e os Srinjayas em batalha, foi adorado por teus filhos e glorificado por eles, ó Bharata. Acompanhado pelos Kurus regozijantes, ele então entrou em sua tenda. Começou então a noite, que priva todas as criaturas de seus sentidos. Então naquela hora ameaçadora da noite, os Pandavas, os Vrishnis e os invencíveis Srinjayas sentaram-se para uma conferência. Todas aquelas pessoas poderosas, hábeis em chegar a conclusões em conselho, deliberaram calmamente acerca do que era benéfico para eles em vista de suas circunstâncias imediatas. Então o rei Yudhishthira, refletindo por um longo tempo, disse essas palavras, lançando seus olhos em Vasudeva, 'Veja, ó Krishna, Bhishma de grande alma de bravura feroz. Ele esmaga minhas tropas como um elefante esmagando uma floresta de juncos. Nós não ousamos nem olhar para aquele guerreiro de grande alma. Como um incêndio violento ele consome minhas tropas. O bravo Bhishma de armas afiadas, quando cheio de ira em batalha e com arco na mão disparando suas flechas, se torna tão feroz quanto o poderoso Naga Takshaka de veneno virulento. De fato, o enfurecido Yama é capaz de ser derrotado, ou mesmo o chefe dos celestiais armado com o trovão, ou o próprio Varuna, laço na mão, ou o Senhor dos Yakshas armado com maça. Mas

Bhishma, excitado com cólera, é incapaz de ser vencido em batalha. Quando esse é o caso, ó Krishna, eu estou, pela fraqueza de minha compreensão, mergulhado em um oceano de angústia tendo obtido Bhishma (como um inimigo) em batalha. Eu me retirarei para as florestas, ó invencível. Meu exílio lá será para meu benefício. Batalha, ó Krishna, eu não desejo mais. Bhishma sempre nos massacra. Como um inseto, por se precipitar em um fogo ardente encontra somente a morte, assim mesmo eu avanço em Bhishma. Em empregar destreza, ó tu da linhagem de Vrishni, por causa do meu reino, eu sou, ai, levado à destruição. Meus bravos irmãos tem sido todos muito afligidos por flechas. Por causa da afeição que eles tem por mim, seu irmão (mais velho) eles tiveram que ir para as florestas, privados de reino. Só por minha causa, ó matador de Madhu, Krishna foi mergulhada em tal infortúnio. Eu considero que a vida tem grande valor. De fato, mesmo a vida agora parece ser difícil de ser salva. (Se eu puder salvar essa vida), seu último resto eu passarei na prática de virtude excelente. Se, com meus irmãos, ó Kesava, eu sou digno do teu favor, diga-me, ó Krishna, o que é para meu benefício, sem infringir os deveres da minha classe.' Ouvindo essas palavras dele, e (descrevendo a situação) em detalhes, Krishna, por compaixão, disse essas palavras em resposta para confortar Yudhishthira, 'Ó filho de Dharma, ó tu que és firme em verdade, não te entregue à tristeza, tu que tens esses heróis invencíveis, esses matadores de inimigos, como teus irmãos. Arjuna e Bhimasena são dotados cada um da energia do Vento e do Fogo. Os filhos gêmeos de Madri também são cada um tão valente quanto o próprio chefe dos celestiais. Pela boa compreensão que existe entre nós, designe-me também para essa tarefa. Eu mesmo, ó filho de Pandu, lutarei com Bhishma. Ordenado por ti, ó grande rei, o que há que eu não possa fazer em grande batalha? Desafiando aquele touro entre homens, Bhishma, eu o matarei em batalha, na própria vista dos Dhartarashtras, se Phalguni não desejar matá-lo. Se, ó filho de Pandu, tu vês a vitória como certa por meio da morte do heróico Bhishma, eu mesmo, em um único carro, matarei aquele avô idoso dos Kurus. Observe ó rei, minha destreza, igual àquela do grande Indra em batalha. Eu derrubarei de seu carro aquele guerreiro que sempre dispara armas poderosas. Ele que é um inimigo dos filhos de Pandu, sem dúvida, é meu inimigo também. Aqueles que são seus, são meus, e da mesma maneira aqueles que são meus, são seus. Teu irmão (Arjuna) é meu amigo, parente, e discípulo. Eu estou disposto, ó rei, a cortar minha própria carne e dá-la por causa de Arjuna. E esse tigre entre homens também é capaz de sacrificar sua vida por mim. Ó majestade, esse mesmo é nosso acordo, isto é, que nós protegeremos um ao outro. Portanto, ordene-me, ó rei, de que maneira eu devo lutar. Antigamente, em Upaplavya, Partha, na presença de muitas pessoas, jurou, dizendo, 'Eu matarei o filho de Ganga.' Essas palavras do inteligente Partha devem ser cumpridas (na prática). De fato, se Partha me pedir sem dúvida eu cumprirei aquela promessa. Ou, que essa seja a tarefa do próprio Phalguni em batalha. Isso não é pesado para ele. Ele matará Bhishma, aquele subjugador de cidades hostis. Se provocado em batalha, Partha pode realizar façanhas que não podem ser realizadas por outros. Arjuna pode matar em batalha os próprios deuses se esforçando ativamente, junto com os Daityas e Danavas. O que dizer de Bhishma, portanto, ó rei? Dotado de grande energia, Bhishma, o filho de Santanu, é agora

de raciocínio pervertido, de inteligência decaída, e de pouco bom senso, sem dúvida, ele não sabe o que ele deve fazer.'"

"Ouvindo essas palavras de Krishna, Yudhishthira disse, 'É assim mesmo, ó tu de braços fortes, como tu dizes, ó tu da linhagem de Madhu. Todos esses juntos não são competentes para suportar tua força. Eu estou seguro de sempre ter o que quer que eu deseje, quando, ó tigre entre homens, eu tenho a ti ao meu lado. Ó mais notável das pessoas vitoriosas, eu conquistaria os próprios deuses com Indra em sua chefia, quando, ó Govinda, eu tenho a ti como meu protetor. O que dizer, portanto, de Bhishma, embora ele seja um poderoso guerreiro em carro? Mas, ó Krishna, eu não ouso, por minha própria glorificação, falsificar tuas palavras. Portanto, ó Madhava, como prometido antes por ti, preste-me ajuda sem lutar por mim. Nessa batalha um acordo foi feito por mim com Bhishma. Ele disse, 'Eu te darei conselho, mas eu nunca lutarei por ti, já que eu terei que lutar por Duryodhana. Saiba que isso é verdade.' Portanto, ó senhor, Bhishma pode me dar soberania por me dar bons conselhos, ó Madhava. Portanto, ó matador de Madhu, todos nós acompanhados por ti iremos mais uma vez até Devavrata, para questioná-lo sobre os meios de sua própria morte. Todos nós então, ó melhor das pessoas, indo juntos até Bhishma sem demora, pediremos rapidamente dele da linhagem de Kuru seu conselho. Ó Janardana, ele realmente nos dará conselhos benéficos; e, ó Krishna, eu farei em batalha o que ele disser. De votos austeros, ele nos dará conselhos, como também vitória. Nós éramos crianças e órfãos. Por ele nós fomos criados. Ó Madhava, ele, nosso avô idoso, eu desejo matar, ele, o pai do nosso pai. Oh, que vergonha para a profissão de um Kshatriya.'"

Sanjaya continuou, "Ouvindo essas palavras, ó rei, ele da linhagem de Vrishni disse para Yudhishthira, 'Ó tu de grande sabedoria, essas tuas palavras, ó rei, são do meu gosto. Bhishma, também chamado Devavrata, é hábil em armas. Somente com seus olhares ele pode consumir o inimigo. Dirija-te àquele filho de (Ganga) que ruma para o oceano, para questioná-lo acerca dos meios de sua morte. Perguntado por ti, em particular, ele certamente dirá a verdade. Nós iremos portanto, questionar o avô Kuru. Indo até o filho venerável de Santanu, ó Bharata, nós pediremos seu conselho e segundo o conselho que ele nos der nós lutaremos com o inimigo.' Tendo assim deliberado, ó irmão mais velho de Pandu, os filhos heróicos de Pandu, e o bravo Vasudeva, seguiram todos juntos para a residência de Bhishma, deixando de lado suas cotas de malha e armas e entrando então em sua tenda, eles todos o reverenciaram, inclinando suas cabeças. E os filhos de Pandu, ó rei, adorando aquele touro da raça Bharata, e se curvando a ele com suas cabeças, procuraram sua proteção. O avô Kuru, Bhishma de braços fortes, então se dirigiu a eles, dizendo, 'Tu és bem-vindo, ó tu da linhagem de Vrishni. Tu és bem-vindo, ó Dhananjaya. Bem vindo, ó rei Yudhishthira o justo, e tu, ó Bhima. Bem-vindos vocês também, ó gêmeos. O que eu devo fazer agora para aumentar sua alegria? Mesmo que seja de realização extremamente difícil, eu ainda o farei com toda minha alma.' Para o filho de Ganga que falava repetidamente dessa maneira a eles com tal afeição, o rei Yudhishthira, com o coração alegre, disse carinhosamente essas palavras, 'Ó tu que conheces tudo, como nós obteremos vitória, e como nós adquiriremos soberania? Como também essa destruição de

criaturas pode ser parada? Diga-me tudo isso, ó senhor. Diga-nos os meios de tua própria a morte. Como, ó herói, nós poderemos resistir a ti em batalha? Ó avô dos Kurus, tu não dás para teus inimigos nem uma falha minúscula para achar em ti. Tu és visto em batalha com teu arco sempre esticado a um círculo. Quando tu pegas tuas flechas, quando tu miras elas, e quando puxas o arco (para dispará-las), ninguém é capaz de notar. Ó matador de heróis hostis, constantemente atingindo (como tu atinges) carros e corcéis e homens e elefantes, nós te vemos no teu carro, ó poderosamente armado, parecido um segundo Sol. Que homem há, ó touro da raça Bharata, que possa se arriscar a reprimir a ti, espalhando chuvas de setas em batalha, e causando uma grande destruição? Diga-me, ó avô, os meios pelos quais nós podemos te subjugar em batalha, pelos quais a soberania pode ser nossa, e por fim, pelos quais meu exército não tenha que sofrer tal destruição.' Ouvindo essas palavras, o filho de Santanu, ó irmão mais velho de Pandu, disse para o filho de Pandu, 'Enquanto eu estiver vivo, ó filho de Kunti, a vitória não poderá ser sua em batalha, ó tu de grande sabedoria. Realmente eu te digo isso. Depois, no entanto, que eu for vencido em combate, vocês poderão ter vitória em batalha, ó filhos de Pandu. Se, portanto, vocês desejam vitória na batalha, me derrotem sem demora. Eu lhes dou permissão, ó filhos de Pritha, me ataquem como vocês quiserem. Eu sou dessa maneira reconhecido por vocês na qual eu considero como uma circunstância afortunada. (Isto é, que vocês me reconheçam como invencível é uma circunstância afortunada, pois se vocês não tivessem reconhecido isso, vocês teriam continuado lutando por dias seguidos e dessa maneira causado uma tremenda destruição de criaturas. Por vocês virem a reconhecer, aquela destruição pode ser parada.) Depois que eu estiver morto, todo o restante será morto. Portanto, façam como eu ordeno.'"

"Yudhishthira disse, 'Conte-nos os meios pelos quais nós podemos te vencer em batalha, tu que és, quando excitado com cólera na batalha, semelhante ao próprio Destruidor armado com maça. O manejador do raio pode ser vencido, ou Varuna, ou Yama. Tu, no entanto, não podes ser derrotado em batalha nem pelos deuses e Asuras juntos, com Indra em sua chefia.'"

"Bhishma disse, 'Isso que tu disseste é verdade, ó filho de Pandu, ó tu de braços fortes. Quando com armas e meu arco grande na mão eu luto cuidadosamente em batalha, eu não posso ser derrotado pelos próprios deuses e os Asuras com Indra em sua chefia. Se, no entanto, eu por de lado minhas armas, até esses guerreiros em carros podem me matar. Alguém que jogou longe suas armas, alguém que caiu, alguém cuja armadura se soltou, alguém cujo estandarte está para baixo, alguém que está fugindo, alguém que está assustado, alguém que diz 'Eu sou teu', alguém que é uma mulher, alguém que tem o nome de uma mulher, alguém não mais capaz de cuidar de si mesmo, alguém que tem somente um único filho, ou alguém que é um sujeito vulgar, com esses eu não gosto de lutar. Ouça também, ó rei, sobre minha decisão tomada anteriormente. Observando qualquer presságio inauspicioso eu nunca lutaria. Aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Drupada, ó rei, a quem tu tens no teu exército, que é conhecido pelo nome de Sikhandin, que é colérico em batalha, corajoso, e sempre

vitorioso, era uma mulher antes mas posteriormente obteve masculinidade. Como tudo isso aconteceu, vocês todos sabem realmente. Bravo em batalha e vestido em armadura, que Arjuna, mantendo Sikhandin à frente dele, me ataque com suas flechas afiadas. Quando aquele presságio inauspicioso estiver lá, especialmente na forma de alguém que era uma mulher antes, eu nunca procurarei, embora armado com arco e flechas, atacá-lo. Obtendo aquela oportunidade, que Dhananjaya o filho de Pandu rapidamente me perfure por todos os lados com suas flechas, ó touro da raça Bharata. Exceto o muito abençoado Krishna, e Dhananjaya o filho de Pandu, eu não vejo a pessoa nos três mundos que seja capaz de me matar enquanto eu me esforçar em batalha. Que Vibhatsu, portanto, armado com armas, lutando cuidadosamente em batalha, com seu arco excelente na mão, colocando (Sikhandin ou) outra coisa à frente, me derrube (de meu carro). Então a vitória será certa. Faça, ó grande rei, isso mesmo que eu te disse, ó tu de votos excelentes. Tu então serás capaz de matar todos os Dhartarashtras reunidos em batalha.'"

Sanjaya continuou, "Os Parthas então, tendo averiguado tudo isso voltaram para suas tendas, saudando o avô Kuru, Bhishma de grande alma. Depois que o filho de Ganga, preparado para ir para o outro mundo, tinha dito isso, Arjuna, queimando de aflição e com seu rosto cheio de vergonha, disse essas palavras, 'Como, ó Madhava, eu lutarei em batalha com o avô que é meu superior em idade, que é possuidor de sabedoria e inteligência, e que é o membro mais velho da nossa família? Enquanto brincando nos tempos de infância, ó Vasudeva, eu costumava cobrir o corpo daquele homem ilustre e de grande alma com poeira por subir em seu colo com meu próprio corpo sujo. Ó irmão mais velho de Gada, ele é o pai do meu pai Pandu. Enquanto uma criança, subindo no colo dele de grande alma eu uma vez o chamei de pai, 'Eu sou não teu pai mas pai do teu pai, ó Bharata!' Isso mesmo foi o que ele me disse (em resposta) na minha infância. Ele, que falou dessa maneira, oh, como ele pode ser morto por mim? Ó, que meu exército pereça. Seja vitória ou morte que eu obtenha eu nunca lutarei com aquela pessoa de grande alma. (Isso mesmo é o que penso). O que tu pensas, ó Krishna?'"

"Vasudeva disse, 'Tendo prometido a morte de Bhishma antes, ó Jishnu, como tu podes te abster de matá-lo, em conformidade com os deveres de um Kshatriya? Derrube de seu carro, ó Partha, aquele Kshatriya que é invencível em batalha. A vitória nunca poderá ser de vocês sem matar o filho de Ganga. Exatamente dessa maneira ele irá para a residência de Yama. Isso foi decidido anteriormente pelos deuses. Aquilo que foi destinado antes, ó Partha, deve acontecer. Não pode ser de outra maneira. Ninguém exceto tu, ó invencível, nem mesmo o manejador do raio, seria capaz de lutar com Bhishma, que é como o Destruidor com boca escancarada. Mate Bhishma, sem qualquer ansiedade. Escute também essas minhas palavras que são as que Vrihaspati de grande inteligência disse para Sakra antigamente. Uma pessoa deve matar até uma pessoa idosa dotada de todos os méritos e digna de reverência se ela se aproximar como um inimigo, ou, de fato, qualquer outro que se aproxime para destruir uma pessoa. Ó Dhananjaya,

esse é o dever eterno sancionado para o Kshatriya, isto é, que ele deve lutar, proteger os súditos, e realizar sacrifícios, tudo sem malícia.'"

"Arjuna disse, 'Sikhandin, ó Krishna, certamente será a causa da morte de Bhishma, pois Bhishma, logo que ele vê o príncipe dos Panchalas, se abstém de atacar. Portanto, mantendo Sikhandin diante dele e em nossa dianteira, nós iremos, por estes meios, derrotar o filho de Ganga. Isso mesmo é o que eu penso. Eu deterei outros grandes arqueiros com minhas flechas. Em relação a Sikhandin, ele lutará somente com Bhishma, aquele principal de todos os guerreiros. Eu ouvi daquele chefe dos Kurus que ele não atacaria Sikhandin, pois tendo nascido antes como uma mulher ele posteriormente se tornou uma pessoa masculina.'"

Sanjaya continuou, "Decidindo isso com a permissão de Bhishma, os Pandavas, junto com Madhava, foram embora com corações regozijantes. E então aqueles touros entre homens se retiraram para suas respectivas camas."

109

Dhritarashtra disse, "Como Sikhandin avançou contra o filho de Ganga em batalha, e como Bhishma também avançou contra os Pandavas? Conte-me tudo isso, ó Sanjaya!"

Sanjaya disse, "Então todos aqueles Pandavas, perto da hora do nascer do Sol, com batida de baterias e pratos e baterias menores, e com o clangor de conchas de brancura leitosa, por toda parte, saíram para a batalha, colocando Sikhandin em sua vanguarda. E eles marcharam, ó rei, tendo formado uma ordem de batalha que era destrutiva de todos os inimigos. E Sikhandin, ó monarca, estava posicionado na dianteira de todas as tropas. E Bhimasena e Dhananjaya se tornaram os protetores das rodas do carro dele. E em sua retaguarda estavam os filhos de Draupadi e o corajoso Abhimanyu. E aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, Satyaki e Chekitana, se tornaram os protetores dos últimos. E atrás deles estava Dhrishtadyumna protegido pelos Panchalas. Próximo a Dhrishtadyumna, atrás, marchava o nobre senhor Yudhishthira, acompanhado pelos gêmeos, enchendo o ar com gritos leoninos, ó touro da raça Bharata. Em seguida atrás dele estava Virata, cercado por suas próprias tropas. Ao lado dele marchava Drupada, ó de braços fortes. E os cinco irmãos Kaikeya e o valente Dhrishtaketu, ó Bharata, protegiam a retaguarda do exército Pandava. Dispondo seu vasto exército em tal formação de combate, os Pandavas avançaram contra tua hoste, preparados para sacrificar suas vidas. E da mesma maneira os Kauravas, ó rei, colocando aquele poderoso guerreiro em carro Bhishma na vanguarda de sua hoste inteira, procederam contra os Pandavas. E aquele guerreiro invencível era protegido por teus filhos poderosos. Em seguida atrás deles estava o grande arqueiro Drona, como também seu filho poderoso (Aswatthaman). Em seguida atrás estava Bhagadatta cercado por sua divisão de elefantes. E atrás de Bhagadatta estavam Kripa e Kritavarman. Atrás deles estavam Sudakshina o soberano poderoso dos Kamvojas, e Jayatsena, o rei dos

Magadhas, e o filho de Suvala e Vrihadvala. E similarmente, muitos outros reis, que eram todos arqueiros formidáveis, protegiam a retaguarda da tua hoste, ó Bharata. Conforme cada dia chegava, Bhishma o filho de Santanu formava ordens de combate em batalha, às vezes conforme a maneira dos Asuras, às vezes conforme aquela dos Pisachas, e às vezes conforme aquela dos Rakshasas. Então começou a batalha entre tuas tropas, ó Bharata, e as deles, ambos os partidos atacando um ao outro e aumentando a população do reino de Yama. E os Parthas com Arjuna em sua chefia, colocando Sikhandin na vanguarda, procederam contra Bhishma naquela batalha, espalhando diversas espécies de setas. E então, ó Bharata, afligidos por Bhima com suas flechas, (muitos dos) teus guerreiros, profusamente banhados em sangue, se dirigiram para o outro mundo. E Nakula e Sahadeva, e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, se aproximando do teu exército, começaram a afligi-lo com grande vigor. Assim massacrados em batalha, ó touro da raça Bharata, teus guerreiros foram incapazes de resistir àquela hoste vasta dos Pandavas. Então tua hoste, vigorosamente afligida por grandes guerreiros em carros e assim massacrada por eles em todos os lugares, fugiu para todos os lados. Massacrados com flechas afiadas pelos Pandavas e os Srinjayas eles não encontraram um protetor, ó touro da raça Bharata."

Dhritarashtra disse, "Diga-me, ó Sanjaya, o que o bravo Bhishma, excitado com raiva, fez em batalha, ao ver minha hoste afligida pelos Parthas. Ó impecável, conte-me como aquele herói, aquele castigador de inimigos, avançou contra os Pandavas em batalha, e massacrou os Somakas."

Sanjaya disse, "Eu te direi, ó rei, o que teu pai fez quando a hoste de teus filhos era afligida pelos Pandavas e os Srinjayas. Com corações alegres, os bravos filhos de Pandu, ó irmão mais velho de Pandu, enfrentaram a hoste do teu filho, massacrando (todos os que eles encontravam). Aquela carnificina, ó chefe de homens, de seres humanos, elefantes e corcéis, aquela destruição pelo inimigo de teu exército em batalha, Bhishma não pode tolerar. Aquele arqueiro invencível e formidável, então, indiferente à sua própria vida despejou sobre os Pandavas, os Panchalas, e os Srinjayas, chuvas de flechas compridas e (em forma de) dente de bezerro e flechas em forma de meia-lua. E com armas, ó monarca, ele deteve com suas flechas e com chuvas de outras armas, ofensivas e defensivas, todas disparadas com energia e ira, os cinco principais dos poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, que tinham estado lutando vigorosamente em batalha. Estimulado pela fúria, ele massacrou naquela batalha inúmeros elefantes e corcéis. E aquele touro entre os homens, ó monarca, derrubando muitos guerreiros em carros de seus carros, e cavaleiros de seus cavalos, e multidões de soldados de infantaria, e guerreiros em elefantes das costas dos animais que eles montavam, infligiu terror no inimigo. E os guerreiros Pandava todos avançaram juntos sobre Bhishma sozinho, sobre aquele poderoso guerreiro em carro lutando em batalha com grande energia, como os Asuras avançando juntos sobre ele com o raio na mão. Disparando para todos os lados suas setas afiadas cujo toque parecia aquele do raio de Indra, ele parecia para o inimigo ter convocado um aspecto terrível. Enquanto lutando naquela batalha, seu arco grande, parecendo aquele do próprio Sakra, parecia estar sempre esticado a um círculo.

Contemplando aqueles feitos em batalha, teus filhos, ó monarca, cheios de grande admiração, adoraram o avô. Os Parthas lançaram seus olhos, com corações tristes, no teu pai heróico lutando em batalha, como os celestiais no (Asura) Viprachitti (nos tempos antigos). Eles não podiam resistir àquele guerreiro que então parecia o próprio Destruidor com boca escancarada. Naquela batalha no décimo dia, Bhishma, com suas flechas afiadas, consumiu a divisão de Sikhandin como um incêndio consumindo uma floresta. Ele parecendo uma cobra zangada de veneno virulento, ou o Destruidor incitado pela própria Morte, Sikhandin perfurou com três flechas no centro do peito. Profundamente perfurado por elas, Bhishma viu que era Sikhandin (que o estava atingindo). Excitado com cólera, mas não desejoso (de lutar com Sikhandin) Bhishma disse rindo, 'Tu escolhas me atacar ou não, eu nunca lutarei contigo. Tu ainda és aquele Sikhandin que o Criador te fez primeiro; (isto é, tu ainda és uma mulher embora o sexo tenha sido mudado.)' Ouvindo essas palavras dele, Sikhandin, privado de sua razão pela fúria, e lambendo os cantos de sua boca dirigiu-se a Bhishma naquela batalha, dizendo, 'Eu te conheço, ó poderosamente armado, como o exterminador da linhagem Kshatriya. Eu tenho ouvido também da tua batalha com o filho de Jamadagni. Eu também ouvi muito sobre tua destreza sobre-humana. Conhecendo tua destreza eu ainda luto contigo hoje. Para fazer o que é agradável para os Pandavas e o que é agradável para mim mesmo, ó castigador de inimigos, eu hoje lutarei contigo em batalha, ó melhor dos homens. Eu, com certeza, te matarei. Eu juro isso diante de ti pela minha fé! Ouvindo essas minhas palavras, faça aquilo que tu deves. Tu escolhas me atacar ou não, tu não escaparás de mim com vida. Ó tu que és sempre vitorioso, ó Bhishma, veja teu fim nesse mundo."

Sanjaya continuou, "Dizendo isso, Sikhandin naquela batalha perfurou Bhishma com cinco flechas retas, já o tendo perfurado com suas flechas verbais. Ouvindo aquelas palavras dele, o poderoso guerreiro em carro Arjuna, considerando Sikhandin como o destruidor de Bhishma, instigou-o adiante, dizendo, 'Eu lutarei atrás de ti, desbaratando o inimigo com minhas flechas. Cheio de fúria, avance contra Bhishma de destreza terrível. O poderoso Bhishma não será capaz de te afligir em batalha. Portanto, ó de braços fortes, enfrente Bhishma com vigor. Se, ó senhor, tu retornares hoje sem matar Bhishma, tu serás, comigo mesmo, um objeto de escárnio para o mundo. Procure fazer em batalha aquilo pelo qual, ó herói, nós não possamos incorrer em escárnio nessa grande batalha. Mate o avô. Ó tu de grande força, eu te protegerei nessa batalha, detendo todos os guerreiros em carros (do exército Kuru). Mate o avô. Drona, e o filho de Drona, e Kripa, e Suyodhana, e Chitrasena, e Vikarna, e Jayadratha o soberano dos Sindhus, Vinda e Anuvinda de Avanti, e Sudakshina o soberano dos Kamvojas, e o bravo Bhagadatta, e o rei poderoso dos Magadhas, e o filho de Somadatta, e os Rakshasas valentes que são o filho de Rishyasringa e o soberano dos Trigartas, com todos os outros grandes guerreiros em carros (do exército Kuru), eu deterei sozinho como o continente resistindo às ondas do mar. De fato, eu manterei sob controle todos os poderosos guerreiros do exército Kuru reunidos e lutando conosco. Mate o avô.'"

110

Dhritarashtra disse, "Como Sikhandin, o príncipe dos Panchalas, excitado com raiva, avançou em batalha contra o avô, o filho de Ganga de alma justa e votos regulados? Quais poderosos guerreiros em carros do exército Pandava, com armas erguidas, desejosos de vitória, e se esforçando com energia, protegeram Sikhandin naquela ocasião que requeria grande força? Como também Bhishma o filho de Santanu, dotado de grande energia, lutou naquele décimo dia de batalha com os Pandavas e os Srinjayas? Eu não posso suportar a idéia de Sikhandin enfrentando Bhishma em batalha. (De fato, quando Sikhandin atacou Bhishma), o carro de Bhishma ou seu arco estava quebrado?"

Sanjaya disse, "Enquanto lutando naquela batalha, ó touro da raça Bharata, nem o arco nem o carro de Bhishma tinham sofrido qualquer dano. Ele estava então matando o inimigo com flechas retas. Muitos milhares de poderosos guerreiros em carros pertencentes ao teu exército, como também elefantes, ó rei, e corcéis bem arreados, procederam para a batalha, com o avô na vanguarda. Em conformidade com seu voto, ó tu da linhagem de Kuru, Bhishma sempre vitorioso estava incessantemente empenhado em massacrar as tropas dos Parthas. Os Panchalas e os Pandavas eram incapazes de resistir àquele arqueiro formidável lutando (com eles) e matando seus inimigos com suas flechas. Quando o décimo dia chegou, o exército hostil foi dividido em partes por Bhishma com suas flechas às centenas e milhares. Ó irmão mais velho de Pandu, os filhos de Pandu eram incapazes de derrotar em batalha o grande arqueiro Bhishma que parecia o próprio Destruidor armado com a lança."

"Então, ó rei, o invicto Vibhatsu ou Dhananjaya, que era capaz de esticar o arco até com sua mão esquerda, chegou àquele local, apavorando todos os guerreiros em carros. Rugindo ruidosamente como um leão, e esticando repetidamente a corda do arco, e espalhando chuvas de flechas, Partha se movia rapidamente no campo de batalha como a própria Morte. Amedrontados por aqueles rugidos dele, teus guerreiros, ó touro da raça Bharata, fugiram aterrorizados, como animais menores, ó rei, ao som do leão. Vendo o filho de Pandu coroado com vitória e afligindo dessa maneira aquela hoste, Duryodhana, ele mesmo sob a influência do terror dirigiu-se a Bhishma e disse, 'Lá o filho de Pandu, ó senhor, com corcéis brancos (unidos a seu carro), e com Krishna como seu quadrigário, consome todas as minhas tropas como uma conflagração consumindo uma floresta. Veja, ó filho de Ganga, todas as tropas, massacradas pelo filho de Pandu em batalha, estão, ó principal dos guerreiros, fugindo. De fato, como o vaqueiro castiga seu gado na floresta, assim mesmo, ó opressor de inimigos, meu exército está sendo castigado. Dividida e afugentada para todos os lados por Dhananjaya com suas flechas, o invencível Bhima também está desbaratando aquela minha hoste (já dividida). E Satyaki, e Chekitana, e os filhos gêmeos de Madri, e o valente Abhimanyu, esses também estão derrotando minhas tropas. O bravo Dhrishtadyumna, e o Rakshasa Ghatotkacha também, estão vigorosamente dividindo e afugentando meu exército nesse combate violento. Dessas tropas que estão sendo massacradas por todos aqueles poderosos guerreiros em carros, eu

não vejo qualquer outro refúgio na questão de sua resistência e luta no campo, ó Bharata, exceto tu, ó tigre entre homens, que és possuidor de destreza igual àquela dos celestiais. Portanto, receba aqueles grandes guerreiros em carros sem demora, e seja o refúgio dessas tropas afligidas.' Assim endereçado por ele, ó rei, teu pai Devavrata, o filho de Santanu, refletindo por um momento e decidindo o que ele devia fazer, disse essas palavras para teu filho, confortando-o (com elas), 'Ó Duryodhana, ouça calmamente o que eu digo, ó rei, ó tu de grande poder, antigamente eu prometi diante de ti que matando todo dia dez mil Kshatriyas de grande alma, eu voltaria da batalha. Eu tenho cumprido aquele voto, ó touro da raça Bharata! Ó tu de grande poder, hoje eu realizarei um grande feito. Hoje ou eu mesmo descansarei estando morto, ou, eu matarei os Pandavas. Ó tigre entre homens, eu hoje me livrarei da dívida que tenho contigo, a dívida, ó rei, originada do sustento que tu me deste, por sacrificar minha vida na chefia do teu exército.' Tendo dito essas palavras, ó chefe dos Bharatas, aquele guerreiro invencível, espalhando suas flechas entre os Kshatriyas, atacou a hoste Pandava. E os Pandavas então, ó touro da raça Bharata, começaram a resistir ao filho de Ganga permanecendo no meio de seu exército e excitado com cólera como uma cobra de veneno virulento. De fato, ó rei, naquele décimo dia da batalha, Bhishma, mostrando seu poder, matou, ó filho da linhagem de Kuru, centenas de milhares. E ele drenou as energias daqueles guerreiros em carros nobres e poderosos que eram os principais entre os Panchalas, como o Sol sugando a umidade (da terra) com seus raios. Tendo matado dez mil elefantes de grande energia e dez mil corcéis também, ó rei, junto com seus condutores, e duzentos mil dos soldados de infantaria no total, aquele melhor dos homens, Bhishma, brilhava resplandecente em batalha como um fogo sem um anel de fumaça. E ninguém entre os Pandavas era capaz de olhar para ele que então parecia o Sol brilhante permanecendo no solstício do norte. Os Pandavas, no entanto, embora afligidos em batalha por aquele grande arqueiro, ainda avançaram, acompanhados pelos poderosos guerreiros em carros dos Srinjayas, para massacrá-lo. Lutando com miríades sobre miríades em volta dele, o filho de Santanu Bhishma então parecia com o rochedo de Meru coberto por todos os lados com massas de nuvens. Teus filhos, no entanto, resistiram, cercando Bhishma por todos os lados com uma grande tropa (para protegê-lo). Então começou uma batalha violenta (entre os Kurus e os Pandavas)."

111

Sanjaya disse, "Arjuna então, ó rei, observando a destreza de Bhishma em batalha, dirigiu-se a Sikhandin dizendo, 'Vá em direção ao avô. Tu não deves nutrir o menor medo de Bhishma hoje. Eu mesmo o derrubarei de seu carro excelente por meio de minhas flechas afiadas.' Assim endereçado por Partha, Sikhandin, ó touro da raça Bharata, tendo ouvido aquelas palavras, avançou no filho de Ganga. E assim Dhrishtadyumna também, ó rei, e o poderoso guerreiro em carro Abhimanyu, ouvindo aquelas palavras de Partha, avançaram alegremente em Bhishma. E os idosos Virata e Drupada, e Kuntibhoja também, vestidos em armadura, avançaram em Bhishma na própria vista do teu filho. E

Nakula, Sahadeva, e o rei valente Yudhishthira também, e todo o restante dos guerreiros, ó monarca, avançaram contra Bhishma. Em relação aos teus guerreiros, ó rei, que avançaram, segundo a medida de seu poder e coragem, contra aqueles poderosos guerreiros em carros reunidos (do exército Pandava), ouça-me enquanto eu falo (deles) para ti. Como um tigre jovem atacando um touro, Chitrasena, ó rei, avançou contra Chekitana que naquela batalha estava procedendo para alcançar Bhishma. Kritavarman, ó rei, resistiu a Dhrishtadyumna que tinha alcançado a presença de Bhishma e que estava se esforçando com grande vivacidade e energia naquela batalha. O filho de Somadatta, ó monarca, com grande diligência, resistiu a Bhimasena excitado com fúria e desejoso de matar Bhishma. Similarmente Vikarna, desejoso de (proteger) a vida de Bhishma, resistiu ao bravo Nakula que estava espalhando inúmeras flechas em volta. E assim, ó rei, Kripa o filho de Saradwat, excitado com raiva, resistiu a Sahadeva procedendo em direção ao carro de Bhishma. E o poderoso Durmukha avançou naquele Rakshasa de atos cruéis, isto é, o filho poderoso de Bhimasena, desejoso da morte de Bhishma. Teu filho Duryodhana ele mesmo resistiu a Satyaki procedendo para a batalha. Sudakshina o soberano dos Kamavojas, ó rei, resistiu a Abhimanyu, ó monarca, que estava indo em direção ao carro de Bhishma. E Aswatthaman, ó rei, excitado com raiva, resistiu aos idosos Virata e Drupada, aqueles dois castigadores de inimigos juntos. E o filho de Bharadwaja, se esforçando com vigor em batalha, resistiu ao Pandava mais velho, o rei Yudhishthira o justo, que estava desejoso da morte de Bhishma. E aquele arqueiro formidável, Dussasana, naquela batalha, resistiu a Arjuna que estava avançando com grande velocidade, com Sikhandin diante dele, desejoso de se aproximar de Bhishma, ó monarca, e iluminando os dez quadrantes (com suas armas brilhantes). E outros guerreiros do teu exército resistiram naquela grande batalha a outros poderosos guerreiros em carros dos Pandavas procedendo contra Bhishma. Dhrishtadyumna, aquele poderoso guerreiro em carro, excitado com raiva, avançou contra Bhishma somente e dirigindo-se às tropas, repetidamente disse em uma voz alta, 'Lá, Arjuna, aquele alegrador da linhagem de Kuru, está procedendo contra Bhishma em batalha. Avancem contra o filho de Ganga. Não tenham medo. Bhishma não será capaz de atacar vocês em batalha. O próprio Vasava não pode se arriscar a lutar com Arjuna em batalha. O que dizer, portanto, de Bhishma que, embora possuidor de bravura em batalha, é fraco e velho?' Ouvindo essas palavras de seu comandante, os poderosos guerreiros em carros do exército Pandava, cheios de alegria, avançaram em direção ao carro do filho de Ganga. Muitos principais dos homens, no entanto, do teu exército, receberam e resistiram alegremente àqueles heróis que iam em direção a Bhishma como uma massa impetuosa de energia viva. Aquele poderoso guerreiro em carro, Dussasana, abandonando todos os temores, avançou contra Dhananjaya, desejoso de proteger a vida de Bhishma. E assim os heróicos Pandavas também, ó rei, avançaram em batalha contra teus filhos, aqueles poderosos guerreiros em carros, posicionados em volta do carro de Bhishma. E então, ó rei, nós vimos um incidente muito extraordinário, isto é, que Partha, tendo procedido até o carro de Dussasana, não pode avançar mais adiante. Como o continente resiste ao mar revolto, assim mesmo teu filho (Dussasana) resistiu ao filho enfurecido de Pandu. Os dois eram os mais notáveis dos guerreiros em carros. Ambos, ó Bharata, eram

invencíveis. Ambos, em beleza e esplendor, ó Bharata, pareciam o Sol ou a Lua. Ambos estavam cheios de fúria. E cada um deles desejava matar o outro. E eles enfrentaram um ao outro em batalha terrível como Maya e Sakra nos tempos passados. E Dussasana, ó rei, naquela batalha perfurou o filho de Pandu com três flechas e Vasudeva com vinte. Então Arjuna, furioso ao ver ele da linhagem de Vrishni assim afligido, perfurou Dussasana com cem flechas. Essas, atravessando a armadura do último, beberam seu sangue naquela batalha. Então Dussasana, cheio de ira, perfurou Partha com cinco flechas. E mais uma vez, ó chefe dos Bharatas, ele perfurou Arjuna na testa com três flechas afiadas. E com aquelas flechas fincadas em sua testa, o filho de Pandu parecia belo naquela batalha, como Meru, ó rei, com seus topos altos. Aquele grande arqueiro, Partha, então profundamente perfurado dessa maneira por teu filho manejando o arco, parecia resplandecente naquela batalha como uma Kinsuka florescente. O filho de Pandu então, excitado com raiva, afligiu Dussasana como Rahu inflamado com fúria no décimo quinto dia da quinzena iluminada afligindo a Lua cheia. Assim afligido por aquele guerreiro poderoso, teu filho, ó rei, perfurou Partha naquela batalha com muitas flechas afiadas em pedra e aladas com as penas da ave Kanka. Então Partha, cortando o arco de Dussasana e rachando seu carro com três flechas, disparou nele muitas flechas ardentes parecendo os dardos da Morte. Teu filho, no entanto, cortou todas aquelas flechas de Partha se esforçando com vigor antes que elas pudessem alcançá-lo. Tudo isso parecia muito admirável. Então teu filho perfurou Partha com muitas flechas de corte excelente. Então Partha, excitado com raiva naquela batalha, colocou na corda de seu arco diversas flechas afiadas em pedra e providas de asas de ouro e mirando-as, disparou-as todas em seu inimigo. Essas, ó rei, penetraram no corpo daquele guerreiro de grande alma, como cisnes, ó monarca, mergulhando em um lago. Assim afligido pelo filho de grande alma de Pandu, teu filho evitando Partha procedeu rapidamente para o carro de Bhishma. De fato, Bhishma então se tornou uma ilha para ele que estava assim afundando em águas insondáveis. Recuperando a consciência então, teu filho, ó monarca, dotado de heroísmo e destreza, mais uma vez começou a resistir a Partha com setas afiadas como Purandara resistindo (ao Asura) Vritra. De forma enorme, teu filho começou a perfurar Arjuna, mas o último mal estava perturbado (em tudo isso)."

112

Sanjaya disse, "O arqueiro poderoso (Alamvusha) o filho de Rishyasringa, naquela batalha, resistiu a Satyaki vestido em armadura e procedendo em direção a Bhishma. Ele da linhagem de Madhu, no entanto, ó rei, cheio de cólera, perfurou o Rakshasa com nove setas, sorrindo naquele momento, ó Bharata. E assim o Rakshasa também, ó rei, estimulado pela raiva, afligiu ele da linhagem de Madhu, isto é, aquele touro da raça de Sini, com nove setas. Então o neto de Sini, aquele matador de heróis hostis, da linhagem de Madhu, excitado com raiva, disparou naquela batalha uma profusão de setas no Rakshasa. Então aquele Rakshasa de braços fortes perfurou Satyaki, de bravura incapaz de ser frustrada, com muitas

setas afiadas, e proferiu um grito alto. Então ele da linhagem de Madhu, dotado de grande energia, embora profundamente perfurado pelo Rakshasa naquela batalha, contudo, confiando em sua destreza, riu (de seus ferimentos) e proferiu rugidos altos. Então Bhagadatta, excitado com raiva, afligiu ele da linhagem de Madhu naquela batalha com muitas flechas afiadas como um condutor perfurando um elefante enorme com o gancho. Então aquele principal dos guerreiros em carros, o neto de Sini, abandonando o Rakshasa em batalha, disparou muitas flechas retas no soberano dos Pragjyotishas. O soberano dos Pragjyotishas então, com uma seta de cabeça larga muito afiada, mostrando grande agilidade de mão, cortou o arco grande de Satyaki. Então aquele matador de heróis hostis, enfurecido e pegando outro arco de ímpeto maior, perfurou Bhagadatta naquela batalha com muitas setas afiadas. Aquele arqueiro poderoso, Bhagadatta, então profundamente perfurado, começou a lamber os cantos de sua boca. E ele então arremessou em seu inimigo, naquela batalha aterradora, um dardo resistente, feito totalmente de ferro, enfeitado com ouro e pedras de lápis lazúli, e ameaçador como a vara do próprio Yama. Arremessado com a força do braço de Bhagadatta e correndo em direção a ele impetuosamente, Satyaki, ó rei, cortou aquele dardo em dois por meio de suas flechas. Nisso aquele dardo caiu de repente, como um grande meteoro desprovido de seu esplendor. Vendo o dardo frustrado, teu filho (Duryodhana), ó monarca, cercou ele da linhagem de Madhu com um grande número de carros. E vendo aquele poderoso guerreiro em carro entre os Vrishnis cercado dessa maneira, Duryodhana, dirigindo-se irritado a todos os seus irmãos, disse, 'Tomem tais medidas, ó Kauravas, para que Satyaki não possa, nessa batalha, escapar de vocês e desta grande divisão de carros, com vida. Se ele estiver morto, a vasta hoste dos Pandavas poderá ser considerada morta também.' Aceitando as palavras de Duryodhana com a resposta 'Assim seja', aqueles poderosos guerreiros em carros lutaram com o neto de Sini na visão de Bhishma. O poderoso soberano dos Kamvojas, naquela batalha, resistiu a Abhimanyu que estava procedendo contra Bhishma. O filho de Arjuna, tendo perfurado o rei com muitas flechas retas, mais uma vez perfurou aquele monarca, ó monarca, com sessenta e quatro flechas. Sudakshina, no entanto, desejoso da vida de Bhishma, perfurou Abhimanyu naquela batalha com cinco setas e seu quadrigário com nove. E a batalha que ocorreu lá, por causa do encontro daqueles dois guerreiros, foi violenta ao extremo. Aquele opressor de inimigos Sikhandin, então avançou no (filho) de Ganga. Os idosos Virata e Drupada, aqueles poderosos guerreiros em carros, ambos excitados com raiva, avançaram para lutar com Bhishma, resistindo à grande hoste dos Kauravas conforme eles prosseguiam. Aquele melhor dos guerreiros em carros, Aswatthaman, enraivecido, enfrentou ambos aqueles guerreiros. Então começou uma batalha, ó Bharata, entre ele e eles. Virata então, ó castigador de inimigos, atingiu, com flechas de cabeça larga, aquele arqueiro poderoso e ornamento de batalha, o filho de Drona, quando o último avançou contra eles. E Drupada também o perfurou com três flechas afiadas. Então o filho do preceptor, Aswatthaman, se aproximando daqueles guerreiros poderosos que o atacavam dessa maneira, isto é, os bravos Virata e Drupada ambos procedendo em direção a Bhishma, perfurou ambos com muitas flechas. Foi extraordinária a conduta que nós então vimos daqueles dois velhos guerreiros, visto que eles detiveram todas aquelas flechas ardentes

disparadas pelo filho de Drona. Como um elefante enfurecido na floresta avançando contra um companheiro enfurecido, Kripa, o filho de Saradwat, procedeu contra Sahadeva que estava avançando sobre Bhishma. E Kripa, bravo em batalha, rapidamente atingiu aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Madri, com setenta flechas enfeitadas com ouro. O filho de Madri, no entanto, cortou o arco de Kripa em dois por meio de suas flechas. E cortando seu arco, Sahadeva então perfurou Kripa com nove setas. Pegando então, naquela batalha, outro arco capaz de resistir a uma grande tensão Kripa, excitado com raiva e desejoso da vida de Bhishma, alegremente atingiu o filho de Madri naquela batalha com dez flechas. E assim o filho de Pandu, em retorno, desejoso da morte de Bhishma, excitado com raiva, atingiu o colérico Kripa no peito (com muitas flechas). E então ocorreu lá um combate terrível e violento. Aquele opressor de inimigos, Vikarna, desejoso de salvar o avô Bhishma, excitado com raiva naquela batalha, perfurou Nakula com sessenta setas. Nakula também, profundamente perfurado por teu filho inteligente, acertou Vikarna em retorno com setenta e sete flechas. Lá aqueles dois tigres entre homens, aqueles dois castigadores de inimigos, aqueles dois heróis, atacaram um ao outro por causa de Bhishma, como dois touros em um aprisco. Teu filho Durmukha, dotado de grande destreza, procedeu, por Bhishma, contra Ghatotkacha avançando para a batalha e massacrando o teu exército conforme se aproximava. O filho de Hidimva, no entanto, ó rei, excitado com raiva, atingiu Durmukha, aquele castigador de inimigos, no peito uma flecha reta. O heróico Durmukha então, gritando alegremente, perfurou o filho de Bhimasena no campo de batalha com sessenta flechas de pontas afiadas. Aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Hridika, resistiu a Dhrishtadyumna, aquele principal dos guerreiros em carros, que estava avançando para a batalha pelo desejo da morte de Bhishma. O filho de Prishata, no entanto, tendo perfurado Kritavarman com cinco flechas feitas totalmente de ferro, mais uma vez o atingiu rapidamente no centro do peito com cinquenta flechas. E similarmente, ó rei, o filho de Prishata atingiu Kritavarman com nove flechas afiadas e brilhantes, aladas com as penas da ave Kanka. Enfrentando um ao outro com grande vigor, o combate que teve lugar entre eles por causa de Bhishma foi tão violento quanto aquele entre Vritra e Vasava. Contra Bhimasena que estava avançando sobre o poderoso Bhishma, procedeu Bhurisravas com grande velocidade, dizendo, 'Espere, Espere', e o filho de Somadatta atingiu Bhima no centro do peito com uma flecha de corte excelente e asas douradas naquela batalha. E o bravo Bhimasena, com aquela seta em seu peito, parecia belo, ó melhor dos reis, como a montanha Krauncha nos tempos passados com o dardo de Skanda. E aqueles dois touros entre homens, enfurecidos em batalha, dispararam um no outro flechas brilhantemente polidas por seus forjadores e dotadas da refulgência do Sol. Bhima, ansiando pela morte de Bhishma, lutou com o filho poderoso de Somadatta, e o último, desejoso da vitória de Bhishma, lutou com o primeiro, ambos cuidadosamente procurando neutralizar os feitos um do outro. O filho de Bharadwaja resistiu a Yudhishthira o filho de Kunti, que, acompanhado por uma grande tropa, estava indo em direção a Bhishma. Ouvindo o estrépito do carro de Drona, ó rei, que parecia o ribombar das nuvens, os Prabhadrakas, ó majestade, começaram a tremer. Aquela grande tropa do filho de Pandu, resistida por Drona em batalha, se esforçando vigorosamente, não pode

avançar nem um passo. Teu filho Chitrasena, ó rei, resistiu a Chekitana de aparência colérica que estava se esforçando vigorosamente para se aproximar de Bhishma. Possuidor de grande coragem e grande agilidade de mão, aquele poderoso guerreiro em carro, por causa de Bhishma, lutou com Chekitana, ó Bharata, de acordo com o máximo de suas forças. E Chekitana também lutou com Chitrasena com o máximo de seu poder. E a batalha que ocorreu lá por consequência do encontro daqueles dois guerreiros foi muito violenta. Com relação a Arjuna, embora ele fosse resistido por todos os meios, ó Bharata, ele ainda obrigou teu filho a retroceder e então oprimiu tuas tropas. Dussasana no entanto, à máxima extensão de seu poder, começou a resistir a Partha, desejando, ó Bharata, proteger Bhishma. O exército do teu filho, ó Bharata, sofrendo tal massacre, começou a ser agitado aqui e ali por muitos dos principais guerreiros em carros (dos Pandavas)."

113

Sanjaya disse, "O heróico Drona, aquele arqueiro formidável dotado da bravura de um elefante enfurecido, aquele principal dos homens possuidor de grande poder, pegando seu grande arco que era capaz de deter até um elefante enfurecido, e vibrando-o (em suas mãos), estava empenhado em afligir as tropas Pandava, tendo entrado em seu meio. Aquele guerreiro valente conhecedor de todos os presságios, observando os presságios por toda parte, dirigiu-se a seu filho que também estava oprimindo as tropas hostis e disse essas palavras, 'Hoje é aquele dia, ó filho, no qual o poderoso Partha, desejoso de matar Bhishma em batalha, se esforçará com todo seu poder. Minhas flechas estão saindo (da aljava, por iniciativa própria). Meu arco parece bocejar. Minha arma parece relutante em obedecer meus comandos, e meu coração também está triste. Animais e aves estão proferindo gritos medonhos e incessantes. Urubus parecem desaparecer abaixo dos pés das tropas Bharata. O próprio Sol parece ter perdido cor. Os quadrantes estão todos em chamas. A Terra parece gritar, inspirar temor, e tremer em todos os lugares. Kankas, e urubus, e grous estão gritando frequentemente. Chacais estão proferindo gritos ferozes e inauspiciosos pressagiando grande perigo. Meteoros grandes parecem cair do centro do disco solar. A constelação chamada Parigha, com uma forma sem tronco, aparece em volta do sol. Os discos solares e lunares se tornaram terríveis, pressagiando grande perigo para Kshatriyas acerca da mutilação de seus corpos. Os ídolos do rei Kuru em seus templos tremem e riem e dançam e choram. A Lua ilustre se ergue com seus cornos para baixo. Os corpos dos reis pertencentes ao exército Kuru todos parecem estar pálidos, e embora vestidos em armadura, estão desprovidos de esplendor. O alto clangor de Panchajanya e a vibração do Gandiva são ouvidos por todos os lados de ambos os exércitos. Sem dúvida, Arjuna, confiando em suas armas formidáveis e evitando outros guerreiros avançará sobre o avô. Os poros do meu corpo estão se contraindo, e meu coração também está deprimido, pensando, ó poderosamente armado, no combate entre Bhishma e Arjuna. Mantendo em sua frente o príncipe Panchala de alma pecaminosa e familiarizado

com fraude, Partha está procedendo em direção a Bhishma para lutar. Bhishma disse antes que não mataria Sikhandin. Pelo Criador ele foi feito mulher, embora por acaso ele posteriormente se tornou uma pessoa masculina. Aquele poderoso filho de Yajnasena é também um presságio inauspicioso (por si mesmo). O filho daquele que vai para o oceano (Ganga) não atacará aquela pessoa de natureza inauspiciosa. Pensando nisso, isto é, que Arjuna, cheio de raiva, está prestes a se lançar sobre o idoso avô Kuru, meu coração está muito deprimido. A ira de Yudhishthira, um combate entre Bhishma e Arjuna em batalha, e um esforço como esse (do disparo de armas) por mim mesmo, esses (três) estão certamente repletos de grande mal para as criaturas. Arjuna é dotado de grande energia; ele é poderoso, bravo, educado em armas, e possuidor de heroísmo que é muito ativo. Capaz de atirar suas flechas a uma grande distância e de dispará-las com força, ele é, além disso, conhecedor de presságios. Dotado de grande poder e inteligência, e acima de fadiga, aquele principal dos guerreiros não pode ser derrotado pelos próprios deuses com Vasava em sua chefia. O filho de Pandu possui armas terríveis e é sempre vitorioso em batalha. Evitando seu caminho, vá lutar (pela vitória de Bhishma), ó tu de votos rígidos. Hoje nessa batalha terrível tu verás uma grande carnificina. As cotas de malha belas e caras, enfeitadas com ouro, de bravos guerreiros serão perfuradas por flechas retas. E os topos de estandartes, e dardos farpados, e arcos, e lanças brilhantes de ponta afiada, e dardos brilhantes com ouro, e os estandartes nas costas de elefantes, serão todos cortados por Kiritin em cólera. Ó filho, esse não é o momento no qual dependentes devem cuidar de suas vidas. Vá combater, mantendo o céu diante de ti, e por fama e vitória. Lá, (Arjuna) de estandarte de macaco cruza em seu carro o rio da batalha que é terrível e incapaz de ser facilmente cruzado, e que tem carros, elefantes, e corcéis, como seus redemoinhos. Respeito pelos Brahmanas, autocontrole, generosidade, ascetismo, e conduta nobre, são vistos somente em Yudhishthira que tem como seus irmãos Dhananjaya, e o poderoso Bhimasena, e os filhos gêmeos de Madri com Pandu, e que tem Vasudeva da linhagem de Vrishni como seu protetor. A ira, nascida da aflição, daquele Yudhishthira cujo corpo foi purificado pelas chamas da penitência, direcionada ao filho de alma perversa de Dhritarashtra, está consumindo a hoste Bharata. Lá vem Partha, tendo Vasudeva como seu protetor, reprimindo (conforme se aproxima) todo esse exército Dhartarashtra. Veja, Kiritin está agitando essa hoste como uma grande baleia agitando o mar vasto cristado com ondas. Ouça com muita atenção, gritos de angústia e dor são ouvidos na vanguarda do exército. Vá, enfrente o herdeiro do rei Panchala. Quanto a mim mesmo, eu procederei contra Yudhishthira. O centro da formação de combate muito forte do rei Yudhishthira é de acesso difícil. Inacessível como o interior do oceano, ele é protegido por todos os lados por Atirathas. Satyaki, e Abhimanyu e Dhrishtadyumna, e Vrikodara, e os gêmeos, esses mesmos estão protegendo aquele soberano de homens, o rei Yudhishthira. Escuro como o irmão mais novo de Indra, e de pé como uma Sala alta, veja Abhimanyu avançando na dianteira da hoste (Pandava), como um segundo Phalguna! Pegue tuas armas poderosas, e com teu arco grande na mão proceda contra o filho nobre de Prishata (Sikhandin), e contra Vrikodara. Quem não desejaria que seu filho querido vivesse por muitos anos? Mantendo os deveres de um Kshatriya, no entanto, diante de mim, eu estou te encarregando (para essa

tarefa). Assim Bhishma também, em batalha, está consumindo a hoste imensa dos Pandavas. Ó filho, ele é, em batalha, igual a Yama ou ao próprio Varuna.'"

114

Sanjaya disse, "Ouvindo essas palavras do Drona de grande alma, Bhagadatta e Kripa e Salya e Kritavarman, e Vinda e Anuvinda de Avanti, e Jayadratha o soberano dos Sindhus, e Chitrasena e Vikarna e Durmarshana e outros, esses dez guerreiros do teu exército, apoiados por uma grande hoste consistindo em muitas nacionalidades, lutaram com Bhimasena, desejosos de ganhar grande renome na batalha por causa de Bhishma. E Salya atingiu Bhima com nove setas, e Kritavarman o atingiu com três, e Kripa com nove. E Chitrasena e Vikarna e Bhagadatta, ó majestade, cada um o atingiu com dez setas. E o soberano dos Sindhus o atingiu com três, e Vinda e Anuvinda de Avanti cada um o atingiu com cinco setas. E Duryodhana atingiu aquele filho de Pandu com vinte setas afiadas. Bhimasena, ó rei, perfurou em retorno cada um daqueles reis, aqueles mais notáveis dos homens no mundo, aqueles poderosos guerreiros em carros do exército Dhartarashtra, um depois do outro. O bravo Pandava, aquele matador de heróis hostis, perfurou Salya com sete setas, e Kritavarman com oito. E ele cortou o arco de Kripa com flecha fixada nele, ó Bharata, no meio, dividindo-o em dois. E depois de cortar seu arco dessa maneira, ele perfurou Kripa mais uma vez com sete setas. E ele atingiu Vinda e Anuvinda com três setas cada um. E ele perfurou Durmarshana com vinte setas, e Chitrasena com cinco, e Vikarna com dez, e Jayadratha com cinco. E mais uma vez atingindo o soberano dos Sindhus com três setas, ele proferiu um grito alto, cheio de alegria. Então Gautama, aquele principal dos guerreiros em carros, pegando outro arco, perfurou raivosamente Bhima com dez flechas afiadas. Perfurado por aquelas dez flechas como um elefante enorme com o gancho, o bravo Bhimasena, ó rei, cheio de ira, atingiu Gautama naquela batalha com muitas flechas. Possuidor do esplendor do próprio Yama, como ele aparece no fim do Yuga, Bhimasena então, com três setas, despachou para o domínio da Morte os corcéis do soberano dos Sindhus como também seu quadrigário. Nisso aquele poderoso guerreiro em carro, (Jayadratha), saltando rapidamente daquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, disparou naquela batalha muitas flechas de ponta afiada em Bhimasena. Então, ó majestade, com um par de flechas de cabeça larga, ele cortou, ó chefe dos Bharatas, o arco do rei de grande alma dos Sindhus no meio. Seu arco cortado, ele mesmo privado de carro, seus corcéis e quadrigário mortos, Jayadratha então, ó rei, subiu rapidamente no carro de Chitrasena. De fato, o filho de Pandu realizou naquela batalha um feito muito extraordinário, pois perfurando todos aqueles poderosos guerreiros em carros e os mantendo sob controle, ele privou, ó majestade, o soberano dos Sindhus de seu carro na própria vista do exército inteiro. Salya não pode tolerar ver a destreza que Bhimasena mostrou, pois dizendo a ele, ‘Espere’, ‘Espere’, ele mirou algumas flechas afiadas bem polidas pelas mãos do forjador, e perfurou Bhima com elas naquela batalha. E Kripa e Kritavarman e o valente Bhagadatta, e Vinda e Anuvinda de Avanti, e Chitrasena,

e Durmarshana, e Vikarna, e o corajoso soberano dos Sindhus também, naquela batalha, esses castigadores de inimigos, todos rapidamente perfuraram Bhima por causa de Salya. Bhima então perfurou cada um deles em retorno com cinco setas. E ele perfurou Salya então com setenta setas e mais uma vez com dez. E Salya então perfurou-o com nove setas e mais uma vez com cinco. E ele perfurou o quadrigário de Bhimasena também, profundamente em seus órgãos vitais, com uma seta de cabeça larga. O heróico Bhimasena então, vendo seu quadrigário Visoka profundamente perfurado, disparou três flechas nos braços e peito do soberano dos Madras. E com relação aos outros grandes arqueiros, ele perfurou cada um deles naquela batalha com três setas retas, e então proferiu um rugido alto como aquele de um leão. Cada um daqueles arqueiros formidáveis então, se esforçando com vigor, perfurou profundamente aquele filho de Pandu hábil em batalha, com três flechas em seus órgãos vitais. Aquele arqueiro poderoso, Bhimasena, embora furado profundamente, não tremeu (mas permaneceu imóvel) como uma montanha encharcada com torrentes de chuva por nuvens de chuva. Então aquele poderoso guerreiro em carro dos Pandavas, cheio de ira, aquele herói célebre, perfurou profundamente o soberano dos Madras com três flechas. E ele perfurou o soberano dos Pragjyotishas, ó rei, naquela batalha, com cem setas. De grande renome, ele então perfurou Kripa com muitas setas, e então, mostrando grande destreza, ele cortou com uma flecha de gume afiado o arco, com flecha fixada nele, de Kritavarman de grande alma. Então Kritavarman, aquele opressor de inimigos, pegando outro arco, atingiu Vrikodara no meio de suas sobrancelhas com uma flecha comprida. Bhima, no entanto, naquela batalha, tendo atingido Salya com nove setas feitas totalmente de ferro, e Bhagadatta com três, e Kritavarman com oito, perfurou cada um dos outros com Gautama em sua chefia, com duas setas. Aqueles guerreiros também, em retorno, o perfuraram, ó rei, com flechas de ponta afiada. Embora assim afligido por aqueles poderosos guerreiros em carros com todas as espécies de armas, contudo, considerando eles todos como sem valor, ele percorria o campo sem qualquer ansiedade. Aqueles principais dos guerreiros em carros (por outro lado), com grande frieza, dispararam em Bhima flechas de pontas afiadas às centenas e milhares. O heróico e poderoso Bhagadatta então, naquela batalha, arremessou nele um dardo de grande ímpeto equipado com uma vara dourada. E o rei Sindhu, de braços fortes, arremessou nele uma lança e um machado. E Kripa, ó rei, arremessou nele um Sataghni, e Salya uma seta. E os outros grandes arqueiros cada um disparou nele cinco setas com grande força. O filho do deus do vento então cortou, com uma flecha afiada, aquela lança em duas. E ele cortou aquele machado também com três flechas, como se ele fosse um caule de gergelim. E com cinco flechas aladas com as penas da ave Kanka, ele cortou aquele Sataghni em fragmentos. Aquele poderoso guerreiro em carro então, tendo cortado a seta disparada pelo soberano dos Madras, cortou violentamente o dardo disparado por Bhagadatta naquela batalha. Com relação às outras flechas ameaçadoras, Bhimasena, orgulhoso de suas façanhas em batalha, cortou cada uma em três fragmentos por meio de suas próprias flechas retas. E ele atingiu cada um daqueles grandes arqueiros também com três flechas. Então Dhananjaya, durante o progresso daquela batalha terrível, vendo o poderoso guerreiro em carro Bhima atacando o inimigo e lutando (contra muitos) com suas flechas, foi para lá em seu

carro. Então aqueles touros entre os homens, do teu exército, vendo aqueles dois filhos de grande alma de Pandu juntos, abandonaram todas as esperanças de vitória. Então Arjuna, desejoso de matar Bhishma, colocando Sikhandin à sua frente, se aproximou de Bhima que tinha estado lutando com aqueles grandes guerreiros em carros e se lançou sobre aqueles combatentes ferozes, numerando dez, do teu exército, ó Bharata. Então Vibhatsu, desejoso de fazer o que era agradável para Bhima, perfurou todos aqueles guerreiros, ó rei, que tinham estado lutando com Bhima. Então o rei Duryodhana incitou Susarman, para a destruição de Arjuna e Bhimasena, dizendo, 'Ó Susarman, vá rapidamente apoiado por uma grande tropa. Mate aqueles dois filhos de Pandu, Dhananjaya e Vrikodara.' Ouvindo essas palavras dele, o rei Trigarta que governava o país chamado Prasthala, avançou rapidamente em batalha sobre aqueles dois arqueiros, Bhima e Dhananjaya, e cercou ambos com muitos milhares de carros. Então começou uma batalha feroz entre Arjuna e o inimigo."

115

Sanjaya disse, "Arjuna cobriu com suas flechas retas o poderoso guerreiro em carro Salya que estava lutando vigorosamente em batalha. E ele perfurou Susarman e Kripa com três setas cada um. E naquela batalha o Atiratha Arjuna, afligindo tua hoste, atingiu o soberano dos Pragjyotishas, e Jayadratha o rei dos Sindhus, e Chitrasena, e Vikarna, e Kritavarman, e Durmarshana, ó monarca, e aqueles dois poderosos guerreiros em carros, os príncipes de Avanti, cada um com três flechas aladas com as penas da ave Kanka e do pavão. Jayadratha, permanecendo no carro de Chitrasena, perfurou Partha (em retorno), ó Bharata, e então, sem perda de tempo, Bhima também, com suas flechas. E Salya, e aquele principal dos guerreiros em carros, Kripa, ambos perfuraram Jishnu, ó monarca, com diversas flechas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. Teus filhos encabeçados por Chitrasena, ó rei, cada um rapidamente perfurou Arjuna e Bhimasena naquela batalha, ó majestade, com cinco flechas afiadas. Aqueles dois principais dos guerreiros em carros no entanto, aqueles filhos de Kunti, aqueles touros da raça Bharata, começaram naquela batalha a afligir a imensa hoste dos Trigartas. Susarman (em retorno) perfurou Partha com nove setas rápidas, e proferiu um grito alto amedrontando a vasta hoste (dos Pandavas). E outros heróicos guerreiros em carros perfuraram Bhimasena e Dhananjaya com muitas setas de rumo reto de pontas afiadas e asas douradas. Em meio a esses guerreiros em carros, no entanto, aqueles dois touros da raça Bharata, os dois filhos de Kunti, aqueles guerreiros em carros formidáveis, pareciam muito belos. E eles pareciam se divertir em meio a eles como dois leões furiosos em meio a um rebanho de vacas. Cortando de várias maneiras os arcos e flechas de muitos bravos guerreiros naquela batalha, aqueles dois heróis derrubaram as cabeças de combatentes às centenas sobre centenas. Inúmeros carros foram quebrados, e corcéis às centenas foram mortos, e muitos elefantes, junto com seus condutores, foram derrubados no campo naquela batalha terrível. E guerreiros em carros e cavaleiros e condutores de elefantes em grandes números, ó rei, privados de vida

eram vistos se movendo em convulsões por todo o campo. E a terra estava coberta com elefantes mortos e soldados de infantaria em grande grupos, e corcéis privados de vida, e carros quebrados de diversas maneiras. E a destreza que nós vimos lá de Partha era muito extraordinária, visto que mantendo sob controle todos aqueles heróis, aquele guerreiro poderoso causou uma grande matança. Kripa, e Kritavarman, e Jayadratha, o soberano dos Sindhus, e Vinda e Anuvinda de Avanti, esses não abandonaram a batalha. Então aquele grande arqueiro Bhima, e aquele poderoso guerreiro em carro Arjuna, começaram naquela batalha a desbaratar a hoste feroz dos Kauravas. Os reis (naquele exército) rapidamente dispararam no carro de Dhananjaya miríades sobre miríades e milhões sobre milhões de flechas equipadas com penas de pavão. Partha, no entanto, detendo aquelas flechas por meio de suas próprias chuvas de flechas, começou a enviar aqueles poderosos guerreiros em carros para a residência de Yama. O grande guerreiro em carro Salya então, excitado com raiva e como se estivesse se divertindo naquela batalha, atingiu Partha no peito com algumas flechas retas de cabeça larga. Partha então, cortando por meio de cinco flechas o arco e proteção de couro de Salya, perfurou o último profundamente nos órgãos vitais com muitas setas de pontas afiadas. Pegando outro arco capaz de suportar uma grande tensão, o soberano dos Madras então atacou Jishnu furiosamente com três setas, ó rei, e Vasudeva com cinco. E ele atingiu Bhimasena nos braços e no peito com nove setas. Então Drona, ó rei, e aquele poderoso guerreiro em carro, o soberano dos Magadhas, mandados por Duryodhana, foram ambos para aquele local onde aqueles dois poderosos guerreiros em carros, Partha e Bhimasena, estavam massacrando a hoste poderosa do rei Kuru. Jayatsena (o rei dos Magadhas) então, ó touro da raça Bharata, perfurou Bhima, aquele manejador de armas terríveis em batalha, com oito setas afiadas. Bhima, no entanto, perfurou-o (em retorno) com dez setas, e mais uma vez com cinco. E com outra flecha de cabeça larga ele derrubou o quadrigário de Jayatsena de seu nicho no carro. Os corcéis (de seu carro), não mais reprimidos, correram de modo selvagem em todas as direções e assim carregaram para longe (da batalha) o soberano dos Magadhas na vista de todas as tropas. Enquanto isso Drona, notando uma abertura, perfurou Bhimasena, ó touro da raça Bharata, com oito flechas afiadas providas de cabeças moldadas conforme a boca da rã. Bhima, no entanto, sempre se deleitando em batalha, perfurou o preceptor, que era digno de reverência paterna, com cinco flechas de cabeça larga, e então, ó Bharata, com sessenta. Arjuna, novamente perfurando Susarman com um grande número de setas feitas (totalmente) de ferro, destruiu suas tropas como a tempestade destruindo imensas massas de nuvens. Então Bhishma, e o rei (Duryodhana), e Vrihadvala, o soberano dos Kosalas, excitados com raiva, avançaram sobre Bhimasena e Dhananjaya. Nisso, os heróicos guerreiros do exército Pandava, e Dhrishtadyumna o filho de Prishata, avançaram em batalha contra Bhishma que estava avançando como a própria Morte com boca escancarada. Sikhandin também, avistando o avô dos Bharatas, ficou cheio de alegria e avançou nele, abandonando todo o medo do poderoso guerreiro em carro. Então os Parthas com Yudhishthira em sua chefia, colocando Sikhandin na vanguarda, e se unindo com os Srinjayas, lutaram com Bhishma em batalha. E similarmente todos os guerreiros do teu exército, colocando Bhishma de votos

regulados em sua dianteira, lutaram em batalha com todos os Parthas encabeçados por Sikhandin. A batalha então que começou lá entre os Kauravas e o filho de Pandu pela vitória de Bhishma ou vitória sobre Bhishma, foi muito terrível. De fato, naquele jogo de batalha, jogado pela vitória ou o contrário, Bhishma, ó monarca, se tornou a aposta da qual a vitória do teu exército dependia. Então Dhrishtadyumna, ó rei, ordenou todas as tropas, dizendo, 'Avancem contra o filho de Ganga. Não temam, ó melhores dos guerreiros em carros.' Ouvindo aquelas palavras de seu generalíssimo, as tropas dos Pandavas avançaram rapidamente contra Bhishma, preparadas para sacrificar suas vidas naquela batalha terrível. Bhishma então, aquele principal dos guerreiros em carros, recebeu aquela grande hoste que avançava em direção a ele, como o continente recebendo o mar revolto."

116

Dhritarashtra disse, "Como, ó Sanjaya, o filho de Santanu Bhishma de energia poderosa lutou no décimo dia da batalha, com os Pandavas e os Srinjayas? Como também os Kurus resistiram aos Pandavas em batalha? Descreva para mim a grande batalha lutada por Bhishma, aquele ornamento de batalha."

Sanjaya disse, "Eu logo descreverei para ti, ó Bharata, como os Kauravas lutaram com os Pandavas, e como aquela batalha ocorreu. Dias após dia muitos poderosos guerreiros em carros do teu exército, cheios de raiva, eram despachados para o outro mundo por (Arjuna) enfeitado com diadema com suas armas magníficas. O guerreiro Kuru Bhishma sempre vitorioso também, em conformidade com sua promessa, sempre causava uma grande carnificina entre o exército Partha. Ó castigador de inimigos, vendo Bhishma lutando na chefia dos Kurus, e Arjuna também lutando na chefia dos Panchalas, nós não podíamos dizer realmente de qual lado a vitória iria se declarar. No décimo dia de batalha, quando Bhishma e Arjuna enfrentaram um ao outro, horrível foi a carnificina que ocorreu. Naquele dia, ó opressor de inimigos, o filho de Santanu, Bhishma, conhecedor de armas superiores e poderosas, repetidamente matou milhares e milhares de guerreiros. Muitos, ó Bharata, cujos nomes e famílias não eram conhecidos, mas que, dotados de grande coragem não recuavam da batalha, foram mortos naquele dia por Bhishma. Oprimindo o exército Pandava por dez dias, Bhishma de alma virtuosa abandonou todo o desejo de proteger sua vida. Desejando sua própria morte logo na chefia de suas tropas, 'Eu não matarei mais grandes números dos principais guerreiros' pensou teu poderosamente armado pai Devavrata. E vendo Yudhishthira perto dele, ó rei, ele se dirigiu a ele, dizendo, 'Ó Yudhishthira, ó tu de grande sabedoria, ó tu que conheces todos os ramos de conhecimento, escute essas palavras virtuosas e que levam ao céu, ó majestade, que eu digo. Ó Bharata, eu não desejo mais proteger, ó senhor, esse meu corpo. Eu tenho passado muito tempo matando grandes números de homens em batalha. Se tu desejas fazer o que é agradável para mim, esforce-te para me matar, colocando Partha com os Panchalas e os Srinjayas em tua vanguarda'. Averiguando que essa era sua intenção, o rei Yudhishthira de visão verdadeira procedeu para lutar

com os Srinjayas (para sua defesa). Então Dhrishtadyumna, ó rei, e o filho de Pandu Yudhishthira, tendo ouvido aquelas palavras de Bhishma incitaram adiante sua formação de combate. E Yudhishthira disse, 'Avancem! Lutem! Vençam Bhishma em batalha. Vocês todos serão protegidos por aquele conquistador de inimigos, Jishnu de pontaria imbatível. E esse grande arqueiro, esse generalíssimo (de nossas tropas), o filho de Prishata, como também Bhima, indubitavelmente irão proteger vocês. Ó Srinjayas, não nutram medo hoje de Bhishma em batalha. Sem dúvida, nós subjugaremos Bhishma hoje, colocando Sikhandin em nossa dianteira'. Tendo, no décimo dia de batalha, feito tal voto, os Pandavas, decididos a (conquistar ou) ir para o céu, avançaram, cegos pela fúria, com Sikhandin e Dhananjaya o filho de Pandu na frente. E eles fizeram os esforços mais enérgicos pela derrota de Bhishma. Então diversos reis, de grande poder, incitados por teu filho, e acompanhados por Drona e seu filho e um grande exército, e o poderoso Dussasana na liderança de todos os seus irmãos, procederam em direção a Bhishma que estava no meio daquela batalha. Então aqueles bravos guerreiros do teu exército, colocando Bhishma de votos superiores em sua vanguarda, lutaram com os Parthas encabeçados por Sikhandin. Apoiado pelos Chedis e os Panchalas, Arjuna de estandarte de macaco, colocando Sikhandin à frente, procedeu em direção a Bhishma, o filho de Santanu. E o neto de Sini lutou com o filho de Drona, e Dhrishtaketu com o descendente de Puru, e Yudhamanyu com teu filho Duryodhana no comando de seus seguidores. E Virata, na chefia de suas tropas, enfrentou Jayadratha apoiado por suas próprias tropas. E o herdeiro de Vardhakshatra, ó castigador de inimigos, enfrentou teu filho Chitrasena armado com arco e flechas excelentes. E Yudhishthira procedeu contra o arqueiro poderoso Salya na chefia de suas tropas. E Bhimasena, bem protegido, procedeu contra a divisão de elefantes (do exército Kaurava). E Dhrishtadyumna, o príncipe de Panchala, excitado com fúria e acompanhado por seus irmãos, procedeu contra Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas, invencível, e irresistível. Aquele castigador de inimigos, o príncipe Vrihadvala, portando em seu estandarte o emblema do leão, procedeu contra o filho de Subhadra cujo estandarte portava o emblema da flor Karnikara. Teus filhos, acompanhados por muitos reis, procederam contra Sikhandin e Dhananjaya o filho de Pritha, desejosos de massacrar ambos. Quando os combatentes de ambos os exércitos avançaram uns contra os outros com bravura terrível, a terra tremeu (sob seu passo). Contemplando o filho de Santanu em batalha, as divisões do teu exército e do inimigo, ó Bharata, ficaram misturadas umas com as outras. Tremendo foi o rumor, ó Bharata, que ergueu-se lá daqueles guerreiros queimando de raiva e avançando uns contra os outros. E ele era ouvido por toda parte, ó rei. Com o clangor de conchas e os gritos leoninos dos soldados, o tumulto se tornou aterrador. O esplendor, igual àquele do Sol ou da Lua, de braceletes e diademas de todos os reis heróicos ficaram ofuscados. E a poeira que se ergueu parecia com uma nuvem, o lampejo de armas brilhantes constituindo seu relâmpago. E a vibração de arcos, o zunido de flechas, o clangor de conchas, a batida alta de baterias, e o estrépito de carros, de ambos os exércitos, constituíam o ribombar violento daquelas nuvens. E o firmamento, sobre o campo de batalha, por causa dos dardos farpados, das lanças, das espadas e chuvas de flechas de ambos os exércitos, estava escurecido. E guerreiros em carros (derrubavam guerreiros em

carros), e cavaleiros derrubavam cavaleiros, naquela batalha terrível. E elefantes matavam elefantes, e soldados de infantaria matavam soldados de infantaria. E a batalha que ocorreu lá por causa de Bhishma, entre os Kurus e os Pandavas, ó tigre entre homens, foi violenta ao extremo, como aquela entre dois falcões por um pedaço de carne. Envolvidos em combate, aquela batalha entre aqueles combatentes desejosos de massacrar e subjugar uns aos outros, foi extremamente terrível."

117

Sanjaya disse, "Abhimanyu, ó rei, mostrando sua bravura por causa de Bhishma, lutou com teu filho que era protegido por um grande exército. Então Duryodhana, cheio de raiva, atingiu Abhimanyu no peito com dez flechas retas, e mais uma vez com três. Então naquela batalha, o filho de Arjuna, inflamado com cólera, arremessou no carro de Duryodhana um dardo terrível parecendo a vara da própria Morte. Teu filho, no entanto, aquele poderoso guerreiro em carro, ó rei, com uma flecha de cabeça larga de corte excelente, cortou em dois aquele dardo de força terrível correndo em direção a ele com grande velocidade. Vendo aquele seu dardo cair no chão, o filho colérico de Arjuna perfurou Duryodhana com três flechas em seus braços e peito. E mais uma vez, ó chefe dos Bharatas, aquele poderoso guerreiro em carro da linhagem de Bharata atingiu o rei Kuru com dez flechas ardentes no centro de seu peito. E a batalha, ó Bharata, que ocorreu entre aqueles dois heróis, isto é, o filho de Subhadra e aquele touro da raça Kuru, o primeiro lutando para atingir a morte de Bhishma e o último para a derrota de Arjuna, foi violenta e interessante de se observar, e gratificante para os sentidos, e foi aplaudida por todos os reis. Aquele touro entre os Brahmanas e castigador de inimigos, o filho de Drona, excitado com fúria naquela batalha, atingiu Satyaki violentamente no peito com uma flecha ardente. O neto de Sini também, aquele herói de alma incomensurável, atingiu o filho do preceptor em todos os membros vitais com nove flechas aladas com as penas da ave Kanka. Aswatthaman então, naquela batalha, atingiu Satyaki (em retorno) com nove flechas, e mais uma vez, rapidamente, com trinta, em seus braços e peito. Então aquele grande arqueiro da linhagem de Satwata, possuidor de grande fama, profundamente perfurado pelo filho de Drona, atingiu o último (em retorno) com flechas. O poderoso guerreiro em carro Paurava, cobrindo Dhrishtaketu naquela batalha com suas flechas, mutilou muito aquele grande arqueiro. O poderoso guerreiro em carro Dhrishtaketu, dotado de grande força, perfurou rapidamente o primeiro com trinta setas. Então o poderoso guerreiro em carro Paurava cortou o arco de Dhrishtaketu, e proferindo um grito alto, perfurou-o com flechas afiadas. Dhrishtaketu então pegando outro arco, perfurou Paurava, ó rei, com setenta e três flechas muito afiadas. Aqueles dois arqueiros fabulosos e poderosos guerreiros em carros, ambos de estatura gigantesca, perfuraram um ao outro com chuvas de setas. Cada um conseguiu cortar o arco do outro, e cada um matou os cavalos do outro. E ambos, assim privados de seus carros, então se enfrentaram em um combate com espadas. E cada um pegou um escudo belo feito de pele de touro e ornamentado com cem

luas e enfeitado com cem estrelas. E cada um deles também pegou uma espada polida de esplendor brilhante. E assim equipados, eles avançaram, ó rei, uns nos outros, como dois leões na floresta profunda, ambos procurando a companhia da mesma leoa em seu cio. Eles se movimentavam em belos círculos, avançavam e recuavam, e mostravam outros movimentos, procurando golpear um ao outro. Então Paurava, cheio de raiva, dirigiu-se a Dhrishtaketu, dizendo, 'Espere, espere', e atingiu-o no osso frontal com aquela cimitarra grande dele. O rei dos Chedis também, naquela batalha, atingiu Paurava, aquele touro entre homens, na junta de seu ombro, com sua cimitarra grande de gume afiado. Aqueles dois repressores de inimigos, enfrentando um ao outro dessa maneira em batalha terrível e assim golpeando um ao outro, ó rei, ambos caíram no campo. Então teu filho Jayatsena, colocando Paurava sobre seu carro, removeu-o do campo de batalha naquele veículo. E com relação a Dhrishtaketu, o valente e heróico Sahadeva, o filho de Madri, possuidor de grande destreza, levou-o para longe do campo."

"Chitrasena, tendo perfurado Susarman com muitas setas feitas totalmente de ferro, mais uma vez perfurou-o com sessenta setas e mais uma vez com nove. Susarman, no entanto, excitado com cólera em batalha, perfurou teu filho, ó rei, com centenas de setas. Chitrasena então, ó monarca, enraivecido, perfurou seu adversário com trinta flechas retas. Susarman, no entanto, perfurou Chitrasena novamente em retorno." (Esse Susarman não era o rei dos Trigartas mas outra pessoa que estava no lado Pandava.)

"Naquela batalha para a destruição de Bhishma, o filho de Subhadra, aumentando sua fama e honra, lutou com o príncipe Vrihadvala, empregando sua destreza para ajudar (seu pai) Partha e então procedeu em direção à frente de Bhishma. O soberano dos Kosalas, tendo perfurado o filho de Arjuna com cinco flechas feitas de ferro, mais uma vez o perfurou com vinte flechas retas. Então o filho de Subhadra perfurou o soberano dos Kosalas com oito flechas feitas totalmente de ferro. Ele não conseguiu, no entanto, fazer o soberano dos Kosalas tremer, e, portanto, ele mais uma vez perfurou-o com muitas setas. E o filho de Phalguni então cortou o arco de Vrihadvala, e atingiu-o novamente com trinta flechas aladas com penas da ave Kanka. O príncipe Vrihadvala então, pegando outro arco, perfurou raivosamente o filho de Phalguni naquela batalha com muitas setas. Na verdade, ó opressor de inimigos, a batalha, por causa de Bhishma, que ocorreu entre eles, ambos excitados com raiva e ambos conhecedores de todos os modos de luta, foi como o combate de Vali e Vasava nos tempos antigos na ocasião da batalha entre os deuses e os Asuras."

"Bhimasena, lutando contra a divisão de elefantes, parecia muito resplandecente como Sakra armado com o trovão depois de fender grandes montanhas. De fato, elefantes, enormes como colinas, massacrados por Bhimasena em batalha, caíam em grupos no campo, enchendo a terra com seus gritos. Parecendo pilhas compactas de antimônio, e de proporções como montanha, aqueles elefantes com globos frontais partidos expostos, jazendo prostrados no solo, pareciam com montanhas espalhadas sobre a superfície da terra. O arqueiro poderoso Yudhishthira, protegido por um grande exército, afligiu o soberano dos Madras, enfrentando-o naquela batalha terrível. O soberano dos

Madras, em retorno, mostrando sua destreza por causa de Bhishma, afligiu o filho de Dharma, aquele poderoso guerreiro em carro, em batalha. O rei dos Sindhus, tendo perfurado Virata com nove flechas retas de pontas afiadas, mais uma vez o atingiu com trinta. Virata, no entanto, ó rei, aquele comandante de uma grande divisão, atingiu Jayadratha no centro de seu peito com trinta flechas de pontas afiadas. O soberano dos Matsyas e o soberano dos Sindhus, ambos armados com arcos belos e cimitarras belas, ambos enfeitados com belas cotas de malha e armas e estandartes, e ambos de belas formas pareciam resplandecentes naquela batalha."

"Drona, enfrentando Dhrishtadyumna o príncipe dos Panchalas em batalha terrível, combateu ferozmente com suas flechas retas. Então Drona, ó rei, tendo cortado o arco grande do filho de Prishata, perfurou-o profundamente com cinquenta setas. Então aquele matador de heróis hostis, o filho de Prishata, pegando outro arco, disparou muitas flechas em Drona que estava lutando com ele. O poderoso guerreiro em carro Drona no entanto, cortou todas aquelas flechas, atingindo-as com as suas próprias. E então Drona disparou no filho de Drupada cinco flechas ardentes. Então aquele matador de heróis hostis, o filho de Prishata, excitado com raiva, arremessou em Drona naquela batalha uma maça parecendo a vara da própria Morte. Drona no entanto, com cinquenta setas deteve aquela maça decorada com ouro quando ela corria impetuosamente em direção a ele. Nisso aquela maça, cortada em fragmentos, ó rei, por aquelas flechas atiradas do arco de Drona, caiu no chão. Então aquele opressor de inimigos, o filho de Prishata, vendo sua maça frustrada, arremessou em Drona um dardo excelente feito totalmente de ferro. Drona, no entanto, ó Bharata, cortou aquele dardo com nove flechas naquela batalha e então afligiu aquele grande arqueiro, o filho de Prishata. Assim ocorreu, ó rei, aquela batalha violenta e terrível entre Drona e o filho de Prishata, por causa de Bhishma."

"Arjuna, alcançando o filho de Ganga, afligiu-o com muitas flechas de pontas afiadas, e avançou nele como um elefante enfurecido na floresta sobre outro. O rei Bhagadatta, no entanto, de grande coragem então avançou em Arjuna, e deteve seu rumo em batalha com chuvas de setas. Arjuna então, naquela batalha terrível, perfurou o elefante de Bhagadatta que ia em direção a ele, com muitas setas polidas de ferro, que eram todas brilhantes como prata e providas de pontas afiadas. O filho de Kunti, enquanto isso, ó rei, incitou Sikhandin, dizendo, 'Vá, proceda em direção a Bhishma, e mate-o!' Então, ó irmão mais velho de Pandu, o soberano dos Pragjyotishas, abandonando aquele filho de Pandu, foi rapidamente, ó rei, contra o carro de Drupada. Então Arjuna, ó monarca, procedeu rapidamente em direção a Bhishma, colocando Sikhandin à frente. E então lá ocorreu uma batalha violenta, pois todos os bravos combatentes do teu exército avançaram com grande vigor contra Arjuna, proferindo gritos altos. E tudo isso parecia muito extraordinário. Como o vento dispersando no verão massas de nuvens no céu, Arjuna dispersou, ó rei, todas aquelas diversas divisões dos teus filhos. Sikhandin, no entanto, sem qualquer ansiedade, se aproximando do avô dos Bharatas, perfurou-o rapidamente com muitas setas grandes. Quanto a Bhishma, seu carro era então sua câmara de fogo. Seu arco era a chama daquele fogo. E espadas e

dardos e maças constituíam o combustível daquele fogo. E as chuvas de flechas que ele disparava eram as faíscas brilhantes daquele fogo com o qual ele estava então consumindo Kshatriyas naquela batalha. Como uma conflagração violenta, com constante suprimento de combustível, vagueia em meio a massas de grama seca quando ajudada pelo vento, assim Bhishma brilhava com suas chamas, espalhando suas armas celestes. E o herói Kuru matou os Somakas que seguiam Partha naquela batalha. De fato aquele poderoso guerreiro em carro reprimiu também as outras tropas de Arjuna, por meio de suas flechas retas e afiadas e equipadas com asas de ouro. Enchendo naquela batalha terrível todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários, com seus gritos leoninos, Bhishma derrubou muitos guerreiros em carros, ó rei, (de seus carros) e muitos corcéis junto com seus cavaleiros. E ele fez grandes grupos de carros parecerem com florestas de palmeiras ceifadas de suas cabeças folhosas. Aquele principal de todos os manejadores de armas, naquela batalha, privou carros e cavalos e elefantes de seus condutores. Ouvindo a vibração de seu arco e o tapa de suas palmas, ambas parecendo o ribombar do trovão, as tropas, ó rei, tremiam por todo o campo. As flechas, ó chefe de homens, de teu pai nunca eram inúteis quando elas caíam. De fato, disparadas do arco de Bhishma elas nunca caíam somente tocando os corpos do inimigo (mas os atravessavam em todos os casos). Nós vimos multidões de carros, ó rei, desprovidos de condutores, mas que estavam unidos a corcéis velozes, arrastados por todos os lados com a velocidade do vento. Catorze mil grandes guerreiros em carros de ascendência nobre, preparados para sacrificar suas vidas, bravos e que não recuavam, e possuidores de estandartes enfeitados com ouro, pertencentes aos Chedis, aos Kasis, e aos Karushas, se aproximando de Bhishma, aquele herói que parecia o próprio Destruidor com boca escancarada, foram despachados para o outro mundo, com seus corcéis, carros e elefantes. Não houve, ó rei, um único grande guerreiro em carro entre os Somakas, que, tendo se aproximado de Bhishma naquela batalha, voltou com vida daquele combate. Contemplando a destreza de Bhishma, as pessoas consideraram todos aqueles guerreiros (que se aproximavam dele) como já despachados para a residência do rei dos mortos. De fato, nenhum guerreiro em carro ousava se aproximar de Bhishma em batalha, exceto o heróico Arjuna tendo corcéis brancos (unidos ao seu carro) e possuindo Krishna como seu quadrigário, e Sikhandin, o príncipe de Panchala, de energia incomensurável."

118

Sanjaya disse, 'Sikhandin, ó touro entre homens, se aproximando de Bhishma em batalha, atingiu-o no centro do peito com dez flechas de cabeça larga. O filho de Ganga, no entanto, ó Bharata, somente olhou para Sikhandin com ira e como se consumindo o príncipe Panchala com aquele olhar. Lembrando de sua feminilidade, ó rei, Bhishma, na própria vista de todos, não o atacou. Sikhandin, no entanto, não compreendeu isso. Então Arjuna, ó monarca, dirigiu-se a Sikhandin, dizendo, 'Avance rapidamente e mate o avô. O que tu precisas dizer, ó herói? Mate o poderoso guerreiro em carro Bhishma. Eu não vejo qualquer outro

guerreiro no exército de Yudhishthira que seja competente para lutar com Bhishma em batalha, exceto tu, ó tigre entre homens. Eu digo isso verdadeiramente.' Assim endereçado por Partha, Sikhandin, ó touro da raça Bharata, rapidamente cobriu o avô com diversas espécies de armas. Desconsiderando aquelas flechas, teu pai Devavrata começou, com suas setas, a reprimir somente o enfurecido Arjuna naquela batalha. E aquele poderoso guerreiro em carro, ó majestade, começou também a despachar, com suas flechas de pontas afiadas, todo o exército dos Pandavas para o outro mundo. Os Pandavas também, ó rei, da mesma maneira, protegidos por sua hoste vasta, começaram a oprimir Bhishma como as nuvens cobrindo o criador do dia. Ó touro da raça Bharata, cercado por todos os lados, aquele herói Bharata consumiu muitos bravos guerreiros naquela batalha como um incêndio violento na floresta (consumindo inúmeras árvores). A bravura que nós então vimos lá do teu filho (Dussasana) foi admirável, visto que ele lutou com Partha e protegeu o avô ao mesmo tempo. Com aquela façanha do teu filho Dussasana, aquele arqueiro ilustre, todas as pessoas lá ficaram muito satisfeitas. Sozinho ele lutou com todos os Pandavas tendo Arjuna entre eles; e ele combateu com tal vigor que os Pandavas foram incapazes de resistir a ele. Muitos guerreiros em carros naquela batalha foram privados de seus carros por Dussasana. E muitos poderosos arqueiros a cavalo e muitos guerreiros poderosos em elefantes, perfurados pelas flechas afiadas de Dussasana, caíram no solo. E muitos elefantes, afligidos por suas flechas, fugiram em todas as direções. Como um fogo resplandece ferozmente com chamas brilhantes quando alimentado com combustível, assim teu filho resplandecia, consumindo a hoste Pandava. E nenhum guerreiro em carro, ó Bharata, da hoste Pandava se arriscou a reprimir ou mesmo ir contra aquele guerreiro de proporções gigantescas, exceto o filho de Indra (Arjuna) possuindo corcéis brancos e tendo Krishna como seu quadrigário. Então Arjuna, também chamado Vijaya, derrotando Dussasana em batalha, ó rei, na própria vista de todas as tropas, procedeu contra Bhishma. Embora vencido, teu filho, no entanto, confiando no poder das armas de Bhishma, repetidamente confortou seu próprio grupo e lutou com os Pandavas com grande ferocidade. Arjuna, ó rei, lutando com seus inimigos naquela batalha, parecia muito resplendente. Então Sikhandin, naquela batalha, ó rei, perfurou o avô com muitas flechas cujo toque parecia aquele dos raios do céu e que eram tão fatais como o veneno da cobra. Aquelas flechas, no entanto, ó monarca, causaram pouca dor a teu pai, pois o filho de Ganga recebeu-as dando risada. De fato, como uma pessoa afligida com calor recebe alegremente torrentes de chuva, assim mesmo o filho de Ganga recebeu aquelas flechas de Sikhandin. E os Kshatriyas lá, ó rei, contemplaram Bhishma naquela grande batalha como um ser de aparência feroz que estava incessantemente consumindo as tropas dos Pandavas de grande alma."

"Então teu filho (Duryodhana), dirigindo-se a todos os seus guerreiros, disse a eles, 'Avancem contra Phalguni de todos os lados. Bhishma, conhecedor dos deveres de um comandante, protegerá vocês'. Assim endereçadas, as tropas Kaurava abandonando todo o temor lutaram com os Pandavas. (E mais uma vez, Duryodhana disse a eles), 'Com seu estandarte alto portando o emblema da palmeira dourada, Bhishma permanece protegendo a honra e a armadura de

todos os guerreiros Dhartarashtra. Os próprios deuses, se esforçando vigorosamente, não podem vencer o ilustre e poderoso Bhishma. O que precisa ser dito, portanto, dos Parthas que são mortais? Portanto, ó guerreiros, não fujam do campo, obtendo Phalguni como um inimigo. Eu mesmo, me esforçando vigorosamente, lutarei hoje com os Pandavas, me unindo com todos vocês, ó senhores de terras, lutando ativamente.' Ouvindo essas palavras, ó monarca, de teu filho com arco na mão, muitos combatentes poderosos, excitados com raiva, pertencentes aos Videhas, os Kalingas, e as diversas tribos dos Daserkas, se lançaram sobre Phalguni. E muitos combatentes também, pertencentes aos Nishadas, os Sauviras, os Valhikas, os Daradas, os habitantes do Oeste, os habitantes do Norte, os Malavas, os Abhighatas, os Surasenas, os Sivis, os Vasatis, os Salwas, os Sakas, os Trigartas, os Amvashthas, e os Kekayas, similarmente se lançaram sobre Partha, como bandos de insetos sobre um fogo. O poderoso Dhananjaya, também chamado Vibhatsu, então, ó monarca, trazendo à lembrança diversas armas celestes e apontando-as para aqueles grandes guerreiros em carros na chefia de suas respectivas divisões, rapidamente consumiu eles todos, por meio daquelas armas de grande força, como fogo consumindo um bando de insetos. E enquanto aquele arqueiro firme estava (por meio de suas armas celestes) criando milhares sobre milhares de flechas, seu Gandiva parecia muito resplandecente no céu. Então aqueles Kshatriyas, ó monarca, afligidos por aquelas flechas com seus estandartes altos rasgados e derrubados, não podiam nem juntos se aproximar dele (Partha) de estandarte de macaco. Guerreiros em carros caíam com seus estandartes, e cavaleiros com seus cavalos, e condutores de elefantes com seus elefantes, atacados por Kiritin com suas flechas. E a terra logo estava coberta por todos os lados com as tropas em retirada daqueles reis, afugentadas pelas flechas disparadas dos braços de Arjuna. Partha então, ó monarca, tendo desbaratado o exército Kaurava, disparou muitas flechas em Dussasana. Aquelas flechas com cabeças de ferro, atravessando teu filho Dussasana, entraram todas na terra como cobras através de formigueiros. Arjuna então matou os cavalos de Dussasana e então derrubou seu quadrigário. E o senhor Arjuna, com vinte flechas, privou Vivingsati de seu carro, e atingiu-o com cinco flechas retas. E perfurando Kripa e Vikarna e Salya com muitas flechas feitas totalmente de ferro, o filho de Kunti possuindo corcéis brancos privou todos eles de seus carros. Assim privados de seus carros e vencidos em batalha por Savyasachin, Kripa e Salya, ó majestade, e Dussasana, e Vikarna e Vivingsati, todos fugiram. Tendo derrotado aqueles poderosos guerreiros em carros, ó chefe dos Bharatas, de manhã, Partha brilhava naquela batalha como um incêndio sem fumaça. Espalhando suas flechas por toda parte como o Sol derramando raios de luz, Partha derrubou muitos outros reis, ó monarca. Fazendo aqueles poderosos guerreiros em carros voltarem suas costas no campo por meio de suas chuvas de flechas, Arjuna fez um grande rio de correnteza sangrenta fluir naquela batalha no meio das hostes dos Kurus e dos Pandavas, ó Bharata. Grande número de elefantes e corcéis e guerreiros em carros foram mortos por guerreiros em carros. E muitos foram os guerreiros em carros mortos por elefantes, e muitos também foram os cavalos mortos por soldados de infantaria. E os corpos de muitos condutores de elefantes e cavaleiros e guerreiros em carros, cortados no meio, como também suas cabeças, caíam por

todas as partes do campo. E o campo de batalha, ó rei, estava coberto com príncipes (mortos), poderosos guerreiros em carros, caindo ou caídos, enfeitados com brincos e braceletes. E ele estava também coberto com os corpos de muitos guerreiros cortados por rodas de carros, ou pisados por elefantes. E soldados de infantaria fugiram, e cavaleiros também com seus cavalos. E muitos elefantes e guerreiros em carros caíam por todos os lados. E muitos carros, com rodas e cangas e estandartes quebrados, jaziam espalhados por todo o campo. E o campo de batalha, tingido com o sangue coagulado de grande número de elefantes, corcéis, e guerreiros em carros, parecia belo como uma nuvem vermelha no céu outonal. Cães, e corvos, e urubus, e lobos, e chacais, e muitos outros animais e aves assustadoras davam uivos altos à visão do alimento que se encontrava diante deles. Diversos tipos de ventos sopravam ao longo de todas as direções. E Rakshasas e espíritos maus eram vistos lá, proferindo rugidos altos. E cordas de arcos, enfeitadas com ouro, e pendões caros, eram vistos ondulando, movidos pelo vento. E milhares de guarda-sóis e grandes carros com estandartes anexados a eles eram vistos espalhados sobre no campo. Então Bhishma, ó rei, invocando uma arma celeste, avançou no filho de Kunti, na própria vista de todos os arqueiros. Nisso Sikhandin, vestido em armadura, avançou em Bhishma que estava avançando em direção a Arjuna. Nisso, Bhishma retirou aquela arma parecendo fogo (em brilho e energia). Enquanto isso o filho de Kunti possuindo corcéis brancos massacrava tuas tropas, confundindo o avô."

119

Sanjaya disse, "Quando os combatentes de ambos os exércitos, fortes em número, estavam assim dispostos em formação de combate, todos aqueles heróis que não recuavam, ó Bharata, colocaram seus corações na região de Brahma; (isto é, continuaram a lutar, decididos a alcançar o céu mais elevado por meio de bravura ou morte em batalha.) No decorrer do combate geral que se seguiu, a mesma classe de combatentes não lutou com a mesma classe de combatentes. Guerreiros em carros não lutaram com guerreiros em carros, ou soldados de infantaria com soldados de infantaria, ou cavaleiros com cavaleiros, ou guerreiros em elefantes com guerreiros em elefantes. Por outro lado, ó monarca, os combatentes lutaram uns com os outros como homens loucos. Grande e terrível foi a calamidade que aconteceu a ambos os exércitos. Naquele massacre violento quando elefantes e homens se espalharam no campo, todas as distinções entre eles cessaram, pois eles lutaram indiscriminadamente."

"Então Salya e Kripa, e Chitrasena, ó Bharata, e Dussasana, e Vikarna, aqueles heróis em seus carros brilhantes, fizeram a hoste Pandava tremer. Massacrado em batalha por aqueles guerreiros de grande alma, o exército Pandava começou oscilar de diversas maneiras, ó rei, como um barco nas águas agitadas pelo vento. Como o frio invernal atinge o gado até a medula, assim Bhishma atingiu os filhos de Pandu até a medula. Quanto ao teu exército também, muitos elefantes, parecendo com nuvens recém surgidas, foram derrubados pelo ilustre Partha. E muitos principais dos guerreiros também eram vistos serem subjugados por

aquele herói. E atingidos por setas e flechas compridas às milhares, muitos elefantes enormes caíam, proferindo gritos terríveis de dor. E o campo de batalha parecia belo, coberto com os corpos, ainda enfeitados com ornamentos, de guerreiros de grande alma privados de vida e com cabeças ainda enfeitadas com brincos. E naquela batalha, ó rei, que foi destrutiva de grandes heróis, quando Bhishma e Dhananjaya o filho de Pandu empregaram sua destreza, teus filhos, ó monarca, vendo o avô se esforçando vigorosamente, se aproximaram dele, com todas as suas tropas colocadas à frente. Desejosos de sacrificar suas vidas em batalha e fazendo do próprio céu sua meta, eles se aproximaram dos Pandavas naquela batalha, a qual foi repleta de grande carnificina. Os bravos Pandavas também, ó rei, tendo em mente os muitos males de diversos tipos infligidos sobre eles antes por ti e teu filho, ó monarca, e perdendo todo o medo, e ávidos para alcançar os céus mais sublimes, lutaram alegremente com teu filho e os outros guerreiros do teu exército."

"Então o generalíssimo do exército Pandava, o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, dirigindo-se aos seus soldados, disse, 'Ó Somakas, acompanhados pelos Srinjayas, avancem no filho de Ganga.' Ouvindo aquelas palavras de seu comandante os Somakas e os Srinjayas, embora afligidos por chuvas de setas, avançaram no filho de Ganga. Assim atacado, ó rei, teu pai Bhishma, influenciado pela ira, começou a lutar com os Srinjayas. Nos tempos passados, ó majestade, o inteligente Rama tinha dado para Bhishma de realizações gloriosas aquela instrução em armas que era tão destrutiva de tropas hostis. Confiando naquela instrução e causando uma grande destruição entre as tropas do inimigo, aquele matador de heróis hostis, o velho avô Kuru Bhishma, dia após dia matava dez mil guerreiros do Ratha. No décimo dia, no entanto, ó touro da raça Bharata, Bhishma, sozinho, matou dez mil elefantes. E então ele matou sete grandes guerreiros em carros entre os Matsyas e os Panchalas. Além disso, naquela batalha terrível cinco mil soldados de infantaria, e mil elefantes, e dez mil cavalos, foram também mortos por teu pai, ó rei, através da habilidade adquirida por educação. Então tendo diminuído as tropas de todos os reis, ele matou Satanika, o irmão querido de Virata. E o valente Bhishma, tendo matado Satanika em batalha, derrubou, ó rei, mil Kshatriyas com suas flechas de cabeça larga. Além desses, todos os Kshatriyas do exército Pandava que seguiam Dhananjaya, logo que eles se aproximaram de Bhishma, tiveram que ir para a residência de Yama. Cobrindo a hoste Pandava de todos os lados com chuvas de flechas, Bhishma permaneceu em batalha na chefia do exército Kaurava. Realizando os feitos mais gloriosos no décimo dia, quando ele ficou no meio dos dois exércitos, arco na mão, nenhum dos reis, ó monarca, podia nem olhar para ele, pois ele então parecia o Sol quente do meio dia no céu do verão. Como Sakra chamuscou a hoste Daitya em batalha, assim mesmo, ó Bharata, Bhishma chamuscou a hoste Pandava. Vendo-o empregar sua destreza dessa maneira, o matador de Madhu, o filho de Devaki, dirigindo-se alegremente a Dhananjaya, disse, 'Lá, Bhishma, o filho de Santanu, permanece no meio dos dois exércitos. Mate-o empregando teu poder, tu podes obter vitória. Lá naquele local, de onde ele divide nossas tropas, detenha-o, aplicando tua força. Ó senhor, ninguém mais, exceto tu, se arrisca a resistir às flechas de Bhishma.' Assim incitado, Arjuna de estandarte de macaco

naquele momento tornou Bhishma com seu carro, corcéis, e estandarte invisíveis por meio de suas setas. Aquele touro, no entanto, entre os principais dos Kurus, por meio de suas próprias chuvas de setas, trespassou aquelas chuvas de flechas disparadas pelo filho de Pandu. Então o rei dos Panchalas o bravo Dhrishtaketu, Bhimasena o filho de Pandu, Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, os gêmeos (Nakula e Sahadeva), Chekitana, e os cinco irmãos Kaikaya, e o poderosamente armado Satyaki e o filho de Subhadra, e Ghatotkacha, e os (cinco) filhos de Draupadi, e Sikhandin, e o valente Kuntibhoja, e Susarman, e Virata, esses e muitos outros poderosos guerreiros do exército Pandava, afligidos pelas flechas de Bhishma, pareciam afundar em um oceano de aflição, Phalguni, no entanto, resgatou eles todos. Então Sikhandin, pegando uma arma poderosa e protegido por Kiritin, avançou impetuosamente em direção a Bhishma sozinho. O invicto Vibhatsu então, sabendo o que devia ser feito depois do que, matou todos aqueles que seguiam Bhishma, e então ele mesmo avançou nele. E Satyaki, e Chekitana, e Dhristadyumna da linhagem de Prishata, e Virata, e Drupada, e os gêmeos filhos de Madri com Pandu, todos protegidos por aquele arqueiro firme (Arjuna) avançaram contra Bhishma sozinho naquela batalha. E Abhimanyu, e os cinco filhos de Draupadi também, com armas poderosas erguidas, avançaram contra Bhishma em batalha. Todos aqueles arqueiros firmes, que não recuavam da batalha, perfuraram Bhishma em diversas partes de seu corpo com flechas bem miradas. Desconsiderando todas aquelas flechas, grandes em número, disparadas por aqueles mais notáveis dos príncipes pertencentes à hoste Pandava, Bhishma de alma não deprimida penetrou nas tropas Pandava. E o avô desviou todas aquelas flechas, como se estivesse se divertindo. Olhando frequentemente para Sikhandin, o príncipe dos Panchalas, rindo, ele não mirou uma única seta nele, lembrando de sua feminilidade. Por outro lado, ele matou sete grandes guerreiros em carros pertencentes à divisão de Drupada. Então gritos confusos de dor logo se ergueram entre os Matsyas, os Panchalas, e os Chedis, que estavam juntos avançando naquele herói sozinho. Com grande número de soldados de infantaria e cavalos e carros, e com chuvas de setas, ó opressor de inimigos, eles cobriram aquele único guerreiro, Bhishma o filho de Bhagirathi, aquele opressor de inimigos, como nuvens cobrindo o criador do dia. Então naquela batalha entre ele e eles, a qual parecia a batalha entre os deuses e os Asuras nos tempos antigos, ele enfeitado com diadema (Arjuna), colocando Sikhandin à sua frente, perfurou Bhishma (repetidamente)."

120

Sanjaya disse, "Assim todos os Pandavas, colocando Sikhandin diante deles perfuraram Bhishma naquela batalha repetidamente cercando-o por todos os lados. E todos os Srinjayas, se reunindo, o atacaram com terríveis Sataghnis, e maças com pontas, e machados de batalha, e malhos, e cassetetes curtos grossos, e dardos farpados, e outros mísseis, e flechas providas de asas douradas, e dardos e lanças e kampanas; e com setas compridas, e flechas providas de cabeças moldadas como o dente do bezerro, e foguetes. Assim

afligido por muitos, sua cota de malha estava furada em todos os lugares. Mas embora perfurado em todas as partes vitais, Bhishma não sentia dor. Por outro lado, ele então parecia para seus inimigos ser semelhante em aparência ao fogo (todo-destrutivo) que se eleva no fim do Yuga. Seu arco e flechas constituindo as chamas brilhantes (daquele fogo). O vôo de suas armas constituía sua brisa (propícia). O estrépito das rodas de seu carro constituía seu calor e armas poderosas constituíam seu esplendor. Seu arco belo formava sua língua ardente, e os corpos de guerreiros heróicos, seu combustível abundante. E Bhishma era visto rodar pelo meio de multidões de carros pertencentes àqueles reis, ou sair (da multidão) às vezes, ou correr mais uma vez por seu meio. Então, desconsiderando o rei dos Panchalas e Dhrishtaketu, ele penetrou, ó monarca, no meio do exército Pandava. Ele então perfurou os seis guerreiros Pandava, Satyaki, e Bhima, e Dhananjaya o filho de Pandu, e Drupada, e Virata, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, com muitas setas excelentes de corte excelente e zunido terrível e grande impetuosidade, e capazes de atravessar todo tipo de armadura. Aqueles poderosos guerreiros em carros, no entanto, detendo aquelas flechas afiadas, afligiram Bhishma com grande força, cada um deles o atingindo com dez flechas. Aquelas flechas poderosas, afiadas em pedra e providas de asas douradas, que o grande guerreiro em carro Sikhandin disparou, penetraram rapidamente no corpo de Bhishma. Então ele enfeitado com diadema (Arjuna), cheio de ira, e colocando Sikhandin adiante avançou em Bhishma e cortou o arco do último. Nisso aqueles poderosos guerreiros em carros, sete em número, isto é, Drona e Kritavarman, e Jayadratha o soberano dos Sindhus, e Bhurisravas, e Sala, e Salya, e Bhagadatta não puderam tolerar aquele ato de Arjuna. Inflamados com raiva, eles avançaram nele. De fato, aqueles poderosos guerreiros em carros, chamando à existência armas celestes, se lançaram com grande ira sobre aquele filho de Pandu, e o cobriram com suas setas. E quando eles avançaram em direção ao carro de Phalguni, o barulho feito por eles parecia aquele feito pelo próprio oceano quando ele se enche de fúria no fim do Yuga. 'Mate', 'Traga aqui (nossas tropas)', 'Pegue', 'Fure', 'Corte', esse era o tumulto furioso ouvido em volta do carro de Phalguni. Ouvindo aquele tumulto furioso, os poderosos guerreiros em carros do exército Pandava se adiantaram, ó touro da raça Bharata, para proteger Arjuna. Eles eram Satyaki, e Bhimasena, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, e Virata e Drupada, e o Rakshasa Ghatotkacha, e o colérico Abhimanyu. Esses sete, cheios de raiva, e armados com arcos excelentes, avançaram com grande velocidade. E a batalha que ocorreu entre esses e os guerreiros Kaurava foi violenta, de arrepiar os cabelos, e parecida, ó chefe dos Bharatas, com a batalha dos deuses com os Danavas. Sikhandin, no entanto, aquele principal dos guerreiros em carros, protegido em batalha por (Arjuna) enfeitado com diadema, perfurou Bhishma, naquele combate, com dez flechas depois que o arco do último tinha sido cortado. E ele atingiu o quadrigário de Bhishma com outras flechas, e cortou o estandarte do último com uma flecha. Então o filho de Ganga pegou outro arco que era mais resistente. Aquele mesmo foi cortado por Phalguni com três flechas afiadas. De fato, aquele castigador de inimigos, Arjuna, que era capaz de esticar o arco até com sua mão esquerda, excitado com raiva, cortava um depois do outro os arcos que Bhishma pegava. Então Bhishma, cujos arcos tinham sido assim cortados, excitado com raiva, e lambendo os cantos de sua boca, pegou um dardo que era

capaz de partir uma colina. Com raiva ele o arremessou no carro de Phalguni. Observando seu rumo em direção a ele como o raio brilhante do céu, o alegrador dos Pandavas fixou cinco flechas afiadas de cabeça larga (na corda de seu arco). E com aquelas cinco flechas, ó chefe dos Bharatas, o enfurecido Arjuna cortou em cinco fragmentos aquele dardo arremessado dos braços de Bhishma. Assim cortado pelo enraivecido Arjuna, aquele dardo então caiu como um lampejo de relâmpago separado de uma massa de nuvens. Vendo seu dardo cortado, Bhishma ficou cheio de fúria. Aquele herói, aquele subjugador de cidades hostis, então começou a refletir. E ele disse a si mesmo, 'Somente com um único arco eu poderia matar todos os Pandavas se o próprio Vishnu poderoso não fosse seu protetor. Por duas razões, no entanto, eu não lutarei com os Pandavas, isto é, sua incapacidade de serem mortos e a feminilidade de Sikhandin. Antigamente, quando meu pai se casou com Kali, ele satisfeito (comigo) me deu duas bênçãos, isto é, que eu não poderia ser morto em batalha, e que minha morte dependeria de minha própria escolha. Eu devo, portanto, agora desejar minha própria morte, essa sendo a hora apropriada.' Averiguando que essa era a decisão de Bhishma de energia incomensurável, os Rishis e os Vasus posicionados no firmamento disseram, 'Isso que foi resolvido por ti é aprovado por nós também, ó filho! Aja segundo tua resolução, ó rei. Retire teu coração da batalha.' Na conclusão daquelas palavras, brisas fragrantes e auspiciosas carregadas com partículas de água começaram a soprar ao longo de uma direção natural. E pratos celestes de sons altos começaram a ser batidos. E uma chuva de flores caiu sobre Bhishma, ó majestade. As palavras faladas pelos Rishis e os Vasus, no entanto, ó rei, não foram ouvidas por ninguém exceto o próprio Bhishma. Eu também as ouvi, através do poder conferido a mim pelo Muni. Grande foi o pesar, ó monarca, que encheu os corações dos celestiais ao pensarem em Bhishma, aquele favorito de todos os mundos, caindo de seu carro. Tendo escutado aquelas palavras dos celestiais, o filho de Santanu Bhishma de grande mérito ascético avançou em Vibhatsu, embora ele estivesse então sendo perfurado com flechas afiadas capazes de atravessar toda armadura. Então Sikhandin, ó rei, excitado com raiva, atingiu o avô dos Bharatas no peito com nove setas afiadas. O avô Kuru Bhishma, no entanto, embora atingido por ele em batalha dessa maneira, não tremeu, ó monarca, mas permaneceu impassível como uma montanha durante um terremoto. Então Vibhatsu, esticando seu arco Gandiva com uma risada, perfurou o filho de Ganga com vinte e cinco flechas. E uma vez mais, Dhananjaya, com grande velocidade e excitado com cólera o atingiu em todas as partes vitais com centenas de flechas. Assim perfurado por outros também com milhares de flechas, o poderoso guerreiro em carro Bhishma perfurou aqueles outros em retorno com grande velocidade. E com relação às flechas disparadas por aqueles guerreiros, Bhishma, possuidor de bravura em batalha que era incapaz de ser frustrada, igualmente deteve elas todas com suas próprias flechas retas. Aquelas flechas, no entanto, dotadas de asas de ouro e afiadas em pedra, as quais o poderoso guerreiro em carro Sikhandin disparou naquela batalha, mal causaram alguma dor a Bhishma. Então (Arjuna) enfeitado com diadema, excitado com raiva e colocando Sikhandin adiante, chegou (mais perto) de Bhishma e mais uma vez cortou seu arco. E então perfurando Bhishma com dez flechas, ele cortou o estandarte do último com uma. E atingindo a carruagem de Bhishma com dez

flechas, Arjuna o fez tremer. O filho de Ganga então pegou outro arco que era mais forte. Num piscar de olhos, no entanto, logo, realmente, que ele foi pego, Arjuna cortou aquele arco também em três fragmentos com três flechas de cabeça larga. E assim o filho de Pandu cortou naquela batalha todos os arcos de Bhishma. Depois disso, Bhishma o filho de Santanu não desejou mais lutar com Arjuna. O último, no entanto, então o perfurou com vinte e cinco setas. Aquele grande arqueiro, assim muito perfurado, então se dirigiu a Dussasana, e disse, 'Veja Partha, aquele grande guerreiro em carro dos Pandavas, excitado com cólera em batalha, perfura a mim somente com muitos milhares de flechas. Ele é incapaz de ser vencido em batalha pelo próprio manejador do raio. Quanto a mim mesmo também, ó herói, os próprios deuses, Danavas e Rakshasas unidos juntos são incapazes de me derrotar. O que eu direi então de poderosos guerreiros em carros entre os homens?' Enquanto Bhishma estava falando assim para Dussasana, Phalguni com flechas afiadas, e colocando Sikhandin na frente, perfurava Bhishma naquela batalha. Então Bhishma, profundamente e excessivamente atingido pelo manejador do Gandiva com flechas de pontas afiadas, mais uma vez se dirigiu a Dussasana com um sorriso e disse, 'Essas flechas correndo em direção a mim em uma linha contínua, cujo toque parece aquele do raio do céu, estão sendo atiradas por Arjuna. Essas não são de Sikhandin. Me atingindo na carne, atravessando até minha sólida cota de malha, e me golpeando com a força de mushalas, essas flechas não são de Sikhandin. De toque tão opressivo como aquele da vara (de castigo) do Brahmana e de ímpeto insuportável como aquele do raio, essas flechas estão afligindo minhas forças vitais. Essas não são de Sikhandin. Do toque de maças e clavas com pontas, essas setas estão destruindo minhas forças vitais como mensageiros da Morte incumbidos (pelo próprio Rei lúgubre). Essas não são de Sikhandin. Como cobras zangadas de veneno virulento, projetando suas línguas para fora, elas estão penetrando nos meus órgãos vitais. Essas não são de Sikhandin, essas que me atingem até a medula como o frio do inverno atingindo vacas até a medula. Exceto o manejador heróico do Gandiva, Jishnu de estandarte de macaco, nem todos os outros reis reunidos podem me causar dor.' Dizendo essas palavras, Bhishma, o filho valente de Santanu, como se para o objetivo de consumir os Pandavas, arremessou um dardo em Partha. Partha, no entanto, fez aquele dardo cair, cortando-o em três fragmentos com três flechas, na própria vista, ó Bharata, de todos os heróis Kuru do teu exército. Desejoso de obter ou morte ou vitória, o filho de Ganga então pegou uma espada e um escudo decorado com ouro. Antes, no entanto, que ele pudesse descer de seu carro, Arjuna cortou, por meio de suas setas, aquele escudo em cem fragmentos. E aquela façanha dele pareceu muito extraordinária. Então o rei Yudhishthira incitou suas próprias tropas, dizendo, 'Avancem no filho de Ganga. Não nutram o menor temor '. Então, armados com dardos farpados, e lanças, e setas, de todos os lados, com machados, e cimitarras excelentes, e flechas compridas muito afiadas, com flechas (em forma do) dente do bezerro, e flechas de cabeça larga, eles todos avançaram naquele único guerreiro. Então elevou-se dentre a hoste Pandava um grito alto. Então teus filhos também, ó rei, desejosos da vitória de Bhishma, o cercaram e proferiram gritos leoninos. Violenta foi a batalha lutada lá entre tuas tropas e aquelas do inimigo naquele décimo dia, ó rei, quando Bhishma e Arjuna se encontraram. Como o

redemoinho que ocorre no local onde o Ganga se encontra com o Oceano, por um tempo curto ocorreu um redemoinho lá onde as tropas de ambos os exércitos se encontraram e atacaram umas às outras. E a Terra, molhada com sangue coagulado, assumiu uma forma feroz. E os locais nivelados e irregulares em sua superfície não podiam mais ser distinguidos. Embora Bhishma estivesse perfurado em todos os seus membros vitais, contudo naquele décimo dia ele permaneceu (calmamente) em batalha, tendo matado dez mil guerreiros. Então aquele grande arqueiro, Partha, posicionado na dianteira de suas tropas, rompeu o centro do exército Kuru. Nós então, com medo do filho de Kunti Dhananjaya tendo corcéis brancos ligados ao seu carro, e afligidos por ele com armas polidas, fugimos da batalha. Os Sauviras, os Kitavas, os habitantes do Leste, os habitantes do Oeste, os habitantes do Norte, os Malavas, os Abhishahas, os Surasenas, os Sivis, os Vasatis, os Salwas, os Sayas, os Trigartas, os Amvashthas, e os Kaikeyas, esses e muitos outros guerreiros ilustres, afligidos por setas e atormentados por seus ferimentos, abandonaram Bhishma naquela batalha enquanto ele estava lutando com o enfeitado com diadema (Arjuna). Então muitos guerreiros, cercando aquele único guerreiro por todos os lados, derrotaram os Kurus (que o protegiam) e o cobriram com chuvas de flechas. 'Derrube', 'Agarre', 'Lute', 'Corte em pedaços', esse foi o tumulto furioso, ó rei, ouvido na vizinhança do carro de Bhishma. Tendo matado naquela batalha, ó monarca, (seus inimigos) às centenas e milhares, não havia no corpo de Bhishma nem um espaço da largura de dois dedos que não estivesse perfurado com flechas. Assim teu pai foi dilacerado por flechas de pontas afiadas por Phalguni naquela batalha. E então ele caiu de seu carro com sua cabeça para o leste, um pouco antes do pôr do sol, na própria vista dos teus filhos. E quando Bhishma caiu, gritos altos de 'Ai' e 'Oh', ó Bharata, foram ouvidos no firmamento proferidos pelos celestiais e os reis da terra. E vendo avô de grande alma caindo (de seu carro), os corações de todos nós caíram com ele. Aquele principal de todos os arqueiros, aquele herói poderosamente armado, caiu, como um estandarte arrancado de Indra, fazendo a terra tremer naquele momento. Completamente perfurado por flechas, seu corpo não tocou o chão. Naquele momento, ó touro da raça Bharata, uma natureza divina tomou posse daquele arqueiro formidável deitado em um leito de flechas. As nuvens derramaram uma chuva (fresca sobre ele) e a Terra tremeu. Enquanto caindo ele tinha notado que o Sol estava então no solstício do sul. Aquele herói, portanto, não permitiu que seus sentidos partissem, pensando naquela época (inauspiciosa para morrer). E por todo o firmamento ele ouviu vozes celestes dizendo, 'Por que, oh, por que deveria o filho de Ganga, aquele principal de todos os guerreiros de armas, abandonar sua vida durante a declinação sul?' Ouvindo essas palavras, o filho de Ganga respondeu, 'Eu estou vivo!' Embora caído sobre a terra, o avô Kuru Bhishma, expectante da declinação do norte, não permitiu que sua vida partisse. Averiguando que aquela era a resolução dele, Ganga, a filha de Himavat, enviou a ele grandes Rishis em forma de cisnes. Então aqueles Rishis nas formas de cisnes que habitavam o lago Manasa, rapidamente se elevaram, e foram juntos para ver o avô Kuru Bhishma, àquele local onde aquele mais notável dos homens estava deitado em seu leito de flechas. Então aqueles Rishis em formas de cisnes, indo até Bhishma, contemplaram aquele perpetuador da linhagem de Kuru jazendo em sua cama de setas. Contemplando aquele filho de grande alma de

Ganga, aquele chefe dos Bharatas, eles andaram em volta dele, e o Sol estando então no solstício do sul, eles disseram, dirigindo-se uns aos outros, essas palavras, 'Sendo uma pessoa de grande alma, por que Bhishma deveria partir (do mundo) durante a declinação sul?' Tendo dito essas palavras, aqueles cisnes partiram, procedendo em direção ao sul. Dotado de grande inteligência, Bhishma, ó Bharata, observando eles, refletiu por um momento. E o filho de Santanu então disse a eles: 'Eu nunca partirei (do mundo) enquanto o Sol estiver no solstício do sul. Essa mesma é minha decisão. Eu irei para minha própria residência antiga quando o Sol alcançar o solstício do norte. Ó cisnes, eu digo isso a vocês verdadeiramente. Expectante da declinação do norte eu manterei minha vida. Já que eu tenho o mais completo controle sobre a entrega da minha vida, eu irei, portanto, manter a vida, expectante da morte durante a declinação norte. O benefício que foi concedido a mim por meu pai ilustre, no sentido de que minha morte dependeria do meu próprio desejo, ó, que aquele benefício se torne verdadeiro. Eu manterei minha vida, já que eu tenho controle na questão de sacrificá-la.' Tendo dito essas palavras para aqueles cisnes, ele continuou a jazer em sua cama de flechas."

"Quando aquele melhor da linhagem de Kuru, Bhishma de grande energia, caiu, os Pandavas e os Srinjayas proferiram gritos leoninos. Quando o avô dos Bharatas que era dotado de grande poder foi derrubado, teu filho, ó touro da raça Bharata, não sabia o que fazer. E todos os Kurus estavam totalmente privados de sua razão. E os Kurus encabeçados por Kripa, e Duryodhana, suspiraram e lamentaram. E por causa do pesar eles permaneceram por um longo tempo privados de sua razão. E eles ficaram perfeitamente imóveis, ó monarca, sem colocar seus corações na batalha. Como se agarrados pelas coxas eles permaneceram imóveis, sem proceder contra os Pandavas. Quando o filho de Santanu Bhishma de energia poderosa, que era (considerado alguém que) não podia ser morto, estava morto, todos nós pensamos que a destruição do rei Kuru estava próxima. Vencidos por Savyasachin, com nossos principais heróis mortos, e nós mesmos mutilados com setas afiadas, nós não sabíamos o que fazer. E os Pandavas heróicos possuidores de braços massivos que pareciam maças com pontas, tendo obtido a vitória e alcançado um estado altamente abençoado no outro mundo (por meio de bravura no campo de batalha, a qual, de acordo com as escrituras Hindus, é sempre recompensada dessa maneira), todos sopraram suas grandes conchas. E os Somakas e os Panchalas todos se regozijaram, ó rei. Então quando milhares de trombetas foram sopradas, o poderoso Bhimasena bateu em seu peito e proferiu gritos altos. Quando o todo-poderoso filho de Ganga estava morto, os heróicos guerreiros de ambos os exércitos, depondo suas armas, começaram a refletir pensativamente. E alguns proferiram gritos altos e alguns fugiram, e alguns foram privados de seus juízos. E alguns criticaram as práticas da classe Kshatriya e alguns aplaudiram Bhishma. E os Rishis e os Pitris todos elogiaram Bhishma de votos elevados. E os antepassados falecidos dos Bharatas também elogiaram Bhishma. Enquanto isso o valente e inteligente Bhishma, o filho de Santanu, recorrendo àquele Yoga que é ensinado nos magníficos Upanishads e empenhado em orações mentais, permaneceu quieto, expectante de sua hora."

121

Dhritarashtra disse, 'Ai, qual era o estado dos (meus) guerreiros, ó Sanjaya, quando eles foram privados do poderoso Bhishma semelhante a um deus que se tornou um Brahmacharin por causa de seu pai venerável? Eu considerei os Kurus e todos os outros como mortos pelos Pandavas exatamente quando Bhishma, desprezando o filho de Drupada, não o atacou. Infeliz que eu sou, também, eu ouço hoje a respeito da morte de meu pai. O que pode mais triste do que isso? Meu coração seguramente, ó Sanjaya, é feito de pedra, já que ele não se parte em cem fragmentos ao saber da morte de Bhishma! Diga-me, ó tu de votos excelentes, o que foi feito por aquele leão entre os Kurus, Bhishma que desejava vitória, quando ele foi morto em batalha? Eu não posso suportar em absoluto que Devavrata tenha sido morto em batalha. Ai, ele que não foi morto pelo próprio Jamadagni nos tempos passados por meio até de suas armas celestes, ai, ele agora foi morto pelo filho de Drupada Sikhandin, o príncipe de Panchala!"

Sanjaya disse, "Morto ao anoitecer o avô Kuru Bhishma entristeceu os Dhartarashtras e alegrou os Panchalas. Caindo ao solo, ele jaz em sua cama de flechas sem, no entanto, tocar o chão com seu corpo. De fato, quando Bhishma, derrubado de seu carro caiu sobre a superfície da terra, gritos de 'Oh' e 'Ai' foram ouvidos entre todas as criaturas. Quando aquela coluna-limite dos Kurus, o sempre vitorioso Bhishma, caiu, o temor entrou nos corações, ó rei, dos Kshatriyas de ambos os exércitos. Vendo Bhishma, o filho de Santanu, com seu estandarte derrubado e sua armadura cortada, ambos, os Kurus e os Pandavas foram inspirados, ó monarca, com sentimentos de tristeza. E o firmamento foi envolvido por uma escuridão e o próprio Sol se tornou escuro. A Terra pareceu proferir gritos altos quando o filho de Santanu foi morto. 'Este é o principal daqueles familiarizados com os Vedas! Este é o melhor daqueles que conhecem os Vedas!' Assim mesmo as criaturas falaram daquele touro entre os homens quando ele jazia (em seu leito de flechas). 'Ele, antigamente, averiguando que seu pai Santanu estava afligido por Kama, este touro entre homens, decidiu parar sua semente vital!' Assim mesmo os Rishis junto com os Siddhas e os Charanas falaram daquele mais notável dos Bharatas quando ele estava deitado em sua cama de setas. Quando o filho de Santanu Bhishma, o avô dos Bharatas, estava morto, teus filhos, ó majestade, não sabiam o que fazer. Seus rostos apresentavam uma expressão de tristeza. O esplendor de seus semblantes pareceu abandoná-los, ó Bharata! Todos ficaram envergonhados, com suas cabeças baixas. Os Pandavas, por outro lado, tendo obtido a vitória, permaneceram na dianteira de suas tropas. E eles todos sopraram suas grandes conchas enfeitadas com ouro. E quando por consequência de sua alegria milhares de trombetas, ó impecável, foram sopradas lá, nós vimos, ó monarca, o poderoso Bhimasena, o filho de Kunti, se divertindo em grande alegria, tendo matado rapidamente muitos guerreiros hostis dotados de grande força. E um grande desfalecimento tomou conta de todos os Kurus. E Karna e Duryodhana repetidamente tomavam longos fôlegos. Quando o avô Kuru Bhishma caiu dessa maneira, gritos de tristeza foram ouvidos por toda parte, e a maior confusão

prevaleceu (entre o exército Kuru). Contemplando Bhishma caído, teu filho Dussasana, com grande velocidade, entrou na divisão comandada por Drona. Aquele herói, vestido em armadura e na chefia das suas próprias tropas, tinha sido colocado por seu irmão mais velho (para a proteção de Bhishma). Aquele tigre entre homens agora se aproximava, mergulhando em aflição as tropas que ele tinha comandado. Vendo ele indo em direção a eles, os Kauravas cercaram o príncipe Dussasana, desejosos, ó monarca, de ouvir o que ele tinha a dizer. Então Dussasana da linhagem de Kuru informou Drona da morte de Bhishma. Drona então, ouvindo aquelas más notícias, caiu de repente de seu carro. Então o filho valente de Bharadwaja, recuperando rapidamente seus sentidos, proibiu o exército Kuru, majestade, de continuar o combate. Vendo os Kurus desistirem da batalha, os Pandavas também, através de mensageiros em cavalos velozes, proibiram suas ordens, cessaram de lutar, (e) os reis de ambos os exércitos, tirando suas armaduras, dirigiram-se todos até Bhishma. Desistindo do combate, milhares de (outros) guerreiros então foram em direção a Bhishma de grande alma como os celestiais em direção ao Senhor de todas as criaturas. Aproximando-se de Bhishma que estava então, ó touro da raça Bharata, deitado (em seu leito de flechas), os Pandavas e os Kurus ficaram lá, tendo oferecido a ele suas saudações. Então o filho de Santanu Bhishma de alma virtuosa se dirigiu aos Pandavas e aos Kurus que tendo-o reverenciado dessa maneira, permaneciam diante dele. E ele disse, 'Bem-vindos, ó muito abençoados! Bem-vindos, ó poderosos guerreiros em carros! Eu estou satisfeito em vê-los, ó vocês que são iguais aos próprios deuses.' Dirigindo-se a eles dessa maneira com sua cabeça pendendo para baixo, ele mais uma vez disse, 'Minha cabeça está pendendo muito para baixo. Que um travesseiro seja dado para mim!' Os reis (que estavam lá) então foram buscar muitos travesseiros excelentes que eram muito macios e feitos de tecidos muito delicados. O avô, no entanto, não os desejou. Aquele tigre entre homens então disse àqueles reis com uma risada, 'Esses, ó reis, não ficam bem no leito de um herói.' Vendo aquele principal dos homens, aquele mais poderoso dos guerreiros em carros em todos os mundos, isto é, Dhananjaya de braços fortes o filho de Pandu, ele disse, 'Ó Dhananjaya, ó tu de armas poderosas, minha cabeça pende, ó senhor! Dê-me um travesseiro que tu consideres digno!'"

122

"Sanjaya disse, 'Encordoando então seu arco grande e saudando o avô com reverência, Arjuna, com olhos cheios de lágrimas, disse essas palavras, 'Ó principal entre os Kurus, ó tu que és o mais notável entre todos os manejadores de armas, ordene-me, ó invencível, pois eu sou teu escravo! O que eu devo fazer, ó avô?' A ele o filho de Santanu disse, 'Minha cabeça, ó senhor, está pendendo! Ó principal entre os Kurus, ó Phalguni, consiga-me um travesseiro! De fato, dê-me sem demora, ó herói, um que fique bem em meu leito! Tu, ó Partha, és competente, tu és o principal de todos os manejadores de arcos! Tu conheces os deveres dos Kshatriyas e tu és dotado de inteligência e bondade!' Então Phalguni,

dizendo, 'Assim seja', desejou cumprir a ordem de Bhishma. Pegando Gandiva e diversas flechas retas, e inspirando-as com mantras, e obtendo a permissão daquele ilustre e poderoso guerreiro em carro da linhagem de Bharata, Arjuna então, com três flechas afiadas dotadas de grande força, apoiou a cabeça de Bhishma. Então aquele chefe dos Bharatas, Bhishma de alma virtuosa, familiarizado com as verdades de religião, vendo que Arjuna, tendo adivinhado seu pensamento, tinha realizado aquele feito, ficou muito satisfeito. E depois que aquele travesseiro tinha sido dado a ele dessa maneira, ele elogiou Dhananjaya. E lançando seus olhos em todos os Bharatas lá, ele se dirigiu ao filho de Kunti Arjuna, aquele principal de todos os guerreiros, aquele aumentador das alegrias de seus amigos e disse, 'Tu me deste, ó filho de Pandu, um travesseiro que é adequado para meu leito! Se tu tivesses agido de outra maneira, eu teria te amaldiçoado, de raiva! Assim mesmo, ó poderosamente armado, deve um Kshatriya, cumpridor de seus deveres, dormir no campo de batalha em seu leito de flechas!' Tendo se dirigido a Vibhatsu dessa maneira, ele então disse para todos aqueles reis e príncipes que estavam presentes lá, essas palavras: 'Vejam vocês o travesseiro que o filho de Pandu me deu! Eu dormirei nessa cama até o Sol se dirigir ao solstício do norte! Aqueles reis que então virem a mim me verão (entregar minha vida)! Quando o Sol em seu carro de grande velocidade e ao qual estão unidos sete corcéis, for para a direção ocupada por Vaisravana, na verdade, naquela hora eu entregarei minha vida como um amigo querido dispensando um amigo querido! Que um fosso seja cavado aqui em volta dos meus alojamentos, ó reis! Assim perfurado com centenas de flechas eu prestarei minhas adorações ao Sol! Quanto a vocês, abandonando a inimizade, parem de lutar, ó reis.'"

'Sanjaya continuou, "Então foram lá até ele alguns cirurgiões bem treinados (em sua ciência) e hábeis em arrancar flechas, com todos os instrumentos adequados (de sua profissão). Vendo eles, o filho de Ganga disse para teu filho, 'Que esses médicos, depois do respeito apropriado ser prestado a eles, sejam dispensados com presentes de riqueza. Levado a tal situação, que necessidade eu tenho agora de médicos? Eu alcancei o estado mais louvável e elevado ordenado em observâncias Kshatriya! Ó reis, deitado como estou em uma cama de setas, não é apropriado para mim me submeter agora ao tratamento de médicos. Com essas setas em meu corpo, ó soberanos de homens, eu devo ser queimado!' Ouvindo essas palavras dele, teu filho Duryodhana dispensou aqueles médicos, tendo honrado eles como eles mereciam. Então aqueles reis de reinos diversos, contemplando aquela constância em virtude mostrada por Bhishma de energia incomensurável, estavam muito admirados. Tendo dado um travesseiro para teu pai dessa maneira, aqueles soberanos de homens, aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os Pandavas e os Kauravas, reunidos, mais uma vez se aproximaram de Bhishma de grande alma deitado naquele seu leito excelente. Saudando com reverência aquele de grande alma e circungirando-o três vezes, e colocando guardas em volta para sua proteção, aqueles heróis, com corpos encharcados em sangue, se dirigiram para descansar em direção às suas próprias tendas à noite, seus corações mergulhados em pesar e pensando no que eles tinham visto."

“Então no momento apropriado, o poderoso Madhava, se aproximando dos Pandavas, aqueles poderosos guerreiros em carros alegremente sentados juntos e cheios de alegria pela queda de Bhishma, disse para o filho de Dharma, Yudhishthira, essas palavras, ‘Por boa sorte a vitória tem sido tua, ó tu da linhagem de Kuru! Por boa sorte Bhishma foi derrotado, ele que não pode ser morto por homens, e que é um poderoso guerreiro em carro de pontaria incapaz de ser frustrada! Ou, talvez, como o destino teria, aquele guerreiro que era perito em todas as armas, tendo a ti como um inimigo que podes matar só com teus olhos, foi consumido por teu olhar colérico!’ Assim endereçado por Krishna, o rei Yudhishthira o justo respondeu para Janardana, dizendo, 'Por Tua graça acontece a vitória, por Tua ira acontece a derrota! Tu és o dissipador dos temores daqueles que são devotados a ti. Tu és nosso refúgio! Não é admirável que tenham vitória aqueles a quem Tu sempre proteges em batalha, e em cujo bem-estar Tu estás sempre empenhado, ó Kesava! Tendo obtido a Ti como nosso refúgio, eu não considero qualquer coisa como extraordinária!' Assim endereçado por ele, Janardana respondeu com um sorriso, 'Ó melhor dos reis, essas palavras só poderiam vir de ti!"

123

"Sanjaya disse, 'Depois que a noite tinha passado, ó monarca, todos os reis, os Pandavas e os Dhartarashtras, foram até o avô. Aqueles Kshatriyas então saudaram aquele touro de sua classe, aquele principal entre os Kurus, aquele herói deitado em um leito de herói, e permaneceram em sua presença. Donzelas às milhares, tendo se dirigido àquele local, despejaram suavemente sobre o filho de Santanu madeira de sândalo em pó e arroz frito, e guirlandas de flores. E mulheres e homens velhos e crianças, e espectadores comuns, todos se aproximaram do filho de Santanu como as criaturas do mundo desejosas de ver o Sol. E trombetas às centenas e milhares, e atores, e mímicos, e mecânicos hábeis também foram até o idoso avô Kuru. E cessando de lutar, deixando de lado suas cotas de malha, e pondo de lado suas armas, os Kurus e os Pandavas, juntos, se aproximaram do invencível Devavrata, aquele castigador de inimigos. E eles estavam reunidos como nos tempos de antigamente, e se dirigiam alegremente uns aos outros segundo suas respectivas idades. E aquele conclave cheio de reis Bharata às centenas e adornado com Bhishma, parecia belo e resplandecente como um conclave dos deuses no céu. E aquele conclave de reis dedicados a honrar o filho de Ganga parecia tão belo como um conclave dos celestiais dedicados a adorar seu Senhor, o Avô (Brahman). Bhishma, no entanto, ó touro da raça Bharata, suprimindo suas agonias com fortaleza embora queimando com as flechas (ainda fincadas em seu corpo), estava suspirando como uma cobra. Seu corpo queimando com aquelas setas, e ele mesmo quase privado de seus sentidos por causa de seus ferimentos de armas, Bhishma lançou seus olhos naqueles reis e pediu água. Então aqueles Kshatriyas, ó rei, levaram para lá iguarias excelentes e vários vasos de água fresca. Vendo aquela água levada para ele, o filho de Santanu disse, 'Eu não posso, ó senhores, usar agora qualquer artigo de prazer humano! Eu estou afastado do território de humanidade. Eu estou

jazendo em um leito de flechas. Eu estou permanecendo aqui, esperando somente o retorno da Lua e do Sol!' Tendo falado essas palavras e assim repreendido aqueles reis, ó Bharata, ele disse, 'Eu desejo ver Arjuna!' Arjuna de braços fortes então foi lá, e saudando o avô com reverência permaneceu com mãos unidas e disse, 'O que eu devo fazer?' Vendo então aquele filho de Pandu, ó monarca, assim em pé diante dele depois de ter oferecido a ele saudações respeitosas, Bhishma de alma virtuosa dirigiu-se alegremente a Dhananjaya, dizendo, 'Totalmente coberto com tuas flechas, meu corpo está queimando muito! Todas as partes vitais do meu corpo estão em agonia. Minha boca está seca. Paralisado como eu estou com corpo atormentado pela agonia, dê-me água, ó Arjuna! Tu és um arqueiro formidável! Tu és capaz de me dar água devidamente!' O heróico Arjuna então dizendo, 'Assim seja', subiu em seu carro, e encordoando seu Gandiva com força, começou a esticá-lo. Ouvindo a vibração de seu arco e o tapa de suas palmas que pareciam o ribombar do trovão, as tropas e os reis foram todos inspirados com medo. Então aquele principal dos guerreiros em carros, em seu carro, circungirou aquele prostrado chefe dos Bharatas, aquele principal de todos os manejadores de armas. Mirando então uma flecha brilhante, depois de tê-la inspirado com Mantras e a identificado com a arma Parjanya, na própria vista do exército inteiro, o filho de Pandu, Partha, perfurou a Terra um pouco ao sul de onde Bhishma jazia. Então lá ergueu-se um jato de água que era pura, e auspiciosa, e fresca, e que parecendo o próprio néctar, era de aroma e gosto celestiais. E com aquele jato frio de água Partha satisfez Bhishma, aquele touro entre os Kurus, de atos e destreza divinos. E por causa daquela façanha de Partha que parecia o próprio Sakra em seus atos, todos aqueles soberanos da Terra estavam cheios de grande admiração. E vendo aquele feito de Vibhatsu implicando destreza sobre-humana, os Kurus tremeram como gado afligido com frio. E por admiração todos os reis lá presentes agitaram suas peças de roupa (no ar). E alto foi o clangor de conchas e a batida de baterias que foram então ouvidos por todo o campo. E o filho de Santanu, sua sede saciada, então se dirigiu a Jishnu, ó monarca, e disse, elogiando-o muito na presença de todos aqueles reis, essas palavras, 'Ó tu de braços fortes, isso não é extraordinário em ti, ó filho da linhagem de Kuru! Ó tu de refulgência incomensurável, até Narada falou de ti como um Rishi antigo! De fato, com Vasudeva como teu aliado, tu realizarás muitas façanhas poderosas as quais o próprio chefe dos celestiais com todos os deuses, com certeza, não ousará realizar! Aqueles que tem conhecimento de tais coisas te conhecem como o destruidor de toda a classe Kshatriya! Tu és único entre os arqueiros do mundo! Tu és o mais notável entre os homens. Como os seres humanos são, nesse mundo, as principais de todas as criaturas, como Garuda é a principal de todas as criaturas aladas; como o Oceano é o principal entre todos os receptáculos de água e a vaca entre todos os quadrúpedes; como o Sol é o principal entre todos os corpos luminosos e Himavat entre todas as montanhas; como a Brahmana é a principal entre todas as castas, tu és o principal de todos os arqueiros! O filho de Dhritarashtra (Duryodhana) não escutou as palavras repetidamente faladas por mim e Vidura e Drona e Rama e Janardana e também por Sanjaya. Privado de seu juízo, como um idiota, Duryodhana não colocou confiança naquelas declarações. Fora do alcance de todas as instruções, ele certamente terá que jazer para sempre, subjugado pelo poder de Bhima!'

Ouvindo essas palavras dele, o rei Kuru Duryodhana ficou de coração triste. Olhando para ele, o filho de Santanu disse, 'Ouça, ó rei! Abandone tua ira! Tu viste, ó Duryodhana, como o inteligente Partha criou aquele jato de água fresca e de aroma de néctar! Não há ninguém mais nesse mundo capaz de realizar tal façanha. As armas pertencentes a Agni, Varuna, Soma, Vayu, e Vishnu, como também aquelas pertencentes a Indra, Pasupati, e Paramesthi, e aquelas de Prajapati, Dhatri, Tashtri, Savitri, e Vivaswat, todas essas são conhecidas somente por Dhananjaya nesse mundo de homens! Krishna, o filho de Devaki, também as conhece. Mas não há ninguém mais aqui que as conheça. Esse filho de Pandu, ó majestade, não pode ser derrotado em batalha nem pelos deuses e os Asuras juntos. As façanhas dele de grande alma são sobre-humanas. Com esse herói sincero, esse ornamento de batalha, esse guerreiro talentoso em combate, que as pazes, ó rei, sejam feitas logo! Enquanto Krishna de braços fortes não está possuído pela ira, ó chefe dos Kurus, é conveniente, ó senhor, que as pazes sejam feitas com os heróicos Parthas! Enquanto esse restante de teus irmãos não está morto, que as pazes, ó monarca, sejam feitas! Enquanto Yudhishthira com olhos queimando em cólera não consome tuas tropas em batalha, que as pazes, ó majestade, sejam feitas! Enquanto Nakula, e Sahadeva, e Bhimasena, os filhos de Pandu, ó monarca, não exterminam teu exército, me parece que relações amistosas devem ser restauradas entre ti e os Pandavas heróicos! Deixe essa batalha terminar com minha morte, ó majestade! Faça as pazes com os Pandavas. Que essas palavras que são proferidas para ti por mim sejam aceitáveis para ti, ó impecável! Isso mesmo é o que eu considero como benéfico para ti e para a própria linhagem (de Kuru)! Abandonando tua ira, que as pazes sejam feitas com os Parthas. O que Phalguni já fez é suficiente. Que relações amistosas sejam restauradas com a morte de Bhishma! Deixe esse restante (dos guerreiros) viver! Ceda, ó rei! Que metade do reino seja dada aos Pandavas. Deixe o rei Yudhishthira o justo ir para Indraprastha. Ó chefe dos Kurus, não obtenha uma notoriedade pecaminosa entre os reis da terra por atraíres sobre ti a mancha da avareza, tornando-te um fomentador de dissensões internas! Que a paz venha a todos com a minha morte! Deixe esses soberanos de terras se misturarem alegremente uns com os outros! Deixe pai receber de volta o filho, deixe o filho da irmã receber de volta o tio materno! Se por falta de compreensão e possuído pela insensatez tu não ouvires com muita atenção essas minhas palavras oportunas tu terás que te arrepender muito! O que eu digo é verdade. Portanto, desista agora mesmo!' Tendo, por afeição, dito essas palavras para Duryodhana no meio dos reis, o filho daquela que vai para o oceano (Ganga) ficou silencioso. Embora seus membros vitais estivessem queimando com os ferimentos de flechas, contudo, prevalecendo sobre suas agonias, ele se dedicou ao Yoga."

"Sanjaya continuou, 'Tendo ouvido essas palavras benéficas e pacíficas repletas de virtude e lucro, teu filho, no entanto, não as aceitou, como um homem moribundo recusando remédio."

124

"Sanjaya disse, 'Depois que filho de Santanu Bhishma, ó monarca, tinha ficado silencioso, todas aqueles governantes de terra, lá presentes, então voltaram para seus respectivos alojamentos. Sabendo da morte de Bhishma aquele touro entre homens, o filho de Radha (Karna), parcialmente inspirado com medo foi lá rapidamente. Ele contemplou aquele herói ilustre deitado em seu leito de juncos. Então Vrisha (Karna) dotado de grande glória, com voz sufocada em lágrimas, se aproximando daquele herói deitado com olhos fechados, caiu aos seus pés. E ele disse, 'Ó chefe dos Kurus, eu sou o filho de Radha, que quando diante de teus olhos era em todos os lugares olhado por ti com ódio!' Ouvindo essas palavras, o chefe idoso dos Kurus, o filho de Ganga, cujos olhos estavam cobertos com pele fina erguendo lentamente suas pálpebras, e fazendo os guardas serem afastados, e vendo o lugar abandonado por todos, abraçou Karna com um braço, como um pai abraçando seu filho, e disse essas palavras com grande afeição: 'Venha, venha! Tu és um oponente meu que sempre exigiu comparação comigo! Se tu não tivesse vindo a mim, sem dúvida, isto não teria sido bom para ti! Tu és filho de Kunti, não de Radha! Nem Adhiratha é teu pai! Ó tu de armas poderosas, eu ouvi tudo isso sobre ti de Narada como também de Krishna-Dwaipayana! Sem dúvida, tudo isso é verdade! Eu te digo realmente, ó filho, que eu não tenho malícia por ti! Foi somente para diminuir tua energia que eu costumava dizer tais palavras duras para ti! Ó tu de votos excelentes, sem qualquer motivo tu falavas mal de todos os Pandavas! Pecaminosamente tu vieste ao mundo. É por isso que essa tem sido tua inclinação. Por orgulho, e devido também à tua companhia com os inferiores, teu coração odeia até pessoas de mérito! Foi por isso que eu falei tais palavras duras sobre ti no acampamento Kuru! Eu conheço tua bravura em batalha, a qual pode ser resistida com dificuldade sobre a terra por inimigos! Eu conheço também teu respeito pelos Brahmanas, tua coragem, e tua grande dedicação a atos de caridade! Ó tu que pareces um verdadeiro deus, entre os homens não há nenhum como tu! Por medo de dissensões internas eu sempre falava palavras desagradáveis sobre ti. Na arte de manejar arco e flecha, em apontar arma, em agilidade de mão e em força de armas, tu és igual ao próprio Phalguni, ou a Krishna de grande alma! Ó Karna, procedendo para a cidade de Kasi, só com teu arco, tu subjugaste os reis em batalha para obter uma noiva para o rei Kuru! O poderoso e invencível rei Jarasandha também, sempre vaidoso de sua destreza em batalha, não pode se igualar a ti em combate! Tu és devotado aos Brahmanas; tu sempre lutas de modo justo! Em energia e força, tu és igual a um filho dos celestiais e certamente muito superior a homens. A ira que eu nutria contra ti se foi. O destino não pode ser evitado por esforço. Ó matador de inimigos, os filhos heróicos de Pandu são teus irmãos! Se tu desejas fazer o que é agradável para mim, una-te com eles, ó tu de braços fortes! Ó filho de Surya, que essas hostilidades terminem comigo! Que todos os reis da Terra sejam hoje libertos do perigo!'"

"Karna disse 'Eu sabia disso, ó tu de braços fortes! Tudo isso sem dúvida, é (como tu disseste)! Como tu me falaste, ó, Bhishma, eu sou filho de Kunti, e não o filho de um Suta! Eu fui, no entanto, abandonado por Kunti, e eu fui criado por um

Suta. Tendo (até agora) desfrutado da riqueza de Duryodhana, eu não ouso falsificar isso agora. Como o filho de Vasudeva que está firmemente decidido pela causa dos Pandavas, eu também, ó tu que fazes abundantes presentes para Brahmanas, estou preparado para perder minhas posses, meu próprio corpo, meus filhos, e minha mulher, por causa de Duryodhana! Morte por doença, ó tu da linhagem de Kuru, não fica bem para um Kshatriya! Confiando em Suyodhana eu tenho sempre ofendido os Pandavas! Esses incidentes estão destinados a tomar seu rumo. Isso não pode ser impedido. Quem se arriscaria a superar o Destino por meio de esforço? Vários presságios indicando a destruição da Terra, ó avô, foram observados por ti e declarados na assembléia. É bem sabido por mim que o filho de Pandu, e Vasudeva, não podem ser vencidos por outros homens. Mesmo assim eu me arrisco a lutar com eles! Eu subjugarei o filho de Pandu em batalha! Esta mesma é minha firme resolução! Eu não sou capaz de abandonar esta animosidade feroz (que eu nutro contra os Pandavas)! Com o coração alegre, e mantendo os deveres de minha classe diante de meus olhos, eu lutarei contra Dhananjaya. Firmemente decidido como eu estou a respeito da batalha, conceda-me tua permissão, ó herói! Eu lutarei. Este mesmo é meu desejo. Cabe a ti me perdoar também quaisquer palavras duras que eu possa ter em algum momento proferido contra ti ou qualquer ato que eu possa ter feito contra ti por raiva ou falta de consideração!'"

"Bhishma disse, 'Se, de fato, tu és incapaz de abandonar esta animosidade feroz, eu te permito, ó Karna! Lute, movido pelo desejo de céu! Sem raiva e sem disposição para vingança, sirva o rei de acordo com teu poder e segundo tua coragem e observador da conduta dos íntegros! Tenha então minha permissão, ó Karna! Obtenha aquilo que tu procuras! Através de Dhananjaya tu alcançarás todas aquelas regiões (após a morte) que são capazes de ser alcançadas pelo cumprimento dos deveres de um Kshatriya! Livre de orgulho, e confiando no teu (próprio) poder e energia, engaje-te em batalha, já que um Kshatriya não pode ter uma (fonte de) maior felicidade do que uma batalha honrada. Por um longo tempo eu fiz grandes esforços para trazer paz! Mas eu não fui bem sucedido, ó Karna, na tarefa! Realmente eu te digo isso!'"

"Sanjaya continuou, 'Depois que o filho de Ganga tinha dito isso, o filho de Radha (Karna) tendo saudado Bhishma e obtido seu perdão, subiu em seu carro e procedeu em direção (aos alojamentos de) teu filho.'"

Fim do Bhishma Parva.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 7

DRONA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO

Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	História continua, Janamejaya questiona Vaisampayana, que narra a discussão de Sanjaya e Dhritarashtra. Karna é chamado.	9
2	Karna prepara seu carro.	11
3	Fala com Bhishma.	14
4	Bhishma diz para Karna lutar. Karna sobe no carro.	15
5	Karna, pedido por Duryodhana, recomenda Drona como novo líder.	16
6	Duryodhana pede para Drona ser líder.	17
7	Drona aceita. Afirma que o filho de Prishata (Dhrishtadyumna) irá matá-lo. Maus presságios. Batalha começa.	18
8	Resumo de Drona destruindo a maioria das divisões, mas finalmente ele mesmo morto.	21
9	Dhritarashtra lamenta, pergunta como Drona foi morto.	22
10	Dhritarashtra desmaia. Pergunta sobre a batalha.	25
11	Dhritarashtra recita vitórias de Krishna.	29
12	Duryodhana pede para Drona capturar Yudhishthira. Drona concede benefício contanto que Partha não esteja em combate.	31
13	Partha promete proteger Yudhishthira. Batalha começa.	32
14	Batalha. Luta dos heróis. Excelência de Abhimanyu.	34
15	Bhima e Salya lutam com maça. Kritavarman resgata Salya.	38
16	Batalha começa iniciada por Vrishasena (filho de Karna). Pandavas tem maior controle até Drona se aproximar. Ele mata Kumara, Yugandhara, Singhasena, Vyaghradatta – se aproxima de Yudhishthira. Arjuna salva o dia. Tropas se retiram.	40
17	**(12)** Tropas de Duryodhana conspiram. Arjuna afastado em batalha para longe de Yudhishthira para que Drona possa atacar.	42
18	Arjuna luta com Trigartas. Mata Sudhanwan.	45
19	Arjuna mata milhares de Narayanas e Samsaptakas.	46
20	Drona ataca Yudhishthira. Dhrishtadyumna protegendo o rei.	48
21	Drona provoca devastação. Mata Satyajit e Vrika. Yudhishthira foge. Drona mata Satanika (de Matsya), Chedis, Karushas, Kaikeyas, Panchalas, Srinjayas: Dridhasena, Kshema, Vasudeva, Kshatradeva.	51
22	Pandavas resistem, liderados por Bhima.	54
23	Reagrupam-se para lutar. Descrição de corcéis. Irmão de Duryodhana Bhimaratha mata Salwa. Heróis em formação e resistindo uns aos outros.	56
24	Bhima ataca divisão de elefantes. Bhagadatta sobre elefante enorme destruindo homens: rei de Dasarnas, Ruchiparvan. Bhima levado para longe do campo por corcéis apavorados.	62
25	Krishna vira Arjuna em direção a Bhagadatta. Arjuna hesita, volta e elimina Samsaptakas com arma Brahma. Volta por Bhagadatta.	65
26	Arjuna retorna novamente contra Trigartas, mutilando Susarman. Bhagadatta ataca Arjuna. Por luta justa, Arjuna renuncia a uma oportunidade de matá-lo.	66
27	Bhagadatta lança arma Vaishnava em Arjuna. Krishna a recebe e a neutraliza – explica para Arjuna que por causa da bênção antiga da Terra ela era infalível. **Krishna sobre suas quatro formas (prática de austeridades, ver**	68

	bons e maus atos, ação, quarta deita em sono por 1000 anos). Arjuna mata elefante e Bhagadatta.	
28	Arjuna mata Vrishaka e Achala. Sakuni usa ilusões, mas foge quando frustrado por Arjuna.	70
29	Luta se concentra em volta de Drona. Aswatthaman mata rei Nila.	72
30	Arjuna vai para a batalha. Enfrenta Karna, mata 3 parentes de Karna. Dhrishtadyumna mata Charmavarman, Vrihatkshatra. A noite se aproxima.	73
31	Arjuna afastado para longe. Sanjaya conta que Abhimanyu foi morto naquele dia.	77
32	Louvor a Abhimanyu. Dhritarashtra pergunta como ele morreu.	79
33	Yudhishthira pede para Abhimanyu penetrar na formação de combate circular de Drona.	80
34	Abhimanyu penetra no círculo.	82
35	Abhimanyu fere Karna, mata filho de Asmaka, Sushena, Drighalochana, Kundavedhin, fere Salya.	84
36	Mata irmão mais novo de Salya. Kurus começam a se voltar.	86
37	Duhsasana declara que ele matará Abhimanyu. Batalha começa.	87
38	Abhimanyu faz Duhsasana desmaiar e ser carregado para longe. Restante do exército Pandava se aproxima. Karna lutando contra Abhimanyu.	89
39	Abhimanyu mata irmão mais novo de Karna. Karna foge. Massacres de Abhimanyu.	91
40	Restante do exército Pandava chega. Por causa de bênção, Jayadratha detém os Pandavas que se aproximavam.	92
41	Jayadratha luta com 4 Pandavas.	93
42	Abhimanyu mata Vasatiya. Continua massacre.	94
43	Mata Rukmaratha (filho de Salya). Usa arma Gandharva. Duryodhana retrocede.	95
44	Mata Lakshmana (filho de Duryodhana), Kratha. Quase todo o exército desbaratado. Kripa, Drona, Karna, Vrihadvala, Aswatthaman, Kritavarman, próximos.	97
45	Batalha continua. Abhimanyu mata Vrindaka, regente de Kosala (Vrihadvala).	98
46	Mata 6 dos conselheiros de Karna, rei dos Magadhas, Aswaketu, príncipe Bhoja Martikavata.Satrunjaya, Chandraketu, Mahamegha, Suvarchas, Suryobhasa. Kurus trocam idéias. Após conselho de Drona o arco, os cavalos e carro de Abhimanyu são cortados. Ele pega uma espada do chão, também quebrada.	99
47	Com maça mata Kalikeya, mas Buhsasan o atinge na cabeça e o mata com a maça.	102
48	Noite. Chacais e Rakshasas em direção aos cadáveres.	104
49	Yudhishthira se aflige por Abhimanyu.	105
50	Vyasa chega. Yudhishthira pergunta sobre a morte. Narração sobre o rei Akampana e conselho de Narada. Siva vai até Brahma que está destruindo criaturas.	106

51	Sthanu implora que Brahma deixe as criaturas viverem. O fogo diminui, mas mulher morte nasce – vai para o quadrante Sul.	108
52	Morte pratica austeridades. Bênção de Brahma – ela não toma criaturas, elas destroem a si mesmas. História termina.	109
53	Vyasa narra história de Switya, Narada e Parvata.	112
54	(Sem texto)	-
55	(Sem texto)	-
56	Rei Suhotra contado por Narada.	115
57	Rei Paurava.	115
58	Rei Sivi.	116
59	Rei Rama (filho de Dasaratha).	117
60	Rei Bhagiratha (Ganga e salvação de ancestrais Kapila amaldiçoados).	118
61	Rei Dilipa.	119
62	Mandhatri (alimentado dos dedos de Indra).	120
63	Yayati.	121
64	Amvarisha.	121
65	Sasavindu.	122
66	Gaya.	123
67	Rantideva.	124
68	Bharata.	125
69	Prithu (ordenha da terra).	126
70	Rama (filho de Jamadagni).	128
71	Narada consola Srinjaya. Então revive seu filho. Vyasa completa história para Yudhishthira.	129
72	Arjuna retorna e lamenta.	130
73	Arjuna jura matar Jayadratha no dia seguinte.	134
74	Jayadratha procura partir, mas é dissuadido por Duryodhana.	137
75	Krishna previne Arjuna.	139
76	Arjuna reitera promessa.	140
77	Noite inquieta. Krishna consola Subhadra.	141
78	Subhadra lamenta.	143
79	Noite insone. Krishna medita sobre batalha do dia seguinte.	145
80	No sono Arjuna e Krishna vão até Bhava em busca de Pasupata.	147
81	Arjuna recebe arma.	150
82	Yudhishthira se levanta.	151
83	Recebe Krishna. Discute batalha. Krishna prediz a morte de Jayadratha.	153
84	Arjuna se prepara para a batalha – presságios auspiciosos por toda parte.	154
85	Dhritarashtra reflete como a situação se desenvolveu, pergunta a respeito da batalha do dia seguinte.	156
86	Sanjaya explica para Dhritarashtra que *ele* é culpado.	158
87	**(13)** Drona organiza formação de combate. Duryodhana tranquiliza Jayadratha.	160
88	Arjuna avança e luta com divisão Durmarshana.	161
89	Duhsasana ataca, é derrotado. Duhsasana vai até Drona por proteção.	164
90	Luta com Drona. Arjuna se move adiante conforme a luta fica árdua.	166

91	Mata Srutayudha e Sudakshina, ainda evitando Drona.	168
92	Arjuna entorpecido por uma lança. Recuperando os sentidos mata Srutayus e Achyutayus. Niyatayus e Dirghayus. Todos os Mlecchas.	171
93	Duryodhana vai a Drona por conselho. Drona vai novamente atrás de Yudhishthira, dá a Duryodhana armadura para lutar com Arjuna.	174
94	Meio dia. Drona v Pandavas liderados por Dhrishtadyumna.	178
95	Batalha.	181
96	Dhrishtadyumna luta brevemente com Drona na carruagem de Drona.	182
97	Satyaki e Drona lutam. Satyaki detém Drona.	184
98	Arjuna passa rapidamente pelo meio do inimigo. Mata Vinda e Anuvinda. Cavalos descansam, Arjuna reprime inimigo que avança. Cria um lago para beber.	186
99	Cavalos descansados. Parte novamente em busca de Jayadratha.	189
100	Se aproximando de Jayadratha. Duryodhana se aproxima.	191
101	Duryodhana desafia Arjuna.	193
102	Arjuna reconhece armadura impenetrável. Aswatthaman corta suas flechas que penetram só uma vez. Finalmente destrói carro e corcéis de Duryodhana.	195
103	Luta com seis protetores de Jayadratha.	197
104	Estandartes de ambos os lados.	199
105	Drona luta com Yudhishthira, deixando ele sem carro e se retirando.	201
106	Vrihatkshatra mata Kshemadhurti. Dhrishtaketu mata Viradhanwan. Sahadeva mata Niramitra, derrota Durmukha.	203
107	Bhima luta com Rakshasa Alamvusha e o derrota.	204
108	Ghatotkacha finalmente mata Alamvusha.	206
109	Yudhishthira manda Satyaki (Yuyudhana) ajudar Arjuna.	208
110	Satyaki chama a atenção de Yudhishthira para sua proteção como ordenado por Arjuna. Yudhishthira ainda assim o envia.	212
111	Satyaki parte em direção a Arjuna.	215
112	Abre caminho através das fileiras de Drona e Kritavarman.	218
113	Dhritarashtra lamenta. Luta com Kritavarman. Sikhandin desmaia.	221
114	Satyaki volta. Mata Jalasandha.	226
115	Batalha violenta, detendo Duryodhana, mutilando Kritavarman.	228
116	Detém Drona.	230
117	Mata Sudarsana no caminho até Arjuna.	232
118	Mata milhares de Mlecchas no caminho.	233
119	Luta contra tropas vindas de trás.	236
120	Satyaki luta com Duhsasana e atiradores de pedras.	238
121	Drona repreende Duhsasana, o manda de volta até Satyaki. Drona mata Viraketu. Dhrishtadyumna enfrenta Drona.	241
122	Satyaki vence, mas não mata, Duhsasana (promessa de Bhima).	244
123	Pandavas chegam na batalha depois de Satyaki.	245
124	Drona mata Vrihatkshatra, Dhrishtaketu (governante Chedi), filho de Dhrishtaketu, Kshatradharman (filho de Dhrishtadyumna), Chekitana parado.	247

125	Yudhishthira manda Bhima atrás de Arjuna e Satyaki.	251
126	Bhima parte, matando irmãos de Duryodhana.	253
127	Yudhishthira fica aliviado ao ouvir gritos de Arjuna e Bhima.	256
128	Bhima brevemente detido por Karna.	259
129	Drona e Duryodhana decidem ajudar Jayadratha.	260
130	Batalha muito feroz entre Bhima e Karna.	262
131	Batalha entre Bhima e Karna continua. Nenhum dos dois ganhando.	265
132	Karna quase derrotado. Durjaya morto.	267
133	Durmukha morto. Karna finalmente foge.	269
134	Bhima mata Durmarshana, Duhsana, Durmada, Durdhara, Jaya.	271
135	Karna repetidamente vencido. Mais filhos de Dhritarashtra mortos.	272
136	Mais sete filhos caem, incluindo Chitrasena e Vikarna por quem Bhima se aflige (31 filhos de Dhritarashtra agora mortos).	274
137	Karna e Bhima continuam lutando.	276
138	Karna critica Bhima que está perto. Bhima se abstém de lutar por causa do voto de Arjuna. Karna foge quando Arjuna se aproxima.	278
139	Satyaki mata Alamvusha.	283
140	Arjuna nota Satyaki se aproximando.	285
141	Satyaki prestes a ser derrotado por Bhurisravas.	286
142	Arjuna corta o braço de Bhurisravas. Debate moral. Bhurisravas aceita voto ascético. Satyaki se levanta e o decapita.	290
143	História da descendência e de como, no swayamvara de Devaki, Somadatta obtém a bênção de que seu filho abaterá descendente de Sini.	293
144	Karna luta com Arjuna. Esperando o sol se por.	295
145	Alcança Jayadratha. Krishna falsamente faz o sol se por. Arjuna corta a cabeça de Jayadratha e a manda ao colo do pai (Vriddhakshatra) cuja cabeça então se parte em 100 pedaços.	299
146	Arjuna derrota Kripa e Aswatthaman, então se aflige. Karna e Satyaki lutam. Satyaki mais forte.	306
147	Arjuna repreende Karna. Jura matar filho de Karna. Noite.	310
148	Notícias levadas a Yudhishthira. Elogia Krishna. Alegre.	313
149	Duryodhana lamenta para Drona. Deseja desistir da vida.	315
150	Drona responde. Partem para lutar à noite.	316
151	Karna e Duryodhana conversam. Karna diz que Drona não tem culpa.	318
152	Kurus ganhando. Duryodhana lutando ferozmente.	320
153	Batalha violenta à noite.	321
154	Drona mata filhos de Dhrishtadyumna, Sivi. Bhima usa punhos para matar príncipe dos Kalingas, e irmão Dhruva, Jayarata, Durmada, Dushkarna.	323
155	Somadatta luta com Satyaki. Aswatthaman luta com Ghatotkacha, mata seu filho Anjanaparvan. Aswatthaman luta com Ghatotkacha e Dhrishtadyumna. Bhima chega. Filho de Drona mata filho de Drupada Suratha, Sotrunjaya, Valanika, Jayanika, Jaya, Prishdhra, Chandrasena, 10 filhos de Kuntibhoja, Srutayus, Satrunjaya. Ghatotkacha também cai. Afastado de Aswatthaman.	326
156	Bhima e Satyaki lutam com Somadatta. Matam Valhika, 10 filhos de	

	Dhritarashtra, Satachandra, 5 irmãos de Sakuni. Drona e Yudhishthira lutam.	334
157	Karna se gaba, e discute com Kripa que o repreende.	336
158	Aswatthaman é impedido de atacar Karna. Karna e Arjuna lutam, Karna levado ao carro de Kripa. Aswatthaman impede Duryodhana de lutar com Arjuna.	340
159	Aswatthaman lutando vitoriosamente.	344
160	Arjuna destroça oposição.	347
161	Satyaki mata Somadatta. Krishna avisa Yudhishthira contra lutar com Drona.	348
162	Tropas acendem lâmpadas em todos os carros.	350
163	Formação de Drona pronta para a batalha.	352
164	Kritavarman vence Yudhishthira.	354
165	Satyaki mata Bhuri. Ghatotkacha luta com Aswatthaman. Bhima derrota Duryodhana.	356
166	Sahadeva derrotado e repreendido por Karna.	359
167	Virata e soberano de Madras lutam. Satanika é morto. Arjuna derrota Alamvusha.	360
168	Filho de Nakula reprime Chitrasena. Drupada mutilado por Vrishasena (filho de Karna). Duhsasana luta com Prativindhya.	361
169	Nakula bate Sakuni. Kripa mutila Sikhandin.	363
170	Liderado por Dhrishtadyumna, ataca Drona. Drumasena morto. Kurus cercam Satyaki.	365
171	Pandavas triunfando.	368
172	Karna e Drona criam massacre. Momento de silêncio em batalha.	370
173	Ghatotkacha enviado contra Karna.	372
174	Alamvusha é enviado por Duryodhana, mas é morto por Ghatotkacha.	375
175	Batalha feroz. Ghatotkacha usando ilusão contra Karna.	377
176	Rakshasa Alayudha, amigo de Vaka, chega para matar Bhima.	382
177	Bhima luta contra Alayudha. Krishna organiza tropas.	383
178	Ghatotkacha mata Alayudha. Duryodhana ansioso.	386
179	Ghatotkacha morto por dardo de único alvo de Karna, enquanto exército Kuru é completamente desbaratado.	387
180	Krishna se regozija. Explica para Arjuna que Karna agora pode ser morto.	391
181	Krishna explica poder de Jarasandha, Nishada (desprovido de polegar, governante dos Chedis) e como medidas especiais foram necessárias para matá-los.	393
182	Sanjaya e Dhritarashtra discutem uso errado do dardo.	394
183	Pandavas recomeçam a batalha. Yudhishthira contra Karna. Vyasa diz a Yudhishthira que ele será rei em cinco dias.	397
184	Arjuna, à meia-noite, chama tropas de volta da luta. Dorme nos campos.	400
185	Duryodhana tem palavras enraivecidas com Drona.	402
186	**(15)** Antes do amanhecer batalha começa. Arjuna v Duryodhana, Sakuni, Karna. Drona mata Virata, Drupada, mais Chedis, Matsyas, Panchalas. Bhima leva Dhrishtadyumna contra Drona.	404

187	Exércitos cansados. Nakula luta com Duryodhana.	407
188	Arjuna e Drona lutam igualmente. Bhima v Karna.	409
189	(Sem texto)	-
190	Duryodhana luta com amigo de infância Satyaki. Drona ainda oprimindo Panchalas.	412
191	Um elefante chamado Aswattaman é morto. Drona tem notícia. Rishis pedindo para Drona parar porque ele usou arma Brahma indiscriminadamente. Drona pergunta a Yudhishthira sobre seu filho. Aconselhado por Krishna Yudhishthira mente. Seu carro desce ao solo. Drona fica desanimado.	415
192	Armas celestiais de Drona partem. Dhrishtadyumna luta ferozmente com ele.	418
193	Bhima diz a Drona que Aswatthaman está morto. Drona depõe armas, entra em Yoga. Morto por Dhrishtadyumna e (visto por 5 somente) ascende por caminho estelar para a região Brahma (com 85 anos de idade).	420
194	Kurus fogem. Aswatthaman permanece. Kripa conta a respeito da morte enganosa de Drona.	424
195	Louvor a Aswatthaman, mandado matar Dhrishtadyumna.	427
196	Aswatthaman furioso invoca arma Narayana.	428
197	Arjuna furiosamente atribui fraude e mentira a Yudhishthira.	430
198	Bhima e filho do rei Panchala justificam e discutem o caso com Arjuna.	433
199	Satyaki enfurecido com Dhrishtadyumna. Dhrishtadyumna justifica. Satyaki impedido de lutar com Dhrishtadyumna. De volta à batalha.	435
200	Arma Narayana usada por Aswatthaman. Krishna diz que ela é frustrada por depor armas. Todos fazem isso exceto Bhima que a recebe em sua cabeça.	438
201	Bhima resgatado. Arma pacificada (não pode ser usada duas vezes). Aswatthaman vence Dhrishtadyumna; Satyaki vai resgatar. Mata Sudarsana. Luta com Bhima. Arjuna se aproxima, em quem arma Agneya é neutralizada por arma Brahma. Aswatthaman corre da batalha, até Vyasa que explica origem de Krishna, Arjuna e Aswatthaman. Noite e exércitos se retiram.	441
202	Arjuna percebe que não é ele quem está tirando vidas. Vyasa explica com nomes e feitos de Siva (nota: um nome é Sankara).	452
203	-	459

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

(Dronabhisheka Parva)

Om! Reverenciado Narayana, e aquele mais sublime dos seres masculinos, Nara, como também a deusa Sarasvati, a palavra “Jaya” deve ser proferida.

"Janamejaya disse, 'Sabendo que seu pai Devavrata de vigor e firmeza, poder, energia e coragem incomparáveis tinha sido morto por Sikhandin, o príncipe dos Panchalas, o que, de fato, ó Rishi regenerado, o rei poderoso Dhritarashtra com olhos banhados em lágrimas fez? Ó ilustre, o filho dele (Duryodhana) desejava a soberania depois de subjugar aqueles arqueiros poderosos, os filhos de Pandu, através de Bhishma e Drona e outros grandes guerreiros em carros. Diga-me, ó tu que tens riqueza de ascetismo, tudo o que ele, da família de Kuru, fez depois que aquele chefe de todos os arqueiros tinha sido morto.'"

"Vaisampayana disse, 'Sabendo que seu pai tinha sido morto, o rei Dhritarashtra da família de Kuru, cheio de ansiedade e pesar, não obteve paz mental. E enquanto ele, da família de Kuru, estava assim constantemente meditando sobre aquela tristeza, o filho de Gavalgana de alma pura mais uma vez foi até ele. Então, ó monarca, Dhritarashtra, o filho de Amvika, dirigiu-se a Sanjaya, que tinha aquela noite voltado do acampamento para a cidade que recebeu o nome de elefante. Com o coração extremamente triste por ter sabido da queda de Bhishma, e desejoso da vitória de seus filhos, ele lamentou em grande angústia.'"

"Dhritarashtra disse, 'Depois de terem chorado por Bhishma de grande alma de destreza terrível, o que, ó filho, os Kauravas, incitados pelo destino, fizeram em seguida? De fato, quando aquele herói invencível e de grande alma foi morto, o que os Kauravas fizeram, afundados como eles estavam em um oceano de dor? De fato, aquela hoste formidável e muito eficiente dos Pandavas de grande alma, ó Sanjaya, excitaria os temores mais pungentes até dos três mundos. Diga-me, portanto, ó Sanjaya, o que os reis (reunidos) fizeram depois que Devavrata, aquele touro da raça Kuru, tinha caído.'"

"Sanjaya disse, 'Ouça-me, ó rei, com total atenção, enquanto eu narro o que teus filhos fizeram depois que Devavrata tinha sido morto em batalha. Quando Bhishma, ó monarca, de destreza incapaz de ser frustrada, estava morto, teus guerreiros como também os Pandavas ambos refletiram por si mesmos (sobre a situação). Refletindo sobre os deveres da classe Kshatriya, eles estavam cheios de admiração e alegria; mas agindo de acordo com aqueles deveres de sua própria classe, eles todos reverenciaram aquele guerreiro de grande alma. Então aqueles tigres entre homens idealizaram para Bhishma de destreza incomensurável um leito com um travesseiro feito de flechas retas. E tendo feito arranjos para a proteção de Bhishma, eles se dirigiram uns aos outros (em

conversa agradável). Então se despedindo do filho de Ganga e andando ao redor dele, e olhando uns para os outros com olhos vermelhos de raiva, aqueles Kshatriyas, incitados pelo destino, partiram novamente uns contra os outros para lutar. Então pelo clangor de trombetas e a batida de baterias, as divisões do teu exército como também aquelas do inimigo, marcharam. Depois da queda do filho de Ganga, ó rei, quando a melhor parte do dia tinha passado, entregando-se à influência da ira, com corações afligidos pelo destino, e desconsiderando as palavras, dignas de aceitação, de Bhishma de grande alma, aqueles mais notáveis da família de Bharata partiram com grande velocidade, armados com armas. Por consequência da tua insensatez e de teu filho e da morte do filho de Santanu, os Kauravas com todos os reis pareciam ser convocados pela própria Morte. Os Kurus, privados de Devavrata, estavam cheios de grande ansiedade, e pareciam um rebanho de cabras e ovelhas sem um pastor, em uma floresta cheia de animais predadores. De fato, depois da queda daquele principal da família de Bharata, a hoste Kuru parecia com o céu privado de estrelas, ou como o firmamento sem a atmosfera, ou como a terra com colheitas arruinadas, ou como uma oração desfigurada por má gramática (literalmente, como uma oração cheia de expressões não refinadas), ou como a hoste Asura de antigamente depois que Vali tinha sido derrotado, ou como uma bela moça privada de marido (isto é, privada de mantos e ornamentos por causa de sua condição de viúva), ou como um rio cujas águas estão completamente secas, ou como uma corça privada de seu companheiro e cercada nas florestas por lobos; ou como uma caverna de montanha espaçosa com seu leão morto por um Sarabha. (Um Sarabha é um animal lendário de oito pernas que se acreditava ser mais forte do que um leão.) De fato, ó chefe dos Bharatas, a hoste Bharata, na queda do filho de Ganga, tornou-se como um barco frágil no leito do oceano, atirado por uma tempestade soprando de todos os lados. Muito afligida pelos Pandavas poderosos e heróicos de pontaria infalível, a hoste Kaurava, com seus cavalos de batalha, guerreiros em carros e elefantes muito atormentados, ficou muito angustiada, desamparada, e tomada pelo pânico. E os reis e os soldados comuns apavorados, não mais confiando uns nos outros, daquele exército, privados de Devavrata, pareciam afundar para a região mais baixa do mundo. Então os Kauravas se lembraram de Karna, que de fato, estava à altura do próprio Devavrata. Todos os corações se dirigiram para aquele principal de todos os manejadores de armas, ele que parecia um hóspede resplandecente (com erudição e austeridades ascéticas). E todos os corações se dirigiram para ele, como o coração de um homem em perigo se dirige para um amigo capaz de aliviar aquela angústia. E, ó Bharata, os reis então gritaram dizendo, 'Karna! Karna! O filho de Radha, nosso amigo, o filho de um Suta, aquele que está sempre preparado para sacrificar sua vida em batalha! Dotado de grande renome, Karna, com seus seguidores e amigos, não lutou por esses dez dias. Ó, convoque-o logo!' O herói de braços fortes, na presença de todos os Kshatriyas, durante a menção dos valentes e poderosos guerreiros em carros, foi classificado por Bhishma como um Ardha-ratha, embora aquele touro entre homens seja igual a dois Maharathas! Assim mesmo ele foi classificado durante a contagem de Rathas e Atirathas, ele que é o principal (de todos os Rathas e Atirathas), ele que é respeitado por todos os heróis, ele que se arriscaria a lutar até com Yama, Kuvera, Varuna, e Indra. Pela raiva causada por isso, ó rei,

ele disse para o filho de Ganga essas palavras: 'Enquanto tu viveres, ó tu da família de Kuru, eu nunca lutarei! Se tu, no entanto, conseguires matar os filhos de Pandu em grande batalha, eu irei, ó Kaurava, com a permissão de Duryodhana, me retirar para as florestas. Se, por outro lado, tu, ó Bhishma, morto pelos Pandavas, alcançares o céu, eu irei então, em um único carro, matar todos eles, a quem tu consideras como grandes guerreiros em carros.' Tendo dito isso, Karna de braços fortes de grande fama, com a aprovação do teu filho, não lutou pelos primeiros dez dias. Bhishma, de grande destreza em batalha e de poder incomensurável, matou, ó Bharata, um número muito grande de guerreiros pertencentes ao exército de Yudhishthira. Quando, no entanto, aquele herói de pontaria certa e grande energia estava morto, teus filhos pensaram em Karna, como pessoas desejosas de atravessar um rio pensando em um barco. Teus guerreiros e teus filhos, junto com todos os reis, gritaram, dizendo, 'Karna!' E eles todos disseram, 'Esse é o momento para a exibição de sua bravura.' Nossos corações estão dirigidos àquele Karna que derivou seu conhecimento de armas do filho de Jamadagni, e cuja perícia é incapaz de ser resistida! Ele, de fato, ó rei, é competente para nos salvar de grandes perigos, como Govinda sempre salvando os celestiais de grandes perigos.'"

"Vaisampayana continuou, 'Para Sanjaya que estava repetidamente elogiando Karna dessa maneira, Dhritarashtra suspirando como uma cobra, disse essas palavras.'"

"Dhritarashtra disse, '[Eu compreendo] que os corações de todos vocês estão dirigidos para o filho de Vikartana, Karna, e que todos vocês viram aquele filho de Radha, aquele herói da casta Suta, sempre preparado para sacrificar sua vida em batalha. Eu espero que aquele herói de bravura incapaz de ser frustrada não tenha falsificado as expectativas de Duryodhana e seus irmãos, todos os quais estavam então afligidos com dor e medo, e desejosos de serem aliviados de seu perigo. Quando Bhishma, aquele refúgio dos Kauravas, estava morto, poderia Karna, aquele principal dos arqueiros, ter êxito em ocupar o espaço vazio causado? Ocupando aquele espaço, Karna poderia encher o inimigo de temor? Poderia ele também coroar com resultado as esperanças, nutridas por meus filhos, de vitória?'"

2

"Sanjaya disse, 'Então o filho de Adhiratha da casta Suta, sabendo que Bhishma tinha sido morto, ficou desejoso de resgatar, como um irmão, o exército de teu filho da situação difícil na qual ele tinha caído, e o qual então parecia um navio afundado no oceano insondável. [De fato], ó rei, tendo ouvido que aquele poderoso guerreiro em carro e principal dos homens, aquele herói de glória imorredoura, o filho de Santanu, tinha sido derrubado (de seu carro), aquele opressor de inimigos, aquele mais notável de todos os manejadores de arcos, isto é, Karna, logo foi (para o campo de batalha). Quando o melhor dos guerreiros em carros, Bhishma, tinha sido morto pelo inimigo, Karna foi rapidamente até lá,

desejoso de resgatar a hoste Kuru que parecia um navio afundado no oceano, como um pai desejoso de salvar seus filhos.'"

"E Karna (dirigindo-se aos soldados) disse, 'Aquele Bhishma que possuía firmeza, inteligência, bravura, energia, verdade, autodomínio, e todas as virtudes de um herói, como também armas celestes, e humildade, e modéstia, fala agradável, e liberdade de malícia, aquele Bhishma sempre grato, aquele matador dos inimigos de Brahmanas, em quem existiam esses atributos tão permanentemente como Lakshmi na lua, ai, quando aquele Bhishma, aquele matador de heróis hostis, recebeu seu golpe final, eu considero todos os outros heróis como já mortos. Pela conexão eterna (de todas as coisas) com a atividade, nada existe nesse mundo que seja imperecível. Quando Bhishma de votos elevados foi morto, quem tomaria sob sua responsabilidade dizer com certeza que o sol de amanhã nascerá? Quando ele que era dotado de destreza igual àquela dos Vasus, ele que nasceu da energia dos Vasus, quando ele, aquele soberano da terra, se uniu mais uma vez com os Vasus, se aflijam, portanto, por suas posses e filhos e por essa terra e os Kurus, e essa hoste.'"

"Sanjaya continuou, 'Após a queda daquele herói concessor de benefícios de grande poder, aquele senhor do mundo, o filho de Santanu de grande energia, e após a (consequente) derrota dos Bharatas, Karna, com coração triste e olhos cheios de lágrimas, começou a consolar (os Dhartarashtras). Ouvindo aquelas palavras do filho de Radha, teus filhos, ó monarca, e tuas tropas, começaram a lamentar alto e derramar lágrimas copiosas de tristeza correspondendo com a sonoridade daqueles lamentos. Quando, no entanto, a batalha terrível ocorreu novamente e as divisões Kaurava, animadas pelos reis, mais uma vez deram gritos altos, aquele touro entre os poderosos guerreiros em carros, Karna, então se dirigiu aos grandes guerreiros em carros (do exército Kaurava) e disse palavras que lhes deram grande alegria: 'Nesse mundo transitório tudo está continuamente indo (em direção às mandíbulas da morte). Pensando nisso, eu considero tudo como efêmero. Quando, no entanto, todos vocês estavam aqui, como pode Bhishma, aquele touro entre os Kurus, inalterável como uma colina, ser derrubado de seu carro? Quando aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Santanu, foi derrubado, que até agora jaz sobre o solo como o próprio Sol caído (do firmamento), os reis Kuru mal são competentes para resistir a Dhananjaya, como árvores incapazes de suportar o vendo da montanha. Eu irei, no entanto, agora proteger, como aquele de grande alma fez, essa hoste Kuru desamparada de aparência triste, cujos principais guerreiros já foram mortos pelo inimigo. Que essa responsabilidade agora recaia sobre mim. Eu vejo que esse universo é transitório, já que aquele principal dos heróis foi morto em batalha. Por que eu então nutriria algum medo da batalha? (Isto é, já que tudo está destinado a morrer, por que eu deveria temer cumprir meu dever?) Percorrendo, portanto, o campo eu despacharei aqueles touros da raça Kuru (os Pandavas) para a residência de Yama por meio de minhas flechas retas. Considerando a fama como o maior objetivo no mundo, eu os matarei em batalha, ou, morto pelo inimigo, descansarei no campo. Yudhishthira é possuidor de firmeza, inteligência, virtude, e poder. Vrikodara é igual a cem elefantes em bravura, Arjuna é jovem e é filho do chefe

dos celestiais. A hoste Pandava, portanto, não pode ser facilmente derrotada pelos próprios celestiais. Aquele exército no qual estão os gêmeos, cada um parecendo o próprio Yama, aquele exército no qual estão Satyaki e o filho de Devaki, aquele exército é como as mandíbulas da Morte. Nenhum covarde, se aproximando dele, pode voltar com vida. Os sábios resistem a poder ascético elevado com austeridades ascéticas, assim força deve ser resistida pela força. Na verdade, minha mente está firmemente fixada em resistir ao inimigo e proteger meu próprio partido, ó quadrigário, eu hoje certamente resistirei ao poder do inimigo, e o derrotarei somente por me dirigir ao campo de batalha. Eu não tolerarei essa rixa interna. Quando as tropas estão divididas, aquele que se aproxima (para ajudar) no esforço para reagrupar é um amigo. Eu ou realizarei esse feito honrado digno de um homem honesto, ou abandonando minha vida seguirei Bhishma. Eu ou matarei todos os meus inimigos reunidos, ou morto por eles irei para as regiões reservadas para heróis. Ó quadrigário, eu sei que isso mesmo é o que eu devo fazer, quando mulheres e crianças gritam por socorro, ou quando a bravura de Duryodhana é impedida. Portanto, eu hoje subjugarei o inimigo. Indiferente à minha própria vida nessa batalha terrível, eu protegerei os Kurus e matarei os filhos de Pandu. Matando em batalha todos os meus inimigos reunidos, eu concederei soberania (incontestável) ao filho de Dhritarashtra. Que minha armadura, bela, feita de ouro, brilhante, e radiante com jóias e pedras preciosas, seja vestida; e minha proteção para a cabeça, de refulgência igual àquela do sol; e meus arcos e flechas que parecem fogo, veneno, ou cobras. Que também dezesseis aljavas sejam atadas (ao meu carro) nos lugares apropriados, e que vários arcos excelentes sejam obtidos. Que também flechas, e dardos e maças pesadas, e minha concha, matizada com ouro, sejam preparados. Traga também meu estandarte multicor, belo, e excelente, feito de ouro, possuidor da refulgência do lótus, e portando o emblema da cilha do elefante, limpando-o com um tecido delicado, e enfeitando-o com guirlandas excelentes e uma rede de arames. Ó filho de quadrigário, traga-me também, rápido, alguns corcéis velozes da cor de nuvens fulvas, não magros, e banhados em água santificada com mantras, e equipados com arreios ricamente enfeitados de ouro brilhante. Traga-me também, com velocidade, um carro excelente decorado com guirlandas de ouro, adornado com pedras preciosas, brilhante como o sol ou a lua, equipado com todo o necessário, como também com armas, e ao qual estejam unidos animais excelentes. Traga-me também vários arcos excelentes de grande resistência, e várias cordas de arco excelentes capazes de atingir (o inimigo), e algumas aljavas, grandes e cheias de flechas e algumas cotas de malha para meu corpo. Traga-me também, rápido, ó herói, todos os artigos (auspiciosos) necessários para ocasiões de partida (para batalha), tais como vasos de cobre e ouro cheios de coalhos. Que guirlandas de flores sejam trazidas, e que elas sejam colocadas nos membros (apropriados) do meu corpo. Que baterias também sejam batidas pela vitória! Vá, ó quadrigário, rapidamente para o local onde o enfeitado com diadema (Arjuna), e Vrikodara, e o filho de Dharma (Yudhishthira), e os gêmeos, estão. Enfrentando eles em batalha, ou eu os matarei, ou, sendo morto por eles, meus inimigos, eu seguirei Bhishma. Arjuna, e Vasudeva, e Satyaki, e os Srinjayas, aquele exército, eu penso, é incapaz de ser conquistado pelos reis. Se a própria Morte todo-destrutiva com vigilância constante fosse proteger Kiritin,

ainda assim eu o mataria, enfrentando-o em batalha, ou iria eu mesmo para a residência de Yama pelo rastro de Bhishma. Na verdade, eu digo que eu me dirigirei para o meio daqueles heróis. Aqueles (reis) que são meus aliados não são provocadores de inimizades internas, ou de fraco apego a mim, ou de almas iníquas.'"

"Sanjaya continuou, 'Sobre um carro excelente e valioso de grande força, com um poste excelente, ornamentado com ouro, auspicioso, provido de um estandarte, e ao qual estavam unidos corcéis excelentes que eram velozes como o vento, Karna procedeu (para lutar) por vitória. Adorado pelos principais dos guerreiros em carros Kurus como Indra pelos celestiais, aquele arqueiro bravio e de grande alma, dotado de energia imensurável como o próprio Sol, sobre seu carro decorado com ouro e jóias e pedras preciosas, equipado com um estandarte excelente, ao qual estavam unidos corcéis excelentes, e cujo estrépito parecia com o ribombo das nuvens, procedeu, acompanhado por um grande exército, para aquele campo de batalha onde aquele touro da raça Bharata (Bhishma) tinha pago sua dívida com a natureza. De corpo belo, e dotado do esplendor do fogo, aquele grande arqueiro e poderoso guerreiro em carro, o filho de Adhiratha, então subiu em seu próprio carro belo possuidor da refulgência do fogo, e brilhou como o próprio senhor dos celestiais em seu carro celeste.'"

3

"Sanjaya disse, 'Vendo o avô, o venerável Bhishma, aquele destruidor de todos os Kshatriyas, aquele herói de alma virtuosa e energia incomensurável, aquele grande arqueiro derrubado (de seu carro) por Savyasachin com suas armas celestes, jazendo em um leito de flechas, e parecendo com o oceano vasto secado por ventos poderosos, a esperança dos teus filhos com relação a vitória tinha desaparecido junto com suas cotas de malha e paz de mente. Contemplando ele que era sempre uma ilha para pessoas afundando no oceano insondável em seus esforços para atravessá-lo, vendo aquele herói coberto com flechas que tinham corrido em uma correnteza tão contínua como aquela do Yamuna, aquele herói que parecia com Mainaka de energia irresistível derrubado no solo pelo grande Indra, aquele guerreiro jazendo prostrado sobre a terra como o Sol caído do firmamento, ele que parecia com o próprio Indra inconcebível depois de sua derrota antigamente por Vritra, aquele que privava todos os guerreiros de seus sentidos, aquele principal de todos os combatentes, aquele símbolo de todos os arqueiros, vendo aquele herói e touro entre homens, isto é, teu pai Bhishma de votos elevados, aquele avô dos Bharatas derrubado em batalha e deitado coberto pelas flechas de Arjuna, no leito de um herói, o filho de Adhiratha (Karna) desceu de seu carro, em grande aflição, cheio de dor, e quase sem sentidos. Angustiado (pela tristeza), e com olhos agitados com lágrimas, ele procedeu a pé. Saudando-o com palmas unidas, e dirigindo-se a ele com reverência, ele disse, 'Eu sou Karna! Abençoado sejas tu! Fale comigo, ó Bharata, em palavras sagradas e propícias, e me olhe, abrindo teus olhos. Nenhum homem certamente desfruta neste mundo dos resultados de seus feitos pios, já que tu, venerável em idade e

dedicado à virtude, jazes morto no chão. Ó tu que és o mais notável entre os Kurus, eu não vejo que há alguém mais entre eles, que seja competente (como tu) em encher a tesouraria, em conselhos, na questão da disposição de tropas em formação de combate, e no uso de armas. Ai, ele que era dotado de uma mente virtuosa, ele que sempre protegia os Kurus de todos os perigos, ai, ele, tendo matado inúmeros guerreiros, procede para a região dos Pitris. Desse dia em diante, ó chefe dos Bharatas, os Pandavas, cheios de fúria, massacrarão os Kurus como tigres matando veados. Hoje os Kauravas, familiarizados com a força da vibração do Gandiva, considerarão Savyasachin, como os Asuras considerando o manejador do raio, com terror. Hoje o barulho, parecendo aquele do trovão do céu, das flechas atiradas do Gandiva, inspirará os Kurus e outros reis com grande terror. Hoje, ó herói, como uma conflagração intensa de chamas ferozes consumindo uma floresta, as flechas de Kiritin consumirão os Dhartarashtras. Naquelas partes da floresta pelas quais fogo e vento marcham juntos, eles queimam todas as plantas e trepadeiras e árvores. Sem dúvida, Partha é assim como um fogo elevado, e, sem dúvida, ó tigre entre homens, Krishna é como o vento. Ouvindo o clangor de Panchajanya e o som do Gandiva todas as tropas Kaurava, ó Bharata, estarão cheias de temor. Ó herói, sem ti, os reis nunca serão capazes de suportar o estrépito do carro de estandarte de macaco pertencente àquele opressor de inimigos, quando ele avançar (sobre eles). Quem entre os reis, exceto tu mesmo, é competente para lutar com aquele Arjuna cujas façanhas, como descritas pelos sábios, são todas sobre-humanas? Sobre-humana foi a batalha que ele lutou com (Mahadeva) de grande alma de três olhos. Dele ele obteve uma bênção que é inalcançável por pessoas de almas não santificadas. Muito satisfeito em batalha, aquele filho de Pandu é protegido por Madhava. Quem é competente para vencer a ele que não pode ser vencido por ti antes, embora tu, dotado de grande energia, tivesses vencido o próprio Rama em batalha, aquele destruidor feroz da classe Kshatriya e, adorado, além disso, pelos deuses e os Danavas? Incapaz de tolerar aquele filho de Pandu, aquele principal dos heróis em batalha, eu mesmo, com tua permissão, sou competente para matar, com a força de minhas armas, aquele guerreiro bravo e feroz que parece uma cobra de veneno virulento e que mata seus inimigos com seus olhares somente!'"

4

"Sanjaya disse, 'Para ele que estava falando dessa maneira, o idoso avô Kuru com o coração alegre disse essas palavras apropriadas para hora e lugar: 'Como o oceano para os rios, como o Sol para todos os corpos luminosos, como o virtuoso para a Verdade, como uma terra fértil para sementes, como as nuvens para todas as criaturas, seja o refúgio de teus parentes e amigos! Como os celestiais (dependem) daquele de mil olhos, que os teus parentes dependam de ti. Seja aquele que humilha teus inimigos, e aquele que aumenta as alegrias de teus amigos. Seja para os Kauravas como Vishnu para os habitantes do céu. Desejoso de fazer o que era agradável para o filho de Dhritarashtra, tu, com o poder e destreza de teus próprios braços, ó Karna, venceste os Kamvojas tendo procedido para Rajpura. Muitos reis, entre os quais Nagnajit era o principal, enquanto

permanecendo em Girivraja, como também os Amvashthas, os Videhas, e os Gandharvas, foram todos vencidos por ti. Os Kiratas, ferozes em batalha, residindo na fortaleza de Himavat, foram antigamente, ó Karna, feitos por ti possuírem o domínio de Duryodhana. E assim também, os Utpalas, os Mekalas, os Paundras, os Kalingas, os Andhras, os Nishadas, os Trigartas, e os Valhikas, foram todos vencidos por ti, ó Karna, em batalha. Em muitos outros países, ó Karna, impelido pelo desejo de fazer bem para Duryodhana, tu, ó herói, venceste muitas tribos e reis de grande energia. Como Duryodhana, ó filho, com seus parentes, e aparentados, e amigos, seja tu também o refúgio de todos os Kauravas. Em palavras auspiciosas eu te ordeno, vá e lute com o inimigo. Conduza os Kurus em batalha, e dê a vitória para Duryodhana. Tu és para nós nosso neto assim como Duryodhana é. De acordo com a ordenança, todos nós também somos tanto teus quanto de Duryodhana! Os sábios, ó principal dos homens, dizem que a companhia do justo com o justo é um relacionamento superior àquele nascido do mesmo útero. Sem falsificar, portanto, teu relacionamento com os Kurus, proteja a hoste Kaurava como Duryodhana, considerando-a como tua."

"Ouvindo essas palavras dele, o filho de Vikartana, Karna, saudando os pés de Bhishma com reverência, (despediu-se dele) e foi àquele local onde todos os arqueiros Kaurava estavam. Olhando aquele acampamento amplo e sem paralelo da hoste vasta, ele começou a animar (por meio de palavras de encorajamento) aqueles guerreiros bem armados e de peito largo. E todos os Kauravas encabeçados por Duryodhana estavam cheios de alegria. E vendo o poderosamente armado Karna de grande alma vir para o campo e se colocar na dianteira do exército inteiro, para a batalha, os Kauravas o receberam com gritos altos e batidas no peito e rugidos leoninos e vibração de arcos e diversos outros tipos de barulho.'"

5

"Sanjaya disse, 'Vendo aquele tigre entre homens, isto é, Karna, sobre seu carro, Duryodhana, ó rei, cheio de alegria, disse essas palavras, 'Essa hoste, protegida por ti, agora, eu penso, obteve um líder apropriado. Que, no entanto, seja decidido agora aquilo que é adequado e dentro do nosso poder.'"

'Karna disse, 'Nos diga tu mesmo, ó tigre entre homens, pois tu és o mais sábio dos reis. Outro nunca pode ver tão bem o que deve ser feito como alguém vê aquilo que lhe é de interesse. Aqueles reis estão todos desejosos de ouvir o que tu possas ter a dizer. Eu estou certo de que nenhuma palavra imprópria será proferida por ti.'

"Duryodhana disse, 'Bhishma foi nosso comandante, possuidor (como ele era) de idade, heroísmo, e erudição e apoiado por todos os nossos guerreiros. Aquele de grande alma, ó Karna, alcançando grande glória e matando grandes números de meus inimigos nos protegeu por luta justa por dez dias. Ele realizou as façanhas mais difíceis. Mas agora que ele está prestes a ascender para o céu,

quem, ó Karna, tu achas preparado para ser nosso comandante depois dele? Sem um líder, um exército não pode permanecer em batalha nem por um tempo curto, ó tu que és o mais notável em batalha, como um navio sem um timoneiro nas águas. De fato, como um navio sem um timoneiro, ou um carro sem um motorista iria para lugar nenhum, assim seria a situação de uma hoste que está sem um líder. Como um comerciante que cai em todo tipo de embaraço quando ele não está familiarizado com os caminhos do país que ele visita, um exército que está sem um líder está exposto a todos os tipos de infortúnio. Olhe, portanto, entre todos os guerreiros de grande alma do nosso exército e descubra um líder apropriado que possa suceder o filho de Santanu. Ele a quem tu considerares como um líder digno em batalha, ele, nós todos, sem dúvida, faremos juntos nosso líder.'"

"Karna disse, 'Todos esses principais dos homens são pessoas de grande alma. Todos eles merecem ser nosso líder. Não há necessidade de qualquer exame minucioso. Todos eles estão familiarizados com genealogias nobres e com a arte de golpear (um conhecimento do corpo, dos membros vitais e outros membros, era possuído por todo guerreiro talentoso que quisesse golpear eficazmente); todos eles são dotados de destreza e inteligência, todos eles são atentos e conhecedores das escrituras, possuidores de sabedoria, e não recuam da batalha. Todos, no entanto, não podem ser líderes ao mesmo tempo. Somente um deve ser escolhido como líder, em quem existam méritos especiais. Todos esses consideram uns aos outro como iguais. Se um entre eles, portanto, for honrado, os outros ficarão descontentes, e, isso é evidente, não mais lutarão por ti a partir de um desejo de te beneficiar. Este, no entanto, é o Preceptor (em armas) de todos esses guerreiros; é venerável em idade, e digno de respeito. Portanto, Drona, esse principal de todos os manejadores de armas, deve ser feito o líder. Quem há digno de se tornar um líder, quando o invencível Drona, este principal dos homens familiarizados com Brahma, está aqui, ele que é igual a Sukra ou ao próprio Vrihaspati? Entre todos os reis no teu exército, ó Bharata, não há um único guerreiro que não seguirá Drona quando o último for para a batalha (isto é, quem se sentirá humilhado ao caminhar atrás de Drona?) Drona é o principal de todos os líderes de exércitos, o principal de todos os manejadores de armas, e a mais notável de todas as pessoas inteligentes. Ele é, além disso, ó rei, teu preceptor (em armas). Portanto, ó Duryodhana, faça dele o líder de teus exércitos sem demora, como os celestiais fizeram Kartikeya seu líder em batalha para vencer os Asuras.'"

6

"Sanjaya disse, 'Ouvindo essas palavras de Karna, o rei Duryodhana então disse isso para Drona que permanecia no meio das tropas.'"

"Duryodhana disse, 'Pela superioridade da classe do teu nascimento, pela nobreza da tua ascendência, pela tua erudição, idade e inteligência, também por tua coragem, habilidade, invencibilidade, conhecimento de questões mundanas, política, e autodomínio, por razão também de tuas austeridades ascéticas e tua

gratidão, superior como tu és em relação a todas as virtudes, entre esses reis não há ninguém que possa se tornar um líder tão bom quanto tu. Proteja, portanto, a nós, como Vasava protegendo os celestiais. Tendo a ti como nosso líder, nós desejamos, ó melhor dos Brahmanas, subjugar nossos inimigos. Como Kapali entre os Rudras, Pavaka entre os Vasus, Kuvera entre os Yakshas, Vasava entre os Maruts, Vasishtha entre os Brahmanas, o Sol entre os corpos luminosos, Yama entre os Pitris, Varuna entre as criaturas aquáticas, como a Lua entre as estrelas, e Usanas entre os filhos de Diti, assim tu és o principal de todos os líderes de exércitos. Seja, portanto, nosso líder. Ó impecável, que esses onze Akshauhinis de tropas sejam obedientes à tua palavra de ordem. Dispondo essas tropas em formação de combate, mate nossos inimigos, como Indra matando os Danavas. Proceda na dianteira de nós todos, como o filho de Pavaka (Kartikeya) na chefia dos exércitos celestes. Nós te seguiremos para a batalha, como touros seguindo um líder bovino. Um arqueiro feroz e formidável como tu és, vendo-te esticar o arco em nossa dianteira, Arjuna não atacará. Sem dúvida, ó tigre entre homens, se tu te tornares nosso líder, eu derrotarei Yudhishthira com todos os seus seguidores e parentes em batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Depois que Duryodhana tinha proferido essas palavras, os reis (no exército Kaurava) todos gritaram vitória para Drona. E eles alegraram teu filho por proferirem um alto grito leonino. E as tropas, cheias de alegria, e com Duryodhana em sua chefia, desejosas de ganhar grande renome, começaram a glorificar aquele melhor dos Brahmanas. Então, ó rei, Drona dirigiu a Duryodhana essas palavras.'"

7

“Drona disse, ‘Eu conheço os Vedas com seus seis ramos. Eu conheço também a ciência de assuntos humanos. Eu estou familiarizado também com a arma Saiva, e diversos outros tipos de armas. Esforçando-me para realmente mostrar todas aquelas virtudes as quais vocês, desejosos de vitória, atribuíram a mim, eu lutarei com os Pandavas. Eu, no entanto, ó rei, não serei capaz de matar o filho de Prishata. Ó touro entre homens, ele foi criado para a minha morte. Eu lutarei com os Pandavas, e matarei os Somakas. Em relação aos Pandavas, eles não lutarão comigo com corações alegres.’”

“Sanjaya continuou, ‘Assim permitido por Drona, teu filho, ó rei, então o tornou o comandante de seus exércitos segundo os ritos prescritos na ordenança. E os reis (no exército Kaurava) encabeçados por Duryodhana realizaram a investidura de Drona no comando das forças armadas, como os celestiais encabeçados por Indra nos tempos passados realizando a investidura de Skanda. Depois da instalação de Drona no comando, a alegria do exército se expressou pelo som de baterias e o alto clangor de conchas. Então com gritos tais como os que saúdam os ouvidos em um dia festivo, com invocações auspiciosas por Brahmanas, gratificado com gritos de ‘Jaya’ proferidos pelos principais dos Brahmanas, e com a dança de mímicos, Drona foi devidamente honrado. E os guerreiros Kaurava consideraram os Pandavas como já derrotados.’”

"Sanjaya continuou, 'Então aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Bharadwaja, tendo obtido o comando, organizou as tropas em ordem de batalha, e partiu com teus filhos pelo desejo de lutar com o inimigo. E o soberano dos Sindhus, e o chefe dos Kalingas, e teu filho Vikarna, vestidos em armadura, tomaram sua posição no flanco direito (de Drona). E Sakuni, acompanhado por muitos principais dos cavaleiros lutando com lanças brilhantes e pertencentes à tribo Gandhara, procederam, agindo como sua defesa. E Kripa, e Kritavarman, e Chitrasena, e Vivinsati encabeçados por Duhsasana, se esforçaram vigorosamente para proteger o flanco esquerdo. E os Kamvojas encabeçados por Sudakshina, e os Sakas, e os Yavanas, com corcéis de grande velocidade, procederam, como a defesa dos últimos. E os Madras, os Trigartas os Amvashthas, os habitantes do Oeste, os habitantes do Norte, os Malavas, os Surasenas, os Sudras, os Maladas, os Sauviras, os Kaitavas, os habitantes do Leste, e os habitantes do Sul colocando teu filho (Duryodhana) e o filho de Suta (Karna) em sua dianteira, formando a guarda posterior, alegraram os guerreiros de seu próprio exército; somado à força do exército (que avançava), o filho de Vikartana Karna procedia na chefia dos arqueiros; (isto é, marchando na dianteira da guarda posterior inteira, no caso, sua posição seria imediatamente atrás de Drona). E seu estandarte brilhante e largo e alto portando o emblema da corda do elefante, brilhava com uma refulgência semelhante àquela do Sol, alegrando suas próprias divisões. Contemplando Karna, ninguém considerava a calamidade causada pela morte de Bhishma. E os reis, junto com os Kurus, ficaram todos livres de aflição. E grandes números de guerreiros, reunidos, disseram uns aos outros, 'Vendo Karna no campo, os Pandavas nunca serão capazes de resistir em batalha. De fato, Karna é bastante competente para vencer em batalha os próprios deuses com Vasava em sua chefia. O que dizer, portanto, dos filhos de Pandu que são desprovidos de energia e destreza? O poderosamente armado Bhishma poupava os Parthas em batalha. Karna, no entanto, irá matá-los no combate com suas flechas afiadas.' Falando uns aos outros dessa maneira e cheios de alegria, eles procederam, aplaudindo e reverenciando o filho de Radha. Com relação ao nosso exército, ele foi organizado por Drona na forma de um Sakata (veículo); enquanto a ordem de batalha de nossos inimigos ilustres, ó rei, era da forma de um Krauncha (grou), como disposta, ó Bharata, pelo rei Yudhishthira o justo em grande alegria. Na dianteira de sua formação de combate estavam aquelas duas pessoas mais notáveis, Vishnu e Dhananjaya, com seu estandarte instalado, portando o emblema do macaco. A parte mais alta do exército inteiro e a proteção de todos os arqueiros, aquele estandarte de Partha, dotado de energia incomensurável, quando flutuava no céu, parecia iluminar toda a hoste de Yudhishthira de grande alma. O estandarte de Partha possuidor de grande inteligência parecia com o Sol ardente que se eleva no fim do Yuga para consumir o mundo. Entre os arqueiros, Arjuna é o principal; entre os arcos, Gandiva é o principal, entre as criaturas Vasudeva é a principal; e entre todas as espécies de discos, Sudarsana é o principal. Levando essas quatro encarnações de energia, aquele carro ao qual estavam unidos corcéis brancos tomou sua posição na frente do exército (hostil), como o disco ardente erguido (para atacar). Assim aqueles dois principais dos homens permaneceram na dianteira de seus respectivos

exércitos, isto é, Karna na dianteira do teu exército, e Dhananjaya na dianteira do hostil. Ambos excitados com cólera, e desejosos de matar um ao outro, Karna e Arjuna olharam um para o outro naquela batalha.'"

"Então quando aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Bharadwaja, procedeu para a batalha com grande velocidade, a terra parecia tremer com sons altos de lamento. Então a poeira espessa, erguida pelo vento parecendo um dossel de seda fulva, envolveu o céu e o Sol. E embora o firmamento estivesse sem nuvens, contudo caiu uma chuva de pedaços de carne, ossos, e sangue. E urubus e falcões e grous e Kankas, e corvos aos milhares começaram continuamente a se lançar sobre as tropas (Kaurava). E chacais gritavam alto; e muitas aves ferozes e terríveis repetidamente se moviam em forma circular à esquerda do teu exército (o que era um mau presságio), desejando comer carne e beber sangue, e muitos meteoros brilhantes, iluminando (o céu), e cobrindo grande áreas com suas caudas, caíram no campo com som alto e movimento tremente. E o largo disco do Sol, ó monarca, parecia emitir lampejos de relâmpago com barulho trovejante, quando o comandante do exército (Kaurava) partiu. Esses e muitos outros presságios, violentos e indicando uma destruição de heróis, eram vistos durante a batalha. Então começou o combate entre as tropas dos Kurus e dos Pandavas, desejosas de matar umas às outras. E tão alto foi o tumulto que ele parecia encher a terra inteira. E os Pandavas e os Kauravas, enfurecidos uns com os outros e hábeis em golpear, começaram a atacar uns aos outros com armas afiadas, pelo desejo de vitória. Então aquele grande arqueiro de refulgência brilhante avançou em direção às tropas dos Pandavas com grande impetuosidade, espalhando centenas de flechas afiadas. Então os Pandavas e os Srinjayas, vendo Drona avançar em direção a eles, o receberam, ó rei, com chuvas sobre chuvas (em grupos distintos) de flechas. Agitada e dividida por Drona, a grande hoste dos Pandavas e dos Panchalas se separou como fileiras de garças pela força do vento. Chamando à existência muitas armas celestes naquela batalha, Drona, dentro de um tempo muito curto, afligiu os Pandavas e os Srinjayas. Massacrados por Drona, como Danavas por Vasava, os Panchalas encabeçados por Dhrishtadyumna tremeram naquela batalha. Então aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Yajnasena (Dhrishtadyumna), aquele herói conhecedor de armas celestes, dividiu, com suas flechas, a divisão de Drona em muitos lugares. E o poderoso filho de Prishata desviando com suas próprias chuvas de flechas as chuvas de flechas disparadas por Drona, causou um grande massacre entre os Kurus. O poderosamente armado Drona então, reagrupando seus homens em batalha e reunindo-os, avançou em direção ao filho de Prishata. Ele então disparou no filho de Prishata uma chuva grossa de flechas, como Maghavat excitado com raiva derramando suas flechas com grande força sobre os Danavas. Então os Pandavas e os Srinjayas, agitados por Drona com suas setas, se dividiam repetidamente como um rebanho de animais inferiores atacado por um leão. E o poderoso Drona percorria o exército Pandava como um círculo de fogo. Tudo isso, ó rei, parecia muito extraordinário. Sobre seu próprio carro excelente o qual (então) parecia uma cidade percorrendo os céus, que estava equipado com todos os artigos necessários de acordo com a ciência (bélica), cujo estandarte flutuava no ar, cujo estrépito ressoava pelo campo, cujos corcéis eram (bem)

incitados, e o mastro de cujo estandarte era claro como cristal, Drona infligiu terror nos corações do inimigo e causou um grande massacre entre eles.'"

8

"Sanjaya disse, 'Vendo Drona matando corcéis e motoristas e guerreiros em carros e elefantes, os Pandavas, sem serem perturbados, o cercaram por todos os lados. Então o rei Yudhishthira, dirigindo-se a Dhrishtadyumna e Dhananjaya, disse a eles, 'Que o nascido no pote (Drona) seja detido, nossos homens cercando-o por todos os lados com cuidado.' Assim endereçados aqueles poderosos guerreiros em carros, Arjuna e o filho de Prishata, junto com seus seguidores, todos receberam Drona quando o último se aproximou. E os príncipes Kekaya, e Bhimasena, e o filho de Subhadra e Ghatotkacha e Yudhishthira, e os gêmeos (Nakula e Sahadeva), e o soberano dos Matsyas, e o filho de Drupada, e os (cinco) filhos de Draupadi, todos cheios de alegria, e Dhrishtaketu, e Satyaki, e o colérico Chitrasena, e o poderoso guerreiro em carro Yuyutsu, e muitos outros reis, ó monarca, que seguiam os filhos de Pandu, todos realizaram diversas façanhas de acordo com sua linhagem e bravura. Contemplando então aquela hoste protegida naquela batalha por aqueles guerreiros Pandava, o filho de Bharadwaja, volvendo seus olhos em cólera, lançou seus olhares sobre ela. Inflamado com raiva, aquele guerreiro, invencível em batalha, consumiu, enquanto ele permaneceu sobre seu carro, a hoste Pandava como a tempestade destruindo vastas massas de nuvens. Avançando por todos os lados em guerreiros em carros e corcéis e soldados de infantaria e elefantes, Drona se movia rapidamente com fúria sobre o campo como um homem jovem, embora carregando o peso dos anos. Seus cavalos vermelhos, velozes como o vento, e de raça excelente, cobertos com sangue, ó rei, assumiram uma aparência bela. Vendo aquele herói de votos regulados derrubando-os como o próprio Yama inflamado com ira, os soldados de Yudhishthira fugiram para todos os lados. E enquanto alguns fugiam e outros se reagrupavam, enquanto alguns olhavam para ele e outros permaneciam sobre o campo, o barulho que eles faziam era selvagem e terrível. E aquele barulho que causava deleite para heróis e aumentava os temores dos medrosos, encheu todo o céu e a terra. E mais uma vez Drona, proferindo seu próprio nome em batalha, tornou-se extremamente feroz, espalhando centenas de setas entre os inimigos. De fato, o poderoso Drona, embora idoso, contudo agindo como um homem jovem, se movia rapidamente como a própria Morte, ó majestade, em meio às divisões do filho de Pandu. Aquele guerreiro feroz cortando cabeças e braços enfeitados com ornamentos, fazia os terraços de muitos carros vazios e proferia rugidos leoninos. E por causa daqueles seus gritos alegres, como também da força de suas flechas, os guerreiros, ó senhor, (do exército hostil) tremiam como um rebanho de vacas afligido pelo frio. E por causa do estrépito de seu carro e do estiramento da corda de seu arco e da vibração de seu arco, o firmamento inteiro ressoava com um barulho alto. E as flechas daquele herói, correndo às milhares de seu arco, e envolvendo todos os pontos do horizonte, caíam sobre os elefantes e corcéis e carros e soldados de infantaria (do

inimigo). Então os Panchalas e os Pandavas se aproximaram audaciosamente de Drona, que, armado com seu arco de grande força, parecia um fogo tendo armas como suas chamas. Então com seus elefantes e soldados de infantaria e corcéis ele começou a despachá-los para a residência de Yama. E Drona tornou a terra lodosa com sangue. Espalhando suas armas poderosas e disparando suas flechas espessas para todos os lados, Drona logo cobriu todos os pontos do horizonte de maneira que nada podia ser visto exceto suas chuvas de flechas. E entre soldados de infantaria e carros e corcéis e elefantes nada podia ser visto salvo as flechas de Drona. O estandarte de seu carro era tudo o que podia ser visto, se movendo como lampejos de relâmpago em meio aos carros. De alma incapaz de ser deprimida, Drona então, armado com arco e flechas, afligiu os cinco príncipes de Kekaya e o soberano dos Panchalas e então avançou contra a divisão de Yudhishthira. Então Bhimasena e Dhananjaya e o neto de Sini, e os filhos de Drupada, e o soberano de Kasi, isto é, o filho de Saivya, e o próprio Sivi, alegremente e com rugidos altos o cobriram com suas setas. Flechas às milhares, enfeitadas com asas de ouro, disparadas do arco de Drona, atravessando os corpos dos elefantes e dos cavalos jovens daqueles guerreiros, entraram na terra, suas penas tingidas com sangue. O campo de batalha, coberto com carros e as formas prostradas de grandes grupos de guerreiros e de elefantes e cavalos mutilados por flechas, parecia com o céu coberto com massas de nuvens pretas. Então Drona, desejoso da prosperidade de teus filhos, tendo assim oprimido as divisões de Satyaki, e Bhima, e Dhananjaya e o filho de Subhadra e Drupada, e o soberano de Kasi, e tendo oprimido muitos outros heróis em batalha, de fato, aquele guerreiro de grande alma, tendo realizado essas e muitas outras façanhas, e tendo, ó chefe dos Kurus, chamuscado o mundo como o próprio Sol quando ele se eleva no fim do Yuga, procedeu de lá, ó monarca, para o céu. Aquele herói possuidor de carro dourado, aquele opressor de hostes hostis, tendo realizado feitos poderosos e matado milhares de guerreiros da hoste Pandava em batalha, finalmente foi ele mesmo morto por Dhrishtadyumna. Tendo, realmente, matado mais do que dois Akshauhinis de guerreiros bravos e que não recuavam, aquele herói dotado de inteligência, finalmente, alcançou o estado mais elevado. De fato, ó rei, tendo realizado as façanhas mais difíceis, ele, finalmente, foi morto pelos Pandavas e os Panchalas de feitos cruéis. Quando o preceptor tinha sido morto em batalha, ergueu-se lá no firmamento, ó monarca, um tumulto alto de todas as criaturas, como também de todas as tropas. Ressoando pelo céu e terra e pelo espaço intermediário e pelas direções cardeais e secundárias, o grito alto 'Ó que vergonha!' das criaturas; foi ouvido. E os deuses, os Pitris, e aqueles que eram seus amigos, todos contemplaram aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Bharadwaja, morto dessa maneira. Os Pandavas, tendo obtido a vitória, proferiram gritos leoninos. E a terra tremeu com aqueles gritos altos deles.'"

9

"Dhritarashtra disse, 'Como os Pandavas e os Srinjayas mataram Drona em batalha? Drona que era tão talentoso em armas entre todos os manejadores de armas? O carro dele quebrou (no decorrer do combate)? Seu arco quebrou

enquanto ele estava atingindo (o inimigo)? Ou Drona estava descuidado no momento em que ele encontrou com seu golpe mortal? Como, de fato, ó filho, pode o filho de Prishata (Dhrishtadyumna), o príncipe dos Panchalas, matar aquele herói incapaz de ser humilhado por inimigos, que espalhava chuvas grossas de flechas equipadas com asas de ouro, e que era dotado de grande agilidade de mão, aquele principal dos Brahmanas, que era talentoso em tudo, conhecedor de todos os modos de guerra, capaz de disparar suas flechas a uma grande distância, e autocontrolado, que era possuidor de habilidade formidável no uso de armas e armado com armas celestes, aquele guerreiro poderoso, de glória imorredoura, que era sempre cuidadoso, e que realizava os feitos mais bravios em batalha? É evidente, me parece, que o destino é superior ao esforço, já que até o bravo Drona foi morto pelo filho de grande alma de Prishata, aquele herói em quem se encontravam os quatro tipos de armas, ai, tu disseste que aquele Drona, aquele preceptor na arte de manejar arco e flecha, está morto. Sabendo da morte daquele herói que costumava viajar em seu carro brilhante coberto com peles de tigre e adornado com ouro puro, eu não posso afastar minha dor. Sem dúvida, ó Sanjaya, ninguém morre da dor causada pela desgraça de outro, já que, infeliz como eu estou, eu ainda estou vivo embora eu tenha sabido da morte de Drona. Eu considero o Destino como sendo todo-poderoso, esforço é inútil. Certamente, meu coração, duro como é, é feito de pedra, já que ele não se parte em cem pedaços embora eu tenha sabido da morte de Drona. Ele que era servido por Brahmanas e príncipes desejosos de instrução nos Vedas e divinação e arte de manejar arco e flecha, ai, como ele poderia ser levado pela Morte? Eu não posso tolerar a derrota de Drona, a qual é assim como a secagem completa do oceano, ou a remoção de Meru de seu lugar, ou a queda do Sol do firmamento. Ele era um repressor dos maus e um protetor dos virtuosos. Aquele opressor de inimigos que abandonou sua vida pelo desventurado Duryodhana, sobre cuja bravura se apoiava aquela esperança de vitória a qual meus filhos perversos nutriam, que era igual a Vrihaspati ou ao próprio Usanas em inteligência, ai, como ele foi morto? Seu corcéis grandes de cor vermelha, cobertos com redes de ouro, velozes como o vento e incapazes de serem atingidos por qualquer arma em batalha, dotados de grande força, relinchando alegremente, bem treinados e da raça Sindhu, unidos ao seu carro e puxando o veículo excelentemente, sempre preservados no meio da batalha, eles se tornaram fracos e lânguidos? Suportando friamente em batalha o rugido de elefantes, enquanto aquelas criaturas enormes barriam ao clangor de conchas e a batida de baterias, inalteráveis pela vibração de arcos e chuvas de setas e outras armas, pressagiando a derrota de inimigos por seu próprio aparecimento, nunca dando respirações longas (por causa de trabalho pesado), acima de toda fadiga e dor, como aqueles corcéis velozes que puxavam o carro do filho de Bharadwaja foram logo subjugados? Assim mesmo eram os corcéis unidos ao carro dourado dele. Assim eram os corcéis unidos àquele carro por aquele mais notável dos heróis humanos. Sobre seu próprio carro excelente decorado com ouro puro, por que, ó filho, ele não pode cruzar o mar do exército Pandava? Que façanhas foram realizadas em batalha pelo filho de Bharadwaja, aquele guerreiro que sempre tirava lágrimas de outros heróis, e em cujo conhecimento (de armas) todos os arqueiros do mundo confiavam? Aderindo firmemente à verdade, e dotado de grande poder, o que, de fato, Drona fez em

batalha? Quem foram aqueles guerreiros em carros que enfrentaram aquele realizador de feitos aterradores, aquele principal de todos os manejadores de arco, aquele principal dos heróis, que parecia o próprio Sakra no céu? Os Pandavas fugiram vendo ele de carro dourado e de força imensa que chamava armas celestes à existência? Ou, o rei Yudhishthira o justo, com seus irmãos mais novos, e tendo o príncipe de Panchala (Dhrishtadyumna) como sua corda de amarrar (isto é, como seu instrumento preparado) atacou Drona, cercando-o com suas tropas por todos os lados? Na verdade, Partha deve ter, com suas flechas retas, detido todos os outros guerreiros em carros, e então o filho de Prishata de feitos pecaminosos deve ter cercado Drona. Eu não vejo qualquer outro guerreiro, salvo o feroz Dhrishtadyumna protegido por Arjuna, que pudesse ter executado a morte daquele herói poderoso! Parece que quando aqueles heróis, isto é, os Kekayas, os Chedis, os Karushas, os Matsyas, e os outros reis, cercando o preceptor, o oprimiram muito como formigas oprimindo uma cobra, enquanto ele estava empenhado em alguma façanha difícil, o canalha Dhrishtadyumna deve tê-lo matado então. Isso é o que eu penso. Ele que, tendo estudado os quatro Vedas com seus ramos e as histórias formando o quinto (Veda), tornou-se o refúgio dos Brahmanas, como o oceano é dos rios, aquele opressor de inimigos, que viveu como um Brahmana e como um Kshatriya, ai, como pode aquele Brahmana, venerável em idade, encontrar seu fim no fio de uma arma? De um espírito orgulhoso, ele contudo foi muitas vezes humilhado e teve que sofrer dor por minha causa. Embora não merecedor disso, ele porém obteve nas mãos do filho de Kunti o fruto de sua própria conduta. (Tendo treinado Arjuna cuidadosamente em armas ele obteve o fruto de seu próprio cuidado e trabalho na forma de derrota e morte nas mãos de, ou, ao menos, através de, seu próprio pupilo.) Ele, de cujos feitos dependiam todos os manejadores de arcos no mundo, ai, como pode aquele herói, firmemente aderindo à verdade e possuidor de habilidade magnífica, ser morto por pessoas desejosas de riqueza? O mais notável no mundo como o próprio Sakra no céu, de grande poder e grande energia, ai, como ele pode ser morto pelos Parthas, como a baleia pelo peixe menor? Ele, de cuja presença nenhum guerreiro desejoso de vitória podia jamais escapar com vida, ele que, enquanto vivo, esses dois sons nunca deixaram, isto é, o som dos Vedas por aqueles desejosos de conhecimento Védico, e a vibração de arcos causada por aqueles desejosos de habilidade na arte de manejar arco e flecha, ele que nunca estava triste, ai, aquele tigre entre homens, aquele herói dotado de prosperidade e nunca vencido em batalha, aquele guerreiro de bravura igual àquela do leão ou do elefante, foi morto. Na verdade, eu não posso suportar a idéia de sua morte. Como pode o filho de Prishata, na vista dos principais dos homens, matar em batalha aquele guerreiro invencível cujo poder nunca foi humilhado e cuja fama nunca foi deslustrada? Quem foram aqueles que lutaram na dianteira de Drona, protegendo-o, ficando ao seu lado? Quem procedeu em sua retaguarda e obteve aquele fim que é de obtenção tão difícil? Quem foram aqueles guerreiros de grande alma que protegeram as rodas direita e esquerda de Drona? Quem estava na dianteira daquele herói enquanto ele lutava em batalha? Quem foram aqueles que, indiferentes às suas vidas naquela ocasião, encontraram com a morte a qual se encontrava face a face com eles? Quem foram aqueles heróis que seguiram na última jornada na batalha de Drona? Algum daqueles Kshatriyas que foram

designados para a proteção de Drona, demonstrando ser falso, abandonou aquele herói em batalha? Ele foi morto pelo inimigo depois de tal deserção e enquanto estava sozinho? Drona nunca iria, por medo, mostrar suas costas em batalha, embora grande o perigo. Como então ele foi morto pelo inimigo? Mesmo em grande aflição, ó Sanjaya, uma pessoa ilustre deve fazer isso, isto é, empregar sua coragem segundo a medida de seu poder. Tudo isso se encontrava em Drona; ó filho, eu estou perdendo meus sentidos. Que essa conversa seja suspensa por um tempo. Depois de recuperar meus sentidos eu irei uma vez mais te questionar, ó Sanjaya!'"

10

"Vaisampayana disse, 'Tendo se dirigido ao filho de Suta dessa maneira, Dhritarashtra, afligido com grande tristeza de coração e sem esperança da vitória de seu filho, caiu no chão. Vendo-o privado de seus sentidos e caído, seus servidores o borrifaram com água fria e perfumada, enquanto o abanavam. Vendo ele caído, as senhoras Bharata, ó rei, o cercaram por todos os lados e o friccionaram suavemente com suas mãos. E erguendo o rei do chão lentamente, aquelas senhoras nobres, suas vozes sufocadas com lágrimas, o sentaram em seu assento. Sentado, o rei continuou a estar sob a influência daquele desmaio. E ele permaneceu perfeitamente imóvel, enquanto elas o abanavam permanecendo em redor. E um tremor então passou pelo corpo do monarca e ele lentamente recuperou seus sentidos. E mais uma vez ele começou a interrogar o filho de Gavalgana da casta Suta sobre os incidentes, como eles tinham ocorrido na batalha.'"

"Dhritarashtra disse, '[Aquele Ajatasatru] que, como o sol erguido, dissipa a escuridão por meio de sua própria luz; que avança contra um inimigo como um elefante veloz e furioso com têmporas fendidas, incapaz de ser vencido por líderes de manadas hostis, avança contra um rival procedendo com rosto alegre em direção a uma fêmea da espécie no cio, ó, quais guerreiros (do meu exército) resistiram àquele Ajatasatru quando ele se aproximou, para mantê-lo longe de Drona? Aquele herói (Ajatasatru), aquela principal das pessoas, que tem matado muitos guerreiros valentes (do meu exército) em batalha, aquele príncipe poderosamente armado e inteligente e corajoso de destreza imbatível, que, sem ajuda de ninguém, pode consumir a hoste inteira de Duryodhana por meio de seus olhares terríveis somente, aquele matador por meio de sua visão, determinado a obter vitória, aquele arqueiro, aquele herói de glória imorredoura, aquele monarca autocontrolado que é reverenciado por todo o mundo, ó, quem foram aqueles heróis (do meu exército) que cercaram aquele guerreiro? Aquele príncipe invencível, aquele arqueiro de glória imorredoura, aquele tigre entre homens, aquele filho de Kunti, que avançando com grande celeridade se aproximou de Drona, aquele guerreiro poderoso que sempre realiza grandes feitos contra o inimigo, aquele herói de fama gigantesca e grande coragem, que em força é igual a dez mil elefantes, ó, quais bravos combatentes do meu exército cercaram aquele Bhimasena quando ele avançou sobre minha hoste? Quando aquele guerreiro em

carro de energia excelente, Vibhatsu, parecendo com uma massa de nuvens, se aproximou, emitindo raios como as próprias nuvens, disparando chuvas de setas como Indra derramando chuva, e fazendo todos os pontos do horizonte ressoarem com os tapas de suas palmas e o estrépito das rodas de seu carro, quando aquele herói cujo arco era como o lampejo do relâmpago e cujo carro parecia uma nuvem tendo como seus rugidos o som de sua rodas, (quando se aproximou aquele herói) o zunido de cujas flechas o tornava extremamente feroz, cuja ira parece uma nuvem ameaçadora, e que é rápido como a mente ou a tempestade, que sempre perfura o inimigo profundamente em seus próprios órgãos vitais, que, armado com flechas, é terrível de se olhar, que como a própria Morte banha todos os pontos do horizonte com sangue humano em profusão, e que, com tumulto aterrador e aparência terrível, manejando o arco Gandiva despeja incessantemente em meus guerreiros encabeçados por Duryodhana flechas afiadas em pedra e equipadas com penas de urubu, ai, quando aquele herói de grande inteligência se aproximou de vocês, qual se tornou o estado de sua mente? Quando aquele guerreiro tendo o macaco enorme em seu em seu estandarte se aproximou, obstruindo o céu com chuvas densas de flechas, qual veio a ser o estado de sua mente à visão daquele Partha? Arjuna avançou sobre vocês, matando suas tropas com a vibração do Gandiva e realizando atos violentos no caminho? Duryodhana tirou, com suas flechas, suas vidas, como a tempestade destruindo massas de nuvens reunidas ou derrubando florestas de juncos, soprando através deles? Que homem é capaz de resistir em batalha ao manejador do Gandiva? Somente ouvindo que ele está posicionado na dianteira do exército (hostil), o coração de todo inimigo parece se partir em dois. Naquela batalha na qual as tropas tremeram e até heróis foram tomados pelo medo, quais foram aqueles que não abandonaram Drona, e quais foram aqueles covardes que o abandonaram por medo? Quem foram aqueles que, indiferentes às suas vidas encontraram a própria Morte, que estava face a face com eles na forma de Dhananjaya, que tinha vencido até combatentes sobre-humanos em combate? Minhas tropas são incapazes de resistir ao ímpeto daquele guerreiro que tem corcéis brancos unidos ao seu carro e ao som do Gandiva, que parece o ribombar das próprias nuvens. Aquele carro que tem o próprio Vishnu como seu motorista e Dhananjaya como seu guerreiro, aquele carro eu considero incapaz de ser subjugado pelos próprios deuses e os Asuras reunidos. Delicado, jovem, e bravo, e de um rosto muito bonito, aquele filho de Pandu que é dotado de inteligência e habilidade e sabedoria e cuja destreza é incapaz de ser frustrada em batalha, quando Nakula com barulho alto e afligindo todos os guerreiros hostis, avançou em Drona, quais heróis (do meu exército) o cercaram? Quando Sahadeva que parece uma cobra zangada de veneno virulento, quando aquele herói possuindo corcéis brancos e invencível em batalha, cumpridor de votos louváveis, incapaz de ser frustrado em seus propósitos, dotado de modéstia, e nunca vencido em combate, se aproximou de nós, quais heróis (do nosso exército) o circundaram? Aquele guerreiro que, tendo oprimido a hoste imensa do rei Sauvira, tomou como sua esposa a bela donzela Bhoja de membros simétricos, aquele touro entre homens, Yuyudhana, em quem há sempre verdade e firmeza e coragem e Brahmacharya, aquele guerreiro dotado de grande poder, sempre praticando a veracidade, nunca desanimado, nunca vencido, que em batalha é igual à

Vasudeva e é considerado como seu segundo, que, através das instruções de Dhananjaya tornou-se o principal no uso de flechas, e que é igual ao próprio Partha em armas, ó, qual guerreiro (do meu exército) resistiu àquele Satyaki, para mantê-lo longe de Drona? O principal herói entre os Vrishnis, extremamente corajoso entre todos os arqueiros, igual ao próprio Rama em (conhecimento e no uso de) armas e em bravura e fama, (saiba, ó Sanjaya, que) veracidade e firmeza, inteligência e heroísmo, e conhecimento de Brahma, e armas superiores, se encontram todos nele (Satyaki) da linhagem de Satwata, como os três mundos estão em Kesava. Quais heróis (do meu exército), se aproximando daquele arqueiro poderoso, Satyaki, possuidor de todas essas habilidades e incapaz de ser resistido pelos próprios deuses, o cercaram? O principal entre os Panchalas, possuidor de heroísmo, de nascimento nobre e o favorito de todos os heróis de nascimento nobre, sempre realizando bons feitos em batalha, Uttamaujas, aquele príncipe sempre dedicado ao bem-estar de Arjuna, nascido somente para meu mal, igual a Yama, ou Vaisaravana, ou Aditya, ou Mahendra, ou Varuna, aquele príncipe considerado como um poderoso guerreiro em carro e preparado para sacrificar sua vida no centro da batalha, ó, quais heróis (do meu exército) o cercaram? Quem (entre meus guerreiros) resistiu a Dhrishtaketu, aquele único guerreiro entre os Chedis que, abandonando eles, abraçou o lado dos Pandavas, quando ele avançou sobre Drona? Quem resistiu ao heróico Ketumat para mantê-lo longe de Drona, o bravo Ketumat que matou o príncipe Durjaya quando o último tinha se abrigado em Girivraja? Quais heróis (do meu exército) cercaram Sikhandin, aquele tigre entre homens, que conhece os méritos e deméritos (em sua própria pessoa) da masculinidade e feminilidade, aquele filho de Yajnasena, que é sempre alegre em batalha, aquele herói que se tornou a causa da morte de Bhishma de grande alma em batalha, quando ele avançou em direção a Drona? Aquele principal herói da linhagem Vrishni, aquele chefe de todos os arqueiros, aquele guerreiro corajoso em quem todas as habilidades existem em um grau maior do que no próprio Dhananjaya, em quem se encontram sempre armas e veracidade e Brahmacharya, que é igual a Vasudeva em energia e Dhananjaya em força, que em esplendor é igual a Aditya e em inteligência a Vrihaspati, isto é, Abhimanyu de grande alma, parecendo a própria Morte com boca escancarada, ó, quais heróis (do meu exército) o cercaram quando ele avançou em direção a Drona? Aquele jovem de mente enérgica, aquele matador de heróis hostis, o filho de Subhadra, ó, quando ele avançou em direção a Drona, qual se tornou o estado de sua mente? Quais heróis cercaram aqueles tigres entre homens, isto é, os filhos de Draupadi, quando eles avançaram em batalha contra Drona como rios avançando em direção ao mar? Aqueles meninos que, abandonando todos os esportes (infantis) há doze anos, e cumprindo votos excelentes, serviram Bhishma por causa de armas, aqueles meninos, Kshatranjaya e Kshatradeva e Kshatravarman e Manada, aqueles filhos heróicos de Dhrishtadyumna, ó, quem resistiu a eles, procurando mantê-los longe de Drona? Ele a quem os Vrishnis consideravam como superior em batalha a cem guerreiros em carros, ó, quem resistiu àquele grande arqueiro, Chekitana, para mantê-lo longe de Drona? Aqueles cinco irmãos Kekaya, virtuosos e possuidores de bravura incapaz de ser frustrada, parecendo (em cor) os insetos chamados Indragopakas, com cotas de malha vermelhas, armas vermelhas e estandartes vermelhos, aqueles heróis que

são os primos maternos dos Pandavas e que sempre desejam vitória para os últimos, ó, quais heróis (do meu exército) cercaram aqueles príncipes valentes quando eles avançaram em direção a Drona para matá-lo? Aquele senhor da batalha, aquele principal dos arqueiros, aquele herói de pontaria infalível e grande força, aquele tigre entre homens, Yuyutsu, a quem muitos reis coléricos lutando juntos por seis meses em Varanavata pelo desejoso de matá-lo não puderam derrotar, e que em batalha em Varanasi derrubou com uma flecha de cabeça larga aquele poderoso guerreiro em carro, o príncipe de Kasi, desejoso de apanhar (em um Swayamvara) uma donzela para esposa, ó, qual herói (do meu exército) resistiu a ele? Aquele arqueiro poderoso, Dhrishtadyumna, que é o principal conselheiro dos Pandavas, que está empenhado em fazer mal para Duryodhana, que foi criado para a destruição de Drona, ó, quais heróis (do meu exército) o cercaram quando ele foi em direção a Drona, abrindo caminho através de todas as minhas tropas e consumindo todos os meus guerreiros em batalha? Aquela mais notável de todas as pessoas familiarizadas com armas, que foi criado quase no colo de Drupada, ó, quais guerreiros (do meu exército) cercaram aquele Sikhandin protegido pelas armas (de Arjuna), para mantê-lo longe de Drona? Ele que cercou essa terra com o estrépito alto de seu carro como com um cinto de couro, aquele poderoso guerreiro em carro e principal de todos os matadores de inimigos, que, (como um substituto para) todos os sacrifícios, realizou, sem impedimento, dez sacrifícios de cavalo com comida e bebida excelentes e presentes em profusão, que governou seus súditos como se eles fossem seus filhos, aquele filho de Usinara que em sacrifícios doou vacas incontáveis como os grãos de areia na correnteza do Ganga, cujas façanhas ninguém entre os homens é ou alguma vez será capaz de imitar, depois do desempenho de cujos feitos difíceis os próprios deuses gritaram, dizendo, 'Nós não vemos nos três mundos com suas criaturas móveis e imóveis uma segunda pessoa exceto o filho de Usinara que existiu, existe, ou existirá, que tenha alcançado regiões (na vida após a morte) que são inalcançáveis por seres humanos', ó, quem (entre meu exército) resistiu àquele Saivya, aquele neto daquele filho de Usinara, quando ele se aproximou (de Drona)? Quais heróis (do meu exército) cercaram a divisão de carros daquele matador de inimigos, Virata, o rei dos Matsyas, quando ela alcançou Drona em batalha? Quem manteve longe de Drona o gigantesco Ghatotkacha, aquele tormento (no lado) de meus filhos, aquele guerreiro que sempre deseja vitória para os Pandavas, aquele Rakshasa heróico, possuidor de poderes extensos de ilusão, dotado de grande força e grande bravura, e nascido de Bhima no decorrer de um único dia, e de quem eu nutro receios muito grandes? (Ghatotkacha era o filho de Hidimva com Bhimasena. As mulheres Rakshasi dão à luz no próprio dia em que elas concebem, e sua prole alcança a juventude no mesmo dia em que nasce.) Quem, ó Srinjaya, pode permanecer inconquistado por eles por cuja causa esses e muitos outros estão preparados para sacrificar suas vidas em batalha? Como podem os filhos de Pritha encontrar a derrota, eles que tem o maior de todos os seres, o manejador do arco chamado Sarnga, como seu refúgio e benfeitor? Vasudeva é, de fato, o grande Mestre de todos os mundos, o Senhor de todos, e Eterno! De alma divina e poder infinito, Narayana é o refúgio dos homens em batalha. Os sábios recitam seus feitos celestes. Eu também os recitarei com devoção, para recuperar minha firmeza!'"

11

"Dhritarashtra disse, 'Ouça, ó Sanjaya, as façanhas celestiais de Vasudeva, façanhas que Govinda realizou e semelhantes às quais nenhuma outra pessoa é capaz de realizar. Enquanto estava sendo criado, ó Sanjaya, na família do vaqueiro (Nanda), aquele de grande alma, quando ainda um menino, tornou o poder de seus braços conhecido para os três mundos. Mesmo então ele matou Hayaraja (o príncipe dos corcéis; ele era um Asura, também chamado de Kesi, na forma de um cavalo), que vivia nos bosques (às margens) do Yamuna, que era igual ao (corcel celeste) Uchchaisravas em força e ao próprio vento em velocidade. Na infância, ele também matou com seus dois braços nus o Danava, na forma de um touro, de feitos terríveis, e surgido como a própria Morte para todas as vacas. De olhos como as pétalas de lótus, ele também matou os poderosos Asuras chamados Pralamva, e Naraka, e Jambha, e Pitha, como também Mura, aquele terror dos celestiais. E assim também Kansa de energia poderosa, que era, além disso, protegido por Jarasandha, foi, com todos os seus seguidores, morto em combate por Krishna ajudado somente por sua coragem, (isto é, sem armas de qualquer tipo.) Com Valadeva como seu ajudante, aquele matador de inimigos, Krishna, destruiu em batalha, com todas as suas tropas, o rei dos Surasenas, Sunaman, de grande energia e coragem em batalha, o senhor de um Akshauhini completo, e o segundo irmão valente de Kansa, o rei dos Bhojas. O Rishi regenerado muito colérico (satisfeito com a adoração) lhe deu benefícios. De olhos semelhantes a pétalas de lótus, e dotado de grande coragem, Krishna, vencendo todos os reis em uma escolha de marido, levou embora a filha do rei dos Gandharas. Aqueles reis enfurecidos, como se eles fossem cavalos por nascimento, foram unidos ao seu carro nupcial e foram lacerados com o chicote. Janardana de braços poderosos também fez Jarasandha, o senhor de um Akshauhini completo de tropas, ser morto por meio de outro. (Jarasandha, o poderoso rei dos Magadhas e inimigo jurado de Krishna, foi morto por Bhima por instigação de Krishna.) O poderoso Krishna também matou o valente rei de Chedis, aquele líder de reis, como se ele fosse algum animal, na ocasião da contestação do último sobre o Arghya. Empregando sua destreza, Madhava lançou no oceano a cidade Daitya chamada Saubha, (que se movia) nos céus, protegida por Salwa, e considerada invulnerável. Os Angas, os Vangas, os Kalingas, os Magadhas, os Kasis, os Kosalas, os Vatsyas, os Gargyas, os Karushas e os Paundras, todos esses ele venceu em batalha. Os Avantis, os habitantes do Sul, os montanheses, os Daserakas, os Kasmirakas, os Aurasikas, os Pisachas, os Samudgalas, os Kamvojas, os Vatadhanas, os Cholas, os Pandyas, ó Sanjaya, os Trigartas, os Malavas, os Daradas difíceis de serem derrotados, os Khasas vindos de diversos reinos, como também os Sakas, e os Yavanas com seguidores, foram todos subjugados por ele de olhos semelhantes a pétalas de lótus. Nos tempos passados, penetrando no próprio oceano, ele venceu em batalha o próprio Varuna naquelas profundidades aquosas, cercado por todas as espécies de animais aquáticos. Matando em batalha (o Danava chamado)

Panchajanya que vivia nas profundidades de Patala, Hrishikesa obteve a concha celestial chamada Panchajanya. O poderoso Kesava, acompanhado por Partha, tendo gratificado Agni em Khandava, obteve sua arma invencível de fogo, seu disco (chamado Sudarsana). Viajando sobre o filho de Vinata e apavorando (os habitantes de) Amaravati, o heróico Krishna trouxe do próprio Mahendra (a flor celestial chamada) Parijata. Conhecendo a destreza de Krishna, Sakra suportou quietamente aquele ato (isto é, a transplantação da Parijata de Amaravati para a terra.) Nós nunca ouvimos que há algum entre os reis que não tenha sido derrotado por Krishna. Aquele feito muito admirável também, ó Sanjaya, o qual ele de olhos de lótus realizou na minha corte, quem mais é capaz de realizá-lo? E já que, submisso por devoção, eu fui permitido contemplar Krishna como o Senhor Supremo; tudo (sobre aquele feito) é bem conhecido por mim, eu mesmo o tendo testemunhado com meus próprios olhos. Ó Sanjaya, nunca pode ser visto o fim das realizações (infinitas) de Hrishikesa de grande energia e grande inteligência. Gada, e Samva, e Pradyumna, e Viduratha, e Charudeshna, e Sarana, e Ulmukha, e Nisatha, e o bravo Jhilivabhru, e Prithu, e Viprithu, e Samika, e Arimejaya, esses e outros poderosos heróis Vrishni, hábeis em atacar, irão, permanecendo no campo de batalha, tomar sua posição na hoste Pandava, quando convocados por aquele herói Vrishni, Kesava de grande alma. Todos (no meu lado) então estarão em grande perigo. Isso mesmo é o que eu penso. E lá onde Janardana está, lá estará o heróico Rama, igual em força a dez mil elefantes, parecendo o pico Kailasa, enfeitado com guirlandas de flores selvagens, e armado com o arado. Aquele Vasudeva, ó Sanjaya, a quem todos os regenerados descrevem como o Pai de todos, aquele Vasudeva lutará pela causa dos Pandavas? Ó filho, ó Sanjaya, se ele puser sua armadura pelos Pandavas, não há ninguém entre nós que possa ser seu oponente. Se acontecer dos Kauravas vencerem os Pandavas, ele, da linhagem de Vrishni, irá então, pelos últimos, pegar sua arma poderosa. E aquele tigre entre homens, aquele de braços fortes, matando então todos os reis em batalha como também os Kauravas, dará a terra inteira para o filho de Kunti. Que carro avançará em batalha contra aquele carro o qual tem Hrishikesa como seu motorista e Dhananjaya como seu guerreiro? Os Kurus não podem, de qualquer maneira, obter vitória. Conte-me então tudo sobre como a batalha ocorreu. Arjuna é a vida de Kesava e Krishna é sempre vitória; em Krishna há sempre fama. Em todos os mundos, Vibhatsu é invencível. Em Kesava há méritos infinitos em excesso. O tolo Duryodhana, que não conhece Krishna ou Kesava, parece, por causa do Destino, ter o laço da Morte diante dele. Ai, Duryodhana não conhece Krishna da linhagem de Dasarha e Arjuna o filho de Pandu. Estes de grande alma são deuses antigos. Eles são os próprios Nara e Narayana. Sobre a terra eles são vistos pelos homens como duas formas separadas, embora na verdade eles sejam ambos possuídos somente por uma alma. Só com a mente, aquele par invencível, de renome mundial, pode, se somente eles desejarem isso, destruir essa hoste. Somente por causa de sua humanidade eles não desejam isso. (Embora deuses, eles tomaram seus nascimentos como homens, e, eles devem realizar seus objetivos por meios humanos. É por isso que eles não destroem essa hoste por um decreto de sua vontade.) Como uma mudança de Yuga, a morte de Bhishma, ó filho, e a morte de Drona de grande alma, contrariam a razão. De fato, nem por Brahmacharya, nem pelo estudo dos Vedas, nem por

ritos (religiosos), nem por armas alguém pode impedir a morte. Sabendo da morte de Bhishma e Drona, aqueles heróis habilidosos em armas, respeitados por todos os mundos, e invencíveis em batalha, por que, ó Sanjaya, eu ainda vivo? Por causa da morte de Bhishma e Drona, ó Sanjaya, nós de agora em diante teremos que viver como dependentes daquela prosperidade vendo a qual em Yudhishthira antes nós fomos tão ciumentos. De fato, essa destruição dos Kurus veio somente em consequência das minhas ações. Ó Suta, no assassínio daqueles que estão prontos para a destruição, a própria palha se torna raio. É sem fim aquela prosperidade nesse mundo a qual Yudhishthira está prestes a obter, Yudhishthira por cuja ira ambos, Bhishma e Drona, caíram. Por sua própria disposição, a Retidão mudou para o lado de Yudhishthira, enquanto ela é hostil para meu filho. Ai, o tempo, tão cruel, que agora se aproxima para a destruição de todos, não pode ser conquistado. Coisas calculadas de uma maneira, ó filho, mesmo por homens de inteligência, tornam-se diferentes por causa do Destino. Isso é o que eu penso. Portanto, conte-me tudo o que ocorreu durante o progresso desse flagelo inevitável e terrível produtivo da mais triste repercussão incapaz de ser atravessado (por nós).'"

12

"Sanjaya disse, 'Sim, tudo como eu vi com meus próprios olhos, eu descreverei para ti como Drona caiu, morto pelos Pandavas e os Srinjayas. Tendo obtido o comando das tropas, aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Bharadwaja, disse essas palavras para teu filho no meio de todas as tropas, 'Visto que, ó rei, tu me honraste com o comando das tropas imediatamente depois daquele touro entre os Kauravas, o filho daquele que vai para o oceano (Ganga), receba, ó Bharata, o fruto adequado dessa tua ação. Que propósito teu eu agora devo realizar? Peça o benefício que tu desejas.' Então o rei Duryodhana tendo consultado com Karna e Duhsasana e outros, disse para o preceptor, aquele guerreiro invencível e principal de todos os vencedores, essas palavras, 'Se tu queres me dar um benefício, então, capturando aquele principal dos guerreiros em carros, Yudhishthira, vivo, traga-o para mim aqui.' Então aquele preceptor dos Kurus, ouvindo essas palavras de teu filho, deu a ele a seguinte resposta, alegrando todas as tropas com elas, 'Louvado seja o filho de Kunti (Yudhishthira) cuja captura somente tu desejas. Ó tu que és difícil de ser subjugado, tu não pedes qualquer outro benefício (um por exemplo) para a morte dele. Por que razão, ó tigre entre homens, tu não desejas a morte dele? Tu não és, sem dúvida, ó Duryodhana, ignorante de política. Por que, portanto, tu não aludes à morte de Yudhishthira? É uma causa de grande surpresa que o rei Yudhishthira, o justo, não tenha um inimigo desejoso de sua morte. Visto que tu o desejas vivo, tu (ou) procuras preservar tua linhagem da extinção, ou, ó chefe dos Bharatas, tu, tendo vencido os Pandavas em batalha, estás desejoso de estabelecer relação fraterna (com eles) por lhes dar seu reino. Auspicioso foi o nascimento daquele príncipe inteligente. Verdadeiramente ele é chamado de Ajatasatru (o sem inimigos), pois até tu tens afeição por ele.' Assim endereçado por Drona, ó Bharata, o sentimento que está sempre presente no peito de teu filho de repente se fez conhecido. Nem

mesmo pessoas como Vrihaspati podem ocultar as expressões de seu semblante. Por isso, teu filho, ó rei, cheio de alegria, disse estas palavras, 'Pela morte do filho de Kunti em batalha, ó preceptor, a vitória não pode ser minha. Se Yudhishthira fosse morto, Partha então, sem dúvida, mataria todos nós. Todos eles, além disso, não podem ser mortos pelos próprios deuses. Aquele entre eles, naquele caso, que sobrevivesse, nos exterminaria. Yudhishthira, no entanto, é verdadeiro em suas promessas. Se trazido para cá (vivo), vencido mais uma vez no jogo de dados, os Pandavas mais uma vez irão para as florestas, pois eles são todos obedientes a Yudhishthira. É evidente que tal vitória será duradoura. É por isso que eu não desejo, de nenhuma maneira, a morte do rei Yudhishthira o justo.' Averiguando esse propósito desonesto de Duryodhana, Drona que era familiarizado com as verdades da ciência de lucro e dotado de grande inteligência, refletiu um pouco e deu a ele o benefício limitando-o da seguinte maneira.'"

"Drona disse, 'Se o heróico Arjuna não proteger Yudhishthira em batalha, tu podes considerar o Pandava mais velho como já trazido sob teu controle. Em relação a Partha, os próprios deuses e os Asuras juntos encabeçados por Indra não podem avançar contra ele em batalha. É por isso que eu não ouso fazer o que tu me pedes para fazer. Sem dúvida, Arjuna é discípulo, e eu fui seu primeiro preceptor em armas. Ele é, no entanto, jovem, dotado de grande boa fortuna, e excessivamente aplicado (na realização de seus propósitos). Ele obteve, também, muitas armas de Indra e Rudra. Ele além disso foi provocado por ti. Eu não ouso, portanto, fazer o que tu me pedes. Que Arjuna seja afastado, por quaisquer meios que possa ser feito, da batalha. Após Partha ser afastado, tu podes considerar o rei Yudhishthira como já derrotado. Em sua captura se encontra a vitória e não em sua morte, ó touro entre homens! Por meio de estratagema sua captura pode ser realizada. Apanhando aquele rei dedicado à verdade e justiça, eu irei, sem dúvida, ó monarca, trazê-lo para teu controle nesse mesmo dia, se ele ficar diante de mim em batalha mesmo por um momento, é claro, se Dhananjaya, o filho de Kunti, aquele tigre entre homens, estiver afastado do campo. Na presença de Phalguni, no entanto, ó rei, Yudhishthira não poderia ser apanhado em batalha nem pelos deuses e os Asuras encabeçados por Indra.'"

"Sanjaya continuou, 'Depois que Drona tinha prometido a captura do rei sob essas limitações, teus filhos tolos consideraram Yudhishthira como já apanhado. Teu filho (Duryodhana) conhecia a parcialidade de Drona pelos Pandavas. Para fazer Drona cumprir sua promessa, portanto, ele divulgou aqueles planos. Então, ó castigador de inimigos, o fato de Drona ter prometido apanhar o Pandava (mais velho) foi proclamado por Duryodhana para todas as suas tropas.'"

13

"Sanjaya disse, 'Depois que Drona tinha prometido a captura do rei sob aquelas limitações, tuas tropas sabendo (daquela promessa sobre) a captura de Yudhishthira, proferiram muitos gritos leoninos, misturando-os com o zunido de suas flechas e o clangor de suas conchas. O rei Yudhishthira o justo, no entanto, ó

Bharata, logo soube em detalhes, através de seus espiões, tudo acerca do propósito no qual o filho de Bharadwaja estava aplicado. Então reunindo todos os seus irmãos e todos os outros reis de seu exército, o rei Yudhishthira o justo dirigiu-se a Dhananjaya, dizendo, 'Tu ouviste, ó tigre entre homens, sobre a intenção de Drona. Que sejam adotadas medidas, portanto, que possam impedir a realização daquele propósito. É verdade, Drona, aquele opressor de inimigos, fez sua promessa, sujeita a limitações, no entanto, ó grande arqueiro, (que) dependem de ti. Lute, portanto, hoje, ó tu de armas poderosas, em minha vizinhança, para que Duryodhana não possa obter de Drona a realização de seu desejo.'"

"Arjuna disse, 'Como a morte de meu preceptor nunca poderia ser realizada por mim, igualmente, ó rei, eu nunca poderia consentir te abandonar. Ó filho de Pandu, eu preferiria entregar minha vida em batalha do que lutar contra meu preceptor. Esse filho de Dhritarashtra deseja soberania, tendo te apanhado como um cativo em batalha. Nesse mundo ele nunca obterá a realização desse desejo dele. O próprio firmamento com suas estrelas pode cair, a própria Terra pode se partir em fragmentos, contudo Drona nunca conseguirá, indubitavelmente, te capturar enquanto eu estiver vivo. Se o próprio manejador do raio, ou Vishnu na chefia dos deuses, ajudá-lo em batalha, ainda assim ele não conseguirá te apanhar no campo. Enquanto eu estiver vivo, ó grande rei, não cabe a ti nutrir qualquer receio de Drona, embora ele seja o principal de todos os manejadores de armas. Eu além disso te digo, ó monarca, que minha promessa nunca permanece não realizada. Eu não me lembro de alguma vez ter falado alguma mentira. Eu não me lembro de ter sido derrotado alguma vez. Eu não me lembro de ter alguma vez, depois de fazer um voto, deixado a menor parte dele não cumprida.'"

"Sanjaya continuou, 'Então, ó rei, conchas e baterias e pratos e baterias menores foram soadas e batidas no acampamento Pandava. E os Pandavas de grande alma proferiram muitos gritos leoninos. Esses e o som terrível das cordas de seus arcos e dos tapas de palmas alcançaram o próprio céu. Ouvindo aquele clangor alto de conchas que se elevou do acampamento dos filhos poderosos de Pandu, diversos instrumentos foram tocados entre tuas divisões também. Então tuas divisões como também aquelas deles foram organizadas em formação de combate. E lentamente eles avançaram uns contra os outros pelo desejo de lutar. Então começou uma batalha, que foi violenta e de arrepiar os cabelos, entre os Pandavas e os Kurus, e Drona e os Panchalas. Os Srinjayas, embora combatendo vigorosamente, eram incapazes de vencer em batalha a hoste de Drona porque ela era protegida pelo próprio Drona. E assim também os poderosos guerreiros em carros do teu filho, hábeis em atacar, não podiam derrotar a hoste Pandava, porque ela era protegida pelo enfeitado com diadema (Arjuna). Protegidas por Drona e Arjuna, ambas as hostes pareciam estar inativas como duas florestas florescentes no silêncio da noite. Então ele, de carro dourado, (Drona) como o próprio Sol de grande esplendor, oprimindo as tropas dos Pandavas, se movia rapidamente através delas à vontade. E os Pandavas, e os Srinjayas, por temor, consideraram aquele único guerreiro de grande atividade sobre seu carro de movimento rápido como se multiplicado por muitos. Disparadas por ele, flechas

terríveis corriam em todas as direções, apavorando, ó rei, o exército do filho de Pandu. De fato, Drona então parecia como o próprio Sol do meio dia coberto por cem raios de luz. E como os Danavas eram incapazes de olhar para Indra, assim não havia alguém entre os Pandavas, que, ó monarca, fosse capaz de olhar para o filho zangado de Bharadwaja naquela batalha. O valente filho de Bharadwaja então, tendo confundido as tropas (hostis), rapidamente começou a consumir a divisão de Dhrishtadyumna por meio de flechas afiadas. E cobrindo e obstruindo todos os pontos do horizonte por meio de suas flechas retas, ele começou a oprimir aquele exército Pandava lá mesmo onde o filho de Prishata estava.'"

14

"Sanjaya disse, 'Então Drona, causando uma grande confusão na hoste Pandava, se movimentou rapidamente através dela, como uma conflagração consumindo (uma floresta de) árvores. Vendo aquele guerreiro furioso, possuindo um carro dourado, consumir suas divisões como um incêndio violento, os Srinjayas tremeram (apavorados). O som, naquela batalha, do arco constantemente esticado daquele guerreiro de grande atividade era ouvido parecer o ribombar do trovão. Flechas ardentes disparadas por Drona, dotado de grande agilidade de mão, começaram a oprimir guerreiros em carros e cavaleiros e guerreiros em elefantes e soldados de infantaria junto com elefantes e corcéis. Derramando suas flechas como as nuvens ribombantes no fim do verão, ajudadas pelo vento, despejam chuvas de granizo, ele inspirou medo nos corações do inimigo. Percorrendo (as tropas hostis), ó rei, e agitando as tropas, o poderoso Drona aumentou o medo antinatural nutrido pelo inimigo. O arco enfeitado com ouro, em seu carro que se movia rapidamente, era repetidamente visto parecer o lampejo do relâmpago em meio a uma massa de nuvens escuras. Aquele herói, firme em verdade, dotado de sabedoria, e sempre dedicado, além disso, à virtude, fez um rio terrível de correnteza violenta, tal como pode ser visto no fim do Yuga, fluir lá. E aquele rio tinha sua fonte na impetuosidade da ira de Drona, e ele era frequentado por multidões de criaturas carnívoras. E os combatentes constituíam as ondas que enchiam toda sua superfície. E guerreiros heróicos constituíram as árvores em suas margens cujas raízes eram constantemente corroídas por sua correnteza. E suas águas era constituídas pelo sangue que era derramado naquela batalha, e carros constituíam seus redemoinhos, e elefantes e corcéis formavam suas margens. E cotas de malha constituíam seus lírios, e a carne de criaturas a lama em seu leito. E a gordura, medula, e ossos (de animais e homens mortos) formavam as areias em sua margem, e proteções para a cabeça (caídas) sua espuma. E a própria batalha que era lutada lá constituía o dossel sobre sua superfície. E lanças constituíam os peixes com os quais ele abundava. E ele era inacessível por causa do grande número de homens (mortos), elefantes, e corcéis (que caíam nele). E o ímpeto das flechas disparadas constituía sua correnteza. E os próprios corpos mortos constituíam a madeira flutuando sobre ele. E carros constituíam suas tartarugas. E cabeças constituíam as pedras espalhadas em suas margens e leito, e cimitarras, seus peixes em profusão. E carros e elefantes

formavam seus lagos. E ele estava enfeitado com muitos adornos. E poderosos guerreiros em carros constituíam suas centenas de pequenos redemoinhos. E o pó de terra constituía suas ondulações. E capaz de ser facilmente cruzado por aqueles possuidores de energia excelente, ele era incapaz de ser cruzado pelos medrosos. E pilhas de corpos mortos constituíam os bancos de areia obstruindo sua navegação. E ele era o retiro de Kankas e urubus e outras aves predadoras. E ele carregava milhares de guerreiros em carros poderosos para a residência de Yama. E lanças compridas constituíam as cobras que o infestavam em profusão. E os combatentes vivos constituíam as aves que se divertiam sobre suas águas. Guarda-sóis rasgados constituíam seus cisnes grandes. Diademas formavam as aves (menores) que o adornavam. Rodas constituíam suas tartarugas, e maças seus jacarés, e flechas seus peixes menores. E ele era o recanto de bandos terríveis de corvos e urubus e chacais. E aquele rio, ó melhor dos reis, carregava às centenas, para a região dos Pitris, as criaturas que eram mortas por Drona em batalha. Obstruído por centenas de corpos (flutuando sobre ele), os cabelos (de guerreiros e animais mortos) constituíam seu musgo e ervas daninhas. Tal era o rio, aumentando os temores dos medrosos, que Drona fez fluir lá."

"E quando Drona estava oprimindo dessa maneira o exército hostil para lá e para cá, os guerreiros Pandava encabeçados por Yudhishthira avançaram naquele poderoso guerreiro em carro de todos os lados. Então vendo eles avançando dessa maneira (em direção a Drona), bravos combatentes do teu exército, possuidores de bravura inflexível, avançaram de todos os lados. E a batalha que então se seguiu foi de arrepiar os cabelos. Sakuni, cheio de cem espécies de truques, avançou em direção a Sahadeva, e perfurou o quadrigário do último, e estandarte, e carro, com muitas flechas de pontas afiadas. Sahadeva, no entanto, sem ser muito excitado, cortando o estandarte de Sauvala e arco e motorista do carro e carro, com setas afiadas, perfurou o próprio Sauvala com sessenta flechas. Nisso, o filho de Suvala, pegando uma maça, pulou de seu carro excelente, e com aquela maça, ó rei, ele derrubou o motorista de Sahadeva do carro do último. Então aqueles dois guerreiros heróicos e poderosos, ó monarca, ambos privados de carro, e ambos armados com maça, se exibiram em batalha como dois topos de colinas. Drona, tendo perfurado o soberano dos Panchalas com dez flechas, foi, em retorno, perfurado pelo último com muitas flechas. E o último foi novamente perfurado por Drona com um grande número de flechas. Bhimasena perfurou Vivinsati com setas afiadas. O último, no entanto, assim perfurado, não tremeu, o que pareceu ser muito extraordinário. Vivinsati então, ó monarca, de repente privou Bhimasena de seus corcéis e estandarte e arco. E nisso todas as tropas o veneraram por aquela façanha. O heróico Bhimasena, no entanto, não tolerou aquela demonstração de destreza por seu inimigo em batalha. Com sua maça, portanto, ele matou os corcéis bem treinados de Vivinsati. Então o poderoso Vivinsati, pegando um escudo (e espada) saltou daquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, e avançou contra Bhimasena como um elefante enfurecido avançando contra um companheiro enfurecido. O heróico Salya, dando risada, perfurou, como se em brincadeira, seu próprio sobrinho querido, Nakula, com muitas flechas para enfurecê-lo. O corajoso Nakula, no entanto, cortando os corcéis de seu tio e guarda-sol e estandarte e quadrigário e arco naquela batalha,

soprou sua concha. Dhrishtaketu, envolvido em combate com Kripa, cortou diversos tipos de setas disparadas nele pelo último, e então perfurou Kripa com setenta setas. E então ele cortou o emblema do estandarte de Kripa com três setas. Kripa, no entanto, começou a resistir a ele com uma chuva grossa de flechas. E resistindo a ele dessa maneira, o Brahmana continuou lutando com Dhrishtaketu. Satyaki, dando risada, perfurou Kritavarman no centro do peito com uma flecha longa. E perfurando-o então com setenta flechas, ele mais uma vez o perfurou com muitas outras. O guerreiro Bhoja, no entanto, em retorno, perfurou Satyaki com setenta setas de pontas afiadas. Como os ventos correndo rapidamente fracassando em mover uma montanha, Kritavarman foi incapaz de mover Satyaki ou de fazê-lo tremer. Senapati atingiu Susarman profundamente em seus órgãos vitais. Susarman também atingiu seu adversário com uma lança na junta do ombro. Virata, ajudado por seus guerreiros Matsya de grande energia, resistiu ao filho de Vikartana naquela batalha. E aquela façanha (do rei Matsya) pareceu muito admirável. Aquele foi considerado como um ato de grande heroísmo da parte do filho de Suta, no qual ele resistiu sozinho àquele exército inteiro por meio de suas flechas retas. O rei Drupada estava envolvido em combate com Bhagadatta. E a batalha entre aqueles dois guerreiros tornou-se bela de se ver. Aquele touro entre homens, Bhagadatta, perfurou o rei Drupada e seu motorista e estandarte e carro com muitas flechas retas. Então Drupada, cheio de cólera, rapidamente perfurou aquele poderoso guerreiro em carro no peito com uma flecha reta. Aqueles dois principais dos guerreiros sobre a terra, isto é, o filho de Somadatta e Sikhandin, ambos conhecedores de todas as armas, enfrentaram um ao outro em batalha violenta que fez todas as criaturas tremerem de medo. O bravo Bhurisravas, ó rei, cobriu aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Yajnasena, Sikhandin, com uma chuva grossa de setas. Sikhandin então, ó monarca, excitado com cólera, perfurou o filho de Somadatta com noventa flechas, e o fez tremer, ó Bharata. Aqueles Rakshasas de atos terríveis, isto é, o filho de Hidimba e Alamvusha, cada um desejoso de vencer o outro, lutaram muito admiravelmente. Ambos capazes de criar centenas de ilusões, ambos cheios de orgulho, lutaram um com o outro de maneira extraordinária, confiando em seus poderes de ilusão, e cada um desejoso de derrotar o outro. O feroz Chekitana lutou com Anuvinda. Eles corriam sobre o campo, desaparecendo às vezes, e causando grande espanto. Lakshmana lutou ferozmente com Kshatradeva, assim como Vishnu, ó monarca, nos tempos antigos, com o (Asura) Hiranyaksha. Com seus corcéis velozes e sobre seu carro devidamente equipado, Paurava, ó rei, rugiu para Abhimanyu. Dotado de grande poder, Paurava então avançou em Abhimanyu, desejoso de lutar. Então aquele castigador de inimigos, Abhimanyu, lutou ferozmente com aquele inimigo. Paurava cobriu o filho de Subhadra com uma chuva espessa de setas. Nisso, o filho de Arjuna derrubou o estandarte e guarda-sol e arco de seu adversário sobre a terra. Então perfurando Paurava com sete setas, o filho de Subhadra perfurou o motorista e corcéis do último com cinco setas. Alegrando suas tropas dessa maneira, ele então rugiu repetidamente como um leão. Então o filho de Arjuna rapidamente fixou uma seta na corda de seu arco que sem dúvida tiraria a vida de Paurava. Vendo no entanto, aquela seta de aparência terrível fixada na corda do arco de Abhimanyu, o filho de Haridika, com duas flechas, cortou aquele arco e seta. Então aquele matador de heróis hostis, o

filho de Subhadra, jogando de lado aquele arco quebrado, pegou uma espada brilhante e um escudo. Girando com grande velocidade aquele escudo decorado com muitas estrelas, e girando aquela espada também, ele percorreu o campo, exibindo sua destreza. Girando eles em sua frente, e girando-os no alto, ora os sacudindo e ora ele mesmo saltando para o alto, pela sua maneira de manejar aquelas armas, parecia que (para ele) não havia diferença entre aquelas armas ofensiva e defensiva. Saltando de repente então sobre os varais do carro de Paurava, ele rugiu alto. Subindo em seguida sobre seu carro, ele agarrou Paurava pelo cabelo, e matando enquanto isso com um pontapé o motorista do último, ele derrubou seu estandarte com um golpe de sua espada. E em relação ao próprio Paurava, Abhimanyu o ergueu, como Garuda erguendo uma cobra do fundo do mar agitando as águas. Nisso, todos os reis viram Paurava (sem ação) com cabelo despenteado, e parecendo com um boi privado de seus sentidos a ponto de ser morto por um leão. Vendo Paurava assim prostrado, colocado sob o controle do filho de Arjuna, e arrastado sem ajuda, Jayadratha foi incapaz de tolerar isso. Pegando uma espada como também um escudo que levava o emblema de um pavão e que era enfeitado com cem sinos de tamanho pequeno suspensos em fileiras, Jayadratha pulou de seu carro com um rugido alto. Então o filho de Subhadra (Abhimanyu), vendo o soberano dos Sindhus, deixou Paurava em paz, e lançando-se como um falcão do carro do último, desceu rapidamente no chão. As lanças e machados e cimitarras arremessadas por seus inimigos, o filho de Arjuna cortou por meio de sua espada ou desviou por meio de seu escudo. Assim mostrando para todos os guerreiros a força de seus próprios braços o poderoso [e heróico] Abhimanyu, erguendo novamente sua espada grande e pesada como também seu escudo, procedeu em direção ao filho de Vriddhakshatra que era um inimigo jurado de seu (de Abhimanyu) pai, como um tigre procedendo contra um elefante. Se aproximando eles atacaram alegremente um ao outro com suas espadas como um tigre e um leão com suas patas e dentes. E ninguém podia notar alguma diferença entre aqueles dois leões entre homens quanto a golpes rodopiantes, e descida de suas espadas e escudos. E quanto à descida e ao zunido de suas espadas, e ao desvio dos golpes um do outro, parecia que não havia distinção entre os dois. Correndo belamente em caminhos externos e internos, aqueles dois guerreiros ilustres pareciam ser como duas montanhas aladas. Então Jayadratha golpeou o escudo do renomado Abhimanyu quando o último esticou sua espada para atingi-lo. Então, ó Bharata, a espada grande de Jayadratha fincando-se no escudo de Abhimanyu coberto com chapa dourada, quebrou, quando o soberano dos Sindhus tentou puxá-la à força. Vendo sua espada quebrada, Jayadratha recuou depressa seis passos e foi visto em um piscar de olhos posicionado sobre seu próprio carro. Então o filho de Arjuna também, aquele combate com espada estando terminado, subiu no seu próprio carro excelente. Muitos reis, então, do exército Kuru, se unindo, o cercaram por todos os lados. O filho poderoso de Arjuna, no entanto, olhando para Jayadratha, girou sua espada e escudo, e proferiu um grito alto. Tendo derrotado o soberano dos Sindhus, o filho de Subhadra, aquele matador de heróis hostis, então começou a chamuscar aquela divisão do exército Kaurava como o Sol chamuscando o mundo. Então naquela batalha Salya arremessou nele um dardo ameaçador feito totalmente de ferro, decorado com ouro, e parecendo uma chama

de fogo. Nisso, o filho de Arjuna, saltando para o alto, apoderou-se daquele dardo, como Garuda pegando uma cobra imensa caindo de cima. E tendo-o agarrado dessa maneira, Abhimanyu desembainhou sua espada. Testemunhando a grande presteza e poder daquele guerreiro de energia imensurável, todos os reis juntos proferiram um grito leonino. Então aquele matador de heróis hostis, o filho de Subhadra, arremessou com a força de seus braços no próprio Salya aquele mesmo dardo grande refulgência, decorado com pedras de lápis lazúli. Parecendo uma cobra que recentemente abandonou sua pele, aquele dardo, alcançando o carro de Salya matou o motorista do último e o derrubou de seu nicho do veículo. Então Virata e Drupada, e Dhristaketu, e Yudhishthira, e Satyaki, e Kekaya, e Bhima, e Dhrishtadyumna, e Sikhandin, e os gêmeos (Nakula e Sahadeva), e os cinco filhos de Draupadi, todos exclamaram, 'Excelente! Excelente!' E diversos tipos de sons devido ao disparo de flechas, e muitos gritos leoninos, ergueram-se lá, alegrando o filho de Arjuna que não recuava. Teus filhos, no entanto, não puderam tolerar aquelas indicações da vitória de seu inimigo. Então todos eles cercaram de repente o filho de Subhadra e o cobriram, ó rei, com chuvas de setas como as nuvens despejando chuva no leito da montanha. Então aquele matador de inimigos, Artayani (Salya), desejando o bem de teus filhos, e lembrando da derrota de seu próprio motorista, avançou furioso contra o filho de Subhadra.'"

15

"Dhritarashtra disse, 'Tu tens, ó Sanjaya, descrito para mim muitos duelos excelentes. Ouvindo sobre eles, eu invejo aqueles que tem visão. Essa batalha entre os Kurus e os Pandavas, parecendo aquela (de antigamente) entre os deuses e os Asuras, será falada como muito extraordinária por todos os homens. Eu mal estou satisfeito por escutar as tuas narrações dessa batalha excitante. Fale-me, portanto, sobre este combate entre Artayani (Salya) e o filho de Subhadra.'"

"Sanjaya disse, 'Vendo seu motorista morto, Salya, erguendo uma maça feita totalmente de ferro, pulou enraivecido de seu carro excelente. Bhima, então pegando sua própria maça enorme, avançou rapidamente em direção a Salya que então parecia o resplandecente fogo Yuga ou o próprio Destruidor armado com sua maça. O filho de Subhadra também, pegando uma maça prodigiosa parecendo o raio do céu, dirigiu-se a Salya, dizendo, 'Venha!, Venha!' Bhima, no entanto, com muita pressa, persuadiu-o a ficar de lado. O bravo Bhimasena, então, tendo persuadido o filho de Subhadra a ficar de lado, aproximou-se de Salya em batalha e permaneceu imóvel como uma colina. O soberano poderoso de Madras também, contemplou Bhima, e procedeu em direção a ele como um tigre em direção a um elefante. Então foi ouvido lá o clangor alto de trombetas e conchas às milhares e gritos leoninos, e o som de baterias. E gritos altos de 'Bravo!, Bravo!,' ergueram-se dentre centenas de guerreiros Pandava e Kaurava avançando em direção uns aos outros. Não há ninguém mais entre todos os reis, ó Bharata, salvo o soberano de Madras que possa se arriscar a resistir ao poder de Bhimasena em batalha; similarmente, quem mais exceto Vrikodara, no mundo,

pode ousar suportar o ímpeto da maça do ilustre Salya em batalha? Atada em cordas de cânhamo misturadas com arames de ouro, a maça prodigiosa de Bhima, capaz de encantar por sua beleza todos os observadores, sendo empunhada por ele resplandecia brilhantemente. E da mesma maneira a maça de Salya, também, que corria em círculos belos, parecia com um lampejo brilhante de relâmpago. Ambos rugiam como touros, e ambos corriam em círculos. E ambos Salya e Vrikodara, permanecendo como eles permaneciam, com suas maças levemente inclinadas, pareciam com um par de touros chifrudos. Fosse com relação a correr em círculos ou em girar e golpear com suas maças, o combate que teve lugar entre aqueles dois leões entre homens foi igual de todas as maneiras. Atingida por Bhimasena com sua maça, a maça prodigiosa de Salya, emitindo faíscas de fogo ardentes, logo se partiu em fragmentos. E similarmente, a maça de Bhimasena, atingida pelo inimigo, parecia bela como uma árvore coberta com pirilampos durante a estação das chuvas ao anoitecer. E a maça que o soberano de Madras arremessou naquela batalha, iluminando o céu, ó Bharata, frequentemente fazia faíscas de fogo (voarem em volta). Similarmente, a maça arremessada por Bhimasena no inimigo chamuscava as forças de seu adversário como um meteoro ardente caindo (do céu). E ambas aquelas melhores das maças, batendo uma contra a outra, pareciam cobras suspirando e causavam lampejos de fogo. Como dois tigres grandes atacando um ao outro com suas garras, ou como dois elefantes imensos com suas presas, aqueles poderosos guerreiros correram em círculos, combatendo um ao outro com aquelas duas principais das maças, e logo cobertos com sangue, aqueles dois guerreiros ilustres pareceram se assemelhar com um par de Kinsukas florescentes. E os golpes, altos como o trovão de Indra, das maças manejadas por aqueles dois leões entre homens eram ouvidos por toda parte. Golpeado pelo soberano de Madras com sua maça em ambos os lados, esquerdo e direito, Bhima não se moveu de modo algum, como uma colina atingida pelo raio. Da mesma maneira, o soberano poderoso de Madras, golpeado por Bhima com sua maça, permaneceu imóvel pacientemente como uma colina golpeada pelo raio. Ambos, com maças erguidas, dotados como eles eram de grande ímpeto, lançaram-se um sobre o outro, correndo em círculos mais curtos. Aproximando-se rapidamente um do outro, então por oito passos e se lançando um sobre o outro como dois elefantes, eles de repente golpearam um ao outro com aquelas maças feitas totalmente de ferro. E cada um daqueles heróis, por causa da impetuosidade do outro e da violência, sendo atingidos pela maça um do outro, caíram no mesmo instante de tempo como um par de postes de Indra. Então o poderoso guerreiro em carro Kritavarman se aproximou rapidamente de Salya que, privado de seus sentidos, estava respirando com dificuldade quando jazia sobre o campo. E vendo-o, ó rei, atingido violentamente pela maça, e torcendo-se como uma cobra, e privado de seus sentidos em um desmaio, o poderoso guerreiro em carro Kritavarman, colocando-o sobre seu carro, rapidamente levou o soberano de Madras para longe do campo. Cambaleando como um homem bêbado, o heróico Bhima de braços poderosos, se levantando em um piscar de olhos, permaneceu com maça na mão. Teus filhos então, vendo o soberano dos Madras se dirigir para longe da batalha, começaram, ó majestade, a tremer, junto com seus elefantes, e soldados de infantaria, e cavalaria, e carros. Oprimidos então pelos Pandavas desejosos de

vitória, aqueles guerreiros do teu exército, tomados pelo medo, fugiram em todas as direções, como massas de nuvens expulsas pelo vento. E aqueles poderosos guerreiros em carros, os Pandavas, tendo vencido os Dhritarashtras, pareciam resplandecentes naquela batalha, ó rei, como fogos ardentes. E eles proferiram altos rugidos leoninos, e sopraram suas conchas, rejubilados com alegria. E eles tocaram suas baterias, grandes e pequenas, e pratos e outros instrumentos.'"

16

"Sanjaya disse, 'Contemplando aquele teu exército muito dividido, o bravo Vrishasena, sozinho, começou a protegê-lo, ó rei, mostrando a ilusão de suas armas. Disparadas por Vrishasena naquela batalha, milhares de flechas correram em todas as direções, atravessando homens e corcéis e carros e elefantes. Setas poderosas, de refulgência brilhante, atiradas por ele, corriam às milhares, como os raios, ó monarca, do sol no verão. Afligidos e oprimidos por elas, ó rei, guerreiros em carros e cavaleiros caíam de repente sobre a terra, como árvores quebradas pelo vento. O poderoso guerreiro em carro Vrishasena, ó rei, derrubou grandes grupos de corcéis, de carros e de elefantes, naquela batalha, aos milhares. Vendo aquele único guerreiro percorrendo o campo destemidamente, todos os reis (do exército Pandava) se reunindo, o cercaram por todos os lados. O filho de Nakula, Satanika, avançou em Vrishasena e perfurou-o com dez setas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. O filho de Karna, no entanto, cortando seu arco, derrubou então seu estandarte. Nisso, os outros filhos de Draupadi, desejosos de resgatar aquele irmão deles, avançaram nele. E logo eles tornaram o filho de Karna invisível por meio de suas chuvas de flechas. Contra eles que atacavam assim (o filho de Karna), muitos guerreiros em carros encabeçados pelo filho de Drona (Aswatthama) avançaram. E eles, ó monarca, cobriram rapidamente aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os filhos de Draupadi, com diversos tipos de flechas como nuvens derramando chuva em leitos de montanha. Nisso os Pandavas, por afeição por seus filhos, enfrentaram rapidamente aqueles atacantes. A batalha então que ocorreu entre tuas tropas e aquelas dos Pandavas foi extremamente violenta e de arrepiar os cabelos, parecendo como parecia com aquela entre os Deuses e os Danavas. Assim mesmo os heróicos Kauravas e os Pandavas, excitados com raiva, lutaram, olhando uns para os outros (furiosamente) e tendo atraído a animosidade uns dos outros por ofensas passadas. Os corpos daqueles heróis de energia incomensurável então pareciam, em consequência da fúria (que os inspirava), se assemelhar com aqueles de Garuda e (poderosos) Nagas lutando no céu. E com Bhima e Karna e Kripa e Drona e o filho de Drona e o filho de Prishata e Satyaki, o campo de batalha parecia resplandecente como o sol todo-destrutivo que se eleva no fim do Yuga. A batalha que ocorreu entre aqueles homens poderosos envolvidos em combate com adversários poderosos e todos atacando uns aos outros foi feroz ao extremo, parecendo aquela (de antigamente) entre os Danavas e os deuses. Então a hoste de Yudhishthira, proferindo um grito alto como aquele do mar agitado, começou a massacrar tuas tropas, os grandes guerreiros em carros do teu exército tendo

fugido. Vendo a hoste (Kaurava) dividida e muito mutilada pelo inimigo, Drona disse, 'Ó heróis, vocês não precisam fugir.' Então ele (Drona) possuindo cavalos vermelhos, excitado com cólera e parecendo um elefante (feroz) com quatro presas, penetrou na hoste Pandava e avançou contra Yudhishthira. Então Yudhishthira perfurou o preceptor com muitas setas afiadas providas de penas Kanka; Drona, no entanto, cortando o arco de Yudhishthira, avançou impetuosamente nele. Então o protetor das rodas do carro de Yudhishthira, Kumara, o príncipe renomado dos Panchalas, recebeu Drona que avançava, como o continente recebendo o mar agitado. Vendo Drona, aquele touro entre os Brahmanas, mantido sob controle por Kumara, altos brados leoninos foram ouvidos lá com gritos de 'Excelente, Excelente!' Kumara então, naquela batalha magnífica, excitado com raiva, perfurou Drona com uma seta no peito e proferiu muitos gritos leoninos. Tendo detido Drona em batalha, o poderoso Kumara, dotado de grande agilidade de mão, e além de toda fadiga, perfurou-o com muitos milhares de setas. Então aquele touro entre homens (Drona) matou aquele protetor das rodas do carro de Yudhishthira, Kumara, aquele herói cumpridor de votos virtuosos e talentoso em mantras e armas. E então penetrando no meio da hoste (Pandava) e correndo rapidamente em todas as direções, aquele touro entre homens, o filho de Bharadwaja, tornou-se o protetor das tuas tropas. E perfurando Sikhandin com doze setas, e Uttamaujas com vinte, e Nakula com cinco, e Sahadeva com sete, e Yudhishthira com doze, e cada um dos (cinco) filhos de Draupadi com três, e Satyaki com cinco, e o soberano de Matsyas com dez setas, e agitando a hoste inteira naquela batalha, ele avançou contra um após outro dos guerreiros principais (dos Pandavas). E então ele avançou contra o filho de Kunti, Yudhishthira, pelo desejo de capturá-lo. Então Yugandhara, ó rei, reprimiu o filho de Bharadwaja, aquele poderoso guerreiro em carro, cheio de fúria e parecendo o próprio oceano incitado à fúria pela tempestade. O filho de Bharadwaja, no entanto, tendo perfurado Yudhishthira com muitas setas retas, derrubou Yugandhara com uma flecha de cabeça larga de seu nicho no carro. Então, Virata e Drupada, e os príncipes Kaikeya, e Satyaki, e Sivi, e Vyaghradatta, o príncipe dos Panchalas, e o bravo Singhasena, esses e muitos outros, desejosos de resgatar Yudhishthira, cercaram Drona por todos os lados e impediram seu caminho, espalhando inúmeras setas. Vyaghradatta, o príncipe dos Panchalas, perfurou Drona com cinquenta setas de pontas afiadas, pelo que, ó rei, as tropas proferiram gritos altos. Então Singhasena também, perfurando rapidamente aquele poderoso guerreiro em carro, Drona, rugiu alto em alegria, infligindo terror nos corações de poderosos guerreiros em carros; Drona então arregalando seus olhos e esfregando a corda de seu arco e produzindo um som alto de tapas com suas palmas, avançou contra o último. Então o filho poderoso de Bharadwaja, empregando sua destreza, cortou com um par de flechas de cabeça larga as cabeças enfeitadas com brincos dos troncos de ambos: Singhasena e Vyaghradatta. E afligindo também, com suas chuvas de flechas, os outros poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, ele permaneceu na frente do carro de Yudhishthira, como a própria Morte todo-destrutiva. Então, ó rei, gritos altos foram ouvidos entre os guerreiros do exército de Yudhishthira neste sentido, 'O rei está morto', quando o filho de Bharadwaja, de votos regulados, permaneceu em sua vizinhança. E os guerreiros lá todos exclamaram, observando a destreza de

Drona, 'Hoje o filho nobre de Dhritarashtra será coroado com êxito. Nesse exato momento Drona tendo capturado Yudhishthira, irá, cheio de alegria, seguramente vir até nós e à presença de Duryodhana.' Enquanto teus soldados estavam conversando dessa maneira, o filho de Kunti (Arjuna) chegou lá rapidamente, enchendo (o firmamento) com o estrépito de seu carro, e criando, conforme se aproximava, devido à carnificina que ele causava, um rio cujas águas eram sangue, e cujos redemoinhos eram carros, e que abundava com os ossos e corpos de bravos guerreiros e que levava as criaturas para onde os espíritos dos mortos moravam. E o filho de Pandu foi lá, desbaratando os Kurus, e cruzando rapidamente aquele rio cuja espuma era constituída por chuvas de setas e que abundava com peixes na forma de lanças e outras armas. E o enfeitado com diadema (Arjuna) se aproximou de repente das divisões de Drona, cobrindo-as com uma grossa rede de flechas e confundindo a própria percepção (daqueles que seguiam Drona). Incessantemente colocando suas flechas na corda do arco e disparando-as rapidamente, ninguém podia notar qualquer lapso de tempo entre essas duas ações do filho renomado de Kunti. Nem as (quatro) direções (cardeais), nem o firmamento acima, nem a terra, ó rei, podiam mais ser distinguidos, pois tudo então se tornou uma massa densa de flechas. De fato, ó rei, quando o manejador do Gandiva causou aquela escuridão densa por meio de suas flechas, nada podia ser visto naquela batalha. Exatamente naquele momento então o sol também se pôs, envolvido em uma nuvem de poeira. Nem amigo nem inimigo podia mais ser distinguido. Então Drona e Duryodhana e outros causaram a retirada de suas tropas. E averiguando que o inimigo estava inspirado com medo e não desejoso de continuar a luta, Vibhatsu também lentamente fez suas tropas serem retiradas. Então os Pandavas e os Srinjayas e os Panchalas, cheios de alegria, elogiaram Partha com discursos encantadores como os Rishis louvando o Sol. Tendo vencido seus inimigos dessa maneira, Dhananjaya então, cheio de alegria, se retirou para sua tenda, procedendo na retaguarda do exército inteiro, com Kesava como seu companheiro. E posicionado sobre seu carro belo decorado com os mais caros exemplares de safiras e rubis e ouro e prata e diamantes e corais e cristais, o filho de Pandu parecia resplandecente como a lua no céu coberto com estrelas.'"

17

"Sanjaya disse, 'As tropas de ambos os exércitos, tendo procedido para suas tendas, tomaram seus alojamentos devidamente, ó rei, de acordo com as divisões e subdivisões às quais elas pertenciam. Tendo retirado as tropas, Drona, em grande desânimo de mente, vendo Duryodhana, lhe disse essas palavras em vergonha: 'Eu te disse antes que quando Dhananjaya está ao lado de Yudhishthira, ele é incapaz de ser capturado em batalha pelos próprios deuses. Embora todos vocês tenham se lançado sobre ele em batalha, ainda assim Partha frustrou todas as suas tentativas. Não duvide do que eu digo, Krishna e o filho de Pandu (Arjuna) são invencíveis. Se, no entanto, Arjuna de corcéis brancos puder, de alguma maneira, ser retirado (do lado de Yudhishthira), então Yudhishthira, ó rei, logo estará sob teu controle. Que alguém desafiando a ele (Arjuna) em batalha

o afaste para alguma outra parte do campo. O filho de Kunti não voltará sem derrotá-lo. Enquanto isso, quando Arjuna não estiver perto, ó monarca, eu apanharei o rei Yudhishthira o justo, penetrando através da hoste Pandava na própria vista de Dhrishtadyumna. Assim, ó monarca, eu irei, sem dúvida, trazer Yudhishthira, o filho de Dharma, junto com seus seguidores, sob controle. Se aquele filho de Pandu ficar mesmo por um momento diante de mim em batalha, eu irei trazê-lo um prisioneiro do campo. Esse feito será mais vantajoso do que a vitória (sobre o exército Pandava).'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo aquelas palavras de Drona, o soberano dos Trigartas, ó monarca, com seus irmãos, disse essas palavras: 'Nós, ó rei, somos sempre humilhados pelo manejador do Gandiva! Ó touro da raça Bharata, embora nós não tenhamos feito mal a ele, ele contudo sempre nos prejudicou. Lembrando de todos aqueles diversos casos de humilhação, nós queimamos de raiva e nunca somos capazes de dormir à noite. Por boa sorte, aquele Arjuna, armado com armas, ficará diante de nós. Aquilo portanto, que está em nosso coração e que nós nos esforçamos para executar, nós estamos decididos a realizar agora, aquilo que será agradável para ti, e que nos trará renome. Tirando ele do campo nós o mataremos. Que a terra fique hoje sem Arjuna ou que ela fique sem os Trigartas. Nós realmente juramos isso diante de ti. Esse nosso voto nunca será falso.' E Satyaratha e Satyavarman, ó Bharata, e Satyavrata e Satyeshu, e Satyakarman também, tendo falado da mesma maneira, aqueles cinco irmãos juntos, com dez mil carros, foram, ó rei, (diante de Duryodhana), tendo feito aquele juramento no campo de batalha. E os Malavas, e os Tundikeras com mil carros, e o tigre entre homens, Susarman, o soberano de Prasthala, com os Mavellakas, os Lalithas, e os Madrakas, acompanhados por dez mil carros e seus irmãos, e com outros dez mil carros de reinos diversos se apresentaram para fazer o juramento. Então trazendo fogo, e cada um fazendo preparativos para acender um para si mesmo, eles pegaram cordas de erva Kusa e belas cotas de malha. E equipados em armaduras, banhados em manteiga clarificada, vestidos em mantos de erva Kusa, e com as cordas de seus arcos servindo como cintos, aqueles heróis, que tinham doado centenas e milhares como presentes para Brahmanas, que tinham realizado muitos sacrifícios, tinham sido abençoados com filhos, e eram merecedores de regiões abençoadas após a morte, que não tinham nada mais para fazer nesse mundo, que eram dignos de regiões de bem aventurança futuramente, que estavam preparados para sacrificar suas vidas em batalha, e que dedicavam suas almas à obtenção de fama e vitória, que estavam desejosos de ir logo por meio de luta justa para aquelas regiões (após a morte) que são alcançáveis somente por meio de sacrifícios, com presentes abundantes para Brahmanas, e por meio também de ritos, os principais entre os quais são Brahmacharya e estudo dos Vedas, aqueles heróis, tendo cada um gratificado Brahmanas por lhes dar ouro, e vacas, e mantos, e tendo se dirigido uns aos outros em palavras afetuosas, acenderam aqueles fogos e fizeram aquela promessa em batalha. E na presença daqueles fogos, firmemente decididos, eles fizeram aquele voto. E tendo feito aquele voto para a morte de Dhananjaya, eles, na audição de criaturas, disseram muito ruidosamente, 'Aquelas regiões que são para pessoas que nunca adotaram quaisquer votos, que são para alguém que

bebe vinho, aquelas que são para aquele que tem relação adúltera com a esposa de seu preceptor, aquelas que são para ele que rouba a propriedade de um Brahmana, ou para aquele que desfruta da concessão do rei sem satisfazer a condição daquela concessão ou para aquele que abandona alguém que pede por abrigo, ou para aquele que mata um candidato para seu benefício, aquelas que são para pessoas que incendeiam casas e para aquelas que matam vacas, aquelas regiões que são para aqueles que prejudicam outros, aquelas que não para pessoas que nutrem malícia contra Brahmanas, aquelas que são para ele que por insensatez não procura a companhia de sua esposa em sua época, aquelas também que são para aqueles que procuram a companhia de mulheres no dia em que eles tem que realizar o Sraddha de seus ancestrais, aquelas que são para pessoas que ferem a si mesmas, ou para aquelas que sonegam o que é depositado com elas por confiança ou para aqueles que destroem o saber, ou para aqueles que lutam com eunucos, ou para aqueles que seguem pessoas que são vis, aquelas regiões que são para ateus, ou para aqueles que abandonam seus fogos (sagrados) e mães, e aquelas regiões também que são para os pecaminosos, serão nossas, se sem matarmos Dhananjaya nós voltarmos do campo, ou se, oprimidos por ele no campo, nós retrocedermos por medo. Se, além disso, nós conseguirmos realizar em batalha as façanhas mais difíceis de realização no mundo, nós iremos então, sem dúvida, obter as regiões mais desejáveis.' Tendo dito essas palavras, ó rei, aqueles heróis então marcharam para a batalha, convocando Arjuna para a parte sul do campo. Aquele tigre entre homens e subjugador de cidades hostis, Arjuna, assim desafiado por eles, disse essas palavras para o rei Yudhishthira o Justo sem qualquer demora: 'Convocado, eu nunca volto atrás. Esse é meu voto fixo. Esses homens, que juraram conquistar ou morrer, estão me convocando, ó rei, para uma grande batalha. Este Susarman aqui, com seus irmãos, me convoca para lutar. Cabe a ti me conceder permissão para matá-lo, com todos os seus seguidores. Ó touro entre homens, eu não posso tolerar esse desafio. Eu te digo realmente, saiba que estes inimigos (já) estão mortos em batalha.'"

"Yudhishthira disse, 'Tu ouviste, ó filho, em detalhes, o que Drona resolveu realizar. Aja de tal maneira que aquela resolução dele possa se tornar inútil. Drona é dotado de grande poder. Ele é um herói, talentoso em armas, e além de fadiga. Ó poderoso guerreiro em carro, ele mesmo prometeu minha captura.'"

"Arjuna disse, 'Este Satyajit, ó rei, irá hoje se tornar teu protetor em batalha. Enquanto Satyajit viver, o preceptor nunca poderá realizar seu desejo. Se, no entanto, ó senhor, este tigre entre homens, Satyajit, for morto em batalha, tu não deverás então permanecer no campo mesmo se cercado por todos os nossos guerreiros.'"

"'Sanjaya continuou, 'O rei Yudhishthira então deu (para Arjuna) a permissão que ele buscava. E ele também abraçou Arjuna e olhou-o afetuosamente. E diversas foram as bênçãos que o rei proferiu sobre ele. Tendo feito este arranjo (para a proteção de Yudhishthira) o poderoso Partha partiu contra os Trigartas, como um leão faminto, para aliviar sua fome sobre um bando de veados. Então as tropas de Duryodhana, cheias de alegria por causa da ausência de Arjuna (do lado

de Yudhishthira), se tornaram furiosas para a captura de Yudhishthira. Então ambas as hostes, com uma grande impetuosidade, enfrentaram uma à outra, como o Ganga e o Sarayu na estação das chuvas quando ambas as correntes estão cheias com água.'"

18

"Sanjaya disse, 'Os Samsaptakas (soldados que juraram conquistar ou morrer), então, cheios de alegria, tomaram sua posição em um campo plano, tendo, com seus carros, formado uma ordem de batalha em forma de meia-lua. E aqueles tigres entre homens, vendo o enfeitado com diadema (Arjuna) indo em direção a eles, estavam, ó majestade, cheios de alegria e proferiram gritos altos. Aquele barulho encheu o céu e todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários. E porque aquela era uma planície aberta coberta somente com homens, ele não produziu ecos. Averiguando que eles estavam muito satisfeitos, Dhananjaya, com um pequeno sorriso, disse essas palavras para Krishna: 'Veja, ó tu que tens Devaki como tua mãe, aqueles irmãos Trigarta, que estão prestes a perecer em batalha, estão cheios de alegria em um momento quando eles devem chorar. Ou, essa é, sem dúvida, a hora de alegria (para eles) já que eles obterão aquelas regiões excelentes que não são obteníveis por covardes.' Tendo dito essas palavras para Hrishikesa de braços poderosos, Arjuna se aproximou das tropas organizadas dos Trigartas em batalha. Pegando então sua concha chamada Devadatta decorada com ouro, ele soprou-a com grande força, enchendo todos os pontos da bússola com seu clangor. Apavorada por aquele clangor, aquela hoste de carros dos Samsaptakas permaneceu imóvel em batalha, como se ela estivesse petrificada. E todos os seus animais ficaram com olhos arregalados, ouvidos e pescoços e lábios paralisados, e pernas imóveis. E eles expeliram urina e vomitaram sangue. Recuperando a consciência então, e colocando suas tropas em ordem apropriada, eles de repente dispararam suas flechas no filho de Pandu. Capaz de mostrar sua destreza com grande velocidade, Arjuna, com quinze flechas cortou aquelas milhares de flechas antes que elas pudessem alcançá-lo. Eles então perfuraram Arjuna, cada um com dez setas. Partha os perfurou com três setas. Então cada um deles, ó rei, perfurou Partha com cinco setas. Dotado de grande destreza, ele perfurou cada um deles em retorno com duas setas. E, novamente, cheios de cólera, eles rapidamente despejaram sobre Arjuna e Kesava inúmeras flechas como as nuvens despejando sobre um lago suas chuvas incessantes. Então aquelas milhares de flechas caíram sobre Arjuna, como enxames de abelhas sobre um grupo florescente de árvores na floresta. Então o diadema de Arjuna foi profundamente perfurado com trinta flechas, dotadas da força do diamante. Com aquelas flechas providas de asas de ouro fixadas em seu diadema, Arjuna, como se enfeitado com ornamentos de ouro, brilhava como o Sol (recém) surgido. O filho de Pandu então, naquela batalha, com uma flecha de cabeça larga, cortou a proteção de couro de Suvahu, e cobriu Sudharman e Sudhanwan, e Suvahu perfurou Partha com dez setas. Partha, tendo o excelente emblema do macaco em seu estandarte, perfurou todos eles em retorno com muitas setas, e também cortou, com algumas flechas de cabeça larga, seus

estandartes feitos de ouro. E cortando o arco de Sudhanwan, ele matou com suas setas os corcéis do último. E então ele cortou de seu tronco a cabeça do último enfeitada com turbante. Após a queda daquele herói, seus seguidores ficaram apavorados. E tomados pelo pânico, eles todos fugiram para onde os exércitos de Duryodhana estavam. Então o filho de Vasava, cheio de ira, atingiu aquela hoste imensa com chuvas incessantes de setas, como o sol destruindo a escuridão por meio de seus raios incessantes. Então quando aquela hoste se dividiu e desapareceu em todos os lados, e Arjuna estava cheio com ira, os Trigartas foram tomados pelo medo. Enquanto eram massacrados por Partha com suas flechas retas, eles permaneceram onde eles estavam, privados de sua razão, como um bando de veados apavorados. Então o rei dos Trigartas, cheio de raiva, dirigiu-se àqueles poderosos guerreiros em carros, dizendo, 'Não fujam, ó heróis! Não cabe a vocês ficarem assustados. Tendo, diante de todas as tropas, tomado aquelas medidas terríveis, dirigindo-se para lá, o que vocês dirão para os líderes da hoste de Duryodhana? Nós não iremos nos expor ao ridículo no mundo por tal ação (covarde) em batalha? Portanto, parem vocês todos, e lutem segundo sua força.' Assim endereçados, ó rei, aqueles heróis, proferindo gritos altos repetidamente, sopraram suas conchas, alegrando uns aos outros. Então aqueles Samsaptakas mais uma vez voltaram para o campo, com os vaqueiros Narayana, decididos a enfrentar a própria Morte.'"

19

"Sanjaya disse, 'Vendo aqueles Samsaptakas retornarem mais uma vez para o campo, Arjuna dirigiu-se a Vasudeva de grande alma, dizendo, 'Incite os corcéis, ó Hrishikesa, em direção aos Samsaptakas. Eles não desistirão da batalha vivos. Isso é o que eu penso. Hoje tu testemunharás o poder terrível de minhas armas como também do meu arco. Hoje eu matarei todos esses, como Rudra matando criaturas (no fim do Yuga).' Ouvindo essas palavras, o invencível Krishna sorriu, e o alegrando com palavras auspiciosas, conduziu Arjuna para aqueles lugares onde o último desejava ir. Enquanto levado em batalha por aqueles corcéis brancos, aquele carro parecia muito resplandecente como um carro celeste levado pelo firmamento. E como o carro de Sakra, ó rei, na batalha entre os deuses e os Asuras nos tempos passados, ele mostrava movimentos circulares, para frente, para trás, e diversos outros tipos de movimentos. Então os Narayanas, excitados com cólera e armados com diversas armas, cercaram Dhananjaya, cobrindo-o com chuvas de setas. E, ó touro da raça Bharata, eles logo fizeram o filho de Kunti, Dhananjaya, junto com Krishna, totalmente invisível naquela batalha. Então Phalguni, cheio de ira, dobrou sua energia, e esfregando rapidamente sua corda, agarrou o Gandiva (firmemente) na batalha. Fazendo rugas se formarem em sua fronte, indicações certas de cólera, o filho de Pandu soprou sua prodigiosa concha, chamada Devadatta, e então ele disparou a arma chamada Tvashtra que é capaz de matar grandes grupos de inimigos juntos. Nisso, milhares de formas separadas surgiram lá (do próprio Arjuna e de Vasudeva). Confundidas por aquelas diversas imagens da forma de Arjuna, as tropas começaram atacar umas às outras, cada uma considerando a outra como a pessoa de Arjuna.' 'Esse é

Arjuna!' 'Esse é Govinda!' 'Eles são o filho Pandu e aquele da linhagem de Yadu!' Proferindo tais exclamações, e privados de seu juízo, eles mataram uns aos outros naquela batalha. Privados de sua razão por aquela arma poderosa, eles mataram uns aos outros. De fato, aqueles guerreiros (enquanto golpeando uns aos outros) pareciam belos como Kinsukas florescentes. Consumindo aquelas milhares de flechas disparadas por eles, aquela arma (poderosa) despachou aqueles heróis para a residência de Yama. Então Vibhatsu, rindo, oprimiu com suas flechas os guerreiros Lalithya, os Malava, os Mavellaka, e os Trigartas. Enquanto aqueles Kshatriyas, instigados pelo destino, eram assim massacrados por aquele herói, eles dispararam em Partha chuvas de diversas espécies de setas. Submersos por aquelas chuvas terríveis de setas, nem Arjuna, nem seu carro, nem Kesava, podiam mais ser vistos. Vendo suas flechas atingirem o alvo, eles proferiram gritos alegres. E considerando os dois Krishnas como já mortos, eles alegremente acenaram suas peças de roupa no ar. E aqueles heróis também sopraram suas conchas e bateram suas baterias e pratos aos milhares, e proferiram muitos gritos leoninos, ó majestade! Então Krishna, coberto com suor, e muito enfraquecido, dirigiu-se a Arjuna, dizendo, 'Onde tu estás, ó Partha! Eu não te vejo. Tu estás vivo, ó matador de inimigos?' Ouvindo essas palavras dele, Dhananjaya dissipou com grande velocidade, por meio da arma Vayavya, aquela torrente de flechas disparada por seus inimigos. Então o ilustre Vayu (a divindade que preside aquela arma poderosa) levou para longe multidões de Samsaptakas com cavalos e elefantes e carros e armas, como se esses fossem folhas secas de árvores. Levados pelo vento, ó rei, eles pareciam muito belos, como bandos de aves, ó monarca, voando de árvores. Então Dhananjaya, tendo afligido eles dessa maneira, com grande velocidade atingiu centenas e milhares deles com flechas afiadas. E ele cortou suas cabeças e também mãos segurando armas, por meio de suas flechas de cabeça larga. E ele derrubou no chão, com suas flechas, suas coxas, parecendo as trombas de elefantes. E alguns foram feridos em suas costas, braços e olhos. E assim Dhananjaya privou seus inimigos de diversos membros, e carros decorados e equipados de acordo com o regulamento, e parecendo com os edifícios de vapor no firmamento, ele cortou em fragmentos, por meio de suas flechas, seus passageiros e cavalos e elefantes. E em muitos lugares multidões de carros, cujos estandartes tinham sido cortados, pareciam com florestas de palmeiras sem cabeça. E elefantes com armas excelentes, pendões, ganchos, e estandartes caíam como montanhas arborizadas, partidas pelo raio de Sakra. Ornados com rabos parecidos com aqueles do iaque, e cobertos com cotas de malha, e com suas entranhas e olhos arrancados, corcéis junto com seus cavaleiros rolavam no chão, mortos por meio das flechas de Partha. Não mais segurando em seus punhos as espadas que tinham servido como suas garras, com suas cotas de malha rasgadas, e as juntas de seus ossos quebradas, soldados de infantaria com seus membros vitais expostos jaziam sem auxílio sobre o campo, mortos por meio das flechas de Arjuna. E o campo de batalha assumiu um aspecto horrível por causa daqueles guerreiros mortos, ou no decurso de serem mortos, caindo e caídos, resistindo ou no decurso de serem atirados. E o ar foi purificado do pó que tinha se erguido, por meio das chuvas de sangue (causadas pelas flechas Arjuna). E a terra, coberta com centenas de troncos sem cabeça, ficou intransitável. E o carro de Vibhatsu naquela batalha

brilhava ameaçadoramente como o carro do próprio Rudra, enquanto empenhado no fim do Yuga em destruir todas as criaturas. Enquanto massacrados assim por Partha, aqueles guerreiros, com seus corcéis e carros e elefantes em grande aflição, não paravam de avançar contra ele; no entanto, privados de vida um após outro, eles tiveram que se tornar os convidados de Sakra. Então o campo de batalha, ó chefe dos Bharatas, coberto com poderosos guerreiros em carros privados de vida, pareceu terrível como os domínios de Yama, abundando com os espíritos das criaturas mortas. Enquanto isso, quando Arjuna estava furiosamente envolvido em combate (com os Samsaptakas), Drona, na chefia de suas tropas em formação para a batalha, avançou contra Yudhishthira, e muitos guerreiros, talentosos em atacar e devidamente organizados, o seguiram, influenciados pelo desejo de capturar Yudhishthira. A batalha que então se seguiu tornou-se muito violenta.'"

20

"Sanjaya disse, 'Tendo passado a noite, aquele guerreiro em carro poderoso, o filho de Bharadwaja, dirigiu-se a Suyodhana, ó monarca, dizendo, 'Eu sou teu! Eu fiz arranjos para o combate de Partha com os Samsaptakas.' Depois que Partha partiu para matar os Samsaptakas, Drona então, na chefia de suas tropas organizadas para a batalha, procedeu, ó chefe dos Bharatas, para capturar o rei Yudhishthira o justo. Vendo que Drona tinha organizado suas tropas na forma de um Garuda, Yudhishthira dispôs suas tropas em ordem batalha contrária na forma de um semicírculo. Na boca daquele Garuda estava o próprio poderoso guerreiro em carro Drona. E sua cabeça era formada pelo rei Duryodhana, circundado por seus irmãos. E Kritavarman e o ilustre Kripa formaram os dois olhos daquele Garuda. E Bhutasarman, e Kshemasarman, e o bravo Karakaksha, e os Kalingas, os Singhalas, os habitantes do Leste, os Sudras, os Abhiras, os Daserakas, os Sakas, os Yavanas, os Kamvojas, os Hangsapadas, os Surasenas, os Daradas, os Madras, e os Kalikeyas, com centenas e milhares de elefantes, corcéis, carros, e soldados de infantaria estavam posicionados em seu pescoço. E Bhurisravah, e Salya, e Somadatta, e Valhika, esses heróis, cercados por um Akshauhini completo, tomaram sua posição na asa direita. E Vinda e Anuvinda de Avanti, e Sudakshina, o soberano dos Kamvojas se colocaram na asa esquerda na dianteira, no entanto, do filho de Drona Aswatthaman. Nas costas (daquele Garuda) estavam os Kalingas, os Amvashthas, os Magadhas, os Paundras, os Madrakas, os Gandharas, os Sakunas, os habitantes do Leste, os Montanheses, e os Vasatis. No rabo permaneceu o filho de Vikartana, Karna, com seus filhos, parentes e amigos, e cercados por um grande exército recrutado de diversos reinos, Jayadratha, e Bhimaratha, e Sampati, e os Jays, e os Bhojas, e Bhuminjaya, e Vrisha, e Kratha, e o soberano poderoso dos Nishadhas, todos habilidosos em batalha, cercados por uma hoste grande e mantendo a região de Brahma diante de seus olhos, permaneceram, ó rei, no centro daquela formação de combate. Aquela formação de combate, formada por Drona, por causa de seus soldados de infantaria, corcéis, carros e elefantes, parecia se mover como o oceano agitado pela tempestade (quanto ela avançou para a batalha). Guerreiros,

desejosos de lutar, começaram a se por em marcha das asas e lados daquela formação de combate, como nuvens ribombantes carregadas com relâmpago avançando de todos os lados (no céu) no verão. E no meio daquele exército, o soberano dos Pragjyotishas, montado em seu elefante devidamente equipado, parecia resplandecente, ó rei, como o sol nascente. Enfeitado, ó monarca, com guirlandas de flores, e com um guarda-sol mantido sobre sua cabeça, ele parecia com a lua cheia quando em conjunção com a constelação Krittika. E cegado pela exsudação semelhante a vinho, o elefante, parecendo com uma massa de antimônio preto, brilhava como uma montanha enorme lavada por nuvens poderosas (com suas chuvas). E o soberano dos Pragjyotishas estava cercado por muitos reis heróicos dos países montanhosos, armados com diversas armas, como o próprio Sakra cercado pelos celestiais. Então Yudhishthira, contemplando aquela ordem de batalha sobre-humana incapaz de ser vencida por inimigos em batalha, dirigiu-se ao filho de Prishata, dizendo, 'Ó senhor, ó tu que possuis corcéis brancos como pombos, que sejam adotadas medidas para que eu não seja feito prisioneiro pelo Brahmana.'"

"Dhrishtadyumna disse, 'Ó tu de votos excelentes, tu nunca serás colocado sob o poder de Drona, por mais que ele possa se esforçar. Eu mesmo deterei Drona hoje com todos os seus seguidores. Enquanto eu estiver vivo, ó tu da linhagem de Kuru, cabe a ti não sentir qualquer ansiedade. De modo algum Drona será capaz de me subjugar em batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras, o filho poderoso de Drupada possuindo corcéis da cor de pombos, espalhando suas flechas, avançou ele mesmo em Drona. Vendo aquele mau presságio (para ele) na forma de Dhrishtadyumna posicionado diante dele, Drona logo ficou muito desanimado. Vendo isso, aquele opressor de inimigos, isto é, teu filho Durmukha, desejoso de fazer o que era agradável para Drona, começou a resistir a Dhrishtadyumna. Então uma batalha terrível e violenta ocorreu, ó Bharata, entre o bravo filho de Prishata e teu filho Durmukha. Então o filho de Prishata, rapidamente cobrindo Durmukha com uma chuva de flechas, deteve o filho de Bharadwaja também com uma torrente grossa de flechas. Vendo Drona reprimido, teu filho Durmukha avançou rapidamente no filho de Prishata e confundiu-o com nuvens de setas de diversos tipos. E enquanto o príncipe dos Panchalas e aquele principal da linhagem de Kuru estavam assim engajados na batalha, Drona destruía muitas seções da hoste de Yudhishthira. Como uma massa de nuvens é dispersa em diferentes direções pelo vento, assim mesmo foi a hoste de Yudhishthira, em muitas partes do campo, espalhada por Drona. Por somente um tempo curto aquela batalha pareceu com um combate comum. E então, ó rei, ela se tornou um combate de pessoas enfurecidas no qual nenhuma consideração era mostrada por alguém. E os combatentes não podiam mais distinguir seus próprios homens do inimigo. E a batalha continuou devastadora, os guerreiros sendo guiados por inferências e senhas. Sobre as pedras preciosas em suas proteções para a cabeça, sobre seus colares e outros ornamentos, e sobre cotas de malha, raios de luz como aqueles do Sol pareciam cair e tremular. E carros e elefantes e corcéis, enfeitados com pendões ondulantes, pareciam naquela batalha se assemelhar a

massas de nuvens com bandos de garças sob eles. E homens matavam homens, e corcéis de vigor impetuoso matavam corcéis, e guerreiros em carros matavam guerreiros em carros e elefantes matavam elefantes. E logo um combate violento e terrível ocorreu entre elefantes com estandartes altos em suas costas e iguais poderosos (avançando contra eles). Por causa daquelas criaturas enormes friccionando seus corpos contra aqueles de iguais hostis e rasgando uns aos outros (com suas presas), fogos misturados com fumaça foram gerados lá por (tal) fricção de inúmeras presas com presas. Desprovidos dos estandartes (em suas costas), aqueles elefantes, por causa dos fogos causados por suas presas, pareciam com massas de nuvens no céu carregadas com relâmpago. E a terra, coberta com elefantes arrastando (iguais hostis) e rugindo e caindo, parecia bela como o céu outonal coberto com nuvens. E os rugidos daqueles elefantes enquanto eles estavam sendo massacrados por chuvas de flechas e lanças, soava como o ribombar de nuvens na estação chuvosa. E alguns elefantes enormes, feridos com lanças e flechas, ficaram tomados de pânico. E outras entre aquelas criaturas deixaram o campo com gritos altos. E alguns elefantes lá, atingidos por outros com suas presas, proferiam gritos ferozes de angústia que ressoavam como o ribombo das nuvens todo-destrutivas no fim do Yuga. E alguns, retrocedendo por causa de adversários enormes, voltavam ao ataque, incitados por ganchos afiados. E esmagando tropas hostis, eles começaram a matar todos os que ficavam em seu caminho. E condutores de elefantes, atacados por condutores de elefantes com setas e lanças, caíam das costas de seus animais, suas armas e ganchos soltos de suas mãos. E muitos elefantes, sem condutores em suas costas, vagavam para lá e para cá como nuvens removidas de massas maiores, e então caíam, combatendo uns aos outros. E alguns elefantes enormes, levando em suas costas guerreiros mortos e caídos, ou aqueles cujas armas tinham caído, vagavam sozinhos em todas as direções. E no meio daquela carnificina, alguns elefantes atacados, ou no decurso de serem atacados com lanças, espadas e machados de batalha, caíam no decorrer daquela carnificina horrível, proferindo sons de angústia. E a terra, atingida de repente com os corpos caindo, enormes como colinas, daquelas criaturas por toda parte tremia e emitia sons. E com aqueles elefantes mortos junto com seus condutores e jazendo por todos os lados com os estandartes em suas costas, a terra parecia bela como se coberta com colinas. E os condutores nas costas de muitos elefantes, com seus peitos perfurados por guerreiros em carros com flechas de cabeça larga naquela batalha, caíam, suas lanças e ganchos soltos de suas mãos. E alguns elefantes, atingidos por flechas longas, proferiam gritos como grous e corriam em todas as direções, esmagando amigos e inimigos por pisoteá-los. E coberta com incontáveis corpos de elefantes e corcéis e guerreiros em carros, a terra, ó rei, ficou lamacenta com carne e sangue. E carros grandes com rodas e muitos sem rodas, esmagados pelas pontas de suas presas, eram jogados para cima por elefantes, com os guerreiros sobre eles. Carros eram vistos privados de guerreiros. E corcéis sem cavaleiros e elefantes corriam em todas as direções, atormentados por ferimentos. E lá pai matou seu filho, e filho matou seu pai, pois a batalha que ocorreu foi extremamente violenta e nada podia ser distinguido. Homens afundavam até o tornozelo na lama sangrenta e pareciam com árvores altas cujas partes inferiores eram consumidas em uma ardente conflagração

florestal. E mantos e cotas de malha e guarda-sóis e estandartes tendo sido tingidos com sangue, todos pareciam ser sangrentos sobre o campo. Grandes grupos de cavalos mortos, de carros, e de homens, eram além disso cortados em fragmentos pela rotação de rodas de carros. E aquele mar de tropas tendo elefantes como sua corrente, e homens mortos como seu musgo flutuante e ervas daninhas, e carros como seus redemoinhos violentos, parecia terrivelmente repugnante. Guerreiros, tendo corcéis e elefantes como seus grandes barcos, e desejosos de vitória como sua riqueza, mergulhavam naquele mar, e em vez de afundar nele se esforçavam para privar seus inimigos de seus sentidos. Quando todos os guerreiros, cada um portando sinais específicos, eram cobertos com chuvas de flechas, não havia nenhum entre eles que perdia o ânimo, embora todos fossem privados de seus sinais. Naquela batalha violenta e horrível, Drona confundindo os sentidos de seus inimigos, (finalmente) avançou em Yudhishthira.'"

21

"Sanjaya continuou, 'Então Drona, vendo Yudhishthira perto dele recebeu-o destemidamente com uma chuva grossa de setas. E elevou-se lá um barulho alto entre as tropas do exército de Yudhishthira semelhante ao que é feito pelos elefantes pertencentes a uma manada quando seu líder é atacado por um leão poderoso. Contemplando Drona, o bravo Satyajit, de destreza incapaz de ser frustrada, avançou no preceptor que estava desejoso de capturar Yudhishthira. O preceptor e o príncipe Panchala, ambos dotados de grande poder, lutaram um com o outro, agitando as tropas um do outro, como Indra e Vali. Então Satyajit, de destreza incapaz de ser desviada, invocando uma arma poderosa, perfurou Drona com flechas de pontas afiadas. E Satyajit disparou no quadrigário de Drona cinco flechas, fatais como veneno de cobra e cada uma parecendo com a própria Morte. O quadrigário, assim atingido, ficou privado de seus sentidos. Então Satyajit rapidamente perfurou os cavalos de Drona com dez setas; e cheio de ira, ele em seguida perfurou cada um de seus condutores Parshni com dez setas. E então ele rumou na dianteira de suas tropas sobre seu carro em um movimento circular. Excitado com cólera, ele cortou o estandarte de Drona, aquele opressor de inimigos Drona então, aquele castigador de inimigos, vendo esses feitos de seu inimigo em batalha, resolveu mentalmente despachá-lo para o outro mundo. O preceptor, cortando o arco de Satyajit com seta fixada nele, rapidamente o perfurou com dez flechas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. Nisso, o bravo Satyajit, rapidamente pegando outro arco, atingiu Drona, ó rei, com trinta flechas aladas com as penas da ave Kanka. Vendo Drona (assim) enfrentado em batalha por Satyajit, os Pandavas, ó rei, gritaram em alegria e acenaram suas peças de roupa. Então o poderoso Vrika, ó rei, excitado com grande ira, perfurou Drona no centro do peito com sessenta setas. Aquela façanha pareceu muito extraordinária. Então aquele poderoso guerreiro em carro, Drona, de grande impetuosidade, coberto pelas chuvas de flechas (de seus inimigos) arregalou seus olhos e reuniu toda sua energia. Então cortando os arcos de Satyajit e Vrika, Drona com seis flechas matou Vrika com seu quadrigário e corcéis. Então Satyajit, pegando outro arco que era mais resistente, perfurou Drona com seus corcéis, seu

quadrigário, e seu estandarte. Assim afligido em batalha pelo príncipe dos Panchalas, Drona não pode tolerar aquele ato. Para a destruição então de seu inimigo, ele rapidamente disparou suas setas (nele). Drona então cobriu com chuvas incessantes de setas os corcéis de seu adversário e estandartes como também o cabo de seu arco, e ambos os seus condutores Parshni. Mas embora seus arcos fossem (assim) repetidamente cortados, o príncipe dos Panchalas conhecedor das armas mais elevadas continuou a lutar com ele de cavalos vermelhos. Vendo Satyajit se encher de energia naquele combate terrível, Drona cortou a cabeça daquele guerreiro ilustre com uma flecha em forma de meia-lua. Após a morte daquele principal dos combatentes, aquele poderoso guerreiro em carro entre os Panchalas, Yudhishthira, por medo de Drona, fugiu, (levado) por corcéis velozes. Então os Panchalas, os Kekayas, os Matsyas, os Chedis, os Karushas e os Kosalas, vendo Drona, avançaram nele, desejosos de resgatar Yudhishthira. O preceptor, no entanto, aquele matador de grandes números de inimigos, desejoso de apanhar Yudhishthira, começou a consumir aquelas divisões, como fogo consumindo pilhas de algodão. Então Satanika, o irmão mais novo do soberano dos Matsyas, avançou em Drona que estava assim empenhado em destruir incessantemente aquelas divisões (da hoste Pandava). E Satanika, perfurando Drona junto com seu motorista e corcéis com seis flechas, brilhantes como os raios do sol e polidas pelas mãos de seu forjador, proferiu gritos altos. E engajado em uma ação cruel (porque ele estava lutando com um Brahmana), e se esforçando para realizar o que era de realização difícil, ele cobriu o filho de Bharadwaja, aquele poderoso guerreiro em carro com chuvas de flechas. Então Drona, com uma flecha afiada como navalha, rapidamente cortou de seu tronco a cabeça enfeitada com brincos de Satanika, gritando para ele. Nisso, os guerreiros Matsya fugiram todos. Tendo vencido os Matsyas, o filho de Bharadwaja então derrotou os Chedis, os Karushas, os Kaikeyas, os Panchalas, os Srinjayas, e os Pandus repetidamente. Observando aquele herói de carro dourado, excitado com raiva e consumindo suas divisões como um fogo consumindo uma floresta, os Srinjayas tremeram (com medo). Dotado de grande energia e massacrando o inimigo sem parar, a vibração da corda do arco, conforme ele esticava seu arco, era ouvida em todas as direções. Setas ardentes disparadas por aquele guerreiro dotado de grande agilidade de mão, oprimiam elefantes e corcéis e soldados de infantaria e guerreiros em carros e condutores de elefantes. Como uma massa poderosa de nuvens ribombantes no verão com ventos violentos (soprando) derrama uma chuva de granizo, assim Drona despejou suas chuvas de flechas e inspirou temor nos corações de seus inimigos. Aquele herói poderoso, aquele grande arqueiro, aquele dissipador dos medos de seus amigos, se movimentava rapidamente em todas as direções (do campo) agitando a hoste (hostil). O arco, enfeitado com ouro, de Drona de energia incomensurável, era visto em todas as direções como os lampejos de relâmpago nas nuvens. O altar belo em seu estandarte, conforme ele se movimentava a toda velocidade em batalha, ó Bharata, era visto parecer com um topo de Himavat. O massacre que Drona causou entre as tropas Pandava foi muito grande, parecendo aquele causado pelo próprio Vishnu, o adorado dos deuses e Asuras, entre a hoste Daitya. Heróico, de fala verdadeira, dotado de grande sabedoria e poder, e possuidor de bravura incapaz de ser frustrada, o ilustre Drona fez fluir lá um rio que era terrível e capaz

de infligir pavor nos medrosos. Cotas de malha formavam suas ondas, e estandartes seus redemoinhos. E ele levava embora (conforme corria) grandes números de criaturas mortais. E elefantes e corcéis constituíam seus jacarés grandes, e espadas formaram seus peixes. E ele era incapaz de ser facilmente atravessado. Os ossos de bravos guerreiros formaram seus seixos, e baterias e pratos suas tartarugas. E escudos e armaduras formavam seus barcos, e o cabelo de guerreiros seu musgo flutuante e ervas. E setas constituíam suas ondas pequenas e arcos sua corrente. E os braços dos combatentes formavam suas cobras. E aquele rio de correnteza violenta, correndo sobre o campo de batalha, levava embora os Kurus e os Srinjayas. E as cabeças de seres humanos constituíam suas pedras, e suas coxas seus peixes. E maças constituíram as balsas (pelas quais muitos procuravam cruzá-lo). E proteções para a cabeça formavam a espuma que cobria sua superfície, e as entranhas (de animais) seus répteis. Horrível (em aparência), ele levava heróis (para o outro mundo). E sangue e carne constituíam seu lodo. E elefantes formavam seus crocodilos, e estandartes, as árvores (em suas margens). Milhares de Kshatriyas afundavam nele. Aterrador, cheio de corpos (mortos), e tendo soldados a cavalo e guerreiros em elefantes como seus tubarões, era extremamente difícil atravessá-lo. E aquele rio corria para a residência de Yama. E ele abundava com Rakshasas e cães e chacais. E ele era frequentado por canibais ferozes por toda parte.'"

"Então muitos guerreiros Pandava, encabeçados pelo filho de Kunti, avançando em Drona, aquele poderoso guerreiro em carro destruindo suas divisões como a própria Morte, o cercaram por todos os lados. De fato, aqueles bravos guerreiros cercaram completamente Drona que estava chamuscando tudo em volta dele como o próprio sol chamuscando o mundo com seus raios. Então os reis e os príncipes do teu exército, com armas erguidas, todos avançaram para proteger aquele herói e grande arqueiro. Então Sikhandin perfurou Drona com cinco setas retas. E Kshatradharman o perfurou com vinte setas, e Vasudeva com cinco. E Uttamaujas o perfurou com três setas, e Kshatradeva com cinco. E Satyaki o perfurou naquela batalha com cem setas, e Yudhamanyu com oito. E Yudhishthira perfurou Drona com uma dúzia de flechas, e Dhrishtadyumna perfurou-o com dez, e Chekitana com três. Então Drona, de pontaria infalível e parecendo um elefante com têmporas fendidas, se aproximando da divisão de carros (dos Pandavas), derrubou Dridhasena. Aproximando-se então do rei Kshema que estava lutando destemidamente, ele o atingiu com nove setas. Nisso, Kshema, privado de vida, caiu de seu carro. Chegando então no meio das tropas (hostis), ele se movimentou rapidamente em todas as direções, protegendo outros, mas ele mesmo não tendo necessidade de proteção. Ele então perfurou Sikhandin com doze setas, e Uttamaujas com vinte. E ele despachou Vasudeva com uma flecha de cabeça larga para a residência de Yama. E ele perfurou Kshemavarman com oitenta setas, e Sudakshina com vinte e seis. E ele derrubou Kshatradeva com uma seta de cabeça larga de seu nicho no carro. E tendo perfurado Yudhamanyu com sessenta e quatro flechas e Satyaki com trinta, Drona, de carro dourado, se aproximou rapidamente de Yudhishthira. Então Yudhishthira, aquele melhor dos reis, fugiu rápido do preceptor, levado por seus corcéis velozes. Então Panchala avançou em Drona. Drona matou o príncipe, cortou seu arco, e derrubou seus

corcéis e quadrigário junto com ele. Privado de vida, o príncipe caiu de seu carro sobre a terra, como um corpo luminoso solto do firmamento. Após a queda daquele príncipe ilustre dos Panchalas, gritos altos foram ouvidos deles, 'Matem Drona!, Matem Drona!' O poderoso Drona então começou a oprimir e mutilar os Panchalas, os Matsyas, os Kaikeyas, os Srinjayas, e os Pandavas, todos excitados com raiva. E apoiado pelos Kurus, Drona então derrotou Satyaki e o filho de Chekitana, e Senavindu, e Suvarchas, todos esses e numerosos outros reis. Teus guerreiros, ó rei, tendo obtido a vitória naquela grande batalha, mataram os Pandavas enquanto eles fugiam em todas as direções. E os Panchalas, os Kaikeyas e os Matsyas, assim massacrados por todos os lados como os Danavas por Indra, começaram a tremer (de medo).'"

22

"Dhritarashtra disse, 'Quando os Pandavas foram divididos pelo filho de Bharadwaja naquela batalha terrível, e os Panchalas também, houve alguém lá que se aproximou Drona para lutar? Ai, vendo Drona posicionado em batalha, como um tigre impressionante, ou um elefante com têmporas fendidas, disposto a sacrificar sua vida em batalha, bem armado, familiarizado com todos os modos de luta, aquele arqueiro formidável, aquele tigre entre homens, aquele aumentador do medo de inimigos, grato, dedicado à verdade, sempre desejoso de beneficiar Duryodhana, ai, vendo-o na dianteira de suas tropas, não houve lá um homem que pudesse se aproximar dele com uma determinação louvável para lutar, uma determinação que aumenta o renome de Kshatriyas, que pessoas de coragem média nunca podem formar, e que é distintiva somente das pessoas mais notáveis? Diga-me, ó Sanjaya, quem foram aqueles heróis que se aproximaram do filho de Bharadwaja, vendo-o na chefia de suas tropas?'"

"Sanjaya disse, 'Contemplando os Panchalas, os Pandavas, os Matsyas, os Srinjayas, os Chedis, os Kalikeyas, desbaratados dessa maneira depois serem divididos em batalha por Drona com suas flechas, vendo eles assim afugentados do campo por aquelas chuvas de flechas velozes disparadas do arco de Drona, como barcos lançados à deriva pelas ondas terríveis do oceano agitado pela tempestade, os Kauravas com muitos gritos leoninos e com o barulho de diversos instrumentos, começaram a atacar os carros e elefantes e soldados de infantaria (daquela hoste hostil) de todos os lados. E vendo aqueles (soldados dos Pandavas fugindo) o rei Duryodhana, posicionado no meio de suas próprias tropas e cercado por seus próprios parentes e amigos, cheio de alegria, e rindo enquanto falava, disse essas palavras para Karna.'"

"Duryodhana disse, 'Veja, ó filho de Radha, os Panchalas divididos por aquele arqueiro firme (Drona) com suas flechas, como um bando de veados selvagens assustados por um leão. Esses, eu penso, não virão novamente para a batalha. Eles foram rompidos por Drona como árvores imensas pela tempestade. Afligidos por aquele guerreiro de grande alma com aquelas flechas aladas com ouro, eles estão fugindo, nem duas pessoas estão juntas. De fato, eles parecem ser

arrastados em redemoinhos por todo o campo. Reprimidos pelos Kauravas como também por Drona de grande alma, eles estão se amontoado perto uns dos outros como (uma manada de) elefantes no meio de um incêndio. Como árvores florescentes penetradas por enxames de abelhas, esses guerreiros, perfurados pelas flechas afiadas de Drona, estão se amontoando perto uns dos outros, conforme eles estão fugindo do campo. Lá, o colérico Bhima, abandonado pelos Pandavas e os Srinjayas, e cercado por meus guerreiros, me alegra muito, ó Karna! É evidente, aquele indivíduo perverso vê o mundo hoje como estando cheio de Drona! Sem dúvida, aquele filho de Pandu hoje ficou sem esperança de vida e reino.'"

"Karna disse, 'Aquele guerreiro de braços fortes certamente não abandonará a batalha enquanto ele estiver vivo. Nem ele, ó tigre entre homens, irá tolerar esses (nossos) gritos leoninos. Nem os Pandavas irão, eu penso, ser derrotados em batalha. Eles são corajosos, dotados de grande poder, habilidosos com armas, e difíceis de serem resistidos em batalha. Lembrando das aflições causadas a eles por nossas tentativas de envenená-los e queimá-los, e das misérias que resultaram do jogo de dados, tendo em mente também seu exílio nas florestas, os Pandavas, eu penso, não abandonarão a batalha. Vrikodara de braços fortes de energia incomensurável já voltou (para o combate). O filho de Kunti sem dúvida matará muitos dos nossos principais guerreiros em carros. Com espada e arco e dardo, com corcéis e elefantes e homens e carros (usando até esses como instrumentos para golpear, pois a força de Bhima é sobre-humana), com sua maça feita de ferro, ele matará multidões (de nossos soldados). Outros guerreiros em carros encabeçados por Satyajit, junto com os Panchalas, os Kekayas, os Matsyas, e especialmente os Pandavas, o estão seguindo. Eles são todos corajosos, e possuidores de grande poder e destreza. Poderosos guerreiros em carros, eles são além disso liderados por Bhima em fúria. Aqueles touros da raça, cercando Vrikodara por todos os lados, como as nuvens cercando o Sol, começam a se aproximar de Drona de todos os lados. Concentrados firmemente em um objetivo, eles certamente afligirão o desprotegido Drona, como bandos de insetos, a ponto de morrer, atingindo uma lâmpada ardente. Habilidosos com armas, eles são certamente competentes para resistir a Drona. Pesado é o encargo, eu penso, que agora depende do filho de Bharadwaja. Vamos então rapidamente para o local onde Drona está. Não deixemos eles matarem ele de votos regulados como lobos matando um elefante poderoso!'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras de Radheya, o rei Duryodhana então, acompanhado por seus irmãos, ó monarca, procedeu em direção ao carro de Drona. O barulho que havia lá era ensurdecedor, de guerreiros Pandava que voltaram para o combate em seus carros puxados por corcéis excelentes de diversas cores, todos influenciados pelo desejo de matar Drona somente.'"

23

"Dhritarashtra disse, 'Fale-me, ó Sanjaya, as indicações distintivas dos carros de todos aqueles que, cheios de raiva e encabeçados por Bhimasena, procederam contra Drona.'"

"Sanjaya disse, 'Vendo Vrikodara avançando (em um carro puxado) por corcéis de cor rajada (como aquela do antílope), o bravo neto de Sini (Satyaki) procedeu, levado por corcéis de uma cor prateada. O irresistível Yudhamanyu, excitado com raiva, procedeu contra Drona, levado por corcéis excelentes de cor variada. Dhristadyumna, o filho do rei Panchala, procedeu, levado por corcéis de grande velocidade em arreios ricamente enfeitados com ouro e da cor de pombos. Desejoso de proteger seu pai, e desejando a ele sucesso completo, o filho de Dhristadyumna, Kshatradharman de votos regulados, procedeu, levado por corcéis vermelhos. Kshatradeva, o filho de Sikhandin, ele mesmo incitando corcéis bem enfeitados da cor de folhas de lótus e com olhos de branco puro, procedeu (contra Drona). Corcéis belos da raça Kamvoja, enfeitados com as penas do papagaio verde, levando Nakula, correram rapidamente em direção ao teu exército. Corcéis escuros (da cor) das nuvens levaram iradamente Uttamaujas, ó Bharata, para a batalha contra o invencível Drona, permanecendo com flechas miradas. Corcéis, rápidos como o vento, e de cor variada, levaram Sahadeva com armas erguidas para aquela batalha violenta. De grande impetuosidade, e possuidores da velocidade do vento, corcéis de cor marfim e tendo crinas pretas no pescoço levavam Yudhishthira, aquele tigre entre homens. E muitos guerreiros seguiram Yudhishthira, levados em seus corcéis, enfeitados com arreios ricamente decorados de ouro e todos rápidos como o vento. Atrás do rei estava o nobre chefe dos Panchalas, Drupada, com um guarda-sol dourado sobre sua cabeça e ele mesmo protegido por todos aqueles soldados (que seguiam Yudhishthira). Aquele grande arqueiro entre todos os reis, Sautabhi, procedeu, levado por belos corcéis capazes de suportar todo barulho. Acompanhado por todos os grandes guerreiros em carros, Virata rapidamente seguia o primeiro. Os Kaikeyas e Sikhandin, e Dhrishtaketu, cercados por suas respectivas tropas, seguiam o soberano de Matsyas. Excelentes corcéis da cor das flores trombeta (vermelho pálido), pareciam muito belos conforme eles levavam Virata. Corcéis velozes de cor amarela e enfeitados em correntes de ouro, levavam com grande velocidade o filho (Uttara) daquele matador de inimigos, Virata, o chefe real dos Matsyas. Os cinco irmãos Kekaya eram levados por corcéis de cor vermelha profunda. Do esplendor do ouro e possuindo estandartes da cor vermelha, e enfeitados com correntes de ouro, todos eles heróis, talentosos em batalha, eles procederam, vestidos em armadura, e derramando flechas como as verdadeiras nuvens. Corcéis excelentes, o presente de Tumvuru, da cor de vasos de terra não cozidos, levavam Sikhandin, o príncipe Panchala de energia imensurável. No total, doze mil poderosos guerreiros em carros da tribo Panchala procederam para a batalha. Desses, seis mil seguiam Sikhandin. Corcéis esportivos, ó majestade, da cor rajada do antílope, levavam o filho de Sisupal, aquele tigre entre homens. Aquele touro entre os Chedis, Dhrishtaketu, dotado de grande força, e difícil de ser vencido em batalha, procedia, levado por corcéis Kamvoja de cor variada. Corcéis

excelentes da raça Sindhu, de membros belos, e da cor da fumaça de palha, levavam rapidamente o príncipe Kaikeya, Vrihatkshatra. (Cavalos) possuidores de olhos de branco puro, da cor do lótus, nascidos no país dos Valhikas, e enfeitados com ornamentos, levavam o filho de Sikhandin, o bravo Kshatradeva. Enfeitados com arreios de ouro ricamente decorados, e possuidores da cor de seda vermelha, corcéis calmos levavam Senavindu, aquele castigador de inimigos, para a batalha. Corcéis excelentes da cor de garças levavam para a batalha o filho jovem e delicado do rei dos Kasis, aquele poderoso guerreiro em carro. Corcéis brancos com pescoços pretos, dotados da velocidade da mente, ó monarca, e muito obedientes ao condutor, levavam o príncipe Prativindhya. Corcéis amarelo claro levavam Sutasoma, o filho de Arjuna, que o último tinha obtido do próprio Soma. Ele nasceu na cidade Kuru conhecida pelo nome de Udayendu. Dotado da refulgência de mil luas, e porque ele também tinha ganhado grande renome em uma assembléia dos Somakas, ele veio a ser chamado de Sutasoma. Corcéis da cor de flores Sala ou do sol da manhã levavam o filho de Nakula Satanika digno de todo louvor. Corcéis enfeitados em adornos de ouro, e dotados da cor do pescoço do pavão, levavam aquele tigre entre homens, Srutakarman, o filho de Draupadi (com Bhima). Excelentes corcéis da cor de pássaros (da família dos Alcedinídeos) levaram o filho de Draupadi Srutkirti para aquela batalha, que como Partha era um oceano de erudição. Corcéis de uma cor fulva levavam o jovem Abhimanyu que era considerado superior a Krishna ou Partha uma vez e meia em batalha. Cavalos gigantescos levavam Yuyutsu para a batalha, aquele único guerreiro entre os filhos de Dhritarashtra que (abandonando seus irmãos) tinha tomado o partido dos Pandavas. Corcéis gordos e bem enfeitados da cor do talo (seco) do arroz levavam Vardhakshemi de grande energia para aquela batalha terrível. Cavalos com pernas pretas, equipados com peitorais de ouro, e extremamente obedientes ao condutor, levavam o jovem Sauchitti para a batalha. Corcéis cujas costas estavam cobertas com armadura dourada, enfeitados com correntes de ouro, bem domados, e da cor de seda vermelha, levavam Srenimat. Corcéis de uma cor vermelha levavam Satyadhriti que avançava, educado na ciência de armas e nos Vedas divinos. Aquele Panchala que era comandante (do exército Pandava) e que tomou Drona como a vítima designada como sua parte, aquele Dhrishtadyumna era levado por cavalos da cor de pombos. A ele seguiam Satyadhriti, e Sauchitti irresistível em batalha, e Srenimat, e Vasudana, e Vibhu, o filho do soberano dos Kasis. Esses tinham corcéis velozes da melhor raça Kamvoja enfeitados com correntes de ouro. Cada um parecendo Yama ou Vaisravana, eles procederam para a batalha, infligindo medo nos corações dos soldados hostis. Os Prabhadrakas do país Kamvoja, numerando seis mil, com armas erguidas, com corcéis excelentes de diversas cores em seus carros enfeitados com ouro, com arcos esticados e fazendo seus inimigos tremerem com suas chuvas de setas e decididos a morrer juntos (isto é, a não abandonar seus camaradas em perigo), seguiam Dhristadyumna. Cavalos excelentes da cor de seda fulva, ornados com correntes belas de ouro, levavam alegremente Chekitana. O tio materno de Arjuna Purujit, também chamado Kuntibhoja, vinha levado por corcéis excelentes da cor do arco-íris. Cavalos de batalha da cor do firmamento coberto de estrelas levavam o rei Rochamana para a batalha. Corcéis da cor do veado vermelho, com listras brancas sobre seus corpos, levavam o

príncipe Panchala Singhasena, o filho de Gopati. Aquele tigre entre os Panchalas que é conhecido pelo nome de Janamejaya tinha corcéis excelentes da cor de flores mostarda (marrom amarelada). Cavalos velozes, gigantescos e azul escuro enfeitados com correntes de ouro, com costas da cor de coalho e faces da cor da lua, levavam com grande velocidade o soberano dos Panchalas. Bravos corcéis com cabeças belas, (brancos) como os caules de juncos, e de um esplendor parecendo aquele do firmamento ou do lótus, levavam Dandadhara. Corcéis marrom claro com costas da cor do camundongo, e com pescoços orgulhosamente erguidos, levavam Vyaghradatta para a batalha. Cavalos com pintas escuras levavam aquele tigre entre homens, Sudhanwan, o príncipe de Panchala. De impetuosidade ardente parecendo aquela do trovão de Indra, corcéis belos da cor de Indragopakas, com manchas variadas, levavam Chitrayudha. Enfeitados com correntes douradas, corcéis cujas barrigas eram da cor do Chakravaka levavam Sukshatra, o filho do soberano dos Kosalas. Corcéis belos e altos de cor variada e corpo gigantesco, extremamente dóceis, e enfeitados com correntes de ouro, levavam o talentoso Satyadhriti em batalha. Sukla avançou para a batalha com seu estandarte e armadura e arco e corcéis todos da mesma cor branca. Corcéis nascidos no litoral e brancos como a lua levavam Chandrasena de energia ardente, o filho de Samudrasena. Corcéis da cor do lótus azul e decorados com ornamentos de ouro e adornados com coroas florais belas, levavam Saiva possuindo um carro belo para a batalha. Cavalos superiores da cor de flores Kalaya, com listras brancas e vermelhas, levavam Rathasena difícil de ser resistido em batalha. Cavalos brancos levavam aquele rei que matou os Patachcharas e que é considerado como o mais bravo dos homens. Corcéis superiores da cor de flores Kinsuka levavam Chitrayudha enfeitado com guirlandas belas e possuindo armadura e armas e estandarte belos. O rei Nila avançou para a batalha, com estandarte e armadura e arco e pendão e corcéis todos da mesma cor azul. Chitra avançou para a batalha com cerca de carro e estandarte e arco todos decorados com diversos tipos de pedras preciosas, e corcéis e bandeira belos. Corcéis excelentes da cor do lótus levavam Hemavarna, o filho de Rochamana. Cavalos de batalha, capazes de carregar todas as espécies de armas, de bravas realizações em batalha, possuidores de colunas vertebrais da cor de juncos, tendo testículos brancos, e dotados da cor do ovo da galinha, levavam Dandaketu. O poderoso Sarangadhwaja, dotado de abundância de energia, o rei dos Pandyas, em corcéis da cor dos raios da lua e enfeitados com armadura engastada com pedras de lápis lazúli avançou sobre Drona, esticando seu arco excelente. Seu país tendo sido invadido e seus parentes tendo fugido, seu pai foi morto por Krishna em batalha. Obtendo armas então de Bhishma e Drona, Rama e Kripa, o príncipe Sarangadhwaja se tornou, em armas, igual a Rukmi e Karna e Arjuna e Achyuta. Ele então desejou destruir a cidade de Dwaraka e subjugar o mundo inteiro. Amigos sábios, no entanto, pelo desejo de lhe fazer bem, o aconselharam contra aquele comportamento. Abandonando todos os pensamentos de vingança, ele está agora governando seus próprios domínios. Corcéis que eram todos da cor da flor Atrusa levavam cento e quarenta mil principais guerreiros em carros que seguiam aquele Sarangadhwaja, o rei dos Pandyas. Cavalos de diversas cores e diversos tipos de forças levavam o heróico Ghatotkacha. Corcéis poderosos de tamanho gigantesco, da raça Aratta, levavam

o poderosamente armado Vrihanta de olhos vermelhos em seu carro dourado, aquele príncipe que, rejeitando as opiniões de todos os Bharatas, sozinho, por causa de seu respeito por Yudhishthira, mudou para o partido dele, abandonando todo o seu desejo nutrido. Corcéis superiores cor de ouro seguiam atrás daquele principal dos reis, o virtuoso Yudhishthira. Grande número de Prabhadrakas, de formas celestiais, avançaram para a batalha, com cavalos de diversas cores excelentes. Todos eles possuindo estandartes de ouro e preparados para lutar vigorosamente, procederam com Bhimasena, e assumiram o aspecto, ó monarca, dos habitantes do céu com Indra em sua dianteira. Aquela hoste reunida de Prabhadrakas era muito estimada por Dhristadyumna.'"

"O filho de Bharadwaja, no entanto, ó monarca, superava todos os guerreiros em esplendor. Seu estandarte, com uma pele preta de veado ondulando em seu topo e o belo vaso de água, ó monarca, que ele ostentava, parecia muito belo. E o estandarte de Bhimasena, portando o emblema de um leão gigantesco em prata com seus olhos feitos de lápis lazúli, parecia muito resplandecente. O estandarte de Yudhishthira de grande energia, portando o emblema de uma lua dourada com planetas em volta dela, parecia muito belo. Dois grandes e belos timbales, chamados Nanda e Upananda, estavam atados a ele. Tocados por mecanismo, eles produziam música excelente que aumentava o prazer de todos os que a ouviam. Para apavorar o inimigo, nós vimos aquele estandarte alto e ardente de Nakula, colocado sobre seu carro portando o emblema de um Sarabha com suas costas feitas de ouro. Um belo cisne prata com sinos e pendão terrível de se olhar e aumentando a aflição do inimigo era visto no estandarte de Sahadeva. Os estandartes dos cinco filhos de Draupadi tinham neles as imagens excelentes de Dharma, Marut, Sakra, e dos gêmeos Aswins. Sobre o carro, ó rei, do jovem Abhimanyu havia um estandarte excelente que ostentava um pavão dourado, o qual era brilhante como ouro aquecido. No estandarte de Ghatotkacha, ó rei, um urubu resplandecia brilhantemente, e seus cavalos também eram capazes de ir a todos os lugares à vontade, como aqueles de Ravana nos tempos passados. Nas mãos de Yudhishthira estava o arco celeste chamado Mahendra; e nas mãos de Bhimasena, ó rei, estava o arco celeste chamado Vayavya. Para a proteção dos três mundos Brahman criou um arco. Aquele arco celeste e indestrutível era segurado por Phalguni. O arco Vaishnava era segurado por Nakula, e o arco chamado Aswina era segurado por Sahadeva. Aquele arco celeste e terrível chamado Paulastya era segurado por Ghatotkacha. As cinco jóias de arcos levadas pelos cinco filhos de Draupadi eram o Raudra, o Agneya, o Kauverya, o Yamya, e o Girisa. Aquele excelente e melhor dos arcos, chamado Raudra, o qual o filho de Rohini (Valadeva) tinha obtido, o último deu para o filho de grande alma de Subhadra, estando satisfeito com ele. Esses e muitos outros estandartes enfeitados com ouro eram vistos lá, pertencendo a bravos guerreiros, todos os quais aumentavam o temor de seus inimigos. A hoste comandada por Drona, a qual não numerava um único covarde, e na qual inúmeros estandartes se elevando juntos pareciam obstruir o firmamento, então parecia, ó monarca, como imagens em uma tela. Nós ouvimos os nomes e linhagem, ó rei, de bravos guerreiros avançando em direção a Drona naquela batalha semelhante ao que é

ouvido, ó monarca, em uma escolha de marido. (O costume, quando um guerreio atacava outro, era invariavelmente dar seu nome e linhagem antes de atacar.)"

"Então o nobre Drupada avançou contra ele na chefia de uma divisão imensa. O combate entre aqueles dois homens velhos nas chefias de seus respectivos exércitos tornou-se terrível como aquele entre dois líderes poderosos, com têmporas fendidas, de duas manadas de elefantes. Vinda e Anuvinda de Avanti, com suas tropas enfrentaram Virata, o soberano dos Matsyas na dianteira de suas tropas, como Indra e Agni nos tempos passados enfrentando o (Asura) Vali. Aquele combate terrível entre os Matsyas e os Kekayas, no qual corcéis e guerreiros em carros e elefantes lutaram muito destemidamente, parecia aquele entre os deuses e os Asuras antigamente. Bhutakarman, também chamado Sabhapati, manteve longe de Drona o filho de Nakula Satanika, quando o último avançou, espalhando chuvas de setas. Então o herdeiro de Nakula, com três flechas de cabeça larga de corte excelente, privou Bhutakarman de ambos os seus braços e cabeça naquela batalha. Vivinsati resistiu ao heróico Sutasoma de grande destreza, quando o último avançou em direção a Drona, espalhando chuvas de setas. Sutasoma, no entanto, excitado com cólera, perfurou seu tio Vivinsati com setas retas, e equipado em armadura, permaneceu preparado para o combate. Bhimaratha, (irmão de Duryodhana), com seis flechas afiadas de grande rapidez e feitas totalmente de ferro, despachou Salwa junto com seus corcéis e quadrigário para a residência de Yama. O filho de Chitrasena, ó rei, resistiu ao teu (neto) Srutakarman quando o último se aproximou, levado por cavalos de batalha parecidos com pavões. Aqueles teus dois netos, ambos difíceis de serem vencidos em batalha, e cada um desejoso de matar o outro, lutaram vigorosamente para o sucesso dos objetivos de seus respectivos pais. Vendo Prativindhya permanecendo na vanguarda daquela batalha terrível, o filho de Drona (Aswatthaman), desejoso de proteger a honra de seu pai, resistiu ao primeiro com suas flechas. Prativindhya, então, excitado com raiva perfurou Aswatthaman, ostentando em seu estandarte o emblema da cauda de um leão e permanecendo em batalha por causa de seu pai, com muitas flechas afiadas. O filho (mais velho) de Draupadi então espalhou sobre o filho de Drona chuvas de flechas, como um semeador, ó touro entre homens, espalhando sementes no solo na época da semeadura. O filho de Duhsasana resistiu ao poderoso guerreiro em carro Srutakirti, o filho de Arjuna com Draupadi, quando o último estava avançando em direção a Drona. Aquele filho de Arjuna, no entanto, que era igual ao próprio Arjuna, cortando o arco do primeiro e estandarte e quadrigário com três flechas de cabeça larga muito afiadas, procedeu contra Drona. O filho de Duryodhana, Lakshmana, resistiu ao matador dos Patachcharas, a ele, ó rei, que é considerado por ambos os exércitos como o mais bravo dos bravos. O último, no entanto, cortando o arco e o estandarte de Lakshmana, e derramando sobre ele muitas setas, brilhava com esplendor. O jovem Vikarna de grande sabedoria resistiu a Sikhandin, o filho jovem de Yajnasena, quando o último avançou naquela batalha. O filho de Yajnasena então cobriu o primeiro com chuvas de setas. O filho poderoso Vikarna, frustrando aquelas chuvas de flechas, parecia resplandecente sobre o campo de batalha. Angada resistiu com chuvas de setas ao heróico Uttamaujas naquela batalha quando o último avançou em direção a Drona. Aquele

combate entre aqueles dois leões entre homens se tornou terrível, e encheu ambos e as tropas com grande fervor. O grande arqueiro Durmukha, dotado de grande força, resistiu com suas flechas ao heróico Purujit quando o último procedeu em direção a Drona. Furujit atingiu Durmukha entre suas sobrancelhas com uma flecha longa. Nisso, o rosto de Durmukha pareceu belo como um lótus com seu caule. Karna resistiu com chuvas de setas aos cinco irmãos Kekaya, possuindo estandartes vermelhos, quando eles procederam em direção a Drona. Chamuscados pelas chuvas de flechas de Karna, aqueles cinco irmãos cobriram Karna com suas setas. Karna, em retorno, repetidamente cobriu eles com chuvas de setas. Cobertos com flechas, nem Karna nem os cinco irmãos podiam ser vistos com seus corcéis, quadrigários, estandartes, e carros. Teus filhos, Durjaya, Jaya, e Vijaya, resistiram a Nila, e ao soberano dos Kasis, e Jayatsena, três contra (três). E o combate entre aqueles guerreiros se intensificou e alegrou os corações dos espectadores como aquele entre um leão, um tigre, e um lobo de um lado e um urso, um búfalo, e um touro no outro. Os irmãos Kshemadhurti e Vrihanta laceraram Satyaki da linhagem Satwata com suas flechas afiadas, quando o último procedeu contra Drona. A batalha entre aqueles dois de um lado e Satyaki no outro tornou-se muito admirável de se contemplar, como aquela entre um leão e dois elefantes poderosos com têmporas fendidas na floresta. O rei dos Chedis, excitado com cólera, e matando muitos guerreiros, manteve longe de Drona o rei Amvashtha, aquele herói que sempre se deleitava em batalha. Então o rei Amvashtha perfurou seu adversário com uma flecha longa capaz de penetrar nos próprios ossos. Nisso, o último, com arco e flecha soltos de suas mãos, caiu de seu carro no chão. O nobre Kripa, filho de Saradwata, com muitas flechas pequenas resistiu a Vardhakshemi da linhagem de Vrishni que era a encarnação da ira (em batalha). Aqueles que olharam para Kripa e Vardhakshemi, aqueles heróis conhecedores de todos os modos de guerra, empenhados dessa maneira em combater um ao outro, ficaram tão absorvidos nisso que eles não podiam prestar atenção a qualquer coisa mais. O filho de Somadatta, para ressaltar a glória de Drona, resistiu ao rei Manimat de grande energia quando o último se aproximou para lutar. Então Manimat rapidamente cortou a corda do arco, o estandarte, a bandeira, o quadrigário e o guarda-sol do filho de Somadatta e os fez caírem do carro do último. O filho de Somadatta então, portando o emblema da estaca sacrifical em seu estandarte, aquele matador de inimigos, saltando rapidamente de seu carro, cortou com suas espadas grandes seu adversário com seus cavalos, quadrigário, estandarte, e carro. Subindo novamente então em seu próprio carro, e pegando outro arco, e guiando seus corcéis ele mesmo, ele começou, ó monarca, a consumir a hoste Pandava. Vrishasena (o filho de Karna), competente para o feito, resistiu com chuvas de flechas ao rei Pandava que estava avançando para a batalha como o próprio Indra seguindo os Asuras para atacá-los. Com maças e clavas com pontas, e espadas e machados e pedras, cassetetes curtos e malhos, e discos, setas curtas e machados de batalha, com poeira e vento, e fogo e água, e cinzas e fragmentos de materiais duros, e palha e árvores, afligindo e atacando, e quebrando, e matando e desbaratando o inimigo, e os arremessando nas tropas hostis, e as apavorando com isso, se aproximou Ghatotkacha, desejoso de alcançar Drona. O Rakshasa Alambusha, no entanto, excitado com raiva, enfrentou-o com diversas armas e diversos equipamentos de

guerra. E a batalha que ocorreu entre aqueles dois principais dos Rakshasas pareceu aquela que ocorreu nos tempos passados entre Samvara e o chefe dos celestiais. Assim, abençoado sejas tu, ocorreram centenas de duelos entre guerreiros em carros e elefantes, e corcéis e soldados de infantaria do teu exército e do deles no meio da terrível batalha geral. De fato, tal batalha nunca tinha sido vista ou ouvida antes como aquela que então ocorreu entre aqueles guerreiros que estavam concentrados na destruição e proteção de Drona. De fato, muitos eram os combates que eram então vistos em todas as partes do campo, alguns dos quais eram terríveis, alguns belos, e alguns extremamente violentos, ó senhor.'"

24

"Dhritarashtra disse, 'Quando as tropas estavam assim empenhadas em combate e procederam dessa maneira umas contra as outras em divisões separadas, como Partha e os guerreiros do meu exército dotados de grande energia lutaram? O que também Arjuna fez para os guerreiros em carros dos Samsaptakas? E o que, ó Sanjaya, os Samsaptakas, por sua vez, fizeram a Arjuna?'"

"Sanjaya disse, 'Quando as tropas estavam assim envolvidas em combate e procederam umas contra as outras, teu próprio filho Duryodhana avançou contra Bhimasena, liderando sua divisão de elefantes. Como um elefante enfrentando um elefante, como um touro enfrentando um touro, Bhimasena, convocado pelo próprio rei, avançou contra aquela divisão de elefantes do exército Kaurava. Hábil em batalha e dotado de grande força de braços, o filho de Pritha, ó majestade, dividiu rapidamente aquela divisão de elefantes. Aqueles elefantes, enormes como colinas, e com linfa escorrendo de todas as partes de seus corpos, foram mutilados e forçados a retroceder por Bhimasena com suas flechas. De fato, como o vento, quando ele se eleva, afugenta massas de nuvens reunidas, assim aquele filho de Pavana desbaratou aquela tropa de elefantes dos Kauravas. E Bhima, disparando suas flechas naqueles elefantes, parecia resplandecente como o sol no alto, atingindo tudo no mundo com seus raios. Aqueles elefantes, afligidos pelas flechas de Bhima, ficaram cobertos com sangue e pareciam belos como massas de nuvens no firmamento penetradas pelos raios do sol. Então Duryodhana, cheio de ira, perfurou com flechas afiadas aquele filho do deus do vento que estava causando tal massacre entre seus elefantes. Então Bhima, com olhos vermelhos de raiva, desejoso de despachar o rei para a residência de Yama, perfurou-o rapidamente com muitas flechas afiadas. Então Duryodhana, completamente lacerado com flechas e excitado com raiva, perfurou Bhima, o filho de Pandu, com muitas flechas dotadas da refulgência de raios solares, sorrindo naquele momento. Então o filho de Pandu, com um par flechas de cabeça larga, rapidamente cortou o arco de Duryodhana como também seu estandarte, portando o emblema de um elefante adornado com jóias, decorado com diversas pedras preciosas. Vendo Duryodhana assim afligido, ó majestade, por Bhima, o soberano dos Angas em seu elefante foi lá para afligir o filho de Pandu. Nisso, Bhimasena

perfurou profundamente com uma flecha longa aquele príncipe dos elefantes avançando com rugidos altos, entre seus dois globos frontais. Aquela flecha, atravessando seu corpo, entrou profundamente na terra. E nisso o elefante caiu como uma colina partida pelo raio. Enquanto o elefante estava caindo, o rei Mleccha também estava caindo dele. Mas Vrikodara, dotado de grande presteza, cortou sua cabeça com uma flecha de cabeça larga antes de seu adversário realmente cair. Quando o soberano heróico dos Angas caiu, suas divisões fugiram. Corcéis e elefantes e guerreiros em carros tomados pelo pânico esmagaram soldados de infantaria quando eles fugiram.'"

"Quando aquelas tropas, assim divididas, fugiram em todas as direções, o soberano dos Pragjyotishas então avançou contra Bhima, sobre seu elefante. Com suas duas pernas (dianteiras) e tronco contraídos, cheio de fúria, e com olhos rolando, aquele elefante parecia consumir o filho de Pandu (como um fogo ardente). E ele triturou o carro de Vrikodara com os cavalos unidos a ele a pó. Então Bhima correu para a frente e ficou sob o corpo do elefante, pois ele conhecia a ciência chamada Anjalikabedha. De fato, o filho de Pandu não fugiu. Ficando sob o corpo do elefante, ele começou a golpeá-lo frequentemente com seus braços nus. E ele atingiu aquele elefante invencível que estava empenhado em matá-lo. Nisso, o último começou a girar rapidamente como a roda de um oleiro. Dotado da força de dez mil elefantes, o abençoado Vrikodara, tendo batido naquele elefante dessa maneira, saiu de sob o corpo de Supratika e ficou encarando o último. Supratika então, agarrando Bhima com sua tromba, derrubou-o por meio de seus joelhos. De fato, tendo agarrado ele pelo pescoço, aquele elefante desejava matá-lo. Torcendo a tromba do elefante, Bhima se libertou de seu emaranhamento, e mais uma vez ficou sob o corpo daquela criatura enorme. E ele esperou lá, aguardando a chegada de um elefante hostil de seu próprio exército. Saindo de sob o corpo do animal, Bhima então correu para longe com grande velocidade. Então um barulho alto foi ouvido, feito por todas as tropas, neste sentido, 'Ai, Bhima foi morto pelo elefante!' A hoste Pandava, assustada por aquele elefante, fugiu de repente, ó rei, para onde Vrikodara estava esperando. Enquanto isso, o rei Yudhishthira, pensando que Vrikodara tinha sido morto, cercou Bhagadatta por todos os lados, ajudado pelos Panchalas. Tendo-o cercado com numerosos carros, o rei Yudhishthira, aquele principal dos guerreiros em carros, cobriu Bhagadatta com flechas afiadas às centenas e milhares. Então Bhagadatta, aquele rei das regiões montanhosas, desviando com seu gancho de ferro aquela chuva de setas, começou a destruir os Pandavas e os Panchalas por meio daquele seu elefante. De fato, ó monarca, o feito que nós então vimos, realizado pelo idoso Bhagadatta com seu elefante, foi muito extraordinário. Então o soberano dos Dasarnas avançou contra o rei dos Pragjyotishas, em um elefante veloz com suor temporal escorrendo, para atacar Supratika no flanco. A batalha então que ocorreu entre aqueles dois elefantes de tamanho impressionante pareceu aquela entre duas montanhas aladas cobertas com florestas nos tempos passados. Então o elefante de Bhagadatta, virando-se repentinamente e atacando o elefante do rei dos Dasarnas, rasgou o flanco do último e matou-o imediatamente. Então o próprio Bhagadatta com sete lanças brilhantes como os raios do sol, matou seu adversário (humano) sentado no elefante exatamente

quando o último estava prestes a cair de seu assento. Perfurando o rei Bhagadatta então (com muitas setas), Yudhishthira cercou-o por todos os lados com um grande número de carros. Permanecendo sobre seu elefante em meio a guerreiros em carros cercando-o completamente, ele parecia brilhante como um fogo ardente em um topo de montanha no meio de uma floresta densa. Ele ficou destemidamente no meio daqueles carros cerrados ocupados por arqueiros impetuosos, todos os quais derramavam sobre ele suas flechas. Então o rei dos Pragjyotishas, pressionando (com seu dedão do pé) seu elefante enorme, incitou-o em direção ao carro de Yuyudhana. Aquele animal prodigioso, então agarrando o carro do neto de Sini, lançou-o a uma distância com grande força. Yuyudhana, no entanto, escapou por retirada oportuna. Seu quadrigário também, abandonando os corcéis grandes da raça Sindhu, unidos àquele carro, rapidamente seguiu Satyaki e ficou onde o último parou. Enquanto isso o elefante, saindo rapidamente do círculo de carros, começou a derrubar todos os reis (que tentavam barrar seu rumo). Aqueles touros entre homens, apavorados por aquele único elefante que corria rapidamente, o consideraram naquela batalha como multiplicado por muitos. De fato, Bhagadatta, montado naquele elefante dele, começou a derrubar os Pandavas, como o chefe dos celestiais montado em Airavata derrubando os Danavas (nos tempos passados). Quando os Panchalas fugiram em todas as direções, alto e terrível foi o barulho que se elevou dentre eles, feito por seus elefantes e corcéis. E enquanto as tropas Pandava eram assim destruídas por Bhagadatta, Bhima, excitado com raiva, avançou novamente contra o soberano dos Pragjyotishas. O elefante do último então assustou os corcéis de Bhima que avançavam por encharcá-los com água esguichada de sua tromba, e nisso aqueles animais levaram Bhima para longe do campo. Então o filho de Kriti, Ruchiparvan, em seu carro, avançou rapidamente contra Bhagadatta, espalhando chuvas de setas e avançando como o próprio Destruidor. Então Bhagadatta, aquele soberano das regiões montanhosas, possuidor de belos membros, despachou Ruchiparvan com uma flecha reta para a residência de Yama. Após a queda do heróico Ruchiparvan, o filho de Subhadra e os filhos de Draupadi, e Chekitana, e Dhrishtaketu, e Yuyutsu começaram a afligir o elefante. Desejando matar aquele elefante, todos aqueles guerreiros, proferindo gritos altos, começaram a despejar suas setas sobre o animal, como as nuvens encharcando a terra com sua torrente aquosa. Incitado então por seu condutor habilidoso com calcanhar, gancho, e dedo do pé o animal avançou rapidamente com tromba esticada, e olhos e ouvidos fixos. Esmagando com os pés os cavalos de Yuyutsu, o animal então matou o quadrigário. Nisso, ó rei, Yuyutsu, abandonando seu carro, fugiu rapidamente. Então os guerreiros Pandava, desejosos de matar aquele príncipe dos elefantes, proferiram gritos altos e o cobriram rapidamente com chuvas de setas. Nesse momento, teu filho, excitado com raiva, avançou contra o carro do filho de Subhadra. Enquanto isso, o rei Bhagadatta em seu elefante, disparando flechas no inimigo, parecia resplandecente como o próprio Sol espalhando seus raios sobre a terra. O filho de Arjuna então o perfurou com uma dúzia de flechas, e Yuyutsu com dez, e cada um dos filhos de Draupadi o perfurou com três flechas e Dhrishtaketu também o perfurou com três. Aquele elefante então, perfurado por aquelas flechas, disparadas com grande cuidado, parecia brilhante como uma massa imensa de nuvens atravessada pelos raios do

sol. Atormentado por aquelas flechas do inimigo, aquele elefante então, incitado por seu condutor com habilidade e vigor, começou a derrubar guerreiros hostis em ambos os seus flancos. Como um vaqueiro espancando seu gado na floresta com um aguilhão, Bhagadatta repetidamente castigou a hoste Pandava. Como o grasnar de corvos se retirando rapidamente quando atacados por falcões, um barulho alto e confuso foi ouvido entre as tropas Pandava que fugiam com grande velocidade. Aquele príncipe dos elefantes, atingido por seu condutor com o gancho, parecia, ó rei, uma montanha alada de antigamente. E ele encheu os corações do inimigo com medo, semelhante ao que comerciantes experimentam à visão do mar revolto. Então elefantes e guerreiros em carros e corcéis e reis, fugindo com medo, fizeram, quando eles fugiram, um rumor alto e tremendo que, ó monarca, encheu a terra e o céu e o firmamento e as direções cardeais e secundárias naquela batalha. Montado naquele mais notável dos elefantes, o rei Bhagadatta penetrou no exército hostil como o Asura Virochana antigamente na hoste celeste em batalha bem protegida pelos deuses. Um vento violento começou a soprar; uma nuvem de pó cobriu o céu e as tropas; e as pessoas consideraram aquele único elefante como multiplicado por muitos, correndo por todo o campo.'"

25

"Sanjaya disse, 'Tu me perguntaste acerca dos feitos de Arjuna em batalha. Ouça, ó tu de braços fortes, o que Partha realizou no combate. Contemplando a poeira erguida e ouvindo o lamento das tropas quando Bhagadatta estava realizando grandes façanhas no campo, o filho de Kunti dirigiu-se a Krishna e disse 'Ó matador de Madhu, parece que o soberano dos Pragjyotishas, em seu elefante, com grande impetuosidade, avançou para a batalha. Esse rumor alto que nós ouvimos deve ser devido a ele. Bem versado na arte de oprimir e lutar das costas de um elefante, e não inferior ao próprio Indra em batalha, ele, eu penso, é o mais notável de todos os guerreiros em elefante no mundo. Seu elefante, além disso, é o principal dos elefantes, sem um rival para enfrentá-lo em batalha. Possuidor de grande bravura e além de toda fadiga, ele é, também, impenetrável para todas as armas. Capaz de suportar toda arma e até o toque do fogo, ele irá, ó impecável, destruir sozinho o exército Pandava hoje. Exceto nós dois, não há ninguém mais capaz de deter aquela criatura. Vá rapidamente, portanto, para aquele local onde o soberano dos Pragjyotishas está. Orgulhoso em batalha, por causa da força de seu elefante, e arrogante por causa de sua idade, eu irei nesse mesmo dia enviá-lo como um convidado para o matador de Vala.' A essas palavras de Arjuna, Krishna começou a se dirigir para o local onde Bhagadatta estava rompendo as tropas Pandava. Enquanto Arjuna estava procedendo em direção a Bhagadatta, os poderosos guerreiros em carro Samsaptaka, numerando catorze mil, compostos de dez mil Gopalas ou Narayanas que costumavam seguir Vasudeva, voltando ao campo, o convocaram para a batalha. Vendo a hoste Pandava dividida por Bhagadatta, e convocado por outro lado pelos Samsaptakas, o coração de Arjuna estava dividido em dois. E ele começou a pensar, 'Qual desses dois atos será melhor para mim fazer hoje, voltar desse local para lutar

com Samsaptakas ou me dirigir até Yudhishthira?' Refletindo com a ajuda de seu discernimento, ó perpetuador da família de Kuru, o coração de Arjuna, finalmente, foi firmemente fixado no massacre dos Samsaptakas. Desejoso de massacrar sozinho em batalha milhares de guerreiros em carros, o filho de Indra (Arjuna) tendo o principal de macacos em seu estandarte, retrocedeu de repente. Exatamente isso foi o que Duryodhana e Karna tinham pensado para realizar a morte de Arjuna. E foi por isso que eles tinham feito planos para o combate duplo. O filho de Pandu permitiu seu coração hesitar (entre) esse lado e aquele, mas, finalmente, resolvendo matar aqueles principais dos guerreiros, os Samsaptakas, ele frustrou o propósito de seus inimigos. Então os poderosos guerreiros em carros Samsaptakas, ó rei, dispararam em Arjuna milhares de setas retas. Coberto com aquelas setas, ó monarca, nem o filho de Kunti Partha, nem Krishna, também chamado Janardana, nem os corcéis, nem o carro, podiam ser vistos. Então Janardana ficou privado de seus sentidos e transpirou muito. Nisso, Partha disparou a arma Brahma e quase exterminou todos eles. Centenas e centenas de braços com arcos e flechas e cordas de arco nas mãos, cortados de troncos, e centenas e centenas de estandartes e corcéis e quadrigários e guerreiros em carros, caíram no chão. Elefantes enormes, bem equipados e parecendo colinas cobertas com bosques ou massas de nuvens, afligidos pelas flechas de Partha e privados de condutores, caíram na terra. Muitos elefantes além disso, com condutores em suas costas, oprimidos pelas flechas de Arjuna, caíram, privados de vida, desprovidos dos tecidos bordados em suas costas, e com suas mantas rasgadas. Cortados por Kiritin com suas setas de cabeça larga, braços incontáveis tendo espadas e lanças e espadins como suas unhas ou tendo cassetetes e machados de batalha nas mãos, caíram no chão. Cabeças também, belas, ó rei, como o sol da manhã ou o lótus ou a lua, cortadas por Arjuna com suas setas, caíram no chão. Enquanto Phalguni em fúria estava empenhado dessa maneira em matar o inimigo com diversos tipos de flechas bem enfeitadas e fatais, aquela hoste parecia estar em chamas. Vendo Dhananjaya esmagando aquela hoste como um elefante esmagando caules de lotos, todas as criaturas o aplaudiram, dizendo, 'Excelente, Excelente!' Vendo aquele feito de Partha parecendo aquele do próprio Vasava, Madhava se admirou muito e, dirigindo-se a ele com mãos unidas, disse, 'Na verdade, ó Partha, eu penso que essa façanha que tu realizaste não poderia ser realizada por Sakra, ou Yama, ou pelo próprio Senhor dos Tesouros. Eu vejo que hoje tu derrubaste em batalha centenas e milhares de poderosos guerreiros Samsaptaka juntos.' Tendo matado os Samsaptakas então, que estavam engajados na batalha, Partha dirigiu-se a Krishna, dizendo, 'Vá em direção a Bhagadatta.'"

26

"Sanjaya disse, 'De acordo com o desejo de Partha, Krishna então incitou seus corcéis brancos, rápidos como a mente e cobertos com armadura dourada, em direção às divisões de Drona. Enquanto aquele principal dos Kurus estava assim procedendo em direção a seus irmãos que estavam sendo muito afligidos por Drona, Susarman com seus irmãos seguiu atrás dele, desejoso de lutar. O sempre

vitorioso Arjuna então se dirigiu a Krishna, dizendo, 'Ó tu de glória imorredoura, esse Susarman aqui, com seus irmãos, me desafia para a batalha! Ó matador de inimigos, nossa hoste, além disso, é subjugada (por Drona) em direção ao norte. Por causa desses Samsaptakas, meu coração vacila hoje quanto a se eu devo fazer isso ou aquilo. Eu devo matar os Samsaptakas agora, ou proteger do perigo minhas próprias tropas já afligidas pelo inimigo? Saiba que é isso que eu estou pensando, isto é: qual desses será melhor para mim?' Assim endereçado por ele, ele da linhagem de Dasarha fez voltar o carro, e levou o filho de Pandu para onde o soberano dos Trigartas estava. Então Arjuna perfurou Susarman com sete flechas, e cortou seu arco e estandarte com um par de setas afiadas. Ele então, com seis setas despachou rapidamente os irmãos do rei Trigarta para a residência de Yama. Então Susarman, visando Arjuna, arremessou nele um dardo feito totalmente de ferro e parecendo com uma cobra, e visando Vasudeva, arremessou uma lança nele. Cortando aquele dardo com três flechas e aquela lança também com três outras flechas, Arjuna, por meio de suas chuvas de flechas, privou Susarman de seus sentidos em seu carro. Então avançando ferozmente (em direção à tua divisão), espalhando chuvas de setas, como Vasava derramando chuva, ninguém entre tuas tropas, ó rei, se arriscava a resistir. Como um fogo consumindo pilhas de palha quando avança, Dhananjaya avançava, chamuscando todos os poderosos guerreiros em carros entre os Kauravas por meio de suas flechas. Como uma criatura viva incapaz de suportar o toque do fogo, tuas tropas não podiam suportar a impetuosidade irresistível daquele filho inteligente de Kunti. De fato, o filho de Pandu, oprimindo a hoste hostil por meio de suas setas, aproximou-se do rei dos Pragjyotishas, ó monarca, como Garuda mergulhando (sobre sua presa). Ele então segurava em suas mãos aquele Gandiva o qual em batalha era benéfico para os Pandavas inocentes e nocivo para todos os inimigos, para a destruição de Kshatriyas ocasionada, ó rei, por causa do erro do teu filho que recorreu ao jogo de dados fraudulento para realizar seu objetivo. Agitada por Partha dessa maneira, tua hoste então, ó rei, se rompeu como um barco quando ele bate em contra uma rocha. Então dez mil arqueiros, bravos e ferozes, firmemente decididos a conquistar, avançaram (para enfrentar Arjuna). Com corações destemidos, todos aqueles poderosos guerreiros em carros o cercaram. Capaz de suportar qualquer carga, por mais que pesada em batalha, Partha se encarregou daquela carga pesada. Como um elefante furioso de sessenta anos, com têmporas fendidas, esmaga um grupo de caules de lotos, assim mesmo Partha esmagou aquela divisão do teu exército. E quando aquela divisão estava sendo assim esmagada, o rei Bhagadatta, naquele mesmo elefante dele, avançou impetuosamente em direção a Arjuna. Nisso, Dhananjaya, aquele tigre entre homens, ficando em seu carro, recebeu Bhagadatta. Aquele combate entre o carro de Arjuna e o elefante de Bhagadatta foi violento ao extremo. Aqueles dois heróis, Bhagadatta e Dhananjaya, então correram sobre o campo, um em seu carro e o outro em seu elefante, ambos os quais estavam equipados segundo as regras da ciência (bélica). Então Bhagadatta, como o senhor Indra, de seu elefante parecendo com uma massa de nuvens, despejou sobre Dhananjaya chuvas de flechas. O filho valente de Vasava, no entanto, com suas setas, cortou aquelas chuvas de flechas de Bhagadatta antes que elas pudessem alcançá-lo. O rei dos Pragjyotishas, então, frustrando aquela chuva de flechas de Arjuna, atingiu Partha

e Krishna, ó rei, com muitas flechas e submergindo ambos com uma chuva grossa de flechas, Bhagadatta então incitou seu elefante para a destruição de Krishna e Partha. Vendo aquele elefante furioso avançando como a própria Morte, Janardana rapidamente moveu seu carro de maneira a manter o elefante à sua esquerda. Dhananjaya, embora ele tivesse dessa maneira a oportunidade de matar aquele elefante enorme com seu condutor em suas costas, contudo não desejou se aproveitar disso, lembrando-se das regras de luta justa. O elefante, no entanto, atacando outros elefantes e carros e corcéis, ó rei, despachou todos eles para a residência de Yama. Vendo isso, Dhananjaya encheu-se de raiva.'"

27

"Dhritarashtra disse, 'Cheio de ira, o que Partha, o filho de Pandu, fez para Bhagadatta? O que também o rei dos Pragjyotishas fez para Partha? Conte-me tudo isso, ó Sanjaya!'"

"Sanjaya disse, 'Enquanto Partha e Krishna estavam assim empenhados em combate com o soberano dos Pragjyotishas, todas as criaturas consideraram eles como estando muito perto das mandíbulas da Morte. De fato, ó monarca, do pescoço de seu elefante, Bhagadatta espalhava chuvas de flechas sobre os dois Krishnas, que estavam em seu carro. Ele perfurou o filho de Devaki com muitas flechas feitas totalmente de ferro preto, equipadas com asas de ouro, afiadas em pedra, e disparadas de seu arco, estirado à mais completa extensão. Aquelas flechas cujo toque parecia aquele do fogo, providas de penas belas, e atiradas por Bhagadatta, atravessando o filho de Devaki, entraram na terra. Partha então cortou o arco de Bhagadatta e matando em seguida o guerreiro que protegia seu elefante a partir do flanco, começou a lutar com ele como se em esporte. Então Bhagadatta arremessou nele catorze lanças de pontas afiadas, que eram brilhantes como o raios do sol. Arjuna, no entanto, cortou cada uma daquelas lanças em três fragmentos. Então o filho de Indra cortou a armadura na qual aquele elefante estava envolvido, por meio de uma chuva grossa de flechas. A armadura assim cortada caiu no chão. Muito afligido pelas flechas disparadas por Arjuna, aquele elefante, privado de sua cota de malha, parecia com um príncipe das montanhas privado de seus mantos nublados e com faixas de água escorrendo em seu leito. Então o soberano dos Pragjyotishas arremessou em Vasudeva um dardo feito totalmente de ferro e decorado com ouro. Aquele dardo Arjuna cortou em dois. Então cortando o estandarte do rei e guarda-sol por meio de suas flechas Arjuna rapidamente perfurou aquele soberano dos reinos montanhosos com dez flechas, sorrindo todo o tempo. Profundamente perfurado por aquelas flechas de Arjuna, que eram belamente aladas com penas Kanka, Bhagadatta, ó monarca, ficou furioso com o filho de Pandu. Ele então arremessou algumas lanças na cabeça de Arjuna e proferiu um grito alto. Por causa daquelas lanças o diadema de Arjuna foi tirado de seu lugar. Arjuna, então, tendo colocado seu diadema devidamente, dirigiu-se ao soberano dos Pragjyotishas, dizendo, 'Olhe bem para esse mundo!' Assim endereçado por ele, Bhagadatta ficou cheio de raiva, e pegando um arco brilhante derramou sobre o Pandava e Govinda suas

torrentes de flechas. Partha então cortando seu arco e aljavas, rapidamente o atingiu com setenta e duas flechas, afligindo seus membros vitais. Assim perfurado, ele estava muito atormentado. Cheio então de ira, ele com Mantras transformou seu gancho na arma Vaishnava e arremessou-a no peito de Arjuna. Aquela arma que matava a todos, arremessada por Bhagadatta, Kesava, cobrindo Arjuna, recebeu em seu peito. Nisso, aquela arma tornou-se uma guirlanda triunfal no peito de Kesava. Arjuna então dirigiu-se tristemente a Kesava, dizendo, 'Ó impecável, sem lutar, tu deves somente guiar meus corcéis! Tu disseste isso, ó de olhos de lótus! Por que então tu não te manténs fiel à tua promessa? Se eu cair em perigo, ou ficar incapaz de lutar, ou de resistir a um inimigo ou arma, então tu podes agir assim, mas não quando eu estou resistindo dessa maneira. Tu sabes que com meu arco e flechas eu sou competente para subjugar esses mundos com os deuses, os Asuras, e homens.' Ouvindo essas palavras de Arjuna, Vasudeva respondeu para ele, dizendo, 'Escute, ó Partha, esse segredo e história antiga como ele é, ó impecável! Eu tenho quatro formas, eternamente empenhado como eu estou em proteger os mundos. Dividindo a Mim mesmo, eu ordeno o bem dos mundos. Uma forma minha, permanecendo sobre a terra, está dedicada à prática de austeridades ascéticas. Outra contempla os atos bons e maus no mundo. Minha terceira forma, entrando no mundo dos homens, está dedicada à ação. Minha quarta forma deita em sono por mil anos. A minha forma que desperta do sono no fim de mil anos, concede, após despertar, bênçãos excelentes para pessoas dignas delas. A Terra, sabendo (em uma ocasião) que aquele momento tinha chegado, pediu de mim um benefício para (seu filho) Naraka. Ouça, ó Partha, qual foi aquele benefício. 'Possuidor da arma Vaishnava, que meu filho se torne incapaz de ser morto pelos deuses e os Asuras. Cabe a ti me conceder aquela arma.' Ouvindo esse rogo, eu então dei, nos tempos passados, a suprema e infalível arma Vaishnava para o filho da Terra. Eu disse também naquele tempo essas palavras, 'Ó Terra, que essa arma seja infalível para a proteção de Naraka. Ninguém será capaz de matá-lo. Protegido por essa arma, teu filho irá sempre, em todos os mundos, ser invencível e oprimir todas as hostes hostis.' Dizendo, 'Assim seja!' a deusa inteligente foi embora, seus desejos realizados. E Naraka também tornou-se invencível e sempre chamuscava seus inimigos. Foi de Naraka, ó Partha, que o soberano dos Pragjyotishas obteve essa arma minha. Não há ninguém, em todo o mundo, ó senhor, incluindo mesmo Indra e Rudra, que não possa ser morto por essa arma. Foi por tua causa, portanto, que eu a frustrei, violando minha promessa. O grande Asura foi agora privado daquela arma suprema. Mate agora, ó Partha, aquele teu inimigo invencível, Bhagadatta, inimigo dos deuses, assim como eu antigamente matei para o bem dos mundos o Asura Naraka.' Assim endereçado por Kesava de grande alma, Partha de repente cobriu Bhagadatta com nuvens de setas aladas. Então, o poderosamente armado Arjuna de grande alma destemidamente atingiu uma flecha longa entre os globos frontais do elefante de seu inimigo. Aquela flecha, rompendo o elefante como o raio rompendo uma montanha, penetrou em seu corpo até as próprias asas, como uma cobra penetrando em um formigueiro. Embora incitado repetidamente então por Bhagadatta, o elefante se recusou a obedecê-lo como a esposa de um homem pobre a seu marido. Com membros paralisados, ele caiu, batendo no chão com suas presas. Proferindo um grito de angústia, aquele elefante enorme morreu. O

filho de Pandu então, com uma flecha reta provida de uma cabeça em forma de meia-lua, perfurou o peito do rei Bhagadatta. Seu peito, sendo perfurado pelo enfeitado com diadema (Arjuna), o rei Bhagadatta, privado de vida, jogou ao chão seu arco e flechas. Solto de sua cabeça, o pedaço de tecido valioso que tinha servido a ele como um turbante caiu, como uma pétala de um lótus quando seu caule é violentamente golpeado. E ele mesmo, enfeitado com guirlandas douradas, caiu de seu elefante enorme adornado com mantos dourados, como uma Kinsuka florescente quebrada pela força do vento do topo da montanha. O filho de Indra então, tendo matado em combate aquele monarca que parecia o próprio Indra em bravura e que era amigo de Indra, subjugou os outros guerreiros do teu exército inspirados com esperança de vitória como o vento poderoso quebrando fileiras de árvores.'"

28

"Sanjaya disse, 'Tendo matado Bhagadatta que era sempre o favorito e amigo de Indra e que era possuidor de grande energia, Partha o circungirou. Então os dois filhos do rei de Gandhara, os irmãos Vrishaka e Achala, aqueles subjugadores de cidades hostis, começaram a afligir Arjuna em batalha. Aqueles dois arqueiros heróicos, se unindo, começaram a perfurar profundamente Arjuna de frente e de trás com flechas afiadas de grande impetuosidade. Arjuna então com flechas afiadas cortou os corcéis e condutor e arco e guarda-sol e estandarte e carro de Vrishaka, o filho de Suvala, em átomos. Com nuvens de flechas e diversas outras armas, Arjuna então mais uma vez afligiu severamente as tropas Gandhara encabeçadas pelo filho de Suvala. Então Dhananjaya, cheio de ira, despachou para a residência de Yama, com suas flechas, quinhentos Gandharas heróicos com armas erguidas. O herói poderosamente armado (Vrishaka) então, descendo rapidamente daquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, subiu no carro de seu irmão e pegou outro arco. Então aqueles dois irmãos, Vrishaka e Achala, ambos sobre o mesmo carro, começaram a perfurar Vibhatsu incessantemente com chuvas de setas. De fato, aqueles príncipes de grande alma, aqueles teus parentes por casamento, Vrishaka e Achala, atingiram Partha muito severamente, como Vritra ou Vala atingindo Indra antigamente. De pontaria infalível, aqueles dois príncipes de Gandhara, eles mesmos ilesos, começaram mais uma vez a atacar o filho de Pandu, como os dois meses de verão afligindo o mundo com raios produtores de suor. Então Arjuna matou aqueles príncipes e tigres entre homens, Vrishaka e Achala, que estavam em um carro lado a lado, ó monarca, com uma única flecha. Então aqueles heróis de braços fortes, com olhos vermelhos e parecidos com leões, aqueles irmãos tendo feições parecidas, caíram juntos daquele carro. E seus corpos, queridos para amigos, caindo sobre a terra, jazem lá, espalhando fama sagrada por toda parte.'"

"Vendo seus tios maternos corajosos e que não recuavam mortos dessa maneira por Arjuna, teus filhos, ó monarca, despejaram muitas armas sobre ele. Sakuni também, conhecedor de centenas de diferentes tipos de ilusões, vendo seus irmãos mortos, criou ilusões para confundir os dois Krishnas. Então clavas, e

bolas de ferro, e rochas e Sataghnis e dardos, e maças, e clavas com pontas, e cimitarras, e lanças, malhos, machados, e Kampanas, e espadas, e pregos, e cassetetes curtos, e machados de batalha, e navalhas, e flechas com cabeças largas afiadas, e Nalikas, e flechas com cabeça (em forma de) dente de bezerro, e flechas tendo cabeça (feita de) ossos e discos e flechas com cabeça de cobra, e arpões, e diversas outras espécies de armas, caíram sobre Arjuna de todos os lados. E jumentos, e camelos, e búfalos, e tigres, e leões, e veados, e leopardos, e ursos, e lobos e urubus, e macacos, e vários répteis, e diversos canibais, e bandos de corvos, todos famintos, e excitados com raiva, correram em direção a Arjuna. Então Dhananjaya, o filho de Kunti, aquele herói conhecedor de armas celestes, disparando nuvens de setas, atacou eles todos. E atacados por aquele herói com aquelas flechas fortes e excelentes, eles proferiram gritos altos e caíram privados de vida. Então uma escuridão densa apareceu e cobriu o carro de Arjuna, e de dentro daquela escuridão vozes ríspidas repreenderam Arjuna. O último, no entanto, por meio das armas chamadas Jyotishka, dissipou aquela escuridão densa e aterradora. Quando aquela escuridão foi dissipada ondas assustadoras de água apareceram. Para secar aquelas águas, Arjuna aplicou a arma chamada Aditya. E por causa daquela arma, as águas foram quase completamente secadas. Essas diversas ilusões, repetidamente criadas por Sauvala, Arjuna destruiu rapidamente por meio da força de suas armas, dando risada. Após todas as suas ilusões serem destruídas, afligido pelas flechas de Arjuna e emasculado pelo medo, Sakuni fugiu, ajudado por seus corcéis velozes, como um patife vulgar. Então Arjuna, conhecedor de todas as armas, mostrando para seus inimigos a excelente agilidade de suas mãos, derramou sobre a hoste Kaurava nuvens de flechas. Aquela hoste do teu filho, assim massacrada por Partha, ficou dividida em duas correntes como a correnteza do Ganga quando impedida por uma montanha. E uma daquelas correntes, ó touro entre homens, procedeu em direção a Drona, e a outra com gritos altos foi em direção a Duryodhana. Então um pó espesso se ergueu e cobriu todas as tropas. Nós não podíamos então ver Arjuna. Somente o som do Gandiva era ouvido por nós fora do campo. De fato, a vibração do Gandiva era ouvida, elevando-se acima do clangor de conchas e da batida de baterias e do barulho de outros instrumentos. Então na parte sul do campo ocorreu uma batalha violenta entre muitos principais guerreiros de um lado e Arjuna do outro. Eu, no entanto, segui Drona. As várias divisões do exército de Yudhishthira atacaram o inimigo em todas as partes do campo. As diversas divisões do teu filho, ó Bharata, Arjuna atingiu, assim como o vento no verão destrói massas de nuvens no céu. De fato, quando Arjuna se aproximava, espalhando nuvens de setas, como Vasava derramando torrentes grossas de chuva, não havia alguém no teu exército que pudesse resistir àquele arqueiro impetuoso, aquele tigre entre homens. Atingidos por Partha, teus guerreiros estavam em grande aflição. Eles fugiram, e ao fugir mataram muitos entre seu próprio número. As setas disparadas por Arjuna, aladas com penas Kanka e capazes de penetrar em todo corpo, caíam cobrindo todos os lados, como bandos de gafanhotos. Perfurando corcéis e guerreiros em carros e elefantes e soldados de infantaria, ó senhor, como cobras através de formigueiros, aquelas flechas entravam na terra. Arjuna nunca disparava flechas, em qualquer elefante, corcel ou homem. Atingidos por somente uma flecha, cada um desses, severamente

afligido, caía privado de vida. Com homens e elefantes e corcéis mortos atingidos por flechas jazendo por toda parte, e ecoando com gritos de cachorros e chacais, o campo de batalha apresentava uma visão variada e aterradora. Atormentado com flechas, pai abandonou filho, e amigo abandonou amigo e filho abandonou pai. De fato, cada um estava empenhado em proteger a si mesmo. Atingidos pelas flechas de Partha, muitos guerreiros abandonaram os próprios animais que os carregavam.'"

29

"Dhritarashtra disse, 'Quando aquelas (minhas) divisões, ó Sanjaya, estavam divididas e desbaratadas, e todos vocês se retiravam rapidamente do campo, qual se tornou o estado de suas mentes? O reagrupamento de tropas quando divididas e fugindo sem verem um local no qual permanecer é sempre muito difícil. Fale-me tudo sobre isso, ó Sanjaya!'"

"Sanjaya disse, '[Embora tuas tropas estivessem divididas], contudo, ó monarca, muitos principais dos heróis no mundo, inspirados pelo desejo de fazer bem para teu filho e de manter sua própria reputação, seguiram Drona. Naquela situação terrível, eles seguiram destemidamente seu comandante, realizando feitos meritórios contra as tropas Pandava com armas erguidas, e Yudhishthira dentro de distância acessível. Tirando vantagem de um erro de Bhimasena de grande energia e dos heróicos Satyaki e Dhrishtadyumna, ó monarca, os líderes Kuru se lançaram sobre o exército Pandava. Os Panchalas incitaram suas tropas, dizendo, 'Drona, Drona!' Teus filhos, no entanto, incitaram todos os Kurus, dizendo, 'Não deixem Drona ser morto! Não deixem Drona ser morto!' Um lado dizendo, 'Matem Drona!', 'Matem Drona!,' e o outro dizendo, 'Não deixem Drona ser morto! Não deixem Drona ser morto!', os Kurus e os Pandavas pareciam jogar, fazendo Drona sua aposta. Dhrishtadyumna, o príncipe dos Panchalas, procedeu para o lado de todos aqueles guerreiros em carros Panchala a quem Drona procurava subjugar. Assim nenhuma regra era observava quanto ao adversário que alguém podia escolher para lutar com ele. O combate tornou-se terrível. Heróis enfrentaram heróis, proferindo gritos altos. Seus inimigos não podiam fazer os Pandavas tremerem. Por outro lado, se lembrando de todos os seus infortúnios, os últimos fizeram tremer as tropas de seus inimigos. Embora possuidores de modéstia, porém excitados com raiva e sentimento de vingança, e incitados por energia e força, eles se aproximaram daquela batalha terrível, indiferentes às suas próprias vidas para matarem Drona. Aquele combate de heróis de energia imensurável, jogando em batalha violenta fazendo a própria vida a aposta, parecia a colisão de ferro contra diamante. Nem os homens mais idosos podiam lembrar se eles tinham visto ou ouvido sobre uma batalha tão violenta como a que ocorreu nessa ocasião. A terra naquele combate, marcada com grande carnificina e afligida com o peso daquela hoste vasta, começou a tremer. O barulho aterrador feito pelo exército Kuru agitado e abalado pelo inimigo, paralisando o próprio céu, penetrou até no meio da hoste Pandava. Então Drona, atacando as divisões Pandava às milhares, e se movendo rapidamente pelo campo, as dividiu por meio

de suas flechas afiadas. Quando elas estavam sendo assim oprimidas por Drona de realizações extraordinárias, Dhrishtadyumna, o generalíssimo da hoste Pandava, cheio de ira reprimiu Drona. O combate que nós contemplamos entre Drona e o príncipe dos Panchalas foi estupendo. É minha firme convicção de que ele não tem paralelo.'"

"Então Nila, parecendo um verdadeiro fogo, suas flechas constituindo suas faíscas e seu arco sua chama, começou a consumir as tropas Kuru, como uma conflagração consumindo pilhas de grama seca. O filho valente de Drona, que antes tinha estado desejoso de um combate com ele, dirigiu-se sorridente a Nila quando o último veio consumindo as tropas, e disse a ele essas palavras polidas, 'Ó Nila, o que tu ganhas por consumir assim muitos soldados comuns com tuas chamas de flechas? Lute comigo sem auxílio, e cheio de ira, me ataque.' Assim endereçado, Nila, o brilho de cujo rosto parecia o esplendor de um lótus totalmente desabrochado, perfurou Aswatthaman, cujo corpo parecia um grupo de lotos e cujos olhos eram como pétalas de lótus com suas flechas. Profundamente e repentinamente perfurado por Nila, o filho de Drona com três flechas de cabeça larga cortou o arco e estandarte e guarda-sol de seu antagonista. Pulando rapidamente de seu carro, Nila, então, com um escudo e uma espada excelente, desejou separar do tronco de Aswatthaman sua cabeça como uma ave (levando embora sua presa em suas garras). O filho de Drona, no entanto, ó impecável, por meio de uma flecha farpada, cortou do tronco de seu adversário sua cabeça enfeitada com um belo nariz e enfeitada com brincos excelentes, e que se apoiava em ombros elevados. Aquele herói, então, o brilho de cujo rosto parecia o esplendor da lua cheia e cujos olhos eram semelhantes a pétalas de lótus, cuja estatura era alta, e cor como aquela do lótus, assim morto, caiu no chão. A hoste Pandava então, cheia de grande aflição, começou a tremer, quando o filho do preceptor matou dessa maneira Nila de energia ardente. Os grandes guerreiros em carros dos Pandavas, ó majestade, todos pensaram, 'Ai, como o filho de Indra (Arjuna) será capaz de nos salvar do inimigo, quando aquele poderoso guerreiro está ocupado na parte sul do campo em massacrar o resto dos Samsaptakas e do exército Narayana?'"

30

"Sanjaya disse, 'Vrikodara, no entanto, não pode tolerar aquela matança de seu exército. Ele atingiu Valhika com sessenta e Karna com dez setas. Drona então, desejoso de matar Bhima, rapidamente atacou o último, em seus próprios órgãos vitais, (com) muitas flechas retas de gume afiado. Desejoso além disso de não conceder tempo, ele mais uma vez o atingiu com vinte e seis flechas cujo toque parecia com aquele do fogo e que eram todas semelhantes a cobras de veneno virulento. Então Karna o perfurou com uma dúzia de flechas, e Aswatthaman com sete, e o rei Duryodhana também com seis. O poderoso Bhimasena, em retorno, perfurou eles todos. Ele atacou Drona com cinquenta flechas, e Karna com dez. E perfurando Duryodhana com uma dúzia de flechas, e Drona com oito, ele se engajou naquela batalha proferindo um grito alto. Naquele combate no qual os

guerreiros lutavam indiferentes às suas vidas e no qual a morte era de fácil obtenção, Ajatasattru despachou muitos guerreiros, incitando-os para resgatar Bhima. Aqueles heróis de energia imensurável, os dois filhos de Madri e Pandu, e outros encabeçados por Yuyudhana, foram rapidamente para o lado de Bhimasena. E aqueles touros entre homens, cheios de ira e se reunindo, avançaram para a batalha, desejosos de romper o exército de Drona que era protegido por muitos principais dos arqueiros. De fato, aqueles grandes guerreiros em carros de energia poderosa, isto é, Bhima e outros, lançaram-se furiosamente sobre a hoste de Drona. Drona, no entanto, aquele principal dos guerreiros em carros, recebeu sem qualquer ansiedade todos aqueles poderosos guerreiros de grande força, aqueles heróis talentosos em batalha. Desconsiderando seus reinos e abandonando todo o medo da morte, os guerreiros do teu exército procederam contra os Pandavas. Cavaleiros enfrentaram cavaleiros, e guerreiros em carros enfrentaram guerreiros em carros.'"

"A batalha prosseguiu, dardos contra dardos, espadas contra espadas, machados contra machados. Um combate violento com espadas ocorreu, produzindo uma carnificina terrível. E por causa da colisão de elefantes contra elefantes a batalha se tornou furiosa. Alguns caíam das costas de elefantes, e alguns das costas de cavalos, com cabeças para baixo. E outros, ó majestade, caíam de carros, perfurados com flechas. Naquela multidão selvagem, quando alguém caía privado de armadura, um elefante podia ser visto atacando-o no peito e esmagando sua cabeça. Em outro lugar podiam ser vistos elefantes esmagando multidões de homens caídos no campo. E muitos elefantes, perfurando a terra com suas presas (quando eles caíam), eram vistos dilacerar com elas grandes grupos de homens. Muitos elefantes, além disso, com flechas fincadas em suas trombas, vagavam sobre o campo, ferindo e esmagando homens às centenas. E alguns elefantes eram vistos prensando no chão guerreiros caídos e cavalos e elefantes equipados em armadura de ferro preto, como se esses fossem somente juncos grossos. Muitos reis, ornados com modéstia, sua hora tendo chegado, se deitavam (para o último sono) em leitos dolorosos, cobertos com penas de urubu. Avançando para a batalha sobre seu carro, pai matou filho; e filho também, por loucura perdendo todo o respeito, se aproximou do pai em batalha. As rodas de carros foram quebradas; estandartes foram rasgados; guarda-sóis caíram no chão. Arrastando cangas quebradas, corcéis fugiram. Braços com espadas em punho, e cabeças enfeitadas com brincos caíam. Carros, arrastados por elefantes poderosos, derrubados no chão, eram reduzidos a fragmentos. Corcéis com cavaleiros caíam, severamente feridos por elefantes. Aquela batalha violenta continuou, sem ninguém mostrar qualquer respeito por ninguém. 'Oh pai!' 'Oh filho!' 'Onde tu estás, amigo?' 'Espere!' 'Aonde tu vais?' 'Ataque!' 'Traga!' 'Mate esse!', esses e diversos outros gritos, com risadas e gritos altos, e rugidos eram proferidos e ouvidos lá. O sangue de seres humanos e cavalos e elefantes se misturou. A poeira grossa desapareceu. Os corações de todas as pessoas tímidas ficaram desanimados. Cá um herói tendo a roda de seu carro emaranhada com a roda do carro de outro herói, e a distância sendo tão próxima a permitir o uso de outras armas, despedaçava a cabeça daquele outro por meio de sua maça. Bravos combatentes, desejosos de segurança onde não havia segurança,

arrastavam uns aos outros pelo cabelo, e lutavam ferozmente com punhos, e unhas e dentes. Cá havia um herói cujo braço erguido com espada em punho era cortado; lá o braço de outro era cortado com arco, ou flecha ou gancho em punho. Cá um chamava outro ruidosamente. Lá outro virava suas costas no campo. Cá um cortava a cabeça de outro de seu tronco, surpreendendo-o dentro do alcance. Lá outro avançava com gritos altos sobre um inimigo. Cá um estava cheio de temor por causa do rugido do outro. Lá outro matava com flechas afiadas um amigo ou um inimigo. Cá um elefante, enorme como uma colina, morto com uma flecha longa, caía no campo e jazia como uma ilha estendida em um rio durante o verão. Lá um elefante, com suor escorrendo por seu corpo, como uma montanha com riachos fluindo sobre seu leito, tendo esmagado com seu passo um guerreiro em carro com seus cavalos e quadrigário, permanecia no campo. Vendo bravos guerreiros, talentosos com armas e cobertos com sangue, golpearem uns aos outros, aqueles que eram tímidos e de corações fracos perderam seus sentidos. De fato, todos ficaram desanimados. Nada podia mais ser distinguido. Submersa pela poeira erguida pelas tropas, a batalha tornou-se furiosa. Então o comandante dos exércitos Pandava dizendo, 'Essa é a hora!', rapidamente levou os Pandavas na direção daqueles heróis que são sempre dotados de grande presteza. Obedecendo sua ordem, os Pandavas poderosamente armados, atacando (o exército Kaurava) procederam em direção ao carro de Drona como cisnes em direção a um lago, 'Pegue ele,' 'Não fuja,' 'Não tema,' 'Corte em pedaços,' esses gritos ruidosos eram ouvidos na vizinhança do carro de Drona. Então Drona e Kripa, e Karna e o filho de Drona, e o rei Jayadratha, e Vinda e Anuvinda de Avanti, e Salya receberam aqueles heróis. Aqueles guerreiros irresistíveis e invencíveis, no entanto, isto é, os Panchalas e os Pandavas, inspirados por sentimentos nobres, embora atormentados por flechas, não evitaram Drona. Então Drona, excitado com grande fúria, disparou centenas de flechas, e causou uma grande carnificina entre os Chedis, os Panchalas, e os Pandavas. O som da corda de seu arco e os tapas de suas palmas, eram, ó majestade, ouvidos em todos os lados. E eles pareciam o ribombo do trovão e infligiam temor nos corações de todos. Enquanto isso, Jishnu, tendo vencido um grande número de Samsaptakas, foi rapidamente para aquele local onde Drona estava oprimindo as tropas Pandava. Tendo cruzado muitos lagos grandes cujas águas eram constituídas por sangue, e cujos vagalhões violentos e redemoinhos eram constituídos por flechas, e tendo massacrado os Samsaptakas, Phalguni se mostrou lá. Possuidor de grande renome e dotado como ele era da energia do próprio Sol, o emblema de Arjuna, isto é, seu estandarte portando o macaco, foi visto por nós brilhando com esplendor. Tendo secado completamente o oceano Samsaptaka por meio de armas que constituíam seus raios, o filho de Pandu então destruiu os Kurus também, como se ele fosse o próprio Sol que surge no fim do Yuga. De fato, Arjuna chamuscou todos os Kurus com o calor de suas armas, como o fogo que aparece no fim do Yuga, queimando todas as criaturas. Atingidos por ele com milhares de flechas, guerreiros em elefantes e cavaleiros e guerreiros em carros caíam no chão, com cabelo despenteado, e extremamente afligidos por aquelas chuvas de flechas, alguns proferiam gritos de angústia. Outros davam gritos altos; e alguns atingidos pelas flechas de Partha caíam privados de vida. Lembrando das práticas de (bons) guerreiros, Arjuna não atacou aqueles combatentes entre o

inimigo que tinham caído, ou aqueles que estavam se retirando, ou aqueles que estavam sem vontade de lutar. Privados de seus carros e muito espantados, quase todos os Kauravas, se desviando do campo, proferiram gritos de 'Oh' e 'Ai' e chamaram Karna (por proteção). Ouvindo aquele barulho feito pelos Kurus desejosos de proteção, o filho de Adhiratha (Karna), ruidosamente assegurando as tropas com as palavras 'Não temam', foi enfrentar Arjuna. Então (Karna) aquele mais notável dos guerreiros em carros Bharata, aquele alegrador de todos os Bharatas, aquela principal das pessoas conhecedoras de armas, chamou à existência a arma Agneya. Dhananjaya, no entanto, frustrou por meio de suas próprias torrentes de flechas os enxames de flechas disparadas pelo filho de Radha, aquele guerreiro de arco resplandecente, aquele herói de flechas brilhantes. E similarmente, o filho de Adhiratha também frustrou as flechas de Arjuna de energia suprema. Resistindo às armas de Arjuna assim por meio das suas próprias, Karna proferiu gritos altos e disparou muitas flechas em seu adversário. Então Dhristadyumna e Bhima e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, todos se aproximaram de Karna, e cada um deles o perfurou com três flechas retas. O filho de Radha, no entanto, detendo as armas Arjuna com suas próprias chuvas de flechas, cortou com três flechas afiadas os arcos daqueles três guerreiros. Seus arcos cortados, eles pareciam com cobras sem veneno. Arremessando dardos em seu inimigo de seus respectivos carros, eles proferiram altos gritos leoninos. Aqueles dardos ardentes de grande esplendor e grande impetuosidade, parecendo com cobras, arremessados daqueles braços fortes, correram impetuosamente em direção ao carro de Karna. Cortando cada um daqueles dardos com três setas retas e disparando muitas setas ao mesmo tempo em Partha, o poderoso Karna proferiu um grito alto. Então Arjuna perfurando Karna com sete flechas, despachou o irmão mais novo do último por meio de suas flechas afiadas. Matando Satrunjaya assim com seis setas, Partha, com uma flecha de cabeça larga, cortou a cabeça de Vipatha quando o último estava em seu carro. Na própria vista dos Dhritarashtras, portanto, como também do filho de Suta, os três irmãos do último foram despachados por Arjuna sem ajuda de ninguém. Então Bhima, pulando de seu próprio carro, como um segundo Garuda, matou com sua espada excelente quinze combatentes entre aqueles que protegiam Karna. Subindo mais uma vez em seu carro e pegando outro arco, ele perfurou Karna com dez flechas e seu quadrigário e corcéis com cinco. Dhrishtadyumna também pegando uma espada e um escudo brilhante; despachou Charmavarman e também Vrihatkshatra, o soberano dos Naishadhas. O príncipe Panchala então, subindo em seu próprio carro e pegando outro arco, perfurou Karna com setenta e três flechas, e proferiu um rugido alto. O neto de Sini também, de esplendor igual àquele do próprio Indra, pegando outro arco perfurou o filho de Suta com sessenta e quatro flechas e rugiu como um leão. E cortando o arco de Karna com um par de flechas bem disparadas, ele mais uma vez perfurou Karna nos braços e no peito com três flechas. O rei Duryodhana, e Drona e Jayadratha, resgataram Karna do oceano-Satyaki, quanto o primeiro estava prestes a afundar nele. E soldados de infantaria e corcéis e carros e elefantes, pertencentes ao teu exército e numerando centenas, todos habilidosos em ataque avançaram para o local onde Karna estava amedrontando (seus atacantes). Então Dhrishtadyumna, e Bhima e o filho de Subhadra, e o próprio Arjuna, e Nakula, e

Sahadeva, começaram a proteger Satyaki naquela batalha. Assim mesmo continuou aquela batalha violenta para a destruição de arqueiros pertencentes ao teu exército e ao do inimigo. Todos os combatentes lutaram, indiferentes às suas próprias vidas. Infantaria e carros e cavalos e elefantes estavam empenhados em combate com carros e infantaria. Guerreiros em carros estavam empenhados em combate com elefantes e soldados de infantaria e cavalos, e carros e soldados de infantaria estavam envolvidos em combate com carros e elefantes. E corcéis eram vistos empenhados em combate com corcéis, e elefantes com elefantes, e soldados de infantaria com soldados de infantaria. Assim mesmo aquela batalha, marcada por grande confusão, aconteceu, aumentado o prazer de canibais e criaturas carnívoras, entre aqueles homens de grande alma enfrentando uns aos outros destemidamente. De fato, ele aumentou grandemente a população do reino de Yama. Grande número de elefantes e carros e soldados de infantaria e corcéis foram destruídos por homens, carros, corcéis e elefantes. E elefantes foram mortos por elefantes, e guerreiros em carros com armas erguidas por guerreiros em carros, e corcéis por corcéis, e grandes grupos de soldados de infantaria. E elefantes foram mortos por carros, e corcéis grandes por elefantes grandes e homens por corcéis; e corcéis por principais dos guerreiros em carros. Com línguas para fora, e dentes e olhos pressionados para fora de seus lugares, com cotas de malha e ornamentos esmagados na poeira, as criaturas massacradas caíam no campo. Outros, além disso, de aparência terrível eram golpeados e jogados no chão por outros armados com armas diversas e excelentes e afundavam na terra pelo passo de cavalos e elefantes, e torturados e mutilados por carros pesados e rodas de carros. E durante o progresso daquela carnificina aterradora tão encantadora para animais predadores e aves carnívoras e canibais, combatentes poderosos, cheios de ira, e matando uns aos outros se moviam rapidamente no campo aplicando toda sua energia. Então quando ambas as hostes estavam divididas e mutiladas, os guerreiros banhados em sangue, olharam uns para os outros. Enquanto isso, o Sol foi para seus aposentos nas colinas ocidentais, e ambos os exércitos, ó Bharata, se retiraram lentamente para suas respectivas tendas.'"

31

(Abhimanyu badha Parva)

"Sanjaya disse, 'Tendo sido primeiro divididos por Arjuna de destreza incomensurável, e devido também ao fracasso do voto de Drona, por Yudhishthira ter sido bem protegido, teus guerreiros foram considerados como derrotados. Todos eles com cotas de malha rasgadas e cobertas com poeira, lançaram olhares ansiosos em volta. Se retirando do campo com o consentimento de Drona, depois de terem sido vencidos por seus inimigos de pontaria certeira e humilhados por eles em batalha, eles ouviram, conforme eles procediam, os inumeráveis méritos de Phalguni louvado por todas as criaturas, e a amizade de Kesava por Arjuna falada por todos. Eles passaram a noite como homens sob uma maldição, refletindo sobre o rumo dos acontecimentos e observando silêncio perfeito.'"

"Na manhã seguinte, Duryodhana disse para Drona essas palavras, por petulância e cólera, e em grande desânimo de coração à visão da prosperidade de seu inimigo. Hábil em discurso, e cheio de raiva pelo êxito do inimigo, o rei disse essas palavras na audição de todas as tropas, 'Ó principal dos regenerados, sem dúvida tu nos puseste em perigo por causa de homens que devem ser destruídos por ti. Tu não capturaste Yudhishthira hoje embora tu o tivesses dentro do teu alcance. Aquele inimigo a quem tu deves apanhar em batalha é incapaz de escapar de ti se uma vez tu o tens dentro da visão, mesmo que ele seja protegido pelos Pandavas, ajudados pelos próprios deuses. Gratificado, tu me deste um benefício; agora, no entanto, tu não ages de acordo com isto. Aqueles que são nobres (como tu), nunca falsificam as esperanças de alguém dedicado a eles.' Assim endereçado por Duryodhana, o filho de Bharadwaja sentiu-se muito envergonhado. Dirigindo-se ao rei, ele disse, 'Não cabe a ti me considerar como tal. Eu sempre me esforço para realizar o que é agradável para ti. Os três mundos com os deuses, os Asuras, os Gandharvas, os Yakshas, os Nagas e os Rakshasas não podem derrotar o exército que é protegido pelo enfeitado com diadema (Arjuna). Lá onde Govinda, o Criador do universo está, e lá onde Arjuna é o comandante, o poder de quem pode ser eficaz, salvo o de Mahadeva de três olhos, ó senhor? Ó majestade, eu te falo realmente hoje e isso não será de outra maneira. Hoje, eu matarei um poderoso guerreiro em carro, um dos heróis principais dos Pandavas. Hoje eu irei também formar uma ordem de batalha impenetrável pelos próprios deuses. No entanto, ó rei, por quaisquer meios afaste Arjuna do campo. Não há nada que ele não saiba ou não possa realizar em batalha. De vários lugares ele adquiriu tudo o que é para ser conhecido sobre batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Depois que Drona tinha dito essas palavras, os Samsaptakas mais uma vez desafiaram Arjuna para o combate e o afastaram para a parte sul do campo. Então ocorreu um confronto entre Arjuna e seus inimigos, semelhante ao qual nunca tinha sido visto ou ouvido a respeito. Por outro lado, a ordem de batalha formada por Drona, ó rei, parecia resplandecente. De fato, aquela formação de combate era incapaz de ser olhada como o próprio sol quando em seu curso ele alcança o meridiano e chamusca (tudo abaixo). Abhimanyu, por ordem, ó Bharata, do irmão mais velho de seu pai, rompeu em batalha aquela formação de combate circular impenetrável em muitos lugares. Tendo realizado as mais difíceis façanhas e matado heróis aos milhares, ele foi (finalmente) combatido por seis heróis juntos. No fim, sucumbindo ao filho de Duhsasana, ó senhor da terra, o filho de Subhadra, ó castigador de inimigos, abandonou sua vida. Nisso nós ficamos cheios de grande alegria e os Pandavas de grande tristeza. E depois que o filho de Subhadra tinha sido morto, nossas tropas foram retiradas para o descanso noturno.'"

"Dhritarashtra disse, 'Sabendo, ó Sanjaya, da morte do filho (Abhimanyu), ainda em sua menoridade, daquele leão entre homens, (Arjuna), meu coração parece se partir em pedaços. Cruéis, de fato, são os deveres dos Kshatriyas como prescritos pelos legisladores, visto que homens corajosos, desejosos de soberania, não tiveram escrúpulos em disparar suas armas mesmo em um menino. Ó filho de

Gavalgana, diga-me como tantos guerreiros, talentosos com armas, mataram aquele menino que, embora criado no luxo, contudo se movia rapidamente sobre o campo tão destemidamente. Conte-me, ó Sanjaya, como nossos guerreiros se comportaram em batalha com o filho de Subhadra de energia imensurável que tinha penetrado em nossa tropa de carros.'"

"Sanjaya disse, 'Isso que tu me perguntaste, ó rei, isto é, a morte do filho de Subhadra, eu descreverei para ti em detalhes. Escute, ó monarca, com atenção. Eu relatarei para ti como aquele jovem, tendo penetrado em nossas tropas, se movimentou com suas armas, e como os heróis irresistíveis do teu exército, todos inspirados por esperança de vitória, foram afligidos por ele. Como os habitantes de uma floresta cheia de plantas e ervas e árvores, quando cercados por todos os lados por um incêndio florestal, os guerreiros do teu exército estavam todos cheios de temor.'"

32

"Sanjaya disse, 'De atos violentos em batalha e acima de toda fadiga, como provado por suas façanhas, os cinco filhos de Pandu, com Krishna, não podem ser resistidos pelos próprios deuses. Em virtude, em feitos, em linhagem, em inteligência, em realizações, em fama, em prosperidade, nunca houve, e nunca haverá, outro homem tão dotado quanto Yudhishthira. Devotado à verdade e justiça, e com paixões sob controle, o rei Yudhishthira, por seu culto aos Brahmanas e diversas outras virtudes de natureza similar, está sempre no desfrute do Céu. O próprio Destruidor no fim do Yuga, o filho valente de Jamadagni (Rama), e Bhimasena em seu carro, esses três, ó rei, são citados como iguais. De Partha, o manejador do Gandiva, que sempre realiza seus votos em batalha, eu não vejo um paralelo apropriado na terra. Reverência por superiores, execução de planos, humildade, autodomínio, beleza pessoal, e bravura, esses seis estão sempre presentes em Nakula. Em conhecimento de escrituras, gravidade, brandura de temperamento, virtude e destreza, o heróico Sahadeva é igual aos próprios Aswins. Todas aquelas qualidades nobres que se encontram em Krishna, todas aquelas que se encontram nos Pandavas, todo aquele conjunto de qualidades era encontrado em Abhimanyu somente. Em firmeza, ele era igual a Yudhishthira, e em conduta a Krishna; em façanhas, ele era igual a Bhimasena de feitos terríveis, em beleza pessoal, em destreza, e em conhecimento de escrituras ele era igual a Dhananjaya. Em humildade, ele era igual a Sahadeva e Nakula.'"

"Dhritarashtra disse, 'Eu desejo, ó Suta, ouvir em detalhes como o invencível Abhimanyu, o filho de Subhadra, foi morto no campo de batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Fique calmo, ó rei! Suporte tua aflição que é tão insuportável. Eu te falarei do grande massacre de teus parentes.'"

"O preceptor, ó rei, tinha formado a formidável ordem de batalha circular. Nela estavam posicionados todos os reis (do nosso lado) cada um igual ao próprio

Sakra. Na entrada estavam posicionados todos os príncipes possuidores de refulgência solar. Todos eles tinham feito juramentos (sobre defender uns aos outros). Todos tinham estandartes decorados com ouro. Todos estavam vestidos em mantos vermelhos, e todos tinham ornamentos vermelhos. Todos eles tinham pendões vermelhos e todos estavam enfeitados com guirlandas de ouro, cobertos com pasta de sândalo e outros unguentos perfumados; eles estavam ornados com coroas florais. Em conjunto eles avançaram em direção ao filho de Arjuna, desejosos de lutar. Arqueiros firmes, todos eles numeravam dez mil. Colocando o teu belo neto, Lakshmana, em sua dianteira, todos eles, simpatizando uns com os outros em alegria e tristeza, e competindo uns com os outros em feitos de coragem, desejando sobrepujar uns aos outros, e dedicados ao bem uns dos outros, eles avançaram para a batalha. Duryodhana, ó monarca, estava posicionado no meio de suas tropas. E o rei estava cercado pelos poderosos guerreiros em carro Karna, Duhsasana, e Kripa, e tinha um guarda-sol branco mantido sobre sua cabeça. E abanado com rabos de iaque, ele parecia resplandecente como o chefe dos celestiais. E na dianteira daquele exército estava o comandante Drona parecendo com o sol nascente. E lá estava o soberano dos Sindhus, de grande beleza pessoal, e imóvel como o rochedo de Meru. Permanecendo ao lado do soberano dos Sindhus e encabeçados por Aswatthaman, estavam, ó rei, teus trinta filhos, parecendo os próprios deuses. Lá também no flanco de Jayadratha estavam aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, o soberano de Gandhara, o jogador (Sakuni), e Salya, e Bhurisrava. Então começou a batalha, feroz e de arrepiar os cabelos, entre teus guerreiros e aqueles do inimigo. E ambos os lados lutaram fazendo da própria morte a meta.'"

33

"Sanjaya disse, 'Os Parthas então, encabeçados por Bhimasena, aproximaram-se daquela formação de combate invencível protegida pelo filho de Bharadwaja. E Satyaki, e Chekitana, e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, e Kuntibhoja de grande destreza, e o poderoso guerreiro em carro Drupada, e o filho de Arjuna (Abhimanyu), e Kshatradharman, e o bravo Vrihatkshatra, e Dhrishtaketu, o soberano dos Chedis, e os filhos gêmeos de Madri, (Nakula e Sahadeva), e Ghatotkacha, e o poderoso Yudhamanyu e o invicto Sikhandin, e o irresistível Uttamaujas e o poderoso guerreiro em carro Virata, e os cinco filhos de Draupadi, esses todos cheios de ira, e o filho valente de Sisupala, e os Kaikeyas de energia poderosa, e os Srinjayas aos milhares, esses e outros, educados em armas e difíceis de serem resistidos em batalha, avançaram repentinamente, na chefia de seus respectivos seguidores, contra o filho de Bharadwaja, pelo desejo de lutar. O filho valente de Bharadwaja, no entanto, reprimiu destemidamente todos aqueles guerreiros, logo que eles chegaram perto, com uma chuva grossa de flechas. Como uma onda imensa de águas vindo contra uma colina impenetrável, ou o próprio mar revolto se aproximando de sua margem, aqueles guerreiros foram repelidos por Drona. E os Pandavas, ó rei, afligidos pelas flechas disparadas do arco de Drona, eram incapazes de ficar diante dele. E a força das armas de Drona

que nós vimos era admirável ao extremo, visto que os Panchalas e os Srinjayas fracassaram em se aproximar dele. Vendo Drona avançando em fúria, Yudhishthira pensou em diversos meios para deter seu progresso. Finalmente, considerando Drona incapaz de ser resistido por alguém mais, Yudhishthira colocou aquele encargo pesado e insuportável sobre o filho de Subhadra. Dirigindo-se a Abhimanyu, aquele matador de heróis hostis, que não era inferior ao próprio Vasudeva e cuja energia era superior àquela de Arjuna, o rei disse, 'Ó filho, aja de maneira que Arjuna, retornando (dos Samsaptakas), não possa nos reprovar. Nós não sabemos como romper a ordem de batalha circular. Tu mesmo, ou Arjuna ou Krishna, ou Pradyumna, podem atravessar aquela ordem de batalha. Ó de braços fortes, nenhuma quinta pessoa pode ser encontrada (para realizar esse feito). Ó filho, cabe a ti, ó Abhimanyu, conceder o benefício que teus pais, teus tios maternos, e todas essas tropas pedem de ti. Pegando tuas armas rapidamente, destrua essa formação de combate de Drona, senão Arjuna, voltando do combate, irá reprovar todos nós.'"

"Abhimanyu disse, 'Desejando vitória para meus pais, logo em batalha eu atravessarei aquela firme, terrível e principal das ordens de batalha formada por Drona. Meu pai me ensinou o método (de penetrar e) derrotar esse tipo de formação de combate. Eu não serei capaz, no entanto, de sair se algum tipo de perigo me surpreender.'"

"Yudhishthira disse, 'Rompa essa ordem de batalha uma vez, ó principal dos guerreiros, e faça uma passagem para nós. Todos nós te seguiremos no caminho pelo qual tu irás. Em batalha, tu és igual ao próprio Dhananjaya. Vendo-te entrar, nós te seguiremos, protegendo-te de todos os lados.'"

"Bhima disse, 'Eu mesmo te seguirei, e Dhrishtadyumna e Satyaki, e os Panchalas, e os Prabhadrakas. Depois que a ordem de batalha for uma vez rompida por ti, eu entrarei nela repetidamente e matarei os mais notáveis guerreiros dentro dela.'"

"Abhimanyu disse, 'Eu penetrarei naquela formação de combate invencível de Drona, como um inseto cheio de ira entrando em um fogo ardente. Hoje, eu farei aquilo que será benéfico para ambas as linhagens (isto é, de meu pai e de minha mãe). Eu farei aquilo que satisfará meu tio materno como também minha mãe. Hoje todas as criaturas verão grandes grupos de soldados hostis continuamente massacrados por mim, um rapaz sem ajuda. Se alguém, me enfrentando, escapar hoje com vida, eu então não me considerarei gerado por Partha e nascido de Subhadra. Se em um único carro eu não puder em batalha cortar toda a classe Kshatriya em oito fragmentos, eu não me considerarei o filho de Arjuna.'"

"Yudhishthira disse, 'Já que protegido por esses tigres entre homens, esses grandes arqueiros dotados de poder impetuoso, esses guerreiros que parecem os Sadhyas, os Rudras, ou os Maruts, ou que são como os Vasus, ou Agni ou o próprio Aditya em coragem, tu te arriscas a romper a ordem de batalha invencível de Drona, e já que tu falas assim, que tua força, ó filho de Subhadra, seja aumentada.'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras de Yudhishthira, Abhimanyu ordenou seu quadrigário, Sumitra, dizendo, 'Incite os cavalos rapidamente em direção ao exército de Drona.'"

34

"Sanjaya disse, 'Ouvindo essas palavras do inteligente Yudhishthira, o filho de Subhadra, ó Bharata, incitou seu quadrigário em direção à formação de combate de Drona. O quadrigário, instigado por ele com as palavras, 'Proceda, Proceda,' respondeu para Abhimanyu, ó rei, nessas palavras, 'Ó tu que és abençoado com extensão de dias, pesada é a responsabilidade que foi colocada sobre ti pelos Pandavas! Averiguando por meio do teu bom senso se tu és capaz de suportar isso ou não, tu deves então te envolver na batalha. O preceptor Drona é um mestre de armas superiores e habilidoso (em batalha). Tu, no entanto, foste criado em grande luxo e és desabituado à batalha.'"

"Ouvindo essas palavras, Abhimanyu respondeu para seu quadrigário, dizendo com uma risada, 'Ó quadrigário, quem é esse Drona? O que, além disso, é esse vasto grupo de Kshatriyas? Eu enfrentaria em batalha o próprio Sakra em seu Airavata e ajudado por todos os celestiais. Eu não sinto a mais leve ansiedade a respeito de todos esses Kshatriyas hoje. Esse exército hostil não chega nem a uma décima sexta parte de mim mesmo. Ó filho de um Suta, obtendo meu tio materno o próprio Vishnu, o conquistador do universo ou meu pai, Arjuna, como um adversário em batalha, o medo não entraria no meu coração.' Abhimanyu então, desconsiderando dessa maneira aquelas palavras do quadrigário, instigou o último, dizendo, 'Vá com velocidade em direção ao exército de Drona.' Assim comandado, o quadrigário, com o coração mal alegre, incitou os cavalos de Abhimanyu de três anos de idade, enfeitados com arreios dourados ricamente enfeitados. Aqueles corcéis, incitados por Sumitra em direção ao exército de Drona, avançaram em direção ao próprio Drona, ó rei, com grande velocidade e destreza. Vendo ele indo (em direção a eles) daquela maneira, todos os Kauravas, encabeçados por Drona, avançaram contra ele, porque, de fato, os Pandavas seguiam atrás dele. Então o filho de Arjuna, superior ao próprio Arjuna, envolvido em armadura dourada e possuindo um estandarte excelente que portava o emblema de uma árvore Karnikara, enfrentou destemidamente, por desejo de batalha, aqueles guerreiros encabeçados por Drona, como um filhote de leão atacando uma manada de elefantes. Aqueles guerreiros então, cheios de alegria, começaram a atacar Abhimanyu enquanto ele se esforçava para romper sua formação de combate. E por um momento uma agitação teve lugar lá, semelhante ao redemoinho que é visto no oceano onde a correnteza do Ganga se mistura com ele. A batalha, ó rei, que começou lá, entre aqueles heróis se esforçando atacando uns aos outros, tornou-se violenta e terrível. E durante o progresso daquela batalha aterradora, o filho de Arjuna, na própria vista de Drona, rompendo aquela formação de combate, penetrou nela. Então grandes grupos de elefantes e corcéis e carros e infantaria, cheios de alegria, cercaram aquele guerreiro poderoso depois que ele tinha penetrado dessa maneira no meio do inimigo, e começaram a

atacá-lo. [Fazendo a terra ressoar] com o barulho de diversos instrumentos musicais, com gritos e golpes no peito e rugidos, com berros e gritos leoninos, com exclamações de 'Espere, Espere,' com vozes confusas selvagens com gritos de, 'Não vá', 'Espere', 'Venha a mim', com exclamações repetidas de, 'Este', 'Sou eu', 'O inimigo,' com grunhidos de elefantes, com o tilintar de sinos e ornamentos, com explosões de risada, e o estrépito de cascos de cavalo e rodas de carro, os guerreiros (Kaurava) avançaram no filho de Arjuna. Aquele herói poderoso, no entanto, dotado de grande agilidade de mãos e tendo o conhecimento das partes vitais do corpo, disparando rapidamente armas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais, matou aqueles guerreiros que avançavam. Massacrados por meio de flechas afiadas de diversos tipos, aqueles guerreiros ficaram completamente desamparados, e como insetos caindo sobre um fogo ardente, eles continuaram a se lançar sobre Abhimanyu no campo de batalha. E Abhimanyu cobriu a terra com seus corpos e diversos membros de seus corpos como sacerdotes cobrindo o altar em um sacrifício com folhas de erva Kusa. E o filho de Arjuna cortou aos milhares os braços daqueles guerreiros. E alguns deles estavam envolvidos em corseletes feitos de pele de iguana e alguns seguravam arcos e flechas, e alguns seguravam espadas ou escudos ou ganchos de ferro e rédeas; e alguns, lanças e machados de batalha. E alguns seguravam maças ou bolas de ferro ou arpões e alguns, espadins e alavancas e machados. E alguns seguravam flechas curtas, ou maças com pontas, ou dardos, ou Kampanas. E alguns tinham aguilhões e conchas prodigiosas; e alguns dardos farpados e Kachagrahas. E alguns tinham malhos e alguns outros tipos de mísseis. E alguns tinham laços, e alguns clavas pesadas, e alguns (tinham) fragmentos de materiais duros. E todos aqueles braços estavam enfeitados com braceletes e lavados com perfumes e unguentos agradáveis. E com aqueles braços tingidos com sangue coagulado e parecendo brilhante o campo de batalha tornou-se belo como se coberto, ó majestade, com cobras de cinco cabeças mortas por Garuda. E o filho de Phalguni também espalhou sobre o campo de batalha inúmeras cabeças de inimigos, cabeças enfeitadas com belos narizes e rostos e madeixas, sem espinhas, e adornados com brincos. Sangue fluía daquelas cabeças copiosamente, e os lábios inferiores em todas estavam mordidos de raiva. Adornadas com belas guirlandas e coroas e turbantes e pérolas e pedras preciosas, e possuidoras de esplendor igual àquele do sol ou da lua, elas pareciam ser como lotos cortados de seus caules. Fragrantes com muitos perfumes, enquanto a vida estava nelas, elas podiam falar palavras agradáveis e benéficas. Diversos carros, bem equipados, e parecendo com os edifícios vaporosos no firmamento, com varais na frente e excelentes postes de bambu e parecendo belos com os estandartes levantados sobre eles, estavam privados de seus Janghas, e Kuvaras, e Nemis, e Dasanas, (que são os diversos membros de carros usados em batalha) e rodas, e estandartes e terraços. E os utensílios de guerra neles estavam todos quebrados. E os tecidos valiosos com os quais eles estavam cobertos foram impelidos para longe pelo vento, e os guerreiros sobre eles foram mortos aos milhares. Mutilando tudo diante dele com suas flechas, Abhimanyu era visto correndo por todos os lados. Com suas armas de gume afiado, ele cortou em pedaços guerreiros em elefantes, e elefantes com estandartes e ganchos e pendões, e aljavas e cotas de malha, e cilhas e laços de pescoço e cobertores, e sinos e trombas e presas como também os soldados a pé

que protegiam aqueles elefantes de trás. E muitos cavalos das raças Vanayu, montanhosa, Kamvoja, e Valhika, com rabos e orelhas e olhos imóveis e fixos, possuidores de grande velocidade, bem treinados, e guiados por guerreiros habilidosos armados com espadas e lanças, eram vistos serem privados dos ornamentos excelentes em seus rabos belos. E muitos jaziam com línguas de fora e olhos destacados de suas cavidades, e entranhas e fígados para fora. E os cavaleiros em suas costas jaziam sem vida ao lado deles. E as fileiras de sinos que os adornavam estavam todas rasgadas. Espalhados sobre o campo dessa maneira, eles causaram grande alegria para Rakshasas e animais predadores. Com cotas de malha e outras armaduras de couro (envolvendo seus membros) abertas, eles rolavam em fezes expelidas por eles mesmos. Matando dessa maneira muitos principais dos corcéis do teu exército, Abhimanyu parecia resplandecente. Realizando sozinho o feito mais difícil, como o próprio Vibhu inconcebível nos tempos passados, Abhimanyu oprimiu tua hoste vasta de três tipos de tropas (carros, elefantes, e corcéis), como o de três olhos (Mahadeva) de energia incomensurável oprimindo a terrível hoste Asura. De fato, o filho de Arjuna, tendo realizado em batalha feitos incapazes de serem resistidos por seus inimigos, em todos os lugares mutilava grandes divisões de soldados a pé pertencentes ao teu exército. Contemplando então tua hoste extensamente massacrada pelo filho de Subhadra sozinho com suas flechas afiadas como a hoste Asura por Skanda (o generalíssimo celeste), teus guerreiros e teus filhos lançaram olhares vazios para todos os lados. Suas bocas ficaram secas; seus olhos ficaram inquietos; seus corpos estavam cobertos com suor; e seus cabelos se eriçaram. Sem esperança de derrotar seu inimigo, eles colocaram seus corações em fugir do campo. Desejosos de salvar suas vidas, (eles) chamaram uns aos outros por seus nomes e os nomes de suas famílias, e abandonando seus filhos feridos e pais e irmãos e parentes e parentes por casamento jazendo por todo o campo, eles se esforçaram para fugir, incitando seus corcéis e elefantes (à sua velocidade máxima).'"

35

"Sanjaya disse, 'Vendo seu exército derrotado pelo filho de Subhadra de energia imensurável, Duryodhana, cheio de raiva, procedeu ele mesmo contra o primeiro. Vendo o rei voltar atrás em direção ao filho de Subhadra em batalha, Drona, se dirigindo a todos os guerreiros (Kaurava), disse, 'Resgatem o rei. Diante de nós, na nossa própria vista, o bravo Abhimanyu está matando todos os que ele visa. Avancem, portanto, rapidamente contra ele, sem medo e protejam o rei Kuru.' Então muitos guerreiros gratos e poderosos, tendo o bem de Duryodhana no coração, e sempre agraciados com vitória, inspirados com temor, cercaram teu filho. E Drona, e o filho de Drona, e Kripa e Karna e Kritavarman e o filho de Suvala, Vrihadvala, e o soberano dos Madras, e Bhuri, e Bhurisravas, e Sala, e Paurava e Vrishasena, disparando flechas afiadas, reprimiram o filho de Subhadra por meio daquelas chuvas de flechas. Confundindo-o com aquelas chuvas de flechas, eles resgataram Duryodhana. O filho de Arjuna, no entanto, não tolerou aquele ato de roubar um bocado de sua boca. Cobrindo aqueles poderosos

guerreiros em carros, seus quadrigários, e corcéis com chuvas grossas de setas e fazendo-os retroceder, o filho de Subhadra proferiu um rugido leonino. Ouvindo aquele rugido dele, parecendo aquele de um leão ansiando por presa, aqueles guerreiros em carros furiosos, encabeçados por Drona, não toleraram isso. Cercando-o por todos os lados, ó majestade, com um grande grupo de carros eles dispararam nele diversos tipos de flechas. Teu neto, no entanto, cortou-as no céu (antes que alguma delas pudesse alcançá-lo) por meio de flechas afiadas, e então perfurou todos eles com suas flechas. Essa façanha dele pareceu muito extraordinária. Provocados por ele dessa maneira por meio daquelas flechas dele que pareciam com cobras de veneno virulento, eles cercaram aquele filho de Subhadra que não recuava, desejosos de matá-lo. Aquele mar de tropas (Kaurava), no entanto, ó touro da raça Bharata, o filho de Arjuna sozinho manteve sob controle por meio de suas flechas, como o continente resistindo ao oceano revolto. E entre aqueles heróis assim lutando e golpeando uns aos outros, isto é, Abhimanyu e seu homem de um lado e todos aqueles guerreiros juntos do outro, ninguém retrocedeu do campo. Naquela batalha terrível e violenta, Duhsaha perfurou Abhimanyu com nove flechas. E Duhsasana perfurou-o com uma dúzia; e o filho de Saradwata Kripa, com três. E Drona o perfurou com dezessete flechas, cada uma parecendo uma cobra de veneno virulento. E Vivinsati o perfurou com setenta flechas, e Kritavarman com sete. E Vrihadvala o perfurou com oito, e Aswatthaman com sete flechas. E Bhurisrava o perfurou com três flechas e o soberano dos Madras com seis. E Sakuni perfurou-o com duas, e o rei Duryodhana com três flechas. O heróico Abhimanyu, no entanto, ó rei, aparentemente dançando sobre seu carro, perfurou cada um daqueles guerreiros em retorno com três flechas. Então Abhimanyu, cheio de raiva por teus filhos se esforçarem para assustá-lo dessa maneira, mostrou a força estupenda que ele tinha adquirido de treino e prática. Levado por seus corcéis bem domados, dotados da velocidade de Garuda ou do Vento, e totalmente obedientes às ordens daquele que segurava suas rédeas, ele rapidamente reprimiu o herdeiro de Asmaka. Ficando diante dele, o belo filho de Asmaka, dotado de grande força, perfurou-o com dez flechas e dirigindo-se a ele, disse, 'Espere, Espere.' Abhimanyu então, com dez flechas, cortou os cavalos do primeiro e quadrigário e estandarte e dois braços e arco e cabeça, e os fez caírem no chão, sorrindo naquele momento. Depois que o heróico soberano dos Asmakas tinha sido morto dessa forma pelo filho de Subhadra, todo o seu exército vacilou e começou a fugir do campo. Então Karna e Kripa, e Drona e o filho de Drona, e o soberano dos Gandharas, e Sala e Salya, e Bhurisravas e Kratha, e Somadatta, e Vivinsati, e Vrishasena, e Sushena, e Kundavedhin, e Pratardana, e Vrindaraka e Lalithya, e Pravahu, e Drighalochana, e Duryodhana furioso, derramaram suas setas sobre ele. Então Abhimanyu, muito perfurado por aqueles grandes arqueiros com suas setas retas, disparou uma flecha em Karna a qual era capaz de atravessar toda armadura e corpo. Aquela flecha, atravessando a cota de malha de Karna e então seu corpo, entrou na terra como uma cobra atravessando um formigueiro. Profundamente perfurado, Karna sentiu grande dor e ficou completamente sem ação. De fato, Karna começou a tremer naquela batalha como uma colina durante um terremoto. Então com três outras de corte excelente, o filho poderoso de Arjuna, excitado com raiva, matou aqueles três guerreiros, isto é, Sushena,

Drighalochana, e Kundavedhin. Enquanto isso, Karna (se recuperando do choque) perfurou Abhimanyu com vinte e cinco flechas. E Aswatthaman o atingiu com vinte, e Kritavarman com sete. Totalmente coberto por setas, aquele filho do filho de Sakra, cheio de fúria, se movimentou rapidamente sobre o campo. E ele foi considerado por todas as tropas como o próprio Yama armado com o laço. Ele então espalhou sobre Salya, que aconteceu de estar perto dele, chuvas grossas de setas. Aquele guerreiro poderosamente armado então proferiu gritos altos, apavorando tuas tropas com isso. Enquanto isso, Salya, perfurado por Abhimanyu habilidoso com armas, com flechas retas penetrando em seus próprios órgãos vitais, sentou-se no terraço de seu carro e desmaiou. Vendo Salya assim perfurado pelo filho célebre de Subhadra, todas as tropas fugiram diante dos olhos do filho de Bharadwaja. Vendo aquele guerreiro de braços fortes, isto é, Salya, assim coberto com flechas de asas douradas, teu exército fugiu como um bando de veados atacado por um leão. E Abhimanyu glorificado pelos Pitris, os deuses, e Charanas, e Siddhas, como também por diversas classes de criaturas sobre a terra, com louvores sobre (seu heroísmo e habilidade em) batalha, parecia resplandecente como um fogo sacrifical alimentado com manteiga clarificada.'"

36

"Dhritarashtra disse, 'Enquanto o filho de Arjuna estava oprimindo dessa maneira, por meio de suas flechas retas, nossos principais arqueiros, quais guerreiros do meu exército se esforçaram para detê-lo?'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, sobre a destreza esplêndida em batalha do jovem Abhimanyu enquanto empenhado em romper as tropas de carros (dos Kauravas), protegidas pelo próprio filho de Bharadwaja.'"

"Vendo o soberano dos Madras incapacitado em batalha pelo filho de Subhadra com suas flechas, o irmão mais novo de Salya, cheio de fúria, avançou contra Abhimanyu, espalhando suas flechas. O filho de Arjuna no entanto, dotado de grande agilidade de mão, cortou a cabeça de seu antagonista e quadrigário, seu poste de bambu triplo, seu leito (no carro), as rodas de seu carro, sua canga, e varais e aljava, e fundo do carro, por meio de suas flechas, como também seu estandarte e todos os outros instrumentos de batalha com os quais seu carro estava equipado. Tão rápidos eram seus movimentos que ninguém podia obter uma visão de sua pessoa. Privado de vida, aquele principal e chefe de todos os ornamentos de batalha caiu no chão, como uma colina enorme arrancada por uma tempestade poderosa. Seus seguidores então, tomados pelo medo, fugiram em todas as direções. Contemplando aquele feito do filho de Arjuna, todas as criaturas estavam muito satisfeitas, e o animaram, ó Bharata, com gritos altos de 'Excelente, Excelente!'"

"Depois que o irmão de Salya tinha sido morto dessa maneira, muitos seguidores dele, proclamando ruidosamente suas famílias, lugares de residência, e nomes, avançaram contra o filho de Arjuna, cheios de raiva e armados com

diversas armas. Alguns deles estavam em carros, alguns em corcéis e alguns em elefantes; e outros avançavam a pé. E todos eles eram dotados de poder ameaçador. E eles avançaram alarmando o filho de Arjuna com o zunido alto de suas setas, o estrondo profundo das rodas de seus carros, seus gritos ferozes e berros e brados, seus rugidos leoninos, o som alto da corda dos seus arcos, e os tapas de suas palmas. E eles disseram, 'Tu não escaparás de nós com vida hoje!' Ouvindo eles falarem assim, o filho de Subhadra, sorrindo, perfurou com suas flechas aqueles entre eles que o tinham perfurado primeiro. Mostrando diversas armas de aparência bela e de grande celeridade, o filho heróico de Arjuna lutou brandamente com eles. Aquelas armas que ele tinha recebido de Vasudeva e aquelas que ele tinha recebido de Dhananjaya, Abhimanyu mostrou da mesma maneira como Vasudeva e Dhananjaya. Desconsiderando o encargo pesado que ele tinha tomado sobre si mesmo e rejeitando todo temor, ele disparou suas flechas repetidamente. Nenhum intervalo, além disso, podia ser notado entre ele mirar e disparar uma seta. Somente seu arco tremendo estirado a um círculo podia ser visto em todos os lados, parecendo com o disco brilhante do sol outonal. E a vibração de seu arco, e o tapa de suas palmas, ó Bharata, era ouvido ressoar como o ribombo de nuvens carregadas com trovão. Modesto, colérico, reverente com os superiores, e extremamente bonito, o filho de Subhadra, por consideração pelos heróis hostis, lutou com eles brandamente. Começando suavemente, ó rei, ele gradualmente tornou-se feroz, como o criador ilustre do dia quando o outono chega depois que a estação das chuvas termina. Como o próprio Sol derramando seus raios, Abhimanyu, cheio de ira, disparou centenas e milhares de setas afiadas, equipadas com penas douradas. Na própria vista do filho de Bharadwaja, aquele guerreiro célebre cobriu a divisão de carros do exército Kaurava com diversos tipos de flechas. Nisso, aquele exército assim afligido por Abhimanyu com suas flechas, virou suas costas no campo.'"

37

"Dhritarashtra disse, 'Meu coração, ó Sanjaya, está agitado com diferentes emoções, isto é, vergonha e satisfação, ao saber que o filho de Subhadra sozinho manteve sob controle todo o exército do meu filho. Ó filho de Gavalgana, conte-me tudo mais uma vez em detalhes sobre o combate do jovem Abhimanyu, o qual parece ter sido bastante semelhante ao combate de Skanda com a hoste Asura.'"

"Sanjaya disse, 'Eu relatarei para ti aquele combate terrível, aquela batalha violenta, como ela aconteceu entre um e os muitos. Sobre seu carro, Abhimanyu, com grande audácia, derramava suas flechas nos guerreiros do teu exército em seus carros, todos os quais eram castigadores de inimigos, dotados de grande coragem. Movendo-se rapidamente com grande velocidade como um círculo de fogo, ele perfurou Drona e Karna, e Kripa, e Salya e o filho de Drona, e Kritavarman da tribo Bhoja, e Vrihadvala, e Duryodhana, e Somadatta, e o poderoso Sakuni, e diversos reis e diversos príncipes e diversos grupos de tropas. Enquanto empenhado em matar seus inimigos por meio de armas superiores, o filho valente de Subhadra, dotado de energia poderosa, parecia, ó Bharata, estar

presente em todos os lugares. Observando aquela conduta do filho de Subhadra de energia incomensurável, tuas tropas tremiam repetidamente. Vendo aquele guerreiro de grande competência em batalha, o filho de Bharadwaja de grande sabedoria, com olhos arregalados de alegria, foi rapidamente em direção a Kripa, e dirigindo-se a ele disse, como se esmagando (com aquele seu discurso) os próprios membros vitais do teu filho, ó Bharata, as seguintes palavras, 'Lá vem o filho jovem de Subhadra na dianteira dos Parthas, alegrando todos os seus amigos, e o rei Yudhishthira, e Nakula, e Sahadeva, e Bhimasena, o filho de Pandu, e todos os seus parentes, e parentes por casamento, e todos os que estão assistindo a batalha como espectadores sem tomarem qualquer parte nela. Eu não considero nenhum arqueiro como seu igual em batalha. Se somente ele nutrir o desejo, ele pode matar essa hoste vasta. Parece que por alguma razão ou outra, ele não nutre esse desejo.' Ouvindo essas palavras de Drona, tão expressivas da satisfação que ele sentia, teu filho, enfurecido com Abhimanyu, olhou para Drona, sorrindo vagamente. De fato, Duryodhana disse para Karna e o rei Valhika e Duhsasana e o soberano dos Madras e para os muitos outros poderosos guerreiros em carros do seu exército, essas palavras, 'O preceptor da ordem inteira dos Kshatriyas, ele que é o principal de todos os que são familiarizados com Brahma, por estupefação, não deseja matar esse filho de Arjuna. Ninguém pode, em batalha, escapar do preceptor com vida, nem mesmo o próprio Destruidor, se o último avançar contra o preceptor como um inimigo. O que, ó amigos, nós diremos então de qualquer mortal? Eu digo isso realmente. Esse é o filho de Arjuna, e Arjuna é discípulo do preceptor. É por isso que o preceptor protege esse jovem. Discípulos e filhos e seus filhos são sempre queridos para as pessoas virtuosas. Protegido por Drona, o filho jovem de Arjuna se considera corajoso. Ele é só um tolo nutrindo uma opinião elevada sobre si mesmo. O subjuguem, portanto, sem demora.' Assim endereçados pelo rei Kuru, aqueles guerreiros, ó monarca, excitados com raiva e desejosos de matar seu inimigo, avançaram, na própria vista de Drona, no filho de Subhadra, aquela filha da linhagem Satwata. Duhsasana, em particular, aquele tigre entre os Kurus, ouvindo aquelas palavras de Duryodhana, respondeu ao último, dizendo, 'Ó monarca, eu te digo que eu mesmo matarei ele na própria visão dos Pandavas e diante dos olhos dos Panchalas. Eu sem dúvida devorarei o filho de Subhadra hoje, como Rahu engolindo Surya (sol).' E mais uma vez dirigindo-se ao rei Kuru ruidosamente, Duhsasana disse, 'Sabendo que o filho de Subhadra foi morto por mim, os dois Krishnas, que são extremamente vaidosos, irão sem dúvida para a região dos espíritos dos mortos, deixando esse mundo de homens. Sabendo então da morte dos dois Krishnas, é evidente que os outros filhos nascidos das esposas de Pandu, com todos os seus amigos, irão, no decorrer de um único dia, perder suas vidas por desespero. É evidente, portanto, que esse teu inimigo estando morto, todos os teus inimigos estarão mortos. Me deseje bem, ó rei, eu mesmo matarei esse teu inimigo.' Tendo dito essas palavras, ó rei, teu filho Duhsasana, cheio de fúria e proferido um rugido alto, avançou contra o filho de Subhadra e cobriu-o com chuvas de setas. Abhimanyu então, ó castigador de inimigos, recebeu aquele teu filho que avançava dessa maneira sobre ele colericamente, com vinte e seis flechas de pontas afiadas. Duhsasana, no entanto, cheio de raiva, e parecendo com um elefante enfurecido, lutou ferozmente com

Abhimanyu, o filho de Subhadra, naquela batalha. Ambos eram mestres em combate em carros, eles continuaram lutando traçando círculos belos com seus carros, um deles para a esquerda e outro para a direita. Os guerreiros então, com seus Panavas e Mridangas e Dundubhis e Krakachas e grandes Anakas e Bheris e Jharjaras, fizeram um barulho ensurdecedor misturado com rugidos leoninos, tal como o que se eleva do receptáculo de águas salgadas!"

38

"Sanjaya disse, 'Então o inteligente Abhimanyu, com membros mutilados por flechas, dirigiu-se sorridente a seu inimigo, Duhsasana, posicionado diante dele dizendo, 'Por boa sorte é que eu vejo em batalha esse herói vaidoso chegado diante de mim, que é cruel, que rejeitou toda virtude, e que tagarela vigorosamente seus próprios louvores. Na assembléia (dos Kurus) e na audição do rei Dhritarashtra, tu, com tuas palavras desagradáveis, enraiveceste o rei Yudhishthira. Confiando na fraude do jogo de dados e na habilidade (nisso) do filho de Suvala, tu também enlouquecido pelo sucesso dirigiste muitas palavras delirantes para Bhima! Por causa da ira daquelas pessoas ilustres, tu estás, finalmente, prestes a obter o resultado daquele teu comportamento! (O resultado sendo o atual combate com Abhimanyu no qual Duhsasana, de acordo com Abhimanyu, terá que sacrificar sua vida.) Ó tu de mente perversa, obtenha sem demora o fruto do roubo das posses de outras pessoas, do teu caráter colérico, do teu ódio pela paz, da avareza, da ignorância, de hostilidades (com parentes), da injustiça e perseguição, de privar meus pais, aqueles arqueiros ferozes, de seu reino, e do teu próprio temperamento violento. Eu hoje te castigarei com minhas flechas na visão do exército inteiro. Hoje, eu irei em batalha descarregar aquela raiva que eu nutro contra ti. Eu hoje me liberarei da dívida que tenho com a enraivecida Krishna e com meu pai que sempre anseia por uma oportunidade de te castigar. Ó Kaurava, hoje eu me livrarei da dívida que tenho com Bhima. Com vida tu não escaparás de mim, se de fato, tu não abandonares a batalha.' Tendo dito essas palavras, aquele guerreiro poderosamente armado, aquele matador de heróis hostis, mirou uma flecha dotada do esplendor de Yama ou de Agni ou do Deus do vento, capaz de despachar Duhsasana para o outro mundo. Aproximando-se rapidamente do peito de Duhsasana, aquela flecha caiu sobre a junta de seu ombro e penetrou em seu corpo até as próprias asas, como uma cobra em um formigueiro. E logo Abhimanyu mais uma vez o atingiu com vinte e cinco setas cujo toque parecia aquele do fogo, e que foram disparadas de seu arco esticado até sua mais completa extensão. Profundamente perfurado e muito atormentado, Duhsasana sentou-se no terraço de seu carro e foi, ó rei, tomado por um desmaio. Afligido assim pelas setas do filho de Subhadra e privado de seus sentidos, Duhsasana foi levado rapidamente para longe do meio do combate por seu quadrigário. Vendo isso, os Pandavas, os cinco filhos de Draupadi, Virata, os Panchalas, e os Kekayas, proferiram gritos leoninos. E as tropas dos Pandavas, cheias de alegria, fizeram diversos tipos de instrumentos musicais serem batidos e soprados. Vendo aquela façanha do filho de Subhadra eles riram com alegria.

Vendo aquele inimigo implacável e orgulhoso deles derrotado dessa maneira, aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os (cinco) filhos de Draupadi, que tinham em seus estandartes as imagens de Yama e Maruta e Sakra e dos gêmeos Aswins, e Satyaki, e Chekitana, e Dhrishtadyumna, e Sikhandin, e os Kekayas, e Dhrishtaketu, e os Matsyas, os Panchalas, e os Srinjayas, e os Pandavas encabeçados por Yudhishthira, ficaram cheios de alegria. E todos eles avançaram com velocidade, desejosos de penetrar na formação de combate de Drona. Então uma batalha terrível ocorreu entre teus guerreiros e aqueles do inimigo. Todos eles eram heróis que não recuavam, e inspirados por desejo de vitória. Durante o progresso daquele combate terrível, Duryodhana, ó monarca, dirigindo-se ao filho de Radha, disse, 'Veja, o heróico Duhsasana, que parece o sol ardente que estava até agora matando o inimigo em batalha, finalmente ele mesmo sucumbiu a Abhimanyu. Os Pandavas também, cheios de fúria e parecendo ferozes como leões poderosos, estão avançando em direção a nós, desejosos de resgatar o filho de Subhadra.' Assim endereçado, Karna com raiva e desejoso de fazer bem para teu filho derramou chuvas de flechas afiadas sobre o invencível Abhimanyu. E o heróico Karna, como se em desprezo por seu adversário, também perfurou os seguidores do último no campo de batalha, com muitas flechas excelentes de gume excelente. Abhimanyu de grande alma, no entanto, ó rei, desejoso de proceder contra Drona, rapidamente perfurou o filho de Radha com setenta e três flechas. Nenhum guerreiro em carro do teu exército conseguiu naquele momento obstruir o progresso em direção a Drona, de Abhimanyu, que era o filho do filho de Indra e que estava afligindo todos os principais guerreiros em carros da hoste Kaurava. Então Karna, o mais honrado de todos os arqueiros, desejoso de obter vitória, perfurou o filho de Subhadra com centenas de setas, mostrando suas melhores armas. Aquela mais notável de todas as pessoas conhecedoras de armas, aquele discípulo valente de Rama, por meio de suas armas, afligiu Abhimanyu que era incapaz de ser derrotado por inimigos. Embora afligido em batalha pelo filho de Radha com chuvas de armas, contudo o filho de Subhadra que parecia um verdadeiro celestial (por destreza) não sentiu dor. Com suas flechas amoladas em pedra e providas de pontas afiadas, o filho de Arjuna cortando os arcos de muitos guerreiros heróicos, começou a afligir Karna em retorno. Com flechas parecendo cobras de veneno virulento e disparadas de seu arco estirado a um círculo, Abhimanyu rapidamente cortou o guarda-sol, estandarte, o quadrigário, e os corcéis de Karna, sorrindo. Karna então disparou cinco flechas retas em Abhimanyu. O filho de Phalguna, no entanto, recebeu-as destemidamente. Dotado de grande bravura e coragem, o último então, num momento, com somente uma única flecha, cortou o arco de Karna e estandarte e os fez caírem no chão. Vendo Karna em tal situação difícil, seu irmão mais novo, esticando o arco com grande força, foi rapidamente contra o filho de Subhadra. Os Parthas então, e seus seguidores proferiram gritos altos e tocaram seus instrumentos musicais e aplaudiram o filho de Subhadra [por seu heroísmo].'"

39

"Sanjaya disse, 'Então o irmão mais novo de Karna, proferindo rugidos altos, arco na mão, e repetidamente esticando a corda do arco se colocou rapidamente no meio daqueles dois guerreiros ilustres. E o irmão de Karna, com dez flechas, perfurou o invencível Abhimanyu e seu guarda-sol e estandarte e quadrigário e corcéis, sorrindo. Vendo Abhimanyu assim afligido por aquelas setas, embora ele tivesse realizado aqueles feitos sobre-humanos da maneira de seu pai e avô, os guerreiros do teu exército ficaram cheios de alegria. Então Abhimanyu, curvando o arco violentamente e sorrindo, com uma flecha alada cortou a cabeça de seu adversário. Aquela cabeça, separada do tronco, caiu no chão. Vendo seu irmão morto e derrubado, como uma árvore Karnikara sacudida e derrubada pelo vento do topo da montanha, Karna, ó monarca, estava cheio de dor. Enquanto isso, o filho de Subhadra, fazendo Karna por meio de suas flechas se dirigir para longe do campo, avançou rapidamente contra os outros grandes arqueiros. Então Abhimanyu de energia ardente e grande renome, cheio de ira, dividiu aquela hoste de diversas tropas cheia de elefantes e cavalos e carros e infantaria. Em relação a Karna, afligido por Abhimanyu com inúmeras flechas, ele fugiu do campo levado por corcéis rápidos. A ordem de batalha Kaurava então se rompeu. Quando o céu estava coberto com as flechas de Abhimanyu, como bandos de gafanhotos ou chuvas grossas, nada, ó monarca, podia ser distinguido. Entre teus guerreiros assim massacrados por Abhimanyu com flechas afiadas, ninguém, ó monarca, permanecia mais sobre o campo de batalha exceto o soberano dos Sindhus. Então aquele touro entre homens, isto é, o filho de Subhadra, soprando sua concha, lançou-se rapidamente sobre a hoste Bharata, ó touro da raça Bharata! Como um tição ardente jogado no meio de grama seca, o filho de Arjuna começou a consumir seus inimigos, movendo-se rapidamente através do exército Kaurava. Tendo atravessado sua formação de combate, ele mutilou carros e elefantes e corcéis e seres humanos por meio de suas flechas afiadas e fez o campo de batalha abundar com troncos sem cabeça. Cortados por meio de flechas excelentes disparadas do arco do filho de Subhadra, os guerreiros Kaurava fugiram, matando, conforme fugiam, seus próprios camaradas diante deles. Aquelas flechas ardentes, de efeito terrível afiadas em pedra e incontáveis em número, matando guerreiros em carros e elefantes, corcéis, caíam rápido no campo. Braços cortados, enfeitados com Angadas e outros ornamentos de ouro, e mãos envolvidas com proteções de couro, e setas, e arcos, e corpos e cabeças enfeitadas com brincos e coroas florais, jaziam aos milhares sobre o campo. Obstruído com Upashkaras e Adhishthanas e postes compridos, também com Akshas esmagados e rodas e cangas quebradas, numerando milhares, com dardos e arcos e espadas e estandartes caídos, e com escudos e arcos espalhados por toda parte, com os corpos, ó monarca, de Kshatriyas mortos e corcéis e elefantes, o campo de batalha, parecendo muito aterrador, logo ficou intransitável. O barulho feito pelos príncipes, quando eles chamavam uns aos outros enquanto eram massacrados por Abhimanyu, tornou-se ensurdecedor e aumentou os temores dos tímidos. Aquele barulho, ó chefe dos Bharatas, encheu todos os pontos do horizonte. O filho de Subhadra avançou contra as tropas

(Kaurava), matando os principais dos guerreiros em carros e corcéis e elefantes. Consumindo rapidamente seus inimigos, como um fogo tremulando no meio de uma pilha de grama seca, o filho de Arjuna era visto correndo a toda velocidade pelo meio do exército Bharata. Cercado como ele estava por nossas tropas e coberto com poeira, nenhum de nós podia obter uma visão daquele guerreiro quando, ó Bharata, ele estava se movendo rapidamente sobre o campo em todas as direções, cardeais e secundárias. E ele tirava as vidas de cavalos e elefantes e guerreiros humanos, ó Bharata, quase incessantemente. E logo depois nós o vimos (sair da multidão). De fato, ó monarca, nós o contemplamos então chamuscando seus inimigos como o sol meridiano (chamuscando tudo com seus raios). Igual ao próprio Vasava em batalha, aquele filho do filho de Vasava, Abhimanyu, parecia resplandecente no meio do exército (hostil).'"

40

"Dhritarashtra disse, 'Um mero menino em idade, criado em grande luxo, orgulhoso da força de seus braços, talentoso em batalha, dotado de heroísmo formidável, o perpetuador de sua linhagem, e preparado para sacrificar sua vida, quando Abhimanyu penetrou no exército Kaurava, levado em seus corcéis de três anos de idade de ânimo vivaz, houve algum dos grandes guerreiros, no exército de Yudhishthira, que seguiu o filho de Arjuna?'"

"Sanjaya disse, 'Yudhishthira e Bhimasena, e Sikhandin e Satyaki, e os gêmeos Nakula e Sahadeva, e Dhrishtadyumna e Virata, e Drupada, e Kekaya, e Dhristaketu, todos cheios de ira, e o guerreiro Matsya, avançaram para a batalha. De fato, os ascendentes masculinos de Abhimanyu acompanhados por seus tios maternos, aqueles batedores de inimigos, organizados em formação de combate avançaram pelo mesmo caminho que Abhimanyu tinha criado, desejosos de resgatá-lo. Vendo aqueles heróis avançando, tuas tropas se desviaram da luta. Vendo então aquele vasto exército do teu filho se dirigindo para longe da luta, teu genro de grande energia se apressou para reagrupá-lo. De fato, o rei Jayadratha, o filho do soberano dos Sindhus, reprimiu, com todos os seus seguidores, os Parthas, desejosos de resgatar seu descendente. Aquele arqueiro terrível e formidável, isto é, o filho de Vriddhakshatra, invocando armas celestes resistiu aos Pandavas, como um elefante se divertindo em um terreno baixo (isto é, terreno coberto com lodo e água.)'"

"Dhritarashtra disse, 'Eu penso, Sanjaya, que era pesado o encargo jogado sobre o soberano dos Sindhus, visto que sozinho ele teve que resistir aos Pandavas furiosos desejosos de resgatar seu descendente. Muito extraordinários, eu penso, eram a força e heroísmo do soberano dos Sindhus. Fale-me qual foi a destreza do guerreiro de grande alma e como ele realizou aquela mais notável das façanhas. Que doações ele fez, que libações ele tinha derramado, que sacrifícios ele tinha realizado, que austeridades ascéticas ele tinha realizado bem, por consequência dos quais, sozinho, ele conseguiu deter os Parthas cheios de ira?'"

"Sanjaya disse, 'Na ocasião de seu insulto à Draupadi, Jayadratha foi vencido por Bhimasena. Por causa de uma percepção aguda de sua humilhação, o rei praticou as mais severas das austeridades ascéticas, desejoso de uma bênção. Reprimindo seus sentidos de todos os objetos caros a eles, suportando fome, sede e calor, ele reduziu seu corpo até que suas veias inchadas se tornaram visíveis. Proferindo as palavras eternas do Veda, ele prestou sua adoração ao deus Mahadeva. Aquela Divindade ilustre, sempre inspirada com compaixão por seus devotos, finalmente tornou-se bondosa em direção a ele. De fato, Hara, aparecendo em um sonho para o soberano dos Sindhus, dirigiu-se a ele, dizendo 'Peça o benefício que tu desejas. Eu estou satisfeito contigo, ó Jayadratha! O que tu desejas?' Assim endereçado por Mahadeva, Jayadratha, o soberano dos Sindhus, curvou-se a ele e disse com palmas unidas e alma controlada, 'Sozinho, em um único carro, eu irei refrear em batalha todos os filhos de Pandu, embora eles sejam dotados de energia e bravura terríveis.' Esse mesmo, ó Bharata, foi o benefício que ele pediu. Assim rogada aquela principal das divindades disse para Jayadratha, 'Ó amável, eu te concedo o benefício. Exceto Dhananjaya, o filho de Pritha, tu irás em batalha reprimir os quatro outros filhos de Pandu.' 'Assim seja', disse Jayadratha para aquele Senhor dos deuses e então despertou, ó monarca, de seu sono. Por causa daquela bênção que ele tinha recebido e da força também de suas armas celestes, Jayadratha, sem ajuda, manteve sob controle todo o exército dos Pandavas. O som da corda de seu arco e os tapas de suas palmas inspiraram os Kshatriyas hostis com temor, enchendo tuas tropas, ao mesmo tempo, de alegria. E os Kshatriyas (do exército Kuru), vendo que o encargo tinha sido tomado pelo soberano dos Sindhus, avançaram com gritos altos, ó monarca, para a parte do campo onde o exército de Yudhishthira estava.'"

41

"Sanjaya disse, 'Tu me perguntaste, ó monarca, sobre a destreza do soberano dos Sindhus. Ouça-me enquanto eu descrevo em detalhes como ele lutou com os Pandavas. Cavalos grandes da raça Sindhu, bem treinados e velozes como o vento, e obedientes aos comandos do quadrigário, o levavam (naquela ocasião). Seu carro, devidamente equipado, parecia com um edifício vaporoso no céu. Seu estandarte portando o emblema de um javali grande em prata, parecia muito belo. Com seu guarda-sol branco e pendões, e os rabos de iaque com os quais ele era abanado, os quais são indicações de realeza, ele brilhava como a própria Lua no firmamento. A cerca de seu carro feita de ferro era decorada com pérolas e diamantes e pedras preciosas e ouro. E ela parecia resplandecente como o céu coberto com corpos luminosos. Esticando seu arco grande e espalhando incontáveis flechas, ele preencheu novamente aquela formação de combate naqueles locais onde aberturas tinham sido feitas pelo filho de Arjuna. E ele perfurou Satyaki com três flechas, e Vrikodara com oito; e tendo perfurado Dhrishtadyumna com sessenta flechas, ele perfurou Drupada com cinco flechas afiadas, e Sikhandin com dez. Perfurando então os Kaikeyas com vinte e cinco setas, Jayadratha perfurou cada um dos cinco filhos de Draupadi com três setas.

E perfurando Yudhishthira então com setenta setas, o soberano dos Sindhus perfurou os outros heróis do exército Pandava com chuvas grossas de flechas. E aquele feito dele pareceu muito extraordinário. Então, ó monarca, o filho valente de Dharma, visando o arco de Jayadratha, cortou-o com uma flecha polida e bem temperada, sorrindo naquele momento. Em um piscar de olhos, no entanto, o soberano dos Sindhus pegou outro arco e perfurando Pratha (Yudhishthira) com dez setas atingiu cada um dos outros com três flechas. Notando aquela agilidade de mãos mostrada por Jayadratha, Bhima então com três flechas de cabeça larga, rapidamente derrubou no chão seu arco, estandarte e guarda-sol. O poderoso Jayadratha então, pegando outro arco, encordoou-o e derrubou o estandarte de Bhima e arco e corcéis, ó majestade! Seu arco cortado, Bhimasena então pulando daquele carro excelente cujos corcéis tinham sido mortos, subiu no carro de Satyaki, como um leão pulando para o cume de uma montanha. Vendo isso, tuas tropas estavam cheias de alegria. E eles gritaram ruidosamente, 'Excelente! Excelente!' E eles repetidamente aplaudiram aquela façanha do soberano dos Sindhus. De fato, todas as criaturas elogiaram muito aquele feito dele, o qual consistiu em ele resistir, sem ajuda, a todos os Pandavas juntos, excitados com cólera. O caminho que o filho de Subhadra tinha feito para os Pandavas por meio do massacre de guerreiros numerosos e elefantes foi então preenchido pelo soberano dos Sindhus. De fato, aqueles heróis, isto é, os Matsyas, os Panchalas, os Kaikeyas, e os Pandavas, se esforçando vigorosamente, conseguiram se aproximar da presença de Jayadratha, mas nenhum deles podia resistir a ele. Todos entre os teus inimigos que se esforçaram para atravessar a ordem de batalha que tinha sido formada por Drona foram detidos pelo soberano dos Sindhus por causa da bênção que ele tinha obtido (de Mahadeva).'"

42

"Sanjaya disse, 'Quando o soberano dos Sindhus deteve os Pandavas, desejosos de êxito, a batalha que ocorreu então entre tuas tropas e o inimigo se tornou aterradora. O filho invencível de Arjuna, de pontaria certeira e energia poderosa, tendo penetrado na ordem de batalha (Kaurava) a agitou como um Makara agitando o oceano. Contra aquele castigador de inimigos então, isto é, o filho de Subhadra, que estava agitando dessa maneira a hoste hostil com suas chuvas de flechas, os principais guerreiros do exército Kaurava avançaram, cada um de acordo com seu posto e precedência. O conflito entre eles de energia incomensurável, espalhando suas chuvas de flechas com grande força, de um lado e Abhimanyu sozinho no outro, tornou-se terrível. O filho de Arjuna, cercado por todos os lados por aqueles inimigos com multidões de carros, matou o quadrigário de Vrishasena e também cortou seu arco. E o poderoso Abhimanyu então perfurou os corcéis de Vrishasena com suas flechas retas, após o que aqueles cavalos de batalha, com a velocidade do vento, levaram Vrishasena para longe da batalha. Utilizando aquela oportunidade, o quadrigário de Abhimanyu libertou seu carro daquela multidão por levá-lo para outra parte do campo. Aqueles numerosos guerreiros em carros então, (vendo essa façanha) ficaram cheios de

alegria e exclamaram, 'Excelente! Excelente!' Vendo Abhimanyu parecido com um leão matando o inimigo furiosamente com suas flechas e avançando de uma distância, Vasatiya, procedendo em direção a ele lançou-se rapidamente sobre ele com grande força. O último perfurou Abhimanyu com sessenta flechas de asas douradas e dirigindo-se a ele, disse, 'Enquanto eu estiver vivo, tu não escaparás com vida.' Embora ele estivesse envolvido em uma cota de malha de ferro, o filho de Subhadra o perfurou no peito com uma flecha de longo alcance. Nisso Vasatiya caiu, privado de vida. Vendo Vasatiya morto, muitos touros entre os Kshatriyas ficaram cheios de ira, e cercaram teu neto, ó rei, pelo desejo de matá-lo. Eles se aproximaram dele, esticando seus inúmeros arcos de diversos tipos, e a batalha então que ocorreu entre o filho de Subhadra e seus inimigos foi extremamente violenta. Então o filho de Phalguni, cheio de ira, cortou suas flechas e arcos, e diversos membros de seus corpos, e suas cabeças enfeitadas com brincos e guirlandas florais. E eram vistos braços cortados, que estavam adornados com vários ornamentos de ouro, e que ainda seguravam cimitarras e maças com pontas e machados de batalha e os dedos dos quais estavam ainda protegidos por luvas de couro. [E a terra ficou coberta] com coroas florais e ornamentos e tecidos, com estandartes caídos, com cotas de malha e escudos e correntes douradas e diademas e guarda-sóis e rabos de iaque; com Upashkaras e Adhishthanas, e Dandakas, e Vandhuras com Akshas esmagados, rodas quebradas, e cangas (esses são membros de carros), numerando milhares, com Anukarashas, e pendões, e quadrigários, e corcéis; como também com carros quebrados, e elefantes, e corcéis. O campo de batalha, coberto com Kshatriyas mortos dotados (enquanto vivos) de grande heroísmo, governantes de diversos reinos, inspirados com desejo de vitória, apresentava uma visão pavorosa. Quando Abhimanyu com fúria se movia rapidamente sobre o campo de batalha em todas as direções, sua própria forma tornou-se invisível. Somente sua cota de malha, decorada com ouro, seus ornamentos, e arco e flechas, podiam ser vistos. De fato, enquanto ele matava os guerreiros hostis com suas flechas, permanecendo em seu meio como o próprio sol em seu resplendor brilhante, ninguém podia fitá-lo com seus olhos.'"

43

"Sanjaya disse, 'Empenhado em tirar as vidas de bravos guerreiros, o filho de Arjuna então parecia o próprio Destruidor, quando o último tira as vidas de todas as criaturas na chegada da Dissolução Universal. Possuidor de destreza parecendo aquela dor próprio Sakra, o filho poderoso do filho de Sakra, Abhimanyu, agitando o exército Kaurava parecia muito resplandecente. Penetrando na hoste Kaurava, ó rei, aquele destruidor de Kshatriyas principais parecendo o próprio Yama apanhou Satvasravas, como um tigre enfurecido apanhando um veado. Vendo Satyasrayas apanhado por ele, muitos poderosos guerreiros em carros, pegando diversos tipos de armas, avançaram sobre ele. De fato, aqueles touros entre os Kshatriyas, por um espírito de rivalidade, avançaram no filho de Arjuna pelo desejo de matá-lo, todos exclamando, 'Eu irei primeiro!', 'Eu irei primeiro!' Como uma baleia no oceano alcançando um cardume de peixes

pequenos os apanha com a maior facilidade, assim mesmo Abhimanyu recebeu aquela divisão inteira de Kshatriyas que avançavam. Como rios que nunca voltam quando eles se aproximam do mar, nenhum entre aqueles Kshatriyas que não recuavam voltou atrás quando eles se aproximaram de Abhimanyu. Aquele exército então cambaleou como um navio atirado no oceano quando alcançando por uma tempestade poderosa, (com sua tripulação) afligida pelo pânico causado pela violência do vento. Então o poderoso Rukmaratha, filho do soberano dos Madras, para assegurar as tropas assustadas, disse destemidamente, 'Ó heróis, vocês não precisam temer! Quando eu estou aqui, o que é Abhimanyu? Sem dúvida, eu irei capturá-lo como um prisioneiro vivo!' Tendo dito essas palavras, o príncipe valente, conduzido em seu carro belo e bem equipado, avançou em Abhimanyu. Perfurando Abhimanyu com três flechas no peito, três no braço direito, e três outras flechas afiadas no braço esquerdo, ele proferiu um rugido alto. O filho de Phalguni, no entanto, cortando seu arco, suas braços direito e esquerdo, e sua cabeça ornada com olhos e sobrancelhas belos rapidamente derrubou-os no chão. Vendo Rukmaratha, o filho honrado de Salya, morto pelo filho ilustre de Subhadra, aquele Rukmaratha que tinha prometido destruir seu inimigo ou pegá-lo vivo, e muitos amigos principescos do filho de Salya, ó rei, habilidosos em atacar e incapazes de serem facilmente derrotados em batalha, e possuindo estandartes decorados com ouro, (se aproximaram para lutar). Aqueles poderosos guerreiros em carros, esticando seus arcos de seis cúbitos completos de comprimento, cercaram o filho de Arjuna, todos despejando suas chuvas de flechas sobre ele. Vendo o bravo e invencível filho de Subhadra sozinho combatido por todos aqueles príncipes coléricos dotados de heroísmo e habilidade adquirida pela prática e força e juventude, e vendo ele coberto com chuvas de flechas, Duryodhana se regozijou muito, e considerou Abhimanyu como alguém já feito um convidado da residência de Yama. Em um piscar de olhos, aqueles príncipes, por meio de suas flechas de asas douradas, e de diversas formas e grande impetuosidade, tornaram o filho de Arjuna invisível. Ele mesmo, seu estandarte, e seu carro, ó majestade, foram vistos por nós cobertos com flechas como (árvores cobertas com) bandos de gafanhotos. Profundamente perfurado, ele ficou cheio de fúria como um elefante atingido pelo gancho. Ele então, ó Bharata, aplicou a arma Gandharva e a ilusão consequente a ela. Praticando penitências ascéticas, Arjuna tinha obtido aquela arma do Gandharva Tumvuru e outros. Com aquela arma, Abhimanyu agora confundiu seus inimigos. Mostrando rapidamente suas armas, ele se movia rapidamente naquela batalha como um círculo de fogo, e era, ó rei, visto às vezes como um indivíduo sozinho, às vezes como cem, e às vezes como mil. Confundindo seus inimigos pela habilidade com a qual seu carro era guiado e pela ilusão causada por suas armas, ele cortava em centenas de pedaços, ó monarca, os corpos dos reis (opostos a ele). Por meio de suas flechas afiadas as vidas de criaturas vivas eram liquidadas. Essas, ó rei, alcançavam o outro mundo enquanto seus corpos caíam na terra. Seus arcos, e corcéis e quadrigários, e estandartes, e braços enfeitados com Angadas, e cabeças, o filho de Phalguni cortava com suas flechas afiadas. Aquelas centenas de príncipes foram mortos e derrubados pelo filho de Subhadra como copas de velhas mangueiras de cinco anos de idade exatamente a ponto de darem frutos (derrubadas por uma tempestade). Vendo aqueles príncipes jovens criados em

todo luxo, e parecendo cobras zangadas de veneno virulento, todos mortos por Abhimanyu sozinho, Duryodhana estava cheio de temor. Vendo (seus) guerreiros em carros e elefantes e corcéis e soldados de infantaria subjugados, o rei Kuru procedeu rapidamente em cólera contra Abhimanyu. Continuada somente por um curto espaço de tempo, a batalha inacabada entre eles tornou-se extremamente feroz. Teu filho então, atormentado pelas flechas de Abhimanyu, foi obrigado a recuar da batalha.'"

44

"Dhritarashtra disse, 'Isso que tu me contaste, ó Suta, acerca da batalha, feroz e terrível, entre um e os muitos, e a vitória daquele ilustre, essa história da proeza do filho de Subhadra, é muito extraordinária e quase incrível. Eu, no entanto, não considero isso como um prodígio que está absolutamente além de crença no caso daqueles que tem a virtude como seu refúgio. Depois que Duryodhana bateu em retirada e centenas de príncipes foram mortos, qual modo de ação foi adotado pelos guerreiros do meu exército contra o filho de Subhadra?'"

"Sanjaya disse, 'Suas bocas ficaram secas, e olhos agitados. Suor cobriu seus corpos, e seus cabelos se eriçaram. Sem esperança de derrotar seu inimigo, eles ficaram dispostos a deixar o campo. Abandonando seus irmãos feridos e pais e filhos e amigos e parentes por casamento e parentes eles fugiram, incitando seus corcéis e elefantes até sua máxima velocidade. Vendo eles divididos e derrotados, Drona e o filho de Drona, e Vrihadvala, e Kripa, e Duryodhana, e Karna, e Kritavarman, e o filho de Suvala (Sakuni), avançaram em grande ira contra o filho invicto de Subhadra. Quase todos esses, ó rei, foram vencidos por teu neto. Somente um guerreiro então, Lakshmana, criado no luxo, talentoso com flechas, dotado de grande energia, e sem medo por causa de inexperiência e orgulho, procedeu contra o filho de Arjuna. Ansioso a respeito de seu filho, seu pai (Duryodhana) voltou atrás para segui-lo. Outros guerreiros em carros poderosos voltaram atrás para seguir Duryodhana. Todos eles então encharcaram Abhimanyu com chuvas de flechas, como nuvens derramando chuva no leito da montanha. Abhimanyu, no entanto, sem ajuda, começou a subjugá-los como o vento seco que sopra em todas as direções destruindo massas de nuvens reunidas. Como um elefante enfurecido enfrentando outro, o filho de Arjuna então enfrentou teu neto invencível, Lakshmana, de grande beleza pessoal, dotado de grande coragem, ficando perto de seu pai com arco estendido, criado em todo luxo, e parecendo um segundo príncipe dos Yakshas. Enfrentando Lakshmana, aquele matador de heróis hostis, o filho de Subhadra, teve seus dois braços e peito atingidos por suas flechas afiadas. Teu neto, Abhimanyu de braços fortes então, cheio de fúria como uma cobra atingida (com uma vara), dirigindo-se, ó rei, ao teu (outro) neto, disse, 'Olhe bem para esse mundo, pois tu (logo) terás que ir para o outro. Na própria vista de todos os teus parentes, eu irei te despachar para a residência de Yama.' Dizendo isso aquele matador de heróis hostis, o filho de braços poderosos de Subhadra, pegou uma flecha de cabeça larga que parecia uma cobra recém saída de sua pele. Aquela flecha, disparada pelos braços de

Abhimanyu, cortou a cabeça bela, ornada com brincos, de Lakshmana, que era enfeitada com um nariz belo, belas sobrancelhas, e cachos muito bonitos. Vendo Lakshmana morto, tuas tropas proferiram exclamações de 'Oh!' e, 'Ai!' Após a morte de seu filho querido, Duryodhana ficou cheio de fúria. Aquele touro entre os Kshatriyas então instigou ruidosamente os Kshatriyas sob seu comando, dizendo, 'Matem este!' Então Drona, e Kripa, e Karna, e o filho de Drona e Vrihadvala, e Kritavarman, o filho de Hridika, esses seis guerreiros em carros cercaram Abhimanyu. Perfurando eles com setas afiadas e batendo-os para longe dele, o filho de Arjuna lançou-se com grande velocidade e fúria sobre as vastas tropas de Jayadratha. Nisso, os Kalingas, os Nishadas, e o valente filho de Kratha, todos vestidos em armadura, cortaram seu caminho por cercá-lo com sua divisão de elefantes. A batalha então que ocorreu entre o filho de Phalguni e aqueles guerreiros foi obstinada e violenta. Então o filho de Arjuna começou a destruir aquela divisão de elefantes como o vento correndo em todas as direções destrói massas vastas de nuvens reunidas no firmamento. Então Kratha cobriu o filho de Arjuna com chuvas de flechas, enquanto muitos outros guerreiros em carros encabeçados por Drona, tendo voltado para o campo, avançaram nele, espalhando armas afiadas e poderosas. Detendo todas aquelas armas por meio de suas próprias flechas, o filho de Arjuna começou a afligir o filho de Kratha com chuvas contínuas de flechas, com grande rapidez e inspirado pelo desejo de matar seu oponente. O arco e flechas do último, e pulseiras, e braços, e cabeça enfeitada com diadema, e guarda-sol, e estandarte, e quadrigário, e corcéis, foram todos cortados e derrubados por Abhimanyu. Quando o filho de Kratha, possuidor de nobreza de linhagem, bom comportamento, conhecimento das escrituras, grande força, fama, e poder de armas, estava morto, os outros combatentes heróicos quase todos recuaram da luta.'"

45

"Dhritarashtra disse, 'Enquanto o filho jovem e invencível de Subhadra, que nunca recuava da batalha, estava, depois de penetrar em nossa ordem de batalha, empenhado em realizar façanhas dignas de sua linhagem, levado por seus cavalos de três anos de idade de grande força e da melhor raça, e aparentemente trotando no firmamento, quais heróis do meu exército o cercaram?'"

"Sanjaya disse, 'Tendo penetrado em nossa formação de combate, Abhimanyu da família de Pandu, por meio de suas flechas afiadas, fez todos os reis se desviarem da luta. Então Drona, e Kripa, e Karna, e o filho de Drona, e Vrihadvala e Kritavarman, o filho de Hridika, esses seis guerreiros em carros, o cercaram. Em relação aos outros combatentes do teu exército, vendo que Jayadratha tinha tomado sobre si mesmo o dever pesado (de afastar os Pandavas), eles o protegeram, ó rei, por avançarem contra Yudhishthira. Muitos entre eles, dotados de grande força, esticando seus arcos de seis cúbitos completos de comprimento, despejaram no filho heróico de Subhadra aguaceiros de flechas como torrentes de chuva. O filho de Subhadra, no entanto, aquele matador de heróis hostis, paralisou

por meio de suas flechas todos aqueles arqueiros formidáveis, familiarizados com todos os ramos de aprendizagem. E ele perfurou Drona com cinquenta flechas e Vrihadvala com vinte. E perfurando Kritavarman com oitenta flechas, ele perfurou Kripa com sessenta. E o filho de Arjuna perfurou Aswatthaman com dez flechas providas de asas douradas, dotadas de grande velocidade e disparadas de seu arco esticado até sua total extensão. E o filho de Phalguni perfurou Karna, no meio de seus inimigos, em um de seus carros, com uma flecha brilhante, bem temperada, e farpada de grande força. Derrubando os corcéis unidos ao carro de Kripa, como também ambos os seus quadrigários Parshni, Abhimanyu perfurou o próprio Kripa no centro do peito com dez setas. O poderoso Abhimanyu, então, na própria vista de teus filhos heróicos, matou o bravo Vrindaraka, aquele aumentador da fama dos Kurus. Enquanto Abhimanyu estava assim empenhado em matar destemidamente um após outro os principais guerreiros entre seus inimigos, o filho de Drona Aswatthaman perfurou-o com vinte e cinco flechas pequenas. O filho de Arjuna, no entanto, na própria vista de todos os Dhartarashtras rapidamente perfurou Aswatthaman em retorno, ó majestade, com muitas flechas afiadas. O filho de Drona, no entanto, em retorno, perfurando Abhimanyu com sessenta flechas ardentes de grande impetuosidade e gume afiado, fracassou em fazê-lo tremer, pois o último, perfurado por Aswatthaman, permaneceu imóvel como a montanha Mainaka. Dotado de grande energia, o poderoso Abhimanyu então perfurou seu adversário com setenta e três flechas retas, equipadas com asas de ouro. Drona então, desejoso de resgatar seu filho, perfurou Abhimanyu com cem setas. E Aswatthaman perfurou-o com sessenta setas, desejoso de resgatar seu pai. E Karna o atingiu com vinte e duas setas de cabeça larga e Kritavarman o atingiu com quatorze. E Vrihadvala o perfurou com cinquenta flechas semelhantes, e o filho de Saradwata, Kripa, com dez. Abhimanyu, no entanto, perfurou cada um desses em retorno com dez flechas. O soberano do Kosala atingiu Abhimanyu no peito com uma seta farpada. Abhimanyu, no entanto, rapidamente derrubou na chão os cavalos de seu adversário e estandarte e arco e quadrigário. O soberano dos Kosalas, então, assim privado de seu carro, pegou uma espada e desejou cortar do tronco de Abhimanyu sua cabeça bela, enfeitada com brincos. Abhimanyu então perfurou o rei Vrihadvala, o soberano dos Kosalas, no peito, com uma flecha forte. O último então, com coração rasgado, caiu. Vendo isso, dez mil reis ilustres se dividiram e fugiram. Aqueles reis, armados com espadas e arcos, fugiram proferindo palavras hostis (ao interesse do rei Duryodhana). Tendo matado Vrihadvala dessa maneira, o filho de Subhadra se movimentou rapidamente em batalha, paralisando teus guerreiros, aqueles grandes arqueiros, por meio de torrentes de flechas, grossas como chuva.'"

46

"Sanjaya disse, 'O filho de Phalguni novamente perfurou Karna no carro com uma flecha farpada, e para enfurecê-lo ainda mais, ele o perfurou com cinquenta outras flechas. O filho de Radha perfurou Abhimanyu em retorno igualmente com muitas flechas. Totalmente coberto por flechas, Abhimanyu, então, ó majestade,

parecia muito belo. Cheio de raiva, ele fez Karna também ser banhado em sangue. Mutilado por flechas e coberto com sangue, o bravo Karna também brilhava muito. Ambos perfurados com flechas, ambos banhados em sangue, aqueles guerreiros ilustres então pareciam um par de Kinsukas florescentes. O filho de Subhadra então matou seis dos conselheiros corajosos de Karna, conhecedores de todos os modos de guerra, com seus corcéis e quadrigários e carros. Com relação aos outros grandes arqueiros Abhimanyu destemidamente perfurou cada um deles em retorno com dez setas. Essa façanha dele pareceu muito extraordinária. Matando em seguida o filho do soberano dos Magadhas, Abhimanyu, com seis flechas retas, matou o jovem Aswaketu com seus quatro corcéis e quadrigário. Então matando, com uma flecha afiada de cabeça de navalha, o príncipe Bhoja de Martikavata, portando o emblema de um elefante (em seu estandarte), o filho de Arjuna proferiu um grito alto e começou a espalhar suas flechas para todos os lados. Então o filho de Duhsasana perfurou os quatro corcéis de Abhimanyu com quatro flechas, seu quadrigário com uma e o próprio Abhimanyu com dez. O filho de Arjuna, então, perfurando o filho de Duhsasana com dez flechas rápidas, dirigiu-se a ele em um tom alto e com olhos vermelhos de raiva, e disse, 'Abandonando o combate, teu pai fugiu como um covarde. É bom que tu saibas como lutar. Tu não irás, entretanto, escapar hoje com vida.' Dizendo essas palavras para ele, Abhimanyu disparou uma flecha comprida, bem polida pela mão do ferreiro, em seu inimigo. O filho de Drona cortou aquela flecha com três flechas próprias. Deixando Aswatthaman, o filho de Arjuna atingiu Salya, em retorno, destemidamente perfurou-o no peito com nove flechas, equipadas com penas de urubu. Aquele feito pareceu muito extraordinário. O filho de Arjuna então cortou o arco de Salya e matou ambos os seus quadrigários Parshni. Abhimanyu então perfurou o próprio Salya com seis flechas feitas totalmente de ferro. Nisso o último, deixando aquele carro sem cavalos, subiu em outro. Abhimanyu então matou cinco guerreiros, chamados Satrunjaya, e Chandraketu, e Mahamegba, e Suvarchas, e Suryabhasa. Ele então perfurou o filho de Suvala. O último perfurando Abhimanyu com três flechas, disse para Duryodhana, 'Vamos todos juntos subjugá-lo, senão, lutando sozinho conosco ele matará todos nós. Ó rei, pense nos meios de matá-lo, aconselhando-te com Drona e Kripa e outros.' Karna, o filho de Vikartana, disse para Drona, 'Abhimanyu oprime a nós todos. Nos diga os meios pelos quais nós podemos matá-lo.' Assim endereçado, o arqueiro poderoso, Drona, dirigindo-se a eles todos, disse, 'Observando-o com vigilância, algum de vocês foi capaz de detectar qualquer descuido nesse jovem? Ele está se movendo rapidamente em todas as direções. Contudo algum de vocês pode descobrir hoje a menor falha nele? Vejam a agilidade de mão e rapidez de movimento deste leão entre homens, este filho de Arjuna. No caminho de seu carro, só seu arco esticado a um círculo pode ser visto, tão rapidamente ele está mirando suas flechas e tão rapidamente ele as está disparando. De fato, este matador de heróis hostis, o filho de Subhadra, me gratifica embora ele aflija meu ar vital e me entorpeça com flechas. Até os mais poderosos guerreiros em carros, cheios de cólera, são incapazes de detectar qualquer falha nele. O filho de Subhadra, portanto, correndo a toda velocidade no campo de batalha, me gratifica muito. Eu não vejo que em batalha há qualquer diferença entre o próprio manejador do Gandiva e este de grande agilidade de mão, enchendo todos os

pontos do horizonte com suas flechas poderosas.' Ouvindo essas palavras, Karna, atormentado pelas flechas do filho de Arjuna, mais uma vez disse para Drona, 'Extremamente afligido pelas flechas de Abhimanyu, eu estou permanecendo em batalha somente porque (como um guerreiro) eu devo ficar aqui. De fato, as flechas dele de grande energia são muito ardentes. Terríveis como elas são e possuidoras da energia do fogo, essas flechas estão enfraquecendo meu coração.' O preceptor então, lentamente e com um sorriso, disse para Karna, 'Abhimanyu é jovem, sua destreza é formidável. Sua cota de malha é impenetrável. O pai dele aprendeu de mim o método de usar armadura defensiva. Esse subjugador de cidades hostis com certeza conhece toda a ciência (de usar armadura). Com flechas bem disparadas, vocês podem, no entanto, cortar seu arco, corda do arco, as rédeas de seus corcéis, os próprios corcéis, e os dois quadrigários Parshni. Ó arqueiro poderoso, ó filho de Radha, se competentes, façam isto. Fazendo ele retroceder da luta (por estes meios), o ataquem então. Com seu arco na mão ele é incapaz de ser vencido pelos próprios deuses e os Asuras juntos. Se vocês quiserem, o privem de seu carro, e o despojem de seu arco.' Ouvindo essas palavras do preceptor, o filho de Vikartana, Karna, cortou rapidamente, por meio de suas flechas, o arco de Abhimanyu, quando o último estava atirando com grande energia. Ele da linhagem de Bhoja (Kritavarman) então matou seus corcéis, e Kripa matou seus dois quadrigários Parshni. Os outros o cobriram com chuvas de flechas depois que ele tinha sido privado de seu arco. Aqueles seis grandes guerreiros em carros, com grande velocidade, quando velocidade era tão necessária, cobriram implacavelmente aquele jovem sem carro, lutando sozinho com eles, com chuvas de flechas. Sem arco e sem carro, com um olhar, no entanto, para seu dever (como um guerreiro), o belo Abhimanyu, pegando uma espada e um escudo, saltou ao céu. Mostrando grande força e grande diligência, e traçando os caminhos chamados Kausika e outros, o filho de Arjuna percorreu o céu ferozmente, como o príncipe das criaturas aladas (Garuda). 'Ele pode se lançar sobre mim com espada na mão,' com tais pensamentos, aqueles arqueiros poderosos estavam a procura dos pontos fracos de Abhimanyu, e começaram a perfurá-lo naquela batalha, com seu olhar fixo virado para cima. Então Drona de energia poderosa, aquele conquistador de inimigos com uma flecha afiada rapidamente cortou o punho, decorado com pedras preciosas, da espada de Abhimanyu. O filho de Radha Karna, com flechas afiadas, cortou seu escudo excelente. Privado de sua espada e escudo dessa maneira, ele desceu, com membros ilesos, do céu sobre a terra. Então pegando a roda de um carro, ele avançou em fúria contra Drona. Seu corpo claro com a poeira de rodas de carro, e ele mesmo segurando a roda de um carro em seus braços erguidos, Abhimanyu parecia muito belo, e imitando Vasudeva (com seu disco), tornou-se tremendamente feroz por um tempo naquela batalha. Seus mantos tingidos com o sangue que fluía (de seus ferimentos), sua fronte temível com as rugas visíveis nela, ele mesmo proferindo altos rugidos leoninos, o senhor Abhimanyu de poder incomensurável, permanecendo no meio daqueles reis, parecia muito resplandecente sobre o campo de batalha.'"

47

"Sanjaya disse, 'Aquela alegria da irmã de Vishnu (isto é, Abhimanyu), aquele Atiratha, enfeitado com as armas do próprio Vishnu, parecia muito belo sobre o campo de batalha e parecia com um segundo Janardana. Com as pontas de suas madeixas ondulando no ar, com aquela arma suprema erguida em suas mãos, seu corpo tornou-se incapaz de ser olhado pelos próprios deuses. Os reis vendo isso e a roda em suas mãos, ficaram cheios de ansiedade, e a cortaram em cem fragmentos. Então aquele grande guerreiro em carro, o filho de Arjuna, pegou uma maça imensa. Privado por eles de seu arco e carro e espada, e privado também de sua roda por seus inimigos, Abhimanyu de braços fortes avançou (com maça na mão) contra Aswatthaman. Vendo aquela maça erguida, a qual parecia com o raio brilhante, Aswatthaman, aquele tigre entre homens, desceu rapidamente de seu carro e deu três saltos (longos para evitar Abhimanyu). Matando os cavalos de Aswatthaman e dois quadrigários Parshni com aquela maça dele, o filho de Subhadra, perfurado por todos os lados com flechas, parecia com um porco-espinho. Então aquele herói prensou no chão o filho de Suvala, Kalikeya, e matou setenta e sete seguidores Gandhara do último. Em seguida, ele matou dez guerreiros em carros da linhagem Brahma-Vasatiya, e então dez elefantes enormes. Procedendo em seguida em direção ao carro do filho de Duhsasana, ele esmagou o carro e cavalos do último, prensando-os no chão. O filho invencível de Duhsasan, então, ó majestade, pegando sua maça, avançou em Abhimanyu, dizendo, 'Espere, Espere!' Então aqueles primos, aqueles dois heróis, com maças erguidas, começaram a golpear um ao outro, desejosos de realizar a morte um do outro, como o de três olhos (Mahadeva) e (o Asura) Andhaka nos tempos antigos. E ambos aqueles castigadores de inimigos, atingidos pela extremidade da maça um do outro caíram no chão, como dois estandartes arrancados erigidos para a honra de Indra. Então o filho de Duhsasana, aquele aumentador da fama dos Kurus, se levantando primeiro, atingiu Abhimanyu com a maça no topo de sua cabeça, quando o último estava prestes a se erguer. Entorpecido pela violência daquele golpe como também com a fadiga que ele estava sentindo, aquele matador de hostes hostis, o filho de Subhadra, caiu no chão, privado de seus sentidos. Assim, ó rei, um foi morto por muitos em batalha, um que tinha oprimido o exército inteiro, como um elefante moendo caules de lotos em um lago. Quando ele jazia morto sobre o campo, o heróico Abhimanyu parecia com um elefante selvagem morto por caçadores. O herói caído foi então cercado por tuas tropas. E ele parecia com um fogo extinguido no verão (quando ele jaz) depois de ter consumido uma floresta inteira, ou como uma tempestade despojada de sua fúria depois de ter oprimido topos de montanha; ou como o sol chegado às colinas ocidentais depois de ter destruído com seu calor a hoste Bharata; ou como Soma engolido por Rahu; ou como o oceano privado de água. Os poderosos guerreiros em carros do teu exército, contemplando Abhimanyu cujo rosto tinha o esplendor da lua cheia, e cujos olhos eram tornados belos por cílios pretos como as penas do corvo, jazendo prostrado na terra nua, ficaram cheios de grande alegria. E eles repetidamente proferiram gritos leoninos. De fato, ó monarca, tuas tropas estavam em êxtase de alegria, enquanto lágrimas caíam rapidamente dos olhos dos heróis

Pandava. Contemplando o heróico Abhimanyu jazendo no campo de batalha, como a lua caída do firmamento, diversas criaturas, ó rei, no céu, disseram em voz alta, 'Ai, ele jaz sobre o campo, morto, enquanto lutando sozinho, por seis poderosos guerreiros em carros do exército Dhartarashtra, encabeçados por Drona e Karna. Esse ato foi, nós consideramos, injusto.' Após a morte daquele herói, a terra parecia muito brilhante como o firmamento coberto de estrelas com a lua. De fato, a terra estava coberta com flechas providas de asas de ouro, e coberta com ondas de sangue. E coberta com as belas cabeças de heróis, enfeitadas com brincos e turbantes variados de grande valor, e estandartes e rabos de iaque e cobertores belos, e armas de grande eficácia enfeitadas com pedras preciosas, e os ornamentos brilhantes de carros e cavalos, e homens e elefantes, e espadas afiadas e bem temperadas, parecendo com cobras livres de suas peles, e arcos, e flechas quebradas, e dardos, e espadas, e lanças, e Kampanas, e diversas outras espécies de armas, ela assumiu um aspecto belo. E por causa dos corcéis mortos ou morrendo, mas todos ensopados em sangue, com seus cavaleiros (jazendo perto deles), derrubados pelo filho de Subhadra, a terra em muitos locais ficou intransitável. E com ganchos de ferro, e elefantes, enormes como colinas, equipados com escudos e armas e estandartes, jazendo em volta, subjugados com flechas; com carros excelentes privados de corcéis e quadrigários e guerreiros em carros, jazendo espalhados no chão, esmagados por elefantes e parecendo com lagos agitados; com grandes grupos de soldados de infantaria ornados com diversas armas e jazendo mortos no chão, o campo de batalha, assumindo um aspecto terrível, inspirou todos os corações tímidos com terror.'"

"Vendo Abhimanyu, resplandecente como o sol ou a lua, jazendo no chão, tuas tropas estavam em êxtase de alegria, enquanto os Pandavas estavam cheios de pesar. Quando o jovem Abhimanyu, ainda em sua menoridade, caiu, as divisões Pandava, ó rei, fugiram na própria vista do rei Yudhishthira. Vendo seu exército dividido após a queda do filho de Subhadra, Yudhishthira dirigiu-se a seus bravos guerreiros, dizendo, 'O heróico Abhimanyu, que sem recuar da batalha foi morto, sem dúvida ascendeu para o céu. Fiquem então, e não temam, pois nós ainda iremos derrotar nossos inimigos.' Dotado de grande energia e grande esplendor, o rei Yudhishthira o justo, aquele principal dos guerreiros, dizendo tais palavras para seus soldados cheios de aflição, se esforçou para dissipar seu estupor. O rei continuou, 'Tendo em primeiro lugar matado em batalha príncipes hostis, parecendo cobras de veneno virulento, o filho de Arjuna então abandonou sua vida. Tendo matado dez mil guerreiros, isto é, o rei dos Kosalas, Abhimanyu, que era assim como Krishna ou o próprio Arjuna, indubitavelmente foi para a residência de Indra. Tendo destruído carros e corcéis e homens e elefantes aos milhares, ele ainda não estava contente com que ele fez. Realizando como ele realizou tais atos meritórios, nós sem dúvida não devemos nos afligir por ele, ele foi para as regiões resplandecentes dos justos, regiões que homens alcançam por meio de atos meritórios.'"

48

"Sanjaya disse, 'Tendo matado dessa maneira um dos principais guerreiros deles, e tendo sido atormentados por suas flechas, nós voltamos para nosso acampamento ao anoitecer, cobertos com sangue. Firmemente observados pelo inimigo, nós lentamente deixamos, ó monarca, o campo de batalha, tendo sofrido uma perda severa e quase privados de nosso juízo. Então chegou aquela hora maravilhosa que fica entre dia e noite. Uivos inauspiciosos de chacais eram ouvidos. O sol, com a cor vermelha opaca dos filamentos do lótus, desceu no horizonte, tendo se aproximado das colinas ocidentais. E ele levou com ele o esplendor de nossas espadas e dardos, espadins e cercas de carros, e escudos e ornamentos. Fazendo o firmamento e a terra assumirem a mesma cor, o sol assumiu sua forma favorita de fogo. O campo de batalha estava coberto com os corpos imóveis de inúmeros elefantes privados de vida, parecendo com topos cobertos de nuvens de colinas partidas pelo raio, e jazendo em volta com seus estandartes e ganchos e condutores caídos de suas costas. A terra parecia bela com carros grandes esmagados em pedaços, e com seus guerreiros e quadrigários e ornamentos e cavalos e estandartes e pendões esmagados, quebrados e divididos. Aqueles carros enormes, ó rei, pareciam com criaturas vivas privadas de suas vidas pelo inimigo com suas flechas. O campo de batalha assumiu um aspecto feroz e terrível por causa do grande número de corcéis e cavaleiros todos jazendo mortos, com arreios caros e cobertores de diversos tipos espalhados em volta, e línguas e dentes e entranhas e olhos daquelas criaturas inchados fora de seus lugares. Homens enfeitados com cotas de malha caras e ornamentos e mantos e armas, carentes de vida, jaziam com corcéis e elefantes mortos e carros quebrados, na terra nua, completamente abandonados, embora merecedores de leitos e cobertores caros. Cachorros e chacais, e gralhas e grous e outras aves carnívoras, e lobos e hienas, e corvos e outras criaturas bebedoras de alimento, todas as diversas tribos de Rakshasas, e grande número de Pisachas, no campo de batalha, rasgando as peles dos cadáveres e bebendo sua gordura, sangue e medula, começaram a comer sua carne. E eles começaram a chupar também as secreções de corpos podres, enquanto os Rakshasas riam horrivelmente e cantavam alto, arrastando corpos mortos numerando milhares. Um rio medonho, difícil de cruzar, como o próprio Vaitarani, foi causado lá por principais dos guerreiros. Suas águas eram constituídas pelo sangue (de criaturas caídas). Carros constituíam as balsas (as quais o cruzavam), elefantes formavam suas rochas, e as cabeças de seres humanos, suas pedras menores. E ele era lodoso com a carne (de cavalos e elefantes e homens mortos). E diversas espécies de armas caras constituíam as guirlandas (flutuando sobre ele ou espalhadas em suas margens). E aquele rio terrível fluía ferozmente pelo meio do campo de batalha, levando criaturas vivas para as regiões dos mortos. E grandes números de Pisachas, de formas horríveis e repulsivas, se regozijavam, bebendo e comendo naquele rio. E cachorros e chacais e aves carnívoras, todos comendo da mesma comida, e inspirando criaturas vivas com terror, festejaram seu grande carnaval lá. E os guerreiros, olhando para aquele campo de batalha o qual, aumentando a população do domínio de Yama, apresentava tal visão horrível, e

onde cadáveres humanos se erguendo, começavam a dançar, lentamente o deixaram enquanto eles contemplavam o poderoso guerreiro em carro Abhimanyu que parecia o próprio Sakra, jazendo no campo, seus ornamentos caros deslocados e caídos, e parecendo com um fogo sacrifical no altar não mais alimentado com manteiga clarificada.'"

49

"Sanjaya disse, 'Depois da morte daquele herói, aquele líder de divisões de carros, isto é, o filho de Subhadra, os guerreiros Pandava, deixando seus carros e tirando suas armaduras, e jogando de lado seus arcos, sentaram-se, circundando o rei Yudhishthira. E eles estavam meditando sobre aquela dor deles, seus corações fixados no (falecido) Abhimanyu. De fato, após a queda daquele sobrinho heróico dele, isto é, o poderoso guerreiro em carro Abhimanyu, o rei Yudhishthira, dominado pelo pesar, lamentou (dessa maneira): 'Ai, Abhimanyu, pelo desejo de realizar o meu bem, atravessou aquela ordem de batalha formada por Drona e cheia de seus soldados. Enfrentando ele em batalha, arqueiros poderosos dotados de grande coragem, habilidosos com armas e incapazes de serem facilmente derrotados em batalha, foram derrotados e forçados a recuar. Enfrentando nosso inimigo implacável Duhsasana em batalha, ele com suas flechas fez aquele guerreiro fugir do campo, privado de seus sentidos. Ai, o filho heróico de Arjuna, tendo cruzado o mar vasto do exército de Drona, foi no final obrigado a se tornar um convidado da residência de Yama, após combater o filho de Duhsasana. Quando Abhimanyu está morto, como eu irei olhar para Arjuna e também para a abençoada Subhadra privada de seu filho predileto? Que palavras insensatas, desconexas, e impróprias nós teremos que dizer hoje para Hrishikesa e Dhananjaya! Desejoso de realizar o que é bom, e expectante de vitória, fui eu que fiz esse grande mal para Subhadra e Kesava e Arjuna. Aquele que é cobiçoso nunca vê seus defeitos. Cobiça surge da insensatez. Coletores de mel não vêem a queda que está diante deles; eu sou assim como eles. Ele que era somente um menino, ele que deveria ter sido suprido com (bom) alimento, com veículos, com camas, com ornamentos, ai, ele mesmo foi colocado por nós na vanguarda da batalha. Como o bem poderia vir para um menino jovem, inexperiente em batalha, em tal situação de grande perigo? Como um cavalo de ímpeto orgulhoso, ele se sacrificou em vez de se recusar a cumprir a ordem de seu mestre. Ai, nós também hoje jazeremos na terra nua, destruídos pelos olhares de dor lançados por Arjuna cheio de ira. Dhananjaya generoso, inteligente, modesto, perdoador, bonito, poderoso, possuidor de membros bem desenvolvidos e belos, respeitoso com os superiores, heróico, querido, e devotado à verdade; de realizações gloriosas, os próprios deuses elogiam suas façanhas. Aquele herói valente matou os Nivatakavachas e os Kalakeyas, aqueles inimigos de Indra tendo sua residência em Hiranyapura. Em um piscar de olhos ele matou os Paulomas com todos os seus seguidores. Dotado de grande poder, ele concede abrigo para inimigos implacáveis que pedem por clemência! Ai, nós não pudemos proteger hoje do perigo o filho de tal pessoa. Um grande temor tomou conta dos Dhartarashtras embora eles possam ser dotados de grande força! Enfurecido pela morte de seu

filho, Partha exterminará os Kauravas. É evidente também que Duryodhana de mente vil tendo conselheiros perversos, aquele destruidor de sua própria família e partidários, vendo este extermínio do exército Kaurava, abandonará sua vida em aflição. Vejam este filho do filho de Indra, de energia e coragem incomparáveis, no campo de batalha, nem vitória, nem soberania, nem imortalidade, nem residência com os próprios celestiais, me dão a menor alegria!'"

50

"Sanjaya disse, 'Enquanto o filho de Kunti, Yudhishthira, estava lamentando dessa maneira, o grande Rishi Krishna Dwaipayana foi até ele. Reverenciando-o devidamente, e fazendo-o se sentar, Yudhishthira, angustiado pela dor por conta da morte do filho de seu irmão, disse, 'Ai, enquanto lutava com muitos arqueiros poderosos, o filho de Subhadra, cercado por vários grandes guerreiros em carros de propensões injustas, foi morto no campo. O matador de heróis hostis, o filho de Subhadra, era um menino em idade e de mente infantil. Ele lutou em batalha contra vantagens encarniçadas. Eu pedi a ele para abrir uma passagem para nós em batalha. Ele entrou dentro do exército hostil, mas nós não pudemos segui-lo, obstruídos pelo soberano dos Sindhus. Ai, aqueles que se dirigem para a batalha como uma profissão, sempre lutam com adversários igualmente situados com eles mesmos. Essa batalha, no entanto, que o inimigo lutou com Abhimanyu, foi extremamente desigual. É isso que me aflige imensamente e tira lágrimas de mim. Pensando nisso, eu fracasso em recuperar paz de mente.'"

"Sanjaya continuou, 'O ilustre Vyasa, dirigindo-se a Yudhishthira que estava lamentando dessa maneira e que estava assim emasculado por uma acessão de tristeza, disse essas palavras.'"

"Vyasa disse, 'Ó Yudhishthira, ó tu de grande sabedoria, ó tu que és mestre de todos os ramos de conhecimento, pessoas como tu nunca se permitem ser entorpecidas por calamidades. Aquele jovem corajoso, tendo matado inimigos numerosos, ascendeu para o céu. De fato, aquela melhor das pessoas, (embora um menino), agiu, no entanto, como alguém de idade madura. Ó Yudhishthira, esta lei é incapaz de ser violada: ó Bharata, a Morte leva a todos, isto é, Deuses e Dhanavas e Gandharvas (sem exceção).'"

"Yudhishthira disse, 'Ai, estes senhores de terra, que jazem na terra nua, mortos no meio de seus exércitos, privados de consciência, eram possuidores de grande poder. Outros (de sua classe) possuíam força igual àquela de dez mil elefantes. Outros, além disso, eram dotados da impetuosidade e poder do próprio vento. Eles todos pereceram em batalha, mortos por homens de sua própria classe. Eu não vejo a pessoa (salvo uma da própria classe deles) que pudesse matar algum deles em batalha. Dotados de grande bravura, eles eram possuidores de grande energia e grande força. Ai, eles que costumavam vir diariamente para lutar com essa esperança firmemente plantada em seus corações, isto é, que eles venceriam, ai, eles mesmos, possuidores de grande sabedoria, estão jazendo em

um campo, atingidos (por armas) e carentes de vida. O significado da palavra Morte hoje foi feito inteligível, pois estes senhores de terra, de destreza terrível, foram quase todos mortos. Aqueles heróis estão jazendo imóveis; privados de vaidade, tendo sucumbido aos inimigos. Muitos príncipes, cheios de ira, foram vitimados diante do fogo (da ira de seus inimigos). Um grande dúvida me possui, de onde vem a Morte? A Morte é (prole) de quem? O que é a Morte? Por que a Morte leva as criaturas? Ó avô, ó tu que pareces um deus, diga-me isto.'"

"Sanjaya continuou, 'Para o filho de Kunti, Yudhishthira, que o questionava dessa maneira, o Rishi ilustre, consolando-o, disse essas palavras.'"

"Vyasa disse, 'Com relação a esse assunto, ó rei, esta antiga história que Narada antigamente contou para Akampana é citada. O rei Akampana, ó monarca, eu sei, enquanto nesse mundo sofreu de tristeza muito grande e insuportável por conta da morte de seu filho. Eu agora contarei a história excelente sobre a origem da Morte. Tendo-a escutado, tu serás emancipado da tristeza e do toque do vínculo de afeição. Ouça-me, ó majestade, enquanto eu narro esta história antiga. Esta história é, de fato, excelente. Ela aumenta o período de vida, mata a dor e leva à saúde. Ela é sagrada, destrutiva de grandes grupos de inimigos, e a mais auspiciosa de todas as coisas auspiciosas. De fato, esta história é assim como o estudo dos Vedas. Ó monarca, ela deve ser ouvida toda manhã pelos principais dos reis que estão desejosos de filhos de vida longa e do seu próprio bem.'"

"Antigamente, ó majestade, havia um rei chamado Akampana. Uma vez, no campo de batalha, ele foi cercado por seus inimigos e quase dominado por eles. Ele tinha um filho que era chamado Hari. Igual ao próprio Narayana em poder, esse último era muito bonito, habilidoso com armas, dotado de grande inteligência, possuidor de força, e parecia o próprio Sakra em batalha. Cercado por inúmeros inimigos no campo de batalha, ele disparou milhares de flechas naqueles guerreiros e nos elefantes que o cercaram. Tendo realizado as mais difíceis façanhas em batalha, ó Yudhishthira, aquele opressor de inimigos foi, finalmente, morto no meio do exército. Realizando os ritos fúnebres de seu filho, o rei Akampana se purificou. (Durante os dias de luto uma pessoa é considerada impura, sendo incapaz de realizar seu culto comum e outros ritos religiosos. Depois que os funerais são realizados e o luto está terminado supõe-se que ela está purificada.) Sofrendo, no entanto, por seu filho dia e noite, o rei fracassou em recuperar felicidade mental. Informado de sua dor por conta da morte de seu filho, o Rishi celeste Narada foi à presença dele. O rei abençoado, vendo o Rishi celeste, disse ao último tudo o que tinha acontecido a ele, ou seja, sua derrota nas mãos de seus inimigos, e a morte de seu filho. E o rei disse, 'Meu filho era dotado de grande energia, e se igualava a Indra ou ao próprio Vishnu em esplendor. Aquele meu filho poderoso, tendo mostrado sua destreza no campo contra inúmeros inimigos finalmente foi morto! Ó ilustre, quem é essa Morte? Qual é a medida de sua energia, força e destreza? Ó mais notável das pessoas inteligentes, eu desejo saber tudo isso realmente.' Ouvindo essas palavras dele, o senhor concessor de benefícios, Narada, recitou a seguinte história elaborada, destrutiva da tristeza por causa da morte de um filho.'"

"Narada disse, 'Ouça, ó rei de braços fortes, esta história longa, exatamente como eu a ouvi, ó monarca! No início, o Avô Brahma criou todas as criaturas. Dotado de energia poderosa, ele viu que a criação não tinha sinais de decadência. Por causa disso, ó rei, o Criador começou a pensar a respeito da destruição do universo. Refletindo sobre o assunto, ó monarca, o Criador falhou em descobrir quaisquer meios de destruição. Ele então ficou furioso, e por consequência de sua fúria um fogo surgiu do céu. Aquele fogo se espalhou em todas as direções para consumir tudo no universo. Então céu, firmamento, e terra, todos ficaram cheios de fogo. E assim o Criador começou a consumir todo o universo móvel e imóvel. Assim todas as criaturas, móveis e imóveis, foram destruídas. De fato, o poderoso Brahma, amedrontando todos pela força de sua ira, fez tudo isso. Então Hara, também chamado Sthanu ou Siva, com madeixas emaranhadas em sua cabeça, aquele Senhor de todos os vagueadores noturnos, apelou para o divino Brahma, o Senhor dos deuses. Quando Sthanu caiu (aos pés de Brahma) pelo desejo de fazer o bem para todas a criaturas, a Divindade Suprema disse para aquele maior dos ascetas, brilhante com esplendor, 'Que desejo teu nós iremos realizar, ó tu que mereces ter todos os teus desejos realizados? Ó tu que nasceste do nosso desejo! Nós faremos tudo o que for agradável para ti! Nos diga, ó Sthanu, qual é teu desejo?'"

51

"Sthanu disse, 'Ó senhor, tu tiveste grande cuidado a fim de criar diversas criaturas. De fato, criaturas de diversas espécies foram criadas e educadas por ti. Aquelas mesmas criaturas, porém, estão agora sendo destruídas por teu fogo. Vendo isso, eu estou cheio de compaixão. Ó senhor ilustre, incline-te à benevolência.'"

"Brahma disse, 'Eu não tive desejo de destruir o universo, eu desejei o bem da terra, e foi por isso que a ira me possuiu. A deusa Terra, atormentada pelo peso opressivo das criaturas, sempre me solicitou para destruir as criaturas sobre ela. Incitado por ela, eu não pude, no entanto, achar quaisquer meios para a destruição da criação infinita. Nisso a ira me possuiu.'"

"Rudra disse, 'Tenda à graça, ó senhor do universo, não nutra a ira para a destruição das criaturas. Não deixe mais criaturas, imóveis e móveis, serem destruídas. Pela tua graça, ó ilustre, deixe o universo triplo, isto é, o Futuro, o Passado, e o Presente, existirem. Tu, ó Senhor, te inflamaste com ira. Daquela tua ira, uma substância semelhante ao fogo passou a existir. Aquele fogo está agora mesmo destruindo rochas e árvores e rios, e todas as espécies de ervas e gramas. De fato, aquele fogo está exterminando o universo móvel e o imóvel. O universo móvel e o imóvel está sendo reduzido a cinzas. Incline-te à graça, ó ilustre! Não ceda à ira. Esse mesmo é o benefício que eu peço. Todas as coisas criadas, ó Ser Divino, pertencentes a ti, estão sendo destruídas. Portanto, que tua ira seja apaziguada. Que ela seja aniquilada em ti mesmo. Lance teu olhar sobre tuas criaturas, inspirado pelo desejo de lhes fazer bem. Faça aquilo pelo qual as criaturas dotadas de vida não possam cessar de existir. Não deixe essas criaturas,

com seus poderes produtivos enfraquecidos, serem exterminadas. Ó Criador dos mundos, tu me nomeaste Protetor delas, ó Senhor do universo, não deixe o universo móvel e imóvel ser destruído. Tu és inclinado à benevolência, e é por isso que eu digo essas palavras para ti.'"

"Narada continuou, 'Ouvindo essas palavras (de Mahadeva) o divino Brahma, pelo desejo de beneficiar as criaturas, reteve dentro de si mesmo sua cólera que tinha sido despertada. Extinguindo o fogo, o Benfeitor divino do mundo, o grande Mestre, declarou os deveres de Produção e Emancipação. E enquanto a Divindade Suprema exterminava aquele fogo nascido de sua ira, saiu das portas de seus diversos sentidos uma mulher que era escura e vermelha e morena, cuja língua e rosto e olhos eram vermelhos, e que estava enfeitada com dois brincos brilhantes e diversos outros ornamentos brilhantes. Saindo do corpo dele, ela olhou sorridente para aqueles dois senhores do universo e então partiu para o quadrante sul. Então Brahma, aquele controlador da criação e destruição dos mundos a chamou pelo nome de Morte. E Brahma, ó rei, disse a ela, 'Mate essas minhas criaturas! Tu foste originada daquela minha ira a qual eu nutri para a destruição (do universo). Mate todas as criaturas inclusive idiotas e videntes por minha ordem. Por fazeres isso, tu serás beneficiada.' Aquela senhora de lótus, chamada Morte, assim endereçada por ele refletiu profundamente, e então chorou alto desamparadamente em tons melodiosos. O Avô então pegou as lágrimas que ela tinha derramado, com suas duas mãos, para o benefício de todas as criaturas, e começou a implorar a ela (com essas palavras).'"

42

"Narada disse, 'A dama desamparada, reprimindo sua tristeza dentro de si mesma, se dirigiu, com mãos unidas, ao Senhor da criação, curvando-se com humildade como uma trepadeira. E ela disse, 'Ó principal dos oradores, criada por ti como eu irei, sendo uma mulher, fazer tal ato cruel e mau sabendo que ele é cruel e mau? Eu tenho muito medo da iniquidade. Ó Senhor Divino, seja inclinado à graça. Filhos e amigos e irmãos e pais e maridos são sempre queridos; (se eu matá-los), aqueles que sofrerem essas perdas procurarão me ferir. É isso que eu temo. As lágrimas que cairão dos olhos de pessoas feridas pela dor e lamentosas me inspiram medo, ó Senhor! Eu procuro tua proteção. Ó Ser Divino, ó principal dos deuses, eu não irei para a residência de Yama. Ó concessor de bênçãos, eu imploro tua graça, curvando minha cabeça e juntando minhas palmas. Ó Avô dos mundos, eu peço (a realização desse) desejo em tuas mãos! Eu desejo, com tua permissão, praticar penitências ascéticas, ó Senhor das coisas criadas! Conceda esse benefício, ó Ser Divino, ó grande mestre! Permitida por ti, eu irei para o retiro excelente de Dhenuka! Empenhada em adorar a Ti mesmo, eu praticarei as austeridades mais rígidas lá. Eu não serei capaz, ó Senhor dos deuses, de tirar os caros ares vitais de criaturas vivas chorando em tristeza. Proteja-me da iniquidade.'"

"Brahma disse, 'Ó Morte, tu estás destinada a realizar a destruição de criaturas. Vá, destrua todas as criaturas, tu não precisas ter escrúpulos. Isso mesmo deve ser. Isso não pode ser de outra maneira. Somente cumpra minha ordem. Ninguém no mundo irá encontrar qualquer falha em ti.'"

"Narada continuou, 'Assim endereçada, aquela senhora ficou com muito medo. Olhando para o rosto de Brahma, ela permaneceu com mãos unidas. Pelo desejo de fazer o bem para as criaturas, ela não colocou seu coração na destruição delas. O divino Brahma também, aquele Senhor do senhor de todas as criaturas, ficou calado. E logo o Avô ficou satisfeito em si mesmo. E lançando seus olhos sobre toda a criação ele sorriu. E nisso as criaturas continuaram a viver como antes, isto é, não afetadas por morte prematura. E após aquele Senhor invencível e ilustre ter se livrado de sua ira, aquela donzela deixou a presença daquela Divindade sábia. Deixando Brahma, sem ter concordado em destruir criaturas, a donzela chamada Morte foi rapidamente para o retiro chamado Dhenuka. Chegando lá, ela praticou votos excelentes e muito austeros. E ela permaneceu lá sobre uma perna por dezesseis bilhões de anos, e cinco vezes dez bilhões também, por compaixão pelas criaturas vivas e pelo desejo de lhes fazer bem, e todo o tempo reprimindo seus sentidos de seus objetos favoritos. E novamente, ó rei, ela permaneceu lá sobre uma perna por vinte e uma vezes dez bilhões de anos. E então ela vagou por dez vezes dez mil bilhões de anos com as criaturas (da terra). Em seguida, dirigindo-se ao sagrado Nanda que era cheio de água fresca e pura, ela passou oito mil anos naquelas águas. Cumprindo votos rígidos em Nanda, ela se purificou de todos os seus pecados. Então ela procedeu, antes de tudo, para o sagrado Kausiki, cumpridora de votos. Vivendo só de ar e água, ela praticou austeridades lá. Dirigindo-se então para Panchaganga e em seguida para Vetasa, aquela donzela purificada, por diversos tipos de austeridades especiais, emaciou seu próprio corpo. Indo em seguida para o Ganga e de lá ao grande Meru, ela permaneceu imóvel como um pedra, suspendendo seu ar vital. De lá ela foi ao topo de Himavat, onde os deuses tinham realizado seu sacrifício (nos tempos passados), aquela moça amável e auspiciosa permaneceu de pé por um bilhão de anos somente sobre os dedos de seus pés. Indo então para Pushkara, e Gokarna, e Naimisha, e Malaia, ela emaciou seu corpo, praticando austeridades agradáveis para seu coração. Sem reconhecer qualquer outro deus, com devoção constante ao Avô, ela viveu e gratificou o Avô de todas as maneiras. Então o imutável Criador dos mundos, satisfeito disse a ela, com o coração amolecido e encantado, 'Ó Morte, por que tu praticas austeridades ascéticas tão severas?' Assim endereçada, a Morte disse para o Avô divino, 'As criaturas, ó Senhor, estão vivendo com saúde. Elas não ferem umas às outras nem com palavras. Eu não serei capaz de matá-las. Ó Senhor, eu desejo essa bênção de tuas mãos. Eu temo o pecado, e é por isso que eu estou engajada em austeridades ascéticas. Ó abençoado, te encarregue de remover para sempre meus temores. Eu sou uma mulher, em aflição, e sem falhas. Eu te rogo, sejas protetor.' Para ela o divino Brahman conhecedor do passado, do presente e do futuro, disse, 'Tu não cometerás pecado, ó Morte, por matar essas criaturas. Minhas palavras nunca podem ser inúteis, ó amável! Portanto, ó donzela auspiciosa, mate essas criaturas de quatro espécies. Virtude eterna sempre será

tua. Aquele Regente do mundo, Yama, e diversas doenças se tornarão teus colaboradores. Eu mesmo e todos os deuses te concederemos bênçãos, para que, livre de pecado e perfeitamente purificada, tu possas até alcançar glória.' Assim endereçada, ó monarca, aquela dama, juntando suas mãos, mais uma vez disse essas palavras, procurando sua graça por se curvar a ele com sua cabeça. Se, ó Senhor, isso não deve acontecer sem mim, então tua ordem eu coloco sobre minha cabeça. Ouça, no entanto, o que eu digo: que cobiça, ira, malícia, ciúmes, discussão, tolice e impudência, e outros sentimentos feios firam os corpos de todas as criaturas incorporadas.'"

"Brahman disse, 'Será, ó Morte, como tu disseste. Enquanto isso, mate as criaturas devidamente. O pecado não será teu, nem eu procurarei te prejudicar, ó auspiciosa. Aquelas gotas de lágrimas tuas que estão em minhas mãos, elas mesmas se tornarão doenças, surgindo das próprias criaturas vivas. Elas matarão os homens; e se os homens forem mortos, o pecado não será teu. Portanto, não temas. De fato, o pecado não será teu. Devotada à retidão, e cumpridora do teu dever, tu dominarás (todas as criaturas). Portanto, tire sempre as vidas dessas criaturas vivas. Rejeitando desejo e ira, tire a vida de todas as criaturas vivas. Assim a virtude eterna será tua. O pecado matará aqueles de mau comportamento. Te purifique por cumprir minha ordem. Serás tu a afundá-las em seus pecados que são perversos. Portanto, abandone desejo e ira, e mate essas criaturas dotadas de vida.'"

"Narada continuou, 'Aquela donzela, vendo que ela era (persistentemente) chamada pelo nome de Morte, teve medo de (agir de outra maneira). E em terror também da maldição de Brahma, ela disse, 'Sim.' Incapaz de agir de outra maneira, ela começou, abandonando desejo e ira, a tirar as vidas das criaturas vivas quando chegava a hora (para sua dissolução). São somente criaturas vivas que morrem. As doenças surgem das próprias criaturas vivas. Doença é a condição anormal das criaturas. Elas são atormentadas por isto. Portanto, não te entregue à aflição inútil pelas criaturas depois que elas estão mortas. Os sentidos, após a morte das criaturas, acompanham as últimas (ao outro mundo), e realizando suas (respectivas) funções, mais uma vez voltam (com as criaturas quando as últimas renascem). Assim todas as criaturas, ó leão entre os seres, os próprios deuses incluídos, indo para lá, tem que agir como mortais. O vento, que é tremendo, de rugidos terríveis e grande força, onipresente e dotado de energia infinita, é o vento que irá fender os corpos das criaturas vivas. Ele não irá nesse caso aplicar energia ativa, nem suspenderá suas funções; (mas fará isso naturalmente). Até todos os deuses tem a denominação de mortais vinculada eles. Portanto, ó leão entre reis, não chore por teu filho! Indo para o céu, o filho do teu corpo está passando seus dias em felicidade perpétua, tendo alcançado aquelas regiões encantadoras que são para heróis. Abandonando todas as tristezas, ele obteve a companhia dos justos. A Morte foi ordenada pelo próprio Criador para todas as criaturas! Quando sua hora chega, as criaturas são destruídas devidamente. A morte das criaturas se origina das próprias criaturas. As criaturas matam a si mesmas. A Morte não mata ninguém, armada com sua clava! Portanto, aqueles que são sábios, sabendo realmente que a morte é inevitável, porque (foi)

ordenada pelo próprio Brahma, nunca sofrem pelas criaturas que estão mortas. Sabendo que essa morte foi ordenada pelo Deus Supremo, abandone, sem demora; tua aflição por teu filho morto!'"

"Vyasa continuou, 'Ouvindo essas palavras de significado importante faladas por Narada, o rei Akampana, dirigindo-se a seu amigo, disse, 'Ó ilustre, ó mais notável dos Rishis, minha dor se foi, e eu estou contente. Ouvindo esta história de ti, eu estou grato a ti e eu te reverencio.' Aquele principal dos Rishis superiores, aquele asceta celeste de alma incomensurável, assim endereçado pelo rei, foi para as florestas de Nandava. A narração frequente desta história para a audição de outros, como também a audição frequente desta história, é considerada como purificadora, levando ao renome e céu e digna de aprovação. Ela aumenta, além disso, o período de vida. Tendo escutado esta história instrutiva, abandone tua dor, ó Yudhishthira, refletindo além disso sobre os deveres de um Kshatriya e o estado superior (de bem aventurança) obtenível por heróis. Abhimanyu, aquele poderoso guerreiro em carro, dotado de energia poderosa, tendo matado (numerosos) inimigos diante do olhar de todos os arqueiros, alcançou o céu. O arqueiro formidável, aquele poderoso guerreiro em carro, lutando no campo, caiu em batalha atingido com espada e maça e dardo, e arco. Nascido de Soma, ele desapareceu na essência lunar, purificado de todas as suas impurezas. Portanto, ó filho de Pandu, reunindo toda tua fortaleza, tu com teus irmãos, sem permitirem que sua razão seja entorpecida partam rapidamente, inflamados com raiva, para a batalha.'"

53

"Sanjaya disse, 'Sabendo da origem da Morte e suas ações incomuns, o rei Yudhishthira, humildemente se dirigindo a Vyasa, mais uma vez disse essas palavras a ele.'"

"Yudhishthira disse, 'Existiram muitos reis em países abençoados, de feitos virtuosos e de destreza igual àquela do próprio Indra. Eles eram sábios reais, ó regenerado, que eram impecáveis e que falavam a verdade. Uma vez mais, dirija-te a mim em palavras de grave significado, e me console com (relatos) das façanhas daqueles sábios nobres dos tempos antigos. Qual era a medida dos presentes sacrificais feitos por eles? Quem eram aqueles sábios reais de grande alma de atos justos que os fizeram? Diga-me tudo isso, ó ilustre!'"

"Vyasa disse, 'Houve um rei de nome Switya. Ele tinha um filho que era chamado Srinjaya. Os Rishis Narada e Parvata eram seus amigos. Um dia, os dois ascetas, para fazer uma visita a Srinjaya, foram ao seu palácio. Devidamente adorados por Srinjaya, eles ficaram satisfeitos com ele, e continuaram a viver com ele felizmente. Uma vez quando Srinjaya estava sentado à vontade com os dois ascetas, sua filha bela de sorrisos doces foi a ele. Saudado com reverência por sua filha, Srinjaya encantou aquela moça que estava ao seu lado com bênçãos apropriadas do tipo que ela desejava. Vendo aquela moça, Parvata sorridente questionou Srinjaya, dizendo, 'Filha de quem é essa donzela de olhares inquietos

e possuidora de todos os sinais auspiciosos? Ela é o esplendor de Surya, ou a chama de Agni? Ou, ela é alguma dessas, isto é, Sri, Hri, Kirti, Dhriti, Pushti, Siddhi, e o esplendor de Soma?' Depois que o Rishi celeste (Parvata) disse essas palavras, o rei Srinjaya respondeu, dizendo, 'Ó ilustre, essa moça é minha filha. Ela pediu minhas bênçãos.' Então Narada se dirigiu ao rei Srinjaya e disse, 'Se, ó monarca, tu desejas maior bem (para ti mesmo), então entregue essa tua filha para mim como uma esposa.' Encantado (com a proposta do Rishi), Srinjaya dirigiu-se a Narada, dizendo, 'Eu a entrego para ti.' Nisto, o outro Rishi, Parvata, dirigiu-se indignado a Narada, dizendo, 'Escolhida antes por mim, dentro do meu coração, tu tomaste essa donzela como tua esposa. E já que tu fizeste isso, tu, ó Brahmana, não irás para o céu como é teu desejo.' Assim endereçado por ele, Narada respondeu a ele, dizendo, 'O coração e palavra do marido (dirigidos a isso), o consentimento (do concessor), as palavras (de ambos), o presente efetivo feito por borrifo de água, e o recital dos mantras ordenados para a posse (da mão da noiva), essas são declaradas como as indicações pelas quais alguém é constituído um marido. Mesmo este cerimonial não é tudo. Aquilo que (sobretudo) é essencial é a caminhada por sete passos (pela noiva ao circungirar o noivo). Sem isso teu propósito (sobre casamento) não foi realizado. Tu amaldiçoaste. Portanto, tu também não irás para o céu sem mim.' Tendo amaldiçoado um ao outro aqueles dois Rishis continuaram a viver lá. Enquanto isso, o rei Srinjaya, desejoso de (obter) um filho, começou, com alma purificada, a entreter cuidadosamente os Brahmanas, ao máximo de seu poder, com alimento e mantos. Depois de um tempo certo, aqueles principais dos Brahmanas dedicados ao estudo dos Vedas e totalmente familiarizados com aquelas escrituras e seus ramos ficaram satisfeitos com aquele monarca, desejoso de obter um filho. Juntos eles foram até Narada e disseram a ele, 'Dê a esse rei um filho do tipo que ele deseja.' Assim endereçado pelos Brahmanas, Narada respondeu para eles, dizendo, 'Assim seja.' E então o Rishi celeste se dirigiu a Srinjaya dizendo, 'Ó sábio real, os Brahmanas estão satisfeitos e eles te desejam um filho! Solicite o benefício, abençoado sejas, acerca do tipo de filho que tu desejas.' Assim endereçado por ele, o rei, com mãos unidas, pediu um filho possuidor de todas as habilidades, famoso, de feitos gloriosos, de grande energia, e capaz de castigar todos os inimigos. E ele em seguida pediu que a urina, as fezes, a fleuma e o suor daquele filho fossem ouro. E no devido tempo o rei teve um filho nascido para ele, que veio a ser chamado de Suvarnashthivin (de fezes douradas) sobre a terra. E por consequência da bênção, aquele filho começou a aumentar a riqueza (de seu pai) além de todos os limites. E o rei Srinjaya fez todas as coisas agradáveis dele serem feitas de ouro. E suas casas e muros e fortes, e as casas de todos os Brahmanas (dentro de seus domínios), e suas camas, veículos, e pratos, e todos os tipos de panelas e xícaras, e o palácio que ele possuía, e todos os instrumentos e utensílios, domésticos e outros eram feitos de ouro. E com o tempo seu estoque aumentou. Então certos ladrões ouvindo sobre o príncipe e vendo que ele era daquela maneira, se uniram e procuraram prejudicar o rei. E alguns entre eles disseram, 'Nós apanharemos o próprio filho do rei. Ele é a minha de ouro de seu pai. Para este objetivo, portanto, nós devemos nos esforçar.' Então aqueles ladrões inspirados com avareza, penetrando no palácio do rei, levaram à força o príncipe Suvarnashthivin. Tendo-o capturado e levado para as florestas,

aqueles idiotas insensatos, inspirados com avareza mas ignorantes do que fazer com ele, o mataram lá e cortaram seu corpo em fragmentos. Eles não viram, no entanto, qualquer ouro nele. Depois que o príncipe foi morto, todo o ouro, obtido por consequência do benefício do Rishi, desapareceu. Os ladrões ignorantes e insensatos bateram uns nos outros. E batendo uns nos outros dessa maneira, eles pereceram e com eles aquele maravilhoso príncipe sobre a terra. E aqueles homens de atos perversos afundaram em um inferno inimaginável e horrível. Vendo aquele filho dele, obtido através da bênção do Rishi, morto dessa maneira, aquele grande asceta, o rei Srinjaya, afligido com tristeza profunda, começou a lamentar em tons comoventes. Vendo o rei angustiado pelo pesar por conta de seu filho, e chorando daquela maneira, o Rishi celeste Narada se mostrou na presença dele. Ouça, ó Yudhishthira, o que Narada disse para Srinjaya, tendo se aproximado daquele rei, que angustiado com pesar e privado de sua razão, estava lamentando de modo comovente. Narada disse, 'Srinjaya, com teus desejos não realizados, tu terás que morrer, embora nós reveladores de Brahma, vivamos na tua casa. Até o filho de Avikshit, Marutta, ó Srinjaya, nós soubemos, teve que morrer. Irritado com Vrihaspati, ele fez o próprio Samvatta oficiar em seus sacrifícios grandiosos! Para aquele sábio real o próprio senhor ilustre (Mahadeva) tinha dado riqueza na forma de um planalto dourado de Himavat. (Com aquela riqueza) o rei Marutta realizou diversos sacrifícios. A ele, depois da conclusão de seus sacrifícios, diversas tribos de celestiais, aqueles criadores do universo, com o próprio Indra em sua companhia e com Vrihaspati em sua dianteira, costumavam ir. Todos os tapetes e móveis de sua área sacrifical eram de ouro. As classes regeneradas, desejosas de alimento, todas comiam como lhes agradava, em seus sacrifícios, comida que era limpa e em conformidade com seus desejos. E em todos os seus sacrifícios, leite e coalhos e manteiga clarificada e mel, e outras espécies de comida e mantimentos, todos da melhor qualidade, e mantos e ornamentos cobiçáveis por seu preço elevado, gratificavam Brahmanas completamente familiarizados com os Vedas. Os próprios deuses costumavam se tornar distribuidores de alimento no palácio do rei Marutta. Os Viswedevas eram os cortesãos daquele sábio real, o filho de Avikshit. Por ele foram gratificados os habitantes do céu com libações de manteiga clarificada. E satisfeitos (com isso), eles, por sua vez, aumentaram a fartura de colheitas daquele soberano poderoso com chuvas abundantes. Ele sempre contribuía para a satisfação dos Rishis, dos Pitris, e dos deuses, e assim os fazia felizes, pela prática de Brahmacharya, estudo dos Vedas, ritos fúnebres, e todas as espécies de doações. E suas camas e tapetes e veículos, e seus vastos estoques de ouro difíceis de serem doados, realmente, toda aquela riqueza incalculável dele, foi doada voluntariamente para os Brahmanas. O próprio Sakra costumava desejar o bem dele. Seus súditos foram feitos felizes (por ele). Agindo sempre com piedade, ele (no final) se dirigiu para aquelas eternas regiões de felicidade, alcançadas por seu mérito religioso. Com seus filhos e conselheiros e esposas e descendentes e parentes, o rei Marutta, em sua juventude, governou seu reino por mil anos. Quando tal rei, ó Srinjaya, morreu, que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais (isto é, penitências ascéticas, veracidade, compaixão, e generosidade), e que, superior a ti, era muito superior ao teu filho, não te aflijas dizendo, 'Ó Swaitya', por teu filho que não realizou sacrifícios e não deu presentes sacrificais.'"

56

"Narada disse, 'O rei Suhotra também, ó Srinjaya, nós ouvimos, tornou-se vítima da morte. Ele era o mais notável dos heróis, e invencível em batalha. Os próprios deuses costumavam ir vê-lo. Adquirindo seu reino virtuosamente, ele procurava o conselho de seus Ritwijas e sacerdotes domésticos e Brahmanas para seu próprio bem, e se informando com eles, costumava obedecer suas ordens. Bem familiarizado com o dever de proteger seus súditos, possuidor de virtude e generosidade, realizando sacrifícios e subjugando inimigos, o rei Suhotra desejava o aumento de sua riqueza. Ele adorava os deuses por seguir as ordenanças das escrituras, e derrotava seus inimigos por meio de suas flechas. Ele gratificava todas as criaturas por meio das suas realizações excelentes. Ele governou a terra, livrando-a de Mlecchas e dos ladrões da floresta. A divindade das nuvens derramava ouro sobre ele do fim do ano ao fim do ano. Naqueles dias de antigamente, portanto, os rios (em seu reino) corriam ouro (líquido), e estavam abertos a todos para uso. A divindade das nuvens derramava em seu reino grande número de jacarés e caranguejos e peixes de diversas espécies e vários objetos de desejo, incontáveis em número, que eram todos feitos de ouro. Os lagos artificiais nos domínios daquele rei mediam cada um duas milhas completas. Contemplando milhares de anões e corcundas e jacarés e Makaras, e tartarugas todos feitos de ouro, o rei Suhotra se admirou muito. Aquela fartura ilimitada de ouro, o sábio real Suhotra realizando um sacrifício em Kurujangala doou para os Brahmanas, antes da conclusão do sacrifício. Tendo realizado mil sacrifícios de cavalo, cem Rajasuyas, muitos sacrifícios Kshatriya sagrados (isto é, sacrifícios ordenados para Kshatriyas), em todos os quais ele fazia presentes abundantes para os Brahmanas e tendo realizado ritos diários, quase inúmeros, praticados por causa de desejos específicos, o rei no final obteve um fim muito desejável. Quando, ó Srinjaya, tal rei morreu, que era superior em relação às quatro virtudes principais e que, superior a ti, era portanto muito superior ao teu filho, tu não deves te afligir dizendo, 'Oh Swaitya, Oh, Swaitya,' pois teu filho não realizou nenhum sacrifício e não fez doações sacrificais.'"

57

"Narada disse, 'O rei heróico Paurava também, ó Srinjaya, nós soubemos, tornou-se vítima da morte. Aquele rei doou mil vezes mil cavalos que eram todos de cor branca. No sacrifico de cavalo realizado por aquele sábio nobre, um número incontável de Brahmanas eruditos versados nos princípios de Siksha e Akshara vinham de diversos reinos. (Siksha, um dos seis ramos dos Vedas; ele pode ser chamado a Ortoepia dos Vedas. Akshara, letras do alfabeto.) Aqueles Brahmanas, purificados pelos Vedas, por conhecimento, e por votos, e generosos e de feições agradáveis, tendo obtido do rei presentes caros, tais como mantos e casas e camas excelentes e tapetes e veículos e gado, eram sempre alegrados por atores e dançarinos e cantores, totalmente competentes e bem versados (em

suas respectivas artes), engajados em passatempos e sempre se esforçando pelo seu divertimento. Em cada um de seus sacrifícios no devido tempo ele dava de graça como presentes sacrificais dez mil elefantes de esplendor dourado, com suco temporal escorrendo por seus corpos, e carros feitos de ouro com estandarte e pendões. Ele também dava, como presentes sacrificais, mil vezes mil donzelas enfeitadas com ornamentos de ouro, e carros e corcéis e elefantes para montar, e casas e campos, e centenas de vacas, às centenas de milhares, e milhares de vaqueiros enfeitados com ouro. Aqueles que conhecem a história do passado cantam essa canção, isto é, que naqueles sacrifícios o rei Paurava doava vacas com bezerros, tendo chifres dourados e cascos de prata e potes de leite de bronze, e escravas femininas e escravos masculinos e jumentos e camelos, e ovelhas, incontáveis em número, e diversas espécies de pedras preciosas e diversos morros de comida semelhantes a colinas. Aquele rei sacrificador dos Angas realizou sucessivamente, na ordem de seu mérito, e segundo o que era apropriado para sua própria classe, muitos sacrifícios auspiciosos capazes de conceder todos os objetos de desejo. Quando tal rei morreu, ó Srinjaya, que era superior a ti com relação às quatro virtudes principais e que, superior a ti era, portanto, muito mais superior ao teu filho, tu não deves, dizendo 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya,' chorar por teu filho que não realizou nenhum sacrifício e não fez nenhum presente sacrifical.'"

58

"Narada disse, 'O filho de Usinara, Sivi também, ó Srinjaya, nós ouvimos, tornou-se vítima da morte. Aquele rei tinha, por assim dizer, posto uma cinta feita de couro em volta da terra, fazendo a terra com suas montanhas e ilhas e mares e florestas ressoar com o estrépito de seu carro. O conquistador de inimigos, o rei Sivi, sempre matava os principais dos inimigos. Ele realizou muitos sacrifícios com presentes em profusão para os Brahmanas. Aquele monarca de grande coragem e grande inteligência tinha adquirido enorme riqueza. Em batalha, ele ganhava os aplausos de todos os Kshatriyas. Tendo trazido toda a terra sob submissão, ele realizou muitos sacrifícios de cavalo, sem qualquer obstrução, os quais eram produtivos de grande mérito doando (como presente sacrifical) mil crores de nishkas de ouro, e muitos elefantes e corcéis e outras espécies de animais, muitos grãos, e muitos veados e ovelhas. E o rei Sivi doou a terra sagrada consistindo em diversos tipos de solo para os Brahmanas. De fato, o filho de Usinara, Sivi, doou tantas vacas quanto o número de gotas de chuva derramadas sobre a terra, ou o número de estrelas no céu, ou o número de grãos de areia no leito do Ganga, ou o número de rochas que constituem a montanha chamada Meru, ou o número de pedras preciosas ou de animais (aquáticos) no oceano. O próprio Criador não encontrou e não encontrará dentro do passado, do presente, ou do futuro, outro rei capaz de suportar os encargos que o rei Sivi suportava. Muitos foram os sacrifícios, com todos os tipos de ritos, que o rei Sivi realizou. Naqueles sacrifícios, as estacas, os tapetes, as casas, as paredes, e os arcos, eram todos feitos de ouro. Comida e bebida, agradáveis para o paladar e perfeitamente limpas eram reservadas em profusão. E os Brahmanas que se dirigiam a eles podiam ser

contados por miríades e miríades. Abundando com iguarias de todas as espécies, só palavras agradáveis tais como 'dê' e 'pegue' eram ouvidas lá. Leite e coalhos eram reunidos em grandes lagos. Em sua área sacrifical, havia rios de bebida e colinas brancas de alimento. 'Banhem-se e bebam e comam como quiserem,' essas eram as únicas palavras ouvidas lá. Satisfeito com seus atos virtuosos, Rudra concedeu a Sivi uma bênção, dizendo, 'Como tu doas, que tua riqueza, tua devoção, tua fama, tuas ações religiosas, o amor que todas as criaturas tem por ti, e o céu (que tu alcançarás), sejam todos inesgotáveis.' Tendo obtido todos essas bênçãos desejáveis, o próprio Sivi, quando chegou o momento, deixou esse mundo com destino ao céu. Quando, ó Srinjaya, morreu ele que era superior a ti, e era muito superior ao teu filho, tu não deves, dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya', te afligir por teu filho que não realizou sacrifícios e não fez presentes sacrificais.'"

59

"Narada disse, 'Rama, o filho de Dasaratha, ó Srinjaya, nós ouvimos, tornou-se uma vítima da morte. Seus súditos eram tão encantados com ele como um pai é encantado com seus filhos. Dotado de energia imensurável, inúmeras virtudes existiam nele. De glória imorredoura, Rama, o irmão mais velho de Lakshmana, por ordem de seu pai, viveu por catorze anos nas florestas, com sua mulher. Aquele touro entre homens matou em Janasthana catorze mil Rakshasas para a proteção dos ascetas. Enquanto morava lá, o Rakshasa chamado Ravana, enganando a ele e seu companheiro (Lakshmana) sequestrou sua esposa, a princesa de Videha. Como o de três olhos (Mahadeva), antigamente, matando (o Asura) Andhaka, Rama em cólera matou em batalha aquele ofensor da linhagem de Pulastya que nunca antes tinha sido subjugado por qualquer inimigo. De fato, Rama de braços fortes matou em batalha aquele descendente da linhagem de Pulastya com todos os seus parentes e seguidores, aquele Rakshasa que era incapaz de ser morto pelos deuses e os Asuras juntos, aquele canalha que era um tormento para os deuses e os Brahmanas. Por seu tratamento afetuoso de seus súditos, os celestiais adoravam Rama. Enchendo a terra inteira com suas realizações, ele era muito elogiado até pelos Rishis celestes. Compassivo para todas as criaturas, aquele rei, tendo adquirido diversos reinos e protegido seus súditos virtuosamente, realizou um grande sacrifício sem obstrução. E o senhor Rama também realizou cem sacrifícios de cavalo e o grandioso sacrifício chamado Jaruthya. E com libações de manteiga clarificada ele contribuiu para a alegria de Indra. E por essas ações dele, Rama conquistou fome e sede, e todas as doenças às quais as criaturas estão sujeitas. Possuidor de todas as habilidades, ele sempre brilhava com sua própria energia. De fato, Rama, o filho de Dasaratha, eclipsou muito todas as criaturas. Quando Rama governava seu reino, os Rishis, os deuses, e homens viviam todos juntos sobre a terra. As vidas das criaturas vivas nunca eram diferentes. Os ares vitais também, chamados Prana, Apana, Samana, e os outros, quando Rama governava seu reino, todos cumpriam suas funções. Todos os corpos luminosos brilhavam mais, e calamidades nunca ocorriam. Todos os seus súditos tinham vida longa. Ninguém morria na juventude. Os habitantes do céu muito satisfeitos, costumavam obter, segundo (as

ordenanças dos) quatro Vedas, libações de manteiga e outras oferendas de alimento feitas por homens. Seus reinos eram livres de moscas e mosquitos; e de bestas predadoras e répteis venenosos, não havia nenhum. E ninguém era de tendências injustas, ninguém era cobiçoso, e ninguém era ignorante. Os súditos, de todas as (quatro) classes, eram dedicados a ações justas e desejáveis. Quando os Rakshasas uma vez impediram as oferendas aos Pitris e o culto dos deuses em Janasthana, o Senhor Rama, matando eles, fez aquelas oferendas e aquela adoração serem mais uma vez dadas aos Pitris e aos deuses. Cada homem era abençoado com mil filhos, e o período de suas vidas era de mil anos. Os mais velhos nunca tinham que realizar Sraddhas de seus mais novos, (porque os mais novos não morriam antes de seus mais velhos.) Vigoroso em forma, de uma cor azul escura, de olhos vermelhos, possuidor do andar de um elefante enfurecido, com braços que alcançavam os joelhos, e belos e massivos, de ombros leoninos, de grande força, e amado por todas as criaturas, Rama governou seu reino por onze mil anos. Seus súditos sempre proferiam seu nome. Quando Rama governava seu reino, o mundo se tornou muito belo. Levando finalmente seus quatro tipos de súditos com ele Rama foi para céu, tendo estabelecido sua própria linha consistindo em oito casas sobre a terra. (Os quatro tipos de criaturas que possuíam o domínio de Rama eram aquelas que eram ovíparas, as vivíparas, aquelas nascidas da sujeira, e os vegetais.) Quando até ele morreu, ó Srinjaya, que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais e superior ao teu filho, tu não deves lamentar, dizendo 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya,' por teu filho que não realizou nenhum sacrifício e não fez nenhum presente sacrifical.'"

60

"Narada disse, 'Até o rei Bhagiratha, ó Srinjaya, nós sabemos, morreu. Ele fez as margens de Ganga, que recebeu seu nome, Bhagirath, serem cobertas com lances de degraus feitos de ouro. (Esses eram escadarias para facilitar o acesso ao rio sagrado.) Superando todos os reis e todos os príncipes, ele deu para os Brahmanas mil vezes mil donzelas enfeitadas com ornamentos de ouro. Todas aquelas donzelas estavam sobre carros. E a cada carro estavam unidos quatro corcéis, e atrás de cada carro estavam cem vacas. E atrás de cada vaca havia (muitas) cabras e ovelhas. O rei Bhagiratha dava enormes presentes em seus sacrifícios. Por essa razão uma grande multidão de homens se reunia lá. Afligida com isso Ganga estava muito atormentada. 'Me proteja', ela disse e sentou-se em seu colo. E porque Ganga sentou assim sobre seu colo nos tempos passados, portanto, ela, como a dançarina celeste Urvasi veio a ser considerada como sua filha e recebeu o nome dele. E tendo se tornado a filha do rei, ela se tornou seu filho (por vir a ser, como um filho, os meios de salvação para seus ancestrais falecidos). (A história da salvação dos ancestrais de Bhagiratha é a seguinte: o rei Sagara (de onde Sagara ou o Oceano) teve sessenta mil filhos. Eles foram todos reduzidos a cinzas pela maldição do sábio Kapila, uma encarnação do próprio Vishnu. Bhagiratha, um descendente remoto, fez o sagrado Ganga fluir sobre o local onde as cinzas de seus ancestrais se encontravam, e dessa maneira obteve

a salvação deles.) Gandharvas de palavras gentis e de esplendor celestial, satisfeitos, cantavam tudo isso na audição dos Rishis, dos deuses, e dos seres humanos. Assim, ó Srinjaya, aquela deusa, Ganga que vai para o oceano, escolheu o senhor Bhagiratha, descendente de Ikshvaku, o realizador de sacrifícios com presentes abundantes (para os Brahmanas), como seu pai. Seus sacrifícios eram sempre honrados com (a presença dos) próprios deuses com Indra em sua chefia. E os deuses costumavam pegar suas respectivas partes, por removerem todos os obstáculos, para facilitar aqueles sacrifícios de todas as maneiras. Possuidor de grande mérito ascético, Bhagiratha dava para os Brahmanas quaisquer benefícios que eles desejassem sem obrigá-los a se moverem do lugar onde quer que eles pudessem nutrir aqueles desejos. Não havia nada que ele pudesse negar aos Brahmanas. Todos recebiam dele tudo o que eles cobiçavam. Finalmente, o rei ascendeu para a região de Brahman, pela graça dos Brahmanas. Por aquele objetivo para o qual os Rishis que subsistiam dos raios do sol costumavam servir o sol e a divindade presidente do sol, por aquele mesmo objetivo eles costumavam servir o senhor Bhagiratha, aquele ornamento dos três mundos. Quando morreu ele, ó Srinjaya, que era superior a ti com relação às quatro virtudes principais, e que, superior a ti, era muito superior ao teu filho, tu não deves sofrer, dizendo 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya,' pois o último não realizou nenhum sacrifício e não fez presentes sacrificais.'"

61

"Narada disse, 'Dilipa, o filho de Havila, também, ó Srinjaya, nós soubemos, tornou-se vítima da morte. Brahmanas, dotados do conhecimento da Verdade, dedicados à realização de sacrifícios, abençoados com filhos e netos e numerando miríades sobre miríades, estavam presentes em suas centenas de sacrifícios. O rei Dilipa, tendo realizado vários sacrifícios, doou essa terra, cheia de tesouros, para os Brahmanas. Nos sacrifícios de Dilipa, as estradas eram todas feitas de ouro. Os próprios deuses com Indra em sua chefia costumavam ir até ele considerando-o como o próprio Dharma. Os aros superiores e inferiores de sua estaca sacrifical eram feitos de ouro. Comendo seus Raga-khandavas, muitas pessoas, em seus sacrifícios, eram vistas se deitarem nas estradas. Enquanto lutava sobre as águas, as duas rodas do carro de Dilipa nunca afundavam naquele líquido. Isso parecia muito extraordinário, e nunca ocorria com outros reis. Até aqueles que viam o rei Dilipa, aquele arqueiro firme, sempre sincero e doando presentes abundantes em seus sacrifícios, conseguiam ascender para o céu. Na residência de Dilipa, chamada também Khattanga, estes cinco sons eram sempre ouvidos, isto é, o som de recitações Védicas, a vibração de arcos, e 'Beba!', 'Desfrute!', e 'Coma!' Quando morreu ele, ó Srinjaya, que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais e que superior a ti, era muito superior ao teu filho, tu não deves chorar dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya,' por teu filho que não realizou nenhum sacrifício e não fez nenhum presente sacrifical.'"

62

"Narada disse, 'Mandhatri o filho de Yuvanaswa, ó Srinjaya, nós ouvimos, tornou-se vítima da morte. Aquele rei subjugou os deuses, os Asuras e homens. Aqueles celestiais, isto é, os gêmeos Aswins, o fizeram sair do útero de seu pai por meio de uma operação cirúrgica. Uma vez, o rei Yuvanaswa enquanto caçava veados na floresta, ficou com muita sede e seus cavalos também ficaram muito fatigados. Vendo uma coroa de fumaça, o rei (guiado por ela) foi a um sacrifício e bebeu a manteiga sacrifical sagrada que estava espalhada lá. (O rei, nisso, concebeu). Vendo que Yuvanaswa estava grávido, aqueles melhores dos médicos, os gêmeos Aswins entre os celestiais, extraíram a criança do útero do rei. Vendo aquela criança de esplendor celestial deitada no colo de seu pai, os deuses disseram uns aos outros, 'O que sustentará essa criança?' Então Vasava disse, 'Deixem a criança chupar meus dedos.' Nisso dos dedos de Indra saiu leite doce como néctar. E já que Indra por compaixão disse, 'Ele tirará seu sustento de mim' e mostrou a ele aquela bondade, portanto, os deuses chamaram aquela criança de Mandhatri (literalmente: tendo a mim como seu sustentador.) Então jatos de leite e manteiga clarificada caíram à boca do filho de Yuvanaswa da mão de Indra de grande alma. O menino continuou a sugar a mão de Indra e por aquele meio crescer. Em doze dias ele veio a ter doze cúbitos de altura e ser dotado de grande destreza. E ele conquistou toda essa terra no decorrer de um único dia. De alma virtuosa, possuidor de grande inteligência, heróico, devotado à verdade e um mestre de suas paixões, Mandhatri venceu, por meio de seu arco, Janamejaya e Sudhanwan e Jaya e Suna e Vrihadratha e Nriga. E as terras localizadas entre a colina onde o sol nasce e a colina onde ele se põe são conhecidas até hoje como o domínio de Mandhatri. Tendo realizado cem sacrifícios de cavalo e cem sacrifícios Rajasuya também, ele doou, ó monarca, para os Brahmanas, alguns peixes Rohita feitos de ouro, que tinham dez Yojanas de comprimento e um Yojana de largura. Montanhas de alimento e comestíveis saborosos de diversos tipos, depois dos Brahmanas terem sido regalados, eram comidos por outros, (que chegavam em seus sacrifícios) e contribuíam para sua satisfação. Vastas quantidades de alimentos e mantimentos e bebida, e montanhas de arroz, pareciam belas enquanto elas duravam. Muitos rios, tendo lagos de manteiga clarificada, com diversas espécies de sopa como seu lodo, coalhos como sua espuma e mel líquido como sua água, parecendo belos, e levando mel e leite, cercavam montanhas de iguarias sólidas. Deuses e Asuras e Homens e Yakshas e Gandharvas e Cobras e Aves, e muitos Brahmanas, educados nos Vedas e seus ramos, e muitos Rishis iam em seus sacrifícios. Entre aqueles presentes lá, ninguém era iletrado. O rei Mandhatri, tendo concedido a terra limitada pelos mares e cheia de riqueza para os Brahmanas, finalmente desapareceu como o sol. Enchendo todos os pontos do horizonte com sua fama, ele se dirigiu para as regiões dos justos. Quando morreu ele, ó Srinjaya, que te sobrepujava nas quatro virtudes principais e que, superior a ti, era muito superior ao teu filho, tu não deves te afligir, dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya' pelo último que não realizou sacrifícios e não fez nenhum presente sacrifical.'"

63

"Narada disse, 'Yayati, o filho de Nahusha, ó Srinjaya, nós ouvimos, tornou-se vítima da morte. Tendo realizado cem Rajasuyas, cem sacrifícios de cavalo, mil Pundarikas, cem Vajapeyas, mil Atiratras, inúmeros Chaturmasyas, diversos Agnishtomas, e muitos outros tipos de sacrifícios, em todos os quais ele fez presentes abundantes para os Brahmanas, ele doou para os Brahmanas, tendo-a contado primeiro, toda a riqueza que existia sobre a terra na posse de Mlecchas e outras pessoas que odiavam Brahmanas. Quando os deuses e os Asuras estavam organizados para batalha, o rei Yayati ajudou os deuses. Tendo dividido a terra em quatro partes, ele a doou para quatro pessoas. Tendo realizado vários sacrifícios e gerado virtuosamente filhos excelentes em (suas esposas) Devayani, a filha de Usanas e Sarmishtha, o rei Yayati, que era semelhante a um celestial, vagou pelos bosques celestes à vontade, como um segundo Vasava. Conhecedor de todos os Vedas, quando, no entanto, ele descobriu que ele não estava saciado com a indulgência de suas paixões, ele então, com suas esposas, se retirou para a floresta, dizendo isso: 'O que quer que haja de arroz e trigo e ouro e animais e mulheres sobre a terra, nem todos esses são suficientes para um homem. Pensando nisso, uma pessoa deve cultivar contentamento.' Assim abandonando todos os seus desejos, e obtendo contentamento, o senhor Yayati, instalando (seu filho) em seu trono, retirou-se para a floresta. Quando morreu ele, ó Srinjaya, que foi superior a ti em relação às quatro virtudes principais e que, superior a ti, era muito superior ao teu filho, tu não deves, dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya', te afligir pelo último que não realizou nenhum sacrifício e não fez presentes sacrificais.'"

64

"Narada disse, 'O filho de Nabhaga, Amvarisha, ó Srinjaya, nós ouvimos, tornou-se vítima da morte. Sozinho ele lutou mil vezes com mil reis. Desejosos de vitória, aqueles inimigos, habilidosos com armas, avançaram contra ele em batalha de todos os lados, proferindo exclamações ferozes. Ajudado por sua força e diligência e pela habilidade que ele tinha adquirido pela prática, ele cortava, pela força de suas armas, os guarda-sóis, as armas, os estandartes, os carros, e as lanças daqueles inimigos, e dissipava suas ansiedades. Desejosos de salvar suas vidas, aqueles homens, tirando suas cotas de malha, imploravam a ele (por piedade). Eles procuravam sua proteção, dizendo, 'Nós nos rendemos a ti.' Reduzindo eles à submissão e conquistando a terra inteira, ele realizou cem sacrifícios da melhor espécie, segundo os ritos ordenados nas escrituras, ó impecável! Alimento possuidor de todas as qualidades agradáveis era comido (naqueles sacrifícios) por grandes classes de pessoas. Naqueles sacrifícios, os Brahmanas eram respeitosamente adorados e muito gratificados. E as classes regeneradas comiam guloseimas, e Purikas e Puras, e Apupas e Sashkalis de bom gosto e tamanho grande, e Karambhas e Prithumridwikas (confeitos indianos, preparados com trigo ou cevada, leite, e açúcar e mel), e diversas espécies de iguarias finas, e vários tipos de sopa, e Maireyaka, e Ragakhandavas, e diversas

espécies de confeitos, bem preparados, macios, e de aroma excelente, e manteiga clarificada, e mel, e leite, e água, e coalhos doces, e muitas espécies de frutas e raízes agradáveis ao paladar. E aqueles que eram acostumados com vinho bebiam na devida hora diversos tipos de bebidas embriagantes pelo prazer que elas produziam, e cantavam e tocavam seus instrumentos musicais. E outros, aos milhares, embriagados com o que eles bebiam, dançavam e cantavam alegremente hinos para o louvor de Amvarisha; enquanto outros, incapazes de se manterem em pé, caíam no chão. Naqueles sacrifícios, o rei Amvarisha deu, como presentes sacrificais, os reinos de centenas e milhares de reis para os dez milhões de sacerdotes (empregados por ele). Tendo realizado diversos sacrifícios o rei deu para os Brahmanas, como presentes sacrificais, multidões de príncipes e reis cujas madeixas coronais tinham passado pelo banho sagrado, todos envolvidos em cotas de malha douradas, todos tendo guarda-sóis brancos desdobrados sobre suas cabeças, todos sentados em carros dourados, todos vestidos em mantos excelentes e tendo grandes comitivas de seguidores, e todos portando seus cetros, e em posse de suas tesourarias. Os grandes Rishis, vendo o que ele fez, estavam muito satisfeitos, e disseram, 'Ninguém entre os homens nos tempos passados fez, e ninguém no futuro será capaz de fazer o que o rei Amvarisha de abundante generosidade está fazendo agora.' Quando, ó Srinjaya, morreu ele que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais e que superior a ti, era muito mais superior ao teu filho, tu não deves, portanto, dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya', chorar pelo último que não realizou sacrifícios e não fez presentes sacrificais.'"

65

"Narada disse, 'O rei Sasavindu, ó Srinjaya, nós ouvimos, tornou-se vítima da morte. De grande beleza e de bravura incapaz de ser frustrada, ele realizou diversos sacrifícios. Aquele monarca de grande alma tinha cem mil esposas. De cada uma daquelas esposas nasceram mil filhos. Todos aqueles príncipes eram dotados de grande destreza. Eles realizaram milhões de sacrifícios. Educados nos Vedas, aqueles reis realizaram muitos principais dos sacrifícios. Todos eles eram equipados (em ocasiões de batalha) em cotas de malha douradas. E todos eles eram arqueiros excelentes. Todos aqueles príncipes nascidos de Sasavindu realizaram sacrifícios de cavalo. Seu pai, ó melhor dos monarcas, nos sacrifícios de cavalo que ele tinha realizado, doou, (como presentes sacrificais), todos aqueles filhos para os Brahmanas. Atrás de cada um daqueles príncipes havia centenas e centenas de carros e elefantes e moças formosas enfeitadas com ornamentos de ouro. Com cada moça havia cem elefantes; com cada elefante, cem carros; com cada carro cem cavalos, adornados com guirlandas de ouro. Com cada um daqueles cavalos havia mil vacas; e com cada vaca havia cinquenta cabras. O muito abençoado Sasavindu doou para os Brahmanas, no seu grande sacrifício de cavalo tal riqueza ilimitada. O rei fez tantas estacas sacrificais de ouro serem feitas para aquele seu grandioso sacrifício de cavalo quanto é o número duplo de estacas sacrificais de madeira em outros sacrifícios do tipo. Havia montanhas de comida e bebida da altura de mais ou menos duas milhas cada.

Após a conclusão de seu sacrifício de cavalo, treze dessas montanhas de comida e bebida permaneceram (intactas). Seu reino estava cheio de pessoas que eram contentes e bem alimentadas. E ele estava livre de todas as invasões do mal e as pessoas eram completamente felizes. Tendo governado por muitos longos anos, Sasavindu, finalmente, ascendeu para o céu. Quando morreu ele, ó Srinjaya, que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais e que superior a ti era, portanto, muito mais superior ao teu filho, tu não deves, dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh Swaitya', te afligir pelo último que não realizou sacrifícios e não fez presentes sacrificais.'"

66

"Narada disse, 'Gaya, o filho de Amartarayas, ó Srinjaya, nós soubemos, tornou-se vítima da morte. Aquele rei, por cem anos, comeu só o que restava das libações de manteiga clarificada despejada no fogo sacrifical. Agni (satisfeito com sua prova de grande devoção) se ofereceu para lhe dar um benefício. Gaya solicitou o benefício (desejado), dizendo, 'Eu desejo ter o conhecimento completo dos Vedas através de penitências ascéticas, pela prática de Brahmacharya, e de votos e regras, e pela graça de meus superiores. (Esses eram os métodos pelos quais ele procurava conhecimento dos Vedas.) Eu desejo também riqueza inesgotável, pela prática dos deveres da minha própria classe e sem prejudicar outros. Eu desejo também que eu possa sempre ser capaz de fazer presentes para os Brahmanas, com devoção. Que eu também procrie filhos em esposas pertencentes à minha própria classe e não em outras. Que eu possa doar alimento com devoção. Que meu coração sempre se deleite na justiça. Ó tu purificador supremo (Agni), que nenhum impedimento me surpreenda enquanto eu estiver empenhado em ações para a obtenção de mérito religioso.' Dizendo 'Assim seja' Agni desapareceu. E Gaya também, obtendo tudo o que ele tinha pedido, subjugou seus inimigos em luta justa. O rei Gaya então realizou, por cem anos completos, diversos tipos de sacrifícios com presentes abundantes para os Brahmanas e os votos chamados Chaturmasyas e outros. Todos os anos, por um século, o rei deu (para os Brahmanas) cento e sessenta mil vacas, dez mil corcéis, e um crore (de nishkas) de ouro após se erguer (na conclusão de seus sacrifícios). Sob toda constelação também ele deu os presentes ordenados para cada uma dessas ocasiões. De fato, o rei realizou vários sacrifícios como outro Soma ou outro Angiras. Em seu grandioso sacrifício de cavalo, o rei Gaya, fazendo uma terra dourada, a doou para os Brahmanas. Naquele sacrifício, as estacas do rei Gaya eram muito caras, sendo de ouro, decoradas com pedras preciosas encantadoras para todas as criaturas. Capaz de matar todo desejo, Gaya deu aquelas estacas para Brahmanas bem satisfeitos e outras pessoas. As diversas classes de criaturas residindo no oceano, nas florestas, nas ilhas, nos rios femininos e masculinos, nas águas, nas cidades, nas províncias, e até no céu, foram todas gratificadas com riqueza e alimento distribuídos nos sacrifícios de Gaya. E elas todas diziam, 'Nenhum outro sacrifício pode se aproximar deste de Gaya.' O altar sacrifical de Gaya tinha trinta Yojanas de comprimento, vinte e seis Yojanas de largura, e vinte Yojanas de altura. E ele era feito totalmente de ouro, e

coberto com pérolas e diamantes e pedras preciosas. E ele doou aquele altar para os Brahmanas, como também vestes e ornamentos. E o munificente monarca também deu para os Brahmanas outros presentes do tipo prescrito (nas escrituras). Após a conclusão daquele sacrifício vinte e cinco colinas de alimento permaneceram intactas, e muitos lagos e vários regatos que fluíam maravilhosamente de bebidas suculentas, e muitas pilhas, além disso, de mantos e ornamentos. E pelo mérito daquele sacrifício formidável, Gaya veio a ser bem conhecido nos três mundos. E devido àquele sacrifício existem a eterna Banian e o sagrado Brahmasara. Quando morreu ele, ó Srinjaya, que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais e que superior a ti era, portanto, muito superior ao teu filho, tu não deves, dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya,' chorar pelo último que não realizou sacrifícios e não fez presentes sacrificais.'"

67

"Narada disse, 'Rantideva, o filho de Srinjaya, nós sabemos, tornou-se vítima da morte. Aquele rei de grande alma tinha duzentos mil cozinheiros para distribuir comida excelente, crua e cozida, semelhante a Amrita, para os Brahmanas, de dia e de noite, que pudessem chegar em sua casa como convidados. O rei dava para os Brahmanas sua riqueza adquirida por meios justos. Tendo estudado os Vedas, ele subjugava seus inimigos em luta justa. De votos rígidos e sempre dedicado à devida realização de sacrifícios, inúmeros animais, desejosos de irem para o céu, costumavam ir até ele por iniciativa própria. (Acreditava-se que animais mortos em sacrifícios iam para o céu.) Tão grande foi o número de animais sacrificados no Agnihotra daquele rei que secreções fluindo de sua cozinha das pilhas de peles depositadas lá causou um verdadeiro rio o qual por causa desta circunstância veio a ser chamado de Charmanwati. (Identificado com o moderno Chumbal.) Ele incessantemente dava nishkas de ouro brilhante para os Brahmanas, 'Eu te dou nishkas.' 'Eu te dou nishkas', eram as palavras constantemente proferidas por ele. 'Eu te dou.' 'Eu te dou', dizendo essas palavras ele doou milhares de nishkas. E mais uma vez, com palavras agradáveis para os Brahmanas, ele doava nishkas. Tendo dado, no decorrer de um único dia, um crore de tais moedas, ele pensou que ele tinha doado muito pouco. E, portanto, ele daria mais. Quem mais há que seria capaz de dar o que ele deu? O rei entregava riqueza, pensando, 'Se eu não der riqueza nas mãos dos Brahmanas, aflição grande e eterna, sem dúvida, será minha.' Por cem anos, toda quinzena, ele dava para milhares de Brahmanas um touro dourado para cada um, seguido por uma centena de vacas e oitocentas moedas de nishkas. Todos os artigos que eram necessários para seu Agnihotra, e todos os que eram necessários para seus outros sacrifícios, ele dava de graça para os Rishis, incluindo Karukas (um tipo de vasilha usada pelos Brahmanas e outros para mendigar) e vasos de água e pratos e camas e tapetes e veículos, e mansões e casas, e diversas espécies de árvores, e vários tipos de iguarias. Quaisquer utensílios e artigos que Rantideva possuísse eram de ouro. Aqueles que conhecem a história dos tempos antigos vendo a abundância sobre-humana de Rantideva, cantam esta canção, 'Nós não vimos tais tesouros acumulados nem

na residência de Kuvera; o que precisa ser dito, portanto, de seres humanos?' E as pessoas diziam admiradas, 'Sem dúvida, o reino de Rantideva é feito de ouro.' Em tais noites, quando convidados estavam reunidos na residência de Rantideva, vinte e uma mil vacas eram sacrificadas (para alimentá-los). E contudo o cozinheiro real adornado com brincos enfeitados com pedras preciosas tinha que gritar, dizendo, 'Comam tanta sopa quanto vocês quiserem, pois, de carne, não há tanto hoje quanto nos outros dias.' Qualquer ouro que sobrava pertencente a Rantideva, ele dava até aquele resto para os Brahmanas durante o progresso de um de seus sacrifícios. Na sua própria vista os deuses costumavam pegar as libações de manteiga clarificada despejadas no fogo para eles, e os Pitris o alimento que era oferecido a eles em Sraddhas. E todos os Brahmanas superiores costumavam obter dele (os meios de satisfazer) todos os seus desejos. Quando morreu ele, ó Srinjaya, que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais e que, superior a ti era, portanto, muito superior ao teu filho, tu não deves, dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya,' chorar pelo último que não realizou nenhum sacrifício e não fez nenhum presente sacrifical.'"

68

"Narada disse, 'O filho de Dushmanta, Bharata, ó Srinjaya, nós sabemos, tornou-se vítima da morte. Quando somente uma criança (vivendo) na floresta, ele realizava feitos incapazes de serem realizados por outros. Dotado de grande força, ele rapidamente privava os próprios leões, brancos como neve e armados com dentes e garras, de toda sua bravura, e os arrastava e amarrava (à sua vontade). Ele costumava controlar tigres também, que eram mais ferozes e mais implacáveis (do que leões), e os levava à submissão. Agarrando outros animais predadores possuidores de grande poder, e até elefantes enormes, tingidos com arsênico vermelho e pintados com outros minerais líquidos por seus dentes e presas, ele costumava levá-los à submissão, fazendo suas bocas ficarem secas, ou obrigando-os a fugir. Possuidor de grande poder, ele costumava também arrastar os mais poderosos dos búfalos. E por causa de sua força, ele controlava leões orgulhosos às centenas, e Srimaras poderosos e rinocerontes e outros animais de chifres. Amarrando-os por seus pescoços e os esmagando a uma polegada de suas vidas (quase até matá-los), ele costumava deixá-los ir. Por causa dessas suas façanhas os ascetas regenerados (com quem ele vivia) vieram a chamá-lo de Sarvadamana (o controlador de todos). Sua mãe, finalmente, o proibiu de torturar os animais daquela maneira. Dotado de grande destreza ele realizou cem sacrifícios de cavalo nas margens do Yamuna, trezentos desses sacrifícios nas margens do Saraswati, e quatrocentos nas margens do Ganga. Tendo realizado esses sacrifícios, ele mais uma vez realizou mil sacrifícios de cavalo e cem Rajasuyas, sacrifícios formidáveis, nos quais seus presentes também para os Brahmanas eram muito abundantes. Outros sacrifícios, além disso, tais como o Agnishtoma, o Atiratra, o Uktha e o Viswajit, ele realizou junto com milhares e milhares de Vajapeyas, e completou sem qualquer obstáculo. O filho de Sakuntala, tendo realizado todos esses, gratificava os Brahmanas com

presentes de riqueza. Possuidor de grande fama, Bharata então deu dez mil bilhões de moedas, feitas do mais puro ouro, para Kanwa (que tinha criado sua mãe Sakuntala como sua própria filha). Os deuses com Indra em sua chefia, acompanhados pelos Brahmanas, indo para seu sacrifício, levantaram sua estaca sacrifical feita totalmente de ouro, e medindo em largura cem Vyamas. (Um Vyama é o espaço entre os dois braços estendidos o mais afastado possível.) E o imperial Bharata, de alma nobre, aquele vitorioso sobre todos os inimigos, aquele monarca nunca vencido por qualquer inimigo, doou para os Brahmanas belos cavalos e elefantes e carros, enfeitados com ouro, e belas pedras preciosas de todos os tipos, e camelos e cabras e ovelhas, e escravos homens e mulheres, e riqueza, e grãos e vacas leiteiras com bezerros, e aldeias e campos, e diversos tipos de mantos, numerando por milhões e milhões. Quando morreu ele, ó Srinjaya, que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais e que superior a ti, era, portanto, muito superior ao teu filho, tu não deves, dizendo, 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya,' chorar pelo último que não realizou sacrifícios e não fez presentes sacrificais.'"

69

"Narada disse, 'O filho de Vena, o rei Prithu, ó Srinjaya, nós soubemos, tornou-se vítima da morte. No sacrifício Rajasuya que ele realizou, os grandes Rishis o instalaram como Imperador (do mundo). Ele subjugou todos, e suas realizações se tornaram conhecidas (no mundo inteiro). Por isso ele veio a ser chamado Prithu (o Célebre). E porque ele protegia todas as pessoas de ferimentos e injúrias, por isso ele se tornou um verdadeiro Kshatriya. (Literalmente, um Kshatriya é alguém que livra outro de ferimentos e injúrias.) Contemplando o filho de Vena, Prithu, todos os seus súditos diziam, 'Nós estamos muito satisfeitos com ele.' Por causa dessa afeição que ele desfrutava de seus súditos ele veio a ser chamado de Raja. (Um raja é alguém que desfruta da afeição de seu povo, e com quem eles estão satisfeitos.) Durante a época de Prithu, a terra, sem ser cultivada, produzia colheitas em quantidade. Todas as vacas, além disso, produziam leite sempre que eram tocadas. Todos os lotos eram cheios de mel. As folhas Kusa eram todas de ouro, agradáveis ao toque, e encantadoras de outras maneiras. E os súditos de Prithu faziam roupas dessas folhas e as camas também nas quais eles deitavam. Todas as frutas eram macias e doces e como Amrita (em gosto). E essas constituíam o alimento de seus súditos, ninguém entre eles alguma vez teve que passar fome. E todos os homens no tempo de Prithu eram saudáveis e robustos. E todos os seus desejos eram coroados com realização. Eles não tinham nada a temer. Em árvores, ou em cavernas, eles moravam como eles queriam. Os domínios dele não eram distribuídos em províncias e cidades. As pessoas viviam felizmente e em alegria como cada uma desejava. Quando rei Prithu foi para o mar, as ondas se tornaram sólidas. As próprias montanhas costumavam produzir aberturas para que ele pudesse passar através delas. O estandarte de seu carro nunca quebrou (obstruído por alguma coisa). Uma vez, as árvores altas da floresta, as montanhas, os deuses, os Asuras, homens, as cobras, os sete Rishis, as Apsaras, e os Pitris, todos foram até Prithu, sentado comodamente, e dirigindo-

se a ele, disseram, 'Tu és nosso Imperador. Tu és nosso rei. Tu és nosso protetor e Pai. Tu és nosso Senhor. Portanto, ó grande rei, dê bênçãos de acordo com nossas próprias inclinações, pelos quais nós possamos, para sempre, obter satisfação e alegria.' Para eles Prithu, o filho de Vena, disse, 'Assim seja.' Então pegando seu arco Ajagava (o arco de Siva, também chamado Pinaka) e algumas flechas terríveis semelhantes às quais não existiam, ele refletiu por um momento. Ele então se dirigiu à Terra, dizendo, 'Vindo rapidamente, ó Terra, produza para estes o leite que eles desejam. Disso, abençoada sejas, eu darei a eles o alimento que eles pedem.' Assim endereçada por ele, a Terra disse, 'Cabe a ti, ó herói, me considerar como tua filha.' Prithu respondeu, 'Assim seja!' E então aquele grande asceta, suas paixões sob controle, fez todos os arranjos (para ordenhar a Terra. Então todo o conjunto de criaturas começou a ordenhar a Terra). E antes de mais nada, as altas árvores da floresta se elevaram para ordenhá-la. A Terra então, cheia de afeição, permaneceu lá desejando um bezerro, um ordenhador, e recipientes (nos quais reter o leite). Então a florescente Sala tornou-se o bezerro, a Banian tornou-se o ordenhador, botões de flor cortados se tornaram o leite, e a figueira auspiciosa tornou-se o recipiente. (Em seguida, as montanhas a ordenharam). A colina do Leste, na qual o Sol nasce, virou o bezerro; o príncipe das montanhas, Meru, virou o ordenhador; as diversas pedras preciosas e ervas decíduas se tornaram o leite; e as pedras se tornaram os recipientes (para reter aquele leite). Em seguida, um dos deuses virou o ordenhador, e todas as coisas capazes de conceder energia e força se tornaram o leite cobiçado. Os Asuras então ordenharam a Terra, tendo vinho como seu leite, e usando um cântaro não cozido como seu recipiente. Naquela ação, Dwimurddhan virou o ordenhador, e Virochana, o bezerro. Os seres humanos ordenharam a Terra para cultivo e colheitas. O Manu auto-criado virou seu bezerro, e o próprio Prithu o ordenhador. Em seguida, as Cobras ordenharam a Terra, obtendo veneno como o leite, e usando um recipiente feito de uma cabaça, Dhritarashtra virou o ordenhador, e Takshaka o bezerro. Os sete Rishis, capazes de produzir tudo por sua vontade, então ordenharam a Terra, recebendo os Vedas como seu leite. Vrihaspati virou o ordenhador, os Chhandas eram o recipiente, e o excelente Soma, o bezerro. Os Yakshas, ordenhando a Terra, obtiveram o poder de desaparecer à vontade como o leite em uma panela não cozida. Vaisravana (Kuvera) tornou-se seu ordenhador, e Vrishadhvaja seu bezerro. Os Gandharvas e as Apsaras ordenharam todos os perfumes fragrantes em um recipiente feito de uma folha de lótus. Chitraratha virou seu bezerro, e o pujante Viswaruchi seu ordenhador. Os Pitris ordenharam a Terra, obtendo Swaha como seu leite em um recipiente de prata. Yama, o filho de Vivaswat, tornou-se seu bezerro, e (o Destruidor Antaka) seu ordenhador. Assim mesmo a Terra foi ordenhada por aquele conjunto de criaturas que todas obtiveram como leite o que cada uma desejava. Os próprios bezerros e recipientes empregados por eles estão existindo até hoje e podem sempre ser vistos. O poderoso Prithu, o filho de Vena, realizando vários sacrifícios, gratificou todas as criaturas em relação a todos os seus desejos por presentes de artigos agradáveis para seus corações. E ele fez imagens douradas serem feitas de todos os artigos sobre a terra, e deu eles todos para os Brahmanas como seu grande Sacrifício de Cavalo. O rei fez sessenta e seis mil elefantes serem feitos de ouro, e todos eles ele deu para os Brahmanas. E toda essa terra também o rei fez ser enfeitada com

jóias e pedras preciosas e ouro, e a doou para os Brahmanas. Quando morreu ele, ó Srinjaya, que era superior a ti em relação às quatro virtudes principais e que, superior a ti, era, portanto, muito superior ao teu filho tu não deves, dizendo 'Oh, Swaitya, Oh, Swaitya,' te afligir pelo último que não realizou nenhum sacrifício e não fez nenhum presente sacrifical.'"

70

"Narada disse, 'Até o grande asceta Rama, o herói adorado por todos os heróis, aquele filho de Jamadagni, de grande fama, morrerá, sem estar satisfeito (com o período de sua vida). Erradicando todos os males da terra, ele fez o Yuga primevo começar. Tendo obtido prosperidade incomparável, nenhuma falha podia ser vista nele. Seu pai tendo sido morto e seu bezerro roubado pelos Kshatriyas, ele sem qualquer jactância matou Kartavirya que nunca tinha sido vencido antes por inimigos. Com seu arco ele matou sessenta e quatro vezes dez mil Kshatriyas já dentro das mandíbulas da morte. Naquela matança estavam incluídos catorze mil Kshatriyas que odiavam Brahmanas do país Dantakura, todos os quais ele matou. Dos Haihayas, ele matou mil com sua clava curta, mil com sua espada, e mil por enforcamento. Guerreiros heróicos, com seus carros, corcéis, e elefantes, jazeram mortos sobre o campo, mortos pelo filho sábio de Jamadagni, enfurecido pela morte de seu pai. E Rama, naquela ocasião, matou dez mil Kshatriyas com seu machado. Ele não pode tolerar quietamente as palavras furiosas proferidas por aqueles (inimigos dele). E quando muitos principais dos Brahmans proferiram exclamações, mencionando o nome de Rama da linhagem de Bhrigu, então o valente filho de Jamadagni, procedendo contra os Kashmiras, os Daradas, os Kuntis, os Kshudrakas, os Malavas, os Angas, os Vangas, os Kalingas, os Videhas, os Tamraliptakas, os Rakshovahas, os Vitahotras, os Trigartas, os Martikavatas, contando por milhares, matou eles todos por meio de suas flechas afiadas. Procedendo de província a província, ele matou dessa maneira milhares de crores de Kshatriyas. Criando um dilúvio de sangue e enchendo muitos lagos também com sangue tão vermelho quanto Indrajopakas ou a fruta selvagem chamada Vandujiva, e trazendo todas as dezoito ilhas (da qual a terra é composta) sob sua submissão, aquele filho da linhagem de Bhrigu realizou cem sacrifícios de grande mérito, todos os quais ele completou e em todos os quais os presentes que ele fez para os Brahmanas foram abundantes. O altar sacrifical, elevado dezoito nalas feito totalmente de ouro, e construído segundo a ordenança, cheio de diversos tipos de jóias e pedras preciosas, e decorado com centenas de estandartes, e essa terra cheia de animais domésticos e selvagens, foram aceitos por Kasyapa como presente sacrifical feito a ele por Rama, o filho de Jamadagni. E Rama também deu a ele muitos milhares de elefantes prodigiosos, todos adornados com ouro. De fato, livrando a terra de todos os ladrões, e fazendo ela abundar com habitantes honestos e elegantes, Rama a deu para Kasyapa em seu grande Sacrifício de Cavalo. Tendo privado a terra de Kshatriyas por vinte e uma vezes, e realizado centenas de sacrifícios, o herói pujante deu a terra aos Brahmanas. E foi Marichi (Kasyapa) quem aceitou dele a terra com suas sete ilhas. Então Kasyapa disse para Rama, 'Saia da terra, por minha ordem.' Por

ordem de Kasyapa, o principal dos guerreiros, desejoso de obedecer a ordem do Brahmana, fez por meio de suas flechas o próprio oceano ficar de lado, e se dirigindo para aquela melhor das montanhas chamada Mahendra, continuou a viver lá. Mesmo aquele aumentador da fama dos Bhrigus, possuidor de tais virtudes incontáveis, aquele filho famoso de Jamadagni, de grande esplendor, morrerá. Superior ao teu filho, (até ele morrerá). Portanto, não chore por teu filho que não realizou sacrifícios e não fez presentes sacrificais. Todos esses, superiores a ti com relação às quatro virtudes principais e com relação também a centenas de outros méritos, todos esses principais dos homens, morreram, ó Srinjaya, e aqueles que são como eles também morrerão.'"

71

"Vyasa disse, 'Ouvindo esta história sagrada de dezesseis reis, capaz de aumentar o período de vida (do ouvinte), o rei Srinjaya permaneceu silencioso sem dizer nada. O ilustre Rishi Narada então disse a ele que permanecia silencioso dessa maneira, 'Ó tu de grande esplendor, tu ouviste aquelas histórias narradas por mim, e tu captaste seu significado? Ou, elas todas estão perdidas como Sraddha quando realizado por uma pessoa de classe regenerada tendo uma mulher Sudra?' Assim endereçado, Srinjaya então respondeu com mãos unidas, 'Ó tu que tens riqueza de ascetismo, tendo escutado essas histórias excelentes e louváveis de sábios reais antigos, todos os quais realizaram sacrifícios magníficos com presentes abundantes para os Brahmanas, toda minha aflição foi dissipada pela admiração, como a escuridão que é dissipada pelos raios do sol. Eu agora estou purificado de meus pecados, e eu não sinto qualquer dor agora. Diga-me, o que eu devo fazer agora?'"

"Narada disse, 'Por boa sorte é que tua dor foi dissipada. Peça a bênção que tu desejas. Tu obterás tudo o que tu possas pedir. Nós nunca dizemos o que não é verdade.'"

"Srinjaya disse, 'Eu estou feliz com isso mesmo, isto é, que tu, ó santo, estejas satisfeito comigo. Aquele com quem tu, ó santo, estás satisfeito, não tem nada inalcançável aqui.'"

"Narada disse, 'Eu te darei mais uma vez teu filho que foi morto inutilmente pelos ladrões, como um animal, massacrado em sacrifício, tirando-o do inferno terrível.'"

"Vyasa disse, 'Então o filho de Srinjaya, de esplendor admirável, apareceu, aquele menino parecendo o filho do próprio Kuvera, concedido pelo Rishi satisfeito (ao pai enlutado). E o rei Srinjaya, se encontrando mais uma vez com seu filho, ficou muito contente. E ele realizou muitos sacrifícios meritórios, dando presentes sacrificais abundantes após conclusão. O filho de Srinjaya não tinha cumprido os propósitos de sua existência. Ele não tinha realizado sacrifícios e não tinha filhos. Desprovido de bravura, ele tinha perecido miseravelmente e não em batalha. Foi por essa razão que ele pode ser devolvido à vida. Com relação a Abhimanyu, ele

era corajoso e heróico. Ele cumpriu os propósitos da vida, pois o bravo filho de Subhadra, tendo destruído seus inimigos aos milhares, deixou o mundo, caindo no campo de batalha. Aquelas regiões inacessíveis que são alcançáveis por Brahmacharya, por conhecimento, por familiaridade com as escrituras, por principais dos sacrifícios, essas mesmas foram alcançadas por teu filho. Homens de conhecimento sempre desejam o céu por seus feitos justos. Aqueles que estão vivendo no céu nunca preferem este mundo ao céu. Portanto, não é fácil por causa de qualquer coisa desejável que possa não ter sido obtida por ele trazer de volta para o mundo o filho de Arjuna morto em batalha e agora residindo no céu. Teu filho atingiu aquela meta eterna que é alcançada por yogins com olhos fechados em contemplação ou por realizadores de sacrifícios grandiosos, ou pessoas possuidoras de grande mérito ascético. Depois da morte, obtendo um novo corpo aquele herói está brilhando como um rei em seus próprios raios imortais. De fato, Abhimanyu mais uma vez obteve seu próprio corpo de essência lunar que é desejável para todas as pessoas regeneradas. Ele não merece tua aflição. Sabendo disso, fique tranquilo, e mate os teus inimigos. Que fortaleza seja tua. Ó impecável, são os vivos que tem necessidade da nossa aflição, e não aqueles que alcançaram o céu. Aumentam os pecados daquele por quem os vivos sofrem, ó rei. Portanto, aquele que é sábio, abandonando a dor, deve se esforçar pelo benefício (dos mortos). O homem vivo deve pensar na alegria, na glória, e na felicidade (dos mortos). Sabendo disso, os sábios nunca se entregam à tristeza, pois a tristeza é dolorosa. Saiba que isso é verdade. Te levante! Te esforce (para realizar teu propósito). Não sofra. Tu ouviste a respeito da origem da Morte, e suas penitências sem precedentes, como também sobre a imparcialidade de seu comportamento em direção a todas as criaturas. Tu sabes que a prosperidade é instável. Tu ouviste como o filho morto de Srinjaya foi ressuscitado. Ó rei erudito, não te aflija. A paz esteja contigo, eu vou embora!' Dizendo isso, o santo Vyasa desapareceu. Após a partida daquele mestre de discurso, aquela principal das pessoas inteligentes, isto é, o santo Vyasa, cuja cor era semelhante àquela do céu nublado, Yudhishthira, tendo recebido conforto pelo que ele tinha ouvido sobre o mérito sacrifical e prosperidade daqueles grandes monarcas dos tempos antigos, possuidores de energia igual àquela do próprio grande Indra e todos os quais tinham adquirido riqueza por meios justos, mentalmente aplaudiu aquelas pessoas ilustres e ficou livre da tristeza. Mais uma vez, no entanto, com o coração melancólico ele se perguntou, dizendo, 'O que nós diremos para Dhananjaya?'"

72

"Sanjaya disse, 'Quando aquele dia terrível, tão repleto do massacre de criaturas, passou, e quando o sol se pôs, o belo crepúsculo da noite se espalhou. As tropas, ó touro da raça Bharata, de ambos os partidos, se retiraram para suas tendas. Então Jishnu de estandarte de macaco, tendo matado um grande número de Samsaptakas por meio de suas armas celestes, procedeu em direção à sua tenda, naquele seu carro vitorioso. E quando ele estava procedendo, ele questionou Govinda, com voz sufocada com lágrimas, 'Por que meu coração está

com medo, ó Kesava, e por que minha fala vacila? Maus presságios me enfrentam, e meus membros estão fracos. Pensamentos de desastre possuem minha mente sem deixá-la. Sobre a terra, por todos os lados, vários presságios me causam temor. De muitos tipos são aqueles presságios e indicações, e vistos em todos os lugares, pressagiam uma calamidade terrível. Está tudo bem com meu superior venerável, isto é, o rei com todos os seus amigos?'"

"Vasudeva disse, 'É evidente que está tudo bem com teu irmão e seus amigos. Não te aflijas, algum mal pequeno em outra direção irá acontecer.'"

"Sanjaya continuou, 'Então aqueles dois heróis (Krishna e Arjuna), tendo adorado o Crepúsculo, subiram em seu carro e procederam, falando do dia de batalha tão destrutivo de heróis. Tendo realizado façanhas extremamente difíceis de realização, Vasudeva e Arjuna, finalmente, alcançaram o acampamento (Pandava). Então aquele matador de heróis hostis, Vibhatsu, vendo o campo triste e melancólico e que tudo estava em confusão, dirigiu-se a Krishna com o coração agoniado, e disse, 'Ó Janardana, nenhuma trombeta auspiciosa sopra hoje, seu som misturado com a batida de baterias e o alto clangor de conchas. O doce Vina também não é tocado em lugar nenhum em acompanhamento com batida de palmas (que marcam as cadências). Canções auspiciosas e encantadoras repletas de louvor não são recitadas em lugar nenhum ou cantadas por nossos bardos entre as tropas. Os guerreiros também, todos recuam de cabeça baixa. Eles não me falam ao me verem, como antes, das façanhas realizadas por eles. Ó Madhava, está tudo bem com meus irmãos hoje? Vendo nossos próprios homens mergulhados em dor, eu não conheço paz. Está tudo bem, ó concessor de honras, com o soberano dos Panchalas, ou Virata, ou todos os nossos guerreiros, ó tu de glória imorredoura? Ai, o filho de Subhadra, sempre alegre, hoje, com seus irmãos, não saiu com sorrisos para me receber voltando da batalha.'"

"Sanjaya disse, 'Assim conversando, aqueles dois, (Krishna e Arjuna), entraram no seu próprio acampamento. E eles viram que os Pandavas, todos tristes, estavam sentados, mergulhados grande aflição. Vendo seus irmãos e filhos, Arjuna de estandarte de macaco ficou muito triste. Não vendo o filho de Subhadra lá, Arjuna disse, 'Pálida é a cor que eu vejo nos rostos de vocês todos. Eu, além disso, não vejo Abhimanyu. Nem ele vem para me felicitar. Eu soube que Drona hoje formou a ordem de batalha circular. Ninguém entre vocês, exceto o garoto Abhimanyu, poderia romper aquela formação de combate. Eu, no entanto, não ensinei a ele como sair daquela formação de combate, depois de tê-la penetrado. Vocês fizeram o garoto entrar naquela ordem de batalha? Aquele matador de heróis, o filho de Subhadra, aquele arqueiro poderoso, tendo rompido aquela ordem de batalha, por meio de inúmeros guerreiros do inimigo em batalha, caiu, finalmente na luta? Oh, me digam, como aquele herói de braços fortes e olhos vermelhos, nascido (em nossa linhagem) como um leão no leito da montanha, e igual ao irmão mais novo de Indra, caiu no campo de batalha? Qual guerreiro, privado de seu juízo pela Morte se arriscou a matar aquele filho querido de Subhadra, aquele favorito de Draupadi e Kesava, aquele menino sempre amado por Kunti? Igual ao herói Vrishni de grande alma, o próprio Kesava, em coragem e erudição e dignidade, como ele foi morto no campo de batalha? O filho favorito

daquela filha da linhagem Vrishni, sempre estimado por mim, ai, se eu não o vir eu irei para a residência de Yama. Com madeixas terminando em cachos macios, jovem, com olhos semelhantes àqueles de uma gazela jovem, com andar parecido com aquele de um elefante enfurecido, alto como um galho Sala, de fala gentil acompanhada com sorrisos, quieto, sempre obediente aos comandos de seus superiores, agindo como alguém maduro embora jovem em idade, de fala agradável, privado de vaidade, de grande coragem e grande energia, de olhos grandes parecidos com pétalas de lótus, bondoso para aqueles dedicados a ele, autocontrolado, não seguindo nada vil, grato, possuidor de conhecimento, habilidoso com armas, que não recua da batalha, sempre se deleitando em combate, e aumentando os temores de inimigos, dedicado ao bem-estar de parentes, desejoso de vitória aos pais, nunca atacando primeiro, perfeitamente destemido em batalha, ai, se eu não vir aquele filho, eu irei para a residência de Yama. Na contagem dos guerreiros em carros sempre contado como um Maharatha, superior a mim uma vez e meia, jovem, de braços fortes, caro para Pradyumna e Kesava e eu mesmo, ai, se eu não vir aquele filho eu irei para a residência de Yama. De nariz belo, de bela testa, de olhos e sobrancelhas e lábios formosos, se eu não contemplar aquele rosto, que paz meu coração pode ter? Melodiosa como a voz do Kokila macho, encantadora, e doce como o som do Vina, sem escutar a voz dele, que paz meu coração pode ter? Sua beleza era sem igual, rara até entre os celestiais. Sem lançar meus olhos naquela forma, que paz meu coração pode ter? Polido em saudar (seus superiores) com reverência, e sempre obediente às ordens de seus pais, ai, se eu não vê-lo, que paz meu coração pode ter? Bravo em batalha, acostumado a todos os luxos, merecedor da cama mais macia, ai, ele dorme hoje sobre a terra nua, como se não houvesse ninguém para cuidar dele, embora ele seja o mais notável daqueles que tem protetores para cuidar deles. Ele a quem, enquanto em sua cama, as principais das mulheres belas costumavam atender, ai, ele mutilado com flechas, terá chacais inauspiciosos, rondando sobre o campo, para servi-lo hoje. Ele que era antigamente despertado de seu sono por cantores e bardos e panegiristas, ai, ele hoje será certamente despertado por bestas predadoras dissonoras. Aquele belo rosto dele eminentemente merecia ser sombreado pelo guarda-sol, ai, a poeira do campo da batalha certamente sujará hoje. Ó filho, infeliz que eu sou, a morte te leva à força para longe de mim, que nunca estava saciado com te olhar. Sem dúvida, aquela residência de Yama, que é sempre a meta de pessoas de atos justos, aquela mansão encantadora, iluminada hoje por teus próprios esplendores, é tornada extremamente bela por ti. Sem dúvida, Yama e Varuna e Satakratu e Kuvera, te obtendo como um convidado predileto, estão fazendo muito de tua pessoa heróica.' Se abandonando dessa maneira em diversas lamentações, como um comerciante cujo barco afundou, Arjuna, atormentado com grande dor, questionou Yudhishthira, dizendo, 'Ó tu da família de Kuru, ele ascendeu para o céu, tendo causado um grande massacre entre o inimigo e lutado com os principais guerreiros na frente de batalha? Sem dúvida, enquanto lutando sozinho com os mais notáveis dos guerreiros, incontáveis em número, e combatendo com vigor e resolução, seu coração se voltou para mim por um desejo de ajuda. Enquanto afligido por Karna e Drona e Kripa e outros com flechas afiadas de diversos tipos e pontas brilhantes, meu filho de pouca força deve ter

repetidamente pensado, 'Meu pai será meu salvador nesse aperto.' Eu penso, que enquanto lamentando dessa maneira, ele foi derrubado no chão por guerreiros cruéis. Ou, talvez porque ele foi gerado por mim, porque ele era o sobrinho de Madhava, porque ele nasceu de Subhadra ele não poderia ter proferido tais lamentos. Sem dúvida, meu coração, duro como é, é feito da essência do trovão, já que ele não se quebra, mesmo que eu não veja aquele herói de braços fortes e de olhos vermelhos. Como puderam aqueles arqueiros poderosos de corações cruéis disparar suas flechas que perfuram profundamente sobre aquele garoto jovem, que, além disso, era meu filho e o sobrinho de Vasudeva? Aquele jovem de coração nobre que, se adiantando todos os dias, costumava me felicitar, ai, por que ele não se apresenta hoje a mim quando eu volto tendo matado o inimigo? Sem dúvida, derrubado, ele jaz hoje na terra nua banhado em sangue. Embelezando a terra com seu corpo, ele jaz como o sol caído (do firmamento). Eu sofro por Subhadra, que, sabendo da morte em batalha de seu filho que não recuava, irá, afligida com tristeza, rejeitar sua vida. O que Subhadra, perdendo Abhimanyu, dirá para mim? O que também Draupadi dirá para mim? Afligidas com tristeza como elas estarão, o que também eu direi a elas? Sem dúvida, meu coração é feito da essência do trovão, já que ele não se parte em mil fragmentos à visão de minha nora lamentosa, trespassada pela dor. Os gritos leoninos dos Dhritarashtras cheios de orgulho de fato entraram em meus ouvidos. Krishna também ouviu Yuyutsu criticando os heróis (do exército Dhritarashtra nessas palavras): 'Ó poderosos guerreiros em carros, não tendo podido vencer Vibhatsu, e tendo matado somente um garoto, por que vocês se regozijam? Por que, tendo feito o que é desagradável para aqueles dois, isto é, Kesava e Arjuna, em batalha, por que vocês rugem em alegria como leões, quando realmente a hora para a tristeza é chegada? Os resultados desse seu ato pecaminoso logo alcançarão vocês. Hediondo foi o crime cometido por vocês. Por quanto tempo ele não dará seus frutos?' Repreendendo eles nessas palavras, o filho de grande alma de Dhritarashtra com sua mulher Vaisya foi embora, lançando longe suas armas atormentado com fúria e dor. Ó Krishna, por que você não me disse tudo isso durante a batalha? Eu então teria consumido todos aqueles guerreiros em carros de corações cruéis.'"

"Sanjaya continuou, 'Então Vasudeva, consolando Partha que estava afligido com pesar por causa de seu filho, que estava muito ansioso, cujos olhos estavam banhados em lágrimas, e que estava, realmente, dominado por essa tristeza causada pela morte de seu filho, disse a ele, 'Não te entregue assim à aflição. Esse é o caminho de todos os heróis corajosos, que não recuam, especialmente de Kshatriyas, cuja profissão é lutar. Ó principal dos homens inteligentes, essa mesma é a meta ordenada pelos autores de nossas escrituras para heróis que não recuam dedicados à batalha. A morte é certa para heróis que não recuam. Não há dúvida que Abhimanyu ascendeu àquelas regiões que são reservadas para pessoas de ações justas. Ó touro da raça Bharata, exatamente isso é cobiçado por todos aqueles que são corajosos, isto é, que eles possam morrer em batalha, enfrentando seus inimigos. Com relação a Abhimanyu, ele tendo matado em batalha muitos príncipes heróicos e poderosos, encontrou aquela morte na frente de batalha a qual é cobiçada por heróis. Não sofra, ó tigre entre homens. Os

legisladores de antigamente declararam que este é o mérito eterno dos Kshatriyas, sua morte em batalha. Ó melhor dos Bharatas, esses teus irmãos estão todos muito tristes, como também o rei, e esses teus amigos, te vendo mergulhado em tristeza. Ó concessor de honras, os conforte em palavras consoladoras. Aquilo que deve ser é conhecido por ti. Não cabe a ti te afligir.' Assim confortado por Krishna de feitos extraordinários, Partha então disse essas palavras para todos os seus irmãos, com voz sufocada com tristeza: 'Ó senhor da terra, eu desejo saber como o poderosamente armado Abhimanyu, como aquele herói de olhos grandes, parecendo pétalas de lótus, lutou. Vocês verão que eu exterminarei o inimigo com seus elefantes e carros e corcéis, eu exterminarei em batalha aqueles assassinos do meu filho com todos os seus seguidores e parentes. Vocês todos são talentosos com armas. Vocês todos estavam armados com armas, como então o filho de Subhadra pode ser morto, mesmo se fosse o próprio manejador do raio com quem ele lutava? Ai, se eu tivesse sabido que os Pandavas e os Panchalas seriam incapazes de proteger meu filho em batalha, eu mesmo então o teria protegido. Vocês estavam então em seus carros, vocês estavam disparando suas flechas. Ai, como então Abhimanyu poderia ser morto pelo inimigo, causando uma grande carnificina em suas tropas? Ai, vocês não tem coragem, nem tem qualquer destreza, já que na própria vista de vocês todos Abhimanyu foi morto. Ou, eu devo repreender a mim mesmo, já que sabendo que vocês todos são fracos, covardes, e irresolutos, eu parti! Ai, suas cotas de malha e armas de todos os tipos são somente ornamentos para enfeitar seus corpos, e as palavras dadas por vocês eram somente para falar em assembléias, que vocês falharam em proteger meu filho (mesmo que vocês estivessem vestidos em armadura, armados da cabeça aos pés, e mesmo que vocês tivessem me assegurado em palavras de sua competência)?' Dizendo essas palavras, Partha se sentou, segurando seu arco e sua espada excelente. De fato, ninguém podia, naquele momento, nem olhar para Vibhatsu que então parecia o próprio Destruidor em fúria, repetidamente tomando fôlegos profundos. Nenhum de seus amigos ou parentes podia se arriscar a olhar ou falar com Arjuna, quando ele estava sentado lá extremamente angustiado pela tristeza por causa de seu filho, e com rosto banhado em lágrimas. Ninguém, de fato, podia se dirigir a ele, salvo Vasudeva ou Yudhishthira. Esses dois, sob todas as circunstâncias, eram aceitáveis para Arjuna. E porque eles eram muito reverenciados e ternamente amados, portanto, somente eles podiam se dirigir a ele em tais momentos. Então o rei Yudhishthira dirigindo-se a Partha, de olhos parecidos com pétalas de lótus, que estava então cheio de raiva e muito afligido com pesar por conta da morte de seu filho, disse essas palavras.'"

73

"Yudhishthira disse, 'Ó de braços fortes, depois que tu foste em direção ao exército dos Samsaptakas, o preceptor Drona fez esforços impetuosos para me capturar. Nós tivemos êxito, no entanto, em resistir a Drona na chefia da formação de combate em todos os pontos, tendo naquela batalha, disposto nossas divisões de carros lutando vigorosamente em formação de combate contrária. Mantido sob

controle por um grande número de guerreiros, e eu mesmo também tendo sido bem protegido, Drona começou a nos atacar com grande energia, nos afligindo com suas flechas afiadas. Assim afligidos por ele, nós não podíamos então nem olhar para seu exército, menos ainda enfrentá-lo em batalha. Todos nós então, nos dirigindo a teu filho com Subhadra, que era igual a ti mesmo, ó senhor, em destreza, dissemos a ele, '[Ó filho, rompa essa formação de combate de Drona!]' Aquele herói corajoso assim incitado por nós, então procurou, como um bom cavalo, tomar aquela carga sobre si mesmo, embora ela pudesse ter sido insuportável para ele. Dotado como ele era da tua energia, ajudado por aquele conhecimento de armas o qual ele derivou de ti, aquele menino então penetrou naquela formação de combate, como Garuda entrando no oceano. Com relação a nós mesmos, nós seguimos aquele herói, aquele filho de Subhadra, desejosos naquela batalha, de penetrar (no exército de Dhritarashtra) pelo mesmo caminho pelo qual Abhimanyu tinha entrado nele. Então, ó senhor, o canalha rei dos Sindhus, Jayadratha, por causa do benefício concedido a ele por Rudra, deteve todos nós! Então Drona, Kripa e Karna e o filho de Drona, e o rei dos Kosalas, e Kritavarman, estes seis guerreiros em carros cercaram o filho de Subhadra. Tendo cercado aquele menino todos aqueles grandes guerreiros em carros, demais para ele embora ele estivesse lutando com o máximo de suas forças, o privaram de seu carro. Depois que ele foi privado de seu carro, o filho de Dussasana, embora ele mesmo tivesse escapado por um triz, teve êxito, por sorte, em fazer Abhimanyu encontrar seu fim. Com relação a Abhimanyu, ele, tendo matado muitos milhares de homens e corcéis e elefantes, e oito mil carros, e também novecentos elefantes, dois mil príncipes, e um grande número de guerreiros heróicos desconhecidos à fama, e despachando naquela batalha o rei Vrihadvala também para o céu, finalmente, por má sorte, encontrou sua própria morte. Assim ocorreu esse evento que aumenta tanto nossa dor! Aquele tigre entre homens ascendeu exatamente dessa maneira para o céu!' Ouvindo essas palavras proferidas pelo rei Yudhishthira, Arjuna, dizendo 'Oh filho!' e dando um suspiro profundo, caiu no chão em grande dor. Então todos os guerreiros dos Pandavas, cercando Dhananjaya com rostos tristes começaram, cheios de tristeza, a olhar uns aos outros com olhos sem piscar. Recuperando a consciência então, o filho de Vasava ficou furioso. Ele parecia estar em um tremor febril, e suspirava frequentemente. Apertando suas mãos, respirando profundamente, com olhos banhados em lágrimas, e lançando seus olhares como um homem louco, ele disse essas palavras.'"

"Arjuna disse, 'Realmente eu juro que amanhã eu matarei Jayadratha! Se por medo da morte ele não abandonar os Dhritarashtras, ou implorar nossa proteção, ou a proteção de Krishna, aquele principal dos homens, ou a tua, ó rei, eu seguramente o matarei amanhã! Abandonando sua amizade por mim, empenhado em fazer o que é agradável para o filho de Dhritarashtra, aquele canalha é a causa da morte do menino! Amanhã eu o matarei! Quem quer que sejam aqueles que me enfrentarem em batalha amanhã para protegê-lo, seja Drona, ou Kripa, ó rei, eu cobrirei eles todos com minhas flechas! Ó touros entre homens, se eu não realizar isso na batalha (de amanhã), que eu não alcance a região reservada para os justos, ó principais dos heróis! Aquelas regiões que são para aqueles que

matam suas mães, ou para aqueles que matam seus pais, ou aqueles que violam as camas de seu preceptores, ou aqueles que são vis e perversos, ou aqueles que nutrem inveja contra os justos, ou aqueles que falam mal de outros ou aqueles que se apropriam da riqueza depositada confiantemente com eles por outros, ou aqueles que são traidores de confianças, ou aqueles que falam mal de esposas desfrutadas por eles antes, ou aqueles que matam Brahmanas, ou aqueles que matam vacas, ou aqueles que comem leite e arroz açucarados, ou comida preparada de cevada, ou ervas cozidas mantidas em conserva, ou pratos preparados de leite, gergelim, e arroz, ou bolinhos finos de cevada em pó fritos em manteiga clarificada ou outros tipos de bolos, ou carne, sem terem oferecido os mesmos para os deuses, aquelas mesmas regiões serão minhas rapidamente se eu não matar Jayadratha! Aquelas regiões para as quais vão aqueles que oferecem insultos aos Brahmanas dedicados ao estudo dos Vedas, ou de outra maneira dignos de respeito, ou àqueles que são seus preceptores, (aquelas regiões rapidamente serão minhas se eu não matar Jayadratha!) Aquele fim que se torna daqueles que tocam Brahmanas ou fogo com os pés, aquele fim que se torna daqueles que jogam fleuma e fezes e expelem urina na água, aquele mesmo fim miserável será meu, se eu não matar Jayadratha! Aquele fim que é daquele que se banha (em água) em um estado de nudez, ou daquele que não acolhe hospitaleiramente um convidado, aquele fim que é daqueles que recebem subornos, falam mentiras, e enganam e trapaceiam outros, aquele fim que é daqueles que pecam contra suas próprias almas, ou que falsamente proferem louvores (de outros), ou daqueles canalhas baixos que comem guloseimas na vista de empregados e filhos e esposas e dependentes sem dividir as mesmas com eles, aquele fim medonho será meu se eu não matar Jayadratha! Aquele fim que surpreende o patife de alma insensível que sem sustentar um protegido justo e obediente o abandona, ou aquele que, sem dar a um vizinho merecedor as oferendas em Sraddhas, doa elas para aqueles que não as merecem, o fim que é daquele que bebe vinho, ou daquele que insulta aqueles que são dignos de respeito, ou daquele que é ingrato, ou daquele que fala mal de seus irmãos, aquele fim logo será meu se eu não matar Jayadratha! O fim de todas aquelas pessoas pecaminosas que eu não mencionei, como também daquelas que eu mencionei, logo será obtido por mim, se depois que essa noite passar, eu não matar Jayadratha amanhã.'"

"Ouçam agora outro juramento meu! Se o sol de amanhã se por sem eu ter matado aquele canalha, então aqui mesmo eu entrarei no fogo ardente! Ó Asuras e deuses e homens, ó aves e cobras, ó Pitris e todos os vagueadores da noite, ó Rishis regenerados e Rishis celestes, ó criaturas móveis e imóveis, ó vocês todos que eu não mencionei, vocês não conseguirão proteger meu inimigo de mim! Se ele entrar na residência da região inferior, ou ascender ao firmamento, ou se dirigir aos celestiais, ou aos reinos dos Daityas, eu ainda irei, com cem flechas, indubitavelmente cortar, no término dessa noite, a cabeça do inimigo de Abhimanyu!"

"Sanjaya continuou, 'Tendo proferido essas palavras, Arjuna começou a esticar Gandiva com ambos os seus braços. Superando a voz de Arjuna o som daquele

arco se ergueu e tocou os próprios céus. Depois que Arjuna tinha feito aquele juramento, Janarddana, cheio de ira, soprou sua concha, Panchajanya. E Phalguna soprou Devadatta. A magnífica concha Panchajanya, bem enchida com o vento da boca de Krishna, produziu um clangor alto. E aquele clangor fez os regentes dos pontos cardeais e secundários, das regiões inferiores, e do universo inteiro, tremer, como acontece no fim do Yuga. De fato depois que Arjuna de grande alma tinha feito o juramento, o som de milhares de instrumentos musicais e rugidos leoninos altos se elevaram do acampamento Pandava.'"

74

"Sanjaya disse, 'Quando os espiões (de Duryodhana), tendo ouvido aquele tumulto alto feito pelos Pandavas desejosos de vitória, informaram (seus patrões do motivo), Jayadratha, dominado pela tristeza, e com coração entorpecido pela aflição, e como alguém afundando em um oceano insondável de angústia, lentamente se ergueu e tendo refletido por um longo tempo, procedeu para a assembléia dos reis. Refletindo por um tempo na presença daqueles deuses entre homens, Jayadratha, com medo do pai de Abhimanyu e coberto de vergonha, disse essas palavras, 'Aquele que no solo (na esposa) de Pandu foi gerado por Indra sob a influência do desejo, aquele canalha perverso está pensando em me despachar para a residência de Yama! Abençoados sejam vocês, eu irei, portanto, voltar para minha casa pelo desejo de viver! Ou, ó touros entre os Kshatriyas, me protejam pela força de suas armas! Partha procura me matar, ó heróis, me tornem destemido! Drona e Duryodhana e Kripa, e Karna, e o soberano dos Madras, e Valhika, e Dussasana e outros são capazes de proteger uma pessoa que é afligida pelo próprio Yama. Quando no entanto, eu sou ameaçado somente por Phalguna, todos esses senhores de terra, todos vocês, se reunindo, não serão capazes de me proteger? Ouvindo os gritos de alegria dos Pandavas, grande é meu temor. Meus membros, ó senhores de terra, ficaram impotentes como aqueles de uma pessoa a ponto de morrer! Sem dúvida, o manejador do Gandiva jurou minha morte! É por isso que os Pandavas estão gritando de alegria em uma hora quando eles deveriam chorar! Sem falar dos soberanos de homens, os próprios deuses e Gandharvas, os Asuras, os Uragas, e os Rakshasas não podem ousar frustrar um voto de Arjuna. Portanto, ó touros entre homens, abençoados sejam vocês, me dêem permissão (para deixar o acampamento Kuru). Eu quero me manter afastado. Os Pandavas não poderão mais me encontrar!' Enquanto ele lamentava dessa maneira, com coração agitado pelo medo, o rei Duryodhana, sempre considerando a realização de seu próprio interesse como sendo preferível a tudo mais, disse a ele essas palavras, 'Não tema, ó tigre entre homens! Ó touro entre homens, quem procurará te enfrentar em batalha quando tu permaneceres no meio desses heróis Kshatriya? Eu mesmo, o filho de Vikartana, Karna, Chitrasena, Vivinsati, Bhurisravas, Sala, Salya, o invencível Vrishasena, Purumitra, Jaya, Bhoja, Sudakshina o soberano dos Kamvojas, Satyavrata, o poderosamente armado Vikarna, Durmukha, Dussasana, Subahu, o soberano dos Kalingas, com suas armas erguidas, Vinda e Anuvinda de Avanti, Drona, o filho de Drona, e o

filho de Suvala (Sakuni), esses e outros reis numerosos irão, com seus exércitos, encarar a batalha te cercando por todos os lados! Que a ansiedade do teu coração, portanto, seja dissipada! Tu mesmo és um dos mais notáveis dos guerreiros em carros! Ó tu de esplendor incomensurável, tu mesmo és um herói! Sendo o que tu és como tu podes então ver qualquer motivo de temor, ó rei dos Sindhus? Os onze Akshauhinis de tropas que eu possuo irão lutar cautelosamente te protegendo! Portanto, não tema, ó rei dos Sindhus! Que teus receios sejam dissipados!'"

"Sanjaya continuou, 'Assim confortado, ó monarca, por teu filho, o rei dos Sindhus então, acompanhado por Duryodhana, se dirigiu naquela mesma noite até Drona (o generalíssimo do exército Kuru). Então, ó rei, tendo tocado os pés de Drona com reverência, e tomado seu assento com humildade, ele questionou o preceptor nessas palavras, 'Em acertar o alvo, em acertá-lo à distância, em agilidade de mão, e na força do golpe, ó ilustre, diga a diferença entre eu mesmo e Phalguna! Ó preceptor, eu desejo saber com precisão a diferença em relação à competência (na ciência de armas) entre eu mesmo e Arjuna! Fale-me isso realmente!'"

"Drona disse, 'De instrução tutorial, vocês dois, tu mesmo e Arjuna, tiveram a mesma quantidade, ó filho! Por causa, no entanto, de yoga e da vida dura levada por Arjuna, ele é superior a ti! Tu não deves, no entanto, por qualquer razão, nutrir medo de Partha! Sem dúvida, eu irei, ó filho, te proteger desse medo! Os próprios deuses não podem triunfar sobre aquele que é protegido por minhas armas! Eu formarei uma ordem de batalha que Partha não conseguirá atravessar! Portanto calmo em batalha, não tema, cumprindo os deveres da tua própria classe! Ó poderoso guerreiro em carro, trilhe o caminho de teus pais e avôs! Tendo devidamente estudado os Vedas, tu tens despejado libações, de acordo com a ordenança, no fogo! Tu também realizaste muitos sacrifícios: a Morte não pode, portanto, ser um objeto de terror para ti! (Pois se tu morreres), obtendo então aquela boa fortuna magnífica que é inalcançável por homens vis, tu alcançarás todas aquelas regiões excelentes no céu que são alcançáveis pela força dos braços de um homem! Os Kauravas, os Pandavas, os Vrishnis, e outros homens, como também eu mesmo com meu filho, somos todos mortais e de vida curta! Pense nisso. Um depois do outro, todos nós, mortos pelo Tempo que é todo poderoso, iremos para o outro mundo, levando conosco somente nossos respectivos atos. Aquelas regiões que ascetas atingem por praticarem penitências rígidas, aquelas regiões são alcançadas por Kshatriyas heróicos que cumprem os deveres de sua classe.' Assim mesmo o soberano dos Sindhus foi confortado pelo filho de Bharadwaja. Banindo seu medo de Partha, ele fixou seu coração na batalha. Então, ó rei, tuas tropas também sentiram grande alegria, e os sons altos de instrumentos musicais foram ouvidos, misturados com gritos leoninos.'"

75

"Sanjaya disse, 'Depois que Partha tinha jurado a morte do soberano dos Sindhus, Vasudeva de braços fortes dirigiu-se a Dhananjaya e disse, 'Com o consentimento dos teus irmãos (só, mas sem me consultar), tu juraste, dizendo 'Eu matarei o soberano dos Sindhus!' Essa foi uma ação de grande precipitação (da tua parte)! Sem me consultar, tu tomaste um grande peso (sobre teus ombros)! Ai, como nós escaparemos do escárnio de todos os homens? Eu enviei alguns espiões ao acampamento do filho de Dhritarashtra. Aqueles espiões, vindo rapidamente a mim, me deram essa informação, isto é, que depois que tu, ó senhor, fizeste votos de matar o soberano dos Sindhus, altos gritos leoninos, misturados com o sons dos (nossos) instrumentos musicais, foram ouvidos pelos Dhritarashtras. Por causa daquele tumulto, os Dhritarashtras, com seus simpatizantes, ficaram apavorados, 'Esses gritos leoninos não são sem motivo!' eles pensaram, e esperaram (pelo que se seguiria). Ó tu de braços fortes, um rumor barulhento então se elevou entre os Kauravas, de seus elefantes e cavalos e infantaria. E um estrépito terrível também foi ouvindo de seus carros. 'Sabendo da morte de Abhimanyu, Dhananjaya, profundamente angustiado, sairá em fúria à noite para lutar!' Pensando assim eles esperaram (prontos para a batalha). Enquanto se preparavam, ó tu de olhos como pétalas de lótus, eles então souberam realmente do voto acerca da morte do soberano dos Sindhus, feito por ti que és devotado à verdade. Então todos os conselheiros de Suyodhana ficaram covardes e assustados como pequenos animais. Com relação ao rei Jayadratha, aquele soberano dos Sindhus e dos Sauviras, dominado pela aflição e ficando completamente desanimado, ele se levantou e entrou em sua própria tenda com todos os seus conselheiros. Tendo consultado (com eles) acerca de todos os recursos que poderiam beneficiá-lo em um momento em que ele necessitava de consulta, ele procedeu para a assembléia dos reis (aliados) e lá disse essas palavras para Suyodhana: 'Dhananjaya pensando em mim como o assassino de seu filho, amanhã irá me enfrentar em batalha! Ele, no meio de seu exército, prometeu me matar! Aquele voto de Savyasachin os próprios deuses e Gandharvas e Asuras e Uragas e Rakshasas não podem se arriscar a frustrar! Me protejam, portanto, vocês todos em batalha! Não deixem Dhananjaya, colocando seu pé na cabeça de vocês, conseguir acertar o alvo! Que arranjos apropriados sejam feitos em relação a esse assunto! Ou, se, ó encantador dos Kurus, você pensa que vocês não conseguirão me proteger em batalha, me conceda permissão então, ó rei, para que eu possa voltar para casa!' Assim endereçado (por Jayadratha), Suyodhana ficou desanimado e sentou-se de cabeça baixa. Averiguando que Jayadratha estava em grande pavor, Suyodhana começou a refletir em silêncio. Vendo que o rei Kuru estava muito aflito, o rei Jayadratha, o soberano dos Sindhus, lentamente disse essas palavras tendo uma referência benéfica para si mesmo: 'Eu não vejo aqui aquele arqueiro de energia superior que possa frustrar com suas armas as armas de Arjuna em grande batalha! Quem, mesmo se ele for o próprio Satakratu, ficará na frente de Arjuna tendo Vasudeva como seu aliado, enquanto manejando o arco Gandiva? É sabido que o próprio senhor Maheswara de energia suprema foi combatido, antes disto, por Partha a

pé, nas montanhas de Himavat! Incitado pelo chefe dos celestiais, ele matou em um único carro mil Danavas residindo em Hiranyapura! Aquele filho de Kunti está agora aliado com Vasudeva de grande inteligência. Eu penso que ele é competente para destruir os três mundos inclusive os próprios deuses. Eu desejo que você ou me conceda permissão (para deixar o campo por minha casa) ou que o heróico Drona de grande alma com seu filho me proteja! Ou, eu estarei na expectativa do teu desejo!' Ó Arjuna, (assim endereçado por Jayadratha) o rei Suyodhana humildemente implorou ao preceptor sobre essa questão, (isto é, uniu sua voz àquela de Jayadratha, pedindo a Drona para proteger o último.) Todas as medidas de reforços foram adotadas. Carros e cavalos de batalha foram arranjados. Karna e Bhurisravas, e o filho de Drona, e o invencível Vrishasena, e Kripa, e o soberano dos Madras, estes seis estarão na dianteira (de Jayadratha). Drona formará uma ordem de batalha metade da qual será um Sakata (um tipo de carro ou veículo) e metade um lótus. No meio das folhas daquele lótus haverá uma formação de boca de agulha. Jayadratha, aquele soberano dos Sindhus, difícil de ser conquistado em batalha, tomará sua posição ao lado dela, protegido por heróis! No (uso do) arco, em armas, em bravura, em força, e também em linhagem, aqueles seis guerreiros em carros, ó Partha, são sem dúvida, muito difíceis de serem resistidos. Sem vencer primeiro aqueles seis guerreiros em carros, o acesso a Jayadratha não será obtido. Pense, ó Arjuna, na destreza de cada um daqueles seis, ó tigre entre homens, quando reunidos, eles não podem ser facilmente vencidos! Nós devemos, portanto, uma vez mais, trocar idéias com conselheiros benquerentes, familiarizados com política, para nosso benefício e para o sucesso do nosso objetivo!'"

76

"Arjuna disse, 'Estes seis guerreiros em carros do exército Dhritarashtra a quem tu consideras tão fortes, a energia deles (reunida), eu penso que não é igual nem à metade da minha! Tu verás, ó matador de Madhu, as armas de todos eles cortadas e frustradas por mim quando eu for contra eles para matar Jayadratha! Na própria vista de Drona e de todos os seus homens, eu irei derrubar a cabeça do soberano dos Sindhus no chão, vendo a qual eles se entregarão a lamentações. Se os Siddhas, os Rudras, os Vasus, com os Aswins, os Maruts com Indra (em sua chefia), os Viswedevas com outros deuses, os Pitris, os Gandharvas, Garuda, o Oceano, as montanhas, o firmamento, Céu, Terra, os pontos do horizonte (cardeais e secundários), e os regentes daqueles pontos, todas as criaturas que são domésticas e todas as que são selvagens, realmente se todos os seres móveis e imóveis juntos se tornarem os protetores do soberano dos Sindhus, ainda assim, ó matador de Madhu, tu verás Jayadratha morto por mim amanhã em batalha com minhas flechas! Ó Krishna, eu juro pela Verdade, eu toco minhas armas (e juro por elas), que eu irei, ó Kesava, no próprio início, combater aquele Drona, aquele arqueiro poderoso, que se tornou o protetor daquele canalha pecaminoso Jayadratha! Suyodhana pensa que esse jogo (de batalha) depende de Drona! Portanto, atravessando a própria vanguarda comandada pelo próprio Drona, eu alcançarei Jayadratha! Tu amanhã verás os

mais poderosos dos arqueiros fendidos por mim em batalha por meio de minhas flechas dotadas de energia feroz, como topos de uma colina partidos pelo raio. Sangue fluirá (em torrentes) dos peitos de homens e elefantes e corcéis caídos, rompidos por flechas afiadas caindo em rápida sucessão sobre eles! As flechas disparadas do Gandiva, velozes como a mente ou o vento, privarão milhares de homens e elefantes e corcéis de vida! Os homens verão na batalha de amanhã aquelas armas que eu obtive de Yama e Kaurva e Varuna e Indra e Rudra! Tu verás na batalha de amanhã as armas de todos aqueles que forem proteger o soberano dos Sindhus frustradas por mim com minha arma Brahma! Tu na batalha de amanhã, ó Kesava, verás a terra coberta por mim com as cabeças de reis cortadas pela força de minhas flechas! (Amanhã) eu gratificarei todos os canibais, derrotarei o inimigo, alegrarei meus amigos, e subjugarei o soberano dos Sindhus! Um grande ofensor, alguém que não agiu como um parente, nascido em um país pecaminoso, o soberano dos Sindhus, morto por mim, entristecerá os seus. Tu verás aquele soberano dos Sindhus, de comportamento pecaminoso, e criado em todo luxo, perfurado por mim com minhas flechas! Amanhã, ó Krishna, eu farei aquilo que fará Suyodhana pensar que não há outro arqueiro no mundo que seja igual a mim! Meu Gandiva é um arco celeste! Eu mesmo sou o guerreiro, ó touro entre homens! Tu, ó Hrishikesa, és o quadrigário! O que é que eu não serei capaz de superar? Pela tua graça, ó santo, o que há inatingível por mim em batalha? Sabendo que minha bravura é incapaz de ser resistida, por que, ó Hrishikesa, tu ainda me repreendes? Como Lakshmi está sempre presente em Soma, como água está sempre presente no Oceano, saiba, ó Janarddana, que assim mesmo meu voto é sempre realizado! Não pense pouco de minhas armas! Não pense pouco do meu arco resistente! Não pense pouco da força dos meus braços! Não pense pouco de Dhananjaya! Eu lutarei de tal maneira que eu realmente vencerei e não perderei! Quando eu prometi isso, saiba que Jayadratha já foi morto em batalha! Realmente, no Brahmana está a verdade; realmente, no justo está a humildade; realmente, no sacrifício está a prosperidade; realmente, em Narayana está a vitória!'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras para Hrishikesa, o filho de Vasudeva, tendo ele mesmo falado assim para si mesmo, Arjuna em uma voz profunda dirigiu-se novamente ao senhor Kesava, dizendo: 'Tu deves, ó Krishna, agir de maneira que meu carro esteja bem equipado logo que amanhecer, já que é importante a tarefa que está à mão!'"

77

"Sanjaya disse, 'Ambos Vasudeva e Dhananjaya, afligidos com tristeza e dor e suspirando frequentemente como duas cobras, não conseguiram dormir aquela noite. Compreendendo que Nara e Narayana estavam furiosos, os deuses com Vasava ficaram muito ansiosos pensando, 'O que virá disto?' Ventos violentos, que eram além disso secos e pressagiavam perigo, começaram a soprar. E um tronco sem cabeça e uma maça apareceram no disco do sol. E embora não houvesse nuvens, trovões frequentes eram ouvidos, de estrondo alto, misturados

com lampejos de relâmpago. A terra com suas montanhas e águas e florestas, tremeu. Os mares, aquela habitação de Makaras, se avolumaram, ó rei, em agitação. Os rios correram em direções opostas ao seu curso usual. Os lábios inferiores e superiores de guerreiros em carros e corcéis e homens e elefantes começaram a tremer. E como se para alegrar os canibais, naquela ocasião pressagiando uma grande acessão de população para o domínio de Yama, os animais (do campo) começaram a expelir urina e fezes, e proferir gritos altos de dor. Observando esses presságios violentos de arrepiar os cabelos, e sabendo também do voto impetuoso do poderoso Arjuna, todos os teus guerreiros, ó touro da raça Bharata, ficaram extremamente agitados. Então o filho de braços fortes de Pakasasana disse para Krishna, 'Vá, e console tua irmã Subhadra com sua nora. E, ó Madhava, que também aquela nora, e suas companheiras, sejam consoladas por ti; ó senhor, as console com palavras calmantes que sejam também repletas de verdade.' Assim endereçado, Vasudeva, com o coração triste, indo para a residência de Arjuna, começou a consolar sua irmã entristecida afligida com pesar por conta da morte de seu filho.'"

"Vasudeva disse, 'Ó senhora da linhagem de Vrishni, não sofra, com tua nora, por teu filho. Ó tímida, todas as criaturas tem somente um fim ordenado pelo Tempo. O fim que teu filho encontrou convém a um herói de linhagem orgulhosa, especialmente quem é um Kshatriya. Não te aflija, portanto. Por boa sorte é que aquele poderoso guerreiro em carro de grande sabedoria, de coragem igual àquela de seu pai, seguindo o costume Kshatriya, encontrou um fim que é cobiçado por heróis. Tendo vencido inúmeros inimigos e despachado eles para a presença de Yama, ele mesmo se dirigiu para aquelas regiões eternas, que concedem a realização de todos os desejos, e que são para os justos. Teu filho alcançou aquele fim que os virtuosos alcançam por penitência, por Brahmacharya, por conhecimento das escrituras, e por sabedoria. A mãe de um herói, a esposa de um herói, a filha de um herói, e uma parente de heróis, ó amável, não sofra por teu filho que obteve o fim supremo. O vil soberano dos Sindhus, ó senhora bela, aquele assassino de um menino, aquele perpetrador de uma ação pecaminosa, irá, com seus amigos e parentes, obter o resultado dessa sua arrogância no término dessa noite. Mesmo se ele entrar na residência do próprio Indra ele não escapará das mãos de Partha. Amanhã tu saberás que a cabeça dos Sindhus, tendo sido cortada em batalha de seu tronco rolou nos arredores de Samantapanchaka! Dissipe tua tristeza, e não te aflija. Mantendo os deveres de um Kshatriya diante dele, teu filho corajoso alcançou o fim dos justos, aquele fim que nós aqui esperamos obter como também outros que portam armas como uma profissão. De peito largo, braços poderosos, que não recuava, um subjugador de guerreiros em carros, teu filho, ó senhora bela, foi para o céu. Afaste essa ansiedade (do teu coração). Obediente a seus pais e parentes maternos, aquele guerreiro em carro heróico e de grande bravura tornou-se vítima da morte depois de ter matado milhares de inimigos. Console tua nora, ó rainha! Não te aflija tanto, ó dama Kshatriya! Afaste tua dor, ó filha, porque tu ouvirás tais notícias agradáveis amanhã. Aquilo que Partha prometeu deve ser realizado. Isso não pode ser de outra maneira. Aquilo que teu marido procura fazer nunca pode permanecer não realizado. Mesmo que seres humanos e cobras e Pisachas e todos os

vagueadores da noite e aves, e todos os deuses e os Asuras ajudem o soberano dos Sindhus no campo de batalha; ele ainda irá, com eles, cessar de existir amanhã.'"

78

"Sanjaya disse, 'Ouvindo essas palavras de Kesava de grande alma, Subhadra, angustiada pela dor por causa da morte de seu filho, começou a lamentar dessa maneira de modo comovente: 'Oh, filho de minha pessoa desventurada, ó tu que eras em heroísmo igual a teu pai, ó filho, como tu pudeste perecer, indo lutar! Ai, como aquele teu rosto o qual parece o lótus azul e é ornado com dentes belos e olhos excelentes, parece agora, agora que, ó filho, ele está coberto com a poeira da batalha? Sem dúvida, a ti tão corajoso e que não recuavas, a ti caído no campo, com cabeça e pescoço e braços belos, com peito largo, abdome baixo, teus membros enfeitados com ornamentos, a ti que és dotado de olhos belos, a ti que estás mutilado com ferimentos de armas, a ti todas as criaturas estão, sem dúvida, contemplando como a lua ascendente! Ai, tu cujo leito costumava ser coberto com os lençóis mais brancos e mais caros, ai, merecedor como tu és de todos os luxos, como tu dormes hoje sobre a terra nua, teu corpo perfurado com flechas? Aquele herói de braços fortes que costumava antigamente ser servido pelas principais das mulheres belas, ai, como ele pode, caído no campo de batalha, passar seu tempo agora na companhia de chacais? Ele que antigamente era elogiado com hinos por cantores e bardos e panegiristas, ai, ele é hoje saudado por canibais e animais predadores ferozes e estridentes. Por quem, ai, tu foste morto sem auxílio quando tu tinhas os Pandavas, ó senhor, e todos os Panchalas, como teus protetores? Oh filho, ó impecável, eu ainda não estou satisfeita com te olhar. Desventurada como eu sou, é evidente que eu terei que ir para a residência de Yama. Quando eu lançarei novamente meus olhos naquele teu rosto, adornado com olhos grandes e madeixas belas, aquele rosto liso sem espinhas, do qual palavras agradáveis e fragrância excelente constantemente provinham? Que vergonha para a força de Bhimasena, para a arte de manejar arco e flecha de Partha, para a destreza dos heróis Vrishni, e para o poder dos Panchalas! Que vergonha para os Kaikeyas, os Chedis, os Matsyas, e os Srinjayas, eles que não puderam te proteger, ó herói, enquanto envolvido em combate! Eu vejo a terra hoje vazia e triste. Sem ver meu Abhimanyu, meus olhos estão perturbados pela aflição. Tu eras o filho da irmã de Vasudeva, o filho do manejador do Gandiva, e tu mesmo um herói e um Atiratha. Ai, como eu te verei morto? Ai, ó herói, tu foste para mim como um tesouro em um sonho que é visto e perdido. Oh, toda coisa humana é tão transitória como uma bolha de água. Essa tua jovem esposa está dominada pela dor por conta do mal que aconteceu a ti. Ai, como eu consolarei ela que é assim como uma vaca sem seu bezerro? Ai, ó filho, tu prematuramente fugiste de mim em um momento quando tu estavas prestes a dar frutos de grandeza, contudo eu estou ansiando por uma visão de ti. Sem, dúvida, a conduta do Destruidor não pode ser entendida nem pelos sábios, já que embora tu tivesses Kesava como teu protetor, tu ainda foste morto, como se tu estivesses totalmente desamparado. Ó filho, que seja teu aquele fim o qual é

daqueles que realizam sacrifícios e daqueles que são Brahmanas de alma purificada, e daqueles que praticam Brahmacharya, e daqueles que se banham em águas sagradas, e daqueles que são gratos e caridosos e dedicados ao serviço de seus preceptores, e daqueles que fazem presentes sacrificais em profusão. Aquele fim que é daqueles que são corajosos e que não recuam enquanto engajados em batalha, ou daqueles que caíram em batalha, tendo matado seus inimigos, que aquele fim seja teu. Aquele fim auspicioso que é daqueles que doam mil vacas, ou daqueles que doam em sacrifícios, ou daqueles que doam casas e mansões agradáveis para os recebedores, aquele fim que é daqueles que doam pedras preciosas e jóias para Brahmanas dignos, ou daqueles que são punidores de crime, ó, que aquele fim seja teu. Aquele fim que é alcançado por Munis de votos rígidos por Brahmacharya, ou aquele que é alcançado por aquelas mulheres que aderem somente a um marido, ó filho, que aquele fim seja teu. Aquele fim eterno o qual é atingido por reis por meio de bom comportamento, ou por aquelas pessoas que tem se purificado por levarem, um depois do outro, todos os quatro modos de vida, e pelo devido cumprimento de seus deveres, aquele fim que é daqueles que são compassivos para os pobres e os afligidos, ou daqueles que dividem equitativamente doces entre eles mesmos e seus dependentes, ou daqueles que nunca são afeitos à falsidade e maldade, ó filho, que aquele fim seja teu! Aquele fim que é daqueles que são cumpridores de votos, ou daqueles que são virtuosos, ou daqueles que são dedicados ao serviço de preceptores, ou daqueles que nunca mandaram embora um convidado não recebido, ó filho, que aquele fim seja teu. Aquele fim que é daqueles que conseguem em infortúnio e nos apuros mais difíceis preservar a equanimidade de suas almas, embora eles possam ser muito chamuscados pelo fogo da aflição, ó filho, que aquele fim seja teu. Ó filho, que seja teu aquele fim o qual é daqueles que estão sempre dedicados ao serviço de seus pais e mães, ou daqueles que são dedicados às suas próprias esposas somente. Ó filho, que seja teu aquele fim que é atingido por aqueles homens sábios que, se reprimindo das esposas de outros, procuram a companhia somente de suas próprias esposas na época. Ó filho, que seja teu aquele fim que é daqueles que olham para todas as criaturas com um olhar de paz, ou daqueles que nunca causam dor a outros, ou daqueles que sempre perdoam. Ó filho, que seja teu aquele fim que é daqueles que se abstêm de mel, carne, vinho, orgulho e mentira, ou daqueles que se abstêm de causar dor a outros. Que seja tua aquela meta a qual atingem aqueles que são modestos, familiarizados com todas as escrituras, satisfeitos com conhecimento, e que tem suas paixões sob controle.'"

"E enquanto Subhadra triste, afligida pela dor, estava lamentando dessa maneira, a princesa de Panchala (Draupadi), acompanhada pela filha de Virata (Uttara), foi até ela. Todas elas, em grande aflição, choraram copiosamente e se entregaram a lamentações de partir o coração. E como pessoas privadas de razão pela tristeza, elas desmaiaram e caíram no chão. Então Krishna, que estava preparado com água, profundamente aflito, salpicou-a sobre sua irmã lamentosa, inconsciente e trêmula, perfurada em seu próprio coração, e confortando-a, disse o que devia ser dito em tal ocasião. E ele de olhos de lótus disse, 'Não sofra, ó Subhadra! Ó Panchali, console Uttara! Abhimanyu, aquele touro entre os

Kshatriyas, alcançou a meta mais louvável. Ó tu de rosto belo, que todos os outros homens ainda vivos em nossa linhagem alcancem aquela meta que Abhimanyu de grande fama alcançou. Nós com todos os nossos amigos desejamos realizar, nessa batalha, aquele feito, semelhante ao qual, ó senhora, teu filho, aquele poderoso guerreiro em carro, realizou sem qualquer ajuda.' Tendo consolado sua irmã e Draupadi e Uttara dessa maneira, aquele castigador de inimigos, (Krishna) de braços fortes, voltou para o lado de Partha. Então Krishna, saudando os reis, amigos e Arjuna, entrou nos aposentos internos da tenda (do último) enquanto aqueles reis também se dirigiram para suas respectivas residências.'"

79

"Sanjaya disse, 'Então o senhor Kesava, de olhos semelhantes a pétalas de lótus, tendo entrado na mansão inigualável de Arjuna, tocou a água, e estendeu (para Arjuna) no chão auspicioso e nivelado uma cama excelente de folhas Kusa que eram da cor do lápis lazúli. E mantendo armas excelentes em volta daquela cama, ele a adornou devidamente com guirlandas de flores e arroz frito, perfumes e outros artigos auspiciosos. E depois de Partha (também) ter tocado a água, servidores brandos e submissos trouxeram o usual sacrifício noturno para (Mahadeva) de três olhos. Então Partha, com a alma alegre, tendo coberto Madhava com perfumes e adornado com guirlandas florais, apresentou para Mahadeva a oferenda noturna. Então Govinda, com um leve sorriso, dirigiu-se a Partha, dizendo, 'Abençoado sejas tu, ó Partha, deite, eu te deixo.' Colocando guardas na porta então, e também sentinelas bem armados, o abençoado Kesava, seguido por (seu quadrigário) Daruka, foi para sua própria tenda. Ele então se deitou em sua cama branca, e pensou em diversas medidas a serem adotadas. E o ilustre (Kesava) de olhos como pétalas de lótus começou por causa de Partha, a pensar em vários meios que dissipariam a dor e ansiedade (de Partha) e aumentariam sua destreza e esplendor. De alma envolvida em yoga, aquele Senhor Supremo de todos, isto é, Vishnu de fama muito difundida, que sempre fazia o que era agradável para Jishnu, desejoso de beneficiar (Arjuna), entrou em yoga, e meditação. Não houve ninguém no acampamento Pandava que dormiu aquela noite. A insônia dominou todos, ó monarca. E todos (no acampamento Pandava) pensavam nisso, 'O manejador de grande alma do Gandiva, queimando com aflição pela morte de seu filho, repentinamente prometeu a morte dos Sindhus. Como, de fato, aquele matador heróis hostis, aquele filho de Vasava, aquele guerreiro de braços fortes, cumprirá seu voto? O filho de grande alma de Pandu, de fato, tomou uma decisão muito difícil. O rei Jayadratha é dotado de energia imensa. Oh, que Arjuna consiga cumprir seu voto. Difícil é o voto que ele, afligido com tristeza por conta de seu filho, fez. Todos os irmãos de Duryodhana são possuidores de grande destreza. Suas tropas também são incontáveis. O filho de Dhritarashtra designou todas elas para Jayadratha (como seus protetores). Oh, que Dhananjaya volte (para o acampamento), tendo matado o soberano dos Sindhus em batalha. Subjugando seus inimigos, que Arjuna cumpra sua promessa. Se ele falhar em matar o soberano dos Sindhus amanhã, ele

certamente entrará no fogo ardente. Dhananjaya, o filho de Pritha, não falsificará seu juramento. Se Arjuna morrer, como o filho de Dharma conseguirá recuperar seu reino? De fato, (Yudhishthira) o filho de Pandu pôs (todas as suas esperanças de) vitória em Arjuna. Se nós temos obtido algum mérito (religioso), se nós alguma vez despejamos libações de manteiga clarificada no fogo, que Savyasachin, ajudado pelos resultados deles, vença todos os seus inimigos.' Falando dessa maneira, ó senhor, uns com os outros acerca da vitória (do dia seguinte), aquela noite longa, ó rei, deles, finalmente passou. No meio da noite, Janardana, tendo despertado, lembrou do voto de Partha, e se dirigindo a (seu quadrigário) Daruka, disse, 'Arjuna, em aflição pela morte de seu filho, prometeu, ó Daruka, que antes do sol de amanhã se por ele matará Jayadratha. Sabendo disso, Duryodhana seguramente deliberará com seus conselheiros, sobre como Partha pode fracassar em alcançar seu objetivo. Seus vários Akshauhinis de tropas protegerão Jayadratha. Totalmente familiarizado com os modos de aplicar todas as armas, Drona também, com seu filho, o protegerá. Aquele herói inigualável, o de mil olhos (o próprio Indra), aquele destruidor do orgulho de Daityas e Danavas não pode se arriscar a matar em batalha aquele que é protegido por Drona. Eu, portanto, farei amanhã aquilo pelo qual Arjuna, o filho de Kunti, possa matar Jayadratha antes do sol se por. Minhas esposas, meus amigos, meus parentes, nenhum entre eles é mais caro para mim do que Arjuna. Ó Daruka, eu não poderei lançar meus olhos, nem por um único momento, na terra desprovida de Arjuna. Eu te digo, a terra não será desprovida de Arjuna. Eu mesmo derrotando eles todos com seus corcéis e elefantes por empregar minha força por causa de Arjuna, irei matá-los com Karna e Suyodhana. Que os três mundos amanhã contemplem minha bravura na grande batalha, quando eu aplicar meu heroísmo, ó Daruka, por causa de Dhananjaya. Amanhã milhares de reis e centenas de príncipes, com seus corcéis e carros e elefantes, irão, ó Daruka, fugir da batalha. Tu verás amanhã, ó Daruka, aquele exército de reis derrubado e subjugado com meu disco, por mim mesmo em cólera pelo filho de Pandu. Amanhã os (três) mundos com os deuses, os Gandharvas, os Pisachas, as Cobras, e os Rakshasas, me conhecerão como um (verdadeiro) amigo de Savyasachin. Aquele que o odeia, odeia a mim. Aquele que o segue, segue a mim. Tu tens inteligência. Saiba que Arjuna é metade de mim mesmo. Quando a manhã vir depois do término dessa noite, tu, ó Daruka, equipando meu carro excelente segundo as regras da ciência militar, deves trazê-lo e me seguir com ele cautelosamente, colocando nele minha maça celeste chamada Kaumodaki, meu dardo e disco, arco e flechas, e todas as outras coisas necessárias. Ó Suta, abrindo espaço no terraço do meu carro para meu estandarte e para o heróico Garuda nele, que adorna meu guarda-sol, e unindo a ele meus principais dos corcéis chamados Valahaka e Meghapushpa e Saivya e Sugriva, tendo-os equipado com armadura dourada do esplendor do sol e do fogo, e tu mesmo pondo tua armadura, permaneça sobre ele com cuidado. Após ouvir o som alto e terrível da minha concha Panchajanya emitindo a nota aguda Rishava (a segunda nota da escala musical Hindu), tu virás rapidamente até mim. No decorrer de um único dia, ó Daruka, eu dissiparei a ira e as diversas preocupações de meu primo, o filho da minha tia paterna. Por todos os meios eu me esforçarei para que Vibhatsu em batalha possa matar Jayadratha na própria vista dos

Dhartarashtras. Ó quadrigário, eu te digo que Vibhatsu indubitavelmente conseguirá matar todos aqueles por cuja morte ele se esforçar.'"

"Daruka disse, 'Está certo de obter vitória aquele cujo posto de quadrigário, ó tigre entre homens, foi pego por ti. De onde, de fato, a derrota pode vir a ele? Com relação a mim mesmo, eu farei aquilo que tu me mandares fazer. Esta noite trará (em sua sequência) a manhã auspiciosa para a vitória de Arjuna.'"

80

"Sanjaya disse, 'O filho de Kunti, Dhananjaya, de destreza inconcebível pensando em como cumprir seu voto, lembrou-se dos mantras (dados a ele por Vyasa). E logo ele estava embalado nos braços do sono. Para aquele herói de estandarte de macaco, queimando com aflição e imerso em pensamentos, Kesava, tendo Garuda em seu estandarte, apareceu em um sonho. Dhananjaya de alma justa, por seu amor e veneração por Kesava, nunca deixava sob quaisquer circunstâncias de se levantar e avançar uns poucos passos para receber Krishna. Se levantando, portanto, agora (em seu sonho), ele deu para Govinda um assento. Ele mesmo, no entanto, naquele momento, não fixou seu coração em tomar seu assento. Então Krishna, de energia poderosa, conhecendo a resolução de Partha, disse, enquanto sentado, ao filho de Kunti, essas palavras enquanto o último estava em pé: 'Não coloque teu coração, ó Partha, na dor. O Tempo é inconquistável. O Tempo força todas as criaturas para o rumo inevitável. Ó principal dos homens, para que é esta tua tristeza? Não se deve ceder à tristeza, ó principal das pessoas eruditas! A tristeza é um obstáculo para a ação. Realize aquele ato que deve ser realizado. A tristeza que faz uma pessoa abandonar todos os esforços é, de fato, ó Dhananjaya, um inimigo daquela pessoa. Uma pessoa, por se entregar à tristeza, alegra seus inimigos e entristece seus amigos, enquanto a própria pessoa é enfraquecida. Portanto, não cabe a ti sofrer.' Assim endereçado por Vasudeva, o invicto Vibhatsu de grande erudição então disse essas palavras de significado importante: 'É grave o voto que eu fiz sobre a morte de Jayadratha. Amanhã mesmo eu matarei aquele canalha perverso, aquele matador do meu filho. Esse mesmo foi meu voto, ó Kesava! Para frustrar meu voto, Jayadratha, protegido por todos os poderosos guerreiros em carros, será mantido em sua retaguarda pelos Dhartarashtras. Sua força, número, consiste, ó Madhava, de resto, depois da matança, em onze Akshauhinis de tropas, difíceis de serem derrotadas. Cercado em batalha como ele estará por todos eles e por todos os grandes guerreiros em carros, como eu obterei uma visão, ó Krishna, do rei pecaminoso dos Sindhus? Meu voto não será cumprido, ó Kesava! Como uma pessoa como eu pode viver, tendo falhado em cumprir seu voto? Ó herói, é evidente a não realização desse (meu voto o qual para mim é) uma fonte de grande aflição. (Nessa época do ano), eu te digo que o sol se põe rapidamente.' Krishna de estandarte de ave ouvindo esse motivo da angústia de Partha, tocou a água e sentou-se com rosto virado para o leste. E então aquele herói, de olhos como folhas de lótus, e possuidor de grande energia, disse essas palavras para o benefício do filho de Pandu que tinha decidido matar o soberano

dos Sindhus, 'Ó Partha, há uma arma indestrutível e suprema de nome Pasupata. Com ela o deus Maheswara matou em batalha todos os Daityas! Se tu lembrares dela agora, tu então serás capaz de matar Jayadratha amanhã. Se ela for desconhecida para ti (agora), adore dentro do teu coração o deus que tem o touro como seu símbolo. Pensando naquele deus em tua mente, lembre-te dele, ó Dhananjaya! Tu és seu devoto. Pela graça dele tu obterás aquela posse valiosa.' Ouvindo essas palavras de Krishna, Dhananjaya, tendo tocado a água, sentou-se no chão com mente concentrada e pensou no deus Bhava. Depois que ele tinha assim se sentado com mente absorta naquela hora chamada Brahma de indicações auspiciosas, Arjuna viu a si mesmo viajando pelo céu com Kesava. E Partha, possuidor da velocidade da mente, pareceu alcançar, com Kesava, a base sagrada de Himavat e a montanha Manimat cheia de muitas pedras preciosas brilhantes e frequentada por Siddhas e Charanas. E o senhor Kesava pareceu ter pegado seu braço esquerdo. E ele parecia ver muitas vistas maravilhosas quando ele alcançou (aqueles locais). E Arjuna de alma íntegra então pareceu chegar à Montanha Branca no norte. E então ele contemplou, nos jardins de diversão de Kuvera o lago belo enfeitado com lotos. E ele também viu aquele principal dos rios, o Ganga cheio de água. E então ele chegou às regiões perto das montanhas Mandara. Aquelas regiões eram cobertas com árvores que sempre davam flores e frutos. E elas abundavam com pedras espalhadas em volta, que eram todas cristais transparentes. E elas eram habitadas por leões e tigres e abundavam com animais de diversas espécies. E elas eram adornadas com muitos retiros belos de ascetas, ecoando com as doces notas de pássaros canoros encantadores. E elas ressoavam também com as canções de Kinnaras. Agraciadas com muitos topos dourados e prateados, elas eram iluminadas com diversas ervas e plantas. E muitas árvores Mandara com suas belas cargas de flores as adornavam. E então Arjuna alcançou as montanhas chamadas Kala que pareciam com uma colina de antimônio. E então ele alcançou o topo chamado Brahmatunga, e então muitos rios, e então muitas províncias habitadas. E ele chegou em Satasinga, e nas florestas conhecidas pelo nome de Sharyati. E então ele contemplou o local sagrado conhecido como a Cabeça de Cavalo, e então a região de Atharvana. E então ele contemplou aquele príncipe das montanhas chamado Vrishadansa, e a grande Mandara, abundando em Apsaras, e honrada com a presença do Kinnaras. E vagando naquela montanha, Partha, com Krishna, viu um lugar de terra adornado com fontes excelentes, decorado com minérios dourados, e possuidor do esplendor dos raios lunares, e tendo muitas cidades e províncias. E ele também viu muitos mares de formas admiráveis e diversas minas de riqueza. E assim passando pelo céu e o firmamento e a terra, ele alcançou o lugar chamado Vishnupada. E vagando, com Krishna em sua companhia, ele desceu com grande velocidade, como uma flecha disparada (de um arco). E logo Partha viu uma montanha brilhante cujo esplendor igualava aquele dos planetas, das constelações, ou do fogo. E chegando naquela montanha, ele viu em seu topo o deus de grande alma tendo o touro como sua marca, e sempre engajado em penitências ascéticas, como mil sóis reunidos, e resplandecendo com sua própria refulgência. Tridente na mão, madeixas emaranhadas na cabeça, de cor branca como a neve, ele estava vestido em cascas de árvore e peles. Dotado de grande energia, seu corpo parecia estar flamejando com mil olhos. E ele estava sentado

com Parvati e muitas criaturas de formas brilhantes (em volta dele). E seus servidores estavam empenhados em cantar e tocar instrumentos musicais, em rir e dançar, em mover e esticar suas mãos, e em proferir gritos altos. E o lugar era perfumado com odores fragrantes, e Rishis que veneravam Brahma adoravam com hinos excelentes de glória imorredoura aquele Deus que é o protetor de todas as criaturas, e maneja o arco (formidável chamado Pinaka). Contemplando-o, Vasudeva de alma honrada, com Partha, tocou o chão com sua cabeça, proferindo as palavras eternas do Veda. E Krishna adorou, com palavras, mente, intelecto e ações, aquele Deus que é a primeira fonte do universo, ele mesmo incriado, o senhor supremo de glória imorredoura, que é a mais elevada causa da mente, que é o espaço e o vento, que é a causa de todos os corpos luminosos (no firmamento), que é o criador da chuva, e a suprema substância primordial da terra, que é o objeto de adoração para os deuses, os Danavas, os Yakshas, e seres humanos; que é o Brahma supremo que é visto por Yogins e o refúgio daqueles conhecedores dos Shastras, que é o criador de todas as criaturas móveis e imóveis, e seu destruidor também; que é a Ira que queima tudo no fim do Yuga; que é a alma suprema; que é Sakra e Surya, e a origem de todos os atributos. E Krishna procurou a proteção daquele Bhava, a quem os homens de conhecimento, desejosos de alcançar aquilo que é chamado de sutil e espiritual, contemplam; aquele incriado é a alma de todas as causas. E Arjuna repetidamente adorou aquela Divindade, sabendo que ele era a origem de todas as criaturas e a causa do passado, do futuro, e do presente. Vendo aqueles dois, Nara e Narayana, chegados, Bhava de alma alegre, disse a eles sorridente, 'Vocês são bem vindos, ó principais dos homens! Se levantem e que a fadiga da sua viagem acabe. Qual, ó heróis, é o desejo em seu coração? Que ele seja proferido rapidamente. Qual é o propósito que trouxe vocês para cá? Eu irei realizá-lo e farei o que beneficiará vocês. Eu darei tudo o que vocês possam desejar.' Ouvindo aquelas palavras do deus, os dois se levantaram. E então com mãos unidas, os impecáveis Vasudeva e Arjuna, ambos de grande sabedoria, começaram a gratificar aquela divindade de grande alma com um hino excelente. E Krishna e Arjuna disseram, 'Nós reverenciamos Bhava, Sarva, Rudra, a divindade concessora de bênçãos. Nós reverenciamos o senhor de todas as criaturas dotadas de vida, o deus que é sempre feroz, a ele que se chama Kapardin! Nós reverenciamos Mahadeva, Bhima, a ele de três olhos, a ele que é paz e contentamento. Nós nos curvamos a Isana, a ele que é o destruidor do sacrifício (de Daksha). Saudações ao matador de Andhaka, ao pai de Kumara, a ele que é de garganta azul, a ele que é o criador. Saudações ao manejador do Pinaka, a ele digno da oferta de libações de manteiga clarificada, a ele que é a verdade, a ele que permeia a tudo, a ele que é invicto! A ele que tem sempre madeixas azuis, a ele que está armado com o tridente, a ele que é de visão celestial! A ele que é Hotri, a ele que protege todos, a ele que tem três olhos, a ele que é doença, a ele cuja semente vital caiu no fogo! A ele que é inconcebível, a ele que é o senhor de Amvika, a ele que é adorado por todos os deuses! A ele que tem o touro como seu símbolo, a ele que é audacioso, a ele que tem madeixas emaranhadas, a ele que é um Brahmacharin! A ele que permanece como um asceta na água, a ele que é devotado a Brahma, a ele que nunca foi vencido! A ele que é a alma do universo, a ele que é o criador do universo, a ele que vive permeando o universo inteiro! Nós reverenciamos a ti que

és o objeto da reverência de todos, a ti que és a causa original de todas as criaturas! A ti que és chamado Brahmachakra, a ti que és chamado Sarva, Sankara, e Siva! Nós reverenciamos a ti que és o senhor de todos os grandes seres! Nós reverenciamos a ti que tens mil cabeças, a ti que tens mil braços, a ti que és chamado Morte! A ti que tens mil olhos, mil pernas! A ti cujas ações são inumeráveis! Nós reverenciamos a ti cuja cor é aquela do ouro, a ti que estás envolvido em armadura dourada, a ti que és sempre compassivo para teus devotos! Ó senhor, que nosso desejo seja realizado!'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo adorado Mahadeva nesses termos, Vasudeva com Arjuna então começou a gratificá-lo para obter a arma (formidável chamada Pasupata).'"

81

"Sanjaya disse, 'Então Partha, com a alma alegre e mão unidas e olhos arregalados (de admiração), fitou o deus que tem o touro como seu símbolo e que é o receptáculo de toda energia. E ele viu as oferendas que ele fazia toda noite para Vasudeva colocadas ao lado da divindade de três olhos. O filho de Pandu então, mentalmente reverenciando ambos Krishna e Sarva, disse ao último, 'Eu desejo (obter) a arma celeste.' Ouvindo essas palavras de Partha desejando o benefício que ele procurava, o deus Siva disse sorridente para Vasudeva e Arjuna, 'Bem vindos, ó principais dos homens! Eu conheço o desejo nutrido por vocês, e o propósito pelo qual vocês vieram aqui. Eu darei a vocês o que vocês desejam. Há um lago celeste cheio de Amrita, não longe desse local, ó matadores de inimigos! Lá foram guardados algum tempo atrás aquele meu arco e flechas celestes. Com eles eu matei em batalha todos os inimigos dos deuses. Traga para cá, ó Krishna, aquele arco excelente com flecha fixada nele.' Ouvindo essas palavras de Siva, Vasudeva com Arjuna respondeu, 'Assim seja.' E então acompanhados por todos os servidores de Siva, aqueles dois heróis partiram para aquele lago celeste que possuía centenas de maravilhas celestiais, aquele lago sagrado, capaz de conceder todos os objetos, o qual o deus, tendo o touro como seu símbolo, tinha indicado a eles. E para aquele lago, os Rishis Nara e Narayana (Arjuna e Vasudeva) foram destemidamente. E tendo alcançado aquele lago, brilhante como o disco do sol, Arjuna e Achyuta viram dentro de suas águas uma cobra terrível. E eles viram lá outra mais notável das cobras, que tinha mil cabeças. E possuidora da refulgência do fogo, aquela cobra estava vomitando chamas ardentes. Então Krishna e Partha tendo tocado a água, juntaram suas mãos, e se aproximaram daquelas cobras, tendo se curvado ao deus que tem o touro como sua marca. E conforme eles se aproximavam das cobras, conhecedores como eles eram dos Vedas, eles proferiam as cem estâncias do Veda, para o louvor de Rudra, enquanto reverenciavam com suas almas sinceras Bhava de poder imensurável. Então aquelas duas cobras terríveis, pelo poder daquelas adorações a Rudra, abandonaram suas formas de cobra e assumiram as formas de um arco e flecha matadores de inimigos. Satisfeitos (com o que eles viram), Krishna e Arjuna então pegaram aquele arco e flecha de grande refulgência. E aqueles heróis de grande

alma então os levaram e os deram para o ilustre Mahadeva. Então de um dos lados do corpo de Siva saiu um Brahmacharin de olhos castanhos. E ele parecia ser o refúgio do ascetismo. De garganta azul e madeixas vermelhas, ele era dotado de grande poder. Pegando aquele melhor dos arcos aquele Brahmacharin permaneceu colocando (ambos, o arco e seus pés devidamente). E fixando a flecha na corda do arco, ele começou a esticar o último devidamente. Vendo a sua maneira de pegar o cabo do arco e puxar a corda e de colocar seus pés, e ouvindo também os Mantras proferidos por Bhava, o filho de Pandu, de destreza inconcebível, aprendeu tudo devidamente. O poderoso e pujante Brahmacharin então disparou aquela flecha naquele mesmo lago. E ele mais uma vez jogou aquele arco também naquele mesmo lago. Então Arjuna de boa memória sabendo que Bhava estava satisfeito com ele, e lembrando também do benefício que o último tinha dado a ele na floresta, e da visão também que ele lhe deu de sua pessoa, mentalmente nutriu o desejo, 'Que tudo isso venha a ser produtivo de resultado!' Compreendendo que esse era seu desejo, Bhava, satisfeito com ele, lhe deu a bênção. E o deus também concedeu a ele a terrível arma Pasupata e o cumprimento de seu voto. Então tendo dessa maneira obtido mais uma vez a arma Pasupata do deus supremo, o invencível Arjuna, com cabelos arrepiados, considerou seu propósito como já realizado. Então Arjuna e Krishna cheios de alegria, prestaram suas adorações ao grande deus por curvarem suas cabeças. E permitidos por Bhava ambos Arjuna e Kesava, aqueles dois heróis, voltaram quase imediatamente para seu próprio acampamento, cheios de êxtases de alegria. De fato, sua alegria era tão grande quanto aquela de Indra e Vishnu quando aqueles dois deuses, desejosos de matar Jambha, obtiveram a permissão de Bhava, aquele matador de grandes Asuras.'"

82

"Sanjaya disse, 'Enquanto Krishna e Daruka estavam conversando daquela maneira, aquela noite, ó rei, passou. (Quando amanheceu), o rei Yudhishthira se levantou de sua cama. Paniswanikas e Magadhas e Madhuparkikas e Sutas, gratificaram aquele touro entre homens (com canções e música). E dançarinos começaram sua dança, e cantores de voz agradável a cantar suas doces canções repletas dos louvores da linhagem Kuru. E músicos hábeis, bem treinados (em seus respectivos instrumentos), tocaram Mridangas e Jharjharas e Bheris, e Panavas, e Anakas, e Gomukhas, e Adamvaras, e conchas, e Dundubhis de som alto, e diversos outros instrumentos. Aquele barulho alto, profundo como o ribombar das nuvens, tocava os próprios céus. E isso despertou aquele principal dos reis, Yudhishthira, de seu sono. Tendo dormido tranquilamente em sua cama excelente e cara, o rei despertou.

E o monarca, levantando-se de sua cama, procedeu ao banheiro para realizar aquelas ações que eram absolutamente necessárias. Então cento e oito empregados, vestidos de branco, eles mesmos banhados, e todos jovens, se aproximaram do rei com muitos jarros dourados cheios até a borda. Sentado comodamente em um assento real, vestido em um tecido fino, o rei se banhou em

vários tipos de água fragrante com sândalo e purificada com Mantras. Seu corpo foi esfregado por empregados fortes e bem treinados com água na qual diversas espécies de ervas medicinais tinham sido embebidas. Ele então se lavou com água adhivasha tornada fragrante por várias substâncias odoríferas. Pegando então um pedaço comprido de tecido (para a cabeça) que era tão branco quanto as penas do cisne, e que tinha sido mantido solto diante dele, o rei o amarrou em volta de sua cabeça para secar a água. Cobrindo seu corpo então com pasta de sândalo excelente, e usando guirlandas florais, e se vestindo em mantos limpos, o monarca de braços fortes sentou-se com rosto em direção ao leste, e suas mãos unidas. Seguindo o caminho dos justos, o filho de Kunti então mentalmente disse suas orações. E então com grande humildade ele entrou na câmara na qual o fogo ardente (para culto) era mantido. E tendo reverenciado o fogo com feixes de madeira sagrada e com libações de manteiga clarificada santificada com Mantras, ele saiu do aposento. Então aquele tigre entre homens, entrando em uma segunda câmara, viu lá muitos touros entre os Brahmanas bem familiarizados com os Vedas. E eles eram todos autocontrolados, purificados pelo estudo dos Vedas e por votos. E todos eles tinham passado pelo banho na conclusão de sacrifícios realizados por eles. Adoradores do Sol, eles numeravam um mil. E, além deles, lá havia também oito mil outros da mesma classe. E o filho de braços fortes de Pandu, tendo feito eles proferirem, em vozes distintas, bênçãos agradáveis, por fazer presentes a eles de mel e manteiga clarificada e frutas auspiciosas da melhor espécie, deu a cada um deles um nishka de ouro, cem corcéis enfeitados com ornamentos, e mantos caros e outros presentes semelhantes que eram agradáveis para eles. E fazendo para eles também presentes de vacas que produziam leite toda vez que tocadas, com bezerros e tendo seus chifres enfeitados com ouro e seus cascos com prata, o filho de Pandu os circungirou. E então vendo e tocando Suásticas repletas de aumento de boa sorte, e Nandyavartas feitos de ouro, e guirlandas florais, vasos de água e fogo brilhante, e recipientes cheios de arroz seco ao sol e outros artigos auspiciosos, e o pigmento amarelo preparado da urina da vaca, e donzelas auspiciosas e bem enfeitadas, e coalhos e manteiga clarificada e mel, e aves auspiciosas e diversas outras coisas consideradas sagradas, o filho de Kunti entrou na câmara exterior. Então, ó de braços fortes, os servidores esperando naquela câmara trouxeram um assento excelente e valioso de ouro que era de uma forma circular. Enfeitado com pérolas e lápis lazúli, e coberto com um tapete muito caro sobre o qual estava espalhando outro tecido de textura fina, aquele assento era o trabalho manual do próprio artífice. Depois que monarca de grande alma tinha tomado seu assento, os empregados levaram para ele todos os seus ornamentos caros e brilhantes. O filho de grande alma de Kunti colocou aqueles ornamentos enfeitados com pedras preciosas, depois do que sua beleza se tornou tanta a ponto de aumentar a aflição de seus inimigos. E quando os empregados começaram a abaná-lo com rabos brancos de iaque da refulgência brilhante da lua e todos providos de cabos de ouro, o rei parecia resplandecente como uma massa de nuvens carregada com relâmpago. E bardos começaram a cantar seus louvores, e panegiristas proferiram seus elogios. E cantores começaram a cantar para aquele alegrador da linhagem de Kuru, e num momento as vozes dos panegiristas aumentaram para um barulho alto. E então foi ouvido o estrépito de rodas de carro, e o passo de cascos de

cavalos. E por causa daquele barulho se misturando com tilintar de sinos de elefantes e o clangor de conchas e o passo de homens, a própria terra parecia tremer. Então um dos ordenanças encarregado das portas, equipado em armadura, jovem, enfeitado com brincos, e com sua espada dependurada ao seu lado, entrando no aposento particular, ajoelhou-se no chão, e saudando com (uma inclinação de) sua cabeça o monarca que merecia toda adoração, relatou para aquele filho nobre e de grande alma de Dharma que Hrishikesa estava esperando para ser introduzido. Então aquele tigre entre homens, tendo ordenado seus empregados, 'Que um assento excelente e um Arghya sejam mantidos preparados para ele,' fez ele da linhagem de Vrishni ser introduzido e sentado em um assento caro. E dirigindo-se a Madhava com as perguntas usuais de boas vindas, o rei Yudhishthira o justo reverenciou Kesava devidamente.'"

83

"Sanjaya disse, 'Então o rei Yudhishthira, o filho de Kunti, saudou o filho de Devaki Janardana, e alegremente dirigiu-se a ele dizendo, 'Tu passaste a noite tranquilamente, ó matador de Madhu? Todas as tuas percepções estão claras, ó tu de glória imorredoura?' Vasudeva também fez perguntas similares a Yudhishthira. Então o ordenança chegou e relatou que os outros guerreiros Kshatriya estavam esperando para serem introduzidos. Mandado pelo rei, o homem introduziu aquela multidão de heróis, consistindo em Virata e Bhimasena e Dhrishtadyumna e Satyaki, e Dhrishtaketu, o soberano dos Chedis, e os poderosos guerreiros em carros Drupada e Sikhandin, e os gêmeos (Nakula e Sahadeva), e Chekitana, e o soberano dos Kalikayas, e Yuyutsu, da linhagem de Kuru, e Uttamaujas dos Panchalas, e Yudhamanyu, e Suvahu, e os (cinco) filhos de Draupadi. Esses e muitos outros Kshatriyas, se aproximando daquele touro de grande alma entre os Kshatriyas, sentaram-se em assentos excelentes. Aqueles heróis poderosos e de grande alma de grande esplendor, isto é, Krishna e Yuyudhana, sentaram os dois no mesmo assento. Então na audição deles todos, Yudhishthira se dirigiu ao matador de olhos de lótus de Madhu, e disse a ele essas palavras gentis: 'Confiando somente em ti, nós, como a divindade celestial de mil olhos, procuramos vitória em batalha e felicidade eterna. Tu estás ciente, ó Krishna, da privação de nosso reino, nosso exílio nas mãos do inimigo, e de todas as nossas diversas misérias. Ó senhor de todos, ó tu que és compassivo para aqueles que são devotados a ti, de ti depende totalmente a felicidade de nós todos e nossa própria existência, ó matador de Madhu! Ó tu da linhagem de Vrishni, faça aquilo pelo qual meu coração possa sempre repousar em ti! Faça também aquilo, ó Senhor, pelo qual o voto declarado de Arjuna possa ser realizado. Ó, salve-nos hoje desse oceano de aflição e raiva. Ó Madhava, torne-te hoje um navio para nós que estamos desejosos de cruzar (aquele oceano). Os guerreiros em carros desejosos de matar o inimigo não podem, em batalha, fazer aquilo (para o êxito de seu objetivo) que, ó Krishna, o motorista do carro pode fazer, se ele se esforçar cuidadosamente. Ó Janardana, como tu sempre salvaste os Vrishnis em todas as calamidades, assim mesmo cabe a ti nos salvar dessa desgraça, ó de braços

fortes! Ó portador da concha, disco, e maça, resgate os filhos de Pandu afundados no oceano Kuru insondável e sem navio, por te tornares um navio para eles. Eu me curvo a ti, ó Deus do senhor dos deuses, ó tu que és eterno, ó Destruidor supremo, ó Vishnu, ó Jishnu, ó Hari, ó Krishna, ó Vaikuntha, ó melhor de seres masculinos! Narada te descreveu como aquele antigo e melhor dos Rishis (chamado Narayana) que dá benefícios, que porta o arco Saranga, e que é o mais notável de todos. Ó Madhava, faça verdadeiras aquelas palavras.' Assim endereçado no meio daquela assembléia pelo rei Yudhishthira o justo, Kesava, aquele principal dos oradores, respondeu para Yudhishthira em uma voz profunda como aquela de nuvens carregadas com chuva, dizendo, 'Em todos os mundos incluindo aquele dos celestiais não há nenhum arqueiro igual a Dhananjaya, o filho de Pritha! Possuidor de grande energia, educado em armas, de grande destreza e grande força, célebre em batalha, sempre colérico, e de energia formidável, Arjuna é o mais notável dos homens. Jovem em idade, de pescoço de touro, e de braços longos, ele é dotado de força magnífica. Caminhando como um leão ou um touro, e muito belo ele matará todos os teus inimigos. Como relação a mim mesmo, eu farei aquilo pelo qual Arjuna, o filho de Kunti, possa ser capaz de consumir as tropas do filho de Dhritarashtra como uma conflagração que se expande. Nesse mesmo dia, Arjuna irá, por meio de flechas, despachar aquele canalha vil de atos pecaminosos, aquele matador do filho de Subhadra, (Jayadratha), para aquela estrada da qual nenhum viajante retorna. Hoje urubus e falcões e chacais furiosos e outras criaturas carnívoras se alimentarão de sua carne. Ó Yudhishthira, mesmo se todos os deuses com Indra se tornarem seus protetores hoje, Jayadratha ainda irá, morto no centro da batalha, se dirigir para a capital de Yama. Tendo matado o soberano dos Sindhus, Jishnu virá a ti (à noite). Dissipe tua aflição e a ansiedade (do teu coração), ó rei, e seja agraciado com prosperidade.'"

84

"Sanjaya disse, 'Enquanto Yudhishthira, Vasudeva, e outros estavam assim conversando, Dhananjaya chegou lá, desejoso de ver aquele principal da família de Bharata, ou seja, o rei, como também seus amigos e benquerentes. Depois que ele tinha entrado naquele aposento auspicioso e tendo saudado ele devidamente, tinha tomado sua posição diante do rei, aquele touro entre os Pandavas, (o rei Yudhishthira), se levantando de seu assento, abraçou Arjuna com grande afeto. Cheirando sua cabeça e o abraçando com seus braços, o rei abençoou-o entusiasticamente. E dirigindo-se a ele sorridente, ele disse, 'É evidente, ó Arjuna, que a vitória completa certamente te espera em batalha, julgando pelo teu semblante (radiante e alegre como ele está), e pelo fato que Janardana está bem satisfeito contigo.' Então Jishnu relatou para ele aquele incidente muito extraordinário, dizendo, 'Abençoado sejas tu, ó monarca, eu, pela graça de Kesava, vi uma coisa esplêndida.' Então Dhananjaya relatou tudo o que ele tinha visto, sobre seu encontro com o deus de três olhos, para assegurar seus amigos. Então os ouvintes, cheios de admiração, inclinaram suas cabeças até o chão. E reverenciando o deus que tem o touro como sua marca, eles disseram, 'Excelente, Excelente!' Então todos os amigos e simpatizantes (dos Pandavas), mandados

pelo filho de Dharma, rapidamente e cuidadosamente procederam para a batalha, seus corações cheios de raiva (contra o inimigo). Saudando o rei, Yuyudhana e Kesava e Arjuna saíram alegremente da residência de Yudhishthira. E aqueles dois guerreiros invencíveis, aqueles dois heróis, isto é, Yuyudhana, e Janardana, procederam juntos no mesmo carro para o pavilhão de Arjuna. Chegando lá, Hrishikesa, como um quadrigário (por profissão), começou a equipar aquele carro que tinha a marca do príncipe dos macacos e pertencente àquele principal dos guerreiros em carros (Arjuna). E aquele principal dos carros, do esplendor de ouro aquecido, e de estrépito parecendo o rugido profundo das nuvens, equipado (por Krishna), resplandecia brilhantemente como o sol da manhã. Então aquele tigre entre homens, (Vasudeva), vestido em armadura informou Partha, que tinha terminado suas orações matinais, do fato que seu carro tinha sido devidamente equipado. Então aquele mais notável dos homens nesse mundo, (Arjuna) enfeitado com diadema, vestido em armadura dourada, com seu arco e flechas na mão, circungirou aquele carro. E adorado e abençoado com bênçãos sobre vitória por Brahmanas, maduros em penitências ascéticas e conhecimento e idade, sempre dedicados ao desempenho de ritos e sacrifícios religiosos, e tendo suas paixões sob controle, Arjuna então subiu naquele carro esplêndido, aquele veículo excelente, o qual tinha sido anteriormente santificado com mantras capazes de dar vitória em batalha, como Surya de raios ardentes subindo a montanha do leste. E aquele principal dos guerreiros em carros enfeitado com ouro, por causa daqueles ornamentos dourados dele, (brilhava) em seu carro como Surya de esplendor ardente no leito de Meru. Depois que Partha, Yuyudhana e Janardana subiram naquele carro, (eles pareciam) com os gêmeos Aswins viajando no mesmo carro com Indra quando indo para o sacrifício de Saryati. Então Govinda, aquele mais notável dos quadrigários, pegou as rédeas (dos cavalos de batalha), como Matali pegando as rédeas dos corcéis de Indra, quando o último foi lutar para matar Vritra. Sobre aquele melhor dos carros com aqueles dois amigos, aquele matador de grandes grupos de inimigos, Partha, procedeu para executar a morte do soberano dos Sindhus, como Soma surgindo (no céu) com Budha e Sukra, para destruir a escuridão da noite, ou como Indra procedendo com Varuna e Surya para a grande batalha (com os Asuras) ocasionada pelo sequestro de Taraka (a esposa de Vrihaspati). Os bardos e músicos gratificaram o heróico Arjuna, conforme ele prosseguia, com o som de instrumentos musicais e hinos auspiciosos de bom presságio. E as vozes dos panegiristas e dos bardos proferindo bênçãos de vitória e desejando bom dia, se misturando com os sons de instrumentos musicais, tornou-se gratificante para aqueles heróis. E uma brisa propícia, repleta de fragrância, soprou de trás de Partha, alegrando-o e absorvendo as energias de seus inimigos. E naquela hora, ó rei, muitos presságios auspiciosos de vários tipos apareceram à vista, indicando vitória para os Pandavas e derrota para teus guerreiros, ó majestade! Observando aquelas indicações de vitória, Arjuna, dirigindo-se ao grande arqueiro Yuyudhana à sua direita, disse essas palavras: 'Ó Yuyudhana, na batalha de hoje minha vitória parece ser certa, já que, ó touro da raça Sini, todos esses presságios (auspiciosos) são vistos. Eu irei, portanto, para onde o soberano dos Sindhus espera pela (exposição da) minha energia e na expectativa de se dirigir para as regiões de Yama. De fato, como a morte do soberano dos Sindhus é um dos meus deveres mais imperativos, assim mesmo a

proteção do rei Yudhishthira o justo é outra das minhas obrigações mais imperativas. Ó tu poderosamente armado, seja tu hoje o protetor do rei. Tu irás protegê-lo assim como eu mesmo o protejo. Eu não vejo a pessoa no mundo que seja capaz de te derrotar. Tu és, em batalha, igual ao próprio Vasudeva. O próprio chefe dos celestiais é incapaz de te vencer. Colocando esse encargo sobre ti, ou sobre aquele poderoso guerreiro em carro Pradyumna, eu posso, ó touro entre homens, sem ansiedade matar o soberano dos Sindhus. Ó tu da linhagem de Satwata, nenhuma ansiedade precisa ser nutrida por minha causa. Com todo teu coração tu deves proteger o rei. Lá onde Vasudeva de braços fortes está, e onde eu mesmo estou, sem dúvida, o menor perigo para ele ou para mim nunca pode acontecer.' Assim endereçado por Partha, Satyaki, aquele matador de heróis hostis, respondeu dizendo, 'Assim seja.' E então o último procedeu para o local onde o rei Yudhishthira estava.'"

85

(Jayadratha-Vadha Parva)

"Dhritarashtra disse, 'Depois da morte de Abhimanyu quando chegou o dia seguinte, o que os Pandavas, atormentados pela dor e tristeza fizeram? Quem entre meus guerreiros lutou com eles? Conhecendo, como eles conheciam, as realizações de Savyasachin, ó, diga-me, como os Kauravas puderam, tendo cometido tal crime, permanecer destemidos? Como eles puderam em batalha se arriscar até a olhar para aquele tigre entre homens (Arjuna), quando ele avançou como a própria Morte todo-destrutiva em fúria, queimando com aflição por conta da morte de seu filho? Vendo aquele guerreiro tendo o príncipe dos macacos em seu estandarte, aquele herói aflito por causa da morte de seu filho vibrando seu arco gigantesco em batalha, o que meus guerreiros fizeram? O que, ó Sanjaya, aconteceu a Duryodhana? Uma grande tristeza nos dominou hoje. Eu não ouço mais os sons de alegria. Aqueles sons encantadores, muito agradáveis para os ouvidos, que eram antigamente ouvidos na residência do rei Sindhu, ai, aqueles sons não são mais ouvidos hoje. Ai, no acampamento de meus filhos, os sons de inúmeros bardos e panegiristas cantando seus louvores, e de danças não são mais ouvidos. Antigamente, tais sons costumavam atingir meus ouvidos incessantemente. Ai, como eles estão mergulhados em tristeza eu não ouço mais aqueles sons proferidos (em seu acampamento). Antigamente, ó Sanjaya, enquanto sentado na residência de Somadatta que era devotado à verdade, eu costumava ouvir tais sons encantadores. Ai, quão desprovido de mérito (religioso) eu sou, pois eu percebo que a residência de meus filhos hoje está ecoando com sons de pesar e lamentações e desprovida de todo barulho indicando vida e energia. Nas casas de Vivinsati, Durmukha, Chitrasena, Vikarna, e outros filhos meus, eu não ouço os sons que eu costumava ouvir antigamente. Aquele arqueiro formidável, isto é, o filho de Drona, que era o refúgio de meus filhos, a ele Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas, e um grande número de discípulos costumavam servir, que tinha prazer dia e noite em discussões controversas, em

conversas, em palestras, na música agitada de diversos instrumentos, e em vários tipos de canções encantadoras, que era adorado por muitas pessoas entre os Kurus, os Pandavas, e os Satwatas, ai, ó Suta, na residência daquele filho de Drona nenhum som pode ser ouvido como antigamente. Cantores e dançarinos costumavam, em um grande número, atender cuidadosamente aquele arqueiro poderoso, o filho de Drona. Ai, seus sons não podem mais ser ouvidos em sua residência. Aquele barulho alto o qual se erguia no acampamento de Vinda e Anuvinda toda noite, ai, aquele barulho não é mais ouvido lá. Nem no campo dos Kaikeyas aquele som alto de canções e batida de palmas podem ser ouvidos hoje, os quais seus soldados, envolvidos em dança e festança, costumavam fazer. Aqueles sacerdotes competentes na realização de sacrifícios que costumavam servir o filho de Somadatta, aquele refúgio de ritos escriturais, ai, seus sons não podem mais ser ouvidos. A vibração da corda de arco, os sons de recitação Védica, o zunido de lanças e espadas, e estrépito de rodas de carro, costumavam ser ouvidos incessantemente na residência de Drona. Ai, aqueles sons não podem mais ser ouvidos lá. Aquele volume de canções de diversos reinos, aquele barulho alto de instrumentos musicais, os quais costumavam se elevar lá, ai, eles não podem mais ser ouvidos hoje. Quando Janardana de glória imorredoura veio de Upaplavya, desejoso de paz, por compaixão por todas as criaturas, eu então, ó Suta, disse para o perverso Duryodhana: 'Obtendo Vasudeva como os meios, faça as pazes com os Pandavas, ó filho! Eu penso que chegou a hora (de fazer as pazes). Ó Duryodhana, não desobedeça minha ordem. Se tu colocares Vasudeva de lado, que agora te pede pela paz e se dirige a ti para o meu bem, tu nunca terás vitória em batalha.' Duryodhana, no entanto, deixou de lado ele da linhagem de Dasarha, aquele touro entre todos os arqueiros, que então falava o que era para o bem de Duryodhana. Por isto, ele adotou o que era calamitoso para si mesmo. Apanhado pela própria Morte, aquele meu filho de alma pecaminosa, rejeitando meus conselhos, seguiu aqueles de Duhsasana e Karna. Eu mesmo não aprovei o jogo de dados. Vidura não o aprovou. Nem soberano dos Sindhus, nem Bhishma; nem Salya; nem Bhurisravas; nem Purumitra; nem Jaya; nem Aswatthaman; nem Kripa; nem Drona, ó Sanjaya! Se meu filho tivesse se comportado segundo os conselhos destas pessoas, ele teria então, com seus parentes e amigos, vivido para sempre em felicidade e paz. 'De fala agradável e encantadora sempre dizendo o que é agradável em meio a seus parentes, nobres de nascimento, amados por todos, e possuidores de sabedoria, os filhos de Pandu estão certos de obter felicidade. O homem que lança seu olhar na justiça, sempre e em todo lugar obtém felicidade. Tal homem depois da morte ganha benefícios e honra. Possuidores de poder suficiente, os Pandavas merecem desfrutar de metade da terra. A terra cercada pelos mares é tanto sua posse ancestral (como dos Kurus). Possuidores de soberania, os Pandavas nunca se desviarão do caminho da justiça. Ó filho, eu tenho parentes à cuja voz os Pandavas irão sempre escutar, tais, por exemplo, como Salya, Somadatta, Bhishma de grande alma, Drona, Vikarna, Valhika, Kripa, e outros entre os Bharatas que são ilustres e veneráveis em idade. Se eles falarem a eles em teu em nome os Pandavas certamente agirão segundo aquelas recomendações benéficas. Ou, quem entre estes, tu pensas, pertence ao partido deles que falará com eles de outra maneira? Krishna nunca abandonará o caminho da retidão. Os Pandavas são todos

obedientes a ele. Palavras de retidão faladas por mim também, aqueles heróis nunca desobedecerão, pois os Pandavas são todos de alma íntegra.' Lamentando de modo comovente, ó Suta, eu falei essas e muitas palavras semelhantes para meu filho. Tolo como ele é, ele não me escutou! Eu acho que tudo isso é a influência danosa do Tempo! Lá onde Vrikodara e Arjuna estão, e o herói Vrishni, Satyaki, e Uttamaujas dos Panchalas, e o invencível Yudhamanyu, e o irreprimível Dhrishtadyumna, e o invicto Sikhandin, os Asmakas, os Kekayas, e Kshatradharman dos Somakas, o soberano dos Chedis, e Chekitana, e Vibhu, o filho do soberano de Kasi, os filhos de Draupadi, e Virata e o poderoso guerreiro em carro Drupada, e aqueles tigres entre homens, isto é, os gêmeos (Nakula e Sahadeva), e o matador de Madhu para oferecer conselho, quem nesse mundo lutaria com eles, esperando viver? Quem mais, além disso, há, exceto Duryodhana, e Karna, e Sakuni, o filho de Suvala, e Duhsasana como seu quarto, pois eu não vejo o quinto que se arriscaria a resistir a meus inimigos enquanto os últimos exibem suas armas celestes? Eles que tem o próprio Vishnu em seu carro, vestido em armadura e com rédeas nas mãos, eles que tem Arjuna como seu guerreiro, eles nunca podem ter derrota! Duryodhana agora não se lembra daquelas minhas lamentações? O tigre entre homens, Bhishma, tu disseste, foi morto. Eu penso que, vendo os resultados das palavras proferidas por Vidura que enxerga longe, meus filhos estão agora lamentando! Eu acho que vendo seu exército subjugado pelo neto de Sini e Arjuna, vendo os terraços de seus carros vazios, meus filhos estão lamentando. Como um incêndio que se expande incitado pelos ventos consome uma pilha de grama seca no fim do inverno, assim mesmo Dhananjaya consumirá minhas tropas. Ó Sanjaya, tu és hábil em narração. Me conte tudo o que ocorreu depois daquele grande mal ter sido feito para Partha à noite. Quando Abhimanyu foi morto, qual se tornou o estado de suas mentes? Tendo, ó filho, ofendido imensamente o manejador do Gandiva, meus guerreiros são incapazes de resistir em batalha às realizações dele. Quais medidas foram decididas por Duryodhana e quais por Karna? O que também Duhsasana e o filho de Suvala fizeram? Ó Sanjaya, ó filho, aquilo que tem acontecido em batalha a todos os meus filhos reunidos é certamente devido às más ações do perverso Duryodhana, que segue no caminho da avareza, que é de mente má, cujo juízo está pervertido pela ira, que cobiça soberania, que é insensato, e que está privado de razão pela raiva. Diga-me, ó Sanjaya, quais medidas foram então adotadas por Duryodhana? Elas foram precipitadas ou judiciosas?'"

86

"Sanjaya disse, 'Eu te contarei tudo, pois tudo foi testemunhado por mim com meus próprios olhos. Ouça calmamente. Grande é teu erro. Assim como um dique é inútil depois que as águas (do campo) fluíram para longe, assim mesmo, ó rei, são inúteis essas tuas lamentações! Ó touro da raça Bharata, não sofra. Admiráveis são os decretos do Destruidor, eles não podem ser contrariados. Não te aflija, ó touro da raça Bharata, pois isso não é novo. Se tu tivesses antigamente reprimido Yudhishthira, o filho de Kunti, e teus filhos também da partida de dados,

essa calamidade então nunca teria te acontecido. Se, além disso, quando chegou a hora da batalha, tu tivesses reprimido ambos os partidos inflamados pela ira, essa calamidade então nunca teria te acontecido. Se, também, tu tivesses antigamente incitado os Kurus a matarem o desobediente Duryodhana, então essa calamidade nunca teria te acontecido. (Se tu tivesses feito alguma dessas ações), os Pandavas, os Panchalas, os Vrishnis, e os outros reis então nunca teriam conhecido tua teimosia. Se, além disso, fazendo teu dever como um pai, tu tivesses, por colocar Duryodhana no caminho da retidão, feito ele caminhar por ele, então essa calamidade nunca teria te acontecido. Tu és o homem mais sábio sobre a terra. Abandonando a virtude eterna, como tu pudesses seguir os conselhos de Duryodhana e Karna e Sakuni? Essas tuas lamentações, portanto, ó rei, que eu ouço, de ti que és apegado à riqueza (mundana), me parecem ser mel misturado com veneno. Ó monarca, antigamente Krishna não respeitava o rei Yudhishthira, o filho de Pandu, ou Drona, tanto quanto ele costumava te respeitar. Quando, no entanto, ele veio a te conhecer como alguém decaído dos deveres de um rei, desde então Krishna parou de te considerar com respeito. Teus filhos endereçaram várias palavras duras em direção aos filhos de Pritha. Tu foste indiferente àquelas palavras então, ó tu que controlas soberania, por teus filhos. A consequência daquela tua indiferença agora te alcançou. Ó impecável, a soberania ancestral está agora em perigo. (Se isso não é assim), obtenha agora a terra inteira subjugada pelos filhos de Pritha. (Pois ou os Pandavas tirarão teu reino ou te tornarão governante dele inteiro depois de matarem teus filhos. Ambas essas alternativas serão dolorosas para ti.) O reino que os Kurus desfrutam, como também sua fama foram adquiridos pelos Pandus. Os filhos virtuosos de Pandu contribuíram para aquele reino e aquela fama. Aquelas realizações, no entanto, deles se tornaram improdutivas de resultados (para eles) quando eles entraram em contato contigo, já que eles foram privados até de seu reino ancestral pela tua pessoa cobiçosa. Agora, ó rei, quando a batalha começou, tu criticas teus filhos indicando diversos erros deles. Isso não é apropriado. Os Kshatriyas, enquanto lutando, não cuidam de suas próprias vidas. De fato, aqueles touros entre os Kshatriyas lutam, penetrando na formação de combate dos Parthas. Quem mais, de fato, salvo os Kauravas, se arriscariam a lutar com aquele exército que é protegido por Krishna e Arjuna, por Satyaki e Vrikodara? Com eles que tem Arjuna como seu guerreiro, com eles que tem Janardana como seu conselheiro, com eles que tem Satyaki e Vrikodara como seus protetores, qual arqueiro mortal ousaria lutar, salvo os Kauravas e aqueles que estão seguindo sua liderança? Tudo o que é capaz de ser realizado por reis amigos dotados de heroísmo e cumpridores dos deveres de Kshatriyas, tudo aquilo está sendo feito pelos guerreiros no lado Kaurava. Ouça agora, portanto, tudo o que aconteceu na terrível batalha entre aqueles tigres entre homens, os Kurus e os Pandavas.'"

87

"Sanjaya disse, 'Depois que aquela noite tinha passado, Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas, começou a organizar todas as suas divisões para a batalha. Diversos sons eram ouvidos, ó monarca, de heróis zangados gritando em fúria e desejosos de matar uns aos outros. E alguns esticavam seus arcos, e alguns esfregavam com suas mãos as cordas de seus arcos. E tomando fôlegos profundos, muitos deles gritavam, dizendo, 'Onde está aquele Dhananjaya?' E alguns começaram a jogar para cima (e agarrar novamente) suas espadas descobertas, inflexíveis, bem temperadas, da cor do céu, possuidoras de gume excelente, e equipadas com punhos belos. E bravos guerreiros, desejosos de lutar, aos milhares, eram vistos realizando as evoluções de espadachins e arqueiros, com habilidade adquirida pela prática. Alguns girando suas maças enfeitadas com sinos, untadas com pasta de sândalo, e adornadas com ouro e diamantes perguntavam pelos filhos de Pandu. Alguns embriagados com orgulho de força, e possuidores de braços massivos, obstruíam o firmamento com suas clavas com pontas que pareciam (uma floresta de) hastes erguidas em honra de Indra. Outros, todos bravos guerreiros, adornados com belas guirlandas de flores, desejosos de lutar, ocupavam diversas partes do campo, armados com diversas armas. 'Onde está Arjuna? Onde está aquele Govinda? Onde está o orgulhoso Bhima? Onde também estão aqueles aliados deles?' Assim mesmo eles os chamaram em batalha. Então soprando sua concha e ele mesmo incitando os cavalos à grande velocidade, Drona se movimentou com grande celeridade, organizando suas tropas. Depois que todas aquelas divisões que se deleitavam em batalha tinham tomado suas posições, o filho de Bharadwaja, ó rei, disse essas palavras para Jayadratha: 'Tu mesmo, o filho de Somadatta, o poderoso guerreiro em carro Karna, Aswatthaman, Salya, Vrishasena e Kripa, com cem mil cavalos, sessenta mil carros, quatorze mil elefantes com têmporas fendidas, vinte e um mil soldados a pé vestidos em armadura tomem sua posição atrás de mim na distância de doze milhas. Lá os próprios deuses com Vasava em sua chefia não serão capazes de te atacar, o que dizer, portanto, dos Pandavas? Fique confortado, ó soberano dos Sindhus.' Assim endereçado (por Drona), Jayadratha, o soberano dos Sindhus, ficou encorajado. E ele procedeu ao local indicado por Drona, acompanhado por muitos guerreiros Gandhara, e cercado por aqueles grandes guerreiros em carros, e com muitos soldados de infantaria vestidos em armadura, preparados para lutar vigorosamente e armados com laços. Os corcéis de Jayadratha, bem hábeis em levar a carruagem estavam todos, ó monarca, enfeitados com rabos de iaque e ornamentos de ouro. E sete mil corcéis semelhantes, e três mil outros corcéis da raça Sindhu estavam com ele.'"

"Teu filho Durmarshana, desejoso de lutar, posicionou-se na dianteira de todas as tropas, acompanhado por mil e quinhentos elefantes enfurecidos e de tamanho tremendo vestidos em armadura e de feitos ferozes, e todos guiados por condutores de elefantes bem treinados. Teus dois outros filhos, Duhsasana e Vikarna, tomaram sua posição em meio às divisões de avanço do exército, para a realização dos objetivos de Jayadratha. A ordem de batalha que o filho de

Bharadwaja formou, parte Sakata e parte um círculo, tinha quarenta e oito milhas completas de comprimento e a largura de sua parte traseira media vinte milhas. O próprio Drona formou aquela ordem de batalha com inúmeros reis valentes, posicionados com ela, e inúmeros carros e corcéis e elefantes e soldados de infantaria. Na retaguarda daquela ordem de batalha havia outra formação de combate impenetrável em forma de lótus. E dentro daquele lótus havia outra ordem de batalha densa chamada de agulha. Tendo formado sua ordem de batalha dessa maneira, Drona tomou sua posição. Na boca daquela agulha, o grande arqueiro Kritavarman tomou sua posição. Ao lado de Kritavarman, ó majestade, estava o soberano dos Kamvojas e Jalasandha. Ao lado desses estavam Duryodhana e Karna. Atrás deles centenas e milhares de heróis que não recuavam estavam posicionados naquele Sakata para proteger sua dianteira. Atrás deles todos, ó monarca, e cercado por uma tropa vasta, estava o rei Jayadratha colocado em um lado daquela ordem de batalha em forma de agulha. Na entrada do Sakata, ó rei, estava o filho de Bharadwaja. Atrás de Drona estava o chefe dos Bhojas, que o protegia. Vestido em armadura branca, com excelente proteção para a cabeça, de peito largo e braços fortes, Drona permanecia esticando seu arco grande, como o próprio Destruidor em cólera. Contemplando o carro de Drona o qual era ornado com um estandarte belo e tinha um altar sacrifical vermelho e uma pele de veado preta, os Kauravas estavam cheios de alegria. Vendo aquela ordem de batalha formada por Drona, a qual parecia o próprio oceano em agitação, os Siddhas e os Charanas estavam cheios de admiração. E todas as criaturas pensaram que aquela ordem de batalha devoraria a terra inteira com suas montanhas e mares e florestas, e cheia de diversas coisas. E o rei Duryodhana, observando aquela formação de combate poderosa na forma de um Sakata, cheia de carros e homens e corcéis e elefantes, rugindo terrivelmente e de forma admirável, e capaz de partir os corações de inimigos, começou a se regozijar.'"

88

"Sanjaya disse, 'Depois que as divisões do exército Kuru tinham sido (assim) organizadas, e um tumulto alto, ó majestade, tinha se erguido; depois que baterias e Mridangas começaram a ser batidas e tocadas, depois do rumor dos guerreiros e do barulho de instrumentos musicais terem se tornado audíveis; depois que conchas começaram a ser sopradas, e um rugido terrível tinha se elevado, de arrepiar os cabelos; depois que o campo de batalha tinha sido coberto lentamente pelos heróis Bharata desejosos de lutar; e depois que a hora chamada Rudra tinha começado, Savyasachin fez seu aparecimento. Muitos milhares de corvos e gralhas, ó Bharata, procederam alegres na frente do carro de Arjuna. Vários animais de gritos terríveis, e chacais de visão inauspiciosa, começaram a gritar e uivar à nossa direita quando nós fomos para a batalha. Milhares de meteoros ardentes caíram com grande barulho. A terra inteira tremeu naquela ocasião terrível. Ventos secos sopraram em todas as direções, acompanhadas por trovão, e impelindo seixos duros e cascalho quando o filho de Kunti chegou no começo da batalha. Então o filho de Nakula, Satanika, e Dhrishtadyumna, o filho de Pritha,

aqueles dois guerreiros possuidores de grande sabedoria, organizaram as várias divisões dos Pandavas. Então teu filho Durmarshana, acompanhado por mil carros, cem elefantes, três mil heróis, e dez mil soldados a pé, e cobrindo uma área que media o comprimento de quinze centenas de arcos, tomou sua posição na própria vanguarda de todas as tropas, e disse: 'Como o continente resistindo ao mar agitado, assim eu hoje resistirei ao manejador do Gandiva, aquele opressor de inimigos, aquele guerreiro que é irresistível em batalha. Que as pessoas hoje vejam o colérico Dhananjaya ir de encontro a mim, como uma massa de pedra contra outra massa pedregosa. Ó guerreiros em carros que estão desejosos de lutar, permaneçam (como testemunhas). Sozinho eu lutarei com todos os Pandavas reunidos, para aumentar minha honra e fama.' Aquele teu filho nobre e de grande alma, aquele grande arqueiro dizendo isso, ficou lá cercado por muitos grandes arqueiros. Então, como o próprio Destruidor em cólera, ou o próprio Vasava armado com o trovão, ou a própria Morte irresistível armada com sua clava e incitada pelo Tempo, ou Mahadeva armado com o tridente e incapaz de ser frustrado, ou Varuna portando seu laço, ou o fogo ardente no fim do Yuga surgido para destruir a criação, o matador dos Nivatakavachas inflamado com fúria e cheio de poder, o sempre vitorioso Jaya, dedicado à verdade e desejoso de realizar seu grande voto, vestido em armadura e armado com espada, enfeitado com diadema dourado, adornado com guirlandas de flores brancas e vestido em mantos brancos, seus braços enfeitados com belos Angadas e orelhas com brincos excelentes, sobre seu próprio principal dos carros, (o encarnado) Nara, acompanhado por Narayana, vibrando seu Gandiva em batalha, resplandecia brilhantemente como o sol nascente. E Dhananjaya de grande destreza, colocando seu carro, ó rei, na própria dianteira de seu exército, onde as mais densas chuvas de flechas iriam cair, soprou sua concha. Então Krishna também, ó majestade, soprou destemidamente com grande força a principal das conchas chamada Panchajanya como Partha soprou a dele. E por causa do clangor das conchas, todos os guerreiros no teu exército, ó monarca, tremeram e perderam o ânimo. E seus cabelos se eriçaram por causa daquele som. Como as criaturas são oprimidas pelo medo ao som do trovão, assim mesmo todos os teus guerreiros se assustaram por causa do clangor daquelas conchas. E todos os animais expeliram urina e fezes. Teu exército inteiro com seus animais ficou cheio de ansiedade, ó rei, e por causa do clangor daquelas (duas) conchas, todos os homens, ó majestade, perderam sua força. E alguns entre eles, ó monarca, foram inspirados com pavor, e alguns perderam seus sentidos. E o macaco no estandarte de Arjuna, abrindo sua boca larga, fez um barulho tremendo com as outras criaturas nele, para apavorar tuas tropas. Então conchas e chifres e pratos e Anakas foram mais uma vez soprados e batidos para encorajar teus guerreiros. E aquele barulho se misturou com o barulho de diversos (outros) instrumentos musicais, com os gritos de guerreiros e os tapas em seus braços, e com os rugidos leoninos proferidos por grandes guerreiros em carros em convocar e desafiar (seus antagonistas). Quando aquele alvoroço tumultuoso se ergueu lá, um tumulto que aumentou os medos dos tímidos, o filho de Pakasana, cheio de grande alegria, dirigindo-se a ele da linhagem de Dasarha, disse (essas palavras).'"

"Arjuna disse, 'Incite os corcéis, ó Hrishikesa, para onde Durmarshana está. Atravessando aquela divisão de elefantes eu irei penetrar no exército hostil.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado por Savyasachin, Kesava de braços fortes incitou os corcéis para onde Durmarshana estava. Violento e terrível foi o combate que começou lá entre um e muitos, um combate que veio a ser muito destrutivo de carros e elefantes e homens. Então Partha, parecendo uma nuvem torrencial, cobriu seus inimigos com chuvas de flechas, como uma massa de nuvens derramando chuva no leito da montanha. Os guerreiros em carros hostis também, mostrando grande agilidade de mão, rapidamente cobriram ambos Krishna e Dhananjaya com nuvens de flechas. O poderosamente armado Partha, então, assim resistido em batalha por seus inimigos, ficou cheio de ira, e começou a cortar com suas flechas as cabeças de guerreiros em carros de seus troncos. E a terra ficou coberta com belas cabeças enfeitadas com brincos e turbantes, os lábios inferiores mordidos pelos (dentes) superiores, e os rostos adornados com olhos perturbados com raiva. De fato, as cabeças espalhadas dos guerreiros pareciam resplandecentes como um grupo de lotos arrancado e esmagado jazendo espalhado sobre o campo. Cotas de malha dourada tingidas com sangue (espalhadas abundantemente sobre o campo), pareciam com massas de nuvens carregadas com relâmpago. O som, ó rei, de cabeças cortadas caindo no chão, parecia aquele de frutas de palmeira maduras no devido tempo; troncos sem cabeça surgiam, alguns com arco na não, e alguns com espadas descobertas erguidas no ato de golpear. Aqueles bravos guerreiros incapazes de suportar os feitos de Arjuna e desejosos de subjugá-lo, não tinham percepção precisa de quando suas cabeças eram cortadas por Arjuna. A terra ficou coberta com cabeças de cavalos, trombas de elefantes, e os braços e pernas de guerreiros heróicos. 'Esse é Partha', 'Onde está Partha?' 'Aqui está Partha!' Assim mesmo, ó rei, os guerreiros do teu exército ficaram cheios com a idéia de Partha somente. Privados de sua razão pelo Tempo, eles consideraram o mundo inteiro como estando cheio de Partha somente, e portanto, muitos deles pereceram, golpeando uns aos outros, e alguns batiam até em si mesmos. Proferindo gritos de dor, muitos heróis, cobertos com sangue, privados de seu juízo, e em grande agonia, se prostravam no chão, chamando seus amigos e parentes. Braços, segurando flechas curtas, ou lanças, ou dardos, ou espadas, ou machados de batalha, ou estacas pontudas, ou cimitarras, ou arcos, ou arpões, ou flechas, ou maças, e equipados em armadura e enfeitados com Angadas e outros ornamentos, e parecendo com cobras grandes, e semelhantes a clavas enormes, cortados (de troncos) com armas poderosas, eram vistos saltar em volta, e se moverem continuamente, com grande força, como se furiosos. Cada um entre aqueles que avançaram colericamente contra Partha em batalha pereceu, perfurado em seu corpo com algumas flechas fatais daquele herói. Enquanto dançando em seu carro conforme ele se movia, e esticando seu arco, ninguém lá podia descobrir a menor oportunidade para atingi-lo. A rapidez com a qual ele pegava suas flechas, as fixava no arco, e as disparava surpreendeu todos os seus inimigos. De fato Phalguna, com suas flechas, perfurou elefantes e condutores de elefantes, cavalos e cavaleiros, guerreiros em carros e motoristas de carros. Não houve ninguém entre seus inimigos, ficando na frente dele ou lutando em batalha, ou se

movendo de forma circular, a quem o filho de Pandu não matou. Como o sol nascendo no céu destrói a densa escuridão, assim mesmo Arjuna destruiu aquela tropa de elefantes por meio de suas flechas aladas com plumas Kanka. O campo ocupado por tuas tropas, por causa de elefantes fendidos caídos sobre ele, parecia com a terra coberta com enormes colinas na hora da dissolução universal. Como o sol do meio-dia é incapaz de ser olhado por todas as criaturas, assim mesmo Dhananjaya, excitado com cólera, era incapaz de ser olhado, em batalha, por seus inimigos. As tropas do teu filho, ó castigador de inimigos, atormentadas (pelas flechas de Dhananjaya), se dividiram e fugiram com medo. Como uma massa de nuvens perfurada e afastada por um vento poderoso, aquele exército foi rompido e desbaratado por Partha. Ninguém de fato podia fitar o herói enquanto ele estava massacrando o inimigo. Incitando seus corcéis à grande velocidade por meio de esporas, pelos cornos de seus arcos, por rugidos profundos, por ordens encorajadoras, por chicotes, por cortes em seus flancos, e por palavras ameaçadoras, teus homens, isto é, tua cavalaria e teus guerreiros em carros, como também teus soldados de infantaria, atingidos pelas flechas de Arjuna, fugiram do campo. Outros (montados em elefantes), fugiram incitando aqueles animais enormes por apertarem seus flancos com seus ganchos, e muitos guerreiros atingidos pelas flechas de Partha, ao fugirem, corriam contra o próprio Partha. De fato, teus guerreiros então ficaram todos desanimados e suas mentes estavam todas confusas.'"

89

"Dhritarashtra disse, 'Quando a dianteira do meu exército assim massacrada por (Arjuna) enfeitado com diadema se dividiu e fugiu, quem foram aqueles heróis que avançaram contra Arjuna? (Algum deles realmente lutou com Arjuna, ou) todos, abandonando sua determinação entraram na formação de combate Sakata, ficando atrás do destemido Drona, parecendo uma parede sólida?'"

"Sanjaya disse, 'Quando o filho de Indra Arjuna, ó impecável, começou, com suas flechas excelentes, a dividir e matar incessantemente aquela nossa tropa, muitos heróis foram mortos ou, ficando desanimados, fugiram. Ninguém naquela batalha era capaz nem de olhar para Arjuna. Então, teu filho Duhsasana, ó rei, vendo aquele estado das tropas, ficou cheio de raiva e avançou contra Arjuna para lutar. Aquele herói de destreza impetuosa, equipado com uma bela cota de malha, feita de ouro, e sua cabeça coberta com um turbante decorado com ouro, fez Arjuna ser cercado por uma grande tropa de elefantes que parecia capaz de devorar a terra inteira. Com o som dos sinos dos elefantes, o clangor de conchas, a vibração de cordas de arco, e os grunhidos dos elefantes, a terra, os pontos do horizonte, e o firmamento, pareciam estar totalmente cheios. Aquele período de tempo se tornou feroz e ameaçador. Contemplando aqueles animais enormes com trombas estendidas cheios de fúria e avançando rapidamente em direção a ele, como montanhas aladas incitadas adiante com ganchos, Dhananjaya, aquele leão entre homens, proferindo um grito leonino, começou a perfurar e a matar aquela tropa de elefantes com suas flechas. E como um Makara penetrando no vasto

oceano, subindo e descendo em ondas elevadas quando agitado pela tempestade, (Arjuna) enfeitado com diadema penetrou naquela hoste de elefantes. De fato, Partha, aquele subjugador de cidades hostis, era então visto por todos em toda parte parecendo o sol ardente que se eleva, violando a regra a respeito de direção e hora, no dia da destruição universal. E por causa do som de cascos dos cavalos, estrépito de rodas de carros, dos gritos de combatentes, do som de cordas de arco, do barulho de diversos instrumentos musicais, do clangor de Panchajanya e Devadatta, e do rugido do Gandiva, homens e elefantes ficavam abatidos e privados de seus sentidos. E homens e elefantes foram partidos por Savyasachin com suas flechas cujo toque parecia aquele de cobras de veneno virulento. E aqueles elefantes, naquela batalha, tinham seus corpos completamente perfurados com flechas, numerando milhares sobre milhares disparadas do Gandiva. Enquanto eram assim mutilados por (Arjuna) enfeitado com diadema, eles proferiam barulhos altos e caíam incessantemente no chão como montanhas desprovidas de suas asas. Outros atingidos na mandíbula, ou globos frontais, ou têmporas com flechas longas, proferiam gritos parecidos com aqueles de grous. O enfeitado com diadema (Arjuna) começou a cortar, com suas flechas retas as cabeças de guerreiros colocados nos pescoços de elefantes. Aquelas cabeças enfeitadas com brincos, caindo constantemente na terra, pareciam uma multidão de lotos que Partha estava requerendo para uma oferta para seus deuses. E enquanto os elefantes vagavam sobre o campo, muitos guerreiros eram vistos pendendo de seus corpos, privados de armadura, afligidos com ferimentos, cobertos com sangue, e parecendo com quadros pintados. Em alguns casos, dois ou três guerreiros, perfurados por uma flecha alada com belas penas e bem disparada (de Gandiva), caíam no chão. Muitos elefantes profundamente perfurados com flechas longas, caíam, vomitando sangue de suas bocas, com os condutores em suas costas, como colinas cobertas com florestas caindo por causa de alguma convulsão da natureza. Partha, por meio de suas flechas retas, cortava em fragmentos as cordas de arcos, estandartes, arcos, cangas, e flechas dos guerreiros em carros contrários a ele. Ninguém podia notar quando Arjuna pegava suas flechas, quando ele as fixava na corda do arco, quando ele puxava a corda, e quando ele as disparava. Tudo o que podia ser visto era que Partha parecia dançar em seu carro com seu arco incessantemente esticado a um círculo. Elefantes, profundamente perfurados com flechas compridas e vomitando sangue de suas bocas, caíam, logo que eles eram atingidos, no solo. E no meio daquela grande carnificina, ó monarca, inúmeros troncos sem cabeça eram vistos em pé. Braços, com arcos em punho, ou cujos dedos estavam envolvidos em luvas de couro, segurando espadas, ou decorados com Angadas e outros ornamentos de ouro, cortados de troncos, eram vistos jazendo espalhados. E o campo de batalha estava coberto com inúmeros Upashkaras e Adhishthanas, e flechas, e coroas, rodas de carro esmagadas, e Akshas quebrados, e cangas, e guerreiros armados com escudos e arcos, e guirlandas florais, e ornamentos e mantos e estandartes caídos. E por causa daqueles elefantes e cavalos mortos, e dos corpos caídos de Kshatriyas, a terra lá assumiu um aspecto medonho. As tropas de Duhsasana, assim massacradas, ó rei, pelo enfeitado com diadema (Arjuna), fugiram. Seu próprio líder estava em grande aflição, pois Duhsasana, muito afligido por aquelas flechas, dominado pelo

medo entrou com sua divisão na formação Sakata, procurando Drona como seu salvador.'"

90

"Sanjaya disse, 'Massacrando a tropa de Duhsasana, o poderoso guerreiro em carro, Savyasachin, desejoso de alcançar o soberano dos Sindhus, procedeu contra a divisão de Drona. Tendo se aproximado de Drona que estava posicionado na entrada da formação de combate, Partha, a pedido de Krishna uniu suas mãos e disse essas palavras para Drona: 'Me deseje bem, ó Brahmana, e me abençoe, dizendo Swasti! Pela tua graça, eu desejo penetrar nessa ordem de batalha impenetrável. Tu és para mim assim como meu pai, ou como o rei Yudhishthira o justo, ou mesmo como Krishna! Eu te digo isso realmente, ó senhor, ó impecável! Assim como Aswatthaman merece ser protegido por ti, eu também mereço ser protegido por ti, ó principal dos regenerados! Pela tua graça, ó mais notável dos homens, eu desejo matar o soberano dos Sindhus em batalha. Ó senhor, cuide para que meu voto seja concluído.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado por ele, o preceptor, sorrindo, respondeu dizendo, 'Ó Vibhatsu, sem me derrotar, tu não serás capaz de vencer Jayadratha.' Dizendo isso a ele, Drona, com um sorriso o cobriu com chuvas de setas afiadas, como também seu carro e corcéis e estandarte e quadrigário. Então, Arjuna desviando as chuvas de flechas de Drona com suas próprias flechas, avançou contra Drona, disparando flechas mais poderosas e terríveis. Cumpridor dos deveres Kshatriya, Arjuna então perfurou Drona naquela batalha com nove setas. Cortando as flechas de Arjuna com suas próprias flechas, Drona então perfurou ambos Krishna e Arjuna com muitas flechas que pareciam veneno ou fogo, então, enquanto Arjuna estava pensando em cortar o arco de Drona com suas setas, o último, dotado de grande bravura, destemidamente e rapidamente cortou com flechas a corda do arco do ilustre Phalguna. E ele também perfurou os corcéis de Phalguna e estandarte e quadrigário. E o heróico Drona cobriu o próprio Phalguna com muitas setas, sorrindo. Enquanto isso, encordoando seu arco grande de novo, Partha, aquela principal de todas as pessoas familiarizadas com armas, levando vantagem sobre seu preceptor, rapidamente disparou seiscentas flechas como se ele tivesse pegado e disparado uma única flecha. E mais uma vez ele disparou setecentas outras setas, e então mil flechas incapazes de serem resistidas, e dez mil outras setas. Todas essas mataram muitos guerreiros da formação de combate de Drona. Profundamente perfurados com aquelas armas pelo poderoso e ilustre Partha, conhecedor de todos os modos de guerra, muitos homens e corcéis e elefantes caíram privados de vida. E guerreiros em carros, afligidos por aquelas flechas, caíram de seus principais dos carros, privados de cavalos e estandartes e desprovidos de armas e vida. E elefantes caíram como topos de colinas, ou massas de nuvens, ou casas grandes, soltos, dispersos, ou incendiados pelo raio, ou pelo vento, ou fogo. Atingidos pelas flechas de Arjuna, milhares de corcéis caíram como cisnes no leito de Himavat, derrubados pela força da corrente aquosa. Como o Sol que se eleva no fim do

Yuga, secando completamente com seus raios vastas quantidades de água, o filho de Pandu, com suas chuvas de armas e setas, matou um vasto número de guerreiros em carros e corcéis e elefantes e soldados a pé. Então como as nuvens cobrindo o sol, a nuvem Drona, com suas chuvas de flechas, cobriu o sol Pandava, cujos raios na forma de chuvas grossas de flechas estavam chamuscando em batalha os principais entre os Kurus. E então o preceptor atingiu Dhananjaya no peito com uma flecha comprida disparada com grande força e capaz de beber o sangue vital de todo inimigo. Então Arjuna, privado de força, tremeu em todos os seus membros, como uma colina durante um terremoto. Logo, no entanto, recuperando fortaleza, Vibhatsu perfurou Drona com muitas flechas aladas. Então Drona atingiu Vasudeva com cinco setas. E ele atingiu Arjuna com setenta e três setas, e seu estandarte com três. Então, ó rei, o heróico Drona levando a melhor sobre seu discípulo, num piscar de olhos fez Arjuna invisível por meio de suas chuvas de flechas. Nós então vimos as flechas do filho de Bharadwaja caindo em linhas contínuas, e seu arco também era visto apresentar o aspecto extraordinário de estar constantemente estirado a um círculo. E aquelas flechas incontáveis, e aladas com as penas Kanka, disparadas por Drona naquela batalha, caíam incessantemente, ó rei, em Dhananjaya e Vasudeva. Contemplando então aquele combate entre Drona e o filho de Pandu, Vasudeva de grande inteligência começou a refletir sobre a realização da (importante) tarefa. Então Vasudeva, dirigindo-se a Dhananjaya, disse essas palavras: 'Ó Partha, ó tu de armas poderosas, nós não devemos perder tempo. Nós devemos prosseguir, evitando Drona, pois uma tarefa mais importante nos espera.' Em resposta Partha disse para Krishna, 'Ó Kesava, como tu quiseres!' Então mantendo o poderosamente armado Drona à sua direita, Arjuna procedeu adiante. Virando seu rosto, Vibhatsu procedeu, disparando suas flechas. Então Drona, dirigindo-se a Arjuna, disse, 'Para onde tu vais, ó filho de Pandu? Não é verdade que tu não paras (de lutar) até que tu tenhas derrotado teu inimigo?'"

"Arjuna respondeu, 'Tu és meu preceptor e não meu inimigo. Eu sou teu discípulo e, portanto, como teu filho. Não existe o homem no mundo inteiro que possa te derrotar em batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Dizendo essas palavras, o poderosamente armado Vibhatsu, desejoso de matar Jayadratha, procedeu rapidamente contra as tropas (Kaurava). E enquanto ele penetrava no teu exército, aqueles príncipes de grande alma de Panchala, isto é, Yudhamanyu, e Uttamaujas, o seguiram como os protetores de suas rodas. Então, ó rei, Jaya, e Kritavarman da linhagem de Satwata, e o soberano dos Kamvojas, e Srutayus, começaram a resistir ao progresso de Dhananjaya. E eles tinham dez mil guerreiros em carros como seus seguidores. Os Abhishahas, os Surasenas, os Sivis, os Vasatis, os Mavellakas, os Lilithyas, os Kaikeyas, os Madrakas, os Narayana Gopalas, e as várias tribos dos Kamvojas que tinham sido antes subjugadas por Karna, todas as quais eram consideradas como muito bravas, colocando o filho de Bharadwaja em sua dianteira, e se tornando indiferentes às suas vidas, avançaram em direção a Arjuna, para resistir àquele herói enfurecido, queimando com aflição por conta da morte de seu filho, aquele guerreiro parecendo a própria Morte todo-destrutiva,

vestido em armadura, conhecedor de todos os modos de guerra, preparado para sacrificar sua vida no centro da batalha, aquele arqueiro poderoso de destreza formidável, aquele tigre entre homens, que parecia um líder enfurecido de uma manada de elefantes, e que parecia disposto a devorar o exército hostil inteiro. A batalha então que começou foi muito violenta e de arrepiar os cabelos, entre todos aqueles combatentes de um lado e Arjuna do outro. E todos eles, se reunindo, começaram a resistir àquele touro entre homens, avançando para matar Jayadratha, como medicamentos resistindo a uma doença devastadora.'"

91

"Sanjaya disse, 'Detido por eles, aquele principal dos guerreiros em carros, Partha de grande poder e destreza, foi rapidamente perseguido por Drona. O filho de Pandu, no entanto, como doenças chamuscando o corpo, arruinou aquele exército, espalhando suas flechas afiadas e parecendo por conta disso o próprio sol espalhando seus inúmeros raios de luz. E cavalos de batalha foram perfurados, e carros com passageiros foram quebrados e mutilados, e elefantes foram derrubados. E guarda-sóis foram cortados e tirados do lugar, e veículos foram privados de suas rodas. E os combatentes fugiram para todos os lados, muito afligidos por flechas. Assim mesmo progrediu aquela batalha feroz entre aqueles guerreiros e Arjuna combatendo uns aos outros. Nada podia ser distinguido. Com suas flechas retas, Arjuna, ó monarca, fez o exército hostil tremer incessantemente. Firmemente dedicado à verdade, Arjuna então, de corcéis brancos desejoso de cumprir seu voto avançou contra o principal dos guerreiros em carros, ou seja, Drona de corcéis vermelhos. Então o preceptor, Drona, atingiu seu discípulo, o arqueiro poderoso Arjuna, com vinte e cinco flechas retas capazes de alcançar os próprios órgãos vitais. Nisso, Vibhatsu, aquele principal de todos os manejadores de armas, rapidamente avançou contra Drona, disparando flechas capazes de frustrar a força das flechas contrárias, disparadas nele. Chamando à existência então a arma Brahma, Arjuna, de alma incomensurável, desviou com suas flechas retas aquelas disparadas tão rapidamente nele por Drona. A habilidade que nós então vimos de Drona era extremamente admirável, já que Arjuna, embora jovem, e embora lutando vigorosamente, não pode perfurar Drona com uma única flecha. Como uma massa de nuvens despejando torrentes de chuva, a nuvem Drona derramou chuva sobre a montanha Partha. Possuidor de grande energia, Arjuna recebeu aquele aguaceiro de flechas, ó rei, por invocar a arma Brahma, e cortou todas aquelas flechas com suas próprias. Drona então afligiu Partha de corcéis brancos com vinte e cinco flechas. E ele atingiu Vasudeva com setenta setas no peito e braços. Partha então, de grande inteligência, sorrindo, resistiu ao preceptor naquela batalha que estava disparando incessantemente setas afiadas. Então aqueles dois principais dos guerreiros em carros, enquanto assim atacados por Drona, evitaram aquele guerreiro invencível, que parecia o furioso fogo Yuga. Evitando aquelas flechas afiadas disparadas do arco de Drona, o filho enfeitado com diadema de Kunti, adornado com guirlandas de flores, começou a massacrar a hoste dos Bhojas. De fato, evitando o invencível

Drona que permanecia inalterável como a montanha Mainaka, Arjuna tomou sua posição entre Kritavarman e Sudakshina o soberano dos Kamvojas. Então aquele tigre entre homens, isto é, o soberano dos Bhojas, perfurou friamente aquele invencível e principal descendente de Kuru com dez flechas aladas com penas Kanka. Então Arjuna o perfurou, ó monarca, naquela batalha com cem setas. E novamente ele o perfurou com três outras setas, entorpecendo aquele herói da linhagem de Satwata. O soberano dos Bhojas então, dando risada, perfurou Partha e Vasudeva cada um com vinte e cinco flechas. Arjuna então, cortando o arco de Kritavarman, perfurou-o com vinte e uma setas parecendo chamas ardentes de fogo ou cobras zangadas de veneno virulento. Então Kritavarman, aquele poderoso guerreiro em carro, pegando outro arco, perfurou Arjuna no peito, ó Bharata, com cinco setas. E mais uma vez ele perfurou Partha com cinco setas afiadas. Então Partha o atingiu em retorno no centro do peito com nove setas. Vendo o filho de Kunti impedido diante do carro de Kritavarman, ele da linhagem de Vrishni pensou que nenhum tempo deveria ser perdido. Então Krishna se dirigindo a Partha, disse, 'Não mostre qualquer piedade por Kritavarman! Desconsiderando teu relacionamento (com ele), subjugue-o e mate-o!' Então Arjuna, entorpecendo Kritavarman com suas flechas, procedeu, em seus corcéis velozes, para a divisão dos Kamvojas. Vendo Arjuna de corcéis brancos penetrar na tropa Kamvoja, Kritavarman ficou cheio de ira. Pegando seu arco com flechas fixadas nele, ele então enfrentou os dois príncipes Panchala. De fato, Kritavarman, com suas flechas resistiu àqueles dois príncipes Panchala quando eles avançaram, seguindo Arjuna para proteger suas rodas. Então Kritavarman, o soberano dos Bhojas, perfurou ambos com flechas afiadas, atingindo Yudhamanyu com três, e Uttamaujas com quatro. Aqueles dois príncipes em retorno o perfuraram cada um com dez setas. E mais uma vez, Yudhamanyu disparando três setas e Uttamaujas disparando três cortaram o arco e estandarte de Kritavarman. Então o filho de Hridika, pegando outro arco, e ficando enfurecido, privou ambos aqueles guerreiros de seus arcos e cobriu-os com flechas. Então aqueles dois guerreiros, pegando e encordoando dois outros arcos, começaram a perfurar Kritavarman. Enquanto isso Vibhatsu penetrava no exército hostil. Mas aqueles dois príncipes, resistidos por Kritavarman, não conseguiram entrar na hoste Dhritarashtra, embora aqueles touros entre homens lutassem vigorosamente. Então Arjuna de corcéis brancos rapidamente afligiu naquela batalha as divisões antagônicas a ele. Aquele matador de inimigos, no entanto, não matou Kritavarman embora ele o tivesse dentro do alcance. Vendo Partha procedendo daquela maneira, o bravo rei Srutayudha, cheio de cólera, avançou nele, vibrando seu arco grande. E ele perfurou Partha com três setas, e Janardana com setenta. E ele atingiu o estandarte de Partha com uma flecha muito afiada tendo uma cabeça como navalha. Então Arjuna, cheio de fúria perfurou profundamente seu adversário com noventa flechas retas, como (um condutor) atingindo um elefante poderoso com o gancho. Srutayudha, no entanto, ó rei, não pode tolerar aquele ato de destreza por parte do filho de Pandu. Ele perfurou Arjuna em retorno com setenta e sete flechas. Arjuna então cortou o arco de Srutayudha e então sua aljava, e furiosamente o atingiu no peito com sete flechas retas. Então, o rei Srutayudha, privado de sua razão pela ira, pegou outro arco e atingiu o filho de Vasava com nove flechas nos braços e peito do último. Então

Arjuna, aquele castigador de inimigos, dando risada, ó Bharata, afligiu Srutayudha com muitos milhares de setas. E aquele poderoso guerreiro em carro rapidamente matou também os corcéis e quadrigário do último. Dotado de grande força o filho de Pandu então perfurou seu inimigo com setenta flechas. Então o rei valente Srutayudha abandonando aquele carro sem cavalos, avançou naquele combate contra Partha, erguendo sua maça. O rei heróico Srutayudha era o filho de Varuna, tendo como sua mãe aquele rio poderoso de água fria chamado Parnasa. Sua mãe, ó rei, por causa de seu filho, tinha suplicado a Varuna dizendo, 'Que esse meu filho não possa ser morto sobre a terra.' Varuna, satisfeito (com ela), disse, 'Eu dou a ele uma bênção muito benéfica para ele, isto é, uma arma celeste, em virtude da qual esse teu filho não poderá ser morto sobre a terra por inimigos. Nenhum homem pode ter imortalidade. Ó mais notável dos rios, todos os que nasceram devem inevitavelmente morrer. Esse menino, no entanto, será sempre invencível por inimigos em batalha, pelo poder dessa arma. Portanto, que a ansiedade do teu coração seja dissipada.' Dizendo essas palavras, Varuna deu a ele, com mantras, uma maça. Obtendo aquela maça, Srutayudha tornou-se invencível sobre a terra. A ele, no entanto, o Senhor ilustre das águas disse outra vez, 'Essa maça não deve ser arremessada em alguém que não está empenhado em combate. Se arremessada em tal pessoa, ela voltará e cairá sobre ti mesmo. Ó menino ilustre, (se assim arremessada) ela irá então correr em uma direção oposta e matar a pessoa que a arremessou.' Parecia que quando sua hora chegasse, Srutayudha desobedeceria aquela injunção. Com aquela maça matadora de heróis ele atacou Janardana. O bravo Krishna recebeu aquela maça em um de seus ombros bem formados e fortes. Ela falhou em abalar Sauri, como o vento falhando em abalar a montanha Vindhya. Aquela maça, voltando para o próprio Srutayudha, atingiu aquele rei bravo e colérico que estava em seu carro, como uma ação mal executada de feitiçaria prejudicando o próprio realizador, e matando aquele herói caiu no chão. Vendo aquela maça voltar e Srutayudha morto, altos gritos de 'Ai' e 'Oh' ergueram-se lá entre as tropas, à visão de Srutayudha, aquele castigador de inimigos, morto por sua própria arma. E porque, ó monarca, Srutayudha tinha arremessado aquela maça em Janardana que não estava engajado em lutar ela matou ele que a tinha arremessado. E Srutayudha pereceu no campo, exatamente da maneira que Varuna tinha indicado. Carente de vida, ele caiu no chão diante dos olhos de todos os arqueiros. Enquanto caindo, aquele filho caro de Parnasa brilhou resplandecente como uma figueira alta com ramos espalhados quebrada pelo vento. Então todas as tropas e até todos os guerreiros principais fugiram, vendo Srutayudha, aquele castigador de inimigos, morto. Então, o filho do soberano dos Kamvojas, isto é, o bravo Sudakshina, avançou em seus corcéis velozes contra Phalguna, aquele matador de inimigos. Partha, então, ó Bharata, disparou sete flechas nele. Aquelas flechas atravessando o corpo daquele herói, entraram na terra. Profundamente perfurado por aquelas flechas disparadas do Gandiva em batalha, Sudakshina perfurou Arjuna em retorno com dez flechas aladas com penas Kanka. E perfurando Vasudeva com três flechas, ele mais uma vez perfurou Partha com cinco. Então, ó majestade, Partha, cortando o arco de Sudakshina, cortou o estandarte do último. E o filho de Pandu perfurou seu adversário com um par de flechas de cabeça larga de corte excelente. Sudakshina, no entanto, perfurando Partha mais uma vez com

três flechas, proferiu um grito leonino. Então o bravo Sudakshina, cheio de raiva, arremessou no manejador do Gandiva um dardo terrível feito totalmente de ferro e decorado com sinos. Aquele dardo brilhando como um meteoro grande, e emitindo faíscas de fogo, se aproximando daquele poderoso guerreiro em carro atravessou-o e caiu no chão. Profundamente atingido por aquele dardo e dominado por um desmaio, Arjuna logo se recuperou. Então aquele herói de energia poderosa, lambendo os cantos de sua boca, aquele filho de Pandu, de façanhas inconcebíveis, perfurou seu inimigo, junto com seus corcéis, estandarte, arco, e quadrigário, com quatorze flechas aladas com penas Kanka. Com outras setas, incontáveis em número, Partha então cortou o carro de Sudakshina em fragmentos. E então o filho de Pandu perfurou Sudakshina, o príncipe dos Kamvojas, cujo propósito e destreza tinham sido ambos frustrados, com uma flecha afiada no peito. Então o bravo príncipe dos Kamvojas, sua cota de malha cortada, seus membros enfraquecidos, seu diadema e Angadas tirados do lugar, caiu de cabeça para baixo, como um poste de Indra quando lançado de uma máquina. Como uma bela árvore Karnikara na primavera, crescendo graciosamente em um topo de montanha com ramos belos, jazendo sobre o solo quando arrancada pelo vento, o príncipe dos Kamvojas jazia na terra nua privado de vida, embora merecendo a cama mais cara, enfeitada com ornamentos caros. Belo, possuidor de olhos que eram de uma cor de cobre, e portando sobre sua cabeça uma coroa de ouro, dotada da refulgência do fogo, Sudakshina de braços fortes, o filho do soberano dos Kamvojas, derrubado por Partha com suas flechas, e jazendo no chão, privado de vida, parecia resplandecente como uma bela montanha com um topo plano. Então todas as tropas do teu filho fugiram, vendo Srutayudha, e Sudakshina o príncipe dos Kamvojas, mortos.'"

92

"Sanjaya disse, 'Após a queda de Sudakshina e do heróico Srutayudha, ó monarca, teus guerreiros, cheios de ira, avançaram com velocidade em Partha. Os Abhishahas, os Surasenas, os Sivis, os Vasatis começaram, ó rei, a espalhar suas chuvas de flechas sobre Dhananjaya. O filho de Pandu então consumiu por meio de suas flechas seiscentos deles ao mesmo tempo. Nisso, aqueles guerreiros, apavorados, fugiram como animais menores de um tigre. Se reagrupando, eles mais uma vez cercaram Partha, que estava matando seus inimigos e subjugando eles em batalha. Dhananjaya então, com flechas disparadas do Gandiva, derrubou rapidamente as cabeças e braços dos combatentes que avançavam assim sobre ele. Nem uma polegada do campo de batalha não estava coberta com cabeças derrubadas, e os bandos de corvos e urubus e gralhas que pairavam por cima do campo pareciam formar uma cobertura nebulosa. Vendo seus homens assim exterminados, Srutayus e Achyutayus ambos se encheram de fúria. E eles continuaram a lutar vigorosamente com Dhananjaya. Dotados de grande poder, orgulhosos, heróicos, de linhagem nobre, e possuidores de força de braços, aqueles dois arqueiros, ó rei, desejosos de ganhar fama e desejosos, por teu filho, de executar a destruição de Arjuna, rapidamente derramaram sobre o último suas

torrentes de flechas de uma vez a partir de sua direita e esquerda. Aqueles heróis furiosos, com mil flechas retas, cobriram Arjuna como duas massas de nuvens enchendo um lago. Então aquele principal dos guerreiros em carros, isto é, Srutayus, cheio de cólera, atingiu Dhananjaya com uma lança bem temperada. Aquele opressor de inimigos, Arjuna, então, profundamente perfurado por seu inimigo poderoso, desmaiou naquela batalha, espantando Kesava também (por aquele ato). Enquanto isso, o poderoso guerreiro em carro Achyutayus atingiu com força o filho de Pandu com uma lança de ponta afiada. Por aquela ação ele pareceu despejar um ácido sobre o ferimento do filho de grande alma de Pandu. Profundamente perfurado com isso, Partha se sustentou por agarrar o mastro de bandeira. Então um grito leonino foi dado por todas as tropas, ó monarca, na crença de que Dhananjaya estava privado de vida. E Krishna também estava oprimido pela angústia ao ver Partha sem sentidos. Então Kesava confortou Dhananjaya com palavras calmantes. Então aqueles principais dos guerreiros em carros, (Srutayus e Achyutayus), de mira exata, despejando suas chuvas de flechas em todos os lados, naquela batalha, fizeram Dhananjaya e Vasudeva da linhagem de Vrishni invisíveis com seu carro e rodas de carro e Kuvaras, seus corcéis e mastro de bandeira e estandarte. E tudo isso parecia extraordinário. Enquanto isso, ó Bharata, Vibhatsu lentamente recuperou seus sentidos, como alguém voltando da própria residência do rei dos mortos. Vendo seu carro com Kesava submerso com flechas e vendo também aqueles dois antagonistas dele ficando na sua frente como dois fogos ardentes, o poderoso guerreiro em carro Partha então chamou à existência a arma que recebeu o nome de Sakra. Daquela arma fluíram milhares de flechas retas. E aquelas flechas atingiram Srutayus e Achyutayus, aqueles arqueiros poderosos. E as setas disparadas pelos últimos, rompidas por aquelas de Partha, percorreram o firmamento. E o filho de Pandu frustrando rapidamente aquelas setas pela força das suas próprias setas, começou a se movimentar rapidamente sobre o campo, enfrentando poderosos guerreiros em carros. Enquanto isso Srutayus e Achyutayus foram, pelas chuvas de flechas de Arjuna, privados de seus braços e cabeças. E eles caíram no chão, como um par de árvores altas quebradas pelo vento. E a morte de Srutayus e de Achyutayus criou surpresa igual àquela que os homens sentiriam à visão do oceano se tornando seco. Então matando cinquenta guerreiros em carros entre os seguidores daqueles dois príncipes, Partha procedeu contra o exército Bharata, matando muitos principais dos guerreiros. Vendo Srutayus e Achyutayus mortos, seus filhos, aqueles principais dos homens, Niyatayus e Dirghayus, ó Bharata, ambos cheios de ira, avançaram contra o filho de Kunti, espalhando flechas de diversos tipos, e muito atormentados pela calamidade que tinha acontecido a seus pais. Arjuna, excitado com raiva, num momento despachou os dois para a residência de Yama, por meio de flechas retas. E aqueles touros entre os Kshatriyas (que estavam no exército Kuru) eram incapazes de resistir a Partha que agitava as tropas Dhartarashtra como um elefante agitando as águas de um lago cheio de lotos. Então milhares de condutores de elefantes treinados entre os Angas, ó monarca, cheios de fúria, cercaram o filho de Pandu com sua tropa de elefantes. Instigados por Duryodhana, muitos reis também do oeste e do sul, e muitos outros encabeçados pelo soberano dos Kalingas, também cercaram Arjuna, com seus elefantes enormes como colinas. Partha no entanto, com flechas

disparadas do Gandiva, rapidamente cortou as cabeças e braços, enfeitados com ornamentos, daqueles combatentes que avançavam. O campo de batalha, coberto com aquelas cabeças e braços enfeitados com Angadas, parecia com pedras douradas rodeadas por cobras. E os braços cortados dos guerreiros, enquanto caíam, pareciam com aves caindo de árvores. E os elefantes, perfurados por milhares de setas e derramando sangue (de seus ferimentos), pareciam com colinas na estação das chuvas com greda vermelha liquefeita escorrendo por seus lados. Outros, mortos por Partha com flechas afiadas, jaziam prostrados no campo. E muitos Mlecchas nas costas de elefantes, de diversas espécies de formas feias, vestidos em diversos trajes, ó rei, e armados com diversos tipos de armas, e banhados em sangue, pareciam resplandecentes quando eles jaziam no campo, privados de vida por meio de diversos tipos de flechas. E milhares de elefantes junto com seus condutores e aqueles a pé que os incitavam para a frente, atingidos pelas flechas de Partha, vomitavam sangue, ou proferiam gritos de agonia, ou caíam, ou corriam desenfreadamente em todas direções. E muitos, extremamente assustados, pisaram e esmagaram seus próprios homens. E muitos que eram mantidos como reservas e que eram ferozes como cobras de veneno virulento, fizeram o mesmo. E muitos terríveis Yavanas e Paradas e Sakas e Valhikas, e Mlecchas nascidos da vaca (pertencente a Vasishtha), de olhos selvagens, hábeis em atacar parecendo com mensageiros de Morte, e todos familiarizados com os poderes enganosos dos Asuras e muitos Darvabhisaras e Daradas e Pundras numerando milhares, em bandos, e juntos formando uma tropa que era incontável, começaram a despejar suas flechas afiadas sobre o filho de Pandu. Educados em vários modos de guerra, aqueles Mlecchas cobriram Arjuna com suas flechas. Sobre eles, Dhananjaya também despejou rapidamente suas flechas. E aquelas flechas, disparadas do Gandiva, pareciam com bandos de gafanhotos, quando elas percorriam o céu. De fato, Dhananjaya, tendo com suas flechas feito uma sombra sobre as tropas como aquela das nuvens, matou, pela força de suas armas, todos os Mlecchas, com cabeças completamente raspadas ou metade raspadas ou cobertas com madeixas emaranhadas, impuros em hábitos, e de rostos tortos. Aqueles habitantes de colinas, perfurados por setas, aqueles habitantes de cavernas de montanha, fugiram amedrontados. E corvos e Kankas e lobos, com grande alegria, beberam o sangue daqueles elefantes e corcéis e seus condutores Mlecha derrubados no campo por Partha com suas flechas afiadas. De fato, Arjuna fez um rio aterrador fluir lá cuja corrente consistia em sangue. Soldados de infantaria e corcéis e carros e elefantes (mortos) constituíam seus diques. As chuvas de flechas despejadas constituíam suas balsas e os cabelos dos combatentes formavam seu musgo e ervas daninhas. E os dedos cortados dos braços de guerreiros formavam seus peixes pequenos. E aquele rio era tão terrível como a própria Morte no fim do Yuga. E aquele rio de sangue fluía para a região de Yama, e os corpos de elefantes mortos flutuando nele obstruíam sua corrente. E a terra estava completamente coberta com o sangue de Kshatriyas e de elefantes e corcéis e seus condutores, e de guerreiros em carros, e se tornou uma vastidão sangrenta semelhante à que é vista quando Indra derrama um aguaceiro pesado cobrindo regiões montanhosas e planícies do mesmo modo. E aquele touro entre os Kshatriyas despachou seis mil cavaleiros e também mil principais dos Kshatriyas naquela batalha para as mandíbulas da

morte. Milhares de elefantes bem equipados, perfurados com flechas, jaziam prostrados no campo, como colinas derrubadas pelo raio. E Arjuna se movia rapidamente sobre o campo, matando corcéis e guerreiros em carros e elefantes, como um elefante de têmporas fendidas esmagando uma floresta de juncos. Como um incêndio, impulsionado pelo vento, consome uma densa floresta de árvores e trepadeiras e plantas e madeira e grama secas, assim mesmo aquele fogo, isto é, o filho de Pandu Dhananjaya, tendo flechas como suas chamas e incitado adiante pelo vento Krishna, consumiu furiosamente a floresta de teus guerreiros. Tornando vazios os terraços de carros, e fazendo a terra ser coberta com corpos humanos, Dhananjaya parecia dançar com arco na mão, no meio daquelas vastas massas de homens. Inundando a terra com sangue por meio de suas flechas, dotado da força do trovão, Dhananjaya, excitado com cólera, penetrou na hoste Bharata. Enquanto assim procedendo, Srutayus, o soberano dos Amvashthas, resistiu a ele. Arjuna então, ó majestade, rapidamente derrubou com flechas afiadas providas de penas Kanka, os corcéis de Srutayus lutando em batalha. E cortando com outras flechas o arco também de seu adversário, Partha correu a toda velocidade sobre o campo. O soberano dos Amvashthas, então com olhos agitados em fúria, pegou uma maça e se aproximou do poderoso guerreiro em carro Partha e de Kesava também naquela batalha. Então aquele herói, erguendo sua maça, parou (o progresso do) carro (de Arjuna) com seus golpes, e atingiu Kesava também com ela. Então aquele matador de heróis hostis, Arjuna, vendo Kesava atingido por aquela maça, ficou cheio de fúria. E, então, ó Bharata, aquele herói, com suas flechas, equipadas com asas de ouro, cobriu o soberano dos Amvashthas, aquele principal dos guerreiros em carros, armado com maça, como nuvens cobrindo o sol. Com outras flechas, Partha então cortou a maça daquele guerreiro de grande alma em fragmentos, reduzindo-a quase a pó. E tudo isso pareceu muito extraordinário. Vendo aquela sua maça cortada em fragmentos, o soberano dos Amvashthas pegou outra maça enorme, e repetidamente atingiu ambos Arjuna e Kesava com ela. Então, Arjuna com um par de flechas afiadas de corte largo cortou os braços erguidos de Srutayus os quais seguravam a maça, aqueles braços que pareciam com um par de colunas de Indra, e com outra flecha alada ele cortou a cabeça daquele guerreiro. Assim morto, Srutayus caiu, ó rei, enchendo a terra com um barulho alto, como um alto pedestal de Indra quando as cordas, atando-o ao mecanismo sobre o qual ele está colocado, são cortadas. Cercado então por todos lados por círculos de carros e por centenas sobre centenas de elefantes e carros, Partha ficou invisível como o sol coberto com nuvens.'"

93

"Sanjaya disse, 'Depois que o filho de Kunti, impelido pelo desejo de matar o soberano dos Sindhus, tinha penetrado (na hoste Bharata) tendo atravessado as divisões irresistíveis de Drona e dos Bhojas, depois que o herdeiro do soberano dos Kamvojas, ou seja, o príncipe Sudakshina, tinha sido morto, depois que Savyasachin tinha matado o bravo Srutayudha também, depois que as tropas (Kuru) tinham fugido e confusão tinha se iniciado por todos os lados, teu filho,

vendo seu exército dividido, dirigiu-se até Drona. Indo rapidamente em seu carro em direção a Drona, Duryodhana disse: 'Aquele tigre entre homens (Arjuna), tendo subjugado essa hoste vasta já a atravessou. Ajudado por teu bom senso, pense agora no que deve ser feito em seguida para a morte de Arjuna em vista da carnificina terrível. Abençoado sejas tu, adote medidas para que aquele tigre entre homens não possa conseguir matar Jayadratha. Tu és nosso único refúgio. Como uma conflagração furiosa consumindo pilhas de grama e palha secas, o fogo Dhananjaya, impulsionado pelo vento de sua fúria, está consumindo a grama e palha constituídas por minhas tropas. Ó opressor de inimigos, vendo o filho de Kunti passar, tendo atravessado essa hoste, aqueles guerreiros que estão protegendo Jayadratha ficaram duvidosos (de sua habilidade para resistir a Partha). Ó principal daqueles conhecedores de Brahma, era a firme convicção dos reis que Dhananjaya nunca iria, com vida, ter êxito em ultrapassar Drona. Ó tu de grande esplendor, quando, no entanto, Partha atravessou tua divisão na tua própria vista, eu considero meu exército como sendo muito fraco. De fato, eu penso que eu não tenho tropas. Ó tu que és muito abençoado, eu sei que tu és dedicado ao bem-estar dos Pandavas. Eu perco minha razão, ó regenerado, em pensar no que deve ser feito. Com todas as minhas forças, eu também procuro te gratificar. Tu, no entanto, não tens tudo isso em mente. Ó tu de destreza imensurável, embora nós sejamos devotados a ti, tu porém nunca procuras nosso bem-estar. Tu estás sempre bem satisfeito com os Pandavas e sempre empenhado em nos fazer mal. Embora derivando teu sustento de nós, tu ainda estás engajado em nos fazer mal. Eu não estava ciente de que tu eras somente uma navalha imersa em mel. Se tu não tivesses me concedido o benefício acerca de humilhar e deter os Pandavas, eu nunca teria impedido o soberano dos Sindhus de voltar para seu próprio país. Tolo que eu sou, esperando proteção de ti, eu assegurei o soberano dos Sindhus, e por minha insensatez o ofereci como uma vítima para a morte. Um homem pode escapar, tendo entrado nas próprias mandíbulas da morte, mas não há fuga para Jayadratha uma vez que ele entre dentro do alcance das armas de Dhananjaya. Ó tu que possuis corcéis vermelhos, faça aquilo pelo qual o soberano dos Sindhus ainda possa ser salvo. Não ceda à ira ao ouvir os desvarios delirantes da minha pessoa afligida, ó, proteja o soberano dos Sindhus.'"

"Drona disse, 'Eu não critico tuas palavras. Tu és tão querido para mim como o próprio Aswatthaman. Eu te digo realmente. Aja, no entanto, agora de acordo com minhas palavras, ó rei! De todos os condutores de carros, Krishna é o principal. Seus corcéis são também os principais de sua espécie. Obtendo somente um espaço muito pequeno, Dhananjaya pode passar muito rapidamente através dele. Tu não vês que as flechas do ornado com diadema (Arjuna), incontáveis em número, disparadas de seu arco, estão caindo duas milhas completas atrás de seu carro conforme ele está prosseguindo? Carregado com o peso dos anos, eu sou agora incapaz de ir tão rápido. O exército inteiro dos Parthas, além disso, está agora cerrado em nossa dianteira. Yudhishthira também deve ser apanhado por mim. Esse mesmo, ó tu de armas poderosas, foi o voto feito por mim na presença de todos os arqueiros e no meio de todos os Kshatriyas. Ó rei, ele está agora na cabeça de suas tropas, abandonado por Dhananjaya. Eu não devo, portanto,

abandonando a entrada da nossa formação de combate, lutar com Phalguna. É apropriado que tu mesmo, devidamente protegido, lute com aquele inimigo teu, que está sozinho e que é teu igual em linhagem e façanhas. Não tenha medo. Vá e lute com ele. Tu és o soberano do mundo. Tu és um rei. Tu és um herói. Possuidor de renome, tu és talentoso em subjugar (teus inimigos). Ó bravo subjugador de cidades hostis, vá tu mesmo para aquele local onde Dhananjaya o filho de Pritha está.'"

"Duryodhana disse, 'Ó preceptor, como é possível para mim resistir a Dhananjaya que ultrapassou até a ti que és o mais notável de todos os manejadores de armas? O próprio chefe dos celestiais, armado com o trovão, é capaz de ser derrotado em batalha, mas Arjuna aquele subjugador de cidades hostis não pode ser vencido em batalha. Ele por quem o filho de Hridika (Kritavarman), o soberano dos Bhojas, e tu mesmo igual a um celestial, foram derrotados pelo poder de suas armas, ele por quem Srutayus foi morto, como também Sudakshina, e o rei Srutayus também, ele por quem ambos Srutayus e Achyutayus e miríades de Mlecchas também foram mortos, como eu posso lutar em batalha com aquele filho invencível de Pandu, aquele mestre ilustre de armas, que é assim como um fogo que a tudo consome? Como também tu me achas competente para lutar com ele hoje? Eu sou dependente de ti como um escravo. Proteja minha fama.'"

"Drona disse, 'Tu falas verdadeiramente, ó tu da linhagem de Kuru, que Dhananjaya é irresistível. Eu, no entanto, farei aquilo pelo qual tu serás capaz de resistir a ele. Que todos os arqueiros no mundo vejam hoje a maravilhosa façanha de o filho de Kunti ser detido por ti na própria vista de Vasudeva. Essa tua armadura de ouro, ó rei, eu prenderei no teu corpo de tal maneira que nenhuma arma usada por homens poderá te atingir em batalha. Se até os três mundos com os Asuras e os celestiais, os Yakshas, os Uragas, e os Rakshasas, junto com todos os seres humanos lutarem contigo hoje, tu ainda não precisarás nutrir medo. Nem Krishna, nem o filho de Kunti, nem qualquer outro manejador de armas em batalha será capaz de romper essa tua armadura com flechas. Equipado com essa cota de malha, vá rapidamente hoje contra o furioso Arjuna em batalha. Ele não será capaz de resistir a ti.'"

"Sanjaya disse, 'Tendo dito essas palavras, Drona, aquela principal das pessoas familiarizadas com Brahma, tocando água, e proferindo devidamente certos Mantras, atou rapidamente aquela armadura muito esplêndida e brilhante no corpo de Duryodhana para a vitória de teu filho naquela batalha terrível e fazendo (por aquela ação) todas as pessoas lá se encherem de perplexidade. E Drona disse, 'Que os Vedas, e Brahman, e os Brahmanas, te abençoem. Que todas as classes superiores de répteis sejam uma fonte de bênçãos para ti, ó Bharata! Que Yayati e Nahusha, e Dhundhumara, e Bhagiratha, e os outros sábios reais, todos façam o que é benéfico para ti. Que bênçãos sejam para ti de criaturas que tem somente uma perna, e daquelas que tem muitas pernas. Que bênçãos sejam para ti, nessa grande batalha, de criaturas que não tem pernas. Que Swaha, e Swadha, e Sachi, também, todos façam o que é o benéfico para ti. Ó impecável, que Lakshmi e Arundhati também façam o que é benéfico para ti.

Que Asita, e Devala e Viswamitra, e Angiras, e Vasishtha, e Kasyapa, ó rei, façam o que é benéfico para ti. Que Dhatri, e o senhor dos mundos e os pontos do horizonte e os regentes daqueles pontos, e Karttikeya de seis faces, todos te dêem o que é benéfico. Que o divino Vivaswat te beneficie completamente. Que os quatro elefantes, dos quatro quadrantes, a terra, o firmamento, os planetas, e ele que está embaixo da terra e a segura (em sua cabeça), ó rei, isto é, Sesha, aquela principal das cobras, te dêem o que é para teu benefício. Ó filho de Gandhari, antigamente o Asura chamado Vritra, mostrando sua destreza em batalha, derrotou o melhor dos celestiais em batalha. Os últimos, numerando milhares sobre milhares, com corpos mutilados, aqueles habitantes do céu, com Indra em sua chefia, privados de energia e poder, todos se dirigiram até Brahman e procuraram sua proteção, com medo do grande Asura Vritra. E os deuses disseram, 'Ó melhor dos deuses, ó principal dos celestiais, seja tu o refúgio dos deuses agora oprimidos por Vritra. De fato, nos salve desse grande temor.' Então Brahman, dirigindo-se a Vishnu que estava ao lado dele como também àqueles melhores dos celestiais encabeçados por Sakra, disse a eles que estavam todos desanimados, essas palavras repletas de verdade: 'De fato, os deuses com Indra em sua chefia, e os Brahmanas também, devem sempre ser protegidos por mim. A energia de Tvashtri da qual Vritra foi criado é invencível. Tendo nos tempos passados realizado penitências ascéticas por um milhão de anos, Tvashtri, então, ó deuses, criou Vritra, obtendo permissão de Maheswara. Aquele seu inimigo conseguiu derrotar vocês pela graça daquele deus de deuses. Sem irem ao lugar onde Sankara está, vocês não podem ver o divino Hara. Tendo visto aquele deus, vocês serão capazes de subjugar Vritra. Portanto, vão sem demora para as montanhas de Mandara. Lá permanece aquela origem de penitências ascéticas, aquele destruidor do sacrifício de Daksha, aquele manejador do Pinaka, aquele senhor de todas as criaturas, aquele matador do Asura chamado Bhaganetra.' Assim endereçados por Brahman, os deuses procedendo para Mandara com Brahman em sua companhia, contemplaram lá aquele amontoado de energia, aquele deus Supremo dotado do esplendor de um milhão de sóis. Vendo os deuses Maheswara deu as boas-vindas a eles e perguntou o que ele podia fazer por eles. 'A visão de minha pessoa nunca pode ser inútil. Que a realização dos seus desejos proceda disso.' Assim endereçados por ele, os habitantes do céu responderam, 'Nós fomos privados de nossa energia por Vritra. Seja o refúgio dos habitantes do céu. Veja, ó senhor, nossos corpos atingidos e machucados por seus golpes. Nós buscamos tua proteção. Seja nosso refúgio, ó Maheswara!' O deus de deuses, chamado Sarva, então disse, 'Ó deuses, é bem conhecido para vocês como essa energia, repleta de grande força, terrível e incapaz de ser resistida por pessoas desprovidas de mérito ascético, se originou, nascendo da energia de Tvashtri (o artífice divino). Com relação a mim, sem dúvida é meu dever prestar auxílio para os habitantes do céu. Ó Sakra, tire essa armadura refulgente do meu corpo. E, ó chefe dos celestiais, coloque-a, proferindo mentalmente esses mantras.'"

"Drona continuou, 'Tendo dito essas palavras, o concessor de benefícios (Siva) deu aquela armadura com os mantras (para serem proferidos por aquele que a usasse). Protegido por aquela armadura, Sakra procedeu contra a hoste de Vritra

em batalha. E embora diversas espécies de armas tivessem sido arremessadas nele naquela batalha terrível, ainda assim as juntas daquela armadura não puderam ser cortadas. Então o senhor dos celestiais matou Vritra, e depois deu para Angiras aquela armadura, cujas juntas eram compostas de mantras. E Angiras comunicou aqueles mantras para seu filho Vrihaspati, tendo o conhecimento de todos os mantras. E Vrihaspati comunicou aquele conhecimento para Agnivesya de grande inteligência. E Agnivesya o comunicou para mim, e é com a ajuda daqueles mantras, ó melhor dos reis, que eu, para proteger teu corpo, amarro essa armadura no teu corpo.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras Drona, aquele touro entre os preceptores dirigiu-se novamente a teu filho, de grande esplendor, dizendo, 'Ó rei, eu ponho essa armadura no teu corpo, juntando suas partes com a ajuda de cordas Brahma. Nos tempos antigos o próprio Brahma a colocou dessa maneira em Vishnu em batalha. Assim como o próprio Brahma pôs essa armadura celeste em Sakra na batalha causada pelo sequestro de Taraka, eu a ponho em ti.' Tendo dessa maneira, com mantras, posto aquela armadura devidamente em Duryodhana, o regenerado Drona mandou o rei para a batalha. E o rei poderosamente armado, equipado em armadura pelo preceptor de grande alma, e hábil em atacar, e mil elefantes enfurecidos dotados de grande bravura, e cem mil cavalos, e muitos outros poderosos guerreiros em carros, procederam em direção ao carro de Arjuna. E o rei de braços fortes procedeu, com o som de diversos tipos de instrumentos musicais, contra seu inimigo, como o filho de Virochana (Vali nos tempos passados). Então, ó Bharata, um tumulto alto se ergueu entre tuas tropas, vendo o rei Kuru procedendo como um oceano insondável.'"

94

"Sanjaya disse, 'Depois que aquele touro entre homens, Duryodhana, tinha saído detrás, seguindo Partha e ele da linhagem de Vrishni, ó rei, ambos os quais tinham penetrado no exército Kaurava, os Pandavas acompanhados pelos Somakas avançaram rapidamente contra Drona com gritos altos. E então começou a batalha (entre eles e as tropas de Drona). E a batalha que ocorreu entre os Kurus e os Pandavas na entrada da formação de combate foi violenta e terrível, de arrepiar os cabelos. A visão encheu os espectadores de admiração. Ó rei, o sol estava então no meridiano. Aquele combate, ó monarca, foi realmente de tal maneira que nós nunca tínhamos visto ou ouvido sobre seu similar antes. Os Parthas encabeçados por Dhrishtadyumna, todos hábeis em atacar e organizados devidamente cobriram as tropas de Drona com chuvas de setas. Nós mesmos também, colocando Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas, em nossa dianteira, cobrimos os Parthas, reunidos pelo filho de Prishata, com nossas flechas. As duas hostes, adornadas com carros e parecendo belas, então pareciam com duas massas imensas de nuvens no céu do verão, impelidas em direção uma à outra por ventos opostos. Enfrentando uma à outra, as duas hostes aumentaram sua impetuosidade, como os rios Ganga e Yamuna, cheios com água durante a estação das chuvas. Tendo diversas espécies de armas como os ventos

que corriam à frente dela, cheia de elefantes e corcéis e carros, carregada com relâmpagos constituídos pelas maças manejadas pelos guerreiros, a nuvem feroz e imensa formada pela hoste Kuru, impulsionada adiante pela tempestade Drona, e derramando flechas incessantes que constituíam suas torrentes de chuva, procurou apagar o ardente fogo Pandava. Como um furacão terrível no verão agitando o oceano, aquele melhor dos Brahmanas, Drona, agitou a hoste Pandava. Se esforçando com grande vigor, os Pandavas avançaram em direção a Drona sozinho para romper sua hoste, como uma imensa torrente de água em direção a um forte dique, para varrê-lo para longe. Como uma colina inalterável resistindo à correnteza mais impetuosa de água, Drona, no entanto, resistiu naquela batalha aos enfurecidos Pandavas e Panchalas e Kekayas. Muitos outros reis também, dotados de grande força e coragem, atacando eles de todos os lados, começaram a resistir aos Pandavas. Então aquele tigre entre homens, ou seja, o filho de Prishata, se unindo com os Pandavas, começou repetidamente a atacar Drona, para romper a hoste hostil. De fato, como Drona despejava suas flechas no filho de Prishata, assim mesmo o último despejava as suas em Drona. Tendo cimitarras e espadas como os ventos que sopravam à sua frente, bem equipada com dardos e lanças e sabres, com a corda do arco constituindo seu relâmpago, e o (som do) arco como seus rugidos, a nuvem Dhrishtadyumna despejava torrentes de armas para todos os lados, como suas chuvas de pedras. Matando os principais dos guerreiros em carros e um grande número de corcéis, o filho de Prishata parecia inundar as divisões hostis (com seus aguaceiros de flechas). E o filho de Prishata, por meio de suas flechas, desviou Drona daqueles caminhos em meio às divisões de carros dos Pandavas, pelos quais aquele herói tentou passar, atingindo os guerreiros lá com suas setas. E embora Drona lutasse vigorosamente naquela batalha, contudo sua hoste, combatendo Dhrishtadyumna, ficou dividida em três colunas. Uma dessas recuou em direção a Kritavarman, o chefe dos Bhojas; outra em direção a Jalasandha; e (a outra) enquanto massacrada violentamente pelos Pandavas, procedeu em direção ao próprio Drona. Drona, aquele principal dos guerreiros em carros, repetidamente uniu suas tropas. O poderoso guerreiro Dhrishtadyumna igualmente muitas vezes as atacou e separou. De fato, o exército Dhritarashtra, dividido em três grupos, foi massacrado pelos Pandavas e os Srinjayas ferozmente, como um rebanho de gado nas florestas por muitos animais predadores, quando não protegido pelos vaqueiros. E as pessoas pensaram que, naquela batalha terrível, era a própria Morte que estava tragando os guerreiros primeiro entorpecidos por Dhrishtadyumna. Como o reino de um rei mau é destruído por fome e pestilência e ladrões, assim mesmo tua hoste foi afligida pelos Pandavas. E por causa dos raios de sol caindo sobre as armas e os guerreiros, e da poeira erguida pelos soldados, os olhos de todos estavam dolorosamente afligidos. Após a hoste Kaurava ser dividida em três grupos durante aquela carnificina terrível pelos Pandavas, Drona, cheio de fúria, começou a consumir os Panchalas com suas flechas. E enquanto engajado em subjugar aquelas divisões e exterminá-las com suas flechas, a forma de Drona tornou-se semelhante àquela do resplandecente fogo Yuga. Aquele poderoso guerreiro em carro perfurou carros, elefantes, e corcéis, e soldados a pé, naquela batalha, cada um com somente uma única flecha, (e nunca empregando mais do que uma em qualquer caso). Lá então não havia guerreiro no exército

Pandava que fosse capaz de resistir, ó senhor, às flechas disparadas do arco de Drona. Chamuscadas pelos raios do sol e destruídas pelas flechas de Drona, as divisões Pandava lá começaram a vacilar sobre o campo. E tua hoste também, similarmente massacrada pelo filho de Prishata, parecia se inflamar em todos os pontos como uma floresta seca em chamas. E enquanto ambos Drona e Dhrishtadyumna estavam massacrando as duas hostes, os guerreiros de ambos os exércitos, em total desconsideração por suas vidas, lutavam em todos os lugares até a máxima extensão de sua destreza. Nem na tua hoste, nem naquela do inimigo, ó touro da raça Bharata, houve um único guerreiro que fugiu da batalha por medo. Aqueles irmãos, isto é, Vivingsati e Chitrasena e o poderoso guerreiro em carro Vikarna, cercaram o filho de Kunti Bhimasena por todos os lados. E Vinda e Anuvinda de Avanti, e Kshemadhurti de grande destreza deram assistência aos teus três filhos (que lutavam contra Bhimasena). O rei Valhika de grande energia e ascendência nobre, com suas próprias tropas e conselheiros, resistiu aos filhos de Draupadi. Saivya, o chefe dos Govasanas, com mil guerreiros principais, enfrentou o filho, de grande destreza, do rei dos Kasis e resistiu a ele. O rei Salya, o soberano dos Madras, cercaou o nobre Yudhishthira, o filho de Kunti, que parecia com um fogo ardente. O bravo e colérico Duhsasana, devidamente protegido por suas próprias divisões, procedeu furiosamente, naquela batalha, contra Satyaki, aquele principal dos guerreiros em carros. Eu mesmo, com minhas próprias tropas, vestido em armadura e equipado com armas, e protegido por quatrocentos dos arqueiros principais, resisti a Chekitana. (Parece, portanto, que Sanjaya não era somente uma testemunha da batalha para narrar o que ele via para Dhritarashtra, mas pelo menos às vezes ele tomava parte na batalha.) Sakuni com setecentos guerreiros Gandhara armados com arcos, dardos e espadas, resistiu ao filho de Madri (Sahadeva). Vinda e Anuvinda de Avanti, aqueles dois arqueiros formidáveis, que tinham, por causa de seu amigo (Duryodhana), erguido suas armas, desconsiderando suas vidas, enfrentaram Virata, o rei dos Matsyas. O rei Valhika, se esforçando vigorosamente, resistiu ao poderoso e invicto Sikhandin, o filho de Yajnasena, aquele herói capaz de resistir a todos os inimigos. O chefe de Avanti, com os Sauviras e os cruéis Prabhadrakas, resistiu ao colérico Dhrishtadyumna, o príncipe dos Panchalas. Alamvusha rapidamente avançou contra o bravo Rakshasa Ghatotkacha de feitos cruéis, que estava avançando colericamente para a batalha. O poderoso guerreiro em carro Kuntibhoja, acompanhado por uma grande tropa, resistiu a Alamvusha, aquele príncipe dos Rakshasas, de aparência feroz. Assim, ó Bharata, centenas de combates separados entre os guerreiros do teu exército e do deles, ocorreram.'"

"Com relação ao soberano dos Sindhus, ele permaneceu na retaguarda do exército inteiro protegido por muitos principais dos arqueiros e guerreiros em carros numerando Kripa entre eles. E o soberano dos Sindhus tinha como os protetores de suas rodas dois dos guerreiros mais notáveis, isto é, o filho de Drona à sua direita, ó rei, e o filho de Suta (Karna) à esquerda. E para proteger sua retaguarda ele tinha diversos guerreiros encabeçados pelo filho de Somadatta, ou seja, Kripa, e Vrishasena, e Sala, e o invencível Salya, que eram familiarizados com política e eram poderosos arqueiros talentosos em batalha. E os guerreiros

Kuru, tendo feito esses arranjos para a proteção do soberano dos Sindhus, lutaram (com os Pandavas).'"

95

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, a mim enquanto eu descrevo para ti a maravilhosa batalha que então ocorreu entre os Kurus e os Pandavas. Aproximando-se do filho de Bharadwaja que estava permanecendo na entrada de sua formação de combate, os Parthas lutaram vigorosamente para atravessar a divisão de Drona. E Drona também, acompanhado por suas tropas, desejoso de proteger sua própria ordem de batalha, lutou com os Parthas, procurando a glória. Vinda e Anuvinda de Avanti, excitados com cólera e desejosos de beneficiar teu filho, atingiram Virata com dez flechas. Virata também, ó rei, se aproximando daqueles dois guerreiros de grande destreza permanecendo em batalha, lutou com eles e seus seguidores. A batalha que teve lugar entre eles foi feroz ao extremo, e sangue correu nela como água. E ela parecia um combate nas florestas entre um leão e um par de elefantes poderosos, com têmporas fendidas. O filho poderoso de Yajnasena atingiu violentamente o rei Valhika naquela batalha com flechas ardentes e afiadas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. Valhika também cheio de fúria, perfurou profundamente o filho de Yajnasena com nove flechas retas de asas douradas e afiadas em pedra. E aquela batalha entre aqueles dois guerreiros tornou-se extremamente violenta, caracterizada como ela era por chuvas densas de flechas e dardos. E ela aumentou os temores dos tímidos e a alegria de heróis. As flechas disparadas por eles cobriram totalmente o firmamento e todos os pontos do horizonte, tanto que nada mais podia ser discernido. E Saivya, o rei dos Govasanas na dianteira das tropas, lutou naquela batalha com o poderoso guerreiro em carro, o príncipe dos Kasis, como um elefante lutando com outro. O rei dos Valhikas, estimulado pela ira, lutando contra aqueles (cinco) poderosos guerreiros em carros, os filhos de Draupadi, parecia resplandecente, como a mente lutando contra os cinco sentidos. E aqueles cinco príncipes também, ó principal dos seres incorporados, lutaram com aquele antagonista deles, disparando suas flechas de todos os lados, como os objetos dos sentidos sempre lutando com o corpo. Teu filho Duhsasana atingiu Satyaki da linhagem de Vrishni com nove flechas retas de pontas afiadas. Profundamente perfurado por aquele arqueiro forte e formidável, Satyaki de destreza incapaz de ser frustrada foi parcialmente privado de seus sentidos. Confortado logo, ele, da linhagem de Vrishni, então rapidamente perfurou teu filho, aquele poderoso guerreiro em carro, com dez flechas aladas com penas Kanka. Perfurando um ao outro profundamente e atormentados pelas flechas um do outro, eles pareciam esplêndidos, ó rei, como duas Kinsukas decoradas com flores. Afligido pelas setas de Kuntibhoja, Alamvusha, cheio de cólera parecia com uma bela Kinsuka agraciada com sua carga florida. O Rakshasa então tendo perfurado Kuntibhoja com muitas setas, proferiu gritos horríveis na dianteira da tua hoste. E quando aqueles heróis lutavam um com o outro naquela batalha, eles pareciam para todas as tropas se assemelhar com Sakra e o Asura Jambha nos tempos antigos. Os dois filhos de Madri, cheios de fúria, oprimiram violentamente com suas flechas o

príncipe Gandhara Sakuni que os tinha ofendido muito. A carnificina, ó monarca, que começou foi horrível. Originado por ti, alimentado por Karna, e conservado por teus filhos, o fogo da ira (dos Pandavas) tinha aumentado agora, ó monarca, e estava pronto para consumir a terra inteira. Forçado a voltar suas costas no campo pelos dois filhos de Pandu com suas flechas, Sakuni incapaz de empregar sua bravura, não sabia o que fazer. Vendo ele retroceder, aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os dois filhos de Pandu, mais uma vez despejaram suas flechas sobre ele como duas massas de nuvens despejando torrentes de chuva em uma colina imensa. Atingido por inúmeras flechas retas, o filho de Suvala fugiu em direção à divisão de Drona, levado por seus corcéis rápidos. O bravo Ghatotkacha avançou em direção ao Rakshasa Alamvusha naquela batalha, com impetuosidade muito menor da que ele era capaz. A batalha entre aqueles dois tornou-se terrível de se contemplar, como aquela que ocorreu nos tempos antigos entre Rama e Ravana. O rei Yudhishthira, tendo naquela batalha perfurado o soberano dos Madras com quinhentas flechas, perfurou-o novamente com sete. Então começou aquela batalha entre eles a qual foi muito extraordinária, ó monarca, que parecia com aquela, dos tempos passados, entre o Asura Samvara e o chefe dos celestiais. Teus filhos Vivinsati e Chitrasena e Vikarna, cercados por uma grande tropa, lutaram com Bhimasena.'"

96

"Sanjaya disse, 'Quando aquela batalha feroz, de arrepiar os cabelos, começou, os Pandavas avançaram contra os Kauravas que tinham sido divididos em três grupos. Bhimasena avançou contra o poderosamente armado Jalasandha, e Yudhishthira, na dianteira de suas tropas avançou, naquela batalha, contra Kritavarman. E Dhrishtadyumna, ó rei, espalhando flechas, como o sol disparando seus raios, avançou contra Drona. Então começou aquela batalha entre aqueles arqueiros, ávidos pelo combate, dos Kurus e dos Pandavas, cheios de ira. E durante o progresso daquela terrível carnificina, quando todos os guerreiros estavam lutando uns com os outros destemidamente o poderoso Drona lutou com o poderoso príncipe dos Panchalas. E as nuvens de flechas que ele disparava naquele combate encheram todos os espectadores com admiração. E Drona e o príncipe dos Panchalas, cortando as cabeças de homens às milhares, as espalharam no campo de batalha, fazendo o último parecer com uma floresta de lotos. Em todas as divisões logo estavam espalhados no chão vestes e ornamentos e armas, e bandeiras e cotas de malha. E cotas douradas de malha, tingidas com sangue, pareciam nuvens carregadas com relâmpago. Outros poderosos guerreiros em carros, esticando seus arcos grandes medindo seis cúbitos completos de comprimento, derrubavam com suas flechas elefantes e corcéis e homens. Naquele combate terrível de armas entre guerreiros bravos e de grande alma, espadas e escudos, arcos e cabeças cotas de malha eram vistos jazendo espalhados em volta. Inúmeros troncos sem cabeça eram vistos surgirem, ó rei, no meio daquela batalha violenta. E urubus e Kankas e chacais e enxames de outros animais carnívoros, ó majestade, eram vistos lá, comendo a carne de

homens e corcéis e elefantes caídos, bebendo seu sangue, ou arrastando eles pelo cabelo, ou lambendo ou bicando, ó rei, em sua medula, ou arrastando seus corpos e membros cortados, ou rolando suas cabeças no chão. Guerreiros, hábeis em batalha, talentosos com armas, e firmemente decididos em batalha, lutaram vigorosamente em combate, desejosos somente de fama. Muitos eram os combatentes que corriam a toda velocidade sobre o campo, realizando as diversas evoluções de espadachins. Com sabres e dardos e lanças e arpões e machados, com maças e clavas com pontas e outras espécies de armas, e até com braços nus, homens que tinham entrado na arena da batalha, cheios de raiva, matavam uns aos outros. E guerreiros em carros lutaram com guerreiros em carros, e cavaleiros com cavaleiros, e elefantes com principais dos elefantes, e soldados a pé com soldados a pé. E muitos elefantes enfurecidos, como se completamente loucos, proferiam gritos altos e matavam uns aos outros, do mesmo modo que eles fazem em arenas esportivas.'"

"Durante o progresso, ó rei, daquela batalha na qual os combatentes lutaram sem qualquer consideração um pelo outro, Dhrishtadyumna fez seus próprios corcéis se confundirem com aqueles de Drona. Aqueles corcéis dotados da velocidade do vento, que eram brancos como pombos e vermelhos como sangue, assim misturados uns com os outros em batalha, pareciam muito belos. De fato, eles pareciam resplandecentes como nuvens carregadas com relâmpago. Então aquele matador de heróis hostis, o heróico Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, vendo Drona, ó Bharata, chegado tão perto, abandonou seu arco e pegou sua espada e escudo, para realizar um feito difícil. Agarrando o varal do carro de Drona, ele entrou nele. E ele ficava às vezes no meio da canga, e às vezes em suas juntas e às vezes atrás dos corcéis. E enquanto ele estava se movendo, armado com espadas, rapidamente sobre as costas daqueles cavalos vermelhos de Drona, o último não pode encontrar uma oportunidade para golpeá-lo. Tudo isso parecia extraordinário para nós. De fato, como a varredura de um falcão nas florestas pelo desejo de alimento, parecia aquela investida de Dhrishtadyumna de seu próprio carro para a destruição de Drona. Então Drona cortou, com cem setas, o escudo, decorado com cem luas, do filho de Drupada, e então sua espada, com dez outras. E o poderoso Drona então, com sessenta e quatro setas, matou os corcéis de seu adversário. E com um par de flechas de cabeça larga ele cortou o estandarte do último e guarda-sol também, e então matou ambos os seus quadrigários Parshni. E então com grande velocidade puxando a corda de seu arco até sua orelha, ele disparou nele uma flecha fatal, como o manejador do raio arremessando o raio (em um inimigo). Mas logo Satyaki, com quatorze flechas afiadas, cortou aquela seta fatal de Drona. E dessa maneira o herói Vrishni, ó majestade, salvou Dhrishtadyumna, que tinha sido apanhado por aquele leão entre homens, o principal dos preceptores, como um veado apanhado pelo rei das florestas. Assim mesmo agiu aquele touro entre os Sinis, o príncipe dos Panchalas. Vendo Satyaki resgatar o príncipe dos Panchalas na batalha terrível, Drona rapidamente disparou vinte e seis flechas nele. O neto de Sini então, em retorno, perfurou Drona no centro do peito com vinte e seis flechas, enquanto o último estava empenhado em devorar os Srinjayas. Então todos os guerreiros em

carros Panchala, desejosos de vitória para o herói Satwata, procedendo contra Drona, rapidamente retiraram Dhrishtadyumna da batalha.'"

97

"Dhritarashtra disse, 'Depois que as flechas de Drona tinham sido cortadas e Dhrishtadyumna assim resgatado, ó Sanjaya, por Yuyudhana, aquele principal da linhagem Vrishni, o que aquele arqueiro formidável, aquele mais notável de todos os manejadores de armas, Drona, fez em batalha para aquele tigre entre homens, o neto de Sini?'"

"Sanjaya disse, 'Então Drona, como uma cobra poderosa, tendo a ira como seu veneno, seu arco esticado como sua boca escancarada, suas flechas afiadas como seus dentes e setas como suas presas afiadas, com olhos vermelhos como cobre de raiva, e respirando fortemente, aquele herói poderoso entre os homens, perfeitamente destemido, levado em seus corcéis vermelhos de grande velocidade, que pareciam se elevar aos céus ou alcançar o topo de uma montanha, avançou em direção a Yuyudhana, espalhando suas flechas providas de asas douradas. Então aquele subjugador de cidades hostis, aquele herói da linhagem de Sini invencível em batalha, vendo aquela irresistível nuvem Drona tendo chuvas de setas como seu aguaceiro aquoso, o estrépito das rodas do carro como seu ribombo, o arco esticado como seu volume, flechas longas como seus lampejos de relâmpago, dardos e espadas como seu trovão, cólera como os ventos e impulsionada adiante por aqueles corcéis que constituíam o furacão (a impelindo para a frente), avançando em direção a ele, dirigiu-se a seu quadrigário e disse sorridente, 'Ó Suta, proceda rapidamente e alegremente, instigando os corcéis à sua maior velocidade, contra aquele Brahmana heróico, decaído dos deveres de sua classe, aquela proteção do filho de Dhritarashtra, aquele dissipador das tristezas e receios do rei (Kuru), aquele preceptor de todos os príncipes, aquele guerreiro sempre vaidoso de sua destreza.' Então os excelentes corcéis de cor prateada pertencentes a ele da linhagem de Madhu, dotados da velocidade do vento, foram rapidamente em direção a Drona. Então aqueles dois castigadores de inimigos, ou seja, Drona e o neto de Sini, lutaram um com o outro, cada um atacando o outro com milhares de flechas. Aqueles dois touros entre homens encheram o céu com suas chuvas de flechas. De fato, os dois heróis cobriram os dez pontos do horizonte com suas flechas. E eles despejaram um no outro suas flechas como duas nuvens despejando seus conteúdos (sobre a terra) no término do verão. O sol ficou invisível. O próprio vento parou de soprar. E por consequência daquelas chuvas de flechas enchendo o céu, uma escuridão contínua e densa foi causada lá que se tornou insuportável para os outros heróis. E quando as flechas de Drona e do neto de Sini tinham causado aquela escuridão naquele local, ninguém viu qualquer cessação nos disparos em um ou outro. Eles eram ambos rápidos no uso de armas, e eles eram ambos considerados como leões entre homens. O som produzido por aquelas torrentes de setas, disparadas por ambos batendo umas contra as outras era ouvido parecer o som do trovão lançado por Sakra. As formas de guerreiros heróicos perfurados com flechas

compridas pareciam com aquelas de cobras, ó Bharata, atingidas por cobras de veneno virulento. Bravos guerreiros ouviam incessantemente a vibração de seus arcos e os sons de suas palmas parecerem o som do raio caindo sobre topos de montanhas. Os carros de ambos aqueles guerreiros, ó rei, seus corcéis, e seus quadrigários perfurados com flechas de asas douradas tornaram-se belos de se ver. Ameaçadora foi a chuvarada, ó monarca, de flechas que eram brilhantes e retas e que pareciam resplandecentes como cobras de veneno virulento livres de suas peles. Os guarda-sóis de ambos estavam cortados, como também os estandartes de ambos. E os dois estavam cobertos com sangue, e ambos estavam inspirados com a esperança de vitória. Com sangue escorrendo por todos os membros deles, eles pareciam um par de elefantes com secreções escorrendo por seus corpos. E eles continuaram a atingir um ao outro com setas fatais. Os rugidos e gritos e outros berros dos soldados, o clangor de conchas e a batida de baterias pararam, ó rei, pois ninguém proferia qualquer som. De fato, todas as divisões ficaram silenciosas, e todos os guerreiros pararam de lutar. As pessoas, cheias de curiosidade se tornaram espectadoras daquele duelo. Guerreiros em carros e condutores de elefantes e cavaleiros e soldados de infantaria, cercando aqueles dois touros entre homens, testemunharam seu combate com olhos firmes. E as divisões de elefantes permaneceram imóveis e assim também as divisões de cavalos, e assim também as divisões de carros. Todos ficaram imóveis, dispostos em formação de combate. Matizadas com pérolas e corais, decoradas com jóias e ouro, adornadas com estandartes e ornamentos, com cotas de malha feitas de ouro, com pendões triunfais, com ricas coberturas de elefantes, com finos cobertores, com armas brilhantes e afiadas, com rabos de iaque, ornamentadas com ouro e prata, nas cabeças de corcéis, com guirlandas, ao redor dos globos frontais de elefantes e aros em volta de suas presas, ó Bharata, as hostes Kuru e Pandava então pareciam com uma massa de nuvens no fim do verão, enfeitada com fileiras de garças e miríades de pirilampos (abaixo delas) e adornada com arco-íris e lampejos de relâmpago. Os nossos homens e aqueles de Yudhishthira viram aquela batalha entre Yuyudhana e Drona de grande alma; os deuses também, encabeçados por Brahma e Soma, e os Siddhas, e os Charanas, e os Vidyadharas, e as grandes Cobras, a viram, posicionados em seus principais dos carros que percorriam o céu. E contemplando os diversos movimentos, para frente e para trás, daqueles leões entre homens, e seus atos de golpear um ao outro, os espectadores estavam cheios de admiração. E ambos dotados de grande força, Drona e Satyaki, mostrando sua agilidade de mão no uso de armas, começaram a perfurar um ao outro com flechas. Então ele da linhagem de Dasarha, com suas flechas poderosas, cortou aquelas do ilustre Drona naquela batalha, e então, dentro de um momento, o arco do último também. No entanto, num piscar de olhos o filho de Bharadwaja pegou outro arco e encordoou-o. Até aquele arco dele foi cortado por Satyaki. Drona então, com a maior rapidez esperou com outro arco na mão. Tantas vezes, no entanto, quanto Drona encordoou seu arco, Satyaki o cortou. E isso ele fez dezesseis vezes no total. Vendo então aquela façanha sobre-humana de Yuyudhana em batalha, Drona, ó monarca, pensou em sua mente, 'Essa força de armas que eu vejo nesse mais notável entre os Satwatas existe em Rama e Dhananjaya e foi vista também em Kartavirya e naquele tigre entre homens,

Bhishma.' O filho de Bharadwaja, portanto, mentalmente aplaudiu a destreza de Satyaki. Vendo aquela agilidade de mão igual àquela do próprio Vasava, aquele principal dos regenerados, aquele mais notável de todos os homens conhecedores de armas, estava muito satisfeito com Madhava. E os deuses também, com Vasava em sua chefia, estavam satisfeitos com isso. Os deuses e os Gandharvas, ó monarca, nunca antes tinham testemunhado aquela agilidade de mão de Yuyudhana que se movia rapidamente, embora eles e os Siddhas e os Charanas estivessem familiarizados com os feitos dos quais Drona era capaz. Então Drona, aquela principal das pessoas conhecedoras de armas, aquele subjugador de Kshatriyas, pegando outro arco, mirou algumas armas. Satyaki, no entanto, frustrando aquelas armas com a ilusão da sua própria arma o atingiu com algumas flechas afiadas. Tudo isso parecia muito extraordinário. Vendo aquele feito sobre-humano dele em batalha, aquele feito do qual ninguém mais era capaz, e que mostrava habilidade formidável, aqueles entre teus guerreiros que eram julgadores de habilidade o aplaudiram. Satyaki disparou as mesmas armas que Drona disparou. Vendo isso, aquele opressor de inimigos, o preceptor, lutou com uma ousadia um pouco menor do que a usual. Então aquele mestre da ciência militar, ó rei, cheio de ira, invocou armas celestes para a destruição de Yuyudhana. Contemplando aquela terrível arma Agneya massacrante de inimigos, Satyaki, aquele arqueiro poderoso, invocou outra arma celeste, ou seja, a Varuna. Vendo ambos fazerem uso de armas celestes, altos gritos de 'Oh' e 'Ai' se ergueram lá. As próprias criaturas que tem o céu como seu elemento pararam de percorrê-lo. Então as armas Varuna e Agneya as quais tinham sido assim enxertadas em suas flechas indo uma contra a outra tornaram-se inúteis. (As armas celestes eram forças dependentes de mantras. Flechas comuns, insufladas com esses mantras, eram convertidas em armas celestes.) Exatamente naquele momento, o sol passou para baixo em seu curso. Então o rei Yudhishthira e Bhimasena, o filho de Pandu, e Nakula, e Sahadeva, desejosos de proteger Satyaki, e os Matsyas, e as tropas Salweya, procederam rapidamente em direção a Drona. Então milhares de príncipes colocando Duhsasana em sua dianteira, procederam depressa em direção a Drona (para proteger a ele) que estava cercado por inimigos. Então, ó rei, começou uma batalha violenta entre eles e teus arqueiros. A terra estava coberta com poeira e com chuvas de flechas disparadas (por ambos os lados). E tudo estando assim encoberto, nada mais podia ser discernido. De fato, quando as tropas estavam assim submersas pelo pó, a batalha prosseguiu em total desconsideração (de pessoas e regras).'"

98

"Sanjaya disse, 'Quando o sol se dirigiu em seu rumo para baixo para o topo das colinas Asta, quando o céu estava coberto com poeira, quando o calor dos raios solares diminuiu, o dia começou a passar rápido. Com relação aos soldados, algum descansaram, alguns continuaram lutando, alguns voltaram para o combate, desejosos de vitória. E enquanto as tropas, inspiradas com esperança de vitória, estavam assim envolvidas em combate, Arjuna e Vasudeva procederam

em direção ao lugar onde o soberano dos Sindhus estava. O filho de Kunti, por meio de suas flechas, fez (por meio dos soldados hostis) um caminho suficientemente largo para seu carro. E foi nesse caminho que Janardana procedeu, (guiando o carro). Para onde o carro do filho de grande alma de Pandu procedia, lá tuas tropas, ó monarca, se dividiam e produziam um caminho. E ele da linhagem de Dasarha, dotado de grande energia, mostrou sua habilidade em dirigir carros por mostrar diversos tipos de movimentos circulares. E as flechas de Arjuna, gravadas com seu nome, bem temperadas, parecendo o fogo Yuga, amarradas em volta com categutes (fios resistentes feitos usualmente de intestinos de carneiro), de juntas retas, grossas, de longo alcance, e feitas ou de bambus (fendidos ou seus ramos) ou totalmente de ferro, tirando as vidas de diversos inimigos, beberam naquela batalha, com as aves (predadoras reunidas lá), o sangue de criaturas vivas. Permanecendo em seu carro, quando Arjuna disparava suas flechas duas milhas completas adiante, aquelas flechas perfuravam e despachavam seus inimigos exatamente quando aquele próprio carro alcançava o local. (Em outras palavras, o carro de Arjuna se movia tão rapidamente pelo meio do inimigo quanto as próprias flechas disparadas a partir dele.) Hrishikesa prosseguiu, levado por aqueles cavalos portadores de canga dotados da velocidade de Garuda ou do vento, com tal velocidade que ele fez o mundo inteiro se surpreender com isso. De fato, ó rei, o carro do próprio Surya, ou aquele de Rudra ou aquele de Vaisravana nunca correm tão rápido. O carro de ninguém mais alguma vez antes se moveu com tal velocidade em batalha como o carro de Arjuna, se movendo com a celeridade de um desejo nutrido na mente. Então Kesava, ó rei, aquele matador de heróis hostis, tendo pegado o carro de batalha instigou rapidamente os corcéis, ó Bharata, através das tropas (hostis). Chegados no meio daquela multidão de carros, aqueles corcéis excelentes levaram o carro de Arjuna com dificuldade, sofrendo como eles estavam de fome, sede, e fadiga, e mutilados como eles tinham sido pelas armas de muitos heróis que se deleitavam em batalha. Eles frequentemente, no entanto, descreviam belos círculos conforme eles se moviam, procedendo por cima dos corpos de corcéis e homens mortos, sobre carros quebrados, e os corpos de elefantes mortos, parecendo com colinas aos milhares.'"

"Enquanto isso, ó rei, os dois irmãos heróicos de Avanti, (Vinda e Anuvinda), na dianteira de suas tropas, vendo que os corcéis de Arjuna estavam cansados, o enfrentaram. Cheios de alegria, eles perfuraram Arjuna com sessenta e quatro flechas, e Janardana com setenta, e os quatro corcéis (do carro de Arjuna) com cem setas. Então Arjuna, ó rei, cheio de fúria, e tendo o conhecimento das partes vitais do corpo, atingiu ambos na batalha com nove flechas retas, cada uma das quais era capaz de penetrar nos próprios órgãos vitais. Nisso, os dois irmãos, cheios de raiva, cobriram Vibhatsu e Kesava com chuvas de flechas e proferiram rugidos leoninos. Então Partha de corcéis brancos, com um par de flechas de cabeça larga, cortou rapidamente naquela batalha os belos arcos dos dois irmãos e então seus dois estandartes, brilhantes como ouro. Vinda e Anuvinda então, ó rei, pegando outros arcos e ficando enfurecidos, começaram a oprimir o filho de Pandu com suas setas. Então Dhananjaya, o filho de Pandu, extremamente furioso, mais uma vez, com um par de flechas cortou rapidamente aqueles dois

arcos também de seus inimigos. E com umas poucas outras setas afiadas em pedra e providas de asas de ouro Arjuna então matou seus corcéis, seus quadrigários, e os dois combatentes que protegiam sua retaguarda, com aqueles que seguiam os últimos. E com outra flecha de cabeça larga, afiada como uma navalha, ele cortou a cabeça do irmão mais velho, que caiu no chão, privado de vida, como uma árvore quebrada pelo vento. O poderoso Anuvinda então dotado de grande coragem, vendo Vinda morto deixou seu carro sem cavalos, tendo pegado uma maça. Então aquele principal dos guerreiros em carros, o irmão de Vinda, aparentemente dançando quando ele avançou com aquela maça em seus braços, procedeu naquela batalha para vingar a morte de seu irmão mais velho. Cheio de raiva, Anuvinda golpeou Vasudeva na testa com aquela maça. O último, no entanto, não tremeu, mas permaneceu imóvel como a montanha Mainaka. Então Arjuna, com seis flechas, cortou seu pescoço e duas pernas e dois braços e cabeça. Assim cortados (em fragmentos, os membros de) Anuvinda caíram como muitas colinas. Vendo eles ambos mortos, seus seguidores, ó rei, cheios de fúria avançaram (em direção a Arjuna), espalhando centenas de setas. Matando eles logo, ó touro da raça Bharata, Arjuna parecia resplandecente como um fogo consumindo uma floresta no término do inverno. Atravessando aquelas tropas com alguma dificuldade, Dhananjaya então resplandecia brilhantemente como o sol nascido, ultrapassando as nuvens sob as quais ele estava escondido. Vendo ele, os Kauravas se enchiam de medo. Mas se recuperando logo, eles se regozijavam novamente e avançavam nele de todos os lados. Ó touro da raça Bharata! Compreendendo que ele estava cansado e que o soberano dos Sindhus ainda estava a uma distância, eles o cercaram, proferindo rugidos leoninos. Vendo eles cheios de ira, Arjuna, aquele touro entre homens, dirigiu-se sorridente a ele da linhagem de Dasarha em palavras gentis, e disse, 'Nossos cavalos estão atormentados por flechas e cansados. O soberano dos Sindhus está ainda a uma distância. O que você acha que é o melhor que deve ser feito agora? Diga-me, ó Krishna, realmente. Tu és sempre a mais sábia das pessoas. Os Pandavas tendo a ti como seus olhos derrotarão seus inimigos em batalha. Aquilo que me parece que deve ser feito em seguida, realmente eu te direi. Desatrelando os corcéis para sua tranquilidade, arranque suas flechas, ó Madhava!' Assim endereçado por Partha, Kesava respondeu para ele, 'Eu sou, também, ó Partha, da opinião que tu expressaste.'"

"Arjuna então disse, 'Eu manterei sob controle o exército inteiro, ó Kesava! Realize devidamente o que deve ser feito em seguida.'"

"Sanjaya continuou, 'Descendo então do terraço de seu carro, Dhananjaya, pegando seu arco, Gandiva, ficou lá destemidamente como uma colina imóvel. Vendo Dhananjaya parado no chão, e considerando essa uma boa oportunidade, os Kshatriyas, desejosos de vitória e proferindo gritos altos, avançaram em direção a ele. Ele estando sozinho, eles o cercaram com uma multidão grande de carros, todos esticando seus arcos e derramando suas flechas nele. Cheios de cólera, eles mostraram diversas espécies de armas e cobriram totalmente Partha com suas flechas como nuvens cobrindo o sol. E os grandes guerreiros Kshatriya avançaram impetuosamente contra aquele touro entre os Kshatriyas, aquele leão

entre homens, como elefantes enfurecidos avançando em direção a um leão. O poder então que nós vimos das armas de Partha foi formidável, já que, cheio de raiva, sozinho, ele conseguiu resistir àqueles inúmeros guerreiros. O pujante Partha, desviando com suas próprias armas aquelas dos inimigos, cobriu rapidamente todos eles com flechas incontáveis. Naquela parte do céu, ó monarca, por causa do choque daquelas chuvas densas de flechas, um fogo foi gerado emitindo incessantes faíscas. Lá, por causa de heróis hostis, incontáveis em número, todos cheios de ira, e todos grandes arqueiros reunidos para um propósito comum, buscando vitória em batalha, ajudados por corcéis, cobertos com sangue e respirando fortemente, e por elefantes enfurecidos e opressores de inimigos, proferindo gritos altos, a atmosfera ficou extremamente quente. Àquele oceano que não podia ser cruzado, largo, e ilimitado de carros, incapaz de ser agitado, tendo flechas como sua correnteza, estandartes como seus redemoinhos, elefantes como seus crocodilos, soldados de infantaria como seus peixes incontáveis, o clangor de conchas e a batida de baterias como seu ribombar, carros como suas ondas oscilantes, proteções para a cabeça de combatentes como suas tartarugas, guarda-sóis e bandeiras como sua espuma, e os corpos de elefantes mortos como suas rochas (submarinas), Partha resistiu com suas flechas, como um continente à aproximação do mar. Então, no decorrer daquela batalha, Janardana de braços fortes, dirigindo-se destemidamente àquele amigo querido dele, aquele mais notável dos homens, isto é, Arjuna, disse a ele: 'Não há poço aqui no campo de batalha, ó Arjuna, para os corcéis beberem dele. Os corcéis querem água para beber, mas não para um banho.' Assim endereçado por Vasudeva, Arjuna disse alegremente, 'Aqui está!' E assim dizendo, ele perfurou o solo com uma arma e fez um lago excelente do qual os corcéis podiam beber. E aquele lago abundava em cisnes e patos, e era adornado com Chakravakas. E ele era amplo e cheio de água transparente, e cheio de lotos totalmente desabrochados da melhor espécie. E ele abundava com diversas espécies de peixes. E insondável em profundidade, ele era o recanto de muitos Rishis. E o Rishi celeste, Narada, foi dar uma olhada naquele lago criado lá num momento. E Partha, capaz de realizar trabalhos maravilhosos como o próprio Tvashtri (o artífice celeste), também construiu lá um salão de flechas, tendo flechas como suas traves e vigas, flechas como seus pilares, e flechas como seu telhado. Então Govinda sorrindo em alegria, disse, 'Excelente!, Excelente!,' ao ver Partha de grande alma criar aquele salão de flechas.'"

99

"Sanjaya disse, 'Depois que o filho de grande alma de Kunti tinha criado aquela água, depois que ele tinha começado a reprimir o exército hostil, e depois que ele tinha construído também aquele salão de flechas, Vasudeva de grande esplendor, descendo do carro, desatrelou os corcéis perfurados e mutilados por flechas. Contemplando aquela visão nunca vista antes, tumultos altos de aplausos foram ouvidos lá, proferidos pelos Siddhas e os Charanas e por todos os guerreiros. Poderosos guerreiros em carros (reunidos) eram incapazes de resistir ao filho de

Kunti, mesmo quando ele lutava a pé. Tudo isso parecia muito extraordinário. Embora multidões sobre multidões de carros, e miríades de elefantes e cavalos avançassem em direção a ele, ainda assim Partha não sentiu medo mas continuou lutando, levando a melhor sobre todos os seus inimigos. E os reis (hostis) dispararam chuvas de flechas no filho de Pandu. Aquele matador de heróis hostis, no entanto, o filho de Vasava, de alma virtuosa, não sentiu ansiedade de forma alguma. De fato, o bravo Partha recebeu centenas de chuvas de flechas e maças e lanças indo em direção a ele como o oceano recebe centenas sobre centenas de rios que fluem em direção a ele. Com o poder impetuoso de suas próprias armas e a força de seus braços, Partha recebeu as principais das flechas disparadas nele por aqueles principais dos reis. Embora permanecendo no solo, e sozinho, ele contudo conseguiu frustrar todos aqueles reis em seus carros, como aquele único defeito, avareza, destruindo uma hoste de talentos. Os Kauravas, ó rei, elogiaram a destreza muito extraordinária de Partha como também de Vasudeva, dizendo, 'Qual incidente já ocorreu nesse mundo, ou ocorrerá mais admirável do que esse, isto é, que Partha e Govinda, na decorrer da batalha, tenham desatrelado seus corcéis? Mostrando energia impetuosa no campo de batalha e a maior autoconfiança, aqueles melhores dos homens tem nos inspirado com grandes pensamentos.' Então Hrishikesa, de olhos como pétalas de lótus, sorrindo com a mais tranquila confiança, como se, ó Bharata, ele estivesse no meio de uma assembléia de mulheres (e não de inimigos armados), depois que Arjuna tinha criado no campo de batalha aquele salão, feito de flechas, levou os corcéis para ele, na própria visão, ó monarca, de todas as tuas tropas. E Krishna, que era bem hábil em tratar de cavalos, então removeu sua fadiga, dor, espuma (da boca deles), tremor e ferimentos. Então arrancando suas flechas e esfregando aqueles corcéis com suas próprias mãos, e fazendo eles trotarem devidamente, ele os fez beberem. Tendo feito eles beberem, e eliminado seu cansaço e dor, ele mais uma vez os uniu cuidadosamente àquele principal dos carros. Então, aquele mais notável entre todos os manejadores de armas, Sauri, de energia formidável, subindo naquele carro com Arjuna, prosseguiu com grande velocidade. Vendo o carro daquele principal dos guerreiros em carros mais uma vez equipado com aqueles cavalos de batalha, cuja sede tinha sido satisfeita, os principais entre o exército Kuru ficaram novamente desanimados. Eles começaram a suspirar, ó rei, como cobras cujas presas tinham sido arrancadas. E eles disseram, 'Oh, que vergonha, que vergonha para nós! Ambos Partha e Krishna prosseguiram, na própria vista de todos os Kshatriyas, no mesmo carro, e vestidos em armadura, e massacrando nossas tropas com tanta facilidade como meninos brincando com um brinquedo. De fato, aqueles opressores de inimigos prosseguiram na própria visão de todos os reis, mostrando destreza e não impedidos por nossos combatentes que gritavam e lutavam.' Vendo eles irem para longe, outros guerreiros disseram, 'Ó Kauravas, se apressem para matar Krishna e o enfeitado com diadema (Arjuna). Unindo seus corcéis ao seu carro diante dos olhos de todos os (nossos) arqueiros, ele da linhagem de Dasarha está procedendo em direção a Jayadratha, nos massacrando em batalha.' E alguns senhores de terra lá, ó rei, entre eles mesmos, tendo visto aquele acontecimento muito extraordinário em batalha nunca visto antes disseram, 'Ai, por causa do erro de Duryodhana, estes guerreiros do rei Dhritarashtra, os Kshatriyas, e a terra

inteira, caídos em grande desgraça, estão sendo destruídos. O rei Duryodhana não compreende isso.' Assim falaram muitos Kshatriyas. Outros, ó Bharata, disseram, 'O soberano dos Sindhus já foi despachado para a residência de Yama. De visão estreita e não familiarizado com recursos, que Duryodhana agora faça o que deve ser feito por aquele rei (isto é, seus ritos fúnebres.)' Enquanto isso, o filho de Pandu, vendo o sol rumando para as colinas Ocidentais, procedeu com maior velocidade em direção ao soberano dos Sindhus, em seus corcéis, cuja sede tinha sido saciada. Os guerreiros (Kuru) eram incapazes de resistir àquele herói poderosamente armado, aquele principal de todos os manejadores de armas, conforme ele prosseguia como o próprio Destruidor em fúria. Aquele opressor de inimigos, o filho de Pandu, desbaratando os guerreiros (à frente dele), agitou aquele exército, como um leão agitando um bando de veados, conforme ele procedia para alcançar Jayadratha. Penetrando no exército hostil, ele da linhagem de Dasarha instigou os corcéis com grande velocidade, e soprou sua concha, Panchajanya, que era da cor das nuvens. As flechas disparadas para a frente pelo filho de Kunti começaram a cair atrás dele, tão rapidamente aqueles corcéis, dotados da velocidade do vento, puxavam aquele carro. Então muitos reis, cheios de raiva, e muitos outros Kshatriyas cercaram Dhananjaya que estava desejoso de matar Jayadratha. Quando os guerreiros (Kuru) assim procederam em direção àquele touro entre homens (Arjuna) que tinha parado por um momento, Duryodhana, procedendo rapidamente, seguiu Partha naquela grande batalha. Muitos guerreiros, vendo o carro cujo estrépito parecia o ribombar de nuvens, e o qual estava equipado com aquele estandarte terrível portando o macaco e cujo pendão flutuava ao vento, ficaram muito desanimados. Então quando o sol estava quase completamente encoberto pelo pó (erguido pelos combatentes), os guerreiros (Kuru), afligidos com flechas, ficaram incapazes até de olhar, naquela batalha, para os dois Krishnas.'"

100

"Sanjaya disse, 'Ó monarca, vendo Vasudeva e Dhananjaya penetrarem em sua hoste, tendo já atravessado muitas divisões, os reis do exército fugiram com medo. Pouco tempo depois, no entanto, aqueles de grande alma, cheios de raiva e vergonha, e estimulados por seu poder, ficaram calmos e controlados, e foram em direção a Dhananjaya. Mas aqueles, ó rei, que cheios de raiva e sentimento de vingança procederam contra o filho de Pandu em batalha não retornaram, como rios nunca voltando do oceano. Vendo isso, muitos Kshatriyas ignóbeis incorreram em pecado e inferno por fugirem da batalha, como ateus rejeitando os Vedas. Ultrapassando aquela multidão de carros aqueles dois touros entre homens, finalmente, saíram fora dela, e pareciam com o sol e a lua livres das mandíbulas de Rahu. De fato, os dois Krishnas, sua fadiga dissipada, tendo atravessado aquela hoste vasta, pareciam com dois peixes que tinham passado através de uma rede forte. Tendo forçado através daquela divisão impenetrável de Drona, o caminho pela qual era obstruído por chuvas grossas de armas, aqueles dois heróis de grande alma pareciam com sóis-Yuga surgidos (no firmamento). Passando por aquelas chuvas densas de armas e livres daquele perigo iminente,

aqueles heróis de grande alma, eles mesmos obstruindo o céu com nuvens grossas de armas, pareciam com pessoas que tinham escapado de uma conflagração violenta, ou como dois peixes das mandíbulas de um makara. E eles agitaram a hoste (Kuru) como um par de makaras agitando o oceano. Teus guerreiros e teus filhos, enquanto Partha e Krishna estavam no meio da divisão de Drona, tinham pensado que aqueles dois nunca seriam capazes de escapar dela. Vendo, no entanto, aqueles dois heróis de grande esplendor saírem da divisão de Drona, eles não mais, ó monarca, esperaram pela vida de Jayadratha. Até aquele momento eles tinham esperanças fortes a respeito da vida de Jayadratha, pois eles tinham pensado, ó rei, que os dois Krishnas nunca poderiam escapar de Drona e do filho de Hridika. Frustrando aquela esperança, aqueles dois opressores de inimigos tinham, ó monarca, cruzado a divisão de Drona, como também a divisão dos Bhojas quase impossível de se atravessar. Vendo eles, portanto, vadearem por aquelas divisões e parecerem com dois fogos ardentes, teus homens foram tomados pelo desespero e não mais esperaram pela vida de Jayadratha. Então aqueles dois heróis destemidos, Krishna e Dhananjaya, aqueles aumentadores dos medos de inimigos, começaram a conversar entre eles mesmos a respeito da morte de Jayadratha. E Arjuna disse, 'Jayadratha foi colocado em seu meio por seis dos principais guerreiros em carros entre os Dhartarashtras. O soberano dos Sindhus, no entanto, não me escapará se uma vez ele for visto por mim. Se o próprio Sakra, com todos os celestiais, se tornar seu protetor em batalha, nós ainda assim o mataremos.' Dessa maneira os dois Krishnas falaram. Assim mesmo, ó de braços fortes, eles conversaram entre si, enquanto procuravam o soberano dos Sindhus. (Ouvindo o que eles disseram), teus filhos deram um alto lamento. Aqueles dois castigadores de inimigos então pareciam com um par de elefantes sedentos de grande rapidez de movimento, refrescados por beberem água, depois de terem atravessado um deserto. Além da morte e acima de decrepitude, eles então pareciam com dois comerciantes que tinham passado por uma região montanhosa abundando com tigres e leões e elefantes. De fato, vendo eles livres (de Drona e Kritavarman), teus guerreiros consideraram a aparência dos rostos de Partha e Krishna como sendo terrível; e teus homens então, de todos os lados, deram um lamento alto. Livres de Drona que parecia uma cobra de veneno virulento ou um fogo ardente, como também dos outros senhores da terra, Partha e Krishna pareciam com dois sóis resplandecentes. De fato, aqueles dois castigadores de inimigos, livres da divisão de Drona, a qual parecia o próprio oceano, pareciam estar cheios de alegria como pessoas que cruzaram com segurança o vasto oceano. Livres daquelas densas chuvas de armas, daquelas divisões protegidas por Drona e pelo filho de Hridika, Kesava e Arjuna pareciam com Indra e Agni, de refulgência brilhante. Os dois Krishnas, perfurados por flechas afiadas do filho de Bharadwaja, e com corpos ensopados com sangue, pareciam radiantes como duas montanhas enfeitadas com Karnikaras florescentes. Tendo vadeado aquele lago largo, do qual Drona constituía o jacaré, dardos formavam as cobras ferozes, flechas, os Makaras, e Kshatriyas, as águas profundas, e tendo saído daquela nuvem, constituída pelas armas de Drona, cujos trovões eram a vibração de arcos e o som de palmas, e cujos lampejos de relâmpago eram constituídos por maças e espadas, Partha e Krishna pareciam com o sol e a lua livres da escuridão. Tendo cruzado a região

obstruída pelas armas de Drona, todas as criaturas consideraram aqueles arqueiros poderosos e famosos, os dois Krishnas, como pessoas que tinham vadeado, com a ajuda de seus braços, os cinco rios, (isto é, o Satadru, o Vipasa, o Ravi, o Chandrabhaga, e o Vitasta) tendo o oceano como seu sexto, quando cheios de água durante a estação das chuvas, e abundando com jacarés. Lançando seus olhos, por desejo de matança, sobre Jayadratha que não estava longe deles, os dois heróis pareciam com dois tigres esperando pelo desejo de se lançarem sobre um veado Ruru. Tal era então o aspecto de seus rostos, que teus guerreiros, ó monarca, consideraram Jayadratha como alguém já morto. Possuidores de olhos vermelhos, ó de braços fortes, e permanecendo juntos, Krishna e o filho de Pandu, à visão de Jayadratha ficaram cheios de alegria e rugiram repetidamente. De fato, ó monarca, o esplendor então de Sauri, permanecendo com rédeas nas mãos, e de Partha armado com arco, era semelhante àquele do sol ou do fogo. Livres da divisão de Drona, sua alegria, ao verem o soberano dos Sindhus, foi como aquela de um par de falcões à visão de um pedaço de carne. Vendo o soberano dos Sindhus não muito longe, eles avançaram furiosamente em direção a ele como um par de falcões se precipitando em direção a um pedaço de carne. Vendo Hrishikesa e Dhananjaya ultrapassarem (as divisões de Drona), teu filho corajoso, o rei Duryodhana, cuja armadura tinha sido amarrada em seu corpo por Drona, e que era bem versado em tratar e guiar cavalos, avançou, em um único carro, ó senhor, para a proteção dos Sindhus. Deixando aqueles arqueiros poderosos, isto é, Krishna e Partha, para trás, teu filho, ó rei, voltou atrás, enfrentando Kesava de olhos como lótus. Quando teu filho ultrapassou Dhananjaya dessa maneira, diversos instrumentos musicais foram alegremente soprados e batidos entre todas as tuas tropas. E rugidos leoninos foram proferidos misturados com o clangor de conchas, vendo Duryodhana permanecendo diante dos dois Krishnas. Eles também, ó rei, parecendo fogos ardentes, que permaneciam como os protetores de Jayadratha, ficaram cheios de alegria ao verem teu filho em batalha. Vendo Duryodhana ultrapassá-los com seus seguidores, Krishna, ó monarca, disse para Arjuna essas palavras apropriadas para a ocasião.'"

101

"Vasudeva disse, 'Veja, ó Dhananjaya, esse Suyodhana que nos ultrapassou! Eu considero isso como muito admirável. Não há guerreiro em carro igual a ele. Suas flechas são de longo alcance. Ele é um grande arqueiro. Talentoso como ele é com armas, é muito difícil derrotá-lo em batalha. O filho poderoso de Dhritarashtra ataca duramente, e é familiarizado com todos os modos de guerra. Criado em grande luxo, ele é muito respeitado até pelos mais notáveis dos guerreiros em carros. Ele é bem habilidoso, e, ó Partha, ele sempre odeia os Pandavas. Por essas razões, ó impecável, eu acho que tu deves agora lutar com ele. Dele depende, como de uma aposta nos dados, vitória ou o contrário. Sobre ele, ó Partha, vomite aquele veneno da tua ira que tu tens nutrido por tanto tempo. Esse poderoso guerreiro em carro é a causa de todos os males dos Pandavas. Ele está agora dentro do alcance de tuas flechas. Cuide do teu sucesso. Por que o rei

Duryodhana, desejoso como ele é de reino, vem para lutar contigo? Por boa sorte é que ele está agora dentro do alcance das tuas flechas. Faça aquilo, ó Dhananjaya, pelo qual ele possa ser privado de sua própria vida. Privado de sua razão por causa de orgulho de riqueza, ele nunca sentiu qualquer angústia. Ó touro entre homens, ele não conhece também tua destreza em batalha. De fato, os três mundos com os celestiais, os Asuras, e seres humanos, não podem se arriscar a te reprimir em batalha. O que precisa ser dito, portanto, de Duryodhana somente? Por boa sorte é, ó Partha, que ele se aproximou da vizinhança do teu carro. Ó poderosamente armado, mate-o como Purandara matou Vritra. Ó impecável, Duryodhana se esforçou para causar mal a vocês. Por meio de fraude ele trapaceou o rei Yudhishthira no jogo de dados. Ó concessor de honras, embora vocês todos sejam impecáveis, esse príncipe de alma pecaminosa sempre fez vários maus atos para vocês. Nobremente determinado a lutar, ó Partha, mate sem qualquer escrúpulo esse indivíduo perverso, que é sempre colérico e sempre cruel, e que é a própria encarnação da avareza. Lembrando da privação de seu reino por fraude, seu exílio nas florestas, e dos males de Krishna, empregue tua bravura, ó filho de Pandu! Por boa sorte é que ele está dentro do alcance das flechas. Por boa sorte, é que ficando diante de ti ele se esforça para impedir teu propósito. Por boa sorte, é que ele sabe hoje que ele terá que lutar contigo na batalha. Por boa sorte é que todos os seus propósitos, até aqueles que não são agora nutridos por vocês, serão coroados com realização. Portanto, Partha, mate esse canalha de sua raça, o filho de Dhritarashtra, em batalha, como Indra nos tempos passados matou o Asura Jambha na batalha entre os celestiais e os Asuras. Se ele for morto por ti, tu poderás então atravessar esta hoste desgovernada. Corte a verdadeira raiz desses patifes de alma pecaminosa. Que o avabhritha dessa hostilidade seja agora realizado.'" (Avabhritha é o banho final pelo qual passa, no término de um sacrifício, a pessoa que realiza o sacrifício. A morte de Duryodhana segundo Krishna seria o avabhritha do sacrifício de batalha.)

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado, Partha respondeu para Kesava dizendo, 'Assim seja. Isso mesmo deve ser feito por mim. Desconsiderando tudo mais, vá para lá onde Duryodhana está. Aplicando minha destreza em batalha, eu cortarei a cabeça daquele patife que por tal longo período desfrutou do nosso reino sem um incômodo de seu lado. Eu não conseguirei, ó Kesava, me vingar eu mesmo do insulto, na forma de arrastá-la pelo cabelo, oferecido a Draupadi, não merecedora como ela era daquela injúria?' Conversando dessa maneira entre si, os dois Krishnas cheios de alegria instigaram aqueles excelentes corcéis brancos deles, desejosos de alcançar o rei Duryodhana. Com relação ao teu filho, ó touro da raça Bharata, tendo se aproximado da presença de Partha e Krishna, ele não nutriu medo, embora, ó majestade, toda a situação fosse considerada como inspiradora de medo. E os Kshatriyas lá, no teu lado, o aplaudiram muito então, pois ele procedeu para encarar Arjuna e Hrishikesa para resistir a eles. De fato, vendo o rei em combate, um grito alto foi ouvido lá, ó monarca, proferido pelo exército Kuru inteiro. Quando aquele grito terrível e ameaçador elevou-se lá, teu filho, pressionando seu inimigo duramente, impediu seu progresso. Detido por teu filho armado com arco, o filho de Kunti ficou cheio de raiva, e aquele castigador de

inimigos, Duryodhana, também ficou muito enfurecido com Partha. Vendo Duryodhana e Dhananjaya enfurecidos um com o outro, todos os Kshatriyas, de formas selvagens, começaram a observá-los de todos os lados. Vendo Partha e Vasudeva ambos cheios de raiva, teu filho, ó majestade, desejoso de lutar, os desafiou sorridente, então ele da linhagem de Dasarha ficou cheio de alegria, e Dhananjaya também, o filho de Pandu, ficou alegre. Proferindo rugidos altos, ambos sopraram suas principais das conchas. Vendo eles assim alegres, todos os Kauravas ficaram sem esperança da vida do teu filho. De fato, todos os Kauravas, e muitos até entre o inimigo, foram dominados pela aflição, e consideraram teu filho como uma libação já despejada na boca do fogo (sagrado). Teus guerreiros, vendo Krishna e o Pandava tão alegres exclamaram ruidosamente, afligidos pelo temor, 'O rei está morto!' 'O rei está morto!' Ouvindo aquele tumulto alto dos guerreiros, Duryodhana disse, 'Que seus temores sejam dissipados. Eu despacharei os dois Krishnas para a região da morte.' Dizendo a todos os seus guerreiros essas palavras, o rei Duryodhana então, expectante de sucesso, dirigiu-se a Partha com raiva e disse essas palavras: 'Se, ó Partha, tu foste gerado por Pandu aplique sobre mim, sem perda de tempo, todas as armas, celestes e terrestres, que Kesava também tem igualmente, sobre mim. Eu desejo ver tua coragem. Eles falam de muitas façanhas realizadas por ti fora da nossa vista. Mostre-me aquelas façanhas que ganharam o louvor de muitos dotados de grande heroísmo!'"

102

"Sanjaya disse, 'Dizendo essas palavras, o rei Duryodhana perfurou Arjuna com três flechas de grande impetuosidade e capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. E com quatro outras ele perfurou os quatro corcéis de seu inimigo. E ele perfurou Vasudeva no centro do peito com dez flechas, e cortando, com uma flecha de cabeça larga, o chicote nas mãos do último, ele o derrubou no chão. Então Partha, friamente e sem perder um momento, disparou nele quatorze flechas afiadas em pedra e providas de belas penas. Todas aquelas flechas, no entanto, foram repelidas pela armadura de Duryodhana. Observando a inutilidade delas, Partha mais uma vez disparou nele quatorze flechas de pontas afiadas. Mas essas também foram repelidas pela armadura de Duryodhana. Vendo suas vinte e oito flechas fracassarem, aquele matador de heróis hostis, Krishna, disse para Arjuna essas palavras: 'Eu vejo uma visão nunca antes testemunhada por mim, como os movimentos das colinas. Flechas disparadas por ti, ó Partha, estão fracassando. Ó touro da raça Bharata, teu Gandiva decaiu em poder? A força do teu aperto e o poder de teus braços se tornaram menores do que eles eram? Esse não é para ser teu último encontro com Duryodhana? Diga-me, ó Partha, pois eu te pergunto. Grande é meu assombro, ó Partha, ao ver todas essas flechas caírem em direção ao carro de Duryodhana sem produzirem o menor efeito. Ai, que desgraça é que essas tuas flechas terríveis que são dotadas do poder do trovão e que sempre perfuram os corpos de inimigos fracassam em produzir qualquer efeito.'"

"Arjuna disse, 'Eu penso, ó Krishna, que essa armadura foi posta no corpo de Duryodhana por Drona. Essa armadura, atada como ela foi, é impenetrável para minhas armas. Nessa armadura, ó Krishna, é inerente o poder dos três mundos. Somente Drona a conhece, e daquele melhor dos homens eu também aprendi. Essa armadura não pode ser perfurada por minhas armas. O próprio Maghavat, ó Govinda, não pode perfurá-la com seu trovão. Sabendo disso tudo, ó Krishna, por que tu procuras me confundir? Aquilo que ocorreu nos três mundos, aquilo que, ó Kesava, existe agora, e o que está no ventre do futuro, são todos conhecidos por ti. De fato, ó matador de Madhu, ninguém mais conhece isso melhor do que tu. Este Duryodhana, ó Krishna, equipado por Drona nessa armadura, está permanecendo destemidamente em batalha, usando essa cota de malha. Aquilo no entanto, que alguém vestindo tal armadura deve fazer, não é sabido por ele, ó Madhava! Ele a usa somente como uma mulher. Veja agora, ó Janardana, o poder de minhas armas e aquele do meu arco também. Embora protegido por tal cota de malha, eu ainda derrotarei o príncipe Kuru. O chefe dos celestiais deu essa armadura refulgente para Angiras. Do último ela foi obtida por Vrihaspati. E de Vrihaspati ela foi obtida por Purandara. O Senhor dos celestiais mais uma vez a deu para mim com os mantras para serem proferidos ao vesti-la. Mesmo se essa armadura fosse divina, se ela fosse criada pelo próprio Brahma, ainda o canalha, Duryodhana, atingido por minhas flechas, não seria protegido por ela.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras, Arjuna insuflou algumas flechas com mantras, e começou a puxá-las na corda do arco. E enquanto ele estava assim puxando elas na corda do arco, o filho de Drona as cortou com uma arma que era capaz de frustrar todas as armas. Vendo aquelas suas flechas assim frustradas de uma distância por aquele anunciador de Brahma (Aswatthaman), Arjuna, possuindo corcéis brancos, cheio de perplexidade revelou a Kesava, dizendo, 'Eu não posso, Janardana, usar duas vezes essa arma, pois se fizer isso eu matarei a mim mesmo e minhas próprias tropas.' Enquanto isso, Duryodhana, ó rei, perfurou cada um dos Krishnas naquela batalha com nove flechas parecendo cobras de veneno virulento. E mais uma vez o rei Kuru despejou suas flechas sobre Krishna e o filho de Pandu. Contemplando aquelas chuvas de flechas (disparadas por seu rei), teus guerreiros estavam cheios de alegria. Eles tocaram seus instrumentos musicais e proferiram rugidos leoninos. Então Partha, excitado com raiva naquela batalha, lambeu os cantos de sua boca. Lançando seus olhos no corpo de seu inimigo, ele não viu qualquer parte que não estivesse bem coberta com aquela armadura impenetrável. Com algumas flechas de ponta afiada então, bem disparadas de seu arco, e cada uma das quais parecia a própria Morte, Arjuna matou os corcéis de seu adversário e então seus dois quadrigários Parshni. E logo também o heróico Partha cortou o arco de Duryodhana e a proteção de couro de seus dedos. Então, Savyasachin começou a cortar o carro de seu inimigo em fragmentos. E com um par de flechas afiadas ele fez Duryodhana ficar sem carro. E então Arjuna perfurou ambas as palmas do rei Kuru. Vendo aquele grande arqueiro afligido pelas flechas de Dhananjaya e caído em grande angústia, muitos guerreiros se apressaram para o local, desejosos de resgatá-lo. Esses, com muitos milhares de carros, elefantes e cavalos bem equipados, como também com grandes grupos de soldados de infantaria, cheios

de raiva, cercados por grandes grupos de homens, nem aquele carro deles nem de Arjuna e Govinda podiam mais ser vistos. Então Arjuna, pelo poder de suas armas, começou a massacrar aquela hoste. E guerreiros em carros e elefantes, às centenas, privados de membros, caíram rápido sobre o campo. Mortos, ou no ato de serem mortos, eles fracassavam em alcançar o carro excelente. De fato, o carro no qual Arjuna estava permanecia imóvel duas milhas completas da tropa sitiante de todos os lados. Então o herói Vrishni (Krishna), sem tomar qualquer tempo, disse para Arjuna essas palavras: 'Puxe teu arco rapidamente e com grande força, pois eu soprarei minha concha.' Assim endereçado, Arjuna estirando seu arco Gandiva com grande força começou a massacrar o inimigo, disparando chuvas densas de flechas e fazendo um barulho alto por esticar a corda do arco com seus dedos. Kesava enquanto isso soprou com força e muito ruidosamente sua concha Panchajanya, seu rosto coberto com poeira. Por causa do clangor daquela concha e do som do Gandiva, os guerreiros Kuru, fortes ou fracos, todos caíram no chão. O carro de Arjuna, então livre daquela pressão, parecia resplandecente como uma nuvem impelida pelo vento. (Vendo Arjuna) os protetores de Jayadratha, com seus seguidores, ficaram cheios de raiva. De fato, aqueles arqueiros poderosos, os protetores do soberano dos Sindhus, vendo Partha de repente, proferiram gritos altos, enchendo a terra com aquele barulho. O zunido de suas flechas estava misturado com outros barulhos violentos e o alto clangor de suas conchas. Aqueles guerreiros de grande alma proferiram gritos leoninos. Ouvindo aquele tumulto terrível criado por tuas tropas, Vasudeva e Dhananjaya sopraram suas conchas. Com o alto clangor (de suas conchas), a terra inteira, com suas montanhas e mares e ilhas e as regiões inferiores, ó monarca, pareceram ser cheios. De fato, aquele clangor, ó melhor dos Bharatas, encheu todos os pontos do horizonte, e foi ecoado de volta por ambos os exércitos. Então teus guerreiros em carros, vendo Krishna e Dhananjaya, ficaram muito assustados. Logo, no entanto, eles se recuperaram e aplicaram sua energia. De fato, os grandes guerreiros em carros da tua hoste, vendo os dois Krishnas, aquelas pessoas muito abençoadas, equipados em armadura avançaram em direção a eles. A visão assim apresentada tornou-se extraordinária.'"

103

"Sanjaya disse, 'Teus guerreiros, logo que eles viram aquelas principais das pessoas das linhagens Vrishni-Andhaka e Kuru, não perderam tempo, cada um se esforçando para ser o primeiro em proceder contra eles pelo desejo de massacrá-los. E assim Vijaya também avançou contra aqueles inimigos dele. Em seus carros excelentes, decorados com ouro, envolvidos em peles de tigre, produzindo estrépito profundo, e parecendo fogo ardente, eles avançaram, iluminando os dez pontos do horizonte, armados, ó rei, com arcos, as costas de cujas varas eram enfeitadas com ouro, e que por causa de seu esplendor não podiam ser olhados, e proferindo gritos altos, e puxados por cavalos furiosos. Bhurisravas, e Sala e Karna, e Vrishasena, e Jayadratha, e Kripa, e o soberano dos Madras, e aquele principal dos guerreiros em carros, o filho de Drona, esses oito grandes guerreiros em carros, como se devorando os céus (conforme eles procediam) iluminaram os

dez pontos do horizonte com seus carros esplêndidos, envolvidos em peles de tigre e decorados com luas douradas. Vestidos em armadura, cheios de ira e sobre seus carros o estrépito dos quais parecia o ribombo de massas de nuvens, eles cobriram Arjuna de todos os lados com uma chuva de flechas afiadas. Belos corcéis da melhor raça, dotados de grande velocidade, levando aqueles formidáveis guerreiros em carros, pareciam resplandecentes porque eles iluminavam os pontos do horizonte. Seus carros puxados por corcéis principais de grande rapidez eram de diversos países e de diversas espécies, alguns criados em regiões montanhosas, alguns em rios, e alguns no país dos Sindhus, muitos principais dos guerreiros em carros entre os Kurus desejosos, ó rei, de resgatar teu filho avançaram rapidamente em direção ao carro de Dhananjaya de todos os lados. Aqueles mais notáveis dos homens, pegando suas conchas as sopraram, enchendo, ó rei, o céu e a terra com seus mares (com aquele clangor). Então aqueles principais entre os deuses, Vasudeva e Dhananjaya, também sopraram suas principais das conchas sobre a terra. O filho de Kunti soprou Devadatta, e Kesava soprou Panchajanya. O clangor alto de Devadatta, emitido por Dhananjaya, encheu a terra, o céu, e os dez pontos do horizonte. E assim Panchajanya também soprada por Vasudeva, superando todos os sons, encheu o céu e a terra. E enquanto aquele barulho terrível e violento continuou, um barulho que inspirava os tímidos com medo e os bravos com ânimo, e enquanto tambores e Jharjharas, e pratos e Mridangas, ó grande rei, eram batidos aos milhares, grandes guerreiros em carros convidados para o lado Kuru e desejosos do bem-estar de Dhananjaya, aqueles grandes arqueiros, cheios de raiva e incapazes de suportar o clangor alto das conchas de Arjuna e Krishna, aqueles reis de diversos reinos protegidos por suas respectivas tropas, sopraram suas grandes conchas com fúria, desejando responder com seus próprios toques os toques de Kesava e Arjuna. O exército Kuru então, incitado adiante por aquele clangor de conchas, tinha seus guerreiros em carros, elefantes, e corcéis cheios de ansiedade e temor. De fato, ó senhor, aquela hoste parecia como se aqueles que a compunham estivessem indispostos. A hoste Kuru agitada, ecoando com aquele clangor de conchas sopradas por bravos guerreiros, parecia ser como o céu ressoando com o barulho do trovão e caindo (por causa de alguma convulsão da natureza). Aquele tumulto alto, ó monarca, ressoou pelos dez pontos e assustou aquela hoste como incidentes críticos no fim do Yuga amedrontando todas as criaturas vivas. Então Duryodhana e aqueles oito formidáveis guerreiros em carros designados para a proteção de Jayadratha todos cercaram o filho de Pandu. O filho de Drona atingiu Vasudeva com setenta e três flechas, e o próprio Arjuna com três flechas de cabeça larga, e seu estandarte e (quatro) corcéis com cinco outras. Vendo Janardana perfurado, Arjuna, cheio de fúria, atingiu Aswatthaman com cem flechas. Então perfurando Karna com dez flechas e Vrishasena com três, o bravo Dhananjaya cortou o arco de Salya com flechas fixadas na corda, no cabo. Salya então, pegando outro arco, perfurou o filho de Pandu. E Bhurisravas o perfurou com três flechas afiadas em pedra, e equipadas com asas douradas. E Karna o perfurou com trinta e duas flechas, e Vrishasena com sete. E Jayadratha perfurou Arjuna com setenta e três flechas e Kripa perfurou-o com dez. E o soberano dos Madras também perfurou Phalguna naquela batalha com dez flechas. E o filho de Drona o perfurou com sessenta setas. E ele, mais uma vez, perfurou Partha com

cinco setas, e Vasudeva com vinte. Então o tigre entre homens, Arjuna, possuindo corcéis brancos e tendo Krishna como seu motorista, perfurou cada um daqueles guerreiros em retorno, mostrando a agilidade de suas mãos. Perfurando Karna com uma dúzia flechas e Vrishasena com três, Partha cortou o arco de Salya no cabo. E perfurando o filho de Somadatta com três flechas e Salya com dez, ele perfurou Kripa com vinte e cinco setas, e o soberano dos Sindhus com cem, Partha atingiu o filho de Drona com setenta flechas. Então Bhurisravas cheio de raiva cortou o chicote na mão de Krishna e atingiu Arjuna com vinte e três flechas. Então Dhananjaya, de corcéis brancos, cheio de ira, mutilou aqueles seus inimigos com centenas sobre centenas de setas, como uma tempestade poderosa rompendo massas de nuvens.'"

104

"Dhritarashtra, disse, 'Descreva para mim, ó Sanjaya, os diversos tipos de estandartes brilhantes com grande beleza, de Partha e dos nossos guerreiros (naquela batalha).'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, a respeito das diversas espécies de estandartes daqueles guerreiros de grande alma. Ouça-me enquanto eu descrevo suas formas e nomes. De fato, ó rei, sobre os carros daqueles principais dos guerreiros em carros eram vistos diversos tipos de estandartes que brilhavam como chamas ardentes de fogo. Feitos de ouro, ou decorados com ouro, ou adornados com fios de ouro e cada um parecendo com a montanha dourada (Meru), diversos tipos de estandartes estavam lá que eram muito belos. E aqueles estandartes dos guerreiros tinham amarrados em volta deles pendões excelentes. De fato, tendo pendões de diversas cores amarrados a eles por todos os lados, aqueles estandartes pareciam muito belos. Aqueles pendões, além disso, movidos pelo vento, pareciam com damas formosas dançando no meio de uma arena esportiva. Dotados do esplendor do arco-íris, aqueles pendões, ó touro da raça Bharata, daqueles guerreiros em carros, flutuando na brisa, enfeitavam muito seus carros. O estandarte, portando o emblema do macaco de rosto feroz e rabo como aquele do leão, pertencente a Dhananjaya, parecia inspirar temor naquela batalha. Aquele estandarte, ó rei, do manejador do Gandiva, portando aquele principal dos macacos, e adornado com muitos pendões, amedrontava a hoste Kuru. Similarmente, o estandarte principal de rabo de leão do filho de Drona, ó Bharata, nós vimos, era dotado do resplendor do sol nascente. Enfeitado com ouro, flutuando na brisa, possuidor do esplendor do arco-íris, o estandarte símbolo do filho de Drona aparecia no alto, inspirando os principais dos guerreiros Kuru com alegria. O estandarte do filho de Adhiratha portava o símbolo de um laço de elefante feito de ouro. Ele parecia, ó rei, em batalha encher o céu inteiro. O pendão, enfeitado com ouro e guirlandas, amarrado ao estandarte de Karna em batalha, agitado pelo vento, parecia dançar sobre seu carro. O preceptor dos Pandavas, aquele Brahmana, dado a penitências ascéticas, Kripa o filho de Gotama, tinha como seu símbolo um touro excelente. Aquele de grande alma, ó rei, com aquele touro, parecia tão resplandecente como o Destruidor das três

cidades (Mahadeva) parece resplandecente com seu touro. Vrishasena tinha um pavão feito de ouro e adornado com jóias e pedras preciosas. E ele (o pavão) permanecia sobre seu estandarte, como se no ato de cantar, e sempre adornava a vanguarda do exército. Com aquele pavão, o carro de Vrishasena de grande alma resplandecia, como o carro, ó rei, de Skanda (o generalíssimo celeste) brilhando com seu pavão incomparável e bela relha de arado feita de ouro e parecendo com uma chama de fogo. Aquela relha de arado, ó majestade, parecia resplandecente sobre seu carro. Salya, o soberano dos Madras, nós vimos, tinha no seu estandarte principal uma imagem semelhante à deusa que preside os cereais, dotada de beleza e produzindo toda semente. Um javali prata adornava o estandarte principal do soberano dos Sindhus. Decorado com correntes douradas, ele tinha o esplendor de um cristal branco. Com aquele símbolo prata em sua bandeira, o soberano dos Sindhus parecia tão radiante como Surya nos tempos antigos na batalha entre os celestiais e os Asuras. O estandarte do filho de Somadatta, dedicado a sacrifícios, portava o emblema da estaca sacrifical. Ele era visto brilhar como o sol ou a lua. Aquela estaca sacrifical feita de ouro, ó rei, do filho de Somadatta, parecia brilhante como a estaca alta erigida no principal dos sacrifícios chamado Rajasuya. O estandarte de Salya, ó monarca, portando um enorme elefante prata era adornado, por todos os lados, com pavões feitos de ouro. O estandarte, ó touro da raça Bharata, adornava tuas tropas como o elefante branco enorme adornando a hoste do rei celeste. No estandarte enfeitado com ouro do rei Duryodhana, havia um elefante adornado com pedras preciosas. Tilintando com o som de cem sinos, ó rei, aquele estandarte permanecia sobre o carro excelente daquele herói. E, ó rei, teu filho, aquele touro entre os Kurus, parecia resplandecente, ó monarca, com aquele estandarte alto em batalha. Esses nove estandartes excelentes permaneciam eretos entre tuas divisões. O décimo estandarte visto lá era de Arjuna, decorado com aquele macaco enorme. E com aquele estandarte Arjuna parecia muito resplandecente, como Himavat com um fogo brilhante (em seu topo). Então muitos poderosos guerreiros em carros, todos castigadores de inimigos, pegaram rapidamente seus arcos belos, brilhantes e grandes para (resistir a) Arjuna. Similarmente, Partha também, aquele realizador de façanhas divinas, pegou seu arco destruidor de inimigos, Gandiva, por causa, ó rei, da tua má política. Muitos guerreiros nobres, ó rei, foram então mortos naquela batalha devido à tua falha. Governantes de homens vieram de diferentes reinos convidados (por teus filhos). E com eles pereceram muitos corcéis e muitos elefantes. Então aqueles poderosos guerreiros em carros encabeçados por Duryodhana (em um lado) e aquele touro entre os Pandavas no outro, proferiram rugidos altos e começaram a combater. E o feito que o filho de Kunti, tendo Krishna como seu quadrigário, realizou lá, foi muito extraordinário, visto que, sozinho, ele combateu destemidamente aqueles guerreiros reunidos. E aquele herói poderosamente armado parecia radiante quando ele esticava seu arco Gandiva, desejoso de subjugar todos aqueles tigres entre homens para matar o soberano dos Sindhus. Com suas flechas disparadas às milhares, aquele tigre entre homens, Arjuna, aquele opressor de inimigos, fez todos aqueles guerreiros invisíveis (por meio de suas chuvas de flechas). De sua parte, aqueles tigres entre homens, aqueles poderosos guerreiros em carros, também fizeram Partha invisível por meio de suas nuvens de flechas disparadas de todos os lados. Vendo

Arjuna, aquele touro da raça Kuru, coberto por aqueles leões entre homens com suas flechas, alto foi o tumulto feito por tuas tropas.'"

105

"Dhritarashtra disse, 'Depois que Arjuna tinha o soberano do Sindhus dentro da visão, o que, ó Sanjaya, os Panchalas, atacados pelo filho de Bharadwaja, fizeram, enfrentando os Kurus?'"

"Sanjaya disse, 'Na tarde daquele dia, ó monarca, na batalha que ocorreu entre os Panchalas e os Kurus, Drona se tornou, por assim dizer, a aposta (pela qual cada um lutava para ganhar ou perder). Os Panchalas, ó majestade, desejosos de matar Drona, alegremente proferiram rugidos altos e dispararam chuvas densas de setas. De fato, aquele combate entre os Panchalas e os Kurus, violento, terrível, e muito extraordinário como foi, parecia aquele nos tempos antigos entre os deuses e os Asuras. De fato, todos os Panchalas com os Pandavas, tendo o carro de Drona (dentro do alcance) usaram muitas armas poderosas, desejosos de atravessar sua ordem de batalha. Guerreiros em carros posicionados sobre seus carros, fazendo a terra tremer sob eles, e derramando suas torrentes de flechas, avançaram em direção ao carro de Drona, sem muita velocidade. Então aquele poderoso guerreiro em carro entre os Kaikeyas, Vrihatkshatra, espalhando incessantemente flechas afiadas que pareciam o trovão em força, procedeu em direção a Drona. Então Kshemadhurti de grande fama rapidamente avançou contra Vrihatkshatra, disparando flechas afiadas às milhares. Vendo isso, aquele touro entre os Chedis, Dhrishtaketu, dotado de grande poder, procedeu rapidamente contra Kshemadhurti, como Mahendra procedendo contra o Asura Samvara. Vendo ele avançar com grande impetuosidade, como o próprio Destruidor com boca escancarada, aquele arqueiro poderoso, Viradhanwan, procedeu contra ele com grande velocidade. O rei Yudhishthira permanecendo lá na dianteira de sua divisão pelo desejo de vitória, foi resistido pelo próprio corajoso Drona. Teu filho Vikarna, ó senhor, dotado de grande destreza, procedeu contra Nakula de grande destreza que avançava, aquele guerreiro talentoso em batalha. Aquele opressor de inimigos, Durmukha, cobriu Sahadeva que avançava com muitos milhares de flechas que corriam rapidamente. O heróico Vyughradatta resistiu àquele tigre entre homens, Satyaki, fazendo-o tremer repetidamente por meio de suas flechas rápidas e de pontas afiadas. O filho de Somadatta resistiu aos (cinco) filhos de Draupadi, aqueles tigres entre homens, aqueles grandes guerreiros em carros, disparando colericamente flechas poderosas. Aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho feroz de Rishyasringa (o Rakshasa Alamvusha), de aparência horrível, resistiu a Bhimasena que avançava cheio de ira. O combate que então ocorreu entre aquele homem e Rakshasa pareceu, ó rei, a batalha nos tempos passados entre Rama e Ravana. Então, ó Bharata, Yudhishthira, aquele chefe dos Bharatas, atingiu Drona com noventa flechas retas em todas as suas partes vitais. Enfurecido pelo filho famoso de Kunti, Drona atingiu-o em retorno, ó chefe dos Bharatas, no centro do peito com vinte e cinco flechas. E mais uma vez, na própria vista de todos os arqueiros, Drona atingiu a

ele, com seus corcéis, quadrigário, e estandarte, com vinte flechas. O filho de Pandu, de alma virtuosa, mostrando grande agilidade de mão, desviou com suas próprias chuvas de flechas aquelas flechas disparadas por Drona. Então aquele grande arqueiro Drona, cheio de raiva, cortou o arco do rei de grande alma Yudhishthira o justo. Então aquele grande guerreiro em carro (ou seja, o filho de Bharadwaja) rapidamente cobriu Yudhishthira sem arco com muitos milhares de flechas. Vendo o rei tornado invisível pelas flechas do filho de Bharadwaja, todos pensaram que Yudhishthira estava morto, e alguns pensaram que o rei tinha fugido diante de Drona. E muitos gritaram, ó rei, dizendo, 'Ai, o rei foi morto pelo Brahmana de grande alma.' Então, o rei Yudhishthira o justo, caído em grande angústia, tendo posto de lado aquele arco cortado pelo filho de Bharadwaja em batalha pegou outro arco excelente, brilhante e mais resistente. E aquele herói então cortou naquele combate todas aquelas flechas disparadas às milhares por Drona. Tudo isso parecia muito extraordinário. Tendo cortado aquelas flechas, ó rei, Yudhishthira, com olhos vermelhos de raiva, pegou naquela batalha um dardo, capaz de fender até uma montanha. Equipado com uma vara dourada, de aparência terrível, tendo oito sinos amarrados a ele, e muito ameaçador, o poderoso Yudhishthira, erguendo-o, proferiu um rugido alto. E com aquele rugido, ó Bharata, o filho de Pandu inspirou todas as criaturas com medo. Vendo aquele dardo erguido pelo rei Yudhishthira o justo, todas as criaturas, como se de comum acordo, disseram, 'Que o bem aconteça para Drona!' Arremessado dos braços do rei, aquele dardo parecendo uma cobra após se livrar de sua pele correu em direção a Drona, iluminando o céu e todas as direções cardeais e secundárias, como uma cobra com boca ardente. Vendo ele correndo impetuosamente em sua direção, ó rei, Drona, aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de armas chamou à existência a arma chamada Brahma. Aquela arma, reduzindo aquele dardo de aparência terrível a pó, correu em direção ao carro do filho ilustre de Pandu. Então, ó majestade, o rei Yudhishthira de grande sabedoria frustrou aquela arma de Drona, assim correndo em direção a ele por ele mesmo invocar a arma Brahma. E então perfurando o próprio Drona naquela batalha com cinco flechas retas, ele cortou, com uma flecha afiada de face de navalha, o arco grande de Drona. Então Drona, aquele opressor de Kshatriyas, jogando de lado aquele arco quebrado arremessou com grande força, ó majestade, uma maça no filho de Dharma. Vendo aquela maça correndo impetuosamente em direção a ele, Yudhishthira, ó castigador de inimigos, cheio de raiva, pegou uma maça. Então aquelas duas maças, ambas arremessadas com grande força, encontrando uma à outra no meio do ar, produziram por sua colisão faíscas de fogo e então caíram no chão. Então Drona, cheio de fúria, matou, ó majestade, os corcéis de Yudhishthira, com quatro flechas excelentes de pontas afiadas. E com outra flecha de cabeça larga ele cortou o arco do rei parecendo um poste erigido para a honra de Indra. E com outra flecha ele cortou o estandarte de Yudhishthira, e com três ele afligiu o próprio Pandava. Então o rei Yudhishthira, saltando depressa daquele carro sem cavalos, permaneceu sem armas e com os braços erguidos, ó touro da raça Bharata! Vendo ele sem carro, e especialmente sem armas, Drona, ó senhor, espantou seus inimigos, mais propriamente o exército inteiro. Firmemente aderindo a seu voto, e dotado de grande agilidade de mãos, Drona disparou chuvas de flechas afiadas e avançou em direção ao rei, como um leão furioso em

direção a um veado. Vendo Drona, aquele matador de inimigos, avançar em direção a ele, gritos de 'Oh' e 'Ai' de repente se ergueram do exército Pandava. E muitos gritaram, dizendo, 'O rei foi morto pelo filho de Bharadwaja!' Lamentos altos desse tipo foram ouvidos, ó Bharata, entre as tropas Pandava. Enquanto isso, o rei Yudhishthira, o filho de Kunti, subindo no carro de Sahadeva, se retirou do campo, levado para longe por corcéis rápidos.'"

106

"Sanjaya disse, 'Kshemadhurti, ó monarca, perfurou Vrihatkshatra de grande heroísmo que avançava, aquele príncipe dos Kaikeyas, com muitas setas no peito. O rei Vrihatkshatra então, ó monarca, desejoso de atravessar a divisão de Drona, rapidamente atingiu seu antagonista com noventa flechas retas. Kshemadhurti, no entanto, cheio de raiva, cortou, com uma flecha afiada bem temperada e de cabeça larga, o arco daquele príncipe de grande alma dos Kaikeyas. Tendo cortado seu arco, Kshemadhurti então, com uma flecha afiada e reta, perfurou rapidamente naquele combate aquele principal de todos os arqueiros. Então Vrihatkshatra, pegando outro arco e sorrindo (para seu inimigo), logo fez o poderoso guerreiro em carro Kshemadhurti ficar sem cavalos e sem motorista e sem carro. E com outra flecha de cabeça larga que era bem temperada a afiada, ele cortou do tronco de seu nobre adversário sua cabeça resplandecente com (um par de) brincos. Aquela cabeça, ornada somente com cachos e um diadema, cortada de repente, caiu no chão e pareceu brilhante como um corpo luminoso caído do firmamento. Tendo matado seu inimigo, o poderoso guerreiro em carro Vrihatkshatra ficou cheio de alegria e se lançou com grande força sobre tuas tropas por causa dos Parthas. O grande arqueiro Viradhanwan, ó Bharata, dotado de grande bravura, resistiu a Dhrishtaketu que estava avançando contra Drona. Enfrentando um ao outro, aqueles dois heróis que tinham flechas como suas presas, e ambos dotados de grande energia, atacaram um ao outro com muitos milhares de setas. De fato, aqueles dois tigres entre homens lutaram um com o outro como dois líderes de manadas de elefantes nas florestas profundas com fúria. Ambos dotados de grande vigor, eles combateram, cada um desejoso de matar o outro, como dois tigres enfurecidos em uma caverna de montanha. Aquele combate, ó monarca, ficou muito violento. Digno de ser testemunhado, ele se tornou muito extraordinário. Os próprios Siddhas e os Charanas, em grandes números, o testemunharam com olhos maravilhados. Então Viradhanwan, ó Bharata, com uma risada, cortou em fúria o arco de Dhrishtaketu em dois por meio de suas flechas de cabeça larga. Abandonando aquele arco quebrado, o soberano dos Chedis, aquele poderoso guerreiro em carro pegou um dardo ameaçador feito de ferro e equipado com uma vara dourada. Dirigindo com sua mão, ó Bharata, aquele dardo de energia ardente em direção ao carro de Viradhanwan, Dhrishtaketu arremessou-o cuidadosamente e com grande força. Atingido com grande força por aquele dardo matador de heróis, e seu coração atravessado por ele, Viradhanwan caiu rapidamente de seu carro sobre o solo. Após a queda daquele herói, aquele poderoso guerreiro em carro entre os Trigartas, teu exército, ó senhor, foi dividido pelos Pandavas. (Teu Filho) Durmukha disparou sessenta

flechas em Sahadeva, e proferiu um grito alto naquela batalha, desafiando aquele filho de Pandu. O filho de Madri, então, cheio de raiva, perfurou Durmukha com muitas setas afiadas, sorrindo, o irmão atacando o irmão. Vendo o poderoso Durmukha lutando furiosamente, Sahadeva, então, ó Bharata, mais uma vez o atingiu com nove flechas. Dotado de grande força, Sahadeva então cortou o estandarte de Durmukha com uma flecha de cabeça larga e derrubou seus quatro corcéis com quatro outras flechas. E então com outra flecha de cabeça larga, bem temperada e afiada, ele cortou, de seu tronco, a cabeça do quadrigário de Durmukha que brilhava com um par de brincos. E cortando o arco grande de Durmukha com uma flecha de face de navalha, Sahadeva perfurou o próprio Durmukha naquela batalha com cinco setas. Durmukha saltando destemidamente daquele carro sem cavalos, subiu no carro, ó Bharata, de Niramitra. Então aquele matador de heróis hostis, Sahadeva, cheio de fúria matou naquela grande batalha Niramitra no meio de sua divisão com uma flecha de cabeça larga. Nisso, o príncipe Niramitra, o filho do soberano dos Trigartas, caiu de seu carro, afligindo teu exército com grande tristeza. Matando-o, o poderosamente armado Sahadeva parecia resplandecente como Rama, o filho de Dasaratha, depois de matar o poderoso (Rakshasa) Khara. Vendo aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o príncipe Niramitra morto, altos gritos de 'Oh' e 'Ai' se ergueram, ó monarca, entre os guerreiros Trigarta. Nakula, ó rei, num momento subjugou teu filho Vikarna de olhos grandes. Isso parecia muito extraordinário. Vyaghradatta, por meio de suas flechas retas, fez Satyaki invisível com seus corcéis e motorista e estandarte no meio de sua divisão. O bravo neto de Sini, desviando aquelas flechas com grande agilidade de mão, derrubou Vyaghradatta por meio de suas setas, com seus corcéis e motorista e bandeira. Após a queda, ó senhor, daquele príncipe dos Magadhas, os últimos, lutando vigorosamente, avançaram contra Yuyudhana de todos os lados. Espalhando suas flechas e lanças às milhares, e setas afiadas e arpões e malhos e clavas grossas, aqueles bravos guerreiros lutaram naquela batalha com aquele herói invencível da linhagem Satwata. Dotado de grande poder, o invencível Satyaki, aquele touro entre homens, com a maior facilidade e dando risada, subjugou eles todos. Os Magadhas estavam quase exterminados. Um pequeno restante fugiu do campo. Vendo isso, teu exército, já afligido pelas flechas de Yuyudhana, se dividiu, ó senhor! Então aquele principal da linhagem de Madhu, tendo massacrado em batalha tuas tropas, aquele herói ilustre parecia resplandecente quando ele vibrava seu arco. O exército, ó rei, foi assim desbaratado por aquele de grande alma da linhagem Satwata. De fato, amedrontados por aquele herói de braços longos, ninguém se aproximou dele para lutar. Então Drona cheio de raiva e rolando seus olhos, avançou ele mesmo impetuosamente em direção a Satyaki, de feitos incapazes de serem frustrados.'"

107

"Sanjaya disse, 'O filho ilustre de Somadatta perfurou cada um dos filhos de Draupadi, aqueles grandes arqueiros, com cinco setas, e mais uma vez com sete setas. Muito atormentados, ó senhor, por aquele guerreiro impetuoso, eles ficaram

entorpecidos e não sabiam por algum tempo o que fazer. Então aquele subjugador de inimigos, Satanika, o filho de Nakula, perfurando o filho de Somadatta, aquele touro entre homens, com um par de setas, proferiu em alegria um rugido alto. Os outros irmãos então, lutando vigorosamente, rapidamente perfuraram o colérico filho de Somadatta, cada um com três flechas retas. Então o filho ilustre de Somadatta, ó monarca, disparou neles cinco flechas, perfurando cada um deles no peito com uma flecha. Então aqueles cinco irmãos, assim perfurados por aquele guerreiro de grande alma com suas flechas, cercaram aquele herói por todos os lados e começaram a perfurá-lo profundamente com suas flechas. Então o filho de Arjuna, cheio de raiva, despachou com flechas afiadas os quatro corcéis de Saumadatti para a região de Yama. E o filho de Bhimasena, cortando o arco do filho ilustre de Somadatta, proferiu um grito alto e perfurou seu inimigo com muitas setas afiadas. O filho de Yudhishthira então, cortando o estandarte de Saumadatti, derrubou-o no chão, enquanto o filho de Nakula derrubou o quadrigário do inimigo de seu nicho no carro. Então o filho de Sahadeva, averiguando que o inimigo estava prestes a deixar o campo por causa dos irmãos, cortou, com uma flecha de face de navalha, a cabeça daquele guerreiro ilustre. Aquela cabeça, enfeitada com brincos de ouro, caiu no solo e adornou o campo como o sol de refulgência brilhante que surge no fim do Yuga. Vendo a cabeça do filho de grande alma de Somadatta assim caída no chão, tuas tropas, ó rei, dominadas pelo medo, fugiram em todas as direções."

"O Rakshasa Alamvusha naquela batalha, cheio de raiva, lutou com o poderoso Bhimasena, como o filho de Ravana (Indrajit) com (o irmão de Rama) Lakshmana. Vendo aquele Rakshasa e aquele guerreiro humano envolvidos em combate, todas as criaturas sentiram alegria e admiração. Então Bhima, ó rei, dando risada, perfurou aquele príncipe colérico de Rakshasas, o filho de Rishyasringa (Alamvusha), com nove flechas afiadas. Então aquele Rakshasa, assim perfurado em batalha, proferiu um som alto e terrível, e avançou, com todos os seus seguidores, contra Bhima. Perfurando Bhima então com cinco flechas retas, ele rapidamente destruiu naquela batalha trinta carros que protegiam Bhima. E mais uma vez destruindo quatrocentos carros de Bhimasena, o Rakshasa perfurou o próprio Bhimasena com flechas aladas. Então o poderoso Bhima profundamente perfurado pelo Rakshasa sentou-se no terraço de seu carro, dominado por um desmaio. O filho do deus do vento então, recuperando seus sentidos, ficou cheio de raiva. Esticando seu arco excelente e terrível que era capaz de aguentar uma grande tensão, ele afligiu Alamvusha, em todas as partes de seu corpo, com flechas afiadas. Nisso, o Rakshasa que parecia uma massa enorme de antimônio pareceu resplandecente, ó rei, como uma Kinsuka florescente. Enquanto era atingido naquela batalha por aquelas flechas disparadas do arco de Bhima, o Rakshasa se lembrou da morte de seu irmão (Vaka) pelo Pandava ilustre. Assumindo então uma forma horrível, ele se dirigiu a Bhima, dizendo, 'Espere um pouco nessa batalha, ó Partha! Veja hoje minha bravura. Ó tu de mente perversa, aquele principal dos Rakshasas, o poderoso Vaka, era meu irmão. É verdade que ele foi morto por ti. Mas aquilo aconteceu fora da minha vista.' Tendo dito essas palavras para Bhima, Alamvusha se fez invisível, e começou a cobrir Bhimasena com uma chuva densa de setas. Após o desaparecimento do Rakshasa, Bhima, ó

monarca, cobriu o céu com flechas retas. Assim afligido por Bhima, Alamvusha logo voltou para seu carro. E logo também, ele entrou nas entranhas da terra e mais uma vez se tornando pequeno ele se elevou de repente ao céu. Alamvusha assumiu inúmeras formas. Ora se tornando sutil e ora enorme e grosseiro, ele começou a rugir como as nuvens. E ele proferiu diversos tipos de palavras e falas por toda parte. E do céu lá caíram milhares de torrentes de flechas, como também dardos, e Kunapas, e lanças, e maças com ferrões, e flechas curtas, e cimitarras, e espadas, e trovões também. Aquela torrente terrível de flechas causada pelo Rakshasa matou as tropas do filho de Pandu no campo de batalha. E por causa daquela torrente de flechas, muitos elefantes também do exército Pandava foram mortos, e muitos corcéis também, ó rei, e muitos soldados de infantaria. E um rio foi causado lá, cujas águas eram sangue e cujos redemoinhos eram constituídos por carros. E ele abundava com elefantes que constituíam seus jacarés. E os guarda-sóis de guerreiros em carros constituíam seu cisnes, e a carne e medula de animais, seu lodo. E ele estava cheio de (braços) cortados de seres humanos que constituíam suas cobras. E ele era frequentado por muitos Rakshasas e outros canibais. E ele levou para longe, ó rei, inúmeros Chedis e Panchalas e Srinjayas. Vendo ele, ó monarca, se movimentando rapidamente tão destemidamente naquela batalha e vendo sua destreza, os Pandavas ficaram cheios de ansiedade; e a alegria encheu os corações de tuas tropas então. E entre as últimas, sons altos e terríveis de instrumentos musicais, de arrepiar os cabelos, se ergueram. Ouvindo aquele tumulto alto feito por tuas tropas, o filho de Pandu não pode tolerá-lo, como uma cobra não pode suportar as palmadas de palmas humanas. Com olhos vermelhos como cobre em fúria, com olhares que como fogo consumiam tudo, o filho do Deus do vento, como o próprio Tvashtri, apontou a arma conhecida pelo nome de Tvashtri. Daquela arma foram produzidas milhares de flechas por todos os lados. E por causa daquelas flechas uma debandada geral foi vista entre tuas tropas. Aquela arma, disparada em batalha por Bhimasena, destruindo a ilusão eficaz produzida pelo Rakshasa, afligiu imensamente o próprio Rakshasa. Atingido em todas as partes de seu corpo por Bhimasena, o Rakshasa, então abandonando Bhimasena, fugiu em direção à divisão de Drona. Após a derrota daquele príncipe Rakshasa por Bhima de grande alma, os Pandavas fizeram todos os pontos do horizonte ressoarem com seus rugidos leoninos. E cheios de alegria, eles adoraram o filho poderoso de Marut, como os Maruts adorando Sakra depois da derrota de Prahlada em batalha.'"

108

"Sanjaya disse, 'Tendo fugido de Bhima, Alamvusha, em outra parte do campo, se movimentava rapidamente e destemidamente em batalha. E enquanto ele estava assim correndo a toda velocidade intrepidamente em batalha, o filho de Hidimva avançou impetuosamente nele e perfurou-o com flechas afiadas. A batalha entre aqueles dois leões entre os Rakshasas tornou-se terrível. Ambos chamaram à existência ilusões como Sakra e Samvara (nos tempos passados). Alamvusha, excitado com raiva, atacou Ghatotkacha. De fato, aquele combate

entre dois principais dos Rakshasas parecia aquele de antigamente entre Rama e Ravana, ó senhor! Então Ghatotkacha, tendo perfurado Alamvusha no centro do peito com vinte flechas compridas, rugiu repetidamente como um leão. Sorridente, ó rei, Alamvusha também, perfurando repetidamente o filho invencível de Hidimva, proferiu rugidos altos em alegria, enchendo o firmamento inteiro. Então, aqueles dois principais dos Rakshasas, dotados de grande poder, ficaram cheios de fúria. Eles lutaram um com o outro, mostrando seus poderes de ilusão, mas sem algum deles obter qualquer vantagem sobre o outro. Cada um, criando centenas de ilusões, espantava o outro. Ambos talentosos em produzir ilusões, ó rei, (as ilusões) que Ghatotkacha exibia em batalha, eram todas destruídas, ó monarca, por Alamvusha, produzindo suas próprias ilusões similares. Vendo aquele príncipe dos Rakshasas, isto é, Alamvusha, que era hábil em produzir ilusões, lutar daquela maneira, os Pandavas ficaram cheios de ansiedade, eles então o fizeram ser cercado por muitos principais dos guerreiros em carros. Bhimasena e outros, ó monarca, todos avançaram em fúria contra ele. Cercando-o, ó majestade, por todos os lados por meio de inúmeros carros, eles o cobriram de todos os lados com flechas, como homens em uma floresta cercando um elefante com tições ardentes. Frustrando aquela chuva de armas por meio da ilusão das suas próprias armas, ele se livrou daquela multidão de carros como um elefante de um incêndio florestal. Então puxando seu arco terrível cujo som parecia o trovão de Indra, ele perfurou o filho do deus do vento com vinte e cinco flechas, e o filho de Bhimasena com cinco, e Yudhishthira com três, e Sahadeva com sete, e Nakula com setenta e três, e cada um dos cinco filhos de Draupadi com cinco flechas, e proferiu um rugido alto. Então Bhimasena perfurou ele em retorno com nove flechas, e Sahadeva com cinco. E Yudhishthira perfurou o Rakshasa com cem flechas. E Nakula o perfurou com três flechas. O filho de Hidimva tendo-o perfurado com quinhentas flechas, Alamvusha mais uma vez o perfurou com setenta, e aquele poderoso guerreiro proferiu um rugido alto. Com aquele rugido alto de Ghatotkacha a terra tremeu, ó rei, com suas montanhas e florestas e com suas árvores e águas. Profundamente perfurado por todos os lados por aqueles arqueiros formidáveis e poderosos guerreiros em carros, Alamvusha perfurou cada um deles em retorno com cinco flechas. Então aquele Rakshasa, ó chefe dos Bharatas, o filho de Hidimva, cheio de raiva, perfurou aquele outro Rakshasa zangado em batalha com muitas flechas. Então aquele príncipe poderoso dos Rakshasas, Alamvusha, profundamente perfurado, disparou rapidamente inúmeras flechas providas de asas de ouro e afiadas em pedra. Aquelas flechas, perfeitamente retas, entraram todas no corpo de Ghatotkacha, como cobras enfurecidas de grande força entrando em um topo de montanha. Então os Pandavas, ó rei, cheios de ansiedade, e o filho de Hidimva Ghatotkacha, também dispararam em seu inimigo de todos os lados nuvens de flechas afiadas. Assim atingido em batalha pelos Pandavas, desejoso de vitória, Alamvusha, mortal como ele era, não sabia o que fazer. Então aquele encantador em batalha, o filho poderoso de Bhimasena, vendo aquele estado de Alamvusha, colocou seu coração em sua destruição. Ele avançou com grande impetuosidade em direção ao carro do príncipe dos Rakshasas, aquele carro que parecia um topo de montanha queimado ou uma pilha quebrada de antimônio. O filho de Hidimva, cheio de fúria, voou de seu próprio carro para aquele de Alamvusha, e agarrou o

último. Ele então o ergueu do carro, como Garuda erguendo uma cobra. Assim puxando-o para cima com seus braços, ele começou a girá-lo repetidamente, e então quebrou-o em pedaços, arremessando-o no chão, como um homem quebrando um pote de barro em fragmentos por arremessá-lo contra uma rocha. Dotado de força e energia, possuidor de destreza formidável, o filho de Bhimasena, inflamado com cólera em batalha, inspirou todas as tropas com medo. Todos os membros quebrados e ossos reduzidos a fragmentos, o terrível Rakshasa Alamvusha, assim morto pelo heróico Ghatotkacha, parecia uma alta Sala arrancada e quebrada pelo vento. Após a morte daquele vagueador da noite, os Parthas ficaram muito alegres. E eles proferiram rugidos leoninos e acenaram suas peças de roupa. Teus bravos guerreiros, no entanto, vendo aquele príncipe poderoso de Rakshasas, Alamvusha, morto e jazendo como uma montanha despedaçada, proferiram gritos, ó monarca, de 'Oh' e 'Ai'. E as pessoas, possuídas pela curiosidade, foram ver aquele Rakshasa jazendo desamparado sobre o solo como um pedaço de carvão (não mais capaz de queimar). O Rakshasa Ghatotkacha, então, aquele principal dos seres poderosos, tendo matado seu inimigo dessa maneira, proferiu um grito alto, como Vasava depois de matar (o Asura) Vala. Tendo realizado aquele feito extremamente difícil, Ghatotkacha foi muito aplaudido por seus pais como também por seus parentes. De fato, tendo derrubado Alamvusha, como uma fruta Alamvusha, ele se regozijou muito com seus amigos. Lá (no exército Pandava) ergueu-se então um tumulto alto de conchas e de diversas espécies de flechas. Ouvindo aquele barulho os Kauravas proferiram gritos altos em resposta, enchendo a terra inteira com seus ecos.'"

109

"Dhritarashtra disse, 'Conte-me, ó Sanjaya, como Yuyudhana avançou contra o filho de Bharadwaja em batalha. Eu sinto uma grande curiosidade para ouvir isto.'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó tu de grande sabedoria, o relato daquela batalha, de arrepiar os cabelos, entre Drona e os Pandavas encabeçados por Yuyudhana. Vendo o exército (Kuru) massacrado, ó majestade, por Yuyudhana, o próprio Drona avançou em direção àquele guerreiro de destreza imbatível, chamado também pelo nome de Satyaki. Satyaki perfurou aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Bharadwaja que avançava contra ele, com vinte e cinco flechas pequenas. Drona também, possuidor de grande destreza em batalha, com pontaria deliberada, rapidamente perfurou Yuyudhana com cinco flechas afiadas, equipadas com asas de ouro. Aquelas flechas, perfurando a dura protuberância carnosa na palma da mão do inimigo e bebendo seu sangue vital, entraram na terra, ó rei, como cobras silvando. Satyaki de braços longos então, inflamado com raiva como um elefante atingido pelo gancho, perfurou Drona com cinquenta flechas compridas que pareciam chamas de fogo. Então o filho de Bharadwaja, assim rapidamente perfurado em batalha por Yuyudhana, se esforçando cautelosamente perfurou Satyaki em retorno com muitas flechas. Então aquele arqueiro formidável, dotado de grande poder, e cheio de raiva, mais uma vez

afligiu aquele herói da linhagem Satwata com muitas flechas retas. Assim atingido naquela batalha pelo filho de Bharadwaja, Satyaki, ó monarca, não sabia o que fazer. Então, ó rei, o rosto de Yuyudhana ficou desanimado, observando o filho de Bharadwaja disparar inúmeras flechas afiadas. Vendo Satyaki naquela situação, teus filhos e tropas, ó rei, ficando muito alegres, proferiram rugidos leoninos repetidamente. Ouvindo aquele tumulto terrível e vendo aquele herói da linhagem de Madhu assim afligido, o rei Yudhishthira, ó monarca, dirigindo-se a todos os seus soldados, disse, 'Aquele principal entre os Vrishnis, o bravo Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada, está prestes a ser devorado pelo heróico Drona, como o sol por Rahu. Vão e se apressem para o local onde Satyaki está lutando.' O rei, se dirigindo a Dhrishtadyumna da linhagem Panchala, disse, 'Avance com velocidade em Drona. Por que tu demoras, ó filho de Prishata? Tu não vês o grande perigo para nós que já proveio de Drona? Drona é um grande arqueiro. Ele está se divertindo com Yuyudhana, em batalha, como um menino com uma ave amarrada em uma corda. Que todos vocês, encabeçados por Bhimasena, e acompanhados por outros procedam para lá onde o carro de Satyaki está. Atrás de vocês eu seguirei com minhas tropas. Resgatem Satyaki hoje que já está dentro das mandíbulas do Destruidor.' Tendo dito essas palavras, ó Bharata, o rei Yudhishthira com todas as suas tropas avançou em direção a Drona por causa de Yuyudhana. Abençoado sejas tu, foi grande o barulho feito lá pelos Pandavas e os Srinjayas todos lutando com Drona somente. Aproximando-se juntos, ó tigre entre homens, daquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho de Bharadwaja, eles o cobriram com chuvas de flechas afiadas equipadas com as penas de Kankas e pavões. Drona, no entanto, recebeu todos aqueles heróis sorridente, como um chefe de família recebendo convidados chegados por sua própria vontade, com assentos e água. Com as flechas do filho de Bharadwaja manejando o arco, aqueles heróis estavam bem satisfeitos como convidados, ó rei, com a hospitalidade que eles recebem nas casas (de bons anfitriões). E nenhum deles, ó senhor, podia mesmo olhar para o filho de Bharadwaja que então parecia o sol de mil raios ao meio-dia. De fato, Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas chamuscou todos aqueles grandes arqueiros com chuvas de flechas como o sol chamuscando (tudo abaixo) com seus raios ardentes. Assim atacados, ó rei, por Drona, os Pandavas e os Srinjayas não viram nenhum protetor, como elefantes afundados em um pântano. As flechas poderosas de Drona, quando elas corriam (pelo céu), pareciam com os raios do sol destruindo tudo em volta. Naquele combate, vinte e cinco guerreiros entre os Panchalas foram mortos por Drona, que eram todos considerados como Maharathas e todos aprovados (como tais) por Dhrishtadyumna. E entre todas as tropas dos Pandavas e dos Panchalas, os homens viam quietamente o bravo Drona matando os principais dos guerreiros em sucessão. Tendo matado cem guerreiros entre os Kekayas e desbaratando-os por todos os lados, Drona permaneceu, ó monarca, como o próprio Destruidor com boca escancarada. O poderosamente armado Drona subjugou os Panchalas, os Srinjayas, os Matsyas e os Kekayas, ó monarca, às centenas e milhares. Perfurados pelas flechas de Drona, o clamor feito por eles parecia aquele feito nas florestas pelos habitantes da floresta quando cercados por um incêndio. Os deuses, Gandharvas, e os Pitris, disseram, 'Vejam, os Panchalas, e os Pandavas, com todas as suas tropas, estão fugindo.' De fato, quando Drona estava assim

empenhado em massacrar os Somakas em batalha, ninguém ousou avançar contra ele e ninguém teve êxito em perfurá-lo. E enquanto aquele combate terrível, tão destrutivo de grandes heróis, continuou, o filho de Pritha (Yudhishthira) ouviu de repente o clangor de Panchajanya. Soprada por Vasudeva, aquela melhor das conchas produzia sons altos. De fato, enquanto os protetores heróicos do soberano dos Sindhus estavam lutando, e enquanto os Dhartarashtras estavam rugindo na frente do carro de Arjuna, a vibração do Gandiva não podia ser ouvida. O filho nobre de Pandu repetidamente desmaiou, e pensou, 'Sem dúvida, não está tudo bem com Partha, já que aquele príncipe das conchas (Panchajanya) está produzindo tais sons e já que os Kauravas também, cheios de alegria, estão proferindo tais gritos incessantemente.' Pensando dessa maneira, com o coração ansioso, Ajatasatru, o filho de Kunti, disse para ele da linhagem Satwata (Satyaki) essas palavras em uma voz sufocada com lágrimas. Embora repetidamente entorpecido, o rei Yudhishthira, no entanto, não perdeu de vista o que era para ser feito em seguida. Dirigindo-se ao neto de Sini, aquele touro de seu clã, (Yudhishthira disse), 'Ó neto de Sini, a hora para aquele dever eterno o qual os justos de antigamente indicaram (para amigos) em direção a amigos em épocas de infortúnio, agora chegou. Ó touro entre os Sinis, refletindo comigo mesmo, ó Satyaki, eu não vejo entre todos os meus guerreiros alguém que é um maior benquerente para nós do que tu és. Aquele que é sempre bem intencionado, aquele que é sempre obediente, eu penso, ele deve ser designado para um ato importante em horas de infortúnio. Como Kesava é sempre o refúgio dos Pandavas, assim mesmo és tu, ó tu da linhagem de Vrishni, que és como Kesava em destreza. Eu irei, portanto, por um encargo sobre ti. Não cabe a ti frustrar meu propósito. Arjuna é teu irmão, amigo, e preceptor, ó touro entre homens, preste ajuda nessa batalha a ele em um momento de perigo. Tu és dedicado à verdade. Tu és um herói. Tu és o dissipador dos temores de amigos. Tu és célebre no mundo, por causa de teus atos, ó herói, como alguém que é sincero. Aquele, ó neto de Sini, que abandona seu corpo enquanto lutando em batalha por amigos, é igual àquele que doa para Brahmanas a terra inteira. Nós temos ouvido sobre vários reis que foram para o céu, tendo doado toda essa terra para Brahmanas com ritos devidos. Ó tu de alma virtuosa, eu te rogo, com mãos unidas, isso mesmo, ou seja, que, ó senhor, tu obtenha o fruto de doar (para Brahmanas) a terra inteira, ou alguma coisa mais elevada do que isso por atraíres perigo para tua própria vida para ajudar Arjuna. Lá está um, isto é, Krishna, aquele dissipador dos medos de amigos, que está sempre disposto a sacrificar sua vida em batalha (pelos amigos). Tu, ó Satyaki, és o segundo. Ninguém exceto um herói pode dar ajuda a um herói, se esforçando corajosamente em batalha, pelo desejo de fama. Uma pessoa comum não pode fazer isso. Nesse caso, aqui não há ninguém mais exceto tu que possa proteger Arjuna. Em uma ocasião, enquanto elogiando tuas façanhas numerosas, Arjuna, me dando grande alegria narrou-as repetidamente. Ele disse de ti que tu és dotado de extrema agilidade de mão, que tu estás familiarizado com todos os modos de guerra, que tu és possuidor de grande energia e grande bravura. Ele disse, 'Satyaki é dotado de grande sabedoria, conhece todas as armas, é um herói, e nunca é entorpecido em batalha. De pescoço largo e peito amplo, de braços fortes e maçãs do rosto largas, de grande poder e grande destreza, Satyaki é um Maharatha de grande alma. Ele é meu

discípulo e amigo; eu sou caro para ele e ele é caro para mim. Tornando-se meu aliado, Yuyudhana subjugará os Kauravas. Mesmo se Kesava e Rama, e Aniruddha, e o poderoso guerreiro em carro Pradyumna, e Gada, e Sarana, e Samva, com todos os Vrishnis, se equiparem em armadura para nos ajudar, ó rei, no campo de batalha, eu ainda nomearei aquele tigre entre homens, Satyaki de destreza imbatível, para nos ajudar, já que não há ninguém igual a ele.' Isso mesmo foi o que Dhananjaya me disse nas florestas Dwaita, na tua ausência, enquanto descrevendo verdadeiramente teus méritos em uma assembléia de pessoas honradas. Não cabe a ti, ó tu da linhagem Vrishni, falsificar aquela expectativa de Dhananjaya, e também de mim mesmo e Bhima! Quando, voltando de vários tirthas, eu procedi para Dwaraka; lá eu testemunhei tua reverência por Arjuna. Enquanto nós estávamos em Upaplavya eu não notei ninguém mais, ó neto de Sini, que nos mostrou tal afeição como tu fizeste. Tu és de linhagem nobre e sentes reverência por nós. Para mostrar bondade, portanto, por alguém que é teu amigo e preceptor, cabe a ti, ó tu de armas poderosas, agir de uma maneira digna, ó grande arqueiro, de tua amizade e coragem e ascendência nobre e veracidade. Ó tu da linhagem de Madhu! Suyodhana, equipado em armadura pelo próprio Drona, partiu de repente, seguindo Arjuna! Os outros grandes guerreiros em carros dos Kauravas tinham antes disso seguido Arjuna. Barulhos altos estão sendo ouvidos contra o carro de Arjuna. Ó neto de Sini, cabe a ti, ó concessor de honras, ir para lá rapidamente. Bhimasena e nós mesmos, bem equipados e com todas as nossas forças, resistiremos a Drona se ele avançar contra ti. Veja, ó neto de Sini, as tropas Bharata estão fugindo em batalha, e enquanto elas estão fugindo, elas estão proferindo lamentos altos. Como o próprio oceano na maré cheia agitado por uma tempestade poderosa, a hoste Dhartarashtra, ó majestade, é agitada por Savyasachin. Veja, por causa de inúmeros carros e homens e corcéis se movendo rapidamente, o pó de terra erguido está gradualmente se espalhando (sobre o campo). Veja, aquele matador de hostes hostis, Phalguna, está cercado pelos Sindhu-Sauviras, armados com ferrões e lanças e adornados com muitos cavalos em suas tropas. Sem derrotar aquela tropa não é possível vencer Jayadratha. Aqueles guerreiros estão preparados para sacrificar suas vidas pelo soberano dos Sindhus. Veja a invencível tropa Dhartarashtra, posicionada lá, que está cheia de flechas e dardos e estandartes altos, e que abunda com corcéis e elefantes. Ouça a batida de suas baterias e o alto clangor de suas conchas, os tremendos gritos leoninos proferidos por eles, e o estrépito das rodas de seus carros. Ouça o grunhido de seus elefantes, os passos pesados de seus soldados de infantaria, e de sua cavalaria que avança, todos os quais parecem sacudir a própria terra. Na frente dele está a divisão de Jayadratha, e atrás está aquela de Drona. Tão grande é o número de inimigos que ele é capaz de afligir o próprio chefe dos celestiais. Afundado no meio daquela hoste insondável, Arjuna pode perder sua vida. Se ele for morto em batalha, como pode alguém como eu viver? Esta calamidade é para acontecer a mim quando tu estás vivo? Azul escuro em cor, jovem em idade, de madeixas encaracoladas e muito bonito é aquele filho de Pandu. Ágil no uso de armas, e conhecedor de todos os modos de guerra, o poderosamente armado Arjuna, ó senhor, penetrou na hoste Bharata ao nascer do sol. O dia está prestes a terminar. Ó tu da linhagem de Vrishni, eu não sei se ele vive ou não. A vasta hoste Kuru é como o oceano. Ó senhor, Vibhatsu penetrou

nela completamente sozinho. Aquele exército é incapaz de ser resistido pelos próprios deuses em batalha. Na batalha de hoje, eu fracasso em manter meu raciocínio claro. Drona também está, com grande força, afligindo minhas tropas! Tu vês, ó poderosamente armado, como aquele regenerado está se movendo rapidamente em batalha. Quando várias tarefas se apresentam juntas, tu és bem hábil em selecionar aquela que deve ser desempenhada primeiro. Cabe a ti, ó concessor de honras, realizar com energia aquela tarefa que é a mais importante de todas. Entre todas essas tarefas, eu acho que essa (ajudar Arjuna) é a primeira que exige nossa atenção. O resgate de Arjuna em batalha deve ser executado primeiro. Eu não me aflijo por ele da linhagem de Dasarha. Ele é o Protetor e o Senhor do Universo. Eu te digo realmente que aquele tigre entre homens, ó senhor, é hábil para derrotar em batalha os três mundos reunidos juntos. O que eu preciso dizer, portanto, dessa fraca hoste Dhritarashtra? Arjuna, no entanto, ó tu da linhagem de Vrishni, está sendo atormentado por inúmeras desigualdades em batalha. Ele pode perder sua vida. É por isso que eu estou tão triste. Tu então siga em seu rastro, já que pessoas como tu devem seguir uma pessoa como ele, em tal momento, incitadas adiante por alguém como eu. Entre os principais da linhagem de Vrishni, dois são considerados como Atirathas. Eles são o poderosamente armado Pradyumna e tu mesmo, ó Satwata, que são tão famosos. Em armas, tu és igual ao próprio Narayana, e em força a Sankarshana. Em bravura tu és igual a Dhananjaya, ó tigre entre homens, e superas Bhishma e Drona e todos aqueles habilidosos em batalha. Ó tigre entre homens, os sábios falam de ti, dizendo, ó Madhava, 'Não há nada que não possa ser realizado por Satyaki.' Ó tu de grande força, portanto, faça isso que eu te digo, isto é, obedeça os desejos de todos aqui, de mim mesmo e de Arjuna. Não cabe a ti, ó poderosamente armado, frustrar este desejo. Indiferente à tua própria vida, tu te moves em batalha como um herói. Ó neto de Sini, os descendentes da linhagem de Dasarha nunca se preocupam em proteger suas vidas em batalha. Evitar a batalha, ou lutar de trás de barreiras de proteção, ou fugir da batalha, essas práticas de covardes e patifes nunca são praticadas pelos Dasarhas. Arjuna de alma virtuosa é teu superior, ó touro entre os Sinis! Vasudeva é o superior de ti mesmo e do inteligente Arjuna. Lançando meus olhos nessas duas razões, eu te digo essas palavras. Não descarte minhas palavras, eu sou o superior dos teus superiores. Isso que eu estou dizendo para ti é aprovado também por Arjuna. Eu te digo isso verdadeiramente. Vá então para o local onde Dhananjaya está. Prestando atenção nestas minhas palavras, ó tu de bravura incapaz de ser frustrada, penetre nessa hoste do filho perverso de Dhritarashtra. Tendo penetrado nela devidamente, enfrente os grandes guerreiros em carros, e mostre, ó Satwata, façanhas dignas de ti mesmo!'"

110

"Sanjaya disse, 'Aquele touro entre os Sinis, Satyaki, ouvindo essas palavras cheias de afeição, agradáveis, repletas de sons agradáveis, oportunas, encantadoras, e equitativas que foram proferidas pelo rei Yudhishthira o justo, respondeu a ele, ó chefe dos Bharatas, dizendo, 'Ó tu de glória imorredoura, eu

ouvi todas as palavras que tu disseste, palavras repletas de virtude, encantadoras, e conducentes à fama por causa de Phalguna. Em tal momento, de fato, vendo uma pessoa devotada (a ti) como eu, cabe a ti, ó rei de reis, comandá-la tanto quanto tu podes comandar o próprio Partha. Com relação a mim mesmo, eu estou preparado para sacrificar minha vida por Dhananjaya. Mandado, além disso, por ti, o que é que eu não faria em grande batalha? O que eu preciso dizer dessa fraca tropa (Dhritarashtra)? Solicitado por ti, eu estou preparado, ó melhor dos homens, para lutar com os três mundos incluindo os deuses, os Asuras, e homens. Hoje eu lutarei com o exército inteiro de Suyodhana e o derrotarei em batalha. Realmente eu digo isso para ti, ó rei! Seguramente eu alcançarei o próprio Dhananjaya em segurança, e depois que Jayadratha estiver morto, eu irei, ó rei, voltar para a tua presença. Eu devo, no entanto, ó rei, te informar das palavras de Vasudeva como também daquelas do inteligente Arjuna. Eu fui fortemente e repetidamente solicitado por Arjuna no meio de todos os nossos guerreiros e na audição também de Vasudeva (nessas palavras), 'Hoje, ó Madhava, nobremente decidido em batalha, proteja o rei cuidadosamente até eu matar Jayadratha! Transferindo o monarca para ti, ó poderosamente armado, ou para aquele grande guerreiro em carro Pradyumna, eu posso ir com o coração tranquilo em direção a Jayadratha. Tu conheces Drona em batalha, aquele guerreiro que é considerado como o principal entre os Kurus. Tu conheces também o voto feito por ele na presença de todos, ó senhor! O filho de Bharadwaja está sempre ávido para apanhar o rei. Ele é competente também para afligir o rei Yudhishthira em batalha. Te encarregando da proteção daquele melhor dos homens, o rei Yudhishthira o justo, eu procederei hoje para a destruição do soberano dos Sindhus. Matando Jayadratha, eu logo voltarei, ó Madhava! Cuide para que Drona não consiga capturar à força o rei Yudhishthira o justo em batalha. Se Yudhishthira for capturado pelo filho de Bharadwaja, ó Madhava, eu não conseguirei matar Jayadratha, e grande será minha aflição. Se aquele melhor dos homens, o filho sincero de Pandu, for apanhado, é evidente que nós teremos que ir novamente para as florestas. Meu sucesso, portanto, sobre Jayadratha, é claro, não será produtivo de nenhum benefício se Drona, inflamado com raiva, conseguir capturar Yudhishthira em batalha. Ó poderosamente armado, para fazer o que é agradável para mim, portanto, ó Madhava, como também por meu sucesso e fama, proteja o rei em batalha.' Tu vês, portanto, ó rei, que tu foste transferido para mim como uma responsabilidade por Savyasachin, ó senhor, por causa de seu temor constante do filho de Bharadwaja. Ó de braços fortes, eu mesmo vejo diariamente, ó senhor, que não há ninguém, salvo o filho de Rukmini (Pradyumna), que possa ser um páreo para Drona em batalha. Eu também sou considerado como sendo um páreo para o filho inteligente de Bharadwaja em batalha. É evidente, portanto, que eu não posso me atrever a falsificar aquela reputação que eu tenho, ou desconsiderar as ordens do meu preceptor (Arjuna), ou te deixar, ó rei! O preceptor (Drona), equipado como ele está em cota de malha impenetrável, por sua agilidade de braços, te alcançando em batalha, irá se divertir contigo como uma criança com uma pequena ave. Se o filho de Krishna, portando o Makara em seu estandarte, estivesse aqui, eu poderia então ter transferido para ele, pois ele teria te protegido como o próprio Arjuna. Tu deves proteger a ti mesmo. Quando eu tiver ido, quem irá te proteger, quem é que avançará contra Drona enquanto eu procedo em

direção a Arjuna? Ó rei, que nenhum receio seja teu hoje por conta de Arjuna. Ele nunca fica desanimado sob qualquer encargo embora pesado. Aquele guerreiros que se opõem a ele, ou seja, os Sauvirakas, os Sindhava-Pauravas, aqueles do norte, aqueles do sul, e aqueles, ó rei, encabeçados por Karna, que são considerados como principais dos guerreiros em carros, juntos não alcançam uma décima sexta parte de Arjuna. A terra inteira se erguendo contra ele, com os deuses, os Asuras, e homens, com todas as tribos de Rakshasas, ó rei, com os Kinnaras, as grandes cobras, e realmente, todas as criaturas móveis e imóveis reunidas juntas, não é páreo para Arjuna em batalha. Sabendo disso, ó rei, que teu medo por conta de Dhananjaya seja dissipado. Lá onde aqueles dois heróis e grandes arqueiros, os dois Krishnas, de destreza incapaz de ser frustrada, estão, lá o mínimo obstáculo não pode acontecer para seu propósito. Pense na pujança celeste, no talento com armas, na desenvoltura, na fúria em batalha, na gratidão, e na compaixão de teu irmão. Pense também, ó rei, no extraordinário conhecimento de armas que Drona mostrará em batalha quando eu deixar esse lugar para ir até Arjuna. O preceptor, ó monarca, está avidamente desejoso de te capturar. Ele está avidamente desejoso também, ó rei, de cumprir sua promessa, ó Bharata! Fique atento, ó rei, à tua própria proteção. Quem irá te proteger quando eu tiver ido, quem é aquele que, confiando em quem eu posso ir em direção ao filho de Pritha, Phalguna? Eu te digo realmente, ó grande rei, que sem te transferir para alguém nessa grande batalha, eu certamente não irei em direção a Arjuna, ó tu da linhagem de Kuru! Refletindo sobre isso, de todos os pontos de vista, com a ajuda de tua inteligência, ó principal de todas as pessoas inteligentes, e averiguando com teu intelecto o que é para o teu maior bem, me ordene, ó rei!'"

"Yudhishthira ouvindo essas palavras disse, 'É assim mesmo, ó poderosamente armado, como tu disseste, ó Madhava! Apesar de tudo isso, no entanto, ó senhor, meu coração não fica tranquilo por causa de Arjuna. Eu tomarei a maior precaução em me proteger. Mandado por mim, vá para onde Dhananjaya foi. Pesando, com meu bom senso, minha própria proteção em batalha com a necessidade de você ir em direção a Arjuna, a última me parece preferível. Prepare-te, portanto, para ir para lá para onde Dhananjaya foi. O poderoso Bhima me protegerá. O filho de Prishata, com todos os seus irmãos, e todos os reis poderosos, e o filhos de Draupadi, irão sem dúvida, me proteger. Os cinco irmãos Kekaya, e o Rakshasa Ghatotkacha, e Virata, e Drupada, e o poderoso guerreiro em carro Sikhandin e Dhrishtaketu de grande força, e Kuntibhoja, ó senhor, Nakula, e Sahadeva, e os Panchalas, e os Srinjayas, todos esses, ó senhor, irão sem dúvida, me proteger muito cuidadosamente. Drona na dianteira de suas tropas, e Kritavarman também, em batalha, não conseguirão nos vencer ou me afligir. Aquele opressor de inimigos, Dhrishtadyumna, mostrando sua coragem, resistirá ao enraivecido Drona como o continente resistindo ao mar. Lá onde o filho de Prishata, aquele matador de heróis hostis, permanecer, lá Drona nunca será capaz de violar nossas tropas à força. Dhristadyumna surgiu do fogo para a destruição de Drona, vestido em armadura, armado com arco e flechas e espada, e enfeitado com ornamentos caros. Vá, ó neto de Sini, com o coração tranquilo, não fique ansioso por minha causa. Dhrishtadyumna resistirá ao furioso Drona em batalha.'"

111

"Sanjaya disse, 'Ouvindo essas palavras do rei Yudhishthira o justo, aquele touro entre os Sinis temeu a repreensão de Arjuna se ele deixasse o rei. Vendo, no entanto, a certeza de uma imputação de covardia pelas pessoas (se ele desobedecesse Yudhishthira), ele disse a si mesmo, 'Que as pessoas não digam que eu estou com medo de proceder em direção a Arjuna.' Refletindo repetidamente sobre isso, Satyaki, aquele herói invencível em batalha, aquele touro entre homens, disse essas palavras para o rei Yudhishthira o justo, 'Se tu achas que esses arranjos serão suficientes para tua proteção, ó monarca, eu então cumprirei tua ordem e seguirei Vibhatsu. Eu te digo realmente, ó rei, que não há ninguém nos três mundos que seja mais querido para mim do que Phalguna. Eu seguirei no rastro dele por tua ordem, ó concessor de honras. Não há nada que eu não faria por tua causa. Ó melhor dos homens, as ordens de meu preceptor são sempre de peso para mim. Mas tuas ordens são ainda mais pesadas para mim, ó senhor! Teus irmãos, Krishna e Dhananjaya, estão sempre dedicados a fazer o que é agradável para ti. Recebendo tua ordem sobre minha cabeça por causa de Arjuna, ó senhor, eu procederei, ó touro entre homens, atravessando essa hoste impenetrável. Me lançando colericamente através dessa tropa de Drona, como um peixe pelo mar, eu irei para lá, ó monarca, onde o rei Jayadratha, dependendo de suas tropas, permanece, com medo do filho de Pandu, protegido por aqueles principais dos guerreiros em carros, isto é, o filho de Drona e Karna e Kripa! A distância daqui, ó rei, é três Yojanas, eu penso, daquele local onde Partha está, disposto a matar Jayadratha! Mas embora Partha esteja três Yojanas distante eu ainda seguirei em seu rastro com o coração firme, e ficarei com ele, ó rei, até a morte de Jayadratha. Que homem vai para a batalha sem as ordens de seus superiores? E quando alguém é mandado, ó rei, como eu fui por ti, quem como eu não lutaria? Eu conheço aquele local para onde eu terei que ir, ó senhor! Cheia como esta hoste semelhante ao oceano está com relhas de arado e dardos e maças e escudos e cimitarras e espadas e lanças e as mais notáveis das flechas, eu hoje agitarei este oceano. Essa divisão de elefantes, consistindo em mil elefantes, que tu vês, todos pertencentes à raça conhecida pelo nome de Anjana e todos dotados de grande bravura, os quais são todos montados por um grande número de Mlecchas que se deleitam em batalha e são hábeis em atacar, esses elefantes, ó rei, que estão derramando suas secreções suculentas como nuvens de chuva, esses nunca recuam se instigados para a frente por aqueles sobre suas costas. Eles não podem ser subjugados, ó rei, a menos que eles sejam mortos. Então, além disso, aqueles guerreiros em carros numerando milhares, que tu vês, são todos de linhagem nobre e são todos Maharathas. Eles são chamados Rukmarathas (donos de carros dourados). Eles são hábeis com armas e em lutar de carros, como também em lutar das costas de elefantes, ó monarca! Mestres perfeitos da ciência de armas, eles são talentosos em lutar com seus punhos. Hábeis em lutar com maças, mestres também da arte de lutar de perto, eles são igualmente hábeis em golpear com cimitarras e em se

lançar sobre o inimigo com espada e escudo. Eles são bravos e eruditos, e animados por um espírito de rivalidade. Todo dia, ó rei, eles subjugam um vasto número de homens em batalha. Eles são comandados por Karna e dedicados a Duhsasana. Até Vasudeva os elogia como grandes guerreiros em carros. Sempre desejosos do bem-estar de Karna, eles obedecem a ele. É por ordem de Karna, ó rei, que voltando de sua perseguição de Arjuna e, portanto, não fatigados e não enfraquecidos, aqueles bravos guerreiros, envolvidos em armadura impenetrável e armados com arcos fortes, estão certamente esperando por mim, ordenados por Duryodhana também. Subjugando eles em batalha pelo teu bem, ó Kaurava, eu então seguirei no rastro de Savyasachin. Aqueles outros elefantes, ó rei, setecentos em número, que tu vês, todos equipados com armadura e conduzidos por Kiratas, e enfeitados com ornamentos, o rei dos Kiratas, desejoso de sua vida, tinha antigamente oferecido para Savyasachin junto com muitos empregados em seu séquito. Esses, ó rei, estavam antigamente empenhados em cumprir teu propósito. Veja as vicissitudes que o tempo ocasiona, pois eles estão agora lutando contra ti. Aqueles elefantes são conduzidos por Kiratas difíceis de serem derrotados em batalha. Eles são hábeis em lutar de elefantes, e são todos descendentes da linhagem de Agni. Antigamente, eles foram todos subjugados em batalha por Savyasachin. Eles estão agora esperando por mim cuidadosamente, sob as ordens de Duryodhana. Matando com minhas flechas, ó rei, esses Kiratas difíceis de serem derrotados em batalha, eu seguirei no rastro de Arjuna que está decidido a matar o soberano dos Sindhus. Aqueles (outros) elefantes enormes, descendentes da raça de Arjuna, de peles impenetráveis, bem treinados, e adornados, e de cujas bocas as secreções suculentas estão escorrendo, e que estão bem adornados com armaduras feitas totalmente de ouro são muito temíveis em batalha e parecem o próprio Airavata. Eles vieram das colinas do norte, e são conduzidos por ladrões impetuosos que tem membros fortes, e são todos os mais notáveis dos guerreiros, e que estão equipados com cotas de malha de aço. Lá, entre eles estão pessoas nascidas da vaca, ou do macaco, ou de diversas outras criaturas, incluindo aqueles nascidos de homens. Aquela divisão de Mlecchas reunidos que são todos pecaminosos e que vem das fortalezas de Himavat, parecem a uma distância serem de cor esfumaçada. Obtendo esses, e inúmeros Kshatriyas, como também Kripa e aquele principal dos guerreiros em carros, isto é, Drona e o soberano dos Sindhus, e Karna, ele faz pouco caso dos Pandavas. Impelido pelo destino, ele se considera coroado com sucesso. Esses que eu citei irão, no entanto, hoje estar dentro do alcance de minhas flechas. Eles não me escaparão, ó filho de Kunti, mesmo que eles sejam dotados da velocidade da mente. Sempre muito respeitados por Duryodhana, aquele príncipe que depende da bravura de outros, aqueles guerreiros, afligidos por minhas nuvens de flechas, encontrarão a destruição. Aqueles outros guerreiros em carros, ó rei, que tu vês, e que tem estandartes dourados e difíceis de serem resistidos, são chamados Kamvojas. Eles são bravos e habilidosos, e firmemente dedicados à ciência de armas. Desejando o bem-estar uns dos outros eles estão todos unidos firmemente. Eles constituem um Akshauhini completo de guerreiros coléricos, ó Bharata, e estão esperando cuidadosamente por minha causa, bem protegidos pelos heróis Kuru. Eles estão em alerta, ó rei, com seus olhos sobre mim. Eu certamente destruirei eles todos, como fogo destruindo um pilha de palha.

Portanto, ó rei, que aqueles que equipam carros coloquem aljavas e todos os artigos necessários no meu carro em lugares apropriados. De fato, em tal batalha terrível, diversos tipos de armas devem ser usadas. Que o carro seja equipado (com artigos necessários) cinco vezes mais do que professores de ciência militar ordenam, pois eu terei que combater os Kamvojas que parecem cobras ferozes de veneno virulento. Eu terei também que combater os Kiratas que estão armados com diversas armas de guerra, que parecem veneno virulento, que são hábeis em atacar, que são sempre bem tratados por Duryodhana, e que por conta disso estão sempre dedicados ao bem-estar de Duryodhana. Eu também terei que enfrentar os Sakas dotados de destreza igual àquela do próprio Sakra, que são ferozes como fogo, e difíceis de extinguir como uma conflagração ardente. De fato, ó rei, eu terei que enfrentar em batalha muitos guerreiros difíceis de serem resistidos. Por isso que cavalos de batalha bem conhecidos da melhor raça e ornados com marcas auspiciosas sejam unidos ao meu carro, depois de fazer sua sede ser saciada e depois de tratá-los devidamente!'"

"Sanjaya continuou, 'Depois disso, Yudhishthira fez aljavas cheias de flechas, e diversos tipos de armas, e, de fato, todos os artigos necessários, serem colocados no carro de Satyaki. Então, pessoas fizeram seus quatro corcéis bem arreados e excelentes beberem e andarem, se banharem e comerem, e tendo adornado eles com correntes douradas e arrancado suas flechas, aqueles animais, que tinham (para essas operações) sido libertados da canga, e que eram da cor de ouro e bem treinados e dotados de grande velocidade e alegres e muito dóceis, foram devidamente unidos novamente ao carro dele. E sobre aquele carro foi levantado um estandarte alto portando um leão de juba dourada. E aquele estandarte que tinha amarrados em volta dele pendões da cor de nuvens brancas e decorado com ouro foi também colocado sobre aquele veículo levando uma carga pesada de armas. Depois que aqueles corcéis, enfeitados com arreios de ouro, tinham sido unidos àquele carro, o irmão mais novo de Daruka, que era o quadrigário e o amigo querido de Satyaki, veio e relatou para o último que o carro tinha sido devidamente equipado, como Matali relatando o equipamento do carro para o próprio Vasava. Satyaki então, tendo tomado um banho e se purificado e passado por todas as cerimônias auspiciosas, deu nishkas de ouro para mil Brahmanas Snataka que proferiram bênçãos sobre ele. Abençoado com aquelas bênçãos Satyaki, aquele principal dos homens belos, aquele herói digno de adoração, tendo bebido kairata, mel, brilhava resplandecente, com olhos avermelhados rolando em excitação. Tendo tocado um espelho de bronze e cheio de grande alegria, sua energia ficou dobrada, e ele mesmo parecia com um fogo ardente. Levando sobre seus ombros seu arco com flechas, aquele principal dos guerreiros em carros, envolvido em armadura e enfeitado com ornamentos, os regenerados tinham realizado para ele os ritos de propiciação. E donzelas formosas o honraram por derramarem sobre ele arroz frito e perfumes e guirlandas florais. E o herói então, com mãos unidas, adorou os pés de Yudhishthira, e o último cheirou sua cabeça. E tendo passado por todos esses ritos, ele então subiu no principal dos seus carros. Então aqueles corcéis, alegres e fortes e rápidos como o vento, e invencíveis, e pertencentes à raça Sindhu, o levaram naquele carro triunfante. Similarmente, Bhimasena também, honrado pelo rei Yudhishthira o justo, e

saudando o monarca com reverência, partiu com Satyaki. Vendo aqueles dois castigadores de inimigos a ponto de penetrar na tua hoste, seus inimigos, ou seja, tuas tropas, todas permaneceram imóveis com Drona em sua dianteira. Então Satyaki, vendo Bhima equipado em armadura e o seguindo, saudou aquele herói e falou a ele essas palavras agradáveis. De fato, o heróico Satyaki, com cada membro cheio de alegria, disse para Bhima, 'Ó Bhima, proteja o rei. Esse mesmo é teu dever acima de todas as coisas. Atravessando essa hoste cuja hora chegou, eu prosseguirei. Agora a partir daqui, a proteção do rei é teu maior dever. Tu conheces minha destreza, tu desejas meu bem, volte, ó Bhima!' Assim endereçado por Satyaki, Bhima respondeu, 'Vá então, para o sucesso do teu objetivo. Ó melhor dos homens, eu protegerei o rei.' Assim endereçado, ele da linhagem de Madhu respondeu para Bhima, dizendo, 'Volte, ó filho de Pritha! Meu êxito é certo, já que conquistado por meus méritos, dessa maneira, ó Bhima, és hoje obediente aos meus desejos. De fato, ó Bhima, como esses presságios auspiciosos me dizem, minha vitória está assegurada. Depois que o soberano pecaminoso dos Sindhus tiver sido morto pelo filho de grande alma de Pandu, eu abraçarei o rei Yudhishthira de alma virtuosa.' Dizendo essas palavras para Bhima e dispensando-o com um abraço aquele guerreiro ilustre olhou tuas tropas, como um tigre olhando um bando de veados. Vendo ele olhando teu exército daquela maneira, ó rei, tuas tropas ficaram mais uma vez entorpecidas e começaram a tremer violentamente. Então, ó rei, Satyaki desejoso de ver Arjuna por ordem do rei Yudhishthira o justo lançou-se de repente contra tuas tropas.'"

112

"Sanjaya disse, 'Ó rei, quando Yuyudhana, pelo desejo de batalha procedeu contra tuas tropas, o rei Yudhishthira, circundado por suas tropas, seguiu Yuyudhana para alcançar o carro de Drona. Então o filho do rei dos Panchalas, isto é, o guerreiro invencível Dhrishtadyumna e o rei Vasudana, ambos exclamaram ruidosamente com a hoste Pandava, 'Venham, ataquem rapidamente, e avancem contra o inimigo, para que Satyaki, aquele guerreiro invencível em batalha, possa passar facilmente (através da hoste Kaurava). Muitos poderosos guerreiros em carros lutarão para subjugá-lo.' Os grandes guerreiros em carros (do exército Pandava), dizendo isso, se lançaram impetuosamente sobre seus inimigos. De fato, eles todos avançaram, dizendo, 'Nós derrotaremos aqueles que se esforçarem para subjugar Satyaki.' Então um tumulto alto foi ouvido em volta do carro de Satyaki. A hoste do teu filho, no entanto, coberta pelas flechas de Satyaki, fugiu. De fato, ó rei, aquela hoste foi dividida em cem grupos que se debatiam por ele da linhagem de Satwata. E quando aquela tropa estava se dividindo, aquele poderoso guerreiro em carro, o (neto) de Sini, subjugou sete arqueiros heróicos e formidáveis na fileira frontal do inimigo. E, ó monarca, com suas flechas que pareciam chamas ardentes de fogo, ele despachou muitos outros heróis, reis de diversos reinos, para a região de Yama. Ele às vezes perfurava cem guerreiros com uma flecha, e às vezes um guerreiro com cem flechas. Como o grande Rudra destruindo criaturas, ele matou condutores de elefantes e

guerreiros em carros com corcéis e motoristas. Ninguém entre tuas tropas se arriscava a avançar contra Satyaki que estava mostrando tal agilidade de mão e que derramava tais nuvens de flechas. Em pânico e oprimidos e subjugados dessa maneira por aquele herói de braços longos, aqueles bravos guerreiros todos deixaram o campo na vista daquele herói orgulhoso. Embora sozinho, eles o viram multiplicado por muitos, e foram entorpecidos por sua energia. E a terra parecia extremamente bela com carros despedaçados e nidas quebrados (nidas eram nichos ou cabinas dos motoristas), ó majestade, e rodas e guarda-sóis caídos e estandartes e anukarshas, e pendões, e proteções para a cabeça enfeitadas com ouro, e braços humanos cobertos com pasta de sândalo e adornados com Angadas, ó rei, e coxas humanas, parecendo trombas de elefantes ou os corpos afilados de cobras, e rostos, belos como a lua e enfeitados com brincos, de guerreiros de olhos grandes jazendo por todo o campo. E o solo lá parecia extremamente belo com os corpos enormes de elefantes caídos, cortados de diversas maneiras, como uma grande planície coberta com colinas. Subjugados por aquele herói de braços longos, corcéis, privados de vida e caídos no chão, pareciam belos em seus tirantes feitos de ouro polido e decorados com fileiras de pérolas, e em suas estruturas de belo feitio e modelo. Tendo matado diversos tipos de tuas tropas, ele da tribo Satwata entrou na tua hoste, agitando e desbaratando teu exército. Então Satyaki desejou seguir por aquela mesma rota pela qual Dhananjaya tinha ido antes dele. Então Drona chegou e resistiu a ele. Enfrentando o filho de Bharadwaja, Yuyudhana, cheio de raiva, não parou como uma vasta extensão de água ao encontrar um dique. Drona, no entanto, reprimindo naquela batalha o poderoso guerreiro em carro Yuyudhana, perfurou-o com cinco flechas afiadas, capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. Satyaki, no entanto, ó rei, naquela batalha perfurou Drona com sete flechas afiadas em pedra, providas de asas douradas e as penas do Kanka e do pavão. Então Drona afligiu Satyaki, seus corcéis e o motorista, com seis flechas. O poderoso guerreiro em carro Yuyudhana não pode tolerar essa façanha de Drona. Proferindo um grito leonino, ele então perfurou Drona com dez flechas, e então com seis, e então com oito outras. E mais uma vez Yuyudhana perfurou Drona com dez flechas, seu quadrigário com uma e seus quatro corcéis com quatro. E com outra flecha, ó majestade, Satyaki atingiu o estandarte de Drona. Então Drona rapidamente cobriu Satyaki, seu carro, corcéis, motorista, e bandeira, com flechas de rumo rápido, incontáveis em número como um bando de gafanhotos. Similarmente, Yuyudhana destemidamente cobriu Drona com inúmeras flechas de grande velocidade. Então Drona, dirigindo-se a Yuyudhana, disse, 'Teu preceptor (Arjuna), como um covarde, partiu, deixando a batalha, evitando a mim que estava lutando com ele, prosseguindo por meu flanco. Ó tu da linhagem de Madhu, se como teu preceptor, tu também não me evitares rapidamente nessa batalha, tu não escaparás de mim com vida hoje, envolvido como eu estou em batalha contigo.'"

"Satyaki, ouvindo essas palavras, respondeu, 'Por ordem do rei Yudhishthira o justo eu seguirei no rastro de Dhananjaya. Abençoado sejas tu, ó Brahmana, eu perderia tempo (se eu lutasse contigo). Um discípulo deve sempre andar no

caminho trilhado por seu preceptor. Eu irei, portanto, seguir o caminho que foi trilhado por meu preceptor.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito isso mesmo, o neto de Sini evitou o preceptor e subitamente prosseguiu adiante, ó rei! E se dirigindo a seu quadrigário, ele disse, 'Drona irá, por todos os meios, se esforçar para deter meu avanço. Prossiga cuidadosamente, ó Suta, em batalha e escute essas minhas palavras importantes. Lá é vista a hoste de grande esplendor de Avantis. Próximo a eles está a hoste poderosa dos habitantes do sul. E ao lado dessa está a hoste formidável dos Valhikas. Ao lado dos Valhikas, permanece decidida para lutar a hoste poderosa comandada por Karna. Ó quadrigário, todas essas hostes são diferentes umas das outras, mas confiando umas nas outras, elas protegem umas às outras no campo de batalha. Chegando no espaço deixado aberto no meio dessas divisões incite alegremente os corcéis. De fato, ó quadrigário, leve-me para lá, fazendo os corcéis adotarem uma velocidade tolerável, para lá, isto é, onde são vistos os Valhikas com diversas armas erguidas em seus braços, e os inúmeros habitantes do sul encabeçados pelo filho de Suta e cuja divisão é vista apresentar uma formação de combate cerrada de elefantes e corcéis e carros e na qual se encontram soldados de infantaria de vários reinos.' Tendo dito isso para seu motorista, evitando o Brahmana (Drona), ele prosseguiu, dizendo a seu quadrigário, 'Passe pelo espaço aberto entre aquelas duas divisões em direção à hoste ameaçadora e poderosa de Karna.' Drona, no entanto, cheio de fúria, o perseguiu de trás, disparando inúmeras flechas nele. De fato, o preceptor seguiu de perto o muito abençoado Yuyudhana que avançava sem qualquer desejo de voltar atrás. Atacando a formidável hoste de Karna com flechas afiadas, Satyaki penetrou no exército vasto e ilimitado dos Bharatas. Quando Yuyudhana, no entanto, entrou no exército, as tropas (opostas a ele) fugiram. Nisso, o colérico Kritavarman se adiantou para resistir a Satyaki. O valente Satyaki atingindo Kritavarman que avançava com seis flechas, rapidamente matou seus quatro corcéis com quatro outras flechas. E novamente ele perfurou Kritavarman no centro do peito com quatro outras flechas. E mais uma vez ele perfurou Kritavarman no centro do peito com dezesseis flechas retas de grande velocidade. Assim combatido; ó monarca; com muitas flechas de energia impetuosa por ele da tribo Satwata, Kritavarman foi incapaz de tolerar isso. Apontando então uma flecha de dente de bezerro parecendo uma cobra de veneno virulento e dotada da velocidade do vento, e puxando a corda do arco, ó monarca, até sua orelha, ele perfurou Satyaki no peito. Aquela flecha, equipada com penas belas, atravessando sua armadura e corpo, e tingida com sangue, entrou na terra. Então, ó rei, Kritavarman, aquele guerreiro equipado com as armas mais superiores, disparando muitas flechas, cortou o arco de Satyaki com flechas fixadas nele. E excitado com raiva, ele então, naquela batalha, ó rei, perfurou Satyaki de destreza imbatível no centro do peito com dez flechas muito afiadas. Após seu arco ser quebrado, o mais notável dos homens poderosos, Satyaki, arremessou um dardo no braço direito de Kritavarman. E pegando e estirando um arco mais resistente, Yuyudhana rapidamente disparou em seu inimigo flechas às centenas e milhares e cobriu totalmente Kritavarman e seu carro com aquela torrente de flechas. Tendo assim coberto o filho de Hridika, ó monarca, naquela batalha, Satyaki

cortou, com uma flecha de cabeça larga, a cabeça do quadrigário de seu inimigo de seu tronco. O quadrigário do filho de Hridika então, assim morto, caiu daquele carro magnífico. Nisso, os corcéis de Kritavarman, privados de um motorista, fugiram com grande velocidade. O soberano dos Bhojas, então, em grande agitação, controlou ele mesmo aqueles corcéis. Aquele guerreiro heróico então, arco na mão, permaneceu sobre seu carro (pronto para lutar). Vendo essa façanha, suas tropas o aplaudiram muito. Descansando por um curto espaço de tempo, Kritavarman então incitou aqueles seus corcéis excelentes. Ele mesmo desprovido de medo, ele inspirava seus inimigos com grande medo. Satyaki, no entanto, tinha dentro daquele tempo o deixado para atrás, enquanto o próprio Kritavarman agora avançava contra Bhimasena sem perseguir Satyaki. Saindo dessa maneira da divisão dos Bhojas, Satyaki procedeu com grande velocidade em direção à divisão poderosa dos Kamvojas. Resistido lá por muitos bravos e poderosos guerreiros em carros, Yuyudhana, de bravura incapaz de ser frustrada, não podia então, ó monarca, prosseguir um passo. Enquanto isso, Drona, tendo colocado sua ordem de batalha em uma posição apropriada e transferido a responsabilidade de sua proteção para o soberano dos Bhojas, firmemente decidido, procedeu com grande velocidade em direção a Yuyudhana pelo desejo de lutar. Então os principais guerreiros da hoste Pandava, vendo Drona assim perseguindo Yuyudhana de trás, começaram a resistir a ele alegremente. Os Panchalas, no entanto, que eram encabeçados por Bhimasena, tendo se aproximado do filho de Hridika, aquele principal dos guerreiros em carros, ficaram todos desanimados. O heróico Kritavarman, ó rei, mostrando sua bravura, resistiu a todos aqueles guerreiros que, embora tivessem ficado um pouco sem entusiasmo, ainda lutavam com grande vigor. Destemidamente ele enfraqueceu, por meio de suas chuvas de flechas, os animais de seus inimigos. Os bravos guerreiros, no entanto, (do exército Pandava), embora assim afligidos pelo soberano dos Bhojas, permaneceram, como soldados de nascimento nobre que eles eram, decididos a lutar com a própria divisão dos Bhojas, por um desejo de grande renome.'"

113

"Dhritarashtra disse, 'Nosso exército é igualmente possuidor de muitas excelências. Ele é igualmente considerado como superior. Ele é igualmente organizado segundo as regras de ciência, e é igualmente numeroso, ó Sanjaya! Ele é sempre bem tratado por nós, e é sempre dedicado a nós. Ele é vasto em força numérica, e apresenta um aspecto estupendo. Sua coragem foi testada antes. Os soldados não são nem muito velhos nem muito jovens. Eles não são nem magros nem corpulentos. De hábitos ativos, de corpos bem desenvolvidos e fortes, eles estão livres de doenças. Eles estão envolvidos em armaduras e bem equipados com armas. Eles são dedicados a todos os tipos de exercícios armados. Eles são peritos em montar e descer das costas de elefantes, em se mover para a frente e recuar, em atacar eficazmente, e em marchar e se retirar. Muitas vezes eles foram testados na condução de elefantes e corcéis e carros. Tendo sido examinados devidamente, eles tem sido regalados por meio de

pagamento e não por causa de linhagem, nem por favor, nem por relacionamento. Eles não são uma turba vinda por iniciativa própria, nem eles foram admitidos ao meu exército sem pagamento. Meu exército consiste em homens bem nascidos e respeitáveis, que são, além disso, contentes, bem alimentados, e submissos. Eles são suficientemente recompensados. Eles são todos famosos e dotados de grande inteligência. Eles são, além disso, ó filho, protegidos por muitos dos nossos principais conselheiros e outros de atos justos, todos os quais são os melhores dos homens, parecendo os próprios Regentes do mundo. Inúmeros soberanos da terra, procurando fazer o que é agradável para nós, e que por sua própria vontade tomaram nosso partido com suas tropas e seguidores, também os protegem. De fato, nosso exército é como o oceano vasto enchido com as águas de inúmeros rios correndo de todas as direções. Ele está cheio de corcéis e carros os quais, embora desprovidos de asas, contudo parecem os ocupantes alados do ar. Ele está cheio também com elefantes enfeitados cujas bochechas fluem com secreções suculentas. O que pode ser, portanto, exceto o Destino que mesmo tal exército deva ser massacrado? (Semelhante ao oceano como ele é), o vasto número de combatentes constitui suas águas intermináveis, e os corcéis e outros animais constituem suas ondas terríveis. Inúmeras espadas e maças e dardos e flechas e lanças constituem os remos (manipulados naquele oceano). Abundando em estandartes e ornamentos, as pérolas e pedras preciosas (dos guerreiros) constituem os lotos que o embelezam. Os corcéis e elefantes que avançam constituem os ventos que o agitam à fúria. Drona constitui a caverna insondável daquele oceano, Kritavarman seu vasto redemoinho, Jalasandha seu imenso jacaré, e Karna o nascer da lua que o faz aumentar com energia e orgulho. Quando aquele touro entre os Pandavas, em seu único carro, seguiu rapidamente atravessando aquele meu exército (embora ele seja) vasto como o oceano, e quando Yuyudhana também o seguiu, eu, ó Sanjaya, não vejo a probabilidade nem de um resto de minhas tropas ser deixado vivo por Savyasachin, e aquele principal dos guerreiros em carros pertencente à linhagem Satwata. Vendo aqueles dois heróis extremamente ativos atravessarem (as divisões colocadas na vanguarda), e vendo o soberano dos Sindhus também ao alcance das flechas do Gandiva, qual, de fato, foi a medida adotada pelos Kauravas impelidos pelo destino? Naquele momento, quando todos estavam lutando atentamente, o que aconteceu com eles? Ó senhor, eu considero os Kurus reunidos como tendo sido tragados pela própria Morte. De fato, sua bravura também em batalha não é mais vista ser o que ela uma vez foi. Krishna e o filho de Pandu entraram ambos ilesos na hoste (Kuru). Não há ninguém naquela hoste, ó Sanjaya, capaz de resistir a eles. Muitos combatentes que são grandes guerreiros em carros formam admitidos por nós depois de exame. Eles são todos honrados (por nós) com pagamento como cada um merece, e outros com palavras agradáveis. Não há ninguém, ó filho, entre minhas tropas que não seja honrado com bons préstimos (feitos a ele). Cada um recebe seu pagamento determinado e mantimentos segundo o caráter de seus serviços. Em meu exército, ó Sanjaya, não há ninguém que é inexperiente em batalha, ninguém que recebe pagamento menor do que ele merece, ou ninguém que não receba qualquer pagamento. Os soldados são adorados por mim, segundo o melhor de meus poderes, com presentes e honras e assentos. O mesmo comportamento é seguido em direção a eles por meus filhos, meus

parentes, e meus amigos. Contudo na mera aproximação de Savyasachin, eles foram todos subjugados por ele e pelo neto de Sini. O que pode ser isso exceto o Destino? Aqueles que estão protegendo eles, todos seguem a mesma estrada, os protegidos com os protetores! Vendo Arjuna chegar na frente de Jayadratha, que medida foi adotada por meu filho tolo? Vendo Satyaki também entrando na hoste, que passo Duryodhana achou conveniente para aquela ocasião? De fato, vendo aqueles dois principais dos guerreiros em carros que estão além do toque de todas as armas entrarem em minha hoste, que decisão foi tomada por meus guerreiros em batalha? Eu penso que vendo Krishna da linhagem de Dasarha e aquele touro da linhagem de Sini também ambos envolvidos em combate por causa de Arjuna meus filhos estão cheios de aflição. Eu penso que vendo ambos Satwata e Arjuna passarem através do meu exército e os Kurus fugindo, meus filhos estão cheios de aflição. Eu penso que vendo seus guerreiros em carros recuarem em desesperança de subjugar o inimigo e colocando seus corações em fugir do campo, meus filhos estão cheios de aflição. (Vendo) seus corcéis e elefantes e carros e heróicos combatentes aos milhares fugindo do campo em ansiedade, meus filhos estão cheios de aflição. Eu penso que vendo muitos elefantes enormes fugirem, afligidos pelas flechas de Arjuna, e outros caindo e caídos, meus filhos estão cheios de aflição. Eu penso que vendo corcéis privados de cavaleiros e guerreiros privados de carros por Satyaki e Partha, meus filhos estão cheios de aflição. Eu penso (que vendo) grandes grupos de cavalos mortos ou desbaratados por Madhava e Partha, meus filhos estão cheios de aflição. Eu penso que vendo grandes grupos de soldados de infantaria fugindo em todas as direções, meus filhos, ficando sem esperança de sucesso, estão cheios de aflição. Eu penso que vendo aqueles dois passarem pela divisão de Drona invictos em um instante, meus filhos estão cheios de aflição. Eu estou pasmo, ó filho, ao saber que Krishna e Dhananjaya, aqueles dois heróis de glória imorredoura, ambos, com Satwata, penetraram em minha hoste. Depois que aquele principal dos guerreiros em carros entre os Sinis tinha entrado em minha hoste, e depois que ele tinha passado pela divisão dos Bhojas, o que os Kauravas fizeram? Diga-me também, ó Sanjaya, como a batalha se realizou lá onde Drona afligiu os Pandavas no campo. Drona é dotado de grande poder, é a mais notável de todas as pessoas, é hábil com armas, e incapaz de ser derrotado em batalha. Como poderiam os Panchalas perfurar aquele arqueiro formidável no combate? Desejosos da vitória de Dhananjaya, os Panchalas são inimigos inveterados de Drona. O poderoso guerreiro em carro Drona também é um inimigo inveterado deles. Tu és hábil em narração, ó Sanjaya! Conte-me, portanto, tudo acerca do que Arjuna fez para realizar a morte do soberano dos Sindhus.'"

"Sanjaya disse, 'Ó touro da raça Bharata, atingido por uma calamidade que é resultado direto da tua própria falha, tu não deves, ó herói, te entregar a lamentações como uma pessoa comum. Antigamente, muitos dos teus sábios benquerentes, numerando Vidura entre eles, tinham te dito, 'Ó rei, não abandone os filhos de Pandu.' Tu então não prestaste atenção àquelas palavras. O homem que não presta atenção aos conselhos de amigos que desejam o bem, lamenta, caindo em grande infortúnio, como tu mesmo. Ele da linhagem de Dasarha, ó rei, antigamente te rogou pela paz. Apesar de tudo isso, Krishna de fama mundial não

obteve seu rogo. Averiguando tua vileza, e teus ciúmes em direção aos Pandavas, e compreendendo também tuas intenções desonestas em direção aos filhos de Pandu, e ouvindo tuas lamentações delirantes, ó melhor dos reis, aquele pujante Senhor de todos os mundos, aquele Ser conhecedor da verdade de tudo em todos os mundos, Vasudeva, então fez a chama da guerra brilhar entre os Kurus. Essa destruição vasta e indiscriminada aconteceu a ti ocasionada por tua própria falha. Ó concessor de honras, não cabe a ti imputar a falha a Duryodhana. No desenvolvimento desses incidentes nenhum mérito teu é visto no início, no meio, ou no fim. Essa derrota é totalmente devido a ti. Portanto, sabendo como tu sabes a verdade a respeito deste mundo, fique calmo e ouça como essa batalha violenta, parecendo aquela entre os deuses e os Asuras, ocorreu. Depois que o neto de Sini, aquele guerreiro de destreza incapaz de ser frustrada, tinha entrado na tua hoste, os Parthas encabeçados por Bhimasena também avançaram contra tuas tropas. O poderoso guerreiro em carro Kritavarman, embora sozinho, resistiu, naquela batalha, aos Pandavas avançando em fúria e cólera com seus seguidores contra tua hoste. Como o continente resistindo às ondas do mar, assim mesmo o filho de Hridika resistiu às tropas dos Pandavas naquela batalha. A destreza que nós então contemplamos do filho de Hridika foi extraordinária, visto que os Parthas unidos não conseguiram ultrapassar a ele sozinho. Então o poderosamente armado Bhima, perfurando Kritavarman com três flechas, soprou sua concha, alegrando todos os Pandavas. Então Sahadeva perfurou o filho de Hridika com vinte flechas, e Yudhishthira o justo o perfurou com cinco e Nakula o perfurou com cem. E os filhos de Draupadi o perfuraram com setenta e três flechas, e Ghatotkacha o perfurou com sete. E Virata e Drupada e o filho de Drupada (Dhrishtadyumna) cada um o perfurou com cinco flechas, e Sikhandin, tendo uma vez o perfurado com cinco, novamente o perfurou sorridente com vinte e cinco flechas. Então Kritavarman, ó rei, perfurou cada um daqueles grandes guerreiros em carros com cinco flechas, e Bhima novamente com sete. E o filho de Hridika derrubou o arco e o estandarte de Bhima do carro do último. Então aquele poderoso guerreiro em carro, com grande velocidade, colericamente atingiu Bhima, cujo arco tinha sido cortado, com setenta flechas afiadas no peito. Então o poderoso Bhima, profundamente perfurado com aquelas flechas excelentes do filho de Hridika, tremeu em seu carro como uma montanha durante um terremoto. Vendo Bhimasena naquela condição, os Parthas encabeçados pelo rei Yudhishthira o justo afligiram Kritavarman, ó rei, disparando muitas flechas nele. Cercando aquele guerreiro lá com multidões de carros, ó majestade, eles alegremente começaram a perfurá-lo com suas flechas, desejando proteger o filho do deus do vento naquela batalha. Então o poderoso Bhimasena, recuperando a consciência, pegou naquela batalha um dardo feito de aço e equipado com uma vara dourada, e arremessou-o com grande velocidade de seu próprio carro no carro de Kritavarman. Aquele dardo parecendo uma cobra livre de sua pele, arremessado das mãos de Bhima, de aparência ameaçadora, brilhou quando ele procedeu em direção a Kritavarman. Vendo aquele dardo dotado do esplendor do fogo Yuga correndo em direção a ele, o filho de Hridika cortou-o em dois com duas flechas. Nisso, aquele dardo enfeitado com ouro, assim cortado, caiu no chão, iluminando os dez pontos do horizonte, ó rei, como um meteoro grande caído do firmamento. Vendo seu dardo frustrado, Bhima se inflamou em fúria. Então

pegando outro arco que era mais resistente e cuja vibração era mais alta, Bhimasena, cheio de ira, atacou o filho de Hridika naquela batalha. Então, ó rei, Bhima, de poder terrível atingiu Kritavarman no centro do peito com cinco flechas, por consequência da tua má política, ó monarca! O soberano dos Bhojas então, mutilado em todos os membros, ó majestade, por Bhimasena, brilhava resplandecente no campo como uma Asoka vermelha coberta com flores. Então aquele arqueiro poderoso, Kritavarman, cheio de raiva, sorridente atingiu Bhimasena com três flechas, e tendo-o atingido com força, perfurou em retorno todos aqueles grandes guerreiros em carros lutando vigorosamente em batalha, com três flechas. Cada um dos últimos então perfurou-o em retorno com sete flechas. Então aquele poderoso guerreiro em carro da tribo Satwata, cheio de fúria, cortou, sorrindo naquela batalha, com uma flecha de face de navalha o arco de Sikhandin. Sikhandin então, vendo seu arco cortado, pegou rapidamente uma espada e um escudo brilhante ornamentado com cem luas. Girando seu escudo grande, enfeitado com ouro, Sikhandin lançou aquela espada em direção ao carro de Kritavarman. Aquela espada larga, cortando, ó rei, o arco de Kritavarman com flecha fixada nele, caiu no chão, ó monarca, como um corpo luminoso brilhante solto do firmamento. Enquanto isso, aqueles poderosos guerreiros em carros rapidamente e profundamente perfuraram Kritavarman com suas flechas naquela batalha. Então aquele matador de heróis hostis, o filho de Hridika, jogando longe aquele arco quebrado, e pegando outro, perfurou cada um dos Pandavas com três flechas retas. E ele perfurou Sikhandin a princípio com três, e então com cinco flechas. Então o ilustre Sikhandin, pegando outro arco, reprimiu o filho de Hridika com muitas flechas de vôo rápido, equipadas com cabeças parecidas com unhas de tartaruga. Então, ó rei, o filho de Hridika, cheio de raiva naquela batalha, avançou impetuosamente naquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho de Yajnasena, aquele guerreiro, ó monarca, que foi a causa da queda do ilustre Bhishma em batalha. De fato, o heróico Kritavarman avançou em Sikhandin, mostrando sua força, como um tigre em um elefante. Então aqueles dois castigadores de inimigos, que pareciam um par de elefantes enormes ou dois fogos ardentes, combateram um ao outro com nuvens de flechas. E eles pegaram seus melhores arcos e apontaram suas flechas, e as dispararam às centenas como um par de sóis derramando seus raios. E aqueles dois poderosos guerreiros em carros chamuscaram um ao outro com suas flechas afiadas, e brilharam resplandecentes como dois sóis aparecendo no fim do Yuga. E Kritavarman naquela batalha perfurou aquele guerreiro em carro poderoso, o filho de Yajnasena, com setenta e três flechas e mais uma vez com sete. Profundamente perfurado com isso, Sikhandin sentou-se em sofrimento no terraço de seu carro, jogando de lado seu arco e flechas, e foi dominado por um desmaio. Vendo aquele herói desmaiado, tuas tropas, ó touro entre homens, reverenciaram o filho de Hridika, e acenaram suas peças de roupa no ar. Vendo Sikhandin assim atormentado pelas flechas do filho de Hridika seu quadrigário rapidamente levou aquele poderoso guerreiro em carro para longe da batalha. Os Parthas, vendo Sikhandin jazendo sem sentidos no terraço de seu carro, logo cercaram Kritavarman naquela batalha com multidões de carros. O poderoso guerreiro em carro, Kritavarman, então realizou um feito muito extraordinário lá, visto que, sozinho ele manteve sob controle todos os Parthas com seus seguidores. Tendo

assim subjugado os Parthas, aquele poderoso guerreiro em carro então derrotou os Chedis, os Panchalas, os Srinjayas, e os Kekayas, todos os quais são dotados de grande bravura. As forças armadas dos Pandavas então, assim massacradas pelo filho de Hridika começaram a correr em todas as direções, incapazes de permanecer friamente em batalha. Tendo vencido os filhos de Pandu encabeçados pelo próprio Bhimasena, o filho de Hridika permaneceu em batalha como um fogo ardente. Aqueles poderosos guerreiros em carros, afligidos com torrentes de flechas e desbaratados pelo filho de Hridika em batalha, não se arriscavam a encará-lo.'"

114

"Sanjaya disse, 'Ouça com total atenção, ó rei. Depois da derrota daquela tropa pelo filho de grande alma de Hridika, e após os Parthas serem humilhados com vergonha e tuas tropas se rejubilado com alegria, ele que se tornou protetor dos Pandavas que estavam desejosos de proteção enquanto afundando naquele mar insondável de angústia, aquele herói, ou seja, o neto de Sini, ouvindo aquele tumulto ameaçador do teu exército naquela batalha terrível, voltou atrás rapidamente e procedeu contra Kritavarman. O filho de Hridika, Kritavarman, então excitado com cólera, cobriu o neto de Sini com nuvens de flechas afiadas. Nisso, Satyaki também ficou cheio de raiva. O neto de Sini então rapidamente disparou em Kritavarman uma flecha afiada e de cabeça larga no combate e então quatro outras setas. Essas quatro setas mataram os corcéis de Kritavarman, e a outra cortou o arco de Kritavarman. Então Satyaki perfurou o quadrigário de seu inimigo e aqueles que protegiam a retaguarda do último com muitas flechas afiadas, para afligir as tropas de seu adversário. A divisão hostil então, afligida pelas flechas de Satyaki, se dividiu. Nisso, Satyaki de destreza incapaz de ser frustrada prosseguiu rapidamente em seu caminho. Ouça agora, ó rei, o que aquele herói de grande coragem então fez para tuas tropas. Tendo, ó monarca, vadeado o oceano constituído pela divisão de Drona, e cheio de alegria em ter derrotado Kritavarman em batalha, aquele herói então dirigiu-se a seu quadrigário, dizendo, 'Prossiga lentamente sem medo.' Contemplando, no entanto, aquele teu exército cheio de carros, corcéis, elefantes e soldados a pé, Satyaki mais uma vez disse para seu quadrigário, 'Essa grande divisão que tu vês à esquerda da hoste de Drona, e que parece escura como as nuvens, consiste nos elefantes (do inimigo). Rukmaratha é seu líder. Aqueles elefantes são muitos, ó quadrigário, e são difíceis de serem resistidos em batalha. Instigados por Duryodhana, eles esperam por mim, preparados para sacrificar suas vidas. Todos aqueles combatentes são de nascimento principesco, e grandes arqueiros, e capazes de mostrar muita bravura em batalha, pertencentes ao país dos Trigartas, eles são todos ilustres guerreiros em carros, possuindo estandartes decorados com ouro. Aqueles bravos guerreiros estão esperando, desejosos de lutar comigo. Incite os corcéis rapidamente, ó quadrigário, e me leve para lá. Eu lutarei com os Trigartas na própria vista do filho de Bharadwaja.' Assim endereçado, o quadrigário, obediente ao desejo de Satwata, prosseguiu lentamente. Naquele carro brilhante de refulgência solar, provido de estandarte, aqueles corcéis excelentes arreados a ele e perfeitamente

obedientes ao motorista, dotados da velocidade do vento, brancos como a flor Kunda, ou a lua, ou prata, o levaram (para aquele local). Quando ele avançou para a batalha, puxado por aqueles excelentes corcéis da cor de uma concha, aqueles bravos guerreiros o cercaram por todos os lados com seus elefantes, espalhando diversas espécies de flechas afiadas capazes de perfurar tudo facilmente. Satwata também lutou com aquela divisão de elefantes, disparando suas flechas afiadas, como uma nuvem imensa no fim do verão derramando torrentes de chuva em um leito de montanha. Aqueles elefantes massacrados com aquelas flechas, cujo toque parecia (aquele do) trovão, disparadas por aquele principal entre os Sinis começaram a fugir do campo, suas presas quebradas, corpos cobertos com sangue, cabeças e globos frontais fendidos, orelhas e faces e trombas cortados, e eles mesmos privados de condutores, e estandartes derrubados, cavaleiros mortos, e cobertores soltos, fugiram, ó rei, em todas as direções. Muitos entre eles, ó monarca, mutilados por Satwata com flechas compridas e flechas de cabeça de dente de bezerro e flechas de cabeça larga e Anjalikas e flechas de face de navalha e algumas em forma de meia-lua fugiram, com sangue escorrendo por seus corpos, e eles mesmos expelindo urina e fezes e proferindo gritos altos e diversos, profundos como o rugido das nuvens. E alguns entre os outros vagavam, e alguns prosseguiam com dificuldade, e alguns caíam, e alguns ficavam pálidos e desanimados. Assim atormentada por Yuyudhana, com flechas que pareciam o sol ou fogo, aquela divisão de elefantes fugiu em todas as direções. Depois que aquela divisão de elefantes foi exterminada, o poderoso Jalasandha, se esforçando friamente, conduziu seu elefante para a frente do carro de Yuyudhana puxado por corcéis brancos. Enfeitado com Angadas dourados, com brincos e diadema, armado com espada, coberto com pasta de sândalo vermelha, sua cabeça rodeada por uma corrente brilhante de ouro, seu peito coberto com uma couraça, seu pescoço adornado com uma corrente brilhante (de ouro), aquele herói de alma impecável, posicionado na cabeça de seu elefante, vibrando seu arco enfeitado com ouro, parecia resplandecente, ó rei, como uma nuvem carregada com relâmpago. Como o continente resistindo às ondas do mar, Satyaki deteve aquele elefante excelente do soberano dos Magadhas que se aproximou dele com tal fúria. Vendo o elefante detido pelas flechas excelentes de Yuyudhana, o poderoso Jalasandha ficou cheio de raiva. Então, ó rei, o enfurecido Jalasandha perfurou o neto de Sini em seu peito largo com algumas flechas de grande força. Com outra flecha afiada e bem temperada e de cabeça larga, ele cortou o arco do herói Vrishni enquanto o último o estava esticando. E então, ó Bharata, sorrindo, o soberano heróico dos Magadhas perfurou Satyaki sem arco com cinco flechas afiadas. O valente e poderosamente armado Satyaki, no entanto, embora perfurado por muitas flechas por Jalasandha, não tremeu de modo algum. Tudo isso parecia muito extraordinário. Então o poderoso Yuyudhana sem qualquer temor pensou nas flechas (que ele devia usar). Pegando outro arco, ele dirigiu-se a Jalasandha, dizendo, 'Espere, Espere!' Dizendo isso mesmo, o neto de Sini perfurou Jalasandha profundamente em seu peito largo com sessenta flechas, sorrindo. E com outra flecha de face de navalha de corte excelente ele cortou o arco de Jalasandha no cabo, e com mais três flechas ele perfurou o próprio Jalasandha. Então Jalasandha, jogando de lado aquele seu arco com uma flecha fixada nele, arremessou uma lança, ó majestade, em

Satyaki. Aquela lança terrível, atravessando o braço esquerdo de Madhava em batalha violenta, entrou na terra, como uma cobra silvando de proporção gigantesca. E seu braço esquerdo tendo sido assim perfurado, Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada, atingiu Jalasandha com trinta flechas afiadas. Então o poderoso Jalasandha pegando sua cimitarra e escudo grande feito de pele de touro e decorado com cem luas girou a primeira por um tempo e arremessou-a em Satwata. Cortando o arco do neto de Sini, aquela cimitarra caiu no chão, e parecia brilhante como um círculo de fogo, quando ela jazia sobre o solo. Então Yuyudhana pegou outro arco capaz de perfurar tudo, grande como um ramo de Sala, e de vibração parecendo o ribombo do trovão de Indra, e cheio de raiva, esticou-o e então perfurou Jalasandha com uma única flecha. E então Satyaki, aquele principal da linhagem de Madhu, sorrindo, cortou, com um par de flechas de face de navalha, os dois braços, enfeitados com ornamentos, de Jalasandha. Nisso, aqueles dois braços, parecendo com um par de maças com ferrões, caíram daquele principal dos elefantes, como um par de cobras de cinco cabeças caindo de uma Montanha. E então, com uma terceira flecha de cabeça de navalha, Satyaki cortou a cabeça grande de seu adversário dotada de dentes belos e adornada com um par de belos brincos. O tronco sem cabeça e sem arco, de aspecto medonho, tingiu o elefante de Jalasandha com sangue. Tendo matado Jalasandha, em batalha, Satwata rapidamente derrubou a estrutura de madeira, ó rei, das costas daquele elefante. Banhado em sangue, o elefante de Jalasandha levava aquele assento caro, pendendo de suas costas. E afligido pelas flechas de Satwata, o animal enorme esmagou tropas aliadas conforme ele corria de modo selvagem, proferindo gritos violentos de dor. Então, ó majestade, lamentos de pesar se ergueram entre tuas tropas, à visão de Jalasandha morto por aquele touro entre os Vrishnis. Teus guerreiros então, virando seus rostos, fugiram em todas as direções. De fato, sem esperança de êxito sobre o inimigo, eles colocaram seus corações na fuga. Enquanto isso, ó rei, Drona, aquele principal de todos os manejadores de arcos, se aproximou do poderoso guerreiro em carro Yuyudhana, levado por seus cavalos velozes. Muitos touros entre os Kurus, vendo o neto de Sini se encher (de orgulho e raiva), avançaram nele com fúria, acompanhados por Drona. Então começou um combate, ó rei, entre os Kurus e Drona (em um lado) e Yuyudhana (no outro), que parecia com a batalha terrível de antigamente entre os deuses e os Asuras.'"

115

"Sanjaya disse, 'Disparando nuvens de flechas, todos aqueles guerreiros, hábeis em atacar, cuidadosamente, ó monarca, enfrentaram Yuyudhana. Drona o atingiu com setenta e sete flechas de muito afiadas. E Durmarshana o atingiu com uma dúzia, Duhsasana o atingiu com dez flechas. E Vikarna também perfurou-o no lado esquerdo como também no centro do peito com trinta flechas afiadas equipadas com penas Kanka. E Durmukha o atingiu com dez flechas, e Duhsasana com oito, Chitrasena, ó majestade, perfurou-o com um par de flechas. E Duryodhana, ó rei, e muitos outros heróis, afligiram aquele poderoso guerreiro

em carro com densas chuvas de flechas naquela batalha. Embora reprimido por todos lados por aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, teus filhos, Yuyudhana da linhagem de Vrishni perfurou cada um deles separadamente com suas flechas retas. De fato, ele perfurou o filho de Bharadwaja com três flechas, e Duhsasana com nove, e Vikarna com vinte e cinco, e Chitrasena com sete, e Durmarshana com uma dúzia, e Vivinsati com oito, e Satyavrata com nove, e Vijaya com dez flechas. E tendo perfurado Rukmangada também aquele poderoso guerreiro em carro, Satyaki, vibrando seu arco, procedeu rapidamente contra teu filho (Duryodhana). E Yuyudhana, na visão de todos os homens, perfurou profundamente com suas flechas o rei, aquele maior dos guerreiros em carros no mundo inteiro. Então começou uma batalha entre aqueles dois. Ambos disparando flechas afiadas e ambos mirando inúmeras flechas, cada um daqueles poderosos guerreiros em carros fez o outro invisível naquela batalha. E Satyaki, perfurado pelo rei Kuru, parecia muito resplandecente enquanto sangue escorria copiosamente por seu corpo, como uma árvore de sândalo derramando suas secreções suculentas. Teu filho também perfurado por Satwata com nuvens de flechas, parecia belo como uma estaca levantada (em um sacrifício) ornamentada com ouro por todos os lados. Então Madhava, ó rei, naquela batalha, cortou com uma flecha de face de navalha, sorrindo naquele momento, o arco do rei Kuru. E então ele perfurou o rei sem arco com inúmeras flechas. Perfurado com flechas por aquele inimigo de grande energia, o rei não pode tolerar essa indicação do sucesso do inimigo. Duryodhana então, pegando outro arco formidável, o verso de cuja vara era enfeitado com ouro, rapidamente perfurou Satyaki com cem flechas. Profundamente perfurado por teu filho poderoso armado com o arco, Yuyudhana ficou inflamado com ira e começou a afligir teu filho. Vendo o rei assim afligido, teus filhos, aqueles poderosos guerreiros em carros, cobriram Satyaki com chuvas densas de flechas, disparadas com grande força. Enquanto era assim encoberto por aqueles poderosos guerreiros em carros, ou seja, tua multidão de filhos, Yuyudhana perfurou cada um deles com cinco flechas, e mais uma vez com sete. E logo ele perfurou Duryodhana com oito setas rápidas e, sorrindo, cortou o arco do último que assustava todos os inimigos. E com umas poucas flechas ele também derrubou o estandarte do rei adornado com um elefante enfeitado com jóias. E matando então os quatro corcéis de Duryodhana com quatro setas, o ilustre Satyaki derrubou o quadrigário do rei com uma flecha de face de navalha. Enquanto isso, Yuyudhana, cheio de alegria, perfurou o poderoso guerreiro em carro, o rei Kuru, com muitas flechas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. Então, ó rei, teu filho Duryodhana, enquanto era assim atingido naquela batalha por aquelas flechas excelentes do neto de Sini, fugiu de repente. E o rei subiu rapidamente no carro de Chitrasena, armado com o arco. Vendo o rei assim atacado por Satyaki em batalha, e reduzido à posição de Soma no firmamento quando apanhado por Rahu, gritos de aflição se elevaram de todas as divisões da hoste Kuru. Ouvindo aquele tumulto, o poderoso guerreiro em carro Kritavarman foi rapidamente para aquele local onde o pujante Madhava estava lutando. E Kritavarman procedeu, vibrando seu arco, e incitando seus corcéis, e instigando seu quadrigário com as palavras, 'Vá com velocidade, vá com velocidade!' Vendo Kritavarman avançando em direção a ele como o próprio Destruidor com boca escancarada, Yuyudhana, ó rei, dirigiu-se a seu motorista, dizendo, 'Esse

Kritavarman, armado com flechas, está avançando em seu carro em direção a mim com velocidade.' Então, com seus corcéis incitados à sua maior velocidade, e em seu carro devidamente equipado, Satyaki atacou o soberano dos Bhojas, o principal de todos os arqueiros. Então aqueles dois tigres entre homens, ambos cheios de fúria, e ambos parecendo fogo enfrentaram um ao outro como dois tigres dotados de grande força. Kritavarman perfurou o neto de Sini com vinte e seis flechas afiadas de pontas penetrantes, e o motorista do último com cinco flechas. E hábil em batalha, o filho de Hridika perfurou, com quatro flechas poderosas, os quatro cavalos excelentes e bem domados de Satyaki que eram da raça Sindhu. Possuindo um estandarte decorado com ouro, e adornado com armadura dourada, Kritavarman, vibrando seu arco formidável, cuja vara era enfeitada com ouro, deteve Yuyudhana com flechas providas de asas douradas. Então o neto de Sini, desejoso de ver Dhananjaya, disparou com grande força oito flechas em Kritavarman. Aquele opressor de inimigos, então, profundamente perfurado por aquele inimigo poderoso, aquele guerreiro invencível, começou a tremer como uma colina durante um terremoto. Depois disso, Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada, rapidamente perfurou os quatro corcéis de Kritavarman com sessenta e três flechas afiadas, e seu motorista também com sete. De fato, Satyaki, então apontando outra flecha de asas douradas, que emitia chamas ardentes e parecia uma cobra zangada, ou a vara do próprio Destruidor, perfurou Kritavarman. Aquela flecha terrível, atravessando a armadura refulgente de seu adversário decorada com ouro, entrou na terra, tingida com sangue. Atormentado pelas flechas de Satwata, e banhado em sangue naquela batalha, Kritavarman jogando de lado seu arco com flecha, caiu em seu carro. Aquele herói de dentes de leão de bravura incomensurável, aquele touro entre homens, afligido por Satyaki com suas flechas, caiu sobre seus joelhos no terraço de seu carro. Tendo assim resistido a Kritavarman que parecia com o Arjuna de mil braços dos tempos antigos, ou o próprio Oceano de poder imensurável, Satyaki prosseguiu adiante. Passando pela divisão de Kritavarman cheia de espadas e dardos e arcos, e abundando em elefantes e corcéis e carros e saindo do terreno tornado horrível por causa do sangue derramado por Kshatriyas principais numerando às centenas, aquele touro entre os Sinis prosseguiu adiante na própria vista de todas as tropas, como o matador de Vritra através da formação de combate Asura. Enquanto isso, o filho poderoso de Hridika, pegando outro arco enorme, ficou onde ele estava, resistindo aos Pandavas em batalha.'"

116

"Sanjaya disse, 'Enquanto a hoste (Kuru) era agitada pelo neto de Sini naqueles locais (pelos quais ele procedia), o filho de Bharadwaja cobriu-o com uma chuva densa de setas. O combate que então ocorreu entre Drona e Satwata na própria visão de todas as tropas foi extremamente violento, como aquele entre Vali e Vasava (nos tempos passados). Então Drona perfurou o neto de Sini na testa com três belas flechas feitas totalmente de ferro e parecendo cobras de veneno virulento. Assim perfurado na testa com aquelas flechas retas, Yuyudhana, ó rei, parecia belo como uma montanha com três topos. O filho de Bharadwaja sempre

vigilante por uma oportunidade, então disparou naquela batalha muitas outras setas em Satyaki que pareciam o ribombo do trovão de Indra. Então ele da linhagem de Dasarha, conhecedor das maiores armas, cortou todas aquelas flechas disparadas do arco de Drona, com duas flechas suas belamente aladas. Vendo aquela agilidade de mão (em Satyaki), Drona, ó rei, sorrindo, perfurou de repente aquele touro entre os Sinis com trinta flechas. Superando por sua própria agilidade a agilidade de Yuyudhana, Drona mais uma vez perfurou o último com cinquenta setas e então com cem. De fato, aquelas flechas que mutilavam, ó rei, saíam do carro de Drona como cobras vigorosas em fúria saindo através de um formigueiro. Similarmente, flechas bebedoras de sangue disparadas por Yuyudhana às centenas e milhares cobriam o carro de Drona. Nós não notamos qualquer diferença, no entanto, entre a agilidade de mão mostrada por aquele principal dos regenerados e aquela mostrada por ele da tribo Satwata. De fato, nesse aspecto, ambos aqueles touros entre homens eram iguais. Então Satyaki, cheio de cólera, atingiu Drona com nove flechas retas. E ele atingiu o estandarte de Drona também com muitas flechas afiadas. E na vista do filho de Bharadwaja, ele perfurou o motorista do último também com cem flechas. Observando a agilidade de mão mostrada por Yuyudhana, o poderoso guerreiro em carro Drona perfurando o motorista de Yuyudhana com setenta flechas, e cada um dos seus (quatro) corcéis com três, cortou com uma única flecha o estandarte que estava sobre o carro de Madhava. Com outra flecha de cabeça larga, equipada com penas e com asas de ouro, ele cortou naquela batalha o arco daquele herói ilustre da linhagem de Madhu. Nisso, o poderoso guerreiro em carro Satyaki, excitado com cólera, pôs de lado (aquele arco), e pegando uma maça enorme, arremessou-a no filho de Bharadwaja. Drona, no entanto, com muitas flechas de diversas formas, resistiu àquela maça, feita de ferro e enrolada com barbantes, quando ela correu impetuosamente em direção a ele. Então Satyaki, de bravura incapaz de ser frustrada, pegou outro arco e perfurou o filho heróico de Bharadwaja com muitas flechas afiadas em pedra. Perfurando Drona dessa maneira naquela batalha, Yuyudhana proferiu um grito leonino. Drona, no entanto, aquele principal de todos os manejadores de armas, não pode tolerar aquele rugido. Pegando um dardo feito de ferro e provido de um cabo dourado Drona lançou-o rapidamente no carro de Madhava. Aquele dardo, no entanto, fatal como a Morte, sem tocar o neto de Sini, atravessou o carro do último e entrou na terra com um barulho ameaçador. O neto de Sini então, ó rei, perfurou Drona com muitas flechas aladas. De fato, atingindo-o no braço direito, Satyaki, ó touro da raça Bharata, o afligiu imensamente. Drona também, naquela batalha, ó rei, cortou o enorme arco de Madhava com uma flecha em forma de meia-lua e atingiu o motorista do último com um dardo. Atingido por aquele dardo, o motorista de Yuyudhana desmaiou e por um tempo ficou imóvel sobre o terraço do carro. Então, ó Monarca, Satyaki, agindo como seu próprio motorista, realizou um feito sobre-humano, visto que ele continuou a lutar com Drona e segurar as rédeas ele mesmo. Então o poderoso guerreiro em carro Yuyudhana atingiu aquele Brahmana com cem flechas naquela batalha, e se regozijou muito, ó monarca, pela façanha que ele tinha realizado. Então Drona, ó Bharata, disparou em Satyaki cinco flechas. Aquelas flechas ardentes, perfurando a armadura de Satyaki, beberam seu sangue naquele combate. Assim perfurado por aquelas flechas

terríveis, Satyaki ficou furioso. Em retorno, aquele herói disparou muitas flechas nele do carro dourado. Então derrubando no chão com uma única flecha o motorista de Drona, ele fez em seguida, com suas flechas, aqueles corcéis sem condutor de seu adversário fugirem. Nisso aquele carro foi arrastado a uma distância. De fato, a carruagem brilhante de Drona, ó rei, começou a traçar mil círculos no campo de batalha como um sol em movimento. Então todos os reis e príncipes (da hoste Kaurava) fizeram um tumulto alto, exclamando, 'Corram, depressa, agarrem os corcéis de Drona!' Rapidamente abandonando Satyaki naquela batalha, ó monarca, todos aqueles poderosos guerreiros em carros se apressaram para o lugar onde Drona estava. Vendo aqueles guerreiros em carros fugirem atormentados pelas flechas de Satyaki, tuas tropas mais uma vez se dividiram e ficaram muito desanimadas. Enquanto isso, Drona, indo novamente para a entrada da ordem de batalha, tomou sua posição lá, levado para longe (da presença de Satyaki) por aqueles corcéis, rápidos como o vento, que tinham sido afligidos pelas flechas do herói Vrishni. O valente filho de Bharadwaja, vendo a formação de combate rompida (em sua ausência) pelos Pandavas e os Panchalas, não se esforçou para seguir o neto de Sini, mas se empenhou em proteger sua ordem de batalha (dividida). Reprimindo os Pandavas e os Panchalas então, o fogo Drona, brilhando em fúria ficou lá, consumindo tudo, como o sol que nasce no fim do Yuga.'"

117

"Sanjaya disse, 'Tendo derrotado Drona e outros guerreiros do teu exército, encabeçados pelo filho de Hridika, aquele principal dos homens, aquele touro entre os Sinis, ó principal dos Kurus, disse rindo para seu quadrigário, 'Nossos inimigos, ó Suta, já tinham sido destruídos por Kesava e Phalguna. Ao derrotá-los (novamente), nós somos somente os meios (aparentes). Já mortos por aquele touro entre homens, o filho do chefe celeste, nós temos somente matado os mortos.' Dizendo essas palavras para seu quadrigário, aquele touro entre os Sinis, aquele principal dos arqueiros, aquele matador de heróis hostis, aquele guerreiro poderoso, espalhando com grande força suas flechas por toda parte naquela batalha terrível, prosseguiu como um falcão à procura de presa. Os guerreiros Kuru, embora eles o atacassem de todos os lados, não conseguiam resistir àquele principal dos guerreiros em carros, parecendo o próprio sol de mil raios, aquele principal dos homens, que, tendo rompido as tropas Kaurava, estava procedendo, levado por aqueles excelentes corcéis dele que eram brancos como a lua ou uma concha. De fato, ó Bharata, ninguém entre aqueles que lutavam no teu lado podia resistir a Yuyudhana de destreza irresistível, de poder incapaz de (sofrer) diminuição de capacidade, de bravura igual àquela daquele de mil olhos, e parecendo com o sol outonal no firmamento. Então aquele principal dos reis, isto é, Sudarsana, conhecedor de todos os modos de guerra, vestido em cota de malha dourada, armado com arco e flechas e cheio de raiva, avançou contra Satyaki que avançava e se esforçou para impedir seu progresso. Então o combate que ocorreu entre eles foi violento ao extremo. E os teus guerreiros e os Somakas, ó rei, elogiaram muito o combate como (aquele) entre Vritra e Vasava. Sudarsana

se esforçou para perfurar aquele principal dos Satwatas naquela batalha com centenas de flechas afiadas (que eram cortadas) antes que elas pudessem alcançá-lo. Similarmente, Sudarsana, posicionado sobre o principal dos seus carros, cortava, por meio de suas próprias flechas excelentes, em dois ou três fragmentos todas as flechas que Satyaki, parecendo o próprio Indra, disparava nele. Vendo suas flechas frustradas pela força das flechas de Satyaki, Sudarsana de energia ardente, como se para consumir (seu inimigo), colericamente disparou belas flechas aladas com ouro. E mais uma vez ele perfurou seu inimigo com três flechas belas parecendo o próprio fogo e equipadas com asas de ouro, disparadas da corda de seu arco esticada até o ouvido. Aquelas (flechas) atravessando a armadura de Satyaki, penetraram no corpo do último. Similarmente, aquele (príncipe, ou seja, Sudarsana), mirando quatro outras flechas brilhantes, atingiu com elas os quatro corcéis de Satyaki que eram brancos como prata em cor. Assim afligido por ele o neto de Sini, dotado de grande energia e possuidor de destreza igual àquela do próprio Indra matou rapidamente com suas flechas afiadas os corcéis de Sudarsana e proferiu um rugido alto. Então cortando com uma flecha de cabeça larga dotada da força do trovão de Sakra a cabeça do motorista de Sudarsana, o principal entre os Sinis, com uma flecha de face de navalha parecendo o fogo Yuga, cortou do tronco de Sudarsana sua cabeça enfeitada com brincos, parecendo a lua cheia, e ornada com uma face muito radiante, como o manejador do trovão, ó rei, nos tempos antigos, cortando com força a cabeça do poderoso Vala em batalha. Aquele touro de grande alma entre os Yadus então, dotado de grande força, matando dessa maneira aquele neto de um príncipe, ficou cheio de alegria e brilhou resplandecente, ó monarca, como o próprio chefe dos celestiais. Yuyudhana, então, aquele herói entre os homens, prosseguiu ao longo do caminho pelo qual Arjuna tinha passado antes dele, detendo (conforme ele prosseguia) por meio de nuvens de flechas, todas as tuas tropas, e naquele mesmo carro dele, ó rei, ao qual estavam unidos aqueles excelentes corcéis e enchendo todos de perplexidade. Todos os principais dos guerreiros lá, reunidos, elogiaram aquela mais notável das façanhas surpreendentes realizada por ele, pois ele destruiu todos os inimigos que entraram dentro do alcance de suas flechas, como um incêndio consumindo tudo em seu caminho.'"

118

"Sanjaya disse, 'Então aquele touro da raça Vrishni, Satyaki de grande alma e de grande inteligência, tendo matado Sudarsana, dirigiu-se novamente a seu motorista, dizendo, 'Tendo vadeado pelo quase não vadeável oceano da divisão de Drona, cheio de carros e cavalos e elefantes, cujas ondas são constituídas por flechas e dardos, peixes por espadas e cimitarras e jacarés por maças, o qual ruge com o zunido de flechas e com o som de choque de diversas armas, um oceano que é violento e destrutivo de vida, e que ressoa com o barulho de diversos instrumentos musicais, cujo toque é desagradável e insuportável para guerreiros de vitória, e cuja margem está infestada por canibais ferozes representados pela tropa de Jalasandha, eu acho que a parte da ordem de

baralha que resta pode ser vadeada facilmente como um rio mirrado de água rasa. Incite os corcéis, portanto, sem medo. Eu acho que eu estou muito perto de Savyasachin. Tendo subjugado em batalha o invencível Drona com seus seguidores, e aquele principal dos guerreiros, o filho de Hridika, eu penso que eu não posso estar distante de Dhananjaya. O temor nunca entra no meu coração mesmo que eu veja inúmeros inimigos diante de mim. Esses para mim são como uma pilha de palha e grama para um incêndio ardente nas florestas. Veja, o caminho pelo qual o ornado com diadema (Arjuna), aquele principal entre os Pandavas, seguiu, foi tornado irregular com grandes grupos de soldados de infantaria e corcéis e guerreiros em carros e elefantes jazendo mortos no chão. Veja, desbaratado por aquele guerreiro de grande alma, o exército Kaurava está fugindo. Veja, ó quadrigário, uma poeira marrom escura é erguida por aqueles carros e elefantes e corcéis em retirada. Eu penso que eu estou muito perto de Arjuna de corcéis brancos tendo Krishna como seu quadrigário. Ouça com muita atenção, o som bem conhecido do Gandiva de energia incomensurável está sendo ouvido. Pela qualidade dos presságios que aparecem à minha vista, eu estou certo de que Arjuna matará o soberano dos Sindhus antes do sol se por. Sem fazer sua força ser esgotada, incite os corcéis lentamente para onde aquelas tropas hostis estão, isto é, para onde aqueles guerreiros encabeçados por Duryodhana, suas mãos envolvidas em proteções de couro, e aqueles Kamvojas de feitos violentos, vestidos em armaduras e difíceis de serem derrotados em batalha, e aqueles Yavanas armados com arco e flechas e hábeis em atacar, e Sakas e Daradas e Barbaras e Tamraliptakas inferiores, e outros Mlecchas incontáveis, armados com diversas armas, estão, para o local (eu repito) onde, de fato, aqueles guerreiros encabeçados por Duryodhana, suas mãos envolvidas em proteções de couro, estão esperando com seus rostos virados em direção a mim e inspirados com a resolução de lutar comigo. Me considere como já tendo passado por essa fortaleza ameaçadora, ó Suta, tendo matado em batalha todos esses combatentes com carros e elefantes e corcéis e soldados de infantaria que estão entre eles.'"

"O quadrigário, assim endereçado, disse, 'Ó tu da linhagem de Vrishni, eu não tenho nenhum medo, ó tu de destreza que não pode ser frustrada! Se tu tivesses à frente o próprio filho de Jamadagni em fúria, ou Drona, aquele principal dos guerreiros em carros, ou o próprio soberano dos Madras, mesmo então o temor não entraria no meu coração, ó tu de braços fortes, já que eu estou sob a sombra da tua proteção. Ó matador de inimigos, inúmeros Kamvojas, vestidos em armaduras, de atos violentos, e difíceis de serem derrotados em batalha, já foram subjugados por ti, como também muitos Yavanas armados com arco e flechas e hábeis em atacar, incluindo Sakas e Daradas e Tamraliptakas, e muitos outros Mlecchas armados com várias armas. Nunca antes eu senti medo em alguma batalha. Por que eu iria, portanto, ó tu de grande coragem, sentir qualquer medo nesse combate miserável? Ó tu que és abençoado com extensão de vitórias, por qual caminho eu te levarei para onde Dhananjaya está? Com quem tu estás enfurecido, ó tu da linhagem de Vrishni? Quem são aqueles que irão fugir da batalha, vendo-te dotado de tal destreza, parecendo o próprio Destruidor como ele aparece no fim do Yuga, e aplicando aquela tua destreza (contra teus inimigos)? Ó

tu de armas poderosas, quem são aqueles em quem o rei Vaivaswata está pensando hoje?'"

"Satyaki disse, 'Como Vasava destruindo os Danavas, eu matarei esses guerreiros de cabeças raspadas. Por matar esses Kamvojas eu cumprirei meu voto. Leve-me para lá. Causando uma grande carnificina entre eles, eu irei hoje me dirigir até o filho querido de Pandu. Os Kauravas, com Suyodhana em sua chefia, verão hoje minha bravura, quando essa divisão de Mlecchas, de cabeças raspadas, tiver sido exterminada e o exército Kaurava inteiro posto no maior perigo. Ouvindo os lamentos altos da hoste Kaurava, hoje, mutilada e dividida por mim em batalha Suyodhana será inspirado com aflição. Hoje, eu mostrarei para meu preceptor, o Pandava de grande alma, de corcéis brancos, a habilidade em armas adquirida por mim dele. Contemplando hoje milhares de guerreiros principais mortos por minhas flechas, o rei Duryodhana estará mergulhado em grande angústia. Os Kauravas hoje contemplarão o arco em minhas mãos parecer com um círculo de fogo quando, de mãos ágeis, eu esticar a corda do arco para disparar minha hoste de flechas. Vendo o massacre incessante hoje de suas tropas, seus corpos cobertos com sangue e perfurados por todos os lados com minhas flechas, Suyodhana ficará cheio de angústia. Enquanto eu matar em fúria os principais dos guerreiros Kuru, Suyodhana irá hoje ver para contar dois Arjunas. Contemplando milhares de reis mortos por mim em batalha, o rei Duryodhana ficará cheio de tristeza na grande batalha de hoje. Matando milhares de reis eu mostrarei meu amor e devoção por aqueles de grande alma, os nobres filhos de Pandu. Os Kauravas conhecerão hoje a medida de meu poder e energia, e minha gratidão (pelos Pandavas).'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado, o quadrigário estimulou até sua máxima velocidade aqueles cavalos bem treinados de passo encantador e da cor da lua. Aqueles animais excelentes, dotados da velocidade do vento ou do pensamento, procederam, devorando os próprios céus, e levaram Yuyudhana para o local onde aqueles Yavanas estavam. Nisso, os Yavanas, muitos em número e dotados de agilidade de mãos, aproximando-se de Satyaki que não recuava, o cobriram com chuvas de flechas. Satyaki que avançava, no entanto, ó rei, cortou por meio de suas próprias flechas retas todas aquelas flechas e armas dos Yavanas. Inflamado com fúria, Yuyudhana então, com suas flechas retas muito afiadas, aladas com ouro e penas de urubu, cortou as cabeças e braços daqueles Yavanas. Muitas daquelas flechas, além disso, atravessando suas cotas de malha, feitas de ferro e latão, entraram na terra. Atingidos pelo bravo Satyaki naquela batalha, os Mlecchas começaram a cair às centenas, privados de vida. Com suas flechas disparadas em linhas contínuas de seu arco estirado à sua total extensão, aquele herói começou a matar cinco, seis, sete, ou oito Yavanas de uma vez. Milhares de Kamvojas, e Sakas, e Barbaras, foram mortos da mesma maneira por Satyaki. De fato, o neto de Sini, causando uma grande carnificina entre tuas tropas, tornou a terra intransitável e lodosa com carne e sangue. O campo de batalha estava coberto com as proteções para a cabeça daqueles ladrões e suas cabeças raspadas também que pareciam, por causa de suas barbas compridas, como aves sem penas. De fato, o campo de batalha coberto

com troncos sem cabeça tingido por todos os lados com sangue, parecia belo como o céu coberto com nuvens cor de cobre. Mortos por Satwata por meio de suas flechas retas cujo toque parecia aquele do trovão de Indra, os Yavanas cobriram a superfície da terra. O pequeno resto daquelas tropas vestidas em armadura subjugadas em batalha, ó rei, por Satwata, ficando desanimado, suas vidas a ponto de serem tiradas, se dividiram e incitando seus cavalos de batalha com esporas e chicotes até sua máxima velocidade, fugiram por medo em todas as direções. Derrotando a invencível hoste Kamvoja em batalha, ó Bharata, como também aquela hoste dos Yavanas e aquela grande tropa dos Sakas, aquele tigre entre homens que tinha penetrado no teu exército, Satyaki, de bravura incapaz de ser frustrada, coroado com vitória, instigou seu quadrigário, dizendo, 'Prossiga!' Contemplando aquele feito dele em batalha, nunca antes realizado por alguém mais, os Charanas e os Gandharvas o aplaudiram muito. De fato, ó rei, os Charanas, como também teus guerreiros, vendo Yuyudhana prosseguir dessa maneira para ajudar Arjuna, ficaram cheios de alegria (por seu heroísmo).'"

119

"Sanjaya disse, 'Tendo vencido os Yavanas e os Kamvojas aquele principal dos guerreiros em carros, Yuyudhana, procedeu em direção a Arjuna, reto pelo meio de tuas tropas. Como um caçador matando veados, aquele tigre entre homens, (Satyaki), dotado de belos dentes, vestido em armadura excelente, e possuindo um belo estandarte, matava as tropas Kaurava e as inspirava com temor. Prosseguindo em seu carro, ele vibrava seu arco com grande força, aquele arco, o dorso de cuja vara era ornado com ouro, cuja resistência era excelente, e que estava adornado com muitas luas douradas. Seus braços enfeitados com Angadas dourados, sua proteção para a cabeça adornada com ouro; seu corpo vestido em armadura dourada, seu estandarte e arco também estavam tão embelezados com ouro que ele brilhava como o topo de Meru. Ele mesmo derramando tal refulgência, e portando aquele arco circular em sua mão, ele parecia com um segundo sol no outono. Aquele touro entre homens, possuindo os ombros e o andar e olhos de um touro, parecia no meio de tuas tropas com um touro em um curral. Teus guerreiros se aproximaram dele pelo desejo de matar como tigres se aproximando do líder, com têmporas fendidas, de uma manada de elefantes, permanecendo orgulhosamente no meio de sua manada, parecendo como ele parecia e possuidor como ele era do modo de andar de um elefante enfurecido. De fato, depois que ele tinha passado pela divisão de Drona, e pela não vadeável divisão dos Bhojas, depois que ele tinha vadeado pelo mar das tropas de Jalasandha como também a hoste dos Kamvojas, depois que ele tinha escapado do jacaré constituído pelo filho de Hridika, depois que ele tinha atravessado aquela hoste semelhante ao oceano, muitos guerreiros em carros do teu exército, excitados com cólera, cercaram Satyaki. E Duryodhana e Chitrasena e Duhsasana e Vivinsati, e Sakuni e Duhsaha, e o jovem Durdharshana, e Kratha, e muitos outros bravos guerreiros bem familiarizados com armas e difíceis de serem derrotados, colericamente seguiram atrás de Satyaki quando ele prosseguiu

adiante. Então, ó majestade, alto foi o tumulto que ergueu-se entre tuas tropas, parecendo aquele do próprio oceano na maré cheia quando açoitado à fúria pela tempestade. Vendo todos aqueles guerreiros avançando nele, aquele touro entre os Sinis sorridente dirigiu-se a seu quadrigário, dizendo, 'Prossiga lentamente, a tropa Dhartarashtra, cheia (de raiva e orgulho), e abundando com elefantes e corcéis e carros e soldados de infantaria, que está avançando com velocidade em direção a mim, enchendo os dez pontos do horizonte com ribombo profundo de seus carros, ó quadrigário, e fazendo a terra, o firmamento, e os próprios mares, tremerem com isso, a esse mar de tropas, ó motorista, eu resistirei em grande batalha, como o continente resistindo ao oceano cheio até sua maior altura na lua cheia. Observe, ó quadrigário, minha destreza que é igual àquela do próprio Indra em grande batalha. Eu consumirei essa tropa hostil por meio de minhas flechas afiadas. Veja esses soldados de infantaria e cavaleiros e guerreiros em carros, e elefantes mortos por mim aos milhares, seus corpos perfurados por minhas flechas ardentes.' Enquanto ele dizia essas palavras (para seu quadrigário), aqueles combatentes, pelo desejo de batalha, chegaram depressa diante de Satyaki de coragem incomensurável. Eles fizeram um barulho alto, dizendo enquanto eles chegavam, 'Matem!, Avancem!, Esperem!, Vejam!, Vejam!' Daqueles bravos guerreiros que disseram estas palavras, Satyaki, por meio de suas flechas afiadas, matou trezentos cavaleiros e quatrocentos elefantes. O duelo entre aqueles arqueiros unidos (em um lado) e Satyaki (no outro) foi extremamente violento, parecendo aquele entre os deuses e os Asuras (nos tempos antigos). Uma carnificina horrível começou. O neto de Sini recebeu com suas flechas parecendo cobras de veneno virulento aquela tropa, ó majestade, do teu filho que parecia com uma massa de nuvens. Cobrindo todos os lados, naquela batalha, com suas torrentes de flechas, aquele herói valente, ó monarca, matou destemidamente um grande número de tuas tropas. Muito extraordinária, ó rei, foi a visão que eu testemunhei lá, isto é, que nem mesmo uma flecha, ó senhor, de Satyaki falhou realmente. Aquele mar de tropas, cheio de carros e elefantes e corcéis, e cheio de ondas constituídas por soldados de infantaria, ficou imóvel logo que ele entrou em contato com o continente Satyaki. Aquela hoste consistindo em combatentes em pânico e elefantes e corcéis, massacrada por todos os lados por Satyaki com suas flechas, girava repetidamente, e vagava para lá e para cá como se afligida pelas rajadas de ventos gélidos do inverno. Nós não vimos soldados a pé ou guerreiros em carros ou elefantes ou cavaleiros ou corcéis que não tivessem sido atingidos pelas flechas de Yuyudhana. Nem mesmo Phalguna, ó rei, tinha causado tal carnificina lá como Satyaki, ó monarca, então causou entre aquelas tropas. Aquele touro entre homens, o neto intrépido de Sini, dotado de grande agilidade de mão e mostrando a maior habilidade, lutou, superando o próprio Arjuna. Então o rei Duryodhana perfurou o quadrigário de Satwata com três flechas afiadas e seus quatro corcéis com quatro flechas. E ele perfurou o próprio Satyaki com três flechas e novamente com oito. E Duhsasana perfurou aquele touro entre os Sinis com dezesseis setas. E Sakuni perfurou-o com vinte e cinco setas e Chitrasena com cinco. E Duhsasana perfurou Satyaki no peito com quinze setas. Aquele tigre entre os Vrishnis, assim atingido pelas flechas deles, orgulhosamente perfurou cada um deles, ó monarca, com três flechas. Perfurando profundamente todos os seus inimigos com flechas dotadas

de grande energia, o neto de Sini, possuidor da maior vivacidade e destreza correu a toda velocidade no campo com a celeridade de um falcão. Cortando o arco do filho de Suvala e a proteção de couro que envolvia sua mão, Yuyudhana perfurou Duryodhana no centro do peito com três flechas. E ele perfurou Chitrasena com cem flechas, e Duhsaha com dez. E aquele touro da raça Sini então perfurou Duhsasana com vinte setas. Teu cunhado (Sakuni) então, ó rei, pegando outro arco, perfurou Satyaki com oito setas e mais uma vez com cinco. E Duhsasana perfurou-o com três. E Durmukha, ó rei, perfurou Satyaki com uma dúzia de flechas. E Duryodhana, tendo perfurado Madhava com setenta e três flechas, então perfurou seu quadrigário com três flechas afiadas. Então Satyaki perfurou cada um daqueles bravos e poderosos guerreiros em carros lutando juntos vigorosamente em batalha com cinco flechas em retorno. Então o principal dos guerreiros em carros, (Yuyudhana) atingiu rapidamente o quadrigário do teu filho com uma flecha de cabeça larga; depois do que, o último privado de vida caiu no chão. Após a queda do quadrigário, ó senhor, o carro do teu filho foi levado para longe da batalha pelos corcéis unidos a ele, com a velocidade do vento. Então teus filhos, ó rei, e os outros guerreiros, ó monarca, pondo seus olhos no carro do rei fugiram às centenas. Vendo aquela hoste fugir, ó Bharata, Satyaki cobriu-a com chuvas de flechas penetrantes afiadas em pedra e equipadas com asas de ouro. Desbaratando todos os teus combatentes contados aos milhares, Satyaki, ó rei, prosseguiu em direção ao carro de Arjuna. De fato, tuas tropas veneraram Yuyudhana, vendo ele disparando flechas e protegendo seu quadrigário e a si mesmo enquanto ele lutava em batalha.'"

120

"Dhritarashtra disse, 'Vendo o neto de Sini procedendo em direção a Arjuna, oprimindo enquanto ele prosseguia aquela grande tropa, o que, de fato, ó Sanjaya, fizeram aqueles meus filhos desavergonhados? Quando Yuyudhana que é igual ao próprio Savyasachin estava diante deles, como, de fato, puderam aqueles patifes, que estavam às portas da morte, colocar seus corações na batalha? O que também todos aqueles Kshatriyas, derrotados em batalha, então, fizeram? Como, de fato, Satyaki de renome mundial pode passar por eles em batalha? Como também, ó Sanjaya, quando meus filhos estavam vivos, o neto de Sini pode ir para a batalha? Diga-me tudo isso. É muito admirável, ó senhor, isso que eu tenho ouvido de ti, ou seja, este combate entre um e muitos, os últimos, além disso, sendo todos poderosos guerreiros em carros. Ó Suta, eu acho que o Destino é agora inauspicioso para meus filhos, já que tantos poderosos guerreiros em carros tem sido mortos por aquele único guerreiro da tribo Satwata. Ai, ó Sanjaya, meu exército não é páreo nem para um guerreiro, Yuyudhana excitado com fúria. Que todos os Pandavas pendurem suas armas. Derrotando em batalha o próprio Drona que hábil em armas e conhecedor de todos os modos de guerra, Satyaki matará meus filhos, como um leão matando animais menores. Numerosos heróis, de quem Kritavarman é o primeiro, lutando vigorosamente em batalha, não puderam matar Yuyudhana. O último, sem dúvida, matará meus filhos. O próprio Phalguna não lutou da maneira na qual o neto renomado de Sini tem lutado.'"

"Sanjaya disse, 'Tudo isso, ó rei, foi ocasionado por teus maus conselhos e pelos atos de Duryodhana. Escute atentamente o que, ó Bharata, eu te digo. Por ordem de teu filho, os Samsaptakas, se reagrupando, todos resolveram lutar ferozmente. Três mil arqueiros encabeçados por Duryodhana, com vários Sakas e Kamvojas e Valhikas e Yavanas e Paradas, e Kalingas e Tanganas e Amvashtas e Pisachas e Barbaras e montanheses, ó monarca, cheios de fúria e armados com pedras, todos avançaram contra o neto de Sini como insetos contra um fogo ardente. Quinhentos outros guerreiros, ó rei, similarmente avançaram contra Satyaki. E outro grupo imenso consistindo em mil carros, cem grandes guerreiros em carros, mil elefantes, dois mil heróis, e inúmeros soldados de infantaria, também avançaram contra o neto de Sini. Duhsasana, ó Bharata, incitando todos aqueles guerreiros, dizendo, 'Matem ele!', cercou Satyaki naquele momento. Formidável e esplêndida foi a conduta que nós então vimos do neto de Sini, visto que sozinho ele lutou destemidamente com aqueles inimigos incontáveis. E ele matou aquele grupo inteiro de guerreiros em carros e aquela tropa de elefantes, e todos aqueles cavaleiros e aquele grupo inteiro de ladrões. Como o firmamento outonal coberto com estrelas, o campo de batalha lá ficou coberto com rodas de carro quebradas e esmagadas por meio de suas armas poderosas, com inúmeros Akshas e belos varais de carros reduzidos a fragmentos, com elefantes subjugados e estandartes caídos, com cotas de malha e escudos espalhados por toda parte, com guirlandas e ornamentos e mantos e Anuskarshas, ó majestade! Muitos principais dos elefantes, enormes como colinas, e nascidos da raça de Anjana ou Vamana, ó Bharata, ou de outras raças, muitos mais notáveis dos elefantes, ó rei, jazem lá no chão, privados de vida. E Satyaki matou, ó monarca, muitos principais dos corcéis das raças Vanayu, da montanha, Kamvoja e Valhika. E o neto de Sini também matou soldados de infantaria lá, às centenas e milhares, nascidos em vários reinos e pertencentes a várias nações. Enquanto aqueles soldados estavam sendo assim massacrados, Duhsasana, dirigindo-se aos ladrões disse, 'Ó guerreiros não familiarizados com moralidade, lutem! Por que vocês recuam?' Vendo eles fugirem sem prestarem qualquer atenção às suas palavras, teu filho Duhsasana incitou adiante os bravos montanheses, hábeis em lutar com pedras, dizendo, 'Vocês são hábeis em lutar com pedras. Satyaki é ignorante desse modo de guerra. Resistam, portanto, àquele guerreiro que, embora desejoso de lutar, é ignorante do seu modo de luta. Os Kauravas também são todos não familiarizados com esse modo de batalha. Avancem em Satyaki. Não temam. Satyaki não será capaz de se aproximar de vocês.' Assim estimulados, aqueles Kshatriyas que moravam nas montanhas, todos conhecedores do método de combater com pedras, avançaram em direção ao neto de Sini como ministros em direção a um rei. Aqueles habitantes das montanhas então, com pedras enormes como cabeças de elefantes erguidas em suas mãos, ficaram na frente de Yuyudhana naquela batalha. Outros, incitados por teu filho, e desejosos de matar Satwata, cercaram o último por todos os lados, armados com projéteis. Então, Satyaki, mirando naqueles guerreiros avançando nele pelo desejo de lutar com pedras, disparou neles chuvas de flechas afiadas. Aquele touro entre os Sinis, com aquelas flechas parecendo com cobras, cortou em fragmentos aquela densa chuva de pedras jogada pelos montanheses. Os

fragmentos daquelas pedras, parecendo com um enxame de pirilampos brilhantes, mataram muitos combatentes lá, depois do que, ó majestade, gritos de 'Oh' e 'Ai' ergueram-se no campo. Então, além disso, quinhentos bravos guerreiros com pedras enormes erguidas em suas mãos, caíram, ó rei, no chão, seus braços cortados. E mais uma vez mil, e novamente cem mil, entre outros, caíram sem poderem se aproximar de Satyaki, seus braços com pedras ainda em punho cortados por ele. De fato, Satyaki matou muitos milhares daqueles guerreiros lutando com pedras. Tudo isso parecia muito extraordinário. Então muitos deles, voltando para a luta, arremessaram em Satyaki chuvas de pedras. E armados com espadas e lanças muitos Daradas e Tanganas e Khasas e Lampakas e Pulindas, arremessaram suas armas nele. Satyaki no entanto, bem familiarizado com a aplicação de armas, cortava aquelas pedras e armas por meio de suas flechas. Aquelas pedras enquanto eram perfuradas, quebradas no céu pelas flechas afiadas de Satyaki, produziam um barulho aterrador, no qual muitos guerreiros em carros e corcéis e elefantes fugiram da batalha. E atingidos pelos fragmentos daquelas pedras, homens e elefantes e cavalos ficaram incapazes de permanecer em batalha, pois eles sentiram como se eles fossem picados por vespas. O pequeno resto dos elefantes (que tinham atacado Satyaki), cobertos com sangue, suas cabeças, e globos frontais partidos, então fugiram para longe do carro de Yuyudhana. Então lá ergueu-se entre tuas tropas, ó majestade, enquanto elas estavam sendo assim subjugadas por Madhava um barulho como aquele do oceano na maré cheia. Ouvindo aquele grande tumulto, Drona, dirigindo-se a seu quadrigário, disse, 'Ó Suta, aquele grande guerreiro em carro da raça Satwata, excitado com cólera, está dividindo nosso exército em diversos fragmentos, e se movendo rapidamente em batalha como o próprio Destruidor. Leve o carro para aquele local de onde este tumulto furioso está vindo. Sem dúvida, Yuyudhana está envolvido em combate com os montanheses que lutam com pedras. Nossos guerreiros em carros são vistos também serem levados para longe por seus corcéis correndo do modo selvagem. Muitos entre eles, sem armas e sem armaduras e feridos, estão caindo. Os quadrigários não podem controlar seus corcéis que estão avançando violentamente.' Ouvindo essas palavras do filho de Bharadwaja, o quadrigário disse para Drona, aquele principal dos manejadores de armas, 'Ó tu abençoado com extensão de vitórias, as tropas Kaurava estão fugindo. Veja, nossos guerreiros, desbaratados (pelo inimigo), estão fugindo em todas as direções. Lá, além disso, aqueles heróis, os Panchalas e os Pandavas, reunidos, estão avançando de todos os lados pelo desejo de te matar. Ó castigador de inimigos, determine qual dessas tarefas exige atenção primeiro. Nós devemos ficar aqui (para encontrar os Pandavas que estão avançando), ou nós devemos proceder (em direção a Satyaki)? Em relação a Satyaki, ele está agora longe à frente de nós.' Enquanto o quadrigário, ó majestade, estava falando assim para o filho de Bharadwaja, o neto de Sini de repente apareceu à vista, empenhado em massacrar um grande número de guerreiros em carros. Aquelas tuas tropas, enquanto eram assim massacradas por Yuyudhana, em batalha, fugiram do carro de Yuyudhana para onde a divisão de Drona estava. Aqueles (outros) guerreiros em carros também com quem Duhsasana tinha procedido, todos em pânico, da mesma maneira se apressaram para o local onde o carro de Drona era visto.'"

121

"Sanjaya disse, 'Vendo o carro de Duhsasana perto do seu, o filho de Bharadwaja, dirigindo-se a Duhsasana, disse essas palavras, 'Por que, ó Duhsasana, todos esses carros estão fugindo? O rei está bem? O soberano dos Sindhus ainda está vivo? Tu és um príncipe. Tu és um irmão do rei. Tu és um poderoso guerreiro em carro. Por que tu foges da batalha? (Protegendo o trono para teu irmão), torne-te o príncipe regente. Tu antigamente disseste para Draupadi, 'Tu és nossa escrava, tendo sido ganha por nós no jogo de dados. Sem estares limitada aos teus maridos, abandone tua castidade. Seja uma carregadora de mantos para o rei, meu irmão mais velho. Teus maridos estão todos mortos. Eles são tão sem valor quanto grãos de gergelim sem núcleo.' Tendo dito essas palavras então, por que, ó Duhsasana, tu foges da batalha agora? Tendo tu mesmo provocado tais hostilidades violentas com os Panchalas e os Pandavas, por que tu estás agora com medo em batalha na presença de Satyaki sozinho? Utilizando os dados na ocasião do jogo, tu não pudeste adivinhar que aqueles dados então manipulados por ti logo se transformariam em flechas ardentes parecendo cobras de veneno virulento? Foste tu que tinhas antigamente aplicado diversos epítetos ofensivos em direção aos Pandavas. As angústias de Draupadi tem tu como sua causa. Onde está agora aquele orgulho, aquela insolência, aquela tua jactância? Por que tu foges, tendo enfurecido os Pandavas, aquelas cobras terríveis de veneno virulento? Quando tu que és um bravo irmão de Suyodhana estás concentrado na fuga, sem dúvida, ó herói, tu deves hoje proteger, confiando na energia das tuas próprias armas, essa hoste Kaurava desbaratada e tomada pelo pânico. Sem fazer isso tu, no entanto, abandonas a batalha com medo e aumentas a alegria de teus inimigos. Ó matador de inimigos, quando tu que és o líder da tua hoste, foges dessa maneira, quem mais irá permanecer em batalha? Quando tu, sua proteção, estás assustado, quem é que não ficará assustado? Lutando com um único guerreiro da tribo Satwata, teu coração está inclinado para a fuga da batalha. O que, no entanto, ó Kaurava, tu farás quando tu vires o manejador do Gandiva em batalha, ou Bhimasena, ou os gêmeos (Nakula e Sahadeva)? As flechas de Satyaki, assustado pelas quais tu procuras segurança na fuga, mal são iguais àquelas de Phalguna em batalha que parece o sol ou fogo em esplendor. Se teu coração está firmemente inclinado à fuga, deixe que a soberania da terra então, após a conclusão da paz, seja dada para o rei Yudhishthira o justo. Antes que as flechas de Phalguna, parecendo cobras livres de suas peles, entrem no teu corpo, faça as pazes com os Pandavas. Antes que os Parthas de grande alma, matando teus cem irmãos em batalha, tirem a terra à força, faça as pazes com os Pandavas. Antes que o rei Yudhishthira fique enfurecido, e Krishna também, aquele encantador em batalha, faça as pazes com os Pandavas. Antes que Bhima de braços fortes, penetrando nessa hoste vasta, agarre os teus irmãos, faça as pazes com os Pandavas. Bhishma antigamente disse para teu irmão Suyodhana, 'Os Pandavas são inconquistáveis em batalha, ó amável, faça as pazes com eles.' Teu irmão perverso Suyodhana no entanto, não fez isso. Portanto, colocando teu coração firmemente na batalha, lute

vigorosamente com os Pandavas. Vá rapidamente em teu carro até o local onde Satyaki está. Sem ti, ó Bharata, essa hoste irá fugir. Por ti mesmo, lute em batalha com Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada.' Assim endereçado (por Drona), teu filho não disse uma palavra em resposta. Fingindo não ter ouvido as palavras (do filho de Bharadwaja), Duhsasana procedeu para o lugar onde Satyaki estava. Acompanhado por uma grande tropa de Mlecchas que não recuavam, e atacando Satyaki em batalha, Duhsasana lutou vigorosamente com aquele herói. Drona também, aquele principal dos guerreiros em carros, excitado com raiva, avançou contra os Panchalas e os Pandavas, com velocidade moderada. Penetrando no meio da hoste Pandava naquela batalha, Drona começou a subjugar seus guerreiros às centenas e milhares. E Drona, ó rei, proclamando seu nome naquela batalha, causou uma grande carnificina entre os Pandavas, os Panchalas, e os Matsyas. O ilustre Viraketu, o filho do soberano dos Panchalas, avançou contra o filho de Bharadwaja que assim se empenhava em subjugar as tropas Pandava. Perfurando Drona com cinco flechas retas, aquele príncipe então perfurou o estandarte de Drona com uma flecha, e então seu quadrigário com sete. A vista que eu então contemplei, ó monarca, naquela batalha, foi estupenda, visto que Drona, embora se esforçando vigorosamente não pode se aproximar do príncipe dos Panchalas. Então, ó majestade, os Panchalas, vendo Drona detido em batalha, cercaram o último por todos os lados, ó rei, desejando a vitória do rei Yudhishthira. E aqueles guerreiros juntos então cobriram Drona com chuvas de flechas ardentes e lanças fortes e vários outros tipos de armas, ó rei! Desviando então aquelas densas chuvas de armas por meio de suas próprias flechas numerosas como o vento expulsando do céu massas de nuvens, Drona parecia muito resplandecente. Então aquele matador de heróis hostis (o filho de Bharadwaja), mirou uma flecha ardente dotada da refulgência do sol ou do fogo, no carro de Viraketu. Aquela flecha, ó monarca, atravessando o príncipe de Panchala, rapidamente entrou na terra, banhada em sangue e brilhando como uma chama de fogo. Então o príncipe dos Panchalas caiu rapidamente de seu carro, como uma árvore Champaka arrancada pelo vento, caindo de um topo de montanha. Após a queda daquele arqueiro formidável, aquele príncipe dotado de grande poder, os Panchalas rapidamente cercaram Drona por todos os lados. Então Chitraketu, e Sudhanwan, e Chitravarman, ó Bharata, e Chitraratha também, todos afligidos com tristeza por conta de seu irmão (morto), avançaram juntos contra o filho de Bharadwaja, desejosos de lutar com ele, e disparando flechas (nele) como as nuvens (despejando chuva) no fim do verão. Atingido de todos os lados por aqueles poderosos guerreiros em carros de linhagem real, aquele touro entre os Brahmanas reuniu toda sua energia e ira para a destruição deles. Então Drona disparou chuvas de flechas neles. Atingidos por aquelas flechas de Drona disparadas de seu arco (esticado) até sua mais completa extensão aqueles príncipes, ó melhor dos monarcas, ficaram confusos e não sabiam o que fazer. O irado Drona, ó Bharata, vendo aqueles príncipes estupefatos, sorridente privou-os de seus corcéis e quadrigários e carros naquela batalha. Então o filho ilustre de Bharadwaja, por meio suas flechas afiadas e flechas de cabeça larga, cortou suas cabeças, como uma pessoa colhendo flores de uma árvore. Privados de vida, aqueles príncipes lá, ó rei, de grande esplendor, caíram de seus carros no chão, como Daityas e Danavas (mortos) na batalha

entre os deuses e os Asuras nos tempos antigos. Tendo matado eles em batalha, ó rei, o filho valente de Bharadwaja vibrou seu arco invencível, o dorso de cuja vara era ornado com ouro. Vendo aqueles poderosos guerreiros em carros, parecendo os próprios celestiais entre os Panchalas mortos, Dhrishtadyumna cheio de fúria derramou lágrimas naquela batalha. Estimulado pela ira, ele avançou, naquele combate, contra o carro de Drona. Então, ó rei, gritos de aflição ergueram-se de repente lá à visão de Drona coberto com flechas pelo príncipe de Panchala. Completamente encoberto pelo filho de grande alma de Prishata, Drona, no entanto, não sofreu dor. Por outro lado, ele continuou a lutar, sorridente. O príncipe dos Panchalas então, furioso, atingiu Drona no peito com muitas flechas retas. Profundamente perfurado por aquele poderoso guerreiro, o filho ilustre de Bharadwaja sentou-se no terraço de seu carro e caiu em um desmaio. Vendo ele naquela condição, Dhrishtadyumna dotado de grande bravura e energia pôs de lado seu arco e rapidamente pegou uma espada. Aquele poderoso guerreiro em carro então, saltando rapidamente de seu próprio carro, subiu naquele (do filho) de Bharadwaja, ó majestade, num piscar de olhos, seus olhos vermelhos de raiva e impelido pelo desejo de cortar a cabeça de Drona de seu tronco. Enquanto isso, o valente Drona, recuperando seus sentidos, pegou seu arco e vendo Dhrishtadyumna chegado tão perto dele pelo desejo de matar, começou a perfurar aquele poderoso guerreiro em carro com flechas que mediam somente um palmo de comprimento e portanto, boas para serem usadas em luta de perto. Aquelas flechas da medida de um palmo e próprias para serem usadas em luta de perto eram conhecidas por Drona, ó rei! E com elas ele conseguiu enfraquecer Dhrishtadyumna. O poderoso Dhrishtadyumna, atingido por um grande número daquelas flechas, pulou rapidamente do carro de Drona. Então, aquele herói de grande bravura, sua impetuosidade frustrada, subiu em seu próprio carro e mais uma vez pegou seu arco grande. E o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna começou novamente a perfurar Drona naquela batalha. E Drona também, ó monarca, começou a perfurar o filho de Prishata com suas flechas. Nisso, a batalha que ocorreu entre Drona e o príncipe dos Panchalas foi admirável ao extremo, como aquela entre Indra e Prahlada, ambos desejosos da soberania dos três mundos. Ambos conhecedores dos modos de batalha, eles se moviam rapidamente sobre o campo, mostrando diversos movimentos de seus carros e mutilando um ao outro com suas flechas. E Drona e o filho de Prishata, deixando estupefata a mente dos guerreiros, dispararam chuvas de flechas como nuvens imensas (despejando torrentes de chuva) na estação chuvosa. E aqueles guerreiros ilustres cobriram com suas flechas o céu, os pontos do horizonte, e a terra. E todas as criaturas, isto é, os Kshatriyas, ó rei, e todos os outros combatentes lá, aplaudiram muito aquela batalha entre eles. E os Panchalas, ó rei, exclamaram ruidosamente, 'Sem dúvida, Drona, tendo enfrentado Dhrishtadyumna em batalha, sucumbirá a nós.' Então Drona, naquela batalha, cortou rapidamente a cabeça do quadrigário de Dhristadyumna como uma pessoa colhendo uma fruta madura de uma árvore. Então os corcéis, ó rei, de Dhrishtadyumna de grande alma fugiram, e depois que aqueles corcéis tinham levado Dhrishtadyumna para longe do campo, Drona, dotado de grande destreza, começou a derrotar os Panchalas e os Srinjayas naquela batalha. Tendo subjugado os Pandus e os Panchalas, o filho de Bharadwaja de grande coragem, aquele castigador de

inimigos, mais uma vez tomou sua posição no meio de sua própria formação de combate. E os Pandavas, ó senhor, não se arriscaram a reprimi-lo em batalha.'"

122

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso, ó rei, Duhsasana avançou contra o neto de Sini, espalhando milhares de flechas como uma nuvem imensa derramando torrentes de chuva. Tendo perfurado Satyaki com sessenta flechas e mais uma vez com dezesseis, ele fracassou em fazer aquele herói tremer, pois o último permaneceu em batalha imóvel como a montanha Mainaka. Acompanhado por uma grande multidão de carros vindos de diversos reinos, aquele principal da linhagem de Bharata disparou inúmeras flechas, e encheu todos os pontos do horizonte com rugidos profundos como aqueles das nuvens. Vendo o Kaurava vindo para a batalha, Satyaki de armas poderosas avançou em direção a ele e cobriu-o com suas flechas. Aqueles que estavam na dianteira de Duhsasana, assim cobertos com aquelas flechas, todos fugiram com medo, na própria vista do teu filho. Depois que eles tinham fugido, ó monarca, teu filho Duhsasana, ó rei, permaneceu destemidamente em batalha e começou a afligir Satyaki com flechas. E perfurando os quatro corcéis de Satyaki com quatro setas, seu quadrigário com três, e o próprio Satyaki com cem naquela batalha, Duhsasana proferiu um rugido alto. Então, ó monarca, Madhava, excitado com raiva, logo fez o carro de Duhsasana e motorista e estandarte e o próprio Duhsasana invisíveis por meio de suas flechas retas. De fato, Satyaki cobriu totalmente o bravo Duhsasana com flechas. Como uma aranha enredando um mosquito ao alcance por meio de seus fios, aquele vencedor de inimigos rapidamente cobriu Duhsasana com suas flechas. Então o rei Duryodhana, vendo Duhsasana assim coberto com setas, incitou um grupo de Trigartas em direção ao carro de Yuyudhana. Aqueles guerreiros em carros Trigarta, de atos violentos, hábeis em batalha, e numerando três mil, procederam em direção a Yuyudhana. Firmemente decididos a lutar e jurando não recuar, todos eles cercaram Yuyudhana com uma grande multidão de carros, Logo, no entanto, Yuyudhana abateu quinhentos de seus guerreiros principais posicionados na dianteira da tropa quando ela avançou em direção a ele em batalha, disparando chuvas de flechas nele. Mortos rapidamente por aquele principal entre os Sinis com suas flechas, eles caíram, como árvores altas de todos de montanha arrancadas por uma tempestade. E o campo de batalha, coberto com elefantes mutilados, ó monarca, e estandartes caídos, e grupos de cavalos de batalha enfeitados com arreios de ouro, e rasgados e lacerados pelas flechas do neto de Sini e ensopados em sangue, parecia belo, ó rei, como uma planície coberta com Kinsukas florescentes. Aqueles teus soldados, assim massacrados por Yuyudhana, fracassaram em encontrar um protetor como elefantes afundados em um pântano. Então todos eles foram para o local onde o carro de Drona estava, como cobras poderosas em direção a buracos por medo do príncipe das aves. Tendo matado aqueles quinhentos bravos guerreiros por meio de suas flechas, parecendo cobras de veneno virulento, aquele herói procedeu lentamente para o lugar onde Dhananjaya estava. E quando aquele principal dos homens estava

assim prosseguindo teu filho Duhsasana rapidamente perfurou-o com nove flechas retas. Aquele poderoso arqueiro então (Yuyudhana), perfurou Duhsasana, em retorno, com cinco flechas retas e afiadas equipadas com asas douradas e penas de urubu. Então Duhsasana, ó Bharata, sorrindo, perfurou Satyaki, ó monarca, com três flechas, e mais uma vez com cinco. O neto de Sini, então, atingindo teu filho com cinco flechas e cortando seu arco prosseguiu sorridente em direção a Arjuna. Então Duhsasana, inflamado com fúria e desejoso de matar o herói Vrishni, arremessou nele, enquanto ele prosseguia, um dardo feito totalmente de ferro. Satyaki, no entanto, ó rei, cortou com suas flechas, providas de penas Kanka, aquele dardo ameaçador do teu filho. Então, ó soberano de homens, nessas circunstâncias, teu filho, pegando outro arco, perfurou Satyaki com algumas setas e proferiu um rugido alto. Então Satyaki excitado com cólera, entorpecendo teu filho naquela batalha, atingiu-o no centro do peito com algumas flechas que pareciam chamas de fogo. E mais uma vez ele perfurou Duhsasana com oito flechas feitas totalmente de ferro e tendo pontas muito afiadas. Duhsasana, no entanto, perfurou Satyaki em retorno com vinte setas. Então, o muito abençoado Satyaki, ó monarca, perfurou Duhsasana no centro do peito com três setas retas. E o poderoso guerreiro em carro Yuyudhana, com algumas flechas retas matou os corcéis de Duhsasana; excitado com fúria ele matou, com algumas flechas retas, o quadrigário do último também. Com uma flecha de cabeça larga ele então cortou o arco do teu filho, e com cinco flechas ele cortou a proteção de couro que envolvia sua mão. Conhecedor como ele era das armas mais superiores, Satyaki, então, com um par de flechas de cabeça larga, cortou o estandarte de Duhsasana e os varais de madeira de seu carro. E então com várias flechas afiadas ele matou ambos os quadrigários Parshni do teu filho. O último, então, sem arco e sem carro e sem cavalos e sem motorista, foi recebido pelo líder dos guerreiros Trigarta em seu carro. O neto de Sini, então, ó Bharata, perseguindo-o um momento, se conteve e não o matou, pois o herói poderosamente armado se lembrou das palavras de Bhimasena. De fato, Bhimasena, ó Bharata, jurou no meio da assembléia a destruição de todos os teus filhos em batalha. Então, ó senhor, Satyaki, tendo assim derrotado Duhsasana, procedeu rapidamente, ó rei, pelo caminho pelo qual Dhananjaya tinha seguido antes dele.'"

123

"Dhritarashtra disse, 'Não havia, ó Sanjaya, poderosos guerreiros em carros naquele meu exército que pudessem matar ou resistir àquele Satyaki enquanto ele procedia (em direção a Arjuna)? De destreza incapaz de ser frustrada, e dotado de poder igual àquele do próprio Sakra, sozinho ele realizou feitos em batalha como o grande Indra entre os Danavas! Ou, talvez, o caminho pelo qual Satyaki procedeu estava vazio? Ai, possuidor de verdadeiro heroísmo, sozinho ele subjugou inúmeros guerreiros! Diga-me, ó Sanjaya, como o neto de Sini, sozinho como ele estava, passou por aquela vasta tropa lutando com ele em batalha?'

"Sanjaya disse, 'Ó rei, os esforços impetuosos e o tumulto feitos por tua hoste que abundava com carros e elefantes e corcéis e soldados de infantaria, parecia com aquele que é visto no fim do yuga. Ó concessor de honras, quando tua hoste reunida era (diariamente) passada em revista, me parecia que outra reunião como aquela do teu exército nunca tinha existido sobre a terra. Os deuses e os Charanas que foram lá disseram, 'Esse ajuntamento de tropas será o último de seu tipo sobre a terra.' De fato, ó rei, nunca tal ordem de batalha tinha sido formada antes como aquela que foi formada por Drona no dia da morte de Jayadratha. O tumulto feito por aqueles vastos grupos de soldados avançando uns nos outros em batalha parecia aquele do próprio oceano incitado à fúria pela tempestade. Naquela tua hoste, como também naquela dos Pandavas, havia centenas e milhares de reis, ó melhor dos homens. O barulho feito por aqueles heróis enfurecidos de atos violentos enquanto envolvidos em combate era tremendo e de arrepiar os cabelos. Então Bhimasena e Dhrishtadyumna, ó majestade, e Nakula e Sahadeva e o rei Yudhishthira o justo gritaram ruidosamente, 'Venham, Ataquem, Avancem! Os bravos Madhava e Arjuna entraram no exército hostil! Façam rapidamente aquilo pelo qual eles possam ir facilmente para onde o carro de Jayadratha está!' Dizendo isso, eles estimularam seus soldados. E eles continuaram, 'Se Satyaki e Arjuna foram mortos, os Kurus terão alcançado seus objetivos, e nós seremos derrotados. Todos vocês, portanto, se reunindo, agitem rapidamente este exército semelhante ao oceano (do inimigo) como ventos impetuosos agitando o mar.' Os guerreiros, ó rei, assim instigados por Bhimasena e o príncipe dos Panchalas, reprimiram os Kauravas, ficando indiferentes às suas próprias vidas. Dotados de grande energia, todos eles, desejando morte em batalha na ponta ou no fio de armas na expectativa do céu, não mostraram a menor consideração por suas vidas ao lutarem por seus amigos. Da mesma maneira, teus guerreiros, ó rei, desejosos de grande renome, e nobremente resolvidos a respeito da batalha, permaneceram no campo, determinados a lutar. Naquela batalha violenta e terrível, Satyaki tendo vencido todos os combatentes procedeu em direção a Arjuna. Os raios do sol sendo refletidos das armaduras brilhantes dos guerreiros, os combatentes eram obrigados a tirar seus olhos delas. Duryodhana também, ó rei, penetrou na hoste imensa dos Pandavas de grande alma lutando vigorosamente em batalha. O combate que ocorreu entre ele de um lado e eles do outro foi muito violento, e grande foi a carnificina que ocorreu lá na ocasião.'"

"Dhritarashtra disse, 'Quando a hoste Pandava estava procedendo dessa maneira para a batalha, Duryodhana, ao entrar nela, deve ter sido colocado em grande perigo. Eu espero que ele não tenha virado suas costas no campo, ó Suta! Aquele combate entre um e muitos em batalha terrível, o um, além disso, sendo um rei, me parece que ter sido muito desproporcional. Além disso, Duryodhana foi criado em grande luxo, em riqueza e posses, ele é um rei de homens. Sozinho enfrentando muitos, eu espero que ele não tenha recuado da batalha.'"

"Sanjaya disse, 'Ouça-me, ó rei, enquanto eu descrevo, ó Bharata, aquela batalha extraordinária lutada por teu filho, aquele combate entre um e muitos. De fato, o exército Pandava foi agitado por Duryodhana naquela batalha, como um

grupo de caules de lotos em um lago por um elefante. Vendo então aquele exército assim atacado por teu filho, ó rei, os Panchalas encabeçados por Bhimasena avançaram nele. Então Duryodhana perfurou Bhimasena com dez flechas e cada um dos gêmeos com três e o rei Yudhishthira com sete. E ele perfurou Virata e Drupada com seis flechas, e Sikhandin com cem. E perfurando Dhrishtadyumna com vinte flechas, ele atingiu cada dos cinco filhos de Draupadi com três flechas. Com suas flechas ardentes ele matou centenas de outros combatentes naquela batalha, incluindo elefantes e guerreiros em carros, como o próprio Destruidor em fúria exterminando criaturas. Por sua habilidade desenvolvida pela prática e o poder de suas armas, ele parecia, quando ele estava empenhado em derrubar seus inimigos, curvar seu arco incessantemente a um círculo quando mirava ou disparava suas flechas. De fato, aquele arco formidável dele, o dorso de cuja vara era ornado com ouro, era visto pelas pessoas como estando estirado a um perpétuo círculo quando ele estava empenhado em matar seus inimigos. Então o rei Yudhishthira, com um par de flechas de cabeça larga, cortou o arco do teu filho, ó tu da linhagem de Kuru, enquanto o último lutava em combate. E Yudhishthira também o atingiu fortemente com dez excelentes e principais das flechas. Aquelas flechas, no entanto, tocando a armadura de Duryodhana, rapidamente se quebraram em pedaços. Então os Parthas, cheios de alegria cercaram Yudhishthira, como os celestiais e grandes Rishis nos tempos antigos cercando Sakra no ocasião da morte de Vritra. Teu valente filho então, pegando outro arco, dirigiu-se ao rei Yudhishthira, o filho de Pandu, dizendo, 'Espere, Espere,' e avançou contra ele. Vendo teu filho assim avançado em grande batalha, os Panchalas, alegremente e com esperanças de vitória, avançaram para recebê-lo. Então Drona, desejoso de resgatar o rei (Kuru), recebeu os Panchalas que avançavam, como uma montanha recebendo massas de nuvens carregadas de chuva impelidas pela tempestade. A batalha então, ó rei, que ocorreu lá foi muito violenta, de arrepiar os cabelos, entre os Pandavas, ó tu de braços fortes, e teus guerreiros. Terrível foi a carnificina de todas as criaturas que então ocorreu, parecendo o divertimento do próprio Rudra (no fim do Yuga). Então ergueu-se um barulho alto no lugar onde Dhananjaya estava. E aquele tumulto, ó senhor, de arrepiar os cabelos, ergueu-se acima de todos os outros sons. Assim, ó de braços fortes, prosseguiu a luta entre Arjuna e teus arqueiros. Assim continuou a batalha entre Satyaki e teus homens no meio do teu exército. E assim continuou o combate entre Drona e seus inimigos na entrada da ordem de batalha. Assim, de fato, ó senhor da terra, continuou aquela carnificina na terra, quando Arjuna e Drona e o poderoso guerreiro em carro Satyaki estavam todos excitados com fúria.'"

124

"Sanjaya disse, 'Na tarde daquele dia, ó rei, uma batalha terrível, caracterizada por rugidos profundos como aqueles das nuvens, ocorreu novamente entre Drona e os Somakas. Aquele principal dos homens, Drona, sobre seu carro de corcéis vermelhos, e concentrado na batalha avançou contra os Pandavas, com velocidade moderada. O valente filho de Bharadwaja, aquele grande arqueiro

dotado de força imensa, aquele herói nascido em um pote excelente, dedicado a fazer o que é agradável para ti, ó rei, e derrubando, ó Bharata, muitos principais dos guerreiros com suas flechas afiadas, equipadas com belas asas, parecia se divertir naquela batalha. Então aquele poderoso guerreiro em carro dos Kaikeyas, Vrihatkshatra, irresistível em batalha, e o mais velho de cinco irmãos, avançou contra ele. Disparando muitas flechas afiadas, ele afligiu muito o preceptor, como uma massa imensa de nuvens despejando torrentes de chuva na montanha de Gandhamadana. Então Drona, ó rei, excitado com cólera disparou nele quinze flechas afiadas em pedra e providas de asas de ouro. O príncipe dos Kekayas, no entanto, cortou alegremente cada uma daquelas flechas disparadas por Drona, as quais pareciam cobras zangadas de veneno virulento, com cinco flechas suas. Vendo aquela agilidade de mão mostrada por ele aquele touro entre os Brahmanas, então, disparou oito flechas retas nele. Vendo aquelas flechas disparadas do arco de Drona correndo rapidamente em direção a ele, Vrihatkshatra naquela batalha resistiu a elas com o mesmo número de flechas afiadas suas. Vendo aquele feito extremamente difícil realizado por Vrihatkshatra, tuas tropas, ó rei, ficaram cheias de perplexidade. Então Drona, ó monarca, aplaudindo Vrihatkshatra, chamou à existência a arma celeste e irresistível chamada Brahma naquela batalha. O príncipe dos Kekayas, vendo ela disparada por Drona em batalha, frustrou aquela arma Brahma, ó monarca, por meio de uma arma Brahma dele. Depois que aquela arma tinha sido assim frustrada, Vrihatkshatra, ó Bharata, perfurou o Brahmana com sessenta flechas afiadas em pedra e providas de asas de ouro. Então Drona, aquele mais notável dos homens, perfurou o príncipe dos Kekayas com uma flecha poderosa a qual, atravessando a armadura do último, (passou através de seu corpo e) entrou na terra. Como uma naja preta, ó melhor dos reis, atravessa um formigueiro, assim mesmo aquelas flechas entraram no solo, tendo atravessado o corpo do príncipe Kekaya naquela batalha. Profundamente perfurado, ó monarca, pelas flechas de Drona, o príncipe dos Kekayas, cheio de raiva, e rolando seus belos olhos, perfurou Drona com setenta flechas afiadas em pedra e providas de asas de ouro. E com outra flecha ele afligiu muito o quadrigário de Drona nos seus próprios órgãos vitais. Perfurado por Vrihatkshatra, ó majestade, com flechas, Drona disparou chuvas de flechas afiadas no carro do príncipe dos Kekayas. Privando o poderoso guerreiro em carro, Vrihatkshatra, de sua frieza, Drona então, com quatro flechas aladas, matou os quatro corcéis do primeiro. Com outra flecha ele derrubou o quadrigário de Vrihatkshatra de seu nicho no carro. E lançando por terra, com duas outras flechas, o estandarte e guarda-sol de seu inimigo, aquele touro entre os Brahmanas, com uma terceira flecha bem disparada de seu arco, perfurou o próprio Vrihatkshatra no peito. Nisso o último, assim atingido no peito, caiu de seu carro.'"

"Após a morte, ó rei, de Vrihatkshatra, aquele poderoso guerreiro em carro entre os Kaikeyas, o filho de Sisupala, cheio de raiva, dirigiu-se a seu quadrigário, dizendo, 'Ó quadrigário, proceda para o local onde Drona está, vestido em armadura e empenhado em matar as hostes Kaikeya e Panchala.' Ouvindo essas palavras dele, o quadrigário logo levou aquele principal dos guerreiros em carros até Drona, por meio daqueles corcéis velozes da raça Kamvoja. Então

Dhrishtaketu, aquele touro entre os Chedis, cheio de força, avançou em direção a Drona para sua própria destruição como um inseto sobre um fogo ardente. Logo ele perfurou Drona e seus corcéis e carro e estandarte com sessenta flechas. E mais uma vez ele o atingiu com muitas outras flechas afiadas como um homem despertando um tigre adormecido. Então Drona, com uma flecha de face de navalha afiada alada com penas de urubu, cortou o meio do arco daquele guerreiro poderoso lutando em batalha. Então aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Sisupala, pegando outro arco, perfurou Drona com muitas flechas aladas com as penas de Kankas e pavões. Drona então, matando com quatro flechas os quatro corcéis de Dhrishtaketu, sorridente cortou a cabeça do quadrigário do último de seu tronco. E então ele perfurou o próprio Dhrishtaketu com vinte e cinco flechas. O príncipe dos Chedis então, pulando rapidamente de seu carro, pegou uma maça, e arremessou-a no filho de Bharadwaja como uma cobra enfurecida. Vendo aquela maça pesada, dotada da força do diamante e decorada com ouro, correndo em direção a ele como a Morte, o filho de Bharadwaja cortou-a com muitos milhares de flechas afiadas. Aquela maça, cortada pelo filho de Bharadwaja, ó majestade, com muitas flechas, caiu, ó Kaurava, fazendo a terra ecoar com seu barulho. Vendo sua maça frustrada, o colérico e bravo Dhrishtaketu arremessou uma lança e então um dardo enfeitado com ouro. Cortando aquela lança com cinco flechas, Drona cortou aquele dardo também com cinco flechas. Ambos aqueles projéteis, assim cortados, caíram no chão, como um par de cobras mutiladas e dilaceradas por Garuda. O filho valente de Bharadwaja então, naquela batalha, disparou para sua destruição uma flecha afiada em Dhrishtaketu que estava lutando para destruição do próprio (filho de) Bharadwaja. Aquela flecha, atravessando a armadura e o peito de Dhrishtaketu de energia incomensurável, entrou na terra, como um cisne mergulhando em um lago coberto com lotos. Como um galo faminto agarra e devora um inseto pequeno, assim mesmo o heróico Drona consumiu Dhrishtaketu naquela grande batalha. Após a morte do soberano dos Chedis, seu filho que estava familiarizado com as armas mais elevadas, cheio de raiva, procurou desempenhar a obrigação de seu pai. Ele também, Drona, sorrindo, despachou para a residência de Yama por meio de suas flechas, como um tigre enorme e poderoso nas florestas profundas matando um filhote de veado.'"

"Enquanto os Pandavas, ó Bharata, estavam sendo assim diminuídos, o heróico filho de Jarasandha avançou em direção a Drona. Como as nuvens cobrindo o sol, ele rapidamente fez o poderosamente armado Drona invisível naquela batalha por meio de suas chuvas de flechas. Vendo aquela agilidade de mão nele, Drona, aquele opressor de Kshatriyas, disparou rapidamente suas flechas às centenas e milhares. Cobrindo (com suas flechas) naquela batalha aquele principal dos guerreiros em carros posicionado em seu carro, Drona rapidamente matou o filho de Jarasandha na própria vista de todos os arqueiros. De fato, Drona, parecendo o próprio Destruidor, consumiu todos os que se aproximaram dele então, como o próprio Destruidor consumindo criaturas quando sua hora chega. Então Drona, ó monarca, proclamando seu nome naquela batalha, cobriu os Pandavas com muitos milhares de flechas. Aquelas flechas disparadas por Drona, afiadas em pedra e gravadas com seu nome, mataram naquela batalha homens e elefantes e

cavalos às centenas. Assim massacrados por Drona, como os Asuras por Sakra, os Panchalas começaram a tremer como um rebanho de vacas afligido pelo frio. De fato, ó touro da raça Bharata, quando o exército Pandava estava sendo massacrado dessa maneira por Drona, lá ergueu-se um lamento terrível de aflição dele. Chamuscados pelo sol e massacrados por meio daquelas flechas, os Panchalas então ficaram cheios de ansiedade. Entorpecidos pelo filho de Bharadwaja com suas chuvas de flechas naquela batalha os poderosos guerreiros em carros entre os Panchalas se sentiram como as pessoas cujas coxas tivessem sido agarradas por jacarés. Então, ó rei, os Chedis, os Srinjayas, os Kasis, e os Kosalas avançaram alegremente contra o filho de Bharadwaja pelo desejo de lutar. E os Chedis, os Panchalas, e os Srinjayas dirigiram-se uns aos outros, dizendo, 'Drona está morto! Drona está morto!' Dizendo essas palavras, eles avançaram naquele herói. De fato, todos aqueles tigres entre homens se lançaram com seu maior poder sobre o ilustre Drona, desejosos de despachá-lo para a residência de Yama. Então o filho de Bharadwaja, por meio de suas flechas, despachou aqueles bravos guerreiros lutando vigorosamente em batalha, especialmente aqueles principais entre os Chedis, para presença do Rei dos mortos. Depois que aqueles principais entre os Chedis tinham sido exterminados, os Panchalas, afligidos pelas flechas de Drona, começaram a tremer. Vendo, ó majestade, aquelas façanhas de Drona, eles chamaram ruidosamente por Bhimasena e Dhrishtadyumna, ó Bharata, e disseram, 'Este Brahmana tem, sem dúvida, praticado as mais austeras das penitências e adquirido grande mérito ascético. Inflamado com raiva em batalha, ele consome os principais dos Kshatriyas. O dever de um Kshatriya é lutar; o de um Brahmana, o ascetismo mais elevado. Um Brahmana dotado de mérito ascético e erudição é capaz de queimar tudo por meio de seus olhares somente. Muitos principais dos Kshatriyas, tendo se aproximado do fogo ardente e intransponível das armas de Drona, ó Bharata, tem sido destruídos e devorados. O ilustre Drona, à medida de seu poder, coragem, e perseverança, pasma todas as criaturas e mata nossas tropas!' Ouvindo essas palavras deles, o poderoso Kshatradharman, corretamente observador dos deveres de um Kshatriya, cortou colericamente com uma flecha em forma de meia-lua o arco de Drona com flecha fixada nele. Então Drona, aquele subjugador de Kshatriyas, ficando mais zangado ainda, pegou outro arco brilhante, mais resistente do que o que ele tinha posto de lado. Fixando nele uma flecha afiada, destrutiva de tropas hostis, o preceptor, dotado de grande força, a disparou no príncipe, puxando a corda do arco até sua orelha. Aquela flecha, matando Kshatradharman, entrou na terra. Seu peito atravessado, ele caiu de seu veículo no chão. Após a morte do filho de Dhrishtadyumna, as tropas (Pandava) começaram a tremer. Então o poderoso Chekitana lançou-se sobre Drona. Perfurando Drona com dez flechas, ele mais uma vez o perfurou com uma flecha no centro de seu peito. E ele perfurou o quadrigário de Drona com quatro flechas e seus quatro corcéis também com quatro. O preceptor então perfurou o braço direito de Chekitana com dezesseis flechas, e seu estandarte com dezesseis, e seu quadrigário com sete. Após o quadrigário ter sido morto, os cavalos de Chekitana fugiram, arrastando o carro atrás eles. Vendo os corcéis de Chekitana perfurados pelas flechas do filho de Bharadwaja, e seu carro também privado de motorista, os Panchalas e os Pandavas ficaram cheios de grande temor. Drona

então, ó majestade, desbaratando em todos os lados os Panchalas e os Srinjayas reunidos em batalha, parecia muito resplandecente. O venerável Drona, de oitenta e cinco anos completos de idade, escuro em cor e com madeixas brancas descendo até suas orelhas, corria a toda velocidade em batalha como um jovem de dezesseis. De fato, ó rei, os inimigos consideraram o matador de inimigos Drona, quando ele se movia rapidamente em batalha, como sendo ninguém mais do que o próprio Indra armado com o trovão. Então, ó monarca, o poderosamente armado Drupada de grande inteligência disse, 'Este (Drona) está matando os Kshatriyas como um tigre faminto matando animais menores. O pecaminoso Duryodhana de alma perversa seguramente alcançará as regiões mais miseráveis (no mundo seguinte). É por causa de sua cobiça que muitos principais dos Kshatriyas, mortos em batalha, jazem prostrados no campo, como touros mutilados, ensopados em sangue e se tornando o alimento de cachorros e chacais.' Dizendo essas palavras, ó monarca, Drupada, aquele senhor de um Akshauhini de tropas, colocando os Parthas em sua dianteira, avançou com velocidade em direção a Drona.'"

125

"Sanjaya disse, 'Quando o exército dos Pandavas estava assim agitado por todos os lados, os Parthas e os Panchalas e os Somakas recuaram para uma grande distância. Durante a continuação daquela batalha violenta, de arrepiar os cabelos, e daquela carnificina geral como aquela que acontece, ó Bharata, no fim do Yuga, quando, de fato, Drona de destreza formidável estava repetidamente proferindo gritos leoninos, e quando os Panchalas estavam sendo enfraquecidos e os Pandavas massacrados, o rei Yudhishthira o justo, falhando naquela batalha em encontrar qualquer refúgio naquela situação difícil, começou, ó rei, a pensar em como a questão terminaria. Lançando seus olhos em volta na expectativa de ver Savyasachin, Yudhishthira, no entanto, não viu nem aquele filho de Pritha nem Madhava. Não vendo aquele tigre entre homens, isto é, Arjuna de estandarte de macaco, e não ouvindo também o som do Gandiva, o monarca ficou cheio de ansiedade, não vendo Satyaki também, aquele principal dos guerreiros em carros entre os Vrishnis, o rei Yudhishthira o justo ficou igualmente ansioso. De fato, não vendo aqueles dois principais dos homens, Yudhishthira não conheceu paz. O rei de grande alma Yudhishthira o justo, de armas poderosas, temendo a má opinião do mundo, começou a pensar no carro de Satyaki. 'O neto de Sini Satyaki, de destreza verdadeira, aquele dissipador dos medos de amigos, foi enviado por mim no rastro de Phalguna. Eu tinha somente uma fonte de ansiedade antes, mas agora eu tenho duas. Eu devo ter notícias de ambos, Satyaki e Dhananjaya, o filho de Pandu. Tendo despachado Satyaki para seguir no rastro de Arjuna, quem eu mandarei agora no rastro de Satyaki? Se por todos meios eu me esforçar para obter informações de meu irmão somente, sem perguntar por Yuyudhana, o mundo me repreenderá. Eles dirão que: 'Yudhishthira, o filho de Dharma, tendo perguntado por seu irmão, deixa Satyaki da linhagem de Vrishni, aquele herói de destreza infalível, à sua sorte!' Temendo, como eu temo, a repreensão do mundo, eu devo portanto, enviar Vrikodara, o filho de Pritha, no rastro do Madhava de

grande alma. O amor que eu tenho pelo herói Vrishni, por aquele guerreiro invencível da tribo Satwata, (Satyaki), não é menor do que o amor que eu tenho por Arjuna, aquele matador de inimigos. O alegrador dos Sinis além disso, foi colocado por mim para uma tarefa muito pesada. Aquele guerreiro poderoso, no entanto, ou por causa do pedido de um amigo ou por aquele de honra, entrou dentro do exército Bharata como um Makara no oceano. Alto é o barulho que eu ouço de heróis que não recuam, lutando juntos contra aquele herói Vrishni de grande inteligência. Sem dúvida, eles são muitos para ele. Chegou a hora, portanto, quando eu devo pensar em seu resgate. Parece-me que armado com o arco, Bhimasena, o filho de Pandu, deve ir lá onde aqueles dois poderosos guerreiros em carros estão. Não há nada sobre a terra que Bhima não possa aguentar. Se ele lutar com determinação, ele é um páreo em batalha para todos os arqueiros no mundo. Dependendo da força de seus próprios braços, ele pode oferecer resistência a todos os inimigos. Confiando na força de braços daquele guerreiro de grande alma, nós pudemos voltar de nosso exílio nas florestas e nós nunca fomos derrotados em batalha. Se Bhimasena, o filho de Pandu, proceder daqui até Satyaki, ambos Satyaki e Phalguna derivarão verdadeiro auxílio. Sem dúvida, eu não devo sentir qualquer ansiedade por Satyaki e Phalguna. Os dois são talentosos com armas, e o próprio Vasudeva está protegendo eles. (Apesar de tudo isso, eu me sinto ansioso por conta deles), eu devo sem dúvida procurar remover minha ansiedade. Eu irei, portanto, designar Bhima para seguir na esteira de Satyaki. Tendo feito isso, eu devo considerar meus planos completos para o resgate de Satyaki.' Yudhishthira, o filho de Dharma, tendo decidido isso em sua mente, dirigiu-se a seu quadrigário e disse, 'Leve-me até Bhima.' Ouvindo a ordem do rei Yudhishthira o justo, o quadrigário que era versado em conhecimento sobre cavalos, levou aquele carro ornado com ouro para onde Bhima estava. Chegando à presença de Bhima, o rei, se lembrando da ocasião, ficou emasculado pela dor, e pressionou Bhima com diversos apelos. De fato, dominado pela aflição, o monarca se dirigiu a Bhima. E essas foram as palavras, ó rei, que Yudhishthira o filho de Kunti então disse para ele, 'Ó Bhima, eu não vejo o estandarte daquele Arjuna, que em um único carro subjugou todos os deuses, os Gandharvas e Asuras!' Então Bhimasena, dirigindo-se ao rei Yudhishthira o justo que estava naquela situação, disse, 'Nunca antes eu vi, ou ouvi tuas palavras afligidas com semelhante desânimo. De fato, antigamente, quando nós estávamos tomados pela angústia, tu eras nosso confortador. Anime-te, anime-te, ó rei de reis, diga o que eu devo fazer por ti. Ó concessor de honras, não há nada que eu não possa fazer. Diga-me quais são tuas ordens, ó principal da linhagem de Kuru! Não coloque teu coração na aflição.' Para Bhimasena então, o rei com o rosto triste e com olhos banhados em lágrimas disse, suspirando como uma naja preta, 'Os sons da concha Panchajanya, colericamente soprada por Vasudeva de renome mundial, está sendo ouvido. Parece, a julgar por isto, que teu irmão Dhananjaya jaz hoje sobre o campo, privado de vida. Sem dúvida, Arjuna tendo sido morto, Janardana está lutando. Aquele herói de grande poder, confiando em cuja bravura os Pandavas estão vivos, ele para quem nós sempre nos dirigimos em tempos de medo como os celestiais em direção a seu chefe de mil olhos, aquele herói, à procura do soberano dos Sindhus, penetrou na hoste Bharata. Eu sei disso, ó Bhima, ou seja, que ele foi, mas ele ainda não voltou. Escuro em cor, jovem, de

cabelos encaracolados, muito bonito, poderoso guerreiro em carro, de peito largo e braços longos, possuidor do andar de um elefante enfurecido, de olhos da cor de cobre polido e como aqueles (de) um chakra, aquele teu irmão aumenta os temores de inimigos. Abençoado sejas tu, essa é a causa da minha aflição, ó castigador de inimigos! Por causa de Arjuna, ó tu de braços fortes, como também por causa de Satwata, minha angústia aumenta como um fogo ardente alimentado com libações de manteiga clarificada. Eu não vejo seu estandarte. Por isso eu estou entorpecido pela tristeza. Sem dúvida, ele foi morto, e Krishna, hábil em batalha, está lutando. Saiba também que o tigre entre homens, aquele poderoso guerreiro em carro Satwata, está morto. Ai! Satyaki seguiu na esteira daquele outro poderoso guerreiro em carro, com teu irmão. Sem ver Satyaki também, eu estou entorpecido pela angústia. Portanto, ó filho de Kunti, vá para lá, onde Dhananjaya está e Satyaki também de energia poderosa, se, é claro, tu pensas que é teu dever obedecer minhas ordens, ó tu que és conhecedor do dever, lembre que eu sou teu irmão mais velho. Tu deves pensar que Satyaki é mais caro para ti do que o próprio Arjuna. Ó filho de Pritha, Satyaki partiu, pelo desejo de fazer bem a mim, no rastro de Arjuna, um rastro que não pode ser trilhado por pessoas de almas vis. Vendo os dois Krishnas e Satyaki também da linhagem Satwata sãos e inteiros, me envie uma mensagem, ó filho de Pandu, por proferir um rugido leonino.'"

126

"Bhima disse, 'Aquele carro o qual antigamente levou Brahma e Isana e Indra e Varuna (para a batalha), sobre aquele carro, os dois Krishnas partiram. Eles não podem ter medo do perigo. Colocando, no entanto, tua ordem sobre minha cabeça, veja, eu estou indo. Não te aflija. Encontrando com aqueles tigres entre homens, eu te mandarei notícias.'"

"Sanjaya disse, 'Tendo dito essas palavras, o poderoso Bhima começou a se preparar para partir, reiteradamente transferindo Yudhishthira para Dhrishtadyumna e para os outros amigos (da causa Pandava). De fato, Bhimasena de força imensa se dirigindo a Dhrishtadyumna, disse, 'É sabido por ti, ó tu de armas poderosas, como o poderoso guerreiro em carro Drona está sempre de prontidão para capturar o rei Yudhishthira o justo por todos os meios em seu poder. De fato, ó filho de Prishata, eu nunca deveria colocar minha ida (até Arjuna e Satyaki) acima do meu dever de proteger o rei. O rei Yudhishthira, no entanto, me mandou ir, eu não me atrevo a contradizê-lo. Eu irei para lá onde o soberano dos Sindhus está, às portas da morte. Eu devo, com total exatidão, agir segundo as palavras de meu irmão (Arjuna) e de Satyaki dotado de grande inteligência. Tu deves, portanto, vigorosamente determinado em batalha, proteger Yudhishthira o filho de Pritha hoje. De todas as tarefas, esse é teu maior dever em batalha.' Assim endereçado por Vrikodara, ó monarca, Dhrishtadyumna respondeu, 'Eu farei o que tu desejas. Vá, ó filho de Pritha, sem qualquer ansiedade do tipo. Sem matar Dhrishtadyumna em batalha, Drona nunca será capaz de humilhar o rei Yudhishthira no combate.' Transferindo dessa maneira o filho real de Pandu para

Dhrishtadyumna, e saudando seu irmão mais velho, Bhimasena procedeu em direção ao local onde Phalguna estava. Antes de dispensá-lo, no entanto, o rei Yudhishthira o Justo, ó Bharata, abraçou Bhimasena e cheirou sua cabeça e proferiu bênçãos auspiciosas sobre ele. Depois de circungirar diversos Brahmanas, gratificados com culto e presentes, e tocando os oito tipos de artigos auspiciosos, e bebendo mel Kairataka, aquele herói, os cantos de cujos olhos tinham se tornados vermelhos em excitação, sentiu sua força ser dobrada. Os Brahmanas realizaram cerimônias propiciatórias para ele. Vários presságios, indicativos de sucesso, o saudaram. Contemplando-os, ele sentiu o prazer da vitória antecipada. Ventos favoráveis começaram a soprar e indicar seu sucesso. Então o poderosamente armado Bhimasena, o mais notável dos guerreiros em carros, vestido em armadura, enfeitado com brincos e Angadas, e suas mãos envolvidas em proteções de couro, subiu em seu próprio carro excelente. Sua cota de malha cara, feita de aço preto e ornada com ouro, parecia com uma nuvem carregada com relâmpago. Seu corpo estava belamente coberto com mantos amarelos e vermelhos e pretos e brancos. Usando uma couraça colorida que protegia também seu pescoço, Bhimasena parecia resplandecente como uma nuvem enfeitada com um arco-íris.'"

"Quando Bhimasena estava prestes a partir contra tuas tropas pelo desejo de lutar, os sons violentos de Panchajanya foram ouvidos mais uma vez. Ouvindo aqueles sons altos e terríveis, capazes de encher os três mundos de temor, o filho de Dharma dirigiu-se novamente a Bhimasena, dizendo, 'Lá, o herói Vrishni está soprando sua concha violentamente. De fato, aquele príncipe das conchas está enchendo a terra e o céu com seu som. Sem dúvida, Savyasachin tendo caído em grande perigo, o portador do disco e da maça está lutando com todos os Kurus. Sem dúvida, a venerável Kunti, e Draupadi, e Subhadra, estão todas, com seus parentes e amigos, vendo hoje presságios muito inauspiciosos. Portanto, ó Bhima, vá rapidamente para lá onde Dhananjaya está. Todos os pontos do horizonte, ó Partha, parecem vazios para os meus olhos por causa do meu desejo (insatisfeito) de ver Dhananjaya e devido também a Satwata.' Repetidamente incitado por seu superior para ir, o filho valente de Pandu, Bhimasena, ó rei, envolvendo suas mãos em proteções de couro, pegou seu arco. Incitado por seu irmão mais velho, aquele irmão, Bhimasena, que era dedicado ao bem de seu irmão, fez baterias serem batidas. E Bhima soprou sua concha com força também e proferindo rugidos leoninos, começou a vibrar seu arco. Desanimando os corações de heróis hostis por meio aqueles rugidos leoninos, e assumindo uma forma terrível, ele avançou contra seus inimigos. Corcéis velozes e bem domados da raça principal relinchando furiosamente, o levaram. Dotados da velocidade do vento ou do pensamento, suas rédeas eram seguradas por Visoka. Então o filho de Pritha, puxando a corda do arco com grande força, começou a oprimir a dianteira da ordem de batalha hostil, mutilando e perfurando os combatentes lá. E quando aquele herói de braços fortes prosseguiu, os bravos Panchalas e os Somakas seguiram atrás dele, como os celestiais seguindo Maghavat. Então os irmãos Duhsasana e Chitrasena, e Kundabhedin e Vivinsati, e Durmukha e Duhsaha e Sala, e Vinda e Anuvinda e Sumukha e Dirghavahu e Sudarsana, e Suhasta e Sushena, e Dirghalochana, e Abhaya e Raudrakarman e Suvarman e

Durvimochana, se aproximando, cercaram Bhimasena. Esses principais dos guerreiros em carros, esses heróis, todo parecendo resplandecentes, com suas tropas e seguidores, firmemente determinados a lutar, avançaram contra Bhimasena. Aquele heróico e poderoso guerreiro em carro, o filho de Kunti Bhimasena de grande coragem, cercado dessa maneira, lançou seus olhos neles, e avançou contra eles com a impetuosidade de um leão contra animais menores. Aqueles heróis, mostrando armas celestes e poderosas, cobriram Bhima com flechas, como nuvens cobrindo o sol nascente. Ultrapassando todos aqueles guerreiros com impetuosidade, Bhimasena avançou contra a divisão de Drona, e cobriu a tropa de elefantes à frente dele com chuvas de flechas. O filho do deus do vento, mutilando com suas flechas quase num abrir e fechar de olhos aquela divisão de elefantes, dispersou-a em todas as direções. De fato, como animais apavorados na floresta pelo rugido de um Sarabha, aqueles elefantes fugiram todos, proferindo gritos terríveis. Passando por aquela área com velocidade, ele então se aproximou da divisão de Drona. Então o preceptor deteve seu progresso, como o continente resistindo às ondas do mar. Sorridente ele atingiu o filho de Pandu em sua testa com uma flecha. Nisso, o filho de Pandu parecia resplandecente como o sol com raios ascendentes. O preceptor pensou que Bhima iria mostrar respeito por ele como Phalguna tinha feito antes. Dirigindo-se a Vrikodara, portanto, ele disse, 'Ó Bhimasena, está além do teu poder entrar na hoste hostil, sem derrotar a mim, teu inimigo, em batalha, ó tu de força imensa! Embora Krishna com teu irmão mais novo tenham entrado nessa hoste com minha permissão, tu mesmo, no entanto, nunca conseguirás fazer isso.' Ouvindo essas palavras do preceptor, o intrépido Bhima, cheio de raiva, e seus olhos vermelhos como sangue ou cobre polido, respondeu rápido para Drona, dizendo, 'Ó patife de um Brahmana, não pode ser que Arjuna tenha entrado nessa hoste com tua permissão. Ele é invencível. Ele penetraria na hoste comandada pelo próprio Sakra. Se ele te ofereceu culto reverente, foi somente para te honrar. Mas saiba, ó Drona, que eu não sou compassivo como Arjuna. Por outro lado, eu sou Bhimasena, teu inimigo. Nós te consideramos como nosso pai, preceptor, e amigo. Nós nos consideramos como teus filhos. Pensando dessa maneira nós sempre nos humilhamos em direção a ti. Quando, no entanto, tu usas tais palavras conosco hoje, parece que tudo aquilo está alterado. Se tu te consideras como nosso inimigo, que seja como tu pensas. Sendo ninguém mais do que Bhima, eu logo agirei em direção a ti como eu devo em direção a um inimigo.' Dizendo isso, Bhima girando uma maça, como o próprio Destruidor girando sua maça fatal, arremessou-a, ó rei, em Drona. Drona, no entanto, tinha rapidamente pulado de seu carro, (e garantido sua segurança), pois aquela maça prensou no solo o carro de Drona, com seus corcéis, motorista, e estandarte. Então Bhima subjugou guerreiros numerosos como a tempestade despedaçando árvores com sua força. Então aqueles teus filhos mais uma vez cercaram aquele principal dos guerreiros em carros. Enquanto isso, Drona, aquele principal dos batedores subindo em outra carruagem, procedeu para a entrada da ordem de batalha e ficou lá para o combate. Então, ó rei, o furioso Bhima de grande destreza cobriu a divisão de carro em sua frente com chuvas de flechas. Então aqueles poderosos guerreiros em carros, teus filhos, assim atacados em batalha, dotados como eles eram de grande força lutaram com Bhima pelo desejo de vitória. Então Duhsasana,

excitado com cólera, arremessou em Bhimasena um dardo afiado feito totalmente de ferro, desejando matar o filho de Pandu. Bhima no entanto, cortou em dois aquele dardo ameaçador arremessado por teu filho, quando ele corria em direção a ele. Essa façanha pareceu muito admirável. O poderoso filho de Pandu, então, com três outras flechas afiadas, matou os três irmãos Kundabhedin e Sushena e Dirghanetra. E, novamente, entre aqueles teus filhos heróicos lutando com ele, Bhima matou o heróico Vrindaraka, aquele aumentador da fama dos Kurus. E outra vez, com três outras flechas, Bhima matou três outros filhos teus, isto é, Abhaya e Raudrakarman e Durvimochana. Assim massacrados, ó rei, por aquele guerreiro poderoso, teus filhos cercaram Bhima, aquele principal dos batedores, por todos os lados. Eles então despejaram suas flechas sobre aquele filho de Pandu, de atos terríveis, como as nuvens no fim do verão despejando torrentes de chuva no leito da montanha. Aquele matador de hostes, o herdeiro de Pandu, recebeu aquela chuva de flechas como uma montanha recebendo uma chuva de pedras. De fato, o heróico Bhima não sentiu dor. Então o filho de Kunti, sorrindo, despachou por meio de suas flechas teus filhos Vinda e Anuvinda e Suvarman para a residência de Yama. Então o filho de Pandu, ó touro da raça Bharata, rapidamente perfurou naquela batalha teu filho heróico Sudarsan. O último, nisso, caiu e expirou. Dentro de um tempo muito curto, o filho de Pandu, lançando seus olhares naquela tropa de carros a fez por meio de suas flechas fugir em todas as direções. Então como um bando de veados assustado pelo estrépito de rodas de carro, ou um grito alto, teus filhos, naquela batalha, ó rei, afligidos com medo de Bhimasena, se dividiram e fugiram de repente. O filho de Kunti, no entanto, perseguiu aquela grande tropa de teus filhos, e começou, ó rei, a perfurar os Kauravas de todos os lados. Teus soldados, ó monarca, assim massacrados por Bhimasena, fugiram da batalha, evitando o filho de Pandu e incitando seus próprios corcéis excelentes à sua maior velocidade. O poderoso Bhimasena então, tendo derrotado eles em batalha, proferiu rugidos leoninos e fez um grande barulho por bater em seu peito. E o poderoso Bhima, tendo feito também um barulho violento com suas palmas, e assim assustado aquela tropa de carros e os principais dos guerreiros que estavam nela, foi em direção à divisão de Drona, ultrapassando aquela tropa de carros (a qual ele tinha derrotado).'"

127

"Sanjaya disse, 'Depois que o filho de Pandu tinha atravessado aquela tropa de carros, o preceptor Drona, sorrindo, cobriu-o com chuvas de setas, desejoso de impedir seu progresso. Frustrando tua tropa então com seus poderes de ilusão, e bebendo, por assim dizer, aquelas flechas disparadas do arco de Drona, Bhimasena avançou contra aqueles irmãos (teus filhos). Então muitos reis, que eram todos grandes arqueiros, instigados por teus filhos, avançando impetuosamente, começaram a circundá-lo. Cercado por eles, ó Bharata, Bhima rindo naquele momento e proferindo um rugido leonino, pegou e arremessou neles com grande força uma maça ardente destrutiva de tropas hostis. Aquela maça de força adamantina, arremessada como o trovão de Indra pelo próprio Indra,

esmagou, ó rei, teus soldados em batalha. E ela pareceu encher, ó rei, a terra inteira com barulho alto. E brilhando em esplendor, aquela maça ardente inspirou teus filhos com medo. Vendo aquela maça de rumo impetuoso e dotada de lampejos de relâmpago, correndo em direção a eles, teus guerreiros fugiram, proferindo gritos terríveis. E por causa do som insuportável, ó majestade, daquela maça ameaçadora, muitos homens caíram onde eles estavam, e muitos guerreiros em carros também caíram de seus carros. Massacrados por Bhimasena armado com a maça, teus guerreiros fugiram apavorados da batalha, como veados atacados por um tigre. O filho de Kunti, desbaratando em batalha aqueles valorosos inimigos dele, impetuosamente cruzou aquela tropa como Garuda de belas penas.'"

"Enquanto Bhimasena, aquele líder de líderes de divisões de carros, estava empenhado em tal carnificina, o filho de Bharadwaja, ó rei, avançou nele. E Drona, reprimindo Bhima por meio de suas chuvas de flechas, proferiu de repente um rugido leonino que inspirou os Pandavas com medo. A batalha que teve lugar entre Drona e Bhima de grande alma foi, ó rei, furiosa e terrível e parecia o combate entre os deuses e os Asuras de antigamente. Heróicos guerreiros às centenas e milhares naquela batalha foram mortos pelas flechas afiadas disparadas do arco de Drona. O filho de Pandu então, pulando de seu carro fechou seus olhos, ó rei, e avançou a pé com grande velocidade em direção ao carro de Drona. De fato, como um touro aguenta facilmente uma chuva pesada, assim mesmo aquele tigre entre homens, Bhima, aguentou aquela torrente de flechas do arco de Drona. Atacado naquela batalha, ó majestade, por Drona, o poderoso Bhima, agarrando o carro de Drona pelo varal, jogou-o no chão com grande força. Assim derrubado em batalha, ó rei, Drona, no entanto, subindo rapidamente em outro carro, foi para a entrada da formação de combate, seu motorista incitando seus cavalos naquele momento com grande velocidade. Aquela façanha, ó tu da família de Kuru, realizada por Bhimasena, pareceu muito extraordinária. O poderoso Bhima, então, subindo em seu próprio carro, avançou impetuosamente em direção ao exército do teu filho. E ele oprimiu os Kshatriyas em batalha, como uma tempestade despedaçando fileiras de árvores. De fato, Bhima prosseguiu, resistindo aos guerreiros hostis como a montanha resistindo às ondas do mar. Atacando então as tropas Bhoja que eram protegidas pelo filho de Hridika, Bhimasena, ó rei, a oprimiu muito, e passou através dela. Assustando os soldados hostis com o som de suas palmas, ó majestade, Bhima subjugou eles todos como um tigre subjugando um rebanho de touros. Atravessando a divisão Bhoja e aquela dos Kamvojas também, e incontáveis tribos de Mlecchas também, que eram todos hábeis em combate, e vendo aquele poderoso guerreiro em carro, Satyaki, empenhado na batalha, Bhimasena, o filho de Kunti, ó monarca prosseguiu resolutamente e com grande velocidade, desejoso de ter uma visão de Dhananjaya. Ultrapassando todos os teus guerreiros naquela batalha, o filho de Pandu então avistou o poderoso guerreiro em carro Arjuna engajado no combate. O valente Bhima, aquele tigre entre homens, vendo Arjuna aplicando sua bravura para a morte do soberano dos Sindhus, proferiu um grito alto, como, ó monarca, as nuvens ribombando na estação das chuvas. Aqueles gritos terríveis de Bhimasena que rugia, ó tu da linhagem de Kuru, foram ouvidos por Arjuna e

Vasudeva no meio da batalha. Ambos aqueles heróis, ouvindo simultaneamente aqueles gritos do poderoso Bhima, gritaram repetidamente pelo desejo de ver Vrikodara. Então Arjuna proferindo um rugido alto, e Madhava também fazendo o mesmo, se movimentaram rapidamente em batalha como um par de touros rugindo. Ouvindo então aquele rugido de Bhimasena, como também aquele de Phalguna armado com o arco, Yudhishthira, o filho de Dharma, ó rei, ficou muito satisfeito. E o rei Yudhishthira, ouvindo aqueles sons de Bhima e Arjuna, teve sua ansiedade dissipada. E o senhor Yudhishthira repetidamente desejou sucesso para Dhananjaya em batalha.'"

"Enquanto o feroz Bhima estava rugindo dessa maneira, o poderosamente armado Yudhishthira, o filho de Dharma, aquele mais notável dos homens virtuosos, sorridente refletiu um momento e assim pôs em palavras os pensamentos que inspiravam seu coração, 'Ó Bhima, tu realmente me enviaste a mensagem. Tu realmente obedeceste às ordens de teu superior. Ó filho de Pandu, nunca podem ter vitória aqueles que tem a ti como seu inimigo. Por boa sorte é que Dhananjaya, capaz de disparar o arco (até) com sua mão esquerda, vive ainda. Por boa sorte, o heróico Satyaki também, de destreza incapaz de ser frustrada, está são e salvo. Por boa sorte, é que eu ouço ambos Vasudeva e Dhananjaya proferindo esses rugidos. Ele que tendo derrotado o próprio Sakra em batalha, satisfez o transportador de libações sacrificais, aquele matador de inimigos, Phalguna, por boa sorte, ainda está vivo nessa batalha. Ele, confiando no poder de cujas armas todos nós estamos vivos, aquele matador de exércitos hostis, Phalguna, por boa sorte, ainda vive. Ele por quem com a ajuda de um único arco os Nivatakavachas foram subjugados, aqueles Danavas, isto é, que não podiam ser derrotados pelos próprios deuses, ele, Partha, por boa sorte, ainda vive. Ele que derrotou na cidade de Matsya todos os Kauravas reunidos juntos para capturar o gado de Virata, aquele Partha, por boa sorte, ainda vive. Ele que, pelo poder de suas armas, matou catorze mil dos Kalakeyas, aquele Partha, por boa sorte, ainda vive. Ele que, por causa de Duryodhana, tinha vencido, pela energia de suas armas, o rei poderoso dos Gandharvas, aquele Partha, por boa sorte, ainda vive. Enfeitado com diadema e guirlandas (de ouro), dotado de grande força, tendo corcéis brancos (unidos ao seu carro) e o próprio Krishna como seu quadrigário, aquele Phalguna, sempre querido para mim, por boa sorte, ainda vive. Queimando com aflição por conta da morte de seu filho, se esforçando para realizar um feito muito difícil, e até agora procurando (matar Jayadratha), ai, ele que fez aquele voto, Dhananjaya, ele conseguirá matar o soberano dos Sindhus em batalha? Depois que ele, protegido por Vasudeva, tiver cumprido aquela promessa dele, eu verei novamente aquele Arjuna, antes do sol se por? O soberano dos Sindhus, que é dedicado ao bem-estar de Duryodhana, morto por Phalguna, irá alegrar seus inimigos? O rei Duryodhana, vendo o soberano dos Sindhus morto em batalha, fará as pazes conosco? Vendo seu irmão morto em batalha por Bhimasena o perverso Duryodhana fará as pazes conosco? Contemplando outros grandes guerreiros jazendo prostrados sobre a superfície da terra, o pecaminoso Duryodhana cederá ao remorso? Nossas hostilidades não cessarão com o sacrifício único de Bhishma? Aquele Suyodhana fará as pazes conosco para salvar o resto (do que ainda resta para ele e nós)?' Diversas

reflexões desse tipo passaram pela mente do rei Yudhishthira que estava dominado pela compaixão. Enquanto isso, a batalha (entre os Pandavas e os Kauravas) continuava furiosamente.'"

128

"Dhritarashtra disse, 'Enquanto o poderoso Bhimasena estava proferindo aqueles gritos altos profundos como o rugido das nuvens ou ribombos de trovão, quais heróis (do nosso lado) o cercaram? Eu não vejo aquele guerreiro, ó Sanjaya, nos três mundos, que seja capaz de ficar diante do enfurecido Bhimasena em batalha. Eu, ó filho, não vejo aquele que possa permanecer no campo de batalha na frente de Bhimasena armado com maça e parecendo a própria Morte. Quem resistirá diante daquele Bhima, não excetuando o próprio Sakra, que destrói um carro com um carro e um elefante com um elefante? (Isto é, usando carros e elefantes como armas para destruir carros e elefantes). Quem, entre aqueles dedicados ao bem-estar de Duryodhana ficaram em batalha diante de Bhimasena excitado com raiva e empenhado em massacrar meus filhos? Quem foram aqueles homens que se colocaram em batalha na frente Bhimasena, empenhado em consumir meus filhos como um incêndio florestal consumindo folhas e palha secas? Quem foram eles que cercaram Bhima em batalha, vendo meus filhos mortos por ele um após outro como a própria Morte liquidando todas as criaturas? Eu não temo tanto Arjuna, ou Krishna, ou Satyaki, ou ele que nasceu do fogo sacrifical (Dhrishtadyumna), tanto quanto eu temo Bhima. Diga-me, ó Sanjaya, quem foram aqueles heróis que avançaram contra aquele fogo ardente, representado por Bhima, o qual consumia meus filhos dessa maneira?'"

"Sanjaya disse, 'Enquanto o poderoso guerreiro em carro Bhimasena estava proferindo aqueles fugidos, o poderoso Karna, incapaz de tolerá-los, avançou nele com um grito alto, esticando seu arco com grande força. De fato, o poderoso Karna, desejoso de lutar, mostrou sua força e impediu o progresso de Bhima como uma árvore alta resistindo à tempestade. O heróico Bhima também, vendo o filho de Vikartana diante dele, subitamente se inflamou com fúria e disparou nele com grande força muitas flechas afiadas em pedra. Karna recebeu todas aquelas flechas e disparou muitas em retorno. Naquele combate entre Bhima e Karna, ouvindo os sons de suas palmas, os membros de todos os combatentes, guerreiros em carros, e cavaleiros que lutavam, começaram a tremer. De fato, ouvindo os rugidos terríveis de Bhimasena no campo de batalha, mesmo todos os principais dos Kshatriyas consideraram a terra inteira e o céu como estando cheios com aquele barulho. E pelos estrépitos violentos emitidos pelo filho de grande alma de Pandu, os arcos de todos os guerreiros naquela batalha caíram no chão. E corcéis e elefantes, ó rei, descoroçoados, expeliram urina e fezes. Vários presságios terríveis de mal então fizeram seu aparecimento. O céu estava coberto com bandos de urubus e Kankas durante aquele combate terrificante entre Bhima e Karna. Então Karna atingiu Bhima com vinte flechas, e rapidamente perfurou o quadrigário do último também com cinco. Sorrindo, o poderoso e ativo Bhima então, naquela batalha, disparou em Karna sessenta e quatro flechas. Então

Karna, ó rei, disparou quatro flechas nele. Bhima, por meio de suas flechas retas, cortou-as em muitos fragmentos, ó rei, mostrando sua agilidade de mão. Então Karna o cobriu com chuvas densas de setas. Assim coberto por Karna, o poderoso filho de Pandu, no entanto, cortou o arco de Karna no cabo e então perfurou Karna com dez setas retas. O filho de Suta então, aquele poderoso guerreiro em carro de feitos terríveis, pegando outro arco e encordoando-o rapidamente, perfurou Bhima naquela batalha (com muitas flechas). Então Bhima, excitado com raiva, atingiu o filho de Suta com grande força no peito com três flechas retas. Com aquelas flechas fincadas em seu peito, Karna parecia belo, ó touro da raça Bharata, como uma montanha com três topos altos. Assim perfurado por flechas poderosas, sangue começou a fluir de seus ferimentos, como torrentes de greda vermelha líquida descendo pelo leito de uma montanha. Atormentado por aquelas flechas disparadas com grande força, Karna ficou um pouco agitado. Fixando uma flecha então em seu arco, ele perfurou Bhima novamente, ó majestade! E mais uma vez ele começou disparar flechas às centenas e milhares. Coberto de repente com flechas por aquele arqueiro firme, ou seja, Karna, o filho de Pandu, rindo, cortou a corda do arco de Karna. E então com uma flecha de cabeça larga ele despachou o quadrigário de Karna para a residência de Yama. E aquele poderoso guerreiro em carro, Bhima, privou os quatro corcéis também de Karna de suas vidas. O poderoso guerreiro em carro Karna então pulando rapidamente, ó rei, de seu carro sem cavalos, subiu no carro de Vrishasena. O valente Bhimasena então, tendo vencido Karna em batalha, proferiu um grito alto profundo como o rugido das nuvens. Ouvindo aquele rugido, ó Bharata, Yudhishthira ficou muito satisfeito, sabendo que Karna tinha sido vencido por Bhimasena. E os combatentes do exército Pandava sopraram suas conchas de todos os lados. Seus inimigos, teus guerreiros, ouvindo aquele barulho, rugiram ruidosamente. Arjuna esticou Gandiva, e Krishna soprou Panchajanya. Abafando, no entanto, todos aqueles sons, o barulho feito por Bhima rugindo, foi, ó rei, ouvido por todos os combatentes, ó majestade! Então aqueles dois guerreiros, Karna, e Bhima, cada um atingiu o outro com flechas retas. O filho de Radha, no entanto, disparava flechas brandamente, mas o filho de Pandu disparava as suas com grande força.'"

129

"Sanjaya disse, 'Depois que aquele exército tinha sido derrotado (dessa maneira), e Arjuna e Bhimasena tinham ido atrás do soberano dos Sindhus, teu filho (Duryodhana) procedeu em direção a Drona. E Duryodhana foi até o preceptor, em seu único carro, pensando, a caminho, em diversos deveres. Aquele carro do teu filho, dotado da velocidade do vento ou do pensamento, procedeu com grande celeridade em direção a Drona. Com olhos vermelhos de raiva, teu filho se dirigiu ao preceptor e disse, 'Ó opressor de inimigos, Arjuna e Bhimasena, e o invicto Satyaki, e muitos poderosos guerreiros em carros, derrotando todas as nossas tropas, conseguiram se aproximar do soberano dos Sindhus. De fato, aqueles poderosos guerreiros em carros, que subjugaram todas as tropas, eles mesmos invictos, estão lutando lá mesmo. Ó concessor de honras,

como tu foste ultrapassado por ambos Satyaki e Bhima? Ó principal dos Brahmanas, essa tua derrota nas mãos de Satwata, de Arjuna, e de Bhimasena, é como a secagem do oceano, muito surpreendente neste mundo. As pessoas estão perguntando ruidosamente, 'Como, de fato, pode Drona, aquele mestre da ciência de armas, ser derrotado?' Assim mesmo todos os guerreiros estão falando em depreciação de ti. A destruição é indubitável para minha pessoa sem sorte em batalha, quando três guerreiros em carros, ó tigre entre homens, te ultrapassaram em sucessão. Quando, no entanto, tudo isso aconteceu, nos diga o que tu tens a dizer sobre o assunto que nos espera. O que aconteceu, é passado. Ó concessor de honras, pense agora no que resta. Diga rapidamente o que deve ser feito em seguida pelo soberano dos Sindhus na presente ocasião, e que o que tu digas seja rapidamente e devidamente executado.'"

"Drona disse, 'Escute, ó grande rei, o que eu, tendo refletido muito, te digo sobre o que deve ser feito agora. Até agora somente três grandes guerreiros em carros entre os Pandavas nos ultrapassaram. Nós temos tanto a temer atrás daqueles três como nós temos a temer à frente deles. (O temor atrás deles era do exército Pandava. O temor à frente deles era dos guerreiros em carros que tinham conseguido entrar na hoste Kuru.) Lá, no entanto, onde Krishna e Dhananjaya estão, nosso receio deve ser maior. O exército Bharata tem sido atacado de frente e de trás. Nessa situação, eu penso, a proteção do soberano dos Sindhus é nosso primeiro dever. Jayadratha, com medo de Dhananjaya, merece (antes) de tudo mais ser protegido por nós. Os heróicos Yuyudhana e Vrikodara ambos partiram contra o soberano dos Sindhus. Tudo isso que tem acontecido é o resultado daquela partida de dados concebida pelo intelecto de Sakuni. Nem vitória nem derrota ocorreu na assembléia (de jogo). Agora que nós estamos engajados neste esporte, haverá vitória ou derrota. Aquelas coisas inocentes com as quais Sakuni antigamente jogou na assembléia Kuru e as quais ele considerava como dados, eram, na verdade, flechas invencíveis. Realmente, lá onde, ó majestade, os Kauravas estavam congregados, eles não eram dados mas flechas terríveis capazes de mutilar seus corpos. No momento, no entanto, ó rei, conheça os combatentes como jogadores, essas flechas como dados, e o soberano dos Sindhus, sem dúvida, ó monarca, como a aposta, nesse jogo de batalha. De fato, Jayadratha é a grande aposta interessados na qual nós estamos jogando hoje com o inimigo. Sob as circunstâncias, portanto, ó monarca, todos nós nos tornando indiferentes às nossas próprias vidas, devemos fazer os devidos arranjos para proteção do soberano dos Sindhus em batalha. Envolvidos como nós estamos no nosso atual esporte, é aqui que nós teremos vitória ou derrota, aqui, onde aqueles grandes arqueiros estão protegendo o soberano dos Sindhus. Vá para lá, portanto, com velocidade, e proteja aqueles protetores (de Jayadratha). Quanto a mim mesmo, eu ficarei aqui, para despachar outros (para a presença de Jayadratha) e deter os Panchalas, os Pandus e os Srinjayas reunidos.' Assim mandado pelo preceptor, Duryodhana foi rapidamente (para o local indicado) com seus seguidores, resolutamente se dirigindo para (o cumprimento de) uma tarefa difícil. Os dois protetores das rodas do carro de Arjuna, isto é, os príncipes Panchala, Yudhamanyu e Uttamaujas, estavam naquele momento procedendo em direção a Savyasachin pelas margens da formação de combate Kuru. Tu podes te

lembrar, ó rei, que antes quando Arjuna entrou na tua hoste pelo desejo de lutar, aqueles dois príncipes, ó monarca, tinham sido detidos em seu progresso por Kritavarman. Agora, o rei Kuru os viu procedendo pelas bordas de sua hoste. O poderoso Duryodhana da linhagem de Bharata não perdeu tempo em se envolver em um combate violento com aqueles dois irmãos que assim avançavam furiosamente. Aqueles dois principais dos Kshatriyas, reputados como poderosos guerreiros em carros, então avançaram naquela batalha em Duryodhana, com arcos esticados. Yudhamanyu perfurou Duryodhana com vinte, e seus quatro corcéis com quatro flechas. Duryodhana, no entanto, com uma única flecha, cortou o estandarte de Yudhamanyu. E teu filho então cortou o arco do último também com outra flecha. E então com uma flecha de cabeça larga, o rei Kuru derrubou o quadrigário de Yudhamanyu de seu nicho no carro. E então ele perfurou os quatro corcéis do último com quatro flechas. Então Yudhamanyu, excitado com cólera, rapidamente disparou, naquela batalha, trinta flechas no centro do peito de teu filho. Então Uttamaujas também, excitado com cólera, perfurou o quadrigário de Duryodhana com flechas ornadas com ouro, e o despachou para a residência de Yama. Duryodhana também, ó monarca, então matou os quatro corcéis como também os dois quadrigários Parshni de Uttamaujas, o príncipe dos Panchalas. Então Uttamaujas, naquela batalha, ficando sem cavalos e sem motorista, subiu rapidamente no carro de seu irmão, Yudhamanyu. Subindo no carro de seu irmão, ele atingiu os corcéis de Duryodhana com muitas flechas. Mortos por elas, aqueles corcéis caíram no chão. Após a queda de seus corcéis, o valente Yudhamanyu então, por meio de uma arma poderosa, rapidamente cortou o arco de Duryodhana e então (com outra flecha), sua proteção de couro. Aquele touro entre homens então, teu filho, pulando daquele carro sem corcéis e sem motorista, pegou uma maça e procedeu contra os dois príncipes de Panchala. Vendo aquele subjugador de cidades hostis avançando furioso dessa maneira, ambos Yudhamanyu e Uttamaujas pularam do terraço de seu carro. Então Duryodhana armado como ele estava com uma maça, prensou no solo com aquela maça aquele principal dos carros equipado com ouro, com corcéis e motorista e bandeira. Teu filho então, aquele opressor de inimigos, tendo assim esmagado aquele carro, sem cavalos e sem motorista como ele mesmo estava, subiu rapidamente no carro do rei dos Madras. Enquanto isso, aqueles dois poderosos guerreiros em carros, aqueles dois principais príncipes Panchala, subindo em dois outros carros, procederam em direção a Arjuna.'"

130

"Sanjaya disse, 'Durante o progresso, ó monarca, daquela batalha, de arrepiar os cabelos, e quando todos os combatentes estavam cheios de ansiedade e muito afligidos, o filho de Radha, ó touro da raça Bharata, procedeu contra Bhima para lutar, como um elefante enfurecido na floresta procedendo contra outro elefante enfurecido.'"

"Dhritarashtra disse, 'Como foi aquele combate, na vizinhança do carro de Arjuna, entre aqueles dois poderosos guerreiros em carros, Bhima e Karna, ambos

os quais são dotados de grande força? Uma vez antes Karna tinha sido vencido por Bhimasena em batalha. Como, portanto, pode o poderoso guerreiro em carro Karna proceder novamente contra Bhima? Como também Bhima pode proceder contra o filho de Suta, aquele poderoso guerreiro que é considerado como o maior dos guerreiros em carros sobre a terra? Yudhishthira, o filho de Dharma, tendo prevalecido sobre Bhishma e Drona, não temia ninguém mais tanto quanto o arqueiro Karna. De fato, pensando no poderoso guerreiro em carro Karna, ele passava suas noites sem dormir por medo. Como, então, Bhima pode enfrentar aquele filho de Suta em batalha? De fato, ó Sanjaya, como Bhima pode lutar com Karna, aquele principal dos guerreiros, aquele herói devotado aos Brahmanas dotado de energia e que nunca se retirava da batalha? Como, de fato, aqueles dois heróis, o filho de Suta e Vrikodara, lutaram um com o outro naquele combate que ocorreu na vizinhança do carro de Arjuna? Informado antes de sua irmandade (com os Pandavas), o filho de Suta é, além disso, compassivo. Lembrando também de suas palavras para Kunti, como ele pode lutar com Bhima? Com relação a Bhima também, lembrando de todos os males antigamente infligidos nele pelo filho de Suta, como aquele herói lutou com Karna em batalha? Meu filho Duryodhana, ó Suta, espera que Karna derrote todos os Pandavas em batalha. Sobre quem meu filho desventurado coloca sua esperança de vitória em batalha, como ele lutou com Bhimasena de feitos terríveis? Aquele filho de Suta, confiando em quem meus filhos escolheram hostilidades com aqueles poderosos guerreiros em carros (os filhos de Pandu), como Bhima lutou com ele? De fato, lembrando dos diversos males e injúrias feitos por ele, como Bhima lutou com aquele filho de Suta? Como de fato, Bhima pode lutar com aquele filho de um Suta, que, dotado de grande bravura, tinha antigamente subjugado a terra em um único carro? Como Bhima lutou com aquele filho de um Suta, que tinha nascido com um par de brincos (naturais)? Tu és hábil em narração, ó Sanjaya! Conte-me, portanto, em detalhes como ocorreu a batalha entre aqueles dois, e quem entre eles obteve a vitória!'"

"Sanjaya disse, 'Deixando o filho de Radha, aquele principal dos guerreiros em carros, Bhimasena, desejou ir para o lugar onde aqueles dois heróis, Krishna e Dhananjaya, estavam. O filho de Radha, no entanto, avançando em direção a ele quando ele prosseguiu, o cobriu, ó rei, com chuvas densas de flechas, como uma nuvem despejando torrentes de chuva em uma montanha. O poderoso filho de Adhiratha, seu rosto belo como um lótus totalmente desabrochado, iluminado com um sorriso, desafiou Bhimasena para a batalha, quando o último estava prosseguindo. E Karna disse, 'Ó Bhima, eu não sonhava que tu não sabias como lutar. Por que então tu me mostras tuas costas pelo desejo de encontrar com Arjuna? Ó alegrador dos Pandavas, isso não é adequado para um filho de Kunti. Ficando, portanto, onde tu estás, cubra-me com tuas flechas.' Bhimasena, ouvindo aquele desafio de Karna, não o tolerou, mas rodando seu carro um pouco, começou a lutar com o filho de Suta. O ilustre Bhimasena despejou nuvens de flechas retas. Desejando também chegar ao fim daquelas hostilidades por matar Karna, Bhima começou a enfraquecer aquele herói conhecedor de todas as armas e vestido em armadura, e ficando diante dele para se engajar em um duelo. Então o poderoso Bhima, aquele opressor de inimigos, aquele colérico filho de Pandu,

tendo matado numerosos Kauravas, disparou diversas chuvas de flechas ardentes em Karna, ó majestade! O filho de Suta, dotado de grande força, consumiu, por meio do poder das suas próprias armas, todas aquelas chuvas de flechas disparadas por aquele herói possuidor do andar de um elefante enfurecido. Devidamente favorecido pelo conhecimento, aquele arqueiro formidável, Karna, começou naquela batalha, ó monarca, a se movimentar rapidamente como um preceptor (de ciência militar). O colérico filho de Radha, sorrindo, parecia zombar de Bhimasena enquanto o último estava lutando com grande fúria. O filho de Kunti não tolerou aquele sorriso de Karna no meio de muitos bravos guerreiros testemunhando de todos os lados aquele combate deles. Como um condutor golpeando um elefante enorme com um gancho, o poderoso Bhima, excitado com raiva, perfurou Karna a quem ele tinha dentro do alcance, com muitas flechas de dente de bezerro no centro do peito. E mais uma vez, Bhimasena perfurou o filho de Suta de armadura matizada com setenta e três flechas bem disparadas e afiadas equipadas com belas asas, envolvido em armadura dourada, e (novamente) com cinco flechas. E logo, num piscar de olhos, foi vista uma rede de flechas em volta do carro de Bhima feita por Karna. De fato, ó monarca, aquelas flechas disparadas do arco de Karna encobriram completamente aquele carro com seu estandarte e motorista e o próprio Pandava. Então Karna perfurou a armadura impenetrável de Bhima com sessenta e quatro flechas. E excitado com raiva ele então perfurou o próprio Partha com muitas flechas retas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. Vrikodara de braços fortes, no entanto, desconsiderando aquelas flechas disparadas do arco de Karna atingiu destemidamente o filho de Suta. Perfurado por aquelas flechas, parecendo cobras de veneno virulento, disparadas do arco de Karna, Bhima, ó monarca, não sentiu dor naquela batalha. O valente Bhima então, naquele combate, perfurou Karna com trinta e duas flechas de cabeça larga de pontas afiadas e energia ardente, Karna, no entanto, com a maior indiferença, cobriu, em retorno, com suas flechas, o poderosamente armado Bhimasena que desejava a morte de Jayadratha. De fato, o filho de Radha, naquele combate, lutou brandamente com Bhima, enquanto Bhima, lembrando de suas ofensas antigas, lutou com ele furiosamente. O colérico Bhimasena não pode tolerar aquela desconsideração por Karna. De fato, aquele matador de inimigos rapidamente disparou chuvas de flechas no filho de Radha. Aquelas flechas, disparadas naquele combate por Bhimasena, caíram em todos os membros de Karna como aves arrulhando. Aquelas flechas equipadas com asas douradas e pontas afiadas, disparadas do carro de Bhimasena, cobriram o filho de Radha como um bando de insetos cobrindo um fogo brilhante. Karna, no entanto, ó rei, disparou chuvas de flechas ardentes em retorno, ó Bharata. Então Vrikodara cortou, com muitas flechas de cabeça larga, aquelas flechas parecendo raios, disparadas por aquele ornamento de batalha, antes que elas pudessem chegar a ele. Aquele castigador de inimigos, Karna, o filho de Vikartana, mais uma vez, ó Bharata, cobriu Bhimasena com suas chuvas de flechas. Nós então, ó Bharata, vimos Bhima tão perfurado naquele combate com flechas a ponto de parecer um porco-espinho com seus espinhos eretos em seu corpo. Como o sol mantendo seus próprios raios, o heróico Bhima manteve naquela batalha todas aquelas flechas, afiadas em pedra e providas de asas de ouro, que foram disparadas do arco de Karna. Todos os seus membros banhados em sangue, Bhimasena parecia

resplandecente como uma árvore Asoka na primavera adornada com sua carga florida. Bhima de braços fortes não pode tolerar aquela conduta, em batalha, do poderosamente armado Karna. Rolando seus olhos em fúria, ele perfurou Karna com vinte e cinco flechas compridas. Nisso, Karna parecia com uma montanha branca com muitas cobras de veneno virulento (pendendo de seus lados). E mais uma vez, Bhimasena, dotado da destreza de um celestial, perfurou o filho de Suta que estava preparado para sacrificar sua vida em batalha, com seis e então com oito flechas. E, novamente, com outra flecha, o valente Bhimasena rapidamente cortou o arco Karna, sorrindo. E ele matou também com suas flechas os quatro corcéis de Karna e então seu quadrigário, e então perfurou o próprio Karna no peito com várias flechas compridas dotadas da refulgência do sol. Aquelas flechas aladas, atravessando o corpo de Karna, entraram na terra, como os raios do sol atravessando as nuvens. Afligido por flechas e com seu arco cortado, Karna, embora orgulhoso de sua virilidade, sentiu grande dor e foi para outro carro.'"

131

"Dhritarashtra disse, 'O que, de fato, ó Sanjaya, Duryodhana disse quando ele viu aquele Karna se dirigindo para longe do campo, sobre quem meus filhos tinham depositado todas as suas esperanças de vitória? Como, de fato, o poderoso Bhima, orgulhoso de sua energia, lutou? O que também, ó filho, Karna fez depois disto, vendo Bhimasena naquela batalha parecer com um fogo ardente?'"

"Sanjaya disse, 'Subindo em outro carro que estava devidamente equipado Karna procedeu novamente contra o filho de Pandu, com a fúria do oceano agitado pela tempestade. Vendo o filho de Adhiratha excitado com raiva, teus filhos, ó rei, consideraram Bhimasena como já tendo sido despejado como uma libação no fogo (Karna). Com vibração violenta da corda do arco e sons terríveis de suas palmas, o filho de Radha disparou chuvas densas de flechas na direção do carro de Bhimasena. E mais uma vez, ó monarca, um combate terrível ocorreu entre o heróico Karna e Bhima de grande alma. Ambos excitados com cólera, ambos dotados de armas poderosas, cada um desejoso de matar o outro, aqueles dois guerreiros olhavam um para outro como se resolvidos a queimar um ao outro com seus olhares (coléricos). Os olhos de ambos estavam vermelhos de raiva, e ambos respiravam ferozmente, como um par de cobras. Dotados de grande heroísmo, aqueles dois castigadores de inimigos se aproximaram e mutilaram um ao outro. De fato, eles lutaram um com o outro como dois falcões dotados de grande energia, ou como dois Sarabhas excitados com cólera. Então aquele castigador de inimigos, Bhima, se lembrando de todas as dores sofridas por ele na ocasião da partida de dados, e durante seu exílio nas florestas e residência na cidade de Virata, e mantendo em mente o roubo de seu reino cheio de prosperidade e pedras preciosas, por teus filhos, e os outros numerosos males infligidos aos Pandavas por ti e pelo filho de Suta e se lembrando também do fato de que tu conspiraste para queimar a inocente Kunti com seus filhos, e chamando à sua memória os sofrimentos de Krishna no meio da assembléia nas mãos

daqueles canalhas, como também do agarramento de seus cabelos por Duhsasana, e das palavras duras proferidas, ó Bharata, por Karna, nesse sentido, 'Aceite outro marido, pois todos os teus maridos estão mortos: os filhos de Pritha afundaram no inferno e são como sementes de gergelim sem núcleo,' lembrando também daquelas outras palavras, ó filho de Kuru, que os Kauravas proferiram na tua presença, juntando o fato também que teus filhos tinham estado desejosos de desfrutar de Krishna como uma escrava, e aquelas palavras duras que Karna falou para os filhos de Pandu quando os últimos, vestidos em camurças estavam prestes a serem banidos para as florestas, e a alegria à qual teu filho colérico e tolo, ele mesmo em prosperidade, se entregou, pensando nos filhos afligidos de Pritha como verdadeira palha (sem valor), o virtuoso Bhima, aquele matador de inimigos, lembrando dessas e de todas as angústias que ele tinha sofrido desde sua infância, ficou indiferente à sua própria vida. Esticando seu invencível e formidável arco, o verso de cuja vara era ornado com ouro, Vrikodara, aquele tigre da raça Bharata, totalmente indiferente à sua vida, avançou contra Karna. Disparando chuvas densas de flechas brilhantes afiadas em pedra, Bhima encobriu a própria luz do sol. O filho de Adhiratha, no entanto, sorrindo, rapidamente frustrou, por meio de suas próprias flechas aladas afiadas em pedra, aquele aguaceiro de flechas de Bhimasena. Dotado de grande força e armas poderosas, aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Adhiratha, então perfurou Bhima com nove flechas afiadas. Atingido por aquelas flechas, como um elefante golpeado pelo gancho, Vrikodara destemidamente avançou contra o filho de Suta. Karna, no entanto, avançou contra aquele touro entre os Pandavas que estava avançando em direção a ele com grande impetuosidade e poder, como um elefante enfurecido contra um companheiro enfurecido. Soprando sua concha então, cujo som parecia o som de cem trombetas, Karna alegremente agitou a tropa que protegia Bhima, como o mar furioso. Vendo aquela sua tropa consistindo em elefantes e cavalos e carros e soldados a pé agitada dessa maneira por Karna, Bhima, se aproximando do primeiro, cobriu-o com flechas. Então Karna fez seus próprios corcéis da cor de cisnes se misturarem com aqueles de Bhimasena da cor de ursos, e encobriu o filho de Pandu com suas flechas. Vendo aqueles corcéis da cor de ursos e rápidos como o vento, misturados com aqueles da cor de cisnes, gritos de 'oh' e 'ai' ergueram-se dentre as tropas dos teus filhos. Aqueles corcéis, velozes como o vento, assim misturados, pareciam muito belos como nuvens brancas e pretas, ó monarca, misturadas no céu. Vendo Karna e Vrikodara ambos excitados com fúria, grandes guerreiros em carros do teu exército começaram a tremer de medo. O campo de batalha onde eles lutaram logo se tornou horrível como o domínio de Yama. De fato, ó melhor dos Bharatas, ele tornou-se tão terrível de se contemplar como a cidade dos mortos. Os grandes guerreiros em carros do teu exército, olhando para aquela cena, como se eles fossem espectadores de um esporte em uma arena, não viram algum dos dois ganhar qualquer vantagem sobre o outro naquele combate aterrador. Eles somente viram, ó rei, aquela mistura e choque das armas poderosas daqueles dois guerreiros, como um resultado, ó monarca, da má política tua e do teu filho. Aqueles dois matadores de inimigos continuaram a cobrir um ao outro com suas flechas afiadas. Ambos dotados de destreza extraordinária, eles encheram o céu com suas torrentes de flechas. Aqueles dois poderosos guerreiros em carros

disparando um no outro flechas afiadas pelo desejo de tirar a vida um do outro, tornaram-se muito belos de se contemplar como duas nuvens despejando torrentes de chuva. Aqueles dois castigadores de inimigos, disparando flechas ornadas com ouro, fizeram o céu parecer brilhante, ó rei, como se com meteoros ardentes. Flechas equipadas com penas de urubu, disparadas por aqueles dois heróis, pareciam com fileiras de grous excitados no céu do outono. Enquanto isso, Krishna e Dhananjaya, aqueles castigadores de inimigos, envolvidos em batalha com o filho de Suta, acharam que a carga era pesada demais para Bhima suportar. Quando Karna e Bhima para frustrar as flechas um ao outro disparavam aquelas flechas um no outro, muitos elefantes e corcéis e homens profundamente atingidos por elas, caíam privados de vida. E por causa daquelas criaturas caindo e caídas privadas de vida contadas às milhares, uma grande carnificina, ó rei, ocorreu no exército de teus filhos. E logo, ó touro da raça Bharata, o campo de batalha ficou coberto com os corpos de homens e corcéis e elefantes privados de vida.'"

132

"Dhritarashtra disse, 'Eu considero muito admirável a bravura de Bhimasena, visto que ele conseguiu lutar com Karna de atividade e energia singulares. De fato, ó Sanjaya, diga-me por que Karna, que é capaz de resistir em batalha aos próprios celestiais com os Yakshas e Asuras e homens, armado com todos os tipos de armas, não pode derrotar em batalha o filho de Pandu Bhima brilhando com resplandecência? Ó, conte-me como ocorreu aquela batalha entre eles na qual cada um apostou sua própria vida. Eu penso que em um combate entre os dois, o sucesso está ao alcance de ambos como, de fato, ambos estão sujeitos à derrota. (Ou seja, quando duas pessoas como eles lutam, não se pode dizer com antecedência quem irá vencer. Ambos tem chances de êxito, como, de fato, ambos tem chances de derrota.) Ó Suta, obtendo Karna em batalha, meu filho Suyodhana sempre se arrisca a reprimir os filhos de Pritha com Govinda e os Satwatas. Sabendo, no entanto, da repetida derrota em batalha de Karna por Bhimasena de feitos terríveis, um desmaio parece cair sobre mim, eu penso que os Kauravas já estão mortos, por consequência da má política de meu filho. Karna nunca terá êxito, ó Sanjaya, em derrotar aqueles arqueiros poderosos, os filhos de Pritha. Em todas as batalhas que Karna tem lutado com os filhos de Pandu, os últimos tem invariavelmente derrotado ele no campo. De fato, ó filho, os Pandavas não podem ser vencidos pelos próprios deuses com Vasava em sua dianteira. Ai, meu filho perverso Duryodhana não sabe disso. Tendo roubado a riqueza do filho de Pritha, que é como o próprio Senhor dos tesouros, meu filho de pouca inteligência não vê a queda como um buscador de mel (nas montanhas). Familiarizado com fraude, ele a considera como sendo irrevogavelmente sua e sempre insulta os Pandavas. Eu mesmo também, de alma não purificada, dominado pela afeição por meus filhos, não tive escrúpulos em desprezar os filhos de grande alma de Pandu que são observadores de moralidade. Yudhishthira, o filho de Pritha, de grande previdência, sempre mostrou-se desejoso de paz. Meus filhos, no entanto, considerando-o incapaz, o desprezaram. Mantendo em mente

todas aquelas angústias e todos os males (sofridos pelos Pandavas), o poderosamente armado Bhimasena lutou com o filho de Suta. Diga-me, portanto, ó Sanjaya, como Bhima e Karna, aqueles dois principais dos guerreiros, lutaram um com o outro, desejosos de tirar a vida um do outro!'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, como ocorreu a batalha entre Karna e Bhima a qual pareceu uma luta entre dois elefantes na floresta, desejosos de matar um ao outro. O filho de Vikartana, ó rei, excitado com raiva e aplicando sua destreza, perfurou aquele castigador de inimigos, o furioso Bhima de grande destreza com trinta flechas. De fato, ó chefe da família de Bharata, o filho de Vikartana atacou Bhima com muitas flechas de pontas afiadas, ornadas com ouro, e dotadas de grande impetuosidade. Bhima, no entanto, com três flechas afiadas cortou o arco de Karna, quando o último estava empenhado em atingi-lo. E com uma flecha de cabeça larga, o filho de Pandu então derrubou no chão o quadrigário de Karna de seu nicho no carro. O filho de Vikartana, então desejoso de matar Bhimasena, pegou um dardo cuja vara era adornada com ouro e pedras de lápis lazúli. Agarrando aquele dardo brilhante, o qual parecia um segundo dardo da morte, e erguendo-o e mirando-o, o filho poderoso de Radha arremessou-o em Bhimasena com força suficiente para tirar a vida de Bhima. Arremessando aquele dardo, como Purandara arremessando o raio, o filho de Radha de grande força proferiu um rugido alto. Ouvindo aquele rugido teus filhos ficaram cheios de alegria. Bhima, no entanto, com sete flechas rápidas, cortou no céu aquele dardo dotado da refulgência do sol ou do fogo, arremessado das mãos de Karna. Cortando aquele dardo, parecendo uma cobra recém libertada de sua pele, Bhima, ó majestade, como se de vigia para tirar o ar vital do filho de Suta, disparou, com grande fúria, muitas flechas naquela batalha que eram providas de penas de pavão e asas douradas e cada uma das quais, afiadas em pedra, parecia com a vara de Yama. Karna também de grande energia, pegando outro arco formidável, as costas de cuja vara eram adornadas com ouro, e esticando-o com força, disparou muitas flechas. O filho de Pandu, no entanto, cortou todas aquelas flechas com nove flechas retas suas. Tendo cortado, ó soberano de homens, aquelas flechas poderosas disparadas por Vasushena, Bhima, ó monarca, proferiu um rugido alto como aquele de um leão. Rugindo um para o outro como dois touros poderosos por causa de uma vaca no cio, ou como dois tigres por causa do mesmo pedaço de carne, eles se esforçaram para atingir um ao outro, cada um estando desejoso de achar os pontos fracos do outro. Às vezes eles olhavam um para o outro com olhares zangados, como dois touros fortes em um curral. Então como dois elefantes enormes golpeando um ao outro com as pontas de suas presas, eles se enfrentavam com flechas disparadas de seus arcos esticados até sua mais completa extensão. Oprimindo um ao outro, ó rei, com suas chuvas de flechas, eles aplicaram sua bravura um sobre o outro, olhando um para o outro em grande fúria. Às vezes dando risada um do outro, e às vezes repreendendo um ao outro, e às vezes soprando suas conchas, eles continuaram a lutar entre si. Então Bhima mais uma vez cortou o arco de Karna no cabo, ó majestade, e despachou por meio de suas flechas os corcéis do último, brancos como conchas, para a residência de Yama, e o filho de Pandu também derrubou o quadrigário de seu inimigo de seu nicho no carro. Então Karna, o filho de Vikartana, sem cavalos e

sem motorista, e coberto naquela batalha (com flechas), ficou mergulhado em grande ansiedade. Entorpecido por Bhima com suas chuvas de flechas, ele não sabia o que fazer. Vendo Karna colocado naquela situação aflitiva, o rei Duryodhana, tremendo de raiva, mandou (seu irmão) Durjaya, dizendo, 'Vá, ó Durjaya! Lá o filho de Pandu está prestes a devorar o filho de Radha! Mate aquele imberbe Bhima logo, e infunda força em Karna!' Assim endereçado, teu filho Durjaya, dizendo para Duryodhana, 'Assim seja', avançou em direção a Bhimasena envolvido em combate (com Karna) e cobriu-o com flechas. E Durjaya atingiu Bhima com nove flechas, seus corcéis com oito, seu motorista com seis, seu estandarte com três, e mais uma vez o próprio Bhima com sete. Então Bhimasena, cheio de raiva, perfurando com suas flechas os próprios órgãos vitais de Durjaya, e seus corcéis e motorista, despachou-os para a residência de Yama. Então Karna, chorando em aflição, circungirou aquele teu filho, que, adornado com ornamentos, jazia sobre o solo, se contorcendo como uma cobra. Bhima então, tendo feito aquele inimigo mortal dele, isto é, Karna, ficar sem carro, sorrindo cobriu-o com flechas e o fez parecer com um Sataghni com inúmeros ferrões sobre ele. O Atiratha Karna, no entanto, aquele castigador de inimigos, embora assim perfurado com flechas, contudo não evitou o enfurecido Bhima em batalha.'"

133

"Sanjaya disse, 'Então Karna sem carro, assim mais uma vez completamente derrotado por Bhima, subiu em outro carro e rapidamente começou a perfurar o filho de Pandu. Como dois elefantes enormes enfrentando um ao outro com as pontas (de suas presas), eles atingiram um ao outro com flechas, disparadas de seus arcos esticados até mais completa extensão. Então Karna, atacando Bhimasena com chuvas de flechas, proferiu um rugido alto, e mais uma vez o perfurou no peito. Bhima, no entanto, em retorno, perfurou Karna com dez flechas retas e novamente com vinte flechas retas. Então Karna, perfurando Bhima, ó rei, com nove flechas no centro do peito, atingiu o estandarte do último com uma flecha afiada. O filho de Pritha então perfurou Karna em retorno com sessenta e três flechas, como um condutor golpeando um elefante forte com o gancho, ou um cavaleiro golpeando um corcel com um chicote. Profundamente perfurado, ó rei, pelo filho ilustre de Pandu, o heróico Karna começou a lamber com sua língua os cantos de sua boca, e seus olhos ficaram vermelhos de raiva. Então, ó monarca, Karna disparou em Bhimasena, para sua destruição, uma flecha capaz de perfurar todos, como Indra arremessando seu raio. Aquela flecha provida de belas penas disparada do arco do filho de Suta, perfurando Partha naquela batalha, afundou profundamente na terra. Então o poderosamente armado Bhima, com olhos vermelhos em fúria, arremessou sem a reflexão de um momento, no filho de Suta, uma maça pesada de seis lados, adornada com ouro medindo quatro cúbitos completos de comprimento, e parecendo o raio de Indra em força. De fato, como Indra matando os Asuras com seu raio, aquele herói da linhagem de Bharata, excitado com cólera, matou com aquela maça os corcéis bem treinados da raça principal do filho de Adhiratha. Então, ó touro da raça Bharata, Bhima de braços

fortes, com um par de flechas de face de navalha, cortou o estandarte de Karna. E então ele matou, com diversas flechas o quadrigário de seu inimigo. Abandonando aquele carro sem cavalos e sem motorista e sem estandarte, Karna, ó Bharata, ficou desanimadamente no chão, esticando seu arco. A bravura que nós então vimos do filho de Radha foi muito extraordinária, visto que aquele principal dos guerreiros em carros, embora privado de carro, continuou a resistir a seu inimigo. Vendo aquele mais notável dos homens, o filho de Adhiratha, privado de seu carro, Duryodhana, ó monarca, disse para (seu irmão) Durmukha, 'Lá, ó Durmukha, o filho de Radha foi privado de seu carro por Bhimasena. Equipe aquele principal dos homens, aquele poderoso guerreiro em carro com um carro.' Ouvindo essas palavras de Duryodhana, teu filho Durmukha, ó Bharata, foi rapidamente em direção a Karna e cobriu Bhima com suas flechas. Vendo Durmukha desejoso de proteger o filho de Suta naquela batalha, o filho do deus do vento estava cheio de deleite e começou a lamber os cantos de sua boca. Então enquanto resistindo a Karna com suas flechas, o filho de Pandu rapidamente dirigiu seu carro em direção a Durmukha. E naquele momento, ó rei, com nove flechas retas de pontas afiadas, Bhima despachou Durmukha para a residência de Yama. Após a morte de Durmukha, o filho de Adhiratha subiu sobre o carro daquele príncipe e pareceu resplandecente, ó rei, como o sol ardente. Vendo Durmukha jazendo prostrado no campo, seus próprios órgãos vitais perfurados (com flechas) e seu corpo banhado em sangue, Karna com olhos lacrimosos se absteve por um momento da luta. Circungirando o príncipe caído e deixando ele lá, o heróico Karna começou a respirar longamente e furiosamente e não sabia o que fazer. Aproveitando aquela oportunidade, ó rei, Bhimasena disparou no filho de Suta quatorze flechas compridas equipadas com penas de urubu. Aquelas flechas bebedoras de sangue de asas douradas, dotadas de grande força iluminando os dez pontos enquanto elas percorriam o céu, perfuraram a armadura do filho de Suta, e beberam seu sangue vital, ó rei, e atravessando seu corpo, afundaram no solo e pareceram resplandecentes como cobras zangadas, ó monarca, incitadas adiante pela própria Morte, com metade de seus corpos inseridas dentro de seus buracos. Então o filho de Radha, sem refletir um momento, perfurou Bhima em retorno com quatorze flechas ardentes adornadas com ouro. Aquelas flechas de asas brilhantes, atravessando o braço direito de Bhima, entraram na terra como aves entrando em um bosque de árvores. Batendo contra o solo, aquelas flechas pareciam resplandecentes, como os raios brilhantes do sol enquanto procedendo em direção às colinas Asta. Perfurado naquela batalha por aquelas flechas que a tudo perfuravam, Bhima começou a derramar copiosos jatos de sangue, como uma montanha ejetando jatos de água. Então Bhima perfurou o filho de Suta em retorno com três flechas dotadas da impetuosidade de Garuda e ele perfurou o quadrigário do último também com sete. Então, ó rei, Karna assim afligido pela força de Bhima, ficou muito angustiado. E aquele guerreiro ilustre então fugiu, abandonando a batalha, levado para longe por suas corcéis velozes. O Atiratha Bhimasena, no entanto, esticando seu arco adornado com ouro, permaneceu em batalha, parecendo resplandecente como um fogo ardente.'"

134

"Dhritarashtra disse, 'Eu acho que o Destino é supremo. Que vergonha para o esforço que é inútil, visto que o filho de Adhiratha, embora lutando resolutamente, não pode subjugar o filho de Pandu. Karna se gaba de sua competência para derrotar em batalha todos os Parthas com Govinda entre eles. Eu não vejo no mundo outro guerreiro como Karna! Eu muitas vezes ouvi Duryodhana falar dessa maneira. De fato, ó Suta, o infeliz Duryodhana costumava me dizer antigamente, 'Karna é um herói poderoso, um arqueiro firme, acima de toda fadiga. Se eu tiver aquele Vasushena como meu aliado, os próprios deuses não serão um páreo para mim, o que dizer, portanto, ó monarca, dos filhos de Pandu que são fracos e covardes?' Diga-me portanto, ó Sanjaya, o que Duryodhana disse, vendo aquele Karna derrotado e parecendo com uma cobra privada de seu veneno e fugindo da batalha. Ai, privado de sua razão, Duryodhana despachou o desamparado Durmukha, embora ele não estivesse familiarizado com batalha, para aquele combate violento, como um inseto ao fogo ardente. Ó Sanjaya, nem Aswatthaman e o soberano dos Madras e Kripa, juntos, puderam resistir diante de Bhimasena. Esses mesmos conhecem a força terrível, igual àquela de dez mil elefantes, de Bhima, dotado da energia do próprio Marut, como também suas intenções cruéis. Por que eles provocaram o fogo em batalha, daquele herói de feitos cruéis, aquele guerreiro parecendo o próprio Yama como o último se torna no fim do Yuga? Parece que só o filho de Suta, o poderosamente armado Karna, confiando na destreza de seus próprios braços, lutou em batalha com Bhimasena desconsiderando o último. Aquele filho de Pandu que derrotou Karna em batalha como Purandara derrotando um Asura, é incapaz de ser derrotado por alguém em batalha. Quem, esperançoso de vida, se aproximaria daquele Bhima que, em busca de Arjuna, entrou sozinho na minha hoste, tendo oprimido o próprio Drona? Quem, de fato, ó Sanjaya, ousaria ficar diante de Bhima? Quem entre os Asuras se arriscaria a ficar à frente do grande Indra com o raio erguido em sua mão? Um homem pode voltar tendo entrado na residência dos mortos, mas ninguém, no entanto, pode voltar tendo enfrentado Bhimasena! Aqueles homens de destreza fraca, que insensatamente avançaram contra o zangado Bhimasena eram como insetos caindo sobre um fogo ardente. Sem dúvida, refletindo sobre o que o furioso e feroz Bhima disse na assembléia na audição dos Kurus sobre a morte de meus filhos, e vendo a derrota de Karna, Duhsasana e seus irmãos pararam de combater Bhima por medo. Aquele meu filho perverso também, ó Sanjaya, que repetidamente disse na assembléia (essas palavras) 'Karna e Duhsasana e eu mesmo venceremos os Pandavas em batalha,' sem dúvida, vendo Karna derrotado e privado de seu carro por Bhima, está consumido pela aflição por causa de sua rejeição da solicitação de Krishna! (Isto é, de sua desconsideração por Krishna). Contemplando seus irmãos vestidos em armadura mortos em batalha por Bhimasena, por causa de seu próprio erro, sem dúvida, meu filho está queimando de aflição. Quem desejoso de vida faria um avanço hostil contra o filho de Pandu, Bhima, excitado com cólera armado com armas terríveis e permanecendo em batalha como a própria Morte? Um homem pode escapar das próprias mandíbulas do fogo Vadava. Mas é minha opinião que ninguém pode

escapar da frente da face de Bhima. De fato, nem Partha, nem os Panchalas, nem Kesava, nem Satyaki, quando excitados com cólera em batalha, mostram a menor consideração por (sua) vida. Ai, ó Suta, as próprias vidas dos meus filhos estão em perigo!'"

"Sanjaya disse, 'Tu, ó Kaurava, que estás sofrendo dessa maneira em vista da presente carnificina, tu, sem dúvida, és a causa dessa destruição do mundo! Obediente aos conselhos de teus filhos, tu mesmo provocaste esta hostilidade violenta. Embora suplicado (por benquerentes) tu não aceitaste o remédio apropriado como homem condenado a morrer. Ó monarca, ó melhor dos homens, tendo tu mesmo bebido o mais violento e o mais indigesto veneno, aceite todas as suas consequências agora. Os combatentes estão lutando com todas as suas forças, e tu ainda falas mal deles. Ouça-me, no entanto, enquanto eu descrevo para ti como a batalha continuou.'"

"Vendo Karna derrotado por Bhimasena, cinco filhos teus, aqueles irmãos uterinos que eram grandes arqueiros, não puderam, ó majestade, tolerar isso. Eles eram Durmarshana e Duhsaha e Durmada e Durdhara e Jaya. Vestidos em belas armaduras, todos eles avançaram contra o filho de Pandu. Cercando o poderosamente armado Vrikodara por todos os lados, eles cobriram todos os pontos do horizonte com suas flechas parecendo com bandos de gafanhotos. Bhimasena, no entanto, na batalha, recebeu sorridente aqueles príncipes de beleza celestial que avançaram de repente contra ele. Vendo teus filhos avançando contra Bhimasena, o filho de Radha, Karna, avançou contra aquele guerreiro poderoso, disparando flechas de pontas afiadas que eram equipadas com asas douradas e afiadas em pedra. Bhima, no entanto, rapidamente avançou contra Karna, embora resistido por teus filhos. Então os Kurus, cercando Karna, cobriram Bhimasena com chuvas de flechas retas. Com vinte e cinco flechas, ó rei, Bhima, armado com seu arco formidável, despachou todos aqueles touros entre homens para a residência de Yama com seus corcéis e quadrigários. Caindo de seus carros junto com seus quadrigários, suas formas sem vida pareciam grandes árvores com seu peso de flores matizadas arrancadas pela tempestade. A bravura que nós então vimos de Bhimasena foi muito extraordinária, visto que, enquanto resistindo ao filho de Adhiratha, ele matou aqueles teus filhos. Resistido por Bhima com flechas afiadas em todos os lados, o filho de Suta, ó rei, somente olhava para Bhima. Bhimasena também, com olhos vermelhos de raiva, começou a lançar olhares zangados em Karna, enquanto esticava seu arco formidável.'"

135

"Sanjaya disse, 'Vendo teus filhos jazendo (no campo), Karna de grande destreza cheio de grande fúria, ficou desesperançado em relação à sua vida. E o filho de Adhiratha se considerou culpado, vendo teus filhos mortos diante de seus olhos em batalha por Bhima. Então Bhimasena, lembrando dos males antigamente infligidos por Karna, ficou cheio de raiva e começou com cuidado deliberado a perfurar Karna com muitas flechas afiadas. Então Karna, perfurando Bhima com

cinco flechas, sorrindo, mais uma vez o perfurou com setenta flechas, equipadas com asas douradas e afiadas em pedra. Desconsiderando essas flechas disparadas por Karna, Vrikodara perfurou o filho de Radha naquela batalha com cem flechas retas. E perfurando-o novamente em seus órgãos vitais com cinco flechas afiadas, Bhima, ó majestade, cortou com uma flecha de cabeça larga o arco do filho de Suta. O triste Karna então, ó Bharata, pegando outro arco cobriu Bhimasena por todos os lados com suas flechas. Então Bhima, matando os cavalos e quadrigário de Karna, deu uma risada, tendo assim neutralizado os feitos de Karna. Então aquele touro entre homens, Bhima, cortou com suas flechas o arco de Karna. Aquele arco, ó rei, de vibração alta, e o dorso de cuja vara era ornado com ouro, caiu (de sua mão). Então o poderoso guerreiro em carro Karna desceu de seu carro e pegando uma maça naquela batalha arremessou-a furiosamente em Bhima. Contemplando aquela maça, ó rei, correndo impetuosamente em direção a ele, Vrikodara resistiu a ela com suas flechas na visão de todas as tuas tropas. Então o filho de Pandu, dotado de grande destreza e se esforçando com grande energia, disparou mil flechas no filho de Suta, desejoso de tirar a vida do último. Karna, no entanto, na batalha terrível, resistindo a todas aquelas flechas com suas próprias, cortou a armadura de Bhima também com suas flechas. E então ele perfurou Bhima com vinte e cinco flechas pequenas na vista de todas as tropas. Tudo isso parecia muito extraordinário. Então, ó monarca, Bhima, excitado com raiva, disparou nove flechas retas no filho de Suta. Aquelas flechas afiadas, atravessando a cota de malha e braço direito de Karna, entraram na terra como cobras em um formigueiro. Coberto com chuvas de flechas disparadas do arco de Bhimasena, Karna mais uma vez virou suas costas para Bhimasena. Vendo o filho de Suta voltar atrás e fugindo a pé, totalmente coberto pelas flechas do filho de Kunti, Duryodhana disse, 'Vão vocês rapidamente de todos os lados em direção ao carro do filho de Radha.' Então, ó rei, teus filhos, ouvindo essas palavras de seu irmão que eram para eles uma surpresa, avançaram em direção ao filho de Pandu para lutar, disparando chuvas de flechas. Eles eram Chitra, e Upachitra, e Charuchitra, e Sarasan, e Chitrayudha, e Chitravarman. Todos eles eram bem versados em todos os modos de guerra. O poderoso guerreiro em carro, Bhimasena, no entanto, derrubou cada um daqueles teus filhos que avançavam contra ele, com uma única flecha. Privados de vida, eles caíram no chão como árvores arrancadas por uma tempestade. Vendo aqueles teus filhos, todos poderosos guerreiros em carros, ó rei, mortos dessa maneira, Karna, com rosto lacrimoso, lembrou-se das palavras de Vidura. Subindo em outro carro que estava devidamente equipado, Karna, dotado de grande coragem, procedeu rapidamente contra o filho de Pandu em batalha. Perfurando um ao outro com flechas afiadas, equipadas com asas de ouro, os dois guerreiros pareciam resplandecentes como duas massas de nuvens penetradas pelos raios do sol. Então o filho de Pandu, excitado com raiva, cortou a armadura do filho de Suta com trinta e seis flechas de cabeça larga, de corte excelente e energia ardente. O poderosamente armado filho de Suta também, ó touro da raça Bharata, perfurou o filho de Kunti com cinquenta flechas retas. Os dois guerreiros então, cobertos com pasta de sândalo vermelha com muitos ferimentos causados pelas flechas um do outro, e cobertos também com sangue coagulado, pareciam resplandecentes como o sol e a lua nascentes. Suas cotas de malha cortadas por

meio de flechas, e seus corpos cobertos com sangue, Karna e Bhima então pareciam com um par de cobras recém libertadas de suas peles. De fato, aqueles dois tigres entre homens mutilaram um ao outro com suas flechas, como dois tigres mutilando um ao outro com seus dentes. Os dois heróis despejavam suas flechas incessantemente, como duas massas de nuvens despejando torrentes de chuva. Aqueles dois castigadores de inimigos dilaceraram o corpo um do outro com suas flechas, como dois elefantes dilacerando um ao outro com as pontas de suas presas. Rugindo um para o outro e despejando suas flechas um no outro, fazendo seus carros traçarem belos círculos, eles pareciam um par de touros poderosos rugindo um para o outro na presença de uma vaca no cio. De fato, aqueles dois leões entre homens então pareciam com um par de leões fortes dotados de olhos vermelhos em fúria. Aqueles dois guerreiros dotados de grande energia continuaram lutando como Sakra e o filho de Virochana (Prahlada). Então, ó rei, Bhima de braços fortes, quando ele esticava seu arco com suas duas mãos, parecia com uma nuvem carregada com relâmpago. Então a imensa nuvem Bhima, tendo a vibração do arco como seu trovão e incessantes chuvas de flechas como seu aguaceiro chuvoso, cobriu, ó rei, a montanha Karna. E mais uma vez o filho de Pandu, Bhima de bravura terrível, ó Bharata, encobriu Karna com mil flechas disparadas de seu arco. E quando ele cobriu Karna com suas flechas aladas, providas de penas Kanka, teus filhos testemunharam sua destreza extraordinária. Alegrando o próprio Partha e o ilustre Kesava, Satyaki e os dois protetores das (duas) rodas (do carro de Arjuna), Bhima lutou exatamente assim com Karna. Vendo a perseverança de Bhima que conhecia a si mesmo, teus filhos, ó monarca, ficaram todos desanimados.'"

136

"Sanjaya disse, 'Ouvindo a vibração do arco de Bhimasena e o som de suas palmas, o filho de Radha não pode tolerar isso, como um elefante enfurecido incapaz de tolerar os rugidos de um rival enfurecido. Voltando por um momento da frente de Bhimasena, Karna lançou seus olhos sobre aqueles teus filhos que tinham sido mortos por Bhimasena. Vendo eles, ó melhor dos homens, Karna ficou triste e mergulhou na aflição. Suspirando ansiosamente e longamente, ele procedeu novamente contra o filho de Pandu. Com olhos vermelhos como cobre, e suspirando furioso como uma cobra imensa, Karna então, quando ele disparou suas flechas, parecia resplandecente como o sol espalhando seus raios. De fato, ó touro da raça Bharata, Vrikodara foi então coberto com as flechas, parecendo raios espalhados do sol, que eram disparadas do arco de Karna. As flechas belas, equipadas com penas de pavão, disparadas do arco de Karna, penetraram em todas as partes do corpo de Bhima, como aves em uma árvore para se empoleirar lá. De fato, as flechas, equipadas com asas de ouro, disparadas do arco de Karna caindo incessantemente, pareciam fileiras contínuas de garças. Tão numerosas eram as flechas disparadas pelo filho de Adhiratha que elas pareciam emergir não só de seu arco mas de seu estandarte, seu guarda-sol, e da vara e canga e fundo de seu carro também. De fato, o filho de Adhiratha disparou suas flechas

percorredoras do céu de energia impetuosa, ornadas com ouro e equipadas com penas de urubu, de tal maneira a ponto de encher o céu inteiro com elas. Vendo ele (assim) excitado com fúria e avançando em direção a ele como o próprio Destruidor, Vrikodara, ficando totalmente indiferente à sua vida e levando a melhor sobre seu inimigo, perfurou-o com nove flechas. Vendo a impetuosidade irresistível de Karna como também aquela chuva densa de flechas, Bhima, dotado como ele era de grande bravura, não tremeu de medo. O filho de Pandu então neutralizando aquela torrente de flechas do filho de Adhiratha, perfurou o próprio Karna com vinte outras flechas afiadas. De fato, como o próprio filho de Pritha tinha sido antes coberto pelo filho de Suta, assim mesmo o último foi agora coberto pelo primeiro naquela batalha. Vendo a destreza de Bhimasena em batalha, teus guerreiros, como também os Gharanas, cheios de alegria; o aplaudiram. Bhurisravas, e Kripa, e o filho de Drona, e o soberano dos Madras, e Uttamaujas e Yudhamanyu, e Kesava, e Arjuna, esses grandes guerreiros em carros, ó rei, entre os Kurus e os Pandavas, ruidosamente animaram Bhima, dizendo, 'Excelente, Excelente,' e proferiram rugidos leoninos. Quando aquele tumulto violento, de arrepiar os cabelos se ergueu, teu filho Duryodhana, ó rei, disse rapidamente para todos os reis e príncipes e particularmente para seus irmãos uterinos, essas palavras, 'Abençoados sejam vocês, procedam em direção a Karna para salvá-lo de Vrikodara, senão as flechas disparadas do arco de Bhima irão matar o filho de Radha. Ó arqueiros poderosos, se esforcem para proteger o filho de Suta.' Assim mandados por Duryodhana, sete de seus irmãos uterinos, ó majestade, avançando furiosos em direção a Bhimasena, o cercaram por todos os lados. Aproximando-se do filho de Kunti eles o cobriram com chuvas de flechas, como nuvens despejando torrentes de chuva no leito da montanha na estação das chuvas. Excitados com cólera, aqueles sete grandes guerreiros em carros começaram a afligir Bhimasena, ó rei, como os sete planetas afligindo a lua na hora da dissolução universal. O filho de Kunti, então, ó monarca, esticando seu arco belo com grande força e aperto firme, e sabendo que seus inimigos eram somente homens, mirou sete flechas. E o senhor Bhima com grande raiva disparou neles aquelas flechas, refulgentes como raios solares. De fato, Bhimasena se lembrando de suas ofensas antigas, disparou aquelas flechas como se para extrair a vida dos corpos daqueles teus filhos. Aquelas flechas, ó Bharata, afiadas em pedra e providas de asas de ouro, disparadas por Bhimasena, atravessando os corpos daqueles príncipes Bharata, voaram para o céu. De fato, aquelas flechas aladas com ouro, atravessando os corações de teus filhos, pareciam belas, ó monarca, quando elas percorreram o céu, como aves de plumagem excelente. Decoradas com ouro e totalmente cobertas com sangue, aquelas flechas, ó rei, bebendo o sangue de teus filhos saíram do corpo deles. Perfurados em seus membros vitais por aquelas flechas, eles caíram de seus carros sobre o chão, como árvores altas crescidas em precipícios de montanha, quebradas por um elefante. Os sete filhos teus que foram mortos dessa maneira eram Satrunjaya, e Satrusaha, e Chitra, e Chitrayudha, e Dridha, e Chitrasena e Vikarna. Entre todos os teus filhos mortos dessa maneira, Vrikodara, o filho de Pandu, sofreu amargamente de tristeza por Vikarna que era querido para ele. E Bhima disse, 'Esse mesmo foi o voto feito por mim, isto é, que todos vocês seriam mortos por mim em batalha. É por isso, ó Vikarna, que tu foste morto. Meu voto

tem sido cumprido. Ó herói, tu vieste para a batalha, mantendo em mente os deveres de um Kshatriya. Tu estavas sempre empenhado em nosso bem, e especialmente naquele do rei (nosso irmão mais velho). Mal é apropriado, portanto, para mim me afligir por tua pessoa ilustre.' Tendo matado aqueles príncipes, ó rei, na própria vista do filho de Radha, o filho de Pandu proferiu um rugido leonino terrível. Aquele grito alto do heróico Bhima, ó Bharata, informou o rei Yudhishthira o justo de que a vitória naquela batalha era dele. De fato, ouvindo aquele tremendo grito de Bhima armado com o arco, o rei Yudhishthira sentiu grande alegria no meio daquela batalha. O satisfeito filho de Pandu, então, ó rei, recebeu aquele grito leonino de seu irmão com sons e outros instrumentos musicais. E depois que Vrikodara tinha enviado a ele aquela mensagem por meio do sinal combinado, Yudhishthira, aquela principal das pessoas conhecedoras de armas, cheio de alegria, avançou contra Drona em batalha. Por outro lado, ó rei, vendo trinta e um dos teus filhos mortos, Duryodhana se lembrou das palavras de Vidura. 'Aquelas palavras benéficas faladas por Vidura são agora concretizadas!' Pensando assim, o rei Duryodhana não pode fazer o que ele devia. Tudo o que, durante a partida com dados, teu filho insensato e perverso, com Karna (ao seu lado), disse para a princesa de Panchala fazendo ela ser levada para a assembléia, todas as palavras cruéis, além disso, que Karna disse para Krishna, no mesmo lugar, diante de ti, ó rei, e dos filhos de Pandu, na tua audição e naquela de todos os Kurus, isto é, 'Ó Krishna, os Pandavas estão perdidos e afundaram no inferno eterno, portanto, escolha outros maridos', ai, o resultado de tudo aquilo está agora se manifestando. Naquele tempo, além disso, ó tu da linhagem de Kuru, diversas palavras rudes, tais como sementes de gergelim sem núcleo, etc., foram aplicadas por teus filhos coléricos àqueles de grande alma, os filhos de Pandu. Bhimasena, vomitando o fogo da fúria (o qual aquelas palavras enfureceram) e que ele tinha reprimido por treze anos, está agora executando a destruição de teus filhos. Lamentando copiosamente, Vidura fracassou em te persuadir em direção à paz. Ó chefe dos Bharatas, sofra o resultado de tudo aquilo com teus filhos. Tu és idoso, paciente, e capaz de prever as consequências de todas as ações. Sendo assim, quando tu ainda te recusaste a seguir os conselhos de teus benquerentes, parece que tudo isso é o resultado do destino. Não te aflija, ó tigre entre homens! Tudo isso é teu grande erro. Na minha opinião, tu mesmo és a causa da destruição de teus filhos. Ó monarca, Vikarna caiu, e Chitrasena também de grande coragem. Muitos outros poderosos guerreiros em carros e alguns principais entre os teus filhos também caíram. Outros, além disso, entre teus filhos a quem Bhima viu entrar dentro do alcance de sua visão, ó de braços fortes, ele matou em um instante. É somente por tua causa que eu tive que ver nossa formação de combate oprimida aos milhares por meio das flechas disparadas pelo filho de Pandu, Bhima e Vrisha (Karna)!'"

137

"Dhritarashtra disse, 'Ó Suta, ó Sanjaya, este resultado penoso que agora nos alcançou é, eu penso, certamente devido à minha má política. Eu tinha até agora

pensado naquilo que é passado. Mas, ó Sanjaya, que medidas eu devo adotar agora? Eu estou agora mais uma vez calmo, ó Sanjaya, portanto, me conte como esse massacre de heróis está continuando, tendo minha má política como sua causa.'"

"Sanjaya disse, 'De fato, ó rei, Karna e Bhima, ambos dotados de grande destreza, continuaram naquela batalha a despejar suas chuvas de flechas como duas nuvens carregadas de chuva. As flechas, aladas com ouro e afiadas em pedra e marcadas com o nome de Bhima, se aproximando de Karna, penetraram em seu corpo, como se perfurando sua própria vida. Similarmente, Bhima também, naquela batalha foi coberto pelas flechas de Karna às centenas e milhares, parecendo cobras de veneno virulento. Com suas flechas, ó rei, caindo por todos os lados, uma agitação foi produzida entre as tropas parecendo aquela do próprio oceano. Muitos foram os combatentes, ó castigador de inimigos, na tua hoste que foram privados de vida por flechas, parecendo cobras de veneno virulento disparadas do arco de Bhima. Coberto com elefantes e corcéis caídos misturados com os corpos de homens, o campo de batalha parecia com um (campo) coberto com árvores quebradas por uma tempestade. Massacrados em batalha pelas flechas do arco de Bhima, teus guerreiros fugiram, dizendo 'O que é isso?' De fato, aquela hoste dos Sindhus, dos Sauviras, e dos Kauravas, atormentada pelas flechas impetuosas de Karna e Bhima, foi removida para uma grande distância. O restante daqueles bravos soldados, com seus corcéis e elefantes mortos, deixando a vizinhança de Karna e Bhima, fugiram em todas as direções. (E eles gritaram), 'Realmente, por causa dos Parthas, os deuses estão nos entorpecendo, já que aquelas flechas disparadas por Bhima e Karna estão matando nossas tropas.' Dizendo essas palavras, aquelas tuas tropas afligidas com medo evitando o alcance das flechas (de Karna e Bhima), permaneceram a uma distância para testemunhar aquele combate. Então, sobre o campo de batalha lá começou a fluir um rio terrível aumentando a alegria dos heróis e os medos dos tímidos. E ele era causado pelo sangue de elefantes e cavalos e homens. E coberto com as formas sem vida de homens e elefantes e corcéis, com mastros de bandeira e fundos de carros, com os adornos de carros e elefantes e corcéis, com carros quebrados e rodas e Akshas e Kuveras, com arcos de vibração alta ornados com ouro, e flechas com asas de ouro e setas às milhares, disparadas por Karna e Bhima, parecendo cobras recém libertadas de suas peles, com inúmeras lanças e arpões e cimitarras e machados de batalha, com maças e clavas e machados, todos adornados com ouro, com estandartes de diversas formas, e dardos e clavas com ferrões, e com belos Sataghnis, o solo, ó Bharata, parecia resplandecente. E completamente coberto com brincos e colares de ouro e braceletes soltos (de pulsos), e anéis, e pedras preciosas usadas em diademas e coroas, e proteções para a cabeça, e ornamentos dourados de diversos tipos, ó majestade, e cotas de malha, e proteções de couro, e laços de elefantes, e guarda-sóis deslocados (de seus lugares) e rabos de iaque, e leques, e com os corpos perfurados de elefantes e corcéis e homens, com flechas tingidas de sangue, e com diversos outros objetos, espalhados em volta e soltos de seus lugares, o campo de batalha parecia resplandecente como o firmamento coberto com estrelas. Contemplando os feitos extraordinários, inconcebíveis, e sobre-

humanos daqueles dois guerreiros, os Charanas e os Siddhas estavam muito surpresos. Como uma ardente conflagração, tendo o vento como seu aliado, percorre uma pilha (estendida) de grama seca, assim mesmo o filho de Adhiratha, envolvido em combate com Bhima, corria ferozmente naquela batalha. (Isto é, Karna e Bhima eram como fogo e vento.) Ambos derrubaram inúmeros estandartes e carros e mataram corcéis e homens e elefantes, como um par de elefantes esmagando uma floresta de juncos enquanto empenhados em lutar um com o outro. Tua hoste parecia com uma massa de nuvens, ó rei, de homens, e grande foi a carnificina causada naquela batalha por Karna e Bhima.'"

138

"Sanjaya disse, 'Então Karna, ó rei, perfurando Bhima com três flechas, despejou inúmeras flechas belas sobre ele. O poderosamente armado Bhimasena, o filho de Pandu, embora atingido dessa maneira pelo filho de Suta, não mostrou sinais de dor mas permaneceu inalterável como uma colina perfurada (por flechas). Em retorno, ó majestade, naquela batalha, ele perfurou Karna profundamente na orelha com uma flecha farpada, esfregada com óleo, muito afiada, e de têmpera excelente. (Com aquela flecha) ele derrubou no chão o grande e belo brinco de Karna. E ele caiu, ó monarca, como um corpo luminoso brilhante de grande refulgência do firmamento. Excitado com cólera, Vrikodara, então, sorrindo, perfurou profundamente o filho de Suta no centro do peito com outra flecha de cabeça larga. E mais uma vez, ó Bharata, Bhima de braços fortes disparou rapidamente naquela batalha dez flechas longas que pareciam com cobras de veneno virulento recém libertadas de suas peles. Disparadas por Bhima, aquelas flechas, ó majestade, atingindo a testa de Karna, entraram nela como cobras entrando em um formigueiro. Com aquelas flechas fincadas em sua testa, o filho de Suta parecia belo, como ele parecia antes, quando sua fronte tinha sido circundada com uma coroa de lotos azuis. Profundamente perfurado pelo filho ativo de Pandu, Karna, se escorando no Kuxara de seu carro, fechou seus olhos. Logo, no entanto, recuperando os sentidos, Karna, aquele opressor de inimigos, com seu corpo banhado em sangue, ficou louco de raiva (literalmente, reuniu toda sua raiva). Enfurecido por ser afligido dessa maneira, aquele arqueiro firme Karna, dotado de grande impetuosidade, avançou ferozmente em direção ao carro de Bhimasena. Então, ó rei, o poderoso e colérico Karna, enlouquecido de raiva, atirou em Bhimasena, ó Bharata, cem flechas aladas com penas de urubu. O filho de Pandu, no entanto, desconsiderando seu inimigo e desprezando sua energia, começou a disparar chuvas de flechas ardentes nele. Então Karna, ó rei, excitado com raiva, ó opressor de inimigos, atingiu o filho de Pandu, aquela encarnação da ira com nove setas no peito. Então ambos aqueles tigres entre homens (armados com setas e, portanto), parecendo um par de tigres com dentes ameaçadores, despejaram um sobre o outro, naquela batalha, suas chuvas de flechas, como duas imensas massas de nuvens. Eles procuraram amedrontar um ao outro naquela batalha com os sons de suas palmas e com chuvas de flechas de diversos tipos. Excitado com raiva, cada um procurou naquela batalha neutralizar

os feitos um do outro. Então aquele matador de heróis hostis, Bhima de braços fortes, ó Bharata, cortando, com uma flecha de face de navalha, o arco do filho de Suta, proferiu um grito alto. Rejeitando aquele arco quebrado, o filho de Suta, aquele poderoso guerreiro em carro, pegou outro arco que era mais forte e mais resistente. Contemplando aquele massacre dos heróis Kuru, Sauvira, e Sindhu, e observando que a terra estava coberta com cotas de malha e estandartes e armas espalhadas, e também vendo as formas sem vida de elefantes, soldados de infantaria e cavaleiros e guerreiros em carros por todos os lados, o corpo do filho de Suta, de raiva, inflamou-se com refulgência. Esticando seu arco formidável, ornado com ouro, o filho de Radha, ó rei, olhou Bhima com olhares coléricos. Enfurecido, o filho de Suta, enquanto disparava suas flechas, parecia brilhante como o sol outonal de raios deslumbrantes ao meio dia. Enquanto empenhado com suas mãos em pegar uma flecha, fixá-la na corda do arco, esticar a corda do arco e dispará-la, ninguém podia notar qualquer intervalo entre aquelas ações. E enquanto Karna estava assim empenhado em disparar suas flechas para a direita e para a esquerda, seu arco constantemente esticado a um círculo, como um círculo terrível de fogo, as flechas de pontas afiadas, equipadas com asas de ouro, disparadas do arco de Karna, cobriram, ó rei, todos os pontos do horizonte, escurecendo a própria luz do sol. Inúmeros enxames eram vistos, no céu, daquelas flechas providas de asas de ouro, disparadas do arco de Karna. De fato, as flechas disparadas do arco do filho de Adhiratha pareciam com fileiras de grous no céu. As flechas que o filho de Adhiratha disparava eram todas equipadas com penas de urubu, afiadas em pedra, decoradas com ouro, dotadas de grande ímpeto, e providas de pontas brilhantes. Impelidas pela força de seu arco, aquelas flechas impulsionadas por Karna, enquanto corriam às milhares pelo céu pareciam belas como bandos sucessivos de gafanhotos. As flechas disparadas do arco do filho de Adhiratha, enquanto elas percorriam o céu, pareciam com uma flecha longa continuamente desenhada no céu. Como uma nuvem cobrindo uma montanha com torrentes de chuva, Karna com raiva cobriu Bhima com chuvas de flechas. Então teus filhos, ó Bharata, com suas tropas, viram o poder, energia, destreza e perseverança de Bhima, pois o último, desconsiderando aquela chuva de flechas, parecendo o mar furioso, avançou enfurecido contra Karna. Bhima, ó monarca, estava armado com um arco formidável, o verso de cuja vara era ornado com ouro. Ele o esticava tão rapidamente que ele parecia com um segundo arco de Indra, incessantemente estirado a um círculo. Flechas saídas continuamente dele pareciam encher o céu. Com aquelas flechas retas, equipadas com asas de ouro, disparadas por Bhima, uma linha contínua foi feita no céu que parecia refulgente como uma guirlanda de ouro. Então aquelas chuvas de flechas (de Karna) espalhadas no céu, atingidas por Bhimasena com suas flechas, eram dispersas em frações e caíram no chão. Então o céu estava coberto com aquelas chuvas de flechas de asas de ouro e de curso rápido, de ambos, Karna e Bhimasena, que produziam faíscas de fogo quando elas se chocavam umas contra as outras. O próprio sol foi então encoberto, e o próprio vento parou de soprar. De fato, quando o céu estava coberto dessa maneira por aquelas chuvas de flechas, nada podia ser visto. Então o filho de Suta, desconsiderando a energia de Bhima de grande alma, cobriu Bhima completamente com outras flechas e se esforçou para levar a melhor sobre ele. Então, ó majestade, aquelas chuvas de

flechas disparadas por ambos pareciam colidir umas contra as outras como duas correntes opostas de vento. E por causa daquele choque das chuvas de flechas daqueles dois leões entre homens, um incêndio, ó chefe dos Bharatas, pareceu ser gerado no céu. Então Karna, desejoso de matar Bhima, disparou nele com raiva muitas flechas afiadas providas de asas de ouro e polidas pelas mãos do ferreiro. Bhima, no entanto, cortou com suas próprias flechas cada uma daquelas flechas em três fragmentos, e levando a melhor sobre o filho de Suta, ele gritou, 'Espere, Espere.' E o colérico e poderoso filho de Pandu, como um incêndio todo consumidor, mais uma vez disparou furiosamente chuvas de flechas ardentes. E então por causa de suas proteções de couro batendo contra as cordas de seus arcos, sons altos foram gerados. E alto também tornou-se o som de suas palmas, e terríveis seus gritos leoninos, e violento o estrépito das rodas de seus carros e a vibração das cordas de seus arcos. E todos os combatentes, ó rei, pararam de lutar, desejosos de ver a destreza de Karna e do filho de Pandu, cada um dos quais estava desejoso de matar o outro. E os Rishis celestes e Siddhas e Gandharvas os aplaudiram, dizendo, "Excelente, Excelente!' E as tribos de Vidyadharas despejavam chuvas de flores sobre eles. Então o colérico e poderosamente armado Bhima de destreza impetuosa, desviando com suas próprias armas as armas de seu inimigo, perfurou o filho de Suta com muitas flechas. Karna também, dotado de grande poder, frustrando as flechas de Bhimasena, disparou nele nove flechas compridas naquela batalha. Bhima, no entanto, com o mesmo número de flechas, cortou aquelas flechas do filho de Suta no céu e dirigiu-se a ele, dizendo, 'Espere, Espere!' Então o heróico Bhima de braços fortes, cheio de raiva, disparou no filho de Adhiratha uma flecha parecendo a vara de Yama ou da própria Morte. O filho de Radha, no entanto, sorrindo, cortou aquela flecha, ó rei, do filho de Pandu, no entanto, de destreza formidável, com três flechas suas, enquanto ela corria em direção a ele pelo céu. O filho de Pandu então mais uma vez disparou chuvas de flechas ardentes. Karna, no entanto, recebeu destemidamente todas aquelas flechas de Bhima. Então excitado com raiva, o filho de Suta, Karna, pelo poder de suas armas, com suas flechas retas, cortou naquele combate o par de aljavas e a corda do arco do combatente Bhima, como também os tirantes de seus corcéis. E então matando seus corcéis também, Karna perfurou o quadrigário de Bhima com cinco flechas. O quadrigário, fugindo rapidamente, foi para o carro de Yudhamanyu. Excitado com raiva, o filho de Radha então, cujo esplendor parecia aquele do fogo Yuga, sorrindo, cortou o mastro de bandeira de Bhima e derrubou seu estandarte. Privado de seu arco, Bhima de braços fortes então agarrou um dardo, tal como guerreiros em carros podem usar. Cheio de cólera, ele girou-o em sua mão e então arremessou-o com grande força no carro de Karna. O filho de Adhiratha então, com dez flechas, cortou, enquanto corria em direção a ele com a refulgência de um meteoro grande, o dardo enfeitado com ouro assim arremessado (por Bhima). Nisso aquele dardo caiu, cortado em dez fragmentos por aquelas flechas afiadas do filho de Suta, Karna, aquele guerreiro conhecedor de todos os modos de guerra, então lutando por causa de seus amigos. Então, o filho de Kunti pegou um escudo decorado com ouro e uma espada, desejoso de obter ou a morte ou a vitória. Karna, no entanto, ó Bharata, sorrindo, cortou aquele escudo brilhante de Bhima com muitas flechas ardentes. Então, sem carro, Bhima, ó rei, privado de seu escudo, ficou

louco de raiva. Rapidamente, então, ele arremessou sua formidável espada no carro de Karna. Aquela espada grande, cortando o arco encordoado do filho de Suta, caiu no chão, ó rei, como uma cobra zangada do céu. Então o filho de Adhiratha, excitado com raiva naquela batalha, sorridente pegou outro arco destrutivo de inimigos, tendo uma corda mais forte, e mais resistente do que aquele que ele tinha perdido. Desejoso de matar o filho de Kunti, Karna então começou a disparar milhares de flechas, ó rei, equipadas com asas de ouro e dotadas de grande energia. Atingido por aquelas flechas disparadas do arco de Karna, o poderoso Bhima saltou ao céu, enchendo o coração de Karna de angústia. Vendo a conduta de Bhima em batalha desejoso de vitória, o filho de Radha o enganou por se esconder em seu carro. Vendo Karna se escondendo com o coração agitado no terraço de seu carro, Bhima agarrando o mastro de bandeira de Karna, esperou no chão. Todos os Kurus e os Charanas aplaudiram muito aquela tentativa de Bhima de arrebatar Karna de seu carro, como Garuda arrebatando uma cobra. Seu arco cortado, ele mesmo privado de seu carro, Bhima, cumpridor dos deveres de sua classe, permaneceu parado para lutar, mantendo seu carro (quebrado) atrás dele. O filho de Radha, então, de raiva, naquele combate, procedeu contra o filho de Pandu que estava esperando para lutar. Então aqueles dois poderosos guerreiros, ó rei, desafiando um ao outro enquanto eles se aproximavam, aqueles dois touros entre homens, rugiram um para o outro, como nuvens no término do verão. E o duelo que então ocorreu entre aqueles dois leões entre homens envolvidos em combate que não podiam tolerar um ao outro em batalha parecia aquele de antigamente entre os deuses e os Danavas. O filho de Kunti, no entanto, cujo estoque de armas estava esgotado, foi (obrigado a recuar) perseguido por Karna. Vendo os elefantes, enormes como colinas que tinham sido mortos por Arjuna, jazendo (perto), Bhimasena desarmado entrou no meio deles, para impedir o progresso do carro de Karna. Aproximando-se daquela multidão de elefantes e chegando no meio daquela fortaleza que era inacessível para um carro, o filho de Pandu, desejoso de salvar sua vida, se absteve de atacar o filho de Radha. Desejoso de se proteger, aquele subjugador de cidades hostis, o filho de Pritha, erguendo um elefante que tinha sido morto por Dhananjaya com suas flechas, esperou lá, como Hanumat erguendo o pico de Gandhamadana. (Alusão à remoção de Gandhamadana por Hanumat para a cura de Lakshmana). Karna, no entanto, com suas flechas, cortou aquele elefante segurado por Bhima. O filho de Pandu, nisso, jogou em Karna os fragmentos do corpo daquele elefante como também rodas de carro e cavalos. Realmente, todos os objetos que ele viu espalhados lá no campo, o filho de Pandu, excitado com raiva, pegou e arremessou em Karna. Karna, no entanto, com suas flechas afiadas, cortou cada um daqueles objetos assim jogados nele. Bhima também, erguendo seus punhos ameaçadores que eram dotados da força do trovão, desejou matar o filho de Suta. Logo, no entanto, ele se lembrou do voto de Arjuna. O filho de Pandu, portanto, embora competente, poupou a vida de Karna, pelo desejo de não falsificar o voto que Savyasachin tinha feito. O filho de Suta, no entanto, com suas flechas afiadas, repetidamente fez o aflito Bhima perder os sentidos. Mas Karna, se lembrando das palavras de Kunti, não tirou a vida do desarmado Bhima. Aproximando-se rapidamente Karna tocou-o com o corno de seu arco. Logo, no entanto, que Bhimasena foi tocado com o arco, excitado com

raiva e suspirando como uma cobra, ele tirou o arco de Karna e o atingiu com ele na cabeça. Golpeado por Bhimasena, o filho de Radha, com olhos vermelhos de raiva, sorrindo, disse repetidamente para ele essas palavras, 'Eunuco imberbe, tolo ignorante e glutão!' E Karna disse, 'Sem habilidade com armas, não lute comigo. Tu és somente uma criança, um preguiçoso em batalha! Lá, filho de Pandu, onde se acha uma profusão de comestíveis e bebida, lá, ó patife, tu deves estar mas nunca em batalha. Subsistindo de raízes, flores, e cumpridor de votos e austeridades, tu, ó Bhima, deves passar teus dias nas florestas pois tu és inábil em batalha. Grande é a diferença entre combate e o austero modo de vida de um Muni. Portanto, ó Vrikodara, te retire para as florestas. Ó criança, tu não és qualificado para estar envolvido em batalha. Tu tens uma aptidão para uma vida nas florestas. Incitando cozinheiros e empregados e escravos na casa à rapidez, tu és qualificado somente para reprová-los com raiva por causa do teu jantar, ó Vrikodara! Ó Bhima, ó tu de intelecto tolo, dirigindo-te para o modo de vida de um Muni, colha frutas (para tua alimentação). Vá para as florestas, ó filho de Kunti, pois tu não és hábil em batalha. Empenhado em cortar frutas e raízes ou em servir convidados, tu és inepto, eu penso, para tomar parte, ó Vrikodara, em qualquer duelo.' E, ó monarca, todas as injúrias feitas para ele em seus anos mais jovens, foram também lembradas por Karna em palavras cruéis. E enquanto ele permanecia lá em fraqueza, Karna mais uma vez o tocou com o arco. E rindo ruidosamente, Vrisha disse novamente a Bhima essas palavras, 'Tu deves lutar com outros, ó senhor, mas nunca com alguém como eu. Aqueles que lutam com pessoas como nós tem que passar por isso e mais! Vá para lá onde os dois Krishnas estão! Eles te protegerão em batalha. Ou, ó filho de Kunti, vá para casa, pois, uma criança como tu és, que interesse tu tens na batalha?' Ouvindo aquelas palavras duras de Karna, Bhimasena deu uma risada alta e dirigindo-se a Karna disse a ele essas palavras na audição de todos, 'Ó indivíduo perverso, repetidamente tu foste derrotado por mim. Como tu podes perder-te, então, em tal jactância ociosa? Nesse mundo os antigos testemunharam a vitória e derrota do próprio grande Indra. Ó tu de ascendência ignóbil, envolva-te comigo em um combate desportivo com braços nus. Assim como eu matei o poderoso Kichaka de corpo gigantesco, eu então te matarei na própria visão de todos os reis.' Compreendendo os motivos de Bhima, Karna, aquele principal dos homens inteligentes, se absteve daquele combate na própria vista de todos os arqueiros. De fato, tendo feito Bhima ficar sem carro, Karna, ó rei, reprovou-o em tal linguagem vaidosa diante dos olhos daquele leão entre os Vrishnis (Krishna) e de Partha de grande alma. Então ele de estandarte de macaco (Arjuna), incitado por Kesava, disparou no filho de Suta, ó rei, muitas flechas afiadas em pedra. Aquelas flechas adornadas com ouro, disparadas pelos braços de Partha e emergindo do Gandiva, entraram no corpo de Karna, como garças nas montanhas Krauncha. Com aquelas flechas disparadas do Gandiva as quais entraram no corpo de Karna como muitas cobras, Dhananjaya afastou o filho de Suta da vizinhança de Bhimasena. Seu arco cortado por Bhima, e ele mesmo atormentado pelas flechas de Dhananjaya, Karna fugiu rapidamente de Bhima em seu carro excelente. Bhimasena também, ó touro entre homens, subindo no carro de Satyaki, procedeu naquela batalha na esteira de seu irmão Savyasachin, o filho de Pandu. Então Dhananjaya, com olhos vermelhos de raiva, visando Karna, rapidamente disparou

uma flecha como o próprio Destruidor incitando adiante a própria Morte. Aquela flecha disparada do Gandiva, como Garuda no céu em busca de uma cobra poderosa, correu rapidamente em direção a Karna. O filho de Drona, no entanto, aquele poderoso guerreiro em carro, com uma flecha alada dele, cortou-a no meio do ar, desejoso de resgatar Karna do temor de Dhananjaya. Então Arjuna, excitado com cólera, perfurou o filho de Drona com sessenta e quatro flechas, ó rei, e dirigindo-se a ele, disse, 'Não fuja, ó Aswathaman, mas espere um momento.' O filho de Drona, no entanto, afligido pelas flechas de Dhananjaya, entrou rapidamente em uma divisão do exército Kaurava que abundava com elefantes enfurecidos e estava cheia de carros. O filho poderoso de Kunti, então, com a vibração do Gandiva, abafou o barulho feito naquela batalha por todas as outras vibrações de arcos, de varas ornadas com ouro. Então, o poderoso Dhananjaya seguiu atrás do filho de Drona que não tinha recuado para uma grande distância, amedrontando-o todo o caminho com suas flechas. Perfurando com suas flechas, aladas com as penas de Kankas e pavões, os corpos de homens e elefantes e corcéis, Arjuna começou a oprimir aquela tropa. De fato, ó chefe dos Bharatas, Partha, o filho de Indra, começou a exterminar aquela hoste cheia de cavalos e elefantes e homens.'"

139

"Dhritarashtra disse, 'Dia a dia, ó Sanjaya, minha fama resplandecente está sendo escurecida. Muitíssimos guerreiros meus tem morrido. Eu penso que tudo isso é devido ao reverso ocasionado pelo tempo. Dhananjaya, excitado com raiva, penetrou na minha hoste que é protegida pelo filho de Drona e Karna e que, portanto, é incapaz de ser penetrada pelos próprios deuses. Unido com aqueles dois de energia ardente, Krishna e Bhima, como também com aquele touro entre os Sinis, sua bravura foi aumentada. Desde que eu soube da entrada de Dhananjaya a angústia está consumindo meu coração, como fogo consumindo uma pilha de grama seca. Eu vejo que todos os reis da terra com o soberano dos Sindhus entre eles são afetados por mau destino. Tendo feito um grande mal para ele ornado com diadema (Arjuna), como pode o soberano dos Sindhus, se ele cair dentro da visão de Arjuna, salvar sua vida? A julgar pela inferência circunstancial, eu vejo, ó Sanjaya, como pode o soberano dos Sindhus, se ele cair dentro da visão de Arjuna, salvar sua vida? A julgar pela inferência circunstancial, eu vejo, ó Sanjaya, que o soberano dos Sindhus já está morto. Conte-me, no entanto, realmente como a batalha prosseguiu. Tu és hábil em narração, ó Sanjaya, diga-me realmente como o herói Vrishni Satyaki lutou, que se esforçando resolutamente por causa de Dhananjaya entrou sozinho com raiva na tropa vasta, perturbando-a e agitando-a repetidamente, como um elefante mergulhando em um lago coberto com lotos.'"

"Sanjaya disse, 'Vendo aquele principal dos homens, isto é, Bhima, prosseguir, afligido pelas flechas Karna no meio, ó rei, de muitos heróis, aquele guerreiro principal entre os Sinis seguiu-o em seu carro. Rugindo como as nuvens no fim do verão, e brilhante como o sol outonal, ele começou a massacrar com seu arco

formidável a hoste do teu filho, fazendo-a tremer repetidamente. E enquanto o principal da linhagem de Madhu, ó Bharata, prosseguia dessa maneira pelo campo em seu carro, puxado por corcéis de cor prata e ele mesmo rugindo terrivelmente, ninguém entre teus guerreiros podia deter seu progresso. Então aquele mais notável dos reis, Alamvusha, cheio de raiva, que nunca se retirava da batalha, armado com arco, e vestido em uma cota de malha dourada avançando rapidamente, impediu o progresso de Satyaki, aquele principal guerreiro da linhagem de Madhu. O combate, então, ó Bharata, que ocorreu entre eles foi tal que seu semelhante nunca tinha havido. Todos os teus guerreiros e o inimigo, se abstendo da luta, tornaram-se espectadores daquele combate entre aqueles dois ornamentos de batalha. Então aquele principal dos reis, isto é, Alamvusha atacou violentamente Satyaki com dez flechas. Aquele touro da raça Sini, no entanto, com flechas, cortou todas aquelas flechas antes que elas pudessem alcançá-lo. E mais uma vez, Alamvusha atingiu Satyaki com três flechas afiadas providas de belas asas, brilhantes como fogo, e disparadas de seu arco puxado até a orelha. Aquelas (flechas) atravessando a cota de malha de Satyaki, penetraram em seu corpo. Tendo perfurado o corpo de Satyaki com aquelas flechas afiadas e brilhantes, dotadas da força do fogo ou do vento, Alamvusha atingiu violentamente os quatro corcéis de Satyaki, brancos como prata, com quatro outras flechas. O neto de Sini, dotado de grande energia e coragem semelhante àquela do (próprio Kesava), o portador do disco, assim atingido por ele, matou com quatro flechas de grande impetuosidade os quatro corcéis de Alamvusha. Ele então cortou a cabeça (de Alamvusha), bela como a lua cheia e enfeitada com brincos excelentes com uma flecha de cabeça larga, ardente como o fogo Yuga. Tendo matado aquele descendente de muitos reis em batalha, aquele touro entre os Yadus, aquele herói capaz de subjugar hostes hostis, procedeu em direção a Arjuna, ó rei, resistindo, enquanto ele prosseguia, às tropas do inimigo. De fato, ó rei, movendo-se rapidamente no meio do inimigo, o herói Vrishni, enquanto prosseguindo na esteira (de Arjuna), era visto repetidamente destruir com suas flechas a hoste Kuru, como o furacão dispersando massas de nuvens reunidas. Para onde quer que aquele leão entre homens desejasse ir, para lá ele era levado por aqueles seus corcéis excelentes da raça Sindhu, bem domados, dóceis, brancos como leite da flor Kunda ou a lua ou neve, e enfeitados com arreios ricamente enfeitados. Os guerreiros (Kuru seguiram) Duhsasana, seu comandante. Aqueles líderes de divisões, cercando o neto de Sini por todos lados naquela batalha, começaram a atacá-lo. Aquele principal entre os Satwatas, aquele herói, Satyaki também, resistiu a eles todos com chuvas de flechas. Detendo-os todos rapidamente por meio de suas flechas ardentes, aquele matador de inimigos, o neto de Sini, erguendo seu arco violentamente, ó Ajamida, matou os corcéis de Duhsasana. Então, Arjuna e Krishna, vendo aquele principal dos homens, (Satyaki) naquela batalha, ficaram cheios de alegria."'

140

"Sanjaya disse, 'Então os grandes arqueiros do país Trigarta possuindo estandartes adornados com ouro, cercaram por todos os lados o poderosamente armado Satyaki, aquele guerreiro que realizava com grande energia tudo o que exigia realização e que, tendo entrado naquela hoste, ilimitada como o mar, estava avançando contra o carro de Duhsasana pelo desejo do sucesso de Dhananjaya. Impedindo seu progresso com uma grande multidão de carros por todos os lados, aqueles grandes arqueiros, excitados com raiva, o cobriram com chuvas de flechas. Tendo entrado no meio do exército Bharata o qual parecia um mar sem costa, e que, cheio do som de palmas abundava com espadas e dardos e maças, Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada, derrotou sozinho seus inimigos, aqueles cinquenta príncipes (Trigarta) resplandecendo brilhantemente naquela batalha. Naquela ocasião nós vimos que a conduta do neto de Sini em batalha era muito extraordinária. Tão grande era a agilidade (de seus movimentos) que tendo visto ele no oeste, nós imediatamente o víamos no leste. Norte, sul, leste, oeste, e nas outras direções secundárias, aquele herói parecia se mover de modo dançante, como se ele compreendesse cem guerreiros em sua única pessoa. Observando aquela conduta de Satyaki, dotado do andar esportivo do leão, os guerreiros Trigarta, incapazes de suportar sua bravura fugiram em direção (à divisão de) seus próprios (compatriotas). Então os bravos guerreiros dos Surasenas se esforçaram para deter Satyaki, atacando-o com chuvas de flechas, como um condutor golpeando um elefante enfurecido com o gancho. Satyaki de grande alma lutou com eles por um curto espaço de tempo e então aquele herói de destreza inconcebível começou a lutar com os Kalingas. Ultrapassando aquela divisão dos Kalingas a qual era incapaz de ser cruzada, o poderosamente armado Satyaki se aproximou da presença de Dhananjaya, o filho de Pritha. Como um nadador cansado na água quando ele alcança a terra, Yuyudhana ficou confortado ao obter a visão de Dhananjaya, aquele tigre entre homens. Vendo ele se aproximar, Kesava, dirigindo-se a Partha, disse, 'Lá vem o neto de Sini, ó Partha, seguindo em tua esteira. Ó tu de destreza incapaz de ser frustrada, ele é teu discípulo e amigo. Aquele touro entre homens, considerando todos os guerreiros como palha, os subjugou. Infligindo ferimentos terríveis nos guerreiros Kaurava, Satyaki, que é caro para ti como a vida, vem em direção a ti, ó Kiritin! Tendo com suas flechas subjugado o próprio Drona e Kritavarman da tribo Bhoja, este Satyaki vem a ti, ó Phalguna! Atento ao bem de Yudhishthira, tendo matado muitos principais dos guerreiros, o bravo Satyaki, hábil com armas, está vindo até ti, ó Phalguna! Tendo realizado o feito mais difícil no meio das tropas (Kaurava), o poderoso Satyaki, desejoso de ver-te vem a ti, ó filho de Pandu! Tendo em um único carro lutado em batalha com muitos poderosos guerreiros em carros com o preceptor (Drona) em sua dianteira, Satyaki vem até ti, ó Partha! Despachado pelo filho de Dharma, Satyaki vem até ti, ó Partha, tendo atravessado o exército Kaurava, confiando no poder de suas próprias armas. Invencível em batalha, Satyaki, que não tem nenhum guerreiro entre os Kauravas igual a ele, está vindo a ti, ó filho de Kunti! Tendo matado inúmeros guerreiros, este Satyaki vem a ti, ó Partha, libertado do meio das tropas Kaurava, como um leão do meio de um

rebanho de vacas. Tendo coberto a terra com os rostos, belos como o lótus, de milhares de reis, Satyaki está vindo até ti, ó Partha! Tendo vencido em batalha o próprio Duryodhana com seus irmãos, e tendo matado Jalasandha, Satyaki está vindo rapidamente. Tendo feito um rio de sangue como seu lodo, e considerando os Kauravas como palha, Satyaki vem em direção a ti.' O filho de Kunti, sem ficar alegre, disse essas palavras para Kesava, 'A chegada de Satyaki, ó poderosamente armado, mal é agradável para mim. Eu, ó Kesava, não sei como rei Yudhishthira o justo está. Agora que ele está separado de Satwata, eu duvido se ele está vivo; ó de braços fortes, Satyaki deveria ter protegido o rei. Por que então, ó Krishna, ele, deixando Yudhishthira seguiu em minha esteira? O rei, portanto, foi abandonado para Drona. O soberano dos Sindhus não foi morto ainda. Lá, Bhurisravas está procedendo contra Satyaki em batalha. Uma carga mais pesada foi jogada sobre mim por conta de Jayadratha. Eu devo saber como o rei está e eu devo também proteger Satyaki. Eu devo também matar Jayadratha. O sol pende baixo. Com relação a Satyaki de braços fortes, ele está cansado; suas armas também estão esgotadas. Seus corcéis como também seu motorista estão cansados, ó Madhava! Bhurisravas, por outro lado, não está cansado, ele tem protetores atrás dele, ó Kesava! O êxito será de Satyaki neste combate? Tendo cruzado o verdadeiro oceano, Satyaki de destreza imbatível, aquele touro entre os Sinis, de grande energia, sucumbirá, obtendo (diante dele) o vestígio do pé de uma vaca? (Isto é, o pequeno entalhe causado pelo casco de uma vaca.) Enfrentando aquele principal entre os Kurus, Bhurisravas de grande alma, hábil com armas, Satyaki terá boa sorte? Eu considero isso, ó Kesava, como um erro de julgamento da parte do rei Yudhishthira o justo. Abandonando todo o medo do preceptor, ele despachou Satyaki (para longe do seu lado). Como um falcão que percorre o céu atrás de um pedaço de carne, Drona sempre se esforça pela captura do rei Yudhishthira o justo. O rei estará livre de todo o perigo?'"

141

"Sanjaya disse, 'Vendo Satwata, invencível batalha indo (em direção a Arjuna), Bhurisravas, com raiva, ó rei, avançou subitamente em direção a ele. Ele da linhagem de Kuru, então, ó rei, dirigindo-se àquele touro da raça Sini, disse, 'Por sorte é que tu hoje estás dentro do alcance da minha visão. Hoje nessa batalha eu obtenho o desejo que eu sempre nutri. Se tu não fugires da batalha, tu não escaparás de mim com vida. Matando-te hoje em batalha, tu que és sempre orgulhoso do teu heroísmo, eu irei, ó tu da linhagem de Dasarha, alegrar o rei Kuru Suyodhana. Aqueles heróis, Kesava e Arjuna, vão hoje juntos te ver jazendo no campo de batalha, chamuscado por minhas flechas. Sabendo que tu foste morto por mim, o filho real de Dharma, que te fez penetrar nessa hoste, hoje ficará coberto de vergonha. O filho de Pritha, Dhananjaya, verá hoje minha bravura quando ele te vir morto e jazendo no chão, coberto com sangue. Este combate contigo sempre foi desejado por mim, como o combate de Sakra com Vali na batalha entre os deuses e os Asuras nos tempos passados. Hoje eu te darei terrível combate, ó Satwata! Tu portanto conhecerás realmente (a medida da) minha energia, poder, e virilidade. Morto por mim em batalha, tu irás hoje para a

residência de Yama, como o filho de Ravana (Indrajit) morto por Lakshmana, o irmão mais novo de Rama. Hoje, Krishna e Partha e o rei Yudhishthira o justo, ó tu da linhagem de Madhu, testemunhando a tua morte irão, sem dúvida, ser dominados pelo desânimo e desistirão da batalha. Causando tua morte hoje, ó Madhava, com flechas afiadas, eu alegrarei as esposas de todos aqueles que foram mortos por ti em batalha. Tendo chegado dentro do âmbito da minha visão, tu não escaparás, como um pequeno veado de dentro do alcance da visão de um leão.' Ouvindo essas palavras dele, Yuyudhana, ó rei, respondeu a ele com uma risada, dizendo, 'Ó tu da linhagem de Kuru, eu nunca sou inspirado com medo em batalha. Tu não conseguirás me amedrontar somente com tuas palavras. Me matará em batalha aquele que conseguir me desarmar. Aquele que me matar em batalha matará (inimigos) por todo o tempo futuro. (Isto é, aquele que me matar será sempre vitorioso em batalha, sempre matará os guerreiros com quem ele possa estar envolvido em batalha. A derrota nunca será dele.) Qual é a utilidade tal jactância ineficiente e enfadonha em palavras? Realize em ação o que tu dizes. Tuas palavras parecem ser tão inúteis quanto o ribombo de nuvens outonais. Ouvindo, ó herói, esses teus bramidos, eu não posso reprimir minha risada. Que este combate, ó tu da linhagem de Kuru, que tem sido desejado por ti por tanto tempo, se realize hoje. Meu coração, ó senhor, inspirado como ele está com o desejo de um combate contigo, não pode suportar qualquer demora. Antes de te matar, eu não me absterei do combate, ó patife.' Repreendendo um ao outro em tais palavras, aqueles dois touros entre homens, ambos excitados com grande ira, atacaram um ao outro em batalha, desejosos de tirar a vida um do outro. Aqueles arqueiros formidáveis ambos dotados de grande poder se enfrentaram em batalha, um desafiando o outro, como dois elefantes coléricos no cio por causa de uma elefanta em seu cio. E aqueles dois castigadores de inimigos, Bhurisravas e Satyaki, despejaram um sobre o outro chuvas densas de flechas como duas massas de nuvens. Então o filho de Somadatta, tendo coberto o neto de Sini com flechas de curso rápido, mais uma vez perfurou o último, ó chefe dos Bharatas, com muitas flechas afiadas, pelo desejo de matá-lo. Tendo perfurado Satyaki com dez flechas, o filho de Somadatta disparou muitas outras flechas afiadas naquele touro entre os Sinis, pelo desejo de atingir sua destruição. Satyaki, no entanto, ó senhor, cortou, com o poder de suas armas, todas aquelas flechas afiadas de Bhurisravas, ó rei, no céu, antes que, de fato, qualquer uma delas pudesse alcançá-lo. Aqueles dois heróis, aqueles dois guerreiros que aumentavam o renome dos Kurus e dos Vrishnis respectivamente, ambos de linhagem nobre, despejaram um sobre o outro suas chuvas de flechas. Como dois tigres lutando com suas garras ou dois elefantes enormes com suas presas eles mutilaram um ao outro com flechas e dardos, tais como guerreiros em carros podem usar. Mutilando os membros um do outro, e com sangue saindo de seus ferimentos, aqueles dois guerreiros se engajaram em uma competição na qual suas vidas estavam em jogo, e reprimiram e confundiram um ao outro. Aqueles heróis de feitos excelentes, aqueles aumentadores da fama dos Kurus e dos Vrishnis, lutaram dessa maneira entre si, como dois líderes de manadas de elefantes. De fato, aqueles guerreiros, ambos cobiçando a região mais elevada, ambos nutrindo o desejo de alcançar logo a região de Brahman, rugiram dessa maneira um para o outro. De fato, Satyaki e o filho de Somadatta continuaram a cobrir um ao outro

com suas chuvas de flechas na vista dos Dhartarashtras cheios de alegria. E as pessoas lá testemunharam aquele combate entre aqueles dois principais dos guerreiros que estavam lutando como dois líderes de manadas de elefantes por uma elefanta no cio. Então cada um matando os corcéis do outro e cortando o arco do outro, aqueles combatentes sem carro se enfrentaram com espadas em uma luta terrível. Pegando dois escudos belos e grandes e brilhantes feitos de pele de touro, e duas espadas desembainhadas, eles se movimentaram rapidamente sobre o campo. Aproximando-se em círculos e em diversos outros tipos de direções devidamente, aqueles opressores de inimigos excitados com raiva frequentemente atacaram um ao outro. Armados com espadas, vestidos em armadura brilhante, ornados com couraças e Angadas, aqueles dois guerreiros famosos mostraram diversos tipos de movimento. Eles se movimentaram de forma circular no alto e fizeram ataques de lado, e correram em volta, e avançaram para a frente e avançaram para cima. E aqueles castigadores de inimigos começaram a golpear um ao outro com suas espadas. E cada um deles procurava avidamente a negligência do outro. E ambos aqueles heróis saltaram belamente e ambos mostraram sua habilidade naquele combate, e começaram também a dar estocadas habilidosas um no outro, e tendo atingido um ao outro, ó rei, aqueles heróis descansaram por um momento na vista de todas as tropas. Tendo com suas espadas cortado em pedaços o belo escudo um do outro, ó rei, ornado com cem luas, aqueles tigres entre homens se engajaram em uma luta corporal. Ambos tendo peitos largos, ambos tendo braços compridos, ambos bem hábeis em luta, eles se enfrentaram com seus braços de ferro que pareciam maças com ferrões. E eles bateram um no outro com seus braços, e agarraram os braços um do outro, e cada um agarrou com seus braços o pescoço do outro. E a habilidade que eles tinham adquirido por exercício contribuiu para a alegria de todos os guerreiros que permaneciam como espectadores do combate. E quando aqueles heróis lutaram entre si, ó rei, naquela batalha, altos e terríveis foram os sons produzidos por eles, parecendo a queda do trovão sobre o leito da montanha. Como dois elefantes combatendo um ao outro com a ponta de suas presas, ou como dois touros com seus chifres, aqueles dois ilustres e principais guerreiros das tribos Kuru e Satwata lutaram entre si às vezes refreando um ao outro com seus braços, às vezes golpeando um ao outro com suas cabeças, às vezes entrelaçando as pernas um do outro, às vezes batendo em seus peitos, às vezes comprimindo um ao outro com suas unhas, às vezes apertando um ao outro firmemente, às vezes enrolando suas pernas ao redor dos quadris um do outro, às vezes rolando no chão, às vezes avançando, às vezes recuando, às vezes se erguendo, e às vezes saltando para o alto. De fato, aqueles trinta e dois tipos de manobras separadas que caracterizam combates desse tipo.'"

"Quando as armas de Satwata estavam esgotadas durante seu combate com Bhurisravas, Vasudeva disse para Arjuna, 'Veja aquele principal de todos os arqueiros, Satyaki, engajado em batalha, privado de carro. Ele entrou na hoste Bharata, tendo-a atravessado, seguindo em tua esteira, ó filho de Pandu! Ele lutou com todos os guerreiros Bharata de grande energia. O doador de grandes presentes sacrificais, Bhurisravas, enfrentou aquele principal dos guerreiros enquanto cansado com fadiga. Desejoso de batalha, Bhurisravas está prestes a

entrar em conflito.' Então aquele guerreiro invencível em batalha, isto é, Bhurisravas, excitado com cólera, atacou vigorosamente Satyaki, ó rei, como um elefante enfurecido atacando um igual enfurecido. Aqueles dois principais dos guerreiros, ambos sobre seus carros, e ambos excitados com cólera, continuaram lutando, ó rei, Kesava, e Arjuna testemunhando sua luta. Então Krishna de braços fortes, dirigindo-se a Arjuna, disse, 'Veja, aquele tigre entre os Vrishnis e os Andhakas sucumbiu ao filho de Somadatta. Tendo realizado as mais difíceis façanhas, esgotado pelo esforço, ele foi privado de seu carro. Ó Arjuna, proteja Satyaki, teu discípulo heróico. Cuide para que aquele principal dos homens não possa, por tua causa, ó tigre entre homens, sucumbir a Bhurisravas, dedicado a sacrifícios. Ó pujante, faça depressa o que é necessário.' Dhananjaya, com o coração alegre dirigindo-se a Vasudeva, disse, 'Veja, aquele touro entre os Kurus e aquele principal entre os Vrishnis estão se divertindo um com o outro, como um elefante enorme louco de raiva se divertindo com um leão poderoso na floresta.' Enquanto Dhananjaya o filho de Pandu estava falando dessa maneira, gritos altos de 'oh' e 'ai' ergueram-se entre as tropas, ó touro da raça Bharata, já que Bhurisravas de braços fortes, se esforçando vigorosamente golpeou Satyaki e derrubou-o no chão. E como um leão arrastando um elefante, aquele principal da linhagem de Kuru, Bhurisravas, aquele doador de profusos presentes em sacrifícios, arrastando aquele principal entre os Satwatas, parecia resplandecente naquela batalha. Então Bhurisravas naquele combate, puxando sua espada da bainha, agarrou Satyaki pelo cabelo de sua cabeça e golpeou-o no peito com seus pés. Bhurisravas então estava prestes a cortar do tronco de Satyaki sua cabeça enfeitada com brincos. Por algum tempo, o herói Satwata girou rapidamente sua cabeça com o braço de Bhurisravas que a segurava pelo cabelo, como uma roda de oleiro girada com o bastão. Vendo Satwata arrastado dessa forma em batalha por Bhurisravas, Vasudeva mais uma vez, ó rei, dirigiu-se a Arjuna e disse, 'Veja, aquele tigre entre os Vrishnis e os Andhakas, aquele teu discípulo, ó poderosamente armado, não inferior a ti na arte de manejar arco e flecha, não resistiu ao filho de Somadatta. Ó Partha, já que Bhurisravas está levando a melhor sobre o herói Vrishni dessa maneira, Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada, o próprio nome do último está prestes a ser falsificado. (Satyaki é chamado de 'Satyavikrama,' ou seja, 'de destreza verdadeira' ou 'de destreza incapaz de ser frustrada.' Se ele sofrer uma derrota hoje nas mãos de Bhurisrava, aquele título dele será falsificado.) Assim endereçado por Vasudeva o filho poderosamente armado de Pandu mentalmente reverenciou Bhurisravas naquela batalha, dizendo, 'Eu estou contente que Bhurisravas, aquele aumentador da fama dos Kurus, está arrastando Satyaki em batalha, como se em divertimento. Sem matar Satyaki, aquele principal entre os heróis da raça Vrishni, o guerreiro Kuru está somente arrastando ele como um leão forte na floresta arrastando um elefante enorme.' Mentalmente elogiando o guerreiro Kuru dessa maneira, ó rei, Arjuna de braços fortes, o filho de Pritha, respondeu para Vasudeva, dizendo, 'Meus olhos tendo se fixado (no soberano) dos Sindhus, eu não poderia, ó Madhava, ver Satyaki. Eu, no entanto, por aquele guerreiro Yadava, realizarei um feito muito difícil.' Dizendo essas palavras, em obediência a Vasudeva, o filho de Pandu fixou no Gandiva uma flecha afiada de cabeça de navalha. Aquela flecha, disparada da mão de Partha e parecendo um meteoro flamejante descendo do

firmamento, cortou o braço do guerreiro Kuru com a espada em punho e enfeitado com Angada.'"

142

"Sanjaya disse, 'Aquele braço (de Bhurisravas) enfeitado com Angada e com a espada em seu punho (assim cortado), caiu no chão para a grande aflição de todas as criaturas vivas. De fato, aquele braço, o qual era para ter cortado a própria cabeça de Satyaki, cortado pelo despercebido Arjuna, caiu rapidamente no chão, como uma cobra de cinco cabeças. O guerreiro Kuru, vendo-se incapacitado por Partha abandonou sua ação de segurar Satyaki e colericamente repreendeu o filho de Pandu.'"

"Bhurisravas disse, 'Tu, ó filho de Kunti, fizeste um ato cruel e covarde, já que sem estar envolvido em combate comigo, tu, despercebido por mim, cortaste meu braço. Tu não terás que dizer para Yudhishthira, o nobre filho de Dharma, exatamente isso, ou seja, 'Bhurisravas, enquanto ocupado de outra maneira, foi morto por mim em batalha?' Tu foste ensinado neste uso de armas por Indra de grande alma ou por Rudra, ó Partha, ou por Drona, ou por Kripa? Tu és, nesse mundo, melhor conhecedor das regras acerca do uso de armas do que todos os outros. Por que então tu cortaste em batalha o braço de um guerreiro que não estava envolvido em combate contigo? Os justos nunca atacam aquele que está desatento, ou o que está apavorado, ou o que está sem carro, ou aquele que implora por vida ou proteção, ou aquele que caiu em angústia. Por que, então, ó Partha, tu cometeste tal ato extremamente indigno que é pecaminoso, que é digno somente de um canalha vil, e que é praticado somente por um sujeito perverso? Uma pessoa respeitável, ó Dhananjaya, pode facilmente realizar um feito que é respeitável. Um feito, no entanto, que não é respeitável se torna difícil de ser realizado por uma pessoa que é respeitável. Um homem rapidamente pega o comportamento daqueles com quem e entre quem ele se movimenta. Isso é visto em ti, ó Partha! Sendo de linhagem nobre e nascido, especialmente, na família de Kuru, como tu decaíste dos deveres de um Kshatriya, embora tu fosses de bom comportamento e cumpridor de votos excelentes? Este ato vil que tu cometeste por causa do guerreiro Vrishni, é sem dúvida, correspondente aos conselhos de Vasudeva. Tal ação não combina com alguém como tu. Quem mais, a menos que ele fosse um amigo de Krishna, infligiria tal injúria sobre alguém que está desatentamente envolvido com outro em batalha? Os Vrishnis e os Andhakas são maus Kshatriyas, sempre envolvidos em atos pecaminosos, e são, por natureza, afeitos a comportamento infame. Por que, ó Partha, tu tomaste eles como modelo?' Assim endereçado em batalha, Partha respondeu para Bhurisravas, dizendo, 'É evidente que com a decrepitude do corpo o intelecto de uma pessoa também se torna decrépito, já que, ó senhor, todas essas palavras insensatas foram proferidas por ti. Embora tu conheças bem Hrishikesa e eu mesmo, como é que tu nos repreendes dessa maneira? Conhecendo como eu conheço as regras de batalha e familiarizado como eu estou com o significado de todas as escrituras, eu nunca faria uma ação que é pecaminosa. Sabendo bem disso, tu ainda me

criticas. Os Kshatriyas lutam com seus inimigos, cercados por seus próprios seguidores, seus irmãos, pais, filhos, parentes, aparentados, companheiros, e amigos. Eles também lutam, confiando na (força de) armas daqueles que eles seguem. Por que, então, eu não deveria proteger Satyaki, meu discípulo e parente querido, que está lutando por nossa causa nessa batalha, indiferente à própria vida, que é tão difícil de ser sacrificada? Invencível em combate, Satyaki, ó rei, é meu braço direito em batalha. Uma pessoa não deve proteger somente a si mesma quando vai para batalha, ele, ó rei, que está engajado no propósito de outro deve ser protegido (por aquele outro). Tais homens sendo protegidos, o rei é protegido na pressão da batalha. Se eu tivesse calmamente visto Satyaki prestes a ser morto em grande batalha (e não tivesse interferido para salvá-lo), o pecado, então, devido à morte de Satyaki, seria meu, por tal negligência! Por que então tu estás furioso comigo por eu ter protegido Satyaki? Tu me repreendes, ó rei, dizendo, 'Embora envolvido em combate com outro, eu ainda fui mutilado por ti.' Nessa questão, eu respondo, eu julguei erradamente. Às vezes sacudindo minha armadura; às vezes andando em meu carro, às vezes puxando a corda do arco, eu estava lutando com meus inimigos no meio de uma hoste parecendo o mar vasto, cheia de carros e elefantes e corcéis e soldados de infantaria e ecoando com gritos leoninos selvagens. Entre amigos e inimigos envolvidos em combate uns com os outros, como podia ser possível que o guerreiro Satwata estivesse envolvido em combate com somente uma pessoa em batalha? Tendo lutado com muitos e derrotado muitos poderosos guerreiros em carros, Satyaki estava cansado. Ele mesmo, afligido por armas, tinha ficado desanimado. Tendo, sob tais circunstâncias, subjugado o poderoso guerreiro em carro Satyaki, e o trazido sob teu controle, tu procuraste mostrar tua superioridade. Tu desejaste cortar, com tua espada, a cabeça de Satyaki em batalha. Eu não podia possivelmente observar com indiferença Satyaki reduzido àquela situação. (Literalmente, 'quem poderia testemunhar com indiferença Satyaki reduzido à tal condição?') Tu deves antes repreender a ti mesmo, já que tu não cuidaste de ti mesmo (quando procurando ferir outro). De fato, ó herói, como tu terias te comportado em direção a uma pessoa que é tua dependente?'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado (por Arjuna), o ilustre Bhurisravas de braços fortes, portando o emblema da estaca sacrifical em seu estandarte, abandonando Yuyudhana, desejou morrer segundo o voto de Praya. (Geralmente, morrer se abstendo de todo o alimento. Esse é um método de libertar a alma do corpo por meio de Yoga.) Famoso por muitos atos justos, ele espalhou com sua mão esquerda um leito de flechas, e desejoso de ir para a região de Brahman, confiou seus sentidos ao cuidado das divindades que os presidem. Fixando seu olhar no sol, e colocando seu coração purificado na lua, e pensando (nos mantras) no grande Upanishad, Bhurisravas, dirigindo-se ao Yoga, parou de falar. Então todas as pessoas no exército inteiro começaram a falar mal de Krishna e Dhananjaya e elogiaram Bhurisravas, aquele touro entre homens. Embora criticados, os dois Krishnas, no entanto, não falaram uma palavra desagradável (para o herói moribundo). Bhurisravas de estandarte de estaca também, embora assim elogiado, não sentiu alegria. Então o filho de Pandu Dhanajaya, chamado também de Phalguna, incapaz de tolerar teus filhos falando daquela maneira,

como também de suportar suas palavras e as palavras de Bhurisravas, ó Bharata, em aflição e sem o coração enfurecido, e como se para lembrar eles todos, disse essas palavras, 'Todos os reis conhecem meu grande voto, isto é, que ninguém conseguirá matar alguém que pertence ao nosso lado, contanto que o último esteja dentro do alcance de minhas flechas. Lembrando disso, ó de estandarte de estaca, não cabe a ti me criticar. Sem conhecer regras de moralidade, não é apropriado uma pessoa criticar outras. Que eu tenha cortado teu braço enquanto tu, bem armado em batalha, estavas a ponto de matar (o desarmado) Satyaki, não é todo contrário à moralidade. Mas que homem justo há, ó senhor, que elogiaria a morte de Abhimanyu, um mero menino, sem armas, privado de carro, e com sua armadura caída?' Assim endereçado por Partha, Bhurisravas tocou o solo com seu braço esquerdo, o direito (tinha sido cortado). Bhurisravas de estandarte de estaca, ó rei de refulgência deslumbrante, tendo ouvido aquelas palavras de Partha, ficou calado, com sua cabeça baixa. Então Arjuna disse, 'Ó irmão mais velho de Sala, igual ao que eu tenho pelo rei Yudhishthira o justo, ou Bhima, aquela principal de todas as pessoas poderosas, ou Nakula, ou Sahadeva, é o amor que eu tenho por ti. Mandado por mim como também pelo ilustre Krishna, vá para a região dos justos, até onde Sivi, o filho de Usinara, está.'"

"Vasudeva também disse, 'Tu constantemente realizaste sacrifícios e Agnihotras. Vá então, sem demora, para aquelas minhas regiões puras que brilham incessantemente com esplendor e que são desejadas pelas principais das divindades com Brahma como seu líder, e tornando-te igual a mim mesmo, seja levado nas costas por Garuda.'"

"Sanjaya continuou, 'Libertado pelo filho de Somadatta, o neto de Sini, se levantando, puxou sua espada e desejou cortar a cabeça de Bhurisravas de grande alma. De fato, Satyaki desejou matar o impecável Bhurisravas, o irmão mais velho de Sala, aquele doador de abundância em sacrifícios que estava parado com seus sentidos afastados da batalha, que já tinha sido quase morto pelo filho de Pandu, que estava sentado com seu braço cortado e que parecia por conta disso um elefante sem tromba. Todos os guerreiros o censuraram ruidosamente (por sua intenção). Mas privado de razão, e proibido por Krishna e por Partha de grande alma, e Bhima, e os dois protetores das duas rodas (do carro de Arjuna, isto é, Yudhamanyu e Uttamaujas), e Aswatthaman, e Kripa e Karna, e Vrishasena, e o soberano dos Sindhus também, e enquanto os soldados ainda estavam proferindo gritos de desaprovação, Satyaki matou Bhurisravas enquanto na observância de seu voto. De fato, Satyaki, com sua espada, cortou a cabeça do guerreiro Kuru que tinha sido privado de seu braço por Partha e que estava então sentado em Praya para libertar sua alma do corpo. Os guerreiros não aplaudiram Satyaki por aquela sua ação de matar aquele perpetuador da linhagem de Kuru que tinha sido antes quase morto por Partha. Os Siddhas, os Charanas, e os homens lá presentes, como também os deuses, vendo Bhurisravas semelhante a Sakra morto naquela batalha, embora sentado na observância daquele voto Praya, começaram a aplaudi-lo, maravilhados pelas ações realizadas por ele. Teus soldados também discutiram a questão, 'Não é falha do herói Vrishni. Aquilo que estava preordenado aconteceu. Portanto, nós não devemos ceder à ira. A

raiva é a causa da tristeza dos homens. Estava ordenado que Bhurisravas seria morto pelo herói Vrishni. Não há utilidade em julgar sua retidão ou o contrário. O Criador ordenou Satyaki para ser a causa da morte de Bhurisrava em batalha.'"

"Satyaki disse, 'Ó Kauravas pecaminosos, vestindo o manto externo de virtude, vocês me dizem, em palavras de virtude, que Bhurisravas não deveria ser morto. Onde, no entanto, estava essa sua justiça quando vocês mataram em batalha aquele menino, o filho de Subhadra, quando desprovido de armas? Eu tinha em um certo acesso de altivez jurado que aquele que, me derrubando vivo em batalha, me golpeasse com raiva com seu pé, seria morto por mim mesmo que aquele inimigo adotasse o voto de ascetismo. Lutando no combate, com meus braços e olhos são e saudáveis, vocês contudo tinham me considerado como morto. Essa foi uma ação de tolice de sua parte. Ó touros entre os Kurus, a morte de Bhurisravas, realizada por mim, foi muito apropriada! Partha, no entanto, por cortar o braço com dele com espada em punho para cumprir, por sua afeição por mim, seu próprio voto (acerca de proteger todos do seu lado), simplesmente me roubou glória. Aquilo que está ordenado deve acontecer. É o destino que trabalha. Bhurisravas foi morto na pressão da batalha. Que pecado eu cometi? Nos tempos antigos, Valmiki cantou este verso sobre a terra, isto é, 'Tu disseste, ó macaco, que mulheres não devem ser mortas. Em todas as eras, no entanto, os homens devem sempre, com cuidado resoluto, realizar aquilo que causa dor para inimigos.'"

"Sanjaya continuou, 'Depois que Satyaki tinha dito essas palavras, ninguém entre os Pandavas e os Kauravas, ó rei, disse qualquer coisa. Por outro lado, eles mentalmente aplaudiram Bhurisravas. Ninguém lá aprovou a morte do ilustre filho de Somadatta que parecia um asceta vivendo nas florestas, ou alguém santificado com mantras em um sacrifício grandioso, e que tinha doado milhares de moedas de ouro. A cabeça daquele herói, agraciada com belos cachos azuis e olhos vermelhos como aqueles de pombos, parecia com a cabeça de um cavalo cortada em um sacrifício de cavalo e colocada no altar sacrifical. (Literalmente, 'perto do lugar designado para a manteiga sacrifical.') Santificado por sua bravura e pela morte que ele obteve no fio da arma, o concessor de benefícios Bhurisravas, digno de todas as bênçãos, abandonando seu corpo em grande batalha se dirigiu para as regiões no alto, enchendo o céu com suas virtudes superiores.'"

143

"Dhritarashtra disse, 'Não vencido por Drona, e pelo filho de Radha e Vikarna e Kritavarman, como pode o heróico Satyaki, nunca antes detido em batalha, tendo depois de sua promessa para Yudhishthira cruzado o oceano das tropas Kaurava, ser humilhado pelo guerreiro Kuru Bhurisravas e jogado violentamente no chão?'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, a respeito da origem, nos tempos passados, do neto de Sini, e de como Bhurisravas também veio a descender. Isso esclarecerá tuas dúvidas. Atri teve como filho Soma. O filho de Soma se chamava Vudha.

Vudha teve um filho, do esplendor do grande Indra, chamado Pururavas. Pururavas teve um filho chamado Ayus. Ayus teve como seu filho Nahusha. Nahusha teve como seu filho Yayati que era um sábio real igual a um celestial. Yayati teve com Devayani Yadu como seu filho mais velho. Na linhagem de Yadu nasceu um filho de nome Devamidha, Devamidha da família de Yadu teve um filho chamado Sura, elogiado nos três mundos. Sura teve como seu filho aquele principal dos homens, o célebre Vasudeva. O mais notável na arte de manejar arco e flecha, Sura era igual a Kartavirya em batalha. Na linhagem de Sura e igual a Sura em energia nasceu Sini, ó rei! Por volta dessa época, ó rei, ocorreu o Swayamvara da filha de Devaka de grande alma, no qual todos os Kshatriyas estavam presentes. Naquela escolha de marido, Sini subjugando todos os reis, rapidamente colocou sobre seu carro a princesa Devaki por causa de Vasudeva. Vendo a princesa Devaki no carro de Sini, aquele touro entre homens, o bravo Somadatta de energia poderosa não pode tolerar a visão. Um combate, ó rei, se seguiu entre os dois o qual durou por metade de um dia e foi belo e admirável de se contemplar. A batalha que se realizou entre aqueles dois homens fortes foi uma luta corporal. Aquele touro entre homens, Somadatta, foi jogado violentamente no chão por Sini. Erguendo sua espada e agarrando-o pelo cabelo, Sini bateu em seu inimigo com seu pé, no meio de muitos milhares de reis que permaneciam como espectadores em volta. Finalmente, por compaixão, ele o soltou, dizendo, 'Viva!' Reduzido àquela situação por Sini, Somadatta, ó majestade, sob a influência da ira começou a prestar suas adorações para Mahadeva para induzir o último a abençoá-lo. Aquele senhor grandioso de todas as divindades concessoras de benefícios, Mahadeva, ficou satisfeito com ele e lhe pediu para solicitar o benefício que ele desejava. O nobre Somadatta então solicitou a seguinte bênção, 'Eu desejo um filho, ó senhor divino, que irá atingir o filho de Sini no meio de milhares de reis e que em batalha baterá nele com seu pé.' Ouvindo essas palavras, ó rei, de Somadatta, o deus dizendo, 'Assim seja' desapareceu. Foi por causa da doação daquele benefício que Somadatta posteriormente obteve o muito caridoso Bhurisravas como filho, e foi por isso que o filho de Somadatta derrubou o descendente de Sini em batalha e bateu nele, diante dos olhos do exército inteiro, com seu pé. Eu agora te disse, ó rei, o que tu me perguntaste. De fato, o herói Satwata não pode ser vencido em batalha nem pelos mais notáveis dos homens. Os heróis Vrishni são todos de pontaria certeira em batalha, e são familiarizados com todos os modos de guerra. Eles são subjugadores dos próprios deuses, dos Danavas e dos Gandharvas. Eles nunca são confundidos. Eles sempre lutam confiando em sua própria energia. Eles nunca são dependentes de outros. Ninguém, ó senhor, é visto nesse mundo como igual aos Vrishnis. Ninguém, ó touro da raça Bharata, foi, é, ou será igual em poder aos Vrishnis. Eles nunca mostram desrespeito por seus parentes. Eles são sempre obedientes às ordens daqueles que são veneráveis em idade. Os próprios deuses e Asuras e Gandharvas, os Yakshas, os Uragas e os Rakshasas não podem vencer os heróis Vrishni, o que dizer de homens, portanto, em batalha? Eles nunca cobiçam também as posses daqueles que sempre lhes prestam ajuda em alguma ocasião de infortúnio. Dedicados aos Brahmanas e sinceros em palavras, eles nunca mostram qualquer orgulho embora eles sejam ricos. Os Vrishnis consideram até os fortes como fracos e os salvam da aflição. Sempre devotados aos deuses, os

Vrishnis são autocontrolados, caridosos, e livres de orgulho. É por isso que a bravura dos Vrishnis nunca é frustrada. Uma pessoa pode remover as montanhas de Meru ou atravessar o oceano a nado mas não pode derrotar os Vrishnis. Eu te contei tudo acerca do que tu tinhas tuas dúvidas. Tudo isso, no entanto, ó rei dos Kurus, que aconteceu é devido à tua má política, ó melhor dos homens!'"

144

"Dhritarashtra disse, 'Depois que o guerreiro Kuru Bhurisravas foi morto sob aquelas circunstâncias, diga-me, ó Sanjaya, como prosseguiu a batalha.'"

"Sanjaya disse, 'Depois que Bhurisravas tinha procedido para o outro mundo, ó Bharata, o poderosamente armado Arjuna instigou Vasudeva, dizendo, 'Incite os corcéis, ó Krishna, à maior velocidade para me levar para o local onde o rei Jayadratha está. Ó impecável, o sol está indo rápido para as colinas Asta. Ó tigre entre homens, esta grande tarefa deve ser realizada por mim. O soberano dos Sindhus é, além disso, protegido por muitos poderosos guerreiros em carros entre o exército Kuru. Incite os corcéis, portanto, ó Krishna, de tal maneira que eu possa, por matar Jayadratha antes do sol se por, fazer meu voto verdadeiro.' Então Krishna de braços fortes familiarizado com conhecimento de cavalos, instigou aqueles corcéis de cor prateada em direção ao carro de Jayadratha. Então, ó rei, muitos líderes do exército Kuru, tais como Duryodhana e Karna e Vrishasena e o próprio soberano dos Sindhus avançaram com rapidez, ó rei, contra Arjuna cujas flechas nunca eram frustradas e que estava procedendo em seu carro puxado por corcéis de grande velocidade. Vibhatsu, no entanto, alcançando o soberano dos Sindhus que estava na frente dele, e lançando seus olhares sobre ele, pareceu chamuscá-lo com seus olhos brilhando com fúria. Então o rei Duryodhana dirigiu-se rapidamente ao filho de Radha. De fato, ó monarca, teu filho Suyodhana disse para Karna, 'Ó filho de Vikartana, esse momento da batalha finalmente chegou. Ó de grande alma, mostre agora teu poder. Ó Karna, aja de maneira que Jayadratha não possa ser morto por Arjuna! Ó principal dos homens, o dia está prestes a terminar, ataque agora o inimigo com nuvens de flechas! Se o dia expirar, ó principal dos homens, a vitória, ó Karna, indubitavelmente será nossa! Se o soberano dos Sindhus puder ser protegido até o por do sol, então Partha, seu voto sendo falsificado, entrará no fogo ardente. Ó concessor de honras, os irmãos, então, de Arjuna, com todos os seus seguidores, não serão capazes de viver nem um momento em um mundo que está desprovido de Arjuna! Após a morte dos filhos de Pandu, a terra inteira, ó Karna, com suas montanhas e águas e florestas, nós desfrutaremos sem uma fonte de aborrecimento para nós! Ó concessor de honras, parece que Partha, que sem averiguar o que é praticável e o que é impraticável fez este voto em batalha, foi afligido pelo próprio destino, seu bom senso tendo tomado um rumo mal dirigido! Sem dúvida, ó Karna, o filho ornado com diadema de Pandu deve ter feito este voto a respeito da morte de Jayadratha para sua própria destruição! Como, ó filho de Radha, quando tu estás vivo Phalguna conseguirá matar o soberano dos Sindhus antes que o sol vá para as colinas Asta? Como Dhananjaya matará

Jayadratha em batalha quando o último é protegido pelo rei dos Madras e pelo ilustre Kripa? Como irá Vibhatsu, que parece ter sido incitado pelo Destino, alcançar o soberano dos Sindhus quando o último é protegido pelo filho de Drona, por mim mesmo, e Duhsasana? Muitos são os heróis engajados no combate. O sol está descendo no céu. Partha nem alcançará Jayadratha em batalha, ó concessor de honras. Portanto, ó Karna, comigo mesmo e outros bravos e poderosos guerreiros em carros, com o filho de Drona e o soberano dos Madras e Kripa lute com Partha em batalha, te esforçando com a maior firmeza e resolução.' Assim endereçado por teu filho, ó majestade, o filho de Radha respondeu para Duryodhana, aquele principal entre os Kurus, nessas palavras, 'Meu corpo foi profundamente perfurado em batalha pelo bravo arqueiro Bhimasena, capaz de atacar vigorosamente com repetidas chuvas de flechas. Ó concessor de honras, que eu ainda esteja presente em batalha é porque alguém como eu deve estar presente aqui. Chamuscado pelas flechas poderosas de Bhimasena, cada membro meu está sofrendo de dor torturante. Eu irei, no entanto, apesar disso, lutar com todas as minhas forças. Minha própria vida é para ti. Eu me esforçarei o máximo para que este principal dos filhos de Pandu não consiga matar o soberano dos Sindhus. Enquanto eu lutar, disparando minhas flechas afiadas, o heróico Dhananjaya, capaz de esticar o arco até com sua mão esquerda, não conseguirá alcançar o soberano dos Sindhus. Tudo o que uma pessoa, tendo amor e afeição por ti e sempre desejosa do teu bem, pode fazer, será feito por mim, ó tu da linhagem de Kuru! Com relação à vitória, isso depende do destino. Eu irei hoje em batalha hoje me esforçar o máximo por causa do soberano dos Sindhus, e para realizar o teu bem. Ó rei, a vitória, no entanto, é dependente do destino. Confiando na minha coragem, eu lutarei com Arjuna hoje por tua causa, ó tigre entre homens! A vitória, no entanto, depende do destino. Ó chefe dos Kurus, que todas as tropas contemplem hoje a batalha violenta, de arrepiar os próprios cabelos, que se realizará entre eu mesmo e Arjuna.' Enquanto Karna e o rei Kuru estavam conversando assim um com o outro em batalha, Arjuna começou, com suas flechas afiadas, a massacrar tua hoste. Com suas flechas de cabeça larga de corte excelente ele começou a cortar naquela batalha os braços, parecendo com clavas com ferrões ou as trombas de elefantes, de heróis que não recuavam. E o herói poderosamente armado também cortou suas cabeças com flechas afiadas. E Vibhatsu também cortou as trombas de elefantes e os pescoços de cavalos e os Akshas de carros por toda parte, como também cavaleiros tingidos com sangue, armados com lanças e arpões, com flechas de face de navalha em dois ou três fragmentos. E corcéis e principais dos elefantes e estandartes e guarda-sóis e arcos e rabos de iaque e cabeças caíam rápido por todos os lados. Consumindo tua hoste como um fogo ardente consumindo uma pilha de grama seca, Partha logo fez a terra ser coberta com sangue. E o poderoso e invencível Partha, de destreza incapaz de ser frustrada, causando um massacre imenso naquele teu exército, logo alcançou o soberano dos Sindhus. Protegido por Bhimasena e por Satwata, Vibhatsu, ó chefe dos Bharatas, parecia resplandecente como um fogo brilhante. Vendo Phalguna naquele estado, os arqueiros poderosos do teu exército, aqueles touros entre homens, dotados de riqueza de energia, não puderam tolerá-lo. Então Duryodhana e Karna e Vrishasena e o soberano dos Madras, e Aswatthaman e Kripa e o próprio soberano dos Sindhus, excitados com

raiva e lutando por causa do rei Sindhu, cercaram o ornado com diadema Arjuna por todos os lados. Todos aqueles guerreiros, hábeis em batalha, colocando o soberano dos Sindhus atrás de si, e desejosos de matar Arjuna e Krishna, cercaram Partha, aquele herói familiarizado com batalha, que estava então dançando pela trilha de seu carro, produzindo sons violentos com a corda do arco e suas palmas e parecendo o próprio Destruidor com boca escancarada. O sol então tinha assumido uma cor vermelha no céu. Desejando que ele se pusesse (rápido), os guerreiros Kaurava, curvando seus arcos com braços que pareciam os corpos (afilados) de cobras dispararam suas flechas às centenas em direção a Phalguna, parecendo os raios do sol. Cortando aquelas flechas assim disparadas em direção a ele, em dois, três, ou oito fragmentos o ornado com diadema Arjuna, invencível em batalha, perfurou todos eles naquele combate. Então Aswatthaman, portando em seu estandarte o símbolo de um rabo de leão, mostrando seu poder, começou, ó rei, a resistir a Arjuna. De fato, o filho da filha de Saradwata perfurando Partha com dez flechas e Vasudeva com sete, ficou no caminho do carro de Arjuna, protegendo o soberano dos Sindhus. Então, muitos principais entre os Kurus, grandes guerreiros em carros, todos cercaram Arjuna, por todos os lados com uma grande multidão de carros. Esticando seus arcos e disparando inúmeras flechas, eles começaram a proteger o soberano dos Sindhus, por ordem de teu filho. Nós então vimos a destreza do bravo Partha como também a qualidade inesgotável de suas flechas, e o poder, também, de seu arco Gandiva. Desviando com suas próprias armas aquelas do filho de Drona e Kripa, ele perfurou cada um daqueles guerreiros com nove flechas. Então o filho de Drona perfurou-o com vinte e cinco flechas, e Vrishasena com sete, e Duryodhana o perfurou com vinte, e Karma e Salya cada um com três. E todos eles rugiram para ele e continuaram a perfurá-lo frequentemente, e vibrando seus arcos, eles o cercaram por todos os lados. E logo eles fizeram seus carros serem alinhados em uma fileira cerrada em volta de Arjuna. Desejosos do (rápido) por do sol, aqueles poderosos guerreiros em carros do exército Kaurava, dotados de grande energia, começaram a rugir para Arjuna, e vibrando seus arcos, o cobriram com chuvas de flechas afiadas como nuvens despejando chuva em uma montanha. Aqueles bravos guerreiros, com braços parecendo maças pesadas, também dispararam naquela ocasião, ó rei, sobre o corpo de Dhananjaya armas celestes. Tendo causado um massacre imenso no teu exército, o poderoso e invencível Dhananjaya, de bravura incapaz de ser frustrada atacou o soberano dos Sindhus. Karna, no entanto, ó rei, com suas flechas, resistiu a ele naquela batalha na própria visão, ó Bharata, de Bhimasena e Satwata. O poderosamente armado Partha, diante de todas as tropas, perfurou o filho de Suta, em retorno, com dez flechas, no campo de batalha. Então Satwata, ó majestade, perfurou Karna com três flechas. E Bhimasena perfurou-o com três flechas, e o próprio Partha, mais uma vez, com sete. O poderoso guerreiro em carro, Karna, então perfurou cada um daqueles três guerreiros com sessenta flechas. E assim, ó rei, continuou aquela batalha entre Karna sozinho (de um lado) e os muitos (no outro). A bravura, ó majestade, que nós então contemplamos do filho de Suta foi admirável ao extremo, já que, excitado com cólera em batalha, ele resistiu sozinho àqueles três formidáveis guerreiros em carros. Então o poderosamente armado Phalguna, naquela batalha, perfurou Karna, o filho de Vikartana, em todos os seus membros

com cem flechas. Todos os seus membros banhados em sangue, o filho de Suta de grande destreza e coragem perfurou Phalguna em retorno com cinquenta flechas. Vendo aquela agilidade de mão mostrada por ele em batalha, Arjuna não tolerou isso. Cortando seu arco, aquele herói, Dhananjaya, o filho de Pritha, rapidamente perfurou Karna no centro do peito com nove flechas. Então Dhananjaya, com grande rapidez em um momento quando rapidez era necessária disparou naquela batalha uma flecha de refulgência solar para a destruição de Karna. O filho de Drona, no entanto, com uma flecha em forma de meia-lua, cortou aquela flecha enquanto ela corria impetuosamente (em direção a Karna). Assim cortada por Aswatthaman, aquela flecha caiu no chão. Dotado de grande destreza, o filho de Suta, ó rei, pegou outro arco, e cobriu o filho de Pandu com vários milhares de flechas. Partha, no entanto, como o vento dispersando bandos de gafanhotos, dissipou com suas próprias flechas aquela extraordinária chuva de flechas que saíam do arco de Karna. Então Arjuna, mostrando a agilidade de suas mãos, cobriu Karna, naquela batalha, com suas flechas, na própria vista de todas as tuas tropas. Karna também, aquele matador de hostes hostis, desejoso de neutralizar o feito de Arjuna, cobriu Arjuna com vários milhares de flechas. Rugindo um para o outro como dois touros, aqueles leões entre homens, aqueles poderosos guerreiros em carros, cobriram o céu com nuvens de flechas retas. Cada um tornado invisível pelas chuvas de flechas do outro, eles continuaram a atacar um ao outro. E eles rugiam um para o outro e perfuravam um ao outro com seus dardos verbais, dizendo, 'Eu sou Partha, espere!' ou, 'Eu sou Karna, espere, ó Phalguna!' De fato aqueles dois heróis lutaram entre si extraordinariamente, mostrando grande energia e habilidade. E a visão que eles apresentaram era tal que outros guerreiros se tornaram testemunhas daquela batalha. E aplaudidos por Siddhas, Charanas e Pannagas, eles lutaram um com o outro, ó rei, desejosos de matar um ao outro. Então Duryodhana, ó rei, dirigindo-se aos teus guerreiros, disse, 'Protejam cuidadosamente o filho de Radha! Sem matar Arjuna ele não se absterá da batalha. Isto mesmo foi o que Vrisha me disse.' Enquanto isso, ó monarca, vendo a destreza de Karna, Arjuna, de corcéis brancos, com quatro flechas disparadas da corda do arco puxada até a orelha, despachou os quatro corcéis de Karna para o domínio de Yama. E ele também derrubou com uma flecha de cabeça larga o quadrigário de Karna de seu nicho no carro. E ele cobriu o próprio Karna com nuvens de flechas na própria vista de teu filho. Assim encoberto com flechas Karna sem cavalos e sem motorista, entorpecido por aquela chuva de flechas, não sabia o que fazer. Vendo ele sem carro, Aswatthaman, ó rei, o fez subir em seu carro, e continuou a lutar com Arjuna. Então o soberano dos Madras perfurou o filho de Kunti com trinta flechas. O filho de Saradwata perfurou Vasudeva com vinte flechas. E atingiu Dhananjaya também com uma dúzia de flechas. E o soberano dos Sindhus perfurou cada um com quatro flechas, e Vrishasena também perfurou cada um deles, ó rei, com sete flechas. O filho de Kunti, Dhananjaya, perfurou todos eles em retorno. De fato, perfurando o filho de Drona com sessenta e quatro flechas, e o soberano dos Madras com cem, e o rei Sindhu com dez flechas de cabeça larga, e Vrishasena com três flechas e o filho de Saradwata com vinte, Partha proferiu um grito alto. Desejosos de frustrar o voto de Savyasachin, teus guerreiros, excitados com raiva, avançaram rapidamente em Dhananjaya de todos os lados. Então Arjuna,

amedrontando os Dhartarashtras, chamou à existência a arma Varuna em todos os lados. Os Kauravas, no entanto, em seus carros caros, derramando chuvas de flechas, avançaram contra o filho de Pandu. Mas, ó Bharata, no decorrer daquele combate entorpecedor e violento, repleto da maior confusão, aquele príncipe, Arjuna, enfeitado com diadema e corrente de ouro nunca perdeu seus sentidos. Por outro lado, ele continuou a despejar chuvas de flechas. Desejoso de recuperar o reino e se lembrando de todos os males que ele tinha sofrido por doze anos por causa dos Kurus, o incomensurável Arjuna de grande alma escureceu todos os pontos do horizonte com flechas do Gandiva. O céu parecia em chamas com meteoros. Inúmeros corvos, descendo do céu, pousaram nos corpos (de combatentes mortos). Enquanto isso, Arjuna continuou a matar o inimigo com seu Gandiva, como Mahadeva matando os Asuras com seu Pinaka equipado com corda fulva. Então o ilustre Kiritin, aquele subjugador de tropas (hostis), dispersando as flechas do inimigo por meio de seu próprio arco formidável, matou com suas flechas muitos principais entre os Kurus, montados em seus principais dos corcéis e elefantes. Então muitos reis, pegando maças pesadas e cassetetes de ferro e espadas e dardos e diversos outros tipos de armas poderosas, assumindo formas terríveis, avançaram de repente contra Partha naquela batalha. Então Arjuna, curvando com seus braços seu formidável arco Gandiva o qual parecia o arco do próprio Indra e cujo som era tão alto quanto o ribombo das nuvens reunidas no fim do Yuga, e dando risada naquele momento, continuou consumindo tuas tropas e aumentando a população do reino de Yama. De fato, aquele herói fez aqueles guerreiros enfurecidos com seus carros e elefantes e com os soldados de infantaria e arqueiros que os protegiam, serem privados de seus braços e vidas e assim aumentarem a população do domínio de Yama.'"

145

"Sanjaya disse, 'Ouvindo o som, parecendo a chamada alta da própria Morte ou o ribombo terrível do trovão de Indra, do arco de Dhananjaya, enquanto ele o esticava, aquela tua hoste, ó rei, ansiosa com medo e extremamente agitada, tornou-se como as águas do oceano com peixes e makaras dentro delas, encrespado à ondas como montanhas e açoitado à fúria pelo furacão que surge no fim do Yuga. Então Dhananjaya, o filho de Pritha, movimentou-se rapidamente em batalha de tal maneira que ele era visto estar presente ao mesmo tempo em todas as direções, mostrando suas armas extraordinárias. De fato, tão ágil era o filho de Pandu que nós não podíamos notar quando ele tirava suas flechas, ó rei, quando ele as fixava na corda do arco, quando ele esticava o arco, e quando ele as disparava. Então o poderosamente armado, ó rei, excitado com cólera, chamou à existência a invencível arma Aindra, apavorando todos os Bharatas. Centenas e milhares flechas brilhantes de bocas ardentes, insufladas por mantras com a força de armas celestes, fluíram dela. Com aquelas flechas parecendo fogo ou os raios do sol, correndo com impetuosidade violenta, o céu tornou-se incapaz de ser fitado, como se cheio de meteoros flamejantes. Então aquela escuridão que tinha sido causada pelos Kauravas com suas flechas, a qual era incapaz de ser

dispersa até em imaginação por outros, o filho de Pandu, movendo-se rapidamente em volta e mostrando sua destreza, destruiu por meio daquelas suas flechas que tinham sido inspiradas por meio de mantras com a força de armas celestes, como o próprio sol dispersando rapidamente no amanhecer do dia a escuridão da noite por meio de seus raios. Então o pujante Arjuna, com aquelas flechas brilhantes dele, tragou as vidas de teus guerreiros como o sol do verão absorvendo com seus raios quentes as águas de tanques e lagos. De fato, chuvas de flechas dotadas da força de armas celestes, (disparadas por Arjuna) cobriram o exército hostil como os raios do sol cobrindo a terra. Outras flechas de energia ardente, disparadas (por Dhananjaya) entravam rapidamente nos corações de heróis (hostis), como amigos queridos. De fato, aqueles bravos guerreiros que ficaram naquela batalha diante de Arjuna pereceram todos como insetos se aproximando de um fogo ardente. Aniquilando dessa maneira as vidas de seus inimigos e sua fama, Partha se movimentou com velocidade naquela batalha como a Morte em forma incorporada. Cabeças enfeitadas com diademas, braços massivos, adornados com Angadas, e orelhas com brincos dos inimigos, Partha cortou com suas flechas. Os braços, com arpões, de condutores de elefantes; aqueles com lanças, de cavaleiros; aqueles com escudos, de soldados de infantaria; aqueles com arcos, de guerreiros em carros; e aqueles com chicotes e aguilhões, de quadrigários, o filho de Pandu cortou. De fato, Dhananjaya parecia resplandecente com suas flechas de pontas brilhantes que pareciam constituir seus raios, como fogo ardente com faíscas incessantes e chamas ascendentes. Os reis hostis, reunindo toda sua resolução, não podiam nem olhar para Dhananjaya, aquele mais notável de todos os portadores de armas, aquele herói igual ao próprio chefe dos deuses, aquele touro entre homens, visto ao mesmo tempo em todas as direções em seu carro, espalhando suas armas poderosas, dançando no espaço de seu carro, e produzindo sons ensurdecedores com sua corda de arco e palmas, e parecendo o sol do meio-dia de raios ardentes no céu. Levando suas flechas de pontas brilhantes, Arjuna enfeitado com diadema parecia belo como uma massa imensa de nuvens carregadas de chuva na estação das chuvas ornada com um arco-íris. Quando aquela perfeita enchente de armas poderosas foi posta em movimento por Jishnu, muitos touros entre os guerreiros afundaram naquela inundação terrível e não vadeável. Coberto com elefantes enfurecidos cujas trombas ou presas tinham sido cortadas, com corcéis privados de cascos ou pescoços, com carros reduzidos a pedaços, com guerreiros tendo suas entranhas para fora e outros com pernas ou outros membros cortados, com corpos jazendo às centenas e milhares que estavam ou totalmente imóveis ou se movendo inconscientemente, nós contemplamos o vasto campo, no qual Partha lutava, parecido com a cobiçada arena da Morte, ó rei, aumentando os terrores dos medrosos, ou como a área esportiva de Rudra quando ele destruiu criaturas nos tempos antigos. Partes do campo, cobertas com as trombas de elefantes cortadas com flechas de cabeça de navalha, pareciam como se cobertas com cobras. Partes, além disso, cobertas com as cabeças cortadas de guerreiros, pareciam como se cobertas com coroas de lotos. Matizada com belas proteções para a cabeça e coroas, Keyuras e Angadas e brincos e com cotas de malha decoradas com ouro, e com os arreios ricamente enfeitados e outros ornamentos de elefantes e corcéis, e coberta com centenas de diademas, jazendo aqui e ali, a

terra parecia muito bela como uma noiva. Dhananjaya então fez fluir um rio ameaçador e terrível cheio de objetos horrendos e aumentando os medos dos tímidos, parecendo o próprio Vaitarani. A medula e gordura (de homens e animais) formava seu lodo. Sangue formava sua correnteza. Cheio de membros e ossos, ele era insondável em profundidade. Os cabelos de criaturas formavam seu musgo e ervas. Cabeças e braços formavam as pedras em suas margens. Ele era ornado com estandartes e pendões que coloriam seu aspecto. Guarda-sóis e arcos formavam as ondas. E ele estava cheio de corpos de elefantes enormes privados de vida, e de carros que formavam centenas de balsas flutuando em sua superfície. E as carcaças de inúmeros cavalos formavam suas margens. E ele era difícil de atravessar por causa de rodas e cangas e varais e Akshas e Kuveras de carros, e lanças e espadas e dardos e machados de batalha e flechas parecendo com cobras. E corvos e kankas formavam seus jacarés. E chacais, formando seus Makaras, o tornavam terrível. E urubus ferozes formavam seus tubarões. E ele se tornou pavoroso por causa dos uivos de chacais. E ele abundava com fantasmas saltando e Pisachas e milhares de outras espécies de espíritos. E sobre ele flutuavam inúmeros corpos de guerreiros desprovidos de vida. Vendo aquela bravura de Arjuna cuja aparência então parecia aquela do próprio Destruidor, um pânico, tal como nunca tinha ocorrido antes, possuiu os Kurus no campo de batalha. O filho de Pandu, então, frustrando com suas armas aquelas dos heróis hostis, e empenhado em realizar atos violentos, deu a entender a todos que ele era um guerreiro de atos violentos. Então Arjuna ultrapassou todos aqueles principais dos guerreiros em carros; como o sol do meio-dia de raios ardentes no céu, nenhuma entre as criaturas lá podia nem olhar para ele. As flechas que saíam do arco Gandiva daquele herói ilustre naquela batalha, pareciam para nós se assemelhar a uma fileira de garças no céu. Frustrando com suas próprias as armas de todos aqueles heróis, e mostrando pelas terríveis realizações nas quais ele estava engajado que ele era um guerreiro de feitos violentos, Arjuna, desejoso de matar Jayadratha, ultrapassou todos aqueles principais dos guerreiros em carros, entorpecendo eles todos por meio de suas flechas. Disparando suas flechas para todos os lados, Dhananjaya, tendo Krishna como seu quadrigário, apresentava uma bela visão por se mover rapidamente com esplêndida velocidade no campo de batalha. As flechas no firmamento, às centenas e milhares, daquele herói ilustre, pareciam correr incessantemente. Nós nunca podíamos perceber quando aquele arqueiro poderoso pegava suas flechas, quando de fato, aquele filho de Pandu as apontava, e quando ele as disparava. Então, ó rei, enchendo todos os pontos do horizonte com suas flechas e afligindo todos os guerreiros em carros em batalha, o filho de Kunti procedeu em direção a Jayadratha e perfurou-o com sessenta e quatro flechas retas. Então os guerreiros Kuru, vendo o filho de Pandu proceder em direção a Jayadratha, todos se abstiveram de lutar. Realmente, aqueles heróis ficaram desesperançados da vida de Jayadratha. Cada um entre teus guerreiros que avançou naquela batalha violenta contra o filho de Pandu teve seu corpo profundamente perfurado, ó senhor, com uma flecha de Arjuna. O poderoso guerreiro em carro Arjuna, aquela principal das pessoas vitoriosas, com suas flechas brilhantes como fogo fez teu exército ficar cheio de troncos sem cabeça. (Um Kavandha é um tronco sem cabeça se movendo como se dotado com vida. Histórias são contadas a respeito desses troncos sem cabeça

bebendo o sangue de vítimas caindo dentro de seu alcance.) De fato, ó rei, criando dessa maneira uma perfeita confusão na tua hoste consistindo em quatro tipos de tropas, o filho de Kunti procedeu em direção a Jayadratha. E ele perfurou o filho de Drona com cinquenta flechas e Vrishasena com três. E o filho de Kunti atingiu brandamente Kripa com nove flechas, e ele atingiu Salya com dezesseis flechas e Karna com trinta e duas. E perfurando o soberano dos Sindhus então com sessenta e quatro flechas, ele proferiu um grito leonino. O soberano dos Sindhus, no entanto, assim perfurado pelo manejador do Gandiva com suas flechas, ficou cheio de raiva e não pode tolerar isso, como um elefante quando perfurado pelo gancho. Portando o emblema do javali em sua bandeira, ele rapidamente disparou em direção ao carro de Phalguna muitas flechas retas providas de penas de urubu, parecendo cobras zangadas de veneno virulento, bem polidas pelas mãos do ferreiro, e disparadas de seu arco puxado até a mais completa extensão. Então perfurando Govinda com três flechas, ele atingiu Arjuna com seis. E então ele perfurou os corcéis de Arjuna com oito flechas e seu estandarte também com uma. Então Arjuna, desviando as flechas afiadas disparadas pelo soberano dos Sindhus, cortou ao mesmo tempo, com um par de flechas, a cabeça do motorista de Jayadratha e também o estandarte bem enfeitado de Jayadratha. Seu suporte cortado e ele mesmo perfurado e atingido por flechas, aquele estandarte caiu como uma chama de fogo. Enquanto isso, o sol estava descendo rapidamente. Janardana então dirigiu-se ao filho de Pandu e disse, 'Veja, ó Partha, o soberano dos Sindhus foi colocado em seu meio por seis poderosos e heróicos guerreiros em carros! Jayadratha também, ó poderosamente armado, está esperando lá com medo! Sem derrotar aqueles seis guerreiros em carros em batalha, ó touro entre homens, tu nunca poderás matar o soberano dos Sindhus mesmo que tu te esforces ininterruptamente. Eu irei, portanto, recorrer ao Yoga para encobrir o sol. Então o soberano dos Sindhus verá (por consequência) que o sol se pôs. Desejoso de vida, ó senhor, por alegria aquele indivíduo perverso não irá mais, para sua destruição, se esconder. Aproveitando-te daquela oportunidade, tu deves então, ó melhor dos Kurus, atingi-lo. Tu não deves abandonar o empreendimento, pensando que o sol realmente se pôs.' Ouvindo essas palavras, Vibhatsu respondeu para Kesava, dizendo, 'Que assim seja.' Então Krishna também chamado Hari, possuidor de poderes ascéticos, aquele senhor de todos os ascetas, tendo recorrido ao Yoga, criou aquela escuridão. Teus guerreiros, ó rei, pensando que o sol tinha se posto ficaram cheios de alegria pela perspectiva de Partha sacrificar sua vida. De fato, teus guerreiros, não vendo o sol, estavam cheios de alegria. Todos eles ficaram parados, com as cabeças jogadas para trás. O rei Jayadratha também estava na mesma posição. E enquanto o soberano dos Sindhus estava assim contemplando o sol, Krishna dirigindo-se novamente a Dhananjaya disse essas palavras, 'Veja, o soberano heróico dos Sindhus está agora olhando para o sol, abandonando seu medo de ti, ó principal entre os Bharatas! Essa é a hora, ó poderosamente armado, para a morte daquele patife de alma perversa. Corte rapidamente a cabeça e faça teu voto verdadeiro.' Assim endereçado por Kesava o valente filho de Pandu começou a massacrar tua hoste com suas flechas parecendo o sol ou fogo em esplendor. E ele perfurou Kripa com vinte flechas e Karna com cinquenta. E ele atingiu Salya e Duryodhana cada um com seis. E ele perfurou Vrishasena com oito flechas e o

próprio soberano dos Sindhus com sessenta. E o poderosamente armado filho de Pandu, ó rei, perfurando profundamente com suas flechas os outros guerreiros da tua hoste, avançou contra Jayadratha. Vendo ele em sua presença como um fogo expandido com sua língua de chama estendida, os protetores de Jayadratha estavam muito confusos. Então todos os guerreiros, ó rei, desejosos de vitória banharam o filho de Indra naquela batalha com torrentes de setas. Encoberto com incessantes chuvas de setas, o filho de Kunti, aquele poderosamente armado e invicto descendente de Kuru, ficou cheio de raiva. Então aquele tigre entre homens, o filho de Indra, desejoso de massacrar tua hoste, criou uma rede espessa de flechas. Então aqueles teus guerreiros, ó rei, assim massacrados em batalha por aquele herói, abandonaram o soberano dos Sindhus por medo e fugiram. E eles fugiram de tal maneira que nem duas pessoas podiam ser vistas fugindo juntas. A destreza que nós então contemplamos do filho de Kunti foi muito extraordinária. De fato, o semelhante daquele guerreiro ilustre então nunca existiu nem alguma vez existirá. Como o próprio Rudra massacrando criaturas, Dhananjaya massacrou elefantes e condutores de elefantes, cavalos e cavaleiros, e (guerreiros em carros e) motoristas de carros. Eu não vi naquela batalha, ó rei, um único elefante ou cavalo ou guerreiro humano que não tivesse sido atingido pelas flechas de Partha. Sua visão embaraçada pela poeira e escuridão, teus guerreiros ficaram totalmente desanimados e incapazes de distinguir uns aos outros. Incitados pelo destino e com seus membros vitais cortados e mutilados com flechas, eles começaram a vagar ou coxear ou cair. E alguns entre eles, ó Bharata, ficaram paralisados e alguns ficaram mortalmente pálidos. Durante aquela carnificina terrível parecendo a matança de criaturas no fim do Yuga, naquela batalha mortal e violenta da qual poucos podiam escapar com vida, a terra ficou encharcada com sangue coagulado e o pó de terra que tinha se erguido desapareceu por causa das chuvas de sangue que caíram e das rápidas correntes de vento que sopravam sobre o campo. Tão intensa foi aquela chuva de sangue que as rodas de carros afundaram até seus cubos. Milhares de elefantes enfurecidos dotados de grande velocidade, ó rei, do teu exército, seus condutores mortos e membros mutilados, fugiram, proferindo gritos de dor e esmagando tropas amistosas com seu passo. Corcéis desprovidos de cavaleiros e soldados de infantaria também, ó rei, fugiram, ó monarca, por medo, atingidos pelas flechas de Dhananjaya. De fato, teus soldados, com cabelo despenteado e privados de suas cotas de malha, com sangue escorrendo de seus ferimentos, fugiram aterrorizados, deixando o campo de batalha. E alguns, privados do poder de movimento como se seus membros inferiores tivessem sido agarrados por jacarés, permaneceram no campo. E outros se esconderam atrás e embaixo dos corpos de elefantes mortos. Desbaratando tua hoste dessa maneira, ó rei, Dhananjaya começou a atacar com flechas terríveis os protetores do soberano dos Sindhus com suas chuvas de flechas, Karna e o filho de Drona e Kripa e Salya e Vrishasena e Duryodhana. Tão rápido era ele no uso de armas que ninguém podia notar quando Arjuna pegava suas flechas, quando ele as fixava na corda do arco, quando ele esticava o arco e as disparava. De fato, enquanto atacando o inimigo, seu arco era visto incessantemente esticado a um círculo. Suas flechas também eram vistas emergindo incessantemente de seu arco e espalhadas em todas as direções. Então cortando o arco de Karna como também de Vrishasena, Arjuna

derrubou o motorista de Salya de seu nicho no carro, com uma flecha de cabeça larga. Com muitas flechas aquele principal dos vencedores, Dhananjaya, então perfurou profundamente naquela batalha Kripa e Aswatthaman, relacionados um com o outro como tio e sobrinho. Atormentando muito aqueles poderosos guerreiros em carros do teu exército dessa maneira, o filho de Pandu pegou uma flecha terrível de esplendor flamejante. Parecendo com o raio de Indra, e inspirada com mantras divinos, aquela flecha formidável era capaz de suportar qualquer tensão. E ela tinha sido sempre adorada com incenso e guirlandas de flores. Inspirando-a devidamente (por meio de mantras) com a força do raio, aquele descendente de Kuru, Arjuna de braços fortes, fixou-a no Gandiva. Quando aquela flecha de refulgência flamejante foi fixada na corda do arco, gritos altos, ó rei, foram ouvidos no céu. Então Janardana, mais uma vez se dirigindo a Arjuna, rapidamente disse, 'Ó Dhananjaya, corte rapidamente a cabeça do soberano de alma pecaminosa dos Sindhus! O sol está prestes a alcançar a montanha de Asta. Escute, no entanto, as palavras que eu digo a respeito da morte de Jayadratha. O pai de Jayadratha é Vriddhakshatra conhecido por todo o mundo. Foi depois um longo tempo que ele obteve Jayadratha, aquele matador de inimigos, como seu filho. (No nascimento do filho) uma voz incorpórea e invisível, profunda como aquela das nuvens ou do tambor, disse ao rei Vriddhakshatra: 'Esse teu filho, ó senhor, entre os homens nesse mundo se tornará digno das duas raças (isto é, a Solar e a Lunar) em relação a sangue, comportamento, autodomínio e outros atributos. Ele se tornará um dos mais notáveis dos Kshatriyas, e sempre será adorado por heróis. Mas enquanto lutando em batalha, um touro entre os Kshatriyas, um homem notável no mundo, cheio de ira, cortará a cabeça dele.' Aquele castigador de inimigos, ou seja, o (velho) soberano dos Sindhus, ouvindo essas palavras, refletiu por algum tempo. Dominado pela afeição por seu filho, ele convocou todos os seus parentes e disse, 'Aquele homem que fizer a cabeça de meu filho cair no chão enquanto o último, lutando em batalha, estiver aguentando uma grande carga, eu digo que a cabeça daquele homem sem dúvida se partirá em cem pedaços.' Tendo falado essas palavras e instalado Jayadratha no trono, Vriddhakshatra, dirigindo-se para as florestas, dedicou-se a austeridades ascéticas. Dotado de grande energia, ele ainda está engajado na observância das mais austeras das penitências do lado de fora dessa mesma Samantapanchaka, ó de estandarte de macaco! Portanto, cortando a cabeça de Jayadratha nessa batalha terrível, tu, ó matador de inimigos, deves, ó Bharata, por meio da tua ameaçadora arma celeste de feitos extraordinários, jogar rapidamente aquela cabeça enfeitada com brincos sobre o colo do próprio Vriddhakshatra, ó irmão mais novo do filho do deus do vento! Se tu derrubares a cabeça de Jayadratha sobre a terra, tua própria cabeça, então, sem dúvida, se partirá em cem fragmentos. Ajudado por tua arma celeste, faça este ato de tal maneira que aquele senhor de terra, o velho rei Sindhu, não possa saber que isso está feito. Realmente, ó Arjuna, não há nada nos três mundos que tu não possas alcançar ou fazer, ó filho de Vasava!' Ouvindo essas palavras (de Krishna), Dhananjaya, lambendo os cantos de sua boca, disparou rapidamente aquela flecha a qual ele tinha pegado para matar Jayadratha, aquela flecha cujo toque parecia aquele do trovão de Indra, a qual foi insuflada com mantras e convertida em uma arma celeste, que era capaz de suportar qualquer tensão, e que tinha sempre sido

adorada com incenso e guirlandas. Aquela flecha, disparada do Gandiva, correndo rapidamente, arrebatou a cabeça de Jayadratha, como um falcão arrebatando uma ave menor do topo de uma árvore. Dhananjaya, então, com suas flechas, lançou aquela cabeça ao longo do céu (sem permitir que ela caísse). Para afligir seus inimigos e alegrar seus amigos, o filho de Pandu, por disparar suas flechas repetidamente nela, enviou aquela cabeça para fora dos limites de Samantapanchaka. Enquanto isso, o rei Vriddhakshatra, o pai do teu genro, dotado de grande energia, estava, ó majestade, dedicado às suas orações noturnas. Enfeitada com cachos pretos e adornada com brincos, aquela cabeça de Jayadratha foi jogada sobre o colo de Vriddhakshatra, quando o último estava dizendo suas orações em uma postura sentada. Assim jogada em seu colo, aquela cabeça ornada com brincos, ó castigador de inimigos, não foi vista pelo rei Vriddhakshatra. Quando o último, no entanto, ficou de pé depois de terminar suas orações ela caiu no chão de repente. E quando a cabeça de Jayadratha caiu na terra, a cabeça de Vriddhakshatra, ó castigador de inimigos, se quebrou em cem pedaços. À visão disso, todas as criaturas ficaram muito surpresas. E todas elas aplaudiram Vasudeva e o poderoso Vibhatsu.'"

"Depois que, ó rei, o soberano dos Sindhus tinha sido morto pelo enfeitado com diadema Arjuna, aquela escuridão, ó touro da raça Bharata, foi retirada por Vasudeva. Teus filhos com seus seguidores, ó rei, dessa maneira, vieram a saber subsequentemente que a escuridão que eles tinham visto era uma ilusão produzida por Vasudeva. Assim mesmo, ó rei, teu genro, o soberano dos Sindhus, tendo feito oito Akshauhinis serem massacrados, foi ele mesmo morto por Partha de energia inconcebível. Contemplando Jayadratha, o soberano dos Sindhus, morto, lágrimas de tristeza caíram dos olhos de teus filhos. Depois que Jayadratha, ó rei, tinha sido morto por Partha, Kesava soprou sua concha e aquele opressor de inimigos, o poderosamente armado Arjuna também soprou a dele; Bhimasena também, naquela batalha, como se para enviar uma mensagem para Yudhishthira, encheu o céu com um tremendo grito leonino. Yudhishthira, o filho de Dharma, ouvindo aquele grito tremendo compreendeu que o soberano dos Sindhus tinha sido morto por Phalguna de grande alma. Com sons de baterias e outros instrumentos ele alegrou os guerreiros do seu próprio exército, e procedeu contra o filho de Bharadwaja pelo desejo de lutar. Então começou, ó rei, depois do sol ter se posto, uma batalha violenta entre Drona e os Somakas, de arrepiar os cabelos. Desejosos de matá-lo, aqueles poderosos guerreiros em carros depois da queda de Jayadratha, lutaram com o filho de Bharadwaja, se esforçando ao máximo. De fato, os Pandavas, tendo obtido a vitória por matarem o soberano dos Sindhus lutaram com Drona, entusiasmados com o sucesso. Arjuna, também, ó rei, tendo matado o rei Jayadratha, lutou com muitos poderosos guerreiros em carros do teu exército. De fato, aquele herói ornado com diadema e guirlandas, tendo efetuado seu voto anterior, começou a destruir seus inimigos como o chefe dos celestiais destruindo os Danavas, ou o sol destruindo a escuridão.'"

146

"Dhritarashtra disse, 'Diga-me, ó Sanjaya, o que meus guerreiros fizeram depois que o soberano heróico dos Sindhus foi morto por Arjuna.'"

"Sanjaya disse, 'Vendo o soberano dos Sindhus, ó majestade, morto em batalha por Partha, Kripa, o filho de Saradwat, sob a influência da ira, cobriu o filho de Pandu com uma chuva densa de flechas. O filho de Drona também, em seu carro, avançou contra Phalguna, o filho de Pritha. Aqueles dois principais dos guerreiros em carros começaram de seus carros a despejar de direções opostas sobre o filho de Pandu suas flechas afiadas. Aquele mais notável dos guerreiros em carros, o poderosamente armado Arjuna, afligido por aquelas chuvas de flechas de (Kripa e do filho de Drona) sentiu grande dor. Sem desejar, no entanto, matar seu preceptor (Kripa) como também o filho de (seu outro preceptor) Drona, Dhananjaya, o filho de Kunti, começou a agir como um preceptor em armas. Desviando com suas próprias armas aquelas de Aswatthaman e Kripa, ele disparou neles, sem desejar matá-los, flechas que corriam brandamente. Aquelas, no entanto (embora brandamente) disparadas por Jaya, atingiram os dois com grande força, e por causa de seu número, causaram grande dor a Kripa e a seu sobrinho. Então o filho de Saradwat, ó rei, assim afligido pelas flechas de Arjuna, perdeu toda a força e desmaiou no terraço de seu carro. Percebendo que seu mestre atormentado por flechas estava privado de seus sentidos, e acreditando que ele estava morto, o motorista do carro de Kripa levou Kripa para longe da luta. E depois que Kripa, o filho de Saradwat, tinha sido levado dessa maneira para longe da batalha, Aswatthaman também, por medo, fugiu do filho de Pandu. Então o arqueiro poderoso, Partha, vendo o filho de Saradwat afligido por flechas e desmaiado, começou, em seu carro, a lamentar de modo comovente. Com um rosto lacrimoso e em grande tristeza de coração, ele proferiu essas palavras: 'Vendo tudo isso (em sua visão mental), Vidura de grande sabedoria, no nascimento do desprezível Suyodhana, aquele exterminador de sua linhagem, disse para Dhritarashtra, 'Que esse vil de sua linhagem seja logo morto. Devido a ele, uma grande calamidade atingirá os principais da família de Kuru.' Ai, essas palavras do revelador da verdade Vidura vieram a se tornar verdadeiras. É por ele que eu vejo meu preceptor hoje jazendo em um leito de flechas. Que vergonha para as práticas dos Kshatriyas! Que vergonha para meu poder e destreza! Quem mais como eu lutaria com um Brahmana que é, além disso, seu preceptor? Kripa é o filho de um Rishi; ele é, além disso, meu preceptor; ele é também o amigo querido de Drona. Ai, ele jaz esticado no terraço de seu carro, afligido por minhas flechas. Embora não desejando isso, eu ainda tenho sido vil de subjugá-lo com minhas flechas. Deitado sem sentidos no terraço de seu carro, ele atormenta muito meu coração. Embora ele me afligisse com flechas, eu ainda devia ter somente olhado para aquele guerreiro de esplendor deslumbrante (sem atacá-lo em retorno). Atingido por minhas flechas numerosas, ele seguiu o caminho de todas as criaturas. Por isso ele me atormentou mais até do que pela morte de meu próprio filho. Veja, ó Krishna, a qual situação ele foi reduzido, jazendo dessa maneira miseravelmente e em uma condição sem sentidos em seu próprio carro. Aqueles touros entre homens que dão objetos desejáveis para seus preceptores

depois de obterem conhecimento deles, alcançam a divindade. Aqueles mais vis dos mortais por outro lado, que, depois de obterem conhecimento de seus preceptores atacam os últimos, aqueles homens perversos, vão para o inferno. Sem dúvida, esse ato que eu fiz me levará para o inferno. Eu perfurei profundamente meu preceptor em seu carro com chuvas de flechas. Quando estudando a ciência de armas aos seus pés, Kripa me disse naquele tempo, 'Ó tu da família de Kuru, nunca ataque teu preceptor.' Aquela ordem do meu preceptor justo e de grande alma eu não obedeci, pois eu atingi o próprio Kripa com minhas flechas. Eu me curvo àquele filho venerável de Gotama, àquele herói que não recua. Que vergonha para mim, ó tu da linhagem de Vrishni, já que eu atingi até ele.' Enquanto Savyasachin estava lamentando dessa maneira por Kripa, o filho de Radha, vendo o soberano dos Sindhus morto, avançou em direção a ele. Vendo o filho de Radha avançando em direção a Arjuna os dois príncipes Panchala e Satyaki avançaram de repente em direção a ele. O poderoso guerreiro em carro, Partha, vendo o filho de Radha avançando, dirigiu-se sorridente ao filho de Devaki e disse, 'Lá vai o filho de Adhiratha contra o carro de Satyaki. Sem dúvida, ele não pode suportar a morte de Bhurisravas em batalha. Incite meus corcéis, ó Janardana, em direção ao local para onde Karna vai. Não deixemos Vrisha (Karna) fazer o herói Satwata seguir na esteira de Bhurisravas.' Assim endereçado por Savyasachin, Kesava de braços fortes, dotado de grande energia, respondeu nessas palavras oportunas, 'O poderosamente armado Satyaki é sozinho um páreo para Karna, ó filho de Pandu! Quão superior então esse touro entre os Satwatas é quando ele está unido com os dois filhos de Drupada? Por enquanto, ó Partha, não é apropriado para ti lutar com Karna. O último tem com ele o dardo brilhante, semelhante a um meteoro ardente, que Vasava deu a ele. Ó matador de heróis hostis, ele o tem mantido por tua causa, adorando-o com reverência. Deixe Karna então proceder livremente contra o herói Satwata. Eu sei, ó filho de Kunti, a hora desse indivíduo perverso, quando, de fato, tu irás, com flechas afiadas, derrubá-lo de seu carro.'"

"Dhritarashtra disse, 'Conte-me, ó Sanjaya, como ocorreu a batalha entre o heróico Karna e Satyaki da tribo Vrishni, depois da queda de Bhurisravas e do soberano dos Sindhus. Satyaki estava sem carro, sobre qual carro então ele estava posicionado? E como também os dois protetores das rodas (do carro de Arjuna), os dois príncipes Panchala, lutaram?'"

"Sanjaya disse, 'Eu descreverei para ti tudo o que aconteceu naquela batalha terrível. Ouça pacientemente as (consequências da) tua própria má conduta. Antes mesmo do combate, Krishna sabia em seu coração que o heróico Satyaki seria derrotado pelo de estandarte de estaca (Bhurisravas). Janardana, ó rei, conhece o passado e o futuro. Por isso, convocando seu quadrigário, Daruka, ele o tinha ordenado, dizendo, 'Que meu carro seja mantido equipado amanhã.' Esse mesmo tinha sido o comando daquele poderoso. Nem os deuses, nem os Gandharvas, nem os Yakshas, nem os Uragas, nem os Rakshasas, nem seres humanos são capazes de conquistar os dois Krishnas. Os deuses com o Avô em sua chefia, como também os Siddhas, conhecem a destreza incomparável daqueles dois. Ouça, no entanto, agora a batalha como ela aconteceu. Vendo

Satyaki sem carro e Karna pronto para lutar Madhava soprou sua concha de alto clangor na nota Rishabha (a segunda das sete notas da escala musical Hindu.) Daruka, ouvindo o clangor da concha (de Kesava), compreendeu o significado, e logo levou aquele carro, equipado com um estandarte alto de ouro, para onde Kesava estava. Com a permissão de Kesava, sobre aquele carro guiado por Daruka, e que parecia o fogo ardente ou o sol em refulgência, subiu o neto de Sini. Subindo no carro que parecia um veículo celeste e ao qual estavam unidos aqueles principais dos corcéis, capazes de ir a todos os lugares à vontade, isto é, Saivya e Sugriva e Meghapushya e Valahaka, e que estavam enfeitados com arreios de ouro, Satyaki avançou contra o filho de Radha, espalhando inúmeras flechas. Os dois protetores das rodas do carro (de Arjuna), Yudhamanyu e Uttamaujas, abandonando o carro de Dhananjaya, procederam contra o filho de Radha. O filho de Radha também, ó rei, disparando chuvas de flechas, avançou furiosamente, naquela batalha, contra o neto invencível de Sini. A batalha que ocorreu entre eles foi tal que nunca se tinha sido ouvido falar de uma igual como tendo ocorrido na terra ou no céu entre deuses, Gandharvas, Asuras, Uragas, ou Rakshasas. A hoste inteira consistindo em carros, corcéis, homens, e elefantes, se absteve da luta, contemplando, ó monarca, os feitos atordoantes dos dois guerreiros. Todos se tornaram espectadores silenciosos daquela batalha sobre-humana entre aqueles dois heróis humanos, ó rei, e da habilidade de Daruka em guiar o carro. De fato, vendo a habilidade do quadrigário Daruka permanecendo no carro, enquanto ele guiava o veículo para a frente, para trás, lateralmente, ora se movendo em círculos e ora parando completamente, todos estavam assombrados. Os deuses, os Gandharvas, e os Danavas, no céu, assistiram atentamente aquela batalha entre Karna e o neto de Sini. Ambos dotados de grande poder, um desafiando o outro, aqueles dois guerreiros aplicaram sua destreza por causa de seus amigos. Karna que parecia um celestial, e Yuyudhana, ó rei, despejaram um sobre o outro chuvas de flechas. De fato, Karna oprimiu o neto de Sini com suas chuvas de flechas, incapaz de suportar a morte (por Satyaki) do herói Kuru, Jalasandha. Cheio de aflição e suspirando como uma cobra imensa, Karna, lançando olhares furiosos no neto de Sini naquela batalha, e como se queimando-o com eles, avançou nele furiosamente repetidas vezes, ó castigador de inimigos! Vendo ele cheio de raiva, Satyaki perfurou-o em retorno, disparando chuvas densas de flechas, como um elefante perfurando (com suas presas) um elefante rival. Aqueles dois tigres entre homens, dotados da força de tigres e possuidores de destreza incomparável, mutilaram um ao outro violentamente naquela batalha. O neto de Sini, então, com flechas feitas totalmente de ferro, repetidamente perfurou Karna, aquele castigador de inimigos, em todos os seus membros. E ele também derrubou, com uma flecha de cabeça larga, o quadrigário de Karna de seu nicho no carro. E com suas flechas afiadas, ele matou os quatro corcéis, de cor branca, do filho de Adhiratha. E então cortando em cem fragmentos o estandarte de Karna com cem flechas, aquele touro entre homens fez Karna ficar sem carro na própria visão do teu filho. Então todos os teus guerreiros, ó rei, ficaram tristes. Então Vrishasena, o filho de Karna, e Salya, o soberano dos Madras, e o filho de Drona cercaram o neto de Sini por todos os lados. Então uma confusão começou, e nada podia ser visto. De fato, quando o heróico Karna foi feito sem carro por Satyaki, gritos de 'Oh' e 'Ai' se

ergueram entre todas as tuas tropas. Karna também, ó rei, perfurado por Satwata com suas flechas e muito enfraquecido subiu no carro de Duryodhana, suspirando profundamente, se lembrando de sua amizade por teu filho desde sua infância e tendo se esforçado para cumprir a promessa que ele tinha feito a respeito da concessão da soberania para Duryodhana. Depois que Karna tinha ficado sem carro, teus bravos filhos, encabeçados por Duhsasana, ó rei, não foram mortos pelo autocontrolado Satyaki porque o último não desejou falsificar o voto feito por Bhimasena. Desejoso também de não falsificar o voto antigamente feito por Partha (a respeito da morte de Karna), Satyaki simplesmente fez aqueles guerreiros ficarem sem carro e os enfraqueceu muito, mas não os privou de vida. Foi Bhima que jurou a morte de teus filhos, e foi Partha que, no momento da segunda partida com dados, jurou a morte de Karna. Embora todos aqueles guerreiros encabeçados por Karna fizessem fortes esforços para matar Satyaki, aqueles principais dos guerreiros em carros fracassaram em matá-lo. O filho de Drona e Kritavarman e outros poderosos guerreiros em carros, como também centenas de Kshatriyas principais, foram todos vencidos por Satyaki com um único arco. Aquele herói lutou, desejoso de beneficiar o rei Yudhishthira o justo, e de alcançar o céu. De fato, Satyaki, aquele subjugador de inimigos, era igual a um ou outro dos dois Krishnas em energia. Sorrindo ele subjugou todas as tuas tropas, ó melhor dos homens! Nesse mundo, há somente três arqueiros poderosos, Krishna, Partha, e Satyaki. Não há quarto para ser visto.'"

"Dhritarashtra disse, 'Subindo no carro invencível de Vasudeva que tinha Daruka como seu motorista, Satyaki, orgulhoso da força de seus braços e igual em batalha ao próprio Vasudeva, fez Karna ficar sem carro. Satyaki foi levado em algum outro carro (depois que seu combate com Karna terminou)? Eu estou desejoso de saber isso, ó Sanjaya! Tu és hábil em narração. Eu considero Satyaki como sendo dotado de bravura insuportável. Conte-me tudo, ó Sanjaya!'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, como isso aconteceu. O inteligente irmão mais novo de Daruka logo trouxe para Satyaki outro carro, devidamente equipado com todos os artigos necessários. Com varais ligados a ele por correntes de ferro e ouro e fitas de seda, ornado com mil estrelas, decorado com pendões e com a figura de um leão em seu estandarte, com cavalos, velozes como o vento e adornados com arreios de ouro unidos a ele, e com estrépito profundo como o ribombo das nuvens, aquele carro foi levado para ele. Subindo nele, o neto de Sini avançou contra tuas tropas. Daruka, enquanto isso, foi como lhe agradava para o lado de Kesava. Um novo carro foi levado para Karna também, ó rei, ao qual estavam unidos quatro corcéis da melhor raça que estavam enfeitados com arreios de ouro e brancos como conchas ou leite. Seu kaksha e estandarte eram feitos de ouro. Equipado com pendões e mecanismos, aquele principal dos carros tinha um motorista excelente. E ele estava equipado com uma profusão de armas de todos os tipos. Subindo naquele carro, Karna também avançou contra seus inimigos. Eu agora te disse tudo o que tu me perguntaste. Mais uma vez, no entanto, ó rei, tenha conhecimento da (extensão da) destruição causada por tua má política. Trinta e um dos teus filhos foram mortos por Bhimasena. Tendo Durmukha como seu principal, eles eram familiarizados com todos os modos de

guerra. Satyaki e Arjuna também tem matado centenas de heróis com Bhimasena como seu principal, e Bhagadatta também, ó majestade! Assim mesmo, ó rei, começou a destruição causada por teus maus conselhos.'"

147

"Dhritarashtra disse, 'Quando tal era a condição da batalha entre aqueles heróis de lado deles e do meu, o que Bhima fez então? Conte-me tudo, ó Sanjaya!'"

"Sanjaya disse, 'Depois que Bhimasena tinha ficado sem carro, aquele herói, afligido pelos dardos verbais de Karna e cheio de raiva, dirigiu-se a Phalguna e disse, 'Na tua própria vista, ó Dhananjaya, Karna repetidamente me disse, 'Eunuco, tolo, glutão, inábil com armas, não lute, criança, incapaz de aguentar a carga da batalha!' Aquele que me falasse dessa maneira seria morto por mim. Karna me disse aquelas palavras, ó Bharata! Ó poderosamente armado, tu conheces o voto que eu fiz juntamente contigo. Lembre-te das palavras que foram então faladas por mim. Ó principal dos homens, aja de maneira que aquele meu voto, ó filho de Kunti, como também teu próprio voto, não possam ser falsificados. Ó Dhananjaya, faça aquilo pelo qual aquele meu voto possa ser feito verdadeiro.' Ouvindo essas palavras de Bhima, Arjuna de destreza imensurável, chegando perto de Karna naquela batalha, disse a ele, 'Ó Karna, tu combates de modo desleal. Ó filho de um Suta, tu elogias a ti mesmo. De má compreensão, ouça agora o que eu te digo. Heróis encontram com uma ou outra dessas duas coisas em batalha, isto é, vitória ou derrota. Ambas são incertas, ó filho de Radha! O caso não é de outra maneira quando o próprio Indra está envolvido em batalha. Feito sem carro por Yuyudhana, com teus sentidos não mais sob teu controle, tu estivesses quase às portas da morte. Lembrando, no entanto, que eu tinha jurado te matar, aquele herói te dispensou sem tirar tua vida. É verdade que tu conseguiste privar Bhimasena de seu carro. Teu insulto, no entanto, ó filho de Radha, àquele herói foi pecaminoso. Aqueles touros entre homens que são realmente justos e corajosos, tendo derrotado um inimigo, nunca se gabam, nem falam mal de ninguém. Teu conhecimento, no entanto, é pequeno. É por isso, ó filho de um Suta, que tu te perdeste em tais palavras. Então, além disso, os epítetos ofensivos que tu aplicaste ao combatente Bhimasena, dotado de grande bravura e heroísmo e dedicado às práticas dos justos, não eram compatíveis com a verdade. Na própria vista de todas as tropas, de Kesava, como também de mim mesmo, tu foste feito muitas vezes sem carro por Bhimasena em batalha. Aquele filho de Pandu, no entanto, não te chamou de uma única palavra desagradável. Já que, no entanto, tu te dirigiste a Vrikodara em muitas palavras rudes, e já que tu com outros mataste o filho de Subhadra fora da minha visão, portanto, nesse mesmo dia obtenha o fruto daquelas tuas ofensas. Foi para tua própria destruição, ó indivíduo perverso, que tu então cortaste o arco de Abhimanyu; por isso, ó tu de pouca inteligência, tu serás morto por mim, com todos os teus seguidores, tropas, e animais. Faça agora aquelas ações as quais tu deves fazer, pois uma grande calamidade está pairando sobre ti. Eu matarei Vrishasena diante dos teus olhos em batalha. Todos aqueles outros reis, além disso, que avançarem contra mim, eu

mandarei para a residência de Yama. Eu falo isso verdadeiramente, colocando minha mão sobre minha arma. Um tolo como tu és, sem sabedoria e cheio de vaidade, eu digo que te vendo jazendo no campo de batalha o perverso Duryodhana se entregará a amargas lamentações.' Depois que Arjuna tinha jurado a morte do filho de Karna, um tumulto alto e tremendo ergueu-se entre os guerreiros em carros. Naquele momento terrível quando a confusão estava em todos os lugares, o sol de mil raios, escurecendo seus raios, entrou na colina Asta. Então, ó rei, Hrishikesa, posicionado na vanguarda da batalha abraçando Arjuna que tinha cumprido seu voto, disse a ele essas palavras, 'Por boa sorte, ó Jishnu, teu grande voto foi cumprido. Por boa sorte Vriddhakshatra foi morto junto com seu filho. O próprio generalíssimo celeste, ó Bharata, enfrentando o exército Dhartarashtra em batalha, ó Jishnu, perderia seus sentidos. Não há dúvida disto. Exceto tu, ó tigre entre homens, eu nem em pensamento vejo a pessoa nos três mundos que possa lutar com essa hoste. Muitos guerreiros nobres dotados de grande destreza, iguais a ti ou superiores foram reunidos por ordem de Duryodhana. Vestidos em armadura, eles não puderam se aproximar de ti, enfrentando tua pessoa furiosa em batalha. Tua energia e poder são iguais àqueles de Rudra ou do próprio Destruidor. Ninguém mais é capaz de empregar semelhante destreza em batalha como tu, ó opressor de inimigos, sozinho e não protegido, empregaste hoje. Dessa maneira eu te elogiarei novamente depois que Karna de alma perversa tiver sido morto junto com seus seguidores. Dessa maneira eu te glorificarei quando aquele teu inimigo tiver sido subjugado e morto.' Para ele Arjuna respondeu, 'Pela tua graça, ó Madhava, esse voto que até os deuses podiam realizar com dificuldade, foi cumprido por mim. Não é em absoluto uma questão de surpresa a vitória daqueles que tem a ti, ó Kesava, como seu senhor. Pela tua graça, Yudhishthira obterá a terra inteira. Tudo isso é devido ao teu poder, ó tu da linhagem de Vrishni! Essa é tua vitória, ó senhor! Nossa prosperidade é tua vitória, ó senhor! Nossa prosperidade é tua atenção e nós somos teus criados, ó matador de Madhu!' Assim endereçado, Krishna sorriu suavemente, e instigou os corcéis lentamente. E ele mostrou para Partha, enquanto eles passavam, o campo de batalha cheio de visões cruéis.'"

"Então Krishna disse, 'Desejosos de vitória em batalha ou fama mundial muitos reis heróicos estão jazendo no solo, atingidos por tuas flechas. Suas armas e ornamentos jazem espalhados, e seus corcéis, carros, e elefantes estão mutilados e quebrados. Com suas cotas de malha perfuradas ou cortadas, eles obtiveram a maior aflição. Alguns deles ainda estão vivos, e algum deles estão mortos. Aqueles, no entanto, que estão mortos, ainda parecem estar vivos por causa do esplendor do qual eles são dotados. Contemple a terra coberta com suas flechas equipadas com asas douradas, com suas numerosas outras armas de ataque e defesa, e com seus animais (privados de vida). De fato, o solo parece resplandecente com cotas de malha e colares de pedras preciosas, com suas cabeças enfeitadas com brincos, e proteções para a cabeça e diademas, e coroas florais e jóias usadas em coroas, e Kanthasutras e Angadas, e gargantilhas de ouro, e com diversos outros ornamentos belos. Coberto com Anuskaras e aljavas, com estandartes e pendões, com Upaskaras e Adhishthanas, com flechas e topos de carros, com rodas quebradas e belos Akshas em profusão, com cangas e

arreios de corcéis, com cintos e arcos e flechas, com elefantes, mantas para cavalos, com maças com ferrões e ganchos de ferro, com dardos e setas curtas, com lanças e arpões, com Kundas e cassetetes, com Sataghnis e Bhushandis, com cimitarras e machados, com clavas e malhos curtos e pesados, com maças e Kunapas, com chicotes enfeitados com ouro, ó touro da raça Bharata, com os sinos e diversos outros ornamentos de elefantes poderosos, com guirlandas florais e vários tipos de decorações, e com mantos caros todos soltos dos corpos de homens e animais, o solo resplandece brilhantemente como o céu outonal com planetas e estrelas. Os senhores da terra, mortos por causa da terra, estão dormindo sobre o solo abraçando com seus membros a terra como uma esposa querida. Como montanhas derramando através de suas cavernas e fendas correntes de greda líquida, esses elefantes, parecendo o próprio Airavata e enormes como montanhas, estão derramando abundantes correntes de sangue pelas aberturas em seus corpos causadas por armas. Veja, ó herói, aquelas criaturas enormes afligidas por flechas jazendo no chão em convulsões. Contemple aqueles cavalos também, jazendo no solo, enfeitados com arreios de ouro. Contemple também, ó Partha, aqueles carros sem passageiros e sem motorista que tinham uma vez parecido com veículos celestes ou as formas vaporosas no céu noturno, agora jazendo no chão, com bandeiras e pendões e Akshas e cangas cortados em pedaços, e com varais e topos quebrados, ó senhor. Soldados de infantaria também, ó herói, portando arcos e escudos e mortos às centenas e milhares estão jazendo no chão, banhados em sangue e abraçando a terra com todos os membros e seus cabelos cobertos com pó. Veja, ó poderosamente armado, aqueles guerreiros com corpos mutilados por tuas armas. Contemple a terra, coberta com rabos de iaque e leques, e guarda-sóis e estandartes, e corcéis e carros e elefantes, e com diversos tipos de cobertores, e rédeas de corcéis, e mantos belos e caros Varuthas (de carros), olhe, como se coberta com tapeçaria bordada. Muitos guerreiros caídos das costas de elefantes bem equipados junto com aquelas próprias criaturas que eles tinham guiado, estão parecendo com leões caídos de topos do montanha derrubados pelo raio. Misturados com os corcéis (que eles guiavam) e os arcos (que eles seguravam), cavaleiros e soldados de infantaria em grandes números estão jazendo no campo, cobertos com sangue. Veja, ó principal dos homens, a superfície da terra está terrível de se olhar, coberta como ela está com grande número de elefantes e corcéis e guerreiros em carros mortos, e lodosa com sangue, gordura, e carne podre em profusão, e na qual cachorros e lobos e Pisachas e diversos vagueadores da noite estão vagando com alegria! Esse feito poderoso e aumentador de fama no campo de batalha é capaz de ser realizado somente por ti, ó pujante, ou por aquele chefe dos deuses, o próprio Indra, que em grande batalha matou os Daityas e os Danavas.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim mostrando o campo de batalha para o enfeitado com diadema Arjuna, Krishna soprou sua concha Panchajanya com os alegres soldados do exército Pandava (soprando suas respectivas conchas). Tendo mostrado o campo de batalha para o herói ornado com diadema, aquele matador de inimigos, Janardana, procedeu rapidamente em direção a Ajatasatru, o filho de Pandu, e informou-o da morte de Jayadratha.'"

148

"Sanjaya disse, 'Depois que o soberano dos Sindhus foi morto por Partha, Krishna, se dirigindo ao rei Yudhishthira, o filho de Dharma, reverenciou o último com o coração alegre. E ele disse, 'Por boa sorte, ó rei de reis, tua prosperidade aumenta. Ó melhor dos homens, teu inimigo foi morto. Por boa sorte, teu irmão mais novo cumpriu seu voto.' Assim endereçado por Krishna, aquele subjugador de cidades hostis, o rei Yudhishthira, cheio de alegria, desceu de seu carro, ó Bharata! Seus olhos cheios de lágrimas de alegria, ele abraçou os dois Krishnas e enxugando seu rosto claro e semelhante ao lótus, disse essas palavras para Vasudeva, e Dhananjaya, o filho de Pandu, 'Ó poderosos guerreiros em carros, por boa sorte, eu vejo vocês dois depois de vocês terem cumprido sua tarefa. Por boa sorte, aquele canalha pecaminoso, o soberano dos Sindhus, foi morto. Ó Krishnas, por boa sorte, vocês fizeram aquilo que me encheu de grande felicidade. Por boa sorte, nossos inimigos estão mergulhados em um oceano de aflição. Tu és o senhor soberano de todos os mundos, ó matador de Madhu! Nos três mundos aqueles que tem a ti como seu preceptor não podem ter objetivo incapaz de realização. Pela tua graça, ó Govinda, nós conquistaremos nossos inimigos, como Indra conquistando os Danavas nos tempos passados. Seja a conquista do mundo, ou seja a conquista dos três mundos, tudo é indubitável, ó tu da linhagem de Vrishni, no caso daqueles com quem tu estás satisfeito, ó concessor de honras! Não podem ter pecado, nem podem encontrar a derrota em batalha aqueles com quem tu, ó senhor dos celestiais, estás satisfeito, ó concessor de honras! Foi por tua graça, ó Hrishikesa, que Sakra tornou-se o chefe dos celestiais. Por tua graça, aquele personagem abençoado obteve no campo de batalha a soberania dos três mundos! Foi por tua graça, ó senhor dos celestiais, que o último obteve imortalidade, ó Krishna, e desfruta de regiões eternas (de bem aventurança). Tendo matado milhares de Daityas, com destreza tendo sua origem em tua graça, ó matador de inimigos, Sakra obteve o domínio dos celestiais. Pela tua graça, ó Hrishikesa, o universo móvel e imóvel, sem se desviar de seu curso (ordenado), ó herói, está engajado em orações e homa! (Tudo, até a criação inanimada, existe e adora a Divindade Suprema.) No início, este universo, envolvido em escuridão, era uma vasta extensão de água. Pela tua graça, ó de braços fortes, o universo se tornou manifesto, ó melhor dos homens! Tu és o criador de todos os mundos, tu és a Alma Suprema, e tu és imutável! Aqueles que te contemplam, ó Hrishikesa, nunca são confundidos. Tu és o Deus Supremo, tu és o Deus dos deuses, e tu és Eterno. Aqueles que procuram refúgio contigo, ó senhor dos deuses, nunca são confundidos. Sem início e sem morte, tu és Divino, o Criador de todos os mundos, e imutável. Aqueles que são devotados a ti, ó Hrishikesa, sempre passam sobre todas as dificuldades. Tu és Supremo, o Antigo, o Ser Divino, e aquele que é o mais Alto dos altos. Aquele que alcança aquilo, isto é, teu Ser Supremo, tem ordenada para ele a maior prosperidade. Tu és cantado nos quatro Vedas. Os quatro Vedas cantam a respeito de ti. Procurando tua proteção, ó de grande alma, eu desfrutarei de prosperidade incomparável. Tu és o Deus Supremo, tu és Deus dos deuses mais elevados, tu és o senhor das criaturas aladas, e o senhor de

todos os seres humanos. Tu és o Senhor Supremo de tudo. Eu reverencio a ti, ó melhor dos seres! Tu és o Senhor, o Senhor dos senhores, ó pujante! Prosperidade para ti, ó Madhava! Ó tu de olhos grandes, ó Alma Universal, tu és a origem de todas as coisas. Aquele, além disso, que é um amigo de Dhananjaya ou está empenhado no bem de Dhananjaya, alcança a ti que és o preceptor de Dhananjaya e obtém felicidade.' Assim endereçados por ele aqueles de grande alma, Kesava e Arjuna, disseram alegremente para o rei, aquele senhor da terra, 'O pecaminoso rei Jayadratha foi consumido pelo fogo da tua ira. Ó pujante, embora a hoste Dhartarashtra seja vasta e cheia de orgulho, ainda assim, ó Bharata, atacada e massacrada, ela está sendo exterminada. Ó matador de inimigos, é por causa da tua ira que os Kauravas estão sendo destruídos. Tendo, ó herói, enfurecido a ti que podes matar com teus olhos somente, Suyodhana de mente perversa com seus amigos e parentes terá que sacrificar sua vida em batalha. Morto antes por causa da tua ira, e derrubado também pelos próprios deuses, o invencível Bhishma, o avô dos Kurus, jaz agora em um leito de flechas. Ó matador de inimigos, vitória em batalha é inalcançável para eles, e a morte também espera por eles que tem a ti, ó filho de Pandu, como seu inimigo. Reino, vida, pessoas queridas, filhos, e diversos tipos de felicidade logo serão perdidos por ele com quem tu, ó opressor de inimigos, estás zangado. Eu considero os Kauravas como estando perdidos com seus filhos e parentes quando tu, ó opressor de inimigos, que és cumpridor dos deveres de um rei, estás zangado com eles.' Então Bhima, ó rei, e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, ambos mutilados por flechas, saudaram seu superior. E aqueles dois poderosos arqueiros se sentaram no chão, circundados pelos Panchalas. Vendo aqueles dois heróis cheios de alegria e chegados e esperando com mãos unidas, o filho de Kunti felicitou ambos, dizendo, 'Por boa sorte é que eu vejo vocês dois, ó heróis, saídos com vida daquele mar de tropas (hostis), aquele mar no qual Drona representou o papel de um jacaré invencível, e o filho de Hridika o de um tubarão feroz. Por boa sorte, todos os reis da terra foram subjugados (por vocês dois). Por boa sorte eu vejo vocês dois vitoriosos em batalha. Por boa sorte, Drona foi vencido em batalha, e aquele poderoso guerreiro em carro também, o filho de Hridika. Por boa sorte Karna foi vencido em batalha com flechas farpadas. Por boa sorte, Salya também foi obrigado a se retirar do campo por vocês dois, ó touros entre homens. Por boa sorte, eu vejo ambos voltarem sãos e salvos da batalha, vocês que são os mais notáveis dos guerreiros em carros e bem hábeis em batalha! Por boa sorte, eu vejo novamente vocês, heróis que vadearam aquele mar de tropas em obediência à minha ordem, vocês que foram para a batalha impelidos pelo desejo de me honrar! Vocês são heróis que se deleitam em batalha. Vocês são para mim como a vida. Por boa sorte, eu vejo vocês dois.' Tendo dito isso, o filho de Pandu, ó rei, abraçou Yuyudhana e Vrikodara, aqueles tigres entre homens, e derramou lágrimas de alegria. Então, ó monarca, a hoste inteira dos Pandavas ficou contente e cheia de alegria. E todos eles mais uma vez colocaram seus corações na batalha.'"

149

"Sanjaya disse, 'Após a queda, ó rei, do soberano dos Sindhus, teu filho Suyodhana, seu rosto molhado com lágrimas, e ele mesmo cheio de angústia e dando suspiros difíceis como uma cobra cujas presas foram quebradas, aquele pecador contra o mundo inteiro, teu filho, sentiu amarga aflição. Contemplando aquele grande massacre terrível de suas tropas causado por Jishnu e Bhimasena e Satwata em batalha, ele ficou pálido, abatido e melancólico, e seus olhos ficaram cheios de lágrimas. E ele chegou a pensar que não existia guerreiro sobre a terra que pudesse ser comparado com Arjuna. Nem Drona, nem o filho de Radha, nem Aswatthaman, nem Kripa, ó majestade, são competentes para resistir diante de Arjuna quando o último está cheio de ira. E Suyodhana disse para si mesmo, 'Tendo vencido em batalha todos os poderosos guerreiros em carros do meu exército, Partha matou o soberano dos Sindhus. Ninguém pode resistir a ele. Essa minha vasta hoste foi quase exterminada pelos Pandavas. Eu penso que não há ninguém que possa proteger meu exército, não, nem o próprio Purandara. Ele, confiando em quem eu estou engajado nesse duelo em batalha, ai, aquele Karna foi derrotado em batalha e Jayadratha morto. Karna, confiando em cuja energia eu considerei Krishna como palha que veio me pedir pela paz, ai, aquele Karna foi vencido em batalha.' Sofrendo assim dentro de seu coração, aquele pecador contra o mundo inteiro, ó rei, foi até Drona, ó touro da raça Bharata, para vê-lo. Dirigindo-se a ele, ele informou Drona daquele imenso massacre dos Kurus, da vitória de seus inimigos, e da terrível calamidade dos Dhartarashtras. E Suyodhana disse, 'Veja, ó preceptor, essa matança imensa de reis (literalmente, 'o fato dos Dhartarashtras terem caído (em desgraça)). Eu vim para a batalha, colocando aquele meu avô, o heróico Bhishma, em nossa dianteira. Tendo matado ele, Sikhandin, sua aspiração realizada, permanece na própria vanguarda de todas as tropas, cercado por todos os Panchalas, cobiçoso de outro triunfo. Outro discípulo teu, o invencível Savyasachin, tendo matado sete Akshauhinis das tropas despachou o rei Jayadratha para a residência de Yama. Como, ó preceptor, eu serei libertado da dívida que eu tenho para com aqueles meus aliados que, desejosos da minha vitória e sempre dedicados ao meu bem, foram para a residência de Yama? Aqueles senhores da terra que tinham desejado a soberania da terra, estão agora jazendo no solo, abandonando toda sua prosperidade terrena. Realmente, eu sou um covarde. Tendo causado tal massacre de amigos, eu não ouso pensar que eu serei santificado por realizar mesmo cem sacrifícios de cavalo. Eu sou cobiçoso e pecaminoso e um transgressor contra a justiça. Só por causa das minhas ações, estes senhores de terra, em seu desejo por vitória, foram para a residência de Yama. Por que, na presença daqueles reis, a terra não me produz um buraco (pelo qual afundar), já que eu são tão pecaminoso em comportamento e tal fomentador de dissensões mortais? Ai, o que o avô com olhos vermelho sangue, aquele herói invencível que conquistou o outro mundo, irá me dizer no meio dos reis quando ele se encontrar comigo? Veja aquele arqueiro poderoso, Jalasandha, morto por Satyaki. Aquele grande guerreiro em carro, aquele herói, veio orgulhosamente para lutar por minha causa, preparado para sacrificar sua vida. Vendo o soberano dos Kamvojas morto, como também

Alamvusha e muitos outros aliados meus, que objetivo eu posso ter para preservar minha vida? Aqueles heróis que não recuavam que, lutando por minha causa e se esforçando ao máximo de seus poderes para subjugar meus inimigos, sacrificaram suas vidas. Eu irei hoje, ó opressor de inimigos, me esforçando com a maior medida de meu poder, me libertar da dívida que tenho para com eles e gratificá-los com oblações de água por me dirigir ao Yamuna. Ó principal de todos os portadores de armas, eu te digo realmente e juro pelas boas ações que eu tenho realizado, pela destreza que eu possuo e por meus filhos, que matando todos os Panchalas com os Pandavas, eu obterei paz mental, ou, morto por eles em batalha eu irei para aquelas regiões para onde aqueles meus aliados foram. Eu certamente procederei para lá onde aqueles touros entre homens, mortos por Arjuna enquanto envolvidos em batalha por minha causa, foram! Nossos aliados, vendo que eles não são bem protegidos por nós, não desejam mais ficar ao nosso lado. Ó tu de armas poderosas, eles agora consideram os Pandavas como sendo preferíveis a nós. Tu mesmo, de pontaria certeira, ordenaste nosso extermínio em batalha, pois tu trataste Arjuna com indulgência, já que ele é teu discípulo. É por isso que tem sido mortos todos aqueles que tem se esforçado para assegurar vitória para nós. Parece que somente Karna agora deseja nossa vitória. O homem de mente fraca que sem examinar devidamente outro, o aceita como um amigo e o emprega em assuntos importantes que requerem amigos para sua realização, sem dúvida sofrerá prejuízo embora este meu caso tenha sido administrado por meu melhor amigo! (Karna, Sakuni, Duhsasana e eu mesmo te aceitamos, ó preceptor, como um amigo, e te empregamos nessa batalha. Nós, entretanto, não sabíamos então que tu eras um inimigo disfarçado.) Eu sou muito cobiçoso, pecaminoso, de coração desonesto, e caracterizado pela avareza! Ai, o rei Jayadratha foi morto, e o filho de Somadatta também de grande energia, e os Abhishahas, os Surasenas, os Sivis, e os Vasatis! Eu irei hoje para onde aqueles touros entre homens, mortos por Arjuna enquanto envolvidos em batalha por mim, foram. Na ausência daqueles touros entre homens, eu não tenho motivo para viver. Ó preceptor dos filhos de Pandu, deixe-me ter tua permissão nisto.'"

150

"Dhritarashtra disse, 'Depois que o soberano dos Sindhus tinha sido morto em batalha por Savyasachin e depois da queda de Bhurisravas, qual se tornou o estado de sua mente? Depois que Drona também tinha sido endereçado dessa maneira por Duryodhana no meio dos Kurus, o que o preceptor disse a ele então? Conte-me tudo isso, ó Sanjaya!'"

"Sanjaya disse, 'Altos lamentos ergueram-se entre tuas tropas, ó Bharata, depois da morte de Bhurisravas e do soberano dos Sindhus. Todos eles desconsideraram os conselhos do teu filho, aqueles conselhos por causa dos quais líderes de homens, às centenas, foram mortos. Em relação a Drona, ouvindo aquelas palavras do teu filho, ele ficou cheio de tristeza. Refletindo por um tempo curto, ó monarca, ele disse essas palavras em grande aflição.'"

"Drona disse, 'Ó Duryodhana, por que tu me perfuras dessa maneira com flechas verbais? Eu te disse antes que Arjuna não pode ser derrotado em batalha. Protegido pelo enfeitado com diadema Arjuna, Sikhandin matou Bhishma. Por aquele feito, ó tu da linhagem de Kuru, a bravura de Arjuna em batalha foi bem provada. Vendo Bhishma que era incapaz de ser derrotado pelos deuses e os Danavas, realmente morto em batalha, exatamente então eu soube que essa hoste Bharata estava condenada. Após a queda dele a quem de todas as pessoas nos três mundos nós considerávamos como sendo realmente o principal dos heróis, quem mais há em quem nós devemos confiar? Aqueles dados, ó majestade, com os quais Sakuni antigamente jogou na assembléia Kuru, não eram dados mas flechas afiadas capazes de matar inimigos. Aquelas mesmas flechas, ó senhor, disparadas por Jaya, estão agora nos matando. Embora Vidura as caracterizasse como sendo assim, tu ainda não as compreendeste dessa maneira. Aquelas palavras, além disso, que o sábio Vidura de grande alma, com lágrimas em seus olhos então disse para ti, aquelas palavras auspiciosas recomendando paz, tu então não ouviste. Aquela calamidade que foi predita agora chegou. Aquela carnificina terrível, ó Duryodhana, agora veio como o resultado daquela desobediência por ti das palavras de Vidura. Aquele homem de mente tola que, desconsiderando as palavras salutares de amigos de confiança, segue sua própria opinião, logo cai em uma situação deplorável. Ó filho de Gandhari, aquele grande pecado, isto é, aquele arrasto na nossa própria vista para a assembléia Kuru de Krishna que nunca mereceu tal tratamento, que nasceu em uma linhagem nobre, e que pratica toda virtude. Saiba que tudo isso é somente pouco, pois no mundo seguinte consequências terríveis ainda serão tuas. Vencendo os Pandavas nos dados por meio de fraude, tu os mandaste para as florestas, vestidos em peles de veado. Que outro Brahmana, exceto eu mesmo, nesse mundo, procuraria prejudicar aqueles príncipes que estão sempre dedicados à prática da virtude e que são para mim como meus próprios filhos? Com a aprovação de Dhritarashtra, no meio da assembléia Kuru, tu, com Sakuni como teu colaborador, provocaste a ira dos Pandavas. Unido com Duhsasana, Karna então atiçou aquela ira. Desconsiderando as palavras de Vidura, tu mesmo repetidamente a atiçaste. Com cuidado resoluto, todos vocês cercaram Arjuna, decididos a estar ao lado do soberano dos Sindhus. Por que então todos vocês foram vencidos e por que também Jayadratha foi morto? Por que, quando tu estás vivo, e Karna, e Kripa, e Salya, e Aswatthaman, ó Kaurava, o soberano dos Sindhus foi morto? Para salvar o soberano dos Sindhus, os reis (no teu lado) empregaram toda sua energia ardente. Por que então Jayadratha foi morto em seu meio? Confiando em mim, o rei Jayadratha tinha esperado seu resgate das mãos de Arjuna. Ele, no entanto, não obteve o resgate que ele esperava. Eu também não vejo minha segurança por mim mesmo. Até eu conseguir matar os Panchalas com Sikhandin, eu me sinto como alguém afundando no atoleiro Dhristadyumna. Tendo falhado, ó Bharata, em salvar o soberano dos Sindhus, por que tu me perfuras dessa maneira com tuas flechas verbais, vendo que eu também estou queimando de aflição? Tu não vês mais sobre o campo os estandartes dourados de Bhishma de pontaria certeira, aquele guerreiro que nunca se cansava em batalha. Como, então, tu podes esperar pelo êxito? Quando o soberano dos Sindhus e Bhurisravas também foram mortos no próprio meio de tantos poderosos guerreiros em carros, qual você

pensa, será o fim? Kripa, difícil de ser vencido, ainda está vivo, ó rei! Que ele não tenha seguido no rastro de Jayadratha, eu o louvo muito por isso! Quando eu vi o próprio Bhishma, aquele realizador dos feitos mais difíceis (em batalha), aquele guerreiro que não podia ser morto em batalha pelos deuses com Vasava em sua chefia, morto na tua visão, ó Kaurava, como também de teu irmão mais novo Duhsasana, eu pensei então, ó rei, que a Terra tinha te abandonado. Lá as tropas dos Pandavas e dos Srinjayas, juntas, estão agora avançando contra mim. Para realizar teu bem em batalha, ó filho de Dhritarashtra, eu não irei, sem matar todos os Panchalas, tirar minha armadura. Ó rei, vá e diga ao meu filho Aswatthaman que está presente em batalha que mesmo no risco de sua vida ele não deve deixar os Somakas em paz; (isto é, ele deve, por todos os meios em seu poder, se vingar dos Somakas, aqueles meus inimigos.) Tu deves também dizer a ele, 'Cumpra todas as instruções que tu recebeste do teu pai. Seja firme em atos de humildade, em autocontrole, em veracidade e justiça. Observador de religião, lucro, e prazer, sem negligenciar religião e lucro, tu deves sempre realizar aquelas ações nas quais a religião predomina. Os Brahmanas devem sempre ser gratificados com presentes. Todos eles merecem teu culto. Tu nunca deves fazer qualquer coisa que seja injuriosa para eles. Eles são como chamas de fogo.' Com relação a mim mesmo, eu penetrarei na hoste hostil, ó matador de inimigos, para fazer grande combate, atingido como eu fui por ti com tuas flechas verbais. Se tu puderes, ó Duryodhana, vá e proteja aquelas tropas. Ambos os Kurus e os Srinjayas estão furiosos. Eles lutarão mesmo durante a noite.' Dizendo essas palavras, Drona procedeu contra os Pandavas e se pôs a sobrepujar a energia dos Kshatriyas como o sol eclipsando a luz das estrelas.'"

151

"Sanjaya disse, 'Assim incitado por Drona, o rei Duryodhana, cheio de raiva colocou seu coração na batalha. E teu filho Duryodhana então disse para Karna, 'Veja, o filho ornado com diadema de Pandu, só com Krishna como colaborador, entrou na ordem de batalha formada pelo preceptor, uma ordem de batalha que os próprios deuses não podiam romper, e na própria vista do ilustre Drona lutando em batalha e de muitos outros principais dos guerreiros, matou o soberano dos Sindhus. Contemple, ó filho de Radha, muitos dos principais reis jazendo na terra, mortos em batalha por Partha sem qualquer ajuda, diante dos olhos do ilustre Drona e de mim mesmo, nos esforçando vigorosamente como uma hoste de animais inferiores massacrada por um leão. O filho de Sakra reduziu minha hoste a um pequeno resto do que ela era. Como, de fato, pode Phalguna, apesar da resistência oferecida por Drona em batalha, cumprir seu voto por matar o soberano dos Sindhus? Se o próprio Drona não desejava isso, ó herói, como pode o filho de Pandu, em batalha, ter rompido aquela formação de combate impenetrável, vencendo seu preceptor lutando? Realmente, Phalguna é muito querido para o preceptor ilustre! Por isso, o último lhe deu entrada, sem ter lutado com ele. Veja minha desgraça! Tendo em primeiro lugar prometido proteção para o soberano dos Sindhus, Drona, aquele opressor de inimigos, deu para o

enfeitado com diadema Arjuna entrada na formação de combate! Se ele tivesse no início concedido permissão para o soberano dos Sindhus voltar para casa, sem dúvida, tal carnificina horrível então nunca teria ocorrido. Ai! Jayadratha, na esperança de salvar sua vida, tinha desejado voltar para casa. Tendo obtido de Drona uma promessa de proteção em batalha, fui eu, um tolo que eu fui, quem o impediu de ir. Ai, hoje meus irmãos tendo Chitrasena como seu principal todos pereceram na própria vista de nossas pessoas infelizes.'"

"Karna disse, 'Não culpe o preceptor. Aquele Brahmana está lutando segundo a medida de seu poder e coragem e indiferente à sua própria vida. Se Arjuna, de corcéis brancos, tendo ultrapassado ele, penetrou na nossa formação de combate, a menor culpa por isso não deve ser atribuída ao preceptor. Phalguna é talentoso com armas, possuidor de grande força, dotado de juventude; ele é um herói que tem o domínio de todas as armas; ele é famoso pela celeridade de seus movimentos. Armado com armas celestes e sobre seu carro de estandarte de macaco, as rédeas de cujos cavalos além disso estavam nas mãos de Krishna, envolvido em armadura impenetrável, e pegando seu arco celeste Gandiva de poder infalível, o valente Arjuna, espalhando flechas afiadas, e orgulhoso da força de seus braços, ultrapassou Drona. Não há nada de surpreendente nisso. O preceptor, por outro lado, ó rei, é idoso e incapaz de prosseguir rapidamente. Ele é também, ó rei, incapaz de exercitar seus braços por longo tempo. Foi por isso que Phalguna, de corcéis brancos e tendo Krishna como seu quadrigário, conseguiu ultrapassar o preceptor. Por essa razão também, eu não vejo qualquer falha em Drona. Por tudo isso, quando Arjuna, de corcéis brancos, penetrou na nossa ordem de batalha, tendo ultrapassado o preceptor parece que o último, embora hábil com armas, é incapaz de subjugar os Pandavas em batalha. Eu penso que aquilo que está ordenado pelo Destino nunca ocorre de outra maneira. E já que, ó Suyodhana, apesar de nós lutarmos até a máxima extensão de nossos poderes, o soberano dos Sindhus foi morto em batalha, parece que o Destino é todo poderoso. Contigo mesmo nós todos nos esforçamos ao máximo de nossa força no campo de batalha. O destino, no entanto, frustrando nossos esforços, não nos sorriu. Nós temos sempre nos esforçado para prejudicar os Pandavas, confiando na fraude e na bravura. Qualquer ato, ó rei, que uma pessoa afligida pelo Destino faça, é frustrado pelo Destino, mesmo que a pessoa se esforce muito para realizá-lo. O que quer que, de fato, um homem dotado de perseverança deva fazer, deve ser feito destemidamente. Sucesso depende do Destino! Por meio de fraude os filhos de Pritha foram enganados como também pela aplicação de veneno, ó Bharata! Eles foram queimados no palácio de laca, eles foram derrotados nos dados. De acordo com os ditames da arte de governar, eles foram exilados para as florestas. Tudo isso, embora feito por nós com cuidado, vem sendo frustrado pelo Destino. Lute com determinação, ó rei, desprezando o Destino. Entre tu e eles, ambos se esforçando com toda sua bravura o Destino pode vir a ser propício para aquele partido que sobrepuja o outro. Nenhuma medida sábia foi adotada pelos Pandavas com a ajuda de inteligência superior. Nem, ó herói, nós vemos, ó perpetuador da família de Kuru, que tu fizeste qualquer coisa imprudente por falta de inteligência! É o Destino que decide o resultado das ações, sábias ou imprudentes; o Destino, sempre concentrado nos seus próprios propósitos está

desperto quando tudo mais dorme. Tua hoste era vasta, e teus guerreiros eram muitos. Assim mesmo a batalha começou. Com o pequeno exército deles, mais poderoso e consistindo em homens capazes de atacar com eficácia, ela foi muito reduzida. Eu temo que isso seja o trabalho do Destino, que tem frustrado nossos esforços.'"

"Sanjaya continuou, 'Enquanto eles estavam conversando dessa maneira, ó rei, as divisões Pandava apareceram para a batalha. Então ocorreu uma batalha violenta entre teus guerreiros e os deles, nos quais carros e elefantes enfrentaram uns aos outros. Tudo isso, no entanto, ó rei, foi devido à tua má política!'"

152

(Ghatotkacha badha Parva)

"Sanjaya disse, 'Aquele teu exército de elefantes, ó rei, cheio de poder, lutava em toda parte, prevalecendo sobre o exército Pandava. Decididos a ir para o outro mundo, os Panchalas e os Kauravas lutaram uns com os outros por admissão nos elevados domínios de Yama. Bravos guerreiros, enfrentando bravos rivais, perfuraram uns aos outros com flechas e lanças e dardos, e rapidamente despacharam uns aos outros para a residência de Yama. Foi terrível a batalha que se realizou entre guerreiros em carros e guerreiros em carros que atingiram uns aos outros e causaram uma inundação impetuosa de sangue. Elefantes enfurecidos, enfrentando iguais enfurecidos, afligiram uns aos outros com suas presas. Cavaleiros, desejosos de glória, perfuraram e derrubaram cavaleiros naquela batalha terrificante com lanças e dardos e machados de batalha. Soldados de infantaria também, ó de braços fortes, às centenas, armados com armas, avançaram repetidamente uns contra os outros com coragem resoluta, ó opressor de inimigos! Tão grande era a confusão que os Panchalas e os Kurus podiam somente ser distinguidos uns dos outros pelos nomes tribais, familiares, e pessoais que nós ouvíamos eles proferirem. Os guerreiros, despachando uns aos outros para o outro mundo com flechas e dardos e machados, corriam destemidamente no campo. Com milhares de flechas, no entanto, ó rei, disparadas pelos combatentes os dez pontos não eram mais iluminados como antes por causa do Sol ter se posto. Enquanto os Pandavas estavam lutando dessa maneira, ó Bharata, Duryodhana, ó rei, entrou no meio de sua hoste. Cheio de grande fúria pela morte do soberano dos Sindhus, e resolvido a sacrificar sua vida, ele penetrou no exército hostil. Enchendo a terra com o estrépito das rodas de seu carro e fazendo-a tremer com isso, teu filho se aproximou da hoste Pandava. Foi impressionante o conflito que ocorreu entre ele e eles, ó Bharata, causando uma tremenda carnificina de tropas. Como o próprio sol ao meio-dia chamuscando tudo com seus raios, teu filho chamuscou a hoste hostil com suas chuvas de flechas (literalmente, 'com flechas parecendo seus raios.') Os Pandavas ficaram incapazes até de olhar para seu irmão (Duryodhana). Desesperançados de subjugar seus inimigos, eles colocaram seus corações em fugir do campo. Massacrados por teu filho ilustre, armado com o arco, por meio de suas flechas

aladas com ouro e de pontas brilhantes, os Panchalas fugiram em todas as direções. Atormentadas por aquelas flechas afiadas, as tropas Pandava começaram a cair no chão. De fato, os Pandavas nunca tinham conseguido realizar tal façanha em batalha como foi então realizada por teu filho nobre, ó monarca! A hoste Pandava foi oprimida e subjugada por um elefante (ou, 'como um lago coberto com lotos é agitado por toda parte por um elefante.') Como, além disso, um grupo de lotos fica desprovido de sua beleza quando a água (acima da qual ele cresce) é secada pelo sol e pelo vento, assim mesmo ficou a hoste Pandava sendo secada por teu filho, ó Bharata. (Oprimindo) os Panchalas, e (perfurando) Bhimasena então com dez flechas, e cada um dos filhos de Madri com três, e Virata e Drupada cada um com seis, e Sikhandin com cem, e Dhrishtadyumna com setenta, e Yudhishthira com sete, e os Kaikeyas e os Chedis com inúmeras flechas afiadas, e Satwata com cinco, e cada um dos (cinco) filhos de Draupadi com três, e Ghatotkacha também com poucas, ele proferiu um grito leonino. Matando centenas de outros guerreiros e os grupos de elefantes e corcéis naquela grande batalha por meio de suas flechas ardentes, ele se comportou como o próprio Destruidor em fúria matando os seres criados. Enquanto empenhado, no entanto, em massacrar seus inimigos dessa maneira, seu arco, o verso de cuja vara era ornamentado com ouro, Yudhishthira, o filho de Pandu, ó majestade, cortou em três partes com um par de flechas de cabeça larga. E Yudhishthira perfurou o próprio Duryodhana com dez flechas afiadas disparadas com grande força. Atravessando os membros vitais de Duryodhana, elas saíram e entraram na terra em uma linha contínua. As tropas que permaneciam perto então cercaram Yudhishthira, como os celestiais cercando Purandara para a morte de Vritra. Então o rei Yudhishthira, ó majestade, que é incapaz de ser facilmente derrotado, disparou no teu filho naquela batalha uma flecha ardente. Profundamente perfurado com isso, Duryodhana sentou-se em seu carro excelente. Então um barulho alto ergueu-se dentre as tropas Panchala. Esse mesmo, ó monarca, era aquele tremendo tumulto, isto é, 'O rei está morto!' O zunido violento de flechas também era ouvido lá, ó Bharata. Então Drona rapidamente se mostrou lá naquela batalha. Enquanto isso, Duryodhana recuperando seus sentidos, tinha agarrado firmemente o arco. Ele então avançou em direção ao filho nobre de Pandu dizendo, 'Espere, Espere.' Então os Panchalas também desejosos de vitória começaram a avançar com velocidade. Desejoso de resgatar o príncipe Kuru, Drona recebeu eles todos. E o preceptor começou a destruí-los como o criador de raios brilhantes do dia destruindo nuvens agitadas pela tempestade. Então, ó rei, lá ocorreu uma batalha violenta, repleta de carnificina imensa, entre os teus e os deles enfrentando uns aos outros pelo desejo de lutar.'"

153

"Dhritarashtra disse, 'Tendo dito todas aquelas palavras para meu filho Duryodhana, que é sempre desobediente às minhas ordens, quando aquele arqueiro poderoso dotado de grande força, o preceptor Drona, penetrou furioso na hoste Pandava, e quando aquele herói, posicionado em seu carro, se movimentou

rapidamente sobre o campo, como os Pandavas reprimiram seu curso? Quem protegia a roda direita do carro do preceptor naquela batalha terrível? Quem também protegia sua esquerda quando ele massacrava ferozmente o inimigo? Quem foram aqueles bravos guerreiros que seguiram aquele herói lutando atrás dele? Quem foram aqueles, então, que permaneceram na frente daquele guerreiro em carro? Quando aquele arqueiro invicto e formidável, aquele principal de todos os portadores de armas, dançando ao longo da trilha de seu carro, entrou na hoste Pandava, eu penso que seus inimigos sentiram um frio excessivo e inoportuno. Eu acho que eles tremeram como gado exposto a rajadas de vento gélidas. Como aquele touro entre guerreiros em carros, que consumiu todas as tropas dos Panchalas como um incêndio furioso, encontrou sua morte?'"

"Sanjaya disse, 'Tendo matado o soberano dos Sindhus à noite, Partha, depois de seu encontro com Yudhishthira e o grande arqueiro, isto é, Satyaki, ambos procederam em direção a Drona. Então Yudhishthira, e Bhimasena, o filho de Pandu, cada um com uma divisão separada do exército, foram rapidamente contra Drona. Similarmente, o inteligente Nakula, e o invencível Sahadeva, e Dhrishtadyumna com sua própria divisão, e Virata, e o soberano dos Salwas, com um grande exército, procederam contra Drona em batalha. Da mesma maneira, o rei Drupada, o pai de Dhrishtadyumna, protegido pelos Panchalas procedeu, ó rei, contra Drona. E os filhos de Draupadi, e o Rakshasa Ghatotkacha, acompanhados por suas tropas, procederam contra Drona de grande esplendor. Os Prabhadraka-Panchalas também seis mil em número, e todos batedores eficazes, procederam contra Drona colocando Sikhandin em sua dianteira. Outros principais dos homens e poderosos guerreiros em carros entre os Pandavas, juntos, ó touro entre homens, procederam contra Drona. Quando aqueles guerreiros heróicos, ó touro entre os Bharatas, procederam para a batalha, a noite tornou-se escura como breu, aumentando os terrores dos tímidos. E durante aquela hora de escuridão, ó rei, muitos foram os guerreiros que sacrificaram suas vidas. E aquela noite também trouxe a morte de muitos elefantes e cavalos e soldados de infantaria. Naquela noite de escuridão como breu, chacais urrando em todos os lugares inspiravam grande temor com suas bocas ardentes. Corujas ferozes, pousando nos estandartes de Kauravas e piando de lá, pressagiavam terrores. Então, ó rei, um tumulto selvagem surgiu entre as tropas. Misturando-se com a batida alta de baterias e pratos, grunhidos de elefantes, relinchos de corcéis, e pisadas de cascos de cavalos, aquele tumulto se espalhou por todos os lugares. Então, naquela hora da noite, violenta foi a batalha que ocorreu entre Drona, ó rei, e todos os Srinjayas. O mundo tendo sido envolvido em escuridão, nada podia ser percebido. O céu estava coberto com a poeira erguida pelos combatentes. Sangue de homens e cavalos e elefantes se misturou. O pó de terra então desapareceu. Todos nós ficamos completamente desanimados. Durante aquela noite, como os sons de uma floresta de bambus queimando em uma montanha, sons terríveis eram ouvidos de armas se chocando. Com os sons de Mridangas e Anakas e Vallakis e Patahas, (baterias de diversos tipos e tamanhos) com os gritos (de seres humanos) e o relincho (de corcéis), uma confusão terrível começou em todos os lugares, ó senhor! Quando o campo de batalha foi envolvido em escuridão, amigos, ó rei, não podiam ser distinguidos de inimigos. Todos foram

possuídos por uma loucura naquela noite. O pó de terra que tinha sido erguido, ó rei, foi logo diminuído com chuvas de sangue. Então, por causa de cotas de malha douradas e dos ornamentos brilhantes dos guerreiros, aquela escuridão foi dissipada. A hoste Bharata então, adornada com pedras preciosas e ouro (e cheia de dardos e estandartes), parecia com o céu à noite, ó touro da raça Bharata, coberto com estrelas. O campo de batalha então ressoava com os gritos de chacais e os crocitos de corvos, com os grunhidos de elefantes, e os gritos e berros dos guerreiros. Aqueles sons, misturados, produziram um tumulto alto, de arrepiar os cabelos. Aquele tumulto encheu todos os pontos do horizonte como o ribombo do trovão de Indra. Nas altas horas da noite, a hoste Bharata parecia iluminada com os Angadas, os brincos, as couraças, e as armas de combatentes. Lá elefantes e carros, enfeitados com ouro, pareciam naquela noite com nuvens carregadas com relâmpago. Espadas e dardos e maças e cimitarras e clavas e lanças e machados, quando eles caíam, pareciam lampejos deslumbrantes de fogo. Duryodhana era a rajada de vento que foi a precursora (daquela hoste como a tempestade). Carros e elefantes constituíam suas nuvens secas. O barulho alto de baterias e outros instrumentos formava o estrondo de seus trovões. Cheia de estandartes, arcos formavam lampejos de relâmpago. Drona e os Pandavas formavam suas nuvens torrenciais. Cimitarras e dardos e maças constituíam seus trovões. Flechas formaram seu aguaceiro, e armas (de outros tipos) suas incessantes rajadas de vento. E os ventos que sopraram eram ambos: extremamente quentes e extremamente frios. Terrível, atordoante e feroz, ela era destrutiva de vida. Não havia nada que pudesse fornecer abrigo dela. Combatentes, desejosos de lutar entraram naquela hoste espantosa naquela noite terrível ressoando com barulhos assustadores, aumentando os medos dos tímidos e a alegria de heróis. E durante a continuação daquela batalha violenta e terrível durante a noite, os Pandus e os Srinjayas, juntos, avançaram em fúria contra Drona. Todos esses, no entanto, ó rei, que avançaram diretamente contra o ilustre Drona foram obrigados a retroceder ou despachados para a residência de Yama. De fato, naquela noite, Drona sozinho perfurou com suas flechas elefantes aos milhares e carros às dezenas de milhares e milhões de milhões de soldados de infantaria e cavalos.'"

154

"Dhritarashtra disse, "Quando o invencível Drona, de energia incomensurável, incapaz de suportar (a morte de Jayadratha), entrou furiosamente no meio dos Srinjayas, o que vocês todos pensaram? Quando aquele guerreiro de alma incomensurável, tendo dito aquelas palavras para meu filho desobediente, Duryodhana, entrou dessa maneira (nas tropas hostis), que medida Partha tomou? Quando depois da queda do heróico Jayadratha e de Bhurisravas, aquele guerreiro invicto de grande energia, aquele opressor de inimigos, isto é, o inconquistável Drona, procedeu contra os Panchalas, o que Arjuna pensou? O que também Duryodhana pensou como o passo mais adequado que ele podia adotar? Quem foram eles que seguiram aquele herói concessor de benefícios, aquele principal dos regenerados? Quem foram aqueles heróis, ó Suta, que ficaram atrás

daquele herói enquanto envolvido em combate? Quem lutou em sua dianteira, enquanto ele estava empenhado em matar? Eu penso que todos os Pandavas, afligidos pelas flechas do filho de Bharadwaja, ficaram, ó Suta, como gado magro tremendo sob um céu glacial. Tendo penetrado no meio dos Panchalas, como aquele grande arqueiro, aquele opressor de inimigos, aquele tigre entre homens, encontrou sua morte? Quando naquela noite todas as tropas, juntas, e todos os grandes guerreiros em carros reunidos estavam sendo separadamente subjugados (por Drona), quem foram aqueles homens inteligentes entre vocês que estavam presentes lá? Tu disseste que minhas tropas foram mortas ou amontoadas juntas, ou derrotadas, e que meus guerreiros em carros ficaram sem carros naqueles combates. Quando aqueles combatentes ficaram desanimados e estavam sendo subjugados pelos Pandavas, o que eles pensaram quando eles caíram em tal desgraça naquela noite escura? Tu disseste que os Pandavas estavam bem-dispostos e muito esperançosos, e que os meus estavam sem entusiasmo e tomados pelo pânico. Como, ó Sanjaya, tu pudeste notar a diferença naquela noite entre os Kurus e os Parthas que não recuavam?'"

"Sanjaya disse, 'Durante a continuação, ó rei, daquele violento combate noturno, os Pandavas junto com os Somakas avançaram todos contra Drona. Então Drona, com suas flechas de curso rápido, despachou todos os Kaikeyas e os filhos de Dhrishtadyumna para o mundo dos espíritos. De fato, todos aqueles poderosos guerreiros em carros, ó rei, que avançaram diretamente contra Drona, todos aqueles senhores de terra foram despachados (por ele) para a região dos mortos. Então o rei Sivi, de grande bravura, cheio de fúria, procedeu contra aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho heróico de Bharadwaja, enquanto o último estava assim empenhado em oprimir (os combatentes hostis). Vendo aquele grande guerreiro em carro dos Pandavas avançando, Drona perfurou-o com dez flechas feitas totalmente de ferro. Sivi, no entanto, perfurou Drona em retorno com trinta flechas, aladas com penas Kanka. E sorrindo, ele também, com uma flecha de cabeça larga derrubou o motorista do carro de Drona. Drona então, matando os corcéis do ilustre Sivi como também o motorista de seu carro, cortou do tronco a cabeça de Sivi com uma proteção para a cabeça sobre ela. Então Duryodhana rapidamente enviou para Drona um motorista para seu carro. As rédeas de seus corcéis tendo sido tomadas pelo novo homem, Drona avançou novamente contra seus inimigos. O filho do soberano dos Kalingas, protegido pelas tropas Kalinga, avançou contra Bhimasena, cheio de fúria pela morte de seu pai pelo último. Tendo perfurado Bhima com cinco flechas ele mais uma vez o perfurou com sete. E ele atingiu Visoka (o motorista do carro de Bhima) com três flechas e o estandarte do último com uma. Vrikodara, cheio de raiva, saltando de seu próprio carro para aquele de seu inimigo, matou somente com seus punhos aquele herói zangado dos Kalingas. Os ossos daquele príncipe, morto dessa maneira em batalha pelo filho poderoso de Pandu somente com seus punhos, caíram no chão separados uns dos outros. Karna e o irmão do príncipe morto, (e outros), não puderam tolerar aquele ato de Bhima. Todos eles começaram a atacar Bhimasena com flechas afiadas parecendo cobras de veneno virulento. Abandonando então aquele carro do inimigo (sobre o qual ele estava), Bhima foi para o carro de Dhruva (o irmão do príncipe Kalinga), e esmagou, com um golpe

de seu punho, aquele príncipe que tinha estado golpeando-o incessantemente. Assim atingido pelo poderoso filho de Pandu, Dhruva caiu. Tendo matado ele, ó rei, Bhimasena de grande força, precedendo para o carro de Jayarata, começou a rugir repetidamente como um leão. Arrastando Jayarata então com seu braço esquerdo, enquanto, empenhado em rugir, ele matava aquele guerreiro com um tapa de sua palma na própria vista de Karna. Então Karna arremessou no filho de Pandu um dardo enfeitado com ouro. O Pandava, no entanto, sorrindo, agarrou com sua mão aquele dardo. E o invencível Vrikodara naquela batalha arremessou aquele mesmo dardo de volta em Karna. Então Sakuni, com uma flecha que tinha sido embebida em óleo cortou aquele dardo enquanto ele corria em direção a Karna. Tendo realizado esses feitos poderosos em batalha, Bhima, de bravura extraordinária, voltou para seu próprio carro e avançou contra tuas tropas. E enquanto Bhima estava avançando dessa maneira, massacrando (tuas tropas) como o próprio Destruidor em fúria, teus filhos, ó monarca, tentaram resistir àquele herói de braços fortes. De fato, aqueles poderosos guerreiros em carros o cobriram com uma chuva densa de flechas. Então Bhima, sorrindo, despachou naquela batalha, com suas flechas, o motorista e os corcéis de Durmada para a residência de Yama. Durmada, nisto, subiu rapidamente no carro de Dushkarna. Então aqueles opressores de inimigos, isto é, os dois irmãos, andando no mesmo carro, ambos avançaram contra Bhima na linha de frente da batalha, como o Regente das águas e Surya avançando contra Taraka, aquele principal dos Daityas. Então teus filhos, Durmada e Dushkarna, no carro mesmo, perfuraram Bhima com flechas. Então na própria vista de Karna, de Aswatthaman, de Duryodhana, de Kripa, de Somadatta, e de Valhika, o filho de Pandu, aquele castigador de inimigos, por uma batida de seu pé, fez aquele carro dos heróicos Durmada e Dushkarna afundar no chão. Cheio de raiva, Bhima golpeou com seus punhos aqueles teus filhos bravos e poderosos, Durmada e Dushkarna, e com isso os esmagou e rugiu alto. Então gritos de 'Oh' e 'Ai' ergueram-se entre as tropas. E os reis, contemplando Bhima disseram, 'Aquele é Rudra que está lutando na forma de Bhima entre os Dhartarashtras.' Dizendo essas palavras, ó Bharata, todos os reis fugiram, privados de seu juízo e incitando os animais que eles montavam à sua maior velocidade. De fato, dois deles não podiam ser vistos correndo juntos. Então, quando naquela noite uma grande carnificina tinha sido causada entre o exército (Kaurava), o poderoso Vrikodara, com olhos belos como o lótus totalmente desabrochado, muito aplaudido por muitos touros entre os reis, se dirigindo até Yudhishthira, prestou seus respeitos a ele. Então os gêmeos (Nakula e Sahadeva), e Drupada e Virata, e os Kaikeyas, e Yudhishthira também, sentiram grande alegria. E todos eles prestaram suas adorações a Vrikodara assim como os celestiais fizeram para Mahadeva depois que Andhaka tinha sido morto. Então teus filhos, todos iguais aos filhos de Varuna, cheios de raiva e acompanhados pelo preceptor ilustre e um grande número de carros, soldados de infantaria, e elefantes cercaram Vrikodara por todos os lados pelo desejo de luta. Então, ó melhor dos reis, naquela noite terrível, quando tudo estava envolvido em escuridão, tão densa como uma nuvem, uma batalha formidável ocorreu entre aqueles guerreiros ilustres, encantadora para lobos e corvos e urubus.'"

155

"Sanjaya disse, 'Depois que seu filho (Bhurisravas) tinha sido morto por Satyaki enquanto o primeiro estava sentado em Praya, Somadatta, cheio de raiva, disse para Satyaki essas palavras, 'Por que, ó Satwata, tendo abandonado aqueles deveres Kshatriya ordenados pelos deuses de grande alma, tu te dirigiste às práticas de ladrões? Por que alguém que é cumpridor dos deveres Kshatriya e possuidor de sabedoria atingiria em batalha uma pessoa que está se dirigindo para longe da batalha, ou alguém que ficou impotente, ou alguém que pôs de lado suas armas, ou alguém que implora por piedade? Duas pessoas, de fato, entre os Vrishnis são reputados como sendo os principais dos grandes guerreiros em carros, isto é, Pradyumna de energia poderosa e tu também, ó Satyaki! Por que então tu te comportaste tão cruelmente e pecaminosamente com alguém que tinha sentado em Praya e que teve seus braços cortados por Partha? Receba agora em batalha a consequência daquele teu ato, ó tu de comportamento pecaminoso! Eu irei hoje, ó desgraçado, empregando minha destreza, cortar tua cabeça com uma flecha alada. Eu juro, ó Satwata, por meus dois filhos, por aquilo que é caro para mim, e por todas as minhas ações meritórias, que, se antes dessa noite acabar, eu não matar a ti, que és tão orgulhoso do teu heroísmo, com teus filhos e irmãos mais novos, contanto que Jishnu, o filho de Pritha, não te proteja, então que eu caia no inferno terrível, ó patife da linhagem de Vrishni!' Tendo dito essas palavras, o poderoso Somadatta, cheio de raiva, soprou sua concha ruidosamente e proferiu um rugido leonino. Então Satyaki, de olhos como pétalas de lótus e dentes semelhantes àqueles de um leão, possuidor de grande força, e cheio de raiva, disse essas palavras para Somadatta, 'Ó tu da família de Kuru, lutando contigo ou com outros, no meu coração eu nunca sinto o mínimo medo. Se, protegido por todas as tropas, tu lutares comigo, eu não irei mesmo então sentir qualquer aflição por tua causa, ó tu da linhagem de Kuru! Eu sou sempre cumpridor das práticas Kshatriya. Tu não podes, portanto, me assustar somente com palavras fortes a respeito da batalha ou com discursos que insultam os bons. Se, ó rei, tu desejas lutar comigo hoje, seja cruel e me ataque com flechas afiadas e eu também te atacarei. Teu filho, o poderoso guerreiro em carro Bhurisravas, ó rei, foi morto. Sala também, e Vrishasena, foram subjugados por mim. A ti também hoje eu matarei, com teus filhos e parentes. Fique com resolução em batalha, pois tu, ó Kaurava, és dotado de grande força. Tu já estás morto por causa da energia daquele rei de estandarte de tambor Yudhishthira em quem há sempre caridade, e autodomínio, e pureza de coração, compaixão, e modéstia, e inteligência, e perdão, e tudo mais que é indestrutível. Tu encontrarás a destruição junto com Karna e o filho de Suvala. Eu juro pelos pés de Krishna e por todos os meus bons atos que, cheio de raiva, eu irei, com minhas flechas, matar a ti com teus filhos em batalha. Se tu fugires da batalha, então tu poderás ter segurança.' Tendo se dirigido um ao outro dessa maneira, com olhos vermelhos de fúria, aqueles mais notáveis dos homens começaram a disparar suas flechas um no outro. Então com mil carros e dez mil cavalos, Duryodhana tomou sua posição, cercando Somadatta, Sakuni também, cheio de ira, e armado com todas as armas e cercado por seus filhos e netos como também por seus irmãos, que eram iguais ao próprio

Indra em destreza (fez o mesmo). Teu cunhado, ó rei, jovem em idade e de corpo firme como o raio e possuidor de sabedoria, tinha cem mil cavalos da mais notável bravura com ele. Com esses ele cercou o poderoso arqueiro Somadatta. Protegido por aqueles guerreiros poderosos, Somadatta cobriu Satyaki (com nuvens de flechas). Vendo Satyaki assim coberto com nuvens de flechas retas, Dhrishtadyumna procedeu em direção a ele com fúria e acompanhado por um exército imenso. Então, ó rei, o som que ergueu-se lá daquelas duas grandes hostes atacando uma à outra parecia aquele de muitos oceanos açoitados à fúria por furacões terríveis. Então Somadatta perfurou Satyaki com nove flechas. Satyaki, em retorno, atingiu aquele principal dos guerreiros Kuru com nove flechas. Profundamente perfurado naquela batalha pelo arqueiro firme e poderoso (Satyaki), Somadatta sentou-se no terraço de seu carro e perdeu seus sentidos em um desmaio. Vendo ele privado de seus sentidos, seu motorista, com grande velocidade, levou para longe da batalha aquele grande guerreiro em carro, o heróico Somadatta. Vendo que Somadatta, afligido pelas flechas de Yuyudhana, tinha perdido seus sentidos Drona avançou com velocidade, desejando matar o herói Yadu. Vendo o preceptor avançar, muitos guerreiros Pandava encabeçados por Yudhishthira cercaram aquele perpetuador ilustre da linhagem de Yadu pelo desejo de resgatá-lo. Então começou uma batalha entre Drona e os Pandavas, parecendo aquela entre Vali e os celestiais para obter a soberania dos três mundos. Então o filho de Bharadwaja de energia formidável encobriu a hoste Pandava com nuvens de flechas e perfurou Yudhishthira também. E Drona perfurou Satyaki com dez flechas, e o filho de Prishata com vinte. E ele perfurou Bhimasena com nove flechas e Nakula com cinco, e Sahadeva com oito, e Sikhandin com cem. E o herói poderosamente armado perfurou cada um dos (cinco) filhos de Draupadi com cinco flechas. E ele perfurou Virata com oito flechas e Drupada com dez. E ele perfurou Yudhamanyu com três flechas e Uttamaujas com seis naquele combate. E perfurando muitos outros combatentes, ele avançou em direção a Yudhishthira. As tropas do filho de Pandu, massacradas por Drona, fugiram em todas as direções, por medo, ó rei, com lamentos altos. Vendo aquela hoste massacrada por Drona. Phalguna, o filho de Pritha, com fúria um pouco estimulada, procedeu rapidamente em direção ao preceptor. Vendo então que Drona estava também procedendo em direção a Arjuna naquela batalha, aquela hoste de Yudhishthira, ó rei, se reagrupou novamente. Então mais uma vez ocorreu uma batalha entre Drona e os Pandavas. Drona, cercado, ó rei, por todos os lados por teus filhos, começou a consumir a hoste Pandava, como fogo consumindo uma pilha de algodão. Vendo ele radiante como o sol e dotado do esplendor de um fogo ardente, e ferozmente e continuamente, ó rei, emitindo suas flechas como raios, com arco incessantemente esticado a um círculo e chamuscando tudo em volta como o próprio sol, e consumindo seus inimigos, não havia ninguém naquele exército que pudesse detê-lo. As flechas de Drona, cortando a cabeça de todos aqueles que ousavam se aproximar na frente dele, entravam na terra. Assim massacrada por aquele guerreiro ilustre, a hoste Pandava fugiu novamente de medo na própria vista de Arjuna. Vendo aquele exército, ó Bharata, assim desbaratado naquela noite por Drona, Jishnu pediu a Govinda para ir em direção ao carro de Drona. Então ele da linhagem de Dasarha incitou aqueles corcéis, brancos como prata ou leite ou a flor Kunda, ou a lua, em

direção ao carro de Drona. Bhimasena também, vendo Phalguna proceder em direção a Drona, mandou seu próprio quadrigário, dizendo, 'Leve-me para a divisão de Drona.' Ouvindo aquelas palavras de Bhima, seu motorista Visoka incitou seus corcéis, seguindo na esteira, ó chefe dos Bharatas, de Jishnu, de pontaria certeira. Vendo os dois irmãos procedendo resolutamente em direção à divisão de Drona, os poderosos guerreiros em carros entre os Panchalas, os Srinjayas, os Matsyas, os Chedis, os Karushas, os Kosalas, e os Kaikeyas, ó rei, todos os seguiram. Então, ó monarca, ocorreu um combate terrível de arrepiar os cabelos. Com duas imensas multidões de carros, Vibhatsu e Vrikodara atacaram tua hoste; o primeiro à direita e o último na frente. Vendo aqueles tigres entre homens, Bhimasena e Dhananjaya (assim empenhados), Dhrishtadyumna, ó monarca, e Satyaki de grande força, avançaram atrás. Então, ó rei, um tumulto surgiu lá por causa das duas hostes atacando uma à outra, que parecia o barulho feito por muitos mares agitados à fúria por uma tempestade. Vendo Satyaki em batalha, Aswatthaman, cheio de raiva pela morte do filho de Somadatta, avançou furiosamente contra aquele herói Satwata na vanguarda da batalha. Vendo-o avançar naquela batalha contra o carro do neto de Sini, o filho de Bhimasena, o Rakshasa gigantesco, Ghatotkacha, dotado de grande força, avançou nele, em um carro enorme e formidável feito de ferro preto coberto com peles de urso. A altura e a largura daquele carro grande mediam trinta nalwas (um nalwa media quatrocentos cúbitos.) Ele estava equipado com máquinas colocadas em lugares apropriados; seu estrépito parecia aquele de uma imensa massa de nuvens. Nem cavalos nem elefantes estavam unidos a ele, mas, em vez disso, seres que pareciam com elefantes. Sobre seu estandarte alto pousava um príncipe dos urubus com asas e pés esticados, com olhos atentos, e gritando terrivelmente. E ele estava equipado com bandeiras vermelhas e ornado com as entranhas de vários animais. E aquele veículo enorme estava aparelhado com oito rodas. Sobre ele, Ghatotkacha estava cercado por um Akshauhini completo de Rakshasas de aparência selvagem armados com lanças e clavas pesadas e rochas e árvores. Vendo-o avançar com arco erguido, parecendo o próprio Destruidor armado com maça na hora da dissolução universal, os reis hostis foram tomados pelo medo. À visão daquele príncipe dos Rakshasas, Ghatotkacha, parecendo com um topo de montanha de aspecto terrível, pavoroso, possuidor de dentes terríveis e rosto feroz, com orelhas como flechas e ossos molares altos, com cabelo duro erguido para cima, olhos horríveis, barriga encovada, boca ardente, larga como um abismo, e com diadema sobre sua cabeça, capaz de afligir todas as criaturas com medo, possuindo mandíbulas escancaradas como aquelas do Destruidor, dotado de grande esplendor e capaz de agitar todos os inimigos, avançando em direção a eles, a hoste do teu filho, atormentada com medo, ficou muito agitada como a correnteza do Ganga agitada em redemoinhos violentos pela (ação do) vento. Apavorados pelo rugido leonino proferido por Ghatotkacha, elefantes começaram a expelir urina e os reis começaram a tremer. Então, jogadas pelos Rakshasas que tinham se tornado mais poderosos por causa da noite, começou a cair lá no campo de batalha uma chuva grossa de pedras. E uma chuva contínua de rodas de ferro e Bhundis e dardos e lanças e arpões e Sataghnis e machados também caiu lá. Vendo aquela batalha feroz e terrível, os reis, teus filhos, e Karna, também muito atormentados, fugiram. Somente o orgulhoso filho de Drona, sempre

vaidoso de seu poder em armas, permaneceu destemidamente. E ele logo dissipou aquela ilusão que tinha sido criada por Ghatotkacha. Após a destruição de sua ilusão, Ghatotkacha furioso disparou flechas ardentes (em Aswatthaman). Essas perfuraram o filho de Drona, como cobras zangadas atravessando rapidamente um formigueiro. Aquelas flechas, tendo atravessado o corpo de Aswatthaman, tingidas com sangue entraram na terra rapidamente como cobras em um formigueiro. O ágil Aswatthaman, no entanto, de grande destreza, cheio de cólera, perfurou Ghatotkacha com dez flechas. Ghatotkacha, profundamente perfurado em suas partes vitais pelo filho de Drona, e sentindo grande dor, pegou uma roda tendo mil raios. Sua extremidade era afiada como uma navalha, e ela era brilhante como o sol nascente. E ela era ornada com diversas pedras preciosas e diamantes. Desejoso de matá-lo, o filho de Bhimasena arremessou aquela roda em Aswatthaman. E enquanto aquela roda corria rapidamente em direção ao filho de Drona, o último cortou-a em fragmentos por meio de suas flechas. Frustrada, ela caiu no chão, como a esperança nutrida por um homem desafortunado. Vendo sua roda frustrada, Ghatotkacha cobriu rapidamente o filho de Drona com suas flechas, como Rahu engolindo o sol. Enquanto isso, o filho de Ghatotkacha dotado de grande esplendor e parecendo com uma massa de antimônio, reprimiu o filho de Drona que avançava, como o rei das montanhas (Meru) impedindo (o curso do) vento. Afligido por chuvas de flechas pelo neto de Bhimasena, isto é, o bravo Anjanaparvan, Aswatthaman parecia com a montanha Meru suportando uma torrente de chuva de uma nuvem imensa. Então Aswatthaman, igual a Rudra ou Upendra em bravura, ficou cheio de raiva. Com uma flecha ele cortou o estandarte de Anjanaparvan. Com duas outras, seus dois motoristas, e com três outras, seu Trivenuka. E ele cortou o arco do Rakshasa com uma flecha, e seus quatro corcéis com quatro outras flechas. Sem carro, Anjanaparvan pegou uma cimitarra. Com outra flecha afiada, Aswatthaman cortou em dois fragmentos aquela cimitarra, decorada com estrelas douradas, na mão do Rakshasa. O neto de Hidimva então, ó rei, girando uma maça ornada com ouro, jogou-a rapidamente em Aswatthaman. O filho de Drona, no entanto, atingindo-a com suas flechas, a fez cair no chão. Subindo então ao céu, Anjanaparvan começou a rugir como uma nuvem. E do céu ele despejou árvores sobre seu inimigo. Como o sol rompendo uma massa de nuvens com seus raios, Aswatthaman então começou a perfurar com suas flechas o filho de Ghatotkacha, aquele receptáculo de ilusões, no céu. Dotado de energia formidável, o Rakshasa desceu novamente em seu carro decorado com ouro. Ele então parecia com uma alta e bela colina de antimônio na superfície da terra. O filho de Drona então matou aquele filho do filho de Bhima, Anjanaparvan, envolvido em uma cota de malha de ferro, assim como Mahadeva matou nos tempos passados o Asura Andhaka. Vendo seu filho poderoso morto por Aswatthaman, Ghatotkacha, indo até o filho de Drona, dirigiu-se destemidamente ao filho heróico da filha de Saradwata, que estava então consumindo as tropas Pandava como um intenso incêndio florestal, nessas palavras:

"Ghatotkacha disse, 'Espere, espere, ó filho de Drona! Tu não escaparás de mim com vida! Eu te matarei hoje como o filho de Agni matando Krauncha.'"

"Aswatthaman disse, 'Vá, ó filho, e lute com outros, ó tu que tens a destreza de um celestial. Não é apropriado, ó filho de Hidimva, que pai lute com filho. (Aswatthaman e os Pandavas eram como irmãos, pois ambos eram discípulos de Drona, Ghatotkacha, portando, sendo filho de Bhima era filho do irmão de Aswatthaman.) Eu não nutro qualquer rancor contra ti, ó filho de Hidimva! Quando, no entanto, a ira de uma pessoa é excitada, a pessoa pode matar a si mesma.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo ouvido essas palavras, Ghatotkacha, cheio de dor por conta da queda de seu filho, e com olhos vermelhos como cobre de raiva, aproximou-se de Aswatthaman e disse, 'Eu sou um covarde em batalha, ó filho de Drona, como uma pessoa comum, que tu me assustas assim com palavras? Tuas palavras são impróprias. Na verdade, eu fui gerado por Bhima na célebre linhagem dos Kurus. Eu sou um filho dos Pandavas, aqueles heróis que nunca recuam da batalha. Eu sou o rei dos Rakshasas, igual àquele de dez pescoços (Ravana) em poder. Espere, espere, ó filho de Drona! Tu não escaparás de mim com vida. Eu irei hoje, no campo de batalha, dissipar teu desejo por luta.' Tendo respondido dessa maneira para Aswatthaman, aquele poderoso Rakshasa com olhos vermelhos como cobre de raiva avançou furiosamente contra o filho de Drona, como um leão contra um príncipe de elefantes. E Ghatotkacha começou a despejar sobre aquele touro entre os guerreiros em carros, o filho de Drona, flechas da medida do Aksha do carro de batalha, como uma nuvem despejando torrentes de chuva. O filho de Drona no entanto, com suas próprias flechas, deteve aquela chuva de flechas antes que ela pudesse alcançá-lo. Naquele momento, parecia que outro combate estava ocorrendo no céu entre as flechas (como os combatentes). O céu, então, durante a noite, brilhava resplandecente com as faíscas causadas pelo choque daquelas armas, como se com (miríades de) pirilampos. Observando que sua ilusão foi dissipada pelo filho de Drona, orgulhoso de sua destreza em batalha, Ghatotkacha, mais uma vez se fazendo invisível, criou uma ilusão. Ele assumiu a forma de uma montanha alta, coroada com rochedos íngremes e árvores, e possuindo fontes das quais fluíam incessantemente lanças e arpões e espadas e clavas pesadas. Contemplando aquela montanha como uma massa de antimônio, com inúmeras armas caindo dela, o filho de Drona não ficou alterado em absoluto. O último chamou à existência a arma Vajra (isto é, a arma dotada da força do trovão). O príncipe das montanhas, então, atingido por aquela arma, foi rapidamente destruído. Então o Rakshasa, tornando-se uma massa de nuvens azuis no firmamento, ornada com arco-íris, começou a derramar furiosamente sobre o filho de Drona naquela batalha uma torrente de pedras e rochas. Então aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de armas, Aswatthaman, apontando a arma Vayavya, destruiu aquela nuvem azul que tinha surgido no firmamento. O filho de Drona, aquele principal dos homens, então cobrindo os pontos do horizonte com suas flechas, matou cem mil guerreiros em carros. Ele então viu Ghatotkacha indo destemidamente em direção a ele com arco curvado e acompanhado por um grande número de Rakshasas que pareciam leões ou elefantes enfurecidos de grande força, alguns montados em elefantes, alguns em carros, e alguns em corcéis. O filho de Hidimva estava acompanhado por aqueles seus seguidores ferozes, com rostos e cabeças e pescoços assustadores. Aqueles Rakshasas

consistiam em Paulastyas e Yatudhanas (diferentes espécies de Rakshasas.) Sua bravura era igual àquela do próprio Indra. Eles estavam armados com diversas espécies de armas e envolvidos em diversos tipos de armadura. De aparência terrível, eles estavam cheios de raiva. Ghatotkacha veio para a batalha acompanhado por aqueles Rakshasas, que eram, de fato, incapazes de serem facilmente derrotados em batalha. Vendo eles, teu filho, Duryodhana, ficou muito desanimado. Para ele o filho de Drona disse, 'Espere, ó Duryodhana! Tu não precisas temer. Fique de lado com esses teus irmãos heróicos e esses senhores de terra, dotados da destreza de Indra. Eu matarei teus inimigos. Tu não terás derrota. Eu te falo verdadeiramente. Enquanto isso, proteja tuas tropas.'"

"Duryodhana disse, 'Eu não considero o que tu disseste como surpreendente em absoluto, já que tua coragem é grande. Ó filho da filha de Gautama, tua consideração por nós é notável.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras para Aswatthaman, ele então dirigiu-se ao filho de Suvala, dizendo, 'Dhananjaya está engajado na batalha cercado por cem mil guerreiros em carros de grande coragem. Vá contra ele, com sessenta mil carros. Karna também, e Vrishasena e Kripa, e Nila, e os habitantes do Norte, e Kritavarman, e os filhos de Purumitra, e Duhsasana, e Nikumbha, e Kundabhedin, e Puranjaya e Dridharatha, e Hemakampana, e Salya, e Aruni, e Indrasena, e Sanjaya, e Vijaya, e Jaya, e Purakrathin, e Jayavarman, e Sudarsana, esses te seguirão, com sessenta mil soldados de infantaria. Ó tio, mate Bhima e os gêmeos e o rei Yudhishthira o justo, como o chefe dos celestiais matando os Asuras. Minha esperança de vitória está em ti. Já perfurados pelo filho de Drona com flechas, todos os seus membros estão muito mutilados. Mate os filhos de Kunti, ó tio, como Kartikeya matando os Asuras.' Assim endereçado por teu filho, Sakuni procedeu rapidamente para destruir os Pandavas, enchendo o coração do teu filho, ó rei, de alegria.'"

"Enquanto isso, ó rei, a batalha que ocorreu entre os Rakshasas e o filho de Drona naquela noite foi extremamente terrível como aquela entre Sakra e Prahlada (nos tempos passados). Ghatotkacha, cheio de raiva, atingiu o filho de Drona no peito com dez flechas poderosas ardentes como veneno ou fogo. Profundamente perfurado com aquelas flechas pelo filho de Bhimasena, Aswatthaman tremeu no terraço de seu carro como uma árvore alta sacudida pela tempestade. Mais uma vez Ghatotkacha, com uma flecha de cabeça larga, cortou rapidamente o arco brilhante que estava nas mãos do filho de Drona. O último, então, pegando outro arco capaz de suportar uma grande tensão, despejou flechas afiadas (sobre seu inimigo) como uma nuvem derramando torrentes de chuva. Então o filho da filha de Saradwat, ó Bharata, disparou muitas flechas percorredoras do céu e matadoras de inimigos, aladas com ouro, em direção ao Rakshasa percorredor do céu. Afligido por aquelas flechas de Aswatthaman, aquele vasto exército de Rakshasas de peitos amplos parecia com uma manada de elefantes enfurecidos afligida por leões. Consumindo com suas flechas aqueles Rakshasas com seus corcéis, motoristas, e elefantes, ele brilhava como o adorável Agni quando destruindo criaturas no fim do Yuga. Tendo queimado com suas flechas um Akshauhini inteiro de tropas Rakshasa, Aswatthaman brilhava

resplandecente como o divino Maheswara no céu depois do incêndio da cidade tripla. (Tripura, pertencente a um Asura do mesmo nome.) Aquele mais notável dos vencedores, o filho de Drona, tendo queimado teus inimigos, resplandecia brilhantemente como o ardente fogo Yuga depois de ter queimado todas criaturas no fim do Yuga. Então Ghatotkacha, cheio de raiva, instigou aquele vasto exército Rakshasa adiante, dizendo, 'Matem o filho de Drona!' Aquela ordem de Ghatotkacha foi obedecida por aqueles Rakshasas terríveis de dentes brilhantes, rostos largos, aspectos apavorantes, bocas muito abertas, línguas compridas e olhos ardentes com cólera. Fazendo a terra ser cheia com seus altos rugidos leoninos, e armados com diversas espécies de armas, eles avançaram contra o filho de Drona para matá-lo. Dotados de bravura feroz, aqueles Rakshasas, com olhos vermelhos de raiva, arremessaram destemidamente na cabeça de Aswatthaman centenas e milhares de dardos, e Sataghnis, e maças com ferrões, e Asanis e lanças longas, e machados, e cimitarras, e maças, e flechas curtas e clavas pesadas, e machados de batalha, e lanças, e espadas, e arpões, e Kampanas e Kunapas polidos, e Hulas, e foguetes, e pedras, e recipientes de melado (quente), e thunas feitos de ferro preto, e malhos, todos de formas terríveis e capazes de destruir inimigos. Contemplando aquela chuva grossa de armas caindo sobre a cabeça do filho de Drona, teus guerreiros ficaram muito aflitos. O filho de Drona, no entanto, destruiu destemidamente com suas flechas afiadas dotadas da força do trovão aquela chuva terrível de armas parecendo com uma nuvem erguida. Então o filho de grande alma de Drona, com outras armas, equipadas com asas douradas e insufladas com mantras matou rapidamente muitos Rakshasas. Afligido por aquelas flechas, aquele vasto exército de Rakshasas de peito largo parecia com uma manada de elefantes enfurecidos afligida por leões. Então aqueles Rakshasas poderosos, atormentados dessa maneira pelo filho de Drona, ficaram cheios de fúria e avançaram contra o último. A destreza que o filho de Drona então mostrou foi muito extraordinária, pois a façanha que ele realizou é incapaz de ser realizada por algum outro ser entre as criaturas vivas, já que, sozinho e desamparado, aquele guerreiro conhecedor de armas superiores e poderosas queimou aquele exército Rakshasa com suas flechas ardentes na própria visão daquele príncipe dos Rakshasas. Enquanto destruindo aquele exército Rakshasa, o filho de Drona naquela batalha brilhava resplandecente como o fogo Samvartaka, quando queimando todas as criaturas no fim do Yuga. De fato, entre aqueles milhares de reis e aqueles Pandavas, ó Bharata, não havia ninguém, exceto aquele príncipe poderoso dos Rakshasas, o heróico Ghatotkacha, capaz mesmo de olhar para o filho de Drona naquela batalha, que estava assim empenhado em consumir suas tropas com suas flechas, parecendo cobras de veneno virulento. O Rakshasa, ó chefe dos Bharatas, com olhos rolando de fúria, batendo suas palmas, e mordendo seu lábio inferior, dirigiu-se ao seu próprio motorista, dizendo, 'Leve-me em direção ao filho de Drona.' Sobre aquele carro formidável provido de pendões triunfais, aquele matador de inimigos procedeu novamente contra o filho de Drona, desejoso de um duelo com o último. Dotado de bravura terrível, o Rakshasa, proferindo um rugido leonino alto, arremessou naquele combate no filho de Drona, tendo-o girado (previamente), um Asani terrível de feitura celeste, e equipado com oito sinos. (Asani literalmente significa o trovão. Provavelmente, algum tipo de maça de

ferro.) O filho de Drona, no entanto, saltando de seu carro, tendo deixado seu arco nele, agarrou-o e arremessou-o de volta no próprio Ghatotkacha. Ghatotkacha, enquanto isso, tinha descido rapidamente de seu carro. Aquele Asani formidável, de refulgência deslumbrante, tendo reduzido a cinzas o veículo do Rakshasa com corcéis e motorista e estandarte, entrou na terra, tendo-a atravessado. Vendo aquele feito do filho de Drona, isto é, ele ter saltado e agarrado aquele Asani terrível de feitura celeste, todas as criaturas o aplaudiram. Procedendo então, ó rei, para o carro de Dhrishtadyumna, o filho de Bhimasena, pegando um arco terrível que parecia o arco grande do próprio Indra, mais uma vez disparou muitas flechas afiadas no filho ilustre de Drona. Dhrishtadyumna também disparou destemidamente no peito de Aswatthaman muitas principais das flechas, equipadas com asas de ouro e parecendo cobras de veneno virulento. Então o filho de Drona disparou flechas e setas compridas às milhares. Aqueles dois heróis, no entanto, Ghatotkacha e Dhrishtadyumna, atingiram e frustraram as flechas de Aswatthaman por meio de suas próprias flechas cujo toque parecia aquele do fogo. A batalha então que ocorreu entre aqueles dois leões entre homens (Ghatotkacha em um lado) e o filho de Drona (no outro) tornou-se violento ao extremo e alegrou todos os combatentes, ó touro da raça Bharata! Então, acompanhado por mil carros, trezentos elefantes, e seis mil cavalos, Bhimasena chegou àquele local. O filho virtuoso de Drona, no entanto, dotado como ele era de bravura que não conhecia fadiga, continuou a lutar com o filho heróico de Bhima e com Dhrishtadyumna apoiado por seus seguidores. A destreza então que o filho de Drona mostrou naquela ocasião foi muito extraordinária, visto que, ó Bharata, ninguém mais entre todas as criaturas é capaz de realizar tais façanhas. Em um piscar de olhos, ele destruiu, por meio de suas flechas afiadas, um Akshauhini inteiro de tropas Rakshasa com cavalos, motoristas, carros, e elefantes, na própria vista de Bhimasena e do filho de Hidimva e do filho de Prishata e dos gêmeos e do filho de Dharma e Vijaya e Achyuta. (Achyuta, quando usado como um nome próprio, se refere a Krishna. Significa ‘de glória imorredoura’ e 'o imortal.') Profundamente atingidos pelas flechas de curso reto (de Aswatthaman), elefantes caíam sobre elefantes no chão como montanhas sem topos. Completamente coberta com as trombas cortadas de elefantes, que ainda se moviam em convulsões, a terra parecia como se coberta com cobras moventes. E a terra parecia resplandecente com mastros dourados e guarda-sóis reais, como o céu no fim do Yuga, coberto com planetas e estrelas e muitas luas e sóis. E o filho de Drona fez um rio sangrento de correnteza impetuosa fluir lá. O sangue de elefantes e cavalos e combatentes formava sua água; altos estandartes suas rãs; baterias formavam suas tartarugas grandes; guarda-sóis, suas fileiras de cisnes, rabos de iaque em profusão, Kankas e urubus, seus crocodilos; armas seus peixes; elefantes grandes as pedras e rochas em suas margens; elefantes e corcéis, seus tubarões; carros, suas margens instáveis e largas; e pendões, suas belas fileiras de árvores. Tendo flechas como seus peixes (menores), aquele rio pavoroso tinha lanças e dardos e espadas como cobras; medula e carne como seu lodo, e corpos sem tronco flutuando nele como suas balsas. E ele estava obstruído com o cabelo (de homens e animais) como seu musgo. E ele inspirava os tímidos com desânimo e medo. E ondas sangrentas eram vistas em sua superfície. Tornado horrendo por meio dos soldados de infantaria com os quais ele

abundava, a residência de Yama era o oceano em direção ao qual ele fluía. Tendo matado os Rakshasas, o filho de Drona então começou a afligir o filho de Hidimva com flechas. Novamente cheio de raiva, o pujante filho de Drona tendo perfurado aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os Parthas incluindo Vrikodara e os filhos de Prishata, matou Suratha, um dos filhos de Drupada. Então ele matou naquela batalha o irmão mais novo de Suratha chamado Satrunjaya. E então ele matou Valanika e Jayanika, e Jaya. E uma vez mais, com uma flecha afiada, o filho de Drona proferindo um rugido leonino, matou Prishdhra, e então o orgulhoso Chandrasena. E então ele matou com dez flechas os dez filhos de Kuntibhoja. Então, ó rei, o filho de Drona despachou Srutayus para a residência de Yama. Com três outras flechas afiadas, equipadas com asas belas e olhos vermelhos, ele despachou o poderoso Satrunjaya para a região de Sakra. Então Aswatthaman, cheio de raiva, fixou na corda de seu arco uma flecha ardente e reta. Puxando a corda do arco até sua orelha, ele rapidamente disparou aquela flecha ardente e excelente parecendo a vara da própria Morte, visando Ghatotkacha. Aquela flecha poderosa, equipada com belas asas, passando através do peito daquele Rakshasa, ó senhor da terra, entrou na terra, penetrando-a, e Ghatotkacha caiu imediatamente sobre o carro. Vendo ele caído e acreditando que ele estava morto, o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna levou-o para longe da presença do filho de Drona e o fez ser colocado sobre outro carro. Assim, ó rei, aquela tropa de carros de Yudhishthira se desviou da batalha. O filho heróico de Drona tendo derrotado seus inimigos proferiu um rugido alto. E ele foi adorado por todos os homens e todos os teus filhos, ó majestade. O solo, coberto por toda parte com os corpos caídos de Rakshasas mortos, perfurados e mutilados com centenas de flechas, ficou com um aspecto aterrador e intransitável, como se coberto com topos de montanha. Os Siddhas e Gandharvas e Pisachas, e Nagas, e aves, e Pitris e corvos e grandes números de canibais e fantasmas, e Apsaras e celestiais, todos se uniram em elogiar muito o filho de Drona.'"

156

"Sanjaya disse, 'Vendo os filhos de Drupada, como também aqueles de Kuntibhoja, e Rakshasas também aos milhares, mortos pelo filho de Drona, Yudhishthira e Bhimasena, e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, e Yuyudhana, juntos, colocaram seus corações firmemente na batalha. Então Somadatta, novamente cheio de raiva ao ver Satyaki naquela batalha, cobriu o último, ó Bharata, com uma chuva densa de setas. Então ocorreu uma batalha violenta e muito admirável de se contemplar, entre teus guerreiros e aqueles do inimigo, ambos os partidos estando desejosos de vitória. Lutando em nome de Satyaki, Bhima perfurou o herói Kaurava com dez flechas. Somadatta, no entanto, em retorno, perfurou aquele herói com cem flechas. Então Satwata, cheio de raiva, perfurou com dez flechas afiadas, dotadas da força do trovão, aquele guerreiro idoso afligido com tristeza por conta da morte de seu filho, e que era, além disso, dotado de todas as virtudes apreciáveis como Yayati, o filho de Nahusha. Tendo perfurado ele com grande força, ele o atingiu novamente com sete flechas. Então, lutando por Satyaki, Bhimasena arremessou na cabeça de Somadatta um Parigha

novo, sólido e terrível. Satyaki também cheio de raiva, disparou no peito de Somadatta, naquela batalha, uma flecha excelente, grande e equipada com asas vistosas e parecendo o próprio fogo em esplendor. O Parigha e a flecha, ambos terríveis, caíram simultaneamente sobre o corpo do heróico Somadatta. Aquele poderoso guerreiro em carro, nisso, caiu. Vendo seu filho (Somadatta) assim caído desmaiado, Valhika avançou em Satyaki espalhando chuvas de flechas como uma nuvem na estação (das chuvas). Então Bhima, por Satyaki, afligiu o ilustre Valhika com nove flechas e perfurou-o com elas na vanguarda da batalha. Então o filho poderosamente armado de Pratipa, Valhika, cheio de grande fúria, arremessou um dardo no peito de Bhima, como o próprio Purandara arremessando o trovão. Atingido com isso, Bhima tremeu (em seu carro) e desmaiou. O guerreiro poderoso então, recuperando seus sentidos, arremessou uma maça em seu oponente. Arremessada pelo filho de Pandu, aquela maça arrancou a cabeça de Valhika, que, imediatamente, caiu sem vida no chão, como uma árvore derrubada por um relâmpago. Após a morte daquele touro entre homens, isto é, o heróico Valhika, dez dos teus filhos, cada um dos quais era igual a Rama, o filho de Dasaratha, em coragem, começaram a afligir Bhima. Eles eram Nagadatta, e Dridharatha, e Viravahu, e Ayobhuja, e Dridha, e Suhasta, e Viragas e Pramatha, e Ugrayayin. Vendo-os Bhimasena ficou cheio de raiva. Ele então pegou várias flechas, cada uma capaz de suportar uma grande tensão. Visando em cada um deles um após outro, ele disparou aquelas flechas neles, atingindo cada um em sua parte vital. Perfurados dessa maneira, eles caíram de seus carros, privados de energia e vida, como árvores altas de despenhadeiros de montanha quebradas por uma tempestade. Tendo com aquelas dez flechas matado aqueles dez filhos teus, Bhima cobriu o filho favorito de Karna com chuvas de flechas. Então o célebre Vrikaratha, irmão de Karna, perfurou Bhima com muitas flechas. O poderoso Pandava, no entanto, logo se descartou dele eficazmente. Matando em seguida, ó Bharata, sete guerreiros em carros entre teus cunhados, com suas flechas, o heróico Bhima prensou Satachandra no chão. Incapazes de tolerar a morte do poderoso guerreiro em carro Satachandra, os irmãos de Sakuni, os heróicos Gavaksha e Sarabha e Bibhu, e Subhaga, e Bhanudatta, aqueles cinco poderosos guerreiros em carros, avançando em direção a Bhimasena, o atacaram com suas flechas afiadas. Atacado dessa maneira com aquelas flechas, como uma montanha com torrentes de chuva, Bhima matou aqueles cinco reis poderosos com cinco flechas dele. Vendo aqueles heróis mortos muitos grandes reis começaram a vacilar.'"

"Então Yudhishthira, cheio de ira, começou a destruir tuas tropas, na visão, ó impecável, do nascido no pote (Drona) e de teus filhos. De fato, com suas flechas, Yudhishthira começou a despachar para as regiões de Yama os Amvashthas, os Malavas, os bravos Trigartas e os Sivis. E liquidando os Abhishahas, os Surasenas, os Valhikas, e os Vasatis, ele fez a terra ficar lodosa com carne e sangue. E ele também despachou num instante, por meio de muitas flechas, para os domínios de Yama, os Yaudheyas, os Malavas, e grandes números, ó rei, dos Madrakas. Então um tumulto alto ergueu-se na vizinhança do carro de Yudhishthira, em meio ao qual era ouvido, 'Matem', Agarrem', 'Prendam', 'Furem', 'Cortem em pedaços!' Vendo ele matando e derrotando tuas tropas dessa

maneira, Drona, incitado por teu filho, cobriu Yudhishthira com chuvas de flechas. Drona cheio de grande ira atacou Yudhishthira com a arma Vayavya. O filho de Pandu, no entanto, frustrou aquela arma celeste com uma arma similar dele. Vendo sua arma frustrada, o filho de Bharadwaja, cheio de grande ira e desejoso de matar o filho de Pandu, disparou em Yudhishthira diversas armas celestes tais como a Varuna, a Yamya, a Agneya, a Tvashtra, e a Savitra. O poderosamente armado Pandava, no entanto, familiarizado com moralidade, frustrou destemidamente todas aquelas armas do Nascido no Pote que eram arremessadas ou no decurso de serem arremessadas nele. Então o Nascido no Pote, se esforçando para realizar seu voto e desejoso também do bem do teu filho, para matar o filho de Dharma, chamou à existência, ó Bharata, as armas Aindra e Prajapatya. Então aquele principal da família de Kuru, Yudhishthira, do modo de andar do elefante ou do leão, de peito largo e olhos grandes e vermelhos, e dotado de energia mal inferior (àquela de Drona) chamou à existência a arma Mahendra. Com ela ele frustrou a arma de Drona. Vendo todas as suas armas frustradas, Drona, cheio de ira e desejoso de executar a destruição de Yudhishthira, chamou à existência a arma Brahma. Envolvidos como nós estávamos então por uma densa escuridão, nós não pudemos observar o que se passou. Todas as criaturas também, ó monarca, estavam cheias de grande pavor. Vendo a arma Brahma erguida, o filho de Kunti, Yudhishthira, ó rei, frustrou-a com uma arma Brahma dele. Então, todos os principais guerreiros aplaudiram aqueles dois touros entre homens, Drona e Yudhishthira, aqueles grandes arqueiros conhecedores de todos os modos de guerra. Abandonando Yudhishthira, Drona então, com olhos vermelhos como cobre de raiva, começou a destruir a divisão de Drupada com a arma Vayavya. Oprimidos por Drona, os Panchalas fugiram de medo, na própria vista de Bhimasena e do ilustre Partha. Então o ornado com diadema (Arjuna) e Bhimasena, reprimindo aquela fuga de suas tropas, enfrentaram de repente aquela força hostil com duas grandes multidões de carros. Vibhatsu atacando a direita e Vrikodara a esquerda, o filho de Bharadwaja foi combatido com duas imensas chuvas de flechas. Então os Kaikeyas, os Srinjayas, e os Panchalas de grande energia seguiram os dois irmãos, ó rei, acompanhados pelos Matsyas e os Satwatas. Então a hoste Bharata, massacrada pelo ornado com diadema (Arjuna) e dominada pelo sono e escuridão, começou a se dividir. Drona e teu próprio filho se esforçaram reagrupá-la. Os combatentes, no entanto, ó rei, eram incapazes de serem então detidos em sua fuga.'"

157

"Sanjaya disse, 'Contemplando aquela hoste vasta dos Pandavas cheia de raiva e considerando-a incapaz de ser resistida, teu filho Duryodhana, dirigindo-se a Karna, disse essas palavras, 'Ó tu que és dedicado aos amigos, agora chegou aquela hora em relação a teus amigos (quando tua ajuda é mais necessária). Ó Karna, salve em batalha todos os meus guerreiros. Nossos combatentes estão agora cercados por todos os lados pelos Panchalas, os Kaikeyas, os Matsyas, e os poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, todos cheios de raiva e

parecendo cobras silvando. Lá os Pandavas, desejosos de vitória, estão rugindo em alegria. O vasto exército de carros dos Panchalas é possuidor da bravura do próprio Sakra.'"

"Karna respondeu, 'Se o próprio Purandara viesse para cá para salvar Partha, vencendo rapidamente até ele, eu mataria aquele filho ou Pandu. Eu te falo verdadeiramente. Anime-te, ó Bharata! Eu matarei o filho de Pandu e todos os Panchalas reunidos, eu te darei vitória, como o filho de Pavaka dando vitória para Vasava. Eu farei o que é agradável para ti nessa batalha que começou. Entre todos os Parthas, Phalguna é o mais forte. Nele eu arremessarei o dardo fatal de obra de Sakra. Após a morte daquele grande arqueiro, seus irmãos, ó concessor de honras, irão ou se render a ti ou se retirar novamente para a floresta. Quando eu estou vivo, ó Kaurava, nunca te entregue a qualquer angústia. Eu derrotarei em batalha todos os Pandavas juntos e todos os Panchalas, os Kaikeyas, e os Vrishnis reunidos. Fazendo porcos-espinhos deles por meio de minhas chuvas de flechas, eu te darei a terra.'"

"Sanjaya continuou, 'Enquanto Karna estava proferindo aquelas palavras, Kripa, o filho poderosamente armado de Saradwat, sorrindo, dirigiu-se ao filho de Suta nessas palavras, 'Teu discurso é belo, ó Karna! Se somente palavras pudessem levar ao êxito, então contigo, ó filho de Radha, como seu protetor, esse touro entre os Kurus seria considerado como tendo a mais ampla medida de proteção. Tu te gabas muito, ó Karna, na presença do chefe Kuru, mas teu valor é raramente testemunhado, nem, de fato, qualquer resultado (das tuas palavras jactanciosas). Muitas vezes nós temos te visto enfrentar os filhos de Pandu em batalha. Em todas aquelas ocasiões, ó filho de Suta, tu foste derrotado pelos Pandavas. Enquanto o filho de Dhritarashtra estava sendo levado (como um cativo) pelos Gandharvas, todas as tropas lutaram naquela ocasião exceto somente tu, que foste o primeiro a fugir. Na cidade de Virata também, todos os Kauravas, reunidos, inclusive tu mesmo e teu irmão mais novo foram subjugados por Partha em batalha. Tu não és páreo nem para um dos filhos de Pandu, isto é, Phalguna, no campo de batalha. Como então tu podes ousar reprimir todos os filhos de Pandu com Krishna em sua chefia? Tu te gabas demais, ó filho de Suta! Engaje-te na batalha sem dizer qualquer coisa. Aplicar sua destreza sem se entregar à jactância é o dever de bons homens. Sempre rugindo alto, ó filho de Suta, como as nuvens secas de outono, tu te mostras, ó Karna, como sendo sem substância. O rei, no entanto, não compreende isso. Tu ruges, ó filho de Radha, enquanto tu não vês o filho de Pritha. Esses teus rugidos desaparecem quando tu vês Partha perto. De fato, tu ruges contanto que tu estejas fora do alcance das flechas de Phalguna. Aqueles teus rugidos desaparecem quando tu és perfurado pelas flechas de Partha. Kshatriyas evidenciam sua eminência por meio de suas armas; Brahmanas, por meio de discurso; Arjuna evidencia a dele por meio do arco; mas Karna, pelos castelos que ele constrói no ar. Quem resistirá àquele Partha que satisfez o próprio Rudra (em batalha)?' Assim insultado pelo filho de Saradwat, Karna, aquele principal dos batedores, respondeu a Kripa da seguinte maneira, 'Heróis sempre rugem como nuvens na estação das chuvas, e como sementes colocadas no solo, produzem frutos rapidamente. Eu não vejo qualquer falha em

heróis que tomam grandes cargas sobre seus ombros, se entregando a discursos vaidosos no campo de batalha. Quando uma pessoa mentalmente resolve suportar uma carga, o próprio Destino a ajuda na realização. Desejando em meu coração suportar uma grande carga, eu sempre convoco resolução suficiente. Se, matando os filhos de Pandu com Krishna e Satwatas em batalha, eu me entrego a tais rugidos, o que é isso para ti, ó Brahmana? Aqueles que são heróis nunca rugem inutilmente como nuvens outonais. Consciente de sua própria força, o sábio se entrega a rugidos! Em meu coração eu estou determinado a vencer hoje Krishna e Partha juntos e lutando com resolução! É por isso que eu rujo, ó filho de Gotama! Veja o fruto desses meus rugidos, ó Brahmana! Matando o filho de Pandu em batalha, com todos os seus seguidores, Krishna e Satwatas, eu entregarei a Duryodhana a terra inteira sem um tormento nela.'"

"Kripa disse, 'Eu considero desprezíveis, ó filho de Suta, essas tuas declarações delirantes revelando teus pensamentos, não atos. Tu sempre falas em depreciação dos dois Krishnas e do rei Yudhishthira o justo. Ó Karna, está certo de obter a vitória aquele que tem ao seu lado aqueles dois heróis hábeis em batalha. De fato, Krishna e Arjuna não podem ser derrotados pelos celestiais, os Gandharvas, os Yakshas, seres humanos, os Nagas, e as aves, todos vestidos em armadura. Yudhishthira, o filho de Dharma, é devotado aos Brahmanas. Ele é sincero em palavras e autocontrolado. Ele reverencia os Pitris e as divindades. Ele é dedicado à prática da verdade e justiça. Ele é, além disso, hábil com armas. Possuidor de grande inteligência, ele também é grato. Seus irmãos são todos dotados de grande poder e bem experientes em todas as armas. Eles são dedicados ao serviço de seus superiores. Possuidores de sabedoria e fama, eles são também virtuosos em suas práticas. Seus parentes e aparentados são todos dotados da destreza de Indra. Batedores eficazes, eles são todos muito dedicados aos Pandavas. Dhrishtadyumna, e Sikhandin e Janamejaya, o filho de Durmuksha e Chandrasen, e Madrasen, e Kritavarman, Dhruva, e Dhara e Vasuchandra, e Sutejana, os filhos de Drupada, e o próprio Drupada, conhecedor de armas superiores e poderosas, e o rei dos Matsyas também, com seus irmãos mais novos, todos resolutamente lutando por sua causa, e Gajanika, e Virabhadra, e Sudarsana, e Srutadhwaja, e Valanika, e Jayanika, e Jayaprya, e Vijaya e Labhalaksha, e Jayaswa, e Kamaratha, e os belos irmãos de Virata, e os gêmeos (Nakula e Sahadeva), e os (cinco) filhos de Draupadi, e o Rakshasa Ghatotkacha, todos estão lutando pelos Pandavas. Os filhos de Pandu, portanto, não encontrarão a destruição. Esses e muitas outras hostes (de heróis) são em prol dos filhos de Pandu. Sem dúvida, o universo inteiro, com os celestiais, Asuras, e seres humanos, com todas as tribos de Yakshas e Rakshas e com todos os elefantes e cobras e outras criaturas, pode ser aniquilado por Bhima e Phalguna pelo valor de suas armas. Em relação a Yudhishthira também, ele pode, com olhares zangados somente, consumir o mundo inteiro. Como, ó Karna, tu podes te arriscar a reprimir aqueles inimigos em batalha por quem Sauri de poder imensurável se vestiu em armadura? Isto, ó filho de Suta, é uma grande tolice da tua parte, já que tu sempre ousas lutar com o próprio Sauri em batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado (por Kripa), Karna o filho de Radha, ó touro da raça Bharata, sorrindo, disse essas palavras para o preceptor Kripa, o filho de Saradwat, 'As palavras que tu falaste sobre os Pandavas, ó Brahmana, são todas verdadeiras. Essas e muitas outras virtudes são vistas nos filhos de Pandu. É verdade também que os Parthas são incapazes de serem derrotados pelos próprios deuses com Vasava em sua chefia, e os Daityas, os Yakshas, e os Rakshasas. Apesar de tudo isso eu derrotarei os Parthas com a ajuda do dardo dado a mim por Vasava. Tu sabes, ó Brahmana, que o dardo dado por Sakra não pode ser frustrado. Com ele eu matarei Savyasachin em batalha. Após a queda de Arjuna, Krishna e os irmãos de Arjuna nunca poderão desfrutar da (soberania da) terra sem Arjuna (para ajudá-los). Todos eles, portanto, perecerão. Essa terra então, com seus mares, permanecerá sujeita ao chefe dos Kurus, ó Gautama, sem lhe custar quaisquer esforços. Nesse mundo tudo, sem dúvida, vem a ser obtenível por política. Sabendo disso, eu me entrego a esses rugidos, ó Gautama! Em relação a ti mesmo, tu és velho, um Brahmana por nascimento, e inábil em batalha. Tu tens muito amor pelos Pandavas. É por isso que tu me insultas dessa maneira. Se, ó Brahmana, tu me falares novamente palavras tais como essas, eu irei, então, tirando minha cimitarra, cortar tua língua, ó patife! Tu desejas, ó Brahmana, elogiar os Pandavas para amedrontar todas as tropas e os Kauravas, ó tu me mente perversa! Com relação a isso também, ó Gautama, escute o que eu digo. Duryodhana, e Drona, e Sakuni, e Durmukha, e Jaya, e Duhsasana, e Vrishasena, e o soberano dos Madras, e tu mesmo também e o filho de Somadatta e o filho de Drona, e Vivinsati, todos estes heróis hábeis em batalha, estão aqui, vestidos em armadura. Que inimigo há, mesmo dotado da destreza de Sakra, que subjugaria estes em batalha? Todos aqueles que eu citei são heróis, hábeis com armas, dotados de grande força, desejosos de admissão no céu, familiarizados com moralidade, e hábeis em batalha. Eles matariam os próprios deuses em luta. Eles tomarão seus lugares no campo para matar os Pandavas, vestidos em armadura em nome de Duryodhana desejosos de vitória. Eu considero a vitória como sendo dependente do destino, até no caso dos mais notáveis dos homens poderosos. Quando o próprio Bhishma de braços fortes jaz perfurado por centenas de flechas, como também Vikarna, e Jayadratha, e Bhurisravas, e Jaya, e Jalasandha, e Sudakshina, e Sala; aquele principal dos guerreiros em carros, e Bhagadatta de energia formidável, eu digo, quando esses e muitos outros, que não podiam ser derrotados facilmente pelos próprios deuses, todos heróis e mais poderosos (do que os Pandavas), jazem no campo de batalha, mortos pelos Pandavas, o que tu achas, ó patife entre homens, exceto que tudo isso é o resultado do destino? Em relação a eles também, ou seja, os inimigos de Duryodhana, a quem tu adoras, ó Brahmana, bravos guerreiros deles, às centenas e milhares, estão mortos. Os exércitos dos Kurus e dos Pandavas estão ambos diminuindo em números; eu não vejo, nisto, a destreza dos Pandavas! Com eles, ó mais vil dos homens, a quem tu sempre consideras como sendo tão poderosos, eu me esforçarei, até a máxima extensão do meu poder, para lutar em batalha, para o bem de Duryodhana. Com relação à vitória, ela depende do destino.'"

158

"Sanjaya disse, 'Vendo seu tio assim endereçado em palavras rudes e insultantes pelo filho de Suta, Aswatthaman, erguendo sua cimitarra, avançou furiosamente em direção ao último. Cheio de fúria, o filho de Drona avançou em direção a Karna, na própria vista do rei Kuru, como um leão em um elefante enfurecido.'"

"E Aswatthaman disse, 'Ó mais vil dos homens, Kripa estava falando das virtudes realmente possuídas por Arjuna. De mente má como tu és, tu repreendeste, no entanto, meu bravo tio por malícia. Possuidor de orgulho e insolência, tu te gabaste hoje da tua coragem, não respeitando qualquer dos arqueiros do mundo em batalha! Onde estava tua coragem e onde estavam tuas armas quando te subjugando em batalha o manejador do Gandiva matou Jayadratha diante dos teus olhos? Vaidosamente, ó miserável de um Suta, tu te entregas em tua mente à esperança de derrotar aquele que antigamente lutou em batalha com o próprio Mahadeva. Os próprios deuses com os Asuras reunidos e com Indra em sua chefia fracassaram em vencer Arjuna, aquele principal de todos os manejadores de armas, tendo Krishna somente como seu aliado. Como então, ó Suta, tu esperas, ajudado por estes reis, derrotar aquele mais notável dos heróis no mundo, o invicto Arjuna, em batalha? Veja, ó Karna de alma perversa, (o que eu te faço) hoje! Ó mais vil dos homens, ó tu de mente má, eu logo separarei tua cabeça do teu tronco.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim dizendo, Aswatthaman fez um avanço furioso em Karna. O próprio rei, de grande energia, e Kripa, aquele principal dos homens, o seguraram firmemente. Então Karna disse, 'De má compreensão, esse miserável de um Brahmana se acha corajoso e conta vantagem da sua destreza em batalha. Liberte-o, ó chefe dos Kurus. Deixe ele entrar em contato com minha força.'"

"Aswatthaman disse, 'Ó filho de um Suta, ó tu de mente má, esse (teu erro) é perdoado por nós. Phalguna, no entanto, suprimirá esse teu orgulho.'"

"Duryodhana disse, 'Ó Aswatthaman, abrande tua ira. Cabe a ti, ó concessor de honras, perdoar. Tu não deves, ó impecável, ficar zangado com o filho de Suta. Sobre ti e Karna e Kripa e Drona e o soberano dos Madras e o filho de Suvala se apóia uma grande carga. Suprima tua cólera, ó melhor dos Brahmanas! Lá, todas as tropas Pandava estão se aproximando pelo desejo de lutar com o filho de Radha. De fato, ó Brahmana, lá vem eles, desafiando todos nós.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim acalmado pelo rei, o filho de grande alma de Drona, ó monarca, cuja ira tinha sido excitada, suprimiu sua cólera e perdoou (Karna). Então o preceptor Kripa, de coração nobre, que é de uma disposição pacífica, ó monarca, e temperamento suave, portanto, retornou logo a ele, e disse estas palavras.'"

"Kripa disse, 'Ó filho de Suta de coração pecaminoso, esse (teu erro) está perdoado por nós. Phalguna, no entanto, suprimirá esse teu grande orgulho.'"

"Sanjaya continuou, 'Então os Pandavas, ó rei, e os Panchalas, célebres por sua bravura, se unindo aproximaram-se aos milhares, proferindo gritos altos; Karna também, aquele principal dos guerreiros em carros, dotado de grande energia, cercado por muitos principais entre os guerreiros Kuru e parecendo Sakra no meio dos celestiais, esperou, esticando seu arco e confiando no poder de suas próprias armas. Então começou uma batalha entre Karna e os Pandavas, ó rei, que foi formidável e caracterizada por altos rugidos leoninos. Então os Pandavas, ó monarca, e os Panchalas, célebres por sua coragem, vendo o poderosamente armado Karna, gritaram ruidosamente, dizendo, 'Lá está Karna!' 'Onde está Karna nessa batalha violenta?' 'Ó tu de mente má, ó mais vil dos homens, lute conosco!' Outros, vendo o filho de Radha disseram, com olhos arregalados em fúria, 'Que este patife arrogante de pouca compreensão, esse filho de um Suta, seja morto pelos reis aliados. Ele não precisa viver. Esse homem pecaminoso é sempre muito hostil aos Parthas. Obediente aos conselhos de Duryodhana, ele é a causa destes males. Matem ele.' Proferindo tais palavras, grandes guerreiros em carros Kshatriya, incitados pelo filho de Pandu, avançaram em direção a ele, cobrindo-o com uma densa chuva de flechas, para matá-lo. Vendo todos aqueles Pandavas poderosos (avançando), o filho de Suta não tremeu, nem sentiu qualquer temor. De fato, vendo aquele extraordinário mar de tropas, parecendo a própria Morte, aquele benfeitor dos teus filhos, isto é, o poderoso e ágil Karna, nunca vencido em batalha, ó touro da raça Bharata, começou, com nuvens de flechas, a resistir àquele exército de todos os lados. Os Pandavas também lutaram com o inimigo, disparando chuvas de flechas. Vibrando suas centenas e milhares de arcos eles lutaram com o filho de Radha, como os Daityas dos tempos antigos lutando com Sakra. O poderoso Karna, no entanto, com uma chuva densa de suas próprias flechas dissipou aquela torrente de flechas causada por aqueles senhores de terra em todos os lados. A batalha que ocorreu entre eles, e na qual cada partido neutralizava os feitos do outro, parecia o combate entre Sakra e os Danavas na grande batalha lutada antigamente entre os deuses e os Asuras. A agilidade de braço que nós então vimos do filho de Suta foi admirável ao extremo, visto que todos os seus inimigos, combatendo resolutamente, não podiam atingi-lo naquela batalha. Detendo as nuvens de flechas disparadas pelos reis (hostis), aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho de Radha, disparou flechas terríveis marcadas com seu próprio nome nas cangas, nos varais, nos guarda-sóis, nos carros, e nos corcéis (de seus inimigos). Então aqueles reis, afligidos por Karna e perdendo sua frieza, começaram a vagar sobre o campo como um rebanho de gado atormentado pelo frio. Atacados por Karna, grande número de cavalos e elefantes e guerreiros em carros eram vistos caírem privados de vida. O campo inteiro, ó rei, ficou coberto com as cabeças caídas e armas de heróis que não recuavam. Com os mortos, os moribundos, e os guerreiros lamentando, o campo de batalha, ó monarca, assumiu o aspecto do domínio de Yama. Então Duryodhana, ó rei, testemunhando a destreza de Karna, foi até Aswatthaman, e dirigindo-se a ele disse, 'Veja, Karna, vestido em armadura, está envolvido em combate com todos os reis (hostis). Veja, o exército hostil, afligido pelas flechas de Karna, está sendo desbaratado como o exército Asura oprimido pela energia de Kartikeya. Vendo seu exército reprimido em batalha por aquele inteligente Karna, lá vem Vibhatsu pelo desejo de matar o filho de Suta. Que sejam tomadas

medidas, portanto, que possam impedir o filho de Pandu de matar aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Suta, na própria vista de nós todos.' (Assim endereçado), o filho de Drona, e Kripa, e Salya, e aquele formidável guerreiro em carro, isto é, o filho de Hridika, vendo o filho de Kunti indo (em direção a eles) como o próprio Sakra em direção à hoste Daitya, todos avançaram contra Partha para resgatar o filho de Suta. Enquanto isso, Vibhatsu, ó monarca, circundado pelos Panchalas avançou contra Karna como Purandara avançando contra o Asura Vritra.'"

"Dhritarashtra disse, 'Vendo Phalguna excitado com fúria e parecendo com o próprio Destruidor, como ele aparece no fim do Yuga, o que, ó Suta, o filho de Vikartana Karna fez em seguida? De fato, o poderoso guerreiro em carro Karna, o filho de Vikartana, sempre desafiava Partha. De fato, ele sempre disse que ele era competente para vencer o terrível Vibhatsu. O que então, ó Suta, aquele guerreiro fez quando ele encontrou repentinamente seu inimigo sempre mortal?'"

"Sanjaya continuou, 'Vendo o filho de Pandu avançando em direção a ele como um elefante em direção a um elefante rival, Karna procedeu destemidamente contra Dhananjaya. Partha, no entanto, logo cobriu Karna que estava assim avançando com grande impetuosidade, com chuvas de flechas retas, equipadas com asas de ouro. Karna também cobriu Vijaya com suas flechas. O filho de Pandu então mais uma vez encobriu Karna com nuvens de setas. Então Karna, cheio de raiva, perfurou Arjuna com três flechas. O poderoso guerreiro em carro, Arjuna, vendo a agilidade de mão de Karna, não pode tolerar isso. Aquele opressor de inimigos disparou no filho de Suta trinta flechas retas, afiadas em pedra e equipadas com pontas ardentes. Dotado de grande força e energia, ele também o perfurou, em fúria, com outra flecha longa no pulso de seu braço esquerdo, sorrindo. O arco de Karna então caiu daquele braço dele, o qual tinha sido perfurado com grande força. Então o poderoso Karna, pegando aquele arco num piscar de olhos, novamente cobriu Phalguna com nuvens de flechas, mostrando grande agilidade de mão. Dhananjaya então, ó Bharata, sorrindo, desviou com suas próprias flechas aquela chuva de flechas disparada pelo filho de Suta. Aproximando-se um do outro, aqueles dois arqueiros formidáveis, desejosos de neutralizar os feitos um do outro, continuaram a cobrir um ao outro com chuvas de flechas. A batalha que ocorreu entre eles, isto é, Karna e o filho de Pandu, tornou-se estupenda, como aquela entre dois elefantes selvagens por causa de uma elefanta no cio. Então o poderoso arqueiro Partha, vendo a destreza de Karna, rapidamente cortou o arco do último no cabo. E ele também despachou os quatro corcéis do filho de Suta para a residência de Yama com diversas flechas de cabeça larga. E aquele opressor de inimigos também cortou do tronco a cabeça do motorista de Karna. Então, o filho de Pandu e Pritha perfurou Karna que estava sem arco, sem cavalos, e sem motorista com quatro flechas. Então aquele touro entre homens, Karna, afligido por aquelas flechas, saltando rapidamente daquele carro sem cavalos, subiu naquele de Kripa. Vendo o filho de Radha derrotado, teus guerreiros, ó touro da raça Bharata, fugiram em todas as direções. Vendo eles fugirem, o próprio rei Duryodhana os deteve e lhes disse essas palavras, 'Ó heróis, não fujam. Ó touros entre os Kshatriyas, permaneçam em batalha. Eu

mesmo irei agora avançar para matar Partha em batalha. Eu mesmo matarei Partha com os Panchalas reunidos. Enquanto eu lutar com o manejador do Gandiva hoje, Partha verá minha destreza parecer com aquela do próprio Destruidor no fim do Yuga. Hoje os Parthas verão minhas flechas disparadas às milhares parecerem bandos de gafanhotos. Os combatentes me verão hoje disparando, arco na mão, densas chuvas de flechas, como torrentes de chuva despejadas pelas nuvens no fim do verão. Eu hoje subjugarei Partha com minhas flechas retas. Fiquem, ó heróis, em batalha, e removam seu medo de Phalguna. Enfrentando minha bravura, Phalguna nunca poderá suportá-la, como o oceano, a residência de makaras, incapaz de superar os continentes.' Assim dizendo, o rei procedeu em fúria, seus olhos vermelhos de raiva, cercado por uma grande hoste, em direção a Phalguna. Vendo o poderosamente armado Duryodhana assim procedendo, o filho de Saradwat, se aproximando de Aswatthaman, disse essas palavras, 'Lá, Duryodhana de braços fortes, privado de sua razão pela ira, deseja lutar com Phalguna, como um inseto desejando avançar em um fogo ardente. Antes que esse principal dos reis sacrifique sua vida, na nossa própria vista, nessa batalha com Partha, impeça-o (de avançar para o combate). O bravo rei Kuru pode permanecer vivo em batalha somente enquanto ele não se colocar dentro do alcance das flechas de Partha. Que o rei seja parado antes que ele seja reduzido a cinzas pelas flechas terríveis de Partha, que parecem cobras recém libertadas de suas peles. Quando nós estamos aqui, ó dador de honras, parece ser muito impróprio que o rei deva ele mesmo ir para a batalha para lutar, como se ele não tivesse ninguém para lutar por ele. A vida deste descendente de Kuru estará em grande perigo se ele se engajar em batalha com o ornado com diadema (Arjuna), como aquela de um elefante lutando com um tigre.' Assim endereçado por seu tio materno, o filho de Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas, foi rapidamente até Duryodhana e dirigindo-se a ele disse essas palavras, 'Quando eu estou vivo, ó filho de Gandhari, não cabe a ti te envolver tu mesmo em batalha, desconsiderando a mim, ó descendente de Kuru, que sempre desejo o teu bem. Tu não precisas ficar ansioso em absoluto acerca de derrotar Partha. Eu deterei Partha! Permaneça aqui, ó Suyodhana.'"

"Duryodhana disse, 'O preceptor (Drona) sempre protege os filhos de Pandu, como se eles fossem seus próprios filhos. Tu também nunca interferiste com aqueles meus inimigos. Ou, pode ser devido ao meu azar que tua bravura nunca se torna feroz em batalha. Isso pode ser também devido à tua afeição por Yudhishthira ou Draupadi. Eu mesmo sou ignorante da verdadeira razão. Que vergonha para minha pessoa cobiçosa, por cuja causa todos os amigos, desejosos de me fazer feliz, são eles mesmos subjugados e mergulhados na aflição. Exceto tu, ó filho da filha de Gotama, qual principal de todos os manejadores de armas há, qual guerreiro, de fato, igual ao próprio Mahadeva em batalha, que, embora competente, não destruiria o inimigo? Ó Aswatthaman; fique satisfeito comigo e destrua meus inimigos. Nem os deuses nem os Danavas são capazes de ficar dentro do alcance das tuas armas, ó filho de Drona, mate os Panchalas e os Somakas com todos os seus seguidores. Com relação ao resto, nós os mataremos, protegidos por ti. Lá, ó Brahmana, os Somakas e os Panchalas, possuidores de grande fama, estão se movendo rapidamente em meio

as minhas tropas como uma conflagração florestal. Ó poderosamente armado, reprima eles como também os Kailkeyas, ó melhor dos homens, do contrário, protegidos pelo ornado com diadema (Arjuna), eles irão aniquilar nós todos. Ó Aswatthaman, ó castigador de inimigos, vá para lá com velocidade. Tu realize isto agora ou depois, este feito, ó senhor, deve ser realizado por ti. Tu nasceste, ó poderosamente armado, para a destruição dos Panchalas. Empregando tua bravura tu farás o mundo desprovido de Panchalas. Assim mesmo os veneráveis coroados com êxito (ascético), disseram. Isto será como eles disseram. Portanto, ó tigre entre homens, mate os Panchalas com todos os seus seguidores. Os próprios deuses com Vasava em sua chefia são incapazes de permanecer dentro do alcance das tuas armas, o que precisa ser dito então dos Parthas e dos Panchalas? Essas minhas palavras são verdadeiras. Eu te digo realmente, ó herói, que os Pandavas unidos com os Somakas não são páreo para ti em batalha! Vá, ó poderosamente armado! Que não haja demora. Veja, nosso exército, atormentado pelas flechas de Partha, está se dividindo e fugindo. Tu és competente, ó de braços poderosos, ajudado por tua própria energia celeste, para afligir, ó concessor de honras, os Pandavas e os Panchalas.'"

159

"Sanjaya disse, 'Assim endereçado por Duryodhana, o filho de Drona, aquele guerreiro difícil de ser derrotado em batalha, colocou seu coração em destruir o inimigo, como Indra concentrado em destruir os Daityas. O poderosamente armado Aswatthaman respondeu para teu filho, dizendo, 'É assim mesmo como tu disseste, ó descendente de Kuru! Os Pandavas são sempre caros para mim e meu pai. Assim também, nós dois somos caros para eles. Não é assim, no entanto, em batalha. Nós iremos, de acordo com a medida de nosso poder, lutar destemidamente em batalha, indiferentes às nossas vidas. Eu mesmo, Karna, Salya, Kripa, e o filho de Hridika poderíamos, ó melhor dos reis, destruir a hoste Pandava num piscar de olhos. Os Pandavas também, ó melhor dos Kurus, poderiam num piscar de olhos destruir a hoste Kaurava, se, ó poderosamente armado, nós não estivéssemos presentes em batalha. Nós estamos lutando com os Pandavas com todas as nossas forças, e eles também estão lutando conosco com o máximo de seu poder. Energia, enfrentando energia, está sendo neutralizada, ó Bharata! O exército Pandava não pode ser vencido enquanto os filhos de Pandu estiverem vivos. Isso que eu te digo é verdade. Os filhos de Pandu são dotados de grande poder. Eles estão, além disso, lutando por eles mesmos. Por que não eles deveriam, ó Bharata, ser capazes de matar tuas tropas? Tu, no entanto, ó rei, és muito cobiçoso. Tu, ó Kaurava, és enganador. Tu és vanglorioso e desconfiado de tudo. Por isso, tu suspeitas até de nós. Eu acho, ó rei, que tu és perverso, de alma pecaminosa, e uma encarnação do pecado. Vil e de pensamentos pecaminosos, tu duvidas de nós e outros. Com relação a mim mesmo, lutando com resolução por tua causa, eu estou preparado para sacrificar minha vida. Eu logo irei para a batalha por tua causa, ó chefe dos Kurus. Eu lutarei com o inimigo e matarei um grande número do inimigo. Eu lutarei com os

Panchalas, os Somakas, os Kaikeyas, e os Pandavas também, em batalha, para fazer o que é agradável para ti, ó castigador de inimigos. Oprimidos por minhas flechas hoje, os Chedis, os Panchalas, e os Somakas fugirão para todos os lados como um rebanho de gado afligido por um leão. Hoje, o filho nobre de Dharma com todos os Somakas, vendo minha destreza, considerarão o mundo inteiro como estando cheio de Aswatthamans. O filho de Dharma, Yudhishthira, ficará muito desanimado, vendo os Panchalas e Somakas mortos (por mim) em batalha. Eu irei, ó Bharata, matar todos aqueles que se aproximarem de mim em batalha. Atormentado pelo poder de minhas armas, nenhum deles, ó herói, escapará de mim hoje com vida.' Tendo dito isso para teu filho Duryodhana, o poderosamente armado (Aswatthaman) procedeu para a batalha, e afligiu todos os arqueiros. Aquele principal de todos os seres vivos assim procurou realizar o que era agradável para teus filhos. O filho da filha de Gotama, então se dirigindo aos Panchalas e aos Kaikeyas, disse para eles, 'Ó poderosos guerreiros em carros, disparem vocês todos em meu corpo. Mostrando sua habilidade uso de armas, lutem comigo friamente.' Assim endereçados por ele, todos aqueles combatentes, ó rei, despejaram chuvas de armas sobre o filho de Drona como nuvens derramando torrentes de chuva. Desviando aquelas chuvas, o filho de Drona naquela batalha matou dez bravos guerreiros entre eles, na própria vista, ó senhor, de Dhrishtadyumna e dos filhos de Pandu. Os Panchalas e os Somakas então, assim tratados em batalha, abandonaram o filho de Drona e fugiram em todas as direções. Vendo aqueles bravos guerreiros, os Panchalas e os Somakas, fugindo, Dhrishtadyumna, ó rei, avançou contra o filho de Drona naquela batalha. Cercado então por cem guerreiros em carros bravos e que não recuavam sobre carros ornados com ouro, e o estrépito de cujas rodas parecia o ribombo de nuvens carregadas de chuva, o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, o filho do rei Panchala, vendo seus guerreiros mortos, dirigiu-se ao filho de Drona e disse essas palavras, 'Ó tolo filho do preceptor, qual é a utilidade de matar combatentes vulgares? Se tu és um herói, lute então comigo em batalha. Eu te matarei. Espere por um momento sem fugir.' Dizendo isso, Dhrishtadyumna de grande destreza atacou o filho de preceptor com muitas flechas afiadas e terríveis capazes de perfurar os próprios órgãos vitais. Aquelas flechas de curso rápido, providas de asas douradas e pontas afiadas, e capazes de perfurar o corpo de todo inimigo procedendo em uma linha contínua, penetraram no corpo de Aswatthaman, como abelhas vagando livremente à procura de mel entrando em uma árvore florescente. Profundamente perfurado e cheio de raiva, como uma cobra pisada, o orgulhoso e destemido filho de Drona, flecha na mão, dirigiu-se ao seu inimigo, dizendo, 'Ó Dhrishtadyumna, espere um momento, sem deixar minha presença. Logo eu te despacharei para a residência de Yama com minhas flechas afiadas.' Dizendo essas palavras, aquele matador de heróis hostis, o filho de Drona, mostrando grande agilidade de mãos, cobriu o filho de Prishata de todos os lados com nuvens de setas. Assim coberto naquele combate (com flechas) pelo filho de Drona, o príncipe Panchala, difícil de ser derrotado em batalha, disse: 'Tu não sabes da minha origem, ó Brahmana, ou do meu voto. Ó tu de má compreensão, eu matarei primeiro o próprio Drona, eu não irei, portanto, te matar hoje quando o próprio Drona ainda está vivo. Ó tu de mente perversa, depois que esta noite passar e trouxer a bela alvorada, eu primeiro matarei teu pai em batalha

e então te despacharei também para a região dos Espíritos. Esse mesmo é o desejo nutrido por mim. Permanecendo diante de mim, mostre, portanto, até então, o ódio que tu tens pelos Parthas, e a devoção que tu nutres pelos Kurus. Tu não escaparás de mim com vida. Aquele Brahmana que, abandonando as práticas de um Brahmana, se dedica às práticas de um Kshatriya, pode ser morto por todos os Kshatriyas assim como tu, ó mais vil dos homens.' Assim endereçado pelo filho de Prishata em linguagem tão rude e insultante aquele melhor dos Brahmanas Aswatthaman reuniu toda sua raiva e respondeu, dizendo, 'Espere, Espere!' E ele encarou o filho de Prishata aparentemente queimando-o com seus olhos. Suspirando (furioso) como uma cobra, o filho do preceptor, então cobriu Dhrishtadyumna naquela batalha (com uma chuva de flechas). O filho poderosamente armado de Prishata, no entanto, aquele melhor dos guerreiros em carros, circundado por todas as tropas Panchala, embora assim atacado com flechas naquele combate pelo filho de Drona, não tremeu, confiando como ele confiava em sua própria energia. Em retorno, ele disparou muitas flechas em Aswatthaman. Ambos engajados em um jogo no qual a aposta era a própria vida, aqueles heróis, incapazes de suportar um ao outro, resistiram um ao outro e detiveram as chuvas de flechas um do outro. E aqueles arqueiros formidáveis dispararam densas chuvas de flechas por toda parte. Observando aquela batalha violenta, inspirando terror, entre o filho de Drona e o filho de Prishata, os Siddhas e Charanas e outros seres percorredores do céu os aplaudiram muito. Enchendo o céu e todos os pontos do horizonte com nuvens de flechas, e criando uma escuridão densa com isso, aqueles dois guerreiros continuaram a lutar um com o outro, não vistos (por algum de nós). Como se dançando naquela batalha, com seus arcos esticados a círculos, resolutamente aspirando matar um ao outro, aqueles guerreiros de braços fortes, inspirando medo em todos os corações, lutaram admiravelmente e com notável energia e habilidade. Aplaudidos por milhares de guerreiros principais naquela batalha, e tão resolutamente engajados na luta como dois elefantes selvagens na floresta, ambos os exércitos, contemplando eles, ficaram cheios de deleite. E gritos leoninos foram ouvidos lá, e todos os combatentes sopraram suas conchas. E centenas e milhares de instrumentos musicais começaram a ser tocados. Aquela luta feroz, aumentando o terror dos tímidos, pareceu somente por um tempo curto ser travada igualmente. Então o filho de Drona, ó rei, fazendo um avanço, cortou o arco, e estandarte, e guarda-sol, e os dois motoristas Parshni, e o motorista principal, e os quatro corcéis do filho de grande alma de Prishata. E aquele guerreiro de alma incomensurável então fez os Panchalas fugirem às centenas e milhares, por meio de suas flechas retas. Vendo aquelas façanhas do filho de Drona, parecendo aquelas do próprio Vasava em batalha, a hoste Pandava, ó touro da raça Bharata, começou a tremer de medo. Matando cem Panchalas com cem flechas, e três principais dos homens com três flechas afiadas, diante dos olhos do filho de Drupada e de Phalguna, aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Drona, matou um número muito grande de Panchalas que ficaram diante dele. Os Panchalas então, como também os Srinjayas, assim desconcertados em batalha, fugiram deixando o filho de Drona, com seus estandartes despedaçados. Então aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Drona, tendo vencido seus inimigos em batalha, proferiu um rugido alto como aquele de uma massa de nuvens no fim

do verão. Tendo matado um grande número de inimigos, Aswatthaman parecia resplandecente como o fogo ardente no fim do Yuga, depois de ter consumido todas as criaturas. Aplaudido por todos os Kauravas depois de ter derrotado milhares de inimigos em batalha, o valente filho de Drona brilhava em beleza, como o próprio chefe dos celestiais depois de derrotar seus inimigos."

160

"Sanjaya disse, 'Então o rei Yudhishthira, e Bhimasena, o filho de Pandu, ó monarca, cercaram o filho de Drona por todos os lados. Vendo isso, o rei Duryodhana, ajudado pelo filho de Bharadwaja, avançou contra os Pandavas naquele combate. Então começou uma batalha que foi violenta e terrível, aumentando os temores dos medrosos. Yudhishthira em fúria começou a despachar vastos números de Amvashthas, Malavas, Vangas, Sivis, e Trigartas, para o domínio dos mortos. Bhima também, mutilando os Abhishahas, os Surasenas, e outros Kshatriyas difíceis de serem derrotados em batalha, fez a terra lodosa com sangue. O enfeitado com diadema (Arjuna) de corcéis brancos despachou, ó rei, os Yaudheyas, os Montanheses, os Madrakas, e os Malavas também, para as regiões dos mortos. Atingidos violentamente por flechas de curso rápido, elefantes começaram a cair no chão como colinas de topo duplo. Coberta com as trombas cortadas de elefantes que ainda se moviam em convulsões, a terra parecia como se coberta com cobras moventes. Coberto com os guarda-sóis caídos de reis que eram adornados com ouro, o campo de batalha parecia resplandecente como o céu no fim do Yuga coberto com sóis, luas e estrelas. Nesse momento um grande tumulto surgiu perto do carro de Drona, no meio do qual podiam ser ouvidas as palavras, 'Mate', 'Ataque sem medo', 'Perfure', 'Corte em pedaços'. Drona, no entanto, cheio de raiva, começou a destruir por meio da arma Vayavya os inimigos em volta dele, como uma tempestade poderosa destruindo massas de nuvens reunidas. Assim tratados por Drona, os Panchalas fugiram, de medo, na própria vista de Bhimasena e de Partha de grande alma. Então o ornado com diadema (Arjuna) e Bhimasena logo detiveram a fuga de suas tropas e acompanhados por um grande exército de carros atacaram o vasto exército de Drona. Vibhatsu atacando a direita e Vrikodara a esquerda, ambos despejaram sobre o filho de Bharadwaja duas chuvas densas de flechas. Os poderosos guerreiros em carros entre os Srinjayas e os Panchalas, com os Matsyas e os Somakas, ó rei, seguiram os dois irmãos assim engajados (naquele combate com Drona). Similarmente, muitos principais dos guerreiros em carros, hábeis em atacar, pertencentes ao teu filho, acompanhados por uma grande tropa, foram em direção ao carro de Drona (para proteger o último). Então a hoste Bharata, massacrada pelo ornado com diadema (Arjuna) e dominada e afligida pela escuridão, começou a se dividir. Teu próprio filho e Drona, ambos se esforçaram para reagrupá-la. Tuas tropas, no entanto, ó rei, não podiam ser controladas em sua fuga. De fato, aquela hoste vasta, massacrada pelas flechas do filho de Pandu, começou a fugir em todas as direções naquela hora quando o mundo estava envolvido pela escuridão. Muitos reis, abandonando os animais e

veículos que eles usavam, fugiram para todos os lados, ó monarca, dominados pelo medo.'"

161

"Sanjaya disse: 'Vendo Somadatta vibrando seu arco grande, Satyaki, dirigindo-se a seu motorista, disse, 'Leve-me em direção a Somadatta. Eu te digo verdadeiramente, ó Suta, que eu não voltarei da batalha hoje sem ter matado aquele inimigo, isto é, aquele pior dos Kurus, o filho de Valhika.' Assim endereçado, o quadrigário então incitou para a batalha aqueles cavalos velozes da raça Sindhu, brancos como conchas e capazes de suportar todas as armas. Aqueles corcéis dotados da velocidade do vento ou da mente levaram Yuyudhana para a batalha como os corcéis de Indra, ó rei, levando o último nos tempos antigos quando ele procedeu para subjugar os Danavas. Vendo o herói Satwata assim avançando rapidamente em batalha Somadatta, ó rei, virou destemidamente em direção a ele. Espalhando chuvas de flechas como as nuvens derramando torrentes de chuva, ele cobriu o neto de Sini como as nuvens cobrindo o sol. Satyaki também, ó touro da raça Bharata, naquele combate cobriu destemidamente aquele touro entre os Kurus com chuvas de flechas. Então Somadatta perfurou aquele herói da linhagem de Madhu com sessenta flechas no peito. Satyaki, por sua vez, ó rei, perfurou Somadatta com muitas flechas afiadas. Mutilados um pelo outro com as flechas um do outro, aqueles dois guerreiros pareciam resplandecentes como um par de Kinsukas florescentes na primavera. Completamente manchados com sangue, aqueles guerreiros ilustres das tribos Kuru e Vrishni olhavam um para outro com seus golpes de vista. Sobre seus carros que se movimentavam em círculos, aqueles opressores de inimigos, de expressões terríveis, pareciam duas nuvens despejando torrentes de chuva. Seus corpos mutilados e totalmente perfurados com flechas, eles pareciam, ó rei, com dois porcos-espinhos. Perfurados por inúmeras flechas, equipadas com asas de ouro, os dois guerreiros pareciam radiantes, ó monarca, como um par de árvores altas cobertas com pirilampos. Seus corpos parecendo brilhantes com as flechas resplandecentes fincadas neles, aqueles dois poderosos guerreiros em carros pareciam naquela batalha com dois elefantes enfurecidos enfeitados com tochas ardentes. Então, ó monarca, o poderoso guerreiro em carro, Somadatta, naquela batalha, cortou com uma flecha em forma de meia-lua o arco grande de Madhava. Com grande velocidade também, em um momento quando velocidade era da maior importância, o herói Kuru então perfurou Satyaki com vinte e cinco flechas, e novamente com dez. Então Satyaki, pegando um arco mais resistente, rapidamente perfurou Somadatta com cinco flechas. Com outra flecha de cabeça larga, Satyaki também, ó rei, sorrindo, cortou o estandarte dourado do filho de Valhika. Somadatta, no entanto, vendo seu estandarte derrubado, perfurou destemidamente o neto de Sini com vinte e cinco flechas. Satwata também, excitado com raiva, cortou com uma flecha de face de navalha o arco de Somadatta, naquele combate. E ele também perfurou Somadatta que então parecia uma cobra sem presas, com cem flechas retas, equipadas com asas de ouro. O poderoso guerreiro em carro Somadatta, então, que era dotado de grande

força, pegando outro arco, começou a cobrir Satyaki (com chuvas de flechas). Satyaki também, cheio de ira, perfurou Somadatta com muitas flechas. Somadatta, em retorno, afligiu Satyaki com suas chuvas de flechas. Então Bhima vindo para o combate, e lutando em nome de Satyaki, atingiu o filho de Valhika com dez flechas. Somadatta, no entanto, destemidamente atacou Bhimasena com muitas flechas afiadas. Então Satyaki, excitado com raiva, visando o peito de Somadatta, disparou um Parigha novo e terrível equipado com uma vara dourada e firme como o trovão. O guerreiro Kuru, no entanto, sorrindo, cortou aquele Parigha terrível avançando com velocidade contra ele em duas partes. Aquele formidável Parigha de ferro, então, assim cortado em dois fragmentos, caiu como dois topos de uma montanha partidos pelo raio. Então Satyaki, ó rei, com uma flecha de cabeça larga, cortou naquele combate o arco de Somadatta, e então com cinco flechas, a proteção de couro que envolvia seus dedos. Então, ó Bharata, com quatro outras flechas ele rapidamente despachou os quatro corcéis excelentes do guerreiro Kuru para a presença de Yama. E então aquele tigre entre os guerreiros em carros com outra flecha reta, sorrindo, cortou de seu tronco a cabeça do motorista de Somadatta. Então ele disparou no próprio Somadatta uma flecha terrível de refulgência ardente, afiada em pedra, embebida em óleo, e equipada com asas de ouro. Aquela flecha excelente e ameaçadora, disparada pelo neto poderoso de Sini, caiu rapidamente como um falcão, ó senhor, sobre o peito de Somadatta. Profundamente perfurado pelo poderoso Satwata, o grande guerreiro em carro Somadatta, ó monarca, caiu (de seu carro) e morreu. Vendo o grande guerreiro em carro Somadatta morto lá, teus guerreiros com uma grande multidão de carros avançaram contra Yuyudhana. Enquanto isso, os Pandavas também, ó rei, com todos os Prabhadrakas e acompanhados por uma grande tropa, avançaram contra o exército de Drona. Então Yudhishthira, excitado com fúria, começou, com suas flechas, a atacar e desbaratar as tropas do filho de Bharadwaja diante dos olhos do último. Vendo Yudhishthira agitando suas tropas dessa maneira, Drona, com olhos vermelhos de raiva, avançou furiosamente contra ele. O preceptor então perfurou o filho de Pritha com sete flechas afiadas. Yudhishthira, em retorno, excitado com cólera, perfurou o preceptor com cinco flechas. Profundamente perfurado pelo filho de Pandu, o arqueiro poderoso (Drona), lambendo os cantos de sua boca por um momento, cortou o estandarte e o arco de Yudhishthira. Com grande velocidade, em um momento quando velocidade era da maior importância, aquele melhor dos reis, cujo arco tinha sido cortado, pegou outro arco que era suficientemente flexível e firme. O filho de Pandu então perfurou Drona com seus corcéis, motorista, estandarte, e carro, com mil flechas. Tudo isso parecia muito extraordinário. Atormentado pelos golpes daquelas flechas e sentindo grande dor, Drona, aquele touro entre os Brahmanas, sentou-se por um instante no terraço de seu carro. Recuperando seus sentidos, suspirando como uma cobra, e cheio de grande ira, o preceptor chamou à existência a arma Vayavya. O valente filho de Pritha, arco na mão, frustrou destemidamente aquela arma com uma arma similar dele naquele combate. E o filho de Pandu também cortou em dois fragmentos o grande arco do Brahmana. Então Drona, aquele opressor de Kshatriyas, pegou outro arco. Aquele touro da raça Kuru, Yudhishthira, cortou aquele arco também, com muitas flechas afiadas. Então Vasudeva, dirigindo-se a Yudhishthira, o filho de Kunti, disse, 'Ouça, ó

poderosamente armado Yudhishthira, o que eu digo. Pare, ó melhor dos Bharatas, de lutar com Drona. Drona sempre se esforça para te capturar em batalha. Eu não acho conveniente que tu lutes com ele. Aquele que foi criado para a destruição de Drona irá, sem dúvida, matá-lo. Deixando o preceptor, vá para onde o rei Suyodhana está. Reis devem lutar com reis, eles não devem desejar lutar com tais que não são reis. Cercado, portanto, por elefantes e corcéis e carros, dirija-te para lá, ó filho de Kunti, onde Dhananjaya comigo mesmo, ajudados por um pequeno exército, e Bhima também, aquele tigre entre homens, estamos lutando com os Kurus.' Ouvindo essas palavras de Vasudeva, o rei Yudhishthira o justo, refletindo por um momento, foi para aquela parte do campo onde aquele matador de inimigos, Bhima, envolvido em batalha violenta, estava massacrando tuas tropas como o próprio Destruidor com boca escancarada. Fazendo a terra ressoar com o estrépito alto de seu carro, o qual parecia o ribombar das nuvens no fim do verão, o rei Yudhishthira o justo, o filho (mais velho) de Pandu, tomou o flanco de Bhima, empenhado na matança do inimigo. Drona também naquela noite começou a destruir seus inimigos, os Panchalas.'"

162

"Sanjaya disse, 'Durante a continuação daquela batalha violenta e terrível, quando o mundo estava envolvido pela escuridão e poeira, ó rei, os combatentes, enquanto eles permaneciam no campo, não podiam ver uns aos outros. Aqueles principais dos Kshatriyas lutaram uns com os outros guiados por conjeturas e os nomes pessoais e outros (que eles proferiam). E durante a continuação, ó senhor, daquela carnificina terrível de guerreiros em carros e elefantes e corcéis e soldados de infantaria, aqueles heróis, isto é, Drona e Karna e Kripa, e Bhima e o filho de Prishata e Satwata, afligiram uns aos outros e as tropas de ambos os partidos, ó touro da raça Bharata. Os combatentes de ambos os exércitos, oprimidos por toda parte por aqueles principais dos guerreiros em carros, durante a hora de escuridão, fugiram para todos os lados. De fato, os guerreiros se dividiram e fugiram em todas as direções com corações completamente desconsolados. E quando eles fugiram em todas as direções, eles sofreram uma grande carnificina. Milhares de principais dos guerreiros em carros também, ó rei, massacraram uns aos outros naquela batalha. Incapazes de ver qualquer coisa no escuro, os combatentes ficaram privados de sua razão. Tudo isso foi o resultado dos maus conselhos do teu filho. De fato, naquela hora quando o mundo estava envolvido em escuridão, todas as criaturas, ó Bharata, incluindo até os principais dos guerreiros, dominados pelo pânico, ficaram privados de seu juízo naquela batalha.'"

"Dhritarashtra disse, 'Qual se tornou o estado de sua mente então quando, atormentados por aquela escuridão, vocês todos foram privados de sua energia e furiosamente agitados pelos Pandavas? Como também, ó Sanjaya, quando tudo estava envolvido em escuridão, as tropas Pandava como também as minhas se tornaram visíveis novamente?'"

"Sanjaya continuou, 'Então o restante do exército (dos Kauravas), sob as ordens de seus líderes, foi mais uma vez disposto em formação de combate (compacta). Drona colocou-se na dianteira, e Salya na traseira. E o filho de Drona e Sakuni, o filho de Suvala se colocaram nos flancos direito e esquerdo. E o próprio rei Duryodhana, ó monarca, naquela noite, ocupou-se em proteger todas as tropas. Animando todos os soldados de infantaria, ó rei, Duryodhana disse a eles, 'Colocando de lado suas grandes armas, peguem vocês todos lâmpadas ardentes em suas mãos.' Assim mandados por aquele melhor dos reis, os soldados de infantaria alegremente pegaram lâmpadas ardentes. Os deuses e Rishis, Gandharvas e Rishis celestes, e as diversas tribos de Vidyadharas e Apsaras, e Nagas e Yakshas e Uragas e Kinnaras, posicionados no céu também pegaram alegremente lâmpadas fulgurantes. Muitas lâmpadas, cheias com óleo de perfume agradável foram vistas descerem sobre a terra, dos Regentes dos pontos cardeais e secundários do horizonte. Por causa de Duryodhana, muitas dessas eram vistas virem de Narada e Parvata em especial, iluminando aquela escuridão. O exército (Kaurava) então, disposto em ordem de batalha compacta, parecia resplandecente naquela noite com a luz daquelas lâmpadas, os caros ornamentos (nos corpos de combatentes), e as brilhantes armas celestes quando elas eram disparadas ou arremessadas por eles. Em cada carro foram colocadas cinco lâmpadas, e em cada elefante enfurecido três. E sobre cada cavalo foi colocada uma lâmpada grande. Assim aquela hoste foi iluminada pelos guerreiros Kuru. Colocadas em seus lugares dentro de um tempo curto, aquelas lâmpadas iluminaram rapidamente o teu exército. De fato, todas as tropas, assim feitas radiantes pelos soldados de infantaria com lâmpadas alimentadas com óleo em suas mãos, pareciam belas como nuvens no céu noturno iluminadas por lampejos de relâmpago. Quando a hoste Kuru tinha sido iluminada dessa maneira, Drona, dotado da refulgência do fogo, chamuscando tudo em volta, parecia brilhante, ó rei, em sua armadura dourada, como o sol do meio-dia de raios ardentes. A luz daquelas lâmpadas começou a ser refletida dos ornamentos dourados, dos arcos e couraças brilhantes, e das armas bem temperadas dos combatentes. E maças enroladas com cordões, e Parighas luminosos, e carros e flechas e dardos, enquanto eles corriam para diante, repetidamente criavam, ó Ajamidha, por seu reflexo miríades de lâmpadas. E guarda-sóis e rabos de iaque e cimitarras e tições ardentes, ó rei, e colares de ouro, conforme eles eram girados ou movidos, refletindo aquela luz, pareciam extremamente belos. Iluminada pela luz daquelas lâmpadas e radiante pelo reflexo de armas e ornamentos, aquela hoste, ó rei, brilhava com esplendor. Armas belas e bem temperadas, vermelhas com sangue, e giradas por heróis, criavam uma refulgência brilhante lá, como lampejos de relâmpago no céu no fim do verão. Os rostos de guerreiros, impetuosamente perseguindo inimigos para derrubá-los e eles mesmos tremendo no ardor da investida, pareciam belos como massas de nuvens impelidas adiante pelo vento. Como o esplendor do sol se torna violento na ocasião do incêndio de uma floresta cheia de árvores, assim mesmo naquela noite terrível tornou-se o esplendor daquela hoste feroz e iluminada. Contemplando aquela nossa hoste iluminada, os Parthas também, com grande rapidez, incitando os soldados de infantaria por todo o seu exército, agiram como nós. Em cada elefante eles colocaram sete lâmpadas; em cada carro, dez; e nas costas de cada cavalo eles colocaram duas

lâmpadas; e nos flancos e na traseira (de seus carros) e em seus estandartes também, eles colocaram muitas lâmpadas. E nos flancos de sua hoste, e na retaguarda e na vanguarda, e em volta e dentro, muitas outras lâmpadas foram acesas. Os Kurus tendo feito o mesmo, ambos os exércitos foram assim iluminados. Por toda a hoste, os soldados de infantaria ficaram misturados com elefantes e carros e cavalaria. E o exército do filho de Pandu também foi iluminado por outros (além dos soldados de infantaria) permanecendo com tochas ardentes em suas mãos. Com aquelas lâmpadas aquela hoste ficou muito refulgente, como um fogo ardente tornado duplamente brilhante pelos raios deslumbrantes do criador do dia. O esplendor de ambos os exércitos, se espalhando pela terra, o céu, e todos os pontos do horizonte, parecia aumentar. Com aquela luz, teu exército como também o deles ficou claramente visível. Despertados por aquela luz que alcançava os céus, os deuses, os Gandharvas, os Yakshas, os Rishis e outros coroados com êxito (ascético), e as Apsaras, todos foram lá. Apinhado então com deuses e Gandharvas, e Yakshas, e Rishis coroados com sucesso (ascético), e Apsaras, e os espíritos de guerreiros mortos prestes a entrarem nas regiões celestes, o campo de batalha parecia um segundo céu. Cheio de carros e corcéis e elefantes, brilhantemente iluminado com lâmpadas, com combatentes furiosos e cavalos mortos ou vagando de modo selvagem, aquele vasto exército de guerreiros em formação de combate e cavalos e elefantes parecia com as formações de combate dos celestiais e dos Asuras nos tempos passados. O ímpeto de dardos formava os ventos violentos; grandes carros, as nuvens; o relincho e grunhido de corcéis e elefantes, os ribombos; flechas, as chuvas; e o sangue de guerreiros e animais, a enchente, daquele combate noturno semelhante a tempestade entre aqueles homens semelhantes a deuses. No meio daquela batalha, aquele principal dos Brahmanas, Aswatthaman de grande alma, chamuscando os Pandavas, ó soberano de homens, parecia o sol do meio-dia no fim da estação das chuvas, chamuscando tudo com seus raios ferozes.'"

163

"Sanjaya disse, 'Quando o campo de batalha que tinha estado antes envolvido em escuridão e poeira tinha ficado assim iluminado, guerreiros heróicos enfrentaram uns aos outros, desejosos de tirar as vidas uns dos outros. Combatendo uns aos outros em batalha, ó rei, aqueles combatentes, armados com lanças e espadas e outras armas, se encaravam sob a influência da raiva. Com milhares de lâmpadas brilhando por toda parte e com as lâmpadas mais brilhantes dos deuses e dos Gandharvas, colocadas sobre suportes dourados enfeitados com jóias, e alimentadas com óleo fragrante, o campo de batalha, ó Bharata, parecia brilhante como o céu coberto com estrelas. Com centenas sobre centenas de tições ardentes, a terra parecia extremamente bela. De fato, a terra parecia estar em uma conflagração, como aquela que acontece na destruição universal. Todos os pontos do horizonte resplandeciam com aquelas lâmpadas por toda parte e pareciam com árvores cobertas por pirilampos em uma noite na estação das chuvas. Combatentes heróicos, então, ó rei, se envolveram em

combate com rivais heróicos. Elefantes se envolveram em combate com elefantes, e cavaleiros com cavaleiros, e guerreiros em carros com guerreiros em carros, cheios de alegria, naquela noite aterradora por ordem de teu filho. O choque dos dois exércitos ambos consistindo em quatro tipos de tropas tornou-se terrível. Então Arjuna, ó monarca, começou, com grande velocidade, a destruir as tropas Kaurava, enfraquecendo todos os reis.'"

"Dhritarashtra disse, 'Quando o invencível Arjuna, excitado com cólera e incapaz de tolerar (os feitos dos Kurus), penetrou no exército do meu filho, qual veio a ser o estado de suas mentes? De fato, quando aquele opressor de inimigos entrou no seu meio, o que os soldados pensaram? Que medidas também Duryodhana achou boas para serem adotadas então? Quem foram aqueles castigadores de inimigos que procederam naquela batalha contra aquele herói? De fato, quando Arjuna, de corcéis brancos, entrou (no nosso exército), quem foram aqueles que protegeram Drona? Quem protegeu a roda direita e quem protegeu a roda esquerda do carro de Drona? Quem foram aqueles heróis que protegeram a retaguarda daquele herói lutando? De fato, quando o filho de Bharadwaja prosseguiu, matando o inimigo (ao longo de sua rota), quem foram aqueles que procederam em sua dianteira? Aquele arqueiro poderoso e invencível que penetrou no meio dos Panchalas, aquele tigre entre homens dotado de grande coragem, que prosseguiu, como se dançando, pelo caminho de seu carro, e consumiu grandes multidões de carros Panchala por meio de suas flechas como uma conflagração intensa; ai, como aquele Drona encontrou sua morte? Tu sempre falas de meus inimigos como calmos e invictos e alegres e cheios de força em batalha. Tu, no entanto, não falas dos meus em tais palavras. Por outro lado, tu os descreves como mortos, pálidos, e derrotados, e tu falas dos meus guerreiros em carros como sempre privados de seus carros em todas as batalhas que eles lutaram!'"

"Sanjaya continuou, 'Compreendendo os desejos de Drona que estava empenhado na batalha, Duryodhana, naquela noite, ó rei, dirigindo-se a seus irmãos obedientes, isto é, Vikarna e Chitrasena e Suparsva e Durdharsha e Dirghavahu, e todos aqueles que os seguiam, disse essas palavras, 'Ó heróis de grande bravura, lutando com resolução, todos vocês protejam Drona a partir da retaguarda. O filho de Hridika protegerá sua direita e Sala sua esquerda.' Dizendo isso, teu filho então incitou adiante colocando eles na vanguarda, o restante dos bravos e poderosos guerreiros em carros Trigarta, dizendo, 'O preceptor é piedoso. Os Pandavas estão lutando com grande resolução. Enquanto empenhado em massacrar o inimigo em batalha, o protejam bem, se reunindo. Drona é poderoso em batalha; é dotado de grande agilidade de mão e grande coragem. Ele pode vencer os próprios deuses em batalha, o que dizer então dos Pandavas e dos Somakas? Todos vocês, no entanto, unidos e lutando com grande determinação nessa batalha terrível, protejam o invencível Drona daquele poderoso guerreiro em carro, Dhrishtadyumna. Exceto Dhrishtadyumna, eu não vejo o homem entre todos os guerreiros dos Pandavas que possa vencer Drona em batalha. Eu, portanto, penso que nós devemos, com toda nossa alma, proteger o filho de Bharadwaja. Protegido (por nós), ele indubitavelmente matará os

Somakas e os Srinjayas, um após outro. Após a morte de todos os Srinjayas na dianteira do exército (Pandava), o filho de Drona sem dúvida matará Dhrishtadyumna em batalha. Similarmente, o poderoso guerreiro em carro Karna derrotará Arjuna em batalha. Em relação a Bhimasena e outros vestidos em armadura, eu subjugarei eles todos em combate. O restante dos Pandavas privados de energia será facilmente derrotado pelos guerreiros. É evidente que meu êxito então durará para sempre. Por essas razões, protejam o poderoso guerreiro em carro Drona em batalha.' Tendo dito essas palavras, ó chefe do Bharatas, teu filho Duryodhana incitou suas tropas naquela noite de escuridão terrível. Então começou uma batalha, ó chefe dos Bharatas, entre as duas hostes. Ó monarca, ambas estimuladas pelo desejo de vitória. Arjuna começou a afligir os Kauravas, e os Kauravas começaram a afligir Arjuna, com diversos tipos de armas. O filho de Drona cobriu o soberano dos Panchalas, e o próprio Drona cobriu o Srinjaya, com chuvas de flechas retas naquela batalha. E quando as tropas Pandava e Panchala (de um lado) e as tropas Kaurava (no outro), ó Bharata, estavam empenhadas em massacrar umas às outras, ergueu-se lá um tumulto furioso no campo. A batalha que ocorreu naquela noite foi tão terrível e feroz que sua igual nunca tinha sido anteriormente testemunhada por nós ou aqueles que viveram antes de nós.'"

164

"Sanjaya disse, 'Durante a continuação daquele terrível combate noturno, ó rei, o qual foi repleto de uma carnificina indiscriminada, o filho de Dharma, Yudhishthira, se dirigiu aos Pandavas, Panchalas, e aos Somakas. De fato, ó rei, para a destruição de homens, carros, e elefantes, o rei Yudhishthira ordenou suas próprias tropas, dizendo, 'Procedam contra Drona somente, para matá-lo!' Por ordem do rei, ó monarca, os Panchalas e os Somakas avançaram só contra Drona, proferindo gritos terríveis. Nós mesmos, excitados com raiva, e rugindo ruidosamente em retorno, avançamos contra eles, com toda nossa bravura, coragem, e poder, em batalha. Kritavarman, o filho de Hridika, avançou contra Yudhishthira, quando o último estava avançando contra Drona, como um elefante enfurecido contra um rival enfurecido. Contra o neto de Sini que avançava espalhando chuvas de flechas por toda parte, avançou, ó rei, o guerreiro Kuru Bhuri, aquele opressor (de inimigos) em batalha. Karna, o filho de Vikartana, ó rei, resistiu àquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho de Pandu, Sahadeva, quando o último avançou para alcançar Drona. O rei Duryodhana, naquela batalha, avançou ele mesmo contra aquele principal dos guerreiros em carros, Bhimasena, avançando em seu carro como o Destruidor. Sakuni, o filho de Suvala, ó rei, procedendo rapidamente, resistiu àquele principal dos guerreiros, Nakula, que era familiarizado com todos os tipos de combate. Kripa, o filho de Saradwat, ó rei, resistiu a Sikhandin naquela batalha, aquele principal dos guerreiro em carros, quando o último avançou em seu carro. Duhsasana, ó rei, lutando vigorosamente, resistiu a Prativindhya quando o último avançou com resolução (em seu carro) puxado por corcéis parecendo com pavões. Aswatthaman, ó monarca, resistiu ao filho de Bhimasena, o Rakshasa

(Ghatotkacha) conhecedor de centenas de tipos de ilusão, quando o último avançou. Vrishasena naquela batalha resistiu ao poderoso Drupada com suas tropas e seguidores quando o último avançou para atacar Drona. O soberano dos Madras, ó rei, excitado com cólera resistiu a Virata, ó Bharata, quando o último avançou rapidamente para matar Drona; Chitrasena, naquela batalha, resistiu, com grande força e disparando muitas flechas, ao filho de Nakula, Satanika, quando o último avançou para matar Drona. O príncipe dos Rakshasas, Alambhusha, ó rei, resistiu a Arjuna, aquele principal dos guerreiros em carros, quando o último avançou. Dhrishtadyumna, o príncipe dos Panchalas, resistiu alegremente ao grande arqueiro Drona quando o último estava empenhado em massacrar o inimigo. Em relação aos poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, que avançaram (contra Drona), outros guerreiros em carros do teu exército, ó rei, resistiram a eles com grande força. Condutores de elefantes rapidamente enfrentando condutores de elefantes naquela batalha terrível, começaram a lutar uns com os outros e oprimir uns aos outros aos milhares. Nas altas horas da noite, ó monarca, quando os corcéis avançavam uns contra os outros com impetuosidade, eles pareciam com colinas aladas. Cavaleiros, ó monarca, combateram cavaleiros, armados com lanças e dardos e espadas, e proferindo gritos altos. Grande número de homens massacraram uns aos outros em pilhas, com maças e clavas curtas e diversas outras armas. Kritavarman, o filho de Hridika, cheio de ira, resistiu ao filho de Dharma, Yudhishthira, como continentes resistindo ao mar cheio. Yudhishthira, no entanto, perfurando o filho de Hridika com cinco flechas, perfurou-o novamente com vinte, e dirigiu-se a ele, dizendo, 'Espere, Espere.' Então Kritavarman, ó majestade, cheio de raiva, cortou com uma flecha de cabeça larga o arco do rei Yudhishthira o justo e perfurou o último com sete flechas. Pegando outro arco, aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Dharma, perfurou o filho de Hridika nos braços e peito com dez flechas. Então aquele guerreiro da linhagem de Madhu, assim perfurado, ó majestade, pelo filho de Dharma naquela batalha, tremeu com raiva e afligiu Yudhishthira com sete flechas. Então o filho de Pritha cortando o arco de seu inimigo como também a proteção de couro que envolvia suas mãos, disparou nele cinco flechas penetrantes afiadas em pedra. Aquelas flechas ardentes, atravessando a armadura cara do último, ornada com ouro, entraram na terra como cobras em um formigueiro. Num piscar de olhos, Kritavarman, pegando outro arco, perfurou o filho de Pandu com sessenta flechas e mais uma vez com dez. De alma incomensurável, o filho de Pandu, então colocando seu arco grande em seu carro, disparou em Kritavarman um dardo parecendo uma cobra. Aquele dardo enfeitado com ouro, disparado pelo filho de Pandu, atravessando o braço direito de Kritavarman, entrou na terra. Enquanto isso, o filho de Pritha, pegando seu arco formidável, encobriu o filho de Hridika com chuvas de flechas retas. Então o bravo Kritavarman, aquele grande guerreiro em carro entre os Vrishnis, em menos do que um piscar de olhos, fez Yudhishthira ficar sem cavalos e sem motorista e sem carro. Nisso, o filho mais velho de Pandu pegou uma espada e um escudo. Então ele, da linhagem de Madhu, cortou ambas aquelas armas naquela batalha. Yudhishthira então, pegando uma lança brilhante, equipada com uma vara enfeitada com ouro, jogou-a rapidamente, naquela batalha, no filho ilustre de Hridika. O filho de Hridika, no entanto, sorrindo, e mostrando grande agilidade de

mão, cortou em dois fragmentos aquela lança arremessada dos braços de Yudhishthira, quando ela corria impetuosamente em direção a ele. Ele então cobriu o filho de Dharma com centenas de flechas naquele combate. Cheio de ira, ele então cortou a cota de malha do último com chuvas de flechas. A armadura de Yudhishthira, ornada com ouro, cortada pelo filho de Hridika com suas flechas, caiu de seu corpo, ó rei, como um grupo de estrelas caindo do céu. Sua armadura cortada, ele mesmo privado de carro e afligido pelas flechas de Kritavarman, o filho de Dharma, Yudhishthira, retirou-se rapidamente da batalha. O poderoso guerreiro em carro Kritavarman, então, tendo derrotado Yudhishthira, o filho de Dharma, começou novamente a proteger a roda do carro de Drona.'"

165

"Sanjaya disse, 'Bhuri, ó rei, naquela batalha, resistiu àquele principal dos guerreiros em carros, o neto de Sini, que avançou como um elefante em direção a um lago cheio de água. Satyaki, excitado com cólera, perfurou seu inimigo no peito com cinco flechas afiadas. Nisso, o sangue do último começou a fluir. O guerreiro Kuru naquele combate similarmente perfurou com grande rapidez o neto de Sini, aquele herói difícil de ser derrotado em batalha, com dez flechas no peito. Aqueles guerreiros, esticando seus arcos à sua mais completa extensão, e com olhos vermelhos de raiva, começaram, ó rei, a mutilar um ao outro naquele combate. As chuvas de flechas daqueles dois guerreiros, ambos excitados com raiva e parecendo a própria Morte ou o sol espalhando seus raios, eram muito terríveis. Cobrindo um ao outro com flechas, um ficou diante do outro naquela batalha. Por um tempo curto aquela continuou igualmente. Então, ó rei, o neto de Sini, cheio de ira e sorrindo, cortou o arco do ilustre guerreiro Kuru naquela batalha. Tendo cortado seu arco, Satyaki perfurou-o rapidamente no peito com nove flechas afiadas e se dirigindo a ele, disse, 'Espere! Espere!' Aquele opressor de inimigos perfurado profundamente por seu inimigo poderoso, pegou rapidamente outro arco e perfurou o guerreiro Satwata em retorno. Tendo perfurado o herói Satwata com três flechas, ó monarca, Bhuri, então, sorrindo, cortou o arco de seu inimigo com uma flecha afiada e de cabeça larga. Seu arco estando cortado, Satyaki, ó rei, enlouquecido com raiva, arremessou um dardo impetuoso no peito largo de Bhuri. Perfurado por aquele dardo, Bhuri caiu de seu carro excelente, coberto com sangue, como o sol caindo do firmamento. Vendo ele morto dessa maneira, o poderoso guerreiro em carro Aswatthaman, ó Bharata, avançou impetuosamente contra o neto de Sini. Tendo se dirigido a Satyaki, ó rei, dizendo, 'Espere, Espere,' ele o encobriu com chuvas de flechas, como as nuvens despejando torrentes de chuva sobre o topo de Meru. Vendo ele avançando em direção ao carro do neto de Sini, o poderoso guerreiro em carro Ghatotkacha, ó rei, proferindo um rugido alto, dirigiu-se a ele dizendo, 'Espere, espere, ó filho de Drona! Tu não escaparás de mim com vida. Eu logo te matarei como o de seis rostos (Karttikeya) matando (o Asura) Mahisha. Eu irei hoje, no campo, purgar teu coração de todo desejo de batalha.' Tendo dito essas palavras, aquele matador de heróis hostis, o Rakshasa (Ghatotkacha), com olhos vermelhos como cobre de

raiva, avançou furiosamente contra o filho de Drona, como um leão avançando contra um príncipe dos elefantes. E Ghatotkacha disparou em seu inimigo flechas da medida do Aksha de um carro, e cobriu aquele touro entre os guerreiros em carros com isso, como nuvens derramando torrentes de chuva. Com suas próprias flechas parecendo cobras de veneno virulento, o filho de Drona, no entanto, naquela batalha, dissipou rapidamente aquela chuva de flechas antes que ela pudesse alcançá-lo. Ele então perfurou aquele castigador de inimigos, isto é, Ghatotkacha, aquele príncipe dos Rakshasas, com centenas de flechas afiadas e de curso rápido, todas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. Assim perfurado com aquelas flechas por Aswatthaman, aquele Rakshasa, no campo de batalha, parecia belo, ó monarca, como um porco-espinho com espinhos eretos em seu corpo. Então o filho valente de Bhimasena, cheio de raiva, mutilou o filho de Drona com muitas flechas ardentes, zunindo pelo ar com o rugido do trovão. E ele despejou sobre Aswatthaman uma perfeita chuva de flechas de diversos tipos; algumas equipadas com cabeças como navalhas; algumas moldadas como a meia-lua; algumas, somente pontudas; algumas, de face de rã; algumas com cabeças parecendo a orelha do javali; algumas, farpadas; e algumas de outros tipos. Como o vento dispersando massas imensas de nuvens, o filho de Drona, ó rei, sem seus sentidos estarem agitados, destruiu com suas próprias flechas terríveis, inspiradas por mantras com a força de armas celestes, aquela chuva de armas insuportável e inigualável, cujo som parecia o ribombo do trovão, e que caía incessantemente sobre ele. Parecia então que outro combate estava tendo lugar no céu entre armas (como os combatentes), o qual era terrível, e que, ó rei, encheu os guerreiros de terror. Com as faíscas por toda parte, geradas pelo choque das armas disparadas por aqueles dois guerreiros, o céu parecia belo como iluminado por miríades de pirilampos à noite. O filho de Drona então, enchendo todos os pontos do horizonte com suas flechas, cobriu o próprio Rakshasa, para fazer o que era agradável para teus filhos. Então começou mais uma vez uma batalha entre o filho de Drona e o Rakshasa naquela noite de densa escuridão, a qual parecia o combate entre Sakra e Prahlada. Então Ghatotkacha, cheio de raiva, atingiu o filho de Drona, naquela batalha, no peito com dez flechas, cada uma parecendo o fogo Yuga. Profundamente perfurado pelo Rakshasa, o poderoso filho de Drona começou a tremer naquela batalha como uma árvore alta sacudida pelo vento. Se sustentando por segurar o mastro de bandeira, ele desmaiou. Então todas as tuas tropas, ó rei, proferiram gritos de 'Oh' e 'Ai'. De fato, ó monarca, todos os teus guerreiros então consideraram o filho de Drona como morto. Vendo Aswatthaman naquela situação, os Panchalas e os Srinjayas naquela batalha proferiram rugidos leoninos. Então aquele subjugador de inimigos, isto é, o poderoso guerreiro em carro Aswatthaman, recuperando seus sentidos, pegando violentamente o arco com sua mão esquerda, esticando a corda do arco até sua orelha, disparou rapidamente uma flecha terrível parecendo a vara do próprio Yama, mirando em Ghatotkacha. Aquela flecha excelente, ardente e provida de asas douradas, atravessando o peito do Rakshasa, entrou na terra, ó rei. Profundamente perfurado, ó monarca, pelo filho de Drona que era orgulhoso de sua destreza em batalha, aquele príncipe dos Rakshasas, dotado de grande força, sentou-se no terraço de seu carro. Vendo o filho de Hidimva privado de seus sentidos, seu quadrigário, inspirado com medo, removeu-o depressa do campo,

levando-o para longe da presença do filho de Drona. Tendo perfurado dessa maneira aquele príncipe dos Rakshasas, isto é, Ghatotkacha, naquele combate, o filho de Drona, aquele poderoso guerreiro em carro, proferiu um rugido alto. Reverenciado por teus filhos como também por todos os teus guerreiros, ó Bharata, o corpo de Aswatthaman brilhava como o sol do meio-dia.'"

"Com relação a Bhimasena, que estava lutando na frente do carro de Drona, o próprio rei Duryodhana perfurou-o com muitas flechas afiadas. Bhimasena, no entanto, ó Bharata, perfurou-o em retorno com nove flechas. Duryodhana, então, perfurou Bhimasena com vinte flechas. Cobertos pelas flechas um do outro no campo de batalha, aqueles dois guerreiros pareciam com o sol e a lua cobertos com nuvens no firmamento. Então o rei Duryodhana, ó chefe dos Bharatas, perfurou Bhima com cinco flechas aladas e disse, 'Espere! Espere!' Bhima então, cortando seu arco como também seu estandarte com flechas afiadas, perfurou o próprio rei Kuru com noventa flechas retas. Então Duryodhana, cheio de raiva, pegando um arco mais formidável, ó chefe dos Bharatas, afligiu Bhimasena, na vanguarda da batalha, com muitas flechas afiadas, na própria vista de todos os arqueiros. Desviando aquelas flechas disparadas do arco de Duryodhana, Bhima perfurou o rei Kuru com vinte e cinco flechas curtas. Duryodhana então, ó majestade, cheio de cólera, cortou o arco de Bhimasena com uma flecha de face de navalha e perfurou o próprio Bhima com dez flechas em retorno. Então o poderoso Bhimasena, pegando outro arco, rapidamente perfurou o rei com sete flechas afiadas. Mostrando grande agilidade de mão, Duryodhana cortou até aquele arco de Bhima. O segundo, o terceiro, o quarto, e o quinto arco que Bhima pegou foram cortados da mesma maneira. De fato, ó rei, teu filho, orgulhoso de sua destreza e desejoso de vitória, cortava os arcos de Bhima logo que o último pegava um. Vendo seus arcos repetidamente cortados, Bhima então arremessou, naquela batalha, um dardo feito totalmente de ferro e rígido como o trovão. Aquele dardo brilhante como uma chama de fogo parecia a irmã da Morte. O rei Kuru, no entanto, na própria vista de todos os guerreiros e diante dos olhos do próprio Bhima, cortou em três fragmentos aquele dardo, o qual corria em direção a ele pelo céu com o esplendor do fogo e dividindo-o, como se fosse por uma linha reta tal como é visível na cabeça de uma mulher partindo seu cabelo. Então Bhima, ó rei, girando sua maça pesada e brilhante, arremessou-a com grande força no carro de Duryodhana. Aquela maça pesada despedaçou rapidamente os corcéis, o motorista, e o carro também, do teu filho naquele combate. Teu filho, então, ó monarca, com medo de Bhima e recuando dentro do limite mais estreito, subiu em outro carro, isto é, aquele do ilustre Nandaka. Então Bhima, considerando Suyodhana como tendo sido morto em meio à escuridão daquela noite, proferiu um rugido leonino alto desafiando os Kauravas. Teus guerreiros consideraram o rei como morto. Todos eles proferiram gritos altos de 'Oh' e 'Ai'. Ouvindo os lamentos dos guerreiros apavorados e os rugidos de Bhima de grande alma, ó rei, o rei Yudhishthira também considerou Suyodhana como morto. E o filho mais velho de Pandu, nisso, avançou rapidamente para o local onde Vrikodara, o filho de Pritha, estava. E os Panchalas, os Srinjayas, os Matsyas, os Kaikeyas, e os Chedis, avançaram depressa, com toda sua força contra Drona pelo desejo de matá-lo. Lá também ocorreu uma batalha terrível entre Drona e o inimigo. E os

combatentes de ambos os lados foram envolvidos em densa escuridão e golpearam e mataram uns aos outros.'"

166

'Sanjaya disse, 'Karna, o filho de Vikartana, ó rei, resistiu ao poderoso guerreiro em carro Sahadeva naquela batalha, que avançou pelo desejo de atacar Drona. Perfurando o filho de Radha com nove flechas, Sahadeva perfurou novamente aquele guerreiro com nove flechas retas. Karna então perfurou Sahadeva em retorno com cem flechas retas, e mostrando grande agilidade de mão, cortou o arco encordoado do último. Então o filho valente de Madri, pegando outro arco, perfurou Karna com vinte flechas. Esse feito dele pareceu muito extraordinário. Então Karna, matando os cavalos de Sahadeva com muitas flechas retas, despachou rapidamente o motorista do último com uma flecha de cabeça larga, para a residência de Yama. Sahadeva sem carro então pegou uma espada e um escudo. Até aquelas armas foram cortadas por Karna sorrindo. Então o poderoso Sahadeva, naquele combate, arremessou em direção ao carro do filho de Vikartana uma maça pesada e terrível ornada com ouro. Karna, então com suas flechas, rapidamente cortou aquela maça que, arremessada por Sahadeva, corria impetuosamente em direção a ele, e a fez cair no chão. Vendo sua maça cortada, Sahadeva lançou rapidamente um dardo em Karna. Aquele dardo também foi cortado por Karna. O filho de Madri, então, saltando de seu carro excelente, e resplandecente com fúria ao ver Karna posicionado à frente dele, pegou uma roda de carro e jogou-a no filho de Adhiratha. O filho de Suta, no entanto, com muitos milhares de flechas, cortou aquela roda correndo em direção a ele como a roda erguida da Morte. Quando aquela roda foi cortada, Sahadeva, ó majestade, mirando em Karna, arremessou nele os varais de seu carro, os tirantes de seus corcéis, as cangas de seus carros, os membros de elefantes e corcéis e corpos humanos mortos. Karna cortou todos esses com suas flechas. Vendo-se privado de todas as armas, o filho de Madri, Sahadeva, atacado por Karna com muitas flechas, deixou a batalha. Perseguindo-o por um tempo, o filho de Radha, ó touro da raça Bharata, dirigiu-se sorridente a Sahadeva e disse essas palavras cruéis, 'Ó herói, não lute em batalha com aqueles que são superiores a ti. Lute com teus iguais, ó filho de Madri! Não suspeite de minhas palavras.' Então tocando-o com o corno de seu arco, ele mais uma vez disse, 'Lá, Arjuna está lutando resolutamente com os Kurus em batalha. Vá lá, ó filho de Madri, ou volte para casa se tu quiseres.' Tendo dito essas palavras, Karna, aquele principal dos guerreiros em carros, sorridente seguiu em frente em seu carro contra as tropas do rei dos Panchalas. Ó matador de inimigos, aquele poderoso guerreiro em carro, devotado à verdade, não matou o filho de Madri embora ele tivesse tido a oportunidade, se lembrando das palavras de Kunti. Sahadeva, então, sem entusiasmo e atormentado por flechas, e perfurado pelos dardos verbais de Karna, não mais nutriu qualquer amor pela vida. Aquele poderoso guerreiro em carro então subiu rapidamente no carro de Janamejaya, o ilustre príncipe dos Panchalas.'"

167

"Sanjaya disse, 'O soberano dos Madras encobriu por todos os lados, com nuvens de flechas, Virata com suas tropas, que estava procedendo rapidamente para chegar a Drona. A batalha que ocorreu entre aqueles dois grandes arqueiros pareceu, ó rei, aquela entre Vala e Vasava nos tempos passados. O soberano dos Madras, ó monarca, com grande energia, atacou Virata, aquele comandante de uma grande divisão, com cem flechas retas. O rei Virata, em retorno, perfurou o soberano dos Madras com nove flechas afiadas, e mais uma vez com setenta e três, e novamente com cem. O soberano dos Madras, então, matando os quatro corcéis unidos ao carro de Virata, cortou com um par de flechas o guarda-sol e estandarte do último. Saltando rapidamente daquele carro sem cavalos, o rei continuou puxando seu arco e disparando suas flechas. Vendo seu irmão privado de seus cavalos, Satanika rapidamente se aproximou dele em seu carro na própria vista de todas as tropas. O soberano dos Madras, no entanto, perfurando Satanika que avançava com muitas flechas, despachou-o para a residência de Yama. Após a queda do heróico Satanika, Virata, aquele comandante de uma grande divisão, subiu no carro do herói caído, ornado com estandarte e guirlandas. Arregalando seus olhos, e com destreza duplicada pela fúria, Virata cobriu rapidamente o carro do soberano dos Madras com flechas aladas. O soberano dos Madras então, excitado com raiva, perfurou profundamente Virata, aquele comandante de uma grande divisão, no peito, com cem flechas retas. Profundamente perfurado pelo soberano poderoso dos Madras, aquele grande guerreiro em carro, Virata, sentou-se no terraço de seu carro e desmaiou. Seu motorista, então, vendo-o mutilado com flechas naquele combate, levou-o para longe. Então aquele vasto exército, ó Bharata, fugiu naquela noite, oprimido por centenas de flechas de Salya, aquele ornamento de batalha. Vendo as tropas fugindo, Vasudeva e Dhananjaya avançaram rapidamente para aquele local, ó monarca, onde Salya estava posicionado. Então aquele príncipe dos Rakshasas, isto é, Alamvusha, ó rei, em um carro principal, arreado com oito corcéis, tendo Pisachas de aparência terrível de rostos equinos unido a ele, provido com pendões vermelho vivo, decorado com coroas florais feitas ferro preto, coberto com peles de urso, e possuindo um estandarte alto sobre o qual pousava um urubu terrível, de aparência feroz, e gritando incessantemente, de asas com pintas e olhos arregalados, procedeu contra aqueles heróis que avançavam. Aquele Rakshasa, ó rei, parecia belo como uma pilha solta de antimônio, e ele resistiu a Arjuna que avançava, como Meru resistindo a uma tempestade, espalhando chuvas de flechas, ó monarca, sobre a cabeça de Arjuna. A batalha então que começou entre o Rakshasa e aquele guerreiro humano foi muito violenta. E ela encheu todos os espectadores lá, ó Bharata, de admiração. E ela contribuiu para a alegria também de urubus e corvos, de gralhas e corujas e Kanakas e chacais. Arjuna atingiu Alamvusha com seis flechas e então cortou seu estandarte com dez flechas afiadas. Com poucas outras flechas, ele cortou seu motorista, e com algumas outras seu Trivenu, e com mais uma, seu arco, e com quatro outras seus quatro corcéis. Alamvusha encordoou outro arco, mas aquele também Arjuna cortou em dois fragmentos. Então, ó touro da raça Bharata, Partha perfurou aquele príncipe dos Rakshasas

com quatro flechas afiadas. Assim perfurados, os Rakshasas fugiram com medo. Tendo-o subjugado, Arjuna foi para o local onde Drona estava, disparando muitas flechas enquanto prosseguia, ó rei, em homens, elefantes, e corcéis. Massacrados, ó monarca, pelo filho ilustre de Pandu, os combatentes caíam no chão, como árvores derrubadas por uma tempestade. Assim tratados pelo filho ilustre de Pandu, todos eles fugiram como um bando de veados assustados.'"

168

"Sanjaya disse, 'Teu filho Chitrasena, ó Bharata, resistiu (ao filho de Nakula) Satanika que estava empenhado em chamuscar tua hoste com suas flechas afiadas. O filho de Nakula perfurou Chitrasena com cinco flechas. O último então perfurou o primeiro em retorno com dez flechas afiadas. E mais uma vez Chitrasena, ó monarca, naquela batalha, perfurou Satanika no peito com nove flechas afiadas. Então o filho de Nakula com muitas flechas retas cortou a armadura de Chitrasena de seu corpo. Esse feito dele pareceu muito admirável. Privado de sua armadura, teu filho, ó rei, parecia muito belo, como uma cobra, ó monarca, tendo rejeitado sua pele na época apropriada. Então o filho de Nakula, com muitas flechas afiadas, cortou o estandarte de Chitrasena que se esforçava, e então seu arco, ó monarca, naquela batalha. Com seu arco cortado naquele combate, e privado também de sua armadura, aquele poderoso guerreiro em carro, então, ó rei, pegou outro arco capaz de perfurar todo inimigo. Então Chitrasena, aquele poderoso guerreiro em carro entre os Bharatas, rapidamente perfurou o filho de Nakula com muitas flechas retas. Então o poderoso Satanika, excitado com raiva, ó Bharata, matou os quatro corcéis de Chitrasena e então seu motorista. O ilustre Chitrasena, dotado de grande força, saltando daquele carro, afligiu o filho de Nakula com vinte e cinco flechas. Então o filho de Nakula com uma flecha em forma de meia-lua, cortou naquele combate o arco ornado com ouro de Chitrasena enquanto o último estava empenhado em atacá-lo dessa maneira. Sem arco e sem carro e sem cavalos e sem motorista, Chitrasena então subiu rapidamente no carro do ilustre filho de Hridika.'"

"Vrishasena, ó rei, avançou com grande rapidez, espalhando flechas às centenas, contra o poderoso guerreiro em carro Drupada, avançando na dianteira de suas tropas contra Drona. Yajnasena, naquele combate perfurou aquele poderoso guerreiro em carro, ou seja, o filho de Karna nos braços e no peito, ó senhor, com sessenta flechas. Vrishasena, então, excitado com raiva, rapidamente perfurou Yajnasena, permanecendo em seu carro, com muitas flechas no centro do peito. Aqueles dois guerreiros mutilados por flechas, e com flechas fincadas em seus corpos, pareciam belos como um par de porcos-espinhos com seus espinhos eretos. Banhados em sangue por causa dos ferimentos causados por aquelas flechas retas de pontas afiadas e asas douradas, eles pareciam muito belos naquele combate terrível. De fato, o espetáculo que eles apresentavam era aquele de um par de belas e radiantes árvores Kalpa ou de um par de Kinsukas magníficas com suas cargas floridas. Então Vrishasena, ó rei, tendo perfurado Drupada com nove flechas, perfurou-o novamente com setenta, e

então novamente com três outras flechas. Então disparando milhares de flechas, o filho de Karna, ó monarca, parecia belo naquela batalha, como uma nuvem despejando torrentes de chuva. Então Drupada, cheio de ira, cortou o arco de Vrishasena em dois fragmentos, com uma flecha de cabeça larga, afiada e bem temperada. Pegando então outro arco ornado com ouro que era novo e forte, e tirando de sua aljava uma flecha forte, grande, bem temperada, afiada e de cabeça larga, e fixando-a em sua corda, e mirando-a cuidadosamente em Drupada, ele disparou-a com grande força, inspirando todos os Somakas com medo. Aquela flecha, atravessando o peito de Drupada, caiu na superfície da terra. O rei (dos Panchalas), então, assim atravessado pela flecha de Vrishasena, desmaiou. Seu motorista, então, lembrando de seu próprio dever, levou-o para longe do campo. Depois da retirada, ó monarca, daquele poderoso guerreiro em carro dos Panchalas, o exército (Kaurava), naquela noite terrível, avançou furiosamente contra as tropas de Drupada cujas cotas de malha tinham sido cortadas por meio das flechas do inimigo. Por causa das lâmpadas brilhantes derrubadas pelos combatentes por toda parte, a terra, ó rei, parecia bela como o firmamento sem nuvens coberto com planetas e estrelas. Com os Angadas caídos dos combatentes, a terra parecia resplandecente, ó rei, como uma massa de nuvens na estação chuvosa com lampejos de relâmpago. Afligidos com medo do filho de Karna, os Panchalas fugiram para todos os lados, como os Danavas por medo de Indra na grande batalha de antigamente entre os deuses e os Asuras. Assim afligidos em batalha por Vrishasena, os Panchalas e os Somakas, ó monarca, iluminados por lâmpadas, pareciam muito belos. Tendo vencido eles em batalha, o filho de Karna parecia belo como o sol, ó Bharata, quando ele alcança o meridiano. Entre todos aqueles milhares de reis do teu lado e do deles o valente Vrishasena então parecia ser o único corpo luminoso brilhante. Tendo derrotado em batalha muitos heróis e todos os poderosos guerreiros em carros entre os Somakas, ele foi rapidamente, ó rei, para o local onde o rei Yudhishthira estava posicionado.'"

"Teu filho Duhsasana procedeu contra aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, Prativindhya, que estava avançando (contra Drona), chamuscando seus inimigos em batalha. O combate que ocorreu entre eles, ó rei, pareceu belo, como aquele de Mercúrio e Vênus no firmamento sem nuvens. Duhsasana perfurou Prativindhya, que estava realizando feitos violentos em batalha, com três flechas na testa. Profundamente perfurado por aquele arqueiro poderoso, teu filho, Prativindhya, ó monarca, parecia belo como uma colina cristada. O poderoso guerreiro em carro Prativindhya, então, perfurando Duhsasana com três flechas, perfurou-o novamente com sete. Teu filho, então, ó Bharata, realizou lá uma façanha extremamente difícil, pois ele derrubou os cavalos de Prativindhya com muitas flechas. Com outra flecha de cabeça larga ele também derrubou o motorista do último, e então seu estandarte. E então ele cortou, ó rei, em mil fragmentos o carro de Prativindhya, armado com o arco. Excitado com raiva, ó senhor, teu filho também cortou, com suas flechas retas, em inúmeros fragmentos o pendão, as aljavas, as cordas, e os tirantes (do carro de seu antagonista). Privado de seu carro, o virtuoso Prativindhya permaneceu com arco na mão e lutou com teu filho espalhando inúmeras flechas. Então Duhsasana, mostrando

grande agilidade de mão, cortou o arco de Prativindhya. E então ele afligiu seu adversário sem arco com dez flechas. Vendo seu irmão, (Prativindhya) naquela situação, seus irmãos, todos poderosos guerreiros em carros, avançaram impetuosamente para aquele local com uma grande tropa. Ele então subiu (no carro) resplandecente de Sutasoma. Pegando outro arco, ele continuou, ó rei, a perfurar teu filho. Então muitos guerreiros do teu lado, acompanhados por uma grande tropa, avançaram impetuosamente e cercaram teu filho (para resgatá-lo). Então começou uma batalha violenta entre tuas tropas e as deles, ó Bharata, naquela hora terrível da meia-noite, aumentando a população do reino de Yama.'"

169

"Sanjaya disse, 'Contra Nakula que estava empenhado em atacar tuas tropas, o filho de Suvala (Sakuni) avançou furioso com grande impetuosidade e dirigindo-se a ele, disse, 'Espere! Espere!' Um enfurecido com o outro e desejoso de matar o outro, aqueles dois heróis atacaram um ao outro com flechas disparadas de seus arcos esticados até sua mais completa extensão. O filho de Suvala naquele combate expôs a mesma medida de habilidade que Nakula mostrou, ó rei, em disparar chuvas de flechas. Ambos perfurados com flechas, ó rei, naquela batalha, eles pareciam belos como um par de porcos-espinhos com espinhos eretos em seus corpos. A armadura de cada um cortada por meio de flechas com pontas retas e asas douradas, e ambos banhados em sangue, aqueles dois guerreiros pareciam resplandecentes naquela batalha terrível como duas belas e brilhantes árvores Kalpa, ou como duas Kinsukas florescentes no campo de batalha. De fato, ó rei, aqueles dois heróis naquele combate, ambos perfurados por setas, pareciam belos como um par de árvores Salmali com espinhos nelas. Lançando olhares oblíquos um no outro, com olhos arregalados de raiva, cujos cantos tinham ficado vermelhos, eles pareciam chamuscar um ao outro por meio daqueles olhares. Então teu cunhado, excitado com cólera, e sorrindo, perfurou o filho de Madri no peito com uma flecha farpada de ponta afiada. Profundamente perfurado por aquele arqueiro formidável, isto é, teu cunhado, Nakula sentou-se no terraço de seu carro e desmaiou. Vendo seu inimigo orgulhoso, aquele seu inimigo mortal naquela situação, Sakuni proferiu um rugido alto como aquele das nuvens no fim do verão. Recuperando a consciência, Nakula, o filho de Pandu, avançou mais uma vez contra o filho de Suvala, como o próprio Destruidor de boca escancarada. Inflamado com raiva, ó touro da raça Bharata, ele perfurou Sakuni com sessenta flechas, e com mais cem flechas longas no centro de seu peito. Ele então cortou o arco de Sakuni com flecha fixada nele, em dois fragmentos, no cabo. E então cortando em um instante o estandarte de Sakuni, ele o fez cair no chão. Perfurando em seguida a coxa de Sakuni com flechas grandes, afiadas e bem temperadas, Nakula, o filho de Pandu, o fez cair no terraço de seu carro, abraçando seu mastro de bandeira, como um homem amoroso abraçando sua amante. Vendo aquele teu cunhado derrubado e privado de consciência, ó impecável, seu motorista rapidamente o levou para longe da vanguarda da batalha. Os Parthas, então, e todos os seus seguidores, proferiram um rugido alto.

Tendo vencido seus inimigos, Nakula, aquele opressor de inimigos, dirigindo-se a seu motorista, disse, 'Leve-me para a hoste comandada por Drona.' Ouvindo essas palavras do filho de Madri, seu motorista procedeu para o local, ó rei, onde Drona estava posicionado. Contra o poderoso Sikhandin procedendo em direção a Drona, Kripa avançou resolutamente com grande impetuosidade. Aquele castigador de inimigos, Sikhandin, então, sorrindo, perfurou com nove flechas o filho de Gotama assim avançando contra ele perto da vizinhança de Drona. Então o preceptor, Kripa, aquele benfeitor dos teus filhos, perfurando Sikhandin primeiro com cinco flechas, perfurou-o novamente com vinte. O combate que ocorreu, ó monarca, entre eles, foi formidável, como aquele entre Samvara e o chefe dos celestiais na batalha entre os deuses e os Asuras. Aqueles heróicos e poderosos guerreiros em carros, ambos invencíveis em batalha, cobriram o céu com suas flechas, como nuvens cobrindo o firmamento no término do verão. Terrível por si mesma, aquela noite, ó chefe dos Bharatas, tornou-se mais terrível ainda para os heróicos combatentes engajados em batalha. De fato, de aspectos terríveis e inspirando todos os tipos de temor, aquela noite se tornou, por assim dizer, a noite da morte (de todas as criaturas). Então Sikhandin, ó rei, cortou, com uma flecha em forma de meia-lua, o arco grande do filho de Gotama e disparou no último muitas flechas afiadas. Inflamado com cólera, ó monarca, Kripa então disparou em seu adversário um dardo brilhante, equipado com uma vara dourada e ponta afiada, e polido pelas mãos do ferreiro. Sikhandin, no entanto, cortou-o com dez flechas enquanto ele corria em direção a ele. Aquele dardo, então, decorado com ouro (assim cortado), caiu no chão. Então Gautama, aquele mais notável dos homens, pegando outro arco, ó rei, cobriu Sikhandin com um grande número de flechas afiadas. Assim coberto naquela batalha pelo filho ilustre de Gotama, Sikhandin, aquele principal dos guerreiros em carros caiu no terraço de seu carro. Vendo ele assim enfraquecido, Kripa naquele combate o atacou com muitas flechas, pelo desejo de matá-lo, ó Bharata! (Sikhandin então foi levado para longe por seu motorista). Vendo aquele poderoso guerreiro em carro, ou seja, o filho de Yajnasena se retirando da batalha, os Panchalas e os Somakas o cercaram por todos os lados (para resgatá-lo). Da mesma maneira, teus filhos também cercaram aquele principal dos Brahmans, Kripa, com uma grande tropa. Então começou mais uma vez uma batalha entre guerreiros em carros, ó rei, que atacavam uns aos outros. O tumulto que se ergueu tornou-se alto como o ribombo de nuvens, ó Bharata, causado por cavaleiros e elefantes avançando, ó monarca, derrubando uns aos outros. Então, ó rei, o campo de batalha parecia muito aterrador. Com o passo da infantaria avançando a terra começou a tremer, ó monarca, como uma dama tremendo com medo. Guerreiros em carros, subindo em seus carros, avançaram impetuosamente, atacando rivais aos milhares, ó rei, como corvos apanhando insetos alados (no ar). Similarmente, imensos elefantes com exsudação vinho descendo por seus corpos, perseguindo elefantes parecidos, os enfrentavam, ó Bharata, furiosamente. Assim também, cavaleiros atacaram cavaleiros, e soldados de infantaria enfrentaram furiosamente uns aos outros naquela batalha. Nas altas horas da noite, o som de tropas recuando e avançando e daquelas vindo novamente para o combate tornou-se ensurdecedor. As lâmpadas ardentes também, colocadas em carros e elefantes e corcéis, pareciam, ó rei, meteoros grandes caindo do céu. Aquela noite, ó chefe dos Bharatas,

iluminada por aquelas lâmpadas parecia dia, ó rei, no campo de batalha. Como o sol, enfrentando a densa escuridão, a destrói completamente, assim mesmo a densa escuridão da batalha foi destruída por aquelas lâmpadas brilhantes. De fato, o céu, a terra, os pontos cardeais e secundários do horizonte, envolvidos por poeira e escuridão, ficaram novamente iluminados por aquela luz. O esplendor de armas e cotas de malha, e das jóias de heróis ilustres, foi eclipsado pela luz daquelas lâmpadas brilhantes. Durante a continuação daquela batalha violenta à noite, nenhum dos combatentes, ó Bharata, podia reconhecer os guerreiros do seu próprio lado. Pai, ó chefe dos Bharatas, matou filho, e filho, por ignorância, matou pai, e amigo matou amigo. E parentes mataram parentes, e tios maternos mataram filhos das irmãs, e guerreiros mataram guerreiros de seu próprio lado, e inimigos mataram seus próprios homens, naquela batalha, ó Bharata. Naquele terrível combate noturno, ó rei, todos lutaram furiosamente, parando de ter qualquer consideração uns pelos outros.'"

170

"Sanjaya disse, 'Naquela batalha violenta e terrível, Dhrishtadyumna, ó rei, procedeu contra Drona. Pegando seu arco formidável e repetidamente esticando sua corda, o príncipe Panchala avançou contra o carro de Drona ornado com ouro. E quando Dhrishtadyumna procedeu para executar a destruição de Drona, os Panchalas e os Pandavas, ó rei, o cercaram. Vendo Drona, aquele principal dos preceptores, assim atacado, teu filho, lutando resolutamente em batalha, protegeu Drona por todos os lados. Então aqueles dois oceanos de tropas enfrentaram um ao outro naquela noite, e pareciam dois oceanos terríveis agitados à fúria pela tempestade, com todas as criaturas vivas dentro deles muito agitadas. Então o príncipe dos Panchalas, ó rei, rapidamente perfurou Drona no peito com cinco flechas e proferiu um rugido leonino. Drona, no entanto, ó Bharata, perfurando seu inimigo em retorno com vinte e cinco flechas naquela batalha, cortou, com outra flecha de cabeça larga, seu arco brilhante. Violentamente perfurado por Drona, ó touro da raça Bharata, Dhrishtadyumna, jogando de lado seu arco, mordeu seu lábio (inferior) de raiva. De fato, ó monarca, o valente Dhrishtadyumna, excitado com cólera, pegou outro arco formidável para realizar a destruição de Drona. Aquele matador de heróis hostis, aquele guerreiro dotado de grande beleza, esticando aquele arco formidável até sua orelha, disparou uma flecha terrível capaz de tirar a vida de Drona. Aquela flecha, assim disparada pelo príncipe poderoso naquela batalha violenta e terrível, iluminou o exército inteiro como o sol nascente. Contemplando aquela flecha terrível, os deuses, os Gandharvas, e os Danavas disseram essas palavras, ó rei, isto é, 'Prosperidade para Drona!' Karna, no entanto, ó rei, mostrando grande agilidade de mão cortou em uma dúzia de fragmentos aquela flecha enquanto ela corria em direção ao carro do preceptor. Assim cortada em muitos fragmentos, ó rei, aquela flecha de Dhrishtadyumna, ó majestade, caiu rapidamente no chão como uma cobra sem veneno. Tendo cortado com suas próprias flechas retas aquelas de Dhrishtadyumna naquela batalha, Karna então perfurou o próprio Dhrishtadyumna com muitas flechas afiadas. E o filho de Drona o perfurou com cinco, e o próprio Drona com cinco, e

Salya o perfurou com nove, e Duhsasana com três. E Duryodhana perfurou-o com vinte flechas e Sakuni com cinco. De fato, todos aqueles poderosos guerreiros em carros rapidamente perfuraram o príncipe dos Panchalas. Assim ele foi perfurado por esses sete heróis naquela batalha se esforçando para o resgate de Drona. O príncipe dos Panchalas, no entanto, perfurou cada um daqueles heróis com três flechas. De fato, ó rei, Dhrishtadyumna, naquela batalha terrível, perfurou rapidamente o próprio Drona, e Karna, e o filho de Drona, e teu filho. Assim perfurados por aquele arqueiro, aqueles guerreiros, lutando juntos, perfuraram Dhrishtadyumna novamente naquele combate, enquanto proferiam rugidos altos. Então Drumasena, cheio de cólera, ó rei, perfurou o príncipe Panchala com uma flecha alada, e novamente com três outras flechas. E dirigindo-se ao príncipe, ele disse, 'Espere! Espere!' Dhrishtadyumna então perfurou Drumasena em retorno com três flechas retas, no combate, as quais eram providas de asas de ouro, embebidas em óleo, e capazes de tirar a vida daquele em quem elas fossem disparadas. Com outra flecha de cabeça larga, o príncipe dos Panchalas então, naquela batalha, cortou do tronco de Drumasena a cabeça do último enfeitada com brincos brilhantes de ouro. Aquela cabeça, com o lábio (inferior) mordido (de raiva), caiu no chão como uma fruta madura de palmeira separada do caule pela ação de um vento forte. Novamente, perfurando todos aqueles guerreiros com flechas afiadas, aquele herói, com algumas flechas de cabeça larga, cortou o arco do filho de Radha, aquele guerreiro conhecedor de todos os modos de guerra. Karna não pode tolerar aquele corte de seu arco, como um leão feroz incapaz de suportar o corte de seu rabo. Pegando outro arco, Karna, com olhos vermelhos de raiva, e respirando fortemente, cobriu o poderoso Dhrishtadyumna com nuvens de flechas. Vendo Karna cheio de raiva, aqueles heróis, isto é, aqueles seis touros entre os guerreiros em carros, cercaram rapidamente o príncipe dos Panchalas pelo desejo de matá-lo. Vendo o último em frente àqueles seis guerreiros principais do teu lado, todas as tuas tropas, ó senhor, o consideraram como já estando dentro das mandíbulas do Destruidor. Enquanto isso, Satyaki, da linhagem Dasarha, espalhando suas flechas enquanto procedia, alcançou o local onde o valente Dhrishtadyumna estava lutando. Vendo aquele guerreiro invencível da tribo Satwata avançando, o filho de Radha perfurou-o naquela batalha com dez flechas. Satyaki, então, ó rei, perfurou Karna com dez flechas na própria vista de todos aqueles heróis, e dirigindo-se a ele, disse, 'Não fuja mas fique diante de mim.' O combate então, que teve lugar entre o poderoso Satyaki e o diligente Karna pareceu, ó rei, aquele entre Vali e Vasava (nos tempos passados). Aquele touro entre os Kshatriyas, isto é, Satyaki, apavorando todos os Kshatriyas com o estrépito de seu carro, perfurou Karna de olhos de lótus em retorno (com muitas flechas). Fazendo a terra tremer com a vibração de seu arco, o filho poderoso do Suta, ó monarca, lutou com Satyaki. De fato, Karna perfurou o neto de Sini em retorno com centenas de flechas longas, e farpadas, e pontudas, e de dentes grandes, e de cabeça de navalha e diversas outras flechas. Similarmente, aquele principal da linhagem de Vrishni, Yuyudhana, naquela batalha, encobriu Karna com muitas flechas. Por um tempo aquela luta prosseguiu igualmente. Então teus filhos, ó monarca, colocando Karna em sua dianteira, todos perfuraram Satyaki de todos os lados com flechas afiadas. Resistindo com suas próprias armas àquelas deles todos e de Karna também, ó senhor, Satyaki rapidamente perfurou

Vrishasena no centro do peito. Perfurado por aquela flecha, o valente Vrishasena, de grande esplendor, caiu em seu carro, jogando de lado seu arco. Então Karna, acreditando que aquele poderoso guerreiro em carro, Vrishasena, estava morto, ficou tomado pela aflição por conta da morte de seu filho e começou a afligir Satyaki com grande força. Assim afligido por Karna, o poderoso guerreiro em carro Yuyudhana, com grande velocidade, repetidamente perfurou Karna com muitas flechas. Mais uma vez perfurando Karna com dez flechas, e Vrishasena com cinco, o herói Satwata cortou as proteções de couro e os arcos de ambos, pai e filho. Então aqueles dois guerreiros, encordoando dois outros arcos, capazes de inspirar inimigos com terror, começaram a perfurar Yuyudhana de todos os lados com flechas afiadas. Durante a continuação daquele combate violento que era tão destrutivo de heróis o som alto do Gandiva, ó rei, era ouvido acima de todos os outros sons. Ouvindo então o estrépito do carro de Arjuna como também aquela vibração do Gandiva, o filho de Suta, ó rei, disse essas palavras para Duryodhana, 'Massacrando nosso exército inteiro e os principais dos guerreiros heróicos e muitos arqueiros poderosos entre os Kauravas, Arjuna está vibrando seu arco ruidosamente. O estrépito também de seu carro é ouvido, parecendo o ribombo do trovão. É evidente que o filho de Pandu está realizando feitos dignos de si mesmo. Este filho de Pritha, ó monarca, irá oprimir nossa grande hoste. Muitas das nossas tropas já estão se dividindo. Ninguém permanece em batalha. De fato, nosso exército está sendo disperso como uma massa de nuvens dispersada pelo vento. Enfrentando Arjuna, nossa hoste se rompe como um barco no oceano. Os lamentos altos, ó rei, dos principais dos guerreiros, ó monarca, fugindo do campo, ou caindo por causa das flechas disparadas do Gandiva, estão sendo ouvidos. Ouça, ó tigre entre os guerreiros em carros, o som de baterias e pratos perto do carro de Arjuna nas altas horas da noite, parecendo o ribombo profundo do trovão no céu. Ouça também os lamentos altos (de combatentes aflitos) e os tremendos gritos leoninos, e diversos outros barulhos na vizinhança do carro de Arjuna. Aqui, no entanto, este Satyaki, este principal da tribo Satwata, permanece em meio a nós. Se este objeto de nossa pontaria puder ser derrubado, nós poderemos então subjugar todos os nossos inimigos. Similarmente, o filho do rei Panchala está envolvido em combate com Drona. Ele está cercado por todos os lados por muitos heróicos e principais dos guerreiros em carros. Se nós pudermos matar Satyaki e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, sem dúvida, ó rei, a vitória será nossa. Cercando estes dois heróis, estes dois poderosos guerreiros em carros, como nós fizemos com o filho de Subhadra nós nos esforçaremos, ó rei, para matá-los, isto é, este filho da linhagem de Vrishni e este filho de Prishata. Savyasachin, ó Bharata, está à nossa frente, vindo em direção a essa divisão de Drona, sabendo que Satyaki está envolvido em combate aqui com muitos chefes entre os Kurus. Que um grande número de nossos principais guerreiros em carros proceda para lá, para que Partha não possa vir para salvar Satyaki, agora cercado por muitos. Que esses grandes heróis disparem rapidamente nuvens de flechas com grande força, para que Satyaki da linhagem de Madhu possa ser despachado rapidamente para a residência de Yama.' Averiguando que essa era a opinião de Karna, teu filho, dirigindo-se ao filho de Suvala na batalha, como o ilustre Indra dirigindo-se a Vishnu, disse essas palavras, 'Cercado por dez mil elefantes que não recuam e dez mil carros também, proceda contra Dhananjaya! Duhsasana e

Durvishaha e Suvahu e Dushpradharshana, esses te seguirão, cercados por um grande número de soldados de infantaria. Ó tio, mate aqueles grandes arqueiros, isto é, os dois Krishnas, e Yudhishthira, e Nakula, e Sahadeva, e Bhima, o filho de Pandu. Minha esperança de vitória se apóia em ti, como aquela dos deuses em seu chefe Indra. Ó tio, mate o filho de Kunti, como (Kartikeya) matando os Asuras.' Assim endereçado e incitado por teu filho, Sakuni, vestido em armadura, procedeu contra os Parthas, acompanhado por um grande exército como também por teus filhos, para destruir os filhos de Pandu. Então começou uma grande batalha entre os guerreiros do teu exército e o inimigo. Quando o filho de Suvala, ó rei, procedeu (dessa maneira) contra os Pandavas, o filho de Suta, acompanhado por uma grande tropa, avançou rapidamente contra Satyaki, disparando muitas centenas de flechas. De fato, teus guerreiros, se reunindo, cercaram Satyaki. Então o filho de Bharadwaja, procedendo contra o carro de Dhrishtadyumna, lutou uma batalha violenta e extraordinária nas altas horas da noite, ó touro da raça Bharata, com o bravo Dhrishtadyumna e os Panchalas.'"

171

"Sanjaya disse, 'Então todos aqueles reis do teu exército, incapazes de serem facilmente derrotados em batalha, procederam furiosamente contra o carro de Yuyudhana, incapazes de tolerar (suas façanhas). Subindo em seus carros bem equipados, ó rei, que eram decorados com ouro e jóias, e acompanhados também por cavalaria e elefantes, eles cercaram o herói Satwata. Cercando-o por todos os lados aqueles poderosos guerreiros em carros, desafiando aquele herói, proferiram altos rugidos leoninos. Aqueles grandes heróis, desejosos de matar ele da linhagem de Madhu, despejaram suas flechas afiadas em Satyaki de bravura invencível. Vendo eles assim avançando com velocidade em direção a ele, aquele matador de hostes hostis, o neto poderosamente armado de Sini, pegou e disparou muitas flechas. O formidável e heróico arqueiro Satyaki, invencível em batalha, cortou muitas cabeças com suas flechas ardentes e retas. E ele da raça de Madhu também cortou as trombas de muitos elefantes, os pescoços de muitos cavalos, e braços enfeitados com Angadas de muitos guerreiros, por meio de flechas de face de navalha. Com os rabos de iaque caídos e guarda-sóis brancos, ó Bharata, o campo de batalha ficou quase cheio, e parecia o céu, ó senhor, com estrelas. Os lamentos da hoste assim massacrada em batalha, ó Bharata, por Yuyudhana, se tornaram tão como altos quanto aqueles de fantasmas gritando (no inferno). Com aquele tumulto alto a terra ficou cheia, e a noite ficou mais aterradora e mais terrível. Vendo sua hoste, afligida pelas flechas de Yuyudhana se dividindo, e ouvindo aquele tremendo tumulto nas altas horas da noite de arrepiar os cabelos, teu filho, aquele poderoso guerreiro em carro, dirigindo-se a seu motorista, disse repetidamente, 'Incite os cavalos para aquele local de onde vem esse tumulto!' Então o rei Duryodhana, aquele arqueiro firme, acima de todos os modos de guerra, avançou contra Yuyudhana. Madhava perfurou Duryodhana com uma dúzia de flechas bebedoras de sangue, disparadas de seu arco esticado até sua total extensão. Assim afligido com flechas por Yuyudhana primeiro, Duryodhana, excitado com raiva, perfurou o neto de Sini em retorno com dez

flechas. Enquanto isso, a batalha que estava sendo travada entre os Panchalas e todas as tuas tropas apresentava uma visão muito extraordinária. Então o neto de Sini, excitado com raiva naquela batalha, perfurou teu filho, aquele poderoso guerreiro em carro, com oitenta flechas, no peito. Ele então, com outras flechas, despachou os cavalos de Duryodhana para a residência de Yama. E aquele matador de inimigos então rapidamente derrubou o motorista de seu adversário do carro. Teu filho, ó monarca, ficando naquele carro sem corcéis, disparou muitas flechas afiadas em direção ao carro de Satyaki. O neto de Sini, no entanto, mostrando grande agilidade de mão, ó rei, cortou aquelas cinquenta flechas disparadas naquela batalha por teu filho. Então Madhava, com algumas flechas de cabeça larga repentinamente cortou naquele combate o arco formidável de teu filho no cabo. Privado de seu carro e arco, aquele pujante soberano de homens então subiu rapidamente no carro brilhante de Kritavarman. Após a retirada de Duryodhana, o neto de Sini, ó monarca, afligiu e desbaratou teu exército nas altas horas da noite.'"

"Sakuni, enquanto isso, ó rei, cercando Arjuna por todos os lados com muitos milhares de carros e vários milhares de elefantes, e muitos milhares de corcéis, começou a lutar desesperadamente. Muitos deles lançaram em direção a Arjuna armas celestes de grande poder. De fato, aqueles Kshatriyas lutaram com Arjuna, incorrendo na certeza de morte. Arjuna, no entanto, excitado com raiva, deteve aqueles milhares de carros e elefantes e corcéis, e no final fez aqueles inimigos recuarem. Então o filho de Suvala, com olhos vermelhos como cobre com raiva, perfurou profundamente Arjuna, aquele matador de inimigos, com vinte flechas. E novamente disparando cem flechas, ele impediu o progresso do grande carro de Partha. Então Arjuna, ó Bharata, perfurou Sakuni com vinte flechas naquela batalha. E ele perfurou cada um dos grandes arqueiros com três flechas. Reprimindo todos eles com suas flechas, ó rei, Dhananjaya matou aqueles guerreiros do teu exército com flechas excelentes, dotadas da força do trovão. Coberta com flechas cortadas, ó monarca, e corpos (mortos) aos milhares, a terra parecia como se coberta com flores. De fato, coberta com as cabeças de Kshatriyas, cabeças que eram enfeitadas com diademas e narizes bonitos e belos brincos e lábios (inferiores) mordidos de raiva e olhos arregalados, cabeças que eram ornadas com colares e coroadas também com pedras preciosas, e as quais, enquanto a vida estava nelas, falavam palavras agradáveis, a terra parecia resplandecente como se coberta com morros pequenos cobertos com flores Champaka. Tendo realizado aquela façanha violenta, e perfurado Sakuni mais uma vez, ele atingiu Uluka com uma flecha naquela batalha. Perfurando Uluka dessa maneira na vista de seu pai, isto é, o filho de Suvala, Arjuna proferiu um rugido alto, enchendo a terra com isso. Então o filho de Indra cortou o arco de Sakuni. E então ele despachou seus quatro corcéis para a residência de Yama. Então o filho de Suvala, ó touro da raça Bharata, saltando de seu carro, subiu no carro de Uluka. Então aqueles dois poderosos guerreiros em carros, pai e filho, ambos no mesmo carro, despejaram suas flechas sobre Partha como duas nuvens despejando torrentes de chuva em uma montanha. O filho de Pandu então perfurando ambos aqueles guerreiros com flechas afiadas, afligiu e fez tuas tropas fugirem às centenas e milhares. Como uma massa imensa de nuvens dispersada

para todos os lados pelo vento, aquele teu exército, ó monarca, foi disperso para todos os lados. De fato, aquela hoste, ó chefe dos Bharatas, assim massacrada à noite, fugiu em todas as direções, afligida com medo e na própria vista (de seus líderes). Muitos abandonando os animais que eles montavam, outros incitando seus animais à sua maior velocidade, recuavam da batalha, inspirados com medo, durante aquela hora terrível de escuridão. Tendo subjugado teus guerreiros dessa maneira, ó touro da raça Bharata, Vasudeva e Dhananjaya sopraram suas conchas alegremente.'"

"Dhrishtadyumna, ó monarca, perfurando Drona com três flechas, cortou rapidamente a corda do arco do último com uma seta afiada. Jogando aquele arco no chão, o heróico Drona, aquele opressor de Kshatriyas, pegou outro que era muito resistente e forte. Perfurando Dhrishtadyumna então com cinco flechas, Drona perfurou seu motorista também, ó touro da raça Bharata, com cinco flechas. Reprimindo Drona com suas flechas, o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna começou a destruir a hoste Kaurava, como Maghavat destruindo o exército Asura. Durante o massacre do exército do teu filho, ó majestade, um rio terrível, tendo sangue como sua corrente, começou a fluir. E ele corria entre as duas hostes, carregando homens e corcéis e elefantes ao longo de sua correnteza. E ele parecia, ó rei, o Vaitarani que flui, ó senhor, para os domínios de Yama. Agitando e desbaratando teu exército, o valente Dhrishtadyumna, dotado de grande energia, resplandecia como Sakra no meio dos celestiais. Então Dhrishtadyumna e Sikhandin sopraram suas conchas grandes, como também os gêmeos (Nakula e Sahadeva), e Vrikodara, o filho de Pandu. Assim aqueles guerreiros ferozes derrotaram milhares de reis do teu lado que eram dotados de grande energia, diante dos olhos de teu filho e de Karna e do heróico Drona e do filho de Drona, ó monarca!'"

172

"Sanjaya disse, 'Contemplando seu próprio exército desbaratado enquanto era massacrado por aqueles heróis ilustres, teu filho, bem familiarizado com palavras, ó monarca, dirigindo-se rapidamente até Karna e Drona, aqueles principais de todos os vencedores em batalha, disse essas palavras colericamente, 'Essa batalha foi iniciada por vocês dois por raiva, tendo visto o soberano dos Sindhus morto por Savyasachin. Vocês estão contemplando com indiferença o massacre de meu exército pelas forças armadas dos Pandavas, embora vocês dois sejam totalmente competentes para derrotar aquelas forças. Se vocês dois me abandonam agora, vocês deveriam ter, no início, me falado a respeito disso. 'Nós dois venceremos os filhos de Pandu em batalha', essas mesmas foram as palavras, ó concessores de honras, que vocês então disseram para mim. Ouvindo essas palavras de vocês, eu sancionei esses procedimentos. Eu nunca teria provocado essas hostilidades com os Parthas, hostilidades que são tão destrutivas de combatentes heróicos (se vocês tivessem me falado de outra maneira). Se eu não mereço ser abandonado por vocês dois, ó touros entre homens, então lutem de acordo com a verdadeira medida de sua destreza, ó heróis dotados de grande

destreza.' Assim perfurados pelo aguilhão das palavras do teu filho, aqueles dois heróis se engajaram novamente na batalha, como duas cobras irritadas com bastões. Então aqueles dois principais dos guerreiros em carros, aqueles dois arqueiros acima de todos os arqueiros no mundo, avançaram com velocidade contra os Parthas encabeçados pelo neto de Sini e por outros. Da mesma maneira, os Parthas se reunindo, e acompanhados por todas as suas tropas, avançaram contra aqueles dois heróis, que estavam rugindo repetidamente. Então o grande arqueiro, Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas, excitado com raiva, rapidamente perfurou (Satyaki), aquele touro entre os Sinis, com dez flechas. E Karna o perfurou com dez flechas, e teu filho com sete, e Vrishasena perfurou-o com dez, e o filho de Suvala com sete. Naquele muro impenetrável de Kauravas em volta do neto de Sini, eles também se posicionaram, cercando-o. Vendo Drona massacrando o exército Pandava naquela batalha, os Somakas rapidamente o perfuraram de todos os lados com chuvas de flechas. Então Drona começou a tirar as vidas de Kshatriyas, ó monarca, como o sol destruindo a escuridão em redor dele por meio de seus raios. Nós então ouvimos, ó monarca, um tumulto alto entre os Panchalas, que chamavam uns aos outros, enquanto eles estavam sendo massacrados por Drona. Alguns abandonando os filhos, alguns pais, alguns irmãos, alguns tios, alguns sobrinhos, alguns seus parentes e amigos, fugiram com velocidade, para salvar suas próprias vidas. Alguns, além disso, privados de sua razão, correram contra o próprio Drona. De fato, muitos foram os combatentes do exército Pandava que foram então despachados para o outro mundo. Assim atormentada por aquele herói ilustre, a hoste Pandava, aquela noite, ó rei, fugiu, jogando ao chão suas tochas ardentes por toda parte, na própria vista de Bhimasena e Arjuna e Krishna e dos gêmeos e Yudhishthira e do filho de Prishata. O mundo estando envolvido em escuridão, nada podia ser visto. Por causa da luz que havia entre as tropas Kaurava, a fuga do inimigo podia ser averiguada. Aqueles poderosos guerreiros em carros, Drona e Karna, ó rei, perseguiram a hoste que fugia, espalhando flechas numerosas. Vendo os Panchalas massacrados e derrotados, Janardana ficando desanimado disse essas palavras para Phalguna, 'Dhrishtadyumna e Satyaki, acompanhados pelos Panchalas, procederam contra aqueles grandes arqueiros, isto é, Drona e Karna, disparando muitas flechas. Essa nossa grande hoste tem sido dividida e desbaratada (por eles) com chuvas de flechas. Embora se procure deter sua fuga, eles ainda não podem ser reagrupados, ó filho de Kunti! Vendo a hoste fugir, por medo, ó guerreiros Pandava, abandonem seus temores! Acompanhados por todas as tropas e organizando-as então, em boa ordem, nós dois, com armas erguidas, estamos agora mesmo procedendo contra Drona e o filho de Suta para resistir a eles.' Então Janardana vendo Vrikodara avançando, dirigiu-se novamente a Arjuna, o filho de Pandu, como se para alegrá-lo, nessas palavras, 'Lá Bhima, que se deleita em batalha, cercado pelos Somakas e os Pandavas, está indo contra aqueles poderosos guerreiros em carros, Drona e Karna. Auxiliado por ele, como também pelos muitos poderosos guerreiros em carros entre os Pandavas, lute agora, ó filho de Pandu, para assegurar todas as tuas tropas.' Então aqueles dois tigres entre homens, isto é, o filho de Pandu e ele da linhagem de Madhu, se aproximando de Drona e Karna, tomaram sua posição na vanguarda da batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Então aquele vasto exército de Yudhishthira mais uma vez voltou para a batalha, procedendo para o lugar onde Drona e Karna estavam oprimindo seus inimigos em batalha. Nas altas horas da noite, um combate violento ocorreu, parecendo aquele de dois oceanos cheios no nascer da lua. Então os guerreiros do teu exército, jogando longe de suas mãos as lâmpadas ardentes seguradas por eles, lutaram com os Pandavas destemidamente e loucamente. Naquela noite terrível quando o mundo estava envolvido em escuridão e poeira, os combatentes lutaram uns com os outros, guiados somente pelos nomes que eles proferiam. Os nomes proferidos pelos reis lutando em batalha eram ouvidos, ó monarca, lá, como o que acontece, ó rei, em um Swayamvara ou auto-escolha (de marido). Subitamente, um silêncio cobriu o campo de batalha, e durou por um momento. Então, novamente, um tumulto alto foi ouvido feito pelos combatentes enfurecidos, vencedores e vencidos. Para lá onde lâmpadas brilhantes eram vistas, ó touro da raça Kuru, para lá avançavam aqueles heróis como insetos (em direção a um fogo ardente). E enquanto os Pandavas, ó rei, e os Kauravas, lutavam uns com os outros em batalha, a escuridão da noite se intensificou em volta deles.'"

173

"Sanjaya disse, 'Então Karna, aquele matador de heróis hostis, vendo o filho de Prishata em batalha, atingiu-o no peito com dez flechas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. Dhrishtadyumna rapidamente perfurou Karna em retorno naquela grande batalha, com cinco flechas, e dirigindo-se a ele, disse, 'Espere! Espere!' Cobrindo um ao outro naquele combate terrível com chuvas de flechas, ó rei, eles mais uma vez perfuraram um ao outro com flechas afiadas, disparadas de arcos esticados até sua total extensão. Então Karna, naquela batalha, despachou para a residência de Yama o motorista e os quatro corcéis de Dhrishtadyumna, aquele guerreiro principal entre os Panchalas. Ele então cortou o arco principal de seu inimigo com flechas afiadas, e derrubou, com uma flecha de cabeça larga o motorista do último de seu nicho no carro. Então o valente Dhrishtadyumna, privado de carro, corcéis, e motorista, saltou rapidamente de seu carro e pegou uma maça. Embora atingido todo o tempo com flechas retas por Karna, o príncipe Panchala, se aproximando de Karna, matou os quatro corcéis do último. Retrocedendo com grande rapidez, aquele matador de hostes, isto é, o filho de Prishata, subiu no carro de Dhananjaya. Subindo naquele carro, o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna desejou proceder em direção a Karna. O filho de Dharma (Yudhishthira), no entanto, mandou-o desistir. Então Karna dotado de grande energia, misturando seus gritos leoninos com isso vibrou seu arco ruidosamente e soprou sua concha com grande força. Vendo o filho de Prishata vencido em batalha, aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os Panchalas e os Somakas, excitados com raiva, e pegando todos os tipos de armas, procederam, fazendo da própria morte sua meta, em direção a Karna, pelo desejo de massacrá-lo. Enquanto isso, o motorista de Karna tinha unido outros cavalos ao carro de seu mestre, que eram brancos como conchas, dotados de grande velocidade, da raça Sindhu, e bem domados. Então Karna de pontaria certeira,

lutando com vigor, afligiu aqueles poderosos guerreiros em carros entre os Panchalas com suas flechas como uma nuvem despejando torrentes de chuva sobre uma montanha. A hoste Panchala, assim afligida por Karna, fugiu com medo, como uma corça assustada por um leão. Cavaleiros eram vistos caindo de seus cavalos, e condutores de elefantes de seus elefantes, ó monarca, e guerreiros em carros de carros, por toda parte. Naquela batalha terrível, Karna cortava com flechas de face de navalha os braços e cabeças enfeitadas com brincos dos combatentes que fugiam. E ele cortava, ó rei, as coxas de outros que estavam sobre elefantes ou nas costas de cavalos, ou sobre o chão, ó majestade! Muitos poderosos guerreiros em carros, enquanto eles fugiam, não sentiam sua perda de membros ou os ferimentos em seus animais, naquela batalha. Massacrados por flechas terríveis, os Panchalas e os Srinjayas tomavam o movimento até de uma palha como Karna (tão grande era seu pavor). Privados de seu juízo, os guerreiros tomavam seus amigos que fugiam como Karna e fugiam deles com medo. Karna perseguiu a hoste dividida e que se retirava, ó Bharata, disparando suas flechas para todos os lados. De fato, naquela batalha, os guerreiros que se retiravam, privados de sua razão, foram massacrados com armas poderosas por aquele herói ilustre, Karna. Outros, somente olhados por Drona, fugiam para todos os lados. Então o rei Yudhishthira, vendo seu exército fugindo, e considerando a retirada como sendo aconselhável, dirigiu-se a Phalguna e disse, 'Veja aquele arqueiro poderoso, Karna, posicionado lá como o próprio Rudra armado com seu arco. Veja-o chamuscando tudo em volta como o próprio sol ardente, nessa hora ameaçadora, tarde da noite. Esses lamentos estão sendo incessantemente ouvidos, ó Partha, de teus amigos desamparados que os estão proferindo, mutilados pelas flechas de Karna. A maneira na qual Karna está mirando e disparando suas flechas é tal que nenhum intervalo pode ser notado entre as duas ações. Ele irá, ó Partha, aniquilar todos os nossos amigos. Faça aquilo agora, Dhananjaya, a respeito da morte de Karna, o qual, segundo teu julgamento, deve ser feito em seguida e o momento para o qual pode ter chegado.' Assim endereçado (por Yudhishthira), Partha disse para Krishna, 'O filho nobre de Dharma está hoje assustado pela bravura de Karna. Quando a divisão de Karna está agindo assim (em direção a nós) repetidamente, adote rapidamente aquele curso o qual deve agora ser adotado. Nosso exército está fugindo, ó matador de Madhu, nossas tropas, divididas e mutiladas pelas flechas de Drona e assustadas por Karna, são incapazes de oferecer resistência. Eu vejo Karna correndo a toda velocidade destemidamente. Nossos principais guerreiros em carros estão indo embora. Karna está espalhando suas flechas afiadas. Eu, como uma cobra incapaz de tolerar a pisada de um ser humano sobre seu corpo, não posso tolerar vê-lo assim se movimentando rapidamente na frente de batalha, diante dos meus olhos, ó tigre da raça Vrishni. Proceda, portanto, para aquele local onde o poderoso guerreiro em carro Karna está. Eu irei ou matá-lo, ó matador de Madhu, ou deixá-lo me matar.'"

"Vasudeva disse, 'Eu vejo Karna, ó filho de Kunti, aquele tigre entre homens, aquele guerreiro de destreza sobre-humana, correndo a toda velocidade em batalha como o próprio chefe dos celestiais. Ó Dhananjaya, não há ninguém mais capaz de avançar contra ele em batalha, exceto tu, ó tigre entre homens, e o

Rakshasa Ghatotkacha. Eu, no entanto, ó impecável, não acho que chegou a hora, ó poderosamente armado, para ti enfrentares o filho de Suta em batalha. O dardo brilhante, parecendo um meteoro poderoso, dado a ele por Vasava ainda está com ele, ó tu de armas poderosas, mantido para ti com cuidado, pelo filho de Suta. Ele mantém aquele dardo perto dele, e agora assumiu uma forma terrível. Em relação a Ghatotkacha, ele é sempre dedicado a vocês e desejoso do seu bem. Deixe o poderoso Ghatotkacha proceder contra o filho de Radha. Dotado da destreza de um celestial, ele foi gerado pelo poderoso Bhima. Com ele estão armas celestes como também aquelas usadas por Rakshasas.' O último logo chegou diante dele, vestido em armadura, e armado, ó rei, com espada, flechas, e arco. Saudando Krishna e também Dhananjaya, o filho de Pandu, ele disse orgulhosamente, 'Aqui estou eu, comande-me.' Então ele da linhagem de Dasarha, dirigindo-se ao filho de Hidimva, aquele Rakshasa de boca ardente e olhos flamejantes e corpo da cor de nuvens, e disse essas palavras, 'Ouça, ó Ghatotkacha, atentamente o que eu digo. Chegou a hora para a exposição da tua bravura, e não de alguém mais. Seja tu a balsa nessa batalha para os Pandavas afundando. Tu tens diversas armas, e muitas espécies de ilusão Rakshasa. Veja, ó filho de Hidimva, o exército dos Pandavas está sendo açoitado por Karna no campo de batalha, como um rebanho de gado pelo vaqueiro. Lá, o poderoso arqueiro Karna, dotado de grande inteligência e bravura imperturbável, está chamuscando os principais dos Kshatriyas entre as divisões da hoste Pandava. Afligidos por suas flechas ardentes, os guerreiros Pandava são incapazes de permanecer na frente daquele arqueiro firme que está disparando chuvas de flechas poderosas. Afligidos tarde da noite pelo filho de Suta com suas chuvas de flechas, os Panchalas estão fugindo como um bando de veados afligido por um leão. Exceto tu, ó tu de destreza formidável, não há ninguém mais que possa resistir ao filho de Suta que está assim engajado em batalha. Ajudado por tua energia e poder, ó poderosamente armado, realize aquilo que é digno da tua própria pessoa, da tua linhagem materna, e de teus antepassados. É por isso mesmo, ó filho de Hidimva, que homens desejam filhos, isto é, para serem salvos de dificuldades. Resgate agora teus parentes. Ó Ghatotkacha, pais desejam filhos para realizar seus próprios objetivos. Espera-se que os filhos, aquelas fontes de prosperidade, salvem seus pais nesse e no outro mundo. Tu és ilustre, e teu poder em batalha é terrível e inigualável, enquanto lutando em batalha, não há ninguém igual a ti. Ó opressor de inimigos, seja tu os meios pelos quais os Pandavas que estão sendo derrotados por Karna com suas flechas esta noite, e que estão agora afundando no oceano Dhartarashtra, possam alcançar a costa com segurança. À noite, Rakshasas, além disso, tornam-se dotados de destreza ilimitada, grande poder, e grande coragem. Eles se tornam (em tal hora) guerreiros de grande bravura e incapazes de serem derrotados. Mate Karna em batalha, nessas altas horas da noite, ajudado por tuas ilusões. Os Parthas, com Dhrishtadyumna, lutarão com Drona.'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras de Kesava, Vibhatsu também, ó Kaurava, disse essas palavras para aquele castigador de inimigos, o Rakshasa Ghatotkacha, 'Ó Ghatotkacha, tu mesmo, Satyaki de braços longos, e Bhimasena, o filho de Pandu, esses três, na minha opinião, são os mais notáveis entre todos

os nossos guerreiros. Vá e enfrente Karna em duelo essa noite. O poderoso guerreiro em carro Satyaki protegerá tua retaguarda. Ajudado pelo herói Satwata, mate o bravo Karna em batalha, como Indra nos tempos antigos matou (o Asura) Taraka, ajudado (pelo generalíssimo celestial) Skanda.'"

"Ghatotkacha disse, 'Eu sou páreo para Karna, como também para Drona, ó Bharata, ou para qualquer Kshatriya ilustre talentoso com armas. Essa noite eu lutarei tal batalha com o filho de Suta que formará o assunto de conversa enquanto o mundo durar. Essa noite, eu não pouparei nem os bravos nem os tímidos nem aqueles que, com mãos unidas, suplicarem por abrigo. Seguindo o costume Rakshasa, eu matarei todos.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras, aquele matador de heróis hostis, o filho de Hidimva, avançou contra Karna naquela batalha terrível amedrontando tuas tropas. O filho de Suta, aquele tigre entre homens, recebeu sorridente aquele guerreiro zangado de boca ardente e cabelos resplandecentes. A batalha então que ocorreu entre Karna e aquele Rakshasa, ambos rugindo um contra o outro, ó tigre entre reis, parecia aquela entre Indra e Prahlada (nos tempos passados).'"

174

"Sanjaya disse, 'Vendo Ghatotkacha de braços fortes, ó rei, procedendo em direção ao carro do filho de Suta Karna, para massacrá-lo em batalha, teu filho Duryodhana dirigindo-se a Duhsasana disse essas palavras, 'O Rakshasa, vendo a destreza de Karna em batalha, está avançando depressa contra ele. Resista àquele poderoso guerreiro em carro. Cercado por um exército poderoso vá para aquele local onde o poderoso Karna, o filho de Vikartana, está lutando com o Rakshasa em batalha. Ó concessor de honras, cercado por tropas e te esforçando vigorosamente, proteja Karna em batalha. Não deixe o terrível Rakshasa matar Karna por causa de nosso descuido.' Enquanto isso, ó rei, o poderoso filho de Jatasura, aquele principal dos batedores, aproximando-se de Duryodhana, disse para ele, 'Ó Duryodhana, mandado por ti, eu desejo matar, com seus seguidores, teus inimigos de celebridade, isto é, os Pandavas, aqueles guerreiros incapazes de serem facilmente derrotados em batalha. Meu pai era o poderoso Jatasura, aquele principal dos Rakshasas. Antigamente, tendo realizado alguns encantamentos de morte Rakshasa, os desprezíveis filhos de Pritha o mataram. Eu desejo cultuar meu pai morto por oferecer a ele o sangue de seus inimigos, e sua carne, ó monarca! Cabe a ti me conceder permissão.' O rei, assim endereçado, ficou muito encantado e disse a ele repetidamente, 'Ajudado por Drona e Karna e outros, eu sou bastante competente para vencer meus inimigos. Mandado, no entanto, por mim, ó Rakshasa, vá para a batalha e mate Ghatotkacha na luta, aquele Rakshasa de feitos violentos, nascido de homem, sempre dedicado ao bem-estar dos Pandavas, e sempre matando nossos elefantes e corcéis e guerreiros em carros em batalha, ele mesmo todo o tempo permanecendo no céu, ó, despache-o para a residência de Yama.' Dizendo, 'Assim seja' e convocando Ghatotkacha para o combate, o filho de Jatasura

encobriu o filho de Bhimasena com diversos tipos de armas. O filho de Hidimva, no entanto, sozinho e não protegido começou a oprimir Alamvusha e Karna e a vasta hoste Kuru, como a tempestade subjugando uma massa de nuvens. Vendo então o poder da ilusão (de Ghatotkacha), o Rakshasa Alamvusha cobriu Ghatotkacha com chuvas de diversos tipos de flechas. Tendo perfurado o filho de Bhimasena com muitas flechas, Alamvusha, sem qualquer perda de tempo, começou a afligir a hoste Pandava com suas flechas. Assim atormentadas por ele, ó Bharata, as tropas Pandava, nas altas horas da noite, se dividiram e fugiram como nuvens dispersas por uma tempestade. Similarmente, tua hoste também, mutilada pelas flechas de Ghatotkacha, fugiu nas altas horas da noite, ó rei, aos milhares, jogando no chão suas tochas. Alamvusha então, excitado com grande fúria, atingiu o filho de Bhimasena naquela batalha terrível com muitas flechas, como um condutor atingindo um elefante. Então Ghatotkacha cortou em fragmentos diminutos o carro, o motorista, e todas as armas de seu inimigo e gargalhou terrivelmente. Então, como as nuvens despejando torrentes de chuva nas montanhas de Meru, Ghatotkacha despejou chuvas de flechas em Karna, Alamvusha e todos os Kurus. Afligida pelo Rakshasa, a hoste Kuru ficou extremamente agitada. As quatro espécies de tropas, nas quais teu exército consistia, começaram a pressionar e oprimir umas às outras. Então o filho de Jatasura, sem carro e sem motorista, colericamente golpeou Ghatotkacha, naquela batalha, com seus punhos. Assim atingido, Ghatotkacha tremeu como uma montanha com suas árvores e trepadeiras e grama na hora de um terremoto. Então o filho de Bhimasena, louco com raiva, erguendo seu próprio braço matador de inimigos que parecia uma maça com ferrões, deu um golpe severo no filho de Jatasura. Subjugando-o então com raiva, o filho de Hidimva jogou-o rapidamente no chão, e agarrando-o com seus dois braços ele começou a pressioná-lo com grande força sobre o solo. Então o filho de Jatasura se libertando de Ghatotkacha, levantou-se e atacou Ghatotkacha com grande impetuosidade. Alamvusha também, arrastando e jogando no chão o Rakshasa Ghatotkacha, naquela batalha, começou a prensá-lo com raiva na superfície da terra. A batalha então que ocorreu entre aqueles dois guerreiros gigantescos e rugindo, Ghatotkacha e Alamvusha, tornou-se extremamente feroz e de arrepiar os cabelos. Se esforçando para levar a melhor um sobre o outro por meio de seus poderes de ilusão, aqueles dois guerreiros orgulhosos, dotados de grande energia, lutaram entre si como Indra e o filho de Virochana. Tornando-se fogo e oceano, e, mais uma vez, Garuda e Takshaka, e novamente, uma nuvem e uma tempestade, e então trovão e uma montanha grande, e novamente, um elefante e então Rahu e o sol, eles expuseram dessa maneira cem diferentes tipos de ilusão, desejosos de destruir um ao outro. De fato, Alamvusha e Ghatotkacha lutaram esplendidamente, batendo um no outro com clavas com pontas e maças e lanças e malhos e machados e clavas curtas e rochedos de montanha. A cavalo ou em elefantes, a pé ou em carro, aqueles principais dos Rakshasas, ambos dotados de grandes poderes de ilusão, lutaram um com o outro em batalha. Então Ghatotkacha, ó rei, desejando matar Alamvusha, rugiu no alto com raiva e então desceu com rapidez extraordinária como um falcão. Agarrando então aquele príncipe gigantesco dos Rakshasas, isto é, Alamvusha, que lutava com ele dessa maneira, ele prensou-o no chão, como Vishnu matando (o Asura) Maya em batalha. Pegando uma

cimitarra de aparência extraordinária Ghatotkacha, de bravura incomensurável, então cortou de seu tronco, ó rei, a cabeça feroz e terrível de seu inimigo que ainda estava proferindo rugidos medonhos. Agarrando aquela cabeça manchada de sangue pelo cabelo, Ghatotkacha foi rapidamente em direção ao carro de Duryodhana. Aproximando-se (do rei Kuru), o Rakshasa de braços fortes, sorrindo, jogou sobre o carro de Duryodhana aquela cabeça com rosto e cabelo horrendos. Proferindo então um rugido feroz, profundo como aquele das nuvens na estação das chuvas, ele se dirigiu a Duryodhana, ó rei, e disse, 'Esse teu aliado agora está morto, ele cuja bravura tu contemplaste! Tu verás a morte de Karna também, e então a tua própria. Alguém que é observador destes três, isto é, moralidade, lucro e prazer, nunca deve ver com mãos vazias um rei, um Brahmana, ou uma mulher. (É por isso que eu te vejo com esta cabeça como um tributo.) Viva alegremente até o momento quando eu matar Karna.' Tendo dito essas palavras, ele então, ó rei, procedeu em direção a Karna, disparando centenas de flechas afiadas sobre a cabeça de Karna. A batalha então que ocorreu entre aquele guerreiro humano e aquele Rakshasa foi violenta e terrível, ó rei, e muito extraordinária.'"

175

"Dhritarashtra disse, 'Como, de fato, ocorreu aquela batalha quando nas altas horas da noite o filho de Vikartana, Karna, e o Rakshasa Ghatotkacha enfrentaram um ao outro? Que aspecto aquele Rakshasa feroz então apresentou? Que tipo de carro ele usou, e qual era a natureza de seus cavalos e qual de suas armas? Qual era o tamanho de seus corcéis, do estandarte de seu carro, e de seu arco? Qual era o tipo de armadura que ele usava, e qual proteção para a cabeça ele colocou? Perguntado por mim, descreva tudo isso, pois tu és hábil em narração, ó Sanjaya!'"

"Sanjaya disse, 'De olhos vermelho vivo, Ghatotkacha era de forma gigantesca. Seu rosto era da cor de cobre. Sua barriga era baixa e afundada. As cerdas em seu corpo todas apontavam para cima. Sua cabeça era verde. Suas orelhas eram semelhantes a flechas. Seus ossos molares eram altos. Sua boca era larga, se estendendo de orelha à orelha. Seus dentes eram afiados, e quatro deles eram altos e pontudos. Sua língua e lábios eram muito longos e de uma cor de cobre. Suas sobrancelhas eram compridas. Seu nariz era grosso. Seu corpo era azul, e pescoço vermelho. Alto como uma colina, ele era terrível de se olhar. De corpo gigantesco, braços gigantescos, e cabeça gigantesca, ele era dotado de grande poder. Feio e de membros firmes, o cabelo em sua cabeça estava amarrado para cima em uma forma assustadora. Seus quadris eram largos e seu umbigo era profundo. De constituição física gigantesca, a circunferência de seu corpo, no entanto, não era grande. Os ornamentos em seus braços eram proporcionais. Possuidor de poderes formidáveis de ilusão, ele estava ornado também com Angadas. Ele vestia uma couraça em seu peito como um círculo de fogo no peito de uma montanha. Em sua cabeça havia um diadema brilhante e belo feito de ouro, com todas as partes proporcionais e belas, e parecendo com um arco. Seus

brincos eram brilhantes como o sol da manhã, e suas guirlandas eram feitas de ouro e muito resplandecentes. Ele tinha em seu corpo uma armadura gigantesca de cobre de grande refulgência. Seu carro estava decorado com cem sinos tilintando, e em seu estandarte ondulavam numerosos pendões vermelho sangue. De proporções prodigiosas, e da medida de um nalwa, aquele carro estava coberto com peles de urso. Equipado com todas as espécies de armas poderosas, ele possuía um estandarte alto e estava enfeitado com guirlandas, tendo oito rodas, e seu estrépito parecia o ribombo das nuvens. Seus corcéis eram semelhantes a elefantes enfurecidos, e possuidores de olhos vermelhos; de aspecto terrível, eles eram de cor matizada, e dotados de grande velocidade e força. Acima de toda fadiga, e adornados com crinas compridas e relinchando repetidamente, eles levaram aquele herói para a batalha. Um Rakshasa de olhos terríveis, boca ígnea, e brincos brilhantes, agia como seu motorista, segurando as rédeas, brilhantes como os raios do sol, de seus corcéis em batalha. Com aquele motorista ele foi para a batalha como Surya com seu motorista Aruna. Parecendo com uma montanha alta cercada por uma nuvem imensa, um estandarte muito alto, que tocava os céus, estava erguido sobre seu carro. Um urubu carnívoro e horrível de corpo vermelho vivo pousava sobre ele. Ele chegou, esticando violentamente seu arco cuja vibração parecia o trovão de Indra, e cuja corda era muito rígida, e que media uma dúzia de cúbitos de comprimento e um cúbito de largura. (Um arani é um cúbito medindo do cotovelo até o fim do dedo mínimo.) Enchendo todos os pontos do horizonte com flechas da medida do Aksha de um carro, o Rakshasa avançou contra Karna naquela noite que estava sendo tão destrutiva de heróis. Permanecendo orgulhosamente sobre seu carro, enquanto ele esticava seu arco, o som que era ouvido parecia aquele som do trovão ribombando. Assustadas por ele, ó Bharata, todas as tuas tropas tremeram como as ondas agitadas do oceano. Vendo aquele Rakshasa terrível de olhos horríveis avançando contra ele, o filho de Radha, como se sorrindo, resistiu a ele rapidamente. E Karna procedeu contra o Rakshasa sorridente, atingindo-o em retorno de um ponto próximo, como um elefante contra um elefante ou o líder de um rebanho bovino contra o líder de outro rebanho. O conflito que ocorreu entre eles, isto é, Karna e o Rakshasa, ó rei, tornou-se terrível e pareceu aquele entre Indra e Samvara. Cada um pegando um arco formidável de vibração alta atingiu e cobriu o outro com flechas poderosas. Com flechas retas disparadas de arcos esticados até sua mais completa extensão, eles mutilaram um ao outro, perfurando suas cotas de malha feitas de cobre. Com dardos da medida de Akshas, e flechas também eles continuaram a mutilar um ao outro, como um par de tigres ou de elefantes poderosos com seus dentes ou presas. Cada um perfurando o corpo do outro, mirando flechas um no outro, chamuscando um ao outro com nuvens de flechas, eles se tornaram incapazes de serem olhados. Com membros perfurados e mutilados por flechas, e banhados em correntes de sangue, eles pareciam com duas colinas de greda com regatos correndo por seus leitos. Aqueles dois poderosos guerreiros em carros, ambos lutando vigorosamente, ambos com membros perfurados com flechas de pontas afiadas, e um mutilando o outro, fracassaram, no entanto, em fazer um ao outro tremer. Por um longo tempo, aquele combate noturno entre Karna e o Rakshasa no qual ambos pareciam se divertir, fazendo da própria vida a aposta, continuou

igualmente. Mirando flechas afiadas e disparando-as com a máxima medida de sua força, a vibração do arco de Ghatotkacha inspirava amigos e inimigos com temor. Naquela hora, ó rei, Karna não pode levar a melhor sobre Ghatotkacha. Vendo isso, aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de armas chamou à existência armas celestes. Vendo uma arma celeste apontada para ele por Karna, Ghatotkacha, aquele principal dos Rakshasas chamou à existência sua ilusão Rakshasa. Ele foi visto cercado por um grande exército de Rakshasas de aparência terrível, armados com lanças, rochas grandes e colinas e clavas. Vendo Ghatotkacha avançando com uma arma poderosa erguida (em suas mãos) como o próprio Destruidor de todas as criaturas armado com sua clava aterradora e fatal, todos os reis lá foram tomados pelo medo. Apavorados pelos rugidos leoninos proferidos por Ghatotkacha, os elefantes expeliram urina e todos os combatentes tremeram de medo. Então lá caiu por todos os lados uma chuva grossa de rochas e pedras despejadas incessantemente pelos Rakshasas, que tinham, por causa da meia-noite, ficado inspirados com maior força. (Acreditava-se que Rakshasas em certas horas eram inspirados com maior força). Rodas de ferro e Bhusundis, e dardos, e lanças e arpões e Sataghnis e machados também começaram a cair incessantemente. Contemplando aquela batalha violenta e terrível, todos os reis, como também teus filhos e os combatentes, fugiram com medo. Somente um entre eles, isto é, Karna, orgulhoso do poder de suas armas, e sentindo um nobre orgulho, não tremeu. De fato, com suas flechas ele destruiu aquela ilusão chamada à existência por Ghatotkacha. Vendo sua ilusão dissipada, Ghatotkacha, cheio de raiva começou a disparar flechas mortais pelo desejo de matar o filho de Suta. Aquelas flechas, banhadas em sangue, atravessando o corpo de Karna naquela batalha terrível, entraram na terra como cobras enfurecidas. Então o filho valente do Suta, cheio de raiva e possuidor de grande agilidade de mãos, levando a melhor sobre Ghatotkacha, perfurou o último com dez flechas. Então Ghatotkacha, assim perfurado pelo filho de Suta em suas partes vitais e sentindo grande dor, pegou uma roda celeste tendo mil raios. A beira daquela roda era afiada como uma navalha. Possuidor do esplendor do sol da manhã, e enfeitado com jóias e pedras preciosas, o filho de Bhimasena arremessou aquela roda no filho de Adhiratha, desejoso de dar um fim no último. Aquela roda, no entanto, de grande poder e arremessada também com grande força, foi cortada em pedaços por Karna com suas flechas, e caiu, frustrada em seu objetivo, como as esperanças e propósitos de um homem desafortunado. Cheio de fúria ao ver sua roda frustrada, Ghatotkacha cobriu Karna com chuvas de flechas, como Rahu cobrindo o sol. O filho de Suta, no entanto, dotado da destreza de Rudra ou do irmão mais novo de Indra ou de Indra, cobriu destemidamente o carro de Ghatotkacha em um momento com flechas aladas. Então Ghatotkacha, girando uma maça decorada com ouro, arremessou-a em Karna. Karna, no entanto, com suas flechas, cortando-a, a fez cair. Então subindo ao céu e rugindo profundamente como uma massa de nuvens, o Rakshasa gigantesco despejou do céu uma perfeita chuva de árvores. Então Karna perfurou com suas flechas o filho de Bhima no céu, aquele Rakshasa conhecedor de ilusões, como o sol perfurando com seus raios uma massa de nuvens. Matando então todos os corcéis de Ghatotkacha, e cortando também seu carro em cem pedaços, Karna começou a despejar sobre ele suas flechas como uma nuvem

despejando torrentes de chuva. No corpo de Ghatotkacha não havia nem a largura de dois dedos de espaço que não estivesse perfurada pelas flechas de Karna. Logo o Rakshasa parecia ser como um porco-espinho com espinhos eretos em seu corpo. Ele foi tão completamente coberto com flechas que nós não podíamos naquela batalha ver mais ou os corcéis ou o carro ou o estandarte de Ghatotkacha ou o próprio Ghatotkacha. Destruindo então por meio de sua própria arma a arma celeste de Karna, Ghatotkacha, dotado do poder de ilusão, começou a lutar com o filho de Suta, ajudado por seus poderes de ilusão. De fato, ele começou a lutar com Karna, ajudado por sua ilusão e mostrando a maior energia. Chuvas de flechas caíam de uma fonte invisível do firmamento. Então o filho de Bhimasena, dotado de grande destreza de ilusão, ó principal dos Kurus, assumiu uma forma feroz, ajudado por aqueles poderes, e começou a entorpecer os Kauravas, ó Bharata! O valente Rakshasa, assumindo muitas cabeças selvagens e lúgubres, começou a devorar as armas celestes do filho de Suta. Logo, novamente, o Rakshasa gigantesco, com cem ferimentos em seu corpo pareceu jazer tristemente, como se morto, no campo. Os touros Kaurava então, considerando Ghatotkacha morto, proferiram gritos altos (de alegria). Logo, no entanto, ele foi visto por todos os lados, correndo a toda velocidade em novas formas. Mais uma vez, ele foi visto assumir uma forma prodigiosa, com cem cabeças e cem estômagos, e parecendo com a montanha Mainaka. (Mainaka o filho de Himavat, tinha cem cabeças.) Repetidamente, tornando-se pequeno mais ou menos da medida do polegar, ele se movia transversalmente ou se elevava como as ondas cheias do mar. Correndo através da terra e subindo à superfície, ele imergia novamente nas águas. Uma vez visto aqui, ele era visto em seguida em um lugar diferente. Descendo então do céu, ele era visto de pé, vestido em armadura, em um carro ornado com ouro, tendo vagado por terra e céu e todos os pontos do horizonte, ajudado por seus poderes de ilusão. Aproximando-se então da vizinhança do carro de Karna, Ghatotkacha, com seus brincos balançando, dirigiu-se destemidamente ao filho de Suta, ó monarca, e disse, 'Espere um pouco, ó filho de Suta. Para onde tu vais com vida, me evitando? Eu irei hoje, no campo de batalha, suprimir teu desejo de luta.' Tendo dito essas palavras, aquele Rakshasa, de destreza cruel e olhos vermelhos como cobre de fúria, se elevou ao céu e gargalhou alto. Como um leão atingindo um príncipe de elefantes, ele começou a atacar Karna, despejando sobre ele uma chuva de flechas, cada uma da medida do Aksha de um carro. De fato, ele despejou aquela chuva de flechas sobre Karna, aquele touro entre os guerreiros em carros, como uma nuvem despejando torrentes de chuva em uma montanha, Karna destruiu aquela chuva de flechas de uma distância. Vendo sua ilusão destruída por Karna, ó touro da raça Bharata, Ghatotkacha mais uma vez criou uma ilusão e se fez invisível. Ele se tornou uma montanha alta com muitos topos e cheia de árvores altas. E daquela montanha saíam incessantemente torrentes de lanças e arpões e espadas e clavas. Vendo aquela montanha, a qual parecia uma massa imensa de antimônio, com suas torrentes de armas violentas, no céu, Karna não estava agitado em absoluto. Sorrindo, Karna chamou à existência uma arma celeste. Cortada com aquela arma, aquela montanha enorme foi destruída. Então o feroz Ghatotkacha, se tornado uma nuvem azul com um arco-íris, no céu, começou a despejar sobre o filho de Suta uma chuva de pedras. O filho de Vikartana, Karna, que era chamado

também de Vrisha, aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de armas, mirando uma arma Vayavya, destruiu aquela nuvem dardo. Então cobrindo todos os pontos do horizonte com inúmeras flechas, ele destruiu uma arma que tinha sido apontada para ele por Ghatotkacha. O filho poderoso de Bhimasena então gargalhando ruidosamente naquela batalha, chamou novamente à existência uma ilusão todo-poderosa contra o poderoso guerreiro em carro Karna. Mais uma vez, vendo aquele principal dos guerreiros, isto é, Ghatotkacha, se aproximando dele destemidamente, cercado por um grande número de Rakshasas que pareciam leões e tigres e elefantes enfurecidos em bravura, alguns sobre elefantes, alguns em carros, e alguns a cavalo, todos armados com diversas armas e vestidos em diversos tipos de armaduras e diversas espécies de ornamentos; realmente, vendo Ghatotkacha cercado por aqueles Rakshasas ferozes como Vasava pelos Maruts, o poderoso arqueiro Karna começou a lutar ferozmente com ele. Então Ghatotkacha perfurando Karna com cinco flechas proferiu um rugido terrível, amedrontando todos os reis. Disparando novamente uma arma Anjalika, Ghatotkacha rapidamente cortou o arco da mão de Karna junto com a chuva de flechas que o último tinha disparado. Karna então pegando outro arco que era forte e capaz de aguentar uma grande tensão e que era tão grande quanto o arco de Indra, estirou-o com grande força. Então Karna disparou algumas flechas matadoras de inimigo de asas douradas naqueles Rakshasas percorredores do céu. Afligidos por aquelas flechas, os inimigos grandes de peito largo, aqueles Rakshasas, pareciam agitados como uma manada de elefantes selvagens afligida por um leão. Destruindo com suas flechas aqueles Rakshasas junto com seus corcéis e diversos elefantes, o pujante Karna parecia com o divino Agni consumindo todas as criaturas na hora da dissolução universal. Tendo destruído aquela hoste Rakshasa, o filho de Suta parecia resplandecente como o deus Maheswara no céu depois de ter destruído a cidade tripla (dos Asuras). Entre aqueles milhares de reis no lado Pandava, ó majestade, não havia um único, ó monarca, que pudesse até olhar para Karna então, exceto o poderoso Ghatotkacha, aquele príncipe dos Rakshasas, que era dotado de energia e força terríveis, e que, inflamado com raiva, então parecia com o próprio Yama. De seus olhos, como ele estava excitado com cólera, chamas de fogo pareciam sair, como gotas ardentes de óleo de um par de tições queimando. Batendo sua palma contra palma e mordendo seu lábio inferior, o Rakshasa foi mais uma vez visto em um carro que tinha sido criado por sua ilusão, e ao qual estavam unidos diversos jumentos, parecendo com elefantes e tendo os rostos de Pisachas. Excitado com cólera, ele se dirigiu ao seu motorista, dizendo, 'Leve-me em direção ao filho de Suta.' Então aquele principal dos guerreiros em carros procedeu naquele seu carro de aparência terrível, para mais uma vez lutar um duelo com o filho de Suta, ó rei! O Rakshasa, cheio de raiva, arremessou no filho de Suta um Asani de obra de Rudra, terrível e equipado com oito rodas. Karna, colocando seu arco em seu carro, saltou no solo e agarrando aquele Asani arremessou-o de volta em Ghatotkacha. O último, no entanto, tinha rapidamente descido de seu carro (antes que a arma pudesse alcançá-lo). O Asani, enquanto isso, de grande refulgência, tendo reduzido o carro do Rakshasa a cinzas, com seus cavalos, motorista, e estandarte, perfurando a terra, desapareceu dentro de suas entranhas, no que os deuses ficaram muito admirados. Então as criaturas aplaudiram Karna, que, tendo

saltado de seu carro, tinha agarrado aquele Asani. Tendo realizado aquela façanha, Karna subiu novamente em seu carro. O filho de Suta, aquele opressor de inimigos, então começou a disparar suas flechas. De fato, ó concessor de honras, não há ninguém mais entre todas as criaturas vivas que pode realizar o que Karna realizou naquela batalha terrível. Atingido por Karna com flechas como uma montanha com torrentes de chuva, Ghatotkacha desapareceu de novo do campo de batalha como as formas de vapor que se dissolvem no céu. Lutando dessa maneira, o Rakshasa gigantesco, aquele matador de inimigos, destruiu as armas celestes de Karna por meio de sua atividade como também de seu poder de ilusão. Vendo suas armas destruídas pelo Rakshasa, ajudado por seus poderes de ilusão, Karna, sem ser inspirado com medo, continuou a lutar com o canibal. Então, ó monarca, o poderoso filho de Bhimasena excitado com fúria dividiu a si mesmo em muitas partes, apavorando todos os poderosos guerreiros em carros (do exército Kuru). Então lá surgiram no campo de batalha leões, e tigres, e hienas, e cobras com línguas ígneas, e aves com bicos de ferro. Em relação ao próprio Ghatotkacha, atingido pelas flechas afiadas que eram disparadas do arco de Karna, aquele enorme Rakshasa, parecendo com (Himavat) o príncipe das montanhas, desapareceu. Então muitos Rakshasas e Pisachas e Yatudhanas, e grande número de lobos e leopardos, de faces terríveis avançaram em direção a Karna para devorá-lo. Estes se aproximaram do filho de Suta, proferindo uivos ferozes para assustá-lo. Karna perfurou cada um daqueles monstros com muitas flechas rápidas aladas e terríveis que beberam seu sangue. Finalmente, usando uma arma celeste, ele destruiu aquela ilusão do Rakshasa. Ele então, com algumas flechas retas e ardentes, atingiu os corcéis de Ghatotkacha. Esses, com membros quebrados e mutilados, e suas costas cortadas por aquelas flechas, caíram no chão, na própria vista de Ghatotkacha. O filho de Hidimva, vendo sua ilusão dissipada, mais uma vez se fez invisível, dizendo para Karna, o filho de Vikartana, 'Eu logo realizarei tua destruição.'"

176

"Sanjaya disse, 'Durante a continuação daquele combate entre Karna e o Rakshasa, o valente Alayudha, aquele príncipe Rakshasa, apareceu (no campo). Acompanhado por um grande exército, ele se aproximou de Duryodhana. De fato, cercado por muitos milhares de Rakshasas pavorosos de diversas formas e dotados de grande heroísmo, ele apareceu (no campo) lembrando-se de sua velha rixa (com os Pandavas). Seus parentes, aquele bravo Vaka, que comia Brahmanas, como também Kirmira de grande energia, e seu amigo Hidimva, tinham sido mortos (por Bhima). Ele tinha esperado por um longo tempo, meditando sobre sua velha rixa. Sabendo agora que uma batalha noturna estava sendo travada, ele surgiu, impelido pelo desejo de matar Bhima em combate, como um elefante enfurecido ou uma cobra zangada. Desejoso de lutar, ele se dirigiu a Duryodhana e disse, 'É sabido por ti como meus parentes, os Rakshasas Vaka e Kirmira e Hidimva foram mortos por Bhima. O que eu direi mais? A virgem Hidimva foi antigamente deflorada por ele, desrespeitando a nós e aos outros

Rakshasas. Eu estou aqui, ó rei, para matar aquele Bhima com todos os seguidores, corcéis, carros, e elefantes, como também aquele filho de Hidimva com amigos. Matando hoje todos os filhos de Kunti, Vasudeva e outros que andam à frente deles, eu os devorarei com todos os seus seguidores. Mande todas as tuas tropas desistirem da batalha. Nós lutaremos com os Pandavas.'"

"Ouvindo essas palavras dele, Duryodhana ficou muito contente. Cercado por seus irmãos, o rei, aceitando as palavras do Rakshasa, disse, 'Colocando a ti com os teus na vanguarda, nós lutaremos com o inimigo. Minhas tropas não permanecerão como espectadores indiferentes uma vez que sua inimizade não esfriou.' Aquele touro entre os Rakshasas, dizendo, 'Que assim seja' para o rei, procedeu rapidamente contra Bhima, acompanhado por seu exército canibal. Dotado de uma forma resplandecente, Alayudha estava sobre um carro brilhante como o sol. De fato, ó monarca, aquele carro dele era similar ao carro de Ghatotkacha. O estrépito também do carro de Alayudha era tão profundo quanto aquele de Ghatotkacha, e ele estava enfeitado com muitos arcos. Aquele carro grande estava coberto com peles de urso, e sua medida era um nalwa. Seus corcéis, como aqueles de Ghatotkacha, eram dotados de grande velocidade, pareciam elefantes em forma, e tinham a voz de jumentos. Subsistindo de carne e sangue e gigantescos em tamanho, cem deles estavam unidos ao seu veículo. De fato, o estrépito de seu carro, como aquele de seu rival, era alto e forte, e sua corda de arco era igualmente resistente. Suas flechas também, aladas com ouro e afiadas em pedra, eram tão grandes quanto as de Ghatotkacha, sendo da medida de Akshas. O heróico Alayudha estava tão poderosamente armado como Ghatotkacha, e sobre o estandarte de seu carro, dotado do esplendor do sol ou do fogo, como no de Ghatotkacha, pousavam urubus e corvos. Em forma, ele era mais bonito do que Ghatotkacha, e sua face, agitada (com fúria) parecia fulgurante. Com Angadas brilhantes e diadema brilhante e guirlandas, enfeitado com coroas florais e proteção para a cabeça e espada, armado com maça e Bhushundis e clavas curtas e arados e arcos e flechas, e com pele negra e firme como aquela do elefante, sobre aquele carro possuidor do esplendor do fogo, ele parecia, enquanto empenhado em afligir e derrotar a hoste Pandava, como uma nuvem errante no céu, decorada com lampejos de relâmpago. (Quando Alayudha chegou para a batalha), os principais reis do exército Pandava dotados de grande poder, e armados com (espada e) escudo, e vestidos em armadura, se engajaram na luta, ó rei, com corações alegres.'"

177

"Sanjaya disse, 'Vendo Alayudha de feitos terríveis vir para a batalha, todos os Kauravas ficaram cheios de alegria. Similarmente, teus filhos tendo Duryodhana como seu chefe, (estavam cheios de alegria) como homens sem balsa desejosos de cruzar o oceano quando eles encontram uma balsa. De fato, os reis no exército Kuru então se consideraram como pessoas renascidas depois da morte. (Isto é, eles pensaram que eles tinham obtido uma vida nova.) Eles todos ofereceram uma recepção respeitosa para Alayudha. Durante o progresso daquela batalha terrível

e sobre-humana entre Karna e o Rakshasa à noite, uma batalha a qual embora violenta ainda era encantadora de se ver, os Panchalas, com todos os outros Kshatriyas, assistiram sorridentes como espectadores. Enquanto isso, teus soldados, ó rei, embora protegidos (por seus líderes) por todo o campo e Drona e o filho de Drona e Kripa e outros, proferiram lamentos altos, dizendo, 'Tudo está perdido!' De fato, vendo aquelas façanhas do filho de Hidimva no campo de batalha, todos os teus guerreiros estavam agitados com medo, e proferindo gritos de angústia ficaram quase privados de seus sentidos. Tuas tropas, ó rei, ficaram sem esperança da vida de Karna. Então Duryodhana, vendo Karna caído em grande angústia, convocou Alayudha e disse para ele, 'Lá o filho de Vikartana, Karna, está envolvido em combate com o filho de Hidimva, e está realizando tais façanhas em batalha como são dignas de seu poder e destreza. Veja aqueles bravos reis mortos pelo filho de Bhimasena, atingidos por diversos tipos de armas (e jazendo sobre o campo) como árvores quebradas por um elefante. Entre todos os meus guerreiros reais, que essa seja tua parte em batalha, atribuída por mim, com tua permissão, ó herói, mostrando tua destreza, mate este Rakshasa. Ó subjugador de inimigos, cuide para que este canalha, Ghatotkacha, não possa, confiando em seus poderes de ilusão, matar Karna, o filho de Vikarana, antes de tu acabares com ele.' Assim endereçado pelo rei, aquele Rakshasa de bravura feroz e armas poderosas, dizendo, 'Assim seja,' avançou contra Ghatotkacha. Então o filho de Bhimasena, ó senhor, abandonando Karna, começou a oprimir com flechas seu inimigo que avançava. A batalha que ocorreu então entre aqueles príncipes Rakshasa furiosos, parecia aquela entre dois elefantes enfurecidos na floresta, lutando por causa da mesma elefanta no cio. Livre então do Rakshasa, Karna, aquele principal dos guerreiros em carros, avançou contra Bhimasena, em seu carro de refulgência solar. Vendo Ghatotkacha envolvido em combate com Alayudha em batalha e afligido como o líder de um rebanho bovino quando envolvido em combate com um leão, Bhima, aquele principal dos batedores, desconsiderando Karna que avançava, avançou em direção a Alayudha, em seu carro de refulgência solar e espalhando nuvens de flechas. Vendo Bhima avançar, Alayudha, ó senhor, abandonando Ghatotkacha, procedeu contra o próprio Bhima. Então Bhima, aquele exterminador de Rakshasas, impetuosamente se precipitou em direção a ele, ó senhor, e cobriu aquele príncipe dos Rakshasas com flechas. Similarmente, Alayudha, aquele castigador de inimigos, repetidamente cobriu o filho de Kunti com flechas retas afiadas em pedra. Todos os outros Rakshasas também, de formas terríveis e armados com diversas armas desejando a vitória dos teus filhos, avançaram contra Bhimasena. O poderoso Bhimasena, assim atacado por eles, perfurou cada um deles com cinco flechas afiadas. Então aqueles Rakshasas de mente perversa, assim recebidos por Bhimasena, proferiram lamentos altos e fugiram para todos os lados. O Rakshasa poderoso, vendo seus seguidores assustados por Bhima, avançou impetuosamente contra Bhima e cobriu-o com flechas. Então Bhimasena, naquela batalha, enfraqueceu seu inimigo por meio de muitas flechas de pontas afiadas. Entre aquelas flechas disparadas nele por Bhima, Alayudha rapidamente cortou algumas e agarrou outras naquela batalha. Então Bhima de destreza terrível, olhando firmemente para aquele príncipe dos Rakshasas, arremessou nele com grande força uma maça dotada da impetuosidade do trovão. Aquela maça correu em direção a ele

como uma chama de fogo, e o canibal a atingiu com uma maça própria, ao que a última (frustrando a primeira) procedeu em direção a Bhima. Então, o filho de Kunti cobriu aquele príncipe dos Rakshasas com chuvas de flechas. O Rakshasa, com suas próprias flechas afiadas, desviou todas aquelas flechas de Bhima. Então todos aqueles guerreiros Rakshasa, de formas terríveis, se reagrupando e voltando para a batalha, por ordem de seu líder, começaram a matar os elefantes (da tropa de Bhima). Os Panchalas e os Srinjayas, os corcéis e elefantes enormes (do exército de Bhima), muito afligidos pelos Rakshasas, ficaram muito agitados. Observando aquela batalha terrível (lutada entre Bhima e o Rakshasa), Vasudeva, aquele principal dos homens se dirigindo a Dhananjaya, disse essas palavras, 'Veja, Bhima de braços fortes está sucumbindo àquele príncipe dos Rakshasas. Vá rapidamente ao encalço de Bhima, sem pensar em qualquer coisa mais, ó filho de Pandu. Enquanto isso, que Dhrishtadyumna e Sikhandin, e Yudhamanyu e Uttamaujas, esses poderosos guerreiros em carros, se unindo com o filho de Draupadi, procedam contra Karna. Que Nakula e Sahadeva e o valente Yuyudhana, ó filho de Pandu, por tua ordem, matem os outros Rakshasas! Com relação a ti mesmo, ó poderosamente armado, resista a essa divisão tendo Drona em sua dianteira. Ó tu de armas poderosas, grande é o perigo que nos ameaça agora.' Depois que Krishna tinha falado assim, aquele principal dos guerreiros em carros, como ordenado, procedeu contra Karna, o filho de Vikartana, e contra os outros Rakshasas (que lutavam pelos Kurus). Então com algumas flechas parecendo cobras de veneno virulento e disparadas de seu arco esticado à sua mais completa extensão, o valente príncipe dos Rakshasas cortou o arco de Bhima. O canibal poderoso em seguida, na própria vista de Bhima, ó Bharata, matou os corcéis e o motorista do último com algumas flechas afiadas. Sem cavalos e sem motorista, Bhima, descendo do terraço de seu carro, proferiu um rugido alto e arremessou uma maça pesada em seu inimigo. Aquela maça pesada, enquanto ela corria impetuosamente em direção a ele com um som terrível, o canibal poderoso desviou com uma maça dele. O último então proferiu um rugido alto. Vendo aquele feito poderoso e terrível daquele príncipe dos Rakshasas, Bhimasena cheio de alegria agarrou outra maça ameaçadora. A batalha então que ocorreu entre aquele guerreiro humano e aquele Rakshasa tornou-se formidável. Com o estrépito de suas maças descendo, a terra tremia violentamente. Lançando de lado suas maças, eles mais uma vez enfrentaram um ao outro. Eles bateram um no outro com seus punhos cerrados, caindo com o som de trovão. Excitados com raiva, eles combateram um ao outro com rodas de carro, e cangas, e Akshas e Adhishthanas, e Upaskaras, realmente, com qualquer coisa que entrava em seu caminho. Enfrentando um ao outro dessa maneira e ambos cobertos com sangue, eles pareciam com um par de elefantes enfurecidos de tamanho gigantesco. Então, Hrishikesa, sempre dedicado ao bem dos Pandavas, vendo aquele combate, despachou o filho de Hidimva para proteger Bhimasena.'"

178

"Sanjaya disse, 'Vendo Bhima naquela batalha atacado pelo canibal, Vasudeva, se aproximando de Ghatotkacha, disse para ele essas palavras, 'Veja, ó poderosamente armado, Bhima está sendo violentamente atacado pelo Rakshasa em batalha, na própria vista de todas as tropas e de ti mesmo, ó tu de grande esplendor! Abandonando Karna por enquanto, mate Alayudha rapidamente, ó de braços fortes! Tu podes matar Karna depois.' Ouvindo essas palavras dele da linhagem de Vrishni, o valente Ghatotkacha, abandonando Karna, enfrentou Alayudha, aquele príncipe dos canibais e irmão de Vaka. A batalha então que ocorreu à noite entre aqueles dois canibais, isto é, Alayudha e o filho de Hidimva tornou-se violento e terrível, ó Bharata. Enquanto isso, os poderosos guerreiros em carros Yuyudhana, e Nakula, e Sahadeva, perfuraram com flechas afiadas os guerreiros de Alayudha, aqueles Rakshasas heróicos e de aparência terrível, armados com arcos. Vibhatsu enfeitado com diadema, ó rei, naquela batalha, disparando suas flechas para todos os lados, começou a derrubar muitos principais dos Kshatriyas. Enquanto isso, Karna, ó rei, naquela batalha agitou muitos reis e muitos poderosos guerreiros em carros entre os Panchalas encabeçados por Dhrishtadyumna e Sikhandin e outros. Vendo eles massacrados (por Karna), Bhima, de bravura terrível, avançou depressa em direção a Karna, disparando suas flechas naquela batalha. Então aqueles guerreiros também, isto é, Nakula e Sahadeva e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, tendo matado os Rakshasas, procederam para aquele lugar onde o filho de Suta estava. Todos eles, então, começaram a lutar com Karna, enquanto os Panchalas enfrentaram Drona. Então Alayudha, excitado com raiva, atingiu Ghatotkacha, aquele castigador de inimigos, na cabeça, com um Parigha gigantesco. Com o golpe daquele Parigha, o filho poderoso de Bhimasena, dotado de grande destreza, pareceu estar em um estado de desmaio parcial e sentou-se imóvel. Recuperando a consciência, o último, então, naquele combate, arremessou em seu inimigo uma maça ornada com ouro adornada com cem sinos e parecendo um fogo ardente. Arremessada violentamente por aquele realizador de façanhas violentas, aquela maça esmagou em pedaços os corcéis, o motorista, e o carro de alto estrépito de Alayudha. Tendo recorrido à ilusão, o último, então, saltou daquele carro dele, cujos corcéis e rodas e Akshas e estandartes e Kuvara tinham sido todos despedaçados. Confiando em sua ilusão, ele despejou uma chuva copiosa de sangue. O céu então pareceu estar coberto com uma massa de nuvens pretas adornadas com lampejos de relâmpago. Um temporal com relâmpagos e trovões foi então ouvido, acompanhado por estampidos altos e altos ribombos de nuvens. Sons altos também de conversas foram ouvidos naquela batalha terrível. Observando aquela ilusão criada pelo Rakshasa Alayudha, o Rakshasa Ghatotkacha, subindo às alturas, a destruiu por meio de sua própria ilusão. Alayudha, vendo sua própria ilusão destruída por aquela de seu inimigo, começou a despejar uma chuva pesada de pedras em Ghatotkacha. Aquela terrível chuva de pedras, o bravo Ghatotkacha dissipou por meio de uma chuva de flechas. Eles então despejaram diversas armas um sobre o outro, tais como Parighas de ferro e lanças e maças e clavas curtas e malhos, e Pinakas e espadas e arpões e lanças

compridas e Kampanas, e flechas afiadas, longas e de cabeça larga, e setas e discos e machados de batalha, e Ayogudas e setas curtas, e armas com cabeças como aquelas da vaca, e Ulukhalas. E eles atacaram um ao outro, arrancando muitas espécies de árvores de ramos grandes tais como Sami e Pilu e Karira e Champaka, ó Bharata, e Inguidi e Vadari e Kovidara florescentes e Arimeda e Plaksha e banian e peepul, e também com diversos topos de montanhas e diversos tipos de metais. O estrépito daquelas árvores e topos de montanhas se tornou muito alto como o ribombo potente do trovão. De fato, a batalha que teve lugar entre o filho de Bhima e Alayudha, foi, ó rei, terrível ao extremo, como aquela nos tempos antigos, ó monarca, entre Vali e Sugriva, aqueles dois príncipes entre os macacos. Eles atingiram um ao outro com flechas e diversos outros tipos de armas ardentes, como também com cimitarras afiadas. Então os Rakshasas poderosos, avançando um contra o outro, agarraram um ao outro pelo cabelo. E, ó rei, aqueles dois guerreiros gigantescos, com muitos ferimentos em seus corpos e sangue e suor pingando, pareciam com duas massas imensas de nuvens derramando chuva. Então avançando com velocidade e girando o Rakshasa no alto e lançando-o com força no chão, o filho de Hidimva cortou sua cabeça grande. Então pegando aquela cabeça enfeitada com um par de brincos, o poderoso Ghatotkacha proferiu um rugido alto. Vendo o irmão gigantesco de Vaka, aquele castigador de inimigos, morto dessa maneira, os Panchalas e os Pandavas começaram a proferir gritos leoninos. Então, após a queda do Rakshasa, os Pandavas bateram e sopraram milhares de baterias e dezenas de milhares de conchas. Aquela noite então indicava claramente a vitória dos Pandavas. Iluminada com tochas por toda parte, e ressoando com o barulho de instrumentos musicais, a noite parecia muito resplandecente. Então o filho poderoso de Bhimasena jogou no chão a cabeça de Alayudha morto na frente de Duryodhana. Duryodhana, vendo o heróico Alayudha morto, ficou, ó Bharata, cheio de ansiedade, por todas as suas tropas. Alayudha, tendo ido até Duryodhana por iniciativa própria, lembrando-se de sua antiga desavença, tinha dito para ele que mataria Bhima em batalha. O rei Kuru tinha considerado a morte de Bhima como certa, e tinha acreditado que seus irmãos todos teriam vida longa. Vendo aquele Alayudha morto pelo filho de Bhimasena, o rei considerou o voto de Bhima (acerca da morte dele mesmo e seus irmãos) como já cumprido.'"

179

"Sanjaya disse, 'Tendo matado Alayudha, o Rakshasa Ghatotkacha ficou cheio de alegria. Permanecendo na dianteira do exército ele começou a proferir diversos tipos de gritos. Ouvindo aqueles rugidos altos dele que faziam elefantes tremerem, um grande medo, ó monarca, entrou nos corações dos teus guerreiros. Contemplando o filho poderoso de Bhimasena envolvido em combate com Alayudha, o poderoso guerreiro em carro Karna avançou contra os Panchalas. Ele perfurou Dhrishtadyumna e Sikhandin, cada um com dez flechas fortes e retas disparadas de seu arco esticado até sua mais completa extensão. Com várias outras flechas poderosas, o filho de Suta então fez Yudhamanyu e Uttamaujas, e o

grande guerreiro em carro Satyaki tremerem. O arcos daqueles guerreiros também, ó rei, enquanto eles estavam empenhados em atacar Karna de todos os lados, eram vistos estarem esticados a círculos. Naquela noite, o som das cordas de seus arcos e o estrépito das rodas de seus carros (se misturando), tornou-se alto e profundo como o rugido das nuvens no fim do verão. A batalha noturna, ó monarca, parecia uma massa de nuvens reunidas. A vibração das cordas de arco e o estrépito de rodas de carro constituíam seu ribombo. Os arcos (dos guerreiros) constituíam seus lampejos de relâmpago; e chuvas de flechas formavam sua torrente de chuva. Permanecendo imóvel como uma colina e possuidor da força de um príncipe das montanhas, aquele subjugador de inimigos, isto é, o filho de Vikartana, Karna, ó rei, destruiu aquela chuva extraordinária de flechas disparada nele. Dedicado ao bem dos teus filhos, Vaikartana de grande alma, na batalha, começou a derrubar seus inimigos com lanças dotadas da força do trovão, e com flechas afiadas, providas de belas asas de ouro. Logo os estandartes de alguns foram quebrados e derrubados por Karna, e os corpos de outros perfurados e mutilados por ele com flechas afiadas; e logo alguns foram privados de motoristas, e alguns de seus cavalos. Extremamente atormentados pelo filho de Suta naquela batalha, muitos deles entraram no exército de Yudhishthira. Vendo eles divididos e obrigados a recuar, Ghatotkacha ficou louco de raiva. Sobre aquele carro excelente dele que era enfeitado com ouro e jóias, ele proferiu um rugido leonino e se aproximando do filho de Vikartana, Karna, perfurou-o com flechas dotadas da força do trovão. Ambos deles começaram a cobrir o céu com flechas farpadas, e flechas da medida de uma jarda (91,4 cm), e flechas de face de rã, e Nalikas e Dandas e Asanis e flechas tendo cabeças como o dente do bezerro ou a orelha do javali, e flechas de cabeça larga, e flechas de pontas como chifres, e outras tendo cabeças como navalhas. O céu, coberto com aquela chuva de flechas, parecia, por causa daquelas flechas aladas com ouro de esplendor ardente correndo horizontalmente através dele, como se (enfeitado) com guirlandas de flores belas penduradas. Cada um dotado de destreza igual àquela do outro, eles atacaram um ao outro igualmente com armas poderosas. Ninguém podia, naquela batalha, encontrar qualquer sinal de superioridade em um ou outro daqueles heróis excelentes. De fato, aquela luta entre o filho de Surya e o filho de Bhima, caracterizada por uma chuva densa e pesada de armas, parecia muito bela e apresentava quase uma vista incomparável como o combate feroz entre Rahu e Surya no firmamento.'"

"Sanjaya continuou, 'Quando Ghatotkacha, ó rei, aquele principal de todos os conhecedores de armas, descobriu que ele não podia prevalecer sobre Karna, ele chamou à existência uma arma violenta e poderosa. Com aquela arma, o Rakshasa primeiro matou os corcéis de Karna e então o motorista do último. Tendo realizado aquela façanha, o filho de Hidimva rapidamente se fez invisível.'"

"Dhritarashtra disse, 'Quando o Rakshasa lutando por meios enganadores desapareceu dessa maneira, diga-me, ó Sanjaya, o que os guerreiros do meu exército pensaram.'"

"Sanjaya disse, 'Vendo o Rakshasa desaparecer, todos os Kauravas disseram ruidosamente, 'Aparecendo em seguida, o Rakshasa, lutando enganadoramente,

certamente matará Karna.' Então Karna, dotado de agilidade extraordinária no uso de armas, cobriu todos os lados com chuvas de flechas. O céu estando coberto com a escuridão causada por aquela chuva grossa de flechas, todas as criaturas ficaram invisíveis. Tão grande era a agilidade de mão mostrada pelo filho de Suta, que ninguém podia notar quando ele tocava suas aljavas com seus dedos, quando ele fixava suas flechas na corda do arco, e quando ele as mirava e disparava. O céu inteiro parecia estar coberto com suas flechas. Então uma ilusão ameaçadora e terrível foi invocada à existência pelo Rakshasa no céu. Nós contemplamos no céu o que parecia para nós ser uma massa de nuvens vermelhas parecendo a chama resplandecente de um fogo ardente. Daquela nuvem saíam lampejos de relâmpago, e muitos tições ardentes, ó rei Kuru! E tremendos rugidos também saíam dela, como o barulho de milhares de baterias batidas ao mesmo tempo. E dela caíam muitas flechas aladas com ouro, e dardos, lanças e clavas pesadas, e outras armas similares, e machados de batalha, e cimitarras lavadas com óleo, e machados de fios brilhantes, e arpões, e maças com ferrões emitindo raios brilhantes, e maças belas de ferro, e dardos compridos de pontas afiadas, e maças pesadas ornadas com ouro e enroladas com cordas, e Sataghnis, por toda parte. E rochas grandes caíam dela, e milhares de raios com ribombo alto, e muitas centenas de rodas e navalhas do esplendor do fogo. Karna disparando chuvas de flechas, fracassou em destruir aquela torrente densa e ardente de dardos e lanças e clavas. Alto tornou-se o ruído então de corcéis caindo mortos por aquelas flechas, e imensos elefantes atingidos pelo trovão, e grandes guerreiros em carros privados de vida por outras armas. Afligida por Ghatotkacha com aquela chuva terrível de flechas por toda parte, aquela hoste de Duryodhana era vista vagar em grande aflição sobre o campo. Com gritos de 'Oh' e 'Ai', e muito desanimada, aquela hoste errante parecia prestes a ser aniquilada. Os líderes, no entanto, por causa da nobreza de seus corações, não fugiram com rostos virados do campo. Vendo aquela chuva extremamente assustadora e terrível de armas poderosas, causada pela ilusão do Rakshasa, caindo sobre o campo, e vendo seu exército vasto incessantemente massacrado, teus filhos ficaram inspirados com grande temor. Centenas de chacais com línguas ardentes como fogo e gritos terríveis começaram a gritar. E, ó rei, os guerreiros (Kaurava) vendo os Rakshasas gritando, ficaram muito atormentados. Aqueles terríveis Rakshasas com línguas ardentes e bocas ardentes e dentes afiados, e com formas enormes como colinas, posicionados no céu, com dardos em punho pareciam com nuvens despejando torrentes de chuva. Atingidas e oprimidas por aquelas flechas ardentes e dardos e lanças e maças e clavas com pontas de esplendor ardente; e raios e Pinakas e Asanis e discos e Sataghnis, as tropas (Kaurava) começaram a cair. Os Rakshasas começaram a despejar sobre os guerreiros do teu filho dardos compridos, e melado e Sataghnis, e Sthunas feitos de ferro preto e enrolados com cordas de juta. Então todos os combatentes ficaram aturdidos. Bravos guerreiros, com armas quebradas ou soltas de seus punhos, ou privados de cabeças, ou com membros fraturados começaram a cair no campo. E por causa das rochas caindo, corcéis e elefantes e carros começaram a ser esmagados. Aqueles Yatudhanas de formas terríveis, criados por Ghatotkacha com a ajuda de seu poder de ilusão, despejando aquela chuva grossa de armas poderosas não pouparam nem aqueles que estavam apavorados nem aqueles que imploravam por abrigo. Durante aquela

carnificina cruel de heróis Kuru, ocasionada pela própria Morte, durante aquele extermínio de Kshatriyas os guerreiros se dividiram e fugiram de repente com velocidade, gritando alto, 'Fujam, ó Kauravas! Tudo está perdido! Os deuses com Indra em sua dianteira estão nos matando por causa dos Pandavas!' Naquela hora não havia ninguém que pudesse resgatar as tropas Bharata afundando. Durante aquele tumulto violento e derrota e extermínio dos Kauravas, os acampamentos perdendo suas características distintivas, os partidos não podiam ser distinguidos um do outro. De fato, durante aquela terrível fuga desordenada na qual os soldados não mostraram consideração um pelo outro, todos os lados do campo, quando olhados, pareciam estar vazios. Só Karna, ó rei, podia ser visto lá, afogado naquela chuva de armas. Então Karna cobriu o céu com suas flechas, lutando com aquela ilusão celeste do Rakshasa. O filho de Suta, dotado de modéstia e realizando os feitos mais difíceis e nobres, não perdeu seus sentidos naquela batalha. Então, ó rei, todos os Saindhavas e Valhikas olharam amedrontados para Karna que mantinha seus sentidos naquele combate. E eles todos o reverenciaram, enquanto eles olhavam para o triunfo do Rakshasa. Então um Sataghni equipado com rodas, arremessado por Ghatotkacha, matou os quatro corcéis de Karna simultaneamente. Eles caíram no chão, sobre seus joelhos, privados de vida, dentes, olhos, e línguas. Então saltando de seu carro sem cavalos e vendo os Kauravas fugindo, e vendo sua própria arma celeste frustrada pela ilusão Rakshasa, Karna, sem perder sua razão, dirigiu sua mente para dentro e começou a refletir sobre o que ele devia fazer em seguida. Naquele momento todos os Kauravas, vendo Karna e aquela ilusão terrível (do Rakshasa) gritaram dizendo, 'Ó Karna, mate o Rakshasa logo com teu dardo. Esses Kauravas e os Dhartarashtras estão prestes a serem aniquilados. O que Bhima e Arjuna farão para nós? Mate este Rakshasa perverso nas altas horas da noite, que está destruindo todos nós. Aqueles que escaparem desse combate terrível lutarão com os Parthas em batalha. Portanto, mate este Rakshasa terrível agora com aquele dardo dado a ti por Vasava. Ó Karna, não deixe estes grandes guerreiros, os Kauravas, estes príncipes que parecem o próprio Indra, serem todos destruídos nessa batalha noturna.' Então Karna, vendo o Rakshasa vivo tarde da noite, e o exército Kuru tomado pelo medo, e ouvindo também os lamentos altos dos últimos colocou seu coração em arremessar seu dardo. Inflamado com raiva como um leão colérico e incapaz de tolerar os assaltos do Rakshasa, Karna pegou aquele principal dos dardos concessor de vitória e invencível, desejoso de executar a destruição de Ghatotkacha. De fato, aquele dardo, ó rei, o qual ele tinha mantido e adorado por anos para (executar) a morte do filho de Pandu em batalha, aquele principal dos dardos que o próprio Sakra tinha dado para o filho de Suta em troca dos brincos do último, aquele míssil ardente e terrível enrolado com cordas e que parecia sedento de sangue, aquela arma ameaçadora que parecia com a própria língua do Destruidor ou a irmã da própria Morte, aquele dardo terrível e refulgente, Naikartana, foi imediatamente arremessado no Rakshasa. Vendo aquela arma excelente e resplandecente capaz de perfurar o corpo de todo inimigo, nas mãos do filho de Suta, o Rakshasa começou a fugir de medo assumindo um corpo gigantesco como a base das montanhas Vindhya. De fato, vendo aquele dardo na mão de Karna, todas as criaturas no céu, ó rei, proferiram gritos altos. Ventos violentos começaram a soprar, e trovões com ribombo alto começaram a cair na

terra. Destruindo aquela ilusão ardente de Ghatotkacha e atravessando direto seu peito aquele dardo resplandecente se elevou alto na noite e entrou em uma constelação estrelada no firmamento. Tendo lutado, usando diversas armas belas, com muitos Rakshasas heróicos e guerreiros humanos, Ghatotkacha, então proferindo diversos rugidos terríveis, caiu, privado de vida por aquele dardo de Sakra. Este também foi outro feito muito extraordinário que o Rakshasa realizou para a destruição de seus inimigos, que na hora quando seu coração foi perfurado por aquele dardo, ele brilhou resplandecente, ó rei, como uma montanha imensa ou uma massa de nuvens. De fato, tendo assumido aquela forma terrível e impressionante, o filho de Bhimasena de feitos terríveis caiu. Quando morrendo, ó rei, ele caiu sobre uma parte do teu exército e prensou aquelas tropas pelo peso de seu próprio corpo. Caindo rapidamente, o Rakshasa com seu corpo gigantesco e ainda aumentando, desejoso de beneficiar os Pandavas, matou um Akshauhini inteiro de tuas tropas enquanto ele mesmo dava seu último suspiro. Então um tumulto alto ergueu-se lá composto de gritos leoninos e clangor de conchas e a batida de baterias e pratos. Os Kauravas de fato, vendo a ilusão do Rakshasa destruída e o próprio Rakshasa morto proferiram gritos altos de alegria. Então Karna, reverenciado pelos Kurus como Sakra tinha sido pelos Maruts após a morte de Vritra, subiu atrás do carro do teu filho, e se tornando o observado de todos, entrou na hoste Kuru.'"

180

"Sanjaya disse, 'Vendo o filho de Hidimva morto e jazendo como uma montanha partida, todos os Pandavas ficaram cheios de tristeza e começaram a derramar lágrimas copiosas. Só Vasudeva cheio de êxtases de alegria começou a proferir gritos leoninos, afligindo os Pandavas. De fato, proferindo gritos altos ele abraçou Arjuna. Amarrando os cavalos e proferindo rugidos altos, ele começou a dançar em um êxtase de alegria, como uma árvore sacudida por uma tempestade. Então abraçando Arjuna mais uma vez, e repetidamente batendo em seus próprios braços, Achyuta dotado de grande inteligência começou a gritar novamente, permanecendo no terraço do carro. Observando aqueles sinais de regozijo que Kesava manifestou, Dhananjaya, ó rei, com o coração em aflição, dirigiu-se a ele, dizendo, 'Ó matador de Madhu, tu demonstras grande alegria em um momento mal adequado para isto, de fato em uma ocasião para tristeza causada pela morte do filho de Hidimva. Nossas tropas estão fugindo, vendo Ghatotkacha morto. Nós também estamos cheios de ansiedade por causa da queda do filho de Hidimva. Ó Janardana, a causa deve ser muito séria quando em tal momento tu sentes tal alegria. Portanto, ó principal dos homens sinceros, perguntado por mim, diga-me realmente (qual é esse motivo). De fato, se não for um segredo, cabe a ti, ó castigador de inimigos, dizê-lo para mim. Ó matador de Madhu, conte-me o que removeu tua gravidade hoje. Esse teu ato, ó Janardana, essa leveza de coração, me parece como a secagem completa do oceano ou a locomoção de Meru.'"

"Vasudeva disse, 'Grande é a alegria que eu sinto. Ouça-me, Dhananjaya! Isso que eu te direi dissipará imediatamente tua tristeza e infundirá alegria no teu

coração. Ó tu de esplendor grandioso, saiba, ó Dhananjaya, que Karna, seu dardo sendo frustrado por meio de Ghatotkacha, já está morto em batalha. Não existe nesse mundo o homem que poderia ficar diante de Karna armado com aquele dardo e parecendo com Kartikeya em batalha. Por boa sorte, sua armadura (natural) foi tirada. Por boa sorte, seus brincos também foram tirados. Por boa sorte, seu dardo infalível também foi frustrado agora, por Ghatotkacha. Vestido em cota de malha (natural) e enfeitado com seus brincos (naturais), Karna, que tinha seus sentidos sob controle, podia subjugar sozinho os três mundos com os próprios deuses. Nem Vasava, nem Varuna o senhor das águas, nem Yama, podiam se arriscar a se aproximar dele. De fato, se aquele touro entre homens tivesse sua armadura e brincos, nem tu mesmo, curvando o Gandiva, nem eu mesmo, erguendo meu disco, chamado Sudarsana, poderíamos derrotá-lo em batalha. Para o teu bem, Karna foi privado de seus brincos por Sakra com a ajuda de uma ilusão. Similarmente aquele subjugador de cidades hostis foi privado de sua armadura (natural). De fato, porque Karna, cortando sua armadura (natural) e seus brincos brilhantes, os deu para Sakra, é por isso que ele veio a ser chamado de Vaikartana. Karna agora me parece ser como uma cobra enfurecida de veneno virulento entorpecida por poder de encantamento, ou como um fogo de chamas suaves. Desde aquele momento, ó poderosamente armado, quando Sakra de grande alma deu aquele dardo para Karna em troca dos brincos do último, e armadura celeste, aquele dardo, isto é, o qual matou Ghatotkacha, desde aquela época, Vrisha, tendo-o obtido, sempre tinha te considerado como morto em batalha! Mas embora privado daquele dardo, ó impecável, eu juro para ti que aquele herói ainda não pode ser morto por ninguém mais exceto tu. Devotado aos Brahmanas, sincero em palavras, dedicado a penitências, cumpridor de votos, bondoso até para inimigos, por essas razões Karna é chamado de Vrisha. Heróico em batalha, possuidor de braços fortes e com arco sempre erguido, como o leão na floresta privando líderes de manadas de elefantes de seu orgulho, Karna sempre priva os maiores guerreiros em carros de seu orgulho no campo de batalha, e parece o sol do meio dia para o qual ninguém pode olhar. Lutando com todos os ilustres e principais dos guerreiros do teu exército, ó tigre entre homens, Karna, enquanto disparando suas chuvas de flechas, parece com o sol outonal com seus mil raios. De fato, disparando incessantemente chuvas de flechas como as nuvens despejando torrentes de chuva no fim do verão, Karna é como uma nuvem torrencial carregada com armas celestes. Ele não pode ser vencido em batalha pelos deuses, ele os mutilaria de tal maneira que sua carne e sangue cairiam copiosamente no campo. Privado, no entanto, de sua armadura como também de seus brincos, ó filho de Pandu, e privado também do dardo dado a ele por Vasava, Karna é agora como um homem (e não mais como um deus). Haverá uma oportunidade para matá-lo. Quando as rodas do carro dele afundarem no solo, te aproveitando daquela oportunidade, tu deves matá-lo naquela situação aflitiva. Eu te farei um sinal antes. Avisado por isto, tu deves agir. O próprio subjugador de Vala, aquele principal dos heróis, manejando seu trovão, é incapaz de matar o invencível Karna enquanto o último permanece com arma na mão. De fato, ó Arjuna, para o teu bem, com a ajuda de diversos artifícios eu matei, um após outro, Jarasandha e o soberano ilustre dos Chedis e o poderosamente armado Nishada do nome de Ekalavya. Outros grandes Rakshasas tendo Hidimva

e Kirmira e Vaka como seus principais, como também Alayudha, aquele opressor de tropas hostis, e Ghatotkacha, aquele subjugador de inimigos e guerreiro de atos violentos, todos foram mortos.'"

181

"Arjuna disse, 'Como, ó Janardana, para o nosso bem, e por quais meios, aqueles senhores da terra, isto é, Jarasandha e os outros, foram mortos?'"

"Vasudeva disse, 'Se Jarasandha, e o soberano dos Chedis, e o poderoso filho do rei Nishada não tivessem sido mortos, eles teriam se tornado terríveis. Sem dúvida, Duryodhana teria escolhido aqueles principais dos guerreiros (para abraçar seu lado). Eles sempre foram hostis a nós, e, consequentemente, eles todos teriam adotado o lado dos Kauravas. Todos eles eram heróis e poderosos arqueiros educados em armas e firmes em batalha. Como os celestiais (em destreza), eles teriam protegido os filhos de Dhritarashtra. De fato, o filho de Suta, e Jarasandha, e o soberano dos Chedis, e o filho do Nishada adotando o filho de Suyodhana, teriam conseguido conquistar a terra inteira. Ouça, ó Dhananjaya, por quais meios eles foram mortos. De fato, sem o emprego de recursos, os próprios deuses não poderiam ter conquistado eles em batalha. Cada um deles, ó Partha, podia lutar em batalha com toda a hoste celeste protegida pelos Regentes do mundo. (Em uma ocasião), atacado por Valadeva, Jarasandha, excitado com cólera, arremessou para nossa destruição uma maça capaz de matar todas as criaturas. Dotada do esplendor do fogo, aquela maça correu em direção a nós dividindo o céu como a linha na cabeça que separa os cabelos de uma mulher, e com a impetuosidade do trovão arremessado por Sakra. Vendo aquela maça assim correndo em direção a nós o filho de Rohini lançou a arma chamada Sthunakarna para frustrá-la. Sua força destruída pela energia da arma de Valadeva, aquela maça caiu na terra, rachando-a (com seu poder) e fazendo as próprias montanhas tremerem. Havia uma Rakshasi terrível de nome Jara, dotada de grande destreza. Ela, ó príncipe, tinha unido aquele matador de inimigos, e, portanto, o último foi chamado Jarasandha. Jarasandha era composto de duas metades de uma criança. E porque foi Jara que uniu aquelas duas metades, foi por isso que ele veio a ser chamado de Jarasandha (que literalmente significa "unido por Jara.") Aquela mulher Rakshasa, ó Partha, que vivia lá dentro da terra, foi morta com seus filhos e parentes por meio daquela maça e a arma de Sthunakarna. Privado de sua maça naquela grande batalha, Jarasandha foi morto depois por Bhimasena na tua presença, ó Dhananjaya. Se o valente Jarasandha tivesse permanecido armado com sua maça, os próprios deuses com Indra em sua dianteira não poderiam tê-lo matado em batalha, ó melhor dos homens! Para o teu bem, o filho de Nishada também, de bravura incapaz de ser frustrada, foi, por um ato de astúcia, privado de seu polegar por Drona, assumindo a posição de seu preceptor. Orgulhoso e dotado de destreza constante, o filho de Nishada, com dedos envolvidos em luvas de couro, parecia resplandecente como um segundo Rama. Não privado do polegar, Ekalavya, ó Partha, não podia ser vencido em batalha pelos deuses, os Danavas, os Rakshasas, e os Uragas (juntos). De aperto

firme, educado em armas, e capaz de disparar incessantemente dia e noite, ele não podia ser olhado por meros homens. Para o teu bem, ele foi morto por mim no campo de batalha. Dotado de grande bravura, o soberano dos Chedis foi morto por mim diante dos teus olhos. Ele também era incapaz de ser vencido em batalha pelos deuses e os Asuras juntos. Eu nasci para matá-lo como também os outros inimigos dos deuses, com tua ajuda, ó tigre entre homens, pelo desejo de beneficiar o mundo. Hidimva e Vaka e Kirmira foram todos mortos por Bhimasena. Todos aqueles Rakshasas eram dotados de poder igual àquele de Ravana e todos eles eram destruidores de Brahmanas e sacrifícios. Similarmente, Alayudha, possuidor de grandes poderes de ilusão, foi morto pelo filho de Hidimva. O filho de Hidimva também, eu matei pelo emprego de meios, isto é, através de Karna com seu dardo. Se Karna não o tivesse matado com seu dardo em grande batalha, eu mesmo teria tido que matar o filho de Bhima Ghatotkacha. Pelo desejo de beneficiar você, eu não o matei antes. Aquele Rakshasa era hostil a Brahmanas e sacrifícios. Porque ele era um destruidor de sacrifícios e de uma alma pecaminosa, portanto ele foi morto dessa maneira. Ó impecável, por aquele ato como o meio, o dardo dado por Sakra também foi tornado inútil. Ó filho de Pandu, aqueles que são destruidores da retidão estão todos sujeitos a serem mortos por mim. Esse mesmo é o voto feito por mim, para estabelecer a justiça. Onde os Vedas e verdade e autodomínio e pureza e justiça e modéstia e prosperidade e sabedoria e perdão são sempre encontrados, lá eu mesmo sempre permaneço. Tu não precisas ficar ansioso em absoluto a respeito da morte de Karna. Eu te direi os meios pelos quais tu o matarás. Vrikodara também conseguirá matar Suyodhana. Eu te direi, ó filho de Pandu, os meios pelos quais isso terá que ser empreendido. Enquanto isso, o tumulto feito pelo exército hostil está aumentando. Tuas tropas também estão fugindo para todos os lados. Tendo alcançado seus objetivos, os Kauravas estão destruindo tua hoste. De fato, Drona, aquele principal de todos os batedores, está nos chamuscando em batalha.'"

182

"Dhritarashtra disse, 'Quando o filho de Suta tinha tal dardo que era certo de matar uma pessoa, por que ele não o arremessou em Partha, à exclusão de todos os outros? Após a morte de Partha por meio daquele dardo, todos os Srinjayas e os Pandavas teriam sido mortos. De fato, após a morte de Phalguna, por que a vitória não seria nossa? Arjuna fez um voto no sentido de que convocado para a batalha ele nunca se recusaria a aceitar o desafio. O filho de Suta deveria ter, portanto, convocado Phalguna para a batalha. Diga-me, ó Sanjaya, por que Vrisha então não se envolvendo em duelo com Phalguna matou o último com aquele dardo dado a ele por Sakra? Sem dúvida, meu filho é desprovido de inteligência e conselheiros! Aquele infeliz pecaminoso é constantemente frustrado pelo inimigo. Como ele então conseguirá derrotar seus inimigos? De fato, aquele dardo o qual era tal arma poderosa e da qual dependia sua vitória, ai, aquele dardo, por meio de Vasudeva, foi tornado inútil por Ghatotkacha. De fato, ele foi arrebatado de Karna, como uma fruta da mão de um aleijado, com um braço deformado, por uma

pessoa forte. Assim mesmo aquele dardo fatal foi tornado inútil por Ghatotkacha. Como em uma briga entre um javali e um cachorro, após a morte de um dos dois, o caçador é o partido beneficiado, eu penso, ó erudito, que assim mesmo Vasudeva foi o partido a lucrar com a batalha entre Karna e o filho de Hidimva. Se Ghatotkacha tivesse matado Karna em batalha, isso teria sido uma grande vantagem para os Pandavas. Se, por outro lado, Karna tivesse matado Ghatotkacha, isso também teria sido uma grande vantagem para eles por consequência da perda do dardo de Karna. Dotado de grande sabedoria, aquele leão entre homens, isto é, Vasudeva, refletindo dessa maneira, e para fazer o que era agradável e para o bem para os Pandavas, fez Ghatotkacha ser morto por Karna em batalha.'"

"Sanjaya disse, 'Sabendo do feito que Karna desejava realizar, o matador de Madhu, Janardana de braços fortes, ó rei, mandou o príncipe dos Rakshasas, Ghatotkacha de energia poderosa, se envolver em duelo com Karna para tornar, ó monarca, inútil o dardo fatal do último. Tudo isso, ó rei, é o resultado da tua má política! Nós certamente teríamos obtido êxito, ó perpetuador da linhagem de Kuru, se Krishna não tivesse salvado (dessa maneira) o poderoso guerreiro em carro Partha das mãos de Karna. De fato, Partha teria sido destruído com seus corcéis, estandarte, e carro, em batalha, oh Dhritarashtra, se aquele mestre, aquele senhor de Yogins, isto é, Janardana não o tivesse salvado. Protegido por diversos meios, ó rei, e bem auxiliado por Krishna, Partha se aproximando de seus inimigos derrotou aquele dardo fatal, de outra maneira aquela arma teria destruído rapidamente o filho de Kunti como o relâmpago destruindo uma árvore.'"

"Dhritarashtra disse, 'Meu filho gosta de disputa. Seus conselheiros são tolos. Ele é vaidoso de sua sabedoria. É por isso que esse meio certo da morte Arjuna foi frustrado. Por que, ó Suta, Duryodhana, ou aquele principal de todos os manejadores, isto é, Karna, possuidor de grande inteligência, não arremessou aquele dardo fatal em Dhananjaya? Por que, ó filho de Gavalgana, tu também esqueceste este grande objetivo, possuidor como tu és de grande sabedoria, ou por que tu não lembraste Karna disto?'"

"Sanjaya disse, 'De fato, ó rei, toda noite isso formava o assunto de deliberação com Duryodhana e Sakuni e eu mesmo e Duhsasana. E nós dizíamos para Karna, 'Excluindo todos os outros guerreiros, ó Karna, mate Dhananjaya. Nós então dominaremos os Pandus e os Panchalas como se eles fossem nossos escravos. Ou, se após a queda de Partha, ele da linhagem de Vrishni nomear outro entre os filhos de Pandu (nesse lugar para continuar a luta), que o próprio Krishna seja morto. Krishna é a raiz dos Pandavas, e Partha é como seu tronco elevado. Os outros filhos de Pritha são como seus ramos, enquanto os Panchalas podem ser chamados de suas folhas. Os Pandavas tem Krishna como seu refúgio, Krishna como seu poder, Krishna como seu líder. De fato, Krishna é seu suporte central assim como a lua é das constelações. Portanto, ó filho de Suta, evitando as folhas e ramos e tronco, mate aquele Krishna que é em todos os lugares e sempre a raiz dos Pandavas.' De fato, se Karna tivesse matado ele da linhagem de Dasarha, isto é, aquele alegrador dos Yadavas, a terra inteira, ó rei, sem dúvida, teria caído sob teu controle. Realmente, ó monarca, se aquele ilustre, aquele encantador de

ambos os Yadavas e os Pandavas, pudesse ser feito jazer na terra, privado de vida, então indubitavelmente, ó monarca, a terra inteira com as montanhas e florestas teria possuído tua supremacia. Nós nos levantávamos todas as manhãs, tendo tomado tal decisão em relação àquele Senhor dos próprios deuses, isto é, Hrishikesa de energia incomensurável. Na hora da batalha, no entanto, nós esquecíamos nossa resolução. Kesava sempre protegia Arjuna, o filho de Kunti. Ele nunca colocava Arjuna diante do filho de Suta em batalha. De fato, Achyuta sempre colocava outros principais dos guerreiros em carros diante de Karna, pensando como aquele nosso dardo fatal poderia ser feito inútil por nós mesmos, ó senhor! Quando, além disso, Krishna de grande alma protegia Partha dessa maneira de Karna, por que, ó monarca, aquele principal dos seres não protegeria a si mesmo? Refletindo bem, eu vejo que não há pessoa nos três mundos que seja hábil para derrotar aquele castigador de inimigos, isto é, Janardana, aquele herói portando o disco na mão.'"

"Sanjaya continuou, 'Aquele tigre entre os guerreiros em carros, isto é, Satyaki de destreza incapaz de ser frustrada, perguntou a Krishna de braços fortes sobre o grande guerreiro em carro Karna, dizendo, 'Ó Janardana, essa era a firme decisão de Karna, isto é, que ele lançaria aquele dardo de energia imensurável em Phalguna. Por que, no entanto, o filho de Suta realmente não o arremessou então nele?'"

"Vasudeva disse, 'Duhsasana e Karna e Sakuni e o soberano dos Sindhus, com Duryodhana em sua chefia, tinham debatido frequentemente sobre esse assunto. Dirigindo-se a Karna, eles costumavam dizer, 'Ó Karna, ó grande arqueiro, ó tu de destreza incomensurável em batalha, ó principal de todos os vencedores, esse dardo não deve ser lançado em ninguém mais do que aquele grande guerreiro em carro, isto é, o filho de Kunti, Partha ou Dhananjaya. Ele é o mais célebre entre eles, como Vasava entre os deuses. Ele sendo morto, todos os outros Pandavas com os Srinjayas ficarão sem entusiasmo como celestiais sem fogo!' (Fogo sendo a boca dos celestiais, sem fogo, os celestiais ficariam sem boca.) Karna tendo concordado com isso, dizendo 'Assim seja' (o desejo de) massacrar o manejador do Gandiva, ó touro entre os Sinis, estava sempre presente no coração de Karna. Eu, no entanto, ó principal dos guerreiros, sempre costumava entorpecer o filho de Radha. Foi por isso que ele não arremessou o dardo no filho de Pandu, possuindo corcéis brancos. Enquanto eu não pude frustrar aquele meio da morte de Phalguna, eu não tinha nem sono, nem alegria em meu coração, ó principal dos guerreiros! Vendo aquele dardo, portanto, tornado inútil por Ghatotkacha, ó touro entre os Sinis, eu considerei Dhananjaya hoje como tenho sido resgatado de dentro das mandíbulas da Morte. Eu não considero meu pai, minha mãe, vós mesmos, meus irmãos, sim, minha própria vida, tão dignos de proteção quanto Vibhatsu em batalha. Se houvesse qualquer coisa mais preciosa do que a soberania dos três mundos, eu, ó Satwata, não desejaria (desfrutar) dela sem o filho de Pritha, Dhananjaya (para dividi-la comigo). Vendo Dhananjaya, portanto, como alguém que voltou dos mortos, esses êxtases de alegria, ó Yuyudhana, tem sido meus. Foi por isso que eu despachei o Rakshasa até Karna para lutar. Ninguém mais era capaz de resistir, durante a noite, a Karna em batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim mesmo o filho de Devaki que está sempre dedicado ao bem de Dhananjaya e ao que é agradável para ele, falou para Satyaki naquela ocasião.'"

183

"Dhritarashtra disse, 'Eu vejo, ó senhor, que esse ato de Karna e Duryodhana e do filho de Suvala, Sakuni, e de ti mesmo, em especial, foi muito contra os ditames de política. De fato, quando vocês sabiam que aquele dardo podia sempre matar uma pessoa em batalha, e que ele não podia ser resistido ou frustrado pelos próprios deuses com Vasava em sua chefia, por que então, ó Sanjaya, ele não foi lançado por Karna no filho de Devaki, ou Phalguna, enquanto ele estava envolvido em combate com ele em batalha antes?'"

"Sanjaya disse, 'Voltando da batalha todo dia, ó monarca, todos nós, ó principal da linhagem de Kuru, costumávamos debater durante a noite e dizer para Karna: 'Amanhã de manhã, ó Karna, este dardo deve ser arremessado ou em Kesava ou em Arjuna.' Quando, no entanto, a manhã vinha, ó rei, por causa do destino, Karna e os outros guerreiros esqueciam essa resolução. Eu penso que o destino é supremo, já que Karna, com aquele dardo em suas mãos, não matou em batalha Partha ou o filho de Devaki, Krishna. De fato, porque sua compreensão foi afligida pelo próprio destino, é por isso que ele, entorpecido pela ilusão dos deuses, não lançou aquele dardo fatal de Vasava, embora ele o tivesse em sua mão, no filho de Devaki, Krishna, para sua destruição ou em Partha dotado de destreza semelhante à de Indra, ó senhor!'"

"Dhritarashtra disse, 'Vocês são destruídos pelo destino, por sua própria compreensão, e por Kesava. O dardo de Vasava está perdido, tendo efetuado a morte de Ghatotkacha que era tão insignificante como palha. Karna, e meus filhos, como todos os outros reis, por causa do seu ato muito imprudente, já entraram na residência de Yama. Conte-me agora como a batalha foi mais uma vez travada entre os Kurus e os Pandavas depois da queda do filho de Hidimva. Como aqueles que avançaram contra Drona, organizados em formação de combate e bem hábeis em atacar, isto é, os Srinjayas e os Panchalas, lutaram? Como, de fato, os Pandus e Srinjayas resistiram ao castigador Drona, quando o último procedendo contra eles penetrou em sua hoste, excitado com cólera pela morte de Bhurisravas e Jayadratha, indiferente à sua própria vida, e parecendo um tigre bocejante ou o próprio Destruidor com boca escancarada? O que também eles fizeram em batalha, ó majestade, isto é, o filho de Drona e Karna e Kripa e outros encabeçados por Duryodhana que protegiam o preceptor? Diga-me, ó Sanjaya, como meus guerreiros naquela batalha cobriram com suas flechas Dhananjaya e Vrikodara que estavam desejosos de matar o filho de Bharadwaja. Como, de fato, estes excitados com cólera pela morte do soberano dos Sindhus, e aqueles pela morte de Ghatotkacha, cada lado incapaz de tolerar sua perda, lutaram aquela batalha noturna?'"

"Sanjaya disse, 'Após a morte, naquela noite, ó rei, do Rakshasa Ghatotkacha, por Karna, tuas tropas, cheias de alegria, proferiram gritos altos. Naquela hora escura da noite, eles se lançaram impetuosamente sobre as tropas Pandava e começaram a massacrá-las. Vendo tudo isso, o rei Yudhishthira ficou muito desanimado, ó castigador de inimigos. O filho poderosamente armado de Pandu então dirigiu-se a Bhimasena e disse, 'Ó tu de braços fortes, resista à hoste Dhritarashtra. Por causa da morte do filho de Hidimva, um grande estupor me domina.' Tendo ordenado Bhimasena dessa maneira, ele sentou-se em seu carro. Com rosto lacrimoso e suspirando repetidamente, o rei ficou extremamente triste à visão da destreza de Karna. Vendo ele assim afligido, Krishna disse essas palavras, 'Ó filho de Kunti, que tal aflição não seja tua. Semelhante desânimo não fica bem em ti, ó chefe dos Bharatas, como em uma pessoa comum. Levante, ó rei, e lute. Carregue a carga pesada, ó senhor! Se o desânimo toma conta de ti, nossa vitória se torna incerta.' Ouvindo essas palavras de Krishna, o filho de Dharma, Yudhishthira, enxugando seus olhos com suas mãos, respondeu para Krishna, dizendo, 'Ó tu de braços fortes, o caminho excelente do dever não é desconhecido para mim. As terríveis consequências de matar um Brahmana são daquele que esquece os serviços que ele recebe das mãos de outro. Enquanto nós estávamos vivendo nas florestas o filho de grande alma de Hidimva, embora então um mero menino fez muitos serviços para nós, ó Janardana! Sabendo que Partha, tendo corcéis brancos, tinha partido para a aquisição de armas, aquele arqueiro formidável (Ghatotkacha), ó Krishna, foi até mim em Kamyaka. Ele morou conosco até a reaparição de Dhananjaya. Enquanto passando por muitas fortalezas inacessíveis, ele mesmo carregou em suas costas a cansada princesa de Panchala. As façanhas que ele realizou, ó senhor, mostram que ele era hábil em todos os modos de guerra. De fato, aquele de grande alma realizou muitos atos difíceis para meu benefício. Minha afeição por Ghatotkacha, aquele príncipe dos Rakshasas é o dobro daquela, ó Janardana, que eu tenho naturalmente por Sahadeva. Aquele poderosamente armado era devotado a mim. Eu era caro para ele e ele era caro para mim. É por isso que, chamuscado pela dor, ó tu da linhagem de Vrishni, eu fiquei tão triste. Veja, ó tu da linhagem de Vrishni, nossas tropas afligidas e derrotadas pelos Kauravas. Veja, aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, Drona e Karna, estão lutando seriamente em batalha. Veja a hoste Pandava oprimida altas horas da noite, como um bosque extenso de urzes por um par de elefantes enfurecidos. Desconsiderando o poder do filho de Bhimasena, como também a variedade de armas que Partha tem, os Kauravas estão aplicando sua destreza. Lá, Drona e Karna e o rei Suyodhana, tendo matado o Rakshasa em batalha, estão proferindo rugidos altos. Como, ó Janardana, quando nós estamos vivos e tu mesmo também, pode o filho de Hidimva ser morto enquanto envolvido em combate com o filho de Suta? Tendo causado um grande massacre entre nós, e na própria visão de Savyasachin, Karna, ó Krishna, matou o filho de Bhimasena de grande força, o Rakshasa Ghatotkacha. Quando Abhimanyu foi morto pelos Dhartarashtras perversos, o poderoso guerreiro em carro Savyasachin, ó Krishna, não estava presente naquela batalha. Nós também fomos todos impedidos pelo soberano ilustre dos Sindhus. Drona, com seu filho (Aswatthaman), tornou-se a causa daquele ato. O próprio preceptor disse para Karna os meios de matar Abhimanyu. Enquanto Abhimanyu estava lutando com a

espada foi o próprio preceptor que cortou aquela arma. E quando caído em tal angústia, Kritavarman muito cruelmente matou os cavalos e os dois motoristas Parshni (do menino). Outros grandes arqueiros então mataram o filho de Subhadra. Por uma pequena ofensa, ó Krishna, o soberano dos Sindhus foi morto pelo manejador do Gandiva. Ó principal entre os Yadavas, aquele ato não me deu grande alegria. Se a morte de inimigos é justa e deve ser realizada pelos Pandavas, então Drona e Karna deveriam ter sido mortos antes disto. Isso é o que eu penso. Ó touro entre homens, aqueles dois são a causa de nossas aflições. Obtendo aqueles dois (como seus aliados) em batalha, Suyodhana ficou confiante. De fato, quando era Drona que deveria ter sido morto ou o filho de Suta com seus seguidores, o poderosamente armado Dhananjaya matou o rei Sindhu cuja ligação com o caso era muito remota. A punição do filho de Suta deve sem dúvida ser empreendida por mim. Eu irei, portanto, ó herói, agora lutar para matar o filho de Suta. Bhimasena de braços fortes está agora envolvido em combate com a divisão de Drona.' Tendo dito essas palavras, Yudhishthira procedeu rapidamente contra Karna, segurando seu arco formidável e soprando sua concha ferozmente. Então, cercado por um exército Panchala e Prabhadraka de mil carros, trezentos elefantes e cinco mil cavalos, Sikhandin seguiu depressa na esteira do rei. Então os Panchalas e os Pandavas vestidos em armadura encabeçados por Yudhishthira bateram suas baterias e sopraram suas conchas. Nesse momento Vasudeva de braços poderosos, dirigindo-se a Dhananjaya disse, 'Cheio de ira, lá procede o rei Yudhishthira com grande velocidade pelo desejo de matar o filho de Suta. Não é apropriado que tu contes com ele nisto.' Dizendo essas palavras, Hrishikesa rapidamente incitou os corcéis. De fato, Janardana seguiu na esteira do rei que estava agora a uma distância. Naquele momento, vendo o filho de Dharma, Yudhishthira, cuja mente estava afligida pela dor e que parecia estar chamuscado como se por fogo, avançar rapidamente pelo desejo de matar o filho de Suta, Vyasa se aproximou dele e disse essas palavras.'"

"Vyasa disse, 'Por boa sorte, Phalguna ainda vive embora ele tenha enfrentado Karna em batalha. De fato, Karna tinha mantido seu dardo, desejoso de matar Savyasachin. Ó touro da raça Bharata, por boa sorte Jishnu não se envolveu em duelo com Karna. Cada um deles naquele caso desafiando o outro, teriam disparado suas armas celestes para todos os lados. As armas do filho de Suta teriam sido destruídas por Arjuna. O primeiro então afligido pelo último, certamente teria lançado o dardo de Indra naquela batalha. Ó Yudhishthira! Ó principal da linhagem de Bharata, (se isso tivesse acontecido), então grande teria sido tua dor. Ó concessor de honras, por boa sorte o Rakshasa foi morto em batalha pelo filho de Suta. De fato, Ghatotkacha foi morto pela própria morte fazendo o dardo de Vasava um instrumento somente. Para o teu bem é, ó majestade, que o Rakshasa foi morto em batalha. Não te entregue à raiva, ó principal da família de Bharata, e não coloque teu coração na aflição. Ó Yudhishthira, esse é o fim de todas as criaturas neste mundo. Unindo-te com teus irmãos e todos os reis ilustres (da hoste), lute com os Kauravas em batalha, ó Bharata! No quinto dia a partir deste, a terra será tua. Ó tigre entre homens, sempre pense na virtude. Com o coração alegre, ó filho de Pandu, pratique bondade (para todas as criaturas), penitências, caridade, perdão, e veracidade. A

vitória está onde a justiça está.' Tendo dito essas palavras para o filho de Pandu, Vyasa se fez invisível."

184

(Drona vadha Parva)

"Sanjaya disse, 'Assim endereçado por Vyasa, o heróico rei Yudhishthira o justo se absteve, ó touro da raça Bharata, de ele mesmo procurar matar Karna. Por causa, no entanto, da morte de Ghatotkacha pelo filho de Suta aquela noite, o rei ficou cheio de dor e raiva. Vendo tua hoste vasta reprimida por Bhima, Yudhishthira, dirigindo-se a Dhrishtadyumna, disse, 'Resista ao nascido no pote! Ó opressor de inimigos, tu, vestido em armadura, e armado com arco e flechas e cimitarra, surgiste do fogo, para a destruição de Drona! Avance alegremente para a batalha, tu não precisas temer. Que também Janamejaya e Sikhandin e o filho de Durmukha e Yasodhara avancem em fúria contra o nascido no pote de todos os lados. Que Nakula e Sahadeva e os filhos de Draupadi e os Prabhadrakas, e Drupada e Virata com seus filhos e irmãos, e Satyaki e os Kaikeyas e os Pandavas e Dhananjaya, avancem com velocidade contra o filho de Bharadwaja, pelo desejo de matá-lo. Que também todos os nossos guerreiros em carros e todos os elefantes e cavalos que nós temos, e todos os nossos soldados de infantaria, derrubem o poderoso guerreiro em carro Drona em batalha.' Assim ordenados pelo filho ilustre de Pandu, todos eles avançaram impetuosamente contra o nascido no pote pelo desejo de massacrá-lo. Drona, no entanto, aquele principal de todos os manejadores de armas, recebeu em batalha todos aqueles guerreiros Pandava que avançaram repentinamente em direção a ele com grande força e perseverança. O rei Duryodhana, desejando proteger a vida de Drona, avançou, cheio de cólera, contra os Pandavas, com grande força e perseverança. Então começou a batalha entre os Kurus e os Pandavas que rugiam uns para os outros. Os animais de ambas as hostes como também os guerreiros estavam todos cansados. Os grandes guerreiros em carros também, ó rei, com olhos se fechando de sono e exaustos com esforço em batalha, não sabiam o que fazer. Aquela noite de nove horas (Triyama), tão terrível e medonha e tão destrutiva de criaturas, pareceu para eles ser tudo; (literalmente, de mil Yamas, um Yama sendo um período de três horas. A primeira hora e meia da noite e a última hora e meia sendo consideradas como crepúsculo, a noite, realmente como tal, para os antigos Hindus consistia em somente nove horas.) Enquanto eles estavam sendo assim mortos e mutilados uns pelos outros, e enquanto o sono pesava em seus olhos, veio a ser meia-noite. Todos os Kshatriyas ficaram desanimados. Tuas tropas, como também aquelas do inimigo, não tinham mais armas e flechas. Passando o tempo dessa maneira (a maioria) dos guerreiros dotados de modéstia e energia e cumpridores dos deveres de sua classe, não abandonaram suas divisões. Outros, cegos com sono, abandonando suas armas, se deitaram. Alguns se deitaram nas costas de elefantes, alguns sobre carros, e alguns nas costas de cavalos, ó Bharata! Cegos com sono, eles ficaram completamente imóveis, ó rei. Outros guerreiros (que ainda estavam despertos) naquela batalha, despacharam esses

para a residência de Yama. Outros, privados de seus sentidos, e sonhando no sono, mataram a si mesmos, isto é, seus próprios companheiros, como também inimigos. De fato, esses lutaram naquela terrível batalha, proferindo várias exclamações. Muitos guerreiros, ó monarca, do nosso exército, desejosos de continuar a luta com o inimigo, ficaram de pé com olhos sonolentos. Alguns bravos guerreiros, durante aquela terrível hora de escuridão, embora cegos com sono, ainda deslizando pelo campo, mataram uns aos outros naquela batalha. Muitos entre o inimigo, totalmente entorpecidos pelo sono, eram mortos sem estarem conscientes (dos golpes que os lançavam na eternidade). Observando essa condição dos soldados, ó touro entre homens, Vibhatsu em uma voz muito alta, disse essas palavras: 'Todos vocês, com seus animais, estão desgastados pelo esforço e cegos com sono. Ó guerreiros, vocês estão envolvidos em escuridão e com poeira. Portanto, se vocês quiserem, vocês podem descansar. De fato, aqui, no campo de batalha, fechem seus olhos por um tempo. Então quando a lua subir, ó Kurus e Pandavas, vocês podem novamente, tendo dormido e descansado, enfrentar um ao outro pelo céu.' Ouvindo essas palavras do virtuoso Arjuna, os guerreiros virtuosos (do exército Kuru) concordaram com a sugestão, e dirigindo-se uns aos outros, disseram ruidosamente, 'Ó Karna, ó Karna, ó rei Duryodhana, se abstenham da luta. A hoste Pandava parou de nos atacar.' Então àquelas palavras de Phalguna, proferidas ruidosamente por ele, o exército Pandava como também o teu, ó Bharata, se absteve da batalha. De fato, essas palavras nobres de Partha foram muito aplaudidas pelos deuses, os Rishis de grande alma, e todos os soldados alegres. Aplaudindo aquelas palavras gentis, ó Bharata, todas as tropas, ó rei, esgotadas pelo esforço, se deitaram para dormir, ó touro da raça Bharata. Então aquele exército teu, ó Bharata, feliz pela probabilidade de descanso e sono, sinceramente abençoou Arjuna dizendo, 'Em ti estão os Vedas como também todas as armas! Em ti há inteligência e destreza! Em ti, ó poderosamente armado, há justiça e compaixão por todas as criaturas, ó impecável! E já que nós fomos confortados por ti, nós desejamos teu bem, ó Partha! Prosperidade para ti! Alcance logo, ó herói, aqueles objetos que são caros para o teu coração!' Abençoando-o dessa maneira, ó tigre entre homens, aqueles grandes guerreiros em carros, dominados pelo sono, ficaram silenciosos, ó monarca! Alguns se deitaram nas costas de cavalos, alguns nas cabinas de carros, alguns nos pescoços de elefantes, e alguns na terra nua. Muitos homens, com suas armas e maças e espadas e machados de batalha e lanças e com suas armaduras colocadas, se deitaram para dormir, ao lado uns dos outros. Elefantes, pesados com sono, faziam a terra esfriar com a respiração de suas narinas, que passava por suas trombas semelhantes a cobras manchadas com poeira. De fato, os elefantes, quando eles respiravam no chão, pareciam belos como colinas espalhadas (no campo de batalha) sobre cujos peitos silvavam cobras gigantescas. Corcéis, em arreios de ouro e com crinas misturadas com suas cangas, batendo seus cascos faziam até terrenos irregulares. Assim cada um, ó rei, dormiu lá com o animal que ele montava. Assim corcéis e elefantes e guerreiros, ó touro da raça Bharata, muito cansados pelo esforço, dormiram, se abstendo da batalha. Aquela hoste adormecida, privada de senso e mergulhada no sono, então parecia com uma pintura maravilhosa retratada em tela por artistas habilidosos. Aqueles Kshatriyas, enfeitados com brincos e dotados de juventude,

com membros mutilados por flechas, e imersos em sono, tendo se deitado nos globos coronais de elefantes, pareciam como se eles estivessem deitados no peito profundo de belas damas. Então a lua, aquele encantador de olhos e senhor dos lírios, de cor branca como as bochechas de uma bela dama, se elevou, adornando a direção presidida por Indra. (A lua é chamada de senhor dos lírios porque o nenúfar é visto florescer no nascer da lua, assim como o sol é chamado de senhor dos lotos porque o lótus flori no nascer do sol. A direção presidida por Indra é o Leste.) De fato, como um leão das colinas Udaya, com raios constituindo sua juba de amarelo brilhante, ele (a lua) saiu de sua caverna no leste, rasgando em pedaços a densa escuridão da noite parecendo uma manada extensa de elefantes. Aquele amante de todos os grupos de lírios (no mundo), brilhante como o corpo do touro excelente de Mahadeva, totalmente arqueado e radiante como o arco de Karna, e deleitável e encantador como o sorriso nos lábios de uma noiva tímida, floresceu no firmamento. Logo, no entanto, aquele senhor divino tendo a lebre como seu símbolo mostrou-se derramando raios mais brilhantes por toda parte. De fato, a lua, depois disso pareceu gradualmente emitir uma auréola brilhante de luz de longo alcance que parecia o esplendor do ouro. Então os raios daquele corpo luminoso, dissipando a escuridão por seu esplendor, se espalharam lentamente por todos os quadrantes, o céu, e a terra. Logo, portanto, o mundo ficou iluminado. A escuridão indizível que tinha ocultado tudo fugiu rapidamente. Quando o mundo foi assim iluminado até quase a luz do dia pela lua, entre as criaturas que vagam à noite, algumas continuaram a perambular e algumas se abstiveram. Aquela hoste, ó rei, foi despertada pelos raios do sol. De fato, aquele mar de tropas foi despertado pelos raios da lua desabrochados (para a vida) como um grupo de lotos desabrochados pelos raios do sol. De fato, aquele mar de tropas foi despertado pela lua subindo como o oceano se elevando em ondas agitadas ao nascer daquele corpo luminoso. Então, ó rei, a batalha começou novamente sobre a terra, para a destruição da população da terra, entre homens que desejavam alcançar o céu.'"

185

"Sanjaya disse, 'Nesse momento Duryodhana, sob a influência da ira, se aproximou de Drona e dirigindo-se a ele disse essas palavras, para inspirá-lo com alegria e provocar sua raiva.'"

"Duryodhana disse, 'Nenhuma piedade deveria ter sido mostrada para nossos inimigos enquanto eles estavam sem entusiasmo e esgotados pelo esforço e descansando, especialmente quando eles são todos de pontaria certeira. Desejosos de fazer o que é agradável para ti, nós mostramos bondade a eles por então deixá-los em paz. Os Pandavas cansados, no entanto (tendo descansado), tornaram-se mais fortes. Em relação a nós, nós estamos, em todos os aspectos, perdendo em energia e força. Os Pandavas, protegidos por ti, estão constantemente ganhando prosperidade. Todas as armas que são celestes e todas aquelas que concernem a Brahma existem em ti. Eu te digo realmente, que nem os Pandavas, nem nós, nem qualquer outro arqueiro no mundo, pode ser um

páreo para ti enquanto tu estás engajado na batalha. Ó principal dos regenerados, tu conheces todas as armas. Sem dúvida, por meio de tuas armas celestes tu és capaz de destruir os (três) mundos com os deuses, os Asuras, e os Gandharvas. Os Pandavas estão todos com medo de ti. Tu, no entanto, os perdoaste, lembrando de que eles foram teus pupilos, ou, talvez, devido à minha má sorte.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim repreendido e enfurecido por teu filho, Drona, ó rei, dirigiu-se colericamente a Duryodhana e disse essas palavras: 'Embora eu seja assim velho, ó Duryodhana, eu ainda estou me esforçando em batalha até a máxima extensão de poder. Todos esses homens não são familiarizados com armas. Eu sou, no entanto, bem versado nelas. Se, pelo desejo de vitória, eu matar esses homens, não poderia haver ação mais ignóbil para eu fazer. Aquilo, no entanto, que está em tua mente, seja bom ou mau, eu irei realizar, ó Kaurava, por tua ordem. Isto não será de outra maneira. Aplicando minha destreza em batalha e matando todos os Panchalas, eu tirarei minha armadura, ó rei! Eu te juro isso realmente. Tu pensas que Arjuna, o filho de Kunti, está esgotado em batalha, ó Kaurava de braços fortes! Escute o que eu falo verdadeiramente com relação à sua destreza. Se a fúria de Savyasachin for excitada, nem Gandharvas, nem Yakshas nem Rakshasas podem se arriscar a resisti-lo. Em Khandava, ele enfrentou o próprio chefe dos celestiais. O ilustre Arjuna, com suas flechas frustrou a chuva de Indra. Yakshas, e Nagas, e Daityas, e todos os outros orgulhosos de seu poder foram mortos por aquele mais notável dos homens. Isso também é sabido por ti. Na ocasião da contagem do gado, os Gandharvas encabeçados por Chitrasena e outros foram subjugados por ele. Aquele arqueiro firme resgatou você, enquanto você estava sendo levado por aqueles Gandharvas. Nivatakavachas também, aqueles inimigos dos celestiais, que não podiam ser mortos em batalha pelos próprios celestiais, foram vencidos por aquele herói. Milhares de Danavas morando em Hiranyapura aquele tigre entre homens derrotou. Como seres humanos podem então resistir a ele? Ó monarca, tu tens visto com teus próprios olhos como essa tua hoste, embora se esforçando tão heroicamente, tem sido destruída pelo filho de Pandu.'"

"Sanjaya continuou, 'Para Drona que estava elogiando Arjuna dessa maneira, teu filho, ó rei, enfurecido por causa disso, mais uma vez disse essas palavras: 'Eu mesmo e Duhsasana, e Karna, e meu tio materno, Sakuni, dividindo essa hoste Bharata em duas divisões (e levando uma conosco), iremos matar Arjuna hoje em batalha.' Ouvindo essas palavras dele, o filho de Bharadwaja, gargalhando, aprovou aquelas palavras do rei e disse, 'Bênçãos para ti! Que Kshatriya mataria aquele touro entre os Kshatriyas, aquele que não pode ser morto, isto é, o manejador do Gandiva, aquele herói resplandecente com energia? Nem o Senhor dos tesouros, nem Indra, nem Yama, nem os Asuras, os Uragas, e os Rakshasas podem matar Arjuna armado com armas. Somente aqueles que são tolos dizem tais palavras como essas que tu disseste, ó Bharata! Quem é que voltaria para casa em segurança, tendo enfrentado Arjuna em batalha? Em relação a ti mesmo, tu és pecaminoso e cruel e suspeitoso de todos. Até aqueles que estão empenhados no teu bem-estar tu estás disposto a repreender dessa maneira. Vá contra o filho de Kunti, para resistir a ele por tua própria causa. Tu és um Kshatriya

bem nascido. Tu procuraste a batalha. Por que tu fazes todos esses Kshatriyas inocentes serem mortos? Tu és a raiz desta hostilidade. Portanto, vá tu contra Arjuna. Esse teu tio materno é possuidor de sabedoria e cumpridor dos deveres Kshatriya. Ó filho de Gandhari, que este viciado em jogo proceda contra Arjuna em batalha. Ele, hábil nos dados, dedicado à fraude, viciado em jogo, versado em astúcia e impostura, este jogador familiarizado com os modos de enganar, irá derrotar os Pandavas em batalha! Com Karna em tua companhia, tu tinhas te gabado alegremente muitas vezes, por insensatez e falta de compreensão, na audição de Dhritarashtra, dizendo, 'Ó pai, eu mesmo, e Karna, e meu irmão Duhsasana, nós três, juntos, iremos matar os filhos de Pandu em batalha.' Essa tua jactância era ouvida em todas as reuniões da corte. Cumpra teu voto, seja verdadeiro em palavras, com eles. Lá teu inimigo mortal, o filho de Pandu, está permanecendo diante de ti. Cumpra os deveres de um Kshatriya. Tua morte nas mãos de Jaya seria digna de todo louvor. Tu tens praticado caridade. Tu tens comido (tudo já desejado por ti). Tu obtiveste riqueza à medida do teu desejo. Tu não tens dívidas. Tu tens feito tudo o que alguém deve fazer. Não tema. Lute agora com o filho de Pandu.' Essas palavras ditas, a batalha começou.'"

186

"Sanjaya disse, 'Quando três quartos daquela noite tinham passado, a batalha, ó rei, começou novamente entre os Kurus e os Pandavas. Ambos os lados estavam jubilosos com alegria. Logo depois, Aruna, o quadrigário de Surya, enfraquecendo o esplendor da lua, apareceu, fazendo o céu assumir uma cor acobreada. O leste logo estava avermelhado com os raios vermelhos do sol que parecia um prato circular de ouro. Então todos os guerreiros das hostes Kuru e Pandava, descendo de carros e corcéis e veículos carregados por homens, ficaram de pé, com mãos unidas, encarando o sol, e proferindo as orações do crepúsculo da alvorada. O exército Kuru tendo sido dividido em dois grupos, Drona, com Duryodhana diante dele, procedeu (com uma daquelas divisões) contra os Somakas, os Pandavas, e os Panchalas. Vendo a hoste Kuru dividida em dois grupos, Madhava dirigiu-se a Arjuna e disse, 'Mantendo teus inimigos à tua esquerda, coloque esta divisão (comandada por Drona) à tua direita.' Obediente aos conselhos de Madhava em relação aos Kurus, Dhananjaya se movimentou para a esquerda daqueles dois arqueiros poderosos, isto é, Drona, e Karna. Compreendendo as intenções de Krishna, aquele subjugador de cidades hostis, Bhimasena, dirigindo-se a Partha que estava então permanecendo na vanguarda da batalha, disse essas palavras.'"

"Bhimasena disse, 'Ó Arjuna, ó Vibhatsu, escute essas minhas palavras. A hora para aquele objetivo para o qual senhoras Kshatriya geram filhos agora chegou. Se em tal hora tu não te esforçares para ganhar prosperidade, tu então agirás torpemente como um verdadeiro patife. Empregando tua destreza, pague a dívida que tu tens para com a Verdade, Prosperidade, Virtude, e Fama! Ó principal dos guerreiros, atravesse essa divisão, e mantenha esses à tua direita.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim incitado por Bhima e Kesava, Savyasachin prevalecendo sobre Drona e Karna, começou a resistir ao inimigo em volta. Muitos principais dos Kshatriyas (entre os Kurus), aplicando toda sua destreza, fracassaram em resistir a Arjuna que avançava na própria dianteira de suas tropas, e que, como uma conflagração intensa, estava consumindo os principais entre seus inimigos. Então Duryodhana e Karna, e Sakuni, o filho de Suvala, cobriram o filho de Kunti, Dhananjaya, com chuvas de flechas. Frustrando as armas de todos aqueles guerreiros, aquela principal de todas as pessoas bem hábeis com armas, ó monarca, cobriu eles (em retorno) com suas flechas. Mirando em suas armas com as dele (e assim frustrando elas todas), Arjuna, dotado de grande agilidade de mão e possuindo um controle perfeito sobre seus sentidos, perfurou cada um daqueles guerreiros com dez flechas de pontas afiadas. O céu estava então coberto com poeira. Chuvas grossas de flechas caíam. Ficou escuro, e um tumulto alto e terrível surgiu. Quando tal era o estado de coisas, nem o céu, nem a terra, nem os pontos do horizonte podiam mais ser vistos. Estupefatas pela poeira, todas as tropas ficaram cegas. Nem o inimigo, ó rei, nem nós, podíamos distinguir uns aos outros. Por essa razão, os reis começaram a lutar, guiados por conjeturas e os nomes que eles proferiam. Privados de seus carros, guerreiros em carros, ó rei, enfrentando uns aos outros, perderam toda ordem e se tornaram uma massa desordenada. Seus corcéis mortos e motoristas mortos, muitos deles, ficando inativos, preservavam suas vidas e pareciam muito apavorados. Cavalos mortos com cavaleiros privados de vida eram vistos jazendo sobre elefantes mortos como se esticados em leitos de montanha. Então Drona, se afastando daquela batalha em direção ao norte tomou sua posição lá, e parecia se assemelhar a um fogo sem fumaça. Vendo ele se afastar da batalha em direção ao norte, as tropas Pandava, ó rei, começaram a tremer. De fato, vendo Drona resplandecente e vistoso e brilhando com energia, o inimigo, inspirado com medo ficou pálido e vacilou no campo, ó Bharata! Enquanto convocando o exército hostil para a batalha, e parecendo com um elefante no cio, o inimigo ficou completamente sem esperanças de derrotá-lo, como os Danavas sem esperança de derrotar Vasava. Alguns entre eles ficaram totalmente desanimados, e alguns, dotados de energia, ficaram inspirados com cólera. E alguns ficaram muito surpresos, e alguns foram incapazes de tolerar (o desafio). E alguns dos reis apertaram suas mãos, e alguns privados de sua razão pela raiva, morderam seus lábios. E alguns giraram suas armas, e alguns esfregaram seus braços; e alguns, possuidores de grande energia e almas sob completo controle, avançaram contra Drona. Os Panchalas particularmente, afligidos pelas flechas de Drona, ó monarca, embora sofrendo grande dor, continuaram a lutar em batalha. Então Drupada e Virata procederam, naquela batalha, contra Drona, aquele guerreiro invencível, que estava assim se movendo rapidamente no campo. Então, ó rei, os três netos de Drupada, e aqueles arqueiros poderosos, isto é, os Chedis, também procederam contra Drona naquele confronto. Drona, com três flechas afiadas, tirou as vidas dos três netos de Drupada. Privados de vida, os príncipes caíram ao chão. Drona em seguida derrotou naquela batalha os Chedis, os Kaikeyas, e os Srinjayas. Aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Bharadwaja, então subjugou todos os Matsyas. Então Drupada, cheio de fúria, e Virata, naquela batalha, dispararam chuvas de flechas, ó rei, em Drona. Desviando aquela chuva

de flechas, Drona, aquele opressor de Kshatriyas, cobriu ambos Drupada e Virata com suas flechas. Cobertos por Drona, ambos aqueles guerreiros, com raiva, começaram a perfurá-lo no campo de batalha com suas flechas. Então Drona, ó monarca, cheio de cólera e desejo de vingança, cortou, com um par de flechas de cabeça larga, os arcos de ambos os seus antagonistas. Então Virata, cheio de ira, disparou naquele combate dez lanças e dez flechas em Drona pelo desejo de matá-lo. E Drupada, com raiva, arremessou no carro de Drona um dardo terrível feito de ferro e enfeitado com ouro e parecendo uma grande cobra. Drona cortou, com diversas flechas afiadas e de cabeça larga, aquelas dez lanças (de Virata), e com outras flechas certas aquele dardo (de Drupada) ornado com ouro e pedras de lápis lazúli. Então aquele subjugador de inimigos, isto é, o filho de Bharadwaja, com um par flechas bem temperadas e de cabeça larga, despachou ambos Drupada e Virata para a residência de Yama. Após a queda de Virata e Drupada, e o massacre dos Kshatriyas, os Chedis, os Matsyas, e os Panchalas, e após a queda daqueles três heróis, os três netos de Drupada, Dhrishtadyumna de grande alma, vendo aquelas façanhas de Drona, ficou cheio de raiva e aflição, e jurou no meio de todos os guerreiros em carros, dizendo, 'Que eu perca méritos de todos os meus atos religiosos como também minha energia Kshatriya e Brahma, se Drona escapar de mim hoje com vida, ou se ele conseguir me derrotar!' Tendo feito aquele juramento no meio de todos os arqueiros, aquele matador de heróis hostis, o príncipe dos Panchalas, protegido por sua própria divisão, avançou contra Drona. Os Panchalas então começaram a atacar Drona de um lado, e Arjuna de outro. Duryodhana, e Karna, e Sakuni, o filho de Suvala, e os irmãos uterinos de Duryodhana (posicionados), de acordo com sua precedência, começaram a proteger Drona em batalha. Drona sendo assim protegido em batalha por aqueles guerreiros ilustres, os Panchalas embora lutando vigorosamente nem podiam olhar para ele. Então Bhimasena, ó majestade, ficou muito zangado com Dhrishtadyumna e, ó touro entre homens, aquele filho de Pandu perfurou Dhrishtadyumna com essas palavras furiosas:

"Bhimasena disse, 'Que homem há que sendo considerado como um Kshatriya e que tomando seu nascimento na família de Drupada e que sendo a principal de todas as pessoas que possuem conhecimento de armas, só olharia dessa maneira para seu inimigo posicionado à frente dele? Que homem tendo visto seu pai e filho mortos, e especialmente, tendo feito tal juramento no meio dos reis, ficaria assim indiferente a seu inimigo? Lá está Drona como um fogo se enchendo com sua própria energia. De fato, com arco e flechas constituindo seu combustível, ele está consumindo com sua energia todos os Kshatriyas. Logo ele aniquilará o exército Pandava. Permaneçam vocês (como espectadores) e contemplem meu feito. Contra o próprio Drona eu irei proceder.' Tendo dito essas palavras, Vrikodara, cheio de raiva, penetrou na ordem de batalha de Drona, e começou a afligir e desbaratar aquela hoste. Então o príncipe Panchala Dhrishtadyumna, também, penetrando naquela grande hoste, se envolveu ele mesmo em combate com Drona em batalha. A batalha se tornou furiosa. Tal combate violento nós nunca tínhamos visto ou ouvido a respeito antes, ó rei, como aquele que agora acontecia ao nascer do sol daquele dia. Os carros, ó majestade, eram vistos estarem emaranhados uns com os outros. Os corpos de criaturas incorporadas privados de

vida estavam espalhados por todo o campo. Alguns, enquanto procedendo para outra parte do campo, eram, no caminho, atacados por outros. Alguns, enquanto fugindo, eram atingidos em suas costas, e outros em seus lados. Aquele combate geral continuou a ser travado ferozmente. Logo, no entanto, o sol da manhã se ergueu.'"

187

"Sanjaya continuou, 'Os guerreiros, ó rei, vestidos em armadura no campo de batalha, adoraram o Aditya de mil raios quando ele nasceu na manhã. Quando o corpo luminoso de mil raios, de esplendor brilhante, como ouro ardente, se elevou, e o mundo ficou iluminado, a batalha começou novamente. Os mesmos soldados que estavam envolvidos em combate uns com os outros antes do nascer do sol lutaram novamente entre si, ó Bharata, depois do nascer do sol. Cavaleiros se envolveram em combate com guerreiros em carros, e elefantes com cavaleiros, e soldados de infantaria com elefantes e cavaleiros com cavaleiros, ó touro da raça Bharata. Às vezes conjuntamente e às vezes separadamente, os guerreiros se lançaram uns sobre os outros em batalha. Tendo lutado vigorosamente durante a noite, muitos, cansados com o esforço, e fracos com fome e sede ficaram privados de seus sentidos. O tumulto feito do clangor de conchas, a batida de baterias, o rugido de elefantes, e a vibração de arcos esticados puxados com força tocava os próprios céus, ó rei! O barulho feito também pela infantaria avançando e armas caindo, e corcéis relinchando e carros rodando, e guerreiros gritando e rugindo, tornou-se tremendo. Aquele barulho alto aumentando a cada minuto alcançava os céus. Os gemidos e lamentos de dor, dos soldados de infantaria e guerreiros em carros e elefantes caindo e caídos, tornaram-se extremamente altos e lastimáveis quando esses eram ouvidos no campo. Quando o combate se tornou geral, ambos os lados mataram os homens e animais um do outro. Arremessadas das mãos de heróis sobre guerreiros e elefantes, pilhas de espadas eram vistas no campo, parecendo pilhas de roupas na área de lavagem. O som, além disso, de espadas erguidas e descendo em braços heróicos parecia aquele de roupas batidas para lavagem. Aquele combate geral então, no qual os guerreiros enfrentaram uns aos outros com espadas e cimitarras e lanças e machados de batalha, tornou-se extremamente terrível. Os combatentes heróicos causaram um rio lá, que corria para as regiões dos mortos. O sangue de elefantes e corcéis e seres humanos formava sua correnteza. Armas formavam seus peixes em profusão. Ele era lodoso com sangue e carne. Lamentos de angústia e dor formavam seu bramido. Estandartes e tecidos formavam sua espuma. Afligidos com flechas e dardos, cansados com o esforço, esgotados pelo trabalho árduo da noite (anterior), e extremamente enfraquecidos, elefantes e corcéis, com membros completamente imóveis, permaneciam no campo. Com seus braços (em belas posições) e com suas belas cotas de malha, e cabeças enfeitadas com belos brincos, os guerreiros, adornados com instrumentos de batalha, pareciam muito resplandecentes. Naquela hora, por causa dos animais carnívoros e dos mortos e moribundos, não havia caminho para os carros por todo o campo. Atormentados por flechas corcéis da raça mais nobre e grande vigor, parecendo elefantes (em

tamanho e força), esgotados pelo esforço, eram vistos tremerem com grande empenho, enquanto eles puxavam veículos cujas rodas tinham afundado na terra. Aquela hoste inteira, ó Bharata, parecendo o oceano por vastidão, então ficou agitada, e afligida, inspirada com terror, com a exceção somente de Drona e Arjuna. Aqueles dois se tornaram o refúgio, eles dois se tornaram os salvadores, dos guerreiros de seus respectivos lados. Outros, enfrentando esses dois procediam para a residência de Yama. Então a vasta hoste dos Kurus ficou muito agitada, e os Panchalas, amontoados juntos, tornaram-se não mais distinguíveis. Durante aquela grande carnificina dos Kshatriyas na terra, naquele campo de batalha, ressaltando os terrores dos tímidos e parecendo com um crematório nem Karna, nem Drona, nem Arjuna, nem Yudhishthira, nem Bhimasena, nem os gêmeos, nem o príncipe Panchala, nem Satyaki, nem Duhsasana, nem o filho de Drona, nem Duryodhana nem o filho de Suvala, nem Kripa, nem o soberano dos Madras, nem Kritavarman, nem outros, nem eu mesmo, nem a terra, nem os pontos do horizonte, podiam ser vistos, ó rei, pois todos eles, misturados com as tropas, foram cobertos por nuvens de poeira. Durante a continuação daquela batalha feroz e terrível, quando aquela nuvem empoeirada se ergueu, todos pensaram que a noite tinha mais uma vez vindo sobre a cena. Nem os Kauravas, nem os Panchalas, nem os Pandavas podiam ser distinguidos, nem os pontos do horizonte, nem o céu, nem a terra, nem terra plana nem terra irregular. Os guerreiros, desejosos de vitória, matavam inimigos e amigos, realmente, todos a quem eles podiam perceber pelo toque de suas mãos. O pó de terra que tinha se erguido foi logo dissipado pelos ventos que sopraram, e encharcado pelo sangue que foi derramado. Elefantes e corcéis e guerreiros em carros e soldados de infantaria, banhados em sangue, pareciam belos como a floresta (celeste) de Parijata. Então Duryodhana, Karna, Drona e Duhsasana, estes quatro guerreiros (Kauravas) se envolveram em combate com quatro dos guerreiros Pandava. Duryodhana e seus irmãos enfrentaram os gêmeos (Nakula e Sahadeva). E o filho de Radha se envolveu em combate com Vrikodara, e Arjuna com o filho de Bharadwaja, todas as tropas, de todos os lados, observaram aquele combate terrível. Os guerreiros em carros (de ambos os exércitos quietamente) contemplaram aquela batalha bela e sobre-humana entre aqueles ferozes e principais dos guerreiros em carros conhecedores de todos os modos de guerra, sobre seus próprios carros belos que realizavam diversas evoluções encantadoras. Dotados de grande destreza, lutando vigorosamente, e cada um desejoso de subjugar o outro, eles cobriram uns aos outros com chuvas de flechas, como as nuvens no fim do verão (despejando torrentes de chuva). Aqueles touros entre homens, em seus carros de refulgência solar, pareciam belos como massas de nuvens reunidas no céu outonal. Então aqueles guerreiros, ó monarca, cheios de ira e desejo de vingança, todos arqueiros poderosos, desafiando, avançaram uns nos outros com grande vigor como líderes enfurecidos de manadas de elefantes. Na verdade, ó rei, a morte não ocorre até que chegue sua hora, já que todos aqueles guerreiros não pereceram simultaneamente naquela batalha. Coberto com braços e pernas cortados, e cabeças enfeitadas com belos brincos, e arcos e flechas e lanças e cimitarras e machados de batalha e (outros tipos de) machados, e Nalihas e flechas de cabeça de navalha e flechas da medida de uma jarda e dardos e diversos tipos de armaduras belas, e carros

belos quebrados em pedaços, e elefantes mortos e carros sem estandartes destruídos como cidades, e veículos arrastados para lá e para cá com a velocidade do vento por corcéis sem motorista muito assustados, e um grande número de guerreiros em enfeitados de coragem formidável, e leques caídos e cotas de malha e estandartes, e ornamentos e mantos e guirlandas fragrantes, e correntes de ouro e diademas e coroas e proteções para a cabeça e fileiras de sinos, e jóias usadas no peito, e couraças e colares e pedras preciosas que adornam proteções para a cabeça, o campo de batalha parecia belo como o céu coberto com estrelas.'"

"'Então lá ocorreu um combate entre Duryodhana, cheio de ira e desejo de vingança, e Nakula cheio dos mesmos sentimentos. O filho de Madri disparando alegremente centenas de flechas, colocou teu filho à sua direita. Nisso gritos altos de aprovação foram dados a ele. Colocado à direita por seu primo-irmão em cólera, teu filho o rei Duryodhana, cheio de raiva, começou, em batalha, a neutralizar admiravelmente Nakula daquele mesmo lado. Nisso, Nakula, dotado de grande energia e conhecedor das diversas direções (nas quais um carro pode ser conduzido), começou a resistir ao teu filho que estava empenhado em neutralizá-lo da sua direita. Duryodhana, no entanto, afligindo Nakula com chuvas de flechas e resistindo a ele de todos os lados, o fez retroceder. Todas as tropas aplaudiram aquela façanha (do teu filho). Então Nakula, dirigindo-se a teu filho, disse, 'Espere, Espere', se lembrando de todas as suas aflições causadas por teus maus conselhos.'"

188

"Sanjaya disse, 'Então Duhsasana, cheio de fúria, avançou contra Sahadeva, fazendo a terra tremer com a velocidade aterradora de seu carro. O filho de Madri, no entanto, aquele subjugador de inimigos, com uma flecha de cabeça larga, rapidamente cortou a cabeça, ornada com a proteção para cabeça, do motorista de seu adversário que avançava. Por causa da celeridade com a qual aquela ação foi executada por Sahadeva, nem Duhsasana nem qualquer das tropas soube que a cabeça do motorista tinha sido cortada. As rédeas não sendo mais seguradas por ninguém, os corcéis correram à vontade. Foi então que Duhsasana soube que seu motorista tinha sido morto. Familiarizado com a condução de corcéis, aquele principal dos guerreiros em carros, ele mesmo reprimindo seus corcéis naquela batalha lutou belamente e com grande energia e habilidade. Aquela façanha dele foi aplaudida por amigos e inimigos, já que sobre aquele carro sem motorista, ele se movia rapidamente destemidamente naquela batalha. Então Sahadeva perfurou aqueles corcéis com flechas afiadas. Afligidos por aquelas flechas, eles fugiram rapidamente, correndo a toda velocidade para lá e para cá. Para segurar as rédeas, ele uma vez punha de lado seu arco, e então ele pegava seu arco para usá-lo, deixando de lado as rédeas. Durante aquelas oportunidades o filho de Madri o cobria com flechas. Então Karna, desejoso de resgatar teu filho, avançou para aquele local. Nisso, Vrikodara, com grande cuidado, perfurou Karna no peito e braços com três flechas de cabeça larga disparadas de seu arco esticado até

sua mais completa extensão. Atingido por aquelas flechas como uma cobra com um pau, Karna parou e começou a resistir a Bhimasena, disparando flechas afiadas. Nisso, uma batalha violenta ocorreu entre Bhima e o filho de Radha. Ambos deles rugiram como touros, e os olhos de ambos estavam arregalados (de raiva). Excitados com cólera, e avançando em direção um ao outro com grande velocidade, eles rugiram um para o outro. Aqueles dois encantadores em batalha estavam então muito perto um do outro. Tão próximos eles estavam que eles não podiam disparar facilmente suas flechas um no outro. Por isso, um combate com maças aconteceu. Bhimasena rapidamente quebrou com sua maça o Kuvara do carro de Karna. Aquela façanha dele, ó rei, pareceu muito extraordinária. Então o filho valente de Radha, pegando uma maça, arremessou-a no carro de Bhima. Bhima, no entanto, quebrou-a com sua própria maça. Então pegando uma maça pesada, mais uma vez, Bhima arremessou-a no filho de Adhiratha. Karna atingiu aquela maça com numerosas flechas de belas asas, disparadas com grande força, e novamente com outras flechas. Assim atingida pelas flechas de Karna, a maça voltou em direção a Bhima, como uma cobra afligida com encantamentos. Com o rebote daquela maça, o enorme estandarte de Bhima quebrou e caiu. Atingido por aquela mesma maça, o motorista de Bhima também ficou privado de seus sentidos. Então Bhima, louco de raiva, disparou oito flechas em Karna, em seu estandarte e arco, e proteção de couro, ó Bharata. O poderoso Bhimasena, aquele matador de heróis hostis, com o maior cuidado, ó Bharata, cortou, com aquelas flechas afiadas, o estandarte, o arco, e a proteção de couro de Karna. O último então, isto é, o filho de Radha, pegando outro arco invencível e ornado com ouro, disparou diversas flechas, e matou rapidamente os corcéis de Bhima da cor de ursos, e então seus dois motoristas. Quando seu carro estava assim danificado, Bhima, aquele castigador de inimigos, pulou rápido para o carro de Nakula como um leão saltando sobre um topo de montanha.'"

"Enquanto isso, Drona e Arjuna, aqueles dois principais dos guerreiros em carros, preceptor e pupilo, ambos hábeis com armas, ó monarca, lutaram entre si em batalha, pasmando os olhos e mentes de homens com sua agilidade no uso de armas e a certeza de sua pontaria, e com os movimentos de seus carros. Contemplando aquela batalha, igual à qual nunca tinha sido testemunhada antes, entre preceptor e pupilo, os outros guerreiros se abstiveram de lutar uns com os outros e tremeram. Cada um daqueles heróis, mostrando belas revoluções de seu carro, desejava colocar o outro à sua direita. Os guerreiros presentes lá observaram sua destreza e ficaram cheios de admiração. De fato, aquela grande batalha entre Drona e o filho de Pandu parecia aquela, ó monarca, entre um par de falcões no céu por causa de um pedaço de carne. Quaisquer feitos que Drona realizava para derrotar o filho de Kunti, eram todas neutralizados por Arjuna realizando feitos similares. Quando Drona fracassou em ganhar ascendência sobre o filho de Pandu, o filho de Bharadwaja, aquele guerreiro conhecedor da direção de todas as armas, chamou à existência as armas Aindra, Pasupata, Tvashtra, Vayavya, e Yamya. Logo que aquelas armas saíram do arco de Drona, Dhananjaya as destruiu rapidamente. Quando suas armas foram assim devidamente destruídas por Arjuna com suas próprias armas, Drona cobriu o filho de Pandu com as mais poderosas das armas celestes. Cada arma, no entanto,

que Drona disparava em Partha pelo desejo de subjugar o último, era disparada por Partha em retorno para frustrá-la. Vendo todas as suas armas, até as celestes, frustradas devidamente por Arjuna, Drona aplaudiu o último em seu coração. Aquele castigador de inimigos, ó Bharata, se considerava superior a todas as pessoas no mundo conhecedoras de armas, por Arjuna ter sido seu pupilo. Assim resistido por Partha no meio de todos aqueles guerreiros ilustres, Drona, lutando com vigor, resistiu alegremente a Arjuna (em retorno), se admirando todo o tempo. Então os celestiais e Gandharvas aos milhares, e Rishis e grupos de Siddhas, foram vistos por todos os lados no céu. Cheio (com aqueles como também com) Apsaras e Yakshas e Rakshasas, parecia novamente que o céu estava escurecido por nuvens reunidas. Uma voz invisível, repleta com os louvores de Drona e de Partha de grande alma, foi ouvida percorrer repetidamente o firmamento. Quando por causa das armas disparadas por Drona e Partha todos os lados pareciam em chamas, os Siddhas e os Rishis que estavam presentes disseram: 'Essa não é uma batalha humana, nem Asura, nem Rakshasa, nem celeste, nem Gandharva. Sem dúvida esse é um grande combate Brahma. Essa batalha é extremamente bela e muito extraordinária. Nós nunca vimos ou ouvimos a respeito de sua semelhante. Agora, o preceptor prevalece sobre o filho de Pandu, e então o filho de Pandu prevalece sobre Drona. Ninguém pode achar qualquer diferença entre eles. Se Rudra, dividindo a si mesmo em duas partes, lutasse, ele mesmo com ele mesmo, então um caso poderia ser tido para se equiparar a esse. Em nenhum outro lugar um caso pode ser encontrado para se igualar a esse. Ciência, reunida em um lugar, existe no preceptor; ciência e meios se encontram no filho de Pandu. Heroísmo, em um lugar, está em Drona; heroísmo e poder estão no filho de Pandu. Nenhum desses guerreiros pode ser resistido por inimigos em batalha. Se eles desejarem, ambos podem destruir o universo com os deuses.' Contemplando aqueles dois touros entre homens, todas as criaturas invisíveis e visíveis disseram essas palavras. Drona de grande alma então, naquela batalha, chamou à existência a arma Brahma, afligindo Partha e todos os seres invisíveis. Nisso, a terra com as montanhas e rios e árvores tremeu. Ventos violentos começaram a soprar. Os mares se elevaram em agitação. Os combatentes dos exércitos Kurus e Pandava, como também todas as outras criaturas, ficaram inspiradas com medo, quando aquele guerreiro ilustre ergueu aquela arma. Partha, ó monarca, frustrou destemidamente aquela arma por meio de uma arma Brahma dele, pelo que toda aquela agitação na natureza foi rapidamente acalmada. Finalmente, quando nenhum deles podia derrotar seu adversário em combate, um combate geral teve lugar entre as hostes, causando uma grande confusão sobre o campo. Durante a continuação daquela batalha terrível entre Drona e o filho de Pandu (como também daquele combate geral), mais uma vez, ó rei, nada podia ser distinguido. O céu ficou coberto com densas chuvas de flechas, como se com massas de nuvens, e as criaturas percorrendo o ar não puderam mais achar uma passagem por seu elemento."

190

"Sanjaya disse, 'Durante aquela carnificina medonha de homens e corcéis e elefantes, Duhsasana, ó rei, enfrentou Dhrishtadyumna. Sobre seu carro dourado e muito afligido pelas flechas de Duhsasana, o príncipe Panchala colericamente despejou suas flechas sobre os cavalos do teu filho. Coberto com as flechas do filho de Prishata, ó rei, o carro de Duhsasana, com estandarte e motorista, logo ficou invisível. Atormentado por aquelas chuvas de flechas, Duhsasana, ó monarca, não pode ficar diante do príncipe ilustre dos Panchalas. Forçando, por meio de suas flechas, Duhsasana a retroceder, o filho de Pritha, espalhando suas flechas, procedeu contra Drona naquela batalha. Naquele momento o filho de Hridika, Kritavarman, com três de seus irmãos, apareceu em cena e tentou se opor a Dhrishtadyumna. Aqueles touros entre homens, no entanto, isto é, os gêmeos, Nakula e Sahadeva seguindo na esteira de Dhrishtadyumna que estava assim procedendo como um fogo ardente em direção a Drona, começaram a protegê-lo. Então, todos aqueles grandes guerreiros em carros, dotados de força e excitados com raiva, começaram a atacar uns aos outros, fazendo da morte sua meta. De almas puras e conduta pura, ó rei, e mantendo o céu em vista, eles lutaram segundo métodos justos, desejosos de subjugar um ao outro. De linhagem imaculada e ações imaculadas, e dotados de grande inteligência, aqueles soberanos de homens, mantendo o céu em vista, lutaram combates justos com outros. Não havia nada injusto naquela batalha e nenhuma arma foi usada que fosse considerada como injusta. Nem flechas farpadas, nem aquelas chamadas nalikas, nem aquelas que são envenenadas, nem aquelas com cabeças feitas de chifres, nem aquelas equipadas com muitas cabeças pontudas, nem aquelas feitas dos ossos de touros e elefantes, nem aquelas tendo duas cabeças, nem aquelas tendo cabeças enferrujadas, nem aquelas que não são de curso reto, foram usadas por algum deles. (Todas essas flechas infligiam ferimentos pungentes e não podiam ser facilmente extraídas. Flechas de cursos tortuosos eram condenadas porque os combatentes não podiam desviá-las facilmente, não sabendo em quem elas cairiam.) Todos eles usavam armas simples e justas e desejavam alcançar fama e região de grande bem aventurança por lutarem justamente. Entre aqueles quatro guerreiros do teu exército e aqueles três do lado Pandava, a batalha que ocorreu foi extremamente violenta mas desprovida de tudo (o que fosse) injusto. Então Dhrishtadyumna, muito rápido no uso de armas, vendo aqueles bravos e poderosos guerreiros em carros do teu exército detidos pelos gêmeos (Nakula e Sahadeva), procedeu em direção a Drona. Reprimidos por aqueles dois leões entre homens, aqueles quatro guerreiros heróicos enfrentaram os primeiros como o vento atacando um par de montanhas (localizadas em seu caminho). Cada um dos gêmeos, aqueles formidáveis guerreiros em carros, estava envolvido em combate com um par de guerreiros. Vendo o príncipe invencível dos Panchalas procedendo contra Drona, e aqueles quatro heróis (do seu próprio exército) envolvidos em combate com os gêmeos, Duryodhana, ó monarca, avançou para aquele local, espalhando chuvas de flechas bebedoras de sangue. Vendo isso, Satyaki se aproximou rapidamente do rei Kuru. Aqueles dois tigres entre homens, isto é, os dois descendentes de Kuru e

Madhu, se aproximando um do outro, ficaram desejosos de atingir um ao outro em batalha. Recordando em sua mente seu comportamento em direção um ao outro na infância e refletindo com prazer sobre o mesmo, eles se encararam e sorriram repetidamente. Então o rei Duryodhana (mentalmente), repreendendo sua própria conduta, dirigiu-se ao seu sempre querido amigo Satyaki, e disse, 'Que vergonha para a ira, ó amigo, e que vergonha para a disposição para a vingança! Que vergonha para o costume Kshatriya, e que vergonha para o poder e destreza, já que tu apontas tuas armas para mim, e eu também estou mirando em ti, ó touro da raça Sini! Naqueles dias tu eras mais caro para mim do que a própria vida, e eu também era de assim para ti! Ai, todos aqueles atos de infância que eu me lembro, os teus e os meus, se tornaram completamente insignificantes no campo de batalha! Ai, movidos por ira e cobiça, nós estamos aqui hoje para lutar um contra o outro, ó tu da tribo Satwata!' Para ele que disse aquelas palavras, ó rei, Satyaki, familiarizado com grandes armas, pegando algumas flechas afiadas, respondeu sorridente, 'Isto não é assembléia, ó príncipe, nem a residência de nosso preceptor, onde nos tempos passados nós nos divertíamos juntos.' Duryodhana respondeu, 'Onde foram aqueles esportes da nossa infância, ó touro da raça Sini, e, ai, como essa batalha agora caiu sobre nós? Parece que a influência do Tempo é irresistível. (Embora nós sejamos estimulados) por desejo de riqueza, que necessidade, no entanto, nós temos de riqueza que, reunidos, nós estamos agora engajados em batalha, movidos pela cobiça de riqueza?'"

"Sanjaya disse, 'Para o rei Duryodhana que falou dessa maneira, Satyaki respondeu, ‘Sempre tem sido o costume dos Kshatriyas que eles tem que lutar até contra seus preceptores. Se eu sou caro para ti, ó rei, então mate-me sem qualquer demora. Através de ti, ó touro da raça Bharata, eu irei então entrar na região dos justos. Mostre, sem demora, todo teu poder e destreza. Eu não desejo testemunhar esta grande calamidade de amigos.' Tendo respondido e argumentado dessa maneira, Satyaki, ó monarca, destemidamente e em total desconsideração pela vida, avançou rapidamente contra Duryodhana. Vendo ele avançar, teu filho o recebeu; de fato, ó rei, teu filho despejou nele da linhagem de Sini uma perfeita chuva de flechas. Então começou uma batalha terrível entre aqueles leões das raças de Kuru e Madhu, parecendo um combate entre um elefante e um leão. Então Duryodhana, cheio de cólera, perfurou o invencível Satyaki com muitas flechas afiadas, disparadas de seu arco esticado até sua mais completa extensão. Satyaki rapidamente perfurou o príncipe Kuru em retorno com cinquenta flechas afiadas naquela batalha e mais uma vez com vinte, e novamente com dez flechas. Então, naquele combate, ó rei, teu filho, sorrindo, perfurou Satyaki em retorno com trinta flechas disparadas da corda de seu arco puxada até sua orelha. Disparando então uma flecha de cabeça de navalha, ele cortou em dois o arco, com flecha fixada nele, de Satyaki. Dotado de grande agilidade de mão, o último então, pegando um arco mais resistente, disparou chuvas de flechas no teu filho. Quando aquelas linhas de setas avançaram para executar a morte de Duryodhana, o último, ó rei, cortou-as em pedaços, no que as tropas gritaram ruidosamente. Com grande rapidez, o rei Kuru afligiu Satyaki com setenta e três flechas, equipadas com asas de ouro e mergulhadas em óleo e disparadas de seu arco estirado até sua mais completa extensão. Todas aquelas

flechas de Duryodhana, como também seu arco, com flecha fixada nele, Satyaki cortou rapidamente. O herói Satwata então despejou chuvas de flechas em seu antagonista. Profundamente perfurado por Satyaki e sentindo grande dor, Duryodhana, ó rei, em grande angústia, procurou abrigo em outro carro. Tendo descansado um tempo e se revigorado, teu filho mais uma vez avançou contra Satyaki, disparando chuvas de flechas no carro do último. Sorridente, ó rei, Satyaki disparou incessantemente multidões de flechas no carro de Duryodhana. As flechas de ambos se misturaram no céu. Por causa daquelas flechas assim disparadas por ambos, caindo rápido por todo lado, sons altos, como aqueles de um fogo intenso consumindo uma floresta imensa, ergueram-se lá. Com milhares de flechas disparadas por ambos, a terra foi densamente coberta. O céu também ficou cheio com elas.Vendo então aquele principal dos guerreiros em carros, isto é, aquele herói da linhagem de Madhu, ser mais poderoso do que Duryodhana, Karna se apressou em direção àquele local, desejoso de resgatar teu filho. O poderoso Bhimasena, no entanto, não pode tolerar aquela tentativa de Karna. Ele, portanto, procedeu rapidamente contra Karna, disparando inúmeras flechas. Cortando todas aquelas flechas de Bhima com a maior facilidade, Karna cortou o arco de Bhima, flechas e motorista também, com suas próprias flechas. Então, o filho de Pandu, Bhima, cheio de raiva, pegou uma maça e despedaçou o arco, estandarte, e motorista de seu adversário naquele combate. O poderoso Bhima também quebrou uma das rodas do carro de Karna. Karna, no entanto, permaneceu naquele carro dele, o qual tinha uma de suas rodas quebrada, imóvel como (Meru), o rei das montanhas. Aquele belo carro dele o qual tinha agora somente uma roda, foi levado por seus corcéis, como o carro de única roda de Surya, puxado pelos sete corcéis celestes. Incapaz de tolerar as façanhas de Bhimasena, Karna continuou a lutar com o último, usando diversas espécies de flechas em profusão e diversos tipos de outras armas naquele combate. Bhimasena também cheio de cólera continuou a lutar com o filho de Suta. Quando o combate se tornou geral e confuso, (Yudhishthira) o filho de Dharma, dirigindo-se a todos os principais guerreiros entre os Panchalas e os Matsyas, disse, 'Eles que são nossa vida, eles que são nossas cabeças, eles entre nós que são dotados de grande força, aqueles touros entre homens estão todos envolvidos em combate com os Dhartarashtras. Por que vocês então permanecem assim, como se estupefatos e privados de seus sentidos? Procedam para lá onde aqueles guerreiros em carros do meu exército estão lutando. Expulsando seus medos e mantendo em vista os deveres de Kshatriyas (se engajem na luta), pois então conquistando ou mortos vocês alcançarão metas desejáveis. Se vocês vierem a ser vencedores, você poderão realizar diversos sacrifícios com presentes abundantes para Brahmanas. Se, por outro lado, vocês forem mortos, tornando-se então iguais aos celestiais, vocês alcançarão muitas regiões de bem aventurança.' Assim estimulados pelo rei, aqueles heróicos e poderosos guerreiros em carros se engajaram na batalha, cumpridores dos deveres Kshatriya, e procederam rapidamente contra Drona. Os Panchalas então, de um lado, atacaram Drona com inúmeras flechas, enquanto outros encabeçados por Bhimasena começaram a resistir a ele do outro lado. Os Pandavas tinham três poderosos guerreiros em carros de mente desonesta entre eles. Eles eram Bhimasena e os gêmeos (Nakula e Sahadeva). Eles se dirigiram a Dhananjaya ruidosamente e disseram,

'Avance, ó Arjuna, com velocidade e expulse os Kurus da vizinhança de Drona. Se o preceptor puder ser privado de seus protetores, os Panchalas então poderão matá-lo facilmente.' Assim endereçado, Partha avançou repentinamente contra os Kauravas, enquanto Drona avançava contra os Panchalas encabeçados por Dhrishtadyumna. De fato, naquele quinto dia (do comando de Drona) aqueles combatentes heróicos, ó Bharata, foram oprimidos e subjugados com grande celeridade (pelo filho de Bharadwaja)."

191

"Sanjaya disse, 'Então Drona causou uma grande carnificina entre os Panchalas, como o massacre causado pelo próprio Sakra em fúria entre os Danavas nos tempos antigos. Os grandes guerreiros em carros do exército Pandava, dotados de poder e energia, embora massacrados, ó rei, pelas armas de Drona, contudo não ficaram com medo de Drona naquela batalha. De fato, ó monarca, aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os Panchalas e os Srinjayas, avançaram todos contra o próprio Drona, para lutar com ele. Altos e ferozes foram os gritos que eles proferiram quando eles avançaram em direção a Drona para cercá-lo por todos os lados e foram massacrados por ele com flechas e dardos. Contemplando o massacre dos Panchalas naquela batalha pelo ilustre Drona, e vendo suas armas subjugarem todos os lados, o medo entrou nos corações dos Pandavas. Contemplando aquela carnificina terrível de corcéis e seres humanos naquela batalha, os Pandavas, ó monarca, ficaram sem esperança de vitória. (Eles começaram a dizer uns aos outros) 'Não é evidente que Drona, aquele guerreiro conhecedor das mais poderosas das armas, consumirá nós todos como um incêndio intenso consumindo uma pilha de palha na estação da primavera? Não há ninguém competente nem para olhar para ele em batalha. Conhecedor dos costumes de moralidade, Arjuna (o único que é um páreo para ele) não lutará com ele.' Vendo os filhos de Kunti afligidos pelas flechas de Drona e inspirados com medo, Kesava, dotado de grande inteligência e dedicado ao seu bem-estar, dirigiu-se a Arjuna e disse, 'Este principal de todos os arqueiros é incapaz de ser derrotado alguma vez pela força em batalha, pelos próprios deuses com Vasava em sua dianteira. Quando, no entanto, ele põe de lado suas armas, ele se torna capaz de ser morto no campo até por seres humanos. Deixando a virtude de lado, ó filhos de Pandu, adotem agora algum artifício para ganhar a vitória, para que Drona de carro dourado não possa matar nós todos em batalha. Após a queda de (seu filho) Aswatthaman ele cessará de lutar, eu penso. Que algum homem, portanto, diga a ele que Aswatthaman foi morto em batalha.' Esse conselho, no entanto, ó rei, não foi aprovado pelo filho de Kunti, Dhananjaya. Outros o aprovaram. Mas Yudhishthira o aceitou com grande dificuldade. Então Bhima de braços fortes, ó rei, matou com uma maça esmagadora de inimigos, um elefante terrível e enorme chamado Aswatthaman, do seu próprio exército, pertencente a Indravarman, o chefe dos Malavas. Aproximando-se de Drona então naquela batalha com algum acanhamento Bhimasena começou a exclamar em voz alta, 'Aswatthaman foi morto!' Aquele elefante chamado Aswatthaman tendo sido morto dessa maneira, Bhima falou da morte de Aswatthaman. Mantendo o

fato verdadeiro dentro de sua mente, ele disse o que era incorreto. Ouvindo aquelas palavras muito desagradáveis de Bhima e refletindo sobre elas, os membros de Drona pareceram se dissolver como areia em água. Lembrando-se no entanto, da bravura de seu filho, ele logo veio a considerar aquela informação como falsa. Ouvindo, portanto, a respeito de sua morte, Drona não ficou emasculado. De fato, logo recuperando sua razão, ele ficou confortado, lembrando-se de que seu filho era incapaz de ser resistido por inimigos. Se apressando em direção ao filho de Prishata e desejoso de matar aquele herói que tinha sido ordenado como seu matador, ele o cobriu com mil flechas afiadas, providas de penas kanka. Então vinte mil guerreiros em carros Panchala de grande energia o cobriram, enquanto ele estava assim se movendo rapidamente em batalha, com suas flechas. Completamente coberto com aquelas flechas, nós não podíamos mais ver aquele grande guerreiro em carro que então parecia, ó monarca, o sol coberto com nuvens na estação das chuvas. Cheio de ira e desejoso de realizar a destruição daqueles bravos Panchalas, aquele poderoso guerreiro em carro, aquele opressor de inimigos, Drona, dissipando todas aquelas flechas dos Panchalas, então chamou à existência a arma Brahma. Naquele momento, Drona parecia resplandecente como um fogo ardente sem fumaça. Novamente de raiva o valente filho de Bharadwaja massacrando todos os Somakas, parecia estar coberto com grande esplendor. Naquela batalha terrível, ele derrubou as cabeças dos Panchalas e cortou seus braços massivos, parecendo com maças com ferrões e enfeitados com ornamentos dourados. De fato, aqueles Kshatriyas, massacrados em batalha pelo filho de Bharadwaja caíam sobre o solo e jaziam espalhados como árvores arrancadas pela tempestade. Por causa de elefantes e corcéis caídos, ó Bharata, a terra, lodosa com carne e sangue, ficou intransitável. Tendo matado vinte mil guerreiros em carros Panchala, Drona, naquela batalha, brilhava resplandecente como um fogo ardente sem fumaça. Novamente cheio de fúria, o filho valente de Bharadwaja cortou, com uma flecha de cabeça larga, a cabeça de Vasudana de seu tronco. Novamente matando quinhentos Matsyas, e seis mil elefantes, ele matou dez mil corcéis. Vendo Drona posicionado sobre o campo para o extermínio da linhagem Kshatriya, os Rishis Viswamitra, e Jamadagni, e Bharadwaja, e Gautama, e Vasishtha, e Kasyapa, e Atri, e os Srikatas, os Prisnis, Garga, os Valkhilyas, os Marichis, os descendentes de Bhrigu e Angiras, e diversos outros sábios de formas sutis foram para lá rapidamente, com o Transportador de oblações sacrificais em sua dianteira, e, desejosos de levar Drona para a região de Brahman, dirigiram-se a Drona, aquele ornamento de batalha, e disseram, 'Tu estás lutando injustamente. A hora da tua morte é chegada. Colocando de lado tuas armas em batalha, ó Drona, nos contemple posicionados aqui. Depois disso, não cabe a ti perpetrar tais atos extremamente cruéis. Tu és versado nos Vedas e seus ramos. Tu és dedicado aos deveres ordenados pela verdade, especialmente, tu és um Brahmana. Tais atos não ficam bem em ti. Ponha de lado tuas armas. Afaste o véu de erro que te cobre. Adira agora ao caminho eterno. O período pelo qual tu deves morar no mundo dos homens está completo agora. Tu, com a arma Brahma, queimaste homens na terra que não estão familiarizados com armas. Este ato que tu cometeste, ó regenerado, não é justo. Ponha de lado tuas armas em batalha sem demora, ó Drona, não demore mais sobre a terra. Ó regenerado,

não cometa tal ação pecaminosa.' Ouvindo essas palavras deles como também aquelas faladas por Bhimasena, e vendo Dhrishtadyumna à frente dele, Drona ficou muito desanimado em batalha. Queimando com tristeza e muito aflito, ele questionou o filho de Kunti Yudhishthira quanto a se seu filho (Aswatthaman) tinha sido morto ou não. Drona acreditava firmemente que Yudhishthira nunca falaria uma mentira nem por causa da soberania dos três mundos. Por essa razão, aquele touro entre os Brahmanas questionou Yudhishthira e não alguém mais. Ele esperava pela verdade de Yudhishthira desde a infância do último."

"Enquanto isso, ó monarca, Govinda, sabendo que Drona, aquele principal dos guerreiros, era capaz de varrer todos os Pandavas da face da terra, ficou muito angustiado. Dirigindo-se a Yudhishthira ele disse, 'Se Drona lutar, cheio de raiva, mesmo por metade de um dia, eu te digo realmente, teu exército então será aniquilado. Salve-nos, então, de Drona, sob tais circunstâncias, mentira é melhor do que verdade. Por dizer uma mentira para salvar uma vida, uma pessoa não é tocada pelo pecado. Não há pecado em mentira falada para mulheres, ou em casamentos, ou para salvar o rei, ou para resgatar um Brahmana.' Enquanto Govinda e Yudhishthira estavam assim falando um com o outro, Bhimasena (dirigindo-se ao rei) disse, 'Logo, ó monarca, que eu soube dos meios pelos quais Drona de grande alma poderia ser morto, aplicando minha destreza em batalha, eu imediatamente matei um elefante poderoso, como o elefante do próprio Sakra, pertencente a Indravarman, o chefe dos Malavas, que estava colocado dentro do teu exército. Eu então fui até Drona e disse a ele, 'Aswatthaman está morto, ó Brahmana! Pare, então, de lutar.' Na verdade, ó touro entre homens, o preceptor não acreditou na veracidade daquelas palavras. Desejoso de vitória como tu estás, aceite o conselho de Govinda. Diga a Drona, ó rei, que o filho da filha de Saradwat não existe mais. Informado por ti, aquele touro entre os Brahmanas nunca irá lutar. Tu, ó soberano de homens, és reputado como verdadeiro nos três mundos.' Ouvindo aquelas palavras de Bhima e induzido pelos conselhos de Krishna, e devido também à inevitabilidade do destino, ó monarca, Yudhishthira decidiu dizer o que ele desejava. Temendo proferir uma inverdade, mas sinceramente desejoso de vitória, Yudhishthira disse claramente que Aswatthaman estava morto, somando indistintamente a palavra elefante (depois do nome). Antes disso, o carro de Yudhishthira ficava a uma altura de quatro dedos de largura da superfície da terra; depois, no entanto, que ele disse aquela mentira, seu (veículo e) animais tocaram o chão. Ouvindo aquelas palavras de Yudhishthira, o poderoso guerreiro em carro Drona, afligido pela dor pela (suposta) morte de seu filho, entregou-se à influência do desespero. Pelas palavras, além disso, dos Rishis, ele se considerou um grande ofensor contra os Pandavas de grande alma. Ouvindo agora a respeito da morte de seu filho, ele ficou completamente desanimado e cheio de ansiedade; ao ver Dhrishtadyumna, ó rei, aquele castigador de inimigos não pode mais lutar como antes.'"

192

"Sanjaya disse, 'Vendo Drona cheio de grande ansiedade e quase privado de seus sentidos pela dor, Dhrishtadyumna, o filho do rei Panchala, avançou nele. Aquele herói tinha, para a destruição de Drona, sido obtido por Drupada, aquele soberano de homens, em um grande sacrifício, do Transportador de libações sacrificais. Desejoso de matar Drona, ele agora pegou um arco concessor de vitória e formidável cuja vibração parecia o ribombo das nuvens, cuja corda era possuidora de grande força, e que era irrefragável e celeste. E ele fixou nele uma flecha ardente, parecendo uma cobra de veneno virulento e possuidora do esplendor do fogo. Aquela flecha, parecendo um fogo de chama feroz, enquanto dentro do círculo de seu arco, parecia com o sol outonal de esplendor grandioso dentro de um círculo radiante. Vendo aquele arco resplandecente curvado com força pelo filho de Prishata, as tropas consideraram aquela como sendo a última hora (do mundo). Vendo aquela flecha mirada nele, o valente filho de Bharadwaja pensou que a última hora de seu corpo tinha chegado. O preceptor preparou-se com cuidado para frustrar aquela flecha. As armas, no entanto, daquele de grande alma, ó monarca, não mais apareceram ao seu comando. (As armas celestes eram todas agentes vivos que apareciam ao comando daquele que sabia invocá-los. Elas abandonavam, no entanto, a pessoa cuja morte era iminente, embora invocadas com as fórmulas usuais.) Suas armas não tinham se esgotado embora ele as tivesse disparado incessantemente por quatro dias e uma noite. No término, no entanto, da terceira parte daquele quinto dia, suas flechas se esgotaram. Vendo o esgotamento de suas flechas e angustiado pelo pesar por conta de morte de seu filho, e por causa também da relutância de armas celestes de aparecerem ao seu comando, ele desejou por de lado suas armas, como requisitado pelas palavras dos Rishis também. Embora cheio de grande energia, ele não podia, no entanto, lutar como antes. Então pegando outro arco celeste que Angiras tinha lhe dado, e certas flechas que pareciam a maldição de um Brahmana, ele continuou a lutar com Dhrishtadyumna. Ele cobriu o príncipe Panchala com uma grossa chuva de flechas e cheio de raiva, mutilou seu adversário furioso. Com suas próprias flechas afiadas ele cortou em cem fragmentos aquelas do príncipe como também o arco e estandarte do último. Ele então matou o motorista de seu oponente. Então Dhrishtadyumna, sorrindo, pegou outro arco, e perfurou Drona com uma flecha afiada no centro do peito. Profundamente perfurado com isso e perdendo sua presença de espírito naquele combate, aquele arqueiro poderoso, então, com uma flecha afiada e de cabeça larga, mais uma vez cortou o arco de Dhrishtadyumna. De fato, o invencível Drona então cortou todas as armas, ó rei, e todos os arcos que seu adversário tinha, com a exceção somente de sua maça e espada. Cheio de raiva, ele então perfurou o furioso Dhrishtadyumna, ó castigador de inimigos, com nove flechas afiadas, capazes de tirar a vida de todo inimigo. Então o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, de alma incomensurável, chamando à existência a arma Brahma, fez os corcéis de seu próprio carro se misturarem com aqueles de seu inimigo. Dotados da velocidade do vento, aqueles corcéis que eram vermelhos e da cor de pombos, ó touro da raça Bharata, assim misturados, pareciam muito belos. De fato, ó rei, aqueles corcéis assim misturados

no campo de batalha pareciam belos como nuvens rugindo na estação das chuvas, carregadas com relâmpago. Então aquele duas vezes nascido de alma incomensurável cortou as juntas dos varais, as juntas das rodas, e (outras) juntas do carro de Dhrishtadyumna. Privado de seu arco, e feito sem carro e sem cavalos e sem motorista, o heróico Dhrishtadyumna, caído em grande angústia, agarrou uma maça. Cheio de raiva, o poderoso guerreiro em carro, Drona, de destreza imbatível, por meio de diversas flechas afiadas, cortou aquela maça, quando ela estava a ponto de ser arremessada nele. Vendo sua maça cortada por Drona com flechas, aquele tigre entre homens, (o príncipe Panchala), pegou uma espada imaculada e um escudo brilhante ornado com cem luas. Sem dúvida, sob aquelas circunstâncias, o príncipe Panchala resolveu dar um fim naquele principal dos preceptores, aquele guerreiro de grande alma. Às vezes se protegendo na cabina de seu carro e às vezes andando nos varais de seu carro, o príncipe se movimentou, erguendo sua espada e girando seu escudo brilhante. O poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, desejoso de realizar, por loucura, um feito difícil, esperava perfurar o peito do filho de Bharadwaja naquela batalha. Às vezes ele ficava sobre a canga, e às vezes sob as ancas dos cavalos vermelhos de Drona. Esses movimentos dele eram muito aplaudidos por todas as tropas. De fato, enquanto ele ficava em meio aos arreios da canga ou atrás daqueles corcéis vermelhos, Drona não encontrava oportunidade para atingi-lo. Tudo isso parecia muito extraordinário. Os movimentos de ambos, Drona e o filho de Prishata, naquela batalha pareciam a luta de falcões se movendo rapidamente pelo céu por um pedaço de carne. Então Drona, por meio de um dardo perfurou os corcéis brancos de seu antagonista, um depois do outro, não atingindo, no entanto, os vermelhos entre eles (que pertenciam a ele mesmo). Privados de vida, aqueles corcéis de Dhrishtadyumna caíram sobre o solo. Nisso, os corcéis vermelhos do próprio Drona, ó rei, foram libertados dos emaranhados do carro de Dhrishtadyumna. Vendo seus cavalos mortos por aquele principal dos Brahmanas, o filho de Prishata, aquele poderoso guerreiro em carro, aquele mais notável dos lutadores, não pode tolerar isso. Embora privado de seu carro, ainda aquele principal de todos os espadachins, armado com sua espada, pulou em direção a Drona, ó monarca, como o filho de Vinata (Garuda) fazendo um ataque em uma cobra. A forma, ó rei, de Dhrishtadyumna naquele momento, quando ele procurava matar o filho de Bharadwaja, parecia a forma do próprio Vishnu nos tempos antigos quando prestes a matar Hiranyakasipu. Ele realizou diversas evoluções, de fato. Ó Kaurava, o filho de Prishata, movendo-se rapidamente naquela batalha, mostrou os bem conhecidos vinte e um diferentes tipos de movimento. Armado com a espada, e escudo na mão, o filho de Prishata se movia em círculos e girava sua espada no alto, e fazia ataques de lado, e se precipitava para a frente e corria de lado, e saltava alto, e atacava os flancos de seus adversários e recuava para trás, e entrava em luta corporal com seus inimigos, e os oprimia duramente. Tendo praticado elas bem, ele também mostrou as evoluções chamadas Bharata, Kausika Satwata, enquanto ele se movia rapidamente naquela batalha para realizar a destruição de Drona. Observando aquelas belas evoluções de Dhrishtadyumna, quando ele se movia rapidamente no campo, espada e escudo na mão, todos os guerreiros, como também os celestiais reunidos lá, ficaram cheios de admiração. O regenerado Drona então, disparando mil flechas no meio

da luta, cortou a espada de Dhrishtadyumna como também seu escuto, decorado com cem luas. Aquelas flechas que Drona disparou, enquanto lutando de tal ponto próximo, eram do comprimento de um palmo. Tais flechas são usadas somente em luta de perto. Ninguém mais tem flechas daquele tipo exceto Kripa, e Partha, e Aswatthaman e Karna, Pradyumna e Yuyudhana; Abhimanyu também tinha tais flechas. Então o preceptor, desejoso de matar seu discípulo que era para ele assim como seu próprio filho, fixou na corda de seu arco uma flecha dotada de grande impetuosidade. Aquela flecha, no entanto, Satyaki cortou por meio de dez flechas, na própria vista do teu filho como também de Karna de grande alma, e dessa maneira salvou Dhrishtadyumna que estava a ponto de sucumbir a Drona. Então Kesava e Dhananjaya viram Satyaki de destreza incapaz de ser frustrada, que, ó Bharata, estava se movendo rapidamente no rastro dos carros (dos guerreiros Kuru) e dentro do alcance das flechas de Drona e Karna e Kripa. Dizendo 'Excelente, Excelente!' ambos aplaudiram ruidosamente Satyaki de glória imorredoura, que estava assim destruindo as armas celestes de todos aqueles guerreiros. Então Kesava e Dhananjaya avançaram em direção aos Kurus. Dirigindo-se a Krishna, Dhananjaya disse, 'Veja, ó Kesava, aquele perpetuador da linhagem de Madhu, isto é, Satyaki de coragem verdadeira, se divertindo diante do preceptor e daqueles poderosos guerreiros e alegrando a mim e aos gêmeos e Bhima e ao rei Yudhishthira. Com habilidade adquirida por prática e sem insolência, veja aquele aumentador da fama dos Vrishnis, Satyaki, correndo a toda velocidade em batalha, enquanto se divertindo com aqueles poderosos guerreiros em carros. Todas essas tropas, como também os Siddhas (no céu), vendo-o invencível em batalha, estão cheios de admiração, e o aplaudindo, dizendo, 'Excelente, Excelente!' De fato, ó rei, os guerreiros de ambos os exércitos todos aplaudiram o herói Satwata, por suas façanhas.'"

193

"Sanjaya disse, 'Observando aquelas façanhas do herói Satwata, Duryodhana e outros, cheios de raiva, cercaram rapidamente o neto de Sini por todos os lados. Kripa e Karna, e também teus filhos, ó majestade, naquela batalha, se aproximando rapidamente do neto de Sini, começaram a atacá-lo com flechas afiadas. Então o rei Yudhishthira, e os dois outros Pandavas, isto é, os dois filhos de Madri e Bhimasena de grande poder circundaram Satyaki (para protegê-lo). Karna, e o poderoso guerreiro em carro Kripa, e Duryodhana e outros, todos resistiram a Satyaki, despejando chuvas de flechas sobre ele. O neto de Sini, no entanto, lutando com todos aqueles guerreiros em carros, frustrou, ó monarca, aquela chuva terrível de flechas, tão repentinamente criada por seus inimigos. De fato, naquela batalha terrível, Satyaki, por meio de suas próprias armas celestes, resistiu devidamente a todas aquelas armas celestes apontadas para ele por aqueles guerreiros ilustres. O campo de batalha ficou cheio de muitas visões cruéis após aquele combate daqueles combatentes nobres, parecendo aquela cena de antigamente quando Rudra, cheio de ira, tinha destruído todas as criaturas. Braços humanos e cabeças e arcos, ó Bharata, e guarda-sóis

deslocados (de carros), e rabos de iaque, eram vistos espalhados em pilhas no campo de batalha. A terra ficou rapidamente coberta com rodas e carros quebrados, e braços massivos cortados de troncos, e bravos cavaleiros privados de vida. E, ó principal entre os Kurus, grande número de guerreiros, mutilados por flechas caindo, eram vistos naquela grande batalha rolarem e se contorcerem no chão na agonia dos últimos espasmos da morte. Durante a continuação daquela batalha terrível, parecendo o combate nos tempos passados entre os celestiais e os Asuras, o rei Yudhishthira o justo, dirigindo-se a seus guerreiros, disse, 'Aplicando todo seu vigor, avancem, ó grandes guerreiros em carros, contra o Nascido no Pote! Lá o filho heróico de Prishata está envolvido em combate com Drona! Ele está se esforçando ao máximo de sua força para matar o filho de Bharadwaja. A julgar pelo aspecto eu ele está apresentando nessa grande batalha, é evidente que cheio de raiva, ele hoje irá derrubar Drona. Se unindo, todos vocês lutem com o Nascido no Pote.' Assim ordenados por Yudhishthira, os poderosos guerreiros em carros dos Srinjayas avançaram todos com grande vigor para matar o filho de Bharadwaja. Aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho de Bharadwaja, avançou rapidamente contra aqueles guerreiros que avançavam, sabendo com certeza que ele iria morrer. Quando Drona, de pontaria certeira, assim procedeu, a terra tremeu violentamente. Ventos impetuosos começaram a soprar, inspirando as tropas (hostis) com medo. Meteoros grandes caíram, aparentemente emergindo do sol, ardendo ferozmente quando eles caíam e pressagiando grandes terrores. As armas de Drona, ó majestade, pareciam resplandecer. Carros pareciam produzir estrépitos altos, e corcéis derramaram lágrimas. O poderoso guerreiro em carro, Drona, parecia estar privado de sua energia. Seu olho esquerdo e mão esquerda começaram a estremecer. Vendo o filho de Prishata, novamente, à frente dele, e tendo em mente as palavras dos Rishis acerca de sua partida do mundo para o céu, ele ficou triste. Ele então desejou abandonar a vida por lutar justamente. Cercado por todos os todos lados pelas tropas do filho de Drupada, Drona começou a se mover rapidamente em batalha, consumindo grande número de Kshatriyas. Aquele opressor de inimigos, tendo matado vinte e quatro mil Kshatriyas, então despachou para a residência de Yama dez vezes dez mil, por meio de suas flechas de pontas afiadas. Esforçando-se com cuidado, ele parecia permanecer naquela batalha como um fogo sem fumaça. Para o extermínio da classe Kshatriya, ele então recorreu à arma Brahma. Então o poderoso Bhima, vendo o ilustre e irresistível príncipe dos Panchalas sem carro e sem armas, foi rapidamente em direção a ele. Vendo ele atingindo Drona de um ponto próximo, aquele opressor de inimigos recebeu Dhrishtadyumna em seu próprio carro e disse a ele, 'Exceto tu não há outro homem que possa ousar lutar com o preceptor. Seja rápido para matá-lo. A responsabilidade de matá-lo é tua.' Assim endereçado por Bhima, Dhrishtadyumna de braços fortes pegou rapidamente um arco forte, novo e excelente capaz de aguentar uma grande tensão. Cheio de raiva, e disparando suas flechas naquela batalha no irresistível Drona, Dhrishtadyumna cobriu o preceptor, desejoso de resistir a ele. Aqueles dois ornamentos de batalha então, ambos principais dos lutadores e ambos cheios de raiva, chamaram à existência a arma Brahma e diversas outras armas celestes. De fato, ó rei, Dhrishtadyumna cobriu Drona com muitas armas poderosas naquele combate. Destruindo todas as armas do filho de Bharadwaja, o príncipe Panchala,

aquele guerreiro de glória imorredoura, começou a matar os Vasatis, os Sivis, os Valhikas e os Kurus, isto é, aqueles que protegiam Drona naquela batalha. De fato, ó rei, disparando chuvas de flechas para todos os lados, Dhrishtadyumna naquele momento parecia resplandecente como o próprio sol derramando seus milhares de raios. Drona, no entanto, cortou novamente o arco do príncipe e perfurou os membros vitais do próprio príncipe com muitas flechas. Assim perfurado, o príncipe sentiu grande dor. Então Bhima, de grande cólera, detendo o carro de Drona, ó monarca, disse lentamente essas palavras para ele: 'Se patifes entre os Brahmanas, descontentes com as ocupações regulares da sua própria classe, mas bem versados em armas, não lutassem, a classe Kshatriya então não teria sido assim exterminada. Abstenção de injúria para todas as criaturas é citada como a maior de todas as virtudes. O Brahmana é a raiz daquela virtude. Em relação a ti mesmo, além disso, tu és a principal de todas as pessoas conhecedoras de Brahma. Matando todos aqueles Mlecchas e outros guerreiros, que, no entanto, estão todos engajados nas ocupações regulares próprias de sua classe, movido a isso por ignorância e loucura, ó Brahmana, e pelo desejo de riqueza para beneficiar filhos e esposas; de fato, por causa de um único filho, por que tu não te sentes envergonhado? Ele por quem tu tens utilizado armas, e por quem tu vives, ele, privado de vida, jaz hoje no campo de batalha, ignorado por ti e atrás das tuas costas. O rei Yudhishthira o justo te disse isso. Não cabe a ti duvidar desse fato.' Assim endereçado por Bhima, Drona pôs de lado seu arco. Desejoso de por de lado todas as suas armas também, o filho de Bharadwaja de alma virtuosa disse em voz alta, 'Ó Karna, Karna, ó grande arqueiro, ó Kripa, ó Duryodhana, eu digo a vocês repetidamente, se esforcem cuidadosamente em batalha. Não deixem nenhum prejuízo acontecer a vocês dos Pandavas. Em relação a mim mesmo, eu ponho de lado minhas armas.' Dizendo essas palavras, ele começou ruidosamente a dizer o nome de Aswatthaman. Colocando de lado suas armas então naquela batalha, e se sentando no terraço de seu carro, ele dedicou-se ao Yoga e inspirou confiança em todas as criaturas, dissipando seus temores. Vendo aquela oportunidade, Dhrishtadyumna reuniu toda sua energia. Colocando no carro seu arco formidável, com flecha fixada na corda, ele pegou uma espada, e pulando de seu veículo, avançou rapidamente contra Drona. Todas as criaturas, seres humanos e outros, proferiram exclamações de angústia, vendo Drona assim caído sob o poder de Dhrishtadyumna. Altos gritos de 'Oh!' e 'Ai!' foram proferidos, como também aquele de 'Oh!' e 'Que vergonha!' Com relação ao próprio Drona, abandonando suas armas, ele estava então em um estado supremamente tranquilo. Tendo dito aquelas palavras ele tinha se dedicado ao Yoga. Dotado de grande refulgência e possuidor de grande mérito ascético, ele tinha fixado seu coração naquele Ser Supremo e Antigo, isto é, Vishnu. Inclinando seu rosto ligeiramente para baixo, e erguendo seu peito para a frente, e fechando seus olhos, e repousando na qualidade de bondade, e dirigindo seu coração à contemplação, e pensando no monossílabo Om, representando Brahma, e se lembrando do Deus pujante, supremo, e indestrutível dos deuses, o radiante Drona de grande mérito ascético, o preceptor (dos Kurus e dos Pandavas) se dirigiu para o céu que é tão difícil de ser alcançado até pelos pios. De fato, quando Drona procedeu assim para o céu parecia para nós que então havia dois sóis no firmamento. O céu inteiro estava em chamas e parecia ser uma extensão vasta de

luz uniforme quando Bharadwaja semelhante ao sol, de refulgência solar, desapareceu. Sons confusos de alegria foram ouvidos, proferidos pelos celestiais encantados. Quando Drona dirigiu-se dessa maneira para a região de Brahman, Dhrishtadyumna estava, inconsciente disso tudo, ao lado dele. Somente nós cinco entre os homens vimos Drona de grande alma absorto em Yoga proceder para a mais sublime região de bem aventurança. Esses cinco eram eu mesmo, Dhananjaya, o filho de Pritha, e o filho de Drona, Aswatthaman, e Vasudeva da linhagem de Vrishni, e o rei Yudhishthira o justo, o filho de Pandu. Ninguém mais, ó rei, pode ver aquela glória do sábio Drona, dedicado ao Yoga, enquanto partindo do mundo. Realmente, todos os seres humanos estavam inconscientes do fato de que o preceptor alcançou a região suprema de Brahman, uma região misteriosa para os próprios deuses, e que é a mais elevada de todas. De fato, nenhum deles pode ver o preceptor, aquele castigador de inimigos, proceder para a região de Brahman, dedicado ao Yoga na companhia dos principais dos Rishis, seu corpo mutilado por flechas e banhado em sangue, depois que ele tinha posto de lado suas armas. Em relação ao filho de Prishata, embora todos gritassem 'Que vergonha!' para ele, ainda lançando seus olhos na cabeça sem vida de Drona, ele começou a puxá-la à força. Com sua espada, então, ele cortou do tronco de seu inimigo aquela cabeça, enquanto seu inimigo permanecia sem fala. Tendo matado o filho de Bharadwaja, Dhrishtadyumna estava cheio de grande alegria, e proferiu gritos leoninos, girando sua espada. De uma cor escura, com seus cabelos brancos descendo até suas orelhas, aquele homem idoso de oitenta e cinco anos de idade costumava, por tua causa somente, se mover rapidamente no campo de batalha com a energia de um jovem de dezesseis. O poderosamente armado Dhananjaya, o filho de Kunti, (antes que a cabeça de Drona fosse cortada) tinha dito, 'Ó filho de Drupada, traga o preceptor vivo, não o mate. Ele não deve ser morto.' Assim mesmo todas as tropas também tinham gritado. Arjuna, em particular, movido por compaixão, tinha gritado repetidamente. Desconsiderando, no entanto, os gritos de Arjuna como também aqueles de todos os reis, Dhrishtadyumna matou Drona, aquele touro entre homens, no terraço de seu carro. Coberto com o sangue de Drona, Dhrishtadyumna então saltou do carro sobre o solo. Parecendo vermelho como o sol, ele então parecia ser extremamente feroz. Tuas tropas viram Drona morto exatamente dessa maneira naquela batalha. Então Dhrishtadyumna, aquele grande arqueiro, ó rei, jogou no chão aquela cabeça grande do filho de Bharadwaja diante dos guerreiros do teu exército. Teus soldados, ó monarca, vendo a cabeça do filho de Bharadwaja, colocaram seus corações na fuga e fugiram em todas as direções. Enquanto isso Drona, ascendendo aos céus, entrou no caminho estelar. Pela graça do Rishi Krishna (Dwaipayana), o filho de Satyavati, eu testemunhei, ó rei, (as verdadeiras circunstâncias a respeito da) morte de Drona. Eu contemplei aquele ilustre procedendo, depois que ele tinha ascendido ao céu, como um tição sem fumaça de esplendor ardente. Após a queda de Drona, os Kurus, os Pandavas e os Srinjayas, todos ficaram tristes e fugiram com grande velocidade. O exército então se dividiu. Muitos tinham sido mortos, e muitos feridos por meio de flechas afiadas. Teus guerreiros (em particular), após a queda de Drona, pareciam estar privados de vida. Tendo sofrido uma derrota, e estando inspirados com medo acerca do futuro, os Kurus se consideraram privados de ambos os mundos. (Isto é, tendo

sofrido uma derrota, eles perderam esse mundo, e fugindo do campo, eles cometeram um pecado e perderam o mundo seguinte.) De fato, eles perderam todo o autocontrole. Procurando pelo corpo do filho de Bharadwaja, ó monarca, no campo coberto com milhares de troncos sem cabeça, os reis não puderam encontrá-lo. Os Pandavas, tendo obtido a vitória e grandes perspectivas de renome no futuro, começaram a fazer sons altos com suas flechas e conchas e proferiram altos rugidos leoninos. Então Bhimasena, ó rei, e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, foram vistos no meio da hoste (Pandava) abraçar um ao outro. Dirigindo-se ao filho de Prishata, aquele opressor de inimigos, isto é, Bhima disse, 'Eu te abraçarei novamente, ó filho de Prishata, como alguém coroado com vitória, quando aquele desgraçado do filho de um Suta for morto em batalha, como também aquele outro canalha, isto é, Duryodhana.' Dizendo essas palavras, Bhimasena, o filho de Pandu, cheio de êxtases de alegria, fez a terra tremer com golpes em seu peito. Terrificadas por aquele som, tuas tropas fugiram da batalha, esquecendo os deveres dos Kshatriyas e colocando seus corações na fuga. Os Pandavas, tendo se tornado vencedores, ficaram muito contentes, ó monarca, e eles sentiram grande felicidade derivada da destruição de seus inimigos em batalha.'"

194

"Sanjaya disse, 'Após a queda de Drona, ó rei, os Kurus, afligidos por armas, privados de seu líder, divididos e derrotados, ficaram cheios com o esforço, e carentes de energia pela aflição. Proferindo lamentos altos, vendo seus inimigos (os Pandavas) prevalecendo sobre eles, eles tremiam repetidamente. Seus olhos cheios de lágrimas, e corações inspirados com medo, eles ficaram, ó rei, melancólicos e tristes, e desprovidos de (energia) se reuniram em volta do teu filho. Cobertos com poeira, tremendo (com medo), lançando olhares vazios para todos os lados, e com suas vozes sufocadas pelo medo, eles pareciam os Daityas depois da queda de Hiranyaksha nos tempos passados. Cercado por eles todos, como se por pequenos animais tomados pelo medo, teu filho, incapaz de ficar em seu meio, se afastou. Atormentados por fome e sede, e chamuscados pelo sol, teus guerreiros, então, ó Bharata, ficaram extremamente desanimados. Contemplando a queda do filho de Bharadwaja, a qual era como a queda do sol sobre a terra, ou a secagem do oceano, ou a transplantação de Meru, ou a derrota de Vasava, vendo aquele ato, incapaz de ser tranquilamente testemunhado, os Kauravas, ó rei, fugiram com medo, o terror lhes emprestando maior velocidade. O soberano dos Gandharas Sakuni, vendo Drona de carro dourado morto, fugiu com os guerreiros em carros de sua divisão, com velocidade que era muito maior. Até o filho de Suta fugiu com medo, levando com ele sua própria divisão vasta, que estava se retirando com grande velocidade com todos os seus estandartes. O soberano dos Madras, isto é, Salya, também, lançando olhares vagos em volta, fugiu com medo, levando consigo sua divisão, abundando em carros e elefantes e corcéis. O filho de Saradwat, Kripa, também, fugiu, dizendo, 'Ai. Ai,' levando com ele sua divisão de elefantes e soldados de infantaria, a maior parte dela tendo sido morta. Kritavarman, ó rei, também fugiu, levado por seus corcéis velozes, e

cercado pelo resto das suas tropas Bhoja, Kalinga, Aratta, e Valhika. Uluka, ó rei, vendo Drona morto, fugiu com velocidade, afligido com medo e acompanhado por um grande grupo de soldados de infantaria. Bonito e dotado de juventude, e reputado por sua bravura, Duhsasana, também, em grande ansiedade, fugiu circundado por sua divisão de elefantes. Levando com ele dez mil carros e três mil elefantes, Vrishasena também fugiu com velocidade à visão da queda de Drona. Acompanhado por seus elefantes e cavalos e carros, e cercado também por soldados de infantaria, teu filho, o poderoso guerreiro em carro Duryodhana, também fugiu, ó rei, levando com ele o restante dos Samsaptakas a quem Arjuna ainda não tinha massacrado. Susarman, ó rei, fugiu, vendo Drona morto. Em elefantes e carros e corcéis, todos os guerreiros do exército Kaurava fugiram do campo, vendo Drona, de carro dourado, morto. Alguns instigando seus pais adiante, alguns seus irmãos, alguns seus tios maternos, alguns seus filhos, alguns seus amigos, os Kauravas fugiram. Outros incitando seus irmãos em armas ou, os filhos de suas irmãs, seus parentes, fugiram para todos os lados. Com cabelo despenteado, e equipamentos soltos, todos fugiram de tal maneira que nem mesmo duas pessoas podiam ser vistas correndo juntas. O exército Kuru está totalmente destruído, essa mesma era a opinião de todos. Outros entre tuas tropas fugiram, ó rei, livrando-se de suas cotas de malha. Os soldados chamavam uns aos outros ruidosamente, ó touro da raça Bharata, dizendo, 'Esperem! Esperem, não fujam,' mas nenhum deles que falou assim permaneceu ele mesmo no campo. Abandonando seus veículos e carros enfeitados com ornamentos, os guerreiros, em cavalos ou usando suas pernas, fugiram com grande velocidade."

"Enquanto as tropas, desprovidas de energia, estavam fugindo dessa maneira com velocidade, o único filho de Drona, Aswatthaman, como um jacaré enorme avançando contra a correnteza de um rio, se precipitou contra seus inimigos. Uma batalha violenta ocorreu entre ele e muitos guerreiros encabeçados por Sikhandin e os Prabhadrakas, os Panchalas, os Chedis, e os Kaikeyas. Matando muitos guerreiros do exército Pandava que eram incapazes de serem derrotados com facilidade, e escapando com dificuldade da pressão da batalha, aquele herói, possuidor do andar de um elefante enfurecido, vendo a hoste (Kaurava) fugindo, resolveu fugir. Procedendo em direção a Duryodhana, o filho de Drona, aproximando-se do rei Kuru, disse, 'Por que, ó Bharata, as tropas estão fugindo como se apavoradas? Embora fugindo dessa maneira, ó monarca, por que tu ainda não as reagrupa em batalha? Tu mesmo, também, ó rei, não pareces estar no teu estado de espírito usual. Após a morte daquele leão entre os guerreiros em carros, ó monarca, teu exército caiu nesta situação difícil. Ó Kaurava, ó rei, todos aqueles que são encabeçados (até) por Karna, não permanecem no campo. Em nenhuma batalha lutada antes o exército fugiu assim. Algum mal aconteceu às tuas tropas, ó Bharata?' Ouvindo essas palavras do filho de Drona naquela ocasião, Duryodhana, aquele touro entre os reis, sentiu-se incapaz de lhe dar a notícia dolorosa. De fato, teu filho pareceu afundar em um oceano de aflição, como um barco naufragado. Vendo o filho de Drona em seu carro, o rei ficou banhado em lágrimas. Cheio de vergonha, ó monarca, o rei então se dirigiu ao filho de Saradwat, dizendo, 'Abençoado sejas, diga tu, antes de outros, por que o exército está fugindo dessa maneira.' Então o filho de Saradwat, ó rei,

repetidamente sentindo grande angústia, disse para o filho de Drona como seu pai tinha sido morto.'"

"Kripa disse, 'Colocando Drona, aquele principal dos guerreiros em carros, em nossa dianteira, nós começamos a lutar somente com os Panchalas. Quando a batalha começou, os Kurus e os Somakas, misturados juntos, rugiram uns para os outros e começaram a derrubar uns aos outros com suas armas. Durante a continuação daquela batalha os Dhartarashtras começaram a ser diminuídos. Vendo isso, teu pai, cheio de raiva, chamou à existência uma arma celeste. De fato, Drona, aquele touro entre homens, tendo invocado a arma Brahma, matou seus inimigos com flechas de cabeça larga, às centenas e milhares. (Armas celestes eram invocadas com mantras. Elas eram forças as quais criavam todos os tipos de armas tangíveis que o invocador desejava. Aqui a arma Brahma tomou a forma de flechas de cabeça larga.) Incitados pelo destino, os Pandavas, os Kaikeyas, os Matsyas, e os Panchalas, ó principal dos regenerados, se aproximando do carro de Drona, começaram a perecer. Com sua arma Brahma, Drona despachou para a residência de Yama mil bravos guerreiros e dois mil elefantes. De uma cor escura, com seus cabelos grisalhos descendo até suas orelhas, e com oitenta e cinco anos completos de idade, o idoso Drona costumava se movimentar rapidamente em batalha como um jovem de dezesseis. Quando as tropas do inimigo estavam assim afligidas e os reis estavam sendo mortos, os Panchalas, embora cheios de desejo de vingança, recuaram da batalha. Quando o inimigo, voltando atrás, parcialmente perdeu sua ordem, aquele subjugador de inimigos (Drona), chamando armas celestes à existência, brilhava resplandecente como o sol nascente. De fato, teu pai valente, chegando no meio dos Pandavas, e tendo flechas como os raios que emanavam dele, parecia o sol do meio-dia para o qual ninguém podia olhar. Chamuscados por Drona, como se pelo sol brilhante, eles ficaram desanimados e privados de sua energia e sentidos. Vendo eles assim afligidos por Drona com suas flechas, o matador de Madhu, desejoso de vitória para o filho de Pandu disse essas palavras: 'Realmente, este principal de todos os manejadores de armas, este líder dos líderes é incapaz de ser vencido em batalha pelo próprio matador de Vritra. Ó filhos de Pandu, pondo de lado a retidão, cuidem da vitória, para que Drona de carro dourado não possa matar todos vocês em batalha. Eu penso que ele não lutará depois da queda de Aswatthaman. Que algum homem diga falsamente a ele que Aswatthaman foi morto em batalha.' Ouvindo essas palavras o filho de Kunti, Dhananjaya, não as aprovou. O conselho, no entanto, encontrou a aprovação de todos os outros, e até de Yudhishthira com alguma dificuldade. Então Bhimasena, com uma aparência de acanhamento, disse para teu pai, 'Aswatthaman foi morto!' Teu pai, no entanto, não acreditou nele. Suspeitando de que a notícia era falsa, teu pai, tão afetuoso em direção a ti, questionou Yudhishthira quanto a se tu estavas realmente morto ou não. Afligido pelo medo de uma mentira, desejoso ao mesmo tempo de vitória, Yudhishthira, vendo um elefante poderoso, enorme como uma colina e chamado Aswatthaman, pertencente ao chefe Malava, Indravarman, morto no campo por Bhima, se aproximou de Drona e respondeu a ele, dizendo, 'Ele por quem tu manejaste armas, ele, considerando a quem tu vives, aquele teu filho sempre querido, isto é, Aswatthaman, foi morto. Privado de vida ele jaz na terra nua como um leão jovem.'

Totalmente consciente das más consequências da mentira, o rei falou aquelas palavras para aquele melhor dos Brahmanas, indistintamente adicionando elefante (depois de Aswatthaman). Sabendo da queda de seu filho, ele começou a lamentar alto, afligido pela angústia. Reprimindo (a força de) suas armas celestes, ele não lutou como antes. Vendo ele cheio de ansiedade, e quase privado de seus sentidos pela dor, o filho do rei Panchala, de feitos cruéis, avançou em direção a ele. Vendo o príncipe que tinha sido ordenado como seu matador, Drona, versado em todas as verdades acerca de homens e coisas, abandonou todas as suas armas celestes e sentou-se em Praya no campo de batalha. Então o filho de Prishata, agarrando a cabeça de Drona com sua mão esquerda e desconsiderando as altas admoestações de todos os heróis, cortou aquela cabeça. 'Drona não deve ser morto,' essas mesmas foram as palavras proferidas de todos os lados. Similarmente, Arjuna também, saltando de seu carro, correu rapidamente em direção ao filho de Prishata, com braços erguidos e dizendo repetidamente, 'Ó tu que és familiarizado com os costumes de moralidade, não mate o preceptor mas traga-o vivo.' Embora assim proibido pelos Kauravas como também por Arjuna, Dhrishtadyumna matou teu pai. Por isso, afligidas com medo, as tropas estão todas fugindo. Nós mesmos também, pela mesma razão, em grande tristeza, ó impecável, estamos fazendo o mesmo.'"

"Sanjaya continuou, 'Sabendo da morte de seu pai em batalha, o filho de Drona, como uma cobra atingida com o pé, ficou cheio de ira feroz. E cheio de raiva, ó majestade, Aswatthaman brilhou naquela batalha como um fogo alimentado com uma grande quantidade de combustível. Quando ele apertou suas mãos e rangeu seus dentes, e respirou como uma cobra, seus olhos ficaram vermelhos como sangue.'"

195

"Dhritarashtra disse, 'Sabendo, ó Sanjaya, da morte, por meios injustos, de seu pai idoso, por Dhrishtadyumna, o que o valente Aswatthaman disse, ele, isto é, em quem armas humanas e Varuna e Agneya e Brahma e Aindra e Narayana estão sempre presentes? De fato, sabendo que o preceptor, aquele principal dos homens virtuosos, tinha sido morto injustamente por Dhrishtadyumna em batalha, o que Aswatthaman disse? Drona de grande alma, tendo obtido a ciência de armas de Rama comunicou (o conhecimento de) todas as armas celestes para seu filho desejoso de ver o último adornado com todas as habilidades (de um guerreiro). Há só uma pessoa nesse mundo, isto é, o filho, e ninguém mais, a quem os homens desejam que se tornem superiores a eles mesmos. Todos os preceptores de grande alma tem essa característica, isto é, que eles comunicam todos os mistérios de sua ciência ou para filhos ou discípulos dedicados. Tornando-se pupilo de seu pai, ó Sanjaya, e obtendo todos aqueles mistérios com todos os detalhes, o filho da filha de Saradwat tornou-se um segundo Drona, e um herói formidável. Aswatthaman é igual a Karna em conhecimento de armas, a Purandara em batalha, a Kartavirya em energia, e Vrihaspati em sabedoria. Em fortaleza, aquele jovem é igual a uma montanha, e em energia ao fogo. Em

gravidade, ele é igual a um oceano, e em cólera, ao veneno da cobra. Ele é o mais notável de todos os guerreiros em carros em batalha, um arqueiro firme, e acima de toda fadiga. Em velocidade ele é igual ao próprio vento e ele se move rapidamente no centro da luta como Yama em fúria. Enquanto ele está empenhado em disparar flechas em batalha, a própria terra vem a ser afligida. De bravura incapaz de ser frustrada, aquele herói nunca fica fatigado por esforços. Purificado pelos Vedas e por votos, ele é um mestre completo da ciência de armas, como Rama, o filho de Dasharatha. Ele é como o oceano, incapaz de ser agitado. Sabendo que o preceptor, aquela principal das pessoas justas, tinha sido morto injustamente em batalha por Dhrishtadyumna, o que, de fato, Aswatthaman disse? Aswatthaman foi ordenado para ser o matador de Dhrishtadyumna, assim como o filho de Yajnasena, o príncipe dos Panchalas, foi ordenado para ser o matador de Drona. O que, oh, Aswatthaman disse, sabendo que seu pai, o preceptor, tinha sido morto pelo cruel, pecaminoso, e vil Dhrishtadyumna de pouca previdência?'"

196

"Sanjaya disse, 'Sabendo da morte de seu pai por Dhrishtadyumna de atos pecaminosos, o filho de Drona estava cheio de dor e raiva, ó touro entre homens. Furioso, ó rei, seu corpo parecia resplandecer como aquele do Destruidor enquanto empenhado em massacrar as criaturas no fim do Yuga. Repetidamente enxugando seus olhos lacrimosos, e suspirando ansiosamente com raiva, ele disse para Duryodhana, 'Eu agora soube como meu pai foi morto por aqueles desgraçados vis depois que ele tinha posto de lado suas armas, e como também um ato pecaminoso foi perpetrado por Yudhishthira disfarçado no traje de virtude! (Dharmadhwajin literalmente significa uma pessoa que leva a bandeira da virtude, consequentemente, hipócrita, somente falando com modos de santarrão de virtude e moralidade mas agindo de modo diferente.) Eu agora soube daquele ato injusto e extremamente cruel do filho de Dharma. De fato, para aqueles engajados em batalha, uma das duas coisas deve acontecer, isto é, vitória ou derrota. Morte em batalha é sempre para ser louvada. Aquela morte, em batalha, de uma pessoa envolvida na luta, a qual ocorre sob circunstâncias de justiça, não é digna de tristeza, como tem sido observado pelos sábios. Sem dúvida, meu pai foi para a região dos heróis. Ele tendo encontrado tal morte, eu não devo me afligir por ele. A humilhação, no entanto, de seus cabelos terem sido agarrados, que ele sofreu na própria vista de todas as tropas, enquanto ele estava justamente engajado em batalha, está dilacerando o próprio centro do meu coração. Eu mesmo vivo, os cabelos de meu pai foram agarrados, por que pessoas sem filhos deveriam então nutrir um desejo de progênie? Pessoas cometem ações injustas ou humilham outras, movidas por luxúria ou ira ou loucura ou ódio ou leviandade. O filho cruel e de alma perversa de Prishata cometeu essa ação extremamente pecaminosa em total desconsideração por mim, Dhrishtadyumna, portanto, indubitavelmente sofrerá a consequência terrível daquela ação, como também o filho mentiroso de Pandu, que agiu tão injustamente. Hoje, a terra sem dúvida beberá o sangue daquele rei Yudhishthira o justo, que fez o preceptor, por um ato de falsidade, por

de lado suas armas. Eu juro pela verdade, ó Kaurava, como também por meus atos religiosos, que eu nunca aguentarei o peso da vida se eu fracassar em exterminar os Panchalas. Por todos os meios eu lutarei com os Panchalas em combate terrível. Eu sem dúvida matarei em batalha Dhrishtadyumna, aquele perpetrador de atos injustos. Por meios suaves ou violentos, eu efetuarei a destruição de todos os Panchalas antes que a paz se torne minha, ó Kaurava! Ó tigre entre homens, as pessoas desejam filhos para que os obtendo elas possam ser resgatadas de grandes terrores nesse e no outro mundo. Meu pai, no entanto, caiu naquela situação difícil, como uma criatura desamparada, embora eu mesmo esteja vivo, seu discípulo e filho, parecendo uma montanha (em poder). Que vergonha para minhas armas celestes! Que vergonha para meus braços. Que vergonha para minha destreza. Já que Drona, embora ele tivesse um filho em mim, teve seus cabelos agarrados! Eu irei, portanto, ó chefe dos Bharatas, agora realizar aquilo pelo qual eu possa ser libertado da dívida que eu tenho para com meu pai, que agora foi para outro mundo. Aquele que é bom nunca se entrega ao auto-elogio. Incapaz, no entanto, de suportar a morte de meu pai, eu falo da minha bravura. Que os Pandavas, com Janardana entre eles, vejam minha energia hoje, enquanto eu oprimo todas as suas tropas, realizando o que é feito (pelo próprio Destruidor) no fim do Yuga. Nem os deuses, nem os Gandharvas, nem os Asuras, os Uragas, e os Rakshasas, nem todos os principais dos homens serão capazes de me subjugar hoje em meu carro em batalha. Não há ninguém no mundo igual a mim ou Arjuna em conhecimento de armas. Entrando no meio das tropas, como o próprio sol no meio de seus raios ardentes, eu hoje usarei minhas armas celestes. Hoje, com inúmeras flechas, utilizadas por mim, disparadas de meu arco em batalha terrível, mostrando sua terrível energia, eu subjugarei os Pandavas. Hoje, todos os pontos do horizonte, ó rei, serão vistos pelos guerreiros do nosso exército cobertos com minhas flechas aladas de pontas afiadas, como se com torrentes de chuva. Espalhando chuvas de flechas por todos os lados com um barulho alto, eu derrubarei meus inimigos, como uma tempestade derrubando árvores. Nem Vibhatsu, nem Janardana, nem Bhimasena, nem Nakula, nem Sahadeva, nem o rei Yudhishthira, nem o filho de alma perversa de Prishata (Dhrishtadyumna), nem Sikhandin, nem Satyaki, ó Kaurava, conhecem aquela arma que eu tenho, junto com os mantras para lançá-la e retirá-la. Antigamente em uma ocasião, Narayana, assumindo a forma de Brahmana, foi até meu pai. Curvando-se a ele, meu pai apresentou suas oferendas para ele na forma devida. Pegando-as ele mesmo, o Senhor divino se ofereceu para lhe dar um benefício. Meu pai então solicitou aquela arma suprema chamada Narayana. O Senhor divino, o principal de todos os deuses, se dirigindo a meu pai, disse, 'Nenhum homem alguma vez se tornará teu igual em batalha. Esta arma, no entanto, ó Brahmana, nunca deve ser usada apressadamente. Ela nunca volta sem efetuar a destruição do inimigo. Eu não conheço ninguém a quem ela não possa matar, ó senhor! De fato, ela mataria até os que não podem ser mortos. Portanto, ela não deve ser usada (sem a maior deliberação). Esta arma poderosa, ó opressor de inimigos, nunca deve ser lançada sobre pessoas que abandonam seus carros ou armas em batalha, ou sobre aquelas que procuram por abrigo ou aquelas que se entregam. Aquele que procura afligir em batalha os que não podem ser mortos com ela, é ele mesmo muito afligido por ela!' Meu pai assim recebeu aquela arma. Então o Senhor

Narayana, dirigindo-se a mim mesmo também, disse, 'Com a ajuda desta arma, tu também despejarás diversas chuvas de armas celestes em batalha e brilharás com energia por causa dela.' Tendo dito essas palavras, o Senhor divino ascendeu ao céu. Essa é a história da arma Narayana que foi obtida por meu pai. Com ela eu derrotarei e matarei os Pandavas, os Panchalas, os Matsyas, e os Kaikeyas, em batalha, como o marido de Sachi derrotando e matando os Asuras. Minhas flechas, ó Bharata, cairão sobre os inimigos lutando, naquelas formas específicas as quais eu desejar que elas assumam. Permanecendo em batalha, eu despejarei chuvas de armas como eu desejo. Eu derrotarei e matarei todos os principais dos guerreiros em carros com flechas percorredoras do céu de pontas de ferro. Sem dúvida, eu despejarei inúmeros machados de batalha sobre o inimigo. Com a poderosa arma Narayana, um opressor de inimigos que eu sou, eu destruirei os Pandavas, causando uma carnificina imensa entre eles. Aquele canalha entre os Panchalas, (Dhrishtadyumna), que é um ofensor de amigos e Brahmanas e de seu próprio preceptor, que é um patife enganador do comportamento mais repreensível, nunca escapará de mim hoje com vida.' Ouvindo essas palavras do filho de Drona, o exército (Kuru) se reagrupou. Então muitos principais dos homens sopraram suas conchas gigantescas. E cheios de alegria, eles bateram em suas baterias e dindimas aos milhares. A terra ressoou com barulhos altos, afligida pelos cascos de cavalos e as rodas de carros. Aquele tumulto alto fez a terra e o firmamento também ecoarem com ele. Ouvindo aquele tumulto, profundo como o ribombo das nuvens, os Pandavas, aqueles principais dos guerreiros em carros, se reunindo, se aconselharam uns com os outros. Enquanto isso, o filho de Drona, tendo dito aquelas palavras, ó Bharata, tocou a água e invocou a arma celeste chamada Narayana.'"

197

"Sanjaya disse, 'Quando a arma chamada Narayana foi invocada, ventos violentos começar a soprar com torrentes de chuva, e ribombos de trovão foram ouvidos embora o céu estivesse sem nuvens. A terra tremeu, e os mares se elevaram em agitação. Os rios começaram a correr em uma direção contrária. Os topos de montanhas, ó Bharata, começaram a se partir. Diversos animais começaram a passar pelo lado esquerdo dos Pandavas (literalmente, 'os animais mantiveram os Pandavas à sua direita.') A escuridão se manifestou, o sol ficou oculto. Diversas espécies de criaturas carnívoras começaram a descer sobre o campo em alegria. Os deuses, os Danavas, e os Gandharvas, ó monarca, todos ficaram inspirados com medo. Observando aquela tremenda agitação (na natureza), todos começaram a perguntar uns aos outros ruidosamente acerca de sua causa. De fato, vendo aquela arma ameaçadora e terrível invocada pelo filho de Drona, todos os reis, inspirados com medo, sentiram grande aflição.'"

"Dhritarashtra disse, 'Diga-me, ó Sanjaya, que plano foi adotado pelos Pandavas para a proteção de Dhrishtadyumna quando eles viram os Kauravas avançarem mais uma vez para a batalha, reagrupados pelo filho de Drona que estava chamuscado pela dor e incapaz de suportar a morte de seu pai?'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo visto antes os Dhartarashtras fugirem, Yudhishthira, vendo-os novamente preparados para batalha furiosa, dirigiu-se a Arjuna, dizendo, 'Depois que o preceptor Drona foi morto em batalha por Dhrishtadyumna, como o Asura poderoso, Vritra, pelo manejador do raio, (os Kurus), ó Dhananjaya, ficando desanimados, abandonaram todas as esperanças de vitória. Desejosos de se salvar, todos eles fugiram da batalha. Alguns reis fugiram em carros conduzidos ao longo de rumo irregular sem motoristas Parshni, e privados de bandeiras e pendões e guarda-sóis, e com seus Kuvaras e cabinas quebrados, e todos os seus equipamentos fora de lugar. Outros, em pânico e privados de seu juízo, eles mesmos golpeando os corcéis de seus carros com seus pés, fugiram precipitadamente. Outros, em carros com cangas e rodas e Akshas quebrados, fugiram afligidos com medo. Outros a cavalo foram levados para longe, metade de seus corpos fora de suas selas. Outros, desalojados de seus assentos, e presos por flechas aos pescoços de elefantes, eram rapidamente carregados para longe por aqueles animais. Outros eram pisoteados até a morte por todos os lados por elefantes, afligidos e mutilados por flechas. Outros, privados de armas e desprovidos de armadura, caíram de seus veículos e animais sobre o chão. Outros eram cortados por rodas de carros, ou esmagados por corcéis e elefantes. Outros chamando ruidosamente por seus pais e filhos fugiram com medo, sem reconhecerem uns aos outros, privados de toda energia pela dor. Alguns, colocando seus filhos e pais e amigos e irmãos (em veículos) e tirando suas armaduras, eram vistos lavando-os com água. Depois da morte de Drona, o exército (Kuru), caído em tal situação, fugiu precipitadamente. Por quem então ele foi reagrupado? Diga-me, se tu sabes. O som de cavalos relinchando e elefantes barrindo, misturado com o estrépito de rodas de carro, é ouvido alto. Estes sons, tão ameaçadores, ocorrendo no oceano Kuru, estão aumentando repetidamente e fazendo minhas tropas tremerem. Este barulho terrificante, de arrepiar os cabelos, que é agora ouvido, irá, parece, engolfar os três mundos com Indra em sua chefia. Eu penso que este tumulto terrível é proferido pelo próprio manejador do raio. É evidente que após a queda de Drona, o próprio Vasava está se aproximando (contra nós) por causa dos Kauravas. Nossos cabelos se eriçaram, nossos principais guerreiros em carros estão todos aflitos com ansiedade. Ó Dhananjaya, ouvindo esse barulho alto e terrível, eu te pergunto quem é aquele poderoso guerreiro em carro, como o próprio senhor dos celestiais, que reagrupando esta hoste terrível e formidável, está fazendo ela retornar?'"

"Arjuna disse, 'Ele, confiando em cuja energia os Kauravas, tendo se dirigido para a realização de atos violentos, estão soprando suas conchas e permanecendo com paciência, ele sobre quem tu tens tuas dúvidas, ó rei, quanto a quem possa ser que está rugindo tão alto, tendo reagrupado os Dhartarashtras depois da queda do preceptor desarmado, ele, que é dotado de modéstia, possuidor de armas poderosas, tem o andar de um elefante enfurecido, possui um rosto como aquele de um tigre, sempre realiza feitos impetuosos, e dissipa os temores dos Kurus, ele em cujo nascimento Drona doou mil vacas para Brahmanas de mérito alto, ele, ó rei, que está rugindo tão alto, é Aswatthaman. Logo que ele nasceu, aquele herói relinchou como o corcel de Indra e fez os três

mundos tremerem àquele som. Ouvindo aquele som, um ser invisível, ó senhor, (falando audivelmente) concedeu a ele o nome de Aswatthaman (o de voz de cavalo). Aquele herói, ó filho de Pandu, está rugindo hoje. O filho de Prishata, por um ato extremamente cruel, atacou Drona e tirou sua vida como se o último não tivesse um protetor. Lá está o protetor daquele Drona. Já que o príncipe dos Panchalas agarrou meu preceptor pelo cabelo, Aswatthaman, confiante em sua própria destreza, nunca irá perdoá-lo. Tu, ó monarca, disseste ao teu preceptor uma mentira por causa do reino! Embora tu estejas familiarizado com os ditames da retidão, tu ainda cometeste um ato muito pecaminoso. Tua má fama, por consequência da morte de Drona, será eterna nos três mundos com suas criaturas móveis e imóveis, como a de Rama por causa da morte de Bali! (O filho de Dasaratha, Rama, durante seu exílio, matou o chefe macaco Bali, o irmão de Sugriva, enquanto Bali estava envolvido com Sugriva em batalha. Bali não fez nenhuma injúria para Rama. Aquele ato tem sido sempre considerado como uma mácula em Rama.) Sobre ti mesmo, Drona tinha pensado, 'O filho de Pandu é possuidor de toda virtude; ele é, além disso, meu discípulo. Ele nunca falará uma mentira para mim.' Pensando assim, ele deu crédito ao que tu disseste. Embora ao falar da morte de Aswatthaman tu tivesses adicionado a palavra elefante, ainda assim tua resposta ao preceptor foi, afinal, uma mentira no traje de verdade. Assim dito por ti, o pujante Drona pôs de lado suas armas e, como tu viste, ficou indiferente (a tudo), extremamente agitado, e quase privado de seus sentidos. Foi mesmo um discípulo que, abandonando toda moralidade, matou dessa maneira seu próprio preceptor, cheio de afeição por seu filho, enquanto, de fato, aquele preceptor estava cheio de tristeza e relutante em lutar. Tendo feito ele, que tinha colocado de lado suas armas, ser morto injustamente, proteja o filho de Prishata se tu puderes, com todos os teus conselheiros. Todos nós, juntos, não seremos capazes de proteger o filho de Prishata hoje, que será atacado pelo filho do preceptor em fúria e aflição. Aquele ser sobre-humano que tem aquele hábito de mostrar sua amizade por todas as criaturas, aquele herói, sabendo que os cabelos de seu pai foram agarrados, certamente destruirá todos nós em batalha hoje. Embora eu gritasse repetidamente com toda a força da minha voz para salvar a vida do preceptor, ainda, desconsiderando meus gritos e abandonando a moralidade, um discípulo tirou a vida daquele preceptor. Todos nós (já) passamos a maior parte de nossas vidas. Os dias que restam para nós são limitados. Esse ato extremamente injusto que nós cometemos maculou aquele resto. Por causa da afeição que ele tinha por nós, ele foi um pai para nós. Segundo os ditames das escrituras também, ele era um pai para nós. Porém ele, aquele nosso preceptor, foi morto por nós por causa da soberania de vida curta. Dhritarashtra, ó rei, tinha dado para Bhishma e Drona a terra inteira, e o que era ainda mais valioso, todos os seus filhos. Embora honrado por nosso inimigo dessa maneira, e embora ele tivesse obtido tal riqueza dele, o preceptor ainda nos amava como seus próprios filhos. De energia e destreza imorredouras, o preceptor foi morto, somente porque, induzido por tuas palavras ele pôs de lado suas armas. Enquanto engajado na luta ele era incapaz de ser morto pelo próprio Indra. O preceptor era venerável em idade e sempre dedicado ao nosso bem-estar. Mas injustos como nós somos, e manchados por uma leviandade de comportamento, nós não tivemos escrúpulos em feri-lo. Ai, extremamente cruel e muito hediondo foi o pecado que nós

cometemos, pois, movidos pelo desejo de desfrutar dos prazeres da soberania, nós matamos aquele Drona. Meu preceptor estava todo o tempo sob a impressão de que por causa do meu amor por ele eu podia, (por sua causa) abandonar todos, pai, irmão, filhos, mulher e a própria vida. E ainda movido pelo desejo de soberania eu não interferi quando ele estava prestes a ser morto. Por essa falha, ó rei, eu, ó senhor, já caí no inferno, tomado pela vergonha. Tendo, por causa do reino, causado a morte de alguém que era um Brahmana, que era venerável em idade, que era meu preceptor, que tinha deposto suas armas, e que estava então dedicado, como um grande asceta, ao Yoga, a morte se tornou preferível para mim do que a vida!'"

198

"Sanjaya disse, 'Ouvindo essas palavras de Arjuna, os poderosos guerreiros em carros presentes lá não disseram uma única palavra, ó monarca, agradável ou desagradável, para Dhananjaya. Então Bhimasena de braços fortes, cheio de ira, ó touro da raça Bharata, repreendendo o filho de Kunti, Arjuna, disse essas palavras, 'Tu pregas verdades de moralidade como um anacoreta vivendo nas florestas ou um Brahmana de votos rígidos e sentidos sob completo controle. Um homem é chamado de Kshatriya porque ele salva outros de ferimentos e injúrias. Sendo assim, ele deve salvar a si mesmo de ferimentos e injúrias. Mostrando clemência para os três que são bons (isto é, os deuses, os Brahmanas, e preceptor), um Kshatriya, por fazer seus deveres, logo ganha a terra como também piedade e fama e prosperidade. Tu, ó perpetuador da tua linhagem, és dotado de todos os atributos de um Kshatriya. Portanto, não parece bem para ti falar como um indivíduo ignorante. Ó filho de Kunti, tua destreza é semelhante àquela do próprio Sakra, o marido de Sachi. Tu não ultrapassas os limites da moralidade como o oceano que nunca ultrapassa seus continentes. Quem é que não te veneraria, vendo que tu procuras virtude, tendo abandonado a ira nutrida por ti por treze anos? Por boa sorte, ó senhor, teu coração hoje segue na esteira da virtude. Ó tu de glória imorredoura, por boa sorte, tua mente te inclina em direção à compaixão. Embora, no entanto, tu estejas inclinado a adotar o caminho da virtude, teu reino foi tirado de ti da maneira mais injusta. Arrastando a esposa Draupadi para a assembléia, teus inimigos a insultaram. Vestidos em cascas de árvores e peles de animais, todos nós fomos exilados para as florestas, e embora nós não fôssemos merecedores daquela situação, nossos inimigos todavia nos obrigaram a aguentá-la por treze anos. Ó impecável, tu perdoaste todas estas circunstâncias, cada uma das quais exige a demonstração de cólera. Dedicado como tu és aos deveres de um Kshatriya, tu tranquilamente suportaste estas. Lembrando de todas aquelas ações de injustiça, eu vim aqui contigo para me vingar deles. (Quando, no entanto, eu vejo que tu estás tão indiferente, por que), eu mesmo matarei aqueles canalhas vis que nos despojaram do nosso reino? Tu tinhas antigamente dito essas palavras, isto é, ‘Indo para a batalha, nós nos esforçarem até a máxima extensão de nossas habilidades.’ Hoje, no entanto, tu nos repreendes. Tu agora procuras virtude. Aquelas palavras, portanto, que tu disseste antigamente eram falsas. Nós já estamos afligidos pelo medo. Tu

cortaste, no entanto, o próprio âmago dos nossos corações com essas tuas palavras, ó subjugador de inimigos, como alguém derramando ácido sobre as feridas de homens feridos. Afligido por teus dardos verbais, meu coração está se partindo. Tu és virtuoso, mas tu não sabes em que a virtude realmente consiste, já que tu não elogiaste nem a ti mesmo nem a nós, embora todos nós sejamos dignos de elogios. Quando o próprio Kesava está aqui, tu louvas o filho de Drona, um guerreiro que não alcança nem uma décima sexta parte de ti mesmo. Ó Dhananjaya, confessando tuas próprias falhas, por que tu não sentes vergonha? Eu posso rachar essa terra com raiva, ou partir as próprias montanhas ao girar aquela minha maça terrível e pesada, enfeitada com ouro. Como a tempestade, eu posso derrubar árvores gigantescas parecidas com colinas. Eu posso, com minhas flechas, derrotar os celestiais unidos com Indra em sua dianteira, junto com todos os Rakshasas, ó Partha, e os Asuras, os Uragas e seres humanos. Sabendo que eu, teu irmão, sou assim, ó touro entre homens, não cabe a ti, ó tu de destreza incomensurável, nutrir qualquer receio em relação ao filho de Drona. Ou, ó Vibhatsu, permaneça aqui, com todos estes touros entre homens. Sozinho e não protegido, eu irei, armado com minha maça, derrotá-lo em grande batalha.' Depois que Bhima tinha terminado, o filho do rei Panchala, dirigindo-se a Partha, disse essas palavras, como Hiranyakasipu (o líder dos Daityas) para o enfurecido e rugindo Vishnu, 'Ó Vibhatsu, os sábios tem ordenado esses como sendo os deveres de Brahmanas, isto é, ajuda em sacrifícios, ensino, doação, realização de sacrifícios, recepção de doações, e estudo como o sexto. A qual desses seis era dedicado aquele Drona que foi morto por mim? Decaído dos deveres da sua própria classe e praticando aqueles da classe Kshatriya, aquele realizador de feitos perversos costumava nos obstar por meio de armas sobre-humanas. Declarando-se um Brahmana, ele tinha o hábito de usar ilusão irresistível. Por uma própria ilusão ele foi morto hoje. Ó Partha, o que há de impróprio nisto? Drona tendo sido assim punido por mim, se seu filho, de raiva, profere rugidos altos, o que você perde por isso? Eu não acho surpreendente em absoluto que o filho de Drona, incitando os Kauravas para a batalha, faça eles serem mortos, ele mesmo incapaz de protegê-los. Tu és familiarizado com moralidade. Por que então tu dizes que eu sou um assassino de meu preceptor? Foi para isso que eu nasci como um filho para o rei dos Panchalas, tendo surgido do fogo (sacrifical). Como, ó Dhananjaya, você chama de Brahmana ou Kshatriya aquele para quem, enquanto engajado em batalha, todos os atos, próprios e impróprios, eram o mesmo? Ó principal dos homens, por que não deveria ser morto, por quaisquer meios em nosso poder, ele que, privado de sua razão em fúria, costumava matar com as armas Brahma até aqueles que não eram familiarizados com armas? Aquele que é injusto é citado por aqueles que são justos como igual a veneno. Sabendo disso, ó tu que és bem versado nas verdades de moralidade, por que tu, ó Arjuna, me repreendes? Aquele guerreiro em carro cruel foi agarrado e morto por mim. Eu não fiz nada que seja digno de repreensão. Por que então, ó Vibhatsu, tu não me felicitas? Ó Partha, eu cortei aquela cabeça terrível, como o sol ardente ou veneno virulento ou o todo-destrutivo fogo Yuga, de Drona. Por que então tu não elogias um ato que é digno de louvor? Ele matou em batalha somente meus parentes e não aqueles de alguém mais. Eu digo que tendo somente cortado sua cabeça, a febre do meu coração não diminuiu. O próprio

âmago do meu coração está sendo perfurado por eu não ter jogado aquela cabeça dentro do domínio dos Nishadas, como aquela de Jayadratha! (Os Nishadas eram e são até hoje a casta mais baixa na Índia.) É ouvido, ó Arjuna, que uma pessoa incorre em pecado por não matar seus inimigos. Esse mesmo é o dever de um Kshatriya, ou seja, matar ou ser morto. Drona era meu inimigo. Ele foi justamente morto por mim em batalha, ó filho de Pandu, assim como tu mataste o bravo Bhagadatta, teu amigo. Tendo matado teu avô em batalha, tu consideraste aquele ato como justo. Por que então tu deves considerar isso injusto em mim por eu ter matado meu inimigo infame? Por causa do nosso relacionamento, ó Partha, eu não posso erguer minha cabeça na tua presença e sou como um elefante prostrado com uma escada de mão contra seu corpo (para ajudar criaturas débeis a subir em suas costas). Portanto, não cabe a ti me repreender. Eu perdôo todas as falhas das tuas palavras, ó Arjuna, por causa de Draupadi e dos filhos de Draupadi e não por qualquer outra razão. É bem sabido que minha hostilidade com o preceptor passou de pai para filho. Todas as pessoas nesse mundo sabem disso. Ó filhos de Pandu, vocês não sabiam disso? O filho mais velho de Pandu não foi insincero em palavras. Eu mesmo, ó Arjuna, não sou pecaminoso. O desprezível Drona odiava seus discípulos. Lute agora. A vitória será tua.'"

199

"Dhritarashtra disse, 'Aquela pessoa ilustre que tinha estudado devidamente os Vedas com todos os seus ramos, ele, em quem a ciência de armas inteira e modéstia tinham habitado, ele por cuja graça muitos principais dos homens ainda são capazes de realizar façanhas sobre-humanas que os próprios deuses não podem realizar com esmero, ai, quando ele, isto é, aquele Drona, aquele filho de um grande Rishi foi insultado diante de todos pelo baixo, perverso, de mente vil e pecaminoso Dhrishtadyumna, aquele assassino de seu próprio preceptor, não houve lá nenhum Kshatriya que se sentiu chamado a mostrar sua ira? Que vergonha para a classe Kshatriya, e que vergonha para a própria ira! Diga-me, ó Sanjaya, o que os filhos de Pritha, como também todos os outros arqueiros nobres no mundo, sabendo da morte de Drona, disseram ao príncipe de Panchala.'"

"Sanjaya disse, 'Ouvindo aquelas palavras do filho de Drupada, de feitos desonestos, todas as pessoas presentes lá, ó monarca, permaneceram perfeitamente silenciosas. Arjuna, no entanto, lançando olhares enviesados sobre o filho de Prishata, parecia, com lágrimas e suspiros, o repreender, dizendo, 'Que vergonha, que vergonha.' Yudhishthira e Bhima e os gêmeos e Krishna e os outros ficaram parados timidamente. Satyaki, no entanto, ó rei, disse essas palavras, 'Não há nenhum homem aqui que irá, sem demora, matar esse indivíduo pecaminoso, esse mais vil dos homens, que está proferindo tais palavras más? Os Pandavas estão todos te condenando por esse teu ato pecaminoso, como Brahmanas condenando uma pessoa da classe Chandala. Tendo cometido tal ato hediondo, tendo atraído sobre ti as críticas de todos os homens honestos, tu não estás envergonhado de abrir teus lábios no meio de tal assembléia respeitável? Ó canalha desprezível, por que tua língua e cabeça não se partiram em cem

fragmentos quando tu estavas prestes a matar teu próprio preceptor? Por que tu não foste derrubado por aquele ato de pecado? Já que, tendo cometido tal ação pecaminosa, além disso elogiando a ti mesmo no meio de seres humanos, tu incorres nas críticas dos Parthas e de todos os Andhakas e os Vrishnis. Tendo perpetrado tal ato atroz, tu estás também mostrando semelhante ódio pelo preceptor. Por isso tu mereces a morte em nossas mãos. Não há utilidade em te manter vivo nem por um único momento. Quem, exceto tu, ó canalha, causaria a morte do preceptor virtuoso, agarrando-o por seus cabelos? Tendo te obtido, ó patife, teus antepassados, por sete gerações e teus descendentes também por sete gerações, privados de fama, caíram no inferno. Tu tens acusado Partha, aquele touro entre homens, pela morte de Bhishma. O último, no entanto, isto é, aquele personagem ilustre, executou ele mesmo sua própria morte. Realmente falando, teu irmão, (isto é, Sikhandin), aquele principal de todos os pecadores, foi a causa da morte de Bhishma. Não há ninguém no mundo que seja mais pecaminoso do que os filhos do rei Panchala. Teu pai criou Sikhandin para a destruição de Bhishma. Em relação a Arjuna, ele somente protegeu Sikhandin enquanto Sikhandin se tornava a causa da morte do ilustre Bhishma. Tendo obtido a ti que és condenado por todos os homens justos, e teu irmão, entre eles, os Panchalas decaíram da virtude, e manchados pela baixeza, tornaram-se odiadores de amigos e preceptores. Se tu falares novamente palavras semelhantes na minha presença, eu então te quebrarei com minha maça que é tão forte quanto o raio. Vendo a ti que és o matador de um Brahmana, já que tu és culpado de nada menos do que da morte de um Brahmana, as pessoas tem que olhar o sol para se purificarem. Tu desgraçado de um Panchala, ó tu de conduta perversa, falando mal do meu preceptor primeiro e então do preceptor do meu preceptor, tu não estás envergonhado? (Arjuna era preceptor de Satyaki, Drona, portanto, era o preceptor do preceptor do último.) Espere, espere! Aguente somente um golpe dessa minha maça! Eu mesmo aguentarei muitos golpes da tua.' Assim repreendido pelo herói Satwata, o filho de Prishata, cheio de raiva, dirigiu-se sorridente ao furioso Satyaki nessas palavras duras.'"

"Dhrishtadyumna disse, 'Eu ouvi tuas palavras, ó tu da linhagem de Madhu, mas eu te perdôo. Sendo tu mesmo injusto e pecaminoso, tu desejas repreender aqueles que são justos e honestos? A clemência é louvada no mundo. O pecado, no entanto, não merece perdão. Aquele que é de alma pecaminosa considera a pessoa clemente impotente. Tu és um patife em teu comportamento. Tu és de alma pecaminosa. Tu és dedicado à injustiça. Tu és censurável em todos os aspectos, da ponta do teu dedo do pé ao fim do teu cabelo. Tu ainda desejas falar mal de outros? O que pode ser mais pecaminoso do que aquele teu ato, isto é, tu teres matado Bhurisravas sem braços enquanto sentado em Praya, embora tu tivesses a ajuda de armas celestes? Ele tinha posto de lado suas armas e eu o matei. Ó tu de coração desonesto, o que há de impróprio naquele ato? Como pode ele, ó Satyaki, censurar tal ato o qual ele mesmo fez (com alguém sentado em) Praya como um asceta, e cujos braços tinham sido cortados por outro? Aquele teu inimigo valente tinha mostrado sua bravura tendo te atingido com seu pé e te jogado no chão. Por que tu não o mataste então, mostrando tua virilidade? Quando Partha, no entanto, já o tinha derrotado, foi então que tu, agindo do modo

mais injusto, mataste o bravo e valente filho de Somadatta. Quando Drona tinha procurado derrotar as forças armadas dos Pandavas, então eu procedi, disparando milhares de flechas. Tendo tu mesmo agido de tal maneira, como um Chandala, e tendo tu mesmo te tornado digno de repreensão, tu desejas me repreender em tais palavras desagradáveis? Tu és um perpetrador de maus atos, e não eu, ó canalha da tribo Vrishni! Tu és a residência de todos os atos pecaminosos. Não me critique novamente. Fique silencioso. Não cabe a ti me dizer qualquer coisa depois disso. Essa é a resposta que eu te dou com meus lábios. Não diga qualquer coisa mais. Se, por tolice, tu repetires tais palavras duras, eu irei então, em batalha, te despachar, com minhas flechas, para a residência de Yama. Somente pela retidão, ó tolo, uma pessoa não pode derrotar seus inimigos. Ouça agora as ações injustas dos Kurus também. O filho de Pandu, Yudhishthira foi algum tempo atrás injustamente enganado por eles. Ó Satyaki, Draupadi também foi perseguida por eles injustamente. Os Pandavas, com Krishna em sua companhia, foram também exilados e eles foram roubados de tudo o que tinham, ó tolo, da maneira mais injusta. Por uma ação injusta, além disso, o soberano dos Madras foi afastado de nós pelo inimigo. Por um ato de injustiça também o filho de Subhadra foi morto. Nesse lado, foi por uma ação de injustiça que Bhishma, o avô Kuru, foi morto. Bhurisravas, também, foi, por um ato de injustiça, morto por ti que és tão familiarizado com a justiça. Assim mesmo o inimigo, como também os Pandavas, agiram nessa batalha. Possuidores de coragem e conhecedores da moralidade, todos eles, ó Satwata, tem agido assim, para ganhar vitória. Moralidade superior é difícil de ser apurada. Similarmente, imoralidade também pode ser compreendida com dificuldade. Lute agora com os Kauravas, sem voltar para a casa de teus pais.'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras duras e cruéis (dos lábios de Dhrishtadyumna), o abençoado Satyaki começou a tremer da cabeça aos pés. Com raiva seus olhos assumiram a cor do cobre. Deixando seu arco então sobre seu carro, ele agarrou sua maça, suspirando como uma cobra. Avançando, então, em direção ao príncipe dos Panchalas, ele disse em grande cólera, 'Eu não falarei rudemente para ti, mas eu te matarei, merecedor como tu és da morte.' Vendo o poderoso Satyaki avançando, por ira e desejo de vingança, no príncipe Panchala, como Yama contra alguém como ele mesmo, o poderoso Bhima, incitado por Vasudeva, saltou rapidamente de seu carro e agarrou-o com seus braços. Dotado de grande força, Satyaki, que estava avançando em grande fúria, prosseguiu por uns poucos passos, arrastando violentamente atrás dele o poderoso filho de Pandu que estava se esforçando para detê-lo. Então Bhima plantando firmemente seus pés parou no sexto passo aquele principal dos homens fortes, isto é, aquele touro da raça Sini. Então Sahadeva, ó rei, pulando de seu próprio carro, dirigiu-se a Satyaki, assim segurado firmemente pelos braços fortes de Bhima, nessas palavras, 'Ó tigre entre homens, ó tu da linhagem de Madhu, nós não temos amigos mais queridos para nós do que os Andhakas, os Vrishnis e os Panchalas. Assim também os Andhakas e os Vrishnis, particularmente Krishna, não podem ter quaisquer amigos mais queridos do que nós. Os Panchalas, também, ó tu da tribo de Vrishni, mesmo se eles procurarem pelo mundo inteiro até os confins do oceano, não tem amigos mais queridos para eles do que os Pandavas e os

Vrishnis. Tu és mesmo tal amigo para esse príncipe; e ele também é um amigo similar para ti. Vocês todos são para nós assim como nós somos para vocês. Conhecedor como tu és de todos os deveres, lembrando agora dos deveres que tu tens para com teus amigos, reprima essa tua raiva, que tem o príncipe dos Panchalas como seu objeto. Fique calmo, ó principal da família de Sini! Perdoe o filho de Prishata, e que o filho de Prishata também te perdoe. Nós também praticaremos o perdão. O que há melhor do que o perdão?'"

"Enquanto o descendente de Sini, ó majestade, estava sendo assim acalmado por Sahadeva, o filho do rei Panchala, sorrindo, disse essas palavras, 'Liberte o neto de Sini, ó Bhima, que é tão orgulhoso de sua bravura em batalha. Deixe ele vir a mim como o vento atacando as montanhas, até que, com minhas flechas afiadas, ó filho de Kunti, eu suprima sua raiva e desejo por batalha e tire sua vida. Lá vem os Kauravas. Eu irei (depois de matar Satyaki) realizar essa grande tarefa dos Pandavas que se apresentou. Ou que Phalguna resista a todos os inimigos em batalha. Em relação a mim mesmo, eu derrubarei a cabeça deste com minhas flechas. Ele me toma por Bhurisravas sem braços em batalha. Liberte-o. Ou eu o matarei ou ele me matará.' Ouvindo essas palavras do príncipe Panchala, o poderoso Satyaki segurado firmemente no abraço de Bhima, suspirando como uma cobra, começou a tremer. Os dois, dotados de grande força e possuidores de braços poderosos, começaram a rugir como um par de touros. Então Vasudeva, ó senhor, e o rei Yudhishthira o justo, com grande esforço, conseguiram acalmar aqueles heróis. Tendo acalmado aqueles dois grandes arqueiros, aqueles dois heróis, cujos olhos tinham se tornado vermelho vivo de raiva, todos os Kshatriyas do exército (Pandava) procederam contra os guerreiros do exército hostil para lutar.'"

200

"Sanjaya disse, 'Então o filho de Drona começou a causar uma grande carnificina entre seus inimigos naquela batalha, como o próprio Destruidor no fim do Yuga. Matando seus inimigos por meio de suas flechas de cabeça larga, Aswatthaman logo empilhou lá uma montanha de mortos. As bandeiras de carros formavam suas árvores; e armas seus topos pontudos; os elefantes sem vida formavam suas rochas grandes; os corcéis, seus Kimpurushas (criaturas lendárias, metade homens e metade cavalos; toda montanha tinha seus Kimpurushas, de acordo com a crença Hindu); e arcos, suas trepadeiras e plantas. E ela ressoava com os gritos de todas as criaturas carnívoras, que constituíam sua população emplumada. E os espíritos que andavam lá formavam seus Yakshas (um tipo de seres sobre-humanos que habitavam mansões e montanhas inacessíveis). Então rugindo alto, ó touro da raça Bharata, Aswatthaman mais uma vez repetiu seu voto na audição de teu filho, dessa maneira, 'Já que o filho de Kunti, Yudhishthira, assumindo somente o traje externo de virtude, fez o preceptor que estava (justamente) engajado em batalha por de lado suas armas, eu irei, na própria visão dele, derrotar e destruir seu exército. Tendo mutilado todas as suas tropas, eu irei, então, matar o pecaminoso príncipe dos Panchalas. De fato, eu

matarei todos eles, se eles lutarem comigo em batalha. Eu te digo realmente, portanto, reagrupe tuas tropas.' Ouvindo essas palavras de Aswatthaman, teu filho reuniu as tropas, tendo dissipado seus temores com um rugido leonino alto. O combate, então, ó rei, que ocorreu novamente entre os exércitos Kuru e Pandava tornou-se tão terrível quanto aquele de dois oceanos na maré cheia. Os Kauravas apavorados tiveram seus medos dissipados pelo filho de Drona. Os Pandus e os Panchalas se tornaram ferozes em consequência da morte de Drona. Grande foi a violência daquela colisão, no campo de batalha, entre aqueles guerreiros, todos os quais estavam alegres e cheios de fúria e inspirados com esperanças certas de vitória. Como uma montanha, batendo contra uma montanha, ou um oceano contra um oceano, ó monarca, foi aquele choque entre os Kurus e os Pandavas. Cheios de alegria, os guerreiros Kuru e Pandava tocaram milhares de baterias. O barulho alto e atordoante que se ergueu dentre aquelas tropas parecia aquele do próprio oceano quando batido (antigamente pelos deuses e os Danavas). Então o filho de Drona, apontando para a hoste dos Pandavas e os Panchalas, invocou a arma chamada Narayana. Então milhares de flechas com bocas ardentes apareceram no céu, parecendo cobras de bocas flamejantes, que continuaram a agitar os Pandavas. Naquela batalha terrível, aquelas flechas, ó rei, como os próprios raios do sol cobriram em um instante todos os pontos do horizonte, o céu, e as tropas. Inúmeras bolas de ferro também, ó rei, então apareceram, como resplandecentes corpos luminosos no firmamento sem nuvens. Sataghnis, alguns equipados com quatro e alguns com duas rodas, e inúmeras maças, e discos, com extremidades afiadas como navalha e resplandecentes como o sol, também apareceram lá. Vendo o céu densamente encoberto por aquelas armas, ó touro da raça Bharata, os Pandavas, os Panchalas, e os Srinjayas ficaram extremamente agitados. Em todos aqueles locais, ó soberano de homens, onde os grandes guerreiros em carros dos Pandavas lutavam em batalha, aquela arma tornou-se extremamente poderosa. Massacradas pela arma Narayana, como se consumidas por uma conflagração, as tropas Pandava estavam muito afligidas por todo o campo naquela batalha. De fato, ó senhor, como o fogo consome uma pilha de grama seca no verão, assim mesmo aquela arma consumiu o exército dos Pandus. Vendo aquela arma enchendo todos os lados, vendo suas próprias tropas destruídas em grandes números, o rei Yudhishthira o justo, ó senhor, ficou inspirado com grande pavor. Vendo seu exército fugindo e privado de seus sentidos, e vendo Partha permanecendo indiferente, o filho de Dharma disse essas palavras, 'Ó Dhrishtadyumna, fuja com suas tropas Panchala. Ó Satyaki, você também vá para longe, cercado pelos Vrishnis e os Andhakas. De alma virtuosa, o próprio Vasudeva procurará os meios de sua própria segurança. Ele é competente para oferecer conselho para o mundo inteiro. Que necessidade há de dizer a ele o que ele deve fazer? Nós não devemos lutar mais. Eu digo isso para todas as tropas. Em relação a mim mesmo, eu irei, com todos os meus irmãos subir em uma pilha mortuária. Tendo cruzado os oceanos Bhishma e Drona nessa batalha, que eram incapazes de serem cruzados pelos medrosos, eu afundarei com todos os meus seguidores no vestígio, representado pelo filho de Drona, do casco de uma vaca? Que os desejos do rei Duryodhana sejam coroados com êxito hoje, pois eu hoje matei em batalha o preceptor, que sempre nutriu sentimentos amistosos por nós, aquele preceptor que, sem proteger, fez aquele menino não

familiarizado com batalha, isto é, o filho de Subhadra, ser morto por uma multidão de guerreiros perversos, aquele preceptor, que com seu filho, permaneceu indiferentemente, sem responder, quando Krishna em tal angústia, arrastada à assembléia e da qual procuravam fazer uma escrava, pediu a ele para dizer a verdade, aquele preceptor que, quando todos os outros guerreiros estavam fatigados, envolveu Duryodhana em armadura invulnerável quando o último desejou matar Phalguna e que, tendo-o equipado dessa maneira, designou-o para proteger Jayadratha, que, conhecendo a arma Brahma, não teve escrúpulos em exterminar os Panchalas, encabeçados por Satyajit, que se esforçavam pela minha vitória, aquele preceptor, que, quando nós estávamos sendo injustamente exilados do nosso reino, livremente nos disse para irmos para as florestas embora ele tivesse sido solicitado por nossos amigos para reter sua permissão. Ai, aquele grande amigo nosso foi morto! Por causa dele, eu irei, com meus amigos, sacrificar minha vida.' Depois que o filho de Kunti, Yudhishthira, tinha dito isso, ele da linhagem de Dasarha, (Kesava) proibindo rapidamente as tropas, pelo movimento de seus braços, de fugirem disse essas palavras, 'Ponham depressa suas armas no chão, todos vocês, e desçam de seus veículos. Esse mesmo é o meio ordenado pelo ilustre, (isto é, o próprio Narayana) para frustrar essa arma. Desçam no chão, todos vocês, de seus elefantes e cavalos e carros. Se vocês permanecerem sem armas no solo, essa arma não matará vocês. Naqueles locais onde vocês lutarem para subjugar a força dessa arma os Kauravas se tornarão mais poderosos do que vocês. Aqueles homens, no entanto, que jogarem no chão suas armas e descerem de seus veículos, não irão, nessa batalha, ser mortos por essa arma. Aqueles, no entanto, que lutarem, mesmo em imaginação, contra essa arma, serão todos mortos mesmo se eles procurarem refúgio profundamente abaixo da terra'. Os guerreiros do exército Pandava, ouvindo, ó Bharata, essas palavras de Vasudeva, jogaram suas armas e afastaram de seus corações todo desejo de batalha. Então Bhimasena, o filho de Pandu, vendo os guerreiros prestes a abandonarem suas armas, disse essas palavras, ó rei, alegrando eles todos: 'Ninguém deve depor suas armas aqui. Eu irei, com minhas flechas, me opor a essa arma do filho de Drona. Com essa minha maça pesada, que é ornada com ouro, eu me moverei rapidamente nessa batalha como o próprio Destruidor, subjugando essa arma do filho de Drona. Não há homem aqui que seja igual a mim em bravura, assim como não há corpo luminoso no firmamento que seja igual ao sol. Vejam esses meus dois braços fortes semelhantes a trombas de um par de elefantes poderosos, capazes de demolir a montanha de Himavat. Eu sou a única pessoa aqui que possui a força de mil elefantes. Eu sou inigualável, assim como Sakra é conhecido no céu entre os celestiais. Que as pessoas testemunhem hoje a destreza desses dois braços da minha pessoa de peito largo, enquanto empenhado em frustrar a arma brilhante e ardente do filho de Drona. Se não há ninguém (mais) capaz de lutar contra a arma Narayana, eu mesmo lutarei contra ela hoje na própria vista de todos os Kurus e dos Pandavas. Ó Arjuna, ó Vibhatsu, tu não deves largar o Gandiva. Uma mancha então se vinculará a ti como aquela da lua.' Assim endereçado por Bhima, Arjuna disse, 'Ó Bhima, esse mesmo é meu grande voto, isto é, que meu Gandiva não será usado contra a arma Narayana, vacas, e Brahmanas.' Assim respondido por Arjuna, Bhima, aquele castigador de inimigos, em seu carro de refulgência solar, cujo estrépito, além disso, parecia o

ribombo das nuvens, avançou contra o filho de Drona. Dotado de grande energia e destreza, o filho de Kunti, por causa de sua extrema agilidade de mão, num piscar de olhos cobriu Aswatthaman com uma chuva de armas. Então o filho de Drona, sorrindo para Bhima que avançava e dirigindo-se a ele (em palavras apropriadas) cobriu-o com flechas, inspiradas com mantras e equipadas com pontas ardentes. Encoberto por aquelas flechas que vomitavam fogo e pareciam cobras de bocas flamejantes, como se coberto com faíscas de ouro, a forma, ó rei, de Bhimasena naquela batalha parecia com aquela de uma montanha à noite quando coberta com fogo. Aquela arma do filho de Drona, dirigida contra Bhimasena aumentou em energia e poder, ó rei, como uma conflagração ajudada pelo vento. Vendo aquela arma de energia terrível aumentando dessa maneira em poder, um pânico entrou nos corações de todos os combatentes do exército Pandava com a exceção de Bhima. Então todos eles, jogando suas armas no chão, desceram de seus carros e cavalos. Depois que eles tinham jogado suas armas e descido de seus veículos, aquela arma de energia excelente caiu sobre a cabeça de Bhima. Todas as criaturas, especialmente os Pandavas, proferiram gritos de 'Oh!' e 'Ai!', vendo Bhimasena submerso pela energia daquela arma.'"

201

"Sanjaya disse, "Vendo Bhimasena subjugado por aquela arma, Dhananjaya, para frustrar a energia dela, cobriu-o com a arma Varuna. Por causa da agilidade dos braços de Arjuna, e devido também à força flamejante que encobria Bhima, ninguém podia ver que o último tinha sido coberto com a arma Varuna. Encoberto pela arma do filho de Drona, Bhima, seus corcéis, motorista, e carro, não podiam ser olhados, como um fogo de chama ardente no meio de outro fogo. Como no fim da noite, ó rei, todos os corpos luminosos correm em direção à colina Asta, assim mesmo as flechas ígneas (de Aswatthaman) começaram todas a proceder em direção ao carro de Bhimasena. De fato, o próprio Bhima, seu carro, corcéis, e motorista, ó majestade, assim cobertos pelo filho de Drona pareciam estar no meio de um incêndio. Como o fogo (Yuga) consumindo o universo inteiro com suas criaturas móveis e imóveis quando chega a hora da dissolução finalmente entra na boca do Criador, assim mesmo a arma do filho de Drona começou a entrar no corpo de Bhimasena. Como uma pessoa não pode perceber um fogo se ele penetra no sol ou o sol se ele entra em um fogo, assim mesmo ninguém podia perceber aquela energia a qual penetrava no corpo de Bhima. Vendo aquela arma envolvendo Bhima completamente, e vendo o filho de Drona se enchendo de energia e poder, o último estando então sem um oponente, e observando também que todos os guerreiros do exército Pandava tinham deposto suas armas e que todos os poderosos guerreiros em carros daquela hoste encabeçada por Yudhishthira tinham desviado seus rostos do inimigo, aqueles dois heróis, isto é, Arjuna e Vasudeva, ambos dotados de grande esplendor, descendo rapidamente de seu carro, correram em direção a Bhima. Aqueles dois homens poderosos, mergulhando naquela energia nascida do poder da arma de Aswatthaman, tinham recorrido ao poder de ilusão. O fogo daquela arma não os consumiu, por eles terem posto de lado suas armas, como também por causa da força da arma

Varuna, e devido também à energia possuída por eles mesmos. Então Nara e Narayana, para a pacificação da arma de Narayana, começaram a arrastar à força Bhima e todas as suas armas. Assim arrastado por eles, o filho de Kunti, aquele poderoso guerreiro em carro, começou a rugir alto. Nisso, aquela arma terrível e invencível do filho de Drona começou a aumentar (em poder e energia). Então Vasudeva, dirigindo-se a Bhima, disse, 'Como é, ó filho de Pandu, que embora proibido por nós, tu, ó filho de Kunti, ainda não te absténs da batalha? Se os Kurus pudessem agora ser vencidos em batalha, então nós, como também todos esses principais dos homens, sem dúvida teríamos continuado a lutar. Veja, todos os guerreiros da tua hoste desceram de seus carros. Por essa razão, ó filho de Kunti, tu também desça do teu carro.' Tendo dito essas palavras, Krishna trouxe Bhima para baixo de seu carro. O último, com olhos vermelhos como sangue de raiva, estava suspirando como uma cobra. Quando, no entanto, ele foi arrastado de seu carro e feito depor suas armas, a arma Narayana, aquela opressora de inimigos, foi aplacada.'"

"Sanjaya continuou, 'Quando, por esses meios, a energia insuportável daquela arma foi pacificada, todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários, ficaram claros. Brisas agradáveis começaram a soprar e aves e animais ficaram todos quietos. Os corcéis e elefantes ficaram alegres, como também os guerreiros, ó soberano de homens! De fato, quando a terrível energia daquela arma, ó Bharata, foi acalmada, Bhima, de grande inteligência, brilhou resplandecente como o sol da manhã. O resto da hoste Pandava, vendo a pacificação da arma Narayana, ficou novamente preparado no campo para executar a destruição de teus filhos. Quando, depois que aquela arma tinha sido frustrada, a hoste Pandava ficou em formação de combate, Duryodhana, ó rei, dirigindo-se ao filho de Drona, disse, 'Ó Aswatthaman, use mais uma vez aquela arma depressa já que os Panchalas estão novamente em formação de combate, desejosos de vitória.' Então endereçado por teu filho, ó majestade, Aswatthaman, suspirando tristemente, respondeu para o rei nessas palavras, 'Aquela arma, ó rei, não pode ser trazida de volta. Ela não pode ser usada duas vezes. Se trazida de volta, ela irá sem dúvida matar a pessoa que chamá-la de volta. Vasudeva, por aqueles meios que tu viste, fez ela ser frustrada. Por isso, ó soberano de homens, a destruição do inimigo não pode ser executada em batalha. Derrota e morte, no entanto, são o mesmo. Certamente, a derrota é pior do que a morte. Veja, o inimigo, subjugado e obrigado a depor suas armas, parece como se privado de vida'. Duryodhana então disse, 'Ó filho do preceptor, se é assim, se essa arma não pode ser usada duas vezes, que aqueles assassinos de seu preceptor sejam mortos com outras armas então, ó principal de todas as pessoas conhecedoras de armas! Em ti estão todas (as armas) celestes assim como no de três olhos (Siva) de energia incomensurável. Se tu não desejares isso, nem Purandara em fúria pode escapar de ti.'"

"Dhritarashtra disse, 'Depois que Drona tinha sido morto com a ajuda de fraude, e a arma Narayana frustrada, o que, de fato, o filho de Drona, assim incitado por Duryodhana então fez, vendo os Parthas indo novamente para a batalha livres da arma Narayana, e se movendo rapidamente na dianteira de suas divisões?'"

"Sanjaya disse, 'Lembrando-se da morte de seu pai, o filho de Drona, possuindo o emblema do rabo do leão em seu estandarte, cheio de raiva e rejeitando todos os temores, avançou contra o filho de Prishata. Avançando nele, ó touro entre homens, aquele principal dos guerreiros, com grande impetuosidade, perfurou o príncipe Panchala com vinte e cinco flechas pequenas. Então Dhrishtadyumna, ó rei, perfurou o filho de Drona que parecia um fogo ardente, com sessenta e quatro flechas. E ele perfurou o motorista de Aswatthaman também com vinte flechas afiadas em pedra e providas de asas de ouro, e então seus quatro corcéis com quatro setas afiadas. Repetidamente perfurando o filho de Drona, e fazendo a terra tremer com seus rugidos leoninos, Dhrishtadyumna então parecia estar empenhado em tirar as vidas de criaturas no mundo em batalha terrível. Fazendo da própria morte sua meta, o filho poderoso de Prishata, ó rei, habilidoso com armas e dotado de certeza de pontaria, então avançou contra o filho de Drona sozinho. De alma incomensurável, aquele principal dos guerreiros em carros, o príncipe de Panchala, despejou sobre a cabeça de Aswatthaman uma chuva de flechas. Então o filho de Drona, naquela batalha, cobriu o príncipe furioso com flechas aladas. E mais uma vez ele perfurou o último com dez flechas, lembrando-se da morte de seu pai. Então cortando a bandeira e arco do príncipe Panchala com um par de flechas bem disparadas, equipadas com cabeças como navalhas, o filho de Drona começou a oprimir seu inimigo com outras flechas. Naquela batalha terrível, Aswatthaman fez seu antagonista ficar sem cavalos e sem motorista e sem carro, e cobriu seus seguidores também com chuvas grossas de flechas. Nisso, as tropas Panchala, ó rei, mutiladas por meio daquelas chuvas de flechas fugiram com medo e grande aflição. Vendo as tropas se desviando da batalha e Dhrishtadyumna extremamente afligido, o neto de Sini incitou rapidamente seu carro contra aquele do filho de Drona. Ele então afligiu Aswatthaman com oito flechas afiadas. E atingindo novamente aquele guerreiro zangado com vinte flechas de diversos tipos, ele perfurou o motorista de Aswatthaman, e então seus quatro corcéis com quatro flechas. Com grande cautela e mostrando uma extraordinária agilidade de mão, ele cortou o arco e estandarte de Aswatthaman. Satyaki então cortou em fragmentos o carro enfeitado com ouro daquele inimigo junto com seus cavalos. E então ele perfurou Aswatthaman profundamente no peito com trinta flechas naquela batalha. Assim atormentado, ó rei, (por Satyaki), e coberto com flechas, o poderoso Aswatthaman não sabia o que fazer. Quando o filho do preceptor tinha caído naquela situação difícil, teu filho, aquele guerreiro em carro, acompanhado por Kripa e Karna e outros começou a cobrir o herói Satwata com flechas. Todos eles começaram rapidamente a perfurar Satyaki de todos os lados com flechas afiadas, Duryodhana o perfurou com vinte, o filho de Saradwat, Kripa, com três. E Kritavarman perfurou-o com dez, e Karna com cinquenta. E Duhsasana o perfurou com cem flechas, e Vrishasena com sete. Satyaki, no entanto, ó rei, logo fez todos aqueles grandes guerreiros em carros fugirem do campo, privados de seus carros. Enquanto isso, Aswatthaman, ó touro da raça Bharata, recuperando a consciência, e suspirando repetidamente em tristeza, começou a pensar no que ele devia fazer. Então sendo levado em outro carro, aquele opressor de inimigos, o filho de Drona, começou a resistir a Satyaki, disparando centenas de flechas. Vendo Aswatthaman mais uma vez se aproximando dele em batalha, o poderoso

guerreiro em carro Satyaki fez ele ficar sem carro novamente e o fez retroceder. Então os Pandavas, ó rei, observando a destreza de Satyaki, sopraram suas conchas com grande força e proferiram rugidos leoninos altos. Tendo privado Aswatthaman de seu carro dessa maneira, Satyaki, de destreza imbatível, então matou três mil poderosos guerreiros em carros da divisão de Vrishasena. E então ele matou quinze mil elefantes do exército de Kripa e cinquenta mil cavalos de Sakuni. Então, o filho valente de Drona, ó monarca, sobre outro carro, e muito enfurecido com Satyaki, procedeu contra o último, desejoso de matá-lo. Vendo ele se aproximar novamente, o neto de Sini, aquele castigador de inimigos, mais uma vez perfurou-o e mutilou-o com flechas afiadas, mais ferozes do que aquelas que ele tinha usado antes. Profundamente perfurado por aquelas flechas de diversas formas por Yuyudhana, aquele grande arqueiro, isto é, o zangado filho de Drona, dirigiu-se sorridente a seu inimigo e disse, 'Ó neto de Sini, eu conheço tua parcialidade por Dhrishtadyumna, aquele assassino de seu preceptor, mas tu não serás capaz de salvar a ele ou a ti mesmo quando atacado por mim. Eu juro para ti, ó neto de Sini, pela verdade e por minhas austeridades ascéticas, que eu não conhecerei paz até eu matar todos os Panchalas. Você pode unir as forças armadas dos Pandavas e aquelas dos Vrishnis juntas, mas eu ainda matarei os Somakas.' Dizendo isso, o filho de Drona disparou em Satyaki uma flecha excelente e reta possuidora da refulgência do sol, assim como Sakra tinha lançado nos tempos passados seu trovão no Asura Vritra. Assim disparada por Aswatthaman, aquela flecha, atravessando a armadura de Satyaki, e passando através de seu corpo, entrou na terra como uma cobra silvando entrando em seu buraco. Sua armadura atravessada, o heróico Satyaki, como um elefante profundamente atingido pelo gancho, ficou banhado em sangue que fluía de seu ferimento. Seu arco, com flecha fixada nele, então solto de suas mãos, ele sentou-se no terraço de seu carro sem forças e completamente coberto com sangue. Vendo isso seu motorista levou-o depressa para longe do filho de Drona. Com outra flecha, perfeitamente reta e equipada com asas vistosas aquele opressor de inimigos, Aswatthaman, atingiu Dhrishtadyumna entre suas sobrancelhas. O príncipe Panchala tinha sido antes disso muito perfurado; portanto, profundamente ferido por aquela flecha, ele ficou extremamente fraco e se sustentou por agarrar seu mastro de bandeira. Vendo Dhrishtadyumna assim afligido por Aswatthaman, como um elefante enfurecido por um leão, cinco heróicos guerreiros em carros do exército Pandava, isto é, Kiritin, Bhimasena, Vrihatkshatra da linhagem de Puru, o jovem príncipe dos Chedis, e Sudarsana, o chefe dos Malavas, avançaram rapidamente contra Aswatthaman. Armados com arcos, todos esses avançaram com gritos 'Oh' e 'Ai'. E aqueles heróis cercaram o filho de Drona por todos os lados. Avançando vinte passos, todos eles, com grande cuidado, atacaram simultaneamente o filho enfurecido do preceptor com vinte e cinco flechas. O filho de Drona, no entanto, com vinte e cinco flechas, parecendo cobras de veneno virulento, cortou, quase ao mesmo tempo, aquelas vinte e cinco flechas disparadas nele. Então Aswatthaman afligiu o príncipe Paurava com sete flechas afiadas. E ele afligiu o chefe dos Malavas com três, Partha com uma, e Vrikodara com seis flechas. Então todos aqueles grandes guerreiros em carros, ó rei, perfuraram o filho de Drona unidamente e separadamente com muitas flechas, afiadas em pedra equipadas com asas de ouro. O jovem príncipe dos Chedis

perfurou o filho de Drona com vinte e Partha perfurou-o com três. Então o filho de Drona atingiu Arjuna com seis flechas, e Vasudeva com seis, e Bhima com cinco, e cada um dos outros dois, isto é, o Malava e o Paurava, com duas flechas. Perfurando em seguida o motorista do carro de Bhima com seis setas, Aswatthaman cortou o arco e bandeira de Bhimasena com um par de setas. Então perfurando Partha mais uma vez com uma chuva de setas, o filho de Drona proferiu um rugido leonino. Com as flechas afiadas, bem temperadas, e terríveis atiradas pelo filho de Drona, a terra, o céu, o firmamento, e os pontos do horizonte, cardeais e secundários, ficaram todos completamente cobertos em sua frente e retaguarda. Dotado de energia feroz e igual ao próprio Indra em destreza, Aswatthaman com três flechas cortou quase simultaneamente os dois braços, semelhantes a postes de Indra, e a cabeça de Sudarsana, quando último estava sentado em seu carro. Então perfurando Paurava com um dardo e cortando seu carro em fragmentos miúdos por meio de suas setas, Aswatthaman cortou os dois braços de seu adversário cobertos com pasta de sândalo e então sua cabeça de seu tronco com uma flecha de cabeça larga. Possuidor de grande energia, ele então perfurou com muitas flechas parecendo chamas ardentes de fogo em energia, o príncipe jovem e poderoso dos Chedis que era da cor do lótus escuro, e despachou-o para a residência de Yama com seu motorista e cavalos. Vendo o chefe dos Malavas, o descendente de Puru, e o jovem soberano dos Chedis mortos diante de seus olhos pelo filho de Drona, Bhimasena, o filho de braços fortes de Pandu, ficou cheio de raiva. Aquele opressor de inimigos então cobriu o filho de Drona naquela batalha com centenas de flechas afiadas parecendo cobras zangadas de veneno virulento. Dotado de energia imensa, o enfurecido filho de Drona então destruindo aquela chuva de flechas perfurou Bhimasena com flechas afiadas. O poderosamente armado Bhima então, possuidor de grande força, cortou com uma flecha de cabeça larga o arco do filho de Drona e então perfurou o próprio filho de Drona com uma flecha poderosa. Jogando fora aquele arco quebrado, o filho de grande alma de Drona pegou outro e perfurou Bhima com suas flechas aladas. Então aqueles dois, isto é, o filho de Drona e Bhima, ambos possuidores de grande destreza e poder, começaram a despejar suas torrentes de flechas como duas massas de nuvens carregadas de chuva. Flechas com asas de ouro, afiadas em pedra e gravadas com o nome de Bhima cobriram o filho de Drona, como massas de nuvens reunidas encobrindo o sol. Similarmente, Bhima foi logo coberto por centenas e milhares de flechas fortes disparadas pelo filho de Drona. Embora encoberto naquela batalha pelo filho de Drona, aquele guerreiro de habilidade formidável, Bhima ainda não sentiu dor, ó monarca, o que parecia muito surpreendente. Então Bhima de braços fortes disparou dez flechas ornadas com ouro, muito afiadas e parecendo os dardos do próprio Yama, em seu inimigo. Aquelas flechas, ó majestade, caindo sobre os ombros do filho de Drona, perfuraram rapidamente seu corpo, como cobras entrando em um formigueiro. Profundamente perfurado pelo filho de grande alma de Pandu, Aswatthaman, fechando seus olhos, se apoiou por agarrar seu mastro de bandeira. Recuperando seus sentidos dentro de um momento, ó rei, o filho de Drona banhado em sangue reuniu toda sua ira. Violentamente atingido pelo filho de grande alma de Pandu, Aswatthaman, dotado de braços poderosos, avançou com grande velocidade em direção ao carro de Bhimasena. E então, ó Bharata, ele disparou em Bhimasena,

de seu arco esticado à sua total extensão, cem flechas de energia feroz, todas parecendo com cobras de veneno virulento. O filho de Pandu Bhima também, orgulhoso de sua destreza em batalha, desconsiderando a energia de Aswatthaman, rapidamente despejou sobre ele uma densa torrente de flechas. Então o filho de Drona, ó rei, cortou o arco de Bhima por meio de suas flechas, e cheio de raiva, atingiu o Pandava no peito com muitas flechas afiadas. Incapaz de suportar aquela façanha, Bhimasena pegou outro arco e perfurou o filho de Drona naquela batalha com cinco flechas afiadas. De fato, despejando um sobre o outro suas chuvas de flechas como duas massas de nuvens no fim do verão, aqueles dois guerreiros, com olhos vermelhos como cobre de raiva, cobriram um ao outro completamente naquela batalha com suas flechas. Amedrontando um ao outro com os sons terríveis que eles faziam com suas palmas, eles continuaram a lutar um com o outro, um neutralizando os feitos do outro. Então curvando seu arco formidável adornado com ouro, o filho de Drona começou a olhar firmemente para Bhima que estava assim disparando suas flechas nele. Naquele momento, Aswatthaman parecia com o sol meridiano de raios brilhantes em um dia outonal. Tão rapidamente então ele disparava suas flechas que as pessoas não podiam ver quando ele as tirava de sua aljava, quando ele as fixava na corda do arco, quando ele puxava a corda e quando ele as disparava. De fato, quando empenhado em disparar suas flechas, seu arco, ó monarca, parecia estar incessantemente esticado a um círculo flamejante. Flechas às centenas e milhares, disparadas de seu arco, pareciam correr pelo céu como um bando de gafanhotos. De fato, aquelas flechas terríveis enfeitadas com ouro, disparadas do arco do filho de Drona, corriam incessantemente em direção ao carro de Bhima. A destreza, ó Bharata, que nós então vimos de Bhimasena, e seu poder, energia, e espírito, eram muito extraordinários, pois, considerando aquela chuva terrível de flechas grossa como uma massa de nuvens reunidas, caindo em volta dele como nada mais do que um aguaceiro de chuva no fim do verão, Bhima de destreza terrível, desejoso de matar o filho de Drona, em retorno despejou suas flechas sobre o último como uma nuvem na estação das chuvas. O arco grande e formidável de Bhima de verso dourado, incessantemente esticado naquela batalha, parecia resplandecente como um segundo arco de Indra. Flechas às centenas e milhares, saindo dele, encobriram o filho de Drona, aquele ornamento de batalha naquele combate. Aquelas chuvas de flechas, disparadas pelos dois eram tão densas, ó majestade, que o próprio vento, ó rei, não podia achar espaço para correr através delas. Então o filho de Drona, ó rei, desejoso de matar Bhima, disparou nele muitas flechas enfeitadas com ouro de pontas afiadas embebidas em óleo. Mostrando sua superioridade para o filho de Drona Bhimasena cortou cada uma daquelas flechas em três fragmentos antes que elas pudessem chegar nele. O filho de Pandu então disse, 'Espere! Espere!' E mais uma vez, o filho poderoso de Pandu cheio de raiva, e desejoso de matar o filho de Drona, disparou nele uma chuva terrível de flechas ardentes. Então o filho de Drona, aquele guerreiro conhecedor das maiores armas, destruindo rapidamente aquela chuva de flechas pela ilusão de suas próprias armas, cortou o arco de Bhima naquele combate. Cheio de raiva, ele então perfurou o próprio Bhima com inúmeras flechas naquela batalha. Dotado de grande força, Bhima então, depois que seu arco tinha sido cortado, lançou um dardo no carro de Aswatthaman, tendo girado

ele anteriormente com grande impetuosidade. O filho de Drona, mostrando a agilidade de suas mãos aquele combate, cortou rapidamente, por meio de flechas afiadas, aquele dardo enquanto ele corria em direção a ele com o esplendor de um tição ardente. Enquanto isso, o terrível Vrikodara, pegando um arco muito forte, e sorrindo, começou a perfurar o filho de Drona com muitas flechas. Então o filho de Drona, ó monarca, com uma flecha reta, perfurou a testa do motorista de Bhima. O último, profundamente perfurado pelo filho poderoso de Drona, caiu desmaiado, ó rei, abandonando as rédeas dos corcéis. O motorista do carro de Bhima tendo caído desmaiado, os corcéis, ó rei, começaram a fugir com grande velocidade, na própria vista de todos os arqueiros. Vendo Bhima levado para longe do campo de batalha por aqueles cavalos correndo, o invicto Aswatthaman soprou alegremente sua enorme concha. Vendo Bhimasena levado para longe do campo, todos os Panchalas, inspirados com medo, abandonando o carro de Dhrishtadyumna, fugiram para todo lado. Então o filho de Drona, atirando suas flechas ferozmente, perseguiu aquelas tropas divididas, causando uma grande carnificina entre elas. Assim massacrados em batalha pelo filho de Drona, aqueles Kshatriyas fugiram em todas direções por medo daquele guerreiro."

"Sanjaya disse, 'Vendo aquele exército dividido, o filho de Kunti, Dhananjaya, de alma incomensurável, procedeu contra Aswatthaman pelo desejo de matá-lo. Aquelas tropas então, ó rei, reagrupadas com esforço por Govinda e Arjuna, permaneceram no campo de batalha. Só Vibhatsu, apoiado pelos Somakas e os Matsyas, disparou suas flechas nos Kauravas e reprimiu seu ataque. Aproximando-se rapidamente de Aswatthaman, aquele grande arqueiro tendo o símbolo do rabo do leão em sua bandeira, Arjuna dirigiu-se a ele, dizendo, 'Mostre-me agora o poder que tu tens, a energia, o conhecimento, e a coragem, que estão em ti, como também tua afeição pelos Dhartarashtras e teu ódio por nós, e o grande vigor do qual tu és capaz. Certamente o filho de Prishata, aquele matador de Drona, abrandará teu orgulho hoje. Venha agora e enfrente o príncipe Panchala, aquele herói parecendo o fogo Yuga e como o próprio Destruidor com Govinda. Tu tens mostrado teu orgulho em batalha, mas eu suprimirei esse teu orgulho.'"

"Dhritarashtra disse, 'O filho do preceptor, ó Sanjaya, é possuidor de poder e digno de respeito. Ele tem grande amor por Dhananjaya e Dhananjaya de grande alma também o ama em retorno. Vibhatsu nunca tinha se dirigido ao filho Drona antes dessa maneira. Por que então o filho de Kunti dirigiu-se a seu amigo em tais palavras?'"

"Sanjaya disse, 'Após a queda do jovem príncipe dos Chedis, de Vrihatkshatra da linhagem de Puru, e de Sudarsana, o chefe dos Malavas, que era bem aperfeiçoado na ciência de armas, e após a derrota de Dhrishtadyumna e Satyaki e Bhima, e sentindo grande dor e ferido até a medula por aquelas palavras de Yudhishthira, e se lembrando de suas antigas aflições, ó senhor, Vibhatsu, por causa de sua angústia, sentiu tal fúria surgir dentro dele semelhante à qual ele nunca tinha experimentado antes. Foi por isso que como uma pessoa vulgar ele se dirigiu ao filho do preceptor que era digno de todo respeito em tal linguagem indigna, indecente, amarga, e ríspida. Endereçado, por raiva, em tais palavras

duras e cruéis por Partha, ó rei, o filho de Drona, aquele principal de todos os arqueiros poderosos, ficou muito irado com Partha e especialmente com Krishna. O valente Aswatthaman, então, ficando resolutamente em seu carro, tocou água e invocou a arma Agneya incapaz de ser resistida pelos próprios deuses. Mirando em todos os seus inimigos visíveis e invisíveis, o filho do preceptor, aquele matador de heróis hostis, inspirou com mantras uma flecha ardente possuidora da refulgência de um fogo sem fumaça, e disparou-a para todos os lados, cheio de raiva. Densas chuvas de setas então emanaram dela no céu. Dotadas de chamas ardentes, aquelas setas cercaram Partha por todos os lados. Meteoros lampejaram descendo do firmamento. Uma densa escuridão cobriu repentinamente a hoste (Pandava). Todos os pontos do horizonte também foram envolvidos por aquela escuridão. Rakshasas e Pisachas, afluindo em multidão, proferiram gritos ferozes. Ventos inauspiciosos começaram a soprar. O próprio sol não dava mais qualquer calor. Corvos crocitavam ferozmente por todos os lados. Nuvens ribombavam no céu, derramando sangue. Aves e animais e vacas, e Munis de votos elevados e almas sob completo controle, ficaram extremamente inquietos. Os próprios elementos pareciam estar perturbados. O sol pareceu mudar de direção. O universo, chamuscado pelo calor, parecia estar em febre. Os elefantes e outras criaturas da terra, chamuscados pela energia daquela arma, correram apavorados, respirando pesadamente e desejosos de proteção contra aquela força terrível. As próprias águas se aqueceram, e as criaturas que residem naquele elemento, ó Bharata, ficaram muito alarmadas e pareciam queimar. De todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários, do firmamento e da própria terra, chuvas de flechas afiadas e ardentes caíam e emergiam com a impetuosidade de Garuda ou do vento. Atingidos e queimados por aquelas flechas de Aswatthaman que eram todas dotadas da impetuosidade do trovão, os guerreiros hostis caíam como árvores incendiadas por um fogo intenso. Elefantes enormes, queimados por aquela arma, caíam no chão por toda parte, proferindo gritos selvagens altos como os ribombos das nuvens. Outros elefantes enormes, chamuscados por aquele fogo, corriam para lá e para cá e rugiam alto aterrorizados, como se no meio de uma conflagração na floresta. Os cavalos, ó rei, e os carros também, queimados pela energia daquela arma, pareciam, ó majestade, com os topos de árvores queimadas em um incêndio florestal. Milhares de carros caíam por todos os lados. De fato, ó Bharata, parecia que o divino senhor Agni queimava a hoste (Pandava) naquela batalha, como o fogo Samvarta consumindo tudo no fim do Yuga."

"'Vendo o exército Pandava queimando dessa maneira naquela batalha terrível, teus soldados, ó rei, cheios de alegria, proferiram gritos leoninos. De fato, os combatentes, desejosos de vitória e cheios de alegria, sopraram rapidamente milhares de trombetas, ó Bharata, de diversos tipos. A escuridão tendo envolvido o mundo durante aquela batalha feroz, o exército Pandava inteiro, com Savyasachin, o filho de Pandu, não podia ser visto. Nós nunca antes, ó rei, tínhamos ouvido a respeito ou visto uma arma semelhante àquela a qual o filho de Drona criou em fúria naquela ocasião. Então Arjuna, ó rei, chamou à existência a arma Brahma, capaz de frustrar todas as outras armas, como ordenado pelo próprio Nascido no Lótus (Brahma). Dentro de um momento aquela escuridão foi

dissipada, ventos frios começaram a soprar, e todos os pontos do horizonte ficaram claros e iluminados. Nós então contemplamos uma vista estupenda, isto é, um Akshauhini inteiro (das tropas Pandava) destruído. Queimados pela energia da arma de Aswatthaman, as formas dos mortos não podiam ser vistas. Então aqueles dois arqueiros heróicos e poderosos, Kesava e Arjuna, livres daquela escuridão, foram vistos juntos, como o sol e a lua no firmamento. De fato, o manejador do Gandiva e Kesava estavam ambos ilesos. Equipado com suas bandeiras e estandartes e corcéis, com o Anukarsa desunido; e com todas as armas poderosas armazenadas nele permanecendo incólumes, aquele carro, tão terrível para teus guerreiros, livre daquela escuridão, brilhava resplandecente sobre o campo. E logo lá surgiram diversos sons de vida misturados com o clangor de conchas e a batida de baterias, dentre as tropas Pandava cheias de alegria. Ambas as hostes pensaram que Kesava e Arjuna tinham perecido. Vendo Kesava e Arjuna, portanto (livres da escuridão e da energia daquela arma) e vendo eles reaparecerem tão rapidamente, os Pandavas estavam cheios de alegria, e os Kauravas de admiração. Ilesos e cheios de alegria, aqueles dois heróis sopraram suas conchas excelentes. De fato, vendo Partha cheio de alegria, teus soldados ficaram muito melancólicos. Vendo aqueles dois de grande alma (isto é, Kesava e Arjuna), livres (da energia de sua arma) o filho de Drona ficou muito desanimado. Por um momento ele refletiu, ó majestade, sobre o que tinha acontecido. E tendo refletido, ó rei, ele ficou cheio de ansiedade e dor. Dando respirações longas e difíceis, ele ficou extremamente triste. Colocando de lado seu arco, então, o filho de Drona desceu depressa de seu carro, e dizendo, 'Ó que vergonha, que vergonha! Tudo é falso,' ele fugiu da luta. Em seu caminho ele encontrou Vyasa, a residência de Saraswati, o compilador dos Vedas, a habitação daquelas escrituras, não maculado pelo pecado, e da cor de nuvens carregadas de chuva. Vendo ele, aquele perpetuador da família de Kuru, colocado em seu caminho, o filho de Drona com voz sufocada em aflição, e como uma pessoa extremamente desanimada, saudou-o e disse, 'Ó senhor, ó senhor, isso é uma ilusão, ou é um capricho (da parte da arma)? Eu não sei o que isso é. Por que, de fato, minha arma se tornou inútil? Que brecha (houve no método de invocação)? Ou, isso é alguma coisa anormal, ou, isso é uma vitória sobre a Natureza (alcançada pelos dois Krishnas) já que eles ainda estão vivos? Parece que o Tempo é irresistível. Nem Asuras, nem Gandharvas, nem Pisachas, nem Rakshasas, nem Uragas, Yakshas, nem aves, nem seres humanos podem se arriscar a frustrar esta arma disparada por mim. Esta arma flamejante, no entanto, tendo matado somente um Akshauhini de tropas, foi pacificada. Esta arma extremamente ardente disparada por mim é capaz de matar todas as criaturas. Por qual razão então ela não pode matar Kesava e Arjuna, ambos os quais são dotados dos atributos de humanidade? Perguntado por mim, ó santo, responda-me verdadeiramente. Ó grande Muni, eu desejo saber tudo isso em detalhes.'"

"Vyasa disse, 'Ó, é muito significativa essa pergunta que tu me fazes de surpresa. Eu te direi tudo; escute atentamente. Aquele que é chamado Narayana é mais velho do que os mais velhos. Para realizar algum propósito, aquele criador do universo tomou seu nascimento como o filho de Dharma. Na montanha de Himavat ele praticou as austeridades ascéticas mais severas. Dotado de energia

imensa, e parecendo o fogo ou o sol (em esplendor), ele permaneceu lá com os braços erguidos. Possuidor de olhos como pétalas de lótus, ele se emaciou lá por sessenta e seis mil anos, subsistindo todo o tempo só do ar. Praticando novamente austeridades rígidas de outro tipo por duas vezes aquele período, ele encheu o espaço entre a terra e o céu com sua energia. Quando por meio daquelas austeridades, ó senhor, ele se tornou como Brahma (não relacionado com o mundo, erguendo-se acima de tudo conectado com o mundo) ele então contemplou o Mestre, Origem, e Guardião do Universo, o Senhor de todos os deuses, a Divindade Suprema, que é extremamente difícil de ser fitada, que é menor do que o menor e maior do que o maior, que é chamado de Rudra (O Terrível), que é o senhor de todos os superiores, que é chamado de Hara e Sambhu, que tem cabelos emaranhados em sua cabeça, que é o aquele que infunde vida em todas as formas, que é a Primeira causa de todas as coisas imóveis e móveis, que é irresistível e de aspecto terrível, que é de ira feroz e grande Alma, que é o destruidor de tudo, e de coração grande; que porta o arco celeste e um par de aljavas, que está equipado em armadura dourada, e cuja energia é infinita, que possui Pinaka, que está armado com raio, um tridente resplandecente, machado de batalha, maça, e uma espada grande; cujas sobrancelhas são formosas, cujas madeixas são emaranhadas, que maneja a clava curta pesada, que tem a lua em sua testa, que está vestido em peles de tigre, e que está armado com a maça; que está enfeitado com belos angadas, que tem cobras como seu fio sagrado, e que está cercado por diversas criaturas do universo e por numerosos fantasmas e espíritos, que é o Único, que é a residência de austeridades ascéticas, e que é muito adorado por pessoas de idade venerável; que é Água, Céu, Firmamento, Terra, Sol, Lua, Vento e Fogo, e que é a medida da duração do universo. Pessoas de mau comportamento nunca podem obter uma visão daquele não nascido, daquele matador de todos os odiadores de Brahmanas, daquele dador de emancipação. Só Brahmanas de conduta correta, quando purificados de seus pecados e livres do controle da tristeza o contemplam com a visão de sua mente. Em consequência de suas austeridades ascéticas, Narayana obteve uma visão daquele ser imperecível, aquela encarnação da justiça, aquele adorável, aquele Ser tendo o universo como sua forma. Contemplando aquela Residência suprema de todas espécies de esplendor, aquele Deus com uma guirlanda de Akshas em volta de seu pescoço, Vasudeva, com alma gratificada, ficou cheio de deleite o qual ele procurou expressar por palavras, coração, mente, e corpo. Então Narayana adorou aquele Senhor Divino, aquela Primeira causa do universo, aquele concessor de bênçãos, aquele pujante que se diverte com Parvati de membros formosos, aquele Ser de grande alma cercado por grandes grupos de fantasmas, espíritos, aquele Não Nascido, aquele Senhor Supremo, aquela Personificação do imanifesto, aquela Essência de todas as causas, aquele Único de poder imperecível. Tendo saudado Rudra, aquele destruidor do Asura Andhaka, Narayana de olhos de lótus, com emoção enchendo seu coração, começou a louvar Ele de três olhos (nessas palavras), 'Ó adorável, ó primeiro de todos os deuses, os criadores de todas as coisas (isto é, os Prajapatis) que são os regentes do mundo, e que tendo entrado na terra, teu primeiro trabalho, tinham, ó senhor, protegido ela antes, todos surgiram de ti. Deuses, Asuras, Nagas, Rakshasas, Pisachas, seres humanos, aves, Gandharvas,

Yakshas e outras criaturas, com o universo inteiro, nós sabemos, todos surgiram de ti. Tudo o que é feito para propiciar Indra, e Yama, e Varuna, e Kuvera e Pitris e Tvashtri, e Soma, é realmente oferecido para ti. Forma e luz, som e céu, vento e toque, gosto e água, odor e terra (isto é, os cinco atributos perceptíveis pelos cinco sentidos, com os cinco objetos da Natureza com os quais eles estão diretamente conectados ou nos quais eles se manifestam), tempo, o próprio Brahma, os Vedas, os Brahmanas e todos estes objetos móveis, surgiram de ti. Vapores se erguendo de diversos receptáculos de água tornam-se gotas de chuva, as quais, caindo sobre a terra, são separadas umas das outras. Quando chega a hora da dissolução Universal aquelas gotas individuais, separadas umas das outras, são mais uma vez unidas e fazem da terra uma vasta extensão de água. Aquele que é erudito, assim observando a origem e a destruição de todas coisas, compreende tua unidade. Duas aves (Iswara e Jiva), quatro Aswatthas com seus ramos verbais (os Vedas), os sete guardiões (as cinco essências ou elementos e o coração e a compreensão), e os dez outros que mantêm esta cidade (isto é, os dez sentidos que constituem o corpo), tem sido todos criados por ti, mas tu és separado e independente deles. O Passado, o Futuro, e o Presente, sobre cada um dos quais ninguém pode ter qualquer domínio, são de ti, como também os sete mundos e esse universo. Eu sou teu devotado adorador, seja gracioso para mim. Não me prejudique, por fazer maus pensamentos penetrarem no meu coração. Tu és a Alma das almas, incapaz de ser conhecido. Aquele que te conhece como a Semente Universal alcança Brahma. Desejando te apresentar meus cumprimentos, eu estou te louvando, me esforçando para averiguar tua real natureza, ó tu que és incapaz de ser compreendido pelos próprios deuses. Adorado por mim, me conceda os benefícios que eu desejo mas que são de aquisição difícil. Não te escondas em tua ilusão.'"

"Vyasa continuou, 'O Deus de garganta azul, de alma inconcebível, aquele manejador do Pinaka, aquele Senhor divino sempre louvado pelos Rishis, então deu benefícios para Vasudeva que merecia eles todos. O grande Deus disse, 'Ó Narayana, pela minha graça, entre os homens, deuses, e Gandharvas, tu serás de poder e alma incomensuráveis. Nem deuses, nem Asuras, nem grandes Uragas, nem Pisachas, nem Gandharvas, nem homens, nem Rakshasas, nem aves, nem Nagas, nem quaisquer criaturas no Universo alguma vez serão capazes de suportar tua bravura. Ninguém mesmo entre os celestiais poderá te derrotar em batalha. Pela minha graça, ninguém alguma vez será capaz de te causar dor pela arma de raio ou com qualquer objeto que seja molhado ou seco, ou com qualquer coisa móvel ou imóvel. Tu serás superior a mim mesmo se tu alguma vez fores lutar contra mim.' Assim essas bênçãos foram obtidas por Sauri nos tempos passados. Aquele mesmo Deus agora caminha na terra (como Vasudeva), iludindo o universo com sua ilusão. Do ascetismo de Narayana nasceu um grande Muni de nome Nara, igual ao próprio Narayana. Saiba que Arjuna é ninguém mais do que aquele Nara. Aqueles dois Rishis, citados como mais antigos do que os deuses mais antigos, tomam seus nascimentos em todo Yuga para servir aos propósitos do mundo. Tu mesmo também, ó tu de grande coração, nasceste como uma porção de Rudra, em virtude de todos os teus atos religiosos e como uma consequência de elevadas austeridades ascéticas dotado de grande energia e

cólera. Tu foste (em uma vida passada) dotado de grande sabedoria e igual a um deus. Considerando o universo como consistindo somente de Mahadeva, tu emaciaste a ti mesmo por meio de diversos votos pelo desejo de gratificar aquele Deus. Assumindo a forma de uma pessoa muito superior, que resplandece com esplendor, tu, ó concessor de honras, adoraste o grande deus com mantras, com homa, e com oferendas. Assim adorado por ti em tua vida anterior, o grande deus ficou satisfeito contigo, e te concedeu numerosos benefícios, ó erudito, que tu nutrias em teu coração. Como o de Kesava e de Arjuna teu nascimento procede, e (tuas) ascéticas austeridades são também superiores. Como eles, em teu culto, tu tens, em todo Yuga, adorado o grande Deus em sua forma Fálica. Kesava é aquele devoto dedicado de Rudra que surgiu do próprio Rudra. Kesava sempre adora o Senhor Siva, considerando seu emblema Fálico como sendo a origem do universo. Em Kesava está sempre presente aquele conhecimento, por causa do qual ele vê a identidade de Brahman com o universo e aquele outro conhecimento pelo qual o Passado, o Presente e o Futuro, o perto e o remoto, são todos vistos, como se o todo estivesse diante de seus olhos. Os deuses, os Siddhas e os grandes Rishis adoram Kesava para alcançar aquele objeto mais sublime no universo, isto é, Mahadeva. Kesava é o criador de tudo. O Eterno Krishna deve ser adorado com sacrifícios. O Senhor Kesava sempre reverencia Siva no emblema Fálico como a origem de todas as criaturas. O Deus tendo o touro como sua marca nutre maior respeito por Kesava.'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras de Vyasa, o filho de Drona, aquele poderoso guerreiro em carro, reverenciou Rudra e considerou Kesava como digno das mais elevadas considerações. Tendo sua alma sob completo controle, ele ficou cheio de deleite, e os sinais disso apareceram em seu corpo. Reverenciando o grande Rishi, Aswatthaman então, lançando seus olhos no exército (Kuru), o fez ser retirado (para descanso noturno). De fato, quando, depois da queda de Drona, os Kurus desanimados se retiraram do campo, os Pandavas também, ó monarca, fizeram seu exército ser retirado. Tendo lutado por cinco dias e causado uma carnificina imensa, aquele Brahmana bem versado nos Vedas, isto é, Drona, se dirigiu, ó rei, para a região de Brahma!'"

202

"Dhritarashtra disse, 'Após a morte do Atiratha, isto é, Drona, pelo filho de Prishata, o que meus filhos e os Pandavas fizeram em seguida?'"

"Sanjaya disse, 'Depois da derrota do exército Kuru, após a morte daquele Atiratha, Drona, pelo filho de Prishata, Dhananjaya, o filho de Kunti vendo um fenômeno extraordinário com relação à sua própria vitória, questionou Vyasa, ó touro da raça Bharata, que chegou lá no decurso de suas viagens, dizendo, 'Ó grande Rishi, enquanto eu estava empenhado em matar o inimigo em batalha com chuvas de flechas brilhantes, eu continuamente via diante de mim, procedendo na frente do meu carro, uma pessoa de cor resplandecente, como se dotada da refulgência do fogo. Para onde quer que ele procedesse com sua lança erguida,

todos os guerreiros hostis eram vistos se separar diante dele. Divididos em realidade por ele, as pessoas consideraram o inimigo como sendo separado por mim. Seguindo em sua esteira, eu somente destruía aqueles já destruídos por ele. Ó santo, diga-me quem era aquela principal das pessoas, armado com lança, parecendo o próprio sol em energia, que foi visto dessa maneira por mim? Ele não tocava o solo com seus pés, nem ele arremessou sua lança mesmo uma vez. Por causa de sua energia, milhares de lanças saíam daquela única lança segurada por ele.'"

"Vyasa disse, 'Tu, ó Arjuna, viste Sankara, aquela Primeira causa da qual surgiram os Prajapatis, aquele Ser pujante dotado de grande energia, ele que é a encarnação do céu, terra e firmamento, o Senhor Divino, o protetor do universo, o grande Mestre, o concessor de bênçãos, chamado também de Isana. Ó, procure a proteção daquela Divindade dadora de benefícios, aquele senhor do universo. Ele é chamado de Mahadeva (a divindade Suprema), de Alma Suprema, o único Senhor, com cabelos emaranhados (na cabeça), a residência da auspiciosidade. De três olhos e braços poderosos, ele é chamado Rudra, com seus cabelos amarrados na forma de uma coroa, e seu corpo vestido em peles. Aquele senhor do universo concessor de bênçãos, aquela Divindade Suprema, é também chamada de Hara e Sthanu. Ele é o principal de todos os seres no universo, ele é incapaz de ser derrotado, ele é o encantador do universo e seu soberano supremo. A primeira causa, a luz e refúgio do universo, ele é sempre vitorioso. A Alma e o criador do universo, e tendo o universo como sua forma, ele é possuidor de grande fama. O Senhor do universo, e seu grande Soberano, aquele pujante é também o mestre de todas as ações. Chamado também Sambhu, ele é nascido por si mesmo, ele é o senhor de todas as criaturas, e a origem do Passado, do Futuro, e do Presente. Ele é Yoga e o senhor do Yoga; ele é chamado Sarva, e é o Senhor de todos os mundos. Ele é superior a tudo. O mais notável de tudo no universo, e o maior de todos, ele é chamado também de Parumesthin. O Ordenador dos três mundos, ele é o único refúgio dos três mundos. Incapaz de ser subjugado, ele é o protetor do universo, e além (da necessidade de) nascimento, decadência, e morte. A Alma do conhecimento, incapaz de ser entendido pelo conhecimento, e o mais alto de todo conhecimento ele é incompreensível. Por benevolência, ele dá para seus devotos os benefícios que eles desejam. Aquele Senhor tem como seus companheiros seres celestes de diversas formas, alguns dos quais são anões, alguns tendo madeixas emaranhadas, alguns com cabeças calvas, alguns com pescoços curtos, alguns com estômagos grandes, alguns com corpos enormes, alguns possuidores de grande força e alguns de longas orelhas. Todos eles, ó Partha, tem rostos e bocas e pernas deformados e trajes estranhos. Aquela Divindade Suprema, chamada Mahadeva, é venerada por seguidores que são exatamente assim. Aquele mesmo Siva, ó filho, dotado de tal energia, procede por bondade, na tua frente. Naquela batalha violenta, ó Partha, de arrepiar os cabelos, quem mais, ó Arjuna, além do divino Maheswara, aquele principal de todos os arqueiros, aquela Divindade de forma divina, poderia até em imaginação ousar reprimir aquele exército que era protegido por aqueles grandes batedores e arqueiros, isto é, Aswatthaman e Karna e Kripa? Ninguém pode se arriscar a ficar diante do guerreiro que tem Maheswara andando diante dele. Não há ser nos três

mundos que seja igual a ele. E ao próprio aroma do enfurecido Mahadeva, inimigos em batalha tremem e ficam inconscientes e caem em grandes números. Por isso, os deuses no céu adoram e se curvam a ele. Aqueles homens nesse mundo e aqueles outros homens de conduta virtuosa, que devotamente veneram Rudra dador de benefícios, divino, e auspicioso, obtêm felicidade aqui e alcançam o estado mais elevado após a morte. Ó filho de Kunti, reverencie ele que é paz, ele chamado Rudra de garganta azul, extremamente sutil, e de grande refulgência, ele chamado Kapardin, ele que é terrível, ele de olhos fulvos, ele que é concessor de bênçãos; aquele grande ordenador, de cabelos vermelhos e conduta justa; ele que sempre faz atos auspiciosos; ele que é um objeto de desejo; ele que tem olhos fulvos; ele que é chamado Sthanu; ele que é chamado Purusha; ele que tem cabelo fulvo; ele que é audacioso, ele que é extremamente sutil e de grande refulgência; ele que é o dador de luz; ele que é a corporificação de todas as águas sagradas; ele que é o Deus dos deuses; e ele que é dotado de grande impetuosidade; ele que é de forma manifesta; ele que é chamado Sarva; ele que é de traje agradável; ele que tem uma excelente proteção para a cabeça, ele que é de rosto bonito; ele que tem as montanhas como sua habitação; ele que é paz; ele que é o protetor; ele que tem cascas de árvores como seu traje; ele cujos braços são enfeitados com ornamentos de ouro, ele que é feroz, ele que é o senhor de todos os pontos do horizonte; ele que é o senhor das nuvens e de todos os seres criados; ele que é o senhor de todas as árvores e de todas as vacas; ele que tem seu corpo coberto com árvores; ele que é o generalíssimo celeste; ele que inspira todo pensamento; ele que tem a concha sacrifical em sua mão; ele que é resplandecente; ele que maneja o arco; ele que é a pessoa de Rama, ele que tem diversas formas; ele que é o senhor do universo; ele que tinha a grama munja como seu traje; ele que tem mil cabeças, mil olhos, mil braços, e mil pernas. Ó filho de Kunti, procure a proteção daquele Senhor concessor de benefícios do universo, o marido de Uma, aquele Deus de três olhos, aquele destruidor do sacrifício de Daksha; aquele guardião de todas as coisas criadas, aquele ser que está sempre alegre, aquele protetor de todos os seres, aquele Deus de glória imperecível; aquele com madeixas emaranhadas; aquele movedor de todos os seres superiores, aquele cujo umbigo é semelhante àquele de um touro e que tem o touro como seu símbolo; aquele que é orgulhoso como o touro, que é o senhor dos touros; que é representado pelos chifres do touro; e que é o touro dos touros; aquele que tem a imagem do touro em sua bandeira; que é generoso para todas as pessoas justas; que pode ser aproximado somente por Yoga; e cujos olhos são como aqueles de um touro; que possui armas muito superiores, que tem o próprio Vishnu como sua flecha; que é a encarnação da justiça; e que é chamado Maheswara; que tem vasto estômago e vasto corpo; que tem uma pele de leopardo como seu assento; que é o senhor dos mundos; que é devotado a Brahma e que ama Brahmanas; que está armado com tridente; que é dador de bênçãos; que maneja a espada e o escudo, e que é altamente auspicioso, que maneja o arco chamado Pinaka, que está desprovido do machado de batalha (tendo dado ele para Rama, seu discípulo), e que é o protetor e senhor do universo. Eu me coloco nas mãos daquele Senhor divino, aquele concessor de proteção, aquele Deus vestido em peles de veado. Saudações àquele Senhor dos celestiais que tem Vaisravana como seu amigo. Saudações sempre a ele de votos

excelentes; a ele que tem excelentes arqueiros como seus companheiros; a ele que maneja o arco ele mesmo; àquele Deus para quem o arco é uma arma predileta; que é ele mesmo a flecha impulsionada pelo arco; que é a corda do arco e o arco; e o preceptor ensinando o uso do arco. Saudações ao Deus cujas armas são violentas; e que é o principal de todos os deuses. Saudações a ele de diversas formas; a ele que tem muitos arqueiros em volta dele. Saudações sempre para ele que é chamado Sthanu e que tem um grande número de excelentes arqueiros como seus companheiros. Saudações a ele que destruiu a cidade tripla. Saudações a ele que matou (o Asura) Bhaga. Saudações a ele que é o senhor das árvores e dos homens. Saudações a ele que é o senhor das Mães (celestiais), e daquelas tribos de espíritos conhecidos pelo nome de Ganas. Saudações sempre a ele que é o senhor das vacas e de sacrifícios. Saudações a ele que é o senhor das águas e o senhor dos deuses, que é o destruidor dos dentes de Surya, que é de três olhos, que é o concessor de benefícios; que é chamado Hara, que é de garganta azul, e que é de madeixas douradas. Eu agora te direi, segundo meu conhecimento e como eu tenho ouvido a respeito deles, todos os feitos divinos de Mahadeva de sabedoria Suprema. Se Mahadeva fica zangado, nem deuses, nem Asuras, Gandharvas, nem Rakshasas, mesmo que eles se escondam em oceanos profundos, podem ter paz. Nos tempos passados, Daksha, para realizar um sacrifício, tinha juntado os artigos necessários. Mahadeva destruiu aquele sacrifício em cólera. De fato, Ele se tornou muito severo naquela ocasião. Disparando uma flecha de seu arco, ele proferiu rugidos terríveis. Os celestiais então ficaram cheios de ansiedade e pavor. De fato, quando Mahadeva ficou zangado e o Sacrifício (em sua forma incorporada) fugiu, os deuses ficaram muito assustados pela vibração do arco de Mahadeva e o som de suas palmas. Os deuses e Asuras todos caíram e se submeteram à Mahadeva. Todas as águas se elevaram em agitação e a terra tremeu. As montanhas se partiram, e todos os pontos do horizonte e os Nagas ficaram estupefatos. O universo, envolvido em uma densa escuridão, não podia mais ser visto. O esplendor de todos os corpos luminosos com o sol foi destruído. Os Rishis, cheios de medo, ficaram agitados, e desejosos de seu próprio bem como também de todas as criaturas, realizaram ritos propiciatórios. Surya estava então comendo a oblação principal. Sorridente Sankara se aproximou dele e arrancou seus dentes. Os deuses então, se humilhando a ele, fugiram, tremendo. Mais uma vez, Mahadeva mirou nos deuses uma chuva de flechas ardentes e afiadas parecendo chamas de fogo misturadas com fumaça, ou nuvens com relâmpagos. Vendo aquela chuva de flechas, todos os deuses se curvando a Maheswara, designaram para Rudra uma parte substancial em sacrifícios. Apavorados, os deuses, ó príncipe, procuraram sua proteção. Sua cólera estando dissipada, o grande Deus então restaurou o sacrifício. Os deuses que tinham fugido voltaram. De fato, eles até hoje temem Maheswara. Antigamente, os valentes Asuras tinham, no céu, três cidades. Cada uma daquelas cidades era excelente e grande. Uma era feita de ferro, outra de prata, e a terceira de ouro. A cidade dourada pertencia a Kamalaksha, a cidade de prata a Tarakaksha, e a terceira, feita de ferro, tinha Vidyunmalin como seu senhor. Com todas as suas armas, Maghavat (Indra) era incapaz de fazer qualquer impressão naquelas cidades. Afligidos (pelos Asuras), todos os deuses procuraram a proteção de Rudra. Aproximando-se dele, todos os deuses com

Vasava em sua dianteira, disseram, 'Aqueles terríveis habitantes da cidade tripla receberam bênçãos de Brahma. Cheios de orgulho por causa daquelas bênçãos, eles estão afligindo muito o universo, ó Senhor dos deuses, ninguém, exceto tu, é competente para matá-los. Portanto, ó Mahadeva, mate aqueles inimigos dos deuses. Ó Rudra, criaturas mortas em todo sacrifício então serão tuas.' Assim endereçado pelos deuses, Mahadeva aceitou seu pedido, movido pelo desejo de beneficiá-los, e disse, 'Eu derrubarei aqueles Asuras.' E Hara fez das duas montanhas, isto é, Gandhamadana e Vindhya, os dois postes de seu carro. E Sankara fez da terra com seus oceanos e florestas seu carro de batalha. E a divindade de três olhos fez daquele príncipe das cobras, Sesha, o Aksha daquele carro. E aquele Deus dos deuses, o manejador do Pinaka, fez a lua e o sol as duas rodas daquele veículo. E o Senhor de três olhos fez de Elapatra e Pushpadanta, os dois pinos da canga. E o valente Mahadeva fez das montanhas Malaia a canga, e do grande Takshaka a corda para amarrar a canga aos postes, e as criaturas em volta dele os tirantes dos corcéis. E Maheswara fez dos quatro Vedas seus quatro corcéis. E aquele senhor dos três mundos fez dos Vedas suplementares os freios. E Mahadeva fez Gayatri e Savitri as rédeas, a sílaba Om o chicote, e Brahma o motorista. E fazendo das montanhas Mandara o arco, Vasuki a corda do arco, Vishnu sua flecha excelente, Agni a cabeça da flecha, e Vayu as duas asas daquelas flechas, Yama as penas em sua parte traseira, relâmpago a pedra de amolar, e Meru o estandarte, Siva, sobre aquele carro excelente que era composto de todas as forças celestes, procedeu para a destruição da cidade tripla. De fato, Sthanu, aquele principal dos batedores, aquele Destruidor de Asuras, aquele belo guerreiro de destreza incomensurável, adorado pelos celestiais, ó Partha, e por Rishis possuidores de riqueza de ascetismo, fez uma excelente e inigualável formação de combate que recebeu seu próprio nome, e ficou imóvel por mil anos. Quando, no entanto, as três cidades ficaram juntas no firmamento, o senhor Mahadeva perfurou-as com aquela flecha terrível dele, consistindo em três nós. Os Danavas foram incapazes de olhar para aquela flecha inspirada com fogo Yuga e composta de Vishnu e Soma. Quando a cidade tripla começou a queimar, a deusa Parvati dirigiu-se para lá para contemplar a visão. Ela tinha então em seu colo uma criança tendo uma cabeça calva com cinco tufos de cabelo sobre ela. A deusa questionou as divindades quanto a quem aquela criança era. Sakra, por animosidade se esforçou para atingir aquela criança com seu raio. O divino senhor Mahadeva (pois a criança era nenhum outro), sorrindo, rapidamente paralisou o braço do enfurecido Sakra. Então o deus Sakra, com seu braço paralisado acompanhado por todos os celestiais, dirigiu-se depressa ao senhor Brahma de glória imperecível. Reverenciando ele com suas cabeças, eles se dirigiram a Brahma com mãos unidas e disseram, 'Uma criatura extraordinária, ó Brahma, deitada no colo de Parvati, na forma de uma criança, foi vista por nós mas não saudada. Nós fomos todos subjugados por ele. Nós, portanto, desejamos te perguntar quem é ele. De fato, aquele menino, sem lutar, com a maior facilidade derrotou todos nós com Purandara em nossa dianteira.' Ouvindo essas palavras deles, Brahma, aquela principal de todas as pessoas, familiarizado com Brahma, refletiu por um momento e compreendeu que aquele menino de energia imensurável era ninguém mais do que o divino Sambhu. Dirigindo-se então àqueles principais dos celestiais com

Sakra em sua chefia, Brahma disse, 'Aquela criança é o divino Hara, o Senhor de todo o universo móvel e imóvel. Não há nada superior a Maheswara. Aquele Ser de esplendor incomensurável que foi visto por vocês todos com Uma, aquele senhor divino, assumiu a forma de uma criança por causa de Uma. Vamos todos nós até ele. Aquele divino e ilustre é o Senhor Supremo do mundo. Ó deuses, vocês não puderam reconhecer aquele mestre do universo.' Então todos os deuses com o Avô se dirigiram àquela criança, dotada da refulgência do sol da manhã. Contemplando Maheswara, e sabendo que ele era o Ser Supremo, o Avô Brahma o adorou dessa maneira: 'Tu és Sacrifício, ó senhor, tu és o esteio e refúgio do universo. Tu és Bhava, tu és Mahadeva, tu és a residência (de todas as coisas), e tu és o maior refúgio. Este universo inteiro com suas criaturas móveis e imóveis é permeado por ti. Ó santo, ó senhor do passado e do futuro, ó senhor do mundo, ó protetor do universo, que Sakra, afligido por tua ira, tenha tua graça.'"

"Vyasa continuou, 'Ouvindo essas palavras do nascido no lótus Brahma, Maheswara ficou satisfeito. Desejoso de estender sua graça, ele deu uma risada alta. Os celestiais então gratificaram (com louvor) ambos, Uma e Rudra. O braço do manejador do trovão Sakra recuperou seu estado natural. Aquele principal de todos os deuses, aquele destruidor do sacrifício de Daksha, aquele senhor divino tendo o touro como seu símbolo, ficou satisfeito com os deuses. Ele é Rudra, ele é Siva, ele é Agni, ele é tudo, e ele tem conhecimento de tudo. Ele é Indra, ele é o Vento, ele é os gêmeos Aswins, e ele é a iluminação. Ele é Bhava, ele é Parjanya, ele é Mahadeva, ele é impecável. Ele é a Lua, ele é Isana, ele é Surya, ele é Varuna. Ele é Kala, ele é Antaka, ele é Mrityu, ele é Yama (todos esses termos implicam Morte ou o Destruidor). Ele é o dia, e ele é a noite. Ele é a quinzena, ele é o mês, ele é as estações. Ele é os crepúsculos da manhã e da noite, ele é o ano. Ele é Dhatri, ele é Vidhatri, ele é a Alma do universo, e ele é o fazedor de todas as ações no universo. Embora ele mesmo sem corpo, é ele que é o divino incorporado. Dotado de grande esplendor ele é adorado e louvado por todos os deuses. Ele é Um, ele é Muitos, ele é cem e mil. Brahmanas versados nos Vedas dizem que ele tem duas formas. Estas são a terrível e a auspiciosa. Estas duas formas, além disso, são multifárias. Suas formas auspiciosas são água, luz, e a lua. Tudo o que é muito misterioso nos vários ramos dos Vedas, nos Upanishads, nos Puranas, e naquelas ciências que tratam da alma, é aquele Deus, isto é, Maheswara, Mahadeva é exatamente assim. Aquele Deus é, além disso, sem nascimento. Todos os atributos daquele Deus não poderiam ser enumerados por mim mesmo que, ó filho de Pandu, eu fosse recitá-los continuamente por mil anos. Mesmo para aqueles que são afligidos por todos os planetas maus, mesmo para aqueles que são maculados por todos os pecados, aquele grande protetor, se eles o procuram, fica satisfeito com eles e concede salvação. Ele dá, e tira vida e saúde e prosperidade e riqueza e diversos tipos de objetos de desejo. A prosperidade que é vista em Indra e outros deuses é dele. Ele está sempre engajado no bem e mal de homens nesse mundo. Por sua supremacia, ele pode sempre obter quaisquer objetos que ele deseje. Ele é chamado de Maheswara e é o senhor até dos supremos. Em muitas formas de muitas espécies ele permeia o universo. A boca a qual aquele Deus tem está no oceano. É bem sabido que aquela boca, assumindo a forma da cabeça de uma égua, bebe a libação sacrifical

na forma de água. Este deus sempre mora em crematórios. Homens cultuam aquele senhor Supremo naquele local onde ninguém exceto os corajosos podem ir. Muitas são as formas resplandecentes e terríveis deste Deus das quais os homens falam e cultuam no mundo. Muitos também são os nomes, de verdadeira importância, desta Divindade em todos os mundos. Aqueles nomes estão fundados em sua supremacia, sua onipotência, e seus atos. Nos Vedas o hino excelente chamado Sata Rudriya é cantado em honra daquele grande Deus chamado o infinito Rudra. Aquele Deus é o senhor de todos os desejos que são humanos e celestes. Ele é onipotente, e ele é o mestre supremo. De fato, aquele Deus permeia o vasto universo. Os Brahmanas e os Munis o descrevem como a Primogênita de todas as criaturas. Ele é o Primeiro de todos os deuses; de sua boca nasceu Vayu (o vento). E já que ele sempre protege as criaturas (do universo) e se diverte com elas, e já também que ele é o senhor de todas as criaturas, portanto é ele chamado de Pasupati. E já que seu emblema Fálico é sempre suposto como estando na observância do voto de Brahmacharya, e já que ele sempre alegra o mundo, portanto ele é chamado de Maheswara. Os Rishis, os deuses, os Gandharvas, e Apsaras sempre cultuam seu emblema Fálico o qual se imagina que permaneça ereto. Esse culto faz Maheswara contente. De fato, Sankara (em tal culto) fica feliz, satisfeito, e muito contente. E já que com respeito ao passado, ao futuro, e ao presente, aquele Deus tem muitas formas, ele é, por conta disso, chamado de Vahurupa (de muitas formas). Possuidor de um olho ele brilha em refulgência, ou ele pode ser considerado como tendo muitos olhos por todo o seu corpo. E já que ele possui os mundos, ele é por essa razão chamado de Sarva. E já que sua forma é como aquela da fumaça, ele é por essa razão chamado de Dhurjjati. E já que aquelas divindades, isto é, os Viswedevas, estão nele, ele é por essa razão chamado de Viswarupa. E já que três deusas adoram e recorrem àquele Senhor do universo, isto é, Firmamento, Água e Terra, ele é por essa razão chamado de Tryamvaka. E já que ele sempre aumenta todas as espécies de riqueza e deseja o bem da humanidade em todas as suas ações, ele é por essa razão chamado de Siva. Ele possui mil olhos, ou dez mil olhos, e os tem por todos os lados. E já que ele protege esse vasto universo, ele é por essa razão chamado de Mahadeva. E já que ele é grandioso e antigo e é a fonte de vida e de sua continuação, e já que seu emblema Fálico é eterno, ele é por essa razão chamado de Sthanu. E já que os raios solares e lunares de luz que aparecem no mundo são citados como o cabelo nele de três olhos, ele é por essa razão chamado de Vyomakesa. E já que, afligindo Brahma e Indra e Varuna e Yama e Kuvera, ele os destrói no final, ele é por essa razão chamado de Hara. E já que ele é o Passado, o Futuro, e o Presente, e, realmente, tudo no universo, e já que ele é a origem do passado, do futuro, e do presente, ele é por essa razão chamado de Bhava. É dito que a palavra Kapi significa supremo, e Vrisha é citado como significando justiça. O ilustre Deus dos deuses, portanto, é chamado de Vrishakapi. E já que Maheswara por meio de seus dois olhos fechados (em meditação), criou por pura força de vontade um terceiro olho em sua testa, ele é por essa razão chamado de o de três olhos. Toda enfermidade que há nos corpos de criaturas vivas, e toda saúde que há neles, representam aquele Deus. Ele é o vento, os ares vitais chamados Prana, Apana (e os outros) nos corpos de todas as criaturas, incluindo até aquelas que são doentes. Aquele que adora qualquer

imagem do emblema Fálico daquele Deus de grande alma sempre obtém grande prosperidade por aquele ato. Para baixo ígneo, e metade do corpo que é auspiciosidade é a lua. Sua auspiciosidade é a lua. Assim também metade de sua alma é fogo e metade a lua. Sua forma auspiciosa, cheia de energia, é mais resplandecente do que as formas dos deuses. Entre os homens, sua forma ardente e terrível é chamada fogo. Com aquela forma propícia ele pratica Brahmacharya. Com aquela outra forma terrível ele como Senhor Supremo devora tudo. E já que ele queima, já que ele é feroz, já que ele é dotado de grande bravura, e já que ele devora carne e sangue e medula, ele é por isso chamado de Rudra. Assim mesmo é a divindade chamada Mahadeva, armado com Pinaka, que, ó Partha, foi visto por ti empenhado em matar teus inimigos na frente do teu carro. Depois que tu juraste matar o soberano dos Sindhus, ó impecável, Krishna te mostrou este Deus, no teu sonho, sentado no topo daquela principal das montanhas. Este Deus ilustre procede na tua frente em batalha. Foi ele quem te deu aquelas armas com as quais tu mataste os Danavas. O hino autorizado dos Vedas, e chamado Sata-Rudriya, em honra daquele Deus dos deuses, aquele hino excelente, famoso, que aumenta a vida, e sagrado, agora, ó Partha, foi explicado para ti. Este hino de quatro divisões, capaz de realizar todos os objetivos, é sagrado, destrutivo de todos os pecados, e competente para expulsar todas as máculas e matar todas as tristezas e todos os temores. O homem que sempre o escuta consegue vencer todos os seus inimigos e é muito respeitado na região de Rudra. A pessoa que sempre lê ou escuta atentamente a recitação desse relato excelente e auspicioso, concernente à batalha, da Divindade ilustre, e aquele que adora com devoção aquele Senhor ilustre do universo obtem todos os objetos de desejo, pelo Deus de três olhos estar satisfeito com ele. Vá e lute, ó filho de Kunti, derrota não é para ti que tens Janardana do teu lado como teu conselheiro e protetor.'"

"Sanjaya disse, 'Tendo se dirigido a Arjuna nessas palavras, o filho de Parasara, ó chefe dos Bharatas, partiu para o lugar de onde ele tinha vindo, ó castigador de inimigos.'"

203

"Sanjaya disse, 'Tendo lutado ferozmente por cinco dias, ó rei, o Brahmana (Drona) dotado de grande força, caiu e se dirigiu para a região de Brahma. Os frutos que resultam de um estudo dos Vedas resultam de um estudo desse Parva também. As realizações grandiosas de bravos Kshatriyas estão descritas aqui. Aquele que lê ou ouve a recitação desse Parva todo dia é libertado de pecados hediondos e das ações mais atrozes de sua vida. Brahmanas podem sempre obter disso os frutos de sacrifícios. Disso, Kshatriyas podem obter vitória em batalha violenta. As outras classes (Vaisyas e Sudras) podem obter filhos e netos desejáveis e todos os objetos de desejo!'"

Fim do Drona Parva.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 8

KARNA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO

Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Vaisampayana dá sumário a respeito da morte de Karna depois de dois dias.	5
2	Sanjaya e Dhritarashtra, que está lamentando.	6
3	Sanjaya explica como Karna foi feito Generalíssimo, mas finalmente morto.	7
4	Dhritarashtra desmaia.	8
5	Sumário das mortes Kuru até agora.	9
6	Sumário das mortes Pandava até agora.	12
7	Sumário dos Kurus ainda vivos.	13
8	Dhritarashtra lamenta a morte de Karna.	15
9	(Idem).	17
10	Karna instalado como general por Duryodhana.	21
11	**(16)** Nascer do sol. Organização para batalha.	24
12	Batalha. Bhima mata Kshemadhurti.	26
13	Satyaki mata príncipes Kaikaya Vinda e Anuvinda.	28
14	Srutakarman mata Chitrasena. Prativindhya mata Chitra.	30
15	Bhima v Aswatthaman. Igualmente equiparados.	31
16	Arjuna v Aswatthaman.	33
17	Aswatthaman se retira para tropa de Karna.	36
18	Arjuna mata Dandadhara e Danda.	38
19	Arjuna mata Samsaptakas.	40
20	Aswatthaman mata Pandya.	43
21	Karna em combate.	46
22	Nakula e Sahadeva matam tropas Angas.	48
23	Sahadeva derrota Dussasana.	49
24	Karna derrota Nakula. O insulta.	50
25	Heróis lutando.	54
26	Kripa derrota Dhrishtadyumna. Kritavarman derrota Sikhandin.	56
27	Arjuna mata Satrunjaya, filho de Susruta, Chandradeva, Satyasena, Chitravarman.	57
28	Meio dia.	59
29	Yudhishthira vence Duryodhana.	61
30	Batalha contra Karna. Por do sol. Tropas se retiram.	63
31	Karna resume superioridade e inferioridade de Arjuna enquanto se prepara para lutar com ele.	65
32	Duryodhana, com dificuldade, convence Salya a ser quadrigário de Karna.	69
33	Duryodhana narra história de batalha com Asuras e Daityas.	72
34	Sankara destrói três cidades de Asuras perversos. Avô (Brahma) dirige a carruagem. História seguinte de como Rama (filho de Jamadagni) conseguiu suas armas.	75
35	Elogia Salya. Ele concorda em segurar as rédeas para Karna, mas ele é permitido falar como quiser (promessa feita a Yudhishthira para desmoralizar Karna).	82
36	Salya e Karna partem.	85
37	Karna se gaba. Salya o enfurece com resposta.	86

38	Karna se gabando.	89
39	Salya o provoca.	90
40	Karna responde enfurecido, falando mal dos Madrakas.	92
41	**Salya conta história do corvo e do cisne.**	95
42	Karna se gaba. Revela maldições sobre ele de Rama, e que um Brahmana fará a roda de seu carro afundar na terra.	99
43	Karna repreende Salya rudemente.	102
44	Karna fala do povo Vahika e seu comportamento desprezível.	103
45	Batalha verbal segue até Duryodhana intervir.	105
46	Os dois lados se encontram. Salya se dirige a Karna.	108
47	Batalha começa.	112
48	Karna mata Bhanudeva, Chitrasena, Senavindu, Tapana, Surasena. Bhima mata Bhanusena (filho de Karna). Karna e seus filhos em batalha.	113
49	Yudhishthira mutila Karna. Karna mata Chandradeva e Dandadhara. Karna corta armadura de Yudhishthira. Yudhishthira retrocede, Karna o toca e o insulta. Batalha recomeça.	116
50	Kurus desbaratados. Bhima vai contra Karna - Karna golpeado sem sentidos.	120
51	Bhima mata cerca de 20 dos irmãos de Duryodhana. Luta com Karna novamente, Bhima fica sem carro.	123
52	Batalha.	126
53	Arjuna luta com Samsaptakas.	128
54	Sikhandin salvo de Kripa por Suketu, que é morto.	130
55	Yudhishthira repreende Aswatthaman por lutar como um Brahmana.	132
56	Batalha. Karna mata Jishnu, Jishnukarman, Devapi, Chitra, Chitrayudha, Hari, Sighaketu, Rochamana, Salabha. Arjuna mata Samsaptakas, com Sudarkshina. Aswatthaman triunfa por um tempo sobre Arjuna.	134
57	Aswatthaman jura matar Dhrishtadyumna.	141
58	Arjuna examina batalha no caminho para Yudhishthira.	142
59	Arjuna salva Dhrishtadyumna de Aswatthaman, quando sem carro.	144
60	Krishna relata partes da batalha para Arjuna. Bhima mata príncipe Nishada.	147
61	Karna vence Sikhandin. Dussasana v Dhrishtadyumna. Vrishasena v Nakula. Uluka v Sahadeva. Bhima vence Duryodhana, massacra exército com armas celestes.	151
62	Yudhishthira retrocede depois de lutar com Karna.	154
63	Sahadeva e Nakula levam Yudhishthira para sua cama depois que Karna o mutila severamente. Salya desvia Karna para salvar Duryodhana de Bhima.	156
64	Depois de batalha feroz, Arjuna derrota Aswatthaman. Karna luta com armas celestes. Arjuna vai ver Yudhishthira.	157
65	Bhima deixado a cargo do exército. Arjuna chega até Yudhishthira.	161
66	Yudhishthira pergunta como Arjuna derrotou Karna em combate.	162
67	Arjuna diz que ele irá atrás de Karna imediatamente.	164
68	Yudhishthira responde enfurecidamente.	166

69	Arjuna se dispõe a matar Yudhishthira. Krishna o para e o instrui sobre moralidade. História de Valaka e Kausika. Krishna consegue acordo apropriado para Arjuna.	167
70	Arjuna mata Yudhishthira e ele mesmo com palavras duras.	171
71	Resolvido e perdoado.	174
72	Krishna previne Arjuna a respeito da bravura de Karna.	176
73	**(17)** Krishna resume batalha para Arjuna.	178
74	Arjuna recupera confiança. Jura matar Karna.	184
75	Batalha. Uttamaujas mata filho de Karna Sushema.	186
76	Arjuna se une a Bhima em batalha.	187
77	Bhima derrota Sakuni.	190
78	Karna destruindo Pandavas.	193
79	Karna manda Kripa e Kritavarman para enfraquecer Arjuna.	196
80	Arjuna expulsa Kurus para longe de Bhima.	201
81	Kurus derrotados, contidos por Karna.	202
82	Karna mata Visoka, Ugrakarman. Sikhandin mata Prasena (filho de Kama), então Kama mata um filho de Dhrishtadyumna. Dussasana derruba Bhima brevemente.	205
83	Bhima mata Dussasana e bebe seu sangue. Yudhamanyu mata Chitrasena.	207
84	Heróis Kuru Nishangin, Kavachin, Pasin, Dundadhara, Dhunurgraha, Alolupa, Saha, Shanda, Vatavega, Suvarchasas, caem. Nakula rechaçado por Vrishasena.	210
85	Kripa mata príncipe dos Kulindas. Outros Kulindas mortos. Arjuna mata Vrishasena (filho de Karna).	212
86	Krishna e Arjuna se aproximam de Karna.	215
87	Todas as criaturas tomam lados. Salya jura matar Arjuna se Karna falhar.	216
88	Aswatthaman pede paz a Duryodhana.	222
89	Combate entre Arjuna e Karna. Armas celestes.	224
90	Arjuna v Karna. Cobra Aswasena entra na aljava de Karna, mas Krishna faz carro afundar e somente o diadema de Arjuna é destruído. Karna não atirará cobra duas vezes. Arjuna mata cobra. Kala fala para Karna que seu fim está próximo. Karna é ferido, mas revida as armas de Arjuna. Roda de Karna afunda na terra, ele pede para Arjuna esperar enquanto ele a liberta.	230
91	Krishna o repreende, Karna continua lutando. Fere Arjuna. Arjuna mata Karna com arma Anjalika enquanto ele tenta libertar sua roda. Luz vai de Karna para ao sol.	238
92	Kurus deprimidos.	242
93	Duryodhana tenta reagrupar tropas desbaratadas.	243
94	Salya descreve a cena, faz Duryodhana se retirar pelo dia. Arjuna e Krishna retornam para o acampamento.	245
95	Líderes Kuru voltam para o acampamento.	250
96	Yudhishthira informado. Visita o campo de batalha.	251

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

Om! Tendo reverenciado Narayana, e aquele mais sublime dos seres masculinos, Nara, e a deusa Sarasvati também, a palavra "Jaya" deve ser proferida.

Vaisampayana disse, "Depois que Drona tinha sido morto, ó monarca, os guerreiros nobres (do exército Kaurava) liderados por Duryodhana, com corações cheios de grande ansiedade, todos se dirigiram ao filho de Drona. Lamentando a perda de Drona, e privados de energia por causa de sua tristeza, eles sentaram-se em volta do filho da filha de Sharadvata, afligidos pelo pesar. Confortados por pouco tempo por considerações fundadas nas escrituras, quando chegou a noite, aqueles soberanos da Terra foram para suas respectivas tendas. Aqueles senhores da Terra, no entanto, ó tu da linhagem de Kuru, não podiam sentir felicidade em suas residências. Pensando sobre aquele imenso massacre, eles também não podiam dormir. O filho de Suta (Karna), e o rei Suyodhana e Duhsasana e Shakuni, em especial, não puderam se acomodar para dormir. Aqueles quatro passaram aquela noite juntos na tenda de Duryodhana, refletindo sobre as misérias que eles tinham infligido sobre os Pandavas de grande alma. Antigamente eles haviam trazido Draupadi, mergulhada em aflição por conta da partida de dados, para a assembléia. Lembrando disso eles sentiram grande arrependimento, seus corações estando cheios de ansiedade. Pensando naqueles sofrimentos infligidos (sobre os Pandavas) por causa do jogo, eles passaram aquela noite em tristeza, ó rei, como se ela fosse realmente cem anos. Então quando chegou a manhã, observando os ditames da ordenança, todos eles praticaram devidamente os ritos costumeiros. Tendo praticado os ritos costumeiros, e consolados até certo ponto, ó Bharata, eles ordenaram que suas tropas fossem organizadas, e então saíram para a batalha, tendo feito Karna seu generalíssimo por atarem o fio auspicioso em volta de seus pulsos, e tendo feito muitos dos brahmanas principais, por presentes de recipientes de coalhos, manteiga clarificada, akshatas, moedas de ouro, vacas, jóias e pedras preciosas, e mantos caros, rezarem por sua vitória, e tendo feito arautos e músicos, e panegiristas adorá-los com hinos sobre vitória. Os Pandavas também, ó rei, tendo praticado seus ritos matinais, saíram de seu acampamento, determinados a lutar. Então começou uma batalha violenta, de arrepiar os cabelos, entre os Kurus e os Pandavas, cada um desejoso de derrotar o outro. Durante o comando de Karna, a batalha que ocorreu entre as tropas Kuru e Pandava foi extremamente violenta e durou por dois dias. Então Vrisha (Karna) tendo feito um massacre imenso de seus inimigos em batalha, foi finalmente morto diante dos Dhartarashtras, por Arjuna. Então Sanjaya, indo para Hastinapura contou para Dhritarashtra tudo o que tinha acontecido em Kurujangala."

Janamejaya disse, "Sabendo da queda de Bhishma e daquele outro poderoso guerreiro em carro, Drona, o velho rei Dhritarashtra, o filho de Ambika estava atormentado com grande angústia. Como, ó principal dos brahmanas, poderia ele, mergulhado na dor, manter sua vida sabendo da morte de Karna, aquele benquerente de Duryodhana? Como de fato, podia aquele descendente de Kuru

suportar sua vida quando ele, sobre quem aquele monarca tinha colocado a esperança de vitória de seus filhos, tinha morrido? Quando o rei não sacrificou sua vida mesmo depois de saber da morte de Karna, eu penso que é muito difícil para os homens entregarem a vida até sob circunstâncias de grande dor! Ó brahmana, quando o rei não entregou sua vida depois de saber da queda do filho venerável de Shantanu, de Bahlika e Drona e Somadatta e Bhurishrava, como também de outros amigos e seus filhos e netos, eu penso, ó regenerado, que o ato de entregar a própria vida é extremamente difícil! Conte-me tudo isso em detalhes e como realmente aconteceu! Eu não estou saciado de ouvir as grandiosas realizações de meus antepassados!"

2

Vaisampayana disse, "Após a queda de Karna, ó monarca, o filho de Gavalgana, com o coração triste, partiu aquela noite para Nagapura, em corcéis que rivalizavam o vento em velocidade. Chegado em Hastinapura, com o coração cheio de ansiedade profunda, ele procedeu para a residência de Dhritarashtra a qual não mais abundava com parentes e amigos. Vendo o rei privado de toda energia pela aflição, unindo suas mãos ele reverenciou, com uma inclinação de sua cabeça, os pés do monarca. Tendo reverenciado devidamente o rei Dhritarashtra, ele proferiu uma exclamação de dor e então começou, 'Eu sou Sanjaya, ó senhor da Terra! Tu não estás feliz? Eu espero que tu não estejas entorpecido, tendo por tuas próprias falhas caído em tal infortúnio! Conselhos para o teu bem foram proferidos por Vidura e o filho de Ganga e Keshava. Eu espero que tu não sintas dor agora, lembrando da tua rejeição daqueles conselhos! Conselhos para o teu bem também foram proferidos na assembléia por Rama e Narada e Kanwa e outros. Eu espero que tu não sintas dor agora, lembrando de sua rejeição por ti! Eu espero que tu não sintas dor, lembrando da morte em batalha, pelo inimigo, de Bhishma e Drona e outros, aqueles amigos que sempre estavam dedicados ao teu bem!' Para o filho de Suta que com mãos unidas estava lhe falando dessa maneira, o monarca afligido pela dor e dando uma respiração longa e difícil, disse estas palavras."

"Dhritarashtra disse, 'Sabendo, ó Sanjaya, da queda do filho heróico de Ganga, aquele guerreiro de todas as armas celestes, como também da queda daquele principal de todos os arqueiros, Drona, meu coração sente grande dor! Aquele herói dotado de grande energia e nascido dos próprios Vasus, que matava todo dia 10.000 guerreiros em carros vestidos em armadura, aquele de grande alma para quem o filho de Bhrigu tinha dado as maiores armas, aquele guerreiro que em sua infância tinha sido treinado na ciência do arco por Rama, ai, ele mesmo foi morto pelo filho de Yajnasena Shikhandi protegido pelos Pandavas! Nisto meu coração está imensamente atormentado! Aquele herói por cuja graça aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos reais de Kunti, como também muitos outros senhores de Terra se tornaram maharathas, ai, sabendo da morte daquele grande arqueiro de pontaria certeira, Drona, por Dhrishtadyumna, meu coração está muito atormentado! Aqueles dois não tinham no mundo uma pessoa igual a

eles (no conhecimento e uso) das quatro espécies de armas! Ai, sabendo da morte destes dois, Bhishma e Drona em batalha, meu coração está muito atormentado! Aquele guerreiro que não tinha nos três mundos uma pessoa igual a ele em conhecimento de armas, ai, sabendo da morte daquele herói, Drona, o que as pessoas do meu lado fizeram? Depois que o filho de grande alma de Pandu, Dhananjaya, se esforçando com bravura, tinha despachado para a residência de Yama o exército forte dos Samsaptakas, depois que a arma Narayana do filho inteligente de Drona tinha sido frustrada, e depois que as divisões (Kaurava) tinham começado a fugir, o que, de fato, as pessoas do meu lado fizeram? Eu penso que, depois da morte de Drona minhas tropas, fugindo e afundando em um oceano de dor, pareciam marinheiros náufragos se debatendo na superfície do vasto oceano. Qual também, ó Sanjaya, tornou-se a cor dos rostos de Duryodhana, e Karna, e Kritavarma o chefe dos Bhojas e Shalya, o soberano dos Madras, e de meus filhos restantes, e dos outros, quando as divisões Kuru fugiram para longe do campo? Conte-me tudo isso como realmente aconteceu em batalha, ó filho de Gavalgana, e descreva para mim a destreza empregada pelos Pandavas e pelos guerreiros do meu lado!'"

"Sanjaya disse, 'Ó majestade, ouvindo tudo o que aconteceu aos Kauravas por tua falha, tu não deves sentir qualquer angústia! Aquele que é sábio nunca sente qualquer dor pelo que o Destino traz! E já que o Destino é inconquistável, propósitos humanos podem ou não podem tornar-se atingíveis. Daí, aquele que é sábio nunca sente dor na aquisição ou o contrário dos objetos apreciados por ele.'"

"Dhritarashtra disse, 'Eu não sinto grande dor, ó Sanjaya! Eu considero tudo isso como o resultado do Destino! Conte-me tudo o que tu desejas!'"

3

"Sanjaya disse, 'Após a queda do grande arqueiro Drona, teus filhos, aqueles poderosos guerreiros em carros, ficaram pálidos e privados de seus sentidos. Armados com armas, todos eles, ó monarca, baixaram suas cabeças. Afligidos pela dor e sem olharem uns para os outros, eles ficaram perfeitamente silenciosos. Vendo-os com tais expressões aflitas, tuas tropas, ó Bharata, elas mesmas perturbadas pela aflição, olharam para cima de modo vazio. Vendo Drona morto em batalha, as armas de muitos deles, ó rei, tingidas com sangue, caíram de suas mãos. Incontáveis armas, além disso, ó Bharata, ainda retidas nas mãos dos soldados, pareciam em sua atitude pendente com meteoros caindo no céu. Então o rei Duryodhana, ó monarca, contemplando aquele teu exército parado dessa maneira como se paralisado e sem vida, disse, 'Confiando no poder de seu exército eu convoquei os Pandavas para a batalha e fiz esse duelo começar! Após a queda de Drona, no entanto, a perspectiva parece ser desanimadora. Guerreiros engajados em batalha todos morrem em batalha. Engajado em batalha, um guerreiro pode ter ou vitória ou morte. O que pode ser estranho então nisso (isto é, a morte de Drona)? Lutem com rostos virados para todas as direções. Vejam

agora Karna de grande alma, o filho de Vikartana, aquele grande arqueiro de força poderosa, se movendo rapidamente em batalha, usando suas armas celestes! Por medo daquele guerreiro em batalha, aquele covarde, isto é, Dhananjaya, o filho de Kunti, sempre retrocede como um pequeno veado à visão de um leão! Foi ele quem, pelos métodos comuns de luta humana, levou o poderoso Bhimasena dotado da força de 10.000 elefantes àquela situação difícil! Foi ele quem, proferindo um rugido alto, matou com seu dardo invencível o bravo Ghatotkaca de 1.000 ilusões e bem familiarizado com armas celestes! Contemplem hoje o inesgotável poder de armas daquele guerreiro inteligente de pontaria certeira e energia invencível! Que os filhos de Pandu vejam hoje a destreza de ambos, Ashvatthama e Karna, parecendo aquela de Vishnu e Vasava! Todos vocês são sozinhos capazes de matar os filhos de Pandu com suas tropas em batalha! Quão mais então vocês são capazes, quando reunidos, daquela façanha! Dotados de grande energia e habilidosos com armas, vocês hoje verão uns aos outros empenhados na realização de tarefas poderosas!'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras, ó impecável, teu filho Duryodhana, com seus irmãos, fez Karna o generalíssimo (do exército Kuru). Obtendo o comando, o poderoso guerreiro em carro Karna, tão feroz em batalha, proferiu rugidos altos e lutou com o inimigo. Ele causou, ó senhor, uma grande carnificina entre os Srinjayas, os Pancalas, os Kekayas, e os Videhas. De seu arco emergiam inúmeras linhas de flechas, uma rente atrás das asas da outra, como enxames de abelhas. Tendo afligido os Pancalas e os Pandavas dotados de grande energia, e matando milhares de guerreiros, ele foi finalmente morto por Arjuna!'"

4

Vaishampayana disse, "Ouvindo essa informação, ó monarca, Dhritarashtra o filho de Ambika, sentindo o ápice da aflição, considerou Suyodhana como já morto. Extremamente agitado, o rei caiu no chão como um elefante privado de seus sentidos. Quando aquele principal dos monarcas, imensamente agitado, caiu no chão, lamentos altos foram proferidos, ó melhor dos Bharatas, pelas senhoras (da família real). Aquele barulho era tão alto que ele parecia encher a Terra inteira. Submersas em um oceano profundo de dor, as damas Bharata, com corações muito agitados e chamuscados pela dor, lamentaram alto. Aproximando-se do rei, Gandhari, ó touro da raça Bharata, e as outras senhoras da família, todas caíram no chão, privadas de seus sentidos. Então Sanjaya, ó rei, começou a consolar aquelas damas tomadas pela dor, banhadas em lágrimas, e privadas de consciência. Confortadas (por Sanjaya), aquelas senhoras começaram a tremer repetidamente como um bosque de bananeiras sacudido pelo vento. Vidura também, borrifando aquele descendente de Kuru com água, começou a consolar o monarca pujante que tinha somente o conhecimento como sua visão. Lentamente restaurado à consciência, e compreendendo que as damas da família estavam lá, o rei, ó monarca, permaneceu perfeitamente silencioso por algum tempo como alguém privado de razão. Tendo refletido então por algum tempo, e tomado longos

fôlegos repetidamente, o rei censurou seus próprios filhos e elogiou os Pandavas. Censurando também sua própria inteligência e aquela de Shakuni o filho de Suvala, o rei, tendo refletido por um longo tempo, começou a tremer repetidamente. Controlando sua mente mais uma vez, o rei, com fortaleza suficiente, questionou seu quadrigário Sanjaya o filho de Gavalgana."

"Dhritarashtra disse, 'Eu ouvi, ó Sanjaya, tudo o que tu disseste. Meu filho Duryodhana, ó Suta, que está sempre desejoso de vitória, já foi para a residência de Yama, sem esperança de sucesso? Diga-me realmente, ó Sanjaya, tudo isso mesmo se tu tiveres que repeti-lo!'"

Vaishampayana continuou, "Assim endereçado pelo rei, ó Janamejaya, o Suta disse para ele, 'O poderoso guerreiro em carro Vaikartana, ó monarca, foi morto com seus filhos e irmãos, e outros guerreiros Suta, todos os quais eram poderosos arqueiros preparados para sacrificar suas vidas em batalha! Duhshasana também foi morto pelo filho renomado de Pandu. De fato, seu sangue também foi, por ira, bebido por Bhimasena em batalha!'"

5

Vaishampayana disse, "Ouvindo essas palavras, ó monarca, o filho de Ambika Dhritarashtra, com coração agitado pela dor, dirigiu-se a seu motorista Sanjaya, dizendo, 'Por causa da má política, ó senhor, de meu filho de pouca previdência, o filho de Vikartana foi morto! Essa notícia está ferindo o próprio âmago do meu coração! Eu estou desejoso de cruzar esse mar de aflição! Remova minhas dúvidas, portanto, por revelares a mim quem ainda está vivo e quem está morto entre os Kurus e os Pandavas!"

"Sanjaya disse, 'Dotado de grande destreza e invencível em batalha, Bhishma o filho de Shantanu, ó rei, tendo matado grande número de Srinjayas e Panchalas, foi morto depois de dez dias. O poderoso e invencível arqueiro Drona de carro dourado tendo massacrado as divisões Pancala em batalha, foi morto. Tendo matado a metade dos que restaram depois da carnificina por Bhishma e o ilustre Drona, o filho de Vikartana Karna foi morto. Dotado de grande força, ó monarca, o príncipe Vivingsati, tendo matado centenas de guerreiros Anarta em batalha, foi morto. Teu filho heróico Vikarna, privado de corcéis e armas, permaneceu enfrentando o inimigo, lembrando dos deveres dos Kshatriyas. Lembrando dos muitos males injustos infligidos a ele por Duryodhana, e mantendo em mente seu próprio voto, Bhimasena o matou. Possuidores de grande poder, Vinda e Anuvinda, os dois príncipes de Avanti, depois de realizarem as façanhas mais difíceis, foram para a residência de Yama. Aquele herói que tinha sob seu domínio dez reinos, tendo Sindhu como seu principal, ele que era sempre obediente a ti, Jayadratha de energia poderosa, ó rei, Arjuna matou depois de subjugar onze akshauhinis de tropas com suas flechas afiadas. Dotado de grande energia e incapaz de ser facilmente derrotado em batalha, o filho de Duryodhana, sempre obediente às ordens de seu pai, foi morto pelo filho de Subhadra. O bravo filho de

Duhshasana, possuidor de armas poderosas e feroz em batalha, foi despachado para a residência de Yama pelo filho de Draupadi se esforçando com grande bravura! O soberano dos Kiratas e outros habitantes das planícies na costa, o muito respeitado e amigo querido do próprio chefe dos celestiais, o rei virtuoso Bhagadatta, que era sempre dedicado aos deveres Kshatriya, foi despachado para a residência de Yama por Dhananjaya se esforçando com grande coragem. O parente dos Kauravas, o filho de Somadatta, o bravo e célebre Bhurishrava, ó rei, foi morto por Satyaki em batalha. O rei Amvashtha, Srutayus, aquele principal dos Kshatriyas, que costumava se mover rapidamente em batalha da maneira mais destemida, foi morto por Arjuna. Teu filho Duhshasana, habilidoso com armas e invencível em batalha, e que era sempre colérico, foi, ó monarca, morto por Bhimasena. Sudakshina, ó rei, que tinha muitos milhares de elefantes esplêndidos, foi morto em batalha por Arjuna. O soberano dos Kosalas, tendo matado muitas centenas de inimigos, foi ele mesmo despachado para a residência de Yama pelo filho de Subhadra se esforçando com bravura. Tendo lutado com muitos milhares de inimigos e com o próprio poderoso guerreiro em carro Bhimasena, teu filho Citrasena foi morto por Bhimasena. O bravo irmão mais novo do soberano dos Madras, aquele aumentador dos temores de inimigos, aquele belo guerreiro armado com espada e escudo, foi morto pelo filho de Subhadra. Ele que era igual ao próprio Karna em batalha, o filho de Karna, Vrishasena, habilidoso com armas, de energia poderosa e bravura imperturbável, foi, na própria vista de Karna, despachado para a residência de Yama por Dhananjaya que aplicou sua bravura lembrando-se da morte de seu próprio filho Abhimanyu e mantendo em mente o voto que ele tinha feito. Aquele senhor de Terra, Srutayus, que sempre mostrou uma antipatia enraizada pelos Pandavas, foi morto por Partha que o lembrou daquela antipatia antes de tirar sua vida. O filho de Shalya de grande destreza, ó senhor, Rukmaratha, ó rei, foi morto em batalha por Sahadeva embora acontecesse do primeiro ser o irmão do último, tendo sido o filho do tio materno do último. O velho rei Bhagiratha, e Vrihatkshatra o soberano dos Kaikeyas ambos dotados de grande bravura e poder e energia, foram mortos. O filho de Bhagadatta, ó rei, que era possuidor de grande sabedoria e força, foi morto por Nakula que sempre se move rapidamente em batalha com a energia do falcão. Teu antepassado Bahlika, possuidor de grande poder e destreza, foi, com todos os seus seguidores, morto por Bhimasena. O poderoso Jayatsena o filho de Jarasandha, o príncipe dos Magadhas, ó rei, foi morto em batalha pelo filho de grande alma de Subhadra. Teu filho Durmukha, ó rei, como também teu outro filho Dussaha, aquele poderoso guerreiro em carro, ambos os quais eram considerados como heróis, foram mortos por Bhimasena com sua maça. Durmarshana e Durvisaha e o poderoso guerreiro em carro Durjaya, tendo realizado as mais difíceis façanhas, foram para a residência de Yama. Os dois irmãos Kalinga e Vrishaka, que eram invencíveis em batalha, tendo realizado feitos muito difíceis foram para a residência de Yama. Teu conselheiro Vrishavarman da casta Suta, dotado de grande energia, foi despachado para a residência de Yama por Bhimasena se esforçando com destreza. Assim também o rei Paurava que era dotado da força de 10.000 elefantes, foi, com todos os seus seguidores, morto pelo filho de Pandu Arjuna. Os Vasatis, ó rei, numerando 2.000, batedores eficazes de todos, como também os Surasenas dotados de bravura, foram todos

mortos em batalha. Os Abhishahas, vestidos em armaduras, capazes de atacar eficazmente, e ferozes em batalha, também os Sivis, aqueles principais dos guerreiros em carros, com os Kalingas, foram todos mortos. Aqueles outros heróis também, (os Narayana Gopas) que viveram e cresceram em Gokula, que eram extremamente coléricos em batalha, e que nunca se retiravam do campo foram morto por Savyasaci. Muitos milhares de Srenis, como também os Samsaptakas, aproximando-se de Arjuna, foram todos para a residência de Yama. Teus dois cunhados, isto é, os príncipes Vrishaka e Achala, que eram dotados de grande destreza, por tua causa foram mortos por Savyasaci. O rei Shalva de armas poderosas e feitos violentos, que era um grande arqueiro em nome e façanhas, foi morto por Bhimasena. Oghavat, ó rei, e Vrishanta, lutando juntos em batalha e se esforçando com grande vigor por seus aliados, foram ambos para a residência de Yama. Assim também aquele principal dos guerreiros em carros, isto é, Kshemadhurti, ó monarca, foi morto em batalha por Bhimasena com sua maça. Assim também aquele grande arqueiro, o poderoso rei Jalasandha, depois de causar uma carnificina imensa, foi morto por Satyaki em batalha. Aquele príncipe dos Rakshasas, isto é, Alayudha, a cujo veículo estavam unidos jumentos (de forma monstruosa) foi despachado para a residência de Yama por Ghatotkaca se esforçando com grande bravura. O filho de Radha da casta Suta, e aqueles poderosos guerreiros em carros que eram seus irmãos, e os Kaikeyas, os Malavas, os Madrakas os Dravidas de bravura feroz, os Yaudheyas, os Lalittyas, os Kshudrakas, os Usinaras, os Tundikeras, os Savitriputras, os habitantes do Leste, os habitantes do Norte, os habitantes do Oeste, e os habitantes do Sul, ó majestade, foram todos mortos por Savyasaci. Grandes grupos de soldados de infantaria, miríades sobre miríades de cavalos de batalha, grande número de guerreiros em carros, e muitos elefantes enormes, foram mortos. Muitos heróis também, com bandeiras e armas, e com armaduras e trajes e ornamentos, e dotados de perseverança e possuidores de nascimento nobre e boa conduta, foram mortos em batalha por Partha que nunca fica fatigado com esforço. Outros, dotados de força imensurável, e desejosos de matar teus inimigos, (encontraram um destino similar). Esses e muitos outros reis, numerando milhares, com seus seguidores, ó monarca, foram mortos em batalha. Aquilo que tu me perguntaste eu estou respondendo agora. Assim mesmo ocorreu a destruição quando Arjuna e Karna lutaram. Assim como Mahendra matou Vritra, e Rama matou Ravana; assim como Krishna matou Naraka ou Mura em batalha; assim como o poderoso Rama da linhagem de Bhrigu matou o heróico Kartavirya, invencível em batalha, com todos os seus parentes e amigos, depois de lutar uma batalha terrível célebre pelos três mundos; assim como Skanda matou (o Asura) Mahisha, e Rudra matou (o Asura) Andhaka, assim mesmo Arjuna, ó rei, em duelo, matou, com todos os seus parentes, aquele principal dos batedores, Karna, que era invencível em batalha e em quem os Dhartarashtras tinham colocado suas esperanças de vitória, e que era a grande causa da hostilidade com os Pandavas! O filho de Pandu agora realizou aquilo que antigamente tu não pudeste crer que ele era capaz de realizar, embora, ó monarca, amigos bem intencionados não tivessem falhado em te avisar disso. Aquela calamidade, repleta de grande destruição, agora chegou! Tu, ó rei, desejando bem a eles, empilhaste aqueles males sobre as cabeças de teus filhos cobiçosos! O resultado daqueles males está agora se manifestando!'"

6

"Dhritarashtra disse, 'Tu mencionaste, ó filho, os nomes daqueles do meu lado que foram mortos em batalha pelos Pandavas. Diga-me agora, ó Sanjaya, os nomes daqueles entre os Pandavas que foram mortos pelas pessoas do meu lado!'"

"Sanjaya disse, 'Os Kuntis possuidores de grande coragem em batalha, dotados de grande energia e grande poder, foram mortos em luta por Bhishma, com todos os seus parentes e conselheiros. Os Narayanas, os Valabhadras, e centenas de outros heróis, todos dedicados (aos Pandavas) foram mortos em batalha pelo heróico Bhishma. Satyajit, que era igual ao próprio ornado com diadema Arjuna em batalha com relação a energia e poder, foi morto em batalha por Drona de pontaria certeira. Muitos arqueiros poderosos entre os Pancalas, todos os quais eram hábeis em batalha, enfrentando Drona, foram para a residência de Yama. Assim os dois reis Virata e Drupada, ambos veneráveis em idade, que se esforçaram com grande heroísmo por seus aliados, foram, com seus filhos, mortos em batalha por Drona. Aquele herói invencível, isto é, Abhimanyu, que, embora um menino em idade, ainda era igual em batalha a Arjuna ou Keshava ou Baladeva, ó senhor, aquele guerreiro que era muito talentoso em batalha, depois de fazer uma matança imensa do inimigo, foi finalmente cercado por seis dos principais guerreiros em carros e morto por eles. Incapazes de resistir ao próprio Arjuna, eles mataram dessa maneira o filho de Arjuna! Privado de seu carro, aquele herói, o filho de Subhadra, ainda permaneceu em batalha, lembrando-se dos deveres de um Kshatriya. Finalmente, ó rei, o filho de Duhshasana o matou no campo. O matador dos Patachchatras, o belo filho de Amvashtha, cercado por um grande exército, tinha aplicado toda sua bravura por causa de seus aliados. Tendo feito um grande massacre entre o inimigo, ele foi enfrentado pelo filho de Duryodhana, o bravo Lakshmana, em batalha e despachado para a residência de Yama. O poderoso arqueiro Vrihanta, talentoso com armas e invencível em batalha, foi despachado para a residência de Yama por Duhshasana, se esforçando com destreza formidável. Os dois reis Manimat e Dandadhara, ambos os quais eram invencíveis em batalha e tinham aplicado sua destreza por seus aliados, foram mortos por Drona. Ansumat o soberano dos Bhojas, aquele poderoso guerreiro em carro na dianteira de suas próprias tropas, foi despachado para a residência de Yama por Drona se esforçando com grande bravura. Citrasena, o governante do litoral, com seu filho, ó Bharata, foi violentamente despachado por Samudrasena para a residência de Yama. Outro soberano de um país marítimo, isto é, Nila, e Vyaghradatta de grande energia, ambos, ó rei, foram despachados para a residência de Yama por Ashvatthama. Citrayudha e Citrayodhin, depois fazerem um grande massacre, foram ambos mortos em batalha por Vikarna se esforçando com grande bravura e mostrando diversas manobras de seu carro. O chefe dos Kaikeyas, que era igual ao próprio Vrikodara em batalha e cercado por guerreiros Kaikeya, foi morto por Kaikeya, o irmão pelo irmão. Janamejaya do país montanhoso, dotado de grande destreza e talentoso em combates com a maça, foi, ó rei, morto por teu filho Durmukha. Aqueles dois

principais dos homens, os irmãos Rochamana, como dois planetas brilhantes, foram despachados juntos para o céu por Drona com suas flechas. Muitos outros reis, ó monarca, dotados de grande coragem, lutaram (pelos Pandavas). Tendo realizado as façanhas mais difíceis, todos eles foram para a residência de Yama. Purujit e Kuntibhoja, os dois tios maternos de Savyasaci, foram despachados por Drona com flechas para tais regiões que são alcançadas por meio de morte em batalha. Abhibhu os Kasis, na dianteira de muitos de seus seguidores, foi obrigado pelo filho de Vasudana a sacrificar sua vida em batalha. Yudhamanyu de coragem imensurável, e Uttamauja de grande energia, depois de matarem centenas de guerreiros heróicos, foram eles mesmos mortos por nossos homens. Os príncipes Pancala Mitravarman, ó Bharata, aqueles dois dos arqueiros principais, foram despachados para a residência de Yama por Drona. O filho de Shikhandi, Kshatradeva, aquele principal dos guerreiros, possuidor de grande bravura, ó rei, foi morto por teu neto Lakshmana, ó majestade! Os dois heróis Sucitra e Citravarman, que eram pai e filho e dotados de grande força, e que se moviam rapidamente sem medo em batalha, foram mortos por Drona. Vardhakshemi, ó monarca, que era como o oceano na maré cheia, tendo tido suas armas esgotadas em batalha, finalmente obteve paz imperturbada. Aquele mais notável dos Sutas, isto é, Senavindu, tendo consumido muitos inimigos em batalha, finalmente, ó rei, foi morto por Bahlika. Dhrishtaketu, ó monarca, aquele principal dos guerreiros em carros entre os Cedis, depois de realizar as façanhas mais difíceis, dirigiu-se para a residência de Yama. Similarmente, o heróico Satyadhriti, dotado de grande bravura, tendo feito uma grande matança em batalha por causa dos Pandavas, foi despachado para a residência de Yama. Aquele senhor de terra, Suketu, o filho de Shishupala, tendo matado muitos inimigos, finalmente foi morto por Drona em batalha. O filho de Virata Sankha, como também Uttara de grande força, tendo realizado as façanhas mais difíceis, se dirigiram para a residência de Yama. Similarmente, Satyadhriti dos Matsyas, e Madiraswa de grande energia, e Suryadatta possuidor de grande destreza, foram todos mortos por Drona com suas flechas. Srenimat também, ó monarca, tendo lutado com grande coragem e realizado os feitos mais difíceis, dirigiu-se para a residência de Yama. Da mesma maneira, o chefe dos Magadhas, aquele matador de heróis hostis, dotado de grande energia e conhecedor das maiores armas, descansa no campo de batalha, morto por Bhishma. Vasudana também, tendo feito uma carnificina imensa em batalha, foi despachado para a residência de Yama pelo filho de Bharadwaja se esforçando com grande heroísmo. Esses e muitos outros poderosos guerreiros em carros dos Pandavas foram mortos por Drona se esforçando com grande energia. Eu agora falei deles todos que tu me perguntaste.'"

7

"Dhritarashtra disse, 'Quando todos os meus principais guerreiros, ó Sanjaya, pereceram, eu não penso que o resto do meu exército não perecerá! Quando aqueles dois heróis, aqueles dois arqueiros poderosos, aqueles dois principais dos Kurus, Bhishma e Drona, estão mortos, que necessidade eu posso ter mais da

vida? Eu não posso também suportar a morte do filho de Radha, aquele ornamento de batalha, o poder de cujos braços era tão grande quanto aquele de 10.000 elefantes! Ó principal dos oradores, diga-me agora, ó Suta, quem ainda está vivo no meu exército depois da morte de todos os heróis principais! Tu me disseste os nomes daqueles que caíram. Parece-me, no entanto, que aqueles que ainda estão vivos estão quase todos mortos!'"

"Sanjaya disse, 'Aquele herói, ó rei, a quem Drona, aquele principal dos brahmanas, deu muitas armas resplandecentes, celestes, e poderosas dos quatro tipos, aquele poderoso guerreiro em carro, possuidor de habilidade e agilidade de mão, aquele herói de aperto firme, braços fortes, e flechas poderosas, aquele filho de grande alma de Drona, capaz de atirar a uma distância formidável, ainda está sobre o campo, desejoso de lutar por tua causa. Aquele habitante do país Anarta, aquele filho de Hridika, aquele poderoso guerreiro em carro, aquele principal entre os Satwatas, aquele chefe dos Bhojas, Kritavarma, habilidoso com armas, está no campo, desejoso de lutar. O filho de Artayana, intrépido em batalha, aquele principal dos guerreiros, aquele mais notável de todos ainda no teu lado, ele que abandonou os filhos de sua própria irmã, os Pandavas, para fazer verdadeiras suas próprias palavras, aquele herói dotado de grande energia que prometeu na presença de Yudhishthira que ele deprimiria em batalha o espírito orgulhoso de Karna, aquele invencível Shalya, que é igual ao próprio Sakra em energia, está ainda no campo, desejoso de lutar por tua causa. Acompanhado por seu próprio exército consistindo em Ajaneyas, Saindhavas, montanheses, habitantes de regiões ribeirinhas, Kambojas, e Vanayus, o rei dos Gandharas está no campo, desejoso de lutar por tua causa. O filho de Sharadvata chamado Gautama, ó rei, dotado de braços poderosos e capaz de lutar com diversas armas de diversas belas maneiras, pegando um arco belo e grande capaz de suportar grande tensão, permanece sobre o campo, desejoso de lutar. Aquele poderoso guerreiro em carro, o filho do soberano dos Kaikeyas, sobre um carro vistoso equipado com bandeira e corcéis bonitos, está no campo, ó chefe da linhagem de Kuru, para lutar por tua causa. Teu filho também, aquele principal dos heróis na família de Kuru, Purumitra, ó rei, em seu carro possuidor da refulgência do fogo ou do Sol, está no campo, como o próprio Sol resplandecendo brilhantemente no firmamento sem nuvens. Duryodhana também, dotado de grande energia, no meio de um exército de elefantes e acompanhado por muitos principais dos combatentes, permanece em seu carro adornado com ouro, desejoso de se engajar em batalha. No meio de muitos reis, aquele principal dos homens, possuidor do esplendor de um lótus, parece resplandecente em sua bela armadura de ouro como um fogo com pouca fumaça ou o Sol emergido das nuvens. Assim também teus filhos Sushena, armado com espada e escudo, e o heróico Satyasena, estão permanecendo com Citrasena, seus corações cheios de alegria e eles mesmos desejosos de lutar. Dotados de modéstia, os príncipes Bharata Citrayudha, Srutavarman, e Jaya, Dala, e Satyavrata, e Dussala, todos os quais são possuidores de grande poder, estão no campo, desejosos de lutar. O soberano dos Kaitavyas, aquele príncipe orgulhoso de sua coragem, e capaz de se movimentar destemidamente em batalha e matar seus inimigos, possuindo soldados de infantaria e cavalaria, e elefantes e carros, permanece no campo,

desejoso de lutar por tua causa. Os heróicos Srutayu e Srutayudha, e Citrangada e Citravarman, aqueles principais dos homens, aqueles guerreiros orgulhosos capazes de atacar eficazmente e possuidores de certeza de pontaria, estão no campo, desejosos de lutar. Satyasandha de grande alma, o filho de Karna, está no campo, desejoso de lutar. Dois outros filhos de Karna, possuindo o conhecimento de armas superiores e dotados de grande agilidade de mãos, ambos estão posicionados, ó rei, na dianteira de exércitos que são grandes e incapazes de serem atravessados por guerreiros de pouca energia, desejosos de lutar por tua causa. Acompanhado por esses heróis e por muitos outros dos guerreiros principais, ó rei, que são possuidores de poder incomensurável, o rei Kuru (Duryodhana) está colocado como um segundo Indra no meio de sua divisão de elefantes na expectativa de vitória!'"

"Dhritarashtra disse, 'Tu me relataste devidamente todos os que estão vivos entre nós e o inimigo. Disso eu vejo claramente em qual lado a vitória será. De fato, isso pode ser inferido dos fatos.'"

Vaishampayana continuou, "Enquanto dizia isso, Dhritarashtra o filho de Ambika, sabendo que somente uma pequena parte de seu exército estava viva, pois todos os seus principais guerreiros tinham morrido, sentiu seu coração ficar extremamente agitado pela aflição. O rei desmaiou. Parcialmente restaurado aos seus sentidos, ele se dirigiu a Sanjaya, dizendo, 'Espere um momento!' E o rei disse, 'Ó filho, sabendo dessa calamidade terrível, meu coração está muito agitado. Meus sentidos estão sendo entorpecidos, e meus membros estão prestes a serem paralisados!' Tendo dito essas palavras, Dhritarashtra o filho de Ambika, aquele senhor de terra, perdeu seus sentidos e caiu no chão."

8

Janamejaya disse, "Tendo ouvido a respeito da queda de Karna e do massacre de seus filhos, o que, ó principal dos regenerados, o rei disse, depois que ele tinha sido um pouco confortado? De fato, pungente foi a aflição que ele sentiu, resultante da calamidade que aconteceu a seus filhos! Conte-me, eu te peço, tudo o que o rei disse naquela ocasião!"

Vaishampayana disse, "Sabendo da morte de Karna que era incrível e espantosa, que era terrível e capaz de paralisar os sentidos de todas as criaturas, que parecia com a queda de Meru, ou uma inacreditável turvação do intelecto do sábio Shukra, ou a derrota de Indra de façanhas terríveis nas mãos de seus inimigos, ou a queda sobre a Terra do Sol brilhante do céu, ou uma incompreensível secagem do oceano, aquele receptáculo de águas inesgotáveis, ou a aniquilação, totalmente assombrosa, da terra, do firmamento, dos pontos do horizonte, e das águas, ou a esterilidade de ações virtuosas e pecaminosas, o rei Dhritarashtra, tendo refletido seriamente por algum tempo sobre isto, pensou que seu exército tinha sido aniquilado. Pensando que outras criaturas também, tão impossíveis de matar quanto Karna, encontrariam um destino similar, o rei

Dhritarashtra o filho de Ambika, chamuscado pela dor e suspirando como uma cobra, com membros quase paralisados, (dando) respirações longas, muito desanimado, e cheio de melancolia, começou a lamentar, dizendo, 'Oh!' e 'Ai!' E o rei disse, 'Ó Sanjaya, o filho heróico de Adhiratha era dotado da bravura do leão ou do elefante! Seu pescoço era tão grosso quanto aquele de um touro, e seus olhos, modo de andar, e voz eram como os do touro! De membros tão firmes quanto o raio, aquele homem jovem, como um touro nunca fugindo de um touro, nunca desistia da batalha mesmo se acontecesse de seu inimigo ser o próprio grande Indra! Ao som da corda de seu arco e palmas e ao zunido de suas chuvas de flechas homens e cavalos e carros e elefantes fugiam da batalha. Confiando naquele poderosamente armado, aquele matador de grandes grupos de inimigos, aquele guerreiro de glória imperecível, Duryodhana provocou hostilidades com aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Pandu! Como então pode Karna, aquele principal dos guerreiros em carros, aquele tigre entre homens, aquele herói de ataque irresistível, ser violentamente morto por Partha em batalha? Confiando no poder de suas próprias armas, ele sempre desconsiderava Keshava de glória imperecível, e Dhananjaya, e os Vrishnis, e todos os outros inimigos! Muitas vezes ele costumava dizer para o tolo, avarento, abatido, cobiçoso de reino, e aflito Duryodhana palavras tais como essas, ‘Sozinho, eu irei, em batalha, derrubar dos seus carros principais aqueles dois guerreiros invencíveis juntos, o manejador do Sarnga e o manejador do Gandiva!’ Ele tinha subjugado muitos inimigos invencíveis e poderosos: Gandharas, os Madrakas, os Matsyas, os Trigartas, os Tanganas, os Khasas, os Pancalas, os Videhas, os Kulindas, os Kasi-kosalas, os Suhmas, os Angas, os Nishadhas, os Pundras, os Kichakas, os Vatsas, os Kalingas, os Taralas, os Asmakas, e os Rishikas. Subjugando todas essas bravas raças, por meio de suas flechas penetrantes e afiadas providas de penas kanka, aquele principal dos guerreiros em carros, o filho de Radha, fez todos eles pagarem tributo a nós para o engrandecimento de Duryodhana. Ai, como pode aquele guerreiro conhecedor de armas celestes, aquele protetor de exércitos, Karna o filho de Vikartana, chamado também Vrisha, de energia imensa, ser morto em batalha por seus inimigos, os heróicos e poderosos filhos de Pandu? Como Indra é o principal dos deuses, Karna era o principal dos homens. Nos três mundos nenhuma terceira pessoa era conhecida por nós como sendo semelhante a eles. Entre os cavalos, Uccaisravas é o principal; entre Yakshas, Vaishravana é o principal; entre celestiais, Indra é o principal; entre batedores, Karna era o principal. Não derrotado nem pelos mais heróicos e mais poderosos dos monarcas, ele tinha, para o engrandecimento de Duryodhana, subjugado a terra inteira. O soberano de Magadha, tendo por conciliação e honras obtido Karna como um amigo, desafiou todos os Kshatriyas do mundo, exceto os Kauravas e os Yadavas, para a batalha. Sabendo que Karna foi morto por Savyasaci em duelo, eu estou mergulhado em um oceano de aflição como um navio soçobrado no vasto oceano! De fato, sabendo que aquele mais notável dos homens, aquele melhor dos guerreiros em carros, foi morto em combate, eu estou afundando em um oceano de dor como uma pessoa sem uma balsa no mar! Quando, ó Sanjaya, eu não morro de tal tristeza, eu penso que meu coração é impenetrável e feito de alguma coisa mais dura do que o raio. Sabendo da derrota e humilhação de amigos e parentes e aliados, quem mais no mundo, ó

Suta, salvo minha pessoa desventurada, não entregaria sua vida? Eu desejo ter veneno ou fogo ou uma queda do topo de uma montanha, eu sou incapaz, ó Sanjaya, de aguentar esta carga pesada de dor!'"

9

"Sanjaya disse, 'O mundo te considera como igual a Yayati o filho de Nahusha em beleza, nascimento, fama, ascetismo, e erudição! De fato, em erudição tu és, ó rei, semelhante a um grande Rishi, altamente ilustre e coroado com êxito! Convoque tua fortaleza! Não te entregue à aflição!'"

"Dhritarashtra disse, 'Eu penso que o destino é supremo, e o esforço inútil já que até Karna, que era como uma árvore shala, foi morto em batalha! Tendo massacrado o exército de Yudhishthira e as grandes multidões dos guerreiros em carros Pancala, tendo chamuscado todos os pontos do horizonte por meio de suas chuvas de flechas, tendo entorpecido os Parthas em batalha como o manejador do raio entorpecendo os Asuras, ai, como pode aquele poderoso guerreiro em carro, morto pelo inimigo, cair no chão como uma grande árvore arrancada pela tempestade? De fato, eu não vejo o fim das minhas tristezas como um homem se afogando incapaz de ver o fim do oceano. Minhas ansiedades estão aumentando, eu não desejo viver, sabendo da morte de Karna e da vitória de Phalguni! De fato, ó Sanjaya, eu considero a morte de Karna como muito inacreditável. Sem dúvida, esse meu coração duro é feito da essência do diamante, pois ele não se quebra em 1.000 fragmentos ao saber da queda de Karna! Sem dúvida, os deuses ordenaram, antes (do meu nascimento), uma vida muito longa para mim, já que muito angustiado ao saber da morte de Karna, eu não morro! Que vergonha, ó Sanjaya, para essa vida de alguém que é desprovido de amigos. Trazido hoje, ó Sanjaya, para essa situação desditosa, miseravelmente eu terei que viver, de mente tola que eu sou, suscitando compaixão em todos! Tendo antigamente sido o honrado do mundo inteiro, como eu irei, ó Suta, viver, dominado por inimigos? De dor para dor e calamidade maiores, eu tenho vindo, ó Sanjaya, por causa da queda de Bhishma e Drona e de Karna de grande alma! Eu não vejo que alguém (do meu exército) escapará com vida quando o filho de Suta foi morto em batalha! Ele era a grande balsa, ó Sanjaya, para meus filhos! Aquele herói, tendo disparado inúmeras flechas, foi morto em batalha! Que necessidade eu tenho da vida, sem aquele touro entre homens? Sem dúvida, o filho de Adhiratha, afligido por flechas, caiu de seu carro, como um topo de montanha partido pela queda do trovão! Sem dúvida, banhado em sangue, ele jaz, adornando a Terra, como um elefante morto por um príncipe de elefantes enfurecido! Ele que era a força dos Dhartarashtras, ele que era um objeto de temor para os filhos de Pandu, ai, ele, Karna, aquele orgulho de todos os arqueiros, foi morto por Arjuna! Ele era um herói, um arqueiro poderoso, o dissipador dos receios dos meus filhos! Ai, aquele herói, privado de vida, jaz (no solo), como uma montanha derrubada por Indra! A satisfação dos desejos de Duryodhana é assim como a locomoção para alguém que é coxo, ou a satisfação do desejo do homem pobre, ou gotas espalhadas de água para alguém que está com sede! Planejados de uma maneira, nossos

esquemas terminam de outra maneira. Ai, o destino é todo poderoso, e o tempo incapaz de ser contrariado! Meu filho Duhshasana, ó Suta, foi morto, enquanto fugia do campo, humilhado (ao pó), de alma desanimada, e desprovido de toda coragem? Ó filho, ó Sanjaya, eu espero ele não tenha agido covardemente naquela ocasião! Aquele herói não encontrou sua morte como os outros kshatriyas que tem caído? O tolo Duryodhana não aceitou o conselho constante de Yudhishthira, saudável como remédio, contra a adequação da batalha. Possuidor de grande renome, Partha, quando rogado por bebida por Bhishma então jazendo em seu leito de flechas, perfurou a superfície da terra! Vendo o jato de água causado pelo filho de Pandu, o poderosamente armado (Bhishma, se dirigindo a Duryodhana), disse, 'Ó majestade, faça as pazes com os Pandavas! As hostilidades cessando, a paz será tua! Que a guerra entre tu e teus primos termine comigo! Desfrute da terra em fraternidade com os filhos de Pandu!' Tendo desconsiderado aqueles conselhos, meu filho está certamente se arrependendo agora. Agora aconteceu o que Bhishma de grande previdência disse. Em relação a mim mesmo, ó Sanjaya, eu estou desprovido de conselheiros e privado de filhos! Por causa do jogo, eu caí em grande miséria como uma ave desprovida de suas asas! Como crianças empenhadas em brincar, ó Sanjaya, tendo apanhado uma ave e cortado suas asas, alegremente a libertam, mas a criatura não pode alcançar locomoção por estar sem asas; assim mesmo eu me torno, como uma ave desprovida de suas asas! Fraco, desprovido de todos os recursos, sem parentes e privado de amigos, triste e dominado por inimigos, para qual ponto do horizonte eu irei? Ele que subjugou todos os Kambojas e os Amvashthas com os Kaikeyas, aquele pujante que, tendo para a realização de seu propósito derrotado os Gandharas e os Videhas em batalha, e subjugado a Terra inteira para o engrandecimento de Duryodhana, ai, ele foi derrotado pelos Pandavas heróicos e fortes dotados de armas poderosas! Após a morte, em batalha, daquele arqueiro poderoso, Karna, pelo ornado com diadema (Arjuna), diga-me, ó Sanjaya, quem foram os heróis que ficaram (no campo)! Eu espero que ele não tenha estado sozinho e abandonado (pelos amigos) quando morto em batalha pelos Pandavas! Tu, ó senhor, me disseste, antes disso, como nossos bravos guerreiros tem caído. Com suas flechas poderosas Shikhandi derrubou em batalha aquele principal de todos os manejadores de armas, Bhishma, que não fez nada para repelir o ataque. Similarmente, Sanjaya, o filho de Drupada Dhrishtadyumna, erguendo sua cimitarra, matou o arqueiro poderoso Drona que, já perfurado por muitas flechas, tinha posto de lado suas armas em batalha e se dedicado ao Yoga. Esses dois foram ambos mortos em desvantagem e especialmente por meio de falsidade. Isso mesmo é o que eu ouvi a respeito da morte de Bhishma e Drona! De fato, Bhishma e Drona, enquanto lutando em combate, não podiam ser mortos em batalha pelo próprio manejador do raio por meios justos. Isso que eu te digo é verdade! Em relação a Karna, como, de fato, pode a Morte tocá-lo, aquele herói igual ao próprio Indra, enquanto ele estava empenhado em disparar suas múltiplas armas celestes? Ele para quem em troca de seus brincos Purandara tinha dado aquele dardo matador de inimigos, decorado com ouro, e celeste do esplendor do relâmpago, ele que tinha, colocada (dentro de sua aljava) em meio a pasta de sândalo, aquela flecha celeste de boca de cobra enfeitada com ouro, equipada com asas vistosas, e capaz de matar todos os inimigos, ele que, desconsiderando

aqueles heróicos e poderosos guerreiros em carros tendo Bhishma e Drona em sua dianteira, obteve do filho de Jamadagni a terrível brahmastra, aquele poderosamente armado que, tendo visto os guerreiros com Drona em sua dianteira afligidos por flechas e desviados do campo, tinha cortado com suas flechas afiadas o arco do filho de Subhadra, ele que, tendo em um instante privado o invencível Bhimasena dotado da força 10.000 elefantes e da velocidade do vento, de seu carro, tinha rido dele, ele que, tendo subjugado Sahadeva por meio de suas flechas retas e feito ele ficar sem carro, não o matou por compaixão e considerações de virtude, ele que, com o dardo de Shakra, matou aquele príncipe dos Rakshasas, Ghatotkaca, que por desejo de vitória, tinha invocado 1.000 espécies de ilusões, ele cujas façanhas em batalha, enchendo Dhananjaya de medo, tinham feito o último por tal longo período evitar um duelo com ele, ai, como aquele herói pode ser morto em batalha? Como ele poderia ser morto por inimigos a menos que um desses tivesse acontecido a ele, isto é, a destruição de seu carro, a quebra de seu arco, e a o esgotamento de suas armas? Quem poderia derrotar aquele tigre entre homens, como um tigre real, dotado de grande impetuosidade, Karna, enquanto vibrando seu arco formidável e disparando dele suas flechas terríveis e armas celestes em batalha? Certamente, seu arco quebrou, ou seu carro afundou na terra, ou suas armas ficaram esgotadas, já que tu me disseste que ele está morto! Eu, de fato, não vejo qualquer outra causa para (explicar) sua morte! Aquele de grande alma que tinha feito o voto terrível 'Eu não lavarei meus pés até eu matar Phalguni', aquele guerreiro por medo de quem aquele touro entre homens, o rei Yudhishthira o justo, na selva, por treze anos continuamente não tinha conseguido dormir, aquele herói de grande alma de destreza formidável confiando em cujo valor meu filho tinha arrastado violentamente a mulher dos Pandavas para a assembléia, e lá no meio daquele conclave, na própria vista dos Pandavas e na presença dos Kurus, tinha se dirigido à princesa de Pancala como a mulher de escravos, aquele herói da casta Suta, que no meio da assembléia se dirigiu a Krishna, dizendo, 'Todos os teus maridos, ó Krishna, que são assim como sementes de gergelim sem núcleo, não existem mais, portanto, procure outro marido, ó tu da aparência mais formosa!' e em fúria a tinha feito escutar outras expressões igualmente duras e rudes, como aquele herói foi morto pelo inimigo? Ele que disse para Duryodhana essas exatas palavras, isto é, 'Se Bhishma que se gaba de sua destreza em batalha ou Drona que é invencível em combate, por parcialidade, não matarem os filhos de Kunti, ó Duryodhana, eu mesmo matarei eles todos, que a febre do teu coração seja dissipada!' que também disse, 'O que irão o Gandiva (de Arjuna) e as duas aljavas inesgotáveis fazer àquela minha flecha, coberta com pasta de sândalo fria, quando ela correr pelo céu?' ai, como pode aquele guerreiro possuidor de ombros largos como aqueles do touro ser morto por Arjuna? Ele que, desconsiderando o toque ardente das flechas disparadas do Gandiva tinha se dirigido a Krishna, dizendo, 'Tu não tens maridos agora' e encarou os Pandavas, ele que, ó Sanjaya, confiando no poder de suas próprias armas não tinha nutrido medo, nem por um momento, dos Parthas com seus filhos e Janardana, ele, eu penso, não podia possivelmente encontrar sua morte nas mãos dos próprios deuses com Vasava em sua dianteira avançando contra ele em fúria, o que então eu preciso dizer, ó senhor, dos Pandavas? Não podia ser vista a pessoa competente para ficar diante

do filho de Adhiratha, quando o último, colocando suas proteções de couro, costumava tocar a corda do arco! Era possível a Terra ser desprovida do esplendor do Sol, da Lua, ou do fogo, mas a morte daquele mais notável dos homens, que nunca se retirava da batalha, não podia ser possível. Aquele meu filho tolo, de má compreensão, que tendo obtido Karna, como também seu irmão Duhshasana, como seus aliados, decidiu pela rejeição das propostas de Vasudeva, certamente, aquele indivíduo, vendo a morte do Karna de ombros de touro e de Duhshasana, está agora entregue a lamentações! Vendo o filho de Vikartana morto em combate por Savyasaci, e os Pandavas coroados com vitória, o que de fato, Duryodhana disse? Vendo Durmarshana morto em batalha e Vrishasena também, e vendo sua hoste se dividir quando massacrada por poderosos guerreiros em carros, vendo também os reis (de seu exército) desviarem seus rostos, com a intenção de fugir, e seus guerreiros em carros já fugidos, eu penso que aquele meu filho está lamentando agora! Contemplando sua hoste desanimada, o que, de fato, o indisciplinado, orgulhoso, e tolo Duryodhana, com paixões não sob controle, disse? Tendo ele mesmo provocado tal hostilidade feroz embora dissuadido por todos os seus amigos o que, de fato, Duryodhana, que tem sofrido uma grande perda em batalha de amigos e seguidores, disse? Vendo seu irmão morto em batalha por Bhimasena, e após o sangue dele ser bebido, o que de fato, Duryodhana disse? Meu filho tinha, com o soberano dos gandharvas, dito, 'Karna matará Arjuna em batalha.' Quando ele viu aquele Karna morto, o que de fato, ele disse? O que, ó senhor, Shakuni, o filho de Subala, que antigamente ficou cheio de alegria depois de passar pela partida de dados e trapacear o filho de Pandu, disse quando ele viu Karna morto? O que aquele poderoso guerreiro em carro entre os Satwatas, aquele grande arqueiro, Kritavarma o filho de Hridika, disse quando ele viu Vaikartana morto? Dotado de juventude, possuidor de uma forma bela, agradável à visão, e célebre por todo o mundo, o que, ó Sanjaya, Ashvatthama, o filho inteligente de Drona, a quem brahmanas e kshatriyas e vaishyas que estão desejosos de obter a ciência de armas servem, por proteções, disse quando ele viu Karna morto? O que o filho de Sharadvata Kripa, ó majestade, da linhagem de Gotama, aquele principal dos guerreiros em carros, aquele professor da ciência de armas, disse quando ele viu Karna morto? O que o poderoso líder dos guerreiros Madras, aquele rei dos Madras, o grande arqueiro Shalya do clã Sauvira, aquele ornamento de assembléias, aquele principal dos guerreiros em carros (temporariamente) empenhado em dirigir o carro, disse quando ele viu Karna morto? O que também todos os outros guerreiros, difíceis de serem derrotados em batalha, aqueles senhores de terra que foram para a batalha, disseram, ó Sanjaya, quando eles viram Vaikartana morto? Depois da queda do heróico Drona, aquele tigre entre os guerreiros em carros, aquele touro entre homens, quem, ó Sanjaya, se tornaram os chefes das várias divisões em sua ordem? Diga-me, ó Sanjaya, como aquele principal dos guerreiros em carros, Shalya o soberano dos Madras, ficou empenhado em dirigir o carro de Vaikartana! Quem eram eles que protegiam a roda direita do filho de Suta enquanto o último estava engajado na luta, e quem eram eles que guardavam sua roda esquerda, e quem foram aqueles que permaneceram na retaguarda daquele herói? Quem foram aqueles heróis que não abandonaram Karna, e quem foram aqueles sujeitos vis que fugiram? Como o

poderoso guerreiro em carro Karna foi morto no meio de suas pessoas unidas? Como também aqueles poderosos guerreiros em carros, os bravos Pandavas, avançaram contra ele disparando chuvas de flechas como as nuvens derramando torrentes de chuva? Fale-me também, ó Sanjaya, como aquela flecha poderosa, celeste e principal da sua espécie, e equipada com uma cabeça semelhante àquela de uma serpente tornou-se inútil! Eu não vejo, ó Sanjaya, a possibilidade mesmo de um pequeno resto da minha hoste desanimada ser salvo quando seus líderes tem sido subjugados! Sabendo da morte daqueles dois heróis, aqueles dois arqueiros poderosos, Bhishma e Drona, que estavam sempre dispostos a sacrificar suas vidas por mim, que uso eu tenho da vida? Repetidas vezes eu sou incapaz de suportar que Karna, o poder de cujas armas se igualava àquele de 10.000 elefantes, tenha sido morto pelos Pandavas! Conte-me, ó Sanjaya, tudo o que ocorreu na batalha entre os bravos guerreiros dos Kauravas e seus inimigos, depois da morte de Drona! Diga-me também como os filhos de Kunti lutaram a batalha com Karna, e como aquele matador de inimigos recebeu seu golpe final no combate!'"

10

"Sanjaya disse, 'Depois da queda do arqueiro poderoso Drona naquele dia, ó Bharata, e depois que tinha sido frustrado o propósito daquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho de Drona, e depois que o vasto exército, ó monarca, dos Kauravas tinha fugido, Partha, tendo organizado suas próprias tropas, ficou no campo com seus irmãos. Percebendo que ele permanecia no campo, teu filho, ó touro da raça Bharata, vendo seu próprio exército fugindo, o reagrupou com grande coragem. Tendo feito suas divisões tomarem suas posições, teu filho, ó Bharata, confiando no poder de suas armas, lutou por um longo tempo com seus inimigos, os Pandavas, que, tendo alcançado seu objetivo, estavam cheios de alegria e tinham estado lutando durante horas. Na aproximação lá do crepúsculo noturno, ele fez as tropas serem retiradas. Tendo causado a retirada de suas tropas, e entrado no seu próprio acampamento, os Kauravas tiveram uma consulta uns com os outros a respeito do seu próprio bem-estar, sentados como os celestiais em sofás caros cobertos com colchas ricas, e em assentos excelentes e camas luxuosas. Então o rei Duryodhana, dirigindo-se àqueles arqueiros poderosos em expressão agradável e muito gentil, falou as seguintes palavras apropriadas para a ocasião.'"

"Duryodhana disse, 'Ó principais dos homens inteligentes, declarem todos vocês, sem demora, suas opiniões! Sob estas circunstâncias, ó reis, o que é necessário e o que é ainda mais necessário?'"

"Sanjaya continuou, 'Quando aquele príncipe de homens falou aquelas palavras, aqueles leões entre homens, sentados em seus tronos, fizeram vários gestos expressivos de seu desejo de lutar. Observando as indicações daqueles que estavam todos desejosos de despejar suas vidas como libações no fogo da batalha, e contemplando o rosto do monarca radiante como o Sol da manhã, o filho do preceptor dotado de inteligência e ilustre em discurso disse essas

palavras: ‘Entusiasmo, oportunidade, habilidade e diplomacia, esses são os meios declarados pelos eruditos, capazes de realizar todos os objetivos. Eles são, no entanto, dependentes do destino. Aqueles principais dos homens que nós tínhamos no nosso lado, iguais aos celestiais, todos poderosos guerreiros em carros, possuidores de sagacidade, dedicados, habilidosos, e leais, foram mortos. Apesar de tudo isso nós não devemos perder a esperança de vitória. Se todos esses meios forem devidamente aplicados, até o destino pode ser tornado propício. Todos nós, portanto, ó Bharata, instalaremos Karna, aquele principal dos homens, dotado, além disso, de todas as habilidades, no comando do exército! Fazendo Karna nosso comandante, nós esmagaremos nossos inimigos. Karna é dotado de poder formidável; ele é um herói, talentoso com armas, e incapaz de ser derrotado em batalha. Irresistível como o próprio Yama, ele é totalmente competente para subjugar nossos inimigos em batalha!’ Ouvindo essas palavras do filho do preceptor, o rei, naquele momento, edificou grandes esperanças sobre Karna. Nutrindo a esperança em seu coração que depois da queda de Bhishma e de Drona Karna derrotaria os Pandavas, e confortado (por isso), ó Bharata, Duryodhana então, cheio de alegria ao ter ouvido aquelas palavras de Ashvatthama, mantendo firme sua mente e confiando no poder de suas armas, disse ao filho de Radha, ó monarca, essas palavras que eram repletas de afeição e respeito, e que eram verdadeiras, encantadoras, e benéficas para ele mesmo: ‘Ó Karna, eu conheço tua bravura, e a grande amizade que tu tens por mim! Apesar de tudo isso, ó poderosamente armado, eu endereçarei as palavras certas que são para o meu bem! Tendo-as ouvido, ó herói, faça aquilo que possa parecer desejável para ti! Tu és dotado de grande sabedoria, e tu és mesmo meu refúgio supremo! Aqueles dois Atirathas que foram meus Generais, isto é, Bhishma e Drona, estão mortos. Seja meu General, tu que és mais poderoso do que eles! Ambos daqueles grandes arqueiros tinham idade avançada. Eles eram, além disso, parciais para Dhananjaya. Ainda assim ambos aqueles heróis foram respeitados por mim, ó filho de Radha, de acordo com tua palavra! Considerando seu relacionamento de avô com eles, os filhos de Pandu, ó senhor, foram poupados em batalha terrível por Bhishma por dez dias sucessivos! Tu mesmo também tendo posto de lado tuas armas, o valente Bhishma foi morto em grande batalha por Phalguni com Shikhandi à frente dele! Depois que aquele arqueiro formidável tinha caído e ido para seu leito de flechas, foi por tua palavra, ó tigre entre homens, que Drona foi feito nosso líder! Por ele também os filhos de Pritha foram poupados, por causa, como eu penso, de seu relacionamento com ele de pupilos. Aquele homem idoso também foi morto por Dhrishtadyumna mais rapidamente. Eu não vejo, mesmo após reflexão, outro guerreiro igual a ti em batalha, a ti, isto é, cuja destreza não podia ser medida nem por aqueles dois dos principais guerreiros que foram mortos em batalha! Sem dúvida, hoje só tu és competente para ganhar vitória para nós! Antes, no meio, e mais tarde, tu tens agido adequadamente para o nosso bem. Portanto, como um líder, cabe a ti, nessa batalha aguentar a carga tu mesmo. Tu mesmo instale tua própria pessoa no posto de General. Como o generalíssimo celeste, o senhor Skanda de destreza imperecível, (protegendo o exército celeste), proteja essa hoste Dhartarashtra! Como Mahendra matando os Danavas, destrua todas as multidões de nossos inimigos! Vendo a ti permanecendo em batalha, os Pandavas, aqueles poderosos

guerreiros em carros, irão, com os Pancalas, fugir da batalha, como os Danavas à visão de Vishnu. Portanto lideres este vasto exército! Quando tu permaneceres resoluto no campo, os Pandavas de corações perversos, os Pancalas, e os Srinjayas fugirão todos com seus amigos. Como o Sol surgido, queimando tudo com sua energia, destrói a escuridão densa, assim mesmo destrua nossos inimigos!'"

"Sanjaya continuou, 'Tornou-se forte aquela esperança, ó rei, no coração do teu filho, isto é, que onde Bhishma e Drona tinham sido mortos, Karna iria derrotar os Pandavas. Nutrindo aquela esperança dentro de seu coração, ele disse para Karna, 'Ó filho de Suta, Partha nunca deseja lutar, ficando diante de ti!' Karna disse, 'Eu, ó filho de Gandhari, disse antes na tua presença essas mesmas palavras, derrote todos os Pandavas com seus filhos e Janardana! Eu me tornarei teu General. Nisso não há dúvida. Tranquilize-te, ó monarca, eu considero os Pandavas como já estando derrotados!'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado, ó monarca, o rei Duryodhana então se levantou com todos os monarcas, como Ele de cem sacrifícios com os deuses, para honrar Karna com o comando do exército, como os celestiais para honrar Skanda. Então, ó monarca, todos os reis encabeçados por Duryodhana, desejosos de vitória, instalaram Karna no comando, segundo os ritos ordenados pela ordenança. Com jarros dourados e de terra cheios até a borda com água e santificados com mantras, com presas de elefantes e chifres de rinocerontes e touros poderosos, com outros recipientes ornados com jóias e pedras preciosas, com também ervas e plantas fragrantes, e com outros artigos reunidos em abundância, Karna, sentado comodamente em um assento feito de madeira udumvara e coberto com tecido de prata, foi investido com o comando, de acordo com os ritos nas escrituras. Brahmanas, kshatriyas, vaishyas, e shudras respeitáveis elogiaram aquele de grande alma depois que ele foi banhado naquele assento excelente. Assim instalado no comando, ó rei, aquele matador de inimigos, o filho de Radha, fez, por meio de presentes de Niskas e vacas e outras riquezas, muitos dos principais brahmanas proferirem bênçãos sobre ele. ‘Derrote os Parthas com Govinda e todos os seus seguidores!’ essas mesmas foram as palavras que os elogiadores e os Brahmanas disseram (a ele), ó touro entre homens! (E eles também disseram) ‘Mate os Parthas e os Pancalas, ó filho de Radha, para nossa vitória, como o Sol surgido sempre destruindo a escuridão com seus raios ardentes! O filho de Pandu com Keshava não é capaz nem de olhar para as flechas disparadas por ti, como corujas incapazes de olhar para os raios ardentes do Sol! Os Parthas com os Pancalas são incapazes de ficar diante de ti armado com armas, como os Danavas diante de Indra em batalha!’ Instalado no comando, o filho de Radha de esplendor incomparável parecia resplandecente em beleza e radiância como um segundo sol. Tendo instalado o filho de Radha (dessa maneira) no comando do exército, teu filho, incitado adiante pela Morte, se considerou como alguém que tinha seu propósito realizado. Aquele castigador de inimigos, Karna, também, ó rei, tendo obtido o comando, ordenou que as tropas fossem organizadas ao nascer do sol. Cercado por teus filhos, ó Bharata, Karna

parecia resplandecente como Skanda cercado pelos celestiais, na batalha que teve Saraka como sua raiz má.'"

11

"Dhritarashtra disse, 'Depois de ter obtido o comando do exército, e depois que ele tinha sido endereçado pelo próprio rei naquelas palavras gentis e fraternas, e depois que ele tinha ordenado que as tropas fossem colocadas em formação na hora do nascer do sol, diga-me, ó Sanjaya, o que o filho de Vikartana Karna fez?'"

"Sanjaya disse, 'Tendo sabido dos desejos de Karna, teus filhos, ó touro da raça Bharata, ordenaram que as tropas fossem organizadas com música alegre. Enquanto eles ainda esperavam um longo período pela chegada da alvorada, um barulho alto de 'Ponham-se em ordem, Ponham-se em ordem!' ó rei, surgiu de repente entre tuas tropas. E o tumulto que se ergueu tornou-se tremendo e tocou os próprios céus, de principais dos elefantes e carros fortificados enquanto sob processo de equipamento, de soldados de infantaria e cavalos, ó monarca, enquanto pondo suas armaduras ou no decorrer de serem arreados, e de combatentes se movendo com presteza e gritando uns para os outros! Então o filho de Suta portando um arco de verso de ouro apareceu (no campo) em seu carro possuidor do esplendor do Sol radiante, coroado com muitos pendões, equipado com um estandarte branco, com corcéis da cor de garças, portando o emblema da corda do elefante, cheio com cem aljavas, equipado com maça e cercado de madeira, carregado com shataghnis e fileiras de sinos e dardos e lanças e arpões, e provido com muitos arcos. E o filho de Suta apareceu no campo, soprando sua concha, ó rei; enfeitado com uma rede de ouro, e vibrando seu arco formidável adornado com ouro puro. Contemplando o arqueiro poderoso Karna, aquele principal dos guerreiros em carros, sentado em seu carro, de aproximação difícil e parecendo o Sol surgido que destrói a escuridão, ninguém entre os Kauravas, ó tigre entre homens, se inquietava, ó majestade, com a perda de Bhishma ou de Drona ou de outros homens! Apressando os guerreiros, ó senhor, com os sons de sua concha, Karna fez o vasto exército dos Kauravas ser posto em formação de combate. Tendo organizado as tropas na formação makara, aquele arqueiro poderoso, aquele opressor de inimigos, Karna, procedeu contra os Pandavas pelo desejo de vitória. Na ponta do bico daquele makara, ó rei, estava posicionado o próprio Karna. Nos dois olhos estavam o bravo Shakuni e o poderoso guerreiro em carro Uluka. Na cabeça estava o filho de Drona e no pescoço estavam todos os irmãos uterinos. No meio estava o rei Duryodhana protegido por um grande exército. No pé esquerdo, ó monarca, estava posicionado Kritavarma acompanhado pelas tropas Narayana, e aqueles guerreiros invencíveis, os Gopalas. No pé direito, ó rei, estava o filho de Gotama de bravura incapaz de ser frustrada, cercado por aqueles arqueiros poderosos, os Trigartas e pelos habitantes do Sul. No pé esquerdo traseiro estava posicionado Shalya com um grande exército recrutado no país de Madras. No (pé traseiro) direito, ó monarca, estava Sushena de votos verdadeiros, circundado por 1.000 carros e

300 elefantes. No rabo estavam os dois irmãos reais de energia poderosa, Citra e Citrasena cercados por um grande exército.'"

"Quando, ó grande rei, aquele principal dos homens, Karna, apareceu dessa maneira, o rei Yudhishthira o justo, lançando seus olhos em Arjuna, disse essas palavras: 'Veja, ó Partha, como o exército Dhartarashtra, ó herói, nessa batalha, protegido por heróis e poderosos guerreiros em carros, foi organizado por Karna! Esta vasta tropa Dhartarashtra perdeu seus mais bravos guerreiros. Aqueles que restam, ó poderosamente armado, são fracos, iguais, como eu penso, à palha! Somente um grande arqueiro, isto é, o filho de Suta, brilha nela! Aquele principal dos guerreiros em carros é incapaz de ser subjugado pelos três mundos com suas criaturas móveis e imóveis, incluindo os deuses, Asuras e Gandharvas, e os Kinnaras e grandes serpentes! Se tu o matares hoje, ó poderosamente armado, a vitória será tua, ó Phalguna! O espinho também o qual por doze anos está fincado no meu coração então será arrancado! Sabendo disso, ó tu de armas poderosas, forme a ordem de batalha que tu desejares!' Ouvindo aquelas palavras de seu irmão, aquele Pandava de cavalos brancos dispôs a formação de combate contrária seguindo a forma da meia lua. No lado esquerdo estava posicionado Bhimasena, e à direita estava colocado o grande arqueiro Dhrishtadyumna. No meio da ordem de batalha estava o rei e Dhananjaya o filho de Pandu. Nakula e Sahadeva estavam na retaguarda do rei Yudhishthira o justo. Os dois príncipes Pancala, Yudhamanyu e Uttamauja tornaram-se os protetores das rodas do carro (de Arjuna). Protegidos pelo próprio Arjuna ornado com diadema, eles não deixavam Arjuna por um momento. Os reis restantes, possuidores de coragem formidável, vestidos em armadura, ficaram na ordem de batalha, cada um na posição designada para ele, de acordo com a medida de seu entusiasmo e resolução, ó Bharata. Tendo assim formado sua magnífica ordem de batalha, ó Bharata, os Pandavas, e os arqueiros poderosos do teu exército colocaram seus corações na batalha. Contemplando teu exército disposto em formação de combate pelo filho de Suta em batalha, Duryodhana com todos os seus irmãos considerou os Pandavas como já mortos. Similarmente Yudhishthira, ó rei, contemplando o exército Pandava disposto em ordem de batalha, considerou os Dhartarashtras com Karna como já mortos. Então conchas, e timbales, e tambores, e baterias grandes, e pratos, e Dindimas, e Jharjharas, foram ruidosamente soprados e tocados por todos os lados! De fato, aqueles instrumentos de som alto foram soprados e batidos, ó rei, entre ambos os exércitos. Rugidos leoninos também se ergueram, proferidos por bravos guerreiros pela vitória. E lá também se ergueu, ó rei, o barulho de corcéis relinchando e elefantes grunhindo, e o estrépito violento de rodas de carro. Ninguém, ó Bharata, (no exército Kaurava), naquele momento sentia a perda de Drona, vendo o grande arqueiro Karna vestido em armadura e posicionado na cabeça da ordem de batalha. Ambos os exércitos, ó monarca, cheios de homens alegres, mantiveram-se em posição, ávidos para lutar e (preparados) para destruir uns aos outros sem demora. Lá, os dois heróis, Karna e o filho de Pandu, excitados com cólera à visão um do outro, e ambos firmemente determinados, se mantinham em posição ou se moviam rapidamente, ó rei, dentro de suas respectivas divisões. Os dois exércitos, quando eles avançaram para encontrar um ao outro, pareciam dançar (em

alegria). Das alas e das alas laterais de ambos, guerreiros desejosos de lutar se adiantaram. Então começou a batalha, ó monarca, de homens, elefantes, corcéis, e carros, empenhados em destruir uns aos outros.'"

12

"Sanjaya disse, 'Então aqueles dois exércitos vastos, cheios de homens jubilosos e corcéis e elefantes, parecendo em esplendor as hostes celeste e Asura, se encontrando, começaram a atacar uma à outra. Homens, carros, corcéis, elefantes, e soldados de infantaria de bravura feroz deram golpes fortes destrutivos de corpos e pecados. Homens como leões cobriram a terra com as cabeças de homens como leões, cada uma parecendo a lua cheia ou o sol em esplendor e o lótus em fragrância. Combatentes cortaram as cabeças de combatentes, com flechas em forma de meia-lua e flechas de cabeça larga e de face de navalha e machados, e machados de batalha. Os braços de homens de braços longos e massivos, cortados por homens de braços longos e massivos, caindo sobre o solo, brilhavam, enfeitados com armas e braceletes. Com aqueles braços se contorcendo adornados com dedos e palmas vermelhos, a Terra parecia resplandecente como se coberta com cobras ferozes de cinco cabeças mortas por Garuda. De elefantes e carros e corcéis, bravos guerreiros caíam, atingidos por inimigos, como os habitantes do céu de seus carros celestes no esgotamento de seus méritos. Outros bravos guerreiros caíam às centenas, subjugados naquela batalha por bravos combatentes com maças pesadas e cassetetes com ferrões e clavas curtas. Carros também, naquela luta tumultuada, foram esmagados por carros, e elefantes enfurecidos por iguais enfurecidos, e cavaleiros por cavaleiros. Homens destruídos por carros, e carros por elefantes, e cavaleiros por soldados de infantaria, e soldados de infantaria por cavaleiros, caíam no campo, como também carros e corcéis e soldados de infantaria destruídos por elefantes, e carros e corcéis e elefantes por soldados de infantaria, e carros e soldados de infantaria e elefantes por corcéis e homens e elefantes por carros. Grande foi a carnificina feita de guerreiros em carros e cavalos e elefantes e homens por homens e cavalos e elefantes e guerreiros em carros, usando suas mãos e pés e armas e carros. Quando aquela hoste estava sendo assim atacada e morta por guerreiros heróicos os Parthas, encabeçados por Vrikodara, avançaram contra nós. Eles consistiam em Dhrishtadyumna e Shikhandi e os cinco filhos de Draupadi e os Prabhadrakas, e Satyaki e Chekitana com os exércitos Dravida, e os Pandyas, os Cholas, e os Keralas, cercados por uma ordem de batalha poderosa, todos possuidores de peitos largos, braços longos, estaturas altas, e olhos grandes. Enfeitados com ornamentos, possuidores de dentes vermelhos, dotados da bravura de elefantes enfurecidos, vestidos em mantos de diversas cores, cobertos com perfumes em pó, armados com espadas e laços, capazes de reprimir elefantes poderosos, companheiros na morte, e nunca abandonando uns aos outros, equipados com aljavas, portando arcos adornados com longas mexas de cabelos, e agradáveis em palavras eram os combatentes dos destacamentos da infantaria liderados por Satyaki, pertencentes

à tribo Andhra, dotados de formas ferozes e grande energia. Outros bravos guerreiros tais como os Cedis, os Pancalas, os Kaikayas, os Karushas, os Kosalas, os Kanchis, e os Maghadhas, também avançaram para frente. Seus carros e corcéis e elefantes, todos da espécie mais notável, e seus ferozes soldados de infantaria, alegrados pelas notas de diversos instrumentos, pareciam dançar e dar risada. No meio daquele vasto exército vinha Vrikodara, sobre o pescoço de um elefante, e cercado por muitos dos principais soldados em elefantes, avançando contra teu exército. Aquele feroz e principal dos elefantes, devidamente equipado, parecia resplandecente, como uma mansão de pedra construída no topo da montanha Udaya, coroada com o sol nascente. Sua armadura de ferro, a principal de seu tipo, enfeitada com pedras preciosas caras, era tão resplandecente como o firmamento outonal coberto com estrelas. Com uma lança em seu braço estendido, sua cabeça ornada com um diadema belo, e possuidor do esplendor do Sol meridiano no outono, Bhima começou a destruir seus inimigos. Contemplando aquele elefante de uma distância, Kshemadhurti, ele mesmo sobre um elefante, desafiando, avançou alegremente em direção a Bhima que estava mais alegre ainda. Um combate então ocorreu entre aqueles dois elefantes de formas ferozes parecendo duas colinas enormes cobertas com árvores, cada um lutando com o outro como lhe agradava. Aqueles dois heróis, então, cujos elefantes enfrentavam um ao outro dessa maneira, atingiram um ao outro violentamente com lanças dotadas do esplendor de raios solares, e proferiram rugidos altos. Separando-se, eles então se moveram rapidamente em círculos com seus elefantes, e cada um pegando um arco começou a atacar o outro. Alegrando as pessoas em volta com seus rugidos altos e os tapas em seus braços e o zunido daquelas flechas, eles continuaram a proferir gritos leoninos. Dotados de grande força, ambos deles, talentosos com armas, lutaram, usando seus elefantes com trombas erguidas e enfeitados com pendões flutuando ao vento. Então um cortando o arco do outro, eles rugiram um para o outro, e despejaram um sobre o outro chuvas de dardos e lanças como duas massas de nuvens na estação chuvosa despejando torrentes de chuva. Então Kshemadhurti perfurou Bhimasena no centro do peito com uma lança dotada de grande impetuosidade, e então com seis outras, e proferiu um grito alto. Com aquelas lanças fincadas em seu corpo, Bhimasena, cuja forma então brilhava com cólera, parecia resplandecente como o sol coberto com nuvens com seus raios emergindo pelos vãos daquele dossel. Então Bhima arremessou cuidadosamente em seu antagonista uma lança brilhante como os raios do Sol, correndo perfeitamente reta, e feita totalmente de ferro. O soberano dos Kulutas então, esticando seu arco, cortou aquela lança com dez flechas e então perfurou o filho de Pandu com sessenta flechas. Então Bhima o filho de Pandu, pegando um arco cuja vibração parecia o ribombo das nuvens, proferiu um grito alto e afligiu profundamente com suas flechas o elefante de seu adversário. Assim afligido naquela batalha por Bhimasena com suas flechas, aquele elefante, embora procurassem reprimi-lo, não ficou sobre o campo como uma nuvem soprada pelo vento. O feroz príncipe dos elefantes possuído por Bhima então perseguiu seu igual (que fugia), como uma massa de nuvens sopradas pelo vento perseguindo outra massa impelida pela tempestade. Reprimindo seu próprio elefante o valente Kshemadhurti perfurou com suas flechas o elefante perseguidor de Bhimasena. Então com uma

flecha de cabeça de navalha bem disparada que era perfeitamente reta Kshemadhurti cortou o arco de seu adversário e então afligiu aquele elefante hostil. Cheio de ira, Kshemadhurti então, naquela batalha, perfurou Bhima e atingiu seu elefante com muitas flechas longas em todas as partes vitais. Aquele elefante enorme de Bhima então caiu, ó Bharata! Bhima, no entanto, que tinha pulado de seu elefante e permanecido no chão antes da queda do animal, então subjugou o elefante de seu adversário com sua maça. E Vrikodara então atingiu Kshemadhurti também, que, tendo saltado de seu elefante aniquilado, estava avançando contra ele com arma erguida. Kshemadhurti, assim atingido, caiu sem vida, com a espada em seu braço, ao lado de seu elefante, como um leão derrubado pelo raio ao lado de uma colina partida pelo raio. Vendo o célebre rei dos Kulutas morto, tuas tropas, ó touro da raça Bharata, muito atormentadas, fugiram.'"

13

"Sanjaya disse, 'Então o poderoso e heróico arqueiro Karna começou a atacar o exército Pandava naquela batalha, com suas flechas retas. Similarmente, aqueles grandes guerreiros em carros, isto é, os Pandavas, ó rei, cheios de ira, começaram a atacar o exército do teu filho na própria vista de Karna. Karna também, ó rei, naquela batalha matou o exército Pandava com suas flechas da medida de uma jarda brilhantes como os raios do Sol e polidas pelas mãos do ferreiro. Lá, ó Bharata, os elefantes, atingidos por Karna com suas flechas, proferiam gritos altos, perdiam força, ficavam desmaiados, e vagavam para todos os lados. Enquanto o exército estava sendo assim destruído pelo filho de Suta, Nakula avançou com velocidade contra aquele poderoso guerreiro em carro. E Bhimasena avançou contra o filho de Drona que estava engajado na realização das façanhas mais difíceis. Satyaki reprimiu os príncipes Kaikaya Vinda e Anuvinda. O rei Citrasena avançou contra Srutakarman que avançava; e Prativindhya contra Citra possuindo um belo estandarte e um belo arco. Duryodhana avançou contra o rei Yudhishthira o filho de Dharma; enquanto Dhananjaya avançou contra as multidões enfurecidas dos Samsaptakas. Naquele massacre de grandes heróis, Dhrishtadyumna procedeu contra Kripa. O invencível Shikhandi se envolveu em combate com Kritavarma. Srutakirti enfrentou Shalya, e o filho de Madri, o valente Sahadeva, ó rei, enfrentou teu filho Duhshasana. Os dois príncipes Kaikaya, naquela batalha, cobriram Satyaki com uma chuva de flechas ardentes, e o último também, ó Bharata, cobriu os dois irmãos Kaikaya. Aqueles dois irmãos heróicos atingiram Satyaki profundamente no peito como dois elefantes atingindo com suas presas um igual hostil na floresta. De fato, ó rei, aqueles dois irmãos, naquela batalha, seus próprios órgãos vitais perfurados por flechas, perfuraram Satyaki de atos verdadeiros com suas flechas. Satyaki, no entanto, ó grande rei, cobrindo todos os pontos do horizonte com uma chuva de flechas e sorrindo naquele momento, deteve os dois irmãos, ó Bharata. Reprimidos por aquelas chuvas de flechas disparadas pelo neto de Sini, os dois irmãos encobriram rapidamente o carro do neto de Sini com suas flechas. Cortando seus arcos belos, Saurin de grande fama conteve ambos com suas

flechas afiadas naquela batalha. Pegando dois outros arcos belos, e diversas flechas poderosas, os dois começaram a cobrir Satyaki e a se mover rapidamente com grande energia e habilidade. Disparadas pelos dois irmãos, aquelas flechas poderosas equipadas com penas de Kanka e de pavão e enfeitadas com ouro começaram a cair, iluminando todos os pontos do horizonte. Naquela batalha terrível entre eles, ó rei, as flechas que eles dispararam causaram uma escuridão lá. Aqueles poderosos guerreiros em carros então cortaram os arcos um do outro. Então o invencível Satwata, ó rei, cheio de raiva, pegou outro arco naquela batalha, e encordoando-o, cortou a cabeça de Anuvinda com uma flecha afiada de cabeça de navalha. Enfeitada com brincos, aquela cabeça grande, ó rei, caiu como a cabeça de Samvara morto na grande batalha (dos tempos passados). E ela alcançou o chão num piscar de olhos, enchendo todos os Kaikayas de aflição. Vendo aquele bravo guerreiro morto, seu irmão, o poderoso guerreiro em carro Vinda, encordoando outro arco começou a resistir ao neto de Sini de todos os lados. Perfurando com sessenta flechas providas de asas de ouro e afiadas em pedra, ele proferiu um grito alto e disse, 'Espere, Espere!' Então aquele poderoso guerreiro em carro dos Kaikayas atingiu rapidamente Satyaki com muitos milhares de flechas em seus braços e peito. Todos os seus membros feridos com flechas, Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada, parecia resplandecente naquela batalha, ó rei, como uma Kinsuka florescente. Perfurado pelo Kaikaya de grande alma naquele combate, Satyaki, com a maior facilidade, perfurou o Kaikaya (em retorno) com vinte e cinco flechas. Então aqueles dois principais dos guerreiros em carros, tendo cortado o belo arco um do outro naquele combate, e tendo matado rapidamente o motorista e cavalos do outro se aproximaram um do outro a pé para uma luta com espadas. Ambos dotados de braços massivos, eles pareciam resplandecentes naquela arena extensa, cada um tendo pegado um escudo decorado com cem luas, e cada um armado com uma espada excelente, como Jambha e Sakra, ambos dotados de grande força, na batalha entre os deuses e os Asuras (de antigamente). Ambos, naquela grande batalha, então começaram a se mover em círculos. E então eles rapidamente se enfrentaram em batalha, aproximando-se mais um do outro. E cada um deles fez grandes esforços para a destruição do outro. Então Satwata cortou em dois o escudo de Kaikeya. O último também, ó rei, cortou em dois o escudo de Satyaki. Tendo cortado o escudo de seu oponente coberto com centenas de estrelas, Kaikeya começou a correr em círculos, avançando e recuando (às vezes). Então o neto de Sini, dotado de grande energia, cortou por meio de um golpe de lado o príncipe dos Kaikeyas assim se movendo rapidamente naquela grande arena armado com espada excelente. Equipado em armadura aquele arqueiro formidável, isto é, o príncipe Kaikeya, ó rei, assim cortado em dois naquela grande batalha, caiu como uma colina partida pelo trovão. Tendo matado em combate aquele principal dos guerreiros em carros, aquele opressor de inimigos, o bravo neto de Sini, subiu depressa no carro de Yudhamanyu. Depois sendo levado em outro carro devidamente equipado (com tudo), Satyaki começou a matar com suas flechas o grande exército dos Kaikeyas. O vasto exército dos Kaikeyas, assim massacrado em batalha, deixando aquele inimigo deles fugiu para todos os lados.'"

14

"Sanjaya disse, 'Srutakarman então, ó rei, cheio de ira, atingiu aquele senhor de terra, isto é, Citrasena, naquela batalha, com cinquenta flechas. O soberano dos Abhisars (em retorno), atingindo Srutakarman, ó rei, com nove flechas retas, perfurou seu motorista com cinco. Srutakarman então, cheio de raiva, atingiu Citrasena na dianteira de suas tropas, com uma flecha afiada em uma parte vital. Profundamente perfurado, ó monarca, com aquela flecha por aquele príncipe de grande alma o heróico Citrasena sentiu grande dor e desmaiou. Durante este intervalo, Srutakarman de grande renome cobriu aquele senhor de terra, (ou seja, seu adversário inconsciente), com noventa flechas. O poderoso guerreiro em carro Citrasena então, recuperando a consciência, cortou o arco de seu antagonista com uma flecha de cabeça larga, e perfurou seu próprio antagonista com sete flechas. Pegando outro arco que era ornado com ouro, e capaz de atingir duramente, Srutakarman então, com suas ondas de flechas, fez Citrasena assumir uma aparência extraordinária. Adornado com aquelas flechas, o jovem rei, usando guirlandas belas, parecia naquela batalha com um jovem bem enfeitado no meio de uma assembléia. Perfurando Srutakarman rapidamente com uma flecha no centro do peito, ele disse para ele, 'Espere, Espere!' Srutakarman também, perfurado por aquela flecha na batalha, começou a verter sangue, como uma montanha derramando rios de greda vermelha líquida. Banhado em sangue e tingido com isso, aquele herói brilhava em batalha como uma Kinsuka florescendo. Srutakarman, então, ó rei, assim atacado pelo inimigo, ficou cheio de raiva, e cortou em dois o arco resistente a inimigos de Citrasena. O arco do último tendo sido cortado, Srutakarman então, ó rei, perfurou-o com trezentas flechas equipadas com asas vistosas, cobrindo-o completamente com elas. Com outra flecha de cabeça larga, de gume afiado e ponta penetrante, ele cortou a cabeça, ornada com uma proteção para a cabeça, de seu adversário de grande alma. Aquela cabeça resplandecente de Citrasena caiu no chão, como a lua desprendida do firmamento sobre a Terra. Vendo o rei morto, as tropas de Citrasena, ó majestade, avançaram impetuosamente contra (seu matador). Aquele grande arqueiro então, cheio de raiva, avançou, disparando suas flechas, contra aquele exército, como Yama cheio de fúria contra todas as criaturas na hora da dissolução universal. Massacrados naquela batalha por teu neto armado com o arco, eles fugiram rapidamente para todos os lados como elefantes chamuscados por um incêndio florestal. Vendo eles fugindo, sem esperança de derrotar o inimigo, Srutakarman, perseguindo-os com suas flechas afiadas, parecia muito resplandecente (em seu carro). Então Prativindhya, perfurando Citra com cinco flechas, atingiu seu motorista com três e sua bandeira com uma. A ele Citra perfurou, atingindo nos braços e no peito, com nove flechas de cabeça larga equipadas com asas de ouro, tendo pontas afiadas, e emplumadas com penas (de) Kanka e pavão. Então Prativindhya, ó Bharata, cortando com suas flechas o arco de seu antagonista atingiu profundamente o último com cinco flechas afiadas. Então Citra, ó monarca, disparou no teu neto um dardo terrível e irresistível, adornado com sinos dourados, e parecendo uma chama de fogo. Prativindhya, no

entanto, naquela batalha, cortou, com a maior facilidade, em três fragmentos, aquele dardo enquanto ele corria em direção a ele como um meteoro lampejante. Cortado em três fragmentos pelas flechas de Prativindhya, aquele dardo caiu, como o raio inspirando todas as criaturas com temor no fim do Yuga. Vendo aquele dardo frustrado, Citra, pegando uma maça enorme enfeitada com uma rede de ouro, arremessou-a em Prativindhya. Aquela maça matou os cavalos do último e motorista também naquela grande batalha, e despedaçando, além disso, seu carro, caiu com grande impetuosidade no chão. Enquanto isso tendo descido de seu carro, ó Bharata, Prativindhya arremessou em Citra um dardo, bem adornado e equipado com uma vara dourada. Pegando-o enquanto ele corria em direção a ele, o rei de grande alma Citra, ó Bharata, arremessou a mesma arma em Prativindhya. Atingindo o bravo Prativindhya naquela batalha, aquele dardo brilhante, atravessando seu braço direito, caiu sobre a Terra, e caindo iluminou toda a região como um lampejo de relâmpago. Então Prativindhya, ó rei, cheio de raiva, e desejando executar a destruição de Citra, arremessou nele uma lança enfeitada com ouro. Aquela lança atravessando sua armadura e peito entrou na Terra como uma cobra imensa em seu buraco. Atingido por aquela lança, o rei caiu, esticando seus braços grandes e massivos que pareciam um par de clavas de ferro. Vendo Citra morto, teus guerreiros, aqueles ornamentos de batalha, avançaram impetuosamente em Prativindhya de todos os lados. Disparando diversos tipos de flechas e Sataghnis decorados com fileiras de sinos, eles logo cobriram Prativindhya como massas de nuvens cobrindo o sol. O poderosamente armado Prativindhya, consumindo com suas chuvas de flechas aqueles seus atacantes naquela batalha, desbaratou teu exército como Sakra manejando o trovão desbaratando a hoste Asura. Assim massacradas em batalha pelos Pandavas, tuas tropas, ó rei, se dispersaram repentinamente em todas as direções como massas de nuvens reunidas, dispersas pelo vento. Enquanto teu exército, massacrado por todos os lados, estado fugindo dessa maneira, somente o filho de Drona avançou sozinho com velocidade contra o poderoso Bhimasena. De repente um combate violento seguiu-se entre eles semelhante ao que tinha ocorrido entre Vritra e Vasava na batalha entre os deuses e os Asuras (nos tempos antigos).'"

15

"Sanjaya disse, 'Dotado da maior energia, o filho de Drona, ó rei, mostrando a agilidade de seus braços, perfurou Bhima com uma flecha. Apontando para todos os seus pontos vitais, pois ele tinha o conhecimento de todos os pontos vitais do corpo, Ashvatthama de mãos rápidas o atingiu novamente com noventa flechas. Perfurado por todos os lados com flechas afiadas pelo filho de Drona, Bhimasena parecia brilhante naquela batalha como o próprio Sol com seus raios. O filho de Pandu então, cobrindo o filho de Drona com 1.000 flechas bem dirigidas, proferiu um rugido leonino. Desviando com suas próprias flechas as flechas de seu inimigo naquela batalha, o filho de Drona, ó rei, como se sorrindo, então atingiu o Pandava na testa com uma flecha do comprimento de uma jarda. O filho de Pandu levou aquela flecha em sua testa assim como o rinoceronte orgulhoso, ó rei, na floresta

leva seu chifre. O valente Bhima, então, naquela batalha como se sorrindo todo o tempo, atingiu o filho de Drona que se esforçava na testa com três flechas do comprimento de uma jarda. Com aquelas três flechas fincadas em sua testa, aquele Brahmana parecia belo como uma montanha de três picos lavada com água na estação das chuvas. O filho de Drona então afligiu o Pandava com centenas de flechas, mas fracassou em fazê-lo tremer como o vento fracassando em sacudir a montanha. Similarmente o filho de Pandu, cheio de alegria, não pode naquela batalha fazer tremer o filho de Drona com suas centenas de flechas afiadas como torrentes de chuva fracassando em abalar uma montanha. Encobrindo um ao outro com chuvas de flechas terríveis aqueles dois grandes guerreiros em carros, aqueles dois heróis, dotados de poder feroz, brilhavam resplandecentes naqueles dois dos carros principais deles. Então eles pareciam com dois Sóis ardentes surgidos para a destruição do mundo, e se empenharam em chamuscar um ao outro com seus raios representando flechas excelentes. Esforçando-se com grande cuidado para neutralizar os feitos um do outro na grande batalha, e realmente engajados em igualar feito por feito com chuvas de flechas muito destemidamente, aqueles dois principais dos homens se moveram rapidamente naquele combate como um par de tigres. Ambos invencíveis e terríveis, flechas constituíam suas presas e arcos suas bocas. Eles se tornaram invisíveis embaixo daquelas nuvens de flechas por todos os lados como o Sol e a Lua no firmamento encobertos por massas de nuvens. E então aqueles dois castigadores de inimigos logo ficaram visíveis e resplandeceram como Marte e Mercúrio livres de telas nubladas. Então naquele instante durante a continuação daquela batalha terrível, o filho de Drona colocando Vrikodara à sua direita, despejou centenas de flechas ardentes sobre ele como nuvens despejando torrentes de chuva sobre uma montanha. Bhima, no entanto, não pode tolerar aquela indicação de triunfo de seu inimigo. O filho de Pandu, ó rei, daquela mesma posição à direita de Ashvatthama, começou a neutralizar as façanhas do último. Seus carros continuando a rodar em volta de diversas maneiras e avançar e recuar (de acordo com as exigências da situação), a batalha entre aqueles dois leões entre homens tornou-se muito furiosa. Movendo-se rapidamente de diversas maneiras, e (executando) manobras circulares, eles continuaram a atacar um ao outro com flechas disparadas de seus arcos esticados até sua mais completa extensão. E cada um fez os maiores esforços para realizar a destruição do outro. E cada um deles desejava fazer o outro ficar sem carro naquela batalha. Então aquele guerreiro em carro, o filho de Drona, invocou muitas armas poderosas. O filho de Pandu, no entanto, naquela batalha, com suas próprias armas, neutralizou todas aquelas armas de seu inimigo. Então, ó monarca, lá teve lugar um combate terrível de armas, como o confronto terrível de planetas no tempo da dissolução universal. Aquelas flechas, ó Bharata, disparadas por eles, entrando em colisão, iluminavam todos os pontos do horizonte e tuas tropas também por toda parte. Coberto com enxames de setas, o céu assumiu um visão terrível, semelhante ao que acontece, ó rei, na hora da dissolução universal, quando ele é coberto com meteoros caindo. Do choque de flechas, ó Bharata, fogo era gerado lá com faíscas e chamas ardentes. Aquele fogo começou a consumir ambos os exércitos. Siddhas, movendo-se lá, ó monarca, disseram essas palavras, ‘Ó senhor, essa batalha é a mais notável de todas as batalhas. Qualquer batalha (lutada antes)

não alcança nem uma décima sexta parte desta. Uma batalha semelhante a esta nunca ocorrerá outra vez. Ambas essas pessoas, isto é, este Brahmana e este Kshatriya, são dotados de conhecimento. Ambos são possuidores de coragem, e ambos são ferozes em bravura. Terrível é o poder de Bhima, e extraordinária é a habilidade do outro em armas. Quão grande é sua energia e quão admirável é a habilidade possuída por ambos! Ambos permanecem nessa batalha como dois Yamas destruidores do universo no fim do Yuga. Eles são nascidos como dois Rudras ou como dois Sóis. Esses dois tigres entre homens, ambos dotados de formas terríveis, são como dois Yamas nessa batalha.' Tais eram as palavras dos Siddhas ouvidas lá todo momento. E entre os habitantes reunidos do céu lá se ergueu um rugido leonino. Contemplando os feitos surpreendentes e inconcebíveis dos dois guerreiros naquela batalha, as multidões densas de Siddhas, e Charanas estavam cheias de admiração. E os deuses, os Siddhas, e os grandes Rishis aplaudiram os dois dizendo, 'Excelente, ó poderosamente armado filho de Drona. Excelente, ó Bhima.' Enquanto isso aqueles dois heróis, naquela batalha, ó rei, tendo feito ferimentos um no outro, olhavam um para o outro com olhos rolando de raiva. Com olhos vermelhos de raiva, seus lábios também tremiam de raiva. E eles rangiam seus dentes em cólera e mordiam seus lábios. E aqueles dois grandes guerreiros em carros cobriram um ao outro com chuvas de flechas, como se eles fossem naquela batalha duas massas de nuvens que despejavam torrentes de flechas como chuva e que brilhavam com armas constituindo seus relâmpagos. Tendo perfurado os estandartes e motoristas um do outro naquela grande batalha, e tendo também perfurado os cavalos um do outro, eles continuaram a atacar um ao outro. Então, ó monarca, cheios de raiva, eles pegaram naquele combate aterrador duas flechas, e cada um desejoso de matar o outro atirou rapidamente em seu inimigo. Aquelas duas flechas brilhantes, irresistíveis e dotadas da força do trovão, alcançando, ó rei, os dois guerreiros quando eles permaneciam na dianteira de suas respectivas divisões, atingiram ambos. Cada um dos dois combatentes poderosos então profundamente atingido por aquela flecha caiu no terraço de seu respectivo carro. Percebendo que o filho de Drona estava inconsciente, seu motorista então o levou para longe do campo de batalha, ó rei, diante de todas as tropas. Similarmente, ó rei, o motorista de Bhima levou para longe do campo de batalha em seu carro o filho de Pandu, aquele opressor de inimigos, que estava repetidamente caindo em um desmaio.'"

16

"Dhritarashtra disse, 'Descreva para mim a batalha de Arjuna com os Samsaptakas, e dos outros reis com os Pandavas. Narre para mim também, ó Sanjaya, a batalha de Arjuna com Ashvatthama, e dos outros senhores da Terra com Partha.'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, enquanto eu falo para ti como ocorreu a batalha dos guerreiros heróicos (do nosso lado) com o inimigo, a batalha a qual foi destrutiva de corpos, pecados, e vidas. Aquele matador de inimigos, isto é, Partha, penetrando no exército Samsaptaka que parecia o oceano, agitou-o muito, como

uma tempestade agitando o mar vasto. Cortando com flechas de cabeça larga de gumes afiados as cabeças de bravos guerreiros que eram ornadas com rostos possuidores do esplendor da lua cheia e com olhos e sobrancelhas e dentes belos, Dhananjaya rapidamente fez a Terra ser coberta lá como se com lotos, arrancados de seus caules. E naquela batalha Arjuna com suas flechas de cabeça de navalha cortava os braços de seus inimigos, que eram todos bem arredondados, grandes e massivos, e cobertos com pasta de sândalo e outros perfumes, com armas em punho, com luvas de couro envolvendo seus dedos, e parecendo com cobras de cinco cabeças. E o filho de Pandu cortava repetidamente com suas flechas de cabeça larga cavalos, cavaleiros, motoristas, e bandeiras, e arcos e flechas, e braços enfeitados com pedras preciosas. E Arjuna naquela batalha, ó rei, com muitos milhares de flechas, despachava para a residência de Yama guerreiros em carros e elefantes e cavalos e cavaleiros. Muitos dos principais guerreiros, cheios de fúria e rugindo como touros loucos (como eles) com excitação por uma vaca no cio, avançaram em direção a Arjuna, com gritos altos. Todos eles então começaram a atacar Arjuna com suas flechas enquanto o último estava empenhado em matá-los, como touros enfurecidos atacando um de sua espécie com seus chifres. A batalha que ocorreu entre ele e eles foi de arrepiar os cabelos, assim como a batalha entre os Daityas e o manejador do raio na ocasião da conquista dos três mundos. Resistindo com suas próprias armas às armas de seus inimigos por todos os lados, Arjuna, perfurando-os rapidamente com flechas incontáveis, tirava suas vidas. Como o vento destruindo vastas massas de nuvens, Arjuna, também chamado Jaya, aquele aumentador dos temores de seus inimigos, cortando em fragmentos miúdos grandes multidões de carros, carros, isto é, cujos postes, rodas, e eixos tinham sido anteriormente despedaçados por ele, e cujos guerreiros e cavalos e motoristas tinham sido mortos antes, e cujas armas e aljavas tinham sido tiradas de seus lugares, e estandartes derrubados, e tirantes e rédeas partidos, e cercados de madeira e flechas já quebrados, e enchendo todo mundo de admiração, realizou façanhas magníficas de se contemplar e rivalizando aquelas de 1.000 grandes guerreiros em carros lutando juntos. Multidões de Siddhas e Rishis celestes e Charanas todos o aplaudiram. E timbales celestes soaram, e chuvas florais caíram sobre as cabeças de Keshava e Arjuna. E uma voz incorpórea disse, ‘Esses, isto é, Keshava e Arjuna, são aqueles dois heróis que sempre possuem a beleza da lua, o esplendor do fogo, a força do vento e o brilho do sol. Posicionados no mesmo carro esses dois heróis são invencíveis assim como Brahman e Isana. Esses dois heróis, as mais notáveis de todas as criaturas, são Nara e Narayana.’ Ouvindo e vendo essas coisas extraordinárias, ó Bharata, Ashvatthama, com grande cuidado e resolução, avançou contra Krishna e Arjuna naquela batalha. Com seu braço que segurava uma flecha em seu punho, o filho de Drona cumprimentou o Pandava, disparando flechas equipadas com cabeças matadoras de inimigos, e sorridente disse a ele essas palavras, ‘Se, ó herói, tu me consideras um convidado digno chegado (diante de ti), então me dê hoje, com todo o coração, a hospitalidade da batalha.’ Assim convocado pelo filho do preceptor pelo desejo de batalha, Arjuna se considerou muito honrado, e dirigindo-se a Janardana disse, ‘Os Samsaptakas devem ser mortos por mim, mas o filho de Drona está me convocando novamente. Diga-me, ó Madhava, para qual

desses deveres eu devo me dirigir primeiro? Que os serviços de hospitalidade sejam oferecidos primeiro, se tu achares que isso é apropriado.' Assim endereçado, Krishna levou Partha que tinha sido convocado segundo as regras de desafio triunfante para a vizinhança do filho de Drona, como Vayu levando Indra ao sacrifício. Saudando o filho de Drona cuja mente estava fixa em uma coisa, Keshava disse a ele, 'Ó Ashvatthama, fique calmo, e sem perder um momento ataque e resista. Chegou a hora para aqueles que são dependentes de outros pagarem a dívida para seus patrões. As disputas entre brahmanas são sutis. As consequências, no entanto, das disputas de Kshatriyas são palpáveis, sendo ou vitória ou derrota. Para obter aqueles ritos excelentes de hospitalidade os quais por insensatez tu solicitaste das mãos de Partha, lute friamente agora com o filho de Pandu.' Assim endereçado por Vasudeva, aquele principal dos regenerados respondeu dizendo, 'Assim seja!' e perfurou Keshava com sessenta flechas e Arjuna com três. Arjuna então, cheio de raiva, cortou o arco de Ashvatthama com três flechas. O filho Drona pegou outro arco que era ainda mais formidável. Encordoando-o num piscar de olhos, ele perfurou Arjuna e Keshava, o último com trezentas flechas, e o primeiro com 1.000. E então o filho de Drona, com muito cuidado, pasmando Arjuna naquela batalha, disparou milhares e dezenas de milhares e milhões de flechas. Das aljavas, do arco, da corda do arco, dos dedos, dos braços, das mãos, do peito, do rosto, do nariz, dos olhos, das orelhas, da cabeça, dos membros, dos poros do corpo, da armadura em seu corpo, do carro, e do estandarte, ó majestade, daquele pronunciador de Brahma, flechas começaram a sair. Perfurando Madhava e o filho de Pandu com a grossa chuva de flechas, o filho de Drona cheio de alegria rugiu alto como uma massa vasta de nuvens reunidas. Ouvindo aquele rugido dele, o filho de Pandu disse para Keshava de glória imperecível essas palavras: 'Veja, ó Madhava, essa perversidade em direção a mim do filho do preceptor. Ele nos considera como mortos, tendo nos coberto com sua chuva densa de flechas. Eu logo irei, no entanto, por minha instrução e poder, frustrar o propósito dele.' Cortando cada uma daquelas flechas disparadas por Ashvatthama em três fragmentos, aquele principal da linhagem de Bharata destruiu todas elas como o Sol destruindo uma neblina densa. Depois disso o filho de Pandu perfurou novamente, com suas flechas ardentes, os Samsaptakas com seus corcéis, motoristas, carros, elefantes, bandeiras e soldados de infantaria. Cada um daqueles que permaneciam lá como espectadores, cada um daqueles que estavam posicionados lá a pé ou em carro ou cavalo ou elefante, se considerou como encoberto pelas flechas de Arjuna. Disparadas do Gandiva, aquelas flechas aladas de diversas formas mataram naquela batalha elefantes e cavalos e homens posicionados em sua frente imediata ou na distância de duas milhas. As trombas, cortadas com flechas de cabeça larga, de elefantes, abaixo de cujas bochechas e outros membros fluía o suco indicativo de excitação, caíam como árvores altas na floresta derrubadas com o machado. Um pouco depois caíam os elefantes, enormes como morros pequenos, com seus condutores, como montanhas despedaçadas por Indra com seu raio. Com suas flechas cortando em partes minúsculas carros bem equipados que pareciam com edifícios de vapor se dissolvendo no céu noturno e aos quais estavam unidos corcéis bem treinados de grande velocidade e que eram dirigidos por guerreiros invencíveis em batalha, o filho de Pandu continuou a despejar suas

flechas sobre seus inimigos. E Dhananjaya continuou a matar cavaleiros bem enfeitados e soldados de infantaria do inimigo. De fato, Dhananjaya, parecendo o próprio Sol como ele se ergue no fim do Yuga, secou o oceano Samsaptaka que não podia ser secado facilmente, por meio de flechas afiadas constituindo seus raios. Sem perder um momento, o filho de Pandu perfurou mais uma vez o filho de Drona parecendo uma colina enorme, com flechas de grande impetuosidade e o esplendor do Sol, como o manejador do raio perfurando uma montanha com o trovão. Desejoso de lutar, o filho do preceptor então, cheio de raiva, aproximou-se de Arjuna para perfurar a ele e seus corcéis e motorista por meio de suas flechas de curso rápido. Arjuna, no entanto, cortou rapidamente as flechas disparadas nele por Ashvatthama. O filho de Pandu então cheio de grande ira ofereceu para Ashvatthama, aquele convidado desejável, aljavas sobre aljavas de flechas, como uma pessoa caridosa oferecendo tudo em sua casa para um convidado. Deixando os Samsaptakas então o filho de Pandu avançou em direção ao filho de Drona como um doador abandonado convidados indignos, para preceder em direção a um que é digno.'"

17

"Sanjaya disse, 'Então ocorreu aquela luta entre Arjuna e Ashvatthama parecendo os planetas Shukra e Brihaspati em esplendor, como a batalha entre Shukra e Brihaspati no firmamento para entrar na mesma constelação. Afligindo um ao outro com flechas ardentes que constituíam seus raios, aqueles terrificantes do mundo se posicionaram como dois planetas ambos se desviando de suas órbitas. Então Arjuna perfurou profundamente Ashvatthama com uma flecha no meio de suas sobrancelhas. Com aquela flecha o filho de Drona parecia resplandecente como o Sol com raios ascendentes. Os dois Krishnas (Nara e Narayana), também profundamente afligidos por Ashvatthama com centenas de flechas, pareciam com dois Sóis no fim do Yuga, brilhantes com seus próprios raios. Então quando Vasudeva parecia estar entorpecido, Arjuna disparou uma arma da qual emergiram torrentes de flechas para todos os lados. E ele atingiu o filho de Drona com inúmeras flechas, cada uma parecendo o trovão ou fogo ou o cetro da Morte. Dotado de energia imensa, aquele realizador de façanhas terríveis, (Ashvatthama) então perfurou ambos Keshava e Arjuna com flechas bem disparadas as quais eram inspiradas com grande impetuosidade e atingidas pelas quais a própria Morte sentiria dor. Detendo as flechas do filho de Drona, Arjuna o cobriu com duas vezes tantas flechas equipadas com asas vistosas, e encobrindo aquele principal dos heróis e seus corcéis e motorista e bandeira, começou a atacar os Samsaptakas. Com suas flechas bem disparadas Partha começou a cortar arcos e aljavas e cordas de arcos e mãos e braços e armas firmemente agarradas e guarda-sóis e estandartes e cavalos e varais de carros e mantos e guirlandas florais e ornamentos e cotas de malha e escudos bonitos e cabeças belas, em grande número, de seus inimigos que não recuavam. Carros bem equipados e corcéis e elefantes, guiados por heróis lutando com grande cautela, foram destruídos pelas centenas de flechas disparadas por Partha e caíam junto com os heróis que os montavam. Cortadas por flechas de cabeça larga e em

forma de meia-lua e flechas de face de navalha, cabeças humanas, parecendo o lótus, o Sol, ou a Lua cheia em beleza e resplandecentes com diademas e colares e coroas, caíam incessantemente sobre o solo. Então os heróis Kalinga, os Vangas, e os Nishadas, montados em elefantes que pareciam em esplendor o elefante do grande inimigo dos Daityas, avançaram com velocidade contra o suprimidor do orgulho dos Danavas, o filho de Pandu, pelo desejo de matá-lo. Partha cortou os membros vitais, as trombas, os condutores, os estandartes, e os pendões daqueles elefantes, após o que aqueles animais caíram como topos de montanha partidos pelo raio. Quando aquele exército de elefantes estava dividido, o enfeitado com diadema Arjuna cobriu o filho de seu preceptor com flechas dotadas do esplendor do sol recém subido, como o vento cobrindo o Sol nascente com massas de nuvens reunidas. Detendo com suas próprias flechas aquelas de Arjuna, o filho de Drona encobrindo ambos Arjuna e Vasudeva com suas flechas deu um rugido alto, como uma massa de nuvens no fim do verão depois de encobrir o Sol ou a Lua no céu. Profundamente afligido por aquelas flechas, Arjuna, mirando suas armas em Ashvatthama e naqueles seguidores dele pertencentes ao exército, dissipou depressa aquela escuridão causada pelas flechas de Ashvatthama, e perfurou todos eles com flechas equipadas com asas vistosas. Naquela batalha ninguém podia ver quando Savyasaci pegava suas flechas, quando ele as apontava, e quando ele as disparava. Tudo o que podia ser visto era que elefantes e corcéis e soldados de infantaria e guerreiros em carros, atingidos pelas flechas dele, caíam privados de vida. Então o filho de Drona sem perder um momento, apontando dez principais das flechas, disparou-as rapidamente como se elas formassem uma única flecha. Disparadas com grande força, cinco delas perfuraram Arjuna e as outras cinco perfuraram Vasudeva. Atingidos por aquelas flechas, aqueles dois principais dos homens, como Kuvera e Indra, ficaram banhados em sangue. Assim afligidos, todas as pessoas lá consideraram aqueles dois heróis como mortos por Ashvatthama, o guerreiro que tinha dominado completamente a ciência de armas. Então o chefe dos Dasharhas dirigiu-se a Arjuna e disse, ‘Por que tu erras em poupar Ashvatthama dessa maneira? Mate esse guerreiro. Se tratado com indiferença, ele mesmo será a causa de grande desgraça, como uma doença que não se procura eliminar por tratamento.’ Respondendo para Keshava de glória imperecível com as palavras ‘Assim seja!’ Arjuna de mente desanuviada começou com muito cuidado a mutilar o filho de Drona com suas flechas. Imediatamente o filho de Pandu, cheio de raiva, perfurou rapidamente os braços massivos, cobertos com pasta de sândalo, e o peito, a cabeça, e as coxas incomparáveis de seu oponente com flechas equipadas com cabeças como as orelhas das cabras, e disparadas com grande força do Gandiva. Então cortando os tirantes dos cavalos de Ashvatthama, Arjuna começou a perfurar os próprios corcéis, pelo que os últimos levaram Ashvatthama a uma grande distância do campo. Assim levado para longe por aqueles corcéis dotados da velocidade do vento, o filho inteligente de Drona, profundamente atormentado pelas flechas de Partha, refletindo por algum tempo, não desejou voltar e renovar o combate com Partha. Sabendo que a vitória está sempre com o chefe dos Vrishnis e com Dhananjaya, aquele mais notável da linhagem de Angirasa, dotado de grande energia, entrou no exército de Karna, privado de esperança e com flechas e armas quase esgotadas. De fato, o filho de Drona,

reprimindo seus corcéis, e tendo se confortado um pouco, ó senhor, entrou no exército de Karna, abundando em carros e corcéis e homens. Depois que Ashvatthama, aquele inimigo deles, tinha sido assim retirado do campo por seus corcéis como uma doença removida do corpo por encantamentos e remédios e recursos, Keshava e Arjuna procederam em direção aos Samsaptakas, em seu carro cujo estrépito parecia o ribombo das nuvens e cujo estandarte ondulava ao vento.'"

18

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso perto da parte norte do exército Pandava, um tumulto alto ergueu-se de carros e elefantes e cavalos e soldados de infantaria enquanto aqueles estavam sendo massacrados por Dandadhara. Virando a direção do carro, mas sem parar os corcéis que eram tão rápidos quanto Garuda ou o vento, Keshava, dirigindo-se a Arjuna, disse, 'O chefe dos Magadhas, com seu elefante (esmagador de inimigos) é inigualável em bravura. Em instrução e poder ele não é inferior ao próprio Bhagadatta. Tendo matado ele primeiro, tu irás então matar os Samsaptakas.' Na conclusão de suas palavras, Keshava levou Partha à presença de Dandadhara. O chefe dos Magadhas, inigualável no manuseio do gancho de elefante assim como o planeta Ketu sem cabeça (é inigualável) entre todos os planetas, estava destruindo o exército hostil como um cometa ardente destruindo a terra inteira. Montado em seu elefante matador de inimigos e bem equipado que parecia com o Davana com rosto e forma de elefante, e cujo rugido parecia aquele de uma massa reunida de nuvens, Dandadhara estava destruindo com suas flechas milhares de carros e cavalos e elefantes e homens. Os elefantes também, pisando sobre carros com seus pés, prensavam no chão um grande número de homens com seus corcéis e motoristas. Muitos eram os elefantes, também, que aquele principal dos elefantes esmagava e matava com seus dois pés dianteiros e tromba. De fato, o animal se movia como a roda da Morte. Matando homens adornados com cotas de malha de aço, junto com seus cavalos e soldados de infantaria, o chefe dos Magadhas os fazia serem prensados na terra, como juncos grossos prensados com sons estalantes, por meio daquele poderoso e principal dos elefantes pertencente a ele. Então Arjuna, sobre aquele principal dos carros, avançou rapidamente em direção àquele príncipe de elefantes no meio daquela hoste abundando em milhares de carros e corcéis e elefantes, e ressoando com o som e clangor de inúmeros pratos e baterias e conchas e barulhenta com o estrépito de rodas de carros, a vibração de cordas de arco, e o som de palmas. Impassível Dandadhara perfurou Arjuna com uma dúzia de flechas principais e Janardana com dezesseis e cada um dos cavalos com três, e então proferiu um grito alto e deu risada repetidamente. Então Partha, com diversas flechas de cabeça larga, cortou o arco de seu antagonista com sua corda e flecha fixada nela, como também seu estandarte bem enfeitado, e então os guias de seu animal e os homens a pé que protegiam o animal. Nisso, o senhor de Girivraja ficou cheio de raiva. Desejoso de agitar Janardana com aquele seu elefante, cujas têmporas tinham se partido de excitação, e que parecia uma massa de nuvens e era dotado da velocidade do vento, Dandadhara atacou

Dhananjaya com muitas lanças. O filho de Pandu então, com três flechas de cabeça de navalha, cortou, quase no mesmo instante de tempo, os dois braços, cada um parecendo com a tromba de um elefante, e então a cabeça, parecendo a lua cheia, de seu inimigo. Então Arjuna atingiu o elefante daquele adversário com centenas de setas. Coberto pelas setas enfeitadas com ouro de Partha, aquele elefante equipado com armadura dourada parecia tão resplandecente como uma montanha à noite com suas ervas e árvores queimando em um incêndio. Afligido pela dor e rugindo como uma massa de nuvens, e extremamente enfraquecido, o elefante gritando e vagando e correndo com passos cambaleantes, caiu com a guia em seu pescoço, como um topo de montanha partido pelo raio. Após a queda de seu irmão em batalha, Danda avançou contra o irmão mais novo de Indra e Dhananjaya, desejoso de matá-los, em seu elefante branco como neve e adornado com ouro e parecendo com um topo Himalayan. Danda atingiu Janardana com três lanças afiadas brilhantes como os raios do sol, e Arjuna com cinco, e proferiu um grito alto. O filho de Pandu então proferindo um grito alto cortou os dois braços de Danda. Cortados por meio de flechas de cabeça de navalha, aqueles dois braços, cobertos com pasta de sândalo, adornados com angadas, e com lanças em punho, quando eles caíram das costas do elefante no mesmo instante de tempo, pareciam resplandecentes como um par de cobras grandes de grande beleza caindo de um topo de montanha. Cortada com uma flecha em forma de meia-lua pelo ornado com diadema (Partha), a cabeça também de Danda caiu no chão das costas do elefante, e coberta com sangue ela parecia resplandecente quando ela jazia como o sol caído da montanha Asta perto do quadrante oeste. Então Partha perfurou com muitas flechas excelentes brilhantes como os raios do sol aquele elefante de seu inimigo, parecendo uma massa de nuvens brancas depois do que ele caiu com um barulho como um topo Himalayan partido pelo trovão. Então outros elefantes enormes capazes de obter vitória e parecendo os dois já mortos, foram cortados por Savyasaci, naquela batalha, assim como os dois (pertencentes à Danda e Dandadhara) tinham sido cortados. Nisso o vasto exército hostil se dividiu. Então elefantes e carros e cavalos e homens, em multidões densas, se chocaram uns contra os outros e caíram no campo. Cambaleando, eles atingiam uns aos outros violentamente e caíam privados de vida. Então seus soldados, cercando Arjuna como os celestiais cercando Purandara, começaram a dizer, 'Ó herói, aquele inimigo de quem nós estávamos com muito medo como as criaturas à vista da própria Morte, por boa sorte foi morto por ti. Se tu não tivesses protegido daquele temor aquelas pessoas que eram tão profundamente afligidas por inimigos poderosos, então nesse momento nossos inimigos estariam sentindo aquela alegria que nós agora sentimos por sua morte, ó matador de inimigos.' Ouvindo essas e outras palavras proferidas por amigos e aliados, Arjuna, com o coração alegre, reverenciou aqueles homens, cada um segundo seu merecimento, e procedeu novamente contra os Samsaptakas. '"

19

"Sanjaya disse, 'Movendo-se em círculos, como o planeta Mercúrio na curvatura de sua órbita, Jishnu (Arjuna) mais uma vez matou grande número dos Samsaptakas. Atormentados pelas flechas de Partha, ó rei, homens, corcéis, e elefantes, ó Bharata, tremeram e se surpreenderam e perderam cor e caíram e morreram. Muitos dos animais principais amarrados a cangas e motoristas e bandeiras, e arcos, e flechas e mãos e armas em punho, e braços, e cabeças, de inimigos heróicos lutando com ele, o filho de Pandu cortou naquela batalha, com flechas, algumas das quais eram de cabeça larga, algumas equipadas com cabeças como navalhas, algumas em forma de meia-lua, e algumas providas de cabeças como o dente do bezerro. Como touros lutando com um touro por causa de uma vaca no cio, bravos guerreiros às centenas e milhares cercaram Arjuna. A batalha que ocorreu entre eles e ele foi de arrepiar os cabelos como o combate entre os Daityas e Indra, o manejador do raio na ocasião da conquista dos três mundos. Então o filho de Ugrayudha perfurou Partha com três flechas parecendo três cobras venenosas. Partha, no entanto, cortou do tronco de seu inimigo a cabeça do último. Então aqueles guerreiros, cheios de raiva, cobriram Arjuna de todos os lados com diversas espécies de armas como as nuvens impelidas pelos Maruts cobrindo Himavat no fim do verão. Reprimindo com suas próprias armas aquelas de seus inimigos em todos os lados, Arjuna matou um grande número de seus inimigos com flechas bem disparadas. Com suas flechas Arjuna então cortou os Trivenus, os cavalos, os motoristas, e os motoristas parshni de muitos carros, e deslocou as armas e aljavas de muitos, e privou muitos de suas rodas e estandartes, e rompeu as cordas, os tirantes e os eixos de muitos, e destruiu os fundos e cangas de outros, e fez todo o equipamento de muitos cair de seus lugares. Aqueles carros, assim destruídos e danificados por Arjuna em grandes números, pareciam com as mansões luxuosas dos ricos destruídas por fogo, vento, e chuva. Elefantes, seus membros vitais perfurados por flechas parecendo raios em impetuosidade, caíam como mansões em cumes de montanha derrubadas por explosões de relâmpago. Grandes números de corcéis com seus cavaleiros, atingidos por Arjuna, caíam no chão, suas línguas e entranhas forçadas para fora, eles mesmos privados de força e banhados em sangue, e apresentando uma vista horrível. Homens e cavalos e elefantes, perfurados por Savyasaci (Arjuna) com suas flechas, se surpreenderam e cambalearam e caíram e proferiram gritos de dor e pareciam pálidos, ó majestade. Como Mahendra atingindo os Danavas, Partha prostrou grande número de seus inimigos, por meio de flechas afiadas em pedra e parecendo o raio ou veneno em capacidade de causar a morte. Bravos guerreiros, equipados em cotas de malha caras e enfeitados com ornamentos e armados com diversos tipos de armas, jaziam no campo, com seus carros e estandartes, mortos por Partha. Subjugadas (e privadas de vida) pessoas de atos virtuosos, possuidoras de nascimento nobre e grande conhecimento, procediam para o céu por consequência daqueles feitos gloriosos delas enquanto seus corpos somente jaziam sobre a Terra. Então o chefe, pertencente ao teu exército, de vários reinos, cheio de ira e acompanhado por seus seguidores, avançou contra Arjuna, aquele principal dos guerreiros em

carros. Guerreiros levados em seus carros e cavalos e elefantes, e soldados de infantaria também, todos desejosos de matar (Arjuna), avançaram em direção a ele, disparando diversas armas com grande velocidade. Então Arjuna como o vento, por meio de flechas afiadas, destruiu aquela chuva grossa de armas derramada por aqueles guerreiros constituindo uma massa de nuvens reunidas. As pessoas então viram Arjuna cruzando aquele oceano sem balsa constituído por corcéis e soldados de infantaria e elefantes e carros, e tendo armas poderosas como suas ondas, sobre uma ponte constituída por suas próprias armas poderosas de ataque e defesa. Então Vasudeva, dirigindo-se a Partha, disse, 'Por que, ó impecável, tu brincas dessa maneira? Subjugando esses Samsaptakas, te apresse para matar Karna.' Dizendo, 'Assim seja' para Krishna, Arjuna então, atacando violentamente o resto dos Samsaptakas com suas armas, começou a destruí-los como Indra destruindo os Daityas. Naquela hora, mesmo com a mais perfeita atenção, os homens não podiam notar quando Arjuna tirava suas flechas, quando ele as apontava e quando ele as disparava rapidamente. O próprio Govinda, ó Bharata, considerou isso admirável. Como cisnes mergulhando em um lago as flechas de Arjuna, brancas e ativas como cisnes, penetravam no exército hostil. Então Govinda, observando o campo de batalha durante a continuação daquela carnificina, disse essas palavras para Savyasaci, 'Aqui, ó Partha, só por causa de Duryodhana, ocorre essa grande e terrível destruição dos Bharatas e outros reis da Terra. Veja, ó filho de Bharata, esses arcos, com versos dourados, de muitos arqueiros poderosos, e estes cintos e aljavas soltos de seus corpos. Veja essas flechas retas equipadas com asas de ouro, e essas flechas longas lavadas com óleo e parecendo com cobras livres de suas peles. Veja essas belas lanças decoradas com ouro jazendo espalhadas em volta, e essas cotas de malha, ó Bharata, adornadas com ouro e caídas dos corpos dos guerreiros. Veja esses arpões embelezados com ouro, esses dardos ornados com o mesmo metal, e essas maças enormes enroladas com fios de ouro, e cordas de cânhamo. Veja essas espadas decoradas com ouro brilhante e esses machados adornados com o mesmo, e esses machados de batalha equipados com cabos ornados com ouro. Veja também essas clavas com pontas, essas flechas curtas, esses Bhusundis, e esses Kanapas; esses Kuntas de ferro espalhados, e esses Mushalas pesados. Esses guerreiros ansiosos pela vitória dotados de grande energia e armados com diversas armas, embora mortos, ainda parecem estar vivos. Contemple aqueles milhares de guerreiros, seus membros esmagados por maças, e cabeças partidas com Mushalas ou quebradas e pisadas por elefantes e cavalos e carros. Ó matador de inimigos, o campo de batalha está coberto com os corpos de homens e elefantes e corcéis, privados de vida, terrivelmente mutilados por flechas e dardos e espadas e lanças e cimitarras e machados e arpões e Nakharas e cacetes, e banhados em rios de sangue. Coberta com braços cobertos com pasta de sândalo e enfeitados com Angadas e agraciados com indicações auspiciosas e envolvidos em proteções de couro e adornada com Keyuras, a terra parece resplandecente, ó Bharata. Coberta também com mãos tendo dedos envolvidos em proteções, enfeitadas com ornamentos, e cortadas de braços, e com coxas cortadas parecidas com trombas de elefantes, de heróis dotados de grande energia e com cabeças adornadas com brincos e proteções para a cabeça ornamentadas com pedras preciosas, (a terra parece muito bela). Veja aqueles

carros belos, decorados com sinos dourados, quebrados de diversas maneiras. Veja aqueles numerosos corcéis banhados em sangue, aqueles fundos de carros e aljavas compridas, e diversos tipos de bandeiras e estandartes e aquelas conchas enormes, dos combatentes, e aqueles rabos de iaque perfeitamente brancos, e aqueles elefantes com línguas para fora e jazendo sobre o campo como colinas, e com aqueles belos estandartes triunfais, e aqueles guerreiros em elefantes mortos, e aquelas cobertas valiosas, cada uma consistindo em um pedaço de cobertor, nas costas daqueles animais enormes, e aqueles cobertores belos e variados e rasgados, e aqueles numerosos sinos soltos dos corpos de elefantes e quebrados em fragmentos por aquelas criaturas caindo, e aqueles ganchos com cabos cravejados com pedras lápis lazúli caídos sobre o solo, e aquelas cangas ornamentais de corcéis, e aquelas armaduras cravejadas com diamantes em seus peitos e aqueles ricos tecidos, enfeitados com ouro e atados às extremidades das bandeiras levadas por cavaleiros, e aqueles cobertores matizados e mantas e peles Ranku, enfeitados com pedras preciosas brilhantes e embutidos com ouro, para as costas de cavalos e caídos no chão, e aqueles grandes diamantes adornando as proteções para a cabeça de reis, e aqueles colares belos de ouro, e aqueles guarda-sóis deslocados de suas posições, e aqueles rabos de iaque e leques. Veja a terra coberta com rostos adornados com brincos brilhantes como a lua ou estrelas, e embelezados com barbas bem cortadas, e cada um parecendo com a lua cheia. A terra, coberta com aquelas faces parecendo com lírios e lotos, parece um lago adornado com um denso conjunto de lírios e lotos. Veja, o solo possuindo a refulgência da lua brilhante e diversificado como se com miríades de estrelas, parece com o firmamento outonal coberto com luzes estelares. Ó Arjuna, essas façanhas que tem sido realizadas por ti em grande batalha hoje são, de fato, dignas de ti ou do próprio chefe dos celestiais no céu.' Assim mesmo Krishna mostrou o campo de batalha para Arjuna. E enquanto retornando (do campo para seu acampamento), eles ouviram um barulho alto no exército de Duryodhana. De fato o tumulto que era ouvido consistia no clangor de conchas e na batida de pratos e baterias e Patahas e no estrépito de rodas de carro, o relincho de corcéis, o grunhido de elefantes, e o estridor violento de armas. Penetrando naquele exército pela ajuda de seus corcéis possuindo a velocidade do vento, Krishna ficou muito admirado ao ver o exército oprimido por Pandya. Como o próprio Yama matando criaturas cujas vidas acabaram, Pandya, aquele principal dos guerreiros hábil com flechas e armas, estava destruindo multidões de inimigos por meio de diversos tipos de flechas. Perfurando os corpos dos elefantes e corcéis e homens com flechas afiadas, aquele principal dos batedores os derrubava e privava de vida. Cortando com suas próprias flechas as diversas armas arremessadas nele por muitos dos inimigos principais, Pandya matava seus inimigos como Sakra (Indra) destruindo os Danavas.'"

20

"Dhritarashtra disse, 'Tu mencionaste para mim antes o nome de Pandya, aquele herói de celebridade mundial, mas seus feitos, ó Sanjaya, em batalha nunca foram narrados por ti. Fale-me hoje em detalhes da bravura daquele grande herói, sua habilidade, espírito, e energia, a medida de sua força, e seu orgulho.'"

"Sanjaya disse, 'Bhishma e Drona e Kripa e o filho de Drona e Karna e Arjuna e Janardana, aqueles mestres completos da ciência de armas, são considerados por ti como os principais dos guerreiros em carros. Saiba, no entanto, que Pandya se considerava superior a todos esses principais dos guerreiros em carros em energia. De fato ele nunca considerou qualquer um entre os reis como igual a ele mesmo. Ele nunca admitiu sua igualdade com Karna e Bhishma. Nem ele admitiu dentro de seu coração que ele era inferior em algum aspecto a Vasudeva ou Arjuna. Assim mesmo era Pandya, aquele mais notável dos reis, aquele principal dos manejadores de armas. Cheio de raiva como o próprio Destruidor, Pandya naquele momento estava massacrando o exército de Karna. Aquele exército, cheio de carros e corcéis e abundando com principais dos soldados de infantaria, atacado por Pandya, começou a rodar como a roda do ceramista. Como o vento dispersando uma massa de nuvens reunidas, Pandya, com suas setas bem disparadas, começou a dispersar aquele exército, destruindo seus cavalos e motoristas e bandeiras e carros e fazendo suas armas e elefantes caírem. Como o quebrador de montanhas derrubando montanhas com seu trovão, Pandya derrubava elefantes com seus condutores, tendo anteriormente cortado os estandartes e bandeiras e armas com as quais eles estavam armados, como também os soldados a pé que protegiam aqueles animais. E ele derrubava cavalos, e cavaleiros com seus dardos e lanças e aljavas. Mutilando com suas flechas os Pulindas, os Khasas, os Bahlikas, os Nishadas, os Andhakas, os Tanganas, os habitantes do Sul, e os Bhojas, todos os quais, dotados de grande coragem, não se rendiam e eram obstinados em batalha, e privando eles de suas armas e cotas de malha, Pandya os privava de suas vidas. Vendo Pandya destruindo com suas flechas em batalha aquela hoste consistindo em quatro tipos de tropas, o filho de Drona procedeu destemidamente em direção àquele guerreiro destemido. Dirigindo-se intrepidamente em palavras agradáveis àquele guerreiro que então parecia dançar em seu carro, o filho de Drona, aquele principal dos batedores, sorrindo, convocou-o e disse, 'Ó rei, ó tu de olhos como pétalas de lótus, teu nascimento é nobre e erudição grande. De poder e destreza célebres, tu pareces o próprio Indra. Esticando com teus dois braços massivos o arco segurado por ti e cuja corda larga está segura no teu aperto, tu pareces belo como uma massa de nuvens reunidas quando tu derramas sobre teus inimigos chuvas grossas de flechas impetuosas. Eu não vejo alguém salvo eu mesmo que possa ser um páreo para ti em batalha. Sozinho tu subjugaste numerosos carros e elefantes e soldados a pé e corcéis, como o leão destemido de força terrível oprimindo bandos de veados na floresta. Fazendo o céu e a Terra ressoar com o estrépito alto das rodas do teu carro tu pareces resplandecente, ó rei, como uma nuvem outonal destruidora de colheitas de rugidos altos. Tirando de tua aljava e disparando tuas flechas afiadas parecendo cobras de veneno virulento lute comigo

somente, como (o Asura) Andhaka lutando com a divindade de três olhos.' Assim endereçado, Pandya respondeu, 'Assim seja!' Então o filho de Drona, dizendo a ele 'Ataque!' atacou-o com vigor. Em retorno, Malayadhwaja perfurou o filho de Drona com uma flecha farpada. Então o filho de Drona, aquele melhor dos preceptores, sorrindo, atingiu Pandya com algumas flechas ardentes, capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais e parecendo chamas de fogo. Então Ashvatthama disparou novamente em seu inimigo algumas outras flechas largas providas de pontas afiadas e capazes de perfurar os próprios órgãos vitais, fazendo elas correrem pelo céu com os dez diferentes tipos de movimento. Pandya, no entanto, com nove flechas dele cortou todas aquelas flechas de seu antagonista. Com quatro outras flechas ele afligiu os quatros corcéis de seu inimigo, pelo que eles expiraram rapidamente. Tendo então, com suas flechas afiadas, cortado as flechas do filho de Drona, Pandya então cortou a corda esticada do arco de Ashvatthama, dotado do esplendor do sol. Então o filho de Drona, aquele matador de inimigos, encordoando seu arco não encordoado, e vendo que seus homens tinham enquanto isso unido rapidamente outros corcéis excelentes ao seu carro, disparou milhares de setas (em seu inimigo). Por isto, aquele regenerado encheu o céu inteiro e os dez pontos do horizonte com suas setas. Embora sabendo que aquelas flechas do filho de grande alma de Drona empenhado em atirar eram realmente inesgotáveis, ainda assim Pandya, aquele touro entre homens, cortou todas elas em pedaços. O adversário de Ashvatthama, cortando cuidadosamente todas aquelas flechas disparadas pelo último, então matou com suas próprias flechas afiadas os dois protetores das rodas do carro do último naquele combate. Vendo a agilidade de mão mostrada por seu inimigo, o filho de Drona, estirando seu arco a um círculo, começou a disparar suas flechas como uma massa de nuvens despejando torrentes de chuva. Durante aquele espaço de tempo, ó senhor, o qual consistiu somente na oitava parte de um dia, o filho de Drona disparou tantas flechas quanto eram carregadas em oito carroças cada uma puxada por oito bois. Quase todos aqueles homens que então contemplavam Ashvatthama, que naquela hora parecia o próprio Destruidor cheio de raiva, ou melhor, o Destruidor do Destruidor, perderam seus sentidos. Como uma massa de nuvens no fim do verão encharcando com torrentes de chuva a terra com suas montanhas e árvores, o filho do preceptor despejou naquela tropa hostil sua chuva de flechas. Frustrando com a arma Vayavya aquela chuva insuportável de flechas disparada pela nuvem Ashvatthama, o vento Pandya, cheio de alegria, proferiu rugidos altos. Então o filho de Drona cortando o estandarte, untado com pasta de sândalo e outros unguentos perfumados e portando o emblema da montanha Malaia sobre ele, de Pandya que rugia, matou os quatro cavalos do último. Matando então o motorista de seu inimigo com uma única flecha, e cortando com uma flecha em forma de meia-lua o arco também daquele guerreiro cujo som parecia o rugido das nuvens, Ashvatthama cortou o carro de seu inimigo em fragmentos miúdos. Detendo com armas aquelas de seu inimigo, e cortando todas as armas do último, o filho de Drona, embora ele obtivesse a oportunidade para fazer a seu inimigo o mal supremo, ainda não o matou, pelo desejo de lutar com ele por mais algum tempo. Enquanto isso Karna avançou contra a grande tropa de elefantes dos Pandavas e começou a desbaratá-la e destruí-la. Privando guerreiros em carros de seus carros, ele atingiu

elefantes e cavalos e guerreiros humanos, ó Bharata, com inúmeras flechas retas. Aquele arqueiro poderoso, o filho de Drona, embora ele tivesse feito Pandya, aquele matador de inimigos e principal dos guerreiros em carros, ficar sem carro, ele contudo não o matou pelo desejo de lutar. Naquele momento um enorme elefante sem condutor com presas grandes, bem equipado com todos os utensílios de guerra, andando com velocidade, dotado de grande força, rápido em proceder contra qualquer inimigo, atingido pelas flechas de Ashvatthama, avançou em direção a Pandya com grande impetuosidade, rugindo contra um igual hostil. Vendo aquele príncipe dos elefantes, parecendo com um topo de montanha fendido, Pandya, que conhecia bem o método de lutar do pescoço de um elefante, subiu rapidamente naquele animal como um leão pulando com um rugido alto para o cume de um topo de montanha. Então aquele senhor do príncipe das montanhas, batendo no elefante com o gancho, e inspirado com raiva, e com aquela atenção fria pela qual ele era famoso em lançar armas com grande força, rapidamente arremessou uma lança, brilhante como os raios de Surya, no filho do preceptor e proferiu um grito alto. Repetidamente gritando em alegria, 'Tu estás morto, tu estás morto!' Pandya (com aquela lança) quebrou em pedaços o diadema do filho de Drona adornado com a mais notável das jóias e diamantes da maior limpidez e do melhor tipo de ouro e tecido excelente e cordão de pérolas. Aquele diadema possuidor do esplendor do Sol, da Lua, dos planetas, ou do fogo, por causa da violência do golpe, caiu por terra, partido em fragmentos, como um topo de montanha fendido pelo raio de Indra, caindo na terra com grande barulho. Nisso, Ashvatthama se inflamou com muita ira como um príncipe das cobras atingido com o pé, e pegou quatorze flechas capazes de infligir grande dor em inimigos e cada uma parecendo a vara do Destruidor. Com cinco daquelas flechas ele cortou os quatros pés e a tromba do elefante de seu adversário, e com três os dois braços e a cabeça do rei, e com seis ele matou os seis poderosos guerreiros em carros, dotados de grande refulgência, que seguiam o rei Pandya. Aqueles braços longos e bem arredondados do rei, cobertos com excelente pasta de sândalo, e adornados com ouro e pérolas e pedras preciosas e diamantes caindo sobre a Terra, começaram a se contorcer como um par de cobras morto por Garuda. Aquela cabeça também, agraciada com um rosto claro como a Lua cheia, tendo um nariz proeminente e um par de olhos grandes, vermelho como cobre de raiva, adornado com brincos, caindo no chão, parecia resplandecente como a própria Lua entre duas constelações brilhantes. O elefante, assim cortado por aquele guerreiro habilidoso em seis pedaços com aquelas cinco flechas e o rei em quatro pedaços com aquelas três flechas jaziam divididos ao todo em dez pedaços que pareciam com a manteiga sacrifical distribuída em dez porções destinadas para as dez divindades. Tendo cortado numerosos cavalos e homens e elefantes em pedaços e oferecido eles como comida aos Rakshasas, o rei Pandya foi assim aquietado pelo filho de Drona com suas flechas como um fogo ardente em um crematório, extinguido com água depois de ter recebido uma libação na forma de um corpo sem vida. Então como o chefe dos celestiais alegremente reverenciando Vishnu depois da subjugação do Asura Vali, teu filho, o rei, acompanhado por seus irmãos aproximando-se do filho do preceptor adorou com grande respeito aquele guerreiro que era um mestre completo da ciência de armas, depois, de fato, que ele tinha completado a tarefa que ele tinha empreendido.'"

21

"Dhritarashtra disse, 'Quando Pandya tinha sido morto e quando aquele principal dos heróis, isto é, Karna estava empenhado em derrotar e destruir o inimigo, o que, ó Sanjaya, Arjuna fez em batalha? Aquele filho de Pandu é um herói dotado de grande força, atento aos seus deveres, e um perfeito mestre da ciência de armas. O próprio Sankara de grande alma o fez invencível entre todas as criaturas. Meus grandes temores procedem daquele Dhananjaya, aquele matador de inimigos. Conte-me, ó Sanjaya, tudo o que Partha realizou lá naquela ocasião.'"

"Sanjaya disse, 'Depois da queda de Pandya, Krishna rapidamente disse para Arjuna essas palavras benéficas, ‘Eu não vejo o Rei. Os outros Pandavas também se retiraram. Se os Parthas tivessem voltado, o vasto exército do inimigo teria sido dividido. No cumprimento dos propósitos nutridos por Ashvatthama, Karna está matando os Srinjayas. Uma grande carnificina está sendo feita (por aquele guerreiro) de cavalos e guerreiros em carros e elefantes.' Assim o heróico Vasudeva descreveu tudo para o ornado com diadema (Arjuna). Ouvindo a respeito e vendo aquele grande perigo de seu irmão (Yudhishthira), Partha dirigiu-se rapidamente a Krishna, dizendo, 'Incite os cavalos, ó Hrishikesha.' Então Hrishikesha prosseguiu naquele carro irresistível. O combate então que teve lugar novamente tornou-se extremamente violento. Os Kurus e os Pandavas se engalfinharam destemidamente mais uma vez uns com os outros, isso é, os Parthas encabeçados por Bhimasena e nós encabeçados pelo filho de Suta. Então, ó melhor dos reis, lá começou de novo uma batalha entre Karna e os Pandavas que aumentou a população do reino de Yama. Com arcos e flechas e maças com pontas e espadas e lanças e machados e clavas curtas e Bhushundis e dardos e espadins e machados de batalha e maças e arpões e Kuntas polidos, e flechas curtas e ganchos, os combatentes rapidamente caíram uns sobre os outros, desejosos de tirar a vida uns dos outros. Enchendo o céu, os pontos cardeais do horizonte, os secundários, o firmamento, e a Terra, com o zunido de setas, a vibração de cordas de arcos, o som de palmas, e o estrépito de rodas de carros, inimigos avançaram em inimigos. Alegrados por aquele barulho alto, heróis lutaram com heróis desejosos de alcançar o fim das hostilidades. Alto se tornou o barulho causado pelo som de cordas de arcos e proteções e arcos, o grunhido de elefantes, e os gritos de soldados de infantaria e homens caindo. Ouvindo o zunido terrível de flechas e os diversos gritos de bravos guerreiros, as tropas se assustaram, ficaram pálidas, e caíram. Grandes números daqueles inimigos assim empenhados em gritar e disparar armas, o heróico filho de Adhiratha subjugou com suas flechas. Com suas flechas Karna então despachou para a residência de Yama vinte guerreiros em carros entre os bravos heróis Pancala, com seus cavalos, motoristas, e bandeiras. Então muitos dos guerreiros principais do exército Pandava, dotados de grande energia e rápidos no uso de armas, se volvendo rapidamente, cercaram Karna por todos os lados. Karna agitou aquela tropa hostil com chuvas de armas como o líder de uma manada de elefantes

mergulhando em um lago adornado com lotos e coberto com cisnes. Penetrando no meio de seus inimigos, o filho de Radha, vibrando o melhor dos seus arcos, começou a cortar e derrubar suas cabeças com suas flechas afiadas. Os escudos e cotas de malha dos guerreiros, cortados, caíam no chão. Não havia ninguém entre eles que precisasse do toque de uma segunda flecha de Karna. Como um motorista atingindo os cavalos com o chicote, Karna, com suas flechas capazes de subjugar cotas de malha e corpos e a vida que os animava, atingia as proteções (de seus inimigos) perceptíveis somente por suas cordas de arco. Como um leão oprimindo bandos de veados, Karna subjugava rapidamente todos aqueles Pandus e Srinjayas e Pancalas que chegavam dentro do alcance de suas flechas. Então o chefe dos Pancalas, e os filhos de Draupadi, ó senhor, e os gêmeos, e Yuyudhana, se unindo, procederam contra Karna. Quando aqueles Kurus, e Pancalas e Pandus estavam assim engajados em batalha, os outros guerreiros, indiferentes às suas próprias vidas, começaram a atacar uns aos outros. Bem envolvidos em armaduras e cotas de malha e adornados com proteções para a cabeça, combatentes dotados de grande força avançavam em seus inimigos, com maças e clavas curtas e cacetes com ferrões parecendo com varas erguidas do Destruidor, e saltando, ó majestade, e desafiando uns aos outros, proferiam gritos altos. Eles golpeavam uns aos outros, e caíam, atacados uns pelos outros com sangue saindo de seus membros e privados de cérebros e olhos e armas. Cobertos com armas, alguns, enquanto eles jaziam lá com rostos belos como romãs, tendo bocas ornadas com dentes cheias de sangue, pareciam estar vivos. Outros, naquele oceano vasto da batalha, cheios de raiva mutilavam ou feriam ou perfuravam ou derrubavam ou cortavam ou matavam uns aos outros com machados de batalha e flechas curtas e ganchos e arpões e lanças. Mortos uns pelos outros eles caíam, cobertos com sangue e privados de vida como árvores de sândalo cortadas com o machado caindo e derramando enquanto elas caíam seu suco fresco vermelho vivo. Carros destruídos por carros, elefantes por elefantes, homens por homens, e corcéis por corcéis, caíam aos milhares. Bandeiras, e cabeças, e guarda-sóis, e elefantes, trombas, e braços humanos, cortados com flechas de face de navalha ou de cabeça larga ou em forma de meia-lua, caíam sobre o solo. Grandes números também de homens, e elefantes, e carros com corcéis unidos a eles foram destruídos naquela batalha. Muitos bravos guerreiros, mortos por cavaleiros, caíam, e muitos elefantes, com suas trombas cortadas, e bandeiras e estandartes (em seus corpos), caíam como montanhas caídas. Atacados por soldados a pé, muitos elefantes e carros, destruídos ou sendo destruídos, caíam por todos os lados. Cavaleiros, enfrentando soldados a pé com energia, eram mortos pelos últimos. Similarmente multidões de soldados de infantaria, mortos por cavaleiros, jaziam sobre o campo. As faces e os membros daqueles mortos naquela batalha terrível pareciam lotos esmagados e coroas florais murchas. As belas formas de elefantes e cavalos e seres humanos, ó rei, então pareciam tecidos sujos com lama, e se tornaram muito repulsivos de se olhar.'"

22

"Sanjaya disse, 'Muitos guerreiros em elefantes montados em seus animais, incitados por teu filho, procederam contra Dhrishtadyumna, cheios de raiva e desejosos de executar sua destruição. Muitos dos combatentes principais hábeis em lutar de elefantes, pertencentes aos habitantes do Leste, aos habitantes do Sul, os Angas, os Vangas, os Pundras, os Magadhas, os Tamraliptakas, os Mekalas, os Koshalas, os Madras, os Dasharnas, os Nishadas junto com os Kalingas, ó Bharata, e despejando flechas e lanças e setas como nuvens torrenciais, encharcaram o exército Pancala com isso naquela batalha. O filho de Prishata cobriu com suas flechas e setas aqueles elefantes (esmagadores de inimigos) incitados adiante por seus condutores com calcanhares e pontas do pé e ganchos. Cada um daqueles animais que eram enormes como colinas, o herói Pancala perfurou com dez, oito, ou seis flechas afiadas, ó Bharata. Vendo o príncipe dos Pancalas coberto por aqueles elefantes como sol pelas nuvens, os Pandus e os Pancalas procederam em direção a ele (para resgatá-lo) proferindo rugidos altos e armados com armas afiadas. Despejando suas armas sobre aqueles elefantes, aqueles guerreiros começaram a dançar a dança de heróis, ajudados pela música das cordas de seus arcos e o som de suas palmas, e instigados por heróis marcando o compasso. Então Nakula e Sahadeva, e os filhos de Draupadi, e os Prabhadrakas, e Satyaki, e Shikhandi, e Chekitana dotados de grande energia, todos aqueles heróis encharcaram aqueles elefantes de todos os lados com suas armas, como as nuvens encharcando as colinas com suas chuvas. Aqueles elefantes furiosos, instigados por guerreiros Mleccha arrastando com suas trombas homens e cavalos e carros, os esmagavam com seus pés. E alguns eles perfuravam com as pontas de suas presas, e alguns eles erguiam alto e jogavam violentamente no chão; outros erguidos no alto nas presas daqueles animais enormes caíam inspirando espectadores com medo. Então Satyaki, perfurando os órgãos vitais do elefante pertencente ao rei dos Vangas que estava diante dele, com uma flecha longa dotada de grande impetuosidade, o fez cair no campo de batalha. Então Satyaki perfurou com outra flecha longa o peito do condutor a quem ele até agora não tinha podido tocar, exatamente quando o último estava prestes a pular das costas de seu animal. Assim atingido por Satwata, ele caiu no chão.'"

"'Enquanto isso Sahadeva, com três flechas disparadas com grande cuidado, atingiu o elefante de Pundra, quando ele avançou contra ele como uma montanha movente, privando-o de seu estandarte e condutor e armadura e vida. Tendo assim cortado aquele elefante, Sahadeva procedeu contra o chefe dos Angas.'"

"'Nakula, no entanto, fazendo Sahadeva desistir, ele mesmo afligiu o soberano dos Angas com três flechas longas, cada uma parecendo a vara de Yama, e o elefante de seu inimigo com cem flechas. Então o soberano dos Angas arremessou em Nakula oitocentas lanças brilhantes como os raios do sol. Cada uma dessas Nakula cortou em três fragmentos. O filho de Pandu então cortou a cabeça de seu antagonista com uma flecha em forma de meia-lua. Nisso aquele rei Mleccha, privado de vida, caiu com o animal que ele montava. Após a queda

do príncipe dos Angas que era bem hábil em condução de elefantes, os homens em elefantes dos Angas, cheios de raiva, procederam com velocidade contra Nakula, sobre seus elefantes enfeitados com pendões que ondulavam no ar, possuindo bocas excelentes, ornados com mantas de ouro, e parecendo com montanhas ardentes, pelo desejo de moê-lo em pedaços. E muitos Mekalas e Utkalas, e Kalingas, e Nishadas, e Tamraliptakas, também avançaram contra Nakula, despejando suas flechas e lanças, desejosos de matá-lo. Então os Pandus, os Pancalas, e os Somakas, cheios de raiva, avançaram com velocidade para o resgate de Nakula encoberto por aqueles guerreiros como o sol pelas nuvens. Então ocorreu uma batalha violenta entre aqueles guerreiros em carros e homens em elefantes, os primeiros despejando suas setas e flechas e os últimos suas lanças aos milhares. Os globos frontais e outros membros e as presas e enfeites dos elefantes, muito perfurados por flechas, foram partidos e mutilados. Então Sahadeva, com sessenta e quatro flechas impetuosas, matou rapidamente oito daqueles elefantes enormes os quais caíram com seus condutores. E Nakula também, aquele alegrador de sua linhagem, curvando seu arco excelente com grande vigor, com muitas flechas retas, matou muitos elefantes. Então o príncipe Pancala, e o neto de Sini (Satyaki) e os filhos de Draupadi e os Prabhadrakas, e Shikhandi encharcaram aqueles elefantes enormes com chuvas de flechas. Então por causa daquelas nuvens carregadas de chuva constituídas pelos guerreiros Pandava, aquelas colinas, constituídas pelos elefantes do inimigo, caíram, derrubados por torrentes de chuva formadas por suas numerosas flechas, como montanhas verdadeiras derrubadas por um temporal. Aqueles líderes dos guerreiros em carros Pandava então, matando dessa maneira aqueles teus elefantes lançaram seus olhos no exército hostil, o qual, enquanto ele fugia naquele momento parecia um rio cujos continentes tivessem sido levados pela água. Aqueles guerreiros do filho de Pandu, tendo assim agitado aquele teu exército, o agitaram mais uma vez, e então avançaram contra Karna.'"

23

"Sanjaya disse, 'Enquanto Sahadeva, cheio de raiva, estava assim destruindo tua hoste, Duhshasana, ó grande rei, procedeu contra ele, o irmão contra o irmão. Vendo aqueles dois envolvidos em combate terrível, todos os grandes guerreiros em carros proferiram gritos leoninos e agitaram suas peças de roupa. Então, ó Bharata, o poderoso filho de Pandu foi atingido no peito com três flechas por teu filho enfurecido armado com arco. Então Sahadeva, ó rei, tendo primeiro perfurado teu filho com uma flecha, perfurou-o novamente com setenta flechas, e então seu motorista com três. Então Duhshasana, ó monarca, tendo cortado o arco de Sahadeva naquela grande batalha, perfurou o próprio Sahadeva com setenta e três flechas nos braços e no peito. Então Sahadeva cheio de ira pegou uma espada, naquele combate terrível, e a girando, arremessou-a rapidamente em direção ao carro do teu filho. Cortando o arco de Duhshasana com corda e flechas fixadas nele, aquela espada caiu no chão como uma cobra do firmamento. Então o valente Sahadeva pegando outro arco disparou uma flecha mortal em

Duhshasana. O guerreiro Kuru, no entanto, com sua espada de gume afiado cortou em dois fragmentos aquela flecha, brilhante como a vara da Morte, enquanto ela corria em direção a ele. Então girando aquela espada afiada, Duhshasana arremessou-a rapidamente naquela batalha em seu inimigo. Enquanto isso aquele guerreiro valente pegou outro arco com uma flecha. Sahadeva, no entanto, com a maior facilidade, cortou, com suas flechas afiadas, aquela espada enquanto ela corria em direção a ele, e a fez cair naquela batalha. Então, ó Bharata, teu filho, naquela batalha terrível, disparou rapidamente sessenta e quatro flechas no carro de Sahadeva. Sahadeva, no entanto, ó rei, cortou cada uma daquelas numerosas flechas enquanto elas corriam com grande impetuosidade em direção a ele, com cinco flechas dele. Detendo então aquelas flechas poderosas disparadas por teu filho, Sahadeva, naquela batalha, disparou um grande número de flechas em seu inimigo. Cortando cada uma daquelas flechas com três flechas dele, teu filho proferiu um grito alto, fazendo a terra inteira ressoar com ele. Então Duhshasana, ó rei, tendo perfurado Sahadeva naquela batalha, atingiu o motorista do último com nove flechas. O bravo Sahadeva então, ó monarca, cheio de raiva, fixou na corda do seu arco uma flecha terrível parecendo o próprio Destruidor e esticando violentamente o arco, ele disparou aquela flecha no teu filho. Atravessando com grande velocidade sua armadura e corpo fortes, aquela flecha entrou na terra, ó rei, como uma cobra penetrando em um formigueiro. Então teu filho, aquele grande guerreiro em carro, desmaiou, ó rei. Vendo ele privado de seus sentidos, seu motorista rapidamente levou o carro para longe, ele mesmo atingido violentamente todo o tempo com flechas afiadas. Tendo derrotado o guerreiro Kuru dessa maneira, o filho de Pandu, vendo a divisão de Duryodhana, começou a oprimi-la por todos os lados. De fato, ó rei, como um homem excitado com fúria aniquila um enxame de formigas, assim mesmo, ó Bharata, aquele filho de Pandu começou aniquilar a hoste Kaurava.'"

24

"Sanjaya disse, 'Enquanto Nakula estava empenhado em destruir e desbaratar as divisões Kaurava em batalha com grande força, o filho de Vikartana Karna, cheio de raiva, o deteve, ó rei. Então Nakula sorrindo dirigiu-se a Karna e disse, 'Depois de um longo tempo, pelo favor dos deuses, eu sou visto por ti, e tu também, ó canalha, se torna o objeto da minha visão. Tu és a causa desses males, dessa hostilidade, dessa briga. É por causa das tuas falhas que os Kauravas estão sendo diminuídos, enfrentando uns aos outros. Matando-te em batalha hoje, eu me considerarei como alguém que alcançou seu objetivo, e a febre do meu coração será dissipada.' Assim endereçado por Nakula, o filho de Suta disse para ele as seguintes palavras adequadas a um príncipe e a um arqueiro em particular, ‘Ataque-me, ó herói. Nós desejamos testemunhar tua coragem. Tendo realizado algumas façanhas em batalha, ó bravo guerreiro, tu deves então te gabar. Ó senhor, aqueles que são heróis lutam em batalha com todas as suas forças, sem se entregarem à vaidade. Lute agora comigo com o melhor do teu poder. Eu suprimirei teu orgulho.' Tendo dito essas palavras o filho

de Suta rapidamente atacou o filho de Pandu e o perfurou, naquele combate, com setenta e três flechas. Então Nakula, ó Bharata, assim perfurado pelo filho de Suta, perfurou o último em retorno com oitenta flechas parecendo cobras de veneno virulento. Então Karna, aquele grande arqueiro, cortando o arco de seu adversário com diversas flechas aladas com ouro e afiadas em pedra, o afligiu com trinta flechas. Aquelas flechas, atravessando sua armadura beberam seu sangue naquela batalha, como os Nagas de veneno virulento bebendo água depois de terem perfurado a Terra. Então Nakula, pegando outro arco formidável cujo dorso era ornado com ouro, perfurou Karna com vinte flechas e seu motorista com três. Então, ó monarca, aquele matador de heróis hostis, isto é, Nakula, cheio de raiva, cortou o arco de Karna com uma flecha de cabeça de navalha de corte excelente. Sorrindo naquele momento, o filho heróico de Pandu então atingiu Karna que estava sem arco, aquele principal dos guerreiros em carros, com trezentas setas. Vendo Karna assim afligido, ó senhor, pelo filho de Pandu, todos os guerreiros em carros lá, com os deuses (no céu), estavam muito admirados. Então o filho de Vikartana Karna pegando outro arco atingiu Nakula com cinco flechas na junta do ombro. Com aquelas flechas fincadas nele neste lugar, o filho de Madri parecia resplandecente como o sol com seus próprios raios quando derrama sua luz sobre a Terra. Então Nakula perfurando Karna com sete flechas, mais uma vez, ó senhor, cortou um dos cornos do arco de Karna. Então Karna, pegando naquela batalha um arco mais resistente, encheu o céu por todos os lados de Nakula com suas setas. O poderoso guerreiro em carro, Nakula, no entanto, assim encoberto de repente pelas flechas disparadas do arco de Karna cortou rapidamente todas aquelas flechas com suas próprias flechas. Então era visto espalhado no céu um vasto número de flechas como o espetáculo apresentado pelo céu quando ele está cheio de miríades de vaga-lumes errantes. De fato, o céu coberto com aquelas centenas de flechas disparadas (por ambos os guerreiros) parecia, ó monarca, como se ele estivesse coberto com enxames de gafanhotos. Aquelas flechas, decoradas com ouro, emergindo repetidamente em linhas contínuas, pareciam belas como fileiras de garças quando voando pelo céu. Quando o céu estava assim coberto com chuvas de flechas e o próprio sol escondido de vista, nenhuma criatura percorrendo o ar podia descer sobre a Terra. Quando todos os lados estavam assim cobertos com chuvas de flechas, aqueles dois guerreiros de grande alma pareciam resplandecentes como dois Sóis surgidos no fim do Yuga. Massacrados pelas flechas que emanavam do arco de Karna os Somakas, ó monarca, imensamente afligidos e sentindo muita dor, começaram a dar seus últimos suspiros. Similarmente, teus guerreiros, atingidos pelas flechas de Nakula, se dispersaram para todos os lados, ó rei, como nuvens agitadas pelo vento. Os dois exércitos assim massacrados por aqueles dois guerreiros com suas flechas celestes poderosas, se retiraram do alcance daquelas flechas e permaneceram como espectadores do combate. Quando ambos os exércitos foram rechaçados por meio das flechas de Karna e Nakula, aqueles dois guerreiros de grande alma começaram a perfurar um ao outro com chuvas de flechas. Expondo suas armas celestes no campo de batalha, eles rapidamente cobriram um ao outro, cada um desejoso de realizar a destruição do outro. As flechas disparadas por Nakula, enfeitadas com penas de Kanka e de pavão, cobrindo o filho de Suta, pareciam ficar no céu. Da mesma maneira, as flechas

disparadas pelo filho de Suta naquela batalha terrível, cobrindo o filho de Pandu, pareciam permanecer no céu. Encobertos dentro de câmaras de flechas, ambos os guerreiros ficaram invisíveis, como o Sol e a Lua, ó rei, ocultos pelas nuvens. Então Karna, cheio de raiva e assumindo um aspecto terrível na batalha, cobriu o filho de Pandu com chuvas de flechas de todos os lados. Completamente coberto, ó monarca, pelo filho de Suta, o filho de Pandu não sentiu dor como o Criador do dia quando coberto pelas nuvens. O filho de Adhiratha então, sorrindo, disparou linhas de flechas, ó senhor, às centenas e milhares, naquela batalha. Com aquelas flechas de Karna de grande alma, uma sombra extensa pareceu repousar sobre o campo de batalha. De fato, com aquelas flechas excelentes saindo incessantemente (de seu arco), uma sombra foi causada lá como aquela formada pelas nuvens. Então Karna, ó monarca, cortando o arco de Nakula de grande alma, derrubou o motorista do último do nicho do carro com a maior facilidade. Com quatro flechas afiadas, em seguida, ele rapidamente despachou os quatro corcéis de Nakula, ó Bharata, para a residência de Yama. Com suas flechas, ele também cortou em fragmentos miúdos aquele excelente carro de seu antagonista como também seu estandarte e os protetores das rodas de seu carro, e maça, e espada, e escudo decorado com cem luas, e outros utensílios e equipamentos de batalha. Então Nakula, sem cavalos e sem carro e sem armadura, ó monarca, descendo rapidamente de seu carro, ficou de pé, armado com uma clava com pontas. Até aquela clava terrível, assim erguida pelo filho de Pandu, o filho de Suta, ó rei, cortou com muitas flechas afiadas capazes de suportar uma grande tensão. Vendo seu adversário sem armas, Karna começou a atacá-lo com muitas flechas retas, mas tomou cuidado para não afligi-lo muito. Atingido dessa maneira naquela batalha por aquele poderoso guerreiro habilidoso com armas, Nakula, ó rei, fugiu precipitadamente em grande aflição. Dando risada repetidamente, o filho de Radha o perseguiu e colocou seu arco encordoado, ó Bharata, em volta do pescoço de Nakula que se retirava. Com o arco grande em volta de seu pescoço, ó rei, o filho de Pandu parecia resplandecente como a Lua no firmamento quando dentro de uma auréola circular de luz, ou uma nuvem branca envolta pelo arco de Indra. Então Karna, dirigindo-se a ele, disse, 'As palavras que tu proferiste eram vãs. Tu podes proferir elas agora mais uma vez em alegria, repetidamente atingido como tu és por mim? Ó filho de Pandu, não lute novamente com aqueles entre os Kurus que são possuidores de maior força. Ó criança, lute com aqueles que são teus iguais. Ó filho de Pandu, não sinta qualquer vergonha por isso. Volte para casa, ó filho de Madri, ou vá para lá onde Krishna e Phalguna estão.' Tendo se dirigido a ele dessa maneira ele o abandonou então. Conhecedor da moralidade como o bravo Karna era, ele então não matou Nakula que já estava dentro das mandíbulas da morte. Lembrando-se das palavras de Kunti, ó rei, Karna deixou Nakula ir. O filho de Pandu, assim solto, ó rei, por aquele arqueiro, o filho de Suta, procedeu em direção ao carro de Yudhishthira em grande vergonha. Chamuscado pelo filho de Suta, ele então subiu no carro de seu irmão, e queimando com aflição ele continuou a suspirar como uma cobra mantida dentro de um jarro. Enquanto isso Karna, tendo derrotado Nakula, procedeu rapidamente contra os Pancalas, sobre aquele carro dele o qual tinha muitas flâmulas deslumbrantes e cujos corcéis eram tão brancos quanto a Lua. Lá, ó monarca, um grande tumulto se ergueu entre os Pandavas quando eles viram o líder do exército Kaurava

procedendo em direção às multidões de carros Pancala. O filho de Suta, ó monarca, fez um grande massacre lá naquela hora quando o Sol tinha alcançado o meridiano, aquele guerreiro pujante se movendo rapidamente todo o momento com a energia de uma roda. Nós vimos muitos guerreiros em carros Pancala levados para longe da batalha em seus carros sem cavalos e sem motorista com rodas quebradas e eixos quebrados e com bandeiras e flâmulas também que estavam quebradas e rasgadas, ó majestade. E muitos elefantes eram vistos vagar lá em todas as direções (com membros chamuscados por flechas) como indivíduos de sua espécie na floresta ampla com membros chamuscados e queimados em um incêndio florestal. Outros com seus globos frontais partidos abertos, ou banhados em sangue, ou com trombas cortadas, ou com suas armaduras derrubadas, ou seus rabos cortados, caíam, atingidos por Karna de grande alma, como nuvens dispersas. Outros elefantes, assustados pelas flechas e lanças do filho de Radha procederam contra o próprio filho de Radha como insetos em direção a um fogo ardente. Outros elefantes enormes eram vistos batendo uns contra os outros e derramando sangue de vários membros como montanhas com riachozinhos escorrendo por seus leitos. Corcéis da raça principal, privados de peito de armas e seus ornamentos de prata e cobre e ouro, desprovidos de arreios e freios e rabos de iaque e xairéis, com aljavas caídas de suas costas, e com seus cavaleiros heróicos, ornamentos de batalha, mortos, eram vistos vagando lá e cá no campo. Perfurados e cortados com lanças e cimitarras e espadas, ó Bharata, nós vimos muitos cavaleiros adornados com armadura e proteção para a cabeça, mortos ou sendo mortos ou tremendo com medo, e privados, ó Bharata, de diversos membros. Carros também, decorados com ouro, e aos quais estavam unidos cavalos de grande velocidade, eram vistos por nós arrastados com excessiva velocidade para lá e para cá, seus condutores tendo sido mortos. Alguns desses tinham seus eixos e postes quebrados, e alguns, ó Bharata, tinham suas rodas quebradas; e alguns estavam sem estandartes e bandeiras, e alguns estavam privados de seus varais. Muitos guerreiros em carros também eram vistos lá, por nós, ó monarca, vagando por toda parte, privados de seus carros e chamuscados pelas flechas do filho de Suta. E alguns desprovidos de armas e alguns com armas ainda em seus braços eram vistos jazendo sem vida sobre o campo em grandes números. E muitos elefantes também eram vistos por nós, vagando em todas as direções, enfeitados com grupos de estrelas, adornados com fileiras de belos sinos, e ornados com faixas variadas de diversas cores. Cabeças e braços e peitos e outros membros, cortados por flechas disparadas do arco de Karna, foram vistos por nós jazendo espalhados. Uma calamidade grande e terrível alcançou os guerreiros (do exército Pandava) quando eles lutaram com flechas afiadas, e mutilados como eles foram pelas flechas de Karna. Os Srinjayas, massacrados naquela batalha pelo filho de Suta, procediam cegamente contra a pessoa do último como insetos avançando em um fogo ardente. De fato, quando aquele poderoso guerreiro em carro estava empenhado em chamuscar as divisões Pandava, os Kshatriyas o evitavam, considerando-o o ardente fogo Yuga. Aqueles heróicos e poderosos guerreiros em carros dos Pancalas que sobreviveram ao massacre fugiram. O bravo Karna, no entanto, perseguiu aqueles guerreiros divididos e que se retiravam de trás, disparando suas flechas neles. Dotado de grande energia, ele perseguiu aqueles

combatentes privados de armaduras e desprovidos de estandartes. De fato, o filho de Suta, possuidor de grande poder, continuou a chamuscá-los com suas flechas, como o dissipador da escuridão chamuscando todas as criaturas quando ele alcança ao meridiano.'"

25

"Sanjaya disse, 'Contra Yuyutsu que estava empenhado em derrotar o exército vasto do teu filho, Uluka procedeu com velocidade dizendo: 'Espere, Espere.' Então Yuyutsu, ó rei, com uma flecha alada de fio afiado atingiu Uluka com grande força, como (o próprio Indra atingindo) uma montanha com o raio. Cheio de fúria por isto, Uluka, naquela batalha, cortou o arco do teu filho com uma flecha de cabeça de navalha e atingiu teu próprio filho com uma flecha farpada. Jogando fora aquele arco quebrado, Yuyutsu, com olhos vermelhos de raiva, pegou outro arco formidável dotado de grande ímpeto. O príncipe então, ó touro da raça Bharata, perfurou Uluka com sessenta flechas. Perfurando em seguida o motorista de Uluka, Yuyutsu atingiu Uluka mais uma vez. Então Uluka, cheio de raiva perfurou Yuyutsu com vinte flechas adornadas com ouro, e então cortou seu estandarte feito de ouro. Aquele estandarte alto e magnífico feito de ouro, ó rei, assim cortado (por Uluka), caiu na frente do carro de Yuyutsu. Vendo seu estandarte cortado, Yuyutsu, privado de sua razão pela cólera, atingiu Uluka com cinco flechas no centro do peito. Então Uluka, ó senhor, naquela batalha, cortou, com uma flecha de cabeça larga embebida em óleo, a cabeça do motorista de seu antagonista, ó melhor dos Bharatas. Matando em seguida seus quatro corcéis ele atingiu o próprio Yuyutsu com cinco flechas. Profundamente atingido pelo forte Uluka, Yuyutsu procedeu para outro carro. Tendo derrotado ele em batalha, ó rei, Uluka procedeu rapidamente em direção aos Pancalas e aos Srinjayas e começou a matá-los com flechas afiadas. Teu filho Srutakarman, ó monarca, dentro de metade do tempo utilizado em um piscar de olhos, destemidamente fez Satanika ficar sem cavalos e sem motorista e sem carro. O poderoso guerreiro em carro Satanika, no entanto, ficando em seu carro sem cavalos, ó majestade, arremessou uma maça, cheio de raiva, no teu filho. Aquela maça, reduzindo o carro do teu filho com seus corcéis e motorista a fragmentos, caiu sobre a terra com grande velocidade, e a penetrou. Então aqueles dois heróis, ambos aumentadores da glória dos Kurus, privados de seus carros, se retiraram do combate, encarando um ao outro. Então teu filho, dominado pelo medo, subiu no carro de Vivingsu, enquanto Satanika subiu rapidamente no carro de Prativindhya. Shakuni, cheio de raiva, perfurou Sutasoma com muitas flechas afiadas, mas fracassou em fazer o último tremer como uma torrente de água falhando em produzir qualquer impressão sobre uma montanha. Vendo aquele grande inimigo de seu pai, Sutasoma cobriu Shakuni, ó Bharata, com muitos milhares de flechas. Shakuni, no entanto, aquele guerreiro de pontaria certeira e conhecedor de todos os métodos de guerra, impulsionado pelo desejo de batalha, cortou rapidamente todas aquelas flechas com suas próprias flechas aladas. Tendo detido aquelas flechas com suas próprias flechas afiadas em batalha, Shakuni, cheio de raiva, atingiu Sutasoma com três flechas. Teu cunhado então, ó monarca, com suas flechas cortou em

fragmentos miúdos os corcéis, a bandeira, e o motorista de seu adversário, pelo que todos os espectadores proferiram um grito alto. Privado de seus cavalos e carro, e tendo sua bandeira cortada, ó senhor, o grande arqueiro (Sutasoma), pulando de seu carro, permaneceu no chão, tendo pegado um bom arco. E ele disparou um grande número de flechas equipadas com asas douradas e afiadas em pedra, e encobriu com elas o carro de seu cunhado naquela batalha. O filho de Subala, no entanto, vendo aquelas chuvas de setas que pareciam enxames de gafanhotos, vindo em direção a seu carro, não tremeu. Por outro lado, aquele guerreiro ilustre despedaçou todas aquelas setas com suas próprias setas. Os guerreiros que estavam presentes lá, como também os Siddhas no firmamento, ficaram muito satisfeitos pela visão daquela façanha extraordinária e incrível de Sutasoma, visto que ele lutou a pé com Shakuni permanecendo em seu carro. Então Shakuni, com diversas flechas de cabeça larga de grande impetuosidade, afiadas e perfeitamente retas, cortou, ó rei, o arco de Sutasoma como também suas aljavas. Sem arco, e sem carro, Sutasoma então, erguendo uma cimitarra da cor do lótus azul e equipada com um cabo de marfim, proferiu um grito alto. Aquela cimitarra do inteligente Sutasoma da cor do céu límpido, quando ela foi girada por aquele herói, foi considerada por Shakuni como sendo tão fatal quanto a vara da Morte. Armado com aquela cimitarra ele começou repentinamente a correr em círculos sobre a arena, expondo, ó monarca, as catorze diferentes espécies de manobras, dotado como ele era de habilidade e força. De fato, ele expôs naquela batalha todos aqueles movimentos tais como se volver e girar no alto, e fazer ataques de lado e saltar para frente e saltar no alto e correr em cima e avançar para frente e avançar para cima. O valente filho de Subala então disparou diversas flechas em seu inimigo, mas o último cortou-as rapidamente com aquela cimitarra excelente dele quando elas corriam em direção a ele. Cheio de raiva (por isto), o filho de Subala, ó rei, disparou novamente em Sutasoma diversas flechas que pareciam cobras de veneno virulento. Ajudado por sua habilidade e poder, Sutasoma cortou até estas com sua cimitarra, mostrando sua grande presteza, e possuidor como ele era de destreza igual àquela do próprio Garuda. Com uma flecha de cabeça de navalha muito afiada, Shakuni então, ó rei, cortou aquela cimitarra brilhante de seu adversário quando o último se movia rapidamente em círculos diante dele. Assim cortada, (metade daquela) cimitarra grande caiu de repente no chão, enquanto metade, ó Bharata, continuou no punho de Sutasoma. Vendo sua espada cortada, o poderoso guerreiro em carro Sutasoma recuou seis passos e então lançou aquela metade (da cimitarra) a qual ele tinha em seu punho no seu inimigo. O fragmento ornado com ouro e pedras preciosas, cortando o arco, com corda, do ilustre Shakuni, rapidamente caiu no chão. Então Sutasoma foi para o grande carro de Srutakirti. O filho de Subala também, pegando outro arco formidável e invencível, procedeu em direção ao exército Pandava, matando grandes números de inimigos (no caminho). Vendo o filho de Subala correndo destemidamente em batalha, um tumulto alto, ó rei, se ergueu entre os Pandavas naquela parte do exército. As pessoas testemunharam aquelas divisões grandes e orgulhosas cheias de armas, derrotadas pelo filho ilustre de Subala. Assim como o chefe dos celestiais subjugou o exército Daitya, o filho de Subala destruiu aquele exército dos Pandavas.'"

26

"Sanjaya disse, 'Kripa, ó rei, resistiu a Dhrishtadyumna em batalha, como um Sarabha na floresta resistindo a um leão orgulhoso. Detido pelo filho poderoso de Gautama, o filho de Prishata, ó Bharata, não podia avançar nem um passo. Vendo o carro de Gautama na frente de Dhrishtadyumna, todas as criaturas foram inspiradas com medo e consideraram que a destruição do último estava perto. Guerreiros em carros e cavaleiros, ficando muito desanimados, disseram, 'Sem dúvida, este mais notável dos homens, o filho de Sharadvata de energia poderosa e grande inteligência e versado em armas celestes, está cheio de raiva pela morte de Drona. Irá Dhrishtadyumna hoje escapar das mãos de Gautama? Este vasto exército escapará hoje deste grande perigo? Esse Brahmana não matará todos nós juntos? A forma que ele assumiu hoje, assim como aquela do próprio Destruidor, mostra que ele hoje agirá da mesma maneira do próprio Drona. O preceptor Gautama, dotado de grande agilidade de mãos, é sempre vitorioso em batalha. Possuindo o conhecimento de armas, ele é dotado de grande energia e está cheio de ira.' Diversas palavras como essas, proferidas pelos guerreiros de ambos os exércitos foram, ó monarca, ouvidas lá quando aqueles dois heróis enfrentaram um ao outro. Respirando profundamente em raiva, o filho de Sharadvata Kripa, ó rei, começou a afligir o filho de Prishata em todos os seus membros vitais enquanto o último permanecia inativo. Atacado naquela batalha pelo ilustre Gautama, Dhrishtadyumna, muito estupefato, não sabia o que fazer. Seu motorista então, dirigindo-se a ele disse, 'Não está tudo bem contigo, ó filho de Prishata. Nunca antes eu vi tal calamidade te acontecer em batalha. É um acaso afortunado, parece, que essas flechas, capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais, disparadas por aquele principal dos Brahmanas visando teus membros vitais, não estão te atingindo. Eu logo farei o carro retroceder, como a corrente de um rio lançada de volta pelo mar. Eu penso que aquele Brahmana, por quem tua bravura foi aniquilada, não pode ser morto por ti.' Assim endereçado, Dhrishtadyumna, ó rei, disse lentamente, 'Minha mente está entorpecida, ó senhor, e transpiração cobre meus membros. Meu corpo treme e meus cabelos se arrepiam. Evitando aquele Brahmana em batalha, proceda lentamente para onde Arjuna está, ó quadrigário; chegado na presença de Arjuna ou Bhimasena, a prosperidade pode ser minha. Essa é minha convicção certa.' Então, ó monarca, o quadrigário, incitando os corcéis, procedeu para o local onde o arqueiro poderoso Bhimasena estava lutando com tuas tropas. Vendo o carro, ó senhor, de Dhrishtadyumna se afastando rapidamente daquele local, Gautama o seguiu, disparando centenas de flechas. E aquele castigador de inimigos também soprou sua concha repetidamente. De fato, ele derrotou o filho de Prishata como Indra derrotou o Danava Namuci.'"

"O invencível Shikhandi, a causa da morte de Bhishma, foi naquela batalha, resistido pelo filho de Hridika que sorria repetidamente enquanto ele lutava com o primeiro. Shikhandi, no entanto, enfrentando o poderoso guerreiro em carro dos Hridikas o atingiu com cinco flechas afiadas e de cabeça larga na junta do ombro. Então o poderoso guerreiro em carro Kritavarma cheio de raiva perfurou seu

inimigo com sessenta flechas aladas. Com uma única flecha então, ele cortou seu arco, dando risada. O filho poderoso de Drupada, cheio de ira, pegou outro arco, e se dirigindo ao filho de Hridika, disse, 'Espere, Espere.' Então, ó monarca, Shikhandi disparou em seu inimigo noventa flechas de grande impetuosidade, todas equipadas com asas douradas. Aquelas flechas, no entanto, todas recuaram da armadura de Kritavarma. Vendo aquelas flechas recuarem e espalhadas sobre a superfície da terra, Shikhandi cortou o arco de Kritavarma com uma flecha afiada de cabeça de navalha. Cheio de ira ele atingiu o filho sem arco de Hridika, que então parecia um touro sem chifres, nos braços e no peito, com oitenta flechas. Cheio de fúria mas dilacerado e mutilado com flechas, Kritavarma vomitou sangue por seus membros como um jarro lançando fora a água com a qual ele está cheio. Banhado em sangue, o rei Bhoja parecia belo como uma montanha, ó rei, listrada com correntezas de greda vermelha líquida depois de uma chuva. O pujante Kritavarma então, pegando outro arco com uma corda e uma flecha fixadas nele, atingiu Shikhandi na junta de seu ombro. Com aquelas flechas fincadas na junta do seu ombro, Shikhandi parecia resplandecente como uma árvore nobre com seus galhos e ramos espalhados. Tendo perfurado um ao outro, os dois combatentes estavam banhados em sangue, e pareciam um par de touros que espetaram um ao outro com seus chifres. Esforçando-se cautelosamente para matar um ao outro, aqueles dois poderosos guerreiros em carros se moveram em 1.000 círculos com seus respectivos carros naquela arena. Então Kritavarma, ó rei, naquele combate, perfurou o filho de Prishata com setenta flechas todas as quais eram equipadas com asas de ouro e afiadas em pedra. O soberano dos Bhojas então, aquele principal dos batedores, disparou com grande energia uma flecha terrível e fatal em seu inimigo. Atingido por ela, Shikhandi desmaiou rapidamente. Dominado pelo entorpecimento, ele se sustentou por agarrar seu mastro de bandeira. O motorista então daquele principal dos guerreiros em carros o levou depressa para longe da luta. Chamuscado pela flecha do filho de Hridika ele tomava fôlego após fôlego repetidamente. Depois da derrota do filho heróico de Drupada, ó senhor, o exército Pandava, massacrado por todos os lados, fugiu do campo."

27

"Sanjaya disse, 'Ele de cavalos brancos (Arjuna) também, ó monarca, desbaratou teu exército assim como o vento, se aproximando de uma pilha de algodão, a espalha para todos os lados. Contra ele avançaram os Trigartas, os Sivis, os Kauravas, os Salwas, os Samsaptakas, e aquele exército o qual consistia dos Narayanas. E Satyasena e Candradeva, e Mitradeva e Satrunjaya, e o filho de Susruta, e Citrasena, e Mitravarman, ó Bharata, e o rei dos Trigartas cercado por seus irmãos e por seus filhos que eram todos poderosos arqueiros habilidosos com diversas armas, avançaram repentinamente, disparando e espalhando chuvas de flechas naquela batalha, contra Arjuna, como uma violenta correnteza de água em direção ao oceano. Aqueles guerreiros às centenas de milhares, aproximando-se de Arjuna, pareciam desaparecer como cobras à visão de Garuda. Embora massacrados em batalha, eles contudo não deixaram o filho de

Pandu como insetos, ó monarca, nunca recuando de um fogo ardente. Satyasena, naquele combate, perfurou aquele filho de Pandu com três flechas, e Mitradeva o perfurou com sessenta e três, e Candradeva com sete. E Mitravarman perfurou-o com setenta e três flechas, e o filho de Susruta com sete. E Satrunjaya perfurou-o com vinte, e Susharma com nove. Assim perfurado naquele combate por muitos, Arjuna perfurou todos aqueles reis em retorno. De fato, perfurando o filho de Susruta com sete flechas, ele perfurou Satyasena com três, Satrunjaya com vinte e Candradeva com oito, Mitradeva com cem, Srutasena com três, Mitravarman com nove, e Susharma com oito. Então matando o rei Satrunjaya com diversas flechas afiadas em pedra, ele cortou de seu tronco, a cabeça, ornada com proteção, do filho de Susruta. Sem qualquer demora ele então, com diversas outras flechas, despachou Candradeva para a residência de Yama. Em relação aos outros poderosos guerreiros em carros lutando vigorosamente com ele, ele deteve cada um deles com cinco flechas. Então Satyasena cheio de raiva, arremessou uma lança formidável naquela batalha mirando em Krishna e proferiu um rugido leonino. Aquela lança de boca de ferro tendo uma vara dourada, atravessando o braço esquerdo de Madhava de grande alma, penetrou na terra. Madhava sendo assim perfurado por aquela lança em grande batalha o chicote e as rédeas, ó rei, caíram de suas mãos. Vendo o membro de Vasudeva atravessado, o filho de Pritha Dhananjaya reuniu toda sua fúria e dirigindo-se a Vasudeva disse, 'Ó de braços fortes, leve o carro até Satyasena, ó pujante, para que eu possa, com flechas afiadas, despachá-lo para a residência de Yama.' O ilustre Keshava então, pegando rapidamente o chicote e as rédeas, fez os cavalos levarem o carro para a frente do veículo de Satyasena. Vendo o Soberano do Universo perfurado, o filho de Pritha Dhananjaya, aquele poderoso guerreiro em carro, detendo Satyasena com algumas flechas afiadas, cortou com diversas flechas de cabeça larga de gume excelente a cabeça grande daquele rei enfeitada com brincos, de seu tronco na dianteira do exército. Tendo assim cortado a cabeça de Satyasena, ele então despachou Citravarman com várias flechas afiadas, e então o motorista do último, ó majestade, com uma flecha afiada de dente de bezerro. Cheio de raiva, o poderoso Partha então, com centenas de flechas, derrubou os Samsaptakas às centenas e milhares. Então, ó rei, com uma flecha de cabeça de navalha equipada com asas de prata, aquele poderoso guerreiro em carro cortou a cabeça do ilustre Mitrasena. Cheio de raiva ele então atingiu Susharma na junta do ombro. Então todos os Samsaptakas, cheios de cólera, cercaram Dhananjaya por todos os lados e começaram a afligi-lo com chuvas de armas e fazendo todos os pontos do horizonte ressoarem com seus gritos. Afligido por eles dessa maneira, o poderoso guerreiro em carro Jishnu, de alma incomensurável, dotado de destreza semelhante àquela do próprio Sakra, invocou a arma Aindra. Daquela arma, milhares de flechas, ó rei, começaram a emergir continuamente. Então, ó rei, um barulho alto foi ouvido de carros caindo com bandeiras e aljavas e cangas, e eixos e rodas e tirantes com cordas, de fundos de carros e de cercas madeira em redor deles, de flechas e cavalos e arpões e espadas, e maças e clavas com pontas e dardos e lanças e machados, e Sataghnis equipados com rodas e setas. Coxas e colares e Angadas e Keyuras, ó senhor, e guirlandas e couraças e cotas de malha, ó Bharata, e guarda-sóis e leques e cabeças enfeitadas com diademas jaziam no campo de batalha. Cabeças

adornadas com brincos e olhos belos, e cada uma parecendo a lua cheia, pareciam, enquanto elas jaziam no campo, com estrelas no firmamento. Adornados com pasta de sândalo, belas guirlandas de flores e mantos excelentes, muitos eram os corpos de guerreiros mortos que eram vistos jazendo no solo. O campo de batalha, terrível como ele era, parecia com o céu cheio de formas vaporosas. Com os príncipes mortos e Kshatriyas de grande poder e elefantes e cavalos lançados por terra, a terra se tornou intransitável naquela batalha como se ela estivesse coberta com colinas. Não havia caminho no campo para as rodas do carro do Pandava ilustre, empenhado como ele estava em matar continuamente seus inimigos e derrubar elefantes e cavalos com suas flechas de cabeça larga. Parecia, ó senhor, que as rodas de seu carro paravam apavoradas à visão de si mesmas se movendo rapidamente naquela batalha através daquele lamaçal sangrento. Seus cavalos, no entanto, dotados da velocidade da mente ou do vento, arrastavam com grandes esforços e trabalho aquelas rodas que se recusavam a se mover. Assim massacrada pelo filho de Pandu armado com o arco, aquela hoste fugiu quase inteiramente, sem deixar nem um resto, ó Bharata, lutando com o inimigo. Tendo subjugado grandes números dos Samsaptakas em batalha, o filho de Pritha Jishnu parecia resplandecente, como um fogo brilhante sem fumaça.'"

28

"Sanjaya disse, 'O rei Duryodhana, ó monarca, ele mesmo recebeu Yudhishthira destemidamente, quando o último estava empenhado em disparar grandes números de flechas. O nobre Yudhishthira o justo, perfurando rapidamente teu filho, aquele poderoso guerreiro em carro, quando o último estava avançando em direção a ele com impetuosidade, dirigiu-se a ele, dizendo, 'Espere, Espere.' Duryodhana, no entanto, perfurou Yudhishthira, em retorno, com nove flechas afiadas, e cheio de grande ira atingiu o motorista de Yudhishthira também com uma flecha de cabeça larga. Então o rei Yudhishthira disparou em Duryodhana treze flechas providas de asas de ouro e afiadas em pedra. Com quatro flechas aquele poderoso guerreiro em carro então matou os quatro corcéis de seu inimigo, e com a quinta ele cortou de seu tronco a cabeça do motorista de Duryodhana. Com a sexta flecha ele derrubou a bandeira do rei (Kuru) no chão, com a sétima seu arco, e com a oitava sua cimitarra. E então com mais cinco flechas o rei Yudhishthira o justo afligiu profundamente o monarca Kuru. Teu filho, então, descendo daquele carro sem cavalos, permaneceu no chão em perigo iminente. Vendo-o naquela situação de grande perigo, Karna e o filho de Drona e Kripa e outros se apressaram de repente em direção ao local, desejosos de resgatar o rei. Então os (outros) filhos de Pandu, cercando Yudhishthira, procederam todos para o combate, após o que, ó rei, uma batalha feroz foi lutada. Milhares de trombetas então foram sopradas naquele combate formidável, e um rumor confuso de miríades de vozes ergueu-se lá, ó rei. Lá onde os Pancalas se envolveram em combate com os Kauravas, em batalha, homens se engalfinharam com homens, e elefantes com principais dos elefantes. E guerreiros em carros se engalfinharam com guerreiros em carros, e cavalos com cavalos. E os vários

pares de homens e animais lutando, de grande bravura e armados com diversas espécies de armas e possuidores de grande habilidade apresentavam uma bela visão, ó rei, sobre o campo. Todos aqueles heróis dotados de grande impetuosidade e desejosos de realizar a destruição um do outro, lutaram belamente e com grande energia e habilidade. Observando as práticas (sancionadas) de guerreiros, eles mataram uns aos outros em batalha. Nenhum deles lutava de atrás de outros. Somente por um tempo muito curto aquela batalha apresentou um aspecto belo. Logo ela se tornou um combate de homens loucos, no qual os combatentes não mostravam respeito uns pelos outros. O guerreiro em carro, se aproximando do elefante, perfurava o último com flechas afiadas e o despachava para a presença de Yama por meio de setas retas. Elefantes, se aproximando de cavalos, arrastavam muitos deles naquela batalha, e os dilaceravam (com suas presas) muito ferozmente em diversos lugares. Grandes números de cavaleiros também, cercando muitos dos principais corcéis, faziam um barulho alto com suas palmas, e se engalfinhavam com eles. E aqueles cavaleiros matavam aqueles corcéis enquanto eles corriam para lá e para cá, como também muitos elefantes enormes que vagaram pelo campo, de trás e dos flancos. Elefantes enfurecidos, ó rei, derrotando grande número de cavalos, os matavam com suas presas ou os esmagavam com grande força. Alguns elefantes, cheios de cólera perfuravam com suas presas cavalos com cavaleiros. Outros agarrando-os com grande força os arremessavam no chão com violência. Muitos elefantes, atingidos por soldados a pé se aproveitando das oportunidades apropriadas, proferiam gritos terríveis de dor e fugiam para todos os lados. Entre os soldados de infantaria que fugiram naquela grande batalha jogando ao chão seus ornamentos, houve muitos que foram rapidamente cercados no campo. Guerreiros em elefantes, montados em elefantes enormes, compreendendo indicações de vitória, viravam seus animais e fazendo eles agarrarem aqueles ornamentos belos, faziam os animais perfurá-los com suas presas. Outros soldados de infantaria dotados de grande impetuosidade e poder feroz, cercando aqueles guerreiros em elefantes assim empregados naqueles locais começaram a matá-los. Outros naquela grande batalha, jogados para o alto no ar por elefantes com suas trombas, eram furados por aqueles animais treinados com as pontas de suas presas quando eles caíam. Outros, repentinamente agarrados por outros elefantes, eram privados de vida com suas presas. Outros, levados para longe de suas próprias divisões para o meio de outras, eram, ó rei, mutilados por elefantes enormes que os rolavam repetidamente no chão. Outros, girados no alto como leques, eram mortos naquela batalha. Outros, para lá e para cá no campo, que permaneciam inteiramente na frente de outros elefantes tinham seus corpos extremamente perfurados e dilacerados. Muitos elefantes eram profundamente feridos com lanças e arpões e dardos em suas bochechas e globos frontais e partes entre suas presas. Muito afligidos por ferozes guerreiros em carros e cavaleiros posicionados em seus flancos, muitos elefantes, dilacerados, caíam no chão. Naquela batalha terrível muitos cavaleiros em seus corcéis, atingindo soldados a pé com suas lanças, os prendiam no chão ou os esmagavam com grande força. Alguns elefantes, se aproximando de guerreiros em carros vestidos em armadura, ó senhor, os erguiam alto em cima de seus veículos e os arremessavam com grande força sobre o solo naquela luta violenta e horrível.

Alguns elefantes enormes mortos por meio de flechas do comprimento de uma jarda caíam no chão como topos de montanha partidos pelo trovão. Combatentes, enfrentando combatentes, começavam a golpear uns aos outros com seus punhos, ou agarrando uns aos outros pelo cabelo, começaram a arrastar e jogar no chão e mutilar uns aos outros. Outros, esticando seus braços e jogando seus inimigos no chão, colocavam seus pés em seus peitos e com grande energia cortavam suas cabeças. Algum combatente, ó rei, batia com seus pés em um inimigo que estava morto, e algum, ó rei, cortava com sua espada a cabeça de um inimigo caindo, e algum enfiava sua arma no corpo de um inimigo vivo. Uma batalha feroz ocorreu lá, ó Bharata, na qual os combatentes batiam uns nos outros com punhos ou agarravam o cabelo uns dos outros ou lutavam uns com os outros com braços nus. Em muitos casos, combatentes, usando diversas espécies de armas, tiravam as vidas de combatentes engajados em combate com outros e, portanto, não notados por eles. Durante a continuação daquele combate geral quando todos os combatentes estavam mutilados em batalha, centenas e milhares de troncos sem cabeça se levantavam no campo. Armas e cotas de malha, encharcadas com sangue pareciam brilhantes, como tecidos tingidos com vermelho deslumbrante. Assim mesmo ocorreu aquela batalha violenta marcada pelo terrível som de choque de armas. Como a correnteza louca e rugindo do Ganga ela parecia encher o universo inteiro com seu grande barulho. Afligidos com flechas, os guerreiros fracassavam em distinguir amigos de inimigos. Desejosos de vitória, os reis continuaram lutando porque eles lutavam aquela luta que eles deviam. Os guerreiros matavam amigos e inimigos, com quem eles entravam em contato. Os combatentes de ambos os exércitos eram privados de razão pelos heróis de ambos os exércitos os atacando com fúria. Com carros quebrados, ó monarca, os elefantes lançados por terra, e corcéis jazendo no chão, e homens derrubados, a terra, lodosa com sangue coagulado e carne, e coberta com rios de sangue, logo ficou intransitável. Karna massacrou os Pancalas enquanto Dhananjaya massacrou os Trigartas. E Bhimasena, ó rei, massacrou os Kurus e todas as divisões de elefantes dos últimos. Exatamente assim ocorreu aquela destruição de tropas dos Kurus e dos Pandavas, ambos os partidos tendo sido influenciados pelo desejo de obter grande fama, naquela hora quando o Sol tinha passado o meridiano.'"

29

"Dhritarashtra disse, 'Eu tenho ouvido de ti, ó Sanjaya, a respeito de muitas aflições pungentes e insuportáveis como também das perdas sofridas por meus filhos. A partir do que tu tens dito para mim, da maneira na qual a batalha tem sido lutada, é minha convicção certa, ó Suta, que os Kauravas não vivem mais. Duryodhana foi feito sem carro naquela batalha terrível. Como o filho de Dharma (então) lutou, e como o nobre Duryodhana também lutou em retorno? Como também ocorreu aquela batalha que foi lutada à tarde? Conte-me tudo isso em detalhes, pois tu és hábil em narração, ó Sanjaya.'"

"Sanjaya disse, 'Quando as tropas de ambos os exércitos estavam engajadas em batalha, segundo suas respectivas divisões, teu filho Duryodhana, ó rei, sendo conduzido em outro carro e cheio de raiva como uma cobra de veneno virulento, vendo o rei Yudhishthira o justo, dirigiu-se depressa a seu próprio motorista, ó Bharata, dizendo, 'Prossiga, prossiga, me leve lá rapidamente, ó motorista, onde o filho nobre de Pandu vestido em armadura brilha sob aquele guarda-sol mantido sobre sua cabeça.' Assim induzido pelo rei, o motorista, naquela batalha, rapidamente acelerou o carro vistoso de seu nobre patrão em direção à frente de Yudhishthira. Nisso, Yudhishthira também, cheio de raiva e parecendo com um elefante enfurecido, incitou seu próprio motorista, 'Proceda para onde Suyodhana está.' Então aqueles dois heróis e irmãos e principais dos guerreiros em carros enfrentaram um ao outro. Ambos dotados de grande energia, ambos cheios de fúria, ambos difíceis de serem derrotados em batalha, se aproximando um do outro, aqueles dois arqueiros formidáveis começaram a mutilar um ao outro com suas flechas naquela batalha. Então o rei Duryodhana, naquele combate, ó majestade, com uma flecha de cabeça larga afiada em pedra, cortou em dois o arco do monarca virtuoso. Cheio de raiva, Yudhishthira não pode tolerar aquele insulto. Lançando de lado seu arco quebrado, com olhos vermelhos de ira, o filho de Dharma pegou outro arco na dianteira de suas tropas, e então cortou a bandeira e arco de Duryodhana. Duryodhana então, pegando outro arco, perfurou filho de Pandu. Cheios de raiva, eles continuaram a disparar chuvas de flechas um no outro. Desejosos de subjugar um ao outro, eles pareciam um par de leões furiosos. Eles atacaram um ao outro naquela batalha como um par de touros rugindo. Aqueles poderosos guerreiros em carros continuaram a se mover rapidamente, esperando descobrir os lapsos um do outro. Então feridos por flechas disparadas de arcos puxados até sua máxima extensão os dois guerreiros, ó rei, pareciam resplandecentes como Kinsukas florescendo. Eles então, ó rei, proferiam rugidos leoninos repetidamente. Aqueles dois soberanos de homens, naquela batalha terrível, também faziam sons altos com suas palmas e faziam seus arcos vibrarem ruidosamente. E eles sopraram suas conchas também com grande força. E eles afligiram muito um ao outro. Então o rei Yudhishthira, cheio de raiva, atingiu teu filho no peito com três flechas irresistíveis dotadas da força do trovão. Ele, no entanto, teu filho real perfurou rapidamente, em retorno, com cinco flechas afiadas aladas com ouro e afiadas em pedra. Então o rei Duryodhana, ó Bharata, lançou um dardo capaz de matar todos, muito afiado, e parecendo um tição flamejante. Quando o dardo avançava, o rei Yudhishthira o justo, com flechas afiadas, cortou-o rapidamente em três fragmentos, e então perfurou Duryodhana também com cinco setas. Equipado com vara dourada, e produzindo um zunido alto, aquele dardo então caiu, e enquanto caindo, parecia resplandecente como um tição grande com chamas brilhantes. Vendo o dardo frustrado, teu filho, ó monarca, atingiu Yudhishthira com nove flechas afiadas e de pontas penetrantes. Perfurado profundamente por seu inimigo poderoso, aquele opressor de inimigos rapidamente pegou uma flecha para mirá-la em Duryodhana. O poderoso Yudhishthira então colocou aquela flecha na corda de seu arco. Cheio de raiva e possuidor de grande coragem, o filho de Pandu então a disparou em seu inimigo. Aquela flecha, atingindo teu filho, aquele poderoso guerreiro em carro, o entorpeceu e então (atravessando seu corpo) entrou na terra. Então Duryodhana,

cheio de cólera, erguendo uma maça de grande impetuosidade, avançou no rei Yudhishthira o justo, para terminar as hostilidades (que estavam sendo travadas entre os Kurus e os Pandus). Vendo-o armado com aquela maça erguida e parecendo o próprio Yama com sua clava, o rei Yudhishthira o justo arremessou em teu filho um dardo imenso brilhando com esplendor, dotado de grande ímpeto, e parecendo com um grande tição ardente. Profundamente perfurado no peito por aquele dardo enquanto ele estava em seu carro, o príncipe Kuru, profundamente atormentado, caiu e desmaiou. Então Bhima, lembrando de seu próprio voto, se dirigiu a Yudhishthira, dizendo, 'Este não deve ser morto por ti, ó rei.' Nisso Yudhishthira se absteve de dar em seu inimigo o golpe final. Naquela hora Kritavarma, avançando rapidamente, encontrou teu nobre filho então afundado em um oceano de calamidade. Bhima então, pegando uma maça adornada com ouro e cordas de linho, avançou impetuosamente em direção a Kritavarma naquela batalha. Assim ocorreu a batalha entre tuas tropas e o inimigo naquela tarde, ó monarca, cada um dos combatentes sendo inspirado pelo desejo de vitória.'"

30

"Sanjaya disse, 'Colocando Karna em sua dianteira, teus guerreiros, difíceis de serem derrotados em luta, voltaram e lutaram (com o inimigo) uma batalha que pareceu aquela entre os deuses e os Asuras. Excitados pelo tumulto alto feito por elefantes e homens e carros e corcéis e conchas, homens em elefantes e guerreiros em carros e soldados a pé e cavaleiros, em grandes números, cheios de ira avançaram contra o inimigo e mataram os últimos com golpes de diversos tipos de armas. Elefantes e carros, cavalos e homens, naquela batalha terrível foram destruídos por bravos guerreiros com machados de batalha afiados e espadas e machados e flechas de diversas espécies e por meio também de seus animais. Coberta com cabeças humanas que eram adornadas com dentes brancos e rostos formosos e olhos belos e narizes vistosos, e agraciada com belos diademas e brincos, e todas as quais pareciam o lótus, o Sol, ou a Lua, a terra parecia muito resplandecente. Elefantes e homens e corcéis, aos milhares, foram mortos com centenas de maças com pontas e clavas curtas e dardos e lanças e ganchos e Bhusundis e maças. O sangue que caía formou um rio como correntezas no campo. Por causa daqueles guerreiros em carros e homens e cavalos e elefantes mortos pelo inimigo, e jazendo com feições espectrais e ferimentos muito abertos, o campo de batalha parecia com os domínios do rei dos mortos na época da dissolução universal. Então, ó deus entre homens, tuas tropas, e aqueles touros entre os Kurus, isto é, teus filhos parecendo os filhos dos celestiais, com uma hoste de guerreiros de poder imensurável em sua vanguarda, todos procederam contra Satyaki, aquele touro da raça Sini. Nisso aquela hoste, abundando em muitos principais dos homens e corcéis e carros e elefantes, produzindo um barulho alto como aquele do vasto oceano, e parecendo o exército dos Asuras ou aquele dos celestiais, brilhava com beleza terrível. Então o filho de Surya, parecendo o próprio chefe dos celestiais em destreza e como o irmão mais novo de Indra, atacou aquele principal da linhagem de Sini com flechas cujo

esplendor parecia os raios do sol. Aquele touro da raça Sini também, naquela batalha, então encobriu rapidamente aquele principal dos homens, com seu carro e corcéis e motorista, com diversos tipos de flechas terríveis como o veneno da cobra. Então muitos Atirathas pertencentes ao teu exército, acompanhados por elefantes e carros e soldados de infantaria, se aproximaram rapidamente daquele touro entre os guerreiros em carros, isto é, Vasusena, quando eles viram o último profundamente afligido pelas flechas daquele herói principal da tribo de Sini. Aquele exército, no entanto, vasto como o oceano, atacado por inimigos possuidores da grande rapidez, isto é, os guerreiros Pandava encabeçados pelos filhos de Drupada, fugiram do campo. Naquele momento ocorria uma grande carnificina de homens e carros e cavalos e elefantes. Então aqueles dois principais dos homens, Arjuna e Keshava, tendo dito sua oração diária e devidamente adorado o senhor Bhava, avançaram rapidamente contra tuas tropas, resolvidos a matar aqueles inimigos deles. Seus inimigos (isto é, os Kurus) lançaram seus olhos tristemente naquele carro cujo estrépito parecia o rugido das nuvens e cujas flâmulas ondulavam belamente no ar e que tinha cavalos brancos unidos a ele e que estava indo em direção a eles. Então Arjuna, curvando Gandiva e como se dançando em seu carro, encheu o céu e todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários, com chuvas de flechas, não deixando nem o menor espaço vazio. Como a tempestade destruindo as nuvens, o filho de Pandu destruiu com suas flechas muitos carros parecendo com veículos celestes, que eram bem enfeitados, e equipados com armas e bandeiras, junto com seus motoristas. Muitos elefantes também, com os homens que os guiavam, adornados com faixas triunfais e armas, e muitos cavaleiros com cavalos, e muitos soldados a pé também, Arjuna despachou com suas setas para a residência de Yama. Então Duryodhana procedeu sozinho contra aquele poderoso guerreiro em carro que estava furioso e irresistível e parecia um verdadeiro Yama, atacando-o com suas flechas retas. Arjuna, cortando o arco de seu adversário e motorista e corcéis e estandarte com sete flechas, cortou em seguida seu guarda-sol com uma flecha. Obtendo então uma oportunidade, ele atirou em Duryodhana uma flecha excelente, capaz de tirar a vida da pessoa atingida. O filho de Drona, no entanto, cortou aquela flecha em sete fragmentos. Cortando então o arco do filho de Drona e matando os quatro corcéis do último com suas flechas, o filho de Pandu em seguida cortou o arco formidável de Kripa também. Então cortando o arco do filho de Hridika, ele derrubou a bandeira e cavalos do último. Então cortando o arco de Duhshasana, ele procedeu contra o filho de Radha. Nisto, Karna, deixando Satyaki rapidamente perfurou Arjuna com três flechas e Krishna com vinte, e Partha outra vez repetidamente. Embora fossem muitas as flechas que ele disparava enquanto matando seus inimigos naquela batalha, como o próprio Indra inspirado com cólera, Karna ainda não sentia fadiga. Enquanto isso Satyaki, se aproximando, perfurou Karna com noventa e nove flechas ardentes, e mais uma vez com cem. Então todos os principais heróis entre os Parthas começaram a afligir Karna. Yudhamanyu e Shikhandi e os filhos de Draupadi e os Prabhadrakas, e Uttamauja e Yuyutsu e os gêmeos e Dhrishtadyumna, e as divisões dos Cedis e os Karushas e os Matsyas e Kaikeyas, e o poderoso Chekitana, e o rei Yudhishthira de votos excelentes, todos esses, acompanhados por carros e corcéis e elefantes, e soldados de infantaria de destreza feroz, cercaram Karna por todos os lados

naquela batalha, e despejaram sobre ele diversas espécies de armas, dirigindo-se a ele em palavras duras e resolvidos a executar sua destruição. Cortando aquela chuva de armas com suas flechas afiadas, Karna dispersou seus atacantes pelo poder de suas armas como o vento derrubando as árvores que ficam em seu caminho. Cheio de fúria, Karna era visto destruir guerreiros em carros, e elefantes com seus condutores, e cavalos com cavaleiros, e grandes grupos de soldados a pé. Massacrado pela energia das armas de Karna, quase o total daquele exército dos Pandavas, privado de armas, e com membros mutilados e rompidos, se retirou do campo. Então Arjuna, sorrindo, frustrou com suas próprias armas as armas de Karna e cobriu o céu, a terra, e todos os pontos do horizonte com chuvas densas de flechas. As flechas de Arjuna caíram como clavas pesadas e maças com pontas. E algumas entre elas caíram como Sataghnis e algumas caíram como raios ardentes. Massacrado com isso, o exército Kaurava consistindo em infantaria e cavalos e carros e elefantes, fechando seus olhos, proferiu lamentos altos de dor e vagou insensatamente. Muitos foram os corcéis e homens e elefantes que pereceram naquela ocasião. Muitos, além disso, atingidos por flechas e profundamente afligidos fugiram com medo.'"

"'Enquanto teus guerreiros estavam assim engajados em batalha pelo desejo de vitória, o sol se aproximando da Montanha do Ocaso, entrou nela. Por causa da escuridão, ó rei, mas especialmente devido à poeira, nós não podíamos perceber qualquer coisa favorável ou desfavorável. Os arqueiros poderosos (entre os Kauravas), temendo uma luta noturna, ó Bharata, então se retiraram do campo, acompanhados por todos os seus combatentes. Após a retirada dos Kauravas, ó rei, no fim do dia, os Parthas, alegres por terem obtido a vitória, também se retiraram para seu próprio acampamento, zombando de seus inimigos por produzirem diversas espécies de sons com seus instrumentos musicais, e aplaudindo Acyuta e Arjuna. Depois que aqueles heróis tinham assim retirado o exército, todas as tropas e todos os reis proferiram bênçãos sobre os Pandavas. A retirada tendo sido feita, aqueles homens impecáveis, os Pandavas, ficaram muito contentes, e procedendo para suas tendas descansaram lá à noite. Então Rakshasas e Pishacas, e animais carnívoros em grandes números foram àquele medonho campo de batalha parecendo a área de diversão do próprio Rudra.'"

31

"Dhritarashtra disse, 'Parece que Arjuna matava vocês todos à vontade. De fato, o próprio Destruidor não poderia escapar dele em batalha, se Arjuna utilizasse armas contra Ele. Sozinho, Partha raptou Bhadra, e sem ajuda, ele gratificou Agni. Sem ajuda, ele subjugou a Terra inteira, e fez todos os reis pagarem tributo. Sozinho, com seu arco celeste ele matou os Nivatakavachas. Sozinho, ele lutou em batalha com Mahadeva que ficou diante dele no disfarce de um caçador. Sozinho, ele protegeu os Bharatas, e sem ajuda, ele gratificou Bhava. Sozinho, foram subjugados por ele todos os reis da Terra dotados de bravura feroz. Os Kurus não podem ser criticados. Por outro lado, eles merecem louvor

(por terem lutado com tal guerreiro). Diga-me agora o que eles fizeram. Conte-me também, ó Suta, o que Duryodhana fez depois disso.'"

"Sanjaya disse, 'Atingidos e feridos e derrubados de seus veículos e privados de armaduras e desprovidos de armas e seus animais mortos, com vozes queixosas e queimando de dor e vencidos por seus inimigos, os Kauravas vaidosos, entrando em suas tendas mais uma vez trocaram idéias uns com os outros. Eles então pareciam com cobras privadas de presas e veneno pisadas por outros. Para eles, Karna, suspirando como uma cobra enfurecida, apertando suas mãos, e olhando para teu filho, disse, 'Arjuna é sempre cuidadoso, firme, possuidor de habilidade, e dotado de inteligência. Além disso, quando chega o momento, Vasudeva o alerta (para o que deve ser feito). Hoje, por meio daquela repentina chuva de armas nós fomos enganados por ele. Amanhã, no entanto, ó senhor da Terra, eu irei frustrar todos os seus propósitos.' Assim endereçado por Karna, Duryodhana disse, 'Assim seja,' e então concedeu permissão para aqueles principais dos reis se retirarem. Mandados pelo rei, todos aqueles soberanos procederam para suas respectivas tendas. Tendo passado a noite tranquilamente, eles alegremente saíram para a batalha (no dia seguinte). Eles então contemplaram uma ordem de batalha invencível formada pelo rei Yudhishthira o justo, aquele principal da linhagem de Kuru, com grande cuidado, e de acordo com a sanção de Brihaspati e Usanas. Então aquele matador de inimigos, Duryodhana, lembrando-se do heróico Karna, aquele neutralizador de inimigos, aquele guerreiro com pescoço semelhante àquele de um touro, igual ao próprio Purandara em batalha, aos Maruts em poder, e a Kartavirya em energia. De fato, o coração do rei se dirigiu para Karna. E os corações de todas as tropas também se dirigiram para aquele herói, aquele filho de Suta, aquele arqueiro poderoso, como o coração de uma pessoa se volta para um amigo em uma situação de grande perigo.'"

"Dhritarashtra disse, 'O que Duryodhana fez em seguida, ó Suta, quando os corações de todos vocês se voltaram para o filho de Vikarna, Karna? Minhas tropas lançaram seus olhos no filho de Radha como pessoas afligidas pelo frio dirigindo seu olhar em direção ao Sol? Após o recomeço da batalha depois da retirada das tropas, como, ó Sanjaya, o filho de Vikarna Karna lutou? Como também todos os Pandavas lutaram com o filho de Suta? O poderosamente armado Karna iria, sem ajuda, matar os Parthas com os Srinjayas. O poder de armas de Karna se iguala àquele de Sakra ou Vishnu. Suas armas são ferozes, e a bravura também daquele de grande alma é feroz. Confiando em Karna, o rei Duryodhana tinha colocado seu coração na batalha. Vendo Duryodhana profundamente afligido pelo filho de Pandu, e vendo também os filhos de Pandu mostrando grande destreza, o que aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, Karna, fez? Ai, o tolo Duryodhana, confiando em Karna, espera derrotar os Parthas com seus filhos e Keshava em batalha! Ai, é uma causa de grande aflição que Karna não pudesse, com sua força, vencer os filhos de Pandu em batalha! Sem dúvida, o Destino é supremo. Ai, o fim terrível daquela partida de jogo agora se aproxima! Ai, essas tristezas de partir o coração, devido aos atos de Duryodhana, muitas em número e semelhantes a dardos terríveis, estão sendo agora suportadas por mim, ó Sanjaya! Ó senhor, o filho de Subala costumava ser

então considerado como uma pessoa sagaz. Karna também é sempre extremamente afeiçoado ao rei Duryodhana. Ai, quando tal é o caso, ó Sanjaya, por que então eu tenho que ouvir a respeito das derrotas e mortes frequentes de meus filhos? Não há ninguém que possa resistir aos Pandavas em batalha. Eles penetram no meu exército como um homem no meio de mulheres desamparadas. O Destino, de fato, é supremo.'"

"Sanjaya disse, 'Ó rei, pense agora em todas aquelas tuas ações injustas como aquele jogo de dados e outras, ações que tem passado longe dos assuntos de pensamento do homem. Não se deve, no entanto, refletir sobre atos passados. Uma pessoa pode ser arruinada por tal reflexão. Aquele resultado (que tu esperavas) está agora muito distante do ponto de fruição, já que, embora possuidor de conhecimento, tu não refletiste sobre a propriedade e impropriedade de tuas ações então. Muitas vezes tu foste, ó rei, aconselhado contra uma guerra com os Pandavas. Tu, no entanto, ó monarca, não aceitaste aqueles conselhos, por insensatez. Diversas ações pecaminosas de uma natureza grave foram perpetradas por ti contra os filhos de Pandu. Por causa daqueles atos um massacre horrível de reis agora ocorreu. Tudo isso, no entanto, é agora passado. Não te aflija, ó touro da raça Bharata. Ó tu de glória imperecível, ouça agora os detalhes da carnificina terrível que ocorreu.'"

"'Quando amanheceu, Karna foi até o rei Duryodhana. Aproximando-se do rei, o herói de braços fortes disse, 'Eu irei, ó rei, me envolver em batalha hoje com o filho ilustre de Pandu. Ou eu matarei aquele herói hoje, ou ele me matará. Por causa das diversas coisas que eu mesmo e Partha tínhamos que fazer, ó Bharata, um combate, ó rei, não pode até agora ocorrer entre eu mesmo e Arjuna! Escute agora, ó monarca, essas palavras minhas, faladas segundo minha sabedoria. Sem matar Partha em batalha eu não voltarei, ó Bharata. Já que este nosso exército tem sido privado de seus principais guerreiros, e já que eu permanecerei em batalha, Partha avançará contra mim, especialmente porque eu estou desprovido do dardo que Sakra me deu. Portanto, ó soberano de homens, ouça agora o que é benéfico. A energia das minhas armas celestes é igual à energia das armas de Arjuna. Em neutralizar os feitos de inimigos poderosos, em agilidade de mãos, em alcance das flechas disparadas, em habilidade, e em acertar o alvo, Savyasaci nunca é meu igual. Em força física, em coragem, em conhecimento de (armas), em destreza, ó Bharata, em mirar, Savyasaci nunca é meu igual. Meu arco, chamado Vijaya, é a principal de todas as armas (de seu tipo). Desejoso de fazer o que era agradável (para Indra), ele foi feito por Vishakarman (o artífice celeste) para Indra. Com aquele arco, ó rei, Indra venceu os Daityas. Por sua vibração os Daityas contemplaram os dez pontos como estando vazios. Aquele arco, respeitado por todos, Sakra deu para o filho de Bhrigu (Rama). Aquele celeste e principal dos arcos o filho de Bhrigu deu para mim. Com aquele arco eu lutarei em batalha com Arjuna de braços fortes, aquele principal dos guerreiros vitoriosos, como Indra lutando com os Daityas reunidos. Aquele arco formidável, o presente de Rama, é superior ao Gandiva. Foi com aquele arco que a Terra foi subjugada três vezes sete vezes (pelo filho de Bhrigu). Com aquele arco dado a mim por Rama eu lutarei em batalha com o filho de Pandu. Eu irei, ó Duryodhana, te

alegrar hoje com teus amigos, por matar em batalha aquele herói, isto é, Arjuna, aquele principal dos conquistadores. A Terra inteira com suas montanhas e florestas e ilhas, sem um guerreiro heróico (para se opor à tua vontade), ó rei, se tornará tua hoje, sobre a qual tu mesmo com teus filhos e netos reinareis supremos. Hoje não há nada que não possa ser realizado por mim, especialmente quando o objetivo é fazer o que é agradável para ti, assim como o sucesso é incapaz de ser perdido por um asceta zelosamente dedicado à virtude e tendo sua alma sob controle. Arjuna não será capaz de resistir a mim em batalha, assim como uma árvore em contato com fogo é incapaz de suportar aquele elemento. Eu devo, no entanto, declarar em qual aspecto eu sou inferior a Arjuna. A corda de seu arco é celeste, e as duas aljavas grandes dele são inesgotáveis. Seu motorista é Govinda. Eu não tenho ninguém como ele. Dele é aquele divino e principal dos arcos, chamado Gandiva, o qual é irrefreável em batalha. Eu também tenho aquele excelente, celeste, e formidável arco chamado Vijaya. Em relação a nossos arcos, portanto, ó rei, eu sou superior a Arjuna. Escute agora aqueles casos nos quais o filho heróico de Pandu é superior a mim. O portador das rédeas (de seus corcéis) é ele da linhagem de Dasharha que é adorado por todos os mundos. Seu carro celeste ornado com ouro, dado a ele por Agni, é impenetrável em toda parte, e seus corcéis também, ó herói, são dotados da velocidade da mente. Seu estandarte celestial, portando o Macaco resplandecente, é muito extraordinário. Além disso, Krishna, que é Criador do universo, protege aquele carro. Embora inferior a Arjuna em relação a essas coisas, eu ainda desejo lutar com ele. Este Shalya, no entanto, o ornamento de assembléias, é igual a Saurin. Se ele se tornar meu motorista, a vitória certamente será tua. Que Shalya, portanto, que é incapaz de ser resistido por inimigos seja o motorista do meu carro. Que um grande número de carroças leve minhas flechas longas e aquelas que são aladas com penas de urubu. Que diversos dos carros principais, ó monarca, com corcéis excelentes unidos a eles, sempre me sigam, ó touro da raça Bharata. Por meio desses arranjos eu irei, com relação às qualidades mencionadas, ser superior a Arjuna. Shalya é superior a Krishna, e eu sou superior a Arjuna. Como aquele matador de inimigos, isto é, ele da linhagem de Dasharha, conhece a condução de cavalos, assim mesmo é aquele poderoso guerreiro em carro, Shalya, familiarizado com condução de cavalos. Não há ninguém igual ao chefe dos Madras em força de braços. Como não há ninguém igual a mim em armas, assim não há ninguém igual a Shalya em conhecimento a respeito de cavalos. Assim circunstanciado, eu me tornarei superior a Partha. Contra meu carro, os próprios deuses com Vasava em sua dianteira não ousarão avançar. Tudo isso sendo atendido, quando eu tomar minha posição em meu carro, eu me tornarei superior a Arjuna nos atributos de guerreiro e irei então, ó melhor dos Kurus, derrotar Phalguna. Eu desejo, ó monarca, que tudo isso seja feito por ti, ó opressor de inimigos. Que esses meus desejos sejam realizados. Que nenhum tempo seja permitido decorrer. Se tudo isso for realizado, o auxílio mais eficaz será prestado a mim em todos os pontos desejáveis. Tu verás então, ó Bharata, o que eu realizarei em batalha. Eu irei por todos os meios subjugar os filhos de Pandu em batalha quando eles se aproximarem de mim. Os próprios deuses e Asuras não são capazes de avançar contra mim em batalha. O que precisa ser dito então dos filhos de Pandu que são de origem humana?'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado por aquele ornamento de batalha, isto é, Karna, teu filho, reverenciando o filho de Radha, respondeu a ele, com o coração contente, dizendo, ‘Realize isso, ó Karna, o qual tu pensas. Equipados com aljavas e cavalos vistosos, tais carros te seguirão em batalha. Que tantos carros quanto tu desejares levem tuas flechas longas e setas equipadas com penas de urubu. Nós mesmos, como também os reis, ó Karna, te seguiremos em batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras, teu nobre filho, dotado de grande coragem, aproximou-se do soberano dos Madras e dirigiu-se a ele nas seguintes palavras.'"

32

"Sanjaya disse, 'Teu filho então, ó monarca, se aproximando humildemente daquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o soberano dos Madras, dirigiu-se a ele, por afeição, nessas palavras, ‘Ó tu de votos verdadeiros, ó tu de grande ventura, ó aumentador das tristezas de inimigos, ó soberano dos Madras, ó herói em batalha, ó tu que inspiras tropas hostis com medo, tu ouviste, ó principal dos oradores, como, por causa de Karna que falou para mim, eu mesmo estou desejoso de te solicitar entre todos esses leões dos reis. Ó tu de destreza incomparável, ó rei dos Madras, para a destruição do inimigo, eu te solicito hoje, com humildade e inclinação da cabeça. Portanto, para a destruição de Partha e para o meu bem, cabe a ti, ó principal dos guerreiros em carros, aceitar, por amor, o cargo de quadrigário. Contigo como seu motorista, o filho de Radha subjugará meus inimigos. Não há ninguém mais para segurar as rédeas dos corcéis de Karna, exceto tu, ó tu de grande ventura, ó tu que és igual a Vasudeva em batalha. Proteja Karna então por todos meios como Brahma protegendo Maheswara. Assim como ele da linhagem de Vrishni protege por todos os meios o filho de Pandu em todos os perigos, ó chefe dos Madras, proteja o filho de Radha hoje. Bhishma, e Drona, e Kripa, e tu mesmo e o valente soberano dos Bhojas, e Shakuni o filho de Subala, e o filho de Drona e eu mesmo constituímos a força principal do nosso exército. Assim mesmo, ó senhor da Terra, nós dividimos entre nós mesmos o exército hostil em porções para a quota de cada um. A parte que tinha sido designada para Bhishma agora não existe mais como também aquela que tinha sido designada para Drona de grande alma. Indo até além de suas partes designadas, aqueles dois mataram meus inimigos. Aqueles dois tigres entre homens, no entanto, eram idosos, e ambos foram mortos enganadoramente. Tendo realizado as façanhas mais difíceis, os dois, ó impecável, partiram daqui para o céu. Similarmente, muitos outros tigres entre homens, do nosso exército, mortos por inimigos em batalha, tem ascendido para o céu, perdendo suas vidas e tendo feito grandes esforços ao melhor de seus poderes. Essa minha hoste, portanto, ó rei, a maior parte da qual foi massacrada, foi reduzida a este estado pelos Parthas que eram a princípio em menor número do que nós. O que deve ser feito por ora? Faça agora, ó senhor da Terra, aquilo pelo qual os filhos de Kunti poderosos e de grande alma, de destreza incapaz de ser frustrada, possam ser

impedidos de exterminar o restante da minha hoste. Ó senhor, os Pandavas tem matado em batalha os mais bravos guerreiros desse meu exército. Só o poderosamente armado Karna está dedicado ao nosso bem, como também tu mesmo, ó tigre entre homens, que és o principal dos guerreiros em carros no mundo inteiro. Ó Shalya, Karna deseja lutar em batalha hoje com Arjuna. Nele, ó soberano dos Madras, minhas esperanças de vitória são grandes. Não há ninguém mais no mundo (exceto tu) que possa compor tão bom portador das rédeas para Karna. Como Krishna é o principal de todos os portadores de rédeas para Partha em batalha, assim mesmo, ó rei, seja o principal de todos os portadores de rédeas para o carro de Karna. Acompanhado e protegido, ó senhor, por ele em batalha, as façanhas que Partha realiza estão todas diante de ti. Antigamente, Arjuna nunca tinha matado seus inimigos em batalha de tal maneira. Agora, no entanto, sua destreza tornou-se formidável, unido como ele está com Krishna. Dia após dia, ó soberano dos Madras, este vasto exército Dhritarashtra é visto ser desbaratado por Partha porque ele está unido com Krishna. Resta uma porção da parte designada para Karna e tu mesmo, ó tu de esplendor magnífico. Suporte aquela parte com Karna, e a destruam juntos em batalha. Assim como Surya, se unindo com Aruna, destrói a escuridão, tu, unindo-te com Karna, mate Partha em batalha. Que os poderosos guerreiros em carros (do inimigo), fujam, vendo em batalha aqueles dois guerreiros dotados da refulgência do sol da manhã, isto é, Karna e Shalya, parecendo dois Sóis surgidos acima do horizonte. Assim como a escuridão é destruída, ó senhor, à visão de Surya e Aruna, assim mesmo que os Kaunteyas (Pandavas) com os Pancalas e os Srinjayas pereçam vendo a ti e Karna. Karna é o principal dos guerreiros em carros, e tu és o principal dos motoristas. No conflito da batalha, além disso, não há ninguém igual a ti. Como ele da linhagem de Vrishni protege o filho de Pandu sob todas as circunstâncias, assim mesmo que tu mesmo protejas o filho de Vikarna Karna em batalha. Contigo como seu motorista, Karna se tornará invencível, ó rei, em batalha assim como os deuses tendo Sakra em sua dianteira! O que precisa ser dito então acerca dos Pandavas? Não duvide das minhas palavras.'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras de Duryodhana, Shalya ficou cheio de raiva. Contraindo sua fronte em três linhas, e agitando seus braços repetidamente, e rolando seus grandes olhos vermelhos de ira, aquele guerreiro de braços massivos orgulhoso de sua linhagem e riqueza e conhecimento e força, disse essas palavras:'"

"Shalya disse 'Tu me insultas, ó filho de Gandhari, ou sem dúvida suspeitas de mim, já que tu me solicitas, sem hesitação, dizendo, 'Aja como um motorista'. Considerando Karna como sendo superior a nós, tu o elogias dessa maneira. Eu, no entanto, não considero o filho de Radha como meu igual em batalha. Designe para mim uma parte muito maior, ó senhor da Terra. Destruindo aquela em batalha, eu voltarei para o lugar de onde vim. Ou, se tu desejares, eu irei, ó alegrador dos Kurus, lutar sozinho com o inimigo. Enquanto empenhado em consumir o inimigo, veja minha destreza hoje. Refletindo sobre um insulto, ó tu da família de Kuru, uma pessoa como nós mesmos nunca se engaja em minha tarefa. Não tenha dúvidas sobre mim. Nunca tu deves me humilhar em batalha. Veja

esses meus dois braços massivos, fortes como o trovão. Contemple também meu arco excelente, e essas flechas que parecem cobras de veneno virulento. Contemple meu carro, ao qual estão unidos corcéis excelentes dotados da velocidade do vento. Veja também, ó filho de Gandhari, minha maça enfeitada com ouro e enrolada com cordas de cânhamo. Cheio de fúria, eu posso partir a própria Terra, espalhar as montanhas, e secar os oceanos, com minha própria energia, ó rei. Sabendo, ó monarca, que eu sou tão capaz de afligir o inimigo, por que tu me nomeias para o cargo de motorista em batalha para tal pessoa de nascimento inferior como o filho de Adhiratha? Não cabe a ti, ó rei de reis, me colocar para tais tarefas vis! Sendo tão superior, eu não posso tomar a decisão de obedecer as ordens de uma pessoa pecaminosa. Aquele que faz uma pessoa superior chegada por sua própria vontade e obediente por amor se entregar a um indivíduo pecaminoso, certamente incorre no pecado de confundir o superior com o inferior. Brahman criou os Brahmanas de sua boca, e os Kshatriyas de seus braços. Ele criou os Vaishyas de suas coxas e os Shudras de seus pés. Por causa da mistura daquelas quatro classes, ó Bharata, daquelas quatro tem surgido classes específicas, isto é, aquelas nascidas de homens de classes superiores se casando com mulheres de classes inferiores a eles mesmos, e vice-versa. Os Kshatriyas são descritos como protetores (das outras classes) conquistadores de riqueza e dadores da mesma. Os Brahmanas foram estabelecidos na Terra para favorecerem seu povo por ajudarem em sacrifícios, por ensino e aceitação de presentes puros. Agricultura e criação de gado e doações são as ocupações dos Vaishyas de acordo com as escrituras. Shudras tem sido ordenados para serem os empregados dos Brahmanas, dos Kshatriyas, e dos Vaishyas. Similarmente, os Sutas são os empregados de Kshatriyas, e não os últimos os empregados dos primeiros. Ouça essas minhas palavras, ó impecável. Em relação a mim mesmo, eu sou uma pessoa cujos cabelos coronais passaram pelo banho sagrado. Eu sou nascido em uma linhagem de sábios nobres. Eu sou considerado um grande guerreiro em carro. Eu mereço o culto e o louvor que bardos e elogiadores prestam e cantam. Sendo tudo isso, ó matador de tropas hostis, eu não posso ir à extensão de agir como o motorista do filho de Suta em batalha. Eu nunca lutarei, passando por um ato de humilhação. Eu peço tua permissão, ó filho de Gandhari, para voltar para casa.'"

"Sanjaya continuou, 'Tendo dito essas palavras aquele tigre entre homens e ornamento de assembléias, Shalya, cheio de raiva ficou de pé rapidamente e se esforçou para sair daquela assembléia de reis. Teu filho, no entanto, por afeição e grande respeito, segurou o rei, e dirigiu-se a ele nessas palavras agradáveis e conciliadoras, que eram capazes de realizar todo objetivo, 'Sem dúvida, ó Shalya, é assim mesmo como tu disseste. Mas eu tenho certo propósito em vista. Escute isto, ó soberano de homens, Karna não é superior a ti, nem eu suspeito de ti, ó rei. O nobre chefe dos Madras nunca fará o que é falso. Aqueles principais dos homens que foram teus antepassados sempre disseram a verdade. Eu penso que é por isso que tu és chamado Artayani (o descendente daqueles que tinham a verdade como seu refúgio). E já que, ó concessor de honras, tu és como uma flecha farpada para teus inimigos, portanto tu és chamado pelo nome de Shalya na terra. Ó tu que fazes grandes presentes (para Brahmanas) em sacrifícios,

realize tudo aquilo que, ó virtuoso, tu tinhas anteriormente dito que tu irias realizar. Nem o filho de Radha nem eu mesmo somos superiores a ti em valor que eu te escolheria como o condutor daqueles principais dos corcéis (que estão unidos ao carro de Karna). Como, no entanto, ó senhor, Karna é superior a Dhananjaya em relação a muitas qualidades, assim mesmo o mundo te considera superior a Vasudeva. Karna é certamente superior a Partha em relação a armas, ó touro entre homens. Tu também és superior a Krishna em conhecimento de corcéis e força. Sem dúvida, ó soberano dos Madras, teu conhecimento de cavalos é o dobro daquele que Vasudeva de grande alma tem.'"

"Shalya disse, 'Já que, ó filho de Gandhari, tu me descreveste, ó tu da linhagem de Kuru, no meio de todas essas tropas, como superior ao filho de Devaki, eu estou satisfeito contigo. Eu me tornarei o motorista do filho de Radha de grande fama enquanto ele estiver envolvido em combate com o principal dos filhos de Pandu, como tu me solicitaste. Que esse, no entanto, ó herói, seja meu acordo com o filho de Vikartana: que eu em sua presença irei proferir quaisquer palavras que eu deseje.'"

"Sanjaya continuou, 'Ó rei, teu filho, com Karna então, ó Bharata, respondeu para o príncipe dos Madras, ó melhor da linhagem de Bharata, dizendo, 'Assim seja.'"

33

"Duryodhana disse, 'Escute, mais uma vez, ó soberano do Madras, o que eu te direi, sobre o que aconteceu, ó senhor, na batalha entre os deuses e os Asuras nos tempos passados. O grande Rishi Markandeya narrou isto para meu pai. Eu irei agora narrá-lo sem omitir qualquer coisa, ó melhor dos sábios reais. Ouça este relato confiantemente e sem desconfiar dele em absoluto. Entre os deuses e os Asuras, cada um desejoso de subjugar o outro, aconteceu uma grande batalha, ó rei, a qual tinha Taraka como seu mal (causa). Foi sabido por nós que os Daityas foram derrotados pelos deuses. Após a derrota dos Daityas, os três filhos de Taraka, chamados Tarakaksha, Kamalaksha e Vidyunmalin, ó rei, praticando as penitências mais rígidas, viveram na observância de votos superiores. Por meio daquelas penitências eles emaciaram seus corpos, ó opressor de inimigos. Por causa de seu autodomínio, suas penitências, seus votos e contemplação, o Avô concessor de benefícios ficou satisfeito com eles e lhes deu benefícios. Conjuntamente eles solicitaram do Avô de todos os mundos, ó rei, o benefício de imunidade de morte nas mãos de todas as criaturas de todas as épocas. O divino Senhor e Mestre de todos os mundos disse a eles, 'Não existe nada como imunidade de morte nas mãos de todas as criaturas. Portanto, ó Asuras, se abstenham de tal rogo. Solicitem algum outro benefício que possa parecer desejável para vocês.' Quando todos eles, ó rei, tendo decidido entre eles mesmos depois de muito tempo e repetidas conferências, se curvaram ao grande Mestre de todos os mundos e disseram essas palavras, 'Ó deus, ó Avô, nos dê essa bênção. Residindo em três cidades, nós iremos perambular sobre essa Terra, com tua graça sempre diante de nós. Depois de 1.000 anos então, nós

estaremos juntos, e nossas três cidades também, ó impecável, se tornarão unidas em uma. Aquele principal entre os deuses que, com uma flecha, perfurar aquelas três cidades unidas em uma, ó senhor, será a causa da nossa destruição.' Dizendo a eles, 'Assim seja' aquele deus ascendeu para o céu. Aqueles Asuras então, cheios de alegria por terem obtido aquela bênçãos e tendo decidido entre eles mesmos a respeito da construção das três cidades, escolheram para o propósito o grande Asura Maya, o artífice celeste, não conhecendo fadiga ou decadência, e reverenciado por todos os Daityas e Danavas. Então Maya, de grande inteligência, por meio da ajuda de seu próprio mérito ascético, construiu três cidades, uma das quais era de ouro, outra de prata, e a terceira de ferro preto. A cidade dourada estava localizada no céu, a cidade de prata no firmamento, e a cidade de ferro estava localizada na Terra, todas de tal maneira quanto a girar em um círculo, ó senhor da Terra. Cada uma daquelas cidades media cem yojanas de largura e cem de comprimento. E elas consistiram em casas e mansões e muros e pórticos altos. E embora cheia de palácios suntuosos próximos uns dos outros, ainda assim as ruas eram largas e espaçosas. E elas eram adornadas com diversas mansões e portões. Cada uma daquelas cidades, além disso, ó monarca, tinha um rei separado. A bela cidade de ouro pertencia ao ilustre Tarakaksha, a cidade de prata a Kamalaksha, e a de ferro a Vidyunmalin. Aqueles três reis Daitya, logo atacando os três mundos com sua energia, continuaram a morar e reinar, e começaram a dizer, 'Quem é ele chamado o Criador?' Até aqueles principais dos Danavas que não tinham heróis iguais a eles, foram de todos os lados milhões sobre milhões de Danavas orgulhosos e comedores de carne que tinham antes sido derrotados pelos celestiais, e que agora se estabeleciam nas três cidades, desejosos de grande prosperidade. Para todos eles assim unidos, Maya tornou-se o fornecedor de todas as coisas que eles queriam. Confiando nele, todos eles residiam lá, em perfeito destemor. Quem quer que entre aqueles que residiam na cidade tripla desejasse qualquer objeto em seu coração tinha seu desejo realizado por Maya ajudado pelos poderes de ilusão do último. Tarakaksha teve um filho heróico e poderoso chamado Hari. Ele praticou as mais austeras das penitências, pelo que o Avô ficou satisfeito com ele. Quando o deus estava satisfeito, Hari solicitou um benefício dele, dizendo, 'Que um lago passe a existir em nossa cidade, tal que pessoas mortas por meio de armas possam, quando jogadas nele, sair com vida, e com força redobrada.' Obtendo esse benefício, o heróico Hari, filho de Tarakaksha, criou um lago, ó senhor, em sua cidade, que era capaz de reviver os mortos. Em qualquer forma e qualquer aparência que um Daitya pudesse ter sido morto, se jogado naquele lago, ele era devolvido à vida, na mesma forma e aparência. Obtendo vivos os mortos entre eles, os Daityas começaram a afligir os três mundos. Coroados com êxito por meio de penitências austeras, aqueles aumentadores dos medos dos deuses não sofriam, ó rei, diminuição em batalha. Entorpecidos então pela cobiça e loucura, e privados de seu juízo, todos eles começaram a exterminar desavergonhadamente as cidades e vilas estabelecidas por todo o universo. Cheios de orgulho pelas bênçãos que eles tinham recebido, e impelindo diante deles, em todos os tempos e de todos os lugares, os deuses com seus servidores, eles vagavam à vontade sobre florestas celestiais e outros reinos caros para os habitantes do céu e os retiros encantadores e sagrados de Rishis. E os Danavas perversos pararam de mostrar

qualquer respeito por alguém. Enquanto os mundos estavam assim afligidos, Sakra, circundado pelos Maruts, lutou contra as três cidades por arremessar seu raio sobre elas de todos os lados. Quando, no entanto, Purandra fracassou em perfurar aquelas cidades feitas impenetráveis, ó rei, pelo Criador com seus benefícios, o chefe dos celestiais, cheio de temor, e deixando aquelas cidades, se dirigiu com aqueles mesmos deuses até aquele castigador de inimigos, isto é, o Avô, para relatar para ele as opressões cometidas pelos Asuras. Relatando tudo e reverenciando-o com suas cabeças, eles perguntaram ao Avô divino os meios pelos quais a cidade tripla poderia ser destruída. A Divindade ilustre, ouvindo as palavras de Indra, disse aos deuses, 'Aquele que é um ofensor contra vocês peca contra mim também. Os Asuras são todos de almas perversas e sempre odeiam os deuses. Aqueles que causam dor a vocês sempre me ofendem. Eu sou imparcial para todas as criaturas. Não há dúvida nisto. Apesar de tudo isso, no entanto, aqueles que são injustos devem ser mortos. Esse é meu voto fixo. Aquelas três fortalezas devem ser perfuradas com uma flecha. Por nenhum outro meio sua destruição pode ser efetuada. Ninguém mais, salvo Sthanu, é competente para perfurá-las com uma flecha. Ó Adityas, escolham Sthanu, também chamado Ishana e Jishnu, que nunca fica fatigado com trabalho, como seu guerreiro. É ele que destruirá aqueles Asuras.' Ouvindo essas palavras dele, os deuses com Sakra em sua vanguarda, fazendo Brahman tomar sua dianteira, procuraram a proteção da Divindade tendo o touro como seu símbolo. Aqueles justos acompanhados por Rishis dedicados às mais severas penitências e proferindo as eternas palavras dos Vedas, procuraram Bhava com toda sua alma. E eles louvaram, ó rei, nas sublimes palavras dos Vedas aquele dissipador de medos em todas as situações de medo, aquela Alma Universal, aquela Alma Suprema, aquele Um por quem Tudo isso é permeado com sua Alma. Então os deuses que, por meio de penitências especiais, tinham aprendido a pacificar todas as funções de sua Alma e afastar Alma da Matéria, eles que tinham suas almas sempre sob controle, contemplaram ele, chamado Ishana, aquele marido de Uma, aquela massa de energia, que não tem igual no universo, aquela fonte (de tudo), aquela Pessoa impecável. Embora aquela Divindade seja uma eles o tinham imaginado como sendo de várias formas. Contemplando naquele de grande alma aquelas diversas formas que cada um tinha individualmente concebido no próprio coração, todos eles ficaram muito admirados. Contemplando aquele Não Nascido, aquele Senhor do universo, como a encarnação de todas as criaturas, os deuses e os Rishis regenerados, todos tocaram a Terra com suas cabeças. Saudando eles com as palavras 'Bem vindos' e erguendo-os de suas posições inclinadas, o ilustre Sankara dirigiu-se a eles sorridente, dizendo, 'Nos digam o objetivo da sua visita.' Mandados pelos deus de três olhos, seus corações ficaram tranquilos. Eles então disseram essas palavras a ele, 'Nossas repetidas saudações a ti, ó Senhor. Saudações a ti que és a fonte de todos os deuses, a ti que estás armado com o arco, a ti que és cheio de ira. Saudações a ti que destruíste o sacrifício daquele senhor das criaturas (Daksha), a ti que és adorado por todos os senhores de criaturas. Saudações a ti que és sempre louvado, a ti que mereces ser louvado, a ti que és a pessoa da Morte. Saudações a ti que és vermelho, a ti que és feroz, a ti que és de garganta azul, a ti que estás armado com o tridente, a ti que és incapaz de ser frustrado, a ti que tens olhos tão belos como aqueles da gazela, a ti que

lutas com as principais das armas, a ti que mereces todo o louvor, a ti que és puro, a ti que és a própria destruição, a ti que és o destruidor; a ti que és irresistível, a ti que és Brahman, a ti que levas a vida de um Brahmacari; a ti que és Ishana; a ti que és imensurável, a ti que és o grande controlador, a ti que estás vestido em farrapos; a ti que estás sempre engajado em penitências, a ti que és moreno, a ti que és cumpridor de votos, a ti que estás vestido em peles de animais; a ti que és o pai de Kumara, a ti que tens três olhos, a ti que estás armado com as principais das armas, a ti que destróis as aflições de todos os que procuram tua proteção, a ti que destróis todos os odiadores de Brahmanas, a ti que és o senhor de todas as árvores, o senhor de todos os homens, o senhor de todo o gado, e sempre o senhor de sacrifícios. Saudações a ti que estás sempre na dianteira de tropas, a ti que és de três olhos, a ti que és dotado de energia ardente. Nós nos devotamos a ti em pensamento, palavra e ação. Seja gracioso para nós.' Satisfeito com essas adorações, o santo, saudando-os com as palavras 'Bem vindos' disse a eles, 'Que seus temores sejam dissipados. Digam o que nós podemos fazer por vocês?'"

34

"Duryodhana disse, 'Depois que os receios daquelas multidões dos Pitris, dos deuses, e dos Rishis tinham sido assim dissipados por aquela Divindade de grande alma, Brahman então ofereceu suas adorações a Sankara, e disse essas palavras para o benefício do universo, 'Pelo teu favor, ó Senhor de todos, o Domínio de todas as criaturas é meu. Ocupando aquele posto, eu dei um grande benefício para os Danavas. Não cabe a ninguém mais, exceto a ti, ó Senhor do Passado e do Futuro, destruir aqueles indivíduos perversos que não mostram consideração por ninguém. Tu, ó Deus, és a única pessoa competente para matar os inimigos destes habitantes do céu que procuraram tua proteção e te solicitam. Ó senhor de todos os deuses, mostre benevolência para estes. Mate os Danavas, ó manejador do tridente. Ó concessor de honras, que o universo, pela tua graça, obtenha felicidade. Ó Senhor de todos os mundos, tu és o único cuja proteção deve ser procurada. Nós todos procuramos tua proteção.'"

"Sthanu disse, 'Todos os seus inimigos devem ser mortos. Mas, eu não irei, no entanto, matá-los sem ajuda. Os inimigos dos deuses são possuidores de poder. Portanto, todos vocês, juntos, destruam aqueles seus inimigos em batalha, com metade do meu poder. União é grande força.'"

"Os deuses disseram, 'Deles (dos Danavas) é duas vezes a energia e poder nossos, nós achamos, pois nós já vimos sua energia e poder.'"

"O santo disse, 'Aqueles indivíduos pecaminosos que tem pecado contra vocês devem ser mortos. Com metade da minha energia e poder, matem todos aqueles seus inimigos.'"

"Os deuses disseram, 'Nós não seremos capazes, ó Maheswara, de aguentar metade da tua energia. Por outro lado, com metade do nosso poder unido, mate aqueles inimigos.'"

"O santo disse, 'Se, de fato, vocês não tem a capacidade de aguentar metade do meu poder, então, dotado de metade de sua energia unida, eu matarei eles.'"

"Duryodhana continuou, 'Os celestiais então, se dirigindo ao deus dos deuses, disseram, 'Assim seja', ó melhor dos reis. Pegando metade de suas energias, de todos eles, ele tornou-se superior em poder. De fato, em poder aquele deus se tornou superior a todos no universo. Daquele tempo em diante Sankara veio a ser chamado de Mahadeva. E Mahadeva então disse, 'Armado com arco e flecha, eu irei, do meu carro, matar em batalha aqueles seus inimigos, ó habitantes do céu. Portanto, ó deuses, cuidem agora do meu carro e arco e flecha para que eu possa, hoje mesmo, derrubar os Asuras na Terra.'"

"Os deuses disseram, 'Reunindo todas as formas que podem ser encontradas nos três mundos e pegando porções de cada uma, nós todos iremos, ó Senhor dos deuses, construir um carro de grande energia para ti. Ele será um carro grande, a obra de Viswakarman, projetado com inteligência.' Dizendo isso, aqueles tigres entre deuses começaram a construção daquele carro. E eles fizeram Vishnu e Soma e Hutasana a flecha para uso de Sankara. Agni tornou-se a vara, e Soma tornou-se a cabeça, e Vishnu a ponta, ó rei, daquela mais notável das flechas. A deusa Terra, com suas grandes cidades e vilas, suas montanhas e florestas e ilhas, aquele lar de diversas criaturas, foi feita o carro. A montanha Mandara foi feita seu eixo; e o grande rio Ganga foi feito seu Jangha; e os pontos do horizonte, cardeais e secundários, tornaram-se os ornamentos do carro. As constelações se tornaram seu varal; a era Krita se tornou sua canga; e aquela melhor das Cobras, isto é, Vasuki, se tornou o Kuvara daquele carro. As montanhas Himavat e Vindhya se tornaram seu Apaskara e Adhishthana; e as montanhas Udaya e Asta foram feitas as rodas daquele carro por aqueles principais entre os deuses. Eles fizeram o Oceano excelente, aquela residência dos Danavas seu outro eixo. Os sete Rishis se tornaram os protetores das rodas daquele carro. Ganga e Sarasvati e Sindhu e o Céu se tornaram seu Dhura; todos os outros rios e todas as águas se tornaram as cordas para ligar os vários membros daquele carro. Dia e Noite e as outras divisões de tempo tais como Kalas e Kasthas, e as Estações se tornaram seu Amukarsha. Os planetas flamejantes e as estrelas se tornaram sua cerca de madeira; Religião, Lucro, e Prazer, juntos, se tornaram Trivenu. As ervas e as trepadeiras, decoradas com flores e frutas, se tornaram seus sinos. Fazendo o Sol e a Lua iguais, esses foram feitos as (duas outras) rodas daquele principal dos carros. Dia e Noite foram feitos suas proteções auspiciosas à direita e esquerda. As dez principais das cobras tendo Dhritarashtra como sua primeira, todas extremamente fortes, formaram o (outro) varal daquele carro. O Céu foi feito sua (outra) canga, e as nuvens chamadas Samvartaka e Valahaka eram as cordas de couro da canga. Os dois Crepúsculos e Dhritri e Medha e Sthiti e Sannati, e o firmamento coberto com planetas e estrelas, foram feitos as peles para cobrir aquele carro. Aqueles Regentes do mundo, isto é, os Senhores dos deuses, das águas, dos mortos, e dos tesouros, foram feitos os corcéis daquele carro. Kalaprishtha, e Nahusha, e Karkotaka, e Dhananjaya e as outras cobras se tornaram as cordas para amarrar as crinas dos corcéis. As direções cardeais e secundárias se tornaram as rédeas

dos corcéis daquele carro. O som Védico Vashat tornou-se o aguilhão, e Gayatri se tornou a corda ligada àquele aguilhão. Os quatro dias auspiciosos foram feitos os tirantes dos corcéis, e os Pitris presidindo sobre eles foram feitos os ganchos e pinos. Ação e verdade e penitências ascéticas e lucro foram feitas as cordas daquele carro. A Mente se tornou o terreno sobre o qual aquele carro permanecia, e a Palavra os caminhos sobre os quais ele iria proceder. Belos estandartes de várias cores ondulavam no ar. Com relâmpago e o arco de Indra ligados a ele, aquele carro resplandecente dava luz feroz. Aquele espaço de tempo o qual, em uma ocasião anterior, tinha, no Sacrifício de Ishana de grande alma, sido fixado como um Ano tornou-se o arco, e a deusa Savitri tornou-se a corda do arco de som alto. Uma cota de malha celeste foi feita, ornada com pedras preciosas de grande valor, e impenetrável e refulgente, surgida da roda do Tempo. Aquela montanha dourada, isto é, a bela Meru, tornou-se o mastro de bandeira, e as nuvens enfeitadas com lampejos de relâmpago se tornaram seus estandartes. Assim equipado, aquele carro resplandecia brilhantemente como um fogo ardente no meio dos sacerdotes oficiando em um sacrifício. Contemplando aquele carro devidamente equipado, os deuses ficaram muito admirados. Vendo as energias do universo inteiro reunidas em um lugar, ó senhor, os deuses se admiraram, e finalmente relataram para aquela Divindade ilustre que o carro estava pronto. Depois, ó monarca, que aquele melhor dos carros tinha sido assim construído pelos deuses, ó tigre entre homens, para oprimir seus inimigos, Sankara colocou sobre ele suas próprias armas celestes. Fazendo do céu seu mastro de bandeira, ele colocou sobre ele seu touro. A vara do Brahmana, a vara da Morte, a vara de Rudra, e Febre se tornaram os protetores dos lados daquele carro e permaneceram com faces viradas para todos os lados. Atharvan e Angirasa se tornaram os protetores das rodas do carro daquele guerreiro ilustre. O Rigveda, o Samaveda, e os Puranas ficaram na frente daquele carro. As histórias e o Yajurveda se tornaram os protetores da retaguarda. Todas as palavras sagradas e todas as Ciências ficaram em volta dele, e todos os hinos, ó monarca, e o som Védico de Vashat também. E a sílaba Om, ó rei, permanecendo na vanguarda aquele carro, tornou-o extremamente belo. Tendo feito do Ano adornado com as seis estações seu arco, ele fez de sua própria sombra a irrefragável corda daquele arco naquela batalha. O ilustre Rudra é a própria Morte. O Ano se tornou seu arco; Kala Ratri as Trevas da Morte, portanto, que é a sombra de Rudra, tornou-se a corda indestrutível daquele arco. Vishnu e Agni e Soma se tornaram (como já dito) a flecha. É dito que o universo consiste em Agni e Soma. Similarmente é dito que o universo consiste em Vishnu. Vishnu é, além disso, a Alma do santo Bhava de energia incomensurável. Por isso o toque daquela corda de arco tornou-se insuportável para os Asuras. E o senhor Sankara lançou sobre aquela flecha sua própria fúria irresistível e feroz, o fogo insuportável da raiva, isto é, aquela que nasceu da ira de Bhrigu e Angirasa. Então Ele chamado Nila Rohita (Azul e Vermelho ou fumaça), aquela divindade terrível vestida em peles, parecendo com 10.000 Sóis, e encoberta pelo fogo de Energia superabundante, brilhou com esplendor. Aquele aniquilador até daquele que é difícil de ser aniquilado, aquele vencedor, aquele matador de todos os odiadores de Brahma, também chamado Hara, aquele salvador dos justos e destruidor dos injustos, isto é, o ilustre Sthanu, acompanhado por muitos seres de poder terrível e formas terríveis que eram

dotados da velocidade da mente e capazes de agitar e esmagar todos os inimigos, como se com todas as catorze faculdades da alma despertas em volta dele, parecia muito resplandecente. Tendo seus membros como seu refúgio, todo este universo de criaturas móveis e imóveis que estavam presentes lá, ó rei, parecia belo, apresentando uma aparência muito extraordinária. Contemplando aquele carro, devidamente equipado, ele se envolveu em armadura e se armou com o arco, e pegou aquela flecha celeste nascida de Soma e Vishnu e Agni. Os deuses, ó rei, então mandaram aquele principal dos celestiais, isto é, o Vento, soprar atrás daquela Divindade pujante toda a fragrância que ele carrega. Então Mahadeva, apavorando os próprios deuses, e fazendo a própria Terra tremer, subiu naquele carro resolutamente. Então os grandes Rishis, os Gandharvas, aquelas multidões de deuses e aquelas diversas tribos de Apsaras começaram a louvar aquele Senhor dos deuses quando ele estava prestes a subir naquele carro. Adorado pelos Rishis regenerados, e louvado pelos elogiadores e diversas tribos de Apsaras dançando bem versadas na arte da dança, aquele senhor dador de benefícios, armado com cimitarra e arco e flecha, parecia muito belo. Sorrindo, ele então perguntou aos deuses, 'Quem se tornará meu motorista?' Os deuses responderam a ele, dizendo, 'Ele a quem tu nomeares, irá, ó Senhor dos deuses, sem dúvida, se tornar teu motorista!' Para eles o deus respondeu, 'Refletindo vocês mesmos, sem demora tornem meu motorista aquele que é superior a mim!' Ouvindo essas palavras proferidas por aquela Divindade de grande alma, os deuses se dirigiram ao Avô e inclinando-o à graça, disseram essas palavras, 'Nós temos realizado tudo, ó santo, que tu tens nos ordenado fazer na questão de afligir os inimigos de celestiais. A Divindade tendo o touro como sua marca está satisfeita conosco. Um carro foi construído por nós, equipado com muitas armas maravilhosas. Nós, no entanto, não sabemos quem deve ser o motorista daquele mais notável dos carros. Portanto, que algum principal entre os deuses seja nomeado como o motorista. Ó santo, cabe a ti fazer verdadeiras aquelas palavras que tu, ó senhor, então nos disseste. Antes disto, ó deus, tu tinhas dito para nós que tu farias nosso bem. Cabe a ti cumprir aquela promessa. Aquele irresistível e melhor dos carros, aquele aniquilador de nossos inimigos, foi construído das partes componentes dos celestiais. A Divindade armada com Pinaka foi feito o guerreiro que é para permanecer sobre ele. Afligindo os Danavas com medo, ele está preparado para a batalha. Os quatro Vedas se tornaram os quatro principais dos corcéis. Com suas montanhas, a Terra tornou-se o carro daquele de grande alma. As estrelas se tornaram os enfeites daquele veículo. (Como já dito) Hara é o guerreiro. Nós, no entanto, não vemos quem deve se tornar o motorista. Um motorista deve ser procurado para aquele carro que é superior a todos esses. Igual a ti em importância é aquele carro, ó deus, e Hara é o guerreiro. Armadura, e armas, e arco, esses nós já temos, ó Avô. Exceto tu, nós não vemos qualquer pessoa que possa se tornar seu motorista. Tu és dotado de todas as habilidades. Tu, ó senhor, és superior a todos os deuses. Subindo sobre aquele carro com velocidade, segure as rédeas daqueles principais dos corcéis, para a vitória dos celestiais e a destruição de seus inimigos.' É sabido por nós que reverenciando com suas cabeças o Avô, aquele Senhor dos três mundos, os deuses procuraram gratificá-lo para induzi-lo a aceitar o cargo de motorista.'"

"O Avô disse, 'Não há nada de inverdade em tudo isso que vocês disseram, ó habitantes do céu. Eu segurarei as rédeas dos corcéis para Kapaddin enquanto ele estiver envolvido em combate.' Então aquele deus ilustre, aquele Criador dos mundos, o Avô, foi nomeado pelos deuses como o motorista de Ishana de grande alma. E quando ele estava prestes a subir rapidamente sobre aquele carro venerado por todos, aqueles corcéis, dotados da velocidade do vento, curvaram-se com suas cabeças até o chão. Tendo ascendido no carro a Divindade ilustre, isto é, o Avô resplandecente com sua própria energia, pegou as rédeas e o aguilhão. Então o deus ilustre, erguendo aqueles corcéis dirigiu-se àquele principal entre os deuses, isto é, Sthanu, dizendo, 'Suba.' Então, pegando aquela flecha composta de Vishnu e Soma e Agni, Sthanu subiu no carro, fazendo o inimigo tremer por meio de seu arco. Os grandes Rishis, os Gandharvas, as multidões de deuses, e as diversas tribos de Apsaras, então louvaram aquele Senhor dos deuses depois que ele tinha subido no carro. Resplandecente com beleza, o Senhor concessor de bênçãos, armado com cimitarra, flecha, e arco, ficou sobre o carro fazendo os três mundos brilharem com sua própria energia. A grande Divindade mais uma vez disse aos deuses encabeçados por Indra, 'Vocês nunca devem se afligir, duvidando da minha habilidade para destruir os Asuras. Saibam que os Asuras já foram mortos por meio dessa flecha.' Os deuses então responderam, dizendo, 'É verdade! Os Asuras já foram mortos.' De fato, os deuses pensando que as palavras que o Senhor divino tinha dito não podiam ser falsas, ficaram muito satisfeitos. Então aquele Senhor dos deuses procedeu cercado por todos os deuses, sobre aquele carro grande, ó rei, o qual não tinha nada que se comparasse a ele. E a Divindade ilustre era adorada, todo o tempo, pelos servidores que sempre o atendem, e por outros que subsistiam de carne, que eram invencíveis em batalha, e dançavam em alegria na presente ocasião, correndo de modo selvagem para todos lados e gritando uns para os outros. Rishis também, de grande ventura, possuidores de mérito ascético e dotados de qualidades superiores, como também os deuses, desejaram o êxito de Mahadeva. Quando aquele Senhor concessor de bênçãos, aquele dissipador dos temores dos três mundos procedeu dessa maneira, o universo inteiro, todos os deuses, ó melhores de homens, ficaram muito gratificados. E os Rishis lá adoraram o Senhor dos deuses com diversos hinos, e aumentando sua energia, ó rei, tomaram suas posições lá. E milhões e milhões de Gandharvas tocaram diversos tipos de instrumentos musicais na hora da sua partida. Quando Brahman concessor de benefícios, tendo subido no carro, partiu em direção aos Asuras, o Senhor do Universo, sorrindo, disse, 'Excelente, Excelente! Proceda, ó deus, para o local onde os Daityas estão. Incite os corcéis atentamente. Veja hoje o poder de armas enquanto eu mato o inimigo em batalha.' Assim endereçado, Brahman incitou aqueles corcéis dotados da velocidade da mente ou pensamento em direção àquele local onde a cidade tripla, ó rei, estava localizada, protegida pelos Daityas e os Danavas. Com aqueles corcéis adorados por todos os mundos, e que corriam com tal velocidade que eles pareciam devorar os céus, o deus ilustre procedeu rapidamente para a vitória dos habitantes do céu. De fato, quando Bhava, sendo levado no carro, partiu em direção à cidade tripla, seu touro proferiu rugidos tremendos, enchendo todos os pontos do horizonte. Ouvindo aquele rugido alto e terrível do touro, muitos dos descendentes e seguidores de Taraka, aqueles

inimigos dos deuses, deram seu último suspiro. Outros entre eles ficaram de frente para o inimigo para lutar. Então Sthanu, ó rei, armado com tridente ficou privado de seu juízo em fúria. Todas as criaturas ficaram assustadas, e os três mundos começaram a tremer. Presságios terríveis apareceram quando ele estava prestes a mirar aquela flecha. Por causa, no entanto, da pressão causada pelo peso de Soma, Agni, e Vishnu que estavam naquela flecha, como também da pressão causada pelo peso de Brahman e Rudra e o arco último, aquele carro pareceu afundar. Então Narayana, emergindo da ponta daquela flecha, assumiu a forma de um touro e ergueu aquele carro grande. Durante o tempo que o carro tinha afundado e o inimigo tinha começado a rugir, a Divindade ilustre, dotada de grande poder começou, de raiva, a proferir gritos altos, permanecendo, ó dador de honras, na cabeça de seu touro e nas costas de seus corcéis. Naquela hora o ilustre Rudra estava ocupado em olhar a cidade Danava. Enquanto naquela postura, ó melhor dos homens, Rudra cortou as tetas dos cavalos e fendeu os cascos do touro. Abençoado sejas tu, a partir daquela data os cascos de todos os animais da espécie bovina vieram a ser fendidos. E daquele tempo em diante, ó rei, cavalos, afligidos pelo poderoso Rudra de feitos extraordinários, vieram a ser sem tetas. Então Sarva, tendo encordoado seu arco e mirado aquela flecha com a qual ele tinha unido a arma Pasupata, esperou pensando na cidade tripla. E, ó rei, quando Rudra permaneceu dessa maneira, segurando seu arco, as três cidades durante aquele tempo ficaram unidas. Quando as três cidades, perdendo suas qualidades separadas ficaram unidas, tornou-se tumultuada a alegria dos deuses de grande alma. Então os deuses, os Siddhas, e os grandes Rishis, proferiram a palavra Jaya, adorando Maheshwara. A cidade tripla então apareceu imediatamente diante daquele deus de energia insuportável, aquela Divindade de forma feroz e indescritível, aquele guerreiro que estava desejoso de matar os Asuras. A divindade ilustre, aquele Senhor do universo, então estirando aquele arco celeste, disparou aquela flecha a qual representava o poder do universo inteiro, na cidade tripla. Após aquela principal das flechas, ó tu de grande ventura, ser disparada, lamentos altos de dor foram ouvidos daquelas cidades quando elas começaram a cair em direção à Terra. Queimando aqueles Asuras, ele os jogou no oceano Ocidental. Assim a cidade tripla foi queimada e assim os Danavas foram exterminados por Maheswara em cólera, pelo desejo de fazer bem para os três mundos. O fogo nascido da sua própria ira o deus de três olhos apagou, dizendo, 'Não reduza os três mundos a cinzas.' Depois disto, os deuses, os Rishis, e os três mundos foram todos restaurados às suas disposições naturais, e gratificaram Sthanu de energia inigualável com palavras de grande importância. Recebendo então a permissão do grande deus, os deuses com o Criador em sua dianteira foram para os lugares dos quais eles tinham vindo, seu objetivo sendo realizado depois de tal esforço. Assim aquela Divindade ilustre, aquele Criador dos mundos, aquele Senhor dos Deuses e dos Asuras, isto é, Maheswara, fez aquilo que era para o bem de todos os mundos. Como o ilustre Brahman, o Criador dos mundos, o Avô, a Divindade Suprema de glória imperecível, agiu como o motorista de Rudra, também tu controle os corcéis do filho de grande alma de Radha como o Avô controlando aqueles de Rudra. Não há a menor dúvida, ó tigre entre reis, que tu és superior a Krishna, a Karna, e a Phalguna. Em batalha, Karna é como Rudra, e tu és como Brahman em política. Unidos, vocês dois, portanto, são

competentes para derrotar meus inimigos que são assim como os Asuras. Ó Shalya, que seja feito rapidamente hoje aquilo pelo qual este Karna, oprimindo as tropas Pandava, possa ser capaz de matar o filho de Kunti possuindo cavalos brancos e tendo Krishna como o motorista de seu carro. De ti depende Karna, nós, nosso reino, e (nossa) vitória em batalha. Segure as rédeas, portanto, dos corcéis excelentes (de Karna). Há outra história a qual eu narrarei. Escute mais uma vez a isto. Um virtuoso Brahmana narrou-a na presença de meu pai. Ouvindo essas palavras encantadoras repletas de razões e propósitos de ações, faça, ó Shalya, o que tu possas decidir, sem nutrir quaisquer escrúpulos. Na linhagem dos Bhrigus viveu Jamadagni de penitências ascéticas severas. Ele teve um filho dotado de energia e toda virtude, que se tornou célebre pelo nome de Rama. Praticando as penitências mais rígidas, de alma alegre, ligado a observâncias e votos, e mantendo seus sentidos sob controle, ele gratificou o deus Bhava para obter armas. Por causa de sua devoção e tranquilidade de coração, Mahadeva ficou satisfeito com ele. Sankara, compreendendo o desejo nutrido em seu coração, se mostrou para Rama. E Mahadeva disse, 'Ó Rama, eu estou satisfeito contigo. Abençoado sejas tu, teu desejo é conhecido por mim. Torne tua alma pura. Tu então terás tudo o que tu desejares. Eu te darei todas as armas quando tu te tornares puro. Aquelas armas, ó filho, de Bhrigu, queimam uma pessoa que é incompetente e aquela que não é digna delas.' Assim endereçado por aquele deus dos deuses, aquela divindade portando o tridente, o filho de Jamadagni, inclinando sua cabeça àquele pujante de grande alma, disse, 'Ó deus de deuses, cabe a ti dar aquelas armas para mim que estou sempre dedicado ao teu serviço, quando, de fato me considerares preparado para segurá-las.'"

"Duryodhana continuou, 'Com penitências então, e reprimindo seus sentidos, e observâncias de votos, e culto e oferendas e com sacrifícios e Homa realizados com mantras, Rama adorou Sarva por muitos longos anos. Afinal Mahadeva, satisfeito com o filho de grande alma da linhagem de Bhrigu, o descreveu, na presença de sua cônjuge divina, como possuidor de muitas virtudes: 'Este Rama, de votos firmes é sempre devotado a mim.' Satisfeito com ele, o Senhor Sankara assim proclamou repetidamente suas virtudes na presença de deuses e dos Rishis, ó matador de inimigos. Enquanto isso, os Daityas se tornaram muito poderosos. Cegados por orgulho e loucura, eles afligiram os habitantes do céu. Os deuses então, reunidos, e firmemente decididos a matá-los, se esforçaram energicamente para a destruição daqueles inimigos. Eles, no entanto, falharam em subjugá-los. Os deuses então, dirigindo-se a Maheswara, o Senhor de Uma, começaram a gratificá-lo com devoção, dizendo, 'Mate nossos inimigos.' Aquele deus, tendo prometido a destruição de seus inimigos para os celestiais, convocou Rama o descendente de Bhrigu. E Sankara se dirigiu a Rama, dizendo, 'Ó descendente de Bhrigu, mate todos os inimigos reunidos dos deuses, pelo desejo de fazer bem para todos os mundos como também para minha satisfação.' Assim endereçado, Rama respondeu para aquele Senhor de três olhos concessor de benefícios, dizendo, 'Que força tenho eu, ó chefe dos deuses, desprovido como eu estou de armas, para matar em batalha os Danavas reunidos que são talentosos com armas e invencíveis em luta?' Maheswara disse, 'Vá por minha ordem. Tu matarás aqueles inimigos. Tendo derrotado todos aqueles inimigos, tu obterás

numerosos méritos.' Ouvindo essas palavras e aceitando todas elas, Rama, fazendo ritos propiciatórios serem realizados para seu sucesso, procedeu contra os Danavas. Dirigindo-se àqueles inimigos dos deuses que eram dotados de poder e possuídos pela loucura e orgulho, ele disse, 'Ó Daityas que são ferozes em batalha, me dêem combate. Eu foi enviado pelo Deus dos deuses para derrotar vocês.' Assim endereçados pelo descendente de Bhrigu, os Daityas começaram a lutar. O alegrador dos Bhargavas, no entanto, matando os Daityas em batalha, com golpes cujo toque parecia com aquele do trovão de Indra, voltou para Mahadeva. O filho de Jamadagni, aquele principal dos Brahmanas voltou com muitos ferimentos em seu corpo infligidos pelos Danavas. Tocados, no entanto por Sthanu, seus ferimentos foram imediatamente curados. Satisfeito também com aquela façanha dele, o deus ilustre deu diversos tipos de benefícios para o filho de grande alma de Bhrigu. Com satisfação em seu coração, o Deus dos deuses manejador do tridente disse, 'A dor que tu sofreste por causa da queda de armas sobre teu corpo evidencia o feito sobre-humano que tu realizaste, ó encantador dos Bhrigus. Como desejado por ti, aceite de mim estas armas celestes.'"

"Duryodhana continuou, 'Tendo obtido todas as armas celestes e os benefícios que eram desejados por ele, Rama reverenciou Siva com sua cabeça. Obtendo a permissão também dos deuses aquele grande asceta foi embora. Essa é a história antiga que o Rishi recitou. O descendente de Bhrigu deu toda a ciência de armas para Karna de grande alma, ó tigre entre reis, com coração encantado. Se Karna tivesse qualquer defeito, ó senhor de terra, o encantador da linhagem de Bhrigu nunca teria dado a ele suas armas celestes. Eu não acho que Karna nasceu na classe Suta. Eu penso que ele é filho de um deus, nascido na classe Kshatriya. Eu penso que ele foi abandonado (na infância) a fim de que a classe na qual ele nasceu pudesse ser averiguada (por suas feições e façanhas). De nenhuma maneira, ó Shalya, Karna poderia ter nascido na classe Suta. Com seu brinco (natural) e cota de malha (natural), este poderoso guerreiro em carro de braços longos, parecendo o próprio Surya, não poderia ser parido por uma mulher comum assim como um veado fêmea nunca dá à luz a um tigre. Seus braços são massivos, cada um parecendo a tromba de um príncipe de elefantes. Veja seu peito que é tão largo e capaz de resistir a todos os inimigos. Karna, também chamado Vaikartana, ó rei, não pode ser uma pessoa comum. Dotado de grande valor, este discípulo de Rama, ó rei de reis, é um personagem de grande alma.'"

35

"Duryodhana disse, 'Assim mesmo aquela Divindade ilustre, aquele Avô de todos os mundos, isto é, Brahman, agiu como motorista naquela ocasião e assim mesmo Rudra tornou-se o guerreiro. O motorista do carro, ó herói, deve ser superior ao guerreiro nele. Portanto, ó tigre entre homens, segure as rédeas dos corcéis nessa batalha. Como naquela ocasião o Avô foi escolhido com cuidado por todos os celestiais, de fato, ó grande rei, como alguém maior do que Sankara, assim tu que és superior a Karna foste agora escolhido por nós com cuidado.

Como o Avô segurando as rédeas dos corcéis de Rudra, segure, sem demora, as rédeas dos corcéis de Karna em batalha, ó tu de grande esplendor.'"

"Shalya disse, 'Ó principal dos homens, eu ouvi muitas vezes essa história excelente e divina, narrada para mim, a respeito daqueles dois leões entre deuses. De fato, eu ouvi como o Avô agiu como motorista de Bhava e como os Asuras também, ó Bharata, foram todos destruídos com uma flecha. Krishna também tinha conhecimento de tudo isso antes, o conhecimento, isto é, de como o Avô ilustre tinha se tornado o motorista naquela ocasião de antigamente. De fato, Krishna conhece o passado e o futuro com todos os seus detalhes. Sabendo deste fato, ele se tornou o motorista, ó Bharata, de Partha como o Auto-criado se tornando o motorista de Rudra. Se o filho de Suta, de alguma maneira, conseguir matar o filho de Kunti, Keshava, vendo Partha morto, lutará ele mesmo. Aquele portador da concha, do disco, e da maça, então destruirá teu exército. Não há nenhum rei aqui que ficará nas tropas na frente daquele ilustre da linhagem de Vrishni quando ele estiver excitado com fúria.'"

"Sanjaya disse, 'Para o soberano dos Madras que estava falando dessa maneira, aquele castigador de inimigos, isto é, teu filho poderosamente armado de alma alegre respondeu, dizendo, 'Ó de braços fortes, não pense depreciativamente de Karna, também chamado Vaikartana, em batalha, aquele guerreiro que é o principal de todos os manejadores de armas e que conhece o significado do corpo inteiro de nossas escrituras. Ouvindo a vibração terrível e alta de seu arco e o som de suas palmas, as tropas Pandava irão fugir para todos os lados. Tu testemunhaste com teus próprios olhos, ó poderosamente armado, como Ghatotkaca, protegido por suas ilusões e mostrando centenas delas ainda assim foi morto aquela noite (por Karna). Sentindo um grande medo todos esses dias Vibhatsu nunca pode resistir, enfrentando Karna. O poderoso Bhimasena também, movido para lá e para cá pelo corno do arco de Karna, foi, ó rei, endereçado em muitas palavras duras tais como 'Tolo' e 'Glutão.' Os dois bravos filhos de Madri também foram derrotados por Karna em grande batalha, ainda que, por algum objetivo que ele tinha em vista, ele, ó senhor, não os matou então. Aquele principal da linhagem de Vrishni, isto é, o heróico Satyaki, o chefe do clã Satwata, foi derrotado por Karna e feito sem carro. Outros, tais como todos os Srinjayas encabeçados por Dhrishtadyumna, tem sido repetidamente derrotados em batalha por Karna, o formidável guerreiro em carro que tem realizado todas essas façanhas e que excitado com cólera, é competente para matar o próprio Purandara armado com o raio em luta. Tu mesmo também, ó herói, és conhecedor de todas as armas. Tu és, além disso, o mestre de todos os ramos de conhecimento. Não há ninguém sobre a Terra que é teu igual em poder de armas. Irresistível em destreza, tu és como um dardo (Shalya) para teus inimigos. É por isso, ó rei, que tu, ó matador de inimigos, és chamado de 'Shalya'. Enfrentando o poder de tuas armas, todos os Satwatas foram incapazes de vencê-las. Krishna é superior a ti em poder de armas, ó rei? De fato, como Krishna deve suportar a carga das tropas Pandava após a morte de Partha, assim mesmo tu deves aguentar a carga desse vasto exército (Kaurava) se Karna sacrificar sua vida. Por que deveria ele ser capaz de resistir às minhas tropas e por que tu não deverias

ser capaz de matar as tropas hostis, ó senhor? Por tua causa, ó senhor, eu seguiria de bom grado os passos de meus irmãos (mortos) e dos outros reis heróicos da Terra.'"

"Shalya disse, 'Ó filho de Gandhari, porque tu, ó concessor de honras, me descreveste diante de tuas tropas como sendo superior ao filho de Devaki, eu estou muito satisfeito contigo. Eu aceito o cargo de motorista do célebre filho de Radha quando ele lutar com aquele principal dos filhos de Pandu, como tu desejas. Eu tenho, no entanto, ó herói, um acordo a fazer com Vaikartana, e que é este: eu irei proferir quaisquer palavras que eu possa desejar, na presença dele.'"

"Sanjaya continuou, 'Teu filho então, ó rei, com Karna, ó senhor, respondeu para o soberano dos Madras, dizendo, 'Que assim seja' na presença de todos os Kshatriyas. Assegurado pela aceitação de Shalya do cargo de motorista, Duryodhana, cheio de alegria, abraçou Karna. Elogiado (por bardos e panegiristas em volta), teu filho então se dirigiu novamente a Karna, dizendo, 'Mate todos os Parthas em batalha, como o grande Indra matando os Danavas.' Shalya tendo aceitado o posto de segurar as rédeas de seus corcéis, Karna, com o coração alegre, mais uma vez se dirigiu a Duryodhana, dizendo, 'O soberano dos Madras não diz muito alegremente o que ele diz. Ó rei, solicite-o mais uma vez em palavras gentis.' Assim endereçado, o poderoso rei Duryodhana, possuidor de grande sabedoria e habilidoso em tudo, falou novamente àquele senhor de terra, Shalya, o soberano de Madras, em uma voz profunda como aquela das nuvens e enchendo a região inteira lá com o som daquela voz: 'Ó Shalya, Karna acha que ele deve lutar com Arjuna hoje. Ó tigre entre homens, segure as rédeas dos cavalos de Karna em batalha. Tendo matado todos os outros guerreiros Karna deseja matar Phalguna. Eu te solicito, ó rei, repetidamente, a respeito de segurar as rédeas de seus corcéis. Como Krishna, aquele principal de todos os motoristas, é o conselheiro de Partha, assim mesmo proteja o filho de Radha hoje de todo o perigo.'"

"Sanjaya continuou, 'Abraçando teu filho então, Shalya o soberano dos Madras respondeu alegremente àquele matador de inimigos, isto é, Duryodhana, dizendo, 'Se isso é o que tu pensas, ó filho real de Gandhari, ó tu de belas feições, eu irei, por isso, realizar tudo o que possa ser agradável para ti. Ó chefe dos Bharatas, para quaisquer ações que eu possa estar apto, me empenhando nelas com todo meu coração, eu aguentarei a carga daqueles atos teus. Que Karna, no entanto, e tu mesmo perdoem-me todas aquelas palavras, agradáveis ou desagradáveis, que eu possa falar para Karna pelo desejo do seu bem.'"

"Karna disse, 'Ó soberano dos Madras, esteja sempre dedicado ao nosso bem como Brahman naquele de Ishana, como Keshava naquele de Partha.'"

"Shalya disse, 'Estes quatro tipos de conduta: autocensura e auto-elogio, falar mal de outros, e adulação de outros, nunca são praticados por aqueles que são respeitáveis. Aquilo, no entanto, ó erudito, que eu direi, para inspirar tua confiança é repleto de auto-adulação. Não obstante isso escute devidamente. Ó pujante, como o próprio Matali, eu estou apto para agir como o motorista até de Indra em

atenção, em conduzir os corcéis, em conhecimento de perigo próximo e dos meios de evitá-lo, e em competência para evitá-lo na prática. Quando tu estiveres envolvido em combate com Partha, eu segurarei as rédeas dos teus corcéis. Que tua ansiedade seja dissipada, ó filho de Suta.'"

36

"Duryodhana disse, 'Este, ó Karna, agirá como teu motorista, este soberano dos Madras, que é superior a Krishna, como Matali o motorista do chefe dos celestiais. De fato, como Matali toma a condução do carro ao qual os corcéis de Indra estão unidos, assim mesmo Shalya será o condutor dos corcéis do teu carro hoje. Com tu mesmo como guerreiro naquele veículo e o soberano dos Madras como seu motorista, aquele mais notável dos carros certamente derrotará os Parthas em batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Quando a manhã veio, ó monarca, Duryodhana uma vez mais se dirigiu ao soberano dos Madras dotado de grande energia, dizendo, 'Ó soberano dos Madras, segure as rédeas em batalha dos principais dos corcéis de Karna. Protegido por ti, o filho de Radha vencerá Dhananjaya.' Assim endereçado, Shalya, respondendo, 'Assim seja' subiu no carro, ó Bharata. Quando Shalya se aproximou daquele carro, Karna com o coração alegre dirigiu-se a seu motorista, dizendo, 'Ó quadrigário, equipe rapidamente o carro para mim.' Tendo equipado devidamente aquele carro triunfal, o principal de seu tipo, o qual parecia as mansões vaporosas no céu, Shalya o apresentou para Karna, dizendo, 'Abençoado sejas tu, vitória para ti.' Então Karna, aquele principal dos guerreiros em carros, reverenciando devidamente aquele carro que tinha nos tempos passados sido santificado por um sacerdote conhecedor de Brahma, e o circungirando e adorando cuidadosamente o deus Surya se dirigiu ao soberano dos Madras que se encontrava perto, dizendo, 'Suba no veículo.' Nisso Shalya de energia poderosa subiu naquele grande, invencível, e principal dos carros, pertencente a Karna, como um leão subindo em um topo de montanha. Vendo Shalya posicionado, Karna subiu em seu carro excelente como o Sol sobre uma massa de nuvens carregadas com relâmpago. Sobre o mesmo carro, aqueles dois heróis dotados do esplendor do Sol ou do fogo pareciam resplandecentes como Surya e Agni sentados juntos em uma nuvem no firmamento. Elogiados então (por bardos e panegiristas), aqueles dois heróis de grande refulgência pareciam com Indra e Agni adorados com hinos em um sacrifício por Ritwiks e Sadasyas. Karna ficou sobre aquele carro, as rédeas de cujos corcéis eram seguradas por Shalya, esticando seu arco formidável, como o próprio Sol dentro de um halo de luz circular. Posicionado sobre aquele principal dos carros, aquele tigre entre homens, Karna, com suas flechas constituindo seus raios, parecia belo como o Sol nas montanhas Mandara. Para o poderosamente armado filho de Radha, aquele guerreiro de energia incomensurável, colocado em seu carro para a batalha, Duryodhana disse essas palavras, 'Ó filho de Adhiratha, ó herói, realize aquela façanha de realização difícil que Drona e Bhishma não realizaram na própria vista de todos os arqueiros. Eu sempre acreditei que aqueles dois poderosos guerreiros

em carros, isto é, Bhishma e Drona, iriam sem dúvida matar Arjuna e Bhimasena em batalha. Como um segundo manejador do raio, ó filho de Radha, realize em grande batalha aquela façanha digna de um herói a qual não foi realizada por aqueles dois. Ou apanhe o rei Yudhishthira o justo ou mate Dhananjaya e Bhimasena, ó filho de Radha, e os filhos gêmeos de Madri. Abençoado sejas tu, que a vitória seja tua. Saia para a batalha, ó tigre entre homens. Reduza a cinzas todas as tropas do filho de Pandu.' Então milhares de trombetas e dezenas de milhares de baterias, soadas juntas, produziram um barulho como aquele das nuvens no firmamento. Aceitando aquelas palavras (de Duryodhana), o principal dos guerreiros em carros posicionado em seu carro, o filho de Radha, se dirigiu a Shalya, aquele guerreiro hábil em batalha, dizendo, 'Incite os corcéis, ó de braços fortes, para que eu possa matar Dhananjaya e Bhimasena e ambos os gêmeos e o rei Yudhishthira. Ó Shalya, que Dhananjaya veja hoje a força de meus braços, quando eu estiver empenhado em disparar flechas aladas com penas Kanka às centenas e milhares. Hoje, ó Shalya, eu dispararei flechas com grande energia para a destruição dos Pandavas e a vitória de Duryodhana.'"

"Shalya disse, 'Ó filho de Suta, por que tu pensas tão baixo dos filhos de Pandu, todos os quais são dotados de grande poder, todos os quais são arqueiros formidáveis, e todos os quais conhecem todas as armas? Eles não recuam, tem grande ventura, são invencíveis, e de destreza incapaz de ser frustrada. Eles são capazes de inspirar temor no coração do próprio Indra. Quando, filho de Radha, tu ouvires a vibração do Gandiva em batalha, parecendo com ribombo do próprio trovão, tu então não irás proferir tais palavras. Quando tu vires o filho de Dharma e os gêmeos fazendo um dossel, como aquele das nuvens no céu, com suas flechas afiadas, e os outros reis invencíveis (do exército Pandava), dotados de grande agilidade de mãos e disparando (chuvas de flechas) e enfraquecendo seus inimigos, então tu não irás proferir tais palavras.'"

"Sanjaya continuou, 'Desconsiderando aquelas palavras faladas pelo soberano dos Madras, Karna dirigiu-se a ele dotado de grande energia, dizendo, 'Proceda!'"

37

"Sanjaya disse, 'Vendo o poderoso Karna tomar sua posição pelo desejo de batalha, os Kauravas, cheios de deleite, proferiram gritos altos de todos os lados. Com a batida de pratos e os sons de baterias, com o zunido de diversos tipos de setas e os rugidos de combatentes dotados de grande energia, todas as tuas tropas procederam para a batalha, fazendo da morte somente o ponto no qual parar. Quando Karna saiu e os guerreiros do exército Kuru estavam cheios de alegria, a Terra, ó rei, tremeu e fez um barulho alto. Os sete grandes planetas incluindo o Sol pareceram preceder uns contra os outros (para combate). Chuvas meteóricas tornaram-se visíveis e todos os quadrantes pareciam em chamas. Trovões caíram de um céu sem nuvens, e ventos violentos começaram a soprar. Animais e aves em grandes números mantinham teu exército à sua direita, pressagiando grandes calamidades. Depois que Karna tinha saído, seus cavalos

caíram sobre o solo. Uma chuva terrível de ossos caiu do céu. As armas (dos guerreiros Kuru) pareciam estar em chamas; seus estandartes tremeram; e seus animais, ó monarca, derramaram lágrimas copiosas. Esses e muitos outros presságios terríveis e horríveis apareceram para a destruição dos Kurus. Entorpecidos pelo destino, nenhum deles considerou aqueles presságios em absoluto. Contemplando o filho de Suta partindo, todos os soberanos de homens (no exército Kaurava) gritaram vitória para ele. Os Kauravas consideraram os Pandavas como já derrotados. Aquele matador de heróis hostis, aquele principal dos guerreiros em carros, Vaikartana, quando ele estava sobre seu carro lembrando-se da morte de Bhishma e Drona, brilhava com esplendor como o Sol ou fogo. Refletindo sobre as façanhas poderosas de Partha, e queimando com presunção e orgulho, e brilhando com ira e respirando longamente e fortemente, ele se dirigiu a Shalya e disse essas palavras: 'Quando posicionado em meu carro e armado com meu arco, eu não me assustaria nem pelo próprio Indra armado com o trovão e excitado com cólera. Vendo aqueles grandes heróis encabeçados por Bhishma jazendo no campo de batalha, eu não sinto qualquer ansiedade. Vendo até os impecáveis Bhishma e Drona, iguais a Indra e Vishnu, aqueles subjugadores dos principais carros e corcéis e elefantes, aqueles heróis que não podiam ser mortos, mortos pelo inimigo, eu ainda não sinto qualquer medo nessa batalha. Conhecedor de armas poderosas, e ele mesmo o principal dos Brahmanas, por que, de fato, o preceptor não matou em batalha todos os inimigos, vendo eles destruírem os mais poderosos de nossos reis com seus motoristas e elefantes e carros? Lembrando daquele Drona em grande batalha, eu digo a vocês realmente, ouçam-me, ó Kurus, não há ninguém entre vocês, salvo eu mesmo, que é competente para resistir ao avanço de Arjuna, aquele guerreiro que parece a própria Morte em sua forma mais feroz. Em Drona havia as habilidades resultantes da prática, e força, e coragem, e as maiores das armas e política. Quando até aquele de grande alma teve que sucumbir à Morte, eu considero todos os outros (do nosso exército), sem forças e prestes a morrer. Neste mundo eu não encontro qualquer coisa, mesmo pensando bem, que seja estável, por causa da conexão inevitável das ações. Quando o próprio preceptor está morto, quem então se entregaria à convicção certa de que ele viverá até o nascer do sol de hoje? Quando o preceptor foi assim morto pelo inimigo em batalha, sem dúvida armas, comuns e celestes, e força e bravura, e realizações e política sábia, não são capazes de realizar a felicidade do homem. Em energia Drona era igual ao fogo ou ao Sol, em destreza ele parecia Vishnu ou Purandara; em política ele era igual a Brihaspati ou Usana; irresistível como ele era, armas contudo não puderam protegê-lo. Quando (nossas) mulheres e crianças estão chorando e proferindo lamentos altos, quando o heroísmo dos Dhartarashtras tem sido derrotado, eu sei, ó Shalya, que sou eu quem deve lutar. Proceda, portanto, contra o exército de nossos inimigos. Quem mais, salvo eu mesmo, será capaz de resistir àquelas tropas entre as quais está posicionado o filho real de Pandu firme em verdade, e Bhimasena e Arjuna, e Satyaki, e os gêmeos? Portanto, ó soberano dos Madras, proceda rapidamente, nesta batalha, em direção aos Pancalas, aos Pandavas, e aos Srinjayas. Enfrentando eles em batalha, ou eu os matarei, ou eu mesmo (irei) para a presença de Yama pelo caminho tomado por Drona. Não pense, ó Shalya, que eu não entrarei no próprio meio daqueles heróis. Essas dissensões internas

não podem ser toleradas por mim. (Sem procurar tolerá-las) eu até seguirei na esteira de Drona. Sábios ou ignorantes, quando seu período está terminado, todos são igualmente considerados pelo Destruidor; ninguém pode escapar, ó erudito, por isso, eu procederei contra os Parthas. Eu não posso contrariar meu destino. O filho do filho de Vicitravirya está, ó rei, sempre empenhado em me fazer bem. Para a realização do seu propósito, eu abandonarei meus ares vitais que são tão preciosos, e este corpo que é tão difícil de ser descartado. Este principal dos carros coberto com peles de tigre, com eixo que não produz som equipado com um assento dourado dotado de trivenu feito de prata, e ao qual estão unidos estes mais notáveis dos cavalos de batalha, Rama deu para mim. Veja, também, ó Shalya, esses arcos belos, essas bandeiras, essas maças, essas flechas de formas ardentes, essa espada resplandecente, essa arma poderosa, essa concha branca de clangor alto e violento. Sendo levado sobre esse carro enfeitado com estandartes, suas rodas produzindo um estrépito profundo como aquele do trovão, tendo corcéis brancos unidos a ele, e adornado com aljavas excelentes, eu irei, aplicando minha força, matar em batalha aquele touro entre os guerreiros em carros, Arjuna. Se a própria Morte, aquela consumidora universal, fosse proteger com vigilância o filho de Pandu em batalha, eu ainda assim o enfrentaria em luta e ou o mataria ou eu mesmo iria para a presença de Yama seguindo Bhishma. Se Yama, Varuna, Kuvera, e Vasava, com todos os seus seguidores vindo para cá, protegerem conjuntamente o filho de Pandu nessa grande batalha, qual a necessidade de muitas palavras, eu ainda irei subjugá-lo com eles.'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras do vaidoso Karna que estava muito contente na antecipação da batalha, o valente rei dos Madras, ridicularizando-o, deu risada, e deu a ele a seguinte resposta para reprimi-lo.'"

"Shalya disse, 'Abstenha-te, abstenha-te, ó Karna, de tal jactância. Tu estás em êxtases de alegria e dizes o que tu nunca deverias dizer. Onde está Dhananjaya, aquele principal dos homens, e onde, além disso, estás tu, ó mais vil dos homens? Quem mais, salvo Arjuna, poderia levar embora a irmã mais nova de (Keshava) aquela principal de todas as pessoas, tendo agitado violentamente a casa dos Yadus que era protegida pelo irmão mais novo de Indra e que parecia o próprio céu que é guardado pelo chefe dos celestiais? Que homem exceto Arjuna que é dotado de destreza que é igual à destreza do chefe dos celestiais, poderia na ocasião da disputa causada pela morte de um animal, convocar Bhava o Senhor dos Senhores, o Criador dos mundos, para a batalha? Para honrar Agni, Jaya derrotou Asuras e deuses e grandes cobras e homens e aves e Pishacas e Yakshas e Rakshasas com suas flechas e deu para aquele deus o alimento que ele desejava. Tu lembras, ó Karna, da ocasião quando, massacrando aqueles inimigos em grandes números com suas flechas excelentes dotadas da refulgência do Sol, Phalguna libertou o próprio filho de Dhritarashtra entre os Kurus? Tu te lembras da ocasião quando, tu mesmo tendo sido o primeiro a fugir, os filhos briguentos de Dhritarashtra foram libertados pelos Pandavas depois dos últimos terem derrotado aqueles percorredores dos céus (os Gandharvas encabeçados por Citraratha)? Na ocasião também da captura do gado (de Virata), os Kauravas, cheios de números em relação a ambos, homens e animais, e tendo

o preceptor e o filho do preceptor e Bhishma entre eles, foram derrotados por aquele principal dos homens. Por que, ó filho de Suta, tu não derrotaste Arjuna então? Para tua destruição outra batalha excelente agora se apresentou. Se tu não fugires de medo de teu inimigo, saiba, ó filho de Suta, que logo que tu fores para a batalha tu serás morto.'"

"Sanjaya continuou, 'Quando o soberano dos Madras estava muito sinceramente empenhado em dirigir essas palavras desagradáveis para Karna e proferindo esses louvores do inimigo do último, aquele opressor de inimigos, isto é, o comandante do exército Kuru, excitado com raiva, disse essas palavras para o rei Madra.'"

"Karna disse, 'Que seja assim, que seja assim. Por que, no entanto, tu te perdes nos louvores de Arjuna? Uma batalha está prestes a ocorrer entre eu e ele. Se ele me derrotar em combate, então esses teus louvores serão considerados como bem proferidos.'"

"Sanjaya continuou, 'O soberano dos Madras disse, 'Que assim seja' e não deu resposta. Quando Karna, pelo desejo de lutar, dirigiu-se a Shalya, dizendo, 'Proceda' então aquele grande guerreiro em carro, tendo corcéis brancos unidos ao seu veículo e possuindo Shalya como seu quadrigário, procedeu contra seus inimigos, matando grandes números em batalha ao longo de seu caminho, como o Sol destruindo a escuridão. De fato, naquele carro coberto com peles de tigre e tendo corcéis brancos unidos a ele, Karna procedeu com o coração alegre, e contemplando o exército dos Pandavas, rapidamente perguntou por Dhananjaya.'"

38

"Sanjaya disse 'Depois que Karna, alegrando teu exército, tinha saído para a batalha, ele falava para todo soldado Pandava que ele encontrava, essas mesmas palavras: 'Para aquele que hoje apontar Dhananjaya de grande alma de cavalos brancos para mim, eu darei qualquer riqueza que ele deseje. Se tendo-a obtido ele não ficar satisfeito, eu além do mais darei a ele, ele isto é, que revelar Arjuna para mim, uma carrada de jóias e pedras preciosas. Se isso não satisfizer a pessoa que revelar Arjuna para mim, eu darei a ele cem vacas com o mesmo número de recipientes de cobre para ordenhar aqueles animais. Eu darei cem das aldeias principais para a pessoa que revelar Arjuna para mim. Eu também darei a ele que mostrar Arjuna para mim diversas donzelas de cabelos longos de olhos negros e um carro ao qual serão unidas mulas brancas. Se isso não satisfizer a pessoa que revelar Arjuna para mim, eu darei a ele outro principal dos carros, feito de ouro, e tendo seis touros unidos a ele que serão tão grandes quanto elefantes. Eu também darei a ele cem donzelas enfeitadas com ornamentos, com colares de ouro, de tez clara e talentosas em canto e dança. Se isso não satisfizer a pessoa que revelar Arjuna para mim, eu darei a ele 100 elefantes, 100 aldeias e 100 carros, e 10.000 corcéis da principal das raças, gordos, dóceis, dotados de muitas qualidades excelentes, capazes de puxar carros e bem treinados. Eu também

darei à pessoa que revelar Arjuna para mim quatrocentas vacas, cada uma com chifres dourados e seu bezerro. Se isso não satisfizer a pessoa que revelar Arjuna para mim, eu farei a ele um presente mais valioso, isto é, quinhentos cavalos, ornados com arreios de ouro e decorados com ornamentos enfeitados com pedras preciosas. Eu também darei dezoito outros corcéis de grande docilidade. Eu também darei à pessoa que revelar Arjuna para mim um carro brilhante feito de ouro e adornado com diversos ornamentos e tendo principais dos corcéis Kamboja unidos a ele. Se isso não satisfizer a pessoa que revelar Arjuna para mim, eu farei a ele um presente mais valioso, isto é, seiscentos elefantes, com correntes de ouro em volta de seus pescoços, e cobertos com mantas de ouro, nascidos no litoral oeste do oceano, e treinados por treinadores de elefantes. Se isso não satisfizer a pessoa que revelar Arjuna para mim, eu farei a ele um presente mais valioso, isto é, catorze aldeias Vaishya, cheias de pessoas, cheias de riqueza, situadas na proximidade de florestas e rios, livres de todos os tipos de perigo, bem equipadas (com outros artigos necessários), e dignas de serem desfrutadas por reis. Para ele que revelar Dhananjaya para mim, eu também darei cem escravas mulheres, com colares dourados, pertencentes ao país dos Magadhas, e de idade muito jovem. Se isso não satisfizer a pessoa que revelar Arjuna para mim, eu farei a ele um presente mais valioso, aquele, de fato, o qual ele mesmo solicitará. Filhos, esposas e artigos de prazer e diversão que eu tenho, esses todos eu darei a ele se ele os desejar. De fato, para aquele que revelar Keshava e Arjuna para mim eu irei, depois de matar aqueles dois, dar toda a riqueza que possa ser deixada por eles.' Tendo proferido aquelas diversas palavras naquela batalha, Karna soprou sua concha excelente, nascida no mar e produzindo um clangor agradável. Ouvindo essas palavras do filho de Suta que eram adequadas para sua disposição, Duryodhana, ó rei, com todos os seus seguidores ficou cheio de alegria. Nessa conjuntura a batida de pratos e baterias e gritos leoninos, e grunhidos de elefantes com os sons de diversos instrumentos musicais, se ergueram lá, ó rei, entre as tropas (Kaurava), ó touro entre homens. Os gritos também de guerreiros cheios de alegria se elevaram lá. Quando as tropas (Kaurava) estavam assim cheias de alegria, o soberano dos Madras, rindo em escárnio, disse essas palavras para aquele subjugador de inimigos, isto é, o filho de Radha, aquele poderoso guerreiro em carro que estava prestes a mergulhar naquele oceano de batalha e que estava se perdendo em tal jactância inútil.'"

39

"Shalya disse, 'Ó filho de Suta, não dê de graça para qualquer homem um carro dourado com seis touros de proporções elefânticas. Tu obterás uma visão de Dhananjaya hoje. Por tolice tu estás doando riqueza como se tu fosses o Senhor dos tesouros. Sem qualquer dificuldade, no entanto, ó filho de Radha, tu verás Dhananjaya hoje. Tu estás a fim de doar essa riqueza como uma pessoa insensata; mas tu não vês os deméritos vinculados àqueles presentes que são feitos para pessoas não merecedoras. Com aquela grande riqueza que tu estás desejoso de dar de graça, tu és certamente capaz de realizar muitos sacrifícios.

Portanto, ó filho de Suta, realize aqueles sacrifícios. Em relação ao teu desejo, nutrido por insensatez, esse é certamente vão. Nós nunca ouvimos falar de um par de leões terem sido derrubados por uma raposa. Tu procuras o que nunca deve ser procurado por ti. Parece que tu não tens amigos para impedir a ti que estás caindo rapidamente em um fogo ardente. Tu és incapaz de discriminar entre o que tu deves fazer e o que tu não deves. Sem dúvida teu período está completo. Que homem desejoso de viver proferiria palavras que são tão incoerentes e não dignas de serem escutadas? Este teu esforço é como aquele de uma pessoa desejosa de cruzar o oceano pela ajuda somente de seus dois braços depois de ter amarrado ao seu pescoço uma pedra pesada, ou de alguém desejoso de saltar do topo de uma montanha. Se tu estás desejoso de alcançar o que é para o teu bem, lute com Dhananjaya, bem protegido de dentro da tua divisão em formação de combate, e ajudado por todos os teus guerreiros. Eu digo isso para ti para o bem do filho de Dhritarashtra e não por qualquer animosidade por ti. Se tu tens algum desejo de preservar tua vida então aceite as palavras faladas por mim.'"

"Karna disse, 'Confiando no poder das minhas próprias armas eu procuro Arjuna em batalha. Tu, no entanto, que és um inimigo com a face de um amigo desejas me assustar. Nenhuma pessoa irá me dissuadir desta resolução, nem o próprio Indra erguendo seu trovão; o que dizer então de um mortal?'"

"Sanjaya continuou, 'Na conclusão destas palavras de Karna, Shalya, o soberano dos Madras, desejoso de provocar Karna extremamente, disse essas palavras em resposta, 'Quando flechas de pontas afiadas aladas com penas Kanka, atiradas por Phalguna de braços poderosos e impelidas da corda de seu arco e disparadas com toda sua energia te procurarem então tu irás lamentar teu confronto com aquele herói. Quando Partha, também chamado Savyasaci, pegando seu arco celeste, chamuscar o exército (Kuru) e te afligir muito com flechas afiadas, então, ó filho de Suta, tu te arrependerás (da tua insensatez). Como uma criança deitada no colo de sua mãe procura agarrar a Lua, assim mesmo tu por tolice procuras derrotar aquele Arjuna resplandecente posicionado em seu carro. Ao desejar, ó Karna, lutar hoje com Arjuna de façanhas de gume afiado, tu estás para esfregar todos os teus membros contra as extremidades afiadas de um tridente. Esse teu desafio de Arjuna, ó filho de Suta, é como aquele de um pequeno veado tolo jovem de atividade desafiando um leão enorme excitado com fúria. Ó filho de Suta, não desafie aquele príncipe de energia poderosa como uma raposa satisfeita com carne na floresta desafiando o monarca de juba da floresta. Não seja destruído, enfrentado Arjuna. Tu, ó Karna, desafias Dhananjaya, o filho de Pritha, assim como uma lebre desafiando um elefante enorme com presas grandes como relhas de arado, e com o suco emergindo de sua boca e bochechas fendidas. Por loucura tu estás perfurando, com um pedaço de madeira, a naja preta de veneno virulento excitada à fúria dentro de seu buraco, ao desejares lutar com Partha. Dotado de pouca inteligência, tu, ó Karna, desconsiderando aquele leão entre homens, isto é, o filho de Pandu, gritas para ele, como um chacal que, desconsiderando um leão de juba excitado com cólera, berra para ele. Como uma cobra, para sua própria destruição, desafia aquela principal das aves, o filho de Vinata, possuidor de plumagem bela e grande

energia, assim mesmo tu, ó Karna, desafias Dhananjaya o filho de Pandu. Tu desejas cruzar sem uma balsa o oceano terrível, o receptáculo de todas as águas, com suas ondas-montanha e cheio de animais aquáticos, quando em seu auge no nascer da Lua. Ó Karna, tu desafias Dhananjaya, o filho de Pritha, para lutar assim como um bezerro desafiando um touro batedor de chifres afiados e pescoço grosso como um tambor. Como uma rã coaxando para uma nuvem terrível e imensa produzindo torrentes copiosas de chuva, tu coaxas para Arjuna que é assim como Parjanya entre os homens. Como um cachorro de dentro dos arredores da casa de seu dono late para um tigre vagueador da floresta, assim mesmo, ó Karna, tu lates para Dhananjaya, aquele tigre entre homens. Um chacal, ó Karna, residindo na floresta no meio de lebres se considera um leão até que ele realmente vê um leão. Assim mesmo, ó filho de Radha, tu te consideras um leão, pois tu ainda não contemplaste aquele repressor de inimigos, aquele tigre entre homens, isto é, Dhananjaya. Tu te consideras um leão até tu vires os dois Krishnas posicionados no mesmo carro como Surya e Candramas. Enquanto tu não ouvires a vibração do Gandiva em grande batalha, tu serás capaz de fazer o que te agrada. Vendo Partha, fazendo os dez pontos do horizonte ressoarem com o ribombo de seu carro e a vibração de seu arco, e vendo-o rugindo como um tigre, tu irás te tornar um chacal. Tu és sempre um chacal, e Dhananjaya sempre um leão. Ó tolo, por causa da tua inveja e ódio por heróis, tu sempre pareces ser como um chacal. Como um camundongo e um carro são um para o outro em força, ou um cachorro e um tigre, uma raposa e um leão, ou uma lebre e um elefante, como mentira e verdade, como veneno e néctar, assim mesmo tu e Partha são conhecidos a todos por seus respectivos feitos.'"

40

"Sanjaya disse, 'Assim repreendido por Shalya de energia incomensurável, o filho de Radha, sentindo a retidão do nome daquele que o repreendia (Shalya = dardo) por causa de seus dardos verbais, e ficando cheio de raiva, respondeu a ele dessa maneira.'"

"Karna disse, 'Os méritos de homens meritórios, ó Shalya, são conhecidos por aqueles que são eles mesmos meritórios, mas não por aqueles que são desprovidos de mérito. Tu, no entanto, és desprovido de todo mérito. Como então tu podes julgar a respeito de mérito e demérito? As armas poderosas de Arjuna, sua ira, sua energia, seu arco, suas flechas e a bravura também daquele herói de grande alma são, ó Shalya, bem conhecidos por mim. Assim também, ó Shalya, tu não conheces, assim como eu, a grandeza de Krishna, aquele touro entre os senhores da Terra. Mas conhecendo minha própria energia como também aquela do filho de Pandu, eu o desafio para a batalha. Ó Shalya, eu não ajo como um inseto em relação a um fogo ardente. Eu tenho esta flecha, ó Shalya, de boca afiada, bebedora de sangue, repousando sozinha dentro de uma aljava, equipada com asas, bem mergulhada em óleo e bem enfeitada. Ela está colocada em meio a pó de sândalo, reverenciada por mim por longos anos. Partilhando da natureza e forma de uma cobra, ela é venenosa e feroz e capaz de matar grande número de

homens e cavalos e elefantes de forma horrível, e extremamente terrível, ela é capaz de atravessar cotas de malha e ossos. Inspirado com cólera, eu posso perfurar até as montanhas poderosas de Meru com ela. Esta flecha eu nunca atirarei em qualquer outra pessoa exceto Phalguna ou Krishna, o filho de Devaki. Nisso eu te digo a verdade. Ouça. Com aquela flecha, ó Shalya, eu irei, inspirado com raiva, lutar com Vasudeva e Dhananjaya. Esse seria um feito digno de mim. De todos os heróis na tribo Vrishni, é Krishna em quem a Prosperidade está sempre estabelecida. Entre todos os filhos de Pandu, é Partha em quem a Vitória está sempre estabelecida. Aqueles dois tigres entre homens, posicionados juntos no mesmo carro, avançarão contra mim sozinho para lutar. Tu, ó Shalya, verás hoje a nobreza da minha linhagem. Aqueles dois primos, um dos quais é o filho da tia e o outro o filho do tio materno, aqueles dois guerreiros invencíveis, tu verás, serão mortos por mim (com uma flecha) e parecerão com duas pérolas encordoadas juntas na mesma corda. O Gandiva de Arjuna e o estandarte portando o Macaco, e o disco de Krishna e o estandarte portando Garuda inspiram temor somente naqueles que são medrosos. A mim, no entanto, ó Shalya, eles são causas de alegria. Tu és um tolo, de má disposição, e inábil nos modos de grande batalha. Dominado pelo terror, tu proferes esses desvarios. Ou, tu estás elogiando eles por alguma razão não conhecida por mim. Tendo matado aqueles dois primeiro, eu então matarei a ti hoje com todos os teus parentes. Nascido em um país pecaminoso tu és de alma perversa e vil, e um canalha entre os kshatriyas. Sendo um amigo, por que tu, como um inimigo, me intimidas com esses elogios aos dois Krishnas? Ou eles dois me matarão hoje ou eu matarei eles dois. Conhecendo como eu conheço minha própria força, eu não nutro qualquer medo dos dois Krishnas. Mil Vasudevas e centenas de Phalgunas, eu, sozinho, matarei. Segure tua língua, ó tu que és nascido em um país pecaminoso. Ouça de mim, ó Shalya, os ditados, já passados para provérbios, que homens, jovens e velhos, e mulheres, e pessoas chegadas no decurso de suas viagens indiferentes, geralmente proferem, como se aqueles ditados formassem parte de seus estudos, sobre os Madrakas perversos. Brahmanas também narraram devidamente as mesmas coisas antigamente nas cortes de reis. Escutando aqueles ditados atentamente, ó tolo, tu podes perdoar ou replicar. O Madraka é sempre um odiador de amigos. Ele que nos odeia é um Madraka. Não há amizade no Madraka que é vil em palavras e é o mais baixo da humanidade. O Madraka é sempre uma pessoa de alma perversa, é sempre falso e desonesto. É sabido por nós que até o momento da morte os Madrakas são ruins. (Entre os Madrakas) o pai, o filho, a mãe, a sogra, o irmão, o neto, e outros parentes, companheiros, desconhecidos chegados em suas casas, escravos homens e mulheres, se misturam. As mulheres dos Madrakas se misturam, por sua própria vontade, com homens conhecidos e desconhecidos. De conduta iníqua, e subsistindo de cereais e peixes fritos e em pó, em suas casas, eles dão risada e gritam tendo bebido álcool e comido carne de vaca. Eles cantam canções incoerentes e se misturam lascivamente uns com os outros, enquanto se entregam às falas mais imorais. Como então a virtude pode ter um lugar entre os Madrakas que são arrogantes e notórios por todos os tipos de más ações? Ninguém deve fazer amizade com um Madraka ou provocar hostilidades com ele. Na terra Madraka não há amizade. O Madraka é sempre a sujeira da humanidade. Entre os Madrakas todos os atos de

amizade estão perdidos como pureza entre os Gandharakas e as libações despejadas em um sacrifício no qual o rei é ele mesmo o sacrificador e sacerdote. Então, além disso, é realmente visto que homens sábios tratam uma pessoa mordida por um escorpião e afetada por seu veneno, exatamente com estas palavras: 'Como um Brahmana que ajuda nas cerimônias religiosas de um Shudra sofre degradação, como aquele que odeia brahmanas sempre sofre degradação, assim mesmo uma pessoa por fazer uma aliança com os Madrakas se torna decaída. Como não há amizade no Madraka, assim, ó escorpião, teu veneno é zero.' Com estes mantras do Atharvan eu tenho realizado devidamente o rito de exorcismo. Sabendo disso, ó erudito, segure tua língua, ou escute algo mais que eu direi. Aquelas mulheres que, embriagadas por bebidas alcoólicas, deixam cair seus mantos e dançam, aquelas mulheres que não são ligadas (a indivíduos específicos) na questão de relacionamento e que fazem como lhes agrada sem terem quaisquer restrições, eu digo, que sendo como tu és o filho de uma daquelas mulheres, como tu podes, ó Madraka, ser uma pessoa adequada para declarar os deveres de homens? Aquelas mulheres que vivem e respondem chamados da natureza como camelos e jumentos, sendo como tu és o filho de uma daquelas criaturas pecaminosas e desavergonhadas, como tu podes desejar declarar os deveres de homens? Quando uma mulher Madraka é solicitada para a doação de uma pequena quantidade de vinagre, ela coça seus quadris e sem estar desejosa de dá-lo, diz estas palavras cruéis, 'Que nenhum homem peça de mim algum vinagre que é tão caro para mim. Eu daria a ele meu filho, eu daria a ele meu marido, mas vinagre eu não daria.' As jovens moças Madraka, nós ouvimos, são geralmente muito desavergonhadas e peludas e glutonas e impuras. Essas e muitas outras coisas de uma natureza similar, em relação a todas as suas ações, do topo de suas cabeças à ponta de seus dedos dos pés, podem ser afirmadas a respeito delas por eu mesmo e outros. Como, de fato, os Madrakas e os Sindhu-Sauviras saberiam qualquer coisa sobre dever, sendo nascidos, como eles são, em um país pecaminoso, sendo mlecchas em suas práticas, e sendo totalmente indiferentes a todos os deveres? É sabido por nós que este é o maior dever de um Kshatriya, isto é, que morto em batalha, ele deve jazer sobre a Terra, aplaudido pelos justos. Sacrificar (minha vida) nesse conflito de armas é meu principal desejo, desejoso como eu estou do céu através da Morte. Eu sou também o amigo querido do filho inteligente de Dhritarashtra. Por causa dele existem meus ares vitais e qualquer riqueza que eu tenha! Em relação a ti, ó tu que és nascido em um país pecaminoso, é evidente que tu foste manipulado pelos Pandavas, já que tu te comportas conosco em tudo como um inimigo. Como um homem virtuoso não pode ser desencaminhado por ateus, indubitavelmente eu não posso ser dissuadido dessa batalha por centenas de pessoas como tu. Como um veado, coberto com suor, tu estás em liberdade para lamentar ou ansiar. Cumpridor como eu sou dos deveres de um Kshatriya, eu não posso ser amedrontado por ti. Eu recordo em minha mente do fim, declarado para mim nos tempos passados por meu preceptor Rama, daqueles leões entre homens, aqueles heróis que não recuam, que sacrificam suas vidas em batalha. Preparado para salvar os Kauravas e matar nossos inimigos, saiba que eu estou agora determinado a imitar o comportamento excelente de Pururavas. Eu, ó soberano dos Madrakas, não vejo a pessoa nos três mundos que possa, eu penso, me

dissuadir deste propósito. Pare de falar, sabendo tudo isso. Por que tu deliras de tal modo de medo? Ó canalha entre os Madrakas, eu não te matarei agora e oferecerei tua carcaça como uma oferenda para criaturas carnívoras. Por consideração por um amigo, ó Shalya, por causa do filho de Dhritarashtra, e para evitar repreensão, por essas três razões, tu ainda vives. Se, ó soberano dos Madras, tu falares palavras semelhantes novamente, eu então esmagarei tua cabeça com minha maça que é tão dura como o trovão. Hoje as pessoas verão ou ouvirão, ó tu que és nascido em um país pecaminoso, ou que os dois Krishnas mataram Karna ou que Karna matou os dois Krishnas.' Tendo dito essas palavras, o filho de Radha, ó monarca, dirigiu-se novamente ao rei dos Madras, dizendo destemidamente, 'Proceda, proceda.'"

41

"Sanjaya disse, 'Ouvindo, ó senhor, essas palavras do filho de Radha que se deleitava em batalha, Shalya mais uma vez se dirigiu a Karna, citando um exemplo, 'Eu nasci na linhagem de homens que realizaram grandes sacrifícios, que nunca se retiraram da batalha, que eram reis cujos cabelos coronais passaram pelo banho sagrado. Eu mesmo sou também dedicado à prática da virtude. Tu, ó Vrisha, pareces ser como alguém que está embriagado com bebidas alcoólicas. Apesar de tudo isso, eu irei, por amizade, procurar curar tua pessoa enganada e embriagada. Escute, ó Karna, a este símile de um corvo que eu estou prestes a narrar. Tendo ouvido isto, tu podes fazer o que tu escolheres, ó tu que és desprovido de inteligência e que és um canalha da tua raça. Eu, ó Karna, não me lembro da mais leve falha em mim pela qual, ó tu de armas poderosas, tu possas desejar matar minha pessoa inocente. Eu devo te dizer o que é para o teu bem e o que é para teu mal, conhecedor como eu sou de ambos, especialmente porque eu sou o motorista do teu carro e desejoso do bem do rei Duryodhana. Qual terra é nivelada e qual não é, a força ou fraqueza do guerreiro (em meu veículo), a fadiga e fraqueza, em todos os momentos, dos corcéis e do guerreiro (que eu estou conduzindo), um conhecimento das armas que estão disponíveis, os gritos de animais e aves, o que seria pesado para os cavalos e o que seria extremamente pesado para eles, a extração de flechas e a cura de ferimentos, quais armas neutralizam quais, os vários métodos de batalha, e todas as espécies de presságios e indicações, eu que estou ligado tão de perto com este carro, sendo ninguém mais do que seu motorista, devo estar familiarizado com isso. Por isso, ó Karna, eu narro este exemplo para ti mais uma vez. Vivia no outro lado do oceano um Vaishya que tinha abundância de riqueza e cereais. Ele realizava sacrifícios, fazia doações generosas, era pacífico, dedicado aos deveres da sua própria classe, e puro em hábitos e mente. Ele tinha muitos filhos a quem ele amava, e era bondoso para todas as criaturas. Ele vivia destemidamente nos domínios de um rei que era guiado pela virtude. Havia um corvo que vivia do refugo dos pratos colocados diante daqueles filhos jovens bem educados do Vaishya. Aquelas crianças Vaishya sempre davam ao corvo carne e coalhos, e leite, e leite açucarado com arroz, e mel, e manteiga. Assim alimentado com o refugo de seus pratos pelos jovens filhos daquele Vaishya, o corvo se tornou

arrogante e veio a desconsiderar todas as aves que eram iguais a ele ou até superiores. Aconteceu que uma vez certos cisnes de corações alegres, de grande velocidade e capazes de ir a todos os lugares à vontade e iguais ao próprio Garuda em distância e velocidade de vôo, chegaram àquele lado do oceano. Os meninos Vaishya, vendo aqueles cisnes, se dirigiram ao corvo e disseram, 'Ó percorredor dos céus, tu és superior a todas as criaturas aladas.' Iludido por aquelas crianças de pouca inteligência, aquela criatura ovípara por tolice e orgulho, considerou suas palavras como verdadeiras. Orgulhoso do refugo dos pratos das crianças dos quais ele se alimentava, o corvo então, descendo no meio daqueles cisnes capazes de atravessar grandes distâncias, desejou perguntar a respeito de quem entre eles era seu líder. O corvo tolo finalmente desafiou aquele entre aquelas aves de asas incansáveis a quem ele considerava seu líder, dizendo, 'Vamos competir em vôo.' Ouvindo aquelas palavras do corvo delirante, os cisnes que tinham se reunido lá, aquelas principais das aves dotadas de grande força, começaram a dar risada. Os cisnes então, que eram capazes de ir a todos os lugares à vontade, se dirigiram ao corvo, dizendo, 'Nós somos cisnes, temos nossa residência no lago Manasa. Nós viajamos pela Terra inteira, e entre as criaturas aladas nós somos sempre elogiadas pela extensão das distâncias que nós atravessamos. Sendo, como tu és, somente um corvo, como tu podes, ó tolo, desafiar um cisne dotado de força, capaz de ir a todos os lugares à vontade, e fazendo grandes distâncias no decorrer de seu vôo? Diga-nos, ó corvo, como tu podes voar conosco.' O corvo vaidoso, por causa da tolice de sua espécie, repetidamente encontrando falhas nas palavras daquele cisne, finalmente deu esta resposta. O corvo disse, 'Eu irei sem dúvida voar mostrando cento e um diferentes tipos de movimento. Fazendo cada cem Yojanas em um separado e belo tipo de movimento, eu exporei todos aqueles movimentos. Erguendo-me, e me precipitando para baixo, e girando em volta, e rumando reto, e prosseguindo suavemente, e avançando firmemente, e realizando os diversos cursos para cima e recuando para trás, e me elevando a grande altura, e me precipitando para frente e voando para cima com velocidade mais violenta, e mais uma vez procedendo suavemente e então procedendo com grande impetuosidade, e outra vez mergulhando e girando e avançando firmemente, e me elevando pelos solavancos, e subindo reto, e novamente caindo e girando em um círculo e avançando orgulhosamente, e diversos outros tipos de movimento, esses todos eu mostrarei diante de todos vocês. Vocês então testemunharão minha força. Com uma destas diferentes espécies de movimento eu logo subirei ao céu. Indiquem devidamente, ó cisnes, por qual destes movimentos eu correrei pelo espaço. Decidindo o tipo de movimento entre vocês mesmos, vocês terão que correr comigo. Adotando todos esses movimentos diferentes, vocês terão que rumar comigo pelo espaço sem apoio.' O corvo tendo dito essas palavras, um dos cisnes se dirigiu a ele. Ouça, ó filho de Radha, as palavras que o cisne disse. O cisne falou, 'Tu, ó corvo, sem dúvida voará as cento e uma diferentes espécies de vôo. Eu irei, no entanto, voar naquele único tipo de movimento que todas (as outras) aves conhecem, pois eu, ó corvo, não conheço qualquer outro. Em relação a ti, ó tu de olhos vermelhos, voe em qualquer tipo de curso que tu queiras.' A estas palavras, aqueles corvos que tinham se reunido lá deram risadas altas, dizendo,

'Como irá o cisne com um único tipo de vôo levar a melhor sobre cem diferentes tipos de vôo?'"

"Então aqueles dois, isto é, o cisne e o corvo, se elevaram ao céu, desafiando um ao outro. Capaz de ir a todos os lugares à vontade, o cisne procedeu em um tipo de movimento, enquanto o corvo rumou em cem diferentes tipos. E o cisne voou e o corvo também voou, cada um fazendo o outro se admirar (por sua habilidade) e cada um falando elogiosamente de suas próprias realizações. Contemplando os diversos tipos de vôo em sucessivos instantes de tempo, os corvos que estavam lá se encheram de grande alegria e começaram a crocitar mais ruidosamente. Os cisnes também riram em zombaria, proferindo muitas observações desagradáveis (para os corvos). E eles começaram a subir e pousar repetidamente, aqui e ali. E eles começaram a descer e se elevar de topos de árvores e da superfície da terra. E eles proferiram diversos gritos indicativos de sua vitória. O cisne, no entanto, com aquele único tipo de movimento lento (com o qual ele estava familiarizado) começou a atravessar os céus. Por um momento, portanto, ó senhor, ele pareceu se render ao corvo. Os corvos, nisto, desconsiderando os cisnes, disseram essas palavras: 'Aquele cisne entre vocês que se elevou ao céu está evidentemente se entregando.' Ouvindo essas palavras, o cisne (subindo) voou para o oeste com grande velocidade para o oceano, aquela residência de Makaras. Então o medo entrou no coração do corvo que ficou quase inconsciente ao não ver qualquer ilha ou árvores sobre as quais pousar quando cansado. E o corvo pensou dentro de seu coração a respeito de onde ele deveria descer quando cansado, sobre aquela vasta extensão de água. O oceano, sendo como ele é a residência de inúmeras criaturas, é irresistível. Habitado por centenas de monstros, ele é mais grandioso do que o espaço. Nada pode excedê-lo em profundidade, ó filho de Suta. Os homens sabem, ó Karna, que as águas do oceano são tão ilimitadas quanto o espaço. Pela extensão de suas águas, ó Karna, o que é um corvo para ele? O cisne, tendo atravessado uma grande distância num momento, olhou para trás para o corvo, e (embora capaz) não pode deixá-lo para trás. Tendo ultrapassado o corvo, o cisne lançou seus olhos nele e esperou, pensando, 'Que o corvo se aproxime.' O corvo então, extremamente cansado, se aproximou do cisne. Vendo-o sucumbindo, e prestes a cair, e desejoso de salvá-lo em lembrança das práticas de bons povos, o cisne se dirigiu a ele nessas palavras, 'Tu repetidamente falaste de muitos tipos de vôo enquanto falando sobre o assunto. Tu não falarias desse (teu atual movimento) pela razão dele ser um mistério para nós? Qual é o nome desse tipo de vôo, ó corvo, que tu agora adotaste? Tu tocas as águas com tuas asas e bico repetidamente. Qual entre aquelas diversas espécies de vôo é essa, ó corvo, que tu estás agora praticando? Venha, venha, rapidamente, ó corvo, pois eu estou esperando por ti.'"

"Shalya continuou, 'Extremamente aflito, e tocando a água com suas asas e bico, ó tu de alma perversa, o corvo, visto naquele estado pelo cisne, se dirigiu ao último. De fato, não vendo o limite daquela extensão aquosa e descendo em fadiga, e esgotado com o esforço de seu vôo o corvo disse para o cisne, 'Nós somos corvos, nós vagamos para lá e para cá, gritando 'caw', ‘caw’. Ó cisne, eu

procuro tua proteção, colocando meus ares vitais em tuas mãos. Oh, leve-me para as margens do oceano com as asas e bico.' O corvo, muitíssimo fatigado, caiu de repente. Vendo-o caído sobre as águas do oceano com o coração triste, o cisne, se dirigindo ao corvo que estava prestes a morrer, disse essas palavras, 'Lembre, ó corvo, do que tu disseste em louvor de ti mesmo. As palavras foram mesmo que tu percorrerias o céu em cento e um diferentes tipos de vôo. Tu, portanto, que voarias cem diferentes tipos de vôo, tu que és superior a mim, ai, por que então tu estás cansado e caído no oceano?' Dominado pela fraqueza, o corvo então, lançando seus olhos para cima para o cisne, e procurando gratificá-lo, respondeu dizendo, 'Orgulhoso dos restos dos pratos de outros dos quais eu me alimentava, eu tinha, ó cisne, me considerado como o igual de Garuda e desrespeitado todos os corvos e muitas outras aves. Eu agora, no entanto, procuro tua proteção e coloco meus ares vitais nas tuas mãos. Oh, leve-me para o litoral de alguma ilha. Se, ó cisne, eu puder, ó senhor, voltar em segurança para meu próprio país, eu nunca mais desconsiderarei ninguém. Oh, salve-me agora dessa calamidade.' Ele que falou dessa maneira e estava tão triste e lamentando e privado de sentidos, ele que estava afundando no oceano, proferindo gritos 'caw, caw,' ele assim encharcado pela água e tão lamentável de se olhar e tremendo com medo, o cisne, sem uma palavra, ergueu com seus pés, e lentamente o fez subir em suas costas. Tendo feito o corvo cujos sentidos o tinham abandonado montar em suas costas, o cisne voltou rapidamente para aquela ilha de onde os dois tinham voado, desafiando um ao outro. Colocando aquele percorredor do céu em terra seca e confortando-o, o cisne, rápido como a mente, procedeu para a região que ele desejava. Dessa maneira aquele corvo, alimentado dos restos dos jantares de outros, foi vencido pelo cisne. O corvo, então, rejeitando o orgulho de força e energia, adotou uma vida de paz e quietude. De fato, assim como aquele corvo, alimentado dos restos dos jantares das crianças Vaishya, desconsiderava seus iguais e superiores, assim tu, ó Karna, que és alimentado pelos filhos de Dhritarashtra dos restos de seus pratos, desrespeitas todos os teus iguais e superiores. Por que tu não mataste Partha na cidade Virata quando tu tinhas a vantagem de seres protegido por Drona e o filho de Drona e Kripa e Bhishma e os outros Kauravas? Lá onde, como um bando de chacais derrotado por um leão, vocês todos foram derrotados com grande matança pelo ornado com diadema Arjuna, o que aconteceu com tua bravura? Vendo também teu irmão morto por Savyasaci, na própria vista dos heróis Kuru, foste tu que fugiste primeiro. Pelas margens também do lago Dvaitya, ó Karna, quando tu foste atacado pelos Gandharvas, foste tu que, abandonando todos os Kurus, fugiste primeiro. Tendo vencido em batalha os Gandharvas encabeçados por Citrasena, com grande massacre, foi Partha, ó Karna, que libertou Duryodhana com sua esposa. O próprio Rama, ó Karna, diante dos reis na assembléia (Kuru) falou da grande bravura de ambos Partha e Keshava. Tu frequentemente ouviste as palavras de Drona e Bhishma, falando na presença de todos os reis, que os dois Krishnas não podem ser mortos. Eu te falei um pouco somente com relação àquelas questões nas quais Dhananjaya é superior a ti como o Brahmana que é superior a todos os seres criados. Logo tu verás, posicionados naquele mais notável dos carros, o filho de Vasudeva e o filho de Kunti e Pandu. Como o corvo (na história), agindo com inteligência, procurou a proteção do cisne, assim procure tu a proteção dele

da linhagem de Vrishni, e do filho de Pandu Dhananjaya. Quando em batalha tu vires Vasudeva e Dhananjaya, aqueles dois dotados de grande destreza, posicionados juntos no mesmo carro, tu então, ó Karna, não irás proferir tais palavras. Quando Partha, com centenas de flechas, suprimir teu orgulho, então tu verás a diferença entre tu mesmo e Dhananjaya. Aquelas duas melhores das pessoas são célebres entre os deuses, os Asuras e seres humanos. Tu que és um pirilampo, não, por tolice, pense desrespeitosamente a respeito daqueles dois corpos luminosos resplandecentes. Como o Sol e Lua, Keshava e Arjuna são célebres por sua resplandecência. Tu, no entanto, és como um pirilampo entre os homens. Ó erudito, ó filho de um Suta, não pense desrespeitosamente de Acyuta e Arjuna. Aquelas duas pessoas de grande alma são leões entre homens. Abstenha-te de te entregar a semelhantes jactâncias.'"

42

"Sanjaya disse, 'O filho de grande alma de Adhiratha, tendo escutado não convencido a estas palavras do soberano dos Madras, se dirigiu a Shalya, dizendo, 'Aquilo que Vasudeva e Arjuna são é bem sabido por mim. A habilidade de Saurin na condução de carros, e o poder e as armas superiores de Arjuna, o filho de Pandu são bem conhecidos por mim nesta hora. Tu, no entanto, ó Shalya, não tens prova ocular daqueles assuntos. Eu lutarei destemidamente com os dois Krishnas, aqueles dois principais de todos os manejadores de armas. A maldição, no entanto, de Rama aquele melhor dos homens regenerados me atormenta muito hoje. Eu morei, no disfarce de um Brahmana, com Rama nos tempos passados, desejoso de obter armas celestes dele. Naquela ocasião, ó Shalya, o chefe dos deuses, desejando beneficiar Phalguna, causou um obstáculo, por se aproximar da minha coxa e perfurá-la, tendo assumido a forma medonha de um verme. Quando meu preceptor dormia, tendo colocado sua cabeça sobre ela, aquele verme, se aproximando da minha coxa, começou a furá-la. Por causa da perfuração da minha coxa, um charco de sangue grosso fluiu do meu corpo. Com medo de (perturbar o sono de) meu preceptor eu não movi meu membro. Despertando, o Brahmana, no entanto, viu o que tinha ocorrido. Testemunhando minha paciência ele se dirigiu a mim, dizendo, 'Tu nunca és um Brahmana. Diga-me realmente quem tu és.' Eu então, ó Shalya, o informei verdadeiramente a respeito de mim mesmo, dizendo que eu era um Suta. Ouvindo minhas palavras, o grande asceta, seu coração cheio de raiva, me amaldiçoou, dizendo, 'Por causa da fraude, ó Suta, por meio da qual tu obtiveste esta arma, na hora de necessidade, quando chegar a hora da tua morte, ela nunca virá à tua memória. Brahma indubitavelmente não pode residir em alguém que não é um Brahmana.' Eu esqueci aquela arma formidável nessa batalha violenta e terrível. Ele entre os Bharatas, ó Shalya, que é habilidoso, quem é um batedor eficaz, que é destruidor geral, e que é extremamente terrível, (isto é, Arjuna), aquele subjugador poderoso, eu penso, irá queimar muitos principais dos Kshatriyas. Saiba, no entanto, ó Shalya, que eu matarei em batalha aquele arqueiro feroz, aquele principal dos guerreiros, aquele herói dotado de energia, aquela pessoa terrível cuja energia é

insuportável, aquele guerreiro cujas promessas são cumpridas, aquele filho de Pandu, Dhananjaya. Eu tenho aquela arma (pelo menos) sob meu controle hoje com a qual eu serei capaz de destruir grande número de inimigos. Eu matarei em batalha aquele opressor de inimigos, aquele poderoso guerreiro habilidoso com armas, aquele arqueiro feroz de energia incomensurável, aquele herói cruel e terrível, aquele adversário formidável de inimigos, Dhananjaya. O Oceano imensurável, aquele senhor de todas as águas, avança com impetuosidade violenta para submergir inúmeras criaturas. O continente, no entanto, o segura e detém. Hoje, neste mundo, eu resistirei em combate ao filho de Kunti, aquele principal de todos os puxadores da corda do arco, enquanto ele estiver empenhado em disparar incessantemente suas flechas inumeráveis equipadas com asas vistosas, destrutivas de heróis, capazes de penetrar em todo membro e nenhuma das quais se torna inútil. Como o continente resistindo ao Oceano, eu hoje resistirei àquele mais poderoso dos poderosos, aquele grande guerreiro possuidor das maiores armas, aquele herói semelhante ao próprio Oceano de flechas de grande alcance, feroz, e tendo flechas como suas ondas, enquanto ele estiver empenhado em subjugar reis (hostis). Contemple hoje a batalha violenta que eu lutarei com ele que não tem igual, eu penso, entre os homens que manejam o arco, e que venceria os próprios deuses unidos com os Asuras. Extremamente orgulhoso é aquele filho de Pandu. Desejoso de batalha ele se aproximará de mim com suas armas poderosas e sobre-humanas. Frustrando suas armas com minhas próprias armas em batalha, eu irei hoje derrubar aquele Partha com minhas próprias flechas excelentes. Chamuscando seus inimigos como o Sol dotado de raios ardentes, e resplandecendo com chama como aquele dissipador da escuridão, eu irei, como uma massa de nuvens, encobrir completamente Dhananjaya hoje com minhas flechas. Como as nuvens extinguindo um fogo ardente de grande energia e chamas misturadas com fumaça, que parece disposto a consumir a Terra inteira, eu irei, com minhas chuvas de flechas, extinguir o filho de Kunti em batalha. Com minhas flechas de cabeça larga eu irei aquietar o filho de Kunti, aquela cobra terrível de veneno virulento, que é extremamente difícil de ser capturada, que é dotada de presas afiadas, que é assim como um fogo ardente que resplandece em fúria, e que sempre consome seus inimigos. Como Himavat aguentando o poderoso, subjugador de todos, violento e batedor deus do vento, eu irei, sem me alterar, aguentar o furioso e vingativo Dhananjaya. Eu resistirei em batalha a Dhananjaya, aquele principal de todos os manejadores de arcos no mundo, aquele herói em combate, aquele guerreiro que está sempre na vanguarda e que é competente para enfrentar todos os inimigos, aquele guerreiro em carro que está familiarizado com todas as rotas de carro. Hoje eu lutarei em batalha com aquela pessoa que não tem, eu penso, igual entre os homens que manejam o arco e que conquistou a Terra inteira. Que outro homem desejoso de salvar sua vida, exceto eu mesmo, lutaria com aquele Savyasaci, que subjugou todas as criaturas inclusive os próprios deuses no país chamado Khandava? Arjuna é orgulhoso; suas armas atingem profundamente; ele é dotado de grande agilidade de mãos; ele está familiarizado com os corcéis; ele agita vastas hostes; ele é considerado um Atiratha. Embora desta maneira, eu irei, contudo, com minhas flechas afiadas, cortar sua cabeça de seu tronco hoje. Ó Shalya, sempre mantendo Morte ou

vitória em batalha diante de mim, eu hoje lutarei com Dhananjaya. Não há ninguém salvo eu mesmo que em um carro único lutaria com aquele Pandava que parece o próprio Destruidor. Eu mesmo falarei alegremente da destreza de Phalguna no meio de uma assembléia de Kshatriyas. Por que, no entanto, tu, um tolo como tu és e de mente leviana, me falas da destreza de Phalguna? Tu és um fazedor de feitos desagradáveis. Tu és cruel e desprezível e sendo tu mesmo rancoroso, tu és um caluniador de alguém que é clemente. Eu posso matar cem pessoas como tu, mas eu te perdôo por causa da minha disposição perdoadora, devido à exigência dos tempos. Tu és de feitos pecaminosos. Como um tolo tu, por causa do filho de Pandu, me repreendeste e me disseste muitas coisas desagradáveis. De coração desonesto como tu és, tu disseste todas aquelas palavras para mim, que tenho um coração sincero. Tu és amaldiçoado, pois tu és um ofensor de amigos, de amigos, porque amizade é de sete passos. Terrível é a hora que está agora passando. O próprio Duryodhana vem para a batalha. Eu estou desejoso de ver seus propósitos alcançados. Tu, no entanto, estás agindo de tal maneira que isso mostra que tu não tens amizade (pelo rei Kuru)! É um amigo aquele que mostra afeição pelo outro, que alegra outro, que se faz agradável para o outro, que protege o outro, que respeita o outro, e que se regozija nas alegrias do outro. Eu te digo que eu tenho todos esses atributos, e o próprio rei sabe tudo isso. Aquele, por outro lado, que destrói, castiga, afia suas armas, fere, nos faz suspirar, nos faz tristes, e é injusto conosco de diversas maneiras, é um inimigo. Todos esses atributos são para serem encontrados em ti e tu revelaste todos eles para mim. Por causa de Duryodhana, para fazer o que é agradável para ti, pela vitória, por mim mesmo, e pelo próprio Deus, eu irei com esforço vigoroso, lutar com Partha e Vasudeva. Testemunhe hoje minhas façanhas. Veja hoje minhas armas excelentes, minha Brahmastra e outras armas celestes, como também aquelas que são humanas. Eu hoje matarei aquele herói de bravura feroz, como um elefante muito enfurecido matando um igual enfurecido. Eu irei, por meio da minha mente somente, lançar hoje em Partha, para minha vitória, aquela arma de energia incomensurável, chamada Brahmastra. Arjuna nunca será capaz de fugir daquela arma, se as rodas do meu carro não afundarem na terra em batalha hoje. Saiba disto, ó Shalya, que eu não temeria o próprio Yama armado com sua vara, ou o próprio Varuna armado com seu laço, ou o próprio Kuvera armado com sua maça, ou o próprio Vasava armado com o raio, ou qualquer outro inimigo seja qual for que possa se aproximar para me matar. Portanto, eu não tenho medo de Partha, nem de Janardana. Por outro lado, eu os enfrentarei ambos na batalha destrutiva de hoje. Uma vez, quando vagando para praticar armas em meu arco chamado Vijaya, ó rei, eu, por disparar muitas flechas ardentes de formas terríveis, atingi desatentamente o bezerro da vaca homa de um (Brahmana) com uma daquelas flechas, e sem querer o matei enquanto ele estava vagando em uma floresta solitária. O Brahmana então se dirigiu a mim, dizendo, 'Já que, ficando insensato, tu mataste a prole da minha vaca homa, a roda (do teu carro) afundará na terra quando na hora da batalha o medo entrar no teu coração.' Dessas palavras do Brahmana eu estou sentindo grande temor. Estes reis da raça Lunar que são senhores da riqueza e do infortúnio (de outras pessoas), se ofereceram para dar àquele Brahmana 1.000 vacas e 600 touros. Mesmo com tal presente, ó Shalya, o Brahmana não ficou

satisfeito, ó soberano dos Madras. Eu então fui dar a ele setecentos elefantes de presas largas e muitas centenas de escravos homens e mulheres. Aquele principal dos Brahmanas ainda não foi satisfeito. Reunindo em seguida 14.000 vacas no total, cada uma de cor preta e tendo um bezerro branco, eu ainda assim fui incapaz de obter a graça daquele melhor dos Brahmanas. Uma mansão rica cheia de todos os objetos de desejo, de fato, qualquer riqueza que eu tinha, eu desejei dar a ele com culto devido, mas ele se recusou a aceitar o presente. Para mim então que tinha ofendido e que tinha implorado tão importunamente por seu perdão, o Brahmana disse, 'Aquilo que, ó Suta, foi proferido por mim está certo de acontecer. Não pode ser de outra maneira. Uma palavra falsa destruiria criaturas, e o pecado também seria meu. Portanto, para a conservação da virtude eu não ouso falar o que é falso. Não destrua novamente os meios de sustento de um Brahmana. Não há ninguém no mundo que possa falsificar minhas palavras. Aceite aquelas palavras. Essa será tua expiação (pelo pecado de ter matado um bezerro).' Embora repreendido por ti, ainda por causa de amizade, eu te revelei tudo isso. Eu conheço a ti que estás me repreendendo dessa maneira. Fique silencioso agora, e ouça o que eu direi em breve.'"

43

"Sanjaya disse, 'Aquele castigador de inimigos, isto é, o filho de Radha, silenciando dessa maneira o soberano dos Madras, mais uma vez se dirigiu a ele, ó monarca, dizendo essas palavras, ‘Em resposta àquilo que, ó Shalya, tu me disseste como exemplo, eu te digo que eu sou incapaz de ser amedrontado por ti em batalha com tuas palavras. Se todos os deuses com Vasava lutassem comigo, eu ainda não sentiria qualquer temor, o que dizer então de meus medos de Pritha e Keshava? Eu não posso ser assustado só por meio de palavras. Ele, ó Shalya, a quem tu poderias assustar em batalha é alguma outra pessoa (e não eu)! Tu falaste muitas palavras cruéis para mim. Nisso se encontra a força de uma pessoa que é inferior. Incapaz de falar dos meus méritos, tu disseste muitas coisas amargas, ó tu de coração perverso; Karna nunca nasceu, ó Madraka, para ter medo em batalha. Por outro lado, eu nasci para mostrar coragem como também para alcançar glória por mim mesmo. Por minha amizade por ti, por minha afeição, e por tu seres um aliado, por essas três razões tu ainda vives, ó Shalya. Importante é a tarefa que agora tem que ser feita para o rei Dhritarashtra. Aquela tarefa, ó Shalya, depende de mim. Por isto, tu vives um momento. Antes disto, eu fiz um acordo contigo que quaisquer palavras desagradáveis que tu pudesses proferir seriam perdoadas por mim. Aquele acordo deve ser cumprido. É por isso que tu estás vivo, ó Madraka. Sem 1.000 Salyas eu subjugaria meus inimigos. Aquele que prejudica um amigo é pecaminoso. É por isso que tu vives por ora.'"

44

"Shalya disse, 'Esses, ó Karna, são delírios que tu proferiste a respeito do inimigo. Em relação a mim mesmo sem 1.000 Karnas eu sou capaz de derrotar o inimigo em batalha.'"

"Sanjaya continuou, 'Para o soberano de Madras, de feições duras, que estava dizendo tais coisas desagradáveis para Karna, o último novamente disse palavras que eram duas vezes mais cruéis.'"

"Karna disse, 'Escute isto com atenção dedicada, ó soberano dos Madras, que foi ouvido por mim quando foi recitado na presença de Dhritarashtra. Na residência de Dhritarashtra os Brahmanas costumavam narrar os relatos a respeito de diversas regiões encantadoras e muitos reis dos tempos antigos. Um principal entre os Brahmanas, venerável em idade enquanto recitando velhas histórias, disse essas palavras, censurando os Vahikas e Madrakas, 'Se deve sempre evitar os Vahikas, aquelas pessoas impuras que estão fora da paliçada da virtude, e que vivem longe do Himavat e do Ganga e Sarasvati e Yamuna e Kurukshetra e do Sindhu e seus cinco rios afluentes. Eu me lembro dos dias de minha juventude que uma área para abate de vacas e um espaço para armazenar bebidas alcoólicas embriagantes sempre distinguiam as entradas das residências dos reis (Vahika). Em uma missão muito secreta eu tive que viver entre os Vahikas. Por causa de tal residência o comportamento dessas pessoas é bem conhecido por mim. Há uma cidade de nome Sakala, um rio do nome de Apaga, e um clã dos Vahikas conhecido pelo nome de Jarttikas. As práticas dessas pessoas são muito censuráveis. Eles bebem o licor chamado Gauda, e comem cevada frita com isto. Eles também comem carne de vaca com alho. Eles também comem bolos de farinha misturados com carne, e arroz fervido que é comprado de outros. De práticas virtuosas eles não tem nenhuma. Suas mulheres, embriagadas com bebida e sem mantos, dão risada e dançam fora das paredes das casas em cidades, sem guirlandas e unguentos, cantando enquanto bebem canções obscenas de diversos tipos que são tão musicais quanto o zurro do jumento ou o balido do camelo. Em relações sexuais eles são absolutamente sem qualquer restrição, e em todas as outras questões eles agem como lhes convém. Enlouquecidos com bebida, eles chamam uns aos outros, usando muitos epítetos afetuosos. Endereçando muitas exclamações bêbadas para seus maridos e senhores, as mulheres decaídas entre os Vahikas, sem observarem restrições mesmo em dias sagrados, se entregam à dança. Um daqueles Vahikas pecaminosos, alguém, isto é, que viveu entre aquelas mulheres arrogantes, que aconteceu de viver por alguns dias em Kurujangala, se abriu com coração triste, dizendo, 'Ai, aquela moça (Vahika) de proporções grandes, vestida em mantas finas, está pensando em mim, seu amante Vahika, que está agora passando seus dias em Kurujangala, na hora dela ir para a cama. Cruzando o Sutlej e o Iravati encantador, e chegando ao meu próprio país, quando eu lançarei meus olhos naquelas mulheres belas com grossos ossos frontais, com pequenos círculos brilhantes de arsênico vermelho em suas testas, com listras de colírio preto-azeviche em seus olhos, e suas belas formas vestidas em mantas e peles e elas

mesmas proferindo gritos agudos? Quando eu serei feliz, na companhia daquelas damas embriagadas em meio à música de baterias e timbales e conchas agradáveis como os gritos de jumentos e camelos e mulas? Quando eu estarei entre aquelas senhoras comendo bolos de farinha e carne e bolas de cevada socada misturadas com leite desnatado, nas florestas, tendo muitos caminhos agradáveis de Sami e Pilu e Karira? Quando eu irei, em meio aos meus próprios compatriotas, reunindo tropas em concentração nas rodovias, cair sobre viajantes, e roubando seus mantos e trajes bater neles repetidamente?' Que homem moraria de boa vontade, mesmo por um momento, entre os Vahikas que são tão decaídos e perversos, e tão depravados em suas práticas?' Assim mesmo aquele Brahmana descreveu os Vahikas de comportamento abjeto, um sexto de cujos méritos e deméritos é teu, ó Shalya. Tendo dito isso, aquele brahmana pio começou mais uma vez a dizer o que eu estou prestes a repetir a respeito dos Vahikas pecaminosos. Ouça o que eu digo, 'Na cidade grande e populosa de Sakala, uma mulher Rakshasa costumava cantar em todo décimo quarto dia da quinzena escura, em acompanhamento com um tambor, ‘Quando eu cantarei em seguida as canções dos Vahikas nesta cidade Sakala, tendo me fartado com carne de vaca e bebido o licor Gauda? Quando irei eu novamente, enfeitada com ornamentos, e com aquelas moças e senhoras de grandes proporções, devorar um grande número de ovelhas e grandes quantidades de carne de porco e carne de vaca e a carne de aves e jumentos e camelos? Aqueles que não comem carneiro vivem em vão!’ Assim mesmo, ó Shalya, os jovens e velhos, entre os habitantes de Sakala, embriagados com bebidas alcoólicas, cantam e gritam. Como a virtude pode ser encontrada entre tais pessoas? Tu deves saber disso. Eu devo, no entanto, te falar novamente acerca do que outro Brahmana disse para nós na corte Kuru, 'Lá onde florestas de Pilus estão localizadas, e aqueles cinco rios fluem, isto é, o Satadru, o Vipasa, o Iravati, o Candrabhaga, e o Vitasa e que tem o Sindhu como seu sexto, lá naquelas regiões distantes do Himavat, estão os países chamados pelo nome de Arattas. Aquelas regiões são sem virtude e religião. Ninguém deve ir para lá. Os deuses, os Pitris, e os Brahmanas nunca aceitam presentes daqueles que são decaídos, ou daqueles que são gerados por Shudras nas moças de outras castas, ou dos Vahikas que nunca realizam sacrifícios e são muito irreligiosos.' Aquele Brahmana erudito também disse na corte Kuru, 'Os Vahikas, sem quaisquer sentimentos de aversão, comem de recipientes de madeira tendo estômagos profundos e pratos feitos de barro e vasilhas que foram lambidas por cachorros e que estão manchadas com cevada socada e outros cereais. Os Vahikas bebem o leite de ovelha e camelos e jumentos e comem coalhos e outras preparações daqueles diferentes tipos de leite. Aquelas pessoas degradadas numeram muitos bastardos entre eles. Não há nenhuma comida e nenhum leite que eles não aceitem. Os Aratta-Vahikas que estão imersos em ignorância, devem ser evitados.' Tu deves saber disso, ó Shalya. Eu devo, no entanto, te falar outra vez sobre o que outro Brahmana disse para mim na corte Kuru, 'Como alguém pode ir para o céu, tendo bebido leite na cidade chamada Yugandhara, e residido no lugar chamado Acyutasthala, e se banhado no local chamado Bhutilaya? Lá onde os cinco rios fluem exatamente depois de emanarem das montanhas, lá entre os Aratta-Vahikas, nenhuma pessoa respeitável deve morar nem por dois dias. Há dois Pishacas chamados Vahi e

Hika no rio Vipasa. Os Vahikas são a prole daqueles dois Pishacas. Eles não são criaturas criadas pelo Criador. Sendo de tal origem baixa, como eles podem conhecer os deveres ordenados nas escrituras? Os Karashakas, os Mahishakas, os Kalingas, os Keralas, os Karkotakas, os Virakas, e outras pessoas sem religião, uma pessoa deve sempre evitar.' Assim mesmo uma mulher Rakshasa de quadris gigantescos falou para um Brahmana que em uma certa ocasião foi àquele país para se banhar em um rio sagrado e passou uma única noite lá. As regiões são chamadas pelo nome de Arattas. As pessoas residindo lá são chamadas de Vahikas. Os mais vis dos Brahmanas também estão residindo lá desde tempos muito remotos. Eles são sem o Veda e sem conhecimento, sem sacrifício e sem o poder para ajudar nos sacrifícios de outros. Eles são todos decaídos e muitos entre eles foram gerados por Shudras nas mulheres de outros povos. Os deuses nunca aceitam quaisquer presentes deles. Os Prasthalas, os Madras, os Gandharas, os Arattas, aqueles chamados Khasas, os Vasatis, os Sindhus e os Sauviras são quase tão faltosos em suas práticas.'"

45

"Karna continuou, 'Tu deves saber tudo isso, ó Shalya. Eu irei, no entanto, te falar novamente. Escute com toda atenção o que eu digo. Uma vez um Brahmana veio à nossa casa como um convidado. Observando nossas práticas ele ficou muito satisfeito e disse para nós, 'Eu morei por muito tempo em um pico do Himavat completamente só. Desde então eu tenho visto diversos países seguindo diversas religiões. Nunca, no entanto, eu tinha visto todo o povo de um país agir iniquamente. Todas as raças que eu tenho encontrado admitem como a religião verdadeira aquela a qual é declarada por pessoas conhecedoras dos Vedas. Viajando por vários países seguindo várias religiões, eu finalmente, ó rei, cheguei entre os Vahikas. Lá eu ouvi que a princípio uma pessoa se torna um Brahmana e então ela se torna um Kshatriya. De fato, um Vahika, depois disso, se tornaria um Vaishya, e então um Shudra, e então um barbeiro. Tendo virado um barbeiro, ele então viraria novamente um Brahmana. Voltando à posição de um Brahmana, ele outra vez se tornaria um escravo. Uma pessoa em uma família se torna um Brahmana, todas as outras, decaindo da virtude, agem como elas querem. Os Gandharas, os Madrakas, e os Vahikas de pouca compreensão são assim mesmo. Tendo viajado pelo mundo inteiro eu tenho ouvido a respeito destas práticas, destrutivas de virtude, destas irregularidades pecaminosas entre os Vahikas.' Tu deves saber tudo isso, ó Shalya. Eu irei, no entanto, outra vez te falar sobre aquelas palavras feias que outro me disse com relação aos Vahikas. Nos tempos passados uma mulher casta foi sequestrada por ladrões (vindos) de Aratta. Pecaminosamente ela foi violada por eles, após o que ela os amaldiçoou, dizendo, 'Já que vocês violaram pecaminosamente uma moça desamparada que não está sem um marido, portanto, as mulheres das suas famílias vão se tornar todas incastas. Ó mais vis dos homens, vocês nunca escaparão das consequências deste pecado terrível.' É por isso, ó Shalya, que os filhos das irmãs dos Arattas, e não seus próprios filhos se tornam seus herdeiros. Os Kauravas com os Pancalas, os Salwas, os Matsyas, os Naimishas, os Koshalas, os

Kasapaundras, os Kalingas, os Magadhas, e os Cedis que são todos muito abençoados, sabem qual é a religião eterna. Até os pecaminosos desses vários países sabem o que é religião. Os Vahikas, no entanto, vivem sem retidão. Começando com os Matsyas, os residentes dos países Kuru e Pancala, os Naimishas também e os outros povos respeitáveis, as pias entre todas as raças estão familiarizadas com as verdades eternas de religião. Isto não pode ser dito dos Madrakas e da raça de coração desonesto que reside no país dos cinco rios. Sabendo todas estas coisas, ó rei, segure tua língua, ó Shalya, como alguém privado de expressão vocal, em todos os assuntos ligados com religião e virtude. Tu és o protetor e rei daquelas pessoas, e, portanto, aquele que compartilha da sexta parte de seus méritos e deméritos. Ou talvez, tu compartilhas de uma sexta parte de seus deméritos somente, pois tu nunca os protegeste. Um rei que protege é um participante nos méritos de seus súditos. Tu não és um participante em seus méritos. Antigamente, quando a religião eterna era reverenciada em todos os países, o Avô, observando as práticas do país dos cinco rios, gritou 'que vergonha!' para eles. Quando, até na era Krita, Brahman criticou as práticas daquelas pessoas decaídas de más ações que foram geradas por Shudras nas esposas de outros, o que você diria agora para os homens no mundo? Assim mesmo o Avô condenou as práticas do país dos cinco rios. Quando todas as pessoas eram cumpridoras dos deveres de suas respectivas classes, o Avô tinha encontrado falhas nestes homens. Tu deves saber tudo isso, ó Shalya. Eu irei, no entanto, te falar novamente. Um Rakshasa de nome Kalmashapada, enquanto imergindo em um tanque, disse, 'Pedir esmolas é a sujeira de um Kshatriya, enquanto a não observância de votos é a sujeira de um Brahmana. Os Vahikas são a sujeira da Terra, e as mulheres Madra são a sujeira do todo o sexo feminino.' Enquanto afundando na correnteza, um rei resgatou o Rakshasa. Perguntado pelo primeiro, o último deu esta resposta. Eu irei recitá-la para você. Ouça-me. 'Os Mlecchas são a sujeira da humanidade; os homens que lidam com óleo são a sujeira dos Mlecchas; eunucos são a sujeira dos homens que lidam com óleo; aqueles que se aproveitam dos auxílios sacerdotais de Kshatriyas, em seus sacrifícios, são a sujeira dos eunucos. O pecado daqueles, além disso, que tem as pessoas citadas por último como seus sacerdotes, e também dos Madrakas, será teu se tu não me abandonares.' Essa mesma foi declarada pelo Rakshasa como sendo a fórmula que deve ser usada para curar uma pessoa possuída por um Rakshasa ou alguém morto pela energia de algum veneno. As palavras que seguem são todas muito verdadeiras. Os Pancalas cumprem os deveres ordenados nos Vedas; os Kauravas observam a verdade; os Matsyas e os Surasenas realizam sacrifícios, os habitantes do Leste seguem as práticas dos Shudras; os habitantes do Sul são decaídos; os Vahikas são ladrões; os Saurashtras são bastardos. Eles que são corrompidos por ingratidão, roubo, embriaguez, adultério com as esposas de seus preceptores, rudeza de palavras, matança de vacas, vagueações lascivas durante a noite fora de casa, e o uso dos ornamentos de outras pessoas, em qual pecado eles não incorreriam? Que vergonha para os Arattas e o povo do país dos cinco rios! Começando com os Pancalas, os Kauravas, os Naimishas, os Matsyas, todos esses sabem o que é religião. Os homens idosos entre os habitantes do Norte, os Angas, os Magadhas, (sem eles mesmos saberem o que é virtude) seguem as práticas dos pios. Muitos

deuses, encabeçados por Agni, moram no Leste. Os Pitris moram no Sul que é presidido por Yama de feitos justos. O Oeste é protegido pelo poderoso Varuna que supervisiona os outros deuses lá. O Norte é protegido pelo divino Soma junto com os Brahmanas. Assim Rakshasas e Pishacas protegem Himavat, a melhor das montanhas. Os Guhyakas, ó grande rei, protegem as montanhas de Gandhamadana. Sem dúvida, Vishnu, também chamado Janardana, protege todas as criaturas. (Apesar disso os Vahikas não tem protetores especiais entre os deuses). Os Magadhas compreendem os sinais; os Koshalas compreendem a partir do que eles vêem; os Kurus e os Pancalas compreendem meias-palavras; os Salwas não podem compreender até que a palavra inteira seja proferida. Os Montanheses, como os Sivis, são muito estúpidos. Os Yavanas, ó rei, são oniscientes; os Suras são particularmente assim. Os Mlecchas são apegados às criações da sua própria fantasia. Outras pessoas não podem entender. Os Vahikas se ressentem de conselhos benéficos; em relação aos Madrakas não há ninguém entre aqueles (mencionados acima). Tu, ó Shalya, és assim. Tu não deves me responder. Os Madrakas são considerados na Terra como a sujeira de toda nação. Assim a mulher Madra é chamada a sujeira do sexo feminino inteiro. Eles tem como suas práticas beber álcool, a violação das camas de seus preceptores, a destruição do embrião para obter aborto, e o roubo da riqueza de outras pessoas, não há pecado que eles não tenham. Que vergonha para os Arattas e o povo do país dos cinco rios. Sabendo disso, fique quieto. Não procure se opor a mim. Não me deixe matar Keshava e Arjuna tendo te matado primeiro.'"

"Shalya disse, 'O abandono dos aflitos e a venda de esposas e filhos são, ó Karna, prevalecentes entre os Angas cujo rei és tu. Lembrando daquelas tuas falhas que Bhishma recitou na ocasião da contagem de Rathas e Atirathas, reprima tua ira. Não fique zangado. Brahmanas podem ser achados em todo lugar; Kshatriyas podem ser achados em todo lugar; assim também Vaishyas e Shudras, ó Karna, mulheres de castidade e votos excelentes podem também ser achadas em todo lugar. Em todo lugar homens se deleitam em gracejar com homens e ferir uns aos outros. Homens lascivos também podem ser encontrados em todo lugar. Todo mundo em toda ocasião pode mostrar habilidade em falar dos defeitos de outros. Ninguém, no entanto, conhece seus próprios defeitos, ou conhecendo-os, sente vergonha. Em todo lugar reis são devotados às suas respectivas religiões, e empenhados em castigar os pecaminosos. Em todo lugar podem ser encontrados homens virtuosos. Não pode ser, ó Karna, que todo o povo de um país seja pecaminoso. Há homens em muitos países que superam os próprios deuses por seu comportamento.'"

"Sanjaya continuou, 'Então o rei Duryodhana impediu Karna e Shalya (de continuarem com sua guerra verbal), se dirigindo ao filho de Radha como um amigo, e suplicando a Shalya com mãos unidas, Karna, ó senhor, foi acalmado por teu filho e se absteve de dizer qualquer coisa mais. Shalya também então encarou o inimigo. Então o filho de Radha, sorrindo, mais uma vez instigou Shalya, dizendo, 'Proceda.'"

46

"Sanjaya disse, 'Contemplando então aquela formação de combate inigualável dos Parthas feita por Dhrishtadyumna a qual era capaz de resistir a todos os exércitos hostis, Karna procedeu, proferindo gritos leoninos e fazendo seu carro produzir um estrépito alto. E ele fez a terra tremer com o som alto de instrumentos musicais. E aquele castigador de inimigos, aquele herói em batalha, parecia tremer de raiva. Dispondo devidamente suas próprias tropas em ordem de batalha contrária, ó touro da raça Bharata, aquele herói de grande energia fez uma grande matança do exército Pandava como Maghavat massacrando a hoste Asura. Atacando Yudhishthira então com muitas flechas, ele colocou o filho mais velho de Pandu à sua direita.'"

"Dhritarashtra disse, 'Como, ó Sanjaya, o filho de Radha dispôs suas tropas em formação de combate contrária a todos os Pandavas encabeçados por Dhristadyumna e protegidos por Bhimasena, isto é, todos aqueles grandes arqueiros invencíveis pelos próprios deuses? Quem, ó Sanjaya, ficou nos flancos e nos flancos adicionais do nosso exército? Dividindo-se devidamente, como os guerreiros foram posicionados? Como também os filhos de Pandu dispuseram seu exército em formação de combate contrária à minha? Como também aquela batalha grande e terrível começou? Onde estava Vibhatsu quando Karna procedeu contra Yudhishthira? Quem poderia conseguir atacar Yudhishthira na presença de Arjuna? Aquele Arjuna que derrotou, sozinho nos tempos passados, todas as criaturas em Khandava, quem mais desejoso de viver, exceto o filho de Radha, lutaria com ele?'"

"Sanjaya disse, 'Ouça agora a respeito da formação das ordens de batalha, a maneira na qual Arjuna se aproximou e como a batalha foi lutada por ambos os lados cercando seus respectivos reis. O filho de Sharadvata Kripa, ó rei, e os Magadhas dotados de grande energia, e Kritavarma da tribo Satwata, tomaram sua posição na ala direita. Shakuni, e o poderoso guerreiro em carro Uluka, permaneceram à direita destes, e acompanhados por muitos cavaleiros Gandhara destemidos armados com lanças brilhantes, e muitos montanheses difíceis de serem derrotados, numerosos como bandos de gafanhotos, e de aparência severa como Pishacas, protegiam o exército (Kaurava). 34.000 carros que não recuavam dos Samsaptakas, loucos com desejo de lutar, com teus filhos em seu meio, e todos desejosos de matar Krishna e Arjuna, protegiam o lado esquerdo (do exército Kaurava). À sua esquerda, os Kambojas, os Sakas, e os Yavanas, com carros e cavalos e infantaria, por ordem do filho de Suta, se colocaram, desafiando Arjuna e o poderoso Keshava. No centro, na cabeça daquela hoste, estava Karna, vestido em armadura com bela cota de malha e enfeitado com Angadas e guirlandas, para proteger aquele ponto. Protegido por seus próprios filhos enfurecidos, aquele principal de todos os manejadores de armas, aquele herói, brilhava resplandecente na dianteira do exército enquanto ele esticava seu arco repetidamente. O poderosamente armado Duhshasana, possuidor da refulgência do sol ou do fogo com olhos castanhos e belas feições, montado no pescoço de um enorme elefante, circundado por muitas tropas, e posicionado na retaguarda

do exército se aproximou gradualmente para lutar. Atrás dele vinha o próprio Duryodhana, ó monarca, protegido por seus irmãos uterinos montados em belos corcéis e envolvidos em belas cotas de malha. Protegido pelos Madrakas e os Kekayas unidos de energia excelente, o rei, ó monarca, parecia resplandecente como Indra de cem sacrifícios quando cercado pelos celestiais. Ashvatthama e os outros dos principais guerreiros em carros poderosos, e muitos elefantes já furiosos derramando secreções temporais como as verdadeiras nuvens e conduzidos por bravos Mlecchas, seguiam atrás daquela tropa de carros. Enfeitadas com estandartes triunfais e armas brilhantes, aquelas criaturas enormes, conduzidas por guerreiros hábeis em lutar de suas costas, pareciam belas como colinas cobertas de árvores. Muitos milhares de guerreiros bravos e que não recuavam, armados com machados e espadas, tornaram-se a infantaria de guarda daqueles elefantes. Magnificamente enfeitada com cavaleiros e guerreiros em carros e elefantes, aquela principal das formações de combate parecia extremamente bela como a formação de combate dos celestiais ou dos Asuras. Aquela esplêndida ordem de batalha, formada segundo o esquema de Brihaspati por seu comandante, bem versado em modos de combate, parecia dançar (conforme ela avançava) e infligia terror nos corações de inimigos. Como nuvens sempre aparecendo na estação das chuvas, soldados de infantaria e cavaleiros e guerreiros em carros e elefantes, ansiando pela batalha começaram a sair dos flancos e alas adicionais daquela ordem de batalha. Então o rei Yudhishthira, vendo Karna na dianteira do exército (hostil), se dirigiu a Dhananjaya, aquele matador de inimigos, aquele herói no mundo, e disse essas palavras, 'Veja, ó Arjuna, a poderosa formação de combate formada por Karna em batalha. O exército hostil parece resplandecente com seus flancos e alas adicionais. À visão daquele vasto exército hostil, que sejam adotadas tais medidas para que ele não possa nos derrotar.' Assim endereçado pelo rei, Arjuna respondeu com mãos unidas, 'Tudo será feito como tu dizes. Nada será de outra maneira. Eu irei, ó Bharata, fazer aquilo pelo qual a destruição do inimigo possa ser realizada. Por matar os seus guerreiros principais, eu completarei com êxito sua destruição.'"

"Yudhishthira disse, 'Com esse propósito, proceda contra o filho de Radha, e que Bhimasena proceda contra Suyodhana, Nakula contra Virshasena, Sahadeva contra o filho de Subala, Satanika contra Duhshasana, aquele touro entre os Sinis, isto é, Satyaki, contra o filho de Hridika, e Pandya contra o filho de Drona. Eu mesmo lutarei com Kripa. Que os filhos de Draupadi com Shikhandi entre eles procedam contra o resto dos Dhartarashtras. Que os outros guerreiros do nosso exército enfrentem nossos outros inimigos.'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado por Yudhishthira o justo, Dhananjaya dizendo, 'Assim seja' mandou suas tropas (fazerem o que era necessário) e ele mesmo procedeu para a dianteira do exército. Aquele carro para o qual o Líder do universo, isto é, Agni, que deriva sua refulgência de Brahman, se tornou os corcéis, aquele carro que era conhecido entre os deuses como pertencente a Brahman porque ele surgiu primeiro do próprio Brahman, aquele carro que nos tempos antigos conduziu sucessivamente Brahman e Ishana e Indra e Varuna um

após outro, sobre aquele carro primevo, Keshava e Arjuna agora procediam para a batalha. Observando aquele carro de aspecto extraordinário avançando, Shalya mais uma vez disse para o filho de Adhiratha, aquele guerreiro de grande energia em batalha, essas palavras: 'Lá vem aquele carro tendo corcéis brancos unidos a ele e possuindo Krishna como seu motorista, aquele veículo incapaz de ser resistido por todas as tropas, como o fruto inevitável da ação. Lá vem o filho de Kunti, massacrando seus inimigos pelo caminho, ele, isto é, sobre quem tu estavas perguntando. Já que é tremendo o barulho que está sendo ouvido, profundo como o ribombo das nuvens, são, sem dúvida, aqueles de grande alma, Vasudeva e Dhananjaya. Lá ascende uma nuvem de poeira que cobre o firmamento como um dossel. A terra inteira, ó Karna, parece tremer, cortada profundamente pela circunferência das rodas de Arjuna. Esses ventos violentos estão soprando em ambos os lados do teu exército. Essas criaturas carnívoras estão gritando alto e esses animais estão proferindo gritos medonhos. Veja, ó Karna, o terrível e portentoso Ketu de forma vaporosa, de arrepiar os cabelos, apareceu, cobrindo o sol. Veja, diversas espécies de animais, por toda parte em grandes grupos, e muitos lobos e tigres poderosos estão olhando para o sol. Veja aqueles Kankas terríveis e aqueles urubus, reunidos juntos aos milhares, pousados com faces em direção uns aos outros, em aparente conversa. Aqueles rabos de iaque coloridos amarrados ao teu grande carro estão balançando agitadamente. Tua bandeira também está tremendo. Veja esses teus belos corcéis, de membros enormes e grande velocidade parecendo aquela de aves voando a grande altitude, também estão tremendo. A partir desses presságios, é certo que reis, às centenas e milhares, ó Karna, privados de vida, irão deitar no solo para o sono eterno. O tumulto alto de conchas, de arrepiar os cabelos, está sendo ouvido. O som também de baterias e pratos, ó filho de Radha, está sendo ouvido por todos os lados, como também o zunido de diversos tipos de setas, e o ruído contínuo feito por carros e cavalos e homens. Escute também, ó Karna, a vibração alta produzida pelas cordas do arco de guerreiros de grande alma. Veja, ó Karna, aqueles estandartes de Arjuna, que são providos de fileiras de sinos, e enfeitados com luas douradas e estrelas. Feitos por artistas habilidosos de tecidos bordados com ouro e de cores diversas, eles estão brilhando com resplandecência no carro de Arjuna enquanto eles são agitados pelo vento, como lampejos de relâmpago em uma massa de nuvens. Veja aqueles (outros) estandartes produzindo sons agudos enquanto eles ondulam no ar. Aqueles guerreiros em carros dos Pancalas de grande alma, com bandeiras enfeitadas com estandartes em seus veículos, estão parecendo resplandecentes, ó Karna, como os próprios deuses em seus carros celestes. Veja o filho heróico de Kunti, o invicto Vibhatsu (Arjuna) com aquele principal dos macacos em sua bandeira, avançando para a destruição do inimigo. Lá, no topo do estandarte de Partha, é visto aquele macaco terrível, aquele aumentador dos medos de inimigos, atraindo o olhar fixo (dos guerreiros) de todos os lados. O disco, a maça, o arco chamado Saranga e a concha (chamada Panchajanya) do inteligente Krishna, como também sua jóia Kaustubha, parecem muito belos nele. O manejador de Saranga e da maça, isto é, Vasudeva, de energia formidável, se aproxima, incitando aqueles corcéis brancos dotados da velocidade do vento. Lá vibra Gandiva, esticado por Savyasaci. Aquelas flechas afiadas, disparadas por aquele herói de braços fortes, estão

destruindo seus inimigos. A terra está coberta com as cabeças de reis que não recuam, com rostos belos como a lua cheia, e enfeitados com olhos grandes e expansivos de cor de cobre. Lá os braços, parecendo com maças com ferrões, com armas em punho, e cobertos com perfumes excelentes, de guerreiros que se encantam em batalha e lutando com armas erguidas, estão caindo. Corcéis com olhos, línguas, e entranhas para fora junto com seus cavaleiros, estão caindo e caídos e privados de vida jazem prostrados no chão. Aqueles elefantes sem vida enormes como topos de montanha, dilacerados, mutilados, e perfurados por Partha, estão caindo como verdadeiras colinas. Aqueles carros, parecendo com as formas mutáveis de vapor no céu, com seus nobres condutores mortos, estão caindo como os carros celestes dos habitantes do céu após o esgotamento dos méritos dos últimos. Veja, o exército está sendo extremamente agitado pelo ornado com diadema Arjuna, como rebanhos de gados incontáveis por um leão de juba. Lá os heróis Pandava, avançando para o ataque, estão matando reis e grande número de elefantes e cavalos e guerreiros em carros e soldados de infantaria do teu exército dedicados à batalha. Lá Partha, encoberto (por amigos e inimigos e armas e poeira) não pode ser visto, como o Sol encoberto por nuvens. Somente o topo de seu estandarte pode ser visto e a vibração da corda de seu arco pode ser ouvida. Tu estás certo, ó Karna, de ver hoje aquele herói de corcéis brancos com Krishna como seu motorista, empenhado em massacrar seus inimigos em batalha. Tu estás certo de ver ele acerca de quem tu estavas perguntando. Hoje, ó Karna, tu estás certo de ver aqueles dois tigres entre homens, ambos de olhos vermelhos, ambos castigadores de inimigos, Vasudeva e Arjuna, posicionados no mesmo carro. Se, ó filho de Radha, tu tiveres êxito em matar ele que tem Keshava como seu motorista e Gandiva como seu arco, então tu serás nosso rei. Desafiado pelos Samsaptakas, Partha agora procede contra eles. Aquele guerreiro poderoso está empenhado em fazer um grande massacre de seus inimigos em batalha.' Para o soberano dos Madras que estava falando assim, Karna, enfurecido, disse, 'Veja, Partha é atacado por todos os lados pelos Samsaptakas furiosos. Como o sol coberto pelas nuvens, Partha não é mais visível. Submerso naquele oceano de guerreiros, ó Shalya, Arjuna sem dúvida perecerá.'"

"Shalya disse, 'Quem é que mataria Varuna com água, ou apagaria fogo com combustível? Quem agarraria o vento, ou beberia o oceano? Eu considero teu ato de afligir Partha como sendo exatamente assim. Arjuna não pode ser vencido em batalha pelos próprios deuses e os Asuras reunidos e tendo o próprio Indra em sua dianteira. Ou, te permita ficar satisfeito, e fique de mente tranquila, tendo dito aquelas palavras (sobre tua capacidade para matar Partha), Partha não pode ser conquistado em batalha. Realize algum outro propósito que tu possas ter em tua mente. Aquele que ergueria essa Terra em seus dois braços, ou queimaria todas as criaturas em ira, ou derrubaria os deuses do céu, pode vencer Arjuna em batalha. Veja aquele outro filho heróico de Kunti, isto é, Bhima, que nunca fica fatigado com esforço, brilhando com resplandecência, de braços fortes, e de pé como outro Meru. Com ira sempre acesa e ansiando por vingança, Bhima de grande energia permanece lá desejoso de vitória em batalha, e lembrando-se de todas as suas injúrias. Lá está posicionado aquele principal dos homens virtuosos,

o rei Yudhishthira o justo, aquele subjugador de cidades hostis, difícil de ser resistido por inimigos em batalha. Lá estão aqueles dois tigres entre homens, os gêmeos Ashvinis, os dois irmãos uterinos Nakula e Sahadeva, ambos invencíveis em batalha. Lá podem ser vistos os cinco filhos de Krishna, que tem as feições de príncipes Pancala. Todos eles, iguais a Arjuna em batalha, estão posicionados, desejosos de luta. Lá os filhos de Drupada, encabeçados por Dhristadyumna, cheios de orgulho e energia, aqueles heróis dotados de grande energia, tomaram suas posições. Lá, aquele principal entre os Satwatas, isto é, Satyaki, irresistível como Indra, avança contra nós, pelo desejo de lutar, como o próprio destruidor em cólera diante de nossos olhos.' Enquanto aqueles dois leões entre homens estavam se dirigindo dessa maneira um ao outro, os dois exércitos se misturaram ferozmente em batalha, como as correntezas do Ganga e do Yamuna."

47

"Dhritarashtra disse, 'Quando os dois exércitos, devidamente organizados, se misturaram dessa maneira um com o outro para lutar, ó Sanjaya, como Partha atacou os Samsaptakas, e como Karna atacou os Pandavas? Conte-me os incidentes da batalha em detalhes, pois tu és hábil em narração. Escutando os relatos da destreza de heróis em batalha, eu nunca fico saciado.'"

"Sanjaya disse, 'Observando o vasto exército hostil posicionado daquela maneira, Arjuna organizou suas tropas de forma adequada, por consequência da má política do teu filho. O vasto exército Pandava então, abundando em cavaleiros e elefantes e soldados de infantaria e carros, e encabeçado por Dhrishtadyumna, parecia magnífico. Com seus cavalos brancos como pombos, o filho de Prishata, igual em esplendor ao Sol ou à Lua, armado com arco, parecia resplandecente como a própria Morte em forma incorporada. Os filhos de Draupadi, desejosos de lutar, ficaram ao lado do filho de Prishata. Eles estavam vestidos em excelentes cotas de malha, e armados com excelentes armas, e todos eles eram dotados da bravura de tigres. Possuidores de corpos refulgentes, eles seguiram seu tio materno como as estrelas aparecendo com a Lua. Contemplando os Samsaptakas colocados em formação de batalha, Arjuna, com ira excitada, avançou contra eles, puxando seu arco Gandiva. Os Samsaptakas então, desejosos de matar Arjuna, avançaram contra Partha, firmemente decididos a vencer, e fazendo da morte sua meta. Aquela brava hoste de heróis, cheia de homens, corcéis, elefantes enfurecidos, e carros, começou a afligir Arjuna muito rapidamente. Seu combate com Kiritin (Arjuna) tornou-se extremamente violento. Aquela batalha pareceu aquela que ocorreu entre Arjuna e os Nivatakavachas, como nós temos ouvido. Partha cortou carros e corcéis e bandeiras e elefantes e soldados a pé envolvidos na luta, com flechas e arcos e espadas e discos e machados de batalha, e braços erguidos com armas em punho, e as cabeças também de inimigos, aos milhares sobre milhares. Os Samsaptakas, considerando o carro de Partha afundado naquele profundo vórtice de guerreiros, proferiram rugidos altos. Partha, no entanto, matando todos os seus inimigos à frente, matou aqueles que estavam mais distantes, e então aqueles que estavam à sua direita e atrás dele, como o

próprio Rudra em fúria massacrando todas as coisas criadas dotadas de vida. O combate que ocorreu quando os Pancalas, os Cedis, e os Srinjayas enfrentaram tuas tropas foi extremamente violento. Kripa e Kritavarma, e Shakuni o filho de Subala, aqueles heróis difíceis de serem derrotados em batalha, acompanhados por tropas que estavam todas alegres, eles mesmos cheios de raiva, e capazes de derrotar numerosas tropas de carros, lutaram com os Koshalas, os Kasis, os Matsyas, os Karusas, os Kaikayas, e os Surasenas, todos os quais eram possuidores de grande coragem. Aquela batalha repleta de grande matança e destrutiva de corpos, vidas e pecados tornou-se conducente à fama, céu, e virtude, em relação aos heróis Kshatriya, Vaishya, e Shudra que estavam engajados nela. Enquanto isso o rei Kuru Duryodhana com seus irmãos, ó touro da raça Bharata, e apoiado por muitos heróis Kuru e muitos poderosos guerreiros em carros Madraka, protegia Karna enquanto o último estava envolvido em combate com os Pandavas, os Pancalas, os Cedis, e Satyaki. Destruindo aquela vasta divisão com suas flechas afiadas, e subjugando muitos dos principais guerreiros em carros Karna conseguiu afligir Yudhishthira. Cortando a armadura, as armas, e os corpos de milhares de inimigos e matando seus inimigos aos milhares e enviando eles para o céu e fazendo-os ganhar grande fama, Karna foi motivo de grande alegria para seus amigos. Assim, ó senhor, aquela batalha destrutiva de homens, corcéis, e carros, entre os Kurus e os Srinjayas, parecia a batalha entre os deuses e os Asuras de antigamente.'"

48

"Dhritarashtra disse, 'Diga-me, ó Sanjaya, como Karna, tendo causado um grande massacre penetrou no meio das tropas Pandava, e atacou e afligiu o rei Yudhishthira. Quem foram aqueles principais dos heróis entre os Parthas que resistiram a Karna? Quem foram eles a quem Karna subjugou antes de ele poder conseguir afligir Yudhishthira?'"

"Sanjaya disse, 'Contemplando os Parthas encabeçados por Dhrishtadyumna posicionados para a batalha, aquele subjugador de inimigos, Karna, avançou impetuosamente contra os Pancalas. Como cisnes se precipitando em direção ao mar, os Pancalas, desejosos de vitória, também avançaram rapidamente contra aquele guerreiro de grande alma avançando para o combate. Então o clangor de milhares de conchas, como se trespassando o coração por sua estridência, se elevou de ambas as hostes, e o ribombo violento também de milhares de baterias. O som também de diversos instrumentos musicais e o barulho feito por elefantes e cavalos e carros, e os gritos leoninos de heróis, que se ergueram lá, tornaram-se extremamente terríveis. Parecia que a Terra inteira com suas montanhas e árvores e oceanos, o céu inteiro coberto com nuvens agitadas pelo vento, e o firmamento inteiro com o Sol, a Lua, e as estrelas, tremeram com aquele som. Todas as criaturas consideraram aquele barulho como sendo exatamente assim e ficaram agitadas. Aqueles entre eles que eram dotados de pouca força caíram mortos. Então Karna, excitado com grande fúria, invocando rapidamente suas armas, começou a atacar o exército Pandava como Maghavat atacando o exército

dos Asuras. Penetrando então na hoste Pandava e disparando suas setas, Karna matou setenta e sete dos guerreiros principais entre os Prabhadrakas. Então aquele principal dos guerreiros em carros, com vinte e cinco flechas afiadas equipadas com asas vistosas, matou vinte e cinco Pancalas. Com muitas flechas do comprimento de uma jarda providas de asas de ouro e capazes de perfurar os corpos de todos os inimigos, aquele herói matou os Cedis às centenas e milhares. Enquanto ele estava empenhado em realizar aquelas façanhas sobre-humanas em batalha, grandes multidões de carros Pancala, ó rei, o cercaram rapidamente por todos os lados. Mirando então, ó Bharata, cinco flechas irresistíveis, Karna, também chamado Vaikartana ou Vrisha, matou cinco guerreiros Pancala. Os cinco Pancalas, ó Bharata, que ele matou naquela batalha eram Bhanudeva e Citrasena e Senavindu e Tapana e Surasena. Enquanto os heróis Pancala estavam sendo massacrados dessa maneira com flechas naquela grande batalha, gritos altos de 'Oh' e 'Ai' se elevaram dentre a hoste Pancala. Então dez guerreiros em carros entre os Pancalas, ó monarca, cercaram Karna. Eles, também, Karna matou depressa com suas flechas. Os dois protetores das rodas do carro de Karna, isto é, seus dois filhos invencíveis, ó senhor, que se chamavam Sushena e Satyasena, começaram a lutar, indiferentes às suas próprias vidas. O filho mais velho de Karna, a saber, o poderoso guerreiro em carro Vrishasena, protegia a retaguarda de seu pai. Então Dhrishtadyumna, Satyaki, e os cinco filhos de Draupadi, e Vrikodara, Janamejaya, e Shikhandi, e muitos guerreiros principais entre os Prabhadrakas, e muitos entre os Cedis, os Kaikayas, e os Pancalas, os gêmeos (Nakula e Sahadeva), e os Matsyas, todos vestidos em armaduras, avançaram ferozmente sobre o filho de Radha, hábil em golpear, pelo desejo de matá-lo. Despejando sobre ele diversos tipos de armas e chuvas grossas de flechas, eles começaram a afligi-lo como as nuvens afligindo o leito da montanha na estação das chuvas. Desejosos de resgatar seu pai, os filhos de Karna, todos os quais eram batedores eficazes, e muitos outros heróis, ó rei, do teu exército, resistiram àqueles heróis (Pandava). Sushena, cortando com uma flecha de cabeça larga o arco de Bhimasena, perfurou o próprio Bhima com sete flechas do comprimento de uma jarda no peito, e proferiu um rugido alto. Então Vrikodara de bravura terrível, pegando outro arco resistente e encordoando-o rapidamente, cortou o arco de Sushena. Excitado com raiva e como se dançando (em seu carro), ele rapidamente perfurou o próprio Sushena com dez flechas, e então acertou Karna, num piscar de olhos, com setenta flechas afiadas. Com dez outras flechas, Bhima então derrubou Bhanusena, outro filho de Karna, com seus corcéis, motorista, armas, e bandeira, na própria vista dos amigos do último. A cabeça imponente daquele jovem, agraciada com um rosto tão belo como a Lua, cortada com uma flecha de cabeça de navalha, parecia com um lótus arrancado de seu caule. Tendo matado o filho de Karna, Bhima começou a afligir tuas tropas novamente. Cortando os arcos então de Kripa e do filho de Hridika, ele começou a afligir aqueles dois também. Perfurando Duhshasana com três flechas feitas totalmente de ferro, e Shakuni com seis, ele privou ambos Uluka e seu irmão Patatri de seus carros. Dirigindo-se a Sushena em seguida nestas palavras, a saber, 'Tu estás morto!' Bhima pegou uma flecha. Karna, no entanto, cortou aquela flecha e atingiu o próprio Bhima com três flechas. Então Bhima pegou outra flecha reta de grande impetuosidade e disparou-a em Sushena. Mas Vrisha cortou aquela flecha

também. Então Karna, desejoso de salvar seu filho, e desejando dar um fim no cruel Bhimasena, atacou o último com setenta e três flechas ardentes. Então Sushena pegando um arco excelente capaz de aguentar uma grande tensão, perfurou Nakula com cinco flechas nos braços e no peito. Nakula, então perfurando seu antagonista com vinte flechas fortes capazes de suportar uma grande tensão, proferiu um rugido alto e inspirou Karna com alarme. O poderoso guerreiro em carro Sushena, no entanto, ó rei, perfurando Nakula com dez flechas, rapidamente cortou o arco do último com uma flecha de cabeça de navalha. Então Nakula, insensível com raiva, pegou outro arco, e resistiu a Sushena naquela batalha com nove flechas. Aquele matador de heróis hostis, ó rei, encobrindo todos os quadrantes com chuvas de setas, matou o motorista de Sushena, e perfurando o próprio Sushena novamente com três flechas, e então com três outras flechas de cabeça larga, cortou seu arco de grande força em três fragmentos. Sushena também, privado de sua razão por raiva, pegou outro arco e perfurou Nakula com sessenta setas e Sahadeva com sete. A batalha foi travada ferozmente, como aquela dos deuses e os Asuras, entre aqueles heróis atacando uns aos outros. Satyaki, matando o motorista de Vrishasena com três flechas, cortou o arco do último com uma flecha de cabeça larga e atingiu seus corcéis com sete flechas. Despedaçando sua bandeira então com outra flecha, ele atingiu o próprio Vrishasena com três flechas no peito. Assim atingido, Vrishasena ficou inconsciente em seu carro, mas num piscar de olhos ficou de pé novamente. Privado de seu motorista e corcéis e carro e bandeira por Yuyudhana (Satyaki), Vrishasena então, armado com espada e escudo, avançou contra Yuyudhana pelo desejo de matá-lo. Satyaki, no entanto, quando seu antagonista avançava em direção a ele, atingiu sua espada e escudo com dez flechas equipadas com cabeças como a orelha de um javali. Então Duhshasana, vendo Vrishasena sem carro e sem armas, rapidamente o fez subir no seu próprio carro, e levando-o para longe do local, fez ele ser levado em outro veículo. O poderoso guerreiro em carro Vrishasena então, em outro veículo, perfurou os cinco filhos de Draupadi com setenta e Yuyudhana com cinco, e Bhimasena com sessenta e quatro, e Sahadeva com cinco, e Nakula com trinta, e Satanika com sete flechas, e Shikhandi com dez, e o rei Yudhishthira com cem. Esses e muitos outros dos heróis principais, ó rei, todos inspirados com desejo de vitória aquele arqueiro formidável, isto é, o filho de Karna, ó monarca, continuou a afligir com suas flechas. Então, naquela batalha, o invencível Vrishasena continuou a proteger a retaguarda de Karna. O neto de Sini, tendo feito Duhshasana ficar sem motorista e sem cavalos e sem carro por meio de nove vezes nove flechas feitas totalmente de ferro, atingiu Duhshasana com dez flechas na testa. O príncipe Kuru então, sobre outro carro que estava devidamente equipado (com todos os instrumentos necessários), começou a lutar novamente com os Pandavas, de dentro da divisão de Karna. Então Dhristadyumna perfurou Karna com dez setas, e os filhos de Draupadi o perfuraram com setenta e três, e Yuyudhana com sete. E Bhimasena o perfurou com sessenta e quatro setas, e Sahadeva com sete. E Nakula o perfurou com trinta setas, e Satanika com sete. E o heróico Shikhandi perfurou-o com dez e o rei Yudhishthira com cem. Estes e outros principais dos homens, ó monarca, todos inspirados com desejo de vitória, começaram a oprimir aquele grande arqueiro, isto é, o filho de Suta, naquela batalha terrível. Aquele castigador de

inimigos, o filho de Suta de grande heroísmo, realizando evoluções rápidas com seu carro, perfurou todos aqueles guerreiros com dez setas. Nós então, ó rei, testemunhamos a agilidade de mãos mostrada por Karna de grande alma e o poder de suas armas. De fato, o que nós vimos pareceu ser muito extraordinário. As pessoas não podiam notar quando ele pegava suas flechas, quando ele as mirava, e quando ele as disparava. Elas somente viam seus inimigos morrendo rápido em consequência de sua fúria. O céu, o firmamento, a Terra, e todos os quadrantes pareciam estar totalmente cobertos com flechas afiadas. O céu parecia resplandecente como se coberto com nuvens vermelhas. O valente filho de Radha, armado com o arco, e como se dançando (em seu carro), perfurou cada um de seus atacantes com três vezes o tanto de flechas com que cada um deles o tinha perfurado. E mais uma vez perfurando cada um deles, e seus corcéis, motorista, carro, e bandeira com dez flechas, ele proferiu um rugido alto. Seus atacantes então lhe deram um caminho (pelo qual ele passou). Tendo subjugado aqueles arqueiros poderosos com chuvas de setas, o filho de Radha, aquele subjugador de inimigos, então penetrou, desimpedido, no meio da divisão comandada pelo rei Pandava. Tendo destruído trinta carros dos Cedis que não recuavam, o filho de Radha atacou Yudhishthira com muitas flechas afiadas. Então muitos guerreiros Pandava, ó rei, com Shikhandi e Satyaki, desejosos de salvar o rei do filho de Radha, cercaram o primeiro. Similarmente todos os bravos e poderosos arqueiros do teu exército resolutamente protegeram o irresistível Karna naquela batalha. O barulho de diversos instrumentos musicais se elevou então, ó rei, e os gritos leoninos de bravos guerreiros rasgaram o céu. E os Kurus e os Pandavas mais uma vez se enfrentaram destemidamente, os primeiros encabeçados pelo filho de Suta e os últimos por Yudhishthira.'"

49

"Sanjaya disse, 'Atravessando a hoste Pandava, Karna, cercado por milhares de carros e elefantes e cavalos e soldados de infantaria, avançou em direção ao rei Yudhishthira o justo. Cortando com centenas de flechas ardentes os milhares de armas disparadas nele por seus inimigos, Vrisha atravessou destemidamente aquela hoste. De fato, o filho de Suta cortava as cabeças, os braços e as coxas de seus inimigos, que, privados de vida, caíam sobre o solo. Outros, encontrando suas divisões rompidas, fugiam. Os soldados de infantaria Dravida, Andhaka, e Nishada, incitados adiante por Satyaki, avançaram mais uma vez em direção a Karna naquela batalha, pelo desejo de matá-lo. Privados de armas e proteções para a cabeça, e mortos por Karna com suas flechas, eles caíam simultaneamente sobre a terra, como uma floresta de árvores Sala derrubada (com o machado). Assim centenas, milhares e dezenas de milhares de combatentes, privados de vida e enchendo o céu inteiro com sua fama, caíam com seus corpos no chão. Os Pandus e os Pancalas obstruíam Karna, também chamado Vaikartana, que se movia rápido furiosamente em batalha como o próprio Destruidor, assim como as pessoas procuram retardar uma doença com encantamentos e remédios. Subjugando todos aqueles atacantes Karna avançou novamente em direção a

Yudhishthira, como uma doença irresistível não controlada por encantamentos e remédios e ritos (propiciatórios). Finalmente impedido pelos Pandus, os Pancalas, e os Kekayas, todos os quais estavam desejosos de salvar o rei, Karna não pode conseguir passar por eles, como a Morte que é incapaz de vencer pessoas conhecedoras de Brahma. Então Yudhishthira, com olhos vermelhos de raiva, dirigindo-se a Karna, aquele matador de heróis hostis, que era mantido sob controle a uma pequena distância dele, e disse essas palavras: 'Ó Karna, ó Karna, ó tu de visão presunçosa, ó filho de um Suta, escute minhas palavras. Tu sempre desafiaste o ativo Phalguna em batalha. Obediente aos conselhos do filho de Dhritarashtra, tu sempre procuraste te opor a nós. Reunindo tua grande bravura, mostre hoje todo o teu poder, toda tua energia, e todo o ódio que tu tens pelos filhos de Pandu. Hoje em combate terrível eu te purgarei do teu desejo por batalha.' Tendo dito essas palavras, o filho de Pandu, ó rei, perfurou Karna com dez flechas feitas totalmente de ferro e providas de asas de ouro. Aquele castigador de inimigos, e arqueiro formidável, isto é, o filho de Suta, ó Bharata, perfurou Yudhishthira, com a maior atenção, em retorno, com dez flechas equipadas com cabeças como o dente do bezerro. Assim perfurado pelo filho de Suta em desprezo, ó senhor, o poderosamente armado Yudhishthira resplandeceu com fúria como um fogo ao receber manteiga. Curvando seu arco formidável enfeitado com ouro, o filho de Pandu colocou na corda de seu arco uma flecha afiada capaz de trespassar as próprias colinas. Estirando o arco até sua mais completa extensão, o rei rapidamente disparou aquela flecha, fatal como a vara do Destruidor, pelo desejo de matar o filho de Suta. Disparada pelo rei dotado de grande força, aquela flecha cujo zunido parecia o barulho do trovão de repente perfurou Karna, aquele poderoso guerreiro em carro, em seu lado esquerdo. Profundamente afligido pela violência daquele golpe, Karna de braços fortes com membros enfraquecidos caiu em um desmaio sobre seu carro, seu arco caindo de sua mão. Vendo Karna naquela situação difícil, a vasta hoste Dhartarashtra proferiu gritos de 'Oh' e 'Ai' e os rostos de todos os combatentes ficaram sem cor. Vendo a bravura de seu rei, por outro lado, ó monarca, entre os Pandavas se elevaram rugidos leoninos e berros e gritos confusos de alegria. O filho de Radha, no entanto, de destreza cruel, recuperando logo seus sentidos, colocou seu coração na destruição de Yudhishthira. Puxando seu arco formidável chamado Vijaya que era ornado com ouro, o filho de Suta de alma incomensurável começou a resistir ao filho de Pandu com suas flechas afiadas. Com um par de flechas de cabeça de navalha ele matou naquele combate Candradeva e Dandadhara, os dois príncipes Pancala, que protegiam as duas rodas do carro de Yudhishthira de grande alma. Cada um daqueles heróis, permanecendo ao lado do carro de Yudhishthira, parecia brilhante como a constelação Punarvasu ao lado da lua. Yudhishthira, no entanto, perfurou Karna novamente com trinta flechas. E ele atingiu Sushena e Satyasena, cada um com três setas. E ele perfurou cada um dos protetores de Karna com três setas retas. O filho de Adhiratha então, dando risada e vibrando seu arco infligiu um ferimento cortante no corpo do rei com uma flecha de cabeça larga, e novamente o perfurou com sessenta flechas e então proferiu um grito alto. Então muitos heróis principais entre os Pandavas, desejosos de resgatar o rei, avançaram furiosos em direção a Karna e começaram a oprimi-lo com suas flechas. Satyaki e Chekitana e Yuyutsu e Shikhandi e os filhos de

Draupadi e os Prabhadrakas, e os gêmeos e Bhimasena e Shishupala e os Karushas, Matsyas, os Suras, os Kaikayas, os Kasis e os Kosalas, todos esses bravos heróis, dotados de grande energia, atacaram Vasusena. O príncipe Pancala Janamejaya então perfurou Karna com muitas flechas. Os heróis Pandava, armados com diversas espécies de flechas e diversas armas e acompanhados por carros e elefantes e corcéis, avançando em direção a Karna, o cercaram por todos os lados, pelo desejo de matá-lo. Assim atacado por todos os lados pelos principais dos guerreiros Pandava, Karna chamou à existência a Brahmastra e encheu todos os pontos do horizonte com flechas. O heróico Karna então, como um fogo ardente tendo flechas como suas chamas chamuscantes, se movimentou rapidamente em batalha, queimando aquela floresta de tropas Pandava. Karna de grande alma, aquele arqueiro formidável, mirando algumas armas poderosas, e dando risada, cortou o arco daquele mais importante dos homens, Yudhishthira. Então mirando noventa flechas retas num piscar de olhos, Karna cortou, com aquelas flechas afiadas, a armadura de seu oponente. Aquela armadura, ornada com ouro e engastada com pedras preciosas, parecia bela, quando ela caiu, como uma nuvem agitada pelo vento penetrada pelos raios do sol. De fato, aquela armadura, adornada com diamantes caros, caída do corpo daquele principal dos homens, parecia bela como o firmamento à noite, coberto com estrelas. Sua armadura cortada por aquelas flechas, o filho de Pritha, coberto com sangue, colericamente lançou no filho de Adhiratha um dardo feito totalmente de ferro. Karna, no entanto, cortou (em pedaços) aquele dardo brilhante, quando ele corria pelo céu, com sete flechas. Aquele dardo, assim cortado com aquelas flechas do grande arqueiro, caiu no chão. Então Yudhishthira, atingindo Karna com quatro lanças em seus dois braços e testa e peito, proferiu gritos altos repetidamente. Nisso jorrou sangue dos ferimentos de Karna, e o último, cheio de raiva e respirando como uma cobra, cortou o estandarte de seu oponente e perfurou o próprio Pandava com três flechas de cabeça larga. E ele também cortou o par de aljavas (que seu inimigo tinha) e o carro (no qual ele estava) em fragmentos miúdos. Nisso o rei, sendo levado em outro carro ao qual estavam unidos aqueles cavalos, brancos como marfim e tendo cabelo preto em seus rabos, que costumavam levá-lo (para a batalha), virou seu rosto e começou a fugir. Assim Yudhishthira começou a se retirar. Seu motorista Parshni tinha sido morto. Ele ficou extremamente triste e incapaz de ficar diante de Karna. O filho de Radha então, perseguindo Yudhishthira, o filho de Pandu, se purificou por tocá-lo no ombro com sua própria mão formosa (a palma da qual era) agraciada com os sinais auspiciosos do raio, o guarda-sol, o gancho, o peixe, a tartaruga, e a concha, e desejou agarrá-lo à força. Ele então se lembrou das palavras de Kunti. Então Shalya se dirigiu a ele e disse, 'Ó Karna, não agarre este melhor dos reis. Logo que tu o agarrares, ele reduzirá nós dois a cinzas.' Então Karna, ó rei, rindo em zombaria, dirigiu-se ao filho de Pandu e falou assim para ele injuriosamente: 'Como, de fato, embora tu sejas nascido em uma família nobre, e embora tu sejas cumpridor dos deveres Kshatriya, tu deixas a batalha com medo, desejando salvar tua vida? Eu acho que tu não és bem familiarizado com os deveres de Kshatriyas. Dotado de força Brahma, tu és de fato dedicado ao estudo dos Vedas e à realização de ritos sacrificais. Ó filho de Kunti, não lute novamente, e não te aproxime outra vez de bravos guerreiros. Não use linguagem rude em direção a

heróis e não venha para grandes batalhas. Tu podes usar tais palavras, ó senhor, em direção a outros, mas tu nunca deves te dirigir a pessoas como nós daquela maneira. Por usar tais palavras com pessoas como nós, tu encontrarias em batalha esse e outros tipos de comportamento. Volte para teus alojamentos, ó filho de Kunti, ou para onde aqueles dois, isto é, Keshava e Arjuna, estão. De fato, ó rei, Karna nunca matará uma pessoa como tu.' Tendo dito essas palavras para o filho de Pritha, o poderoso Karna, libertando Yudhishthira, começou a massacrar a hoste Pandava como o manejador do raio massacrando a hoste Asura. Aquele soberano de homens, (Yudhishthira) então, ó rei, fugiu rapidamente. Vendo o rei fugindo, os Cedis, os Pandavas, os Pancalas, e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, todos seguiram aquele monarca de glória imperecível. E os filhos de Draupadi, e os Suras, e os filhos gêmeos de Madri com Pandu, também seguiram o rei. Vendo a divisão de Yudhishthira se retirando, o heróico Karna ficou muito contente com todos os Kurus e começou a perseguir o exército que recuava. O barulho de tambores de batalha e conchas e pratos e arcos, e gritos leoninos, se elevaram dentre as tropas Dhartarashtra. Enquanto isso Yudhishthira, ó tu da linhagem de Kuru, sendo levado rapidamente no carro de Srutakirti, começou a contemplar a destreza de Karna. Então o rei Yudhishthira, o justo, vendo suas tropas massacradas rapidamente, ficou cheio de raiva, e dirigindo-se a seus guerreiros, os ordenou, dizendo, 'Matem estes inimigos. Por que vocês estão inativos?' Então os poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, encabeçados por Bhimasena, assim mandados pelo rei, todos avançaram contra teus filhos. Os gritos então, ó Bharata, dos guerreiros (de ambas as hostes), e o barulho feito por carros e elefantes e corcéis e soldados a pé, e o estridor de armas, tornou-se tremendo. 'Se esforcem,' 'Ataquem,' 'Enfrentem o inimigo,' eram as palavras que os combatentes endereçavam uns aos outros quando eles começaram a matar uns aos outros naquela batalha terrível. E por causa das chuvas de flechas disparadas por eles uma sombra como aquela das nuvens pareceu se estender sobre o campo. E por causa daqueles soberanos de homens, cobertos com flechas, atacando uns aos outros, eles ficaram privados de bandeiras e estandartes e guarda-sóis e cavalos e motoristas e armas naquela batalha. De fato, aqueles senhores de terra, privados de vida e membros, caíam sobre a terra. Parecendo com os topos de montanha por causa de suas costas desiguais, elefantes enormes com seus condutores, privados de vida, caíam como montanhas partidas pelo raio. Milhares de corcéis, com suas armaduras, equipamentos, e enfeites todos rasgados e quebrados e deslocados, caíam, junto com seus cavaleiros heróicos, privados de vida. Guerreiros em carros com armas soltas de seus punhos, e privados por guerreiros em carros (hostis) de carros e vida, e grandes grupos de soldados de infantaria, mortos por heróis hostis naquele conflito terrível, caíam aos milhares. A terra ficou coberta com as cabeças de combatentes heróicos excitados com a batalha, cabeças que eram adornadas com olhos grandes e expansivos de cor de cobre e rostos tão belos como o lótus ou a lua. E as pessoas ouviam barulhos tão altos no céu como na superfície da Terra, por causa do som de música e canções procedendo de grandes grupos de Apsaras em seus carros celestes, com as quais aqueles grupos de coristas celestiais constantemente saudavam os heróis recém-chegados mortos às centenas e milhares por bravos inimigos na Terra, e com as quais, colocando eles

em carros celestes, elas se dirigiam naqueles veículos (para a região de Indra). Testemunhando com seus próprios olhos aquelas visões maravilhosas, e influenciados pelo desejo de ir para céu, heróis com corações alegres rapidamente matavam uns aos outros. Guerreiros em carros lutavam belamente com guerreiros em carros naquela batalha, e soldados de infantaria com soldados de infantaria, e elefantes com elefantes, e corcéis com corcéis. De fato, quando aquela batalha, destrutiva de elefantes e cavalos e homens, era travada violentamente dessa maneira, o campo ficou coberto com a poeira erguida pelas tropas. Então inimigos mataram inimigos e amigos mataram amigos. Os combatentes arrastavam uns aos outros por seus cabelos, mordiam uns aos outros com seus dentes, dilaceravam uns aos outros com suas unhas, e batiam uns nos outros com punhos cerrados, e lutavam uns com os outros com braços nus naquela batalha violenta destrutiva de vida e pecados. De fato, quando aquela batalha, repleta de carnificina de elefantes e cavalos e homens, era travada tão ferozmente, um rio de sangue correu dos corpos de seres humanos e corcéis e elefantes (mortos). E aquela correnteza levou para longe um grande número de corpos mortos de elefantes e cavalos e homens. De fato, naquela hoste vasta cheia de homens, corcéis, e elefantes, aquele rio formado pelo sangue de homens e corcéis e elefantes e cavaleiros e homens em elefantes tornou-se lodoso com carne e muito terrível. E sobre aquela correnteza, inspirando os tímidos com terror, flutuavam os corpos de homens e corcéis e elefantes. Impelidos pelo desejo de vitória, alguns combatentes a vadearam e alguns permaneceram no outro lado. E alguns mergulharam nas suas profundidades, e alguns afundaram nela e alguns se ergueram acima de sua superfície enquanto eles nadavam através dela. Totalmente cobertos com sangue, suas armaduras e armas e vestes se tornaram todos sangrentos. Alguns se banharam nela e alguns beberam o líquido e alguns ficaram sem forças, ó touro da raça Bharata. Carros e corcéis, e homens e elefantes e armas e ornamentos, e mantos e armaduras, e combatentes que estavam mortos ou prestes a serem mortos, e a Terra, o céu, o firmamento, e todos os pontos do horizonte, se tornaram vermelhos. Com o odor, o toque, o gosto, e a visão extremamente vermelha daquele sangue e seu som impetuoso, quase todos os combatentes, ó Bharata, ficaram muito desanimados. Os heróis Pandava então, encabeçados por Bhimasena e Satyaki, mais uma vez avançaram impetuosamente contra aquele exército já exausto. Observando a impetuosidade daquele avanço dos heróis Pandava como sendo irresistível, o exército vasto dos teus filhos, ó rei, virou suas costas no campo. De fato, aquela hoste tua, cheia de carros e corcéis e elefantes e homens não mais em formação de combate compacta, com armadura e cotas de malha deslocadas e armas e arcos soltos de suas mãos, fugiu em todas as direções, enquanto era agitada pelo inimigo, assim como uma manada de elefantes na floresta afligida por leões.'"

50

"Sanjaya disse, 'Vendo os heróis Pandava avançando impetuosamente em direção à tua hoste, Duryodhana, ó monarca, se esforçou para deter os guerreiros de seu exército por todos os lados, ó touro da raça Bharata. Embora, no entanto,

teu filho gritasse com toda a força de sua voz, suas tropas fugindo, ó rei, ainda se recusaram a parar. Então uma das alas do exército e sua ala mais distante, e Shakuni, o filho de Subala, e os Kauravas bem armados se voltaram contra Bhimasena naquela batalha. Karna também, contemplando o exército Dhartarashtra com todos os seus reis fugindo, se dirigiu ao soberano dos Madras, dizendo, 'Proceda em direção ao carro de Bhima.' Assim endereçado por Karna, o soberano dos Madras começou a incitar aqueles principais dos corcéis, da cor de cisnes, em direção ao local onde Vrikodara estava. Assim incitados por Shalya, aquele ornamento de batalha, aqueles corcéis se aproximando do carro de Bhimasena, se misturaram em batalha. Enquanto isso, Bhima, vendo Karna se aproximar, ficou cheio de raiva, e colocou seu coração na destruição de Karna, ó touro da raça Bharata. Dirigindo-se aos heróicos Satyaki e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, ele disse, 'Vão vocês proteger o rei Yudhishthira de alma virtuosa. Com dificuldade ele escapou de uma situação de grande perigo diante dos meus próprios olhos. Na minha vista a armadura e mantos do rei foram cortados e rasgados, para a satisfação de Duryodhana, pelo filho de Radha de alma perversa. Eu hoje alcançarei o fim daquela aflição, ó filho de Prishata. Hoje, ou eu matarei Karna em batalha, ou ele me matará em batalha terrível. Eu te digo realmente. Hoje eu transfiro o rei para vocês como penhor sagrado. Com corações alegres se esforcem hoje para proteger o rei.' Tendo dito essas palavras, Bhima de braços fortes procedeu em direção ao filho de Adhiratha, fazendo todos os pontos do horizonte ressoarem com um alto grito leonino. Vendo Bhima, aquele encantador em batalha, avançando rapidamente, o pujante rei dos Madras se endereçou ao filho de Suta nas palavras seguintes:

"Shalya disse, 'Veja, ó Karna, o filho de braços fortes de Pandu, que está cheio de raiva. Sem dúvida, ele está desejoso de vomitar sobre ti aquela ira que ele tem nutrido por muitos anos. Nunca antes eu o vi assumir tal forma, nem mesmo quando Abhimanyu foi morto e o Rakshasa Ghatotkaca. Cheio de fúria, a forma que ele assumiu agora, dotada do esplendor do fogo todo-destrutivo no fim do Yuga, é tal que parece que ele é capaz de resistir aos três mundos reunidos.'"

"Sanjaya continuou, 'Enquanto o soberano dos Madras estava dizendo essas palavras para o filho de Radha, Vrikodara, excitado com raiva, se aproximou de Karna. Vendo Bhima, aquele encantador em batalha, se aproximando dele daquela maneira, o filho de Radha disse rindo para Shalya essas palavras, 'As palavras que tu, ó soberano dos Madras, me falaste hoje com relação a Bhima, ó senhor, são sem dúvida todas verdadeiras. Este Vrikodara é bravo e é um herói cheio de ira. Ele é indiferente em proteger seu corpo, e em força de membros ele é superior a todos. Enquanto levando uma vida oculta na cidade de Virata, confiando então no poder de seus braços nus, para fazer o que era agradável para Draupadi, ele secretamente matou Kichaka com todos os seus parentes. Ele mesmo está posicionado hoje na dianteira da batalha vestido em armadura e insensível de raiva. Ele está disposto a se envolver em batalha com o Destruidor armado com maça erguida. Esse desejo, no entanto, tem sido nutrido por todos os meus dias, isto é, que ou eu matarei Arjuna ou Arjuna me matará. Esse meu desejo pode ser realizado hoje por meu combate com Bhima. Se eu matar Bhima

ou fizer ele ficar sem carro, Partha pode vir contra mim. Isso será bom para mim. Determine sem demora aquilo que tu pensas ser apropriado para o momento.' Ouvindo essas palavras do filho de Radha de energia incomensurável Shalya respondeu, dizendo, 'Ó tu de armas poderosas, proceda contra Bhimasena de grande poder. Tendo reprimido Bhimasena, tu podes então obter Phalguna. Aquele que é teu propósito, aquele desejo o qual por muitos longos anos tu tens nutrido no teu coração, será realizado, ó Karna. Eu digo a verdade.' Assim endereçado, Karna disse novamente para Shalya, 'Ou eu matarei Arjuna em batalha, ou ele me matará. Colocando teu coração na batalha vá para o local onde Vrikodara está.'"

"Sanjaya continuou, 'Então, ó rei, Shalya procedeu depressa naquele carro para o local onde aquele grande arqueiro, isto é, Bhima, estava empenhado em derrotar teu exército. Lá se ergueu então o clangor de trombetas e o ribombo de baterias, ó monarca, quando Bhima e Karna se enfrentaram. O poderoso Bhimasena, cheio de raiva, começou a espalhar tuas tropas difíceis de derrotar, com suas flechas afiadas e polidas, para todos os lados. Aquele choque em batalha, ó monarca, entre Karna e o filho de Pandu tornou-se, ó rei, violento e terrível, e o barulho que se ergueu foi tremendo. Vendo Bhima indo em direção a ele, Karna, também chamado Vaikartana ou Vrisha, cheio de raiva, o atingiu com flechas no centro do peito. E mais uma vez, Karna de alma incomensurável, o cobriu com uma chuva de flechas. Assim perfurado pelo filho de Suta, Bhima cobriu o primeiro com setas aladas. E ele uma vez mais perfurou Karna com nove flechas retas e afiadas. Então Karna, com diversas flechas, cortou em dois o arco de Bhima no cabo. E depois de cortar seu arco, ele o perfurou outra vez no centro do peito com uma flecha de gume excelente e capaz de penetrar em todo tipo de armadura. Então Vrikodara, pegando outro arco, ó rei, e sabendo muito bem quais são as partes vitais do corpo, perfurou o filho de Suta com muitas flechas afiadas. Então Karna o perfurou com vinte e cinco flechas, como um caçador atingindo um orgulhoso e enfurecido elefante na floresta com diversos tições ardentes. Seus membros mutilados por aquelas flechas, seus olhos vermelhos de raiva e desejo de vingança, o filho de Pandu, insensível com cólera, e impelido pelo desejo de matar o filho de Suta, fixou em seu arco uma flecha excelente de grande impetuosidade, capaz de suportar uma grande tensão, e competente para perfurar as próprias montanhas. Puxando violentamente a corda do arco até sua própria orelha, o filho do deus do vento, aquele arqueiro formidável, cheio de ira e desejoso de dar um fim em Karna, disparou aquela flecha. Assim disparada pelo poderoso Bhima, aquela flecha, fazendo um barulho alto como aquele do trovão, atravessou Karna naquela batalha, como o próprio raio atravessando uma montanha. Atingido por Bhimasena, ó perpetuador da linhagem de Kuru, o filho de Suta, aquele comandante (das tuas tropas), sentou-se inconsciente no terraço de seu carro. O soberano dos Madras então, vendo o filho de Suta privado de seus sentidos, levou aquele ornamento de batalha em seu carro para longe daquela luta. Então depois da derrota de Karna, Bhimasena começou a desbaratar a vasta hoste Dhartarashtra como Indra desbaratando os Danavas.'"

51

"Dhritarashtra disse, 'De realização extremamente difícil foi aquela façanha, ó Sanjaya, que foi realizada por Bhima que fez o próprio Karna poderosamente armado estatelar-se no terraço de seu carro. 'Há uma única pessoa, Karna, que matará os Pandavas junto com os Srinjayas,' isso mesmo era o que Duryodhana, ó Suta, costumava me dizer com muita frequência. Vendo, no entanto, aquele filho de Radha agora derrotado por Bhima em batalha, o que meu filho Duryodhana fez em seguida?'"

"Sanjaya disse, 'Vendo o filho de Radha da casta Suta recuar da luta naquela grande batalha, teu filho, ó monarca, dirigiu-se a seus irmãos uterinos, dizendo, 'Vão rapidamente, abençoados sejam vocês, e protejam o filho de Radha que está mergulhado naquele oceano insondável de calamidade representado pelo medo de Bhimasena.' Assim mandados pelo rei, aqueles príncipes, excitados com cólera e desejosos de matar Bhimasena, avançaram em direção a ele como insetos em direção a um fogo ardente. Eles eram Srutarvan e Durddhara e Kratha e Vivitsu e Vikata e Soma, e Nishangin e Kavashin e Pasin e Nanda e Upanandaka, e Duspradharsha e Suvahu e Vatavega e Suvarchasas, e Dhanurgraha e Durmada e Jalasandha e Sala e Saha. Cercados por uma grande tropa de carros, aqueles príncipes, dotados de grande energia e poder, se aproximaram de Bhimasena e o cercaram por todos os lados. Eles dispararam nele de todos os lados chuvas de flechas de diversos tipos. Assim afligido por eles, Bhima de grande força, ó rei, matou rapidamente cinquenta dos principais guerreiros em carros com quinhentos outros, entre aqueles teus filhos que avançavam contra ele. Cheio de raiva, Bhimasena então, ó rei, com uma flecha de cabeça larga, cortou a cabeça de Vivitsu adornada com brincos e proteção para a cabeça, e agraciada com um rosto parecendo a lua cheia. Assim cortado, aquele príncipe caiu na terra. Vendo aquele irmão heróico deles morto, os (outros) irmãos lá, ó senhor, avançaram naquela batalha, de todos os lados, sobre Bhima de bravura terrível. Com duas outras flechas de cabeça larga então, Bhima de destreza terrível tirou as vidas de dois outros filhos teus naquela batalha aterradora. Aqueles dois, Vikata e Saha, parecendo com um par de jovens celestes, ó rei, imediatamente caíram no chão como um par de árvores arrancadas pela tempestade. Então Bhima, sem perder um momento, despachou Kratha para a residência de Yama, com uma flecha comprida de ponta afiada. Privado de vida, aquele príncipe caiu ao solo. Altos gritos de dor então, ó soberano de homens, se elevaram lá quando aqueles teus filhos heróicos, todos grandes arqueiros, estavam sendo assim massacrados. Quando aquelas tropas estavam mais uma vez agitadas, o poderoso Bhima, ó monarca, então despachou Nanda e Upananda naquela batalha para a residência de Yama. Nisso teus filhos, extremamente agitados e inspirados com medo, fugiram, vendo que Bhimasena naquela batalha se comportava como o próprio Destruidor no fim do Yuga. Contemplando aqueles teus filhos mortos, o filho de Suta com o coração triste incitou novamente seus corcéis da cor de cisnes para aquele local onde o filho de Pandu estava. Aqueles corcéis, ó rei, incitados adiante pelo soberano de Madras, se aproximaram com grande velocidade do carro de

Bhimasena e se misturaram em batalha. O conflito, ó monarca, que mais uma vez teve lugar entre Karna e o filho de Pandu em batalha tornou-se, ó rei, extremamente violento e terrível e repleto de um barulho alto. Vendo, ó rei, aqueles dois poderosos guerreiros em carros se envolverem em combate um com o outro, eu fiquei muito curioso para observar o rumo da batalha. Então Bhima, se gabando de sua bravura em batalha, cobriu Karna naquele combate, ó rei, com chuvas de flechas aladas na própria vista de teus filhos. Então Karna, aquele guerreiro conhecedor das maiores armas, cheio de fúria, perfurou Bhima com nove flechas de cabeça larga e retas feitas totalmente de ferro. Nisso Bhima de braços fortes de bravura terrível, atingido dessa maneira por Karna, perfurou seu atacante em retorno com sete flechas disparadas da corda de seu arco esticada até sua orelha. Então Karna, ó monarca, suspirando como uma cobra de veneno virulento encobriu o filho de Pandu com uma chuva grossa de setas. O poderoso Bhima também, encobrindo aquele poderoso guerreiro em carro com densas torrentes de flechas diante dos olhos dos Kauravas, proferiu um grito alto. Então Karna, cheio de raiva, agarrou seu arco forte e perfurou Bhima com dez flechas afiadas em pedra e equipadas com penas Kanka. Com outra de cabeça larga de gume excelente, ele também cortou o arco de Bhima. Então o poderosamente armado Bhima de grande força, pegando um Parigha terrível, enrolado com cordas de cânhamo e enfeitado com ouro e parecendo uma segunda clava da própria Morte, e desejando matar Karna imediatamente, o arremessou nele com um rugido alto. Karna, no entanto, com diversas flechas parecendo cobras de veneno virulento, cortou em muitos fragmentos aquela maça com ferrões enquanto ela corria em direção a ele com o ribombo tremendo do trovão. Então Bhima, aquele opressor de tropas hostis, agarrando seu arco com grande força, cobriu Karna com flechas afiadas. A batalha que ocorreu entre Karna e o filho de Pandu naquele combate tornou-se medonha por um momento, como aquela de um par de leões enormes desejosos de matar um ao outro. Então Karna, ó rei, puxando o arco com grande força e esticando a corda até sua própria orelha, perfurou Bhimasena com três flechas. Profundamente perfurado por Karna, aquele grande arqueiro e principal de todas as pessoas dotadas de força então pegou uma flecha terrível capaz de atravessar o corpo de seu oponente. Aquela flecha, passando através da armadura de Karna e atravessando seu corpo, passou para fora e entrou na terra como uma cobra em um formigueiro. Por causa da violência daquele golpe, Karna sentiu grande dor e ficou extremamente agitado. De fato, ele tremeu em seu carro como uma montanha durante um terremoto. Então Karna, ó rei, cheio de raiva e de desejo de retaliar, atingiu Bhima com vinte e cinco flechas, e então com muitas mais. Com uma flecha ele então cortou o estandarte de Bhimasena, e com outra flecha de cabeça larga ele despachou motorista de Bhima para a presença de Yama. Em seguida cortando rapidamente o arco do filho de Pandu com outra flecha alada, Karna privou Bhima de façanhas terríveis de seu carro. Privado de seu carro, ó chefe da linhagem de Bharata, Bhima de braços fortes, que parecia o deus do vento (em bravura) pegou uma maça e saltou de seu veículo excelente. De fato, saltando de seu carro com grande fúria, Bhima começou a massacrar tuas tropas, ó rei, como o vento destruindo as nuvens de outono. De repente o filho de Pandu, aquele opressor de inimigos, cheio de cólera, desbaratou setecentos elefantes, ó rei, dotados de presas tão largas quanto relhas

de arado, e todos hábeis em atacar tropas hostis. Possuidor de grande força e do conhecimento de quais são as partes vitais de um elefante, ele os atingiu em suas têmporas e globos frontais e olhos e nas partes acima de suas gengivas. Nisso aqueles animais, inspirados com medo, fugiram. Mas instigados novamente por seus condutores eles cercaram Bhimasena mais uma vez, como as nuvens cobrindo o sol. Como Indra derrubando montanhas com raio, Bhima com sua maça prostrou aqueles setecentos elefantes com seus condutores e armas e estandartes. Aquele castigador de inimigos, o filho de Kunti, em seguida prensou no chão cinquenta e dois elefantes de grande força pertencentes ao filho de Subala. Chamuscando teu exército, o filho de Pandu então destruiu uma centena de carros principais e várias centenas de soldados de infantaria naquela batalha. Chamuscados pelo Sol como também por Bhima de grande alma, teu exército começou a encolher como um pedaço de couro espalhado sobre um fogo. Aquelas tuas tropas, ó touro da raça Bharata, cheias de ansiedade por medo de Bhimasena, evitaram Bhima naquela batalha e fugiram em todas as direções. Então quinhentos guerreiros em carros, envolvidos em armaduras excelentes, avançaram em direção a Bhima com gritos altos, disparando chuvas densas de setas para todos os lados. Como Vishnu destruindo os Asuras, Bhima destruiu com sua maça todos aqueles bravos guerreiros com seus motoristas e carros e bandeiras e estandartes e armas. Então 3.000 cavaleiros, despachados por Shakuni, respeitados por todos os homens valentes e armados com dardos e espadas e lanças, avançaram em direção a Bhima. Aquele matador de inimigos, avançando impetuosamente em direção a eles, e correndo em diversos caminhos, os matou com sua maça. Sons altos se elevaram dentre eles enquanto eles estavam sendo atacados por Bhima, como aqueles que se elevam dentre uma manada de elefantes atingida por grandes pedaços de rochas. Tendo matado aqueles 3.000 cavalos excelentes do filho de Subala daquela maneira, ele subiu em outro carro, e cheio de raiva procedeu contra o filho de Radha. Enquanto isso, Karna também, ó rei, cobriu o filho de Dharma (Yudhishthira) aquele castigador de inimigos, com chuvas grossas de setas, e derrubou seu motorista. Então aquele poderoso guerreiro em carro, vendo Yudhishthira fugir naquela batalha, o perseguiu, disparando muitas flechas de curso reto equipadas com penas Kanka. O filho do deus do vento, cheio de ira, e cobrindo o céu inteiro com suas flechas, encobriu Karna com grossas chuvas de flechas enquanto o último perseguia o rei de trás. O filho de Radha então, aquele opressor de inimigos, voltando da perseguição, rapidamente cobriu o próprio Bhima com setas afiadas de todos os lados. Então Satyaki, de alma incomensurável, ó Bharata, colocando-se ao lado do carro de Bhima, começou a afligir Karna que estava na frente de Bhima. Embora extremamente afligido por Satyaki, Karna ainda se aproximou de Bhima. Aproximando-se um do outro aqueles dois touros entre todos os manejadores de arcos, aqueles dois heróis dotados de grande energia, pareciam muito resplandecentes enquanto eles disparavam suas belas flechas um no outro. Espalhados por eles, ó monarca, no céu, aqueles enxames de flechas, brilhando como as costas de garças, pareciam extremamente ameaçadores e terríveis. Por causa daqueles milhares de flechas, ó rei, nem os raios do Sol nem os pontos do horizonte, cardeais e secundários, podiam mais ser notados ou por nós ou pelo inimigo. De fato, a refulgência ardente do Sol brilhando ao meio-dia foi dissipada

por aquelas chuvas densas disparadas por Karna e o filho de Pandu. Vendo o filho de Subala, e Kritavarma, e o filho de Drona, e o filho de Adhiratha, e Kripa, envolvidos em combate com os Pandavas, os Kauravas se reagruparam e voltaram para a luta. Tremendo tornou-se o barulho, ó monarca, que foi feito por aquela hoste enquanto ela avançava impetuosamente contra seus inimigos, parecendo aquele barulho terrível que é feito por muitos oceanos cheios com chuvas. Furiosamente engajadas em batalha, as duas hostes ficaram cheias de grande alegria quando os guerreiros viram e agarraram uns aos outros naquela escaramuça terrível. A batalha que começou naquela hora quando o Sol tinha alcançado o meridiano foi tal que sua igual nunca tinha sido ouvida ou vista por nós. Uma hoste vasta se precipitou contra outra, como um extenso reservatório de água avançando em direção ao oceano. O rumor que se ergueu das duas hostes quando elas rugiram uma para a outra foi alto e profundo como aquele que pode ser ouvido quando vários oceanos se misturam uns com os outros. De fato, as duas hostes furiosas, se aproximando uma da outra, se misturaram em uma massa como dois rios impetuosos que se chocam um com o outro.'"

"A batalha então começou, horrível e terrível, entre os Kurus e os Pandavas, ambos os quais estavam inspirados com o desejo de ganhar grande fama. Uma perfeita confusão de vozes dos guerreiros gritando era incessantemente ouvida lá, ó nobre Bharata, enquanto eles se dirigiam uns aos outros pelo nome. Aquele que tinha qualquer coisa, pelo lado de seu pai ou mãe ou em relação às suas ações ou conduta, que pudesse fornecer causa para escárnio, era naquela batalha feito ouvir isto por seu antagonista. Contemplando aqueles bravos guerreiros repreendendo ruidosamente uns aos outros naquela batalha, eu pensei, ó rei, que seus períodos de vida tinham terminado. Contemplando os corpos daqueles heróis furiosos de energia imensurável um grande temor entrou no meu coração, com relação às consequências terríveis que se seguiriam. Então os Pandavas, ó rei, e os Kauravas também, todos poderosos guerreiros em carros, atacando uns aos outros, começaram a mutilar uns aos outros com suas flechas afiadas."

52

"Sanjaya disse, 'Aqueles Kshatriyas, ó monarca, nutrindo sentimentos de animosidade uns contra os outros e desejando tirar as vidas uns dos outros, começaram a matar uns aos outros naquela batalha. Multidões de carros, e grandes grupos de cavalos, e abundantes divisões de infantaria e elefantes em grande número se misturaram uns com os outros, ó rei, para lutar. Nós vimos a queda de maças e clavas com ferrões e Kunapas e lanças e flechas curtas e foguetes lançados uns nos outros naquele combate terrível. Chuvas de flechas terríveis de se olhar corriam como enxames de gafanhotos. Elefantes se aproximando de elefantes derrubavam uns aos outros. Cavaleiros enfrentando cavaleiros naquela batalha, e guerreiros em carros enfrentando guerreiros em carros, e soldados de infantaria enfrentando soldados de infantaria, e soldados de infantaria enfrentando cavaleiros, e soldados de infantaria enfrentando carros e elefantes, e carros enfrentando elefantes e cavaleiros, e elefantes de grande

velocidade enfrentando os três outros tipos de tropas, começaram, ó rei, a subjugar e oprimir uns aos outros. Por causa daqueles bravos combatentes atacando uns aos outros e gritando com toda a força de suas vozes, o campo de batalha tornou-se medonho, parecendo a área de massacre de criaturas (do próprio Rudra). A terra, ó Bharata, coberta com sangue, parecia bela como uma vasta planície na estação das chuvas coberta com a coccinella vermelha. De fato, a Terra assumiu o aspecto de uma moça jovem de grande beleza, vestida em mantos brancos tingidos com vermelho escuro. Matizado com carne e sangue, o campo de batalha parecia como se totalmente enfeitado com ouro. Grande número de cabeças cortadas de troncos e braços e coxas e brincos e outros ornamentos deslocados dos corpos de guerreiros, ó Bharata, e colares e couraças e corpos de bravos arqueiros, e cotas de malha, e estandartes, jaziam espalhados sobre o solo. Elefantes indo contra elefantes dilaceravam uns aos outros com suas presas, ó rei. Atingidos pelas presas de iguais hostis, elefantes pareciam muito belos. Banhadas em sangue, aquelas criaturas enormes pareciam resplandecentes como colinas moventes ornadas com metais, para baixo de cujos leitos corriam rios de greda líquida. Lanças arremessadas por cavaleiros, ou seguradas horizontalmente por combatentes hostis, eram agarradas por muitos daqueles animais, enquanto muitos entre eles torciam e quebravam aquelas armas. Muitos elefantes enormes, cujas armaduras tinham sido cortadas com flechas, pareciam, ó rei, com montanhas privadas de nuvens na chegada do inverno. Muitos dos elefantes principais perfurados por flechas aladas com ouro pareciam belos como montanhas, ó senhor, cujos topos estão acesos com tições ardentes. Algumas daquelas criaturas, enormes como colinas, atingidos por iguais hostis, caíam naquela batalha, como montanhas aladas (quando cortadas de suas asas). Outros, afligidos por flechas e muito atormentados por seus ferimentos, caíam tocando o solo, naquela batalha terrível, em seus globos frontais ou nas partes entre suas presas. Outros rugiam alto como leões. E muitos, proferindo sons terríveis, corriam para lá e para cá, e muitos, ó rei, proferiam gritos de dor. Cavalos também, em arreios dourados, atingidos por setas, caíam, ou ficavam fracos, ou rodavam em todas as direções. Outros, atingidos por flechas e lanças ou arrastados, caíam no chão e se contorciam em agonia, fazendo diversos tipos de movimento. Homens também, derrubados, caíam no chão, proferindo diversos gritos de dor, ó majestade; outros, vendo seus parentes e pais e avôs, e outros vendo inimigos se retirando, gritavam uns para os outros seus nomes bem conhecidos e os nomes de suas famílias. Os braços de muitos combatentes, enfeitados com ornamentos de ouro, cortados, ó rei, por inimigos, se contorciam no chão, fazendo diversos tipos de movimentos. Milhares de tais braços caíam e se erguiam de repente, e muitos pareciam se arremessar para frente como cobras de cinco cabeças. Aqueles braços, parecendo com os corpos afilados de cobras, e cobertos com pasta de sândalo, ó rei, pareciam belos, quando encharcados com sangue, como pequenos estandartes de ouro. Quando a batalha, se tornando geral, estava sendo travada tão furiosamente por todos os lados, os guerreiros lutavam e matavam uns aos outros sem percepções distintas daqueles com quem eles lutavam ou a quem atingiam. Uma nuvem de poeira cobriu o campo de batalha, e as armas costumavam cair em chuvas grossas. O cenário estando assim escurecido, os combatentes não podiam mais distinguir amigos de inimigos.

De fato, aquela batalha violenta e horrível prosseguiu dessa maneira. E logo lá começaram a fluir muitos rios imensos de correntezas sangrentas. E eles abundavam com as cabeças de combatentes que formavam suas rochas. E o cabelo dos guerreiros constituía suas algas e musgos. Ossos formavam os peixes com os quais eles estavam cheios, e arcos e flechas e maças formavam as balsas pelos quais cruzá-los. Carne e sangue formavam seu lodo; aqueles rios terríveis e horrendos, com correntezas cheias por sangue, foram assim formados lá, aumentando os temores dos medrosos e a alegria dos bravos. Aqueles rios horríveis levavam para a residência de Yama. Muitos mergulhavam naqueles rios inspirando Kshatriyas com medo, e pereciam. E por causa de várias criaturas carnívoras, ó tigre entre homens, rugindo e berrando por todos os lados, o campo de batalha tornou-se terrível como os domínios do rei dos mortos. E inúmeros troncos sem cabeça se erguiam por todos os lados. E criaturas terríveis, se empanturrando de carne e bebendo gordura, e sangue, ó Bharata, começaram a dançar em volta. E corvos e urubus e garças, satisfeitos com gordura e medula e outros animais que gostavam de carne, eram vistos se movendo em volta em alegria. Aqueles, no entanto, ó rei, que eram heróis, rejeitando todo temor o qual é tão difícil de ser rejeitado, e cumprindo o voto de guerreiros, fizeram seu dever destemidamente. De fato, naquele campo onde incontáveis flechas e dardos corriam pelo ar, e que estava apinhado com criaturas carnívoras de diversas espécies, bravos guerreiros se moviam rapidamente sem medo, mostrando sua coragem. Dirigindo-se uns aos outros, ó Bharata, eles declaravam seus nomes e famílias. E muitos entre eles, declarando os nomes de seus pais e famílias, ó senhor, começaram a subjugar uns aos outros, ó rei, com dardos e lanças e machados de batalha. Durante a continuação daquela batalha feroz e horrível, o exército Kaurava ficou sem forças e incapaz de aguentar mais como um barco naufragado na superfície do oceano.'"

53

"Sanjaya disse, 'Durante a continuação daquela batalha na qual tantos Kshatriyas caíram, o som alto do Gandiva, ó senhor, era ouvido acima do tumulto naquele local, ó rei, onde o filho de Pandu estava empenhado em massacrar os Samsaptakas, os Kosalas, e os exércitos Narayana. Cheios de raiva e desejosos de vitória, os Samsaptakas, naquela batalha, começaram a despejar chuvas de flechas sobre a cabeça de Arjuna. O pujante Partha, no entanto, detendo rapidamente aquelas chuvas de flechas, ó rei, mergulhou naquela batalha, e começou a matar muitos dos principais guerreiros em carros. Mergulhando no meio daquela divisão de carros com a ajuda de suas flechas afiadas equipadas com penas Kanka, Partha atacou Susharma de armas excelentes. Aquele principal dos guerreiros em carros despejou sobre Arjuna chuvas densas de flechas. Enquanto isso os Samsaptakas também cobriram Partha com suas flechas. Então Susharma, perfurando Partha com dez flechas, atingiu Janardana com três no braço direito. Com uma flecha de cabeça larga então, ó senhor, ele furou a bandeira de Arjuna. Nisso aquele principal dos macacos, de dimensões enormes, a obra do próprio artífice celeste, começou a proferir sons altos e rugiu muito

ferozmente, apavorando tuas tropas. Ouvindo os rugidos do macaco, teu exército ficou inspirado com medo. De fato, sob a influência de um grande pavor, aquele exército ficou completamente inativo. Aquele exército então, enquanto ele permanecia inativo, ó rei, parecia belo como a floresta Citraratha com sua carga florida de diversas espécies. Então aqueles guerreiros, recuperando seus sentidos, ó chefe dos Kurus, começaram a encharcar Arjuna com seus aguaceiros de flechas como as nuvens encharcando as montanhas. Então todos eles cercaram o carro magnífico do Pandava. Atacando-o, eles proferiram rugidos altos embora todo o tempo eles estivessem sendo atingidos e massacrados com flechas afiadas. Atacando seus corcéis, as rodas do seu carro, o mastro de seu carro, e todos os outros membros de seu veículo, com grande força, ó senhor, eles proferiram muitos rugidos leoninos. Alguns entre eles agarraram os braços massivos de Keshava, e alguns entre eles, ó rei, agarraram o próprio Partha com grande alegria quando ele estava sobre seu carro. Então Keshava, sacudindo seus braços no campo de batalha, jogou no chão todos aqueles que os tinham agarrado, como um elefante mau derrubando todos os condutores de suas costas. Então Partha, cercado por aqueles grandes guerreiros em carros, e vendo seu carro assaltado e Keshava atacado daquela maneira ficou cheio de raiva, e derrubou um grande número de guerreiros em carros e soldados de infantaria. E ele cobriu todos os combatentes que estavam perto dele com muitas flechas, que eram adequadas para combates de perto. Dirigindo-se a Keshava então, ele disse, 'Veja, ó Krishna, ó tu de braços poderosos, estes inúmeros Samsaptakas empenhados em realizar uma tarefa terrível embora massacrados aos milhares. Ó touro entre os Yadus, não há ninguém sobre a Terra, salvo eu mesmo, que seria capaz de suportar tal ataque cerrado sobre seu carro.' Tendo dito essas palavras, Vibhatsu soprou sua concha. Então Krishna também soprou sua concha enchendo o céu com seu clangor. Ouvindo aquele clangor o exército dos Samsaptakas começou a vacilar, ó rei, e ficou inspirado com grande pavor. Então aquele matador de heróis hostis, isto é, o filho de Pandu, paralisou as pernas dos Samsaptakas por invocar repetidamente, ó monarca, a arma chamada Naga. Assim atados com aquelas fitas amarradoras de pés pelo filho de grande alma de Pandu, todos eles ficaram imóveis, ó rei, como se eles tivessem sido petrificados. O filho de Pandu então começou a matar aqueles guerreiros imóveis como Indra nos tempos antigos matando os Daityas na batalha com Taraka. Assim massacrados naquela batalha, eles libertaram o carro, e começaram a jogar no chão todas as suas armas. Suas pernas estando paralisadas, eles não podiam, ó rei, se mover um passo. Então Partha os matou com suas flechas retas. De fato, todos aqueles guerreiros naquela batalha, mirando em quem Partha tinha invocado aquela arma atadora de pés, tiveram seus membros inferiores cercados por cobras. Então o poderoso guerreiro em carro Susharma, ó monarca, vendo seu exército paralisado dessa maneira, invocou rapidamente a arma chamada Sauparna. Nisso numerosas aves começaram a descer e devorar aquelas cobras. As últimas, além disso, à visão dos percorredores do céu, começaram, ó rei, a fugir. Livre daquela arma amarradora de pés, o exército Samsaptaka, ó monarca, parecia com o próprio Sol dando luz para todas as criaturas, quando livre das nuvens. Assim libertados, aqueles guerreiros uma vez mais dispararam suas setas, ó senhor, e lançaram suas armas no carro de Arjuna. E todos eles

perfuraram Partha com armas numerosas. Cortando com sua própria torrente de flechas aquela chuva de armas poderosas o filho de Vasava, aquele matador de heróis hostis, começou a massacrar aqueles guerreiros. Então Susharma, ó rei, com uma flecha reta, perfurou Arjuna no peito, e então ele o perfurou com três outras flechas. Profundamente perfurado com isso, e sentindo grande dor, Arjuna sentou-se no terraço de seu carro. Então as tropas gritaram ruidosamente, dizendo, 'Partha está morto!' Nisso o clangor de conchas, e o ribombo de baterias, e o som de diversos instrumentos musicais, e altos gritos leoninos, se elevaram lá. Recuperando seus sentidos, Partha de alma incomensurável, possuindo corcéis brancos e tendo Krishna como seu motorista, invocou rapidamente a arma Aindra. Então milhares de flechas, ó senhor, emanando daquela arma, foram vistas por todos os lados matando reis e elefantes. E corcéis e guerreiros, às centenas e milhares, eram também vistos serem massacrados naquela batalha, com aquelas armas. Então enquanto as tropas estavam sendo assim massacradas, um grande temor entrou nos corações de todos os Samsaptakas e Gopalas, ó Bharata. Não havia homem entre eles que pudesse lutar com Arjuna. Lá na própria vista de todos os heróis, Arjuna começou a destruir tuas tropas. Vendo aquele massacre, todos eles permaneceram totalmente inativos, sem aplicarem sua bravura. Então o filho de Pandu, tendo matado 10.000 combatentes naquela batalha, parecia resplandecente, ó monarca, como um fogo ardente sem fumaça. E então ele matou 14.000 guerreiros, e 3.000 guerreiros, e 3.000 elefantes no total. Então os Samsaptakas novamente cercaram Dhananjaya, fazendo da morte ou vitória sua meta. A batalha que então ocorreu lá entre teus guerreiros e aquele herói poderoso, isto é, o filho ornado com diadema de Pandu tornou-se terrível.'"

54

"Sanjaya disse, 'Então Kritavarma, e Kripa, e o filho de Drona e o filho de Suta, ó majestade, e Uluka, e o filho de Subala (Shakuni), e o próprio rei, com seus irmãos uterinos, vendo o exército (Kuru) afligido com medo do filho de Pandu, incapaz para permanecer unido, como um navio destruído no oceano, se esforçaram para resgatá-lo com grande rapidez. Por um curto espaço de tempo, ó Bharata, a batalha que ocorreu mais uma vez tornou-se extremamente violenta, aumentando como ela aumentava os medos dos tímidos e a alegria dos corajosos. As chuvas grossas de flechas disparadas em batalha por Kripa, densas como enxames de gafanhotos, cobriram os Srinjayas. Então Shikhandi, cheio de raiva, procedeu rapidamente contra o neto de Gautama (Kripa) e despejou sobre aquele touro entre os Brahmanas suas torrentes de flechas de todos os lados. Conhecedor das maiores armas Kripa então deteve aquele aguaceiro de flechas, e iradamente perfurou Shikhandi com dez flechas naquela batalha. Então Shikhandi cheio de raiva perfurou Kripa profundamente, naquele combate, com sete flechas retas equipadas com penas Kanka. O duas vezes nascido Kripa então, aquele grande guerreiro em carro, profundamente perfurado com aquelas flechas afiadas, privou Shikhandi de seus corcéis, motorista e carro. Saltando de seu veículo sem cavalos, o poderoso guerreiro em carro (Shikhandi) avançou impetuosamente no

Brahmana, tendo pegado uma espada e um escudo. Quando o príncipe Pancala avançou, Kripa rapidamente o cobriu com muitas flechas retas naquele combate, o que parecia muito extraordinário. De fato, muito admirável foi a visão que nós então contemplamos, assim como o vôo de rochas, pois Shikhandi, ó rei, (assim atacado) permaneceu completamente inativo naquela batalha. Vendo Shikhandi coberto (com setas) por Kripa, ó melhor dos reis, o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna procedeu depressa contra Kripa. O grande guerreiro em carro Kritavarma, no entanto, avançando impetuosamente recebeu Dhrishtadyumna quando o último procedeu contra o filho de Sharadvata (Kripa). Então o filho de Drona impediu Yudhishthira quando o último, com seu filho e tropas, estava avançando em direção ao carro do filho de Sharadvata. Teu filho Duryodhana, disparando uma chuva de setas, recebeu e deteve Nakula e Sahadeva, aqueles dois grandes guerreiros em carros dotados de celeridade. Karna igualmente, também chamado Vaikartana, ó Bharata, naquela batalha, resistiu a Bhimasena, e aos Karushas, aos Kaikayas, e aos Srinjayas. Enquanto isso o filho de Sharadvata, naquela batalha, ó senhor, com grande energia, disparou muitas flechas em Shikhandi, como se para o propósito de queimá-lo completamente. O príncipe Pancala, no entanto, girando sua espada repetidamente, cortou todas aquelas flechas, decoradas com ouro, que tinham sido disparadas nele por Kripa de todos os lados. O neto de Gautama (Kripa) então cortou rapidamente com suas flechas o escudo do filho de Prishata, que era ornado com cem luas. Por essa façanha dele, as tropas fizeram um tumulto alto. Privado de seu escudo, ó monarca, e colocado sob o poder de Kripa Shikhandi ainda avançou, espada na mão, (em direção a Kripa), como um homem doente para as mandíbulas da Morte. Então Suketu, o filho de Citraketu, ó rei, procedeu depressa em direção ao poderoso Shikhandi mergulhado em tal angústia e atacado daquela maneira por Kripa com suas flechas. De fato, o jovem príncipe de alma incomensurável avançou em direção ao carro do filho de Sharadvata e despejou sobre aquele Brahmana, naquela batalha, inúmeras flechas de corte excelente. Vendo aquele Brahmana cumpridor de votos assim envolvido em batalha (com outro), Shikhandi, ó melhor dos reis, retirou-se rapidamente daquele local. Enquanto isso Suketu, ó rei, perfurando o filho de Gautama com nove flechas, perfurou-o novamente com setenta e novamente com três. Então o príncipe, ó senhor, cortou o arco de Kripa com flecha fixada nele, e com outra flecha atingiu duramente o motorista do último em um membro vital. O neto de Gautama então, cheio de raiva, pegou um arco novo e muito forte e atingiu Suketu com trinta flechas em todos os seus membros vitais. Todos os seus membros extremamente enfraquecidos, o príncipe tremeu em seu carro excelente como uma árvore tremendo muito durante um terremoto. Com uma flecha de cabeça de navalha então, Kripa cortou do tronco do príncipe, enquanto o último ainda estava tremendo, sua cabeça enfeitada com um par de brincos brilhantes e protetor de cabeça. Nisso aquela cabeça caiu no chão como um pedaço de carne das garras de um falcão, e então seu tronco também caiu, ó tu de grande glória. Após a queda de Suketu, ó monarca, suas tropas ficaram apavoradas, e evitando Kripa, fugiram para todos os lados.'"

"Cercando o poderoso Dhrishtadyumna, Kritavarma alegremente se dirigiu a ele dizendo, 'Espere, Espere!' O combate então que ocorreu entre os guerreiros

Vrishni e Pancala naquela batalha se tornou extremamente feroz, como aquele entre dois falcões, ó rei, por um pedaço de carne. Cheio de raiva, Dhrishtadyumna, naquela batalha, atingiu o filho de Hridika (Kritavarma, o soberano de Bhoja) com nove setas no peito, e conseguiu afligi-lo muito. Então Kritavarma, assim profundamente atingido pelo filho de Prishata naquele combate, cobriu seu atacante, seus corcéis, e seu carro com suas flechas. Assim encoberto, ó rei, junto com seu carro, Dhrishtadyumna ficou invisível, como o Sol encoberto por nuvens carregadas de chuva. Frustrando todas aquelas flechas enfeitadas com ouro, Dhrishtadyumna, ó rei, parecia resplandecente naquela batalha em seus ferimentos. O comandante dos exércitos Pandava, isto é, o filho de Prishata, então, cheio de raiva, se aproximou de Kritavarma e despejou sobre ele uma chuva ardente de flechas. O filho de Hridika, no entanto, naquela batalha, com muitos milhares de suas próprias flechas, destruiu aquela chuva ameaçadora de flechas correndo em direção a ele com grande impetuosidade. Vendo sua irresistível chuva de flechas reprimida naquela batalha por Kritavarma, o filho de Prishata, se aproximando de seu antagonista, começou a resistir a ele. E logo ele despachou o motorista de Kritavarma para a residência de Yama com uma flecha de cabeça larga de gume excelente. Privado de vida, o motorista caiu do carro. O poderoso Dhrishtadyumna, tendo vencido seu poderoso oponente, começou então a resistir aos Kauravas com flechas, sem perder um momento. Então teus guerreiros, ó rei, avançaram em direção a Dhrishtadyumna, proferindo altos rugidos leoninos. Nisso uma batalha mais uma vez teve lugar entre eles.'"

55

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso o filho de Drona (Ashvatthama), vendo Yudhishthira protegido pelo neto de Sini (Satyaki) e pelos heróicos filhos de Draupadi, avançou alegremente contra o rei, espalhando muitas flechas ardentes equipadas com asas de ouro e afiadas em pedra, e expondo diversas manobras de seu carro e a grande habilidade que ele tinha adquirido e sua excelente agilidade de mãos. Ele encheu o céu inteiro com flechas inspiradas com a força de armas celestes. Conhecedor de todas as armas, o filho de Drona cercou Yudhishthira naquela batalha. O céu estando coberto com as flechas do filho de Drona, nada podia ser visto. O vasto espaço na frente de Ashvatthama virou uma extensão de flechas. O céu então, assim coberto com aquela chuva densa de flechas enfeitadas com ouro, parecia belo, ó chefe dos Bharatas, como se um dossel bordado com ouro tivesse sido estendido lá. De fato, o firmamento, ó rei, tendo sido coberto com aquela chuva brilhante de flechas, uma sombra, como aquela das nuvens, apareceu lá na ocasião. Maravilhosa foi a visão que nós então contemplamos quando o céu tinha assim se tornado uma extensão de setas, pois nenhuma criatura percorrendo o céu podia passar por seu elemento. Então Satyaki, embora lutando resolutamente, e o filho de Pandu o rei Yudhishthira o justo, como também os outros guerreiros, não puderam mostrar sua destreza. Observando a grande agilidade de mãos mostrada pelo filho de Drona, os poderosos guerreiros em carros (do exército Pandava) estavam muito admirados.

Todos os reis se tornaram incapazes até de olhar para Ashvatthama, ó monarca, que então parecia o próprio Sol ardente no céu. Enquanto as tropas Pandava estavam sendo assim massacradas, aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os filhos de Draupadi, e Satyaki, e o rei Yudhishthira o justo, e os guerreiros Pancala, todos juntos, rejeitaram seus temores da morte e avançaram contra o filho de Drona. Então Satyaki, perfurando o filho de Drona com setenta flechas, perfurou-o novamente com sete flechas longas enfeitadas com ouro. E Yudhishthira o perfurou com setenta e três flechas, e Prativindya com sete, e Srutakarman perfurou-o com três flechas e Srutakirti com cinco. E Sutasoma o perfurou com nove flechas, e Satanika com sete. E muitos outros heróis o perfuraram com muitas flechas de todos os lados. Cheio então de raiva e respirando, ó rei, como uma cobra de veneno virulento, o filho de Drona perfurou Satyaki em retorno com vinte e cinco flechas afiadas em pedra. E ele perfurou Srutakirti com nove setas e Sutasoma com cinco, e com oito setas ele perfurou Srutakarman, e Prativindya com três. E ele perfurou Satanika com nove setas, e o filho de Dharma (Yudhishthira) com cinco. E cada um dos outros guerreiros ele perfurou com um par de setas. Com algumas flechas afiadas ele então cortou o arco de Srutakirti. O último então, aquele grande guerreiro em carro, pegando outro arco, perfurou o filho de Drona, primeiro com três flechas e então com muitas outras providas de pontas afiadas. Então, ó monarca, o filho de Drona cobriu as tropas Pandava, ó senhor, com chuvas grossas de flechas, ó touro da raça Bharata. De alma incomensurável, o filho de Drona, em seguida, sorrindo, cortou o arco do rei Yudhishthira o justo, e então o perfurou com três flechas. O filho de Dharma então, ó rei, pegando outro arco formidável, perfurou o filho de Drona com setenta flechas nos braços e no peito. Então Satyaki, cheio de raiva naquela batalha, cortou o arco do filho de Drona, aquele grande batedor, com uma flecha afiada em forma de meia-lua e proferiu um rugido alto. Seu arco cortado, aquele principal dos homens poderosos, o filho de Drona, rapidamente derrubou o motorista de Satyaki de seu carro com um dardo. O valente filho de Drona então, pegando outro arco, cobriu o neto de Sini, ó Bharata, com uma chuva de setas. Seu motorista tendo sido morto, os cavalos de Satyaki foram vistos correrem para lá e para cá, ó Bharata, naquela batalha. Então os guerreiros Pandava encabeçados por Yudhishthira, disparando flechas afiadas, todos avançaram com impetuosidade em direção ao filho de Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas. Aquele opressor de inimigos, no entanto, o filho de Drona, vendo aqueles guerreiros avançando colericamente contra ele recebeu eles todos naquela batalha terrível. Então como um fogo na floresta consumindo pilhas de grama e palha secas, aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho de Drona, tendo chuvas de flechas como suas chamas, consumiu as tropas Pandava naquela batalha, que pareciam uma pilha de grama e palha secas. Aquele exército do filho de Pandu, assim chamuscado pelo filho de Drona, ficou muito agitado, ó chefe dos Bharatas, como a foz de um rio por uma baleia. As pessoas então, ó monarca, vendo a bravura do filho de Drona, consideraram todos os Pandavas como já mortos por ele. Então Yudhishthira, aquele grande guerreiro em carro e discípulo de Drona, cheio de raiva e desejo de revidar, se dirigiu ao filho de Drona, dizendo: 'Ó tigre entre homens, tu não tens afeição, tu não tens gratidão, já que tu desejas me matar hoje. Os deveres de um Brahmana são ascetismo e doação e

estudo. O arco deve ser curvado pelo Kshatriya somente. Parece, portanto, que tu és um Brahmana só no nome. Na tua própria vista, no entanto, ó tu de armas poderosas, eu irei derrotar os Kauravas em batalha. Faça o que tu podes em batalha. Eu te digo que tu és um patife entre os Brahmanas.' Assim endereçado, o filho de Drona, sorrindo, e refletindo sobre o que era adequado e verdadeiro, não deu resposta. Sem dizer nada, ele cobriu o filho de Pandu naquela batalha com uma chuva de setas como o próprio Destruidor em fúria quando empenhado em aniquilar criaturas. Assim coberto pelo filho de Drona, ó majestade, o filho de Pritha foi embora rapidamente daquele local, deixando aquela grande divisão dele. Depois que Yudhishthira, o filho de Dharma, tinha partido, o filho de grande alma de Drona também, ó rei, deixou aquele local. Então Yudhishthira, ó rei, evitando o filho de Drona naquela grande batalha procedeu contra teu exército, resolvido a realizar a tarefa cruel de matar.'"

56

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso o próprio Vikartana, resistindo a Bhimasena apoiado pelos Pancalas e os Cedis e os Kaikayas, cobriu-o com muitas flechas. Na própria vista de Bhimasena, Karna matou naquela batalha muitos poderosos guerreiros em carros entre os Cedis, os Karushas, e os Srinjayas. Então Bhimasena, evitando Karna, aquele melhor dos guerreiros em carros, procedeu contra as tropas Kaurava como um fogo ardente em direção a uma pilha de grama seca. O filho de Suta também naquela batalha começou a matar os arqueiros poderosos entre os Pancalas, os Kaikayas, e os Srinjayas, aos milhares. De fato, os três poderosos guerreiros em carros, a saber, Partha e Vrikodara e Karna, começaram a exterminar os Samsaptakas, os Kauravas, e os Pancalas respectivamente. Por causa da tua má política, ó rei, todos esses Kshatriyas, chamuscados com flechas excelentes por aqueles três guerreiros formidáveis, começaram a ser exterminados naquela batalha. Então Duryodhana, ó chefe dos Bharatas, cheio de raiva, perfurou Nakula e seus quatro corcéis com nove flechas. De alma incomensurável, teu filho em seguida, ó soberano de homens, cortou o estandarte dourado de Sahadeva com uma flecha de face de navalha. Cheio de ira, Nakula então, ó rei, atingiu teu filho com setenta e três flechas naquela batalha, e Sahadeva o atingiu com cinco. Cada um daqueles principais guerreiros da linhagem de Bharata e principais de todos os arqueiros foi atingido por Duryodhana enfurecido com cinco flechas. Com um par de setas de cabeça larga, então, ele cortou os arcos de ambos aqueles guerreiros; e então ele perfurou repentinamente cada um dos gêmeos com setenta e três setas. Pegando então dois outros belos e principais dos arcos cada um dos quais parecia o arco do próprio de Indra, aqueles dois heróis pareciam belos como um par de jovens celestes naquela batalha. Então aqueles dois irmãos, ambos dotados de grande energia em batalha, despejaram sobre seu primo, ó rei, chuvas contínuas de flechas terríveis, como duas massas de nuvens despejando chuva sobre um leito de montanha. Nisso teu filho, aquele grande guerreiro em carro, ó rei, cheio de raiva, resistiu àqueles dois grandes arqueiros, isto é, os filhos gêmeos de Pandu,

com chuvas de flechas aladas. O arco de Duryodhana naquela batalha, ó Bharata, parecia estar continuamente puxado a um círculo, e flechas pareciam sair dele incessantemente por todos os lados. Cobertos pelas flechas de Duryodhana os dois filhos de Pandu pararam de resplandecer brilhantemente, como o Sol e a Lua no firmamento, privados de esplendor, quando encobertos por massas de nuvens. De fato, aquelas flechas, ó rei, equipadas com asas de ouro e afiadas em pedra, cobriram todos os pontos do horizonte como os raios do Sol, quando o céu estava assim encoberto e tudo o que era visto era uma extensão uniforme do próprio Destruidor, no fim do Yuga. Contemplando por outro lado, a destreza do teu filho, todos os grandes guerreiros em carros consideraram os filhos gêmeos de Madri como estando na presença da Morte. O comandante então, ó rei, do exército Pandava, isto é, o poderoso guerreiro em carro Parshata (Filho de Prishata) procedeu para aquele local onde Duryodhana estava. Ultrapassando aqueles dois grandes guerreiros em carros, os dois bravos filhos de Madri, Dhrishtadyumna começou a resistir ao teu filho com suas flechas. De alma incomensurável, aquele touro entre homens, teu filho, cheio de desejo de revidar, e sorrindo naquele momento, perfurou o príncipe de Pancala com vinte e cinco flechas. De alma incomensurável e cheio de desejo de retaliar, teu filho uma vez mais perfurou o príncipe de Pancala com sessenta flechas e outra vez com cinco, e proferiu um rugido alto. Então o rei, com uma flecha afiada de face de navalha, cortou, naquela batalha, ó senhor, o arco com flecha fixada nele e a proteção de couro de seu antagonista. Jogando fora aquele arco quebrado, o príncipe de Pancala, aquele subjugador de inimigos, pegou rapidamente outro arco que era novo e capaz de aguentar uma grande tensão. Ardente com impetuosidade, e com olhos vermelhos como sangue de raiva, o formidável arqueiro Dhrishtadyumna, com muitos ferimentos em seu corpo parecia resplandecente em seu carro. Desejoso de matar Duryodhana, ó chefe dos Bharatas, o herói Pancala disparou quinze flechas do comprimento de uma jarda que pareciam cobras silvando. Aquelas flechas, afiadas em pedra e equipadas com penas de Kankas e pavões, atravessando a armadura enfeitada com ouro do rei passaram por seu corpo e entraram na terra por causa da força com a qual elas tinham sido disparadas. Profundamente perfurado, ó monarca, teu filho parecia extremamente belo como uma gigantesca Kinsuka na estação da primavera com seu peso florido. Sua armadura perfurada por aquelas flechas, e todos os seus membros tornados extremamente fracos com ferimentos, ele ficou cheio de raiva e cortou o arco Dhrishtadyumna com uma flecha de cabeça larga. Tendo cortado o arco de seu atacante o rei então, ó monarca, com grande velocidade, o atingiu com dez flechas na testa entre as duas sobrancelhas. Aquelas flechas, polidas pelas mãos do ferreiro, enfeitaram o rosto de Dhrishtadyumna como diversas abelhas, desejosas de mel, adornando um lótus totalmente desabrochado. Jogando de lado aquele arco quebrado, Dhrishtadyumna de grande alma rapidamente pegou outro, e com ele, disparou dezesseis flechas de cabeça larga. Com cinco ele matou os quatro corcéis e o motorista de Duryodhana, e ele cortou com outra seu arco decorado com ouro. Com as dez flechas restantes, o filho de Prishata cortou o carro com o upashkara, o guarda-sol, o dardo, a espada, a maça, e o estandarte do teu filho. De fato, todos os reis viram o belo estandarte do rei Kuru, decorado com Angadas dourados e portando o emblema de um elefante trabalhado em

jóias, cortado pelo príncipe dos Pancalas. Então os irmãos uterinos de Duryodhana, ó touro da raça Bharata, resgataram Duryodhana que estava sem carro e que teve todas as suas armas, além disso, cortadas naquela batalha. Na própria vista de Dhrishtadyumna, Durdhara, ó monarca, fazendo aquele soberano de homens subir em seu carro levou-o rapidamente para longe da batalha.'"

"Enquanto isso o poderoso Karna, tendo derrotado Satyaki e desejoso de resgatar o rei (Kuru), procedeu diretamente contra a frente do matador de Drona, aquele guerreiro de flechas ardentes. O neto de Sini, no entanto, perseguiu-o rapidamente de trás, atingindo-o com suas flechas, como um elefante perseguindo um rival e o atingindo nos membros traseiros com suas presas. Então, ó Bharata, se tornou violenta a batalha que foi travada entre os guerreiros de grande alma dos dois exércitos, no espaço que se estendia entre Karna e o filho de Prishata. Nem um único combatente dos Pandavas ou nosso desviou seu rosto da batalha. Então Karna procedeu contra os Pancalas com grande velocidade. Naquela hora quando o Sol tinha ascendido o meridiano, uma grande matança, ó melhor dos homens, de elefantes e corcéis e homens, ocorreu em ambos os lados. Os Pancalas, ó rei, inspirados com o desejo de vitória, todos avançaram com velocidade contra Karna como aves em direção a uma árvore. O filho de Adhiratha, de grande energia, cheio de raiva, começou da frente deles a atingir aqueles Pancalas, com as pontas afiadas de suas flechas, escolhendo seus líderes, isto é, Vyaghraketu e Susharma e Citra e Ugrayudha e Jaya e Sukla e Rochamana e o invencível Singhasena. Aqueles heróis, avançando rapidamente com seus carros, cercaram aquele principal dos homens, e despejaram suas flechas sobre aquele guerreiro enfurecido, Karna, aquele ornamento de batalha. Aquele principal dos homens dotado de grande heroísmo, o filho de Radha, afligiu aqueles oito heróis engajados em batalha com oito flechas afiadas. O filho de Suta possuidor de grande destreza, ó rei, então matou muitos milhares de outros guerreiros hábeis em luta. Cheio de raiva, o filho de Radha então matou Jishnu, e Jishnukarman, e Devapi, ó rei, naquela batalha, e Citra, e Citrayudha, e Hari, e Singhaketu e Rochamana e o grande guerreiro em carro Salabha, e muitos guerreiros em carros entre os Cedis banharam a forma do filho de Adhiratha em sangue, enquanto ele mesmo estava empenhado em tirar as vidas daqueles heróis. Lá, ó Bharata, elefantes, atacados com flechas por Karna, fugiam para todos os lados apavorados e causavam uma grande agitação no campo de batalha. Outros atacados pelas flechas de Karna proferiam diversos gritos, e caíam como montanhas partidas pelo raio. Com os corpos caídos de elefantes e cavalos e homens e com carros lançados por terra, o solo ficou coberto ao longo do caminho do carro de Karna. De fato, nem Bhishma, nem Drona, nem qualquer outro guerreiro do teu exército tinha alguma vez realizado tais façanhas como as que foram então realizadas por Karna naquela batalha. Entre elefantes, entre corcéis, entre carros e entre homens, o filho de Suta causou uma carnificina muito grande, ó tigre entre homens. Como um leão é visto correr destemidamente entre um bando de veados, assim mesmo Karna se movia destemidamente entre os Pancalas. Como um leão desbarata um bando de veados apavorados para todos os pontos do horizonte, assim mesmo Karna desbaratou aquelas multidões de carros Pancala para todos os lados. Como um bando de veados que se aproximou

das mandíbulas de um leão nunca pode escapar com vida, assim mesmo aqueles grandes guerreiros em carros que se aproximaram de Karna não podiam escapar com suas vidas. Como pessoas são indubitavelmente queimadas se elas entram em contato com um fogo ardente, assim mesmo os Srinjayas, ó Bharata, foram queimados pelo fogo Karna quando eles entraram em contato com ele. Muitos guerreiros entre os Cedis e os Pancalas, ó Bharata, que eram considerados como heróis, foram mortos por Karna sozinho naquela batalha, que lutou com eles proclamando seu nome, em todo caso. Contemplando a destreza de Karna, ó rei, eu pensei que nem mesmo um único Pancala, naquela batalha, escaparia do filho de Adhiratha. De fato, o filho de Suta naquela batalha derrotou repetidamente os Pancalas.'"

"Vendo Karna massacrando os Pancalas dessa maneira naquela batalha terrível, o rei Yudhishthira o justo avançou furioso em direção a ele; Dhrishtadyumna e os filhos de Draupadi também, ó senhor, e centenas de guerreiros, cercaram aquele matador de inimigos, o filho de Radha. E Shikhandi, e Sahadeva, e Nakula, e o filho de Nakula, e Janamejaya, e o neto de Sini, e inúmeros Prabhadrakas, todos dotados de energia incomensurável, avançando com Dhrishtadyumna em sua dianteira, pareciam magníficos quando eles atacaram Karna com flechas e diversas armas. Como Garuda caindo sobre um grande número de cobras, o filho de Adhiratha, sozinho, lançou-se sobre todos aqueles Cedis e Pancalas e Pandavas naquele combate. A batalha que teve lugar entre eles e Karna, ó monarca, tornou-se extremamente feroz como aquela que ocorreu nos tempos antigos entre os deuses e os Danavas. Como o Sol dissipando a escuridão circundante, Karna intrepidamente e sozinho enfrentou todos aqueles grandes arqueiros juntos e despejando sobre ele repetidas chuvas de setas. Enquanto o filho de Radha estava assim envolvido em combate com os Pandavas, Bhimasena, cheio de raiva, começou a massacrar os Kurus com flechas, cada uma das quais parecia a vara de Yama. Aquele arqueiro formidável, lutando sem ajuda com os Bahlikas, e os Kaikayas, os Matsyas, os Vasatas, os Madras, e Saindhavas, parecia muito resplandecente. Lá, elefantes, atacados em seus membros vitais por Bhima com suas flechas do comprimento de uma jarda caíam, com seus condutores mortos, fazendo a terra tremer com a violência de sua queda. Corcéis também, com seus cavaleiros mortos, e soldados de infantaria privados de vida, jaziam, perfurados por flechas e vomitando sangue em grandes quantidades. Guerreiros em carros caíam aos milhares, suas armas soltas de suas mãos. Inspirados com medo de Bhima, eles jaziam privados de vida, seus corpos mutilados com ferimentos. A terra ficou coberta com guerreiros em carros e cavaleiros e homens em elefantes e motoristas e soldados de infantaria e corcéis e elefantes todos mutilados pelas flechas de Bhimasena. O exército de Duryodhana, ó rei, desanimado e mutilado e afligido com medo de Bhimasena, permaneceu como se entorpecido. De fato aquela hoste triste ficou imóvel naquela batalha terrível como o Oceano, ó rei, durante uma calmaria no outono. Estupefata, aquela hoste ficou assim como o Oceano em calmaria. Embora dotado de ira e energia e poder, o exército de teu filho então, privado de seu orgulho, perdeu todo seu esplendor. De fato, aquela hoste, enquanto estava sendo assim massacrada ficou encharcada com sangue coagulado e parecia se banhar em

sangue. Os combatentes, ó chefe dos Bharatas, encharcados com sangue, eram vistos de aproximar e matar uns aos outros. O filho de Suta, cheio de raiva, derrotou a divisão Pandava, enquanto Bhimasena enfurecido derrotou os Kurus. E ambos deles, enquanto assim empenhados, pareciam muito resplandecentes. Durante a continuação daquela batalha feroz enchendo os espectadores de admiração, Arjuna, aquela principal de várias pessoas, tendo matado um grande número de Samsaptakas no meio de sua formação de combate, dirigiu-se a Vasudeva, dizendo, 'Esse exército de Samsaptakas lutando, ó Janardana, está dividido. Aqueles grandes guerreiros em carros entre os Samsaptakas estão fugindo com seus seguidores, incapazes de suportar minhas flechas, como veados incapazes de suportar o rugido do leão. O vasto exército dos Srinjayas também parece se dividir nesta grande batalha. Lá aquele estandarte do inteligente Karna, portando o emblema do laço do elefante, ó Krishna, é visto no meio da divisão de Yudhishthira, onde ele está se movendo rapidamente com energia. Os outros grandes guerreiros em carros (do nosso exército) são incapazes de derrotar Karna. Tu sabes que Karna é possuidor de grande energia em relação a destreza em batalha. Proceda para lá onde Karna está derrotando nosso exército. Evitando (outros guerreiros) em batalha, proceda contra o filho de Suta, aquele poderoso guerreiro em carro. Isso é o que eu desejo, ó Krishna. Faça, no entanto, aquilo que tu quiseres.' Ouvindo essas palavras dele, Govinda sorrindo e se dirigindo a Arjuna, disse, 'Mate os Kauravas, ó filho de Pandu, sem demora.' Então aqueles corcéis, brancos como cisnes, incitados por Govinda, e levando Krishna e o filho de Pandu penetraram no teu vasto exército. De fato, tua hoste se dividiu para todos os lados quando aqueles corcéis brancos em arreios de ouro, incitados por Keshava, penetraram em seu meio. Aquele carro de estandarte de macaco, o estrépito de cujas rodas parecia o ribombo profundo das nuvens e cujas bandeiras ondulavam no ar, penetrou na hoste como um carro celeste passando pelo céu. Keshava e Arjuna, cheios de raiva, e com olhos vermelhos como sangue, quando eles penetraram, atravessando tua hoste vasta, pareciam muito resplandecentes em seu esplendor. Ambos se deleitando em batalha, quando aqueles dois heróis, desafiados pelos Kurus, chegaram ao campo, eles pareciam com os gêmeos Ashvinis invocados com ritos apropriados em um sacrifício pelos sacerdotes oficiantes. Cheios de raiva, a impetuosidade daqueles dois tigres entre homens aumentou como aquela de dois elefantes em uma grande floresta, enfurecidos pelas palmas de caçadores. Tendo penetrado no meio daquele exército de carros e daqueles grupos de cavalaria, Phalguna se movia rapidamente dentro daquelas divisões como o próprio Destruidor, armado com o laço fatal. Vendo-o aplicar tal bravura dentro de seu exército, teu filho, ó Bharata, instigou novamente os Samsaptakas contra ele. Nisso, com 1.000 carros, e 300 elefantes, e 14.000 cavalos, e 20.000 de soldados de infantaria armados com o arco, dotados de grande coragem, de pontaria certeira e conhecedores de todos os modos de batalha, os líderes dos Samsaptakas avançaram (de todos os lados) em direção ao filho de Kunti (na grande batalha) cobrindo o Pandava, ó monarca, com chuvas flechas de todos os lados. Assim coberto com flechas naquela batalha, Partha, aquele opressor de forças hostis, mostrou-se em uma forma feroz como o próprio Destruidor, armado com o laço. Enquanto empenhado em massacrar os Samsaptakas, Partha tornou-se um objeto digno de visão para

todos. Então o céu ficou cheio com as flechas enfeitadas com ouro e possuidoras da refulgência do relâmpago que eram disparadas incessantemente pelo ornado com diadema Arjuna. De fato, tudo completamente coberto com flechas poderosas disparadas dos braços de Arjuna e caindo sem parar por toda parte, parecia resplandecente, ó senhor, como se coberto com cobras. O filho de Pandu, de alma incomensurável, atirava para todos os lados suas flechas retas equipadas com asas de ouro e providas de pontas afiadas. Por causa do som das palmas de Partha, as pessoas pensaram que a Terra, ou a abóbada celeste, ou todos os pontos do horizonte, ou os vários oceanos, ou as montanhas pareciam se partir. Tendo matado 10.000 Kshatriyas, o filho de Kunti, aquele poderoso guerreiro em carro, então procedeu rapidamente para a ala adicional dos Samsaptakas. Dirigindo-se para aquela ala adicional que era protegida pelos Kambojas, Partha começou a oprimi-la violentamente com suas flechas como Vasava oprimindo os Danavas. Com flechas de cabeça larga ele começou a cortar rapidamente os braços, com armas em punho, e também as cabeças de inimigos que desejavam matá-lo. Privados de diversos membros, e de armas, eles começaram a cair no chão, como árvores de muitos ramos quebradas por um furacão. Enquanto ele estava empenhado em massacrar dessa maneira elefantes e corcéis e guerreiros em carros e soldados de infantaria, o irmão mais novo de Sudakshina (o chefe dos Kambojas) começou a despejar chuvas de flechas nele. Com um par de flechas moldadas em forma de meia-lua, Arjuna cortou os dois braços, parecendo com maças com ferrões, de seu atacante notável, e então sua cabeça agraciada com um rosto tão belo quanto a lua cheia, com uma flecha de cabeça de navalha. Privado de vida, ele caiu de seu veículo, seu corpo banhado em sangue, como o topo de uma montanha de arsênico vermelho rachado pelo raio. De fato, as pessoas viram o alto e muito bonito irmão mais novo de Sudakshina, o chefe dos Kambojas, de olhos parecendo pétalas de lótus, morto e caindo como uma coluna de ouro ou como um topo dourado de Sumeru. Então começou novamente uma batalha lá que foi violenta e muito extraordinária. A condição dos combatentes lutando variava repetidamente. Cada um morto com uma única flecha, os combatentes das raças Kamboja, Yavana, e Saka caíam banhados em sangue, após o que o campo de batalha inteiro tornou-se uma expansão de vermelho, ó monarca. Por causa de guerreiros em carros privados de corcéis e motoristas, e corcéis privados de cavaleiros, e elefantes privados de condutores, e condutores privados de elefantes, lutando uns com os outros, ó rei, uma grande carnificina ocorreu. Quando a ala e a ala adicional dos Samsaptakas tinham sido exterminadas dessa maneira por Savyasaci, o filho de Drona procedeu rapidamente contra Arjuna, aquele principal dos guerreiros vitoriosos. De fato, o filho de Drona avançou, vibrando seu arco formidável, e levando com ele muitas flechas terríveis como o próprio Sol aparecendo com seus próprios raios. Com boca escancarada de raiva e com o desejo de retaliar, e com olhos vermelhos, o poderoso Ashvatthama parecia formidável como a própria morte, armada com sua maça e cheia de ira no fim do Yuga. Ele então disparou chuvas de flechas ardentes. Com aquelas flechas disparadas por ele, ele começou a desbaratar o exército Pandava. Logo que ele viu aquele da linhagem de Dasharha (Keshava) no carro, ó rei, ele uma vez mais disparou nele repetidas chuvas de flechas ardentes. Com aquelas flechas caindo, ó monarca, disparadas pelo filho de Drona,

ambos Krishna e Dhananjaya foram totalmente encobertos no carro. Então o valente Ashvatthama, com centenas de setas afiadas, entorpeceu ambos Madhava e o filho de Pandu naquela batalha. Vendo aqueles dois protetores de todas as criaturas móveis e imóveis assim cobertos com setas, o universo de seres móveis e imóveis proferiu gritos de 'Oh! ' e 'Ai!' Multidões de Siddhas e Charanas começaram a se dirigir para aquele local de todos os lados, mentalmente proferindo essa prece, a saber, 'Que haja bem para todos os mundos.' Nunca antes, ó rei, eu vi destreza como aquela do filho de Drona naquela batalha enquanto ele estava empenhado em cobrir os dois Krishnas com flechas. O som do arco de Ashvatthama, inspirando inimigos com terror, era repetidamente ouvido por nós naquela batalha, ó rei, parecendo aquele de um leão rugindo. Enquanto se movimentando rapidamente naquela batalha e atacando à direita e à esquerda a corda de seu arco parecia bela como lampejos de relâmpago no meio de uma massa de nuvens. Embora dotado de grande firmeza e agilidade de mãos o filho de Pandu, apesar de tudo isso, contemplando o filho de Drona então, ficou muito estupefato. De fato, Arjuna então considerou sua própria destreza como sendo destruída por seu atacante de grande alma. A forma de Ashvatthama tornou-se tal naquela batalha que homens podiam olhá-la com dificuldade. Durante a continuação daquela batalha terrível entre o filho de Drona e o Pandava, durante aquele momento quando o filho poderoso de Drona, ó monarca, prevaleceu dessa maneira sobre seu adversário, o filho de Kunti perdeu sua energia, e Krishna ficou cheio de raiva. Inspirado com fúria ele deu respirações profundas, ó rei, e pareceu queimar com seus olhos ambos Ashvatthama e Phalguna enquanto ele olhava para eles repetidamente. Cheio de ira, Krishna dirigiu-se a Partha em um tom afetuoso, dizendo, 'Ó Partha, isso que eu vejo em batalha com relação a ti é muito estranho, já que o filho de Drona, ó Partha, te supera hoje! Tu não tens agora a energia e o poder de tuas armas que tu tinhas antes? Tu não tens esse Gandiva ainda nas tuas mãos, e tu não estás no teu carro agora? Teus dois braços não estão perfeitos? Teu punho sofreu algum dano? Por que é então que eu vejo o filho de Drona prevalecer sobre ti em batalha? Ó Partha, não poupe teu atacante, considerando-o como o filho do teu preceptor, ó touro da raça Bharata. Esse não é o momento de tratá-lo com indulgência.' Assim endereçado por Krishna, Partha rapidamente pegou quatorze flechas de cabeça larga de uma vez, quando velocidade era da maior importância, e com elas ele cortou o arco de Ashvatthama e estandarte e guarda-sol e bandeiras e carros e dardo e maça. Com umas poucas flechas de dente de bezerro ele então atingiu profundamente o filho de Drona no ombro do último. Nisso dominado por um desmaio profundo, Ashvatthama se sentou, apoiando-se em seu mastro de bandeira. O motorista do último então, ó monarca, desejoso de protegê-lo de Dhananjaya, levou-o para longe inconsciente e assim profundamente atormentado pelo inimigo. Enquanto isso aquele opressor de inimigos, isto é, Vijaya, massacrou tuas tropas às centenas e milhares, na própria vista daquele herói, teu filho, ó senhor. Assim, ó rei, por consequência dos teus maus conselhos, uma destruição cruel e uma carnificina horrível começou quando teus guerreiros estavam envolvidos em combate com o inimigo. Dentro de pouco tempo Vibhatsu derrotou os Samsaptakas; Vrikodara, os Kurus, e Vasusena, os Pancalas. Durante a continuação daquela batalha destrutiva de grandes heróis, lá

se ergueram muitos troncos sem cabeça por toda parte. Enquanto isso Yudhishthira, ó chefe dos Bharatas, em grande dor devido a seus ferimentos, recuando cerca de duas milhas da batalha, descansou por algum tempo."

57

"Sanjaya disse, 'Então Duryodhana, ó chefe dos Bharatas, dirigindo-se a Karna, disse para ele como também para o soberano dos Madras e os outros senhores de terra lá presentes, essas palavras, 'Sem procurar essa ocasião chegou, quando os portões do céu estão escancarados. Felizes são aqueles Kshatriyas, ó Karna, que obtém tal batalha. Bravos heróis lutando em batalha com bravos Kshatriyas iguais a eles em força e destreza, obtêm grande bem, ó filho de Radha. A ocasião que chegou é exatamente essa. Ou que esses bravos Kshatriyas, matando os Pandavas em batalha, obtenham a terra ampla, ou que eles, mortos em batalha pelo inimigo, alcancem a região abençoada reservada para heróis.' Ouvindo essas palavras de Duryodhana, aqueles touros entre os Kshatriyas alegremente proferiram gritos altos e bateram e sopraram seus instrumentos musicais. Quando o exército de Duryodhana ficou assim cheio de alegria, o filho de Drona, alegrando todos os teus guerreiros em seguida disse, 'Na própria vista de todas as tropas, e diante dos olhos de vocês todos, meu pai depois que ele tinha posto de lado suas armas foi morto por Dhrishtadyumna. Por aquela ira a qual tal ação pode acender, e por causa também do meu amigo, ó reis, eu juro realmente diante de vocês todos. Escutem então esse meu juramento. Sem matar Dhrishtadyumna eu não tirarei minha armadura. Se esse meu voto não for cumprido, que eu não vá para o céu. Seja Arjuna, seja Bhimasena, ou seja alguém mais, quem quer que vir contra mim eu subjugarei ele ou todos eles. Não há dúvida nisto.' Depois que Ashvatthama tinha proferido essas palavras, o exército Bharata inteiro, unido, avançou contra os Pandavas, e os últimos também avançaram contra o primeiro. A colisão de bravos líderes de divisões de carros, ó Bharata, tornou-se extremamente horrível. Uma destruição de vida então começou na vanguarda dos Kurus e dos Srinjayas, que parecia a que ocorre na última grande dissolução universal. Após o começo daquele duelo, vários seres (superiores), com os deuses, foram lá acompanhados pelas Apsaras, para contemplar aqueles principais dos homens. Cheias de alegria, as Apsaras começaram a cobrir aqueles principais dos homens dedicados aos deveres de sua classe com guirlandas celestes, com diversas espécies de perfumes celestes, e com diversos tipos de pedras preciosas. Ventos suaves levavam aqueles odores excelentes às narinas de todos os guerreiros principais. Tendo cheirado aqueles perfumes por causa da ação do vento, os guerreiros se engajaram novamente na batalha, e atacando uns aos outros começaram a cair no chão. Coberta com flores celestes, com flechas belas providas de asas de ouro, e com muitos dos guerreiros principais, a terra parecia bela como o firmamento coberto com miríades de estrelas. Então por causa dos gritos de aplausos vindos do céu e do barulho de instrumentos musicais, o duelo violento distinguido pela vibração de arcos e o estrépito de rodas de carro e gritos de guerreiros tornou-se extremamente violento.'"

58

"Sanjaya disse, 'Assim foi travada aquela grande batalha entre aqueles senhores de terra quando Arjuna e Karna e Bhimasena, o filho de Pandu ficaram enfurecidos. Tendo derrotado o filho de Drona, e outros grandes guerreiros em carros, Arjuna, ó rei, se dirigindo a Vasudeva, disse, 'Veja, ó Krishna de braços poderosos, o exército Pandava está fugindo. Veja, Karna está matando nossos grandes guerreiros em carros nessa batalha. Ó tu da linhagem de Dasaratha, eu não vejo o rei Yudhishthira o justo. Nem a bandeira do filho de Dharma, o mais importante dos guerreiros, é visível. Ainda resta a terça parte do dia, Janardana. Ninguém entre os Dhartarashtras vem contra mim para lutar. Para fazer, portanto, o que é agradável para mim, proceda ao local onde Yudhishthira está. Vendo o filho de Dharma são e salvo com seus irmãos mais novos em batalha, eu lutarei novamente com o inimigo, ó tu da tribo de Vrishni.' A essas palavras de Vibhatsu, Hari (Krishna) rapidamente procedeu naquele carro para aquele local onde o rei Yudhishthira, junto com os poderosos guerreiros em carros Srinjaya de grande força, estava lutando com o inimigo, fazendo da morte sua meta. Durante a continuação daquela grande carnificina, Govinda, observando o campo de batalha, se dirigiu a Savyasaci, dizendo, 'Veja, ó Partha, como é grande e horrível essa carnificina, ó Bharata, de Kshatriyas na Terra por causa de Duryodhana. Veja, ó Bharata, os arcos de dorso de ouro de guerreiros mortos, como também suas aljavas caras deslocadas de seus ombros. Veja aquelas flechas retas equipadas com asas de ouro, e flechas do comprimento de uma jarda lavadas com óleo e parecendo com cobras livres de suas peles. Veja, ó Bharata, aquelas cimitarras, decoradas com ouro, e tendo cabos de marfim, e aqueles escudos deslocados ornados com relevos de ouro. Veja aquelas lanças enfeitadas com ouro, aqueles dardos tendo ornamentos dourados, e aquelas maças enormes enroladas com ouro. Veja aquelas espadas adornadas com ouro, aqueles machados com ornamentos dourados, e as cabeças daqueles machados de batalha caídas de seus cabos dourados. Veja aquele Kuntas de ferro, aquelas clavas curtas muito pesadas, aqueles belos foguetes, aquelas clavas enormes com cabeças com ferrões, aqueles discos deslocados dos braços de seus manejadores, e aquelas lanças (que tem sido usadas) nessa batalha terrível. Dotados (enquanto vivendo) de grande energia, guerreiros que vieram para a batalha, tendo pegado diversas armas, estão jazendo, embora privados de vida, como se ainda vivos. Veja milhares de guerreiros jazendo no campo, com membros esmagados por meio de maças, ou cabeças quebradas por meio de clavas pesadas, ou dilacerados e mutilados por elefantes e cavalos e carros. O campo de batalha está coberto com flechas e dardos e espadas e machados e cimitarras e maças com ferrões e lanças e Kuntas de ferro e machados de batalha, e os corpos de homens e corcéis e elefantes, cortados com muitos ferimentos e cobertos com correntes de sangue e carentes de vida, ó matador de inimigos. A terra parece bela, ó Bharata, com braços cobertos com sândalo, enfeitados com Angadas de ouro e com Keyuras, e tendo suas extremidades envolvidas em proteções de couro. Com mãos

equipadas com proteções de couro, com ornamentos deslocados, com coxas cortadas parecendo com trombas de elefantes de muitos guerreiros ativos, com cabeças lançadas por terra, enfeitadas com pedras preciosas e brincos valiosos, de heróis tendo olhos grandes expansivos, a terra parece muito bela. Com troncos sem cabeça completamente cobertos com sangue, com membros e cabeças e quadris cortados, a terra parece, ó melhor dos Bharatas, com um altar coberto com fogos extinguidos. Veja aqueles carros belos com fileiras de sinos dourados, quebrados de diversas maneiras, e aqueles cavalos mortos jazendo espalhados no campo, com flechas ainda fincadas em seus corpos. Veja aqueles fundos de carros, aquelas aljavas, aqueles estandartes, aqueles diversos tipos de bandeiras, aquelas conchas gigantescas de guerreiros em carros, brancas em cor e espalhadas por todo o campo. Veja aqueles elefantes, enormes como colinas, jazendo no chão, com línguas para fora, e aqueles outros elefantes e corcéis, privados de vida e enfeitados com estandartes triunfais. Veja aquelas mantas de elefantes, e aquelas peles e cobertores, e aqueles outros cobertores belos e matizados e rasgados. Veja aquelas fileiras de sinos rasgadas e quebradas de diversas maneiras por elefantes caindo de tamanho gigantesco, e aqueles belos aguilhões engastados com pedras de lápis lazúli, e aqueles ganchos caindo sobre o solo. Veja aqueles chicotes, adornados com ouro, e matizados com pedras preciosas, ainda nas mãos de cavaleiros (mortos), e aqueles cobertores e peles de veado Ranku caindo no chão, mas que tinham servido como assentos em costas de cavalos. Contemple aquelas pedras preciosas para adornar os diademas de reis, e aqueles belos colares de ouro, e aqueles guarda-sóis deslocados e rabos de iaque para abanar. Contemple a terra, lodosa com sangue, coberta com os rostos de heróis, enfeitados com brincos belos e barbas bem cortadas e possuidores do esplendor da lua e estrelas. Veja aqueles guerreiros feridos em quem a vida ainda não está extinta e que, jazendo por toda parte, estão proferindo lamentos de dor. Seus parentes, ó príncipe, jogando de lado suas armas estão cuidando deles, chorando incessantemente. Tendo coberto muitos guerreiros com flechas e privado eles de vida, veja aqueles combatentes, dotados de energia ansiando pela vitória, e cheios de raiva, estão mais uma vez procedendo para lutar contra seus antagonistas. Outros estão correndo para lá e para cá sobre o campo. Sendo rogados por água por heróis caídos, outros parentes deles partiram em busca de bebida. Muitos, ó Arjuna, estão dando seu último suspiro enquanto isso. Voltando, seus parentes corajosos, os vendo ficarem inconscientes estão jogando no chão a água que eles trouxeram e estão correndo de modo selvagem, gritando uns para os outros. Veja, muitos morrem depois de terem matado sua sede, e muitos, ó Bharata, estão morrendo enquanto bebem. Outros, embora afetuosos para parentes, ainda são vistos avançar em direção a inimigos em grande batalha abandonando seus parentes queridos. Outros, além disso, ó melhor dos homens, mordendo seus lábios inferiores, e com rostos tornados terríveis por causa da contração de suas frontes, estão examinando o campo em volta.' Enquanto dizendo essas palavras para Arjuna, Vasudeva procedeu em direção a Yudhishthira. Arjuna também, vendo o rei naquela grande batalha, repetidamente incitou Govinda, dizendo, 'Proceda, Proceda.' Tendo mostrado o campo de batalha para Partha, Madhava, enquanto procedendo rapidamente, lentamente disse para Partha mais uma vez, 'Veja aqueles reis

avançando em direção ao rei Yudhishthira. Veja Karna, que parece um fogo ardente, na arena da batalha. Lá o poderoso arqueiro Bhima está procedendo para a batalha. Eles que são os principais entre os Pancalas, os Srinjayas, e os Pandavas, eles, isto é, que tem Dhrishtadyumna como seu líder estão seguindo Bhima. O vasto exército do inimigo está novamente rompido pelos Parthas que avançam. Veja, ó Arjuna, Karna está tentando reagrupar os Kauravas que fogem. Parecendo o próprio Destruidor em impetuosidade e o próprio Indra em destreza, lá procede o filho de Drona, ó tu da família de Kuru, aquele herói que é o principal de todos os manejadores de armas. O poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna está avançando contra aquele herói. Os Srinjayas estão seguindo a liderança de Dhristadyumna. Veja, os Srinjayas estão caindo.' Dessa maneira o invencível Vasudeva descreveu tudo para o enfeitado com diadema Arjuna. Então, ó rei, começou uma batalha tremenda e terrível. Gritos leoninos altos se ergueram quando as duas hostes enfrentaram uma à outra, ó monarca, fazendo da morte sua meta. Assim mesmo, ó rei, por causa dos teus maus conselhos, aquela destruição começou sobre a Terra, ó senhor da Terra, de ambos: teus guerreiros e aqueles do inimigo.'"

59

"Sanjaya disse, 'Então os Kurus e os Srinjayas mais uma vez enfrentaram uns aos outros destemidamente em batalha, os Parthas sendo encabeçados por Yudhishthira, e nós encabeçados pelo filho de Suta. Então começou uma batalha terrível, de arrepiar os cabelos, entre Karna e os Pandavas, que aumentou a população do reino de Yama. Depois que aquela batalha furiosa, produzindo rios de sangue, tinha começado, e quando só um resto dos bravos Samsaptakas, ó Bharata, foi deixado vivo, Dhrishtadyumna, ó monarca, com todos os reis (do lado Pandava) e aqueles poderosos guerreiros em carros, os próprios Pandavas, todos avançaram contra Karna somente. Como a montanha recebendo uma vasta massa de água, Karna, sem ajuda de ninguém, recebeu naquela batalha todos aqueles guerreiros que avançavam cheios de alegria e ansiando por vitória. Aqueles poderosos guerreiros em carros, enfrentando Karna, foram repelidos e divididos como uma massa de água batida de volta para todos os lados quando ela encontra uma montanha. A batalha, no entanto, que ocorreu entre eles e Karna foi de arrepiar os cabelos. Então Dhrishtadyumna atacou o filho de Radha com uma flecha reta naquela batalha, e dirigindo-se a ele disse, 'Espere, Espere.' O poderoso guerreiro em carro Karna, cheio de raiva, vibrou o principal dos seus arcos chamado Vijaya, e cortando o arco de Dhrishtadyumna, como também suas flechas parecendo cobras de veneno virulento atacou o próprio Dhrishtadyumna com nove flechas. Aquelas flechas, ó impecável, atravessando a armadura ornada com ouro do filho de grande alma de Prishata, ficaram banhadas em sangue e pareciam belas como cochonilhas. O poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, jogando de lado aquele arco quebrado, pegou outro arco e diversas flechas parecendo cobras de veneno virulento. Com aquelas flechas retas numerando setenta, ele perfurou Karna. Similarmente, ó rei, Karna, naquela batalha, cobriu o filho de Prishata, aquele opressor de inimigos, com muitas

flechas parecendo cobras de veneno virulento. O matador de Drona, aquele arqueiro formidável, revidou por perfurar Karna com muitas flechas afiadas. Cheio de raiva, Karna então, ó monarca, disparou em seu antagonista uma flecha decorada com ouro que parecia uma segunda vara da morte. Aquela flecha terrível, ó monarca, enquanto ela corria impetuosamente em direção ao filho de Prishata, o neto de Sini, ó rei, cortou em sete fragmentos, mostrando grande agilidade de mão. Vendo sua flecha frustrada pelas flechas de Satyaki, ó rei, Karna resistiu a Satyaki com chuvas de setas de todos os lados. E ele perfurou Satyaki naquele combate com sete flechas do comprimento de uma jarda. O neto de Sini, no entanto, o perfurou em retorno com muitas flechas enfeitadas com ouro. A batalha que então ocorreu, ó rei, entre aqueles dois guerreiros foi de tal maneira quanto a encher espectadores e ouvintes com medo. Embora terrível, ela logo se tornou bela e digna de ser vista. Contemplando as façanhas, naquele combate, de Karna e do neto de Sini, o cabelo de todas as criaturas lá presentes pareceu se arrepiar. Enquanto isso o filho poderoso de Drona avançou contra o filho de Prishata, aquele castigador de inimigos e subjugador da bravura de todos os inimigos. Cheio de raiva, o filho de Drona, aquele subjugador de cidades hostis, se dirigindo a Dhrishtadyumna, disse, 'Espere, espere, ó matador de um Brahmana, tu não escaparás de mim hoje com vida.' Tendo dito essas palavras, aquele poderoso guerreiro em carro de grande agilidade de mão se esforçando resolutamente perfurou profundamente o bravo filho de Prishata, que também se esforçava com toda sua destreza, com muitas flechas afiadas e terríveis dotadas de grande impetuosidade. Como Drona (quando vivo), vendo o filho de Prishata, ó senhor, tinha ficado desanimado e o considerado como sua morte, assim mesmo o filho de Prishata, aquele matador de heróis hostis, vendo o filho de Drona naquela batalha, agora o considerou como sua morte. Logo, no entanto, se lembrando de que ele não podia ser morto em combate por meio de armas, ele avançou com grande velocidade contra o filho de Drona, como o Destruidor correndo contra o Destruidor no tempo da dissolução universal. O heróico filho de Drona, no entanto, ó monarca, vendo Dhrishtadyumna posicionado diante dele, respirou profundamente, furioso, e avançou em direção a ele. Ambos deles estavam cheios de grande raiva à visão um do outro. Dotado de grande energia, o valente filho de Drona então, ó monarca, disse essas palavras para Dhrishtadyumna que não estava longe dele, 'Ó desgraçado entre os Pancalas, eu hoje te despacharei para Yama. O pecado que tu cometeste antes por matar Drona te encherá hoje de arrependimento, para teu grande mal, se tu permaneceres em batalha sem ser protegido por Partha, ou se tu não fugires, ó tolo, eu te digo realmente.' Assim endereçado, o valente Dhrishtadyumna respondeu, dizendo, 'Essa mesma espada minha a qual respondeu ao teu pai, resolutamente engajado em batalha, irá hoje responder estas tuas palavras. Se Drona pode ser morto por mim, ó tu que és um Brahmana em nome somente, por que eu não deveria então, aplicando minha destreza, matar a ti também em batalha hoje?' Tendo dito essas palavras, o colérico comandante do exército Pandava, o filho de Prishata, perfurou o filho de Drona com uma flecha afiada. Então o filho de Drona cheio de grande raiva, encobriu todos os lados de Dhrishtadyumna, ó rei, naquela batalha, com flechas retas. Cobertos por milhares de setas, nem o céu, nem os pontos do horizonte, nem os combatentes em volta,

podiam, ó monarca, ser vistos mais. Similarmente, o filho de Prishata, ó rei, encobriu o filho de Drona, aquele ornamento de batalha, com setas, na própria vista de Karna. O filho de Radha, também, ó monarca, resistiu sozinho aos Pancalas e aos Pandavas e aos (cinco) filhos de Draupadi e Yudhamanyu e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, por consequência de qual façanha ele se tornou o centro de atração de todos os olhares. Então Dhrishtadyumna naquela batalha cortou o arco muito resistente e formidável do filho de Drona, como também todas as suas flechas parecendo cobras de veneno virulento. O filho de Drona, no entanto, com suas flechas destruiu num piscar de olhos o arco, o dardo, a maça, o estandarte, os corcéis, o motorista, e o carro do filho de Prishata. Sem arco e sem carro e sem cavalos e sem motorista, o filho de Prishata então pegou uma cimitarra enorme e um escudo brilhante decorado com cem luas. Dotado de grande agilidade de mão, e possuidor de armas poderosas, aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho heróico de Drona, ó rei, cortou rapidamente, naquela batalha, com muitas flechas de cabeça larga, aquelas armas também de Dhrishtadyumna antes que o último pudesse descer de seu carro. Tudo isso pareceu muito extraordinário. O poderoso guerreiro em carro Ashvatthama, no entanto, embora lutando vigorosamente, não pode, ó chefe dos Bharatas, matar Dhrishtadyumna que estava sem carro e sem cavalos e sem arco, embora perfurado e extremamente mutilado por muitas flechas. Quando, portanto, ó rei, o filho de Drona descobriu que ele não podia matar seu inimigo com flechas, ele pôs de lado seu arco e procedeu rapidamente em direção ao filho de Prishata. A impetuosidade daquele de grande alma, quando ele avançou em direção a seu inimigo, parecia aquela de Garuda mergulhando para capturar uma cobra grande. Enquanto isso Madhava, dirigindo-se a Arjuna, disse, 'Veja, ó Partha, como o filho de Drona está avançando com grande velocidade em direção ao carro do filho de Prishata. Sem dúvida, ele matará o príncipe. Ó poderosamente armado, ó opressor de inimigos, salve o filho de Prishata, que está agora dentro das mandíbulas do filho de Drona como se dentro das mandíbulas da própria Morte.' Tendo dito essas palavras, o valente Vasudeva incitou os corcéis em direção àquele local onde o filho de Drona estava. Aqueles corcéis, do esplendor da lua, incitados por Keshava, procederam em direção ao carro do filho de Drona, devorando os próprios céus. Vendo aqueles dois de grande energia, isto é, Krishna e Dhananjaya, indo em direção a ele, o poderoso Ashvatthama fez grandes esforços para matar Dhrishtadyumna logo. Vendo Dhrishtadyumna arrastado, ó soberano de homens, por seu inimigo, o poderoso Partha disparou muitas flechas no filho de Drona. Aquelas flechas, decoradas com ouro e disparadas do Gandiva, se aproximaram do filho de Drona e o perfuraram profundamente como cobras entrando em um formigueiro. Assim perfurado por aquelas flechas terríveis, o filho valente de Drona, ó rei, abandonou o príncipe Pancala de energia incomensurável. De fato, aquele herói, afligido dessa maneira pelas flechas de Dhananjaya, subiu em seu carro, e pegando seu próprio arco excelente, começou a perfurar Partha com muitas flechas. Enquanto isso, o heróico Sahadeva, ó soberano de homens, levou para longe em seu carro o filho de Prishata, aquele opressor de inimigos. Arjuna então, ó rei, perfurou o filho de Drona com muitas flechas. Cheio de raiva, o filho de Drona atingiu Arjuna nos braços e no peito. Assim provocado, Partha, naquela batalha, disparou no filho de

Drona uma flecha comprida que parecia uma segunda vara da Morte, ou melhor, a própria Morte. Aquela flecha de grande esplendor caiu sobre o ombro do herói Brahmana. Muito agitado, ó monarca, naquela batalha, pela violência do golpe, ele sentou-se no terraço de seu carro e desmaiou. Então Karna, ó monarca, vibrou seu arco Vijaya e, cheio de raiva, olhou repetidamente para Arjuna naquela batalha, desejando um duelo com ele. Enquanto isso o motorista do filho de Drona, vendo o último inconsciente, levou-o rapidamente em seu carro para longe do campo de batalha. Vendo o filho de Prishata resgatado e o filho de Drona afligido, os Pancalas, ó rei, expectantes de vitória, começaram a proferir gritos altos. Milhares de instrumentos agradáveis começaram a ser tocados. Vendo tais feitos extraordinários em batalha, os combatentes proferiram rugidos leoninos. Tendo realizado aquela façanha, Partha se dirigiu a Vasudeva, dizendo 'Proceda, ó Krishna, em direção aos Samsaptakas, pois isso é muito desejado por mim.' Ouvindo aquelas palavras do filho de Pandu, ele da linhagem de Dasharha procedeu naquele carro agraciado com muitos pendões e cuja velocidade parecia aquela do vento ou da mente.'"

60

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso Krishna, apontando o rei Yudhishthira o justo, para o filho de Kunti Partha, dirigiu-se a ele nessas palavras: 'Lá, ó filho de Pandu, teu irmão (Yudhishthira) está sendo perseguido por muitos arqueiros poderosos e formidáveis entre os Dhartarashtras, todos inspirados com o desejo de matá-lo. Os Pancalas poderosos, difíceis de derrotar em batalha, estão indo atrás de Yudhishthira de grande alma pelo desejo de resgatá-lo. Lá, Duryodhana, ó Partha, o rei do mundo inteiro, vestido em armadura e acompanhado por um grande exército de carros, está perseguindo o rei Pandava. Impelido pelo desejo de massacrar seu rival, o poderoso Duryodhana, ó tigre entre homens, o está perseguindo, acompanhado por seus irmãos, o toque de cujas armas é tão fatal quanto aquele de cobras venenosas e que são todos familiarizados com todos os modos de guerra. Aqueles elefantes Dhartarashtra e cavalos e guerreiros em carros e soldados de infantaria estão avançando para agarrar Yudhishthira como homens pobres atrás de uma pedra preciosa. Veja, reprimidos por Satyaki e Bhima, eles foram entorpecidos novamente, como os Daityas, que desejavam roubar o Amrita, feitos imóveis por Sakra e Agni. Os poderosos guerreiros em carros (do exército Kuru), no entanto, por causa da imensidão de seus números, estão procedendo novamente em direção a Yudhishthira como uma vasta quantidade de água na estação das chuvas avançando em direção ao oceano. Aqueles arqueiros poderosos estão proferindo rugidos leoninos, soprando suas conchas, e vibrando seus arcos. Eu considero o filho de Kunti Yudhishthira, assim trazido sob a influência de Duryodhana, como já estando dentro das mandíbulas da Morte ou já despejado como uma libação no fogo sacrifical. O exército do filho de Dhritarashtra, ó Pandava, está em formação de combate e equipado devidamente. O próprio Sakra, chegando dentro do alcance de suas flechas, mal poderia escapar. Quem irá suportar em batalha a impetuosidade do heróico Duryodhana que dispara chuvas de flechas com a maior celeridade e que, quando

enfurecido, parece o próprio Destruidor? A força das flechas do heróico Duryodhana, ou do filho de Drona ou de Kripa ou de Karna derrubariam as próprias montanhas. Aquele opressor de inimigos, isto é, o rei Yudhishthira, foi uma vez forçado por Karna a dar suas costas para o campo. O filho de Radha é dotado de grande força e excelente agilidade de mão. Possuidor de grande habilidade, ele é habilidoso em batalha. Ele é competente para afligir o filho mais velho de Pandu em luta, especialmente quando ele está unido com o poderoso e bravo filho de Dhritarashtra. De votos rígidos, quando o filho de Pritha (Yudhishthira) estava envolvido em batalha com todos aqueles guerreiros, outros grandes guerreiros em carros o tinham atacado e contribuído para sua derrota. O rei, ó melhor dos Bharatas, está extremamente emaciado por causa de seus jejuns. Ele é dotado de força Brahma, mas o pujante não é dotado de muito do poder Kshatriya. Atacado, entretanto, por Karna, o nobre filho de Pandu, Yudhishthira, aquele opressor de inimigos, foi colocado em uma situação de grande perigo. Eu penso, ó Partha, que o rei Yudhishthira caiu. De fato, já que aquele castigador de inimigos, o colérico Bhimasena, ouve friamente os rugidos leoninos dos Dhartarashtras que gritam frequentemente ansiando pela vitória e soprando suas conchas, eu acho, ó touro entre homens, que o filho de Pandu Yudhishthira está morto. Lá Karna incita adiante os poderosos guerreiros em carros dos Dhartarashtras em direção ao filho de Pritha com as armas chamadas Sthunakarna, Indrasjaha e Pasupata, e com clavas e outras armas. O rei, ó Bharata, deve estar profundamente afligido e extremamente enfraquecido, porque os Pancalas e os Pandavas, aqueles principais de todos os manejadores de armas, são vistos proceder com grande velocidade em direção a ele em uma hora quando velocidade é da maior importância como homens fortes avançando para o resgate de uma pessoa afundando em um mar sem fundo. O estandarte do rei não está mais visível. Ele provavelmente foi derrubado por Karna com suas flechas. Na própria vista dos gêmeos, ó Partha, e de Satyaki e Shikhandi, e Dhrishtadyumna e Bhima e Satanika, ó senhor, como também de todos os Pancalas e os Cedis, ó Bharata, lá Karna está destruindo a divisão Pandava com suas flechas, como um elefante destruindo um grupo de lotos. Lá, aqueles guerreiros em carros do teu exército, ó filho de Pandu, estão fugindo. Veja, veja, ó Partha, como aqueles grandes guerreiros estão se retirando. Aqueles elefantes, ó Bharata, atacados por Karna em batalha, estão fugindo em todas as direções, proferindo gritos de dor. Lá multidões de guerreiros em carros, derrotados em batalha, ó Partha, por Karna, aquele subjugador de inimigos, estão fugindo em todas as direções. Veja, ó Partha, aquele principal dos estandartes, do filho de Suta, em seu carro, portando o emblema do laço do elefante, é visto se mover por todo o campo. Lá, o filho de Radha está agora avançando contra Bhimasena, espalhando centenas de flechas enquanto ele prossegue e massacrando o teu exército com isso. Lá, aqueles poderosos guerreiros em carros dos Pancalas estão sendo derrotados (por Karna) assim como os Daityas foram derrotados por Sakra em batalha terrível. Lá, Karna, tendo derrotado os Pancalas, os Pandus, e os Srinjayas, está lançando seus olhos para todos os lados, eu penso, para te procurar. Veja, ó Partha, Karna, quando ele estica belamente o principal dos seus arcos, parece muito belo assim como Sakra no meio dos celestiais, depois de vencer seus inimigos. Lá os Kauravas, contemplando a destreza de Karna, estão

rugindo e inspirando os Pandus e os Srinjayas com medo em todos os lados. Lá, o próprio Karna, apavorando os Pandus com toda sua energia, em batalha terrível, está se dirigindo a todas as tropas, ó concessor de honras, dizendo, 'Abençoados sejam vocês, avancem, ó Kauravas e se movam com tal velocidade que nenhum Srinjaya possa escapar com vida nessa batalha. Reunidos, façam isso todos vocês. Em relação a nós, nós seguiremos atrás de vocês.' Dizendo essas palavras, ele está avançando atrás (de suas tropas), espalhando suas flechas. Veja Karna, adornado com seu guarda-sol branco nessa batalha e parecendo com as colinas Udaya adornadas pela lua. Com seu guarda-sol belo de cem varetas, parecendo a lua cheia, suspenso sobre sua cabeça, ó Bharata, nessa batalha, Karna, ó príncipe, está lançando seus olhares atrás de ti. Sem dúvida, ele irá, nessa batalha, vir para cá, com grande velocidade. Veja-o, ó poderosamente armado, enquanto ele vibra seu arco formidável e atira, nessa batalha terrível, suas flechas parecendo cobras de veneno virulento. Lá, o filho de Radha vira nessa direção, vendo teu estandarte portando o macaco, e desejando, ó Partha, um combate contigo, ó opressor de inimigos. De fato, ele vem para sua própria destruição, assim como um inseto para a boca de uma lâmpada. Colérico e corajoso, ele está sempre dedicado ao bem do filho de Dhritarashtra. De má compreensão, ele é sempre incapaz de te tolerar. Vendo Karna só e desamparado, o filho de Dhritarashtra, ó Bharata, se dirige em direção a ele com grande determinação, acompanhado por sua tropa de carros, para protegê-lo. Que aquele de alma perversa, junto com todos aqueles aliados dele, seja morto por ti, aplicando teu vigor, pelo desejo de ganhar fama, reino e felicidade. Vocês dois são dotados de grande força. Vocês dois são possuidores de grande celebridade. Quando enfrentando um ao outro em batalha, ó Partha, como um celestial e um Danava na grande batalha entre os deuses e os Asuras, que todos os Kauravas vejam tua destreza. Vendo-te cheio de grande raiva e Karna também excitado à fúria, ó touro da raça Bharata, Duryodhana em cólera não será capaz de fazer qualquer coisa. Lembrando que tu mesmo és de alma purificada, ó touro da raça Bharata, e lembrando também que o filho de Radha nutre uma grande animosidade pelo virtuoso Yudhishthira, realize, ó filho de Kunti, aquilo que deve ser realizado agora. Colocando corretamente teu coração na batalha, avance contra aquele líder de guerreiros em carros. Lá, quinhentos dos principais guerreiros em carros, ó tu melhor dos guerreiros em carros, que são dotados de grande poder e energia feroz, e 5.000 elefantes, e o dobro de cavalos, e incontáveis soldados de infantaria, todos juntos, ó filho de Kunti, e protegendo uns aos outros, ó herói, estão avançando contra ti. Mostre-te, por tua própria vontade, para aquele arqueiro formidável, isto é, o filho de Suta. Avance, ó touro da raça Bharata, em direção a ele com grande velocidade. Lá, Karna, cheio de grande fúria está avançando contra os Pancalas. Eu vejo seu estandarte se aproximando do carro de Dhrishtadyumna. Eu penso que ele exterminará os Pancalas. Eu te direi, ó touro da raça Bharata, algumas boas notícias, ó Partha. O rei Yudhishthira o justo está vivo. Lá, o poderosamente armado Bhima, tendo retornado, está posicionado na vanguarda do exército, apoiado pelos Srinjayas e por Satyaki, ó Bharata. Lá, os Kauravas estão sendo massacrados com flechas afiadas por Bhimasena, ó filho de Kunti, e os Pancalas de grande alma. As tropas do filho de Dhritarashtra, com seus rostos desviados do campo, e com sangue escorrendo de

seus ferimentos, estão fugindo rapidamente da batalha, atingidas por Bhima com suas flechas. Banhado em sangue, o exército Bharata, ó principal da família de Bharata, apresenta um aspecto extremamente triste como aquele da terra quando privada de colheitas. Veja, ó filho de Kunti, Bhimasena, aquele principal dos combatentes, cheio de raiva como uma cobra de veneno virulento, e empenhado em desbaratar a hoste (Kaurava). Faixas amarelas e vermelhas e pretas e brancas, enfeitadas com estrelas e luas e sóis como também muitos guarda-sóis, ó Arjuna, jazem espalhados em volta. Feitos de ouro ou prata ou bronze e outros metais, estandartes estão espalhados, e elefantes e corcéis também, espalhados por todo o campo. Lá, aqueles guerreiros em carros estão caindo de seus carros, privados de vida pelos Pancalas que não recuam com flechas de diversos tipos. Lá os Pancalas de grande velocidade, ó Dhananjaya, estão avançando contra os elefantes Dhartarashtra e corcéis e carros sem condutores. Indiferentes às suas próprias vidas, ó castigador de inimigos, aqueles guerreiros difíceis de derrotar em batalha ajudados pelo poder de Bhimasena estão subjugando, ó tigre entre homens, o exército hostil. Lá, os Pancalas estão proferindo rugidos altos e soprando suas conchas enquanto eles são avançando contra seus inimigos e os oprimindo com suas flechas em batalha. Veja sua grande energia e poder. Por puro heroísmo, os Pancalas estão massacrando os Dhartarashtras como leões enfurecidos matando elefantes. Desarmados eles estão pegando as armas de seus inimigos armados e com aquelas armas assim arrebatadas, eles estão matando seus inimigos que são batedores eficazes, e proferindo rugidos altos. As cabeças e braços de seus inimigos estão sendo cortados e derrubados no campo. Os carros e elefantes e cavalos Pancala são todos dignos do maior louvor. Como cisnes de velocidade deixando o lago Manasa e se precipitando no Ganga, os Pancalas estão avançando contra os Kauravas, e toda parte do vasto exército Dhartarashtra é atacada por eles. Como touros resistindo a touros, os heróicos Kripa e Karna e outros líderes estão aplicando toda sua bravura para resistir aos Pancalas. Os heróis Pancala encabeçados por Dhrishtadyumna estão matando milhares de seus inimigos, isto é, os grandes guerreiros em carros do exército Dhartarashtra já afundando no oceano das armas de Bhima. Vendo os Pancalas oprimidos por seus inimigos, o filho destemido do deus do vento, atacando a força hostil, está disparando suas flechas e proferindo rugidos altos. A maior parte do vasto exército Dhartarashtra está muito apavorada. Veja aqueles elefantes, perfurados por Bhima com suas flechas do comprimento de uma jarda, estão caindo como topos de montanha rachados pelo raio de Indra. Lá, aqueles elefantes enormes, profundamente perfurados pelas flechas retas de Bhimasena estão fugindo, esmagando suas próprias tropas. Tu não reconheces os insuportáveis gritos leoninos, ó Arjuna, de Bhimasena rugindo terrivelmente inspirado pelo desejo de vitória em batalha? Lá, o príncipe dos Nishadas, cheio de raiva, está indo contra o filho de Pandu, em seu principal dos elefantes, pelo desejo de matá-lo com suas lanças, assim como o próprio Destruidor armado com sua clava. Atingidos por Bhima com dez flechas afiadas do comprimento de uma jarda dotadas d esplendor do fogo ou do Sol, os dois braços do príncipe rugindo, com lanças em punho, foram cortados. Matando o príncipe, Bhima procede contra outros elefantes parecendo com massas de nuvens azuis e conduzidos por condutores que os guiam com habilidade. Veja aqueles condutores atacando

Vrikodara com dardos e lanças em profusão. Matando com suas flechas afiadas aqueles elefantes, sete de uma vez, seus estandartes triunfais também, ó Partha, são derrubados por teu irmão mais velho. Com relação àqueles outros elefantes, cada um deles está sendo morto com dez flechas por ele. Os gritos dos Dhartarashtras não são mais ouvidos, agora que Bhima, ó touro da raça Bharata, que é igual ao próprio Purandara, está engajado em batalha. Três akshauhinis completos dos soldados de Duryodhana tinham sido reunidos (na frente de Bhima). Eles todos foram detidos por aquele leão entre homens, Bhimasena, em fúria.'"

"Sanjaya continuou, 'Veja aquela façanha, de realização difícil, realizada por Bhimasena. Arjuna, com suas flechas afiadas, destruiu o restante de seus inimigos. Os Samsaptakas poderosos, ó senhor, massacrados em batalha e desbaratados (por Arjuna), fugiram em todas as direções, dominados pelo medo. Muitos entre eles (que caíram) se tornaram os convidados de Shakra e obtiveram grande felicidade. Em relação a Partha, aquele tigre entre homens, ele continuou, com suas flechas retas, a massacrar a hoste Dhartarashtra consistindo em quatro tipos de tropas.'"

61

"Dhritarashtra disse, 'Quando Bhima e o filho de Pandu Yudhishthira estavam envolvidos em batalha, quando minhas tropas estavam sendo massacradas pelos Pandus e os Srinjayas, quando, de fato, meu exército vasto sendo dividido e desbaratado repetidamente ficou desanimado, diga-me, ó Sanjaya, o que os Kauravas fizeram.'"

"Sanjaya disse, 'Vendo o poderosamente armado Bhima, o filho de Suta de grande coragem, com olhos vermelhos de fúria, ó rei, avançou em direção a ele. Vendo teu exército fugir de Bhimasena, o poderoso Karna, ó rei, o reagrupou com grandes esforços. O poderosamente armado Karna, tendo reagrupado a hoste de teu filho, procedeu contra os Pandavas, aqueles heróis difíceis de derrotar em batalha. Os grandes guerreiros em carros dos Pandavas também, vibrando seus arcos e disparando suas flechas, procederam contra o filho de Radha. Bhimasena, e o neto de Sini, e Shikhandi e Janamejaya, e Dhrishtadyumna de grande força, e todos os Prabhadrakas, e aqueles tigres entre homens, os Pancalas, cheios de raiva e inspirados pelo desejo de vitória, avançaram naquela batalha de todos os lados contra teu exército. Similarmente, os grandes guerreiros em carros do teu exército, ó rei, procederam rapidamente contra a hoste Pandava, desejosos de massacrá-la. Cheios de carros e elefantes e cavalos, e abundando com soldados de infantaria e estandartes, os dois exércitos então, ó tigre entre homens, assumiram um aspecto extraordinário. Shikhandi procedeu contra Karna, e Dhrishtadyumna procedeu contra teu filho Duhshasana, acompanhado por um grande exército. Nakula procedeu contra Vrishasena, enquanto Yudhishthira contra Citrasena. Sahadeva, ó rei, naquela batalha, procedeu contra Uluka. Satyaki procedeu contra Shakuni, e os filhos de Draupadi contra os outros Kauravas. O poderoso guerreiro em carro Ashvatthama procedeu, com grande

cuidado, contra Arjuna. O filho de Sharadvata Kripa procedeu contra o arqueiro poderoso Yudhamanyu, enquanto Kritavarma de grande força procedeu contra Uttamauja. O poderosamente armado Bhimasena, ó majestade, sozinho e não protegido, resistiu a todos os Kurus e aos teus filhos na dianteira de sua divisão. O matador de Bhishma, Shikhandi, então, ó monarca, com suas flechas aladas, resistiu a Karna, movendo-se rápido destemidamente naquela batalha. Mantido sob controle, Karna então, seus lábios tremendo de raiva, atacou Shikhandi com três flechas no meio de suas sobrancelhas. Com aquelas três flechas fincadas em sua testa, Shikhandi parecia muito belo como uma montanha de prata com três topos elevados. Profundamente perfurado pelo filho de Suta naquele combate, o arqueiro poderoso Shikhandi perfurou Karna, em retorno, com noventa flechas afiadas. O poderoso guerreiro em carro Karna então, matando os cavalos de Shikhandi e em seguida seu motorista com três flechas, cortou sua bandeira com uma flecha de face de navalha. Aquele poderoso guerreiro em carro então, aquele opressor de inimigos, cheio de raiva, pulou de seu carro sem cavalos e lançou um dardo em Karna. Cortando aquele dardo com três flechas naquele combate, Karna então, ó Bharata, perfurou Shikhandi com nove flechas afiadas. Evitando então as flechas disparadas do arco de Karna, aquele melhor dos homens, Shikhandi, extremamente mutilado, retirou-se depressa daquele local. Então Karna, ó monarca, começou a espalhar as tropas dos Pandavas, como um vento poderoso espalhando uma pilha de algodão. Enquanto isso Dhrishtadyumna, ó monarca, afligido por teu filho, perfurou Duhshasana, em retorno, com três flechas no centro do peito. Então Duhshasana, ó senhor, perfurou o braço esquerdo de seu atacante com uma flecha de cabeça larga, afiada e reta e equipada com asas de ouro. Assim perfurado, Dhrishtadyumna, cheio de ira e desejo de revidar, disparou uma flecha terrível, ó Bharata, em Duhshasana. Teu filho, no entanto, ó rei, com três flechas dele, cortou aquela flecha impetuosa disparada por Dhrishtadyumna enquanto ela corria em direção a ele. Aproximando-se de Dhrishtadyumna então, ele o atingiu nos braços e no peito com dezessete outras flechas de cabeça larga adornadas com ouro. Nisso o filho de Prishata, cheio de raiva, cortou o arco de Duhshasana, ó senhor, com uma flecha afiada de cabeça de navalha, pelo que todas as tropas lá proferiram um grito alto. Pegando então outro arco, teu filho, como se sorrindo, manteve Dhrishtadyumna sob controle com chuvas de flechas de todos os lados. Vendo a destreza daquele teu filho de grande alma, os combatentes, como também os Siddhas e as Apsaras, ficaram todos muito admirados. Nós então vimos o poderoso Dhrishtadyumna assim atacado por Duhshasana parecer um elefante enorme, mantido sob controle por um leão. Então muitos guerreiros em carros Pancala e elefantes e cavalos, ó irmão mais velho de Pandu, desejosos de resgatar o comandante (do exército Pandava) cercaram teu filho. A batalha que começou, ó opressor de inimigos, entre teus guerreiros e o inimigo, apresentou uma visão tão terrível quanto aquela que pode ser vista na destruição de todas as criaturas no fim do Yuga."

"Vrishasena, ficando ao lado de seu pai, tendo perfurado Nakula com cinco flechas feitas totalmente de ferro, perfurou-o novamente com três outras flechas. O heróico Nakula então, como se sorrindo, perfurou profundamente Vrishasena no peito com uma flecha do comprimento de uma jarda de gume excelente. Assim

perfurado por seu inimigo poderoso, aquele opressor de inimigos, isto é, Vrishasena, perfurou seu atacante com vinte setas e foi ele mesmo perfurado por ele com cinco. Então aqueles dois touros entre homens cobriram um ao outro com milhares de setas, pelo que as divisões que os apoiavam se dividiram. Vendo as tropas do filho de Dhritarashtra fugindo, o filho de Suta, seguindo elas, ó rei, começou a pará-las à força. Depois que Karna tinha ido para longe, Nakula procedeu contra os Kauravas. O filho de Karna também, evitando Nakula, procedeu rapidamente, ó senhor, para onde seu pai, o filho de Radha, estava para proteger as rodas do seu carro."

"O enfurecido Uluka foi reprimido por Sahadeva. Tendo matado seus quatro corcéis, o valente Sahadeva então despachou o motorista de seu inimigo para a residência de Yama. Uluka então, aquele alegrador de seu pai, saltando de seu carro, ó rei, prosseguiu rapidamente e entrou na divisão dos Trigartas. Satyaki, tendo perfurado Shakuni com vinte flechas afiadas, cortou facilmente o estandarte do filho de Subala com uma flecha de cabeça larga. O valente filho de Subala, cheio de raiva, ó rei, naquele confronto, perfurou a armadura de Satyaki e então cortou seu estandarte dourado. Então Satyaki perfurou-o em retorno com muitas setas afiadas, e atingiu seu motorista, ó monarca, com três setas. Com grande velocidade então, ele despachou com outras flechas os corcéis de Shakuni para a residência de Yama. Descendo depressa então, ó touro entre homens, de seu carro, Shakuni, aquele poderoso guerreiro em carro, subiu rapidamente no carro de Uluka. O último então levou com grande velocidade seu pai para longe do neto de Sini, aquele guerreiro hábil em batalha. Então Satyaki, ó rei, avançou naquela batalha contra teu exército com grande impetuosidade, pelo que aquele exército se dividiu. Coberto pelas flechas do neto de Sini, teu exército, ó monarca, fugiu para todos os lados com grande velocidade, e caiu privado de vida."

"Teu filho resistiu a Bhimasena naquela batalha, em um instante Bhima fez aquele soberano de homens ficar sem cavalos e sem motorista e sem carro e sem estandarte, no que as tropas (Pandava) ficaram muito contentes. Então teu filho, ó rei, foi para longe da presença de Bhimasena. O exército Kuru inteiro, nisto, avançou contra Bhimasena. Tremendo tornou-se o barulho feito por aqueles combatentes inspirados com o desejo de matar Bhimasena. Yudhamanyu, perfurando Kripa, rapidamente cortou seu arco. Então Kripa, aquele principal de todos os manejadores de armas, pegando outro arco, derrubou no chão o estandarte e motorista e guarda-sol de Yudhamanyu. Nisso, o poderoso guerreiro em carro Yudhamanyu se retirou em seu carro, ele mesmo o dirigindo. Uttamauja cobriu o terrível filho de Hridika, dotado de destreza formidável, com uma chuva grossa de flechas como uma nuvem derramando torrentes de chuva em uma montanha. A batalha entre eles, ó opressor de inimigos, tornou-se tão terrível que sua igual, ó monarca, eu nunca tinha visto antes. Então Kritavarma, ó rei, naquele combate, perfurou repentinamente Uttamauja no peito, no que o último sentou-se no terraço de seu carro. Seu motorista então levou embora aquele principal dos guerreiros em carros. Então o exército Kuru inteiro avançou em Bhimasena. Duhshasana e o filho de Subala, cercando o filho de Pandu com uma grande tropa de elefantes, começou a atacá-lo com flechas pequenas. Então Bhima, fazendo o

colérico Duryodhana virar suas costas no campo por meio de centenas de setas, avançou rapidamente em direção àquele exército de elefantes. Observando aquela tropa de elefantes avançar impetuosamente contra ele, Vrikodara ficou cheio de grande ira e invocou suas armas celestes. E ele começou a golpear elefantes com elefantes como Indra golpeando os Asuras. Enquanto empenhado em massacrar aqueles elefantes, Vrikodara, naquela batalha, cobriu o céu com suas flechas como miríades de insetos cobrindo um fogo. Como o vento espalhando massas de nuvens, Bhima rapidamente espalhou e destruiu multidões de elefantes reunidos aos milhares. Completamente cobertos com redes de ouro, como também com muitas pedras preciosas, os elefantes pareciam muito belos naquela batalha como nuvens carregadas com relâmpago. Massacrados por Bhima, aqueles elefantes, ó rei, começaram a fugir. Alguns entre eles, com seus corações perfurados, caíam no chão. Com aqueles elefantes caídos e caindo enfeitados com ouro, o solo parecia belo lá, como se coberto com montanhas quebradas. Com os guerreiros em elefantes caídos de resplandecência brilhante e adornados com jóias, a terra parecia bela como se coberta com planetas de mérito esgotado. Então elefantes, com suas têmporas, globos frontais, e trombas profundamente perfurados, fugiram às centenas naquela batalha, atormentados pelas flechas de Bhimasena. Alguns entre eles, enormes como colinas, afligidos com medo e vomitando sangue, fugiram, seus membros mutilados com setas, e pareciam por causa disso, com montanhas com metais líquidos escorrendo por seus lados. As pessoas então viram os dois braços de Bhima, parecendo duas cobras imensas, cobertos com pasta de sândalo e outros unguentos socados, continuamente empenhados em estirar o arco. Ouvindo o som da corda de seu arco e palmas que pareciam o ribombo do trovão, aqueles elefantes, expelindo urina e fezes, fugiam apavorados. As façanhas de Bhima sozinho de grande inteligência, naquela ocasião, brilhavam como aquelas do próprio Rudra, enquanto empenhado em destruir todas as criaturas."

62

"Sanjaya disse, 'O belo Arjuna então, naquele carro principal dele, ao qual estavam unidos corcéis brancos, e que era acelerado pelo próprio Narayana, entrou em cena. Como a tempestade agitando o oceano, Vijaya, ó principal dos reis, naquela batalha, agitou aquela tua hoste cheia de cavaleiros. Quando Arjuna de cavalos brancos estava ocupado de outra maneira, teu filho Duryodhana, cheio raiva e cercado por metade de suas tropas, se aproximou de repente e cercou Yudhishthira que avançava inspirado pelo desejo de vingança. O rei Kuru então perfurou o filho de Pandu com setenta e três setas de cabeça de navalha. Nisto, Yudhishthira, o filho de Kunti, ficou inflamado com ira, e rapidamente atingiu teu filho com trinta setas de cabeça larga. As tropas Kaurava então avançaram impetuosamente para capturar Yudhishthira. Compreendendo as intenções perversas do inimigo, os grandes guerreiros em carros do exército Pandava, se unindo, avançaram em direção a Yudhishthira, o filho de Kunti, para resgatá-lo. De fato, Nakula e Sahadeva e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, circundados por

um Akshauhini completo de tropas, assim procederam em direção a Yudhishthira. Bhimasena também, naquela batalha, subjugando os grandes guerreiros em carros do teu exército, procedeu em direção ao rei cercado por inimigos. Karna, também chamado Vaikartana, ó rei, disparando chuvas densas de flechas, reprimiu, sem ajuda, todos aqueles arqueiros poderosos avançando dessa maneira (para o resgate). Embora eles disparassem chuvas grossas de flechas e arremessassem inúmeras lanças, lutando com determinação, ainda assim eles eram incapazes até de olhar para o filho de Radha. De fato, o filho de Radha, aquele mestre de todas as armas ofensivas e defensivas, por atirar chuvas densas de flechas deteve todos aqueles grandes arqueiros. Sahadeva de grande alma, no entanto, se aproximando rapidamente (do local onde Duryodhana estava), e invocando sem perda de tempo uma arma (celeste), perfurou Duryodhana com vinte setas. Assim perfurado por Sahadeva, o rei Kuru, coberto com sangue, parecia belo, como um elefante enorme de têmporas partidas. Vendo teu filho profundamente perfurado com muitas setas de grande energia, aquele principal dos guerreiros em carros, isto é, o filho de Radha, cheio de raiva, avançou para aquele local. Vendo Duryodhana reduzido àquela situação, Karna, invocando suas armas rapidamente, começou a massacrar as tropas de Yudhishthira e do filho de Prishata. Assim massacradas por Karna grande alma, as tropas de Yudhishthira, ó rei, afligidas pelas flechas do filho de Suta, logo fugiram. Chuvas de flechas caíam juntas. De fato, aquelas disparadas subsequentemente do arco do filho de Suta tocavam com suas cabeças as asas daquelas disparadas antes. Por causa daquelas chuvas caindo, de flechas, ó monarca, colidindo umas com as outras, uma conflagração parecia resplandecer no céu. Logo Karna encobriu os dez pontos do horizonte, ó rei, com flechas capazes de perfurar os corpos de inimigos, como se com enxames de gafanhotos avançando. Mostrando as maiores armas, Karna começou a agitar com grande força seus dois braços cobertos com pasta de sândalo vermelha e adornados com jóias e ouro. Então estupefazendo todos os lados, ó rei, com suas flechas, Karna afligiu profundamente Yudhishthira o justo. Cheio de raiva nisto, o filho de Dharma Yudhishthira atingiu Karna com cinquenta flechas afiadas. Em consequência então da escuridão causada por aquelas chuvas de setas, a batalha tornou-se horrível de se olhar. Gritos altos de dor se ergueram dentre tuas tropas, ó monarca, enquanto elas estavam sendo massacradas pelo filho de Dharma, ó majestade, com diversas espécies de flechas afiadas equipadas com penas Kanka e afiadas em pedra, com numerosas flechas de cabeça larga, e com diversos tipos de dardos e espadas e clavas. Para onde o filho de Pandu de alma virtuosa lançava seus olhos com o desejo de produzir mal, lá teu exército se dividia, ó touro da raça Bharata. Inflamado com grande raiva, Karna também, de alma incomensurável, inspirado com o desejo de revidar, seu rosto corado de raiva, avançou naquela batalha contra o filho de Pandu, o rei Yudhishthira o justo, disparando flechas do comprimento de uma jarda e moldadas em forma de meia-lua e equipadas com cabeças como o dente do bezerro. Yudhishthira também o perfurou com muitas setas afiadas equipadas com asas de ouro. Como se sorrindo naquele momento, Karna perfurou o filho nobre de Pandu no peito com três flechas de cabeça larga, afiadas em pedra, e providas de penas Kanka. Profundamente afligido com isso, o rei Yudhishthira o justo, sentando-se no terraço de seu carro, mandou seu motorista recuar. Após o

que todos os Dhartarashtras, com seu rei, deram um grito alto, dizendo, ‘Agarrem! Agarrem!’ e todos então perseguiram o rei (Pandava). Então 1.700 tropas Kekaya, hábeis em atacar, unidas com um grupo das tropas Pancala, ó rei, impediram os Dhartarashtras. Durante a continuação daquela batalha violenta e terrível, Duryodhana e Bhima, aqueles dois guerreiros dotados de grande poder, enfrentaram um ao outro.'"

63

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso Karna também começou, com suas chuvas de flechas, a afligir os poderosos guerreiros em carros dos Kaikayas, isto é, aqueles grandes arqueiros que estavam diante dele. De fato, o filho de Radha despachou para a residência de Yama quinhentos daqueles guerreiros que estavam empenhados em detê-lo naquela batalha. Vendo o filho de Radha sendo irresistível naquela batalha, aqueles guerreiros, atormentados pelas flechas de seus atacantes, se dirigiram para a presença de Bhimasena. Dividindo aquela tropa de carros em muitas partes por meio de suas flechas, Karna, sozinho e sobre aquele mesmo carro dele, perseguiu Yudhishthira, que então, extremamente mutilado com flechas e quase insensível, estava procedendo lentamente para alcançar o acampamento Pandava com Nakula e Sahadeva em seus dois lados. Tendo se aproximado do rei, o filho de Suta, pelo desejo de fazer bem para Duryodhana, perfurou o filho de Pandu com três flechas formidáveis. Em retorno, o rei perfurou o filho de Radha no centro do peito e então seu motorista com três flechas. Então aqueles dois opressores de inimigos, isto é, os filhos gêmeos de Madri, aqueles dois protetores das rodas do carro de Yudhishthira, avançaram em direção a Karna para que o último não pudesse conseguir matar o rei. Então Nakula e Sahadeva, ambos disparando chuvas de flechas com grande atenção, cobriram o filho de Radha com isso. O corajoso filho de Suta, no entanto, em retorno, perfurou aqueles dois castigadores de grande alma de inimigos com duas flechas de cabeça larga de gume excelente. O filho de Radha então matou os corcéis excelentes de Yudhishthira, brancos como marfim e velozes como a mente, e tendo cabelo preto em seus rabos. Então, sorrindo, o filho de Suta, aquele arqueiro formidável, com outra flecha de cabeça larga, derrubou a proteção para a cabeça do filho de Kunti. Similarmente, o bravo Karna, tendo matado os corcéis de Nakula, cortou os varais do carro e arco daquele filho inteligente de Madri. Aqueles dois filhos de Pandu sem carro e sem cavalos, aqueles dois irmãos, nisso subiram no carro de Sahadeva. Vendo aquele dois irmãos sem carro, aquele matador de heróis hostis, seu tio materno, o soberano dos Madras, movido por compaixão, se dirigiu ao filho de Radha e disse, 'Tu deves lutar hoje com o filho de Pritha Phalguna. Por que tu então, com ira inflamada a tal nível, lutas com o nobre filho de Dharma? Tu estás permitindo que tuas armas sejam esgotadas. Tu própria armadura está sendo enfraquecida. Com tuas flechas reduzidas, e sem aljavas, com teu motorista e corcéis fatigados, e tu mesmo mutilado por inimigos com armas, quando tu te aproximares de Partha, ó filho de Radha, tu serás um objeto de escárnio e hilaridade.' Embora assim endereçado pelo soberano dos Madras, Karna ainda, cheio de raiva, continuou a atacar

Yudhishthira em batalha. E ele continuou a perfurar os dois filhos de Madri com Pandu com muitas flechas afiadas. Sorrindo naquele momento, por meio de suas flechas ele fez Yudhishthira desviar seu rosto da batalha. Então Shalya, dando risada, mais uma vez disse para Karna quando o último, excitado com grande fúria e decidido a respeito da destruição de Yudhishthira permanecia sobre seu carro, essas palavras, 'Ele por cuja causa o filho de Dhritarashtra sempre te honra, mate aquele Partha, ó filho de Radha. O que tu ganharias por matar Yudhishthira? Os dois Krishnas estão soprando suas conchas, cujo clangor alto está sendo ouvido. A vibração também do arco de Arjuna está sendo ouvida, como o ribombo das nuvens na estação das chuvas. Lá, Arjuna, derrubando os principais dos nossos guerreiros em carros com suas torrentes de flechas, está devorando todas as nossas tropas. Veja-o, ó Karna, nessa batalha. Os dois que estão protegendo sua retaguarda são Yudhamanyu e Uttamauja. O bravo Satyaki está protegendo sua roda esquerda, e Dhrishtadyumna está protegendo sua roda direita. Lá, Bhimasena está lutando com o nobre filho de Dhritarashtra. Aja de tal maneira, ó filho de Radha, que Bhima não possa ser capaz de matar o rei hoje diante de nós todos, que o rei possa, de fato, escapar dele. Veja, Duryodhana está sob o poder de Bhimasena, aquele ornamento de batalha. Aproximando-te se tu puderes salvá-lo, isto irá, de fato, ser um feito muito admirável. Indo para lá, resgate o rei, pois um grande perigo o alcançou. O que tu ganharás por matar os filhos de Madri ou o rei Yudhishthira?' Ouvindo essas palavras de Shalya, ó senhor da Terra, e vendo Duryodhana dominado por Bhima naquela batalha terrível, o filho valente de Radha, assim instigado pelas palavras de Shalya e muito desejoso de salvar o rei, deixou Ajatasatru e os filhos gêmeos de Madri com Pandu, e avançou para salvar teu filho. Ele foi levado por seus cavalos que eram rápidos como aves e que eram incitados pelo soberano dos Madras. Depois que Karna tinha ido para longe, o filho de Kunti Yudhishthira se retirou, levado, ó majestade, pelos corcéis velozes de Sahadeva. Com seus irmãos gêmeos o acompanhando, aquele soberano de homens, dirigindo-se rapidamente em vergonha para o acampamento (Pandava), seu corpo extremamente mutilado com flechas, desceu do carro e sentou-se depressa em uma cama excelente. As flechas então sendo extraídas de seu corpo, o nobre filho de Pandu, seu coração muito afligido pelo dardo da tristeza, se dirigiu a seus dois irmãos, isto é, aqueles dois poderosos guerreiros em carros, os filhos de Madri, dizendo, ‘Vão rapidamente para a divisão de Bhimasena. Rugindo como uma nuvem, Vrikodara está engajado em batalha.’ Sobre outro carro, Nakula, aquele touro entre os guerreiros em carros, e Sahadeva de grande energia, aqueles dois irmãos, aqueles dois subjugadores de inimigos, ambos dotados de grande poder, então procederam em direção a Bhima, levados por corcéis da maior velocidade. De fato, os irmãos tendo ido juntos para a divisão de Bhimasena, tomaram seus lugares lá.'"

64

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso o filho de Drona, cercado por uma grande tropa de carros, ó rei, procedeu de repente para aquele local onde Partha estava. Como o continente resistindo à elevação do oceano, o heróico Partha tendo Saurin

(Krishna) como seu colaborador resistiu a Ashvatthama que avançava impetuosamente. Então, ó monarca, o filho valente de Drona, cheio de raiva, cobriu ambos Arjuna e Vasudeva com suas flechas. Vendo os dois Krishnas cobertos por flechas, os grandes guerreiros em carros (do exército Pandava), como também os Kurus que testemunharam isso, se admiraram muito. Então Arjuna, como se sorrindo, chamou à existência uma arma celeste. O Brahmana Ashvatthama, no entanto, ó Bharata, frustrou aquela arma naquela batalha. De fato, todas aquelas armas que Arjuna disparou pelo desejo de matar o filho de Drona foram frustradas pelo último, aquele arqueiro formidável, naquele combate. Durante a continuação daquela terrível batalha de armas, ó rei, nós vimos o filho de Drona parecer o próprio Destruidor, com boca muito aberta. Tendo coberto todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários, com setas retas, ele perfurou Vasudeva com três flechas no braço direito. Então Arjuna, matando todos os corcéis de seu atacante de grande alma, fez a terra naquela batalha ser coberta com um rio de sangue que era muito horrível e que levava em direção ao outro mundo, e que tinha diversas espécies de criaturas flutuando sobre ele. Todos os espectadores viram um grande número de guerreiros em carros junto com seus carros, pertencentes à divisão de Ashvatthama, mortos e destruídos por meio das flechas disparadas do arco de Partha. Ashvatthama também, matando seus inimigos, fez um rio terrível de sangue fluir lá que levava para os domínios de Yama. Durante a continuação daquela batalha violenta e terrível entre o filho de Drona e Partha, os combatentes lutaram sem mostrar qualquer consideração uns pelos outros, e avançavam para lá e para cá. Em consequência de carros tendo seus corcéis e motoristas mortos, e corcéis tendo seus cavaleiros mortos, e elefantes tendo seus condutores e guias mortos, uma carnificina horrível, ó rei, foi feita por Partha naquela batalha! Guerreiros em carros, privados de vida por flechas disparadas do arco de Partha, caíam. Corcéis livres de seus arreios corriam para lá e para cá. Vendo aquelas façanhas de Partha, aquele ornamento de batalha, aquele filho valente de Drona se aproximou rapidamente do primeiro, aquele principal dos homens vitoriosos, vibrou seu arco formidável decorado com ouro, e então o perfurou de todos os lados com muitas flechas afiadas. Curvando o arco novamente, ó rei, o filho de Drona atingiu Arjuna cruelmente, mirando no peito, com uma flecha alada. Profundamente perfurado pelo filho de Drona, ó Bharata, naquele combate, o manejador do Gandiva, aquele herói de grande inteligência cobriu violentamente o filho de Drona com chuvas de flechas, e então cortou seu arco. Seu arco cortado o filho de Drona então, pegando uma maça com ferrões cujo toque parecia aquele do raio, a arremessou, naquele combate, em Arjuna ornado com diadema. O filho de Pandu, no entanto, ó rei, como se sorrindo, cortou de repente aquela maça com pontas enfeitada com ouro, quanto ela avançava em direção a ele. Assim cortada pelas flechas de Partha, ela caiu no chão, como uma montanha, ó rei, quebrada pedaços, atingida pelo raio. Cheio de raiva nisto, o filho de Drona, aquele grande guerreiro em carro, começou a cobrir Vibhatsu, ajudado pela energia da arma Aindra. Vendo aquela chuva de flechas espalhada sobre o céu pela arma Aindra, Partha, dotado de grande presteza, ó rei, pegando seu arco Gandiva, e fixando na corda do arco uma arma poderosa criada por Indra, destruiu aquelas chuvas de armas Aindra. Tendo desviado aquela chuva de flechas causada pela arma Aindra, Partha logo cobriu o carro do filho de

Drona (com suas próprias flechas). O filho de Drona, no entanto, submerso pelas flechas de Partha atravessou aquela chuva de flechas disparada pelo filho de Pandu, e se aproximando do último, invocou uma arma poderosa e de repente perfurou Krishna com cem flechas e Arjuna com trezentas flechas pequenas. Então Arjuna perfurou o filho de seu preceptor com cem setas em todos os seus membros vitais. E então ele despejou muitas setas nos corcéis e motorista e na corda do arco do filho de Drona na própria vista de teus guerreiros. Tendo perfurado o filho de Drona em todas as partes vitais, o filho de Pandu, aquele matador de heróis hostis, então derrubou o motorista de seu adversário do nicho do carro com uma flecha de cabeça larga. O filho de Drona, no entanto, ele mesmo pegando as rédeas, cobriu Krishna com muitas setas. A ação de destreza que nós então vimos no filho de Drona foi muito extraordinária, já que ele guiou seus corcéis enquanto ele lutava com Phalguni. Aquela façanha dele em batalha, ó rei, foi aplaudida por todos os guerreiros. Então Vibhatsu, também chamado Jaya, sorrindo, cortou rapidamente os arreios dos cavalos de Ashvatthama naquela batalha, com uma flecha de face de navalha. Já afligidos pela energia das flechas de Arjuna, os corcéis do filho de Drona então fugiram. Então um barulho alto se elevou das tuas tropas, ó Bharata! Enquanto isso os Pandavas, tendo obtido a vitória, e desejando melhorar isso, avançaram contra tuas tropas, atirando de todos os lados setas afiadas nelas. A vasta hoste Dhartarashtra, então, ó rei, foi repetidamente dividida pelos heróicos Pandavas inspirados com desejo de vitória, na própria vista, ó monarca, de teus filhos, conhecedores de todos os modos de guerra, e de Shakuni o filho de Subala, e de Karna, ó rei! Embora teus filhos procurassem pará-lo, ó rei, aquele grande exército, afligido por todos os lados, não permaneceu no campo. De fato, uma confusão começou entre a vasta hoste apavorada do teu filho por causa de muitos guerreiros fugindo para todos os lados. O filho de Suta gritava ruidosamente, dizendo 'Fiquem, Fiquem!' mas teu exército, massacrado por muitos guerreiros de grande alma, não ficou no campo. Gritos altos foram proferidos então, ó monarca, pelos Pandavas, inspirados com desejo de vitória, ao verem a hoste Dhartarashtra fugindo para todos os lados. Então Duryodhana se dirigindo a Karna por afeição (disse), 'Veja, ó Karna, como nosso exército, muito atormentado pelos Pandavas, embora tu estejas aqui, está fugindo da batalha! Sabendo disso, ó tu de armas poderosas, faça aquilo que é apropriado para o momento, ó castigador de inimigos! Milhares dos (nossos) guerreiros, derrotados pelos Pandavas, estão, ó herói, chamando por ti somente, ó melhor dos homens!' Ouvindo essas palavras graves de Duryodhana, o filho de Radha, como se sorrindo, disse essas palavras para o soberano dos Madras, 'Observe a destreza dos meus braços e a energia de minhas armas, ó soberano de homens! Hoje eu matarei todos os Pancalas e os Pandavas em batalha! Faça os corcéis procederem com meu carro, ó tigre entre homens! Sem dúvida, tudo será como eu disse!' Tendo dito estas palavras, o filho de Suta de grande coragem, aquele herói, pegando seu antigo e principal dos arcos chamado Vijaya, o encordoou e friccionou a corda repetidamente. Mandando as tropas ficarem no campo depois te tê-las assegurado sobre sua veracidade e por meio de um juramento, o poderoso Karna de alma incomensurável fixou na corda de seu arco a arma conhecida pelo nome de Bhargava. Daquela arma fluíram, ó rei, milhões e milhões de flechas afiadas naquela batalha magnífica. Totalmente encoberto por

aquelas flechas ardentes e aladas com penas de Kankas e pavões, o exército Pandava não podia ver nada. Lamentos altos de dor se elevaram dentre os Pancalas, ó rei, afligidos, naquela batalha, pela poderosa arma Bhargava. Por causa então de elefantes, ó rei, e cavalos, aos milhares, e carros, ó monarca, e homens caindo por todos os lados, privados de vida, a terra começou a tremer. O vasto exército dos Pandavas ficou agitado de uma extremidade à outra. Enquanto isso Karna, aquele opressor de inimigos, aquele principal dos guerreiros, aquele tigre entre homens, enquanto consumindo seus inimigos, parecia resplandecente como um fogo sem fumaça. Assim massacrados por Karna, os Pancalas e os Cedis começaram a perder seus sentidos por todo o campo como elefantes durante um incêndio em uma floresta. Aqueles principais dos homens, ó tigre entre homens, proferiam rugidos altos como aqueles do tigre. Altos se tornaram os lamentos de dor, como aqueles de criaturas vivas na dissolução universal, que foram proferidos por aqueles combatentes gritando em pânico e correndo de modo selvagem para todos os lados, ó rei, do campo de batalha e tremendo com medo. Vendo eles massacrados dessa maneira, ó senhor, pelo filho de Suta, todas as criaturas, até animais e aves, ficaram cheias de medo. Os Srinjayas então, assim massacrados em batalha pelo filho de Suta, repetidamente chamaram por Arjuna e Vasudeva como os espíritos dos mortos dentro dos domínios de Yama chamando por Yama para resgatá-los. Ouvindo aqueles lamentos das tropas massacradas pelas flechas de Karna, e vendo a terrível arma Bhargava chamada à existência o filho de Kunti Dhananjaya disse para Vasudeva essas palavras, 'Contemple, ó Krishna de braços fortes, a destreza da arma Bhargava! Ela não pode, por quaisquer meios, ser frustrada! Veja o filho de Suta também, ó Krishna, cheio de raiva nessa grande batalha e parecendo o próprio Destruidor em bravura e empenhado também em realizar tal feito violento! Incitando seus corcéis incessantemente, ele está repetidamente lançando olhares furiosos sobre mim! Eu nunca serei capaz de fugir de Karna em batalha! A pessoa que está viva pode, em batalha, encontrar ou vitória ou derrota. Para o homem, no entanto, que está morto, ó Hrishikesha, mesmo a morte é vitória. Como a derrota pode ser daquele que está morto?' Assim endereçado por Partha, Krishna respondeu para aquele principal dos homens inteligentes e castigador de inimigos, essas palavras que eram apropriadas para a ocasião, 'O nobre filho de Kunti foi profundamente ferido e mutilado por Karna. Tendo visto ele primeiro e o confortado, tu irás então, ó Partha, matar Karna!' Então Keshava procedeu, desejoso de ver Yudhishthira, pensando que Karna enquanto isso, ó monarca, seria dominado pela fadiga! Então Dhananjaya, ele mesmo desejoso de ver o rei afligido por flechas, procedeu rapidamente naquele carro, evitando a batalha, por ordem de Keshava. Enquanto o filho de Kunti estava assim procedendo pelo desejo de ver o rei Yudhishthira o justo, ele lançou seus olhos em todas as partes do exército, mas fracassou em encontrar seu irmão mais velho em qualquer lugar no campo. O filho de Kunti prosseguiu, ó Bharata, tendo lutado com o filho de seu preceptor Drona, e tendo vencido aquele herói incapaz de ser resistido pelo próprio manejador do raio.'"

65

"Sanjaya disse, 'Tendo derrotado o filho de Drona e realizado um feito poderoso e heróico que era de realização extremamente difícil, Dhananjaya, irresistível por inimigos, e com arco esticado em suas mãos, lançou seus olhos entre suas próprias tropas. O bravo Savyasaci, alegrando aqueles guerreiros dele que ainda estavam lutando na vanguarda de suas divisões e elogiando aqueles entre eles que eram célebres por suas realizações anteriores, fez os guerreiros em carros do seu próprio exército continuarem a permanecer em seus postos. Não vendo seu irmão Yudhishthira da linhagem de Ajamida, o ornado com diadema Arjuna, enfeitado, além disso, com um colar de ouro, se aproximou rapidamente de Bhima e perguntou a ele sobre o paradeiro do rei, dizendo, 'Diga-me, onde está o rei?' Assim questionado, Bhima disse, 'O rei Yudhishthira o justo foi para longe desse local, seus membros chamuscados pelas flechas de Karna. É duvidoso se ele ainda vive!' Ouvindo aquelas palavras, Arjuna disse, 'Por essa razão vá rapidamente desse local para trazer informações do rei, aquele melhor de todos os descendentes de Kuru! Sem dúvida, profundamente perfurado por Karna com flechas, o rei foi para o acampamento! Naquele duelo violento de armas, embora profundamente perfurado por Drona com flechas afiadas, o rei dotado de grande energia ainda tinha permanecido em batalha, expectante de vitória, até que Drona fosse morto! Aquele principal entre os Pandavas, possuidor de grande magnanimidade, foi posto em grande perigo por Karna na batalha de hoje! Para averiguar sua condição, vá até lá rapidamente, ó Bhima! Eu ficarei aqui, reprimindo todos os nossos inimigos!' Assim endereçado, Bhima disse, 'Ó tu de grande glória, vá tu mesmo averiguar a condição do rei, aquele touro entre os Bharatas! Se, ó Arjuna, eu for lá, muitos dos heróis principais então dirão eu estou amedrontado em batalha!' Então Arjuna disse para Bhimasena, 'Os Samsaptakas estão diante da minha divisão! Sem matar aqueles inimigos reunidos primeiro, é impossível para mim me mover deste lugar!' Então Bhimasena disse para Arjuna, 'Confiando na minha própria força, ó principal entre os Kurus, eu lutarei com todos os Samsaptakas em batalha! Portanto, ó Dhananjaya, vá tu mesmo!'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo no meio de inimigos aquelas palavras de seu irmão Bhimasena que eram de realização difícil, Arjuna, desejando ver o rei, dirigiu-se ao herói Vrishni, dizendo, ‘Incite os corcéis, ó Hrishikesha, deixando este mar de tropas! Eu desejo, ó Keshava, ver o rei Ajatasatru!'"

"Sanjaya continuou, 'Exatamente quando ele estava a ponto de incitar os corcéis, Keshava, aquele principal dos Dasharhas, se dirigiu a Bhima, dizendo, 'Essa façanha não é em absoluto extraordinária para ti, ó Bhima! Eu estou prestes a ir (para longe daqui). Mate esses inimigos reunidos de Partha!' Então Hrishikesha procedeu com velocidade muito grande para o local onde o rei Yudhishthira estava, ó rei, levado por aqueles corcéis que pareciam Garuda, tendo colocado Bhima, aquele castigador de inimigos, na vanguarda do exército e o tendo mandado, ó monarca, lutar (com os Samsaptakas). Então aqueles dois principais dos homens, (Krishna e Arjuna), prosseguindo em seu carro, se aproximaram do rei que estava deitado sozinho em seu leito. Ambos deles,

descendo daquele carro, reverenciaram os pés do rei Yudhishthira o justo. Vendo aquele touro de tigres entre homens são e salvo, os dois Krishnas ficaram cheios de alegria, como os gêmeos Ashvinis ao verem Vasava. O rei então felicitou os dois como Vivasvat felicitando os gêmeos Ashvinis, ou como Brihaspati felicitando Sankara e Vishnu depois da morte do poderoso Asura Jambha. O rei Yudhishthira o justo, pensando que Karna tinha sido morto, ficou cheio de alegria, e aquele opressor de inimigos então se dirigiu a eles nessas palavras em uma voz sufocada com deleite.'"

66

"Yudhishthira disse, 'Bem vindo, ó tu que tens Devaki como tua mãe, e boas vindas para ti, ó Dhananjaya! A visão de vocês dois, ó Acyuta e Arjuna, é muito agradável! Eu vejo que sem vocês mesmos serem feridos, vocês dois, seus inimigos, mataram o poderoso guerreiro em carro Karna! Ele era em batalha como uma cobra de veneno virulento. Ele era habilidoso com todas as armas. O líder de todos os Dhartarashtras, ele era sua armadura e protetor! Enquanto lutando ele era sempre protegido por Vrishasena e por Sushena, ambos os quais são grandes arqueiros! De grande energia, ele tinha recebido aulas de Rama em armas! Ele era invencível em batalha! O mais importante em todo o mundo, como um guerreiro em carro ele era célebre por todos os mundos. Ele era o salvador dos Dhartarashtras, e aquele que procedia em sua vanguarda! Um matador de tropas hostis, ele era o subjugador de grandes grupos de inimigos. Sempre dedicado ao bem de Duryodhana, ele estava sempre preparado para infligir aflições sobre nós! Ele era invencível em batalha pelos próprios deuses com Vasava em sua dianteira. Em energia e poder ele era igual ao deus do fogo e ao deus do vento. Em gravidade ele era insondável como o mundo Inferior. O aumentador das alegrias de amigos, ele era como o próprio Destruidor para inimigos! Tendo matado Karna (que era assim mesmo) em batalha terrível, por boa sorte é que vocês dois vieram, como um par de celestiais depois de derrotar um Asura! Hoje, ó Acyuta e Arjuna, uma grande batalha foi lutada entre eu mesmo me esforçando com poder e aquele herói parecendo o próprio Destruidor, enquanto procurando exterminar todas as criaturas! Meu estandarte foi derrubando, e meus dois motoristas Parshni também foram mortos por ele. Eu também fui feito sem cavalos e sem carro por ele na própria vista de Yuyudhana, de Dhrishtadyumna, dos gêmeos (Nakula e Sahadeva), do heróico Shikhandi, como também diante dos filhos de Draupadi, e todos os Pancalas! Tendo derrotado aqueles inimigos incontáveis, Karna de energia poderosa então me derrotou, ó tu de armas poderosas, embora eu me esforçasse resolutamente em batalha! Perseguindo-me então e sem dúvida, subjugando todos os meus protetores, aquele principal dos guerreiros se dirigiu a mim em diversas palavras rudes. Que eu ainda esteja vivo, ó Dhananjaya, é devido à coragem de Bhimasena. O que eu preciso dizer mais? Eu não posso tolerar aquela humilhação! Por treze anos, ó Dhananjaya, por medo de Karna, eu não tive qualquer sono à noite ou qualquer conforto de dia! Cheio de ódio de Karna, eu queimo, ó Dhananjaya! Como a ave Vaddhrinasa eu fugi de Karna, sabendo que a hora da minha própria destruição tinha chegado. Todo o

meu tempo (eu) tinha passado pensando a respeito de como eu realizaria a destruição de Karna em batalha! Acordado ou dormindo, ó filho de Kunti, eu sempre via Karna (com a visão da minha mente). Onde quer que eu estivesse, o universo me parecia estar cheio de Karna! Inspirado com medo de Karna, onde quer que eu costumasse ir, ó Dhananjaya, lá eu via Karna permanecendo diante de meus olhos! Vencido em batalha, com meus corcéis e carro, por aquele herói que nunca se retirou da batalha, vivo eu fui deixado ir por ele! Que necessidade eu tenho da vida ou do reino, uma vez que Karna, aquele ornamento de batalha, hoje gritou 'Que vergonha!' para mim? Aquilo que eu nunca antes tinha encontrado nas mãos de Bhishma ou Kripa ou Drona em batalha, aquilo eu encontrei hoje nas mãos do filho de Suta, aquele poderoso guerreiro em carro! É por isso, ó filho de Kunti, que eu te pergunto hoje acerca do teu bem-estar! Conte-me em detalhes como tu mataste Karna hoje! Em batalha Karna era igual ao próprio Sakra. Em destreza ele era igual a Yama. Em armas ele era igual a Rama. Como então ele foi morto? Ele era considerado como um poderoso guerreiro em carro, conhecedor de todos os modos de guerra. Ele era o principal de todos os arqueiros, e o único homem entre todos os homens! Ó príncipe, o filho de Radha era sempre reverenciado por Dhritarashtra e seu filho, por tua causa! Como então ele foi morto por ti? Em todos os combates, o filho de Dhritarashtra, ó Arjuna, costumava considerar Karna como tua morte, ó touro entre homens! Como então, ó tigre entre homens, aquele Karna foi morto por ti em batalha? Diga-me, ó filho de Kunti, como que Karna foi morto por ti! Como, enquanto ele estava engajado em batalha, tu, ó tigre entre homens, cortaste sua cabeça na própria vista de todos os seus amigos como um tigre arrancando a cabeça de um veado ruru? Aquele filho de Suta que em batalha examinava todos os pontos do horizonte para te achar, aquele Karna que tinha prometido dar um carro com seis touros de proporções elefantinas para aquele que te apontasse, eu pergunto: aquele Karna de alma perversa jaz hoje na terra nua, morto com tuas flechas afiadas equipadas com penas kanka? Tendo matado o filho de Suta em batalha, tu realizaste um ato muito agradável para mim! O enfrentando em batalha, tu realmente mataste aquele filho de Suta, que, cheio de arrogância e orgulho e se gabando de seu heroísmo, costumava procurar por ti em todos os lugares no campo de batalha? Tu, ó senhor, realmente mataste em batalha aquele canalha pecaminoso que costumava sempre te desafiar e que estava desejoso por tua causa de dar para outros um carro magnífico, feito de ouro junto com vários elefantes e touros e corcéis? Tu realmente mataste hoje aquele sujeito pecaminoso que era muito querido para Suyodhana, e que, embriagado com orgulho de heroísmo, costumava sempre se gabar na assembléia dos Kurus? Enfrentado em batalha, aquele desgraçado jaz hoje no campo, seus membros extremamente mutilados por flechas percorredoras do céu disparadas por ti do teu arco e todas molhadas em sangue? Os dois braços do filho de Dhritarashtra foram (finalmente) quebrados? Foram não cumpridas aquelas palavras, proferias por tolice por ele que, cheio de orgulho, costumava sempre contar vantagem no meio dos reis para alegrar Duryodhana, dizendo, 'Eu matarei Phalguna'? Ó filho de Indra, aquele Karna de pouca compreensão foi morto por ti hoje, aquele filho de Suta que fez o voto que ele não lavaria seus pés enquanto Partha vivesse? Aquele Karna de mente má que na assembléia; diante dos chefes Kuru, tinha se dirigido a Krishna, dizendo, 'Por que, ó Krishna, tu não abandonas

os Pandavas que estão privados de poder, extremamente fracos, e decaídos?' Aquele Karna que tinha jurado por tua causa, dizendo que ele não voltaria da batalha sem ter matado Krishna e Partha, eu pergunto, aquele Karna de mente pecaminosa jaz hoje no campo, seu corpo perfurado com flechas? Tu conheces a natureza da batalha que ocorreu quando os Srinjayas e os Kauravas enfrentaram uns aos outros, a batalha na qual eu fui levado àquela situação infeliz. Enfrentando aquele Karna, tu o mataste hoje? Ó Savyasaci, tu hoje, com flechas ardentes disparadas do Gandiva, cortaste do tronco daquele Karna de mente má sua cabeça resplandecente enfeitada com brincos? Perfurado pelas flechas de Karna hoje, eu tinha, ó herói, pensado em ti (que tu o matarias)! Tu então, pela morte de Karna, tornaste verdadeiro aquele pensamento? Por causa da proteção concedida a ele por Karna, Suyodhana, cheio de orgulho, sempre fez pouco caso de nós. Mostrando tua destreza, tu hoje destruíste aquele amparo de Suyodhana? Aquele filho de Suta de alma perversa, aquele Karna de grande ira, que tinha antigamente, no meio da assembléia dos Kauravas, nos chamado de sementes de gergelim sem núcleo, enfrentando aquele Karna em batalha, tu mataste ele hoje? Aquele filho de Suta de alma perversa que, dando risada, tinha mandado Duhshasana arrastar à força a filha de Yajnasena ganha no jogo pelo filho de Subala, foi morto hoje por ti? Aquele Karna de pouca compreensão que, tendo sido contado como só meio guerreiro em carro durante a contagem de rathas e atirathas, tinha criticado aquele principal de todos os manejadores de armas sobre a Terra, nosso avô Bhishma, ele foi morto por ti? Extinga, ó Phalguna, este fogo em meu coração que é nascido do sentimento de vingança e é atiçado pelo vento da humilhação, por me dizer que tu mataste Karna hoje, tendo enfrentado ele em batalha! A notícia da morte de Karna é muito agradável para mim. Diga-me, portanto, como o filho de Suta foi morto! Como o divino Vishnu esperando pela chegada de Indra com as informações da morte de Vritra, eu tinha até agora esperado por ti, ó herói!'

67

"Sanjaya disse, 'Ouvindo estas palavras do rei virtuoso que tinha estado cheio de raiva, aquele atiratha de grande alma, Jishnu de energia infinita, respondeu para o invencível Yudhishthira de grande poder, dizendo, 'Enquanto lutando com os Samsaptakas hoje, o filho de Drona que sempre procede na dianteira das tropas Kuru, ó rei, chegou de repente diante de mim, disparando flechas que pareciam cobras de veneno virulento. Vendo meu carro, de estrépito profundo como o ribombo das nuvens, todas as tropas começaram a cercá-lo. Matando quinhentos daqueles, eu então, ó principal dos reis, procedi contra o filho de Drona. Se aproximando de mim, ó rei, aquele herói com grande resolução avançou contra mim como um príncipe de elefantes contra um leão, e desejou resgatar, ó monarca, os guerreiros em carros Kaurava que estavam sendo massacrados por mim. Então, naquela batalha, ó Bharata, o filho do preceptor, aquele principal dos heróis entre os Kurus, incapaz de ser feito tremer, começou a afligir a mim e Janardana com flechas afiadas parecendo veneno ou fogo. Enquanto envolvido em batalha comigo, oito carroças, cada uma puxada por oito

bois, carregavam suas centenas de flechas. Ele as atirava todas em mim, mas como um vento destruindo as nuvens eu destruí com minhas flechas aquela chuva de flechas dele. Ele então disparou em mim, com habilidade e força e resolução, milhares de outras flechas, todas disparadas da corda de seu arco esticada até sua própria orelha, assim como uma nuvem negra na estação das chuvas despejando em torrentes a água com a qual ela está carregada. Tão rapidamente o filho de Drona se movia naquela batalha que nós não podíamos perceber de qual lado, o esquerdo ou o direito, ele disparava suas flechas, nem nós podíamos notar quando ele pegava suas flechas e quando ele as disparava. De fato, o arco do filho de Drona era visto por nós incessantemente puxado a um círculo. Finalmente, o filho de Drona me perfurou com cinco flechas afiadas e Vasudeva também com cinco flechas afiadas. Num piscar de olhos, no entanto, eu o afligi com a força de raios. Muito afligido com aquelas flechas disparadas por mim, ele logo assumiu a forma de um porco-espinho. Todos os seus membros ficaram banhados em sangue. Vendo suas tropas, aqueles principais dos guerreiros todos cobertos com sangue e subjugados por mim, ele então entrou na divisão de carros do filho de Suta. Vendo as tropas dominadas por mim em batalha, e tomadas pelo medo, e vendo os elefantes e corcéis fugindo, aquele opressor (de hostes hostis), isto é, Karna, se aproximou de mim rapidamente com cinquenta grandes guerreiros em carros. Matando eles todos e evitando Karna, eu vim rapidamente para cá para te ver. Todos os Pancalas estão afligidos com medo à visão de Karna como gado pelo cheiro de um leão. Os Prabhadrakas também, ó rei, tendo se aproximado de Karna, são como pessoas que entraram nas largas mandíbulas abertas da Morte. Karna já despachou para a residência de Yama mil e setecentos daqueles guerreiros em carros aflitos. De fato, ó rei, o filho de Suta não ficou desanimado até que ele teve uma visão de nós. Tu tinhas primeiro estado envolvido em combate com Ashvatthama e (foste) extremamente mutilado por ele. Eu soube que depois tu foste visto por Karna. Ó tu de façanhas inconcebíveis, eu pensei que tu estarias, ó rei, desfrutando de descanso (no acampamento), tendo te afastado do cruel Karna. Eu vi, ó filho de Pandu, a grandiosa e extraordinária arma (Bhargava) de Karna mostrada na vanguarda da batalha. Não há agora outro guerreiro entre os Srinjayas que é capaz de resistir ao poderoso guerreiro em carro Karna. Que o neto de Sini Satyaki e Dhrishtadyumna, ó rei, sejam os protetores das rodas do meu carro. Que os heróicos príncipes Yudhamanyu e Uttamauja protejam minha retaguarda. Ó tu de grande glória, enfrentando aquele heróico e invencível guerreiro em carro, isto é, o filho de Suta, que está no exército hostil, como Sakra enfrentando Vritra, ó principal dos reis, eu irei, ó Bharata, lutar com o filho de Suta se ele puder ser encontrado nessa batalha hoje. Venha e veja eu e o filho de Suta lutando um com o outro em batalha pela vitória. Lá, os Prabhadrakas estão avançando para frente de um touro poderoso. Lá, ó Bharata, 6.000 príncipes estão se sacrificando em batalha hoje, pelo céu. Se, aplicando minha força, eu, ó rei, não matar Karna hoje com todos os seus parentes enquanto engajado em batalha com ele, então aquele fim será meu, ó leão entre reis, o qual é daquele que não cumpre uma promessa feita por ele. Eu te peço, abençoe-me, dizendo que a vitória será minha em batalha. Lá, os Dhartarashtras estão prestes a devorar Bhima. Eu irei, ó leão entre reis, matar o filho de Suta e suas tropas e todos os nossos inimigos!'

68

"Sanjaya disse, 'Ouvindo que Karna de energia poderosa ainda estava vivo, o filho de Pritha Yudhishthira de energia incomensurável, extremamente zangado com Phalguna e queimando com as flechas de Karna, disse essas palavras para Dhananjaya, 'Ó senhor, teu exército fugiu e tem sido derrotado de uma maneira que mal é honrada! Inspirado com medo e abandonando Bhima, tu vieste para cá já que tu foste incapaz de matar Karna. Tu, por entrares no útero dela, tornaste a concepção de Kunti malograda. Tu agiste impropriamente por abandonar Bhima, porque tu foste incapaz de matar o filho de Suta. Tu, ó Partha, disseste para mim nas florestas Dwaita que tu irias, em um único carro, matar Karna. Por que, então, por medo de Karna tu vieste para cá, evitando Karna e abandonando Bhima? Se nas florestas Dwaita tu tivesses me dito, 'Ó rei, eu não poderei lutar com Karna,' nós teríamos então, ó Partha, feito outros planos adequados às circunstâncias. Tendo me prometido a morte de Karna, tu, ó herói, não mantivesses aquela promessa. Nos trazendo para o meio de inimigos, por que tu nos quebraste em pedaços por nos jogar no chão no solo duro? Esperando diversas coisas boas e benefícios de ti, ó Arjuna, nós sempre proferimos bênçãos sobre ti. Todas aquelas expectativas, no entanto, ó príncipe, demonstraram ser vãs como aquelas de pessoas expectantes de frutos obtendo em vez de disso uma árvore carregada somente com flores! Como um anzol escondido dentro de um pedaço de carne, ou veneno coberto com alimento, tu, por nos desapontar finalmente, mostraste destruição na forma de reino para nós cobiçosos de reino! Por estes treze anos, ó Dhananjaya, nós temos, por esperança, vivido confiando em ti, como sementes semeadas na terra na expectativa de chuvas enviadas pelos deuses na estação! Essas mesmas foram as palavras que uma voz nos céus disse para Pritha no sétimo dia depois do teu nascimento, ó tu de mente insensata! 'Este teu filho que nasceu terá a destreza do próprio Vasava! Ele derrotará todos os seus inimigos heróicos! Dotado de energia superior, ele em Khandava derrotará todos os celestiais reunidos e diversas outras criaturas. Ele subjugará os Madras, os Kalingas, e os Kaikeyas. Ele irá, no meio de muitos reis, matar os Kurus. Não haverá arqueiro superior a ele, e nenhuma criatura jamais será capaz de derrotá-lo. Com seus sentidos sob controle, e tendo obtido domínio sobre todos os ramos de conhecimento, ele, por meramente desejar isso, trará todas as criaturas sob submissão a ele mesmo. Este filho de grande alma que nasceu de ti, ó Kunti, em beleza será o rival de Soma, em velocidade do deus do vento, em paciência de Meru, em perdão da Terra, em esplendor de Surya, em prosperidade do Senhor dos tesouros, em coragem de Sakra, e em poder de Vishnu. Ele será o matador de todos inimigos como Vishnu, o filho de Aditi. Dotado de energia incomensurável, ele será célebre pela destruição que ele dará para inimigos e pelo sucesso que ele ganhará para os amigos. Ele, além disso, será o fundador de uma linhagem!' Assim mesmo, nos céus, no topo das montanhas Satasringa, na audição de muitos ascetas, aquela voz falou. Tudo aquilo, no entanto, não veio a se passar. Ai, isso mostra que até os deuses podem falar mentiras! Ouvindo também as palavras de louvor sempre proferidas sobre ti por muitos dos principais

Rishis, eu nunca esperei que Suyodhana obtivesse êxito e prosperidade ou que tu mesmo ficarias aflito com medo de Karna! Tu és conduzido sobre um carro excelente construído pelo próprio artífice celeste, com eixos que não rangem, e com estandarte que porta o macaco. Tu tens uma espada amarrada ao teu cinto de ouro e seda. Este teu arco Gandiva tem seis cúbitos de comprimento. Tu tens Keshava como teu motorista. Por que, então, por medo de Karna tu foste embora da batalha, ó Partha? Se, ó tu de alma má, tu tivesses dado esse arco a Keshava e se tornado seu motorista, então Keshava poderia ter (nesse meio tempo) matado o feroz Karna como o senhor do Maruts (Sakra) matando com seu raio o Asura Vritra. Se tu és incapaz de resistir ao filho feroz de Radha hoje, quando ele está se movendo rapidamente em batalha, dê este teu Gandiva hoje para algum outro rei, que possa ser teu superior (no uso e conhecimento de) armas. Se isso for feito, o mundo então não nos verá privados de filhos e esposas, privados de felicidade por causa da perda do reino, e caídos, ó filho de Pandu, em um inferno insondável de grande miséria. Teria sido melhor para ti se tu nunca tivesses nascido no útero de Kunti, ou tendo tido teu nascimento lá, se tu tivesses saído no quinto mês (em) um aborto, do que ter, ó príncipe, fugido da batalha dessa maneira, ó tu de alma perversa! Que vergonha para teu Gandiva, que vergonha para o poder de tuas armas, que vergonha para tuas flechas inesgotáveis! Que vergonha para o teu estandarte com o macaco gigantesco nele, e que vergonha para teu carro dado a ti pelo deus do fogo!'"

69

"Sanjaya disse, 'Assim endereçado por Yudhishthira, o filho de Kunti possuindo cavalos brancos, cheio de raiva, puxou sua espada para matar aquele touro da raça Bharata. Vendo sua fúria, Keshava, conhecedor das operações do coração (humano) disse, 'Por que, ó Partha, tu puxas tua espada? Eu não vejo, ó Dhananjaya, ninguém aqui com quem tu tens que lutar! Os Dhartarashtras agora foram atacados pelo inteligente Bhimasena. Tu vieste da batalha, ó filho de Kunti, para ver o rei. O rei foi visto por ti. De fato, Yudhishthira está bem. Tendo visto aquele tigre entre reis que é dotado de destreza igual àquela de um tigre, por que essa insensatez em uma hora quando tu deves te regozijar? Eu não vejo aqui, ó filho de Kunti, a pessoa a quem tu possas matar. Por que então tu desejas golpear? O que é essa ilusão da tua mente? Por que tu, com tal velocidade, pegas essa espada formidável? Eu te pergunto isso, ó filho, de Kunti! O que é que tu estás prestes a (fazer), visto que, ó tu de destreza inconcebível, tu apertas essa espada com raiva?' Assim endereçado por Krishna, Arjuna, lançando seus olhos em Yudhishthira, e respirando como uma cobra enfurecida, disse para Govinda, 'Eu cortaria a cabeça daquele homem que me dissesse: 'Dê teu Gandiva para outra pessoa.' Esse mesmo é meu voto secreto. Aquelas palavras foram faladas por este rei, ó tu de destreza imensurável, na tua presença, ó Govinda! Eu não ouso perdoá-las. Eu irei por isso matar este rei que teme a mais leve queda de virtude. Matando este melhor dos homens, eu manterei meu voto. É por isso que eu puxei a espada, ó alegrador dos Yadus. Eu mesmo, matando Yudhishthira, saldarei minha dívida com a verdade. Por meio disso eu dissiparei minha dor e

perturbação de espírito, ó Janardana. Eu te pergunto, o que você acha apropriado para as circunstâncias que surgiram? Tu, ó senhor, conheces todo o passado e o futuro deste universo. Eu farei o que tu me disseres.'"

"Sanjaya continuou, 'Govinda então disse, 'Que vergonha, que vergonha,' para Partha e mais uma vez continuou a falar, 'Eu agora sei, ó Partha, que tu não serviste os idosos, já que, ó tigre entre homens, tu cedeste à ira em um momento quando tu não deverias ter feito isso. Ninguém que conheça as distinções de moralidade agiria da maneira, ó Dhananjaya, na qual tu, ó filho de Pandu, que não és familiarizado com elas, estás agindo hoje! Ó Partha, é o pior dos homens aquele que comete atos que não devem ser feitos e que faz ações que são aparentemente apropriadas mas condenadas pelas escrituras. Tu não conheces as decisões daqueles homens eruditos que, servidos por pupilos, declaram suas opiniões, seguindo os ditames de moralidade. O homem que não conhece aqueles pareceres fica confuso e estupefato, ó Partha, assim como tu ficaste estupefato em discriminar entre o que deve ser feito e o que não se deve. O que deve ser feito e o que não se deve não pode ser averiguado facilmente. Tudo pode ser averiguado pela ajuda das escrituras. Tu, no entanto, não conheces as escrituras. Já que (te julgando) familiarizado com moralidade, tu estás desejoso de observar moralidade (dessa maneira, parece) que tu estás influenciado pela ignorância. Tu te julgas familiarizado com virtude, mas tu não sabes, ó Partha, que a matança de criaturas vivas é um pecado. Abstenção de ferir animais é, eu penso, a maior virtude. Uma pessoa pode até falar uma inverdade, mas ela nunca deve matar. Como então, ó principal dos homens, tu podes desejar, como uma pessoa medíocre, matar teu irmão mais velho, o Rei, que é familiarizado com moralidade? Matar uma pessoa não envolvida em combate, ou um inimigo, ó Bharata, que desviou seu rosto da batalha ou que foge ou procura proteção ou junta suas mãos ou se entrega ou está desatento, nunca é aprovado pelos justos. Todos esses atributos se encontram no teu superior. Esse voto, ó Partha, foi adotado por ti antes por tolice. Por causa daquele voto tu estás agora, por insensatez, desejoso de cometer uma ação pecaminosa. Por que, ó Partha, tu avanças em direção ao teu superior venerável para matá-lo, sem teres analisado o curso extremamente sutil de moralidade que é, além disso, difícil de ser compreendido? Eu agora te direi, ó filho de Pandu, este mistério relacionado com moralidade, este mistério que foi declarado por Bhishma, pelo virtuoso Yudhishthira, por Vidura também chamado Kshatri, e por Kunti de grande celebridade. Eu te direi aquele mistério em todos os seus detalhes. Ouça, ó Dhananjaya! Alguém que fala a verdade é virtuoso. Não há nada superior à verdade. Veja, no entanto, a sinceridade como praticada é muito difícil de ser compreendida em relação aos seus atributos essenciais. A verdade pode ser indizível, e até a mentira pode ser dizível onde mentira se tornaria verdade e verdade se tornaria mentira. Em uma situação de perigo para a vida e em casamento, a mentira se torna dizível. Em uma situação envolvendo a perda da propriedade inteira de uma pessoa, a mentira se torna dizível. Em uma ocasião de casamento, ou de desfrutar de uma mulher, ou quando a vida está em perigo, ou quando a propriedade inteira de alguém está prestes a ser roubada, ou por causa de um Brahmana, a mentira pode ser proferida. Estas cinco espécies de mentira são declaradas como sendo sem

pecado. Nessas ocasiões a mentira se tornaria verdade e a verdade se tornaria mentira. É um tolo aquele que pratica a veracidade sem saber a diferença entre verdade e mentira. Uma pessoa é citada como estando familiarizada com a moralidade quando ela é capaz de distinguir entre verdade e mentira. É de admirar então que um homem de sabedoria, por cometer até uma ação cruel, possa obter grande mérito como Valaka pela matança da besta cega? É de admirar, além disso, que uma pessoa tola e ignorante, mesmo pelo desejo de obter mérito, ganhe grande pecado como Kausika (vivendo) entre os rios?'"

"Arjuna disse, 'Conte-me, ó santo, essa história para que eu possa entender isso, isto é, esta ilustração sobre Valaka e sobre Kausika (vivendo) entre rios.'"

"Vasudeva disse, 'Havia certo caçador de animais, ó Bharata, de nome Valaka. Ele costumava, para o sustento de seu filho e esposas e não por vontade, matar animais. Dedicado aos deveres de sua própria ordem e sempre falando a verdade e nunca nutrindo malícia, ele costumava também sustentar seus pais e outros que dependiam dele. Um dia, procurando por animais mesmo com perseverança e atenção, ele não encontrou nenhum. Finalmente ele viu um animal predador cujo sentido de olfato substituía o defeito de seus olhos, ocupado em beber água. Embora ele nunca tivesse visto tal animal antes, ainda assim ele o matou imediatamente. Depois da morte daquela besta cega, uma chuva de flores caiu dos céus (sobre a cabeça do caçador). Um carro celeste também, muito encantador e ressoando com as canções de Apsaras e a música de seus instrumentos, veio do céu para levar aquele caçador de animais. Aquele animal predador, tendo praticado austeridades ascéticas, tinha obtido um benefício e se tornado a causa da destruição de todas as criaturas. Por essa razão ele foi feito cego pelo Nascido por Si Mesmo. Tendo matado aquele animal que tinha resolvido matar todas as criaturas, Valaka foi para o céu. A moralidade é assim mesmo difícil de ser entendida. Havia um asceta de nome Kausika sem muito conhecimento das escrituras. Ele vivia em um local muito afastado de uma aldeia, em um ponto onde muitos rios se encontravam. Ele fez um voto, dizendo, 'Eu devo sempre falar a verdade.' Ele então se tornou célebre, ó Dhananjaya, como um falador da verdade. Naquela época certas pessoas, por medo de ladrões, entraram naquela floresta (onde Kausika morava). Lá mesmo, os ladrões, cheios de raiva, procuraram por elas cuidadosamente. Se aproximando de Kausika, aquele falador da verdade, eles o questionaram dizendo, 'Ó santo, por qual caminho uma multidão de homens foi pouco tempo antes? Perguntado em nome da Verdade, nos responda. Se tu viste eles, nos diga isto.' Assim intimado, Kausika lhes falou a verdade, dizendo, 'Aqueles homens entraram nesse bosque repleto de muitas árvores e trepadeiras e plantas.' Assim mesmo, ó Partha, Kausika lhes deu a informação. Então aqueles homens cruéis, isto é conhecido, descobrindo as pessoas que eles procuravam, mataram todas elas. Por causa daquele grande pecado consistindo nas palavras faladas, Kausika, ignorante das sutilezas da moralidade, caiu em um inferno atroz, assim como um homem tolo, de pouco conhecimento, e não familiarizado com as distinções de moralidade, cai em um inferno doloroso por não ter questionado pessoas de idade para a solução de suas dúvidas. Deve haver algumas indicações para distinguir virtude de pecado.

Às vezes aquele conhecimento superior e inatingível pode ser obtido pelo exercício da razão. Muitas pessoas dizem, por um lado, que as escrituras indicam a moralidade. Eu não contradigo isso. As escrituras, no entanto, não previnem para todos os casos. Para o crescimento das criaturas os preceitos de moralidade tem sido declarados. Aquilo que está relacionado com inofensividade é religião. Dharma protege e preserva as pessoas. Dessa maneira é a conclusão dos Pandits que o que mantém é Dharma. Ó Partha, eu narrei para você os sinais e indicações de Dharma. Ouvindo isso, você decide se Yudhishthira deve ser morto por você ou não.' Arjuna disse, 'Krishna, suas palavras são repletas de grande inteligência e saturadas de sabedoria. Tu és para nós como nossos pais e nosso refúgio. Nada é desconhecido para ti nos três mundos, assim tu és familiarizado com as regras de moralidade. Ó Keshava do clã Vrishni, tu conheces meu voto que quem quer que entre os homens me diga, 'Partha, dê teu Gandiva para algum alguém mais corajoso do que você,' eu imediatamente porei um fim à sua vida. Bhima também fez uma promessa que quem quer que o chame de 'tularak', seria morto imediatamente por ele. Agora o Rei repetidamente usou aquelas exatas palavras para mim na tua presença, ó herói, isto é, 'Dê teu arco.' Se eu o matar, ó Keshava, eu não poderei viver nesse mundo nem por um momento. Tendo pretendido, além disso, matar o rei por loucura e perda das minhas faculdades mentais, eu fui poluído pelo pecado. Cabe a ti hoje, ó principal de todas as pessoas justas, me dar conselhos para que meu voto, conhecido por todo o mundo, possa se tornar verdadeiro enquanto ao mesmo tempo eu mesmo e o filho mais velho de Pandu possamos viver.'"

"Vasudeva disse, 'O rei estava fatigado, e sob a influência da dor. Ele foi mutilado em batalha por Karna com numerosas flechas. Depois disso, ó herói, ele foi repetidamente atingido pelo filho de Suta (com suas setas), enquanto ele estava se retirando da batalha. Foi por isso que, sofrendo sob uma carga de tristeza, ele falou aquelas palavras impróprias para ti em fúria. Ele te provocou por aquelas palavras para que tu pudesses matar Karna em batalha. O filho de Pandu sabe que o infame Karna é incapaz de ser resistido por alguém mais no mundo (exceto tu). Foi por isso, ó Partha, que o rei em grande cólera disse aquelas palavras duras para teu rosto. A aposta no jogo da batalha de hoje se encontra no sempre atento e sempre insuportável Karna. Aquele Karna sendo morto, os Kauravas necessariamente estarão vencidos. Isso mesmo é que o filho real de Dharma tinha pensado. Por isso o filho de Dharma não merece a morte. Teu voto também, ó Arjuna, deve ser mantido. Escute agora os meus conselhos que serão agradáveis para ti, conselhos em consequência dos quais Yudhishthira sem ser realmente privado de vida ainda pode ser morto. Enquanto alguém que é digno de respeito continua a receber respeito, ele é citado como vivendo no mundo dos homens. Quando, no entanto, tal pessoa encontra desrespeito, ele é mencionado como alguém que está morto embora vivo. Este rei sempre foi respeitado por ti e por Bhima e os gêmeos, como também por todos os heróis e todas as pessoas no mundo que são veneráveis por idade. Em alguma insignificância então lhe mostre desrespeito. Portanto, ó Partha, te dirija a este Yudhishthira como 'tu' quando seu tratamento usual é 'Vossa Senhoria.' Um superior, ó Bharata, por ser endereçado como 'tu' é morto embora não privado de vida. Te comporte dessa maneira, ó filho

de Kunti, em direção ao rei Yudhishthira, o justo. Adote esse comportamento censurável, ó perpetuador da linhagem de Kuru! Esta melhor audição de todas as audições foi declarada por ambos: Atharvan e Angiras. Homens desejando bem devem sempre agir dessa maneira sem escrúpulos de qualquer tipo. Sem ser privado de vida um superior ainda é citado como estando morto se aquele venerável for endereçado como 'tu.' Conhecedor do dever como tu és, dirija-te ao rei Yudhishthira o justo da maneira que eu indiquei. Essa morte, ó filho de Pandu, nas tuas mãos, o rei Yudhishthira nunca irá considerar como uma ofensa cometida por ti. Tendo te dirigido a ele dessa maneira, tu podes então adorar seus pés e falar palavras de respeito para este filho de Pritha e acalmar sua honra ferida. Teu irmão é sábio. O nobre filho de Pandu, portanto, nunca ficará zangado contigo. Livre da mentira como também do fratricídio, tu irás então, ó Partha, matar alegremente o filho de Suta Karna!'"

70

"Sanjaya disse, 'Assim endereçado por Janardana, o filho de Pritha Arjuna, aprovando aqueles conselhos de seu amigo, então se dirigiu veementemente ao rei Yudhishthira o justo, em linguagem que era ríspida e semelhante à qual ele nunca tinha usado antes.'"

"Arjuna disse, 'Ó rei, não dirija essas repreensões a mim, tu que estás passando teu tempo duas milhas completas longe da batalha. Bhima, no entanto, que está lutando com os principais heróis do mundo pode me repreender. Tendo afligido seus inimigos na hora apropriada em batalha, e matado muitos bravos senhores de terra e muitos dos principais guerreiros em carros e elefantes enormes e muitos cavaleiros heróicos e inúmeros bravos combatentes, ele, além do mais, matou 1.000 elefantes e 10.000 montanheses Kamboja, e está proferindo rugidos altos em batalha como um leão depois de matar inúmeros animais menores. Aquele herói realiza as façanhas mais difíceis, iguais às quais tu nunca podes realizar. Saltando de seu carro, maça na mão, ele destruiu um grande número de cavalos e carros e elefantes em batalha. Com sua principal das espadas também ele tem destruído muitos cavaleiros e carros e corcéis e elefantes. Com os membros quebrados de carros, e com seu arco também, ele consome seus inimigos. Dotado da bravura de Indra, com seus pés e também seus braços nus ele mata numerosos inimigos. Possuidor de grande poder e parecendo Kuvera e Yama, ele destrói o exército hostil, aplicando sua força. Aquele Bhimasena tem o direito de me repreender, mas não tu que és sempre protegido por amigos. Agitando os principais dos guerreiros em carros e elefantes e corcéis e soldados de infantaria, Bhima, sem ajuda, está agora no meio dos Dhartarashtras. Aquele castigador de inimigos tem o direito de me repreender. Aquele castigador de inimigos que está matando os Kalingas, os Vangas, os Angas, os Nishadas, e os Magadhas, e grande número de elefantes hostis que estão sempre furiosos e que parecem com massas de nuvens azuis, é competente para me repreender. Sendo levado em um carro adequado, vibrando seu arco no momento apropriado, e com flechas na sua (outra) mão, aquele herói derrama

chuvas de flechas em grande batalha como as nuvens despejando torrentes de chuva. Oitocentos elefantes, eu vi, com seus globos frontais partidos e as extremidades de suas presas cortadas, foram hoje mortos por Bhima com flechas em batalha. Aquele matador de inimigos é competente para me dizer palavras duras. Os eruditos dizem que a força dos principais dos Brahmanas se encontra nas palavras, e que a força do Kshatriya está em seus braços. Tu, ó Bharata, és forte em palavras e muito insensível. Tu achas que eu sou como tu mesmo. Eu sempre me esforço para te fazer bem com minha alma, vida, filhos e esposas. Já que, apesar de tudo isso, tu ainda me perfuraste com tais dardos verbais, é evidente que nós não podemos esperar qualquer felicidade de ti. Deitado na cama de Draupadi tu me insultaste, embora por tua causa eu mate os mais poderosos dos guerreiros em carros. Tu não tens qualquer ansiedade, ó Bharata, e tu és cruel. Eu nunca obtive alguma felicidade de ti. Foi para o teu bem, ó chefe de homens, que Bhishma, firmemente devotado à verdade, ele mesmo te disse os meios de sua morte em batalha, e foi morto pelo heróico Shikhandi de grande alma, o filho de Drupada, protegido por mim. Eu não derivo qualquer prazer do pensamento da tua restauração à soberania, já que tu és viciado na má prática do jogo. Tendo tu mesmo cometido uma ação pecaminosa à qual são afeitos somente aqueles que são inferiores, tu desejas agora derrotar teus inimigos através da nossa ajuda. Tu ouviste a respeito das numerosas faltas e da grande pecaminosidade do jogo de dados sobre os quais Sahadeva falou. Porém os dados, que são adorados pelos vis, tu não pudeste abandonar. Foi por isso que todos nós caímos no inferno. Nós nunca derivamos alguma felicidade de ti já que tu estavas ocupado em jogar com dados. Tendo, ó filho de Pandu, tu mesmo causado toda esta calamidade, tu estás, além disso, endereçando essas palavras duras a mim. Massacradas por nós, tropas hostis estão jazendo no campo, com corpos mutilados e proferindo lamentos altos. Foste tu que fizeste aquele ato cruel em consequência do qual os Kauravas se tornaram ofensores e estão sendo destruídos. Raças do Norte, do Oeste, do Leste, e do Sul, estão sendo atacadas, feridas e mortas, depois da realização de feitos incomparáveis em batalha por grandes guerreiros de ambos os lados. Foste tu que jogaste. Foi por tua causa que nós perdemos nosso reino. Nossa calamidade resultou de ti, ó rei! Atacando-nos, além disso, com o aguilhão cruel das tuas palavras, ó rei, não provoque nossa ira.'"

"Sanjaya disse, 'Tendo endereçado essas palavras duras e muito amargas para seu irmão mais velho e assim cometido um pecado venial, o inteligente Savyasaci de sabedoria serena, que era sempre influenciado pelo medo de deserção de virtude, ficou muito triste. O filho do chefe dos celestiais ficou cheio de remorso e respirando pesadamente, puxou sua espada. Vendo isso, Krishna perguntou a ele, 'O que é isso? Por que tu desembainhaste novamente tua espada azul como o céu? Diga-me qual é tua resposta, pois então eu te aconselharei para a satisfação do teu objetivo.' Assim endereçado por aquele principal dos homens, Arjuna, em grande tristeza respondeu a Keshava, dizendo, 'Eu irei, aplicando minha força, matar a mim mesmo por quem esta ação perversa foi feita.' Ouvindo aquelas palavras de Partha, Keshava, aquela principal de todas as pessoas justas disse isso para Dhananjaya: 'Tendo dito aquelas palavras para o rei, por que tu ficaste

tão desanimado? Ó matador de inimigos, tu desejas agora destruir a ti mesmo. Isto, no entanto, Kiritin, não é aprovado pelos justos. Se, ó herói entre homens, se tu tivesses hoje, por medo do pecado, matado este teu irmão mais velho de alma virtuosa, qual então seria tua condição e o que então tu não terias feito? A moralidade é sutil, ó Bharata, e incognoscível, especialmente por aqueles que são ignorantes. Escute-me enquanto eu te aconselho. Por destruir a ti mesmo, tu cairias em um inferno mais terrível do que se tu tivesses matado teu irmão. Declare agora, em palavras, teu próprio mérito. Tu irás então, ó Partha, ter matado a ti mesmo.' Aprovando aquelas palavras e dizendo, 'Que assim seja, ó Krishna,' Dhananjaya, o filho de Sakra, abaixando seu arco, disse para Yudhishthira, aquela principal das pessoas virtuosas, 'Ouça, ó rei, não há outro arqueiro, ó soberano de homens, como eu mesmo, exceto a divindade que possui Pinaka; eu sou respeitado até por aquela divindade ilustre. Num momento eu posso destruir este universo de criaturas móveis e imóveis. Fui eu, ó rei, que subjuguei todos os pontos do horizonte com todos os reis governando lá, e trouxe todos à tua submissão. O Rajasuya (realizado por ti), levado à conclusão por presente de Dakshina, e o palácio celestial possuído por ti, foram ambos devido à minha destreza. Em minhas mãos há (marcas de) flechas afiadas e um arco encordoado com flecha fixada nele. Em ambas as minhas solas se encontram os sinais de carros com estandartes. Ninguém pode vencer uma pessoa como eu em batalha. Nações do Norte, do Oeste, do Leste e o Sul, foram derrotadas, mortas, exterminadas e destruídas. Um pequeno resto somente dos Samsaptakas está vivo. Eu matei sozinho metade do exército (hostil) inteiro. Massacrada por mim, a hoste Bharata que parecia, ó rei, a própria hoste dos celestiais, está jazendo morta sobre o campo. Eu mato com armas (superiores) aqueles que são familiarizados com armas superiores. Por essa razão eu não reduzo os três mundos a cinzas. Sobre meu carro terrível e vitorioso, Krishna e eu mesmo logo procederemos para matar o filho de Suta. Que este rei fique alegre agora. Eu sem dúvida matarei Karna em batalha, com minhas flechas. Ou a senhora Suta hoje será feita sem filhos por mim, ou Kunti será feita sem filhos por Karna. Realmente eu digo que eu não tirarei minha armadura antes de eu ter matado Karna com minhas flechas em batalha.'"

"Sanjaya disse, 'Tendo dito essas palavras para aquela principal das pessoas virtuosas, isto é, Yudhishthira, Partha jogou no chão suas armas e pôs de lado seu arco e rapidamente enfiou sua espada de volta em sua bainha. Baixando sua cabeça em vergonha, o enfeitado com diadema Arjuna, com mãos unidas, se dirigiu a Yudhishthira, e disse, 'Fique alegre, ó rei, me perdoando. O que eu disse, você compreenderá pouco tempo depois. Eu te reverencio.' Procurando animar dessa maneira aquele herói nobre capaz de suportar todos os inimigos, Arjuna, aquele principal dos homens, permanecendo lá, mais uma vez disse, 'Esta tarefa não será retardada. Ela será realizada logo. Karna vem em direção a mim. Eu procederei contra ele. Eu irei, com toda minha alma, proceder para resgatar Bhima da batalha e para matar o filho de Suta. Eu te digo que eu mantenho minha vida para o teu bem. Saiba que isso é verdade, ó rei.' Tendo falado assim, o ornado com diadema Arjuna de esplendor ardente tocou os pés do rei e se ergueu para proceder para o campo. Ouvindo, no entanto, aquelas palavras duras de seu

irmão Phalguna, o filho de Pandu, o rei Yudhishthira, o justo, se levantando daquela cama (na qual ele estava sentado), disse essas palavras para Partha, com seu coração cheio de tristeza, 'Ó Partha, eu agi pecaminosamente. Por isso, vocês tem sido oprimidos por calamidade terrível. Corte, portanto, essa minha cabeça hoje. Eu sou o pior dos homens, e o exterminador da minha linhagem. Eu sou um desgraçado. Eu sou afeito a comportamentos ruins. Eu sou de mente tola. Eu sou preguiçoso e um covarde. Eu sou um insultador dos idosos. Eu sou cruel. O que tu ganharias por ser sempre obediente a uma pessoa cruel como eu? Um canalha que eu sou, eu irei nesse mesmo dia me retirar para as florestas. Vivam vocês felizmente sem mim. Bhimasena de grande alma é digno de ser rei. Um eunuco que eu sou, o que eu farei com a soberania? Eu sou incapaz de suportar essas palavras ríspidas de ti agitado pela ira. Que Bhima se torne rei. Tendo sido insultado dessa maneira, ó herói, que necessidade eu tenho da vida?' Tendo dito essas palavras, o rei, deixando aquela cama, ficou de pé de repente e desejou ir para as florestas. Então Vasudeva, se curvando, disse a ele, 'Ó rei, o voto célebre do manejador do Gandiva que é sempre devotado à verdade acerca de seu Gandiva é conhecido por ti. Aquele homem no mundo que dissesse a ele, 'Dê teu Gandiva para outro', seria morto por ele. Aquelas exatas palavras foram endereçadas a ele por você. Portanto, para manter aquele voto sincero, Partha, agindo também por minha insistência, lhe infligiu este insulto, ó senhor de terra. Insulto a superiores é citado como sendo sua morte. Por esta razão, ó tu de armas poderosas, cabe a ti perdoar a mim que suplica e reverencia a ti essa transgressão, ó rei, minha e de Arjuna, cometida para manter a verdade. Nós dois, ó grande rei, nos colocamos à tua mercê. A Terra hoje beberá o sangue do filho desventurado de Radha. Eu juro realmente para ti. Reconheça o filho de Suta como morto hoje. Ele, cuja morte tu desejas, perdeu sua vida hoje.' Ouvindo aquelas palavras de Krishna, o rei Yudhishthira o justo, em uma grande agitação, ergueu o prostrado Hrishikesha e juntando suas mãos, disse apressadamente, 'É assim mesmo como tu disseste. Eu sou culpado de uma transgressão, eu agora fui despertado por ti, ó Govinda. Eu fui salvo por ti, ó Madhava. Por ti, ó Acyuta, nós hoje fomos resgatados de uma grande calamidade. Nós dois estupefatos pela loucura, isto é, eu mesmo e Arjuna, fomos salvos de um oceano de angústia, tendo obtido a ti como nosso senhor. De fato, tendo obtido a balsa da tua inteligência hoje, nós, com nossos parentes e aliados, atravessamos um oceano de tristeza e dor. Tendo obtido a ti, ó Acyuta, nós não estamos desamparados.'"

71

"Sanjaya disse, 'Tendo ouvido essas palavras alegres do rei Yudhishthira, Govinda de alma virtuosa, aquele alegrador dos Yadus, então se dirigiu a Partha. O último, no entanto, tendo por insistência de Krishna endereçado aquelas palavras para Yudhishthira, ficou extremamente triste por ter cometido um pecado trivial. Então Vasudeva, sorrindo, disse para o filho de Pandu, 'Qual seria tua condição, ó Partha, se, observador de virtude tu tivesses matado o filho de Dharma com tua espada afiada? Tendo somente se dirigido ao rei como tu

(fizeste), tal desânimo possuiu teu coração. Se tu tivesses matado o rei, ó Partha, o que tu terias feito depois disso? A moralidade é assim inescrutável, especialmente para pessoas de compreensão insensata. Sem dúvida grande angústia teria sido tua por causa do teu medo do pecado. Tu terias caído também no inferno terrível em consequência da morte do teu irmão. Gratifique agora este rei de comportamento virtuoso, este principal de todos os praticantes de virtude, este chefe da linhagem de Kuru. Esse mesmo é meu desejo. Gratificando o rei com devoção, e depois que Yudhishthira estiver feliz, nós dois iremos proceder contra o carro do filho de Suta para lutar com ele. Matando Karna hoje com tuas flechas afiadas em batalha, ó concessor de honras, dê grande felicidade para o filho de Dharma. Isso mesmo, ó poderosamente armado, é o que eu acho que é apropriado para este momento. Tendo feito isso, teu propósito será alcançado.' Então Arjuna, ó monarca, envergonhado, tocou os pés do rei Yudhishthira com sua cabeça. E ele repetidamente disse para aquele chefe dos Bharatas, 'Fique satisfeito comigo. Perdoe, ó rei, tudo o que eu disse pelo desejo de observar virtude e por medo de pecados.'"

"Sanjaya disse, 'Vendo Dhananjaya, aquele matador de inimigos, jazendo chorando aos seus pés, ó touro da raça Bharata, o rei Yudhishthira o justo ergueu seu irmão. E o rei Yudhishthira, aquele senhor da terra, então abraçou seu irmão carinhosamente e chorou alto. Os dois irmãos, de grande esplendor, tendo chorado por um longo tempo, finalmente ficaram livres da aflição, ó monarca, e tão alegres quanto antes. Então o abraçando mais uma vez com afeição e cheirando sua cabeça, o filho de Pandu, muito satisfeito, elogiou seu irmão Jaya e disse, 'Ó tu de armas poderosas, na própria vista de todas as tropas, minha armadura, bandeira, arco, dardo, corcéis, e flechas, foram cortados em batalha, ó grande arqueiro, por Karna com suas flechas, embora eu me esforçasse com atenção. Pensando e vendo as façanhas dele em batalha, ó Phalguna, eu perco minhas energias em aflição. A própria vida não é mais preciosa para mim. Se tu não matares aquele herói em batalha hoje, eu abandonarei meus ares vitais. Que necessidade eu tenho da vida?' Assim endereçado, Vijaya, respondeu, ó touro da raça Bharata, dizendo, 'Eu juro pela Verdade, ó rei, e por tua graça, por Bhima, ó melhor dos homens, e pelos gêmeos, ó senhor da terra, que hoje eu matarei Karna, em batalha, ou, sendo eu mesmo morto por ele cairei na terra. Jurando verdadeiramente, eu toco minhas armas.' Tendo dito essas palavras para o rei, ele se dirigiu a Madhava, dizendo, 'Sem dúvida, ó Krishna, eu matarei Karna em batalha hoje. Ajudado por tua inteligência, abençoado sejas tu, a morte daquele de alma perversa é certa.' Assim endereçado, Keshava, ó melhor dos reis, disse para Partha, 'Tu és competente, ó melhor dos Bharatas, para matar o poderoso Karna. Esse mesmo sempre tem sido meu pensamento, ó poderoso guerreiro em carro, quanto a como, ó melhor dos homens, tu matarás Karna em batalha.' Dotado de grande inteligência, Madhava dirigiu-se novamente ao filho de Dharma, dizendo, 'Ó Yudhishthira, cabe a ti consolar Vibhatsu, e mandá-lo matar Karna de alma perversa. Sabendo que tu tinhas sido afligido pelas flechas de Karna, nós dois viemos para cá, ó filho de Pandu, para averiguar tua situação. Por boa sorte, ó rei, tu não foste morto. Por boa sorte tu não foste capturado. Conforte teu Vibhatsu, e o abençoe, ó impecável, com teus desejos para sua vitória.'"

"Yudhishthira disse, 'Venha, venha, ó Partha, ó Vibhatsu, e me abrace, ó filho de Pandu. Tu me disseste palavras benéficas que mereciam ser ditas, e eu te perdoei. Eu te ordeno, ó Dhananjaya, vá e mate Karna. Ó Partha, não fique zangado pelas palavras duras que eu te disse.'"

"Sanjaya continuou, 'Então Dhananjaya, ó rei, reverenciou Yudhishthira por inclinar sua cabeça, e pegou com suas duas mãos, ó senhor, os pés de seu irmão mais velho. Erguendo-o e abraçando-o apertado, o rei cheirou sua cabeça e mais uma vez disse essas palavras a ele, 'Ó Dhananjaya, ó tu de armas poderosas, eu tenho sido imensamente honrado por ti. Ganhe sempre grandeza e vitória.'"

"Arjuna disse, 'Me aproximando do filho de Radha hoje que é orgulhoso de seu poder, eu matarei aquele homem de feitos pecaminosos com minhas flechas em batalha, junto com todos os seus parentes e seguidores. Ele que, tendo curvado o arco fortemente, te afligiu com suas flechas, eu digo, aquele Karna, obterá hoje o fruto amargo daquele ato dele. Tendo matado Karna, ó senhor da terra, eu hoje voltarei da batalha terrível para te prestar meus respeitos por andar atrás de ti. Eu te digo isso realmente. Sem ter matado Karna eu não voltarei hoje da grande batalha. Realmente eu juro isso por tocar teus pés, ó senhor do universo.'"

"Sanjaya continuou, 'Para o ornado com diadema (Arjuna) que estava falando daquela maneira, Yudhishthira, com o coração alegre, disse essas palavras de significação importante, 'Obtenha fama imperecível, e tal período de vida que atenda ao teu próprio desejo, e vitória, e energia, e a destruição de teus inimigos. Que os deuses te concedam prosperidade. Obtenha tudo isso à medida desejada por mim. Vá rapidamente para a batalha, e mate Karna, assim como Purandara matou Vritra para seu próprio engrandecimento.'"

72

"Sanjaya disse, 'Tendo com o coração alegre gratificado o rei Yudhishthira o justo, Partha, preparado para matar o filho de Suta, dirigiu-se a Govinda, dizendo, 'Que meu carro seja mais uma vez equipado e que meus principais dos corcéis sejam unidos a ele. Que todas as espécies de armas sejam colocadas sobre aquele veículo formidável. Os corcéis tem rolado no chão. Eles foram treinados por pessoas hábeis em cuidar de cavalos. Junto com o outro equipamento do carro, que eles sejam rapidamente trazidos e enfeitados em seus arreios ricamente decorados. Proceda rapidamente, ó Govinda, para a morte do filho de Suta.' Assim endereçado, ó monarca, por Phalguna de grande alma, Krishna ordenou Daruka, dizendo, 'Faça tudo o que Arjuna, aquele principal da família de Bharata e de todos os manejadores de arco, disse.' Assim mandado por Krishna, Daruka, ó melhor dos reis, uniu aqueles corcéis àquele carro coberto com peles de tigre e sempre capaz de chamuscar todos os inimigos. Ele então relatou para o filho de grande alma de Pandu o fato de ter equipado seu veículo. Vendo o carro equipado por Daruka de grande alma, Phalguna, se despedindo de Yudhishthira e fazendo os Brahmanas realizarem ritos propiciatórios e proferirem bênçãos sobre

ele, subiu naquele veículo excelente. O rei Yudhishthira o justo, de grande sabedoria, também o abençoou. Depois disto, Phalguna procedeu em direção ao carro de Karna. Vendo aquele grande arqueiro assim procedendo, todas as criaturas, ó Bharata, consideraram Karna como já morto pelo Pandava de grande alma. Todos os pontos do horizonte, ó rei, ficaram serenos. Aves pescadoras e papagaios e garças, ó rei, se moveram em volta do filho de Pandu. Um grande número de aves belas e auspiciosas, ó rei, chamadas Pung, fazendo Arjuna (por seu aparecimento oportuno) aplicar maior velocidade em batalha, proferiram alegremente seus gritos em volta dele. Terríveis Kankas e urubus, e grous e falcões e corvos, ó rei, tentados pela probabilidade de comida, procediam na frente de seu carro, e indicavam presságios auspiciosos pressagiando a destruição da hoste hostil e a morte de Karna. E enquanto Partha procedia, uma transpiração copiosa cobriu seu corpo. Sua ansiedade também se tornou muito grande a respeito de como ele iria cumprir seu voto. O matador de Madhu então, vendo Partha cheio de ansiedade conforme ele prosseguia, se dirigiu ao manejador do Gandiva e disse essas palavras.'"

"Vasudeva disse, 'Ó manejador do Gandiva, exceto tu não existe outro homem que pudesse vencer aqueles a quem tu derrotaste com este teu arco. Nós temos visto muitos heróis, que, dotados de destreza como Sakra, tem alcançado as regiões mais sublimes, enfrentando tua pessoa heróica em batalha! Quem mais, ó pujante, que não é igual a ti, estaria são e salvo depois de enfrentar Drona e Bhishma e Bhagadatta, ó senhor, e Vinda e Anuvinda de Avanti e Sudakshina, o chefe dos Kambojas e Srutayudha de energia poderosa e Acyutayudha também? Tu tens armas celestes, e agilidade de mão e poder, e tu nunca és entorpecido em batalha! Tu tens também aquela humildade que é devida ao conhecimento! Tu podes atacar com efeito! Tu tens pontaria certeira, e presença de espírito em relação à escolha de meios, ó Arjuna! Tu és competente para destruir todas as criaturas móveis e imóveis incluindo os próprios deuses com os Gandharvas! Sobre a terra, ó Partha, não há guerreiro humano que seja igual a ti em batalha. Entre todos os Kshatriyas, invencíveis em batalha, que manejam o arco, entre os próprios deuses, eu não vi ou ouvi sobre um que seja igual a ti. O Criador de todos os seres, isto é, o próprio Brahma, criou o grande arco Gandiva com o qual tu lutas, ó Partha! Por essa razão não há ninguém que esteja à tua altura. Eu devo, no entanto, ó filho de Pandu, dizer aquilo que é benéfico para ti. Ó poderosamente armado, não desconsidere Karna, aquele ornamento de batalha! Karna é possuidor de poder. Ele é orgulhoso e habilidoso com armas. Ele é um maharatha. Ele é talentoso (nos modos de batalha) e conhecedor de todos os modos de guerra. Ele também é bem familiarizado com tudo o que é conveniente para hora e lugar. Qual a necessidade de falar muito? Ouça em resumo, ó filho de Pandu! Eu considero o poderoso guerreiro em carro Karna como teu igual, ou talvez, teu superior! Com o maior cuidado e resolução tu deves matá-lo em grande batalha. Em energia ele é igual a Agni. Em relação à velocidade ele é igual à impetuosidade do vento. Em fúria, ele parece o próprio Destruidor. Dotado de poder, ele parece um leão na formação de seu corpo. Ele tem oito ratnis de estatura. Seus braços são grandes. Seu peito é largo. Ele é invencível. Ele é sensitivo. Ele é um herói. Ele é, além disso, o principal dos heróis. Ele é muito

bonito. Possuidor de todas as habilidades de um guerreiro, ele é um dissipador dos temores de amigos. Dedicado ao bem do filho de Dhritarashtra, ele sempre odeia os filhos de Pandu. Ninguém, nem mesmo os deuses com Vasava em sua dianteira, pode matar o filho de Radha, exceto tu, como eu penso. Mate, portanto, o filho de Suta hoje. Ninguém possuidor de carne e sangue, nem os deuses lutando com grande atenção, nem todos os guerreiros (dos três mundos) lutando juntos podem vencer aquele guerreiro em carro. Para os Pandavas ele é sempre de alma perversa e comportamento pecaminoso, e cruel, e de inteligência maldosa. Em sua briga com os filhos de Pandu, ele não é influenciado por alguma consideração relacionada com seus próprios interesses. Matando aquele Karna, portanto, cumpra teu propósito hoje. Despache hoje para a presença de Yama aquele filho de Suta, aquele principal dos guerreiros em carros, cuja morte está perto. De fato, matando aquele filho de Suta, aquele principal dos guerreiros em carros, mostre amor por Yudhishthira o justo. Eu conheço a tua destreza realmente, ó Partha, a qual é incapaz de ser resistida pelos deuses e Asuras. O filho de Suta de alma perversa, por excesso de orgulho, sempre desconsidera os filhos de Pandu. Ó Dhananjaya, mate aquele homem hoje por cuja causa o patife Duryodhana se considera um herói, aquela raiz de todas (aquelas) pessoas pecaminosas, aquele filho de um Suta. Mate, ó Dhananjaya, aquele tigre entre homens, aquele Karna ativo e orgulhoso, que tem uma espada como sua língua, um arco como sua boca, e flechas como seus dentes. Eu te conheço bem com relação à energia e o poder que se encontram em ti. Mate o bravo Karna em batalha, como um leão matando um elefante. Mate em batalha hoje, ó Partha, aquele Karna, também chamado Vaikartana, por causa de cuja energia o filho de Dhritarashtra desconsidera a tua.'"

73

"Sanjaya disse, 'Mais uma vez Keshava de alma incomensurável disse essas palavras para Arjuna, que, ó Bharata, estava avançando (para a batalha), firmemente decidido a matar Karna, 'Hoje é o décimo sétimo dia, ó Bharata, desse massacre terrível de homens e elefantes e corcéis. No início era vasta a hoste que pertencia a vocês. Enfrentando o inimigo em batalha, aquela hoste foi muito reduzida em números, ó rei! Os Kauravas também, ó Partha, eram numerosos a princípio, fervilhando de elefantes e cavalos. Enfrentando a ti, no entanto, como seu inimigo, eles foram quase exterminados na vanguarda da batalha! Estes senhores de terra e estes Srinjayas, reunidos, e estas tropas Pandava também, obtendo tua pessoa invencível como seu líder, estão mantendo seu terreno no campo. Protegidos por ti, ó matador de inimigos, os Pancalas, os Matsyas, os Karushas, e os Cedis tem causado uma grande destruição de teus inimigos. Quem poderia vencer os Kauravas reunidos em batalha? Por outro lado, quem pode vencer os poderosos guerreiros em carros dos Pandavas protegidos por ti? Tu, no entanto, és competente para derrotar em batalha os três mundos consistindo em deuses, Asuras, e seres humanos, juntos. O que eu preciso dizer então da hoste Kaurava? Exceto tu, ó tigre entre homens, quem mais há, mesmo que ele pareça o próprio Vasava em destreza, que poderia derrotar o rei Bhagadatta? Assim

também, ó impecável, todos os senhores de terra, reunidos, são incapazes, ó Partha, até de olhar para este vasto exército que é protegido por ti. Assim também, ó Partha, é devido a eles terem sido sempre protegidos por ti que Dhrishtadyumna e Shikhandi conseguiram matar Drona e Bhishma. Quem, de fato, ó Partha, poderia derrotar em batalha aqueles dois poderosos guerreiros em carros dos Bharatas, Bhishma e Drona, ambos os quais eram dotados de bravura igual àquela do próprio Sakra? Exceto tu, ó tigre entre homens, que outro homem neste mundo é capaz de derrotar aqueles senhores bravios de akshauhinis, aqueles heróis invencíveis e que não recuam, todos habilidosos com armas e unidos, o filho de Shantanu Bhishma, e Drona, e Vaikartana, e Kripa, e o filho de Drona, e o próprio rei Duryodhana? Incontáveis divisões de soldados foram destruídas (por ti), seus cavalos e carros e elefantes tendo sido mutilados (com tuas flechas). Inúmeros Kshatriyas também, coléricos e ferozes, vindos de diversas províncias, foram destruídos por ti. Cheios de cavalos e elefantes, grandes grupos de combatentes de diversos clãs Kshatriya, tais como os Govasas, os Dasamiyas, os Vasatis, ó Bharata, e os habitantes do Leste, os Vatadhanas, e os Bhojas que são muito sensíveis a respeito de sua honra, se aproximando de ti e Bhima, ó Bharata, tem encontrado a destruição. De feitos terríveis e extremamente ferozes, os Tusharas, os Yavanas, os Khasas, os Darvabhisaras, os Daradas, os Sakas, os Kamathas, os Ramathas, os Tanganas os Andhrakas, os Pulindas, os Kiratas de bravura feroz, os Mlecchas, os Montanheses, e as tribos vindas do litoral, todas dotadas de grande fúria e grande poder, se deleitando em batalha e armados com maças, esses todos, unidos com os Kurus e lutando colericamente por causa de Duryodhana não podiam ser vencidos em batalha por alguém mais exceto tu, ó opressor de inimigos! Que homem, não protegido por ti, poderia avançar, vendo a hoste poderosa e cheia dos Dhartarashtras organizada em formação de combate? Protegidos por ti, ó pujante, os Pandavas, cheios de ira, e penetrando em seu meio, tem destruído aquela hoste encoberta com poeira e parecendo um mar cheio. Sete dias se passaram desde que o poderoso Jayatsena, o soberano dos Magadhas, foi morto em batalha por Abhimanyu. Depois disso, 10.000 elefantes, de feitos ferozes, que costumavam seguir aquele rei, foram mortos por Bhimasena com sua maça. Depois disso, outros elefantes, e guerreiros em carros, às centenas, foram destruídos por Bhima naquele exercício de seu poder. Assim mesmo, ó Partha, durante a continuação dessa batalha tremenda, os Kauravas, com seus corcéis e guerreiros em carros e elefantes, enfrentando Bhimasena e a ti, ó filho de Pandu, tem partido daqui para a região da Morte. A vanguarda do exército Kaurava, ó Partha, tendo sido derrubada pelos Pandavas, Bhishma disparou chuvas de flechas ardentes, ó senhor! Conhecedor das maiores armas, ele encobriu os Cedis, os Pancalas, os Karushas, os Matsyas, e os Kaikayas com flechas, e privou-os de vida! O céu ficou cheio de flechas de curso reto e aladas com ouro, capazes de perfurar os corpos de todos os inimigos, que emergiam de seu arco. Ele matou milhares de guerreiros em carros, disparando chuvas de flechas de uma vez. Ao todo, ele matou 100.000 homens e elefantes de grande força. Abandonando os diversos movimentos, cada um de um tipo novo, nos quais eles se moviam rapidamente, aqueles reis e elefantes perversos, enquanto perecendo, destruíam muitos corcéis e carros e elefantes. De fato, inúmeras foram as flechas

que Bhishma disparou em batalha. Massacrando a hoste Pandava por dez dias seguidos, Bhishma fez os terraços de incontáveis carros ficarem vazios e privou inúmeros elefantes e corcéis de vida. Tendo assumido a forma de Rudra ou de Upendra em batalha, ele afligiu as divisões Pandava e causou uma grande carnificina entre eles. Desejoso de resgatar o pecaminoso Suyodhana que estava afundando em um mar sem balsa, ele massacrou muitos senhores de terra entre os Cedis, os Pancalas, e os Kaikayas, e causou um grande massacre do exército Pandava cheio de carros e corcéis e elefantes. Incontáveis soldados de infantaria entre os Srinjayas, todos bem armados, e outros senhores de terra, eram incapazes até de olhar para aquele herói quando ele se movia rapidamente em batalha como o próprio Sol de esplendor ardente. Finalmente os Pandavas, com todos os seus recursos, fizeram um esforço imenso, e avançaram contra aquele guerreiro que, inspirado pelo desejo de vitória, costumava se mover em batalha exatamente dessa maneira. Sem se aproveitar de qualquer ajuda, ele derrotou, entretanto, os Pandavas e os Srinjayas em batalha, e veio a ser considerado como o principal herói no mundo. Enfrentando-o, Shikhandi, protegido por ti, matou aquele tigre entre homens com suas flechas retas. Tendo obtido a ti que és um tigre entre homens (como seu inimigo), aquele avô está agora esticado em um leito de flechas, como Vritra quando ele obteve Vasava como seu inimigo. O feroz Drona também massacrou o exército hostil por cinco dias seguidos. Tendo feito uma formação de combate impenetrável e fazendo muitos poderosos guerreiros em carros serem mortos, aquele grande guerreiro em carro protegeu Jayadratha (por algum tempo). Feroz como o próprio Destruidor, ele causou uma grande carnificina na batalha noturna. Dotado de grande coragem, o filho heróico de Bharadwaja consumiu inúmeros combatentes com suas flechas. Finalmente, enfrentando Dhrishtadyumna, ele obteve o fim mais sublime. Se, naquele dia, tu não tivesses reprimido em batalha todos os guerreiros em carros (Dhartarashtra) encabeçados pelo filho de Suta, Drona então nunca teria sido morto. Tu mantiveste sob controle o exército Dhartarashtra inteiro. Foi por isso, ó Dhananjaya, que Drona pode ser morto pelo filho de Prishata. Que outro Kshatriya, exceto tu, poderia em batalha realizar tais façanhas para executar a morte de Jayadratha? Reprimindo o vasto exército (Kaurava) e matando muitos bravos reis, tu mataste o rei Jayadratha, ajudado pelo poder e energia de tuas armas. Todos os reis consideraram a morte do soberano dos Sindhus como tendo sido muito extraordinária. Eu, no entanto, não a considero assim; tu fizeste isto e tu és um formidável guerreiro em carro. Se esse vasto grupo de Kshatriyas, obtendo a ti como um inimigo, sofrer extermínio mesmo no decorrer de um dia inteiro, eu devo, eu penso, ainda considerar esses Kshatriyas como sendo realmente poderosos. Uma vez que Bhishma e Drona estão mortos, a terrível hoste Dhartarashtra, ó Partha, pode ser considerada como tendo perdido todos os seus heróis. De fato, com todos os seus principais guerreiros mortos, com seus corcéis, carros, e elefantes destruídos, o exército Bharata parece hoje com o firmamento, privado do Sol, da Lua, e de estrelas. Aquela hoste de destreza feroz, ó Partha, está privada de seus esplendores hoje como a hoste Asura nos tempos antigos privada de seus esplendores pela bravura de Sakra. O restante daqueles grandes chefes agora consiste somente em cinco grandes guerreiros em carros, isto é, Ashvatthama, Kritavarma, Karna, Shalya, e Kripa. Matando aqueles cinco

grandes guerreiros em carros hoje, ó tigre entre homens, seja um herói que matou todos os seus inimigos, e entregue a Terra com todas as suas ilhas e cidades para o rei Yudhishthira. Que o filho de Pritha Yudhishthira de energia e prosperidade imensuráveis obtenha hoje a terra inteira com o céu acima dela, as águas sobre ela, e as regiões inferiores abaixo dela. Matando essa hoste como Vishnu nos tempos antigos matando os Daityas e os Danavas, entregue a Terra para o rei como Hari entregando (os três mundos) para Sakra. Que os Pancalas se regozijem hoje, seus inimigos estando mortos, como os celestiais se regozijando depois da morte dos Danavas por Vishnu. Se por causa do teu respeito por aquele principal dos homens, isto é, teu preceptor Drona, tu nutres compaixão por Ashvatthama, se, além disso, tu tens alguma bondade por Kripa por causa do respeito que é devido a um preceptor, se, te aproximando de Kritavarma, tu não o despachares hoje para a residência de Yama por causa da honra que é devida a alguém que é parente pelo lado da mãe, se, ó de olhos de lótus, te aproximando do irmão da tua mãe, isto é, Shalya, o soberano dos Madras, tu não o matares por compaixão, eu te peço, mate, com flechas afiadas, ó principal dos homens, Karna hoje com rapidez, aquele canalha vil de coração pecaminoso que nutre o ódio mais violento pelo filho de Pandu. Esse é teu mais nobre dever. Não há nada nele que seja impróprio. Nós aprovamos isso, e aqui não há falha na ação. Karna de alma perversa é a causa, ó tu de glória imperecível, daquela tentativa, ó impecável, feita à noite de queimar tua mãe com todos os seus filhos, e daquele comportamento que Suyodhana adotou com vocês por causa daquele jogo de dados. Suyodhana sempre espera libertação através de Karna. Cheio de raiva, ele se esforça para me afligir também (em consequência daquela proteção). É a crença firme do filho real de Dhritarashtra, ó concessor de honras, que Karna, sem dúvida, matará todos os Prithas em batalha. Embora totalmente familiarizado com teu poder, ainda, ó filho de Kunti, o filho de Dhritarashtra escolheu guerrear com vocês por causa de sua confiança em Karna. Karna também sempre diz, 'Eu derrotarei os Parthas reunidos e aquele poderoso guerreiro em carro, isto é, Vasudeva da linhagem de Dasharha.' Fazendo flutuar o filho de alma perversa de Dhritarashtra, o maldoso Karna sempre ruge na assembléia (Kuru). Mate-o hoje, ó Bharata. Em todos os atos de injúria, dos quais o filho de Dhritarashtra é culpado em direção a vocês, Karna de alma maldosa de mente pecaminosa foi o líder. Eu vi o heróico filho de Subhadra de olhos como aqueles de um touro, morto por seis poderosos guerreiros em carros de coração cruel pertencentes ao exército Dhritarashtra. Oprimindo aqueles touros entre homens, isto é, Drona, o filho de Drona, Kripa e outros heróis, ele privou elefantes de seus condutores e poderosos guerreiros em carros de seus carros. Abhimanyu de pescoço de touro, aquele espalhador da fama dos Kurus e dos Vrishnis, privou corcéis também de seus cavaleiros e soldados a pé de armas e vida. Desbaratando as divisões (Kaurava) e afligindo muitos poderosos guerreiros em carros, ele despachou inúmeros homens e cavalos e elefantes para a residência de Yama. Eu te juro pela Verdade, ó amigo, que meus membros estão queimando ao pensamento que enquanto o filho de Subhadra estava avançando dessa maneira, destruindo o exército hostil com suas flechas, até naquela ocasião Karna de alma perversa estava engajado em ações de hostilidade para aquele herói, ó senhor! Incapaz, ó Partha, de ficar naquela batalha na frente de Abhimanyu, mutilado pelas flechas do filho de

Subhadra, privado de consciência, e banhado em sangue, Karna deu respirações profundas, inflamado com raiva. Finalmente, afligido por flechas, ele foi obrigado a voltar suas costas no campo. Avidamente desejoso de fugir e ficando sem esperança de vida, ele ficou por algum tempo em batalha, totalmente entorpecido e esgotado com os ferimentos que ele tinha recebido. Finalmente ouvindo aquelas palavras cruéis de Drona em batalha, palavras que eram apropriadas para o momento, Karna cortou o arco de Abhimanyu. Feito sem arco por ele naquela batalha, cinco grandes guerreiros em carros então, bem versados nos modos de guerra suja, mataram aquele herói com chuvas de flechas. Após a morte daquele herói, a tristeza entrou no coração de todos. Somente Karna de alma maldosa e Suyodhana deram risada em alegria. (Tu te lembras também) das palavras duras e amargas que Karna disse cruelmente para Krishna na assembléia (Kuru), na presença dos Pandavas e dos Kurus, 'Os Pandavas, ó Krishna, estão mortos! Eles caíram no inferno eterno! Ó tu de quadris largos, escolha outros maridos agora, ó tu de fala suave! Entre agora na residência de Dhritarashtra como uma mulher servidora, pois, ó tu de cílios curvos, teus maridos não existem mais! Os Pandavas não serão, ó Krishna, de qualquer serventia para ti hoje! Tu és a esposa de homens que são escravos, ó princesa de Pancala, e tu mesma és, ó bela dama, uma escrava! Hoje só Duryodhana é considerado como o único rei na terra; todos os outros reis do mundo estão reverenciando a agência pela qual sua administração é mantida. Veja agora, ó amável, como todos os filhos de Pandu decaíram igualmente! Dominados pela energia do filho de Dhritarashtra, eles estão agora olhando silenciosamente uns para os outros. É evidente que eles são todos sementes de gergelim sem núcleo, e caíram no inferno. Eles terão que servir o Kaurava (Duryodhana), aquele rei de reis, como seus escravos.' Essas mesmas foram as palavras vis que aquele desgraçado, o pecaminoso Karna de coração extremamente perverso, falou naquela ocasião, na tua audição, ó Bharata! Que flechas enfeitadas com ouro afiadas em pedra e capazes de tirar a vida daquele em quem elas são disparadas, atiradas por ti, apaguem (o fogo) daquelas palavras e todos os outros males que aquele indivíduo de alma maldosa fez para ti. Que tuas flechas apaguem todos aqueles males e a vida também daquele sujeito pecaminoso. Sentindo o toque de setas terríveis disparadas do Gandiva, que Karna de alma perversa lembre hoje das palavras de Bhishma e Drona! Que flechas do comprimento de uma jarda matadoras de inimigos, providas da refulgência do relâmpago, atiradas por ti, perfurem seus membros vitais e bebam seu sangue! Que flechas ardentes e poderosas, de grande impetuosidade, disparadas por teus braços, penetrem nos membros vitais de Karna hoje e o despachem para a residência de Yama. Que todos os reis da terra, desanimados e cheios de aflição e proferindo lamentos de dor, vejam Karna cair de seu carro hoje, afligido por tuas flechas. Que seus parentes, com rostos tristes, contemplem Karna hoje, caído e esticado no chão, mergulhado em sangue coagulado e com suas armas soltas de suas mãos! Que a bandeira alta do filho de Adhiratha, portando o emblema da corda do elefante, caia esvoaçando no chão, cortada por ti com uma flecha de cabeça larga. Que Shalya fuja aterrorizado, abandonando o carro enfeitado com ouro (que ele dirige) ao vê-lo privado de seu guerreiro e cavalos e cortado em fragmentos com centenas de flechas por ti. Que teu inimigo Suyodhana hoje, vendo o filho de Adhiratha morto por ti, perca a esperança de

ambos: sua vida e reino. Lá, ó Partha, Karna, igual a Indra em energia, ou, talvez, ao próprio Sankara, está massacrando tuas tropas com suas flechas. Lá os Pancalas, embora massacrados por Karna com suas flechas afiadas, ainda estão, ó chefe da linhagem de Bharata, avançando (para a batalha), para servir a causa dos Pandavas. Saiba, ó Partha, que (ele) está levando a melhor sobre os Pancalas, e os (cinco) filhos de Draupadi, e Dhrishtadyumna e Shikhandi, e os filhos de Dhrishtadyumna, e Satanika, o filho de Nakula, e o próprio Nakula, e Sahadeva, e Durmukha, e Janamejaya, e Sudharman, e Satyaki! O tumulto alto feito por aqueles aliados teus, isto é, os Pancalas, ó opressor de inimigos, enquanto eles estão sendo atacados por Karna em batalha terrível, é ouvido. Os Pancalas não estão inspirados com medo em absoluto, nem eles desviam seus rostos da batalha. Aqueles arqueiros poderosos são totalmente indiferentes à morte em grande batalha. Enfrentando até aquele Bhishma que, sozinho, tinha cercado o exército Pandava com uma nuvem de flechas, os Pancalas não desviaram seus rostos dele. Então, além disso, ó castigador de inimigos, eles sempre se esforçaram com entusiasmo para subjugar forçosamente em batalha seu grande inimigo, isto é, o invencível Drona, aquele preceptor de todos os manejadores de arco, aquele fogo brilhante de armas, aquele herói que sempre queimava seus inimigos em batalha. Eles nunca viraram seus rostos da batalha, com medo do filho de Adhiratha. O heróico Karna, no entanto, com suas flechas, está tirando as vidas dos guerreiros Pancala dotados de grande energia conforme eles estão avançando contra ele, como um fogo ardente tirando as vidas de miríades de insetos. O filho de Radha, nessa batalha, está destruindo às centenas os Pancalas que estão avançando contra ele, aqueles heróis, que estão decididos a sacrificar suas vidas por seus aliados! Cabe a ti, ó Bharata, tornar-te uma balsa e resgatar aqueles bravos guerreiros, aqueles grandes arqueiros, que estão afundando no oceano sem balsa representado por Karna. A forma horrível daquela arma que foi obtida por Karna daquele principal dos sábios, isto é, Rama da linhagem de Bhrigu, foi exposta. Chamuscando todas as tropas, aquela arma de forma extremamente feroz e terrível está brilhando com sua própria energia, cercando nosso exército vasto. Aquelas flechas, disparadas do arco de Karna, estão correndo em batalha cerradamente como enxames de abelhas, e chamuscando tuas tropas. Enfrentando a arma de Karna em batalha, que é irresistível por pessoas que não tem suas almas sob controle, lá os Pancalas, ó Bharata, estão fugindo em todas as direções! Lá, Bhima, de ira implacável, cercado por todos os lados pelos Srinjayas, está lutando com Karna, ó Partha, afligido pelo último com flechas afiadas! Se negligenciado, Karna irá, ó Bharata, exterminar os Pandavas, os Srinjayas, e os Pancalas, como uma doença negligenciada cujo germe entrou no corpo. Exceto tu eu não vejo outro no exército de Yudhishthira que voltaria para casa são e salvo, tendo enfrentado o filho de Radha em batalha. Matando aquele Karna hoje com tuas flechas afiadas, ó touro entre homens, aja segundo teu voto, ó Partha, e ganhe grande fama. Eu te digo realmente, somente tu és capaz de derrotar em batalha a hoste Kaurava com Karna entre eles, e ninguém mais, ó principal dos guerreiros! Realizando esse grande feito, isto é, matando o poderoso guerreiro em carro Karna, alcance teu objetivo, ó Partha, e coroado com êxito, seja feliz, ó melhor dos homens!'"

74

"Sanjaya disse, 'Ouvindo essas palavras de Keshava, ó Bharata, Vibhatsu logo rejeitou sua ansiedade e ficou alegre. Esfregando então a corda do Gandiva e a esticando, ele segurou seu arco para a destruição de Karna, e se dirigiu a Keshava, dizendo, 'Contigo como meu protetor, ó Govinda, e quando tu que conheces o passado e o futuro estás satisfeito comigo hoje, a vitória sem dúvida será minha. Ajudado por ti, ó Krishna, eu posso, em grande batalha, destruir os três mundos reunidos, o que dizer de Karna então? Eu vejo que a hoste Pancala está fugindo, ó Janardana. Eu vejo também Karna se movendo destemidamente em batalha. Eu vejo também a arma Bhargava correndo a toda velocidade em todas as direções, tendo sido invocada por Karna, ó tu da linhagem de Vrishni, como o pujante trovão invocado por Shakra. Essa é aquela batalha na qual Karna será morto por mim e da qual todas as criaturas falarão enquanto a terra durar. Hoje, ó Krishna, flechas não farpadas, impelidas por meus braços e disparadas do Gandiva, mutilando Karna, irão levá-lo até Yama. Hoje o rei Dhritarashtra irá amaldiçoar aquela inteligência dele pela qual ele instalou Duryodhana, que não era digno da soberania, no trono. Hoje, ó de braços fortes, Dhritarashtra será privado de soberania, felicidade, prosperidade, reino, cidade, e filhos. Eu te digo realmente, ó Krishna, que hoje, Karna estando morto, Duryodhana ficará desesperançado de vida e reino. Hoje, vendo Karna cortado em pedaços por mim com minhas flechas, como Vritra nos tempos antigos por Indra na batalha entre os deuses e os Asuras, que o rei Duryodhana se lembre das palavras que tu falaste para trazer paz. Hoje que o filho de Subala, ó Krishna, saiba que minhas flechas são dados, meu Gandiva a caixa para jogá-los, e meu carro, o tecido axadrezado. Ó Govinda, matando Karna com flechas afiadas eu dissiparei a longa insônia do filho de Kunti. Hoje o nobre filho de Kunti, após a morte do filho de Suta por mim, será satisfeito e ficará de coração alegre e obterá felicidade para sempre. Hoje, ó Keshava, eu irei disparar uma flecha irresistível e inigualável que privará Karna de vida. Esse mesmo, ó Krishna, foi o voto daquele de alma maldosa sobre minha morte, isto é: 'Eu não lavarei meus pés até eu matar Phalguna!' Falsificando esse voto daquele patife, ó matador de Madhu, eu irei, com flechas retas, derrubar seu corpo hoje de seu carro. Hoje a terra beberá o sangue daquele filho de Suta que em batalha condena todos os outros homens na terra! Com a aprovação de Dhritarashtra, o filho de Suta Karna, contando vantagem de seus próprios méritos, tinha dito, 'Tu não tens marido agora, ó Krishna!' Minhas flechas afiadas falsificarão aquele discurso dele. Como cobras enfurecidas de veneno virulento, elas beberão seu sangue vital. Flechas do comprimento de uma jarda, da refulgência do relâmpago, disparadas por mim mesmo possuidor de braços fortes, disparadas do Gandiva, enviarão Karna em sua última viagem. Hoje o filho de Radha se arrependerá daquelas palavras cruéis que ele disse para a princesa de Pancala no meio da assembléia, em depreciação aos Pandavas! Eles que eram naquela ocasião sementes de gergelim sem núcleo, virarão hoje sementes com núcleo depois da queda do filho de Suta Karna de alma perversa, também chamado Vaikartana! 'Eu salvarei vocês dos filhos de Pandu!' Essas mesmas

foram as palavras que Karna, se gabando de seus próprios méritos, disse para os filhos de Dhritarashtra! Minhas flechas afiadas falsificarão aquelas palavras dele! Hoje, na própria vista de todos os arqueiros, eu matarei aquele Karna que disse, 'Eu matarei todos os Pancalas com seus filhos.' Hoje, ó matador de Madhu, eu matarei aquele Karna, aquele filho de Radha, confiando em cuja destreza o filho orgulhoso de Dhritarashtra, de mente pecaminosa, sempre nos desconsiderou. Hoje, ó Krishna, depois da queda de Karna, os Dhartarashtras com seu rei, em pânico, irão fugir em todas as direções, como veados com medo do leão. Hoje que o rei Duryodhana se arrependa após a morte de Karna, com seus filhos e parentes, por mim em batalha. Hoje, vendo Karna morto, que o colérico filho de Dhritarashtra, ó Krishna, saiba que eu sou o principal de todos os arqueiros em batalha. Hoje, eu farei o rei Dhritarashtra, com seus filhos e netos e conselheiros e empregados, sem proteção. Hoje, garças e outras aves carnívoras, ó Keshava, se divertirão sobre os membros de Karna cortados em pedaços com minhas flechas. Hoje, ó matador de Madhu, eu cortarei em batalha a cabeça do filho de Radha Karna, diante de todos os arqueiros. Hoje, ó matador de Madhu, eu cortarei em batalha os membros do filho de Radha de alma maldosa com vipathas afiados e setas de face de navalha. Hoje, o rei heróico Yudhishthira abandonará uma grande aflição e uma grande tristeza nutridas por muito tempo em seu coração. Hoje, ó Keshava, matando o filho de Radha, com todos os seus parentes, eu alegrarei o rei Yudhishthira, o filho de Dharma. Hoje, eu matarei os desanimados seguidores de Karna em batalha, com flechas parecendo o fogo ardente ou o veneno da cobra. Hoje, com minhas flechas retas equipadas com penas de urubu, eu irei, ó Govinda, fazer a terra ser coberta com (os corpos de) reis envolvidos em armadura dourada. Hoje, ó matador de Madhu, com flechas afiadas, eu despedaçarei os corpos e cortarei as cabeças de todos os inimigos de Abhimanyu. Hoje, eu entregarei a terra, privada de Dhartarashtras para meu irmão, ou, talvez, tu, ó Keshava, andarás sobre a terra privada de Arjuna! Hoje, ó Krishna, eu me livrarei da dívida que tenho com todos os arqueiros, com minha própria ira, com os Kurus, com minhas flechas, e com Gandiva. Hoje, eu ficarei livre da aflição que eu tenho nutrido por treze anos, ó Krishna, por matar Karna em batalha como Maghavat matando Samvara. Hoje, depois de eu ter matado Karna em batalha, que os poderosos guerreiros em carros dos Somakas, que estão desejosos de realizar a tarefa de seus aliados, considerem sua tarefa como cumprida. Eu não sei qual será a medida, ó Madhava, da alegria do neto de Sini hoje depois de eu ter matado Karna e ganhado a vitória. Hoje, eu matarei Karna em batalha como também seu filho, aquele poderoso guerreiro em carro, e darei alegria para Bhima e os gêmeos e Satyaki. Hoje, matando Karna em batalha terrível, eu saldarei minha dívida, ó Madhava, com os Pancalas, com Dhrishtadyumna e Shikhandi! Hoje que todos vejam o colérico Dhananjaya lutar com os Kauravas em batalha e matar o filho de Suta. Mais uma vez não há ninguém igual a mim no mundo. Em coragem também, quem se assemelha a mim? Que outro homem é igual a mim em perdão? Em fúria também, não há ninguém igual a mim. Armado com o arco e ajudado pela destreza de meus braços, eu posso derrotar os Asuras e os deuses e todas as criaturas reunidos. Saiba que minha destreza é maior do que a maior. Atacando sozinho todos os Kurus e os Bahlikas com o fogo de minhas flechas emanando do Gandiva, eu irei, aplicando meu poder, queimá-los com seus

seguidores como um fogo no meio de uma pilha de grama seca no fim do inverno. Minhas palmas tem essas marcas de flechas e esse arco excelente e esticado com flecha fixada na corda. Em cada uma das solas dos meus pés se encontra a marca de um carro e um estandarte. Quando uma pessoa como eu parte para a batalha, ele não pode ser derrotado por ninguém.' Tendo dito essas palavras para Acyuta, aquele principal de todos os heróis, aquele matador de inimigos, com olhos vermelhos sangue, procedeu rapidamente para a batalha, para resgatar Bhima e cortar a cabeça do tronco de Karna.'"

75

"Dhritarashtra disse, 'Naquele combate terrível e insondável dos Pandavas e dos Srinjayas com os guerreiros do meu exército, quando Dhananjaya, ó senhor, procedeu para a batalha, como, de fato, a luta ocorreu?'"

"Sanjaya disse, 'As inúmeras divisões do exército Pandava, enfeitadas com estandartes altos e cheias (de orgulho e energia) e reunidas em batalha, começaram a rugir alto, baterias e outros instrumentos constituindo sua boca, como massas de nuvens no fim do verão proferindo profundos rugidos. A batalha que se seguiu parecia uma chuva nociva fora de época, cruel e destrutiva de criaturas vivas. Elefantes enormes eram suas nuvens; armas eram a água que elas estavam para derramar; o som de instrumentos musicais, o estrépito de rodas de carro, e o barulho de palmas constituíam seu ribombo; diversas armas enfeitadas com ouro formavam seus lampejos de relâmpago; e setas e espadas e flechas do comprimento de uma jarda e armas poderosas constituíram suas torrentes de chuva. Marcado por impetuosos ataques sangue fluía em correntezas naquele combate. Tornado medonho por golpes incessantes de espada, ele foi repleto de uma grande carnificina de Kshatriyas. Muitos guerreiros em carros, reunidos, cercavam um guerreiro em carro e o despachavam para a presença de Yama. Ou, um principal dos guerreiros em carros despachava um único adversário, ou um despachava muitos adversários juntos. Além disso, algum guerreiro em carro despachava para a residência de Yama algum adversário junto com seu motorista e cavalos. Um condutor, com um único elefante, despachava muitos guerreiros em carros e cavaleiros. Similarmente, Partha, com nuvens de flechas, despachava grande número de carros com motoristas e corcéis, de elefantes e cavalos com seus cavaleiros, e de soldados de infantaria, pertencentes ao inimigo. Kripa e Shikhandi enfrentaram um ao outro naquela batalha, enquanto Satyaki procedeu contra Duryodhana. E Srutasravas estava envolvido em combate com o filho de Drona, e Yudhamanyu com Citrasena. O grande guerreiro em carro Srinjaya Uttamauja estava envolvido em combate com o filho de Karna Sushena, enquanto Sahadeva avançou contra Shakuni, o rei dos Gandharas, como um leão faminto contra um touro forte. O jovem Satanika, o filho de Nakula, avançou contra o jovem Vrishasena, o filho de Karna, disparando chuvas de flechas. O filho heróico de Karna atingiu aquele filho da princesa de Pancala com muitas flechas. Conhecedor de todos os modos de guerra, o filho de Madri Nakula, aquele touro entre os guerreiros em carros, atacou Kritavarma. O rei dos

Pancalas, Dhrishtadyumna, o filho de Yajnasena, atacou Karna, o comandante do exército Kaurava, com toda sua força. Duhshasana, ó Bharata, com a hoste cheia dos Samsaptakas formando uma parte do exército Bharata, atacou ferozmente naquela batalha Bhima, aquele principal dos guerreiros de impetuosidade irresistível. O heróico Uttamauja, aplicando sua força atingiu o filho de Karna e cortou sua cabeça que caiu no chão, enchendo a terra e o céu com um barulho alto. Vendo a cabeça de Sushena jazendo no chão, Karna ficou cheio de dor. Logo, no entanto, furioso ele cortou os corcéis, o carro, e o estandarte, do matador do seu filho com muitas flechas afiadas. Enquanto isso Uttamauja, perfurando com sua flecha afiada e cortando com sua espada brilhante os corcéis de Kripa e aqueles guerreiros também que protegiam os lados de Kripa, subiu rapidamente no carro de Shikhandi. Vendo Kripa privado de seu carro, Shikhandi que estava em seu veículo não desejou atacá-lo com suas flechas. O filho de Drona então, cobrindo com seu próprio o carro de Kripa, resgatou o último como um touro afundado em um lamaçal. Enquanto isso Bhima, o filho do deus do vento vestido em armadura dourada, começou a chamuscar com suas flechas afiadas as tropas dos teus filhos como o sol do meio dia chamuscando tudo no verão.'"

76

"Sanjaya disse, 'Durante a continuação do combate violento, Bhima, enquanto lutando, estando cercado por inimigos inumeráveis, dirigiu-se a seu motorista, dizendo, 'Leve-me para o meio da hoste Dhartarashtra. Proceda, ó quadrigário, com velocidade, levado por estes corcéis. Eu despacharei todos esses Dhartarashtras para a presença de Yama.' Assim instigado por Bhimasena, o quadrigário procedeu, rapidamente e com grande impetuosidade, contra a hoste do teu filho para aquele local de onde Bhima desejava massacrá-la. Então um grande número de tropas Kaurava, com elefantes e carros e cavalos e infantaria, avançou contra ele de todos os lados. Eles então, de todos os lados, começaram a atacar aquele principal dos veículos pertencente a Bhima, com numerosas flechas. Bhima de grande alma, no entanto, com suas próprias flechas de asas douradas, cortou todas aquelas flechas avançando de seus inimigos. Assim cortadas em dois ou três fragmentos pelas flechas de Bhima, aquelas flechas, equipadas com asas douradas, de seus inimigos, caíam no chão. Então, ó rei, entre aqueles principais dos Kshatriyas, atingidos pelas flechas de Bhima, os elefantes e carros e cavalos e infantaria, deram um lamento alto, ó monarca, que pareceu o estrondo feito por montanhas quando partidas pelo raio. Assim atacados por Bhima, aqueles principais dos Kshatriyas, seus membros perfurados pelas flechas poderosas de Bhima, avançaram contra Bhima naquela batalha de todos os lados, como aves recém emplumadas em direção a uma árvore. Quando tuas tropas avançaram dessa maneira contra ele, Bhima de impetuosidade violenta mostrou toda sua energia como o próprio Destruidor armado com uma maça quando ele queima e extermina todas as criaturas no fim do Yuga. Teus soldados eram incapazes de resistir naquela batalha àquela feroz energia potente de Bhima dotado de impetuosidade violenta, como aquela do próprio Destruidor de

boca escancarada quando ele avança no fim do Yuga para exterminar todas as criaturas. Então, ó Bharata, como massas de nuvens espalhadas pela tempestade a hoste Bharata, assim mutilada e queimada naquela batalha por Bhima de grande alma, se dividiu e fugiu apavorada em todas as direções. Então o poderoso Bhimasena de grande inteligência mais uma vez disse alegremente para seu quadrigário, 'Averigúe, ó Suta, se aqueles carros reunidos e estandartes que estão avançando em direção a mim são nossos ou do inimigo. Absorto em batalha, eu não posso distingui-los. Não me deixe cobrir nossas próprias tropas com minhas flechas. Ó Visoka, vendo guerreiros e carros hostis e os topos de seus estandartes por todos os lados, eu estou muito aflito. O rei está sofrendo. O enfeitado com diadema Arjuna também não veio ainda. Essas coisas, ó Suta, enchem meu coração de tristeza. Essa mesmo é minha aflição, ó quadrigário, que o rei Yudhishthira o justo tenha ido embora, me deixando no meio do inimigo. Eu não sei se ele, como também Vibhatsu, está vivo ou morto. Isso aumenta minha tristeza. Eu irei, no entanto, embora cheio de grande aflição, destruir aquelas tropas hostis de grande poder. Massacrando assim no meio da batalha meus inimigos reunidos, eu me regozijarei contigo hoje. Examinando todas as aljavas contendo minhas flechas, diga-me, ó Suta, averiguando bem a questão, qual quantidade de flechas ainda há no meu carro, isto é, quanto de que tipo.'"

"Assim mandado, Visoka disse, 'De flechas, ó herói, tu tens ainda 60.000, enquanto tuas flechas de cabeça de navalha numeram 10.000, e as de cabeça larga numeram o mesmo tanto. De flechas do comprimento de uma jarda tu tens ainda 2.000, ó herói, e de Pradaras tu tens ainda, ó Partha, 3.000! De fato, das armas, ó filho de Pandu, a parte que ainda resta não pode ser carregada, se colocada em carroças, por seis bois. Dispare-as e arremesse-as, ó erudito, pois de maças e espadas e outras armas usadas com os braços somente tu tens milhares sobre milhares, como também lanças e cimitarras e dardos e arpões! Nunca tema que tuas armas se esgotem.'"

"Bhima disse, 'Veja, ó Suta, hoje essa batalha horrível na qual tudo será coberto com minhas flechas impetuosas disparadas violentamente do meu arco e, mutilando todos os meus inimigos, e em consequência do que o próprio sol desaparecerá do campo, fazendo o último parecer os domínios da Morte! Hoje, isso mesmo será sabido por todos os Kshatriyas incluindo as próprias crianças, ó Suta, que Bhimasena sucumbiu em batalha ou que, sozinho, ele subjugou todos os Kurus! Hoje, que todos os Kauravas caiam em batalha ou que o mundo inteiro me elogie, iniciando com as façanhas dos meus primeiros anos. Sozinho, eu derrubarei todos eles, ou que todos eles derrubem Bhimasena. Que os deuses que ajudam na realização das melhores ações me abençoem. Que aquele matador de inimigos Arjuna chegue aqui agora como Sakra, devidamente invocado, chegando rapidamente em um sacrifício. Veja, a hoste Bharata está se rompendo! Por que aqueles reis fogem? É evidente que Savyasaci, aquele principal dos homens, está encobrindo rapidamente aquela hoste com suas flechas. Veja, aqueles estandartes, ó Visoka, e elefantes e corcéis e grupos de soldados de infantaria estão fugindo. Veja, aqueles carros, atacados com flechas e dardos, com aqueles guerreiros sobre eles, estão sendo espalhados, ó Suta! Lá, a

hoste Kaurava, atacada com as flechas, equipadas com asas de ouro e penas de pavões, de Dhananjaya, e parecendo raios em força, embora extensamente massacrada, está repetidamente enchendo suas brechas. Lá, carros e corcéis e elefantes estão fugindo, esmagando grupos de soldados de infantaria. De fato, todos os Kauravas, tendo perdido sua razão, estão fugindo, como elefantes cheios de pânico em um incêndio florestal, e proferindo gritos de dor. Esses elefantes enormes, além disso, ó Visoka, estão proferindo gritos altos, atacados com flechas.'"

"Visoka disse, 'Como é, ó Bhima, que tu não ouves a vibração alta do Gandiva bocejante esticado por Partha em fúria? Estes teus dois ouvidos se foram? Todos os teus desejos, ó filho de Pandu, estão realizados! Lá o Macaco (no estandarte de Arjuna) é visto no meio do exército de elefantes (do inimigo). Veja, a corda do Gandiva está piscando repetidamente como relâmpago em meio a nuvens azuis. Lá o Macaco no topo do estandarte de Dhananjaya é visto em todo lugar apavorando divisões hostis nessa batalha terrível. Até eu, olhando para ele, estou tomado pelo medo. Lá o belo diadema de Arjuna está resplandecendo brilhantemente. Lá, a jóia preciosa no diadema, dotada do esplendor do sol, parece extremamente resplandecente. Lá, ao lado dele, veja sua concha Devadatta de clangor alto e da cor de uma nuvem branca. Lá, ao lado de Janardana, rédeas nas mãos, enquanto ele penetra no exército hostil, veja seu disco de refulgência solar, seu cubo sólido como trovão, e sua extremidade afiada como uma navalha. Veja, ó herói, aquele disco de Keshava, aquele aumentador de sua fama, o qual é sempre reverenciado pelos Yadus. Lá, as trombas, parecendo árvores altas perfeitamente retas, de elefantes enormes, cortadas por Kiritin, estão caindo sobre a terra. Lá aquelas criaturas enormes também, com seus condutores, perfurados e fendidos com flechas, estão caindo, como colinas partidas pelo raio. Lá, veja, ó filho de Kunti, a Panchajanya de Krishna, muito bela e da cor da lua, como também a Kaustubha brilhante em seu peito e sua guirlanda triunfal. Sem dúvida, aquele primeiro e principal de todos os guerreiros em carros, Partha, está avançando, desbaratando o exército hostil conforme ele se aproxima, levado por seus principais dos corcéis, da cor de nuvens brancas, e incitados por Krishna. Veja aqueles carros e corcéis e grupos de soldados a pé, mutilados por teu irmão mais novo com a energia do chefe dos celestiais. Veja, eles estão caindo como uma floresta arrancada pela tempestade causada pelas asas de Garuda. Veja, quatrocentos guerreiros em carros, com seus corcéis e motoristas, e setecentos elefantes e inúmeros soldados de infantaria e cavaleiros mortos nessa batalha por Kiritin com suas flechas poderosas. Massacrando os Kurus, o poderoso Arjuna está vindo para o teu lado assim como a constelação Citra. Todos os teus desejos estão realizados. Teus inimigos estão sendo exterminados. Que teu poder, como também o período da tua vida, sempre aumentem.'"

"Bhima disse, 'Já que, ó Visoka, tu me contaste da chegada de Arjuna, eu te darei quatorze aldeias populosas e cem escravas mulheres e vinte carros, estando satisfeito contigo, ó Suta, por essa informação agradável dada por ti!'"

77

"Sanjaya disse, 'Ouvindo os estrondos de carros e os gritos leoninos (dos guerreiros) em batalha, Arjuna se dirigiu a Govinda, dizendo, 'Incite os corcéis à maior velocidade.' Ouvindo essas palavras de Arjuna, Govinda disse a ele, 'Eu estou procedendo com grande velocidade para o local onde Bhima está posicionado.' Então muitos leões entre os homens (pertencentes ao exército Kaurava), excitados com cólera e acompanhados por um grande exército de carros e cavalos e elefantes e soldados de infantaria e fazendo a terra ressoar com o zunido de suas flechas, o estrépito das rodas de seus carros, e o passo dos cascos de seus cavalos, avançaram contra Jaya (Arjuna) quando o último procedeu para a vitória, levado por seus corcéis brancos como neve ou conchas e enfeitados em arreios de ouro e pérolas e pedras preciosas como o chefe dos celestiais procedendo em grande fúria, armado com o raio, contra (o asura) Jambha para matá-lo. Entre eles e Partha, ó senhor, ocorreu uma grande batalha destrutiva de corpos, vida, e pecados, como a batalha entre os asuras e o deus Vishnu, aquele principal dos vencedores por causa dos três mundos. Sozinho, Partha, enfeitado com diadema e guirlandas, cortou as armas poderosas disparadas por eles, como também suas cabeças e braços de diversas maneiras, com suas flechas de face de navalha e moldadas em forma de meia-lua e de cabeça larga de gume excelente. Guarda-sóis, e rabos de iaque para abanar, e bandeiras, e corcéis, e carros, e grupos de soldados de infantaria, e elefantes caíam no chão, mutilados de diversos modos, como uma floresta derrubada por uma tempestade. Elefantes enormes, enfeitados com tecidos de ouro e equipados com estandartes triunfais e guerreiros (em suas costas), pareciam resplandecentes, quando eles eram perfurados com flechas de asas douradas, como montanhas flamejantes com luz. Perfurando elefantes e corcéis e carros com flechas excelentes parecendo o raio de Vasava, Dhananjaya procedeu rapidamente para matar Karna, assim como Indra nos tempos antigos para fender (o asura) Vala. Então aquele tigre entre homens, aquele poderosamente armado castigador de inimigos, penetrou na tua hoste como um makara no oceano. Vendo o filho de Pandu, teus guerreiros, ó rei, acompanhados por carros e soldados a pé e um grande número de elefantes e corcéis, avançaram contra ele. Tremendo foi o barulho feito por eles quando eles avançaram contra Partha, parecendo aquele feito pelas águas do oceano açoitadas à fúria pela tempestade. Aqueles poderosos guerreiros em carros, parecendo tigres (em bravura) todos avançaram naquela batalha contra aquele tigre entre homens, abandonando todo o medo da morte. Arjuna, no entanto, desbaratou as tropas daqueles líderes dos Kurus quando elas avançavam disparando nele chuvas de armas, como uma tempestade rechaçando massas de nuvens reunidas. Aqueles grandes arqueiros, todos hábeis em atacar, se reuniram e procederam contra Arjuna com um grande número de carros e começaram a perfurá-lo com flechas afiadas. Então Arjuna, com suas flechas, despachou para a residência de Yama vários milhares de carros e elefantes e cavalos. Enquanto aqueles grandes guerreiros em carros naquela batalha estavam sendo assim atingidos por flechas disparadas do arco de Arjuna, eles ficavam cheios de temor e pareciam desaparecer um depois outro de

seus carros. Ao todo, Arjuna, com suas setas afiadas, matou quatrocentos daqueles heróicos guerreiros em carros se esforçando vigorosamente em batalha. Assim atingidos naquela batalha com flechas afiadas de diversos tipos, eles fugiram para todos os lados, evitando Arjuna. Tremendo foi o tumulto feito na vanguarda do exército por aqueles guerreiros quando eles se dividiram e fugiram, como aquele feito pela onda do mar quando ela se quebra sobre uma rocha. Tendo desbaratado com suas flechas aquele exército tomado pelo pavor, o filho de Pritha Arjuna então procedeu, ó senhor, contra a divisão do filho de Suta. Alto foi o barulho com o qual Arjuna enfrentou seus inimigos, como aquele feito por Garuda nos tempos antigos quando mergulhando em busca de cobras. Ouvindo aquele som, o poderoso Bhimasena, desejoso como ele tinha estado de obter uma visão de Partha, ficou cheio de alegria. Logo que o valente Bhimasena soube da chegada de Partha, ele começou, ó monarca, a oprimir tuas tropas, indiferente à sua própria vida. Possuidor de bravura igual àquela do vento, o bravo Bhima, o filho do deus do vento, começou a se mover naquela batalha como o próprio vento. Afligido por ele, ó monarca, teu exército, ó rei, começou a oscilar como um navio naufragado na superfície do oceano. Mostrando sua agilidade de mãos, Bhima começou a cortar e mutilar aquela hoste com suas flechas ardentes e a despachar grandes números para a residência de Yama. Contemplando naquela ocasião o poder sobre-humano de Bhima, ó Bharata, como aquele do Destruidor no fim do Yuga, teus guerreiros ficaram cheios de pavor. Vendo seus soldados mais poderosos afligidos dessa maneira por Bhimasena, ó Bharata, o rei Duryodhana se dirigiu a todas as suas tropas e grandes arqueiros, ó touro da raça Bharata, mandando-os matar Bhima naquela batalha, já que após a queda de Bhima ele consideraria as tropas Pandava já exterminadas. Aceitando aquela ordem do teu filho, todos os reis cobriram Bhima com chuvas de flechas de todos os lados. Inúmeros elefantes, ó rei, e homens inspirados com desejo de vitória, e carros, e cavalos, ó monarca, cercaram Vrikodara. Assim cercado por aqueles bravos guerreiros de todos os lados, ó rei, aquele herói, aquele chefe da linhagem de Bharata, parecia resplandecente como a Lua cercada pelas estrelas. De fato, como a Lua cheia dentro de seu halo parece bela, assim mesmo aquele melhor dos homens, muito bonito, parecia belo naquela batalha. Todos aqueles reis, com intenção cruel e olhos vermelhos de raiva, infligiram sobre Vrikodara suas torrentes de flechas, movidos pelo desejo de matá-lo. Perfurando aquela hoste imensa com flechas retas, Bhima saiu da multidão como um peixe saindo de uma rede, tendo matado 10.000 elefantes que não recuavam, 200.200 homens, ó Bharata, e 5.000 cavalos, e cem guerreiros em carros. Tendo-os massacrado, Bhima fez um rio de sangue fluir lá. Sangue constituía sua água, e carros seus redemoinhos; e elefantes eram os jacarés com os quais ele abundava. Homens eram seus peixes, e cavalos seus tubarões, e o cabelo de animais formava seu mato e musgo. Braços cortados de troncos formavam suas principais cobras. Inúmeras jóias e pedras preciosas eram levadas ao longo da correnteza. Coxas constituíam seus pedregulhos, e medula seu lodo. E ele estava coberto com cabeças formando suas rochas. E arcos e flechas constituíam as balsas pelas quais homens procuravam cruzar aquele rio terrível, e maças e cassetetes com ferrões formavam suas cobras. E guarda-sóis e estandartes formavam seus cisnes, e protetores de cabeça sua espuma. Colares constituíam seus lotos, e o

pó de terra que se ergueu formou suas ondas. Aqueles dotados de qualidades nobres podiam cruzá-lo com facilidade, enquanto aqueles que eram medrosos e apavorados o achavam extremamente difícil de atravessar. Guerreiros constituíam seus crocodilos e jacarés, ele corria para a região de Yama. Logo, de fato, aquele tigre entre homens fez aquele rio fluir. Assim como o terrível Vaitarani é difícil de ser cruzado por pessoas de almas não purificadas, aquele rio sangrento, terrível e aumentando os medos dos tímidos, era difícil de se cruzar. Onde aquele melhor dos guerreiros em carros, o filho de Pandu, penetrava, lá ele derrubava guerreiros hostis às centenas e milhares. Vendo aquelas façanhas realizadas em batalha por Bhimasena, Duryodhana, ó monarca, se dirigindo a Shakuni, disse, 'Derrote, ó tio, o poderoso Bhimasena em batalha. Após sua derrota a hoste imensa dos Pandavas pode ser considerada como derrotada.' Assim endereçado, ó monarca, o valente filho de Subala, competente para travar batalha terrível, procedeu, cercado por seus irmãos. Aproximando-se naquela batalha de Bhima de destreza terrível, o heróico Shakuni o reprimiu como o continente resistindo ao oceano. Embora resistido com flechas afiadas, Bhima, desconsiderando eles todos, procedeu contra os filhos de Subala. Então Shakuni, ó monarca, disparou diversas flechas do comprimento de uma jarda providas de asas de ouro e afiadas em pedra, no lado esquerdo do peito de Bhima. Atravessando a armadura do filho de grande alma de Pandu, aquelas flechas brilhantes, ó monarca, equipadas com penas de Kankas e pavões, afundaram profundamente em seu corpo. Profundamente perfurado naquela batalha, Bhima, ó Bharata, disparou de repente no filho de Subala uma flecha enfeitada com ouro. O poderoso Shakuni, no entanto, aquele opressor de inimigos, ó rei, dotado de grande agilidade de mãos, cortou em sete fragmentos aquela flecha ameaçadora enquanto ela corria em direção a ele. Quando sua flecha caiu no chão, Bhima, ó rei, ficou muito enfurecido, e cortou com uma flecha de cabeça larga o arco do filho de Subala com a maior facilidade. O filho valente de Subala então, jogando de lado aquele arco quebrado, rapidamente pegou outro e seis e dez flechas de cabeça larga. Com duas daquelas flechas retas e de cabeça larga, ó monarca, ele atingiu o próprio Bhima, com uma ele cortou o estandarte de Bhima, e com duas, seu guarda-sol. Com as quatro restantes, o filho de Subala perfurou os quatro corcéis de seu antagonista. Cheio de raiva nisto, o bravo Bhima, ó monarca, arremessou naquela batalha um dardo feito de ferro, com sua vara adornada com ouro. Aquele dardo, agitado como a língua de uma cobra, lançado dos braços de Bhima, caiu rapidamente sobre o carro do filho de grande alma de Subala. O último então, cheio de ira, ó monarca, pegou aquele mesmo dardo enfeitado com ouro e arremessou-o de volta em Bhimasena. Atravessando o braço esquerdo do filho de grande alma de Pandu, ele caiu na terra como relâmpago lampejando para baixo do céu. Nisto, os Dhartarashtras, ó monarca, deram um rugido alto por toda parte. Bhima, no entanto, não pode tolerar aquele rugido leonino de seus inimigos dotados de grande energia. O filho poderoso de Pandu então, pegando rapidamente outro arco encordoado, num momento, ó monarca, cobriu com flechas os soldados do filho de Subala naquela batalha, que estavam lutando indiferentes às suas próprias vidas. Tendo matado seus quatro corcéis, e então seu motorista, ó rei, Bhima de grande destreza em seguida cortou o estandarte de seu oponente com uma flecha de cabeça larga sem perder um momento.

Abandonando com rapidez aquele carro sem cavalos, Shakuni, aquele principal dos homens, permaneceu no chão, com seu arco preparado puxado em suas mãos, seus olhos vermelhos como sangue de raiva, e ele mesmo respirando pesadamente. Ele então, ó rei, atacou Bhima de todos os lados com inúmeras flechas. O heróico Bhima, desviando aquelas flechas, cortou o arco de Shakuni em fúria e perfurou o próprio Shakuni com muitas setas afiadas. Profundamente perfurado por seu adversário poderoso, aquele opressor de inimigos, ó rei, caiu no chão quase sem vida. Então teu filho, ó monarca, vendo ele entorpecido, o levou para longe da batalha em seu carro na própria vista de Bhimasena. Quando aquele tigre entre homens, Shakuni, foi assim colocado no carro de Duryodhana, as tropas Dhartarashtra, virando seus rostos da batalha, fugiram para todos os lados inspiradas com medo naquela ocasião de grande terror devido a Bhimasena. Após a derrota do filho de Subala, ó rei, por aquele arqueiro formidável, Bhimasena, teu filho Duryodhana, cheio de grande medo, se retirou, levado para longe por seus corcéis velozes, por consideração pela vida de seu tio materno. Vendo o próprio rei abandonar a batalha, as tropas, ó Bharata, fugiram dos combates nos quais cada uma delas tinha estado envolvida. Vendo todas as tropas Dhartarashtra abandonarem a batalha e fugirem em todas as direções, Bhima avançou impetuosamente, caindo sobre elas, disparando muitas centenas de flechas. Massacrados por Bhima, os Dhartarashtras que se retiravam, ó rei, se aproximando do local onde Karna estava, se juntaram mais uma vez para lutar, cercando-o. Dotado de grande poder e grande energia, Karna então se tornou seu refúgio. Encontrando Karna, ó touro da raça Bharata, tuas tropas ficaram confortadas e resistiram alegremente, confiando umas nas outras, como marinheiros náufragos, ó tigre dos homens, em sua situação aflitiva, quando finalmente eles alcançam uma ilha. Eles então, novamente, fazendo da própria morte sua meta, procederam contra seus inimigos para lutar.'"

78

"Dhritarashtra disse, 'Quando nossas tropas foram divididas em batalha por Bhimasena, o que, ó Sanjaya, Duryodhana e o filho de Subala disseram? Ou, o que Karna, aquele principal dos vitoriosos, ou os guerreiros do meu exército naquela batalha, ou Kripa, ou Kritavarma, ou o filho de Drona Duhshasana, disseram? Muito extraordinária, eu penso, é a coragem do filho de Pandu, já que, sem ajuda, ele lutou em batalha com todos os guerreiros do meu exército. O filho de Radha agiu em direção às tropas (hostis) de acordo com seu voto? Aquele matador de inimigos, Karna, ó Sanjaya, é a prosperidade, a armadura, a fama, e a própria esperança de vida dos Kurus. Vendo o exército dividido pelo filho de Kunti de energia incomensurável, o que Karna, o filho de Adhiratha e Radha, fez naquela batalha? O que também meus filhos, difíceis de derrotar em batalha, fizeram, ou os outros reis e poderosos guerreiros em carros do nosso exército? Conte-me tudo isso, ó Sanjaya, pois tu és hábil em narração!'"

"Sanjaya disse, 'Naquela tarde, ó monarca, o filho de Suta de grande heroísmo começou a derrotar todos os Somakas diante de Bhimasena. Bhima também de

grande força começou a destruir as tropas Dhartarashtra. Então Karna, se dirigindo (a seu motorista) Shalya, disse a ele, 'Leve-me aos Pancalas.' De fato, vendo seu exército prestes a ser desbaratado por Bhimasena de grande inteligência, Karna dirigiu-se mais uma vez a seu motorista, dizendo, 'Leve-me aos Pancalas somente.' Assim incitado, Shalya, o soberano dos Madras, dotado de grande força, incitou aqueles corcéis brancos que eram rápidos como o pensamento, em direção aos Cedis, os Pancalas e os Karushas. Penetrando então naquela hoste imensa, Shalya, aquele subjugador de tropas hostis, alegremente conduziu aqueles corcéis para todos os lugares que Karna, aquele principal dos guerreiros, desejava ir. Vendo aquele carro envolvido em peles de tigre e parecendo com uma nuvem, os Pandus e os Pancalas, ó monarca, ficaram apavorados. O estrépito então daquele carro, como o ribombo do trovão ou o som de uma montanha se partindo em fragmentos, tornou-se audível naquela batalha aterradora. Com centenas sobre centenas de flechas afiadas disparadas da corda do arco puxada até sua orelha, Karna então derrubou centenas e milhares de guerreiros pertencentes ao exército Pandava. Enquanto o invicto Karna estava empenhado em realizar aquelas façanhas, muitos poderosos arqueiros e grandes guerreiros em carros entre os Pandavas o cercaram por todos os lados. De fato, Shikhandi, e Bhima, e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, e Nakula, e Sahadeva, e os (cinco) filhos de Draupadi, e Satyaki cercaram o filho de Radha, disparando chuvas de flechas sobre ele, pelo desejo de despachá-lo para o outro mundo. O heróico Satyaki, aquele melhor dos homens, atingiu Karna naquele combate com vinte flechas afiadas na junta do ombro. Shikhandi o atingiu com vinte e cinco flechas, e Dhrishtadyumna o atingiu com sete, e os filhos de Draupadi com sessenta e quatro, e Sahadeva com sete, e Nakula com cem, naquela batalha. O poderoso Bhimasena, naquele combate, cheio de raiva, atingiu o filho de Radha na junta do ombro com noventa flechas retas. O filho de Adhiratha, então, de grande poder dando risada em desprezo, e puxando seu arco excelente disparou muitas flechas afiadas, afligindo seus inimigos. O filho de Radha perfurou cada um deles em retorno com cinco flechas. Cortando o arco de Satyaki, como também seu estandarte, ó touro da raça Bharata, Karna perfurou o próprio Satyaki com nove flechas no centro do peito. Cheio de fúria, ele então perfurou Bhimasena com trinta flechas. Com uma flecha de cabeça larga, ó senhor, ele cortou em seguida a bandeira de Sahadeva, e com três outras flechas, aquele castigador de inimigos afligiu o motorista de Sahadeva. Num piscar de olhos ele então privou os (cinco) filhos de Draupadi de seus carros, ó touro da raça Bharata, o que pareceu muito extraordinário. De fato, com suas flechas retas fazendo aqueles heróis retrocederem da luta, o heróico Karna começou a matar os Pancalas e muitos poderosos guerreiros em carros entre os Cedis. Assim atacados naquela batalha, ó monarca, os Cedis e os Matsyas, avançando contra Karna somente, despejaram sobre ele chuvas de flechas. O filho de Suta, no entanto, aquele poderoso guerreiro em carro, começou a atingi-los com suas flechas afiadas. Eu vi aquele feito muito extraordinário, ó Bharata, isto é, que o filho de Suta de destreza formidável, sozinho e não protegido naquela batalha, lutou com todos aqueles arqueiros que lutavam com ele com todas as suas forças, e reprimiu todos aqueles guerreiros Pandava, ó monarca, com suas flechas. Com a agilidade de mão, ó Bharata, de Karna de grande alma naquela ocasião, todos os deuses como

também os Siddhas e os Charanas estavam satisfeitos. Todos os grandes arqueiros entre os Dhartarashtras também, ó melhor dos homens, elogiaram Karna, aquele principal dos grandes guerreiros em carros, aquele primeiro de todos os arqueiros. Então Karna, ó monarca, queimou o exército hostil como uma poderosa e ardente conflagração consumindo uma pilha de grama seca no verão. Assim massacradas por Karna, as tropas Pandava, dominadas pelo medo, fugiram em todas as direções, diante de Karna. Lamentos altos se elevaram lá entre os Pancalas naquela grande batalha, enquanto eles eram assim atingidos pelas flechas afiadas disparadas do arco de Karna. Tomada pelo medo do barulho, a hoste vasta dos Pandavas, aqueles inimigos de Karna, o consideraram como o único guerreiro naquela batalha. Então aquele subjugador de inimigos, isto é, o filho de Radha, mais uma vez realizou um feito muito extraordinário, visto que todos os Pandavas, juntos, eram incapazes até de olhar para ele. Como uma massa avolumada de água quebrando quando ela entra em contato com uma montanha, o exército Pandava se dividiu quando ele entrou em contato com Karna. De fato, ó rei, o poderosamente armado Karna naquela batalha, queimando a hoste vasta dos Pandavas, permaneceu lá como um fogo brilhante sem fumaça. Com grande energia aquele herói, com suas flechas, cortava os braços e as cabeças de seus bravos inimigos, ó rei, e suas orelhas enfeitadas com brincos. Espadas com punhos de marfim, e estandartes, e dardos, e corcéis, e elefantes, e carros de diversos tipos, ó rei, e bandeiras, e eixos, e cangas, e rodas de muitos tipos, foram cortados de várias maneiras por Karna, cumpridor do voto de um guerreiro. Lá, ó Bharata, com elefantes e cavalos mortos por Karna, a terra ficou intransitável e lodosa com carne e sangue. Os locais irregulares e nivelados também do campo, por causa de corcéis mortos e soldados de infantaria e carros quebrados e elefantes mortos, não podiam mais ser distinguidos. Os combatentes não podiam distinguir amigos de inimigos naquela escuridão densa causada por flechas quando a arma (celeste) de Karna estava exposta. Os poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, ó monarca, foram completamente cobertos por flechas, enfeitadas com ouro, que foram disparadas do arco de Karna. Aqueles poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, ó rei, naquela batalha, embora lutando vigorosamente, foram repetidamente divididos pelo filho de Radha, assim como um bando de veados na floresta é desbaratado por um leão enfurecido. Derrotando os principais dos guerreiros em carros Pancala e (outros) inimigos, Karna de grande fama, naquela batalha, matava os guerreiros Pandava como um lobo matando animais menores. Vendo o exército Pandava se desviar da batalha, os arqueiros Dhartarashtra de grande força avançaram contra a hoste que se retirava proferindo gritos terríveis. Então Duryodhana, ó monarca, cheio de grande deleite, fez diversos instrumentos musicais serem batidos e soprados em todas as partes do exército. Os grandes arqueiros entre os Pancalas, aqueles mais notáveis dos homens, embora divididos, voltaram heroicamente para o combate, fazendo da morte sua meta. O filho de Radha, no entanto, aquele touro entre homens e opressor de inimigos, ó monarca, naquela batalha, dividiu de diversos modos aqueles heróis que voltaram. Lá, ó Bharata, vinte guerreiros em carros entre os Pancalas e mais do que cem guerreiros Cedi foram mortos por Karna com suas flechas. Fazendo os terraços de carros e as costas de corcéis vazios, ó Bharata, e matando os combatentes que lutavam dos pescoços de

elefantes, e desbaratando os soldados a pé, aquele opressor de inimigos, o filho de Suta de grande coragem, tornou-se incapaz de ser fitado como o sol do meio-dia e parecia resplandecente como o próprio Destruidor no fim do Yuga. Assim, ó monarca, aquele matador de inimigos, aquele arqueiro poderoso, Karna, tendo matado soldados de infantaria, cavalaria, guerreiros em carros, e elefantes, permaneceu lá em seu carro. De fato, como o próprio Destruidor de grande poder permanecendo depois de matar todas as criaturas, o poderoso guerreiro em carro Karna ficou sozinho, tendo matado os Somakas. A bravura que nós então vimos dos Pancalas pareceu ser muito extraordinária, pois, embora atacados dessa maneira por Karna, eles se recusaram a fugir daquele herói na dianteira da batalha. Naquela hora, o rei (Duryodhana), e Duhshasana, e Kripa, o filho de Sharadvata, e Ashvatthama, e Kritavarma, e Shakuni também de grande poder, massacraram os guerreiros Pandava às centenas e milhares. Os dois filhos também de Karna, ó monarca, aqueles dois irmãos de destreza incapaz de ser frustrada, cheios de raiva, massacraram o exército Pandava em várias partes do campo. A batalha naquele local foi terrível e cruel e a carnificina que ocorreu foi muito grande. Similarmente os heróis Pandava, Dhrishtadyumna e Shikhandi e os (cinco) filhos de Draupadi, cheios de raiva, massacraram tua hoste. Assim mesmo uma grande destruição ocorreu entre os Pandavas em todos os lugares no campo, e assim mesmo teu exército também sofreu grande perda nas mãos do poderoso Bhima.'"

79

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso Arjuna, ó monarca, tendo matado os quatro tipos de tropas (do inimigo), e tendo obtido uma visão do furioso filho de Suta naquela batalha terrível, fez um rio de sangue fluir lá que era fulvo com carne e medula e ossos. Cabeças humanas constituíram suas rochas e pedras. Elefantes e cavalos formavam suas margens. Cheio de ossos de combatentes heróicos, ele ressoava com os gritos de corvos e urubus. Guarda-sóis eram seus cisnes ou balsas. E aquele rio corria, levando embora heróis como árvores ao longo de sua correnteza. Colares constituíam seus grupos de lotos, e protetores de cabeça formavam sua espuma excelente. Arcos e flechas constituíam seus peixes; e as coroas de homens esmagados flutuavam em sua superfície. Escudos e armaduras eram seus redemoinhos, e carros eram as balsas com as quais ele abundava. E ele podia ser facilmente vadeado por pessoas desejosas de vitória, enquanto para aqueles que eram covardes ele era não vadeável. Tendo feito aquele rio fluir, Vibhatsu, aquele matador de heróis hostis e touro entre homens, se dirigindo a Vasudeva disse, 'Lá, ó Krishna, a bandeira do filho de Suta é visível. Lá, Bhimasena e outros estão lutando com aquele grande guerreiro em carro. Lá, os Pancalas, com medo de Karna, estão fugindo, ó Janardana. Lá, o rei Duryodhana, com o guarda-sol branco por cima de sua cabeça, junto com Karna, parece muito resplandecente enquanto ele está empenhado em derrotar os Pancalas. Lá Kripa, e Kritavarma, e o filho de Drona, aqueles poderosos guerreiros em carros, estão protegendo o rei Duryodhana, eles mesmos protegidos pelo filho de Suta. Lá, ó Krishna, Shalya, bem familiarizado com a ação de segurar as rédeas, parece

muito resplandecente enquanto, sentado no terraço do carro de Karna, ele guia aquele veículo. Leve-me àquele poderoso guerreiro em carro, pois esse mesmo é o desejo nutrido por mim. Sem matar Karna nessa batalha eu nunca voltarei. Do contrário, o filho de Radha, ó Janardana, irá, na minha vista, exterminar os poderosos guerreiros em carros dos Parthas e os Srinjayas.' Assim endereçado, Keshava procedeu rapidamente em seu carro em direção ao poderoso arqueiro Karna, para fazer um duelo se realizar entre Karna e Savyasaci. De fato, Hari de braços fortes, por ordem do filho de Pandu, procedeu em seu carro, animando (por aquela ação) todas as tropas Pandava. O estrépito então do veículo de Arjuna ergueu-se alto naquela batalha, parecendo, ó senhor, o estrondo tremendo do trovão de Vasu. Vendo Arjuna de corcéis brancos e tendo Krishna como seu motorista avançar dessa maneira, e vendo o estandarte daquele de grande alma, o rei dos Madras, se dirigindo a Karna, disse, 'Lá vem aquele guerreiro em carro tendo corcéis brancos unidos ao seu veículo e tendo Krishna como seu motorista, matando seus inimigos em batalha. Lá vem ele sobre quem tu estavas perguntando, segurando seu arco Gandiva. Se tu puderes matá-lo hoje, grande bem então pode ser feito para nós. Ele vem, ó Karna, desejoso de um combate contigo, matando, conforme ele se aproxima, nossos principais guerreiros. Proceda contra aquele herói da linhagem de Bharata. Evitando todos os nossos guerreiros, Dhananjaya avança com grande velocidade, para, como eu penso, um combate contigo, a julgar por sua forma cheia de raiva e energia. Resplandecendo com fúria, Partha não irá parar por desejo de batalha com alguém mais exceto tu, especialmente quando Vrikodara está sendo afligido tanto (por ti). Sabendo que o rei Yudhishthira o justo foi extremamente mutilado e feito sem carro por ti, e vendo Shikhandi, e Satyaki, e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, e os (cinco) filhos de Draupadi, e Yudhamanyu, e Uttamauja, e os irmãos Nakula e Sahadeva, aquele opressor de inimigos, Partha, avança impetuosamente em um único carro contra ti. Sem dúvida, ele está avançando com velocidade contra nós, evitando outros combatentes. Ó Karna, vá contra ele, pois não há outro arqueiro (entre nós que possa fazer isso). Eu não vejo quaisquer arranjos feitos para sua proteção, em seus flancos ou em sua retaguarda. Ele avança sozinho contra ti. Cuide do teu êxito agora. Só tu és capaz de enfrentar os dois Krishnas em batalha. Proceda, portanto, contra Dhananjaya. Tu estás à altura de Bhishma, de Drona, do filho de Drona, de Kripa. Resista nessa grande batalha a Savyasaci que está avançando. De fato, ó Karna, mate este Dhananjaya que parece uma cobra frequentemente dardejando sua língua para fora, ou um touro rugindo, ou um tigre na floresta. Lá, aqueles reis, aqueles poderosos guerreiros em carros do exército Dhritarashtra, por medo de Arjuna, estão fugindo rapidamente, sem consideração uns pelos outros. Exceto tu, ó filho de Suta, não há outro homem, ó herói, que possa, em batalha, dissipar os medos daqueles combatentes se retirando. Todos aqueles Kurus, ó tigre entre homens, obtendo a ti como seu refúgio nessa batalha, são dependentes de ti e desejosos da tua proteção. Reunindo tua grande bravura, ó poderosamente armado, proceda contra ele da linhagem de Vrishni, que é sempre gratificado pelo ornado com diadema (Arjuna).'"

"Karna disse, 'Tu pareces estar agora no teu estado de espírito usual e tu és agora agradável para mim. Ó de braços fortes, não nutra qualquer medo de

Dhananjaya. Veja o poder de minhas armas hoje, e contemple minha habilidade. Sozinho, eu destruirei hoje a hoste imensa dos Pandavas, como também aqueles dois leões entre homens, os dois Krishnas! Eu te digo isso realmente. Eu nunca voltarei do campo hoje sem matar aqueles dois heróis. Ou, morto por aqueles dois, eu hoje dormirei no campo de batalha. A vitória é incerta em batalha. Matando ou morto, eu hoje alcançarei meu propósito.'"

"Shalya disse, 'Todos os grandes guerreiros em carros, ó Karna, dizem que este principal dos guerreiros em carros, (Arjuna), até quando só, é invencível. Quando, além disso, ele é protegido por Krishna, quem se arriscará a enfrentá-lo?'"

"Karna disse, 'Tanto quanto eu sei, tal guerreiro em carro superior nunca nasceu na terra! Veja meu heroísmo, já que eu lutarei em batalha até com aquele Partha que é dessa maneira. Esse príncipe da linha de Kuru, esse principal dos guerreiros em carros, se move rapidamente em batalha, levado por seus corcéis de cor branca. Talvez ele me despache para a residência de Yama hoje. Saiba, no entanto, que com a morte de Karna, esses todos serão exterminados. Os dois braços desse príncipe nunca estão cobertos com suor. Eles nunca tremem. Eles são massivos e cobertos com cicatrizes. Firme no uso de armas, ele é possuidor de habilidade formidável e dotado de extraordinária agilidade de mãos. De fato, não há guerreiro igual ao filho de Pandu. Ele pega um grande número de setas e as dispara como se elas fossem uma. Fixando-as rapidamente na corda do arco, ele as impulsiona à distância de duas milhas. Elas sempre caem sobre o inimigo. Que guerreiro há sobre a terra que seja igual a ele? Aquele Atiratha, dotado de grande energia, com Krishna como seu aliado, gratificou o deus Agni em Khandava. Lá, naquela ocasião, Krishna de grande alma obteve seu disco, e Savyasaci, o filho de Pandu, obteve seu arco Gandiva. Lá aquele poderosamente armado, dotado de força que não conhece decadência, também obteve seu carro terrível ao qual estão unidos aqueles cavalos brancos, como também suas duas grandes aljavas celestes e inesgotáveis, e muitas armas celestes, do Deus do Fogo. Na região de Indra ele obteve sua concha Devadatta e matou inúmeros Daityas, e todos os Kalakeyas. Quem na terra é superior a ele? Possuidor de grandeza de alma, ele gratificou o próprio Mahadeva em luta justa, e obteve dele a terrível e poderosa arma Pasupata que é capaz de destruir os três mundos. Os vários Regentes do mundo reunidos deram a ele suas armas de energia incomensurável, com as quais aquele leão entre homens destruiu rapidamente em batalha aqueles Asuras unidos, os Kalakhanjas. Assim também, na cidade de Virata, se movendo em um único carro dele derrotou todos nós, e arrebatou de nós aquela fortuna em gado, e tirou de todos os principais guerreiros em carros (partes de) suas peças de roupa. Desafiando aquele principal dos Kshatriyas, aquele herói tendo ele da linhagem de Vrishni como seu aliado, aquele guerreiro que é dotado de tal energia e tais atributos, eu me considero, ó Shalya, como a mais notável das pessoas no mundo todo em relação à coragem. Ele é, além disso, protegido por aquele Keshava de grande energia, que é o próprio Narayana e que é inigualado, aquele Vasudeva de grande alma, aquele Vishnu sempre vitorioso armado com concha, disco, e maça, cujos atributos todo o mundo unido,

não pode (ao narrar) esgotar em 10.000 anos. Vendo os dois Krishnas juntos no mesmo carro, medo entra no meu coração junto com coragem. Partha é o principal de todos os arqueiros, enquanto Narayana é inigualável em combates com o disco. Assim mesmo são Vasudeva e o filho de Pandu. De fato, as montanhas de Himavat podem se mover do local onde elas estão, mas não os dois Krishnas. Ambos são heróis, possuidores de grande habilidade, firmes no uso de armas, e poderosos guerreiros em carros. Ambos tem corpos adamantinos. Quem mais, ó Shalya, exceto eu mesmo, procederia contra Phalguna e Vasudeva que são exatamente assim? O desejo nutrido por mim hoje, isto é, aquele de uma batalha com o filho de Pandu, ó soberano dos Madras, será realizado sem demora. Logo aquela batalha extraordinária e inigualável e bela se realizará. Ou eu derrubarei aquele dois em batalha hoje, ou os dois Krishnas hoje me derrubarão.' Dizendo essas palavras para Shalya, Karna, aquele matador de inimigos, começou a proferir rugidos altos naquela batalha, como aqueles das nuvens. Se aproximando então do teu filho, aquele principal entre os Kurus, e saudado respeitosamente por ele, Karna disse para aquele príncipe como também para aqueles dois guerreiros poderosamente armados, Kripa e o chefe Bhoja Kritavarma, e o soberano dos Gandharvas com seu filho, e os preceptores e seus próprios irmãos mais novos, e todos os soldados de infantaria e cavaleiros e condutores de elefantes, essas palavras, 'Avancem em direção a Acyuta e Arjuna e fechem completamente seu caminho, e façam eles ficarem cansados com esforço, para que, ó senhores da terra, eu possa matar facilmente aqueles dois depois que todos vocês os tiverem mutilado profundamente.' Dizendo, 'Assim seja' aqueles principais dos heróis, desejosos de matar Arjuna, procederam depressa contra ele. Aqueles poderosos guerreiros em carros então, obedecendo a ordem de Karna, começaram a atacar Dhananjaya com inúmeras flechas naquela batalha. Como o grande oceano contendo uma vasta quantidade de água recebendo todos os rios com seus afluentes Arjuna recebeu todos aqueles guerreiros em batalha. Seus inimigos não podiam notar quando ele fixava suas flechas excelentes na corda do arco e quando ele as disparava. Tudo o que podia ser visto era que homens e cavalos e elefantes, perfurados pelas flechas disparadas por Dhananjaya, caíam continuamente, privados de vida. Como homens com olhos enfermos que são incapazes de olhar para o sol, os Kauravas naquela ocasião não podiam olhar para Jaya que parecia ser possuidor da energia do Sol todo-destrutivo que se ergue no fim do Yuga, tendo flechas como seus raios, e Gandiva como seu belo disco circular. Sorrindo, Partha com suas próprias chuvas de flechas cortou aquelas flechas excelentes disparadas nele por aqueles poderosos guerreiros em carros. Em retorno, ele os atacou com inúmeras flechas, puxando seu arco Gandiva a um círculo completo. Como o sol de raios ardentes entre os meses de Jyaishtha e Ashadha seca facilmente as águas (da terra), assim mesmo Arjuna, frustrando as flechas de seus inimigos, consumiu tuas tropas, ó rei de reis! Então Kripa, e o chefe dos Bhojas, e teu próprio filho disparando chuvas de flechas, avançaram em direção a ele. O filho de Drona também, aquele poderoso guerreiro em carro, avançou em direção a ele, disparando suas flechas. De fato, todos eles despejaram suas flechas sobre ele, como nuvens despejando torrentes de chuva em uma montanha. O filho de Pandu, no entanto, com grande energia e velocidade, cortou com suas próprias

flechas aquelas flechas excelentes disparadas nele com grande atenção naquela batalha terrível por aqueles guerreiros ilustres desejosos de matá-lo, e perfurou o peito de cada um de seus adversários com três flechas. Tendo flechas como seus raios ardentes, o sol Arjuna, com Gandiva esticado até sua mais completa extensão constituindo seu halo, parecia resplandecente, enquanto ele chamuscava seus inimigos, como o próprio Sol entre os meses de Jyeshtha e Ashadha, dentro de seu halo brilhante. Então o filho de Drona perfurou Dhananjaya com dez principais das flechas, e Keshava com três, e os quatro corcéis de Dhananjaya com quatro, e despejou muitas flechas no Macaco no estandarte de Arjuna. Apesar de tudo isso, Dhananjaya cortou o arco totalmente esticado na mão de seu adversário com três flechas, a cabeça de seu motorista com uma flecha de face de navalha, e seus quatro corcéis com suas quatro outras flechas e seu estandarte com três outras flechas e o derrubou de seu carro. O filho de Drona então, cheio de raiva, pegou outro arco de grande valor, brilhante como o corpo de Takshaka, e enfeitado com pedras preciosas e diamantes e ouro, e parecendo uma cobra imensa apanhada da base de uma montanha. Encordoando aquele arco enquanto ele permanecia no chão, e lançando flechas e armas uma atrás da outra, o filho de Drona, aquele guerreiro que se distinguia em muitos talentos, começou a afligir aqueles dois invictos e principais dos homens e a perfurá-los de um ponto próximo com muitas flechas. Então aqueles poderosos guerreiros em carros, Kripa e Bhoja e teu filho, permanecendo na vanguarda da batalha, lançaram-se sobre ele e cobriram aquele touro entre os Pandavas, disparando chuvas de flechas, como nuvens encobrindo o dissipador da escuridão. Possuidor de destreza igual àquela dele de mil braços (Kartavirya), Partha então derramou suas flechas sobre o arco de Kripa com flecha fixada nele, seus corcéis, sua bandeira, e seu motorista, como o manejador do trovão nos tempos passados despejando suas flechas sobre (o asura) Vali. Suas armas destruídas pelas flechas de Partha, e seu estandarte também tendo sido despedaçado naquela grande batalha, Kripa foi afligido com tantos milhares de flechas por Arjuna quanto o filho de Ganga Bhishma antes (no dia de sua queda) pelo mesmo guerreiro enfeitado com diadema. O valente Partha então, com suas flechas, cortou o estandarte e o arco do teu filho que rugia. Destruindo em seguida os belos cavalos de Kritavarma, ele cortou o estandarte do último também. Ele então começou a destruir com grande velocidade os elefantes do exército hostil, como também seus carros com seus corcéis e motoristas e arcos e bandeiras. Nisso aquela tua hoste vasta se rompeu em cem partes como um dique levado pelas águas. Então Keshava, acelerando rapidamente o carro de Arjuna, colocou todos os seus inimigos atormentados em seu lado direito. Então outros guerreiros, desejosos de um combate, com seus carros bem equipados tendo estandartes altos, seguiram Dhananjaya que estava procedendo com grande velocidade como Indra procedendo para matar Vritra. Então aqueles poderosos guerreiros em carros, Shikhandi e Satyaki e os gêmeos, indo na direção de Dhananjaya, reprimiram aqueles inimigos e, perfurando-os com flechas afiadas, proferiram rugidos terríveis. Então os heróis Kuru e os Srinjayas, enfrentando uns aos outros furiosamente, mataram uns aos outros com flechas retas de grande energia, como os Asuras e os celestiais nos tempos antigos em grande batalha. Guerreiros em elefantes e cavaleiros e guerreiros em carros, todos castigadores de inimigos,

inspirados com desejo de vitória ou impacientes de irem para o céu, caíam rápido no campo. Proferindo gritos altos, eles perfuravam uns aos outros vigorosamente com flechas bem disparadas. Em consequência daqueles guerreiros de grande coragem disparando suas flechas uns nos outros naquela batalha terrível e por aqueles meios causando uma escuridão lá, os pontos do horizonte, cardeais e secundários ficaram envolvidos em escuridão e a própria refulgência do sol ficou totalmente encoberta.'"

80

"Sanjaya disse, 'Então, ó rei, Dhananjaya, desejoso de resgatar o filho de Kunti Bhima que, atacado por muitos dos principais guerreiros do exército Kuru, parecia afundar (sob aquele ataque), evitou, ó Bharata, as tropas do filho de Suta e começou, com suas flechas, a despachar aqueles heróis hostis (que se opunham a Bhima) para as regiões da morte. Sucessivas chuvas de flechas de Arjuna eram vistas espalhadas no céu, enquanto outras eram vistas matar teu exército. Enchendo o céu com suas flechas que pareciam densos bandos de criaturas empenadas, Dhananjaya, ó monarca, naquele momento, tornou-se o próprio Destruidor para os Kurus. Com suas flechas de cabeça larga, e aquelas providas de cabeças horizontais e afiadas como navalhas, e flechas do comprimento de uma jarda de polimento brilhante, Partha mutilou os corpos de seus inimigos e cortou suas cabeças. O campo de batalha ficou coberto com guerreiros caindo, alguns com corpos cortados e mutilados, alguns privados de armaduras e alguns privados de cabeças. Como o grande Vaitarani (separando as regiões de vida daquelas dos mortos), o campo de batalha, ó rei, tornou-se irregular e intransitável e feio e terrível, por causa de cavalos e carros e elefantes, que atingidos pelas flechas de Dhananjaya, foram mutilados e despedaçados e cortados de diversas maneiras. O solo também foi coberto com varais quebrados e rodas e eixos, e com carros que estavam sem cavalos ou que tinham seus cavalos e outros que estavam sem motoristas ou que tinham seus motoristas. Então quatrocentos elefantes bem treinados e sempre furiosos, excitados com cólera, e conduzidos por guerreiros envolvidos em armaduras de cor dourada e enfeitados com ornamentos de ouro, e incitados por guias ferozes com pressão de calcanhares e dedos dos pés, caíram, atingidos pelo ornado com diadema Arjuna com suas flechas, como topos soltos, povoados com criaturas vivas, de montanhas gigantescas. De fato, a terra ficou coberta com (outros) elefantes enormes derrubados por Dhananjaya com suas flechas. Como o sol atravessando massas de nuvens, o carro de Arjuna passou através de grupos densos de elefantes com secreções suculentas escorrendo em seus corpos e parecendo com massas de nuvens. Phalguna fez seu caminho ficar amontoado inteiramente com elefantes e cavalos mortos, e com carros quebrados de diversas maneiras, e com heróis sem vida privados de armas e máquinas e de armaduras, como também com armas de diversos tipos soltas das mãos que as seguravam. O som do Gandiva tornou-se tremendamente alto, como o estrondo do trovão no céu. O exército (Dhartarashtra) então, atingido pelas flechas de Dhananjaya, se dividiu, como um grande navio no leito do oceano açoitado violentamente pela tempestade. Diversas espécies de

flechas fatais, disparadas do Gandiva, e parecendo tições ardentes e meteoros e raios, queimaram teu exército. Aquela hoste imensa, assim afligida pelas flechas de Dhananjaya, parecia bela como uma floresta de bambus queimando em uma montanha à noite. Despedaçada e queimada e jogada em confusão, e mutilada e massacrada pelo enfeitado com diadema Arjuna com suas flechas, aquela hoste tua então fugiu para todos os lados. De fato, os Kauravas, queimados por Savyasaci, se dispersaram para todos os lados, como animais na grande floresta apavorados em um incêndio florestal. A hoste Kuru então (que tinha atacado Bhimasena) abandonando aquele herói poderosamente armado, virou seu rosto da batalha, cheia de ansiedade. Depois que os Kurus tinham sido desbaratados, o invicto Vibhatsu, se aproximando de Bhimasena, ficou lá por um momento. Tendo encontrado Bhima e tido uma conversa com ele, Phalguna informou seu irmão de que as flechas tinham sido extraídas do corpo de Yudhishthira e que o último estava perfeitamente bem."

"Com a permissão de Bhimasena, Dhananjaya então procedeu (mais uma vez contra seus inimigos), fazendo a terra e o céu, ó Bharata, ressoar com o estrépito de seu carro. Ele foi então cercado por dez heróicos e principais dos guerreiros, isto é, teus filhos, todos os quais eram mais novos do que Duhshasana em idade. Afligindo Arjuna com suas flechas como caçadores afligindo um elefante com tições ardentes, aqueles heróis, com arcos estendidos, pareciam dançar, ó Bharata, (em seus carros). O matador de Madhu então, guiando seu carro colocou todos eles à sua direita. De fato, ele esperava que Arjuna mandasse logo todos eles para a presença de Yama. Vendo o carro de Arjuna procedendo em uma direção diferente, aqueles heróis avançaram em direção a ele. Logo, no entanto, Partha, com diversas flechas do comprimento de uma jarda e moldadas em forma de meia-lua, cortou seus estandartes e cavalos e arcos e setas, fazendo eles caírem sobre o solo. Então com algumas flechas de cabeça larga ele cortou e derrubou suas cabeças enfeitadas com lábios mordidos e olhos vermelho-sangue de raiva. Aqueles rostos pareciam belos como um conjunto de lotos. Tendo matado aqueles dez Kauravas equipados em armaduras douradas, com dez flechas de cabeça larga dotadas de grande impetuosidade e providas de asas de ouro aquele matador de inimigos, Arjuna, prosseguiu."

81

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso noventa guerreiros em carros Kaurava avançaram para a batalha contra Arjuna de estandarte de macaco que estava avançando, levado por seus corcéis de velocidade excelente. Aqueles tigres entre homens, tendo feito um juramento terrível acerca do outro mundo, cercaram aquele tigre entre homens, Arjuna. Krishna, no entanto, (sem prestar atenção naqueles guerreiros) acelerou os cavalos brancos de Arjuna, dotados de grande velocidade e enfeitados com ornamentos de ouro e cobertos com redes de pérolas, em direção ao carro de Karna. Aqueles noventa carros Samsaptaka perseguiram Dhananjaya, aquele matador de inimigos, despejando sobre ele chuvas de flechas, quando ele procedeu em direção ao carro de Karna. Então

Arjuna, com suas flechas afiadas, cortou aqueles noventa atacantes dotados de grande energia, junto com seus motoristas e arcos e bandeiras. Mortos pelo enfeitado com diadema Arjuna com diversos tipos de flechas, eles caíram como Siddhas caindo, com seus carros, do céu após o esgotamento de seus méritos. Depois disso, muitos Kauravas, com carros e elefantes e corcéis, avançaram destemidamente contra aquele principal da linhagem de Kuru, aquele chefe dos Bharatas, Phalguna. Aquele grande exército de teus filhos, cheio de homens e cavalos lutando, e de principais dos elefantes, então cercou Dhananjaya, impedindo seu progresso mais adiante. Os poderosos arqueiros Kaurava encobriram aquele descendente da linhagem de Kuru com dardos e espadas e lanças e arpões e maças e cimitarras e setas. Como o Sol destruindo a escuridão com seus raios, o filho de Pandu destruiu com suas próprias flechas aquela chuva de armas espalhada no céu. Então um exército de Mlecchas sobre três mil elefantes já enfurecidos, por ordem do teu filho, atacou Partha no flanco. Com setas farpadas e Nalikas e flechas do comprimento de uma jarda e lanças e arpões e dardos e Kampanas e flechas curtas, eles afligiram Partha em seu carro. Aquela chuva inigualável de armas, algumas das quais eram arremessadas pelos elefantes com suas presas, Phalguna cortou com suas flechas de cabeça larga e flechas em forma de meia-lua de gume excelente. Com setas excelentes de diversos tipos, ele atingiu todos aqueles elefantes e seus estandartes e bandeiras e cavaleiros, como Indra atingindo montanhas com raios. Afligidos por flechas com asas de ouro, aqueles elefantes enormes enfeitados com colares de ouro caíam privados de vida, como montanhas em chamas com fogos vulcânicos. Em meio àquele exército de homens e elefantes e corcéis rugindo e gritando e lamentando, o som do Gandiva, ó monarca, se erguia alto. Elefantes, ó rei, atingidos (com flechas), fugiam para todos os lados. Corcéis também, seus cavaleiros mortos, vagavam em todas as direções. Carros, ó monarca, parecendo com as formas mutáveis de vapor no céu, privados de condutores e cavalos, eram vistos aos milhares. Cavaleiros, ó monarca, vagando para lá e para cá, eram vistos cair privados de vida pelas flechas de Partha. Naquela hora o poder das armas de Arjuna foi visto. (Tão grande era aquele poder) que sozinho, naquela batalha, ele subjugou cavaleiros e elefantes e guerreiros em carros (que vinham o assaltando de todos os lados). Então Bhimasena, vendo o ornado com diadema Phalguna cercado, ó touro da raça Bharata, por uma grande hoste (Kaurava) consistindo em três tipos de tropas, abandonou o pequeno resto não morto dos guerreiros em carros Kaurava com quem ele estava envolvido em combate, e avançou impetuosamente, ó rei, para o local onde o carro de Dhananjaya estava. Enquanto isso o exército Kaurava que ainda restou depois do massacre violento, extremamente enfraquecido, fugiu. Bhima (como já dito) vendo Arjuna procedeu em direção a seu irmão. Bhima não fatigado, armado com uma maça, destruiu, naquela batalha, a porção que ainda restava depois que a maior parte tinha sido massacrada por Arjuna, da hoste Kaurava possuidora de grande poder. Aterradora como as trevas da morte, subsistindo de homens e elefantes e corcéis como seu alimento, e capaz de despedaçar paredes e mansões e portões de cidades, aquela maça extremamente terrível de Bhima descia incessantemente sobre homens e elefantes e cavalos em volta dele. Aquela maça, ó senhor, matou inúmeros corcéis e cavaleiros. Com aquela maça o filho de Pandu esmagou

homens e corcéis envolvidos em armaduras de aço. Atingidos por ela, eles caíram com grande barulho. Mordendo o solo com seus dentes, e banhados em sangue, eles, com os topos de suas cabeças e arcos e membros inferiores esmagados, se estendiam no campo, suprindo todas as criaturas carnívoras com comida. Saciada com sangue e carne e medula, e comendo ossos também, aquela maça (de Bhimasena) se tornou, como as trevas da morte, difícil de ser olhada. Tendo matado 10.000 cavalos e numerosos soldados de infantaria, Bhima corria para lá e para cá em fúria, armado com sua maça. Então, ó Bharata, tuas tropas, vendo Bhima com maça na mão, pensaram que o próprio Yama, armado com sua clava fatal, estava em seu meio. O filho de Pandu então, excitado com raiva, e parecendo um elefante enfurecido, penetrou na divisão de elefantes (dos Kauravas), como um Makara entrando no oceano. Tendo, com sua maça formidável, penetrado naquela divisão de elefantes, o enfurecido Bhima, dentro de um tempo muito curto, a despachou para a residência de Yama. Nós então vimos aqueles elefantes enfurecidos com chapas com pontas de ferro sobre seus corpos caindo por todos os lados, com seus condutores e estandartes, como montanhas aladas. Tendo destruído aquela divisão de elefantes, o poderoso Bhimasena, mais uma vez sobre seu carro, seguiu Arjuna em sua retaguarda. Aquela grande hoste, assim massacrada, cheia de desânimo e prestes a fugir, ficou quase inativa, ó monarca, atacada por todos os lados com armas. Contemplando aquela hoste parecendo submissa e permanecendo inativa e quase imóvel, Arjuna a cobriu com flechas queimadoras de vida. Homens e corcéis e elefantes, perfurados naquela batalha com chuvas de flechas pelo manejador do Gandiva, pareciam belos como flores Kadamva com seus filamentos. Assim atingidos pelas flechas de Arjuna que matavam rapidamente homens e cavalos e carros e elefantes, lamentos altos, ó rei, se elevaram do exército Kuru. Com gritos de 'Oh' e 'Ai' e muito apavorados, e se amontoando perto uns dos outros, teu exército começou a voltar com grande rapidez. A batalha, no entanto, continuou entre os Kurus e os Pandavas de grande poder. Não havia um único guerreiro em carro ou cavaleiro ou guerreiro em elefante ou corcel ou elefante que não estivesse ferido. Suas cotas de malha atravessadas por flechas e eles mesmos banhados em sangue, as tropas pareciam resplandecentes como uma floresta de Asokas florescentes. Vendo Savyasaci aplicando sua bravura naquela ocasião, os Kauravas ficaram desesperançados da vida de Karna. Considerando o toque das flechas de Arjuna insuportável, os Kauravas, derrotados pelo manejador do Gandiva, fugiram do campo. Abandonando Karna naquela batalha quando eles estavam sendo assim atingidos pelas flechas de Arjuna, eles fugiram amedrontados para todos os lados, chamando ruidosamente pelo filho de Suta (para salvá-los). Partha, no entanto, os perseguiu, disparando centenas de flechas e alegrando os guerreiros Pandava encabeçados por Bhimasena. Teus filhos então, ó monarca, procederam em direção ao carro de Karna. Afundando, como eles pareciam estar, em um oceano insondável, Karna então tornou-se uma ilha para eles. Os Kauravas, ó monarca, como cobras sem veneno, receberam proteção de Karna, movidos por medo do manejador do Gandiva. De fato, assim como criaturas, ó majestade, dotadas de ações, por medo da morte, recebem proteção da virtude, teus filhos, ó soberano de homens, por medo do filho de grande alma de Pandu, se refugiaram com o poderoso arqueiro Karna. Então, Karna, não inspirado com medo, dirigiu-se

àqueles guerreiros angustiados afligidos por flechas e banhados em sangue, dizendo, 'Não temam! Venham a mim!' Contemplando teu exército violentamente rompido por Partha, Karna, esticando seu arco, permaneceu desejoso de massacrar o inimigo. Vendo que os Kurus tinham deixado o campo, Karna, aquele principal de todos os manejadores de armas, refletindo um pouco, colocou seu coração na morte de Partha e começou a respirar profundamente. Curvando seu arco formidável, o filho de Adhiratha Vrisha avançou novamente contra os Pancalas, na própria vista de Savyasaci. Logo, no entanto, muitos senhores da terra, com olhos vermelhos como sangue, despejaram suas torrentes de flechas sobre ele como as nuvens derramando chuva em uma montanha. Então milhares de flechas, ó principal das criaturas vivas, atiradas por Karna, ó majestade, privaram muitos Pancalas de suas vidas. Sons altos de lamento foram proferidos pelos Pancalas, ó tu de grande inteligência, enquanto eles estavam sendo assim atacados pelo filho de Suta, aquele salvador de amigos, por causa de seus amigos.'"

82

"Sanjaya disse, 'Depois que os Kurus, ó rei, tinham sido afugentados pelo poderoso guerreiro em carro Arjuna de corcéis brancos, o filho de Suta Karna começou a destruir os filhos dos Pancalas com suas flechas poderosas, como a tempestade destruindo massas de nuvens reunidas. Derrubando o motorista de Janamejaya com flechas de face larga chamadas Anjalikas, ele em seguida matou os corcéis daquele guerreiro Pancala. Com diversas flechas de cabeça larga ele então perfurou Satanika e Sutasoma e então cortou os arcos de ambos aqueles heróis. Em seguida ele perfurou Dhrishtadyumna com seis flechas, e então, sem a perda de um momento, ele matou naquele combate os corcéis daquele príncipe. Tendo matado em seguida os corcéis de Satyaki, o filho de Suta então matou Visoka, o filho do soberano dos Kaikayas. Após a morte do príncipe Kaikaya, o comandante da divisão Kaikaya, Ugrakarman, avançou com velocidade e atacando Prasena, o filho de Karna, com muitas flechas de impetuosidade violenta o fez tremer. Então Karna, com três flechas em forma de meia-lua, cortou os braços e a cabeça do atacante de seu filho, depois do que o último, privado de vida, caiu sobre o chão de seu carro, como uma árvore Sala com seus ramos cortados com um machado. Então Prasena, com muitas flechas afiadas de curso reto, cobriu o neto de Sini que estava sem cavalos, e parecia dançar sobre seu carro. Logo, no entanto, o filho de Karna, atingido pelo neto de Sini, caiu. Após a morte de seu filho, Karna, com o coração cheio de raiva, dirigiu-se àquele touro entre os Sinis pelo desejo de matá-lo, dizendo, 'Tu estás morto, ó neto de Sini!' e disparou nele uma flecha capaz de matar todos os inimigos. Então Shikhandi cortou aquela flecha com três flechas dele, e atingiu o próprio Karna com três outras flechas. O filho feroz do Suta então, cortando com um par de flechas de face de navalha o arco e o estandarte de Shikhandi, atingiu e perfurou o próprio Shikhandi com seis flechas, e então cortou a cabeça do filho de Dhrishtadyumna. O filho de grande alma de Adhiratha então perfurou Sutasoma com uma flecha muito afiada. Durante a continuação daquela batalha violenta, e depois que o filho

de Dhrishtadyumna tinha sido morto, Krishna, ó leão entre reis, se dirigiu a Partha, dizendo, 'Os Pancalas estão sendo exterminados. Vá, ó Partha, e mate Karna.' Assim endereçado o poderosamente armado Arjuna, aquele principal dos homens, sorriu e então procedeu em seu carro em direção ao carro do filho de Adhiratha desejoso, naquela ocasião de terror, de resgatar os Pancalas massacrados por Karna, aquele líder de guerreiros em carros. Esticando seu Gandiva de vibração alta e atingindo violentamente suas palmas com a corda de seu arco, ele criou repentinamente uma escuridão por meio de suas flechas e destruiu grande número de homens e cavalos e carros e estandartes. Os ecos (daquele som) percorreram o céu. As aves, (não mais achando espaço em seu próprio elemento), se abrigaram nas cavernas de montanhas. Com seu arco totalmente estirado, Arjuna parecia resplandecente. De fato, quando o ornado com diadema Partha, naquele momento terrível, lançou-se sobre o inimigo, Bhimasena, aquele principal dos heróis, procedeu em seu carro atrás daquele filho de Pandu, protegendo sua retaguarda. Aqueles dois príncipes então, em seus carros, procederam com grande velocidade em direção a Karna, enfrentando seus inimigos pelo caminho. Durante aquele intervalo, o filho de Suta lutou ferozmente, oprimindo os Somakas. Ele matou um grande número de guerreiros em carros e corcéis e elefantes, e cobriu os dez pontos do horizonte com suas flechas. Então Uttamauja e Janamejaya, e o enfurecido Yudhamanyu e Shikhandi, se unindo com o filho de Prishata (Dhrishtadyumna) e proferindo rugidos altos, perfuraram Karna com muitas flechas. Aqueles cinco principais dos guerreiros em carros Pancala avançaram contra Karna também chamado Vaikartana, mas eles não puderam tirá-lo de seu carro como os objetos dos sentidos fracassando em tirar a pessoa de alma purificada da abstinência. Cortando rapidamente seus arcos, estandartes, corcéis, motoristas e bandeiras, com suas flechas, Karna atingiu cada um deles com cinco flechas e então proferiu um rugido alto como um leão. As pessoas então ficaram muito desanimadas, pensando que a própria terra, com suas montanhas e árvores, podia se partir pela vibração do arco de Karna enquanto aquele herói, com flechas na mão e tocando a corda do arco, estava empenhado em disparar em seus atacantes e matar seus inimigos. Disparando suas flechas com aquele arco grande e estendido dele que parecia o arco do próprio Sakra, o filho de Adhiratha parecia resplandecente como o sol, com sua miríade de raios ardentes, dentro de seu halo. O filho de Suta então perfurou Shikhandi com uma dúzia de flechas afiadas, e Uttamauja com meia dúzia, e Yudhamanyu com três, e então cada um dos outros dois, isto é, Somaka (Janamejaya) e o filho de Prishata (Dhrishtadyumna) com três flechas. Derrotados em batalha terrível pelo filho de Suta, ó senhor, aqueles cinco poderosos guerreiros em carros então ficaram inativos, alegrando seus inimigos, assim como os objetos dos sentidos são subjugados por uma pessoa de alma purificada. Os cinco filhos de Draupadi então, com outros carros bem equipados, resgataram aqueles tios maternos deles que estavam afundando no oceano Karna, como pessoas resgatando das profundidades do oceano comerciantes náufragos no mar por meio de outros barcos. Então aquele touro entre os Sinis, cortando com suas próprias flechas afiadas as inúmeras flechas disparadas por Karna, e perfurando o próprio Karna com muitas flechas afiadas feitas totalmente de ferro, perfurou teu filho mais velho com oito flechas. Então Kripa, e o chefe Bhoja (Kritavarma), e teu filho, e o próprio

Karna, atacaram Satyaki em retorno com flechas afiadas. Aquele principal, no entanto, da linhagem de Yadu lutou com aqueles quatro guerreiros como o chefe dos Daityas lutando com os Regentes dos (quatro) quadrantes. Com seu arco vibrando esticado até seu limite máximo, e do qual flechas fluíram incessantemente, Satyaki tornou-se muito irresistível como o sol meridiano no céu outonal. Aqueles opressores de inimigos então, isto é, os poderosos guerreiros em carros entre os Pancalas, novamente sobre seus carros e vestidos em armaduras e unidos, protegeram aquele principal entre os Sinis, como os Maruts protegendo Sakra enquanto empenhado em afligir seus inimigos em batalha. A batalha repleta de massacre de homens e corcéis e elefantes que então se seguiu entre teus inimigos e os guerreiros do teu exército tornou-se tão violenta que ela parecia o combate nos tempos antigos entre os deuses e os Asuras. Guerreiros em carros e elefantes e corcéis e soldados de infantaria, cobertos com chuvas de diversas armas, começaram a se mover de um ponto para outro. Atingidos uns pelos outros, eles cambaleavam ou proferiam lamentos de dor em aflição ou caíam privados de vida. Quando tal era o estado das coisas, teu filho Duhshasana, o irmão mais novo do rei, avançou destemidamente contra Bhima, disparando chuvas de flechas. Vrikodara também avançou impetuosamente contra ele, como um leão pulando em direção a um grande veado Ruru. O combate então que teve lugar entre aqueles dois heróis enfurecidos um com o outro e que se engajaram no esporte da batalha fazendo da própria vida a aposta tornou-se extremamente violento, parecia aquele entre Samvara e Sakra nos tempos passados. Eles atingiram um ao outro profundamente com flechas possuidoras de grande energia e capazes de perfurar o corpo um do outro, como dois elefantes poderosos excitados com luxúria e com secreções suculentas escorrendo incessantemente por seus corpos, lutando um com o outro na vizinhança de uma elefanta no cio. Vrikodara, com grande velocidade, cortou, com um par de flechas de cabeça de navalha, o arco e o estandarte de teu filho. Com outra flecha alada ele perfurou a testa de seu adversário e então (com uma quarta) cortou de seu tronco a cabeça do motorista do último. O príncipe Duhshasana, pegando outro arco, perfurou Vrikodara com uma dúzia de flechas. Ele mesmo segurando as rédeas de seus corcéis, ele mais uma vez despejou sobre Bhima uma chuva de setas retas. Então Duhshasana disparou uma flecha brilhante como os raios do sol, enfeitada com ouro, diamantes, e outras pedras preciosas, capaz de perfurar o corpo de seu atacante, e irresistível como o golpe do raio de Indra. Seu corpo perfurado por ela, Vrikodara caiu, com membros lânguidos e como alguém privado de vida e com braços esticados, sobre seu carro próprio excelente. Recuperando seus sentidos, no entanto, ele começou ao rugir como um leão.'"

83

"Sanjaya disse, 'Lutando ferozmente, o príncipe Duhshasana realizou as façanhas mais difíceis naquele combate. Com uma única flecha ele cortou o arco de Bhima, e então com seis flechas ele perfurou o motorista de seu inimigo. Tendo realizado aquelas façanhas, o príncipe, dotado de grande energia, perfurou o

próprio Bhima com nove flechas. De fato o guerreiro de grande alma, sem perder um momento, então perfurou Bhimasena com muitas flechas de grande energia. Cheio de raiva nisto, Bhimasena, dotado de grande vigor, disparou no teu filho um dardo ardente. Vendo aquele dardo terrível correndo impetuosamente em direção a ele como um tição ardente, teu filho de grande alma o cortou com dez flechas disparadas de seu arco puxado até sua mais completa extensão. Vendo aquele feito difícil realizado por ele, todos os guerreiros, cheios de alegria, o elogiaram muito. Teu filho então mais uma vez perfurou Bhima profundamente com outra flecha. Se inflamando com ira à visão de Duhshasana, Bhima então se dirigiu a ele, dizendo, 'Eu tenho sido perfurado, ó herói, rapidamente e profundamente, por ti. Aguente agora, no entanto, mais uma vez, o golpe da minha maça.' Tendo dito isso, o enfurecido Bhima pegou aquela maça terrível dele para matar Duhshasana. Dirigindo-se a ele novamente, ele disse, 'Ó tu de alma perversa, eu beberei teu sangue hoje no campo de batalha.' Assim endereçado, teu filho disparou em Bhima com grande força um dardo ameaçador parecendo a própria Morte. Bhima também, sua forma cheia de ira, girou sua maça terrível e lançou-a em seu antagonista. Aquela maça, quebrando precipitadamente o dardo de Duhshasana, atingiu teu filho em sua cabeça. De fato, transpirando como um elefante com secreções suculentas escorrendo por seu corpo, Bhima, naquela batalha terrível, arremessou sua maça no príncipe. Com aquela arma, Bhimasena derrubou Duhshasana violentamente de seu carro a uma distância medida pelo comprimento de dez arcos. Atingido com a maça impetuosa, Duhshasana, jogado no chão, começou a tremer. Todos os seus corcéis também, ó rei, foram mortos, e seu carro também foi reduzido a átomos pela arma caindo. Com relação ao próprio Duhshasana, sua armadura e ornamentos e trajes e guirlandas foram todos deslocados, e ele começou a se contorcer, afligido com agonia. Dotado de grande energia, Bhimasena então lembrou, no meio daquela batalha terrível e estando como ele estava em meio a muitos guerreiros principais do exército Kuru, de todas as ações de hostilidade (feitas para os Pandavas) por teus filhos. O poderosamente armado Bhima de façanhas inconcebíveis, ó rei, vendo Duhshasana (naquela situação), e se lembrando do agarramento dos cabelos de Draupadi e dela ter sido despida enquanto estava indisposta, de fato, o inocente Bhima, refletindo também sobre os diversos outros males infligidos àquela princesa enquanto seus maridos sentavam com rostos desviados da cena, inflamou-se com fúria como fogo alimentado com libações de manteiga clarificada. Dirigindo-se a Karna e Suyodhana e Kripa e ao filho de Drona e Kritavarma, ele disse, 'Hoje eu matarei o desgraçado Duhshasana. Que todos os guerreiros o protejam (se eles puderem).' Tendo dito isso, Bhima de força excelente e grande energia avançou de repente, pelo desejo de matar Duhshasana. Como um leão de impetuosidade feroz avançando em direção a um elefante poderoso, Vrikodara, aquele principal dos heróis, avançou em direção a Duhshasana naquela batalha e o atacou na própria vista de Suyodhana e Karna. Saltando de seu carro, ele desceu no chão, e fixou seus olhos firmemente em seu inimigo lançado por terra. Puxando então sua espada afiada de gume excelente, e tremendo com raiva, ele colocou seu pé sobre a garganta de Duhshasana, e abrindo à força o peito de seu inimigo esticado no chão, bebeu seu sangue vital quente. Então o jogando no chão e cortando, ó rei, com aquela espada a cabeça de teu filho, Bhima de grande

inteligência, desejoso de cumprir seu voto, bebeu novamente o sangue de seu inimigo pouco a pouco, como se para desfrutar de seu gosto. Então olhando para ele com olhos coléricos, ele disse essas palavras, 'Eu considero o gosto deste sangue de meu inimigo como superior àquele do leite de minha mãe, ou mel, ou manteiga clarificada, ou bom vinho que é preparado a partir do mel, ou água excelente, ou leite, ou coalhos, ou leite desnatado, ou todos os outros tipos de bebida que há na terra que são doces como ambrosia ou néctar.' Mais uma vez, Bhima de atos violentos, seu coração cheio de ira, contemplando Duhshasana morto, riu brandamente e disse, 'O que mais eu posso fazer para ti? A Morte te salvou das minhas mãos.' Aqueles, ó rei, que viram Bhimasena, enquanto ele cheio de alegria ao ter bebido o sangue de seu inimigo, estava proferindo aquelas palavras e andando com gravidade e arrogância no campo de batalha, caíram de medo. Aqueles que não caíram à visão viram suas armas caírem de suas mãos. Muitos, por medo, gritaram debilmente e olharam para Bhima com olhos meio fechados. De fato, todos aqueles que estavam em volta de Bhima e o viram beber o sangue de Duhshasana fugiram dominados pelo medo, e dizendo uns aos outros, 'Este não é um ser humano.' Quando Bhima tinha assumido aquela forma, as pessoas, vendo-o beber o sangue de seu inimigo, fugiram com Citrasena, dizendo uns aos outros, 'Este Bhima deve ser um Rakshasa!' Então o príncipe (Pancala) Yudhamanyu, na vanguarda de suas tropas, perseguiu destemidamente Citrasena que se retirava e perfurou-o com sete flechas afiadas, disparadas rapidamente uma atrás da outra. Nisto, como uma cobra pisada de grande energia repetidamente dardejando para fora sua língua e desejosa de vomitar seu veneno, Citrasena voltou atrás e perfurou o príncipe Pancala com três flechas e seu motorista com seis. O bravo Yudhamanyu então cortou a cabeça de seu inimigo com uma flecha equipada com asas vistosas e uma ponta muito afiada e disparada com grande atenção de seu arco puxado à sua mais completa extensão. Após a queda de seu irmão Citrasena, Karna, cheio de fúria e mostrando sua destreza, pôs a hoste Pandava para fugir, no que Nakula avançou contra aquele guerreiro de energia incomensurável. Bhima, tendo matado lá (na própria vista de Karna) o vingativo Duhshasana, pegou uma pequena quantidade de seu sangue, e, dotado de pulmões estentóreos, ele disse essas palavras na audição de todos aqueles principais heróis do mundo, 'Ó canalha entre homens, aqui eu bebo teu sangue vital da tua garganta. Cheio de alegria, nos insulte mais uma vez, dizendo 'gado, gado'** (como tu fizeste antes).' E ele continuou, 'Eles que dançaram por nossa causa então, dizendo, 'gado, gado,' nós mesmos dançaremos para eles agora, repetindo suas próprias palavras. Nosso sono no palácio em Pramanakoti, a aplicação de veneno mortal na nossa comida, as mordidas de najas pretas, o incêndio à casa de laca, o roubo de nosso reino por meio de jogo, nosso exílio nas florestas, o agarramento cruel dos belos cabelos de Draupadi, os golpes de flechas e armas em batalha, nossas misérias em casa, os outros tipos de sofrimentos que nós aguentamos na residência de Virata, todas essas aflições suportadas por nós por causa dos conselhos de Shakuni e Duryodhana e do filho de Radha, procederam de ti como sua causa.

**Referindo-se ao episódio ocorrido no livro 2, Sabha Parva, Cap. 76, pág. 134, quando Dussasana responde às ameaças de Bhima com as palavras cuja tradução correta é: 'Ó vaca! Ó vaca!'

Pela maldade de Dhritarashtra e seu filho, nós temos aguentado todos esses infortúnios. A felicidade nunca foi nossa.' Tendo dito essas palavras, ó rei, o vitorioso Vrikodara falou novamente essas palavras para Keshava e Arjuna. De fato, banhado em sangue, com sangue fluindo de seus ferimentos, com rosto extremamente vermelho, cheio de grande fúria, Bhimasena dotado de grande energia disse essas palavras, 'Ó heróis, aquilo que eu jurei com relação a Duhshasana em batalha eu realizei hoje. Eu logo cumprirei meu outro voto por matar aquele segundo animal, Duryodhana, nesse sacrifício de batalha. Golpeando a cabeça daquele de alma perversa com meu pé na presença dos Kauravas, eu obterei paz.' Tendo dito essas palavras, Bhima, cheio de grande alegria, encharcado com sangue, proferiu gritos altos, assim como o poderoso Indra de grande alma de 1.000 olhos rugiu depois de matar (o Asura) Vritra.'"

84

"Sanjaya disse, 'Depois da morte de Duhshasana, ó rei, dez dos teus filhos, heróis que nunca se retiravam da batalha, todos os quais eram grandes guerreiros em carros, dotados de energia imensa, e cheios do veneno da ira, cobriram Bhima com suas flechas. Nishangin, e Kavachin, e Pasin e Dundadhara e Dhanurgraha, e Alolupa, e Saha, e Shanda, e Vatavega e Suvarchasas, estes dez, afligidos pela morte de seu irmão, se uniram e reprimiram o poderosamente armado Bhimasena com suas flechas. Resistido por todos os lados com suas flechas por aqueles grandes guerreiros em carros, Bhima, com olhos vermelhos como fogo com fúria, parecia resplandecente como o próprio Destruidor furioso. Partha, no entanto, com dez flechas de cabeça larga de grande impetuosidade, equipadas com asas douradas, despachou para a residência de Yama aqueles dez príncipes Bharata enfeitados com braceletes dourados. Após a queda daqueles dez heróis, teu exército fugiu na própria vista do filho de Suta, dominado pelo medo dos Pandavas. Então, ó rei, grande temor entrou no coração de Karna à visão da bravura de Bhima a qual parecia aquela do próprio Destruidor para as criaturas vivas. Então Shalya, aquele ornamento de assembléias, compreendendo o estado da mente de Karna por uma avaliação de suas feições, dirigiu-se àquele castigador de inimigos em palavras apropriadas para o momento, 'Não te aflijas, ó filho de Radha! Isso não fica bem em ti. Afligidos com medo de Bhimasena, esses reis estão todos fugindo. Muito atormentado pela calamidade que aconteceu a seu irmão Duhshasana por seu sangue ter sido bebido por Bhima de grande alma, Duryodhana está entorpecido! Kripa e outros, e aqueles irmãos do rei que ainda estão vivos, com corações aflitos, sua raiva abrandada pela tristeza, estão cuidando de Duryodhana, ficando em volta dele. Aqueles heróis, os Pandavas de pontaria certeira, encabeçados por Dhananjaya, estão avançando contra ti para lutar. Por estas razões, ó tigre entre homens, reunindo toda tua coragem e mantendo os deveres de um Kshatriya diante de teus olhos, proceda contra Dhananjaya. Toda a responsabilidade (dessa batalha) foi colocada sobre ti pelo filho de Dhritarashtra. Ó tu de armas poderosas, leve aquela carga com todo o teu poder e força. Na vitória haverá grande fama. Na derrota, o céu é certo. Lá, ó filho

de Radha, teu filho, Vrishasena, cheio de cólera pela visão da estupefação que te dominou, está avançando em direção aos Pandavas.' Ouvindo essas palavras de Shalya de energia incomensurável, Karna, refletindo, concluiu inalteravelmente que lutar tinha se tornado inevitável. Então Vrishasena, cheio de ira, e sobre seu próprio carro, avançou em direção àquele filho de Pandu, isto é, Vrikodara, que, armado com sua maça, parecia o próprio Destruidor com sua vara fatal e que estava empenhado em massacrar tuas tropas. Aquele principal dos heróis, Nakula, cheio de fúria, avançou naquele inimigo deles, o filho de Karna, atingindo-o com flechas, como o vitorioso Maghavat com coração alegre avançando contra (o Asura) Jambha. Então o bravo Nakula, com uma flecha de cabeça de navalha, cortou o estandarte de seu inimigo enfeitado com pedras preciosas. Com uma flecha de cabeça larga, ele cortou em seguida o arco também do filho de Karna, com uma tira dourada amarrada a ele. Possuidor de armas poderosas, o filho de Karna então, desejoso de mostrar sua consideração por Duhshasana, rapidamente pegou outro arco, e perfurou Nakula, o filho de Pandu, com muitas armas celestes poderosas. Nakula de grande alma, então, cheio de raiva, perfurou seu oponente com flechas que pareciam grandes tições ardentes. Nisso o filho de Karna também, habilidoso com armas, despejou armas celestes sobre Nakula. Pela raiva causada pelos golpes das armas de seu inimigo, como também por sua própria resplandecência e a energia de suas armas, o filho de Karna se inflamou como um fogo com libações de manteiga clarificada. De fato, ó rei, o filho de Karna então matou com suas armas excelentes os belos corcéis do delicado Nakula, que eram da raça Vanayu, brancos em cor, e enfeitados com arreios de ouro. Descendo então de seu veículo sem cavalos, e pegando um escudo brilhante decorado com luas douradas, e armado também com uma espada que era azul como o céu, Nakula, saltando para o alto frequentemente, se movimentou rapidamente lá como uma ave. Realizando diversas evoluções belas no ar, o filho de Pandu cortou muitos principais dos homens e corcéis e elefantes. Cortados com aquela espada, eles caíam ao chão como animais cortados em um sacrifício de cavalo pela pessoa nomeada para aquele dever. 2.000 heróis bem treinados, que se deleitavam em batalha, vindos de diversos reinos, bem pagos, de pontaria certeira, e com seus membros cobertos com excelente pasta de sândalo, foram rapidamente cortados por Nakula sozinho inspirado pelo desejo de vitória. Então o filho de Karna, avançando de repente com grande velocidade contra Nakula que avançava naquela batalha, perfurou-o de todos os lados com muitas setas afiadas pelo desejo de matá-lo. Assim atingido com setas (por Vrishasena), Nakula atacou seu bravo adversário em retorno. Perfurado pelo filho de Pandu, Vrishasena ficou cheio de raiva. Protegido, no entanto, naquela batalha terrível, por seu irmão Bhima, Nakula de grande alma realizou tais feitos terríveis naquela ocasião. Cheio de raiva, o filho de Karna então perfurou com dezoito flechas o heróico Nakula que parecia se divertir naquela batalha, enquanto empenhado, sem ajuda, em destruir os principais dos homens e cavalos e elefantes. Profundamente perfurado por Vrishasena naquele combate, ó rei, o filho de Pandu Nakula, aquele principal dos homens, dotado de grande energia, ficou cheio de fúria e avançou naquela batalha contra o filho de Karna pelo desejo de matá-lo. Então Vrishasena despejou chuvas de flechas afiadas sobre Nakula de grande energia quando o último avançou precipitadamente contra ele naquela batalha como um falcão com asas esticadas

pelo desejo de carne. Desviando, no entanto, as chuvas de flechas de seu antagonista, Nakula corria a toda velocidade em diversos movimentos belos. Então o filho de Karna, ó rei, naquela batalha terrível, cortou, com suas flechas poderosas, o escudo, decorado com 1.000 estrelas, de Nakula, enquanto ele estava se movendo rapidamente com grande vivacidade naqueles movimentos belos. Sem perder um momento, aquele resistidor de inimigos, (Vrishasena), com meia dúzia de flechas de cabeça de navalha afiadas, então cortou aquela espada exposta de Nakula, polida e de gume afiado, feita de aço, capaz de aguentar uma tensão formidável e de destruir os corpos de todos os inimigos, e terrível e feroz como o veneno de cobra, enquanto ele a estava girando rapidamente. Depois disso, Vrishasena perfurou profundamente seu antagonista no centro de seu peito com algumas flechas bem temperadas e afiadas. Tendo realizado aquelas façanhas em batalha que foram aplaudidas por todas as pessoas nobres e que não podiam ser realizadas por outros homens, Nakula de grande alma de grande presteza, afligido com aquelas flechas, procedeu para o carro, ó rei, de Bhimasena. O filho sem cavalos de Madri, assim afligido pelo filho de Karna, pulou sobre o carro de Bhima como um leão pulando sobre um topo de montanha, na vista de Dhananjaya. O heróico Vrishasena de grande alma então, cheio de raiva, despejou suas chuvas de flechas sobre aqueles dois poderosos guerreiros em carros para perfurar aqueles dois filhos de Pandu. Depois da destruição daquele carro pertencente ao filho de Pandu (Nakula), e depois que sua espada também tinha sido cortada rapidamente pelas flechas (de Vrishasena); muitos outros dos principais heróis Kuru, se unindo, aproximaram-se dos irmãos Pandava, e começaram a atacá-los com chuvas de flechas. Então aqueles dois filhos de Pandu, Bhima e Arjuna, cheios de ira, e parecendo dois fogos alimentados com libações de manteiga clarificada, despejaram chuvas de setas terríveis sobre Vrishasena e os outros guerreiros reunidos em volta dele. O filho do deus do vento então, dirigindo-se a Phalguna, disse, 'Veja, Nakula aqui está sendo atormentado. O filho de Karna está resistindo a nós. Proceda, portanto, contra o filho de Karna.' Ouvindo essas palavras, o enfeitado com diadema (Arjuna) se aproximou do carro de seu irmão Vrikodara. Vendo aquele herói chegar perto, Nakula se dirigiu a ele, dizendo, 'Mate ele depressa.' Assim endereçado naquela batalha por seu irmão Nakula, permanecendo diante dele, o ornado com diadema Arjuna, aquele herói formidável, precipitadamente fez seu veículo de estandarte de macaco, guiado pelo próprio Keshava, ser dirigido em direção a Vrishasena.'"

85

"Sanjaya disse, 'Sabendo que Nakula tinha sido privado de seu carro, afligido com flechas e mutilado pelas armas do filho de Karna, e que ele teve suas flechas, arco, e espada cortados, esses onze formidáveis resistidores de todos os inimigos, os cinco filhos heróicos de Drupada, o neto de Sini formado o sexto, e os cinco filhos de Draupadi procederam rapidamente em seus carros de som alto puxados por corcéis seguros, com bandeiras ondulando no ar, e guiados por motoristas habilidosos. Aqueles guerreiros bem armados começaram a destruir teus elefantes

e carros e homens e corcéis com flechas que pareciam cobras temíveis. Então o filho de Hridika e Kripa e o filho de Drona e Duryodhana e o filho de Shakuni e Vrika e Kratha e Devavridha, aqueles principais guerreiros em carros Kaurava, procederam rapidamente contra eles, armados com seus arcos e sobre seus carros de estrépito profundo como o rugido de elefantes ou das nuvens. Esses guerreiros Kaurava, atacando aqueles principais dos homens e primeiros dos guerreiros em carros, aqueles onze heróis (do exército Pandava), ó rei, com as mais poderosas das flechas, impediram seu progresso. Nisso, os Kulindas, sobre seus elefantes de velocidade impetuosa que pareciam com topos de montanha e que eram da cor de nuvens recém surgidas, avançaram contra aqueles heróis Kaurava. Bem equipados, e cobertos com ouro, aqueles elefantes enfurecidos, nascidos em regiões Himalayan e conduzidos por guerreiros ilustres ansiosos pela batalha, pareciam resplandecentes como nuvens no céu, carregadas com relâmpago. O príncipe dos Kulindas então atacou vigorosamente Kripa e seu motorista e cavalos, com dez flechas feitas totalmente de ferro. Atingido (em retorno) pelas flechas do filho de Sharadvata, o príncipe caiu com seu elefante no solo. O irmão mais novo daquele príncipe então, atacando o carro de Kripa com diversas lanças feitas totalmente de ferro e todas brilhantes como os raios do sol, proferiu rugidos altos. O soberano dos Gandharvas, no entanto, cortou a cabeça daquele guerreiro enquanto ainda proferindo aqueles rugidos. Após a queda daqueles Kulindas, aqueles poderosos guerreiros em carros do teu exército, cheios de alegria, sopraram suas conchas oriundas do mar, e, armados com arcos, avançaram contra seus inimigos. A batalha então que ocorreu mais uma vez entre os Kurus de um lado e os Pandavas e os Srinjayas no outro, com flechas e cimitarras e dardos e espadas e maças e machados de batalha tornou-se feroz e horrível e muito destrutiva de homens e corcéis e elefantes. Guerreiros em carros e corcéis e elefantes e soldados a pé, golpeando uns aos outros, caíam no chão, fazendo o campo de batalha parecer com o céu quando massas de nuvens reunidas carregadas com relâmpago e produzindo estrondos incessantes de trovão são atacadas por ventos violentos de todos os lados. Então o chefe dos Bhojas atingiu os elefantes enormes, os guerreiros em carros, os inúmeros soldados de infantaria, e a cavalaria sob Satanika. Atingidos pelas flechas de Kritavarma, eles logo caíam no chão. Nesse momento, atingidos pelas flechas de Ashvatthama, três elefantes enormes equipados com todos os tipos de armas, guiados por guerreiros ilustres, e adornados com estandartes altos, caíram sem vida no chão como rochedos gigantescos partidos pelo raio. Então o terceiro irmão do chefe Kulinda atacou teu filho Duryodhana com algumas flechas excelentes no centro do peito. Teu filho, no entanto, o perfurou como também seu elefante com muitas flechas afiadas. Aquele príncipe de elefantes então, com o príncipe em suas costas, caiu, com correntes de sangue emanando de todas as partes de seu corpo, como uma montanha de greda vermelha na estação das chuvas, com rios vermelhos escorrendo por seu leito, caindo quando fendida pelo trovão do marido de Sachi. O príncipe Kulinda, no entanto, tendo se salvado a tempo, montou em outro elefante. Incitado pelo príncipe, aquele animal atacou Kratha com seu motorista e corcéis e carro. Perfurado, no entanto, pelas flechas de Kratha, aquele elefante, com seu condutor, caiu como uma colina partida pelo raio. O soberano dos Krathas, aquele invencível guerreiro em carro, no entanto, atingido por flechas

pelo príncipe nascido nas montanhas das costas de outro elefante, caiu com seus cavalos, motorista, arco, e bandeira, como uma árvore imensa arrancada pela tempestade. Então Vrika perfurou profundamente com uma dúzia de flechas aquele príncipe tendo residência no Himavat quando ele estava em seu elefante. O animal enorme rapidamente esmagou com suas quatro pernas (o guerreiro Kaurava) Vrika com seus corcéis e carro. Aquele príncipe de elefantes então, com seu condutor, profundamente perfurado pelo filho de Vabhru, avançou impetuosamente contra o último. O filho de Vabhru, no entanto, aquele príncipe dos Magadhas, afligido com setas pelo filho de Sahadeva, caiu. O príncipe dos Kulindas então, com aquele elefante dele que era capaz de matar os principais dos guerreiros com suas presas e corpo, avançou impetuosamente em direção a Shakuni para matá-lo. O montanhês conseguiu afligir Shakuni imensamente. Logo, no entanto, o chefe dos Gandharas cortou sua cabeça. Nesse momento enormes elefantes e corcéis e guerreiros em carros e grandes grupos de infantaria, atingidos por Satanika, caíram no chão, paralisados e esmagados como cobras atingidas pela tempestade causada pelas asas de Garuda. Então um guerreiro Kulinda (no lado Kaurava), sorrindo, perfurou Satanika, o filho de Nakula, com muitas setas afiadas. O filho de Nakula, no entanto, com uma flecha de cabeça de navalha cortou do tronco de seu oponente sua cabeça parecendo um lótus. Então o filho de Karna perfurou Satanika com três flechas, feitas totalmente de ferro e Arjuna também com o mesmo número. E ele perfurou Bhima com três flechas e Nakula com sete e Janardana com uma dúzia. Vendo aquela façanha de Vrishasena, aquele realizador de feitos sobre-humanos, os Kauravas ficaram cheios de alegria e o aplaudiram muito. Aqueles, no entanto, que conheciam a destreza de Dhananjaya consideraram Vrishasena como uma libação já despejada no fogo. O ornado com diadema Arjuna então, aquele matador de heróis hostis, vendo o filho de Madri, Nakula, aquele principal dos homens, privado de seus corcéis no meio de todos, e vendo Janardana mutilado por flechas, avançou naquela batalha contra Vrishasena que estava então permanecendo na frente do filho de Suta (Karna). Como Namuci avançando contra Indra, o filho de Karna, aquele magnífico guerreiro em carro, também avançou, naquela batalha, contra aquele feroz e principal dos homens, Arjuna, aquele guerreiro possuindo milhares de flechas, quando o último avançou em direção a ele. Sozinho, o filho de grande alma de Karna, rapidamente perfurando Partha com uma flecha naquela batalha, proferiu um grito alto, como Namuci nos tempos passados depois de ter perfurado Indra. Mais uma vez Vrishasena perfurou Partha na axila esquerda com muitas flechas terríveis. Perfurando Krishna em seguida com nove setas, ele atingiu Partha novamente com dez setas. Arjuna de cavalos brancos, tendo antes sido perfurado por Vrishasena com aquelas setas formidáveis, ficou levemente enfurecido e colocou seu coração na morte do filho de Karna. Arjuna de grande alma e enfeitado com diadema então, seu fronte vincada de raiva com três linhas, disparou rapidamente da vanguarda da batalha várias flechas para a destruição de Vrishasena naquele combate. Com olhos vermelhos de raiva, aquele herói capaz de matar o próprio Yama se o último lutasse com ele, então deu risada terrivelmente e disse para Karna e todos os outros heróis Kaurava encabeçados por Duryodhana e o filho de Drona, essas palavras, 'Hoje, ó Karna, na tua própria vista nessa batalha, eu despacharei o feroz Vrishasena para a residência de Yama

com minhas flechas afiadas! As pessoas dizem que todos vocês, juntos, mataram meu filho, dotado de grande energia, na minha ausência, e enquanto ele estava sozinho e desamparado sobre seu carro. Eu, no entanto, matarei teu filho diante de vocês todos. Que todos os guerreiros em carros Kaurava o protejam. Eu matarei o feroz Vrishasena. Depois disso eu te matarei, ó tolo, eu mesmo, Arjuna, no meio da batalha! Hoje eu irei, em batalha, matar a ti que és a causa dessa disputa e que te tornaste tão orgulhoso por causa do patrocínio de Duryodhana. Aplicando minha força, eu sem dúvida te matarei nessa batalha, e Bhimasena matará esse Duryodhana, esse patife entre os homens, por cuja má política essa disputa nascida do jogo de dados surgiu.' Tendo dito essas palavras, Arjuna esfregou a corda de seu arco e visou Vrishasena naquela batalha, e disparou, ó rei, diversas flechas para a morte do filho de Karna. O ornado com diadema Arjuna então, destemidamente e com grande força perfurou Vrishasena com dez flechas em todos os seus membros vitais. Com quatro flechas ameaçadoras de cabeça de navalha ele cortou o arco de Vrishasena e dois braços e cabeça. Atingido pelas flechas de Partha, o filho de Karna, privado de braços e cabeças, caiu no chão de seu carro, como uma shala gigantesca adornada com flores caindo de um topo de montanha. Vendo seu filho, atingido dessa maneira por flechas, cair de seu veículo, o filho de Suta Karna, dotado de grande presteza e atormentado pela dor por conta da morte de seu filho, procedeu rapidamente em seu carro, inspirado com cólera, contra o carro do ornado com diadema Partha.'"

"De fato, vendo seu filho morto em sua vista por Arjuna de cavalos brancos em batalha, Karna de grande alma, cheio de grande ira, avançou contra Krishna e Arjuna."

86

"Sanjaya disse, 'Vendo o gigantesco e rugindo Karna, incapaz de ser resistido pelos próprios deuses, avançando como a onda do mar, aquele touro entre homens, isto é, ele da linhagem de Dasharha, dirigiu-se a Arjuna, dizendo, 'Aquele guerreiro em carro tendo corcéis brancos e possuindo Shalya como seu motorista com quem tu tens que lutar em batalha vem para cá. Portanto, ó Dhananjaya, convoque toda tua frieza. Observe então, ó filho de Pandu, o carro bem equipado de Karna. Cavalos brancos estão unidos a ele e o próprio filho de Radha é o guerreiro que está de pé sobre ele. Cheio de faixas e enfeitado com fileiras de sinos, ele parece com um carro celeste levado pelo céu por corcéis de cor branca. Veja também o estandarte de Karna de grande alma, portando o emblema da corda do elefante, e parecendo com o arco do próprio Indra que divide o firmamento por uma linha brilhante. Contemple Karna como ele avança pelo desejo de fazer o que é agradável para o filho de Dhritarashtra, disparando chuvas de flechas como as nuvens despejando torrentes de chuva. Lá o nobre chefe dos Madras, colocado na parte dianteira do carro, guia os corcéis do filho de Radha de energia incomensurável. Ouça o ribombo de suas baterias e o clangor ameaçador de suas conchas. Ouça, ó filho de Pandu, os diversos rugidos leoninos vindo de todos os lados. Ouça o som terrível, silenciando todos os outros sons altos, do

arco (Vijaya) esticado por Karna de energia imensurável. Lá os poderosos guerreiros em carros entre os Pancalas, com seus seguidores, estão se dividindo como um bando de veados na grande floresta à visão de um leão enfurecido. Cabe a ti, ó filho de Kunti, matar o filho de Suta com todo o cuidado. Nenhuma outra pessoa exceto tu pode se arriscar a aguentar as flechas de Karna. É bem sabido por mim que tu és competente para derrotar em batalha os três mundos com todas as suas criaturas móveis e imóveis incluindo os próprios deuses e os Gandharvas. O que precisa ser dito acerca de lutar com aquele pujante, quando as pessoas são incapazes até de olhar para ele, isto é, o feroz e terrível Isana, aquele deus grandioso, Sarva de três olhos, também chamado Kapardin? Tu, no entanto, por meio de batalha gratificaste aquele próprio deus de deuses, aquele Siva que é a fonte de bem aventurança para todas as criaturas, aquela divindade chamada Sthanu. As outras divindades também todas te deram benefícios. Pela graça, ó Partha, daquele deus de deuses, aquela divindade armada com um tridente, mate Karna, ó poderosamente armado, como Indra matando o Asura Namuci. Que a prosperidade esteja sempre contigo, ó Partha, e que tu obtenhas vitória em batalha.'"

"Arjuna disse, 'Minha vitória, ó Krishna, é, certa. Não há dúvida nisto, já que tu, ó matador de Madhu, que és o mestre de todos os mundos, estás satisfeito comigo. Acelere os corcéis, ó Hrishikesha, e meu carro, ó grande guerreiro em carro! Hoje Phalguna não voltará da batalha sem matar Karna. Veja Karna morto hoje e cortado em pedaços com minhas flechas. Ou, ó Govinda, tu me verás hoje morto pelas flechas (de Karna). Aquela batalha terrível, capaz de estupefazer os três mundos, está perto. Enquanto a terra durar, as pessoas falarão dela.' Dizendo essas palavras para Krishna que nunca está cansado com esforço, Partha procedeu rapidamente em seu carro contra Karna como um elefante contra um elefante rival. Partha de grande energia disse novamente para Krishna, aquele castigador de inimigos, essas palavras, 'Acelere os corcéis, ó Hrishikesha, pois o tempo passa.' Assim endereçado pelo filho de grande alma de Pandu, Keshava lhe desejou vitória e incitou os cavalos tão velozes como pensamento. Então aquele carro do filho de Pandu, possuidor de grande velocidade, logo alcançou a frente do carro de Karna.'"

87

"Sanjaya disse, 'Vendo Vrishasena morto, Karna, cheio de dor e raiva, derramou lágrimas de seus olhos pela morte de seu filho. Dotado de grande energia, com olhos vermelhos como cobre de raiva, Karna procedeu diante de seu inimigo, tendo convocado Dhananjaya para a batalha. Então aqueles dois carros, ambos possuidores de refulgência solar e cobertos com peles de tigre, quando eles se encontraram, pareciam com dois sois próximos um do outro. Ambos tendo cavalos brancos e ambos subjugadores de inimigos, aqueles dois grandes arqueiros, aqueles dois guerreiros possuidores de refulgência solar, pareciam brilhantes como o sol e a lua no firmamento. Contemplando aqueles dois guerreiros que pareciam Indra e o filho de Virochana (Vali) se preparando

cuidadosamente para lutar pela conquista dos três mundos, todas as criaturas ficaram muito admiradas. Vendo aqueles dois guerreiros avançando em direção um ao outro com o estrépito de rodas de carro e a vibração de arcos, o som de palmas, o zunido de setas, e gritos leoninos, e vendo também seus estandartes, isto é, aquele de Karna portando a corda de elefante e aquele de Partha portando o macaco, se aproximarem um do outro, todos os senhores da terra ficaram muito surpresos. Vendo aqueles dois guerreiros em carros envolvidos em combate um com o outro, ó Bharata, todos os reis proferiram gritos leoninos e os animaram repetidamente com aplausos. Vendo aquele duelo entre Partha e Karna, milhares de combatentes lá bateram no peito e agitaram suas peças de roupa no ar. Os Kauravas tocaram seus instrumentos musicais e sopraram suas numerosas conchas para alegrar Karna. Similarmente, todos os Pandavas, para alegrar Dhananjaya, fizeram todos os pontos do horizonte ressoarem com os sons de suas trombetas e conchas. Com aqueles gritos leoninos e golpes em peitos e outros gritos altos e rugidos de bravos guerreiros, tremendo se tornou o barulho lá na ocasião daquele combate entre Karna e Arjuna. As pessoas contemplaram aqueles dois tigres entre homens, aqueles dois principais dos guerreiros em carros, posicionados em seus carros, cada um armado com seu arco formidável, cada um equipado com flechas e dardos, e cada um possuindo um estandarte alto. Ambos estavam vestidos em armadura, ambos tinham cimitarras atadas aos seus cintos, ambos tinham cavalos brancos, e ambos estavam adornados com conchas excelentes. Um tinha Krishna como motorista em seu carro, e o outro tinha Shalya. Ambos eram grandes guerreiros em carros e ambos pareciam semelhantes. Ambos possuidores de pescoços leoninos e braços longos, os olhos de ambos eram vermelhos, e ambos estavam enfeitados com guirlandas de ouro. Ambos estavam armados com arcos que pareciam lampejar como relâmpago, e ambos estavam adornados com abundância de armas. Ambos tinham rabos de iaque para serem abanados com eles, e ambos estavam ornados com guarda-sóis brancos mantidos sobre eles. Ambos tinham aljavas excelentes e ambos pareciam muito bonitos. Os membros de ambos estavam cobertos com pasta de sândalo vermelha e ambos pareciam com touros enfurecidos. Ambos tinham pescoço largo como o leão, ambos tinham peito largo, e ambos eram dotados de grande força. Desafiando um ao outro, ó rei, um desejava matar o outro. E eles avançaram um contra o outro como dois touros poderosos em um curral. Eles eram como um par de elefantes enfurecidos ou de montanhas zangadas ou de cobras novas de veneno virulento ou de Yamas todo-destrutivos. Enfurecidos um com o outro como Indra e Vritra, eles pareciam com o sol e a lua em esplendor. Cheios de ira, eles pareciam dois planetas imensos surgidos para a destruição do mundo no fim do Yuga. Ambos nascidos de pais celestes, e ambos parecendo deuses em beleza, eles eram de energia divina. De fato, eles pareciam com o sol e a lua vindos por iniciativa própria no campo de batalha. Ambos eram dotados de grande poder, ambos cheios de orgulho em batalha, eles estavam armados com diversas armas. Observando aqueles dois tigres entre homens, aqueles dois heróis dotados da impetuosidade de tigres, tuas tropas, ó monarca, estavam cheias de grande alegria. Vendo aqueles dois tigres entre homens, isto é, Karna e Dhananjaya, engajados em batalha, uma dúvida entrou nos corações de todos quanto a qual deles seria vitorioso. Ambos armados com armas superiores, e ambos bem

experientes em batalha, ambos fizeram o céu ressoar com os golpes em seus braços. Ambos possuidores de grande celebridade por destreza e força, eles pareciam o Asura Samvara e o chefe dos celestiais em relação à sua habilidade em batalha. Ambos iguais a Kartavirya ou ao filho de Dasaratha em batalha, ambos pareciam o próprio Vishnu em energia ou o próprio Bhava em luta. Ambos tinham corcéis brancos, ó rei, e ambos eram levados em carros principais. Ambos, além disso, tinham os mais importantes dos motoristas naquela grande batalha. Contemplando, ó monarca, aqueles dois grandes guerreiros em carros parecendo resplandecentes em seus carros, os grupos de Siddhas e Charanas que foram lá ficaram cheios de admiração. Os Dhartarashtras então, ó touro da raça Bharata, com suas tropas, cercaram Karna de grande alma, aquele ornamento de batalha, sem perder qualquer tempo. Da mesma maneira os Pandavas encabeçados por Dhrishtadyumna, cheios de alegria, cercaram Partha de grande alma que era sem igual em batalha. Karna se tornou a aposta, ó monarca, do teu exército naquela batalha, enquanto Partha se tornou a aposta dos Pandavas. Os soldados de ambos os lados eram como membros daquela assembléia e viraram os espectadores daquele jogo. De fato, em relação aos partidos envolvidos naquele jogo de batalha, ou vitória ou derrota era certa. Aqueles dois então, Karna e Arjuna, para a vitória ou o contrário, começaram a partida entre nós e os Pandavas, ambos permanecendo no campo de batalha. Hábeis em luta, aqueles dois heróis, ó monarca, naquele combate, ficaram muito enfurecidos um com o outro e desejaram matar um ao outro. Desejando tirar a vida um do outro, como Indra e Vritra, ó senhor, eles encararam um ao outro como dois cometas imensos de forma terrível. Então no céu, diferenças e disputas, acompanhadas por insultos, surgiram entre as criaturas lá, ó touro da raça Bharata, sobre o assunto de Karna e Arjuna. Todos os habitantes do mundo, ó senhor, eram ouvidos diferir entre eles mesmos. Os deuses, os Danavas, os Gandharvas, os Pishacas, as Cobras, os Rakshasas, adotaram lados opostos naquele combate entre Karna e Arjuna. O céu, ó monarca, com todas as estrelas, ficou ansioso por conta de Karna, enquanto a terra extensa ficou assim por conta de Partha, como a mãe por seu filho. Os rios, os mares, as montanhas, ó melhor dos homens, as árvores, as plantas e ervas decíduas tomaram o lado do ornado com diadema Arjuna. Os Asuras, Yatudhanas, os Guhyakas, ó opressor de inimigos, e corvos e outros percorredores do céu tomaram o lado de Karna. Todas as jóias e pedras preciosas, os quatro Vedas com as histórias como o quinto, os Upavedas, os Upanishads, com todos os seus mistérios, e as compilações, e Vasuki, e Citrasena, e Takshaka, e Upatakshaka, e todas as montanhas, e toda a prole de Kadru com seus filhos, todas as grandes cobras dotadas de veneno, e os Nagas tomaram o lado de Arjuna. Airavata e seus filhos, a prole de Surabhi, a prole de Vaisali, e os Bhogins tomaram o lado de Arjuna. Todas as cobras menores tomaram o lado de Karna. Lobos e veados selvagens e todas as espécies de animais e aves auspiciosos foram, ó rei, a favor da vitória de Partha. Os Vasus, os Maruts, os Sadhyas, os Rudras, os Vishvedevas e os Ashvinis, e Agni e Indra e Soma e Pavana, e os dez pontos do horizonte se tornaram os partidários de Dhananjaya, enquanto todos os Adityas tomaram o lado de Karna. Os Vaishyas, os Shudras, os Sutas, e aquelas castas que eram de uma origem misturada, todas, ó rei, adotaram o lado do filho de Radha. Os celestiais, no entanto, com os

Pitris, e com todos aqueles que eram numerados com eles como também com seus seguidores, e Yama e Vaishravana e Varuna estavam do lado de Arjuna. Os Brahmanas, os Kshatriyas, os sacrifícios, e aqueles presentes chamados Dakshinas eram a favor de Arjuna. Os Pretas, e Pishacas, muitos animais e aves carnívoros, os Rakshasas com todos os monstros do mar, os cachorros, e os chacais eram a favor de Karna. As diversas tribos de Rishis celestes e regenerados e nobres eram pelo filho de Pandu. Os Gandharvas encabeçados por Tumvuru, ó rei, estavam do lado de Arjuna. Com a prole de Pradha e Mauni, as várias classes de Gandharvas e Apsaras, e muitos sábios, tendo como seus veículos lobos e veados e elefantes e cavalos e carros e pé, e nuvens e o vento, foram lá para testemunhar o combate entre Karna e Arjuna. Os deuses, os Danavas, os Gandharvas, os Nagas, os Yakshas, as aves, os grandes Rishis versados nos Vedas, os Pitris que subsistem das doações chamadas Svadha, e ascetismo e as ciências, e as ervas (celestes) com diversas virtudes, vieram, ó monarca, e tomaram suas posições no firmamento, fazendo um grande barulho. Brahman, com os Rishis regenerados e os Senhores de criaturas, e o próprio Bhava em seu carro, foram para aquela parte do céu. Vendo aqueles dois de grande alma, Karna e Dhananjaya, prestes a lutar um com o outro, o próprio Shakra disse, 'Que Arjuna vença Karna.' Surya, no entanto, disse, 'Que Karna vença Arjuna. De fato, que meu filho Karna, matando Arjuna, ganhe a vitória nessa batalha.' (Indra respondeu:) 'Que meu filho, matando Karna, ganhe a vitória.' Assim mesmo Surya e Vasava, aqueles dois principais dos personagens, que estavam lá e tinham adotado lados opostos, disputaram entre si. Vendo aqueles dois de grande alma, Karna e Dhananjaya, prestes a se envolver em batalha, os deuses e os Asuras adotaram lados opostos. Os três mundos com os Rishis celestes e todos os deuses e todas as outras criaturas tremeram à visão. Os deuses estavam do lado de Partha, enquanto os Asuras estavam naquele de Karna. Assim todas as criaturas estavam interessadas naquele combate, tomando o lado desse ou daquele líder de guerreiros em carros, o herói Kuru ou o Pandava. Vendo o Senhor da Criação Nascido por Si Mesmo (isto é, Brahman), os deuses o suplicaram, dizendo, 'Ó deus, que o sucesso desses dois leões entre homens seja igual. Não deixe que o universo vasto seja destruído por causa desse combate entre Karna e Arjuna. Ó Nascido por Si Mesmo, diga somente a ordem, que o sucesso desses dois seja igual.' Ouvindo essas palavras, Maghavat, reverenciando o Avô, relatou isso para aquele deus dos deuses, aquele principal de todos os seres inteligentes, dizendo, 'Antigamente foi dito por tua santa pessoa que os dois Krishnas são sempre certos de ganhar vitória. Que isso seja (agora) como tu disseste então. Esteja satisfeito comigo, ó santo!' Nisso, Brahman e Isana responderam para o chefe dos celestiais, dizendo, 'A vitória de Vijaya de grande alma é certa, daquele Savyasaci que gratificou o comedor de libações sacrificais na floresta de Khandava e que, vindo para o céu, prestou assistência para ti, ó Sakra! Karna está no lado dos Danavas. É correto, portanto, que ele encontre a derrota. Por isto, sem dúvida, os propósitos dos deuses serão realizados. O próprio interesse, ó chefe dos celestiais, deve sempre ser importante. Phalguna de grande alma, além disso, é devotado à verdade e à moralidade. Ele deve sempre ser vitorioso, sem dúvida. Ele por quem o deus santo e de grande alma tendo o touro em sua bandeira foi gratificado, por que não deveria ele, ó tu de cem olhos,

ser vitorioso, ele, isto é, que tem como o motorista de seu carro aquele Senhor do universo, o próprio Vishnu? Possuidor de formidável energia mental e grande força, Partha é um herói, habilidoso com armas e dotado de mérito ascético. Possuidor também de grande energia de corpo, ele possui a ciência inteira de armas. De fato, Partha tem todas as habilidades. Ele deve ser vitorioso, já que isso realizará os propósitos dos deuses. Por sua grandeza, Partha contraria o próprio destino, se favorável ou desfavorável, e quando ele faz isso, uma grande destruição de criaturas ocorre. Quando os dois Krishnas estão excitados com ira, eles não mostram consideração por nada. Esses dois touros entre os seres são os Criadores de todas as coisas reais e irreais. Esses dois são Nara e Narayana, os dois antigos e melhores dos Rishis. Não há ninguém para imperar sobre eles. Eles são soberanos sobre todos, perfeitamente destemidos, eles são opressores de todos os inimigos. No céu ou entre os seres humanos, não há ninguém igual a qualquer um deles. Os três mundos com os Rishis celestes e os Charanas estão atrás desses dois. Todos os deuses e todas as criaturas andam atrás deles. O universo inteiro existe pelo poder desses dois. Que Karna, aquele touro entre homens, alcance essas principais das regiões de bem aventurança aqui. Que ele obtenha identidade com os Vasus ou os Maruts. Que ele, com Drona e Bhishma, seja adorado no céu, pois o filho de Vikartana é corajoso e é um herói. Que a vitória, no entanto, pertença aos dois Krishnas.' Depois que aqueles dois principais entre os deuses (Brahman e Isana), falaram assim, a divindade de 1.000 olhos, reverenciando aquelas palavras de Brahman e Isana e saudando todas as criaturas disse, 'Vocês ouviram o que foi dito pelos dois deuses para o benefício do universo. Isso será exatamente assim e não de outra maneira. Fiquem então com corações alegres.' Ouvindo essas palavras de Indra, todas as criaturas, ó senhor, ficaram muito surpresas e aplaudiram, ó rei, aquela divindade. Os celestiais então despejaram diversas espécies de flores fragrantes e sopraram suas trombetas. De fato, os deuses, os Danavas e os Gandharvas todos esperaram lá para testemunhar aquele duelo inigualável entre aqueles dois leões entre homens. Os dois carros, ó rei, sobre os quais Karna e Arjuna estavam posicionados, tinham corcéis brancos unidos a ambos. E ambos tinham estandartes excelentes, e ambos produziam um estrépito alto. Muitos dos heróis principais, se aproximando dos bravos Vasudeva e Arjuna como também de Shalya e Karna, começaram cada um a soprar sua concha. A batalha então começou (entre os dois guerreiros), oprimindo todas as pessoas tímidas com medo. Ferozmente eles desafiaram um ao outro como Sakra e Samvara. Os estandartes dos dois heróis, perfeitamente brilhantes, pareciam muito belos sobre seus carros, como os planetas Rahu e Ketu surgidos no firmamento na hora da dissolução universal. A corda do elefante no estandarte de Karna, parecendo com uma cobra de veneno virulento e feita de pedras preciosas e jóias e extremamente forte e parecendo o arco de Indra, parecia resplandecente (enquanto ondulava no ar). Aquele principal dos macacos, também, pertencente a Partha, com mandíbulas escancaradas e terríveis, e difícil de ser olhado, como o próprio sol, inspirava temor com seus dentes formidáveis. O impetuoso Macaco no estandarte do manejador do Gandiva, ficando desejoso de lutar, precipitou-se de sua posição e caiu sobre o estandarte de Karna. Dotado de grande impetuosidade, o Macaco, dardejando para frente, atingiu a corda do elefante com suas unhas e dentes,

como Garuda caindo sobre uma cobra. Enfeitada com fileiras de pequenos sinos, dura como ferro, e parecendo o laço fatal (nas mãos de Yama ou Varuna), a corda do elefante, cheia de ira, se engalfinhou com o Macaco. Assim naquele duelo feroz entre aqueles dois heróis, que era o resultado do que tinha sido decidido na época do jogo de dados, seus estandartes lutaram primeiro um com o outro. Enquanto isso os corcéis de um relinchavam para os corcéis do outro. Keshava de olhos de lótus perfurou Shalya com seus olhares afiados. O último também lançou olhares similares no primeiro. Vasudeva, no entanto, venceu Shalya com aqueles olhares dele, enquanto Dhananjaya, o filho de Kunti, venceu Karna com seus olhares. Então o filho de Suta, dirigindo-se sorridente a Shalya, disse, 'Se Partha por quaisquer meios me matar em batalha hoje, diga-me verdadeiramente, ó amigo, o que tu farás depois disso.' Shalya respondeu, dizendo, 'Se tu fores morto, eu mesmo matarei Krishna e Dhananjaya.' Mais uma vez o soberano dos Madras disse, 'Se, ó Karna, Arjuna de cavalos brancos te matar em batalha hoje, eu mesmo, em um único carro, matarei ambos Madhava e Phalguna.'"

"Sanjaya continuou, 'Arjuna também fez a Govinda uma pergunta parecida. Krishna, no entanto, sorrindo, disse para Partha essas palavras de grave significado, 'O próprio Sol pode cair de seu lugar, a própria Terra pode se partir em 1.000 fragmentos; o próprio fogo pode se tornar frio. Contudo Karna não será capaz de te matar, ó Dhananjaya! Se, no entanto, tal ocorrência acontecer, saiba então que a destruição do universo estará perto. Em relação a mim mesmo, eu irei, usando meus braços nus, matar ambos Karna e Shalya em batalha.' Ouvindo essas palavras de Krishna, Arjuna de estandarte de macaco, sorrindo, respondeu para Krishna que nunca estava fatigado com esforço, dizendo, 'Shalya e Karna, juntos, não são páreo para mim sozinho, ó Janardana! Tu irás hoje, ó Krishna, ver Karna com seu estandarte e faixas com Shalya e seu carro e corcéis, com seu guarda-sol e armadura e dardos e flechas e arco, cortado em pedaços com minhas flechas em batalha. Tu hoje verás ele com seu carro e cavalos e dardos e armadura e armas, reduzido a pó como uma árvore na floresta esmagada por um elefante. Hoje a condição de viúva das esposas do filho de Radha está perto. Na verdade, elas devem ter em seus sonhos (da noite passada) visto sinais do mal que se aproxima, ó Mahadeva! Na verdade, hoje tu verás as esposas de Karna se tornarem viúvas. Eu não posso reprimir minha ira pelo que foi feito antes por esse tolo de pouca previdência quando ele viu Krishna arrastada para a assembléia e quando rindo de nós ele nos insultou repetidamente em palavras vis. Hoje, ó Govinda, tu verás Karna despedaçado por mim como uma árvore com sua carga de flores despedaçada por um elefante enfurecido. Hoje, ó matador de Madhu, tu ouvirás, depois da queda de Karna, essas palavras agradáveis, 'Por boa sorte, ó tu da linhagem de Vrishni, a vitória foi tua!' Tu hoje confortarás a mãe de Abhimanyu com o coração mais leve por teres pagado a dívida com o inimigo. Hoje tu, cheio de alegria, consolarás tua tia paterna Kunti. Hoje tu, ó Madhava, confortarás Krishna de rosto choroso e o rei Yudhishthira o justo com palavras doces como néctar.'"

88

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso o céu, cheio de deuses e Nagas e Asuras e Siddhas e Yakshas e com grandes grupos de Gandharvas e Rakshasas, e Asuras e Rishis regenerados e sábios reais e aves de penas excelentes, assumiu um aspecto maravilhoso. Todos os seres humanos reunidos lá contemplaram aqueles seres de aspecto extraordinário permanecendo no céu, e o próprio céu ressoava com o som de instrumentos musicais e canções e hinos adulatórios e riso e dança, e diversos outros tipos de sons encantadores. Então ambos os guerreiros Kaurava e Pandava, cheios de alegria, e fazendo a terra e os dez pontos do horizonte ressoarem com o som de instrumentos musicais, o clangor de conchas, e rugidos leoninos e o rumor da batalha, começaram a massacrar seus inimigos. Abundando com homens e corcéis e elefantes e carros e armas, insuportável para combatentes pela queda de maças e espadas e dardos e espadins, cheio de heróis, e apinhado com corpos sem vida, o campo de batalha, tingido de carmesim com sangue coagulado, parecia muito resplandecente. De fato, a batalha entre os Kurus e os Pandavas então parecia aquela dos tempos antigos entre os deuses e os Asuras. Depois que aquela batalha feroz e horrível tinha começado entre Dhananjaya e o filho de Adhiratha, cada um daqueles dois heróis, vestido em armadura excelente, encobriu os dez pontos do horizonte e a hoste oposta a ele com flechas afiadas e retas. Uma escuridão tendo sido causada lá naquela ocasião com flechas, nem teus guerreiros nem o inimigo podiam mais ver qualquer coisa. Por medo todos os guerreiros lá procuraram a proteção ou de Karna ou de Arjuna como raios de luz espalhados no céu convergindo em direção ou ao sol ou à lua. Os dois heróis então, um desviando as armas do outro com suas próprias, como os ventos leste e oeste enfrentando um ao outro, pareciam muito brilhantes como o sol e a lua surgidos depois de dissiparem a escuridão causada pelas nuvens e cobrindo o céu. Cada um tendo encorajado suas tropas, dizendo, 'Não fujam!' o inimigo e teus guerreiros mantiveram seu terreno, cercando aqueles dois poderosos guerreiros em carros como os deuses e os Asuras permanecendo em volta de Vasava e Samvara. Os dois exércitos então saudaram aqueles dois melhores dos homens com os sons de baterias e outros instrumentos e com rugidos leoninos, no que aqueles dois touros entre homens pareciam belos como o sol e a lua saudados por nuvens ribombando reunidas em volta. Cada um armado com um arco formidável puxado a um círculo completo e parecendo com um halo (solar ou lunar), aqueles dois heróis de grande esplendor, atirando naquela batalha milhares de flechas que constituíam seus raios, pareciam dois sóis insuportáveis surgidos no fim do Yuga para queimar o universo inteiro com suas criaturas móveis e imóveis. Ambos invencíveis, ambos capazes de exterminar inimigos, cada um desejoso de matar o outro; e cada um mostrando sua habilidade sobre o outro, aqueles dois guerreiros, Karna e o filho de Pandu, entraram em combate destemidamente um com o outro naquela batalha terrível, como Indra e o Asura Jambha. Invocando as mais poderosas das armas então, aquele dois arqueiros formidáveis começaram, com suas flechas terríveis, a matar inúmeros homens e cavalos e elefantes como também a atingir um ao outro, ó rei! Afligidas mais uma vez por aqueles dois principais dos homens, as tropas de

ambos os Kurus e os Pandavas, consistindo em elefantes e soldados de infantaria e cavaleiros e guerreiros em carros, fugiram para todos os lados como outros animais na floresta quando atacados pelo leão. Então Duryodhana, e o chefe dos Bhojas, e o filho de Subala, e Kripa, e o filho da filha de Sharadvata, esses cinco grandes guerreiros em carros, atacaram Dhananjaya e Keshava com flechas capazes de produzir grande dor. Dhananjaya, no entanto, com suas flechas cortou ao mesmo tempo os arcos, as aljavas, os corcéis, os elefantes, e os carros com seus motoristas, daqueles guerreiros, e mutilando todos eles com flechas excelentes, perfurou o filho de Suta com uma dúzia de flechas. Então cem carros, cem elefantes, e diversos cavaleiros Saka e Tukhara e Yavana, acompanhados por alguns dos combatentes principais entre os Kambojas, avançaram rapidamente contra Arjuna pelo desejo de matá-lo. Cortando depressa com flechas e setas de cabeça de navalha em suas mãos as armas excelentes de seus inimigos, como também suas cabeças, e corcéis, e elefantes, e carros, Dhananjaya derrubou seus inimigos lutando no campo. Então no céu toques de trombetas celestes foram soprados pelos deuses excelentes. Esses estavam misturados com os louvores de Arjuna. Sopradas por brisas suaves, excelentes chuvas florais, fragrantes e auspiciosas, caíram (sobre a cabeça de Arjuna). Vendo aquele incidente, que foi testemunhado por deuses e homens, todas as criaturas, ó rei, ficaram muito surpresas. Somente teu filho e o filho de Suta, que eram ambos da mesma opinião, não sentiram nem aflição nem admiração. Então o filho de Drona, pegando a mão de Duryodhana, e adotando um tom calmante, se dirigiu ao teu filho, dizendo, 'Esteja satisfeito, ó Duryodhana! Faça as pazes com os Pandavas. Não há necessidade de brigar. Que vergonha para a guerra! O preceptor, conhecedor das mais poderosas das armas e semelhante ao próprio Brahma, foi morto. Outros touros entre homens, encabeçados por Bhishma, também foram mortos. Em relação a mim mesmo, eu não posso ser morto, como também meu tio materno. Governe o reino para sempre, (dividindo-o) com os filhos de Pandu. Dissuadido por mim, Dhananjaya se absterá. Janardana também não deseja hostilidades. Yudhishthira está sempre dedicado ao bem de todas as criaturas. Vrikodara é obediente a ele. Assim também são os gêmeos. As pazes sendo feitas entre ti e os Parthas, todas as criaturas serão beneficiadas, através, como pareceria, do teu desejo. Que os reis que ainda estão vivos voltem para suas casas. Que as tropas se abstenham de hostilidades. Se tu não escutares minhas palavras, ó rei, atingido por inimigos em batalha, tu terás que queimar com aflição. Tu tens visto, assim como o universo, o que tem sido realizado por Arjuna sozinho enfeitado com diadema e guirlandas. O próprio matador de Vala não poderia realizar seu semelhante, nem o Destruidor, nem Prachetas, nem o rei ilustre dos Yakshas. Dhananjaya, em relação aos seus méritos, é mesmo muito maior do que isso. Ele nunca desobedecerá ao que quer que eu diga a ele. Ele sempre te seguirá. Fique satisfeito, ó rei, para o benefício do universo. Tu sempre me honraste muito. Eu, também, tenho uma grande amizade por ti. É por isso que eu te falo dessa maneira. Eu irei dissuadir Karna também, desde que tu estejas inclinado à paz. Pessoas perspicazes dizem que há quatro tipos de amigos, isto é, aqueles que são naturalmente assim, aqueles que são feitos assim por conciliação, aqueles que se tornam assim por riqueza, e por fim aqueles trazidos sob submissão pelo exercício de poder. Todos esses elementos são possuídos

por ti com relação aos filhos de Pandu. Os Pandavas, ó herói, são naturalmente teus amigos. Obtenha-os novamente como amigos com certeza por conciliação. Se após tu mesmo estares satisfeito, eles concordarem em se tornarem amigos, ó rei de reis, aja daquela maneira.' Essas palavras benéficas tendo sido ditas a ele por seus amigos, Duryodhana refletiu por algum tempo. Dando respirações profundas, ele então, com o coração triste, disse, 'Isso é como tu, ó amigo, disseste. Escute, no entanto, as palavras que eu te direi. Vrikodara de coração perverso, tendo matado Duhshasana como um tigre, falou palavras que ainda moram no meu coração. Tu também ouviste as mesmas. Como então pode haver paz? Arjuna, além disso, não será capaz de suportar Karna em batalha, como uma tempestade cuja força é enfraquecida quando enfrentando as montanhas poderosas de Meru. Nem o filho de Pritha terá a menor confiança em mim, pensando nos muitos atos de hostilidade violenta (feitos por mim em direção a eles). Nem, ó filho do preceptor de glória imperecível, cabe a ti dizer para Karna agora 'Te abstenha da batalha!' Phalguna está muito cansado hoje. Karna logo o matará.' Tendo com humildade dito essas palavras repetidamente para o filho do preceptor, teu filho comandou suas próprias tropas, dizendo, 'Armados com flechas, avancem e matem esses inimigos. Por que vocês estão inativos?'"

89

Sanjaya disse, 'Então quando o clangor de conchas e o ribombo de baterias ficou muito alto, aqueles dois principais dos homens, ambos possuindo corcéis brancos, o filho de Suta Vikartana e Arjuna, combateram um ao outro por causa, ó rei, da má política do teu filho. Aqueles dois heróis dotados de grande impetuosidade, Dhananjaya e o filho de Adhiratha, entraram em combate um com o outro como dois elefantes Himalayan enfurecidos, ambos de presas crescidas, lutando um com o outro por causa de uma elefanta no cio. Como uma massa de nuvens enfrentando outra massa, ou uma montanha enfrentando uma montanha, aqueles dois guerreiros, ambos despejando chuvas de flechas, combateram um ao outro, seus arcos vibrando ruidosamente naquele momento, e as rodas de seus carros produzindo um estrépito ensurdecedor, e as cordas de seus arcos e palmas emitindo sons altos. Como duas montanhas, ambas dotadas de rochedos altos e cheias de árvores e trepadeiras e ervas e ambas cheias de diversos outros habitantes que são naturais a elas, movendo-se em direção uma à outra para um combate, aqueles dois guerreiros poderosos enfrentaram um ao outro, cada um atacando o outro com armas poderosas.

O combate entre os dois heróis se tornou furioso como aquele entre o chefe dos celestiais e o filho de Virocana nos tempos passados. Incapaz de ser suportado por outros e marcado por um rio cuja água repugnante consistia em sangue, os membros daqueles dois heróis, como também seus motoristas e animais, ficaram extremamente mutilados. Como dois lagos grandes, ambos cheios de lotos de diversas espécies e peixes e tartarugas, e ecoando com as vozes de diversas espécies de aves, e suavemente agitado pelo vento, se aproximando um do outro, aqueles dois carros enfeitados com estandartes se aproximaram um do outro.

Ambos dotados de destreza igual àquela do grande Indra, ambos parecendo o próprio grande Indra, aqueles dois poderosos guerreiros em carros atingiram um ao outro com flechas que pareciam o raio do grande Indra, como o próprio grande Indra e (o Asura) Vritra.

Ambos os exércitos consistindo em carros e elefantes e corcéis e soldados de infantaria, todos equipados com belas armaduras e ornamentos e mantos e armas, e aqueles também que estavam no céu, foram inspirados com medo ao verem aquele combate de aspecto extraordinário entre Arjuna e Karna. Outros entre os espectadores, cheios de alegria e proferindo gritos leoninos, ergueram seus braços, agitando seus dedos ou os pedaços de tecido que eles seguravam, quando Arjuna avançou contra o filho de Adhiratha, pelo desejo de matar, como um elefante enfurecido avançando contra outro.

Os Somakas então gritaram ruidosamente para Partha, dizendo, 'Seja rápido, ó Arjuna, vá e perfure Karna. Corte sua cabeça sem demora, e (com ela) o desejo do filho de Dhritarashtra pelo reino.' Similarmente muitos guerreiros nossos que estavam lá disseram para Karna, 'Proceda, proceda, ó Karna, e mate Arjuna com flechas afiadas. Que os filhos de Pritha vão mais uma vez para as florestas para sempre.'

Então Karna perfurou Partha primeiro naquele combate, com dez flechas poderosas. Arjuna perfurou-o em retorno com dez flechas de ponta afiada, disparadas com grande vigor, no centro do peito. De fato, o filho de Suta e Arjuna então mutilaram um ao outro com muitas flechas providas de asas vistosas. Desejosos de obter vantagem dos lapsos um do outro naquela batalha terrível, com corações alegres eles avançaram um contra o outro ferozmente.

Esfregando seus dois braços e a corda do Gandiva também, aquele arqueiro feroz, Arjuna, então disparou flechas do comprimento de uma jarda, e nalikas e setas equipadas com cabeças semelhantes às orelhas do javali e navalhas, e anjalikas, e flechas moldadas em forma de meia-lua. Aquelas flechas de Partha, ó rei, espalhadas no céu, penetraram no carro de Karna como bandos de aves, com cabeças inclinadas para baixo, penetrando ao anoitecer em uma árvore para se alojarem lá à noite. Todas aquelas flechas, no entanto, ó rei, que Arjuna, aquele vitorioso sobre todos os inimigos, com fronte vincada e olhares enfurecidos, disparou em Karna, todas aquelas sucessivas chuvas de flechas disparadas pelo filho de Pandu foram cortadas pelo filho de Suta com suas próprias flechas.

O filho de Indra então disparou em Karna uma arma ígnea capaz de matar todos os inimigos. Cobrindo a terra e o céu e os dez pontos do horizonte e o próprio curso do sol com sua refulgência, ela fez seu próprio corpo também resplandecer com luz. Os mantos de todos os guerreiros pegaram fogo, no que eles fugiram. Sons altos também se ergueram lá, como os que são ouvidos quando uma floresta de bambus em uma selva está pegando fogo. Vendo aquela arma ígnea agindo por todos os lados, o filho de Suta Karna de grande coragem disparou naquele combate a varunastra para apagá-la. Aquela conflagração então foi apagada pela arma de Karna.

Uma massa grande de nuvens rapidamente fez todos os pontos do horizonte ficarem envolvidos em escuridão. Aquelas nuvens cujas extremidades apresentavam o aspecto de montanhas, cercando todos os lados, inundaram a terra com água. Aquela conflagração feroz, embora fosse assim, ainda foi apagada por aquelas nuvens em um instante. O céu inteiro e todas as direções, cardeais e secundárias, foram encobertas por nuvens. Assim encobertos por nuvens, todos os pontos do horizonte ficaram escuros e nada podia ser visto.

Então Arjuna dissipou aquelas nuvens causadas por Karna por meio da vayavyastra. Depois disso, Dhananjaya, incapaz de ser superado por inimigos insuflou Gandiva, sua corda, e suas flechas, com mantras, e chamou à existência outra arma que era a favorita do chefe dos celestiais e que parecia o trovão em energia e destreza. Então flechas de cabeça de navalha, e anjalikas, e flechas em forma de meia-lua, e nalikas, e flechas do comprimento de uma jarda e aquelas equipadas com cabeças como a orelha do javali, todas penetrantes e afiadas, emanaram do Gandiva às milhares, dotadas da força e impetuosidade do trovão. Possuidoras de grande poder e grande energia, aquelas flechas impetuosas e afiadas providas de penas de urubu perfurando todos os membros, os cavalos, o arco, a canga, as rodas, e o estandarte de Karna, penetraram rapidamente neles como cobras assustadas por Garuda penetrando na terra. Totalmente perfurado com flechas e banhado em sangue, Karna (de grande alma) então, com olhos rolando em fúria, curvando seu arco de corda resistente e produzindo um som tão alto como o bramido do mar, chamou à existência a arma Bhargava. Cortando as chuvas de flechas de Partha emanando da boca daquela arma de Indra (que Arjuna tinha disparado), Karna, tendo frustrado dessa maneira a arma de seu antagonista com a sua própria, destruiu carros e elefantes e soldados de infantaria (do exército Pandava). Incapaz de tolerar os feitos de Arjuna naquela batalha feroz, o poderoso guerreiro em carro Karna fez isso através da energia da arma Bhargava. Cheio de ira e possuidor de grande presteza, o filho de Suta, aquele principal dos homens, rindo dos dois Krishnas, perfurou os principais dos guerreiros Pancala com flechas bem disparadas naquela batalha. Então os Pancalas e os Somakas, ó rei, assim afligidos por Karna com chuvas de flechas naquele combate, ficaram cheios de cólera e se unindo perfuraram o filho de Suta com flechas afiadas de todos os lados. Cortando rapidamente aquelas flechas com suas próprias, o filho de Suta, agitando-os vigorosamente naquela batalha, afligiu com muitas flechas os carros, os elefantes, e os corcéis dos Pancalas. Seus corpos perfurados com aquelas flechas de Karna, eles caíam, privados de vida, no chão, fazendo sons altos, como elefantes poderosos mortos por um leão enfurecido de força terrível. Tendo matado aqueles guerreiros principais, aqueles heróis dotados de grande força, aqueles líderes dos exércitos Pancala que sempre tinham desafiado ele (para a batalha), Karna, ó rei, enquanto ele disparava suas flechas, parecia belo, como uma massa de nuvens despejando torrentes de chuva. Então teus guerreiros, pensando que Karna tinha obtido a vitória, bateram palmas ruidosamente e proferiram rugidos leoninos. Ó chefe dos Kurus, todos eles então consideraram os dois Krishnas como trazidos por Karna sob seu poder, vendo aquela bravura, incapaz de ser resistida por inimigos, do poderoso guerreiro em carro Karna. Vendo aquela arma de Dhananjaya frustrada por Karna no meio da

batalha, o filho zangado do deus do vento, com olhos brilhando com ira, começou a apertar suas mãos. De fato, o colérico Bhima, sua raiva sendo provocada, puxou fôlegos profundos e se dirigindo a Arjuna de pontaria exata, disse, 'Como, ó Jishnu, esse canalha desviado da virtude, esse filho de Suta, aplicando seu poder em batalha, pode matar tantos dos principais guerreiros Pancala, na tua vista? Antes de agora tu não podias ser conquistado pelos próprios deuses ou os Kalakeyas. Tu recebeste o toque dos braços do próprio Sthanu. Como, então, ó Arjuna enfeitado com diadema, o filho de Suta pode te perfurar primeiro com dez flechas compridas tais como são usadas por guerreiros em carros? Que o filho de Suta hoje tenha conseguido frustrar as flechas disparadas por ti me parece ser muito surpreendente. Lembre das aflições de Krishna, e daquelas palavras desagradáveis, mordazes, e cortantes que esse filho de um Suta de alma perversa e sem medo usou conosco, isto é, 'Sementes de gergelim sem núcleo!' Lembrando tudo isso, ó Savyasaci, mate rapidamente o patife Karna em batalha hoje. Por que, ó Arjuna ornado com diadema, tu mostras tal indiferença (com relação a essa ação)? Esse não é o momento para mostrar tua indiferença a respeito da morte de Karna. Aquela paciência com a qual tu subjugaste todas as criaturas e alimentaste Agni em Khandava, com aquela paciência, mate o filho de Suta. Eu também o esmagarei com minha maça.' Então Vasudeva, vendo as flechas de Partha frustradas por Karna, disse para o primeiro, 'O que é isto, ó Arjuna enfeitado com diadema, que Karna consiga reprimir tuas armas hoje com essa? Por que tu, ó herói, perdeste tua presença de espírito? Tu não notas que os Kauravas, (que estão atrás de Karna), estão até agora gritando em alegria? De fato, todos eles sabem que tuas armas estão sendo frustradas por Karna com as dele. Aquela paciência com a qual, Yuga após Yuga, tu tens matado pessoas que tem a qualidade de ignorância como suas armas, como também Kshatriyas terríveis, e Asuras nascidos do orgulho, em muitas batalhas, com aquela paciência mate Karna hoje. Aplicando teu poder, corte a cabeça daquele inimigo teu com esta Sudarsana, de gume afiado como uma navalha, que eu dou para ti, como Sakra cortando a cabeça de seu inimigo Namuci, com o raio. Aquela paciência com a qual tu gratificaste a divindade ilustre Mahadeva no disfarce de um caçador, convocando aquela paciência outra vez, ó herói, mate o filho de Suta com todos os seus seguidores. Depois disso, entregue para o rei Yudhishthira a terra com sua faixa de mares, suas cidades e aldeias, e riquezas, e de cuja superfície todos os inimigos terão sido removidos. Por aquela ação, ó Partha, obtenha também fama insuperável.' Assim endereçado (por Krishna), Partha de grande alma de poder excelente colocou seu coração na morte do filho de Suta. De fato, incitado por Bhima e Janardana, e se lembrando (de seus infortúnios), e fazendo uma avaliação interna de si mesmo, e lembrando-se do objetivo para o qual ele tinha vindo para este mundo, ele se dirigiu a Keshava, dizendo, 'Eu agora chamarei à existência uma arma poderosa e ardente para o bem do mundo e a destruição do filho de Suta. Que eu tenha tua permissão, como também de Brahman e de Bhava, e de todos aqueles que estão familiarizados com Brahma.' Tendo dito essas palavras para o santo Keshava, Savyasaci de alma incomensurável reverenciou Brahman e chamou à existência aquela arma excelente irresistível chamada Brahmastra que podia ser aplicada só pela mente. Frustrando aquela arma, no entanto, Karna parecia belo enquanto ele continuava, como uma nuvem

derramando torrentes de chuva, a disparar suas flechas. Vendo aquela arma de Arjuna enfeitado com diadema frustrada no meio da batalha por Karna, o colérico e poderoso Bhima, se inflamando com raiva, dirigiu-se a Arjuna de pontaria certeira e disse, 'As pessoas dizem que tu és um mestre da excelente Brahmastra, aquele meio poderoso (de realizar a destruição de inimigos). Então, ó Savyasaci, use outra arma do mesmo tipo.' Assim endereçado por seu irmão, Savyasaci usou uma segunda arma do tipo. Com ela, Partha de energia abundante encobriu todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários, com flechas disparadas do Gandiva que pareciam cobras ferozes e eram como os raios brilhantes do sol. Criadas por aquele touro da raça Bharata, aquelas flechas de asas douradas, às centenas sobre centenas, dotadas da refulgência do fogo yuga ou do sol, em um momento cobriram o carro de Karna. Dali também saíram dardos longos e machados de batalha e discos e flechas do comprimento de uma jarda às centenas, todos de formas terríveis, pelos quais guerreiros hostis por toda parte começaram a ser privados de vida. A cabeça de um guerreiro hostil, cortada de seu tronco, caiu no campo de batalha. Outro, vendo seu companheiro caído, caiu morto sobre a terra, por medo. O braço (direito) de um terceiro, grande e massivo como a tromba de um elefante, cortado (por Partha), caiu com a espada em punho. O braço esquerdo de um quarto, cortado com uma flecha de cabeça de navalha, caiu com o escudo nele. Assim mesmo Partha, enfeitado com diadema e guirlandas, feriu e matou todos os principais guerreiros do exército de Duryodhana com suas flechas terríveis e dadoras de morte. Vaikartana também, no meio daquela batalha, disparou milhares de flechas. Essas, com um zunido alto, caíram sobre o filho de Pandu como torrentes de chuva despejadas das nuvens. Então perfurando Bhimasena e Janardana e o ornado com diadema Arjuna de façanhas sobre-humanas, cada um com três flechas, Karna de poder terrível proferiu um rugido alto tremendo. Atingido pelas flechas de Karna, o enfeitado com diadema Arjuna, vendo Bhima e Janardana, ficou incapaz de tolerar (os atos de seu oponente). Mais uma vez, portanto, Partha disparou oito e dez flechas. Perfurando o estandarte belo de Karna com uma daquelas flechas, ele perfurou Shalya com quatro e o próprio Karna com três. Com dez outras flechas bem disparadas ele então atingiu o guerreiro Kaurava Sabhapati, vestido em armadura dourada. Nisso aquele príncipe, privado de cabeça e braços e cavalos e motorista e arco e bandeira, caiu, ferido e morto, do seu carro principal, como uma árvore Sala derrubada com um machado. Mais uma vez perfurando Karna com três, oito, doze, quatro, e dez flechas, Partha matou 400 elefantes equipados com muitas armas, e 8.000 guerreiros em carros, e 1.000 corcéis com cavaleiros, e 8.000 bravos soldados de infantaria. E logo Partha fez Karna com seu motorista e carro e corcéis e estandarte invisível com flechas de curso reto. Então os Kauravas, assim massacrados por Dhananjaya, se dirigiram ruidosamente ao filho de Adhitratha, dizendo, 'Atire tuas flechas e mate o filho de Pandu. Ele já começou a exterminar os Kurus com suas flechas!' Assim instigado, Karna, com seus melhores esforços, disparou muitas setas incessantemente. Capazes de cortar os próprios membros vitais, aquelas flechas bebedoras de sangue, bem disparadas por Karna, mataram grande número dos Pandavas e dos Pancalas. Assim aqueles dois principais de todos os arqueiros, aqueles dois guerreiros de grande força que eram capazes de resistir a todos os inimigos, aqueles dois heróis conhecedores

de armas, atingiram os guerreiros opostos a eles, como também um ao outro, com armas poderosas. Então Yudhishthira, vestido em armadura dourada, suas flechas tendo sido extraídas e ele mesmo feito saudável com mantras e remédios por principais dos cirurgiões bem dispostos em direção a ele, foi rapidamente àquele local para testemunhar (o combate entre Arjuna e Karna). Vendo o rei Yudhishthira o justo chegado lá como a lua cheia resplandecente livre das mandíbulas de Rahu e elevada no firmamento, todas as criaturas ficaram cheias de alegria. Vendo aqueles dois principais dos guerreiros, aqueles dois primeiros dos heróis e matadores de inimigos, isto é, Karna e Partha, envolvidos em combate, os espectadores, celestes e terrestres, reprimindo os animais que eles montavam ou que estavam unidos aos seus veículos, ficaram imóveis. Quando os dois heróis, ó rei, atingiram um ao outro com muitas das flechas principais, ó rei, os sons causados pelos arcos, cordas de arcos, e palmas, de ambos Dhananjaya e o filho de Adhiratha tornaram-se tremendos e suas flechas bem disparadas também causaram um zunido ensurdecedor. Então a corda do arco do filho de Pandu, esticada com força, se rompeu com um barulho alto. Durante o intervalo assim oferecido, o filho de Suta perfurou Partha com cem setas pequenas, afiadas e embebidas em óleo, aladas com penas de aves, e parecendo cobras livres de suas peles. Ele então rapidamente perfurou Vasudeva com sessenta flechas, e então Phalguna outra vez com oito. O filho de Surya então perfurou Bhima com milhares sobre milhares de setas poderosas. Tendo perfurado Krishna e o estandarte de Partha, Karna derrubou muitos entre os Somakas que seguiam Partha. Esses, no entanto, em retorno encobriram Karna com chuvas de flechas retas como massas de nuvens cobrindo o sol no céu. Habilidoso no uso de armas, o filho de Suta, entorpecendo aqueles guerreiros que avançavam com suas flechas e desviando todas as armas disparadas por eles, destruiu seus carros e corcéis e elefantes. E o filho de Suta, ó rei, também afligiu com suas setas muitos dos principais guerreiros entre eles. Seus corpos perfurados pelas flechas de Karna, eles caíram no chão, privados de vida e fazendo um barulho alto quando caíam. De fato, aqueles combatentes poderosos, afligidos por Karna de força terrível, pereciam como uma matilha de cachorros afligida por um leão enfurecido. E novamente muitos dos combatentes principais entre os Pancalas e muitos tais (entre os Kauravas) caíram depois disso, mortos por Karna e Dhananjaya. Privados de vida pelo poderoso Karna com flechas bem miradas disparadas com grande força, muitos caíam, purgando os conteúdos de seus estômagos. Então tuas tropas, considerando a vitória como já deles, bateram palmas furiosamente e proferiram rugidos leoninos altos. De fato, naquele combate terrível, todos eles consideraram os dois Krishnas como tendo sido trazidos por Karna sob seu poder. Então curvando rapidamente a corda de seu arco e desviando todas aquelas flechas do filho de Adhiratha, Partha, cheio de raiva por seus membros terem sido mutilados pelas flechas de Karna, atacou os Kauravas. Esfregando a corda de seu arco, ele bateu suas palmas e de repente causou uma escuridão lá com as chuvas de flechas que ele disparou. O ornado com diadema Arjuna perfurou Karna e Shalya e todos os Kurus com aquelas flechas. O céu tendo sido escurecido por meio daquela arma poderosa, as próprias aves eram incapazes de vagar em seu elemento, um vento delicioso então soprou, portando odores fragrantes. Dando risada, Partha atingiu violentamente a armadura de Shalya com dez flechas.

Perfurando Karna em seguida com uma dúzia de flechas, ele o atingiu mais uma vez com sete. Profundamente atingido por aquelas flechas aladas de energia feroz disparadas com grande força do arco de Partha, Karna, com membros mutilados e corpo banhado em sangue, parecia resplandecente como Rudra na destruição universal, se divertindo no meio de um crematório ao meio-dia ou noite, seu corpo tingido com sangue. O filho de Adhiratha então perfurou Dhananjaya que parecia o próprio chefe dos celestiais (em energia e poder) com três flechas, e ele fez cinco outras flechas ardentes parecendo cinco cobras penetrarem no corpo de Krishna. Disparadas com grande força, aquelas flechas, enfeitadas com ouro, atravessaram a armadura daquele principal dos seres e passando para fora do seu corpo caíram sobre a terra. Dotadas de grande energia, elas entraram na terra com grande força e tendo se banhado (nas águas do Bhogavati na região inferior) correram de volta em direção a Karna. Aquelas flechas eram cinco cobras poderosas que tinham adotado o lado do filho de Takshaka (Aswasena cuja mãe Partha tinha matado em Khandava). Com dez flechas de cabeça larga disparadas com grande força, Arjuna cortou cada uma daquelas cinco cobras em três fragmentos depois do que elas caíram no chão. Vendo os membros de Krishna mutilados daquela maneira por aquelas cobras transformadas em flechas disparadas dos braços de Karna, Arjuna, enfeitado com diadema e guirlandas, inflamou-se com fúria como um fogo empenhado em queimar uma pilha de grama seca. Ele então perfurou Karna em todos os seus membros vitais com muitas flechas ardentes e fatais disparadas da corda do arco estirada até a própria orelha. (Profundamente perfurado), Karna tremeu de dor. Com a maior dificuldade ele ficou de pé, convocando toda sua paciência. Dhananjaya tendo se enchido de cólera, todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários, o próprio esplendor do Sol, e o carro de Karna, ó rei, todos ficaram invisíveis com as chuvas (de flechas) disparadas por ele. O céu parecia como se ele estivesse encoberto por uma floresta densa. Então aquele matador de inimigos, aquele touro da raça Kuru, aquele principal dos heróis, isto é, Savyasaci, ó rei, logo matou naquela batalha 2.000 dos principais guerreiros Kuru, com seus carros e cavalos e motoristas, formando os protetores das rodas do carro de Karna e flancos e sua vanguarda e retaguarda e que constituíam a própria nata do exército de carros de Duryodhana, e que, incitados por Duryodhana, vinham lutando com grande energia. Então teus filhos e os Kauravas que ainda estavam vivos fugiram, abandonando Karna, e abandonando seus agonizantes e feridos, e seus filhos e pais lamentando. Vendo-se abandonado pelos Kurus apavorados e vendo o espaço em volta dele vazio, Karna não sentiu nenhuma agitação, ó Bharata, mas, por outro lado, avançou em Arjuna, com o coração alegre.'"

90

"Sanjaya disse, 'Fugindo por causa da queda das flechas de Arjuna, as divisões rompidas dos Kauravas, ficando a uma distância, continuaram a olhar para a arma de Arjuna cheia de energia e se movendo rapidamente em volta com a refulgência do relâmpago. Então Karna, com chuvas de flechas terríveis, frustrou aquela arma de Arjuna enquanto ela ainda estava se movendo no céu e a qual Arjuna tinha

disparado com grande vigor naquele combate violento para a destruição de seu inimigo. De fato, aquela arma (de Partha) que, cheia de energia, vinha consumindo os Kurus, o filho de Suta agora despedaçou com suas flechas aladas com ouro. Curvando então seu próprio arco de som alto de corda irrefragável, Karna disparou chuvas de flechas. O filho de Suta destruiu aquela arma ardente de Arjuna com sua própria arma matadora de inimigos de grande poder que ele tinha obtido de Rama, e que parecia (em eficácia) um rito Atharvan. E ele perfurou Partha também com numerosas flechas afiadas. O combate então, ó rei, que ocorreu entre Arjuna e o filho de Adhiratha tornou-se muito terrível. Eles continuaram a atingir um ao outro com flechas como dois elefantes ferozes atacando um ao outro com suas presas. Todos os pontos do horizonte então ficaram cobertos com armas e o próprio sol ficou invisível. De fato, Karna e Partha, com suas torrentes de flechas, tornaram o céu uma vasta extensão de flechas sem qualquer espaço no meio. Todos os Kauravas e os Somakas então viram uma rede de flechas se estendendo sobre vasta área. Naquela escuridão densa causada por setas, eles eram incapazes de ver qualquer coisa mais. Aqueles dois principais dos homens, ambos habilidosos com armas, enquanto eles incessantemente visavam e disparavam inúmeras flechas, ó rei, mostraram diversos tipos de belas manobras. Enquanto eles estavam assim lutando um com o outro em batalha, às vezes o filho de Suta levava a melhor sobre seu rival e às vezes o ornado com diadema Partha prevalecia sobre o dele, em destreza e armas e agilidade de mãos. Contemplando aquele duelo terrível e tremendo entre aqueles dois heróis cada um dos quais estava desejoso de se aproveitar dos descuidos um do outro, todos os outros guerreiros no campo de batalha ficaram cheios de admiração. Os seres no céu, ó rei, aplaudiram Karna e Arjuna. De fato, muitos deles em um momento, cheios de alegria, gritavam alegremente, às vezes dizendo, 'Excelente, ó Karna!' e às vezes dizendo, 'Excelente, ó Arjuna!' Durante a continuação daquele combate feroz, enquanto a terra estava sendo pressionada profundamente com o peso de carros e o passo de corcéis e elefantes, a cobra Aswasena, que era hostil a Arjuna, estava passando seu tempo na região inferior. Libertado do incêndio em Khandava, ó rei, ele tinha, de raiva, atravessado a terra (para ir para a região subterrânea). Aquela brava cobra, lembrando-se da morte de sua mãe e da inimizade que ele por conta disso nutria contra Arjuna, agora se ergueu da região inferior. Dotado do poder de subir aos céus, ele subiu com grande velocidade para ver aquela luta entre Karna e Arjuna. Achando que aquela era a hora de satisfazer sua animosidade por, como ele pensava, Partha de alma perversa, ele entrou rapidamente na aljava de Karna, ó rei, na forma de uma flecha. Naquele momento uma rede de flechas era vista, despejando suas flechas brilhantes por toda parte. Karna e Partha fizeram do céu uma massa densa de flechas por meio de suas torrentes de flechas. Contemplando aquela vasta extensão de flechas, todos os Kauravas e os Somakas ficaram cheios de medo. Naquela escuridão densa e terrível causada por flechas eles não podiam ver qualquer coisa mais. Então aqueles dois tigres entre homens, aqueles dois principais de todos os arqueiros no mundo, aqueles dois heróis, fatigados com seus esforços em batalha, olharam um para o outro. Os dois foram então abanados com leques excelentes e ondulantes feitos de folhas novas (de palmeira) e borrifados com água de sândalo fragrante por muitas Apsaras

permanecendo no céu. E Sakra e Surya, usando suas mãos, limparam gentilmente os rostos daqueles dois heróis. Quando finalmente Karna achou que ele não podia prevalecer sobre Partha e estava extremamente chamuscado pelas flechas do último, aquele herói, seus membros muito mutilados, colocou seu coração naquela flecha dele que estava colocada separadamente dentro de uma aljava. O filho de Suta então fixou na corda de seu arco aquela flecha matadora de inimigos, extremamente afiada, de boca de cobra, resplandecente, e ameaçadora, que tinha sido polida de acordo com o costume, e que ele tinha mantido por muito tempo para a destruição de Partha. Esticando a corda de seu arco até sua orelha, Karna fixou aquela flecha de energia feroz e esplendor ardente, aquela arma sempre reverenciada que jazia dentro de uma aljava dourada em meio a pó de sândalo, e mirou-a em Partha. De fato, ele mirou aquela flecha ardente, nascida na linhagem de Airavata, para cortar a cabeça de Phalguna em batalha. Todos os pontos do horizonte e o firmamento ficaram em chamas e meteoros e raios terríveis caíram. Quando aquela cobra da forma de uma flecha foi fixada na corda do arco, os Regentes do mundo, incluindo Sakra, deram lamentos altos. O filho de Suta não sabia que a cobra Aswasena tinha entrado em sua flecha pela ajuda de seus poderes de Yoga. Vendo Vaikartana mirar aquela flecha, o soberano de grande alma dos Madras, dirigindo-se a Karna, disse, 'Essa flecha, ó Karna, não conseguirá cortar a cabeça de Arjuna. Procurando cuidadosamente, fixe outra seta que possa conseguir cortar a cabeça de teu inimigo.' Dotado de grande presteza, o filho de Suta, com olhos inflamados em fúria, então disse para o soberano dos Madras, 'Ó Shalya, Karna nunca mira uma seta duas vezes. Pessoas como nós nunca se tornam guerreiros desonestos.' Tendo dito essas palavras, Karna, com grande atenção, disparou aquela flecha a qual ele tinha reverenciado por muitos longos anos. Disposto a ganhar a vitória, ó rei, ele disse rapidamente para seu rival, 'Tu estás morto, ó Phalguna!' Disparada dos braços de Karna, aquela flecha de zunido horrível, parecendo fogo ou o sol em esplendor, quando ela deixou a corda do arco, brilhou no céu e pareceu dividi-lo por uma linha tal como é visível no topo da cabeça de uma mulher dividindo seus cabelos. Vendo aquela flecha brilhando no céu, o matador de Kamsa, Madhava, com grande rapidez e a maior facilidade, pressionou para baixo com seus pés aquele carro excelente, fazendo-o afundar cerca de um cúbito de profundidade. Nisso, os corcéis, brancos como os raios da lua e enfeitados com arreios de ouro, dobrando seus joelhos, se deitaram no chão. De fato, vendo aquela cobra (na forma de uma flecha) apontada por Karna, Madhava, aquela principal de todas as pessoas dotadas de poder, aplicou sua força e assim pressionou com seus pés aquele carro na terra, no que os corcéis, (como já dito) dobrando seus joelhos, se deitaram sobre o solo quando o próprio carro tinha afundado nele. Então sons altos ergueram-se no céu em aclamação a Vasudeva. Muitas vozes celestes foram ouvidas, e flores celestes foram derramadas sobre Krishna, e gritos leoninos também foram proferidos. Quando o carro tinha sido pressionado dessa maneira no chão pelos esforços do matador de Madhu, o ornamento excelente da cabeça de Arjuna, célebre por toda a terra, o firmamento, céu, e as águas, o filho de Suta varreu do topo da cabeça de seu rival, com aquela flecha, pela própria natureza daquela arma serpentiforme e da grande atenção e fúria com as quais ela tinha sido disparada. Aquele diadema, dotado do esplendor do sol ou da lua ou fogo ou um planeta, e adornado

com ouro e pérolas e pedras preciosas e diamantes, tinha sido feito com grande cuidado pelo próprio pujante Nascido por Si Mesmo para Purandara. De grande valor como sua aparência indicava, inspirando terror nos corações de inimigos, contribuindo para a felicidade daquele que o usava, e derramando uma fragrância, aquele ornamento tinha sido dado pelo próprio chefe dos celestiais com o coração alegre para Partha quando o último tinha procedido para matar os inimigos dos deuses. Aquele diadema não podia ser esmagado por Rudra e o Senhor das águas e Kuvera com Pinaka e laço e raio e as próprias principais das flechas. Ele não podia ser resistido nem pelos principais entre os deuses. Vrisha, no entanto, agora o quebrou violentamente com sua flecha insuflada com cobra. Dotada de grande energia, aquela cobra de natureza má de forma feroz e votos falsos, caindo sobre aquele diadema enfeitado com ouro e pedras preciosas, varreu-o para longe da cabeça de Arjuna. Aquela cobra, ó rei, o arrancou violentamente da cabeça de Partha, rapidamente reduzindo a fragmentos aquele ornamento bem feito engastado com muitas pedras preciosas e resplandecendo com beleza, como o raio partindo um topo de montanha enfeitado com árvores altas e belas agraciadas com flores. Despedaçado por aquela arma excelente, possuidor de esplendor, e em chamas com o fogo do veneno (da cobra), aquele diadema belo e muito apreciado de Partha caiu no chão como o disco brilhante do Sol das colinas Asta. De fato, aquela cobra varreu à força da cabeça de Arjuna aquele diadema adornado com muitas pedras preciosas, como o raio de Indra lançando por terra um belo topo de montanha adornado com árvores altas portando folhas e flores brotando. E a terra, firmamento, céu, e as águas, quando agitadas por uma tempestade, bramem alto, ó Bharata, assim mesmo foi o bramido que se ergueu em todos os mundos naquele momento. Ouvindo aquele barulho tremendo, as pessoas, apesar de seus esforços para ficarem calmas, ficaram extremamente agitadas e cambalearam quando elas ficaram de pé. Privado do diadema, o jovem Partha de cor escura parecia belo como uma montanha azul de topo alto. Amarrando então seus cabelos com um tecido branco, Arjuna ficou perfeitamente inalterado. Com aquele tecido branco em sua cabeça, ele parecia com a colina Udaya iluminada com os raios do sol. Assim aquela cobra fêmea (a quem Arjuna tinha matado em Khandava) de boca excelente, através de seu filho na forma de uma seta, disparada pelo filho de Surya, vendo Arjuna de energia excelente e poder de pé com sua cabeça nivelada com as rédeas dos corcéis, tirou seu diadema somente, aquele ornamento bem feito (antigamente) possuído pelo filho de Aditi e dotado da refulgência do próprio Surya. Mas Arjuna também (como aparecerá na conseqüência) não voltou daquela batalha sem fazer a cobra sucumbir ao poder de Yama. Disparada dos braços de Karna, aquela flecha valiosa parecendo o fogo ou o sol em refulgência, isto é, aquela cobra poderosa que desde antes tinha se tornado o inimigo mortal de Arjuna, assim despedaçando o diadema do último, foi para longe. Tendo queimado o diadema enfeitado com ouro de Arjuna exposto em sua cabeça, ele desejou ir até Arjuna novamente com grande velocidade. Questionado, no entanto, por Karna (que o viu mas não o conhecia), ele disse essas palavras, 'Tu me disparaste, ó Karna, sem teres me visto. Foi por isso que eu não pude cortar a cabeça de Arjuna. Rapidamente dispare-me mais uma vez, depois de me veres bem. Eu então matarei teu inimigo e meu também.' Assim endereçado naquela batalha por ele, o filho de Suta disse,

'Quem é você possuidor de tal forma feroz?' A cobra respondeu, dizendo, 'Conheça-me como alguém que foi prejudicado por Partha. Minha inimizade por ele é devido a ele ter matado minha mãe. Se o próprio manejador do raio fosse proteger Partha, o último ainda teria que ir para os domínios do rei dos Pitris. Não me desconsidere. Cumpra minha ordem. Eu matarei teu inimigo. Dispare-me sem demora.' Ouvindo aquelas palavras, Karna disse, 'Karna, ó cobra, nunca deseja ter vitória em batalha hoje por confiar no poder de outro. Mesmo que eu tenha que matar cem Arjunas, eu ainda assim não iria, ó cobra, disparar a mesma flecha duas vezes.' Dirigindo-se mais uma vez a ele no meio da batalha, aquele melhor dos homens, isto é, o filho de Surya, Karna, disse, 'Ajudado pela natureza de minhas outras armas serpentiformes, e por esforço resoluto e ira, eu matarei Partha. Seja feliz e vá para outro lugar.' Assim endereçado, em batalha, por Karna, aquele príncipe de cobras, incapaz por raiva de suportar aquelas palavras, procedeu ele mesmo, ó rei, para matar Partha, tendo assumido a forma de uma flecha. De forma ameaçadora, o desejo que ele nutria ardentemente era a destruição de seu inimigo. Então Krishna, dirigindo-se a Partha naquele combate, disse a ele, 'Mate aquela grande cobra hostil a ti.' Assim endereçado pelo matador de Madhu, o manejador do Gandiva, aquele arqueiro que era sempre feroz para inimigos o questionou, dizendo, 'Quem é aquela cobra que avança por iniciativa própria contra mim, como se, de fato, ele avançasse direto contra a boca de Garuda?' Krishna respondeu, 'Enquanto tu, armado com arco, estavas empenhado em Khandava em gratificar o deus Agni, esta cobra estava então no céu, seu corpo abrigado dentro do de sua mãe. Pensando que era somente uma única cobra que estava assim permanecendo no céu, tu mataste a mãe. Lembrando daquele ato de hostilidade feito por ti, ele hoje vem em direção a ti para tua destruição. Ó resistidor de inimigos, o veja vindo como um meteoro ardente, caindo do firmamento!'"

"Sanjaya continuou, 'Então Jishnu, virando seu rosto em fúria, cortou, com seis flechas afiadas, aquela cobra no céu quando a última estava correndo em uma direção inclinada. Seu corpo assim cortado, ele caiu no chão. Depois que aquela cobra tinha sido cortada por Arjuna, o próprio senhor Keshava, ó rei, de braços massivos, aquele principal dos seres, ergueu com seus braços aquele carro do solo. Naquele momento, Karna, olhando obliquamente para Dhananjaya, perfurou aquela principal das pessoas, isto é, Krishna, com dez flechas afiadas em pedra e providas de penas de pavão. Então Dhananjaya, perfurando Karna com uma dúzia de flechas bem disparadas e afiadas equipadas com cabeças como a orelha do javali, disparou uma flecha do comprimento de uma jarda dotada da energia de uma cobra de veneno virulento e disparada da corda de seu arco estirada até sua orelha. Aquela principal das flechas, bem disparada por Arjuna, atravessou a armadura de Karna, e como se suspendendo seus ares vitais, bebeu seu sangue e entrou na terra, suas asas também tendo sido encharcadas com sangue. Dotado de grande presteza, Vrisha, enfurecido pelo golpe da flecha, como uma cobra batida com pau, disparou muitas flechas poderosas, como cobras de veneno virulento vomitando veneno. E ele perfurou Janardana com uma dúzia de flechas e Arjuna com noventa e nove. E mais uma vez perfurando o filho de Pandu com uma flecha terrível, Karna deu risada e proferiu um rugido alto. O filho de Pandu,

no entanto, não pode tolerar a alegria de seu inimigo. Conhecedor de todas as partes vitais do corpo humano, Partha, possuidor de destreza semelhante àquela de Indra, perfurou aqueles membros vitais com centenas de flechas assim como Indra tinha atingido Vala com grande energia. Então Arjuna disparou noventa flechas, cada uma parecendo a vara da Morte em Karna. Profundamente perfurado com aquelas flechas, Karna tremeu como uma montanha fendida pelo raio. O protetor de cabeça de Karna, adornado com jóias caras e diamantes preciosos e ouro puro, como também seus brincos, cortados por Dhananjaya com suas flechas aladas, caíram no chão. A armadura valiosa e brilhante também do filho de Suta que tinha sido forjada com grande cuidado por muitos dos artistas principais trabalhando por um longo tempo, o filho de Pandu cortou num momento em muitos fragmentos. Depois de privá-lo dessa maneira de sua armadura, Partha então, em fúria, perfurou Karna com quatro flechas afiadas de grande energia. Atingido violentamente por seu inimigo, Karna sofreu grande dor como uma pessoa doente afligida por bílis, fleuma, gases, e febre. Mais uma vez Arjuna, com grande velocidade, mutilou Karna, perfurando seus próprios membros vitais, com numerosas flechas excelentes, de corte excelente, e disparadas de seu arco que formava um círculo com muita força e rapidez e atenção. Profundamente atingido por Partha com aquelas diversas flechas de pontas afiadas e energia ardente, Karna (coberto com sangue) parecia resplandecente como uma montanha de greda vermelha com correntes de água vermelha escorrendo por seu leito. Mais uma vez Arjuna perfurou Karna no centro do peito com muitas flechas fortes e de curso reto feitas totalmente de ferro e equipadas com asas de ouro e cada uma parecendo a vara ígnea do Destruidor, como o filho de Agni perfurando as montanhas Krauncha. Então o filho de Suta, jogando de lado seu arco que parecia o próprio arco de Sakra, como também sua aljava, sentiu grande dor, e ficou inativo, entorpecido, e cambaleando, sua força de aperto frouxa e ele mesmo em grande angústia. O virtuoso Arjuna, observador do dever de virilidade, não desejou matar seu inimigo enquanto caído em tal angústia. O irmão mais novo de Indra então, com grande expectativa, se dirigiu a ele, dizendo, 'Por que, ó filho de Pandu, tu ficaste tão negligente? Aqueles que são realmente sábios nunca poupam seus inimigos, embora fracos, nem por um momento. Aquele que é erudito ganha mérito e fama por matar inimigos caídos em angústia. Não perca tempo em despedaçar precipitadamente Karna que é sempre hostil a ti e que é o primeiro dos heróis. O filho de Suta, quando capaz, avançará novamente contra ti como antes. Mate-o, portanto, como Indra matando o Asura Namuci.' Dizendo, 'Assim seja, ó Krishna!' e reverenciando Janardana, Arjuna, aquela principal de todas as pessoas na linhagem de Kuru mais uma vez perfurou rapidamente Karna com muitas setas excelentes como o soberano do céu perfurando o Asura Samvara. O ornado com diadema Partha, ó Bharata, cobriu Karna e seu carro e corcéis com muitas setas de dente de bezerro, e aplicando todo o seu vigor ele encobriu todos os pontos do horizonte com flechas providas de asas de ouro. Perfurado por aquelas setas equipadas com cabeças como o dente do bezerro, o filho de Adhiratha de peito largo parecia resplandecente como uma Asoka ou Palasa ou Salmali enfeitada com sua carga florida ou uma montanha coberta com uma floresta de árvores de sândalo. De fato, com aquelas numerosas setas fincadas em seu corpo, Karna, ó monarca, naquela batalha, parecia

resplandecente como o príncipe das montanhas com seu topo e vales cobertos com árvores ou enfeitados com Karnikaras florescentes. Karna também disparando repetidas chuvas de flechas, parecia, com aquelas flechas constituindo seus raios, com o sol rumando em direção às colinas Asta, com disco brilhante com raios carmesins. Flechas, no entanto, de pontas afiadas, disparadas dos braços de Arjuna, encontrando no céu as flechas ardentes, parecendo cobras poderosas, disparadas dos braços do filho de Adhiratha, as destruíram todas. Recuperando sua frieza, e disparando muitas flechas que pareciam cobras enfurecidas, Karna então perfurou Partha com dez flechas e Krishna com meia dúzia, cada uma das quais parecia com uma cobra zangada. Então Dhananjaya desejou disparar uma flecha poderosa e terrível, feita totalmente de ferro, parecendo o veneno de cobra ou fogo em energia, e cujo zunido parecia o ribombo do trovão de Indra, e que estava insuflada com a força de uma arma superior (celestial). Naquele momento, quando a hora da morte de Karna tinha chegado, Kala, se aproximando invisivelmente, e aludindo à maldição do Brahmana, e desejoso de informar Karna de que sua morte estava perto, disse a ele, 'A terra está devorando tua roda!' De fato, ó principal dos homens, quando chegou a hora da morte de Karna, a eminente Brahmastra que o ilustre Bhargava de grande alma tinha dado a ele escapou de sua memória. E a terra também começou a devorar a roda esquerda de seu carro. Então por causa da maldição daquele principal dos Brahmanas, o carro de Karna começou a oscilar, tendo afundado profundamente no solo e tendo sido transfixado naquele local como uma árvore sagrada com sua carga de flores permanecendo sobre uma plataforma elevada. Quando seu carro começou a oscilar por causa da maldição do Brahmana, e quando a arma superior que ele tinha obtido de Rama não mais brilhava nele por luz interior, e quando sua flecha terrível de boca de cobra também tinha sido cortada por Partha, Karna ficou cheio de tristeza. Incapaz de suportar todas aquelas calamidades, ele acenou seus braços e começou a injuriar a virtude dizendo, 'Aqueles que são conhecedores da virtude sempre dizem que a virtude protege aquele que é virtuoso. Em relação a nós, nós sempre nos esforçamos, com toda nossa habilidade e conhecimento para praticar a virtude. Aquela virtude, no entanto, está nos destruindo agora em vez de proteger a nós que somos devotados a ela. Eu, portanto, acho que a virtude não protege sempre seus devotos.' Enquanto dizendo essas palavras, ele ficou extremamente agitado pelos golpes das flechas de Arjuna. Seus corcéis e seu motorista também foram deslocados de sua posição usual. Seus próprios órgãos vitais tendo sido atingidos, ele ficou indiferente quanto ao que ele fazia, e repetidamente insultava a virtude naquela batalha. Ele então perfurou Krishna no braço com três flechas terríveis, e Partha, também, com sete. Então Arjuna disparou sete e dez setas terríveis, perfeitamente retas e de impetuosidade feroz, parecendo fogo em esplendor e semelhantes ao trovão de Indra em força. Dotadas de impetuosidade tremenda, aquelas flechas perfuraram Karna e passando através de seu corpo caíram na superfície da terra. Tremendo pelo choque, Karna então mostrou sua diligência ao máximo de seu poder. Mantendo-se firme por um esforço imenso ele invocou a Brahmastra. Vendo a Brahmastra, Arjuna invocou a arma Aindra com mantras apropriados. Insuflando Gandiva, sua corda, e suas flechas também, com mantras, aquele opressor de inimigos despejou chuvas (de flechas) como

Purandara despejando chuva em torrentes. Aquelas flechas dotadas de grande energia e poder, emergindo do carro de Partha, eram vistas serem mostradas na vizinhança do veículo de Karna. O poderoso guerreiro em carro Karna desviou todas aquelas flechas expostas em sua frente. Vendo aquela arma assim destruída, o herói Vrishni, se dirigindo a Arjuna, disse, 'Dispare armas superiores, ó Partha! O filho de Radha frustra tuas flechas.' Com mantras apropriados, Arjuna então fixou a Brahmastra em sua corda, e cobrindo todos os pontos do horizonte com flechas, Partha atingiu Karna (com muitas) flechas. Então Karna, com diversas flechas afiadas dotadas de grande energia, cortou a corda do arco de Arjuna. Similarmente ele cortou a segunda corda, e então a terceira, e então a quarta, e então a quinta. A sexta também foi cortada por Vrisha, e então a sétima, então a oitava, então a nona, então a décima, e então finalmente a décima primeira. Capaz de disparar centenas sobre centenas de flechas, Karna não sabia que Partha tinha cem cordas para seu arco. Amarrando outra corda em seu arco e atirando muitas flechas, o filho de Pandu cobriu Karna com flechas que pareciam cobras de bocas flamejantes. Arjuna recolocava tão rapidamente cada corda rompida que Karna não podia notar quando ela era rompida e quando reposta. A façanha lhe pareceu ser muito extraordinária. O filho de Radha desviou com suas próprias armas aquelas de Savyasaci. Mostrando também sua própria destreza, ele parecia levar a melhor sobre Dhananjaya naquela hora. Então Krishna, vendo Arjuna afligido pelas armas de Karna, disse essas palavras para Partha: 'Aproximando-te de Karna, atinja-o com armas superiores.' Então Dhananjaya, cheio de raiva, inspirando com mantras outra arma celeste que parecia com fogo e que se assemelhava ao veneno da cobra e que era tão dura quanto a essência do diamante, e unindo a arma Raudra com ela, ficou desejoso de dispará-la em seu inimigo. Naquele momento, ó rei, a terra engoliu uma das rodas do carro de Karna. Descendo rapidamente então de seu veículo, ele agarrou sua roda afundada com seus dois braços e se esforçou para erguê-la com um grande esforço. Puxada para cima com força por Karna, a terra, que tinha engolido sua roda, se ergueu até uma altura da largura de quatro dedos, com suas sete ilhas e suas colinas e rios e florestas. Vendo sua roda engolida, o filho de Radha derramou lágrimas de raiva, e vendo Arjuna, cheio de ira ele disse essas palavras, 'Ó Partha, ó Partha, espere um momento, isto é, até eu levantar esta roda afundada. Vendo, ó Partha, a roda esquerda do meu carro engolida por acidente pela terra, abandone (em vez de nutrir) esse propósito (de me atacar e matar) que é capaz de ser nutrido somente por um covarde. Bravos guerreiros que são observadores das práticas dos justos nunca disparam suas armas em pessoas com cabelo despenteado, ou naquelas que viraram seus rostos da batalha, ou em um Brahmana, ou em alguém que une suas palmas, ou naquele que se entrega ou implora por proteção ou em alguém que suspendeu sua arma, ou em alguém cujas setas estão esgotadas, ou em alguém cuja armadura está deslocada, ou em alguém cuja arma caiu ou foi quebrada! Tu és o mais bravo dos homens no mundo. Tu és também de comportamento justo, ó filho de Pandu! Tu conheces bem as regras de batalha. Por essas estas razões, dê-me licença por um momento, isso é, até eu soltar minha roda, ó Dhananjaya, da terra. Tu mesmo ficando em teu carro e eu mesmo estando fraco e lânguido sobre o solo, não cabe a ti me matar agora. Nem Vasudeva, nem tu, ó filho de Pandu, me inspiram o menor medo. Tu és nascido na

classe Kshatriya. Tu és o perpetuador de uma linhagem nobre. Lembrando dos ensinos de virtude, dê-me licença por um momento, ó filho de Pandu!'"

91

"Sanjaya disse, 'Então Vasudeva, posicionado no carro, se dirigiu a Karna, dizendo, 'Por boa sorte é, ó filho de Radha, que tu te lembraste da virtude! É geralmente visto que aqueles que são vis, quando eles caem em angústia, injuriam a Divina Providência, mas nunca seus próprios delitos. Tu mesmo e Suyodhana e Duhshasana e Shakuni, o filho de Subala, fizeram Draupadi, vestida em um uma única peça de roupa, ser levada para o meio da assembléia. Naquela ocasião, ó Karna, essa tua virtude não se manifestou. Quando na assembléia Shakuni, um perito nos dados, venceu o filho de Kunti Yudhishthira que não era familiarizado com eles, para onde foi essa tua virtude? Quando o rei Kuru (Duryodhana), agindo sob teu conselho, tratou Bhimasena daquela maneira com a ajuda de cobras e comida envenenada, para onde essa tua virtude foi então? Quando o período de exílio para as florestas estava terminado como também o décimo terceiro ano, tu não transferiste aos Pandavas seu reino. Para onde essa tua virtude foi então? Tu incendiaste a casa de laca em Varanavata para matar queimados os Pandavas adormecidos. Onde então, ó filho de Radha, essa tua virtude tinha ido? Tu deste risada de Krishna quando ela estava no meio da assembléia, precariamente vestida porque em seu período menstrual e obediente à vontade de Duhshasana, onde, então, ó Karna, essa tua virtude tinha ido? Quando do apartamento reservado para as mulheres a inocente Krishna foi arrastada, tu não interferiste. Onde, ó filho de Radha, essa tua virtude tinha ido? Tu mesmo te dirigindo à princesa Draupadi, aquela dama cujo andar é tão digno quanto aquele do elefante, nessas palavras, isto é, 'Os Pandavas, ó Krishna, estão perdidos. Eles caíram no inferno eterno. Escolha outro marido!' tu olhaste para a cena com deleite. Onde então, ó Karna, essa tua virtude tinha ido? Cobiçoso de reino e confiando no soberano dos Gandharvas, tu convocaste os Pandavas (para um jogo de dados). Onde então essa tua virtude tinha ido? Quando muitos poderosos guerreiros em carros, cercando o garoto Abhimanyu em batalha, o mataram, onde essa tua virtude tinha ido então? Se essa virtude que tu agora invocaste não estava em lugar nenhum naquelas ocasiões, qual é a utilidade então de ressecar teu palato agora, por proferir aquela palavra? Tu és agora a favor da prática de virtude, ó Suta, mas tu não escaparás com vida. Como Nala que foi derrotado por Pushkara com a ajuda dos dados, mas que recuperou seu reino por destreza, os Pandavas, que estão livres de cupidez, recuperarão seu reino pela destreza de seus braços, ajudados por todos os seus amigos. Tendo matado em batalha seus inimigos poderosos, eles, com os Somakas, irão recuperar seu reino. Os Dhartarashtras encontrarão a destruição nas mãos daqueles leões entre homens (isto é, os filhos de Pandu), que são sempre protegidos pela virtude!'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado, ó Bharata, por Vasudeva, Karna baixou sua cabeça em vergonha e não deu resposta. Com lábios tremendo de

raiva ele ergueu seu arco, ó Bharata, e, sendo dotado de grande energia e bravura, ele continuou a lutar com Partha. Então Vasudeva, se dirigindo a Phalguna, aquele touro entre homens, disse, 'Ó tu de grande poder, perfurando Karna com uma arma celeste, derrube-o.' Assim endereçado pelo santo, Arjuna ficou cheio de raiva. De fato, lembrando-se dos incidentes aludidos por Krishna, Dhananjaya se inflamou com fúria. Então, ó rei, chamas flamejantes de fogo pareceram emanar de todos os poros do corpo do enfurecido Partha. A visão parecia ser muito extraordinária. Vendo isso, Karna, invocando a Brahmastra, despejou suas flechas sobre Dhananjaya, e mais uma vez fez um esforço para soltar seu carro. Partha também, pela ajuda da Brahmastra, despejou torrentes de flechas sobre Karna. Frustrando com sua própria arma a arma de seu inimigo, o filho de Pandu continuou a atacá-lo. O filho de Kunti então, mirando em Karna disparou outra arma favorita dele que foi insuflada com a energia de Agni. Disparada por Arjuna, aquela arma brilhou com sua própria energia. Karna, no entanto, apagou aquela conflagração com a arma Varuna. O filho de Suta também, pelas nuvens que ele criou, fez todos os pontos do horizonte serem encobertos com uma escuridão tal como pode ser vista em um dia chuvoso. O filho de Pandu, dotado de grande energia, destemidamente dissipou aquelas nuvens por meio da arma Vayavya na própria vista de Karna. O filho de Suta então, para matar o filho de Pandu, pegou uma flecha terrível brilhando como fogo. Quando aquela flecha adorada foi fixada na corda do arco, a terra, ó rei, tremeu com suas montanhas e rios e florestas. Ventos violentos começaram a soprar, levando seixos duros. Todos os pontos do horizonte ficaram envolvidos em poeira. Lamentos de aflição, ó Bharata, se elevaram entre os deuses no céu. Vendo aquela flecha apontada pelo filho de Suta, ó senhor, os Pandavas, com corações tristes, se entregaram a grande tristeza. Aquela flecha de ponta afiada e dotada da refulgência do raio de Sakra, disparada dos braços de Karna, caiu no peito de Dhananjaya e penetrou nele como uma cobra poderosa entrando em um formigueiro. Aquele opressor de inimigos, isto é, Vibhatsu de grande alma, assim profundamente perfurado naquele combate, começou a cambalear. Seu pulso ficou solto, no que seu arco Gandiva caiu de sua mão. Ele tremeu como o príncipe das montanhas em um terremoto. Aproveitando-se daquela oportunidade, o poderoso guerreiro em carro Vrisha, desejoso de soltar a roda de seu carro que tinha sido engolida pela terra, saltou de seu veículo. Agarrando a roda com seus dois braços ele se esforçou para puxá-la para cima, mas embora possuidor de grande força, ele fracassou em seus esforços, como o destino teria. Enquanto isso Arjuna ornado com diadema e de grande alma, recuperando seus sentidos, pegou uma flecha, fatal como a vara da Morte, e chamada anjalika. Então Vasudeva, dirigindo-se a Partha, disse, 'Corte com tua flecha a cabeça deste teu inimigo, isto é, Vrisha, antes que ele consiga subir em seu carro.' Aprovando aquelas palavras do senhor Vasudeva, e enquanto a roda de seu inimigo ainda estava afundada, o poderoso guerreiro em carro Arjuna pegou uma flecha de cabeça de navalha de refulgência brilhante e atingiu o estandarte (de Karna) portando a corda do elefante e brilhante como o sol imaculado. Aquele estandarte portando o emblema da valiosa corda do elefante era adornado com ouro e pérolas e pedras preciosas e diamantes, e fabricado com cuidado por artistas principais superiores em conhecimento, e possuidor de grande beleza, e matizado com ouro puro. Aquele

estandarte sempre costumava encher tuas tropas com grande coragem e o inimigo com medo. Sua forma merecia louvores. Célebre por todo o mundo, ele parecia o sol em esplendor. De fato, sua refulgência era como aquela do fogo ou do sol ou da lua. O enfeitado com diadema Arjuna, com aquela flecha de cabeça de navalha, extremamente afiada, equipada com asas de ouro, possuidora do esplendor do fogo quando alimentado com libações de manteiga clarificada, e resplandecendo com beleza, cortou aquele estandarte do filho de Adhiratha, aquele grande guerreiro em carro. Com aquele estandarte, quando ele caiu, a fama, orgulho, esperança de vitória, e tudo precioso, como também os corações dos Kurus, fraquejaram, e lamentos altos de 'Oh' e 'Ai' se ergueram (do exército Kuru). Vendo aquele estandarte cortado e derrubado por aquele herói da linhagem de Kuru possuidor de grande agilidade de mão, tuas tropas, ó Bharata, não estavam mais esperançosas da vitória de Karna. Se apressando então para a destruição de Karna, Partha tirou de sua aljava uma excelente arma Anjalika que parecia o raio de Indra ou a vara de fogo e que era possuidora da refulgência do sol de mil raios. Capaz de penetrar nos próprios órgãos vitais, lambuzada com sangue e carne, parecendo fogo ou o sol, feita de materiais caros, destrutiva de homens, cavalos, e elefantes, de curso reto e impetuosidade feroz, ela media três cúbitos e seis pés. Dotada da força do trovão de Indra de mil olhos, irresistível como Rakshasas à noite, parecendo Pinaka ou o disco de Narayana, ela era extremamente terrível e destrutiva de todas as criaturas vivas. Partha alegremente pegou aquela arma grandiosa, na forma de uma flecha, a qual não podia ser resistida pelos próprios deuses, aquele ser de grande alma que era sempre adorado pelo filho de Pandu, e que era capaz de subjugar os próprios deuses e os Asuras. Vendo aquela flecha pega por Partha naquela batalha, o universo inteiro se agitou com suas criaturas móveis e imóveis. De fato, vendo aquela arma erguida (para ser disparada) naquela batalha terrível, os Rishis gritaram ruidosamente, 'Que haja paz para o universo!' O manejador do Gandiva então fixou em seu arco aquela flecha inigualável, unindo-a com uma arma superior e poderosa. Puxando seu arco Gandiva, ele disse rapidamente, 'Que esta minha flecha seja como uma arma poderosa capaz de destruir rapidamente o corpo e coração de meu inimigo, se eu alguma vez pratiquei austeridades ascéticas, gratifiquei meus superiores, e escutei os conselhos de benquerentes. Que esta flecha, reverenciada por mim e possuidora de gume excelente, mate meu inimigo Karna por esta Verdade.' Tendo dito essas palavras Dhananjaya disparou aquela flecha terrível para a destruição de Karna, aquela flecha ameaçadora e eficaz como um rito prescrito no Atharvan de Angiras, brilhante com refulgência, e incapaz de ser resistida pela própria Morte em batalha. E o enfeitado com diadema Partha, desejoso de matar Karna, com grande alegria, disse, 'Que esta flecha conduza à minha vitória. Atirada por mim, que esta flecha possuidora do esplendor do fogo ou do sol leve Karna à presença de Yama.' Dizendo essas palavras, Arjuna, enfeitado com diadema e guirlandas, nutrindo sentimentos de hostilidade por Karna e desejoso de matá-lo, alegremente atingiu seu inimigo com aquela principal das flechas que possuía o esplendor do sol ou da lua e capaz de conceder vitória. Assim disparada por aquele guerreiro poderoso, aquela flecha dotada da energia do sol fez todos os pontos do horizonte se inflamarem com luz. Com aquela arma Arjuna cortou a cabeça de seu inimigo como Indra cortando a

cabeça de Vritra com seu raio. De fato, ó rei, com aquela arma Anjalika excelente transformada com mantras em uma arma poderosa, o filho de Indra cortou a cabeça de Vaikartana à tarde. Assim cortado com aquele Anjalika, o tronco de Karna caiu no chão. A cabeça também daquele comandante do exército (Kaurava), dotada de esplendor igual àquele do sol surgido e parecendo o sol meridiano de outono, caiu no chão como o sol de disco sangrento caído das colinas Asta. De fato, aquela cabeça abandonou com grande relutância o corpo, muito belo e sempre cuidado no luxo, de Karna de feitos nobres, como um proprietário abandonando com grande má vontade sua mansão cômoda cheia de grande riqueza. Cortado pela flecha de Arjuna, e privado de vida, o alto tronco de Karna dotado de grande esplendor, com sangue emanando de todos os ferimentos, caiu como o topo partido pelo raio de uma montanha de greda vermelha com correntes carmesim escorrendo por seus lados depois de uma chuva. Então proveniente daquele corpo de Karna caído uma luz passando pelo céu penetrou no sol. Essa visão maravilhosa, ó rei, foi contemplada pelos guerreiros humanos depois da queda de Karna. Então os Pandavas, vendo Karna morto por Phalguna, sopraram ruidosamente suas conchas. Similarmente, Krishna e Dhananjaya também, cheios de deleite, e não perdendo tempo, sopraram suas conchas. Os Somakas vendo Karna morto e jazendo no campo estavam cheios de alegria e proferiram gritos altos com as outras tropas (do exército Pandava). Em grande alegria eles sopraram suas trombetas e agitaram seus braços e peças de roupa. Todos os guerreiros, ó rei, se aproximando de Partha, começaram a aplaudi-lo alegremente. Outros, possuidores de força, dançaram, abraçando uns aos outros, e proferindo gritos altos, disseram, 'Por boa sorte Karna foi atirado ao chão e mutilado com flechas.' De fato, a cabeça cortada de Karna parecia bela como um topo de montanha solto por uma tempestade, ou um fogo apagado depois do sacrifício estar terminado, ou a imagem do sol depois que ele alcançou as colinas Asta. O sol-Karna, com flechas como seus raios, depois de ter chamuscado o exército hostil, foi finalmente feito se por pelo poderoso tempo-Arjuna. Como o Sol, enquanto procedendo em direção às colinas Asta, se retira levando com ele todos os seus raios, assim mesmo aquela flecha (de Arjuna) passou para fora, levando com ela os ares vitais de Karna. A hora da morte do filho de Suta, ó senhor, foi a tarde daquele dia. Cortada com a arma Anjalika naquela batalha, a cabeça de Karna caiu junto com seu corpo. De fato, aquela flecha de Arjuna, na própria vista das tropas Kaurava, tirou rapidamente a cabeça e o corpo de Karna. Vendo o heróico Karna jogado esticado no chão, perfurado por flechas e banhado em sangue, o rei dos Madras foi embora naquele carro privado de seu estandarte. Depois da queda de Karna, os Kauravas, profundamente perfurados por flechas naquela batalha, e afligidos com medo, fugiram do campo, lançando seus olhos frequentemente naquele estandarte alto de Arjuna que brilhava com esplendor. A cabeça bela, agraciada com uma face que parecia um lótus de 1.000 pétalas, de Karna cujos feitos eram semelhantes àqueles de Indra de mil olhos, caiu sobre o solo como o sol de mil raios como ele parece no fim do dia.'"

92

"Sanjaya disse, 'Observando as tropas oprimidas por flechas naquele combate entre Karna e Arjuna, Shalya procedeu, cheio de fúria, naquele carro privado de equipamento. Vendo seu exército privado do filho de Suta e seus carros e cavalos e elefantes destruídos, Duryodhana, com olhos banhados em lágrimas, suspirava repetidamente, o próprio retrato da aflição. Desejosos de ver o heróico Karna, perfurado com flechas e banhado em sangue, e esticado no chão como o sol caído dos céus, os guerreiros foram lá e permaneceram cercando o herói lançado por terra. Entre aqueles pertencentes ao inimigo e ao teu exército que ficaram lá dessa maneira, alguns mostraram sinais de alegria, alguns de medo, alguns de tristeza, alguns de admiração, e alguns se entregaram a grande aflição, de acordo com suas respectivas naturezas. Outros entre os Kauravas, sabendo que Karna de energia poderosa tinha sido morto por Dhananjaya, sua armadura, ornamentos, mantos, e armas tendo sido todos deslocados, fugiram amedrontados como um rebanho de gado afligido com medo excessivo ao perder seu touro. Bhima então, proferindo rugidos altos e fazendo o céu tremer com aqueles gritos horríveis e tremendos, começou a bater em seu peito, pular, e dançar, assustando os Dhartarashtras por aqueles movimentos. Os Somakas e os Srinjayas também sopraram suas conchas ruidosamente. Todos os Kshatriyas abraçaram uns aos outros em alegria, ao verem o filho de Suta morto naquele momento crítico. Tendo lutado uma batalha terrível, Karna foi morto por Arjuna como um elefante por um leão. Aquele touro entre homens, Arjuna, assim cumpriu seu voto. De fato assim mesmo Partha alcançou o fim de sua hostilidade (com relação a Karna). O soberano dos Madras, com coração estupefato, procedendo rapidamente, ó rei, para o lado de Duryodhana, naquele carro privado de estandarte disse em tristeza essas palavras, 'Os elefantes, os corcéis, e os principais dos guerreiros em carros do teu exército estão mortos. Por aqueles poderosos guerreiros, e corcéis, e elefantes enormes como colinas terem sido mortos depois de entrarem em contato uns com os outros, tua hoste parece com os domínios de Yama. Nunca antes, ó Bharata, uma batalha foi lutada como aquela entre Karna e Arjuna hoje. Karna atacou poderosamente os dois Krishnas hoje e todos os outros que são teus inimigos. O Destino, no entanto, fluiu indubitavelmente, controlado por Partha. É por isso que o Destino está protegendo os Pandavas e enfraquecendo a nós. Muitos são os heróis que, resolvidos a realizar teus objetivos tem sido mortos violentamente pelo inimigo. Bravos reis, que em energia, coragem, e poder eram iguais a Kuvera ou Yama ou Vasava ou ao Senhor das águas, que eram possuidores de todos os méritos, que quase não podiam ser mortos, e que estavam desejosos de alcançar teu objetivo, tem sido mortos em batalha pelos Pandavas. Ó Bharata, não te aflijas por isso. Isso é o Destino. Conforte-te. O êxito não pode ser sempre alcançado.' Ouvindo essas palavras do soberano dos Madras e refletindo sobre suas próprias más ações, Duryodhana, com o coração triste, ficou quase privado de seus sentidos e suspirou repetidamente, o próprio retrato da dor.'"

93

"Dhritarashtra disse, 'Qual era o aspecto da hoste Kuru e Srinjaya naquele dia horrível enquanto ela era aniquilada com flechas e chamuscada (com armas) naquele combate entre Karna e Arjuna e enquanto estava fugindo do campo?'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, com atenção como aquela horrível e grande carnificina de seres humanos e elefantes e cavalos ocorreu em batalha. Quando, depois da queda de Karna Partha proferiu gritos leoninos, um grande pavor entrou nos corações dos teus filhos. Após a queda de Karna nenhum guerreiro do teu exército colocou seu coração em reagrupar as tropas ou aplicar sua destreza. Seu refúgio tendo sido destruído por Arjuna, eles eram então como comerciantes sem balsa, cujos navios naufragaram no oceano insondável, desejosos de cruzar o mar impossível de cruzar. Depois da morte do filho de Suta, ó rei, os Kauravas, apavorados e mutilados com flechas, sem mestre e desejosos de proteção, ficaram como uma manada de elefantes afligida por leões. Derrotados por Savyasaci naquela tarde, eles fugiam como touros com chifres quebrados ou cobras com presas quebradas. Seus principais heróis mortos, suas tropas jogadas em confusão, eles mesmos mutilados por flechas afiadas, teus filhos, depois da queda de Karna, ó rei, fugiram com medo. Privados de armas e armaduras, não mais capazes de determinar qual ponto do horizonte era qual, e privados de seu juízo, eles esmagavam uns aos outros no decorrer de sua fuga e olhavam uns para os outros, angustiados com medo. 'É a mim que Vibhatsu está perseguindo com velocidade!' 'É a mim que Vrikodara está perseguindo com velocidade!' pensou cada um entre os Kauravas que ficaram pálidos de medo e caíam enquanto eles fugiam. Alguns em cavalos, alguns em carros, alguns sobre elefantes, e alguns a pé, poderosos guerreiros em carros, dotados de grande rapidez, fugiram de medo. Carros foram quebrados por elefantes, cavaleiros foram esmagados por grandes guerreiros em carros, e grupos de soldados de infantaria foram pisoteados por grupos de cavaleiros, enquanto esses fugiam apavorados. Depois da queda do filho de Suta, teus guerreiros ficaram como pessoas sem protetores em uma floresta cheia de animais predadores e ladrões. Eles eram então como elefantes sem condutores e homens sem armas. Atormentados com medo, eles consideravam o mundo como se ele estivesse cheio de Partha. Vendo-os fugir com medo de Bhimasena, de fato, e vendo suas tropas deixarem o campo dessa maneira aos milhares, Duryodhana, proferindo gritos de 'Oh' e 'Ai' dirigiu-se a seu motorista, dizendo, 'Partha nunca será capaz de ultrapassar a mim permanecendo com arco na mão. Incite meus corcéis lentamente atrás de todas as tropas. Sem dúvida, se eu lutar ficando na retaguarda do exército, o filho de Kunti nunca poderá me ultrapassar assim como o vasto mar é incapaz de ultrapassar seus continentes. Matando Arjuna e Govinda e o orgulhoso Vrikodara e o resto de meus inimigos, eu me livrarei da dívida que tenho com Karna.' Ouvindo essas palavras do rei Kuru que eram tão dignas de um herói e homem honrado, o quadrigário lentamente incitou seus corcéis adornados com arreios de ouro. Então 25.000 guerreiros a pé, pertencentes ao teu exército, sem carros e cavalaria e elefantes entre eles, se prepararam para lutar. Bhimasena, cheio de ira, e Dhrishtadyumna o filho de Prishata, cercaram eles com quatro tipos de

tropas e começaram a atacá-los com suas flechas. Em retorno, aqueles guerreiros lutaram com Bhima e o filho de Prishata. Alguns entre eles desafiaram os dois heróis pelo nome. Então Bhimasena ficou cheio de raiva. Descendo de seu carro, maça na mão, ele lutou com aqueles guerreiros chegados para a batalha. Observador das regras de luta justa, Vrikodara, o filho de Kunti, desceu de seu carro, e confiando no poder de seus braços, começou a lutar a pé com aqueles inimigos dele que estavam a pé. Erguendo sua maça massiva adornada com ouro, ele começou a massacrar todos eles, como o Destruidor armado com sua clava. Os guerreiros Kaurava a pé, cheios de raiva e ficando indiferentes às suas vidas, avançaram contra Bhima naquela batalha como insetos sobre um fogo ardente. Aqueles combatentes enfurecidos, difíceis de serem derrotados em batalha, se aproximando de Bhimasena, pereciam em um instante como criaturas vivas ao verem o Destruidor. O poderoso Bhima, armado com uma maça, se movia rapidamente como um falcão e destruiu todos aqueles 25.000 combatentes. Tendo matado aquela divisão de guerreiros heróicos, Bhima, de bravura incapaz de ser frustrada e de grande poder, mais uma vez se posicionou, com Dhrishtadyumna na frente dele. Possuidor de energia formidável, Dhananjaya procedeu contra o (resto do) exército de carros (dos Kauravas). Os dois filhos de Madri, e Satyaki, cheios de alegria, avançaram com velocidade contra Shakuni e massacraram as tropas do filho de Subala. Tendo matado com flechas afiadas sua cavalaria e elefantes naquele combate, eles avançaram impetuosamente contra o próprio Shakuni, no que uma grande batalha ocorreu. Enquanto isso Dhananjaya, ó senhor, procedendo contra teu exército de carros, vibrava seu arco Gandiva célebre pelos três mundos. Vendo aquele carro tendo corcéis brancos unidos a ele e possuindo Krishna como seu motorista, e vendo que Arjuna era o guerreiro que estava sobre ele, tuas tropas fugiram com medo. 25.000 soldados a pé, privados de carros e mutilados com setas, tinham perecido (nas mãos de Bhima e Dhrishtadyumna). Tendo matado eles, aquele tigre entre homens, aquele grande guerreiro em carro entre os Pancalas, ou seja, Dhrishtadyumna de grande alma, o filho do rei Pancala, logo se mostrou, com Bhimasena diante dele. Aquele matador de inimigos e arqueiro poderoso parecia muito belo. Vendo o carro de Dhrishtadyumna que tinha cavalos brancos como pombos unidos a ele e cujo estandarte alto era feito do tronco de uma Kovidara, os Kauravas fugiram em grande pavor. Os gêmeos (Nakula e Sahadeva) de grande fama, e Satyaki, tendo perseguido com grande velocidade o rei dos Gandharvas que era possuidor de agilidade de mãos no uso de armas, reapareceram (em meio às tropas Pandava). Chekitana e Shikhandi e os (cinco) filhos de Draupadi, ó senhor, tendo massacrado teu exército vasto, sopraram suas conchas. Todos aqueles heróis, embora eles vissem tuas tropas fugindo com rostos virados do campo, ainda as perseguiram, como touros perseguindo touros zangados depois de derrotá-los. O filho de Pandu Savyasaci de grande poder, ó rei, vendo um resto do teu exército ainda permanecendo para lutar, ficou cheio de ira. Possuidor de grande energia, Dhananjaya avançou contra aquela tropa de carros, puxando seu arco Gandiva célebre pelos três mundos. De repente ele os cobriu com chuvas de flechas. O pó que foi erguido escureceu a cena e nada mais podia ser distinguido. Quando a terra estava assim encoberta com poeira e quando a escuridão cobria tudo, tuas tropas, ó rei, fugiram para todos os lados de medo. Quando o exército Kuru foi

assim dividido, o rei Kuru, ó monarca, isto é, teu filho, avançou contra todos os seus inimigos que avançavam contra ele. Então Duryodhana desafiou todos os Pandavas para lutar, ó chefe da linhagem de Bharata, como o Asura Vali nos tempos antigos desafiando os deuses. Nisto, todos os heróis Pandava, reunidos, avançaram contra Duryodhana que avançava, disparando e arremessando nele diversas armas e o repreendendo repetidamente. Duryodhana, no entanto, cheio de raiva massacrou destemidamente aqueles inimigos dele às centenas e milhares, com flechas afiadas. A destreza que nós então vimos do teu filho foi muito extraordinária, pois sozinho e não protegido, ele lutou com todos os Pandavas juntos. Duryodhana então viu, não longe do campo, suas próprias tropas que, mutiladas com setas, tinham colocado seus corações na fuga. Reagrupando-as então, ó monarca, teu filho que estava resolvido a manter sua honra, alegrando aqueles guerreiros dele, disse essas palavras para eles: 'Eu não vejo aquele local na terra ou nas montanhas, onde se vocês fugirem, os Pandavas não matarão vocês! Qual a vantagem então em fugir? Pequeno é o exército que os Pandavas tem agora. Os dois Krishnas também estão extremamente mutilados. Se tomos nós ficarmos para lutar, a vitória certamente será nossa. Se nós fugirmos em desunião, os Pandavas pecaminosos, nos perseguindo, certamente matarão todos nós. Por isso, é melhor que nós morramos em batalha. Morte em batalha é repleta de felicidade. Lutem, cumpridores do dever Kshatriya. Aquele que está morto não conhece tristeza. Por outro lado, tal pessoa desfruta de bem aventurança eterna após a morte. Escutem, ó Kshatriyas, sim, todos vocês, que estão reunidos aqui! Quando o destruidor Yama não poupa nem o herói nem o covarde, quem há tão tolo de compreensão, embora cumpridor do voto de um Kshatriya como nós, que não lutaria? Vocês se colocariam sob o poder do inimigo enfurecido Bhimasena? Não cabe a vocês abandonar o dever cumprido por seus pais e avôs. Não há pecado maior para um Kshatriya do que fuga da batalha. Não há caminho mais abençoado para o céu, ó Kauravas, do que o dever da batalha. Mortos em batalha, ó guerreiros, desfrutem do céu sem demora.'"

"Sanjaya continuou, 'Mesmo enquanto essas palavras estavam sendo proferidas por teu filho, os guerreiros (Kaurava), extremamente mutilados, fugiram para todos os lados, não obstante aquele discurso.'"

94

"Sanjaya disse, 'O soberano dos Madras então, vendo teu filho empenhado em reunir as tropas, com medo retratado em sua expressão e com coração entorpecido pela dor, disse essas palavras para Duryodhana.'"

"Shalya disse, 'Contemple este horrível campo de batalha, ó herói, coberto com pilhas de homens e cavalos e elefantes mortos. Algumas áreas estão cobertas com elefantes caídos enormes como montanhas, muito mutilados, seus membros vitais perfurados com flechas, jazendo sem auxílio, privados de vida, suas armaduras deslocadas e as armas, os escudos e as espadas com os quais eles estavam equipados espalhados em volta. Esses animais caídos parecem

montanhas enormes partidas pelo raio, com suas rochas e árvores altas e ervas soltas deles e jazendo por toda parte. Os sinos e ganchos de ferro e lanças e estandartes com os quais aquelas criaturas enormes tinham sido equipadas estão espalhados no chão. Adornados com mantas de ouro, seus corpos estão agora banhados em sangue. Algumas áreas, além disso, estão cobertas com corcéis caídos, mutilados com flechas, respirando com dificuldade em dor e vomitando sangue. Alguns deles estão emitindo lamentos baixos de dor, alguns estão mordendo a terra com olhos rolando e alguns estão proferindo relinchos comoventes. Partes do campo estão cobertas com cavaleiros e guerreiros em elefantes caídos de seus animais, e com grupos de guerreiros em carros derrubados violentamente de seus carros. Alguns deles já estão mortos e alguns estão prestes a morrer. Coberta também com os corpos de homens e corcéis e elefantes como também com carros despedaçados e outros elefantes enormes com suas trombas e membros cortados, a terra tornou-se medonha de se olhar como o grande Vaitarani (marginando os domínios de Yama). De fato, a terra parece assim mesmo, estando coberta com outros elefantes, esticados no chão com corpos trêmulos e presas quebradas, vomitando sangue, proferindo gritos baixos de dor, privados dos guerreiros em suas costas, privados das armaduras que cobriam seus membros, e privados dos soldados de infantaria que protegiam seu flanco e retaguarda, e com suas aljavas e faixas e estandartes fora de lugar, seus corpos enfeitados com mantas de ouro atingidos profundamente com as armas do inimigo. A terra parece com o céu coberto com nuvens por estar coberta com os corpos caídos de guerreiros em elefantes e homens a cavalo e guerreiros em carros, todos de grande fama, e de soldados de infantaria mortos por inimigos lutando face a face, e privados de armaduras e ornamentos e trajes e armas. Coberta com milhares de combatentes caídos mutilados com flechas, completamente expostos à vista, e privados de consciência, com alguns entre eles cujos fôlegos estavam voltando lentamente, a terra parece como se coberta com muitos fogos extinguidos. Com aqueles principais heróis entre os Kurus e os Srinjayas, perfurados com flechas e privados de vida por Partha e Karna, a terra parece como se coberta com planetas ardentes caídos do firmamento, ou como o próprio firmamento noturno coberto com planetas resplandecentes de luz serena. As flechas disparadas dos braços de Karna e Arjuna, atravessando os corpos de elefantes e corcéis e homens e rapidamente silenciando suas vidas, entraram na terra como cobras poderosas entrando em seus buracos com cabeças inclinadas para baixo. A terra ficou intransitável com pilhas de homens e corcéis e elefantes mortos, e com carros quebrados pelas flechas de Dhananjaya e do filho de Adhiratha e com as próprias inúmeras flechas disparadas por eles. Coberta com carros bem equipados despedaçados por meio de flechas poderosas junto com os guerreiros e as armas e os estandartes sobre eles, carros, isto é, com seus tirantes quebrados, suas juntas separadas, seus eixos e cangas e Trivenus reduzidos a fragmentos, suas rodas soltas, seus Upaskaras destruídos, seus Anukarsanas cortados em pedaços, os fechos de suas aljavas cortados, e seus nichos (para a acomodação de motoristas) quebrados, coberta com aqueles veículos enfeitados com pedras preciosas e ouro, a terra parece com o firmamento coberto com nuvens outonais. Por carros reais bem equipados privados de condutores e arrastados por corcéis velozes, como também homens e elefantes e

carros e cavalos que fugiram muito rapidamente, o exército está dividido de diversas maneiras. Maças com pontas de ferro com sinos dourados, machados de batalha, lanças afiadas, clavas pesadas, malhos, espadas brilhantes desembainhadas, e maças cobertas com tecido de ouro, tem caído no campo. Arcos decorados com ornamentos de ouro, e flechas providas de asas belas de ouro puro, e brilhantes espadins desembainhados de têmpera excelente, e lanças, e cimitarras brilhantes como ouro, e guarda-sóis, e leques, e conchas, e armas enfeitadas com flores excelentes e ouro, e coberturas de elefantes, e estandartes, e cercados de carro e diademas, e colares, e coroas brilhantes, e rabos de iaque espalhados em volta, ó rei, e guirlandas luminosas com corais e pérolas, e coroas para a cabeça, e braceletes para o pulso e para a parte superior dos braços, e colares para o pescoço com cordões de ouro, e diversos tipos de diamantes e pedras preciosas e pérolas de grande valor, e corpos criados em um grande luxo, e cabeças belas como a lua, estão jazendo espalhados em volta. Abandonando seus corpos e prazeres e mantos e diversos tipos de prazeres agradáveis, e adquirindo grande mérito pela devoção que eles mostraram pelos virtuosos de sua ordem, eles tem ido rapidamente em uma chama de fogo para regiões de bem aventurança. Volte, ó Duryodhana! Que as tropas se retirem! Ó rei, ó concessor de honras, proceda em direção ao teu acampamento! Lá, o sol está pendendo baixo no céu, ó senhor! Lembre, ó soberano de homens, que tu és a causa de tudo isso!'"

"Tendo dito essas palavras para Duryodhana, Shalya, com coração cheio de dor, parou. Duryodhana, no entanto, naquela hora, profundamente angustiado e privado de sua razão, e com olhos banhados em lágrimas, lamentou pelo filho de Suta, dizendo, 'Karna! Oh Karna!' Então todos os reis encabeçados pelo filho de Drona, repetidamente confortando Duryodhana, procederam em direção ao acampamento, olhando frequentemente para trás para o alto estandarte de Arjuna que parecia estar em chamas com sua fama. Naquela hora terrível quando tudo em volta parecia tão resplandecente, os Kauravas, todos os quais tinham resolvido ir para o outro mundo, suas feições incapazes de reconhecimento devido ao sangue que os cobria, contemplando a terra, que estava encharcada com o sangue fluindo dos corpos de homens e cavalos e elefantes, parecendo com uma cortesã vestida em mantos carmesim e guirlandas florais e ornamentos de ouro, eram incapazes, ó rei, de permanecer lá! Cheios de dor pela morte de Karna, eles lamentaram alto, dizendo, 'Ai, Karna! Ai Karna!' Vendo o Sol assumir uma cor carmesim, todos eles foram depressa para seu acampamento. Em relação a Karna, embora morto e perfurado com flechas aladas com ouro afiadas em pedra e providas de penas e tingidas em sangue e disparadas do Gandiva, ainda aquele herói, jazendo no solo, parecia resplandecente como o próprio Sol de raios brilhantes. Parecia que o ilustre Surya, sempre bondoso para seus devotos, tendo tocado com seus raios o corpo encharcado de sangue coagulado de Karna, procedia, com aspecto carmesim em aflição, para o outro oceano pelo desejo de um banho. Pensando assim, as multidões de celestiais e Rishis (que tinham ido lá para testemunhar a batalha) deixaram a cena para proceder para suas respectivas residências. A grande multidão de outros seres também, nutrindo o mesmo pensamento, foi embora, se dirigindo como eles optaram pelo céu ou a terra. Os

principais dos heróis Kuru também, tendo visto aquele combate estupendo entre Dhananjaya e o filho de Adhiratha, o qual tinha inspirado todas as criaturas vivas com medo, procederam (para seus alojamentos noturnos), cheios de admiração e elogiando (o combate). Embora sua armadura tivesse sido cortada com flechas, e embora ele tivesse sido morto no decorrer daquela luta terrível, ainda aquela beleza de feições que o filho de Radha possuía não o abandonou quando morto. De fato, todos viram o corpo do herói parecer ouro aquecido. Ele parecia ser dotado de vida e possuidor da refulgência do fogo ou do sol. Todos os guerreiros, ó rei, eram inspirados com pavor à visão do filho de Suta jazendo morto no campo, como outros animais à visão do leão. De fato, embora morto, aquele tigre entre homens parecia pronto para proferir seus comandos. Nada, naquele morto ilustre, parecia mudado. Vestido em belo traje, e possuidor de um pescoço que era muito belo, o filho de Suta possuía um rosto que parecia a lua cheia em esplendor. Adornado com diversos ornamentos e enfeitado com Angadas feitos de ouro brilhante, Vaikartana, embora morto, jazia esticado como uma árvore gigantesca enfeitada com ramos e galhos. De fato, aquele tigre entre homens jazia como uma pilha de ouro puro, ou como um fogo ardente extinguido com a água das flechas de Partha. Assim como uma conflagração ardente é apagada quando ela entra em contato com água, a conflagração-Karna foi extinta pela nuvem-Partha na batalha. Tendo disparado chuvas de flechas e chamuscado os dez pontos do horizonte, aquele tigre entre homens, Karna, junto com seus filhos, foi aquietado pela energia de Partha. Ele deixou o mundo, levando com ele aquela sua própria glória resplandecente que ele tinha ganhado na terra por combate justo. Tendo chamuscado os Pandavas e os Pancalas com a energia de suas armas, tendo despejado chuvas de setas e queimado as divisões hostis, tendo, de fato, aquecido o universo como Surya de mil raios de grande beleza, Karna, também chamado Vaikartana, deixou o mundo, com seus filhos e seguidores. Assim caiu aquele herói que foi uma árvore Kalpa para aqueles bandos de aves representados por solicitadores. Solicitado por pleiteantes ele sempre dizia, 'Eu dou' mas nunca as palavras 'Eu não tenho!' Os virtuosos sempre o consideraram como uma pessoa virtuosa. Assim mesmo era Vrisha que morreu em duelo. Toda a riqueza daquela pessoa de grande alma tinha sido dedicada aos Brahmanas. Não havia nada, nem mesmo sua vida, que ele não pudesse dar para os Brahmanas. Ele era sempre o favorito de senhoras, extremamente generoso, e um poderoso guerreiro em carro. Queimado pelas armas de Partha, ele alcançou o fim mais sublime. Ele, confiando em quem teu filho tinha provocado hostilidades, foi assim para o céu, levando com ele a esperança de vitória, a felicidade, e a armadura dos Kauravas. Quando Karna caiu, os rios ficaram estacionários. O Sol se pôs com uma cor pálida. O planeta Mercúrio, o filho de Soma, assumindo a cor de fogo ou do Sol, parecia percorrer o firmamento em uma direção inclinada. O firmamento parecia estar partido em dois; a terra proferia rugidos altos; ventos violentos e terríveis começaram a soprar. Todos os pontos do horizonte, cobertos com fumaça, pareciam estar em chamas. Os grandes oceanos estavam agitados e proferiram sons tremendos. As montanhas com suas florestas começaram a tremer, e todas as criaturas, ó senhor, sentiram aflição. O planeta Júpiter, afligindo a constelação Rohini assumiu a cor da lua ou do sol. Após a queda de Karna, os pontos secundários do horizonte também ficaram em chamas. O céu ficou

envolvido em escuridão. A terra tremeu. Meteoros de esplendor ardente caíram. Rakshasas e outros vagueadores da noite ficaram cheios de alegria. Quando Arjuna, com aquela flecha de cabeça de navalha, cortou a cabeça de Karna adornada com um rosto belo como a lua, então, ó rei, altos gritos de 'Oh!' e 'Ai!' foram ouvidos das criaturas no céu, no firmamento, e na terra. Tendo em batalha matado seu inimigo Karna que era reverenciado pelos deuses, os Gandharvas, e seres humanos, o filho de Pritha Arjuna parecia resplandecente em sua energia como a divindade de 1.000 olhos depois de matar Vritra. Então naquele carro deles cujo estrépito parecia o ribombo das nuvens e cujo esplendor era como aquele do sol meridiano no céu outonal, o qual estava enfeitado com faixas e equipado com um estandarte incessantemente produzindo um barulho tremendo, cuja refulgência parecia aquela da neve ou da Lua ou da concha ou do cristal, e cujos corcéis eram como aqueles do próprio Indra, aqueles dois principais dos homens, isto é, o filho de Pandu e o subjugador de Keshi, cuja energia parecia aquela do grande Indra, e que estavam enfeitados com ouro e pérolas e pedras preciosas e diamantes e corais, e que eram como fogo ou o sol em esplendor, destemidamente se moveram sobre o campo de batalha com grande velocidade, como Vishnu e Vasava sobre a mesma carruagem. Violentamente privando o inimigo de seu esplendor por meio da vibração do Gandiva e dos tapas de suas palmas, e matando os Kurus com chuvas de flechas, Arjuna de estandarte de macaco e Krishna de estandarte de Garuda, ambos os quais eram possuidores de destreza imensurável, aqueles dois principais dos homens, cheios de alegria, pegaram com suas mãos suas conchas de som alto adornadas com ouro e brancas como neve, e colocando elas contra seus lábios, sopraram simultaneamente com aquelas belas bocas deles, perfurando os corações de seus inimigos com o som. O clangor de Pancajanya e aquele de Devadatta encheram a terra, o firmamento, e o céu.

Ao som da concha do heróico Madhava como também daquela de Arjuna, todos os Kauravas, ó melhor dos reis, ficaram cheios de pavor. Aqueles principais dos homens, fazendo as florestas, as montanhas, os rios e os pontos do horizonte ressoarem com o clangor de suas conchas, e enchendo de terror o exército do teu filho, alegraram Yudhishthira com isso. Logo que os Kauravas ouviram o clangor daquelas conchas que foram sopradas dessa maneira, todos eles deixaram o campo com grande velocidade, abandonando o soberano dos Madras e o chefe dos Bharatas, ó Bharata, isto é, Duryodhana. Então diversas criaturas, se unindo, felicitaram Dhananjaya, aquele herói brilhando resplandecente sobre o campo de batalha, como também Janardana, aqueles dois mais notáveis dos homens que então pareciam com um par de sóis. Perfurados pelas flechas de Karna, aqueles dois castigadores de inimigos, Acyuta e Arjuna, pareciam resplandecentes como a lua brilhante e de muitos raios e o sol surgido depois de dissipar uma escuridão. Extraindo aquelas flechas, aqueles dois guerreiros poderosos, ambos dotados de destreza inigualável, cercados por benquerentes e amigos, entraram felizmente em seu próprio acampamento, como os senhores Vasava e Vishnu devidamente invocados por sacerdotes sacrificais. Após a morte de Karna naquela batalha terrível, os deuses, Gandharvas, seres humanos, Caranas, grandes Rishis, Yakshas, e grandes Nagas reverenciaram Krishna e Arjuna com grande respeito e

lhes desejaram vitória (em todas as coisas). Tendo recebido todos os seus amigos então, cada um de acordo com sua idade, e elogiados por aqueles amigos em retorno por seus feitos incomparáveis, os dois heróis se regozijaram com seus amigos, como o chefe dos celestiais e Vishnu depois da derrota de Vali.'"

95

"Sanjaya disse, 'Após a queda de Karna, também chamado Vaikartana, os Kauravas, afligidos com medo, fugiram para todos os lados, lançando seus olhos no espaço vazio. De fato, sabendo que o heróico Karna tinha sido morto pelo inimigo, todas as tuas tropas, entorpecidas pelo medo, se dividiram e fugiram em todas as direções. Então, ó rei, os líderes, cheios de ansiedade, desejaram retirar suas tropas, ó Bharata, cuja fuga teu filho tinha se esforçado para impedir. Compreendendo seus desejos, teu filho, ó touro da raça Bharata, agindo de acordo com o conselho de Shalya, retirou o exército. Então Kritavarma, ó Bharata, cercado pelo restante não morto das tropas Narayana do teu exército, procedeu rapidamente em direção ao acampamento. Circundado por 1.000 Gandharvas, Shakuni, vendo o filho de Adhiratha morto, procedeu rapidamente em direção ao acampamento. O filho de Sharadvata, Kripa, ó rei, circundado pelo grande exército de elefantes que parecia uma massa de nuvens, procedeu rapidamente em direção ao acampamento. O heróico Ashvatthama, repetidamente puxando fôlegos profundos à visão da vitória dos Pandavas, procedeu rapidamente em direção ao acampamento. Cercado pelo resto não morto dos Samsaptakas o qual era ainda um grande exército, Susharma também, ó rei, procedeu, lançando seus olhos naqueles soldados apavorados. O rei Duryodhana, profundamente afligido e privado de tudo, procedeu, seu coração cheio de aflição, e vítima de muitos pensamentos tristes. Shalya, aquele principal dos guerreiros em carros, procedeu em direção ao acampamento, naquele carro privado de estandarte, lançando seus olhos para todos os lados. Os outros poderosos guerreiros em carros do exército Bharata, ainda numerosos, fugiram rapidamente, afligidos com medo, cheios de vergonha, e quase privados de seus sentidos. De fato vendo Karna derrotado todos os Kauravas fugiram rapidamente, afligidos e ansiosos com medo, tremendo, e com vozes sufocadas com lágrimas. Os poderosos guerreiros em carros do teu exército fugiram apavorados, ó chefe da linhagem de Kuru, alguns elogiando Arjuna, alguns elogiando Karna. Entre aqueles milhares de guerreiros do teu exército naquela grande batalha, não havia uma única pessoa que tivesse ainda algum desejo de lutar. Após a queda de Karna, ó monarca, os Kauravas ficaram desesperançados de vida, reino, esposas, e riqueza. Guiando eles com cuidado, ó senhor, teu filho, cheio de dor e tristeza, colocou seu coração em descansá-los à noite. Aqueles grandes guerreiros em carros também, ó monarca, aceitando as ordens dele com cabeças inclinadas, se retiraram do campo com corações tristes e rostos pálidos.'"

96

"Sanjaya disse, 'Depois que Karna tinha sido morto dessa maneira e as tropas Kaurava tinham fugido, ele da linhagem de Dasharha, abraçando Partha por alegria, disse a ele essas palavras: 'Vritra foi morto por ti. Os homens falarão (na mesma expressão) da morte de Vritra e Karna em batalha tremenda. Vritra foi morto em batalha pela divindade de grande energia com seu raio. Karna foi morto por ti com arco e flechas afiadas. Vá, ó filho de Kunti, e descreva, ó Bharata, para o rei Yudhishthira o justo essa tua destreza que é capaz de obter grande renome para ti e que se tornou bem conhecida no mundo. Tendo descrito para o rei Yudhishthira o justo esse massacre de Karna em batalha para realizar o qual tu te esforçaste por um longo curso de anos, tu serás liberto da dívida que tu tens com o rei. Durante a continuação da batalha entre tu e Karna, o filho de Dharma uma vez veio para contemplar o campo. Tendo, no entanto, estado profundamente e extremamente perfurado (por flechas), ele não pode ficar em batalha. O rei, aquele touro entre homens, então voltou para sua tenda.' Partha respondeu a Keshava, aquele touro da raça Yadu, dizendo, 'Assim seja!' O último então alegremente fez o carro daquele principal dos guerreiros em carros retroceder. Tendo dito essas palavras para Arjuna, Krishna se dirigiu aos soldados, dizendo, 'Abençoados sejam vocês, permaneçam todos vocês cuidadosamente, enfrentando o inimigo!' Para Dhrishtadyumna e Yudhamanyu e os filhos gêmeos de Madri e Vrikodara e Yuyudhana, Govinda disse, 'Ó reis, até nós voltarmos tendo informado o rei da morte de Karna por Arjuna, permaneçam aqui com cuidado.' Tendo recebido a permissão destes heróis, ele então partiu para os alojamentos do rei. Com Partha em sua companhia, Govinda viu Yudhishthira, aquele tigre entre reis, deitado em uma cama excelente de ouro. Ambos deles então, com grande alegria, tocaram os pés do rei. Vendo sua alegria e os ferimentos extraordinários em seus corpos, Yudhishthira considerou o filho de Radha como morto e se ergueu rapidamente de sua cama. Aquele castigador de inimigos, o monarca de braços fortes, tendo levantado de sua cama, repetidamente abraçou Vasudeva e Arjuna com afeição. Aquele descendente da linhagem de Kuru então perguntou a Vasudeva (os detalhes da morte de Karna). Então Vasudeva de fala gentil, aquele descendente da linhagem de Yadu, falou a ele a respeito da morte de Karna exatamente como ela tinha acontecido. Sorrindo então, Krishna, também chamado Acyuta, juntou suas palmas e se dirigiu ao rei Yudhishthira cujos inimigos tinham sido mortos dizendo, 'Por boa sorte, o manejador do Gandiva, e Vrikodara, o filho de Pandu, e tu mesmo, e os dois filhos de Madri, estão todos seguros, tendo sido libertados dessa batalha que tem sido tão destrutiva de heróis e que fez os próprios cabelos do corpo se arrepiarem. Faça aquelas ações, ó filho de Pandu, que devem ser feitas em seguida. O filho de Suta Karna, possuidor de grande poder e também chamado Vaikartana, foi morto. Por boa sorte, a vitória tornou-se tua, ó rei de reis. Por boa sorte, tu cresceste, ó filho de Pandu! A Terra bebe hoje o sangue daquele filho de Suta, aquele canalha entre os homens, que deu risada de Krishna ganha nos dados. Aquele teu inimigo, ó touro da raça Kuru, jaz hoje no chão descoberto, totalmente perfurado com flechas. Veja aquele tigre entre homens, perfurado e mutilado por flechas. Ó tu de armas poderosas, governe agora, com cuidado, esta

terra que está privada de todos os teus inimigos, e desfrute conosco de todos os tipos de artigos agradáveis!'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras de Keshava de grande alma, Yudhishthira, com grande alegria, reverenciou em retorno aquele herói da linhagem de Dasharha. 'Boa sorte, boa sorte!' foram as palavras, ó monarca, que ele disse. E ele acrescentou, 'Não é extraordinário, ó de braços fortes, em ti, ó filho de Devaki, que Partha, tendo te obtido como seu quadrigário, realize façanhas que são até sobre-humanas.' Então aquele chefe da linhagem de Kuru, aquele virtuoso filho de Pritha, pegando o braço direito de Keshava adornado com Angadas, e se dirigindo a ambos Keshava e Arjuna, disse, 'Narada me contou que vocês dois são os deuses Nara e Narayana, aqueles antigos e melhores dos Rishis, que estão sempre empenhados na preservação da virtude. Dotado de grande inteligência, o mestre Krishna Dvaipayana, o altamente abençoado Vyasa também repetidamente me contou essa história divina. Por causa da tua influência, ó Krishna, este Dhananjaya o filho de Pandu, enfrentando seus inimigos, os derrotou, sem alguma vez recuar de algum deles. Vitória, e não derrota, nós estamos certos de ter, já que tu aceitaste o posto de motorista de Partha em batalha.' Tendo dito essas palavras, o rei Yudhishthira o justo, aquele tigre entre homens, subindo em seu carro enfeitado com ouro e tendo cavalos de branco marfim e rabos pretos e rápidos como pensamento arreados a ele, e cercado por muitas tropas Pandava, partiu, conversando agradavelmente com Krishna e Arjuna pelo caminho, para contemplar o campo de batalha no qual milhares de incidentes tinham ocorrido. Conversando com aqueles dois heróis, isto é, Madhava e Phalguna, o rei contemplou Karna, aquele touro entre homens, jazendo no campo de batalha. De fato, o rei Yudhishthira viu Karna totalmente perfurado com flechas como uma flor Kadamva com filamentos retos em volta de seu corpo. Yudhishthira viu Karna iluminado por milhares de lâmpadas douradas cheias de óleo perfumado. Tendo contemplado Karna com seu filho morto e mutilado com flechas disparadas do Gandiva, o rei Yudhishthira repetidamente olhou para ele antes que ele pudesse crer em seus olhos. Ele então elogiou aqueles tigres entre homens, Madhava e Phalguna, dizendo, 'Ó Govinda, hoje eu me tornei rei da terra, com meus irmãos, por tu mesmo de grande sabedoria ter te tornado meu protetor e senhor. Sabendo da morte daquele tigre entre homens, o filho orgulhoso de Radha, o filho de alma perversa de Dhritarashtra ficará cheio de desespero, em relação a vida e reino. Pela tua graça, ó touro entre homens, nós temos alcançado nossos objetivos. Por boa sorte, a vitória foi tua, ó Govinda! Por boa sorte, o inimigo foi morto. Por boa sorte, o manejador do Gandiva, o filho de Pandu, foi coroado com vitória. Treze anos nós passamos em vigília e grande tristeza. Ó tu de braços fortes, pela tua graça, nós dormiremos tranquilamente essa noite.' Dessa maneira, ó soberano de homens, o rei Yudhishthira o justo elogiou muito Janardana como também Arjuna, ó monarca!'"

"Sanjaya continuou, 'Vendo Karna com seu filho morto pelas flechas de Partha, aquele perpetuador da linhagem de Kuru, Yudhishthira, se considerou como renascido. Os reis (no exército Pandava), grandes guerreiros em carros, todos cheios de alegria, se aproximaram do filho de Kunti Yudhishthira e o alegraram

imensamente. Nakula, e Sahadeva, e Vrikodara o filho de Pandu, e Satyaki, ó rei, aquele principal dos guerreiros em carros entre os Vrishnis, e Dhrishtadyumna, e Shikhandi, e outros entre os Pandus, os Pancalas, e os Srinjayas, reverenciaram o filho de Kunti na morte do filho de Suta. Exaltando o rei Yudhishthira, o filho de Pandu, aqueles encantadores em batalha, aqueles batedores eficazes, aqueles heróis possuidores de pontaria certeira e desejo de vitória, também elogiaram aqueles opressores de inimigos, isto é, os dois Krishnas, com discursos repletos de louvor. Então aqueles grandes guerreiros em carros, cheios de alegria, procederam em direção ao seu próprio acampamento. Assim ocorreu aquela grande carnificina, de arrepiar os cabelos, em consequência, ó rei, da tua má política! Por que tu te afliges por isso agora?'"

Vaishampayana continuou, 'Ouvindo aquelas más notícias, o rei Kuru Dhritarashtra de repente caiu no chão de seu assento excelente. Similarmente, a dama real Gandhari de grande previdência caiu. Ela lamentou de diversas maneiras pela morte de Karna em batalha. Então Vidura e Sanjaya ambos ergueram o monarca caído e começaram a consolá-lo. Da mesma maneira as senhoras Kuru ergueram Gandhari. Achando destino e necessidade todo-poderosos, aquele nobre asceta, sob aquela grande dor, pareceu perder seus sentidos. Seu coração cheio de ansiedade e tristeza, o rei, no entanto, não desmaiou novamente. Consolado por eles, ele ficou calado, entregue à meditação melancólica. Aquele que lê a respeito desse grande combate, o qual é semelhante a um sacrifício, entre Dhananjaya de grande alma e o filho de Adhiratha, assim também aquele que ouve o relato dessa batalha lido, ambos obtem, ó Bharata, o fruto de um grande sacrifício devidamente realizado. Os eruditos dizem que o santo e eterno Vishnu é Sacrifício, e cada um daqueles outros deuses, isto é, Agni, Vento, Soma, e Surya, são assim. Portanto, aquele que, sem malícia, ouvir ou recitar este Parvan, será feliz e capaz de alcançar todas as regiões de bem aventurança. Cheios de devoção, homens sempre lêem este sagrado e principal dos Samhitas. Aqueles que o fazem, se regozijam, obtendo riqueza, e grãos, e fama. Um homem deve, portanto, sempre ouvi-lo sem malícia. Aquele que faz isso obterá todos os tipos de felicidade. Com ele aquela principal das pessoas, Vishnu, e o ilustre Nascido por Si Mesmo, e Bhava também, ficam satisfeitos. Um Brahmana, por lê-lo, obtem o fruto de ter estudado os Vedas; um Kshatriya obtem força e vitória em batalha; Vaishyas obtem riqueza imensa, e Shudras obtem saúde e liberdade de doença. Então, além disso, o ilustre Vishnu é eterno. E já que é aquele deus que é glorificado neste Parvan, é por isso que o homem o lendo ou o ouvindo se torna feliz e conquista todos os objetivos de seu coração. Estas palavras do grande Rishi (Vyasa) nunca podem ser falsas! O mérito que pode ser alcançado por escutar a recitação do Karna Parvan é igual ao daquele que doa ininterruptamente por um ano inteiro boas vacas com bezerros.'"

Fim do Karna Parva.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 9

SHALYA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO

Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Páginas
1	Sumário do resto da batalha. Morte da maioria das tropas. Dhritarashtra triste.	5
2	Dhritarashtra lamenta culpando o destino. Pede que a história continue.	7
3	Duryodhana reagrupa exército – repetição do capítulo 93 do Karna Parva.	10
4	Kripa tenta dissuadir Duryodhana, quer paz.	13
5	Duryodhana ainda decidido a lutar. Noite.	15
6	Salya pedido para ser Generalíssimo.	18
7	Salya concorda. Krishna pede para Yudhishthira matar Salya (governante de Madras).	19
8	**(18)** Vão para a batalha. Sumário das tropas restantes.	21
9	Batalha.	23
10	Salya ataca. Nakula mata Chitrasena, Satyasena, Sushena (filhos de Karna).	26
11	Batalha feroz. Sahadeva mata filho de Salya. Bhima ataca, mata motorista de Salya.	29
12	Luta com maças, Salya e Bhima. Ambos caem ao mesmo tempo. Kripa leva Salya para longe. Duryodhana ataca, mata Chekitana. Yudhishthira mata Chandrasena e Drumasena (protetores das rodas de Salya).	32
13	Salya mantém Pandavas em xeque.	34
14	Arjuna v Aswatthaman, que mata Suratha.	37
15	Satyaki e Salya lutam.	39
16	Yudhishthira se prepara para atacar Salya. Bhima faz Duryodhana desmaiar.	41
17	Salya sem cavalos, sem carro, avança contra Yudhishthira que mata Salya com um dardo. Terra parece se erguer com afeição para receber o corpo de Salya. Yudhishthira mata irmão mais novo de Salya. Kurus derrotados.	44
18	Embora proibidos por Duryodhana, Madrakas avançam para vingar a morte de Salya.	49
19	Kurus retrocedendo. Bhima mata 21.000 soldados. Duryodhana os reagrupa.	50
20	Salwa e príncipe elefante são mortos após ataque violento.	53
21	Kritavarman reagrupa tropas. Satyaki mata Kshemakirti, luta com Kritavarman (filho de Hridika). Kritavarman derrotado. Duryodhana luta sozinho.	55
22	Batalha continua, tropas de Duryodhana reagrupadas.	57
23	Sakuni ataca de trás.	59
24	Arjuna vai para a batalha.	63
25	Duryodhana recua. Kurus sendo destruídos. Sanjaya levado por Satyaki.	66
26	Bhima mata (irmãos de Duryodhana) Durmarshana, Srutanta, Jayatsena, Jaitra, Ravi, Bhurivala, Durvimochana, Dushpradharsha, Sujata, Durvishaha, Srutarvan (depois de alguma luta).	68
27	Duryodhana e Sudarsa só os dois vivos. Arjuna mata Satyakarman, Satyeshu, Susarman. Bhima mata Sudarsana.	70

28	Sahadeva mata Uluka - Sakuni recorda palavras de Vidura. Sahadeva mata Sakuni.	73
29	Todos os Kurus mortos exceto Aswatthaman, Kripa, Kritavarman, Sanjaya que é libertado por Vyasa, e Duryodhana que entra em um lago. Mulheres lamentam. Yuyutsu também vai para Hastinapura.	76
30	Caçadores revelam paradeiro de Duryodhana para Bhima.	80
31	Yudhishthira chama Duryodhana do lago.	83
32	Duryodhana se ergue do lago e se prepara para lutar.	87
33	Krishna repreende palavras duras de Yudhishthira para Duryodhana. Bhima se prepara para a luta.	90
34	Rama chega para assistir (Balarama, irmão de Krishna).	93
35	Janamejaya pergunta a respeito da peregrinação de Valarama a Saraswati e vaus sagrados. Maldição de Daksha de tísica sobre Soma (crescimento e diminuição da lua).	94
36	História de Trita em buraco, em Udapana.	98
37	Através de Tirthas - Garga (astrônomo) citado. Porque Saraswati se altera em dois lugares. Quatro tipos de ascetas vivendo de grãos.	101
38	Sete Saraswatis. Mankanka e suco vegetal fluindo de seu ferimento. Advertido por Rudra.	104
39	Mahadara é atingido na coxa por cabeça de Rakshasa cortada por Rama (de Dasaratha).	106
40	Como Sindhudwipa, Devapi e Viswamitra adquiriram condição de Brahmanas.	108
41	Como Vaka quase destruiu o reino de Dhritarashtra.	110
42	Viswamitra e Vasishtha.	111
43	Purificação de rio quando fluindo sangue para Rakshasas. Indra livre do pecado de Brahmanicídio.	113
44	Semente de Maheswara se desenvolve em filho forte.	115
45	Todos os deuses vão à cerimônia do Generalíssimo. Presentes dados para Kartikeya. Companheiros (todos guerreiros) dados para Kartikeya.	118
46	Nomes de Mães lá (Kartikeya=Kumara=Skanda). Skanda luta e destrói Daityas.	123
47	Instalação de Varuna como Senhor das Águas (em um Kalpa anterior). Agni e maldição de Bhrigu.	127
48	Sruvavati se torna esposa de Sakra.	129
49	Tirtha de Indra.	132
50	Jaigishavy e Devala.	133
51	Dadhicha dá ossos para Indra. Seu filho Saraswat ensina Brahmanas por 12 anos durante tempo de seca.	136
52	Filha de Kuni-Ganga vive até idade avançada antes de uma noite de casamento.	139
53	Kuru arando solo de Kurukshetra – aqueles que morrem em batalha, ou por se absterem de alimento com sentidos despertos, vão para o céu.	140
54	No próximo Tirtha Narada aparece e relata batalha para Balarama. Ele imediatamente vai testemunhar Bhima e Duryodhana.	142
55	Por conselho de Balarama, eles vão para Samantapanchaka (na planície	

	Kuru) para lutar.	144
56	Bhima lembra Duryodhana de seus maus feitos.	146
57	Batalha. Bhima recebe muitos golpes e é derrubado.	148
58	Krishna percebe que Bhima deve lutar desonestamente para vencer. Finalmente quebra ambas as coxas de Duryodhana. (Citação de Byron - "O Corsário").	151
59	Bhima chuta Duryodhana na cabeça. É repreendido por Yudhishthira.	154
60	Balarama furioso. Amaldiçoa Bhima, louva Duryodhana. Yudhishthira indiferente.	155
61	Enquanto eles partem Duryodhana critica Krishna.	158
62	Carro de Arjuna reduzido a cinzas, sendo mantido intacto pelo poder de Krishna. Tomam acampamento Kuru. Pandavas e Satyaki deixam o acampamento à noite.	161
63	Krishna vai até Hastinapura e pacifica Ghandari e Dhritarashtra.	163
64	Rei Duryodhana se lamenta para Sanjaya.	166
65	Kripa, Aswatthaman, Kritavarman vão até Duryodhana. Aswatthaman agora instalado como Generalíssimo.	169

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

Om! Reverenciando Narayana e Nara, o mais sublime dos seres masculinos, como também a deusa Sarasvati, a palavra "Jaya" deve ser proferida.

Janamejaya disse, "Depois que Karna tinha sido morto dessa maneira em batalha por Savyasaci, o que o pequeno resto (não massacrado) dos Kauravas fez, ó regenerado? Contemplando o exército dos Pandavas cheio de poder e energia, que comportamento o príncipe Kuru Suyodhana adotou em direção aos Pandavas, achando-o apropriado para o momento? Eu desejo saber tudo isso. Conte-me, ó principal dos regenerados, eu nunca fico saciado ao escutar as grandiosas façanhas de meus ancestrais."

Vaisampayana disse, "Depois da queda de Karna, ó rei, o filho de Dhritarashtra Suyodhana foi profundamente submerso em um oceano de dor e via desespero em toda parte. Lamentando incessantemente, dizendo, 'Ai, oh Karna! Ai, oh Karna!' ele procedeu com grande dificuldade para seu acampamento, acompanhado pelo restante não morto dos reis do seu lado. Pensando na morte do filho do Suta, ele não pode obter paz mental, embora confortado por aqueles reis com explicações excelentes inculcadas pelas escrituras. Considerando destino e necessidade como todo-poderosos, o rei Kuru decidiu firmemente lutar. Tendo devidamente feito Shalya o generalíssimo de seus exércitos, aquele touro entre reis, ó monarca, procedeu para a batalha, acompanhado por aquele resto não massacrado de suas tropas. Então, ó chefe da linhagem de Bharata, uma batalha terrível ocorreu entre as tropas dos Kurus e aquelas dos Pandavas, parecendo aquela entre os deuses e os Asuras. Então Shalya, ó monarca, tendo feito uma grande carnificina em batalha finalmente perdeu um grande número de suas tropas e foi morto por Yudhishthira ao meio-dia. Então o rei Duryodhana, tendo perdido todos os seus amigos e parentes, fugiu do campo de batalha e penetrou nas profundidades de um lago terrível por medo de seus inimigos. Na tarde daquele dia, Bhimasena, fazendo o lago ser cercado por muitos poderosos guerreiros em carros, convocou Duryodhana e tendo-o obrigado a sair, matou-o rapidamente, aplicando sua força. Depois da morte de Duryodhana os três guerreiros em carros (do lado Kuru) que ainda estavam vivos (Ashvatthama e Kripa e Kritavarma), cheios de raiva, ó monarca, massacraram as tropas Pancala à noite. Na manhã seguinte Sanjaya, tendo partido do acampamento, entrou na cidade (a capital Kuru), triste e cheio de dor e tristeza. Tendo entrado na cidade, o Suta Sanjaya, erguendo seus braços em angústia, e com membros tremendo, entrou no palácio do rei. Cheio de aflição, ó tigre entre homens, ele lamentou alto, dizendo, 'Ai, ó rei! Ai, todos nós estamos arruinados pela morte daquele monarca de grande alma. Ai, o Tempo é todo-poderoso, e tortuoso em seu curso, já que todos os nossos aliados, dotados de poder igual àquele do próprio Shakra, foram mortos pelos Pandavas.' Vendo Sanjaya voltar à cidade, ó rei, naquela situação lamentável, todo o povo, ó melhor dos reis, cheio de grande ansiedade, lamentava ruidosamente, dizendo, 'Ai, ó rei!' A cidade inteira, ó tigre entre homens, inclusive

as próprias crianças, sabendo da morte de Duryodhana, proferiram notas de lamentações de todos os lados. Nós então vimos todos os homens e mulheres correndo para lá e para cá, profundamente afligidos pela dor, seu juízo perdido, e parecendo pessoas dementes. O Suta Sanjaya então, profundamente agitado, entrou na residência do rei e viu aquele principal dos monarcas, aquele senhor de homens, tendo a sabedoria como sua visão. Vendo o monarca impecável, aquele chefe da linhagem de Bharata, sentado, cercado por suas noras e Gandhari e Vidura e por outros amigos e parentes que eram sempre seus benquerentes, e ocupados em pensar naquele mesmo assunto, a morte de Karna, o Suta Sanjaya, com coração cheio de dor, ó Janamejaya, lacrimosamente e em uma voz sufocada com lágrimas, disse a ele, 'Eu sou Sanjaya, ó tigre entre homens. Eu me curvo a ti, ó touro da raça Bharata. O soberano dos Madras, Shalya, está morto. Da mesma maneira, o filho de Subala, Shakuni, e Uluka, ó tigre entre homens, aquele filho valente do jogador (Shakuni), está morto. Todos os Samsaptakas, os Kambojas juntos com os Sakas, os Mlecchas, os Montanheses, e os Yavanas, também foram mortos. Os habitantes do Leste estão mortos, ó monarca, e todos os habitantes do Sul. Os habitantes do Norte foram todos mortos, como também os habitantes do Oeste, ó soberano de homens. Todos os reis e todos os príncipes estão mortos, ó monarca. O rei Duryodhana também foi morto pelo filho de Pandu assim como ele tinha prometido. Com suas coxas quebradas, ó monarca, ele jaz agora na poeira, coberto de sangue. Dhrishtadyumna também foi morto, ó rei, como também o invicto Shikhandi. Uttamauja e Yudhamanyu, ó rei, e os Prabhadrakas, e aqueles tigres entre homens, os Pancalas, e os Cedis, foram destruídos. Teus filhos estão todos mortos como também os (cinco) filhos de Draupadi, ó Bharata. O heróico e poderoso filho de Karna, Vrishasena, foi morto. Todos os homens que tinham sido reunidos estão mortos. Todos os elefantes foram destruídos. Todos os guerreiros em carros, ó tigre entre homens, e todos os corcéis morreram em batalha. Muito poucos do teu lado estão vivos, ó senhor. Em consequência dos Pandavas e dos Kauravas terem combatido uns aos outros, o mundo, estupefato pelo Tempo, agora consiste somente em mulheres. No lado dos Pandavas sete estão vivos, eles são os cinco irmãos Pandava, e Vasudeva, e Satyaki e entre os Dhartarashtras três estão vivos, Kripa, Kritavarma, e o filho de Drona, aquele principal dos vitoriosos. Esses três guerreiros em carros, ó monarca, são tudo o que sobreviveu, ó melhor dos reis, de todos os akshauhinis reunidos no teu lado, ó soberano de homens. Esses são os sobreviventes, ó monarca, o resto pereceu. Fazendo Duryodhana e sua hostilidade (pelos Pandavas) a causa, o mundo, parece, foi destruído, ó touro da raça Bharata, pelo Tempo.'"

Vaishampayana continuou, "Ouvindo estas palavras cruéis, Dhritarashtra, aquele soberano de homens, caiu, ó monarca, ao solo, privado de seus sentidos. Logo que o rei caiu, Vidura também, de grande fama, ó monarca, afligido pela tristeza por causa da angústia do rei, caiu no chão. Gandhari também, ó melhor dos reis, e todas as damas Kuru caíram no chão de repente, ouvindo aquelas palavras cruéis. Todo aquele conclave de pessoas nobres permaneceu jazendo no solo, privado de seus sentidos e delirando alucinadamente, como figuras pintadas em um quadro grande de tela. Então o rei Dhritarashtra, aquele senhor de terra,

atormentado pela calamidade representada pela morte de seus filhos, lentamente e com dificuldade recuperou seus ares vitais. Tendo recuperado seus sentidos, o rei, com membros tremendo e coração triste, virou seu rosto para todos os lados, e disse essas palavras para Kshattri (Vidura). 'Ó erudito Kshattri, ó tu de grande sabedoria, tu, ó touro da raça Bharata, és agora meu refúgio. Eu estou desamparado e desprovido de todos os meus filhos.' Tendo dito isso, ele caiu mais uma vez, privado de seus sentidos. Vendo ele caído, todos os seus parentes que estavam presentes lá borrifaram água fresca sobre ele e o abanaram com leques. Confortado depois de um longo tempo, aquele senhor de terra, afligido pela tristeza por conta da morte de seus filhos, ficou calado, suspirando pesadamente, ó monarca, como uma cobra posta em um jarro. Sanjaya também lamentou alto, vendo o rei tão aflito. Todas as senhoras também, com Gandhari de grande celebridade, fizeram o mesmo. Depois de um longo tempo, ó melhor dos homens, Dhritarashtra, tendo desmaiado repetidamente, se dirigiu a Vidura, dizendo, 'Que todas as damas se retirem, como também Gandhari de grande fama, e todos esses amigos. Minha mente está imensamente inquieta.' Assim endereçado, Vidura, tremendo repetidamente, lentamente dispensou as senhoras, ó touro da raça Bharata. Todas aquelas damas se retiraram, ó chefe dos Bharatas, como também todos aqueles amigos, vendo o rei profundamente aflito. Então Sanjaya olhou tristemente para o rei, ó opressor de inimigos, que, tendo recuperado seus sentidos, estava chorando em grande aflição. Com mãos unidas, Vidura então, em palavras gentis, consolou aquele soberano de homens que estava suspirando incessantemente.'"

2

Vaishampayana disse, "Depois que as damas tinham sido dispensadas, Dhritarashtra, o filho de Ambika, imerso em angústia maior do que aquela que o tinha afligido antes começou, ó monarca, a lamentar, exalando respirações que pareciam fumaça, e agitando seus braços repetidamente, e refletindo um pouco, ó monarca, ele disse estas palavras."

"Dhritarashtra disse, 'Ai, ó Suta, é repleta de grande dor a notícia que eu ouço de ti, que os Pandavas estão todos salvos e não sofreram perda em batalha. Sem dúvida, meu coração duro é feito da essência do trovão, já que ele não se parte ao saber da queda de meus filhos. Pensando em suas idades, ó Sanjaya, e em seus esportes na infância, e sabendo hoje que todos eles pereceram, meu coração parece se partir em pedaços. Embora por causa da minha cegueira eu nunca visse suas formas, eu ainda nutria um grande amor por eles por causa do afeto que uma pessoa sente por seus filhos. Sabendo que eles tinham passado pela infância e entrado no período de juventude e então no início da idade adulta, eu fiquei extremamente contente, ó impecável. Sabendo hoje que eles foram mortos e privados de prosperidade e energia, eu fracasso em obter paz mental, sendo subjugado pela dor por conta do infortúnio que os colheu. Venha, venha, ó rei de reis (Duryodhana) a mim que estou sem um protetor agora! Privado de ti, ó de braços poderosos, qual será minha situação? Por que, ó senhor, abandonando

todos os reis reunidos tu jazes sobre a terra nua, carente de vida, como um rei ordinário e desventurado? Tendo sido, ó monarca, o refúgio de parentes e amigos, aonde tu vais agora, ó herói, abandonando a mim que sou cego e velho? Onde agora, ó rei, está aquela tua compaixão, amor, e aquela deferência? Invencível como tu eras em batalha, como, ai, tu foste morto pelos Parthas? Quem irá agora, depois de eu ter despertado do sono na hora apropriada, repetidamente se dirigir a mim em palavras afetuosas e respeitosas tais como, 'Ó pai, ó pai,' 'Ó grande rei' 'Ó senhor do mundo' e abraçando carinhosamente meu pescoço com olhos úmidos, buscará minhas ordens, dizendo, 'Ordene-me, ó tu da linhagem de Kuru.' Dirija-te a mim, ó filho, naquela linguagem doce mais uma vez. Ó filho querido, eu ouvi essas exatas palavras de teus lábios, 'Esta terra vasta é tanto nossa quanto ela é do filho de Pritha. Bhagadatta e Kripa e Shalya e os dois príncipes de Avanti e Jayadratha e Bhurishrava e Sala e Somadatta e Bahlika e Ashvatthama e o chefe dos Bhojas e o príncipe poderoso de Magadha e Vrihadvala e o governante de Kasi e Shakuni o filho de Subala e muitos milhares de Mlecchas e Sakas e Yavanas, e Sudakshina o soberano dos Kambojas e o rei dos Trigartas e o avô Bhishma e o filho de Bharadwaja e o filho de Gotama (Kripa) e Srutayush e Ayutayush e Satayush de grande energia, e Jalasandha e o filho de Rishyasringa e o Rakshasa Alayudha, e o poderosamente armado Alambusa e o grande guerreiro em carro Subala, estes e outros reis numerosos, ó melhor dos monarcas, tomaram armas por mim preparados para sacrificar suas próprias vidas em grande batalha. Posicionado no campo no meio desses, e cercado por meus irmãos, eu lutarei contra todos os Parthas e os Pancalas e os Cedis, ó tigre entre reis, e os filhos de Draupadi e Satyaki e Kunti-Bhoja e o rakshasa Ghatotkaca. Mesmo um entre esses, ó rei, excitado com raiva, é hábil para resistir em batalha aos Pandavas avançando em direção a ele. O que eu preciso dizer então de todos esses heróis, cada um dos quais tem injúria para se vingar nos Pandavas, quando reunidos? Todos esses, ó monarca, lutarão com os seguidores dos Pandavas e irão matá-los em batalha. Karna sozinho, comigo mesmo, matará os Pandavas. Todos os reis heróicos então viverão sob meu domínio. Aquele que é seu líder, o poderoso Vasudeva, não irá, ele me disse, colocar armadura por causa deles, ó rei.' Exatamente dessa maneira, ó Suta, Duryodhana costumava me falar frequentemente. Ouvindo o que ele dizia, eu acreditava que os Pandavas seriam mortos em batalha. Quando, no entanto, meus filhos colocados no meio daqueles heróis e se esforçando vigorosamente em batalha foram todos mortos, o que isso pode ser exceto destino? Quando aquele senhor do mundo, o heróico Bhishma, tendo enfrentado Shikhandi, encontrou sua morte como um leão encontrando a sua nas mãos de um chacal, o que isso pode ser exceto destino? Quando o Brahmana Drona, aquele mestre de todas as armas ofensivas e defensivas, foi morto pelos Pandavas em batalha, o que isso pode ser exceto destino? Quando Bhurishrava foi morto em batalha, como também Somadatta e o rei Bahlika, o que isso pode ser exceto destino? Quando Bhagadatta, hábil em lutar das costas de elefantes, está morto, e quando Jayadratha foi morto, o que isso pode ser exceto destino? Quando Sudakshina foi morto, e Jalasandha da linhagem de Puru, como também Srutayush, e Ayutayush, o que isso pode ser exceto destino? Quando o poderoso Pandya, aquele principal de todos os manejadores de armas, foi morto em batalha pelos Pandavas, o que isso pode ser exceto destino? Quando

Vrihadvala foi morto e o rei poderoso dos Magadhas, e o bravo Ugrayudha, aquele modelo de todos os arqueiros; quando os dois príncipes de Avanti (Vinda e Anuvinda) foram mortos, e o soberano também dos Trigartas, como também numerosos Samsaptakas, o que isso pode ser exceto destino? Quando o rei Alambusa, e o Rakshasa Alayudha, e o filho de Rishyasringa foram mortos, o que isso pode ser exceto destino? Quando os Narayanas estão mortos, como também os Gopalas, aquelas tropas que eram invencíveis em batalha, e muitos milhares de Mlecchas, o que isso pode ser exceto destino? Quando Shakuni, o filho de Subala, e o poderoso Uluka, chamado de filho do jogador, aquele herói na dianteira de seus exércitos, estão mortos, o que isso pode ser exceto destino? Quando inúmeros heróis de grande alma, educados em todos os tipos de armas ofensivas e defensivas e dotados de destreza igual àquela do próprio Shakra foram mortos, ó Suta, quando Kshatriyas vindos de diversos reinos, ó Sanjaya, foram todos mortos em batalha, o que isso pode ser exceto destino? Dotados de grande poder, meus filhos e netos foram mortos, como também meus amigos e confrades, o que isso pode ser exceto destino? Sem dúvida, o homem toma seu nascimento sujeito ao destino. Aquele homem que possui boa sorte encontra o bem. Eu sou desprovido de boa sorte, e, portanto, estou privado de meus filhos, ó Sanjaya. Velho como eu sou, como eu irei agora me submeter ao domínio de inimigos? Eu não acho boa para mim qualquer coisa além do exílio nas florestas, ó senhor. Privado de parentes e amigos como eu estou, eu irei para as florestas. Nada além de um exílio nas florestas pode ser melhor para mim que estou caído nessa situação difícil e que estou privado de minhas asas, ó Sanjaya. Quando Duryodhana foi morto, quando Shalya foi morto, quando Duhshasana e Vivingsati e o poderoso Vikarna foram mortos, como eu poderei suportar os rugidos daquele Bhimasena que matou sozinho cem filhos meus em batalha? Ele falará frequentemente da morte de Duryodhana na minha audição. Queimando de dor e tristeza, eu não serei capaz de tolerar suas palavras cruéis.'"

Vaishampayana continuou, 'Assim mesmo aquele rei, queimando de aflição e privado de parentes e amigos, desmaiou repetidamente, dominado pela tristeza por conta da morte de seus filhos. Tendo chorado por um longo tempo, Dhritarashtra, o filho de Ambika, emitiu suspiros pesados e difíceis ao pensar em sua derrota. Dominado pela tristeza, e queimando de angústia, aquele touro da raça Bharata mais uma vez inquiriu de seu quadrigário Sanjaya, o filho de Gavalgana, os detalhes do que tinha acontecido.'

"Dhritarashtra disse, 'Depois que Bhishma e Drona tinham sido mortos, e o filho do Suta também derrubado, a quem meus guerreiros fizeram seu generalíssimo? Os Pandavas estão matando sem qualquer demora cada um a quem meus guerreiros estão fazendo seu generalíssimo em batalha. Bhishma foi morto na vanguarda da batalha por Arjuna ornado com diadema na própria vista de todos vocês. Assim mesmo Drona foi morto na visão de todos vocês. Assim mesmo o filho do Suta, aquele corajoso Karna, foi morto por Arjuna diante de todos os reis. Muito antes, Vidura de grande alma tinha me falado que por causa do erro de Duryodhana a população da Terra seria exterminada. Há alguns tolos que não vêem as coisas mesmo que eles lancem seus olhos sobre elas. Aquelas palavras

de Vidura foram assim mesmo para minha pessoa tola. O que Vidura de alma virtuosa, familiarizado com atributos de tudo, então disse, se confirmaram exatamente, pois as palavras que ele proferiu eram só a verdade. Afligido pelo destino, eu então não agi segundo aquelas palavras. Os resultados daquele mau procedimento agora se manifestaram. Descreva-os para mim, ó filho de Gavalgana, mais uma vez! Quem se tornou o líder do nosso exército depois da queda de Karna? Quem foi aquele guerreiro em carro que procedeu contra Arjuna e Vasudeva? Quem foram aqueles que protegeram a roda direita do soberano dos Madras em batalha? Quem protegia a roda esquerda daquele herói quando ele foi para a batalha? Quem também guardava sua retaguarda? Como, quando todos vocês estavam juntos, pode o poderoso rei dos Madras, como também meu filho, serem mortos, ó Sanjaya, pelos Pandavas? Conte-me os detalhes da grande destruição dos Bharatas. Diga-me como meu filho Duryodhana caiu em batalha. Diga-me como todos os Pancalas com seus seguidores, e Dhrishtadyumna e Shikhandi e os cinco filhos de Draupadi, caíram. Diga-me como os (cinco) Pandavas e os dois Satwatas (Krishna e Satyaki), e Kripa e Kritavarma e o filho de Drona, escaparam com vida. Eu desejo saber tudo acerca da maneira na qual a batalha ocorreu e o tipo de luta que ela foi. Tu és hábil, ó Sanjaya, em narração. Conte-me tudo.'"

3

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, com atenção, como aquela grande carnificina dos Kurus e dos Pandavas ocorreu quando eles enfrentaram uns aos outros. Depois que o filho do Suta tinha sido morto pelo filho ilustre de Pandu, e depois que tuas tropas tinham sido repetidamente reagrupadas e repetidamente tinham fugido, e depois que uma carnificina terrível tinha ocorrido, ó principal dos homens, de seres humanos em batalha posterior à morte de Karna, Partha começou a proferir rugidos leoninos. Naquela hora um grande medo entrou nos corações dos teus filhos. De fato, depois da morte de Karna, não havia guerreiro no teu exército que pudesse colocar seu coração em reunir as tropas ou mostrar sua bravura. Eles então pareciam com comerciantes naufragados no oceano insondável sem uma balsa para se salvarem. Quando seu protetor foi morto por Arjuna ornado com diadema, eles eram como pessoas no vasto oceano desejosas de alcançar algum litoral seguro. De fato, ó rei, depois da morte do filho do Suta, tuas tropas, tomadas pelo pânico e mutiladas com flechas, eram como homens desprotegidos desejosos de um protetor ou como um bando de veados afligido por um leão. Subjugados por Savyasaci, eles se retiraram à noite como touros com chifres quebrados ou cobras desprovidas de suas presas. Seus principais heróis mortos, eles mesmos jogados em confusão e mutilados com flechas afiadas, teus filhos, ó rei, após a morte do filho do Suta, fugiram amedrontados. Desprovidos de armas e cotas de malha, todos eles perderam sua razão e não sabiam em qual direção fugir. Lançando seus olhos para todos lados em temor, muitos deles começaram a matar uns aos outros. Muitos caíram ou ficaram pálidos, pensando, 'É a mim que Vibhatsu está perseguindo!' 'É a mim que Vrikodara está perseguindo!' Alguns montados em corcéis velozes, alguns em carros velozes, e alguns em elefantes

velozes, muitos grandes guerreiros em carros fugiram de medo, abandonando os soldados de infantaria. Carros eram quebrados por elefantes, cavaleiros eram esmagados por grandes guerreiros em carros, e grupos de soldados de infantaria eram esmagados e mortos por grupos de cavalos quando estes fugiam do campo. Depois da queda do filho do Suta, tuas tropas ficaram como pessoas que ficaram para trás de uma caravana em uma floresta cheia de ladrões e animais predadores. Alguns elefantes cujos condutores tinham sido mortos, e outros cujas trombas tinham sido cortadas, afligidos com medo, viam o mundo inteiro como cheio de Partha. Vendo suas tropas fugindo angustiadas com medo de Bhimasena Duryodhana então, com gritos de 'Oh!' e 'Ai!' se dirigiu a seu motorista, dizendo, 'Se eu tomar meu posto na retaguarda do exército, armado com meu arco, Partha então nunca poderá me ultrapassar. Incite os corcéis, portanto, com velocidade. Quando eu aplicar minha bravura em batalha, Dhananjaya o filho de Kunti não se arriscará a me ultrapassar como o oceano nunca ousando ultrapassar seus continentes. Hoje, matando Arjuna com Govinda, e o orgulhoso Vrikodara, e o restante dos meus inimigos, eu me livrarei da dívida que tenho com Karna.' Ouvindo estas palavras do rei Kuru, tão adequadas para um herói e um homem honrado, seu motorista lentamente incitou aqueles corcéis enfeitados com arreios de ouro. Naquela hora muitos bravos guerreiros privados de elefantes e cavalos e carros, e 25.000 soldados de infantaria, ó majestade, procederam lentamente (para a batalha). Então Bhimasena, cheio de ira, e Dhrishtadyumna o filho de Prishata, cercando aquelas tropas com a ajuda de quatro tipos de tropas, destruíram elas com suas flechas. Todos eles lutaram vigorosamente com Bhima e o filho de Prishata. Muitos entre eles desafiaram os dois heróis Pandava, mencionando seus nomes. Cercado por eles em batalha, Bhima ficou furioso com eles. Descendo rapidamente de seu carro, ele começou a lutar, armado com sua maça. Confiando na força de seus próprios braços, Vrikodara o filho de Kunti, que estava em seu carro, observador das regras de luta justa, não lutou com aqueles inimigos que estavam no solo. Armado então com aquela sua maça pesada que era feita totalmente de ferro e adornada com ouro e equipada com um gancho (com corda ou corrente), e que parecia o próprio Destruidor como ele se torna no fim do Yuga, Bhima matou eles todos como Yama massacrando criaturas com sua clava. Aqueles soldados de infantaria, excitados com grande raiva, tendo perdido seus amigos e parentes, estavam dispostos a sacrificar suas vidas, e avançaram naquela batalha em direção a Bhima como insetos para um fogo ardente. De fato, aqueles guerreiros, cheios de raiva e invencíveis em batalha, se aproximando de Bhimasena, pereciam subitamente como criaturas vivas ao olhar do Destruidor. Armado com espada e maça, Bhima se moveu rapidamente como um falcão e massacrou aqueles 25.000 guerreiros teus. Tendo matado aquela heróica divisão, o poderoso Bhima, de bravura incapaz de ser frustrada, mais uma vez se posicionou com Dhrishtadyumna diante dele. Enquanto isso, Dhananjaya de grande energia procedeu em direção à divisão de carros (dos Kurus). Os filhos gêmeos de Madri e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, todos dotados de grande força, avançaram alegremente contra Shakuni com grande velocidade pelo desejo de matá-lo. Tendo matado com flechas afiadas a cavalaria numerosa de Shakuni, aqueles heróis Pandava avançaram rapidamente contra o próprio Shakuni, depois do que uma batalha violenta foi lutada lá. Então Dhananjaya, ó

rei, penetrou no meio da divisão de carros dos Kauravas, esticando seu arco Gandiva célebre pelos três mundos. Vendo aquele carro tendo corcéis brancos unidos a ele e possuindo Krishna como seu motorista indo em direção a eles, com Arjuna como o guerreiro sobre ele, tuas tropas fugiram apavoradas. Privados de carros e corcéis e perfurados com flechas de todos os lados, 25.000 soldados de infantaria procederam em direção a Partha e o cercaram. Então aquele poderoso guerreiro em carro entre os Pancalas (Dhrishtadyumna) com Bhimasena em sua frente, rapidamente matou aquela brava divisão e permaneceu triunfante. O filho do rei Pancala, o célebre Dhrishtadyumna, era um arqueiro poderoso possuidor de grande beleza e um subjugador de grandes bandos de inimigos. À visão de Dhrishtadyumna a cujo carro estavam unidos cavalos brancos como pombos e cujo estandarte era feito de um Kovidara alto, as tropas fugiram de medo. Os célebres filhos de Madri, com Satyaki entre eles, engajados na perseguição do rei Gandhara que era rápido no uso de armas, apareceram rapidamente à nossa vista. Chekitana e os (cinco) filhos de Draupadi, ó majestade, tendo matado um grande número de tuas tropas, sopraram suas conchas. Vendo todas as tropas fugindo com seus rostos (desviados) do campo, aqueles heróis (Pandava) as perseguiram e derrubaram como touros perseguindo touros derrotados. Então o poderoso Savyasaci, o filho de Pandu, vendo um resto do teu exército ainda mantendo seu terreno, ficou cheio de raiva, ó rei. Subitamente, ó monarca, ele cobriu aquele resto do teu exército com flechas. O pó, no entanto, que foi então erguido envolveu a cena, por causa do que nós não podíamos ver qualquer coisa. Escuridão também se espalhou sobre a cena, e o campo de batalha foi coberto com setas. Tuas tropas, ó monarca, então fugiram de medo para todos os lados. Quando seu exército estava assim dividido, o rei Kuru, ó monarca, avançou contra ambos: amigos e inimigos. Então Duryodhana desafiou todos os Pandavas para lutar, ó chefe da linhagem de Bharata, como o Asura Vali nos tempos antigos desafiando todos os celestiais. Os Pandavas então, reunidos e cheios de raiva, criticando-o repetidamente e disparando diversas armas, avançaram contra Duryodhana que rugia. O último, no entanto, atingiu destemidamente seus inimigos com flechas. A destreza que nós então vimos do teu filho era extremamente admirável, já que todos os Pandavas juntos eram incapazes de ultrapassá-lo. Nesse momento Duryodhana viu, permanecendo a uma pequena distância dele, suas tropas, muito mutiladas com flechas e preparadas para fugir. Reagrupando-as então, ó monarca, teu filho, determinado em batalha e desejoso de alegrá-las, se dirigiu àqueles guerreiros, dizendo, ‘Eu não vejo aquele local em planície ou montanha onde, se vocês fugirem, os Pandavas não os matarão. Qual é a utilidade então da fuga? O exército Pandava agora foi reduzido a um pequeno resto. Os dois Krishnas estão extremamente mutilados. Se todos nós oferecermos resistência aqui, nós com certeza teremos vitória. Se, no entanto, vocês fugirem, rompendo sua formação de combate, os Pandavas, perseguindo suas pessoas pecaminosas, irão matar todos vocês. Morte em batalha, portanto, é para o nosso bem. Morte no campo de batalha enquanto envolvido em luta em conformidade com práticas Kshatriya é agradável. Tal morte não produz nenhum tipo de aflição. Por encontrar tal morte, uma pessoa desfruta de felicidade eterna no outro mundo. Que todos os Kshatriyas reunidos aqui me escutem. Seria melhor até que eles se submetessem ao poder do enfurecido Bhimasena do que abandonar os deveres

praticados por eles desde os dias de seus antepassados. Não há ato mais pecaminoso para um Kshatriya do que fuga da batalha. Vocês Kauravas, não há melhor caminho para o céu do que o dever da batalha. O guerreiro alcança em um dia regiões de bem aventurança (no outro mundo) que leva muitos longos anos para outros alcançarem.' Cumprindo aquelas palavras do rei, os grandes guerreiros em carros Kshatriya avançaram novamente contra os Pandavas, incapazes de suportar sua derrota e firmemente decididos a aplicar sua destreza. Então começou novamente uma batalha que foi extremamente feroz, entre tuas tropas e o inimigo, e que parecia uma entre os deuses e os Asuras. Teu filho Duryodhana então, ó monarca, com todas as suas tropas, avançou contra os Pandavas encabeçados por Yudhishthira.'"

4

"Sanjaya disse, 'Contemplando as caixas caídas de carros, como também os carros de guerreiros de grande alma, e os elefantes e soldados de infantaria, ó majestade, mortos em batalha, vendo o campo de batalha assumir um aspecto tão horrível como aquele da área esportiva de Rudra, observando o fim inglório obtido por centenas e milhares de reis, testemunhando também a destreza de Partha depois da retirada do teu filho com coração agoniado e quando tuas tropas, cheias de ansiedade e caídas em grande desgraça, ó Bharata, estavam deliberando quanto ao que elas deviam fazer em seguida, ouvindo também os lamentos altos dos guerreiros Kaurava que estavam sendo esmagados, e notando as insígnias expostas e desordenadas de grandes reis, o líder Kuru Kripa de grande energia, possuidor de idade e boa conduta e cheio de compaixão, e dotado de eloquência, se aproximou do rei Duryodhana, e com raiva disse estas palavras para ele, 'Ó Duryodhana, escute, ó Bharata, estas palavras que eu te direi. Tendo-as ouvido, ó monarca, aja em conformidade com elas, ó impecável, se isso te agradar. Não há nenhum caminho, ó monarca, que seja melhor do que o dever da batalha. Tendo recorrido a esse caminho, Kshatriyas, ó touro da classe Kshatriya, se engajam na batalha. Aquele que vive na observância de práticas Kshatriya luta com filho, pai, irmão, sobrinho, e tio materno, e parentes, e amigos. Se ele é massacrado em batalha, há grande mérito nisto. Similarmente, há grande pecado nisto se ele foge do campo. É por isso que a vida de uma pessoa desejosa de viver pela adoção de deveres Kshatriya é muito terrível. A ti, com respeito a isso, eu direi umas poucas palavras benéficas. Depois da queda de Bhishma e Drona e do poderoso guerreiro em carro Karna, depois da morte de Jayadratha e teus irmãos, ó impecável, e do teu filho Lakshmana, o que há agora para nós fazermos? Eles sobre quem nós tínhamos colocado todos os encargos da soberania que nós vínhamos desfrutando foram todos para regiões de bem aventurança alcançáveis por pessoas conhecedoras de Brahma, abandonando seus corpos. Com relação a nós, privados daqueles grandes guerreiros em carros possuidores de talentos numerosos, nós teremos que passar nosso tempo em aflição, tendo feito numerosos reis perecerem. Quando aqueles heróis estavam vivos, mesmo então Vibhatsu não podia ser vencido. Tendo Krishna como seus olhos, aquele herói poderosamente armado é incapaz de ser derrotado pelos próprios deuses. A vasta

hoste (Kaurava), se aproximando de seu estandarte portador do macaco que é alto como um poste de Indra (instalado na estação da primavera) e que é refulgente como o arco de Indra, sempre tremeu de medo. Pelos rugidos leoninos de Bhimasena e o clangor de Panchajanya e o som do Gandiva, nosso coração definhará lentamente dentro de nós. Movendo-se como lampejos de relâmpago, e cegando nossos olhos, o Gandiva de Arjuna é visto parecer com um círculo de fogo. Decorado com ouro puro, aquele arco formidável, quando ele é vibrado, parece um lampejo de relâmpago se movendo por todo lado. Corcéis de cor branca e possuidores de grande velocidade e dotados do esplendor da Lua ou da erva Kusa, e que correm devorando os céus, estão unidos ao seu carro. Incitados adiante por Krishna, como massas de nuvens impelidas pelo vento, e seus membros enfeitados com ouro, eles levam Arjuna para a batalha. Aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de armas, Arjuna, queimou aquele teu grande exército como uma conflagração consumindo grama seca na floresta na estação do inverno. Possuidor do esplendor do próprio Indra, enquanto penetrando em nossas tropas, nós temos visto Dhananjaya parecer um elefante com quatro presas. Enquanto agitando teu exército e inspirando os reis com temor, nós temos visto Dhananjaya parecer um elefante agitando um lago coberto com lotos. Enquanto apavorando todos os guerreiros com o som de seu arco, nós, além disso, vimos o filho de Pandu parecer um leão inspirando animais menores com pavor. Aqueles dois principais dos arqueiros em todos os mundos, aqueles dois touros entre todas as pessoas armadas com o arco, os dois Krishnas, vestidos em armadura, estão parecendo muito belos. Hoje é o décimo sétimo dia dessa batalha terrível, ó Bharata, daqueles que estão sendo massacrados no meio dessa luta. As diversas divisões do teu exército estão divididas e dispersas como nuvens outonais dispersadas pelo vento. Savyasaci, ó monarca, fez teu exército tremer e oscilar como um barco atirado pela tempestade exposto na superfície do oceano. Onde estava o filho do Suta, onde estava Drona com todos os seus seguidores, onde estava eu, onde estavas tu, onde estava o filho de Hridika, onde (estava) teu irmão Duhshasana acompanhado por seus irmãos (quando Jayadratha foi morto)? Ao ver Jayadratha e encontrando-o dentro do alcance de suas flechas, Arjuna, aplicando sua destreza sobre todos os teus parentes e irmãos e aliados e tios maternos, e colocando seus pés sobre suas cabeças, matou o rei Jayadratha na própria vista de todos. O que então há para nós fazermos agora? Quem há entre tuas tropas agora que derrotará o filho de Pandu? Aquele guerreiro de grande alma possui diversos tipos de armas celestes. O som, além disso, do Gandiva rouba nossas energias. Este teu exército que está agora sem um líder é como uma noite sem a Lua, ou como um rio que está seco com todas as árvores em suas margens quebradas por elefantes. O poderosamente armado Arjuna de corcéis brancos irá, à sua vontade, se mover em meio a esta tua hoste sem mestre como um incêndio ardente em meio a uma pilha de grama. A impetuosidade daqueles dois, Satyaki e Bhimasena, partiria todas as montanhas ou secaria completamente todos os oceanos. As palavras que Bhima falou no meio da assembléia foram quase todas cumpridas por ele, ó monarca. Aquelas que permanecem não cumpridas, além disso, serão cumpridas por ele. Enquanto Karna estava lutando na frente dele, o exército dos Pandavas, difícil de ser derrotado, foi protegido vigorosamente pelo manejador do Gandiva. Você tem feito

muitos males vergonhosos, sem qualquer motivo, para os Pandavas virtuosos. Os resultados daquelas ações agora vieram. Por causa dos teus próprios objetivos tu, com grande cuidado, reuniste um grande exército. Aquela vasta força, como também tu mesmo, ó touro da raça Bharata, caíram em grande perigo. Preserve a ti mesmo agora, pois o eu é o refúgio de tudo. Se o refúgio é destruído, ó majestade, tudo inerente a ele é espalhado para todos os lados. Aquele que está sendo enfraquecido deve procurar paz por meio de conciliação. Aquele que está crescendo deve fazer guerra. Esta é a política ensinada por Brihaspati. Nós somos agora inferiores aos filhos de Pandu com relação à força de nosso exército. Portanto, ó senhor, eu penso que paz com os Pandavas é para o nosso bem. Aquele que não sabe o que é para o seu bem, ou (sabendo) desconsidera o que é para seu bem, é logo privado de seu reino e nunca obtém qualquer benefício. Se, por se curvar ao rei Yudhishthira a soberania ainda puder restar para nós, até isso seria para o nosso bem, e não, ó rei, sofrer derrota por tolice (nas mãos dos Pandavas). Yudhishthira é compassivo. A pedido do filho de Vichitravirya e de Govinda, ele permitirá que você continue como rei. O que quer que Hrishikesa diga para o rei vitorioso Yudhishthira e Arjuna e Bhimasena, todos eles irão, sem dúvida, obedecer. Krishna, eu penso, não será capaz de desobedecer às palavras de Dhritarashtra da linhagem de Kuru, nem o filho de Pandu poderá desobedecer a aquelas de Krishna. Uma cessação de hostilidades com os filhos de Pritha é o que eu considero como sendo para o teu benefício. Eu não digo isso para ti por quaisquer motivos vis nem para proteger minha vida. Eu digo, ó rei, aquilo que eu considero como benéfico. Tu te lembrarás dessas palavras quando tu estiveres às portas da morte (se tu as negligenciares agora).' De idade avançada, Kripa o filho de Saradwat disse essas palavras de modo lastimoso. Dando respirações longas e difíceis, ele então cedeu à tristeza e quase perdeu seus sentidos.'"

5

"Sanjaya disse, 'Assim endereçado pelo neto célebre de Gotama, o rei (Duryodhana), dando respirações longas e difíceis, ficou calado, ó monarca. Tendo refletido por pouco tempo, o filho de grande alma de Dhritarashtra, aquele opressor de inimigos, então disse essas palavras ao filho de Saradwat Kripa, 'Tudo o que um amigo deve dizer tu disseste para mim. Tu também, enquanto lutando, fizeste tudo por mim, sem te importares com tua própria vida. O mundo tem te visto penetrar no meio das divisões Pandava e lutar com os poderosos guerreiros em carros dos Pandavas dotados de grande energia. Aquilo que deve ser dito por um amigo foi dito por ti. Tuas palavras, no entanto, não me agradam, como remédio que mal agrada a pessoa que está prestes a morrer. Essas palavras benéficas e excelentes, repletas de razão, que tu, ó poderosamente armado, disseste não me parecem aceitáveis, ó principal dos Brahmanas. Privado por nós de seu reino (em uma ocasião anterior), por que o filho de Pandu depositará sua confiança em nós? Aquele rei poderoso foi uma vez derrotado por nós nos dados. Por que ele acreditará novamente nas minhas palavras? Assim também, Krishna, sempre dedicado ao bem dos Parthas, quando ele veio a nós

como um enviado, foi logrado por nós. Aquela nossa ação foi muito precipitada. Por que então, ó regenerado, Hrishikesa confiará nas minhas palavras? A princesa Krishna, quando estava no meio da assembléia, chorou lastimavelmente. Krishna nunca esquecerá aquele nosso ato, nem aquela ação, a privação de Yudhishthira por nós de seu reino. Antigamente, foi ouvido por nós que os dois Krishnas tem a mesma alma entre eles e que estão firmemente unidos um com o outro. Hoje, ó senhor, nós temos visto isso com nossos olhos. Sabendo da morte do filho de sua irmã, Keshava passa suas noites em tristeza. Nós o ofendemos muito. Por que ele nos perdoará então? Arjuna também, por causa da morte de Abhimanyu, ficou muito infeliz. Mesmo que solicitado, por que ele se esforçará para o meu benefício? O segundo filho de Pandu, o poderoso Bhimasena, é extremamente feroz. Ele fez um voto terrível. Ele se quebrará, mas não se dobrará. Os gêmeos heróicos, respirando animosidade contra nós, quando vestidos em armadura e armados com suas espadas parecem um par de Yamas. Dhrishtadyumna e Shikhandi tem puxado suas espadas contra mim. Por que aqueles dois, ó melhor dos Brahmanas, se esforçarão para o meu bem? Enquanto vestida em uma única peça de roupa e em sua época (menstrual), a princesa Krishna foi tratada cruelmente por Duhshasana no meio da assembléia e diante dos olhos de todos. Aqueles opressores de inimigos, os Pandavas, que ainda se lembram de Draupadi despida mergulhada em angústia, nunca poderão ser dissuadidos de lutar. Então, além disso, Krishna, a filha de Drupada está em tristeza, praticando as penitências mais rígidas para minha destruição e o sucesso dos objetivos nutridos por seus maridos, e dorme todo dia no solo nu, pretendendo fazer isso até que o fim das hostilidades seja alcançado. Abandonando honra e orgulho, a irmã uterina de Vasudeva (Subhadra) está sempre servindo Draupadi como uma verdadeira serva. Tudo, portanto, se incendiou. Aquele fogo nunca poderá ser apagado. Paz com eles se tornou impossível por causa da morte de Abhimanyu. Tendo também desfrutado da soberania dessa terra limitada pelo oceano, como eu serei capaz de desfrutar, sob favor dos Pandavas, de um reino em paz? Tendo brilhado como o Sol sobre as cabeças de todos os reis, como eu andarei atrás de Yudhishthira como um escravo? Tendo desfrutado de todos os artigos agradáveis e mostrado grande compaixão, como eu levarei uma vida miserável agora, com homens miseráveis como meus companheiros? Eu não odeio aquelas palavras gentis e benéficas que tu falaste. Eu, no entanto, não acho que este é o momento para paz. Lutar honradamente é, ó opressor de inimigos, o que eu considero uma boa política. Essa não é a hora de agir como um eunuco. Por outro lado, essa é a hora para a batalha. Eu tenho realizado muitos sacrifícios. Eu tenho dado Dakshinas para Brahmanas, eu tenho obtido a realização de todos os meus desejos. Eu tenho escutado recitações Védicas. Eu tenho andado sobre as cabeças de meus inimigos. Meus empregados tem todos sido bem tratados por mim. Eu tenho socorrido pessoas em infortúnio. Eu não ouso, ó principal dos regenerados, endereçar tais palavras humildes aos Pandavas. Eu tenho conquistado reinos estrangeiros. Eu tenho governado devidamente meu próprio reino. Eu tenho desfrutado de diversos artigos agradáveis. Religião e lucro e prazer eu tenho buscado. Eu paguei minha dívida com os Pitris e com o dever Kshatriya. Certamente, não há felicidade aqui. O que acontece com reino, e com o bom nome? Fama é tudo o que uma pessoa deve obter aqui. Essa fama pode ser

obtida por meio de batalha, e por nenhum outro meio. A morte que um Kshatriya encontra em casa é censurável. Morte na própria cama em casa é muito pecaminosa. O homem que rejeita seu corpo nas florestas ou em batalha depois de ter realizado sacrifícios obtem grande glória. Não é um homem aquele que morre miseravelmente lamentando em dor, afligido por doença e decadência, no meio de parentes chorando. Abandonando diversos objetos de prazer, eu irei agora, por meio de batalha justa, proceder para as regiões de Shakra, obtendo a companhia daqueles que alcançaram o fim mais sublime. Sem dúvida, a habitação de heróis de comportamento honrado, que nunca recuam da batalha, que são dotados de inteligência e devotados à verdade, que são realizadores de sacrifícios, e que foram santificados no sacrifício de armas é no céu. As diversas tribos de Apsaras, sem dúvida, fitam alegremente tais heróis quando engajados em batalha. Sem dúvida, os Pitris os vêem venerados na assembléia dos deuses e se regozijando no céu, na companhia de Apsaras. Nós iremos agora ascender o caminho que é trilhado pelos celestiais e por heróis que não se retiram da batalha, aquele caminho que foi tomado por nosso avô venerável, pelo preceptor dotado de grande inteligência, por Jayadratha, por Karna, e por Duhshasana. Muitos bravos reis, que se esforçaram vigorosamente por minha causa nessa batalha, foram mortos. Mutilados com flechas e seus membros banhados em sangue, eles jazem agora na terra nua. Possuidores de grande coragem e conhecedores de armas excelentes, aqueles reis, que tinham, além disso, realizado sacrifícios como ordenado nas escrituras, tendo abandonado seus ares vitais no cumprimento de seus deveres agora se tornaram os habitantes da residência de Indra. Eles tem aberto o caminho (para aquela região abençoada). Aquela estrada mais uma vez será difícil por causa das multidões de heróis que irão se apressar ao longo dela para alcançar aquela meta abençoada. Lembrando com gratidão dos feitos daqueles heróis que morreram por mim, eu desejo saldar a dívida que tenho com eles em vez de fixar meu coração no reino. Se, tendo feito meus amigos e irmãos e avôs serem mortos eu salvar minha própria vida, sem dúvida o mundo me criticará. Que espécie de soberania será aquela da qual eu desfrutarei, desprovido de parentes e amigos e benquerentes, e me curvando ao filho de Pandu? Eu, que tenho dominado o mundo dessa maneira, agora alcançarei o céu por luta justa. Não será de outra maneira.' Assim endereçados por Duryodhana, todos os Kshatriyas lá aplaudiram aquele discurso e deram vivas ao rei, dizendo, 'Excelente, Excelente!' Sem se afligirem em absoluto por sua derrota, e firmemente decididos a mostrar sua coragem, todos eles, estando determinados a lutar, ficaram cheios de entusiasmo. Tendo tratado seus animais, os Kauravas, se deleitando na expectativa da batalha, ocuparam seus alojamentos (para a noite) em um local distante um pouco menos de dois Yojanas do campo. Tendo alcançado o Sarasvati de águas vermelhas no sagrado e belo platô na base de Himavat, eles se banharam naquela água e mataram sua sede com ela. Sua disposição fortalecida por teu filho, eles continuaram a esperar (em sua área de descanso). Mais uma vez encontrando consigo mesmos assim como uns com os outros, todos aqueles Kshatriyas, ó rei, instigados pelo destino, esperaram (em seu acampamento).'"

6

"Sanjaya disse, 'Naquele platô na base de Himavat, aqueles guerreiros, ó monarca, se deleitando na expectativa da batalha e reunidos passaram a noite. De fato, Shalya e Chitrasena e o poderoso guerreiro em carro Shakuni e Ashvatthama e Kripa e Kritavarma da linhagem Satwata, e Sushena e Arishtasena e Dhritasena de grande energia e Jayatsena e todos esses reis passaram a noite lá. Depois que o heróico Karna tinha sido morto em batalha, teus filhos, inspirados com medo pelos Pandavas desejosos de vitória, fracassaram em obter paz em qualquer lugar além das montanhas de Himavat. Todos eles então, ó rei, que eram determinados em batalha, reverenciaram devidamente o rei e disseram a ele, na presença de Shalya, essas palavras, 'Cabe a ti lutar com o inimigo, depois de ter feito alguém o generalíssimo do teu exército, protegido por quem em batalha nós iremos derrotar nossos inimigos.' Então Duryodhana, sem descer de seu carro (procedeu em direção) àquele principal dos guerreiros em carros, aquele herói conhecedor de todas as regras de batalha (Ashvatthama), que parecia o próprio Destruidor em batalha. Possuidor de membros belos, de cabeça bem coberta, de um pescoço adornado com três linhas como aquelas em uma concha, de fala gentil, de olhos parecendo as pétalas de um lótus completamente desabrochado, e de uma face semelhante àquela da nobreza de Meru, parecendo o touro de Mahadeva em relação a pescoço, olhos, andar, e voz, dotado de braços que eram grandes, massivos, e bem articulados, tendo um peito que era largo e bem-formado, igual a Garuda ou ao vento em velocidade e poder, dotado de um esplendor semelhante àquele dos raios do Sol, rivalizando o próprio Usanas em inteligência e a Lua em beleza e forma e charme de rosto, com um corpo que parecia ser feito de diversos lotos dourados, com juntas bem feitas, de coxas e cintura e quadris bem formados, de dedos belos, e belas unhas, ele parecia ter sido feito pelo Criador com cuidado depois de reunir um depois do outro todos os atributos bons e belos da criação. Possuidor de todos os sinais auspiciosos, e inteligente em todo ato, ele era um oceano de erudição. Sempre derrotando seus inimigos com grande velocidade, ele não podia ser subjugado à força por inimigos. Ele conhecia, em todos os seus detalhes, a ciência de armas consistindo em quatro padas e dez angas. Ele conhecia também os quatro Vedas com todos os seus ramos, e os Akhyanas como o quinto. Possuidor de grande mérito ascético, Drona, ele mesmo não nascido de mulher, tendo adorado a divindade de três olhos com grande atenção e votos rígidos, gerou-o em uma mulher não nascida de mulher. Se aproximando daquele personagem de façanhas inigualáveis, aquele que é sem igual em beleza sobre a Terra, aquele que dominou todos os ramos de conhecimento, aquele oceano de habilidades, aquele impecável Ashvatthama, teu filho disse a ele estas palavras, 'Tu, ó filho do preceptor, és hoje nosso maior refúgio. Diga-nos, portanto, quem deve ser o generalíssimo dos meus exércitos agora, colocando quem em nossa chefia, todos nós, reunidos, podemos derrotar os Pandavas?'"

"(Assim endereçado), o filho de Drona respondeu, 'Que Shalya se torne o líder do nosso exército. Em descendência, em coragem, em energia, em fama, em beleza pessoal, e em todas as outras habilidades, ele é superior. Consciente dos

serviços prestados a ele, ele adotou nosso lado, tendo abandonado os filhos de sua própria irmã. Possuindo um grande exército próprio, aquele poderosamente armado é como um segundo (Kartikeya, o) generalíssimo celeste. Fazendo aquele rei o comandante de nossas tropas, ó melhor dos monarcas, nós seremos capazes de obter vitória, como os deuses, depois de fazerem o invicto Skanda seu comandante.' Depois que o filho de Drona tinha dito estas palavras, todos os reis ficaram de pé, circundando Shalya, e gritaram vitória para ele. Tendo decidido lutar, eles sentiram grande alegria. Então Duryodhana, descendo de seu carro, uniu suas mãos e se dirigiu a Shalya, aquele rival de Drona e Bhishma em batalha, que estava em seu carro, dizendo estas palavras, 'Ó tu que és dedicado aos amigos, agora chegou aquela hora para teus amigos quando homens inteligentes examinam pessoas no disfarce de amigos quanto a se eles são verdadeiros amigos ou não. Corajoso como tu és, seja nosso generalíssimo na vanguarda do nosso exército. Quando tu procederes para a batalha, os Pandavas, com seus amigos, ficarão desanimados, e os Pancalas ficarão deprimidos.'"

"Shalya respondeu, 'Eu irei, ó rei dos Kurus, realizar isso que tu me pedes para realizar. Tudo o que eu tenho, meu ar vital, meu reino, minha riqueza, está a teu serviço.'"

"Duryodhana disse, 'Eu te solicito com oferta da liderança do meu exército, ó tio materno. Ó principal dos guerreiros, nos proteja incomparavelmente, assim como Skanda protegeu os deuses em batalha. Ó principal dos reis, tu mesmo faça tua própria pessoa ser instalada no comando como o filho de Pavaka Kartikeya no comando dos celestiais. Ó herói, mate nossos inimigos em batalha como Indra matando os Danavas.'"

7

"Sanjaya disse, 'Ouvindo estas palavras do rei (Kuru), o valente monarca (Shalya), ó rei, disse essas palavras para Duryodhana em resposta, 'Ó poderosamente armado Duryodhana, ouça-me, ó principal dos homens eloquentes. Tu consideras os dois Krishnas, quando em seu carro, como os principais dos guerreiros em carros. Eles juntos não são, no entanto, iguais a mim em poder de armas. O que eu preciso dizer dos Pandavas? Quando enfurecido, eu posso lutar, na vanguarda da batalha, com o mundo inteiro consistindo nos deuses, Asuras, e homens, pegando em armas. Eu derrotarei os Parthas reunidos e os Somakas em batalha. Sem dúvida, eu me tornarei o líder das tuas tropas. Eu formarei tal ordem de batalha que nossos inimigos não poderão superá-la. Eu digo isto para ti, ó Duryodhana. Não há dúvida nisto.' Assim endereçado (por Shalya), o rei Duryodhana alegremente derramou água santificada, sem perder tempo, ó melhor dos Bharatas, sobre o soberano dos Madras, no meio de suas tropas, segundo os ritos ordenados nas escrituras, ó monarca. Depois de Shalya ter sido investido com o comando, altos rugidos leoninos se elevaram dentre tuas tropas e diversos instrumentos musicais também, ó Bharata, foram batidos e soprados. Os guerreiros Kaurava ficaram muito alegres, como também os poderosos guerreiros em carros entre os Madrakas. E todos eles louvaram o nobre Shalya, aquele

ornamento de batalha, dizendo, ‘Vitória para ti, ó rei. Vida longa para ti! Mate todos os inimigos reunidos! Tendo obtido o poder de tuas armas, que os Dhartarashtras dotados de grande força governem a vasta Terra sem um inimigo. Tu és capaz de subjugar em batalha os três mundos consistindo nos deuses e Asuras, o que dizer então dos Somakas e dos Srinjayas que são mortais?’ Assim elogiado, o rei poderoso dos Madrakas obteve grande alegria que é inalcançável por pessoas de almas não refinadas.'"

"Shalya disse, 'Hoje, ó rei, eu irei ou matar todos os Pancalas com os Pandavas em batalha, ou, morto por eles, irei para o céu. Que o mundo me veja hoje me movendo (no campo de batalha) destemidamente. Hoje que todos os filhos de Pandu, e Vasudeva, e Satyaki, e os filhos de Draupadi, e Dhrishtadyumna, e Shikhandi, e todos os Prabhadrakas contemplem minha destreza e o grande poder do meu arco, e minha rapidez, e a energia de minhas armas, e a força de meus braços, em batalha. Que os Parthas, e todos os Siddhas com os Charanas vejam hoje a força que há em meus braços e a abundância de armas que eu possuo. Vendo hoje minha bravura, que os poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, desejosos de neutralizá-la, adotem diversos modos de ação. Hoje eu derrotarei as tropas dos Pandavas em todos os lados. Superando Drona e Bhishma e o filho do Suta, ó senhor, em batalha, eu me movimentarei rapidamente no campo, ó Kaurava, para fazer o que é agradável para ti.'"

"Sanjaya continuou, 'Depois que Shalya tinha sido investido com o comando, ó concessor de honras, ninguém entre tuas tropas, ó touro da raça Bharata, sentiu mais qualquer aflição por conta de Karna. De fato, as tropas ficaram alegres e contentes. Elas consideraram os Parthas como já mortos e trazidos sob o poder do soberano dos Madras. Tendo obtido grande alegria, tuas tropas, ó touro da raça Bharata, dormiram aquela noite tranquilamente e ficaram muito alegres. Ouvindo aqueles gritos do teu exército, o rei Yudhishthira, se dirigindo a ele da linhagem de Vrishni, disse estas palavras, na audição de todos os Kshatriyas, ‘O soberano dos Madras, Shalya, aquele grande arqueiro que é muito respeitado por todos os guerreiros, ó Madhava, foi feito o líder de suas tropas pelo filho de Dhritarashtra. Sabendo isso que aconteceu, faça, ó Madhava, aquilo que é benéfico. Tu és nosso líder e protetor. Faça aquilo que deve ser feito em seguida.’ Então Vasudeva, ó monarca, disse para o rei, ‘Eu conheço Artayani, ó Bharata, realmente. Dotado de coragem e grande energia, ele é muito renomado. Ele é habilidoso, conhecedor de todos os modos de guerra, e possuidor de grande agilidade de mão. Eu penso que o soberano dos Madras em batalha é igual a Bhishma ou Drona ou Karna, ou talvez, superior a eles. Eu, ó soberano de homens, mesmo após reflexão, não encontro o guerreiro que possa ser um páreo para Shalya enquanto engajado em combate. Em batalha, ele é superior em poder a Shikhandi e Arjuna e Bhima e Satyaki e Dhrishtadyumna, ó Bharata. O rei dos Madras, ó monarca, dotado da bravura de um leão ou um elefante, se movimentará destemidamente em batalha como o próprio Destruidor entre as criaturas na época da destruição universal. Eu não vejo um páreo para ele em batalha exceto tu, ó tigre entre homens, que és possuidor de bravura igual àquela de um tigre. Exceto tu não há outra pessoa no céu ou neste mundo inteiro que, ó

filho da linhagem de Kuru, seja capaz de matar o soberano dos Madras quando excitado com cólera em batalha. Dia após dia envolvido em combate, ele agita tuas tropas. Por isso, mate Shalya em batalha, como Maghavat matando Samvara. Tratado com honra pelo filho de Dhritarashtra, aquele herói é invencível em batalha. Após a queda do soberano dos Madras em batalha, tu sem dúvida terás a vitória. Após sua morte, a vasta hoste Dhartarashtra será massacrada. Ouça, ó monarca, estas minhas palavras agora, proceda, ó Partha, contra aquele poderoso guerreiro em carro, o soberano dos Madras. Mate aquele guerreiro, ó tu de armas poderosas, como Vasava matando o Asura Namuchi. Não há necessidade de mostrar alguma compaixão aqui, pensando que ele é teu tio materno. Mantendo os deveres de um Kshatriya diante de ti, mate o soberano dos Madras. Tendo cruzado os oceanos insondáveis representados por Bhishma e Drona e Karna, não afunde, com teus seguidores, na marca do casco de uma vaca representada por Shalya. Mostre em batalha todo o teu poder ascético e tua energia Kshatriya. Mate aquele guerreiro em carro.' Tendo dito estas palavras, Keshava, aquele matador de heróis hostis, procedeu para sua tenda à noite, reverenciado pelos Pandavas. Depois que Keshava tinha ido, o rei Yudhishthira o justo, dispensando todos os seus irmãos e os Somakas, dormiu tranquilamente aquela noite, como um elefante de cujo corpo os dardos foram extraídos. Todos aqueles grandes arqueiros dos Pancalas e Pandavas, encantados por causa da queda de Karna, dormiram tranquilamente aquela noite. Sua ansiedade dissipada, o exército dos Pandavas, cheio de arqueiros formidáveis e poderosos guerreiros em carros, tendo alcançado a margem por assim dizer, ficou muito feliz aquela noite, por causa da vitória, ó majestade, que ele tinha obtido pela morte de Karna.'"

8

"Sanjaya disse, 'Depois que aquela noite tinha passado, o rei Duryodhana então, se dirigindo a todos os teus soldados, disse, 'Armem-se, poderosos guerreiros em carros!' Ouvindo a ordem do rei, os guerreiros começaram a colocar suas armaduras. Alguns começaram a unir seus corcéis aos seus carros rapidamente, outros corriam para lá e para cá. Os elefantes começaram a ser equipados. Os soldados de infantaria começaram a se armar. Outros, numerando milhares, começaram a esticar tapetes nos terraços de carros. O barulho de instrumentos musicais, ó monarca, se ergueu lá, para aumentar o entusiasmo marcial dos soldados. Então todas as tropas, colocadas em seus próprios postos, foram vistas, ó Bharata, em posição, vestidas em armadura e decididas a fazer a morte sua meta. Tendo feito o soberano dos Madras seu líder, os grandes guerreiros em carros dos Kauravas, distribuindo suas tropas, permaneceram em divisões. Então todos os teus guerreiros, com Kripa e Kritavarma e o filho de Drona e Shalya e o filho de Subala e os outros reis que ainda estavam vivos, se reuniram com teu filho, e chegaram a este acordo, que nenhum deles lutaria individualmente e sozinho com os Pandavas. E eles disseram, 'Aquele entre nós que lutar, sozinho e não protegido, com os Pandavas, ou aquele que abandonar um companheiro engajado na luta, será maculado com os cinco pecados graves e

todos os pecados menores.' E eles disseram, 'Todos nós, juntos, lutaremos com o inimigo.' Aqueles grandes guerreiros em carros, tendo feito tal acordo uns com os outros colocaram o soberano dos Madras em sua dianteira e procederam rapidamente contra seus inimigos. Similarmente, todos os Pandavas, tendo organizado suas tropas em grande batalha, procederam contra os Kauravas, ó rei, para lutar com eles em toda parte. Logo, ó chefe dos Bharatas, aquela hoste, cujo barulho parecia aquele do oceano agitado, e que parecia ser extraordinária por causa de seus carros e elefantes, apresentava o aspecto do vasto oceano cheio com suas ondas.'"

"Dhritarashtra disse, 'Eu ouvi a respeito da queda de Drona, de Bhishma e do filho de Radha. Fale-me agora da queda de Shalya e de meu filho. Como, de fato, ó Sanjaya, Shalya foi morto pelo rei Yudhishthira o justo? E como meu filho Duryodhana foi morto por Bhimasena de grande poder?'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, com paciência, sobre a destruição de corpos humanos e a perda de elefantes e cavalos, enquanto eu descrevo (para ti) a batalha. A esperança se tornou forte, ó rei, nos peitos de teus filhos que, depois que Drona e Bhishma e o filho do Suta tinham sido derrubados, Shalya, ó majestade, mataria todos os Parthas em batalha. Nutrindo aquela esperança em seu coração, e tirando conforto disto, ó Bharata, teu filho Duryodhana, confiando em batalha naquele poderoso guerreiro em carro, o soberano dos Madras, se considerou como possuidor de um protetor. Quando depois da queda de Karna os Parthas tinham proferido rugidos leoninos, um grande temor, ó rei, tinha possuído os corações dos Dhartarashtras. Encorajando-o devidamente, o valente rei dos Madras, tendo formado, ó monarca, uma ordem de batalha grandiosa cujos arranjos eram auspiciosos em todos os aspectos, procedeu contra os Parthas em batalha. E o heróico rei dos Madras procedeu, brandindo seu arco belo e extremamente forte capaz de dar uma grande velocidade às flechas disparadas dele. E aquele poderoso guerreiro em carro estava sobre o mais notável dos veículos, tendo cavalos da raça Sindhu unidos a ele. Sobre seu carro, seu motorista fez o veículo parecer resplandecente. Protegido por aquele carro, aquele herói, aquele bravo subjugador de inimigos (Shalya), permaneceu, ó monarca, dissipando os temores dos teus filhos. O rei dos Madras, vestido em armadura, procedia na frente da formação de combate, acompanhado pelos bravos Madrakas e os filhos invencíveis de Karna. À esquerda estava Kritavarma, cercado pelos Trigartas. Na direita estava Gautama (Kripa) com os Sakas e os Yavanas. Na retaguarda estava Ashvatthama circundado pelos Kambojas. No centro estava Duryodhana, protegido pelos principais dos guerreiros Kuru. Cercado por uma grande tropa de cavalaria e outras tropas, o filho de Subala Shakuni, como também o poderoso guerreiro em carro Uluka, procedeu com os outros. Os poderosos arqueiros entre os Pandavas, aqueles castigadores de inimigos, se dividindo, ó monarca, em três grupos, avançaram contra tuas tropas. Dhrishtadyumna e Shikhandi e o poderoso guerreiro em carro Satyaki procederam com grande velocidade contra o exército de Shalya. Então o rei Yudhishthira, acompanhado por suas tropas, avançou só contra Shalya, pelo desejo de matá-lo, ó touro da raça Bharata. Arjuna, aquele matador de grandes grupos de inimigos,

avançou com grande velocidade contra aquele grande arqueiro Kritavarma e os Samsaptakas. Bhimasena e os grandes guerreiros em carros entre os Somakas avançaram, ó monarca, contra Kripa, desejosos de massacrar seus inimigos em batalha. Os dois filhos de Madri, acompanhados por suas tropas, procederam contra Shakuni e o grande guerreiro em carro Uluka na dianteira de suas tropas. Similarmente, milhares e milhares de guerreiros do teu exército, armados com diversas armas e cheios de raiva, procederam contra os Pandavas naquela batalha.'"

"Dhritarashtra disse, 'Depois da queda do poderoso arqueiro Bhishma e Drona e do grande guerreiro em carro Karna, e depois que ambos, os Kurus e os Pandavas, tinham sido reduzidos em números, e quando, de fato, os Parthas, possuidores de destreza formidável, ficaram mais uma enfurecidos em batalha, qual, ó Sanjaya, era a força de cada um dos exércitos?'"

"Sanjaya disse, 'Ouça, ó rei, como nós e o inimigo nos colocamos para a batalha naquela ocasião e qual era então a força dos dois exércitos. 11.000 carros, ó touro da raça Bharata, 10.700 elefantes, e 200.000 cavalos, e três milhões de soldados de infantaria compunham a força do teu exército. 6.000 carros, 6.000 elefantes, 10.000 cavalos, e um milhão de soldados de infantaria, ó Bharata, eram tudo o que compunha o resto do exército Pandava na batalha. Estes, ó touro da raça Bharata, encontraram uns aos outros para lutar. Tendo distribuído suas tropas dessa maneira, ó monarca, nós, excitados com ira e inspirados com desejo de vitória, procedemos contra os Pandavas, tendo nos colocado sob o comando do soberano dos Madras. Similarmente, os bravos Pandavas, aqueles tigres entre homens, desejosos de vitória, e os Pancalas possuidores de grande fama, foram para a batalha. Assim mesmo, ó monarca, todos aqueles tigres entre homens, desejosos de massacrar seus inimigos, enfrentaram uns aos outros ao amanhecer do dia, ó senhor. Então começou uma batalha feroz e terrível entre tuas tropas e o inimigo, os combatentes estando todos empenhados em atingir e massacrar uns aos outros.'"

9

"Sanjaya disse, 'Então começou a batalha entre os Kurus e os Srinjayas, ó monarca, que foi tão violenta e terrível como a batalha entre os deuses e os Asuras. Homens e multidões de carros e elefantes, e guerreiros em elefantes e cavaleiros aos milhares, e corcéis, todos possuidores de grande bravura, enfrentaram uns aos outros. O barulho alto de elefantes de formas medonhas avançando era então ouvido lá parecendo os rugidos das nuvens no céu, na estação das chuvas. Alguns guerreiros em carros, atingidos por elefantes, foram privados de seus carros. Desbaratados por aqueles animais enfurecidos outros bravos combatentes corriam no campo. Guerreiros em carros bem treinados, ó Bharata, com suas flechas, despachavam grandes grupos de cavalaria e os homens a pé que incitavam e protegiam os elefantes, para o outro mundo. Cavaleiros bem treinados, ó rei, cercando grandes guerreiros em carros, se

moviam rapidamente no campo, atingindo e matando os últimos com lanças e dardos e espadas. Alguns combatentes armados com arcos, cercando grandes guerreiros em carros, os despachavam para a residência de Yama, muitos lutando em conjunto contra homens sozinhos. Outros grandes guerreiros em carros, cercando elefantes e guerreiros principais de sua própria classe, matavam alguns poderosos entre aqueles que lutavam no campo, correndo a toda velocidade por toda parte. Similarmente, ó rei, elefantes, cercando guerreiros em carros individuais excitados com cólera e espalhando chuvas de flechas, os despachavam para o outro mundo. Guerreiros em elefantes avançando contra guerreiros em elefantes e guerreiros em carros contra guerreiros em carros naquela batalha matavam uns aos outros com dardos e lanças e flechas do comprimento de uma jarda, ó Bharata. Carros e elefantes e cavalos, esmagando soldados de infantaria no meio da batalha, eram vistos fazerem a confusão ficar pior. Enfeitados com rabos de iaque, corcéis avançavam para todos os lados, parecendo com os cisnes encontrados nas planícies na base de Himavat. Eles avançavam com tal velocidade que eles pareciam dispostos a devorar a própria Terra. O campo, ó monarca, denteado com os cascos daqueles corcéis, parecia belo como uma bela mulher portando as marcas das unhas (de seu amante) em seu corpo. Com o barulho feito pelo passo de heróis, as rodas de carros, os gritos de soldados a pé, os grunhidos de elefantes, o ribombo de baterias e outros instrumentos musicais, e o clangor de conchas, a Terra começou a ressoar como se com ribombos ensurdecedores de trovão. Por causa de arcos vibrando e sabres flamejando e das armaduras brilhantes dos combatentes, tudo ficou tão confuso lá que nada podia ser notado claramente. Inúmeros braços, cortados de corpos humanos, e parecendo com as presas de elefantes, pulavam e se contorciam e se moviam furiosamente em volta. O som feito, ó monarca, por cabeças caindo sobre o campo de batalha parecia aquele feito pelas frutas caindo de árvores de palmeira. Coberto com aquelas cabeças caídas que estavam carmesim com sangue, o solo parecia resplandecente como se adornado com lotos de cor dourada em sua época. De fato, com aquelas cabeças sem vida com olhos virados para cima, que estavam extremamente mutiladas (com flechas e outras armas), o campo de batalha, ó rei, parecia resplandecente como se coberto com lotos completamente desabrochados. Com os braços caídos dos combatentes, cobertos com sândalo e enfeitados com Keyuras valiosos, a terra parecia brilhante como se coberta com os postes magníficos erguidos em honra de Indra. O campo de batalha ficou coberto com as coxas de reis, cortadas naquela batalha e parecendo com trombas afiladas de elefantes. Cheio de centenas de troncos sem cabeça e coberto com guarda-sóis e rabos de iaque, aquele exército vasto parecia belo como uma floresta florescendo. Então, no campo de batalha, ó monarca, guerreiros corriam a toda velocidade destemidamente, seus membros banhados em sangue e, portanto, parecendo com Kinsukas florescentes. Elefantes também, afligidos com setas e lanças, caíam aqui e ali como nuvens rompidas caídas dos céus. Divisões de elefantes, ó monarca, massacradas por guerreiros de grande alma, se dispersavam em todas as direções como nuvens agitadas pelo vento. Aqueles elefantes, parecendo com nuvens, caíam sobre a terra, como montanhas partidas pelo raio, ó senhor, na ocasião da dissolução do mundo no fim do Yuga. Pilhas sobre pilhas, parecendo

com montanhas, eram vistas, jazendo sobre o solo, de corcéis caídos com seus cavaleiros. Um rio apareceu no campo de batalha, fluindo em direção ao outro mundo. Sangue formava suas águas e carros seus redemoinhos. Estandartes formavam suas árvores, e ossos seus seixos. Os braços (dos combatentes) eram seus jacarés, arcos sua corrente, elefantes suas rochas grandes, e cavalos suas menores. Gordura e medula formavam seu lodo, guarda-sóis seus cisnes, e maças suas balsas. Cheio de armaduras e proteções para a cabeça, bandeiras constituíam suas belas árvores. Abundando com rodas que formavam seus bandos de Chakravakas, ele estava coberto com Trivenus e Dandas. Inspirando os bravos com deleite e aumentando os medos dos tímidos, aquele rio aterrador começou, cujas margens abundavam com Kurus e Srinjayas. Aqueles guerreiros corajosos, com braços parecendo clavas com pontas, pela ajuda de seus veículos e animais servindo os propósitos de balsas e barcos, cruzavam aquele rio terrível que corria para a região dos mortos. Durante a continuação daquela batalha, ó monarca, na qual nenhuma consideração era mostrada por alguém para alguém, e que, repleta de destruição medonha dos quatro tipos de tropas, portanto, parecia a batalha entre os deuses e os Asuras nos tempos antigos, alguns entre os combatentes, ó opressor de inimigos, chamavam ruidosamente seus parentes e amigos. Alguns, chamados por parentes gritando, voltavam afligidos com medo. Durante a continuação daquela batalha violenta e horrível Arjuna e Bhimasena entorpeceram seus inimigos. Aquela tua vasta hoste, ó soberano de homens, assim massacrada, desfaleceu no campo, como uma mulher sob a influência de licor. Tendo entorpecido aquele exército, Bhimasena e Dhananjaya sopraram suas conchas e proferiram rugidos leoninos. Logo que eles ouviram aquele clangor alto, Dhrishtadyumna e Shikhandi, colocando o rei Yudhishthira em sua frente, avançaram contra o soberano dos Madras. Muito admirável e terrível, ó monarca, foi a maneira na qual aqueles heróis, unidamente e como grupos separados, então lutaram com Shalya. Os dois filhos de Madri, dotados de grande energia, habilidosos com armas, e invencíveis em batalha, procederam com grande velocidade contra tua hoste, inspirados com desejo de vitória. Então teu exército, ó touro da raça Bharata, mutilado de diversas maneiras com flechas pelos Pandavas ávidos pela vitória, começaram a fugir do campo. Aquela hoste, assim atingida e dividida por arqueiros firmes, ó monarca, fugiu para todos os lados na própria vista de teus filhos. Altos gritos de 'Oh!' e 'Ai!' ó Bharata, se ergueram dentre teus guerreiros, enquanto alguns Kshatriyas ilustres entre os combatentes desnorteados, desejosos de vitória, gritavam dizendo, ‘Parem, parem!’ Apesar disso, aquelas tuas tropas, divididas pelos Pandavas, fugiram, abandonando no campo seus filhos queridos e irmãos e tios maternos e sobrinhos e parentes por casamento e outros parentes. Incitando seus corcéis e elefantes à maior velocidade, milhares de guerreiros fugiram, ó touro da raça Bharata, concentrados somente na sua própria segurança.'"

10

"Sanjaya disse, 'Vendo o exército dividido, o valente rei dos Madras se dirigiu a seu motorista, dizendo, ‘Incite rapidamente estes corcéis dotados da rapidez do pensamento. Lá está o rei Yudhishthira, o filho de Pandu, parecendo resplandecente com o guarda-sol suspenso sobre sua cabeça. Leve-me para lá com velocidade, ó motorista, e testemunhe meu poder. Os Parthas não podem resistir diante de mim em batalha.’ Assim endereçado, o motorista do rei Madra procedeu para aquele local onde estava o rei Yudhishthira o justo de pontaria certeira. Shalya se lançou de repente sobre a hoste poderosa dos Pandavas. Sozinho, ele a deteve como o continente detendo o mar agitado. De fato, a grande força dos Pandavas, indo contra Shalya, ó majestade, ficou imóvel naquela batalha, como o mar agitado ao encontrar uma montanha. Vendo o soberano dos Madras posicionado para lutar no campo, os Kauravas retornaram, fazendo a morte sua meta. Depois que eles tinham voltado, ó rei, e separadamente tomado suas posições em ordem de batalha bem formada, começou um combate terrível, no qual sangue fluiu livremente como água.'"

"O invencível Nakula enfrentou Chitrasena. Estes dois heróis, ambos os quais eram arqueiros excelentes, se aproximando, encharcaram um ao outro com chuvas de flechas naquela batalha, como duas nuvens torrenciais surgidas no céu no sul e no norte. Eu não podia notar qualquer diferença entre o filho de Pandu e seu antagonista. Ambos eram habilidosos com armas, ambos dotados de força, e ambos conhecedores das práticas de guerreiros em carros. Um empenhado em matar o outro, eles esperavam atentamente os descuidos um do outro. Então Chitrasena, ó monarca, com uma flecha de cabeça larga, bem temperada e afiada, cortou o arco de Nakula no cabo. Destemidamente então o filho de Karna atingiu Nakula que estava sem arco na testa com três flechas equipadas com asas de ouro e afiadas em pedra. Com umas poucas outras flechas afiadas ele então despachou os corcéis de Nakula para a residência de Yama. Em seguida, ele derrubou a bandeira e o motorista de seu oponente, cada um com três flechas. Com aquelas três flechas disparadas dos braços de seu inimigo fincadas em sua testa, Nakula, ó rei, parecia belo como uma montanha com três cristas. Privado de seu arco e seu carro, o bravo Nakula, pegando uma espada, saltou de seu veículo como um leão de um topo de montanha. Enquanto, no entanto, ele avançava a pé, seu adversário despejou uma chuva de flechas sobre ele. Possuidor de destreza ativa, Nakula recebeu aquela chuva de flechas em seu escudo. Alcançando o carro então de Chitrasena, o herói de braços fortes, o filho de Pandu, conhecedor de todos os modos de guerra e incapaz de ser cansado com esforço, subiu nele na própria vista de todas as tropas. O filho de Pandu então cortou do tronco de Chitrasena sua cabeça ornada com diadema enfeitada com brincos, e agraciada com um belo nariz e um par de olhos grandes. Nisto, Chitrasena, dotado do esplendor do sol, caiu no terraço de seu carro. Vendo Chitrasena morto, todos os grandes guerreiros em carros lá proferiram gritos altos de louvor e muitos rugidos leoninos. Enquanto isso, os dois filhos de Karna, Sushena e Satyasena, ambos os quais eram grandes guerreiros em carros, vendo seu irmão morto, dispararam chuvas de setas afiadas. Aqueles principais dos guerreiros em carros avançaram

com velocidade contra o filho de Pandu como um par de tigres, ó rei, na floresta profunda avançando contra um elefante pelo desejo de matá-lo. Ambos despejaram suas flechas afiadas sobre o poderoso guerreiro em carro Nakula. De fato, quando eles despejaram aquelas flechas, eles pareciam duas massas de nuvens derramando chuva em torrentes. Embora completamente perfurado com flechas, o valente e heróico filho de Pandu alegremente pegou outro arco depois de subir em outro carro, e permaneceu em batalha como o próprio Destruidor em fúria. Então aqueles dois irmãos, ó monarca, com suas flechas retas, cortaram o carro de Nakula em fragmentos. Então Nakula, dando risada, atingiu os quatro corcéis de Satyasena com quatro flechas afiadas e penetrantes naquele combate. Mirando uma flecha longa provida de asas de ouro, o filho de Pandu então cortou, ó monarca, o arco de Satyasena. Nisto, o último, subindo em outro carro e pegando outro arco, como também seu irmão Sushena, avançou contra o filho de Pandu. O valente filho de Madri destemidamente perfurou cada um deles, ó monarca, com um par de flechas na vanguarda da batalha. Então o poderoso guerreiro em carro Sushena, cheio de ira, cortou naquela batalha, dando risada, o arco formidável do filho de Pandu com uma flecha de cabeça de navalha. Então Nakula, insensível com raiva, pegou outro arco e perfurou Sushena com cinco flechas e atingiu seu estandarte com uma. Sem perder um momento, ele então cortou o arco e a proteção de couro de Satyasena também, ó majestade, pelo que todas as tropas lá proferiram um grito alto. Satyasena, pegando outro arco matador de inimigos que era capaz de suportar uma grande tensão, encobriu o filho de Pandu com flechas de todos os lados. Desviando aquelas flechas, Nakula, aquele matador de heróis hostis, perfurou cada um de seus antagonistas com um par de flechas. Cada um dos últimos separadamente perfurou o filho de Pandu em retorno com muitas flechas de curso reto. Em seguida eles perfuraram o motorista de Nakula também com muitas flechas afiadas. O valente Satyasena então, dotado de grande agilidade de mão, cortou sem ajuda de seu irmão os varais do carro de Nakula e seu arco com par de setas. O Atiratha Nakula, no entanto, ficando em seu carro, pegou um dardo equipado com um cabo dourado e uma ponta muito afiada, e embebido em óleo e muito brilhante. Ele parecia, ó senhor, uma cobra de veneno virulento, dardejando sua língua frequentemente. Erguendo aquela arma ele a arremessou em Satyasena naquele combate. Aquele dardo, ó rei, perfurou o coração de Satyasena naquela batalha e reduziu-o a cem fragmentos. Privado de seus sentidos e vida, ele caiu de seu carro no chão. Vendo seu irmão morto, Sushena, insensível com fúria, subitamente fez Nakula ficar sem carro naquela batalha. Sem perder um momento, ele despejou suas flechas sobre o filho de Pandu que lutava a pé. Vendo Nakula sem carro, o poderoso guerreiro em carro Sutasoma, o filho de Draupadi, avançou para aquele local para resgatar seu pai em batalha. Subindo então no carro de Sutasoma, Nakula, aquele herói da linhagem de Bharata, parecia belo como um leão sobre uma montanha. Então pegando outro arco ele lutou com Sushena. Aqueles dois grandes guerreiros em carros, se aproximando um do outro, e disparando chuvas de flechas, se esforçaram para causar a destruição um do outro. Então Sushena, cheio de raiva, atingiu o filho de Pandu com três flechas e Sutasoma com vinte nos braços e no peito. Nisto, o impetuoso Nakula, ó monarca, aquele matador de heróis hostis, cobriu todos os pontos do horizonte com flechas. Então pegando uma flecha

afiada dotada de grande energia e equipada com uma cabeça semicircular, Nakula disparou-a com grande força no filho de Karna naquela batalha. Com aquela flecha, ó melhor dos reis, o filho de Pandu cortou do tronco de Sushena a cabeça do último diante de todas as tropas. Aquele feito pareceu muito extraordinário. Assim morto pelo ilustre Nakula, o filho de Karna caiu como uma árvore alta na margem de um rio derrubada pela correnteza do rio. Vendo a morte dos filhos de Karna e a destreza de Nakula, teu exército, ó touro da raça Bharata, fugiu amedrontado. Seu comandante, no entanto, o bravo e valente soberano dos Madras, aquele castigador de inimigos, então protegeu, ó monarca, aquelas tropas naquela batalha. Reagrupando sua hoste, ó rei, Shalya permaneceu destemidamente em batalha, proferindo rugidos altos e fazendo seu arco vibrar violentamente. Então tuas tropas, ó rei, protegidas em batalha por aquele arqueiro firme, procederam alegremente contra o inimigo mais uma vez de todos os lados. Aqueles guerreiros de grande alma, cercando aquele grande arqueiro, o governante dos Madras, permaneceram, ó rei, desejosos de lutar em todos os lados. Então Satyaki, e Bhimasena, e aqueles dois Pandavas, os filhos gêmeos de Madri, colocando aquele castigador de inimigos e residência de modéstia, Yudhishthira, em sua dianteira, e o cercando por todos os lados naquela batalha, proferiram rugidos leoninos. E aqueles heróis também fizeram um zunido alto com as flechas que eles disparavam e frequentemente davam diversos tipos de gritos. Sorridentes, todos os teus guerreiros, cheios de raiva, cercaram rapidamente o soberano dos Madras e resistiram pelo desejo de lutar. Então começou uma batalha, enchendo os tímidos de medo, entre teus soldados e o inimigo, ambos os quais fizeram a morte sua meta. Aquela luta entre combatentes destemidos, aumentando a população do reino de Yama, parecia, ó monarca, aquela entre os deuses e os Asuras nos tempos antigos. Então o filho de estandarte de macaco de Pandu, ó rei, tendo massacrado os Samsaptakas em batalha, avançou contra aquela parte do exército Kaurava. Sorrindo, todos os Pandavas, encabeçados por Dhrishtadyumna, avançaram contra a mesma divisão, disparando chuvas de flechas afiadas. Oprimida pelos Pandavas, a hoste Kaurava ficou desnorteada. De fato, aquelas divisões então não podiam discernir os pontos cardeais e secundários do horizonte. Coberto com flechas afiadas disparadas pelos Pandavas, o exército Kaurava, privado de seus principais guerreiros, vacilou e se dividiu em toda parte. De fato, ó Kaurava, aquela tua hoste começou a ser massacrada pelos poderosos guerreiros em carros dos Pandavas. Similarmente, a hoste Pandava, ó rei, começou a ser massacrada às centenas e milhares naquela batalha por teus filhos por todos os lados com suas flechas. Enquanto os dois exércitos, extremamente excitados, estavam massacrando um ao outro dessa maneira, eles ficaram muito agitados como dois rios na estação das chuvas. Durante a continuação daquela batalha aterradora, ó monarca, um grande medo entrou nos corações dos teus guerreiros como também naqueles dos Pandavas.'"

11

Sanjaya disse, "Quando as tropas, massacradas uma pela outra, estavam agitadas dessa maneira, quando muitos dos guerreiros fugiram e os elefantes começaram a proferir gritos altos, quando os soldados de infantaria naquela batalha terrível começaram a gritar e lamentar alto, quando os corcéis, ó rei, corriam em diversas direções, quando a carnificina se tornou horrível, quando começou uma destruição terrível de todas as criaturas incorporadas, quando armas de vários tipos caíam ou se chocavam umas com as outras, quando carros e elefantes começaram a ser mutilados juntos, quando heróis sentiam grande deleite e covardes sentiam seus medos aumentados, quando combatentes enfrentavam uns aos outros pelo desejo de matança, naquela ocasião terrível de destruição de vida, durante a continuação daquele esporte terrível, isto é, daquela batalha medonha que aumentou a população do reino de Yama, os Pandavas massacravam tuas tropas com flechas afiadas, e, da mesma maneira, tuas tropas matavam aquelas dos Pandavas.

Durante aquela batalha que inspirava os tímidos com terror, de fato, durante o progresso da batalha quando ela foi lutada naquela manhã por volta da hora do nascer do sol, os heróis Pandava de boa pontaria, protegidos por Yudhishthira de grande alma, lutaram com tuas tropas, fazendo a própria morte sua meta. O exército Kuru, ó tu da linhagem de Kuru, enfrentando os Pandavas orgulhosos dotados de grande força, hábeis em atacar, e possuidores de pontaria certeira, ficou enfraquecido e agitado como um bando de veados assustados por um incêndio florestal.

Vendo aquele exército enfraquecido e sem ação como uma vaca afundada em lama, Shalya, desejoso de resgatá-lo, procedeu contra o exército Pandava. Cheio de raiva, o soberano dos Madras, pegando um arco excelente, avançou para lutar contra os inimigos Pandava. Os Pandavas também, ó monarca, naquele combate, inspirados com desejo de vitória, procederam contra o soberano dos Madras e o perfuraram com flechas afiadas. Então o governante dos Madras, possuidor de grande força, afligiu aquela hoste com chuvas de flechas afiadas na própria vista do rei Yudhishthira o justo.

Naquela hora diversos presságios apareceram à vista. A própria Terra, com suas montanhas, tremeu, fazendo um barulho alto. Meteoros, com pontas afiadas brilhantes como aquelas de lanças providas de cabos, atravessando o ar, caíram sobre a Terra do firmamento. Veados e búfalos e aves, ó monarca, em grandes números, colocaram teu exército à sua direita, ó rei. Os planetas Vênus e Marte, junto com Mercúrio, apareceram na retaguarda dos Pandavas e à frente de todos os senhores de terra (Kaurava). Chamas ardentes pareciam emanar das pontas de armas, deslumbrando os olhos (dos guerreiros). Corvos e corujas em grandes números pousaram sobre as cabeças dos combatentes e nos topos de seus estandartes. Então uma batalha violenta teve lugar entre os combatentes Kaurava e Pandava, reunidos juntos em grandes grupos. Então, ó rei, os Kauravas, reunindo todas as suas divisões, avançaram contra o exército Pandava. De

espírito incapaz de ser deprimido, Shalya então despejou chuvas densas de flechas sobre Yudhishthira, o filho de Kunti, como Indra de mil olhos derramando chuva em torrentes. Possuidor de grande força, ele perfurou Bhimasena, e os cinco filhos de Draupadi e Dhristadyumna, os dois filhos de Madri com Pandu, e o neto de Sini, e Shikhandi também, cada um com dez flechas equipadas com asas de ouro e afiadas em pedra. De fato, ele começou a derramar suas flechas como Maghavat (Indra) derramando chuva no fim do verão. Então os Prabhadrakas, ó rei, e os Somakas, foram vistos derrubados ou caindo aos milhares, por causa das flechas de Shalya. Numerosas como enxames de abelhas ou bandos de gafanhotos, as flechas de Shalya eram vistas cair como raios das nuvens. Elefantes e cavalos e soldados de infantaria e guerreiros em carros, afligidos pelas flechas de Shalya, caíam ou vagavam ou proferiam lamentos altos. Enfurecido com raiva e bravura, o soberano dos Madras cobriu seus inimigos naquela batalha como o Destruidor no fim do Yuga. O poderoso soberano dos Madras começou a rugir alto como as nuvens. O exército Pandava, assim massacrado por Shalya, correu em direção a Yudhishthira, o filho de Kunti (em busca de proteção). Possuidor de grande agilidade de mão, Shalya, tendo naquela batalha oprimido eles com flechas afiadas, começou a afligir Yudhishthira com uma chuva grossa de flechas. Vendo Shalya avançando impetuosamente em direção a ele com cavaleiros e soldados de infantaria, o rei Yudhishthira, cheio de ira, o deteve com flechas afiadas, assim como um elefante enfurecido é detido com ganhos de ferro. Então Shalya disparou uma flecha terrível em Yudhishthira que parecia uma cobra de veneno virulento. Atravessando o filho de grande alma de Kunti, aquela flecha caiu rapidamente sobre a terra. Então Vrikodara, cheio de fúria, perfurou Shalya com sete flechas, e Sahadeva o perfurou com cinco, e Nakula com dez. Os (cinco) filhos de Draupadi despejaram sobre aquele herói matador de inimigos, o impetuoso Artayani (Shalya), chuvas de flechas como uma massa de nuvens derramando chuva sobre uma montanha. Vendo Shalya atacado pelos Parthas de todos os lados, Kritavarma e Kripa avançaram em fúria para aquele local. Uluka também de energia poderosa, e Shakuni o filho de Subala, e o poderoso guerreiro em carro Ashvatthama com sorrisos em seus lábios, e todos os teus filhos protegeram Shalya de todas as maneiras naquela batalha. Perfurando Bhimasena com três flechas, Kritavarma, disparando uma chuva densa de flechas, deteve aquele guerreiro que então parecia ser a encarnação da ira. Excitado com raiva, Kripa atingiu Dhrishtadyumna com muitas flechas. Shakuni procedeu contra os filhos de Draupadi, e Ashvatthama contra os gêmeos. Aquele principal dos guerreiros, Duryodhana, possuidor de energia ardente, procedeu, naquela batalha, contra Keshava e Arjuna, e dotado de poder, ele atingiu ambos com muitas flechas. Assim centenas de combates, ó monarca, que eram violentos e belos, ocorreram entre teus homens e o inimigo, em diversas partes do campo. O chefe dos Bhojas então matou os cavalos marrons do carro de Bhimasena naquele combate. O filho de Pandu sem corcéis, descendo de seu carro, começou a lutar com sua maça, como o próprio Destruidor com clava erguida. O soberano dos Madras então matou os corcéis de Sahadeva diante de seus olhos. Então Sahadeva matou o filho de Shalya com sua espada. O preceptor Gautama (Kripa) mais uma vez lutou destemidamente com Dhrishtadyumna, ambos se esforçando com grande cautela. O filho do preceptor, Ashvatthama, sem muita fúria e como se

sorrindo naquela batalha, perfurou cada um dos cinco filhos heróicos de Draupadi com dez flechas. Uma vez mais os corcéis de Bhimasena foram mortos naquela batalha. O filho sem cavalos de Pandu, descendo rapidamente de seu carro, pegou sua maça como o Destruidor pegando sua clava. Excitado com cólera, aquele herói poderoso despedaçou os cavalos e o carro de Kritavarma. Saltando de seu veículo, Kritavarma então fugiu. Shalya também, excitado com raiva, ó rei, massacrou muitos Somakas e Pandavas, e afligiu novamente Yudhishthira com muitas flechas afiadas. Então o valente Bhima, mordendo seu lábio inferior, e furioso, pegou sua maça naquele combate e mirou-a em Shalya para a destruição do último. Parecendo a própria clava de Yama, pairando (sobre a cabeça do inimigo) como kala-ratri (trevas da morte), extremamente destrutiva das vidas de elefantes e cavalos e seres humanos, envolvida com tecido de ouro, parecendo com um meteoro flamejante, equipada com um gancho (com corrente), feroz como uma cobra, rígida como raio, e feita totalmente de ferro, coberta com pasta de sândalo e outros unguentos como uma dama desejável, suja com medula e gordura e sangue, parecendo a própria língua de Yama, produzindo sons agudos por causa dos sinos amarrados a ela, semelhante ao trovão de Indra, parecendo em forma uma cobra de veneno virulento totalmente livre de sua pele, encharcada com as secreções suculentas de elefantes, enchendo tropas hostis de terror e tropas aliadas de alegria, célebre no mundo dos homens, e capaz de partir topos de montanha, aquela maça, com a qual o filho poderoso de Kunti em Kailasa tinha desafiado o enfurecido Senhor de Alaka, o amigo de Maheshvara, aquela arma com a qual Bhima, embora resistido por muitos, em fúria tinha matado um grande número de Guhyakas orgulhosos dotados de poderes de ilusão no leito de Gandhamadana para obter flores Mandara para fazer o que era agradável para Draupadi, erguendo aquela maça que era valiosa com diamantes e jóias e pedras preciosas e possuidora de oito lados e célebre como o raio de Indra, o filho de braços fortes de Pandu agora avançou contra Shalya. Com aquela maça de som aterrador, Bhima, hábil em batalha, despedaçou os quatro cavalos de Shalya que eram possuidores de grande velocidade. Então o heróico Shalya, excitado com cólera naquela batalha, arremessou uma lança no peito largo de Bhima e proferiu um grito alto. Aquela lança, atravessando a armadura do filho de Pandu, penetrou em seu corpo. Vrikodara, no entanto, arrancando destemidamente aquela arma, perfurou com ela o motorista de Shalya no peito. Seus órgãos vitais perfurados, o motorista, vomitando sangue, caiu com coração agitado. Nisto, o soberano dos Madras desceu de seu carro e olhou desanimadamente para Bhima. Vendo sua própria façanha neutralizada dessa maneira, Shalya ficou muito surpreso. De alma tranquila, o soberano dos Madras pegou sua maça e começou a lançar seus olhares em seu inimigo. Vendo aquele seu feito terrível em batalha, os Parthas, com corações alegres, reverenciaram Bhima que era incapaz de se cansar com esforço.'"

12

"Sanjaya disse, 'Vendo seu motorista caído, Shalya, ó rei, pegou rapidamente sua maça feita totalmente de ferro e ficou imóvel como um touro. Bhima, no entanto, armado com sua maça poderosa, avançou impetuosamente em direção a Shalya que então parecia com o brilhante fogo Yuga, ou o Destruidor armado com o laço, ou a montanha Kailasa com seu topo formidável, ou Vasava com seu trovão, ou Mahadeva com seu tridente, ou um elefante enfurecido na floresta. Naquela hora o clangor de milhares de conchas e trombetas e rugidos leoninos altos se ergueram lá, aumentando a alegria de heróis. Os combatentes de ambos os exércitos, olhando para aqueles dois principais guerreiros de todos os lados, aplaudiram ambos, dizendo, 'Excelente, Excelente! Exceto o soberano dos Madras, ou Rama, aquele encantador dos Yadus, não há ninguém mais que possa se arriscar a resistir à impetuosidade de Bhima em batalha. Similarmente, exceto Bhima, não há outro guerreiro que possa se arriscar a aguentar a força da maça do rei ilustre dos Madras em batalha.' Aqueles dois combatentes então, Vrikodara e o soberano dos Madras, rugindo como touros, se movimentaram rapidamente em círculos, saltando frequentemente no ar. Naquele combate entre aqueles dois leões entre homens, nenhuma diferença podia ser notada entre eles em relação aos seus movimentos em círculos ou em seu manejo da maça. A maça de Shalya, envolvida com um tecido brilhante de ouro que parecia com um lençol de fogo, inspirava os espectadores com pavor. Da mesma maneira, a maça do Bhima de grande alma, enquanto o último se movia em círculos, parecia com o relâmpago no meio das nuvens. Atingida pelo soberano dos Madras com sua maça, a maça de Bhima, ó rei, produziu faíscas de fogo no céu o qual então pareceu estar em chamas. Similarmente, atingida por Bhima com sua maça, a maça de Shalya produziu uma chuva de carvões ardentes que parecia muito admirável. Como dois elefantes gigantescos atacando um ao outro com suas presas, ou dois touros enormes atingindo um ao outro com seus chifres, aqueles dois heróis começaram a golpear um ao outro com suas mais notáveis das maças, como um par de combatentes atingindo um ao outro com cassetetes protegidos com ferro. Seus membros sendo atingidos pela maça um do outro, eles logo ficaram banhados em sangue e pareciam mais belos em consequência como duas Kinsukas florescendo. Atingido pelo soberano dos Madras à sua esquerda e direita, Bhimasena de braços fortes permaneceu imóvel como uma montanha. Da mesma maneira, embora atingido repetidamente com a força da maça de Bhima, Shalya, ó rei, não se movia, como uma montanha atacada por um elefante com suas presas. O barulho feito pelos golpes das maças daqueles dois leões entre homens era ouvido em toda parte como ribombos sucessivos de trovão. Tendo parado por um momento, aqueles dois guerreiros de grande energia mais uma vez começaram, com maças erguidas, a se mover em círculos mais fechados. Mais uma vez teve lugar o choque entre aqueles dois guerreiros de façanhas sobre-humanas, cada um tendo avançado oito passos em direção ao outro, e cada um atacando o outro com sua maça de ferro erguida. Então, desejando alcançar um ao outro, eles se moveram em círculos novamente. Ambos habilidosos (no uso da maça) eles começaram a mostrar sua superioridade de habilidade. Erguendo suas

armas terríveis, eles então golpearam um ao outro novamente como montanhas atingindo uma à outra com seus topos na hora de um terremoto. Muito oprimidos pela maça um do outro por causa da força um do outro, ambos aqueles heróis caíram ao mesmo tempo como um par de postes erguidos para culto de Indra. Os bravos combatentes então de ambos os exércitos, àquela visão, proferiram gritos de 'Oh!' e 'Ai!' Atingidos com grande força em seus membros vitais, ambos tinham ficado extremamente agitados. Então o poderoso Kripa, colocando Shalya, aquele touro entre os Madras, em seu próprio carro, rapidamente o levou para longe do campo de batalha. Dentro, no entanto, de um piscar de olhos, Bhimasena, se levantando, e ainda cambaleando como se bêbado, desafiou, com maça erguida, o soberano dos Madras. Então os guerreiros heróicos do teu exército, armados com diversas armas, lutaram com os Pandavas, fazendo diversos instrumentos musicais serem soprados e batidos. Com braços e armas erguidos e fazendo um barulho alto, ó monarca, teus guerreiros encabeçados por Duryodhana avançaram contra os Pandavas. Vendo a hoste Kaurava, os filhos de Pandu, com rugidos leoninos, avançaram contra aqueles guerreiros encabeçados por Duryodhana. Então teu filho, ó touro da raça Bharata, escolhendo Chekitana entre aqueles heróis que avançavam, perfurou-o profundamente com uma lança no peito. Assim atacado por teu filho, Chekitana caiu no terraço de seu carro, coberto com sangue, e subjugado por um profundo desfalecimento. Vendo Chekitana morto, os grandes guerreiros em carros entre os Pandavas despejaram incessantemente suas chuvas de flechas (sobre os Kauravas). De fato, os Pandavas, inspirados com desejo de vitória, ó monarca, se movimentavam admiravelmente por todos os lados entre tuas divisões. Kripa, e Kritavarma, e o poderoso filho de Subala, colocando o soberano dos Madras diante deles, lutaram com o rei Yudhishthira o justo. Duryodhana, ó monarca, lutou com Dhrishtadyumna, o matador do filho de Bharadwaja, aquele herói dotado de energia e destreza abundantes. 3.000 carros, ó rei, despachados por teu filho e encabeçados pelo filho de Drona, lutaram com Vijaya (Arjuna). Todos aqueles combatentes, ó rei, tinham decidido firmemente obter vitória e rejeitado o medo em relação à própria vida. De fato, ó rei, teus guerreiros penetraram no meio do exército Pandava como cisnes em um lago vasto. Uma batalha violenta então ocorreu entre os Kurus e os Pandavas, os combatentes estando influenciados pelo desejo de matar uns aos outros e derivando grande prazer de dar e receber golpes. Durante a continuação, ó rei, daquela batalha que foi destrutiva de grandes heróis, um pó de terra, terrível de se ver, foi erguido pelo vento. Somente a partir dos nomes que nós ouvíamos (dos guerreiros Pandava) que eram proferidos no decorrer daquela batalha e daqueles (dos guerreiros Kuru) que eram proferidos pelos Pandavas, nós conhecíamos os combatentes que lutavam uns com os outros destemidamente. Aquela poeira, no entanto, ó tigre entre homens, logo foi dissipada pelo sangue que foi derramado, e todos os pontos do horizonte ficaram mais uma vez claros quando aquela escuridão empoeirada foi afastada. De fato, durante a continuação daquela batalha terrível e medonha, ninguém entre teus guerreiros ou aqueles do inimigo virou suas costas. Desejosos de alcançar as regiões de Brahman e ansiando vitória por luta justa, os combatentes mostraram sua coragem, inspirados com a esperança do céu. Para pagar a dívida que eles tinham com seus mestres por conta do sustento concedido pelos últimos, ou firmemente resolvidos a realizar os

objetivos de seus amigos e aliados, os guerreiros, com corações fixos no céu, lutaram uns com os outros naquela ocasião. Disparando e arremessando armas de diversos tipos, grandes guerreiros em carros rugiam ou golpeavam uns aos outros. ‘Mate, fure, agarre, golpeie, corte!’ Essas eram as palavras que eram ouvidas naquela batalha, proferidas pelos teus guerreiros e aqueles do inimigo. Então Shalya, ó monarca, desejoso de matá-lo, perfurou o rei Yudhishthira o justo, aquele poderoso guerreiro em carro com muitas flechas afiadas. Sabendo quais são os membros vitais do corpo, o filho de Pritha, no entanto, ó monarca, com a maior facilidade atingiu o soberano dos Madras com quatorze flechas do comprimento de uma jarda, visando os membros vitais do último. Resistindo ao filho de Pandu com suas flechas, Shalya de grande renome, cheio de raiva e desejoso de matar seu adversário, o perfurou naquela batalha com inúmeras flechas equipadas com penas Kanka. Mais uma vez, ó monarca, ele atingiu Yudhishthira com uma flecha reta na própria vista de todas as tropas. O rei Yudhishthira o justo, possuidor de grande fama e cheio de fúria, perfurou o soberano dos Madras com muitas flechas afiadas providas de penas de Kankas e pavões. O poderoso guerreiro em carro então perfurou Candrasena com setenta flechas e o motorista de Shalya com nove, e Drumasena com sessenta e quatro. Quando os dois protetores das rodas de seu carro tinham sido (assim) mortos pelo filho de grande alma de Pandu, Shalya, ó rei, matou vinte e cinco guerreiros entre os Cedis. E ele perfurou Satyaki com vinte e cinco setas afiadas, e Bhimasena com sete, e os dois filhos de Madri com cem, naquela batalha. Enquanto Shalya estava se movendo rapidamente dessa maneira naquela batalha, aquele melhor dos reis, o filho de Pritha, disparou nele muitas flechas que pareciam cobras de veneno virulento. Com uma flecha de cabeça larga, Yudhishthira o filho de Kunti então cortou de seu carro o estandarte mais alto de seu adversário quanto o último ficou em sua frente. Nós vimos o estandarte de Shalya, o qual foi assim cortado pelo filho de Pandu naquela grande batalha, cair como um topo de montanha partido. Vendo seu estandarte caído e observando o filho de Pandu permanecendo diante dele, o soberano dos Madras ficou cheio de fúria e disparou chuvas de flechas. Aquele touro entre os Kshatriyas, Shalya de alma incomensurável, despejou sobre os Kshatriyas naquela batalha chuvas grossas de flechas como a divindade das nuvens derramando torrentes de chuva. Perfurando Satyaki e Bhimasena e os filhos gêmeos de Madri com Pandu, cada um com cinco flechas, ele afligiu muito Yudhishthira. Nós então, ó monarca, vimos uma rede de flechas espalhadas diante do peito do filho de Pandu como uma massa de nuvens elevadas. O poderoso guerreiro em carro Shalya, naquela batalha, cheio de raiva, cobriu Yudhishthira com flechas retas. Nisto, o rei Yudhishthira atormentado por aquelas chuvas de flechas, sentiu-se privado de sua destreza, assim como o Asura Jambha tinha ficado diante do matador de Vritra.'"

13

"Sanjaya disse, 'Quando o rei Yudhishthira o justo foi assim afligido pelo soberano de Madras, Satyaki e Bhimasena e os dois filhos de Madri com Pandu,

cercando Shalya com seus carros, começaram a afligi-lo naquela batalha. Vendo Shalya não protegido afligido dessa maneira por aqueles grandes guerreiros em carros (e vendo-o repelir com sucesso aqueles ataques), sons altos de aplausos foram ouvidos, e os Siddhas (que testemunhavam o combate) ficaram cheios de deleite. Os ascetas, reunidos (para testemunhar a batalha), declararam que isso era extraordinário. Então Bhimasena naquele combate, tendo perfurado Shalya que tinha se tornado (como seu nome sugeria) um dardo irresistível em destreza, com uma flecha, em seguida o perfurou com sete. Satyaki, desejoso de resgatar o filho de Dharma, perfurou Shalya com cem setas e proferiu um rugido leonino alto. Nakula o perfurou com cinco flechas, e Sahadeva com sete; o último então mais uma vez o perfurou com o mesmo tanto. O soberano heróico dos Madras, lutando com cautela naquela batalha, assim afligido por aqueles poderosos guerreiros em carros, puxou um arco formidável capaz de aguentar uma grande tensão e de conceder grande força às flechas disparadas dele, e perfurou Satyaki, ó majestade, com vinte e cinco flechas e Bhima com setenta e três e Nakula com sete. Então cortando com uma flecha de cabeça larga o arco, com flecha fixada na corda de Sahadeva, ele perfurou o próprio Sahadeva, naquela batalha, com setenta e três flechas. Sahadeva então, encordoando outro arco, perfurou seu tio materno de grande esplendor com cinco flechas que pareciam cobras de veneno virulento ou fogo ardente. Cheio de grande ira, ele então atingiu o motorista de seu adversário com uma flecha reta naquela batalha e então o próprio Shalya mais uma vez com três. Então Bhimasena perfurou o soberano dos Madras com setenta flechas, e Satyaki o perfurou com nove, e o rei Yudhishthira com sessenta. Assim perfurado, ó monarca, por aqueles poderosos guerreiros em carros, sangue começou a fluir do corpo de Shalya, como rios carmesim, escorrendo pelo leito de uma montanha de greda vermelha. Shalya, no entanto, rapidamente perfurou em retorno cada um daqueles grandes arqueiros com cinco flechas, ó rei, tal façanha pareceu muito extraordinária. Com outra flecha de cabeça larga, aquele poderoso guerreiro em carro então, ó majestade, cortou o arco encordoado do filho de Dharma naquele combate. Pegando outro arco, aquele grande guerreiro em carro, o filho de Dharma, cobriu Shalya, seus cavalos, e motorista, e bandeira, e carro, com muitas flechas. Assim coberto naquela batalha pelo filho de Dharma com suas flechas, Shalya atingiu o primeiro com dez flechas afiadas. Então Satyaki, cheio de raiva ao ver o filho de Dharma afligido dessa maneira com flechas, deteve o soberano heróico dos Madras com nuvens de flechas. Nisto, Shalya cortou com uma flecha de cabeça de navalha o arco formidável de Satyaki, e perfurou cada um dos outros guerreiros Pandava com três flechas. Cheio de raiva, ó monarca, Satyaki de destreza imbatível então arremessou em Shalya uma lança equipada com uma vara dourada e decorada com muitas jóias e pedras preciosas. Bhimasena disparou nele uma flecha do comprimento de uma jarda parecendo com uma cobra flamejante; Nakula arremessou nele um dardo, Sahadeva uma maça excelente, e o filho de Dharma um Sataghni impelido pelo desejo de liquidá-lo. O soberano dos Madras, no entanto, frustrou rapidamente naquela batalha todas aquelas armas, arremessadas nele dos braços daqueles cinco guerreiros, quando elas corriam em direção ao seu carro. Com várias flechas de cabeça larga Shalya cortou a lança arremessada por Satyaki. Possuidor de destreza e grande agilidade de mão, ele cortou em dois fragmentos a flecha decorada com ouro

disparada nele por Bhima. Ele então resistiu com nuvens de flechas ao dardo terrível, equipado com uma vara dourada, que Nakula tinha disparado nele e a maça também que Sahadeva tinha jogado. Com um par de outras flechas, ó Bharata, ele cortou o Sataghni disparado nele pelo rei, na própria vista dos filhos de Pandu, e proferiu um rugido leonino alto. O neto de Sini, no entanto, não pode tolerar a derrota de sua arma naquela batalha. Insensível com raiva, Satyaki pegou outro arco e perfurou o soberano dos Madras com duas flechas e seu motorista com três. Nisto, Shalya, ó monarca, excitado com raiva, perfurou profundamente todos eles com dez flechas, como pessoas perfurando elefantes poderosos com lanças de ponta afiada. Assim reprimidos naquela batalha pelo soberano dos Madras, ó Bharata, aqueles matadores de inimigos não podiam ficar na frente de Shalya. O rei Duryodhana, vendo a destreza de Shalya, considerou os Pandavas, os Pancalas, e os Srinjayas como já mortos. Então, ó rei, o poderosamente armado Bhimasena, possuidor de grande bravura e mentalmente decidido a abandonar seus ares vitais, enfrentou o soberano dos Madras. Nakula e Sahadeva e Satyaki de grande poder, cercando Shalya, dispararam suas flechas nele de todos os lados. Embora cercado por aqueles quatro formidáveis arqueiros e poderosos guerreiros em carros entre os Pandavas, o soberano valente dos Madras ainda lutou com eles. Então, ó rei, o filho nobre de Dharma, naquela batalha terrível, cortou rapidamente com uma flecha de cabeça de navalha um dos protetores das rodas do carro de Shalya. Quando aquele bravo e poderoso guerreiro em carro, aquele protetor da roda do carro de Shalya, foi assim morto, Shalya de grande força cobriu as tropas Pandava com chuvas de flechas. Vendo suas tropas cobertas com flechas, ó monarca, naquela batalha, o rei Yudhishthira o justo começou a refletir dessa maneira, ‘Realmente, como aquelas graves palavras de Madhava se tornarão verdadeiras? Eu espero que o governante dos Madras, excitado com raiva, não aniquile meu exército em batalha.’ Então os Pandavas, ó irmão mais velho de Pandu (Dhritarashtra), com carros e elefantes e corcéis, se aproximaram do soberano dos Madras e começaram o afligi-lo de todos os lados. Como o vento dispersando massas imensas de nuvens, o rei dos Madras, naquela batalha, dispersou aquela chuva erguida de flechas e diversos outros tipos de armas em profusão. Nós então vimos a torrente de flechas aladas com ouro disparadas por Shalya correndo pelo céu como um bando de gafanhotos. De fato, aquelas flechas disparadas pelo soberano dos Madras da dianteira da batalha eram vistas caírem como bandos de aves. Com as flechas enfeitadas com ouro que saíam do arco do rei Madra, o céu, ó monarca, ficou tão cheio que não havia uma polegada de espaço vazio. Quando uma escuridão densa apareceu, causada pelas flechas atiradas pelo soberano poderoso dos Madras devido à sua extrema agilidade de mãos naquela batalha aterradora, e quando eles contemplaram a vasta hoste dos Pandavas agitada dessa maneira por aquele herói, os deuses e os Gandharvas ficaram muito admirados. Afligindo com vigor todos os guerreiros Pandava com suas flechas de todos os lados, ó senhor, Shalya cobriu o rei Yudhishthira o justo e rugiu repetidamente como um leão. Os poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, assim cobertos por Shalya naquela batalha, eram incapazes de proceder contra aquele grande herói para lutar com ele. Aqueles, no entanto, entre os Pandavas, que tinham

Bhimasena em sua chefia e que eram liderados pelo rei Yudhishthira o justo não fugiram daquele ornamento de batalha, o bravo Shalya.'"

14

"Sanjaya disse, 'Enquanto isso Arjuna, naquela batalha, perfurado com muitas flechas pelo filho de Drona como também pelos seguidores do último, os heróicos e poderosos guerreiros em carros entre os Trigartas, perfurou o filho de Drona em retorno com três flechas, e cada um dos outros guerreiros com duas. Mais uma vez o poderosamente armado Dhananjaya cobriu seus inimigos com chuvas de flechas. Embora atingidas por flechas afiadas e embora elas parecessem com porcos-espinhos por causa daquelas flechas fincadas em seus membros, ainda assim tuas tropas, ó touro da raça Bharata, não fugiram de Partha naquela batalha. Com o filho de Drona em sua liderança, eles cercaram aquele poderoso guerreiro em carro e lutaram com ele, disparando chuvas de flechas. As flechas enfeitadas com ouro, ó rei, disparadas por eles, encheram rapidamente o terraço do carro de Arjuna. Vendo aqueles dois grandes arqueiros, aqueles dois principais de todos os guerreiros, os dois Krishnas, cobertos com flechas, aqueles invencíveis combatentes (Kaurava) ficaram cheios de alegria. De fato, naquele momento, o Kuvara, as rodas, o mastro, os tirantes, a canga, e o Anukarsha, ó senhor, do carro de Arjuna ficaram completamente envolvidos com flechas. Algo igual ao que teus guerreiros então fizeram para Partha nunca antes, ó rei, tinha sido visto ou ouvido. Aquele carro parecia resplandecente com aquelas flechas afiadas de belas asas como um veículo celestial flamejando com centenas de tochas caídas sobre a Terra. Então Arjuna, ó monarca, cobriu aquela divisão hostil com chuvas de flechas retas como uma nuvem derramando torrentes de chuva em uma montanha. Atingidos naquela batalha com flechas gravadas com o nome de Partha, aqueles guerreiros, vendo aquele estado de coisas, consideraram o campo de batalha como cheio de Parthas. Então o fogo-Partha, tendo (flechas) como suas chamas maravilhosas e o som alto do Gandiva como o vento que o atiçava, começou a consumir o combustível constituído por tuas tropas. Então, ó Bharata, pilhas de rodas e cangas caídas, de aljavas, de bandeiras e estandartes, com os próprios veículos que os levavam, de varais e Anukarshas e Trivenus, de eixos e tirantes e aguilhões, de cabeças de guerreiros enfeitadas com brincos e proteções, de braços, ó monarca, e coxas às milhares, de guarda-sóis junto com leques, e de diademas e coroas, foram vistos ao longo das trilhas do carro de Partha. De fato, ao longo da trilha do carro do enfurecido Partha, ó monarca, o solo, lamacento com sangue, ficou intransitável, ó chefe dos Bharatas, como a área esportiva de Rudra. A cena inspirava os tímidos com medo e os bravos com deleite. Tendo destruído 2.000 carros com seus cercados, aquele opressor de inimigos, Partha, parecia com um fogo sem fumaça com chamas brilhantes. De fato, assim como o ilustre Agni quando ele se inflama (no fim do Yuga) para destruir o universo móvel e imóvel, assim mesmo parecia, ó rei, o poderoso guerreiro em carro Partha. Contemplando a bravura do filho de Pandu naquela batalha, o filho de Drona, em seu carro provido de muitos pendões, se esforçou

para detê-lo. Aqueles dois tigres entre homens, ambos tendo cavalos brancos unidos aos seus veículos e ambos considerados como os principais dos guerreiros em carros, rapidamente combateram um ao outro, cada um desejoso de matar o outro. As chuvas de flechas disparadas por ambos se tornaram extremamente terríveis e eram tão densas, ó touro da raça Bharata, como as torrentes de chuva despejadas por duas massas de nuvens no fim do verão. Um desafiando o outro, aqueles dois guerreiros mutilaram um ao outro com flechas retas naquela batalha, como um par de touros dilacerando um ao outro com seus chifres. A batalha entre eles, ó rei, foi lutada igualmente por um longo tempo. O estrondo de armas tornou-se terrificante. O filho de Drona então, ó Bharata, perfurou Arjuna com uma dúzia de flechas aladas com ouro de grande energia e Vasudeva com dez. Tendo mostrado por um tempo curto alguma consideração pelo filho do preceptor naquela grande batalha, Vibhatsu então, sorrindo, esticou seu arco Gandiva com força. Logo o poderoso guerreiro em Savyasaci (Arjuna) fez seu adversário ficar sem cavalos e sem motorista e sem carro, e sem aplicar muita força o perfurou com três flechas. Ficando naquele carro sem cavalos, o filho de Drona, sorrindo, arremessou no filho de Pandu um malho pesado que parecia com uma maça ameaçadora com pontas de ferro. Vendo aquela arma, a qual era decorada com tecido de ouro, correndo em direção a ele, o heróico Partha, aquele matador de inimigos, cortou-a em sete fragmentos. Vendo seu malho cortado, o filho de Drona de grande ira pegou uma maça terrível equipada com pontas de ferro e parecendo com um topo de montanha. Habilidoso em batalha, o filho de Drona a arremessou então em Partha. Vendo aquela maça com ferrões correndo em direção a ele como o próprio Destruidor em fúria, o filho de Pandu Arjuna cortou-a rapidamente com cinco flechas excelentes. Cortada pelas flechas de Partha naquela batalha magnífica, aquela arma caiu no chão, partindo os corações, por assim dizer, ó Bharata, dos reis (hostis). O filho de Pandu então perfurou o filho de Drona com três outras flechas. Embora profundamente perfurado pelo poderoso Partha, o filho de Drona, no entanto, de grande força, confiando em sua própria coragem, não mostrou sinal de medo ou agitação. Aquele grande guerreiro em carro, o filho de Drona, então, ó rei, cobriu Suratha (o Pancala) com chuvas de flechas diante dos olhos de todos os Kshatriyas. Nisto, Suratha, aquele grande guerreiro em carro entre os Pancalas, naquela batalha, sobre seu carro cujo estrépito era tão profundo como o ribombo das nuvens avançou contra o filho de Drona. Esticando o principal de seus arcos, firme e capaz de aguentar uma grande tensão, o herói Pancala cobriu Ashvatthama com flechas que pareciam chamas de fogo ou cobras de veneno virulento. Vendo o grande guerreiro em carro Suratha avançando em direção a ele em fúria, o filho de Drona ficou cheio de raiva como uma cobra atingida com um pau. Enrugando sua fronte em três linhas, e lambendo os cantos de sua boca com sua língua, ele olhou furioso para Suratha e então esfregou a corda de seu arco e disparou uma flecha afiada do comprimento de uma jarda que parecia a vara fatal da Morte. Dotada de grande velocidade, aquela flecha perfurou o coração de Suratha e atravessando-o entrou na terra, fendendo-a, como o raio de Shakra lançado do céu. Atingido por aquela flecha, Suratha caiu no chão como um topo de montanha partido pelo raio. Depois da queda daquele herói, o valente filho de Drona, aquele principal dos guerreiros em carros subiu rapidamente no veículo de seu inimigo morto. Então, ó monarca, aquele guerreiro,

invencível em batalha, o filho de Drona, bem equipado com armadura e armas, e protegido pelos Samsaptakas, lutou com Arjuna. Aquele combate, na hora do meio-dia, entre um e muitos, aumentando a população dos domínios de Yama, tornou-se extremamente feroz. Extraordinária foi a visão que nós então contemplamos, pois, notando a coragem de todos aqueles combatentes, Arjuna, sozinho e não protegido, lutou com seus inimigos ao mesmo tempo. Foi muito violento o combate que ocorreu dessa maneira entre Arjuna e seus inimigos, parecendo aquele entre Indra, nos tempos passados, e a hoste vasta dos Asuras.'"

15

"Sanjaya disse, 'Duryodhana, ó rei, e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, lutaram uma batalha feroz, usando flechas e dardos em profusão. Ambos, ó monarca, dispararam chuvas de flechas como torrentes de chuva despejadas pelas nuvens na estação chuvosa. O rei (Kuru), tendo perfurado com cinco flechas o matador de Drona, o filho de Prishata de flechas ardentes, perfurou-o novamente com sete flechas. Dotado de grande força e coragem imperturbável, Dhrishtadyumna, naquela batalha, afligiu Duryodhana com setenta flechas. Vendo o rei assim afligido, ó touro da raça Bharata, seus irmãos uterinos, acompanhados por uma grande tropa, cercaram o filho de Prishata. Cercado por aqueles Atirathas por todos os lados, o herói Pancala, ó rei, se movia rapidamente naquela batalha, mostrando sua rapidez no uso de armas. Shikhandi, protegido pelos Prabhadrakas, lutou com dois arqueiros Kuru, Kritavarma e o grande guerreiro em carro Kripa. Então também, ó monarca, aquela batalha se tornou violenta e aterradora já que os guerreiros estavam todos decididos a sacrificar suas vidas e já que todos eles lutavam fazendo da vida a aposta. Shalya, disparando chuvas de flechas para todos os lados, afligiu os Pandavas com Satyaki e Vrikodara entre eles. Com paciência e grande força, ó monarca, o rei dos Madras lutou ao mesmo tempo com os gêmeos (Nakula e Sahadeva), cada um dos quais parecia o próprio Destruidor em bravura. Os grandes guerreiros em carros entre os Pandavas que foram mutilados naquela grande batalha pelas flechas de Shalya fracassavam em achar um protetor. Então o heróico Nakula, o filho de Madri, vendo o rei Yudhishthira o justo muito atormentado, avançou com velocidade contra seu tio materno. Cobrindo Shalya naquela batalha (com muitas flechas), Nakula, aquele matador de heróis hostis, sorrindo, perfurou-o no centro do peito com dez flechas, feitas totalmente de ferro, polidas pelas mãos do ferreiro, equipadas com asas de ouro, afiadas em pedra, e impelidas de seu arco com grande força. Afligido por seu ilustre sobrinho, Shalya afligiu seu sobrinho em retorno com muitas flechas retas. Então o rei Yudhishthira, e Bhimasena, e Satyaki, e Sahadeva, o filho de Madri, todos avançaram contra o soberano dos Madras. O subjugador de inimigos, o generalíssimo do exército Kuru recebeu naquela batalha todos aqueles heróis que avançaram em direção a ele rapidamente, enchendo os pontos cardeais e secundários do horizonte com o estrépito de seus carros e fazendo Terra tremer com isso. Perfurando Yudhishthira com três flechas e Bhima com sete, Shalya perfurou Satyaki com cem fechas naquela batalha e Sahadeva com três. Então o

soberano dos Madras, ó majestade, cortou, com uma flecha de cabeça de navalha, o arco com flecha fixada nele de Nakula de grande alma. Atingido pelas flechas de Shalya, aquele arco se partiu em pedaços. Pegando outro arco, o filho de Madri, aquele grande guerreiro em carro rapidamente cobriu o soberano dos Madras com flechas aladas. Então Yudhishthira e Sahadeva, ó senhor, cada um perfurou o soberano dos Madras com dez flechas no peito. Bhimasena e Satyaki, avançando no soberano dos Madras, ambos o atingiram com flechas aladas com penas Kanka, o primeiro com sessenta, e o último com nove. Cheio de raiva nisto, o soberano dos Madras perfurou Satyaki com nove flechas e novamente com setenta flechas retas. Então, ó senhor, ele cortou no cabo o arco, com flecha fixada nele, de Satyaki e então despachou os quatro corcéis do último para a residência de Yama. Tendo feito Satyaki ficar sem carro, aquele poderoso guerreiro em carro, o governante dos Madras, o atingiu com cem flechas de todos os lados. Ele em seguida perfurou os dois filhos enfurecidos de Madri, e Bhimasena o filho de Pandu, e Yudhishthira, ó tu da linhagem de Kuru, com dez flechas cada um. A destreza que nós então vimos do soberano dos Madras foi muito extraordinária, já que os Parthas, mesmo unidamente, não podiam se aproximar dele naquela batalha. Sendo levado então sobre outro carro, o poderoso Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada, vendo os Pandavas afligidos e sucumbindo ao soberano dos Madras, avançou com velocidade contra ele. Aquele ornamento de assembléias, Shalya, em seu carro, avançou contra o carro de Satyaki, como um elefante furioso contra outro. O conflito que então ocorreu entre Satyaki e o soberano heróico dos Madras tornou-se violento e maravilhoso de se contemplar, assim como aquele que ocorreu nos tempos passados entre o Asura Samvara e o chefe dos celestiais. Vendo o soberano dos Madras permanecendo à frente dele naquele combate, Satyaki perfurou-o com dez flechas e disse, ‘Espere, Espere!’ Profundamente perfurado por aquele guerreiro de grande alma, o soberano dos Madras perfurou Satyaki em retorno com flechas afiadas providas de penas belas. Aqueles grandes arqueiros então, os Parthas, vendo o rei dos Madras atacado por Satyaki, avançaram rapidamente em direção a ele pelo desejo de matar aquele tio materno deles. O combate que então ocorreu entre aqueles heróis que se esforçavam, marcado por um grande fluxo de sangue, tornou-se muito impressionante, como aquele que ocorre entre vários leões rugindo. A luta, ó monarca, que ocorreu entre eles parecia aquela que ocorre entre vários leões rugindo lutando entre si por causa de carne. Com as chuvas densas de flechas disparadas por eles, a Terra ficou totalmente envolvida, e o céu também se tornou subitamente uma massa de flechas. Por todo o campo uma escuridão foi causada por aquelas flechas. De fato, com as flechas disparadas por aqueles guerreiros ilustres, uma sombra como aquela das nuvens foi causada lá. Então, ó rei, com aquelas flechas brilhantes disparadas pelos guerreiros, que eram equipadas com asas de ouro e que pareciam com cobras totalmente livres de suas peles, os pontos do horizonte pareciam estar em chamas. Aquele matador de inimigos, Shalya, então realizou a façanha mais admirável, já que aquele herói sozinho e não protegido lutou com muitos heróis naquela batalha. A terra ficou coberta com as flechas brilhantes, providas de penas de Kankas e pavões, que caíam, disparadas dos braços do soberano dos Madras. Então, ó rei, nós vimos o carro de Shalya correndo a toda velocidade

naquela batalha terrível como o carro de Shakra nos tempos antigos na ocasião da destruição dos Asuras.'"

16

"Sanjaya disse, 'Então, ó senhor, tuas tropas, com Shalya em sua dianteira, avançaram novamente contra os Parthas naquela batalha com grande impetuosidade. Embora afligidas, ainda aquelas tuas tropas, que eram ferozes em batalha, avançando contra os Parthas, logo os agitaram por causa de seu número superior. Atacadas pelos Kurus, as tropas Pandava, na própria vista dos dois Krishnas, não ficaram no campo, embora Bhimasena procurasse detê-las. Cheio de raiva nisto, Dhananjaya cobriu Kripa e seus seguidores, como também Kritavarma, com chuvas de flechas. Sahadeva reprimiu Shakuni com todas as suas tropas. Nakula lançou seus olhares no soberano dos Madras de um de seus flancos. Os (cinco) filhos de Draupadi reprimiram numerosos reis (do exército Kuru). O príncipe Pancala Shikhandi resistiu ao filho de Drona. Armado com sua maça, Bhimasena manteve o rei sob controle, e o filho de Kunti Yudhishthira resistiu a Shalya na vanguarda de suas tropas. A batalha então começou novamente entre aqueles pares quando eles se encontraram, entre teus guerreiros e aqueles do inimigo, nenhum dos quais alguma vez tinha fugido da luta. Nós então vimos o feito muito extraordinário que Shalya realizou, já que, sozinho, ele lutou com o exército Pandava inteiro. Shalya então, quando ele estava na vizinhança de Yudhishthira naquela batalha, parecia com o planeta Saturno na vizinhança da Lua. Afligindo o rei com flechas que pareciam cobras de veneno virulento, Shalya avançou contra Bhima, cobrindo-o com chuvas de flechas. Vendo aquela agilidade de mão e aquele domínio sobre armas mostrado por Shalya as tropas de ambos os exércitos o aplaudiram muito. Afligidos por Shalya os Pandavas, extremamente mutilados, fugiram, deixando a batalha, e desconsiderando os gritos de Yudhishthira mandando eles pararem. Enquanto suas tropas estavam sendo massacradas dessa maneira pelo soberano dos Madras, o filho de Pandu, o rei Yudhishthira o justo, ficou cheio de raiva. Confiando em sua destreza, aquele poderoso guerreiro em carro começou a afligir o soberano dos Madras, decidido ou a ganhar a batalha ou encontrar com a morte. Convocando todos os seus irmãos e também Krishna da linhagem de Madhu, ele disse a eles, 'Bhishma, e Drona, e Karna, e os outros reis que empregaram sua destreza pelos Kauravas, todos pereceram em batalha. Vocês todos tem exercido seu valor de acordo com sua coragem e em relação às partes designadas para vocês. Somente uma parte, a minha, que é constituída pelo poderoso guerreiro em carro Shalya, resta. Eu desejo derrotar aquele soberano dos Madras hoje em batalha. Quaisquer desejos que eu tenha com relação à realização dessa tarefa eu agora direi a vocês. Estes dois heróis, os dois filhos de Madravati, se tornarão os protetores das minhas rodas. Eles são considerados como heróis incapazes de serem subjugados pelo próprio Vasava. Mantendo os deveres de um Kshatriya diante deles, estes dois que são dignos de todas as honras e que são firmes em seus votos lutarão com seu tio materno. Ou Shalya me matará em batalha ou eu irei matá-lo. Abençoados sejam vocês. Escutem essas palavras verdadeiras, ó

mais notáveis dos heróis no mundo. Cumpridor dos deveres Kshatriya, eu lutarei com meu tio materno, ó senhores de terra, firmemente resolvido ou a obter vitória ou ser morto. Que aqueles que equipam carros abasteçam rapidamente meu veículo, segundo as regras de ciência, com armas e todos os tipos de instrumentos em uma quantidade maior do que a de Shalya. O neto de Sini protegerá minha roda direita, e Dhrishtadyumna minha esquerda. Que o filho de Pritha Dhananjaya proteja hoje minha retaguarda. E que Bhima, aquele principal de todos os manejadores de armas, lute na minha frente. Eu assim serei superior a Shalya na grande batalha que acontecerá.' Assim endereçados pelo rei, todos os seus benquerentes fizeram como ele tinha requisitado. Então as tropas Pandava mais uma vez ficaram cheias de alegria, especialmente os Pancalas, os Somakas e os Matsyas. Tendo feito aquele voto, o rei procedeu contra o soberano dos Madras. Os Pancalas então sopraram inúmeras conchas e bateram inúmeras baterias e proferiram rugidos leoninos. Dotados de grande energia e cheios de fúria, eles avançaram, com gritos altos de alegria, contra o soberano dos Madras, aquele touro entre os Kurus. E eles fizeram a Terra ressoar com o barulho dos sinos dos elefantes, e o clangor alto de conchas e trombetas. Então teu filho e o valente soberano dos Madras, como as colinas Udaya e Asta, receberam aqueles atacantes. Se gabando de sua destreza em batalha, Shalya despejou uma chuva de flechas naquele castigador de inimigos, o rei Yudhishthira o justo, como Maghavat derramando chuva. O rei de grande alma dos Kurus, também tendo pegado seu belo arco mostrou aqueles diversos tipos de lições que Drona tinha ensinado a ele. E ele despejou sucessivas chuvas de setas extraordinariamente, rapidamente, e com grande habilidade. Enquanto ele se movimentava em batalha ninguém podia notar quaisquer lapsos nele. Shalya e Yudhishthira, ambos dotados de grande destreza em batalha, mutilaram um ao outro, como um par de tigres lutando por um pedaço de carne. Bhima estava envolvido em combate com teu filho, aquele encantador em batalha. O príncipe Pancala (Dhrishtadyumna), Satyaki, e os dois filhos de Madri com Pandu receberam Shakuni e os outros heróis Kuru em volta. Por consequência da tua má política, ó rei, ocorreu novamente lá naquele local uma batalha terrível entre teus guerreiros e aqueles do inimigo, todos os quais estavam inspirados com o desejo de vitória. Duryodhana então, com uma flecha reta, mirando no estandarte enfeitado com ouro de Bhima, cortou-o naquela batalha. O belo estandarte de Bhimasena, adornado com muitos sinos, caiu, ó concessor de honras. Mais uma vez o rei, com uma flecha afiada de cabeça de navalha, cortou o belo arco de Bhima que parecia com a tromba de um elefante. Dotado de grande energia, Bhima sem arco então, aplicando sua destreza perfurou o peito do teu filho com um dardo. Nisto, teu filho sentou-se no terraço de seu carro. Quando Duryodhana desmaiou, Vrikodara mais uma vez, com uma flecha de face de navalha, cortou a cabeça de seu motorista de seu tronco. Os cavalos do carro de Duryodhana, privados de seu condutor, correram de modo selvagem para todos os lados, ó Bharata, arrastando o carro atrás deles, no que altos lamentos se ergueram (no exército Kuru). Então o poderoso guerreiro em carro Ashvatthama, e Kripa e Kritavarma seguiram aquele carro, desejosos de resgatar teu filho. As tropas (Kaurava, à visão disto) ficaram extremamente agitadas. Os seguidores de Duryodhana ficaram apavorados. Naquele momento, o manejador do Gandiva, esticando seu arco, começou a matá-los com suas

flechas. Então Yudhishthira, excitado com raiva, avançou contra o soberano dos Madras, ele mesmo incitando seus cavalos brancos como marfim e rápidos como pensamento. Nós então vimos algo que era extraordinário em Yudhishthira, o filho de Kunti, pois embora muito suave e brando ele então se tornou extremamente feroz. Com olhos arregalados e corpo tremendo em fúria, o filho de Kunti cortou guerreiros hostis às centenas e milhares por meio de suas flechas afiadas. Aqueles entre os soldados contra quem o Pandava mais velho procedeu foram derrubados por ele, ó rei, como topos de montanha partidos pelo raio. Lançando por terra carros com cavalos e motoristas e bandeiras e derrubando guerreiros em carros em grandes números, Yudhishthira, sem qualquer ajuda, começou a se divertir lá como um vento poderoso destruindo massas de nuvens. Cheio de raiva, ele destruiu cavalos com cavaleiros e cavalos sem cavaleiros e soldados de infantaria aos milhares naquela batalha, como Rudra destruindo criaturas vivas (na época da dissolução universal). Tendo feito o campo vazio por disparar suas flechas para todos os lados, Yudhishthira avançou contra o soberano dos Madras e disse, 'Espere, Espere!' Contemplando as façanhas então daquele herói de feitos terríveis, todos os teus guerreiros ficaram cheios de temor. Shalya, no entanto, procedeu contra ele. Os dois cheios de raiva, ambos sopraram suas conchas. Voltando e desafiando um ao outro, eles então se enfrentaram. Então Shalya cobriu Yudhishthira com chuvas de flechas. Similarmente, o filho de Kunti cobriu o soberano dos Madras com chuvas de flechas. Então aqueles dois heróis, o soberano dos Madras e Yudhishthira, mutilados naquela batalha pelas flechas um do outro e banhados em sangue, pareciam com uma árvore Salmali e uma Kinsuka decoradas com flores. Ambos possuidores de esplendor e ambos invencíveis em batalha, aqueles dois guerreiros ilustres proferiram rugidos altos. Vendo ambos, os soldados não podiam concluir qual deles seria vitorioso. Se o filho de Pritha desfrutaria da Terra, tendo matado Shalya, ou se Shalya tendo matado o filho de Pandu entregaria a Terra para Duryodhana, não podia ser determinado, ó Bharata, pelos guerreiros lá presentes. O rei Yudhishthira, no decorrer daquela batalha, colocou seus inimigos à sua direita. Então Shalya disparou cem das flechas principais em Yudhishthira. Com outra flecha muito afiada ele cortou o arco do último. Pegando outro arco, Yudhishthira perfurou Shalya com trezentas flechas e cortou o arco do último com uma flecha de face de navalha. O filho de Pandu então matou os quatro corcéis de seu oponente com algumas flechas retas. Com duas outras flechas muito afiadas ele então cortou os dois motoristas Parshni de Shalya. Então com outra flecha brilhante, bem temperada e afiada, ele cortou a bandeira de Shalya que estava na sua frente. Então, ó castigador de inimigos, o exército de Duryodhana se rompeu. O filho de Drona, nesse momento, procedeu depressa em direção ao soberano dos Madras que tinha sido reduzido àquela situação difícil, e colocando-o rapidamente em seu próprio carro, fugiu rapidamente. Depois que os dois tinham prosseguido por um momento, eles ouviram Yudhishthira rugir alto. Parando, o soberano dos Madras então subiu em outro carro que tinha sido equipado devidamente. Aquele melhor dos carros tinha um estrépito profundo como o ribombo das nuvens. Bem equipado com armas e instrumentos e todos os tipos de utensílios, aquele veículo fazia os cabelos de inimigos se arrepiarem.'"

17

"Sanjaya disse, 'Pegando outro arco que era muito forte e muito mais resistente, o soberano dos Madras perfurou Yudhishthira e rugiu como um leão. Então aquele touro entre os Kshatriyas, de alma incomensurável, despejou sobre todos os Kshatriyas chuvas de flechas, assim como a divindade das nuvens derramando chuva em torrentes. Perfurando Satyaki com dez flechas e Bhima com três e Sahadeva com o mesmo tanto, ele afligiu muito Yudhishthira. E ele afligiu todos os outros grandes arqueiros com seus corcéis e carros e elefantes com muitas flechas como caçadores afligindo elefantes com tições ardentes. De fato, aquele principal dos guerreiros em carros destruiu elefantes e condutores de elefantes, cavalos e cavaleiros e carros e guerreiros em carros. E ele cortou os braços de combatentes com armas em punho e estandartes de veículos, e fez o solo ser coberto com guerreiros (mortos) como o altar sacrifical com folhas de erva Kusa. Então os Pandus, os Pancalas, e os Somakas, cheios de raiva, cercaram aquele herói que estava massacrando suas tropas dessa maneira como a Morte todo-destrutiva. Bhimasena e o neto de Sini, e aqueles dois principais dos homens os dois filhos de Madri, cercaram aquele guerreiro enquanto ele estava lutando com o rei (Pandava) de poder terrível. E todos eles o desafiaram para a batalha. Então aqueles heróis, ó rei, tendo alcançado o soberano dos Madras, aquele principal dos guerreiros, em batalha, reprimiram aquele principal dos homens naquele combate e começaram a atacá-lo com flechas aladas de energia ardente. Protegido por Bhimasena, e pelos dois filhos de Madri, e por ele da linhagem de Madhu, o nobre filho de Dharma atingiu o soberano dos Madras no centro do peito com flechas aladas de energia ardente. Então os guerreiros em carros e outros combatentes do teu exército, vestidos em armadura e equipados com armas, vendo o soberano dos Madras extremamente afligido com flechas naquela batalha, o cercaram por todos os lados, por ordem de Duryodhana. O soberano dos Madras nessa hora perfurou rapidamente Yudhishthira com sete flechas naquela batalha. O filho de grande alma de Pritha, ó rei, em retorno, perfurou seu inimigo com nove flechas naquele combate aterrador. Aqueles dois grandes guerreiros em carros, o soberano dos Madras e Yudhishthira, começaram a cobrir um ao outro com flechas, lavadas em óleo e disparadas das cordas de seus arcos esticadas até suas orelhas. Aqueles dois melhores dos reis, ambos dotados de grande força, ambos incapazes de ser derrotados por inimigos, e ambos principais dos guerreiros em carros, atentos aos descuidos um do outro, rapidamente e profundamente perfuraram um ao outro com flechas. O barulho alto de seus arcos, cordas de arco, e palmas parecia aquele do trovão de Indra enquanto aqueles guerreiros de grande alma, o bravo soberano dos Madras e o heróico Pandava, despejavam um sobre o outro suas inúmeras flechas. Eles se moviam rapidamente no campo de batalha como dois tigres jovens na floresta profunda lutando por um pedaço de carne. Cheios de orgulho de bravura, eles mutilaram um ao outro como um par de elefantes enfurecidos providos de presas poderosas. Então o ilustre soberano dos Madras, dotado de impetuosidade feroz, aplicando seu vigor, perfurou o heróico Yudhishthira de poder terrível no peito com uma flecha possuidora do esplendor do fogo ou do sol. Profundamente perfurado, ó rei,

aquele touro da raça Kuru, o ilustre Yudhishthira, então atingiu o soberano dos Madras com uma flecha bem disparada e ficou cheio de alegria. Recuperando seus sentidos dentro de um instante, aquele principal dos reis (Shalya), possuidor de destreza igual àquela dele de 1.000 olhos, com olhos vermelhos de raiva, atacou rapidamente o filho de Pritha com cem flechas. Nisto, o filho ilustre de Dharma cheio de ira perfurou rapidamente o peito de Shalya e então, sem perder um momento, atingiu sua armadura dourada com seis flechas. Cheio de alegria, o soberano dos Madras então, esticando seu arco e tendo disparado muitas flechas, finalmente cortou, com um par de flechas de face de navalha, o arco de seu nobre inimigo, aquele touro da raça Kuru. O ilustre Yudhishthira então, pegando um arco novo e mais formidável naquela batalha, perfurou Shalya com muitas flechas de pontas afiadas de todos os lados como Indra perfurando o Asura Namuchi. O ilustre Shalya então, cortando as cotas de malha douradas de Bhima e do rei Yudhishthira com nove flechas, perfurou os braços de ambos. Com outra flecha de face de navalha dotada do esplendor do fogo ou do sol, ele então cortou o arco de Yudhishthira. Nesse momento Kripa, com seis flechas, matou o motorista do rei que então caiu na frente ao carro. O soberano dos Madras então matou com quatro flechas os quatro corcéis de Yudhishthira. Tendo matado os corcéis do rei, Shalya de grande alma então começou a matar as tropas do nobre filho de Dharma. Quando o rei (Pandava) tinha sido levado àquela situação, o ilustre Bhimasena, cortando rapidamente o arco do rei Madra com uma flecha de grande impetuosidade, perfurou profundamente o próprio rei com um par de flechas. Com outra flecha ele cortou a cabeça do motorista de Shalya de seu tronco, o meio do qual estava envolvido em armadura. Extremamente excitado com raiva, Bhimasena matou em seguida, sem tardar um momento, os quatro corcéis também de seu inimigo. Aquele principal de todos os arqueiros, Bhima, então cobriu com cem flechas aquele herói (Shalya), que, dotado de grande impetuosidade, estava se movendo rapidamente sozinho naquela batalha. Sahadeva, o filho de Madri, também fez o mesmo. Vendo Shalya entorpecido por aquelas flechas, Bhima cortou sua armadura com outras flechas. Sua armadura tendo sido cortada por Bhimasena, o soberano de grande alma dos Madras, pegando uma espada e um escudo ornado com 1.000 estrelas, saltou de seu carro e avançou em direção ao filho de Kunti. Cortando o varal do carro de Nakula, Shalya de força terrível avançou em direção a Yudhishthira. Vendo Shalya avançando impetuosamente em direção ao rei, assim como o próprio Destruidor avançando em fúria, Dhristadyumna e Shikhandi e os (cinco) filhos de Draupadi e o neto de Sini avançaram subitamente em direção a ele. Então o ilustre Bhima cortou com dez flechas o escudo incomparável do herói que avançava. Com outra flecha de cabeça larga ele cortou a espada também daquele guerreiro no punho. Cheio de alegria por isto, ele rugiu alto no meio das tropas. Vendo aquele feito de Bhima, todos os principais guerreiros em carros entre os Pandavas ficaram cheios de alegria. Dando risadas altas, eles proferiram rugidos ferozes e sopraram suas conchas brancas como a lua. Por causa daquele barulho terrível o exército protegido por teus heróis ficou desanimado, coberto com suor, banhado em sangue, extremamente triste e quase sem vida. O soberano dos Madras atacado por aqueles principais dos guerreiros Pandava encabeçados por Bhimasena prosseguiu (indiferente a deles) em direção a Yudhishthira, como um leão

procedendo para capturar um veado. O rei Yudhishthira o justo, sem cavalos e sem motorista, parecia com um fogo flamejante por causa da fúria com a qual ele estava então excitado. Vendo o soberano dos Madras diante dele, ele avançou em direção àquele inimigo com grande impetuosidade. Lembrando das palavras de Govinda, ele rapidamente colocou seu coração na destruição de Shalya. De fato, o rei Yudhishthira o justo, permanecendo em seu carro sem cavalos e sem motorista, desejou pegar um dardo. Observando aquele feito de Shalya e refletindo sobre o fato que o herói que tinha sido designado para ele como sua parte ainda permanecia vivo, o filho de Pandu colocou firmemente seu coração em efetuar aquilo que o irmão mais novo de Indra o tinha aconselhado realizar. O rei Yudhishthira o justo pegou um dardo cujo cabo era enfeitado com ouro e pedras preciosas e cuja refulgência era tão brilhante como aquela do ouro. Rolando seus olhos que estavam arregalados, ele lançou seus olhares no soberano dos Madras, seu coração cheio de raiva. Assim olhado, ó deus entre homens, por aquele rei de alma limpa e pecados todos purificados, o soberano dos Madras não foi reduzido a cinzas. Isso nos pareceu ser muito surpreendente, ó monarca. O chefe ilustre dos Kurus então arremessou com grande força no rei dos Madras aquele dardo brilhante de cabo belo e ardente e refulgente com pedras preciosas e corais. Todos os Kauravas viram aquele dardo resplandecente emitindo faíscas de fogo quando ele atravessou o céu depois de ter sido arremessado com grande força, assim como um meteoro grande caindo dos céus no fim do Yuga. O rei Yudhishthira o justo, naquela batalha, lançou cuidadosamente aquele dardo que parecia kala-ratri (a Noite da Morte) armado com o laço fatal ou a mãe adotiva de aspecto medonho do próprio Yama, e o qual como a maldição do Brahmana era incapaz de ser frustrado. Cuidadosamente os filhos de Pandu sempre tinham adorado aquela arma com perfumes e guirlandas e principais dos assentos e os melhores tipos de iguarias e bebidas. Aquela arma parecia flamejar como fogo-Samvartaka e era tão ameaçador como um rito realizado segundo o Atharvan de Agnirasa. Criado por Tvashtri (o artífice celeste) para o uso de Ishana, ele era um consumidor dos ares vitais e dos corpos de todos os inimigos. Ele era capaz de destruir por meio de sua força a Terra e o céu e todos os receptáculos de água e criaturas de todas as espécies. Adornado com sinos e pendões e pedras preciosas e diamantes e enfeitado com pedras de lápis lazúli e equipado com um cabo dourado, o próprio Tvashtri o tinha forjado com grande cuidado depois de ter observado muitos votos. Infalivelmente fatal, ele era destrutivo de todos os que odiavam Brahma. Tendo-o inspirado atentamente com muitos mantras aterradores, e o dotado de velocidade terrível pelo exercício de grande poder e grande cautela, o rei Yudhishthira arremessou-o pelo melhor dos caminhos para a destruição do soberano dos Madras. Dizendo em uma voz alta as palavras, ‘Tu estás morto, ó canalha!’ o rei o arremessou, assim como Rudra tinha, nos tempos passados, disparado sua flecha para a destruição do asura Andhaka, esticando seu forte braço (direito) agraciado com uma mão bela, e aparentemente dançando em fúria.

Shalya, no entanto, rugiu alto e se esforçou para pegar aquele dardo excelente de energia irresistível arremessado por Yudhishthira com toda força, assim como um fogo salta para pegar um jato de manteiga clarificada despejada sobre ele.

Atravessando seus próprios órgãos vitais e seu peito formoso e largo, aquele dardo entrou na terra tão facilmente como ele entraria em água sem a menor resistência e levando embora (com ele) a fama mundial do rei (dos Madras). Coberto com o sangue que emanava de suas narinas e olhos e orelhas e boca, e aquele que fluía de seu ferimento, ele então parecia com a montanha Krauncha de tamanho gigantesco quando ela foi perfurada por Skanda. Sua armadura tendo sido cortada por aquele descendente da linhagem de Kuru, o ilustre Shalya, forte como o elefante de Indra, esticando seus braços, caiu no chão, como um topo de montanha partido pelo raio. Esticando seus braços, o soberano dos Madras caiu no solo, com rosto dirigido para o rei Yudhishthira o justo, como um estandarte alto erigido para honra de Indra caído no chão. Como uma esposa querida avançando para receber seu caro marido prestes a cair em seu peito, a terra então pareceu, por afeição, se erguer um pouco para receber aquele touro entre homens quando ele caiu com membros mutilados banhados em sangue. O pujante Shalya, tendo desfrutado da terra por longo tempo como uma esposa querida, agora parecia dormir sobre o peito da terra, a abraçando com todos os seus membros. Morto pelo filho de Dharma de alma virtuosa em luta justa, Shalya pareceu assumir o aspecto de um fogo vistoso jazendo extinguido na plataforma sacrifical. Embora privado de armas e estandarte, e embora seu coração tivesse sido trespassado, a beleza ainda não pareceu abandonar o soberano sem vida dos Madras. Então Yudhishthira, pegando seu arco cujo esplendor parecia aquele do arco de Indra, começou a destruir seus inimigos naquela batalha como o príncipe das aves destruindo cobras. Com a maior velocidade ele começou a cortar os corpos de seus inimigos com suas flechas afiadas. Com as chuvas de flechas que o filho de Pritha então disparou, tuas tropas ficaram totalmente encobertas. Dominados pelo medo e com olhos fechados, eles começaram golpear uns aos outros (tão estupefatos eles estavam então). Com sangue emanando de seus corpos, eles ficaram privados de suas armas de ataque e defesa e privados de seus ares vitais. Após a queda de Shalya, o irmão mais jovem do rei dos Madras, que era igual ao seu irmão (falecido) em todas as habilidades, e que era considerado como um poderoso guerreiro em carro procedeu contra Yudhishthira. Invencível em batalha, desejoso de pagar as últimas dívidas de seu irmão, aquele principal dos homens rapidamente perfurou o Pandava com muitas flechas. Com grande velocidade o rei Yudhishthira o justo o perfurou com seis flechas. Com um par de flechas de face de navalha ele então cortou o arco e o estandarte de seu antagonista. Então com uma flecha brilhante e afiada de grande força e cabeça larga ele cortou a cabeça de seu inimigo que estava diante dele. Eu vi aquela cabeça enfeitada com brincos cair do carro como um habitante do céu caindo ao esgotamento de seus méritos. Vendo seu tronco sem cabeça, completamente banhado em sangue, caído do carro, as tropas Kaurava se dividiram. De fato, após a morte do irmão mais novo dos Madras vestido em bela armadura, os Kurus, proferindo gritos de ‘Ai!’ e ‘Oh!’ fugiram com rapidez. Vendo o irmão mais novo de Shalya morto, tuas tropas, sem esperança com relação a suas vidas, ficaram cheias de medo dos Pandavas e fugiram, cobertas com poeira. O neto de Sini então, Satyaki, ó touro da raça Bharata, disparando suas flechas, procedeu contra os apavorados Kauravas enquanto os últimos estavam fugindo. Então o filho de Hridika, ó rei, rapidamente e destemidamente recebeu aquele guerreiro invencível, aquele arqueiro irresistível

e poderoso, quando ele avançou (contra o exército vencido). Aqueles dois heróis ilustres e invencíveis da linhagem de Vrishni, o filho de Hridika e Satyaki, enfrentaram um ao outro como dois leões furiosos. Ambos parecendo o sol em refulgência, eles cobriram um ao outro com flechas de esplendor flamejante que pareciam os raios do sol. As flechas daqueles dois leões da raça Vrishni, disparadas violentamente de seus arcos, nós vimos, pareciam com insetos voando rapidamente no céu. Perfurando Satyaki com dez flechas e seus corcéis com três, o filho de Hridika cortou seu arco com uma flecha reta. Colocando de lado o melhor dos seus arcos que tinha sido cortado dessa maneira, aquele touro da raça Sini pegou rapidamente outro que era mais resistente do que o primeiro. Tendo pegado aquele mais notável dos arcos, aquele principal dos arqueiros perfurou o filho de Hridika com dez flechas no centro do peito. Então cortando seu carro e o varal também daquele carro com muitas flechas bem disparadas, Satyaki matou rapidamente os corcéis de seu oponente como também seus dois motoristas Parshni. O valente Kripa então, o filho de Saradwat, ó senhor, vendo o filho de Hridika sem carro, rapidamente o levou para longe, recebendo-o em seu carro. Após a morte do rei dos Madras e após Kritavarma ficar sem carro, o exército inteiro de Duryodhana mais uma vez desviou seu rosto da batalha. Nesse momento o exército foi coberto com uma nuvem de poeira. Nós não podíamos ver nada. A maior parte, no entanto, do teu exército caiu. Aqueles que permaneceram vivos tinham desviado seus rostos da batalha. Logo foi visto que aquela nuvem de pó de terra que tinha se erguido baixou, ó touro entre homens, por causa dos diversos rios de sangue que a encharcaram por todos os lados. Então Duryodhana, vendo de um ponto próximo seu exército dividido, resistiu sozinho a todos os Parthas avançando furiosamente. Vendo os Pandavas em seus carros como também Dhrishtadyumna o filho de Prishata e o invencível chefe dos Anartas (Satyaki), o rei Kuru cobriu todos eles com setas afiadas. O inimigo (naquela hora) não se aproximou dele, como criaturas mortais temendo se aproximar do Destruidor colocado diante delas. Enquanto isso o filho de Hridika, em outro carro, avançou para aquele local. O poderoso guerreiro em carro Yudhishthira então matou rapidamente os quatro corcéis de Kritavarma com quatro flechas, e perfurou o filho de Gotama com seis flechas de cabeça larga de grande força. Então Ashvatthama, recebendo em seu carro o filho de Hridika que tinha ficado sem cavalos e sem carro pelo rei (Pandava), levou-o para longe da presença de Yudhishthira. O filho de Saradwat perfurou Yudhishthira em retorno com oito flechas e seus cavalos também com oito flechas afiadas. Assim, ó monarca, as brasas daquela batalha começaram a brilhar aqui e ali, em consequência, ó rei, da má política tua e do teu filho, ó Bharata. Depois da morte daquele principal dos arqueiros no campo de batalha por aquele touro da raça Kuru, os Parthas, vendo Shalya morto, se uniram, e cheios de grande alegria, sopraram suas conchas. E todos eles aplaudiram Yudhishthira naquela batalha, assim como os celestiais nos tempos antigos aplaudiram Indra depois da morte de Vritra. E eles tocaram e sopraram diversos tipos de instrumentos musicais, fazendo a Terra ressoar em toda parte com aquele barulho.'"

18

"Sanjaya disse, 'Depois da morte de Shalya, ó rei, os seguidores do rei Madra, numerando dezessete centenas de heróicos guerreiros em carros, procederam para lutar com grande energia. Duryodhana montado sobre um elefante gigantesco como uma colina, com um guarda-sol suspenso sobre sua cabeça, e abanado com rabos de iaque, proibiu os guerreiros Madraka, dizendo, 'Não procedam, não procedam!' Embora repetidamente proibidos por Duryodhana, aqueles heróis, desejosos de matar Yudhishthira, penetraram na hoste Pandava. Aqueles bravos combatentes, ó monarca, leais a Duryodhana, vibrando seus arcos ruidosamente, lutaram com os Pandavas. Enquanto isso, sabendo que Shalya tinha sido morto e Yudhishthira estava sendo afligido pelos poderosos guerreiros em carros dos Madrakas dedicados ao bem-estar do rei Madraka, o grande guerreiro em carro Partha foi lá, esticando seu arco Gandiva, e enchendo a Terra com o estrépito de seu carro. Então Arjuna, e Bhima, e os dois filhos de Madri com Pandu, e aquele tigre entre homens, Satyaki, e os (cinco) filhos de Draupadi, e Dhrishtadyumna, e Shikhandi, e os Pancalas e os Somakas, desejosos de salvar Yudhishthira, o cercaram por todos os lados. Tendo tomado seus lugares em volta do rei, os Pandavas, aqueles touros entre homens, começaram a agitar a tropa hostil como Makaras agitando o oceano. De fato, eles fizeram teu exército tremer como uma tempestade poderosa sacudindo as árvores. Como o grande rio Ganges agitado por um vento hostil, a hoste Pandava, ó rei, mais uma vez ficou extremamente agitada. Fazendo aquela poderosa hoste tremer, os ilustres e poderosos guerreiros em carros (os Madrakas), todos gritaram ruidosamente, dizendo, 'Onde está aquele rei Yudhishthira? Por que seus bravos irmãos, os Pandavas, não são vistos aqui? O que aconteceu com os Pancalas de grande energia como também com o poderoso guerreiro em carro Shikhandi? Onde estão Dhrishtadyumna e o neto de Sini e aqueles grandes guerreiros em carros, os (cinco) filhos de Draupadi?' Nisto, aqueles guerreiros poderosos, os filhos de Draupadi, começaram a massacrar os seguidores do rei Madra que estavam proferindo aquelas palavras e lutando vigorosamente. Naquela batalha, alguns entre tuas tropas eram vistos mortos por meio de seus estandartes altos. Vendo, no entanto, os heróicos Pandavas, os bravos guerreiros do teu exército, ó Bharata, embora proibidos por teu filho, ainda avançaram contra eles. Duryodhana, falando gentilmente, procurou impedir aqueles guerreiros de lutar com o inimigo. Nenhum grande guerreiro em carro, no entanto, entre eles obedeceu a sua ordem. Então Shakuni, o filho do rei Gandhara, possuidor de eloquência, ó monarca, disse para Duryodhana estas palavras, 'Como é que nós estamos parados aqui, enquanto a hoste Madraka está sendo massacrada diante de nossos olhos? Quando tu, ó Bharata, estás aqui, isto não parece certo! O acordo feito era que todos nós devíamos lutar juntos! Por que então, ó rei, tu toleras nossos inimigos quando eles estão massacrando nossas tropas dessa maneira?"

"Duryodhana disse, 'Embora proibidos por mim antes, eles não obedeceram minha ordem. Unidamente estes homens penetraram na hoste Pandava!"

"Shakuni disse, ‘Bravos guerreiros, quando excitados com raiva em batalha, não obedecem ao comando de seus líderes. Não cabe a ti ficar zangado com aqueles homens. Este não é o momento de permanecer indiferentemente. Nós iremos, portanto, todos nós, unidos junto com nossos carros e cavalos e elefantes, proceder para resgatar aqueles grandes arqueiros, os seguidores do rei Madra! Com grande cautela, ó rei, nós protegeremos uns aos outros.’ Pensando igual a Shakuni, todos os Kauravas então procederam para aquele local onde os Madras estavam. Duryodhana também, assim endereçado (por seu tio materno) procedeu, cercado por uma grande tropa, contra o inimigo, proferindo gritos leoninos e fazendo a Terra ressoar com aquele barulho. ‘Mate, fure, agarre, bata, corte!’ Esses eram os sons altos que eram ouvidos então, ó Bharata, entre aquelas tropas. Enquanto isso os Pandavas, vendo naquela batalha os seguidores do rei Madra os atacando conjuntamente, procederam contra eles, se organizando na forma chamada Madhyama. Lutando corpo a corpo, ó monarca, por um tempo curto aqueles guerreiros heróicos, os seguidores do rei Madra, foram vistos perecer. Então, enquanto nós estávamos procedendo, os Pandavas, reunidos e dotados de grande energia, completaram o massacre dos Madrakas, e, cheios de alegria, proferiram gritos alegres. Então formas sem cabeça foram vistas se erguerem por toda parte. Grandes meteoros pareciam cair do disco do sol. O solo ficou coberto com carros e cangas e eixos quebrados e guerreiros em carros mortos e cavalos sem vida. Corcéis velozes como o vento, ainda presos às cangas de carros (mas sem condutores para guiá-los) eram vistos arrastar guerreiros em carros, ó monarca, para lá e para cá no campo de batalha. Alguns cavalos eram vistos arrastar carros com rodas quebradas, enquanto alguns corriam para todos os lados, levando atrás deles partes de carros quebrados. Aqui e ali também eram vistos cavalos que estavam embaraçados em seus movimentos por causa de seus tirantes. Guerreiros em carros, enquanto caindo de seus carros, eram vistos cair como habitantes do céu no esgotamento de seus méritos. Quando os bravos seguidores do rei Madra tinham sido mortos, os poderosos guerreiros em carros dos Parthas, aqueles grandes batedores, vendo um grupo de cavalaria avançando em direção a eles, avançaram em direção a ele com velocidade pelo desejo de vitória. Fazendo suas flechas zunirem ruidosamente e fazendo diversos outros tipos de barulho misturado com o clangor de suas conchas, aqueles batedores eficazes possuidores de pontaria certeira, vibrando seus arcos, proferiram rugidos leoninos. Contemplando então aquela grande tropa do rei Madra exterminada e vendo também seu rei heróico morto em batalha, o exército inteiro de Duryodhana mais uma vez se desviou do campo. Atacado, ó monarca, por aqueles arqueiros firmes, os Pandavas, o exército Kuru fugiu para todos os lados, cheio de medo.'"

19

"Sanjaya disse, 'Após a queda daquele grande rei e poderoso guerreiro em carro, aquele herói invencível (Shalya) em batalha, tuas tropas como também teus filhos quase todos se dirigiram para longe da luta. De fato, após a morte daquele herói pelo ilustre Yudhishthira, tuas tropas eram como comerciantes naufragados

no vasto oceano sem uma balsa para cruzá-lo. Depois da queda do rei Madra, ó monarca, tuas tropas, tomadas pelo medo e mutiladas com flechas, eram como homens sem mestre desejosos de um protetor ou um bando de veados afligido por um leão. Como touros privados de seus chifres ou elefantes cujas presas foram quebradas, tuas tropas, derrotadas por Ajatasatru, fugiram ao meio-dia. Depois da queda de Shalya, ó rei, ninguém entre tuas tropas colocou seu coração em reagrupar o exército ou expor sua destreza. Aquele temor, ó rei, e aquela dor, os quais tinham sido nossos após a queda de Bhishma, de Drona, e do filho do Suta, ó Bharata, agora se tornaram nossos mais uma vez, ó monarca. Sem esperança de sucesso após a queda do poderoso guerreiro em carro Shalya, o exército Kuru, com seus heróis mortos e extremamente confusos, começou a ser derrubado com flechas afiadas. Após a morte do rei Madra, ó monarca, teus guerreiros todos fugiram amedrontados. Alguns no dorso de cavalos, alguns em elefantes, alguns em carros, grandes guerreiros em carros com grande velocidade, e soldados de infantaria também fugiram com medo. 2.000 elefantes, parecendo com colinas, e hábeis em atacar fugiram, depois da queda de Shalya, instigados adiante com ganchos e dedos dos pés. De fato, ó chefe dos Bharatas, teus soldados fugiram para todos os lados. Afligidos por flechas, eles foram vistos correr, respirando com dificuldade. Vendo eles derrotados e divididos e fugindo em desânimo, os Pancalas e os Pandavas, inspirados com desejo de vitória, os perseguiram então ardentemente. O zunido de flechas e outros barulhos, os rugidos leoninos altos, e o clangor de conchas de guerreiros heróicos tornaram-se tremendos. Contemplando a hoste Kaurava agitada com medo e fugindo, os Pancalas e os Pandavas se dirigiram uns aos outros, dizendo, ‘Hoje o rei Yudhishthira, firme em verdade, derrotou seus inimigos. Hoje Duryodhana foi privado de seu esplendor e prosperidade reais. Hoje, sabendo da morte de seus filhos, que Dhritarashtra, aquele rei de homens, estupefato e prostrado no chão, sinta a angústia mais pungente. Que ele saiba hoje que o filho de Kunti é possuidor de grande poder entre todos os arqueiros. Hoje aquele rei pecaminoso e de coração perverso censurará a si mesmo. Que ele lembre hoje as palavras oportunas e benéficas de Vidura. Que ele a partir de hoje sirva os Parthas como seu escravo. Que aquele rei hoje sinta a aflição que foi sentida pelos filhos de Pandu. Que aquele rei conheça hoje a grandeza de Krishna. Que ele conheça hoje a vibração terrível do arco de Arjuna em batalha, como também a força de todas as suas armas, e o poder de seus braços em luta. Hoje ele conhecerá o poder aterrador de Bhima de grande alma quando Duryodhana for morto em batalha assim como o Asura Vali foi morto por Indra. Salvo Bhima de força imensa, não há ninguém mais neste mundo que possa realizar o que foi realizado pelo próprio Bhima na morte de Duhshasana. Sabendo da morte do soberano dos Madras que não podia ser derrotado pelos próprios deuses, aquele rei conhecerá a bravura do filho mais velho de Pandu. Depois da morte do filho heróico de Subala e de todos os Gandharas ele conhecerá a força, em batalha, dos dois filhos de Madri com Pandu. Por que a vitória não será deles que tem Dhananjaya como seu guerreiro, como também Satyaki, e Bhimasena, e Dhrishtadyumna o filho de Prishata, e os cinco filhos de Draupadi, e os dois filhos de Madri, e o poderoso arqueiro Shikhandi, e o rei Yudhishthira? Por que a vitória não será deles que tem como seu protetor Krishna, também chamado Janardana, aquele protetor do universo?

Por que a vitória não será deles que tem a virtude como seu refúgio? Quem mais além de Yudhishthira o filho de Pritha, que tem Hrishikesa, o refúgio da justiça e fama, como seu protetor, é competente para derrotar em batalha Bhishma e Drona e Karna e o soberano dos Madras e os outros reis às centenas e milhares?' Dizendo estas palavras e cheios de alegria, os Srinjayas perseguiram tuas tropas que tinham sido muito mutiladas por flechas naquela batalha. Então Dhananjaya de grande bravura procedeu contra a divisão de carros do inimigo. Os dois filhos de Madri e o poderoso guerreiro em carro Satyaki procederam contra Shakuni. Vendo eles todos fugindo rapidamente com medo de Bhimasena, Duryodhana como se sorrindo dirigiu-se a seu motorista, dizendo, 'Partha, posicionado lá com seu arco, está me ultrapassando. Leve meus corcéis para a retaguarda do exército inteiro. Como o oceano que não pode ultrapassar seus continentes, o filho de Kunti Dhananjaya nunca se arriscará a me ultrapassar, se eu tomar minha posição na retaguarda. Veja, ó motorista, esta hoste vasta que é perseguida pelos Pandavas. Veja essa nuvem de pó que se ergueu em todos os lados por causa do movimento das tropas. Ouça aqueles diversos rugidos leoninos que são tão terríveis e altos! Portanto, ó motorista, proceda lentamente e tome tua posição na retaguarda. Se eu permanecer em combate e lutar com os Pandavas, meu exército, ó motorista, se reunirá e voltará com vigor para a batalha.' Ouvindo estas palavras do teu filho que eram adequadas a um herói e homem de honra, o motorista incitou lentamente aqueles corcéis em arreios de ouro. 21.000 soldados de infantaria, desprovidos de elefantes e corcéis e guerreiros em carros, e que estavam preparados para sacrificar suas vidas, ainda ficaram para lutar. Nascidos em diversos países e vindos de diversas cidades, aqueles guerreiros mantiveram seu terreno, desejosos de ganhar grande fama. O estrépito daqueles guerreiros avançando cheios de alegria tornou-se alto e extremamente terrível. Então Bhimasena, ó rei, e Dhrishtadyumna o filho de Prishata resistiram a eles com quatro tipos de tropas. Outros soldados de infantaria procederam contra Bhima, proferindo gritos altos e golpeando seus peitos, todos influenciados pelo desejo de ir para o céu. Aqueles combatentes Dhartarashtra, cheios de ira e invencíveis em batalha, tendo se aproximado de Bhimasena, proferiram gritos furiosos. Eles então não falavam uns com os outros. Cercando Bhima naquela batalha, eles começaram a atacá-lo de todos os lados. Cercado por aquele grande grupo de guerreiros a pé e atacado por eles naquela batalha, Bhima não se moveu de onde ele estava fixo como a montanha Mainaka. Seus atacantes, enquanto isso, cheios de raiva, ó monarca, se esforçaram para afligir aquele poderoso guerreiro em carro dos Pandavas e deter outros combatentes (que tentavam resgatá-lo). Combatido por aqueles guerreiros, Bhima ficou cheio de fúria. Descendo rapidamente de seu carro, ele procedeu a pé contra eles. Pegando sua maça massiva adornada com ouro, ele começou a massacrar tuas tropas como o próprio Destruidor armado com sua clava. O poderoso Bhima, com sua maça, esmagou aqueles 21.000 soldados de infantaria que estavam sem carros e cavalos e elefantes. Tendo matado aquela divisão forte, Bhima, de destreza incapaz de ser frustrada, mostrou-se com Dhrishtadyumna em sua frente. Os soldados de infantaria Dhartarashtra, mortos dessa maneira, jaziam sobre o solo, banhados em sangue, como Karnikaras com suas cargas floridas derrubadas por uma tempestade. Enfeitados com guirlandas feitas de diversas espécies de flores, e

decorados com diversos tipos de brincos, aqueles combatentes de diversas raças, que tinham vindo de diversos reinos, jaziam no campo, privados de vida. Coberta com bandeiras e estandartes, aquela grande hoste de soldados de infantaria, assim derrubada, parecia feroz e terrível e horrível quando ela jazia no campo. Os poderosos guerreiros em carros, com seus seguidores, que lutavam sob o comando de Yudhishthira, todos perseguiram teu filho ilustre Duryodhana. Aqueles grandes arqueiros, vendo tuas tropas se desviarem da batalha, procederam contra Duryodhana, mas eles não podiam ultrapassá-lo assim como o oceano não pode ultrapassar seus continentes. A destreza que nós então vimos do teu filho foi muito admirável, já que todos os Parthas, unidos, não puderam ultrapassar ele sozinho. Então Duryodhana, se dirigindo ao seu próprio exército que não tinha fugido para longe, mas que, mutilado com flechas, tinha colocado seu coração na fuga, disse estas palavras, 'Eu não vejo o local em planície ou montanha, onde, se vocês fugirem, os Pandavas não perseguirão e matarão vocês! De que adianta fugir então? O exército dos Pandavas foi reduzido em números. Os dois Krishnas estão extremamente mutilados. Se todos nós resistirmos, a vitória certamente será nossa! Se vocês fugirem, perdendo toda a ordem, os pecaminosos Pandavas, os perseguindo irão matar vocês todos! Se, por outro lado, nós resistimos, benefício irá resultar para nós! Escutem, todos vocês Kshatriyas que são atacados aqui! Quando o Destruidor sempre mata heróis e covardes, que homem há tão estúpido que, chamando a si mesmo de Kshatriya, não lutará? Resultará em benefício para nós se nós permanecermos na frente do enfurecido Bhimasena! Morte em batalha, enquanto lutando segundo as práticas Kshatriya, é repleta de felicidade! Obtendo a vitória, uma pessoa obtem felicidade nesse mundo. Se morta, ela obtem grandes resultados no outro mundo! Vocês Kauravas, não há melhor caminho para o céu do que aquele oferecido pela batalha! Mortos em batalha, vocês podem, sem demora, alcançar todas aquelas regiões de bem aventurança.' Ouvindo estas palavras dele, e as aplaudindo muito, os reis (Kuru) mais uma vez avançaram contra os Pandavas para lutar com eles. Vendo-os avançando com velocidade, os Parthas, organizados em formação de combate, hábeis em atacar, excitados com raiva, e inspirados com desejo de vitória, avançaram contra eles. O valente Dhananjaya, esticando seu arco Gandiva célebre pelos três mundos, procedeu em seu carro contra o inimigo. Os dois filhos de Madri e Satyaki avançaram contra Shakuni, e os outros heróis (Pandava), sorrindo, avançaram impetuosamente contra tuas tropas.'"

20

"Sanjaya disse, 'Depois que o exército (Kuru) tinha sido reagrupado, Shalva, o governante dos Mlecchas, cheio de raiva, avançou contra a grande tropa dos Pandavas, montado em um elefante gigantesco, com secreções emanando dos membros usuais, parecendo com uma colina, cheio de orgulho, parecendo o próprio Airavata, e capaz de esmagar grandes grupos de inimigos. O animal de Shalva nasceu de uma raça superior e nobre. Ele era sempre venerado pelo filho de Dhritarashtra. Ele estava devidamente equipado e devidamente treinado para a batalha, ó rei, por pessoas bem conhecedoras do treinamento de elefantes.

Montado sobre aquele elefante, aquele principal dos reis parecia com o sol da manhã no fim do verão. Montando naquele principal dos elefantes, ó monarca, ele procedeu contra os Pandavas e começou a perfurá-los por todos os lados com flechas afiadas e terríveis que pareciam o trovão de Indra em força. Enquanto ele disparava suas flechas naquela batalha e despachava guerreiros hostis para a residência de Yama, nem os Kauravas nem os Pandavas podiam notar quaisquer lapsos nele, assim como os Daityas, ó rei, não podiam notar algum em Vasava, o manejador do trovão, nos tempos antigos, enquanto o último estava empenhado em subjugar suas divisões. Os Pandavas, os Somakas, e os Srinjayas, viram aquele elefante parecendo com 1.000 elefantes se movendo rapidamente em volta deles, assim como os inimigos dos deuses tinham nos tempos passados contemplado o elefante de Indra em batalha. Agitado (por aquele animal), o exército hostil parecia por todos os lados como se privado de vida. Incapazes de permanecer em batalha, eles então fugiram apavorados, esmagando uns aos outros enquanto eles corriam. Então a vasta hoste dos Pandavas, rompida pelo rei Salwa, fugiu subitamente para todos os lados, incapaz de resistir à impetuosidade daquele elefante. Vendo a hoste Pandava dividida e fugindo em velocidade, todos os principais dos guerreiros do teu exército reverenciaram o rei Salwa e sopraram suas conchas brancas como a lua. Ouvindo os gritos dos Kauravas proferidos em alegria e o clangor de suas conchas, o comandante das tropas Pandava e Srinjaya, o príncipe Pancala (Dhrishtadyumna), não pode, de raiva, suportar isso. O ilustre Dhrishtadyumna então, com grande velocidade, procedeu para subjugar o elefante, assim como o Asura Jambha tinha procedido contra Airavata, o príncipe dos elefantes que Indra montou no decorrer de seu combate com Vritra. Vendo o soberano dos Pandavas avançando impetuosamente contra ele, Salwa, aquele leão entre reis, rapidamente instigou seu elefante, ó rei, para a destruição do filho de Drupada. O último, vendo o animal se aproximando com precipitação, perfurou-o com três das flechas principais, polidas pelas mãos do ferreiro, afiadas, brilhantes, dotadas de energia feroz, e parecendo o próprio fogo em esplendor e força. Então aquele herói ilustre atingiu o animal nos globos frontais com cinco outras flechas afiadas e principais. Perfurado com isso, aquele príncipe dos elefantes, se desviando da batalha, correu com grande velocidade. Salwa, no entanto, controlando subitamente aquele principal dos elefantes que tinha sido extremamente mutilado e forçado a se retirar, o fez retroceder, e com ganchos e lanças afiadas instigou-o adiante contra o carro do rei Pancala, o indicando para o animal enfurecido. Vendo o animal avançando impetuosamente nele, o heróico Dhrishtadyumna, pegando uma maça, saltou rapidamente de seu carro no chão, seus membros entorpecidos pelo medo. Aquele elefante gigantesco, enquanto isso, esmagando subitamente aquele carro enfeitado com ouro com seus cavalos e motorista, o ergueu no ar com sua tromba e então o arremessou no chão. Vendo o motorista do rei Pancala esmagado dessa maneira por aquele mais notável dos elefantes, Bhima e Shikhandi e o neto de Sini avançaram com grande velocidade contra aquele animal. Com suas flechas eles detiveram rapidamente a impetuosidade do animal que avançava. Assim recebido por aqueles guerreiros em carros e detido por eles em batalha, o elefante começou a vacilar. Enquanto isso, o rei Salwa começou a disparar suas flechas como o sol derramando seus raios para todos os lados. Atingidos por aquelas flechas, os guerreiros em carros

(Pandava) começaram a fugir. Vendo aquela façanha de Salwa, os Pancalas, os Srinjayas, e os Matsyas, ó rei, proferiram altos gritos de ‘Oh!’ e ‘Ai!’ naquela batalha. Todos aqueles principais dos homens, no entanto, cercaram o animal por todos os lados. O bravo rei Pancala então, pegando sua maça que parecia o topo alto de uma montanha, apareceu lá. Destemidamente, ó rei, aquele herói, aquele batedor de inimigos, avançou com velocidade contra o elefante. Dotado de grande agilidade, o príncipe dos Pancalas se aproximou e começou a golpear com sua maça aquele animal que era enorme como uma colina e que derramava suas secreções como uma massa imensa de nuvens torrenciais. Seus globos frontais subitamente partidos, ele proferiu um grito alto; e vomitando uma quantidade abundante de sangue, o animal, enorme como uma colina, caiu de repente, assim como uma montanha caindo durante um terremoto. Enquanto aquele príncipe dos elefantes estava caindo, e enquanto as tropas do teu filho estavam proferindo lamentos de pesar à visão, aquele principal dos guerreiros entre os Sinis cortou a cabeça do rei Salwa com uma flecha afiada e de cabeça larga. Sua cabeça tendo sido cortada pelo herói Satwata, Salwa caiu no chão junto com seu príncipe de elefantes, assim como um topo de montanha partido subitamente pelo raio arremessado pelo chefe dos celestiais.'"

21

"Sanjaya disse, 'Depois que o heróico Salwa, aquele ornamento de assembléias, tinha sido morto, teu exército se rompeu depressa como uma árvore imensa quebrada pela força da tempestade. Vendo o exército dividido, o poderoso guerreiro em carro Kritavarma, possuidor de heroísmo e grande força, resistiu ao exército hostil naquela batalha. Vendo o herói Satwata, ó rei, permanecendo em batalha como uma colina perfurada com flechas (pelos inimigos), os heróis Kuru, que tinham fugido, se reagruparam e voltaram. Então, ó monarca, ocorreu uma batalha entre os Pandavas e os Kurus que voltaram fazendo da própria morte sua meta. Extraordinário foi o combate feroz que ocorreu entre o herói Satwata e seus inimigos, já que ele resistiu ao exército invencível dos Pandavas. Quando amigos eram vistos realizar as façanhas mais difíceis, amigos, cheios de alegria, proferiam gritos leoninos que pareciam alcançar os próprios céus. Por causa daqueles sons os Pancalas, ó touro da raça Bharata, ficaram com medo. Então Satyaki, o neto de Sini, se aproximou daquele local. Aproximando-se do rei Kshemakirti de grande força, Satyaki despachou-o para a residência de Yama com sete flechas afiadas. Então o filho de Hridika, de grande inteligência, avançou com velocidade contra aquele touro da raça Sini, aquele guerreiro poderosamente armado, quando o último se aproximou, disparando suas flechas afiadas. Aqueles dois arqueiros, aqueles dois principais dos guerreiros em carros, rugiram como leões e combateram um ao outro com grande força, ambos estando armados com as mais notáveis das armas. Os Pandavas, os Pancalas, e os outros guerreiros se tornaram espectadores daquele encontro terrível entre os dois heróis. Aqueles dois heróis da linhagem Vrishni-Andhaka, como dois elefantes cheios de deleite, atacaram um ao outro com flechas longas e equipadas com cabeças de dente de

bezerro. Movendo-se rapidamente em diversos tipos de caminhos, o filho de Hridika e aquele touro da raça Sini logo afligiram um ao outro com chuvas de flechas. As flechas disparadas com grande força dos arcos dos dois leões Vrishni eram vistas por nós no céu parecer enxames de insetos voando rapidamente. Então o filho de Hridika, se aproximando de Satyaki de destreza verdadeira, perfurou os quatro corcéis do último com quatro flechas afiadas. Satyaki de braços longos, enfurecido com isto, como um elefante atingido com uma lança, perfurou Kritavarma com oito das flechas principais. Então Kritavarma perfurou Satyaki com três flechas afiadas em pedra e disparadas de seu arco totalmente esticado e então cortou seu arco com outra flecha. Colocando de lado seu arco quebrado, aquele touro da raça Sini rapidamente pegou outro com flecha fixada nele. Tendo pegado aquele principal dos arcos e o encordoado, aquele principal de todos os arqueiros, aquele Atiratha de energia poderosa e grande inteligência e grande força, incapaz de tolerar o corte de seu arco por Kritavarma, e cheio de fúria, avançou rapidamente contra o último. Com dez flechas afiadas aquele touro da raça Sini então atingiu o motorista, os cavalos, e a bandeira de Kritavarma. Nisto, ó rei, o grande arqueiro e poderoso guerreiro em carro Kritavarma, vendo seu carro enfeitado com ouro sem motorista e sem cavalos, ficou cheio de raiva. Erguendo uma lança pontuda, ó majestade, ele arremessou-a com toda a força de seu braço naquele touro da raça Sini, desejoso de matá-lo. Satyaki, no entanto, da tribo Satwata, atingindo aquela lança com muitas flechas afiadas cortou-a em fragmentos e a fez cair, deixando estupefato Kritavarma da linhagem de Madhu (com sua energia e destreza). Com outra flecha de cabeça larga ele então atingiu Kritavarma no peito. Feito sem cavalos e sem motorista naquela batalha por Yuyudhana, habilidoso com armas, Kritavarma desceu no chão. O heróico Kritavarma tendo sido privado de seu carro por Satyaki naquele duelo, todas as tropas (Kaurava) ficaram cheias de grande temor. Uma grande tristeza afligiu o coração de teus filhos quando Kritavarma foi assim feito sem cavalos e sem motorista e sem carro. Vendo aquele castigador de inimigos sem cavalos e sem motorista, Kripa, ó rei, avançou naquele touro da raça Sini, desejoso de despachá-lo para a residência de Yama. Recebendo Kritavarma em seu carro na própria vista de todos os arqueiros, o poderosamente armado Kripa o levou para longe da pressão da batalha. Depois que Kritavarma tinha ficado sem carro e o neto de Sini tinha se tornado poderoso no campo, todo o exército de Duryodhana mais uma vez se desviou do combate. O inimigo, no entanto, não viu isso, pois o exército (Kuru) estava então coberto por uma nuvem de poeira. Todos os teus guerreiros fugiram, ó monarca, exceto o rei Duryodhana. O último, vendo de um ponto próximo que seu exército tinha sido desbaratado, avançando rapidamente, atacou o inimigo vitorioso, resistindo sozinho a eles todos. Destemidamente aquele guerreiro invencível, cheio de raiva, atacou com flechas afiadas todos os Pandus, e Dhrishtadyumna o filho de Prishta, e Shikhandi, e os filhos de Draupadi, e os grandes grupos dos Pancalas, e os Kaikeyas, ó senhor, e os Somakas! Com firme determinação teu filho poderoso permaneceu em batalha, assim como um fogo ardente e poderoso na plataforma sacrifical, santificado com mantras. Assim mesmo o rei Duryodhana se movia rapidamente por todo o campo, naquela batalha. Seus inimigos não podiam se aproximar dele então, como criaturas vivas

incapazes de se aproximar do Destruidor. Então o filho de Hridika chegou lá, sendo conduzido em outro carro.'"

22

"Sanjaya disse, 'Aquele principal dos guerreiros em carros, ó monarca, teu filho, sobre seu carro e cheio da coragem do desespero, parecia resplandecente naquela batalha como o próprio Rudra de grande bravura. Com os milhares de flechas disparadas por ele, o solo ficou completamente coberto. De fato, ele encharcou seus inimigos com chuvas de flechas como as nuvens derramando chuva em leitos de montanha. Não havia então um homem entre os Pandavas naquela grande batalha, ou um corcel, ou um elefante, ou um carro, que não tivesse sido atingido pelas flechas de Duryodhana. Sobre todos os guerreiros que eu então lançava meus olhos, ó monarca, eu via que cada um, ó Bharata, tinha sido atingido por teu filho com suas flechas. O exército Pandava estava então coberto com as flechas daquele guerreiro ilustre, assim como uma hoste é coberta com o pó que ela ergue enquanto marchando ou avançando para a batalha. O solo então, ó senhor da Terra, me pareceu ter sido feito uma extensão inteira de flechas por teu filho Duryodhana, aquele arqueiro possuidor de grande agilidade de mãos. Entre aqueles milhares sobre milhares de guerreiros no campo, pertencentes ao teu lado ou àquele do inimigo, me parecia que Duryodhana era então o único homem. A destreza que nós vimos de teu filho naquelas circunstâncias parecia ser muito extraordinária, já que os Parthas, mesmo unidos, não podiam se aproximar dele sozinho. Ele perfurou Yudhishthira, ó touro da raça Bharata, com cem flechas, e Bhimasena com setenta, e Sahadeva com sete. E ele perfurou Nakula com sessenta e quatro, e Dhrishtadyumna com cinco, e os filhos de Draupadi com sete, e Satyaki com três flechas. Com uma flecha de cabeça larga ele então, ó majestade, cortou o arco de Sahadeva. Jogando de lado aquele arco quebrado, o filho valente de Madri pegou outro arco formidável, e avançando contra o rei Duryodhana, perfurou-o com dez flechas naquela batalha. O grande arqueiro Nakula, possuidor de coragem, então perfurou o rei com nove flechas terríveis e proferiu um rugido alto. Satyaki atingiu o rei com uma única flecha reta; os filhos de Draupadi o atingiram com setenta e três e o rei Yudhishthira o atingiu com cinco. E Bhimasena afligiu o rei com oitenta flechas. Embora perfurado assim de todos os lados com numerosas flechas por estes guerreiros ilustres, Duryodhana ainda, ó monarca, não vacilou, na presença de todas as tropas que permaneciam lá como espectadoras. A rapidez, a habilidade, e a coragem daquele guerreiro ilustre foram vistas por todos os homens lá excederem àquelas de todas as criaturas. Enquanto isso os Dhartarashtras, ó monarca, que não tinham fugido para longe daquele local, observando o rei, se reagruparam e voltaram para lá, vestidos em armadura. O barulho feito por eles quando eles voltaram se tornou muito impressionante, como o rugido do oceano agitado na estação das chuvas. Aproximando-se de seu rei invicto naquela batalha, aqueles grandes arqueiros procederam contra os Pandavas para lutar. O filho de Drona resistiu naquela batalha ao enfurecido Bhimasena. Com as flechas, ó monarca, que foram disparadas naquela batalha, todos os pontos do horizonte ficaram completamente

encobertos, pelo que os bravos combatentes não podiam distinguir os pontos cardeais dos secundários do horizonte. Em relação a Ashvatthama e Bhimasena, ó Bharata, ambos eram realizadores de feitos cruéis. Ambos eram irresistíveis em batalha. Os braços de ambos continham muitas cicatrizes por ambos terem repetidamente puxado a corda do arco. Neutralizando as façanhas um do outro, eles continuaram a lutar um com o outro, amedrontando o Universo inteiro. O heróico Shakuni atacou Yudhishthira naquela batalha. O filho poderoso de Subala, tendo matado os quatro corcéis do rei, proferiu um rugido alto, fazendo todas as tropas tremerem de medo. Enquanto isso, o valente Sahadeva levou para longe daquela luta o rei heróico e derrotado. Então o rei Yudhishthira o justo, sobre outro carro (voltou para a batalha), e tendo perfurado Shakuni inicialmente com nove flechas perfurou-o novamente com cinco. E aquele principal de todos os arqueiros então proferiu um rugido alto. Aquele combate, ó senhor, terrível como ele era, tornou-se maravilhoso de se contemplar. Ele encheu os espectadores de deleite e foi aplaudido pelos Siddhas e os Charanas. Uluka de alma incomensurável avançou contra o poderoso arqueiro Nakula, naquela batalha, disparando chuvas de flechas de todos os lados. O heróico Nakula, no entanto, naquela batalha resistiu ao filho de Shakuni com uma chuva grossa de flechas de todos os lados. Ambos aqueles heróis eram bem-nascidos e ambos eram poderosos guerreiros em carros. Eles foram vistos lutar um com o outro, muito enfurecidos um com o outro. Similarmente Kritavarma, ó rei, lutando com o neto de Sini, aquele opressor de inimigos, parecia resplandecente, como Shakra lutando com o Asura Vala. Duryodhana, tendo cortado o arco de Dhrishtadyumna naquela batalha, perfurou seu antagonista sem arco com flechas afiadas. Dhrishtadyumna então, naquele combate, tendo pegado um arco formidável, lutou com o rei diante de todos os arqueiros. A batalha entre aqueles dois heróis se tornou extremamente violenta, ó touro da raça Bharata, como o combate entre dois elefantes selvagens e enfurecidos com secreções suculentas escorrendo por seus membros. O heróico Gautama, excitado com raiva naquela batalha, perfurou os filhos poderosos de Draupadi com muitas flechas retas. A batalha que teve lugar entre ele e aqueles cinco pareceu aquela que ocorre entre um ser incorporado e seus (cinco) sentidos. Ela foi impressionante e extremamente feroz, e nem um lado mostrou qualquer consideração pelo outro. Os (cinco) filhos de Draupadi afligiram Kripa como os (cinco) sentidos afligindo um homem tolo. Ele, por outro lado, lutando com eles, controlou-os com vigor. Assim mesmo e muito extraordinária, ó Bharata, foi aquela luta entre ele e eles. Ela parecia com os repetidos combates, ó senhor, entre as criaturas incorporadas e seus sentidos. Homens lutavam com homens, elefantes com elefantes, corcéis com corcéis e guerreiros em carros com guerreiros em carros. Mais uma vez, ó monarca, aquela batalha se tornou geral e terrível. Aqui um combate era belo, lá outro era horrível, e lá outro era extremamente feroz, ó senhor! Muitos e impressionantes, ó monarca, foram os combates que ocorreram no decorrer daquela batalha. Aqueles castigadores de inimigos (pertencentes a ambos os exércitos), enfrentando uns aos outros, perfuravam e matavam uns aos outros naquele combate espantoso. Uma densa nuvem de poeira foi então vista lá, erguida pelos veículos e os animais dos guerreiros. Espesso também, ó rei, foi o pó erguido pelos corcéis correndo, um pó que era carregado de um lugar para outro pelo vento. Erguida pelas rodas de carros e as respirações dos elefantes, a

poeira, densa como uma nuvem noturna, se elevou ao céu. Aquela poeira tendo sido erguida e o próprio sol tendo sido escurecido com isso, a terra ficou encoberta, e os heróicos e poderosos guerreiros em carros não podiam ser vistos. Logo ela desapareceu e tudo ficou claro quando o solo, ó melhor dos Bharatas, ficou encharcado com o sangue de heróis. De fato, aquela densa e terrível nuvem de poeira foi diminuída. Então, ó Bharata, eu pude ver mais uma vez os diversos duelos que os combatentes lutavam ao meio-dia, cada um de acordo com sua força e seu posto, todos os quais eram extremamente violentos. O esplendor ardente daqueles feitos, ó monarca, apareceu inteiro à vista. Alto se tornou o barulho de flechas caindo naquela batalha, parecendo aquele feito por uma vasta floresta de bambus enquanto queimando em toda parte.'"

23

"Sanjaya disse, 'Durante a continuação daquela batalha terrível e impressionante, o exército do teu filho foi dividido pelos Pandavas. Reunindo seus grandes guerreiros em carros, no entanto, com esforços vigorosos, teus filhos continuaram a lutar com o exército Pandava. Os guerreiros (Kuru), desejosos do bem-estar do teu filho, voltaram de repente. Após seu retorno, a batalha mais uma vez se tornou muito violenta entre teus guerreiros e aqueles do inimigo, parecendo aquela entre os deuses e os Asuras nos tempos passados. Nem entre os inimigos nem entre os teus houve um único combatente que se desviou daquela batalha. Os guerreiros lutaram ajudados por suposições e pelos nomes que eles proferiam. Grande foi a destruição que ocorreu quando eles lutaram dessa maneira uns com os outros. Então o rei Yudhishthira, cheio de grande ira e ficando desejoso de vencer os Dhartarashtras e seu rei naquela batalha, perfurou o filho de Saradwat com três flechas aladas com ouro e afiadas em pedra, e em seguida matou com quatro outras os quatro corcéis de Kritavarma. Então Ashvatthama levou para longe o filho célebre de Hridika. O filho de Saradwat perfurou Yudhishthira em retorno com oito flechas. Então o rei Duryodhana despachou setecentos carros para o local onde o rei Yudhishthira estava lutando. Aqueles carros ocupados por excelentes guerreiros e dotados da velocidade do vento ou do pensamento, avançaram naquela batalha contra o carro do filho de Kunti. Cercando Yudhishthira por todos os lados, eles o fizeram invisível com suas flechas como nuvens escondendo o sol da visão. Então os heróis Pandava encabeçados por Shikhandi, vendo o rei Yudhishthira o justo atacado daquela maneira pelos Kauravas, ficaram cheios de raiva e não puderam tolerar isso. Desejosos de salvar Yudhishthira o filho de Kunti, eles chegaram àquele local em seus carros possuidores de grande velocidade e enfeitados com fileiras de sinos. Então começou uma batalha terrível, na qual sangue fluiu como água, entre os Pandavas e os Kurus, que aumentou a população dos domínios de Yama. Matando aqueles setecentos guerreiros em carros hostis do exército Kuru, os Pandavas e os Pancalas resistiram novamente (ao exército Kuru inteiro). Lá uma batalha feroz foi lutada entre teu filho e os Pandavas. Nós nunca antes tínhamos visto ou ouvido falar de algo semelhante. Durante a continuação daquela batalha na qual

nenhuma consideração era mostrada por alguém para alguém, e enquanto os guerreiros do teu exército e aqueles do inimigo estavam caindo rápido, e os combatentes estavam todos gritando e soprando suas conchas, e os arqueiros estavam rugindo e proferindo barulhos altos de diversos tipos, enquanto, de fato, a batalha estava sendo travada ferozmente e os próprios órgãos vitais dos combatentes estavam sendo atingidos, e as tropas, ó majestade, desejosas de vitória, estavam avançando com velocidade, enquanto, realmente, tudo na Terra parecia estar sofrendo uma destruição calamitosa, durante aquele tempo quando inúmeras senhoras de nascimento e beleza estavam sendo tornadas viúvas, durante, de fato, a continuação daquele combate violento no qual os guerreiros se comportavam sem qualquer consideração por amigos e inimigos, presságios terríveis apareceram, pressagiando a destruição de tudo. A Terra, com suas montanhas e florestas, tremeu, fazendo um barulho alto. Meteoros como tições ardentes providos de cauda caíram do céu, ó rei, por toda a Terra como se do disco solar. Um furacão surgiu, soprando em todos os lados, e trazendo seixos duros ao longo de seu curso mais baixo. Os elefantes derramaram lágrimas copiosas e tremeram muito. Desconsiderando todos esses presságios terríveis e impressionantes, os Kshatriyas, se aconselhando uns com os outros, permaneceram alegremente no campo para batalha novamente, no campo belo e sagrado chamado pelo nome de Kuru, desejosos de alcançar o céu. Então Shakuni, o filho do rei Gandhara, disse, 'Lutem todos vocês na frente! Eu, no entanto, irei matar os Pandavas de trás.' Então os guerreiros Madraka, dotados de grande energia, entre aqueles no nosso lado que estavam avançando, ficaram cheios de alegria e proferiram diversos sons de deleite. Outros também fizeram o mesmo. Os invencíveis Pandavas, no entanto, possuidores de pontaria certeira, vindo mais uma vez contra nós, vibraram seus arcos e nos cobriram com chuvas de flechas. As forças armadas dos Madrakas então foram mortas pelo inimigo. Vendo isso, as tropas de Duryodhana se desviaram novamente da batalha. O rei poderoso dos Gandharvas, no entanto, mais uma vez disse estas palavras, 'Parem, ó pecaminosos! Lutem (com o inimigo)! De que adianta fugir?' Nesse momento, ó touro da raça Bharata, o rei dos Gandharas tinha 10.000 cavaleiros capazes de lutar com lanças brilhantes. Durante a continuação daquela grande carnificina, Shakuni, ajudado por aquela tropa, empregou seu heroísmo e atacou o exército Pandava na retaguarda, massacrando-o com suas flechas afiadas. A vasta tropa dos Pandus então, ó monarca, se dividiu assim como uma massa de nuvens é dispersa para todos os lados por um vento poderoso. Então Yudhishthira, vendo de um ponto próximo seu próprio exército desbaratado, instigou friamente o poderoso Sahadeva, dizendo, 'Lá está o filho de Subala, afligindo nossa retaguarda, vestido em armadura! Ele massacra nossas tropas! Veja aquele indivíduo perverso, ó filho de Pandu! Ajudado pelo filho de Draupadi, proceda em direção a ele e mate Shakuni, o filho de Subala! Protegido pelos Pancalas, ó impecável, eu enquanto isso destruirei a tropa de carros do inimigo! Que todos os elefantes e toda a cavalaria e 3.000 soldados a pé procedam contigo! Protegido por estes, mate Shakuni!' Nisto, 700 elefantes montados por combatentes armados com o arco, e 5.000 cavaleiros, e o valente Sahadeva, e 3.000 soldados de infantaria, e os filhos de Draupadi todos avançaram contra Shakuni difícil de ser derrotado em batalha. O filho de Subala, no entanto, de

grande coragem, ó rei, prevalecendo sobre os Pandavas e ansiando por vitória, começou a matar suas tropas a partir da retaguarda. Os cavaleiros enfurecidos pertencentes aos Pandavas, dotados de grande energia, penetraram na divisão do filho de Subala, prevalecendo sobre os guerreiros em carros do último. Aqueles cavaleiros heróicos, permanecendo no meio de seus próprios elefantes, cobriram a grande hoste do filho de Subala com chuvas de flechas. Por causa dos teus maus conselhos, ó rei, terrível foi a batalha que então se seguiu na qual maças e lanças foram usadas e na qual somente heróis tomaram parte. O som da corda do arco não era mais ouvido lá, pois todos os guerreiros em carros permaneceram como espectadores daquela luta. Naquela hora nenhuma diferença podia ser vista entre os partidos opostos. Ambos, os Kurus e os Pandavas, ó touro da raça Bharata, viram os dardos arremessados de braços heróicos correrem como meteoros pelo céu. O céu inteiro, ó monarca, coberto com espadas caindo de grande brilho, pareceu ficar muito belo. O aspecto apresentado, ó chefe dos Bharatas, pelas lanças arremessadas por toda parte, se tornou como aquele de bandos gafanhotos no céu. Cavalos, com membros banhados em sangue por causa de ferimentos infligidos por cavaleiros eles mesmos feridos com flechas, caíam por todos os lados às centenas e milhares. Combatendo uns aos outros e amontoados juntos, muitos deles eram vistos serem mutilados e muitos vomitavam sangue de suas bocas. Uma densa escuridão chegou lá quando as tropas foram cobertas com uma nuvem de poeira. Quando aquela escuridão cobriu tudo, ó rei, nós vimos aqueles bravos combatentes, corcéis e homens, se afastarem daquele local. Outros eram vistos caírem sobre o solo, vomitando sangue em profusão. Muitos combatentes, emaranhados uns com os outros por seus cabelos, não podiam se mexer. Muitos, dotados de grande força, arrastavam uns aos outros das costas de seus cavalos, e combatendo uns aos outros dessa maneira, matavam uns aos outros como combatentes em uma competição de luta. Muitos privados de vida eram levados para longe nas costas dos corcéis. Muitos homens, orgulhosos de seu heroísmo e inspirados com desejo de vitória, eram vistos caindo sobre a terra. O solo ficou coberto com centenas e milhares de combatentes banhados em sangue, privados de membros e de cabelo. Pela superfície da terra estar coberta com condutores de elefantes e cavaleiros e cavalos mortos e combatentes com armaduras manchadas de sangue e outros armados com armas e outros que tinham procurado matar uns aos outros com diversos tipos de armas terríveis, todos jazendo amontoados compactamente naquela batalha repleta de carnificina medonha, nenhum guerreiro podia proceder longe em seu cavalo. Tendo lutado um pouco, Shakuni, o filho de Subala, ó monarca, foi embora daquele local com o restante de sua cavalaria numerando 6.000. Similarmente, a tropa Pandava, coberta com sangue, e seus animais fatigados, se afastou daquele local com seu resto consistindo em 6.000 cavalos. Os cavaleiros manchados de sangue do exército Pandava então, com corações concentrados na batalha e preparados para sacrificar suas vidas, disseram, ‘Não é mais possível lutar aqui em carros; quanto mais difícil então lutar aqui em elefantes! Que carros procedam contra carros, e elefantes contra elefantes! Tendo se retirado, Shakuni está agora dentro da sua própria divisão. O filho nobre de Subala não virá novamente para a batalha.’ Então os filhos de Draupadi e aqueles elefantes enfurecidos procederam para o lugar onde o príncipe Pancala

Dhrishtadyumna, aquele grande guerreiro em carro, estava. Sahadeva também, quando aquela nuvem de poeira se ergueu, procedeu sozinho para onde o rei Yudhishthira estava. Depois que todos aqueles tinham se afastado, Shakuni, o filho de Subala, excitado com fúria, mais uma vez caiu sobre a divisão Dhrishtadyumna e começou a atacá-la. Uma batalha terrível ocorreu novamente, na qual os combatentes estavam todos indiferentes às suas vidas, entre teus soldados e aqueles do inimigo, todos os quais estavam desejosos de matar uns aos outros. Naquele combate de heróis, os combatentes primeiro olhavam uns aos outros firmemente, e então avançavam, ó rei, e caíam uns sobre os outros às centenas e milhares. Naquela carnificina destrutiva, cabeças cortadas com espadas caíam com um barulho semelhante àquele de frutas de palmeira caindo. Alto também se tornou o barulho, fazendo os próprios cabelos se eriçarem, de corpos caindo no chão, privados de armadura e mutilados com armas e de armas caindo também, ó rei, e de braços e coxas cortados do tronco. Golpeando irmãos e filhos e até pais com armas afiadas, os combatentes eram vistos lutando como aves por causa de pedaços de carne. Excitados com raiva, milhares de guerreiros, caindo uns sobre os outros, golpeavam impacientemente uns aos outros naquela batalha. Centenas e milhares de combatentes, mortos pelo peso de cavaleiros mortos enquanto caindo de seus corcéis, caíam no campo. Alto se tornou o barulho de corcéis de grande rapidez relinchando, e de homens gritando vestidos em armadura, e dos dardos e espadas caindo, ó rei, de combatentes desejosos de perfurar os membros vitais uns dos outros por causa, ó monarca, da tua má política. Naquela hora, teus soldados, dominados pelo cansaço, consumidos pela raiva, seus animais fatigados, eles mesmos ressecados com sede e mutilados com armas afiadas, começaram a se desviar da batalha. Enlouquecidos com o cheiro de sangue, muitos ficaram tão insensatos que eles matavam amigos e inimigos igualmente, de fato, todos os que eles alcançavam. Grandes números de Kshatriyas, inspirados com desejo de vitória, eram derrubados com flechas, ó rei, e caíam prostrados no chão. Lobos e urubus e chacais começaram a uivar e gritar em alegria e a fazer um barulho alto. Na própria vista do teu filho, teu exército sofreu uma grande perda. O solo, ó monarca, ficou coberto com os corpos de homens e corcéis, e coberto com rios de sangue que enchiam os tímidos de terror. Atingidos e mutilados repetidamente com espadas e machados de batalha e lanças, teus guerreiros, como também os Pandavas, ó Bharata, pararam de se aproximar uns dos outros. Golpeando uns aos outros de acordo com a medida de sua força, e lutando até a última gota de seu sangue, os combatentes caíam vomitando sangue de seus ferimentos. Formas sem cabeça eram vistas, agarrando o cabelo de suas cabeças (com uma mão) e com espadas erguidas tingidas com sangue (na outra). Quando muitas formas sem cabeça, ó rei, tinham se erguido dessa maneira, quando o cheiro de sangue tinha feito os combatentes quase inconscientes, e quando o barulho alto tinha baixado um pouco, o filho de Subala (novamente) se aproximou da grande hoste dos Pandavas, com o pequeno resto de sua cavalaria. Nisto, os Pandavas, inspirados com desejos de vitória e dotados de soldados de infantaria e elefantes e cavalaria, todos com armas erguidas, desejosos de alcançar o fim das hostilidades, os Pandavas, formando uma parede, cercaram Shakuni por todos os lados e começaram a atacá-lo com diversos tipos de armas. Vendo aquelas tuas tropas atacadas de

todos os lados, os Kauravas, com cavaleiros, soldados de infantaria, elefantes, e carros, avançaram em direção aos Pandavas. Alguns soldados de infantaria de grande coragem, desprovidos de armas, atacavam seus inimigos naquela batalha com pés e punhos, e os derrubavam. Guerreiros em carros caíam de carros, e homens em elefantes de elefantes, como pessoas meritórias caindo de seus veículos celestiais após o esgotamento de seus méritos. Dessa maneira os combatentes, envolvidos em combate uns com os outros naquela grande batalha, mataram pais e amigos e filhos. Assim ocorreu aquela batalha, ó melhor dos Bharatas, na qual nenhuma consideração era mostrada por alguém para alguém, e na qual lanças e espadas e flechas caíam rápido em toda parte, e tornavam a cena muito terrível de se ver.'"

24

"Sanjaya disse, 'Quando o barulho alto da batalha tinha baixado um pouco e os Pandavas tinham matado grandes números de seus inimigos, o filho de Subala (uma vez mais) chegou para lutar com o resto de seus cavaleiros numerando setecentos. Aproximando-se rapidamente de seus próprios soldados e os incitando para a batalha, ele disse repetidamente, 'Vocês castigadores de inimigos, lutem alegremente!' E ele questionou os Kshatriyas presentes lá, dizendo, 'Onde está o rei, aquele grande guerreiro em carro?' Ouvindo estas palavras de Shakuni, ó touro da raça Bharata, eles responderam dizendo, 'Lá está aquele grande guerreiro em carro, o rei Kuru, lá onde aquele guarda-sol grande de esplendor igual àquele da lua cheia é visível, lá onde aqueles guerreiros em carros, vestidos em armadura, estão, lá onde aquele barulho alto, profundo como o ribombo de nuvens, está sendo ouvido! Proceda rapidamente para lá, ó rei, e tu verás então o monarca Kuru!' Assim endereçado por aqueles bravos guerreiros, o filho de Subala Shakuni, ó rei, procedeu para aquele local onde teu filho estava, cercado por todos os lados por heróis que não recuavam. Vendo Duryodhana posicionado no meio daquela tropa de carros, Shakuni, alegrando todos aqueles teus guerreiros em carros, ó rei, alegremente disse essas palavras para Duryodhana. De fato, ele disse as palavras seguintes de uma maneira que mostrou que ele considerava todos os seus propósitos como já tendo sido alcançados, 'Mate, ó rei, as divisões de carros (dos Pandavas)! Todos os cavalos deles foram subjugados por mim! Yudhishthira é incapaz de ser conquistado em batalha a menos que alguém esteja preparado para sacrificar sua vida! Quando aquela tropa de carros, protegida pelo filho de Pandu, tiver sido destruída, nós então mataremos todos aqueles elefantes e soldados de infantaria e outros!' Ouvindo estas palavras dele, teus guerreiros, inspirados com desejo de vitória, avançaram alegremente em direção ao exército Pandava. Com aljavas em suas costas e arcos em suas mãos, todos eles vibravam seus arcos e proferiam rugidos leoninos. Mais uma vez, ó rei, o som violento de arcos e a batida de palmas e o zunido de flechas disparadas com força foram ouvidos. Vendo aqueles combatentes Kuru se aproximarem do exército Pandava com arcos erguidos, o filho de Kunti Dhananjaya disse para o filho de Devaki estas palavras, 'Incite os

corcéis destemidamente e penetre neste mar de tropas! Com minhas flechas afiadas eu hoje alcançarei o fim dessas hostilidades! Hoje é o décimo oitavo dia, ó Janardana, desta grande batalha que está sendo travada entre os dois lados! O exército daqueles heróis de grande alma, que era literalmente inumerável, foi quase destruído! Veja o rumo do Destino! O exército do filho de Dhritarashtra, ó Madhava, o qual era vasto como o oceano, ó Achyuta, se tornou, depois de nos enfrentar, assim como o entalhe causado pelo casco de uma vaca! Se as pazes tivessem sido feitas depois da queda de Bhishma, ó Madhava, tudo estaria bem! O tolo Duryodhana de mente fraca, no entanto, não fez as pazes! As palavras que foram proferidas por Bhishma, ó Madhava, eram benéficas e dignas de adoção. Suyodhana, no entanto, que tinha perdido seu entendimento, não agiu em conformidade com elas. Depois de Bhishma ter sido atingido e derrubado no chão, eu não conheço a razão por que a batalha prosseguiu! Eu considero os Dhartarashtras como tolos e de discernimento fraco de todas as maneiras, já que eles continuaram a batalha mesmo depois da queda do filho de Santanu! Depois disso quando Drona, aquele principal de todos os reveladores de Brahma, caiu, como também o filho de Radha, e Vikarna, a carnificina ainda não cessou! Ai, quando só um pequeno resto do exército (Kaurava) permaneceu depois da queda daquele tigre entre homens, Karna, com seus filhos, a carnificina ainda não cessou! Depois da queda até do heróico Srutayush, também de Jalasandha da linhagem de Puru, e do rei Srutayudha, a carnificina ainda não cessou! Depois da queda de Bhurishrava, de Shalya, ó Janardana, e dos heróis Avanti, a carnificina ainda não cessou! Depois da queda de Jayadratha, do Rakshasa Alayudha, de Bahlika, e de Somadatta, a carnificina ainda não cessou! Depois da queda do heróico Bhagadatta, do chefe Kamboja Sadakshina, e de Duhshasana, a carnificina ainda não cessou! Mesmo vendo diversos reis heróicos e poderosos, cada um possuindo territórios extensos, mortos em batalha, a carnificina, ó Krishna, ainda não cessou! Vendo até um Akshauhini inteiro de tropas morto por Bhimasena em batalha, a carnificina ainda não cessou, em consequência ou da loucura ou da cobiça dos Dhartarashtras! Qual rei nascido em uma linhagem nobre, uma linhagem especialmente como aquela de Kuru, exceto é claro o tolo Duryodhana, travaria tão inutilmente tais hostilidades violentas? Quem, possuidor de bom senso e sabedoria e capaz de discriminar bem de mal, travaria guerra dessa maneira, sabendo que seus inimigos são superiores a ele em mérito, força, e coragem? Como ele poderia ouvir os conselhos de outro, quando, de fato, ele não pode decidir fazer as pazes com os Pandavas em obediência às palavras proferidas por ti? Qual remédio pode ser aceitável hoje para aquela pessoa que desconsiderou Bhishma o filho de Santanu, e Drona, e Vidura, enquanto eles lhe recomendavam com insistência que fizesse as pazes? Como pode aceitar bons conselhos ele que, por insensatez, ó Janardana, insolentemente desconsiderou seu próprio pai idoso como também sua própria mãe bem intencionada enquanto falando palavras benéficas para ele? É evidente, ó Janardana, que Duryodhana tomou seu nascimento para exterminar sua linhagem! Sua conduta e sua política, isto é visto, apontam para aquela linha, ó senhor! Ele ainda não nos dará nosso reino! Essa é minha opinião, ó Achyuta! Vidura de grande alma, ó senhor, me disse muitas vezes que enquanto a vida permanecesse no filho de Dhritarashtra ele nunca nos daria nossa parte do reino! Vidura me disse, além disso, 'Enquanto

também Dhritarashtra viver, ó concessor de honras, aquele indivíduo pecaminoso irá agir pecaminosamente em direção a vocês! Vocês nunca conseguirão vencer Duryodhana sem lutar!' Assim mesmo, ó Madhava, Vidura de previdência verdadeira me falou muitas vezes! Todos os atos daquele indivíduo de alma perversa eu agora descubro serem exatamente como Vidura de grande alma tinha dito! Aquela pessoa de mente má que, tendo escutado as palavras benéficas e apropriadas do filho de Jamadagni, as desconsiderou, deve sem dúvida ser considerado como estando diante da destruição. Muitas pessoas coroadas com êxito ascético disseram, logo que Duryodhana nasceu, que a classe Kshatriya inteira seria exterminada por causa desse canalha. Aquelas palavras dos sábios, ó Janardana, estão agora sendo realizadas, já que os Kshatriyas estão sofrendo quase total extermínio por causa dos atos de Duryodhana! Eu irei, ó Madhava, matar todos os guerreiros hoje! Depois que todos os Kshatriyas tiverem sido mortos e o acampamento (Kaurava) ficar vazio, Duryodhana então desejará lutar conosco para sua própria destruição. Isso terminará estas hostilidades! Exercitando minha razão, ó Madhava, e refletindo em minha própria mente, ó tu da tribo de Vrishni, pensando nas palavras de Vidura, e levando em conta as ações do próprio Duryodhana de mente má, eu cheguei a esta conclusão! Penetre no exército Bharata, ó herói, pois eu matarei Duryodhana de alma perversa e seu exército hoje com minhas flechas afiadas! Matando este exército fraco na própria vista do filho de Dhritarashtra, eu hoje farei o que é para o bem de Yudhishthira!'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado por Savyasaci, ele da linhagem de Dasarha, rédeas nas mãos, penetrou destemidamente naquela vasta tropa hostil para lutar. Aquela era uma floresta terrível de arcos (na qual os dois heróis entraram). Dardos constituíam seus espinhos. Maças e clavas com pontas de ferro eram suas trilhas. Carros e elefantes eram suas árvores imensas. Cavalaria e infantaria eram suas trepadeiras. E o ilustre Keshava, quando ele entrou naquela floresta naquele carro enfeitado com muitas bandeiras e pendões, parecia muito resplandecente. Aqueles cavalos brancos, ó rei, levando Arjuna em batalha, eram vistos correndo a toda velocidade em todo lugar, incitados por ele da linhagem de Dasarha! Então aquele opressor de inimigos, Savyasaci, prosseguiu em seu carro, disparando centenas de flechas afiadas como uma nuvem derramando torrentes de chuva. Alto era o barulho produzido por aquelas flechas retas, como também por aqueles combatentes que eram cobertos com elas naquela batalha por Savyasaci. Chuvas de flechas, atravessando a armadura dos combatentes, caíam ao solo. Impelidas do Gandiva, aquelas flechas, cujo toque parecia aquele do raio de Indra, atingindo homens e elefantes e cavalos, ó rei, caíam naquela batalha com um barulho semelhante àquele de insetos alados. Tudo foi coberto com aquelas flechas disparadas do Gandiva. Naquela batalha, os pontos do horizonte, cardeais e secundários, não podiam ser distinguidos. O mundo inteiro parecia estar cheio com flechas aladas com ouro, embebidas em óleo, polidas pelas mãos do ferreiro, e marcadas com o nome de Partha. Atingidos por aquelas flechas afiadas, e queimados com isso por Partha assim como uma manada de elefantes é queimada com tições ardentes, os Kauravas ficaram lânguidos e perderam sua força. Armado com arco e flechas, Partha, parecendo o sol flamejante, queimou os combatentes hostis naquela batalha como um fogo ardente consumindo uma pilha

de grama seca. Como um fogo rugindo de chamas brilhantes e grande energia (se elevando de brasas) jogadas nos confins de uma floresta por seus habitantes, consome aquelas florestas cheias de árvores e pilhas de trepadeiras secas, assim mesmo aquele herói possuidor de grande força e energia feroz e dotado de perícia em armas, e tendo flechas como suas chamas, rapidamente queimou de raiva todas as tropas do teu filho. Suas flechas aladas de ouro, dotadas de força fatal e atiradas com atenção, não podiam ser detidas por qualquer armadura. Ele não tinha que disparar uma segunda flecha em homem, corcel, ou elefante de tamanho gigantesco. Como Indra manejador do trovão derrubando os Daityas, Arjuna, sozinho, entrando naquela divisão de poderosos guerreiros em carros, a destruiu com flechas de formas diversas.'"

25

"Sanjaya disse, 'Dhananjaya, com seu Gandiva, frustrou o propósito daqueles heróis que não recuavam lutando em batalha e atingindo seus inimigos. As flechas disparadas por Arjuna, irresistíveis e dotadas de grande força e cujo toque era como aquele do trovão, eram vistas parecerem com torrentes de chuva despejadas por uma nuvem. Aquele exército, ó chefe dos Bharatas, assim atacado por Kiritin, fugiu na própria vista do teu filho. Alguns abandonaram seus pais e irmãos, outros abandonaram seus companheiros. Alguns guerreiros em carros foram privados de seus animais. Outros perderam seus motoristas. Alguns tiveram seus postes ou cangas ou rodas quebradas, ó rei! As flechas de alguns estavam esgotadas. Alguns eram vistos afligidos com flechas. Alguns, embora ilesos, fugiam em conjunto, afligidos com medo. Alguns se esforçavam para salvar seus filhos, tendo perdido todos os seus parentes e animais. Alguns chamavam ruidosamente seus pais, alguns seus companheiros e seguidores. Alguns fugiam, abandonando seus parentes, ó tigre entre homens, e irmãos e outros parentes, ó monarca! Muitos poderosos guerreiros em carros, atingidos pelas flechas de Partha e profundamente perfurados com isso, eram vistos respirar com dificuldade, privados de seus sentidos. Outros, colocando-os sobre seus próprios carros e confortando-os por um tempo, e os descansando e dissipando sua sede por lhes oferecer bebida, mais uma vez procediam para a batalha. Alguns, incapazes de serem facilmente derrotados em batalha, abandonando os feridos, avançavam para lutar, desejosos de obedecer as ordens do teu filho. Alguns, tendo matado sua sede ou tratado seus animais, e alguns, vestindo armadura (nova), ó chefe dos Bharatas, e alguns, tendo confortado seus irmãos e filhos e pais, e colocado eles no acampamento, iam novamente para a batalha. Alguns, organizando seus carros na ordem, ó rei, de superiores e inferiores, avançaram novamente contra os Pandavas para lutar. Aqueles heróis (em seus carros) cobertos com fileiras de sinos, pareciam resplandecentes como Daityas e Danavas aplicados na conquista dos três mundos. Alguns, avançando com precipitação em seus veículos enfeitados com ouro, lutaram com Dhrishtadyumna em meio às divisões Pandava. O príncipe Pancala Dhrishtadyumna, e o grande guerreiro em carro Shikhandi, e Satanika, o filho de Nakula, lutaram com a tropa

de carros do inimigo. O príncipe Pancala, então, cheio de raiva e protegido por um grande exército, avançou contra tuas tropas enfurecidas pelo desejo de matá-las. Então teu filho, ó soberano de homens, disparou muitas chuvas de flechas, ó Bharata, no príncipe Pancala assim avançando nele. Então, ó rei, Dhrishtadyumna foi rapidamente perfurado com muitas flechas em seus braços e peito por teu filho lutando com seu arco. Profundamente perfurado com isso como um elefante com lanças pontudas, aquele grande arqueiro então despachou com suas flechas os quatro corcéis de Duryodhana para as regiões da morte. Com outra flecha de cabeça larga ele cortou em seguida de seu tronco a cabeça do motorista de seu inimigo. Então aquele castigador de inimigos, o rei Duryodhana, tendo perdido seu carro dessa maneira, montou no dorso de um cavalo e se retirou para um local não distante. Vendo seu próprio exército desprovido de coragem, teu filho, o poderoso Duryodhana, ó rei, procedeu para o local onde o filho de Subala estava. Quando os carros Kaurava estavam quebrados, 3.000 elefantes gigantescos cercaram aqueles guerreiros em carros, os cinco Pandavas. Cercados por aquela tropa de elefantes, ó Bharata, os cinco irmãos pareciam belos, ó tigre entre homens, como os planetas cercados pelas nuvens. Então o poderosamente armado Arjuna de corcéis brancos, ó rei, de pontaria certeira e tendo Krishna como seu quadrigário, avançou em seu carro. Cercado por aqueles elefantes enormes como colinas, ele começou a destruir aqueles animais com suas flechas afiadas e polidas. Cada um morto com uma única flecha, nós vimos aqueles elefantes enormes caídos ou caindo, mutilados por Savyasaci. O poderoso Bhimasena, ele mesmo semelhante a um elefante enfurecido, vendo aqueles elefantes, pegou sua maça formidável e avançou neles, saltando rapidamente de seu carro, como o Destruidor armado com sua clava. Vendo aquele grande guerreiro em carro dos Pandavas com maça erguida, teus soldados ficaram cheios de pavor e expeliram urina e fezes. O exército inteiro ficou agitado ao ver Bhimasena armado com maça. Nós então vimos aqueles elefantes, enormes como colinas, correndo para lá e para cá, com seus globos frontais partidos por Bhima com sua maça e todos os seus membros banhados em sangue. Atingidos pela maça de Bhima, aqueles elefantes, correndo para longe dele, caíam com gritos de dor, como montanhas sem asas. Vendo aqueles elefantes, muitos em número, com seus globos frontais quebrados, correndo para lá e para cá ou caindo, teus soldados ficaram cheios de medo. Então Yudhishthira também, cheio de ira, e os dois filhos de Madri começaram a matar aqueles guerreiros em elefantes com flechas equipadas com asas de urubu. Dhrishtadyumna, depois da derrota do rei (Kuru) em batalha, e depois da fuga do último daquele local a cavalo, viu que os Pandavas tinham sido todos cercados pelos elefantes (Kaurava). Vendo isso, ó monarca, Dhrishtadyumna, o filho do rei Pancala, procedeu em direção àqueles elefantes, desejando massacrá-los. Enquanto isso, não vendo Duryodhana no meio da tropa de carros, Ashvatthama e Kripa, e Kritavarma da linhagem Satwata questionaram todos os Kshatriyas lá, dizendo, 'Onde foi Duryodhana?' Não vendo o rei naquela carnificina, todos aqueles teus grandes guerreiros em carros acharam que teu filho tinha sido morto. Por isso, com rostos tristes, eles perguntaram por ele. Algumas pessoas disseram a eles que depois da queda de seu motorista ele tinha ido até o filho de Subala. Outros Kshatriyas, presentes lá, que tinham sido extremamente mutilados com

ferimentos, disseram, ‘Que emergência há com Duryodhana? Vejam se ele ainda está vivo! Vocês todos lutam unidamente? O que o rei fará a vocês?’ Outros Kshatriyas, que estavam muito mutilados, que tinham perdido muitos de seus parentes, e que ainda estavam sendo atormentados pelas flechas do inimigo, disseram essas palavras em tons indistintos, ‘Vamos massacrar essas tropas pelas quais nós estamos cercados! Vejam, os Pandavas estão vindo para cá, depois de terem matado os elefantes!’ Ouvindo estas palavras deles, o poderoso Ashvatthama, atravessando aquela tropa irresistível do rei Pancala, procedeu com Kripa e Kritavarma para o local onde o filho de Subala estava. De fato, aqueles heróis, aqueles arqueiros firmes, deixando a tropa de carros, foram (à procura de Duryodhana). Depois que eles tinham ido para longe, os Pandavas, encabeçados por Dhrishtadyumna, avançaram, ó rei, e começaram a matar seus inimigos. Vendo aqueles valentes e heróicos e poderosos guerreiros em carros avançando alegremente em direção a eles, tuas tropas, entre as quais os rostos de muitos tinham empalidecido, ficaram sem esperança de suas vidas. Vendo aqueles nossos soldados quase privados de armas e cercados (pelo inimigo), eu mesmo, ó rei, tendo somente dois tipos de tropas, e ficando indiferente à vida, me juntei aos cinco líderes do nosso exército, e lutei com as forças armadas do príncipe Pancala, postando nossos homens naquele local onde o filho de Saradwat estava posicionado. Nós tínhamos sido afligidos pelas flechas de Kiritin. Todavia, uma batalha ocorreu entre nós e a divisão de Dhrishtadyumna. Finalmente, derrotados pela última, todos nós nos retiramos daquele combate. Eu então vi o poderoso guerreiro em carro Satyaki avançando contra nós. Com quatrocentos carros aquele herói me perseguiu em batalha. Tendo escapado com dificuldade de Dhrishtadyumna cujos cavalos estavam cansados, eu caí entre as forças armadas de Madhava assim como um pecador cai no inferno. Lá uma batalha violenta e terrível teve lugar por um tempo curto. O poderosamente armado Satyaki, tendo cortado minha armadura, ficou desejoso de me pegar vivo. Ele me capturou enquanto eu jazia no chão inconsciente. Então dentro de pouco tempo aquela tropa de elefantes foi destruída por Bhimasena com sua maça e Arjuna com suas flechas. Por causa daqueles elefantes poderosos, enormes como colinas, caindo por todos os lados com membros esmagados, os guerreiros Pandava encontraram seu caminho quase totalmente bloqueado. Então o poderoso Bhimasena, ó monarca, arrastando para longe aqueles elefantes enormes, fez um caminho para os Pandavas saírem. Enquanto isso, Ashvatthama e Kripa e Kritavarma da linhagem Satwata, não vendo aquele castigador de inimigos, Duryodhana, em meio à divisão de carros, procuraram por teu nobre filho. Abandonando o príncipe dos Pancalas, eles procederam para o local onde o filho de Subala estava ansioso para ter uma visão do rei durante aquela carnificina terrível.'"

26

"Sanjaya disse, 'Depois que aquela divisão de elefantes tinha sido destruída, ó Bharata, pelo filho de Pandu, e enquanto teu exército estava sendo massacrado dessa maneira por Bhimasena em batalha, vendo o último, aquele castigador de

inimigos, correndo a toda velocidade como o próprio Destruidor matador de todos enfurecido armado com sua clava, o resto não morto dos teus filhos, aqueles irmãos uterinos, ó rei, se uniram naquela hora quando ele da linhagem de Kuru, teu filho Duryodhana, não podia ser visto, e avançaram contra Bhimasena. Eles eram Durmarshana e Srutanta e Jaitra e Bhurivala e Ravi, e Jayatsena e Sujata e aquele matador de inimigos, Durvishaha, e ele chamado Durvimochana, e Dushpradharsha e o poderosamente armado Srutarvan. Todos eles eram habilidosos em batalha. Aqueles teus filhos, juntos, avançaram contra Bhimasena e o fecharam por todos os lados. Então Bhima, ó monarca, subindo mais uma vez em seu próprio carro, começou a disparar flechas afiadas nos membros vitais dos teus filhos. Aqueles teus filhos, cobertos com flechas por Bhimasena naquela batalha aterradora, começaram a arrastar aquele guerreiro como homens arrastando um elefante para fora de uma estrada. Excitado com raiva, Bhimasena, cortando rapidamente a cabeça de Durmarshana com uma flecha de cabeça de navalha, a derrubou no chão. Com outra flecha de cabeça larga capaz de atravessar toda armadura Bhima matou em seguida aquele poderoso guerreiro em carro, teu filho Srutanta. Então com a maior facilidade, perfurando Jayatsena com uma flecha do comprimento de uma jarda, aquele castigador de inimigos, o filho de Pandu, derrubou aquele descendente da linhagem de Kuru de seu carro. O príncipe, ó rei, caiu e morreu imediatamente. Nisto, teu filho Srutarvan, excitado com raiva, perfurou Bhima com cem flechas retas aladas com penas de urubu. Então Bhima, inflamado com raiva, perfurou Jaitra e Ravi e Bhurivala, aqueles três, com três flechas parecendo veneno ou fogo. Aqueles poderosos guerreiros em carros, assim atingidos, caíram de seus carros como Kinsukas matizadas com flores na primavera derrubadas (pelo lenhador). Então aquele opressor de inimigos, com outra flecha de cabeça larga de gume excelente, atingiu Durvimochana e despachou-o para a residência de Yama. Assim atingido, aquele principal dos guerreiros em carros caiu no chão de seu carro, como uma árvore crescendo no topo de uma montanha quando quebrada pelo vento. O filho de Pandu em seguida atingiu teus outros dois filhos na dianteira de suas tropas, Dushpradharsha e Sujata, cada um com um par de flechas naquela batalha. Aqueles dois principais dos guerreiros em carros, perfurados por aquelas flechas, caíram. Vendo em seguida outro filho teu, Durvishaha, avançando nele, Bhima o perfurou com uma flecha de cabeça larga naquele combate. Aquele príncipe caiu de seu carro na própria vista de todos os arqueiros. Vendo tantos de seus irmãos mortos por Bhima sozinho naquela luta, Srutarvan, sob a influência da ira, avançou em Bhima, esticando seu arco formidável enfeitado com ouro e disparando um grande número de flechas que pareciam veneno ou fogo em energia. Cortando o arco do filho de Pandu naquela batalha terrível, o príncipe Kuru perfurou Bhima sem arco com vinte flechas. Então Bhimasena, aquele poderoso guerreiro em carro, pegando outro arco, cobriu teu filho com flechas e se dirigindo a ele, disse, 'Espere, Espere!' A batalha que ocorreu entre os dois foi bela e feroz, como aquela que tinha ocorrido nos tempos antigos entre Vasava e o Asura Jambha, ó senhor! Com as flechas afiadas, parecendo as varas fatais de Yama, disparadas por aqueles dois guerreiros, a terra, o céu, e todos os pontos do horizonte ficaram encobertos. Então Srutarvan, cheio de raiva, pegou seu arco e atingiu Bhimasena naquela batalha, ó rei, com muitas flechas em seus braços e

peito. Profundamente perfurado, ó monarca, por teu filho armado com o arco, Bhima ficou extremamente agitado como o oceano na lua cheia ou nova. Cheio de cólera, Bhima então, ó majestade, despachou com suas flechas o motorista e os quatro corcéis do teu filho para a residência de Yama. Vendo ele sem carro, o filho de Pandu de alma incomensurável, mostrando a agilidade de suas mãos, o cobriu com flechas aladas. Srutarvan sem carro então, ó rei, pegou uma espada e escudo. Quando o príncipe, no entanto, corria a toda velocidade com sua espada e escudo brilhante enfeitado com cem luas, o filho de Pandu cortou sua cabeça de seu tronco com uma flecha de cabeça de navalha e derrubou-a no chão. O tronco daquele guerreiro ilustre, tornado sem cabeça por meio daquela flecha de cabeça de navalha, caiu de seu carro, enchendo a Terra com um barulho alto. Após a queda daquele herói, tuas tropas, embora apavoradas, avançaram naquela batalha contra Bhimasena pelo desejo de lutar com ele. O valente Bhimasena, vestido em armadura, recebeu aqueles guerreiros avançando rapidamente nele dentre o resto não morto daquele oceano de tropas. Aproximando-se dele, aqueles guerreiros cercaram aquele herói por todos os lados. Assim cercado por aqueles teus guerreiros, Bhima começou a afligir todos eles com flechas afiadas como ele de 1.000 olhos afligindo os Asuras. Tendo destruído quinhentos grandes carros com suas cercas, ele mais uma vez matou setecentos elefantes naquela batalha. Matando em seguida 10.000 soldados de infantaria com suas flechas poderosas, como também 800 cavalos, o filho de Pandu parecia resplandecente. De fato, Bhimasena, o filho de Kunti, tendo matado teus filhos em batalha, considerou seu objetivo alcançado, ó senhor, e o propósito de seu nascimento realizado. Tuas tropas, naquele momento, ó Bharata, não ousavam nem olhar para aquele guerreiro que estava lutando daquele modo e matando os teus homens daquela maneira. Derrotando todos os Kurus e matando aqueles seguidores deles, Bhima então bateu em seu peito, apavorando os elefantes enormes com o barulho que ele produziu. Então teu exército, ó monarca, que tinha perdido um número muito grande de homens, e que então consistia em muito poucos soldados, ficou muito desanimado, ó rei!'"

27

"Sanjaya disse, 'Duryodhana, ó rei, e teu filho Sudarsa, os únicos dois dos teus filhos ainda vivos, estavam naquele momento no meio da cavalaria (Kaurava). Vendo Duryodhana no meio da cavalaria, o filho de Devaki (Krishna) disse para Dhananjaya, o filho de Kunti, 'Um grande número de nossos inimigos, parentes que tinham recebido nossa proteção, foi morto. Lá, aquele touro da raça Sini está voltando, tendo capturado Sanjaya! Ambos Nakula e Sahadeva, ó Bharata, estão cansados, tendo lutado com os infames Dhartarashtras e seus seguidores! Aqueles três, Kripa e Kritavarma e o poderoso guerreiro em carro Ashvatthama deixaram o lado de Duryodhana e tomaram sua posição em outro lugar! Tendo matado as tropas de Duryodhana, o príncipe Pancala está lá, dotado de grande beleza, no meio dos Prabhadrakas. Lá, ó Partha, Duryodhana está no meio de sua cavalaria, com o guarda-sol suspenso sobre sua cabeça e ele mesmo lançando

seus olhares por toda parte! Tendo reagrupado (o resto de seu) exército, ele permanece no meio de sua tropa. Matando ele com tuas flechas afiadas, tu podes alcançar todos os teus objetivos! Contanto que essas tropas não fujam ao te ver em seu meio e testemunhando também a destruição da sua tropa de elefantes, ó castigador de inimigos, te esforce para matar Duryodhana! Que alguém vá até o príncipe Pancala e peça a ele para vir para cá. As tropas (Kaurava) estão todas fatigadas, ó senhor! O pecaminoso Duryodhana nunca conseguirá escapar! Tendo matado um grande número das tuas tropas em batalha, o filho de Dhritarashtra apresenta um aspecto orgulhoso como se ele acreditasse que os Pandavas foram derrotados! Vendo suas próprias tropas afligidas e mortas pelos Pandavas, o rei Kuru certamente virá lutar para sua própria destruição!' Assim endereçado por Krishna, Phalguna respondeu a ele, dizendo, 'Quase todos os filhos de Dhritarashtra, ó concessor de honras, foram mortos por Bhima! Somente esses dois ainda estão vivos! Eles, no entanto, ó Krishna, também encontrarão a destruição hoje! Bhishma foi morto, Drona foi morto, Karna, também chamado Vaikartana, foi morto! Shalya, o rei dos Madras, foi morto, e Jayadratha também, ó Krishna, foi morto! Só quinhentos cavalos formam o resto das tropas de Shakuni, o filho de Subala, e de carros, só duzentos ainda restam, ó Janardana! De elefantes restam somente cem que são formidáveis, e de infantaria só 3.000! Lá permanecem também Ashvatthama e Kripa e o soberano dos Trigartas e Uluka e Kritavarma da linhagem Satwata. Esses, ó Madhava, formam o resto do exército de Duryodhana! Realmente, não há escapatória da morte para alguém sobre a Terra! Embora tal carnificina tremenda tenha ocorrido, veja, Duryodhana ainda está vivo! Hoje o rei Yudhishthira, no entanto, será liberto de todos os seus inimigos! Ninguém entre o inimigo escapará de mim, eu acredito! Mesmo que eles sejam mais do que homens, ó Krishna, eu ainda matarei todos aqueles guerreiros hoje, de qualquer modo, furiosos em batalha, se somente eles não fugirem do campo! Cheio de ira na batalha de hoje eu irei, por matar o príncipe de Gandhara com minhas flechas afiadas, dissipar aquela insônia da qual o rei tem sofrido por um longo tempo! Eu obterei de volta todas aquelas posses valiosas as quais o filho de Subala, de má conduta, ganhou de nós no jogo na assembléia! Sabendo da morte de seus maridos e filhos nas mãos dos Pandavas em batalha, todas as senhoras da cidade chamada pelo nome de elefante irão proferir lamentos altos! Hoje, ó Krishna, nossa tarefa será terminada! Hoje Duryodhana abandonará toda a sua prosperidade resplandecente, como também seu ar vital. Tu podes considerar o tolo filho de Dhritarashtra como morto, ó tu da linhagem de Vrishni, se, ó Krishna, ele hoje não fugir da batalha que será travada por mim! Aqueles corcéis são incapazes de aguentar o som do meu arco e os tapas das minhas palmas! Proceda para lá, ó Krishna, pois eu os matarei!' Assim endereçado pelo filho de Pandu de grande força mental, ele da linhagem de Dasarha instigou seus corcéis, ó rei, em direção à divisão de Duryodhana. Vendo aquela tropa (dentro da qual Duryodhana estava), três poderosos guerreiros em carros se prepararam para atacá-la, pois Bhimasena e Arjuna e Sahadeva, ó senhor, procederam juntos contra ela com rugidos leoninos altos pelo desejo de matar Duryodhana. Vendo aqueles três guerreiros avançando rapidamente juntos com arcos erguidos, o filho de Subala procedeu em direção àquele local contra aqueles inimigos Pandava. Teu filho Sudarsana avançou contra Bhimasena. Susarman e Shakuni

enfrentaram Kiritin. Teu filho Duryodhana procedeu a cavalo contra Sahadeva. Então teu filho, ó soberano de homens, com grande velocidade e atenção, atingiu violentamente a cabeça de Sahadeva com uma lança. Assim atacado por teu filho, Sahadeva se sentou no terraço de seu carro, todos os seus membros banhados em sangue e ele mesmo suspirando como uma cobra. Recuperando seus sentidos então, ó rei, Sahadeva, cheio de raiva, cobriu Duryodhana com flechas afiadas. O filho de Kunti, Dhananjaya, também chamado Partha, empregando sua destreza, cortou as cabeças de muitos bravos combatentes a cavalo. De fato, Partha, com muitas flechas, destruiu aquela divisão (de cavalaria). Tendo derrubado todos os corcéis, ele então procedeu contra os carros dos Trigartas. Nisto, os grandes guerreiros em carros dos Trigartas, se unindo, cobriram Arjuna e Vasudeva com chuvas de flechas. Atacando Satyakarman com uma flecha de cabeça de navalha, o filho de Pandu, possuidor de grande fama, cortou os varais do carro de seu adversário. Com outra flecha de cabeça de navalha, ó senhor, afiada em pedra, aquele herói célebre, sorrindo, cortou a cabeça de seu antagonista enfeitada com ouro brilhante. Ele em seguida atacou Satyeshu diante de todos os guerreiros, como um leão faminto, ó rei, na floresta, atacando um veado. Tendo matado ele, Partha perfurou Susarman com três flechas e então matou todos aqueles guerreiros em carros enfeitados com ornamentos de ouro. Ele então procedeu contra Susarman, o governante de Prashthala, com grande velocidade, vomitando o veneno virulento de sua ira nutrida por muitos longos anos. Cobrindo ele primeiro, ó touro da raça Bharata, com cem flechas, Arjuna então matou todos os cavalos daquele arqueiro. Fixando então na corda de seu arco uma flecha poderosa que parecia a vara de Yama, Partha, sorrindo, disparou-a rapidamente em Susarman, mirando-a nele. Disparada por aquele arqueiro resplandecente com cólera, aquela flecha, alcançando Susarman, atravessou seu coração naquela batalha. Privado de vida, ó monarca, Susarman caiu na terra, alegrando todos os Pandavas e atormentando todos os teus guerreiros. Tendo matado Susarman naquela batalha, Partha então, com suas flechas, despachou os trinta e cinco filhos daquele rei, todos os quais eram grandes guerreiros em carros, para a residência de Yama. Matando em seguida todos os seguidores de Susarman com suas flechas afiadas, o poderoso guerreiro em carro Arjuna procedeu contra o restante da hoste Bharata. Bhima, naquela batalha, cheio de raiva, ó soberano de homens, fez teu filho Sudarsana invisível com suas flechas, e sorrindo cortou do tronco de seu oponente sua cabeça com uma flecha de cabeça de navalha de gume excelente. Carente de vida, o príncipe caiu no chão. Após a queda daquele herói (Kuru), seus seguidores cercaram Bhima naquela batalha, disparando chuvas de flechas afiadas nele. Vrikodara, no entanto, com suas flechas afiadas, cujo toque parecia aquele do raio de Indra, cobriu aquela tropa em volta dele. Dentro de um tempo muito curto Bhima matou eles todos, ó touro da raça Bharata! Enquanto eles estavam sendo exterminados dessa maneira, muitos líderes Kaurava de grande força, ó Bharata, se aproximaram de Bhima e começaram a lutar com ele. O filho de Pandu, ó rei, cobriu todos eles com suas flechas. Similarmente, teus guerreiros, ó monarca, cobriram os grandes guerreiros em carros dos Pandavas com chuvas densas de flechas de todos os lados. Todos os guerreiros então, de ambos os lados, assim empenhados em lutar uns com os outros, ficaram extremamente agitados. Atingidos uns pelos outros, os

combatentes de ambos os exércitos, ó rei, começaram a cair, lamentando alto por seus parentes (mortos).'"

28

"Sanjaya disse, 'Durante a continuação daquela batalha que era tão destrutiva de homens e corcéis e elefantes, o filho de Subala, Shakuni, ó rei, avançou contra Sahadeva. O valente Sahadeva, quando Shakuni avançou rapidamente em direção a ele, disparou chuvas de flechas velozes naquele guerreiro tão numerosas quanto um enxame de insetos. Naquela hora, Uluka também enfrentou Bhima e o perfurou com dez flechas, Shakuni, enquanto isso, ó monarca, tendo perfurado Bhima com três flechas, cobriu Sahadeva com noventa. De fato, aqueles heróis, ó rei, enfrentando um ao outro naquela batalha, perfuraram um ao outro com muitas flechas afiadas equipadas com penas Kanka e de pavão, aladas com ouro, afiadas em pedra, e disparadas de cordas de arco esticadas até suas orelhas. Aquelas chuvas de flechas disparadas de seus arcos e braços, ó monarca, cobriram todos os pontos do horizonte como uma chuva grossa despejada das nuvens. Então Bhima, cheio de raiva, e Sahadeva de grande heroísmo, ambos dotados de grande força, se moveram rapidamente naquela batalha, fazendo uma carnificina imensa. Aquele exército, ó Bharata, foi coberto por centenas de flechas por aqueles dois guerreiros. Por causa disso, o céu em muitas partes do campo ficou encoberto pela escuridão. Por causa, ó monarca, de corcéis, cobertos por flechas, arrastando atrás deles, enquanto eles corriam, um grande número de combatentes mortos, os caminhos em muitas partes do campo ficaram totalmente bloqueados. Coberto com cavalos mortos com seus cavaleiros, com escudos e lanças quebrados, ó monarca, e com espadas e dardos e lanças por toda parte, o solo parecia matizado como se coberto com flores. Os combatentes, ó rei, enfrentando uns aos outros, se moviam rapidamente em batalha, cheios de ira e tirando a vida uns dos outros. Logo o campo ficou coberto com cabeças, belas como os filamentos do lótus, enfeitadas com brincos e agraciadas com faces adornadas com olhos revirados em fúria e lábios mordidos de raiva. Coberta também, ó monarca, com os braços cortados de guerreiros que pareciam as trombas de elefantes enormes, que estavam adornados com Angadas e envolvidos em proteções de couro, e que ainda seguravam espadas e lanças e machados de batalha, e com corpos sem cabeça erguidos em seus pés e sangrando e dançando no campo, e enxameando com criaturas carnívoras de diversas espécies, a terra, ó senhor, apresentava um aspecto pavoroso! Depois que o exército Bharata tinha sido reduzido a um pequeno resto, os Pandavas, cheios de deleite naquela batalha terrível começaram a despachar os Kauravas para a residência de Yama. Enquanto isso, o filho heróico e valente do filho de Subala atingiu muito violentamente Sahadeva na cabeça com uma lança. Extremamente agitado, ó monarca, por causa do golpe, Sahadeva sentou-se no terraço de seu carro. Vendo Sahadeva naquela situação, o bravo Bhima, cheio de raiva, ó Bharata, manteve o exército Kuru inteiro sob controle. Com suas flechas do comprimento de uma jarda ele perfurou centenas e milhares de guerreiros hostis, e tendo-os perfurado dessa maneira, aquele castigador de inimigos proferiu

um rugido leonino. Assustados por aquele rugido, todos os seguidores de Shakuni, com seus corcéis e elefantes, fugiram precipitadamente de medo. Vendo eles divididos, o rei Duryodhana disse a eles, 'Parem, ó Kshatriyas não familiarizados com moralidade! Lutem! De que serve a fuga? Aquele herói que sem mostrar suas costas abandona seu ar vital em batalha obtém fama neste mundo e desfruta de regiões de bem-aventurança após a morte!' Assim exortados pelo rei, os seguidores do filho de Subala avançaram mais uma vez contra os Pandavas, fazendo da morte sua meta. Impressionante, ó monarca, foi o barulho feito por aqueles guerreiros avançando, parecendo aquele do oceano agitado. Nisto, o campo de batalha ficou agitado por toda parte. Vendo aqueles seguidores do filho de Subala avançando dessa maneira em batalha, os Pandavas vitoriosos, ó monarca, procederam contra eles. Confortado um pouco, o invencível Sahadeva, ó monarca, perfurou Shakuni com dez flechas e seus corcéis com três. Com a maior facilidade ele então cortou o arco do filho de Subala com várias outras flechas. Invencível em batalha, Shakuni, no entanto, pegou outro arco e perfurou Nakula com sessenta flechas e então Bhimasena com sete. Uluka também, ó rei, desejoso de resgatar seu pai naquele combate, perfurou Bhima com sete flechas e Sahadeva com setenta. Bhimasena naquela batalha perfurou Uluka com muitas flechas afiadas e Shakuni com sessenta e quatro, e cada um dos outros guerreiros que lutavam em volta deles, com três flechas. Atingidos por Bhimasena com flechas embebidas em óleo, os Kauravas, cheios de raiva naquela batalha, cobriram Sahadeva com chuvas de flechas como nuvens carregadas de relâmpago despejando chuva em um leito de montanha. O heróico e valente Sahadeva então, ó monarca, cortou, com uma flecha de cabeça larga, a cabeça de Uluka quando o último avançou contra ele. Morto por Sahadeva, Uluka, alegrando os Pandavas naquela batalha, caiu de seu carro no chão, todos os seus membros banhados em sangue. Vendo seu filho morto, Shakuni, ó Bharata, com voz sufocada com lágrimas e puxando fôlegos profundos, se lembrou das palavras de Vidura. Tendo refletido por um momento com olhos lacrimosos, Shakuni, respirando pesadamente, se aproximou de Sahadeva e o perfurou com três flechas. Desviando aquelas flechas disparadas pelo filho de Subala com chuvas de flechas, o bravo Sahadeva, ó monarca, cortou o arco de seu adversário naquela luta. Vendo seu arco cortado, ó rei, Shakuni, o filho de Subala, pegou uma cimitarra formidável e arremessou-a em Sahadeva. O último, no entanto, com a maior facilidade, ó monarca, cortou em dois aquela cimitarra terrível do filho de Subala enquanto ela corria em direção a ele naquele combate. Vendo sua espada cortada em dois, Shakuni pegou uma maça enorme e lançou-a em Sahadeva. Aquela maça também, incapaz de alcançar seu objetivo, caiu no chão. Depois disto, o filho de Subala, cheio de raiva, lançou no filho de Pandu um dardo terrível que parecia uma iminente escuridão da morte. Com a maior facilidade Sahadeva, naquele combate, cortou, com suas flechas enfeitadas com ouro, em três fragmentos, aquele dardo enquanto ele corria rapidamente em direção a ele. Cortado em fragmentos, aquele dardo enfeitado com ouro caiu sobre a terra como um raio brilhante do firmamento, se dividindo em muitos relâmpagos. Vendo aquele dardo frustrado e o filho de Subala afligido com medo, todas as tuas tropas fugiram apavoradas. O próprio filho de Subala se juntou a elas. Os Pandavas então, ávidos pela vitória, proferiram gritos altos. Em relação aos Dhartarashtras,

quase todos eles fugiram da luta. Vendo eles tão desanimados, o valente filho de Madri, com muitos milhares de flechas, os deteve naquela batalha. Então Sahadeva atacou o filho de Subala quando o último, que ainda estava expectante de vitória, estava fugindo, protegido pela excelente cavalaria dos Gandharas. Lembrando, ó rei, que Shakuni, que tinha caído como sua parte, ainda estava vivo, Sahadeva, em seu carro enfeitado com ouro, perseguiu aquele guerreiro. Encordoando seu arco formidável e esticando-o com grande força, Sahadeva, cheio de fúria, perseguiu o filho de Subala e o atingiu vigorosamente com muitas flechas providas de penas de urubu e afiadas em pedra, assim como uma pessoa atingindo um elefante poderoso com lanças pontudas. Dotado de grande energia mental, Sahadeva, tendo afligido seu inimigo dessa maneira, se dirigiu a ele, como se para trazer à lembrança (seus crimes passados), nestas palavras, 'Aderindo aos deveres de um Kshatriya, lute (comigo) e seja um homem! Tu, ó tolo, te regozijaste muito no meio da assembléia, enquanto jogando com dados! Receba agora, ó tu mente perversa, o fruto daquele ato! Todos aqueles de alma má que nos ridicularizaram naquele tempo pereceram! Só aquele desgraçado de sua raça, Duryodhana, ainda está vivo, e tu mesmo, seu tio materno! Hoje eu te matarei, cortando tua cabeça com uma flecha de cabeça de navalha como uma pessoa colhendo uma fruta de uma árvore com um pau!' Dizendo estas palavras, ó monarca, Sahadeva de grande força, aquele tigre entre homens, cheio de raiva, avançou impetuosamente contra Shakuni. Aproximando-se de seu inimigo, o invencível Sahadeva, aquele principal dos guerreiros, puxando violentamente seu arco e como se queimando seu inimigo com cólera, perfurou Shakuni com dez flechas e seus corcéis com quatro. Então cortando seu guarda-sol e estandarte e arco, ele rugiu como um leão. Seu estandarte e arco e guarda-sol assim cortados por Sahadeva, o filho de Subala estava perfurado com muitas flechas em todos os seus membros vitais. Mais uma vez, ó monarca, o valente Sahadeva disparou em Shakuni uma chuva irresistível de flechas. Cheio de raiva, o filho de Subala então, sem ajuda, avançou com velocidade contra Sahadeva naquele combate, desejoso de matar o último com uma lança adornada com ouro. O filho de Madri, no entanto, com três flechas de cabeça larga cortou simultaneamente, sem perder um momento, aquela lança erguida como também os dois braços simétricos de seu inimigo na vanguarda da batalha, e então proferiu um rugido alto. Dotado de grande presteza, o heróico Sahadeva então, com uma flecha de cabeça larga, feita de ferro duro, equipada com asas de ouro, capaz de penetrar toda armadura, e disparada com grande força e cuidado, cortou de seu tronco a cabeça de seu inimigo. Privado de sua cabeça pelo filho de Pandu com aquela flecha enfeitada com ouro de gume excelente e esplendor como o do sol, o filho de Subala caiu ao solo naquela batalha. De fato, o filho de Pandu, cheio de raiva, cortou aquela cabeça a qual foi a origem da má política dos Kurus, com aquela flecha impetuosa alada com ouro e afiada em pedra. Vendo Shakuni jazendo sem cabeça no chão e todos os seus membros encharcados com sangue coagulado, teus guerreiros, tornados impotentes com medo, fugiram para todos os lados com armas em suas mãos. Naquela hora, teus filhos, com carros, elefantes, cavalaria e infantaria totalmente divididos, ouviram o som do Gandiva e fugiram com rostos sem cor, afligidos com medo e privados de sua razão. Tendo derrubado Shakuni de seu carro, os Pandavas, ó Bharata, ficaram cheios de alegria. Se regozijando com

Keshava entre eles, eles sopraram suas conchas naquela batalha, alegrando suas tropas. Todos eles, com corações contentes, reverenciaram Sahadeva, e disseram, ‘Por boa sorte, ó herói, Shakuni de alma perversa, aquele homem de má conduta, foi, com seu filho, morto por ti!'"

29

(Hrada-pravesa Parva)

"Sanjaya disse, 'Depois disso, os seguidores do filho de Subala, ó monarca, ficaram cheios de raiva. Preparados para sacrificar suas vidas naquela batalha terrível, eles começaram a resistir aos Pandavas. Decidido a ajudar Sahadeva em sua vitória, Arjuna, como também Bhimasena possuidor de grande energia e parecendo uma cobra enfurecida de veneno virulento em aspecto, receberam aqueles guerreiros. Com seu Gandiva, Dhananjaya frustrou o propósito daqueles guerreiros, que, armados com dardos e espadas e lanças, desejavam matar Sahadeva. Vibhatsu, com suas flechas de cabeça larga cortou os corcéis, as cabeças, e os braços com armas em punho daqueles combatentes que avançavam. Os corcéis daqueles principais dos heróis dotados de energia, atingidos por Savyasaci, caíam no chão, privados de suas vidas. O rei Duryodhana, vendo aquela carnificina de suas próprias tropas, ó senhor, ficou cheio de raiva. Reunindo o resto de seus carros os quais ainda numeravam muitas centenas, como também seus elefantes e cavalos e infantaria, ó opressor de inimigos, teu filho disse essas palavras para aqueles guerreiros, ‘Enfrentando todos os Pandavas com seus amigos e aliados, nesta batalha, e o príncipe de Pancala também com suas próprias tropas, e matando-os rapidamente, voltem da luta!’ Aceitando respeitosamente aquela ordem dele, aqueles guerreiros, difíceis de serem derrotados em batalha, procederam novamente contra os Parthas naquela batalha, por ordem do teu filho. Os Pandavas, no entanto, cobriram com suas flechas parecendo cobras de veneno virulento todos aqueles guerreiros, formando o resto do exército Kaurava, que assim avançaram rapidamente contra eles naquela batalha terrível. Aquele exército, ó chefe dos Bharatas, quando ele se aproximou para lutar, foi exterminado em um momento por aqueles guerreiros de grande alma, pois ele fracassou em obter um protetor. Por causa dos corcéis (Kaurava) correndo para lá e para cá que estavam todos cobertos com a poeira erguida pelo exército, os pontos cardeais e secundários do horizonte não podiam ser distinguidos. Muitos guerreiros, saindo da formação de combate Pandava, ó Bharata, mataram tuas tropas num momento naquela batalha. Onze Akshauhinis, ó Bharata, de tropas tinham sido reunidos por teu filho! Todos aqueles, ó senhor, foram mortos pelos Pandus e os Srinjayas! Entre aqueles milhares sobre milhares de reis de grande alma do teu lado, somente Duryodhana agora, ó monarca, extremamente ferido, era visto vivo, lançando seus olhos para todos os lados, e vendo a terra vazia, ele mesmo desprovido de todas as suas tropas enquanto os Pandavas, cheios de alegria naquela batalha, estavam rugindo alto por causa da realização de todos os seus objetivos. Duryodhana, ó monarca, incapaz de aguentar o zunido das flechas disparadas por aqueles heróis de grande alma,

ficou entorpecido! Desprovido de tropas e animais, ele colocou seu coração em se retirar do campo.'"

"Dhritarashtra disse, 'Quando minhas tropas tinham sido massacradas e nosso acampamento feito totalmente vazio, qual era a força, ó Suta, das tropas que ainda restavam para os Pandavas? Eu desejo saber isso. Portanto, diga-me, ó Sanjaya, pois tu és hábil (em narração). Conte-me também, ó Sanjaya, aquilo que foi feito por meu filho, o perverso Duryodhana, aquele senhor da terra, o único sobrevivente de tantos homens, quando ele viu seu exército exterminado.'"

"Sanjaya continuou, '2.000 carros, 700 elefantes, 5.000 cavalos, e 10.000 soldados de infantaria eram o restante, ó monarca, da hoste imensa dos Pandavas. Cuidando desta tropa, Dhrishtadyumna aguardou naquela batalha. Enquanto isso, ó chefe dos Bharatas, o rei Duryodhana, aquele principal dos guerreiros em carros, não viu naquela batalha um único guerreiro ao seu lado. Vendo seus inimigos rugindo alto e testemunhando o extermínio de seu próprio exército, aquele senhor da terra, Duryodhana, sem um companheiro, abandonou seu corcel morto e fugiu do campo com rosto virado para o leste. Aquele senhor de onze Akshauhinis, teu filho Duryodhana, de grande energia, pegando sua maça, fugiu a pé em direção a um lago. Antes de ele ter ido longe a pé, o rei lembrou-se das palavras do inteligente e virtuoso Vidura. Sem dúvida, isso foi previsto por Vidura de grande sabedoria, esta grande carnificina de Kshatriyas e de nós mesmos em batalha. Refletindo sobre isso, o rei, com coração queimando em angústia por ter testemunhado o extermínio de seu exército, desejou penetrar nas profundidades daquele lago. Os Pandavas, ó monarca, com Dhrishtadyumna em sua dianteira, cheios de raiva, avançaram contra (o pequeno resto do) teu exército. Com seu Gandiva, Dhananjaya frustrou o propósito das tropas (Kaurava), que, armadas com dardos e espadas e lanças, estavam proferindo rugidos altos. Tendo com suas flechas afiadas matado aquelas tropas com seus aliados e parentes, Arjuna, enquanto ele permanecia em seu carro tendo corcéis brancos unidos a ele, parecia extremamente belo. Após a queda do filho de Subala junto com cavalos, carros e elefantes, teu exército parecia com uma floresta grande colocada baixo (pelo vento). No exército de Duryodhana então, ó monarca, o qual tinha numerado muitas centenas e milhares de guerreiros, nenhum outro grande guerreiro em carro era visto vivo, exceto o filho heróico de Drona, e Kritavarma, e Kripa o filho de Gotama, ó monarca, e aquele senhor da terra, teu filho! Dhrishtadyumna, me vendo, gargalhando dirigiu-se a Satyaki, dizendo, 'Qual é a utilidade de capturar este? Nada será ganho por mantê-lo vivo.' Ouvindo essas palavras de Dhrishtadyumna, o neto de Sini, aquele grande guerreiro em carro, erguendo sua espada afiada, se preparou para me matar. Exatamente naquele momento crítico, Krishna Nascido na Ilha de grande sabedoria (Vyasa), chegando lá, disse, ‘Que Sanjaya seja dispensado vivo! De nenhuma maneira ele deve ser morto!’ Ouvindo essas palavras do Nascido na Ilha, o neto de Sini juntou suas mãos, e então me libertando disse para mim, ‘Paz para ti, ó Sanjaya, tu podes ir embora!’ Permitido por ele, eu então, tirando minha armadura e transferindo minhas armas, parti à noite na estrada que leva à cidade, meus membros banhados em sangue. Depois que eu tinha percorrido cerca de duas milhas, ó

monarca, eu vi Duryodhana, permanecendo sozinho, maça na mão, e extremamente mutilado. Seus olhos estavam cheios de lágrimas e, portanto ele não podia me ver. Eu fiquei tristemente diante dele. Ele olhou para mim sem me reconhecer. Vendo ele sozinho no campo e se entregando à aflição, eu também, dominado pela tristeza, não consegui por um momento falar uma única palavra. Então eu disse a ele tudo sobre minha própria captura e minha liberação pela graça do Nascido na Ilha. Tendo refletido por um momento, e recuperado sua razão, ele me perguntou sobre seus irmãos e suas tropas. Eu tinha visto tudo com meus olhos e, portanto disse tudo a ele, que seus irmãos tinham sido todos mortos e que todas as suas tropas tinham sido exterminadas. Eu disse ao rei que nós tínhamos naquele momento somente três guerreiros em carros deixados vivos, pois o Nascido na Ilha me disse isso quando eu parti (do lugar onde os Pandavas estavam). Puxando fôlegos profundos e olhando repetidamente para mim, teu filho me tocou com sua mão e disse, 'Exceto tu, ó Sanjaya, não há ninguém mais que vive, entre aqueles engajados nessa batalha! Eu não vejo outro (ao meu lado), enquanto os Pandavas tem seus aliados vivos! Diga, ó Sanjaya, para aquele senhor, o rei cego Dhritarashtra, que seu filho Duryodhana entrou nas profundidades de um lago! Desprovido de amigos tais como aqueles (que eu tinha ultimamente), privado de filhos e irmãos, e vendo seu reino tirado pelos Pandavas, quem como eu desejaria viver? Diga tudo isso para o rei e diga a ele em seguida que eu escapei com vida daquela batalha terrível, e que, vivo, embora muito ferido, eu irei descansar dentro das profundidades deste lago.' Tendo dito essas palavras para mim, ó monarca, o rei entrou naquele lago. Aquele soberano de homens, por meio de seu poder de ilusão, então encantou as águas daquele lago, fazendo um espaço para ele dentro delas. Depois que ele tinha entrado naquele lago, eu mesmo, sem ninguém ao meu lado, vi aqueles três guerreiros em carros (do nosso exército) vindo juntos para aquele local com seus animais cansados. Eles eram Kripa, o filho de Saradwat, e o heróico Ashvatthama, aquele principal dos guerreiros em carros, e Kritavarma da linhagem de Bhoja. Mutilados com flechas, todos eles chegaram juntos àquele local. Vendo-me, eles todos incitaram seus corcéis à maior velocidade e me alcançando, disseram, 'Por boa sorte, ó Sanjaya, tu vives ainda!' Todos eles então perguntaram por teu filho, aquele soberano de homens, dizendo, 'Nosso rei Duryodhana ainda está vivo, ó Sanjaya?' Eu então disse a eles que o rei estava bem de corpo. Eu também disse a eles tudo o que Duryodhana tinha dito para mim. Eu também indiquei a eles o lago no qual o rei tinha entrado. Então Ashvatthama, ó rei, tendo ouvido aquelas palavras de mim, lançou seus olhos naquele lago extenso e começou a lamentar em aflição, dizendo, 'Ai, ai, o rei não sabe que nós ainda estamos vivos! Com ele entre nós, nós ainda somos muito capazes de lutar com nossos inimigos!' Aqueles poderosos guerreiros em carros, tendo chorado lá por um longo tempo, fugiram à visão dos filhos de Pandu. Aqueles três guerreiros em carros que formavam o resto do nosso exército me levaram no carro bem enfeitado de Kripa, e então procederam para o acampamento Kuru. O sol tinha se posto um pouco antes. As tropas que formavam os postos fronteiriços do acampamento, sabendo que todos os teus filhos tinham sido mortos, lamentaram alto. Então, ó monarca, os homens idosos que tinham sido designados para cuidar das senhoras da família real procederam em direção à cidade, levando as princesas atrás deles. Altos foram os

lamentos proferidos por aquelas senhoras chorando quando elas souberam da destruição do exército inteiro. As mulheres, ó rei, chorando sem parar, fizeram a terra ressoar com suas vozes como um bando de águias pescadoras. Elas feriram seus corpos com unhas e golpearam suas cabeças com suas mãos, e desataram suas tranças, todo o tempo dando gritos altos. Enchendo o ar com sons tais como 'Oh!' e 'Ai!' e batendo em seus peitos, elas lamentaram alto e choraram e proferiram gritos altos, ó monarca! Então os amigos de Duryodhana, profundamente afligidos e sem voz por causa de suas lágrimas, partiram para a cidade, levando as damas da família real com eles. Os guardas do acampamento fugiram rapidamente em direção à cidade, levando com eles muitas camas brancas cobertas com cobertores caros. Outros, colocando suas esposas em carros puxados por mulas, procederam em direção à cidade. Aquelas damas, ó monarca, que quando em suas casas não podiam ser vistas pelo próprio sol estavam agora, enquanto elas procediam em direção à cidade, expostas ao olhar das pessoas comuns. Aquelas mulheres, ó chefe da linhagem de Bharata, que eram muito delicadas, agora procediam com rapidez em direção à cidade, tendo perdido seus familiares e parentes. Os próprios vaqueiros e pastores e homens comuns, cheios de pânico e afligidos com medo de Bhimasena, fugiram em direção à cidade. Até eles estavam cheios de um grande medo dos Parthas. Olhando uns para os outros, todos eles fugiram para a cidade. Durante o progresso daquela fuga geral acompanhada por tais circunstâncias de medo, Yuyutsu, privado de seu juízo pela dor, pensou sobre o que ele devia fazer em vista da emergência que tinha vindo. ‘Duryodhana foi derrotado em batalha pelos Pandavas de destreza terrível! Ele tinha onze Akshauhinis de tropas sob ele! Todos os seus irmãos foram mortos! Todos os Kauravas, encabeçados por Bhishma e Drona, pereceram! Pela influência do Destino, somente eu estou salvo! Todos aqueles que estavam no acampamento Kuru fugiram! Ai, eles estão fugindo para todos os lados, privados de energia e desprovidos de protetores! Visão semelhante eu nunca tinha visto antes! Afligido com tristeza, com olhos ansiosos com medo, eles estão fugindo para todos os lados como um bando de veados, olhando uns para os outros! Aqueles entre os conselheiros de Duryodhana que ainda estão vivos fugiram para a cidade, levando com eles as damas da família real! Eu acho, ó senhor, que chegou o momento quando eu também devo entrar na cidade com eles, depois de ter a permissão de Yudhishthira e Vasudeva!’ Para este propósito aquele príncipe poderosamente armado se apresentou diante de ambos aqueles heróis. O rei Yudhishthira, que é sempre compassivo, ficou muito satisfeito com ele. O Pandava de braços fortes abraçou aquele filho de uma mãe Vaisya e dispensou-o carinhosamente. Sobre seu próprio carro, ele instigou seus corcéis à grande velocidade. Ele então supervisionou a remoção das senhoras da família real para a cidade. O sol estava se pondo. Com aquelas senhoras, Yuyutsu entrou na cidade de Hastinapura, com olhos lacrimosos e com voz sufocada em pesar. Ele então viu Vidura de grande sabedoria, sentado com olhos chorosos. Ele tinha se afastado de Dhritarashtra, seu coração estando cheio de grande tristeza. Reverenciando Vidura, ele ficou diante dele. Dedicado à verdade, Vidura se dirigiu a ele, dizendo, ‘Por boa sorte, ó filho, tu vives em meio a esta destruição geral dos Kurus! Por que, no entanto, tu vieste vem sem o rei Duryodhana em tua companhia? Conte-me em detalhes o motivo disto!’ Yuyutsu então disse, ‘Depois

da queda de Shakuni, ó senhor, com todos os seus parentes e amigos, o rei Duryodhana, abandonando o corcel que ele montava, fugiu com medo em direção ao leste. Depois que o rei tinha fugido, todas as pessoas no acampamento (Kaurava), agitadas com medo, fugiram para a cidade. Então os protetores das damas, colocando as esposas do rei, como também aquelas de seus irmãos, em veículos, fugiram apavorados. Obtendo a permissão do rei Yudhishthira e Keshava, eu parti para Hastinapura, para proteger as pessoas que fugiam dessa maneira!' Ouvindo essas palavras faladas pelo filho da esposa Vaisya de Dhritarashtra, Vidura de alma incomensurável, conhecedor de todos os costumes e percebendo o que era apropriado naquela hora, elogiou o eloquente Yuyutsu. E ele disse, 'Tu agiste devidamente com relação ao que aconteceu, em vista dessa destruição de todos os Bharatas da qual tu estás falando! Tu também, por compaixão, mantiveste a honra da tua família! Por boa sorte, nós te vemos voltar com vida dessa batalha terrível que é tão destrutiva de heróis, como criaturas vendo o sol possuidor de glória resplandecente! Tu, ó filho, és agora de todas as maneiras o único esteio do monarca cego, desprovido de previdência, afligido com calamidade, golpeado pelo Destino, e que, embora repetidamente dissuadido, não pode se abster de seguir sua má política. Descanse aqui hoje! Amanhã tu podes voltar para Yudhishthira!' Tendo dito essas palavras, Vidura, com olhos chorosos, se despediu de Yuyutsu e entrou na residência do rei, que ressoava com gritos de 'Oh!' e 'Ai!' proferidos por cidadãos e aldeões afligidos pela dor. A mansão triste parecia ter perdido toda sua beleza; conforto e felicidade pareciam tê-la abandonado. Ela estava toda vazia e permeada pela desordem. Já cheio de tristeza, a dor de Vidura aumentou àquela visão. Conhecedor de todos os deveres, Vidura, com o coração triste, entrou no palácio, puxando fôlegos profundos. Em relação a Yuyutsu, ele passou aquela noite na sua própria residência. Afligido pela angústia, ele fracassou em obter qualquer alegria através dos panegíricos com os quais ele foi saudado. Ele passou o tempo pensando na destruição terrível dos Bharatas nas mãos uns dos outros.'"

30

"Dhritarashtra disse, 'Depois que todas as tropas Kaurava tinham sido mortas pelos filhos de Pandu no campo de batalha, o que aqueles sobreviventes do meu exército, Kritavarma e Kripa e o filho valente de Drona fizeram? O que também o rei Duryodhana de alma perversa fez então?'"

"Sanjaya disse, 'Depois da fuga das damas daqueles Kshatriyas de grande alma, e depois que o acampamento (Kaurava) tinha ficado totalmente vazio, os três guerreiros em carros (que tu mencionaste) ficaram cheios de ansiedade. Ouvindo os gritos dos filhos vitoriosos de Pandu, e vendo o acampamento abandonado perto da noite, aqueles três guerreiros do nosso lado, desejosos de resgatar o rei, e incapazes de ficar no campo foram em direção àquele lago. Yudhishthira, de alma virtuosa, com seus irmãos naquela batalha, sentiu grande alegria e vagou sobre o campo pelo desejo de matar Duryodhana. Cheios de ira, os Pandavas, desejosos de vitória, procuraram por teu filho. Embora, contudo,

eles procurassem muito cuidadosamente por ele, eles fracassaram em descobrir o rei (Kuru). Maça na mão, ele tinha fugido com grande pressa do campo de batalha e entrado naquele lago, tendo solidificado suas águas por meio da ajuda de seus poderes de ilusão. Quando finalmente os animais dos Pandavas ficaram muito cansados, os últimos procederam para seu acampamento e descansaram lá com seus soldados. Depois que os Parthas tinham se retirado para seu acampamento, Kripa e o filho de Drona e Kritavarma da linhagem de Satwata foram lentamente em direção àquele lago. Aproximando-se do lago dentro do qual se encontrava o rei, eles se dirigiram àquele soberano invencível de homens adormecido dentro da água, dizendo, ‘Levante, ó rei, e lute conosco contra Yudhishthira! Ou obtendo vitória desfrute da terra, ou, morto, vá para o céu! As forças armadas dos Pandavas também, ó Duryodhana, foram todas massacradas por ti! Aqueles entre eles que ainda estão vivos estão extremamente mutilados! Eles não serão capazes, ó monarca, de suportar tua impetuosidade, especialmente porque tu serás protegido por nós! Levante, portanto, ó Bharata!'"

"Duryodhana disse, 'Por boa sorte, eu vejo vocês, ó touros entre homens, voltarem com vida desta batalha destrutiva entre os Pandavas e os Kauravas! Depois que nós tivermos descansado um pouco e dissipado nossa fadiga, nós combateremos o inimigo e o conquistaremos! Vocês também estão cansados e eu mesmo estou muito mutilado! O exército dos Pandavas está cheio de força! Por essas razões eu não quero lutar agora! Estas exortações de sua parte, ó heróis, não são surpreendentes em absoluto, pois seus corações são nobres! Sua dedicação também a mim é grande! Esta, no entanto, não é a hora para bravura! Descansando por essa noite, eu irei, amanhã, me juntar a vocês e lutar com o inimigo! Nisto não há dúvida!'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado, o filho de Drona respondeu para o rei, que era invencível em batalha, dizendo, ‘Levante, ó rei, abençoado sejas tu, nós ainda venceremos o inimigo! Eu juro por todos os meus atos religiosos, por todas as doações que eu tenho feito, pela própria verdade, e minhas meditações silenciosas, ó rei, que eu hoje matarei os Somakas! Que eu não tenha o prazer resultante da realização de sacrifícios, aquele deleite que é sentido por todos os homens pios, se esta noite passar sem eu matar os Pandavas em batalha! Sem matar todos os Pancalas, ó senhor, eu não tirarei minha armadura! Eu te digo isso verdadeiramente. Acredite em mim, ó soberano de homens!’ Enquanto eles estavam conversando dessa maneira, vários caçadores chegaram lá. Fatigados com o peso da carne que eles carregavam, eles chegaram lá, não por algum propósito determinado, para matar sua sede. Aqueles caçadores, ó senhor, costumavam todo dia obter, com grande consideração, uma cesta cheia de carne para Bhimasena, ó rei! Quando eles sentaram escondidos nas margens daquele lago, aqueles homens ouviram cada palavra daquela conversa entre Duryodhana e aqueles guerreiros. Encontrando o rei Kuru não desejoso de lutar, aqueles grandes arqueiros, eles mesmos desejosos de batalha, começaram a instigá-lo muito a seguir seus conselhos. Vendo aqueles guerreiros em carros do exército Kaurava, e compreendendo que o rei, não desejoso de lutar, estava dentro das águas, e ouvindo aquela conversa entre aqueles heróis e seu mestre estando

dentro das profundidades do lago, de fato, ó monarca, os caçadores, percebendo claramente que era Duryodhana que estava ficando dentro do lago, tomaram uma decisão. Pouco tempo antes, o filho de Pandu, enquanto procurando pelo rei, tinha encontrado aqueles homens e perguntado a eles sobre o paradeiro de Duryodhana. Lembrando das palavras que o filho de Pandu tinha dito, aqueles caçadores, ó rei, falaram em sussurros uns para os outros, 'Nós revelaremos Duryodhana (para os Pandavas). O filho de Pandu então nos dará riqueza! É evidente para nós que o célebre rei Duryodhana está aqui! Vamos então, todos nós, proceder para o lugar onde o rei Yudhishthira está, para dizer a ele que o vingativo Duryodhana está escondido dentro das águas deste lago! Vamos também, todos nós, informar aquele grande arqueiro, o inteligente Bhimasena, que o filho de Dhritarashtra está escondido aqui dentro das águas deste lago! Satisfeito conosco, ele nos dará muita riqueza! Que necessidade nós temos de nos cansar, dia após dia, para obter carne e nos enfraquecer com tal esforço?' Tendo dito estas palavras, aqueles caçadores, cheios de alegria e ansiando por riqueza, pegaram suas cestas de carne e procederam em direção ao acampamento (Pandava). Possuidores de pontaria certeira e hábeis em atacar, os Pandavas, ó monarca, não vendo Duryodhana em batalha, que estava então escondido, (estavam descansando em seu acampamento). Desejosos de alcançar o fim da má política daquele sujeito pecaminoso, eles tinham despachado espiões em todas as direções no campo de batalha. Todos os soldados, no entanto, que tinham sido despachados naquela missão voltaram juntos para o acampamento e informaram o rei Yudhishthira o justo que nenhum rastro do rei Duryodhana pode ser encontrado. Ouvindo aquelas palavras dos mensageiros que voltaram, ó touro da raça Bharata, o rei Yudhishthira ficou cheio de grande ansiedade e começou a respirar pesadamente. Enquanto os Pandavas, ó touro da raça Bharata, estavam em tal desânimo, aqueles caçadores, ó senhor, tendo vindo com grande rapidez das margens daquele lago, chegaram ao acampamento, cheios de alegria por terem descoberto Duryodhana. Embora proibidos, eles ainda entraram no acampamento, na própria vista de Bhimasena. Tendo se aproximado daquele poderoso filho de Pandu, Bhimasena, eles relataram para ele tudo sobre o que eles tinham visto e ouvido. Então Vrikodara, aquele opressor de inimigos, ó rei, dando a eles muita riqueza, relatou tudo para o rei Yudhishthira o justo, dizendo, 'Duryodhana, ó rei, foi descoberto pelos caçadores que me abastecem com carne! Ele, ó rei, por quem tu te afliges agora se encontra dentro de um lago cujas águas foram solidificadas por ele!' Ouvindo essas palavras agradáveis de Bhimasena, ó monarca, o filho de Kunti, Ajatasatru, ficou, com todos os seus irmãos, cheio de alegria. Sabendo que o poderoso arqueiro Duryodhana tinha entrado nas águas de um lago o rei foi para lá com grande velocidade, com Janardana em sua dianteira. Então um barulho tumultuado se ergueu, ó monarca, dentre os Pandavas e os Pancalas todos os quais estavam cheios de alegria. Os guerreiros proferiram rugidos leoninos, ó touro da raça Bharata, e gritaram ruidosamente. Todos os Kshatriyas, ó rei, foram rapidamente para aquele lago chamado Dvaipayana. Os regozijantes Somakas por toda parte exclamavam ruidosamente e repetidamente, 'O filho pecaminoso de Dhritarashtra foi encontrado!' O barulho feito pelos carros daqueles guerreiros impetuosos que procederam com grande velocidade se tornou muito alto, ó monarca, e tocou os céus. Embora seus

animais estivessem cansados, todos eles ainda procederam com velocidade atrás do rei Yudhishthira que estava empenhado em encontrar Duryodhana. Arjuna, e Bhimasena, e os dois filhos de Madri com Pandu, e o príncipe Pancala Dhrishtadyumna, e o invicto Shikhandi, e Uttamaujas, e Yudhamanyu, e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, e os (cinco) filhos de Draupadi, e aqueles entre os Pancalas, ó rei, que ainda estavam vivos, e todos os Pandavas, e todos os seus elefantes, e soldados de infantaria às centenas sobre centenas, foram todos com Yudhishthira. Possuidor de grande coragem, o rei Yudhishthira o justo, ó monarca, chegou ao lago conhecido pelo nome de Dvaipayana dentro do qual Duryodhana então estava. Amplo como o próprio oceano, seu aspecto era agradável e suas águas eram frias e transparentes. Solidificando as águas por meio de seu poder de ilusão, por, de fato, um método extraordinário, teu filho Duryodhana, ó Bharata, aconteceu de estar dentro daquele lago. De fato, dentro daquelas águas repousava, ó senhor, aquele rei, armado com sua maça, que, ó soberano de homens, não podia ser derrotado por qualquer homem! Permanecendo dentro das águas daquele lago, o rei Duryodhana ouviu aquele barulho tumultuado (do exército Pandava) que parecia o próprio ribombo das nuvens. Yudhishthira então, ó rei, com seus irmãos se dirigiu àquele lago pelo desejo de matar Duryodhana. Erguendo uma poeira grossa, o filho de Pandu fez a terra tremer com o som das rodas de seu carro e o alto clangor de sua concha. Ouvindo o barulho feito pelo exército de Yudhishthira, aqueles grandes guerreiros em carros, Kritavarma e Kripa e o filho de Drona disseram essas palavras para o rei Kuru, ‘Cheios de alegria e ansiando pela vitória, os Pandavas estão vindo para cá! Nós iremos, portanto, deixar este lugar. Que isso seja sabido por ti!’ Ouvindo aquelas palavras daqueles heróis dotados de grande energia, ele respondeu a eles, dizendo, ‘Assim seja’ e permaneceu (como antes) dentro das águas, tendo, ó senhor, solidificado elas por meio de seus poderes de ilusão. Aqueles guerreiros em carros encabeçados por Kripa, cheios de aflição, se despediram do rei, ó monarca, e foram para um lugar bem distante daquele local. Tendo ido longe, eles viram uma banyan, ó senhor, sob cuja sombra eles pararam, muito cansados, e extremamente ansiosos a respeito do rei e se entregando a pensamentos tais como este, ‘O filho poderoso de Dhritarashtra, tendo solidificado as águas do lago, está esticado no fundo. Os Pandavas alcançaram aquele local, pelo desejo de batalha. Como a batalha se realizará? O que será do rei?’ Pensando nessas coisas, ó rei, aqueles heróis, Kripa e os outros, liberaram seus cavalos de seus carros e se prepararam para descansar lá por algum tempo.'"

31

"Sanjaya disse, 'Depois que aqueles três guerreiros em carros tinham deixado aquele local, os Pandavas chegaram àquele lago dentro do qual Duryodhana estava descansando. Tendo alcançado as margens do lago Dvaipayana, ó chefe da linhagem de Kuru, eles viram aquele receptáculo de águas enfeitiçado por teu filho. Então Yudhishthira, se dirigindo a Vasudeva, disse, ‘Veja, o filho de Dhritarashtra aplicou seu poder de ilusão nessas águas! Tendo enfeitiçado as

águas, ele está deitado dentro delas. Ele agora não pode temer (ser ferido por) homem! Tendo invocado uma ilusão celeste, ele está agora dentro das águas! Por meio de um ato de fraude, aquele indivíduo conhecedor de todo logro procurou esse refúgio! Ele, no entanto, não escapará de mim com vida! Mesmo que o próprio manejador do raio o ajude em batalha, o povo, ó Madhava, ainda o verá morto hoje!'"

"Vasudeva disse, 'Com teus próprios poderes de ilusão, ó Bharata, destrua essa ilusão de Duryodhana que é um perito nisso! Uma pessoa familiarizada com ilusão deve ser morta com ilusão! Essa é a verdade, ó Yudhishthira! Com ações e meios e aplicando teu poder de ilusão nessas águas, mate, ó chefe dos Bharatas, este Suyodhana, que é a própria alma da ilusão! Com ações e meios o próprio Indra matou os Daityas e os Danavas! O próprio Vali foi limitado por aquele de grande alma (Upendra), com a ajuda de muitos atos e meios! O grande Asura Hiranyaksha, como também aquele outro, Hiranyakasipu, foi morto por meio da ajuda de muitas ações e recursos. Sem dúvida, ó rei, Vritra também foi morto pela ajuda de ações! Similarmente o Rakshasa Ravana da linhagem de Pulastya, com seus parentes e seguidores, foi morto por Rama! Confiando em atos e artifícios, mostre tu também teus poderes! Aqueles dois Daityas antigos, Taraka e Viprachitti de grande energia, foram nos tempos passados, ó rei, mortos pela ajuda de ações e recursos! Similarmente, Vatapi e Ilwala, e Trisiras, ó senhor, e os Asuras Sunda e Upasunda, foram todos mortos pela ajuda de meios! O próprio Indra desfruta do céu pela ajuda de ações e meios! Ações são muito eficazes, ó rei, e nada mais, ó Yudhishthira! Daityas e Danavas e Rakshasas e reis foram mortos por meio de atos e recursos. Tome portanto, a ajuda da ação!'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado por Vasudeva, o filho de Pandu de votos rígidos, sorrindo, se dirigiu, ó monarca, ao teu filho de grande poder, que, ó Bharata, estava então dentro das águas daquele lago, dizendo, 'Por que, ó Suyodhana, tu entraste nessas águas, depois de ter feito todos os Kshatriyas perecerem e depois de ter, ó rei, feito tua própria família ser aniquilada? Por que tu entraste neste lago hoje, desejando salvar tua própria vida? Suba, ó rei, e lute conosco, ó Suyodhana! Onde, ó principal dos homens, estão agora aquele orgulho e aquele senso de honra os quais tu tinhas, já que, ó rei, tu encantaste essas águas e estás agora deitado dentro delas? Todos os homens falam de ti em assembléias como um herói. Tudo aquilo, no entanto, é totalmente falso, eu penso, já que tu estás agora escondido dentro dessas águas! Suba, ó rei, e lute, pois tu és um Kshatriya nascido de uma família nobre! Tu és Kauraveya particularmente! Lembre teu nascimento! Como tu podes te gabar do teu nascimento na linhagem de Kuru quando tu te escondeste dentro das profundidades deste lago, tendo fugido da batalha por medo? Esse não é o dever eterno de um Kshatriya, ficar longe da batalha! Fuga da batalha, ó rei, não é a prática daqueles que são honrados, nem leva ao céu! Como é que sem ter chegado ao fim desta guerra, embora cheio de desejo de vitória, tu permaneces agora dentro desse lago, depois de ter causado e testemunhado o massacre de teus filhos e irmãos e senhores e parentes e amigos e tios maternos e aparentados? Sempre vaidoso da tua coragem, tu, no entanto, não és um herói!

Falsamente tu te descreves, ó Bharata, quando tu dizes na audição de todos os homens que tu és um herói, ó tu de mente perversa! Aqueles que são heróis nunca fogem à visão de inimigos! Ou, nos fale, ó herói, a respeito (da natureza) daquela coragem pela qual tu fugiste da batalha! Levante, ó príncipe, e lute, rejeitando teus temores! Tendo feito todas as tuas tropas e teus irmãos serem mortos, ó Suyodhana, tu não deves, se tu estás inspirado com motivos honrados, pensar agora em salvar tua vida! Alguém como tu, ó Suyodhana, que adotou os deveres Kshatriya, não deve agir dessa maneira! Confiando em Karna, como também em Shakuni o filho de Subala, tu te consideraste imortal e, por tolice, fracassaste em compreender a ti mesmo! Tendo cometido tal pecado atroz, lute agora, ó Bharata! Como essa fuga da batalha se tornou atraente para alguém como tu? Certamente, tu te esqueceste de ti mesmo! Onde está aquela tua virilidade, ó senhor, e onde, ó Suyodhana, está aquele orgulho nutrido por ti? Onde foi agora aquela tua coragem, e onde também está aquela energia superior e formidável que tu tinhas? Onde está aquela tua habilidade com armas? Por que tu te encontras dentro desse lago agora? Levante, ó Bharata, e lute, cumprindo os deveres de um Kshatriya! Ou governe a terra extensa depois de nos derrotar, ou jaza, ó Bharata, no solo nu, morto por nós! Esse mesmo é o teu maior dever, como prescrito pelo próprio Criador! Aja como foi prescrito verdadeiramente nas escrituras, e seja um rei, ó grande guerreiro em carro!'"

"Sanjaya continuou, 'Assim endereçado, ó monarca, pelo filho inteligente de Dharma, teu filho respondeu a ele de dentro das águas nessas palavras.'"

"Duryodhana disse, 'Não é em absoluto uma questão de surpresa, ó rei, que o medo entre nos corações das criaturas vivas. Em relação a mim mesmo, no entanto, ó Bharata, eu não fugi do campo de batalha influenciado pelo medo de (perder a) vida! Meu carro foi destruído, minhas aljavas estavam esgotadas, e meus motoristas Parshni foram mortos! Eu estava sozinho, sem um único seguidor para me defender em batalha! Foi por isso que eu desejei um pouco de descanso! Não foi para salvar minha vida, não foi por medo, não foi por aflição, ó rei, que eu entrei nessas águas! Foi só por causa da fadiga que eu fiz isso! Ó filho de Kunti, descanse um pouco com aqueles que te seguem! Erguendo-me desse lago eu irei sem dúvida lutar com todos vocês em batalha!'"

"Yudhishthira disse, 'Todos nós descansamos suficientemente. Por um longo tempo nós estávamos empenhados em uma busca por ti! Suba então, agora mesmo, ó Suyodhana, e lute conosco! Ou matando os Parthas em batalha faça teu esse reino cheio de prosperidade, ou morto por nós em batalha vá para aquelas regiões que estão reservadas para heróis!'"

"Duryodhana disse, 'Aqueles entre os Kurus, ó filho da linhagem de Kuru, por cuja causa eu desejava a soberania, isto é, aqueles meus irmãos, ó rei, jazem todos mortos no campo! Eu, além disso, não quero mais desfrutar da terra que está agora privada de riqueza e desprovida de Kshatriyas superiores, e que, portanto, tornou-se como uma senhora viúva! Eu, no entanto, ainda espero te derrotar, ó Yudhishthira, depois de refrear o orgulho, ó touro da raça Bharata, dos Pancalas e dos Pandus! Não há, no entanto, mais qualquer necessidade de lutar

quando Drona e Karna foram aquietados e quando nosso avô Bhishma foi morto! Essa terra despovoada, ó rei, agora existe para ti! Que rei gostaria de governar um reino desprovido de amigos e aliados? Tendo feito amigos tais como eu tinha serem mortos e até filhos e irmãos e pais, e vendo meu reino tirado à força por vocês, quem há como eu mesmo que gostaria de viver? Vestido em peles de veado eu me retiraria para as florestas! Eu não desejo o reino, privado como eu estou de amigos e aliados, ó Bharata! Desprovida quase totalmente de amigos e aliados, de heróis e elefantes, essa terra existe para ti, ó rei! Desfrute dela agora alegremente! Quanto a mim, vestido em camurças eu irei para as florestas! Sem amigos como eu estou, eu não desejo, ó senhor, nem a vida! Vá, ó monarca, e governe a terra destituída de senhores, sem guerreiros, privada de riqueza, e sem cidadelas, como tu escolheres!'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo essas palavras de angústia pungente o ilustre Yudhishthira se dirigiu ao teu filho Duryodhana que estava ainda dentro daquelas águas, dizendo, 'Não profira tais delírios de tristeza, ó senhor, de dentro das águas! Eu não sinto, como Shakuni, qualquer compaixão por ti, ó rei, por palavras tais como essas! Tu podes agora, ó Suyodhana, querer fazer um presente da terra para mim. Eu, no entanto, não desejo governar a terra dada dessa maneira por ti! Eu não posso pecaminosamente aceitar essa terra de ti! Aceitação de uma doação, ó rei, não é o dever prescrito para um Kshatriya! Eu, portanto, não desejo ter a terra extensa dada dessa maneira por ti! Eu irei, por outro lado, desfrutar da terra depois de te vencer em batalha! Tu és agora o senhor da terra! Por que então tu desejar fazer um presente daquilo sobre o qual tu não tens domínio? Por que, ó rei, tu então não nos deste a terra quando nós, cumpridores das regras de virtude e desejosos do bem-estar da nossa família, te pedimos nossa parte? Tendo primeiro recusado o pedido do poderoso Krishna, por que tu agora desejas dar a terra? O que é essa tua loucura? Que rei há que, atacado por inimigos, desejaria entregar seu reino? Ó filho da linhagem de Kuru, hoje tu não és competente para doar a terra! Por que então tu desejas fazer um presente daquilo sobre o qual tu não tens poder? Me derrotando em batalha, governe essa terra! Tu antigamente não concordaste em me dar nem aquela quantidade da terra a qual seria coberta pela ponta de uma agulha! Como então, ó monarca, tu me fazes uma doação da terra inteira? Como é que tu, que não pudeste antigamente abandonar nem aquela quantidade de terra a qual a ponta de uma agulha cobriria, agora desejas abandonar a terra inteira? Que tolo iria, depois de ter obtido tal prosperidade e governado toda a terra, pensar em fazer um presente daquela terra para seus inimigos? Estupefato pela loucura, tu não vês a impropriedade disso! Embora tu desejes dar de presente a terra, tu ainda não escaparás de mim com vida! Ou governe a terra depois de ter nos vencido, ou vá para regiões de bem-aventurança depois de ser morto por nós! Se nós dois, isto é, tu mesmo e eu mesmo, estivermos vivos, então todas as criaturas permanecerão em dúvida sobre a quem a vitória pertence. Tua vida, ó tu de previdência limitada, agora depende de mim! Se eu quiser, eu posso te permitir viver, mas tu não és capaz de proteger tua própria vida! Tu tinhas uma vez te esforçado especialmente para nos matar queimados e tirar nossas vidas por meio de cobras e outros tipos de veneno e por nos afogar! Nós fomos também injustiçados por ti, ó rei, pela privação de

nosso reino, pelas palavras cruéis faladas por ti, e por teus maus-tratos a Draupadi! Por essas razões, ó canalha, tua vida deve ser tirada! Levante-se, levante-se, e lute conosco! Isso te beneficiará!'"

"Sanjaya continuou, 'Dessa maneira, ó rei, aqueles heróis, os Pandavas, entusiasmados com a vitória, repetidamente falaram lá (repreendendo e zombando de Duryodhana).'"

32

(Gada yuddha Parva)

"Dhritarashtra disse, 'Assim admoestado (por seus inimigos), como, de fato, aquele opressor de inimigos, meu filho heróico e nobre, que era colérico por natureza, se comportou então? Ele nunca antes tinha escutado admoestações semelhantes a essas! Ele tinha, além disso, sido tratado por todos com o respeito devido a um rei! Ele, que antigamente se afligia em ficar à sombra de um guarda-sol, pensando que ele tinha aceitado a proteção de outro, ele, que não podia tolerar a própria refulgência do sol por causa de seu orgulho sensível, como ele poderia tolerar aquelas palavras de seus inimigos? Tu, com teus próprios olhos, ó Sanjaya, viste a terra inteira, até com seus Mlecchas e tribos nômades, depender de sua graça! Repreendido dessa maneira naquele local pelos filhos de Pandu especialmente, enquanto deitado escondido em tal lugar solitário depois de ter sido privado de seus seguidores e servidores, ai, que resposta ele deu aos Pandavas após ouvir tais insultos mordazes e repetidos de seus inimigos vitoriosos? Conte-me tudo, ó Sanjaya, sobre isso!'"

"Sanjaya continuou, 'Assim repreendido, ó monarca, por Yudhishthira e seus irmãos, teu nobre filho, deitado dentro daquelas águas, ó rei de reis, ouviu aquelas palavras amargas e ficou muito miserável. Dando suspiros quentes e longos repetidamente, o rei agitou seus braços repetidas vezes, e colocando seu coração na batalha, respondeu dessa maneira, de dentro das águas, ao nobre filho de Pandu.'"

"Duryodhana disse, 'Ó Parthas, todos vocês possuem amigos, carros, e animais! Eu, no entanto, estou sozinho, desanimado, sem um carro, e sem um animal! Estando sozinho e desprovido de armas, como eu posso me arriscar a lutar a pé, contra inimigos numerosos todos bem armados e possuidores de carros? Vocês, no entanto, ó Yudhishthira, lutem comigo um de cada vez! Não é apropriado que um deva lutar em batalha com muitos dotados de coragem, especialmente quando aquele um está sem armadura, fatigado, afligido pela calamidade, extremamente mutilado em seus membros, e desprovido de animais e tropas! Eu não nutro o menor medo, ó monarca, de ti, ou de Vrikodara, do filho de Pritha, ou Phalguna, ou de Vasudeva, ou de todos os Pancalas, ou dos gêmeos, ou de Yuyudhana, ou de todas as outras tropas que tu tens! Permanecendo em batalha, sozinho como eu estou, eu resistirei a todos vocês! A fama, ó rei, de todos os homens justos tem a justiça como sua base! Eu digo tudo

isso a vocês, observadores de ambas: justiça e fama! Erguendo-me (desse lago), eu lutarei com todos vocês em batalha! Como o ano que gradualmente encontra todas as estações, eu encontrarei todos vocês em luta! Esperem, ó Pandavas! Como o sol destruindo com sua energia a luz de todas as estrelas na alvorada, eu irei hoje, embora sem armas e sem carro, destruir todos vocês possuidores de carros e corcéis! Hoje eu me livrarei da dívida que tenho com os muitos Kshatriyas ilustres (que morreram por mim), com Bahlika e Drona e Bhishma e Karna de grande alma, com os heróicos Jayadratha e Bhagadatta, com Shalya o soberano dos Madras e Bhurishrava, com meus filhos, ó chefe da linhagem de Bharata, e Shakuni o filho de Subala, com todos os meus amigos e benquerentes e parentes! Hoje eu me livrarei daquela dívida por matar a ti com teus irmãos!' Com essas palavras, o rei (Kuru) parou de falar.'"

"Yudhishthira disse, 'Por boa sorte, ó Suyodhana, tu conheces os deveres de um Kshatriya! Por boa sorte, ó tu de braços poderosos, teu coração se inclina para a batalha! Por boa sorte, tu és um herói, ó tu da família de Kuru, e, por boa sorte, tu estás familiarizado com a batalha, já que, sem ajuda, tu desejas enfrentar todos nós em batalha! Lute com qualquer um de nós, tomando qualquer arma que tu queiras! Todos nós permaneceremos como espectadores aqui! Eu te concedo também, ó herói, esse (outro) desejo do teu coração, que se tu matares um de nós, tu então te tornarás rei! De outra maneira, morto por nós, vá para o céu!'"

"Duryodhana disse, 'Um homem bravo como tu és, se tu me concedes a opção de lutar com somente um de vocês, essa maça que eu seguro em minha mão é a arma que eu escolho! Que qualquer um entre vocês que pensa que ele será meu páreo se adiante e lute comigo a pé, armado com maça! Muitos duelos extraordinários tem ocorrido em carros! Que esse combate extraordinário e formidável com a maça aconteça hoje! Homens (enquanto lutando) desejam trocar armas. Que o modo de luta seja mudado hoje, com tua permissão! Ó tu de armas poderosas, eu irei, com minha maça, derrotar a ti hoje com todos os teus irmãos mais novos, como também todos os Pancalas e os Srinjayas e todas as outras tropas que tu ainda tens! Eu não nutro o menor medo, ó Yudhishthira, nem do próprio Shakra!'"

"Yudhishthira disse, 'Levante-se, levante-se, ó filho de Gandhari, e lute comigo, Suyodhana! Sozinho como tu estás, lute conosco, enfrentando um de cada vez, tu de grande poder, armado com tua maça! Seja um homem, ó filho de Gandhari, e lute com bastante atenção! Hoje tu terás que sacrificar tua vida mesmo que Indra se torne teu aliado!'"

"Sanjaya continuou, 'Aquele tigre entre homens, teu filho, não pode suportar essas palavras de Yudhishthira. Ele deu suspiros longos e pesados de dentro da água como uma cobra poderosa de dentro de seu buraco. Atingido repetidamente com tais espinhos verbais, ele não pode tolerar isso em absoluto, como um cavalo de raça nobre que não pode tolerar o chicote. Agitando as águas com grande força, aquele guerreiro valente se ergueu como um príncipe de elefantes de dentro do lago, respirando pesadamente em fúria, e armado com sua maça que era dotada da força do diamante e decorada com ouro. Atravessando as águas

solidificadas, teu filho se ergueu, levando no ombro sua maça de ferro, como o próprio sol chamuscando tudo com seus raios. Dotado de grande força, teu filho, possuidor de grande inteligência, começou a manejar sua maça pesada feita de ferro e equipada com um gancho (com corda ou corrente). Vendo ele armado com maça e parecendo uma montanha coroada ou o próprio Rudra manejador do tridente lançando olhares enraivecidos em criaturas vivas, eles observaram aquele chefe Bharata derramando uma refulgência em volta como o próprio sol flamejante no céu. De fato, todas as criaturas então observaram atentamente aquele castigador de inimigos de braços fortes, quando ele ficou de pé levando nos ombros sua maça depois de se erguer das águas, parecendo com o próprio Destruidor armado com sua clava. De fato, todos os Pancalas então viram teu nobre filho parecer com Shakra o manejador do trovão ou o portador do tridente Hara. Vendo ele, no entanto, se erguer de dentro das águas, todos os Pancalas e os Pandavas começaram a se regozijar e pegar as mãos uns dos outros. Teu filho Duryodhana considerou aquela ação dos espectadores como um insulto dirigido a ele. Rolando seus olhos em fúria, e como se queimando os Pandavas com seus olhares, e contraindo sua fronte em três sulcos, e repetidamente mordendo seu lábio inferior, ele se dirigiu aos Pandavas com Keshava em seu meio, dizendo, ‘Vocês Pandavas, vocês terão que aguentar o fruto dessas zombarias! Mortos por mim hoje, vocês, com os Pancalas, terão que ir para a residência de Yama!'"

"Sanjaya continuou, 'Erguendo-se da água, teu filho Duryodhana ficou lá, armado com maça, e com membros banhados em sangue. Coberto com sangue e encharcado com água, seu corpo então parecia com uma montanha derramando água do interior. Quando ele ficou de pé armado com maça, os Pandavas o consideraram como o enfurecido filho do próprio Surya armado com a clava chamada Kinkara. Com voz profunda como aquela das nuvens ou de um touro rugindo em alegria, Duryodhana então, de grande coragem, armado com sua maça, convocou os Parthas para a batalha.'"

"Duryodhana disse, 'Vocês terão, ó Yudhishthira, que me enfrentar um de cada vez! Não é apropriado que um herói deva lutar com muitos ao mesmo tempo, especialmente quando aquele único guerreiro está privado de armadura, fatigado com esforço, coberto com água, extremamente mutilado em membros, e sem carros, animais e tropas! Que os deuses no céu me vejam lutar sozinho desprovido de todo equipamento e privado até de armadura e armas! Eu sem dúvida lutarei com todos vocês! Tu serás juiz, como tu tens as qualificações necessárias, da propriedade e impropriedade de tudo!'"

"Yudhishthira disse, 'Como é, ó Duryodhana, que tu não tinhas esse conhecimento quando muitos grandes guerreiros em carros, se unindo, mataram Abhimanyu em batalha? Os deveres Kshatriya são extremamente cruéis, sem consideração por todas as considerações, e sem a menor compaixão! De outra maneira, como vocês puderam matar Abhimanyu sob aquelas circunstâncias? Todos vocês conheciam a virtude! Todos vocês eram heróis! Todos vocês estavam preparados para sacrificar suas vidas em batalha! O fim sublime declarado para aqueles que lutam justamente é a obtenção das regiões de Shakra! Se esse é seu dever, que um nunca deve ser morto por muitos, por que é

então Abhimanyu foi morto por muitos, agindo de acordo com teus conselhos? Todas as criaturas, quando em dificuldade, esquecem considerações de virtude. Elas então visualizam os portões do outro mundo como estando fechados. Ponha armadura, ó herói, e amarre teus cabelos! Pegue tudo mais, ó Bharata, do que tu precisas! Esse outro desejo teu, ó herói, eu te concedo além do mais, que se tu puderes matar aquele entre os cinco Pandavas com quem tu desejas um combate, tu então serás rei! De outra maneira, morto (por ele), tu irás para o céu! Exceto tua vida, ó herói, nos diga que benefício nós podemos te conceder.'"

"Sanjaya continuou, 'Então teu filho, ó rei, envolveu seu corpo com armadura feita de ouro, e colocou uma bela proteção para a cabeça enfeitada com ouro puro. Vestido em armadura brilhante de ouro, ele pôs aquela proteção para a cabeça. De fato, ó rei, teu filho então parecia resplandecente como um rochedo dourado. Vestido em armadura, armado com maça, e equipado com outros equipamentos, teu filho Duryodhana então, ó rei, permanecendo no campo de batalha, se dirigiu a todos os Pandavas, dizendo, 'Entre vocês (cinco) irmãos, que qualquer um lute comigo, armado com maça! Em relação a mim mesmo, eu gostaria de lutar ou com Sahadeva, ou Bhima, ou Nakula, ou Phalguna, ou contigo hoje, ó touro da raça Bharata! Acordado um combate, eu lutarei com qualquer um entre vocês e sem dúvida obterei a vitória no campo! Hoje eu alcançarei o fim dessas hostilidades que é difícil de alcançar, com a ajuda, ó tigre entre homens, da minha maça envolvida com tecido de ouro. Eu penso que não há ninguém que seja páreo para mim em um combate com a maça! Com minha maça eu matarei todos vocês um depois do outro! Entre todos vocês não há ninguém que é qualificado para lutar de modo justo comigo! Não é apropriado para eu falar tais palavras de orgulho com relação a minha própria pessoa! Eu irei, no entanto, fazer essas minhas palavras verdadeiras na sua presença! Dentro dessa mesma hora, essas palavras se tornarão ou verdadeiras ou falsas! Que pegue a maça aquele entre vocês que lutará comigo!'"

33

"Sanjaya disse, 'Enquanto Duryodhana, ó rei, estava rugindo repetidamente dessa maneira, Vasudeva, cheio de ira, disse essas palavras para Yudhishthira, 'Que palavras irrefletidas tu falaste, ó rei, neste sentido, 'Matando um entre nós seja tu rei entre os Kurus.' Se, de fato, ó Yudhishthira, Duryodhana te escolher para lutar, ou Arjuna, ou Nakula, ou Sahadeva (qual será a consequência)? Pelo desejo de matar Bhimasena, ó rei, por esses treze anos Duryodhana tem praticado com a maça sobre uma estátua de ferro! Como então, ó touro da raça Bharata, nosso propósito será alcançado? Por compaixão, ó melhor dos reis, tu agiste com grande estouvamento! Eu nesse momento não vejo um páreo (para Duryodhana) exceto o filho de Pritha Vrikodara! Sua prática, além disso, com a maça, não é tão formidável! Tu, portanto, mais uma vez permitiste que um jogo baixo de acaso começasse como aquele nos tempos passados entre tu mesmo e Shakuni, ó monarca! Bhima é possuidor de força e bravura. O rei Suyodhana, no entanto, é possuidor de habilidade! Em uma competição entre força e habilidade,

aquele que é possuidor de habilidade, ó rei, sempre prevalece! Tal inimigo, ó rei, tu, com tuas palavras, colocaste em uma posição de facilidade e conforto! Tu te colocaste em uma posição de dificuldade. Nós, por causa disso, fomos colocados em grande perigo! Quem abandonaria a soberania dentro do alcance, depois de ter derrotado todos os seus inimigos e quando ele tem somente um inimigo para matar e aquele único mergulhado em dificuldades? Eu não vejo aquele homem no mundo hoje, seja ele um deus, que é qualificado para derrotar Duryodhana armado com maça em batalha! Nem tu nem Bhima, nem Nakula nem Sahadeva, nem Phalguna são capazes de vencer Duryodhana em luta justa! O rei Duryodhana é possuidor de grande habilidade! Como então, ó Bharata, tu podes dizer para semelhante inimigo palavras tais como essas, 'Lute, escolhendo a maça como tua arma, e se tu puderes matar um entre nós, tu então serás rei?' Se Duryodhana enfrentar Vrikodara entre nós desejando lutar de modo justo com ele, mesmo então nossa vitória será duvidosa. Duryodhana é possuidor de grande força e grande habilidade. Como tu pudeste dizer para ele, 'Matando somente um entre nós tu serás rei?' Sem dúvida, os filhos de Pandu e Kunti não estão destinados a desfrutar da soberania! Eles nasceram para passar suas vidas em contínuo exílio nas florestas ou em mendicância!'"

"Bhimasena disse, 'Ó matador de Madhu, ó encantador dos Yadus, não te entregue à tristeza! Embora difícil de realizar isso, eu hoje alcançarei o fim dessas hostilidades! Sem dúvida eu matarei Suyodhana em batalha! Parece, ó Krishna, que a vitória de Yudhishthira o justo é certa! Essa minha maça é uma vez e meia mais pesada do que a de Duryodhana! Ó Madhava, não te entregue à aflição! Eu ouso lutar com ele, escolhendo a maça como a arma! Que todos vocês, ó Janardana, permaneçam como espectadores do combate! O que você diz de Suyodhana, eu lutaria com os três mundos incluindo os próprios deuses, mesmo que eles estivessem armados com todos os tipos de armas!'"

"Sanjaya continuou, 'Depois que Vrikodara tinha dito essas palavras, Vasudeva, cheio de alegria, elogiou-o muito e disse a ele, 'Confiando em ti, ó tu de braços fortes, o rei Yudhishthira o justo irá, sem dúvida, obter de volta sua prosperidade resplandecente depois do massacre de todos os seus inimigos! Tu mataste todos os filhos de Dhritarashtra em batalha! Nas tuas mãos muitos reis e príncipes e elefantes encontraram seu destino! Os Kalingas, os Magadhas, os Kauravas, os habitantes do Oeste, os Gandharas foram todos mortos em batalha aterradora, ó filho de Pandu! Matando Duryodhana então, ó filho de Kunti, entregue a terra com seus oceanos a Yudhishthira o justo, como Vishnu (conferindo a soberania dos três mundos) ao marido de Sachi! O infame filho de Dhritarashtra, te obtendo como um inimigo em batalha sem dúvida encontrará seu destino! Tu indubitavelmente cumprirás tua promessa por quebrar seus ossos! Tu deves, no entanto, ó filho de Pritha, sempre lutar com atenção com o filho de Dhritarashtra! Ele é possuidor de ambas, habilidade e força, e sempre tem prazer na batalha!' Então Satyaki, ó rei, aplaudiu o filho de Pandu. Os Pancalas e os Pandavas, também, encabeçados pelo rei Yudhishthira o justo, todos aplaudiram aquelas palavras de Bhimasena. Então Bhima de força terrível se dirigiu a Yudhishthira, que estava em meio aos Srinjayas como o próprio sol resplandecente, dizendo,

‘Enfrentando esse em batalha, eu me arrisco a lutar com ele! Esse canalha entre os homens não é capacitado para me vencer em combate! Hoje eu vomitarei aquela ira a qual foi mantida em meu peito sobre Suyodhana, o filho de Dhritarashtra, como Arjuna lançando fogo na floresta de Khandava! Eu hoje arrancarei o dardo, ó filho de Pandu, que se encontra fincado por tanto tempo no teu coração! Seja feliz, ó rei, depois de eu ter derrubado esse canalha com minha maça! Hoje eu recuperarei, ó impecável, tua coroa de glória! Hoje Suyodhana abandonará seu ar vital, sua prosperidade, e seu reino! Hoje o rei Dhritarashtra também, sabendo da morte de seu filho, se lembrará de todos aqueles males (que ele fez para nós) resultantes das sugestões de Shakuni!’ Tendo dito essas palavras aquele príncipe da linhagem de Bharata, possuidor de grande energia, se levantou para a batalha, como Shakra convocando Vritra (para uma luta). Incapaz de tolerar aquela convocação, teu filho, de grande energia, procedeu para o combate, como um elefante enfurecido indo atacar outro. Os Pandavas viram teu filho, quando ele se aproximou armado com maça, parecer com a montanha coroada de Kailasa. De fato, vendo aquele teu filho poderoso permanecendo sozinho como um príncipe de elefantes separado da manada, os Pandavas ficaram cheios de deleite. Firme em batalha como um verdadeiro leão, Duryodhana não tinha medo, nem alarma, nem dor, nem ansiedade. Vendo ele de pé lá com maça erguida como a montanha coroada de Kailasa, Bhimasena, ó monarca, se dirigiu a ele, dizendo, ‘Lembre de todos aqueles males que o rei Dhritarashtra e tu mesmo tem feito para nós! Lembre do que aconteceu em Varanavata! Lembre de como Draupadi, enquanto em seu período, foi maltratada no meio da assembléia e como o rei Yudhishthira foi derrotado no jogo de dados por causa da sugestão de Shakuni! Veja agora, ó tu de alma perversa, a consequência terrível daqueles atos como também das outras injustiças que tu fizeste aos Parthas inocentes! É por tua causa que aquele chefe ilustre dos Bharatas, o filho de Ganga, o avô de todos nós, jaz agora em um leito de flechas, derrubado (por nós)! Drona também foi morto! Karna foi morto! Shalya de grande coragem foi morto! Lá Shakuni também, a causa dessas hostilidades, foi morto em batalha! Teus irmãos heróicos, como também teus filhos, com todas as tuas tropas, estão mortos! Outros reis também, possuidores de heroísmo, e nunca recuando da batalha, foram mortos. Esses e muitos outros touros entre os Kshatriyas, como também o Pratikamin, aquele patife que agarrou os cabelos de Draupadi, foram mortos! Só tu ainda estás vivo, tu exterminador da tua classe, tu patife entre os homens! A ti também eu matarei hoje com minha maça! Disso não há dúvida! Hoje, ó rei, eu irei, em batalha, abrandar todo o teu orgulho! Eu destruirei também tua esperança de soberania, ó rei, e me vingarei de todos os teus crimes contra os filhos de Pandu!'"

"Duryodhana disse, 'Qual a utilidade de muitas palavras? Lute comigo agora! Hoje, ó Vrikodara, eu abaterei teu desejo por batalha! Por que tu não olhas para mim, ó canalha, de pé aqui para um combate com a maça? Eu não estou armado com uma maça formidável que parece com um rochedo de Himavat? Que inimigo, ó patife, se arriscaria a me derrotar armado com essa arma? Se essa for uma luta justa, o próprio Purandara, entre os deuses, não é qualificado para esse fim! Por todos aqueles maus atos meus aos quais tu te referiste, tu não pudesses (até

agora) me causar o menor dano! Por exercer meu poder, eu fiz vocês morarem nas florestas, servirem na residência de outro, se esconderem em disfarces! Seus amigos e aliados também foram mortos. Nossa perda foi igual! Se então minha queda ocorrer nessa batalha isso será altamente louvável. Ou, talvez, o Tempo será a causa! Até esse dia eu nunca fui vencido em luta justa no campo de batalha! Se você me vencer por meio de fraude, sua infâmia certamente durará para sempre! Aquele ato seu, sem dúvida, será injusto e infame! Ó filho de Kunti, não ruja inutilmente dessa maneira como nuvens outonais não carregadas com água! Mostre toda a força que tu tens em combate agora!' Ouvindo essas palavras dele, os Pandavas com os Srinjayas, todos inspirados com desejo de vitória, as aplaudiram muito. Como homens excitando como um elefante enfurecido com palmas, todos eles então alegraram o rei Duryodhana (com aqueles louvores e aplausos). Os elefantes que estavam lá começaram a grunhir e os corcéis a relinchar repetidamente. As armas dos Pandavas, que estavam inspiradas com desejo de vitória flamejaram por iniciativa própria.'"

34

"Sanjaya disse, 'Quando aquela batalha violenta, ó monarca, estava prestes a começar, e quando todos os Pandavas de grande alma tinham tomado seus assentos, de fato, sabendo que aquela batalha entre aqueles dois heróis, ambos os quais eram seus discípulos, estava prestes a começar, Rama, cuja bandeira portava o emblema da palmeira, e que possui o arado como sua arma, chegou àquele local. Vendo ele, os Pandavas, com Keshava, avançaram cheios de alegria em sua direção, e recebendo-o, o adoraram com ritos devidos. Sua adoração terminada, eles então, ó rei, disseram a ele essas palavras, 'Testemunhe, ó Rama, a habilidade, em batalha, dos teus dois discípulos!' Rama então lançou seus olhos em Krishna e nos Pandavas, e olhando para Duryodhana também da linhagem de Kuru que estava em pé lá armado com maça, disse, 'Quarenta e dois dias se passaram desde que eu deixei o lar. Eu parti sob a constelação Pushya e voltei sob Sravana. Eu estou desejoso, ó Madhava, de ver esse combate com a maça entre esses dois discípulos meus!' Naquele momento os dois heróis, Duryodhana e Vrikodara, pareciam resplandecentes enquanto eles permaneciam no campo, ambos armados com maças. O rei Yudhishthira, abraçando ele que possui o arado como sua arma, devidamente perguntou sobre seu bem-estar e lhe deu as boas-vindas. Aqueles dois grandes arqueiros, os dois Krishnas ilustres, cheios de alegria, saudaram alegremente o herói tendo o arado como sua arma e o abraçaram. Similarmente, os dois filhos de Madri e os cinco filhos de Draupadi saudaram o filho de Rohini de grande força e permaneceram (a uma distância respeitosa). Bhimasena de grande força e teu filho, ó monarca, ambos com maças erguidas (em seus braços), reverenciaram Valadeva. Os outros reis o honraram por lhes darem as boas vindas, e então todos eles disseram para Rama, 'Testemunhe este combate, ó tu de braços poderosos!' Assim mesmo aqueles poderosos guerreiros em carros falaram para o filho de grande alma de Rohini. Dotado de energia incomensurável, Rama, tendo abraçado os Pandavas e os

Srinjayas, perguntou sobre o bem-estar de todos os (outros) reis. Da mesma maneira, todos eles, se aproximando, perguntaram a respeito do bem-estar dele. O herói do arado, tendo em retorno saudado todos os Kshatriyas de grande alma, e tendo feito perguntas corteses acerca de cada um de acordo com suas idades, abraçou carinhosamente Janardana e Satyaki. Cheirando suas cabeças, ele perguntou sobre seu bem-estar. Aqueles dois, em retorno, ó rei, devidamente reverenciaram ele, seu superior, alegremente, como Indra e Upendra reverenciando Brahman, o senhor dos celestiais. Então o filho de Dharma, ó Bharata, disse essas palavras para aquele castigador de inimigos, o filho de Rohini, ‘Veja, ó Rama, esse combate formidável entre os dois irmãos!’ Assim adorado por aqueles grandes guerreiros em carros, o irmão mais velho de Keshava, de braços poderosos e grande beleza, tomou seu assento entre eles. Vestido em mantos azuis e possuidor de uma aparência formosa, Rama, quando ele sentou em meio àqueles reis, parecia resplandecente como a lua no firmamento, cercada por miríades de estrelas. Então aquele combate aterrador, de arrepiar os cabelos, aconteceu entre aqueles dois filhos teus, ó rei, para terminar a disputa (que tinha sido travada por muitos anos).'"

35

Janamejaya disse, "Na véspera da grande batalha (entre os Kurus e os Pandus), o senhor Rama, com a permissão de Keshava, tinha partido (de Dwaraka) acompanhado por muitos dos Vrishnis. Ele disse para Keshava, 'Eu não prestarei ajuda nem ao filho de Dhritarashtra nem aos filhos de Pandu, mas irei para onde quer que eu queira!' Tendo dito essas palavras, Rama, aquele que resiste a inimigos, tinha partido. Cabe a ti, ó Brahmana, me dizer tudo sobre seu retorno! Conte-me em detalhes como Rama chegou àquele local, como ele testemunhou a batalha. Na minha opinião tu és bem hábil em narração!"

Vaishampayana disse, "Depois que os Pandavas de grande alma tinham tomado seu posto em Upaplavya, eles despacharam o matador de Madhu à presença de Dhritarashtra, pelo objetivo da paz, ó de braços fortes, e para o bem de todas as criaturas. Tendo ido para Hastinapura e encontrado Dhritarashtra, Keshava falou palavras de significado verdadeiro e especialmente benéfico. O rei, no entanto, como eu te disse antes, não escutou aqueles conselhos. Incapaz de obter a paz, o poderosamente armado Krishna, aquele mais notável dos homens, voltou, ó monarca, para Upaplavya. Dispensado pelo filho de Dhritarashtra, Krishna voltou (ao acampamento Pandava), e após o fracasso de sua missão, ó tigre entre reis, disse essas palavras para os Pandavas, 'Incitados pelo Destino, os Kauravas são a favor de desconsiderar minhas palavras! Venham, ó filhos de Pandu, comigo (para o campo de batalha), partindo sob a constelação Pushya!' Depois disso, enquanto as tropas estavam sendo reunidas e colocadas em formação, o filho de grande alma de Rohini, aquela principal de todas as pessoas dotadas de força, se dirigiu a seu irmão Krishna, dizendo, 'Ó de braços fortes, ó matador de Madhu, vamos prestar assistência aos Kurus!' Krishna, no entanto, não escutou aquelas palavras dele. Com coração cheio de raiva (por causa disso),

aquele filho ilustre da linhagem de Yadu, o manejador do arado então partiu em uma peregrinação ao Sarasvati. Acompanhado por todos os Yadavas, ele partiu sob a conjunção do asterismo chamado Maitra. O chefe Bhoja (Kritavarma), no entanto, adotou o lado de Duryodhana. Acompanhado por Yuyudhana, Vasudeva adotou aquele dos Pandavas. Depois que o filho heróico de Rohini tinha partido sob a constelação Pushya, o matador de Madhu, colocando os Pandavas em sua dianteira, procedeu contra os Kurus. Enquanto prosseguia, Rama ordenou seus empregados no caminho, dizendo, 'Tragam todas as coisas que são necessárias para uma peregrinação, isto é, todo artigo de utilidade! Tragam o fogo (sagrado) que está em Dwaraka, e nossos sacerdotes. Tragam ouro, prata, gado, mantos, cavalos, elefantes, carros, mulas, camelos, e outros gados de carga! Tragam todos esses artigos necessários para uma viagem às águas sagradas, e procedam com grande velocidade em direção ao Sarasvati! Tragam também alguns sacerdotes para serem especialmente empregados, e centenas dos principais dos Brahmanas!' Tendo dado essas ordens aos empregados, o poderoso Valadeva partiu em uma peregrinação naquela época de grande calamidade para os Kurus. Partindo em direção ao Sarasvati, ele visitou todos os lugares sagrados em seu curso, acompanhado por sacerdotes, amigos, e muitos principais dos Brahmanas, como também com carros e elefantes e cavalos e empregados, ó touro da raça Bharata, e com muitos veículos puxados por gado e mulas e camelos. Diversos tipos de coisas necessárias para a vida foram doados em grande quantidade e em diversos países para os fatigados e emaciados, crianças e idosos, em resposta, ó rei, a solicitações. Em todos os lugares, ó rei, Brahmanas eram prontamente gratificados com quaisquer iguarias que eles desejassem. Por ordem do filho de Rohini, homens em diferentes estágios da jornada armazenavam alimento e bebida em grandes quantidades. Artigos caros de vestuário e armações de cama e cobertores eram dados para a satisfação de Brahmanas desejosos de tranquilidade e conforto. Qualquer Brahmana ou Kshatriya que solicitasse qualquer coisa, ó Bharata, aquilo era visto ser dado de bom grado a ele. Todos os que formavam o grupo prosseguiam com grande felicidade e viviam alegremente. As pessoas (da comitiva de Valarama) doavam veículos para pessoas desejosas de fazer viagens, bebidas para aqueles que estavam com sede, e iguarias saborosas para aqueles que estavam com fome, como também mantos e ornamentos, ó touro da raça Bharata, para muitos! A estrada, ó rei, pela qual o grupo procedia, parecia resplandecente, ó herói, e era muito confortável para todos e parecia o próprio céu. Havia júbilo em todos os lugares perto dela, e iguarias saborosas eram obteníveis em todo lugar. Havia lojas e tendas e objetos diversos expostos para venda. O caminho inteiro estava, além disso, apinhado com seres humanos. E ele era adornado com várias espécies de árvores e criaturas, e vários tipos de pedras preciosas. Valadeva de grande alma, cumpridor de votos rígidos, doou para os Brahmanas muita riqueza e abundantes presentes sacrificais, ó rei, em diversos lugares sagrados. Aquele chefe da linhagem de Yadu também doou milhares de vacas leiteiras cobertas com tecidos excelentes e tendo seus chifres envolvidos em ouro, muitos corcéis pertencentes a países diferentes, muitos veículos, e muitos escravos belos. Assim mesmo Rama de grande alma deu riqueza em diversos tirthas excelentes no Sarasvati. No decorrer

de suas vagueações, aquele herói de poder inigualável e conduta magnânima finalmente chegou a Kurukshetra."

Janamejaya disse, "Diga-me, ó principal dos homens, as características, a origem, e os méritos dos vários tirthas no Sarasvati e as ordenanças a serem cumpridas enquanto permanecendo lá! Diga-me isto, em sua ordem, ó ilustre! Minha curiosidade é irreprimível, ó mais notável de todas as pessoas conhecedoras de Brahma!"

Vaishampayana disse, "O tópico das características e origem de todos esses tirthas, ó rei, é muito amplo. Eu irei, no entanto, descrevê-los para ti. Ouça esta descrição sagrada em sua totalidade, ó rei! Acompanhado por seus sacerdotes e amigos, Valadeva primeiro procedeu ao tirtha chamado Prabhasa. Lá, o Senhor das constelações (Soma), que tinha sido afetado com tísica, ficou livre de sua maldição. Recuperando energia lá, ó rei, ele agora ilumina o universo. E porque aquele principal dos tirthas na terra antigamente contribuiu para investir Soma com esplendor (depois que ele o tinha perdido), ele é, portanto, chamado Prabhasa."

Janamejaya disse, "Por qual razão o adorável Soma foi afligido com tísica? Como também ele se banhou naquele tirtha? Como ele, tendo se banhado naquela água sagrada, recuperou sua energia? Conte-me tudo isso em detalhes, ó grande Muni!"

Vaishampayana disse, "Daksha teve vinte e sete filhas, ó rei! Essas ele entregou (em casamento) para Soma. Conectadas com as várias constelações, aquelas esposas, ó rei, de Soma de feitos auspiciosos, serviam para ajudar os homens a calcular o tempo. Possuidoras de olhos grandes, todas elas eram inigualáveis em beleza no mundo. Em abundância de beleza, no entanto, Rohini era a principal delas todas. O adorável Soma se deleitou muito com ela. Ela se tornou muito agradável para ele, e portanto, ele desfrutava dos prazeres de sua companhia (exclusivamente). Naqueles tempos passados, ó monarca, Soma viveu muito tempo com Rohini (unicamente). Por isso, aquelas outras esposas dele, aquelas que eram chamadas de constelações, ficaram descontentes com aquele de grande alma. Dirigindo-se rapidamente a seu pai (Daksha), aquele Senhor da criação, elas disseram a ele, ‘Soma não vive conosco! Todas nós portanto, ó senhor das criaturas, moraremos ao teu lado, em alimentação regulada e cumpridoras de penitências rígidas!’ Ouvindo essas palavras delas, Daksha (viu Soma e) disse a ele, ‘Te comporte igualmente para com todas as suas esposas! Não deixe um grande pecado te macular!’ E Daksha então disse para aquelas filhas dele, ‘Vão, todas vocês, à presença de Sasin. Por minha ordem, ele, (também chamado) Candramas, se comportará igualmente com todas vocês!’ Dispensadas por ele, elas então procederam para a residência dele que tem raios frios. Contudo o adorável Soma, ó senhor da terra, continuou a agir como antes, pois satisfeito somente com Rohini, ele continuou a viver com ela exclusivamente. Suas outras esposas então mais uma vez foram juntas ao pai delas e disseram para ele, ‘Empenhadas em te servir, nós moraremos no teu retiro! Soma não vive conosco e não tem consideração por tuas ordens!’ Ouvindo essas palavras delas, Daksha disse novamente para Soma, ‘Te comporte igualmente para com todas as

tuas esposas! Não me deixe, ó Virochana, te amaldiçoar!' Desconsiderando, no entanto, essas palavras de Daksha, o adorável Soma continuou a viver somente com Rohini. Nisso, suas outras esposas ficaram zangadas mais uma vez. Se dirigindo a seu pai, elas o reverenciaram por abaixarem suas cabeças, e disseram, 'Soma não vive conosco! Nos dê tua proteção! O adorável Candramas sempre vive com Rohini exclusivamente! Ele não dá importância às tuas palavras, e não deseja nos mostrar qualquer afeição! Portanto, salve-nos para que Soma possa aceitar todas nós!' Ouvindo essas palavras, o adorável Daksha, ó rei, ficou furioso e por causa disso lançou a maldição de tísica sobre Soma. Dessa maneira aquela doença tomou conta do Senhor das estrelas. Afligido com tísica, Sasin começou a definhar dia a dia. Ele fez muitos esforços para se livrar daquela doença por realizar diversos sacrifícios, ó monarca! O fazedor da noite, no entanto, não pode se livrar daquela maldição. Por outro lado, ele continuou a enfraquecer e sofrer emaciação. Por causa, no entanto, do enfraquecimento de Soma, as ervas decíduas fracassaram em crescer. Seus sucos secaram e ficaram insípidos, e todas elas ficaram privadas de suas virtudes. E, por causa dessa decadência das ervas decíduas as criaturas vivas também começaram a decair. De fato, devido ao enfraquecimento de Soma, todas as criaturas começaram a ficar emaciadas. Então os celestiais, indo até Soma, ó rei, o questionaram, dizendo, 'Por que é que tua forma não é tão bela e brilhante (como antes)? Diga-nos o motivo pelo qual ocorreu essa grande calamidade! Ouvindo tua resposta, nós faremos o que é necessário para dissipar o teu temor!' Assim endereçado, o deus tendo a lebre como seu símbolo respondeu a eles e os informou da causa da maldição e da física com a qual ele era afligido. Os deuses então, tendo ouvido aquelas palavras, se dirigiram a Daksha e disseram, 'Fique satisfeito, ó adorável, com Soma! Que essa tua maldição seja retirada! Candramas está muito emaciado! Somente uma pequena parte dele pode ser vista! Por causa do enfraquecimento dele, ó Senhor dos celestiais, todas as criaturas também estão enfraquecendo! Trepadeiras e ervas de diversas espécies também estão definhando! Por seu enfraquecimento nós mesmos também estamos sofrendo emaciação! Sem nós, o que será esse universo? Sabendo disso, ó mestre do universo, cabe a ti ficar satisfeito (com Soma)!' Assim endereçado (Daksha), aquele Senhor das criaturas disse essas palavras para os celestiais, 'É impossível fazer minhas palavras se tornarem diferentes! Por meio de algum artifício, no entanto, ó abençoados, minhas palavras podem ser retiradas! Que Sasin sempre se comporte igualmente com todas as suas esposas! Tendo se banhado também naquele principal dos tirthas no Sarasvati, o deus que tem a lebre como seu símbolo irá, ó deuses, crescer novamente! Essas minhas palavras são verdadeiras! Por metade do mês Soma minguará todo dia, e por metade do mês (seguinte) ele crescerá todo dia! Essas minhas palavras são verdadeiras! Procedendo para o oceano ocidental no lugar onde o Sarasvati se mistura com o oceano, aquele vasto receptáculo de águas, que ele adore aquele deus dos deuses (Mahadeva) lá! Ele então recuperará sua forma e beleza!' Por essa ordem do Rishi (celeste Daksha), Soma então foi para o Sarasvati. Ele chegou àquele principal dos tirthas chamado Prabhasa pertencente ao Sarasvati. Banhando-se lá no dia da lua nova, aquele deus de grande energia e grande refulgência obteve de volta seus raios frios e continuou mais uma vez a iluminar os mundos. Todas as criaturas também, ó monarca, tendo ido para

Prabhasa, voltaram com Soma entre eles para o lugar onde Daksha estava. (Recebendo-os devidamente) aquele Senhor das criaturas então as dispensou. Satisfeito com Soma, o adorável Daksha dirigiu-se novamente a ele dizendo, 'Ó filho, não desrespeite as mulheres, e nunca desrespeite Brahmanas! Vá e obedeça minhas ordens atenciosamente!' Dispensado por ele, Soma voltou para sua própria residência. Todas as criaturas, cheias de alegria, continuaram a viver como antes. Eu assim te disse tudo sobre como o fazedor da noite foi amaldiçoado, e, como também Prabhasa se tornou o principal de todos os tirthas. Em todo dia recorrente da lua nova, ó monarca, o deus que tem a lebre como seu símbolo se banha no tirtha excelente de Prabhasa e recupera sua forma e beleza. É por esta razão, ó senhor da terra, que aquele tirtha é conhecido pelo nome de Prabhasa, já que se banhando lá Chandramas recuperou sua grande (Prabha) refulgência. Depois disso, o poderoso Baladeva de glória imperecível procedeu para Chamasodbheda, isto é, para aquele tirtha que é chamado por aquele nome. Dando muitos presentes caros naquele local, o herói que tem o arado como sua arma passou uma noite lá e realizou suas abluções devidamente. O irmão mais velho de Keshava então procedeu rapidamente para Udapana. Embora o Sarasvati pareça estar perdido lá, ainda assim pessoas coroadas com êxito ascético, por elas terem obtido grandes méritos e grande bem-aventurança naquele local, e devido também ao frescor das ervas e da terra lá, saiba que o rio tem uma correnteza invisível, ó monarca, através das entranhas da terra lá.

36

Vaishampayana disse, "Baladeva (como já dito), procedeu em seguida para o tirtha chamado Udapana no Sarasvati, que antigamente era a residência, ó rei, do ilustre (asceta) Trita. Tendo doado muita riqueza e adorado os Brahmanas, o herói tendo o arado como sua arma banhou-se lá e ficou cheio de alegria. Devotado à justiça, o grande asceta Trita tinha vivido lá. Enquanto em um buraco, aquele de grande alma bebeu o suco Soma. Seus dois irmãos, jogando-o naquela cova, tinham voltado para sua casa. Aquele principal dos Brahmanas, Trita, então amaldiçoou ambos."

Janamejaya disse, "Qual é a origem de Udapana? Como o grande asceta (Trita) caiu em uma cova lá? Por que aquele principal dos Brahmanas foi jogado naquela cova por seus irmãos? Como seus irmãos, depois de jogá-lo naquele buraco, voltaram para casa? Como Trita realizou seu sacrifício e como ele bebeu Soma? Diga-me tudo isso, ó Brahmana, se tu achares que eu posso escutar a isto sem impropriedade!"

Vaishampayana continuou, "Em um Yuga antigo, ó rei, havia três irmãos que eram ascetas. Eles eram chamados Ekata, Dwita, e Trita, e todos os três eram dotados de refulgência semelhante àquela do sol. Eles eram como Senhores da criação e eram abençoados com filhos. Anunciadores de Brahma, eles tinham por meio de suas penitências obtido o privilégio de alcançar as regiões de Brahman (depois da morte). Com suas penitências, votos, e autodomínio, seu pai Gautama,

que era sempre devotado à virtude, ficava sempre muito satisfeito com eles. Tendo obtido grande alegria por causa de seus filhos, o adorável Gautama, depois de passar uma vida longa lá, foi finalmente para a região (do outro mundo) que estava preparada para ele. Aqueles reis, no entanto, ó monarca, que tinham sido os Yajamanas de Gautama, continuaram a reverenciar os filhos de Gautama depois que o pai tinha ido para o céu. Entre eles, no entanto, Trita, por suas ações e estudo (dos Vedas), ó rei, se tornou o mais notável, assim como seu pai Gautama. Então todos os ascetas altamente abençoados, caracterizados por retidão, começaram a adorar Trita como eles tinham adorado seu pai Gautama antes dele. Uma vez, os dois irmãos Ekata e Dwita pensaram em realizar um sacrifício e ficaram ansiosos por riqueza. O plano que eles formaram, ó opressor de inimigos, era levar Trita com eles, e chamando todos os seus Yajamanas e reunindo o número necessário de animais, eles beberiam alegremente o suco Soma e obteriam os grandes méritos do sacrifício. Os três irmãos então, ó monarca, fizeram como decidido. Chamando todos os seus Yajamanas para (obter) animais, e ajudá-los em seus sacrifícios e recebendo um grande número de animais deles, e tendo-os devidamente aceitado em doação por aqueles serviços sacerdotais os quais eles prestavam, aqueles grandes Rishis de grande alma foram para o leste. Trita, ó rei, com o coração alegre estava caminhando diante deles. Ekata e Dwita estavam em sua retaguarda, trazendo os animais. Vendo aquele grande rebanho de animais, eles começaram a refletir quanto a como eles dois podiam se apropriar daquela propriedade sem dar uma parte para Trita. Ouça, ó rei, o que aqueles dois canalhas pecaminosos, Ekata e Dwita, disseram enquanto conversando entre si! Eles disseram, 'Trita é hábil em ajudar em sacrifícios. Trita é devotado aos Vedas. Trita é capaz de ganhar muitos outros gados. Que nós dois, portanto, vamos embora, levando os gados conosco! Que Trita vá para onde quer que ele escolha, sem estar em nossa companhia!' Enquanto eles prosseguiam, a noite os alcançou no caminho. Eles então viram um lobo diante deles. Não longe daquele lugar havia um buraco profundo na margem do Sarasvati. Trita, que estava na frente de seus irmãos, vendo o lobo, correu apavorado e caiu naquele buraco. Aquele buraco era insondável e terrível e capaz de encher todas as criaturas de medo. Então Trita, ó rei, aquele melhor dos ascetas, de dentro daquele buraco, começou a proferir lamentos de angústia. Seus dois irmãos ouviram seus gritos. Compreendendo que ele tinha caído em uma cova, seus irmãos Ekata e Dwita, movidos por medo do lobo como também por tentação, foram em frente, abandonando seu irmão. Assim abandonado por seus dois irmãos, que eram movidos pela tentação de se apropriar daqueles animais, o grande asceta Trita, ó rei, enquanto dentro daquele poço solitário coberto com poeira e ervas e trepadeiras se considerou mergulhado, ó chefe dos Bharatas, no próprio inferno como um infeliz pecaminoso. Ele teve medo de morrer visto que ele não tinha ganhado o mérito de beber suco Soma. Possuidor de grande sabedoria, ele começou a refletir com a ajuda de sua inteligência a respeito de como ele poderia conseguir beber Soma mesmo lá. Enquanto pensando naquele assunto, o grande asceta, permanecendo naquela cova, viu uma trepadeira pendurada dentro dela no decorrer de seu crescimento. Embora o buraco estivesse seco, o sábio imaginou a existência de água e de fogos sacrificais lá. Nomeando-se o Hotri (em imaginação), o grande asceta imaginou

que a trepadeira que ele via era a planta Soma. Ele então proferiu mentalmente os Richs, os Yayushes e os Samans (que eram necessários para a realização de um sacrifício). Os seixos (jazendo no fundo do poço) Trita converteu em grãos de açúcar (em imaginação). Ele então, ó rei, (mentalmente) realizou suas abluções. Ele concebeu a água (que ele tinha imaginado) como manteiga clarificada. Ele designou aos celestiais suas respectivas partes (daquelas oferendas sacrificais). Tendo em seguida bebido (mentalmente) Soma, ele começou a proferir um barulho alto. Aqueles sons, ó rei, primeiro proferidos pelo Rishi sacrificante, penetraram no céu, e Trita completou aquele sacrifício da mesma maneira prescrita pelos pronunciadores de Brahma. Durante a continuação daquele sacrifício de Trita de grande alma, toda a região dos celestiais ficou agitada. Ninguém sabia, no entanto, a causa. Brihaspati (o preceptor dos deuses) ouviu aquele barulho alto (feito por Trita). Os sacerdotes dos celestiais disseram para os últimos, 'Trita está realizando um sacrifício. Nós devemos ir lá, ó deuses! Dotado de mérito ascético extraordinário, se zangado, ele é competente para criar outros deuses!' Ouvindo essas palavras de Brihaspati, todos os deuses, juntos, foram àquele local onde o sacrifício de Trita estava sendo realizado. Tendo procedido para aquele local, os deuses viram Trita de grande alma instalado na realização de seu sacrifício. Vendo aquele de grande alma resplandecente com beleza, os deuses se dirigiram a ele, dizendo, 'Nós viemos para cá em busca de nossas partes (em tuas oferendas)!' O Rishi disse a eles, 'Vejam-me, ó habitantes do céu, caído nesse poço terrível, quase privado de meu juízo!' Então, Trita, ó monarca, deu devidamente para eles suas partes com mantras apropriados. Os deuses as receberam e ficaram muito contentes. Tendo obtido devidamente suas partes designadas, os habitantes do céu, satisfeitos com ele, lhe deram benefícios como ele desejava. O benefício, no entanto, que ele pediu foi que os deuses o livrassem de sua situação angustiante (no poço). Ele também disse, 'Que aquele que se banhar nesse poço tenha o fim que é alcançado por pessoas que beberam Soma!' A essas palavras, ó rei, a Sarasvati com suas ondas apareceu dentro daquele poço. Erguido para cima por ela, Trita subiu e adorou os habitantes do céu. Os deuses então disseram a ele, ' Que seja como tu desejas!'Todos eles, então, ó rei, voltaram para o lugar de onde eles tinham vindo, e Trita, cheio de alegria, procedeu para sua própria residência. Encontrando aqueles dois Rishis, seus irmãos, ele ficou furioso com eles. Possuidor de grande mérito ascético, ele disse certas palavras duras para eles e os amaldiçoou, dizendo, 'Já que, movidos por cobiça, vocês fugiram, me abandonando, portanto, vocês se tornarão lobos ferozes com dentes afiados e percorrerão a floresta, amaldiçoados por mim por causa daquele seu ato pecaminoso! A prole também que vocês terão consistirá em leopardos, e ursos e macacos!' Depois que Trita tinha dito essas palavras, ó monarca, seus dois irmãos foram vistos serem logo transformados naquela formas por causa das palavras daquele sábio verdadeiro. De destreza incomensurável, Valadeva tocou as águas de Udapana. E ele doou diversos tipos de riqueza lá e adorou muitos Brahmanas. Contemplando Udapana e louvando-o repetidamente, Valadeva foi em seguida para Vinasana o qual também era no Sarasvati."

37

Vaishampayana disse, "Então Valadeva, ó rei, procedeu para Vinasana onde a Sarasvati fica invisível por causa de seu desprezo por Sudras e Abhiras. E já que a Sarasvati, por causa de tal desprezo, é perdida naquele local, os Rishis, por esse motivo, ó chefe dos Bharatas, sempre chamam o lugar como Vinasana. Tendo se banhado naquele tirtha do Sarasvati, o poderoso Baladeva então procedeu para Subhumika, situado na margem excelente do mesmo rio. Lá muitas Apsaras, de aparência formosa, de belos rostos, estão sempre ocupadas em esportes de um caráter puro sem qualquer intervalo. Os deuses e os Gandharvas, todo mês, ó soberano de homens, vão para aquele tirtha sagrado que é o recanto do próprio Brahman. Os Gandharvas e diversas tribos de Apsaras são vistos lá, ó rei, reunidos e passando o tempo tão alegremente quanto eles desejam. Lá os deuses e os Pitris se divertem em alegria, com flores sagradas e auspiciosas repetidamente derramadas sobre eles, e todas as trepadeiras também eram enfeitadas com cargas floridas. E porque, ó rei, aquele lugar é a bela área de diversão daquelas Apsaras, portanto aquele tirtha na margem excelente do Sarasvati é chamado de Subhumika. Baladeva da linhagem de Madhu, tendo se banhado naquele tirtha e doado muita riqueza para os Brahmanas, ouviu o som daquelas canções e instrumentos musicais celestes. Ele também viu lá muitas sombras de deuses, Gandharvas, e Rakshasas. O filho de Rohini então procedeu para o tirtha dos Gandharvas. Lá muitos Gandharvas encabeçados por Viswavasu e possuidores de mérito ascético passam seu tempo em dança e canto do tipo mais encantador. Dando diversos tipos de riqueza para os Brahmanas, como também cabras e ovelhas e vacas e mulas e camelos e ouro e prata, e alimentando muitos Brahmanas e gratificando-os com muitos presentes caros que eram desejados por eles, Baladeva da linhagem de Madhu prosseguiu de lá, acompanhado por muitos Brahmanas e elogiado por eles. Deixando aquele tirtha frequentado por Gandharvas aquele poderosamente armado castigador de inimigos, tendo somente um brinco, então procedeu para o famoso tirtha chamado Gargasrota. Lá, naquele tirtha sagrado do Sarasvati, o ilustre Garga de idade venerável e alma purificada por penitências ascéticas, ó Janamejaya, adquiriu o conhecimento do Tempo e seu curso, dos desvios dos corpos luminosos (no firmamento), e de todos os presságios auspiciosos e inauspiciosos. Aquele tirtha, por essa razão, vem a ser chamado por seu nome como Gargasrota. Lá, ó rei, Rishis altamente abençoados de votos excelentes sempre serviam Garga, ó senhor, para obter um conhecimento do Tempo. Coberto com pasta de sândalo branca, ó rei, Baladeva, dirigindo-se àquele tirtha, doou devidamente riqueza para muitos ascetas de almas purificadas. Tendo dado também muitas espécies de iguarias caras para os Brahmanas, aquela pessoa ilustre vestida em mantos azuis então procedeu para o tirtha chamado Sankha. Lá, na margem de Sarasvati, aquele herói poderoso tendo a palmeira em seu estandarte viu uma árvore gigantesca, chamada Mohasankha, alta como Meru, parecendo com a Montanha-branca, e frequentada por Rishis. Lá moram Yakshas, e Vidyadharas, e Rakshasas de energia incomensurável e Pisachas de poder imensurável, e Siddhas, aos milhares. Todos eles, abandonando outros tipos de alimento,

cumprem votos e regulamentos, e recebem nas épocas devidas os frutos daquele senhor da floresta para seu sustento e vagam em grupos separados, não vistos por homens, ó principal dos seres humanos! Aquele monarca da floresta, ó rei, é conhecido por isso por todo o mundo! Aquela árvore é a origem daquele tirtha célebre e sagrado no Sarasvati. Tendo doado naquele tirtha muitas vacas leiteiras, e recipientes de cobre e ferro, e diversos outros tipos de vasos, aquele tigre da raça Yadu, Baladeva, tendo o arado como sua arma, reverenciou os Brahmanas e foi reverenciado por eles em retorno. Ele então, ó rei, procedeu para o lago de Dwaita. Chegando lá, Vala viu diversos tipos de ascetas em diversos tipos de trajes. Banhando-se em suas águas, ele adorou os Brahmanas. Tendo dado para os Brahmanas diversos artigos de divertimento em profusão, Baladeva então, ó rei, procedeu pela margem sul do Sarasvati. O poderosamente armado e ilustre Rama de alma virtuosa e glória imperecível então procedeu para o tirtha chamado Nagadhanwana. Fervilhando com cobras numerosas, ó monarca, ele era a residência de Vasuki de grande esplendor, o rei das cobras. Lá 14.000 Rishis também tinham seu lar permanente. Os celestiais, tendo chegado lá (nos tempos passados), tinham de acordo com os ritos devidos instalado a excelente cobra Vasuki como rei de todas as cobras. Não há medo de cobras naquele local, ó tu da linhagem de Kuru! Doando devidamente muitos objetos de valor lá para os Brahmanas, Baladeva então partiu com face em direção ao leste e alcançou, um após outro, centenas e milhares de tirthas famosos que se encontravam a cada passo. Banhando-se em todos aqueles tirthas, e observando jejuns e outros votos como instruído pelos Rishis, e dando riqueza em profusão, e saudando todos os ascetas que tinham sua residência lá, Baladeva partiu mais uma vez, pelo caminho que aqueles ascetas indicaram para ele, para alcançar aquele local onde o Sarasvati vira em uma direção leste, como torrentes de chuva inclinadas pela ação do vento. O rio tomava aquele rumo para contemplar os Rishis de grande alma morando na floresta de Naimisha. Sempre coberto com pasta de sândalo branca, Vala, tendo o arado como sua arma, vendo aquele principal dos rios mudar seu curso, ficou, ó rei, cheio de admiração."

Janamejaya disse, "Por que, ó Brahmana, o Sarasvati inclinou seu curso lá na direção leste? Ó melhor dos Adharyus, cabe a ti me dizer tudo relativo a isto! Por que razão aquele filho dos Yadus ficou cheio de admiração? Por que, de fato, aquele principal dos rios alterou seu curso dessa maneira?"

Vaishampayana disse, "Antigamente, na era Krita, ó rei, os ascetas residindo em Naimisha estavam empenhados em um grandioso sacrifício que se estendeu por doze anos. Muitos foram os Rishis, ó rei, que foram àquele sacrifício. Passando seus dias, segundo ritos devidos, na realização daquele sacrifício, aqueles altamente abençoados, depois do término daquele sacrifício de doze anos em Naimisha, partiram em grande número para visitar os tirthas. Por causa do número de Rishis, ó rei, os tirthas nas margens sul do Sarasvati todos pareciam com cidades e municípios. Aqueles principais dos Brahmanas, ó tigre entre homens, por sua avidez para desfrutar dos méritos de tirthas, tomaram suas residências na margem do rio próximo a Samantapanchaka. A região inteira parecia ressoar com as altas recitações védicas daqueles Rishis de almas

purificadas, todos empenhados em despejar libações em fogos sacrificais. Aquele principal dos rios parecia muito belo com aqueles fogos homa brilhantes por toda parte, sobre o qual aqueles ascetas derramavam libações de manteiga clarificada. Valkhilyas e Asmakuttas, Dantolakhalinas, Samprakshanas e outros ascetas, como também aqueles que subsistiam de ar, e aqueles que viviam de água, e aqueles que viviam de folhas secas de árvores, e diversos outros que eram cumpridores de diversos tipos de votos, e aqueles que renegaram camas pela terra nua e dura, todos foram para aquele local na vizinhança do Sarasvati. E eles fizeram aquele principal dos rios extremamente belo, como os celestiais embelezando (com sua presença) a corrente celestial chamada Mandakini. Centenas e centenas de Rishis, todos dados a observância de sacrifícios, foram para lá. Aqueles praticantes de votos elevados, no entanto, fracassaram em encontrar espaço suficiente nas margens do Sarasvati. Medindo pequenos pedaços de terra com seus fios sagrados, eles realizavam seus Agnihotras e diversos outros ritos. O rio Sarasvati contemplou, ó monarca, aquele grande grupo de Rishis tomado pelo desespero e mergulhado em ansiedade por falta de um tirtha amplo no qual realizar seus ritos. Por causa deles, aquele principal dos rios chegou lá, tendo feito muitas residências para ela mesma naquele local, por bondade para com aqueles Rishis de penitências sagradas, ó Janamejaya! Tendo dessa maneira, ó monarca, desviado seu curso por causa deles, o Sarasvati, aquele principal dos rios, mais uma vez fluiu na direção oeste, como se ela dissesse, ‘Eu devo prosseguir daqui, tendo impedido que a chegada daqueles Rishis se tornasse inútil!’ Essa façanha extraordinária, ó rei, foi realizada lá por aquele grande rio. Assim mesmo aqueles receptáculos de água, ó rei, foram formados em Naimisha. Lá, em Kurukshetra, ó principal da linhagem de Kuru, realize sacrifícios e ritos grandiosos! Quando ele viu aqueles muitos receptáculos de água e vendo aquele principal dos rios virar seu curso, a admiração encheu o coração de Rama de grande alma. Banhando-se naqueles tirthas devidamente e doando riqueza e diversos artigos de diversão para os Brahmanas, aquele encantador da linhagem de Yadu também distribuiu diversos tipos de alimento e diversos artigos desejáveis para eles. Reverenciado por aqueles regenerados, Vala, ó rei, então partiu daquele principal de todos os tirthas no Sarasvati (Sapta-Saraswat). Numerosas criaturas aladas tem seu lar lá. E ele abunda com Vadari, Inguda, Ksamarya, Plaksha, Aswattha, Vibhitaka, Kakkola, Palasa, Karira, Pilu, e diversas outras espécies de árvores que crescem nas margens do Sarasvati. E ele era adornado com bosques de Karushakas, Vilwas, e Amratakas, e Atimuktas e Kashandas e Parijatas. Agradável para a visão e muito encantador, ele estava cheio de bosques de bananeiras. E ele era visitado por diversas tribos de ascetas, alguns que viviam de ar, alguns de água, alguns de frutas, alguns de folhas, alguns de grãos crus que eles descascavam com a ajuda somente de pedras, e alguns que eram chamados Vaneyas. E ele ressoava com o canto dos Vedas, e estava cheio de diversas espécies de animais. E ele era a residência favorita de homens sem malícia e dedicados à virtude. Valadeva, tendo o arado como sua arma, chegou naquele tirtha chamado Sapta-Saraswat, onde o grande asceta Mankanaka tinha realizado suas penitências e se tornado coroado com êxito."

38

Janamejaya disse, "Por que aquele tirtha se chamava Sapta-Saraswat? Quem era o asceta Mankanaka? Como aquele adorável se tornou coroado de êxito? Quais eram seus votos e observâncias? Na linhagem de quem ele nasceu? Quais livros aquele melhor dos regenerados estudou? Eu desejo saber tudo isso, ó principal dos regenerados!"

Vaishampayana disse, "Ó rei, os sete Sarasvatis cobrem este universo! Para onde quer que Sarasvati fosse chamada por pessoas de grande energia, lá ela fazia seu aparecimento. Essas são as sete formas de Sarasvati: Suprava, Kanchanakshi, Visala, Manorama, Oghavati, Surenu, e Vimalodaka. O Avô Supremo uma vez realizou um sacrifício grandioso. Enquanto aquele sacrifício estava sendo realizado no terreno escolhido, muitos regenerados coroados com êxito ascético foram lá. O lugar ressoava com a recitação de hinos sagrados e o canto dos Vedas. Na questão daqueles ritos sacrificais, os próprios deuses perderam sua frieza (tão grandiosos eram os preparativos). Lá, ó monarca, enquanto o Avô estava instalado no sacrifício e estava realizando a formidável cerimônia capaz de conceder prosperidade e todo desejo, muitas pessoas notáveis familiarizadas com virtude e lucro estavam presentes. Logo que eles pensavam nos artigos dos quais eles precisavam, esses, ó monarca, imediatamente apareciam diante dos regenerados (entre os convidados) que foram lá. Os Gandharvas cantavam e as diversas tribos de Apsaras dançavam. E eles tocavam muitos instrumentos celestes todo o tempo. A abundância de provisões obtida naquele sacrifício satisfez os próprios deuses. O que eu direi então dos seres humanos? Os próprios celestiais ficaram cheios de admiração! Durante a continuação daquele sacrifício em Pushkara e na presença do Avô, os Rishis, ó rei, disseram; 'Esse sacrifício não pode ser considerado como possuidor dos maiores atributos, já que aquele principal dos rios, Sarasvati, não é visto aqui!' Ouvindo essas palavras, o divino Brahman alegremente pensou em Sarasvati. Convocada em Pushkara pelo Avô dedicado à realização de um sacrifício, Sarasvati, ó rei, apareceu lá, sob o nome de Suprava. Vendo Sarasvati prestar rapidamente aquele respeito ao Avô , os Munis estimaram muito aquele sacrifício. Assim mesmo aquele principal dos rios, Sarasvati, fez seu aparecimento em Pushkara por causa do Avô e para satisfazer os Munis. (Em outra época), ó rei, muitos Munis, se reunindo em Naimisha, tomaram sua residência lá. Indagação agradável ocorreu entre eles, ó rei, acerca dos Vedas. Lá onde aqueles Munis, conhecedores de diversas escrituras, tomaram sua residência, lá eles pensaram em Sarasvati. Assim pensada, ó monarca, por Rishis realizando um sacrifício, a altamente abençoada e sagrada Sarasvati, para prestar assistência, ó rei, àqueles Munis de grande alma reunidos, fez seu aparecimento em Naimisha e veio a ser chamada de Kanchanakshi. Aquele principal dos rios, reverenciado por todos, chegou lá dessa maneira, ó Bharata! Enquanto (o rei) Gaya estava ocupado na realização de um sacrifício grandioso em Gaya, o principal dos rios, Sarasvati, convocada no sacrifício de Gaya (fez seu aparecimento lá). Os Rishis de votos rígidos que estavam lá chamaram essa forma dela em Gaya como Visala. Aquele rio de correnteza rápida flui dos lados do Himavat. Auddalaka também, ó Bharata,

realizou um sacrifício. Uma grande multidão de Munis tinha sido reunida lá. Foi naquela região sagrada, a parte norte de Kosala, ó rei, que o sacrifício de Auddalaka de grande alma foi realizado. Antes de Auddalaka começar seu sacrifício, ele pensou em Sarasvati. Aquele principal dos rios chegou naquela região por causa daqueles Rishis. Adorada por todos aqueles Munis vestidos em cascas de árvores e peles de veado ela veio a ser conhecida pelo nome de Manorama, como aqueles Rishis mentalmente a chamavam. Enquanto, além disso, Kuru de grande alma estava empenhado em um sacrifício em Kurukshetra, aquele principal dos rios, a altamente abençoada Sarasvati, fez seu aparecimento lá. Chamada, ó monarca, por Vasishtha de grande alma (que ajudou Kuru em seu sacrifício), a Sarasvati, cheia de água celeste apareceu em Kurukshetra sob o nome de Oghavati. Daksha uma vez realizou um sacrifício na fonte do Ganga. Sarasvati apareceu lá sob o nome de Surenu de corrente rápida. Outra vez, enquanto Brahman estava engajado em um sacrifício na floresta sagrada das montanhas Himavat, a adorável Sarasvati, convocada (por ele), apareceu lá. Todas essas sete formas então vieram e se uniram naquele tirtha aonde Baladeva chegou. E porque as sete se misturaram naquele local, portanto aquele tirtha é conhecido na Terra pelo nome de Sapta Sarasvati. Assim eu te falei dos sete Sarasvatis, segundo seus nomes. Eu também te falei do tirtha sagrado chamado Sapta Saraswat. Escute agora um grande feito de Mankanaka, que tinha desde sua mocidade levado a vida de um brahmacari. Enquanto empenhado em realizar suas abluções no rio, ele viu (um dia), ó Bharata, uma mulher de membros impecáveis e fisionomia formosa, se banhando no rio à vontade, seu corpo descoberto. A essa visão, ó monarca, a semente vital do Rishi caiu no Sarasvati. O grande asceta pegou-a e colocou-a dentro de seu pote de terra. Mantido dentro daquele recipiente, o fluido veio a se dividir em sete partes. Daquelas sete porções nasceram sete Rishis dos quais surgiram (os quarenta e nove) Maruts. Os sete Rishis eram chamados Vayuvega, Vayuhan, Vayumandala, Vayujata, Vayuretas, e Vayuchakra de grande energia. Assim nasceram estes progenitores dos diversos Maruts. Ouça agora uma mais coisa extraordinária, ó rei, um fato extremamente notável sobre a Terra, acerca da conduta do grande Rishi, a qual é bem conhecida nos três mundos. Nos tempos antigos, depois que Mankanaka tinha se tornado coroado com êxito, ó rei, sua mão, em uma ocasião, veio a ser perfurada por uma folha Kusa. Nisso, um suco vegetal saiu do ferimento (e não sangue vermelho). Vendo aquele suco vegetal, o Rishi ficou cheio de alegria e dançou em volta no lugar. Vendo-o dançar, todas as criaturas móveis e imóveis, ó herói, estupefatas por sua energia, começaram a dançar. Então os deuses com Brahman em sua chefia, e os Rishis possuidores de riqueza de ascetismo, ó rei, todos foram até Mahadeva e o informaram do ato do Rishi (Mankanaka). E eles falaram para ele, ‘Cabe a ti, ó deus, fazer aquilo que possa impedir o Rishi de dançar!’ Então Mahadeva, vendo o Rishi cheio de grande alegria, e movido pelo desejo de fazer bem para os deuses, se dirigiu a ele, dizendo, ‘Por que, ó Brahmana, tu danças dessa maneira, conhecedor como tu és dos teus deveres? Que motivo importante há para tal alegria tua, ó sábio, que, um asceta como tu és, ó melhor dos Brahmanas, e andando como tu andas pelo caminho da virtude, tu ages dessa forma?’

"O Rishi disse, ‘Por que, tu não vês, ó Brahmana, que um suco vegetal está fluindo deste meu ferimento? Vendo isso, ó senhor, eu estou dançando em grande alegria!’ Dando risada do Rishi que estava estupefato pela emoção, o deus disse, ‘Eu, ó Brahmana, não me admiro em absoluto por isso! Observe-me!’ Tendo dito isso para aquele principal dos Rishis, Mahadeva de grande inteligência golpeou seu polegar com a ponta de um de seus dedos. Nisso, ó rei, cinzas, brancas como neve, saíram daquele ferimento. Vendo isso, o Rishi ficou envergonhado, ó monarca, e caiu aos pés do deus. Ele compreendeu que o deus era ninguém mais do que Mahadeva. Cheio de admiração, ele disse, ‘Eu não penso que tu és alguém mais do que Rudra, aquele Ser grandioso e supremo! Ó manejador do tridente, tu és o refúgio desse universo consistindo nos deuses e Asuras! Os sábios dizem que esse universo foi criado por ti! Na destruição universal, tudo mais uma vez entra em ti! Tu não podes ser conhecido pelos deuses, como então tu podes ser conhecido por mim? Todas as formas de existência que há no universo são vistas em ti! Os deuses com Brahman em sua dianteira adoram tua pessoa concessora de bênçãos, ó impecável! Tu és tudo! Tu és o criador dos deuses e foste tu quem fizeste com que eles fossem criados! Pela tua graça, os deuses passam seu tempo em alegria e perfeito destemor!’ Tendo louvado Mahadeva dessa maneira, o Rishi se curvou a ele, ‘Não deixe que essa ausência de seriedade, ridícula ao extremo, que eu mostrei, ó deus, destrua meu mérito ascético! Eu te rogo por isso!’ O deus, com o coração alegre, falou novamente a ele ‘Que o teu ascetismo aumente mil vezes, ó Brahmana, pela minha graça! Eu também sempre habitarei contigo nesse retiro! Para o homem que me adorar no tirtha Sapta-Saraswat nada será inatingível nesse mundo ou no outro. Sem dúvida, tal pessoa irá para a região chamada Saraswat (no céu) depois da morte!’ Essa é a história de Mankanaka de energia abundante. Ele era um filho gerado pelo deus do vento na (dama) Sukanya."

39

Vaishampayana disse, "Tendo passado mais uma noite, Rama, tendo o arado como sua arma, reverenciou os habitantes daquele tirtha e mostrou seu respeito por Mankanaka. Tendo dado riqueza para os Brahmanas, e passado a noite lá, o herói tendo o arado como sua arma foi reverenciado pelos Munis. Levantando-se de manhã, ele se despediu de todos os ascetas, e tendo tocado a água sagrada, ó Bharata, partiu rapidamente para outros tirthas. Baladeva então foi para o tirtha conhecido pelo nome de Usanas. Ele também é chamado de Kapalamochana. Antigamente, Rama (o filho de Dasaratha) matou um Rakshasa e lançou sua cabeça a uma grande distância. Aquela cabeça, ó rei, caiu sobre a coxa de um grande sábio chamado Mahodara e se fixou nela. Banhando-se nesse tirtha, o grande Rishi ficou livre da carga. Kavi de grande alma (Sukra) realizou suas penitências ascéticas lá. Foi lá que toda a ciência de política e comportamento (que leva o nome de Sukra) apareceu a ele por iluminação interior. Enquanto residindo lá, Sukra meditou sobre a guerra dos Daityas e os Danavas (com os

deuses). Chegando naquele principal dos tirthas, Baladeva, ó rei, devidamente fez presentes para os Brahmanas de grande alma."

Janamejaya disse, "Por que é chamado de Kapalamochana onde o grande Muni ficou livre (da cabeça do Rakshasa)? Por que razão e como aquela cabeça se grudou a ele?"

Vaishampayana disse, "Antigamente, ó tigre entre reis, Rama de grande alma (o filho de Dasaratha) viveu (por algum tempo) na floresta de Dandaka, pelo desejo de matar os Rakshasas. Em Janasthana ele cortou a cabeça de um Rakshasa de alma perversa com uma flecha de cabeça de navalha de gume excelente. Aquela cabeça caiu na floresta profunda. Aquela cabeça, vagando livremente (pelo céu) caiu sobre a coxa de Mahodara enquanto o último estava vagando pelas florestas. Perfurando sua coxa, ó rei, (a cabeça) se fincou nela e permaneceu lá. Por causa daquela cabeça assim grudada em sua coxa, o Brahmana (Mahodara) de grande sabedoria não podia (com facilidade) ir a tirthas e outros lugares sagrados. Afligido com grande dor e com matéria pútrida fluindo de sua coxa, ele foi para todos os tirthas da Terra (um após outro), como ouvido por nós. Ele foi para todos os rios e para o oceano também. (Não encontrando qualquer alívio) o grande asceta falou de seus sofrimentos para muitos Rishis de almas purificadas sobre ele ter se banhado em todos os tirthas sem ter encontrado o alívio que ele procurava. Aquele principal dos Brahmanas então ouviu daqueles sábios palavras de grande importância a respeito desse principal dos tirthas situado no Sarasvati, e conhecido pelo nome de Usanasa, o qual era descrito como competente para limpar de todos os pecados e como um excelente lugar para alcançar êxito (ascético). Aquele Brahmana, então, se dirigindo àquele tirtha Usanasa, banhou-se em suas águas. Após isso, a cabeça do Rakshasa, deixando a coxa, caiu na água. Livre daquela cabeça (morta), o Rishi sentiu grande felicidade. Em relação à própria cabeça, ela foi perdida nas águas. Mahodara então, ó rei, livre da cabeça do Rakshasa, voltou alegremente, com alma limpa e todos os seus pecados purificados, para seu retiro depois de obter êxito. O grande asceta assim libertado, depois de voltar para seu retiro sagrado, falou do que tinha acontecido para aqueles Rishis de almas purificadas. Os Rishis reunidos, tendo ouvido as palavras dele, deram o nome de Kapalamochana ao tirtha. O grande Rishi Mahodara, indo mais uma vez àquele principal dos tirthas, bebeu sua água e alcançou grande êxito ascético. Ele da linhagem de Madhu, tendo doado muita riqueza para os Brahmanas e os reverenciado, então procedeu para o retiro de Rushangu. Lá, ó Bharata, Arshtishena nos tempos passados praticou as mais austeras das penitências. Lá o grande Muni Vishvamitra (que antes tinha sido um Kshatriya) tornou-se um Brahmana. Aquele grande retiro é capaz de conceder a realização de todo desejo. Ele é sempre, ó senhor, a residência de Munis e Brahmanas. Baladeva de grande beleza, cercado por Brahmanas, então foi para aquele local, ó monarca, onde Rushangu, nos tempos passados, abandonou seu corpo. Rushangu, ó Bharata, era um Brahmana idoso, que era sempre dedicado a penitências ascéticas. Resolvido a abandonar seu corpo, ele refletiu por um longo tempo. Dotado de grande mérito ascético, ele então convocou todos os seus filhos e disse a eles para o levarem para um local onde água fosse abundante. Aqueles

ascetas, sabendo que seu pai tinha ficado muito idoso, levaram aquele asceta para um tirtha no Sarasvati. Levado por seus filhos ao Sarasvati sagrado contendo centenas de tirthas e em cujas margens moravam Rishis não relacionados com o mundo, aquele asceta inteligente de penitências austeras se banhou naquele tirtha de acordo com os ritos devidos, e aquele principal dos Rishis conhecedor dos méritos de tirthas então disse alegremente, ó tigre entre homens, para todos os seus filhos, que estavam servindo-o respeitosamente, essas palavras, 'Aquele que abandonar seu corpo na margem norte do Sarasvati contendo muita água, enquanto empenhado em recitar mentalmente mantras sagrados, nunca mais será afligido pela morte!' Baladeva de alma virtuosa, tocando a água daquele tirtha e se banhando nela, deu riqueza considerável para os Brahmanas, sendo devotado a eles. Possuidor de poder formidável e grande destreza Baladeva então foi para aquele tirtha onde o adorável Avô criou as montanhas chamadas Lokaloka, onde aquele principal dos Rishis, Arshtishena de votos rígidos, ó tu da linhagem de Kuru, por meio de penitências austeras obteve a posição de Brahmana, onde o nobre sábio Sindhudwipa, e o grande asceta Devapi, e o adorável e ilustre Muni Vishvamitra de penitências rígidas e energia ardente todos obtiveram uma posição similar."

40

Janamejaya disse, "Por que o adorável Arshtishena praticou as mais austeras das penitências? Como também Sindhudwipa adquiriu a posição de um Brahmana? Como também Devapi, ó Brahmana, e como Vishvamitra, ó melhor dos homens, obtiveram a mesma posição? Conte-me tudo isso, ó adorável! Grande é minha curiosidade para escutar tudo isso."

Vaishampayana disse, "Antigamente, na era Krita, ó rei, havia uma principal das pessoas regeneradas chamado Arshtishena. Residindo na casa de seu preceptor, ele prestava atenção em suas lições todo dia. Embora, ó rei, ele residisse por muito tempo na residência de seu preceptor, ele ainda assim não pode obter o domínio de algum ramo de conhecimento ou dos Vedas, ó monarca! Em grande desapontamento, ó rei, o grande asceta realizou muitas penitências rígidas. Por meio de suas penitências ele então obteve o domínio dos Vedas, aos quais não há nada superior. Adquirindo grande erudição e o domínio dos Vedas, aquele principal dos Rishis veio a ser coroado com êxito naquele tirtha. Ele então concedeu três bênçãos naquele local. (Ele disse), 'A partir desse dia, uma pessoa, por se banhar nesse tirtha do grande rio (Sarasvati), obterá o grandioso fruto de um sacrifício de cavalo! Desse dia em diante, não haverá medo neste tirtha de cobras e animais selvagens! Por meio de poucos esforços, além disso, um pessoa obterá grande resultado aqui!' Tendo dito essas palavras, aquele Muni de grande energia procedeu para céu. Assim mesmo o adorável Arshtishena de grande energia veio a ser coroado com êxito. Naquele mesmo tirtha na era Krita, Sindhudwipa de grande energia, e Devapi também, ó monarca, obtiveram a elevada posição Brahmana. Similarmente o filho de Kusika, dedicado a penitências ascéticas e com seus sentidos sob controle, adquiriu a posição de

Brahmana por praticar austeridades bem direcionadas. Havia um grande Kshatriya, célebre pelo mundo, conhecido pelo nome de Gadhi. Ele teve um filho nascido para ele, de nome Vishvamitra de grande destreza. O rei Kausika tornou-se um asceta formidável. Possuidor de grande mérito ascético, ele desejou instalar seu filho Vishvamitra em seu trono, ele mesmo tendo resolvido abandonar seu corpo. Seus súditos, se curvando a ele, disseram, 'Tu não deves partir, ó tu de grande sabedoria, mas nos proteja de um grande medo!' Assim endereçado, Gadhi respondeu para seus súditos, dizendo, 'Meu filho se tornará o protetor do amplo universo.' Tendo dito estas palavras, e colocado Vishvamitra (no trono), Gadhi, ó rei, foi para o céu, e Vishvamitra se tornou rei. Ele não podia, no entanto, proteger a terra nem com seus melhores esforços. O rei então soube da existência de um grande medo de Rakshasas (em seu reino). Com seus quatro tipos de tropas, ele saiu de sua capital. Tendo ido longe em seu caminho, ele alcançou o retiro de Vasishtha. Suas tropas, ó rei, causaram muito prejuízo lá. O adorável Brahmana Vasishtha, quando ele chegou ao seu retiro, viu os bosques extensos sendo destruídos. Aquele melhor dos Rishis, Vasishtha, ó rei, ficou furioso, ó monarca, com Vishvamitra. Ele ordenou sua própria vaca (homa), dizendo, 'Crie vários Savaras terríveis!' Assim endereçada, a vaca criou uma multidão de homens de aparências apavorantes. Esses enfrentaram o exército de Vishvamitra e começaram a causar uma imensa carnificina em todos os lugares. Vendo isso, suas tropas fugiram. Vishvamitra, o filho de Gadhi, no entanto, considerando austeridades ascéticas altamente eficazes, colocou seu coração nelas. Naquele principal dos tirthas do Sarasvati, ó rei, ele começou a emaciar seu próprio corpo por meio de votos e jejuns com resolução fixa. Ele fez água e ar e folhas caídas de árvores seu alimento. Ele dormia no solo nu, e observava outros votos (prescritos para ascetas). Os deuses fizeram repetidas tentativas de impedi-lo na observância de seus votos. Seu coração, no entanto, nunca se desviou dos votos (que ele tinha proposto a si mesmo). Então, tendo praticado diversos tipos de austeridades com grande devoção, o filho de Gadhi tornou-se como o próprio sol em refulgência. O Avô concessor de bênçãos, de grande energia, resolveu conceder a Vishvamitra, quando ele tinha se tornado dotado de mérito ascético, o benefício que o último desejava. O benefício que Vishvamitra solicitou foi que ele devia ser permitido se tornar um Brahmana. Brahma o Avô de todos os mundos, disse a ele, 'Assim seja'. Tendo por meio de suas penitências rígidas adquirido a posição de Brahmana, o ilustre Vishvamitra, depois da obtenção de seu desejo, vagou pela Terra inteira como um celestial. Doando diversos tipos de riqueza naquele principal dos tirthas, Rama também doou alegremente vacas leiteiras e veículos e camas, ornamentos, e comida e bebida dos melhores tipos, ó rei, para muitos principais dos Brahmanas, depois de ter reverenciado eles devidamente. Então, ó rei, Rama procedeu para o retiro de Vaka o qual não era muito distante de onde ele estava, aquele retiro no qual, como ouvido por nós, Dalvya Vaka praticou as mais austeras das penitências."

41

Vaishampayana disse, "O alegrador dos Yadus então procedeu para o retiro de Vaka que ressoava com o canto dos Vedas. Lá o grande asceta, ó rei, chamado Dalvyavaka despejou o reino de Dhritarashtra, o filho de Vichitravirya, como uma libação (no fogo sacrifical). Por praticar muitas penitências rígidas ele emaciou seu próprio corpo. Dotado de grande energia, o Rishi virtuoso, cheio de grande ira, (fez aquele ato). Nos tempos antigos, os Rishis que residiam na floresta Naimisha tinham realizado um sacrifício que se estendeu por doze anos. No decorrer daquele sacrifício, depois que um específico chamado Viswajit estava completado, os Rishis partiram para o país dos Pancalas. Chegando lá, eles pediram ao rei para dar a eles vinte e um bezerros fortes e saudáveis para serem dados como Dakshina (no sacrifício que eles tinham terminado). Dalvya Vaka, no entanto, (chamando aqueles Rishis), disse a eles, 'Dividam aqueles meus animais entre vocês! Dando esses (para vocês), eu pedirei um grande rei (por alguns).' Tendo dito isso para todos aqueles Rishis, Vaka de grande energia, aquele melhor dos Brahmanas, então procedeu para a residência de Dhritarashtra. Chegando na presença do rei Dhritarashtra, Dalvya pediu alguns animais dele. Aquele melhor dos reis, no entanto, vendo que algumas de suas vacas morreram sem qualquer causa, disse com raiva a ele, 'Patife de um Brahmana, pegue, se tu quiseres, estes animais que (estão mortos)!' Ouvindo essas palavras, o Rishi, conhecedor dos deveres, pensou, 'Ai, cruéis são as palavras que foram endereçadas a mim na assembléia!' Tendo refletido nessa maneira, aquele melhor dos Brahmanas, cheio de ira, colocou seu coração na destruição do rei Dhritarashtra. Cortando a carne daqueles animais mortos, aquele melhor dos sábios, tendo acendido um fogo (sacrifical) no tirtha do Sarasvati, despejou aqueles pedaços como libações para a destruição do reino do rei Dhritarashtra. Observador de votos rígidos, o grande Dalvya Vaka, ó monarca, despejou o reino de Dhritarashtra como uma libação no fogo, com a ajuda daqueles pedaços de carne. Após o começo daquele sacrifício feroz de acordo com os ritos devidos, o reino de Dhritarashtra, ó monarca, começou a decair. De fato, ó senhor, o reino daquele monarca começou a definhar, assim como uma grande floresta começa a desaparecer quando os homens começam a derrubá-la com o machado. Surpreendido por calamidades, o reino começou a perder sua prosperidade e vida. Vendo seu reino assim afligido, o pujante monarca, ó rei, ficou muito triste e pensativo. Consultando com os Brahmanas, ele começou a fazer grandes esforços para livrar seus territórios (da aflição). Nenhum bem, no entanto, veio de seus esforços, pois o reino continuou a definhar. O rei ficou muito triste. Os Brahmanas também, ó impecável, ficaram cheios de angústia. Quando finalmente o rei fracassou em salvar seu reino, ele questionou seus conselheiros, ó Janamejaya, (acerca do remédio). Os conselheiros o lembraram do mal que ele tinha feito em relação às vacas mortas. E eles disseram, 'O sábio Vaka está despejando teu reino como uma libação no fogo com a ajuda da carne (daqueles animais). Por essa razão, há este grande estrago no teu reino! Essa é a consequência de ritos ascéticos. Por isso há essa grande calamidade! Vá, ó rei, e gratifique aquele Rishi ao lado de um receptáculo de água na margem do Sarasvati!' Dirigindo-se à margem do Sarasvati, o rei

caindo aos pés dele e tocando-os com sua cabeça, uniu suas mãos e disse, ó tu da linhagem de Bharata, essas palavras, 'Eu te gratifico, ó adorável, perdoe minha ofensa. Eu sou um tolo insensato, um canalha inspirado pela avareza. Tu és meu refúgio, tu és meu protetor, cabe a ti me mostrar tua graça!' Vendo ele tão dominado pela aflição e lamentando dessa maneira, Vaka sentiu compaixão por ele e libertou seu reino. O Rishi ficou satisfeito com ele, tendo posto de lado seus sentimentos irados. Para libertar seu reino, o sábio novamente despejou libações no fogo. Tendo livrado o reino (de calamidades) e levado muitos animais em aflição, ele ficou profundamente satisfeito e mais uma vez procedeu às florestas Naimisha. O rei Dhritarashtra de mente generosa também, de alma virtuosa, com o coração alegre, voltou para sua própria capital cheia de prosperidade."

"Naquele tirtha, Brihaspati também, de grande inteligência, para a destruição dos Asuras e a prosperidade dos habitantes do céu, despejou libações no fogo sacrifical, com a ajuda de carne. Após isso, os Asuras começaram a definhar e foram destruídos pelos deuses, inspirados por desejo de vitória em batalha. Tendo com ritos devidos dado para os Brahmanas cavalos e elefantes e veículos com mulas unidas a eles e jóias de grande valor e muita riqueza, e muitos grãos, o ilustre e poderosamente armado Rama então procedeu, ó rei, ao tirtha chamado Yayata. Lá, ó monarca, no sacrifício de Yayati de grande alma, o filho de Nahusha, o Sarasvati produziu leite e manteiga clarificada. Aquele tigre entre homens, o rei Yayati, tendo realizado um sacrifício lá, foi alegremente para o céu e alcançou muitas regiões de bem-aventurança. Outra vez, ó senhor, o rei Yayati realizou um sacrifício lá. Vendo sua grande magnanimidade de alma e sua imutável devoção a ela mesma, o rio Sarasvati deu para os Brahmanas tudo pelo qual cada um deles nutria somente um desejo em seu coração. Aquele mais notável dos rios deu para cada um onde ele estava, entre aqueles que foram convidados para o sacrifício, casas e camas e alimento dos seis diferentes tipos de sabor, e diversas outras espécies de coisas. Os Brahmanas consideraram aqueles presentes de valor como feitos a eles pelo rei. Alegremente eles louvaram o monarca e deram suas bênçãos auspiciosas a ele. Os deuses e os Gandharvas estavam todos satisfeitos com a profusão de artigos naquele sacrifício. Em relação aos seres humanos, eles estavam cheios de admiração à visão daquela profusão. O ilustre Baladeva, de alma subjugada e reprimida e purificada, tendo a palmeira em sua bandeira, distinguido por grande honradez, e sempre doando as coisas mais valiosas, então procedeu para aquele tirtha de corrente violenta chamado Vasishthapavaha."

42

Janamejaya disse, "Por que a correnteza (do tirtha conhecido pelo nome de) Vasishthapavaha é tão rápida? Por que razão o principal dos rios levou Vasishtha para longe? Qual, ó senhor, foi a causa da disputa entre Vasishtha e Vishvamitra? Questionado por mim, ó tu de grande sabedoria, diga-me tudo isso! Eu nunca fico saciado ao te ouvir!"

Vaishampayana disse, "Uma grande inimizade surgiu entre Vishvamitra e Vasishtha, ó Bharata, devido à sua rivalidade em relação a austeridades ascéticas. A grande residência de Vasishtha era no tirtha chamado Sthanu na margem leste do Sarasvati. Na margem oposta era o retiro do inteligente Vishvamitra. Lá, naquele tirtha, ó monarca, Sthanu (Mahadeva) praticou as penitências mais rígidas. Os sábios ainda falam daquelas façanhas ferozes. Tendo realizado um sacrifício lá e adorado o rio Sarasvati, Sthanu estabeleceu aquele tirtha lá. Por isso ele é conhecido pelo nome Sthanu-tirtha, ó senhor. Naquele tirtha, os celestiais tinham, nos tempos antigos, ó rei, instalado Skanda, aquele matador de inimigos dos deuses, no comando supremo de seu exército. Para aquele tirtha do Sarasvati, o grande Rishi Vishvamitra, por meio da ajuda de suas penitências austeras, levou Vasishtha. Escute essa história. Os dois ascetas Vishvamitra e Vasishtha, ó Bharata, todo dia desafiavam um ao outro muito seriamente em relação à superioridade de suas penitências. O grande Muni Vishvamitra, queimando (com ciúme) à visão da energia de Vasishtha, começou a refletir sobre o assunto. Embora dedicado à realização de seus deveres, essa, no entanto, foi a decisão, ó Bharata, que ele tomou: 'Essa Sarasvati trará rapidamente, pela força de sua correnteza, aquele principal dos ascetas, Vasishtha, à minha presença. Depois que ele tiver sido trazido para cá, eu irei, sem dúvida, matar aquele principal dos regenerados.' Tendo decidido isso, o ilustre e grande Rishi Vishvamitra com olhos vermelhos de raiva pensou naquele principal dos rios. Assim lembrada pelo asceta, ela ficou extremamente agitada. A dama formosa, no entanto, foi até aquele Rishi de grande energia e grande cólera. Pálida e tremendo, Sarasvati, com mãos unidas apareceu diante daquele principal dos sábios. De fato, a dama estava muito afligida pela angústia, assim como uma mulher que perdeu seu marido poderoso. E ela disse para aquele melhor dos sábios, 'Diga-me o que é que eu farei por ti.' Cheio de raiva, o asceta disse a ela, 'Traga para cá Vasishtha sem demora, para que eu possa matá-lo.' Ouvindo essas palavras o rio ficou agitado. Com mãos unidas a dama de olhos de lótus começou a tremer muito de medo como uma trepadeira sacudida pelo vento. Vendo o grande rio naquela situação, o grande asceta disse a ela, 'Sem qualquer escrúpulo, traga Vasishtha à minha presença!' Ouvindo essas palavras dele, e sabendo o mal que ele pretendia fazer, e conhecedora também da bravura de Vasishtha que era inigualável sobre a terra, ela foi até Vasishtha e o informou do que o inteligente Vishvamitra tinha dito a ela. Temendo a maldição de ambos, ela tremia repetidamente. De fato, seu coração estava na maldição atroz (que um ou outro podia pronunciar sobre ela). Ela sentia terror de ambos. Vendo ela pálida e mergulhada em ansiedade, Vasishtha de alma justa, aquele mais notável dos homens, ó rei, disse essas palavras a ela."

"Vasishtha disse, 'Ó principal dos rios, salve a ti mesma! Ó tu de correnteza rápida, leve-me embora, de outra maneira Vishvamitra irá te amaldiçoar. Não sinta qualquer escrúpulo.' Ouvindo essas palavras daquele Rishi compassivo, o rio começou a pensar, ó Kauravya, qual conduta seria melhor para ela seguir. Esses mesmos foram os pensamentos que surgiram em sua mente: 'Vasishtha mostra grande compaixão por mim. É correto que eu sirva a ele.' Vendo então aquele melhor dos Rishis, (Vasishtha) dedicado à recitação silenciosa (de mantras) em

sua margem, e vendo o filho de Kusika (Vishvamitra) também dedicado ao homa, Sarasvati pensou, ‘Essa é minha oportunidade.’ Então aquele principal dos rios, por meio de sua correnteza, arrastou uma de suas margens. Ao arrastar aquela margem ela carregou Vasishtha para longe. Enquanto estava sendo levado, ó rei, Vasishtha louvou o rio nessas palavras: ‘Do lago do Avô (manasa) tu tiveste tua origem, ó Sarasvati! Todo esse universo está cheio com tuas águas excelentes! Viajando pelo firmamento, ó deusa, tu concedes tuas águas às nuvens! Todas as águas são tu! Por ti nós exercemos nossas faculdades de pensamento! Tu és Pushti e Dyuti, Kirti, e Siddhi e Uma! Tu és Palavra, e tu és Svaha! Todo esse universo é dependente de ti! És tu que moras em todas as criaturas, em quatro formas!’ Assim louvada por aquele Rishi formidável, Sarasvati, ó rei, levou depressa aquele Brahmana em direção ao retiro de Vishvamitra e repetidamente relatou para o último a chegada do primeiro. Vendo Vasishtha assim levado diante dele por Sarasvati, Vishvamitra, cheio de raiva, começou a procurar por uma arma com a qual matar aquele brahmana. Vendo-o cheio de ira, o rio por medo de (testemunhar e ajudar no) assassinato de um Brahmana, rapidamente levou Vasishtha para sua margem leste mais uma vez. Ela assim obedeceu as palavras de ambos, embora ela tivesse enganado o filho de Gadhi com seu ato. Vendo aquele melhor dos Rishis, Vasishtha, levado para longe, o vingativo Vishvamitra, cheio de cólera, se dirigiu a Sarasvati, dizendo, ‘Já que, ó principal dos rios, tu foste embora, tendo me enganado, que a tua correnteza seja transformada no sangue que é aceitável para Rakshasas.’ Então, amaldiçoada pelo inteligente Vishvamitra, Sarasvati fluiu por um ano inteiro portando sangue misturado com água. Os deuses, os Gandharvas, e as Apsaras, vendo o Sarasvati reduzido àquela situação, ficaram cheios de grande tristeza. Por essa razão, ó rei, o tirtha veio a ser chamado Vasishthapravaha na terra. O mais notável dos rios, no entanto, obteve de volta sua própria condição."

43

Vaishampayana disse, "Amaldiçoada pelo inteligente Vishvamitra enraivecido, Sarasvati, naquele auspicioso e melhor dos tirthas, fluiu, levando sangue em sua correnteza. Então, ó rei, muitos Rakshasas vieram, ó Bharata, e viveram alegremente lá, bebendo o sangue que fluía. Muito satisfeitos com aquele sangue, alegremente e sem ansiedade de qualquer tipo, eles dançavam e davam risada lá como pessoas que alcançaram o céu (por mérito). Depois que algum tempo tinha passado, uns Rishis, possuidores de riqueza de ascetismo, foram ao Sarasvati, ó rei, em uma estada em seus tirthas. Aqueles principais dos Munis, tendo se banhado em todos os tirthas e obtido grande felicidade, ficaram desejosos de adquirir mais mérito. Aquelas pessoas eruditas chegaram finalmente, ó rei, naquele tirtha onde o Sarasvati corria uma correnteza sangrenta. Aqueles altamente abençoados, chegando àquele tirtha terrível, viram a água do Sarasvati misturada com sangue e aqueles inúmeros Rakshasas, ó monarca, que a estavam bebendo. Vendo aqueles Rakshasas, ó rei, aqueles ascetas de votos rígidos fizeram grandes esforços para resgatar o Sarasvati daquela situação difícil.

Aqueles abençoados de votos elevados, chegados lá, invocaram aquele principal dos rios e disseram essas palavras a ela, ‘Nos diga a razão, ó dama auspiciosa, por que esse lago em ti foi afligido por tal infortúnio. Sabendo isso, nós nos esforçaremos (para restaurá-lo à sua condição apropriada).’ Assim questionada, Sarasvati, tremendo enquanto falava, informou-os de tudo o que tinha ocorrido. Vendo-a atormentada pela dor, aqueles ascetas disseram, ‘Nós ouvimos o motivo. Nós ouvimos a respeito da tua maldição, ó dama impecável! Todos nós nos esforçaremos!’ Tendo dito essas palavras para aquele mais notável dos rios, eles então consultaram uns aos outros dessa maneira, ‘Todos nós libertaremos Sarasvati de sua maldição.’ Então todos aqueles Brahmanas, ó rei, reverenciando Mahadeva, aquele senhor do universo e protetor de todas as criaturas, com penitências e votos e jejuns e diversos tipos de abstinências e observâncias dolorosas, emanciparam aquele principal dos rios, a divina Sarasvati. Vendo a água de Sarasvati purificada pelos Munis, os Rakshasas (que tinham tomado sua residência lá), afligidos pela fome, procuraram a proteção daqueles mesmos Munis. Afligidos com fome, os Rakshasas, com mãos unidas, repetidamente disseram para aqueles ascetas cheios de compaixão, essas palavras, ‘Todos nós estamos famintos! Nós nos desviamos da virtude eterna! Que nós sejamos pecaminosos em comportamento não é de nosso livre arbítrio! Pela ausência da sua graça e por causa das nossas próprias más ações, como também através dos pecados sexuais de nossas mulheres, nossos deméritos aumentam e nós nos tornamos Brahma-Rakshasas! Assim entre Vaisyas e Sudras, e Kshatriyas, aqueles que odeiam e ferem Brahmanas se tornaram Rakshasas. Ó melhores dos Brahmanas, façam arranjos para nos ajudar! Vocês são competentes para ajudar todos os mundos!’ Ouvindo essas palavras deles, aqueles ascetas louvaram o grande rio. Para a salvação daqueles Rakshasas, com mentes absortas aqueles ascetas disseram, ‘O alimento sobre o qual uma pessoa espirrou, aquele no qual há vermes e insetos, aquele que pode estar misturado com quaisquer restos de pratos, aquele que está misturado com cabelo, aquele que está misturado com lágrimas, aquele que foi pisado formará a porção desses Rakshasas! O homem erudito, sabendo tudo isso, evitará cuidadosamente esses tipos de comida. Aquele que comer tal alimento será considerado como comendo a comida de Rakshasas!’ Tendo purificado o tirtha dessa maneira, aqueles ascetas assim pediram àquele rio pelo alívio daqueles Rakshasas. Compreendendo os pontos de vista daqueles grandes Rishis, aquele principal dos rios fez seu corpo, ó touro entre homens, assumir uma nova forma chamada Aruna. Banhando-se naquele novo rio (um ramo do Sarasvati) os Rakshasas abandonaram seus corpos e foram para o céu. Averiguando tudo isso, o chefe dos celestiais, (Indra de cem sacrifícios), se banhou naquele principal dos tirthas e foi purificado de um pecado atroz."

Janamejaya disse, "Por que razão Indra foi maculado pelo pecado de Brahmanicídio? Como também ele foi purificado por se banhar naquele tirtha?"

Vaishampayana disse, "Escute essa história, ó soberano de homens! Conheça aquelas ocorrências como elas aconteceram! Ouça como Vasava, nos tempos passados, rompeu seu tratado com Namuchi! O Asura Namuchi, por medo de Vasava, entrou em um raio do sol. Indra então fez amizade com Namuchi e fez um

pacto com ele, dizendo, ‘Ó principal dos Asuras, Eu não te matarei, ó amigo, com qualquer coisa que seja úmida ou com qualquer coisa que seja seca! Eu não te matarei durante a noite ou de dia! Eu te juro isso pela verdade.’ Tendo feito esse pacto, o senhor Indra um dia viu um nevoeiro. Ele então, ó rei, cortou a cabeça de Namuchi, usando a espuma da água (como sua arma). A cabeça cortada de Namuchi então perseguiu Indra, dizendo a ele de um ponto próximo essas palavras, ‘Ó assassino de um amigo, ó desgraçado!’ Instigado adiante incessantemente por aquela cabeça, Indra foi até o Avô e o informou, em aflição, do que tinha ocorrido. O Senhor Supremo do universo disse a ele, ‘Realizando um sacrifício, te banhe com ritos devidos, ó chefe dos celestiais, em Aruna, aquele tirtha que salva do medo do pecado! A água daquele rio, ó Shakra, foi feita sagrada pelos Munis! Antigamente a presença daquele rio em seu terreno estava oculta. O divino Sarasvati se dirigiu ao Aruna, e o inundou com suas águas. Essa confluência de Sarasvati e Aruna é altamente sagrada! Lá, ó chefe dos celestiais, realize um sacrifício! Dê presentes em profusão! Realizando tuas abluções lá, tu serás liberto do teu pecado.’ Assim endereçado, Shakra, por causa dessas palavras de Brahma, ó Janamejaya, realizou naquela residência de Sarasvati diversos sacrifícios. Dando muitos presentes e se banhando naquele tirtha, ele de cem sacrifícios, o perfurador de Vala, realizou devidamente certos sacrifícios e então mergulhou no Aruna. Ele ficou livre do pecado resultante do assassinato de um Brahmana. O senhor do céu então voltou para o céu com o coração alegre. A cabeça de Namuchi também caiu naquela correnteza, ó Bharata, e o Asura alcançou muitas regiões eternas, ó melhor dos reis, que concediam todos os desejos."

Vaishampayana continuou, "Baladeva de grande alma tendo se banhado naquele tirtha e dado muitos tipos de presentes obteve grande mérito. De atos justos, ele então procedeu para o grande tirtha de Soma. Lá, nos tempos antigos, o próprio Soma, ó rei de reis, tinha realizado o sacrifício Rajasuya. Atri de grande alma, aquele principal dos Brahmanas, dotado de grande inteligência tornou-se o Hotri naquele sacrifício grandioso. Após o término daquele sacrifício, uma grande batalha ocorreu entre os deuses (em um lado) e os Danavas, os Daityas, e os Rakshasas (no outro). Aquela batalha violenta é conhecida pelo nome (do Asura) Taraka. Naquele combate Skanda matou Taraka. Lá, naquela ocasião, Mahasena (Skanda), aquele destruidor de Daityas, obteve o comando das forças celestes. Naquele tirtha há uma gigantesca árvore Aswattha. Sob sua sombra, Kartikeya, também chamado Kumara, sempre reside em pessoa."

44

Janamejaya disse, "Tu descreveste os méritos do Sarasvati, ó melhor dos Brahmanas! Cabe a ti, ó regenerado, descrever para mim a investidura de Kumara (pelos deuses). Grande é a curiosidade que eu sinto. Conte-me tudo, portanto, sobre a época e o lugar e a maneira na qual o encantador e pujante senhor Skanda foi investido (com o comando das forças celestes). Diga-me também, ó principal dos oradores, quem foram aqueles que o investiram e que realizaram os

ritos reais, e como o generalíssimo celeste fez uma grande carnificina dos Daityas!"

Vaishampayana disse, "Essa curiosidade que tu sentes é digna do teu nascimento na linhagem de Kuru. As palavras que eu falarei serão, ó Janamejaya, conducentes à tua satisfação. Eu narrarei para ti a história da investidura de Kumara e a destreza daquele de grande alma, já que, ó soberano de homens, tu desejas ouvir isso! Nos tempos antigos a semente vital de Maheshvara, saindo, caiu em um fogo ardente. O consumidor de tudo, o adorável Agni, não pode queimar aquela semente indestrutível. Por outro lado, o portador de libações sacrificais, por causa daquela semente, tornou-se possuidor de energia e esplendor formidáveis. Ele não pode manter dentro de si aquela semente de energia poderosa. Por ordem de Brahman, o senhor Agni, se aproximando (do rio) Ganga, jogou nele aquela semente divina possuidora da refulgência do sol. Ganga também, incapaz de segurá-la, jogou-a no belo leito de Himavat que é reverenciado pelos celestiais. Nisso o filho de Agni começou a crescer lá, subjugando todos os mundos com sua energia. Enquanto isso (as seis) Krittikas viram aquela criança de esplendor ígneo. Vendo aquele senhor pujante, aquele filho de grande alma de Agni, deitado em uma moita de urzes, todas as seis Krittikas, que desejavam um filho, gritaram alto, dizendo, 'Essa criança é minha, essa criança é minha!' Compreendendo o estado de espírito daquelas seis mães, o adorável senhor Skanda chupou os peitos de todas tendo assumido seis bocas. Vendo aquele poder da criança, as Krittikas, aquelas deusas de formas belas, ficaram cheias de admiração. E já que a criança encantadora tinha sido lançada pelo rio Ganga sobre o topo de Himavat, aquela montanha parecia bela, tendo, ó encantador dos Kurus, sido transformada em ouro! Com aquela criança crescendo a Terra inteira ficou bela, e por essa razão aquelas montanhas (desde aquela época) vieram a ser produtoras de ouro. Possuidora de grande energia, a criança veio a ser chamada pelo nome de Kartikeya. A princípio ele foi chamado pelo nome de Gangeya. Ele se tornou possuidor de poderes ascéticos superiores. Dotado de autodomínio e ascetismo e energia estupenda, a criança cresceu, ó monarca, para uma pessoa de feições muito agradáveis como o próprio Soma. Possuidora de grande beleza, a criança deitava naquela excelente e dourada moita de urzes, adorada e louvada por Gandharvas e ascetas. Moças celestes, às milhares, conhecedoras de música e dança celestes, e de feições muito belas, o louvavam e dançavam diante dele. O principal de todos os rios, Ganga, serviu aquele deus. A Terra também, assumindo grande beleza, segurou a criança (em seu colo). O sacerdote celeste Brihaspati realizou os ritos usuais depois do nascimento, em relação àquela criança. Os Vedas assumindo uma forma quádrupla se aproximaram da criança com mãos unidas. A Ciência de armas, com suas quatro divisões, e todas as armas como também todas as espécies de flechas, foram a ele. Um dia, a criança, de grande energia, viu aquele deus dos deuses, o marido de Uma, sentado com a filha de Himavat, em meio a uma multidão de criaturas fantasmais. Aquelas criaturas fantasmais, de corpos emaciados, tinham aspectos notáveis. Eles eram feios e de feições feias, e usavam ornamentos e marcas deselegantes. Seus rostos eram semelhantes àqueles de tigres e leões e ursos e gatos e makaras. Outros eram de rostos como

aqueles de escorpiões; outros de rostos como aqueles de elefantes e camelos e corujas. E alguns tinham rostos como aqueles de urubus e chacais. E havia alguns que tinham rostos como aqueles de garças e pombos e Kurus. E muitos entre eles tinham corpos semelhantes àqueles de cachorros e porcos-espinhos e iguanas e cabras e ovelhas e vacas. E alguns pareciam com montanhas e alguns oceanos, e alguns permaneciam com discos e maças erguidos como suas armas. E alguns pareciam com massas de antimônio e alguns com montanhas brancas. Os sete Matris também estavam presentes lá, ó monarca, e os Sadhyas, os Viswedevas, os Maruts, os Vasus, os Rudras, os Adityas, os Siddhas, os Danavas, as aves, o Nascido por Si mesmo e adorável Brahman com seus filhos, e Vishnu, e Shakra, todos foram lá para ver aquela criança de glória imorredoura. E muitos dos principais dos celestiais e Gandharvas, encabeçados por Narada e muitos Rishis celestes e Siddhas encabeçados por Brihaspati, e os pais do universo, aqueles principais, aqueles que são considerados como deuses dos deuses, e os Yamas e os Dharmas, todos foram lá. Dotada de grande força, a criança possuidora de grande poder ascético procedeu à presença daquele Senhor dos deuses, (Mahadeva), armado com tridente e Pinaka. Vendo a criança se aproximando, o pensamento entrou na mente de Siva, assim como na (mente da) filha de Himavat e naquela de Ganga e de Agni, a respeito de quem entre os quatro a criança iria se aproximar primeiro para honrar a ele ou ela. Cada um deles pensou, ‘Ele virá a mim.’ Compreendendo que aquela era a expectativa nutrida por cada um daqueles quatro, ele recorreu a seus poderes de Yoga e assumiu ao mesmo tempo quatro formas diferentes. De fato o adorável e pujante senhor assumiu aquelas quatro formas em um instante. As três formas que ficaram atrás eram Sakha e Visakha e Naigameya. O adorável e pujante, tendo dividido seu corpo em quatro formas, (foi em direção aos quatro que estavam sentados esperando-o). A forma chamada Skanda de aparência extraordinária procedeu ao lugar onde Rudra estava sentado. Visakha foi para o lugar onde a filha divina de Himavat estava. O adorável Sakha, que é a forma Vayu de Kartikeya foi em direção a Agni. Naigameya, aquela criança de esplendor flamejante, procedeu à presença de Ganga. Todas aquelas formas, de aparência semelhante, eram dotadas de grande refulgência. As quatro formas foram calmamente até os quatro deuses e deusas (já mencionados). Tudo isso parecia muito extraordinário. Os deuses, os Danavas, e os Rakshasas fizeram um barulho alto à visão daquele incidente estupendo de arrepiar os cabelos. Então Rudra e a deusa Uma e Agni, e Ganga, todos reverenciaram o Avô, aquele Senhor do Universo. Tendo devidamente se curvado a ele, ó touro entre reis, eles lhe disseram essas palavras, ó monarca, pelo desejo de beneficiar Kartikeya. ‘Cabe a ti, ó Senhor dos deuses, conceder a esse jovem, para nossa felicidade, algum tipo de soberania que possa ser adequada para ele e que ele possa desejar.’ Nisto, o adorável Avô de todos os mundos, possuidor de grande inteligência, começou a pensar dentro de sua mente a respeito do que ele deveria dar àquele jovem. Ele antigamente tinha entregado para os (deuses) informes todos os tipos de riqueza sobre os quais os celestiais de grande alma, os Gandharvas, os Rakshasas, fantasmas, Yakshas, aves, e cobras tem domínio. Brahma, portanto, considerava aquele jovem como totalmente habilitado para aquele domínio (que tinha sido concedido aos deuses). Tendo refletido por um momento, o Avô, sempre atento ao bem-estar dos deuses, deu a ele a posição de

um generalíssimo entre todas as criaturas, ó Bharata! E o Avô em seguida mandou todos aqueles deuses que eram considerados como os principais dos celestiais e outros seres informes o servirem. Então os deuses encabeçados por Brahman, levando aquele jovem com eles, foram juntos ao Himavat. O local que eles escolheram era a margem da divina e sagrada Sarasvati, aquele principal dos rios, tendo sua nascente no Himavat, aquela Sarasvati que, em Samanta-panchaka, é célebre pelos três mundos. Lá, na margem sagrada, possuindo todos os méritos, do Sarasvati, os deuses e os Gandharvas tomaram seus assentos com corações bem satisfeitos pela satisfação de todos os seus desejos."

45

Vaishampayana disse, "Reunindo todos os artigos como prescritos nas escrituras para a cerimônia de investidura, Brihaspati despejou libações no fogo ardente devidamente. Himavat deu um assento que era enfeitado com muitas pedras preciosas valiosas. Kartikeya foi feito sentar naquele auspicioso e melhor dos assentos adornado com jóias excelentes. Os deuses levaram para lá todos os tipos de artigos auspiciosos, com ritos e mantras devidos, que eram necessários para uma cerimônia do tipo. Os diversos deuses - Indra e Vishnu, ambos de grande energia, e Surya e Candramas, e Dhatri, e Vidhatri, e Vayu, e Agni, e Pushan, e Bhaga, e Aryaman, e Ansa, e Vivaswat, e Rudra de grande inteligência, e Mitra, e os (onze) Rudras, os (oito) Vasus, os (doze) Adityas, os (gêmeos) Ashvinis, os Viswedevas, os Maruts, os Saddhyas, os Pitris, os Gandharvas, as Apsaras, os Yakshas, os Rakshasas, os Pannagas, inúmeros Rishis celestes, os Vaikhanasas, os Valakhilyas, aqueles outros que subsistem somente de ar e aqueles que subsistem dos raios do Sol, os descendentes de Bhrigu e Angiras, muitos Yatis de grande alma, todos os Vidyadharas, todos aqueles que eram coroados com êxito ascético, o Avô, Pulastya, Pulaha de grandiosos méritos ascéticos, Angiras, Kasyapa, Atri, Marichi, Bhrigu, Kratu, Hara, Prachetas, Manu, Daksha, as Estações, os Planetas, e todos os corpos luminosos; ó monarca, todos os rios em suas formas incorporadas, os Vedas eternos, os Mares, os diversos tirthas, a Terra, o Céu, os pontos Cardeais e Secundários do horizonte, e todas as Árvores, ó rei, Aditi a mãe dos deuses, Hri, Sri, Swaha, Sarasvati, Uma, Sachi, Sinivali, Anumati, Kuhu, o Dia da lua nova, o Dia da lua cheia, as esposas dos habitantes do céu, Himavat, Vindhya, Meru de muitos topos, Airavat com todos os seus seguidores, as Divisões de tempo chamadas Kala, Kashtha, Quinzena, as Estações, Noite, e Dia, ó rei, o príncipe dos corcéis, Ucchaisravas, Vasuki o rei das Cobras, Aruna, Garuda, as Árvores, as ervas decíduas, e o adorável deus Dharma – todos foram lá juntos. E foram lá também Kala, Yama, Mrityu, e os seguidores de Yama. Por medo de aumentar a lista eu não menciono os diversos outros deuses que foram lá. Todos eles foram àquela cerimônia para investir Kartikeya com a posição de generalíssimo. Todos os habitantes do céu, ó rei, levaram lá tudo o que era necessário para a cerimônia e todos os artigos propícios. Cheios de alegria, os habitantes do céu fizeram aquele jovem de alma elevada, aquele terror dos Asuras, o generalíssimo das forças armadas celestiais,

depois de despejarem sobre sua cabeça a água sagrada e excelente do Sarasvati de jarros dourados que continham outros artigos sagrados necessários para o propósito. O Avô dos mundos, Brahman, e Kasyapa de grande energia, e os outros (mencionados e) não mencionados, todos despejaram água sobre Skanda assim como, ó monarca, os deuses tinham despejado água sobre a cabeça de Varuna, o senhor das águas, para investi-lo com domínio. O senhor Brahman então, com o coração satisfeito, deu a Skanda quatro companheiros, possuidores de poder estupendo, dotados de velocidade como aquela do vento, coroados com êxito ascético, e dotados de energia a qual eles podiam aumentar à vontade. Eles eram chamados Nandisena e Lohitaksha e Ghantakarna e Kumudamalin. O senhor Sthanu, ó monarca, deu a Skanda um companheiro possuidor de grande impetuosidade, capaz de produzir cem ilusões, e dotado de poder e energia que ele podia aumentar à vontade. E ele foi o grande destruidor de Asuras. Na grande batalha entre os deuses e os Asuras, esse companheiro que Sthanu deu, cheio de ira, matou, somente com suas mãos, catorze milhões de Daityas de atos violentos. Os deuses então transferiram para Skanda a hoste celestial, invencível, abundando com tropas celestes, capaz de destruir os inimigos dos deuses, e de formas como aquela de Vishnu. Os deuses então, com Vasava em sua dianteira, e os Gandharvas, os Yakshas, os Rakshasas, os Munis, e os Pitris, todos gritaram, 'Vitória (para Skanda)!' Então Yama deu a ele dois companheiros, ambos os quais pareciam a Morte, Unmatha e Pramatha, possuidores de grande energia e grande esplendor. Dotado de grande destreza, Surya, com o coração satisfeito, deu para Kartikeya dois de seus seguidores chamdos Subhraja e Bhaswara. Soma também deu a ele dois companheiros, Mani e Sumani, ambos os quais pareciam com topos da montanha Kailasa e sempre usavam guirlandas brancas e unguentos brancos. Agni deu a ele dois companheiros heróicos, subjugadores de exércitos hostis, que eram chamados Jwalajihbha e Jyoti. Ansa deu para Skanda de grande inteligência cinco companheiros, Parigha, e Vata, e Bhima de força terrível, e Dahati e Dahana, ambos os quais eram extremamente ferozes e possuidores de energia fenomenal. Vasava aquele matador de heróis hostis deu para o filho de Agni dois companheiros, Utkrosa e Panchaka, que estavam armados respectivamente com raio e clava. Esses tinham matado em batalha inúmeros inimigos de Shakra. O ilustre Vishnu deu a Skanda três companheiros, Chakra e Vikrama e Sankrama de grande poder. Os Ashvinis, ó touro da raça Bharata, com corações satisfeitos, deram a Skanda dois companheiros Vardhana e Nandana, que tinham dominado todas as ciências. O ilustre Dhatri deu a ele cinco companheiros de grande alma, Kunda, Kusuma, Kumuda, Damvara e Adamvara. Tvashtri deu a Skanda dois companheiros chamados Chakra e Anuchakra, ambos os quais eram dotados de grande força. O senhor Mitra deu para Kumara de grande alma dois companheiros ilustres chamados Suvrata e Satyasandha, ambos os quais eram dotados de grande erudição e mérito ascético, possuidores de feições agradáveis, capazes de conceder benefícios e célebres pelos três mundos. Vidhatri deu a Kartikeya dois companheiros de grande celebridade, Suprabha de grande alma e Subhakarman. Pushan deu a ele, ó Bharata, dois companheiros, Panitraka e Kalika, ambos dotados de grandes poderes de ilusão. Vayu deu a ele, ó melhor dos Bharatas, dois companheiros, Vala e Ativala, dotados de grande poder e bocas muito largas. Varuna, aderindo firmemente à

verdade, deu a ele Ghasa e Atighasa de poder grandioso e possuidores de bocas como aquelas de baleias. Himavat deu para o filho de Agni dois companheiros, ó rei, Suvarchas e Ativarchas. Meru, ó Bharata, lhe deu dois companheiros chamados Kanchana e Meghamalin. Manu também deu para o filho de Agni dois outros dotados de grande força e destreza, Sthira e Atisthira. Vindhya deu ao filho de Agni filho dois companheiros chamados Uschrita e Agnisringa ambos os quais lutavam com pedras grandes. O oceano deu a ele dois poderosos companheiros chamados Sangraha e Vigraha, ambos armados com maças. Parvati de belas feições deu ao filho de Agni Unmada e Pushpadanta e Sankukarna. Vasuki, o rei das cobras, ó tigre entre homens, deu para o filho de Agni duas cobras chamadas Jaya e Mahajaya. Similarmente os Saddhyas, os Rudras, os Vasus, os Pitris, os Mares, os Rios, e as Montanhas, todos dotados de grande força, deram comandantes de tropas, armados com lanças e machados de batalha e enfeitados com diversas espécies de ornamentos. Escute agora os nomes daqueles outros combatentes armados com diversas armas e vestidos em diversos tipos de trajes e ornamentos, que Skanda obteve. Eles eram Sankukarna, Nilkumbha, Padmai, Kumud, Ananta, Dwadasabhuja, Krishna, Upakrishnaka, Ghranasravas, Kapiskandha, Kanchanaksha, Jalandhama, Akshasantarjana, Kunadika, Tamobhrakrit, Ekaksha, Dwadasaksha, Ekajata, Sahasravahu, Vikata, Vyaghraksha, Kshitikampana, Punyanaman, Sunaman, Suvaktra, Priyadarsana, Parisruta, Kokonada, Priyamalyanulepana, Ajodara, Gajasiras, Skandhaksha, Satalochana, Jwalajibha, Karala, Sitakesa, Jati, Hari, Krishnakesa, Jatadhara, Chaturdanshtra, Ashtajihva, Meghananda, Prithusravas, Vidyutaksha, Dhanurvaktra, Jathara, Marutasana, Udaraksha, Rathaksha, Vajranabha, Vasurprabha, Samudravega, Sailakampin, Vrisha, Meshapravaha, Nanda, Upadanka, Dhumra, Sweta, Kalinga, Siddhartha, Varada, Priyaka, Nanda, Gonanda, Ananda, Pramoda, Swastica, Dhruvaka, Kshemavaha, Subala, Siddhapatra, Govraja, Kanakapida, Gayana, Hasana, Vana, Khadga, Vaitali, Atitali, Kathaka, Vatika, Hansaja, Pakshadigdhanga, Samudronmadana, Ranotkata, Prashasa, Swetasiddha, Nandaka, Kalakantha, Prabhasa, Kumbhandaka, Kalakaksha, Sita, Bhutalonmathana, Yajnavaha, Pravaha, Devajali, Somapa, Majjala, Kratha Tuhara Chitradeva, Madhura, Suprasada, Kiritin, Vatsala, Madhuvarna, Kalasodara, Dharmada, Manma, Thakara, Suchivaktra, Swetavaktra, Suvaktra, Charuvaktra, Pandura, Dandavahu, Suvahu, Rajas, Kokilaka, Achala, Kanakaksha, Valakarakshaka, Sancharaka, Kokanada, Gridhrapatra, Jamvuka, Lohajvaktra, Javana, Kumbhavaktra, Kumbhaka, Mundagriva, Krishnaujas, Hansavaktra, Candrabha, Panikurchas, Samvuka, Panchavaktra, Sikshaka, Chasavaktra, Jamvuka, Kharvaktra, e Kunchaka. Além desses muitos outros companheiros de grande alma e poderosos, dedicados a austeridades ascéticas e respeitosos aos Brahmanas, foram dados a ele pelo Avô. Alguns deles estavam na juventude; alguns eram velhos e alguns, ó Janamejaya, eram muito jovens em idade. Milhares e milhares de tais seres foram até Kartikeya. Eles eram possuidores de diversos tipos de rostos. Ouça-me, ó Janamejaya, enquanto eu os descrevo! Alguns tinham rostos como aqueles de tartarugas, e alguns como aqueles de galos. Os rostos de alguns eram muito compridos, ó Bharata. Alguns, além disso, tinham rostos como aqueles de cachorros, e lobos, e lebres, e corujas, e jumentos, e camelos, e porcos. Alguns tinham faces humanas e alguns tinham

rostos como aqueles de ovelhas e chacais. Alguns eram terríveis e tinham rostos como aqueles de makaras e golfinhos. Alguns tinham rostos como aqueles de gatos e alguns como aqueles de moscas mordentes; e os rostos de alguns eram muito longos. Alguns tinham rostos como aqueles do mangusto, da coruja, e do corvo. Alguns tinham rostos como aqueles de ratos e pavões e peixes e cabras e ovelhas e búfalos. Os rostos de alguns pareciam aqueles de ursos e tigres e leopardos e leões. Alguns tinham rostos como aqueles de elefantes e crocodilos. Os rostos de alguns pareciam aqueles de Garuda e do rinoceronte e do lobo. Alguns tinham rostos como aqueles de vacas e mulas e camelos e gatos. Possuidores de estômagos largos e pernas e membros grandes, alguns tinham olhos como estrelas. Os rostos de alguns pareciam aqueles de pombos e touros. Outros tinham rostos como aqueles de kokilas e falcões e tittiras e lagartos. Alguns estavam vestidos em mantos brancos. Alguns tinham rostos como aqueles de cobras. Os rostos de alguns pareciam aqueles de porcos-espinhos. De fato, alguns tinham rostos apavorantes e alguns tinham rostos muito agradáveis; alguns tinham cobras como suas roupas. Os rostos como também os narizes de alguns pareciam com aqueles de vacas. Alguns tinham membros grandes e estômagos protuberantes, mas outros membros muito magros; alguns tinham membros grandes, mas estômagos magros. Os pescoços de alguns eram muito curtos e as orelhas de alguns eram muito grandes. Alguns tinham diversas espécies de cobras como seus ornamentos. Alguns estavam vestidos em peles de elefantes grandes, e alguns de peles pretas de veado. As bocas de alguns eram em seus ombros. Alguns tinham bocas em seus estômagos, alguns em suas costas, alguns em suas bochechas, alguns em suas panturrilhas, e alguns em seus flancos, e as bocas de muitos estavam colocadas em outras partes de seus corpos. Os rostos de muitos entre aqueles líderes de tropas eram como aqueles de insetos e vermes. As bocas de muitos entre eles eram como aquelas de diversos animais predadores. Alguns tinham muitos braços e alguns muitas cabeças. Os braços de alguns pareciam árvores, e as cabeças de alguns eram em seus quadris. Os rostos de alguns eram cônicos como os corpos de cobras. Muitos entre eles tinham suas residências em diversas espécies de plantas e ervas. Alguns estavam vestidos em trapos, alguns em diversos tipos de ossos, alguns estavam diversamente vestidos, e alguns estavam adornados em diversos tipos de guirlandas e diversos tipos de unguentos. Vestidos diferentemente, alguns tinham peles como seus mantos. Alguns tinham proteções para a cabeça; as frontes de alguns estavam enrugadas em linhas; os pescoços de alguns portavam marcas como aquelas em conchas, alguns eram possuidores de grande refulgência. Alguns tinham diademas, alguns tinham cinco tufos de cabelo em suas cabeças, e o cabelo de alguns era muito duro. Alguns tinham dois tufos, alguns três, e alguns sete. Alguns tinham penas em suas cabeças, alguns tinham coroas, alguns tinham cabeças que eram totalmente calvas, e alguns tinham madeixas emaranhadas. Alguns estavam enfeitados com guirlandas belas, e os rostos de alguns eram muito peludos. A batalha era a única coisa na qual eles tinham grande prazer, e todos eles eram invencíveis mesmo pelos principais entre os deuses. Muitos entre eles estavam vestidos em diversas espécies de mantos celestes. Todos eles gostavam muito da batalha. Alguns eram de cor escura, e os rostos de alguns não tinham carne neles. Alguns tinham costas muito longas, e alguns não tinham

estômago. As costas de alguns eram muito largas enquanto aquelas de alguns eram muito curtas. Alguns tinham estômagos longos e os membros de alguns eram compridos. Os braços de alguns eram longos enquanto aqueles de alguns eram curtos. Alguns eram anões de membros curtos. Alguns eram corcundas. Alguns tinham quadris curtos. As orelhas e cabeças de alguns eram como aqueles de elefantes. Alguns tinham narizes como aqueles de tartarugas, alguns como aqueles de lobos. Alguns tinham lábios compridos, alguns tinham quadris compridos, e alguns eram medonhos, tendo seus rostos para baixo. Alguns tinham dentes muito grandes, alguns tinham muitos dentes curtos, e alguns tinham somente quatro dentes. Milhares entre eles, ó rei, eram extremamente terríveis, parecendo com elefantes enfurecidos de tamanho gigantesco. Alguns eram de membros simétricos, possuidores de grande esplendor, e enfeitados com ornamentos. Alguns tinham olhos amarelos, alguns tinham orelhas como flechas, alguns tinham narizes como crocodilos. Ó Bharata! Alguns tinham dentes largos, alguns tinham lábios largos, e alguns tinham cabelo verde. Possuidores de diversos tipos de pés e lábios e dentes, eles tinham diversas espécies de braços e cabeças. Vestidos em diversos tipos de peles, eles falavam diversas espécies de línguas, ó Bharata! Hábeis em todos os dialetos provinciais, aqueles pujantes conversavam uns com os outros. Aqueles companheiros poderosos, cheios de alegria, davam saltos lá, cambalhotando (em volta de Kartikeya). Alguns tinham nariz comprido, alguns unhas longas, alguns pernas compridas. Alguns entre eles tinham cabeça grande e alguns braços grandes. Os olhos de alguns eram amarelos. As gargantas de alguns eram azuis, e as orelhas de alguns eram compridas, ó Bharata. Os estômagos de alguns eram parecidos com massas de antimônio. Os olhos de alguns eram brancos, os pescoços de alguns eram vermelhos, e alguns tinham olhos de uma cor castanha. Muitos eram de cor escura e muitos, ó rei, eram de diversas cores, ó Bharata. Muitos tinham ornamentos em seus corpos que pareciam com rabos de iaque. Alguns tinham listras brancas em seus corpos, e alguns tinham listras vermelhas. Alguns eram de cores diversificadas e alguns tinham cores douradas, e alguns eram dotados de esplendores como aqueles do pavão. Eu descreverei para ti as armas que eram levadas por aqueles que chegaram por último a Kartikeya. Ouça-me. Alguns tinham laços em seus braços erguidos. Seus rostos eram como aqueles de tigres e jumentos. Seus olhos eram em suas costas, suas gargantas eram azuis, e seus braços pareciam clavas com pontas de ferro. Alguns estavam armados com Sataghnis e discos, e alguns tinham clavas pesadas e curtas. Alguns tinham espadas e malhos e alguns estavam armados com cassetetes, ó Bharata. Alguns, possuidores de tamanhos gigantescos e grande força, estavam armados com lanças e cimitarras. Alguns estavam armados com maças e Bhusundis e alguns tinham arpões em suas mãos. Possuidores de almas superiores e grande força e dotados de grande velocidade e grande impetuosidade, aqueles poderosos companheiros tinham diversas espécies de armas terríveis em seus braços. Contemplando a instalação de Kartikeya, aqueles seres de energia poderosa, se deleitando em batalha e usando em seus corpos fileiras de sinos tilintantes, dançaram em volta dele em alegria. Esses e muitos outros companheiros poderosos, ó rei, foram ao ilustre Kartikeya de grande alma. Alguns pertenciam às regiões celestes, alguns à aérea, e alguns às regiões da Terra. Todos eles eram

dotados de velocidade semelhante àquela do vento. Mandados pelos deuses, aqueles seres bravos e poderosos se tornaram os companheiros de Kartikeya. Milhares e milhares, milhões e milhões de tais seres foram lá na instalação de Kartikeya de grande alma e permaneceram circundando-o."

46

Vaishampayana disse, "Ouça agora os grandes grupos das mães, aquelas matadoras de inimigos, ó herói, que se tornaram as companheiras de Kumara, enquanto eu menciono seus nomes. Escute, ó Bharata, os nomes daquelas mães ilustres. O universo móvel e imóvel é permeado por aquelas auspiciosas. Elas são Prabhavati, Vishalakshi, Palita, Gonasi, Shrimati, Bahula, Bahuputrika, Apsujata, Gopali, Brihadambalika, Jayavati, Malatika, Dhruvaratna, Bhayankari, Vasudama, Sudama, Vishoka, Nandini, Ekacuda, Mahacuda, Cakranemi, Uttejani, Jayatsena, Kamalakshi, Shobhana, Shatrunjaya, Shalabhi, Khari, Madhavi, Shubhavaktra, Tirthanemi, Gitapriya, Kalyani, Kadrula, Amitashana, Meghasvana, Bhogavati, Subhru, Kanakavati, Alatakshi, Viryavati, Vidyujjihva, Padmavati, Sunakshatra, Kandara, Bahuyojana, Santanika, Kamala, Mahabala, Sudama, Bahudama, Suprabha, Yashasvini, Nrityapriya, Shatolukhalamekhala, Shataghanta, Shatananda, Bhagananda, Bhamini, Vapushmati, Candrashita, Bhadrakali, Samkarika, Nishkutika, Bhrama, Catvaravasini, Sumangala, Svastimati, Vriddhikama, Jayapriya, Dhanada, Suprasada, Bhavada, Jaleshvari, Edi, Bhedi, Samedi, Vetalajanani, Kanduti, Kalika, Devamitra, Lambasi, Ketaki, Citrasena, Bala, Kukkutika, Shankhanika, Jarjarika, Kundarika, Kokalika, Kandara, Shatodari, Utkrathini, Jarena, Mahavega, Kankana, Manojava, Kantakini, Praghasa, Putana, Khashaya, Curvyuti, Vama, Kroshanatha, Taditprabha, Mandodari, Tunda, Kotara, Meghavasini, Subhaga, Lambini, Lamba, Vasucuda, Vikatthani, Urdhvavenidhara, Pingakshi, Lohamekhala, Prithuvaktra, Madhurika, Madhukumbha, Pakshalika, Manthanika, Jarayu, Jarjaranana, Khyata, Dahadaha, Dhamadhama, Khandakhanda, Pushana, Manikundala, Amogha, Lambapayodhara, Venuvinadhara, Pingakshi, Lohamekhala, Shasholukamukhi, Krishna, Kharajangha, Mahajava, Shishumaramukhi, Shveta, Lohitakshi, Vibhishana, Jatalika, Kamacari, Dirghajihva, Balotkata, Kaledika, Vamanika, Mukuta, Lohitakshi, Mahakaya, Haripindi, Ekakshara, Sukusuma, Krishnakarni, Kshurakarni, Catushkarni, Karnapravarana, Catushpathaniketa, Gokarni, Mahishanana, Kharakarni, Mahakarni, Bherisvanamahasvana, Shankhakumbhasvana, Bhangada, Gana, Sugana, Bhiti, Kamada, Catushpatharata, Bhutirtha, Anyagocara, Pashuda, Vittada, Sukhada, Mahayasha, Payoda, Gomahishada, Suvishana, Pratishtha, Supratishtha, Rocamana, Surocana, Naukarni, Mukhakarni, Sasira, Stherika, Ekacakra, Megharava, Meghamala, e Virocana.

Estas e muitas outras mães, ó touro da raça Bharata, numerando por milhares, de formas diversas, se tornaram as seguidoras de Kartikeya. Suas unhas eram longas, seus dentes eram grandes e seus lábios também, ó Bharata, eram protuberantes. De formas retas e feições doces, todas elas, dotadas de juventude,

estavam enfeitadas com ornamentos. Possuidoras de mérito ascético, elas eram capazes de assumir qualquer forma à vontade. Não tendo muita carne em seus membros, elas eram de aparência formosa e dotadas de esplendor como aquele de ouro. Algumas entre elas eram escuras e pareciam com nuvens em cor e algumas eram da cor de fumaça, ó touro da raça Bharata. E algumas eram dotadas do esplendor do sol da manhã e eram muito abençoadas. Possuidoras de cabelos longos, elas estavam vestidas em mantos brancos. As tranças de algumas estavam amarradas para cima, e os olhos de algumas eram castanhos, e algumas tinham cintos que eram muito compridos. Algumas tinham abdomens longos, algumas tinham longas orelhas, e longos peitos. Algumas tinham olhos cor de cobre, e tez cor de cobre, e os olhos de algumas eram verdes.

Capazes de conceder benefícios e de viajar à vontade, elas estavam sempre alegres. Possuidoras de grande força, algumas entre elas partilhavam da natureza de Yama, algumas de Rudra, algumas de Soma, algumas de Kuvera, algumas de Varuna, algumas de Indra, e algumas de Agni, ó opressor de inimigos. E algumas partilhavam da natureza de Vayu, algumas de Kumara, algumas de Brahma, ó touro da raça Bharata, e algumas de Vishnu e algumas de Surya, e algumas de Varaha.

De feições encantadoras e agradáveis, elas eram belas como os asuras. Em voz elas pareciam o kokila e em prosperidade elas pareciam o Senhor dos Tesouros. Em batalha, sua energia parecia aquela de Shakra. Em esplendor elas pareciam fogo. Em batalha elas sempre enchiam seus inimigos de terror. Capazes de assumir qualquer forma à vontade, em velocidade elas pareciam o próprio vento. De poder e energia inconcebíveis, sua destreza também era inconcebível.

Elas tem suas residências em árvores e locais abertos e em cruzamentos de quatro estradas. Elas vivem também em cavernas e crematórios, montanhas e fontes. Adornadas com diversos tipos de ornamentos, elas usam diversos tipos de trajes, e falam diversas línguas. Estas e muitas outras tribos (das mães), todas capazes de encher inimigos de pavor, seguiram Kartikeya de grande alma no comando dos principais dos celestiais.

O adorável castigador de Paka, ó tigre entre reis, deu para Guha (Kartikeya) um dardo para a destruição dos inimigos dos deuses. Aquele dardo produz um zumbido alto e é adornado com muitos sinos grandes. Possuidor de grande esplendor, ele parece flamejar com luz. E Indra também deu a ele um estandarte refulgente como o sol da manhã. Shiva deu a ele um grande exército, extremamente feroz e armado com diversas espécies de armas, e dotado de grande energia gerada de penitências ascéticas. Invencível e possuindo todas as qualidades de um bom exército, aquela força era conhecida pelo nome de dhananjaya. Ela era protegida por 30.000 guerreiros cada um dos quais era possuidor de força igual àquela do próprio Rudra. Aquela força não sabia como fugir da batalha. Vishnu deu a ele uma guirlanda triunfal que aumenta o poder daquele que a usa. Uma deu a ele dois pedaços de tecido de refulgência como aquela do sol. Com grande prazer Ganga deu para Kumara um vaso de água celeste, gerado de amrita, e Brihaspati deu a ele um bastão sagrado. Garuda deu

a ele seu filho favorito, um pavão de penas belas. Aruna deu a ele um galo de esporas afiadas. O nobre Varuna deu a ele uma cobra de grande energia e poder. O senhor Brahma deu para aquele deus devotado a Brahman uma camurça preta. E o Criador de todos os mundos também deu a ele vitória em todas as batalhas.

Tendo obtido o comando das forças celestes, Skanda parecia resplandecente como um fogo flamejante de chamas brilhantes. Acompanhado por aqueles companheiros e as mães, ele procedeu para a destruição dos daityas, alegrando todos os principais dos deuses. A hoste terrível dos celestiais, equipada com estandartes enfeitados com sinos, e provida de baterias e conchas e pratos, e armada com armas, e enfeitada com muitas bandeiras, parecia bela como o firmamento outonal coberto com planetas e estrelas.

Então aquela vasta multidão de celestiais e diversas espécies de criaturas começaram alegremente a bater em suas baterias e soprar suas conchas numerando milhares. E eles também tocaram seus patahas e jharjharas e krikacas e chifres de vaca e adambaras e gomukhas e dindimas de som alto. Todos os deuses, com Vasava em sua dianteira, louvaram Kumara. Os celestiais e os gandharvas cantaram e as apsaras dançaram.

Bem satisfeito (como essas atenções) Skanda concedeu um benefício a todos os deuses, dizendo, 'Eu matarei todos os seus inimigos, aqueles, isto é, que desejam matar vocês.' Tendo obtido esse benefício daquele melhor dos deuses, os celestiais ilustres consideraram seus inimigos como já mortos. Depois que Skanda tinha concedido aquele benefício, um som alto elevou-se de todas aquelas criaturas cheias de alegria, enchendo os três mundos.

Acompanhado por aquela vasta hoste, Skanda então partiu para a destruição dos daityas e a proteção dos habitantes do céu. Esforço, e Vitória, e Justiça, e Sucesso, e Prosperidade, e Coragem, e as Escrituras (em suas formas incorporadas) seguiam na dianteira do exército de Kartikeya, ó rei! Com aquela força terrível, que estava armada com lanças, malhos, tições ardentes, maças, clavas pesadas, flechas, dardos e arpões, e que estava enfeitada com ornamentos e armaduras belas, e que proferia rugidos como aqueles de um leão orgulhoso, o divino Guha partiu.

Vendo ele, todos os daityas, rakshasas e danavas, ansiosos com medo, fugiram para todos os lados. Armados com diversas armas os celestiais os perseguiram. Vendo (o inimigo fugindo), Skanda, dotado de energia e poder, ficou inflamado com ira. Ele repetidamente arremessou sua arma terrível, o dardo (que ele tinha recebido de Agni). A energia que ele então mostrou parecia um fogo alimentado com libações de manteiga clarificada. Enquanto o dardo era repetidamente arremessado por Skanda de energia incomensurável, lampejos meteóricos, ó rei, caíram sobre a Terra. Raios também, com barulho tremendo, caíram sobre a Terra. Tudo se tornou apavorante, ó rei, como se torna no dia da destruição universal. Quando aquele dardo terrível era uma vez arremessado pelo filho de Agni, milhões de dardos saíam dele, ó touro da raça Bharata.

O pujante a adorável Skanda, cheio de alegria, finalmente matou Taraka, o chefe dos daityas, dotado de grande poder e destreza, e cercado (naquela batalha) por 100.000 daityas heróicos e poderosos. Ele então, naquela batalha, matou Mahisha que estava cercado por oito padmas de daityas. Ele em seguida matou Tripada que estava cercado por 1.000 ajutas de daityas. O pujante Skanda então matou Hradodara, que estava cercado por dez nikharvas de daityas, com todos os seus seguidores armados com diversas armas. Enchendo os dez pontos do horizonte, os seguidores de Kumara, ó rei, fizeram um barulho alto enquanto aqueles daityas estavam sendo mortos, e dançaram e pularam e deram risada em alegria.

Milhares de daityas, ó rei, foram queimados com as chamas que saíam do dardo de Skanda, enquanto outros davam seu último suspiro, terrificados pelos rugidos de Skanda. Os três mundos estavam apavorados pelo clamor dos soldados de Skanda. Os inimigos eram consumidos por chamas produzidas por Skanda. Muitos foram mortos somente por seus rugidos. Alguns entre os inimigos dos deuses, atingidos com bandeiras, eram mortos. Alguns, assustados pelos sons dos sinos, caíam pela superfície da Terra. Alguns, mutilados com armas, caíam privados de vida. Dessa maneira o heróico e poderoso Kartikeya matou inúmeros inimigos dos deuses possuidores de grande força que foram lutar com ele.

Então o filho de Bali Vana de grande poder, chegando à montanha Kraunca, lutou com a hoste celeste. Possuidor de grande inteligência, o grandioso generalíssimo Skanda avançou contra aquele inimigo dos deuses. Por medo de Kartikeya, ele se abrigou dentro da montanha Kraunca. Inflamado com raiva, o adorável Kartikeya então perfurou aquela montanha com aquele dardo dado a ele por Agni. A montanha era chamada Kraunca (grou) porque o som que ela sempre produzia parecia o grito de um grou. Aquela montanha era matizada com árvores shala. Os macacos e elefantes nela estavam apavorados. As aves que tinham sua residência nela se ergueram e se moveram em círculos no céu. As cobras começaram a dardejar para baixo por seus lados. Ela ressoava também com os gritos de leopardos e ursos em grandes números que corriam assustados para lá e para cá. Outras florestas sobre ela retumbavam com os gritos de centenas e centenas de animais. Sharabhas e leões saíram correndo de repente. Por causa de tudo isso aquela montanha, embora estivesse reduzida a uma situação muito deplorável, ainda assumiu um aspecto muito belo. Os vidyadharas morando em seus topos se elevaram no ar. Os kinnaras também ficaram muito ansiosos, distraídos pelo medo causado pela queda do dardo de Skanda. Os daityas então, às centenas e milhares, saíram daquela montanha ardente, todos vestidos em ornamentos e guirlandas belos.

Os seguidores de Kumara, prevalecendo sobre eles em batalha, mataram todos eles. O adorável Skanda, cheio de raiva, matou rapidamente o filho do chefe daitya (Bali) junto com seu irmão mais novo, assim como Indra matou Vritra (nos tempos passados). O matador de heróis hostis, o filho de Agni, perfurou com seu dardo a montanha Kraunca, dividindo a si mesmo às vezes em muitas e às vezes unindo todas as suas porções em uma. Repetidamente arremessado de sua mão,

o dardo repetidamente voltava a ele. Tal era o poder e glória do adorável filho de Agni. Com heroísmo redobrado, e energia e fama e sucesso, o deus perfurou a montanha e matou centenas de daityas. O adorável deus, tendo assim matado os inimigos dos celestiais, foi reverenciado e honrado pelos últimos e obteve grande alegria.

Depois que a montanha Kraunca tinha sido perfurada e depois que o filho de Canda tinha sido morto, baterias foram batidas, ó rei, e conchas foram sopradas. As damas celestes derramaram chuvas florais em sucessão sobre aquele senhor divino de yogis. Brisas auspiciosas começaram a soprar, portando perfumes celestiais. Os gandharvas cantaram seus louvores, como também grandes rishis sempre empenhados na realização de sacrifícios. Alguns falavam dele como o pujante filho do Avô, Sanat-kumara, o mais velho de todos os filhos de Brahma. Alguns falavam dele como o filho de Maheshvara, e alguns como aquele de Agni. Alguns, além disso, o descreviam como o filho de Uma ou das Krittikas ou de Ganga. Centenas e milhares de pessoas falam daquele Senhor de yogis de forma resplandecente e grande poder como o filho de um desses, ou de um ou outro de dois desses, ou de qualquer um desses quatro.

Eu assim te disse, ó rei, tudo sobre a instalação de Kartikeya. Escute agora a história da santidade daquele principal dos tirthas no Sarasvati. Aquele principal dos tirthas, ó monarca, depois que os inimigos dos deuses estavam mortos, tornou-se um segundo céu. O pujante filho de Agni deu para cada um dos principais entre os celestiais diversos tipos de domínio e riqueza e finalmente a soberania dos três mundos. Assim mesmo, ó monarca, o adorável exterminador dos daityas foi instalado pelos deuses como seu generalíssimo. Aquele outro tirtha, ó touro da raça Bharata, onde nos tempos passados Varuna o senhor das águas foi instalado pelos celestiais, é conhecido pelo nome de Taijasa. Tendo se banhado naquele tirtha e reverenciado Skanda, Rama deu para os brahmanas ouro e roupas e ornamentos e outras coisas. Passando uma noite lá, aquele matador de heróis hostis, Madhava, louvando aquele principal dos tirthas e tocando sua água, ficou alegre e feliz. Eu agora te contei tudo sobre o que tu perguntaste, como o divino Skanda foi instalado pelos deuses reunidos!"

47

Janamejaya disse, "Essa história, ó regenerado, que eu ouvi de ti é muito extraordinária, essa narração, em detalhes, da instalação, segundo ritos devidos, de Skanda, ó tu possuidor de riqueza de ascetismo, eu me considero purificado por ter ouvido esse relato. Meu cabelo se arrepia e minha mente ficou alegre. Tendo ouvido a história da instalação de Kumara e a destruição dos Daityas, grande foi minha alegria. Eu sinto uma curiosidade, no entanto, em relação a outro assunto. Como o Senhor das águas foi instalado pelos celestiais naquele tirtha nos tempos antigos? Ó melhor dos homens, me conte isso, pois tu és possuidor de grande sabedoria e és hábil em narração!"

Vaishampayana disse, "Escute, ó rei, essa história magnífica do que ocorreu realmente em um Kalpa anterior! Nos tempos passados, na era Krita, ó rei, todos os celestiais, devidamente se aproximando de Varuna, disseram a ele essas palavras, ‘Como Shakra, o Senhor dos celestiais, sempre nos protege de todo o medo, similarmente sejas tu o Senhor de todos os rios! Tu sempre residiste, ó deus, no Oceano, aquele lar de makaras! Esse Oceano, o senhor dos rios, então estará sob teu domínio! Tu então aumentarás e diminuirás com Soma!’ (Assim endereçado) Varuna respondeu eles, dizendo, ‘Assim seja!’ Todos os celestiais então, se reunindo, fizeram Varuna tendo sua residência no oceano o Senhor de todas as águas, de acordo com os ritos prescritos nas escrituras. Tendo instalado Varuna como o Senhor de todas as criaturas aquáticas e reverenciando-o devidamente, os celestiais voltaram para suas respectivas residências. Instalado pelos celestiais, o ilustre Varuna começou a devidamente proteger mares e lagos e rios e outros reservatórios de água como Shakra protege os deuses. Banhando-se naquele tirtha também e dando diversos tipos de presentes, Baladeva, o matador de Pralamva, possuidor de grande sabedoria, então foi para Agnitirtha, aquele local onde o comedor de manteiga clarificada, desaparecendo de vista, ficou escondido dentro das entranhas da madeira Sami. Quando a luz de todos os mundos desapareceu dessa maneira, ó impecável, os deuses então foram ao Avô do universo. E eles disseram, ‘O adorável Agni desapareceu. Nós não sabemos a razão. Não deixe que todas as criaturas sejam destruídas. Crie fogo, ó pujante Senhor!’"

Janamejaya disse, "Por que razão Agni, o Criador de todos os mundos, desapareceu? Como também ele foi descoberto pelos deuses? Conte-me tudo isso em detalhes."

Vaishampayana disse, "Agni de grande energia ficou muito assustado pela maldição de Bhrigu. Se escondendo dentro das entranhas da madeira Sami, aquele deus adorável desapareceu de vista. Após o desaparecimento de Agni, todos os deuses, com Vasava em sua dianteira, em grande aflição, procuraram pelo deus perdido. Achando Agni então, eles viram aquele deus jazendo dentro das entranhas da madeira Sami. Os celestiais, ó tigre entre reis, com Brihaspati em sua chefia, tendo conseguido encontrar o deus, ficaram muito contentes com Vasava entre eles. Eles então voltaram para os lugares de onde eles tinham vindo. Agni também, a partir da maldição de Bhrigu, tornou-se um comedor de tudo, como Bhrigu, aquele pronunciador de Brahma, tinha dito. O inteligente Balarama, tendo se banhado lá, então procedeu para Brahmayoni onde o adorável Avô de todos os mundos tinha exercido suas funções de criações. Nos tempos antigos, o Senhor Brahman, junto com todos os deuses, banhou-se naquele tirtha, de acordo com ritos devidos pelos celestiais. Banhando-se lá e dando diversos tipos de presentes, Valadeva então procedeu para o tirtha chamado Kauvera onde o pujante Ailavila, tendo praticado austeridades severas, obteve, ó rei, o Domínio sobre todos os tesouros. Enquanto ele morou lá (engajado em austeridades), todas as espécies de riqueza, e todas as pedras preciosas foram a ele por sua própria vontade. Baladeva tendo se dirigido àquele tirtha e se banhado em suas águas deu devidamente muita riqueza para os Brahmanas. Rama viu naquele

local os excelentes bosques de Kuvera. Nos tempos passados, Kuvera de grande alma, o chefe dos Yakshas, tendo praticado as mais rígidas austeridades lá, obteve muitos benefícios. Estes foram o domínio de todos os tesouros, a amizade de Rudra possuidor de energia imensurável, a posição de um deus, a regência sobre um ponto específico do horizonte (o Norte), e um filho chamado Nakakuvera. Estes o chefe dos Yakshas obteve rapidamente lá, ó tu de braços fortes. Os Maruts, chegando lá, o instalaram devidamente (em sua soberania). Ele também obteve como um veículo um carro celestial e bem equipado, rápido como pensamento, como também a riqueza de um deus. Banhando-se naquele tirtha e dando muita riqueza, Vala usando unguentos brancos de lá procedeu rapidamente para outro tirtha. Populoso com todas as espécies de criaturas, aquele tirtha é conhecido pelo nome Vadarapachana. Lá os frutos de todas as estações são sempre encontrados e flores e frutas de todas as espécies são sempre abundantes."

48

Vaishampayana disse, "Rama (como já dito) então procedeu ao tirtha chamado Vadarapachana onde moravam muitos ascetas e Siddhas. Lá a filha de Bharadwaja, incomparável sobre a terra em beleza, chamada Sruvavati, praticou austeridades. Ela era uma donzela que levava a vida de uma Brahmacharini. Aquela donzela bela, observando diversas espécies de votos, praticou as mais rígidas das penitências, movida pelo desejo de obter o Senhor dos celestiais como seu marido. Muitos anos se passaram, ó perpetuador da linhagem de Kuru, durante os quais aquela donzela cumpriu constantemente aqueles diversos votos extremamente difíceis de serem praticados por mulheres. O adorável castigador de Paka finalmente ficou satisfeito com ela por causa daquela conduta e daquelas penitências dela e aquele elevado respeito que ela mostrou por ele. O pujante Senhor dos celestiais então chegou àquele eremitério, tendo assumido a forma do Rishi Vasishtha regenerado e de grande alma. Vendo aquele principal dos ascetas, Vasishtha, das penitências mais austeras, ela o reverenciou, ó Bharata de acordo com os ritos observados pelos ascetas. Familiarizada com votos, a donzela auspiciosa e de voz doce se dirigiu a ele, dizendo, 'Ó adorável, ó tigre entre os ascetas, me fale tuas ordens, ó senhor! Ó tu de votos excelentes, eu te servirei segundo a medida de meu poder! Eu não irei, no entanto, te dar minha mão, por minha consideração por Shakra! Eu estou procurando agradar Shakra, o senhor dos três mundos, com votos e observâncias rígidas e penitências ascéticas!' Assim endereçado por ela, o ilustre deus, sorrindo enquanto lançava seus olhos sobre ela, e conhecendo suas observâncias, se dirigiu a ela gentilmente, ó Bharata, dizendo, 'Tu praticaste penitências do tipo mais rígido! Isso é sabido por mim, ó tu de votos excelentes! Aquele objetivo também, nutrido em teu coração, pela obtenção do que tu te esforças, ó tu de rosto belo, será alcançado por ti! Tudo é alcançável por meio de penitências. Tudo depende de penitências. Todas aquelas regiões de bem-aventurança, ó tu de rosto belo, que pertencem aos deuses podem ser alcançadas por penitências. Penitências são a causa de grande felicidade. Aqueles homens que abandonam seus corpos depois

de terem praticado penitências austeras obtem a posição de deuses, ó auspiciosa! Mantenha em mente essas minhas palavras! Agora, ó donzela abençoada, ferva essas cinco jujubas, ó tu de votos excelentes!' Tendo dito essas palavras, o adorável matador de Vala foi embora, se despedindo para recitar mentalmente certos mantras em um tirtha excelente não longe daquele eremitério. Aquele tirtha veio a ser conhecido nos três mundos pelo nome de Indra, ó concessor de honras! De fato, foi pelo propósito de testar a devoção da donzela que o Senhor dos celestiais agiu daquela maneira para obstruir a fervura das jujubas. A donzela, ó rei, tendo se purificado, começou sua tarefa; reprimindo a fala e com atenção fixada nisso, ela sentou-se para sua tarefa sem sentir qualquer fadiga. Assim mesmo aquela donzela de votos elevados, ó tigre entre reis, começou a ferver aquelas jujubas. Enquanto ela estava sentada ocupada em sua tarefa, ó touro entre homens, o dia estava prestes a acabar, mas ainda aquelas jujubas não mostravam sinais de que estavam amolecidas. O combustível que ela tinha lá foi todo consumido. Vendo o fogo prestes a se extinguir devido à falta de combustível, ela começou a queimar seus próprios membros. A bela donzela primeiro jogou seus pés no fogo. A donzela impecável ficou sentada imóvel enquanto seus pés começavam a ser consumidos. A moça irrepreensível não se importou em absoluto com seus pés queimando. Difícil de ser feito, ela fez isso pelo desejo de fazer bem para o Rishi (que era seu convidado). Seu rosto não mudou em absoluto sob aquele processo doloroso, nem ela sentiu qualquer tristeza por causa disso. Tendo jogado seus membros no fogo, ela sentiu tanta alegria como se ela os tivesse mergulhado em água fresca. As palavras do Rishi, 'Cozinhe bem essas jujubas' foram mantidas em sua mente, ó Bharata! A donzela auspiciosa, mantendo aquelas palavras do grande Rishi em sua mente, começou a cozinhar aquelas jujubas embora as últimas, ó rei, não mostrassem sinais de amolecer. O próprio adorável Agni consumiu seus pés. Por isto, no entanto, a moça não sentiu a menor dor. Vendo aquele ato dela, o Senhor dos três mundos ficou muito satisfeito. Ele então se mostrou em sua própria forma para a donzela. O chefe dos celestiais então se dirigiu àquela donzela de votos muito austeros, dizendo, 'Eu estou satisfeito por tua devoção, tuas penitências, e teus votos! O desejo, portanto, ó auspiciosa, que tu nutres será realizado! Abandonando teu corpo, ó abençoada, tu viverás no céu comigo! Esse eremitério, além disso, se tornará o principal dos tirthas no mundo, capaz de purificar de todo pecado, ó tu de sobrancelhas formosas, e será conhecido pelo nome de Vadarapachana. Ele será famoso nos três mundos e será louvado por grandes Rishis. Nesse mesmo tirtha, ó auspiciosa, impecável e altamente abençoada, os sete Rishis, em uma ocasião, deixaram Arundhati, (a esposa de um eles), quando eles foram para Himavat. Aqueles altamente abençoados de votos muito rígidos tinham ido lá para colher frutas e raízes para seu sustento. Enquanto eles viviam dessa maneira em uma floresta de Himavat para obter seu sustento, ocorreu uma seca que se estendeu por doze anos. Aqueles ascetas, tendo feito um retiro para si mesmos, continuaram a viver lá. Enquanto a própria Arundhati se devotava a penitências ascéticas (no local onde ela foi deixada). Vendo Arundhati dedicada aos mais rígidos dos votos, a divindade concessora de benefícios e de três olhos (Mahadeva) muito satisfeita, chegou lá. O grande Mahadeva, assumindo a forma de um Brahmana, se aproximou dela e disse, 'Eu desejo esmolas, ó auspiciosa!' A

bela Arundhati disse a ele, ‘Nosso estoque de alimento está esgotado, ó Brahmana! Coma jujubas!’ Mahadeva respondeu, ‘Cozinhe essas jujubas, ó tu de votos excelentes!’ Depois dessas palavras, ela começou a cozinhar aquelas jujubas para fazer o que ser agradável para aquele Brahmana. Colocando aquelas jujubas no fogo, a célebre Arundhati escutou diversos discursos excelentes e encantadores e sagrados (dos lábios de Mahadeva). Aqueles doze anos de seca então passaram (como se fossem um único dia). Sem comida, e empenhada em cozinhar e escutar àqueles discursos auspiciosos, aquele período terrível passou, como se fosse um único dia para ela. Então os sete Rishis, tendo obtido frutas da montanha, voltaram para aquele local. O adorável Mahadeva, muito satisfeito com Arundhati, disse a ela, ‘Aproxime-te, como antigamente, destes Rishis, ó virtuosa! Eu estou satisfeito com tuas penitências e votos!’ O adorável Hara então se manifestou em sua própria forma. Satisfeito, ele falou a eles acerca da conduta nobre de Arundhati, ‘O mérito ascético, ó regenerados, que essa senhora ganhou, é, eu penso, muito maior do que aquele que vocês ganharam no leito de Himavat! As penitências praticadas por essa senhora foram extremamente rígidas, pois ela passou doze anos cozinhando, ela mesma jejuando todo o tempo!’ O divino Mahadeva então, se dirigindo a Arundhati, disse a ela, ‘Solicite a bênção, ó dama auspiciosa, que está no teu coração!’ Então aquela senhora de olhos grandes que eram de uma cor avermelhada se dirigiu àquele deus no meio dos sete Rishis, dizendo, ‘Se, ó divino, tu estás satisfeito comigo, então que esse local seja um tirtha excelente! Que ele seja conhecido pelo nome de Vadarapachana e que ele seja o recanto favorito de Siddhas e Rishis celestes. Assim também, ó deus dos deuses, que aquele que observar um jejum aqui e residir por três noites depois de ter se purificado, obtenha o fruto de um jejum de doze anos!’ O deus respondeu a ela, dizendo, ‘Assim seja!’ Louvado pelos sete Rishis, o deus então foi para o céu. De fato os Rishis ficaram cheios de admiração à visão do deus e ao verem a própria casta Arundhati não consumida e ainda possuidora da cor da saúde e assim capaz de aguentar fome e sede. Assim mesmo Arundhati de alma pura, nos tempos antigos, alcançou o maior êxito, como tu, ó dama altamente abençoada, por minha causa, ó donzela de votos rígidos! Tu, no entanto, ó moça amável, praticaste penitências mais rígidas! Satisfeito com teus votos, eu também te concederei este benefício especial, ó auspiciosa, um benefício que é superior àquele que foi concedido para Arundhati. Pelo poder do deus de grande alma que concedeu aquela bênção para Arundhati e pela tua própria energia, ó amável, eu devidamente te concederei outro benefício agora, que a pessoa que residir nesse tirtha por uma única noite e se banhar aqui com alma fixa (em meditação), irá, depois de abandonar seu corpo, alcançar muitas regiões de bem-aventurança que são difíceis de ser alcançadas (por outros meios)!’ Tendo dito essas palavras para a purificada Sruvavati, Shakra de mil olhos de grande energia então voltou para o céu. Depois que o manejador do raio, ó rei, tinha partido, uma chuva de flores celestes de fragrância doce caiu lá, ó chefe da linhagem de Bharata! Timbales celestes também, de som alto, foram tocados lá. Brisas auspiciosas e perfumadas também sopraram lá, ó monarca! A auspiciosa Sruvavati então, abandonando seu corpo, tornou-se a cônjuge de Indra. Obtendo a posição por meio de penitências austeras, ela começou a passar seu tempo, se divertindo com ele eternamente."

Janamejaya disse, "Quem era a mãe de Sruvavati, e como aquela donzela formosa foi criada? Eu desejo saber isso, ó Brahmana, pois a curiosidade que eu sinto é grande."

Vaishampayana disse, "A semente vital do Rishi regenerado e de grande alma Bharadwaja caiu, ao ver a Apsara Ghritachi de olhos grandes quando a última estava passando em um momento. Aquele principal dos ascetas então a segurou em sua mão. Ela foi então mantida em uma xícara feita das folhas de uma árvore. Naquela xícara nasceu a menina Sruvavati. Tendo realizado os ritos usuais depois do nascimento, o grande asceta Bharadwaja, dotado de riqueza de penitências, deu a ela um nome. O nome que o Rishi de alma justa deu a ela na presença dos deuses e Rishis foi Sruvavati. Mantendo a menina em seu eremitério, Bharadwaja foi para as florestas de Himavat. Aquele principal entre os Yadus, Baladeva de grande dignidade, tendo se banhado naquele tirtha e dado muito riqueza para muitos principais dos Brahmanas, então procedeu, com alma bem fixa meditação, ao tirtha de Sakta."

49

Vaishampayana disse, "O chefe poderoso dos Yadus, tendo ido ao tirtha de Indra, banhou-se lá segundo os ritos devidos e doou riqueza e pedras preciosas para os Brahmanas. Lá o chefe dos celestiais realizou cem sacrifícios de cavalo e deu riqueza enorme para Brihaspati. De fato, pela ajuda de Brahmanas conhecedores dos Vedas, Shakra realizou todos aqueles sacrifícios lá, segundo os ritos ordenados (nas escrituras). Aqueles sacrifícios foram de tal maneira que tudo neles era ilimitado. Cavalos de todas as espécies foram levados lá. Os presentes para Brahmanas foram abundantes. Tendo terminado devidamente aqueles cem sacrifícios, ó chefe dos Bharatas, Shakra de esplendor grandioso veio a ser chamado pelo nome de Satakratu. Aquele tirtha auspicioso e sagrado, capaz de purificar de todo pecado, desde então veio a ser chamado pelo seu nome como Indra-tirtha. Tendo devidamente se banhado lá, Baladeva adorou os Brahmanas com presentes de alimentos e mantos excelentes. Ele então procedeu àquele auspicioso e principal dos tirthas chamado pelo nome de Rama. O altamente abençoado Rama da linhagem de Bhrigu dotado de grande mérito ascético repetidamente subjugou a Terra e matou todos os principais dos Kshatriyas. (Depois de realizar tais façanhas) Rama realizou naquele tirtha um sacrifício Vajapeya e cem sacrifícios de cavalo com a ajuda de seu preceptor Kasyapa, aquele melhor dos Munis. Lá, como taxa sacrifical, Rama deu para seu preceptor a terra inteira com seus oceanos. O grande Rama, tendo devidamente se banhado lá, deu presentes para os Brahmanas, ó Janamejaya, e reverenciou-os dessa maneira. Tendo feito diversos presentes consistindo em diversas espécies de pedras preciosas como também vacas e elefantes e mulheres escravas e ovelhas e cabras, ele então se retirou para as florestas. Tendo se banhado naquele sagrado e principal dos tirthas que era o recanto de deuses e Rishis regenerados, Baladeva devidamente adorou os ascetas lá, e então procedeu para o tirtha chamado Yamuna. Dotado de grande refulgência, Varuna, o filho altamente

abençoado de Aditi, nos tempos passados realizou naquele tirtha o sacrifício Rajasuya, ó senhor da Terra! Tendo em batalha subjugado homens e celestiais e Gandharvas e Rakshasas, Varuna, ó rei, aquele matador de heróis hostis, realizou seu grandioso sacrifício naquele tirtha. Após o começo daquele principal dos sacrifícios, um combate se seguiu entre os deuses e os Danavas que encheu os três mundos de terror. Depois da conclusão daquele principal dos sacrifícios, o Rajasuya (de Varuna), uma batalha terrível, ó Janamejaya, aconteceu entre os Kshatriyas. O sempre generoso e pujante Baladeva tendo adorado os Rishis lá, fez muitos presentes para aqueles que os desejavam. Cheio de alegria e elogiado pelos grandes Rishis, Baladeva, aquele herói sempre enfeitado com guirlandas de flores selvagens e possuidor de olhos como folhas de lótus, então procedeu para o tirtha chamado Aditya. Lá, ó melhor dos reis, o adorável Surya de grande esplendor, tendo realizado um sacrifício, obteve a soberania de todos os corpos luminosos (no universo) e adquiriu também sua energia fenomenal. Lá, naquele tirtha situado na margem daquele rio, todos os deuses com Vasava em sua chefia, os Viswedevas, os Maruts, os Gandharvas, as Apsaras, o Nascido na Ilha (Vyasa), Suka, Krishna o matador de Madhu, os Yakshas, os Rakshasas, e os Pisachas, ó rei, e diversos outros, contados aos milhares, todos coroados com êxito ascético, sempre residem. De fato naquele tirtha auspicioso e sagrado do Sarasvati, o próprio Vishnu, tendo nos tempos antigos matado os Asuras Madhu e Kaitabha, tinha, ó chefe dos Bharatas, realizado suas abluções. O Nascido na Ilha (Vyasa) também, de alma virtuosa, ó Bharata, tendo se banhado naquele tirtha, obteve grandes poderes de Yoga e alcançou o maior êxito. Dotado de grande mérito ascético o Rishi Asita-Devala também, tendo se banhado naquele mesmo tirtha com alma absorta em elevada meditação de Yoga, obteve grandes poderes de Yoga."

50

Vaishampayana disse, "Naquele tirtha vivia nos tempos passados um Rishi de alma virtuosa, chamado Asita-Devala, cumpridor dos deveres de vida familiar. Devotado à virtude, ele levava uma vida de pureza e autodomínio. Possuidor de grande mérito ascético, ele era compassivo para todas as criaturas e nunca feria ninguém. Em palavras, atos e pensamentos, ele mantinha um comportamento igual com todas as criaturas. Sem cólera, ó monarca, crítica e elogio eram iguais para ele. De atitude igual para com o agradável e o desagradável, ele era, como o próprio Yama, completamente imparcial. O grande asceta olhava da mesma maneira ouro e uma pilha de seixos. Ele diariamente venerava os deuses e convidados, e Brahmanas (que iam a ele). Sempre dedicado à retidão, ele sempre praticava o voto de brahmacarya. Uma vez, um asceta inteligente, ó monarca, de nome Jaigishavya, dedicado ao Yoga e absorto em meditação e levando a vida de um mendicante, chegou ao retiro de Devala. Possuidor de grande esplendor, aquele grande asceta, sempre devotado ao Yoga, ó monarca, enquanto residindo no retiro de Devala, veio a ser coroado com êxito ascético. De fato, enquanto o esplêndido Muni Jaigishavya residiu lá, Devala manteve seus olhos nele, nunca o negligenciando em qualquer momento. Assim, ó monarca, um longo tempo foi

passado pelos dois nos tempos antigos. Em uma ocasião, Devala perdeu de vista Jaigishavya, aquele principal dos ascetas. Na hora, no entanto, de jantar, ó Janamejaya, o inteligente e justo asceta, levando uma vida de mendicância, se aproximou de Devala para pedir esmolas. Vendo aquele grande asceta reaparecer na aparência de um mendicante, Devala lhe mostrou grande honra e expressou muita satisfação. E Devala adorou seu convidado, ó Bharata, de acordo com a medida de suas habilidades, seguindo os ritos prescritos pelos Rishis e com grande atenção por muitos anos. Um dia, no entanto, ó rei, à visão daquele grande Muni, uma ansiedade profunda inquietou o coração de Devala de grande alma. O último pensou consigo mesmo, 'Muitos anos eu tenho passado em venerar esse asceta. Esse mendicante indolente, no entanto, ainda não me falou uma única palavra!' Tendo pensado isso, o abençoado Devala foi para as margens do oceano, viajando pelo firmamento e levando seu jarro de terra consigo. Chegando à costa do Oceano, aquele senhor dos rios, ó Bharata, Devala de alma justa viu Jaigishavya chegado lá antes dele. O senhor Asita, a essa visão, ficou muito surpreso e pensou consigo mesmo, 'Como pode o mendicante chegar ao oceano e realizar suas abluções antes mesmo da minha chegada?' Assim pensou o grande Rishi Asita. Devidamente realizando suas abluções lá e se purificando por meio disso, ele então começou a recitar silenciosamente os mantras sagrados. Tendo terminado suas abluções e orações silenciosas, o abençoado Devala voltou para seu retiro, ó Janamejaya, levando com ele seu vaso de terra cheio com água. Quando o asceta, no entanto, entrou no seu próprio retiro, ele viu Jaigishavya sentado lá. O grande asceta Jaigishavya nunca falava uma palavra para Devala, mas vivia no retiro do último como se ele fosse um pedaço de madeira. Tendo visto aquele asceta, que era um oceano de austeridades, mergulhado nas águas do mar (antes da sua própria chegada lá), Asita agora o viu voltar para seu eremitério antes do seu próprio retorno. Testemunhando esse poder, derivado através de Yoga, das penitências de Jaigishavya, Asita Devala, ó rei, dotado de grande inteligência, começou a refletir sobre a questão. De fato aquele melhor dos ascetas, ó monarca, admirou-se muito, dizendo, 'Como ele pode ser visto no oceano e novamente em meu eremitério?' Enquanto absorto em tais pensamentos, o asceta Devala, conhecedor de mantras, então se elevou, ó monarca, de seu eremitério para o céu, para averiguar quem Jaigishavya, dedicado a uma vida de mendicância, realmente era. Devala viu multidões de Siddhas percorredores do céu absortos em meditação, e ele viu Jaigishavya adorado com reverência por aqueles Siddhas. Firme na observância de seus votos e perseverante (em seus esforços), Devala ficou cheio de raiva à visão. Ele então viu Jaigishavya partir para o céu. Ele em seguida o viu ir à região dos Pitris. Devala o viu então ir à região de Yama. Da região de Yama o grande asceta Jaigishavya foi então visto se elevar alto e ir para a residência de Soma. Ele foi então visto ir para as regiões abençoadas (uma após outra) dos realizadores de certos sacrifícios rígidos. De lá ele foi às regiões dos Agnihotris e de lá à região daqueles ascetas que realizam os sacrifícios Darsa e Paurnamasa. O inteligente Devala então o viu proceder daquelas regiões de pessoas realizadoras de sacrifícios por meio da morte de animais para aquela região pura a qual é adorada pelos próprios deuses. Devala em seguida viu o mendicante ir ao lugar daqueles ascetas que realizam o sacrifício chamado Chaturmasya e diversos outros da

mesma espécie. De lá ele procedeu para a região pertencente aos realizadores do sacrifício Agnishtoma. Devala então viu seu convidado ir ao lugar daqueles ascetas que realizam o sacrifício chamado Agnishutta. De fato, Devala em seguida o viu nas regiões daqueles homens muito sábios que realizam o principal dos sacrifícios, Vajapeya, e aquele outro sacrifício no qual uma profusão de ouro é necessária. Então ele viu Jaigishavya na região daqueles que realizam o Rajasuya e o Pundarika. Ele então o viu nas regiões daqueles principais dos homens que realizam o sacrifício de cavalo e o sacrifício no qual seres humanos são mortos. De fato, Devala viu Jaigishavya nas regiões também daqueles que realizam o sacrifício chamado Sautramani e aquele outro no qual a carne, tão difícil de obter, de todos os animais vivos, é requerida. Jaigishavya foi então visto nas regiões daqueles que realizam o sacrifício chamado Dadasaha e diversos outros de caráter similar. Asita em seguida viu seu convidado permanecendo na região de Mitravaruna e então naquela dos Adityas. Asita então viu seu convidado passar pelas regiões dos Rudras, dos Vasus e de Brihaspati. Tendo se elevado em seguida à região abençoada chamada Goloka, Jaigishavya foi visto em seguida ir para aquelas dos Brahmasatris. Tendo por meio de sua energia passado por três outras regiões, ele foi visto ir àquelas regiões que são reservadas para mulheres que são castas e devotadas aos seus maridos. Asita, no entanto, neste ponto, ó castigador de inimigos, perdeu de vista Jaigishavya, aquele principal dos ascetas, que, absorto em Yoga, desapareceu de sua visão. O altamente abençoado Devala então refletiu sobre o poder de Jaigishavya e a excelência de seus votos como também sobre o sucesso inigualável de seu Yoga. Então o autocontrolado Asita, com mãos unidas e em um espírito reverente, questionou aqueles principais dos Siddhas nas regiões dos Brahmasatris, dizendo, ‘Eu não vejo Jaigishavya! Digam-me onde aquele asceta de grande energia está. Eu desejo saber isso, pois grande é minha curiosidade.’"

"Os Siddhis disseram, ‘Ouça, ó Devala de votos rígidos, enquanto nós te falamos a verdade. Jaigishavya foi para a região eterna de Brahman.’"

Vaishampayana continuou, "Ouvindo estas palavras daqueles Siddhas residindo nas regiões dos Brahmasatris, Asita se esforçou para se elevar, mas ele logo caiu. Os Siddhas então, mais uma vez se dirigindo a Devala, disseram a ele, ‘Tu, ó Devala, não és competente para ir para lá, para a residência de Brahman, para onde Jaigishavya foi!’"

Vaishampayana continuou, "Ouvindo aquelas palavras dos Siddhas, Devala desceu, baixando de uma região para outra na devida ordem. De fato, ele foi para seu próprio retiro sagrado muito rapidamente, como um inseto alado. Logo que ele entrou em sua residência ele viu Jaigishavya sentado lá. Então Devala, vendo o poder derivado através de Yoga das penitências de Jaigishavya, refletiu sobre isso com sua mente justa e se aproximando daquele grande asceta, ó rei, com humildade, se dirigiu a Jaigishavya de grande alma, dizendo, ‘Eu desejo, ó adorável, adotar a religião de Moksha (Emancipação)!’ Ouvindo essas palavras dele, Jaigishavya deu aulas a ele. E ele também lhe ensinou as ordenanças de Yoga e os deveres supremos e eternos e seu oposto. O grande asceta, vendo ele firmemente decidido, realizou todos os atos (para sua admissão naquela religião)

segundo os ritos ordenados para aquele fim. Então todas as criaturas, com os Pitris, vendo Devala resolvido a seguir a religião de Moksha, começaram a lamentar, dizendo, ‘Ai, quem de agora em diante nos dará alimento?’ Ouvindo esses lamentos de todas as criaturas que ressoavam pelos dez pontos, Devala colocou seu coração em renunciar à religião de Moksha. Então todas as espécies de frutas e raízes sagradas, ó Bharata, e flores e ervas decíduas, às milhares, começaram a lamentar, dizendo, ‘Devala vil e de coração perverso, sem dúvida, irá mais uma vez nos colher e nos cortar! Ai, tendo uma vez assegurado todas as criaturas de sua perfeita inofensividade, ele não vê o mal que ele pensa em fazer!’ Nisto, aquele melhor dos ascetas começou a refletir com a ajuda de sua compreensão, dizendo, ‘Qual entre essas duas, a religião de Moksha ou aquela de vida familiar, será a melhor para mim?’ Refletindo sobre isso, Devala, ó melhor dos reis, abandonou a religião de vida familiar e adotou aquela de Moksha. Tendo refletido dessa maneira, Devala, por consequência daquela decisão alcançou o maior êxito, ó Bharata, e o Yoga mais sublime. Os celestiais então, encabeçados por Brihaspati, louvaram Jaigishavya e as penitências daquele asceta. Então aquele principal dos ascetas, Narada, se dirigindo aos deuses, disse, ‘Não há penitência ascética em Jaigishavya já que ele encheu Asita de admiração!’ Os habitantes do céu então, se dirigindo a Narada que falou tais palavras terríveis, disseram, ‘Não fale dessa maneira sobre o grande asceta Jaigishavya! Não há ninguém superior ou mesmo igual a ele de grande alma em força de energia e penitência e Yoga!’ Tal era o poder de Jaigishavya como também de Asita. Esse é o lugar daqueles dois, e esse o tirtha daquelas duas pessoas de grande alma. Banhando-se lá e dando riqueza para os Brahmanas, o manejador de grande alma do arado, de feitos nobres, ganhou grande mérito e então foi para o tirtha de Soma."

51

Vaishampayana disse, "Lá, naquele tirtha, ó Bharata, onde o Senhor das estrelas tinha nos tempos passados realizado o sacrifício rajasuya, uma grande batalha foi lutada na qual Taraka foi a raiz do mal. Banhando-se naquele tirtha e fazendo muitos presentes, o virtuoso Bala de alma purificada procedeu ao tirtha do muni chamado Sarasvata. Lá, durante uma seca que se estendeu por doze anos, o sábio Sarasvata, antigamente, ensinou os Vedas para muitos principais dos brahmanas."

Janamejaya disse, "Por que o sábio Sarasvata, ó tu de mérito ascético, ensinou os Vedas para os Rishis durante uma seca de doze anos?"

Vaishampayana continuou, "Nos tempos antigos, ó monarca, havia um sábio inteligente de grande mérito ascético. Ele era célebre pelo nome de Dadhica. Possuindo um controle completo sobre seus sentidos, ele levava a vida de um brahmacari. Por causa de suas austeridades ascéticas excessivas Shakra foi afligido por um grande temor. O sábio não podia ser desviado (de sua penitência) nem pela oferta de diversas espécies de recompensas. Finalmente o castigador de Paka, para tentar o sábio, despachou para ele a apsara extremamente bela e

celestial, de nome Alambusa. Lá onde nas margens do Sarasvati o sábio de grande alma estava engajado no ato de gratificar os deuses, a donzela celestial citada acima, ó monarca, fez seu aparecimento. Vendo aquela donzela de membros belos, a semente vital daquele asceta de alma purificada saiu. Ela caiu no Sarasvati, e o último a segurou com cuidado. De fato, ó touro entre homens, o Rio, contemplando aquela semente, a manteve em seu útero. Com o tempo a semente se desenvolveu em um feto e o grande rio o manteve para que ele pudesse ser inspirado com vida como uma criança. Quando chegou a hora, o principal dos rios deu à luz àquela criança e então foi, ó senhor, levando-a com ela, até aquele Rishi.

Vendo aquele melhor dos rishis em um conclave, Sarasvati, ó monarca, enquanto transferindo a criança, disse essas palavras, 'Ó rishi regenerado, esse é teu filho que eu mantive por devoção por ti! Aquela tua semente que saiu à visão da apsara Alambusa foi mantida por mim em meu útero, ó rishi regenerado, por devoção por ti, sabendo bem que aquela tua energia nunca sofreria destruição! Dado por mim, aceite esse teu próprio filho impecável!' Assim endereçado por ela, o rishi aceitou a criança e sentiu grande alegria. Por afeição, aquele principal dos brahmanas então cheirou a cabeça de seu filho e o segurou em um abraço apertado, ó principal da linhagem de Bharata, por algum tempo. Satisfeito com o Rio, o grande asceta Dadhica então deu uma bênção a ela, dizendo, 'Os Vishvadevas, os Rishis, e todas as tribos dos Gandharvas e as Apsaras, de agora em diante, ó abençoada, derivarão grande felicidade quando oblações de tua água forem oferecidas a eles!'

Tendo dito isso para o grande rio, o sábio, satisfeito e cheio de alegria, então a louvou nestas palavras. Ouça-as devidamente, ó rei! 'Tu tiveste tua origem, ó altamente abençoada, do lago de Brahman nos tempos passados. Todos os ascetas de votos rígidos te conhecem, ó principal dos rios! Sempre de feições agradáveis, tu me fizeste grande bem! Esse teu esplêndido filho, ó tu da aparência mais formosa, será conhecido pelo nome de Sarasvata! Esse teu filho, capaz de criar novos mundos, se tornará conhecido pelo teu nome! De fato, aquele grande asceta será conhecido pelo nome de Sarasvata! Durante uma seca que se estenderá por doze anos, este Sarasvata, ó abençoada, ensinará os Vedas para muitos principais dos brahmanas! Ó abençoada Sarasvati, pela minha graça, tu sempre serás, ó bela, o principal de todos os rios sagrados!' Assim mesmo o grande Rio foi elogiado pelo sábio depois que o último tinha concedido bênçãos a ela. O Rio então, em grande alegria, partiu, ó touro da raça Bharata, levando com ela aquela criança.

Enquanto isso, na ocasião de uma guerra entre os deuses e os danavas, Shakra vagou pelos três mundos à procura de armas. O grande deus, no entanto, fracassou em achar armas que fossem boas para matar os inimigos dos celestiais. Shakra então disse para os deuses, 'Eu não posso lidar com os grandes asuras! De fato, sem os ossos de Dadhica, nossos inimigos não podem ser mortos! Ó melhores dos celestiais, vão, portanto, àquele principal dos rishis e o solicitem, dizendo, 'Conceda-nos, ó Dadhica, teus ossos! Com eles nós mataremos nossos inimigos!'

Suplicado por eles por causa de seus ossos, aquele principal dos rishis, ó chefe da linhagem de Kuru, abandonou sem hesitação sua vida. Tendo feito o que era agradável para os deuses, o sábio alcançou muitas regiões de mérito inesgotável. Com seus ossos, enquanto isso, Shakra alegremente fez serem feitas muitas espécies de armas, tais como raios, discos, maças pesadas, e muitos tipos de cassetetes e clavas. Igual ao próprio Criador, Dadhica tinha sido gerado pelo grandioso rishi Bhrigu, o filho do Senhor de todas as criaturas, com a ajuda de suas penitências austeras. De membros vigorosos e possuidor de grande energia, Dadhica tinha sido feito a mais forte das criaturas no mundo. O pujante Dadhica, célebre por sua glória, tornou-se alto como o rei das montanhas. O castigador de Paka tinha estado sempre ansioso por conta de sua energia. Com o raio nascido da energia Brahma, e inspirado com mantras, ó Bharata, Indra fez um barulho alto quando ele o arremessou, e matou noventa e nove heróis entre os Daityas. Depois que um tempo longo e terrível tinha decorrido desde então, ocorreu uma seca, ó rei, que se estendeu por doze anos. Durante aquela seca de doze anos, os grandes Rishis, em busca de sustento, fugiram, ó monarca, para todos os lados. Vendo-os espalhados em todas as direções, o sábio Sarasvata também colocou seu coração na fuga. O rio Sarasvati então disse a ele, 'Tu não precisas, ó filho, partir daqui, pois eu sempre te abastecerei com comida aqui mesmo por te dar peixes grandes! Fique, portanto, aqui mesmo!' Assim endereçado (pelo rio), o sábio continuou a viver lá e oferecer oblações de alimento para os rishis e os deuses. Ele obtinha também seu alimento diário e assim continuava a sustentar a si mesmo e aos deuses. Depois que aqueles doze anos de seca tinham passado, os grandes rishis pediram uns aos outros por preleções sobre os Vedas. Enquanto vagando com estômagos famintos, os rishis tinham perdido o conhecimento dos Vedas. Não havia, de fato, algum entre eles que pudesse entender as escrituras. Aconteceu que alguém entre eles encontrou Sarasvata, aquele principal dos rishis, enquanto o último estava lendo os Vedas com atenção concentrada. Voltando ao conclave de rishis, ele falou a eles de Sarasvata de esplendor inigualável e aparência divina engajado em ler os Vedas em um bosque solitário. Então todos os grandes rishis foram àquele local, e conjuntamente falaram para Sarasvata, aquele melhor dos ascetas, essas palavras, 'Nos ensine, ó sábio!' Para eles o asceta respondeu, dizendo, 'Tornem-se meus discípulos devidamente!' O conclave de ascetas respondeu, 'Ó filho, tu és jovem demais em idade!' Após o que ele respondeu aos ascetas, 'Eu devo agir de maneira que meu mérito religioso não possa sofrer uma diminuição! Aquele que ensina impropriamente, e aquele que aprende impropriamente, estão ambos perdidos num piscar de olhos e vem a odiar um ao outro! Não é em idade, ou decrepitude, ou riqueza, ou no número de parentes que rishis encontram seu direito a mérito! É notável aquele entre nós que é capaz de ler e compreender os Vedas!'

Ouvindo essas palavras dele, aqueles munis devidamente se tornaram seus discípulos e obtendo dele seus Vedas, começaram novamente a louvar seus ritos. 60.000 munis se tornaram discípulos do rishi regenerado Sarasvata para adquirir seus Vedas dele. Tendo obediência àquele rishi agradável, embora um menino, cada um dos munis levou um punhado de grama e o ofereceu a ele para seu

assento. O filho poderoso de Rohini, e o irmão mais velho de Keshava, tendo doado riqueza naquele tirtha, então procedeu alegremente para outro lugar onde vivia (nos tempos antigos) uma velha senhora sem ter passado pela cerimônia de casamento."

52

Janamejaya disse, "Por que, ó regenerado, aquela moça se dirigiu a penitências ascéticas, nos tempos passados? Por que razão ela praticou penitências, e qual era seu voto? Inigualável e repleto de mistério é o discurso que eu já ouvi de ti! Diga-me (agora) todos os detalhes com relação a como aquela donzela se engajou em penitências."

Vaishampayana disse, “Havia um rishi de energia abundante e grande fama, chamado Kuni-Garga. Aquele principal dos ascetas, tendo praticado as mais rígidas das penitências, ó rei, criou uma filha de fisionomia formosa por meio de um decreto de sua vontade. Contemplando-a, o célebre asceta Kuni-Garga ficava cheio de alegria. Ele abandonou seu corpo, ó rei, e então foi para o céu. Aquela moça impecável e amável de fisionomia formosa, enquanto isso, de olhos como pétalas de lótus continuou a praticar penitências severas e muito rígidas. Ela adorava os pitris e os deuses com jejuns. Na prática de tais penitências severas um longo período decorreu. Embora seu pai tivesse estado para entregá-la para um marido, ela ainda não desejou casar, pois ela não viu um marido que pudesse ser digno dela.

Continuando a emaciar seu corpo com penitências austeras, ela se dedicou ao culto dos pitris e dos deuses naquela floresta solitária. Embora engajada em tal esforço, ó monarca, e embora ela se emaciasse pela idade e austeridade, ela ainda se considerava feliz. Finalmente quando ela (ficou muito velha tanto que) não podia mais se mover nem um único passo sem ser ajudada por alguém, ela colocou seu coração em ir para o outro mundo.

Vendo ela prestes a abandonar seu corpo, Narada disse a ela, ‘Ó impecável, tu não tens regiões de bem-aventurança a alcançar por não teres te purificado por meio do rito de casamento! Ó tu de grandes votos, nós ouvimos isso no céu! Grandiosas foram tuas austeridades ascéticas, mas tu não tens direito a regiões de bem-aventurança!’

Ouvindo essas palavras de Narada, a senhora idosa foi a uma assembléia de rishis e disse, ‘Eu darei metade das minhas penitências para aquele que aceitar minha mão em casamento!’ Depois que ela tinha dito aquelas palavras, o filho de Galava, um rishi, conhecido pelo nome de Sringavat, aceitou sua mão, tendo proposto esse pacto a ela, ‘Com esse pacto, ó senhora bela, eu aceitarei tua mão, que tu vivas comigo por somente uma noite!’ Tendo concordado com aquele pacto, ela lhe deu sua mão.

De fato, o filho de Galava, de acordo com as ordenanças prescritas e tendo devidamente despejado libações no fogo, aceitou sua mão e casou-se com ela. Naquela noite ela se tornou uma dama da aparência mais formosa, vestida em traje celeste e enfeitada com ornamentos e guirlandas celestes e coberta com unguentos e perfumes celestes. Vendo-a resplandecente com beleza, o filho de Galava ficou muito feliz e passou uma noite em sua companhia.

No dia seguinte ela disse a ele, 'O pacto, ó brahmana, que eu fiz contigo, foi cumprido, ó principal dos ascetas! Abençoado sejas tu, eu agora te deixarei!' Depois de obter sua permissão, ela mais uma vez disse, 'Aquele que, com atenção absorta, passar uma noite nesse tirtha depois de ter gratificado os habitantes do céu com oblações de água, obterá aquele mérito que é daquele que cumpre o voto de brahmacarya por cinquenta e oito anos!' Tendo dito essas palavras, aquela senhora casta foi para o céu.

O Rishi, seu marido, ficou muito triste, por viver da memória da beleza dela. Por causa do pacto que ele tinha feito, ele aceitou com dificuldade metade das penitências dela. Abandonando seu corpo ele logo a seguiu, movido pela tristeza, ó chefe da linhagem de Bharata, e forçado a isso por sua beleza.

Essa é a história gloriosa da donzela idosa que eu te contei! Esse mesmo é o relato de seu brahmacarya e de sua partida auspiciosa para o céu. Enquanto lá Baladeva ouviu a respeito da morte de Shalya. Tendo feito presentes para os Brahmanas lá, ele cedeu à angústia, ó opressor de seus inimigos, por Shalya que tinha sido morto pelos Pandavas em batalha. Então ele da linhagem de Madhu, tendo saído dos arredores de Samantapanchaka, questionou os rishis acerca dos resultados da batalha em Kurukshetra. Perguntados por aquele leão da raça Yadu sobre os resultados da batalha em Kurukshetra, aqueles de grande alma lhe contaram como tudo tinha acontecido."

53

"O Rishis disseram, 'Ó Rama, este Samantapanchaka é citado como o eterno altar norte de Brahman, o Senhor de todas as criaturas. Lá os habitantes do céu, aqueles concessores de benefícios grandiosos, realizaram nos tempos antigos um grande sacrifício. Aquele principal dos sábios nobres, Kuru de grande alma, de grande inteligência e energia imensurável, cultivou este campo por muitos anos. Por isso ele veio a ser Kurukshetra (o campo de Kuru)!'

"Rama disse, 'Por que razão Kuru de grande alma cultivou este campo? Eu desejo ter isso narrado por vocês, ó Rishis possuidores de abundância de penitências!'

"Os Rishis disseram, 'Nos tempos antigos, ó Rama, Kuru estava empenhado em arar perseverantemente o solo deste campo. Shakra, descendo do céu, lhe perguntou o motivo, dizendo, 'Por que ó rei, tu estás empenhado (nessa tarefa) com tal perseverança? Qual é teu propósito, ó nobre sábio, para a realização do

qual tu estás arando o solo?' Kuru então respondeu, dizendo, 'Ó tu de cem sacrifícios, aqueles que morrerem nessa planície irão para regiões de bem-aventurança depois de serem purificados de seus pecados!' O senhor Shakra, ridicularizando isso, voltou para o céu. O nobre sábio Kuru, no entanto, sem ficar deprimido em absoluto, continuou a arar o solo. Shakra repetidamente ia até ele e repetidamente recebendo a mesma resposta partia ridicularizando-o. Kuru, no entanto, por conta disso, não se sentiu deprimido. Vendo o rei arar a terra com perseverança incansável, Shakra convocou os celestiais e os informou da ocupação do monarca. Ouvindo as palavras de Indra, os celestiais disseram ao seu chefe de 1.000 olhos, 'Pare o sábio nobre, ó Shakra, por lhe conceder um benefício, se tu puderes! Se homens, somente por morrerem vierem para o céu, sem terem realizado sacrifícios para nós, nossa própria existência será posta em perigo!' Assim exortado, Shakra então voltou àquele sábio nobre e disse, 'Não labute mais! Aja de acordo com minhas palavras! Aqueles homens que morrerem aqui, tendo se abstido de alimento com todos os seus sentidos despertos, e aqueles que perecerem aqui em batalha, ó rei, virão para o céu! Eles, ó tu de grande alma, desfrutarão das bênçãos do céu, ó monarca!' Assim endereçado, o rei Kuru respondeu a Shakra, dizendo, 'Assim seja!' Despedindo-se de Kuru, o matador de Vala, Shakra, então, com o coração alegre, voltou rapidamente para o céu. Assim mesmo, ó principal da linhagem de Yadu, aquele sábio nobre, nos tempos antigos, arou essa planície e Shakra prometeu grande mérito para aqueles que abandonassem seus corpos aqui. De fato, foi sancionado por todos os principais entre os deuses, encabeçados por Brahman, e pelos Rishis santos, que na terra não haveria lugar mais sagrado do que este! Os homens que realizam penitências rígidas aqui irão todos depois de abandonarem seus corpos para a residência de Brahman. Aqueles homens meritórios, além disso, que doarem sua riqueza aqui logo terão sua riqueza dobrada. Aqueles, além disso, que, na expectativa de benefícios, residirem constantemente aqui, nunca terão que visitar a região de Yama. Aqueles reis que realizarem sacrifícios grandiosos aqui residirão tanto tempo no céu quanto a própria Terra durar. O chefe dos celestiais, o próprio Shakra compôs um verso aqui e o cantou. Ouça-o, ó Baladeva! 'O próprio pó de Kurukshetra, carregado pelo vento, purificará pessoas de más ações e as levará para o céu!' Os principais entre os deuses, como também aqueles entre os Brahmanas, e muitos principais entre os reis da Terra tais como Nriga e outros, tendo realizado sacrifícios suntuosos aqui, depois de abandonarem seus corpos foram para o céu. O espaço entre os lagos Tarantuka e Arantuka e de Rama e Shamachakra é conhecido como Kurukshetra. Samantapanchaka é chamado de altar (sacrifical) norte de Brahman, o Senhor de todas as criaturas. Auspicioso altamente sagrado e muito considerado pelos habitantes do céu é esse lugar que possui todos os atributos. É por isso que Kshatriyas mortos em batalha aqui alcançam regiões sagradas de bem-aventurança eterna. Isso mesmo foi dito pelo próprio Shakra sobre a bem-aventurança sublime de Kurukshetra. Tudo o que Shakra disse foi, além disso, aprovado e sancionado por Brahman, por Vishnu, e por Maheshvara.'"

54

Vaishampayana disse, "Tendo visitado Kurukshetra e doado riqueza lá, ele da linhagem de Satwata então procedeu, ó Janamejaya, para um eremitério amplo e extremamente belo. Aquele eremitério era coberto com árvores Madhuka e mangueiras, e cheio de Plakshas e Nyagrodhas. E ele continha muitas árvores Vilwas e Arjuna e jaqueiras excelentes. Contemplando aquele retiro vistoso com muitas marcas de sacralidade, Baladeva perguntou aos Rishis de quem ele era. Aqueles de grande alma, ó rei, disseram para Baladeva, 'Escute em detalhes, ó Rama, de quem foi esse retiro nos tempos passados! Aqui o deus Vishnu antigamente realizou penitências austeras. Aqui ele realizou devidamente todos os sacrifícios eternos. Aqui uma moça Brahmani, levando desde a juventude o voto de Brahmacharya, veio a ser coroada com êxito ascético. Enfim, na posse de poderes de Yoga, aquela dama de penitências ascéticas foi para o céu. Sandilya de grande alma, ó rei, teve uma filha bela que era casta, dedicada a votos severos, autocontrolada, e observadora de Brahmacharya. Tendo realizado as mais severas das penitências tais como são incapazes de ser realizadas por mulheres, a dama abençoada finalmente foi para o céu, adorada pelos deuses e Brahmanas!' Tendo ouvido essas palavras dos Rishis, Baladeva entrou naquele retiro. Se despedindo dos Rishis, Baladeva de glória imorredoura passou pela realização de todos os ritos e cerimônias do crepúsculo noturno no lado de Himavat e então começou sua subida da montanha. O poderoso Balarama tendo o emblema da palmeira em seu estandarte não tinha ido longe em sua subida quando ele viu um tirtha sagrado e agradável e admirável à vista. Contemplando a glória do Sarasvati, como também o tirtha chamado Plakshaprasravana, Vala em seguida alcançou outro excelente e principal dos tirthas chamado Karavapana. O herói do arado, de grande força, tendo feito muitos presentes lá, banhou-se na água fria, clara, sagrada, e purificadora de pecados (daquele tirtha). Passando uma noite lá com os ascetas e os Brahmanas, Rama então procedeu ao retiro sagrado dos Mitra-Varunas. De Karavapana ele procedeu para aquele local no Yamuna onde nos tempos antigos Indra e Agni e Aryaman tinham obtido grande felicidade. Banhando-se lá, aquele touro da raça Yadu, de alma virtuosa, obteve grande felicidade. O herói então se sentou com os Rishis e os Siddhas lá para escutar sua conversa excelente. Lá onde Rama se sentou no meio daquele conclave, o adorável Rishi Narada chegou (no decorrer de sua perambulação). Coberto com cabelos emaranhados e vestido em raios dourados ele levava em suas mãos, ó rei, um bastão feito de ouro e um jarro de água feito do mesmo metal precioso. Habilidoso em cantar e dançar e adorado por deuses e Brahmanas, ele tinha com ele um belo Vina de notas melodiosas, feito de casco de tartaruga. Um provocador de brigas e sempre afeito a disputas, o Rishi celeste chegou àquele local onde o belo Rama estava descansando. Se levantando e honrando suficientemente o Rishi celeste de votos regulados, Rama perguntou a ele sobre tudo o que tinha acontecido aos Kurus. Familiarizado com todos os deveres e costumes, Narada então, ó rei, lhe disse tudo, como tinha acontecido, sobre o horrível extermínio dos Kurus. O filho de Rohini então, em palavras tristes, questionou o Rishi, dizendo, 'Qual é o estado do campo? Como estão agora

aqueles reis que se reuniram lá? Eu ouvi tudo anteriormente, ó tu que és possuidor da riqueza de penitências, mas minha curiosidade é grande para ouvir isso em detalhes!'

"Narada disse, 'Bhishma e Drona e o senhor dos Sindhus já caíram! O filho de Vikartana Karna também caiu, com seus filhos, aqueles grandiosos guerreiros em carros! Bhurishrava também, ó filho de Rohini, e o valente chefe dos Madras caíram! Estes e muitos outros heróis poderosos que estavam reunidos lá, preparados para sacrificar suas vidas pela vitória de Duryodhana, aqueles reis e príncipes que não recuavam da batalha, todos morreram! Ouça-me agora, ó Madhava, a respeito daqueles que ainda estão vivos! No exército do filho de Dhritarashtra somente três subjugadores de hostes ainda estão vivos! Eles são Kripa e Kritavarma e o valente filho de Drona! Estes também, ó Rama, fugiram por medo para os dez pontos do horizonte! Depois da queda de Shalya e da fuga de Kripa e dos outros, Duryodhana, em grande aflição, entrou nas profundidades do lago Dvaipayana. Enquanto deitado esticado para descansar no fundo do lago depois de encantar suas águas, Duryodhana foi aproximado pelos Pandavas com Krishna e perfurado por eles com suas palavras cruéis. Perfurado com dardos verbais, ó Rama, de todos os lados, o poderoso e heróico Duryodhana se elevou do lago armado com sua maça pesada. Ele se adiantou para lutar com Bhima por ora. Seu combate terrível, ó Rama, se realizará hoje! Se tu sentes alguma curiosidade, então te apresse, ó Madhava, sem te demorares aqui! Vá, se tu desejares, e testemunhe aquela batalha terrível entre teus dois discípulos!'"

Vaishampayana continuou, "Ouvindo essas palavras de Narada, Rama se despediu respeitosamente daqueles principais dos Brahmanas e dispensou todos aqueles que o tinham acompanhado (em sua peregrinação). De fato, ele ordenou seus servidores, dizendo, 'Voltem para Dwaraka!' Ele então desceu daquele príncipe das montanhas e daquele eremitério formoso chamado Plakshaprasravana. Tendo escutado ao discurso dos sábios acerca dos grandes méritos de tirthas, Rama de glória imorredoura cantou esse verso no meio dos Brahmanas, 'Onde mais há tal felicidade como aquela em uma residência perto do Sarasvati? Onde também tais méritos como aqueles em uma residência perto do Sarasvati? Homens tem ido para céu, tendo se aproximado do Sarasvati! Todos devem sempre se lembrar do Sarasvati! Sarasvati é o mais sagrado dos rios! Sarasvati sempre concede a maior felicidade para os homens! Os homens, depois de se aproximarem do Sarasvati, não terão que se afligir por seus pecados nesse mundo ou no outro!' Repetidamente lançando seus olhos com alegria no Sarasvati, aquele opressor de inimigos então subiu em um carro excelente ao qual estavam unidos corcéis vistosos. Viajando então naquele carro de grande velocidade, Baladeva, aquele touro da raça Yadu, desejoso de ver de perto o combate de seus dois discípulos chegou no campo."

55

Vaishampayana disse, “Assim mesmo, ó Janamejaya, aquele combate terrível se realizou. O rei Dhritarashtra, em grande tristeza, disse essas palavras com referência a isso”:

“Dhritarashtra disse, ‘Vendo Rama se aproximar daquele local quando a luta com maça estava prestes a acontecer, como, ó Sanjaya, meu filho lutou com Bhima?’”

"Sanjaya disse, ‘Vendo a presença de Rama, teu filho valente, Duryodhana de braços poderosos, desejoso de lutar, ficou cheio de alegria. Vendo o herói do arado, o rei Yudhishthira, ó Bharata, se levantou e honrou-o devidamente, sentindo grande alegria. Ele lhe deu um assento e perguntou sobre seu bem-estar. Rama então respondeu a Yudhishthira nessas palavras gentis e justas que eram muito benéficas para heróis, ‘Eu soube pelos Rishis, ó melhor dos reis, que Kurukshetra é um local altamente sagrado e purificador de pecados, igual ao próprio céu, adorado por deuses e Rishis e Brahmanas de grande alma! Aqueles homens que abandonam seus corpos enquanto envolvidos em batalha naquele campo sem dúvida residirão, ó senhor, no céu com o próprio Shakra! Eu irei, por isso, ó rei, rapidamente para Samantapanchaka. No mundo os deuses aquele local é conhecido como o altar (sacrifical) norte de Brahman, o Senhor de todas as criaturas! Aquele que morre em batalha naquele eterno e mais sagrado dos locais dos três mundos é certo de alcançar o céu!’ Dizendo, ‘Assim seja!’ ó monarca, o bravo filho de Kunti, o senhor Yudhishthira, procedeu em direção a Samantapanchaka. O rei Duryodhana também, pegando sua maça gigantesca, colericamente procedeu a pé com os Pandavas. Enquanto procedendo dessa maneira, armado com maça e vestido em armadura, os celestiais no céu o elogiaram, dizendo, ‘Excelente, Excelente!’ Os Charanas rápidos como ar, vendo o rei Kuru, ficaram cheios de deleite. Cercado pelos Pandavas, teu filho, o rei Kuru, prosseguiu, assumindo o andar de um elefante enfurecido. Todos os pontos do horizonte estavam cheios com o clangor de conchas e os repiques altos de baterias e os rugidos leoninos de heróis. Procedendo com face para o oeste para o lugar designado, com teu filho (em seu meio), eles se espalharam para todos os lados quando eles o alcançaram. Aquele era um excelente tirtha no lado sul do Sarasvati. O terreno lá não era arenoso e foi, portanto, escolhido para o combate. Vestido em armadura, e armado com sua maça de espessura gigantesca, Bhima, ó monarca, assumiu a forma do poderoso Garuda. Com proteção para a cabeça firmada em sua cabeça, e usando uma armadura feita de ouro, lambendo os cantos de sua boca, ó monarca, com olhos vermelhos de raiva, e respirando pesadamente, teu filho, naquele campo, ó rei, parecia resplandecente como o dourado Sumeru. Erguendo sua maça, o rei Duryodhana de grande energia, lançando seus olhares em Bhimasena, desafiou-o para o combate como um elefante desafiando um elefante rival. Da mesma maneira, o valente Bhima, pegando sua maça adamantina, desafiou o rei como um leão desafiando um leão. Duryodhana e Bhima, com maças erguidas, pareciam naquela batalha com duas montanhas com topos altos. Ambos estavam extremamente zangados; ambos

eram possuidores de destreza tremenda; em combates com a maça ambos eram discípulos do filho inteligente de Rohini, ambos pareciam um com o outro em suas façanhas e pareciam com Maya e Vasava. Ambos eram dotados de grande força, ambos pareciam Varuna em realizações. Cada um parecendo Vasudeva, ou Rama, ou o filho de Visravana (Ravana), eles pareciam, ó monarca, com Madhu e Kaitabha. Um semelhante ao outro em feitos, eles pareciam com Sunda e Upasunda, ou Rama e Ravana, ou Vali e Sugriva. Aqueles dois opressores de inimigos pareciam com Kala e Mrityu. Eles então correram em direção um ao outro como dois elefantes enfurecidos cheios de orgulho e loucos com furor no outono e ansiando pela companhia de uma elefanta em sua época. Cada um parecia vomitar sobre o outro o veneno de sua ira como duas cobras coléricas. Aqueles dois castigadores de inimigos lançaram os olhares mais raivosos um sobre o outro. Ambos eram tigres da raça Bharata, e possuidores de heroísmo formidável. Em combates com a maça, aqueles dois opressores de inimigos eram invencíveis como leões. De fato, ó touro da raça Bharata, inspirados com desejo de vitória, eles pareciam com dois elefantes furiosos. Aqueles heróis eram insuportáveis, como dois tigres providos de dentes e unhas afiadas. Eles eram como dois oceanos intransponíveis agitados à fúria e empenhados na destruição de criaturas, ou como dois Sóis enfurecidos nascidos para consumir tudo. Aqueles dois poderosos guerreiros em carros pareciam com uma nuvem do Leste e uma nuvem do Oeste agitadas pelo vento, ribombando terrivelmente e despejando torrentes de chuva na estação chuvosa. Aqueles dois heróis poderosos e de grande alma, ambos possuidores de grande esplendor e refulgência, pareciam com dois Sóis surgidos na hora da dissolução universal. Parecendo com dois tigres enraivecidos ou com duas massas de nuvens ribombando, eles ficaram tão contentes como dois leões de juba. Como dois elefantes zangados ou dois fogos ardentes, aqueles dois de grande alma pareciam com duas montanhas com topos altos. Com lábios inchados de raiva e lançando olhares sagazes um sobre o outro, aqueles dois de grande alma e melhores dos homens, armados com maças, enfrentaram um ao outro. Ambos estavam cheios de alegria, e cada um considerava o outro como um oponente digno. Duryodhana e Vrikodara então pareciam dois cavalos vistosos relinchando um para o outro, ou dois elefantes barrindo um para o outro. Aqueles dois principais dos homens então pareciam resplandecentes como um par de Daityas cheios de poder. Então Duryodhana, ó monarca, disse essas palavras orgulhosas para Yudhishthira no meio de seus irmãos e de Krishna de grande alma e Rama de energia incomensurável, ‘Protegidos pelos Kaikeyas e os Srinjayas e os Pancalas de grande alma, vejam vocês com todos esses principais dos reis, sentados juntos, essa luta que está prestes a ocorrer entre Bhima e eu!’ Ouvindo essas palavras de Duryodhana, eles fizeram como pedido. Então aquela grande multidão de reis se sentou e foi vista parecer radiante como um conclave de celestiais no céu. No meio daquela multidão o poderosamente armado e belo irmão mais velho de Keshava, ó monarca, quando ele se sentou, foi reverenciado por todos em volta dele. No meio daqueles reis, Valadeva vestido em mantos azuis e possuidor de uma cor clara parecia belo como a lua cheia circundada à noite por milhares de estrelas. Enquanto isso aqueles dois heróis, ó monarca, ambos armados com maças e ambos insuportáveis por inimigos permaneceram lá, aguilhoando um ao outro com

palavras ferozes. Tendo se dirigido um ao outro em palavras desagradáveis e amargas, aqueles dois principais dos heróis da linhagem de Kuru se posicionaram, lançando olhares furiosos um sobre o outro, como Shakra e Vritra em luta."

56

Vaishampayana disse, "No início, ó Janamejaya, um violento combate verbal teve lugar entre os dois heróis. Com relação a isso, o rei Dhritarashtra, cheio de angústia, disse isso, 'Oh, que vergonha para o homem que tem semelhante fim! Meu filho, ó impecável, era o senhor de onze chamus de tropas. Ele tinha todos os reis sob seu comando e desfrutava da soberania da terra inteira! Ai, ele que tinha sido assim era agora um guerreiro procedendo para a batalha a pé, colocando sua maça nos ombros! Meu pobre filho, que antes era o protetor do universo, estava agora ele mesmo sem proteção! Ai, ele, naquela ocasião, teve que proceder a pé, com sua maça no ombro! O que isso pode ser exceto Destino? Ai, ó Sanjaya, grande foi a aflição que foi sentida por meu filho nessas circunstâncias!' Tendo proferido essas palavras, aquele soberano de homens, afligido com grande dor, ficou silencioso."

"Sanjaya disse, 'De voz profunda como uma nuvem, Duryodhana então rugiu de alegria como um touro. Possuidor de grande energia, ele desafiou o filho de Pritha para a batalha. Quando o rei de grande alma dos Kurus assim convocou Bhima para o combate, diversos presságios de um tipo terrível se tornaram visíveis. Ventos violentos começaram a soprar com barulhos altos a intervalos, e uma chuva de pó caiu. Todos os pontos do horizonte ficaram envolvidos em uma escuridão densa. Raios de ribombo alto caíram por todos os lados, causando uma grande confusão e fazendo os próprios cabelos se arrepiarem. Centenas de meteoros caíram, irrompendo com um barulho alto do céu. Rahu engoliu o Sol muito inoportunamente, ó monarca! A Terra com suas florestas e árvores tremeu muito. Ventos quentes sopraram, carregando chuvas de seixos ao longo do solo. Os topos de montanhas caíram na superfície da terra. Animais de diversas formas foram vistos correr em todas as direções. Chacais terríveis e ferozes, com bocas flamejantes, uivavam em todos os lugares. Estrondos altos e terrificantes eram ouvidos por todos os lados, fazendo os cabelos se arrepiarem. Os quatro quadrantes pareciam estar em chamas e muitos eram os animais de mau presságio que ficaram visíveis. A água nos poços por toda parte se elevou por iniciativa própria. Sons altos vieram de todos os lados, sem, ó rei, criaturas visíveis para proferi-los. Vendo esses e outros presságios, Vrikodara disse para seu irmão mais velho, o rei Yudhishthira o justo, 'Esse Suyodhana de alma perversa não é competente para me vencer em batalha! Eu hoje vomitarei aquela ira que eu venho nutrindo por um longo tempo nos recessos secretos do meu coração, sobre esse soberano dos Kurus como Arjuna jogando fogo sobre a floresta de Khandava! Hoje, ó filho de Pandu, eu extrairei o dardo que se encontra fincado no teu coração! Matando com minha maça esse canalha pecaminoso da família de Kuru, eu hoje colocarei em volta do teu pescoço a guirlanda da Fama! Matando esse indivíduo de feitos pecaminosos com minha maça no campo de batalha, eu

irei hoje, com essa minha maça mesmo, quebrar seu corpo em cem fragmentos! Ele não terá que entrar novamente na cidade que recebeu o nome de elefante. A colocação de cobras em nós enquanto nós estávamos dormindo, o ato de dar veneno a nós enquanto nós comíamos, o lançamento de nosso corpo à água em Pramanakoti, a tentativa de nos queimar na casa de laca, o insulto feito a nós na assembléia, o roubo de todas as nossas posses, o ano inteiro vivendo escondidos, nosso exílio nas florestas, ó impecável, de todos esses infortúnios, ó melhor da linhagem de Bharata, eu irei hoje alcançar o fim, ó touro da linha de Bharata! Matando esse canalha, eu irei, em um único dia, saldar todas as dívidas que eu tenho com ele! Hoje, o período de vida desse filho perverso de Dhritarashtra, de alma impura, alcançou seu fim, ó chefe dos Bharatas! Depois desse dia ele não verá outra vez seu pai e mãe! Hoje, ó monarca, a felicidade desse rei pecaminoso dos Kurus acaba! Depois desse dia, ó monarca, ele não lançará outra vez seus olhos na beleza feminina! Hoje essa desgraça da linha de Santanu dormirá no solo nu, abandonando seu ar vital, sua prosperidade, e seu reino! Hoje o rei Dhritarashtra também, sabendo da queda de seu filho, se lembrará de todos aqueles maus atos que nasceram do cérebro de Shakuni!' Com essas palavras, ó tigre entre reis, Vrikodara de grande energia, armado com maça, se posicionou para a luta, como Shakra desafiando o asura Vritra. Vendo Duryodhana também posicionado com maça erguida como o monte Kailasa agraciado com seu topo, Bhimasena, cheio de raiva, mais uma vez se dirigiu a ele, dizendo, 'Lembre daquela má ação tua e do rei Dhritarashtra que aconteceu em Varanavata! Lembre de Draupadi que foi maltratada, enquanto em seu período, no meio da assembléia! Lembre da privação do rei por meio dos dados por tu mesmo e o filho de Subala! Lembre daquele grande infortúnio sofrido por nós, por tua causa, na floresta, como também na cidade de Virata como se nós tivéssemos entrado no útero mais uma vez! Eu me vingarei deles todos hoje! Por boa sorte, ó tu de alma má, eu te vejo hoje! É por tua causa que aquele principal dos guerreiros em carros, o filho de Ganga, de grande destreza, derrubado pelo filho de Yajnasena, dorme em uma cama de flechas! Drona também foi morto, e Karna, e Shalya de grande heroísmo! O filho de Subala Shakuni, também, aquela raiz dessas hostilidades, foi morto! O vil Pratikamin, que tinha agarrado os cabelos de Draupadi, foi morto! Todos os teus bravos irmãos também, que lutaram com grande coragem, estão mortos! Esses e muitos outros reis estão mortos por tua falha! A ti também eu matarei hoje com minha maça! Não há a menor dúvida nisto.' Enquanto Vrikodara, ó monarca, estava proferindo essas palavras em voz alta, teu filho destemido de destreza verdadeira respondeu a ele, dizendo, 'Qual a utilidade de tal jactância elaborada? Lute comigo, ó Vrikodara! Ó patife da tua raça, hoje eu destruirei teu desejo de batalha! Vil como tu és, saiba que Duryodhana não pode, como uma pessoa ordinária, ser assustado por uma pessoa como tu! Por muito tempo eu tenho nutrido esse desejo! Por muito tempo esse desejo esteve em meu coração! Por boa sorte os deuses finalmente o realizaram, um combate de maças contigo! Qual a necessidade de longos discursos e jactância vazia, ó tu alma perversa? Realize essas tuas palavras em ações. Não demore em absoluto!' Ouvindo essas palavras dele, os Somakas e os outros reis que estavam presentes lá todos as aplaudiram muito. Aplaudido por todos, o cabelo de Duryodhana se arrepiou de alegria e ele colocou firmemente

seu coração na batalha. Os reis presentes animaram novamente teu filho colérico com aplausos, como pessoas excitando um elefante enfurecido para um combate. Vrikodara de grande alma, o filho de Pandu, então, erguendo sua maça, avançou furiosamente no teu filho de grande alma. Os elefantes presentes lá barriram alto e os corcéis relincharam repetidamente. As armas dos Pandavas que ansiavam pela vitória resplandeceram por iniciativa própria.'"

57

"Sanjaya disse, 'Duryodhana, com coração não deprimido, vendo Bhimasena naquele estado, avançou com fúria contra ele, proferindo um rugido alto. Eles enfrentaram um ao outro como dois touros se enfrentando com seus chifres. Os golpes de suas maças produziam sons altos como aqueles de raios. Ambos ansiando pela vitória, a batalha que ocorreu entre eles foi terrível, de arrepiar os cabelos, como aquela entre Indra e Prahlada. Todos os seus membros banhados em sangue, os dois guerreiros de grande alma de energia formidável, ambos armados com maças, pareciam com duas Kinsukas decoradas com flores. Durante a continuação daquele confronto grandioso e tremendo o céu parecia belo como se cheio com pirilampos. Depois que aquela batalha violenta e terrível tinha durado por algum tempo, ambos aqueles castigadores de inimigos ficaram fatigados. Tendo descansado por pouco tempo, aqueles dois opressores de inimigos, pegando suas belas maças, começaram novamente a se desviar dos ataques um do outro. De fato, quando aqueles dois guerreiros de grande energia, aqueles dois principais dos homens, ambos possuidores de poder notável, combateram um ao outro depois de terem descansado um pouco, eles pareciam com dois elefantes enfurecidos com excitação e atacando um ao outro para obter a companhia de uma elefanta no cio. Vendo aqueles dois heróis, ambos armados com maças e um igual ao outro em energia, os deuses e Gandharvas e homens ficaram cheios de admiração. Contemplando Duryodhana e Vrikodara ambos armados com maça, todas as criaturas ficaram duvidosas quanto a quem entre eles seria vitorioso. Aqueles dois primos, aqueles dois principais dos homens poderosos, avançando novamente um no outro e desejando tirar vantagem dos lapsos um do outro, esperaram observando um ao outro. Os espectadores, ó rei, viram cada um armado com sua maça erguida, que era pesada, ameaçadora, e mortífera, e que parecia a clava de Yama ou o raio de Indra. Quando Bhimasena girava sua arma, alto e terrificante era o som que ela produzia. Vendo seu inimigo, o filho de Pandu, girando dessa maneira sua maça dotada de impetuosidade inigualável, Duryodhana ficou cheio de assombro. De fato, o heróico Vrikodara, ó Bharata, enquanto ele se movia rapidamente em diversas direções, apresentava um espetáculo muito belo. Ambos concentrados em proteger cuidadosamente a si mesmos, quando eles se aproximavam, eles repetidamente mutilavam um ao outro como dois gatos lutando por um pedaço de carne. Bhimasena realizou diversos tipos de evoluções. Ele corria em círculos belos, avançava, e recuava. Ele dava golpes e desviava aqueles de seu adversário com agilidade extraordinária. Ele tomava vários tipos de posições (para ataque e defesa). Ele

desferia ataques e evitava aqueles de seu oponente. Ele avançava em seu inimigo, ora se virando para a direita e ora para a esquerda. Ele avançava diretamente contra o inimigo. Ele fazia avanços para afastar seu inimigo. Ele permanecia imóvel, preparado para atacar seu inimigo logo que o último se expusesse para atacar. Ele circungirava seu inimigo, e impedia seu inimigo de circungirá-lo. Ele evitava os golpes de seu inimigo por se afastar em posturas inclinadas ou pulando para o alto. Ele golpeava, se aproximando de seu inimigo face a face, ou desferia golpes de costas enquanto se movendo para longe dele. Ambos habilidosos em combates com a maça, Bhima e Duryodhana assim se moviam rapidamente e lutavam, e batiam um no outro. Aqueles dois principais da linhagem de Kuru se movimentavam depressa dessa maneira, um evitando os golpes do outro. De fato, aqueles dois guerreiros poderosos se moviam em círculos e pareciam se divertir um com o outro. Mostrando naquele combate sua habilidade em batalha, aqueles dois castigadores de inimigos às vezes atacavam de repente um ao outro com suas armas, como dois elefantes se aproximando e atacando um ao outro com suas presas. Cobertos com sangue, eles pareciam muito belos, ó monarca, no campo. Assim mesmo ocorreu aquela luta, terrivelmente e diante do olhar fixo de uma grande multidão, perto do fim do dia, como a batalha entre Vritra e Vasava. Armados com maças, ambos começaram a se movimentar em círculos. Duryodhana, ó monarca, adotou o mandala direito, enquanto Bhimasena adotou o mandala esquerdo. Enquanto Bhima estava se movendo assim em círculos no campo de batalha, Duryodhana, ó monarca, de repente atingiu nele um golpe violento em um de seus flancos. Atingido por teu filho, ó majestade, Bhima começou a girar sua maça pesada para devolver aquele golpe. Os espectadores, ó monarca, viram aquela maça de Bhimasena parecer tão terrível quanto o raio de Indra ou a clava erguida de Yama. Vendo Bhima girar sua maça, teu filho, erguendo sua própria arma terrível, o atingiu novamente. Alto foi o som, ó Bharata, produzido pela descida da maça do teu filho. Tão rápida foi aquela descida que ela gerou uma chama de fogo no céu. Movimentando-se em diversos tipos de círculos, adotando cada movimento na hora apropriada, Suyodhana, possuidor de grande energia, mais uma vez parecia levar a melhor sobre Bhima. A maça massiva de Bhimasena enquanto isso, girada com toda sua força, produziu um som alto como também fumaça e faíscas e chamas de fogo. Vendo Bhimasena girando sua maça, Suyodhana também girou sua arma pesada e adamantina e apresentou um aspecto muito belo. Notando a violência do vento produzido pelo giro da maça de Duryodhana, um grande temor entrou nos corações de todos os Pandus e dos Somakas. Enquanto isso aqueles dois castigadores de inimigos, expondo por toda parte sua habilidade em batalha, continuaram a golpear um ao outro com suas maças, como dois elefantes se aproximando e atacando um ao outro com suas presas. Ambos, ó monarca, cobertos com sangue, pareciam muito belos. Assim mesmo progrediu aquele combate terrível diante do olhar fixo de milhares de espectadores no fim do dia, como a batalha feroz que teve lugar entre Vritra e Vasava. Vendo Bhima firmemente posicionado no campo, teu filho poderoso, se movendo em mais movimentos belos, avançou em direção àquele filho de Kunti. Cheio de cólera, Bhima atingiu a maça, dotada de grande impetuosidade e adornada com ouro, do enfurecido Duryodhana. Um som alto com faíscas de fogo foi produzido por aquele

choque das duas maças que pareceu com o choque de dois raios de direções opostas. Arremessada por Bhimasena, sua maça impetuosa, quando caiu, fez a própria terra tremer. O príncipe Kuru não pode tolerar ver sua própria maça frustrada dessa maneira naquele ataque. De fato, ele ficou cheio de raiva como um elefante enfurecido à visão de um elefante rival. Adotando o mandala esquerdo, ó monarca, e girando sua maça, Suyodhana então, firmemente decidido, atingiu o filho de Kunti na cabeça com sua arma de força terrível. Assim atingido por teu filho, Bhima, o filho de Pandu, não tremeu, ó monarca, no que todos os espectadores se admiraram muito. Aquela perseverança surpreendente, ó rei, de Bhimasena, que não se moveu uma polegada embora atingido tão violentamente, foi aplaudida por todos os guerreiros presentes lá. Então Bhima de destreza terrível arremessou em Duryodhana sua própria maça pesada e brilhante adornada com ouro. Aquele golpe o poderoso e destemido Duryodhana desviou por meio de sua agilidade. Vendo isso, grande foi a admiração que os espectadores sentiram. Aquela maça, arremessada por Bhima, ó rei, quando ela caiu frustrada de efeito, produziu um som alto parecendo aquele do raio e fez a própria terra tremer. Adotando a manobra chamada Kausika, e saltando repetidamente, Duryodhana, notando devidamente a descida da maça de Bhima, desviou da última. Frustrando Bhimasena dessa maneira, o rei Kuru, dotado de grande força, finalmente atingiu em fúria o último no peito. Atingido muito violentamente por teu filho naquela batalha terrível, Bhimasena ficou entorpecido e por um tempo não soube o que fazer. Naquela hora, ó rei, os Somakas e os Pandavas ficaram imensamente desapontados e muito desanimados. Cheio de raiva por causa daquele golpe, Bhima então avançou no teu filho como um elefante avançando contra um elefante. De fato, com maça erguida, Bhima avançou furiosamente em Duryodhana como um leão avançando contra um elefante selvagem. Aproximando-se do rei Kuru, o filho de Pandu, ó monarca, hábil no uso da maça, começou a girar sua arma, visando teu filho. Bhimasena então atingiu Duryodhana em um de seus flancos. Entorpecido por aquele golpe, o último caiu no chão, se sustentando em seus joelhos. Quando aquele principal da linhagem de Kuru caiu sobre seus joelhos, um grito alto se elevou dentre os Srinjayas, ó soberano do mundo! Ouvindo aquele tumulto alto dos Srinjayas, ó touro entre homens, teu filho ficou cheio de raiva. O herói de braços fortes, se levantando, começou a respirar como uma cobra poderosa, e pareceu queimar Bhimasena por lançar seus olhares sobre ele. Aquele principal da linhagem de Bharata então avançou em Bhimasena, como se ele naquele momento fosse esmagar a cabeça de seu oponente naquela luta. Duryodhana de grande alma e destreza terrível então atingiu Bhimasena de grande alma na testa. O último, no entanto, não se moveu uma polegada, mas ficou imóvel como uma montanha. Assim atingido naquela batalha, o filho de Pritha, ó monarca, parecia belo, enquanto ele sangrava profusamente, como um elefante de têmporas fendidas com secreções suculentas escorrendo. O irmão mais velho de Dhananjaya, então, aquele subjugador de inimigos, pegando sua maça matadora de heróis feita de ferro e produzindo um som alto como aquele do raio, golpeou seu adversário com grande força. Atingido por Bhimasena, teu filho caiu, seu corpo tremendo completamente, como uma gigantesca (árvore) Sala na floresta, enfeitada com flores, arrancada pela violência da tempestade. Vendo teu filho prostrado no chão,

os Pandavas ficaram muito contentes e proferiram gritos altos. Recuperando sua consciência, teu filho então se levantou, como um elefante de um lago. Aquele monarca sempre colérico e grande guerreiro em carro então se movendo rapidamente com grande habilidade, atingiu Bhimasena que estava em pé diante dele. Nisto, o filho de Pandu, com membros enfraquecidos, caiu no chão.

Tendo por meio de sua energia prostrado Bhimasena no chão, o príncipe Kuru proferiu um rugido leonino. Pela descida de sua maça, cuja violência parecia aquela do trovão, ele tinha partido a cota de malha de Bhima. Um tumulto alto foi então ouvido no céu, feito pelos habitantes do céu e as Apsaras. Uma chuva floral, emitindo notável fragrância, caiu, derramada pelos celestiais. Vendo Bhima prostrado no chão e enfraquecido, e vendo sua cota de malha aberta, um grande medo entrou nos corações de nossos inimigos. Recuperando seus sentidos num momento, e limpando seu rosto que estava tingido com sangue, e reunindo grande paciência, Vrikodara ficou de pé, com olhos rolando se firmando com grande esforço."

58

"Sanjaya disse, 'Vendo aquela luta assim travada entre aqueles dois principais heróis da linhagem de Kuru, Arjuna disse para Vasudeva, 'Entre esses dois, quem, na tua opinião, é superior? Quem entre eles tem qual mérito? Diga-me isso, ó Janardana.'"

"'Vasudeva disse, 'A instrução recebida por eles é igual. Bhima, no entanto, é possuidor de maior força, enquanto o filho de Dhritarashtra é possuidor de maior habilidade e tem trabalhado mais. Se ele for lutar justamente, Bhimasena nunca conseguirá obter a vitória. Se, no entanto, ele lutar desonestamente ele será capaz sem dúvida de matar Duryodhana. Os Asuras foram derrotados pelos deuses com a ajuda de fraude. Nós temos ouvido isso. Virochana foi vencido por Shakra com a ajuda de fraude. O matador de Vala privou Vritra de sua energia por um ato de fraude. Portanto, que Bhimasena aplique sua destreza, ajudado pela fraude! No momento do jogo, ó Dhananjaya, Bhima jurou quebrar as coxas de Suyodhana com sua maça em batalha. Que esse subjugador de inimigos, portanto, cumpra aquela promessa dele. Que ele com fraude mate o rei Kuru que é cheio de fraude. Se Bhima, dependendo só de sua força lutar honestamente, o rei Yudhishthira terá que incorrer em grande perigo. Eu te digo outra vez, ó filho de Pandu, ouça-me. É só por causa do erro do rei Yudhishthira que este perigo nos surpreende novamente! Tendo realizado grandes feitos pela morte de Bhishma e dos outros Kurus, o rei tinha ganhado vitória e fama e quase tinha alcançado o fim das hostilidades. Tendo assim obtido a vitória, ele se colocou mais uma vez em uma situação de dúvida e perigo. Essa foi uma ação de grande tolice da parte de Yudhishthira, ó Pandava, já que ele fez o resultado da batalha depender da vitória ou da derrota de um único guerreiro! Suyodhana é hábil, ele é um herói; ele está, além disso, firmemente resolvido. Esse verso antigo proferido por Usanas foi ouvido por nós. Ouça-me enquanto eu o recito para ti com seu sentido e

significado verdadeiros! ‘Aqueles entre o restante de um exército hostil dividido fugindo pela vida, que se reagrupam e voltam para a luta devem sempre ser temidos, pois eles estão firmemente resolvidos e tem somente um propósito!’ O próprio Shakra, ó Dhananjaya, não pode resistir diante daqueles que avançam em fúria, tendo abandonado toda esperança de vida. Esse Suyodhana tinha desanimado e fugido. Todas suas tropas foram mortas. Ele tinha entrado nas profundidades de um lago. Ele estava derrotado e, portanto, ele desejava se retirar para as florestas, tendo ficado sem esperanças de reter seu reino. Que homem, possuidor de alguma sabedoria, desafiaria tal pessoa para um duelo? Eu não sei se Duryodhana pode não conseguir arrebatar o reino que já tinha se tornado nosso! Por treze anos inteiros ele praticou com a maça com grande resolução. Agora mesmo, para matar Bhimasena, ele salta e pula transversalmente! Se Bhima de braços fortes não matá-lo injustamente, o filho de Dhritarashtra certamente permanecerá rei!’ Tendo ouvido aquelas palavras de Keshava de grande alma, Dhananjaya golpeou sua própria coxa esquerda diante dos olhos de Bhimasena. Compreendendo aquele sinal, Bhima começou a se movimentar rapidamente com sua maça erguida, fazendo muitos círculos belos e muitos Yomakas e outros tipos de manobras. Às vezes adotando o mandala direito, às vezes o mandala esquerdo, e às vezes o movimento chamado Gomutraka, o filho de Pandu começou a se mover rápido, ó rei, deixando estupefato seu inimigo. Similarmente, teu filho, ó monarca, que era bem familiarizado com combates com a maça, se movimentava belamente e com grande presteza, para matar Bhimasena. Girando suas maças terríveis que estavam cobertas com pasta de sândalo e outros unguentos perfumados, os dois heróis, desejosos de alcançar o fim de suas hostilidades, corriam a toda velocidade naquela batalha como dois Yamas furiosos. Desejosos de matar um ao outro, aqueles dois mais notáveis dos homens, possuidores de heroísmo esplêndido, lutavam como dois Garudas desejosos de apanhar a mesma cobra. Enquanto o rei e Bhima se moviam em círculos belos, suas maças se chocavam, e faíscas de fogo eram geradas por repetidos choques. Aqueles dois heróicos e poderosos guerreiros atingiram um ao outro igualmente naquela batalha. Eles então pareciam, ó monarca, dois oceanos agitados pela tempestade. Golpeando um ao outro igualmente como dois elefantes enfurecidos, suas maças se chocando produziam ribombos de trovão. Durante a continuação daquela batalha formidável e feroz muito perto, ambos aqueles castigadores de inimigos, enquanto lutando, ficaram cansados. Tendo descansado por um tempo, aqueles dois opressores de inimigos, cheios de raiva e erguendo suas maças, começaram novamente a lutar um com o outro. Quando pelas descidas repetidas de suas maças, ó monarca, eles mutilavam um ao outro, a batalha que eles lutavam se tornou extremamente terrível e totalmente incontida. Avançando um no outro naquele combate, aqueles dois heróis, possuidores de olhos como aqueles de touros e dotados de grande energia, atingiam um ao outro ferozmente como dois búfalos no lodo. Todos os seus membros mutilados e machucados, e cobertos com sangue da cabeça aos pés, eles pareciam com um par de Kinsukas no leito de Himavat. Durante o progresso do combate, quando Vrikodara (como um ardil) pareceu dar a Duryodhana uma oportunidade, o último, sorrindo um pouco, avançou para frente. Bem habilidoso em batalha, o poderoso Vrikodara, vendo seu adversário se adiantar, subitamente arremessou sua maça

nele. Vendo a maça arremessada nele, teu filho, ó monarca, se afastou daquele lugar no qual a arma caiu frustrada no chão. Tendo desviado daquele golpe, teu filho, aquele principal da linhagem de Kuru, rapidamente golpeou Bhimasena com sua arma. Por causa da grande quantidade de sangue tirada por aquele golpe, como também devido à própria violência do golpe, Bhimasena de energia imensurável pareceu estar entorpecido. Duryodhana, no entanto, não soube que o filho de Pandu estava tão aflito naquele momento. Embora profundamente afligido, Bhima se sustentou, convocando toda sua perseverança. Duryodhana, portanto, o considerou como impassível e pronto para retornar o golpe. Foi por isso que teu filho então não o golpeou novamente. Tendo descansado para um momento curto, o valente Bhimasena avançou com fúria, ó rei, em Duryodhana que se encontrava perto. Vendo Bhimasena de energia incomensurável cheio de raiva e avançando em direção a ele, teu filho de grande alma, ó touro da raça Bharata, desejando desviar de seu golpe, colocou sua atenção na manobra chamada Avasthana. Ele, portanto, desejou saltar para cima, ó monarca, para enganar Vrikodara. Bhimasena percebeu totalmente as intenções de seu adversário. Avançando, portanto, nele, com um alto rugido leonino, ele ferozmente arremessou sua maça nas coxas do rei Kuru quando o último tinha saltado para frustrar a primeira intenção. Aquela maça, dotada da força do trovão e arremessada por Bhima de façanhas terríveis fraturou as duas belas coxas de Duryodhana. Aquele tigre entre homens, teu filho, depois que suas coxas tinham sido quebradas por Bhimasena, caiu, fazendo a terra ecoar com sua queda. Ventos violentos começaram a soprar, com sons altos em intervalos repetidos. Chuvas de pó caíram. A terra, com suas árvores e plantas e montanhas começou a tremer. Após a queda daquele herói que era o líder de todos monarcas sobre a terra, ventos violentos e ardentes sopraram com um barulho alto e com raios caindo frequentemente. De fato, quando aquele senhor de terra caiu, meteoros grandes foram vistos relampejar pelo céu. Chuvas sangrentas, como também chuvas de pó, caíram, ó Bharata! Essas foram despejadas por Maghavat, após a queda do teu filho! Um barulho alto foi ouvido, ó touro da raça Bharata, no céu, feito pelos Yakshas, e os Rakshasas e os Pisachas. Àquele som terrível, animais e aves, aos milhares, começaram a fazer mais barulho aterrador por toda parte. Aqueles cavalos e elefantes e seres humanos que formavam o resto (vivo) da hoste (Pandava) proferiram gritos altos quando teu filho caiu. Alto também se tornou o clangor de conchas e o ribombo de baterias e pratos. Um barulho terrificante pareceu vir de dentro das entranhas da terra. Após a queda do teu filho, ó monarca, seres sem cabeça de formas pavorosas, possuidores de muitas pernas e muitos braços, e enchendo todas as criaturas com terror, começaram a dançar e cobrir a terra por todos os lados. Guerreiros, ó rei, que estavam com bandeiras ou armas em seus braços, começaram a tremer, ó rei, quando teu filho caiu. Lagos e poços, ó melhor dos reis, vomitaram sangue. Rios de correntes rápidas fluíram em direções opostas. Mulheres pareciam se assemelhar com homens, e homens pareciam se assemelhar com mulheres naquela hora, ó rei, quando teu filho Duryodhana caiu! Vendo esses presságios extraordinários, os Pancalas e os Pandavas, ó touro da raça Bharata, ficaram cheios de ansiedade. Os deuses e os Gandharvas partiram para as regiões que eles desejavam, falando, enquanto eles procediam, daquela batalha fenomenal entre teus filhos. Similarmente os Siddhas, e os Charanas do

movimento mais rápido foram para aqueles locais dos quais eles tinham vindo, elogiando aqueles dois leões entre homens."

59

"Sanjaya disse, 'Vendo Duryodhana caído sobre o solo como uma gigantesca Sala arrancada (pela tempestade) os Pandavas ficaram cheios de alegria. Os Somakas também contemplaram, com cabelos arrepiados, o rei Kuru caído sobre a terra como um elefante enfurecido derrubado por um leão. Tendo derrubado Duryodhana, o bravo Bhimasena, aproximando-se do chefe Kuru, se dirigiu a ele, dizendo, 'Ó canalha, dando risada antigamente da despida Draupadi no meio da assembléia, tu, ó tolo, te dirigiste a nós como 'Gado, gado!' Aguente agora o resultado daquele insulto!' Tendo dito essas palavras, ele tocou a cabeça de seu inimigo caído com seu pé esquerdo. De fato, ele bateu na cabeça daquele leão entre reis com seu pé. Com olhos vermelhos de raiva, Bhimasena, aquele subjugador de exércitos hostis, mais uma vez disse essas palavras. Escute-as, ó monarca! 'Aqueles que dançaram para nós de modo insultante, dizendo, 'Gado, gado!' nós agora dançaremos para eles, proferindo as mesmas palavras, 'Gado, gado!' Nós não temos fraude, nem fogo, nem jogo de dados, nem logro! Dependendo da força de nossas próprias armas nós resistimos e detivemos nossos inimigos!' Tendo alcançado as outras margens daquelas hostilidades violentas, Vrikodara dando risada disse novamente essas palavras lentamente para Yudhishthira e Keshava e Srinjaya e Dhananjaya e os dois filhos de Madri, 'Eles que tinham arrastado Draupadi, enquanto indisposta, para a assembléia e que a despiram lá, vejam aqueles Dhartarashtras mortos em batalha pelos Pandavas através das penitências ascéticas da filha de Yajnasena! Aqueles filhos de coração perverso do rei Dhritarashtra que tinham nos chamado de 'sementes de gergelim sem núcleo' foram todos mortos por nós com seus parentes e seguidores! Pouco importa se (como uma consequência daqueles feitos) nós formos para o céu ou cairmos no inferno!' Mais uma vez, erguendo a maça que se encontrava em seus ombros, ele bateu com seu pé esquerdo na cabeça do monarca que estava prostrado no chão, e se dirigindo ao enganador Duryodhana, disse aquelas palavras. Muitos dos principais guerreiros entre os Somakas, que eram todos de almas honradas, vendo o pé do regozijante Bhimasena de coração mesquinho colocado sobre a cabeça daquele principal da linhagem de Kuru, não aprovaram isso em absoluto. Enquanto Vrikodara, depois de ter derrubado teu filho, estava se gabando dessa maneira e dançando loucamente, o rei Yudhishthira se dirigiu a ele, dizendo, 'Tu pagaste tua hostilidade (para com Duryodhana) e cumpriste teu voto por meio de um ato justo ou injusto! Pare agora, ó Bhima! Não esmague a cabeça dele com teu pé! Não aja pecaminosamente! Duryodhana é um rei! Ele é, além disso, teu parente! Ele está caído! Esse teu comportamento, ó impecável, não é apropriado. Duryodhana foi o senhor de onze Akshauhinis de tropas. Ele foi o rei dos Kurus. Ó Bhima, não toque um rei e um parente com teu pé. Os parentes dele estão mortos. Seus amigos e conselheiros se foram. Suas tropas foram exterminadas. Ele foi derrubado em batalha. É para

se ter pena dele em todos os aspectos. Ele não merece ser insultado, pois lembre que ele é um rei. Ele está arruinado. Seus amigos e parentes estão mortos. Seus irmãos foram mortos. Seus filhos também estão mortos. Seu bolo fúnebre foi tirado. Ele é nosso irmão. Isso que tu fazes a ele não é adequado. 'Bhimasena é um homem de comportamento justo': as pessoas costumavam dizer isso antes de ti! Por que então, ó Bhimasena, tu insultas o rei dessa maneira?' Tendo dito essas palavras para Bhimasena, Yudhishthira, com voz sufocada em lágrimas, e afligido pela angústia, se aproximou de Duryodhana, aquele castigador de inimigos, e disse a ele, 'Ó senhor, tu não deves ceder à raiva nem te afligir por ti mesmo. Sem dúvida tu suportas as consequências terríveis dos teus próprios atos passados. Sem dúvida esse resultado triste e aflitivo foi ordenado pelo próprio Criador, que nós devêssemos te prejudicar e que tu devesses nos prejudicar, ó principal da linhagem de Kuru! Por causa do teu próprio erro essa grande calamidade caiu sobre ti, devido à avareza e orgulho e tolice, ó Bharata! Tendo feito teus companheiros e irmãos e pais e filhos e netos e outros serem todos mortos, tu obténs agora tua própria morte. Por causa da tua falha, teus irmãos, todos poderosos guerreiros em carros, e teus parentes foram mortos por nós. Eu penso que tudo isso é o trabalho do Destino irresistível. Não se deve ter pena de ti. Por outro lado, tua morte, ó impecável, é invejável. Somos nós que merecemos pena em todos os aspectos, ó Kaurava! Nós teremos que nos arrastar em uma existência miserável, privados de todos os nossos amigos e parentes queridos. Ai, como eu verei as viúvas, subjugadas pela dor e privadas de seus juízos pela tristeza, de meus irmãos e filhos e netos? Tu, ó rei, partes desse mundo! Sem dúvida tu terás tua residência no céu! Nós, por outro lado, seremos considerados como criaturas do inferno, e continuaremos a sofrer a dor mais pungente! As esposas afligidas pelo pesar dos filhos e netos de Dhritarashtra, aquelas viúvas dominadas pela tristeza, irão sem dúvida amaldiçoar todos nós!' Tendo dito essas palavras, o nobre filho de Dharma, Yudhishthira, profundamente atormentado pelo pesar, começou a respirar pesadamente e se entregar a lamentações.'"

60

"Dhritarashtra disse, 'Vendo o rei (Kuru) derrubado desonestamente, o que, ó Suta, o poderoso Baladeva, aquele principal da linhagem de Yadu, disse? Diga-me, ó Sanjaya, o que o filho de Rohini, bem hábil em combate com a maça e bem familiarizado com todas as suas regras, fez naquela ocasião!'"

"Sanjaya disse, 'Vendo teu filho atingido nas coxas, o poderoso Rama, aquele principal dos batedores, ficou muito enfurecido. Erguendo seus braços o herói tendo o arado como sua arma, em uma voz de tristeza profunda, disse no meio daqueles reis, 'Oh, que vergonha para Bhima, que vergonha para Bhima! Oh, que vergonha que em tal luta limpa um golpe tenha sido dado abaixo do umbigo! Nunca antes tal ato como Vrikodara fez foi testemunhado em um combate com a maça! Nenhum membro abaixo do umbigo deve ser golpeado. Esse é o preceito declarado em tratados! Esse Bhima, no entanto, é um patife ignorante, não conhecedor das verdades de tratados! Ele, portanto, age como ele quer!'

Enquanto proferindo essas palavras, Rama cedeu à grande ira. O poderoso Baladeva então, erguendo seu arado, avançou em direção a Bhimasena! A forma daquele guerreiro de grande alma de braços erguidos então se tornou semelhante àquela das gigantescas montanhas de Kailasa matizadas com diversos tipos de metais. O poderoso Keshava, no entanto, sempre se empenhando com humanidade, agarrou Rama que avançava cercando-o com seus braços massivos e bem arredondados. Aqueles dois heróis principais da linhagem de Yadu, um de cor escura e o outro claro, pareciam extremamente belos naquele momento, como o Sol e a Lua, ó rei, no céu noturno! Para acalmar o enfurecido Rama, Keshava se dirigiu a ele, dizendo, 'Há seis tipos de progresso que uma pessoa pode ter: o progresso da própria pessoa, o progresso dos amigos da pessoa, o progresso dos amigos dos amigos da pessoa, a decadência dos inimigos da pessoa, a decadência dos amigos dos inimigos da pessoa, e a decadência dos amigos dos amigos dos inimigos da pessoa. Quando o inverso acontece para a própria pessoa ou para os amigos dela, ela deve então entender que a queda dela está próxima e, portanto, ela deve em tais épocas procurar os meios de aplicar um remédio. Os Pandavas de destreza imaculada são nossos amigos naturais. Eles são os filhos da irmã do nosso próprio pai! Eles foram imensamente afligidos por seus inimigos! O cumprimento da própria promessa é o dever de uma pessoa. Antigamente Bhima jurou no meio da assembléia que ele em grande batalha quebraria com sua maça as coxas de Duryodhana. O grande Rishi Maitreya também, ó opressor de inimigos, tinha antigamente amaldiçoado Duryodhana, dizendo, 'Bhima irá, com sua maça, quebrar tuas coxas!' Por causa de tudo isso, eu não vejo qualquer falha em Bhima! Não ceda à ira, ó matador de Pralamva! Nosso relacionamento com os Pandavas é fundado em nascimento e sangue, como também em uma atração de corações. Em seu crescimento está nosso crescimento. Portanto, não te entregue à ira, ó touro entre homens!' Ouvindo essas palavras de Vasudeva, o manejador do arado, que era conhecedor das regras de moralidade, disse, 'A moralidade é bem praticada pelos bons. A moralidade, no entanto, é sempre afligida por duas coisas, o desejo de Lucro nutrido por aqueles que o cobiçam, e o desejo de Prazer nutrido por aqueles que são apegados a isso. Quem quer que sem afligir Moralidade e Lucro, ou Moralidade e Prazer, ou Prazer e Lucro, segue todos os três -Moralidade, Lucro e Prazer- sempre consegue obter grande felicidade. Em consequência, no entanto, da moralidade ser afligida por Bhimasena, essa harmonia da qual eu falei foi perturbada, não importa, ó Govinda, o que tu possas me dizer!' Krishna respondeu, dizendo, 'Tu és sempre descrito como desprovido de ira, de alma virtuosa e dedicado à virtude! Acalme-te, portanto, e não te entregue à ira! Saiba que a era Kali está próxima. Lembre também do voto feito pelo filho de Pandu! Que, portanto, o filho de Pandu seja considerado como tendo pagado a dívida que ele tinha com sua hostilidade e como tendo cumprido seu voto!'"

"Sanjaya continuou, 'Ouvindo esse discurso falacioso de Keshava, ó rei, Rama fracassou em dissipar sua ira e ficar contente. Ele então disse naquela assembléia, 'Tendo matado desonestamente o rei Suyodhana de alma honrada, o filho de Pandu será reputado no mundo como um guerreiro desonesto! Duryodhana de alma justa, por outro lado, obterá eterna bem-aventurança! O filho

nobre de Dhritarashtra, aquele soberano de homens, que foi derrubado, é um guerreiro honesto. Tendo feito todos os arranjos para o Sacrifício da batalha e tendo passado pelas cerimônias iniciatórias no campo, e, finalmente, tendo despejado sua vida como uma libação sobre o fogo representado por seus inimigos, Duryodhana completou de modo justo seu sacrifício por meio das abluções finais representadas pela obtenção de glória!' Tendo dito essas palavras, o valente filho de Rohini, parecendo com a crista de uma nuvem branca, subiu em seu carro e procedeu em direção a Dwaraka. Os Pancalas com os Vrishnis, como também os Pandavas, ó monarca, ficaram um pouco tristes depois que Rama tinha partido para Dwaravati. Então Vasudeva, se aproximando de Yudhishthira que estava extremamente melancólico e cheio de ansiedade, e que tinha baixado sua cabeça e não sabia o que fazer por causa de sua profunda aflição, disse a ele essas palavras:

Vasudeva disse, 'Ó Yudhishthira o justo, por que tu sancionas esse ato iníquo, já que tu permites que a cabeça do inconsciente e caído Duryodhana cujos parentes e amigos foram todos mortos seja atingida dessa maneira por Bhima com seu pé? Conhecedor dos costumes de moralidade, por que tu, ó rei, testemunhas esse ato com indiferença?'

Yudhishthira respondeu, 'Esse ato, ó Krishna, feito por raiva, de Vrikodara tocar a cabeça do rei com seu pé não é agradável para mim, nem eu estou contente por esse extermínio da minha classe! Por meio de fraude nós fomos sempre enganados pelos filhos de Dhritarashtra! Muitas foram as palavras cruéis que eles falaram para nós. Nós fomos, além disso, exilados para as florestas por eles. Grande é a dor por conta de todos aqueles atos que está no coração de Bhimasena! Refletindo sobre tudo isso, ó tu da linhagem de Vrishni, eu assisti com indiferença! Tendo matado o cobiçoso Duryodhana privado de sabedoria e escravizado por suas paixões, que o filho de Pandu satisfaça seu desejo, seja isso justiça ou injustiça!'"

"Sanjaya continuou, 'Depois que Yudhishthira tinha dito isso, Vasudeva, aquele perpetuador da linhagem de Yadu, disse com dificuldade, 'Assim seja!' De fato, depois que Vasudeva tinha sido endereçado naquelas palavras por Yudhishthira, o último, que sempre desejava o que era agradável e benéfico para Bhima, aprovou todos aqueles atos que Bhima tinha feito em batalha. Tendo derrubado teu filho em batalha, o colérico Bhimasena, seu coração cheio de alegria, permaneceu com mãos unidas diante de Yudhishthira e saudou-o de forma apropriada. Com olhos arregalados em deleite e orgulhoso da vitória que ele tinha obtido, Vrikodara de grande energia, ó rei, se dirigiu a seu irmão mais velho, dizendo, 'A Terra é hoje tua, ó rei, sem brigas para perturbá-la e com todos os seus espinhos removidos! Governe sobre ela, ó monarca, e cumpra os deveres da tua classe! Ele que foi a causa dessas hostilidades e que as fomentou por meio de sua astúcia, aquele indivíduo vil afeito à fraude, jaz, derrubado, na terra nua, ó senhor da terra! Todos aqueles canalhas encabeçados por Duhshasana, que costumavam proferir palavras cruéis, como também aqueles teus outros inimigos, o filho de Radha, e Shakuni, estão mortos! Cheia de todas as espécies de pedras preciosas, a Terra,

com suas florestas e montanhas, ó monarca, mais uma vez vem para ti que não tens inimigos vivos!'

Yudhishthira disse, 'As hostilidades chegaram ao fim! O rei Suyodhana foi derrubado! A terra foi conquistada (por nós), nós mesmos tendo agido em conformidade com os conselhos de Krishna! Por boa sorte, tu pagaste tua dívida para com tua mãe e para com tua ira! Por boa sorte tu foste vitorioso, ó herói invencível, e por boa sorte teu inimigo foi morto!'"

61

"Dhritarashtra disse, 'Vendo Duryodhana derrubado em batalha por Bhimasena, o que, ó Sanjaya, os Pandavas e os Srinjayas fizeram?'"

"Sanjaya disse, 'Vendo Duryodhana morto por Bhimasena em batalha, ó rei, como um elefante selvagem morto por um leão, os Pandavas com Krishna ficaram cheios de alegria. Os Pancalas e os Srinjayas também, após a queda do rei Kuru, agitaram suas peças de roupas superiores (no ar) e proferiram rugidos leoninos. A própria Terra pareceu ser incapaz de suportar aqueles guerreiros regozijantes. Alguns esticavam seus arcos; outros puxavam as cordas de seus arcos. Alguns sopravam suas conchas enormes; outros batiam suas baterias. Alguns se divertiam e pulavam em volta, enquanto alguns inimigos teus davam risada alta. Muitos heróis disseram repetidamente essas palavras para Bhimasena, 'Extremamente difícil e grandioso foi o ato que tu realizaste hoje em batalha, por teres derrotado o rei Kuru, ele mesmo um guerreiro formidável, com tua maça! Todos esses homens consideram essa morte do inimigo por ti como semelhante àquela de Vritra pelo próprio Indra! Quem mais, exceto tu, ó Vrikodara, poderia matar o heróico Duryodhana enquanto se movendo rapidamente em diversas espécies de movimento e realizando todas as manobras giratórias (características de tais combates)? Tu agora alcançaste a outra margem dessas hostilidades, aquela outra margem a qual ninguém mais podia alcançar. Essa façanha que tu realizaste não poderia ser realizada por quaisquer outros guerreiros. Por boa sorte, tu, ó herói, como um elefante enfurecido, esmagaste com teu pé a cabeça de Duryodhana no campo de batalha! Tendo lutado uma batalha extraordinária, por boa sorte, ó impecável, tu bebeste o sangue de Duhshasana, como um leão bebendo o sangue de um búfalo! Por boa sorte, tu, por meio da tua própria energia, colocaste teu pé na cabeça de todos aqueles que prejudicaram o rei de alma virtuosa Yudhishthira! Por teres vencido teus inimigos e teres matado Duryodhana, por boa sorte, ó Bhima, tua fama se espalhará pelo mundo inteiro! Bardos e elogiadores louvaram Shakra depois da queda de Vritra, assim como nós estamos agora te elogiando, ó Bharata, depois da queda de teus inimigos! Saiba, ó Bharata, que a alegria que nós sentimos após a queda de Duryodhana ainda não diminuiu o mínimo!' Essas mesmas eram as palavras endereçadas a Bhimasena pelos elogiadores reunidos naquela ocasião! Enquanto aqueles tigres entre homens, os Pancalas e os Pandavas, todos cheios de alegria estavam falando de tal maneira, o matador de Madhu se dirigiu a eles, dizendo, 'Vocês

soberanos de homens, não é apropriado matar um inimigo morto com tais palavras cruéis repetidamente proferidas. Esse indivíduo de mente perversa já foi morto. Esse canalha pecaminoso, sem vergonha e cobiçoso, cercado por conselheiros pecaminosos e sempre indiferente ao conselho de amigos sábios encontrou sua morte no próprio momento em que ele recusou, embora repetidamente incitado ao contrário por Vidura e Drona e Kripa e Sanjaya, a dar aos filhos de Pandu sua parte paterna do reino a qual eles tinham solicitado de suas mãos! Esse patife não é agora digno de ser considerado como um amigo ou um inimigo! Que utilidade há em gastar fôlego mordaz a respeito de alguém que se tornou agora um pedaço de madeira? Subam nos seus carros rapidamente, ó reis, pois nós devemos deixar esse lugar! Por boa sorte, esse canalha pecaminoso foi morto com seus conselheiros e parentes e amigos!' Ouvindo essas reprimendas de Krishna, o rei Duryodhana, ó monarca, se entregou à raiva e se esforçou para se erguer. Sentando em suas ancas e se sustentando em seus dois braços, ele contraiu suas sobrancelhas e lançou olhares furiosos em Vasudeva. A forma então de Duryodhana cujo corpo estava metade erguido parecia com aquela de uma cobra venenosa, ó Bharata, desprovida de seu rabo. Desconsiderando suas dores pungentes e insuportáveis, Duryodhana começou a afligir Vasudeva com palavras afiadas e amargas, 'Ó filho do escravo de Kansa, tu, parece, não tens vergonha, pois tu esqueceste que eu fui derrubado desonestamente, a julgar pelas regras que prevalecem em combates com a maça? Foste tu que injustamente causaste esse ato por lembrares Bhima com uma sugestão sobre quebrar minhas coxas! Tu pensas que eu não notei quando Arjuna (agindo sob teu conselho) sugeriu isso para Bhima? Tendo feito milhares de reis, que sempre lutaram honestamente, serem mortos através de diversos tipos de meios injustos, tu não sentes vergonha ou repugnância por aqueles atos? Dia após dia tendo causado uma carnificina imensa de guerreiros heróicos, tu fizeste o avô ser morto por colocar Shikhandi na frente! Tendo, além disso, feito um elefante de nome Ashvatthama ser morto, ó tu de mente perversa, tu fizeste o preceptor por de lado suas armas. Tu achavas que isso não era sabido por mim! Enquanto também aquele herói valente estava prestes a ser morto por esse cruel Dhrishtadyumna, tu não dissuadiste o último! O dardo que tinha sido pedido (de Shakra como um benefício) por Karna para a morte de Arjuna foi frustrado por ti por meio de Ghatotkacha! Quem é mais pecaminoso do que tu? Similarmente, o poderoso Bhurishrava, com um de seus braços cortado e enquanto observava do voto Praya, foi feito ser morto por ti através da ação de Satyaki de grande alma. Karna tinha feito uma grande façanha para derrotar Partha. Tu, no entanto, fizeste Aswasena, o filho daquele príncipe das cobras (Takshaka), ser frustrado em alcançar seu propósito! Quando também a roda do carro de Karna afundou na lama e Karna estava afligido pela adversidade e quase derrotado por conta disso, quando, de fato, aquele mais notável dos homens ficou ansioso para liberar sua roda, tu fizeste aquele Karna então ser morto! Se vocês tivessem lutado comigo e Karna e Bhishma e Drona por meios honestos, a vitória então, sem dúvida, nunca teria sido sua. Por adotar os meios mais desonestos e injustos tu fizeste muitos reis cumpridores dos deveres da sua classe e nós também sermos mortos!'

"Vasudeva disse, ‘Tu, ó filho de Gandhari, foste morto com teus irmãos, filhos, parentes, amigos e seguidores somente por causa do caminho pecaminoso no qual tu andaste! Por causa das tuas más ações aqueles dois heróis, Bhishma e Drona, estão mortos! Karna também foi morto por ter imitado o teu comportamento! Solicitado por mim, ó tolo, tu, por avareza, não deste aos Pandavas sua parte paterna, agindo segundo os conselhos de Shakuni! Tu deste veneno para Bhimasena! Tu, também, ó tu de mente perversa, te esforçaste para queimar todos os Pandavas com sua mãe no palácio de laca! Na ocasião também do jogo, tu perseguiste a filha de Yajnasena, enquanto em sua época, no meio da assembléia! Desavergonhado como tu és, exatamente naquele tempo tu te tornaste digno de ser morto! Tu, por meio do filho de Subala bem versado no jogo de dados, derrotaste desonestamente o virtuoso Yudhishthira que era inábil no jogo! Por isso tu estás morto! Pelo pecaminoso Jayadratha, além disso, Krishna em outra ocasião foi perseguida quando os Pandavas, seus maridos, tinham saído caçando em direção ao eremitério de Trinavindu! Fazendo Abhimanyu, que era um menino e estava sozinho, ser cercado por muitos, tu mataste aquele herói. É por causa daquela falha, ó patife pecaminoso, que tu estás morto! Todos aqueles atos injustos que tu dizes que foram cometidos por nós, na realidade foram cometidos por ti por causa da tua natureza pecaminosa! Tu nunca ouviste os conselhos de Brihaspati e Usanas! Tu nunca serviste os idosos! Tu nunca ouviste palavras benéficas! Escravizado pela cobiça desenfreada e sede de lucro, tu cometeste muitos atos iníquos! Aguente agora as consequências daquelas tuas ações!’"

"Duryodhana disse, ‘Eu tenho estudado, feito presentes em conformidade com a ordenança, governado a Terra extensa com seus mares, e permanecido acima das cabeças de meus inimigos! Quem há tão afortunado quanto eu? Aquele fim também que é procurado por Kshatriyas cumpridores dos deveres da sua própria classe, morte em batalha, veio a ser meu. Quem, portanto, é tão afortunado quanto eu mesmo? Prazeres humanos tais como são dignos dos próprios deuses e semelhantes aos quais podiam ser obtidos com dificuldade por outros reis foram meus. Prosperidade do tipo mais elevado foi alcançada por mim! Quem então é tão afortunado quanto eu? Com todos meus simpatizantes, e meus irmãos mais novos, eu estou indo para o céu, ó tu de glória imorredoura! Em relação a vocês, com seus propósitos não realizados e dilacerados pela aflição, vivam vocês nesse mundo infeliz!’"

“Sanjaya continuou, ‘Após a conclusão dessas palavras do inteligente rei dos Kurus, uma chuva densa de flores fragrantes caiu do céu. Os Gandharvas tocaram muitos instrumentos musicais encantadores. As Apsaras em um coro cantaram a glória do rei Duryodhana. Os Siddhas proferiram som alto neste sentido, ‘Louvor ao rei Duryodhana!’ Brisas fragrantes e deliciosas sopraram suavemente por toda parte. Todos os quadrantes ficaram claros e o firmamento parecia azul como o lápis lazúli. Vendo essas coisas muito extraordinárias e esse culto oferecido a Duryodhana, os Pandavas encabeçados por Vasudeva ficaram envergonhados. Ouvindo (seres invisíveis gritarem) que Bhishma e Drona e Karna e Bhurishrava foram mortos desonestamente, eles ficaram tomados pela aflição e lamentaram em tristeza. Vendo os Pandavas cheios de ansiedade e dor, Krishna se dirigiu a

eles em uma voz profunda como aquela das nuvens ou do tambor, dizendo, ‘Todos eles eram grandes guerreiros em carros e extremamente rápidos no uso de armas! Se vocês tivessem empregado toda sua bravura, mesmo então vocês nunca poderiam tê-los matado em batalha por lutarem honestamente! O rei Duryodhana também nunca poderia ser morto em um combate justo! O mesmo é o caso com todos aqueles poderosos guerreiros em carros encabeçados por Bhishma! Pelo desejo de fazer bem a vocês, eu repetidamente apliquei meus poderes de ilusão e fi-los serem mortos por meios diversos em batalha. Se eu não tivesse adotado tais meios enganadores em batalha a vitória nunca teria sido sua, nem reino, nem riqueza! Aqueles quatro eram verdadeiros guerreiros de grande alma e considerados como Atirathas no mundo. Os próprios Regentes da Terra não poderiam matá-los em luta honesta! Da mesma maneira, o filho de Dhritarashtra, embora fatigado, quando armado com a maça não poderia ser morto em luta justa pelo próprio Yama armado com sua clava! Vocês não devem levar a sério o fato de que esse seu inimigo foi morto desonestamente. Quando o número dos inimigos de uma pessoa se torna grande, então a destruição deve ser efetuada por artifícios e meios. Os próprios deuses, ao matarem os Asuras, trilharam o mesmo caminho. Aquele caminho, portanto, que foi trilhado pelos deuses pode ser trilhado por todos. Nós fomos coroados com êxito. É noite. Seria melhor nós irmos para nossas tendas. Que nós todos, ó reis, descansemos com nossos corcéis e elefantes e carros.’ Ouvindo essas palavras de Vasudeva, os Pandavas e os Pancalas, cheios de deleite, rugiram como uma multidão de leões. Todos eles sopraram suas conchas e o próprio Jadava soprou Panchajanya, cheio de alegria, ó touro entre homens, à visão de Duryodhana derrubado em batalha.’"

62

Sanjaya disse, "Todos aqueles reis, possuidores de braços que pareciam clavas com pontas de ferro, então procederam para suas tendas, cheios de alegria e sopraram suas conchas no caminho. Os Pandavas também, ó monarca, procederam em direção ao nosso acampamento. O grande arqueiro Yuyutsu os seguiu, como também Satyaki, e Dhrishtadyumna, e Shikhandi, e os cinco filhos de Draupadi. Os outros grandes arqueiros também foram para nossas tendas. Os Parthas então entraram na tenda de Duryodhana, desprovida de seus esplendores e privada de seu dono e parecendo com uma arena de diversão depois que ela foi abandonada pelos espectadores. De fato, aquele pavilhão parecia com uma cidade desprovida de festividades, ou um lago sem seu elefante. Ela aquele tempo enxameava com mulheres e eunucos e certos conselheiros idosos. Duryodhana e outros heróis, vestidos em mantos tingidos de amarelo, antigamente costumavam, ó rei, servir com reverência, com mãos unidas, aqueles conselheiros idosos.

Chegados ao pavilhão do rei Kuru, os Pandavas, aqueles principais dos guerreiros em carros, ó monarca, desceram de seus carros. Naquele momento, sempre empenhado, ó touro da raça Bharata, no bem de seu amigo, Keshava se dirigiu ao manejador do Gandiva, dizendo, ‘Leve para baixo teu Gandiva como

também as duas aljavas inesgotáveis. Eu descerei depois de ti, ó melhor dos Bharatas! Desça, pois isso é para o teu bem, ó impecável!'

O bravo filho de Pandu Dhananjaya fez como ele tinha sido instruído. O inteligente Krishna, abandonando as rédeas dos corcéis, então desceu do carro de Dhananjaya. Depois que o Senhor de grande alma de todas as criaturas tinha descido daquele carro, o Macaco celestial que encimava o manto do veículo de Arjuna desapareceu. O topo do veículo, que tinha antes sido queimado por Drona e Karna com suas armas celestes, rapidamente flamejou a cinzas, ó rei, sem qualquer fogo visível estar à vista. De fato, o carro de Dhananjaya, com seus pares rápidos de corcéis, canga, e varais, caiu, reduzido a cinzas.

Contemplando o veículo assim reduzido a cinzas, ó senhor, os filhos de Pandu ficaram muito surpresos, e Arjuna, ó rei, tendo saudado Krishna e se curvado a ele, disse essas palavras, com mãos unidas e em uma voz afetuosa, 'Ó Govinda, ó divino, por que razão esse carro foi consumido pelo fogo? O que é esse incidente muito extraordinário que aconteceu diante dos nossos olhos? Ó tu de armas poderosas, se tu achas que eu posso escutar a isto sem dano, então me conte tudo.'

Vasudeva disse, 'Aquele carro, ó Arjuna, tinha sido antes destruído por diversas espécies de armas. Foi porque eu me sentava sobre ele durante a batalha que ele não caiu em pedaços, ó opressor de inimigos! Previamente consumido pela energia de Brahmastra, ele foi reduzido a cinzas após eu abandoná-lo depois da realização por ti de teus objetivos!'

Então, com um pouco de orgulho, aquele matador de inimigos, o divino Keshava, abraçando o rei Yudhishthira, disse a ele, 'Por boa sorte, tu ganhaste a vitória, ó filho de Kunti! Por boa sorte teus inimigos foram derrotados! Por boa sorte o manejador do Gandiva, Bhimasena o filho de Pandu, tu mesmo, ó rei, e os dois filhos de Madri escaparam com vida dessa batalha tão destrutiva de heróis, e escaparam depois de terem matado todos os seus inimigos! Faça rapidamente, ó Bharata, aquilo que deve ser feito agora por ti! Depois que eu tinha chegado a Upaplavya, tu, te aproximando de mim, com o manejador do Gandiva em tua companhia, me deste mel e os ingredientes costumeiros, e disseste essas palavras, ó Senhor: 'Esse Dhananjaya, ó Krishna, é teu irmão e amigo! Ele deve, portanto, ser protegido por ti em todos os perigos!' Depois que tu disseste essas palavras, eu te respondi, dizendo, 'Assim seja!' Esse Savyasaci foi protegido por mim. A vitória também foi tua, ó rei! Com seus irmãos, ó rei de reis, aquele herói de destreza verdadeira saiu desta batalha terrível, tão destrutiva de heróis, com vida!' Assim endereçado por Krishna, o rei Yudhishthira o justo, com cabelos arrepiados, ó monarca, disse essas palavras para Janardana:

Yudhishthira disse, 'Quem mais exceto tu, ó subjugador de inimigos, não excetuando o próprio Purandara manejador do trovão, poderia ter resistido às Brahmastras lançadas por Drona e Karna? Foi pela tua graça que os Samsaptakas foram derrotados! Foi pela tua graça que Partha nunca teve que recuar até mais violentos dos combates! Similarmente, foi pela tua graça, ó tu de

braços poderosos, que eu mesmo, com minha posteridade, por realizar diversas ações uma após outra, obtive o fim auspicioso da coragem e energia! Em Upaplavya, o grande rishi Krishna-Dvaipayana me disse que Krishna está onde a justiça está, e que a vitória está onde Krishna está!'"

Sanjaya continuou, "Depois dessa conversação, aqueles heróis entraram no teu acampamento e obtiveram o cofre militar, muitas jóias, e muita riqueza. E eles também obtiveram prata e ouro e pedras preciosas e pérolas e muitos ornamentos e cobertores e peles valiosos, e inúmeros escravos homens e mulheres, e muitas outras coisas necessárias para soberania. Tendo obtido aquela riqueza inesgotável pertencente a ti, ó touro da raça Bharata, aqueles altamente abençoados, cujos inimigos estavam mortos, proferiram gritos altos de exultação. Tendo desatrelado seus animais, os Pandavas e Satyaki permaneceram lá por algum tempo para descansar.

Então Vasudeva de grande renome disse, 'Nós devemos, como um ato iniciatório de bem-aventurança, permanecer fora do acampamento por essa noite.' Respondendo, 'Assim seja!' os Pandavas e Satyaki, acompanhados por Vasudeva, saíram do acampamento para fazerem aquilo que era considerado como um ato auspicioso. Chegando às margens do rio sagrado Oghavati, ó rei, os Pandavas, sem inimigos, se alojaram lá por aquela noite!

Eles despacharam Keshava da linhagem de Yadu para Hastinapura. Vasudeva de grande destreza, fazendo Daruka subir em seu carro, procedeu muito rapidamente para aquele local onde o nobre filho de Ambika estava. Enquanto prestes a partir em seu carro tendo Shaibya e Sugriva (e os outros) unidos a ele, (os Pandavas) lhe disseram, 'Console a desamparada Gandhari que perdeu todos os seus filhos!' Assim endereçado pelos Pandavas, aquele chefe dos Satvatas então procedeu em direção a Hastinapura e chegou à presença de Gandhari que tinha perdido todos os seus filhos na guerra.'"

63

Janamejaya disse, "Por que razão aquele tigre entre reis, Yudhishthira o justo, despachou aquele opressor de inimigos, Vasudeva, até Gandhari? Krishna a princípio tinha ido aos Kauravas para trazer paz. Ele não obteve a realização de seus desejos. Por causa disso a batalha ocorreu. Quando todos os guerreiros estavam mortos e Duryodhana tinha sido derrubado, quando por consequência da batalha o império do filho de Pandu ficou totalmente sem inimigos, quando todo o acampamento (Kuru) ficou vazio, todos os seus ocupantes tendo fugido, quando grande renome foi ganho pelo filho de Pandu, qual, ó regenerado, foi o motivo pelo qual Krishna teve que ir novamente para Hastinapura? Parece-me, ó Brahmana, que a causa não poderia ser de pouca importância, pois foi Janardana de alma incomensurável que teve ele mesmo que fazer a viagem! Ó principal de todos os Adhyaryus, conte-me em detalhes qual foi o motivo para empreender tal missão!"

Vaishampayana disse, "A pergunta que tu me fizeste, ó rei, é, de fato, digna de ti! Eu te direi realmente como tudo ocorreu, ó touro da raça Bharata! Vendo Duryodhana, o filho poderoso de Dhritarashtra, derrubado por Bhimasena em contravenção das regras de luta justa, de fato, contemplando o rei Kuru morto desonestamente, ó Bharata, Yudhishthira, ó monarca, ficou cheio de grande temor ao pensar na altamente abençoada Gandhari possuidora de mérito ascético. 'Ela praticou austeridades ascéticas rígidas e pode, portanto, consumir os três mundos,' assim mesmo pensou o filho de Pandu. Por enviar Krishna, Gandhari, ardendo com cólera, seria confortada antes da própria chegada de Yudhishthira. 'Sabendo da morte de seu filho levado a tal situação por nós, ela irá, em fúria, com o fogo de sua mente, nos reduzir a cinzas! Como Gandhari aguentará semelhante dor pungente depois que ela souber que seu filho, que sempre lutava honestamente, foi morto injustamente por nós?' Tendo refletido dessa maneira por um longo tempo, o rei Yudhishthira o justo, cheio de medo e aflição, disse essas palavras para Vasudeva: 'Pela tua graça, ó Govinda, meu reino foi desprovido de espinhos! Aquilo que nós não podíamos aspirar obter nem em imaginação agora tornou-se nosso, ó tu de glória imorredoura! Diante dos meus olhos, ó de braços fortes, fazendo os próprios cabelos se arrepiarem, violentos foram os golpes que tu tiveste que suportar, ó alegrador dos Yadavas! Na batalha entre os deuses e os Asuras, tu, nos tempos passados, prestaste tua ajuda para a destruição dos inimigos dos deuses e aqueles inimigos foram mortos! Da mesma maneira, ó de braços fortes, tu nos deste tua ajuda, ó tu de glória imperecível! Por concordar em agir como nosso quadrigário, ó tu da linhagem de Vrishni, tu por todo o tempo nos protegeste! Se tu não tivesses sido o protetor de Phalguna na batalha terrível, como então este mar de tropas poderia ter sido subjugado? Muitos foram os golpes de maças, e muitos foram os golpes de clavas com pontas de ferro e dardos e flechas afiadas e lanças e machados de batalha que foram suportados por ti! Por nossa causa, ó Krishna, tu tiveste também que ouvir muitas palavras duras e suportar a queda, violenta como o trovão, de armas em batalha! Por causa da morte de Duryodhana tudo isso não foi inútil, ó tu de glória imorredoura! Aja novamente de tal maneira que o resultado de todos aqueles atos não possam ser destruídos! Embora a vitória tenha sido nossa, ó Krishna, nosso coração, no entanto, está ainda tremendo em dúvida! Saiba, ó Madhava, que a ira de Gandhari, ó de braços fortes, foi provocada! Aquela senhora altamente abençoada está sempre se emaciando com as mais rígidas das penitências! Sabendo do massacre de seus filhos e netos, ela irá sem dúvida nos reduzir a cinzas! É hora, ó herói, eu penso, para acalmá-la! Exceto tu, ó principal dos homens, que outra pessoa é capaz mesmo de olhar para aquela senhora de olhos vermelhos como cobre em fúria e extremamente angustiada com os males que aconteceram a seus filhos? Que tu deves ir lá, ó Madhava, é o que eu penso ser apropriado, para pacificar Gandhari, ó castigador de inimigos, que está ardendo com fúria! Tu és o Criador e o Destruidor. Tu és a primeira causa de todos os mundos tu mesmo sendo eterno! Por meio de palavras repletas de fundamentos, visíveis e invisíveis que são todas o resultado do tempo, tu poderás rapidamente, ó tu de grande sabedoria, acalmar Gandhari! Nosso avô, o santo Krishna-Dvaipayana, estará lá. Ó tu de armas poderosas, é teu dever dissipar, por todos os meios em teu poder, a ira de Gandhari!' Ouvindo essas palavras do rei Yudhishthira o justo, o

perpetuador da linhagem de Yadu, convocando Daruka, disse, ‘Que meu carro seja equipado!’ Tendo recebido ordem de Keshava, Daruka em grande pressa voltou e relatou para seu mestre de grande alma que o carro estava pronto. Aquele opressor de inimigos e chefe da linhagem de Yadu, o senhor Keshava, tendo subido no carro, procedeu com grande pressa para a cidade dos Kurus. O adorável Madhava então, em seu veículo, procedeu, e chegando à cidade chamada de elefante a adentrou. Fazendo a cidade ressoar com o estrépito das rodas de seu carro enquanto ele entrava nela, ele enviou notícia para Dhritarashtra e então desceu de seu veículo e entrou no palácio do velho rei. Ele lá contemplou aquele melhor dos Rishis, (Dvaipayana) chegado antes dele. Janardana, abraçando os pés de ambos, Vyasa e Dhritarashtra, quietamente saudou Gandhari também. Então o principal dos Yadavas, Vishnu pegando Dhritarashtra pela mão, ó monarca, começou a chorar melodiosamente. Tendo derramado lágrimas de tristeza por um momento, ele lavou seus olhos e seu rosto com água segundo as regras. Aquele castigador de inimigos então disse essas palavras suavemente fluentes para Dhritarashtra, ‘Nada é desconhecido para ti, ó Bharata, sobre o passado e o futuro! Tu és bem familiarizado, ó senhor, com o rumo do tempo! Por uma consideração por ti, os Pandavas tinham se esforçado para impedir a destruição de sua família e o extermínio de Kshatriyas, ó Bharata! Tendo feito um acordo com seus irmãos, o virtuoso Yudhishthira tinha vivido pacificamente. Ele até foi para o exílio depois da derrota no jogo de dados injusto! Com seus irmãos ele levou uma vida de ocultamento, vestido em vários disfarces. Eles também todo dia tinham diversos outros infortúnios como se eles fossem totalmente desamparados! Na véspera da batalha eu mesmo vim e na presença de todos os homens pedi somente cinco aldeias de ti. Afligido pelo Tempo, e movido pela avareza, tu não concedeste meu pedido. Pelo teu erro, ó rei, toda a classe Kshatriya foi exterminada! Bhishma, e Somadatta, e Valhika, e Kripa, e Drona e seu filho, e o sábio Vidura, sempre te pediram pela paz. Tu, no entanto, não seguiste seus conselhos! Todo mundo, parece, quando afligido pelo Tempo, fica estupefato, ó Bharata, já que até tu, ó rei, com relação a esse assunto, agiste tão tolamente! O que mais isso pode ser exceto o efeito do Tempo? De fato, o Destino é supremo! Não atribua, ó tu de grande sabedoria, qualquer culpa aos Pandavas! A menor transgressão não é discernível nos Pandavas de grande alma, a julgar pelas regras de moralidade ou razão ou afeição, ó opressor de inimigos! Sabendo que tudo isso é o resultado da tua própria falha, não cabe a ti nutrir qualquer mau sentimento em relação aos Pandavas! Descendência, linhagem, bolo fúnebre, e o que mais depende da prole, agora depende dos Pandavas em relação a ti mesmo e Gandhari! Tu mesmo, ó tigre entre os Kurus, e a renomada Gandhari também não devem nutrir maldade em direção aos Pandavas. Refletindo sobre tudo isso, e pensando também nas tuas próprias transgressões, nutra bons sentimentos pelos Pandavas, eu me curvo a ti, ó touro da raça Bharata! Tu sabes, ó de braços poderosos, qual é a devoção do rei Yudhishthira e qual é seu afeto por ti, ó tigre entre reis! Tendo causado esta matança mesmo de inimigos que o prejudicaram tanto, ele está queimando dia e noite, e não consegue obter paz mental! Aquele tigre entre homens, se afligindo por ti e por Gandhari, falha em obter qualquer felicidade. Dominado pela vergonha ele não vem diante de ti que estás queimando de dor por conta de teus filhos e cuja mente e sentidos estão

agitados por aquela dor!' Tendo dito essas palavras para Dhritarashtra, aquele principal da linhagem de Yadu, ó monarca, se dirigiu a enlutada Gandhari nessas palavras de grande significado: 'Ó filha de Subala, tu de votos excelentes, ouça o que eu digo! Ó dama auspiciosa, não há agora nenhuma senhora como tu no mundo! Tu lembras, ó rainha, daquelas palavras que tu falaste na assembléia na minha presença, aquelas palavras repletas de virtude e que eram benéficas para ambos os partidos, que teus filhos, ó dama auspiciosa, não obedeceram? Duryodhana que cobiçava vitória foi endereçado por ti em palavras amargas! Tu disseste a ele então: 'Escute, ó tolo, essas minhas palavras: 'A vitória está onde a virtude está.' Aquelas tuas palavras, ó princesa, agora foram consumadas! Sabendo tudo isso, ó senhora auspiciosa, não fixe teu coração na tristeza. Não deixe teu coração se inclinar para a destruição dos Pandavas! Por causa da força de tuas penitências tu és capaz, ó altamente abençoada, de queimar, com teus olhos acesos com raiva, a Terra inteira com suas criaturas móveis e imóveis!' Ouvindo essas palavras de Vasudeva, Gandhari disse, 'É assim mesmo, ó Keshava, como tu dizes! Meu coração, queimando em aflição, tem estado inquieto! Depois de ouvir tuas palavras, no entanto, esse coração, ó Janardana, ficou firme novamente. Em relação ao velho rei cego, agora tornado criança, tu, ó mais notável dos homens, com aqueles heróis, os filhos de Pandu, se tornaram seu refúgio!' Tendo dito isso, Gandhari, queimando de aflição por conta da morte de seus filhos, cobriu seu rosto com sua roupa e começou a chorar alto. O poderosamente armado senhor Keshava então consolou a princesa enlutada com palavras que eram repletas de fundamentos tirados de exemplos visíveis. Tendo consolado Gandhari e Dhritarashtra, Keshava da linhagem de Madhu veio a saber (por intuição) o mal que era planejado pelo filho de Drona. Se levantando apressado depois de reverenciar os pés de Vyasa inclinando sua cabeça, Keshava, ó monarca, se dirigiu a Dhritarashtra, dizendo, 'Eu me despeço, ó principal da linhagem de Kuru! Não fixe teu coração na dor! O filho de Drona tem um mau propósito. É por isso que eu me levanto tão de repente! Parece que ele formou um plano de destruir os Pandavas durante a noite!' Ouvindo essas palavras, ambos, Gandhari e Dhritarashtra disseram para Keshava aquele matador de Keshi, essas palavras: 'Vá rapidamente, ó de braços fortes, proteger os Pandavas! Que eu logo te encontre novamente, ó Janardana!' Então Keshava de glória imorredoura procedeu com Daruka. Depois que Vasudeva tinha partido, ó rei, Vyasa, aquele adorado do mundo inteiro, de alma inconcebível, começou a consolar o rei Dhritarashtra. Vasudeva de alma justa partiu, tendo cumprido sua missão com sucesso, de Hastinapura para ver o acampamento e os Pandavas. Chegando ao campo, ele procedeu à presença dos Pandavas. Contando a eles tudo (sobre sua missão na cidade), ele se sentou com eles."

64

"Dhritarashtra disse, 'Chutado na cabeça, suas coxas quebradas, prostrado no chão, extremamente orgulhoso, o que, ó Sanjaya, meu filho disse então? O rei Duryodhana era muito colérico e sua hostilidade pelos filhos de Pandu era

enraizada. Quando, portanto, esta grande desgraça o alcançou, o que ele disse em seguida sobre o campo?'

"Sanjaya disse, 'Ouça-me, ó monarca, enquanto eu descrevo para ti o que aconteceu. Escute, ó rei, o que Duryodhana disse quando surpreendido pela calamidade. Com suas coxas quebradas, o rei, ó monarca, coberto com pó, apanhou seus cabelos ondulantes, lançando seus olhos para todos os lados. Tendo apanhado seus cabelos com dificuldade, ele começou a suspirar como uma cobra. Cheio de raiva e com lágrimas fluindo rapidamente de seus olhos, ele olhou para mim. Ele bateu seus braços contra a terra por um tempo como um elefante enfurecido. Sacudindo seus cabelos soltos, e rangendo seus dentes, ele começou a criticar o filho mais velho de Pandu. Respirando pesadamente, ele então se dirigiu a mim, dizendo, 'Ai, eu que tinha o filho de Santanu Bhishma como meu protetor, e Karna, aquele principal de todos os manejadores de armas e o filho de Gotama, Shakuni, e Drona, aquele primeiro de todos os manejadores de armas, e Ashvatthama, e o heróico Shalya, e Kritavarma, ai, eu mesmo cheguei a essa situação! Parece que o Tempo é irresistível! Eu era o senhor de onze Chamus de tropas e ainda eu cheguei a essa situação! Ó de braços fortes, ninguém pode se elevar acima do Tempo! Aqueles do meu lado que escaparam com vida dessa batalha devem ser informados de como eu fui derrubado por Bhimasena em contravenção das regras de luta honesta! Muitos foram os atos injustos e pecaminosos que foram cometidos em direção a Bhurishrava, e Bhishma, e Drona de grande prosperidade! Essa é outra ação muito infame que os Pandavas cruéis cometeram, pela qual, eu estou certo, eles incorrerão na condenação de todos os homens honrados! Que prazer uma pessoa disposta honradamente pode desfrutar ao ter ganhado uma vitória por meio de atos desonestos? Que homem sábio, além disso, daria sua aprovação para uma pessoa que infringiu as regras de probidade? Que homem erudito se regozijaria depois de ter obtido vitória por meio de iniquidade como aquele patife pecaminoso, Vrikodara o filho de Pandu, se regozija? O que pode ser mais surpreendente do que isso, que Bhimasena tocasse com seu pé a cabeça de alguém como eu enquanto jazendo com minhas coxas quebradas? É digna de honra, ó Sanjaya, aquela pessoa que se comporta dessa maneira com um homem possuidor de glória, dotado de prosperidade, vivendo no meio de amigos? Meus pais não são ignorantes dos deveres de batalha. Instruído por mim, ó Sanjaya, diga a eles que estão afligidos pela dor essas palavras: Eu realizei sacrifícios, sustentei um grande número de empregados devidamente, governei a terra inteira com seus mares! Eu permaneci sobre as cabeças de meus inimigos vivos! Eu dei riqueza para meus parentes à extensão de minhas habilidades, e eu fiz o que era agradável para amigos. Eu resisti a todos os meus inimigos. Quem há mais afortunado do que eu? Eu fiz progressos através de reinos hostis e comandei reis como escravos. Eu agi generosamente em direção a todos os que amei e gostei. Quem há mais afortunado do que eu? Eu honrei todos os meus parentes e cuidei do bem-estar de todos os meus dependentes. Eu me dediquei aos três objetivos de existência humana, Religião, Lucro, e Prazer! Quem há mais afortunado do que eu? Eu dei minhas ordens a grandes reis e honra, inalcançável por outros, foi minha. Eu sempre fiz minhas viagens nos melhores dos corcéis. Quem há mais afortunado

do que eu? Eu estudei os Vedas e fiz presentes segundo a ordenança. Minha vida passou em felicidade. Pelo cumprimento dos deveres da minha própria classe eu tenho ganhado muitas regiões de bem-aventurança após a morte. Quem há mais afortunado do eu? Por boa sorte eu não fui vencido em batalha e sujeitado à necessidade de servir meus inimigos como mestres. Por boa sorte, ó senhor, é somente depois da minha morte que minha grande prosperidade me abandona para servir outro! Aquilo que é desejado por bons Kshatriyas cumpridores dos deveres de sua classe, aquela morte, é obtida por mim! Quem há mais afortunado do eu? Por boa sorte eu não me permiti ser desviado do caminho da hostilidade e ser subjugado como uma pessoa ordinária! Por boa sorte eu não fui vencido depois de eu ter feito algum ato vil! Como a morte de uma pessoa que está dormindo ou que está desatenta, como a morte de uma pessoa pela administração de veneno, minha morte ocorreu, pois eu fui morto igualmente injustamente, em violação das regras de luta honesta! O altamente abençoado Ashvatthama, e Kritavarma da linhagem Satwata, e o filho de Saradwat Kripa, devem ouvir essas minhas palavras, 'Vocês nunca devem depositar qualquer confiança nos Pandavas, aqueles violadores de regras, que cometeram muitos atos iníquos!'' Depois disso, teu nobre filho de coragem verdadeira se dirigiu aos nossos portadores de mensagens nessas palavras, 'Eu, em batalha, fui morto por Bhimasena muito injustamente! Eu sou agora como um viandante sem dinheiro e seguirei na esteira de Drona que já foi para o céu, de Karna e Shalya, de Vrishasena de grande energia, de Shakuni o filho de Subala, de Jalasandha de grande valor, do rei Bhagadatta, do filho de Somadatta, aquele arqueiro poderoso, de Jayadratha, o rei dos Sindhus, de todos os meus irmãos encabeçados por Duhshasana e iguais a mim mesmo, do filho de Duhshasana de grande destreza, e de Lakshmana, meu filho, e milhares de outros que lutaram por mim. Ai, como minha irmã, atingida pela desgraça, viverá tristemente depois de saber da morte de seus irmãos e seu marido? Ai, qual será a situação do velho rei, meu pai, com Gandhari, e suas noras e esposas dos seus netos? Sem dúvida, a mãe bela e de olhos grandes de Lakshmana, sem filho e sem marido, logo encontrará sua morte! Se Charvaka, o mendicante devoto que é um mestre de discurso, ficar sabendo de tudo, aquele homem abençoado certamente se vingará da minha morte! Por morrer sobre o campo sagrado de Samantapanchaka, célebre pelos três mundos, eu sem dúvida alcançarei muitas regiões eternas!' Então, ó senhor, milhares de homens, com olhos cheios de lágrimas, fugiram em todas as direções, tendo ouvido esses lamentos do rei. A terra inteira, com suas florestas e mares, com todas as suas criaturas móveis e imóveis começou a tremer violentamente, e a produzir um barulho alto. Todos os pontos do horizonte ficaram escuros. Os mensageiros, indo até o filho de Drona, descreveram para ele tudo o que tinha acontecido com relação ao procedimento da luta com maça e a queda do rei. Tendo relatado tudo para o filho de Drona, ó Bharata, todos eles permaneceram em uma disposição pensativa por um longo tempo e então partiram, enlutados, para o lugar de onde eles vieram.'"

65

"Sanjaya disse, 'Tendo ouvido a respeito da queda de Duryodhana dos mensageiros, aqueles poderosos guerreiros em carros, o restante vivo do exército Kaurava, extremamente feridos por flechas afiadas, e maças e lanças e dardos, aqueles três, Ashvatthama e Kripa e Kritavarma da linhagem Satwata, foram rapidamente em seus corcéis velozes ao campo de batalha. Eles viram lá o filho de grande alma de Dhritarashtra prostrado no chão como uma gigantesca árvore Sala derrubada na floresta por uma tempestade. Eles o viram se contorcendo no solo nu e coberto com sangue assim como um elefante forte na floresta derrubado por um caçador. Eles o viram rolando em agonia e banhado em profusas correntes de sangue. De fato, eles o viram jazendo no chão como o sol caído na terra ou como o oceano secado por um vento poderoso, ou como a lua cheia no firmamento com seu disco coberto por um nevoeiro. Igual a um elefante em bravura e possuidor de braços compridos, o rei jazia no chão, coberto com poeira. Em volta dele estavam muitas criaturas terríveis e animais carnívoros como dependentes cobiçosos de riqueza em volta de um monarca em cargo. Sua testa estava contraída em sulcos de raiva e seus olhos estavam rolando em fúria. Eles contemplaram o rei, aquele tigre entre homens, cheio de raiva, como um tigre derrubado (por caçadores). Aqueles grandes arqueiros Kripa e outros, vendo o monarca derrubado no chão, ficaram estupefatos. Descendo de seus carros, eles correram em direção ao rei. Vendo Duryodhana, todos eles se sentaram no chão em volta dele. Então o filho de Drona, ó monarca, com olhos cheios de lágrimas e respirando como uma cobra, disse essas palavras para aquele chefe da linhagem de Bharata, aquele principal de todos os reis sobre a terra, 'Realmente, não há nada estável no mundo dos homens, já que tu, ó tigre entre homens, jazes no solo nu, manchado com pó! Tu foste um rei que tinha colocado teus comandos sobre a Terra inteira! Por que então, ó principal dos monarcas, tu jazes sozinho na terra nua em tal ermo solitário? Eu não vejo Duhshasana junto de ti, nem o grande guerreiro em carro Karna, nem aqueles teus amigos às centenas! O que é isso, ó touro entre homens? Sem dúvida, é difícil descobrir os caminhos de Yama, já que tu, ó senhor de todos os mundos, jazes assim no solo nu, manchado com pó! Ai, esse opressor de inimigos costumava caminhar na dianteira de todos os Kshatriyas que tinham seus cabelos borrifados com água sagrada em cerimônias de coroação! Ai, ele agora come a poeira! Vejam os reversos que o Tempo traz em seu curso! Onde está aquele teu guarda-sol branco puro? Onde está aquele rabo de iaque para abanar também, ó rei? Onde foi aquele teu exército vasto agora, ó melhor dos monarcas? O rumo dos acontecimentos é certamente um mistério quando causa outros que não aqueles com os quais se contava a princípio, já que até tu que eras o senhor do mundo foste reduzido a essa situação! Sem dúvida, a prosperidade de todos os mortais é muito instável, já que tu que eras igual ao próprio Shakra agora foste reduzido a tal situação lamentável!' Ouvindo essas palavras do entristecido Ashvatthama, teu filho respondeu a ele nessas palavras que eram apropriadas para a ocasião. Ele enxugava seus olhos com suas mãos e derramava lágrimas de dor novamente. O rei então se dirigiu a todos aqueles heróis encabeçados por Kripa e disse, 'É dito que essa sujeição à

morte (de todas as criaturas vivas) é ordenada pelo próprio Criador. A morte vem para todos os seres no decorrer do tempo. Aquela morte agora vem para mim, diante dos olhos de todos vocês! Eu que reinei sobre a terra inteira agora foi reduzido a essa situação! Por boa sorte, eu nunca recuei da batalha quaisquer que fossem as desgraças que me surpreendessem. Por boa sorte, eu fui morto por aqueles homens pecaminosos, particularmente pela ajuda de fraude. Por boa sorte, enquanto envolvido em hostilidades, eu sempre mostrei coragem e perseverança. Por boa sorte, eu fui morto em batalha, junto com todos os meus parentes e amigos. Por boa sorte eu vejo que vocês escaparam com vida desse grande massacre, e sãos e salvos. Isso é muito agradável para mim. Não sofram, por afeição, pela minha morte. Se os Vedas são alguma autoridade, eu certamente adquiri muitas regiões eternas! Eu não sou ignorante da glória de Krishna de energia incomensurável. Ele não me fez abandonar a observância apropriada dos deveres Kshatriya. Eu o alcancei. De modo algum alguém deve sofrer por mim. Vocês fizeram o que pessoas como vocês devem fazer. Vocês sempre se esforçaram pelo meu sucesso. O Destino, no entanto, é incapaz de ser frustrado.' Tendo dito isso, o rei, com olhos banhados com lágrimas, ficou silencioso, ó monarca, agitado como ele estava com agonia. Contemplando o rei em lágrimas e aflição, o filho de Drona se inflamou de raiva como o fogo que é visto na destruição universal. Dominado pela raiva, ele apertou sua mão e se dirigindo ao rei em uma voz rouca com lágrimas, ele disse essas palavras, 'Meu pai foi morto por aqueles canalhas com um artifício cruel. Aquele ato, no entanto, não me queima tão agudamente quanto essa situação à qual tu foste reduzido, ó rei! Escute essas minhas palavras que eu profiro, jurando pela própria Verdade, ó senhor, e por todos os meus atos de piedade, todos os meus presentes, minha religião, e os méritos religiosos que eu tenho ganhado. Eu irei hoje, na própria presença de Vasudeva, despachar todos os Pancalas, por todos os meios em meu poder, para a residência de Yama! Cabe a ti, ó monarca, me conceder permissão!' Ouvindo essas palavras do filho de Drona, que eram muito agradáveis para seu coração, o rei Kuru se dirigindo a Kripa, disse, 'Ó preceptor, me traga sem demora um vaso cheio de água!' A essas palavras do rei, aquele principal dos Brahmanas logo trouxe um recipiente cheio de água e se aproximou do rei. Teu filho então, ó monarca, disse para Kripa, 'Que o filho de Drona, ó principal dos Brahmanas, (abençoado sejas tu), seja por minha ordem instalado como generalíssimo, se tu desejas me fazer o bem! Por ordem do rei, até um Brahmana pode lutar, especialmente um que tem adotado práticas Kshatriya! Aqueles versados nas escrituras dizem isso!' Ouvindo estas palavras do rei, Kripa, o filho de Saradwat, instalou o filho de Drona como generalíssimo, por ordem do rei! A instalação terminada, ó monarca, Ashvatthama abraçou aquele melhor dos reis e deixou o local, tendo feito os dez pontos ressoarem com seus rugidos leoninos. Aquele principal dos reis, Duryodhana, profusamente coberto com sangue, começou a passar lá aquela noite tão assustadora para todas as criaturas. Indo rapidamente para longe do campo de batalha, ó rei, aqueles heróis, com corações agitados pela dor, começaram a refletir ansiosamente e seriamente.'"

Fim do Shalya-parva.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 10

SAUPTIKA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO

Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	"Sem dúvida, ó Sanjaya, meu coração é feito de diamante, já que ele não se parte em mil pedaços mesmo depois de saber...". Kripa, Aswatthaman, Kritavarman na floresta descansando depois do por do sol. Aswatthaman vê coruja atacando corvos adormecidos, decide atacar os Pandavas no acampamento.	3
2	Kripa avisa para ir até Dhritarashtra e Vidura.	6
3	Aswatthaman afirma sua decisão.	8
4	Kripa promete lutar de manhã.	10
5	Kripa contra, mas ele e Kritavarman seguem Aswatthaman quando ele vai.	11
6	Nos portões Aswatthaman enfrenta grande ser em quem suas armas são inúteis.	13
7	Aswatthaman oferece seu corpo a Siva. Deus explica que o tempo dos Pancalas está terminado. Ele entra no corpo de Aswatthaman. Criaturas ferozes seguem.	15
8	Mata Dhrishtadyumna sem uma arma. Uttamanjas, Yudhamanyu, Prativindya, Sutasoma, Satanika, Srutakarman, Srutakirti (cinco filhos de Draupadi), Sikhandin. Aswatthaman corre por todo o acampamento, matando todos. Kripa e Kritavarman ficam no portão e pegam aqueles que fogem. Colocam fogo no acampamento.	19
9	Os três vão até Duryodhana, relatam sua carnificina. Duryodhana morre.	26
10	O motorista do carro de Dhrishtadyumna relata carnificina para Yudhishthira.	29
11	Draupadi resolve praticar Praya até que a pedra preciosa da cabeça de Aswatthaman seja levada para ela. Bhima e Nakula partem.	31
12	Krishna avisa do perigo da parte de Aswatthaman. Uma vez Aswatthaman pediu o disco de Krishna para matá-lo.	33
13	Alcançam Aswatthaman, que dispara sua poderosa arma celeste.	35
14	Arjuna atira arma que neutraliza. Vyasa e Narada aparecem.	36
15	Arjuna retira arma. Aswatthaman não pode. Oferece sua pedra preciosa, joga arma nos úteros das mulheres Pandava.	37
16	Parikshit, filho da nora de Arjuna, morrerá, mas reviverá e governará o reino. Aswatthaman sentenciado a 3000 anos vagando sozinho com pus e fedor de sangue. Pedra preciosa é levada para Draupadi.	39
17	Krishna explica Rudra, e como Aswatthaman foi ajudado.	41
18	Explica como Rudra foi gratificado por Aswatthaman.	42

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

Om! Tendo reverenciado Narayana, e Nara o mais sublime dos seres masculinos, como também a deusa Saraswati, a palavra "Jaya" deve ser proferida!

Sanjaya disse, "Aqueles heróis então foram juntos em direção ao sul. Na hora do por do sol eles alcançaram um local perto do acampamento (Kuru). Deixando seus animais soltos eles ficaram muito assustados. Alcançando então uma floresta, eles secretamente a adentraram. Eles se alojaram lá a uma distância não muito grande do acampamento. Cortados e mutilados por muitas armas afiadas, a respiração deles era pesada e difícil, pensando nos Pandavas. Ouvindo o barulho alto feito pelos Pandavas vitoriosos, eles tiveram medo de uma perseguição e, portanto fugiram em direção ao leste. Tendo procedido por algum tempo, seus animais ficaram cansados e eles mesmos ficaram com sede. Dominados pela ira e pelo sentimento de vingança, aqueles grandes arqueiros não podiam suportar o que tinha ocorrido, queimando como eles estavam com (a dor pela) morte do rei. Eles, no entanto, descansaram por um tempo."

Dhritarashtra disse, "A façanha, ó Sanjaya, que Bhima realizou parece ser incrível, já que meu filho que foi derrotado possuía a força de 10.000 elefantes. Com coragem superior e sendo possuidor de um corpo impenetrável, ele não podia ser morto por alguma criatura! Ai, até este meu filho foi derrotado pelos Pandavas em batalha! Sem dúvida, ó Sanjaya, meu coração é feito de diamante, já que não se parte em 1.000 pedaços mesmo depois de saber da morte de meus cem filhos! Ai, quão difícil será a minha situação e da minha cônjuge, um velho casal desprovido de filhos! Eu não ouso morar nos domínios do filho de Pandu! Tendo sido o senhor de um rei e um rei eu mesmo, ó Sanjaya, como eu passarei os meus dias como um escravo obediente às ordens do filho de Pandu? Tendo dado minhas ordens sobre toda a Terra e ficado acima das cabeças de todos, ó Sanjaya, como eu viverei agora como um escravo em miséria? Como eu serei capaz, ó Sanjaya, de suportar as palavras de Bhima que matou sozinho todos os meus cem filhos? As palavras de Vidura de grande alma vieram a se realizar! Ai, meu filho, ó Sanjaya, não escutou aquelas palavras! O que, no entanto, fizeram Kritavarma e Kripa e o filho de Drona depois que meu filho Duryodhana tinha sido injustamente derrubado?'"

Sanjaya disse, "Eles não tinham ido longe, ó rei, quando pararam, pois eles viram uma floresta densa cheia de árvores e trepadeiras. Tendo descansado por pouco tempo eles entraram naquela grande floresta, procedendo sobre seus carros levados por seus corcéis excelentes cuja sede estava saciada. Aquela floresta abundava com diversas espécies de animais, e várias espécies de aves. E era coberta com muitas árvores e trepadeiras e era infestada por numerosas criaturas carnívoras. Coberta com muitas partes de água e adornada com várias espécies de flores, ela tinha muitos lagos cobertos com lotos azuis."

Entrando naquela floresta densa, eles olharam em volta e viram uma árvore banyan (figueira de bengala) gigantesca com milhares de ramos. Indo para a sombra daquela árvore, aqueles grandes guerreiros em carros, ó rei, aqueles principais dos homens viram que aquela era a maior árvore naquela floresta. Descendo dos seus carros, e deixando seus animais soltos, eles se purificaram devidamente e disseram suas orações noturnas. O Sol então alcançou as montanhas Asta, e a Noite, a mãe do universo, chegou. O firmamento, cheio de planetas e estrelas, brilhava como um pedaço de brocado ornamentado e apresentava um espetáculo muito agradável. As criaturas que vagavam à noite começaram a uivar e proferir seus gritos à vontade, enquanto aqueles que caminhavam durante o dia ficaram sob a influência do sono. Horrível se tornou o barulho dos animais errantes da noite. As criaturas carnívoras se encheram de alegria, e a noite, enquanto se aprofundava, tornou-se terrível.

Naquela hora, cheios de dor e tristeza, Kritavarma e Kripa e o filho de Drona sentaram-se juntos. Sentados sob aquela banyan, eles começaram a expressar sua tristeza a respeito daquela questão muito importante: a destruição que tinha acontecido, de ambos, os Kurus e os Pandavas. Pesados com sono, eles se deitaram na terra nua. Eles estavam extremamente cansados e imensamente feridos com flechas. Os dois grandes guerreiros em carros, Kripa e Kritavarma, sucumbiram ao sono. Embora merecedores de felicidade e não merecedores de tristeza, eles então se esticaram na terra nua. De fato, ó monarca, aqueles dois que tinham sempre dormido em camas caras agora dormiam, como pessoas desamparadas, no solo nu, afligidos pela dor e a exaustão.

O filho de Drona, no entanto, ó Bharata, entregando-se à influência da cólera e reverência, não podia dormir, e continuou a respirar como uma cobra. Queimando de raiva, ele não conseguia dormir. Aquele herói de braços fortes olhava para todos os lados daquela floresta terrível. Enquanto ele examinava aquela floresta povoada com diversas espécies de criaturas, o grande guerreiro viu uma banyan grande coberta com corvos. Naquela banyan milhares de corvos se empoleiravam durante a noite. Cada um pousado separadamente de seu vizinho, aqueles corvos dormiam tranquilamente, ó Kauravya! Enquanto, no entanto, aquelas aves estavam dormindo seguramente em todos os lados, Aswatthaman viu que uma coruja de aspecto terrível apareceu de repente lá. De gritos assustadores e corpo gigantesco, com olhos verdes e plumagem escura, seu nariz era muito grande e suas garras eram compridas. E a velocidade com qual ela veio parecia aquela de Garuda. Proferindo gritos baixos aquela criatura alada, ó Bharata, se aproximou secretamente dos ramos daquela banyan. Aquela viajante do céu, matadora de corvos, pousando sobre um dos ramos da banyan, matou um grande número de seus inimigos adormecidos. Ele arrancou as asas de alguns e cortou as cabeças de outros com suas garras afiadas e quebrou as pernas de muitos. Dotada de grande força, ela matou muitos que caíram diante de seus olhos. Com os membros e corpos, ó monarca, dos corvos mortos, a área coberta pelos ramos espalhados da banyan ficou coberta com uma camada espessa por todos os lados. Tendo matado aqueles corvos, a coruja ficou cheia de alegria como um

matador de inimigos depois de ter se comportado com seus inimigos de acordo com sua vontade.

Contemplando aquele feito altamente sugestivo cometido durante a noite pela coruja, o filho de Drona começou a refletir sobre ele, desejoso de ajustar sua própria conduta pela luz daquele exemplo. Ele disse a si mesmo, "Essa coruja me ensina uma lição de batalha. Inclinado como eu estou a destruir o inimigo, chegou a hora de fazê-lo! Os Pandavas vitoriosos não podem ser mortos por mim! Eles possuem força, perseverança, mira certeira, e são hábeis em golpear. Na presença, no entanto, do rei eu jurei matá-los. Eu dessa forma me comprometi a fazer uma ação autodestrutiva, como um inseto tentando entrar em um fogo ardente! Se eu fosse lutar de modo justo com eles, eu teria, sem dúvida, que sacrificar minha vida! Por uma ação de fraude, no entanto, o sucesso ainda pode ser meu e uma grande destruição pode alcançar meus inimigos! As pessoas em geral, como também aquelas versadas nas escrituras, sempre elogiam aqueles meios os quais são certos ao invés daqueles que são incertos. Qualquer crítica e má reputação que essa ação possa provocar devem ser incorridas pela pessoa que é cumpridora das práticas kshatriya. Os Pandavas de almas impuras, em cada passo, cometeram atos muito hediondos e censuráveis que eram também cheios de fraude. A respeito desta questão, certos versos antigos, cheios de verdade, são ouvidos, cantados por pessoas que vêem a verdade e observadoras da retidão, que os cantaram depois de uma consideração cuidadosa das exigências da justiça.

Estes versos estão são estes: ‘O exército do inimigo, mesmo quando cansado, ou ferido com armas, ou empenhado em comer, ou quando retirado, ou quando descansando dentro de seu acampamento, deve ser atacado. Eles devem ser tratados do mesmo modo quando afligidos com sono nas altas horas da noite, ou quando privados de comandantes, ou quando enfraquecidos ou quando sob a impressão de um erro.’”

Tendo refletido dessa forma, o valente filho de Drona tomou a decisão de matar durante a noite os Pandavas e os Pancalas adormecidos. Tendo tomado esta decisão pecaminosa e se comprometendo repetidamente a executá-la, ele despertou seu tio materno e o chefe dos Bhojas. Acordados de seu sono, aquelas duas pessoas ilustres e poderosas, Kripa e o chefe Bhoja ouviram o plano de Ashvatthama. Cheios de vergonha, ambos se abstiveram de dar uma resposta conveniente.

Tendo refletido por poucos momentos, Ashvatthama disse com olhos cheios de lágrimas, "O rei Duryodhana, aquele herói de grande poder, por causa de quem nós entramos em hostilidades com os Pandavas, foi morto! Abandonado e só, embora ele fosse o senhor de onze akshauhinis de tropas, aquele herói de bravura imaculada foi derrubado por Bhimasena e um grande número de miseráveis unidos em batalha! Outro ato pecaminoso foi cometido pelo vil Vrikodara, pois ele tocou com seu pé a cabeça de uma pessoa cujos cabelos passaram pelo banho sagrado! Os Pancalas estão proferindo rugidos e gritos altos e se entregando a altas explosões de riso. Cheios de alegria, eles estão soprando suas conchas e

batendo suas baterias! O som alto de seus instrumentos, misturado com o clangor das conchas, é terrível para os ouvidos e, levado pelos ventos, está enchendo todos os pontos do espaço. Alto também é o rumor feito por seus corcéis relinchando e elefantes grunhindo e guerreiros rugindo! Esse barulho ensurdecedor feito pelos guerreiros regozijantes enquanto eles estão marchando para seus alojamentos, como também o ruído terrível das todas de seus carros, vem até nós do leste. Tão grande foi a destruição feita pelos Pandavas sobre os Dhartarashtras que nós três somos os únicos sobreviventes daquela grande carnificina! Alguns eram dotados da força de uma centena de elefantes, e alguns eram mestres de todas as armas. Mas ainda assim eles foram mortos pelos filhos de Pandu! Eu considero que este é um exemplo dos reversos ocasionados pelo Tempo! Realmente, este é o fim para o qual tal ato leva! Realmente, embora os Pandavas tenham realizado tais façanhas difíceis, este mesmo deve ser o resultado daquelas façanhas! Se sua sabedoria não foi afugentada pelo estupor, então digam o que é apropriado para nós fazermos em vista deste caso calamitoso e sério.'"

2

Kripa disse, "Nós ouvimos tudo o que tu disseste, ó pujante! Escute, no entanto, a umas poucas palavras minhas, ó tu de braços poderosos! Todos os homens estão sujeitos e são governados por estas duas forças: Destino e Esforço. Não há nada superior a estes dois. Nossas ações não se tornam bem sucedidas só por causa do destino, nem só do esforço, ó melhor dos homens! O sucesso vem da união dos dois. Todos os propósitos, altos e baixos, são dependentes de uma união desses dois. Em todo o mundo, é através desses dois que os homens são vistos agirem como também se absterem. Qual resultado é produzido pelas nuvens despejando chuva sobre uma montanha? Quais resultados não são produzidos por elas despejando chuva sobre um campo cultivado? Esforço, onde o destino não é propício, e ausência de esforço onde destino é propício são ambos inúteis! O que eu disse antes (sobre a união dos dois) é a verdade. Se as chuvas umedecem devidamente um solo bem cultivado, as sementes produzem ótimos resultados. O sucesso humano é desta natureza.

Às vezes, o Destino, tendo determinado um curso de eventos, age por si mesmo (sem esperar pelo esforço). Apesar disso, os sábios, ajudados pela habilidade recorrem ao esforço. Todos os propósitos dos atos humanos, ó touro entre homens, são realizados pela ajuda daqueles dois juntos. Influenciados por aqueles dois, os homens são vistos se esforçarem ou se absterem. Auxílio pode ser tido pelo esforço. Mas o esforço tem sucesso pelo destino. É por causa também do destino que alguém que começa a trabalhar, dependendo do esforço, alcança o sucesso. O esforço, no entanto, mesmo de um homem competente, mesmo quando bem dirigido, que não tem a cooperação do destino, não é visto produzir frutos no mundo. Aqueles, portanto, entre os homens, que são preguiçosos e sem inteligência desaprovam o esforço. Esta, no entanto, é não a opinião dos sábios.

Geralmente, uma ação realizada não é vista como improdutiva de frutos no mundo. A ausência de ação, por outro lado, é vista como produtiva de grave miséria. Uma pessoa obtendo alguma coisa sem ter feito quaisquer esforços, como também uma pessoa não obtendo nada mesmo depois de esforço, não é visto. Alguém que esteja ocupado em ação é capaz de manter a vida. Aquele, por outro lado, que é preguiçoso nunca obtém felicidade. Neste mundo de homens é geralmente visto que aqueles que são dedicados à ação são sempre inspirados pelo desejo de ganhar bem. Se alguém dedicado à ação consegue seu objetivo ou fracassa em obter o fruto de suas ações, ele não se torna censurável em nenhuma circunstância. Se alguém no mundo é visto desfrutando luxuosamente dos frutos da ação sem fazer qualquer ação, ele é geralmente visto incorrer no ridículo e vira um objeto de aversão. Aquele que, desconsiderando esta regra acerca da ação, vive de outra maneira, é citado como alguém que ofende a si mesmo. Esta é a opinião daqueles que são dotados de inteligência.

Os esforços se tornam improdutivos por consequência destas duas razões: destino sem esforço e esforço sem destino. Sem esforço, uma ação neste mundo não se torna bem sucedida. Dedicada à ação e dotada de habilidade, aquela pessoa que, tendo reverenciado os deuses, procura a realização de seus objetivos, nunca está perdida. O mesmo é o caso de alguém que, desejoso do sucesso, serve devidamente os idosos, pergunta a eles o que é para o seu bem, e obedece aos seus conselhos benéficos. Homens aprovados pelos mais velhos devem sempre ser solicitados para aconselhar quanto alguém recorre ao esforço. Estes homens são a base infalível dos meios, e o sucesso depende dos meios. Aquele que aplica seus esforços depois de escutar as palavras dos idosos logo colhe frutos abundantes daqueles esforços. Aquele homem que, sem reverência e respeito para com outros (capazes de dar a ele bons conselhos), procura a realização de seus propósitos, movido pela paixão, raiva, medo, e avareza, logo perde sua prosperidade.

Duryodhana, manchado pela avareza e privado de previdência, sem se aconselhar, começou imprudentemente a procurar a realização de um projeto indigesto. Desconsiderando todos os que lhe desejavam bem e se aconselhando somente com os vis, ele, embora dissuadido, travou hostilidades com os Pandavas que eram seus superiores em todas as boas qualidades. Ele, desde o início, foi muito perverso. Ele não pode reprimir a si mesmo. Ele não fez o que os amigos lhe pediram. Por tudo isso, ele está agora queimando em dor e em meio à calamidade. Com relação a nós, já que nós seguimos aquele patife pecaminoso, esta grande calamidade, portanto, nos alcançou! Esta grande calamidade queimou a minha compreensão. Mergulhado em reflexão, eu fracasso em ver o que é para o nosso bem!

Um homem que está estupefato deve pedir conselhos de seus amigos. Em tais amigos ele tem sua compreensão, sua humildade, e sua prosperidade. As ações dele devem ter sua base neles. Deve ser feito aquilo que tais amigos inteligentes, tendo decidido por seu discernimento, aconselharem. Que nós, portanto, vamos até Dhritarashtra e Gandhari e Vidura de grande alma e perguntemos a eles o que

nós devemos fazer. Perguntados por nós, eles dirão o que, depois disso tudo, é para o nosso bem. Nós devemos fazer o que eles disserem. Esta é a minha resolução certa. Aqueles homens cujas ações não tem sucesso mesmo depois da aplicação do esforço devem, sem dúvida, ser considerados como afligidos pelo destino."

3

Sanjaya disse, "Ouvindo estas palavras de Kripa que eram propícias e repletas de moralidade e valor, Ashvatthama, ó monarca, ficou cheio de tristeza e aflição. Queimando de aflição como se esta fosse um fogo ardente, ele tomou uma decisão perversa e então se dirigiu a ambos dizendo, 'A faculdade da compreensão é diferente em homens diferentes. Cada homem, no entanto, está satisfeito com sua própria inteligência. Cada homem considera a si mesmo mais inteligente do que os outros. Cada um respeita sua própria compreensão e confere a ela grande louvor. A sabedoria de cada um é para cada um, um assunto de louvor. Todos falam mal da sabedoria dos outros e bem da sua própria, em todas as ocasiões. Homens cujos julgamentos concordam com relação a qualquer objetivo não alcançado, mesmo que haja uma variedade de considerações, ficam satisfeitos e elogiam uns aos outros. Os julgamentos, também, dos mesmos homens, oprimidos com os reversos pela influência do tempo, se tornam opostos uns aos outros. Mais particularmente, por causa da diversidade de intelectos humanos, os julgamentos são necessariamente diferentes quando os intelectos estão nublados.

Como um médico habilidoso, tendo devidamente diagnosticado uma doença, prescreve um remédio pela aplicação de sua inteligência para efetuar uma cura, assim os homens, para a realização de suas ações, usam sua inteligência, ajudados por sua própria sabedoria. O que eles fazem é também desaprovado por outros. Um homem, na juventude, é afetado por um tipo de compreensão. Na meia-idade o mesmo não mais prevalece, e no período de decadência, um diferente tipo de compreensão se torna agradável para ele. Quando caído em uma angústia terrível ou quando visitado por grande prosperidade, a compreensão de uma pessoa, ó chefe dos Bhojas, é vista ser muito atormentada. Em uma mesma pessoa, por falta de sabedoria, a compreensão se torna diferente em tempos diferentes. Aquela compreensão que em uma época era aceitável torna-se o contrário disso em outra época.

Tendo-se decidido, no entanto, de acordo com a sabedoria de alguém, deve-se esforçar para realizar aquela decisão a qual é excelente. Tal decisão, portanto, deve forçá-lo a empregar esforço. Todas as pessoas, ó chefe dos Bhojas, começam a agir alegremente, mesmo a respeito de empreendimentos que levem à morte, na convicção de que aqueles empreendimentos são alcançáveis por eles. Todos os homens, confiando em seus próprios julgamentos e sabedoria, se esforçam para realizar diversos propósitos, sabendo que eles são benéficos. A

resolução que possui minha mente hoje por causa da nossa grande calamidade, como uma coisa que é capaz de dissipar minha dor, eu agora revelarei a vocês.

O Criador, tendo formado suas criaturas, atribuiu a cada uma sua ocupação. Com relação às diferentes classes, ele a deu a cada uma delas uma porção de excelência. Aos Brahmanas ele atribuiu aquela principal de todas as coisas, o Veda. Aos Kshatriyas ele atribuiu energia superior. Aos Vaishyas ele deu habilidade, e aos Sudras ele deu o dever de servir as três outras classes. Então, um brahmana sem autocontrole é censurável. Um kshatriya sem energia é desprezível. Um vaisya sem habilidade é digno de menosprezo, como também um sudra que é desprovido de humildade (com as outras classes).

Eu sou nascido em uma família admirável e superior de Brahmanas. Por má sorte, no entanto, eu sou dedicado às práticas kshatriyas. Se, conhecedor como eu sou dos deveres kshatriya, eu adotar agora as funções de um brahmana e alcançar um objetivo elevado (a purificação do eu sob tais injúrias), esse curso de ação não será compatível com a nobreza. Eu seguro um arco excelente e armas excelentes em batalha. Se eu não vingar a morte de meu pai, como eu abrirei minha boca no meio de homens? Respeitando os deveres kshatriya, portanto, sem hesitação, eu seguirei hoje os passos de meu pai de grande alma e do rei.

Os Pancalas, jubilosos com a vitória, dormirão confiantemente esta noite, tendo tirado suas armaduras e em grande alegria, e cheios de felicidade pensando na vitória que ganharam, e exaustos com o trabalho e esforço feitos. Enquanto dormindo tranquilamente durante a noite dentro de seu próprio acampamento, eu farei um grande e terrível ataque sobre seu acampamento. Como Maghavat matando os danavas, eu irei, atacando-os enquanto inconscientes e profundamente adormecidos em seu acampamento, matar todos eles, empregando minha destreza. Como um fogo ardente consome uma pilha de grama seca, eu matarei todos eles reunidos em um lugar com seu líder Dhrishtadyumna! Tendo matado os Pancalas, eu obterei paz mental, ó melhores dos homens! Enquanto dedicado à ação de matança, eu me moverei entre eles como o manejador do Pinaka, o próprio Rudra, em fúria entre criaturas vivas. Tendo liquidado e matado todos os Pancalas hoje, eu irei então, em alegria, afligir os filhos de Pandu em batalha. Tirando suas vidas uma depois da outra e fazendo a terra ser coberta com os corpos de todos os Pancalas, eu saldarei a dívida que tenho com meu pai. Eu hoje farei os Pancalas trilharem o mesmo caminho, difícil de trilhar, de Duryodhana e Karna e Bhishma, e do soberano dos Sindhus. Aplicando minha força, eu esta noite moerei a cabeça, como a de um animal qualquer, de Dhrishtadyumna, o rei dos Pancalas! Eu irei esta noite, ó filho de Gautama, matar com minha espada afiada, em batalha, os filhos adormecidos dos Pancalas e dos Pandavas. Tendo exterminado o exército Pancala esta noite enquanto mergulhado em sono, ó tu de grande inteligência, eu obterei grande felicidade e me considerarei como tendo feito o meu dever!”

4

Kripa disse, "Por boa sorte, ó tu de glória imorredoura, teu coração está fixo hoje em vingança. O próprio manejador do trovão não conseguirá te dissuadir hoje. Nós dois, no entanto, te acompanharemos de manhã. Tirando tua armadura e descendo teu estandarte, descanse por esta noite. Eu te acompanharei, como também Kritavarma da tribo Satwata, vestidos em cota de malha e sobre nossos carros, quando tu procederes contra o inimigo. Unido conosco, tu matarás os inimigos, os Pancalas com todos os seus seguidores, amanhã na pressão da batalha, aplicando tua destreza, ó principal dos guerreiros em carros! Se tu empregares tua destreza, tu serás bastante competente para realizar este feito! Descanse, portanto, esta noite. Tu te mantiveste desperto por muitas noites. Tendo descansado e dormido, e ficando bastante revigorado, ó concessor de honras, combata o inimigo em batalha! Tu então matarás o inimigo, sem dúvida. Ninguém, nem Vasava entre os deuses ousaria de superar armado com as principais das armas, ó principal dos guerreiros em carros! Quem, mesmo se ele fosse o próprio chefe dos deuses, lutaria com o filho de Drona, quando o último procede, acompanhado por Kripa e protegido por Kritavarma? Portanto, tendo descansado e dormido esta noite e nos livrado da fadiga, nós mataremos o inimigo amanhã de manhã! Tu és um mestre em armas celestes. Eu também sou assim, sem dúvida. Este herói da tribo Satwata é um arqueiro poderoso, sempre hábil em batalha. Todos nós, juntos, ó filho, conseguiremos matar nossos inimigos reunidos em batalha por empregar nosso poder. Grande será nossa felicidade então! Dissipando tuas ansiedades, descanse por esta noite e durma alegremente! Eu mesmo e Kritavarma, ambos armados com arco e capazes de queimar nossos inimigos, iremos, vestidos em armaduras, te seguir, ó melhor dos homens, quanto tu procederes em teu carro contra o inimigo. Indo para o acampamento deles e proclamando teu nome em batalha, tu então farás um grande massacre do inimigo. Amanhã de manhã, em pleno dia, tendo feito uma grande matança entre eles tu te divertirás como Sakra depois da matança dos grandes Asuras. Tu és bastante competente para vencer o exército dos Pancalas em batalha como o matador dos danavas em vencer em fúria a hoste danava. Unido comigo em batalha e protegido por Kritavarma, tu não podes ser resistido pelo próprio manejador do raio.

Nem eu, ó filho, nem Kritavarma nos retiraremos da batalha sem termos vencido os Pandavas! Tendo matado os Pancalas furiosos junto com os Pandavas nós iremos embora, ou, mortos por eles, nós iremos para o céu. Por todos meios em nosso poder nós dois te ajudaremos na batalha amanhã de manhã. Ó tu de braços poderosos, eu te digo a verdade, ó impecável!'

Endereçado nestas palavras benéficas por seu tio materno, o filho de Drona, com os olhos vermelhos de raiva, respondeu para seu tio, ó rei, dizendo, 'Como pode uma pessoa que está aflita, ou que está sob a influência da raiva, ou uma cujo coração está sempre dedicado a pensar em projetos para a aquisição de riqueza, ou que está sob o poder da luxúria, obter sono? Veja, todas estas quatro causas estão presentes no meu caso. Qualquer uma delas, separadamente,

destruiria o sono. Tão grande é a dor daquela pessoa cujo coração está sempre pensando na morte de seu pai! Meu coração está agora queimando dia e noite. Eu fracasso em obter paz. O modo pelo qual meu pai particularmente foi morto por aqueles canalhas pecaminosos foi testemunhado por vocês todos. O pensamento daquele assassinato está cortando todos os meus órgãos vitais. Como poderia uma pessoa como eu viver mesmo um momento depois de ouvir os Pancalas dizerem que eles mataram meu pai? Eu não posso suportar o pensamento de continuar a viver sem ter matado Dhrishtadyumna em batalha. Pela morte de meu pai ele deve ser morto por mim, como também todos com os quais ele está unido. Quem teria o coração tão duro que não queimaria depois de ter ouvido as lamentações que eu ouvi do rei jazendo com as coxas quebradas? Quem seria tão desprovido de compaixão cujos olhos não se encheriam de lágrimas depois de ouvir as palavras proferidas pelo rei com coxas quebradas? Aqueles cujo lado foi adotado por mim foram derrotados. Este pensamento aumenta minha tristeza como uma torrente de águas aumenta o mar.

Protegidos como eles são por Vasudeva e Arjuna, eu os considero, ó tio, irresistíveis até pelo próprio grande Indra. Eu não posso reprimir esta ira crescente em meu coração. Eu não vejo o homem neste mundo que possa acalmar esta minha fúria! Os mensageiros me informaram da derrota de meus amigos e da vitória dos Pandavas. Isto está queimando o meu coração. Tendo, no entanto, feito uma matança de meus inimigos durante seu sono, eu irei então descansar e então dormirei sem ansiedade.”

5

Kripa disse, "Uma pessoa que é privada de inteligência e que não tem suas paixões sob controle, mesmo que sirva seus superiores respeitosamente, não pode entender todas as considerações de moralidade. Essa é minha opinião. Da mesma maneira, uma pessoa inteligente que não pratica a humildade fracassa em entender as conclusões estabelecidas de moralidade. Um homem corajoso, se privado de inteligência, por servir toda a sua vida a uma pessoa erudita fracassa em conhecer seus deveres, como uma concha de madeira é incapaz de provar a sopa suculenta (na qual ela possa estar mergulhada). O homem sábio, no entanto, por servir uma pessoa erudita mesmo por um momento consegue conhecer seus deveres, como a língua provando a sopa suculenta (logo que tem contato com a última). Aquela pessoa que é dotada de inteligência, que serve seus superiores, e que tem suas paixões sob controle consegue conhecer todas as regras de moralidade e nunca se opõe ao que é aceito por todos. Uma pessoa indisciplinada, irreverente, e pecaminosa de alma vil comete pecados ao procurar seu bem-estar por desconsiderar o destino.

Benquerentes procuram impedir um amigo de pecar. Aquele que se permite ser dissuadido consegue ganhar prosperidade. Aquele que faz o contrário colhe miséria. Como uma pessoa de inteligência desordenada é contida por palavras calmantes, assim mesmo um amigo deve ser contido por benquerentes. Aquele

que se permite ser assim reprimido nunca se torna uma presa da miséria. Quando um amigo sábio está prestes a cometer uma má ação, benquerentes possuidores de sabedoria repetidamente e segundo a extensão de seu poder se esforçam para reprimi-lo. Colocando teu coração sobre o que é realmente benéfico, e reprimindo a ti mesmo pelo teu próprio ser, faça o que eu te peço, ó filho, para que tu não tenhas que te arrepender depois.

Neste mundo, a morte de pessoas adormecidas não é aprovada, de acordo com os ditames de religião. O mesmo é o caso com pessoas que baixaram suas armas e desceram de carros e corcéis. Também não são assassináveis aqueles que dizem 'Nós somos teus' e que se rendem, e aqueles cujos cabelos estão despenteados, e aqueles cujos animais tenham sido mortos sob eles ou cujos carros estejam quebrados. Todos os Pancalas dormirão esta noite. Ó senhor, tirando suas armaduras. Dormindo confiantemente, eles serão como homens mortos. O homem de mente desonesta que entrasse em hostilidade com eles nesse momento, é evidente, afundaria em um inferno profundo e ilimitado sem uma balsa para se salvar. Neste mundo tu és famoso como a principal de todas as pessoas conhecedoras de armas. Tu até agora não cometeste nem uma mínima transgressão. Quando o sol se erguer na manhã seguinte e a luz revelar todas as coisas, tu mesmo, como um segundo sol em refulgência, conquistarás o inimigo em batalha. Este feito censurável, tão impossível em alguém como tu, parecerá uma mancha vermelha em um lençol branco. Essa é minha opinião."

Ashvatthama disse, "Sem dúvida, é assim mesmo, ó tio materno, como tu disseste. Os Pandavas, no entanto, antes disso quebraram a ponte da justiça em uma centena de fragmentos. Diante de todos os reis, perante teus olhos também, meu pai, depois que ele tinha deposto suas armas, foi morto por Dhrishtadyumna. Karna também, aquele principal dos guerreiros em carros, depois que a roda de seu carro tinha afundado e ele estava mergulhado em grande angústia, foi morto pelo manejador do Gandiva. Similarmente, Bhishma, o filho de Santanu, depois que ele tinha posto de lado suas armas e ficado desarmado, foi morto por Arjuna com Shikhandi colocado em sua dianteira. Assim também, o arqueiro poderoso Bhurishrava, enquanto observando o voto praya no campo de batalha, foi morto por Yuyudhana em total desconsideração pelos gritos de todos os reis! Duryodhana também, tendo combatido Bhima em batalha com a maça, foi morto injustamente pelo último diante de todos os senhores da terra. O rei estava completamente só no meio de um grande número grande de poderosos guerreiros em carros ao redor dele. Sob tais circunstâncias aquele tigre entre homens foi morto por Bhimasena. Aquelas lamentações que eu ouvi, do rei jazendo prostrado sobre a terra com suas coxas quebradas, dos mensageiros difundindo as notícias, estão cortando o âmago do meu coração. Os Pancalas injustos e pecaminosos, que derrubaram a barreira da virtude, são exatamente assim. Por que você não critica eles que transgrediram todas as considerações? Tendo matado os Pancalas, aqueles assassinos de meu pai, durante a noite quando eles estiverem mergulhados em sono, eu não me importo se tiver que nascer um verme ou um inseto alado na minha próxima vida. Isso que eu resolvi está me incitando na direção de sua realização. Inquieto como eu estou por isso, como eu posso ter

sono e felicidade? Ainda não nasceu no mundo, nem nascerá, o homem que conseguirá frustrar esta resolução que eu planejei para a destruição deles."

Sanjaya continuou, "Tendo dito estas palavras, ó monarca, o valente filho de Drona uniu seus corcéis a seu carro em um lugar afastado e partiu na direção de seus inimigos. Então Bhoja e o filho de Sharadvata, aquelas pessoas de grande alma dirigiram-se a ele, dizendo, 'Por que tu unes os corcéis ao teu carro? A que ação tu estás determinado? Nós estamos decididos a te acompanhar amanhã, ó touro entre homens! Nós compartilhamos contigo os mesmos sentimentos na dor e na prosperidade. Não cabe a ti suspeitar de nós.' Lembrando-se da morte de seu pai, Ashvatthama com raiva disse a eles a verdade acerca da ação que ele tinha resolvido realizar. 'Quando meu pai, tendo matado centenas e milhares de guerreiros com flechas afiadas, tinha posto de lado suas armas, ele foi então morto por Dhrishtadyumna. Eu matarei aquele assassino hoje em uma condição parecida com aquela, quando ele tiver posto de lado sua armadura. O filho pecaminoso do rei dos Pancalas eu matarei hoje por uma ação pecaminosa. É minha decisão matar como um animal aquele príncipe pecaminoso dos Pancalas de tal modo que ele não possa alcançar as regiões ganhas pelas pessoas mortas com armas! Coloquem suas cotas de malha sem demora e peguem seus arcos e espadas, e esperem por mim aqui, ó principais dos guerreiros em carros e destruidores de inimigos."

Tendo dito estas palavras, Ashvatthama subiu em seu carro e saiu na direção do inimigo. Então Kripa, ó rei, e Kritavarma da tribo Satwata, ambos o seguiram. Enquanto os três procediam contra o inimigo, eles brilhavam como três fogos ardentes em um sacrifício, alimentados com libações de manteiga clarificada. Eles procederam, ó senhor, em direção ao acampamento dos Pancalas dentro do qual todos estavam dormindo. Tendo se aproximado do portão, o filho de Drona, aquele poderoso guerreiro em carro, parou."

6

Dhritarashtra disse, "Vendo o filho de Drona parar no portão do acampamento, o que, ó Sanjaya, fizeram aqueles dois poderosos guerreiros em carros, Kripa e Kritavarma? Diga-me!"

Sanjaya disse, "Convidando Kritavarma, como também o poderoso guerreiro em carro Kripa, o filho de Drona, cheio de raiva, se aproximou do portão do acampamento. Ele viu lá um ser de corpo gigantesco, capaz de fazer os cabelos se arrepiarem, e possuidor da refulgência do Sol ou da Lua, guardando a entrada. Em volta de seus quadris havia uma pele de tigre gotejando sangue, e ele tinha um veado negro como sua peça de roupa superior. Ele tinha como seu fio sagrado uma grande cobra. Seus braços eram muito longos e maciços e seguravam muitas espécies de armas. Ele tinha como seus angadas uma cobra grande enroscada na parte superior de seu braço. Sua boca parecia queimar com chamas de fogo. Seus dentes faziam seu rosto terrível de se olhar. Sua boca era aberta e temível.

Seu rosto era adornado com milhares de olhos belos. Seu corpo era incapaz de ser descrito, como também seu traje. As próprias montanhas, após contemplá-lo, se partiriam em 1.000 fragmentos. Chamas ardentes de fogo pareciam sair de sua boca e nariz e orelhas e de todos aqueles milhares de olhos. Daquelas chamas ardentes centenas e milhares de Hrishikeshas saíram, armados com conchas e discos e maças.

Contemplando aquele ser extraordinário capaz de inspirar terror em todo o mundo, o filho de Drona, sem sentir qualquer agitação cobriu-o com chuvas de armas celestes. Aquele ser, no entanto, destruiu todas aquelas setas disparadas pelo filho de Drona. Como o fogo vadava devorando as águas do oceano, aquele ser devorou as setas atiradas pelo filho de Drona. Vendo a falta de efeito de suas chuvas de setas, Ashvatthama arremessou nele um dardo comprido brilhante como uma chama de fogo. Aquele dardo de ponta brilhante, atingindo aquele ser, se quebrou em pedaços como um enorme meteoro no término do yuga quebrando e caindo do firmamento depois de bater contra o Sol. Ashvatthama então, sem perder um momento, puxou de sua bainha uma cimitarra excelente da cor do céu e dotada de um punho dourado. A cimitarra saiu como uma cobra ardente de seu buraco. O filho inteligente de Drona então arremessou aquela cimitarra excelente naquele ser. A arma, se aproximando aquele ser, desapareceu dentro do corpo dele como um mangusto desaparece em seu buraco. Cheio de raiva, o filho de Drona então arremessou uma maça resplandecente das proporções de um poste fixado em honra de Indra. O ser devorou aquela maça também.

Finalmente, quando todas as suas armas estavam esgotadas, Ashvatthama, olhando ao redor, viu o firmamento inteiro densamente apinhado com imagens de Janardana. O filho de Drona, privado de armas, contemplando aquela visão extraordinária, se lembrou das palavras de Kripa, e empalidecendo de angústia, disse, "Aquele que não escuta as palavras benéficas dos amigos que aconselham são abrigados a se arrepender, sendo oprimidos pela calamidade, assim como eu tolo por ter desconsiderado meus dois benquerentes. Aquele tolo que, desconsiderando o caminho indicado pelas escrituras, procura matar seus inimigos, se desvia do caminho da justiça e está perdido na selva sem rastros do pecado. Não se deve lançar armas sobre vacas, brahmanas, reis, mulheres, amigos, a mãe de alguém, o preceptor de alguém, um homem fraco, um idiota, um homem cego, um homem adormecido, um homem apavorado, um recém acordado do sono, uma pessoa embriagada, um lunático e um que esteja desatento. Os preceptores de antigamente sempre inculcaram esta verdade sobre os homens. Eu, no entanto, por desconsiderar o caminho eterno indicado pelas escrituras, e por tentar trilhar um caminho errado, caí em angústia terrível. Os sábios chamam de uma calamidade terrível quando alguém retrocede, por causa do medo, de um grande feito depois de ter tentado realizá-lo. Eu sou incapaz, por aplicar somente minha habilidade e poder, de realizar aquilo que eu prometi.

O esforço humano nunca é considerado mais eficaz do que o destino. Se alguma ação humana que é começada não tem êxito por causa do destino, o ator se torna como alguém que se desviando do caminho da retidão, está perdido na selva do pecado. Os sábios falam da derrota como tolice quando alguém tendo

começado uma ação se desvia dela pelo medo. Pela maldade da minha tentativa, esta grande calamidade veio sobre mim, de outra maneira o filho de Drona nunca teria sido forçado a se deter em batalha. Este ser, além disso, que eu vejo diante de mim, é extraordinário! Ele permanece lá como a vara de castigo divino erguida. Mesmo refletindo profundamente, eu não posso reconhecer quem é este ser. Sem dúvida, este ser é o fruto terrível desta determinação pecaminosa que eu tentei realizar injustamente. Ele fica lá para frustrar tal determinação. Parece, portanto, que no meu caso este desvio da luta foi ordenado pelo destino. Não é para mim me esforçar para a realização deste meu propósito a menos que o destino se torne favorável. Eu irei, portanto, nesta hora, procurar a proteção do pujante Mahadeva! Ele dissipará esta vara terrível de castigo divino erguida perante mim. Eu procurarei a proteção daquele deus, aquela fonte de tudo o que é benéfico, o marido de Uma, também chamado Kapardin, enfeitado com uma guirlanda de caveiras humanas, aquele que arrancou os olhos de Bhaga também chamado de Rudra e Hara. Em austeridades ascéticas e bravura ele supera de longe todos os deuses. Eu irei, portanto, procurar a proteção de Girisha armado com o tridente."

7

Sanjaya disse, "O filho de Drona, ó monarca, tendo refletido dessa maneira, desceu do terraço de seu carro e ficou de pé, curvando a sua cabeça àquele deus supremo. E ele disse, 'Eu procuro a proteção Dele chamado Ugra, Sthanu, Shiva, Rudra, Sharva, Ishana, Ishvara, Girisha; e daquele deus concessor de bênçãos que é o Criador e o Senhor do universo; Dele cuja garganta é azul, que não tem nascimento, que é chamado de Shakra, que destruiu o sacrifício de Daksha, e que é chamado de Hara; Dele cuja forma é o universo, que tem três olhos, que possui formas multifárias, e que é o marido de Uma; que reside em crematórios, que se expande com energia, que é o senhor de diversas tribos de seres fantasmais, e que é possuidor de prosperidade e poder imperecíveis; daquele que maneja a maça coberta de caveiras, que é chamado de Rudra, que tem cabelos emaranhados em sua cabeça, e que é um brahmacari. Purificando minha alma que é tão difícil de purificar, e possuidor como eu sou de pouca energia, eu adoro o Destruidor da cidade tripla, e ofereço a mim mesmo como a vítima. Tu tens sido cantado em hinos, és digno de hinos, e eu canto hinos para tua glória!

Teus propósitos nunca são frustrados. Tu estás vestido em peles; tu tens cabelo vermelho em tua cabeça; tu tens a garganta azul; tu és insuportável; tu és irresistível! Tu és puro; tu és o Criador de Brahman; tu és Brahma; tu és um brahmacari; tu és um cumpridor de votos; tu és dedicado a austeridades ascéticas; tu és infinito; tu és o refúgio de todos os ascetas; tu és multiforme; tu és o líder das diversas tribos de seres fantasmais; tu tens três olhos; tu és afeiçoado àqueles seres chamados de companheiros; tu és sempre visto pelo Senhor dos tesouros; tu és caro para o coração de Gauri; tu és o pai de Kumara; tu és moreno; tu tens um touro como teu excelente transportador; tu estás vestido em um traje sutil; tu és o mais feroz; tu és ávido para adornar Uma; tu és superior a tudo o que é superior; tu és superior a tudo; não há nada superior a ti; tu és o manejador de

armas; tu és incomensurável, tu és o protetor de todos os quadrantes; tu estás envolvido em armadura dourada; tu és divino; e tens a lua como um ornamento na tua fronte! Com atenção concentrada eu procuro tua proteção, ó deus! Para ter sucesso em superar esta angústia terrível que é tão difícil de superar eu sacrifico a ti, o mais puro dos puros, oferecendo para tua aceitação os (cinco) elementos dos quais o meu corpo é composto!"'

Sabendo que esta era sua resolução por seu desejo de realizar seu objetivo, um altar dourado apareceu diante do filho de grande alma de Drona. Sobre o altar, ó rei, apareceu um fogo ardente, enchendo todos os pontos do espaço, cardeais e secundários, com seu esplendor. Muitos seres poderosos também, de bocas e olhos resplandecentes, de muitos pés, cabeças, e braços, enfeitados com angadas cravejados com pedras preciosas, e com armas erguidas, e parecendo com elefantes e montanhas, apareceram lá. Seus rostos pareciam aqueles de lebres e javalis e camelos e cavalos e chacais e vacas e ursos e gatos e tigres e leopardos e corvos e macacos e papagaios. E os rostos de alguns pareciam aqueles de cobras poderosas, e outros tinham rostos como os de patos. E todos eles eram dotados de grande refulgência. E os rostos de alguns eram como os de pica-paus e galos, ó Bharata, e de tartarugas e jacarés e golfinhos e enormes tubarões e baleias, e de leões e grous e pombos e elefantes e veados. Uns tinham rostos como os de corvos e falcões, alguns tinham orelhas em suas mãos; alguns tinham 1.000 olhos, alguns tinham estômagos muito grandes, e alguns não tinham carne, ó Bharata! E alguns, ó rei, não tinham cabeça, e alguns, ó Bharata, tinham rostos como aqueles de ursos. Os olhos de alguns eram como fogo, e alguns tinham a cor do fogo. Os cabelos nas cabeças e corpos de alguns eram fulgurantes e alguns tinham quatro braços, e alguns, ó rei, tinham rostos como os das ovelhas e cabras. A cor de alguns era como a das conchas, e alguns tinham rostos que pareciam conchas, e as orelhas de alguns eram como conchas, alguns vestiam guirlandas feitas de conchas, e as vozes de alguns pareciam o clangor de conchas. Alguns tinham cabelos emaranhados em suas cabeças, alguns tinham cinco tufos de cabelos, e alguns tinham cabeças que eram calvas. Alguns tinham estômagos magros; alguns tinham quatro dentes, alguns tinham quatro línguas, alguns tinham orelhas retas como setas e alguns tinham diademas em suas frontes. Alguns tinham cordões de grama em seus corpos, ó monarca, e alguns tinham cabelo encaracolado. Alguns tinham coberturas para a cabeça feitas de tecido, alguns tinham pequenas coroas, alguns tinham rostos belos, e alguns estavam enfeitados com ornamentos. Alguns tinham ornamentos feitos de lotos, e alguns estavam enfeitados com flores. Eles numeravam centenas e milhares.

Alguns estavam armados com shataghnis, alguns com raios, e uns tinham mushalas em suas mãos. Alguns tinham bhushundis, alguns tinham laços, e uns tinham maças em suas mãos, ó Bharata! Nas costas de uns havia aljavas contendo flechas excelentes, e todos eram ferozes em batalha. Alguns tinham estandartes com bandeiras e sinos, e alguns estavam armados com machados de batalha. Uns tinham laços grandes em seus braços erguidos, e alguns tinham maças e clavas. Uns tinham postes sólidos em suas mãos, uns tinham cimitarras, e alguns tinham cobras com as cabeças eretas como seus diademas. Alguns

tinham cobras grandes (enroscadas na parte superior de seus braços) como angadas, e alguns tinham belos ornamentos em seus corpos. Uns estavam enegrecidos com poeira, uns sujos com lama, e todos estavam vestidos em mantos brancos e roupas brancas. Os membros de alguns eram azuis, enquanto outros tinham membros que eram morenos. E havia alguns que não tinham barba. Aqueles seres, chamados de companheiros, possuidores de cores douradas, e cheios de alegria, tocavam baterias e chifres e pratos e jharjharas e anakas e gomukhas. E alguns cantavam e alguns dançavam em volta proferindo sons altos, e alguns saltavam para frente e davam cambalhotas e pulavam para os lados. Dotados de grande velocidade, eles corriam em volta muito ferozmente, com o cabelo em suas cabeças ondulando no ar, como elefantes enormes enfurecidos com cólera e proferindo rugidos altos frequentemente. Terríveis, de aparência assustadora e armados com lanças e machados de batalha, eles estavam vestidos em mantos de diversas cores e enfeitados com guirlandas belas e unguentos. Adornados com angadas decorados com pedras preciosas, e com braços erguidos, eles eram dotados de grande coragem. Capazes de matar violentamente todos os inimigos, eles eram irresistíveis em bravura. Bebedores de sangue e gordura e outras substâncias animais, eles subsistiam de carne e entranhas de animais. Alguns tinham seus cabelos amarrados em tufos altos acima de suas cabeças. Uns tinham um único tufo em suas cabeças; uns tinham aros em suas orelhas; e uns tinham estômagos parecidos com os recipientes de barro usados para cozinhar. Alguns tinham estaturas muito baixas, e alguns eram muito altos em estatura. Alguns eram altos e muito ferozes. Uns tinham feições horríveis, uns tinham lábios compridos, e os membros genitais de alguns eram muito longos. Alguns tinham coroas valiosas e de diversos tipos sobre suas cabeças; e alguns eram carecas, e as cabeças de outros eram cobertas com madeixas emaranhadas.

Eles eram capazes de derrubar o firmamento com o sol, lua, e estrelas, sobre a terra, e de exterminar as quatro classes de seres criados. Eles não sabiam o que era temer, e eram capazes de aguentar os olhares de ira de Hara. Eles sempre agiam como queriam, e eram os senhores dos senhores dos três mundos. Sempre envolvidos em esportes alegres, eles eram mestres perfeitos de discurso e eram totalmente livres de orgulho. Tendo obtido os oito tipos de atributos divinos, eles nunca se rejubilavam com orgulho. O divino Hara está sempre maravilhado com as façanhas deles. Eles são devotados adoradores de Mahadeva. Adorado por eles em pensamentos, palavras, e ações, o grande deus protege aqueles seus devotos, olhando por eles em pensamentos, palavras e atos como seus próprios filhos. Cheios de raiva, eles sempre bebem o sangue e a gordura de todos os que odeiam Brahma. Eles sempre bebem também o suco soma dotado dos quatro tipos de sabor. Tendo adorado o deus portador do tridente com recitações Védicas, com brahmacarya, com austeridades, e com autodomínio, eles obtiveram a companhia de Bhava. O divino Maheshvara, aquele senhor do passado, do presente e do futuro, como também Parvati, comem com aquelas diversas tribos de seres poderosos que partilham de sua própria natureza.

Fazendo o universo ressoar com o som de diversos tipos de instrumentos, com barulho de risadas, com sons altos e gritos e rugidos leoninos, eles se aproximaram de Ashvatthama. Proferindo os louvores de Mahadeva e espalhando uma luz radiante por toda parte, desejosos de aumentar a honra de Ashvatthama e a glória de Hara de grande alma, e desejando averiguar a extensão da energia de Ashvatthama, e desejosos também de ver o massacre durante a hora de sono, armados com clavas terríveis e violentas e rodas ardentes e machados de batalha, aquela multidão de seres estranhos, dotados de formas terríveis, se aproximou de todos os lados. Eles eram capazes de inspirar medo nos três mundos com a sua visão. O poderoso Ashvatthama, no entanto, vendo-os, não sentiu medo. O filho de Drona, armado com arco, e com dedos envolvidos em grades feitas de peles de iguana, ofereceu a si mesmo como uma vítima para Mahadeva. Arcos eram o combustível, e flechas afiadas eram as conchas, e sua própria alma possuidora de grande poder era a libação, ó Bharata, naquela ação de sacrifício. O valente e colérico filho de Drona então, com mantras propiciatórios, ofereceu sua própria alma como a vítima. Tendo com ritos violentos adorado Rudra de atos violentos, Ashvatthama, com mãos unidas, disse estas palavras àquele deus de grande alma.

Ashvatthama disse, "Nascido da linhagem de Angirasa, eu estou prestes a despejar minha alma, ó deus, como uma libação neste fogo! Aceite, ó senhor, esta vítima! Nesta hora de angústia, ó Alma do universo, eu me ofereço como a vítima sacrifical, por devoção a ti e com o coração concentrado em meditação! Todas as criaturas estão em ti e tu estás em todas as criaturas! Uma reunião de todos os atributos superiores ocorre em ti! Ó senhor, tu és o refúgio de todas as criaturas. Eu sirvo como uma libação para ti, já que eu sou incapaz de vencer meus inimigos. Me aceite, ó deus." Tendo dito essas palavras, o filho de Drona, subindo naquele altar sacrifical no qual um fogo ardia brilhantemente, ofereceu a si mesmo como a vítima e entrou naquele fogo ardente.

Vendo-o ficar imóvel e com mãos erguidas e como uma oferenda para ele mesmo, o divino Mahadeva apareceu em pessoa e disse sorridente, "Com verdade, pureza, sinceridade, resignação, austeridades ascéticas, votos, perdão, dedicação, paciência, pensamentos e palavras eu tenho sido adorado devidamente por Krishna de atos puros. Por isso não há ninguém que seja mais caro para mim do que Krishna. Para honrá-lo e por sua palavra eu tenho protegido os Pancalas e manifestei diversos tipos de ilusão. Por proteger os Pancalas eu o tenho honrado. Eles, no entanto, foram afligidos pelo tempo. O período de suas vidas terminou."

Tendo dito essas palavras para Ashvatthama de grande alma, o divino Mahadeva entrou no corpo de Ashvatthama depois de lhe dar uma espada excelente e polida. Preenchido por aquele ser divino, o filho de Drona brilhou com energia. Por aquela energia derivada da divindade ele se tornou todo poderoso em batalha. Muitos seres invisíveis e rakshasas procederam à sua direita e à esquerda quando ele saiu, como o próprio senhor Mahadeva, para entrar no acampamento de seus inimigos."

8

Dhritarashtra disse, "Enquanto o filho de Drona, aquele poderoso guerreiro em carro, procedia dessa maneira para o acampamento hostil, Kripa e Bhoja pararam por medo? Eu espero que aqueles dois guerreiros em carros, detidos por guardas comuns, não tenham fugido secretamente, pensando em seus oponentes irresistíveis. Ou eles, depois de oprimirem o acampamento, os Somakas, e os Pandavas, seguiram, enquanto ainda envolvidos em batalha, o caminho muito glorioso pelo qual Duryodhana seguiu? Estão aqueles heróis, mortos pelos Pancalas, dormindo na Terra nua? Eles realizaram alguma façanha? Conte-me tudo isto, ó Sanjaya!"

Sanjaya disse, "Quando o filho de grande alma de Drona foi em direção ao acampamento, Kripa e Kritavarma esperaram no portão. Vendo-os prontos para se esforçarem, Ashvatthama ficou cheio de alegria, e dirigindo-se a eles em voz baixa, ó rei, disse, 'Se vocês dois se esforçarem, vocês são competentes para exterminar todos os kshatriyas! O que eu preciso dizer, portanto, deste resto do exército (Pandava), particularmente quando ele está mergulhado no sono? Eu entrarei no acampamento e me movimentarei como Yama. Eu estou certo de que vocês dois agirão de tal forma que nenhum homem possa escapar de vocês com vida."

Tendo dito estas palavras, o filho de Drona entrou no vasto acampamento dos Parthas; livrando-se de todo o medo, ele penetrou nele por um lugar onde não havia porta. O herói de braços poderosos, tendo entrado no acampamento, procedeu, guiado por sinais, muito suavemente, em direção aos alojamentos de Dhrishtadyumna. Os Pancalas, tendo realizado grandes façanhas, tinham estado muito cansados da batalha. Eles estavam dormindo em confiança, reunidos, e ao lado uns dos outros. Entrando no aposento de Dhrishtadyumna, ó Bharata, o filho de Drona contemplou o príncipe dos Pancalas dormindo diante dele em sua cama. Ele estava deitado em um belo lençol de seda sobre uma cama cara e excelente. Excelentes coroas de flores estavam espalhadas sobre aquela cama que era perfumada com dhupa em pó. Ashvatthama, ó rei, despertou com um pontapé o príncipe de grande alma que dormia confiantemente e sem medo em sua cama. Sentindo aquele chute, o príncipe, irresistível em batalha e de alma incomensurável, acordou do sono e reconheceu o filho de Drona que estava perante ele. Enquanto ele estava se erguendo da cama, o poderoso Ashvatthama agarrou-o pelo cabelo de sua cabeça e começou a pressioná-lo para baixo no chão com suas mãos. Assim pressionado por Ashvatthama com grande força, o príncipe, por medo como também pela sonolência, não foi capaz de empregar sua força nessa hora. Golpeando-o com seu pé, ó rei, em sua garganta e peito enquanto sua vítima se contorcia e rugia, o filho de Drona se esforçou para matá-lo como se ele fosse um animal. O príncipe Pancala feriu Ashvatthama com suas unhas e finalmente disse fracamente, 'Ó filho de preceptor, me mate com uma arma, não demore! Ó melhor dos homens, me deixe, através do teu ato, ir para as regiões dos justos!'

Tendo dito isso, aquele matador de inimigos, o filho do rei Pancala, atacado com força por aquele herói poderoso, ficou silencioso. Ouvindo aqueles sons indistintos dele, o filho de Drona disse, 'Ó desgraçado da tua raça, não há região para aqueles que matam seus preceptores. Por isso, ó tu de mente pecaminosa, tu não mereces ser morto com alguma arma!' Enquanto falava assim, Ashvatthama, cheio de raiva, começou a golpear as partes vitais de sua vítima com chutes violentos de seus calcanhares, e matou seu inimigo como um leão matando um elefante enfurecido. Com os gritos daquele herói enquanto ele estava sendo morto, suas esposas e guardas que estavam em sua tenda todos despertaram, ó rei! Vendo alguém esmagando o príncipe com força sobre-humana, eles consideraram que o atacante era um ser sobrenatural e, portanto, não proferiram gritos de medo. Tendo-o mandado para a residência de Yama por tais meios, Ashvatthama de grande energia saiu e foi para onde seu belo carro tinha ficado. De fato, saindo da residência de Dhrishtadyumna, ó rei, Ashvatthama fez todos os pontos do horizonte ressoarem com seu rugido, e então procedeu em seu carro para outras partes do acampamento para matar seus inimigos.

Depois que o filho de Drona, aquele poderoso guerreiro em carro, tinha ido embora, as mulheres e todos os guardas proferiram um lamento alto de dor. Vendo seu rei morto, todas as esposas de Dhrishtadyumna, cheias de grande tristeza, gritaram. Àquele lamento delas muitos kshatriyas poderosos, despertando, puseram suas armaduras e foram lá para perguntar a causa daqueles gritos. Aquelas senhoras, apavoradas pela visão de Ashvatthama, em tons comoventes pediram aos homens para o perseguirem sem demora. Elas disseram, 'Se ele é um rakshasa ou um ser humano, nós não sabemos o que ele é! Tendo matado o rei Pancala, ele ficou lá!' A estas palavras, aqueles principais dos guerreiros cercaram de repente o filho de Drona. O último matou todos eles por meio da rudrastra. Tendo matado Dhrishtadyumna e todos aqueles seus seguidores, ele viu Uttamauja dormindo em sua cama. Atacando-o com seu pé na garganta e no peito, o filho de Drona matou o grande herói também enquanto o último se contorcia em agonia. Yudhamanyu, se levantando e crendo que seu camarada estava sendo morto por um rakshasa, bateu rapidamente no peito do filho de Drona com uma maça. Avançando em direção a ele, Ashvatthama o agarrou e o derrubou no chão e matou-o como um animal enquanto o último proferia gritos altos.

Tendo matado Yudhamanyu dessa forma, aquele herói prosseguiu contra os outros guerreiros em carros do rei, que estavam todos dormindo. Ele matou todos aqueles guerreiros que tremiam e gritavam como animais em um sacrifício. Pegando sua espada então, ele matou muitos outros. Prosseguindo pelos diversos caminhos do acampamento, um depois do outro, Ashvatthama, talentoso no uso da espada, viu diversos gulmas e matou em um instante os guerreiros desarmados e adormecidos cansados dentro deles. Com aquela espada excelente ele matou combatentes e corcéis e elefantes. Todo coberto com sangue, ele então parecia ser a própria Morte incumbida pelo tempo. Fazendo seus inimigos tremerem pelos repetidos golpes de sua espada que eram de três tipos, Ashvatthama ficou banhado em sangue. Coberto como ele estava com sangue, e

manejando como ele manejava uma espada brilhante, sua forma, enquanto ele se movimentava em batalha, tornou-se extremamente terrível e sobre-humana. Aqueles que acordavam do sono, ó Kaurava, ficavam estupefatos com o barulho alto (que eles ouviam em volta). Vendo o filho de Drona, eles olhavam para os rostos uns dos outros e tremiam (de medo). Aqueles kshatriyas, vendo a forma daquele opressor de inimigos, acreditavam que ele era um rakshasa e fechavam seus olhos.

De forma terrível, ele correu a toda velocidade no acampamento como o próprio Yama, e finalmente viu os filhos de Draupadi e o resto dos Somakas. Alarmados pelo barulho, e sabendo que Dhrishtadyumna tinha sido morto, aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Draupadi, armados com arcos, despejaram destemidamente suas flechas no filho de Drona. Acordados por seu barulho, os Prabhadrakas com Shikhandi encabeçando-os começaram a oprimir o filho de Drona com suas setas. O filho de Drona, vendo-os despejando suas setas sobre si, proferiu um rugido alto e ficou desejoso de matar os poderosos guerreiros em carros. Lembrando-se da morte de seu pai, Ashvatthama encheu-se de fúria. Descendo do terraço de seu carro, ele avançou com cólera (contra seus inimigos). Pegando seu escudo brilhante com 1.000 luas e sua espada maciça e divina decorada com ouro, o poderoso Ashvatthama avançou contra os filhos de Draupadi e começou atacá-los com sua arma. Então aquele tigre entre homens, naquela batalha terrível, golpeou Prativindhya no abdômen, no qual o último, ó rei, carente de vida, caiu sobre a Terra. O valente Sutasoma, tendo perfurado o filho de Drona com uma lança, avançou nele com sua espada erguida. Ashvatthama, no entanto, cortou o braço de Sutasoma com a espada em punho, e mais uma vez golpeou-o no flanco. Nisto, Sutasoma caiu, sem vida. O corajoso Shatanika, o filho de Nakula, pegando uma roda de carro com as duas mãos atingiu Ashvatthama violentamente no peito. O regenerado Ashvatthama atacou Shatanika violentamente depois de ele ter arremessado aquela roda de carro. Extremamente agitado, o filho de Nakula caiu sobre a Terra, e então o filho de Drona cortou sua cabeça. Então Shrutakarma, pegando uma clava com ferrões, atacou Ashvatthama. Avançando furiosamente no filho de Drona, ele o atacou violentamente na parte esquerda de sua testa. Ashvatthama golpeou Shrutakarma com sua espada excelente no rosto. Privado de sentidos e com seu rosto desfigurado, ele caiu sem vida sobre a Terra. Por este barulho, o heróico Shrutakirti, aquele grande guerreiro em carro, se aproximando, despejou chuvas de flechas sobre Ashvatthama. Desviando aquela chuva de setas com seu escudo, Ashvatthama cortou do tronco do inimigo a cabeça bela do último enfeitada com brincos. Então o matador de Bhishma, o poderoso Shikhandi, com todos os Prabhadrakas, atacou o herói por todos os lados com diversas espécies de armas. Shikhandi atingiu Ashvatthama com uma flecha no meio de suas duas sobrancelhas. Cheio de raiva por isto, o filho de Drona, possuidor de grande poder, se aproximou de Shikhandi e cortou-o em dois com sua espada. Tendo matado Shikhandi, Ashvatthama, cheio de ira, avançou furiosamente contra os outros Prabhadrakas. Ele procedeu também contra o resto da tropa de Virata. Dotado de grande força, o filho de Drona fez uma grande carnificina entre os filhos, os netos, e os seguidores de Drupada, separando-os um depois do outro.

Talentoso no uso da espada, Ashvatthama então, avançando contra outros combatentes, matou-os com sua espada excelente. Os guerreiros no acampamento Pandava viram aquela Escuridão da Morte em sua forma incorporada, uma imagem preta, de boca sangrenta e olhos sangrentos, vestindo guirlandas carmesins e coberta com unguentos carmesim, vestida em um único pedaço de tecido vermelho, com um laço na mão, e parecendo uma senhora idosa, empenhada em cantar uma nota sombria e permanecendo diretamente diante de seus olhos, e prestes a levar homens e corcéis e elefantes todos atados em uma corda sólida. Ela parecia levar diversos tipos de espíritos, com cabelo despenteado e amarrados juntos em uma corda, como também, ó rei, muitos poderosos guerreiros em carros privados de suas armas. Em outros dias, ó senhor, os principais guerreiros do acampamento Pandava costumavam ver em seus sonhos aquela figura levando embora os combatentes adormecidos e o filho de Drona atingindo-os por trás! Os soldados Pandava viam aquela senhora e o filho de Drona em seus sonhos toda noite desde o dia quando a batalha entre os Kurus e os Pandavas havia começado. Afligidos antes pelo Destino, eles eram agora castigados pelo filho de Drona que apavorava todos eles com os rugidos terríveis que proferia. Afligidos pelo Destino, os bravos guerreiros do acampamento Pandava, se lembrando da visão que tinham visto em seus sonhos, identificaram-na com a que eles agora testemunhavam.

Pelo barulho feito, centenas e milhares de arqueiros Pandava no acampamento despertaram de seu sono. Ashvatthama cortava as pernas de alguns, e os quadris de outros, e perfurava alguns em seus flancos, movimentando-se como o próprio Destruidor solto pelo Tempo. A Terra, ó senhor, foi logo coberta com seres humanos que foram esmagados até a deformidade ou pisados por elefantes e corcéis e com outros que rugiam em grande aflição. Muitos deles exclamavam ruidosamente, ‘O que é isso?’ ‘Quem é esse?’ ‘Que barulho é esse?’ ‘Quem está fazendo o que?’ Enquanto proferiam tais gritos, o filho de Drona se tornava seu Destruidor. Aquele principal dos batedores, o filho de Drona, mandou para as regiões de Yama todos aqueles Pandus e Srinjayas que estavam sem armadura e armas. Apavorados por aquele barulho, muitos despertavam do sono. Possuídos pelo medo, cegados pelo sono, e privados dos seus sentidos, aqueles guerreiros pareciam desaparecer (perante a fúria de Ashvatthama). As coxas de muitos estavam paralisadas e muitos ficaram tão estupefatos que perderam toda sua energia. Gritando e com medo, eles começaram a matar uns aos outros. O filho de Drona subiu novamente em seu carro de ruído terrível e pegando seu arco despachou muitos com suas flechas para a residência de Yama. Outros despertados do sono, corajosos guerreiros e principais dos homens, quando iam em direção a Ashvatthama, eram mortos antes que pudessem se aproximar dele e foram dessa forma oferecidos como vítimas àquela Escuridão da Morte. Esmagando muitos com aquele principal dos carros, ele correu a toda velocidade pelo campo, e cobriu seus inimigos com repetidas chuvas de flechas. Outra vez com aquele seu belo escudo, adornado com cem luas, e com aquela espada que era da cor do firmamento, ele correu a toda velocidade no meio de seus inimigos. Como um elefante agitando um lago grande, o filho de Drona, irresistível em batalha, agitou o acampamento dos Pandavas.

Acordados pelo barulho, ó rei, muitos guerreiros, afligidos ainda com sono e medo, e com os sentidos ainda sob uma nuvem, corriam para cá e para lá. Muitos gritavam em tons dissonantes e muitos proferiam exclamações incoerentes. Muitos não tiveram êxito em obter suas armas e armadura. Os cabelos de muitos estavam despenteados, e muitos fracassaram em reconhecer uns aos outros. Tendo levantado do sono, muitos caíram, fatigados; alguns vagavam aqui e ali sem qualquer propósito. Elefantes e corcéis, rompendo suas cordas, expeliram fezes e urina. Muitos, causando grande confusão, se amontoaram. Entre estes, alguns por medo se deitaram no chão. Os animais do acampamento os esmagaram lá.

Enquanto o acampamento estava neste estado, rakshasas, ó rei, proferiam rugidos altos de alegria, ó chefe dos Bharatas! O barulho alto, ó rei, proferido por seres fantasmais em alegria encheu todos os pontos do horizonte e o firmamento. Ouvindo os lamentos de dor, elefantes, corcéis, rompendo suas amarras, avançaram para lá e para cá, esmagando os combatentes no campo. Quanto aqueles animais avançaram para lá e para cá, o pó erguido por eles fez a noite duplamente escura. Quando aquela escuridão densa se manifestou, os guerreiros no acampamento ficaram totalmente entorpecidos; pais não reconheceram seus filhos, irmãos não reconheceram seus irmãos. Elefantes atacando elefantes sem condutores, e corcéis atacando corcéis sem cavaleiros avançaram e quebraram e esmagaram as pessoas que ficavam em seu caminho. Perdendo toda a ordem, combatentes atacaram e mataram uns aos outros, e derrubando aqueles que ficavam em seu caminho, os esmagaram em pedaços. Privados dos seus juízos e dominados pelo sono, e envolvidos em escuridão, os homens, impelidos pelo destino, mataram seus próprios camaradas. Os guardas, deixando os portões que vigiavam, e aqueles em serviço nos postos avançados deixaram os postos que protegiam, fugindo pelas suas vidas, privados de razão e não sabendo para onde iam. Eles matavam uns aos outros, os matadores, ó senhor, não reconhecendo os mortos. Afligidos pelo Destino eles gritavam por seus pais e filhos. Enquanto eles fugiam, abandonando seus amigos e parentes, eles chamavam uns aos outros, mencionando suas famílias e nomes. Outros, proferindo gritos de ‘Oh’ e ‘Ai’ caíam no chão. No meio da batalha, o filho de Drona, reconhecendo-os, matou todos eles.

Outros kshatriyas, enquanto estavam sendo massacrados, perdiam sua razão, e afligidos pelo medo, procuravam fugir de seu acampamento. Aqueles homens que procuravam fugir de seu acampamento para salvar suas vidas eram mortos por Kritavarma e Kripa no portão. Privados de armas e instrumentos e armaduras, e com cabelo despenteado, eles juntavam suas mãos. Tremendo com medo, eles ficavam sobre o chão. Os dois guerreiros Kuru, no entanto, (que estavam em seus carros) não tinham piedade de ninguém. Nenhum entre aqueles que escaparam do acampamento foi poupado por aquelas duas pessoas vis, Kripa e Kritavarma. Então, para fazer o que era muito agradável para o filho de Drona, aqueles dois incendiaram o acampamento Pandava em três lugares.

Quando o acampamento foi incendiado, Ashvatthama, aquele alegrador de seus antepassados, ó monarca, correu a toda velocidade com a espada na mão golpeando seus inimigos com grande habilidade. Alguns de seus bravos inimigos avançavam em direção a ele e alguns corriam para lá e para cá. Aquele principal dos regenerados, com sua espada, privou todos eles de suas vidas. O filho valente de Drona, cheio de raiva, derrubou alguns dos guerreiros, cortando-os em dois com sua espada como se eles fossem caules de gergelim. A Terra, ó touro da raça Bharata, ficou coberta com os corpos caídos dos principais dos homens e corcéis e elefantes misturados e proferindo lamentos e gritos dolorosos. Quando milhares de homens caíam privados de vida, incontáveis troncos sem cabeça ficavam de pé e caíam. Ashvatthama, ó Bharata, cortou braços enfeitados com angadas e segurando armas em punho, e cabeças, e coxas parecendo trombas de elefantes, e mãos, e pés. O ilustre filho de Drona mutilou as costas de alguns, cortou as cabeças de alguns, e fez alguns se desviarem da luta. E ele cortou alguns no meio, e cortou as orelhas de outros, e golpeou outros nos ombros, e pressionou as cabeças de alguns para dentro dos seus troncos.

Enquanto Ashvatthama se movimentava dessa forma, massacrando milhares de homens, a noite profunda se tornou mais terrível por causa da escuridão que surgiu. A terra tornou-se terrível de se olhar, coberta com milhares de seres humanos mortos e morrendo e inúmeros corcéis e elefantes. Cortados pelo enfurecido filho de Drona, seus inimigos caíam na terra que estava então apinhada com yakshas e rakshasas, e terrível com carros (quebrados) e corcéis e elefantes mortos. Alguns chamavam por seus irmãos, alguns por seus pais, e alguns por seus filhos. E alguns diziam, 'Os Dhartarashtras com raiva nunca poderiam realizar tais feitos em batalha como esses que rakshasas de atos perversos estão realizando (sobre nós) durante a hora de sono! É somente por causa da ausência dos Parthas que essa grande matança está ocorrendo. Aquele filho de Kunti, que tem Janardana como seu protetor, não pode ser vencido por deuses, asuras, gandharvas, yakshas e rakshasas! Devotado a Brahma, sincero em palavras, autocontrolado, e compassivo com todas as criaturas, aquele filho de Pritha, chamado Dhananjaya, nunca mata alguém que está dormindo, ou que está desatento, ou alguém que pôs de lado suas armas ou que uniu suas mãos em súplica, ou alguém que está se retirando, ou alguém cujo cabelo está despenteado. Ai, são rakshasas de ações pecaminosas que são cometendo esta ação terrível sobre nós.' Proferindo tais palavras, muitos se deitavam no chão.

O grande ruído causado pelos gritos e gemidos de seres humanos se extinguiu lentamente dentro de um curto espaço de tempo. A terra ficou encharcada com sangue, ó rei, e aquele pó espesso e terrível logo desapareceu. Milhares de homens se movendo em agonia, tomados pela ansiedade e dominados pelo desespero foram mortos por Ashvatthama como Rudra matado criaturas vivas. Muitos que se deitaram no chão abraçando uns aos outros, e muitos que procuraram fugir, e muitos que procuraram se esconder, e muitos que lutaram em batalha, foram todos mortos pelo filho de Drona. Queimados pelas chamas violentas e massacrados por Ashvatthama, os homens, perdendo sua razão,

mataram uns aos outros. Antes de a metade a noite acabar, o filho de Drona, ó monarca, despachou a grande hoste dos Pandavas para a residência de Yama.

Aquela noite, tão terrível e destrutiva para seres humanos e elefantes e corcéis encheu de alegria todas as criaturas que vagam no escuro. Muitos rakshasas e pishacas de várias tribos foram vistos lá, se empanturrando de carne humana e bebendo em grandes goles o sangue que se encontrava no chão. Eles eram ferozes, de cor escura, terríveis, de dentes adamantinos, e tingidos com sangue. Com cabelos emaranhados em suas cabeças, suas coxas eram longas e massivas; dotados de cinco pés, seus estômagos eram grandes. Seus dedos eram posicionados para trás. De temperamento cruel e feições repulsivas, sua voz era alta e terrível. Eles tinham fileiras de sinos tilintantes amarradas a seus corpos. Possuidores de gargantas azuis, eles pareciam muito terríveis. Extremamente cruéis e incapazes de serem olhados sem medo, e sem aversão por qualquer coisa, eles chegaram lá com seus filhos e esposas. De fato, diversas foram as formas vistas lá dos rakshasas que chegavam. Bebendo o sangue que corria em correntes, eles ficaram cheios de alegria e começaram a dançar em bandos separados. ‘Isso é excelente’ ‘É puro’ ‘É muito doce’ eram as palavras que eles proferiam.

Outras criaturas carnívoras, subsistindo de comida animal, tendo se empanturrado de gordura e medula e ossos e sangue, começaram a comer as partes delicadas dos corpos. Outros, bebendo aquela gordura que fluía em correntes, corriam nus sobre o campo. Possuindo diversas espécies de rostos, outros seres carnívoros de grande ferocidade, e que viviam de carne morta, chegaram lá em dezenas de milhares e milhões. Lúgubres e gigantescos rakshasas também, de ações pecaminosas foram lá em bandos igualmente numerosos. Outros seres fantasmais, cheios de alegria e fartando-se até a saciedade, ó rei, também chegaram lá e eram vistos no meio daquela carnificina terrível.

Quando amanheceu, Ashvatthama desejou deixar o acampamento. Ele estava então banhado em sangue humano e o punho de sua espada estava tão firmemente preso à sua mão que esta e a espada, ó rei, se tornaram uma! Tendo andado naquele caminho que nunca é trilhado (por bons guerreiros), Ashvatthama, depois daquele massacre, parecia com o fogo ardente no fim do yuga depois deste ter reduzido todas as criaturas a cinzas. Tendo cometido aquele ato em conformidade com sua promessa, e tendo trilhado aquele caminho não trilhado, o filho de Drona, ó senhor, esqueceu a dor pela morte de seu pai. O acampamento Pandava, pelo sono no qual todos dentro dele estavam mergulhados, estava completamente imóvel quando o filho de Drona tinha entrado nele durante a noite.

Depois da matança noturna, quando tudo ficou quieto mais uma vez, Ashvatthama saiu dele. Tendo saído do acampamento, o bravo Ashvatthama encontrou seus dois companheiros e, cheio de alegria, contou a eles de sua façanha, alegrando-os, ó rei, pelas informações. Aquele dois, em retorno, dedicados como eles eram ao bem dele, lhe deram a agradável notícia de como

eles também tinham massacrado milhares de Pancalas e Srinjayas (nos portões). Assim aquela noite veio a ser terrivelmente destrutiva para os Somakas que tinham estado desatentos e adormecidos. O curso do tempo, sem dúvida, é irresistível. Aqueles que tinham nos exterminado foram eles mesmos exterminados agora."

Dhritarashtra disse, "Por que é que aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Drona, não realizou tal feito antes embora ele tivesse se esforçado resolutamente para dar a vitória a Duryodhana? Por que razão aquele grande arqueiro fez isso depois da morte do infeliz Duryodhana? Cabe a ti me dizer isso!"

Sanjaya disse, "Por medo dos Parthas, ó filho da linhagem de Kuru, Ashvatthama não pode realizar tal feito então. Foi devido à ausência dos Parthas e do inteligente Keshava como também de Satyaki que o filho de Drona pode realizar isso. Quem poderia, sem exceção do senhor Indra, ser competente para matá-los na presença destes heróis? Além disso, ó rei, Ashvatthama conseguiu realizar a façanha somente porque os homens estavam todos dormindo. Tendo feito aquele vasto massacre das tropas Pandava, aqueles três grandes guerreiros em carros (Ashvatthama, Kripa e Kritavarma), se encontrando, exclamaram, 'Boa sorte!' Seu dois companheiros felicitaram Ashvatthama, e o último foi também abraçado por eles. Em grande alegria o último proferiu estas palavras: 'Todos os Pancalas foram mortos, como também os filhos de Draupadi! Todos os Somakas também, assim como todos os que restaram dos Matsyas foram mortos por mim! Coroados com sucesso, vamos sem demora para onde o rei está! Se o rei ainda estiver vivo, nós lhe daremos esta notícia alegre!'"

9

Sanjaya disse, "Tendo matado todos os Pancalas e os filhos de Draupadi, os três heróis Kuru juntos foram àquele local onde Duryodhana estava, derrubado pelo inimigo. Chegando lá, eles viram que a vida não estava totalmente extinta no rei. Saltando de seus carros, eles cercaram teu filho. O rei Kuru, ó monarca, estava jazendo lá com as coxas quebradas. Quase sem sentidos, sua vida estava prestes a se esgotar. Ele estava vomitando sangue a intervalos, com olhos abatidos. Ele estava então cercado por um grande número de animais carnívoros de formas terríveis, e por lobos e hienas, que esperavam a uma distância não muito grande para se alimentarem do corpo dele. Com grande dificuldade o rei estava mantendo afastados aqueles animais predadores que estavam na expectativa de se banquetearem dele. Ele estava se contorcendo no chão em grande agonia. Vendo-o jazendo dessa maneira na terra, banhado em seu próprio sangue, os três heróis que eram os únicos sobreviventes de seu exército, Ashvatthama e Kripa e Kritavarma ficaram atormentados pelo pesar e sentaram-se em volta dele. Cercado por aqueles três poderosos guerreiros em carros que estavam cobertos com sangue e que davam suspiros quentes, o rei Kuru parecia com um altar sacrifical circundado por três fogos. Contemplando o rei jazendo naquela situação muito indigna, os três heróis choraram em tristeza insuportável.

Limpando o sangue do rosto dele com suas mãos, eles proferiram estas lamentações comoventes na audição do rei jazendo no campo de batalha.

Kripa disse, ‘Não há nada difícil demais para o destino ocasionar, já que este rei Duryodhana que era o senhor de onze akshauhinis de tropas jaz na terra nua, derrubado pelos inimigos e coberto com sangue! Vejam, gostando como ele gostava da maça, esta maça decorada com ouro puro ainda jaz ao lado do rei cujo esplendor ainda parece com aquele do ouro puro! Em nenhuma batalha esta maça abandonou este herói! Até agora, quando ele está prestes a ascender para o céu, essa arma não deixa este guerreiro ilustre. Vejam, esta arma, adornada com ouro puro, jaz imóvel ao lado deste herói como uma mulher carinhosa ao lado de seu marido esticado em sua cama em seu quarto de dormir. Vejam os reversos ocasionados pelo Tempo! Este destruidor de inimigos costumava andar na liderança de todos os reis coroados, e agora come o pó, derrubado (pelo inimigo)! Ele que antigamente derrubou muitos inimigos e os fez jazerem no solo nu, ai, este rei dos Kurus jaz hoje no solo nu, derrubado pelos inimigos. Ele a quem centenas de reis costumavam reverenciar em temor, hoje jaz no campo de batalha, cercado por animais predadores. Os brahmanas antigamente costumavam visitar este senhor em busca de riqueza. Ai, animais predadores o visitam hoje para se alimentarem de seu corpo!’”

Sanjaya continuou, "Contemplando aquele chefe da linhagem de Kuru jazendo no chão, Ashvatthama, ó melhor dos Bharatas, proferiu estas lamentações comoventes: ‘Ó tigre entre reis, todas as pessoas te indicaram como o principal de todos os arqueiros! As pessoas também disseram que (em combates com maças) tu, um discípulo de Sankarshana, eras como o próprio Senhor dos tesouros (Kuvera)! Como então, ó impecável, Bhima poderia notar quaisquer lapsos em ti? Tu sempre foste poderoso e possuidor de habilidade! Ele, por outro lado, ó rei, é um indivíduo de alma pecaminosa! Sem dúvida, ó monarca, o Tempo neste mundo é mais poderoso do que tudo mais, pois nós vimos até tu seres derrubado por Bhimasena em batalha! Ai, como pode o canalha e vil Vrikodara te derrubar injustamente, a ti que és conhecedor de todas as regras de justiça! Sem dúvida, o Tempo é irresistível. Ai, tendo te convocado para uma luta justa, Bhimasena, mostrando sua força, fraturou tuas coxas. Que vergonha para o patife Yudhishthira que permitiu que a cabeça de alguém injustamente derrotado em batalha fosse tocada com o pé! Em todas as batalhas os guerreiros certamente reprovarão Vrikodara enquanto o mundo durar. Sem dúvida, tu foste derrotado injustamente!

O valente Rama da tribo Yadu, ó rei, sempre costumava dizer que não havia ninguém igual a Duryodhana em combates com maças. Aquele da tribo Vrishni, ó Bharata, costumava se gabar de ti, ó senhor, em todas as reuniões, dizendo, ‘Duryodhana da linhagem de Kuru é um discípulo digno meu!’ Tu obtiveste aquele fim o qual os grandes Rishis declaram ser a recompensa sublime de um kshatriya morto em batalha com seu rosto em direção ao inimigo. Eu, ó touro entre homens, não me aflijo por ti, ó Duryodhana! Eu sofro somente pela tua mãe Gandhari e pelo teu pai, sem filhos como eles estão agora. Afligidos pela tristeza, eles terão que vagar sobre a terra, mendigando seu alimento. Que vergonha para Krishna, da tribo de Vrishni, e para Arjuna de mente má! Eles se consideram conhecedores

dos deveres de moralidade, ainda assim ambos ficaram indiferentes enquanto tu estavas sendo morto! Como irão os outros Pandavas, embora eles sejam sem vergonha, ó rei, falar da maneira pela qual eles causaram tua morte? Tu és altamente afortunado, ó filho de Gandhari, já que tu foste morto no campo de batalha, ó touro entre homens, enquanto avançava honestamente contra o inimigo. Ai, quão difícil será a situação de Gandhari que está agora sem filhos, e que perdeu todos os seus amigos e parentes! Quão difícil será também a situação do rei cego!

Que vergonha para Kritavarma, para mim mesmo, como também para o poderoso guerreiro em carro Kripa, já que nós ainda não fomos para o céu com tua nobre pessoa diante de nós! Que vergonha para nós, os mais baixos dos mortais, já que nós não seguimos a ti que eras o concessor de todos os desejos, o protetor de todos os homens, e o benfeitor de todos os teus súditos! Pelo teu poder, as residências de Kripa, de mim mesmo, e de meu pai, junto com as dos nossos dependentes, ó tigre entre homens, estão cheias de riqueza. Pela tua graça, nós com nossos amigos e parentes temos realizado muitos dos principais sacrifícios com uma profusão de presentes para brahmanas. Aonde tais pessoas pecaminosas como nós irão, já que tu foste para o céu, levando contigo todos os reis da terra? Já que nós três, ó rei, não seguimos a ti que estás prestes a obter o fim mais elevado (da vida), é por isso que nós estamos nos perdendo em tais lamentações. Carentes da tua companhia, privados de riquezas, com nossas memórias se estendendo dolorosamente sobre tua prosperidade, ai, qual será a nossa sina já que nós não vamos contigo? Sem dúvida, ó chefe da família de Kuru, nós teremos que vagar em aflição sobre a terra. Carentes de ti, ó rei, onde nós poderemos ter paz e onde nós poderemos ter felicidade?

Partindo deste mundo, ó monarca, e te reunindo com aqueles poderosos guerreiros em carros (que te precederam), mostre teu respeito a eles, a meu pedido, um depois do outro, segundo a ordem de sua posição e idade. Tendo oferecido culto ao teu preceptor, aquele principal de todos os manejadores de arcos, diga a ele, ó rei, que Dhrishtadyumna foi morto por mim. Abrace o rei Bahlika, aquele poderoso guerreiro em carro, como também o soberano dos Sindhus, e Somadatta, Bhurishrava, e os outros principais dos reis que te precederam para o céu. A meu pedido, abrace todos eles e pergunte sobre seu bem-estar.'"

Sanjaya continuou, "Tendo dito essas palavras ao rei privado dos seus sentidos que jazia com as coxas quebradas, Ashvatthama mais uma vez olhou para ele e proferiu estas palavras, 'Se, ó Duryodhana, tu ainda tens alguma vida em ti, escute estas palavras que são tão agradáveis de se ouvir. No lado dos Pandavas, somente sete estão vivos, e entre os Dhartarashtras, somente nós três! Os sete do lado deles são os cinco irmãos e Vasudeva e Satyaki; do nosso lado, os três são eu mesmo e Kripa e Kritavarma! Todos os filhos de Draupadi estão mortos, como também todos os filhos de Dhrishtadyumna! Todos os Pancalas também foram mortos, como também o resto dos Matsyas, ó Bharata! Veja a vingança tomada pelo que eles fizeram! Os Pandavas estão agora sem filhos! Enquanto mergulhados no sono, os homens e animais em seu acampamento foram todos

mortos! Penetrando no acampamento deles à noite, ó rei, eu matei Dhrishtadyumna, aquele indivíduo de atos pecaminosos, como se mata um animal.'

Duryodhana então, tendo ouvido aquelas palavras que eram tão agradáveis para seu coração, recuperou os sentidos e disse estas palavras em resposta, 'Aquilo que nem o filho de Ganga, nem Karna, nem o teu pai podiam realizar foi finalmente realizado por ti hoje, acompanhado por Kripa e Bhoja. Tu mataste aquele patife inferior (Dhrishtadyumna) que era o comandante das tropas Pandava, como também Shikhandi. Por isso eu me considero igual ao próprio Maghavat! Que o bem seja de vocês todos! Que a prosperidade seja sua! Todos nós nos encontraremos novamente no céu!'

Tendo dito estas palavras o rei de grande alma dos Kurus ficou silencioso. Livrando-se de suas angústias por todos os seus parentes (mortos), ele então abandonou seu ar vital. Sua alma ascendeu para o céu sagrado, enquanto somente seu corpo permanecia na terra. Exatamente assim, ó rei, teu filho Duryodhana deu seu último suspiro. Tendo provocado o início da batalha, ele finalmente foi morto por seus inimigos. Os três heróis repetidamente abraçaram o rei e o fitaram firmemente. Eles então subiram em seus carros. Tendo ouvido estas lamentações comoventes do filho de Drona, eu vim na alvorada em direção à cidade. Dessa maneira os exércitos dos Kurus e Pandavas foram destruídos. Grande e terrível foi aquela carnificina, ó rei, causada pela tua má política. Depois que teu filho tinha ascendido para o céu, eu fiquei tomado pela angústia e a visão espiritual que o rishi me deu foi perdida por mim!'"

Vaisampayana continuou, "O rei, sabendo da morte de seu filho, deu suspiros longos e quentes, e mergulhou em grande ansiedade."

10

Vaisampayana disse, "Depois que aquela noite tinha passado, o motorista do carro de Dhrishtadyumna deu para o rei Yudhishthira a notícia da grande matança que tinha sido feita durante as horas de sono.

O motorista disse, 'Os filhos de Draupadi, ó rei, foram mortos, com todos os filhos do próprio Drupada, enquanto eles estavam desatentos e dormindo confiantemente em seu próprio acampamento! Durante a noite, ó rei, teu acampamento foi exterminado pelo cruel Kritavarma, e Kripa, o filho de Gautama, e pelo pecaminoso Ashvatthama! Matando milhares de homens e elefantes e corcéis com lanças e dardos e machados de batalha, aqueles homens exterminaram teu exército. Enquanto teu exército estava sendo massacrado como uma floresta derrubada com machados, um lamento alto foi ouvido erguendo-se do acampamento. Eu sou o único sobrevivente, ó monarca, daquela vasta tropa. Eu, ó tu de alma virtuosa, escapei com dificuldade de Kritavarma em um momento quando ele estava desatento!'

Ouvindo estas más notícias, o filho de Kunti, Yudhishthira, embora capaz de resistir (contra inimigos), caiu sobre a terra, tomado pela dor pela perda de seus filhos. Adiantando-se, Satyaki segurou o rei em seus braços. Bhimasena e Arjuna e os dois filhos de Madri também esticaram seus braços. Tendo recuperado seus sentidos, o filho de Kunti lamentou em grande aflição, proferindo estas palavras tornadas indistintas pela tristeza: 'Ai, tendo vencido o inimigo, nós mesmos fomos derrotados no fim! O rumo dos acontecimentos é difícil de ser averiguado até por pessoas dotadas de visão espiritual. Os inimigos que foram vencidos se tornaram vitoriosos! Nós mesmos, por outro lado, enquanto vitoriosos, fomos derrotados! Tendo matado irmãos e amigos e pais e filhos e benquerentes, e parentes, e conselheiros, e tendo derrotado todos eles, nós mesmos fomos derrotados no fim! Miséria parece prosperidade e prosperidade parece miséria! Esta nossa vitória assumiu a forma da derrota. Nossa vitória, portanto, terminou em derrota! Tendo ganhado a vitória, eu sou obrigado a sofrer como um infeliz atormentado. Como, então, eu posso considerar isso como uma vitória? Na realidade, eu fui duplamente derrotado pelo inimigo. Aqueles por cuja causa nós incorremos no pecado da vitória por matar nossos parentes e amigos, ai, eles, depois que a vitória os tinha coroado, foram vencidos por inimigos derrotados que estavam atentos!

Ai, pela negligência eles foram mortos, eles que tinham escapado até de Karna, aquele guerreiro que tinha setas farpadas e nalikas como seus dentes, a espada como sua língua, o arco como sua boca muito aberta, e a vibração da corda do arco e o som de palmas como seus rugidos, o furioso Karna que nunca se retirava da batalha, e que era um verdadeiro leão entre homens! Ai, aqueles príncipes que conseguiram atravessar, por barcos constituídos por suas próprias armas excelentes, o grande oceano de Drona tendo carros como seus lagos profundos, chuvas de setas como suas ondas, os ornamentos dos guerreiros como suas pedras preciosas, os corcéis dos carros como seus animais, dardos e espadas como seus peixes, elefantes como jacarés, arcos como seus redemoinhos, armas poderosas como sua espuma, e o sinal de batalha como o nascer da lua fazendo-o se avolumar com energia, e a vibração da corda do arco e o som de palmas como seu ribombo, ai, até aqueles príncipes foram mortos por descuido!

Não há, neste mundo, causa mais poderosa de morte, com relação a homens, do que a negligência! A prosperidade abandona um homem desatento de todos os lados, e todos os tipos de misérias o alcançam. O estandarte alto com topo excelente que ficava sobre o carro dele era a coroa de fumaça que infalivelmente indicava o fogo-Bhishma. Flechas constituíram suas chamas, e a ira era o vento que a agitava! A vibração de seu arco formidável e o som de suas palmas constituía o bramido daquele fogo. Armaduras e diversas espécies de armas eram as libações homa que eram despejadas nele. O vasto exército hostil era a pilha de grama seca da floresta que era atacada por aquele fogo. Ai, até eles que suportaram aquele fogo feroz cuja energia terrível era representada pelas armas poderosas nas mãos de Bhishma ao final morreram em batalha por causa da negligência.

Uma pessoa desatenta nunca pode adquirir conhecimento, ascetismo, prosperidade, ou grande renome. Vejam, Indra obteve grande felicidade depois de matar todos os seus inimigos com cautela. Vejam, os sobreviventes entre nossos inimigos, por nossa negligência, mataram muitos filhos e netos de reis, cada um dos quais era realmente como o próprio Indra. Ai, eles pereceram como comerciantes com carga valiosa perecendo por descuido em um rio raso depois de terem cruzado o grande oceano. Eles cujos corpos estão agora jazendo na terra nua, mortos por aqueles canalhas vingativos, sem dúvida ascenderam para o céu.

Eu sofro, no entanto, pela princesa Krishna. Ai, ela será mergulhada hoje em um oceano de dor. Sabendo da morte de seus irmãos e filhos e pai venerável, o rei dos Pancalas, sem dúvida ela cairá sem sentidos sobre o chão. Seu corpo emaciado pela dor, ela não se erguerá novamente. Incapaz de suportar a dor resultante de tal aflição, e merecedora como ela é de felicidade, ai, quão difícil será a situação dela? Ferida até a medula pela morte de seus filhos e irmãos, ela ficará como alguém chamuscado pelo fogo.'

Tendo em aflição profunda lamentado dessa forma, aquele rei da família de Kuru então se dirigiu a Nakula, dizendo, 'Vá e traga a infeliz princesa Draupadi aqui junto com todos os seus parentes maternos.' Aceitando de modo obediente aquela ordem do rei que se igualava ao próprio Yama em justiça, Nakula procedeu depressa em seu carro para os alojamentos de Draupadi onde aquela princesa residia com todas as esposas do rei Pancala. Tendo despachado o filho de Madri, Yudhishthira, atormentado pelo pesar, procedeu com lágrimas nos olhos acompanhado por aqueles seus amigos, para o campo sobre o qual seus filhos tinham lutado e que ainda abundava com diversas espécies de criaturas. Tendo entrado naquele campo amaldiçoado cheio de visões violentas, o rei viu seus filhos, benquerentes, e amigos, todos jazendo no chão, cobertos com sangue, seus corpos mutilados, e cabeças separadas de seus troncos. Vendo-os naquela situação, Yudhishthira, aquele principal dos homens justos, ficou profundamente angustiado. Aquele chefe dos Kurus então começou a lamentar alto e caiu no chão, privado de seus sentidos, junto com todos os seus seguidores."

11

Vaisampayana disse, "Vendo seus filhos, netos, e amigos todos mortos em batalha, a alma do rei foi dominada por grande dor, ó Janamejaya! Lembrando daqueles filhos e netos e irmãos e aliados, uma tristeza profunda tomou posse do monarca ilustre. Inconsciente e tremendo, seus olhos estavam banhados em lágrimas. Seus amigos então, eles mesmos cheios de ansiedade, começaram a consolá-lo.

Naquela hora, Nakula, hábil em transmitir mensagens, chegou lá em seu carro de refulgência solar, acompanhado pela princesa Krishna em grande aflição. Ela vinha residindo em Upaplavya. Tendo recebido aquela notícia acerca da morte de

todos os seus filhos, ela ficou extremamente agitada. Tremendo como uma bananeira sacudida pelo vento, a princesa Krishna, chegando à presença de Yudhishthira, caiu, afligida pela dor. Seu rosto, adornado com olhos parecendo um par de lotos totalmente desabrochados, parecia estar escurecido pela dor como o próprio Sol quando envolvido em escuridão.

Vendo-a prostrada no chão, o colérico Vrikodara, de bravura incapaz de ser detida, avançando rapidamente, ergueu-a e envolveu-a em seus braços. A senhora bela, confortada por Bhimasena, começou a chorar, e se dirigindo ao filho de Pandu com seus irmãos mais velhos, disse, 'Por boa sorte, ó monarca, tendo obtido a terra inteira, tu desfrutarás dela depois da morte de teus filhos corajosos no cumprimento dos deveres kshatriya. Por boa sorte, ó filho de Pritha, tu és feliz ao pensamento de ter obtido a terra inteira. Por boa sorte, teus pensamentos não se demoram sobre o filho de Subhadra cujo andar parecia aquele de um elefante enfurecido. Por boa sorte, tu, como eu mesma enquanto residindo em Upaplavya, não te lembras dos teus filhos heróicos massacrados na observância dos deveres kshatriya. Ó filho de Pritha, sabendo da morte daqueles heróis adormecidos pelo filho de Drona de atos pecaminosos, a dor me queima como se eu estivesse no meio de um fogo. Se o filho de Drona não colher o fruto desse ato pecaminoso dele, se, empregando tua destreza em batalha tu não tirares a vida daquele desgraçado de atos pecaminosos, junto com as vidas de todos os seus seguidores, então ouçam-me, ó Pandavas, eu me sentarei aqui em praya!'

Tendo dito estas palavras, a desamparada Krishna, a filha de Yajnasena, sentou-se ao lado do filho mais velho de Pandu, o rei Yudhishthira, o justo. O sábio nobre, Yudhishthira, de alma justa, vendo sua querida rainha sentar-se em praya, dirigiu-se a ela, dizendo, 'Ó senhora auspiciosa, ó tu que és conhecedora da moralidade, todos os teus filhos e irmãos encontraram honradamente uma morte nobre. Não cabe a ti te afligir por eles. Com relação ao filho de Drona, ele foi para uma floresta distante, ó princesa bela! Como, ó senhora, tu terás certeza da queda dele em batalha?'

Draupadi respondeu, 'Eu soube que o filho de Drona tem uma pedra preciosa em sua cabeça, nascida com ele. Eu verei aquela pedra preciosa trazida para mim depois da morte daquele canalha em batalha. Colocando aquela pedra preciosa na tua cabeça, ó rei, eu aguentarei viver. Essa é a minha decisão.'

Tendo dito estas palavras ao filho real de Pandu, a bela Krishna se aproximou de Bhimasena e disse estas palavras de sentido elevado para ele: 'Lembrando-te dos deveres de um kshatriya, ó Bhima, cabe a ti vir para minha salvação. Mate aquele homem de atos pecaminosos como Maghavat matando Samvara. Não há ninguém neste mundo que seja igual a ti em bravura. É conhecido por todo o mundo como em uma ocasião de grande calamidade tu te tornaste, na cidade Varanavata, o refúgio de todos os Parthas. Quando outra vez nós fomos vistos por Hidimba, foste tu que te tornastes o nosso refúgio do mesmo modo. Como Maghavat resgatando (sua esposa) a filha de Puloma, tu salvaste a minha pessoa afligida, na cidade de Virata, de uma grande calamidade. Como aquelas grandes

façanhas, ó Partha, que tu fizeste no passado, mate agora, ó matador de inimigos, o filho de Drona e seja feliz!'

Ouvindo estas e outras lamentações comoventes da princesa, o filho de Kunti, Bhimasena, de grande força, não pode suportá-las. Ele subiu em seu grande carro adornado com ouro e pegou seu arco belo com uma seta colocada na corda. Fazendo de Nakula seu quadrigário, e resolvido a matar o filho de Drona, ele começou a esticar seu arco e fez seus corcéis serem apressados sem demora. Aqueles corcéis, velozes como o vento, assim incitados, ó tigre entre homens, procederam com grande velocidade. Possuidor de grande bravura e energia imperecível, Bhima saiu do acampamento Pandava e procedeu com rapidez pelo caminho do veículo de Ashvatthama."

12

Vaisampayana disse, "Depois que o irresistível Bhimasena tinha partido, aquele touro da raça Yadu, possuidor de olhos como pétalas de lótus, endereçou-se ao filho de Kuru, Yudhishthira, dizendo, 'Ó filho de Pandu, este teu irmão, dominado pela dor pela morte de seus filhos, procede sozinho para a batalha, desejoso de matar o filho de Drona. Ó touro da raça Bharata, de todos os teus irmãos, Bhima é o mais caro a ti! Vendo-o cair em um grande perigo por que tu não te moves? A arma chamada brahmashira, a qual aquele subjugador de cidades hostis, Drona, transferiu para seu filho, é capaz de consumir o mundo inteiro. O ilustre e altamente abençoado preceptor, aquele principal de todos os manejadores de arcos, encantado com Dhananjaya, deu a ele aquela mesma arma. Incapaz de tolerar isso, seu único filho então a pediu para ele. De má vontade ele deu o conhecimento daquela arma para Ashvatthama. O ilustre Drona conhecia a inquietação de seu filho. Conhecedor de todos os deveres, o preceptor deu esta ordem a ele, dizendo, 'Mesmo quando alcançado pelo maior perigo, ó filho, no meio da batalha, tu não deves nunca usar esta arma, especialmente contra seres humanos.' Exatamente assim o preceptor Drona falou a seu filho. Um pouco depois ele falou novamente, dizendo, 'Ó touro entre homens, tu não irás, parece, trilhar o caminho dos justos.' Ouvindo aquelas palavras amargas de seu pai, Ashvatthama de alma pecaminosa, no desespero de obter todos os tipos de prosperidade, começou a vagar angustiado sobre a terra.

Então, ó chefe dos Kurus, enquanto vocês estavam vivendo nas florestas, ó Bharata, ele chegou a Dvaraka e tomou residência lá, reverenciado pelos Vrishnis. Um dia, depois que ele tinha tomado residência em Dvaraka, ele veio a mim, sem um companheiro e quando eu mesmo não tinha ninguém ao meu lado, no litoral, e lá se dirigindo a mim ele disse sorridente, 'Ó Krishna, aquela arma, chamada brahmashira, adorada por deuses e gandharvas, que meu pai, o preceptor dos Bharatas, de destreza incapaz de ser frustrada, obteve de Agastya depois de realizar as mais austeras das penitências, está agora comigo, ó Dasharha, tanto quanto ela está com meu pai. Ó principal da tribo Yadu, em troca daquela arma celeste, me dê teu disco que é capaz de matar todos os inimigos em batalha.'

Enquanto ele com as palmas unidas e grande importunidade assim me pedia o meu disco, eu, ó touro da raça Bharata, desejando alegrá-lo, lhe disse estas palavras: ‘Deuses, danavas, gandharvas, homens, aves e cobras, reunidos, não são iguais a nem uma centésima parte da minha energia. Eu tenho este arco, este dardo, este disco, e esta maça. Eu darei a ti qualquer um deles que tu desejares ter de mim. Sem me dar a arma que tu desejas dar, pegue dentre estas minhas armas qualquer uma delas que tu sejas capaz de manejar e usar em batalha.’

Assim endereçado, o filho ilustre de Drona, como se me desafiasse, solicitou de minhas mãos o meu disco de cubo excelente e sólido como o trovão, possuidor de 1.000 raios, e feito de ferro, ‘Pegue-o’ eu disse a ele. Assim endereçado, ele se ergueu de repente e agarrou o disco com sua mão esquerda. Ele fracassou, no entanto, até em mover a arma do lugar no qual ela estava colocada. Ele então fez preparativos para agarrá-lo com sua mão direita. Tendo-o agarrado então muito firmemente e tendo empregado toda a sua força, ele ainda assim fracassou em manejá-lo ou movê-lo. Nisto, o filho de Drona ficou cheio de tristeza. Depois que ele se cansou com os esforços que fez, ele parou, ó Bharata!

Quando ele retirou seu coração daquele propósito, eu me dirigi ao ansioso e insensato Ashvatthama e disse, ‘Aquele que é sempre considerado como o principal de todos os seres humanos, o manejador do Gandiva, aquele guerreiro que tem corcéis brancos unidos a seu carro, aquele herói que possui o príncipe dos macacos como o emblema em seu estandarte, aquele herói que, desejoso de derrotar em uma luta o deus dos deuses, o marido de garganta azul de Uma, satisfez o próprio grande Shankara, aquele Phalguna que é meu amigo mais querido sobre a terra, aquele amigo a quem não há nada que eu não possa dar inclusive minhas próprias esposas e filhos, aquele caro amigo Partha de atos imaculados nunca disse a mim, ó brahmana, palavras tais como essas que tu proferiste.

Aquele filho que eu obtive por penitências ascéticas e observâncias de brahmacarya rígido por doze anos no leito de Himavat, para onde eu fui para o propósito, aquele meu filho, Pradyumna, de grande energia e uma porção do próprio Sanat-kumara, gerado por mim em minha esposa Rukmini que praticou votos tão austeros quanto os meus, aquele herói nunca pediu este melhor dos objetos, este disco inigualável, o qual tu de pouca compreensão solicitaste!

Rama de grande poder nunca disse tais palavras para mim! Nem Gada nem Samba alguma vez pediram de mim o que tu pediste! Nenhum entre os outros grandes guerreiros em carros das tribos Vrishni e Andhaka residindo em Dvaraka alguma vez pediram de mim o que tu pediste! Tu és o filho do preceptor dos Bharatas, tu és tido em alto respeito por todos os Yadavas. Deixe-me perguntar a ti, ó principal dos guerreiros em carros, com quem tu lutarias usando esta arma?’

Assim endereçado por mim, o filho de Drona respondeu, dizendo, ‘Depois de oferecer culto a ti, ó Krishna, era minha intenção lutar contigo, ó tu de glória imorredoura! Foi para isso, ó Krishna, que eu pedi o teu disco que é adorado por deuses e danavas. Se eu o conseguisse eu então me tornaria invencível no

mundo. Tendo fracassado, ó Keshava, em obter meu quase inalcançável desejo, eu estou prestes a te deixar, ó Govinda! Dirija-te a mim em palavras agradáveis agora. Esta arma terrível é segurada por ti que és a principal de todas as pessoas terríveis. Sem igual tu és para esta arma! Não há ninguém mais neste mundo capaz de possuí-la."

Tendo dito estas palavras a mim, o filho de Drona, levando muitos pares de corcéis e muita riqueza e diversos tipos de pedras preciosas, deixou Dvaraka. Ele é colérico, de alma pecaminosa, inquieto, e muito cruel. Ele conhece a arma chamada brahmashira. Vrikodara deve ser protegido dele!'"

13

Vaisampayana disse, "Tendo dito estas palavras, aquele principal de todos os manejadores de armas, aquele alegrador de todos os Yadavas subiu em seu carro excelente equipado com todas as espécies de armas poderosas. Àquele veículo estavam unidos dois pares dos principais corcéis da raça Kamboja, que estavam adornados com guirlandas de ouro. O dhur daquele melhor dos carros era da cor do sol da manhã. À direita estava unido o corcel conhecido como Shaibya; à esquerda estava colocado Sugriva; o Parshni era levado por dois outros chamados Meghapushpa e Balahaka. Era visto sobre aquele carro um estandarte celestial decorado com pedras preciosas e ouro e criado pelo Artífice divino, e posicionado no alto como o Maya (do próprio Vishnu). Sobre aquele estandarte estava o filho de Vinata (Garuda) brilhando com grande esplendor. De fato, aquele inimigo das cobras pousava no topo do estandarte de Keshava que é a Verdade incorporada.

Então Hrishikesha, aquele principal de todos os arqueiros, subiu naquele carro. Depois dele Arjuna de feitos irresistíveis e Yudhishthira o rei dos Kurus subiram no mesmo veículo. Sentados naquele carro, ao lado dele da tribo de Dasharha que manejava o arco chamado Sharnga, os dois filhos de Pandu pareciam extremamente belos, como os gêmeos Ashvinis sentados ao lado de Vasava. Fazendo-os subir naquele seu carro que era adorado por todo o mundo, ele da tribo de Dasharha incitou aqueles principais dos corcéis dotados de grande velocidade. Aqueles corcéis então voaram de repente, levando com eles aquele veículo excelente ocupado pelos dois filhos de Pandu e por aquele touro da raça Yadu. Dotados de grande velocidade, enquanto aqueles animais conduziam o manejador do Sharnga, alto se tornou o barulho causado por seu avanço, como aquele de aves percorrendo o ar.

Prosseguindo com grande velocidade, eles logo se aproximaram, ó touro da raça Bharata, do poderoso arqueiro Bhimasena em cujo encalço eles tinham seguido. Embora aqueles grandes guerreiros em carros tivessem encontrado Bhima, eles fracassaram, no entanto em parar aquele filho de Kunti, que cheio de cólera procedia ferozmente em direção ao inimigo. Na própria vista daqueles arqueiros ilustres e firmes, Bhima, por meio de seus corcéis muito velozes,

procedeu em direção à margem do rio trazido para baixo por Bhagiratha. Ele viu Vyasa de grande alma e ilustre e de feições escuras e nascido na ilha perto da beira da água no meio de muitos Rishis. E ele também viu o filho de Drona de atos perversos sentado junto deles, coberto com poeira, vestido em um tecido feito de erva kusa, e totalmente coberto com manteiga clarificada. Bhimasena de braços poderosos, o filho de Kunti, pegando seu arco com uma flecha fixada nele, avançou em direção a Ashvatthama, e disse, 'Espere, espere!'

O filho de Drona, vendo aquele arqueiro terrível indo em direção a ele com arco na mão, e os dois irmãos no carro de Janardana, ficou extremamente agitado e pensou que sua hora tinha chegado. De alma incapaz de ser abatida, ele chamou à sua mente a arma superior (que ele tinha obtido de seu pai). Ele então pegou uma folha de grama com sua mão esquerda. Caído em grande infortúnio, ele inspirou aquela folha de grama com mantras apropriados e a converteu naquela arma celeste poderosa. Incapaz de suportar as setas (dos Pandavas) e a presença daqueles manejadores de armas celestes, ele proferiu em cólera estas palavras terríveis: 'Para a destruição dos Pandavas.' Tendo dito essas palavras, ó tigre entre reis, o valente filho de Drona disparou aquela arma para estupefazer todos os mundos. Um fogo então nasceu naquela folha de grama, o qual parecia capaz de consumir os três mundos como o todo-destrutivo Yama no fim do yuga."

14

Vaisampayana disse, "Bem no início o herói de braços poderosos da tribo Dasharha compreendeu pelos sinais a intenção do filho de Drona. Endereçando-se a Arjuna, ele disse, 'Ó Arjuna, ó filho de Pandu, chegou a hora de usar aquela arma celeste que está na tua memória, o conhecimento que te foi dado por Drona. Para proteger a ti mesmo como também teus irmãos, ó Bharata, dispare nesta batalha aquela arma que é capaz de neutralizar todas as armas.'

Assim endereçado por Keshava, Arjuna, aquele matador de heróis hostis desceu rapidamente do carro, levando com ele seu arco com uma flecha fixada na corda. Gentilmente desejando bem ao filho do preceptor e então a si mesmo, e a todos os seus irmãos, aquele opressor de inimigos então reverenciou todos os deuses e todos os seus superiores e disparou sua arma, pensando no bem-estar de todos os mundos e proferindo as palavras, 'Que a arma de Ashvatthama seja neutralizada por esta arma!'

Aquela arma, disparada rapidamente pelo manejador do Gandiva, resplandeceu com chamas ferozes como o fogo todo-destrutivo que aparece no fim do yuga. Da mesma maneira, a arma que tinha sido disparada pelo filho de Drona de energia ardente também brilhou com chamas terríveis dentro de uma enorme esfera de fogo. Numerosos ribombos de trovões foram ouvidos; milhares de meteoros caíram; e todas as criaturas vivas sentiram um grande medo. Todo o firmamento parecia estar cheio com o barulho e assumiu um aspecto terrível com aquelas chamas de fogo. Toda a terra com suas montanhas e água e árvores, tremeu.

Então os dois grandes Rishis, Narada, que é a alma de todas as criaturas, e o avô de todos os príncipes Bharata (Vyasa), vendo aquelas duas armas chamuscando os três mundos, se mostraram lá. Os dois Rishis procuraram acalmar os dois heróis Ashvatthama e Dhananjaya. Conhecedores de todos os deveres e desejosos do bem-estar de todas as criaturas, os dois sábios, possuidores de grande energia, ficaram no meio daquelas duas armas ardentes. Incapazes de serem subjugados por qualquer força, aqueles dois Rishis ilustres, se colocando entre as duas armas permaneceram como dois fogos ardentes. Incapazes de serem detidos por qualquer criatura dotada de vida, e respeitados por deuses e danavas, eles dois agiram dessa forma, neutralizando a energia das duas armas e fazendo o bem para todo o mundo.

Os dois Rishis disseram, 'Aqueles grandes guerreiros em carros que morreram nesta batalha conheciam diversas espécies de armas. Eles, no entanto, nunca dispararam tais armas sobre seres humanos. Que ato temerário é esse, ó heróis, que vocês fizeram?'"

15

Vaisampayana disse, "À visão, ó tigre entre homens, daqueles dois Rishis possuidores de esplendor como aquele do fogo, Dhananjaya rapidamente resolveu retirar sua seta celeste. Unindo suas mãos, ele se dirigiu aos Rishis, dizendo, 'Eu usei esta arma, dizendo, 'Que esta neutralize a arma (do inimigo)!' Se eu retirar esta arma superior, o filho de Drona de atos pecaminosos irá então, sem dúvida, consumir todos nós com a energia da arma dele. Vocês dois são como deuses! Cabe a vocês idear algum meio pelo qual nosso bem-estar como também aquele dos três mundos possa ser assegurado!'

Tendo dito essas palavras Dhananjaya retirou sua arma. A retirada daquela arma pelos próprios deuses em batalha é extremamente difícil. Não excetuando o próprio grande Indra, não havia ninguém exceto o filho de Pandu que fosse capaz de retirar aquela arma superior depois de ela ter sido uma vez lançada. Aquela arma nasceu da energia de Brahma. Nenhuma pessoa de alma impura pode trazê-la de volta depois de ela ter sido disparada. Somente alguém que leva a vida de um brahmacari pode fazer isso. Se alguém que não praticou o voto de brahmacarya procura trazê-la de volta depois de tê-la disparado, ela corta sua própria cabeça e o destrói com todos os seus equipamentos. Arjuna era um brahmacari e um cumpridor de votos. Tendo obtido aquela arma quase inalcançável, ele nunca a tinha usado nem quando mergulhado em situações de grande perigo. Observador do voto da verdade, possuidor de grande heroísmo, levando a vida de um brahmacari, o filho de Pandu era submisso e obediente a todos os seus superiores. Foi por isso que ele conseguiu retirar sua arma.

O filho de Drona, vendo aqueles dois Rishis de pé diante dele, não podia por sua energia retirar sua própria arma terrível. Incapaz de retirar a grande arma em batalha, o filho de Drona, ó rei, com o coração triste, disse ao rishi nascido na ilha estas palavras, 'Ameaçado por um grande perigo, e desejoso de proteger minha

vida, eu disparei esta arma por medo de Bhimasena, ó sábio! Este Bhimasena de comportamento falso agiu pecaminosamente, ó santo, enquanto matava o filho de Dhritarashtra em batalha! É por isso, ó regenerados, que de alma impura como eu sou eu lancei esta arma. Eu não ouso, no entanto, retirá-la agora. Tendo inspirado esta arma celeste e irresistível com a energia do fogo, eu a atirei para a destruição dos Pandavas. Projetada para a destruição dos Pandavas, essa arma, portanto, tirará as vidas de todos os filhos de Pandu. Ó regenerados, eu, em cólera, fiz este ato pecaminoso. Eu invoquei esta arma em batalha para a destruição dos Pandavas.'

Vyasa disse, 'O filho de Pritha, Dhananjaya, ó filho, conhece a arma chamada brahmashira. Nem por fúria, nem para a tua destruição em batalha ele disparou esta arma. Arjuna, por outro lado, a usou para neutralizar tua arma. Ele agora a retirou. Tendo obtido até a brahmastra pelas instruções de teu pai, Dhananjaya de braços poderosos não se desviou dos deveres de um kshatriya. Arjuna possui tal paciência, e tal honestidade. Ele é, além disso, conhecedor de todas as armas. Por que tu procuras realizar a destruição de tal pessoa com todos os seus irmãos? Aquela região onde a arma chamada brahmashira é neutralizada por outra arma superior sofre uma seca por doze anos, pois as nuvens não despejam uma gota de água lá por este período. Por essa razão, o filho de braços poderosos de Pandu, embora ele tivesse o poder, não frustrou, pelo desejo de fazer o bem para as criaturas vivas, tua arma com a dele. Os Pandavas devem ser protegidos; tu mesmo deve ser protegido; o reino também deve ser protegido. Portanto, ó tu de braços poderosos, retire essa tua arma celeste. Dissipe essa ira do teu coração e deixe os Pandavas ilesos. O sábio real Yudhishthira nunca desejou ganhar a vitória por cometer qualquer ação pecaminosa. Dê a eles esta pedra preciosa que está na tua cabeça. Recebendo isso, os Pandavas em retorno te concederão tua vida!'

O filho de Drona disse, 'Esta minha pedra preciosa é mais valiosa do que toda a riqueza que já foi ganha pelos Pandavas e pelos Kauravas. Se esta pedra preciosa é usada, o seu portador cessa de ter qualquer medo de armas ou doença ou fome! Ele cessa de ter qualquer medo dos deuses e danavas e nagas! Suas apreensões de rakshasas como também de ladrões cessarão. Estas são as virtudes desta minha pedra preciosa. Eu não posso, de modo algum, me desfazer dela. Aquilo que tu dizes, no entanto, ó santo, deve ser feito por mim. Aqui está esta pedra preciosa. Aqui estou eu mesmo. Esta folha de grama (transformada em uma arma fatal) irá, no entanto, cair nos úteros das mulheres Pandava, pois esta arma é elevada e poderosa, e incapaz de ser frustrada. Ó regenerado, eu não posso retirá-la, tendo-a lançado uma vez. Eu agora jogarei esta arma nos úteros das mulheres Pandava. Quanto às tuas ordens com relação a outras coisas, ó santo, eu certamente as obedecerei.'

Vyasa disse, 'Faça isso então. No entanto, não nutra qualquer outro propósito, ó impecável! Jogando esta arma nos úteros das mulheres Pandava, pare a ti mesmo.'"

Vaisampayana continuou, "O filho de Drona, tendo ouvido as palavras do nascido na ilha, jogou aquela arma nos úteros das mulheres Pandava."

16

Vaisampayana disse, "Compreendendo que aquela arma foi jogada (nos úteros das mulheres Pandava) pelo filho de Drona de feitos pecaminosos, Hrishikesha, com o coração alegre, disse estas palavras a ele: ‘Certo brahmana de votos pios, vendo a filha de Virata que é agora nora de Arjuna, enquanto ela estava em Upaplavya, disse, ‘Quando a linhagem Kuru se tornar extinta, um filho nascerá para ti. Este teu filho, por esta razão, será chamado pelo nome de Parikshit.’ As palavras daquele homem pio se tornarão verdadeiras: os Pandavas terão um filho chamado Parikshit.’ Para Govinda, aquele principal da tribo Satwata, enquanto ele estava dizendo estas palavras, o filho de Drona, cheio de ira, respondeu, dizendo, 'Ó Keshava, isso que tu dizes por parcialidade pelos Pandavas não acontecerá. Ó tu de olhos como pétalas de lótus, minhas palavras não podem deixar de ser cumpridas. Erguida por mim, esta minha arma cairá no feto que está no útero da filha de Virata, sobre aquele feto que tu, ó Krishna, estás desejoso de proteger.’

O santo disse, ‘A queda desta arma poderosa não será inútil. O feto morrerá. Mas estando morto, ele viverá novamente e terá uma vida longa! Quanto a ti, todos os homens sábios te conhecem como um covarde e um patife pecaminoso! Sempre dedicado a ações pecaminosas, tu és um assassino de crianças. Por essa razão, tu deves suportar o resultado destes teus pecados. Por 3.000 anos tu vagarás sobre esta terra, sem um companheiro e sem poder conversar com ninguém. Sozinho e sem ninguém ao teu lado, tu vagarás por diversos países, ó patife, tu não terás lugar no meio de homens. O fedor de pus e sangue emanará de ti, e florestas inacessíveis e pântanos sombrios serão tua residência! Tu vagarás sobre esta Terra, ó tu de alma pecaminosa, com o peso de todas as doenças sobre ti.

O heróico Parikshit, alcançando a velhice e um conhecimento dos Vedas e a prática de votos pios, obterá todas as armas do filho de Sharadvata. Tendo obtido um conhecimento de todas as armas superiores, e cumpridor de todos os deveres kshatriyas, aquele rei de alma justa governará a terra por sessenta anos. Mais do que isto, aquele menino se tornará o rei de braços fortes dos Kurus, conhecido pelo nome de Parikshit, perante teus próprios olhos, ó tu de alma perversa! Embora queimado pela energia do fogo da tua arma, eu o ressuscitarei. Ó mais inferior dos homens, veja a energia de minhas austeridades e minha verdade.’

Vyasa disse, ‘Já que, nos desrespeitando, tu cometeste este ato extremamente cruel, e já que teu comportamento é esse embora tu sejas um bom brahmana (por nascimento), portanto, essas palavras excelentes que o filho de Devaki disse serão, sem dúvida, realizadas no teu caso, um adotante como tu tens sido dos costumes kshatriyas!’

Ashvatthama disse, ‘Com tu mesmo entre todos os homens, ó santo, eu viverei! Que as palavras destes ilustres e principais dos homens se tornem verdadeiras!’”

Vaisampayana continuou, "O filho de Drona, então, tendo transferido sua pedra preciosa para os Pandavas de grande alma, procedeu tristemente, perante os olhos deles, para a floresta. Os Pandavas que tinham matado e castigado todos os seus inimigos, colocando Govinda e Krishna nascido na ilha e o grande asceta Narada na sua dianteira, e levando a pedra preciosa que nasceu com Ashvatthama, voltaram rapidamente até a inteligente Draupadi que estava sentada em observância do voto praya.

Aqueles tigres entre homens, levados por seus corcéis excelentes parecendo o vento em velocidade, voltaram com ele da tribo Dasharha para seu acampamento. Descendo depressa de seus carros, aqueles grandes guerreiros em carros, eles mesmos muito mais aflitos, contemplaram a filha de Drupada Krishna afligida pela dor. Se aproximando da princesa desanimada tomada pela tristeza e angústia, os Pandavas com Keshava sentaram em volta dela.

Então o poderoso Bhimasena, pelo desejo do rei, deu aquela pedra preciosa celeste a ela e disse estas palavras: ‘Esta pedra preciosa, ó senhora amável, é tua. O matador de teus filhos foi derrotado. Levante, rejeitando tua tristeza, e te lembres dos deveres de uma senhora kshatriya. Ó tu de olhos negros, quando Vasudeva estava prestes a sair (de Upaplavya) em sua missão de paz, tu, ó senhora tímida, disseste estas palavras ao matador de Madhu, ‘Eu não tenho maridos! Eu não tenho filhos, nem irmãos! Nem tu estás vivo, ó Govinda, já que o rei deseja a paz!’ Estas palavras amargas foram endereçadas por ti para Krishna, este principal dos seres! Cabe a ti lembrar aquelas tuas palavras que eram tão compatíveis com os costumes kshatriyas.

O canalha Duryodhana, aquele obstáculo no caminho da nossa soberania, está morto. Eu bebi o sangue de Duhsasana vivo. Nós pagamos a dívida que tínhamos com o nosso inimigo. As pessoas, quando conversarem, não poderão nos criticar nunca mais. Tendo vencido o filho de Drona, nós o libertamos por ele ser um brahmana e pelo respeito que deve ser mostrado por nosso preceptor falecido. Sua fama tendo sido destruída, ó deusa, somente seu corpo resta! Ele está privado de sua pedra preciosa e sobre a terra ele foi despojado de suas armas!’

Draupadi disse, ‘Eu desejei somente pagar nossa dívida pela injúria que nós sofremos. O filho do preceptor é digno de minha reverência como o próprio preceptor. Que o rei ate esta pedra preciosa em sua cabeça, ó Bharata!’ O rei então, pegando aquela jóia, a colocou em sua cabeça, pelo desejo de Draupadi e considerando-a como um presente do preceptor. Levando em sua cabeça aquela pedra preciosa excelente e celestial, o pujante rei parecia belo como uma montanha com a lua sobre ela. Embora tomada pela dor por causa da morte de seus filhos, a princesa Draupadi, possuidora de grande força mental, desistiu de seu voto. Então o rei Yudhishthira inquiriu o poderosamente armado Krishna, dizendo as seguintes palavras.’"

17

Vaisampayana disse, "Depois que todas as tropas foram mortas durante a hora de sono por aqueles três guerreiros em carros, o rei Yudhishthira em grande angústia disse estas palavras àquele da tribo Dasharha: ‘Como, ó Krishna, meus filhos, todos os quais eram poderosos guerreiros em carros, puderam ser mortos pelo pecaminoso e desprezível Ashvatthama de pouca habilidade em batalha? Como também pode o filho de Drona matar os filhos de Drupada, todos os quais eram talentosos em armas, possuidores de grande coragem, e capazes de lutar com centenas de milhares de inimigos? Como ele pode matar aquele principal dos guerreiros em carros, Dhrishtadyumna, perante o qual nem o próprio grande arqueiro Drona podia aparecer? Qual ação foi feita pelo filho do preceptor, ó touro entre homens, pela qual ele conseguiu matar, sozinho, todos os nossos homens em batalha?’

O santo disse, ‘Em verdade, o filho de Drona procurou a ajuda daquele mais elevado de todos os deuses, o eterno Mahadeva. Foi por isso que ele teve êxito em matar, sem ajuda, tão grande número de guerreiros. Se Mahadeva estiver satisfeito, ele pode conceder até imortalidade. Girisha pode dar tal bravura como a de conseguir controlar o próprio Indra. Eu conheço Mahadeva realmente, ó touro da raça Bharata! Eu conheço também suas várias ações de antigamente. Ele, ó Bharata, é o início, o meio, e o fim de todas as criaturas. Todo este universo age e se move devido à sua energia.

O pujante Avô, desejoso de criar criaturas vivas, viu Rudra; e o Avô lhe solicitou, dizendo, ‘Crie criaturas vivas sem demora!’ Assim pedido, Rudra de madeixas escuras, dizendo, ‘Assim seja’ mergulhou na água e praticou austeridades por um longo tempo, visto que ele era consciente dos defeitos das criaturas vivas. Tendo esperado na expectativa de Rudra por muito tempo, o Avô, por um decreto de sua vontade, chamou à existência outro ser para fazer dele o criador de todas as espécies de coisas vivas. Vendo Girisha mergulhado nas águas, este (segundo) ser disse a seu pai, ‘Se não houver nenhum ser nascido antes de mim, então eu criarei criaturas vivas!’ Seu pai respondeu a ele, dizendo,’Não há outro ser primogênito além de ti! Este Sthanu mergulhou na água! Vá e crie criaturas vivas, sem qualquer ansiedade!’

Aquele ser então criou muitas criaturas vivas, tendo Daksha como seu primeiro, que criou todas essas criaturas de quatro espécies. Logo, no entanto, que elas foram criadas, elas correram, ó rei, em direção a seu pai, afligidas pela fome e desejosas de devorá-lo. O segundo ser que Brahma tinha criado então correu em direção a ele, desejoso de proteção de sua própria prole. E ele disse ao Avô, ‘Ó ilustre, me proteja delas, e que estas criaturas tenham seu alimento designado para elas!’ Então o Avô designou ervas e plantas e outros vegetais como seu alimento, e para aquelas que eram fortes ele atribuiu as criaturas mais fracas como meio de sustento. Seu sustento tendo sido assim atribuído, as criaturas recém criadas foram todas embora para as regiões que elas desejaram, e se multiplicaram alegremente pela união com suas respectivas espécies.

Depois que as criaturas tinham se multiplicado e o Avô tinha ficado bem satisfeito, o primogênito ergueu-se da água e contemplou a criação viva. Ele viu diversas espécies de criaturas que tinham sido criadas e que tinham se multiplicado por sua própria energia. A esta visão, Rudra ficou zangado e fez seu membro gerador desaparecer nas entranhas da Terra. O imperecível Brahma, o acalmando por meio de palavras gentis, disse a ele, 'Ó Sharva, o que tu estivesses fazendo tanto tempo dentro da água? Por que razão também tu fizeste teu membro de geração desaparecer nas entranhas da Terra?' Assim questionado, aquele senhor do universo respondeu colericamente ao senhor Brahman, 'Alguém mais criou todas essas criaturas! Para que propósito então servirá este meu membro? Eu, por minhas austeridades, ó Avô, criei alimento para todas essas criaturas. Estas ervas e plantas também se multiplicarão como aqueles que irão subsistir delas!' Tendo dito estas palavras, Bhava partiu, em tristeza e raiva, para a base das montanhas Menjavat para praticar austeridades mais rígidas."

18

O santo disse, "Depois do krita-yuga ter passado, os deuses, desejosos de realizar um sacrifício, fizeram devidamente a preparação para um de acordo as instruções prescritas nos Vedas. Eles reuniram manteiga clarificada e os outros requisitos. E eles não somente planejaram quais os requisitos seu sacrifício deveria ter, mas também determinaram quais entre eles mesmos teriam uma parte nas oferendas sacrificais.

Não conhecendo Rudra realmente, os celestiais, ó rei, não atribuíram uma parte para o divino Sthanu. Vendo que os celestiais não atribuíram a ele uma parte nas oferendas sacrificais, Sthanu, vestido em peles de veado, desejou destruir aquele Sacrifício e com esse objetivo construiu um arco. Há quatro tipos de Sacrifícios: o Sacrifício loka, o Sacrifício de ritos especiais, o Sacrifício doméstico eterno, e o Sacrifício consistindo na satisfação derivada pelo homem de seu desfrute das cinco substâncias elementares e seus compostos. É destas quatro espécies de Sacrifício que o universo surgiu. Kapardin construiu aquele arco usando como materiais o primeiro e o quarto tipos de Sacrifícios. O comprimento daquele arco era cinco cúbitos. O (mantra) sagrado "vashat," ó Bharata, foi feito sua corda. As quatro partes, nas quais um Sacrifício consiste, se tornaram os adornos daquele arco.

Então Mahadeva, cheio de raiva, e pegando aquele arco, foi àquele local onde os celestiais estavam engajados em seu Sacrifício. Vendo o imperecível Rudra chegando lá vestido como um brahmacari e armado com aquele arco, a deusa Terra se encolheu com medo e as próprias montanhas começaram a tremer. O próprio vento parou de se mover, e o próprio fogo, embora alimentado, não se inflamou. As estrelas no firmamento, em ansiedade, começaram a vagar em direções irregulares. O esplendor do Sol diminuiu. O disco da Lua perdeu sua

beleza. Todo o firmamento ficou envolvido em uma escuridão densa. Os celestiais, oprimidos, não sabiam o que fazer. Seu Sacrifício parou de brilhar. Os deuses estavam todos apavorados. Rudra então perfurou a encarnação do Sacrifício com uma flecha ardente no coração. A forma incorporada do Sacrifício, assumindo a forma de um veado, fugiu, com o deus do fogo. Se aproximando do céu naquela forma, ele resplandeceu em beleza. Rudra, no entanto, ó Yudhishthira, o perseguiu pelos céus. Depois que o Sacrifício tinha fugido, os deuses perderam seu esplendor. Tendo perdido sua razão, os deuses estavam estupefatos.

Então Mahadeva de três olhos, com seu arco, quebrou com raiva os braços de Savitri, e arrancou os olhos de Bhaga e os dentes de Pushana. Os deuses então fugiram, como também as várias partes do Sacrifício. Alguns entre eles, cambaleando enquanto eles procuravam fugir, caíram sem sentidos. Rudra de garganta azul, tendo-os agitado dessa forma, riu alto, e girando o corno de seu arco, os paralisou. Os celestiais então proferiram um grito. Por ordem deles, a corda do arco se partiu. A corda tendo rompido, o arco ficou esticado em uma linha. Os deuses então se aproximaram do deus de deuses sem arco e, com a forma incorporada do Sacrifício, procuraram a proteção do pujante Mahadeva e se esforçaram para gratificá-lo.

Satisfeito, o grande deus jogou sua ira na água, ó rei, aquela ira, assumindo a forma do fogo, está sempre empenhada em consumir aquele elemento líquido. Ele então deu a Savitri seus braços, a Bhaga seus olhos, e a Pushana seus dentes. E ele também restaurou os próprios Sacrifícios, ó Pandava! O mundo mais uma vez ficou são e salvo. Os deuses designaram para Mahadeva todas as libações de manteiga clarificada como a parte da grande divindade. Ó monarca, quando Mahadeva tinha ficado zangado, o mundo inteiro ficou assim agitado, quando ele ficou satisfeito tudo ficou seguro. Possuidor de grande energia, o deus Mahadeva estava satisfeito com Ashvatthama. Foi por isso que teus filhos, aqueles poderosos guerreiros em carros, puderam ser mortos por aquele guerreiro. Foi por isso que muitos outros heróis, os Pancalas, com todos os seus seguidores, puderam ser mortos por ele. Tu não deves permitir tua mente se estender sobre isto. Não foi o filho de Drona que realizou aquele ato. Aquilo foi feito pela graça de Mahadeva. Faça agora o que deve ser feito em seguida.'"

Fim do Sauptika-parva.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 11

STRI PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO

Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Sanjaya conforta Dhritarashtra.	3
2	Vidura conforta Dhritarashtra, sobre aflição e morte.	5
3	Vidura fala sobre a cura da tristeza.	7
4	Vidura sobre nascimento, sofrimento e morte de todas as criaturas.	8
5	**História de Brahmana na beira da cova, bebendo mel à beira da morte.**	9
6	Explicação de símiles de Vidura.	10
7	Vidura sobre vínculos ao mundo. Analogia da carruagem.	10
8	Vyasa explica batalha como ordenada pelos deuses. Angústia de Dhritarashtra finalmente acalmada.	12
9	Sanjaya retorna a Dhritarashtra – discernimento removido.	14
10	Dhritarashtra sobe no carro – mulheres da casa seguem.	15
11	Encontra três Kurus retornando. Separam-se e seguem seus caminhos.	16
12	Encontro com Pandavas. Dhritarashtra enfurecido esmaga uma estátua de ferro de Bhima.	18
13	Krishna repreende Dhritarashtra.	19
14	Vyasa adverte Gandhari contra amaldiçoar os Pandavas.	20
15	Bhima questionado por Gandhari. Sua fúria causa uma ferida no dedo do pé de Yudhishthira.	21
16	Gandhari vê campo de batalha com visão divina. Mulheres lamentando.	23
17	Vê Duryodhana e lamenta.	26
18	Gandhari continua lamentando.	27
19	(Idem) vendo cada filho por vez.	29
20	Gandhari vê esposa de Abhimanyu chorando.	30
21	Gandhari vê Karna no chão.	31
22	Gandhari.	32
23	Gandhari vê heróis, incluindo Salya, Kripi com Drona.	33
24	Gandhari vê Bhurisravas, Sakuni.	35
25	Gandhari finalmente amaldiçoa Krishna a ver seus próprios parentes morrerem, e ele mesmo a morrer na selva depois de 36 anos.	36
26	Um bilhão, 660 milhões e 20 mil homens mortos; 240.165 escaparam. Queima dos mortos.	39
27	Todos vão ao Ganges e realizam rito com água. Pandavas sofrem por seu irmão Karna.	41

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

(Jalapradanika-parva)

Om! Tendo reverenciado Narayana e Nara, o principal dos seres masculinos, e a deusa Saraswati, a palavra Jaya deve ser proferida.

Janamejaya disse, "Depois que Duryodhana tinha morrido e depois que todos os guerreiros também tinham morrido em batalha, o que, ó sábio, fez o rei Dhritarashtra ao receber a notícia? O que também fez o rei Kuru de grande alma Yudhishthira, o filho de Dharma? O que fizeram os três sobreviventes (do exército Kuru), isto é, Kripa e os outros? Eu ouvi tudo sobre as façanhas de Ashvatthama. Diga-me o que aconteceu depois daquela mútua pronunciação de maldições. Conte-me tudo o que Sanjaya disse ao velho rei cego."

Vaisampayana disse, "Depois de ter perdido seus cem filhos, o rei Dhritarashtra, atormentado pela dor por causa disso, triste, e parecendo com uma árvore com seus ramos cortados, ficou oprimido pela ansiedade e perdeu seu poder de fala. Possuidor de grande sabedoria, Sanjaya, se aproximando do monarca, dirigiu-se a ele, dizendo, 'Por que tu sofres, ó monarca? A dor não serve a nenhum propósito. Dezoito Akshauhinis de combatentes, ó rei, estão mortos! A terra se tornou desolada, e está quase vazia agora! Reis de diversos reinos, vindos de diversas regiões, unidos com teu filho (para ajudá-lo em batalha), todos sacrificaram suas vidas. Que agora os ritos fúnebres de teus pais e filhos e netos e parentes e amigos e preceptores sejam realizados na devida ordem."

Vaisampayana continuou, "Desprovido de seus filhos e conselheiros e de todos os seus amigos, o rei Dhritarashtra de grande energia de repente caiu por terra como uma árvore arrancada pelo vento."

"Dhritarashtra disse, 'Desprovido como eu estou de filhos e conselheiros e de todos os meus amigos, eu vou, sem dúvida, ter que vagar em tristeza sobre a terra. Que necessidade eu tenho agora da própria vida, deixado como fui por parentes e amigos e parecendo com uma ave com suas asas cortadas e afligido pela decrepitude? Sem um reino, sem parentes, e desprovido de visão, eu, ó tu de grande sabedoria, não posso mais brilhar sobre a terra assim como um luminar privado de seu esplendor! Eu não segui os conselhos de amigos, do filho de Jamadagni, do rishi celeste Narada, e do nascido na ilha, Krishna, quanto eles me ofereceram conselhos. No meio da assembléia Krishna me disse o que era para o meu bem, dizendo, 'Uma trégua (temporária) das hostilidades, ó rei! Que teu filho leve o reino inteiro! Dê somente cinco aldeias para os Pandavas!' Tolo que eu fui, por não seguir aquele conselho, eu sou agora obrigado a me arrepender tão dolorosamente! Eu não escutei os conselhos corretos de Bhishma. Ai, sabendo da morte de Duryodhana cujos rugidos eram tão profundos como os de um touro, sabendo também da morte de Duhsasana e da extinção de Karna e do por do sol-Drona, o meu coração não se parte em pedaços. Eu, ó Sanjaya, não me lembro

de qualquer má ação cometida por mim nos tempos passados, cujas consequências, tolo que eu sou, eu estou sofrendo hoje. Sem dúvida, eu cometi grandes pecados em minhas vidas passadas, pelos quais o Ordenador Supremo estabeleceu que eu sofresse tal medida de dor. Esta destruição de todos os meus parentes, este extermínio de todos os meus benquerentes e amigos, nesta velhice, vem sobre mim pela força do Destino. Que outro homem há sobre a terra que esteja mais afligido do que a minha pessoa desventurada? Já que é assim, que os Pandavas me vejam neste dia firmemente resolvido a me dirigir para o longo caminho que leva às regiões de Brahman!'"

Vaisampayana continuou, "Enquanto o rei Dhritarashtra lamentava dessa maneira, Sanjaya se dirigiu a ele nas seguintes palavras para dissipar sua aflição, 'Livre-te da tua dor, ó monarca! Tu ouviste as conclusões dos Vedas e o conteúdo de diversas escrituras e escritos sagrados, dos lábios dos antigos, ó rei! Tu ouviste aquelas palavras que os sábios disseram a Sanjaya enquanto o último sofria por causa da morte de seu filho. Quando teu filho, ó monarca, contraiu o orgulho que é nascido da juventude, tu não aceitaste os conselhos oferecidos a ti pelos teus benquerentes. Desejoso de frutos, tu, por avareza, não fizeste o que era realmente para o teu benefício. Tua própria inteligência, como uma espada afiada, te feriu. Tu geralmente agradaste aqueles de mau comportamento. Teu filho teve Duhsasana como seu conselheiro, e o filho de alma perversa de Radha, e o igualmente perverso Sakuni e Citrasena de mente tola, e Salya. Teu filho (por seu próprio comportamento) fez o mundo inteiro seu inimigo. Teu filho, ó Bharata, não obedeceu às palavras de Bhishma, o venerável chefe dos Kurus, de Gandhari e Vidura, de Drona, ó rei, de Kripa, o filho de Sharadvata, do poderosamente armado Krishna, do inteligente Narada, e de muitos outros rishis, e do próprio Vyasa de energia incomensurável. Embora possuidor de coragem teu filho tinha pouca inteligência, era orgulhoso, sempre desejoso de lutar, mau, indisciplinado, e descontente. Tu és possuidor de erudição e inteligência e és sempre sincero. Aqueles que são tão íntegros e possuidores de tal inteligência como tu nunca são entorpecidos pela dor. A virtude não era considerada por algum deles. Batalha era a única palavra em seus lábios. Por isso a classe Kshatriya foi exterminada e a fama de teus inimigos aumentada. Tu ocupaste a posição de um árbitro, mas tu não proferiste uma palavra de conselho salutar. Inadequado como tu eras para a tarefa, tu não seguraste os pratos da balança equilibradamente. Toda pessoa deve, no início, adotar tal linha de ação benéfica para que não tenha, ao fim, que se arrepender de alguma coisa já feita por ela. Por afeição por teu filho, ó monarca, tu fizeste o que era agradável para Duryodhana. Tu és obrigado a te arrepender por isso agora. Não cabe a ti, no entanto ceder à angústia. O homem cujos olhos estão dirigidos somente para o mel sem serem dirigidos uma vez para a queda, encontra a destruição por sua avareza pelo mel. Tal homem é obrigado a se arrepender assim como tu. O homem que se entrega à aflição nunca ganha prosperidade. Por se afligir uma pessoa perde os resultados que deseja. A tristeza é também um obstáculo para a aquisição de objetos caros a nós. O homem que cede à tristeza perde até sua salvação. O homem que esconde um carvão ardente dentro das dobras de seu traje e é queimado pelo fogo aceso por este, é declarado um tolo se ele se aflige por seus ferimentos. Tu mesmo, com teu filho,

com tuas palavras, atiçaste o fogo-Partha, e com sua avareza servindo de manteiga clarificada fizeste aquele fogo resplandecer a chamas ardentes. Quando aquele fogo se inflamou dessa maneira teus filhos caíram dentro dele como insetos. Não cabe a ti, no entanto, sofrer agora por eles que foram todos queimados no fogo das flechas do inimigo. O rosto manchado de lágrimas, ó rei, que exibes agora não é aprovado pelas escrituras ou elogiado pelos sábios. Estas lágrimas, como faíscas de fogo, queimam os mortos pelos quais elas são derramadas. Mate tua tristeza com tua inteligência, e te mantenha firme com a força do teu próprio ser!' Dessa maneira o rei foi confortado por Sanjaya de grande alma. Vidura então, ó opressor de inimigos, dirigiu-se novamente ao rei, mostrando grande inteligência."

2

Vaisampayana disse, "Ouça, ó Janamejaya, as palavras como néctar que Vidura disse ao filho de Vichitravirya e pelas quais ele alegrou aquele touro entre homens!"

"Vidura disse, 'Levante, ó rei! Por que tu estás estirado no chão? Mantenha-te firme com teu próprio ser. Ó rei, este mesmo é o fim derradeiro de todas as criaturas vivas. Tudo reunido junto termina em destruição; tudo o que chega ao alto seguramente cairá. União seguramente terminará em separação; vida seguramente terminará em morte. O destruidor, ó Bharata, arrasta ambos o herói e o covarde. Por que então, ó touro entre Kshatriyas, (ele não arrastaria) Kshatriyas envolvidos em batalha? Aquele que não luta parece escapar com vida. Quando, no entanto, chega a hora de uma pessoa, ó rei, ela não pode escapar. Quanto às criaturas vivas, elas são inexistentes a princípio. Elas existem em um período que fica entremeio. Ao fim elas mais uma vez se tornam inexistentes. Que causa de angústia então há nisto? O homem que se entrega à dor não tem êxito em se reunir com os mortos. Por se entregar à dor, ele mesmo não morre. Quando tal é o rumo do mundo, por que tu cedes à tristeza? A morte arrasta todas as criaturas, até os deuses. Não há ninguém caro ou odioso para a morte, ó melhor dos Kurus! Como o vento arranca os topos de todas as folhas de grama, assim mesmo, ó touro da raça Bharata, a morte tem autoridade suprema sobre todas as criaturas. Todas as criaturas são como membros de uma caravana com destino ao mesmo lugar. (Como a morte encontrará todos) pouco importa quem ela encontra primeiro. Não cabe a ti, ó rei, sofrer por aqueles que foram mortos em batalha. Se as escrituras são alguma autoridade, todos eles obtiveram o fim mais sublime. Todos eles eram versados nos Vedas; todos eles tinham cumprido votos. Enfrentando o inimigo todos eles encontraram a morte. Que causa de angústia então há nisto? Invisíveis eles eram (antes do nascimento). Tendo vindo daquela região desconhecida, eles se tornaram mais uma vez invisíveis. Eles não são teus, nem tu és deles. Que tristeza então há em tal desaparecimento? Se morto, alguém ganha o céu. Por matar, fama é obtida. Ambos, com relação a nós, são produtivos de grande mérito. A batalha, portanto, não é inútil. Sem dúvida, Indra projetará para eles regiões capazes de conceder todos os desejos. Estes, ó touro

entre homens, se tornam os convidados de Indra. Os homens não podem, por sacrifícios com presentes abundantes, por penitências ascéticas ou erudição, ir tão depressa para o céu quanto os heróis mortos em batalha. Sobre os corpos dos heróis hostis constituindo o fogo sacrifical, eles despejaram suas libações de flechas. Possuidores de grande energia, eles tiveram em retorno que suportar as libações de flechas (despejadas sobre eles por seus inimigos). Eu te digo, ó rei, que para um Kshatriya neste mundo não há uma estrada melhor para o céu do que a batalha! Eles eram todos Kshatriyas de grande alma, possuidores de coragem, eles eram ornamentos de assembléias. Eles alcançaram um estado superior de bem-aventurança. Eles não são pessoas pelas quais nós devemos sofrer. Consolando a ti mesmo por ti mesmo pare de sofrer, ó touro entre homens! Não cabe a ti te permitir ser dominado pela tristeza e abandonar todas as ações. Há milhares de mães e pais e filhos e esposas neste mundo. De quem são eles, e de quem somos nós? Dia a dia surgem milhares de causas para a tristeza e milhares de causas para o medo. Essas, no entanto, afetam os ignorantes, mas são nada para aquele que é sábio. Não há ninguém caro ou odioso para o Tempo, ó melhor dos Kurus! O Tempo não é indiferente a ninguém. Tudo é igualmente arrastado pelo Tempo. O Tempo faz todas as criaturas crescerem, e é o Tempo que destrói tudo. Quando tudo mais está adormecido, o Tempo está desperto. O Tempo é irresistível. Juventude, beleza, vida, posses, saúde, e a companhia dos amigos, tudo é instável. Aquele que é sábio nunca cobiçará algum destes. Não cabe a ti sofrer pelo que é universal. Uma pessoa pode, por ceder à tristeza, ela mesma perecer, mas a própria tristeza, por se ceder a ela, nunca se torna leve. Se tu sentes que tua tristeza é pesada, ela deve ser neutralizada por não se entregar a ela. Este mesmo é o remédio para a tristeza: não se entregar a ela. Por insistir nela não se pode diminuí-la. Por outro lado, ela cresce com a indulgência. Após a vinda do mal ou após a perda de algo que é querido, somente aqueles que são de pouca inteligência permitem que suas mentes sejam atormentadas pela aflição. Não é nem Lucro, nem Religião, nem Felicidade, sobre o qual teu coração está se estendendo. A indulgência na aflição é o meio certo de se perder seus próprios objetos. Através dela uma pessoa se afasta dos três grandes objetivos da vida (religião, lucro, e prazer). Aqueles que são desprovidos de contentamento ficam estupefatos na acessão de vicissitudes dependentes da posse de riqueza. No entanto, aqueles que são sábios, por outro lado, não são afetados por tais vicissitudes. Deve-se matar a dor mental pela sabedoria, como a dor física deve ser morta pela medicina. A sabedoria tem este poder. No entanto, os que são tolos nunca podem obter tranquilidade de alma. As ações de uma vida anterior seguem um homem de perto, tanto que elas deitam ao lado dele quando ele deita, ficam de pé ao lado dele enquanto ele permanece de pé, e correm com ele quando ele corre. Naquelas condições de vida nas quais alguém age bem ou mal, ele desfruta ou sofre o resultado disso em condições similares. Naquelas formas (de organização física) nas quais alguém realiza ações específicas, ele desfruta ou sofre os resultados disso em formas parecidas. A própria pessoa é seu próprio amigo, como, de fato, a própria pessoa é seu próprio inimigo. A própria pessoa é a testemunha de seus atos, bons e maus. De boas ações surge um estado de felicidade, de atos pecaminosos surge a dor. Uma pessoa sempre obtem os resultados de seus atos. Alguém nunca desfruta ou sofre angústia ou dor que não

seja o resultado de seus próprios atos. Pessoas inteligentes como tu, ó rei, nunca afundam em enormidades pecaminosas que são desaprovadas pelo conhecimento e que golpeiam a própria raiz (da virtude e felicidade).'"

3

"Dhritarashtra disse, 'Ó tu de grande sabedoria, minha tristeza foi dissipada pelas tuas palavras excelentes! Eu desejo, no entanto, te ouvir falar outra vez. Como, de fato, aqueles que são sábios se livram da dor mental nascida da vinda de males e da perda de objetos que são caros?'"

"Vidura disse, 'Aquele que é sábio obtem tranquilidade por subjugar ambos, tristeza e alegria, através de meios pelos quais se pode escapar da tristeza e alegria. Todas aquelas coisas sobre as quais nós somos ansiosos, ó touro entre homens, são efêmeras. O mundo é como uma bananeira, sem vigor permanente. Já que os sábios e os tolos, os ricos e os pobres, todos, livres de suas ansiedades, dormem no crematório, com corpos privados de carne e cheios de ossos expostos e tendões enrugados, quem entre eles os sobreviventes considerarão como possuidor de marcas características pelas quais os atributos de nascimento e beleza possam ser averiguados? (Quando tudo é igual na morte) por que deveriam os seres humanos, cujas mentes são sempre enganadas (pelas coisas deste mundo) cobiçar o posto e a posição uns dos outros? Os eruditos dizem que os corpos dos homens são como casas. Com o tempo estas são destruídas. Há um ser, no entanto, que é eterno. Como uma pessoa, rejeitando um traje, velho ou novo, veste outro, tal é o caso dos corpos de todos os seres incorporados. Ó filho de Vichitravirya, as criaturas obtem angústia ou dor como o resultado de suas próprias ações. Através de seus atos elas obtem o céu, ó Bharata, ou felicidade, ou dor. Capazes ou incapazes, elas tem que suportar suas cargas as quais são o resultado de suas próprias ações. Como entre vasos de barro alguns quebram ainda na roda do ceramista, alguns enquanto parcialmente moldados, alguns logo que formados, alguns depois de removidos da roda, alguns ao longo da remoção, alguns depois da remoção, alguns enquanto molhados, alguns enquanto secos, alguns enquanto sendo queimados, alguns enquanto sendo removidos do forno, algum depois da remoção do forno, e alguns enquanto sendo usados, exatamente esse é o caso dos corpos das criaturas incorporadas. Alguns são destruídos enquanto ainda no útero, alguns depois de saírem do útero, alguns no dia seguinte, alguns na expiração de uma quinzena ou de um mês, algum no término de um ano ou de dois anos, alguns na juventude, alguns na meia-idade, e alguns quando velhos. As criaturas são nascidas ou destruídas de acordo com suas ações em vidas anteriores. Quando tal é o rumo do mundo, por que você então se entrega à aflição? Como os homens, enquanto nadando se divertindo na água, às vezes afundam e às vezes emergem, ó rei, assim mesmo as criaturas afundam e emergem no rio da vida. Aqueles que tem pouca sabedoria sofrem ou encontram destruição como o resultado de suas próprias ações. Aqueles, no entanto, que são sábios, observadores de virtude, e desejosos de fazer o bem para todas as criaturas vivas, eles, familiarizados com a real natureza

do aparecimento das criaturas neste mundo, ao final alcançam o fim mais sublime.'"

4

"Dhritarashtra disse, 'Ó principal dos oradores, como pode a selva deste mundo ser conhecida? Eu desejo saber isto. Perguntado por mim, diga-me.'"

"Vidura disse, 'Eu descreverei para ti todas as ações das criaturas desde a sua primeira concepção. No início o ser vive na mistura de sangue e do fluido vital. Então ele cresce pouco a pouco. Então no término do quinto mês ele assume forma. Ele em seguida se torna um feto com todos os seus membros completos, e vive em um lugar muito impuro, coberto com carne e sangue. Então, pela ação do vento, seus membros inferiores são virados para cima e a cabeça vem para baixo. Chegando nesta postura na boca do útero, ele sofre diversas dores. Por consequência das contrações do útero, a criatura então sai dele, dotada dos resultados de todas as suas ações prévias. Ele então encontra neste mundo outros males que avançam em direção a ele. As calamidades procedem em direção a ele como cães ao cheiro da carne. Em seguida diversas doenças se aproximam dele enquanto ele está acorrentado por suas ações anteriores. Atado pelas correntes dos sentidos e mulheres e riquezas e outras coisas doces da vida, diversas práticas más também se aproximam dele então, ó rei! Apanhado por estas, ele nunca obtem felicidade. Nessa época ele não tem êxito em obter o resultado de suas ações, boas ou más. Aqueles, no entanto, que fixam seus corações na reflexão conseguem proteger suas almas. A pessoa governada por seus sentidos não sabe que a morte vem à sua porta. Finalmente, arrastado pelos mensageiros do Destruidor, ele encontra a destruição no tempo estabelecido. Agitado por seus sentidos, por qualquer bem ou mal que tenha sido feito no início, e desfrutando ou sofrendo os frutos destes, ele uma vez mais se torna indiferente às suas ações de auto-massacre. Ai, o mundo é enganado, e a avareza o traz sob seu domínio. Privada de discernimento pela avareza, raiva, e medo, uma pessoa não conhece a si mesma. Cheia de alegria por sua própria respeitabilidade de nascimento, uma pessoa é vista difamando aquelas que não são nobres de nascimento. Inchado também com orgulho de riqueza, alguém é visto desprezando os pobres. Alguém considera outros como tolos ignorantes, mas raramente faz uma avaliação de si mesmo. Alguém atribui falhas a outros, mas nunca deseja punir a si mesmo. Já que os sábios e os ignorantes, os ricos e os pobres, os nobres de nascimento e os de nascimento humilde, os honrados e os desonrados, todos vão para o lugar dos mortos e dormem lá livres de toda ansiedade, com corpos privados de carne e cheios somente de ossos unidos por tendões completamente secos, quem entre eles os sobreviventes considerariam como distintos acima dos outros e por quais sinais eles averiguariam os atributos de nascimento e beleza? Quando todos, esticados da mesma maneira, dormem no solo nu, por que então deveriam os homens, abandonando sua sabedoria, desejar enganar uns aos outros? Aquele que, olhando este ditado (nas escrituras) com seus próprios olhos ou o ouvindo de outros, pratica a virtude neste mundo de

vida instável e adere a esta desde cedo alcança o fim mais sublime. Aprendendo tudo isso, aquele que adere à Verdade, ó rei, consegue atravessar todos os caminhos.'"

5

"Dhritarashtra disse, 'Conte-me em detalhes tudo sobre os caminhos daquele conhecimento pelo qual esta selva de deveres pode ser seguramente coberta.'

"Vidura disse, 'Tendo reverenciado o Auto-criado eu obedecerei tua ordem por te dizer como os grandes sábios falam da selva da vida. Certo brahmana, vivendo no grande mundo, se encontrou em uma ocasião em uma floresta inacessível, grande e cheia de animais predadores. Ela abundava por toda parte com leões e outros animais parecidos com elefantes, todos os quais estavam empenhados em rugir alto. Tal era o aspecto daquela floresta que o próprio Yama se assustaria nela. Contemplando a floresta, o coração do brahmana ficou extremamente agitado. Seu cabelo se arrepiou, e outros sinais de medo se manifestaram, ó destruidor de inimigos! Entrando nela, ele começou a correr para lá e para cá, lançando seus olhos em todos os pontos do horizonte para descobrir alguém cuja proteção ele pudesse procurar. Desejando evitar aquelas criaturas terríveis, ele correu apavorado. Ele não conseguiu, no entanto, se distanciar delas ou se livrar de sua presença. Ele então viu que aquela floresta terrível era cercada por uma rede, e que uma mulher terrível ficava lá, esticando seus braços. Aquela grande floresta era também rodeada por muitas cobras de cinco cabeças e de formas terríveis, altas como colinas e tocando o próprio céu. Dentro dela tinha uma cova cuja boca estava coberta com muitas trepadeiras e ervas firmes e inflexíveis. O brahmana, enquanto vagava, caiu naquele buraco invisível. Ele ficou emaranhado naqueles aglomerados de trepadeiras que eram entrelaçados um com os outros, como uma grande fruta de uma jaqueira pendurada por seu caule. Ele continuou pendurado lá, pés para cima e cabeça para baixo. Enquanto ele estava naquela posição, diversas outras calamidades o alcançaram. Ele viu uma cobra grande e forte dentro do buraco. Ele também viu um elefante gigantesco perto da entrada dele. Aquele elefante, de cor escura, tinha seis faces e doze pés. E o animal gradualmente se aproximava daquela cova coberta com trepadeiras e árvores. Sobre os gravetos da árvore (que ficava na abertura da cova), vagavam muitas abelhas de formas terríveis, empenhadas desde antes em beber o mel colhido em seus favos sobre os quais elas enxamearam em grande número. Repetidamente elas desejavam, ó touro da raça Bharata, provar aquele mel que embora doce para todas as criaturas, podia, no entanto, atrair somente as crianças. O mel (coletado nos favos) caía em muitos jatos. A pessoa que estava pendurada na cova bebia continuamente aqueles jatos. Empenhada, em tal situação lamentável, em beber aquele mel, sua sede, no entanto, não podia ser mitigada. Insatisfeita com tais goles repetidos, a pessoa desejava mais. Mesmo assim, ó rei, ele não se tornou indiferente à vida. Mesmo lá, o homem continuou a esperar pela existência. Vários ratos pretos e brancos estavam roendo as raízes daquela árvore. Havia o medo dos animais predadores, daquela mulher feroz nos arredores daquela

floresta, daquela cobra no fundo do poço, daquele elefante perto de seu topo, da queda da árvore pela ação dos ratos, e por fim daquelas abelhas voando por perto para experimentar o mel. Naquela situação ele continuou a viver, privado de sua razão, naquela selva, nunca perdendo em nenhum momento a esperança de prolongar sua vida.'"

6

"Dhritarashtra disse, 'Ai, grande era a desgraça daquela pessoa e muito doloroso seu modo de vida! Diga-me, ó principal dos oradores, de onde vinha seu apego à vida e sua felicidade? Onde é aquela região, tão desfavorável para a prática de virtude, na qual aquela pessoa reside? Oh, me diga, como aquele homem será libertado de todos aqueles grandes terrores? Diga-me tudo isso! Nós então nós nos esforçaremos devidamente por ele. Minha compaixão foi muito incitada pelas dificuldades que se encontram no caminho de seu salvamento!'"

"Vidura disse, 'Aqueles que estão familiarizados, ó monarca, com a religião de moksha citam isto como um símile. Compreendendo isto devidamente, uma pessoa pode obter felicidade nas regiões futuras. Aquilo que é descrito como a selva é o grande mundo. A floresta inacessível dentro dela é a esfera limitada da própria vida de uma pessoa. Aqueles que foram citados como animais predadores são as doenças (às quais nós estamos sujeitos). A mulher de proporções gigantescas residindo na floresta é identificada pelos sábios com a Decrepitude que destrói aparência e beleza. O que foi falado como a cova é o corpo ou a moldura física das criaturas incorporadas. A enorme cobra residindo no fundo daquela cova é o tempo, o destruidor de todas as criaturas incorporadas. Ele é, de fato, o destruidor universal. O feixe de trepadeiras crescendo naquela cova e em cujos caules espalhados o homem está pendurado é o desejo pela vida que é nutrido por todas as criaturas. O elefante de seis faces, ó rei, que procede em direção à árvore que fica na boca da cova é citado como o ano. Seus seis rostos são as estações e seus doze pés são os doze meses. Os ratos e as cobras que estão cortando a árvore são os dias e as noites que estão diminuindo constantemente os períodos de vida de todas as criaturas. Os que são descritos como abelhas são os nossos desejos. Os jatos numerosos que estão gotejando mel são os prazeres derivados da satisfação de nossos desejos e nos quais os homens são vistos serem fortemente viciados. Os sábios sabem que tal é o curso da vida. Através desse conhecimento eles conseguem romper seus grilhões.'"

7

"Dhritarashtra disse, 'Excelente é esta parábola que tu narraste! De fato, tu conheces a verdade! Tendo escutado as tuas palavras como néctar, eu desejo ouvir mais de ti.'"

"Vidura disse, ‘Ouça-me, ó rei, eu falarei mais uma vez em detalhes sobre aqueles meios, um conhecimento dos quais permite aos sábios se livrarem das amarras do mundo. Como uma pessoa, ó rei, que viaja um longo caminho às vezes é obrigado a parar quando muito fatigada, assim mesmo, ó Bharata, aqueles que tem pouca inteligência, viajando pelo prolongado caminho da vida, tem que fazer frequentes paradas na forma de repetidos nascimentos no útero. Aqueles, no entanto, que são sábios estão livres dessa obrigação. Os homens conhecedores das escrituras, por isto, descrevem o curso da vida como um longo caminho. Os sábios também chamam de floresta a rota da vida com todas as suas dificuldades. As criaturas, ó touro da raça Bharata, móveis ou imóveis, tem que voltar ao mundo repetidamente. Somente o sábio escapa. As doenças, mentais e físicas, às quais os mortais estão sujeitos, visíveis ou invisíveis, são citadas como animais predadores pelos sábios. Os homens são sempre afligidos e impedidos por elas, ó Bharata! Então além disso, aquelas bestas predadoras ferozes, representadas por suas próprias ações na vida, nunca causam qualquer ansiedade àqueles de pouca inteligência. Se alguma pessoa, ó monarca, de alguma maneira escapa das doenças, a Decrepitude, aquela destruidora da beleza, a alcança depois. Mergulhado em um lamaçal pelos objetos dos diferentes sentidos: sons, formas, sabores, toques e aromas, o homem permanece lá sem qualquer coisa para resgatá-lo. Enquanto isso os anos, as estações, os meses, as quinzenas, os dias e as noites, vindo uns depois dos outros, gradualmente o despojam de beleza e diminuem o período concedido a ele. Estes todos são mensageiros da morte. Aqueles, no entanto, que tem pouco discernimento não sabem que eles não assim. Os sábios dizem que todas as criaturas são governadas pelo Ordenador através de suas ações. O corpo de uma criatura é chamado de carro. O princípio vivo é o motorista (daquele carro). Os sentidos são como os corcéis. Nossas ações e a inteligência são os tirantes. Aquele que segue atrás daqueles corcéis corredores tem que vir repetidamente a este mundo em uma sucessão de renascimentos. Aquele, no entanto, que, sendo autocontrolado os reprime por meio de seu discernimento não tem que voltar. Aqueles, de qualquer modo, que não estão entorpecidos enquanto vagando nesta roda da vida que está girando como uma roda real, na verdade não vagam em uma sucessão de renascimentos. Aquele que é sábio deve certamente cuidar para impedir a obrigação do renascimento. Não se deve ser indiferente a isto, pois a indiferença pode nos submeter a isto repetidamente. O homem, ó rei, que dominou seus sentidos e subjugou ira e cobiça, que está contente e é verdadeiro em palavras, consegue obter paz. Este corpo é chamado de carro de Yama. Então aqueles que tem pouca inteligência são entorpecidos por ele. Tal pessoa, ó rei, obterá aquilo que tu obtiveste. A perda de reino, de amigos, e de filhos, ó, Bharata, e tais como estes alcançam aquele que ainda está sob a influência do desejo. Aquele que é sábio deve aplicar o remédio da inteligência para todas as grandes angústias. De fato, obtendo o remédio da sabedoria, que é realmente muito eficaz e é quase inalcançável, o homem de alma controlada mataria aquela séria doença chamada tristeza. Nem destreza, nem riqueza, nem amigos, nem benquerentes podem curar um homem de sua dor tão eficazmente quanto a alma autocontrolada. Portanto, observador do grande dever da abstenção de todas as injúrias, ou amizade por todas as criaturas, seja de comportamento pio, ó Bharata!

Autodomínio, renúncia e atenção são os três corcéis de Brahman. Aquele que sobe no carro de sua alma, ao qual estão unidos estes corcéis, com a ajuda de tirantes providos por boa conduta, e o dirige, rejeitando todo o medo da morte, procede, ó rei, para as regiões de Brahman. Aquela pessoa, ó monarca, que dá a todas as criaturas uma garantia de sua inofensividade, vai para as mais elevadas das regiões, ao reino abençoado de Vishnu. O resultado que uma pessoa obtem por uma garantia a todas as criaturas de sua inofensividade não pode ser obtido por 1.000 sacrifícios ou por jejuns diários. Entre todas as coisas certamente não há nada mais caro do que o eu. A morte é certamente desgostada por todas as criaturas, ó Bharata! Portanto, compaixão deve certamente ser mostrada a todos. Dotados de diversos tipos de erros envolvidos pela rede de sua própria inteligência, aqueles que são maus e são de boa visão vagam repetidamente sobre a terra. Aqueles, no entanto, que são sábios e dotados de visão sutil alcançam uma união com Brahman.'"

8

Vaisampayana disse, "Mesmo depois de ouvir as palavras de Vidura, o chefe dos Kurus, afligido pela dor por causa da morte de seus filhos, caiu sem sentidos sobre a Terra. Vendo-o cair naquele estado, seus amigos, como também Vyasa nascido na ilha, e Vidura, e Sanjaya, e outros benquerentes, e os atendentes que costumavam servir nos portões e que desfrutavam de sua confiança, borrifaram água fria sobre o corpo dele, e o abanaram com folhas de palmeira, e esfregaram-no suavemente com suas mãos. Por um longo tempo eles confortaram o rei naquela condição. O monarca, recuperando seus sentidos depois de muito tempo, chorou muito, dominado pela tristeza por conta da morte de seus filhos. Ele disse, 'Que vergonha para a condição de humanidade! Que vergonha para o corpo humano! As dores que são sofridas nesta vida frequentemente resultam da própria condição de humanidade. Ai, ó senhor, grande é a tristeza, como veneno ou fogo, que alguém sofre pela perda de filhos, de riqueza, de amigos, e parentes. Essa tristeza faz os membros queimarem e a nossa sabedoria ser destruída. Dominado por essa aflição, uma pessoa considera que a morte é preferível. Esta calamidade que me alcançou por má sorte é exatamente assim. Ela não irá, eu vejo, acabar exceto com a própria vida. Ó melhor dos regenerados, eu irei, portanto, por um fim na minha vida neste mesmo dia.' Tendo dito estas palavras para seu pai de grande alma, aquela principal dentre todas as pessoas conhecedoras de Brahman, Dhritarashtra, subjugado pela angústia, ficou entorpecido. O rei, ó monarca, refletindo sobre suas aflições, ficou estupefato. Ouvindo estas palavras dele, o pujante Vyasa falou dessa maneira para seu filho atormentado pelo pesar pela morte de seus filhos."

"Vyasa disse, 'Ó Dhritarashtra de braços poderosos, escute o que eu digo. Tu possuis erudição, tu tens grande inteligência e, ó poderoso, és hábil em compreender deveres. Nada daquilo que deve ser sabido é desconhecido para ti, ó destruidor de inimigos! Sem dúvida, tu conheces a instabilidade de todas as coisas fadadas à morte. Quando o mundo de vida é instável, quando este mundo

não é eterno, quando a vida é certa de terminar na morte, por que então, ó Bharata, tu sofres? Perante teus próprios olhos, ó rei, a concatenação de fatos ocasionada pelo Tempo, fazendo do teu filho a causa, produziu esta hostilidade. Esta destruição dos Kurus, ó rei, era inevitável. Por que então tu choras por aqueles heróis que alcançaram o fim mais sublime? Ó tu de braços poderosos, Vidura de grande alma sabia tudo. Com todo seu poder ele se esforçou, ó rei, para ocasionar a paz. É minha opinião que a direção marcada pelo Destino não pode ser controlada por ninguém, mesmo que se lute pela eternidade. O rumo que foi determinado pelos deuses foi ouvido diretamente por mim. Eu o relatarei para ti, para que tu possas ter tranquilidade mental. Uma vez antes, sem qualquer fadiga, eu viajei muito rapidamente à corte de Indra. Lá eu vi todos os habitantes do céu reunidos. Havia, ó impecável, todos os rishis celestes também, encabeçados por Narada. Lá, ó monarca, eu vi também a Terra (em sua forma incorporada). A última tinha ido aos deuses para a realização de uma missão específica. Se aproximando dos deuses, ela disse, 'Aquilo que todos vocês devem fazer por mim, ó abençoados, já foi prometido por vocês enquanto vocês estavam na residência de Brahma. Que aquilo seja realizado logo.' Ouvindo estas palavras dela, Vishnu, o adorado de todos os mundos, dirigiu-se sorridente a ela no meio do conclave celeste, dizendo, 'O mais velho dos cem filhos de Dhritarashtra, que é conhecido pelo nome de Duryodhana, realizará teu trabalho. Através daquele rei teu propósito será realizado. Por causa dele, muitos reis se reunirão no campo de Kuru. Hábeis em golpear, eles matarão uns aos outros por meio de armas sólidas. É evidente, ó deusa, que tua carga será aliviada em batalha. Vá rapidamente para tua própria residência e continue a sustentar o peso das criaturas, ó bela!' Disto tu deves entender, ó rei, que teu filho Duryodhana, nascido no útero de Gandhari, era uma porção de Kali, nascido para o objetivo de causar uma matança universal. Ele era vingativo, impaciente, colérico, e difícil de ser satisfeito. Pela influência do Destino os irmãos dele também se tornaram como ele. Sakuni se tornou seu tio materno e Karna seu grande amigo. Muitos outros reis nasceram sobre a terra para ajudar no trabalho de destruição. Como o rei é, assim também se tornam seus súditos. Se o rei se torna justo, até a injustiça (em seus domínios) assume a forma de justiça. Servos, sem dúvida, são afetados pelos méritos e defeitos de seus patrões. Aqueles teus filhos, ó rei, tendo obtido um rei mau, foram todos destruídos. Conhecedor da verdade, Narada sabia disso tudo. Teus filhos, pelos próprios erros deles, foram todos destruídos, ó rei! Não te aflija por eles, ó monarca! Não há causa para aflição. Os Pandavas não tem, ó Bharata, a menor culpa no que aconteceu. Teus filhos eram todos de almas pecaminosas. Foram eles que causaram essa destruição sobre a terra. Abençoado sejas tu; Narada realmente informou Yudhishthira de tudo isso em sua corte na ocasião do sacrifício Rajasurya, dizendo, 'Os Pandavas e os Kauravas, combatendo uns aos outros, encontrarão a destruição. Faça aquilo, ó filho de Kunti, que tu deves fazer!' Após estas palavras de Narada, os Pandavas ficaram cheios de aflição. Eu assim te disse este que é um segredo eterno dos deuses. Isto destruirá tua dor e devolverá teu amor à vida, e te fará nutrir afeição pelos Pandavas, porque tudo o que aconteceu foi devido ao que foi ordenado pelos deuses. Ó tu de braços poderosos, eu fiquei sabendo de tudo isto algum tempo antes. Eu também falei disto para o rei Yudhishthira, o justo, na ocasião do seu principal dos sacrifícios, o

Rajasurya. Quando eu secretamente o informei de tudo isto, o filho de Dharma se esforçou o melhor que podia para preservar a paz com os Kauravas. Aquilo, no entanto, que é ordenado pelos deuses se mostrou poderoso demais (para ser frustrado por ele). O decreto, ó rei, do Destruidor, não pode ser impedido de qualquer modo por criaturas móveis e imóveis. Tu és dedicado à virtude e és possuidor de inteligência superior, ó Bharata! Tu sabes também qual é o caminho e qual não é o caminho de todas as criaturas. Se o rei Yudhishthira souber que tu estás queimando de angústia e perdendo teus sentidos frequentemente ele rejeitará seu próprio ar vital. Ele é sempre compassivo e possui sabedoria. Sua bondade se estende até a todas as criaturas inferiores. Como é possível, ó rei, que ele não mostre compaixão por ti, ó monarca? Por minha ordem, e sabendo que o que é ordenado é inevitável, como também por bondade com os Pandavas, continue para a manter tua vida, ó Bharata! Se tu viveres assim, tua fama se espalhará pelo mundo. Tu então poderás adquirir um conhecimento de todos os deveres e ter muitos anos para obter mérito ascético. Esta tristeza pela morte de teus filhos que surgiu no teu coração, como um fogo ardente, deve sempre ser extinta, ó rei, pela água da sabedoria!'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras de Vyasa de energia incomensurável e refletindo sobre elas por um momento, Dhritarashtra disse, 'Ó melhor dos regenerados, eu estou extremamente aflito por uma carga pesada de aflição. Meus sentidos estão me abandonando repetidamente e eu sou incapaz de me manter firme. Ouvindo, no entanto, estas tuas palavras sobre o que foi ordenado pelos deuses, eu não pensarei em abandonar minha vida e viverei e agirei sem ceder ao pesar!' Ouvindo estas palavras de Dhritarashtra, ó monarca, Vyasa, o filho de Satyavati, desapareceu em seguida."

9

Janamejaya disse, "Depois que o santo Vyasa tinha ido embora, o que, ó sábio regenerado, fez o rei Dhritarashtra? Cabe a ti me dizer isto. O que também fez o rei Kuru, o filho de grande alma de Dharma? E o que também aqueles três, Kripa e os outros, fizeram? Eu ouvi sobre as façanhas de Ashvatthama e a mútua pronunciação de maldições. Conte-me o que aconteceu em seguida e o que Sanjaya disse (ao velho rei)."

Vaisampayana disse, "Depois que Duryodhana tinha sido morto e todas as tropas massacradas, Sanjaya, privado de sua visão espiritual, voltou para Dhritarashtra."

"Sanjaya disse, 'Os reis de diversos povos, vindos de diversos reinos, todos, ó rei, foram para as regiões dos mortos, junto com teus filhos. Teu filho, ó rei, que tinha sido constantemente implorado (por paz), mas que sempre desejou terminar sua hostilidade, (com os Pandavas por massacrá-los), fez a terra ser exterminada. Ó rei, faça com que os ritos fúnebres de teus filhos e netos e amigos sejam realizados segundo a ordem devida!'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras terríveis de Sanjaya, o rei caiu no chão e ficou imóvel como alguém carente de vida. Se aproximando do monarca que estava deitado prostrado na Terra, Vidura, familiarizado com todos os deveres, disse estas palavras: 'Levante, ó rei, por que tu ficas assim? Não sofra, ó touro da raça Bharata! Este mesmo, ó senhor da Terra, é o fim de todas as criaturas. A princípio as criaturas são não-existentes. Entrementes, ó Bharata, elas se tornam existentes. No fim, elas mais uma vez se tornam inexistentes. Que causa para tristeza há em tudo isto? Por ceder à tristeza, uma pessoa não pode obter de volta os mortos. Por ceder à tristeza, a própria pessoa não pode morrer. Quando tal é o rumo do mundo, por que tu te entregas à dor? Alguém pode morrer sem ter se envolvido em batalha. Alguém também pode escapar com vida depois de ter se envolvido em batalha. Mas quando chega o Tempo, ó rei, não se pode escapar! O Tempo arrasta todas as espécies de criaturas. Não há ninguém caro ou odioso para o Tempo, ó melhor dos Kurus! Como o vento arranca as extremidades de todas as folhas de ervas, assim mesmo as criaturas, ó touro da raça Bharata, são trazidas pelo Tempo sob sua influência. Todas as criaturas são como membros da mesma caravana em viagem para o mesmo destino. Que causa de tristeza há se o Tempo encontra uma pessoa um pouco mais cedo do que outra? Aqueles, além disso, ó rei, que caíram em batalha e por quem tu te afliges, não são realmente objetos de teu pesar, já que todos aqueles ilustres foram para o céu. Por sacrifícios com presentes abundantes, por austeridades ascéticas, e por conhecimento, as pessoas não podem ir tão facilmente para o céu quanto heróis por coragem em batalha. Todos aqueles heróis eram familiarizados com os Vedas; todos eles eram observadores de votos e todos eles pereceram encarando o inimigo em batalha. Que causa de tristeza há então? Eles despejaram suas libações de flechas sobre os corpos de seus inimigos corajosos como sobre um fogo. Os principais dos homens, eles suportaram em retorno libações de flechas despejadas sobre eles mesmos. Eu te digo, ó rei, que não há melhor caminho para o céu para um Kshatriya do que através da batalha. Todos eles eram Kshatriyas de grande alma, todos eles eram heróis e ornamentos de assembléias. Eles alcançaram um estado superior de bem-aventurança. Não se deve se afligir por eles. Conforte a ti mesmo. Não sofra, ó touro entre homens! Não cabe a ti te permitir ser dominado pela tristeza e abandonar toda ação.'"

10

Vaisampayana disse, "Ouvindo estas palavras de Vidura, aquele touro da raça Bharata (Dhritarashtra) pediu que seu carro fosse emparelhado. O rei mais uma vez disse, 'Traga Gandhari para cá sem demora, e todas as senhoras Bharata. Traga Kunti também, assim como as outras senhoras com ela.' Tendo dito estas palavras a Vidura, conhecedor de todo dever, Dhritarashtra de alma justa, privado de sua razão pela tristeza, subiu em seu carro. Então Gandhari, angustiada por causa da morte de seus filhos, acompanhada por Kunti e as outras senhoras da família real, foi por ordem de seu marido para aquele local onde o último estava esperando por ela. Afligidas pela tristeza, elas se aproximaram juntas do rei.

Quando eles se encontraram, eles falaram uns com os outros e proferiram lamentos altos de aflição. Então Vidura, que tinha ficado mais angustiado do que aquelas senhoras, começou a consolá-las. Colocando aquelas formosas lacrimosas nos carros que estavam preparados para elas, ele partiu (com elas), da cidade. Naquela hora um lamento alto de dor ergueu-se de todas as casas Kuru. A cidade inteira, inclusive as próprias crianças, ficou extremamente atormentada pela tristeza. Aquelas senhoras que antes disto não tinham sido vistas pelos próprios deuses estavam agora desamparadas, pela perda de seus maridos, quando elas foram vistas pelas pessoas comuns. Com suas tranças belas todas despenteadas e seus ornamentos perdidos, aquelas senhoras, vestidas cada uma em uma única peça de vestuário, procederam muito tristemente. De fato, elas saíram de suas casas parecendo montanhas brancas, como um bando de veados rajados de suas cavernas da montanha depois da queda de seu líder. Aquelas senhoras formosas, em grupos sucessivos, ó rei, saíram, cheias de tristeza, e correram para lá e para cá como um grupo de potrancas em uma área circular. Agarrando umas às outras pelas mãos, elas proferiram lamentos altos por seus filhos e irmãos e pais. Elas pareciam exibir a cena que ocorre na ocasião da destruição universal no fim do Yuga. Chorando e gritando e correndo para lá e para cá, e privadas de razão pela dor, elas não sabiam o que fazer. Aquelas senhoras, que antigamente sentiam rubor de modéstia na presença até de companheiras de seu próprio sexo, agora não coraram de vergonha, embora precariamente vestidas, ao aparecerem diante de suas sogras. Antigamente elas costumavam consolar umas às outras quando aflitas até com causas leves de aflição. Entorpecidas pela dor, elas agora, ó rei, se abstinham até de lançar seus olhos umas sobre as outras. Cercado por aquelas milhares de senhoras lamentosas, o rei saiu tristemente da cidade e procedeu com velocidade em direção ao campo de batalha. Artesões e comerciantes e Vaishyas e todos os tipos de mecânicos, saindo da cidade, seguiram atrás do rei. Enquanto aquelas damas, afligidas pela destruição indiscriminada que tinha alcançado os Kurus, choravam de tristeza, um alto lamento ergueu-se dentre elas que pareceu perfurar todos os mundos. Todas as criaturas que ouviram aquele lamento pensaram que a hora da destruição universal tinha chegado, quando todas as coisas são consumidas pelo fogo que surge no fim do Yuga. Os cidadãos também (de Hastinapura), dedicados à casa de Kuru, com corações cheios de ansiedade pela destruição que tinha alcançado seus governantes, proferiram, ó rei, um lamento que era tão alto quanto aquele proferido por aquelas senhoras."

11

Vaisampayana disse, "Dhritarashtra não tinha procedido por mais do que duas milhas quando ele encontrou com aqueles grandes guerreiros em carros, Kripa, o filho de Sharadvata, o filho de Drona (Ashvatthama), e Kritavarma. Logo que os últimos viram o monarca cego possuidor de grande poder, os três heróis suspiraram de tristeza e com as vozes sufocadas em lágrimas se dirigiram lamentosamente a ele, dizendo, ‘Teu nobre filho, ó rei, tendo realizado as mais

difíceis façanhas, com todos os seus seguidores, foi para região de Indra. Nós três somos os únicos guerreiros em carros do exército de Duryodhana que escaparam com vida. Todos os outros, ó touro da raça Bharata, pereceram.' Tendo dito estas palavras ao rei, Kripa, o filho de Sharadvata, se dirigindo a Gandhari atormentada pela tristeza, disse estas palavras a ela, 'Teus filhos caíram enquanto empenhados em realizar feitos dignos de heróis, enquanto lutando destemidamente em batalha e derrubando grande número de inimigos. Sem dúvida, tendo alcançado aqueles mundos brilhantes que são alcançáveis somente pelo uso de armas, eles estão se entretendo lá como os celestiais, tendo assumido formas resplandecentes. Entre aqueles heróis não houve algum que recuou da batalha. Todos eles morreram por meio da extremidade ou fio de armas. Nenhum deles uniu suas mãos, implorando por piedade. É dito pelos antigos que morte em batalha pela extremidade ou fio de armas é o fim mais elevado que um Kshatriya pode obter. Não cabe a ti, portanto, te afligir por algum deles. Seus inimigos, ó rainha, os Pandavas, também, não foram mais afortunados. Escute o que nós, encabeçados por Ashvatthama, fizemos a eles. Sabendo que teu filho tinha sido morto injustamente por Bhima, nós massacramos os Pandavas depois de entrarmos em seu acampamento mergulhado no sono. Todos os Pancalas estão mortos. De fato, todos os filhos de Drupada, como também todos os filhos de Draupadi, foram mortos. Tendo feito esta carnificina dos filhos de nossos inimigos, nós estamos fugindo, já que nós três não podermos resistir em batalha com eles. Nossos inimigos, os Pandavas, são todos heróis e arqueiros poderosos. Eles logo nos alcançarão, cheios de raiva, para se vingarem de nós. Sabendo da morte de seus filhos, aqueles touros entre homens, enfurecidos, aqueles heróis, ó senhora ilustre, seguirão nosso rastro rapidamente. Tendo causado uma carnificina (em seu acampamento adormecido) nós não ousamos ficar. Conceda-nos tua permissão, ó rainha! Não cabe a ti colocar teu coração na tristeza. Conceda-nos tua permissão também, ó rei! Convoque toda a tua fortaleza. Observe tu também os deveres de um Kshatriya em sua mais elevada forma.' Tendo dito estas palavras ao rei, e circungirando-o, Kripa e Kritavarma e o filho de Drona, ó Bharata, sem serem capazes de afastar seus olhos do rei Dhritarashtra possuidor de grande sabedoria, incitaram seus corcéis em direção às margens do Ganga. Movendo-se para longe daquele local, ó rei, aqueles grandes guerreiros em carros, com corações mergulhados em ansiedade, se despediram uns dos outros e se separaram. Kripa, o filho de Sharadvata, foi para Hastinapura; o filho de Hridika viajou para seu próprio reino; enquanto o filho de Drona rumou para o retiro de Vyasa. Assim aqueles heróis, que tinham ofendido os filhos grande alma de Pandu, procederam respectivamente para os locais que eles escolheram, afligidos pelo medo e olhando uns para os outros. Tendo encontrado o rei dessa forma, aqueles bravos destruidores de inimigos, antes do sol se erguer, foram embora, ó monarca, para os lugares que escolheram. E foi depois disto, ó rei, que os filhos de Pandu, aqueles grandes guerreiros em carros, encontraram o filho de Drona, e aplicando sua destreza, o derrotaram, ó monarca, (da maneira já relatada)."

12

Vaisampayana disse, "Depois que todos os guerreiros tinham sido mortos, o rei Yudhishthira o justo soube que seu tio Dhritarashtra tinha saído da cidade chamada de elefante. Afligido pela dor por causa da morte de seus filhos, Yudhishthira, ó rei, acompanhado por seus irmãos, saiu para encontrar seu tio, cheio de tristeza e dominado pelo pesar pela morte de seus (cem) filhos. O filho de Kunti foi seguido pelo heróico Krishna de grande alma da tribo Dasharha, e por Yuyudhana, como também por Yuyutsu. A princesa Draupadi também, queimando de angústia, e acompanhada por aquelas damas Pancala que estavam com ela, seguiu seu marido tristemente. Yudhishthira contemplou perto das margens do Ganga, ó rei, a multidão das senhoras Bharata afligidas pela dor e gritando como um bando de águias pescadoras. O rei foi logo cercado por aquelas milhares de senhoras que, com braços erguidos em mágoa, estavam lamentando alto e dando expressão a todos os tipos de palavras, agradáveis e desagradáveis: ‘Onde, de fato, está aquela virtude do rei, onde estão a verdade e a compaixão, já que ele matou pais e irmãos e preceptores e filhos e amigos? Como, ó de braços fortes, teu coração fica tranquilo depois de causar a morte de Drona, do teu avô Bhishma, e de Jayadratha? Que necessidade tu tens de soberania, depois de ter visto os teus antepassados e irmãos, ó Bharata, e o irresistível Abhimanyu e os filhos de Draupadi, mortos dessa maneira?’ Passando por aquelas senhoras gritando como um bando de águias pescadoras, o rei Yudhishthira de braços fortes, o justo, saudou os pés de seu tio mais velho. Tendo saudado seu superior de acordo com o costume, aqueles matadores de inimigos, os Pandavas, se anunciaram para ele, cada um proferindo seu próprio nome. Dhritarashtra, extremamente afligido pela dor pela morte de seus filhos, então abraçou relutantemente o filho mais velho de Pandu, que foi a causa daquele massacre. Tendo abraçado Yudhishthira, o justo, e falado umas poucas palavras de consolo para ele, ó Bharata, Dhritarashtra de alma pecaminosa procurou Bhima, como um fogo ardente pronto para queimar tudo o que se aproximasse. De fato, aquele fogo de sua ira, atiçado pelo vento de sua dor, parecia então estar pronto para consumir a floresta-Bhima. Averiguando as más intenções nutridas por ele com relação a Bhima, Krishna, arrastando para longe o verdadeiro Bhima, apresentou uma estátua de ferro do segundo filho de Pandu ao velho rei. Possuidor de grande inteligência, Krishna tinha, desde o início, percebido as intenções de Dhritarashtra, e tinha, portanto, mantido tal instrumento preparado para frustrá-las. Agarrando com seus dois braços aquele Bhima de ferro, o rei Dhritarashtra, possuidor de grande força, quebrou-o pedaços, pensando que ele era o próprio Bhima em carne e sangue. Dotado de força igual àquela de 10.000 elefantes, o rei reduziu aquela estátua a fragmentos. Seu próprio peito, no entanto, ficou consideravelmente machucado e ele começou a vomitar sangue. Coberto com sangue, o rei caiu no chão como uma árvore parijata coberta com sua carga florida. Seu quadrigário erudito Sanjaya, o filho de Gavalgana, ergueu o monarca e acalmando-o e consolando-o, e disse, ‘Não aja assim.’ O rei então abandonou sua ira e voltou à sua disposição normal, e ficou cheio de aflição e começou a gritar, dizendo, ‘Ai, oh Bhima, ai, oh Bhima!’ Compreendendo que ele não estava mais sob a influência da cólera, e que ele

estava realmente arrependido de ter (como ele acreditava) matado Bhima, Vasudeva, aquele principal dos homens, disse estas palavras, 'Não sofra, ó Dhritarashtra, pois tu não mataste Bhimasena! Era uma estátua de ferro, ó rei, aquilo que foi quebrado por ti! Percebendo que tu estavas cheio de raiva, ó touro da raça Bharata, eu arrastei o filho de Kunti para longe de dentro das mandíbulas da Morte. Ó tigre entre reis, não há ninguém igual a ti em força de corpo. Que homem poderia, ó tu de braços poderosos, suportar a pressão dos teus braços? De fato, como não se pode escapar com vida de um encontro com o próprio Destruidor, assim nenhum corpo pode sair seguro de dentro do teu abraço. Foi por isso que aquela estátua de Bhima, que foi mandada fazer por teu filho, foi mantida preparada para ti. Pela dor pela morte de teus filhos tua mente se desviou da retidão. É por isso, ó grande rei, que tu procuraste matar Bhimasena. A morte de Bhima, no entanto, ó rei, não te faria bem. Teus filhos, ó monarca, não seriam revividos por isto. Portanto, aprove o que foi feito por nós com a intenção de assegurar a paz e não coloque teu coração na tristeza!'"

13

Vaisampayana disse, "Certas criadas então se aproximaram do rei para lavá-lo. Depois que ele tinha sido lavado devidamente, o matador de Madhu se dirigiu a ele novamente, dizendo, 'Tu, ó rei, leste os Vedas e diversas escrituras. Tu ouviste todas as histórias antigas, e tudo sobre os deveres dos reis. Tu és erudito, possuidor de grande sabedoria, e indiferente à força e fraqueza. Por que então tu nutres tal ira quando tudo o que te ocorreu é o resultado do teu próprio erro? Eu falei contigo antes da batalha. Ambos Bhishma e Drona, ó Bharata, fizeram o mesmo, como também Vidura e Sanjaya. Tu, entretanto, não seguiste nosso conselho. De fato, embora exortado por nós, tu ainda assim não agiste de acordo com os conselhos que nós oferecemos, sabendo que os Pandavas eram superiores a ti e aos teus, ó Kauravya, em força e coragem. Aquele rei que é capaz de ver suas próprias falhas, e conhece as distinções de hora e lugar obtem grande prosperidade. Aquela pessoa, no entanto, que, embora aconselhada por benquerentes, não aceita as palavras deles, boas ou más, encontra infortúnio e é obrigada a sofrer por consequência da má política que adota. Observe um diferente rumo de vida agora, ó Bharata! Tu não mantiveste tua alma sob restrição, mas te permitiste ser governado por Duryodhana. Isto que te aconteceu é devido à tua própria falha. Por que então tu procuras matar Bhima? Lembrando dos teus próprios erros, governe tua ira agora. Aquele patife pecaminoso que, por orgulho, fez a princesa de Pancala ser levada à assembléia foi morto por Bhimasena em uma vingança justa. Olhe para teus próprios maus atos como também aqueles do teu filho de alma pecaminosa. Os filhos de Pandu são totalmente inocentes. Ainda assim eles foram tratados muito cruelmente por ti e por ele.'"

Vaisampayana continuou, "Depois que a ele tinha sido dita só a verdade por Krishna, ó monarca, ó rei Dhritarashtra respondeu ao filho de Devaki, dizendo, 'É assim mesmo, ó tu de braços poderosos! O que tu disseste, ó Madhava, é

perfeitamente verdadeiro. Foi a afeição paterna, ó tu de alma justa, que me fez me desviar da retidão. Por boa sorte, aquele tigre entre homens, o poderoso Bhima de bravura verdadeira, protegido por ti, não veio para dentro do meu abraço. Agora, no entanto, eu estou livre da ira e agitação. Eu desejo avidamente, ó Madhava, abraçar aquele herói, o segundo filho de Pandu. Quando todos os reis estão mortos, quando meus filhos não existem mais, dos filhos de Pandu dependem meu bem-estar e felicidade.' Tendo dito estas palavras, o velho rei então abraçou aqueles príncipes de constituições físicas excelentes, Bhima e Dhananjaya, e aqueles dois principais dos homens, os dois filhos de Madri, e chorou, e consolou e pronunciou bênçãos sobre eles."

14

Vaisampayana disse, "Mandados por Dhritarashtra, aqueles touros da raça Kuru, os irmãos Pandavas, acompanhados por Keshava, então foram ver Gandhari. A impecável Gandhari, aflita por causa da morte de seus cem filhos, lembrando que o rei Yudhishthira o justo tinha matado todos os seus inimigos, desejava amaldiçoá-lo. Percebendo suas más intenções com relação aos Pandavas, o filho de Satyavati foi ele mesmo neutralizá-las no próprio início. Tendo se purificado pela água sagrada e fresca do Ganga, o grande rishi, capaz de ir a todos os lugares à vontade com a velocidade da mente, chegou àquele local. Capaz de ver o coração de todas as criaturas com sua visão espiritual e com sua mente dirigida para isto, o sábio fez seu aparecimento lá. Dotado de grande mérito ascético e sempre aplicado em dizer o que era para o benefício das criaturas, o rishi, endereçando-se a sua nora no momento apropriado, disse, 'Não te aproveite desta oportunidade para pronunciar uma maldição. Por outro lado, a utilize para mostrar teu perdão. Tu não deves ficar zangada com os Pandavas, ó Gandhari! Coloque teu coração na paz. Reprima as palavras que estão prestes a saírem de teus lábios. Escute meu conselho. Teu filho, desejoso de vitória, te pediu todos os dias pelos dezoito dias que a batalha durou, dizendo, 'Ó mãe, abençoe a mim que estou lutando com meus inimigos.' Rogada todos os dias nestas palavras por teu filho desejoso de vitória, a resposta que tu sempre davas a ele era, 'A vitória está onde a justiça está'. Eu, ó Gandhari, não me lembro que quaisquer palavras faladas por ti tenham se tornado falsas. Aquelas palavras, portanto, que tu, rogada por Duryodhana, disseste a ele, não podiam ser falsas. Tu és sempre dedicada ao bem de todas as criaturas. Tendo sem dúvida alcançado a outra margem naquela batalha terrível de Kshatriyas, os filhos de Pandu certamente ganharam a vitória e uma medida de justiça que é muito maior. Tu eras antigamente observadora da virtude do perdão. Por que tu não a observas agora? Subjugue a injustiça, ó tu que conheces a justiça. Há vitória onde há justiça. Lembrando da tua própria retidão e das palavras faladas por ti, reprima tua cólera, ó Gandhari! Não aja de outra maneira, ó tu que és bela em palavras.' Ouvindo estas palavras, Gandhari disse, 'Ó santo, eu não nutro quaisquer maus sentimentos pelos Pandavas, nem eu desejo que eles pereçam. Por causa, entretanto, da angústia pela morte de meus filhos, meu coração está muito

agitado. Eu sei que eu devo proteger os Pandavas com tanto cuidado quanto a própria Kunti os protege, e que Dhritarashtra também deve protegê-los como eu devo. Pelo erro de Duryodhana e de Shakuni, o filho de Subala, e pela ação de Karna e Duhsasana, o extermínio dos Kurus ocorreu. Nesta questão nem a menor culpa pode se atribuir a Vibhatsu ou ao filho de Pritha, Vrikodara, ou Nakula ou Sahadeva, ou ao próprio Yudhishthira. Enquanto envolvidos em batalha, os Kauravas, cheios de arrogância e orgulho, caíram junto com muitos outros (que tinham vindo ajudá-los). Eu não sofro por isto. Mas houve um ato feito por Bhima na própria presença de Vasudeva que (provoca meu ressentimento). Vrikodara de grande alma, tendo desafiado Duryodhana para um terrível combate com maças, e vindo a saber que meu filho, enquanto se movimentando de diversas maneiras na batalha, era superior a ele em habilidade, golpeou o último abaixo do umbigo. Isto é o que provoca minha ira. Por que heróis deveriam, por suas vidas, abandonar obrigações de dever que foram determinadas por pessoas de grande alma conhecedoras de todos os deveres?'

15

Vaisampayana disse, "Ouvindo estas palavras de Gandhari, Bhimasena, parecendo com alguém assustado, disse estas palavras para acalmá-la, 'O ato seja justo ou injusto, ele foi feito por mim por medo e para o objetivo de me proteger. Cabe a ti, portanto, me perdoar agora. Teu filho poderoso não podia ser morto por alguém em uma luta justa e correta. Foi por isso que eu fiz o que era injusto. O próprio Duryodhana antigamente venceu Yudhishthira injustamente. Ele costumava sempre se comportar fraudulentamente com relação a nós. Foi por isso que eu tive que recorrer a uma ação injusta. Teu filho era então o único guerreiro que não tinha sido morto do seu lado. Para que aquele príncipe valente não pudesse me matar no combate com maças e nos privar mais uma vez do nosso reino, eu agi daquela maneira. Tu sabes tudo o que teu filho disse à princesa de Pancala enquanto a última, em sua época, estava vestida em uma única peça de roupa. Sem termos nos livrado de Suyodhana era impossível para nós governarmos pacificamente toda a terra com seus mares. Foi por isso que eu agi daquela maneira. Teu filho infligiu muitos males a nós. No meio da assembléia ele mostrou sua coxa esquerda para Draupadi. Por aquele comportamento pecaminoso, teu filho merecia ser morto por nós naquele momento. Por ordem, no entanto, do rei Yudhishthira o justo, nós nos permitimos ser reprimidos por aquele acordo que tinha sido feito. Por estes meios, ó rainha, teu filho provocou hostilidades mortais conosco. Grandes foram nossos sofrimentos na floresta (para onde nós fomos forçados por teu filho). Lembrando de tudo isto, eu agi daquela maneira. Tendo matado Duryodhana em batalha, nós alcançamos o fim das nossas hostilidades. Yudhishthira obteve seu reino de volta, e nós também estamos livres da ira.' Ouvindo estas palavras de Bhima, Gandhari disse, 'Visto que tu exaltas meu filho dessa maneira (por sua habilidade em batalha), ele não merecia tal morte. Ele, no entanto, fez tudo isso que tu me disseste. Quando Vrishasena, no entanto, privou Nakula de seus corcéis, ó Bharata, tu bebeste em

batalha o sangue do corpo de Duhshasana! Tal ato é cruel e é censurado pelos bons. Ele combina somente com uma pessoa que é muito indigna de respeito. Foi uma ação pecaminosa, ó Vrikodara, que foi então realizada por ti! Isto foi indigno de ti.' Bhima respondeu, dizendo, 'É impróprio beber o sangue até de um desconhecido, o que dizer então sobre beber o sangue de seu próprio ser? Um irmão é como a própria pessoa. Não há diferença entre eles. O sangue, no entanto, (que eu sou considerado como tendo bebido), ó mãe, não passou por meus lábios e dentes. Karna soube bem disto. Minhas mãos somente foram lambuzadas com o sangue (de Duhshasana). Vendo Nakula privado de seus corcéis por Vrishasena em batalha, eu fiz os regozijantes irmãos (Kaurava) se encherem de medo. Quando depois da partida de dados as tranças de Draupadi foram agarradas, eu proferi certas palavras com raiva. Aquelas palavras estão ainda na minha lembrança, eu iria, por todos os anos que estão por vir, ser considerado como tendo me desviado dos deveres de um Kshatriya se eu tivesse deixado de cumprir meu voto. Foi por isso, ó rainha, que eu fiz aquela ação. Não cabe a ti, ó Gandhari, imputar qualquer falha a mim. Não tendo refreado teus filhos no passado, cabe a ti imputar qualquer falha às nossas pessoas inocentes?'"

"Gandhari disse, 'Não vencido por alguém, tu mataste uma centena de filhos deste homem velho. Oh, por que tu não poupaste, ó filho, pelo menos um filho deste velho casal privado de reino, um cujas ofensas fossem mais leves? Por que tu não deixaste nem uma muleta para este casal cego? Ó filho, embora tu vivesses ileso, tendo matado todos os meus filhos, nenhuma dor seria minha se tu tivesses adotado o caminho da justiça (ao matá-los).'"

Vaisampayana continuou, "Tendo dito estas palavras, Gandhari, cheia de ira pela morte de todos os seus filhos e netos, perguntou por Yudhishthira, dizendo, 'Onde está o rei?' Depois que ela tinha dito estas palavras, o rei Yudhishthira, tremendo e com mãos unidas, se aproximou dela e disse estas palavras gentis a ela, 'Aqui está Yudhishthira, ó deusa, este cruel assassino de teus filhos! Eu mereço tuas maldições, pois eu sou a causa desta destruição universal. Oh, me amaldiçoe! Eu não tenho mais qualquer necessidade de vida, de reino, de prosperidade! Tendo feito tais amigos serem mortos, eu demonstrei que sou um grande tolo e alguém que tem ódio dos amigos.' Para Yudhishthira que falou tais palavras, que estava tomado pelo medo, e que estava em sua presença, Gandhari, dando longos suspiros, não disse nada. Conhecedora das regras de justiça, a rainha Kuru, possuidora de grande previdência, dirigiu seus olhos, de dentro das dobras do tecido que os cobria, à ponta do dedo do pé de Yudhishthira, quando o príncipe, com corpo inclinado para frente, estava prestes a cair aos pés dela. Nisto, o rei, cujas unhas eram antes disso todas muito belas, veio a ter uma unha ferida em seu dedo do pé. Vendo isso, Arjuna se moveu para a retaguarda de Vasudeva, e os outros filhos de Pandu ficaram inquietos e se moveram de um lugar para outro. Gandhari então, tendo rejeitado sua ira, confortou os Pandavas como uma mãe deveria. Obtendo sua permissão, aqueles heróis de peitos largos então procederam juntos para se apresentarem para sua mãe, aquela mãe de heróis. Vendo seus filhos depois de muito tempo, Kunti, que tinha estado cheia de ansiedade por causa deles, cobriu seu rosto com sua roupa e começou a chorar.

Tendo chorado por algum tempo com seus filhos, Pritha contemplou os ferimentos e cicatrizes de muitas armas em seus corpos. Ela então abraçou e afagou repetidamente cada um de seus filhos, e afligida pela tristeza ela chorou com Draupadi, que tinha perdido todos os seus filhos e a quem ela viu jazendo na terra nua, entregue a lamentações comoventes.

Draupadi disse, 'Ó dama venerável, onde todos os teus netos, com Abhimanyu entre eles, foram? Vendo-te em tal angústia, por que eles estão demorando em fazer seu aparecimento diante de ti? Privada como eu estou de meus filhos, que necessidade eu tenho do reino?' Erguendo a princesa de Pancala tomada pela tristeza que estava lamentando dessa maneira, Pritha começou a consolar aquela senhora de olhos grandes. Então Kunti, acompanhada pela princesa de Pancala e seguida por seus filhos, procedeu em direção à aflita Gandhari, ela mesma em aflição maior ainda. Vendo aquela senhora ilustre com sua nora, Gandhari dirigiu-se a ela, dizendo, 'Ó filha, não sofra assim. Veja, eu também estou tão tomada pela dor quanto tu. Eu acho que esta destruição geral foi ocasionada pelo irresistível curso do Tempo. Inevitável como era, esta matança terrível não foi devido à agência voluntária de seres humanos. Tudo ocorreu assim como Vidura de grande sabedoria predisse depois que a súplica de Krishna pela paz tinha fracassado. Não sofra, portanto, por uma causa que era inevitável, especialmente depois de sua ocorrência. Tendo morrido em batalha, não se deve se angustiar por eles. Eu estou na mesma situação difícil contigo. (Se tu agires de tal modo) quem então nos consolará? Por minha culpa, esta principal das famílias foi destruída.'"

Aqui termina o Jalapradanika-parva no Stri-parva.

16

(Stri-vilapa-parva)

Vaisampayana disse, "Tendo dito estas palavras, Gandhari, embora estando naquele local que era distante do campo de batalha, contemplou, com sua visão espiritual, a matança dos Kurus. Dedicada a seu marido, aquela altamente abençoada senhora sempre tinha praticado votos superiores. Passando pelas mais severas das penitências, ela era sempre sincera em suas palavras. Pelo presente da bênção pelo grande rishi Vyasa de feitos santificados, ela se tornou possuidora de conhecimento e poder espirituais. Comoventes eram as lamentações nas quais aquela dama então se abandonou. Dotada de grande inteligência, a dama Kuru viu, de uma distância, mas como se estivesse em um ponto próximo, aquele campo de batalha, terrível de se contemplar e cheio de visões extraordinárias, daqueles principais dos combatentes. Totalmente coberto com ossos e cabelos, e com rios de sangue, aquele campo estava coberto com milhares sobre milhares de corpos mortos por todos os lados. Coberto com o sangue de elefantes e cavalos e guerreiros em carros e combatentes de outros tipos, ele abundava com corpos sem cabeças e cabeças sem corpos. E ele

ressoava com os gritos de elefantes e corcéis e homens e mulheres e abundava com chacais e grous e corvos e kankas e gralhas. E ele era a área de diversão de rakshasas que subsistiam de carne humana. E ele enxameava com águias pescadoras e urubus e ressoava com os uivos inauspiciosos de chacais. Então o rei Dhritarashtra, por ordem de Vyasa, e todos os filhos de Pandu com Yudhishthira encabeçando-os, com Vasudeva e todas as senhoras Kuru, procederam ao campo de batalha. Aquelas senhoras, privadas de seus maridos, tendo alcançado Kurukshetra, viram seus irmãos e filhos e pais e maridos jazendo mortos no chão, e sendo devorados por animais predadores e lobos e corvos e fantasmas e pishacas e rakshasas e diversos outros seres noturnos. Contemplando aquela carnificina que parecia as visões da área esportiva de Rudra, as damas proferiram gritos altos e desceram rapidamente de seus veículos suntuosos. Testemunhando visões como as quais elas nunca antes tinham testemunhado, as senhoras Bharata sentiram seus membros carentes de forças e caíram ao chão. Outras ficaram tão perplexas que perderam todos os seus sentidos. De fato, as senhoras Pancala e Kuru estavam mergulhadas em uma angústia inexprimível. Contemplando aquele terrível campo de batalha retumbando em todas as direções com os gritos daquelas damas enlutadas, a filha de Subala, familiarizada com todos os deveres, se dirigiu a Keshava de olhos de lótus, aquele principal de todos os homens. Testemunhando aquela matança geral dos Kurus e cheia de dor à visão, ela disse estas palavras: ‘Veja, ó Madhava de olhos de lótus, estas minhas noras! Privadas de seus maridos, elas estão proferindo, com cabelos despenteados, gritos comoventes de dor como um bando de águias pescadoras. Encontrando aqueles corpos mortos, elas estão relembrando os grandes chefes Bharata. Elas estão correndo para cá e para lá em grandes bandos em direção a seus filhos e irmãos e pais e maridos. Veja, ó poderosamente armado, o campo está coberto com mães de heróis, todas as quais, no entanto, também foram privadas de filhos. Lá, aquelas partes também estão cobertas com cônjuges de heróis, que foram, no entanto, privadas de seus cônjuges! Veja, o campo de batalha está adornado com aqueles tigres entre homens, Bhishma e Karna e Abhimanyu e Drona e Drupada e Shalya, como com fogos ardentes. Veja, ele está adornado também com as cotas de malha douradas, e com as pedras preciosas valiosas de guerreiros de grande alma, e com seus angadas, e keyuras e guirlandas. Veja, ele está coberto com dardos e maças com pontas de ferro arremessadas por mãos heróicas, e espadas e diversas espécies de flechas afiadas e arcos. Animais predadores, reunidos, estão em pé ou deitados ou se divertindo como lhes convém! Veja, ó herói poderoso, este campo de batalha. Por esta visão, ó Janardana, eu estou queimando de tristeza. Na destruição dos Pancalas e dos Kurus, ó matador de Madhu, eu penso, os cinco elementos (dos quais tudo é feito) foram todos destruídos. Urubus ferozes e outras aves, às milhares, estão arrastando aqueles corpos tingidos de sangue, e agarrando-os por suas armaduras, os estão devorando. Quem poderia pensar na morte de tais heróis como Jayadratha e Karna e Drona e Bhishma e Abhimanyu? Ai, embora incapazes de serem mortos, eles ainda assim foram mortos, ó destruidor de Madhu! Veja, urubus e kankas e corvos e falcões e cachorros e chacais são se banqueteando deles. Lá, aqueles tigres entre homens, que lutaram ao lado de Duryodhana, e tomaram o campo em cólera, estão agora

jazendo como fogos extintos. Todos eles eram dignos de adormecer sobre camas macias e limpas. Mas, ai, mergulhados em desgraça, eles estão dormindo hoje na terra nua. Bardos recitando seus louvores costumavam alegrá-los antes nas horas apropriadas. Mas eles estão agora escutando os gritos ferozes e inauspiciosos de chacais. Aqueles heróis ilustres que costumavam antigamente dormir em camas caras com seus membros cobertos com pasta de sândalo e aloés em pó, ai, agora dormem na poeira! Estes urubus e lobos e corvos agora se tornaram seus ornamentos. Repetidamente proferindo gritos inauspiciosos e ferozes essas criaturas são agora arrastando seus corpos. Deleitando-se em batalha, aqueles heróis, parecendo alegres, tem ainda junto deles suas flechas afiadas, espadas bem temperadas, e maças brilhantes, como se a vida ainda não os tivesse deixado. Muitos heróis principais, possuidores de beleza e cores formosas e adornados com guirlandas de ouro, estão dormindo no chão. Veja, bestas predadoras os estão rasgando e arrastando. Outros, com braços massivos, estão dormindo com maças em seus abraços, como se elas fossem esposas queridas. Outros, ainda cobertos com armaduras, estão segurando em suas mãos suas armas brilhantes. Os animais predadores não os estão mutilando, ó Janardana, considerando-os como ainda vivos. As belas guirlandas de ouro puro nos pescoços de outros heróis ilustres, enquanto os últimos estão sendo arrastados por criaturas carnívoras, estão espalhadas por todos os lados. Lá, aqueles lobos ferozes, aos milhares, estão arrancando as correntes douradas ao redor dos pescoços de muitos heróis ilustres silenciados pela morte. Muitos, a quem bardos hábeis em seu trabalho antigamente costumavam, com seus hinos e elogios de grande importância, alegrar todas as manhãs, estão agora cercados por formosas damas tomadas pela tristeza e gritando e chorando de angústia ao redor deles, ó tigre da raça Vrishni! Os rostos daquelas senhoras belas, ó Keshava, embora pálidos, ainda parecem resplandecentes, como um grupo de lotos vermelhos! Aquelas senhoras Kuru pararam de chorar, com suas respectivas seguidoras e companheiras. Elas estão todas cheias de ansiedade. Dominadas pela tristeza, elas estão correndo para lá e para cá. Os rostos daquelas formosas, com o pranto e a raiva, se tornaram fulgurantes como o sol da manhã ou ouro ou cobre polido. Ouvindo as lamentações umas das outras de sentido incompleto, aquelas damas, por causa dos lamentos altos de dor irrompendo de todos os lados, são incapazes de captar o que as outras querem dizer. Algumas entre elas, suspirando pesadamente e lamentando repetidamente, estão entorpecidas pela dor e estão abandonando seus ares vitais. Muitas delas, vendo os corpos (de seus filhos, maridos, ou pais), estão chorando e proferindo lamentos altos. Outras estão batendo em suas cabeças com suas próprias mãos macias. A terra, coberta com cabeças cortadas e mãos e outros membros misturados e reunidos em grandes pilhas, parece resplendente com estes sinais de destruição! Vendo muitos troncos sem cabeças de grande beleza, e muitas cabeças sem troncos, aquelas formosas estão jazendo sem sentidos no chão por um longo tempo. Unindo cabeças específicas com troncos específicos, aquelas senhoras, insensíveis pela dor, estão descobrindo seus erros e dizendo, ‘Esta não é deste’ e estão chorando mais amargamente! Outras, unindo braços e pernas e pés, cortados com flechas, estão cedendo à dor e perdendo seus sentidos repetidamente (à visão das formas restauradas). Algumas entre as damas Bharata, vendo os corpos de seus maridos,

corpos que foram mutilados por animais e aves e separados de suas cabeças, não estão conseguindo reconhecê-los. Outras, contemplando seus irmãos, pais, filhos, e maridos mortos pelos inimigos, estão, ó destruidor de Madhu, golpeando suas cabeças com suas próprias mãos. Lamacenta com carne e sangue, a Terra ficou intransitável com braços ainda segurando espadas, e com cabeças adornadas com brincos. Contemplando o campo coberto com seus pais e irmãos, e filhos, aquelas damas impecáveis, que nunca antes tinham sofrido a menor angústia, estão agora mergulhadas em uma dor indizível. Veja, ó Janardana, aqueles grupos numerosos das noras de Dhritarashtra, parecendo multidões sucessivas de potrancas belas adornadas com crinas excelentes! Qual espetáculo, ó Keshava, pode ser mais triste para eu contemplar do que o apresentado por estas senhoras de aparência formosa que assumiram tal aspecto? Sem dúvida, eu devo ter cometido grandes pecados em minhas vidas anteriores já que eu estou vendo, ó Keshava, meus filhos e netos e irmãos todos mortos pelos inimigos.' Enquanto lamentava de dor dessa maneira, os olhos de Gandhari caíram sobre seu filho (Duryodhana)."

17

Vaisampayana disse, "Vendo Duryodhana, Gandhari, privada de seus sentidos pela dor, caiu no chão de repente como uma bananeira arrancada. Tendo recuperado seus sentidos logo, ela começou a chorar, repetidamente proferindo lamentos altos à visão de seu filho jazendo na terra nua, coberto com sangue. Abraçando seu filho, Gandhari se abandonou em lamentações comoventes por ele. Tomada pela dor, e com sentidos extremamente agitados, a rainha Kuru exclamou, 'Ai, ó filho! Ai, ó filho!' Queimando de tristeza, a rainha encharcou com suas lágrimas o corpo de seu filho, possuidor de ombros largos e massivos, e adornado com guirlandas e correntes. Endereçando-se a Hrishikesa que estava perto, ela disse, 'Na véspera dessa batalha, ó poderoso, que exterminou esta classe, este principal dos reis, ó tu da linhagem de Vrishni, disse a mim, 'Nesta batalha destrutiva (para ambos os lados), ó mãe, me deseje vitória!' Quando ele tinha dito estas palavras, eu mesma, sabendo que uma grande calamidade tinha vindo sobre nós, disse isso a ele, tigre entre homens, 'A vitória está onde a justiça está. E já que, filho, teu coração está fixo na batalha, tu irás, sem dúvida, alcançar aquelas regiões que são alcançáveis (pelo uso de) armas e (te divertirás lá) como um celestial.' Foram estas mesmas as palavras que eu então disse a ele. Eu então não me afligi por meu filho. Eu sofro, no entanto, pelo desamparado Dhritarashtra privado de amigos e parentes. Veja, ó Madhava, meu filho, este principal dos guerreiros, colérico, hábil em armas, e irresistível em batalha, dormindo sobre o leito de heróis. Veja os reversos ocasionados pelo Tempo. Este destruidor de inimigos que costumava antigamente andar na liderança de todas as pessoas coroadas agora dorme na poeira. Sem dúvida, o heróico Duryodhana, quando ele dorme neste leito o qual é o do herói, obteve o fim mais inalcançável. Chacais inauspiciosos estão agora alegrando aquele príncipe adormecido no leito do herói, que era antigamente alegrado pelas damas mais formosas sentadas em volta dele. Ele, que era antigamente cercado por reis que competiam entre si para

alegrá-lo, ai, ele, morto e jazendo no chão, está agora cercado por urubus! Ele que era antigamente abanado com leques belos por damas formosas é agora abanado por aves (carnívoras) com o bater de suas asas! Possuidor de grande força e coragem verdadeira, este príncipe de braços poderosos, morto por Bhimasena em batalha, jaz como um elefante morto por um leão! Contemple Duryodhana, ó Krishna, jazendo na terra nua, coberto com sangue, morto por Bhimasena com sua maça. Este poderosamente armado que tinha reunido em batalha onze akshauhinis de tropas, ó Keshava, por consequência de sua própria má política, está morto agora. Ai, aqui jaz este grande arqueiro e poderoso guerreiro em carro, morto por Bhimasena, como um tigre morto por um leão! Tendo desconsiderado Vidura, como também seu próprio pai, este príncipe imprudente, tolo, e mau sucumbiu à morte, por seu desrespeito pelos idosos. Ele que tinha governado a terra, sem um rival, por treze anos, ai, esse príncipe, esse meu filho, jaz hoje sobre a terra nua, morto por seus inimigos. Não muito antes, ó Krishna, eu vi a Terra, cheia de elefantes e vacas e cavalos, governada por Duryodhana! Hoje, ó tu de braços poderosos, eu vejo ela governada por outro, e desprovida de elefantes e vacas e cavalos! Que necessidade eu tenho, ó Madhava, da vida? Veja, além disso, esta visão que é mais dolorosa do que a morte de meu filho, a visão destas senhoras formosas chorando ao lado dos heróis mortos! Veja, ó Krishna, a mãe de Lakshmana, aquela dama de quadris largos, com suas tranças despenteadas, aquela cônjuge querida de Duryodhana, parecendo um altar sacrifical de ouro. Sem dúvida, esta donzela de grande inteligência, enquanto seu poderoso marido estava vivo, costumava se divertir dentro do abraço de seu marido de belos braços! Por que, de fato, este meu coração não se parte em cem fragmentos à visão de meu filho e neto mortos em batalha? Ai, aquela dama impecável agora cheira (a cabeça de) seu filho coberta com sangue. Agora, outra vez, aquela senhora de coxas formosas está friccionando suavemente o corpo de Duryodhana com sua mão suave. Num momento ela está entristecida por seu marido e em outro por seu filho. Em um momento ela olha para seu marido, em outro para seu filho. Veja, ó Madhava, golpeando sua cabeça com suas mãos, ela cai sobre o peito de seu cônjuge heróico, o rei dos Kurus. Possuidora de cor como aquela dos filamentos do lótus, ela ainda parece bela como um lótus. A princesa infeliz ora limpa o rosto de seu filho e ora aquele de seu marido. Se as escrituras e os srutis são verdadeiros, sem dúvida, este rei obteve aquelas regiões (de bem aventurança) que alguém pode ganhar pelo uso de armas!'"

18

"Gandhari disse, 'Veja, ó Madhava, minha centena de filhos, incapazes de se cansarem (do esforço em batalha), foram todos mortos por Bhimasena com sua maça em combate! O que mais me aflige hoje é que estas minhas noras, jovens, privadas de seus filhos e com cabelos despenteados, estão vagando hoje no campo. Ai, elas que antigamente andavam somente nos terraços de mansões agradáveis com pés enfeitados com muitos ornamentos, são agora, em grande aflição de coração, obrigadas a tocar com aqueles seus pés este solo duro, lodoso

com sangue! Cambaleando em tristeza, elas estão vagando como pessoas embriagadas, afastando urubus e chacais e corvos com dificuldade. Veja, aquela dama de membros impecáveis e cintura fina, vendo esta carnificina terrível, caiu, dominada pela dor. Vendo esta princesa, a mãe de Lakshmana, ó tu de braços poderosos, meu coração está dilacerado pela dor. Estas senhoras belas de braços formosos, algumas vendo seus irmãos, algumas seus maridos, e algumas seus filhos jazendo mortos na terra nua, elas mesmas estão caindo, agarrando os braços dos mortos. Escute, ó invencível, o lamento alto daquelas senhoras idosas e das outras de meia-idade ao verem esta carnificina terrível. Se apoiando contra caixas de carros quebrados e corpos de elefantes e corcéis mortos, veja, ó tu de grande poder, aquelas senhoras, desgastadas com fadiga, estão descansando. Veja, ó Krishna, algumas entre elas, erguendo a cabeça cortada de algum parente ornada com belo nariz e brincos, estão em pé em angústia. Eu penso, ó impecável, que elas e eu mesma de pouca compreensão devemos ter cometido grandes pecados em nossas vidas passadas, já que, ó Janardana, todos os nossos parentes e amigos foram mortos dessa forma pelo rei Yudhishthira, o justo! Nossas ações, justas ou injustas, não podem ser inúteis, ó tu da tribo de Vrishni! Veja, ó Madhava, aquelas jovens senhoras de belos peitos e abdomens, bem nascidas, possuidoras de modéstia, tendo cílios negros e tranças da mesma cor em suas cabeças, de vozes suaves e estimadas como aquela de cisnes, estão caindo, privadas de seus sentidos em grande dor e proferindo gritos lastimáveis como bandos de grous. Veja, ó herói de olhos de lótus, seus rostos belos parecendo lotos totalmente desabrochados estão chamuscados pelo sol. Ai, ó Vasudeva, as esposas de meus filhos orgulhosos possuidores de bravura como aquela de elefantes enfurecidos, estão agora expostas ao olhar das pessoas comuns. Veja, ó Govinda, os escudos decorados com cem luas, os estandartes de refulgência solar, as cotas de malha douradas, e as correntes e couraças feitas de ouro, e os ornatos para a cabeça de meus filhos, espalhados no chão, estão reluzindo com brilho como fogos sacrificais sobre os quais foram despejadas libações de manteiga clarificada. Lá jaz Duhshasana, derrubado por Bhima, o sangue de todos os seus membros bebido por aquele matador heróico de inimigos. Veja este meu outro filho, ó Madhava, morto por Bhima com sua maça, impelido por Draupadi e pela recordação de suas angústias na hora da partida de dados. Dirigindo-se à princesa de Pancala ganha nos dados no meio da assembléia, este Duhshasana, desejoso de fazer o que era agradável para seu irmão (mais velho) como também para Karna, ó Janardana, tinha dito, ‘Tu és agora a mulher de um escravo! Com Sahadeva e Nakula e Arjuna, ó senhora, entre na nossa casa agora!’ Naquela ocasião, ó Krishna, eu disse ao rei Duryodhana, ‘Ó filho, afaste (do teu lado) o colérico Shakuni. Saiba que teu tio materno é de alma muito pecaminosa e gosta muito de disputa. Rejeitando-o sem demora, faça as pazes com os Pandavas, ó filho! Ó tu de pouca inteligência, tu não pensas em Bhimasena cheio de ira? Tu estás perfurando-o com tuas flechas verbais como uma pessoa golpeando um elefante com tições queimando.’ Ai, desconsiderando minhas palavras, ele vomitou seu veneno verbal neles, como uma cobra vomitando seu veneno em um touro, neles que já tinham sido perfurados com seus dardos verbais. Lá jaz aquele Duhshasana, esticando seus dois braços massivos, morto por Bhimasena como um elefante poderoso por um

leão. O muito colérico Bhimasena cometeu o ato mais horrível ao beber em batalha o sangue de seu inimigo!'"

19

"Gandhari disse, 'Lá, ó Madhava, meu filho Vikarna, elogiado pelos sábios, jaz na terra nua, morto por Bhima e horrivelmente mutilado! Sem vida, ó matador de Madhu, Vikarna jaz no meio de elefantes (mortos) como a lua no céu outonal circundada por nuvens azuis. Sua palma larga, envolvida em proteção de couro, e com cicatrizes pelo constante manejo do arco, é perfurada com dificuldade por urubus desejosos de se alimentarem dela. Sua jovem mulher desamparada, ó Madhava, está se esforçando constantemente, sem sucesso, para espantar aqueles urubus desejosos de se alimentarem da carniça. O jovem e valente e belo Vikarna, ó touro entre homens, criado no luxo e merecedor de todas as espécies de riquezas, agora jaz em meio ao pó, ó Madhava! Embora as partes vitais dele tenham sido perfuradas por setas de uma jarda e flechas farpadas e nalikas, ainda assim aquela sua beleza pessoal não abandonou este melhor dos Bharatas. Lá, meu filho Durmukha, aquele matador de um grande grupo de inimigos, jaz, com rosto na direção do inimigo, morto pelo heróico Bhimasena no cumprimento de seu voto. Seu rosto, ó Krishna, meio comido pelas bestas predadoras, parece mais bonito, ó filho, assim como a lua no sétimo dia da quinzena iluminada. Contemple, ó Krishna, o rosto daquele meu filho heróico, que está assim. Como pode este meu filho ser morto por inimigos e feito comer o pó dessa maneira? Ó amável, como pode aquele Durmukha, diante de quem nenhum inimigo podia resistir, ser morto por inimigos, ó subjugador de regiões celestes? Veja, ó matador de Madhu, aquele outro filho de Dhritarashtra, Citrasena, morto e jazendo na terra, aquele herói que era o modelo de todos os arqueiros! Aquelas jovens senhoras, afligidas pela dor e proferindo gritos lastimáveis, estão agora sentadas, com os animais predadores, ao redor da forma agradável dele adornada com coroas e guirlandas. Este alto lamento de dor, proferido pelas mulheres, e estes gritos e rugidos dos animais predadores, parecem muito extraordinários para mim, ó Krishna! Jovem e bonito, e sempre visitado e servido pelas senhoras mais belas, meu filho Vivinsati, ó Madhava, está lá, manchado com poeira. Sua armadura foi perfurada com setas. Morto no meio da carnificina, ai, o heróico Vivimshati é agora cercado e visitado por urubus! Tendo em batalha penetrado nas tropas do exército Pandava, aquele herói agora jaz no leito de um herói, no leito de um Kshatriya exaltado! Veja, ó Krishna, seu rosto muito belo, com um sorriso brincando sobre ele, adornado com um nariz excelente e sobrancelhas formosas, e parecendo a própria Lua resplandecente! Antigamente um grande número das damas mais belas costumava servi-lo, como milhares de moças celestes a um gandharva esportivo. Quem também poderia resistir ao meu filho Duhsaha, aquele matador de inimigos heróicos, aquele herói, aquele ornamento de assembléias, aquele guerreiro irresistível, aquele que resistia a inimigos? O corpo de Duhsaha, coberto com setas, parece resplandecente como uma montanha coberta com karnikaras

florescentes. Com sua guirlanda de ouro e sua armadura brilhante, Duhsaha, embora sem vida, ainda parece radiante, como uma montanha branca de fogo!'"

20

"Gandhari disse, 'Aquele cujo poder e coragem eram considerados, ó Keshava, como uma vez e meia superiores àqueles de seu pai e teus, ele que parecia um leão feroz e orgulhoso, ele que, sem um seguidor, penetrou sozinho nas tropas impenetráveis de meu filho, ele que provou ser a morte de muitos, ai, ele agora jaz lá, tendo ele mesmo sucumbido à morte! Eu vejo, ó Krishna, que o esplendor daquele filho de Arjuna, daquele herói de energia incomensurável, Abhimanyu, não foi ofuscado nem mesmo na morte. Lá, a filha de Virata, a nora do manejador do Gandiva, aquela moça de beleza impecável dominada pela dor à visão de seu marido heróico, está se entregando a lamentações! Aquela mulher jovem, a filha de Virata, se aproximando de seu marido, está esfregando-o suavemente, ó Krishna, com sua mão. Antigamente, aquela moça altamente inteligente e extremamente bela, embriagada com vinhos adocicados, costumava abraçar seu marido timidamente, e beijar o rosto do filho de Subhadra, aquele rosto que parecia com um lótus totalmente desabrochado e que estava apoiado em um pescoço adornado com três linhas como aquelas de uma concha. Tirando a cota de malha dourada de seu marido, ó herói, aquela donzela está fitando agora o corpo tingido de sangue de seu cônjuge. Contemplando seu marido, ó Krishna, aquela moça se dirige a ti e diz, 'Ó de olhos de lótus, este herói cujos olhos pareciam os teus, foi morto. Em força e energia, e coragem também, ele era teu igual, ó impecável! Ele parecia muitíssimo contigo em beleza. Agora ele jaz no chão, morto pelo inimigo!' Dirigindo-se a seu próprio marido, a donzela também diz, 'Tu foste criado em todo o luxo. Tu costumavas dormir sobre peles macias de veados ranku. Ai, teu corpo não sente dor hoje por deitar assim na terra nua? Esticando teus braços massivos adornados com angadas dourados, parecendo um par de trombas de elefantes e cobertos com pele endurecida pelo uso frequente do arco, tu dormes, ó marido, em paz, como se estivesses exausto pelo exercício demasiado no ginásio de esportes. Ai, por que tu não te diriges a mim que estou chorando dessa maneira? Eu não me lembro de ter te ofendido alguma vez. Por que tu não falas comigo então? Antigamente tu costumavas te dirigir a mim mesmo quando tu me vias à distância. Ó senhor venerável, para onde tu vais, deixando para trás a muito respeitada Subhadra, estes teus superiores que parecem os próprios celestiais, e minha própria pessoa desventurada perturbada pela dor?' Veja, ó Krishna, apanhando com as mãos os cabelos tingidos de sangue de seu marido, e colocando a cabeça dele em seu colo, a bela donzela está falando com ele como se ele estivesse vivo, 'Como puderam aqueles grandes guerreiros em carros te matar no meio da batalha, tu que és o filho da irmã de Vasudeva e do manejador de Gandiva? Ai, que vergonha para aqueles guerreiros de ações pecaminosas, Kripa e Karna e Jayadratha e Drona e o filho de Drona, por quem tu foste privado de vida. Qual era o estado de espírito daqueles grandes guerreiros em carros naquela hora quando eles cercaram a ti, um jovem guerreiro,

e te mataram para minha dor? Como tu pudeste, ó herói, tu que tinhas tantos protetores, ser morto tão sem auxílio na própria vista dos Pandavas e dos Pancalas? Vendo-te, ó herói, morto em batalha por muitas pessoas reunidas, como é que aquele tigre entre homens, aquele filho de Pandu, teu pai, é capaz de suportar a carga da vida? Nem a aquisição de um vasto reino nem a derrota de seus inimigos conduz à alegria dos Parthas sem ti, ó tu de olhos de lótus! Pela prática de virtude e autodomínio, eu logo irei para aquelas regiões de felicidade que tu adquiriste pelo uso de armas. Proteja-me, ó herói, quando eu for para aquelas regiões. Quando a hora de uma pessoa ainda não chegou ela não pode morrer, já que, infeliz como eu sou, eu ainda respiro depois de te ver morto em batalha. Tendo ido para a região dos pitris, a quem mais, como eu, tu te diriges agora, ó tigre entre homens, em palavras doces misturadas com sorrisos? Sem dúvida, tu deves agitar os corações das Apsaras no céu, com tua grande beleza e tuas palavras gentis misturadas com sorrisos! Tendo obtido as regiões reservadas para pessoas de atos justos, tu estás agora unido, ó filho de Subhadra, com as Apsaras! Enquanto te divertires com elas, lembre às vezes das minhas boas ações para contigo. Tua união comigo neste mundo tinha, parece, sido ordenada por somente seis meses, pois no sétimo, ó herói, tu foste privado de vida!' Ó Krishna, as damas da casa real de Matsya estão arrastando para longe a aflita Uttara, frustrada em todos os seus propósitos, enquanto lamentando dessa maneira. Aquelas senhoras, arrastando para longe a aflita Uttara, elas mesmas ainda mais aflitas do que aquela moça, estão chorando e proferindo lamentos altos à visão do morto Virata. Mutilado com as armas e flechas de Drona, prostrado sobre o solo e coberto de sangue, Virata está cercado por urubus gritando e chacais uivando e corvos crocitando. Aquelas senhoras de olhos negros, se aproximando da forma prostrada do rei Matsya sobre o qual aves carnívoras estão proferindo gritos de alegria, estão se esforçando para virar o corpo. Enfraquecidas pela dor e extremamente angustiadas, elas não conseguem fazer o que pretendem. Chamuscadas pelo Sol, e desgastadas com o esforço, seus rostos se tornaram pálidos e sem cor. Veja também, ó Madhava, aqueles outros meninos além de Abhimanyu, Uttara, Sudakshina, o príncipe dos Kambhojas, e o belo Lakshmana, todos jazendo no campo de batalha!'"

21

"Gandhari disse, 'Então o poderoso Karna, aquele grande arqueiro, jaz sobre o solo! Em batalha ele era como um fogo ardente! Aquele fogo, no entanto, agora foi extinto pela energia de Partha. Veja, Karna, o filho de Vikartana, depois de ter matado muitos atirathas, foi prostrado na terra nua, e está encharcado com sangue. Colérico e possuidor de grande energia, ele era um grande arqueiro e um poderoso guerreiro em carro. Morto em batalha pelo manejador do Gandiva, aquele herói agora jaz no chão. Meus filhos, aqueles poderosos guerreiros em carros, por medo dos Pandavas, lutaram colocando Karna em sua dianteira, como uma manada de elefantes com seu líder na frente. Ai, como um tigre morto por um leão, ou um elefante por um elefante enfurecido, aquele guerreiro foi morto em

batalha por Savyasaci. Juntas, ó tigre entre homens, as esposas daquele guerreiro, com tranças despenteadas e dando lamentos altos de dor, estão sentadas em volta daquele herói morto! Cheio de ansiedade causada por pensamentos sobre aquele guerreiro, o rei Yudhishthira, o justo, por treze anos, não conseguiu dormir! Incapaz de ser detido por inimigos em batalha, como o próprio Maghavat que é invencível por inimigos, Karna era como o fogo todo destrutivo de chamas violentas no fim do yuga, e inalterável como o próprio Himavat! Aquele herói se tornou o protetor do filho de Dhritarashtra, ó Madhava! Ai, sem vida, ele agora jaz sobre a terra nua, como uma árvore prostrada pelo vento! Veja, a esposa de Karna e mãe de Vrishasena está lamentando e gritando e chorando e caindo sobre o solo! Agora mesmo ela exclama, 'Sem dúvida, a maldição do teu preceptor te perseguiu! Quando a roda do teu carro foi engolida pela Terra, o cruel Dhananjaya cortou tua cabeça com uma seta! Ai, que vergonha (para o heroísmo e a habilidade)!' Aquela senhora, a mãe de Sushena, extremamente aflita e proferindo gritos de angústia, está caindo, sem sentidos, ao ver o bravo Karna de braços fortes prostrado no chão, com sua cintura ainda cercada com um cinto de ouro. Criaturas carnívoras, se alimentando do corpo daquele herói ilustre, o reduziram a dimensões muito pequenas. A visão não é alegre, como aquela da lua na décima quarta noite da quinzena escura. Caindo ao chão, a dama triste está levantando novamente. Queimando de dor por causa da morte de seu filho também, ela se aproxima e cheira o rosto de seu marido!'"

22

"Gandhari disse, 'Morto por Bhimasena, veja, o senhor de Avanti se encontra lá! Urubus e chacais e corvos estão se alimentando daquele herói! Embora possuidor de muitos amigos, ele jaz agora totalmente desamparado! Veja, ó matador de Madhu, tendo feito uma grande matança de inimigos, aquele guerreiro está agora deitado no leito de um herói, coberto com sangue. Chacais, e kankas, e outras criaturas carnívoras de diversas espécies o estão arrastando agora. Veja os reversos ocasionados pelo Tempo. Suas esposas, reunidas, chorando, estão sentadas ao redor daquele herói que em vida era um terrível matador de inimigos, mas que agora jaz no leito de um herói. Veja, Bahlika, o filho de Pratipa, aquele arqueiro poderoso possuidor de grande energia, morto com uma flecha de cabeça larga, está agora jazendo no chão como um tigre adormecido. Embora sem vida, a cor de seu rosto ainda é extremamente brilhante, como aquela da lua cheia, surgida no décimo quinto dia da quinzena iluminada! Queimando de dor por causa da morte de seu filho, e desejoso de cumprir sua promessa, o filho de Indra (Arjuna) matou lá aquele filho de Vriddhakshatra! Veja Jayadratha, que era protegido pelo ilustre Drona, morto por Partha que estava empenhado em cumprir seu voto, depois de penetrar através de onze Akshauhinis de tropas. Urubus inauspiciosos, ó Janardana, estão se alimentando de Jayadratha, o senhor dos Sindhu-Sauviras, cheio de orgulho e energia! Embora suas dedicadas esposas procurem protegê-lo, veja, ó Acyuta, que as criaturas carnívoras estão arrastando o corpo dele para uma selva na vizinhança. As esposas Kamboja e Yavana

daquele senhor poderosamente armado dos Sindhus e dos Sauviras estão cuidando de protegê-lo (das bestas selvagens). Naquela vez, ó Janardana, quando Jayadratha, ajudado pelos Kekayas, se esforçou para raptar Draupadi, ele mereceu ser morto pelos Pandavas! Por respeito, no entanto, por Duhshala, eles o libertaram naquela ocasião. Por que, ó Krishna, eles não mostraram algum respeito por Duhshala mais uma vez? Aquela minha filha jovem está agora chorando de dor. Ela está batendo em seu corpo com suas próprias mãos e criticando os Pandavas. O que, ó Krishna, pode ser mais doloroso para mim do que aquela minha jovem filha ficar viúva e todas as minhas noras ficarem sem marido? Ai, ai, veja, minha filha Duhshala, rejeitando sua dor e medo, está correndo para lá e para cá à procura da cabeça de seu marido. Ele que tinha detido todos os Pandavas desejosos de resgatar seu filho, depois de causar a morte de uma tropa vasta, ao final sucumbiu à morte. Ai, aquelas esposas dele, com rostos tão belos quanto a lua, estão chorando, sentadas em volta daquele herói irresistível que parecia um elefante enfurecido!'"

23

"Gandhari disse, 'Lá jaz Shalya, o próprio tio materno de Nakula, morto em batalha, ó senhor, pelo pio e virtuoso Yudhishthira! Ele costumava se gabar em todos os lugares, ó touro entre homens, de sua igualdade contigo! Aquele poderoso guerreiro em carro, o soberano dos Madras, agora jaz sem vida. Quando ele aceitou a condução do carro de Karna em batalha, ele procurou refrear a energia de Karna para dar a vitória aos filhos de Pandu! Ai, ai, veja o rosto liso de Shalya, belo como a lua, e adornado com olhos parecendo as pétalas do lótus, comido por corvos! Lá, a língua daquele rei, da cor do ouro aquecido, rolando para fora de sua boca, está, ó Krishna, sendo comida por aves carnívoras! As senhoras da casa real de Madra, proferindo lamentos de dor, estão sentadas ao redor do corpo daquele rei, aquele ornamento de assembléias, privado de vida por Yudhishthira! Aquelas senhoras estão sentadas em volta daquele herói morto como uma manada de elefantas no cio em volta de seu líder caído em um pântano. Veja o bravo Shalya, aquele concessor de proteção, aquele principal dos guerreiros em carros, esticado no leito de heróis, com seu corpo mutilado por setas. Lá, o rei Bhagadatta de grande destreza, o soberano de um reino montanhoso, o principal de todos os manejadores de laços de elefante, jaz no chão, carente de vida. Veja a guirlanda de ouro que ele ainda usa em sua cabeça, parece resplandecente. Embora seu corpo esteja sendo comido por animais predadores, aquela guirlanda ainda adorna os formosos cabelos em sua cabeça. Foi violento o combate que ocorreu entre este rei e Partha, de arrepiar os cabelos, como aquele entre Sakra e o Asura Vritra. Este poderosamente armado, tendo lutado com Dhananjaya, o filho de Pritha, e tendo-o colocado em grandes dificuldades, foi finalmente morto por seu oponente. Aquele que não tinha igual sobre a terra em heroísmo e energia, que realizava façanhas terríveis em batalha, Bhishma, está lá, privado de vida. Contemple o filho de Santanu, ó Krishna, aquele guerreiro de refulgência solar, esticado no chão, como o próprio Sol caído do

firmamento no fim do yuga. Tendo chamuscado seus inimigos com o fogo de suas armas em batalha, aquele guerreiro valente, aquele Sol entre homens, ó Keshava, se pôs como o Sol verdadeiro à noite. Contemple aquele herói, ó Krishna, que em conhecimento do dever era igual ao próprio Devapi, agora jazendo em um leito de flechas, tão digno de heróis. Tendo estendido sua cama excelente de setas farpadas e não farpadas, aquele herói jaz sobre ela como o divino Skanda em uma moita de urzes. De fato, o filho de Ganga jaz, descansando sua cabeça naquele travesseiro excelente, consistindo em três flechas, que se tornaram o complemento do seu leito, dado a ele pelo manejador do Gandiva. Para obedecer à ordem de seu pai, este ilustre reprimiu sua semente vital. Sem igual em batalha, este filho de Santanu aí jaz, ó Madhava! De alma justa e conhecedor de todos os deveres, pela ajuda de seu conhecimento relativo a ambos os mundos, aquele herói, embora mortal, está ainda mantendo sua vida como um imortal. Quando o filho de Santanu jaz hoje derrubado por setas, parece que nenhuma outra pessoa viva sobre a terra possui erudição e destreza e é competente para realizar grandes façanhas em batalha. Verdadeiro em palavras, este herói justo e virtuoso, solicitado pelos Pandavas, lhes disse os meios de sua própria morte. Ai, ele que reviveu a linha de Kuru que tinha se tornado extinta, esta pessoa ilustre possuidora de grande inteligência, deixou o mundo com todos os Kurus em sua companhia. A quem, ó Madhava, os Kurus irão perguntar sobre religião e dever depois que aquele touro entre homens, Devavrata, que parece um deus, for para o céu? Veja Drona, aquele principal dos Brahmanas, o preceptor de Arjuna, de Satyaki, e dos Kurus, jazendo no chão! Dotado de energia imensa, Drona, ó Madhava, era tão familiarizado com as quatro espécies de armas como o chefe dos celestiais ou Sukra da linhagem de Bhrigu. Pela sua graça, Vibhatsu, o filho de Pandu, realizou as façanhas mais difíceis. Sem vida, ele agora jaz no chão. As armas se recusaram a vir (no final) a seu comando. Colocando-o em sua liderança, os Kauravas desafiaram os Pandavas. Aquele principal de todos os manejadores de armas foi finalmente mutilado com armas. Quando ele se movimentava rapidamente em batalha, chamuscando seus inimigos de todas as direções, sua rota parecia aquela de uma conflagração ardente. Ai, carente de vida, ele agora jaz no chão, como um fogo extinto. O cabo do arco ainda está em seu punho. As tiras de couro, ó Madhava, ainda envolvem seus dedos. Embora morto, ele parece como se estivesse vivo. Os quatro Vedas, e todos os tipos de armas, ó Keshava, não abandonaram aquele herói assim como estes não abandonam o próprio Senhor Prajapati. Seus pés auspiciosos, merecedores de toda adoração e adorados de fato por bardos e elogiadores e reverenciado por discípulos, estão sendo agora arrastados por chacais. Privada de sua razão pela dor, Kripi tristemente toma conta, ó matador de Madhu, de Drona que foi morto pelo filho de Drupada. Veja aquela senhora aflita, caída sobre a Terra, com o cabelo despenteado e face para baixo. Ai, ela cuida com tristeza de seu senhor sem vida, aquele principal de todos os manejadores de armas, jazendo na terra. Muitos brahmacaris, com cabelos emaranhados em suas cabeças, estão cuidando do corpo de Drona, que está envolvido em armadura completamente despedaçada, ó Keshava, pelas flechas de Dhrishtadyumna. A ilustre e delicada Kripi, triste e aflita, está se esforçando para realizar os últimos ritos sobre o corpo de seu marido morto em batalha. Lá, aqueles recitadores de Samas, tendo

colocado o corpo de Drona na pira mortuária e tendo acendido o fogo com ritos devidos, estão cantando os três Samas (bem conhecidos). Aqueles brahmacaris, com cabelos emaranhados em suas cabeças, empilharam a pira mortuária daquele brahmana com arcos e dardos e caixas de carros, ó Madhava! Tendo reunido diversos outros tipos de setas, aquele herói de grande energia está sendo consumido por elas. De fato, tendo-o colocado na pira, eles estão cantando e chorando. Outros estão recitando os três (bem conhecidos) Samas que são usados em tais ocasiões. Consumindo Drona naquele fogo, como fogo em fogo, aqueles seus discípulos da classe regenerada estão procedendo em direção às margens do Ganga, pelo lado esquerdo da pira e tendo colocado Kripi em sua dianteira!'"

24

"Gandhari disse, 'Veja o filho de Somadatta, que foi morto por Yuyudhana, bicado e rasgado por um grande número de aves! Queimando com aflição pela morte de seu filho, Somadatta, ó Janardana, (enquanto ele jaz lá) parece censurar o grande arqueiro Yuyudhana. Lá a mãe de Bhurishrava, aquela senhora impecável, dominada pela dor, está se dirigindo a seu marido Somadatta, dizendo, 'Por boa sorte, ó rei, tu não viste esta terrível carnificina dos Bharatas, este extermínio dos Kurus, esta visão que parece as cenas que ocorrem no fim do yuga. Por boa sorte, tu não vês teu filho heróico, que portava o desenho da estaca sacrifical em seu estandarte e que realizou numerosos sacrifícios com presentes abundantes para todos, morto sobre o campo de batalha. Por boa sorte, tu não ouves estes gritos de dor proferidos do meio desta carnificina pelas tuas noras, como os gritos de um bando de grous na superfície do mar. Tuas noras, privadas de ambos, maridos e filhos, estão correndo para lá e para cá, cada uma vestida de uma única peça de roupa e todas com suas tranças negras despenteadas. Por boa sorte, tu não vês teu filho, aquele tigre entre homens, privado de um de seus braços, derrubado por Arjuna, e agora sendo devorado por animais predadores. Por boa sorte, tu não vês hoje teu filho morto em batalha, e Bhurishrava privado de vida, e tuas noras enviuvadas mergulhadas em tristeza. Por boa sorte, tu não vês o guarda-sol dourado daquele guerreiro ilustre que tinha a estaca sacrifical como o emblema em seu estandarte, rasgado e quebrado no terraço de seu carro! Lá, as esposas de olhos negros de Bhurishrava estão se abandonando em lamentações comoventes, cercando seu marido morto por Satyaki. Aflitas pela dor por causa da morte de seus maridos, aquelas damas, lamentando copiosamente, estão caindo na terra com seus rostos para o chão, e lentamente se aproximando de ti, ó Keshava! Ai, por que Arjuna de atos imaculados cometeu tal ato censurável, já que ele cortou o braço de um guerreiro desatento que era valente e dedicado à realização de sacrifícios? Ai, Satyaki fez uma ação que foi ainda mais pecaminosa, pois ele tirou a vida de uma pessoa alma controlada enquanto ela estava na observância do voto praya. Ai, ó virtuoso, tu jazes sobre o solo, morto injustamente por dois inimigos.' Assim mesmo, ó Madhava, as esposas de Bhurishrava estão gritando alto em aflição. Lá, as esposas daquele guerreiro,

todas possuidoras de cinturas finas, estão colocando sobre seus colos o braço cortado de seu marido e chorando amargamente!”

‘Aqui está este braço que costumava invadir as cintas, oprimir os peitos profundos, e tocar o umbigo, as coxas, e os quadris de mulheres formosas, e soltar as fitas das ceroulas vestidas por elas! Aqui está este braço que matava inimigos e dissipava temores de amigos, que deu milhares de vacas e exterminou Kshatriyas em batalha! Na presença do próprio Vasudeva, Arjuna de feitos puros o cortou enquanto tu, descuidado, estavas envolvido em batalha com outro. O que, de fato, tu, ó Janardana, dirás desta grande façanha de Arjuna quando falares disto no meio de assembléias? O que também o próprio Arjuna enfeitado com diadema dirá disto?’ Criticando-te dessa maneira, aquela principal das senhoras parou finalmente. As co-esposas daquela dama estão lamentando lastimavelmente com ela como se ela fosse sua nora!

Lá o poderoso Shakuni, o chefe dos Gandharvas, de destreza incapaz de ser frustrada, foi morto por Sahadeva, o tio materno pelo filho da irmã! Antigamente, ele costumava ser abanado com um par de leques de cabos de ouro! Ai, agora sua forma prostrada está sendo abanada pelas aves com suas asas! Ele costumava assumir centenas e milhares de formas. Todas as ilusões, no entanto, daquele indivíduo possuidor de grandes poderes ilusórios foram queimadas pela energia do filho de Pandu. Um perito em fraude, ele tinha derrotado Yudhishthira na assembléia por seus poderes de ilusão, e ganhado dele seu vasto reino. O filho de Pandu, no entanto, agora ganhou os ares vitais de Shakuni. Veja, ó Krishna, um grande número de aves está agora ao redor de Shakuni. Um perito nos dados, ai, ele adquiriu aquela habilidade para a destruição de meus filhos. Este fogo de hostilidade com os Pandavas foi aceso por Shakuni para a destruição de meus filhos como também dele mesmo e seus seguidores e parentes. Como aquelas alcançadas por meus filhos, ó pujante, pelo uso de armas, ele também, embora de alma pecaminosa, alcançou muitas regiões de bem-aventurança pelo uso de armas. Meu medo, ó matador de Madhu, é que aquela pessoa possa conseguir fomentar dissensões até (lá, na região alcançada por eles) entre meus filhos, todos os quais são crédulos e possuidores de franqueza!’"

25

"Gandhari disse, ‘Veja aquele soberano irresistível dos Kambojas, aquele herói de pescoço de touro, jazendo em meio ao pó, ó Madhava, embora ele merecesse estar esticado confortavelmente em cobertores Kamboja. Dominada por grande dor, sua esposa está chorando amargamente à visão de seus braços manchados de sangue, os quais, no entanto, antigamente costumavam estar cobertos com pasta de sândalo. De fato, a bela exclama, ‘Mesmo agora adornados com palmas belas e dedos graciosos, estes teus dois braços parecem um par de maças com ferrões, dentro de cujo abraço a alegria nunca me deixou por um momento! Qual será o meu fim, ó soberano de homens, estando privada de ti?’ Dotada de uma voz melodiosa, a rainha Kamboja está chorando desamparadamente e tremendo

com emoção. Veja lá aquele grupo de damas formosas. Embora cansadas pelo esforço e desgastadas pelo calor, a beleza contudo não deixa suas formas, como a formosura das coroas de flores usadas pelos celestiais embora expostas ao Sol. Veja, ó matador de Madhu, o soberano heróico dos Kalingas jazendo lá no chão com seus braços fortes enfeitados com um par de angadas. Contemple, ó Janardana, aquelas damas Magadha chorando e permanecendo em volta de Jayatsena, o soberano dos Magadhas. Os lamentos encantadores e melodiosos daquelas moças de olhos alongados e de voz doce, ó Krishna, estão entorpecendo muito o meu coração. Com todos os seus ornamentos deslocados, chorando, e afligidas pela dor, ai, aquelas senhoras de Magadha, dignas de descansarem em camas caras, estão agora deitando na terra nua! Lá, também, aquelas outras senhoras, circundando seu marido, o soberano dos Kosalas, o príncipe Brihadbala, estão lamentando alto. Empenhadas em arrancar do corpo dele as flechas com as quais ele foi perfurado por Abhimanyu com toda a força de seus braços, aquelas damas estão perdendo seus sentidos repetidamente. Os rostos daquelas belas senhoras, ó Madhava, pelo trabalho e pelos raios do Sol, estão parecendo com lotos desbotados. Lá, os filhos valentes e jovens de Dhrishtadyumna, todos enfeitados com guirlandas de ouro e belos angadas, jazem mortos por Drona. Como insetos em um fogo ardente, eles foram todos queimados por caírem sobre Drona, cujo carro era a câmara do fogo, tendo o arco como sua chama e flechas e dardos e maças como seu combustível. Similarmente, os cinco irmãos Kekaya, possuidores de grande coragem, e adornados com belos angadas, estão jazendo no chão, mortos por Drona e com seus rostos virados na direção daquele herói. Suas cotas de malha, do esplendor do ouro aquecido, e seus estandartes altos e carros e guirlandas, todos feitos do mesmo metal, estão derramando uma luz brilhante sobre a terra como muitos fogos ardentes. Veja, ó Madhava, o rei Drupada derrubado em batalha por Drona, como um elefante poderoso na floresta morto por um enorme leão. O guarda-sol branco do rei dos Pancalas brilha, ó tu de olhos de lótus, como a lua no firmamento outonal. As noras e as esposas do velho rei, afligidas pela dor, tendo queimado seu corpo na pira mortuária, estão procedendo, mantendo a pira à sua direita. Lá aquelas senhoras, privadas de sua razão, estão removendo o valente e grande guerreiro, o arqueiro Dhrishtaketu, aquele touro entre os Cedis, morto por Drona. Este destruidor de inimigos, ó matador de Madhu, este grande arqueiro, tendo desviado muitas armas de Drona, aí jaz, privado de vida, como uma árvore arrancada pelo vento. Ai, aquele bravo soberano dos Cedis, aquele poderoso guerreiro em carro Dhrishtaketu, depois de ter matado milhares de inimigos, jaz ele mesmo privado de vida! Lá, ó Hrishikesa, as esposas do soberano dos Cedis estão sentadas ao redor do corpo dele ainda decorado com madeixas formosas e belos brincos, embora rasgado por aves carnívoras. Aquelas principais das senhoras, colocando sobre seus colos a forma prostrada do heróico Dhrishtaketu nascido da linhagem Dasharha, estão chorando em tristeza. Veja, ó Hrishikesa, o filho, possuidor de madeixas formosas e brincos excelentes, de Dhrishtaketu, cortado em batalha por Drona com suas flechas. Ele nunca abandonou seu pai enquanto o último lutou com seus inimigos. Observe, ó matador de Madhu, que ele nem na morte abandona aquele pai heróico. Assim mesmo, o filho do meu filho, aquele matador de heróis hostis, o poderosamente armado Lakshmana, seguiu seu pai

Duryodhana! Veja, ó Keshava, os dois irmãos de Avanti, Vinda e Anuvinda, jazendo lá no campo, como duas árvores shala florescentes na primavera derrubadas pela tempestade. Vestidos em armaduras douradas e enfeitados com Angadas de ouro, eles ainda estão armados com espadas e arcos. Possuidores de olhos como aqueles de um touro, e ornados com guirlandas brilhantes, ambos estão esticados no campo. Os Pandavas, ó Krishna, contigo, certamente não são assassináveis, já que vocês escaparam de Drona, de Bhishma, de Karna o filho de Vikartana, de Kripa, de Duryodhana, do filho de Drona, do poderoso guerreiro em carro Jayadratha, de Somadatta, de Vikarna, e do bravo Kritavarma. Veja os reversos ocasionados pelo Tempo! Aqueles touros entre homens, que eram capazes de matar os próprios celestiais pela força de suas armas foram mortos. Sem dúvida, ó Madhava, não há nada difícil para o destino ocasionar, já que até estes touros entre homens, estes heróis, foram mortos por guerreiros Kshatriya. Meus filhos dotados de grande força foram (considerados por mim como) mortos exatamente quando, ó Krishna, tu retornaste sem sucesso para Upaplavya. O filho de Santanu e o sábio Vidura me disseram então, 'Pare de nutrir afeição por teus filhos.' As conversações daquelas pessoas não poderiam ser em vão. Logo, ó Janardana, meus filhos foram reduzidos a cinzas!'"

Vaisampayana continuou, "Tendo dito estas palavras, Gandhari, privada de seus sentidos pela angústia, caiu no chão! Abandonando sua fortaleza, ela permitiu que seus sentidos fossem entorpecidos pela dor. Cheia de ira e tristeza pela morte de seus filhos, Gandhari, com coração agitado, atribuiu toda a culpa a Keshava."

"Gandhari disse, 'Os Pandavas e os Dhartarashtras, ó Krishna, foram ambos destruídos. Enquanto eles estavam sendo exterminados dessa forma, ó Janardana, por que tu ficaste indiferente a eles? Tu eras competente para impedir o massacre, pois tu tens um grande número de seguidores e um vasto exército. Tu tinhas eloquência, e tu tinhas o poder (para promover a paz). Já que deliberadamente, ó matador de Madhu, tu ficaste indiferente a esta carnificina geral, portanto, ó poderosamente armado, tu deves colher o fruto deste ato. Pelo pouco mérito que eu adquiri por servir meu marido respeitosamente, por este mérito tão difícil de alcançar, eu te amaldiçoarei, ó manejador do disco e da maça! Já que tu foste indiferente aos Kurus e aos Pandavas enquanto eles matavam uns aos outros, portanto, ó Govinda, tu serás o matador dos teus próprios parentes! No trigésimo sexto ano a partir deste, ó matador de Madhu, tu, depois de causar a morte de teus parentes e amigos e filhos, perecerás por meios repulsivos na selva. As damas do teu povo, privadas de filhos, parentes e amigos, chorarão e gritarão assim como estas damas da linhagem Bharata!'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras, Vasudeva de grande alma, se dirigindo à venerável Gandhari, disse a ela estas palavras, com um leve sorriso, 'Não há ninguém no mundo, além de mim, que seja capaz de exterminar os Vrishnis. Eu sei bem disto. Eu estou me esforçando para realizar isto. Ao proferir esta maldição, ó tu de votos excelentes, tu me ajudaste na realização desta tarefa. Os Vrishnis não podem ser mortos por outros, sejam eles humanos ou deuses ou Danavas. Os Yadavas, portanto, cairão pelas mãos uns dos outros.' Depois que

ele da tribo Dasharha tinha dito estas palavras, os Pandavas ficaram pasmos. Cheios de ansiedade todos eles ficaram desesperançados de vida!'"

26

"O santo disse, 'Levante, levante, ó Gandhari, não coloque teu coração na dor! Por tua culpa esta vasta carnificina ocorreu! Teu filho Duryodhana tinha uma alma pecaminosa, era invejoso e extremamente arrogante. Aprovando seus atos perversos, tu os consideravas bons. Extremamente cruel, ele era a encarnação das hostilidades e desobediente às ordens dos idosos. Por que tu desejas atribuir teus próprios erros a mim? Morto ou perdido, a pessoa que se aflige pelo que já ocorreu obtém mais aflição. Por ceder à dor, uma pessoa a aumenta em duas vezes. Uma mulher da classe regenerada tem filhos para a prática de austeridades; a vaca dá à luz prole para carregar cargas; a égua dá à luz suas crias para adquirirem velocidade de movimento; a mulher Sudra tem um filho para somá-lo ao número de servidores; a mulher Vaishya para somá-lo ao número de proprietários de gado. Uma princesa, no entanto, como tu, dá à luz filhos para serem mortos!'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo estas palavras de Vasudeva que eram desagradáveis para ela, Gandhari, com coração extremamente agitado pela dor, ficou calada. O sábio real Dhritarashtra, no entanto, reprimindo a aflição que se origina da insensatez, inquiriu Yudhishthira o justo, dizendo, 'Se, ó filho de Pandu, tu o souberes, me diga o número daqueles que morreram nesta batalha, como também daqueles que escaparam com vida!'

Yudhishthira respondeu, 'Um bilhão, 660 milhões e 20.000 homens morreram nesta batalha. Dos heróis que escaparam, o número é 240.165.'

Dhritarashtra disse, 'Diga-me, ó poderosamente armado, pois tu és conhecedor de tudo, que fins aqueles principais dos homens alcançam.'

Yudhishthira disse, 'Todos aqueles guerreiros de coragem verdadeira que perderam seus corpos alegremente na batalha violenta alcançaram regiões como aquelas de Indra. Sabendo que a morte era inevitável, aqueles que a encontraram tristemente alcançaram a companhia dos Gandharvas. Aqueles guerreiros que morreram no fio de armas, enquanto se desviando do campo ou implorando por piedade, alcançaram o mundo dos guhyakas. Aqueles guerreiros de grande alma que, cumpridores dos deveres kshatriya e considerando vergonhosa a fuga da batalha, morreram mutilados por armas afiadas enquanto avançavam desarmados contra inimigos lutando, todos assumiram formas brilhantes e alcançaram as regiões de Brahman. Os guerreiros restantes, que de qualquer modo encontraram a morte nos arredores do campo de batalha, alcançaram a região dos Uttara-Kurus.'

Dhritarashtra disse, ‘Pelo poder de qual conhecimento, ó filho, tu vês estas coisas como alguém coroado com êxito ascético? Diga-me, ó de braços fortes, se tu achas que eu posso escutar isto sem impropriedade!’

Yudhishthira disse, ‘Quando por tua ordem eu vaguei na floresta, eu obtive esta bênção na ocasião das viagens aos lugares sagrados. Eu encontrei com o rishi celeste Lomasa e obtive dele o benefício da visão espiritual. Assim em uma ocasião anterior eu obtive uma segunda visão pelo poder do conhecimento!’

Dhritarashtra disse, ‘É necessário que o nosso povo queime, com os ritos devidos, os corpos dos mortos que tem amigos e dos que não os tem. O que nós faremos com aqueles que não tem ninguém para cuidar deles e que não tem fogos sagrados? Os deveres que nos esperam são muitos. Quem são aqueles cujos (últimos) ritos nós devemos realizar? Ó Yudhishthira, eles obterão regiões de bem-aventurança pelo mérito de suas ações, eles cujos corpos estão agora sendo rasgados e arrastados por urubus e outras aves?’"

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado, o filho de Kunti Yudhishthira de grande sabedoria mandou Sudharma (o sacerdote dos Kauravas) e Dhaumya, e Sanjaya da casta suta, e Vidura de grande sabedoria, e Yuyutsu da família Kuru, e todos os seus empregados encabeçados por Indrasena, e todos os outros sutas que estavam com ele, dizendo, ‘Façam com que as cerimônias fúnebres dos mortos, numerando milhares, sejam devidamente realizadas, para que ninguém possa perecer por falta de pessoas para cuidar deles!’ A esta ordem do rei Yudhishthira o justo, Vidura e Sanjaya e Sudharma e Dhaumya e Indrasena e outros, obtendo sândalo, aloés e outros tipos de madeira usadas em tais ocasiões, como também manteiga clarificada e óleo e perfumes e mantos caros de seda e outras espécies de tecidos, e pilhas grandes de madeira seca, e carros quebrados e diversas espécies de armas, fizeram as piras mortuárias serem devidamente construídas e acesas e então sem pressa queimaram, na ordem apropriada, com os ritos devidos, os reis mortos. Eles queimaram apropriadamente sobre aqueles fogos, que flamejavam com libações de manteiga clarificada em torrentes sobre eles, os corpos de Duryodhana e seus cem irmãos, de Shalya, e do rei Bhurishrava; do rei Jayadratha e Abhimanyu, ó Bharata; do filho de Duhshasana e Lakshmana e do rei Dhrishtaketu; de Vrihanta e Somadatta e das centenas de Srinjayas; do rei Kshemadhanva e Virata e Drupada; de Shikhandi o príncipe dos Pancalas, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata; dos bravos Yudhamanyu e Uttamauja; do soberano dos Kosalas, dos filhos de Draupadi, e Shakuni o filho de Subala; de Acala e Vrishaka, e do rei Bhagadatta; de Karna e seu filho de grande cólera; daqueles grandes arqueiros, os príncipes Kekaya, e daqueles poderosos guerreiros em carros, os Trigartas; de Ghatotkaca o príncipe dos rakshasas, e o irmão de Vaka, de Alambusha o principal dos rakshasas, e do rei Jalasandha; e de centenas e milhares de outros reis. Os ritos pitri-medha em honra de alguns dos mortos ilustres foram realizados lá, enquanto alguns cantavam Samas, e alguns proferiam lamentações pelos mortos. Com o barulho alto de Samas e Riks, e as lamentações das mulheres, todas as criaturas ficaram estupefatas aquela noite. Os fogos fúnebres, sem fumaça e ardendo brilhantemente (em meio à escuridão circundante), pareciam com planetas luminosos no firmamento envolvidos por

nuvens. Aqueles entre os mortos que tinham vindo de diversos reinos e eram completamente desamparados foram empilhados em milhares de pilhas e, por ordem de Yudhishthira, foram feitos serem queimados por Vidura através de um grande número de pessoas que agiam calmamente e eram influenciadas por boa vontade e afeição, em piras feitas madeira seca. Tendo feito seus últimos ritos serem realizados, o rei Kuru Yudhishthira, colocando Dhritarashtra em sua dianteira, foi em direção ao rio Ganga."

27

Vaisampayana disse, "Chegando ao auspicioso Ganga cheio de água sagrada, contendo muitos lagos, adornado com ribanceiras altas e margens amplas, e tendo um vasto leito, eles tiraram seus ornamentos, peças de roupa superiores, e cintos e cintas. As damas Kuru, chorando e afligidas com grande dor, ofereceram oblações de água para seus pais e netos e irmãos e parentes e filhos e superiores veneráveis e maridos. Conhecedoras dos deveres, elas também realizaram os ritos de água em honra de seus amigos. Enquanto aquelas esposas de heróis estavam realizando este rito em honra de seus maridos heróicos, o acesso ao rio se tornou fácil, embora os caminhos (feitos pelos passos de muitos pés) desaparecessem posteriormente. As margens da corrente, embora apinhadas com aquelas cônjuges de heróis, pareciam tão amplas quanto o oceano e apresentavam um espetáculo de tristeza e melancolia. Então Kunti, ó rei, em um acesso repentino de dor, se dirigiu lacrimosamente a seus filhos nestas palavras suaves, ‘Aquele grande herói e arqueiro, aquele líder de líderes de divisões de carros, aquele guerreiro notável por todos os sinais de heroísmo, que foi morto por Arjuna em batalha, aquele guerreiro a quem, ó filhos de Pandu, vocês removeram (por morte), filho de Suta nascido de Radha, aquele herói que brilhava no meio de seus exércitos como o próprio senhor Surya, que lutou com todos vocês e seus seguidores, que parecia resplandecente enquanto comandava a vasta força de Duryodhana, que não tinha igual sobre a terra em energia, aquele herói que preferiu glória à vida, aquele guerreiro que não recuava firme em verdade e nunca fatigado com esforço, era seu irmão mais velho. Ofereçam oblações de água para aquele seu irmão mais velho que nasceu de mim pelo deus do dia. Aquele herói nasceu com um par de brincos e vestido em armadura, e parecia o próprio Surya em esplendor!’ Ouvindo estas palavras dolorosas de sua mãe, os Pandavas começaram a expressar sua aflição por Karna. De fato, eles ficaram mais tristes do que nunca. Então aquele tigre entre homens, o heróico Yudhishthira, suspirando como uma cobra questionou sua mãe, ‘Aquele Karna que era como um oceano que tendo flechas como seus vagalhões, seu estandarte alto como seu redemoinho, seus braços poderosos como um par de jacarés enormes, seu grande carro como seu lago profundo, e o som de suas palmas como seu bramido tempestuoso, e cuja impetuosidade ninguém poderia resistir exceto Dhananjaya, ó mãe, foste tu a autora daquele ser heróico? Como aquele filho, parecendo um verdadeiro celestial, nasceu de ti em tempos passados? A energia das armas dele chamuscou todos nós. Como, mãe, tu pudeste ocultá-lo, como uma pessoa

escondendo um fogo dentro das dobras de sua roupa? Seu poder de armas era sempre adorado pelos Dhartarashtras assim como nós sempre adoramos o poder do manejador do Gandiva! Como aquele principal dos homens poderosos, aquele principal dos guerreiros em carros, que resistiu à força unida de todos os senhores da terra em batalha, como ele era um filho teu? Aquele principal de todos os manejadores de armas era nosso irmão mais velho? Como tu deste à luz aquele filho de destreza extraordinária? Ai, por causa do encobrimento deste caso por ti, nós estamos arruinados! Pela morte de Karna, nós com todos os nossos amigos estamos extremamente angustiados. A dor que eu sinto pela morte de Karna é cem vezes maior do que aquela que foi causada pela morte de Abhimanyu e dos filhos de Draupadi, e pela destruição dos Pancalas e dos Kurus. Pensando em Karna, eu estou queimando com dor, como uma pessoa jogada em um fogo ardente. Nada poderia ser inalcançável por nós (unidos), nada exceto as coisas pertencentes ao céu. Ai, (se soubéssemos disto) esta carnificina terrível, tão destrutiva dos Kurus, não teria ocorrido.' Copiosamente cedendo a lamentações como estas, o rei Yudhishthira o justo proferiu lamentos altos de dor. O poderoso monarca então ofereceu oblações de água para seu irmão mais velho falecido. Então todas as senhoras que lotavam as margens do rio de repente proferiram um alto lamento de tristeza. O inteligente rei dos Kurus, Yudhishthira, fez as esposas e membros da família de Karna serem levados diante dele. De alma honrada, ele realizou, com eles, o rito de água em honra de seu irmão mais velho. Tendo terminado a cerimônia, o rei com seus sentidos extremamente agitados ergueu-se das águas do Ganga."

Fim do Stri-parva.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 12

SANTI PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO

Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Pandavas vão para a cidade Kuru. Yudhishthira se dirige a Narada a respeito de Karna.	13
2	Narada relata propósito do nascimento de Karna. Como Karna obteve armas, e foi amaldiçoado por matar a vaca de um Brahmana.	15
3	Enquanto Rama está dormindo no colo de Karna, verme perfura coxa de Karna. Verme é libertado de maldição: Asura Dansa da era Krita. Rama então percebe que Karna é um Kshatriya, pois um Brahmana não poderia suportar a dor. Karna amaldiçoado a perder arma Brahma quando ele mais precisar dela.	16
4	Duryodhana rapta uma donzela de seu swayamvara.	18
5	Karna derrota Jarasandha em um combate único. Dá os brincos.	19
6	Yudhishthira amaldiçoa Kunti e mulheres a não manterem segredos no futuro.	19
7	Yudhishthira se queixa para Arjuna. Afirma que ele irá para as florestas.	20
8	Arjuna fala sobre riqueza.	22
9	Yudhishthira fala mais da vida de um mendicante.	24
10	Arjuna não leva em conta as palavras dele.	26
11	História de Sakra e Brahmanas tentando viver vida de mendicantes.	28
12	Nakula fala a respeito da vida familiar como o modo de vida mais elevado.	30
13	Sahadeva fala.	32
14	Draupadi fala.	33
15	Arjuna fala sobre segurar a vara de castigo. Quatro tipos de maneiras de punir pessoas (repreensão/sociedade, medo do mundo seguinte, vara de Yama, Reis – tirar posses, propriedade, trabalho pesado).	35
16	Bhima fala sobre saúde mental e física. Alegria e tristeza.	38
17	Yudhishthira responde afirmando o apego deles à riqueza.	39
18	Arjuna relata história de governante Videha repreendido por rainha.	41
19	Yudhishthira diz que Arjuna é incapaz de compreender.	44
20	Devasthana encoraja Yudhishthira a sacrificar.	45
21	Devasthana fala.	46
22	Arjuna fala.	47
23	Vyasa narra história do rei Sudyumna e dos irmãos Sankha e Likhita para Yudhishthira, a respeito da vara de castigo.	48
24	Vyasa fala mais sobre dever de um rei, história de Hayagriva.	50
25	Vyasa cita Senajit sobre felicidade e tristeza. Aqueles que são muito estúpidos e aqueles que são mestres de suas almas desfrutam de felicidade aqui. Aqueles, no entanto, que ocupam um lugar intermediário sofrem tristeza.	52
26	Yudhishthira fala para Arjuna a respeito de riqueza.	55
27	Yudhishthira se queixa de mais aflição. Vyasa fala duramente para ele em retorno.	56
28	Janaka questiona Asma. Dor, vida, companheiros como viajantes em uma hospedaria.	58
29	Krishna narra para Yudhishthira a história de Narada relatando para Srinjaya a morte de muitos grandes reis.	61
30	Narada se apaixona, e maldição de Parvata.	69

31	Narada relata história do filho morto de Srinjaya, e devolvido à vida.	71
32	Vyasa fala novamente.	73
33	Vyasa fala de eventos como curso do tempo.	74
34	Vyasa sobre atos que atraem pecado.	76
35	Vyasa sobre atos que atraem pecado.	76
36	Como se purificar do pecado: homens e mulheres.	78
37	Alimentos puros e impuros (Brahmana não come vacas; leite).	81
38	Yudhishthira avisado para ir até Bhishma. Eles partem.	84
39	Brahmanas usam o som Hun para matar Rakshasa Charvaka que deseja mal para Yudhishthira.	87
40	Krishna explica bênção de Charvaka na era Krita.	89
41	Yudhishthira é instalado no trono.	89
42	Designa deveres para os irmãos.	90
43	Doa riqueza em honra dos que foram mortos.	91
44	Yudhishthira louva Krishna (Yugas: Krita = Virtude e Conhecimento, Treta = Renúncia e Domínio, Dwapara = Prosperidade e fama).	92
45	Príncipes se retiram para respectivos palácios à noite.	93
46	Yudhishthira vai até Krishna.	94
47	Krishna meditando sobre Bhishma que está pensando nele. Krishna e Yudhishthira se preparam para ir até ele.	95
48	Bhishma adora Krishna. Krishna entra em sua alma.	97
49	Vão até a planície de Kurukshetra. Yudhishthira pergunta sobre Rama matando Kshatriyas.	104
50	Nascimento de Rama de Jamadagni. Destruição de Kshatriyas.	104
51	Krishna vai até Bhishma (56 dias para Bhishma – seu conhecimento irá com ele).	109
52	Krishna dá a Bhishma a bênção de falar sem dor, fadiga, etc. Noite.	111
53	No dia seguinte Yudhishthira vai até Bhishma.	113
54	Krishna pede a Bhishma para falar sobre moralidade.	114
55	Yudhishthira se aproxima de Bhishma com permissão para questionar.	116
56	Bhishma começa discurso sobre os deveres dos reis.	118
57	Mais sobre os deveres dos reis. Seis pessoas que todos devem evitar.	121
58	Mais sobre os deveres dos reis. Fim do dia.	123
59	Dia seguinte. Origem de Rajan, rei, da ciência de castigo entregue por Brahman (e resumida).	125
60	Deveres das quatro classes.	132
61	Quatro modos de vida (para Brahmanas).	136
62	Yudhishthira pergunta sobre pessoas comuns.	137
63	Bhishma descreve deveres de Sudras, Vaisyas, e Kshatriyas.	138
64	Rei Mandhatri pede a Indra por visão de Vishnu.	140
65	Discurso de Indra sobre deveres Kshatriya – principal de todas as classes.	142
66	Yudhishthira pergunta mais sobre deveres da realeza.	144
67	Deveres de um reino. O primeiro é coroar um rei.	147
68	Vrihaspati inspira Vasumanas, sobre como um rei é um deus.	149
69	Deveres especiais de um rei. Ciência de castigo. Reis e quatro eras.	152
70	36 virtudes. Yudhishthira desde aquele momento governa de acordo com o ensinamento.	157

71	Breve sumário de como o rei deve proteger seus súditos.	158
72	Sacerdote designado por um rei: relacionamento de Brahmana com Kshatriya.	160
73	Aila e Kasyapa sobre relação Kshatriya-Brahmana.	161
74	Rei Muchukunda e Vaisravana.	163
75	Yudhishthira pergunta sobre aquisição de mérito.	164
76	Brahmanas não engajados no dever.	166
77	Rakshasa tenta levar rei dos Kaikeyas, que era totalmente cumpridor dos deveres.	167
78	Desarranjos de deveres das classes.	169
79	Sacerdotes em sacrifícios.	172
80	Quatro tipos de amigos de um rei.	173
81	Narada e Krishna sobre ganhar corações de amigos e inimigos.	175
82	Rei de Kosala, Kalakavrikshiya e o corvo.	177
83	Atendentes de reis, cortesãos e consultas.	181
84	Amabilidade no falar.	184
85	Comportamento de um rei – não-confiança.	185
86	Cidade na qual um rei deve residir.	187
87	Consolidação do reino.	189
88	Como um rei recebe taxas do reino.	191
89	Direitos Brahmana, superioridade sobre outros.	193
90	Mandhatri e Utathya sobre justiça e dever dos reis.	195
91	Utathya sobre deveres reais.	197
92	Vamadeva para o rei Vasumanas sobre comportamento de reis.	200
93	(Idem).	201
94	(Idem).	203
95	Deveres Kshatriya em batalha.	204
96	O que um rei conquistador deve tomar.	205
97	Morte em batalha é meritória.	206
98	Sacrifício de Kshatriyas em batalha.	208
99	Janaka mostra céu e inferno para as tropas.	211
100	Dois tipos de sabedoria, empregados em organizar exércitos.	212
101	Disposição de tropas.	215
102	Presságios de sucesso. Conciliação com inimigo poderoso.	216
103	Vrihaspati para Indra sobre lidar com inimigos brandos e fortes.	219
104	Kshemadarsin e Kalakavrikshiya sobre renúncia e felicidade. Vida na floresta, ou ...	222
105	... como recuperar um reino por enfraquecer inimigo via tesouraria.	226
106	Unido com Janaka.	227
107	Como surge desunião entre Rei e Aristocracia.	229
108	Deveres com Pai, Mãe, Preceptor.	230
109	Verdade e falsidade.	232
110	Como os homens devem agir.	234
111	História do Tigre e do Chacal.	236
112	Camelo com pescoço longo.	241
113	Junco no rio como analogia sobre lidar com um inimigo poderoso.	242
114	Como lidar com os que insultam.	243

115	Yudhishthira pergunta como governar um reino com ministros e servos.	244
116	História de rishi transformando cão-leopardo-tigre.	246
117	A elefante, leão, Sarabha. Finalmente amaldiçoado a voltar a ser um cão.	247
118	Como o rei se comporta com servos.	248
119	Deveres com os servos.	250
120	Sumário dos deveres reais.	251
121	Castigo e Moralidade.	255
122	Ensinamento de Vasuhoma sobre castigo.	258
123	Virtude, riqueza e prazer.	261
124	Bhishma narra Dhritarashtra instruindo Duryodhana em comportamento virtuoso. Prahlada concede bênção de comportamento virtuoso para Indra: Justiça, Verdade, Bons atos, Poder, Prosperidade.	263
125	Esperança. Sumitra caçando veado.	267
126	Chega ao retiro ascético. Veado escapou.	268
127	Rei Viradyumna chega esperando encontrar seu filho.	269
128	Pouca esperança. Filho volta para Viradyumna.	270
129	Moralidade.	272
130	Dever do rei com tesouraria e reino esgotados.	272
131	Dever quanto atacado por rei injusto.	276
132	Ação quando nas piores circunstâncias.	277
133	Enchimento da tesouraria em tais épocas.	278
134	Kshatriya deve manter o dever.	280
135	Kayavya o ladrão.	281
136	Kshatriya recebendo riqueza.	282
137	História do peixe Sakula procrastinador.	283
138	História do gato e rato.	284
139	Confiança: Brahmadatta e ave Pujani cuja filha foi morta por filho de Brahmadatta. Ofensa entre amigos. Hostilidade: 1) Mulher (Krishna e Sisupala) 2) Terra (Kurus e Pandavas) 3) Palavras duras (Drona e Drupada) 4) Incompatibilidade natural (gato e rato) 5) Dano (ave e rei). Amigos naturais: conhecimento, coragem, inteligência, força, paciência. Secundários: casas, metais preciosos, terra, esposa, amigos.	295
140	Comportamento de um rei quando o Yuga cai em injustiça. Bharadwaja e Satrunjaya. Virtude, riqueza, prazer e suas quantidades apropriadas.	301
141	História de Viswamitra e carne de cachorro de Chandala. Seca e queda da era Treta para Dwapara.	305
142	A moralidade deve estar ligada ao juízo e à razão.	312
143	Mérito de alguém que cuida de um suplicante que anseia por proteção. História da pomba e do caçador perverso.	314
144	A esposa.	316
145	Pomba capturada se dirige a seu marido.	317
146	Pombo macho oferece homenagem ao caçador. Entra no fogo como alimento para o caçador.	318
147	Caçador se arrepende de seu comportamento.	319
148	Pomba fêmea também entra no fogo - ambos ascendem ao céu.	320
149	Caçador também alcança o céu.	320
150	Janamejaya (dos tempos passados) repreendido por Indrota por	

	Brahmanicídio.	321
151	Janamejaya pede ajuda.	322
152	Instruído e purificado de pecados por Indrota.	324
153	Urubu e chacal – pessoa morta devolvida à vida.	326
154	Como pessoa de coração brando lida com inimigo poderoso. Conversa entre Salmali e Narada.	332
155	Salmali se gaba contra deus do vento para Narada.	333
156	Vento afirma que soprará sobre Salmali.	334
157	Salmali deixa cair seus ramos envergonhada diante da aproximação do vento.	335
158	Como o pecado vem da cobiça.	336
159	Ignorância, causa da miséria, relação com a cobiça.	338
160	Produtivo de mérito. O defeito do autocontrole é que ele é considerado fraqueza pelos homens.	339
161	Penitência – abstenção de alimento sendo o tipo mais elevado.	341
162	13 tipos de verdade: imparcialidade, autocontrole, clemência, modéstia, paciência, bondade, renúncia, contemplação, dignidade, constância, compaixão, abstenção de ferir.	342
163	13 tipos de inimigos: raiva, luxúria, tristeza, perda da razão, tendência para o mal, ciúmes, malícia, orgulho, inveja, calúnia, incapacidade de tolerar o bem, indelicadeza, medo.	343
164	Pessoas malevolentes.	345
165	Pecados e sua expiação.	345
166	Nakula pergunta sobre espada e a superioridade de armas. Resposta da criação do universo – espada usada por Rudra contra os Danavas. Principal das armas.	350
167	Retorno da noite. Yudhishthira questiona seus irmãos a respeito de virtude, lucro, prazer: Vidura - virtude; Arjuna, Sahadeva, Nakula - riqueza; Bhima - Desejo. Yudhishthira a favor da emancipação.	355
168	Amigos e história de Gautama entre ladrões. Parte quando endereçado por um velho amigo.	358
169	Vem a repousar como convidado de um Grou.	361
170	Grou o manda para a cidade do rei Rakshasa.	363
171	Recebe alimento e doações de sacrifício. Volta ao grou.	364
172	Mata o grou para alimentação. É recapturado pelo rei Rakshasa, cortado em pedaços. Comido por ninguém.	366
173	Ambos voltam à vida. Gautama volta para casa amaldiçoado.	367
	Mokshadharma Parva	
174	Rei Senajit recebe conselho que dissipa sua aflição.	369
175	Discurso de Medhavin sobre passagem de tempo, morte, e deveres apropriados.	373
176	Palavra de Sampaka sobre superioridade da renúncia sobre riqueza e soberania.	375
177	Manki sobre liberdade do desejo e sede por riqueza. Corvo e fruto de Palmeira.	377
178	Janaka e Yayati sobre tranquilidade de alma.	380
179	Brahmana para Prahlada sobre liberdade de tristeza.	381

180	Kasyapa endereçado por chacal (Indra) sobre razões para não desistir da vida.	383
181	Como sabedoria e felicidade são obtidas.	386
182	Bharadwaja obtém descrição de Bhrigu da criação do universo.	388
183	Como terra, fogo, água, ar surgem.	390
184	Elementos. Árvores têm cinco sentidos. Cheiro (9) agradável, desagradável, doce, pungente, que vai longe, variado, seco, indiferente. Gosto (6) doce, salgado, amargo, adstringente, azedo, pungente. Forma (16) curta, alta, grossa, quadrada, redonda, branca, preta, vermelha, azul, amarela, avermelhada, dura, brilhante, lisa, oleosa, macia, terrível. Toque (11) quente, frio, agradável, desagradável, indiferente, queimante, suave, macio, leve, pesado. Som (7) sete notas.	391
185	Fogo e ar dentro da cabeça. Ares surgem disto. Suas funções.	393
186	Bharadwaja pergunta sobre quando a vida se vai quando os elementos partem.	394
187	Vida existindo depois que o corpo morre. Transmigração da alma.	395
188	Quatro classes – a partir de Brahmanas que se desviaram da verdade.	397
189	Atos das quatro classes.	399
190	Verdade. Tristeza e felicidade.	400
191	Quatro modos de vida.	401
192	Reclusos na floresta. Aqueles que vivem no norte. Conversa de Bhrigu e Bharadwaja termina.	404
193	Conduta.	406
194	Qualidades da alma (pureza, paixão, ignorância) e transmigração depois da morte.	408
195	Meditação Yoga.	412
196	Meditação, e como ela é eventualmente abandonada por (recitadores de) Brahma.	414
197	Inferno para os recitadores que falham.	415
198	Semelhança de outras regiões celestes com o inferno quando comparadas com a Suprema.	417
199	História do narrador e Ikshavaku, com Tempo, Mrityu, Yama e desejo e ira. Profundo debate moral.	417
200	Ambos alcançam Brahma.	425
201	Manu para Vrihaspati sobre conhecimento e frutos de ações.	427
202	Manu sobre espaço, alma, cinco elementos.	430
203	Alma – lua usada como alegoria.	432
204	Alma como separada da mente, compreensão, Supremo.	434
205	Manu continua sobre tristeza, apego aos sentidos.	435
206	Nove grandes elementos. Emancipação.	437
207	Criação do universo. Diferentes eras.	439
208	Nomes de grandes deuses e Rishis.	442
209	Krishna, e encarnação como javali.	443
210	Discípulo de Kasyapa instruído em Atman.	445
211	Alma separada do resto dos elementos. Verdadeira emancipação.	448
212	Pureza, paixão e ignorância.	450
213	Mulheres como Prakriti, homens como almas. Mulheres não devem ser	

	perseguidas.	452
214	Ser livre de Paixão, não lançar olhar em mulheres. Ducto Manovaha.	454
215	Vida de ação controlada, sentidos controlados.	457
216	Sonhos surgindo da mente desconectada com sentidos cansados.	459
217	Conhecimento da alma levando à emancipação.	461
218	Rei Janadeva ouve preleção de Panchasikha sobre a alma.	464
219	Panchasikha fala de emancipação e renúncia.	469
220	Yudhishthira pergunta sobre felicidade e autocontrole.	473
221	Jejum, sacrifícios, vegetarianismo.	475
222	Prahlada para Sakra sobre resultados de atos bons e maus.	476
223	Exemplo de monarca privado de prosperidade. Indra questiona Vali naquele momento na forma de um asno.	478
224	Vali fala para Indra de suas ações, não se gabar. O Tempo é o maior governante.	480
225	Deusa da prosperidade deixa Vali por Indra.	484
226	Namuchi para Purandara (Sakra) sobre aguentar tristeza e calamidade.	486
227	Indra e Vali derrotado sobre superioridade do tempo.	488
228	Como Sree deixou os Asuras quando eles se envolveram em comportamento pecaminoso, por Indra e Narada. Oito deusas com Sree: Jaya e Esperança, Fé, Inteligência, Contentamento, Vitória, Progresso, Clemência.	495
229	Jaigishavya para Asita sobre caminho para alcançar Brahma.	500
230	Vasudeva explica virtudes de Narada.	502
231	**Vyasa para Suka sobre tempo e criação. Extensões de tempo explicadas.**	504
232	Elementos básicos, deveres nas diferentes eras.	506
233	Retraimento no fim do yuga.	509
234	Deveres, particularidade do chefe de família.	510
235	Como um Brahmana deve agir.	513
236	Estágios de um Yogin.	515
237	Aqueles familiarizados com o conhecimento.	518
238	Conhecimento e deveres nos diferentes yugas.	520
239	Suka pergunta qual conhecimento leva a Brahma.	522
240	Vyasa instrui Suka sobre ações a seguir (Yoga) – evitar desejo, ira, cupidez, medo, sono.	525
241	Suka se atos devem ser feitos ou abandonados.	527
242	Quatro modos de vida, de Brahmacharin.	529
243	Vida de um chefe de família.	531
244	Vyasa fala sobre terceiro e quarto modos de vida.	534
245	Modo de vida Brahmacharya. Descrição da alma como uma ave com explicação (ouro= chit, nascido do ovo = pertence ao Universo, dentro do ovo = no próprio coração, emplumado = membros presididos por divindades, asas = ausência de apego mais alegria e contentamento).	537
246	Alma.	540
247	Adhyatma – tópicos sobre alma. 27 tópicos usuais de discurso filosófico - 5 ação, 5 conhecimento, mente, Chitta, Buddhi, Manas, 5 ares, 5 elementos, Desejo, Atos, Avidya.	542

248	Posição da mente, discernimento, Alma.	544
249	Alma permanecendo separada de objetos, atividades.	546
250	O dever mais elevado – atravessar o rio da vida. Contemplação da Alma, daí ausência de renascimento.	547
251	Não apego aos objetos dos sentidos.	549
252	Resumidamente Adhyatma - elementos.	551
253	Alma, corpo sutil.	552
254	Analogia do desejo com uma árvore; corpo com uma cidade.	553
255	Bhishma fala sobre atributos de cada elemento.	555
256	Yudhishthira pergunta sobre morte. Bhishma narra história de Anukampaka, a quem Narada narrou história (na era Krita). Avô do Universo queimando-o no fogo.	556
257	Sthanu roga para o Avô parar. Morte (Dama) surge de Brahman.	557
258	Morte pratica austeridades. Brahma finalmente manda que Morte despache Desejo e Ira contra todas as criaturas.	558
259	Retidão – não fazer nada errado.	561
260	Yudhishthira fala sobre retidão, se referindo às diferentes eras.	563
261	Jajali e Tuladhara sobre retidão. Jajali cria aves sobre sua cabeça.	565
262	Taludhara sobre moralidade – contra escravidão e crueldade com animais (Todas as criaturas têm Surya, Chandramas, Brahman, Prana, Kratu, Yama. Cabra = Agni, Ovelha = Varuna, Cavalo = Surya, Terra = Virat, Vaca/Bezerro = Soma).	568
263	Sacrifícios, não ferir criaturas.	572
264	Fé.	576
265	Matança imprópria de animais em sacrifícios.	577
266	Homens levam um longo tempo para refletir sobre ações: filho de Gautama Chirakarin. Mulheres são inocentes (mesmo na idade adulta só os homens são maculados).	579
267	Reis concedendo punição sem execução.	584
268	Syumarasmi para Kapila sobre sacrifício e deveres de um chefe de família e yogin.	586
269	Discurso sobre deveres de emancipação.	589
270	Os quatro modos de vida todos têm o mesmo fim.	596
271	História de Brahmana e nuvem Kundadhara para explicar como a virtude é melhor do que Religião, Lucro, Prazer.	601
272	Yudhishthira pergunta sobre sacrifícios que são somente para virtude.	604
273	Deveres que levam ao pecado, retidão, renúncia, emancipação.	605
274	Caminho da emancipação.	607
275	Narada e Asita-Devala sobre elementos primordiais e criação.	609
276	Apego à riqueza concernente à batalha.	612
277	Curso do tempo e morte.	613
278	Comportamento da vida de mendicante.	615
279	Yudhishthira pergunta quando sua ronda de nascimentos terminará. Usanas para Vritra depois da queda de Vritra do poder.	617
280	**Sanatkumara discursa sobre caminho de Jiva. Seis cores. Caminho conforme a alma atravessa inferno, humanidade, divindades, etc. Pandavas destinados a Deuses, então de volta a homens.**	620

281	Batalha entre Sakra e asura Vritra.	627
282	Purificação do pecado de Brahmanicídio de Indra. Quarta parte dada ao fogo, água, árvores, Apsaras.	630
283	Como a Febre se originou de Mahadeva.	633
284	Janamejaya questiona mais detalhadamente sobre como Mahadeva destruiu o sacrifício de Daksha.	636
285	Daksha louva Mahadeva integralmente.	641
286	Adhyatma – discussão sobre compreensão (pronome feminino).	650
287	Samanga para Narada sobre liberdade de tristeza e medo.	653
288	Narada sobre prática por alguém que duvida e não conhece as escrituras.	655
289	Arishtanemi para Sagara sobre atributos para evitar apego.	659
290	História de Usanas com Rudra furioso.	661
291	Parasara para Janaka sobre atos virtuosos.	664
292	(Idem).	666
293	Doações, se livrando dos débitos.	668
294	Cada casta cumprindo os respectivos deveres.	669
295	Queda de homens da retidão por causa dos Asuras.	671
296	Penitências como concernentes ao chefe de família.	673
297	Quatro raças originais (Angiras, Kasyapa, Vasishtha, Bhrigu). Atos.	675
298	Morte em batalha, corpo adquirido em novo nascimento.	678
299	Parasara para Janaka sobre caminho da emancipação.	681
300	Cisne e Sadhyas sobre verdade.	684
301	Diferença entre sistemas Sankhya e Yoga. Frutos das escrituras. Dieta de yogins.	688
302	Yudhishthira pergunta a respeito do sistema Sankhya. 10 propriedades de Sattwa ... do começo ao fim ... 1 propriedade de Sattwa. Também pergunta se há alguma recordação de vidas anteriores depois da morte.	691
303	Sábio Vasishtha para o rei Karala sobre deterioração e não deterioração no universo.	699
304	Vasishtha sobre alma se identificando, vagando. Prakriti e Purusha.	702
305	16 partes de Jiva. 25 de Alma-Mahat. Emancipação ou identificação.	705
306	Janaka compara Masculino e Feminino a Purusha e Prakriti. Kshara = variedade, Akshara = unidade, indestrutível.	706
307	Prática Yogin e filosofia Sankhya. Oito elementos chamados Prakriti, 16 modificações = 24. Purusha = Vigésimo quinto.	708
308	Jiva que percebe Brahma supremo, como oposto à identificação com Prakriti.	711
309	Vasishtha termina com discussão dos 25 e emancipação.	714
310	Rei Vasuman instruído a afastar a mente do desejo e buscar a retidão.	718
311	Yajnavalkya para o rei Daivarati sobre criação: números e elementos de criação.	720
312	Extensões das diferentes partes da criação.	721
313	Como o Universo é retraído.	722
314	Abhibhuta, Adhyatma, Adhidaidaivatum. Gunas.	723
315	Gunas.	725
316	Diferença entre Prakriti e Purusha.	726
317	Yoga – maneiras de praticar exercícios de respiração.	727
318	Regiões aonde Jiva vai depois da morte. Indicação de quanto tempo uma	

	pessoa tem que viver.	729
319	Yajnavalkya explica como ele obteve seu conhecimento. Importância de distinguir Purusha e Prakriti.	730
320	Panchasikha para Janaka sobre decrepitude e morte.	738
321	Sulabha vai até Janaka mostrar a ele caminho da Emancipação. Longa conversa.	739
322	Vyasa para Suka e 25 anos de idade, procurar um professor para encontrar emancipação.	752
323	Ações dando resultados na próxima vida.	758
324	Nascimento de Suka, filho de Vyasa.	759
325	Suka recebe Vedas. Aceita o quarto modo de vida, emancipação.	760
326	Suka vai ao palácio do rei Janaka.	762
327	Suka pergunta a Janaka sobre emancipação, e necessidade dos três modos de vida.	764
328	Vyasa e Suka moram juntos em encosta de montanha.	767
329	Vyasa e Suka pedidos para narrar os Vedas. Sete ares.	770
330	Narada recita palavras de Sanatkumara para Suka; homem com conhecimento capaz de viver desapegado no mundo.	773
331	Narada sobre dissipar a tristeza.	777
332	Narada conclui sobre inevitabilidade da morte. 10 estágios da vida (velhice > 48). Suka coloca seu coração na emancipação.	780
333	Suka assume posição de Yoga. Começa jornada.	784
334	Vyasa se aflige, confortado por Siva. Suka se torna emancipado.	785
335	Yudhishthira pergunta quem é o mais elevado deus a ser venerado. História da era Krita de Nara e Narayana.	787
336	Criação dos Vedas – postos aos cuidados de Vrihaspati.	790
337	Sacrifício do rei Uparichara. Enfurecido ao não ver Narayana. Apaziguado com história de peregrinos.	794
338	Rei Uparichara cai do céu, e emancipação final.	798
339	Narada vai para a Ilha Branca em peregrinação.	800
340	**Narada vê o Senhor Narayana. Narayana descreve como ele nasce através das eras. Yudhishthira pergunta quem é superior - Narayana está acima de Brahman. O Suta conclui esta declaração da história para Saunaka – considera muito esta passagem.**	803
341	**Saunaka pede a Sauti para descrever como Narayana é o fazedor e desfrutador de sacrifícios. Continua narrando Vaisampayana para Janamejaya depois de alguma questão. Vyasa responde a cinco discípulos (Sumanta, Jaimini, Paila, Vaisampayana, Suka). Criação do universo, lugar de Brahman e Vishnu.**	811
342	**Nomes de Krishna (Krishna para Arjuna) com significados. Quatro tipos de adoradores e o melhor.**	818
343	**Agni e Shoma; histórias de Sakra e Vishnu, batalha de Rudra com Nara e Narayana.**	822
344	Saunaka continua com Narada que voltou depois de ver o Eu.	835
345	Narada devotado a Narayana, mora no Himavat com eles.	839
346	Criação de Pitris do lodo de presas de javali (Vishnu).	841
347	Saunaka completa narrando história de Narayana. Janamejaya prosseguindo com Sacrifício de Cavalo.	843

348	Sauti para Saunaka sobre como Narayana tomou forma de cabeça equina.	844
349	Janamejaya questiona Vaisampayana a respeito de almas devotadas a Narayana. Resposta se referindo ao Gita.	850
350	Nascimento anterior de Vyasa.	855
351	Janamejaya pergunta a respeito de um ou muitos Purushas. Rudra faz a Brahman esta pergunta.	860
352	Brahma explica o único Purusha supremo.	861
353	Yudhishthira pergunta a Bhishma quais são os principais deveres daqueles em modos de vida. Narada para Indra.	863
354	Narada relata história de Brahmana questionando um convidado a respeito do maior dever do homem.	864
355	Avisado para ir até Padma, um grande Naga.	866
356	Convidado parte. Discute renúncia a noite inteira.	867
357	Brahmana chegado na casa descobre que o dono estava fora – espera na floresta.	868
358	Brahmana se abstém de alimento durante sua espera.	868
359	Chefe Naga retorna. Esposa narra deveres dos diferentes modos de vida.	869
360	Esposa relata propósito do Brahmana. Chefe Naga parte para vê-lo.	870
361	Questiona Padmanabha a respeito de alma Jiva.	872
362	Primeiro pergunta sobre Naga puxando a roda de Surya. Resposta a respeito de ser entrando em Surya nos tempos antigos.	873
363	O objeto é um Brahmana alcançando o céu.	874
365	Brahmana parte resolvendo seguir o voto Unccha.	874

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

(Rajadharmanusasana Parva)

Om! Tendo reverenciado Narayana e Nara, o principal dos seres masculinos, como também a deusa Sarasvati, a palavra "Jaya" deve ser proferida.

"Vaisampayana disse, 'Tendo oferecido oblações de água a todos os seus amigos e parentes, os filhos de Pandu, Vidura, Dhritarashtra, e todas as senhoras Bharata continuaram a morar lá (nas margens do rio sagrado). Os filhos de Pandu desejaram passar o período de luto, que se estendia por um mês, fora da cidade Kuru. Depois de o rei Yudhishthira o justo ter realizado os ritos de água, muitos sábios de grande alma coroados com êxito ascético e muitos dos principais Rishis regenerados foram lá para ver o monarca. Entre eles estavam o Nascido na Ilha (Vyasa) e Narada, e o grande Rishi Devala, e Devasthana, e Kanwa. Todos eles estavam acompanhados por seus melhores pupilos. Muitos outros membros da ordem regenerada, possuidores de sabedoria e educados nos Vedas, levando vida familiar ou pertencentes à ordem Snataka, foram ver o rei Kuru. Aqueles de grande alma, quando chegaram, foram devidamente adorados por Yudhishthira. Os grandes Rishis então tomaram seus assentos em tapetes caros. Aceitando o culto adequado àquele período (de luto e impureza) que foi oferecido a eles, eles sentaram na devida ordem em volta do rei. Milhares de Brahmanas ofereceram consolo e conforto àquele rei de reis residindo nas margens sagradas do Bhagirathi com o coração extremamente agitado pela dor. Então Narada, depois de ter abordado os Rishis, o Nascido na Ilha por primeiro, no devido tempo, dirigiu-se a Yudhishthira, o filho de Dharma, dizendo, 'Pelo poder de teus braços e a graça de Madhava, toda a Terra, ó Yudhishthira, foi ganha justamente por ti. Por boa sorte, tu escapaste com vida desta batalha terrível. Cumpridor como és dos deveres de um Kshatriya, tu não te regozijas, ó filho de Pandu? Tendo matado todos os teus inimigos, tu não gratificarás teus amigos, ó rei? Tendo obtido esta prosperidade, eu espero que a dor não te aflija ainda.'"

"Yudhishthira disse, 'De fato a Terra inteira foi subjugada por mim por minha confiança no poder de Krishna, pela graça dos Brahmanas, e pela força de Bhima e Arjuna. Esta angústia pesada, no entanto, está sempre no meu coração, isto é, que por avareza eu causei esta carnificina terrível de parentes. Tendo causado a morte do filho querido de Subhadra, e dos filhos de Draupadi, esta vitória, ó santo, aparece para mim à luz de uma derrota. O que Subhadra da linhagem de Vrishni, aquela minha cunhada, dirá para mim? O que também dirão as pessoas residentes em Dwaraka ao matador de Madhu quando ele for para lá deste local? Esta Draupadi, também, que está sempre empenhada em fazer o que é agradável para nós, enlutada por filhos e parentes, está me atormentando extremamente. Há outro tópico, ó santo Narada, sobre o qual eu falarei contigo. Por Kunti ter mantido seu parecer oculto a respeito de uma questão muito importante, grande tem sido

minha dor. Aquele herói que tinha a força de dez mil elefantes, que neste mundo era um guerreiro em carro inigualável, que possuía um porte e orgulho leoninos, que era dotado de grande inteligência e compaixão, cuja generosidade era muito grande, que praticava muito votos superiores, que era o refúgio dos Dhartarashtras, que era sensível sobre sua honra, cuja bravura era irresistível, que estava sempre pronto para revidar todas as injúrias e era sempre colérico (em batalha), que nos derrotou em repetidos combates, que era rápido no uso de armas, conhecedor de todos os modos de guerra, possuidor de grande habilidade, e dotado de uma coragem extraordinária (aquele Karna) era um filho de Kunti, nascido secretamente dela, e portanto, um irmão nosso. Enquanto nós estávamos oferecendo oblações de água para os mortos, Kunti falou dele como o filho de Surya. Possuidora de todas as virtudes, aquela criança foi lançada à água. Tendo-o colocado em um cesto feito de materiais leves, Kunti confiou-o à corrente do Ganga. Ele que era considerado pelo mundo como um filho de Suta nascido de Radha era realmente o filho mais velho de Kunti e, portanto, nosso irmão. Ávido pelo reino, ai, eu involuntariamente fiz aquele meu irmão ser morto. É isto que está queimando meus membros como um fogo queimando uma pilha de algodão. Arjuna de corcéis brancos não o conhecia como um irmão. Nem eu, nem Bhima e nem os gêmeos o conhecíamos como tal. Ele, no entanto, de arco excelente, nos conhecia (como seus irmãos). Nós soubemos que em uma ocasião Pritha foi até ele para procurar nosso bem e se dirigiu a ele, dizendo, 'Tu és meu filho!' Aquele herói ilustre, no entanto, se recusou a obedecer aos desejos de Pritha. Posteriormente, nós fomos informados, ele disse à sua mãe estas palavras, 'Eu não posso abandonar Duryodhana em batalha! Se eu fizesse isso, este seria um ato desonroso, cruel, e ingrato. Se, cedendo aos teus desejos, eu fizer as pazes com Yudhishthira, as pessoas dirão que eu tenho medo de Arjuna de corcéis brancos. Tendo vencido Arjuna com Kesava, portanto, em batalha, eu posteriormente farei as pazes com o filho de Dharma.' Estas foram as palavras dele como nós ouvimos. Assim respondida, Pritha dirigiu-se mais uma vez a seu filho de peito largo e disse, 'Lute com Phalguna então, mas poupe meus outros quatro filhos.' O inteligente Karna, com mãos unidas, então respondeu para sua mãe que tremia, dizendo, 'Se eu tiver teus outros quatro filhos sob meu poder, eu não os matarei. Sem dúvida, ó deusa, tu continuarás a ter cinco filhos. Se Karna for morto por Arjuna, tu terás cinco! Se, por outro lado, Arjuna for morto, tu também terás cinco, contando comigo.' Desejosa do bem de seus filhos, sua mãe lhe falou novamente, 'Vá, ó Karna, faça o bem àqueles teus irmãos cujo bem tu sempre procuraste.' Tendo dito estas palavras, Pritha se despediu e voltou para sua residência. Aquele herói foi morto por Arjuna, o irmão pelo irmão! Nem Pritha, nem ele alguma vez revelaram o segredo, ó senhor! Aquele grande herói e arqueiro foi morto portanto por Arjuna em batalha. Posteriormente eu vim a saber, ó melhor dos regenerados, que ele era meu irmão. De fato, pelas palavras de Pritha eu soube que Karna era meu irmão mais velho! Tendo causado a morte de meu irmão, meu coração está queimando extremamente. Se eu tivesse ambos Karna e Arjuna para me ajudar eu poderia ter vencido o próprio Vasudeva. Enquanto eu era torturado no meio da assembléia pelos filhos de mente má de Dhritarashtra, minha cólera, subitamente provocada, se acalmou à visão de Karna. Mesmo enquanto eu estava escutando as palavras duras e amargas do próprio

Karna naquela ocasião da nossa partida de dados, as palavras que Karna proferiu pelo desejo de fazer o que era agradável para Duryodhana, a minha ira esfriou à visão dos pés de Karna. Pareceu-me que os pés de Karna pareciam com os pés de nossa mãe Kunti. Desejoso de descobrir a razão daquela semelhança entre ele e nossa mãe, eu refleti por muito tempo. Mesmo com meus melhores esforços eu fracassei em encontrar a causa. Por que, de fato, a terra engoliu as rodas do carro dele na hora da batalha? Por que meu irmão foi amaldiçoado? Cabe a ti relatar tudo isso para mim. Eu desejo ouvir tudo de ti, ó santo! Tu estás familiarizado com tudo neste mundo e tu conheces o passado e o futuro!'

2

"Vaisampayana disse, 'Aquele principal dos oradores, o sábio Narada, assim questionado, narrou tudo acerca da maneira pela qual aquele que se acreditava ser um filho de Suta foi amaldiçoado (nos tempos passados).'"

"Narada disse, 'É exatamente assim, ó tu de braços poderosos, como tu disseste, ó Bharata! Nada poderia resistir a Karna e Arjuna em batalha. Isto, ó impecável, que eu estou prestes a te dizer é desconhecido para os próprios deuses. Escute, ó poderoso, como isto aconteceu no passado. Como todos os Kshatriyas, purificados por meio de armas alcançariam regiões de bem-aventurança, era a questão. Por isto, uma criança foi concebida por Kunti em seus anos de virgindade, capaz de provocar uma guerra geral. Dotado de grande energia, aquele menino veio a ter a posição de um Suta. Ele posteriormente adquiriu a ciência de armas do preceptor (Drona), aquele principal descendente da linha de Angirasa. Pensando no poder de Bhimasena, na rapidez de Arjuna no uso de armas, na tua inteligência, ó rei, na humildade dos gêmeos, na amizade, desde a juventude, entre Vasudeva e o manejador do Gandiva, e na afeição do povo por vocês todos, aquele homem jovem queimava de inveja. Bem cedo ele fez amizade com o rei Duryodhana, levado por um acidente e sua própria natureza e o ódio que ele tinha por vocês todos. Vendo que Dhananjaya era superior a todos na ciência de armas, Karna um dia se aproximou de Drona em particular e disse estas palavras a ele, 'Eu desejo conhecer a arma Brahma, com todos os seus mantras e o poder de retirá-la, porque eu desejo lutar com Arjuna. Sem dúvida, a afeição que tu tens por cada um dos teus pupilos é igual àquela que tu tens por teu próprio filho. Eu rogo que todos os mestres da ciência de armas possam, pela tua graça, me considerar como alguém aperfeiçoado no uso de armas!' Assim endereçado por ele, Drona, por predileção por Phalguna, como também por seu conhecimento da maldade de Karna, disse, 'Ninguém exceto um Brahmana, que tenha cumprido devidamente todos os votos, deve conhecer a arma Brahma, ou um Kshatriya que praticou penitências austeras, e nenhum outro.' Quando Drona respondeu dessa maneira, Karna, tendo-o reverenciado, obteve sua permissão, e procedeu sem demora até Rama então residindo nas montanhas Mahendra. Aproximando-se de Rama, ele curvou sua cabeça a ele e disse, 'Eu sou um Brahmana da linhagem de Bhrigu.' Isto conseguiu honra para ele. Com este conhecimento sobre seu nascimento e família, Rama o recebeu bondosamente e

disse, 'Tu és bem vindo!' No que Karna ficou muito contente. Enquanto residia nas montanhas Mahendra que pareciam com o próprio céu, Karna encontrou e se misturou com muitos Gandharvas, Yakshas, e deuses. Residindo lá ele adquiriu todas as armas devidamente, e se tornou um grande favorito dos deuses, dos Gandharvas, e dos Rakshasas. Um dia ele vagava pelo litoral ao lado daquele retiro. De fato, o filho de Surya, armado com arco e espada, vagava sozinho. Naquele momento, ó Partha, ele matou inadvertidamente, sem premeditar, a vaca Homa de certo proferidor de Brahma, que realizava diariamente seu rito Agnihotra. Sabendo que tinha cometido aquele ato por inadvertência, ele informou o Brahmana disto. De fato, Karna, com o objetivo de gratificar o dono, disse repetidamente, 'Ó santo, eu matei esta tua vaca sem ter a intenção. Perdoe-me a ação!' Cheio de cólera, o Brahmana, o repreendendo, disse estas palavras, 'Ó tu de má conduta, tu mereces ser morto. Que o fruto desta ação seja teu, ó tu de alma perversa. Enquanto lutando, ó canalha, com aquele a quem tu sempre desafiaste, e por cuja causa tu te esforças tanto todo dia, a terra engolirá a roda do teu carro! E quando a roda do teu carro for assim engolida pela terra, teu inimigo, mostrando sua destreza, cortará tua cabeça, tu mesmo estando perplexo naquele momento! Deixe-me, ó homem vil! Como tu mataste desatentamente esta minha vaca, da mesma forma teu inimigo cortará tua cabeça enquanto tu estiveres desatento!' Embora amaldiçoado, Karna ainda procurou gratificar aquele principal dos Brahmanas por lhe oferecer vacas e riquezas e pedras preciosas. O último, no entanto, mais uma vez respondeu a ele, 'Todas as palavras não conseguirão neutralizar as palavras faladas por mim! Vá embora ou permaneça, faça o que quiseres.' Assim endereçado pelo Brahmana, Karna, de cabeça baixa pelo desânimo, retornou timidamente para Rama, refletindo sobre aquela questão.'"

3

"Narada disse, 'Aquele tigre da raça Bhrigu (Rama), estava bem satisfeito com a força dos braços de Karna, sua afeição (por ele), seu autocontrole, e os serviços que ele fazia para seu preceptor. Cumpridor de penitências ascéticas, Rama comunicou alegremente, de forma apropriada, para seu discípulo cumpridor de penitências, tudo acerca da arma Brahma com os mantras para retirá-la. Tendo adquirido o conhecimento daquela arma, Karna começou a passar seus dias alegremente no retiro de Bhrigu, e dotado de destreza extraordinária, ele se dedicou com grande ardor à ciência de armas. Um dia Rama de grande inteligência, enquanto passeava com Karna na vizinhança de seu retiro, sentiu muita fraqueza por causa dos jejuns que ele tinha feito. Por afeição gerada pela confiança, o cansado filho de Jamadagni colocando sua cabeça no colo de Karna dormiu profundamente. Enquanto seu preceptor estava assim dormindo (com a cabeça) em seu colo, um verme terrível, cuja mordida era muito dolorosa e que subsistia de muco e gordura e carne e sangue, se aproximou de Karna. Aquele verme sugador de sangue se aproximou da coxa de Karna e começou a perfurá-la. Por medo de (despertar) seu preceptor, Karna não podia jogar para longe ou matar aquele verme. Embora seu membro fosse atravessado de um lado a outro

por aquele verme, ó Bharata, o filho de Surya, para que seu preceptor não despertasse, suportou isso para agradá-lo. Embora a dor fosse intolerável, Karna a suportou com paciência heróica, e continuou a segurar o filho de Bhrigu em seu colo, sem estremecer o mínimo e sem manifestar qualquer sinal de dor. Quando finalmente o sangue de Karna tocou o corpo de Rama de grande energia, o último despertou e disse estas palavras por medo, 'Ai, eu estou impuro! O que é que tu estás fazendo? Me diga, sem medo, qual é a verdade neste caso!' Então Karna o informou da mordida daquele verme. Rama viu aquele verme que parecia com um porco em forma. Ele tinha oito pés e dentes muito afiados, e estava coberto com cerdas que eram todas pontudas como agulhas. Chamado pelo nome de Alarka, seus membros estavam então encolhidos (com medo). Logo que Rama lançou seu olhar nele, o verme abandonou seu ar vital, se fundindo naquele sangue que ele tinha chupado. Tudo isso parecia extraordinário. Então no firmamento foi visto um Rakshasa de forma terrível, de cor escura, com um pescoço vermelho, capaz de assumir qualquer forma, sobre as nuvens. Com seu objetivo cumprido, o Rakshasa, com mãos unidas, dirigiu-se a Rama, dizendo, 'Ó melhor dos ascetas, tu me resgataste deste inferno! Abençoado sejas tu, eu te reverencio, tu me fizeste bem!' Possuidor de grande energia, o poderoso filho de Jamadagni disse a ele, 'Quem és tu? E por que também tu caíste no inferno? Diga-me tudo sobre isto.' Ele respondeu, 'Antigamente eu era um grande Asura chamado Dansa. No período Krita, ó senhor, eu tinha a mesma idade que Bhrigu. Eu raptei a cônjuge ternamente amada daquele sábio. Pela maldição dele eu caí sobre a terra na forma de um verme. Com raiva teu antepassado disse a mim, 'Subsistindo de urina e muco, ó canalha, tu levarás uma vida de inferno.' Eu então supliquei a ele, dizendo, 'Quando, ó Brahmana, esta maldição terá fim?' Bhrigu me respondeu, 'Esta maldição terminará através de Rama da minha linhagem.' Foi por isso que eu obtive tal curso de vida como alguém de alma impura. Ó virtuoso, por ti, no entanto, eu fui resgatado daquela vida pecaminosa.' Tendo dito estas palavras, o grande Asura, curvando a sua cabeça a Rama, foi embora. Então Rama dirigiu-se colericamente a Karna, dizendo, 'Ó tolo, nenhum Brahmana poderia suportar tal agonia. Tua paciência é como aquela de um Kshatriya. Diga-me a verdade, sem medo.' Assim questionado, Karna, por medo de ser amaldiçoado, e procurando gratificá-lo disse estas palavras, 'Ó tu da linhagem de Bhrigu, saiba que eu sou um Suta, uma classe que surgiu da mistura de Brahmanas com Kshatriyas. As pessoas me chamam de Karna filho de Radha. Ó tu da linhagem de Bhrigu, fique satisfeito com minha pobre pessoa que agiu pelo desejo de obter armas. Não há dúvida de que um venerável preceptor nos Vedas e outros ramos de conhecimento é um pai. Foi por isso que eu me apresentei a ti como uma pessoa da tua própria linhagem.' Ao triste e trêmulo Karna, prostrado sobre a terra com mãos unidas, aquele principal da linhagem de Bhrigu, sorrindo embora cheio de ira, respondeu, 'Já que tu, pela cobiça de armas, te comportaste aqui com falsidade, portanto, ó infeliz, aquela arma Brahma não ficará na tua memória. Já que tu não és um Brahmana, realmente a arma Brahma, perto da hora da tua morte, não ficará contigo (tu a esquecerás ou ela não virá ao teu chamado) quando tu estiveres empenhado em combate com um guerreiro igual a ti! Vá embora, este não é um lugar para uma pessoa de comportamento falso como tu! Sobre a terra, nenhum Kshatriya será teu igual em batalha.' Assim endereçado por

Rama, Karna foi embora, tendo recebido a permissão dele devidamente. Chegando então diante de Duryodhana, ele o informou, dizendo, 'Eu tenho o domínio de todas as armas.'"

4

"Narada disse, 'Tendo assim obtido armas daquele da linhagem de Bhrigu, Karna começou a passar seus dias em grande alegria, na companhia de Duryodhana, ó touro da raça Bharata! Uma vez, ó monarca, muitos reis foram para uma escolha de marido na capital de Chitrangada, o soberano do país dos Kalingas. A cidade, ó Bharata, cheia de opulência, era conhecida pelo nome de Rajapura. Centenas de soberanos foram para lá para obter a mão da donzela. Sabendo que diversos reis estavam lá reunidos, Duryodhana também, em seu carro dourado, foi para lá, acompanhado por Karna. Quando as festas começaram naquela escolha de marido, diversos soberanos, ó melhor dos reis, foram para lá pela mão da moça. Entre eles estavam Sisupala e Jarasandha e Bhishmaka e Vakra, e Kapotaroman e Nila e Rukmi de destreza imperturbável, e Sringa que era soberano do reino feminino, e Asoka e Satadhanwan e o heróico soberano dos Bhojas. Além destes, muitos outros que moravam nos países do Sul, e muitos preceptores (em armas) das tribos mlechchas, e muitos soberanos do Leste e do Norte, ó Bharata, chegaram lá. Todos eles estavam enfeitados com Angadas dourados, e possuíam o esplendor do ouro puro. De corpos refulgentes, eles eram como tigres de bravura feroz. Depois que aqueles reis tinham tomado seus assentos, ó Bharata, a donzela entrou na arena, acompanhada por sua acompanhante e uma guarda de eunucos. Enquanto era informada dos nomes dos reis (enquanto ela fazia sua rota), aquela moça das mais belas feições passou pelo filho de Dhritarashtra (como tinha passado por outros antes dele). Duryodhana, no entanto, da linhagem de Kuru, não pode suportar aquela rejeição. Desrespeitando todos os reis, ele mandou a moça parar. Embriagado com orgulho de energia, e confiando em Bhishma e Drona, o rei Duryodhana, colocando aquela moça em seu carro, a sequestrou à força. Armado com espada, vestido em cota de malha, e com seus dedos envolvidos em tiras de couro, Karna, aquele principal de todos os manejadores de armas, em seu carro, procedeu na retaguarda de Duryodhana. Um grande tumulto então ocorreu entre os reis, todos os quais foram incitados pelo desejo de lutar, 'Ponham suas cotas de malha! Que os carros sejam aprontados!' (Eram os sons que eram ouvidos). Cheios de cólera, eles perseguiram Karna e Duryodhana, despejando setas sobre eles como massas de nuvens despejando chuva sobre um par de colinas. Enquanto eles os perseguiam, Karna derrubava seus arcos e setas no chão, cada um com uma única seta. Entre eles alguns ficaram sem arcos, alguns avançavam com arco nas mãos, alguns estavam a ponto de atirar suas flechas, e alguns os perseguiam armados com dardos e maças. Possuidor de grande leveza de mãos, Karna, aquele principal de todos os batedores, afligiu eles todos. Ele privou muitos reis de seus motoristas e assim venceu todos aqueles senhores de terra. Então eles mesmos pegaram as rédeas de seus corcéis, e dizendo, ‘Vamos embora!’, ‘Vamos embora!’, desistiram

da batalha com corações desanimados. Protegido por Karna, Duryodhana também foi embora, com o coração alegre, levando com ele a donzela para a cidade chamada de elefante.'

5

"Narada disse, 'Sabendo da fama do poder de Karna, o soberano dos Magadhas, o rei Jarasandha, o desafiou para um combate. Como ambos eram conhecedores de armas celestes, uma batalha violenta ocorreu entre eles na qual eles atacaram um ao outro com diversas espécies de armas. Finalmente quando suas setas estavam esgotadas e arcos e espadas estavam quebrados e ambos ficaram sem carro, eles começaram, possuidores de força como eles eram, a lutar com braços nus. Enquanto envolvido com ele em combate mortal com braços nus, Karna estava prestes a separar as duas partes do corpo de seu oponente que tinham sido unidas por Jara. O rei (de Magadha), então depois de se sentir muito atormentado, abandonou todo o desejo de hostilidade e dirigiu-se a Karna, dizendo, 'Eu estou satisfeito'. Por amizade ele então deu para Karna a cidade Malini. Antes disto, aquele tigre entre homens e subjugador de todos os inimigos (Karna) era rei dos Angas somente, mas daquele tempo em diante aquele opressor de tropas hostis começou a governar sobre Champa também, em conformidade com os desejos de Duryodhana, como tu sabes. Assim Karna se tornou famoso sobre a terra pelo valor de seus braços. Quando, para o teu bem, o Senhor dos celestiais pediu dele sua armadura e brincos (naturais), entorpecido pela ilusão celeste, ele deu aquelas posses preciosas. Privado de seus brincos e de sua armadura natural, ele foi morto por Arjuna na presença de Vasudeva. Por consequência da maldição de um Brahmana, como também da maldição do ilustre Rama, do benefício concedido à Kunti e da ilusão praticada sobre ele por Indra, de sua depreciação por Bhishma como somente meio guerreiro em carro, na contagem de Rathas e Atirathas, da destruição de sua energia causada por Salya (com suas palavras mordazes), da política de Vasudeva, e, por fim, das armas celestes obtidas por Arjuna de Rudra e Indra e Yama e Varuna e Kuvera e Drona e do ilustre Kripa, o manejador do Gandiva conseguiu matar o filho de Vikartana, Karna, de refulgência como aquela do próprio Surya. Dessa maneira teu irmão foi amaldiçoado e iludido por muitos. Como, no entanto, ele caiu em batalha, tu não deves te afligir por aquele tigre entre homens!'"

6

"Vaisampayana disse, 'Tendo dito estas palavras, o Rishi celeste Narada ficou silencioso. O sábio real Yudhishthira, cheio de dor, ficou mergulhado em meditação. Vendo aquele herói desanimado e abatido pela tristeza, suspirando como uma cobra e derramando lágrimas copiosas, Kunti, ela mesma cheia de angústia e quase privada de sua razão pela tristeza, dirigiu-se a ele nestas palavras gentis de significado importante e bem adequadas à ocasião, 'Ó

Yudhishthira de braços poderosos, não cabe a ti ceder assim à tristeza. Ó tu de grande sabedoria, mate esta tua dor, e escute o que eu digo. Eu tentei no passado informar Karna de sua irmandade contigo. O deus Surya também, ó principal de todas as pessoas justas, fez o mesmo. Tudo o que um amigo que deseja o bem, pelo desejo de bem, deve dizer a alguém foi dito para Karna por aquele deus em um sonho e mais uma vez na minha presença. Nem por aflição nem por argumentos Surya ou eu mesma conseguimos acalmá-lo ou induzi-lo a se unir a ti. Sucumbindo à influência do Tempo ele resolveu descarregar sua inimizade sobre ti. Como ele estava inclinado a ferir vocês todos eu desisti da tentativa.' Assim endereçado por sua mãe, o rei Yudhishthira, com olhos cheios de lágrimas e coração agitado pela dor, disse estas palavras, 'Por tu teres escondido este segredo esta grande aflição me alcançou!' Possuidor de grande energia, o rei virtuoso, então, em tristeza, amaldiçoou todas as mulheres do mundo, dizendo, 'De agora em diante nenhuma mulher conseguirá guardar um segredo!' O rei, então, se lembrando de seus filhos e netos e parentes e amigos, encheu-se de ansiedade e dor. Afligido pela tristeza, o rei inteligente, parecendo um fogo coberto com fumaça, foi dominado pelo desespero."

7

Vaisampayana disse, "Yudhishthira de alma justa, com coração agitado e queimando de tristeza, começou a chorar por aquele poderoso guerreiro em carro, Karna. Suspirando repetidamente, ele se dirigiu a Arjuna, dizendo, 'Se, ó Arjuna, nós tivéssemos levado uma vida de mendicância nas cidades dos Vrishnis e dos Andhakas, então este fim miserável não teria sido nosso por termos exterminado nossos parentes. Nossos inimigos, os Kurus, ganharam em prosperidade (pois tendo morrido em combate foram todos para o céu), enquanto nós ficamos privados de todos os objetos de vida, pois que frutos de virtude podem ser nossos quando nós somos culpados de autodestruição? Que vergonha para os costumes de Kshatriyas, para o poder e coragem, e para a ira, já que por causa destes tal calamidade nos alcançou. Abençoados são perdão, autocontrole, pureza, com renúncia e humildade, e abstenção de ferir, e veracidade de palavras em todas as ocasiões, que são todos praticados por reclusos das florestas. Cheios de orgulho e arrogância, nós, no entanto, pela avareza e tolice e desejo de desfrutar da soberania, caímos nesta situação. Vendo aqueles nossos parentes, que estavam resolvidos a obter a soberania do mundo, mortos sobre o campo de batalha, tal é a nossa dor que nós não poderíamos nos alegrar nem se ganhássemos a soberania dos três mundos. Ai, tendo matado, por causa da terra, tais senhores de terras que não mereciam ser mortos por nós, nós estamos suportando o peso da existência, carentes de amigos e privados dos próprios objetivos da vida. Como um matilha de cães lutando entre si por um pedaço de carne, um grande desastre nos alcançou! Aquele pedaço de carne não é mais caro para nós. Por outro lado, ele será jogado de lado. Aqueles que estão mortos não deveriam ter sido mortos nem por toda a terra nem por montanhas de ouro, nem por todos os cavalos e vacas deste mundo. Cheios de inveja e de um desejo ardente por todos os objetos

mundanos, e influenciados por ira e prazer, todos eles, dirigindo-se à estrada da Morte, foram para as regiões de Yama. Praticando ascetismo e Brahmacharya e verdade e renúncia, pais desejam filhos dotados de todos os tipos de prosperidade. Da mesma maneira, por jejuns e sacrifícios e votos e ritos sagrados e cerimônias auspiciosas as mães concebem. Elas então mantêm o feto por dez meses. Passando seu tempo em miséria e na expectativa de resultado, elas sempre se perguntam em ansiedade, 'Estes sairão do útero com segurança? Eles viverão depois do nascimento? Eles crescerão em poder e serão objetos de respeito sobre a terra? Eles serão capazes de nos dar felicidade neste e no outro mundo?' Ai, já que seus filhos, jovens e resplandecentes com brincos, foram todos mortos, portanto, aquelas esperanças delas foram tornadas inúteis, tendo sido abandonadas por elas. Sem terem desfrutado do prazer deste mundo, e sem terem pagado as dívidas que tinham com seus pais e com os deuses, eles foram para a residência de Yama. Ai, ó mãe, aqueles reis foram mortos justamente quando seus pais esperavam colher os frutos de seu poder e riqueza. Eles eram sempre cheios de inveja e de avidez pelos objetos terrestres, e eram extremamente sujeitos à alegria e à raiva. Por isto, não se podia esperar que eles desfrutassem em tempo algum e em lugar algum dos frutos da vitória. Eu penso que aqueles entre os Panchalas e os Kurus que morreram (nesta batalha) estão perdidos, do contrário aquele que matou deveria, por aquela ação dele, obter todas as regiões de felicidade. (Isto é, todos os guerreiros que foram mortos nessa batalha pereceram, eles não alcançaram o céu; se, de fato, o céu fosse deles, então os matadores também alcançariam o céu, a ordenança escritural tendo dito isso. É impossível, no entanto, supor que os homens de ira que fizeram tais atos perversos tenham alcançado tais regiões de bem-aventurança após a morte.) Nós somos considerados como a causa da destruição que ocorreu no mundo. A culpa, no entanto, é realmente atribuível aos filhos de Dhritarashtra. O coração de Duryodhana estava sempre colocado na fraude. Sempre nutrindo malícia, ele era dedicado à fraude. Embora nós nunca o tenhamos ofendido ainda assim ele sempre se comportou falsamente conosco. Nós não conseguimos nosso objetivo, nem eles o deles. Nós não os vencemos, nem eles nos venceram. Os Dhartarashtras não podiam desfrutar desta terra, nem de mulheres e música. Eles não escutavam os conselhos de ministros e amigos e homens eruditos nas escrituras. Eles não podiam, de fato, desfrutar de suas jóias caras e da tesouraria bem abastecida e dos vastos territórios. Queimando com o ódio que tinham por nós, eles não podiam obter paz e felicidade. Vendo nosso engrandecimento, Duryodhana ficou sem cor, pálido e emaciado. O filho de Suvala informou o rei Dhritarashtra disto. Como um pai cheio de afeição por seu filho, Dhritarashtra tolerou a política má que seu filho adotou. Sem dúvida, por desrespeitar Vidura e o filho de grande alma de Ganga, e por sua negligência em reprimir seu filho pecaminoso e avarento, totalmente governado pelas suas paixões, o rei encontrou com a destruição como minha pobre pessoa. Sem dúvida, Suyodhana, tendo causado a morte de seus irmãos e tendo deixado este casal em uma dor ardente, abandonou sua fama resplandecente. Queimando com o ódio que tinha por nós Duryodhana sempre teve um coração pecaminoso. Que outro parente de nascimento nobre poderia usar tal linguagem com outro parente, como ele, pelo desejo de batalha, realmente usou na presença de Krishna? Nós também, pelo

erro de Duryodhana, estamos perdidos pela eternidade, como sóis queimando tudo ao redor deles com sua própria energia. Aquele indivíduo de alma vil, aquela encarnação da hostilidade, foi nossa estrela má. Ai, somente pelas ações de Duryodhana esta nossa classe foi exterminada. Tendo matado aqueles a quem nós nunca deveríamos ter matado, nós incorremos na desaprovação do mundo. O rei Dhritarashtra, tendo instalado aquele príncipe de alma vil e atos pecaminosos, aquele exterminador de sua família, na soberania, é obrigado a sofrer hoje. Nossos inimigos heróicos estão mortos. Nós cometemos pecado. Suas posses e reino se foram. Tendo-os matado, nossa ira foi acalmada. Mas a aflição está me entorpecendo. Ó Dhananjaya, um pecado cometido é expiado por ações auspiciosas, por proclamá-lo desenfreadamente, por arrependimento, por esmolas dadas, por penitências, por viagens a tirthas depois da renúncia de tudo, e por meditação constante nas escrituras. De tudo isto, se acredita que aquele que praticou a renúncia é incapaz de cometer pecados de novo. Os Srutis declaram que quem pratica a renúncia escapa do nascimento e da morte, e seguindo o caminho correto, aquela pessoa de alma fixa alcança Brahma. Eu irei, portanto, ó Dhananjaya, para as florestas, com sua permissão, ó destruidor de inimigos, desconsiderando todos os pares de opostos, adotando o voto de taciturnidade, e trilhando o caminho indicado pelo conhecimento. Ó matador de inimigos, os Srutis declaram isto, e eu mesmo tenho visto com meus próprios olhos, que alguém que é apegado a esta terra nunca pode obter todo o tipo de mérito religioso. Desejoso de obter as coisas desta terra, eu cometi pecado, pelo qual, como os Srutis declaram, nascimento e morte são ocasionados. Abandonando todo o meu reino, portanto, e as coisas desta terra, eu irei para as florestas, escapando dos vínculos do mundo, livre da dor, e sem afeição por coisa alguma. Governe esta terra, na qual a paz foi restaurada, e que está privada de todos os seus espinhos. Ó melhor da família de Kuru, eu não necessito de reino ou de prazer.' Tendo dito estas palavras, o rei Yudhishthira, o justo, parou. Seu irmão mais novo Arjuna então dirigiu-se a ele nas seguintes palavras.”

8

Vaisampayana disse, "Como uma pessoa relutante em perdoar um insulto, Arjuna de palavras sagazes, e possuidor de energia e coragem, mostrando grande fúria e lambendo os cantos de sua boca, disse estas palavras de grande importância, sorrindo: 'Oh, quão doloroso, quão infeliz! Eu sofro ao ver esta grande agitação do teu coração, já que tendo realizado tal façanha sobre-humana tu estás determinado a abandonar esta grande prosperidade. Tendo matado teus inimigos, e tendo adquirido a soberania da terra que foi ganha pela prática dos deveres da tua própria classe, por que tu deverias abandonar tudo por inconstância de coração? Onde sobre a terra um eunuco ou uma pessoa de procrastinação alguma vez adquiriu soberania? Por que então, insensato com raiva, tu mataste todos os reis da terra? Aquele que vive por mendicância não pode, por alguma ação dele, desfrutar das coisas boas da terra. Privado de prosperidade e sem recursos, ele nunca pode ganhar fama sobre a terra ou

adquirir filhos e animais. Se, ó rei, abandonando este reino próspero, tu viveres na observância do modo de vida desprezível levado por um mendicante, o que o mundo dirá de ti? Por que tu dizes que, abandonando todas as coisas boas da terra, privado de prosperidade e de recursos, tu levarás uma vida de mendicância como uma pessoa comum? Tu nasceste nesta linhagem de reis. Tendo ganhado por conquista a terra inteira, tu desejas por tolice viver nas florestas depois de abandonar tudo de virtude e lucro? Se tu te retirares às florestas, na tua ausência, homens desonestos destruirão sacrifícios. Este pecado certamente te poluirá. O rei Nahusha, tendo feito muitas ações vis em um estado de pobreza, apregoou a vergonha daquele estado e disse que a pobreza é para reclusos. Não fazer provisões para o dia seguinte é uma prática que convém a Rishis. Tu sabes bem disso. Aquela, no entanto, que é chamada de religião da realeza depende totalmente da riqueza. Alguém que rouba a riqueza de outro rouba a religião dele também. (Porque a riqueza capacita seu possuidor a praticar os ritos religiosos). Quem entre nós, portanto, ó rei, perdoaria um ato de espoliação praticado sobre nós? É visto que um homem pobre, mesmo quando ele se encontra perto, é acusado falsamente. Pobreza é um estado de pecaminosidade. Não cabe a ti elogiar a pobreza, portanto. O homem que é decaído, ó rei, se aflige, como também o que é pobre. Eu não vejo a diferença entre um homem decaído e um homem pobre. Todos os tipos de atos meritórios fluem da posse de grande riqueza como uma montanha. Da riqueza nascem todas as ações religiosas, todos os prazeres, e o próprio céu, ó rei! Sem riqueza, um homem não pode encontrar os próprios meios de manter sua vida. As ações de uma pessoa que, possuidora de pouca inteligência, se permite ser privada de riqueza, são todas secadas completamente como rios rasos no verão. Aquele que tem riqueza tem amigos. Aquele que tem riqueza tem parentes. Aquele que tem riqueza é considerado como um verdadeiro homem no mundo. Aquele que tem riqueza é considerado como um homem erudito. Se uma pessoa que não tem riqueza deseja realizar um propósito específico, ela encontra o fracasso. A riqueza ocasiona acessões de riqueza, como elefantes capturando elefantes (selvagens). Atos religiosos, prazeres, alegria, coragem, cólera, erudição, e senso de dignidade, todos esses procedem da riqueza, ó rei! Da riqueza se adquire honra familiar. Da riqueza, o mérito religioso aumenta. Aquele que não tem riqueza não tem nem este mundo, nem o seguinte, ó melhor dos homens! O homem que não tem riqueza não tem sucesso em realizar atos religiosos, pois estes últimos vem da riqueza, como rios de uma montanha. Aquele que é magro em relação à (posse de) corcéis e vacas e empregados e convidados, é realmente magro e não aquele cujos membros somente são assim. Julgue realmente, ó rei, e olhe a conduta dos deuses e dos Danavas. Ó rei, os deuses alguma vez desejam qualquer coisa mais do que a morte de seus parentes (os Asuras)? Se a apropriação da riqueza pertencente a outros não é considerada como justa, como, ó monarca, reis praticarão a virtude nesta terra? Homens eruditos, nos Vedas, declararam esta conclusão. Os eruditos afirmaram que reis devem viver, recitando todo dia os três Vedas, procurando adquirir riqueza, e realizando sacrifícios cuidadosamente com a riqueza assim adquirida. Os deuses, através de disputas destrutivas (para ambos os lados), obtiveram posição no céu. Quando os próprios deuses ganharam sua prosperidade através de disputas mortais, que defeito pode haver em tais

disputas? Os deuses, tu vês, agem dessa maneira. Os preceitos eternos dos Vedas também sancionam isto. Aprender, ensinar, sacrificar, e ajudar nos sacrifícios de outros, estes são nossos quatro deveres principais. A riqueza que reis tomam de outros se torna os meios de sua prosperidade. Nós nunca vemos riqueza que foi ganha sem fazer algum dano para outros. É assim mesmo que reis conquistam este mundo. Tendo conquistado, eles chamam aquela riqueza deles, assim como filhos falam da riqueza de seus pais como deles. Os sábios nobres que foram para o céu declararam que este é o dever dos reis. Como água fluindo em todas as direções de um oceano cheio, aquela riqueza corre em todas as direções das tesourarias dos reis. Esta terra antigamente pertenceu ao rei Dilipa, Nahusha, Amvarisha, e Mandhatri. Ela agora pertence a ti! Um sacrifício grandioso, portanto, com presentes abundantes de todos os tipos e requerendo uma pilha vasta de produtos da terra, te espera. Se tu não realizares este sacrifício, ó rei, então todos os pecados deste reino serão teus. Os súditos cujo rei realiza um Sacrifício de Cavalo com presentes abundantes, se tornam todos limpos e santificados por contemplarem as abluções no fim do sacrifício. O próprio Mahadeva, de forma universal, em um grande sacrifício requerendo libações de todas as espécies de carne, despejou todas as criaturas como libações sacrificais e então sua própria pessoa. Eterno é este caminho auspicioso. Seus frutos nunca são destruídos. Este é o grande caminho chamado Dasaratha. Abandonando-o, ó rei, para que outro caminho tu te dirigirias?'"

9

"Yudhishthira disse, 'Por um momento, ó Arjuna, concentre tua atenção e fixe tua mente e audição na tua alma interna. Se tu ouvires as minhas palavras em tal estado de espírito, elas encontrarão tua aprovação. Abandonando todos os prazeres mundanos, eu me dirigirei àquele caminho que é trilhado pelos virtuosos. Eu, por tua causa, não seguirei o caminho que tu recomendaste. Se tu me perguntares qual caminho é auspicioso que alguém deve trilhar sozinho, eu te direi. Se tu não desejares me perguntar, eu irei, ainda que não perguntado por ti, te falar disto. Abandonando os prazeres e observâncias dos homens do mundo, dedicado a realizar as mais austeras das penitências, eu vagarei na floresta, com os animais que têm sua casa lá, vivendo de frutas e raízes. Despejando libações no fogo nas horas devidas, e realizando abluções de manhã e à noite, eu me diminuirei por uma dieta reduzida, me cobrirei com peles, e terei cabelos emaranhados em minha cabeça. Suportando frio, vento, e calor como também fome e sede e fadiga, eu emaciarei meu corpo por meio de penitências como declarado nas ordenanças. Encantadoras para o coração e os ouvidos, eu irei diariamente escutar as melodias puras de aves alegres e animais que residem nas florestas. Eu desfrutarei da fragrância de árvores carregadas de flores e trepadeiras, e verei diversas espécies de produtos agradáveis que crescem na floresta. Eu também verei muitos reclusos excelentes da floresta. Eu não farei a menor injúria para alguma criatura, o que dizer então daqueles que moram nas aldeias e cidades? (Quando eu não ferirei os habitantes até da floresta há pouca

chance de ferir algum homem do mundo). Levando uma vida retirada e me dedicando à contemplação, eu viverei de frutos maduros e verdes e gratificarei os Pitris e as divindades com oferendas de frutos selvagens e água de nascente e hinos agradecidos. Observando dessa forma os regulamentos austeros de uma vida na floresta, eu passarei meus dias, esperando calmamente a dissolução do meu corpo. Ou, vivendo só e cumprindo o voto de taciturnidade, com minha cabeça raspada, eu derivarei meu sustento por esmolar cada dia de uma única árvore. (Há uma classe de reclusos que se mantêm por colher os frutos caídos de árvores. Tomando a árvore por uma pessoa viva, eles caminham sob sua sombra e pedem seus frutos. Aqueles frutos que caem em tais ocasiões são considerados como as esmolas concedidas pela árvore para seu convidado mendicante). Cobrindo meu corpo com cinzas, e aproveitando o abrigo de casas abandonadas, ou deitando na base de árvores, eu viverei, rejeitando todas as coisas queridas ou odiosas. Sem ceder à dor ou alegria, e considerando censuras e elogios, esperança e aflição, igualmente, e triunfando sobre todos os pares de opostos, eu viverei rejeitando as coisas do mundo. Sem conversar com ninguém, eu assumirei a forma externa de um idiota cego e surdo, enquanto vivendo em contentamento e derivando felicidade de minha própria alma. Sem fazer a menor injúria para as quatro espécies de criaturas móveis e imóveis, eu me comportarei igualmente com todas as criaturas, sejam elas conscientes de seus deveres ou seguindo somente dos ditames dos sentidos. Eu não zombarei de ninguém, nem olharei com censura para alguém. Reprimindo todos os meus sentidos, eu sempre terei um rosto alegre. Sem perguntar a ninguém sobre o caminho, procedendo por qualquer rota que encontrar, eu irei em frente, sem considerar o país ou o ponto do horizonte para o qual ou pelo qual eu possa ir. Indiferente ao lugar para onde eu possa proceder, eu não olharei para atrás. Livrando-me do desejo e da ira, e voltando meu olhar para dentro, eu seguirei em frente, rejeitando o orgulho de alma e corpo. A natureza sempre segue adiante; então, comida e bebida de alguma maneira serão obtidas. Eu não pensarei naqueles pares de opostos que ficam no caminho de tal vida. Se alimento puro, mesmo em uma pequena quantidade, não for obtenível na primeira casa (à qual eu possa ir), eu o conseguirei por ir a outras casas. Se eu fracassar em obtê-lo mesmo em tal ronda, eu procederei a sete casas em sucessão e saciarei meu desejo. Quando a fumaça das casas cessar, o fogo de seus lares se extinguir, quando suas varas de descascar forem colocadas de lado, e todos os habitantes tiverem se alimentado, quando mendicantes e convidados pararem de vagar, eu escolherei um momento para minha ronda de mendicância e pedirei esmolas em duas, três, ou cinco casas no máximo. Eu vagarei sobre a terra, depois de quebrar os vínculos do desejo. Preservando equanimidade no sucesso e no fracasso, eu ganharei grande mérito ascético. Eu não me comportarei nem como alguém que é apegado à vida nem como alguém que está prestes a morrer. Eu não manifestarei alguma simpatia pela vida nem antipatia pela morte. Se uma pessoa corta fora um braço meu e outra passa pasta de sândalo no outro braço, eu não desejarei mal a um ou bem ao outro. Descartando todos aqueles atos conducentes à prosperidade que alguém possa fazer na vida, as únicas ações que eu realizarei serão abrir e fechar meus olhos e aceitar comida e bebida apenas o suficiente para manter a vida. Sem ser vinculado à ação, e sempre reprimindo as funções dos sentidos, eu abandonarei

todos os desejos e purificarei minha alma de todas as impurezas. Livre de todas as amarras e cortando todos os laços e vínculos, eu viverei livre como o vento. Vivendo em tal liberdade de afeições, o contentamento eterno será meu. Pelo desejo, eu, por ignorância, cometi grandes pecados. Certa classe de homens, fazendo atos auspiciosos e inauspiciosos aqui, mantêm suas esposas, filhos, e parentes, todos ligados a eles em relações de causa e efeito. (Todas as posses de um homem dependem dos atos de uma vida anterior. Esposas, filhos e parentes, portanto, como agentes de felicidade ou o contrário, dependem dos atos passados do homem. Eles são efeitos de causas preexistentes. Eles também podem ser causas de efeitos a serem manifestados na próxima vida, pois supõe-se que seus atos também afetam a vida seguinte daquele a quem eles pertencem.) Quando acaba o período da vida deles, abandonando seus corpos enfraquecidos, eles tomam sobre si mesmos todos os efeitos de suas ações pecaminosas, pois ninguém exceto o ator é sobrecarregado com as consequências de seus atos. (Isto é, aqueles por quem ele age não recebem as consequências dos atos dele). Assim, dotadas de ações, as criaturas entram nesta roda da vida que está girando continuamente como a roda de um carro, e assim, vindo para cá, elas se reúnem com suas próximas. Quem, no entanto, abandona o curso de vida mundana, o qual é realmente uma ilusão fugaz embora pareça eterno, e que é afligido por nascimento, morte, decrepitude, doença, e dor, está certo de obter felicidade. Quando também, os próprios deuses caem do céu e grandes Rishis de suas respectivas posições de eminência quem, que seja familiarizado com as verdades das causas (e efeitos) desejaria ter até a prosperidade celestial? Reis insignificantes, tendo realizado diversas ações relativas aos diversos meios da arte de reinar (conhecidas pelos meios de conciliação, presentes, etc.) muitas vezes matam um rei por meio de algum artifício. Refletindo sobre estas circunstâncias, este néctar de sabedoria vem a mim. Tendo-o alcançado, eu desejo adquirir um lugar permanente, eterno e imutável (para mim mesmo). Sempre (me comportando) com tal sabedoria e agindo desta maneira, eu irei, por me dirigir àquele caminho de vida destemido, acabar com este corpo físico que está sujeito a nascimento, morte, decrepitude, doença, e dor.' “

10

Bhimasena disse, "Tua mente, ó rei, se tornou cega para a verdade, como a de um tolo e ininteligente narrador do Veda por sua recitação repetida daquelas escrituras. Se criticando os deveres dos reis tu levares uma vida de ociosidade, então, ó touro da raça Bharata, esta destruição dos Dhartarashtras foi totalmente desnecessária. Generosidade e compaixão e piedade e abstenção de ferir não são encontrados em alguém que anda pelo caminho das funções Kshatriya! Se nós soubéssemos que esta era tua intenção, nós então nunca teríamos tomado nossas armas e matado uma única criatura. Nós teríamos vivido por mendicância até a destruição deste corpo. Esta batalha terrível entre os soberanos da terra também nunca teria ocorrido. Os eruditos dizem que tudo isso que nós vemos é alimento para os fortes. De fato, este mundo móvel e imóvel é um objeto de prazer

para a pessoa que é forte. Homens sábios conhecedores dos deveres Kshatriya, declaram que aqueles que ficam no caminho da pessoa que toma a soberania da terra devem ser mortos. Culpados dessa falha, aqueles que ficaram como inimigos do nosso reino foram todos mortos por nós. Tendo-os matado, ó Yudhishthira, governe justamente esta terra. Esta nossa ação (de recusar o reino) é como a de uma pessoa que, tendo cavado um poço para em seu trabalho antes de obter água e sobe sujo de lama. Ou, este nosso ato é como o de uma pessoa que tendo subido numa árvore alta e pegado mel lá encontra a morte antes de prová-lo. Ou, ele é como aquele de uma pessoa que tendo saído por um longo caminho volta em desespero sem ter alcançado seu destino. Ou, ele é como o de uma pessoa que tendo matado todos os seus inimigos, ó tu da linhagem e Kuru, morre ao final pela sua própria mão. Ou, ele é como aquele de uma pessoa afligida pela fome, que tendo obtido alimento, se recusa a comê-lo, ou de um homem sob a influência do desejo, que tendo obtido uma mulher que corresponde à sua paixão se recusa a se unir com ela. Nós nos tornamos objetos de crítica, ó Bharata, porque, ó rei, nós seguimos a ti que és de intelecto fraco, por tu seres nosso irmão mais velho. Nós possuímos braços poderosos; nós somos aperfeiçoados em conhecimento e dotados de grande energia. Ainda assim nós obedecemos às palavras de um eunuco como se nós fôssemos totalmente impotentes. Nós somos o refúgio de todas as pessoas desamparadas. Contudo, quando as pessoas nos vêem assim, por que elas não diriam que em relação à conquista de nossos objetos nós somos totalmente impotentes? Reflita sobre isso que eu digo. É afirmado que (uma vida de) renúncia deve ser adotada somente em épocas de infortúnio, por reis vencidos pela decrepitude ou derrotados por inimigos. Homens de sabedoria, portanto, não aprovam a renúncia como o dever de um Kshatriya. Por outro lado, aqueles que são perspicazes pensam que a adoção daquele modo de vida (por um Kshatriya) envolve até a perda de virtude. Como podem aqueles que nasceram naquela classe, que são dedicados às práticas daquela classe, e que têm refúgio nelas, criticar aqueles deveres? De fato, se aqueles deveres são censuráveis, então por que o Ordenador Supremo não deveria ser criticado? (Como o Ordenador não pode ser criticado, então o que Ele ordenou para os Kshatriyas não pode ser merecedor de crítica). São somente aquelas pessoas que são privadas de prosperidade e riqueza e infiéis que têm promulgado este preceito dos Vedas (sobre a adequação de um Kshatriya adotar uma vida de renúncia), como a verdade. Na verdade, no entanto, nunca é apropriado para um Kshatriya fazer isto. Aquele que é competente para sustentar a vida pela coragem, que pode se sustentar pelos seus próprios esforços, não vive, mas realmente se desvia de seu dever pela aparência hipócrita de uma vida de renúncia. O homem que é capaz de levar uma vida solitária de felicidade nas florestas é somente aquele que é incapaz de manter filhos e netos e as divindades e Rishis e convidados e Pitris. Como os veados e javalis e as aves (embora eles levem uma vida na floresta) não podem alcançar o céu, assim mesmo aqueles kshatriyas que são dotados de destreza porém não dispostos a fazerem bons serviços não podem alcançar o céu por levarem somente uma vida na floresta. Eles devem adquirir mérito religioso por outras maneiras. Se, ó rei, alguém obtivesse êxito da renúncia, então montanhas e árvores certamente o obteriam! Estes últimos são sempre vistos levando vidas de renúncia. Eles não ferem ninguém. Eles estão, também, sempre distantes de uma

vida de mundanidade e são todos Brahmacharins. Se é verdade que o sucesso de uma pessoa depende de sua própria sina na vida e não da de outro, então (como uma pessoa nascida na classe Kshatriya) tu deves te dedicar à ação. Aquele que é desprovido de ação nunca pode ter sucesso. Se aqueles que somente enchem seus próprios estômagos pudessem alcançar o sucesso, então todas as criaturas aquáticas o obteriam, pois estas não têm ninguém mais para sustentar exceto a si mesmas. Veja, o mundo se move, com todas as criaturas nele empenhadas em ações apropriadas à sua natureza. Portanto, uma pessoa deve se dirigir à ação. O homem sem ação nunca pode obter sucesso.'"

11

"Arjuna disse, 'Ligado a isto uma história antiga é citada, isto é, as palavras entre certos ascetas e Sakra, ó touro da raça Bharata! Diversos Brahmanas jovens, bem nascidos e de pouca inteligência, sem os pêlos distintivos da idade adulta, abandonando suas casas, foram para os bosques para levar uma vida na floresta. Considerando que aquilo era virtude, aqueles jovens de recursos abundantes ficaram desejosos de viver como Brahmacharins, tendo abandonado seus pais e irmãos. E então aconteceu que Indra se tornou compassivo para com eles. Assumindo a forma de uma ave dourada, o santo Sakra se dirigiu a eles, dizendo, 'Aquilo que é feito por pessoas que comem os restos de um sacrifício é o mais difícil dos atos que os homens podem realizar. (Isto é, aqueles que realizam sacrifícios e partilham do alimento sacrifical depois de oferecê-lo para deuses e convidados adquirem tal mérito religioso que igual a ele não pode ser adquirido por outros homens. Sacrifício, portanto, é o ato mais sublime na vida e o mais meritório que um homem pode fazer.) Tal ato é altamente meritório. As vidas de tais homens são dignas de todo louvor. Tendo alcançado o objetivo da vida, aqueles homens, dedicados à virtude, obtém o fim mais sublime.' Ouvindo estas palavras, os Rishis disseram, 'Vejam, esta ave louva aqueles que subsistem dos restos de sacrifícios. Ele nos informa disto, pois nós vivemos de tais restos.' A ave então disse, 'Eu não louvo vocês. Vocês são posicionados com lodo e muito impuros. Vivendo de sobras, vocês são pecaminosos. Vocês não são pessoas que vivem de restos de sacrifícios.'

Os Rishis disseram, 'Nós consideramos este nosso modo de vida como altamente abençoado. Nos diga, ó ave, o que é para o nosso bem. Tuas palavras nos inspiram com grande fé.'

A ave disse, 'Se vocês não me recusam sua fé por se colocarem contra seus próprios interesses, então eu lhes direi palavras que são verdadeiras e benéficas.'"

"Os Rishis disseram, 'Nós ouviremos tuas palavras, ó senhor, pois as diferentes linhas de conduta são todas conhecidas por ti. Ó tu de alma justa, nós desejamos também obedecer tuas ordens. Nos instrua agora.'"

"A ave disse, 'Entre os quadrúpedes a vaca é o principal. Dos metais, o ouro é o principal. Das palavras, os mantras, e dos bípedes, os Brahmanas são os

principais. Estes mantras regulam todos os ritos da vida de um Brahmana começando com aqueles concernentes ao nascimento e o período depois disto, e terminando com aqueles concernentes à morte e ao crematório. Estes ritos Védicos são seu céu, caminho, e principal dos sacrifícios. Se isso fosse de outra maneira, como eu poderia achar que as ações (de pessoas à procura do céu) se tornam bem sucedidas através de mantras? Aquele que, neste mundo, adora sua alma, firmemente a considerando como uma divindade de um tipo específico, obtém sucesso compatível com a natureza daquela deidade particular. (Compatível com a maneira pela qual uma pessoa de convicção firme se aproxima da sua Alma é o sucesso que ela alcança.) Os períodos medidos pela metade dos meses levam ao Sol, à Lua, ou às Estrelas. Estes três tipos de sucesso, dependendo das ações, são desejados por todas as criaturas. (Aqueles que morrem durante as quinzenas iluminadas do solstício de verão alcançam as regiões solares de bem-aventurança. Aqueles que morrem durante as quinzenas escuras do solstício de inverno alcançam as regiões lunares. Estes últimos têm que retornar depois de passarem seus períodos designados de desfrute e felicidade, enquanto aqueles que estão livres de vínculos, qualquer que seja a época de sua morte, vão para as regiões estelares que são iguais àquelas de Brahma). O modo de vida familiar é muito superior e sagrado e é chamado de campo (para o cultivo) do sucesso. Por qual caminho vão aqueles homens que criticam a ação? De pouca compreensão e carentes de riqueza, eles incorrem em pecado. E já que aqueles homens de pouco entendimento vivem por abandonarem os caminhos eternos dos deuses, os caminhos dos Rishis, e os caminhos de Brahma, portanto, eles chegam aos caminhos desaprovados pelos Srutis. (Sem alcançarem a companhia dos deuses e Pitris, e sem alcançarem Brahma, eles afundam na escala e existência e se tornam bichos e insetos.) Há uma ordenança nos mantras que diz, 'Ó sacrificador, realize o sacrifício representado por presentes de coisas de valor. Eu te darei felicidade representada por filhos, animais, e céu!' Vivam, portanto, de acordo com o que a ordenança diz que é o mais elevado ascetismo dos ascetas. Portanto, vocês devem realizar tais sacrifícios e penitências na forma de doações. O desempenho devido destes deveres eternos: o culto dos deuses, o estudo dos Vedas, e a satisfação dos Pitris, como também serviços respeitosos para os preceptores, estes são chamados de as mais austeras das penitências. Os deuses, por realizarem tais penitências extremamente difíceis, obtiveram a mais alta glória e poder. Eu, portanto, digo a vocês para levarem a carga muito pesada dos deveres da vida familiar. Sem dúvida, as penitências são as principais de todas as coisas e são a base de todas as criaturas. O ascetismo, no entanto, é para ser obtido por levar uma vida familiar, da qual depende tudo. Aqueles que comem os restos de banquetes, depois de repartirem devidamente a comida de manhã e à noite entre os parentes, alcança resultados que são extremamente difíceis de alcançar. São chamados de comedores de restos de banquetes aqueles que comem depois de terem servido os convidados e deuses e Rishis e parentes. Portanto, as pessoas que são cumpridoras de seus próprios deveres praticam votos excelentes e são verdadeiras em palavras, se tornam objetos de grande respeito no mundo, com sua própria fé extremamente fortalecida. Livres de orgulho, aqueles realizadores

das mais difíceis façanhas alcançam o céu e vivem por tempo interminável nas regiões de Sakra.'"

"Arjuna continuou, 'Os ascetas então, ouvindo estas palavras que eram benéficas e repletas de retidão, abandonaram a religião da renúncia, dizendo, 'Não há nada nisto' e se dirigiram para uma vida familiar. Portanto, ó tu que estás familiarizado com a retidão, chamando para te ajudar aquela sabedoria eterna, governe o mundo vasto, ó monarca que está agora desprovido de inimigos.'"

12

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras de Arjuna, ó destruidor de inimigos, Nakula de braços poderosos e peito largo, moderado em palavras e possuidor de grande sabedoria, com um rosto cuja cor então parecia com aquela do cobre, olhou para o rei, aquela principal de todas as pessoas justas, e falou estas palavras, preocupando o coração de seu irmão (com justificação).'"

"Nakula disse, 'Os próprios deuses estabeleceram seus fogos na região chamada Visakha-yupa. Saiba, portanto, ó rei, que os próprios deuses dependem dos frutos da ação. (Isto é, os próprios deuses se tornaram assim pela ação.) Os Pitris, que sustentam, (pela chuva), as vidas até de todos os descrentes, observando as ordenanças (do Criador como declarado nos Vedas), estão, ó rei, engajados em ação. Conheça como rematados ateus aqueles que rejeitam a declaração dos Vedas (que inculca a ação). A pessoa que é erudita nos Vedas, por seguir suas declarações em todos os seus atos, alcança, ó Bharata, a mais elevada região do céu pelo caminho das divindades (o caminho pelo qual as divindades seguiram, a estrita observância dos ritos Védicos).

Este (modo de vida familiar também) é considerado por todas as pessoas conhecedoras das verdades Védicas como superior a todos os (outros) modos de vida. Sabendo disto, ó rei, a pessoa que em sacrifícios dá sua riqueza justamente adquirida para aqueles Brahmanas que são familiarizados com os Vedas, e reprime sua alma, é, ó monarca, considerada como um verdadeiro renunciante. Aquele, no entanto, que, desconsiderando (uma vida familiar, que é) a fonte de muita felicidade, pula para o próximo modo de vida, aquele renunciador de si mesmo, ó monarca, é um renunciante trabalhando sob a qualidade de ignorância. (Renunciador de si mesmo porque ele seca seu próprio corpo por negar alimento para si mesmo.) Aquele homem que não tem lar, que vaga pelo mundo (em suas rondas de mendicância), que tem a base de uma árvore como seu abrigo, que pratica o voto de taciturnidade, nunca cozinha para si mesmo, e procura reprimir todas as funções de seus sentidos, é, ó Partha, um renunciante na observância do voto de mendicância. Aquele Brahmana que, desconsiderando ira e alegria, e especialmente a falsidade, sempre emprega seu tempo no estudo dos Vedas, é um renunciante na observância do voto de mendicância. (Mas para um Kshatriya tal modo de vida seria pecaminoso). Os quatro diferentes modos de vida foram pesados na balança uma vez. Os sábios disseram, ó rei, que quando o modo de

vida familiar foi colocado em um prato da balança, foi preciso que os três outros fossem colocados no outro para equilibrá-la. Vendo o resultado deste exame por pesagem, ó Partha, e vendo além disso, ó Bharata, que somente a vida familiar contém ambos o céu e o prazer, este se tornou o caminho dos grandes Rishis e o refúgio de todas as pessoas conhecedoras dos caminhos do mundo. Aquele, portanto, ó touro da raça Bharata, que segue para este modo de vida, pensando que este é seu dever e abandonando todo o desejo por resultados, é um verdadeiro renunciante, e não o homem de compreensão nublada que vai para as florestas, abandonando o lar e seus arredores. Uma pessoa, também, que sob o hipócrita traje de virtude fracassa em esquecer seus desejos (mesmo enquanto vivendo nas florestas), é atado pelo Rei lúgubre da morte com seus grilhões mortais ao redor do pescoço. É dito que aquelas ações que são feitas por vaidade não produzem frutos. Aqueles atos, por outro lado, ó monarca, que são feitos com um espírito de renúncia, sempre dão frutos abundantes. Tranquilidade, autocontrole, fortaleza, verdade, pureza, simplicidade, sacrifícios, perseverança, e retidão, estas são sempre consideradas como as virtudes recomendadas pelos Rishis. Na vida familiar, é dito, há ações planejadas para os Pitris, deuses, e convidados. Somente neste modo de vida, ó monarca, o alvo triplo (religião, prazer e lucro) é atingido. O renunciante que adere rigidamente a este modo de vida, no qual uma pessoa está livre para fazer todas as ações, não tem que encontrar a ruína nem aqui nem no futuro. O impecável Senhor de todas as criaturas, de alma justa, criou as criaturas com a intenção de que elas o adorassem por meio de sacrifícios com presentes abundantes. Trepadeiras e árvores e ervas decíduas, e animais que são puros, e manteiga clarificada foram criados como ingredientes de sacrifício. Para alguém na observância da vida familiar o desempenho de sacrifícios é repleto de obstáculos. Por isto, aquele modo de vida é considerado extremamente difícil e inalcançável. As pessoas, portanto, na observância do modo de vida familiar que, possuidoras de riqueza e grãos e animais, não realizam sacrifícios, ganham, ó monarca, pecado eterno. Entre os Rishis, há alguns que consideram o estudo dos Vedas como um sacrifício, e alguns consideram que a contemplação é um grande sacrifício que eles realizam em suas mentes. Os próprios deuses, ó monarca, cobiçam a companhia de uma pessoa regenerada como esta, que por trilhar por tal caminho que consiste na concentração da mente se torna igual a Brahma. Por se recusar a gastar em sacrifício as diversas espécies de riqueza que tu tiraste dos teus inimigos, tu estás somente expondo tua falta de fé. Eu nunca vi, ó monarca, um rei na prática da vida familiar renunciando à sua riqueza de alguma outra maneira qualquer exceto no Rajasuya, no Astwamedha, e em outros tipos de sacrifícios. Como Sakra, o chefe dos celestiais, ó senhor, realize aqueles outros sacrifícios que são elogiados pelos Brahmanas. É dito do rei por cuja negligência os súditos são arrastados por ladrões, e que não oferece proteção àqueles a quem ele deve governar, que ele é a própria encarnação de Kali. Se, sem dar corcéis, e vacas, e escravas mulheres, e elefantes enfeitados com arreios ricamente enfeitados, e aldeias, e regiões populosas, e campos, e casas, aos Brahmanas, nós nos retirarmos para as florestas com corações não nutrindo sentimentos afetuosos pelos parentes, nós seremos, ó monarca, tais Kalis da classe real. Aqueles membros da ordem real que não praticam a caridade e nem dão proteção (aos outros) incorrem em

pecado. A dor é sua sina no futuro e não felicidade. Se, ó senhor, sem realizar grandes sacrifícios nem os ritos em honra dos teus antepassados falecidos, e sem te banhar em águas sagradas, tu seguires uma vida errante, tu então encontrarás a destruição como uma nuvem pequena separada de uma massa e diluída pelos ventos. Tu então cairás de ambos os mundos e terás que tomar nascimento na classe Pisacha. Uma pessoa se torna um verdadeiro renunciante por rejeitar todas as atrações internas e externas, e não simplesmente por abandonar o lar para residir nas florestas. Um Brahmana que vive na prática destas ordenanças nas quais não há impedimentos, não cai deste ou do outro mundo. Cumpridor dos deveres de sua própria ordem, deveres respeitados pelos antigos e praticados pelos melhores dos homens, o que há, ó Partha, para se afligir, ó rei, por ter matado em um instante em batalha seus inimigos cheios de prosperidade, como Sakra matando as forças armadas dos Daityas? Tendo na observância dos deveres Kshatriya subjugado o mundo pela ajuda da tua destreza, e tendo feito presentes para pessoas conhecedoras dos Vedas, tu podes, ó monarca, ir para regiões mais altas do que o céu. Não cabe a ti, ó Partha, te entregar à aflição."

13

"Sahadeva disse, 'Por rejeitar somente os objetos externos, ó Bharata, alguém não alcança o sucesso. Até por rejeitar as atrações mentais a obtenção de sucesso é incerta. Que aquele mérito religioso e aquela felicidade que são daquele que rejeitou os objetos externos mas cuja mente ainda os cobiça internamente seja a porção de nossos inimigos! Por outro lado, que o mérito religioso e a felicidade que são daquele que governa a terra, tendo rejeitado todas as ligações internas também, seja a porção de nossos amigos. A palavra mama (meu), consistindo em duas letras (no sânscrito as vogais estão ocultas), é a própria Morte; enquanto a palavra oposta na-mama (não meu), consistindo em três letras, é o eterno Brahma. (Tudo o que vem do egoísmo produz a morte, enquanto que tudo o que vem de um estado de mente oposto a este conduz à Brahma ou imortalidade). Brahma e morte, ó rei, entrando invisivelmente em cada alma, sem dúvida, fazem todas as criaturas agirem. Se este ser, ó Bharata, que é chamado de Alma, nunca está sujeito à destruição, então por destruir os corpos das criaturas uma pessoa não pode ser culpada de matar. Se, por outro lado, a alma e o corpo de um ser são nascidos e destruídos juntos, e quando o corpo é destruído a alma também é destruída, então o caminho (prescrito nas escrituras) de ritos e ações seria inútil. Portanto, afastando todas as dúvidas acerca da imortalidade da alma, o homem de inteligência deve adotar o caminho que foi trilhado pelos virtuosos dos tempos antigos e mais antigos. É certamente inútil a vida do rei que tendo adquirido a terra inteira com suas criaturas móveis e imóveis não desfruta dela. Em relação ao homem que vive na floresta de frutas e raízes selvagens, mas cuja atração pelas coisas da terra não cessou, tal homem, ó rei, vive dentro das mandíbulas da Morte. Veja, ó Bharata, os corações e as formas externas de todas as criaturas como as tuas próprias manifestações. Aqueles que cuidam de todas as criaturas como de si mesmas escapam do grande medo (da

destruição). Tu és meu rei, tu és meu protetor, tu és meu irmão, e tu és meu superior e preceptor. Cabe a ti, portanto, perdoar estas declarações incoerentes em tristeza de uma pessoa tomada pela angústia. Verdadeiro ou falso, isto que foi proferido, ó senhor da terra, foi proferido por um devido respeito por ti, ó melhor dos Bharatas, que eu tenho!"'

14

Vaisampayana disse, "Quando o filho de Kunti, o rei Yudhishthira, o justo, permaneceu silencioso depois de escutar seus irmãos que estavam dizendo estas verdades dos Vedas, aquela principal das mulheres, Draupadi, de olhos grandes e grande beleza, e descendência nobre, ó monarca, disse estas palavras àquele touro entre reis sentado no meio de seus irmãos que pareciam muitos leões e tigres, e como o líder no meio de uma manada de elefantes. Sempre expectante de saudações carinhosas de todos os seus maridos mas especialmente de Yudhishthira, ela era sempre tratada com afeição e indulgência pelo rei. Conhecedora dos deveres e cumpridora deles na prática, aquela dama de quadris largos, olhando para seu marido, desejou sua atenção em palavras calmantes e gentis e falou o seguinte.

Draupadi disse, 'Estes teus irmãos, ó Partha, estão chorando e secando seus palatos como chatakas mas tu não os alegras. Ó monarca, alegre estes teus irmãos, que parecem elefantes enfurecidos (em bravura), com palavras apropriadas, estes heróis que sempre beberam do cálice da miséria. Por que, ó rei, enquanto vivendo ao lado do lago Dwaita, tu disseste a estes teus irmãos então residindo contigo, e sofrendo com o frio e o vento e o sol, estas palavras: 'Avançando para a batalha pelo desejo de vitória, nós mataremos Duryodhana e desfrutaremos da terra que é capaz de conceder todos os desejos. Privando grandes guerreiros em carros de seus carros e matando elefantes enormes, e cobrindo o campo de batalha com os corpos de guerreiros em carros e cavaleiros e heróis, ó castigadores de inimigos, nós realizaremos sacrifícios grandiosos de diversos tipos com presentes em profusão. Todos estes sofrimentos, devido a uma vida de exílio nas florestas, então terminarão em felicidade.' Ó principal de todos os praticantes de virtude, tendo tu mesmo então dito estas palavras para teus irmãos, por que, ó herói, tu deprimes nossos corações agora? Um eunuco nunca pode desfrutar de riqueza. Um eunuco nunca pode ter filhos assim como não pode haver um peixe em um lodo (desprovido de água). Um Kshatriya sem a vara de castigo nunca pode brilhar. Um Kshatriya sem a vara de castigo nunca pode desfrutar da terra. Os súditos de um rei que não tem a vara de castigo nunca podem ter felicidade. Amizade por todas as criaturas, caridade, estudo dos Vedas, penitências, estes constituem os deveres de um Brahmana e não de um rei, ó melhor dos reis! Reprimir os maus, apreciar os honestos, e nunca se retirar da batalha, estes são os maiores deveres dos reis. É considerado como conhecedor dos deveres aquele em quem há perdão e ira, doação e tomada, medo e destemor, e castigo e recompensa. Não foi por estudo, ou doação, ou mendicância que tu adquiriste a terra. Aquele exército do inimigo, ó herói,

preparado para irromper sobre ti com todo o seu poder, abundando com elefantes e cavalos e carros, forte com três tipos de força (a força que depende do mestre, aquela que depende de bons conselhos, e a que depende da força e coragem dos próprios homens), protegido por Drona e Karna e Aswatthaman e Kripa, foi derrotado e morto por ti, ó herói! É por isso que eu te peço para desfrutar da terra. Antigamente, ó poderoso, tu, ó monarca, dominaste com poder (literalmente: subjugaste com a vara de castigo), a região chamada Jambu, ó tigre entre homens, cheia de regiões populosas. Tu também, ó soberano de homens, dominaste com poder aquela outra região chamada Kraunchadwipa situada no oeste do grande Meru e igual ao próprio Jambu dwipa. Tu subjugaste com poder, ó rei, aquela outra região chamada Sakadwipa no leste do grande Meru e igual ao próprio Krauncha dwipa. A região chamada Bhadraswa, no norte do grande Meru e igual a Sakadwipa foi também dominada por ti, ó tigre entre homens! Tu até penetraste no oceano e dominaste outras regiões, também, ó herói, e as próprias ilhas cercadas pelo oceano e contendo muitas províncias populosas. Tendo, ó Bharata, realizado tais façanhas incomensuráveis, e tendo obtido (através delas) as adorações dos Brahmanas, como é que tua alma não está satisfeita? Vendo estes teus irmãos diante de ti, ó Bharata, estes heróis cheios de poder e parecendo com touros ou elefantes enfurecidos (em bravura), porque tu não te diriges a eles em palavras aprazíveis? Todos vocês são como celestiais. Todos vocês são capazes de resistir a inimigos. Todos vocês são competentes para chamuscar seus inimigos. Se somente um de vocês tivesse se tornado meu marido, minha felicidade mesmo assim teria sido muito grande. O que eu preciso dizer então, ó tigres entre homens, quando todos vocês cinco são meus maridos, (e olham por mim) como os cinco sentidos inspirando o corpo físico? As palavras de minha sogra que é possuidora de grande conhecimento e previdência não podem ser falsas. Dirigindo-se a mim ela disse, 'Ó princesa de Panchala, Yudhishthira sempre manterá você em felicidade, ó dama excelente!' Tendo matado muitos milhares de reis possuidores de destreza ativa, eu vejo, ó monarca, que por tua insensatez tu estás prestes a tornar aquele feito inútil. Aqueles cujo irmão mais velho se torna louco, o seguem todos na loucura. Pela tua loucura, ó rei, todos os Pandavas estão prestes a ficarem loucos. Se, ó monarca, estes teus irmãos estivessem em seus juízos, eles teriam então te prendido com todos os incrédulos (em uma prisão) e tomado sobre si mesmos o governo da terra. A pessoa que por estupidez de intelecto age desta maneira nunca consegue ganhar prosperidade. O homem que trilha o caminho da loucura deve ser submetido a um tratamento médico pela ajuda de incenso e colírio, de remédios aplicados pelo nariz, e de outros medicamentos. Ó melhor dos Bharatas, eu sou a pior de todas aquelas do meu sexo, já que eu desejo continuar a viver embora eu esteja privada de meus filhos. Tu não deves desconsiderar as palavras faladas por mim e por estes teus irmãos que estão se esforçando dessa maneira (para te dissuadir do teu propósito). De fato, abandonando a terra inteira, tu estás convidando adversidade e perigo a virem sobre ti. Tu brilhas agora, ó monarca, assim como aqueles dois melhores dos reis, Mandhatri e Amvarisha, respeitados por todos os senhores da terra, nos tempos passados. Protegendo teus súditos justamente, governe a deusa Terra com suas montanhas e florestas e ilhas. Não fique desanimado, ó rei. Adore os deuses em diversos sacrifícios. Lute com teus

inimigos. Faça doações de riqueza e roupas e outros objetos de prazer para os Brahmanas, ó melhor dos reis!'"

15

Vaisampayana disse, "Ouvindo estas palavras da filha de Yajnasena, Arjuna falou mais uma vez, mostrando respeito apropriado por seu irmão mais velho de braços poderosos e glória imorredoura.'"

"Arjuna disse, 'O homem armado com a vara de castigo governa todos os seus súditos e os protege. O vara de castigo está desperta quando tudo mais está adormecido. Por isto, os sábios caracterizaram a vara de castigo como a própria Justiça. A vara de castigo protege Justiça e Lucro. Ela protege também, ó rei! Por isto, a vara de castigo é identificada com o objetivo triplo da vida. Grãos e riquezas são ambos protegidos pela vara de castigo. Sabendo disto, ó tu que és possuidor de erudição, tome a vara de castigo e observe o rumo do mundo. Uma classe de homens pecaminosos desiste de pecar por medo da vara de castigo nas mãos do rei. Outra classe desiste de ações parecidas por medo da vara de Yama, e ainda outra por medo do mundo seguinte. Outra classe de pessoas desiste das ações pecaminosas por medo da sociedade. Assim, ó rei, neste mundo, cujo curso é tal, tudo é dependente da vara de castigo. Há uma classe de pessoas que são impedidas de devorarem umas às outras somente pela vara de castigo. Se a vara de castigo não protegesse as pessoas, elas afundariam na escuridão do inferno. A vara de castigo (danda) foi assim nomeada pelos sábios porque ela reprime os indisciplinados e pune os maus. A punição de Brahmanas deve ser pela palavra da boca, (censura); de Kshatriyas, por dar a eles somente o alimento que baste o sustento da vida (tirando todas as suas posses); de Vaisyas, pela imposição de multas e confisco de propriedades, enquanto que para Sudras praticamente não há punição, (pois eles não possuem riquezas e a prestação de serviços já é seu dever, apesar disso, trabalho duro pode ser imposto a ele). Para manter os homens alertas (aos seus deveres) e para a proteção da propriedade, ordenanças, ó rei, foram estabelecidas no mundo, sob o nome de castigo (ou legislação punitiva). Onde o castigo, de cor escura e olhos vermelhos, permanece em uma atitude de prontidão (para atacar todo transgressor) e o rei tem uma visão correta, os súditos nunca esquecem eles mesmos. O Brahmacharin e o chefe de família, o recluso na floresta e o mendicante religioso, todos estes seguem seus respectivos caminhos somente pelo medo do castigo. Aquele que não tem nenhum medo, ó rei, nunca realiza um sacrifício. Aquele que não tem medo nunca faz doações. O homem que não tem qualquer medo nunca deseja aderir a qualquer compromisso ou pacto. Sem perfurar os órgãos vitais de outros, sem realizar os feitos mais difíceis e sem matar criaturas como um pescador (matando peixes), nenhuma pessoa pode obter grande prosperidade. (Um pescador que não matasse peixes não teria alimento.) Sem matar, nenhum homem foi capaz de alcançar fama neste mundo ou adquirir riqueza ou súditos. O próprio Indra, por matar Vritra, se tornou o grande Indra. Aqueles entre os deuses que são dados a massacrar outros são muito mais adorados pelos homens. Rudra, Skanda, Sakra, Agni, Varuna, são

todos matadores. Kala e Mrityu e Vayu e Kuvera e Surya, os Vasus, os Maruts, os Sadhyas, e os Viswadevas, ó Bharata, são todos matadores. Humilhadas por sua destreza, todas as pessoas se curvam àqueles deuses, mas não a Brahman ou Dhatri ou Pushan em qualquer tempo. Somente poucos homens que são de disposição nobre adoram em todas as suas ações aqueles entre os deuses que são dispostos igualmente para com todas as criaturas e são autocontrolados e pacíficos. Eu não vejo a criatura neste mundo que sustente a vida sem fazer qualquer ato de injúria para outros. Animais vivem de animais, os mais fortes dos mais fracos. O mangusto devora ratos; o gato devora o mangusto; o cachorro devora o gato; o cachorro é devorado pelo leopardo pintado. E todas as coisas são também devoradas pelo Destruidor quando ele chega! Este universo móvel e imóvel é alimento para as criaturas vivas. Isto foi ordenado pelos deuses. O homem de conhecimento, portanto, nunca fica perplexo por isto. Cabe a ti, ó grande rei, te tornar aquilo que tu és por nascimento. Somente (Kshatriyas) tolos, reprimindo ira e alegria, se refugiam nas florestas. Os próprios ascetas não podem manter suas vidas sem matar criaturas. Na água, sobre a terra, e nas frutas, há inúmeras criaturas. Não é verdade que uma pessoa não as mata. Qual dever maior há do que manter a vida? (Se em manter a vida uma pessoa mata essas criaturas, ela de nenhuma maneira comete pecado.) Há muitas criaturas que são tão minúsculas que sua existência somente pode ser inferida. Com a queda das pálpebras somente, elas são destruídas. Há homens que, subjugando ira e orgulho se dirigem para rumos ascéticos de vida e deixando aldeias e cidades vão para as florestas. Chegados lá, aqueles homens podem ser vistos tão perplexos a ponto de adotarem o modo de vida familiar mais uma vez. Outros podem ser vistos, que (no cumprimento da vida familiar) cultivando a terra, arrancando ervas, cortando árvores e matando aves e animais, realizam sacrifícios e finalmente alcançam o céu. Ó filho de Kunti, eu não tenho dúvida de que as ações de todas as criaturas se tornam coroadas com sucesso somente quando a política do castigo é devidamente aplicada. Se o castigo fosse abolido do mundo, as criaturas logo seriam destruídas. Como peixes na água, animais mais fortes matam os mais fracos para servirem de alimento. Esta verdade foi antigamente falada pelo próprio Brahmana, isto é, que a punição devidamente aplicada mantém criaturas. Veja, os próprios fogos, quando extinguidos, resplandecem novamente, em terror, quando soprados. Isto é devido ao medo da força ou castigo. Se não houvesse castigo no mundo distinguindo o bom do mau, então o mundo inteiro estaria envolvido em completa maldade e todas as coisas estariam confusas. Mesmo aqueles que são quebradores de regras, que são ateus e zombadores dos Vedas, afligidos pelo castigo, logo se tornam dispostos a cumprir as regras e restrições. Todos neste mundo são mantidos corretos pelo castigo. Uma pessoa naturalmente pura e justa é rara. Cedendo ao medo da punição, o homem se torna disposto a cumprir regras e restrições. O castigo foi ordenado pelo próprio Criador para proteger religião e lucro, para a felicidade de todas as quatro classes, e para fazê-las corretas e modestas. Se o castigo não pudesse inspirar medo, então corvos e animais predadores comeriam todos os outros animais e homens e a manteiga clarificada destinada para sacrifício. Se o castigo não sustentasse e protegesse, então ninguém estudaria os Vedas, ninguém ordenharia uma vaca leiteira, e nenhuma donzela se casaria (a vaca leiteira se permite ser ordenhada somente pelo medo

do castigo, e donzelas também se casam, sem praticarem o amor livre, por medo do castigo pelo rei, sociedade, ou Yama no mundo seguinte). Se o castigo não sustentasse e protegesse, então devastação e confusão teriam se manifestado por todos os lados, e todas as barreiras teriam sido varridas, e a idéia de propriedade teria desaparecido. Se o castigo não sustentasse e protegesse, o povo nunca realizaria devidamente sacrifícios anuais com grandes presentes. Se o castigo não sustentasse e protegesse, ninguém, qualquer que fosse o modo de vida ao qual pertencesse, cumpriria os deveres daquele modo como declarados (nas escrituras), e ninguém conseguia adquirir conhecimento. (Se isso não corresponde à grosseria da doutrina 'poupe a vara e arruíne a criança', pelo menos é evidente que o medo de ser considerado um burro e um tolo e incorrer no ridículo ou desagrado do tutor e condiscípulos induz uma pessoa a adquirir conhecimento.) Nem camelos, nem bois, nem cavalos, nem mulas, nem jumentos iriam, mesmo se atrelados, arrastar carros e carruagens, se o castigo não sustentasse e protegesse. Do castigo dependem todas as criaturas. Os eruditos, portanto, dizem que o castigo é a base de tudo. Do castigo depende o céu que os homens desejam, e dele depende este mundo também. Onde o castigo destruidor de inimigo é bem aplicado, nenhum pecado, nenhuma fraude, e nenhuma maldade é vista. Se a vara de castigo não fosse erguida, o cachorro lamberia a manteiga sacrifical. O corvo também levaria a primeira oferenda (sacrifical), se a vara não fosse mantida erguida. Justamente ou injustamente este reino agora se tornou nosso. Nosso dever agora é abandonar a aflição. Portanto, desfrute deste (reino) e realize sacrifícios. Homens que são afortunados, vivendo com suas queridas esposas (e filhos), comem boa comida, usam roupas excelentes, e adquirem virtude alegremente. Todas as nossas ações, sem dúvida, dependem da riqueza; e aquela riqueza também é dependente do castigo. Veja, portanto, a importância do castigo. Os deveres foram declarados somente para a manutenção das relações do mundo. Há duas coisas aqui, isto é, abstenção de ferir e ferir incitado por motivos justos. Destes dois, é superior aquele pelo qual a virtude possa ser adquirida. (É melhor matar o tigre que invadiu o pasto do que permanecer quieto por medo de ferir aquele animal predador e cometer pecado. Pois naquela morte há mérito, porque se não fosse morto o animal mataria as vacas diante dos olhos do espectador e o último incorreria em pecado por testemunhar a visão passivamente. Para ser mais geral, Arjuna diz que é melhor ferir por motivos corretos do que não ferir por medo do pecado.) Não há ato que seja totalmente meritório, nem algum que seja totalmente mau. Certos ou errados, em todos os atos alguma coisa de ambos é vista. Submetendo animais à castração, seus chifres também são cortados. Eles são então obrigados a suportar pesos, são amarrados e castigados. Neste mundo que é insubstancial e decaído com abusos e tornado doloroso, ó monarca, pratique os antigos costumes dos homens, seguindo as regras e analogias citadas acima. Realize sacrifícios, dê esmolas, proteja teus súditos, e pratique a justiça. Mate teus inimigos, ó filho de Kunti, e proteja teus amigos. Que o desânimo não seja teu, ó rei, enquanto matando inimigos. Aquele que faz isso, ó Bharata, não incorre no menor pecado. Aquele que pega uma arma e mata um inimigo armado avançando contra ele não incorre no pecado de matar um feto, pois é a ira do inimigo atacante que provoca a ira do matador. A alma interna de toda criatura não pode ser morta. Quando a

alma não pode ser morta, como então alguém pode ser morto por outro? Como uma pessoa entra em uma casa nova, assim mesmo uma criatura entra em corpos sucessivos. Abandonando formas que estão desgastadas, uma criatura adquire novas formas. As pessoas capazes de ver a verdade consideram essa transformação como a morte.'"

16

Vaisampayana disse, "Depois da conclusão do discurso de Arjuna, Bhimasena de grande ira e energia, reunindo toda a sua paciência, disse estas palavras para seu irmão mais velho, 'Tu és, ó monarca, conhecedor de todos os deveres. Não há nada desconhecido para ti. Nós sempre desejamos imitar tua conduta, mas, ai, nós não podemos fazer isso! 'Eu não direi nada! Eu não direi nada!' Isso mesmo era o que eu desejava! Impelido, no entanto, por grande aflição eu sou obrigado a dizer alguma coisa. Escute estas minhas palavras, ó soberano de homens! Pela estupefação das tuas faculdades tudo está posto em perigo, e nós mesmos estamos ficando desanimados e fracos. Como é que tu que és o soberano do mundo, que és familiarizado com todos os ramos de conhecimento, permites que tua compreensão seja nublada pela tristeza, como um covarde? Os caminhos justos e injustos do mundo são conhecidos por ti. Não há nada pertencente ao futuro ou ao presente que seja também desconhecido para ti, ó poderoso! Quando tal é o caso, ó monarca, eu indicarei, ó soberano de homens, as razões a favor de nós assumirmos a soberania. Ouça-me com total atenção. Há dois tipos de doenças, físicas e mentais. Uma surge da outra. Nenhuma delas pode ser vista existindo independentemente. Sem dúvida, doenças mentais surgem das físicas. Da mesma maneira doenças físicas provêm das mentais. Esta é a verdade. Aquele que se entrega a desgostos por causa de sofrimentos passados físicos ou mentais colhe dor da dor e sofre dor em dobro. Frio, calor, e vento, estes três são os atributos do corpo (de outra maneira chamados muco, bile, e gases). Sua existência em harmonia é sinal de saúde. Se um dos três prevalece sobre o resto, remédios são prescritos. O frio é controlado pelo calor, e o calor é controlado pelo frio. Bondade, paixão, e ignorância são os três atributos da mente. A existência destes três em harmonia é sinal de saúde (mental). Se um destes prevalece sobre o resto, remédios são prescritos. Aflição é controlada pela alegria, e alegria é controlada pela aflição. Uma pessoa, vivendo no atual desfrute de felicidade, deseja se lembrar de suas dores passadas. Outra, vivendo no presente sofrendo aflição, deseja se lembrar de sua felicidade passada. Tu, no entanto, nunca foste triste na dor ou contente na felicidade. (Isto é, tu foste sempre superior à alegria e aflição e nunca te permitiste ser jubiloso com alegria ou abatido pela tristeza). Tu não deves, portanto, usar tua memória para ficar triste durante tempos de felicidade, ou contente durante tempos de tristeza. Parece que o Destino é todo poderoso. Ou, se esta for tua natureza, pela qual tu estás assim aflito, como é que tu não te lembras da visão que tiveste antes, de Krishna precariamente vestida sendo arrastada, em seu período, perante a assembléia? (Se é da tua natureza relembrar as angústias em tempos alegres, porque tu não te lembras do insulto à

tua esposa? Esta lembrança te encherá de raiva e te convencerá de que ao matar teus inimigos, que a insultaram, tu agiste muito apropriadamente). Por que tu não te lembras da nossa expulsão da cidade (Kuru) e do nosso exílio (nas florestas), vestidos em camurças, como também da nossa vida nas grandes florestas? Por que tu te esqueceste das aflições infligidas por Jatasura, da batalha com Chitrasena, e da angústia sofrida nas mãos do rei Sindhu? Por que tu te esqueceste do chute recebido pela princesa Draupadi de Kichaka enquanto nós estávamos vivendo em segredo? Um batalha violenta, ó destruidor de inimigos, como aquela que tu lutaste com Bhishma e Drona está agora diante de ti, para ser lutada (no entanto) somente com tua mente. De fato, está agora à tua frente aquela batalha na qual não há necessidade de setas, de amigos, de parentes e partidários, mas a qual terá que ser lutada só com tua mente. Se tu abandonares teu ar vital antes de vencer nesta batalha, então, assumindo outro corpo, tu terás que lutar com estes mesmos inimigos novamente. (Por teu abandono de prosperidade e reino e, portanto, dos meios de efetuar tua salvação por meio de sacrifícios e doações e outros atos de piedade, tu terás que renascer e recomeçar esta batalha mental com tuas dúvidas.) Portanto, lute esta batalha hoje mesmo, ó touro da raça Bharata, desconsiderando o que diz respeito ao teu corpo, e ajudado pelas tuas próprias ações, conquiste e te identifique com o inimigo da tua mente. (Yudhishthira deve se identificar com sua própria alma, pois é a alma que é seu inimigo e com a qual ele está lutando. Tal conquista e identificação implica na cessação da batalha e, daí, na obtenção de tranquilidade.) Se tu não podes vencer esta batalha, qual será tua condição? Por outro lado, ao vencê-la, ó monarca, tu terás alcançado o grande objetivo da vida. Aplicando teu intelecto a isto, e averiguando os caminhos corretos e errados das criaturas, siga o rumo adotado pelo teu pai antes de ti e governe teu reino apropriadamente. Por boa sorte, ó rei, o pecaminoso Duryodhana foi morto com todos os seus seguidores. Por boa sorte, tu também obtiveste a condição das madeixas de Draupadi. (Tu as restauraste à condição normal, pois ela tinha mantido os cabelos desgrenhados desde que eles haviam sido agarrados por Duhsasana. Depois da morte dos Kurus, aqueles cabelos foram amarrados para cima como antes, ou restaurados à sua condição normal.) Realize com os ritos devidos e presentes abundantes o Sacrifício de Cavalo. Nós somos teus servos, ó filho de Pritha, como também Vasudeva de grande energia!'"

17

"Yudhishthira disse, 'Descontentamento, atração descuidada por bens mundanos, ausência de tranquilidade, poder, insensatez, vaidade, e ansiedade, afetado por estes pecados, ó Bhima, tu cobiças soberania. Livre do desejo, prevalecendo sobre alegria e tristeza e obtendo tranquilidade, te esforce para ser feliz. Aquele monarca sem igual que governará esta terra ilimitada terá somente um estômago. Por que então tu louvas este modo de vida? Os desejos de uma pessoa, ó touro da raça Bharata, não podem ser saciados em um dia, ou em muitos meses. O desejo, o qual é incapaz de ser satisfeito, não pode, de fato, ser

saciado no curso de toda uma vida. O fogo, quando alimentado com combustível, se inflama; quando não assim alimentado, ele é extinto. Portanto, extinga com pouca comida o fogo no teu estômago quando ele aparece. Aquele que é privado de sabedoria procura muita comida para seu estômago. Conquiste teu estômago primeiro. (Tu então serás capaz de conquistar a Terra). A terra estando conquistada, aquilo que é para o teu bem permanente então será obtido por ti. Tu louvas desejos e prazeres e prosperidade. Aqueles, no entanto, que renunciaram a todos os prazeres e reduziram seus corpos por meio de penitências alcançam regiões de beatitude. A aquisição e conservação do reino estão ligadas à justiça e injustiça. O desejo por elas existe em ti. Liberte-se, no entanto, das tuas grandes cargas, e adote a renúncia. O tigre, para encher seu estômago, mata muitos animais. Outros animais desprovidos de força e movidos pela cobiça vivem das presas do tigre. (O tigre de Bengala age como um pescador para animais e homens. Quando um tigre sai em uma expedição de pesca, o que ele usualmente faz é apanhar peixes grandes de rios rasos e jogá-los em direção à terra para longe da beira d'água. O pobre animal é muito frequentemente seguido, sem perceber, por animais carnívoros menores, e às vezes por bandos de pescadores. Eu tenho visto grandes peixes com as marcas das garras do tigre sobre eles expostos para venda em um mercado de aldeia.) Se reis, aceitando posses mundanas, praticarem a renúncia, eles nunca poderão ter contentamento. Veja a perda de discernimento que é visível neles. Na realidade, no entanto, aqueles que vivem de folhas de árvores, ou usam somente duas pedras ou seus dentes para descascar seus grãos, ou vivem só da água ou do ar, conseguem conquistar o inferno. (A menos que reis realizem tais penitências eles não podem escapar do inferno. Tais penitências, no entanto, são impossíveis para eles enquanto eles estiverem no meio de luxos. Aceitar riqueza e não usá-la, portanto, é impraticável.) O rei que governa esta terra ilimitada, e a pessoa que considera ouro e seixos igualmente, entre estes dois, o último é citado como o que alcançou o objetivo de sua vida e não o primeiro. Dependendo, portanto, daquilo que é o eterno refúgio de alegria neste mundo e após a morte, pare de agir e de ter expectativas com relação aos teus desejos e cesse de ter atração por eles. Quem desistiu do desejo e prazer nunca tem que sofrer. Tu, no entanto, te afliges por prazeres. (Isto é, tu não estás livre do desejo). Rejeitando desejo e prazer, tu podes conseguir te libertar do falso discurso. (O falso discurso, neste caso, consiste em se declarar como realmente desapegado enquanto desfrutando de riqueza e poder, isto é, a declaração hipócrita de renúncia no meio de luxos. Como já dito por Yudhishthira, tal renúncia é impraticável.) Há dois caminhos bem conhecidos (por nós), o caminho dos Pitris e o caminho dos deuses. Aqueles que realizam sacrifícios vão pelo caminho dos Pitris, enquanto os que são pela salvação vão pelo caminho dos deuses. (O caminho dos Pitris significa o curso de ritos Védicos pelos quais uma pessoa obtém felicidade futuramente. O caminho dos deuses significa o abandono dos ritos religiosos por contemplação e conduta piedosa). Por penitências, por Brahmacharya, por estudo (dos Vedas), os grandes Rishis, abandonando seus corpos, procedem para regiões que estão acima do poder da Morte. Os prazeres mundanos têm sido intitulados como vínculos. Eles também são chamados de Ação. Livre daqueles dois pecados (vínculos e ação), uma pessoa alcança o fim mais sublime. É mencionado um verso cantado (nos tempos antigos) por Janaka

que era livre dos pares de opostos, livre de desejo e prazeres, e praticante da religião de Moksha. O verso é assim: 'Meus tesouros são imensos, contudo eu não tenho nada! Além disso se Mithila inteiro fosse queimado e reduzido a cinzas, nada meu seria queimado!' Como uma pessoa no topo de uma colina olha para baixo sobre os homens na planície, assim aquele que subiu no topo da mansão do conhecimento vê as pessoas se afligindo por coisas que não requerem aflição. Quem, no entanto, tem uma inteligência superficial, não vê isto. Aquele que, olhando para as coisas visíveis, realmente as vê, é citado como tendo visão e compreensão. A faculdade chamada de compreensão é assim chamada por causa do conhecimento e compreensão que ela dá de coisas desconhecidas e incompreensíveis. Aquele que conhece as palavras de pessoas que são eruditas, que são de almas purificadas, e que alcançaram a um estado de Brahma, conseguem obter honras grandiosas. Quando uma pessoa vê que criaturas de infinita diversidade são todas uma e a mesma, e que são somente emanações diversificadas da mesma essência, então ela é considerada como tendo alcançado Brahma. (O fato é, a unificação da variedade infinita e sua identificação com a Alma Suprema é obtenção de Brahma. Uma pessoa, portanto, que alcançou Brahma cessa de se considerar como separada do resto do universo. O Egoísmo, a fonte do pecado e injúria, desaparece dela.) Aqueles que alcançam este estado elevado de cultura alcançam aquele objetivo supremo e bem-aventurado, e não aqueles que não têm conhecimento, ou aqueles que têm almas pequenas e estreitas, ou que são desprovidos de discernimento, ou que não fazem penitências. De fato, tudo depende da compreensão (desenvolvida)!'"

18

Vaisampayana disse, "Quando Yudhishthira, depois de dizer estas palavras, ficou silencioso, Arjuna, afligido por aquele discurso do rei, e queimando de tristeza e aflição, se dirigiu novamente a seu irmão mais velho, dizendo, 'O povo conta esta história antiga, ó Bharata, acerca da conversa entre o soberano dos Videhas e sua rainha. Aquela história se refere às palavras que a cônjuge aflitíssima do soberano dos Videhas disse para seu marido quando o último, abandonando seu reino, tinha resolvido levar uma vida de mendicância. Rejeitando riqueza e filhos e esposas e posses preciosas de várias espécies e o caminho consagrado para adquirir mérito religioso e o próprio fogo (isto é, sacrifício), o rei Janaka raspou sua cabeça (e assumiu o traje de um mendicante). Sua querida cônjuge o viu privado de riqueza, instalado na observância do voto de mendicância, resolvido a se abster de infligir qualquer tipo de dano a outros, livre de todos os tipos de vaidade, e disposto a subsistir de um punhado de cevada caído do caule e obtido por apanhar os grãos de fendas no campo. Aproximando-se de seu marido em uma hora quando ninguém estava com ele, a rainha, dotada de grande força mental, sem medo e em cólera, disse a ele estas palavras repletas de razão: 'Por que tu adotaste uma vida de mendicância, abandonando teu reino cheio de riqueza e grãos? Um punhado de cevada caída não pode ser apropriado para ti. Tua resolução não corresponde aos teus atos, já que

abandonando teu grande reino tu cobiças, ó rei, um punhado de grãos! Com este punhado de cevada, ó rei, tu conseguirás satisfazer teus convidados, deuses, Rishis e Pitris? Este teu trabalho, portanto, é inútil. Ai, abandonado por todos estes: deuses, convidados e Pitris, tu levas uma vida de mendicância errante, ó rei, tendo rejeitado toda a ação. Tu eras, antes disto, o sustentador de milhares de Brahmanas versados nos três Vedas e de muito mais além desses. Como tu podes desejar mendigar deles tua própria comida hoje? Abandonando tua prosperidade resplandecente, tu olhas em volta como um cachorro (em busca de seu alimento). Tua mãe foi hoje feita sem filhos por ti, e tua esposa, a princesa de Kosala, uma viúva. Estes Kshatriyas desamparados, expectantes de resultados e méritos religiosos, te servem, colocando todas as suas esperanças em ti. Por matar aquelas esperanças deles, para quais regiões tu irás, ó rei, especialmente quando a salvação é duvidosa e as criaturas dependem das ações? Pecaminoso como tu és, tu não tens nem este mundo nem o outro, já que tu desejas viver, tendo rejeitado tua esposa. (Uma esposa é a companheira dos atos religiosos de um homem.) Por que, de fato, tu levas uma vida de mendicância errante, te abstendo de todas as ações, depois de ter abandonado guirlandas e perfumes e ornamentos e mantos de diversos tipos? Tendo sido, como tu eras, um grande e sagrado lago para todas as criaturas, tendo sido uma árvore imensa digna de adoração e concedendo seu abrigo a todos, ai, como tu podes servir e adorar outros? Se até um elefante que desiste de todo o trabalho é comido inteiro por criaturas carnívoras vindo em bandos e inúmeros vermes, o que dizer de ti então que és tão fraco? (Tu não deves, portanto, abandonar a ação.) Como pode o teu coração se fixar neste modo de vida que recomenda uma panela de barro, e um bastão de três cabeças, e que força uma pessoa a abandonar suas próprias roupas e que permite a aceitação de somente um punhado de cevada depois do abandono de tudo? Se, além disso, tu dizes que o reino e um punhado de cevada são o mesmo para ti, então por que tu abandonaste o primeiro? Se, também, um punhado de cevada se torna um objeto de atração para ti, então tua decisão original (de abandonar tudo) cai por terra. Se tu ages de acordo com tua resolução de abandonar tudo, então quem sou eu para ti, quem és tu para mim, e qual pode ser tua graça para mim? (Se uma pessoa pode realmente agir de acordo com sua decisão de renúncia completa a tudo, então aquela pessoa permanece sozinha no meio do mundo, e ele é de ninguém, e ninguém é dele. Daí, ele não pode ficar satisfeito nem insatisfeito com alguém. O abandono do rei Janaka, portanto, de esposa e reino, é inconsistente com aquela renúncia perfeita ou retraimento do eu dentro do eu. Ele pode continuar a desfrutar de suas posses sem ser apegado ou afetado em absoluto por elas.) Se tu estás inclinado à graça, então governe esta Terra! Aqueles que são desejosos de felicidade mas são muito pobres e indigentes e abandonados por amigos podem adotar a renúncia. Mas aquele que imita aqueles homens por abandonar mansões suntuosas e camas e veículos e mantos e ornamentos age impropriamente, de fato. Uma pessoa sempre aceita doações feitas por outras; outras sempre fazem doações. Tu conheces a diferença entre as duas. Quem, de fato, dessas duas deve ser considerada a superior? Se uma doação é feita para alguém que sempre aceita doações, ou para alguém que possua orgulho, aquela doação se torna inútil como a manteiga clarificada que é despejada sobre um incêndio florestal. (Tais libações, para serem eficazes, devem

ser despejadas sobre fogos acesos apropriadamente com mantras). Como um fogo, ó rei, nunca morre até que tenha consumido tudo o que é jogado nele, assim mesmo um mendigo nunca pode ser silenciado até que receba um donativo. Neste mundo, o alimento que é dado por uma pessoa caridosa de fato sustenta os pios. Se, portanto, o rei não dá (alimento) aonde irão os pios que desejam a salvação? (Portanto, Janaka deve retomar seu reino e praticar caridade, do contrário, mendicantes religiosos seriam negligenciados.) Aqueles que têm alimento em suas casas são chefes de famílias. Os mendicantes são sustentados por eles. A vida flui do alimento. Portanto, o doador de alimento é doador de vida. Saindo dentre aqueles que levam um modo de vida familiar, os mendicantes dependem daquelas mesmas pessoas das quais eles vem. Aqueles homens autocontrolados, por fazerem isto, adquirem e desfrutam de fama e poder. Alguém não é chamado de mendicante somente por ter renunciado às suas posses, ou por ter somente adotado uma vida de dependência de caridade. Aquele que renuncia às posses e prazeres do mundo em um estado de espírito sincero é para ser considerado um verdadeiro mendicante. (Tal homem pode até governar um reino sem perder sua posição de ser considerado um mendicante, pois ele pode governar sem apego.) Não apegado de coração, embora vinculado na aparência externa, permanecendo indiferente ao mundo, tendo rompido todos os seus laços, e considerando amigos e inimigos igualmente, tal homem, ó rei, é considerado emancipado! Tendo raspado suas cabeças e adotado as vestes marrons, homens podem ser vistos se dirigirem para uma vida de mendicância errante, embora atados por vários vínculos e sempre à procura de riqueza inútil. Aqueles que, rejeitando os três Vedas, suas ocupações usuais e filhos, adotam uma vida de mendicância por tomarem a muleta de três cabeças e a veste marrom, são realmente pessoas de pouca inteligência. Sem ter se livrado da raiva e outros defeitos, somente a adoção da veste marrom, saiba, ó rei, é devida ao desejo de ganhar os meios de sustento. Aquelas pessoas de cabeças raspadas que levantaram a bandeira da virtude, têm isto somente (a aquisição do sustento) como seu objetivo na vida. Portanto, ó rei, mantendo tuas paixões sob controle, ganhe regiões de bem-aventurança futuramente por manter aqueles que são realmente pios entre os homens de cabelos emaranhados ou cabeças raspadas, nus ou vestidos em trapos, peles ou vestes marrons. Quem é mais virtuoso do que aquele que mantém seu fogo sagrado, que realiza sacrifícios com presentes de animais e Dakshina, e que pratica caridade dia e noite?'"

"Arjuna continuou, 'O rei Janaka é considerado como uma pessoa conhecedora da verdade neste mundo. Até ele, nesta questão (da determinação do dever) se tornou estupefato. Não ceda à estupefação! Os deveres da vida familiar são cumpridos pelas pessoas praticando caridade. Pela abstenção de ofensas de todos os tipos, pelo abandono do desejo e da raiva, pela dedicação a proteger todas as criaturas, pelo cumprimento do excelente dever da caridade, e por fim pela apreciação dos superiores e pessoas de idade, nós conseguiremos alcançar tais regiões de bem-aventurança como nós queremos. Por gratificar devidamente os deuses, convidados, e todas as criaturas, por adorar os Brahmanas, e pela veracidade de palavras, nós certamente alcançaremos regiões desejáveis de beatitude.'"

19

"Yudhishthira disse, 'Eu estou familiarizado com os Vedas e as escrituras que levam ao alcance de Brahma. Nos Vedas há preceitos de ambos os tipos, isto é, os que inculcam a ação e os que inculcam a renúncia à ação. As escrituras confundem e suas conclusões são baseadas sobre fundamentos. A verdade, no entanto, que está nos Mantras, é devidamente conhecida por mim. Tu estás familiarizado somente com armas e és cumpridor das práticas de heróis. Tu és incapaz de compreender realmente o sentido das escrituras. Se tu fosses realmente conhecedor do dever, então tu poderias ter entendido que palavras tais como estas não deveriam ter sido endereçadas a mim mesmo por alguém possuidor de mais claro discernimento do significado das escrituras e conhecedor das verdades de religião. Aquilo, no entanto, que tu me disseste, induzido por afeto fraterno, foi adequado e apropriado, ó filho de Kunti! Eu estou, por isso, satisfeito contigo, ó Arjuna! Não há ninguém igual a ti nos três mundos em todos os deveres ligados à batalha e em habilidade com relação a diversos tipos de ações. Tu podes, portanto, falar das sutilezas ligadas com aqueles assuntos, sutilezas que são impenetráveis por outros. Não cabe a ti, no entanto, ó Dhananjaya, duvidar da minha inteligência. Tu és conhecedor da ciência de combate, mas tu nunca visitaste os idosos. Tu não conheces as conclusões chegadas por aqueles que têm estudado o assunto em resumo e detalhes. Esta é a conclusão de homens inteligentes cuja compreensão está inclinada a alcançar a salvação: que entre penitências ascéticas, renúncia, e conhecimento de Brahma, o segundo é superior ao primeiro, e o terceiro é superior ao segundo. Isto, no entanto, que tu pensas, isto é, que não há nada superior à riqueza, é um erro. Eu te convencerei disto, para que a riqueza não possa aparecer outra vez para ti neste aspecto. Todos os homens que são virtuosos são vistos serem dedicados a penitências ascéticas e ao estudo dos Vedas. Os Rishis também, que têm muitas regiões eternas para eles, têm o mérito de penitências. Outros, possuidores de tranquilidade de alma, não tendo inimigos, e residindo nas florestas, têm, através de penitências e estudo dos Vedas, ido para o céu. Homens virtuosos, por reprimirem o desejo por posses mundanas, e rejeitando aquela ignorância que nasce da insensatez, procedem para o norte (isto é, por caminhos luminosos) para as regiões reservadas para os praticantes de renúncia. O caminho que se encontra ao sul e que leva para regiões de luz (isto é, regiões lunares), está reservado para homens dedicados à ação. Estes são alcançados por pessoas sujeitas a nascimento e morte. O fim, no entanto, que pessoas desejosas de salvação têm diante de seus olhos é indescritível. Yoga é a melhor maneira para alcançá-lo. Não é fácil explicar isso (para ti). Aqueles que são eruditos vivem, refletindo sobre as escrituras pelo desejo de descobrir o que é irreal. Eles são, no entanto, muitas vezes levados a isto e àquilo na crença de que o objetivo de sua busca existe nisto e naquilo. Tendo dominado, no entanto, os Vedas, os Aranyakas, e as outras escrituras, eles perdem o real, como homens falhando em encontrar madeira sólida em um pé de banana arrancado. Há alguns que, não

acreditando em sua unidade, consideram a Alma, que habita neste corpo físico que consiste nos cinco elementos, como possuidora dos atributos de desejo e aversão (e outros). (Isto se refere à bem conhecida definição da alma ou mente na filosofia Nyaya, a qual diz que ela é distinguida pelos atributos de desejo, aversão, vontade, prazer e dor, e as faculdades cognitivas.) Incapaz de ser vista pelo olho, extremamente sutil, e inexprimível por palavras, ela gira em uma ronda (de renascimentos) entre as criaturas da terra, mantendo diante dela aquilo que é a raiz da ação. (A alma, embora realmente desprovida de atributos, todavia gira em uma ronda entre as criaturas, isto é, entra em outros corpos após a dissolução daqueles previamente ocupados. A razão desta ronda ou jornada contínua é Avidya ou ilusão, aquela ausência de verdadeiro conhecimento pela qual os homens se engajam em ação. Quando a alma está livre deste Avidya, a ação cessa, e a alma se revela em sua verdadeira natureza, a qual consiste na ausência de todos os atributos.) Tendo feito a Alma avançar em direção a si mesma, que é a fonte de todo o tipo de bem-aventurança, tendo refreado todos os desejos da mente, e tendo abandonado todas as espécies de ação, uma pessoa pode se tornar perfeitamente independente e feliz. Quando há tal caminho que é trilhado pelos virtuosos e que é alcançável pelo Conhecimento, por que, ó Arjuna, tu louvas a riqueza que é cheia de todos os tipos de calamidade? Homens dos tempos antigos que eram familiarizados com as escrituras, ó Bharata, homens que estavam sempre empenhados em doações e sacrifícios e ações eram desta opinião. Ó Bharata! Há alguns tolos que, talentosos na ciência da argumentação, negam a existência da Alma, por consequência da força de suas convicções de uma vida anterior. É muito difícil fazê-los aceitar esta verdade acerca da emancipação final. Aqueles homens pecaminosos, embora possuidores de grande erudição, viajam por toda a terra, fazendo discursos em assembléias, e desaprovando a doutrina verdadeira acerca da emancipação. Ó Partha, quem mais conseguirá compreender o que nós não entendemos? De fato, (como aqueles homens não podem entender o verdadeiro sentido das escrituras), similarmente eles não podem reconhecer aquelas pessoas sábias e virtuosas que são realmente grandiosas e têm um profundo conhecimento das escrituras. Ó filho de Kunti, homens conhecedores da verdade alcançam Brahma por meio de ascetismo e inteligência, e grande felicidade pela renúncia.'"

20

Vaisampayana disse, "Depois que Yudhishthira tinha parado, o grande asceta Devasthana, possuidor de eloquência, disse estas palavras, repletas de razão, ao rei."

"Devasthana disse, 'Phalguna te disse que não há nada superior à riqueza. Eu te falarei sobre este assunto. Ouça-me com toda a atenção, ó Ajatasatru, tu que ganhaste a terra justamente. Tendo-a ganhado, não cabe a ti, ó rei, abandoná-la sem motivo. Quatro modos de vida são indicados nos Vedas. Passe por eles, ó rei, devidamente, um depois do outro. No momento tu deves, portanto, realizar grandes sacrifícios com presentes abundantes. Entre os próprios Rishis, alguns

são dedicados ao sacrifício representado pelo estudo Védico, e alguns àquele apresentado pelo conhecimento. Portanto, ó Bharata, tu deves saber que os próprios ascetas também são devotados à ação. Os Vaikhanasas, no entanto, pregam que quem não procura riqueza é superior ao que a procura. (Ao invés de realizar sacrifícios depois da aquisição de riqueza, é melhor não realizar sacrifícios se eles não podem ser realizados sem riqueza.) Eu penso que quem segue este preceito incorre em muitas falhas. Os homens reúnem diversas coisas (para a realização de sacrifícios) simplesmente por causa da ordenança (Védica). Aquele que, corrompido por sua própria compreensão, doa riqueza para uma pessoa não merecedora sem dá-la à merecedora, não sabe que ele incorre no pecado de matar um feto. (Tal pessoa incorre no pecado de matar um feto, porque este pecado procede de matar a si mesmo. Uso impróprio de riqueza é considerado como suicídio.) O exercício do dever da caridade depois de distinguir o merecedor do não merecedor não é fácil. O Ordenador Supremo criou a riqueza para o sacrifício, e Ele criou o homem também para cuidar daquela riqueza e para realizar sacrifícios. Por esta razão toda a riqueza de uma pessoa deve ser aplicada no sacrifício. Prazer proviria disto como uma consequência natural. Possuidor de energia abundante, Indra, pela realização de diversos sacrifícios com presentes abundantes de objetos de valor, superou todos os deuses. Tendo obtido sua chefia por estes meios, ele brilha no céu. Portanto, tudo deve ser aplicado em sacrifícios. Vestido em camurças, Mahadeva de grande alma, tendo despejado a si mesmo como uma libação no sacrifício chamado Sarva, se tornou o primeiro dos deuses, e superando todas as criaturas no universo e prevalecendo sobre elas por meio daquela realização, brilha em resplendor. O rei Marutta, o filho de Avikshit, pela profusão de sua riqueza, superou o próprio Sakra, o chefe dos deuses. No grande sacrifício que ele realizou, todos os recipientes eram de ouro, e a própria Sree apareceu em pessoa. Tu soubeste que o grande rei Harischandra, tendo realizado sacrifícios, ganhou grande mérito e grande felicidade. Embora um homem, ele todavia derrotou Sakra por meio de sua riqueza. Por esta razão tudo deve ser aplicado em sacrifícios.'"

21

"Devasthana disse, 'Ligado a isto é citada uma antiga história, isto é, o discurso que Vrihaspati, pedido por Indra, proferiu para ele. Vrihaspati disse, 'O contentamento é o céu mais sublime, o contentamento é a maior bem-aventurança. Não há nada mais elevado do que o contentamento. O contentamento ocupa o lugar mais elevado. Quando alguém se afasta de todos os seus desejos como uma tartaruga recolhendo todos os seus membros, então a resplandecência natural de sua alma logo se manifesta. Quando uma pessoa não teme alguma criatura, nem é temida por alguma criatura, quando ela conquista seu desejo e aversão, então é dito que ela contempla a própria alma. É dito que quando alguém, de fato, em palavra e pensamento, não procura ferir ninguém e não nutre desejo, ele alcança Brahma. Assim, ó filho de Kunti, qualquer que seja a religião seguida pelas criaturas, elas obtêm resultados correspondentes. Desperte

a ti mesmo por esta consideração, ó Bharata! (Os Srutis declaram que aquele que amedronta é ele mesmo amedrontado; enquanto aquele que não amedronta não é amedrontado. Os resultados ganhos por uma pessoa correspondem às suas práticas. Yudhishthira é, portanto, exortado a aceitar a soberania, pois a soberania, virtuosamente exercida e sem apego, o coroará com bem-aventurança futuramente.) Alguns louvam a Quietude, uns louvam o Esforço; uns a Contemplação; e alguns louvam ambos, Quietude e Esforço. Uns louvam sacrifício; outros, a renúncia. Alguns louvam doações; outros, a aceitação. Alguns, abandonando tudo, vivem em meditação silenciosa. Uns louvam a soberania e a apreciação dos súditos, depois de matar, cortar e perfurar (inimigos). Alguns são a favor de passar seus dias em isolamento. Observando tudo isto, a conclusão dos eruditos é que aquela religião que consiste em não ferir alguma criatura é digna da aprovação dos justos. Abstenção de ferir, veracidade de palavras, justiça, compaixão, autocontrole, procriação (de descendência) nas próprias esposas, amabilidade, modéstia, paciência; a prática destes é a melhor das religiões como dito pelo próprio Manu autocriado. Portanto, ó filho de Kunti, pratique esta religião com cuidado. O Kshatriya que, conhecedor das verdades ou deveres reais, toma a soberania sobre si mesmo, reprimindo sua alma em todos os momentos, considerando igualmente o que é caro e o que não é, e subsistindo dos restos de banquetes sacrificais, que é dedicado a reprimir os pecaminosos e apreciar os íntegros, que obriga seus súditos a trilharem o caminho da virtude e trilha ele mesmo aquele caminho, que finalmente transmite sua coroa para seu filho e se dirige para as florestas, e vive lá dos produtos da selva e age segundo as ordenanças ou os Vedas depois de ter se livrado de toda a preguiça, aquele Kshatriya que se comporta dessa maneira, correspondente em tudo aos bem conhecidos deveres dos reis, está certo de obter excelentes resultados neste mundo e no próximo. Aquela emancipação final, da qual tu falaste, é extremamente difícil de se obter, e sua busca está ligada a muitos obstáculos. Aqueles que adotam tais deveres e praticam caridade e penitências ascéticas, que são possuidores da qualidade de compaixão e estão livres do desejo e da raiva, que estão empenhados em governar seus súditos com justiça e lutando por causa de vacas e Brahmanas, alcançam um fim sublime após a morte. Pois os Rudras com os Vasus e os Adityas, ó opressor de inimigos, e os Sadhyas e hostes de reis adotam esta religião. Praticando sem negligência os deveres inculcados por aquela religião, eles alcançam o céu através daqueles seus atos.'"

22

Vaisampayana disse, "Depois disto, Arjuna mais uma vez se dirigiu a seu irmão mais velho de glória imorredoura, o rei Yudhishthira de coração triste, e disse estas palavras: 'Ó tu que és conhecedor de todos os tipos de deveres, tendo pela prática dos deveres Kshatriya obtido a soberania que é muito difícil de adquirir, e tendo conquistado todos os teus inimigos, por que tu estás queimando de angústia? Ó rei, com relação aos Kshatriyas, a morte em batalha é considerada mais meritória para eles do que a realização de diversos sacrifícios. Isto é

declarado na ordenança que declara os deveres de Kshatriyas. Penitências e Renúncia são os deveres de Brahmanas. Esta é a ordenança (concernente às duas classes) sobre o mundo seguinte. De fato, ó poderoso, a morte em batalha é declarada para Kshatriyas. Os deveres Kshatriyas são extremamente violentos e estão sempre ligados com o uso de armas, e é afirmado, ó chefe dos Bharatas, que eles devem, quando chega a hora, perecer por meio de armas no campo de batalha. Até a vida de um Brahmana, ó rei, que vive no cumprimento dos deveres Kshatriya não é censurável, pois Kshatriyas também nascem de Brahmana. Nem Renúncia, nem Sacrifícios, nem Penitências, nem dependência da riqueza de outros, ó soberano de homens, são ordenados para Kshatriyas. Tu és conhecedor de todos os deveres, e tu tens alma virtuosa, ó touro da raça Bharata! Tu és um rei sábio, hábil em todas as ações. Tu podes distinguir o que é certo neste mundo do que é errado. Rejeitando este desânimo pelo arrependimento, dirija-te a ti mesmo com uma vontade forte de agir. O coração de um Kshatriya especialmente é duro como o trovão. Tendo pelo exercício dos deveres Kshatriya derrotado teus inimigos e adquirido o império sem um tormento do seu lado, conquiste tua alma, ó soberano de homens, e te dedique à realização de sacrifícios e à prática da caridade. O próprio Indra, embora um Brahmana, se tornou um Kshatriya em seus atos, e lutou com seus parentes pecaminosos por oitocentas e dez vezes. Aqueles atos dele, ó monarca, são adoráveis e dignos de louvor. Através deles ele obteve, como nós sabemos, a chefia dos deuses. Portanto, ó monarca, realize sacrifícios com presentes abundantes assim como Indra fez, ó soberano de homens, e assim livre-te da tua febre. Ó touro entre Kshatriyas, não sofra assim pelo que é passado. Aqueles que foram mortos alcançaram o mais fim mais sublime, santificados por armas e de acordo com as ordenanças da religião Kshatriya. Aquilo que aconteceu estava ordenado para acontecer. O destino, ó tigre entre reis, não pode ser resistido.'"

23

Vaisampayana disse, “Assim endereçado por Arjuna de cabelo ondulado, o rei Kuru nascido de Kunti permaneceu silencioso. Então o Nascido na Ilha (Vyasa) disse estas palavras.”

"Vyasa disse, 'As palavras de Arjuna, ó amável Yudhishthira, são verdadeiras. A religião mais elevada, como declarado pelas escrituras, depende dos deveres da vida familiar. Tu és conhecedor de todos os deveres. Pratique então devidamente os deveres prescritos para ti (isto é, os deveres da vida familiar). Uma vida de retiro nas florestas, rejeitando os deveres da vida familiar, não foi prescrita para ti. Os deuses, Pitris, convidados, e empregados, todos dependem (para seu sustento) da pessoa que leva uma vida familiar. Sustente então todos estes, ó senhor da terra! Aves e animais e várias outras criaturas, ó soberano de homens, são mantidos por homens que levam vidas familiares. Aquele, portanto, que pertence a este modo de vida é superior (a todos os outros). Uma vida familiar é o mais difícil de todos os quatro modos de vida. Pratique este modo de vida então, ó Partha, o qual é difícil de ser praticado por pessoas de sentidos descontrolados.

Tu tens um bom conhecimento de todos os Vedas. Tu ganhaste grande mérito ascético. Cabe a ti, portanto, suportar como um boi a carga do teu reino ancestral. Penitências, sacrifícios, perdão, erudição, mendicância, manter os sentidos sob controle, contemplação, viver em solidão, contentamento, e conhecimento (de Brahma), devem, ó rei, ser buscados seriamente por Brahmanas com o melhor de sua habilidade para o alcance do sucesso. Eu agora te direi os deveres dos Kshatriyas. Eles não são desconhecidos para ti. Sacrifício, erudição, esforço, ambição (literalmente, a ausência de contentamento com a prosperidade atual), empunhar a 'vara de castigo', ferocidade, proteção dos súditos, conhecimento dos Vedas, prática de todos os tipos de penitências, bondade de conduta, aquisição de riqueza, e doações para pessoas dignas; estes, ó rei, bem realizados e adquiridos por pessoas da ordem real, garantem para eles este mundo e o seguinte, como ouvido por nós. Entre estes, ó filho de Kunti, manejar a vara de castigo é citado como o principal. A força deve sempre residir em um Kshatriya, e da força depende a punição. Esses deveres que eu mencionei são, ó rei, os principais para os Kshatriyas e contribuem imensamente para seu sucesso. Vrihaspati, sobre isto, cantou este verso: 'Como uma cobra devorando um camundongo, a Terra devora um rei que é inclinado à paz e um Brahmana que é extremamente afeiçoado a uma vida familiar.' É sabido também que o sábio real Sudyumna, somente por manejar a vara de castigo, obteve o mais alto sucesso, como o próprio Daksha, o filho de Prachetas.'

Yudhishthira disse, 'Ó santo, por quais ações Sudyumna, aquele senhor da terra, obter o mais alto sucesso? Eu desejo ouvir a história daquele rei!'"

"Vyasa disse, 'Sobre isto é citada esta história antiga. Havia dois irmãos, Sankha e Likhita, de votos rígidos. Os dois irmãos tinham duas residências separadas e ambas eram belas. Situadas perto da margem do rio chamado Vahuda, ambas aquelas residências eram adornadas com árvores que estavam sempre carregadas com flores e frutos. Uma vez Likhita foi à residência de seu irmão Sankha. Naquela hora, no entanto, Sankha tinha saído de seu retiro em nenhum propósito fixo. Chegando ao retiro de seu irmão, Likhita colheu muitas frutas maduras. Obtendo-as o regenerado Likhita começou a comê-las sem quaisquer escrúpulos. Enquanto ainda estava empenhado na ação de comer, Sankha voltou para seu retiro. Vendo-o comendo, Sankha se dirigiu a seu irmão, dizendo, 'De onde estas frutas foram obtidas e por que razão tu as estás comendo?' Aproximando-se de seu irmão mais velho e saudando-o, Likhita respondeu sorridente, dizendo, 'Eu as peguei deste retiro mesmo.' Cheio de grande raiva, Sankha disse a ele, 'Tu cometeste roubo por pegar estas frutas. Vá e se aproximando do rei confesse a ele o que tu fizeste. Diga a ele, 'Ó melhor dos reis, eu cometi o delito de me aproximar do que não me foi dado. Sabendo que eu sou um ladrão e cumprindo o dever da tua classe, inflija logo sobre mim, ó soberano de homens, a punição de um ladrão.' Assim endereçado, o altamente abençoado Likhita de votos rígidos, por ordem de seu irmão, foi até o rei Sudyumna. Sabendo pelos guardas do portão que Likhita tinha chegado, o rei Sudyumna, com seus conselheiros, avançou (para receber o sábio). Encontrando-o, o rei se dirigiu àquela principal de todas as pessoas conhecedoras dos deveres,

dizendo, 'Diga-me, ó venerável, a razão da tua vinda. Considere-a como já realizada.' Assim questionado, o sábio regenerado disse a Sudyumna, 'Prometa primeiro que tu a realizarás. Caberá então a ti, depois de me ouvir, realizar a promessa. Ó touro entre homens, eu comi algumas frutas que não me foram dadas pelo meu irmão mais velho. Ó monarca, me puna por isto sem demora.' Sudyumna respondeu, 'Se o rei é considerado como competente para manejar a vara de castigo, ele deve ser considerado, ó touro entre Brahmanas, como igualmente competente para perdoar. Purificado em relação ao teu ato, ó tu de votos elevados, te considere como perdoado. Diga-me agora que outros desejos tu tens. Eu certamente realizarei aqueles teus comandos!'"

"Vyasa continuou, 'Assim honrado pelo rei de grande alma, o sábio regenerado Likhita, no entanto, não lhe pediu qualquer outro favor. Então aquele soberano da terra fez as duas mãos de Likhita de grande alma serem cortadas, depois do que o último, suportando o castigo, foi embora. Voltando para seu irmão Sankha, Likhita, em grande afeição, disse, 'Cabe a ti agora perdoar este canalha que foi devidamente punido (pelo que fez).' Sankha disse, 'Eu não estou zangado contigo, nem tu me ofendeste, ó principal de todas as pessoas conhecedoras dos deveres. Tua virtude, no entanto, tinha sofrido um abalo. Eu te resgatei daquela situação. Vá sem demora ao rio Vahuda e gratifique devidamente, com oblações de água, os deuses, Rishis e os Pitris, e nunca mais coloque teu coração no pecado.' Ouvindo estas palavras de Sankha, Likhita realizou suas abluções na corrente sagrada e preparou-se para começar o rito de água. Nisto, duas mãos, parecendo lotos, apareceram nas extremidades de seus tocos. Maravilhado ele voltou até seu irmão e mostrou a ele as duas mãos. Sankha disse a ele, 'Tudo isso foi realizado por mim através das minhas penitências. Não fique surpreso por isto. A Providência foi o instrumento aqui.' Likhita respondeu, 'Ó tu de grande esplendor, por que tu não me purificaste a princípio, quando, ó melhor dos regenerados, tal era a energia de tuas penitências?' Sankha disse, 'Eu não deveria ter agido de outra maneira. Eu não sou teu castigador. Aquele monarca (que te puniu) foi ele mesmo purificado, como também tu mesmo, junto com os Pitris!'

"Vyasa continuou, 'Aquele rei, ó filho mais velho de Pandu, se tornou eminente por este ato e obteve o mais elevado sucesso como o próprio senhor Daksha! Exatamente este é o dever dos Kshatriyas, isto é, o ato de governar os súditos. Qualquer outro, ó monarca, seria considerado como um caminho errado para eles. Não ceda à aflição. Ó melhor de todas as pessoas conhecedoras do dever, escute as palavras benéficas deste teu irmão. Manejar a vara de castigo, ó rei, é o dever dos reis e não a raspagem da cabeça.'"

24

Vaisampayana disse, "Uma vez mais o grande sábio Krishna-Dwaipayana disse estas palavras para Ajatasatru, o filho de Kunti: 'Deixe que estes grandes guerreiros em carros de abundante energia mental, ó monarca, que estes teus irmãos, ó Yudhishthira, ó chefe dos Bharatas, obtenham aqueles desejos deles

que eles nutriram enquanto residiram nas florestas. Governe a terra, ó filho de Pritha, como (outro) Yayati, o filho de Nahusha. Antes de agora a miséria era sua enquanto vocês moravam na floresta na prática de penitências ascéticas. Aquela miséria está terminada, ó tigre entre homens! Desfrute de felicidade, portanto, por algum tempo. Tendo ó Bharata, ganhado e desfrutado de mérito religioso e riqueza e prazer por algum tempo com teus irmãos, tu poderás então, ó rei, te retirar para as florestas. Seja livre primeiro, ó Bharata, da dívida que tens com as pessoas que possam mendigar de ti, os Pitris, e os deuses. Tu poderás então, ó filho de Kunti, praticar todos os outros modos de vida (que vem depois). Ó filho da linhagem de Kuru, realize os sacrifícios de Sarvamedha e Aswamedha. Tu então alcançarás, ó monarca, o fim mais sublime após a morte. Instalando teus irmãos também em sacrifícios grandiosos com presentes abundantes (para os Brahmanas), tu irás, ó filho de Pandu, obter grande fama. Há um ditado, ó tigre entre homens e melhor dos Kurus! Ouça-o, pois por agir segundo ele, ó rei, tu não te desviarás da virtude. Somente aqueles homens, ó Yudhishthira, cujas práticas parecem aquelas de ladrões, fazem um rei por seus conselhos fazer uma carreira de guerra e vitória. O rei que, guiado por considerações de hora e lugar e movido por uma compreensão baseada nas escrituras, perdoa até vários ladrões, não incorre em pecado. O rei que, realizando seu imposto de um sexto (da produção), não protege seu reino, recebe uma quarta parte dos pecados de seu reino. Escute também àquilo pelo qual um rei não pode se desviar da virtude. Por transgredir as escrituras (uma pessoa incorre em pecado), enquanto por obedecê-las pode-se viver destemidamente. O rei que, guiado por uma compreensão baseada nas escrituras e desconsiderando luxúria e a ira se comporta imparcialmente, como um pai, para com todos os seus súditos, nunca incorre em pecado. Ó tu de esplendor grandioso, se um rei, afligido pelo destino, fracassa em realizar uma ação que ele deveria fazer, tal fracasso não será chamado de uma transgressão. Pela força e política o rei derruba seus inimigos. Ele não deve permitir que o pecado seja cometido em seu reino, mas deve fazer a virtude ser praticada. Homens valentes, aqueles que são respeitáveis em suas práticas, aqueles que são virtuosos em seus atos, aqueles que são possuidores de erudição, ó Yudhishthira, Brahmanas conhecedores dos textos e ritos Védicos, e homens de riqueza, devem ser especialmente protegidos. Em determinar litígios e realizar atos religiosos somente devem ser empregados aqueles de grande conhecimento. Um rei prudente nunca colocará sua confiança em um indivíduo, embora ilustre. O rei que não protege seus súditos, cujas paixões são desenfreadas, que é cheio de vaidade, que é maculado com arrogância e malícia, incorre em pecado e ganha a vergonha da tirania. Se os súditos de um rei, ó monarca, decaem por falta de proteção e são afligidos pelos deuses e oprimidos por ladrões, o pecado de todos estes mancha o próprio rei. Não há pecado, ó Yudhishthira, em fazer uma ação com amabilidade, depois de completa deliberação e consulta com homens capazes de oferecer bons conselhos. Nossas tarefas fracassam ou são bem sucedidas pelo destino. Se o esforço, no entanto, for aplicado, o pecado não toca o rei. Eu narrarei para ti, ó tigre entre reis, a história do que aconteceu a um rei antigo de nome Hayagriva, ó filho de Pandu, a história do heróico Hayagriva de atos imaculados, que depois de ter matado um grande número de seus inimigos em batalha foi ele mesmo derrotado e morto enquanto não tinha um seguidor ao

seu lado. Tendo realizado tudo o que deve ser feito para manter os inimigos sob controle, e adotado todas aquelas medidas principais pelas quais os homens podem ser protegidos, Hayagriva adquiriu grande fama das batalhas que ele lutou e está agora desfrutando de grande felicidade no céu. Mutilado por ladrões com armas, lutando audaciosamente com eles, e perdendo sua vida em batalha, Hayagriva de grande alma, sempre atento aos seus deveres (reais), realizou o objetivo de sua vida e está agora desfrutando de grande bem-aventurança no céu. O arco era sua estaca (sacrifical) e a corda do arco era a corta para atar as vítimas. Flechas constituíam a concha menor e a espada a grande, e sangue era a manteiga clarificada que ele despejava. O carro era o altar e a ira que ele sentia em batalha era o fogo, e os quatro principais dos corcéis unidos ao seu veículo eram os quatro Hotris. Tendo despejado seus inimigos naquele fogo sacrifical como libações e então sua própria vida na conclusão do sacrifício, aquele leão vigoroso entre reis, Hayagriva, ficou livre do pecado e está agora se divertindo nas regiões dos deuses. Tendo protegido seu reino com política e inteligência, Hayagriva de grande alma e resignado (sem orgulho) e de grande força mental e acostumado à realização de sacrifícios encheu todos os mundos com sua fama e está agora se divertindo na região dos deuses. Tendo obtido o mérito que depende da realização de sacrifícios como também todos os tipos de méritos relacionados com assuntos humanos, ele manejou a vara de castigo e governou a Terra com vigor e sem orgulho. Pois este é o virtuoso Hayagriva de grande alma que está agora se divertindo na região dos deuses. Possuidor de conhecimento, praticando a renúncia, estimulado pela fé, e cheio de gratidão, aquele rei, tendo realizado diversas ações, deixou este mundo de homens e ganhou as regiões que estão reservadas para os inteligentes e os sábios e aqueles que são de costumes e comportamento aprovados e preparados para abandonar suas vidas em batalha. Tendo estudado bem os Vedas e as outras escrituras também, tendo governado seu reino devidamente e feito todas as quatro ordens aderirem às suas respectivas funções, Hayagriva de grande alma está passando seu tempo em alegria nas regiões dos deuses. Tendo vencido muitas batalhas e cuidado de seus súditos, tendo bebido o suco Soma em sacrifícios e gratificado os principais dos Brahmanas com presentes e manejado judiciosamente a vara de castigo sobre aqueles colocados sob seu domínio e finalmente perdendo sua vida em batalha, aquele rei está vivendo felizmente no céu. Sua vida foi digna de todo o louvor. Homens eruditos e honestos o elogiam, merecedor como ele é de todos os louvores. Tendo ganhado o céu e adquirido as regiões reservadas para heróis, aquele monarca de grande alma e feitos virtuosos veio a ser coroado com sucesso.'"

25

Vaisampayana disse, "Ouvindo as palavras do Rishi Nascido na Ilha e vendo Dhananjaya enfurecido, Yudhishthira, o filho de Kunti, saudou Vyasa e deu a seguinte resposta."

"Yudhishthira disse, 'Esta soberania terrestre e os diversos prazeres (pertencentes a esta) fracassam em dar qualquer alegria ao meu coração. Por outro lado, esta dor pungente (consequente da perda de meus parentes) está corroendo seu âmago. Ouvindo as lamentações dessas mulheres que perderam seus maridos e filhos heróicos, eu fracasso em obter paz, ó sábio!'"

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado, o virtuoso Vyasa, aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de Yoga, possuidor de grande sabedoria e intimamente familiarizado com os Vedas, disse a Yudhishthira (as palavras seguintes)."

"Vyasa disse, 'Nenhum homem pode adquirir qualquer coisa por seus próprios atos ou por sacrifícios e culto. Nenhum homem pode dar qualquer coisa para um outro homem. O homem adquire tudo por meio do Tempo. O Ordenador Supremo fez do curso do Tempo os meios de aquisição. Por mera inteligência ou estudo das escrituras, os homens, se o Tempo for desfavorável, não podem adquirir qualquer posse mundana. Às vezes um tolo ignorante pode ter sucesso em ganhar riqueza. O Tempo é o meio eficaz para a realização de todas as ações. Durante tempos de adversidade, nem ciência, nem encantamentos, nem drogas produzem quaisquer resultados. Em tempos, no entanto, de prosperidade, essas mesmas coisas, devidamente aplicadas, se tornam eficazes e dão sucesso. Pelo Tempo os ventos sopram violentamente; pelo Tempo as nuvens se tornam carregadas de chuva; pelo Tempo os tanques ficam adornados com lotos de diferentes espécies; pelo Tempo as árvores na floresta ficam decoradas com flores. Pelo Tempo as noites se tornam escuras ou iluminadas. Pelo Tempo a Lua se torna cheia. Se o Tempo para isto não chegasse, as árvores não dariam flores e frutos. Se o Tempo para isto não chegasse, as correntezas dos rios não se tornariam violentas. Aves e cobras e veados e elefantes e outros animais nunca ficam excitados quando o Tempo para isto não chega. Se o Tempo não viesse, as mulheres não conceberiam. É com o Tempo que o inverno, e o verão, e a estação chuvosa vem. Se o Tempo para isto não viesse, ninguém nasceria ou morreria. Se o Tempo não chegasse, a criança não adquiriria o poder de falar. Se o Tempo não chegasse, não se chegaria à juventude. É com o Tempo que a semente semeada estende seus brotos. Se o Tempo não chegasse, o Sol não apareceria acima do horizonte, nem, quando o Tempo para isto não vem, ele vai para as colinas Asta. Se o Tempo para isto não chegasse, a Lua não aumentaria nem diminuiria, nem o oceano, com suas grandes ondas, se ergueria e baixaria. Em relação a isto é citada como exemplo a história antiga narrada, ó Yudhishthira, pelo rei Senajit em aflição. 'A irresistível passagem do Tempo afeta todos os mortais. Todas as coisas terrestres, amadurecidas pelo Tempo, sofrem destruição. Alguns, ó rei, matam alguns homens. Os assassinos, também, são mortos por outros. Esta é a linguagem do mundo. Realmente, no entanto, ninguém permanece e ninguém é morto. Alguns pensam que os homens matam (seus semelhantes). Outros pensam que os homens não matam. A verdade é que o nascimento e a destruição de todas as criaturas estão ordenados para acontecer por sua própria natureza. Pela perda da riqueza ou pela morte da esposa ou filho ou pai, um homem lamenta, exclamando 'Ai, que dor!' e insistindo naquela tristeza sempre a aumenta.

Por que você, como uma pessoa tola, se entrega à dor? Por que você se aflige por aqueles que estão sujeitos à dor (e que, por sua morte, escaparam de toda a dor)? Veja, a dor é aumentada pela indulgência como o medo é por entregar-se a ele. Nem este corpo é meu. Nada nesta terra é meu. Ou, as coisas desta terra pertencem tanto aos outros quanto a mim. Os sábios, vendo isto, não se permitem ser iludidos. Há milhares de causas para a tristeza, e centenas de causas para a alegria. Estas todos os dias afetam os ignorantes somente, mas não aquele que é sábio. Estas, com o decorrer do Tempo, se tornam objetos de afeição ou aversão, e aparecendo como felicidade ou dor giram (como se em uma roda) para afetar as criaturas vivas. Há somente tristeza neste mundo mas não felicidade. É por isto que somente a tristeza é sentida. De fato, a tristeza surge daquela aflição chamada desejo, e a felicidade surge da aflição chamada tristeza. A tristeza vem depois da felicidade, e a felicidade depois da tristeza. Ninguém sempre sofre de tristeza ou sempre desfruta de felicidade. Felicidade sempre termina em tristeza, e às vezes procede da própria tristeza. Aquele, portanto, que deseja a felicidade eterna deve abandonar ambas. Já que a tristeza deve surgir depois do término da felicidade, e a felicidade depois do término da tristeza, uma pessoa deve, por isso, rejeitar, como um membro (mordido por cobra) de seu corpo, aquilo por causa do qual ela sente tristeza ou aquele ressentimento que é nutrido pela tristeza ou aquilo que é a raiz da ansiedade. Seja felicidade ou tristeza, agradável ou desagradável, o que quer que venha deve ser tolerado com um coração impassível. Ó amável, se tu te abstiveres, mesmo em pequena medida, de fazer o que é agradável para tuas esposas e filhos, tu então saberás quem é de quem e por que é assim e para que. Aqueles que são muito estúpidos e aqueles que são mestres de suas almas desfrutam de felicidade aqui. Aqueles, no entanto, eu ocupam um lugar intermediário sofrem tristeza.' Isto, ó Yudhishthira, é o que Senajit de grande sabedoria disse, aquela pessoa que era familiarizada com que é bom ou mau neste mundo, com os deveres, e com felicidade e tristeza. Aquele que se aflige pelas aflições de outras pessoas nunca pode ser feliz. Não há fim da tristeza, e a tristeza nasce da própria felicidade. Felicidade e tristeza, prosperidade e adversidade, lucro e perda, morte e vida, em sua sucessão, visitam todas as criaturas. Por esta razão o homem sábio de alma tranquila não deve nem se rejubilar com alegria nem se deprimir com tristeza. É dito que se envolver em batalha é o Sacrifício para um rei; um cumprimento apropriado da ciência de castigo é seu Yoga; e a doação de riqueza em sacrifícios na forma de Dakshina é sua Renúncia. Todas estas devem ser consideradas como ações que o santificam. Por governar o reino com inteligência e política, abandonando o orgulho, realizando sacrifícios, e olhando para tudo e todas as pessoas com bondade e imparcialidade, um rei de grande alma, depois da morte, se diverte na região dos deuses. Por vencer batalhas, proteger seu reino, beber o suco Soma, ajudar seus súditos, manejar judiciosamente a vara de castigo, e abandonando seu corpo finalmente em luta, um rei desfruta de felicidade no céu. Tendo estudado devidamente todos os Vedas e as outras escrituras, tendo protegido o reino apropriadamente, e tendo feito todas as quatro classes se dedicarem às suas respectivas funções, um rei se torna santificado e ao final se diverte no céu. É o melhor dos reis aquele cuja conduta, mesmo depois de sua morte, é elogiada pelos habitantes da cidade e país e por seus conselheiros e amigos."'

26

Vaisampayana disse, "Em relação a isso, Yudhishthira de grande alma disse a Arjuna estas palavras repletas de razão: 'Tu achas, ó Partha, que não há nada superior à riqueza, e que o homem pobre não pode ter nem o céu, nem a felicidade, nem a aquisição de seus desejos. Isto, no entanto, não é verdade. São vistas muitas pessoas que foram coroadas com sucesso pelo sacrifício na forma de estudo Védico. São vistos muitos sábios que por dedicação a penitências alcançaram regiões eternas de felicidade. Aqueles, ó Dhananjaya, que sempre observam as práticas dos Rishis por se dedicarem a Brahmacharya e que se tornam familiarizados com todos dos deveres, são considerados pelos deuses como Brahmanas. Ó Dhananjaya, tu deves sempre considerar aqueles Rishis que são devotados ao estudo dos Vedas e dedicados à busca do conhecimento verdadeiro como pessoas que são realmente virtuosas. Ó filho de Pandu, todas as nossas ações dependem daqueles que são devotados à aquisição de conhecimento verdadeiro. (Verdadeiro conhecimento é conhecimento de Brahma. Nossa conduta deve ser moldada de acordo com a opinião das pessoas possuidoras deste conhecimento). Nós sabemos que esta é a opinião dos Vaikhanasas, ó poderoso! Os Ajas, os Prishnis, os Sikatas, ó Bharata, os Arunas, e os Kitavas, foram todos para o céu pelo mérito do estudo Védico. Por realizar aquelas ações, ó Dhananjaya, que são indicadas nos Vedas, isto é, batalha, estudo dos Vedas, sacrifícios, a restrição da emoção que é tão difícil, uma pessoa vai para o céu pelo caminho do sul do Sol (Dakshinayana). Antes disto, eu te disse que aquelas mesmas regiões pertencem às pessoas que são praticantes de atos (Védicos). Tu verás, no entanto, que o caminho do norte (Uttarayana) é percorrido por aqueles que são dedicados a penitências Yoga. Aquelas regiões eternas e brilhantes às quais aquele caminho leva pertencem aos homens de Yoga. Destes dois, o caminho do norte é muito elogiado por aqueles conhecedores dos Puranas. Tu deves saber que se adquire o céu através do contentamento. Do contentamento surge grande felicidade. Não há nada superior ao contentamento. Para o Yogin que controlou a raiva e a alegria, o contentamento é seu alto louvor e sucesso. Em relação a isto é citado o discurso por Yayati antigamente. Ouvindo aquele discurso uma pessoa pode conseguir se afastar de todos os seus desejos como uma tartaruga recolhendo todos os seus membros. Quando não se tem medo de nada, quando não se é temido por nada, quando não se nutre desejo, quando não se sente ódio, então alcançou-se ao estado de Brahma. Daquele que não se comporta pecaminosamente para com qualquer criatura, em ações, pensamentos, ou palavras, é dito que alcançou Brahma. Quando uma pessoa controlou seu orgulho e insensatez, e se afastou de todos os afetos, é então que aquele homem pio de alma irradiada se torna apto para alcançar aquela salvação que consiste na aniquilação da existência separada. Ouça-me agora com atenção concentrada, ó filho de Pritha, enquanto eu te falo. Alguns desejam virtude; alguns, boa conduta; e alguns, riquezas. Uma pessoa pode desejar riqueza (como

meio de aquisição de virtude). O abandono, no entanto, de tal desejo seria melhor para ele. Há muitos erros ligados à riqueza e por conseguinte àqueles atos religiosos que são realizados com riqueza. Nós temos visto isto com nossos próprios olhos. Cabe a ti também ver isto. Aquele que deseja riqueza acha muito difícil abandonar aquilo que deve ser abandonado por todos os meios. Bons feitos são muito raros naqueles que acumulam riquezas. É dito que a riqueza nunca pode ser adquirida sem prejudicar outros, e essa, quando ganhada, traz numerosos distúrbios. Uma pessoa de alma estreita, desprezando o medo do arrependimento, comete atos de agressão a outros, tentada mesmo por pouca riqueza, inconsciente todo o tempo do pecado de Brahmanicídio em que incorre por seus atos. Obtendo riqueza a qual é de aquisição tão difícil, uma pessoa queima de aflição se ela tem que dar uma parte desta para seus empregados, com aflição que é igual àquela que alguém sentiria se fosse realmente roubado por saqueadores. Se, por outro lado, não se partilha com alguém a riqueza, a desonra se torna seu quinhão. No entanto, quem não tem riqueza nunca se torna assunto de censura. Afastada de todas as atrações, tal pessoa pode se tornar feliz em todas as circunstâncias por manter a vida com o pouco que ela possa obter como esmolas. Ninguém, no entanto, pode ser feliz pela aquisição de riqueza. Ligado a isto certos versos relativos a sacrifícios são recitados por pessoas conhecedoras das escrituras antigas. A riqueza foi criada pelo Criador por causa de sacrifícios, e o homem foi criado por Ele para proteger aquela riqueza e realizar sacrifícios. Por isto, toda a riqueza deve ser aplicada em sacrifícios. Não é apropriado que ela seja gasta para a satisfação do desejo de prazer. O Criador então dá riqueza aos mortais por causa de sacrifícios. Saiba, ó filho de Kunti, que tu és a principal de todas as pessoas ricas! É por isto que os sábios pensam que a riqueza, sem dúvida, é de ninguém sobre a terra. Deve-se realizar sacrifícios com ela e doá-la com um coração confiante. Deve-se gastar (em doação) o que se adquiriu, e não perdê-la ou gastá-la na satisfação do desejo de divertimento. Que utilidade há em acumular riqueza quando existem tais objetos apropriados nos quais gastá-la? Aquelas pessoas de pouca compreensão que dão (riqueza) para homens que se desviaram dos deveres de sua classe têm que subsistir de excremento e sujeira futuramente por cem anos. Que homens doem aos não merecedores e se abstenham de doar aos merecedores é devido à inabilidade de discriminar entre o merecedor e o não merecedor. Por esta razão até a prática da virtude da caridade é difícil. Estes são os dois erros ligados com a riqueza quando adquirida, isto é, doar para uma pessoa indigna e se abster de doar àquela que é digna.'"

27

"Yudhishthira disse, 'Pela morte do jovem Abhimanyu, dos filhos de Draupadi, de Dhrishtadyumna, de Virata, do rei Drupada, de Vasusena conhecedor de todos os deveres, do nobre Dhrishtaketu, e de diversos outros reis vindos de diversas regiões, em batalha, a dor não abandona minha pessoa pecaminosa, eu que sou um matador de parentes. De fato, eu sou desmedidamente cobiçoso de reino e

sou um exterminador da minha própria linhagem. Ele sobre cujo peito e membros eu costumava rolar em divertimento, ai, aquele filho de Ganga foi morto por mim em batalha pela avidez de soberania. Quando eu vi aquele leão entre homens, nosso avô, atacado por Sikhandin e tremendo e cambaleando por causa das flechas de Partha que pareciam raios em energia, quando eu vi sua forma alta totalmente perfurada por setas brilhantes e ele mesmo se tornando fraco como um leão idoso, meu coração ficou profundamente aflito. Quando eu vi aquele que afligia carros hostis oscilar como um topo de montanha e cair sem forças no terraço de seu próprio veículo com seu rosto virado para o leste, meus sentidos ficaram entorpecidos. Aquele descendente da linhagem de Kuru que, com arco e setas nas mãos, tinha lutado em combate violento por muitos dias com o próprio Rama da linha de Bhrigu no campo santificado por Kuru, aquele filho de Ganga, aquele herói, que, em Baranasi, por causa de noivas, em um único carro, desafiou para a batalha os Kshatriyas do mundo reunidos, ele que queimou pela energia de suas armas aquele irresistível e principal dos reis, isto é, Ugrayudha, ai, aquele herói foi morto em batalha por minha causa. Sabendo perfeitamente que Sikhandin, o príncipe de Panchala, era seu destruidor, aquele herói ainda se absteve de matar o príncipe com suas setas. Ai, tal guerreiro magnânimo foi morto por Arjuna. Ó melhor dos sábios, naquele momento quando eu contemplei o avô esticado na terra e coberto com sangue, uma febre violenta afligiu meu coração. Ele que nos protegeu e criou quando nós éramos crianças, ai, ele foi feito ser morto por minha pessoa pecaminosa, eu que sou cobiçoso de reino, que sou um assassino de superiores veneráveis, e um perfeito tolo, por causa da soberania que duraria somente uns poucos dias. Nosso preceptor, o grande arqueiro Drona, adorado por todos os reis, foi aproximado por mim e endereçado falsamente a respeito de seu filho. A memória daquela minha ação está queimando todos os meus membros. O preceptor me disse, ‘Diga-me verdadeiramente, ó rei, se meu filho ainda vive.’ Esperando veracidade de mim, o Brahmana perguntou a mim de todos os outros. Por proferir silenciosamente a palavra elefante, eu me comportei falsamente com ele. Pecaminoso como sou e extremamente ávido pelo reino, e um assassino de meus superiores veneráveis, eu me comportei exatamente assim para com meu preceptor em batalha, me desfazendo do traje da verdade (o qual eu acreditava usar), pois eu disse a ele que Aswatthaman tinha sido morto quando, realmente, um elefante daquele nome fora morto. Para quais regiões eu irei (após a morte), tendo cometido tais atos infames? Eu causei também a morte de meu irmão mais velho Karna, aquele guerreiro terrível que nunca recuava da batalha. Quem há mais pecaminoso do que eu? Pela avareza eu fiz o jovem Abhimanyu, aquele herói que parecia um leão nascido nas colinas, penetrar no esquadrão que era protegido pelo próprio Drona. Eu sou como alguém culpado de infanticídio. Pecaminoso como eu sou, eu não tenho desde então sido capaz de olhar Arjuna ou Krishna de olhos de lótus no rosto. Eu sofro também por Draupadi, que está desprovida de seus cinco filhos como a Terra privada de suas cinco montanhas. Eu sou um grande criminoso, um grande pecador, e um destruidor da terra! Sem me levantar deste assento que eu agora ocupo, eu enfraquecerei meu corpo (por inanição) e encontrarei a morte. Conheçam a mim que sou o assassino de meu preceptor como alguém que sentou-se aqui na observância do voto Praya. Um exterminador da minha linhagem, eu devo fazer isso a fim de que eu não

possa renascer em alguma das outras classes de seres! (Isto é, eu devo passar por tal penitência austera para que na minha próxima vida eu não possa nascer como algum animal inferior, mas consiga tomar nascimento entre homens). Eu renunciarei a toda comida e bebida, e sem me mover deste local, ó grande asceta, secarei completamente meus ares vitais que são tão preciosos. Eu rogo a você com humildade, me conceda permissão para isto e vá para onde quer que lhe agrade. Que todos me concedam permissão. Eu rejeitarei este meu corpo.'"

Vaisampayana continuou, "Refreando o filho de Pritha que, estupefato pela tristeza por causa de seus parentes, proferiu tais palavras, Vyasa, aquele melhor dos ascetas, falou como segue, dizendo primeiro a ele, 'Isto não pode ser!'"

"Vyasa disse, 'Não cabe a ti, ó monarca, te entregar a tal dor pungente. Eu vou repetir o que eu disse uma vez. Tudo isto é Destino, ó pujante! Sem dúvida, todas as criaturas que nascem exibem a princípio uma união (de diversos materiais e forças). A dissolução, no entanto, as alcança no fim. Como bolhas na água elas surgem e desaparecem. Todas as coisas reunidas sem dúvida se desagregarão e todas as coisas que sobem devem cair. União termina em dissolução e vida termina em morte. A ociosidade, embora temporariamente agradável, termina em miséria, e trabalho com habilidade, embora temporariamente doloroso, termina em felicidade. Riqueza, Prosperidade, Modéstia, Contentamento, e Fama residem em trabalho e habilidade mas não em ociosidade. Amigos não podem conceder felicidade, nem inimigos podem infligir tristeza. Similarmente sabedoria não traz riqueza nem a riqueza traz felicidade. Ó filho de Kunti, tu foste criado pelo Criador para te engajar em Trabalho. O Sucesso surge do Trabalho. Tu não és apto, ó rei, para evitar o Trabalho.'"

28

Vaisampayana disse, "Vyasa então dissipou a angústia do filho mais velho de Pandu, que, queimando de tristeza por causa da morte de seus parentes, tinha resolvido por um fim em si mesmo."

Vyasa disse, 'Em relação a isto é citada a história antiga, ó tigre entre homens, que é conhecida pelo nome de discurso de Asma. Ouça-a, ó Yudhishthira! Janaka, o soberano dos Videhas, ó rei, cheio de tristeza e dor, questionou um Brahmana sábio de nome Asma para o esclarecimento de suas dúvidas.'

"Janaka disse, 'Como um homem desejoso do seu próprio bem deve se comportar em ocasiões de acessão e de destruição de ambos, parentes e riqueza?'"

"Asma disse, 'Imediatamente depois da formação do corpo de um homem, alegrias e tristezas se ligam a ele. Embora haja a possibilidade de um ou outro alcançar a pessoa, qualquer um dos dois que realmente a alcance rouba rapidamente sua razão como o vento afastando nuvens reunidas. (Em tempos de prosperidade) alguém pensa desta maneira: 'Eu sou nobre de nascimento! Eu

posso fazer tudo o que eu quiser! Eu não sou um homem inferior!' Sua mente fica saturada com tal vaidade tripla. Viciado em todos os prazeres mundanos, ele começa a desperdiçar a riqueza acumulada por seus antepassados. Empobrecido com o passar do tempo, ele considera a apropriação do que pertence a outros como até louvável. Como um caçador perfurando um veado com suas setas, o rei então pune aquele indivíduo pecaminoso, aquele ladrão das posses de outras pessoas, aquele transgressor de leis e regras. Sem alcançar os cem anos (o período usual de vida humana), tais homens mal vivem além de vinte ou trinta anos. Observando cuidadosamente o comportamento de todas as criaturas, um rei deve, pelo exercício de sua inteligência, aplicar remédios para aliviar as grandes tristezas de seus súditos. As causas de toda a tristeza mental são duas, isto é, a ilusão da mente e a acessão de infortúnio. Nenhuma terceira causa existe. Todas estas diversas espécies de angústias como também aquelas surgidas da atração pelos prazeres mundanos, que se apossam do homem, são tais, (isto é, surgem de tais causas). Velhice e Morte, como um par de lobos, devoram todas as criaturas, fortes ou fracas, baixas ou altas. Nenhum homem pode escapar da velhice e da morte, nem mesmo o subjugador da terra inteira cercada pelo mar. Seja felicidade ou tristeza o que venha sobre as criaturas, esta deve ser desfrutada ou suportada sem exaltação ou depressão. Não há método de escapar delas. Os males da vida, ó rei, alcançam as pessoas na juventude ou na meia idade ou na velhice. Eles nunca podem ser evitados, enquanto aquelas (fontes de felicidade) que são cobiçadas nunca vem. (O homem cobiça liberdade de decadência e imortalidade, mas, em vez de obter o que ele deseja, decadência e morte se tornam sua porção sobre a Terra). A ausência do que é agradável, a presença do que é desagradável, bem e mal, felicidade e dor, seguem o Destino. Similarmente, o nascimento das criaturas e sua morte, e as acessões de ganho e perda, estão todos pré-ordenados. Assim como aroma, cor, gosto e toque surgem naturalmente, a felicidade e a tristeza resultam do que está pré-ordenado. Assentos e camas e veículos, prosperidade e bebida e comida, sempre se aproximam deixando as criaturas segundo o curso do Tempo. (Isto é, estes aparecem e desaparecem no decorrer do Tempo). Até os médicos ficam doentes. O forte se torna fraco. Aqueles que estão no desfrute de prosperidade perdem tudo e se tornam indigentes. O curso do Tempo é muito extraordinário. Nascimento nobre, saúde, beleza, prosperidade, e objetos de prazer, são todos obtidos através do Destino. Os indigentes, embora eles possam não desejar isto, têm muitos filhos. Os ricos por outro lado são vistos serem sem filhos. Admirável é o rumo do Destino. Os males causados por doença, fogo, água, armas, fome, veneno, febre, e morte, e quedas de lugares altos alcançam um homem de acordo com o Destino sob o qual ele é nascido. É visto neste mundo que alguém, sem ter pecado, sofre diversos males, enquanto outro, tendo pecado, não é abatido pelo peso da calamidade. É visto que alguém no desfrute de riqueza perece na juventude; enquanto alguém que é pobre arrasta sua existência, abatido pela decrepitude, por cem anos. Alguém nascido em uma linhagem ignóbil pode ter uma vida muito longa, enquanto alguém que nasceu em uma linhagem nobre perece logo como um inseto. Neste mundo, é muito comum que pessoas em circunstâncias opulentas não tenham apetite, enquanto os que são indigentes podem digerir até lascas de madeira. Impelido pelo destino, quaisquer pecados

que o homem de alma má, descontente com sua condição, cometa, dizendo, 'Eu sou o fazedor', ele considera ser tudo para o seu bem. Caça, dados, mulheres, vinho, brigas, são desaprovados pelos sábios. Muitas pessoas, no entanto, até as possuidoras de extenso conhecimento das escrituras são vistas serem viciadas neles. Os objetos, se cobiçados ou não, encontram as criaturas em consequência do curso do Tempo. Nenhuma outra causa pode ser traçada. Ar, espaço, fogo, lua, sol, dia, noite, os corpos luminosos (no firmamento), rios, e montanhas, quem os faz e quem os mantém? Frio, e calor, e chuva, vem um depois do outro em consequência da passagem do Tempo. É exatamente assim, ó touro entre homens, com a felicidade e a tristeza da humanidade. Nem remédios, nem encantamentos podem resgatar o homem atacado pela decrepitude ou pela morte. Como dois troncos de madeira, flutuando no grande oceano, se juntam e são novamente separados (quando chega a hora), assim mesmo as criaturas se unem e são novamente separadas (quanto chega a hora). O Tempo age igualmente para com aqueles homens que (estão em circunstâncias afluentes e que) desfrutam dos prazeres de música e dança na companhia de mulheres e para com aqueles homens desamparados que vivem do alimento que outros fornecem. Neste mundo mil espécies de relacionamento são contraídos, tais como mãe e pai e filho e mulher. Na verdade, no entanto, de quem são eles e de quem somos nós? Ninguém pode se tornar próprio de alguém, nem alguém pode se tornar próprio de alguém mais. Nossa união aqui com esposas e parentes e benquerentes é como aquelas de viajantes em uma hospedaria do lado da estrada. Onde eu estou? Aonde irei? Quem sou eu? Como eu cheguei aqui? Por quê e por quem eu sofro? Refletindo sobre estas perguntas uma pessoa obtém tranquilidade. A Vida e seu meio ambiente estão girando constantemente como uma roda, e a companhia daqueles que são caros é transitória. A união com irmãos, mãe, pai, e amigos é como a de viajantes em uma hospedaria. Homens de conhecimento contemplam, como se com olhos corpóreos, o mundo seguinte que é invisível. Sem desconsiderar as escrituras, uma pessoa desejosa de conhecimento deve ter fé. Uma pessoa possuidora de conhecimento deve realizar os ritos prescritos em relação aos Pitris e aos deuses, praticar todos os deveres religiosos, realizar sacrifícios, procurar judiciosamente virtude, lucro, e prazer. Ai, ninguém compreende que o mundo está afundando no oceano do Tempo que é muito profundo e que está infestado com aqueles crocodilos enormes chamados de velhice e morte. Muitos médicos podem ser vistos afligidos com todos os membros de suas famílias, embora eles tenham estudado cuidadosamente a ciência de Medicina (literalmente, a ciência da Vida). Tomando medicamentos amargos e diversas espécies de remédios oleosos, eles não conseguem escapar da morte, como o oceano em ultrapassar seus continentes. Homens bem versados em química, apesar de compostos químicos aplicados judiciosamente, são vistos serem derrubados pela decrepitude como árvores derrubadas por elefantes. Da mesma maneira, pessoas possuidoras de mérito ascético, dedicadas ao estudo dos Vedas, praticantes de caridade, e que realizam sacrifícios frequentemente, não têm êxito em escapar da velhice e da morte. Em relação a todas as criaturas que nasceram, nem anos, nem meses, nem quinzenas, nem dias, nem noites, uma vez passados, voltarão. O homem, cuja existência é tão transitória, é forçado, pela passagem do Tempo, ele deseje ou não, a percorrer

este caminho inevitável e amplo (o caminho da Vida) que tem que ser trilhado por todas as criaturas. Se o corpo surge da criatura ou a criatura surge do corpo, a união no entanto, com esposas e outros amigos é como aquela de viajantes em uma estalagem. Não se pode obter uma companhia durável com alguém. Não se pode obter tal companhia com o próprio corpo. Como então esta pode ser tida com alguém mais? Onde, ó rei, está teu pai hoje e onde está teu avô? Tu não os vê hoje e eles não te vêem, ó impecável! Nenhuma pessoa pode ver o céu ou o inferno. As escrituras, no entanto, são os olhos dos virtuosos. Ó rei, modele tua conduta de acordo com as escrituras. De coração puro, deve-se praticar primeiro o voto de Brahmacharya e então gerar filhos e então realizar sacrifícios, para pagar a dívida que se tem com os Pitris, os deuses, e os homens. Realizando sacrifícios e empenhado em procriar (filhos), depois de ter primeiro cumprido o voto de Brahmacharya, alguém que tem a sabedoria como seus olhos, abandonando toda a ansiedade de coração, deve cortejar o céu, este mundo, e sua própria alma. (Cortejar, isto é, procurar alcançar e desfrutar deles.) Aquele rei inclinado à prática de virtude que se esforça judiciosamente para adquirir o Céu e a Terra, e que pega dos bens mundanos apenas o que está ordenado (como a parte do rei) nas escrituras, ganha uma reputação que se espalha por todos os mundos e entre todas as criaturas, móveis e imóveis.' O soberano dos Videhas, de compreensão clara, tendo ouvido estas palavras cheias de razão, ficou livre da aflição, e se despedindo de Asma procedeu em direção à sua residência. Ó tu de glória imorredoura, rejeite tua angústia e levante. Tu és igual ao próprio Sakra. Permita que tua alma seja alegrada. A terra foi ganha por ti no exercício dos deveres Kshatriya. Desfrute dela, ó filho de Kunti, e não desconsidere minhas palavras.'"

29

Vaisampayana disse, "Aquele principal dos reis, Yudhishthira, o filho de Dharma, ainda permanecendo silencioso, o filho de Pandu, Arjuna, se dirigiu a Krishna e falou o seguinte."

"Arjuna disse, 'Este opressor de inimigos, o filho de Dharma, está queimando de angústia por causa de seus parentes (mortos). Console-o, ó Madhava! Mais uma vez, ó Janardana, todos nós caímos em grande perigo. Cabe a ti, ó poderosamente armado, dissipar a aflição dele.'"

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado por Arjuna de grande alma, Govinda de olhos de lótus de glória imorredoura virou seu rosto em direção ao rei. Kesava não poderia de nenhuma maneira ser desconsiderado por Yudhishthira. Desde os primeiros anos Govinda era mais querido para Yudhishthira do que o próprio Arjuna. Pegando a mão do rei enfeitada com pasta de sândalo e parecendo com uma coluna de mármore, Saurin de braços fortes começou a falar, alegrando (os corações de todos os que o ouviam). Seu rosto, ornado com dentes e olhos que eram muito belos, brilhava intensamente como um lótus totalmente desabrochado ao nascer do sol."

"Vasudeva disse, "Ó tigre entre homens, não te entregue a tal angústia que emacia teu corpo. Aqueles que foram mortos nesta batalha não voltarão em hipótese alguma. Aqueles Kshatriyas, ó rei, que morreram nesta grande batalha, são assim como objetos que alguém adquire em seus sonhos e que desaparecem quando ele desperta. Todos eles eram heróis e ornamentos de batalhas. Eles foram derrotados enquanto avançavam com os rostos em direção a seus inimigos. Nenhum dentre eles foi morto com ferimentos nas costas ou enquanto fugia. Todos eles, tendo lutado com heróis em grande batalha e tendo perdido suas vidas então, santificados por armas, procederam para o céu. Não cabe a ti sofrer por eles. Dedicados aos deveres de Kshatriyas, possuidores de coragem, perfeitamente familiarizados com os Vedas e seus ramos, todos eles alcançaram aquele fim bem-aventurado que é obtenível por heróis. Não cabe a ti te afligir por eles depois de ouvir a respeito daqueles senhores de grande alma da terra, dos tempos antigos, que partiram deste mundo. Com relação a isto é citado o velho discurso de Narada perante Srinjaya quando o último estava profundamente afligido pela tristeza por causa da morte de seu filho. (Narada disse), 'Sujeitos à felicidade e tristeza, eu mesmo, tu mesmo e todas as criaturas, ó Srinjaya, teremos que morrer. Que causa então há para tristeza? Ouça-me enquanto eu descrevo a grandiosa bem-aventurança de (alguns) reis antigos. Ouça-me com atenção concentrada. Tu irás então, ó rei, rejeitar tua aflição. Ouvindo a história daqueles senhores de grande alma da terra, diminua tua tristeza. Ó, ouça-me enquanto eu narro suas histórias para ti em detalhes. Por escutar as encantadoras e fascinantes histórias daqueles reis dos tempos antigos, estrelas malignas podem ser propiciadas e o período da vida de uma pessoa pode ser aumentado. Nós sabemos, ó Srinjaya, que houve um rei de nome Marutta que era filho de Avikshit. Mesmo ele caiu vítima da morte. Os deuses com Indra e Varuna e Vrihaspati em sua dianteira foram ao sacrifício, chamado Viswasrij (no qual o realizador partilha com todos sua riqueza), realizado por aquele monarca de grande alma. Desafiando Sakra, o chefe dos deuses, aquele rei o venceu em batalha. O erudito Vrihaspati, desejando fazer o bem para Indra, tinha se recusado a oficiar no sacrifício de Marutta. Então Samvarta, o irmão mais novo de Vrihaspati, concordou com o pedido do rei. Durante o governo daquele rei, ó melhor dos monarcas, a terra produzia colheitas sem ser cultivada e estava enfeitada com diversas espécies de ornamentos. No sacrifício daquele rei, os Viswedevas se sentaram como cortesãos, os Maruts agiam como distribuidores (de alimento e presentes) e os Sadhyas de grande alma também estavam presentes. Naquele sacrifício de Marutta, os Maruts beberam Soma. Os presentes sacrificais que o rei fez superaram (em valor) até àqueles feitos pelos deuses, os Gandharvas, e homens. Como até aquele rei, ó Srinjaya, que te superava em mérito religioso, conhecimento, renúncia, e riqueza, e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho. Houve outro rei de nome Suhotra, o filho de Atithi. Nós sabemos, ó Srinjaya, que até ele caiu vítima da morte. Durante seu governo, Maghavat despejou ouro por um ano inteiro sobre seu reino. Obtendo aquele rei como seu senhor, a terra se tornou na verdade (e não somente em nome como antes) Vasumati (possuidora de riqueza). Os rios, durante o domínio daquele rei, tinham tartarugas, caranguejos, jacarés, tubarões, e golfinhos dourados, pois o adorável Indra, ó rei, tinha-os despejado sobre eles.

Contemplando aqueles peixes e tubarões e tartarugas dourados às centenas e milhares, o filho de Atithi se encheu de admiração. Reunindo aquela vasta riqueza de ouro que cobria a terra, Suhotra realizou um sacrifício em Kurujangala e a deu para os Brahmanas. Quando aquele rei, ó Srinjaya, que te superava nos quatro atributos de mérito religioso, conhecimento, renúncia, e riqueza, e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho (que está morto). Teu filho nunca realizou um sacrifício e nunca fez doações. Sabendo disto, acalme tua mente e não te entregue à dor. Nós ouvimos também, ó Srinjaya, que Vrihadratha, o rei dos Angas, caiu vítima da morte. Ele doou cem mil corcéis. Cem mil donzelas também, enfeitadas com ornamentos dourados, ele deu como presentes em um sacrifício que ele realizou. Cem mil elefantes também da melhor raça, ele deu como presentes em outro sacrifício realizado por ele. Cem milhões também de touros, adornados com correntes de ouro, com milhares de vacas acompanhado-os, ele deu como presentes sacrificais. Enquanto o rei de Anga realizava seu sacrifício perto da colina chamada Vishnupada, Indra ficou embriagado com o Soma que ele bebeu, e os Brahmanas com os presentes que eles receberam. Nos sacrifícios, ó monarca, numerando centenas, que aquele rei realizou antigamente, os presentes que ele fez superaram de longe aqueles sempre feitos pelos deuses, Gandharvas, e homens. Nenhum outro homem nasceu, ou nascerá, que deu ou dará tanta riqueza quanto a que foi dada pelo rei dos Angas nos sete sacrifícios que ele realizou, cada um dos quais era caracterizado pela consagração do Soma. (Aqueles sete sacrifícios eram o Agnishtoma, o Atyagnishtoma, o Ukthya, o Shodashi, o Vajapeya, o Atiratra, e o Aptoryama, cada um dos quais requeria a consagração do Soma). Quando, ó Srinjaya, até este Vrihadratha, que era superior a ti nos quatro atributos e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não te aflija por teu filho que está morto. Nós sabemos também, ó Srinjaya, que Sivi, o filho de Usinara, caiu vítima da morte. Aquele rei dominava a terra inteira como alguém domina a proteção de couro em sua mão. Sobre um único carro que veio a ser vitorioso em todas as batalhas, o rei Sivi fez a terra inteira ressoar com o estrépito de suas rodas e subjugou todos os monarcas. (A expressão usada é ‘Ele fez somente um guarda-sol ser levantado’. O costume é bem conhecido que ninguém exceto reis podia fazer guarda-sóis serem mantidos sobre suas cabeças). O filho de Usinara, Sivi, deu, em um sacrifício, todo o gado e cavalos que ele tinha, domésticos e selvagens. O próprio Criador pensou que nenhum dentre os reis do passado ou do futuro teve ou teria a habilidade para suportar a carga, ó Srinjaya, que o filho de Usinara, Sivi, aquele principal dos reis, aquele herói que era possuidor de destreza igual àquela do próprio Indra, suportou. Não sofra, portanto, por teu filho que nunca realizou algum sacrifício nem fez alguma doação. De fato, ó Srinjaya, quando Sivi, que era muito superior a ti nos quatro atributos e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não chore por teu filho que está morto. Nós sabemos, ó Srinjaya, que Bharata de grande alma também, o filho de Dushmanta e Sakuntala, que tinha uma vasta tesouraria bem abastecida, caiu vítima da morte. Dedicando trezentos cavalos aos deuses nas margens do Yamuna, vinte nas margens do Saraswati, e catorze nas margens do Ganga, aquele rei de grande energia, nos tempos passados, realizou (nesta ordem) mil sacrifícios de cavalo e cem Rajasuyas. Nenhum entre os reis da terra pode imitar os grandes feitos de

Bharata, assim como nenhum homem pode, pelo poder de seus braços, se elevar ao firmamento. Erigindo numerosos altares sacrificais, ele deu inúmeros cavalos e riqueza incontável ao sábio Kanwa. (Kanwa tinha criado em seu retiro a mãe de Bharata, Sakuntala, que tinha sido abandonada, imediatamente após seu nascimento, por sua mãe, Menaka, e o próprio Bharata nasceu no retiro de Kanwa). Quando até ele, ó Srinjaya, que era muito superior a ti nos quatro atributos e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós sabemos, ó Srinjaya, que Rama também, o filho de Dasaratha, caiu vítima da morte. Ele sempre cuidou de seus súditos como se eles fossem seus próprios filhos. Em seus domínios não haviam viúvas e ninguém que estivesse desamparado. De fato, Rama em governar seu reino sempre agiu como seu pai Dasaratha. As nuvens, produzindo chuvas na época habilmente, faziam as colheitas crescerem abundantemente. Durante o período de seu reinado, o alimento era sempre abundante em seu reino. Nenhuma morte ocorreu por afogamento ou pelo fogo. Enquanto Rama o governou, não houve medo de qualquer doença em seu reino. Todo homem vivia por mil anos, e todo homem era abençoado com mil filhos. Durante o período do governo de Rama, todos os homens eram sadios e todos os homens obtinham a realização de seus desejos. As próprias mulheres não brigavam entre si, o que dizer então dos homens? Durante seu governo seus súditos estavam sempre dedicados à virtude. Contentes, coroadas com realização em relação a todos os objetos de seu desejo, sem medo, livres, e dedicadas ao voto da veracidade eram todas as pessoas quando Rama governava o reino. As árvores sempre produziam flores e frutos e não estavam sujeitas a acidentes. Toda vaca produzia leite enchendo um drona até a borda. Tendo morado, na prática de penitências rígidas, por quatorze anos nas florestas, Rama realizou dez Sacrifícios de Cavalo de grande esplendor e a eles o acesso mais livre foi dado a todos. Possuidor de juventude, de uma cor escura, com olhos vermelhos, ele parecia com o líder de uma manada de elefantes. Com braços se estendendo até seus joelhos e de rosto belo, seus ombros eram como aqueles de um leão e a força de seus braços era grande. Ascendendo ao trono de Ayodhya, ele governou por onze mil anos. Quando ele, ó Srinjaya, que te superava nos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós sabemos, ó Srinjaya, que o rei Bhagiratha também morreu. Em um dos sacrifícios daquele rei, embriagado com o Soma que ele tinha bebido, Indra, o adorável castigador de Paka e o chefe dos deuses, derrotou, por aplicar o poder de seus braços, muitos milhares de Asuras. O rei Bhagiratha, em um dos sacrifícios que ele realizou, doou um milhão de donzelas enfeitadas com ornamentos de ouro. Cada uma daquelas moças estava sobre um carro e a cada carro estavam unidos quatro corcéis. Com cada carro haviam cem elefantes, todos da raça principal e enfeitados com correntes de ouro. Atrás de cada elefante haviam mil corcéis, e atrás de cada corcel mil vacas, e atrás de cada vaca mil cabras e ovelhas. (A deusa-rio) Ganga, chamada (desde antes) Bhagirathi, sentou-se sobre o colo deste rei que morava perto (de sua corrente), e a partir deste incidente ela veio a ser chamada de Urvasi. (Ganga é nada mais do que a forma liquefeita de Vishnu. Por um tempo ela morou no cântaro (Kamandalu) de Brahman. Os ancestrais de Bhagiratha tendo perecido por causa da maldição de Kapila, Bhagiratha resolveu

resgatar suas almas por chamar Ganga do céu e fazer suas águas sagradas passarem sobre o local onde as cinzas deles se encontravam. Ele conseguiu executar sua resolução depois de vencer muitas dificuldades. Urvasi literalmente significa alguém que senta no colo.) Ganga de curso triplo (uma corrente no céu, uma na terra, e uma nas regiões inferiores), concordou em ser a filha de Bhagiratha da linhagem de Ikshvaku, aquele monarca era sempre dedicado à realização de sacrifícios com presentes em profusão para os Brahmanas. Quando ele, ó Srinjaya, que te superava em relação aos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho. Nós ouvimos, ó Srinjaya, que Dilipa de grande alma também caiu vítima da morte. Os Brahmanas gostam muito de recitar seus feitos inumeráveis. Em um de seus grandes sacrifícios, aquele rei, com coração totalmente complacente, doou a terra inteira, cheia de riquezas, para os Brahmanas. Em cada sacrifício realizado por ele, o sacerdote principal recebia como taxa sacrifical mil elefantes feitos de ouro. Em um de seus sacrifícios, a estaca (levantada para matar as vítimas) era feita de ouro e parecia extremamente bela. Cumprindo as funções atribuídas a eles, os deuses, tendo Sakra como seu chefe, costumavam procurar a proteção daquele rei. Sobre aquela estaca dourada possuidora de grande refulgência e decorada com um aro, seis mil Deuses e Gandharvas dançaram em alegria, e o próprio Viswavasu em seu meio tocou em sua Vina as sete notas segundo as regras que regulam suas combinações. Tal era a característica da música de Viswavasu que cada criatura (onde quer que ela pudesse estar) pensava que o grande Gandharva estava tocando somente para ela. Nenhum outro monarca poderia imitar esta realização do rei Dilipa. Os elefantes daquele rei, embriagados e adornados com mantas de ouro, costumavam deitar nas estradas. (Tal era a profusão da riqueza de Dilipa que nenhum cuidado era tomado para manter os elefantes enfeitados com ouro dentro de cercas protegidas.) Procederam para o céu aqueles homens que conseguiram obter mesmo uma visão do rei Dilipa de grande alma que era sempre verdadeiro em palavras e cujo arco podia resistir a cem inimigos iguais em energia a cem Anantas. Estes três sons nunca cessavam na residência de Dilipa, isto é, a voz de recitações Védicas, a vibração de arcos, e os gritos de ‘Que isto seja dado’. Quando ele, ó Srinjaya, que te superava nos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não chore por teu filho que está morto. Mandhatri, o filho de Yuvanaswa também, ó Sanjaya, nós soubemos, caiu vítima da morte. As divindades chamadas Maruts extraíram aquela criança do estômago de seu pai através de um de seus lados. Surgido de uma quantidade de manteiga clarificada que tinha sido santificada por mantras (e que por engano tinha sido bebida por seu pai em vez da esposa de seu pai) Mandhatri nasceu do estômago de Yuvanaswa de grande alma. Possuidor de grande prosperidade, o rei Mandhatri conquistou os três mundos. Vendo aquela criança de beleza celestial deitada no colo de seu pai, os Deuses perguntaram uns aos outros, 'De quem esta criança irá mamar?' Então Indra se aproximou dele, dizendo, 'Ele irá mamar de mim!' A partir desta circunstância, as principais das divindades vieram a chamar a criança pelo nome de Mandhatri. (Literalmente: "A mim ele sugará".) Para a alimentação daquele filho de grande alma de Yuvanaswa, o dedo de Indra, colocado em sua boca, começou a produzir um jato de leite. Chupando o dedo de Indra, ele cresceu para um jovem vigoroso em cem

dias. Em doze dias ele parecia com alguém de doze anos. A terra inteira em um dia veio a estar sob o domínio daquele rei virtuoso e corajoso e de grande alma que parecia com o próprio Indra por destreza em batalha. Ele derrotou o rei Angada, Marutta, Asita, Gaya, e Vrihadratha, o rei dos Angas. Quando o filho de Yuvanaswa lutou em batalha com Angada, os deuses pensaram que o firmamento estava se partindo com a vibração de seu arco. A terra inteira desde onde o Sol se ergue até onde ele se põe é citada como o campo de Mandhatri. Tendo realizado Sacrifícios de Cavalo e cem Rajasuyas, ele deu para os Brahmanas muitos peixes Rohita. Aqueles peixes tinham cada um dez Yojanas de comprimento e um de largura. Aqueles que sobravam depois de satisfazer os Brahmanas eram divididos pelas outras classes entre elas mesmas. Quando ele, ó Srinjaya, que te superava em relação aos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós sabemos, ó Sanjaya, que Yayati, o filho de Nahusha, também caiu vítima da morte. Tendo subjugado o mundo todo com seus mares, ele viajou através dele, decorando-o com sucessivos altares sacrificais, os intervalos entre os quais eram medidos por arremessos de um pedaço pesado de madeira. (Yayati, tendo erigido um altar, pegava e arremessava um pedaço de madeira adiante, e sobre o local onde ele caía, erigia outro altar. Dessa maneira ele procedeu até que ele alcançou a própria beira-mar.) De fato, ele alcançou as próprias margens do oceano enquanto procedia realizando grandes sacrifícios (naqueles altares ao longo de seu caminho). Tendo realizado mil sacrifícios e cem Vajapeyas, ele gratificou os principais dos Brahmanas com três montanhas de ouro. Tendo matado muitos Daityas e Danavas devidamente organizados em batalha, o filho de Nahusha, Yayati, dividiu toda a terra (entre seus filhos). Finalmente rejeitando seus outros filhos encabeçados por Yadu e Drahyu, ele instalou (seu filho mais novo) Puru, em seu trono e então entrou nas florestas acompanhado por sua esposa. Quando ele, ó Srinjaya, que te superava de longe nos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós ouvimos, ó Srinjaya, que Amvarisha também, o filho de Nabhaga, caiu vítima da morte. Aquele protetor (do mundo) e principal dos reis era considerado por seus súditos como a encarnação da virtude. Aquele monarca, em um de seus sacrifícios, designou para os Brahmanas, para servi-los, um milhão de reis que tinham eles mesmos realizado milhares de sacrifícios cada um. Homens de piedade louvaram Amvarisha, o filho de Nabhaga, dizendo que tais façanhas nunca tinham sido realizadas antes, nem que ações similares a elas seriam realizadas no futuro. Aquelas centenas e centenas e milhares e milhares de reis (que por ordem de Amvarisha serviram em seus sacrifícios os Brahmanas que tinham ido lá) se tornaram (pelos méritos de Amvarisha) coroados com os frutos do Sacrifício de Cavalo, e seguiram seu senhor pelo Caminho do Sul (para regiões de esplendor e felicidade). Quando ele, ó Srinjaya, que te superava de longe nos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós ouvimos, ó Srinjaya, que Sasavindu também, o filho de Chitrasena, caiu vítima da morte. Aquele rei de grande alma tinha cem mil esposas, e um milhão de filhos. Todos eles costumavam vestir armaduras douradas e todos eles eram arqueiros excelentes. Cada um daqueles príncipes se casou com cem princesas, e cada princesa trouxe

cem elefantes. Com cada um daqueles elefantes haviam cem carros. Com cada carro haviam cem corcéis, todos de boa raça e todos enfeitados com arreios de ouro. Com cada corcel haviam cem vacas, e com cada vaca haviam cem ovelhas e cabras. Esta riqueza incontável, ó monarca, Sasavindu doou, em um Sacrifício de Cavalo, para os Brahmanas. Quando ele, ó Srinjaya, que te superava de longe nos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós ouvimos, ó Srinjaya, que Gaya também, o filho de Amurtarayas, caiu vítima da morte. Por cem anos, aquele rei subsistiu dos restos de comida sacrifical. (Satisfeito com tal devoção) Agni desejou lhe dar bênçãos. As bênçãos pedidas por Gaya foram, 'Que minha riqueza seja inesgotável mesmo se eu doar incessantemente. Que meu respeito pela virtude exista para sempre. Que meu coração sempre tenha prazer na Verdade, pela tua graça, ó comedor de libações sacrificais.' Foi ouvido por nós que o rei Gaya obteve todos aqueles desejos de Agni. Nos dias da lua nova, naqueles da lua cheia, e em todo quarto mês, por mil anos, Gaya realizou repetidamente o Sacrifício de Cavalo. Erguendo-se (no término de cada sacrifício) ele dava cem mil vacas e centenas de mulas (aos Brahmanas) durante este período. Aquele touro entre homens satisfazia os deuses com Soma, os Brahmanas com riqueza, os Pitris com Swadha, e as mulheres com a realização de todos os seus desejos. Em seu grande Sacrifício de Cavalo, o rei Gaya fez uma base dourada ser feita, medindo cem cúbitos de comprimento e cinquenta de largura, e a deu como a taxa sacrifical. Aquele principal dos homens, Gaya, o filho de Amurtarayas, doou tanto gado quanto os grãos de areia que há, ó rei, no rio Ganga. Quando ele, ó Srinjaya, que te superava de longe nos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós sabemos, ó Srinjaya que Rantideva o filho de Sankriti também caiu vítima da morte. Tendo praticado as mais rígidas das penitências e o adorado com grande reverência, ele obteve estes benefícios de Sakra, tendo-os solicitado, dizendo: 'Que nós tenhamos comida abundante e convidados numerosos. Que a minha fé não sofra diminuição, e que nós não tenhamos que pedir nada de alguma pessoa.' Os animais, domésticos e selvagens, mortos em seus sacrifícios, costumavam se aproximar dele, isto é, Rantideva de grande alma de votos rígidos e grande fama, por sua própria vontade. As secreções que fluíam das peles dos animais (mortos em seus sacrifícios), produziram um rio poderoso e célebre o qual até hoje é conhecido pelo nome de Charmanwati. O rei Rantideva costumava fazer doações para os Brahmanas em um extenso cercado. Quando o rei dizia, 'Para ti eu dou cem nishkas! A ti eu dou cem,' os Brahmanas (sem aceitarem o que era oferecido) faziam um barulho (expressivo de recusa). Quando, no entanto, o rei dizia, 'Eu dou mil nishkas' as doações eram todas aceitas. Todos os recipientes e pratos, no palácio de Rantideva, para guardar alimento e outros artigos, todos os jarros e panelas, os potes e pratos e xícaras, eram de ouro. Naquelas noites durante as quais os convidados costumavam morar na residência de Rantideva, vinte mil e cem vacas tinham que ser mortas. Ainda em tais ocasiões, os cozinheiros, enfeitados com brincos, costumavam proclamar (entre aqueles que se sentavam para jantar): 'Há sopa abundante, tomem tanto quanto vocês desejem; mas de carne nós não temos tanto hoje quanto em ocasiões anteriores.' Quando ele, ó Srinjaya, que te superava de longe nos quatro atributos principais e que era mais

puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós ouvimos, ó Srinjaya, que Sagara de grande alma também caiu vítima da morte. Ele era da linhagem de Ikshvaku, um tigre entre homens, e de destreza sobre-humana. Sessenta mil filhos costumavam andar atrás dele, como miríades e mais miríades de estrelas servindo a Lua no firmamento sem nuvens do outono. Seu domínio se estendia por sobre toda esta terra. (Literalmente: Não havia senão um guarda-sol aberto sobre a terra naquela época). Ele gratificou os deuses por realizar mil Sacrifícios de Cavalo. Ele doava para Brahmanas dignos mansões suntuosas com colunas de ouro e (outras partes) feitas totalmente daquele metal precioso, contendo camas caras e grupos de damas belas com olhos parecendo pétalas de lótus, e diversos outros tipos de objetos valiosos. Por sua ordem, os Brahmanas dividiam aqueles presentes entre eles mesmos. Por raiva aquele rei fez a terra ser escavada depois do que ela veio a ter o oceano em sua superfície, e por isto, o oceano veio a ser chamado Sagara pelo seu nome. Quando ele, ó Srinjaya, que te superava de longe nos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não sofra por teu filho que está morto. Nós ouvimos, ó Srinjaya, que o rei Prithu também, o filho de Vena, caiu vítima da morte. Os grandes Rishis, reunindo-se na grande floresta, o instalaram na soberania da terra. E porque era pensado que ele melhoraria toda a humanidade, ele foi, por esta razão, chamado de Prithu (o que melhora). E porque também ele protegia o povo de injúrias (Kshata), ele foi, por esta razão, chamado de um Kshatriya (o que protege de injúrias). Contemplando Prithu, o filho de Vena, todas as criaturas da terra exclamavam, 'Nós somos afeiçoados carinhosamente a ele!' Por esta circunstância do apego carinhoso (a ele de todas as criaturas), ele veio a ser chamado de um Raja (alguém que pode inspirar afeto). A terra, durante seu domínio, produzia colheitas sem ser cultivada, cada folha que as árvores tinham portava mel; e cada vaca produzia um jarro cheio de leite. Todos os homens eram vigorosos e todos os seus desejos costumavam ser coroados com realização. Eles não tinham medo de qualquer tipo. Eles costumavam viver, como lhes agradava, em campos ou em casas (protegidas). Quando Prithu desejava atravessar o oceano, as águas se tornavam solidificadas. Os rios também nunca aumentavam quando ele tinha que cruzá-los, mas permaneciam perfeitamente calmos. O estandarte sobre seu carro se movia livremente em todos os lugares (sem ser obstruído por algum obstáculo). O rei Prithu, em um de seus grandes Sacrifícios de Cavalo, deu para os Brahmanas vinte e uma montanhas de ouro, cada uma medindo três nalwas. (Cada nalwa mede quatrocentos cúbitos). Quando ele, ó Srinjaya, que te superava de longe nos quatro atributos principais e que era mais puro do que teu filho, caiu vítima da morte, não chore por teu filho que está morto. Sobre o que, ó Srinjaya, tu refletes em silêncio? Parece, ó rei, que tu não ouviste estas minhas palavras. Se tu não as ouviste, então este meu discurso foi uma rapsódia inútil, como remédios ou dieta para uma pessoa às portas da morte.'"

"Srinjaya disse, 'Eu estou prestando atenção, ó Narada, a este teu discurso de significado excelente e perfumado como uma guirlanda de flores, este discurso sobre a conduta de sábios nobres de grande alma de atos meritórios e grande fama, que pode certamente dissipar a dor. Teu discurso, ó grande sábio, não foi uma rapsódia inútil. Eu estou livre da aflição na tua própria vista. Como alguém

nunca saciado ao beber néctar, eu não estou saciado com tuas palavras. Ó tu de visão verdadeira, se tu, ó senhor, estiveres inclinado a mostrar tua graça por esta pessoa queimando por causa da morte de seu filho, então aquele filho, por aquela tua graça, com certeza reviverá e se misturará mais uma vez comigo (nesta vida).'"

"Narada disse, 'Eu devolverei para ti aquele teu filho, chamado Suvarnashthivin, que Parvata te deu e que foi privado de vida. Do esplendor do ouro, aquele filho terá mil anos.'"

30

"Yudhishthira disse, 'Como o filho de Srinjaya se tornou Suvarnashthivin? (Literalmente, alguém cujas fezes são ouro). Por que também Parvata deu a Srinjaya aquele filho? E por que ele morreu? Quando as vidas de todos os homens naqueles dias se estendia por mil anos, por que o filho de Srinjaya morreu na infância? Ou, ele era Suvarnashthivin em nome somente? Como também ele veio a ser assim? Eu desejo saber tudo isto.'"

"Krishna disse, 'Eu narrarei para ti, ó rei, os fatos como eles aconteceram. Há dois Rishis, os principais no mundo, chamados Narada e Parvata. Narada é o tio materno e Parvata é o filho de sua irmã. Com corações alegres, o tio Narada e o sobrinho Parvata, antigamente, ó rei, deixaram o céu para um passeio agradável na terra para experimentar manteiga clarificada e arroz. Ambos, possuidores de grande mérito ascético, vagaram sobre a terra, subsistindo do alimento comido por seres humanos. Cheios de alegria e nutrindo grande afeição um pelo outro, eles fizeram um pacto que, qualquer desejo, bom ou mau, que fosse nutrido por um deveria ser revelado ao outro, mas no acontecimento de um deles agir de outra maneira ele estaria sujeito à maldição do outro. Concordando com aquele entendimento, aqueles dois grandes Rishis, adorados de todos os mundos, foram ao rei Srinjaya, o filho de Sitya, e disseram a ele, 'Nós dois, para o teu bem, moraremos contigo por uns poucos dias. Ó senhor da terra, atenda às nossas necessidades devidamente.' O rei, dizendo, 'Assim seja', se pôs ele mesmo a servi-los com hospitalidade. Depois de um tempo, um dia, o rei cheio de alegria apresentou para aqueles ilustres ascetas sua filha da aparência mais formosa, dizendo, 'Esta minha filha servirá vocês. Brilhante como os filamentos do lótus, ela é bela e de membros impecáveis, talentosa e de modos gentis, e se chama Sukumari.' 'Muito bem', disseram os Rishis em resposta, e então o rei se dirigiu à sua filha, dizendo, 'Ó filha, sirva estes dois Brahmanas como se tu estivesses servindo os deuses ou teu pai.' A princesa virtuosa, dizendo, 'Assim seja' começou a servi-los em obediência à ordem de seu pai. Seus serviços respeitosos e beleza inigualável logo inspiraram Narada com uma paixão carinhosa por ela. Aquele sentimento carinhoso começou a crescer no coração do santo ilustre como a lua crescendo gradualmente na acessão da quinzena iluminada. O virtuoso Narada, no entanto, dominado pela vergonha, não pode revelar aquela atração ardente para o filho de sua irmã, Parvata de grande alma. Por meio de seu poder ascético, como também por sinais, Parvata compreendeu tudo. Inflamado com raiva, o

último então resolveu amaldiçoar Narada angustiado de amor. E ele disse, 'Tendo por tua própria vontade feito um acordo comigo que, qualquer desejo, bom ou mau, que fosse nutrido um de nós deveria ser revelado ao outro, tu o violaste. Estas foram tuas próprias palavras. Ó Brahmana! É por isto que eu te amaldiçoarei. Tu não me disseste antes que teu coração tinha sido perfurado pelos encantos da donzela Sukumari! É por isto que eu te amaldiçoarei. Tu és um Brahmacharin. Tu és meu preceptor. Tu és um asceta e um Brahmana. Ainda assim tu quebraste o pacto que fizeste comigo. Cheio de raiva eu irei, por isto, te amaldiçoar. Ouça-me. Esta Sukumari irá, sem dúvida, se tornar tua esposa. Desde o momento do teu casamento, no entanto, ó poderoso, ela e todos os homens te verão um macaco, pois tuas verdadeiras feições terão desaparecido, e tu parecerás um macaco para todos.' Ouvindo estas palavras dele, o tio Narada, cheio de ira, amaldiçoou seu sobrinho Parvata em retorno, dizendo, 'Embora tu tenhas mérito ascético e Brahmacharya e verdade e autocontrole, e embora tu estejas sempre dedicado à virtude, tu ainda não conseguirás proceder para o céu.' Cheios de raiva e desejo de vingança, eles se amaldiçoaram e se inflamaram dessa maneira um contra o outro como um par de elefantes enfurecidos. Desde aquele tempo Parvata de grande alma começou a vagar sobre a terra, respeitado como ele merecia, ó Bharata, por sua própria energia. Narada então, aquele principal dos Brahmanas, obteve segundo os ritos devidos a mão da filha de Srinjaya, a impecável Sukumari. A princesa, no entanto, viu Narada exatamente como a maldição havia dito. De fato, exatamente depois que o último dos mantras do casamento foi recitado, Sukumari viu que o Rishi celeste tinha um rosto como aquele de um macaco. Ela, no entanto, por causa daquilo, não desrespeitou seu marido. Por outro lado, ela dedicou seu amor a ele. De fato, a princesa, casta como ela era, se devotou totalmente a seu marido e em seu coração não desejou ninguém mais nem entre os deuses, Munis, e Yakshas, como marido. Um dia, quanto o ilustre Parvata, no decurso de suas vagueações, entrou em uma floresta solitária, ele viu Narada lá. Saudando-o, Parvata disse, 'Mostre tua graça para mim por me permitir ir para o céu, ó pujante.' Vendo o triste Parvata ajoelhado diante dele com mãos unidas, Narada, ele mesmo triste, disse a ele, 'Tu me amaldiçoaste primeiro, dizendo, 'Seja tu um macaco!' e depois que tu me disseste isto, eu te amaldiçoei de raiva, dizendo, 'Deste dia em diante tu não morará no céu.' Isto não foi certo de tua parte, já que tu és como um filho para mim.' Os dois santos então libertaram um ao outro das suas maldições mútuas. Vendo seu marido possuidor de forma celeste e resplandecente com beleza, Sukumari fugiu dele, tomando-o por alguém que não era seu marido. Vendo a bela princesa fugindo de seu marido, Parvata se dirigiu a ela, dizendo, 'Este é mesmo teu marido. Não tenha nenhum receio. Este é o ilustre e poderoso Rishi Narada, este principal dos seres virtuosos. Ele é teu marido, de uma alma contigo. Não tenha qualquer dúvida.' Assegurada de diversas maneiras pelo ilustre Parvata e informada também da maldição sobre seu marido, a princesa recuperou sua equanimidade. Então Parvata procedeu para o céu e Narada para sua casa."

"Vasudeva continuou, 'O ilustre Rishi Narada, que foi ele mesmo um ator neste caso, está aqui. Ó melhor dos homens, perguntado por ti, ele te dirá tudo o que aconteceu.'"

31

Vaisampayana disse, "O nobre filho de Pandu então se dirigiu a Narada, dizendo, 'Ó santo, eu desejo saber sobre o nascimento da criança cujas fezes eram ouro.' Assim endereçado pelo rei Yudhishthira, o justo, o sábio Narada começou a narrar a ele tudo o que tinha ocorrido com relação àquela criança de fezes douradas."

"Narada disse, 'Foi exatamente assim, ó tu de braços poderosos, como Kesava aqui disse. Solicitado por ti eu agora narrarei a parte restante desta história. Eu mesmo, e o filho de minha irmã, o grande asceta Parvata, fomos (em uma ocasião) até Srinjaya, aquele principal de todos os reis vitoriosos, para residir com ele. Honrados por ele com os ritos devidos, e com todos os nossos desejos satisfeitos, nós tomamos nossa residência em seu domicílio. Depois que a estação das chuvas tinha passado, e quando chegou a hora da nossa partida, Parvata me disse estas palavras importantes e convenientes à hora: 'Nós, ó Brahmana, moramos na residência deste rei por algum tempo, muito honrados por ele. Pense qual retribuição nós devemos dar.' Eu então, ó monarca, me dirigi a Parvata de aspecto abençoado, dizendo, 'Ó sobrinho, isto fica bem em ti, e, ó tu de grande poder, tudo isto depende de ti. Pelas tuas bênçãos que o rei seja feito feliz e que ele realize seus desejos. Ou, se tu escolheres, que ele seja coroado com sucesso pelo mérito ascético de nós dois.' Depois disto, Parvata chamou o rei Srinjaya, aquela principal das pessoas vitoriosas, e lhe disse estas palavras, ó touro da raça Kuru, 'Nós estamos muito satisfeitos, ó rei, com tuas atenções hospitaleiras dadas a nós com toda a sinceridade. Com a nossa permissão, ó principal dos homens, pense no benefício que tu desejas solicitar. Que o benefício, no entanto, seja tal que não possa implicar em inimizade para com os deuses ou destruição para os homens! Aceite então, ó rei, uma bênção, pois tu mereces uma como nós pensamos.' Ouvindo estas palavras, Srinjaya respondeu, 'Se vocês estão satisfeitos comigo, meu objetivo então foi alcançado, pois isso em si mesmo é o minha grande bênção e é considerado por mim como a realização de todos os meus desejos.' Para Srinjaya que falou dessa maneira, Parvata disse novamente, 'Solicite, ó rei, a realização daquele desejo que tu nutres no teu coração, por muito tempo.' Srinjaya respondeu, 'Eu desejo um filho que seja heróico e possuidor de grande energia, firme em seus votos e de vida longa, altamente abençoado e possuidor de esplendor igual ao do próprio Chefe das divindades.' Nisto, Parvata disse, 'Este teu desejo será realizado. Teu filho, no entanto, não viverá muito tempo, pois teu desejo por tal filho é para predominar sobre o Chefe dos deuses. Teu filho será conhecido pelo nome de Suvarnashthivin. Ele será possuidor do esplendor como aquele do Chefe dos deuses, mas cuide de protegê-lo sempre daquela divindade.' Ouvindo estas palavras de Parvata de grande alma, Srinjaya começou a suplicar àquele santo para ordenar de outra maneira, dizendo, 'Que meu filho seja de vida longa, ó Muni, pelo teu mérito ascético.' Parvata, no entanto, não disse nada, por predileção por Indra. Vendo o rei muito triste, eu disse a ele, 'Pense em mim, ó rei, (na tua angústia), e eu prometo vir quando pensado por ti. Não sofra, ó senhor da terra! Eu te darei de volta aquele teu filho

querido, mesmo se ele estiver morto, em sua forma viva.' Tendo dito isso àquele monarca, nós dois deixamos sua presença para irmos para onde nós desejávamos, e Srinjaya voltou para sua residência como lhe agradava. Depois que algum tempo tinha passado, nasceu para o sábio nobre Srinjaya um filho de grande destreza e brilhante com energia. A criança cresceu como um lótus grande em um lago, e se tornou Suvarnashthivin na verdade como em nome. Este fato extraordinário, ó melhor dos Kurus, logo se tornou amplamente conhecido pelo mundo. O Chefe dos deuses também veio a saber disto como o resultado da bênção de Parvata. Temendo humilhação (pelas mãos da criança quando ele crescesse), o matador de Vala e Vritra começou a vigiar o príncipe. Ele comandou sua arma celeste Trovão, que estava perante ele em forma incorporada, dizendo, 'Vá, ó poderoso, e assumindo a forma de um tigre mate aquele príncipe. Quando crescer, este filho de Srinjaya pode, por suas realizações, me humilhar, ó Trovão, como Parvata disse.' Assim endereçado por Sakra, a arma celeste Trovão, aquele subjugador de cidades hostis, começou daquele dia em diante a vigiar constantemente o príncipe. Srinjaya, enquanto isso, tendo obtido aquele filho cujo esplendor parecia aquele do próprio Indra, se encheu de alegria. O rei, acompanhado por suas esposas, e as outras senhoras de sua família, foi residir no meio de uma floresta. Um dia, nas margens do Bhagirathi, o menino, acompanhado por sua babá, corria para lá e para cá em brincadeiras. Embora com somente cinco anos de idade, sua destreza, mesmo então, parecia aquela de um elefante poderoso. Enquanto assim empenhada, a criança encontrou um tigre poderoso que veio sobre ele repentinamente. O príncipe criança tremeu violentamente enquanto ele estava sendo esmagado pelo tigre e logo caiu sem vida sobre a terra. Ao ver isto a babá proferiu gritos altos de angústia. Tendo matado o príncipe, o tigre, pelos poderes de ilusão de Indra, desapareceu. Ouvindo a voz da babá que gritava, o rei, em grande ansiedade correu até o local. Ele viu seu filho lá, com seu sangue bebido, e jazendo sem vida sobre o solo como a lua caída do firmamento. Pegando no colo o menino coberto com sangue, o rei, com coração ferido pela dor, começou a prantear lamentavelmente. As senhoras reais então, afligidas pela dor e chorando, correram rapidamente ao local onde o rei Srinjaya estava. Naquela situação o rei pensou em mim com atenção concentrada. Sabendo que o rei estava pensando em mim eu apareci perante ele. Tomado pela dor como o rei estava, eu recitei para ele todas aquelas histórias, ó monarca, que o herói da tribo Yadu já recitou para ti. Eu trouxe o filho de Srinjaya de volta à vida, com a permissão de Indra. Aquilo que está ordenado deve ocorrer. É impossível que isto seja de outra maneira. Depois disto, o príncipe Suvarnashthivin de grande fama e energia começou a encantar os corações de seus pais. De grande destreza, ele ascendeu ao trono de seu pai depois que o último foi para o céu, e governou por um período de mil e cem anos. Ele adorou os deuses em muitos sacrifícios grandiosos caracterizados por presentes abundantes. Possuidor de grande esplendor, ele gratificou os deuses e os Pitris. Tendo procriado muitos filhos, todos os quais por seus herdeiros multiplicaram a linhagem, ele seguiu pelo caminho de toda a natureza, ó rei, depois de muitos anos. Ó principal dos reis, dissipe esta angústia nascida no teu coração, assim como Kesava te aconselhou, como também Vyasa de penitências austeras. Levante, ó rei, e carregue a responsabilidade deste teu reino ancestral, e realize

sacrifícios excelentes e grandiosos para que tu possas obter (após a morte) quaisquer regiões que possam ser desejadas por ti!'"

32

Vaisampayana disse, "Ao rei Yudhishthira que ainda permanecia quieto e mergulhado na dor, Vyasa Nascido na Ilha, aquele grande asceta, conhecedor das verdades de religião, falou novamente."

"Vyasa disse, 'Ó tu de olhos como pétalas de lótus, a proteção dos súditos é o dever de reis. Aqueles homens que são sempre praticantes do dever consideram o dever como todo-poderoso. Portanto, ó rei, siga os passos de teus ancestrais. Para os Brahmanas, as penitências são um dever. Esta é a ordenança eterna dos Vedas. Penitências, portanto, ó touro da raça Bharata, constituem o dever eterno dos Brahmanas. Um Kshatriya é o protetor de todas pessoas em relação aos seus deveres. (Quaisquer impedimentos que um Brahmana ou Vaisya possa encontrar no cumprimento de seus deveres devem ser removidos por um Kshatriya) O homem que, viciado nas posses mundanas, transgride restrições saudáveis, aquele ofensor contra a harmonia social, deve ser castigado com uma mão forte. A pessoa insensata que procura desobedecer a autoridade, seja ele um servidor, um filho, ou até um santo, de fato, todos os homens de tal natureza pecaminosa devem por todos meios ser castigados ou até mortos. O rei que se comporta de outra maneira incorre em pecado. Aquele que não protege a moralidade quando esta está sendo desrespeitada é ele mesmo um transgressor contra a moralidade. Os Kauravas eram transgressores contra a moralidade. Eles, com seus seguidores, foram mortos por ti. Tu foste cumpridor dos deveres da tua própria classe. Por que então, ó filho de Pandu, tu te entregas a esta tristeza? O rei deve matar os que merecem a morte, fazer doações para pessoas merecedoras de caridade, e proteger seus súditos de acordo com a ordenança.'"

"Yudhishthira disse, 'Eu não duvido das palavras que saem de teus lábios, ó tu de grande mérito ascético! Tudo concernente à moralidade e dever é bem conhecido por ti, ó principal de todas as pessoas conhecedoras da moralidade e do dever! Eu, no entanto, por causa do reino, causei a morte de muitas pessoas! Aqueles atos, ó Brahmana, estão me queimando e me consumindo!'"

"Vyasa disse, 'Ó Bharata, é o Ser Supremo o fazedor, ou é o homem o fazedor? Tudo é o resultado de Acaso no mundo, ou são os resultados que nós desfrutamos ou sofremos, os resultados de ações (prévias)? Se o homem, ó Bharata, faz todas as ações, boas ou más, sendo incitado a isso pelo Ser Supremo, então os resultados daquelas ações devem se vincular ao próprio Ser Supremo. Se uma pessoa corta, com um machado, uma árvore em uma floresta, é a pessoa que incorre em pecado e não o machado. Ou, se é dito que, o machado sendo somente a causa material, a consequência da ação (de cortar) deve se ligar ao agente animado (e não à ferramenta inanimada), então o pecado pode ser dito como pertencente à pessoa que fez o machado. Isto, no entanto, dificilmente pode ser verdade. Se não é razoável, ó filho de Kunti, que um homem deve incorrer na

consequência de uma ação feita por outro, então, guiado por isto, tu deves jogar toda a responsabilidade sobre o Ser Supremo. (Isto é, tu deves pensar que as consequências de todos os atos devem se vincular ao Ser Supremo, ele sendo o incitador de todos nós.) Se, além disso, o homem for ele mesmo o agente de todas as suas ações virtuosas e pecaminosas, então não há Diretor Supremo, e, portanto, o que quer que tu tenhas feito não pode trazer más consequências sobre ti. Ninguém, ó rei, pode se desviar do que está destinado. Se, além disso, o Destino é o resultado das ações de vidas anteriores, então nenhum pecado pode se ligar a alguém nesta vida assim como o pecado de cortar uma árvore não pode tocar o fabricante do machado. (Ninguém sendo livre nesta vida, todos os atos de uma pessoa sendo o resultado de atos anteriores, não pode haver responsabilidade pelos atos nesta vida). Se tu pensas que é somente o acaso que age neste mundo, então tal ato de destruição nunca poderia acontecer nem acontecerá. (A maneira na qual esta grande batalha foi realizada mostra a evidência de um projeto e não mero acaso). Se é necessário averiguar o que é bom e o que é mau no mundo, preste atenção nas escrituras. Nas escrituras é afirmado que reis devem se manter com a vara de castigo erguida em suas mãos. Eu penso, ó Bharata, que os atos, bons e maus, estão girando continuamente aqui como uma roda, e os homens obtêm os resultados daqueles atos, bons ou maus, que eles fazem. Uma ação pecaminosa procede de outra. Portanto, ó tigre entre reis, evite todas as ações más e não coloque teu coração na tristeza dessa maneira. Tu deves aderir, ó Bharata, aos deveres, mesmo que censuráveis, de tua própria classe. Esta autodestruição, ó rei, não fica bem em ti. Expiações, ó rei, são ordenadas para (más) ações. Quem está vivo pode realizá-las, mas quem morre fracassa em sua realização. Portanto, ó rei, sem sacrificar tua vida, realize aquelas ações expiatórias. Se tu não realizá-las tu poderás ter que te arrepender no mundo seguinte.'"

33

"Yudhishthira disse, 'Filhos e netos e irmãos e pais e sogros e preceptores e tios maternos e avôs, muitos Kshatriyas de grande alma, muitos parentes (por casamento), amigos, companheiros, filhos da irmã, e outros parentes, ó avô, e muitos dos principais dos homens vindos de diversos países, morreram. A morte de todos estes, ó avô, foi causada somente por mim, pelo desejo de reino. Tendo causado a morte de tantos reis heróicos que eram sempre dedicados à justiça e todos os quais tinham bebido Soma em sacrifícios, que fim eu obterei, ó grande asceta? Pensando que esta terra foi privada de muitos leões entre reis, todos os quais estavam desfrutando de grande prosperidade, eu queimo continuamente até agora. Tendo testemunhado aquele massacre de parentes e de milhões de outros homens, eu queimo de angústia, ó avô! Oh, qual será a situação daquelas principais das senhoras que estão privadas de filhos, de maridos, e de irmãos? Repreendendo os Pandavas e os Vrishnis como assassinos cruéis, aquelas senhoras, com feições emaciadas e mergulhadas em sofrimento, se atirarão no chão! Não vendo seus pais e irmãos e maridos e filhos, aquelas senhoras, pela aflição, abandonando suas vidas, irão para a residência de Yama, ó principal dos

Brahmanas! Eu não duvido disto. O rumo da moralidade é muito sutil. É evidente que nós seremos maculados pela culpa de matar mulheres por isto. Tendo matado nossos parentes e amigos e assim cometido um pecado inexpiável, nós teremos que cair no inferno com cabeças para baixo. Ó melhor dos homens, nós iremos, portanto, desgastar nossos membros com as mais austeras das penitências. Diga-me, ó avô, para que modo de vida eu devo me dirigir então.'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras de Yudhishthira, o Rishi Nascido na Ilha, tendo refletido agudamente por algum tempo, endereçou-se ao filho de Pandu dessa maneira:

Vyasa disse, 'Lembrando dos deveres de um Kshatriya, ó rei, não ceda à dor. Todos aqueles Kshatriyas, ó touro entre Kshatriyas, morreram no cumprimento de seus próprios deveres. Em busca de grande prosperidade e de grande fama na terra, aqueles principais dos homens, todos os quais estavam sujeitos à morte, pereceram pela influência do Tempo. Tu não foste o matador deles, nem Bhima, nem Arjuna, nem os gêmeos. Foi o Tempo que levou a vitalidade deles segundo a grande lei de mudança. O Tempo não tem nem mãe, nem pai, nem alguém a quem ele esteja disposto a demonstrar qualquer favor. Ele é a testemunha das ações de todas as criaturas. Por ele eles foram levados embora. Esta batalha, ó touro da raça Bharata, foi somente uma ocasião ordenada por ele. Ele faz todas as criaturas serem mortas pelo auxílio de criaturas. Esta é a maneira na qual ele aplica seu poder irresistível. Saiba que o Tempo (em seu intercâmbio com criaturas) é dependente do vínculo da ação e é a testemunha de todas as ações boas e más. É o Tempo que ocasiona os resultados, repletos de felicidade ou dor, das nossas ações. Pense, ó poderosamente armado, nas ações daqueles Kshatriyas que morreram. Aquelas ações foram as causas de sua destruição e foi por causa delas que eles pereceram. Pense também nos teus próprios atos consistindo em práticas de votos com alma controlada. E pense também em como tu foste forçado pelo Ordenador Supremo a fazer tal ato (como a matança de tantos seres humanos). Como uma arma feita por um ferreiro ou carpinteiro está sob o controle do homem que a está manipulando, e se move como ele a move, similarmente este universo, controlado por ações feitas no Tempo, se move como aquelas ações o movem. Vendo que os nascimentos e mortes de criaturas ocorrem sem alguma causa (determinável) e em perfeito desregramento, tristeza e alegria são totalmente desnecessárias. Embora esta confusão no teu coração seja uma mera ilusão, ainda, se isto te agrada, ó rei, realize ritos expiatórios (para te livrar do teu assim chamado pecado). Sabe-se, ó Partha, que os deuses e os Asuras lutaram uns com os outros. Os Asuras eram os mais velhos, e os deuses os irmãos mais jovens. Cobiçosos de prosperidade, foi violenta a batalha travada entre eles. A luta durou por trinta e dois mil anos. Fazendo da terra uma vasta extensão de sangue, os deuses mataram os Daityas e ganharam a posse do céu. Tendo obtido a posse da terra, um (grande) número de Brahmanas, conhecedores dos Vedas, se armaram, estupefatos pelo orgulho, com os Danavas ajudá-los na luta. Eles eram conhecidos pelo nome de Salavrika e numeravam oitenta e oito mil. Todos eles, no entanto, foram mortos pelos deuses. Aquelas pessoas de alma pecaminosa que desejam a extinção da virtude e que espalham a pecaminosidade

merecem ser mortas assim como os Daityas raivosos foram mortos pelos deuses. Se por matar um único indivíduo uma família puder ser salva, ou, se por matar uma única família o reino puder ser salvo, tal ação de matança não será uma transgressão. O pecado, ó rei, às vezes assume a forma de virtude, e a virtude às vezes assume a forma de pecado. Aqueles, no entanto, que são eruditos, sabem qual é qual. Portanto, console a ti mesmo, ó filho de Pandu, pois tu és bem versado nas escrituras. Tu, ó Bharata, somente seguiste o caminho antigamente trilhado pelos próprios deuses. Homens como vocês nunca vão para o inferno, ó touro da raça Pandu! Conforte estes teus irmãos e todos os teus amigos, ó opressor de inimigos! Quem deliberadamente se envolve em ações pecaminosas, e cometendo tais atos pecaminosos não sente vergonha mas continua o mesmo como antes, é chamado (na escritura) de um grande pecador. Não há expiação para ele e seus pecados não conhecem diminuição. Tu és nascido em uma família nobre. Forçado pelas falhas de outros, tu fizeste isto muito a contragosto, e tendo-o feito tu te arrependeste. O Sacrifício de Cavalo, aquele rito formidável, é indicado como uma expiação para ti. Faça os preparativos para aquele sacrifício, ó monarca, e tu ficarás livre dos teus pecados. O divino castigador de Paka, tendo derrotado seus inimigos com a ajuda dos Maruts, gradualmente realizou cem sacrifícios e se tornou Satakratu (o realizador de cem sacrifícios). Livre do pecado, possuidor do céu, e tendo obtido muitas regiões de bem-aventurança e grande felicidade e prosperidade, Sakra, cercado pelos Maruts, está brilhando em beleza, e iluminando todos os quadrantes com seu esplendor. O marido de Sachi é adorado nos céus pelas Apsaras. Os Rishis e os outros deuses todos o adoram com reverência. Tu obtiveste a terra através da tua coragem. Todos os reis foram derrotados por ti, ó impecável, pela tua destreza. Procedendo com teus amigos para o reino deles, ó rei, instale seus irmãos, filhos, ou netos em seus tronos. Comportando-te com bondade até para com as crianças no útero, faça teus súditos contentes e felizes, e governe a terra. Instale em seus tronos as filhas daqueles que não tinham filhos. Mulheres gostam de prazer e poder. Por estes meios elas rejeitarão suas tristezas e ficarão felizes. Tendo confortado todo o império desta maneira, ó Bharata, adore os deuses em um Sacrifício de Cavalo como o virtuoso Indra fez no passado. Não é apropriado para nós nos afligirmos por aqueles Kshatriyas de grande alma, ó touro da tua classe, (que morreram em batalha). Estupefatos pelo poder do destruidor, eles pereceram na observância dos deveres de sua própria classe. Tu cumpriste os deveres de um Kshatriya e obtiveste a terra sem um incômodo sobre ela. Cumpra agora tuas funções, ó filho de Kunti, pois então, ó Bharata, tu poderás obter felicidade no outro mundo.'"

34 - 35

"Yudhishthira disse, 'Depois de fazer quais ações um homem se torna sujeito a realizar expiação? E quais são os atos que ele deve fazer para ficar livre do pecado? Diga-me isto, ó avô.'"

"Vyasa disse, 'Tendo deixado de fazer as ações que estão ordenadas, e feito aquelas que são proibidas, e tendo se comportado desonestamente, um homem se torna sujeito a realizar expiação. A pessoa na observância do voto Brahmacharya, que se levanta da cama depois de o sol ter nascido ou vai dormir enquanto o sol está se pondo, alguém que tem uma unha podre ou dentes pretos, alguém cujo irmão mais novo casa primeiro, alguém que casa antes de seu irmão mais velho estar casado, alguém culpado da morte de um Brahmana, que fala mal de outros, alguém que casa uma irmã mais jovem antes de a irmã mais velha estar casada, ou que casa uma irmã mais velha depois de ter casado uma mais nova, alguém que se desvia de um voto, que mata alguém das classes regeneradas, que dá um conhecimento dos Vedas para uma pessoa indigna disto, ou que não dá um conhecimento destes para uma pessoa que seja digna disto, alguém que tira muitas vidas, alguém que vende carne, que abandonou seu fogo (sagrado), que vende o conhecimento dos Vedas (isto é, que cobra taxas de seus pupilos para lhes ensinar as escrituras), alguém que mata seu preceptor ou uma mulher, alguém nascido em uma família pecaminosa, que mata um animal intencionalmente (isto é, não em um sacrifício), que incendeia uma casa habitada, que vive por meio de fraude, que age em oposição a seu preceptor, e que violou um acordo, estes todos são culpados de pecados que requerem expiação. Eu agora mencionarei outras ações que homens não devem fazer, isto é, ações que são proibidas pelo mundo e pelos Vedas. Ouça-me com atenção concentrada. A rejeição do próprio credo, a prática do credo de outras pessoas, ajudar no sacrifício ou nos ritos religiosos de alguém que não seja digno de tal ajuda, comer alimento que é proibido, abandonar alguém que anseia por proteção, negligenciar o sustendo dos empregados e dependentes, vender sal e melado (e outras substâncias similares), matar aves e animais, recusar, embora competente, a procriar com uma mulher que o solicita, omissão em ofertar os presentes diários (de punhados de grama para o gado e semelhantes), omissão em oferecer o dakshina, humilhar um Brahmana, estes todos são citados por pessoas familiarizadas com dever como atos que ninguém deve fazer. O filho que disputa com o pai, a pessoa que viola o leito de seu preceptor, o homem que deixa de produzir filhos em sua esposa, são todos pecaminosos, ó tigre entre homens! Eu agora declarei para ti, em resumo como também em detalhes, as ações e omissões pelas quais um homem se torna sujeito a realizar expiação. Escute agora as circunstâncias sob as quais os homens, mesmo por cometerem tais atos, não ficam manchados pelo pecado. Se um Brahmana bem familiarizado com os Vedas pega armas e avança contra ti em batalha para te matar, tu podes proceder contra ele para tirar a vida dele. Por tal ato o matador não se torna culpado de matar um Brahmana. Há um mantra nos Vedas, ó filho de Kunti, que afirma isto, eu declaro para ti somente aquelas práticas que são sancionadas pela autoridade dos Vedas. Alguém que mata um Brahmana que se desviou dos seus próprios deveres e que avança, com arma na mão, com a intenção de matar, não se torna realmente o assassino de um Brahmana. Em tal caso é a fúria do assassino que procede contra a fúria do assassinado. Uma pessoa por beber estimulantes alcoólicos em ignorância ou pelo conselho de um médico virtuoso quando sua vida está em perigo, deve ter as cerimônias regeneradoras realizadas mais uma vez em seu caso. Tudo o que eu te disse, ó filho de Kunti, sobre comer comida

proibida, pode ser purificado por tais ritos expiatórios. Relações com a mulher do preceptor por ordem do preceptor não maculam o pupilo. O sábio Uddalaka fez seu filho Swetaketu ser gerado por um discípulo. Uma pessoa por cometer roubo por causa de seu preceptor em uma época de necessidade não é manchado pelo pecado. Uma pessoa, no entanto, que rouba para obter prazeres para si mesma se torna maculada. Uma pessoa não é maculada por roubar de outros que não Brahmanas (em uma época de miséria e por causa de seu preceptor). Somente alguém que rouba sob tais circunstâncias sem se apropriar de qualquer parte do roubo é intocado pelo pecado. Uma mentira pode ser contada para salvar a própria vida ou a de outro, ou por causa de seu preceptor, ou para satisfazer uma mulher, ou para ocasionar um casamento. O voto de Brahmacharya de um homem não é quebrado por ter sonhos molhados. Em tais casos a expiação prescrita consiste em despejar manteiga clarificada no fogo ardente. Se o irmão mais velho foi morto ou renunciou ao mundo, o irmão mais novo não incorre em pecado por se casar. Solicitado por uma mulher, relação com ela não destrói a virtude. Não se deve matar ou causar a morte de um animal exceto em um sacrifício. Os animais se tornaram sagrados (adequados para sacrifício) pela bondade manifestada em direção a eles pelo próprio Criador nas ordenanças prescritas por Ele. Por fazer uma doação em ignorância para um Brahmana não merecedor uma pessoa não incorre em pecado. A omissão (por ignorância) de se comportar com generosidade em direção a uma pessoa merecedora não leva ao pecado. Por se rejeitar uma esposa adúltera não se incorre em pecado. Por tal tratamento a própria mulher pode ser purificada enquanto o marido pode evitar o pecado. Alguém que conhece o uso verdadeiro do suco Soma (isto é, alguém que sabe que o suco Soma é usado em sacrifícios para satisfazer os deuses), não incorre em pecado por vendê-lo. Por despedir um empregado que é incompetente para prestar serviços não se é tocado pelo pecado. Eu agora te disse aqueles atos por fazer os quais uma pessoa não incorre em pecado. Eu agora te falarei da expiação em detalhes.'"

36

"Vyasa disse, 'Por penitências, ritos religiosos, e doações, ó Bharata, um homem pode se purificar de seus pecados se ele não cometê-los novamente. Por subsistir de uma única refeição por dia, e esta obtida por mendicância, por fazer todos os seus atos ele mesmo (sem contar com a ajuda de um empregado), por fazer sua ronda de mendicância com uma caveira humana em uma mão e um khattanga na outra, por se tornar um Brahmacharin e sempre pronto para o esforço, por abandonar toda a malícia, por dormir sobre a terra nua, por divulgar seu pecado para o mundo, por fazer tudo isto por doze anos completos, uma pessoa pode se limpar do pecado de ter matado um Brahmana. Por perecer por meio da arma de uma pessoa que vive pelo uso de armas, por vontade própria e pelo conselho de pessoas eruditas nas escrituras, ou por se jogar, por três vezes, de cabeça para baixo, sobre um fogo ardente, ou por andar cem Yojanas todo o tempo recitando os Vedas, ou por dar toda a sua propriedade para um Brahmana

conhecedor dos Vedas, ou pelo menos tanto quanto possa lhe garantir meios suficientes para viver, ou uma casa devidamente mobiliada, e por proteger vacas e Brahmanas, alguém pode ser purificado do pecado de ter matado um Brahmana. Por viver da mais escassa refeição todos os dias por um espaço de seis anos, uma pessoa pode ser purificada daquele pecado. (A regra prescrita é que se deve comer de manhã nos primeiros três dias, à noite nos outros três, comer somente o que é conseguido sem pedir nos três dias seguintes, e jejuar completamente nos outros três. Isto é chamado de Krischara-bhojana. Cumprindo esta regra por seis anos uma pessoa pode se purificar do pecado de matar um Brahmana). Por praticar um voto mais difícil com relação à alimentação alguém pode se purificar em três anos. (Seguindo o mesmo esquema acima mas de sete em sete dias). Por viver de uma refeição em um mês uma pessoa pode se purificar no decurso de um ano somente. Por observar, além disso, um jejum absoluto, uma pessoa pode se purificar dentro de um muito tempo curto. Não há dúvida também de que se é purificado por um Sacrifício de Cavalo. Homens que são culpados de terem matado um Brahmana e que conseguiram tomar o banho final na conclusão do Sacrifício de Cavalo ficam limpos de todos os seus pecados. Esta é uma injunção de grande autoridade nos Srutis. Além disso, por sacrificar sua vida em uma batalha empreendida por causa de um Brahmana, um homem fica purificado do pecado de ter matado um Brahmana. Por dar cem mil vacas para pessoas merecedoras de doações uma pessoa vem a ser purificada do pecado de ter matado um Brahmana como também, de fato, de todos os seus pecados. Alguém que dá vinte e cinco mil vacas da espécie Kapila enquanto todas elas deram cria se torna limpo de todos os seus pecados. Quem, prestes a morrer, dá mil vacas com bezerros para pessoas pobres porém dignas fica livre do pecado. Aquele homem, ó rei, que doa cem corcéis da raça Kamvoja para Brahmanas de comportamento regulado se livra do pecado. Aquele homem, ó Bharata, que dá para uma pessoa tudo o que ela pede e que, tendo-o dado, não fala de sua ação para ninguém, fica livre do pecado. Se uma pessoa que uma vez tomou álcool bebe (como expiação) licor quente, ela santifica a si mesma agora e no futuro. Por cair do topo de uma montanha ou entrar em um fogo ardente, ou por sair em uma viagem eterna depois de renunciar ao mundo uma pessoa fica livre de todos os pecados. Por realizar o sacrifício prescrito por Vrihaspati, um Brahmana que bebe licores alcoólicos pode conseguir chegar à região de Brahman. Isto foi dito pelo próprio Brahman. Se uma pessoa, depois de ter bebido licor alcoólico, se torna humilde e faz uma doação de terra, e se abstém disto para sempre depois, ela se torna santificada e limpa. A pessoa que violou o leito de seu preceptor deve se deitar sobre um lençol de ferro tendo-o aquecido, e tendo cortado o emblema de seu sexo deve deixar o mundo por uma vida nas florestas, com olhos sempre virados para cima. Por rejeitar seu corpo alguém se purifica de todos os seus maus atos. Mulheres, por levarem uma vida regulada por um ano, se tornam limpas de todos os seus pecados. A pessoa que cumpre um voto muito rígido, ou doa toda a sua riqueza, ou perece em uma batalha lutada por causa de seu preceptor, se torna limpa de todos os seus pecados. Alguém que usa de mentira perante seu preceptor ou age em oposição a ele se purifica daquele pecado por fazer alguma coisa agradável para o preceptor. Alguém que se desviou do voto (de Brahmacharya), pode se purificar deste pecado por vestir a pele de uma vaca

por seis meses e praticar as penitências prescritas no caso do assassinato de um Brahmana. Quem é culpado de adultério, ou de roubo, pode se purificar por cumprir votos rígidos por um ano. Quando se rouba a propriedade de alguém, se deve, por todos meios em seu poder, restituir para ele outra propriedade do valor daquela que foi roubada. Pode-se então ser limpo do pecado (de roubo). O irmão mais novo que se casou antes do casamento do irmão mais velho, como também o irmão mais velho cujo irmão mais jovem se casou antes dele, se purificam por cumprirem um voto rígido, com alma controlada, por doze noites. O irmão mais novo, no entanto, deve se casar novamente para resgatar seus antepassados falecidos. Após este segundo casamento, a primeira esposa se purifica e seu marido não incorre em pecado por tomá-la. Homens familiarizados com as escrituras declaram que mulheres podem ser purificadas até dos maiores pecados por praticarem o voto de chaturmasya, todo o tempo vivendo de comida escassa e limpa. Pessoas familiarizadas com as escrituras não levam em conta os pecados que as mulheres possam cometer por amor. Quaisquer que sejam seus pecados (desta descrição), elas são purificadas por seu curso menstrual como um prato metálico que é limpo com cinzas. Pratos (feitos de liga de metal e cobre) sujos por um Sudra que comeu deles, ou um recipiente do mesmo metal que foi cheirado por uma vaca, ou manchado pelo Gandusha de um Brahmana, podem ser limpos por meio das dez substâncias purificadoras. (Estes são os cinco produtos da vaca, além de terra, água, cinzas, ácidos e fogo.) É prescrito que um Brahmana deve adquirir e praticar toda a extensão da virtude. Para uma pessoa da classe nobre é prescrito que ela deve adquirir e praticar a extensão da virtude menos uma quarta parte. Assim, um Vaisya deve adquirir a medida menos uma quarta parte (do que a de um Kshatriya) e um Sudra menos uma quarta parte (do que a de um Vaisya). O peso ou a leveza de pecados (para propósitos de expiação) de cada uma das quatro classes deve ser determinado sobre este princípio. Tendo matado uma ave ou um animal, ou derrubado árvores vivas, uma pessoa deve divulgar seu pecado e jejuar por três noites. Por ter relações com alguém com quem relacão é proibida, a expiação é vagar em roupas molhadas e dormir em uma cama de cinzas. Estas, ó rei, são as expiações para ações pecaminosas, de acordo com a razão e precedentes e escrituras e ordenanças. Um Brahmana pode ser purificado de todos os pecados por recitar o Gayatri em um lugar sagrado, vivendo todo o tempo de alimentação frugal, abandonando a malícia, abandonando ira e ódio, indiferente a louvores e censuras, e se abstendo de falar. Ele deve durante o dia estar sob o abrigo do céu e deve se deitar à noite exatamente em tal lugar. Três vezes durante o dia, e três vezes durante a noite, ele deve também mergulhar com suas roupas em um rio ou lago para realizar suas abluções. Cumpridor de votos rígidos, ele deve se abster de falar com mulheres, Sudras, e pessoas decaídas. Um Brahmana por cumprir tais regulamentos pode ser purificado de todos os pecados cometidos inconscientemente por ele. Uma pessoa obtém no outro mundo os resultados, bons ou maus, das suas ações aqui, as quais são todas testemunhadas pelos elementos. Seja virtude ou vício, segundo a medida verdadeira que alguém adquire dos dois, ele desfruta ou sofre as consequências (aqui mesmo). Por conhecimento, por penitências, e por ações justas, portanto, alguém aumenta sua prosperidade (aqui mesmo). Alguém pode, portanto, da mesma maneira, aumentar sua miséria por cometer atos injustos. Deve-se,

portanto, sempre realizar ações que são justas e se abster totalmente daquelas que são injustas. Eu agora indiquei quais são as expiações para os pecados que foram mencionados. Há expiação para todos os pecados exceto para os que são chamados Mahapatakas (pecados altamente hediondos). Com relação aos pecados a respeito de comida impura e semelhantes, e palavras impróprias, etc., eles são de duas classes, isto é, os cometidos conscientemente e os que são cometidos inconscientemente. Todos os pecados que são cometidos conscientemente são graves, enquanto os que são cometidos inconscientemente são triviais ou leves. Há expiação para ambos. De fato o pecado pode ser purificado pela (observância das) ordenanças citadas. Aquelas ordenanças, no entanto, são prescritas somente para os crentes (em Deus) e para os que têm fé. Elas não são para ateus ou para aqueles que não têm fé, ou para aqueles em quem o orgulho e a malícia predominam. Uma pessoa, ó tigre entre homens, que deseja prosperidade aqui e no futuro deve, ó principal dos homens virtuosos, recorrer a um comportamento virtuoso, a (conselhos de) homens que são honrados, e aos deveres que foram ordenados para ela. Portanto, pelas razões já explicadas (por mim), tu, ó rei, deves ser purificado de todos os teus pecados pois tu mataste teus inimigos na execução de teus deveres como um rei e para a proteção da tua vida e da tua herança. Ou, se apesar disto tu ainda te consideras pecaminoso, realize expiação. Não desperdice tua vida por causa de tal angústia que não é apropriada para um homem sábio.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado pelo Rishi santo, o rei Yudhishthira, o justo, tendo refletido por um momento, disse estas palavras ao sábio.'"

37

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, qual comida é pura e qual é impura, qual doação é louvável, e quem deve ser considerado merecedor e quem não merecedor (de doações).'"

"Vyasa disse, 'Com relação a isto é citado o antigo relato de uma conversa entre os ascetas e aquele senhor da criação, isto é, Manu. Na era Krita, um grupo de Rishis, de votos rígidos, tendo se aproximado do grande e poderoso senhor da criação, Manu, enquanto ele estava sentado comodamente, e pediram a ele para falar sobre os deveres, dizendo, 'Qual comida deve ser ingerida, qual pessoa deve ser considerada merecedora (de doações), quais doações devem ser feitas, como uma pessoa deve estudar, e quais penitências alguém deve realizar e como, e quais ações devem ser feitas e quais ações não devem ser feitas, ó senhor da criação, nos fale tudo sobre isto.' Assim endereçado por eles, o divino e auto-nascido Manu disse a eles, 'Ouçam-me enquanto eu explico os deveres em resumo e em detalhes. Em regiões que não foram proibidas, recitações silenciosas (de mantras sagrados, homa), jejuns, conhecimento do eu, rios sagrados, regiões habitadas por homens dedicados a atos pios, estes são citados como atos e objetos que são purificadores. Certas montanhas também são puras,

como também comer ouro e banho em águas nas quais estão mergulhadas jóias e pedras preciosas. Permanência em lugares sagrados, e comer da manteiga santificada também, estes sem dúvida purificam depressa um homem. Nenhum homem será chamado de sábio se ele se entregou ao orgulho. Se ele deseja uma vida longa, ele deve por três noites beber água quente (como uma expiação por ter cedido ao orgulho). A recusa em se apropriar do que não é dado, doação, estudo (das escrituras), penitência, abstenção de ferir, veracidade, liberdade de ira, e culto aos deuses em sacrifícios, estas são as características da virtude. Também o que é virtude pode, segundo tempo e lugar, ser pecado. Assim a apropriação (do que pertence a outros), mentira, e injúria e assassinato, podem, sob circunstâncias especiais, se tornar virtudes, (apropriação, como no caso de um rei impondo multas aos transgressores e se apropriando delas para uso do estado; a mentira, como no caso de um servo ou seguidor leal para proteger a vida de seu mestre; e assassinato, como no caso de um criminoso pelo rei ou no exercício do direito de autodefesa). Com relação a pessoas capazes de julgar, as ações são de dois tipos, virtuosas e pecaminosas. Do ponto de vista mundano e do Védico, a virtude e o pecado são bons ou maus (de acordo com suas consequências). Do ponto de vista Védico, virtude e pecado (isto é, tudo o que um homem possa fazer ou não fazer), seria classificado sob ação e inação. Inação (abstenção dos ritos Védicos e adoção de uma vida de contemplação), leva à emancipação (do renascimento); enquanto as consequências da ação (prática dos ritos Védicos), são repetidas mortes e renascimentos. Do ponto de vista mundano, atos que são maus levam ao mal e as boas ações a consequências que são boas. Do ponto de vista mundano, portanto, virtude e pecado devem ser distinguidos pela boa ou má qualidade de suas consequências. Ações que são (aparentemente) más, quando empreendidas por considerações ligadas com os deuses, as escrituras, a própria vida, e os meios pelos quais a vida é mantida, produzem consequências que são boas. Quando uma ação é empreendida pela esperança, embora duvidosa, de que ela produzirá danos (para alguém) no futuro, ou quando uma ação é feita cuja consequência é visivelmente prejudicial, a expiação é prescrita. Quando uma ação é feita por raiva ou por um julgamento nublado, então a expiação deve ser realizada por causar dor ao corpo, guiado por precedente, por escrituras, e pela razão. Quando qualquer coisa, também, é feita para agradar ou desagradar a mente, o pecado surgido disto pode ser purificado por meio de alimentação santificada e pela recitação de mantras. O rei que põe de lado (em um caso específico) a vara de castigo, deve jejuar por uma noite. O sacerdote que (em um caso específico) se abstém de aconselhar o rei a infligir punição, deve jejuar por três noites como uma expiação. A pessoa que, por angústia, tenta cometer suicídio por meio de armas, deve jejuar por três noites. Não há expiação para quem abandona os deveres e práticas da sua ordem e classe, país, e família, e que abandona seu próprio credo. Quando surge uma ocasião de dúvida a respeito do que deve ser feito, deve ser considerado como a injunção das escrituras aquilo que dez pessoas versadas em escrituras Védicas ou três daquelas que as recitam frequentemente possam declarar. (Havia, como agora, pessoas para quem a leitura ou recitação das escrituras era uma profissão. As funções daqueles homens não eram diferentes daquelas dos rapsodistas da Grécia antiga.) O touro, terra, formigas pequenas, vermes gerados na sujeira, e

veneno, não devem ser comidos por Brahmanas. Eles não devem também comer peixes que não têm escamas, e animais aquáticos de quatro patas como rãs e outros, exceto a tartaruga. Aves aquáticas chamadas Bhasas, patos, Suparnas, Chakravakas, patos mergulhadores, grous, corvos, shags, urubus, falcões, corujas, como também todos os animais carnívoros de quatro patas e que têm dentes longos e afiados, e aves, e animais que têm dois dentes e os que têm quatro dentes, como também o leite de ovelha, de jumento, de camelo, da vaca que recém pariu, de mulher e de veado, não devem ser tomados por um Brahmana. Além disto, a comida que foi oferecida a um homem, a qual foi cozida por uma mulher que deu à luz recentemente, e comida cozida por uma pessoa desconhecida, não deve ser comida. O leite também de uma vaca que pariu recentemente não deve ser tomado. Se um Brahmana come alimento que foi cozido por um Kshatriya, este diminui sua energia; se ele pega a comida fornecida por um Sudra, ela diminui seu esplendor Brahmânico; e se ele pega a comida fornecida por um ourives ou por uma mulher que não tem nem marido nem filhos ela diminui o período de sua vida. O alimento fornecido por um agiota é equivalente à sujeira, enquanto aquele fornecido por uma mulher que vive de prostituição é equivalente ao sêmen. A comida também fornecida por pessoas que toleram a não castidade de suas esposas, e por pessoas que são controladas por seus cônjuges, é proibida. A comida fornecida por uma pessoa selecionada (para receber doações) em certo estágio de um sacrifício, por alguém que não desfruta de sua riqueza nem faz donativos, fornecida por alguém que vende Soma, ou por um fabricante de sapatos, por uma mulher não casta, por um lavadeiro, por um médico, por pessoas servindo como vigias, por uma multidão de pessoas, por alguém que é apontado por toda uma aldeia, por alguém que tira seu sustento de manter garotas dançarinas, por pessoas casadas antes que seus irmãos mais velhos estejam casados, por bardos e panegiristas profissionais, e por aquelas que são jogadoras, a comida também que é trazida com a mão esquerda ou que é estragada, a comida que é misturada com álcool, a comida uma porção da qual já foi experimentada, e a comida que forma o resto de um banquete, não deve ser comida (por um Brahmana). Bolos, cana de açúcar, ervas cozidas mantidas como conserva e usadas como tempero, e arroz fervido em leite açucarado, se eles perderam seu sabor, não devem ser ingeridos. O pó de cevada frito e de outros tipos de grãos fritos, misturados com coalhos, se ficam envelhecidos pelo tempo, não devem ser ingeridos. Arroz fervido em leite açucarado, comida misturada com a semente tila, carne, e bolos, que não foram oferecidos aos deuses, não devem ser pegos por Brahmanas que levam um modo de vida familiar. Tendo primeiro satisfeito os deuses, Rishis, convidados, Pitris, e as divindades da família, um Brahmana que leva uma vida familiar deve então pegar seu alimento. Um chefe de família por viver assim em sua própria casa se torna como uma pessoa da classe Bhikshu que renunciou ao mundo. Um homem de tal comportamento, vivendo com suas esposas em vida familiar, ganha grande mérito religioso. Ninguém deve fazer uma doação para adquirir fama, ou por medo (de crítica ou semelhante) ou para um benfeitor. Um homem virtuoso não deve fazer doações para pessoas que vivem por cantar e dançar ou para aqueles que são gracejadores profissionais, ou para uma pessoa que está embriagada, ou para uma que é louca, ou para um ladrão, ou para um caluniador, ou para um idiota, ou para alguém que é de cor

pálida, ou para alguém que é defeituoso de um membro, ou para um anão, ou para uma pessoa pecaminosa, ou para alguém nascido em uma família inferior e ruim, ou para alguém que não foi santificado pela prática de votos. Nenhum donativo deve ser feito para um Brahmana desprovido de conhecimento dos Vedas. Donativos devem ser feitos somente para quem é um Srotriya (isto é, alguém possuidor de um conhecimento dos Vedas). Uma doação imprópria e uma aceitação imprópria produzem más consequências para ambos, o doador e o recebedor. Como uma pessoa que procura cruzar o oceano com a ajuda de uma rocha ou de uma massa de catechu afunda junto com seu suporte, assim mesmo o doador e o recebedor (em tal caso) afundam juntos. Como um fogo que é coberto com combustível molhado não resplandece, assim mesmo o recebedor de uma doação que é desprovido de penitências e estudo e piedade não pode outorgar algum benefício (ao doador). Como água em uma (caveira humana) e leite em um saco feito de pele de cachorro se tornam impuros por causa da impureza dos recipientes nos quais eles são mantidos, assim mesmo os Vedas se tornam inúteis em uma pessoa que não tem um bom comportamento. Uma pessoa pode doar por compaixão para um Brahmana inferior que não tem mantras e votos, que é ignorante das escrituras e que nutre inveja. Alguém pode, por compaixão, doar para uma pessoa que é pobre ou afligida ou doente. Mas ele não deve doar para tal pessoa na crença de que ele derivará algum benefício (espiritual) disto ou ganhará qualquer mérito religioso por isto. Não há dúvida de que uma doação feita para um Brahmana privado dos Vedas se torna totalmente inútil por causa da imperfeição do recebedor. Como um elefante feito de madeira ou um antílope feito de couro, assim mesmo é um Brahmana que não estudou os Vedas. Todos os três têm apenas nomes. Como um eunuco é improdutivo com mulheres, como uma vaca é improdutiva com uma vaca, como uma ave que não tem penas vive em vão, assim mesmo é um Brahmana que não tem mantras. Como grão sem núcleo, como um poço sem água, como libações despejadas em cinzas, assim mesmo é um donativo para um Brahmana desprovido de erudição. Um Brahmana inculto é um inimigo (para todos) e é o destruidor do alimento que é oferecido para os deuses e Pitris. Uma doação feita para tal pessoa é em vão. Ele é, portanto, como um ladrão (da riqueza de outras pessoas). Ele nunca poderá conseguir alcançar regiões de bem-aventurança após a morte. Eu agora te disse em resumo, ó Yudhishthira, tudo o que foi dito (por Manu naquela ocasião). Este discurso excelente deve ser escutado por todos, ó touro da raça Bharata.'"

38

"Yudhishthira disse, 'Ó santo e grande asceta, eu desejo ouvir em detalhes quais são os deveres dos reis e quais são os deveres, integralmente, de todas as quatro classes. Eu desejo também ouvir, ó principal dos Brahmanas, qual comportamento deve ser adotado em épocas de infortúnio, e como eu posso subjugar o mundo por trilhar o caminho da moralidade. Este discurso sobre expiação, tratando (ao mesmo tempo) de jejuns e capaz de despertar grande curiosidade, me enche de alegria. A prática da virtude e o cumprimento dos

deveres reais são sempre incompatíveis um com o outro. Por sempre pensar em como alguém pode conciliar os dois, minha mente fica constantemente perplexa.'"

"Vaisampayana continuou, 'Então Vyasa, ó monarca, aquela principal de todas as pessoas familiarizadas com os Vedas, lançando seus olhos sobre aquela pessoa venerável e conhecedora de tudo, isto é, Narada, disse, 'Se, ó rei, tu desejas ouvir sobre os deveres dos reis e moralidade integralmente, então peça a Bhishma, ó de braços fortes, aquele velho avô dos Kurus. Conhecedor de todos os deveres e possuidor de conhecimento universal, aquele filho de Bhagirathi removerá todas as dúvidas no teu coração sobre o assunto difícil dos deveres. Aquela deusa, isto é, o gênio do rio celestial de três cursos deu à luz ele. Ele viu com seus olhos físicos todos os deuses com Indra em sua dianteira. Tendo gratificado com seus serviços respeitosos os Rishis celestes encabeçados por Vrihaspati, ele adquiriu um conhecimento dos deveres dos reis. Aquele principal entre os Kurus obteve um conhecimento também daquela ciência, com suas interpretações, com Usanas e aquele regenerado que é o preceptor dos celestiais. Tendo praticado votos rígidos, aquele de braços fortes obteve um conhecimento de todos os Vedas e seus ramos, de Vasishtha e de Chyavana da linhagem de Bhrigu. Antigamente ele estudou sob o filho primogênito do próprio avô, isto é, Sanatkumara de esplendor refulgente, bom conhecedor das verdades da ciência mental e espiritual. Ele aprendeu integralmente os deveres dos Yatis dos lábios de Markandeya. O touro entre homens obteve todas as armas de Rama e Sakra. Embora nascido entre seres humanos, sua própria morte entretanto está sob seu controle. Embora sem filhos, ainda assim ele tem muitas regiões de bem-aventurança após a morte como ouvido por nós. Rishis regenerados de grande mérito sempre foram seus cortesãos. Não há nada entre os objetos que devem ser conhecidos que seja desconhecido para ele. Conhecedor de todos os deveres e de todas as verdades sutis de moralidade, ele mesmo irá discursar para ti sobre dever e moralidade. Vá até ele antes que ele abandone seu ar vital.' Assim endereçado por ele, o filho de grande alma de Kunti, de grande sabedoria, disse as seguintes palavras ao filho de Satyavati, Vyasa, aquele principal dos homens eloquentes.'"

"Yudhishthira disse, 'Tendo causado uma grande e horrenda carnificina de parentes, eu me tornei um pecador contra todos e um destruidor da terra. Tendo feito aquele próprio Bhishma, aquele guerreiro que sempre lutou honestamente, ser morto pela ajuda de fraude, como eu irei me aproximar para perguntar a ele (sobre deveres e moralidade)?'"

"Vaisampayana continuou, 'Movido pelo desejo de beneficiar todas as quatro classes, o poderosamente armado e chefe de grande alma da tribo Yadu se dirigiu mais uma vez àquele principal dos reis (nas palavras seguintes).'"

"Vasudeva disse, 'Não cabe a ti demonstrar tal persistência na aflição. Faça o que, ó melhor dos reis, o santo Vyasa disse. Os Brahmanas, ó de braços fortes, e estes teus irmãos de grande energia estão diante de ti de modo suplicante como pessoas suplicando a divindade das nuvens no fim do verão. Os restante dos reis que não foram mortos, reunidos, e as pessoas pertencentes a todas as quatro

classes do teu reino de Kurujangala, ó rei, estão aqui. Para fazer o que é agradável para estes Brahmanas de grande alma, em obediência também à ordem do teu superior venerável Vyasa de energia incomensurável, e a pedido de nós mesmos que somos teus benquerentes, e de Draupadi, ó destruidor de inimigos, faça o que é agradável para nós, ó matador de inimigos, e o que é benéfico para o mundo.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por Krishna, o rei de grande alma (Yudhishthira) de olhos como pétalas de lótus, se levantou de seu assento para o bem do mundo inteiro. O tigre entre homens, Yudhishthira de grande fama, incitado pelo próprio Krishna, pelo Nascido na Ilha (Vyasa), por Devasthana, por Jishnu, por estes e muitos outros, rejeitou sua angústia e ansiedade. Totalmente conhecedor das declarações dos Srutis, da ciência que trata da interpretação daquelas declarações, e de todos aqueles homens normalmente ouvidos e todos os que merecem ser ouvidos, o filho de Pandu obteve paz mental e resolveu o que ele devia fazer em seguida. Cercado por todos eles como a lua pelas estrelas, o rei, colocando Dhritarashtra na dianteira da comitiva, partiu para entrar na cidade. Desejoso de entrar na cidade, o filho de Kunti, Yudhishthira, conhecedor de todo o dever, ofereceu culto aos deuses e a milhares de Brahmanas. Ele então subiu em um carro novo e branco coberto com cobertores e camurças, e ao qual estavam unidos dezesseis bois brancos possuidores de sinais auspiciosos, e que tinha sido santificado com mantras Védicos. Louvado por panegiristas e bardos, o rei subiu naquele carro como Soma subindo em seu próprio veículo ambrosíaco. Seu irmão Bhima de bravura terrível pegou as rédeas. Arjuna segurou sobre sua cabeça um guarda-sol branco de grande refulgência. Aquele guarda-sol branco mantido sobre o carro parecia belo como uma nuvem branca decorada com uma estrela no firmamento. Os dois filhos heróicos de Madri, Nakula e Sahadeva, pegaram dois rabos de iaque brancos como os raios da lua e ornados com pedras preciosas para abanar o rei. Os cinco irmãos enfeitados com ornamentos, tendo subido no carro, ó rei, pareciam com os cinco elementos (que entram na composição de todos). Subindo em outro carro branco ao qual estavam unidos corcéis velozes como o pensamento, Yuyutsu, ó rei, seguiu atrás do filho mais velho de Pandu. Sobre seu próprio carro brilhante de ouro que estava unido a Saivya e Sugriva, Krishna, com Satyaki, seguiu os Kurus. O tio mais velho do filho de Pritha, ó Bharata, acompanhado por Gandhari, procedeu na dianteira da comitiva, sobre um veículo carregado sobre os ombros de homens. As outras senhoras da família Kuru, como também Kunti e Krishna, todas procederam em veículos excelentes, encabeçadas por Vidura. Atrás seguia um grande número de carros e elefantes enfeitados com ornamentos, e soldados de infantaria e corcéis. Com seus louvores sendo cantados por panegiristas e bardos de voz suave, o rei procedeu em direção à cidade chamada de elefante. O progresso, ó de braços fortes, do rei Yudhishthira se tornou tão belo que seu semelhante nunca tinha havido sobre a terra. Cheio de homens saudáveis e alegres, o zumbido de incontáveis vozes ativas era ouvido lá. Durante o progresso do filho de Pritha, a cidade e suas ruas estavam adornadas com cidadãos alegres (todos os quais tinham saído para honrar o rei). Os locais pelos quais o rei passou foram decorados com festões de flores e inúmeras bandeiras. As ruas da cidade estavam perfumadas com incenso.

O lugar estava coberto com perfumes em pó e flores e plantas fragrantes, e haviam guirlandas e coroas penduradas acima. Jarros metálicos novos, cheios de água até a borda, foram mantidos na porta de todas as casas, e grupos de belas moças da aparência mais formosa ficaram em locais específicos. Acompanhado por seus amigos, o filho de Pandu, adorado com palavras gentis, entrou na cidade pelo seu portão bem adornado.'"

39

"Vaisampayana disse, 'No momento em que os Parthas entraram na cidade, milhares e milhares de cidadãos saíram para contemplar a visão. As ruas e praças bem enfeitadas, com a multidão aumentando a cada momento, pareciam belas como o oceano aumentando no nascer da lua. As mansões grandes que ficavam nos lados da rua, enfeitadas com todos os ornamentos e cheias de damas, pareciam balançar, ó Bharata, com seu peso. Com vozes suaves e modestas elas proferiam os louvores de Yudhishthira, de Bhima e Arjuna, e dos dois filhos de Madri. E elas disseram, 'Tu és digna de todos os louvores, ó abençoada princesa de Panchala, tu que ficas ao lado destes principais dos homens assim como Gautami ao lado dos (sete) Rishis. Teus atos e votos deram seus frutos, ó senhora!' Desta maneira, ó monarca, os damas louvaram a princesa Krishna. Em consequência daqueles louvores, ó Bharata, e de suas conversas umas com as outras, e dos gritos de alegria (proferidos pelos homens), a cidade se encheu de um grande tumulto. Tendo passado pelas ruas com tal comportamento como lhe era adequado, Yudhishthira então entrou no belo palácio (dos Kurus) enfeitado com todos os ornamentos. As pessoas pertencentes à cidade e às províncias, se aproximando do palácio, proferiram discursos que eram agradáveis para os ouvidos dele, 'Por boa sorte, ó principal dos reis, tu venceste teus inimigos, ó matador de inimigos! Por boa sorte, tu recuperaste teu reino através de tua virtude e coragem. Seja, ó principal dos reis, nosso monarca por cem anos, e proteja teus súditos virtuosamente como Indra protegendo os habitantes do céu.' Assim adorado no portão do palácio com discursos abençoados, e aceitando as bênçãos proferidas pelos Brahmanas de todos os lados, o rei, agraciado com a vitória e com as bênçãos do povo, entrou no palácio que parecia a mansão do próprio Indra, e então desceu de seu carro. Entrando nos apartamentos, o abençoado Yudhishthira se aproximou dos deuses do lar e os adorou com pedras preciosas e perfumes e coroas florais. Possuidor de grande fama e prosperidade, o rei saiu mais uma vez e contemplou uma multidão de Brahmanas esperando com artigos auspiciosos em suas mãos (para pronunciar bênçãos sobre ele). Cercado por aqueles Brahmanas desejosos de proferir bênçãos sobre ele, o rei parecia belo como a lua imaculada no meio das estrelas. Acompanhado por seu sacerdote Dhaumya e seu tio mais velho, o filho de Kunti adorou alegremente, com os ritos devidos, aqueles Brahmanas com (presentes de) doces, pedras preciosas, e ouro em profusão, e vacas e mantos, ó monarca, e com outros artigos diversos que cada um desejava. Então se ergueram altos gritos de ‘Este é um dia abençoado!’ enchendo todo o firmamento, ó Bharata. Encantador para os ouvidos, aquele som

sagrado era muito agradável para os amigos e benquerentes (dos Pandavas). O rei ouviu aquele som proferido por aqueles Brahmanas eruditos e que era tão alto e claro como o som de um bando de cisnes. Ele escutou também os discursos, repletos de palavras melodiosas e de grande importância, daquelas pessoas bem familiarizadas com os Vedas. Então, ó rei, o clangor de baterias e o som encantador de conchas, indicativos de triunfo, se ergueram. Um pouco depois quando os Brahmanas tinham ficado silenciosos, um Rakshasa de nome Charvaka, que tinha se disfarçado como um Brahmana, se dirigiu ao rei. Ele era um amigo de Duryodhana e estava lá no traje de um mendicante religioso. Com um rosário, com um tufo de cabelo em sua cabeça, e com o bastão triplo em sua mão, ele ficou de pé orgulhosamente e sem medo no meio de todos aqueles Brahmanas que tinham ido lá pronunciar bênçãos (sobre o rei), contados aos milhares, ó rei, e todos os quais eram dedicados a penitências e votos. Aquele indivíduo pecaminoso, desejoso de mal para os Pandavas de grande alma e sem ter consultado aqueles Brahmanas, disse estas palavras ao rei.'"

"Charvaka disse, 'Todos estes Brahmanas, me fazendo seu porta-voz, estão dizendo, 'Que vergonha para ti! Tu és um rei pecaminoso. Tu és um assassino de parentes. O que tu ganharás, ó filho de Kunti, por ter exterminado dessa forma a tua linhagem? Tendo matado também teus superiores e preceptor, é apropriado para ti abandonar tua vida!' Ouvindo estas palavras daquele Rakshasa perverso os Brahmanas ficaram profundamente agitados. Afligidos por este discurso, eles fizeram um grande tumulto. E todos eles, com o rei Yudhishthira, ó monarca, ficaram silenciosos de ansiedade e vergonha.'

Yudhishthira disse, 'Eu o reverencio e suplico humildemente, fique satisfeito comigo. Não cabe a você gritar vergonha para mim. Eu logo sacrificarei minha vida.'"

"Vaisampayana continuou, 'Então todos aqueles Brahmanas, ó rei, disseram ruidosamente, 'Estas não são nossas palavras. Prosperidade para ti, ó monarca!' Aquelas pessoas de grande alma, conhecedoras dos Vedas, com a compreensão tornada clara por penitências, então descobriram o disfarce do orador por meio de sua visão espiritual. E eles disseram, 'Este é o Rakshasa Charvaka, o amigo de Duryodhana. Tendo colocado o traje de um mendicante religioso, ele procura o bem de seu amigo Duryodhana. Ó tu de alma justa, nós não dissemos qualquer coisa do tipo. Que tua ansiedade seja dissipada. Que a prosperidade esteja contigo e com teus irmãos.'"

"Vaisampayana continuou, 'Aqueles Brahmanas então, insensíveis com raiva, proferiram o som Hun. Purificados de todos pecados, eles criticaram o Rakshasa pecaminoso e o mataram lá (com aquele próprio som). Consumido pela energia daqueles proferidores de Brahma, Charvaka caiu morto, como uma árvore com todos os seus rebentos destruída pelo trovão de Indra. Devidamente adorados, os Brahmanas foram embora, tendo alegrado o rei com suas bênçãos. O filho nobre de Pandu também, com todos os seus amigos, sentiu grande felicidade.'"

40

"Vaisampayana disse, 'Então Devaki, o filho de Janardana, de conhecimento universal, se dirigiu ao rei Yudhishthira que lá estava com seus irmãos, dizendo, 'Neste mundo, ó majestade, Brahmanas são sempre objetos de culto por mim. Eles são deuses sobre a terra tendo veneno em suas palavras, e são extremamente fáceis de se gratificar. Antigamente, na era Krita, ó rei, um Rakshasa de nome Charvaka, ó poderosamente armado, realizou penitências rígidas por muitos anos em Vadari. Brahman repetidamente lhe solicitou para pedir bênçãos. Finalmente o Rakshasa pediu a bênção, ó Bharata, de imunidade de medo na mão de todos seres no universo. O Senhor do universo lhe deu aquele grande benefício de imunidade de medo nas mãos de todas as criaturas, sujeito à única limitação de que ele deveria ter cuidado para não ofender os Brahmanas. Tendo obtido aquele benefício, o Rakshasa pecaminoso e poderoso de feitos violentos e grande destreza começou a atormentar os deuses. Os deuses, perseguidos pelo poder do Rakshasa, reunidos, se aproximaram de Brahman, para planejar a destruição de seu inimigo. O deus eterno e imutável respondeu a eles, ó Bharata, dizendo, 'Eu já arranjei os meios pelos quais a morte deste Rakshasa possa ser ocasionada logo. Haverá um rei de nome Duryodhana. Entre os homens, ele será o amigo deste indivíduo. Compelido por afeição por ele, o Rakshasa insultará os Brahmanas. Afligidos pelo mal que ele infligirá a eles, os Brahmanas, cujo poder consiste nas palavras, irão em cólera criticá-lo, no que ele encontrará a destruição.' Este mesmo Rakshasa Charvaka, ó principal dos reis, morto pela maldição dos Brahmanas, jaz lá sem vida. Ó touro da raça Bharata, não te entregue à angústia. Os parentes, ó rei, pereceram todos na observância dos deveres Kshatriya. Aqueles touros entre Kshatriyas, aqueles heróis de grande alma, foram todos para o céu. Desempenhe teus deveres agora. Ó tu de glória imorredoura, que nenhuma aflição seja tua. Mate teus inimigos, proteja teus súditos, e adore os Brahmanas.'"

41

"Vaisampayana disse, 'O filho nobre de Kunti, livre da tristeza e da febre de seu coração, tomou seu assento, com face para o leste, em assento excelente feito de ouro. Em outro assento, belo e resplandecente e feito de ouro, se sentaram com rostos em direção a ele aqueles dois castigadores de inimigos, isto é, Satyaki e Vasudeva. Colocando o rei em seu meio, em seus dois lados sentaram Bhima e Arjuna sobre dois assentos belos adornados com pedras preciosas. Sobre um trono branco de marfim, decorado com ouro, sentou Pritha com Sahadeva e Nakula. Sudharman (o sacerdote dos Kauravas) e Vidura, e Dhaumya, e o rei Kuru Dhritarashtra, cada um sentou separadamente em assentos separados que brilhavam com a refulgência do fogo. Yuyutsu e Sanjaya e Gandhari de grande fama, todos se sentaram onde o rei Dhritarashtra tinha tomado seu assento. O rei de alma justa, sentado lá, tocou as belas flores brancas, Suásticas, recipientes cheios de diversos artigos, terra, ouro, prata, e pedras preciosas, (que foram

colocados diante dele). Então todos os súditos, encabeçados pelo sacerdote, foram ver o rei Yudhishthira, levando com eles diversos tipos de artigos auspiciosos. Então terra, e ouro, e muitas espécies de pedras preciosas, e todas as coisas em profusão que eram necessárias para a realização do rito de coroação, foram levados lá. Havia jarros dourados cheios até a borda (com água), e aqueles feitos de cobre e prata e barro, e flores, e arroz frito, e erva Kusa, e leite de vaca, e combustível (sacrifical) consistindo na madeira de Sami, Pippala, e Palasa, e mel e manteiga clarificada e conchas (sacrificais) feitas de Udumvara, e conchas enfeitadas com ouro. (Sami é a Acacia suma; Pippala é a Piper longum; e Palasa é a Butea frondosa. Udumvara é a Ficus glomerata.) Então o sacerdote Dhaumya, a pedido de Krishna, construiu, segundo o regulamento, um altar gradualmente se inclinando em direção ao leste e ao norte. Fazendo então o rei Yudhishthira de grande alma, com Krishna a filha de Drupada, se sentar sobre um assento vistoso, chamado Sarvatobhadra, com pés firmes e coberto com peles de tigre e brilhando com refulgência, ele começou a despejar libações de manteiga clarificada com os mantras apropriados (sobre o fogo sacrifical). Então ele da tribo de Dasaratha, erguendo-se de seu assento, pegou a concha santificada, e despejou a água que ela continha sobre a cabeça daquele senhor da terra, isto é, Yudhishthira, o filho de Kunti. O sábio real Dhritarashtra e todos os súditos também fizeram o mesmo a pedido de Krishna. O filho de Pandu então, com seus irmãos, assim banhado com a água santificada da concha, parecia muito belo. Então Panavas e Anakas e tambores foram tocados. O rei Yudhishthira o justo aceitou devidamente os presentes que lhe foram feitos pelos súditos. Sempre dando presentes em profusão em todos os seus sacrifícios, o rei honrou seus súditos em retribuição. Ele deu mil nishkas para os Brahmanas que proferiram bênçãos (especiais) sobre ele. Todos eles tinham estudado os Vedas e eram dotados de sabedoria e bom comportamento. Satisfeitos (com os presentes), os Brahmanas, ó rei, lhe desejaram prosperidade e vitória, e com vozes melodiosas como aquelas de cisnes proferiram seus louvores, dizendo, 'Ó Yudhishthira de braços poderosos, por boa sorte, ó filho de Pandu, a vitória foi tua. Por boa sorte, ó tu de grande esplendor, tu recuperaste tua posição por meio de bravura. Por boa sorte, o manejador do Gandiva, e Bhimasena, e tu mesmo, ó rei, e os dois filhos de Madri, estão todos bem, tendo matado seus inimigos e saído com vida da batalha, tão destrutiva de heróis. Ó Bharata, realize sem demora as ações que devem ser feitas em seguida.' Assim adorado por aqueles homens pios, o rei Yudhishthira, o justo, com seus amigos, foi instalado no trono de um grande reino, ó Bharata!'"

42

"Vaisampayana disse, 'Tendo ouvido aquelas palavras, apropriadas para hora e lugar, de seus súditos, o rei Yudhishthira respondeu a eles nas seguintes palavras, 'Notáveis devem ser os filhos de Pandu, cujos méritos, verdadeiros ou falsos, são assim recitados por tais principais dos Brahmanas reunidos. Sem dúvida, nós somos todos objetos de favor de vocês já vocês nos descrevem tão livremente

como possuidores de tais atributos. O rei Dhritarashtra, no entanto, é nosso pai e deus. Se vocês desejam fazer o que é agradável para mim, sempre dêem sua obediência e o que é agradável para ele. Tendo matado todos os meus parentes, eu vivo por ele somente. Meu grande dever é sempre servi-lo em todas as circunstâncias com atenção. Se vocês, como também meus amigos, pensam que eu devo ser um objeto de favor de vocês e eles, me deixem então pedir a vocês todos para mostrarem o mesmo comportamento para com Dhritarashtra como vocês costumavam mostrar antes. Ele é o senhor do mundo, de vocês mesmos, e de mim mesmo. O mundo inteiro, com os Pandavas, pertence a ele. Vocês devem sempre manter estas minhas palavras em suas mentes.' O rei então lhes disse para irem para onde quer que eles desejassem. Tendo dispensado os cidadãos e o povo das províncias, o encantador dos Kurus nomeou seu irmão Bhimasena como Yuvaraja. E ele alegremente nomeou Vidura de grande inteligência para ajudá-lo com suas deliberações e para supervisionar as seis exigências do estado. (Estas são paz, guerra, marcha, parada, semeadura de dissenções, e a defesa do reino por procurar alianças e construir fortes, etc.) E ele nomeou o maduro Sanjaya possuidor de todos os talentos como diretor geral e supervisor das finanças. E o rei nomeou Nakula para a manutenção do registro das forças armadas, para lhes dar alimento e pagamento e para supervisar outros assuntos do exército. E o rei Yudhishthira nomeou Phalguna para resistir às forças hostis e castigar os pecaminosos. E ele nomeou Dhaumya, o principal dos sacerdotes, para se encarregar diariamente dos Brahmanas e de todos os ritos em honra dos deuses e outros atos religiosos. E ele nomeou Sahadeva para sempre permanecer ao seu lado, pois o rei pensava, ó monarca, que ele deveria sob todas as circunstâncias ser protegido por aquele seu irmão. E o rei alegremente empregou outros em outros atos de acordo com o que ele julgava adequado. Aquele matador de heróis hostis, o rei de alma justa Yudhishthira, sempre dedicado à virtude, ordenou Vidura e Yuyutsu de grande alma, dizendo, 'Vocês devem sempre fazer prontamente e com atenção tudo o que meu nobre pai Dhritarashthra desejar. O que quer que deva ser feito também a respeito dos cidadãos e dos residentes das províncias deve ser realizado por vocês em seus respectivos departamentos, depois de pegarem a permissão do rei.'"

43

"Vaisampayana disse, 'Depois disto o rei Yudhishthira de alma magnânima fez serem realizados os ritos Sraddha de todos os seus parentes mortos em batalha. O rei Dhritarashtra também de grande fama doou, para o bem de seus filhos no outro mundo, comida excelente, e vacas, e muita riqueza, e muitas pedras preciosas belas e caras (para os Brahmanas). Yudhishthira, acompanhado por Draupadi, doou muita riqueza por causa de Drona e Karna de grande alma, de Dhrishtadyumna e Abhimanyu, do Rakshasa Ghatotkacha, o filho de Hidimva, e de Virata, e de seus outros benquerentes que o tinham servido lealmente, e de Drupada e dos cinco filhos de Draupadi. Por cada um destes, o rei satisfez milhares de Brahmanas com presentes de riquezas e pedras preciosas, e vacas e

roupas. O rei realizou o rito Sraddha, para o bem no mundo seguinte, de todos aqueles reis também que tinham morrido em batalha sem deixarem parentes ou amigos para trás. E o rei também, para o bem das almas de todos os seus amigos, fez casas serem construídas para a distribuição de alimento, e lugares para a distribuição de água, e tanques serem escavados em seus nomes. Pagando dessa maneira o débito que tinha com eles e evitando a chance de crítica no mundo, (pois se ele agisse de outra maneira ele seria chamado de ingrato), o rei ficou feliz e continuou a proteger seus súditos religiosamente. Ele mostrou o devido respeito, como antes, por Dhritarashtra, e Gandhari, e Vidura, e todos os Kauravas superiores e todos os oficiais. Cheio de bondade, o rei Kuru honrou e protegeu todas aquelas senhoras também que tinham, por consequência da batalha, sido privadas de seus maridos e filhos heróicos. O rei pujante, com grande compaixão, estendeu seus favores para os indigentes e os cegos e os desamparados por lhes dar alimento, roupas e abrigo. Livre de inimigos e tendo conquistado a Terra inteira, o rei Yudhishthira começou a desfrutar de grande felicidade.'"

44

"Vaisampayana disse, 'Tendo obtido o reino de volta, o rei Yudhishthira de grande sabedoria e pureza, depois que a cerimônia de instalação tinha acabado, unindo suas mãos, se dirigiu a Krishna de olhos de lótus da tribo de Dasarha, dizendo, 'Pela tua graça, ó Krishna, pela tua política e força e inteligência e destreza, ó tigre entre os Yadus, eu obtive de volta este meu reino ancestral. Ó tu de olhos como pétalas de lótus, eu te reverencio repetidamente, ó destruidor de inimigos! Tu tens sido chamado de o Ser único. É dito que tu és o refúgio de todos os devotos. Os regenerados te adoram sob inúmeros nomes. (O significado literal de Purusha, como aplicado ao Ser Supremo, é 'Aquele que permeia todas as formas no universo'). Saudações a ti, ó Criador do Universo! Tu és a alma do Universo e o Universo surgiu de ti. Tu és Vishnu, tu és Jishnu, tu és Hari, tu és Krishna, tu és Vaikuntha, e tu és o principal de todos os seres. Tu, como dito nos Puranas, tomaste teu nascimento sete vezes no útero de Aditi. E foste tu que tomaste nascimento no útero de Prishni. (Isto é, Aditi e o eu de Aditi nascidos em diferentes formas em diferentes épocas). Os eruditos dizem que tu és os três Yugas. (Yugas podem significar as três eras, Krita, Treta e Dwapara, ou os três pares tais como Virtude e Conhecimento, Renúncia e Domínio, e Prosperidade e Fama). Todas as tuas realizações são sagradas. Tu és o senhor dos nossos sentidos. Tu és o grande Senhor adorado em sacrifícios. Tu és chamado de o grande cisne. Tu és Sambhu de três olhos. Tu és Único, embora conhecido como Vibhu e Damodara. Tu és o grande Javali, tu és Fogo, tu és o Sol, tu tens o touro como o emblema em teu estandarte, e tu tens Garuda também como teu emblema. Tu és o destruidor de hostes hostis, tu és o Ser que permeia todas as formas no universo e tu és de destreza irresistível. Tu és a principal de todas as coisas, tu és feroz, tu és o generalíssimo em batalha, tu és a Verdade, tu és o dador de alimento, e tu és Guha (o generalíssimo Celeste). Tu mesmo

imperecível, tu fazes teus inimigos enfraqueceram e definharem. Tu és o Brahmana de sangue puro, e tu és aqueles que nasceram de mistura. Tu és grandioso. Tu caminhas no alto, tu és as montanhas, e tu és chamado Vrishadarbha e Vrishakapi. Tu és o Oceano, tu és sem atributos, tu tens três corcundas, tu tens três residências, e tu tomas formas humanas sobre a terra, descendo do céu. Tu és Imperador, tu és Virat, e tu és Swarat. (Virat é alguém superior a um Imperador e Swarat é alguém superior a um Virat). Tu és o Chefe dos celestiais, e tu és causa de onde o Universo surgiu. Tu és Onipotente, tu és existência em todas as formas, tu não tens forma, tu és Krishna, e tu és fogo. Tu és o Criador, tu és o pai dos médicos celestes, tu és (o sábio) Kapila, e tu és o Anão. (Vishnu, assumindo a forma de um anão, enganou o Asura Vali para lhe dar três mundos os quais ele em seguida devolveu para Indra). Tu és o Sacrifício incorporado, tu és Dhruva, (o filho de Uttanapada, que na era Krita tinha adorado Vishnu em uma idade muito prematura e obtido as bênçãos mais valiosas). Tu és Garuda, e tu és chamado Yajnasena. Tu és Sikhandin, tu és Nahusha, e tu és Vabhru. Tu és a constelação Punarvasu estendida no firmamento, tu és extremamente fulvo em cor, tu és o sacrifício conhecido pelo nome de Uktha, tu és Sushena, tu és o tambor (que envia o seu som para todos os lados). O rastro das rodas de teu carro é luz. Tu és o lótus da Prosperidade, tu és a nuvem chamada Pushkara, e tu estás ornado com coroas florais. Tu és opulento, tu és pujante, tu és o mais sutil, e és tu quem os Vedas descrevem. Tu és o grande receptáculo de águas, tu és Brahman, tu és o refúgio sagrado, e tu conheces as residências de todos. Tu és chamado de Hiranyagarbha, tu és os mantras sagrados swadha e swaha, tu és Kesava. Tu és a causa de onde tudo isto surgiu, e tu és sua dissolução. No início foste tu que criaste o universo. Este universo está sob teu controle, ó Criador do universo! Saudações a ti, ó manejador do Sarnga, disco e espada!' Assim louvado pelo rei Yudhishthira, o justo, no meio da corte, Krishna de olhos de lótus ficou satisfeito. Aquele principal dos Yadavas então começou a alegrar o filho mais velho de Pandu com muitas palavras agradáveis."

45

"Vaisampayana disse, 'O rei despediu todos os seus súditos, que, mandados pelo monarca, voltaram para suas respectivas casas. Confortando seus irmãos, Yudhishthira, brilhando com beleza, então se dirigiu a seus irmãos Bhima de destreza terrível e Arjuna e aos gêmeos, dizendo, 'Seus corpos foram, na grande batalha, mutilados com diversas espécies de armas pelo inimigo. Vocês estão imensamente cansados, e a dor e a raiva têm queimado seus corações. Por minha culpa, ó touros da raça Bharata, vocês sofreram as misérias de um exílio nas florestas como homens comuns. Em deleite e em tranquilidade feliz desfrutem desta vitória (que vocês ganharam). Depois de descansarem e recuperarem o uso completo de suas faculdades, me encontrem novamente pela manhã.' Depois disto, o poderoso Vrikodara, como Maghavat entrando em seu próprio belo templo, entrou no palácio de Duryodhana, que era adornado com muitas construções e dependências excelentes, adornado com pedras preciosas de diversos tipos,

cheio de empregados, homens e mulheres, e que Yudhishthira designou para ele com a aprovação de Dhritarashtra. Arjuna de braços poderosos também, por ordem do rei, obteve o palácio de Dussasana que não era inferior ao de Duryodhana e que consistia em muitas estruturas excelentes e era adornado com um portão de ouro, e que abundava em riquezas e estava cheio de servidores de ambos os sexos. O palácio de Durmarshana era até superior ao de Dussasana. Parecendo com a mansão do próprio Kuvera, ele era ornado com ouro e todas as espécies de pedras preciosas. O rei Yudhishthira o deu alegremente para Nakula que bem o merecia e que tinha ficado emaciado (com as misérias de uma vida) na grande floresta. O principal dos palácios pertencentes a Durmukha era extremamente belo e adornado com ouro. Ele abundava em camas e mulheres belas, com olhos como pétalas de lótus. O rei o deu para Sahadeva que estava sempre empenhado em fazer o que era agradável para ele. Obtendo-o, Sahadeva ficou encantado como o Senhor dos tesouros ao obter Kailasa. Yuyutsu e Vidura e Sanjaya, ó monarca, e Sudharman e Dhaumya procederam para as residências que eles possuíam antes. (Sudharman era o sacerdote dos Kurus. Como Dhaumya, que era o sacerdote dos Pandavas, veio a ter desde antes uma residência na capital Kuru?) Como um tigre entrando em sua caverna nas colinas, aquele tigre entre homens, Saurin, acompanhado por Satyaki, entrou no palácio de Arjuna. Banqueteando-se com as iguarias e bebidas (que tinham sido mantidas prontas para eles), os príncipes passaram a noite alegremente. Despertando de manhã com corações satisfeitos, eles se apresentaram perante o rei Yudhishthira.'"

46

"Janamejaya disse, 'Cabe a ti, ó Brahmana erudito, me dizer o que foi feito em seguida por Yudhishthira, o poderoso filho de Dharma, depois que ele tinha recuperado seu reino. Cabe a ti me dizer também, ó Rishi, o que o heróico Hrishikesa, o mestre supremo dos três mundos, fez depois disto.'"

"Vaisampayana disse, 'Ouça-me, ó rei, enquanto eu narro em detalhes, ó impecável, o que os Pandavas, encabeçados por Vasudeva, fizeram depois disto. Tendo obtido seu reino, ó monarca, o filho de Kunti, Yudhishthira, designou cada uma das quatro classes de homens para seus respectivos deveres. O filho (mais velho) de Pandu deu para mil Brahmanas de grande alma da classe Snataka mil Nishkas para cada um. Ele então gratificou os servos que eram dependentes dele e os convidados que foram até ele, incluindo pessoas que não eram merecedoras e aquelas que mantinham visões heterodoxas, por satisfazer seus desejos. Para seu sacerdote Dhaumya ele deu vacas às milhares e muita riqueza e ouro e prata e mantos de diversos tipos. Em direção a Kripa, ó monarca, o rei se comportou da maneira que alguém deveria se comportar com seu preceptor. Praticante de votos, o rei continuou a honrar Vidura imensamente. Aquele principal dos homens caridosos satisfez todas as pessoas com presentes de comida e bebida, e mantos de diversos tipos e camas e assentos. Tendo devolvido a paz a seu reino, o rei, ó melhor dos monarcas, possuidor de grande fama, prestou devida honra a Yuyutsu

e Dhritarashtra. Colocando seu reino à disposição de Dhritarashtra, de Gandhari, e de Vidura, o rei Yudhishthira continuou a passar os seus dias em felicidade. Tendo gratificado a todos, incluindo os cidadãos, desta maneira, Yudhishthira, ó touro da raça Bharata, então procedeu com mãos unidas à presença de Vasudeva de grande alma. Ele contemplou Krishna, da cor de uma nuvem azul, sentado em um sofá grande adornado com ouro e pedras preciosas. Vestido em mantos amarelos de seda e enfeitado com ornamentos celestes, sua pessoa brilhava com esplendor como uma Jóia engastada em ouro. Seu peito adornado com a jóia Kaustubha, ele parecia com a montanha Udaya decorada com o sol nascente. Tão belo ele parecia que não há semelhante nos três mundos. Aproximando-se dele de grande alma que era o próprio Vishnu em forma encarnada, o rei Yudhishthira se dirigiu a ele gentilmente e sorridente, dizendo, 'Ó principal dos homens inteligentes, tu passaste a noite alegremente? Ó tu de glória imorredoura, todas as tuas faculdades estão em seu completo vigor? Ó principal das pessoas inteligentes, está tudo bem com tua mente? Nós obtivemos de volta nosso reino e a terra inteira está sob nosso controle, ó senhor divino, pela tua graça, ó refúgio dos três mundos e, ó tu de três passos, (por Krishna ter coberto os três mundos com três de seus passos para enganar o Asura Vali e privá-lo da soberania universal) pela tua graça nós obtivemos vitória e grande fama e não nos desviamos dos deveres da nossa classe!' Àquele destruidor de inimigos, o rei Yudhishthira, o justo, que tinha se dirigido a ele dessa maneira, o divino Krishna não disse uma palavra, pois ele estava então absorto em meditação."

47

"Yudhishthira disse, 'Quão maravilhoso é, ó tu de destreza incomensurável, que tu estejas absorto em meditação! Ó grande refúgio do universo, está tudo bem com os três mundos? Quando tu, ó Deus, te afastas (do mundo), tendo, ó touro entre homens, adotado o quarto estado, minha mente se enche de admirção. (Há três estados de consciência no caso dos homens comuns: acordado, de sonho e de sono profundo. O quarto estado, realizável somente por Yogins, é chamado de Turiya. Este é o estado de perfeita inconsciência deste mundo, quanto a alma, abstraída em si mesma, está fixa no Ser Supremo ou algum objeto único). Os cinco ares vitais que agem dentro do corpo foram controlados por ti até a tranquilidade. Teus sentidos encantados tu concentraste dentro da tua mente. Palavras e Mente, ó Govinda, estão concentradas dentro da tua Compreensão. Todos os teus sentidos, de fato, foram recolhidos dentro da tua alma. (O termo Mente, como geralmente usado na Filosofia Hindu, significa a base dos sentidos e dos sentimentos. Buddhi é a Compreensão ou as faculdades cognitivas da escola Kantista.) Os pêlos do teu corpo permanecem eretos. Tua mente e compreensão estão ambas imóveis. Tu estás tão imóvel agora, ó Madhava, como uma coluna de madeira ou uma pedra. Ó Deus ilustre, tu estás tão tranquilo quanto a chama de uma lâmpada queimando em um lugar não onde há vento. Tu estás tão imóvel quanto uma massa de rocha. Se eu for digno de saber a causa, se isto não for um segredo teu, dissipe, ó deus, minha dúvida, pois eu te suplico e te solicito isto

como um favor. Tu és o Criador e tu és o Destruidor. Tu és destrutível e tu és indestrutível. Tu és sem início e tu és sem fim. Tu és o primeiro e o principal dos Seres. Ó principal das pessoas honradas, me diga a causa desta abstração (Yoga). Eu peço teu favor, e sou teu devotado adorador, e te reverencio, inclinando minha cabeça.' Assim endereçado, o ilustre irmão mais novo de Vasava, revocando sua mente, compreensão, e os sentidos para sua esfera usual, disse estas palavras com um sorriso suave.'"

"Vasudeva disse, 'Aquele tigre entre homens, Bhishma, que está agora deitado em um leito de setas, e que é agora como um fogo prestes a se extinguir, está pensando em mim. Então minha mente também estava concentrada nele. Minha mente estava concentrada nele, cujo ressoar da corda do arco e o som de cujas palmas o próprio Indra não podia suportar. Eu estava pensando nele que tendo vencido em um instante todos os reis reunidos (na escolha de marido das filhas do rei de Kasi) sequestrou as três princesas para o casamento de seu irmão Vichitravirya. Eu estava pensando nele que lutou ininterruptamente por vinte e três e dias com o próprio Rama da linhagem de Bhrigu e a quem Rama foi incapaz de superar. Reunindo todos os seus sentidos e concentrando sua mente pela ajuda de sua compreensão, ele procurou minha proteção (por pensar em mim). Foi por isto que eu tinha centrado minha mente nele. Eu estava pensando nele a quem Ganga concebeu e deu à luz segundo leis humanas comuns e a quem Vasishtha aceitou como um pupilo. Eu estava pensando naquele herói de energia imensa e grande inteligência que possui um conhecimento de todas as armas celestes como também dos quatro Vedas com todos os seus ramos. Eu estava pensando nele, ó filho de Pandu, que é o discípulo favorito de Rama, o filho de Jamadagni, e que é o receptáculo das ciências. Eu estava pensando naquela principal de todas as pessoas conhecedoras de moralidade e do dever, nele, ó touro da raça Bharata, que conhece o Passado, o Futuro, e o Presente. Depois que aquele tigre entre reis tiver, em consequência de suas próprias realizações, ascendido para o céu, a terra, ó filho de Pritha, parecerá com uma noite sem lua. Portanto, ó Yudhishthira, te aproximando submissamente do filho de Ganga, isto é, Bhishma de destreza terrível, o questione acerca do que tu possas desejar aprender. Ó senhor da terra, pergunte a ele sobre os quatro ramos de conhecimento (a respeito de moralidade, lucro, prazer e salvação), sobre os sacrifícios e os ritos prescritos para as quatro classes, sobre os quatro modos de vida, e sobre os deveres reais integralmente. Quando Bhishma, aquele principal da linhagem de Kuru, desaparecer do mundo, todo o tipo de conhecimento desaparecerá com ele. É por isso que eu te incito (a ir até ele agora).' Ouvindo estas palavras benéficas de grande importância de Vasudeva, o justo Yudhishthira, com voz sufocada em lágrimas, respondeu a Janardana, dizendo, 'O que tu disseste, ó Madhava, sobre a eminência de Bhishma, é perfeitamente verdadeiro. Eu não tenho a menor dúvida a respeito disto. De fato, eu tinha ouvido a respeito da bem-aventurança superior, como também da grandeza do ilustre Bhishma de Brahmanas de grande alma discorrendo sobre isto. Tu, ó matador de inimigos, és o Criador de todos os mundos. Não pode haver, portanto, ó alegrador dos Yadavas, a menor dúvida no que tu dizes. Se teu coração estiver inclinado a mostrar benevolência, ó Madhava, então nós iremos até Bhishma contigo mesmo em nossa dianteira. Quando o

divino Surya se virar para o norte, Bhishma deixará (este mundo) para aquelas regiões de bem-aventurança que ele conquistou. Aquele descendente da linhagem de Kuru, portanto, ó tu de braços poderosos, merece ter uma visão de ti. (Se tu concederes minha súplica), Bhishma então obterá uma visão de ti que és o principal dos Deuses, de ti que és destrutível e indestrutível. De fato, ó senhor, és tu que és aquele vasto receptáculo de Brahma.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras do rei Yudhishthira, o justo, o matador de Madhu se dirigiu a Satyaki que estava sentado ao lado dele, dizendo, 'Que meu carro seja atrelado'. Nisto, Satyaki deixou rapidamente a presença de Kesava e saindo, ordenou Daruka, dizendo, 'Que o carro de Krishna seja aprontado.' Ouvindo as palavras de Satyaki, Daruka atrelou depressa o carro de Krishna. Aquele principal dos veículos, adornado com ouro, decorado com uma profusão de esmeraldas, e pedras-da-lua e predras-do-sol, provido de rodas cobertas com ouro, possuidor de refulgência, veloz como o vento, engastado no meio com diversas outras espécies de pedras preciosas, belo como o sol da manhã, equipado com um belo estandarte coberto por Garuda, e alegre com bandeiras numerosas, tinha aqueles principais dos corcéis, velozes como o pensamento, Sugriva e Saivya e os outros dois, em arreios de ouro, unidos a ele. Tendo-o atrelado, ó tigre entre reis, Daruka, com mãos unidas, informou Krishna do fato.'"

48

"Janamejaya disse, 'Como o avô dos Bharatas, que jazia sobre um leito de flechas, abandonou seu corpo, e qual tipo de Yoga ele adotou?'"

"Vaisampayana disse, 'Ouça, ó rei, com coração puro e atenção concentrada, como, ó tigre entre os Kurus, Bhishma de grande alma abandonou seu corpo. Logo que o Sol, passando o ponto solsticial, entrou em seu curso norte, Bhishma, com atenção concentrada, fez sua alma (como ligada com e independente do corpo), entrar em sua alma (em seu estado independente e absoluto). Cercado por muitos dos principais Brahmanas, aquele herói, seu corpo perfurado por inúmeras setas, resplandecia em grande beleza como o próprio Surya com seus inúmeros raios. Cercado por Vyasa conhecedor dos Vedas, pelo Rishi celeste Narada, por Devasthana, por Asmaka Sumantu, por Jaimini, por Paila de grande alma, por Sandilya, por Devarata, por Maitreya de grande inteligência, por Asita e Vasishtha e Kausika de grande alma, por Harita e Lomasa e o filho de Atri de grande inteligência, por Vrihaspati e Sukra e o grande sábio Chyavana, por Sanatkumara e Kapila e Valmiki e Tumvuru e Kuru, por Maudgalya e Rama da linhagem de Bhrigu, e o grande sábio Trinavindu, por Pippalada e Vayu e Samvarta e Pulaha e Katha, por Kasyapa e Pulastya e Kratu e Daksha e Parasara, por Marichi e Angiras e Kasmya e Gautama e o sábio Galava, por Dhaumya e Vibhanda e Mandavya e Dhaumra e Krishnanubhautika, por Uluka, aquele principal dos Brahmanas e o grande sábio Markandeya, por Bhaskari e Purana e Krishna e Suta, aquelas principais das pessoas virtuosas, circundado por estes e muitos

outros sábios altamente abençoados de grandes almas e possuidores de fé e autocontrole e tranquilidade de mente, o herói Kuru parecia com a Lua no meio dos planetas e estrelas. Esticado em seu leito de flechas, aquele tigre entre homens, Bhishma, com coração puro e palmas unidas, pensou em Krishna em mente, palavra, e ação. Com uma voz alegre e forte ele cantou os louvores do matador de Madhu, aquele mestre de yoga, com o lótus em seu umbigo, aquele senhor do universo, chamado Vishnu e Jishnu. Com mãos unidas, aquele principal dos homens eloquentes, aquele ser poderoso, Bhishma de alma altamente virtuosa, louvou Vasudeva dessa maneira.'"

"Bhishma disse, 'Ó Krishna, ó principal dos Seres, fique satisfeito com estas palavras que eu profiro, em resumo e em detalhes, pelo desejo de cantar teus louvores. Tu és puro e própria pureza. Tu transcendes tudo. Tu és o que as pessoas dizem que é AQUILO. (O Ser Supremo é chamado aqui e alhures de Hansa, isto é, cisne, porque como se supõe que o cisne supera todas as criaturas aladas no alcance de seu vôo, assim o Ser Supremo transcende todas as criaturas no universo. Ele é chamado de Aquilo, como na fórmula Védica de louvor: 'Tu és Aquilo,' significando 'Tu és inconcebível e incapaz de ser descrito em palavras.') Tu és o Senhor Supremo. Com todo o meu coração eu procuro tua proteção, ó Alma universal e Senhor de todas as criaturas! Tu és sem início e sem fim. Tu és o mais sublime dos sublimes e Brahma. Nem os deuses nem os Rishis te conhecem. Somente o divino Criador, chamado Narayana ou Hari, te conhece. Através de Narayana, os Rishis, os Siddhas, os grandes Nagas, os deuses, e os Rishis celestes conhecem um pouco de ti. Tu és o mais alto dos altos e não conheces deterioração. Os deuses, os Danavas, os Gandharvas, os Yakshas, os Pannagas não sabem quem tu és e de onde tu és. Todos os mundos e todas as coisas criadas vivem em ti, e entram em ti (quando chega a dissolução). Como pérolas enfiadas em um cordão, todas as coisas que têm atributos residem em ti, ó Senhor Supremo. (Coisas criadas têm atributos. É Brahma somente que não tem atributos, no sentido de que nenhum atributo com o qual nós estamos familiarizados pode ser afirmado dele.) Tendo o universo como teu trabalho e o universo como teus membros, este universo consistindo em mente e matéria reside na tua alma eterna e onipresente como várias flores encordoadas em um fio forte. Tu te chamas Hari, de mil cabeças, mil pés, mil olhos, mil braços, mil coroas, e mil faces de grande esplendor. Tu és chamado de Narayana, divindade, e o refúgio do universo. Tu és o mais sutil dos sutis, o mais denso dos densos, o mais pesado dos pesados e o mais alto dos altos. Nos Vaks, Anuvaks, Nishads, e Upanishads, tu és considerado como o Ser Supremo de força irresistível. No Samans também, cujas declarações são sempre verdadeiras, tu és considerado como a própria Verdade! (Os Vaks são os mantras, os Anuvaks são aquelas partes dos Vedas que são chamadas de Brahmanas, os Nishads são as partes do ritual Védico que levam a um conhecimento dos deuses, e os Upanishads são as partes que tratam exclusivamente do conhecimento da Alma). Tu és de alma quádrupla (Brahma, Jiva, Mente e Consciência). Tu és revelado somente na compreensão (de todas as criaturas). Tu és o Senhor daqueles que estão ligados a ti na fé. Ó Deus, tu és adorado (pelos fiéis) sob quatro nomes excelentes, sublimes, e secretos (Vasudeva, Sankarsana, Pradyumna, e Aniruddha).

Penitências estão sempre presentes em ti. Realizadas (por outras criaturas para te satisfazer), as penitências vivem na tua forma. (Penitências estão sempre presentes em ti, no sentido de que tu nunca estás sem elas, penitências constituindo tua essência. Realizadas pelas criaturas, elas vivem em teus membros, no sentido de que as penitências realizadas nunca são perdidas.) Tu és a Alma Universal. Tu és de conhecimento universal. Tu és o universo. Tu és onisciente. Tu és o criador de tudo no universo. Como um par de gravetos gerando um fogo ardente, tu nasceste dos divinos Devaki e Vasudeva para a proteção de Brahma na terra. (Na Índia antiga, os Rishis vivendo nas florestas obtinham seu fogo por friccionar dois gravetos. Estes eles chamavam de Arani. Brahma sobre a terra significa os Vedas, os Brahmanas, e os Sacrifícios). Por esta salvação eterna, o devotado adorador, com mente afastada de tudo o mais e rejeitando todos os desejos, contempla a ti, ó Govinda, que és a Alma pura, em sua própria alma. Tu transcendes Surya em glória. Tu estás além do alcance dos sentidos e da compreensão. Ó Senhor de todas as criaturas, eu me coloco em tuas mãos. Nos Puranas tu foste falado como Purusha (o espírito que permeia tudo). Em ocasiões do começo dos Yugas tu és citado como Brahma, enquanto que em ocasiões de dissolução universal tu és citado como Sankarshana. Tu és Adorável, e portanto eu adoro a ti. Embora um, tu ainda nasceste em inúmeras formas. Tu tens tuas paixões sob completo controle. Teus devotos, realizando fielmente os ritos prescritos nas escrituras, sacrificam para ti, ó realizador de todo desejo! Tu és chamado de a bainha dentro da qual o universo jaz. Todas as coisas criadas vivem em ti. Como cisnes e patos nadando na água, todos os mundos que nós vemos flutuam em ti. Tu és Verdade. Tu és Um e não te deterioras. Tu és Brahma, Tu és Aquele que está além da Mente da Matéria. Tu não tens início, meio, e fim. Nem os deuses nem os Rishis te conhecem. Os deuses, os Asuras, os Gandharvas, os Siddhas, os Rishis, e os grandes Uragas com almas concentradas, sempre te adoram. Tu és a grande panacéia para toda a tristeza. Tu és sem nascimento e morte. Tu és Divino. Tu és autocriado. Tu és eterno. Tu és invisível e além da compreensão. Tu és chamado de Hari e Narayana, ó pujante. Os Vedas declaram que tu és o Criador do universo e o Senhor de tudo o que existe no universo. Tu és o protetor Supremo do universo. Tu não conheces deterioração e tu és aquilo que é chamado de o mais sublime. Tu és da cor do ouro. Tu és o matador dos Asuras. Embora Um, Aditi te deu à luz em doze formas (estes são os doze Adityas ou deuses principais). Saudações a ti que és a alma do Sol. Saudações a ti em tua forma de Soma que é citado como o principal de todos os regenerados e que satisfaz com néctar os deuses na quinzena iluminada e os Pitris na quinzena escura. Tu és o Ser Único de esplendor transcendente habitando no outro lado da densa escuridão. Conhecendo-te uma pessoa cessa de ter qualquer medo da morte. Saudações para ti naquela forma a qual é um objeto de conhecimento. (Tu és conhecimento puro e residente além da escuridão da ignorância. Eu te reverencio não em alguma daquelas formas nas quais tu és ordinariamente adorado, mas naquela forma de pura luz a qual somente Yogins podem contemplar por meio de visão espiritual.) No grande sacrifício Uktha, os Brahmanas te adoram como o grande Opulento. No grande sacrifício de fogo, eles cantam a ti como o principal Adhyaryu (sacerdote). Tu és a alma dos Vedas. Saudações a ti. Os Richs, os Yajus, e os Samans são tua residência. Tu és as

cinco espécies de libações santificadas (usadas em sacrifícios). Tu és as sete tramas usadas nos Vedas. Saudações a ti na tua forma de Sacrifício. (As cinco libações são Dhana, Karambha, Parivapa, e água. As sete tramas são os sete mantras predominantes nos hinos Védicos, tais como Gayatri, etc.) Libações são despejadas no fogo Homa em acompanhamento com os dezessete sons monossilábicos. Tu és a alma do Homa. Saudações a ti! Tu és aquele Purusha que os Vedas cantam. Teu nome é Yajus. As métricas Védicas são teus membros. Os sacrifícios prescritos nos três Vedas são tuas três cabeças. O grande sacrifício chamado Rathantara é tua voz expressiva de satisfação. Saudações a ti na tua forma de hinos sagrados! Tu és o Rishi que apareceu no grande sacrifício que se estendeu por mil anos realizado pelos criadores do universo. (Os Prajapatis que são os criadores do universo realizaram um sacrifício que se extendeu por mil anos. O Ser Supremo apareceu naquele sacrifício como um ato de benevolência para os sacrificadores.) Tu és o grande cisne com asas de ouro. Saudações a ti na tua forma de um cisne. Raízes (de palavras) com todos os tipos de prefixos e sufixos são teus membros. Os Sandhis são tuas juntas. As consoantes e as vogais são teus ornamentos. Os Vedas declaram que tu és a palavra divina. Saudações a ti em tua forma como a palavra! (Sandhis são aquelas mudanças de vogais contínuas, em combinar duas palavras, que são requeridas pelas regras de eufonia.) Assumindo a forma de um javali cujos membros eram constituídos por sacrifício, tu ergueste a terra submersa para o benefício dos três mundos. Saudações a ti em tua forma de destreza infinita! Tu dormes em Yoga no teu sofá enfeitado com cobra constituído pelos mil capelos (do Naga). Saudações a ti em tua forma de sono! Tu constróis a ponte para os bons (atravessarem o mar da vida) com Verdade, com aqueles meios pelos quais a emancipação pode ser obtida, e com os meios pelos quais os sentidos podem ser controlados. Saudações a ti em tua forma de Verdade! Homens praticando diversos credos, incitados pelo desejo de diversos resultados te adoram com diversos ritos. Saudações a ti em tua forma de Credo! De ti todas as coisas surgiram. És tu que excitas todas as criaturas que têm corpos físicos contendo o princípio do desejo. Saudações a ti em tua forma de Excitamento. Os grandes Rishis procuram teu eu imanifesto dentro do manifesto. Chamado Kshetrajna, tu estás colocado em Kshetra. Saudações a ti em tua forma de Kshetra! (O manifesto é o corpo. Os Rishis procuram teu eu imanifesto dentro do corpo, em seus próprios corações. Kshetra é buddhi ou inteligência. O Ser Supremo é chamado de Kshetrajna porque ele conhece todas as mentes. Inteligência ou mente é uma de suas formas.) Tu sendo sempre consciente e presente, os Sankhyas ainda te descrevem como existindo nos três estados de vigília, sonho, e sono profundo. Eles além disso falam de ti como possuidor de dezesseis atributos e representando o número dezessete. Saudações a ti em tua forma como concebida pelos Sankhyas! (Os dezesseis atributos são os onze sentidos e os cinco elementos em suas formas sutis chamadas Mahabhutas. Somado a isto está o Infinito. O Ser Supremo, de acordo com a doutrina Sankhya, é dessa maneira a encarnação do número dezessete. Tua forma como concebida pelos Sankhyas, isto é, tua forma como Número.) Rejeitando o sono, retendo a respiração, retraídos dentro de si mesmos, Yogins de sentidos controlados te contemplam como luz eterna. Saudações a ti em tua forma Yoga! Sannyasins pacíficos, livres do medo do renascimento em

consequência da destruição de todos os seus pecados e méritos, te alcançam. Saudações a ti em tua forma de emancipação! (Nos casos daqueles que renascem, há sempre um resíduo de pecado e mérito pelos quais eles têm, em sua vida terrena, que sofrer e desfrutar. No caso, no entanto, daqueles que se dirigiram para uma vida de renúncia o grande esforço é para esgotar este resíduo.) No fim de mil Yugas, tu assumes a forma de um fogo com chamas ardentes e consomes todas as criaturas. Saudações a ti em tua forma de ferocidade! Tendo consumido todas as criaturas e fazendo do universo uma vasta extensão de água, tu dormes sobre as águas na forma de uma criança. Saudações a ti em tua forma como Maya (ilusão)! Do umbigo do auto-nascido de olhos como pétalas de lótus, surge um lótus. Nesse lótus está estabelecido este universo. Saudações a ti em tua forma como lótus! Tu tens mil cabeças. Tu permeias tudo. Tu és de alma incomensurável. Tu subjugaste os quatro tipos de desejos que são tão vastos quanto os quatro oceanos. Saudações a ti em tua forma de sono de Yoga! As nuvens estão nos cabelos de tua cabeça. Os rios estão nas várias juntas de teus membros. Os quatro oceanos estão em teu estômago. Saudações a ti em tua forma como água! Nascimento e a mudança representada pela morte provêm de ti. Todas as coisas, novamente, na dissolução universal, se dissolvem em ti. Saudações a ti em tua forma como causa! Tu não dormes à noite. Tu estás ocupado durante o dia também. Tu observas as boas e más ações (de todos). Saudações a ti em tua forma de observador (universal)! Não há ato o qual tu não possas fazer. Tu estás sempre pronto para realizar atos que são justos. Saudações a ti em tua forma de Trabalho, isto é, a forma que é chamada de Vaikuntha! Em cólera tu, em batalha, exterminaste três vezes sete vezes os Kshatriyas que tinham calcado a virtude e a autoridade sob seus pés. Saudações a ti em tua forma de Crueldade! Dividindo a ti mesmo em cinco porções tu te tornaste os cinco ares vitais que agem dentro de todos e fazem todas as criaturas vivas se moverem. Saudações a ti em tua forma de ar! Tu apareces em cada Yuga na forma chamada mês e estação e meio-ano e ano, e és a causa da criação e da dissolução. Saudações a ti em tua forma de Tempo! Os Brahmanas são tua boca, os Kshatriyas são teus dois braços, os Vaisyas são teu estômago e coxas, e os Sudras vivem em teus pés. Saudações a ti em tua forma de casta! O fogo constitui tua boca. Os céus são a coroa de tua cabeça. O firmamento é teu umbigo. A terra é teus pés. O Sol é teu olho. Os pontos do horizonte são teus ouvidos. Saudações a ti em tua forma como os (três) mundos! Tu és superior ao Tempo. Tu és superior ao Sacrifício. Tu és mais sublime do que o mais sublime. Tu mesmo sem origem, tu és a origem do universo. Saudações a ti em tua forma como o Universo! Homens do mundo, segundo as qualidades atribuídas a ti pela teoria Vaiseshika, te consideram como o Protetor do mundo. Saudações a ti em tua forma de Protetor! Assumindo as formas de alimento, bebida, e combustível, tu aumentas os líquidos orgânicos e os ares vitais das criaturas e manténs a existência delas. Saudações a ti em tua forma de vida! Para manter os ares vitais tu comes os quatro tipos de alimento. (Isto é, aquele que é mastigado, aquele que é chupado, aquele que é lambido e aquele que é bebido). Assumindo também a forma de Agni dentro do estômago, tu digeres aquele alimento. Saudações a ti em tua forma de calor digestivo! Assumindo a forma de meio-homem e meio-leão, com olhos fulvos e crinas fulvas, com dentes e garras

como tuas armas, tu tiraste a vida do chefe dos Asuras. Saudações a ti em tua forma de poder superior! Nem os deuses, nem os Gandharvas, nem os Daityas, nem os Danavas te conhecem realmente. Saudações a ti em tua forma de sutilidade excelente! Assumindo a forma do belo, ilustre, e pujante Ananta na região inferior, tu sustentas o mundo. Saudações a ti em tua forma de Poder! Tu estupefazes todas as criaturas pelos laços de amor e afeição para a continuação da criação. Saudações a ti em tua forma de estupefação! (Todas as criaturas são estupefatas pelo amor e afeição. O grande objetivo que os Yogins se propõe é romper aqueles laços se elevando acima de todas as atrações da carne para efetuar sua libertação ou emancipação do renascimento.) Considerando aquele conhecimento o qual está relacionado com os cinco elementos como o verdadeiro Autoconhecimento, (pelo qual os yogins se esforçam), as pessoas se aproximam de ti pelo conhecimento! Saudações a ti em tua forma de Conhecimento! Teu corpo é imensurável. Tua compreensão e olhos estão dedicados a tudo. Tu és infinito, estando além de todas as medidas. Saudações a ti em tua forma de vastidão! Tu assumiste a forma de um recluso com cabelos emaranhados na cabeça, bastão na mão, um longo abdome, e tendo tua tigela de mendicância por tua aljava. Saudações a ti em tua forma de Brahma. (Isto é, Brahmacharin). Tu portas o tridente, tu és o senhor dos celestiais, tu tens três olhos, e tu és de grande alma. Teu corpo está sempre sujo com cinzas, e teu emblema fálico está sempre virado para cima. Saudações a ti em tua forma de Rudra! A meia-lua forma o ornamento de tua testa. Tu tens cobras como o fio sagrado rodeando teu pescoço. Tu estás armado com Pinaka e tridente. Saudações à tua forma de Fúria. Tu és a alma de todas as criaturas. Tu és o Criador e o Destruidor de todas as criaturas. Tu não tens ira, nem inimizade, nem afeição. Saudações a ti em tua forma de Paz! Tudo está em ti. Tudo é de ti. Tu mesmo és Tudo. Tu estás em todos os lugares. Tu és sempre o Todo. Saudações a ti em tua forma como Tudo! Saudações a ti cujo trabalho é o universo, a ti que és a alma do universo, a ti de quem surgiu o universo, a ti que és a dissolução de todas as coisas, a ti que estás além dos cinco (elementos que constituem todas as coisas)! Saudações a ti que és os três mundos, a ti que estás acima dos três mundos! Saudações a ti que és todas as direções! Tu és tudo e tu és o único receptáculo de Tudo. Saudações a ti, ó Senhor divino, ó Vishnu, ó origem eterna de todos os mundos! Tu, ó Hrishikesa, és o Criador, tu és o Destruidor, e tu és invencível. Eu não posso contemplar aquela forma celestial na qual tu estás manifestado no Passado, Presente, e no Futuro. Eu posso, no entanto, contemplar realmente tua forma eterna (como manifestada em teus trabalhos). Tu preencheste o céu com tua cabeça, e a terra com teus pés, com tua destreza tu preencheste os três mundos. Tu és Eterno e permeias tudo no universo. As direções são teus braços, o Sol é teu olho, e destreza é teu fluido vital. Tu és o senhor de todas as criaturas. Tu permaneces fechando os sete caminhos do Vento cuja energia é incomensurável. Estão livres de todos os atos aqueles que adoram a ti, ó Govinda de destreza imperecível, a ti que estás vestido em mantos amarelos da cor da flor Atasi (Linum usitatissimun). Mesmo uma inclinação da cabeça para ti, ó Krishna, é igual à conclusão de dez Sacrifícios de Cavalo. O homem que realizou dez Sacrifícios de Cavalo não está livre da obrigação do renascimento. O homem, no entanto, que reverencia a Krishna escapa do renascimento. Aqueles que têm Krishna como seu voto,

aqueles que pensam em Krishna à noite, e ao se levantarem do sono, podem ser citados como tendo Krishna como seu corpo. Aquelas pessoas (depois da morte) entram na natureza de Krishna assim como libações de manteiga clarificada santificadas com mantras entram no fogo ardente. Saudações a ti que dissipas o medo do inferno, a ti, ó Vishnu, que és um barco para aqueles que estão mergulhados em meio aos redemoinhos do oceano representado pela vida mundana! Saudações a ti, ó Deus, que és o próprio Brahmana, a ti que és o benfeitor de Brahmanas e vacas, a ti que és o benfeitor do universo, a ti que és Krishna e Govinda! As duas sílabas Hari constituem o estoque pecuniário daqueles que passam pela selva da vida e o remédio que cura efetivamente todas as predileções mundanas, além de serem os meios que aliviam tristeza e dor. (Samsara é o mundo ou a vida mundana caracterizada por diversos apegos. Reflexão sobre Hari liberta uma pessoa daqueles apegos. Ou, Samsara pode significar as repetidas mortes e nascimentos aos quais a alma não emancipada está sujeita. Contemplação do Ser divino pode evitar tais repetidos nascimentos e mortes por levar à emancipação.) Como a verdade é repleta de Vishnu, como o universo é repleto de Vishnu, como tudo é repleto de Vishnu, assim que minha alma seja repleta de Vishnu e que meus pecados sejam destruídos! Eu procuro tua proteção e sou devotado a ti, desejoso de obter um fim feliz. Ó tu de olhos como pétalas de lótus, ó melhor dos deuses, pense no que for para o meu bem! Tu mesmo sem origem, ó Vishnu, tu és a origem do Conhecimento e Penitências. Assim tu és louvado! Ó Janardana, adorado dessa maneira por mim no Sacrifício constituído por palavras (somente), fique, ó deus, satisfeito comigo! Os Vedas são dedicados a Narayana. Penitências são dedicadas a Narayana. Os deuses são dedicados a Narayana. Tudo é sempre Narayana!'"

Vaisampayana continuou, "Tendo proferido estas palavras, Bhishma, com mente concentrada em Krishna, disse, 'Saudações a Krishna!' e o reverenciou. Sabendo por seus poderes de Yoga da devoção de Bhishma, Madhava, de outra maneira chamado Hari, (entrando em seu corpo) concedeu a ele conhecimento celeste abarcando o Passado, o Presente, e o Futuro, e partiu. Quando Bhishma ficou silencioso, aqueles proferidores de Brahma (que estavam sentados em volta dele), com vozes sufocadas em lágrimas, adoraram aquele chefe de grande alma dos Kurus em palavras excelentes. Aqueles principais dos Brahmanas proferiram os louvores de Krishna também, aquele principal dos Seres, e então continuaram em vozes suaves a elogiar Bhishma repetidamente. Sabendo (por seus poderes de Yoga) da devoção de Bhishma por ele, aquele principal dos Seres, Madhava, ergueu-se de repente de seu assento e subiu em seu carro. Kesava e Satyaki procederam em um carro. Em outro seguiram aqueles dois príncipes, ilustres Yudhishthira e Dhananjaya. Bhimasena e os gêmeos foram em um terceiro; enquanto aqueles touros entre homens, Kripa e Yuyutsu, e aquele destruidor de inimigos, Sanjaya da casta Suta, procederam em seus respectivos carros, cada um dos quais parecia com uma cidade. E todos eles procederam, fazendo a terra tremer com o ruído das rodas de suas carruagens. Aqueles principais dos homens, enquanto eles procediam, escutavam alegremente aos discursos, repletos de elogios, que eram proferidos pelos Brahmanas. O matador de Kesi,

com coração satisfeito, saudou o povo que esperava (pelas ruas) com mãos unidas e cabeças inclinadas.'"

49

Vaisampayana disse, "Então Hrishikesa e o rei Yudhishthira, e todas aquelas pessoas encabeçadas por Kripa, e os quatro Pandavas, naqueles carros que pareciam com cidades fortificadas e decorados com estandartes e bandeiras, procederam rapidamente para Kurukshetra com a ajuda de seus corcéis velozes. Eles desceram sobre aquele campo que estava coberto com cabelo e medula e ossos e onde milhões de Kshatriyas de grande alma tinham perdido seus corpos. Ele abundava também com muitos montes formados dos corpos e ossos de elefantes e corcéis, e cabeças humanas e caveiras jaziam espalhadas sobre ele como conchas. Matizada com milhares de piras mortuárias e cheia de pilhas de armaduras e armas, a vasta planície parecia com o jardim de beber do próprio Destruidor usado e abandonado recentemente. Os poderosos guerreiros em carros procederam rapidamente, observando o campo de batalha assombrado por multidões de espíritos e apinhado de Rakshasas. Enquanto procediam, Kesava de braços fortes, aquele alegrador de todos os Yadavas, falou a Yudhishthira acerca da bravura do filho de Jamadagni, 'Lá, a uma distância, ó Partha, são vistos os cinco lagos de Rama! Lá Rama ofereceu oblações de sangue Kshatriya para os espíritos de seus antepassados. Foi de lá que o poderoso Rama, tendo livrado a terra de Kshatriyas por três vezes sete vezes, desistiu de sua tarefa."

"Yudhishthira disse, 'Eu tenho grandes dúvidas no que tu dizes sobre Rama ter exterminado três vezes sete vezes os Kshatriyas antigamente. Quando a própria semente Kshatriya foi queimada por Rama, ó touro entre os Yadus, como a classe Kshatriya reviveu, ó tu de destreza incomensurável? Como, ó touro dos Yadus, a classe Kshatriya foi exterminada pelo ilustre Rama de grande alma, e como ela cresceu novamente? Em terríveis combates de carros milhões de Kshatriyas foram mortos. A terra, ó principal dos homens eloquentes, foi coberta com os cadáveres de Kshatriyas. Por que razão a classe Kshatriya foi assim exterminada nos tempos passados por Rama, o descendente de grande alma de Bhrigu, ó tigre entre os Yadus? Ó tu da tribo de Vrishni, remova esta minha dúvida, ó herói de bandeira de ave! Ó Krishna, ó irmão mais novo de Baladeva, o conhecimento mais elevado é de ti.'"

Vaisampayana disse, "O poderoso irmão mais velho de Gada então narrou para Yudhishthira de destreza incomparável tudo o que aconteceu, com todos os detalhes, quanto a como a terra tinha se tornado repleta de Kshatriyas."

50

"Vasudeva disse, 'Ouça, ó filho de Kunti, a história da energia e poderes e nascimento de Rama como ouvidos por mim de grandes Rishis discursando sobre

o assunto. Escute a história de como milhões de Kshatriyas foram mortos pelo filho de Jamadagni e como aqueles que nasceram novamente nas diversas linhagens reais em Bharata foram outra vez massacrados. Jadu teve um filho chamado Rajas. Rajas teve um filho chamado Valakaswa. O rei Valakaswa teve um filho chamado Kusika de comportamento virtuoso. Parecendo Indra de mil olhos sobre a terra, Kusika passou pelas penitências mais rígidas pelo desejo chegar ao chefe dos três mundos por um filho. Vendo-o dedicado às mais austeras das penitências e competente para gerar um filho, o próprio Purandara de mil olhos inspirou o rei (com sua força). O grande senhor dos três mundos, o castigador de Paka, ó rei, então se tornou o filho de Kusika conhecido pelo nome de Gadhi. Gadhi teve uma filha, ó monarca, de nome Satyavati. O poderoso Gadhi a deu (como esposa) para Richika, um descendente de Bhrigu. O marido dela da linhagem de Bhrigu, ó encantador dos Kurus, ficou muito satisfeito com ela pela pureza de seu comportamento. Ele cozinhou o alimento sacrifical consistindo em leite e arroz para dar a Gadhi (pai dela) um filho. Chamando sua esposa, Richika da linhagem de Bhrigu disse, 'Esta porção da comida santificada deve ser comida por ti, e esta (outra) porção por tua mãe. Um filho nascerá dela que brilhará com energia e será um touro entre os Kshatriyas. Invencível por Kshatriyas sobre a terra, ele será o matador dos principais dos Kshatriyas. Em relação a ti, ó dama abençoada, esta porção da comida te dará um filho de grande sabedoria, uma encarnação da tranquilidade, dotado de penitências ascéticas, e o principal dos Brahmanas.' Tendo dito estas palavras para sua mulher, o abençoado Richika da linhagem de Bhrigu, colocando seu coração em penitências, procedeu para as florestas. Nesta época, o rei Gadhi, determinado a fazer uma peregrinação às águas sagradas, chegou com sua rainha ao retiro de Richika. Satyavati, após isto, ó rei, pegando as duas porções da comida santificada, alegremente e com grande pressa relatou as palavras de seu marido para sua mãe. A rainha-mãe, ó filho de Kunti, deu a porção planejada para ela mesma para sua filha, e ela mesma comeu por ignorância a porção planejada para a última. Após isto, Satyavati, seu corpo resplandecendo com brilho, concebeu uma criança de forma terrível que se tornaria o exterminador dos Kshatriyas. Vendo uma criança Brahmana dentro do útero dela, aquele tigre entre os Bhrigus disse para sua esposa de beleza celeste estas palavras: 'Tu foste enganada por tua mãe, ó dama abençoada, pela troca dos bocados santificados. Teu filho se tornará uma pessoa de atos cruéis e coração vingativo. Teu irmão por outro lado (nascido de tua mãe) será um Brahmana dedicado a penitências ascéticas. Dentro do alimento santificado destinado para ti foi colocada a semente do supremo e universal Brahma, enquanto na que era destinada para tua mãe foi colocada a soma total da energia Kshatriya. Por causa, no entanto, da troca das duas porções, ó dama abençoada, aquilo que tinha sido planejado não vai acontecer. Tua mãe obterá um filho Brahmana enquanto tu terás um filho que se tornará um Kshatriya.' Assim endereçada por seu marido, a altamente abençoada Satyavati se prostrou e colocando sua cabeça aos pés dele, tremendo, disse, 'Não cabe a ti, ó santo, falar tais palavras para mim, isto é, 'Tu terás um vilão entre Brahmanas (como teu filho).'"

"Richika disse, 'Isto não foi planejado por mim, ó dama abençoada, em relação a ti. Um filho de atos violentos foi concebido por ti simplesmente por causa da troca dos bocados santificados.'"

"Satyavati respondeu dizendo, 'Se tu desejares, ó sábio, tu podes criar outros mundos, o que dizer então de uma criança? Cabe a ti, ó poderoso, me dar um filho que seja virtuoso e dedicado à paz.'"

"Richika disse, 'Nunca uma mentira foi falada por mim antes, ó dama abençoada, nem de brincadeira. O que dizer então de (tal ocasião solene como) preparar alimento santificado com a ajuda de fórmulas Védicas depois de acender o fogo? Isto foi ordenado pelo Destino, ó amável! Eu averiguei tudo isso pelas minhas penitências. Todos os descendentes de teu pai possuirão virtudes Brahmânicas.'"

"Satyavati disse, 'Ó poderoso, que nosso neto seja assim, mas, ó principal dos ascetas, me deixe ter um filho de ocupações tranquilas.'"

"Richika disse, 'Ó tu da mais bela cor, não há distinção, eu creio, entre um filho e um neto. Será, ó amável, como tu disseste.'"

"Vasudeva continuou, 'Então Satyavati deu à luz um filho na linhagem de Bhrigu que era dedicado a penitências e caracterizado por ocupações tranquilas, isto é, Jamadagni de votos regulados. O filho de Kusika, Gadhi, gerou um filho chamado Viswamitra. Possuidor de todos os atributos de um Brahmana, aquele filho (embora nascido na classe Kshatriya) era igual a um Brahmana. Richika (dessa forma) gerou Jamadagni, aquele oceano de penitências. Jamadagni gerou um filho de atos violentos. O mais importante dos homens, aquele filho dominou as ciências, inclusive a ciência de armas. Como um fogo ardente, aquele filho era Rama, o exterminador de Kshatriyas. Tendo gratificado Mahadeva nas montanhas de Gandhamadana, ele pediu armas daquele deus grandioso, especialmente o machado de energia feroz em suas mãos. Por causa daquele machado inigualável de esplendor ardente e corte irresistível, ele se tornou sem igual sobre a terra. Enquanto isso o filho poderoso de Kritavirya, isto é, Arjuna da classe Kshatriya e soberano dos Haihayas, dotado de grande energia, altamente virtuoso em comportamento, e possuidor de mil braços pela graça (do grande Rishi) Dattatreya, tendo subjugado em batalha, pela força de seus próprios braços, a terra inteira com suas montanhas e sete ilhas, se tornou um imperador muito poderoso e (finalmente) doou a terra aos Brahmanas em um Sacrifício de Cavalo. Em certa ocasião, solicitado pelo sedento deus do fogo, ó filho de Kunti, o monarca de mil braços e de grande destreza deu esmolas àquela divindade. Surgindo da ponta de suas flechas, o deus do fogo, possuidor de grande energia, desejoso de consumir (o que era oferecido), queimou aldeias e cidades e reinos e aldeolas de vaqueiros. Pela bravura daquele principal dos homens, isto é, Kritavirya de grande energia, o deus do fogo queimou montanhas e grandes florestas. Ajudado pelo rei dos Haihayas, o deus do fogo, feito pelo vento resplandecer com muita energia consumiu o inabitado mas encantador retiro de Apava de grande alma. Possuidor de grande energia, Apava, ó rei de braços

fortes, vendo seu retiro destruído pelo poderoso Kshatriya, amaldiçoou aquele monarca em cólera, dizendo, ‘Já que, ó Arjuna, sem excetuar estas minhas florestas especiosas, tu as queimaste, portanto, Rama (da linhagem de Bhrigu) cortará teus (mil) braços.’ O poderoso Arjuna, no entanto, de grande destreza, sempre dedicado à paz, sempre respeitoso com os Brahmanas e disposto a conceder proteção (para todas as classes), e caridoso e corajoso, ó Bharata, não pensou naquela maldição pronunciada sobre si por aquele Rishi de grande alma. Seus filhos poderosos, sempre soberbos e cruéis, em consequência daquela maldição, se tornaram a causa indireta de sua morte. Os príncipes, ó touro da raça Bharata, agarraram e levaram o bezerro da vaca homa de Jamadagni, sem o conhecimento de Kritavirya, o soberano dos Haihayas. Por esta razão ocorreu uma disputa entre Jamadagni de grande alma (e os Haihayas). O poderoso Rama, o filho de Jamadagni, cheio de fúria, cortou os braços de Arjuna e levou de volta, ó monarca, o bezerro de seu pai que estava vagando dentro dos cercados internos do palácio do rei. Então os tolos filhos de Arjuna, indo juntos ao retiro de Jamadagni de grande alma, cortaram com as pontas de suas lanças, ó rei, a cabeça do Rishi de seu tronco enquanto o célebre Rama estava fora buscando combustível e ervas sagrados. Inflamado com cólera pela morte de seu pai e inspirado com vingança, Rama jurou livrar a terra de Kshatriyas e pegou armas. Então aquele tigre entre os Bhrigus, possuidor de grande energia, aplicando sua destreza, matou rapidamente todos os filhos e netos de Kritavirya. Massacrando milhares de Haihayas furiosamente, o descendente de Bhrigu, ó rei, fez a terra ficar lodosa com sangue. Possuidor de grande energia, ele rapidamente privou a terra de todos os Kshatriyas. Cheio então de compaixão, ele se retirou para as florestas. Depois, quando alguns milhares de anos tinham passado, o poderoso Rama, que era colérico por natureza, teve imputações (de covardia) lançadas sobre ele. O neto de Viswamitra e filho de Raivya, possuidor de grande mérito ascético, chamado de Paravasu, ó monarca, começou a lançar imputações sobre Rama em público, dizendo, 'Ó Rama, não eram aqueles homens virtuosos, isto é, Pratardana e outros, que estavam reunidos em um sacrifício no tempo da queda de Yayati, Kshatriyas por nascimento? Tu não és de votos verdadeiros, ó Rama! Tua é uma jactância vazia entre o povo. Por medo dos heróis Kshatriya tu te dirigiste às montanhas.’ O descendente de Bhrigu, ouvindo estas palavras de Paravasu, mais uma vez pegou armas e mais uma vez cobriu a terra com centenas de corpos de Kshatriyas. Aqueles Kshatriyas, no entanto, ó rei, contados às centenas, que foram poupados por Rama, se multiplicaram (com o tempo) e se tornaram monarcas poderosos sobre terra. Rama mais uma vez os massacrou rapidamente, não poupando nem as crianças, ó rei! De fato, a terra ficou novamente coberta com os corpos de crianças Kshatriya de nascimento prematuro. Logo que as crianças Kshatriya nasciam, Rama as matava. Algumas damas Kshatriya, no entanto, conseguiram proteger suas crianças (da fúria de Rama). Tendo feito a terra desprovida de Kshatriyas por três vezes sete vezes, o pujante Bhargava, na conclusão de um Sacrifício de Cavalo, doou a terra como presente sacrifical para Kasyapa. Para preservar o restante dos Kshatriyas, Kasyapa, ó rei, apontando com sua mão que ainda segurava a concha sacrifical, disse estas palavras, ‘Ó grande sábio, vá para as margens do oceano do sul. Não cabe a ti, ó Rama, residir dentro do (que é) meu domínio.' A estas palavras, o

Oceano criou de repente para o filho de Jamadagni, em sua outra margem, uma região chamada Surparaka. Kasyapa também, ó monarca, tendo aceitado a terra em doação, e feito um presente dela para os Brahmanas, entrou na grande floresta. Então Sudras e Vaisyas, agindo muito obstinadamente, começaram a se unir, ó touro da raça Bharata, com as esposas de Brahmanas. Quando a anarquia se estabeleceu sobre a terra, os fracos eram oprimidos pelos fortes, e nenhum homem era dono de sua própria propriedade. Não protegida devidamente pelos Kshatriyas praticantes de virtude, e oprimida pelos maus por consequência daquela desordem, a terra afundou rapidamente para as mais baixas profundidades. Vendo a terra afundando por medo, Kasyapa de grande alma a segurou em seu colo; e já que o grande Rishi a segurou em seu colo (uru), a terra foi conhecida pelo nome de Urvi. A deusa terra, por proteção, gratificou Kasyapa e lhe pediu um rei."

"A Terra disse, 'Há, ó regenerado, alguns principais dos Kshatriyas escondidos por mim entre mulheres. Eles nasceram na linhagem de Haihayas. Que eles, ó sábio, me protejam. Há outra pessoa da linhagem de Puru, isto é, o filho de Viduratha, ó poderoso, que foi criado entre ursos nas montanhas Rikshavat. Outra, isto é, o filho de Saudasa, tem sido protegido, por compaixão, por Parasara de energia incomensurável e sempre engajado em sacrifícios. Embora nascido em uma das classes regeneradas, ainda assim, como um Sudra ele faz tudo para aquele Rishi e foi, portanto, chamado de Sarvakarman (empregado em todos os trabalhos). O filho de Sivi de grande energia, de nome Gopati, foi criado na floresta entre vacas. Que ele, ó sábio, me proteja. O filho de Pratardana, chamado Vatsa, de grande poder, foi criado entre bezerros em um curral. Que ele da classe real me proteja. O neto de Dadhivahana e filho de Diviratha foi escondido e protegido nas margens do Ganga pelo sábio Gautama. Seu nome é Vrihadratha. Possuidor de grande energia e adornado com numerosas qualidades abençoadas, aquele príncipe abençoado foi protegido por lobos e as montanhas de Gridhrakuta. Muitos Kshatriyas pertencentes à tribo de Maratta estão protegidos. Iguais ao senhor dos Maruts em energia, eles foram criados pelo Oceano. Estes filhos da classe Kshatriya são conhecidos como existentes em diferentes lugares. Eles estão vivendo entre artesãos e ourives. Se eles me protegem eu então ficarei inalterada. Seus pais e avôs foram mortos por minha causa por Rama de grande bravura. É meu dever, ó grande sábio, cuidar para que suas cerimônias fúnebres sejam devidamente realizadas. Eu não desejo ser protegida por meus soberanos atuais. Ó sábio, faça rapidamente tais arranjos para que eu possa viver (como antes).'"

"Vasudeva continuou, 'O sábio Kasyapa então, procurando aqueles Kshatriyas de grande energia a quem a deusa tinha indicado, os instalou devidamente como reis (para protegê-la). Aquelas tribos Kshatriyas que são vastas agora são a progênie daqueles príncipes. Isso que tu me perguntaste, ó filho de Panda, aconteceu nos tempos passados dessa maneira.'"

"Vaisampayana continuou, 'Conversando dessa maneira com Yudhishthira, aquela principal das pessoas justas, o herói Yadava de grande alma procedeu rapidamente naquele carro, iluminando todos os pontos do horizonte como o próprio Surya divino.'"

51

"Vaisampayana disse, 'O rei Yudhishthira, ouvindo sobre aquelas façanhas de Rama, se encheu de admiração e disse a Janardana, ‘Ó tu da tribo de Vrishni, a destreza de Rama de grande alma, que em fúria tinha livrado a terra de Kshatriyas, era como aquela do próprio Sakra. Os descendentes dos Kshatriyas, atormentados com medo de Rama, foram escondidos (e criados) por vacas, Oceano, leopardos, ursos e macacos. Digno de todo o louvor é este mundo de homens e afortunados são aqueles que residem nele onde um feito, que era além disso tão justo, foi realizado por um Brahmana.’ Depois que esta conversa terminou, aquelas duas pessoas ilustres, Krishna de glória imorredoura e Yudhishthira, procederam para onde o pujante filho de Ganga jazia em seu leito de flechas. Eles então viram Bhishma esticado sobre sua cama de flechas e parecendo em esplendor com o Sol ao anoitecer coberto com seus próprios raios. O herói Kuru estava cercado por muitos ascetas como ele de cem sacrifícios pelas divindades do céu. O local sobre o qual ele estava era altamente sagrado, sendo situado nas margens do rio Oghavati. Contemplando-o de uma distância, Krishna e o filho real de Dharma, e os quatro Pandavas, e os outros encabeçados por Saradwat, desceram de seus veículos e acalmando suas mentes agitadas e concentrando todos os seus sentidos, se aproximaram dos grandes Rishis. Saudando aqueles principais dos Rishis encabeçados por Vyasa, Govinda e Satyaki e os outros se aproximaram do filho de Ganga. Contemplando o filho de Ganga de grande mérito ascético, os príncipes Yadu e Kuru, aqueles principais dos homens, tomaram seus assentos, circundando-o. Vendo Bhishma parecendo com um fogo prestes a desaparecer, Kesava com o coração um tanto triste se dirigiu a ele como segue.'"

"Kesava disse, 'Tuas percepções agora estão claras como antes? Eu espero que tua compreensão, ó principal dos homens eloquentes, não esteja nublada. Eu espero que teus membros não sejam torturados pela dor resultante dos ferimentos por flechas. Pela dor mental também o corpo se torna fraco. Pela bênção concedida a ti por teu pai, o virtuoso Santanu, tua morte, ó herói pujante, depende da tua própria vontade. Eu mesmo não tenho aquele mérito pelo qual tu obtiveste este benefício. O alfinete mais miúdo (introduzido) dentro do corpo produz dor. O que dizer então, ó rei, das centenas de setas que te perfuraram? Certamente, não se pode dizer que a dor te aflige. Tu és competente, ó Bharata, para instruir os próprios deuses a respeito da origem e dissolução de criaturas vivas. Possuidor de grande conhecimento, tudo pertencente ao Passado, ao Futuro, e ao Presente, é bem conhecido por ti. A dissolução de seres criados e a recompensa da virtude são bem conhecidos por ti, ó tu de grande sabedoria, pois tu és um oceano de virtude e dever. Enquanto vivendo no desfrute da soberania em expansão, eu te vi abandonar relações com mulheres embora saudável de membros e perfeitamente são e embora estivesses cercado por companheiras mulheres. Exceto o filho de Santanu, Bhishma de grande energia e firmemente dedicado à virtude, possuidor de heroísmo e tendo a virtude como o único objeto de sua busca, nós nunca

soubemos de alguma outra pessoa nos três mundos que pudesse, por seu poder ascético, embora jazendo em um leito de flechas e às portas da morte, ter ainda tal domínio completo sobre a morte (a ponto de mantê-la assim afastada). Nós nunca ouvimos de alguém mais que fosse tão dedicado à verdade, a penitências, a doações, à realização de sacrifícios, à ciência de armas, aos Vedas, e à proteção das pessoas que pedem proteção, e que fosse tão inofensivo para todas as criaturas, tão puro em comportamento, tão autocontrolado, e tão aplicado no bem de todas as criaturas, e que fosse também um grande guerreiro em carro como tu. Sem dúvida, tu és capaz de subjugar, em um único carro, os deuses, Gandharvas, Asuras, Yakshas, e Rakshasas. Ó Bhishma de braços fortes, tu és sempre citado pelos Brahmanas como o nono dos Vasus. Por tuas virtudes, no entanto, tu superaste todos eles e és igual ao próprio Vasava. Eu sei, ó melhor das pessoas, que tu és famoso por tua destreza, ó principal dos seres, até entre os próprios deuses. Entre os homens na terra, ó principal dos homens, nós nunca vimos nem ouvimos de algum que fosse possuidor de tais atributos como tu. Ó tu da classe real, tu superas os próprios deuses em relação a todos os atributos. Pelo teu poder ascético tu podes criar um universo de criaturas móveis e imóveis. O que dizer então de tu teres conquistado muitas regiões abençoadas por meio das tuas principais das virtudes? Dissipe agora a angústia do filho mais velho de Pandu que está queimando de tristeza por causa da morte de seus parentes. Todos os deveres que foram declarados em relação às quatro classes acerca dos quatro modos de vida são bem conhecidos por ti. Tudo também que é indicado nos quatro ramos de conhecimento, nos quatro Hotras, ó Bharata, como também aqueles deveres eternos que são prescritos nas filosofias Yoga e Sankhya, os deveres também das quatro ordens e aqueles deveres que não são inconsistentes com suas práticas declaradas, tudo isto, junto com suas interpretações, ó filho de Ganga, é conhecido por ti. Os deveres que foram prescritos para aqueles que nasceram de uma mistura das quatro classes e aqueles prescritos para países e tribos e famílias específicos, e aqueles declarados pelos Vedas e por homens de sabedoria, todos são bem conhecidos por ti. Os temas de histórias e dos Puranas são todos conhecidos por ti. Todas as escrituras que tratam do dever e prática residem na tua mente. Além de ti, ó touro entre homens, não há outra pessoa que possa remover as dúvidas que possam surgir a respeito daqueles assuntos de conhecimento que são estudados no mundo. Com a ajuda da tua inteligência, ó regente de homens, remova a tristeza sentida pelo filho de Pandu. Pessoas possuidoras de conhecimento tão grande e variado vivem somente para confortar homens cujas mentes foram entorpecidas.'"

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras de Vasudeva de grande inteligência, Bhishma, erguendo um pouco sua cabeça, disse estas palavras com mãos unidas.'"

"Bhishma disse, 'Saudações a ti, ó divino Krishna! Tu és a origem e tu és a dissolução de todos os mundos. Tu és o Criador e tu és o Destruidor. Tu, ó Hrishikesa, não podes ser vencido por alguém. O universo é tua obra. Tu és a alma do universo e o universo surgiu de ti. Saudações a ti! Tu és o fim de todas as coisas criadas. Tu estás acima dos cinco elementos. Saudações a ti que és os três

mundos e que estás também acima dos três mundos. Ó senhor de Yogins, saudações a ti que és o refúgio de tudo. Ó principal dos seres, aquelas palavras que tu disseste a meu respeito me permitiram ver teus atributos divinos como manifestados nos três mundos. (Por aquela bondade), ó Govinda, eu também contemplo tua forma eterna. Tu permaneces fechando os sete caminhos do Vento possuidor de energia incomensurável. O firmamento é ocupado por tua cabeça, e a terra por teus pés. Os pontos do horizonte são teus dois braços, e o Sol é teu olho, e Sakra constitui tua destreza. Ó tu de glória imperecível, tua Pessoa, vestida em mantos amarelos que se assemelham com a cor da flor Atasi, parece para nós ser como uma nuvem carregada com lampejos de relâmpago. Considere aquilo, ó melhor dos deuses, que seria bom, ó tu de olhos de lótus, para minha pessoa humilde, que sou devotado a ti, que procuro tua proteção, e que estou desejoso de obter um fim bem-aventurado.'"

"Vasudeva disse, 'Já que, ó touro entre homens, tua devoção a mim é muito grande, por isto, ó príncipe, eu mostrei minha forma celestial para ti. Ó principal dos reis, eu não me revelo para alguém que não é devotado a mim, ou para um devoto que não é sincero, ou para alguém, ó Bharata, que não seja de alma controlada. Tu és devotado a mim e és sempre praticante de virtude. De um coração puro, tu és sempre autocontrolado e sempre praticante de penitências e doações. Pelas tuas próprias penitências, ó Bhishma, tu és capaz de me contemplar. Aquelas regiões, ó rei, estão prontas para ti de onde não há retorno. (Isto é, quem vai para lá não está sujeito ao renascimento). Cinquenta e seis dias, ó principal da linhagem de Kuru, ainda te restam para viver! Abandonando teu corpo, tu então, ó Bhishma, obterás a abençoada recompensa de teus atos. Veja, aquelas divindades e os Vasus, todos dotados de formas de esplendor flamejante, em seus carros, estão esperando por ti invisivelmente até o momento da entrada do sol na direção norte. Sujeito ao tempo universal, quando o divino Surya virar para sua direção norte, ó principal dos homens, tu irás para aquelas regiões das quais nenhum homem de conhecimento volta para esta terra! Quando tu, ó Bhishma, deixares este mundo por aquele, todo o Conhecimento, ó herói, expirará contigo. É por isso que todas estas pessoas, reunidas, se aproximaram de ti para escutar discursos sobre dever e moralidade. Fale então palavras de verdade, repletas de moralidade e Yoga, para Yudhishthira que é firme em verdade mas cujo saber foi nublado pela angústia por causa da morte de seus parentes, e, por meio disto, dissipe rapidamente aquela tristeza dele!'"

52

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras de Krishna repletas de Moralidade e bem, o filho de Santanu, Bhishma, respondeu a ele nas palavras seguintes.'"

"Bhishma disse, 'Ó mestre de todos os mundos, ó poderosamente armado, ó Siva, ó Narayana, ó tu de glória imperecível, ouvindo as palavras faladas por ti eu estou cheio de alegria. Mas que palavras (de instrução), ó mestre do discurso, eu

posso dizer na tua presença, especialmente quando todos os assuntos de discurso são tratados no discurso? (Os Vedas constituem o discurso do Ser Supremo. Tudo sobre moralidade se encontra neles.) O que quer que em qualquer mundo deva ser feito ou seja feito, procede da tua pessoa inteligente, ó deus! Aquela pessoa que é competente para discursar sobre o assunto do céu na presença do próprio chefe dos deuses é competente para discursar sobre a interpretação de moralidade e prazer e lucro e salvação na tua presença. Minha mente, ó matador de Madhu, está extremamente agitada pela dor dos ferimentos de flechas. Meus membros estão fracos. Minha compreensão não está clara. Eu estou tão atormentado, ó Govinda, por estas flechas parecendo veneno ou fogo, que eu não tenho poder para proferir qualquer coisa. Minha força está me abandonando. Meus ares vitais estão se apressando para me deixar. Os próprios órgãos vitais do meu corpo estão queimando. Minha compreensão está nublada. Por fraqueza minha pronúncia está se tornando indistinta. Como então eu posso ousar falar? Ó aumentador da (glória da) tribo de Dasarha, fique satisfeito comigo. Ó de braços fortes, eu não direi nada. Perdoe-me (pela minha má-vontade). O próprio mestre do discurso (Vrihaspati), em falar na tua presença, seria tomado pela hesitação. Eu não posso mais distinguir os pontos do horizonte, nem o céu da terra! Pela tua energia somente, ó matador de Madhu, eu mal e mal estou vivo. Portanto, fale tu mesmo para o bem do rei Yudhishthira o justo, pois tu és o ordenador de todas as ordenanças. Como, ó Krishna, quando tu, o criador eterno do universo, estás presente, pode alguém como eu falar (sobre tais assuntos) como um discípulo na presença do preceptor?'"

"Vasudeva disse, 'As palavras faladas por ti são dignas de ti que és o principal da linhagem de Kuru, que és dotado de grande energia, que és de grande alma, e que és possuidor de grande paciência e conhecedor de todos os assuntos. Considerando o que tu me disseste sobre a dor dos teus ferimentos de setas, receba, ó Bhishma, este benefício que eu te concedo, ó pujante, pela minha graça. Desconforto e estupefação e queimação e dor e fome e sede, ó filho de Ganga, não te dominarão, ó tu de glória imperecível! Tuas percepções e memória, ó impecável, serão desanuviadas. (Literalmente, 'Tudo o que tu conheces aparecerá para ti por luz interior'.) A compreensão não te falhará. A mente, ó Bhishma, livre das qualidades de paixão e ignorância, sempre estará sujeita à qualidade de bondade, como a lua saída das nuvens. Tua compreensão penetrará em qualquer assunto ligado com dever, moralidade, ou lucro, no qual tu possas pensar. Ó tigre entre reis, obtendo visão divina, tu irás, ó tu de destreza incomensurável, conseguir contemplar as quatro classes de coisas criadas. Dotado da visão do conhecimento, tu contemplarás, ó Bhishma, como peixes em um rio límpido, todas as coisas criadas que tu possas te esforçar para lembrar!'"

"Vaisampayana continuou, 'Então aqueles grandes Rishis, com Vyasa entre eles, adoraram Krishna com hinos dos Richs, dos Yajuses, e dos Samans. Uma chuva celeste de flores pertencentes a todas as estações caiu sobre aquele local onde aquele da tribo de Vrishni, com o filho de Ganga e o filho de Pandu, estava. Instrumentos celestes de todos os tipos tocaram no firmamento e as tribos de Apsaras começaram a cantar. Nada de mau e nenhum mau presságio foi visto lá.

Uma brisa auspiciosa, agradável e pura, portando todos os tipos de fragrâncias, começou a soprar. Todos os pontos do horizonte se tornaram claros e quietos, e todos os animais e aves começaram a vagar em paz. Logo depois, como um fogo na extremidade de uma grande floresta, o divino Surya de mil raios foi visto descer para o oeste. Os grandes Rishis então, se erguendo, saudaram Janardana e Bhishma e o rei Yudhishthira. Após isto, Kesava e os filhos de Pandu, e Satyaki, e Sanjaya, e Kripa o filho de Saradwata, se curvaram em reverência àqueles sábios. Dedicados à prática da virtude, aqueles sábios, assim adorados por Kesava e outros, foram rapidamente para suas respectivas residências, dizendo, 'Nós voltaremos amanhã'. Depois disto, Kesava e os Pandavas, saudando Bhishma e circungirando-o, subiram em seus carros vistosos. Aqueles heróis então procederam, acompanhados por muitos outros carros decorados com Kuvaras dourados, e elefantes enfurecidos parecidos com montanhas e corcéis velozes como Garudas, e soldados de infantaria armados com arcos e armas. Aquele exército, se movendo com grande velocidade, procedeu em duas divisões, uma na vanguarda e outra na retaguarda daqueles príncipes. A cena parecia com as duas correntes do grande rio Narmada no ponto onde ele é dividido pelas montanhas Rikshavat estendendo-se sobre ele. Alegrando aquela grande hoste, o divino Chandramas ergueu-se diante dela no firmamento, mais uma vez inspirando com umidade, pela sua própria força, as ervas e plantas terrestres cujo suco havia sido absorvido pelo Sol. Então aquele touro da raça Yadu e os filhos de Pandu, entrando na cidade (Kuru) cujo esplendor parecia com aquele da própria cidade de Indra, procederam para suas respectivas mansões como leões cansados procurando suas cavernas.'"

53

"Vaisampayana disse, 'O matador de Madhu, se retirando para sua cama, dormiu alegremente. Despertando quando metade de um Yama estava faltando para prenunciar o dia, ele se dirigiu para contemplação. Fixando todos os seus sentidos, ele meditou no eterno Brahma. Então um grupo de pessoas bem treinadas e de voz doce, conhecedoras de hinos e dos Puranas, começaram a proferir os louvores de Vasudeva, aquele senhor de todas as criaturas e criador do universo. Outras, marcando o tempo com palmas, começaram a recitar hinos encantadores, e vocalistas começaram a cantar. Conchas e baterias foram sopradas e batidas às milhares. O som agradável de Vinas, Panavas, e flautas de bambu era ouvido. A mansão espaçosa de Krishna, por isso, parecia rir com a música. No palácio do rei Yudhishthira também foram ouvidas vozes doces, proferindo desejos auspiciosos, e o som de canções também e instrumentos musicais. Então aquele da tribo de Dasarha realizou suas abluções. Unindo suas mãos, o poderoso herói de glória imperecível recitou silenciosamente seus mantras secretos, e acendendo um fogo despejou libações de manteiga clarificada sobre ele. Doando mil vacas para mil Brahmanas todos os quais eram totalmente conhecedores dos quatro Vedas, ele os fez proferirem bênçãos sobre ele. Tocando em seguida diversos tipos de artigos auspiciosos e se contemplando em

um espelho límpido, Krishna se dirigiu a Satyaki, dizendo, 'Vá, ó descendente de Sini, e chegando à residência de Yudhishthira averigúe se aquele rei de grande energia está vestido para visitar Bhishma.' A estas palavras de Krishna, Satyaki, indo rapidamente até o filho nobre de Pandu, disse a ele, 'O principal dos carros, pertencente à Vasudeva de grande inteligência, está pronto, ó rei, pois Janardana irá ver o filho de Ganga. Ó rei justo de grande esplendor, ele está esperando por ti. Cabe a ti agora fazer o que deve ser feito em seguida.' Assim endereçado, o filho de Dharma, Yudhishthira, respondeu como segue.'"

"Yudhishthira disse, 'Ó Phalguna de esplendor inigualável, que o principal dos meus carros seja aprontado. Nós não seremos acompanhados (hoje) pelos soldados, mas procederemos sós. Aquela principal das pessoas virtuosas, Bhishma, não deve ser contrariada. Que os guardas, portanto, ó Dhananjaya, parem hoje. Desse dia em diante o filho de Ganga falará de coisas que são grandes mistérios. Eu, portanto, ó filho de Kunti, não desejo que haja lá uma aglomeração variada (na presença de Bhishma).'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras do rei, o filho de Kunti, Dhananjaya, aquele principal dos homens (saindo e voltando), relatou para ele que o melhor dos seus carros estava pronto para ele. O rei Yudhishthira e os gêmeos, e Bhima e Arjuna, os cinco parecendo com os cinco elementos, então procederam na direção da residência de Krishna. Enquanto os Pandavas de grande alma estavam se aproximando, Krishna de grande inteligência, acompanhado pelo neto de Sini, subiu em seu carro. Saudando uns aos outros de seus carros e cada um perguntando ao outro se a noite tinha passado alegremente para ele, aqueles touros entre homens procederam, sem parar, naqueles principais dos carros cujo estrépito parecia o rugido das nuvens. Os corcéis de Krishna, isto é, Valahaka e Meghapushpa e Saivya e Sugriva eram incitados por Daruka. Os animais, incitados por ele, ó rei, procederam, denteando a terra com seus cascos. Dotados de grande força e grande velocidade, eles voaram para frente, devorando os próprios céus. Atravessando o campo sagrado de Kuru, os príncipes procederam para aquele local onde o pujante Bhishma estava deitado em seu leito de flechas, cercado por grandes Rishis, como o próprio Brahman no meio dos deuses. Então Govinda e Yudhishthira e Bhima e o manejador do Gandiva e os gêmeos e Satyaki, descendo de seus veículos, saudaram os Rishis por erguerem a mão direita. Cercado por eles, o rei Yudhishthira, como a lua no meio das estrelas, se aproximou do filho de Ganga como Vasava procedendo em direção a Brahman. Dominado pelo medo, o rei olhou timidamente para o herói de braços poderosos jazendo em sua cama de setas como o próprio Sol caído do firmamento.'"

54

"Janamejaya disse, 'Quando aquele tigre entre homens, de alma justa e grande energia, firmemente aderindo à verdade e com paixões sob completo controle, isto é, o filho de Santanu e Ganga, chamado Devavrata ou Bhishma de glória

imperecível, estava deitado em um leito de herói com os filhos de Pandu sentados ao redor dele, me diga, ó grande sábio, que conversação se seguiu naquele encontro de heróis depois do massacre das tropas.'"

"Vaisampayana disse, 'Quando Bhishma, aquele chefe dos Kurus, jazia em seu leito de setas, muitos Rishis e Siddhas, ó rei, encabeçados por Narada, foram àquele local. O restante não morto dos reis (reunidos), com Yudhishthira em sua dianteira, e Dhritarashtra e Krishna e Bhima e Arjuna e os gêmeos também foram lá. Aquelas pessoas de grande alma, se aproximando do avô dos Bharatas que parecia com o próprio Sol caído do firmamento, abandonaram-se em lamentações por ele. Então Narada de feições divinas, refletindo por um momento, se dirigiu a todos os Pandavas e ao restante dos reis dizendo, 'Chegou a hora, eu penso, de vocês questionarem Bhishma (sobre o assunto de moralidade e religião), pois o filho de Ganga está prestes a expirar como o Sol que está a ponto de se por. Ele está prestes a abandonar seus ares vitais. Vocês todos, portanto, peçam a ele para discursar para vocês. Ele conhece os variados deveres de todas as quatro classes. Velho em idade, depois de abandonar seu corpo ele alcançará regiões sublimes de bem-aventurança. Peçam a ele, portanto, sem demora, para esclarecer as dúvidas que existem em suas mentes.' Assim endereçados por Narada, aqueles príncipes se aproximaram de Bhishma, mas incapazes de lhe perguntar qualquer coisa, olharam uns para os outros. Então Yudhishthira, o filho de Pandu, se dirigindo a Hrishikesa, disse, 'Não há ninguém mais além do filho de Devaki que possa questionar o avô. Ó principal da tribo de Yadu, tu, portanto, ó matador de Madhu, fale primeiro. Tu, ó senhor, és o principal dentre todos nós e tu estás familiarizado com todos os deveres e práticas.' Assim endereçado pelo filho de Pandu, o ilustre Kesava de glória imperecível, se aproximando do inconquistável Bhishma, falou a ele o seguinte.'"

"Vasudeva disse, 'Tu, ó melhor dos reis, passaste a noite tranquilamente? Tua compreensão se desanuviou? Teu conhecimento, ó impecável, brilha em ti por iluminação interior? Eu espero que o teu coração não sinta mais dor e que a tua mente não esteja mais agitada.'"

"Bhishma disse, 'Queimação, estupefação, fadiga, exaustão, doença, e dor, pela tua graça, ó tu da tribo de Vrishni, todas me deixaram em um único dia. Ó tu de esplendor incomparável, tudo o que é passado, tudo o que é futuro, e tudo o que é presente, eu contemplo tão claramente como uma fruta colocada em minhas mãos. Todos os deveres declarados nos Vedas, todos aqueles prescritos nos Vedantas eu vejo claramente, ó tu de glória imperecível, pela bênção que tu me concedeste. Os deveres que foram declarados por pessoas de erudição e comportamento honrado vivem na minha lembrança. Eu sou conhecedor também, ó Janardana, dos deveres e práticas que predominam em países específicos e entre tribos e famílias específicas. Tudo também relacionado com os quatro modos de vida voltou à minha recordação. Eu estou familiarizado também, ó Kesava, com os deveres relativos à arte de reinar. O que quer que deva a qualquer hora ser dito, eu direi, ó Janardana! Pela tua graça, eu adquiri uma compreensão auspiciosa. Fortalecido pela meditação em ti, eu me sinto como se eu tivesse me tornado um homem jovem outra vez. Pelo teu favor, ó Janardana,

eu me tornei capaz de discursar sobre o que é benéfico (para o mundo). Por que, no entanto, ó santo, tu não discursas tu mesmo para o filho de Pandu filho sobre tudo o que é bom? Que explicação tu tens a dar a respeito disto? Diga-me rapidamente, ó Madhava!'"

"Vasudeva disse, 'Saiba, ó tu da linhagem de Kuru, que eu sou a origem da fama e de tudo o que leva ao bem. Todas as coisas, boas ou más, procedem de mim. Quem sobre a terra se admiraria se a lua fosse citada como sendo de raios frios? Do mesmo modo, quem se admiraria se eu fosse descrito como alguém possuidor de toda a fama? (Isto é, eu que já tenho a medida completa de fama mal posso aumentar minha fama por fazer ou dizer alguma coisa.) Eu, no entanto, resolvi aumentar tua fama, ó tu de grande esplendor! É por isso, ó Bhishma, que eu justamente te inspirei com grande inteligência. Ó senhor da terra, enquanto a terra durar, tua fama percorrerá todos os mundos com esplendor não diminuído. O que quer que, ó Bhishma, tu digas ao inquiridor filho de Pandu, será considerado na terra como tão autoritário quanto as declarações dos Vedas. A pessoa que se comportar aqui segundo a autoridade das tuas declarações, obterá após a morte a recompensa de todos os atos meritórios. Por esta razão, ó Bhishma, eu te dei compreensão celestial para que tua fama possa ser ressaltada sobre a terra. É dito que as realizações de um homem duram tanto tempo quanto a sua fama dura no mundo. O restante não morto dos reis (reunidos), estão sentados ao teu redor, desejosos de escutar aos teus discursos sobre moralidade e dever. Fale a eles, ó Bharata! Tu és idoso em idade e teu comportamento é compatível com as ordenanças dos Srutis. Tu conheces bem os deveres dos reis e todas as outras ciências de dever. Ninguém alguma vez notou a menor transgressão em ti desde o teu próprio nascimento. Todos os reis sabem que tu estás familiarizado com todas as ciências de moralidade e dever. Como um pai para seus filhos, portanto, ó rei, fale a eles sobre a moralidade superior. Tu sempre adoraste os Rishis e os deuses. É obrigatório para ti falar sobre estes assuntos em detalhes para pessoas desejosas de ouvir discursos sobre moralidade e dever. Uma pessoa erudita, especialmente quando solicitada pelos virtuosos, deve discursar sobre o mesmo. Os sábios declararam que isto é um dever. Ó pujante, se tu não falares sobre tais assuntos, tu incorrerás em pecado. Portanto, questionado por teus filhos e netos, ó erudito, acerca dos deveres eternos (dos homens), ó touro entre os Bharatas, discurse para eles sobre o assunto.'"

55

"Vaisampayana disse, 'Dotado de grande energia, o alegrador dos Kurus (Bhishma), disse, 'Eu discorrerei sobre o assunto do dever. Minha fala e mente se tornaram firmes pela tua graça, ó Govinda, já que tu és a alma eterna de todos os seres. Que Yudhishthira de alma justa me questione a respeito de moralidade e dever. Eu então ficarei muito satisfeito e falarei de todos os deveres. Que o filho de Pandu, aquele sábio nobre de alma grande e virtuosa, após cujo nascimento todos os Vrishnis se encheram de alegria, me questione. Que o filho de Pandu, que não tem igual entre todos os Kurus, entre todas as pessoas de

comportamento honrado, e entre os homens de grande celebridade, faça perguntas para mim. Que o filho de Pandu, em quem há inteligência, autocontrole, Brahmacharya, generosidade, justiça, vigor mental e energia, faça perguntas a mim. Que o filho de Pandu, que sempre por seus bons ofícios honra seus parentes e convidados e empregados e outros que são dependentes dele, faça perguntas a mim. Que o filho de Pandu, em quem há verdade e caridade e penitência, heroísmo, quietude, inteligência, e destemor, faça perguntas a mim. Que o filho de alma justa de Pandu, que nunca cometeria um pecado influenciado pelo desejo de Prazer ou Lucro ou por medo faça perguntas para mim. Que o filho de Pandu, que é sempre dedicado à verdade, à benevolência, ao conhecimento e aos convidados, e que sempre faz doações para os virtuosos, faça perguntas a mim. Que o filho de Pandu, que está sempre empenhado em sacrifícios e estudo dos Vedas e na prática da moralidade e do dever, que é sempre pacífico e que ouviu todos os mistérios, faça perguntas para mim.'"

"Vasudeva disse, 'O rei Yudhishthira o justo, dominado por grande vergonha e receoso da (tua) maldição, não ousa se aproximar de ti. Aquele senhor de terra, ó monarca, tendo causado um grande massacre, não ousa se aproximar por medo da (tua) maldição. Tendo perfurado com flechas aqueles que mereciam sua veneração, aqueles que eram devotados a ele, aqueles que eram seus preceptores, aqueles que eram seus parentes e aparentados e aqueles que eram dignos do seu maior respeito, ele não ousa se aproximar de ti.'"

"Bhishma disse, 'Como o dever dos Brahmanas consiste na prática de caridade, estudo, e penitências, assim o dever dos Kshatriyas é perder seus corpos, ó Krishna, em batalha. Um Kshatriya deve matar pais e avôs e irmãos e preceptores e parentes e aparentados que possam se envolver com ele em uma batalha injusta. Este é seu dever declarado. O Kshatriya, ó Kesava, que é citado como conhecedor do seu dever é aquele que mata em batalha seus próprios preceptores se acontecer de eles serem pecaminosos e avarentos e negligentes com as restrições e votos. O Kshatriya que está familiarizado com seu dever é aquele que mata em batalha a pessoa que por cobiça desconsidera as barreiras eternas da virtude. (Literalmente, 'a ponte eterna de virtude.') É citado como conhecedor do dever aquele Kshatriya que em batalha faz da terra um lago de sangue, tendo o cabelo de guerreiros mortos como a grama e palha flutuando sobre ele, e tendo elefantes como suas rochas, e estandartes como as árvores em suas margens. Um Kshatriya, quando desafiado, deve sempre lutar em batalha, já que Manu disse que uma batalha justa (no caso de um Kshatriya) leva ao céu e à fama sobre a terra.'"

"Vaisampayana continuou, 'Depois que Bhishma tinha falado dessa maneira, o filho de Dharma, Yudhishthira, com grande humildade, se aproximou do herói Kuru e ficou em sua visão. Ele pegou os pés de Bhishma que em retorno o alegrou com palavras afetuosas. Cheirando sua cabeça, Bhishma pediu a Yudhishthira para tomar seu assento. Então o filho de Ganga, aquele principal dos arqueiros, dirigiu-se a Yudhishthira, dizendo, 'Não tema, ó melhor dos Kurus! Questione-me, ó filho, sem qualquer ansiedade.'"

56

Vaisampayana disse, 'Tendo reverenciado Hrishikesa, e saudado Bhishma, e recebido a permissão de todos os mais velhos lá reunidos, Yudhishthira começou a questionar Bhishma.'

"Yudhishthira disse, 'Pessoas familiarizadas com dever e moralidade dizem que os deveres reais constituem a mais elevada ciência de dever. Eu também penso que a carga daqueles deveres é extremamente onerosa. Portanto, ó rei, discorra sobre aqueles deveres. Ó avô, fale em detalhes sobre os deveres dos reis. A ciência dos deveres reais é o refúgio do mundo inteiro de vida. Ó tu da linhagem de Kuru, Moralidade, Lucro, e Prazer dependem dos deveres reais. Está claro também que as práticas que levam à emancipação são igualmente dependentes deles. Como as rédeas para o corcel ou o gancho de ferro para o elefante, assim mesmo a ciência dos deveres da realeza constitui as rédeas para controlar o mundo. Se houvesse estupefação em relação aos deveres observados pelos sábios reais, a desordem se manifestaria na terra e tudo se tornaria confuso. Como o Sol, nascendo, dissipa a escuridão inauspiciosa, assim esta ciência destrói todo o tipo de má consequência em relação ao mundo. Portanto, ó avô, por minha causa, discurse sobre os deveres da realeza em primeiro lugar, pois tu, ó chefe dos Bharatas, és a principal de todas as pessoas conhecedoras dos deveres. Ó opressor de inimigos, Vasudeva te considera como a mais importante de todas as pessoas inteligentes. Portanto, todos nós esperamos o mais elevado conhecimento de ti.'"

"Bhishma disse, 'Curvando-me a Dharma que é Supremo, a Krishna que é Brahma integralmente, e aos Brahmanas, eu discursarei sobre os eternos deveres (de homens). Ouça de mim, ó Yudhishthira, com atenção concentrada, a total extensão dos deveres dos reis descritos com detalhes exatos, e outros deveres que tu possas desejar saber. Em primeiro lugar, ó principal da linhagem e Kuru, o rei deve, pelo desejo de satisfazer (seus súditos), servir com humildade aos deuses e aos Brahmanas, sempre se comportando de acordo com as ordenanças. Por cultuar as divindades e os Brahmanas, ó perpetuador da família de Kuru, o rei quita seu débito com o dever e a moralidade, e recebe o respeito de seus súditos. Ó filho, tu deves sempre te esforçar com prontidão, ó Yudhishthira, pois sem prontidão de esforço o mero destino nunca realiza os objetivos nutridos pelos reis. Estes dois, isto é, esforço e destino, são iguais (em sua operação). Deles, eu considero o esforço como superior, pois o destino é determinado pelos resultados do que é começado com esforço. Não te entregue à angústia se o que é começado termina desastrosamente, pois tu deves então te esforçar na mesma ação com atenção redobrada. Este é o nobre dever de reis. Não há nada que contribua tanto para o sucesso dos reis quanto a Verdade. O rei que é dedicado à Verdade encontra felicidade aqui e após a morte. Com respeito aos Rishis também, ó rei, a Verdade é sua grande riqueza. Do mesmo modo, em relação aos reis, não há nada que inspire tanta confiança neles quanto a Verdade. O rei que é possuidor de todas as habilidades e bom comportamento, que é autocontrolado,

humilde, e justo, que tem suas paixões sob controle, que é de aspecto belo e não muito inquiridor, (no sentido de ser generoso, um rei não deve perguntar tão minuciosamente o que é feito com as coisas que pertencem a ele), nunca perde a prosperidade. Por aplicar a justiça, por prestar atenção a estes três, isto é, escondimento de suas próprias fraquezas, averiguação das fraquezas de inimigos, e guarda de seus próprios planos, como também pela observância de uma conduta direta, o rei, ó encantador dos Kurus, obtém prosperidade. Se o rei se torna brando, todos o desrespeitam. Por outro lado, se ele se torna violento, seus súditos então ficam inquietos.

Portanto, observe ambos os tipos de comportamento. Ó principal dos homens generosos, os Brahmanas nunca devem ser punidos por ti, pois o Brahmana, ó filho de Pandu, é o principal dos seres sobre a Terra. Manu de grande alma, ó rei de reis, cantou dois Slokas. Em relação aos teus deveres, ó tu da linhagem de Kuru, tu deves sempre mantê-los em mente. O Fogo surgiu da água, o Kshatriya do Brahmana, e o ferro da pedra. Os três (isto é, fogo, Kshatriya e ferro) podem exercer sua força sobre todas as outras coisas, mas entrando em contato com seus respectivos progenitores sua força é neutralizada. Quando o ferro golpeia a pedra, ou o fogo luta com a água, ou o Kshatriya nutre inimizade por um Brahmana, estes três logo se tornam fracos. Como isto é assim, ó monarca, (você verá que) os Brahmanas são dignos de culto. Aqueles que são os principais entre os Brahmanas são deuses na terra. Devidamente adorados, eles mantêm os Vedas e os Sacrifícios. Mas aqueles, ó tigre entre reis, que desejam ter tal honra embora eles possam ser obstáculos para os três mundos, devem ser sempre reprimidos pelo poder de tuas armas. O grande Rishi Usanas, ó filho, cantou dois Slokas nos tempos passados. Ouça-os, ó rei, com atenção concentrada. O Kshatriya justo, consciente de seus deveres, deve castigar um Brahmana que possa ser um verdadeiro mestre nos Vedas se ele avança para lutar com uma arma erguida. O Kshatriya, conhecedor dos deveres, que mantém a virtude quando ela é desrespeitada, por tal ação não se torna um pecador, pois a fúria do atacante justifica a fúria do castigador. Sujeitos a estas restrições, ó tigre entre reis, os Brahmanas devem ser protegidos. Se eles se tornam transgressores, eles devem então ser exilados para além dos teus domínios. Até quando merecedores de punição, tu deves, ó rei, lhes mostrar compaixão. Se um Brahmana se torna culpado de Brahmanicídio, ou de violar a cama de seu preceptor ou outro superior venerável, ou de causar aborto, ou de traição contra o rei, sua punição deve ser o banimento de teus domínios. Nenhum castigo corpóreo é prescrito para eles. Aquelas pessoas que demonstram respeito pelos Brahmanas devem ser favorecidas por ti (com cargos no estado). Não há tesouro mais valioso para reis do que aquele que consiste na seleção e reunião de empregados. Entre os seis tipos de fortaleza indicados nas escrituras, de fato entre todas as espécies de fortalezas, a que consiste (no pronto serviço e no amor dos) súditos é a mais invulnerável. Portanto, o rei que é possuidor de sabedoria deve sempre mostrar compaixão em direção às quatro classes de seus súditos. O rei que é de alma justa e palavras verdadeiras consegue satisfazer seus súditos. Tu não deves, entretanto, ó filho, sempre te comportar com benevolência para com todos, pois o rei que é brando é considerado como o pior de sua classe como um elefante que é

desprovido de ferocidade. Nas escrituras compostas por Vrihaspati, havia um Sloka nos tempos passados aplicável à questão atual. Ouça-o, ó rei, enquanto eu o recito. 'Se acontece de o rei ser sempre benevolente, as pessoas mais inferiores prevalecem sobre ele, assim como o motorista que senta sobre a cabeça do elefante que ele guia.' O rei, portanto, não deve ser sempre brando. Nem ele deve ser sempre violento. Ele deve ser como o Sol primaveril, nem frio e nem tão quente a ponto de produzir transpiração. Pela evidência direta dos sentidos, por conjetura, por comparações, e pelas leis das escrituras, ó monarca, o rei deve estudar amigos e inimigos. Ó tu de grande generosidade, tu deves evitar todas aquelas práticas más que são chamadas de Vyasanas. Não é necessário que tu nunca cedas a elas. O que é preciso, no entanto, é que tu não tenhas atração por elas. Aquele que é afeiçoado àquelas práticas é dominado por todo mundo. O rei que não nutre amor por seu povo inspira o último com ansiedade. O rei deve sempre se comportar com seus súditos como uma mãe em direção à criança em seu útero. Ouça, ó monarca, a razão pela qual isto é desejável. Como a mãe, desconsiderando aqueles objetos que são muito apreciados por ela, procura somente o bem de seu filho, assim mesmo, sem dúvida, os reis devem se comportar (com seus súditos). O rei que é justo, ó principal da linhagem de Kuru, deve sempre se comportar de maneira a deixar aquilo que é caro para ele, para fazer aquilo que beneficiará seu povo. Tu nunca deves, ó filho de Pandu, abandonar a firmeza. O rei que é possuidor de firmeza, e que é conhecido por infligir punições aos malfeitores, não tem motivos para temer. Ó principal dos oradores, tu não deves te entregar a gracejos com teus empregados. Ó tigre entre reis, escute as falhas de tal conduta. Se o mestre se mistura tão livremente com eles, os dependentes começam a desrespeitá-lo. Eles esquecem sua própria posição e a maioria realmente excede àquela do mestre. Ordenados a fazer uma coisa, eles hesitam, e divulgam os segredos do mestre. Eles pedem coisas que não devem ser pedidas, e pegam o alimento que deve ser do mestre. Eles chegam ao ponto de mostrar sua raiva e procurar eclipsar o mestre. Eles até procuram predominar sobre o rei, e aceitando subornos e praticando fraudes, obstruem os negócios do estado. Eles fazem o estado se deteriorar com abusos por falsificações e mentiras. Eles fazem amor com os guardas femininos do palácio e se vestem do mesmo modo que seu mestre. Eles se tornam tão desavergonhados a ponto de arrotarem ou fazerem algo semelhante, e escarrar na própria presença de seu mestre, ó tigre entre reis, e eles não temem nem falar dele com leviandade perante outros. Se o rei se torna brando e disposto a gracejos, seus empregados, desrespeitando-o, passeiam em corcéis e elefantes e carros tão bons quanto os do rei (literalmente, 'dignos de serem usados pelo rei.'). Seus conselheiros, reunidos em corte, se entregam abertamente a discursos tais como: 'Isto está além do teu poder. Esta é uma tentativa má.' Se o rei fica zangado, eles dão risada; nem eles ficam alegres se favores são concedidos a eles, embora eles possam expressar alegria por outras razões. Eles revelam os planos secretos de seu mestre e espalham boatos sobre os maus atos dele. Sem a menor ansiedade eles desprezam as ordens do rei. Se as jóias do rei, ou alimento, ou as coisas necessárias para o seu banho, ou unguentos, não estiverem à mão, os empregados, na sua própria presença, não demonstram a menor preocupação. Eles não pegam o que legitimamente pertence a eles. Por

outro lado, sem estarem contentes com o que é designado para eles, eles se apropriam do que pertence ao rei. Eles desejam se divertir com o rei como com uma ave amarrada com uma corda, e sempre dão a entender ao povo que o rei é muito íntimo deles e os ama afetuosamente. Se o rei se torna meigo e disposto a gracejar, ó Yudhishthira, estes e muitos outros males surgem disto.'"

57

"Bhishma disse, 'O rei, ó Yudhishthira, deve estar sempre pronto para a ação. O rei que não é digno de louvor é aquele que, como uma mulher, é desprovido de esforço. Com relação a isto, o santo Usanas cantou um Sloka, ó monarca. Escute com atenção, ó rei, enquanto eu o recito para ti: 'Como uma cobra engolindo ratos, a terra consome estes dois: o rei que é avesso à batalha e o Brahmana que é excessivamente ligado a esposas e filhos. (Literalmente, o Brahmana que não deixaria seu lar)'. Cabe a ti, ó tigre entre reis, manter isto sempre em teu coração. Faça as pazes com aqueles inimigos com quem (de acordo com a ordenança) a paz deve ser feita, e trave guerra com aqueles com quem guerra deve ser travada. Seja teu preceptor ou seja teu amigo, aquele que age hostilmente em direção ao teu reino consistindo em sete membros deve ser morto. (Os sete membros são o rei, exército, conselheiros, amigos, tesouraria, território, e fortes). Há um Sloka antigo cantado pelo rei Marutta, de acordo com a opinião de Vrihaspati, ó monarca, sobre o dever dos reis. Segundo a prescrição eterna, há castigo até para o preceptor se ele se tornar soberbo e negligente com o que deve ser feito e com o que não deve, e se ele transgride todas as restrições. O filho de Jadu, o rei Sagara, de grande inteligência, pelo desejo de fazer o bem para os cidadãos, exilou seu próprio filho mais velho Asamanjas. Asamanjas, ó rei, costumava afogar os filhos dos cidadãos no Sarayu. Seu pai, portanto, repreendeu-o e mandou-o para o exílio. O Rishi Uddalaka rejeitou seu filho favorito Swetaketu (depois) de penitências rígidas, porque o último costumava convidar Brahmanas com promessas enganadoras de entretenimento. A felicidade de seus súditos, a observância da verdade, e a sinceridade de comportamento são os deveres eternos dos reis. O rei não deve cobiçar a riqueza de outros. Ele deve em tempo dar o que dever ser dado. Se o rei se torna possuidor de destreza, sincero em palavras, e de temperamento benevolente, ele nunca se desviará da prosperidade. Com alma limpa de vícios, o rei deve ser capaz de governar sua ira, e todas as suas conclusões devem ser concordantes com as escrituras. Ele deve também sempre procurar moralidade e lucro e prazer e salvação (judiciosamente). O rei deve sempre ocultar seus planos em relação a estes três, (isto é moralidade, lucro, e prazer). Nenhum mal maior pode sobrevir ao rei do que a revelação de seus planos. Reis devem proteger as quatro classes no desempenho de seus deveres. É o dever eterno dos reis impedir uma confusão de deveres em relação às diferentes classes. O rei não deve depositar confiança (em outros exceto seus próprios empregados), nem deve depositar total confiança (mesmo em seus empregados). Ele deve, por sua própria inteligência, procurar os méritos e defeitos dos seis requisitos essenciais da soberania. (Estes seis são paz (com um inimigo

que é mais forte), guerra (com um de força igual), marcha (para invadir os domínios de um que é mais fraco), parada, busca de proteção (se for fraco em sua própria fortaleza), e semeadura de dissensões (entre os oficiais principais do inimigo)). O rei que é observador das negligências de seus inimigos, e judicioso na busca de moralidade, lucro, e prazer, que designa espiões inteligentes para averiguar segredos e procura alienar os oficiais de seus inimigos por meio de presentes de riqueza, merece louvor. O rei deve administrar justiça como Yama e acumular riqueza como Kuvera. Ele deve também ser observador dos méritos e defeitos de suas próprias aquisições e perdas e de seus próprios domínios. Ele deve alimentar aqueles que não foram alimentados, e perguntar por aqueles que foram alimentados. Possuidor de fala gentil, ele deve falar com uma expressão sorridente (e não com uma expressão desagradável). Ele deve sempre servir aqueles que são idosos e subjugar a procrastinação. Ele nunca deve cobiçar o que pertence a outros. Ele deve seguir firmemente o comportamento dos virtuosos e, portanto, observar aquele comportamento cuidadosamente. Ele nunca deve tirar riqueza daqueles que são virtuosos. Tirando a riqueza daqueles que não são justos ele deve dá-la aos que são justos. O rei deve ser habilidoso em castigar. Ele deve praticar a generosidade. Ele deve ter sua alma sob controle. Ele deve se vestir com esplendor. Ele deve fazer doações nas épocas apropriadas e ser regular em suas refeições. Ele deve também ter bom comportamento. O rei desejoso de obter prosperidade deve sempre contratar para seu serviço homens que são corajosos, dedicados, incapazes de serem enganados por inimigos, bem nascidos, saudáveis, bem educados, e ligados com famílias que são bem educadas, respeitáveis, nunca inclinados a insultar outros, familiarizados com todas as ciências, possuidores de um conhecimento do mundo e seus assuntos, sem consideração pelo futuro estado de existência, sempre cumpridores de seus deveres, honestos, e firmes como montanhas. Não deve haver diferença entre ele e eles em relação a objetos de prazer. A única distinção deve consistir em seu guarda-sol e em seu poder de passar ordens. Sua conduta com relação a eles, pela frente ou por trás, deve ser a mesma. O rei que se comporta dessa maneira nunca é prejudicado. O rei desonesto e avarento que suspeita de todos e que cobra impostos de seus súditos pesadamente, é logo privado de vida por seus próprios empregados e parentes. O rei, no entanto, que é de comportamento justo e que está sempre empenhado em conquistar o coração de seu povo, nunca cai quando atacado por inimigos. Se vencido, ele logo recupera sua posição. Se o rei não é colérico, se ele não é dedicado a práticas más e não é severo em suas punições, se ele consegue manter suas paixões sob controle, ele então se torna um objeto de confiança para todos como as montanhas Himavat (para todas as criaturas). É o melhor dos reis aquele que tem sabedoria, que possui generosidade, que está preparado para tirar vantagem das negligências dos inimigos, que tem feições agradáveis, que sabe o que é mau para cada uma das quatro classes de seus súditos, que é rápido em ação, que tem sua raiva sob controle, que não é vingativo, que é magnânimo, que não é irascível por disposição, que é dedicado a sacrifícios e outras ações religiosas, que não é dado à jactância, e que prossegue vigorosamente até a conclusão todos os trabalhos começados por ele. É o melhor dos reis aquele em cujos domínios os homens vivem sem medo como filhos na casa dos pais. É o melhor dos reis aquele cujos

súditos não tem que esconder sua riqueza e sabem o que é bom e o que é mau para eles. Ele, de fato, é um rei cujos súditos estão engajados em seus respectivos deveres e que não temem perder seus corpos quando o dever requer isto; cujo povo, protegido devidamente, é todo de comportamento pacífico, obediente, dócil, tratável, sem vontade de se envolver em disputas, e inclinado à generosidade. Ganha mérito eterno aquele rei em cujos domínios não há maldade e dissimulação e engano e inveja. Realmente merece governar o rei que honra o conhecimento, que é devotado às escrituras e ao bem de seu povo, que trilha o caminho dos justos, e que é generoso. Merece governar o rei cujos espiões e planos e atos, realizados e não realizados, permanecem desconhecidos para seus inimigos. O verso seguinte foi cantado antigamente por Usanas da linhagem de Bhrigu, na narrativa chamada Ramacharita, sobre o assunto, ó Bharata, dos deveres reais: 'Um homem primeiro deve escolher um rei (em cujos domínios viver). Então ele deve escolher uma esposa, e então ganhar riqueza. Se não houvesse rei, o que seria de sua esposa e aquisições?' Com relação àqueles que desejam um reino, não há outro dever eterno mais obrigatório do que a proteção (de súditos). A proteção que o rei concede a seus súditos mantém o mundo. (No sentido de que sem a proteção real o mundo logo ruiria.) Manu, o filho de Prachetas, cantou estes dois versos sobre os deveres dos reis. Escute-os com atenção: 'Estas seis pessoas devem ser evitadas como um barco furado no mar: um preceptor que não fala, um sacerdote que não estudou as escrituras, um rei que não concede proteção, uma esposa que profere o que é desagradável, um vaqueiro que gosta de vagar dentro da aldeia, e um barbeiro desejoso de ir para as florestas.'" (Os deveres de um vaqueiro devem levá-lo para os campos. Se sem manifestar qualquer inclinação para ir para os campos ele gosta de se demorar dentro da aldeia ele não deve ser empregado. Similarmente os deveres do barbeiro requerem sua presença dentro da aldeia. Se sem estar presente lá ele gosta de vagar nos bosques, ele nunca deve ser empregado, pois pode ser então presumido que ele é desprovido daquela habilidade que a experiência e hábito trazem.)

58

"Bhishma disse, 'A proteção dos súditos, ó Yudhishthira, é o que mais convém dos deveres reais. O divino Vrihaspati não aprova qualquer outro dever (tanto quanto este). O divino Kavi (Usanas) de olhos grandes e penitências austeras, Indra de mil olhos, e Manu o filho de Prachetas, o divino Bharadwaja, e o sábio Gaurasiras, todos devotados a Brahma e proferidores de Brahma, compuseram tratados sobre os deveres de reis. Todo eles louvam o dever de proteção, ó principal das pessoas virtuosas, em relação aos reis. Ó tu de olhos como pétalas de lótus e da cor do cobre, escute aos meios pelos quais a proteção pode ser assegurada. Estes meios consistem no emprego de espiões e empregados, dando a eles seus direitos justos sem arrogância, a realização de impostos com consideração, nunca tomando nada (dos súditos) caprichosamente e sem causa, ó Yudhishthira, a seleção de homens honestos (para cumprir as funções

administrativas), heroísmo, habilidade, e inteligência (nas transações de negócios), veracidade, procurar o bem do povo, produzir discórdia e desunião entre os inimigos por meios justos ou injustos, o reparo de construções que são antigas ou que estão prestes a cair, a imposição de castigos corporais e multas reguladas pela observância da ocasião, nunca abandonar os honestos, conceder emprego e proteção para pessoas de nascimento respeitável, o armazenamento do que deve ser armazenado, companhia com pessoas de inteligência, sempre gratificar as tropas, supervisão sobre os súditos, firmeza nas transações de negócios, encher a tesouraria, ausência de confiança cega nos guardas da cidade, produzir deslealdade entre os cidadãos de uma cidade hostil, procurar cuidadosamente os amigos e aliados que vivem no meio do país do inimigo, vigiar estritamente os empregados e oficiais do estado, observação pessoal da cidade, desconfiar dos empregados, confortar o inimigo com garantias, observar firmemente os ditames de política, presteza para ação, nunca desconsiderar um inimigo, e rejeitar aqueles que são vis. Presteza para o esforço nos reis é a base dos deveres reais. Isto foi dito por Vrihaspati. Escute aos versos cantados por ele: 'Pelo esforço o amrita foi obtido; pelo esforço os Asuras foram mortos, pelo esforço o próprio Indra obteve a soberania no céu e sobre a terra. O herói de esforço é superior ao herói de discurso. Os heróis de discurso gratificam e adoram os heróis de esforço. ' (Brahmanas eloquentes eruditos nas escrituras são heróis de discurso. Grandes reis Kshatriya são heróis de esforço). O rei que é desprovido de esforço, mesmo se possuidor de inteligência, é sempre vencido por inimigos como uma cobra que é privada de veneno. O rei, mesmo se possuidor de força, não deve desconsiderar um inimigo, embora fraco. Uma faísca de fogo pode produzir um incêndio e uma partícula de veneno pode matar. Com somente um tipo de tropa, um inimigo de dentro um forte pode afligir o país inteiro mesmo de um rei poderoso e próspero. Os discursos secretos de um rei, o acúmulo de tropas para obter a vitória, os propósitos desonestos em seu coração, intenções similares para realizar objetivos específicos, e as ações erradas que ele faça ou pretenda fazer, devem ser ocultadas por assumir uma aparência de franqueza. Ele deve agir corretamente para manter seu povo sob submissão. Pessoas de mentes desonestas não podem suportar a carga de império extenso. Um rei que é indulgente não pode obter posto superior, a aquisição do qual depende de trabalho. Um reino, cobiçado por todos como carne, nunca pode ser protegido por franqueza e simplicidade. Um rei, ó Yudhishthira, deve, portanto, sempre se portar com ambos, franqueza e desonestidade. Se em proteger seus súditos um rei cai em perigo, ele ganha grande mérito. Tal deve ser a conduta dos reis. Eu agora te disse somente uma parte dos deveres dos reis. Diga-me, ó melhor dos Kurus, o que mais você deseja saber."

Vaisampayana continuou, "Os ilustres Vyasa e Devasthana e Aswa, e Vasudeva e Kripa e Satyaki e Sanjaya, cheios de alegria, e com rostos parecendo flores totalmente desabrochadas, disseram, 'Excelente! Excelente!' e cantaram os louvores daquele tigre entre homens, isto é, Bhishma, aquela principal das pessoas virtuosas. Então Yudhishthira, aquele chefe da linhagem de Kuru, com o coração triste e olhos banhados em lágrimas, tocou gentilmente os pés de Bhishma e disse, 'Ó avô, amanhã eu perguntarei sobre aqueles pontos sobre os

quais eu tenho minhas dúvidas, pois hoje, o sol, tendo sugado a umidade de todos os objetos terrestres, está prestes a se por.' Então Kesava e Kripa e Yudhishthira e outros, saudando os Brahmanas (lá reunidos) e circungirando o filho do grande rio, subiram alegremente em seus carros. Todos eles cumpridores de votos excelentes então se banharam na corrente do Drishadwati. Tendo oferecido oblações de água para seus antepassados e recitado silenciosamente os mantras sagrados e feito outras ações auspiciosas, e tendo realizado a prece noturna com os ritos devidos, aqueles opressores de inimigos entraram na cidade chamada de elefante."

59

Vaisampayana disse, "Levantando-se de suas camas no dia seguinte e realizando os ritos matinais prescritos nas escrituras, os Pandavas e os Yadavas saíram (para o local onde Bhishma estava) em seus carros parecidos com cidades fortificadas. Procedendo para o campo de Kuru e se aproximando do impecável Bhishma, eles perguntaram para aquele principal dos guerreiros em carros se ele tinha passado a noite tranquilamente. Saudando todos os Rishis, e abençoados por eles em retorno, os príncipes tomaram seus assentos em volta de Bhishma. Então o rei Yudhishthira o justo, possuidor de grande energia, tendo adorado Bhishma devidamente, disse estas palavras com mãos unidas."

"Yudhishthira disse, 'De onde surgiu a palavra Rajan (Rei), que é usada, ó Bharata, sobre a terra? Diga-me isto, ó destruidor de inimigos! Possuidor de mãos e braços e pescoço como outros, tendo a compreensão e os sentidos como aqueles de outros, sujeitos como outros aos mesmos tipos de alegria e tristeza, dotados de costas, boca, e estômago similares àqueles do resto do mundo, tendo fluidos vitais e ossos e medula e carne e sangue similares àqueles do resto do mundo, inalando e exalando ares como outros, possuidor de ares vitais e corpo como outros homens, parecendo com outros em nascimento e morte, realmente, similar a outros em relação a todos os atributos de humanidade, por que razão um homem, isto é, o rei, governa o resto do mundo numerando muitos homens possuidores de grande inteligência e coragem? Por que motivo aquele único homem governa o mundo extenso cheio de homens corajosos e enérgicos e nobres de nascimento e bom comportamento? Por que todos os homens procuram obter seu favor? Por que é que se um homem fica satisfeito, o mundo inteiro fica satisfeito, e se um homem está preocupado o mundo inteiro fica preocupado? Eu desejo ouvir isso em detalhes, ó touro da raça Bharata! Ó principal dos oradores, discurse para mim sobre isso integralmente. Ó rei, não pode haver exceto uma grave razão para tudo isso já que é visto que o mundo inteiro se curva a um homem como a um deus.'"

"Bhishma disse, 'Com atenção concentrada, ó tigre entre reis, ouça em detalhes como na era Krita a soberania primeiro começou. Inicialmente não havia soberania, nenhum rei, nenhum castigo, e nenhum castigador. Todos os homens costumavam proteger uns aos outros justamente. Como eles viviam dessa

maneira, ó Bharata, protegendo virtuosamente uns aos outros, eles acharam que a tarefa (depois de algum tempo) era dolorosa. O erro então começou a assaltar seus corações. Tendo ficado sujeitos ao erro, as percepções dos homens, ó príncipe, vieram a ser nubladas, e por esta razão sua virtude começou a declinar. Quando suas percepções foram obscurecidas e quando os homens ficaram sujeitos ao erro, todos eles se tornaram cobiçosos, ó chefe dos Bharatas! E porque os homens procuraram obter objetos, os quais eles não possuíam, outra emoção chamada luxúria (de aquisição) os alcançou. Quando eles se tornaram sujeitos à luxúria, outra emoção, chamada raiva, logo os poluiu. Uma vez sujeitos à ira, eles perderam toda a consideração do que devia ser feito e do que não devia. Uma indulgência sexual desenfreada começou. Os homens começaram a proferir o que eles escolhiam. Todas as distinções entre alimentos puros e impuros e entre virtude e vício desapareceram. Quando essa confusão surgiu entre os homens, os Vedas desapareceram. Após o desaparecimento dos Vedas, a Justiça foi perdida. Quando os Vedas e a justiça estavam perdidos, os deuses foram possuídos pelo medo. Tomados pelo medo, ó tigre entre homens, eles procuraram a proteção de Brahman. Tendo gratificado o Avô divino do universo, os deuses, afligidos pela angústia, disseram a ele com mãos unidas, 'Ó deus, os Vedas eternos têm sido afligidos no mundo dos homens pela avareza e erro. Por isto, nós fomos tomados pelo medo. Pela perda dos Vedas, ó Senhor Supremo, a justiça também está perdida. Por isto, ó Senhor dos três mundos, nós estamos prestes a descer ao nível de seres humanos. Os homens costumavam despejar libações para cima enquanto nós costumávamos despejar chuva para baixo. (Os homens, por despejarem libações de manteiga clarificada nos fogos sacrificais alimentam os deuses. Os últimos, alimentados por aquelas libações, despejam chuva sobre a terra de onde os homens derivam seu sustento.) Por consequência, no entanto, da cessação de todos os ritos pios entre os homens, grande angústia será nossa sina. Então, ó Avô, pense naquilo que nos beneficiaria, para que esse universo, criado por teu poder, não possa encontrar a destruição.' Assim endereçado, o Senhor auto-nascido e divino disse para eles, 'Eu pensarei no que fará bem a todos. Ó principais dos deuses, que seus temores sejam dissipados!' O Avô então compôs por sua própria inteligência um tratado consistindo em cem mil capítulos. Nele eram tratados os assuntos de Virtude, Lucro, e Prazer. O qual o auto-nascido designou como o triplo agregado. Ele tratava de um quarto assunto chamado de Emancipação com significado e atributos opostos. O triplo agregado em relação à emancipação, isto é, os atributos de Bondade, Paixão, e Ignorância, e outro, (um quarto, isto é, a prática do dever sem esperança de felicidade ou recompensa neste ou no outro mundo), eram tratados nele. Outro agregado triplo ligado com Castigo: Conversação, Crescimento, e Destruição, era tratado nele. (Conversação em relação à riqueza de mercadores e comerciantes; Crescimento em relação às penitências de ascetas; e Destruição em relação aos ladrões e homens pecaminosos. Todos estes dependem do Castigo.) Outro agregado de seis consistindo nos corações de homens, lugar, hora, meios, ações explícitas, e alianças, e causas, era tratado nele. Os ritos religiosos prescritos nos três Vedas, conhecimento, e as ações necessárias para a sustentação da vida, (agricultura, comércio, etc.), ó touro da raça Bharata, e o ramo muito extenso de conhecimento chamado de legislação punitiva, eram prescritos nele. Os assuntos também de

comportamento em direção aos conselheiros, de espiões, as indicações de príncipes, de agentes secretos possuidores de diversos meios, de enviados e agentes de outros tipos, conciliação, fomentação de discórdia, doações, e castigo, ó rei, com a tolerância como o quinto, eram tratados integralmente nele. Deliberação de todos os tipos, conselhos para produzir desunião, os erros de deliberação, os resultados do sucesso ou fracasso de planos, tratados de três tipos, isto é, maus, medianos, e bons, feitos por medo, bons ofícios, e presentes de riqueza, eram descritos em detalhes. As quatro espécies de épocas para fazer viagens, os detalhes do agregado de três, os três tipos de vitória, isto é, aquela assegurada justamente, aquela ganha por meio de riqueza, e aquela obtida por meios enganosos, eram descritos em detalhes. As três espécies de atributos, maus, medianos, e bons, do conjunto de cinco (isto é, conselheiros, reino, forte, exército, e tesouraria) eram também tratados nele. Punições de dois tipos, abertas e secretas, eram indicadas. As oito espécies de castigos abertos, como também as oito espécies de castigos secretos, eram tratadas em detalhes. Carros, elefantes, cavalos, e soldados de infantaria, ó filho de Pandu, operários recrutados, grupos de trabalhadores, e servidores remunerados (de exércitos), e guias pegos do país que é o assento de guerra, estes são os oito instrumentos, ó Kauravya, de castigo aberto ou forças agindo abertamente. O uso e administração de veneno móvel e imóvel eram também mencionados em relação às três espécies de coisas, isto é, vestuário, alimento, e encantamentos. Inimigos, aliados, e neutros, estes também eram descritos. As diversas características de estradas (a serem tomadas, como dependentes de estrelas e planetas, etc.), os atributos do solo (no qual acampar-se), auto-proteção, superintendência da construção de carros e outros utensílios de guerra e uso, os diversos meios de proteger e melhorar homens, elefantes, carros, e corcéis, as diversas espécies de formações de combate, estratégias, e manobras em guerra, conjunções planetárias pressagiando mal, provações calamitosas (tais como terremotos), métodos habilidosos de guerra e retirada, conhecimento de armas e sua manutenção apropriada, as desordens de tropas e como se livrar delas, os meios de inspirar o exército com alegria e confiança, doenças, tempos de infortúnio e perigo, conhecimento de guiar soldados de infantaria em batalha, os métodos de soar alarmes e comunicar ordens, inspirar medo no inimigo pela exposição de estandartes, os diversos métodos de afligir o reino do inimigo por meio de ladrões e tribos selvagens ferozes, e incendiários e envenenadores e falsificadores por produzir desunião entre os principais oficiais dos exércitos hostis, por derrubar colheitas e plantas, por destruir a eficiência dos elefantes do inimigo, por produzir alarmes, por honrar aqueles dentre os súditos do inimigo que são bem dispostos com relação ao invasor, e por inspirar o inimigo com confiança, a perda, crescimento, e harmonia dos sete requisitos essenciais da soberania, capacidade para trabalhos (projetados), os meios para realizá-los, os métodos de expandir o reino, os meios de conquistar pessoas residentes no território do inimigo, o castigo e destruição daquelas que são fortes, a administração exata de justiça, o extermínio dos vis, luta, tiro e lançamento e arremesso de armas, os métodos de fazer presentes e de armazenar coisas necessárias, alimentação dos não alimentados e supervisão sobre aqueles que foram alimentados, doações de riquezas em épocas apropriadas, liberdade dos vícios chamados Vyasanas, os

atributos de reis, as qualificações de oficiais militares, as fontes dos agregados de três e seus méritos e falhas, as diversas espécies de más intenções, o comportamento de dependentes, suspeita contra todos, a evitação da negligência, a aquisição de objetos não alcançados, a melhoria dos objetos já adquiridos, presentes para pessoas merecedoras do que foi dessa forma melhorado, gastos de riqueza para propósitos pios, para adquirir objetos de desejo, e para dissipar o perigo e angústia, foram todos tratados naquele trabalho. Os vícios violentos, ó chefe dos Kurus, nascidos do temperamento, e aqueles nascidos da luxúria, ao todo de dez tipos, foram mencionados naquele tratado. As quatro espécies de vícios os quais os eruditos dizem serem nascidos da luxúria, isto é, caça, jogo, alcoolismo, e indulgência sexual, foram mencionados pelo Auto-nascido naquele trabalho. Grosseria em palavras, violência, severidade de punições, imposição de dor ao corpo, suicídio, e frustração dos próprios objetivos, estes são os seis tipos de falhas nascidas da ira, que também são mencionados. Diversas espécies de máquinas e suas ações são descritas lá. Devastação dos territórios do inimigo, ataques sobre inimigos, a destruição e remoção de marcos e outras indicações, a derrubada de árvores grandes (para privar o inimigo e os súditos do inimigo de sua sombra refrescante), cerco de fortes, supervisão da agricultura e outras operações úteis, o estoque de artigos necessários, mantos e trajes (de tropas), e os melhores meios de fabricá-los, foram todos descritos. As características e usos de Panavas, Anakas, conchas, e baterias, ó Yudhishthira, os seis tipos de artigos (isto é, pedras preciosas, animais, terras, mantos, escravas, e ouro) e os meios de adquiri-los (para si próprio) e de destruí-los (para prejudicar o inimigo), pacificação de territórios recém adquiridos, honrar os bons, cultivar amizade com os eruditos, conhecimento das regras em relação a doações e ritos religiosos tais como homa, o toque de artigos auspiciosos, atenção ao adorno do corpo, a maneira de preparar e de usar alimento, piedade de comportamento, o alcance de prosperidade por seguir em um caminho, veracidade de palavra, gentileza de palavra, observância de atos realizados em ocasiões de festividades e reuniões sociais e aqueles feitos dentro do lar, os atos abertos e secretos de pessoas em todos os lugares de reunião, a supervisão constante do comportamento de homens, a imunidade de Brahmanas de punição, a imposição de castigo razoável, honras prestadas a dependentes em consideração de parentesco e mérito, a proteção de súditos e os meios de estender o reino, os conselhos que um rei que vive no meio de uma dúzia de reis deve seguir a respeito dos quatro tipos de inimigos, os quatro tipos de aliados, e os quatro tipos de neutros, os setenta e dois atos prescritos em trabalhos médicos acerca da proteção, exercício, e melhoras do corpo, e as práticas de países, tribos, e famílias específicos, foram todos devidamente tratados naquele trabalho. Virtude, Lucro, e Prazer, e Emancipação, foram também descritos nele. Os diversos meios de aquisição, o desejo por diversos tipos de riqueza. A doação de presentes abundantes, os métodos de agricultura e outras operações que formam a principal fonte de renda, e os vários meios para produzir e aplicar ilusões, os métodos pelos quais água estagnada é tornada poluída, foram prescritos nele. Todos aqueles meios, ó tigre entre reis, pelos quais homens podem ser impedidos de se desviarem do caminho da retidão e honestidade, foram todos descritos nele. Tendo composto aquele tratado altamente benéfico, o Senhor divino disse alegremente às divindades tendo Indra

como seu comandante, estas palavras: 'Para o bem do mundo e para estabelecer o triplo agregado (isto é, Virtude, Lucro, e Prazer), eu compus esta ciência representando o principal dos discursos. Ajudada pela punição, esta ciência protegerá o mundo. Tratando de recompensas e castigos, esta ciência operará entre homens. E porque homens são levados (à conquista dos objetivos de sua existência) pelo castigo, ou, em outras palavras, o castigo lidera ou governa tudo, portanto esta ciência será conhecida nos três mundos como Dandaniti (ciência de castigo). Contendo a essência de todos os atributos do agregado de seis, esta ciência sempre será muito considerada por todas as pessoas de grande alma. Virtude, Lucro, Prazer, e Salvação foram todos tratados nela.' Depois disto, o marido de Uma, o divino e multiforme Siva de olhos grandes, o Fonte de todas as bênçãos, primeiro a estudou e a dominou a fundo. Em vista, no entanto, da diminuição gradual do período de vida dos seres humanos, o divino Siva resumiu aquela ciência de grave importância compilada por Brahman. O resumo, chamado Vaisalakasha, consistindo em dez mil lições, foi então recebido por Indra devotado a Brahman e dotado de grande mérito ascético. O divino Indra também o resumiu para um tratado consistindo em cinco mil lições e chamou-o de Vahudantaka. Depois o pujante Vrihaspati, por meio de sua inteligência, resumiu mais o trabalho para um tratado consistindo em três mil lições e chamou-o de Varhaspatya. Em seguida, aquele preceptor de Yoga, de grande celebridade, isto é, Kavi de sabedoria incomensurável, o reduziu para um trabalho de mil lições. Em vista do período de vidas dos homens e do declínio geral (de tudo), os grandes Rishis, para beneficiar o mundo, resumiram dessa maneira aquela ciência. Os deuses então, se aproximando daquele senhor de criaturas, isto é, Vishnu, disseram a ele, 'Indique, ó deus, aquele entre os mortais que merece ter superioridade sobre o resto.' O divino e poderoso Narayana, refletindo um pouco, criou, por um decreto de sua vontade, um filho nascido de sua energia, chamado Virajas. O altamente abençoado Virajas, no entanto, não desejou soberania sobre a terra. Sua mente, ó filho de Pandu, se inclinou para uma vida de renúncia. Virajas teve um filho chamado Krittimat. Ele também renunciou ao prazer e divertimento. (Literalmente, ‘ergueu-se acima dos cinco’ no sentido de ter renunciado ao mundo.) Krittimat teve um filho chamado Kardama. Kardama também praticou austeridades severas. O senhor de criaturas, Kardama, gerou um filho chamado Ananga. Ananga se tornou um protetor de criaturas, pio em comportamento, e totalmente conhecedor da ciência de punição. Ananga gerou um filho chamado Ativala, bem versado em política. Obtendo um extenso império depois do falecimento de seu pai, ele se tornou um escravo de suas paixões. Mrityu, ó rei, tinha uma filha nascida de sua mente, chamada Sunita e famosa nos três mundos. Ela foi casada com Ativala e deu nascimento a um filho chamado Vena. Vena, um escravo da ira e malícia, se tornou injusto em sua conduta em direção a todas as criaturas. Os Rishis, aqueles proferidores de Brahma, o mataram com folhas Kusa (como sua arma) inspiradas com mantras. Proferindo mantras, aqueles Rishis perfuraram a coxa direita de Vena. Então, daquela coxa, saiu uma pessoa de membros curtos sobre a terra, parecendo com um pedaço de madeira queimada, com olhos da cor de sangue e cabelo preto. Aquele proferidores de Brahma disseram a ele, 'Nishida (sente) aqui!' Dele surgiram os Nishadas, aquelas tribos perversas que têm as colinas e as florestas como sua residência, como também aquelas centenas e milhares de

outras chamadas Mlechchhas, residindo nas montanhas Vindhya. Os grandes Rishis então perfuraram o braço direito de Vena. De lá surgiu uma pessoa que era um segundo Indra em forma. Vestido em cota de malha, armado com cimitarras, arcos, e setas, e bem versado na ciência de armas, ele conhecia totalmente os Vedas e seus ramos. Todas as ordenanças da ciência de castigo, ó rei, (em suas formas incorporadas) se aproximaram daquele melhor dos homens. O filho de Vena então, com mãos unidas, disse àqueles grandes Rishis, 'Eu obtive uma compreensão que é muito aguçada e é observadora da justiça. Digam-me em detalhes o que eu devo fazer com ela. A tarefa útil que lhes agradar indicar eu realizarei sem hesitação.' Assim endereçados, os deuses que estavam presentes lá, como também os Rishis, disseram a ele, 'Realize destemidamente todas aquelas tarefas nas quais a justiça sempre reside. Desconsiderando o que é caro e o que não é, olhe para todas as criaturas com um olhar imparcial. Lançando à distância luxúria e ira e cobiça e honra, e, sempre observando os ditames da justiça, puna com tuas próprias mãos o homem, quem quer que ele possa ser, que se desviar do caminho do dever. Jure também que tu irás, em pensamentos, palavras, e ações, sempre manter a religião inculcada na terra pelos Vedas. Jure em seguida que tu manterás destemidamente os deveres prescritos nos Vedas com a ajuda da ciência de castigo, e que tu nunca agirás com inconstância. Ó pujante, saiba que Brahmanas estão isentos de castigo, e prometa além disso que tu protegerás o mundo de uma mistura de castas.' Assim endereçado, o filho de Vena respondeu para as divindades encabeçadas pelos Rishis, dizendo, 'Aqueles touros entre homens, isto é, os Brahmanas altamente abençoados, sempre serão adorados por mim.' Aqueles proferidores de Brahma então disseram a ele, 'Assim seja'. Então Sukra, aquele vasto receptáculo de Brahma, se tornou seu sacerdote. Os Valakhilyas se tornaram seus conselheiros, e os Saraswatas seus companheiros. O grande e ilustre Rishi Garga se tornou seu astrólogo. Esta declaração sublime dos Srutis é corrente entre os homens que Prithu é o oitavo de Vishnu. Um pouco antes, as duas pessoas chamadas Suta e Magadha tinham vindo à existência. Eles se tornaram seus bardos e panegiristas. Satisfeito, Prithu, o filho nobre de Vena, possuidor de grande destreza, deu para Suta a terra situada na costa, e para Magadha o país desde então conhecido como Magadha. Nós soubemos que a superfície da terra antes era muito irregular. Foi Prithu quem fez a superfície da terra nivelada. Em todo Manwantara, a terra se torna acidentada. (Um Manwantara é um período de tempo muito longo, não diferente de uma era geológica.) O filho de Vena removeu as rochas e massas rochosas que se encontravam por toda parte, ó monarca, com o corno de seu arco. Dessa maneira as colinas e montanhas foram aumentadas. Então Vishnu, e as divindades de Indra, e os Rishis, e os Regentes do mundo, e os Brahmanas, se reuniram para coroar Prithu (como o rei do mundo). A própria terra, ó filho de Pandu, em sua forma incorporada, foi até ele, com um tributo de jóias e pedras preciosas. O oceano, aquele senhor dos rios, e Himavat, o rei das montanhas, e Sakra, ó Yudhishthira, concederam a ele riqueza inesgotável. O grande Meru, aquela montanha de ouro, deu a ele pilhas daquele metal precioso. O divino Kuvera, carregado nos ombros de seres humanos, aquele senhor de Yakshas e Rakshasas, deu a ele riqueza suficiente para satisfazer as necessidades de religião, lucro, e prazer. Corcéis, carros, elefantes, e homens, aos milhões, ó filho

de Pandu, começaram a viver logo que o filho de Vena pensou neles. Naquele tempo não havia nem decrepitude, nem fome, nem calamidades, nem doença (sobre a terra). Pela proteção proporcionada por aquele rei, ninguém tinha qualquer medo de répteis e ladrões ou de qualquer outra fonte. Quando ele procedia para o oceano, as águas costumavam ser solidificadas. As montanhas lhe davam caminho, e seu estandarte nunca era obstruído em algum lugar. Ele tirou da terra, como um leiteiro de uma vaca, dezessete tipos de colheitas para a alimentação de Yakshas, e Rakshasas, e Nagas, e outras criaturas. Aquele rei de grande alma fez todas as criaturas respeitarem a justiça como a principal de todas as coisas; e porque ele satisfez todas as pessoas, portanto, ele foi chamado de Rajan (rei). E porque ele também curou os ferimentos de Brahmanas, portanto, ele ganhou o nome de Kshatriya. E porque a terra (na região dele) se tornou célebre pela prática da virtude, portanto, ela veio a ser chamada por muitos como Prithvi. O próprio Vishnu eterno, ó Bharata, confirmou seu poder, dizendo a ele, 'Ninguém, ó rei, te superará.' O divino Vishnu entrou no corpo daquele monarca em consequência de suas penitências. Por esta razão, o universo inteiro ofereceu culto divino a Prithu, incluído entre deuses humanos (deuses humanos = reis). Ó rei, teu reino deve sempre ser protegido pela ajuda da ciência de castigo. Tu deves também, por observação cuidadosa feita através dos movimentos de teus espiões, protegê-lo de tal maneira que ninguém possa ser capaz de prejudicá-lo. Todas as boas ações, ó rei, levam ao bem (do monarca). A conduta de um rei deve ser regulada por sua própria inteligência, como também pelas oportunidades e meios que possam se oferecer por si mesmos. Que outra causa há pela qual a multidão vive em obediência a um, exceto a divindade do monarca? Naquele tempo um lótus dourado nasceu da fronte de Vishnu. A deusa Sree nasceu daquele lótus. Ela se tornou a esposa de Dharma de grande inteligência. Em Sree, ó filho de Pandu, Dharma gerou Artha. Todos os três, isto é, Dharma, e Artha e Sree, foram estabelecidos em soberania. Uma pessoa após o esgotamento de seus méritos desce do céu para a terra, e toma nascimento como um rei conhecedor da ciência de punição. Tal pessoa se torna dotada de grandeza e é realmente uma porção de Vishnu sobre a terra. Ele se torna possuidor de grande inteligência e obtém superioridade sobre outros. Estabelecido pelos deuses, ninguém o supera. É por esta razão que todos agem em obediência a um, e é por isto que o mundo não pode comandá-lo. Bons atos, ó rei, levam ao bem. É por isto que a multidão obedece suas palavras de comando, embora ele pertença ao mesmo mundo e seja possuidor de membros similares. Aquele que uma vez viu o rosto amável de Prithu se tornou obediente a ele. Desde então ele começou a considerá-lo como bonito, rico, e altamente abençoado. Pelo poder de seu cetro, a prática de moralidade e comportamento justo se tornou tão visível na terra. E é por esta razão que a terra se tornou coberta de virtude.'"

"Assim, ó Yudhishthira, as histórias de todos os acontecimentos passados, a origem dos grandes Rishis, as águas sagradas, os planetas e estrelas e constelações, os deveres em relação aos quatro modos de vida, os quatro tipos de Homa, as características das quatro classes de homens, e os quatro ramos de aprendizagem, foram todos tratados naquele trabalho (do Avô). Quaisquer objetos ou coisas, ó filho de Pandu, que existam na terra, foram todos incluídos naquele

tratado do Avô. Histórias e os Vedas e a ciência de Nyaya foram todos tratados nele, como também penitências, conhecimento, abstenção de injúria em relação a todas as criaturas, verdade, mentira, e moralidade superior. Culto de pessoas idosas, doações, pureza de comportamento, prontidão para esforço, e compaixão por todas as criaturas, foram totalmente descritos nele. Não há dúvida nisto. Desde aquele tempo, ó monarca, os eruditos começaram a dizer que não há diferença entre um deus e um rei. Eu agora te disse tudo sobre a grandeza dos reis. Qual outro assunto há, ó chefe dos Bharatas, sobre o qual eu terei que falar em seguida?"'

60

Vaisampayana disse, "Depois disto, Yudhishthira saudou seu avô, o filho de Ganga, e com mãos unidas e atenção concentrada uma vez mais o questionou, dizendo, 'Quais são os deveres gerais das quatro classes de homens, e quais são os deveres especiais de cada classe? Qual modo de vida deve ser adotado por qual ordem? Quais deveres são especialmente chamados de deveres de reis? Por quais meios um reino cresce, e quais são aqueles meios pelos quais o próprio rei cresce? Como também, ó touro da raça Bharata, os cidadãos e os empregados do rei crescem? Quais tipos de tesourarias, punições, fortes, aliados, conselheiros, sacerdotes, e preceptores, um rei deve evitar? (A diferença entre um Ritwija e um Purohita é que o primeiro é contratado em ocasiões especiais, enquanto os serviços do último são permanentes e constantes.) Em quem o rei deve confiar em quais tipos de infortúnio e perigo? De quais males o rei deve se proteger firmemente? Diga-me tudo isto, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Eu reverencio Dharma que é sublime, e Krishna que é Brahma. Tendo reverenciado também os Brahmanas (aqui reunidos), eu irei discorrer sobre deveres que são eternos. Supressão da ira, veracidade de palavra, justiça, perdão, geração de filhos nas próprias esposas, pureza de conduta, evitação de disputas, simplicidade, e sustento de dependentes, estes nove deveres pertencem a todas as quatro classes (igualmente). Aqueles deveres, no entanto, os quais pertencem unicamente aos Brahmanas, eu agora te direi. Autodomínio, ó rei, é declarado como o primeiro dever dos Brahmanas. Estudo dos Vedas, e paciência em passar por austeridades, (são também seus outros deveres). Por praticar estes dois, todos os seus atos são realizados. Se enquanto empenhados no cumprimento de seus próprios deveres, sem fazer alguma ação imprópria, a riqueza vem para um Brahmana pacífico possuidor de conhecimento, ele deve então se casar e procurar gerar filhos e deve também praticar caridade e realizar sacrifícios. É declarado pelos sábios que a riqueza assim obtida deve ser desfrutada por distribuí-la (entre pessoas merecedoras e parentes). Por seu estudo dos Vedas todas as ações pias (prescritas para o Brahmana) são realizadas. Se ele realiza ou não qualquer coisa a mais, se ele se dedica ao estudo dos Vedas, ele se torna (por isto) conhecido como um Brahmana ou o amigo de todas as criaturas. Eu também te direi, ó Bharata, quais são os deveres de um Kshatriya. Um Kshatriya, ó rei, deve dar mas não mendigar, deve ele

mesmo realizar sacrifícios mas não oficiar como um sacerdote nos sacrifícios de outros. Ele nunca deve ensinar (os Vedas) mas estudá-los (com um preceptor Brahmana). Ele dever proteger as pessoas. Sempre se esforçando para a destruição de ladrões e pessoas vis, ele deve aplicar sua destreza em batalha. Aquele entre os soberanos Kshatriya que realiza sacrifícios grandiosos, que possui um conhecimento dos Vedas, e que ganha vitórias em batalha, se torna o principal daqueles que alcançam muitas regiões abençoadas após a morte por seu mérito. Pessoas conhecedoras das escrituras antigas não louvam o Kshatriya que retorna ileso da batalha. Esta é declarada como a conduta de um Kshatriya desprezível. (Isto é, retornar sem ferimentos da batalha.) Não há dever maior para ele do que a repressão de ladrões. Doações, estudo, e sacrifícios trazem prosperidade para os reis. Portanto, um rei que deseja adquirir mérito religioso deve se engajar em batalha. (Pois sem batalha, ele não pode expandir seu reino e obter riqueza para doar e pagar as despesas de sacrifícios.) Estabelecendo todos os seus súditos no cumprimento de seus respectivos deveres, o rei deve fazer todos eles fazerem tudo segundo os ditames de retidão. Ele faça ou não faça qualquer outro ato, se ele somente protege seus súditos, ele é considerado como tendo realizado todos os atos religiosos e é chamado de um Kshatriya e o principal dos homens. Eu agora te direi, ó Yudhishthira, quais são os deveres eternos do Vaisya. Um Vaisya deve fazer doações, estudar os Vedas, realizar sacrifícios, e adquirir riqueza por meios honestos. Com atenção apropriada ele deve também proteger e criar todos os animais (domésticos) como um pai protegendo seus filhos. Qualquer coisa a mais que ele fizer será considerada como imprópria para ele. Por proteger os animais (domésticos), ele obterá grande felicidade. O Criador, tendo criado os animais (domésticos), outorgou seu cuidado ao Vaisya. Ao Brahmana e ao Kshatriya ele conferiu (o cuidado de) todas as criaturas. Eu te direi qual é a profissão do Vaisya e como ele deve ganhar os meios de seu sustento. Se ele mantém (para outros) seis vacas, ele pode pegar o leite de uma vaca como sua remuneração; e se ele mantém (para outros) cem vacas, ele pode pegar um único par como tal taxa. Se ele comercia com a riqueza de outro, ele pode pegar uma sétima parte dos lucros (como sua parte). Um sétimo também é sua parte nos lucros resultantes do comércio de chifres, mas ele deve pegar uma décima sexta parte se o comércio for em cascos. Se ele se dedica ao cultivo com sementes fornecidas por outros, ele pode pegar uma sétima parte da produção. Esta deve ser sua remuneração anual. Um Vaisya nunca deve desejar não cuidar do gado. Se um Vaisya deseja cuidar do gado, ninguém mais deve ser empregado naquela tarefa. Eu devo te dizer, ó Bharata, quais são os deveres de um Sudra. O Criador destinou o Sudra para se tornar o servidor das outras três classes. Por isto, o serviço das três outras classes é o dever do Sudra. Por tal serviço das outras três, um Sudra pode obter grande felicidade. Ele deve servir as três outras classes de acordo com sua ordem de superioridade em idade. Um Sudra nunca deve acumular riqueza, a fim de ele que não faça, por meio de sua riqueza, os membros das três classes superiores obedientes a ele. Por isto ele incorreria em pecado. Com a permissão do rei, no entanto, um Sudra, para realizar ações religiosas, pode ganhar riqueza. Eu agora te direi a profissão que ele deve seguir e os meios pelos quais ele pode ganhar seu meio de vida. É dito que os Sudras devem certamente ser mantidos pelas outras (três) classes. Guarda-sóis usados,

turbantes, camas e assentos, sapatos, e leques, devem ser dados aos empregados Sudra. Roupas rasgadas as quais não são mais adequadas para o uso, devem ser doadas pelas classes regeneradas para o Sudra. Estas são as aquisições legais do último. Homens conhecedores de moralidade dizem que se o Sudra se aproxima de alguém pertencente às três ordens regeneradas desejando prestar serviço, o último deve lhe atribuir um trabalho apropriado. Ao Sudra sem filhos seu mestre deve oferecer o bolo fúnebre. Os fracos e os velhos entre eles devem ser sustentados. O Sudra nunca deve abandonar seu mestre, qualquer que seja a natureza ou o grau do infortúnio no qual o último possa cair. Se o mestre perde sua riqueza, ele deve com zelo excessivo ser sustentado pelo empregado Sudra. Um Sudra não pode ter alguma riqueza própria. O que quer que ele possua pertence legalmente a seu patrão. O sacrifício é prescrito como um dever das outras três classes. Ele é ordenado para o Sudra também, ó Bharata! Um Sudra, no entanto, não é qualificado para proferir swaha e swadha ou algum outro mantra Védico. Por esta razão, o Sudra, sem observar os votos prescritos nos Vedas, deve adorar os deuses em sacrifícios menores chamados Paka-yajnas. A doação chamada Purna-patra é declarada como o Dakshina de tais sacrifícios. (Um Paka-yajna é um sacrifício menor, tal como a propiciação de um planeta pressagiando mal, ou culto oferecido para as divindades inferiores chamadas Viswadevas. Um Purnapatra é literalmente um prato grande ou cesta cheia de arroz. Ele deve consistir em 256 punhados. Além de um Purnapatra, o Sudra não deve dar qualquer outro Dakshina em qualquer sacrifício dele.) É sabido por nós que antigamente um Sudra de nome Paijavana deu um Dakshina (em um de seus sacrifícios) consistindo em cem mil Purnapatras, de acordo com a ordenança chamada Aindragni. (Essa ordenança declara que o Dakshina deve ser cem mil animais tais como vacas ou cavalos. No caso desse Sudra específico, aquela ordenança (sem seus mantras) foi seguida, e cem mil Purnapatras foram substituídos por vacas ou cavalos daquele número.) Sacrifício (como já foi dito), é prescrito tanto para o Sudra quanto para as outras três classes. De todos os sacrifícios, a devoção é declarada como o principal. (Consequentemente o Sudra, por devoção aos membros das três outras classes, pode ganhar o mérito de sacrifícios embora ele não seja qualificado para proferir mantras.) A Devoção é uma divindade sublime. Ela purifica todos os sacrificadores. Então também os Brahmanas são os principais dos deuses para seus respectivos servidores Sudra. Eles adoram os deuses em sacrifícios, para obter a realização de vários desejos. Os membros das outras três classes todos surgiram dos Brahmanas. (Por esta razão o Sudra ganha o mérito dos sacrifícios realizados por seus mestres e progenitores Brahmana.) Os Brahmanas são os deuses dos próprios deuses. O que quer que eles digam será para o teu maior bem. Portanto, todos os tipos de sacrifícios naturalmente concernem a todas as quatro classes. A obrigação não é uma cujo cumprimento seja opcional. O Brahmana, que está familiarizado com Richs, Yajuses, e Samans, deve sempre ser adorado como um deus. O Sudra, que não tem Richs e Yajuses e Samans, tem Prajapati como seu deus. (O Brahmana conhecedor dos Vedas é ele mesmo um deus. O Sudra, embora incompetente para ler os Vedas e proferir mantras Védicos, tem Prajapati como seu deus a quem ele pode cultuar com ritos a não ser aqueles declarados nos Vedas. Os Brahmanas têm Agni como seu deus, e os Kshatriyas, Indra.) Sacrifício

mental, ó majestade, é prescrito para todas as classes, ó Bharata! Não é verdade que os deuses e outras pessoas (superiores) não manifestam um desejo de partilhar as oferendas em tais sacrifícios mesmo de um Sudra. (Sacrifícios são realizados pelo corpo, por palavras, e pela mente. O Brahmana pode realizar sacrifícios por meio de todos os três. O Kshatriya e o Vaisya não podem realizar sacrifícios por meio de seus corpos. Eles devem empregar Brahmanas em seus sacrifícios. Estas duas classes, no entanto, podem proferir mantras e realizar sacrifícios mentais. O Sudra somente não pode empregar seu corpo ou proferir mantras em sacrifícios. O sacrifício sagrado no caso dele é o sacrifício mental. Um sacrifício mental é uma resolução de doar em honra dos deuses ou para os deuses sem a ajuda do ritual Védico. A resolução deve ser seguida por doações reais.) Por esta razão, o sacrifício que consiste em devoção é prescrito para todas as classes. (Isto é, para o Sudra também.) O Brahmana é o principal dos deuses. Não é verdade que aqueles que pertencem àquela classe não realizam os sacrifícios das outras classes. O fogo chamado Vitana, embora obtido de Vaisyas e inspirado com mantras, ainda é inferior. (Todos os fogos sacrificais, como uma regra, são obtidos das casas de Vaisyas. O fogo sacrifical de um Sudra é chamado de Vitana.) O Brahmana é o realizador dos sacrifícios das três outras classes. Por esta razão todas as quatro classes são sagradas. Todas as classes têm umas com as outras uma relação de consanguinidade, através das classes intermediárias. Elas todas surgiram dos Brahmanas. Ao se averiguar (a prioridade ou subsequência de homens em relação à sua criação) aparecerá que entre todas as classes o Brahmana foi criado primeiro. Originalmente Saman era um; Yajus era um, e Rik era um. (Embora originalmente um, os Vedas se tornaram diversos. Similarmente, do Brahmana que foi criado primeiro, todo o resto surgiu.) Ligado a isto, pessoas conhecedoras das histórias antigas citam um verso, ó rei, cantado em louvor de sacrifício pelos Munis Vaikhanasa na ocasião da realização de um sacrifícios deles. Antes ou depois do nascer do sol uma pessoa de sentidos subjugados, com coração cheio de devoção, despeja libações no fogo (sacrifical) de acordo com a ordenança. A devoção é um agente poderoso. Com relação a homas também, aquela variedade que é chamada de skanna é a inicial, enquanto aquela que é chamada de askanna é a última (mas a principal em mérito). Sacrifícios são variados. Seus ritos e resultados também são variados. O Brahmana possuidor de devoção que, dotado de conhecimento das escrituras, que é familiarizado com todas elas, é competente para realizar sacrifícios. Aquele que deseja realizar um sacrifício é considerado como virtuoso mesmo que ocorra de ele ser um ladrão, um pecador, ou o pior dos pecadores. Os Rishis elogiam tal homem. Sem dúvida eles estão certos. Esta então é a conclusão que todas as classes devem sempre e por todos meios em seu poder realizar sacrifícios. Não há nada nos três mundos igual ao sacrifício. Portanto, é dito que cada um, com coração livre de malícia, deve realizar sacrifícios, ajudado pela devoção que é sagrada, da melhor maneira que possa e de acordo com o que lhe agrada.'"

61

"Bhishma disse, 'Ó tu de braços poderosos, escute agora a mim, ó tu de destreza incapaz de ser frustrada, enquanto eu menciono os nomes dos quatro modos de vida e os deveres em relação a cada um. Os quatro modos são Vanaprastha, Bhaikshya, Garhasthya de grande mérito, e Brahmacharya que é adotado por Brahmanas. Passando pelo rito purificatório em relação a portar madeixas emaranhadas, depois de ter passado pelo rito de regeneração e realizado por algum tempo os ritos em relação ao fogo sagrado e estudado os Vedas, um homem deve, com alma purificada e sentidos sob controle, tendo primeiro realizado cuidadosamente todos os deveres do modo chamado Garhasthya, proceder, com ou sem sua esposa, para as florestas para a adoção do modo chamado Vanaprastha. Tendo estudado as escrituras chamadas Aranyakas, tendo retido seu fluido vital e tendo se afastado de todos os assuntos mundanos, o recluso virtuoso então pode alcançar uma absorção com a Alma eterna que não conhece decadência. Estas são as indicações de Munis que retiveram seu fluido vital. Um Brahmana erudito, ó rei, deve primeiro praticá-las e realizá-las. O Brahmana, ó rei, que deseja a emancipação, isto é bem conhecido, é capaz de adotar o modo de vida Bhaikshya depois de ter passado pelo modo chamado Brahmacharya. Dormindo naquele local (no decurso de suas andanças) onde a noite o alcança, sem desejo de melhorar sua situação, sem um lar, subsistindo de qualquer alimento que seja obtido (em caridade), dado à contemplação, praticando autodomínio, com os sentidos sob controle, sem desejo, considerando todas as criaturas igualmente, sem divertimentos, sem antipatia por qualquer coisa, o Brahmana possuidor de erudição, por adotar este modo de vida, alcança a absorção com a Alma eterna que sabe não conhece decadência. A pessoa que leva o modo de vida Garhasthya deve, depois de estudar os Vedas, realizar todas as ações religiosas prescritas para ela. Ele deve gerar filhos e desfrutar de prazeres e confortos. Com atenção cuidadosa ele deve cumprir todos os deveres deste modo de vida que é elogiado por ascetas e que é extremamente difícil de se atravessar (sem transgressões). Ele deve estar satisfeito com sua própria esposa e nunca deve se aproximar dela exceto na época apropriada. Ele deve cumprir as ordenanças das escrituras, não deve ser astuto e enganador. Ele dever ser moderado em dieta, devotado aos deuses, grato, meigo, desprovido de crueldade, e generoso. Ele deve ter o coração tranquilo, ser tratável e atento em fazer oferendas para os deuses e para os Pitris. Ele deve sempre ser hospitaleiro para os Brahmanas. Ele não deve ter orgulho, e sua caridade não deve ser limitada a algum único partido. Ele deve também ser sempre dedicado à realização dos ritos Védicos. Sobre isto, os ilustres e grandes Rishis citam um verso cantado pelo próprio Narayana, de grave significado e dotado de grande mérito ascético. Escute-me enquanto eu o repito. ‘Por verdade, simplicidade, culto de convidados, aquisição de moralidade e lucro, e desfrute das próprias esposas, um homem deve desfrutar de diversos tipos de felicidade aqui e no futuro.' Os grandes Rishis dizem que o sustento de filhos e esposas, e o estudo dos Vedas, formam os deveres daqueles que levam este modo de vida superior. O Brahmana

que, sempre dedicado à realização de sacrifícios, pratica devidamente este modo de vida e cumpre apropriadamente todos os seus deveres, obtém recompensas abençoadas no céu. Após sua morte, as recompensas desejadas por ele se tornam imortais. De fato, estas o servem pela eternidade como criados sempre alertas para cumprir as ordens de seu patrão. (Literalmente, 'com olhos, cabeça, e rosto em todos os lados.') Sempre prestando atenção aos Vedas, recitando silenciosamente os mantras obtidos de seu preceptor, cultuando todas as divindades, ó Yudhishthira, cuidando e servindo respeitosamente seu preceptor com seu próprio corpo coberto com argila e sujeira, a pessoa levando o modo de vida Brahmacharya deve sempre cumprir votos rígidos e, com sentidos sob controle, deve sempre prestar atenção às instruções que tem recebido. Refletindo sobre os Vedas e cumprindo todos os deveres (em relação à contemplação e atos manifestos), ele deve viver, servindo respeitosamente seu preceptor e sempre o reverenciando. Não envolvido nos seis tipos de trabalho (tais como oficiar nos sacrifícios de outros), e nunca engajado com apego em algum tipo de ação, nunca mostrando predileção ou desagrado por alguém, fazendo o bem até para seus inimigos, estes, ó majestade, são os deveres declarados para um Brahmacharin!'"

62

"Yudhishthira disse, 'Fale sobre aqueles deveres em relação a pessoas como nós, os quais são auspiciosos, produtivos de felicidade no futuro, benévolos, aprovados por todos, aprazíveis e agradáveis.'"

"Bhishma disse, 'Os quatro modos de vida, ó poderoso, foram declarados para o Brahmana. As outras três classes não os adotam, ó melhor dos Bharatas! Muitos atos, ó rei, que levam para o céu e especialmente adequados para a ordem real, já foram declarados. Aqueles, no entanto, não podem ser apresentados como resposta para tua pergunta atual, pois todos eles foram devidamente declarados para tais Kshatriyas que não são desinclinados à impiedade. O Brahmana que é afeito às práticas de Kshatriyas e Vaisyas e Sudras, atrai crítica neste mundo como uma pessoa de alma pecaminosa e vai para o inferno no mundo seguinte. Aqueles nomes os quais são aplicados entre homens para escravos e cães e lobos e (outros) animais, são aplicados, ó filho de Pandu, ao Brahmana que está empenhado em atividades que são impróprias para ele. Aquele Brahmana que, em todos os quatro modos de vida, está devidamente engajado nas seis ações (de regular a respiração, contemplação, etc.), que realiza todos os seus deveres, que não é impaciente, que tem suas paixões sob controle, cujo coração é puro e que está sempre dedicado a penitências, que não tem desejo de melhorar suas perspectivas, e que é caridoso, tem regiões inesgotáveis de bem-aventurança no outro mundo. Cada um deriva sua própria natureza da natureza de suas ações, em relação a suas circunstâncias, lugar, e meios e motivos. Tu deves, portanto, ó rei, considerar o estudo dos Vedas, o qual é repleto de tal mérito superior, como igual ao esforço do poder real, ou as atividades de agricultura, comércio, e caça. O mundo é posto em movimento pelo Tempo. Suas operações são determinadas pela passagem do Tempo. O homem faz todos os seus atos, bons, maus, e

indiferentes, totalmente influenciado pelo Tempo. (Influenciado por atos passados cada um age em vidas subsequentes. Se ele é um caçador nesta vida, isto é porque a influência de muitos atos cruéis de uma vida passada o persegue mesmo nesta.) Aquelas entre as boas ações da vida passada de um homem que exercem a maior influência na próxima, estão sujeitas a se esgotarem. Os homens, no entanto, estão sempre engajados naquelas ações às quais suas propensões levam. Aquelas propensões, novamente, levam um ser vivo para todas as direções.'" (Os homens, portanto, não têm sempre saldo de boas ações para seu crédito. Eles são, no entanto, agentes livres; os novos atos que eles fazem determinam o caráter de suas próximas vidas.)

63

"Bhishma disse, 'Puxar a corda do arco, destruição de inimigos, agricultura, comércio, cuidar do gado, e servir aos outros por riqueza, estes são impróprios para um Brahmana. Um Brahmana inteligente, levando um modo de vida familiar, deve realizar devidamente as seis ações Védicas. A retirada de um Brahmana para as florestas, depois de ter cumprido devidamente todos os deveres do modo de vida familiar, é louvada. Um Brahmana deve evitar serviço do rei, riqueza obtida por agricultura, sustento derivado de comércio, todos os tipos de comportamento desonesto, companhia com alguém exceto suas esposas, e usura. O Brahmana desprezível que se desvia de seus deveres e cujo comportamento se torna pecaminoso, se torna, ó rei, um Sudra. O Brahmana que se casa com uma mulher Sudra, que se torna vil em conduta ou um dançarino ou um empregado em uma aldeia ou que faz outras ações impróprias, se torna um Sudra. Ele recite os Vedas ou não, ó rei, se ele faz tais ações impróprias, ele se torna igual a um Sudra, e em ocasiões de alimentação a ele deve ser designado um lugar entre Sudras. Tais Brahmanas se tornam iguais a Sudras, ó rei, e devem ser descartados em ocasiões de adoração aos Deuses. (Isto é, seus serviços como sacerdotes não devem ser aceitos.) Quaisquer doações de alimento oferecido aos deuses e aos Pitris feitas para Brahmanas que violaram todas as restrições, ou que se tornaram impuros em comportamento ou viciados em atividades pecaminosas e ações cruéis, ou que se desviaram de seus deveres legítimos, não conferem mérito (para o doador). Por esta razão, ó rei, autocontrole e pureza e simplicidade foram declarados como os deveres de um Brahmana. Além destes, ó monarca, todos os quatro modos de vida foram prescritos por Brahman para ele. Aquele que é autocontrolado, que tem bebido o Soma em sacrifícios, que é de bom comportamento, que tem compaixão por todas as criaturas e paciência para suportar tudo, que não tem desejo de melhorar sua posição por meio de aquisição de riqueza, que é franco e simples, gentil, livre de crueldade, e perdoador, é realmente um Brahmana e não aquele que é pecaminoso em ações. Homens desejosos de adquirir virtude procuram a assistência, ó rei, de Sudras e Vaisyas e Kshatriyas. Se, portanto, os membros destas (três) classes não adotam deveres pacíficos (assim como serem capazes de ajudar outros na aquisição de virtude), Vishnu, ó filho de Pandu, nunca estende sua graça a eles. Se Vishnu não está

satisfeito, a felicidade de todos os homens no céu, o mérito proveniente dos deveres declarados para as quatro classes, as declarações dos Vedas, todos os tipos de sacrifícios, e todas as outras ações religiosas de homens, e todos os deveres em relação aos vários modos de vida, vem a ser perdidos.'"

"'Ouça agora, ó filho de Pandu, àqueles deveres que devem ser cumpridos nos quatro modos de vida. Estes devem ser conhecidos pelo Kshatriya que deseja que os membros das outras (três) classes (em seu reino) adiram estritamente aos respectivos deveres daqueles modos. Para um Sudra que está desejoso de ouvir (tais escrituras que não são proibidas em seu caso), que tem cumprido seus deveres, que gerou um filho, entre quem e as classes superiores não há muita diferença por causa da pureza de sua conduta, todos os modos de vida foram declarados exceto a observância de calma total e autodomínio (os quais não são necessários para ele). Para um Sudra praticando todos estes deveres como também para um Vaisya, ó rei, e um Kshatriya, o modo de vida Bhikshu é declarado. Tendo cumprido os deveres de sua classe, e tendo também servido os parentes, um Vaisya de idade venerável, com a permissão do rei, pode se dirigir para outro modo de vida. Tendo estudado os Vedas devidamente e os tratados sobre os deveres de reis, ó impecável, tendo gerado filhos e realizado outras ações de natureza similar, tendo bebido o Soma e governado e protegido todos os seus súditos justamente, ó principal dos oradores, tendo realizado o Rajasuya, o Sacrifício de Cavalo, e outros grandes sacrifícios, tendo convidado Brahmanas eruditos para recitar as escrituras e feito presentes a eles de acordo com seus desejos, tendo obtido vitórias grandes ou pequenas em batalha, tendo colocado em seu trono seu filho ou algum Kshatriya de bom nascimento para a proteção dos súditos, tendo adorado os Pitris por realizar com os ritos devidos os sacrifícios prescritos para honrá-los, tendo adorado atentamente os deuses por realizar sacrifícios e os Rishis por estudar os Vedas, o Kshatriya que na velhice deseja outro modo de vida, pode, ó rei, adotá-lo por deixar aquele o qual imediatamente o precede, e dessa maneira ele com certeza obterá êxito (ascético). Um Kshatriya, para levar a vida de um Rishi, ó rei, pode adotar o modo de vida Bhikshu; mas ele nunca deve fazer isto para desfrutar dos prazeres do mundo. Tendo deixado o modo de vida familiar, ele pode adotar a vida de mendicância por pedir apenas o que sustente sua vida. Uma vida de mendicância não é obrigatória para as três classes (isto é, Kshatriyas, Vaisyas e Sudras), ó dador de presentes abundantes! Visto que, no entanto, eles o podem adotar se eles escolherem, este modo de vida, portanto, está aberto para as quatro classes. Entre homens, os mais elevados deveres são aqueles que são praticados pelos Kshatriyas. O mundo inteiro está sujeito ao poder de suas armas. Todos os deveres, principais e subordinados, das outras três classes, dependem (para sua observância) dos deveres do Kshatriya. Os Vedas declararam isto. Saiba que como as pegadas de todos os outros animais são engolfadas naquelas do elefante, assim mesmo os deveres das outras classes, sob todas as circunstâncias, são engolfados naqueles do Kshatriya. Homens conhecedores das escrituras dizem que os deveres das três outras classes fornecem pouco alívio ou proteção, e produzem recompensas pequenas. Os eruditos dizem que os deveres do Kshatriya fornecem grande alívio e produzem grandes recompensas. Todos os deveres têm os deveres reais como

seus principais. Todas as classes são protegidas por eles. Todo o tipo de renúncia ocorre nos deveres da realeza, ó monarca, e a renúncia é citada como estando na virtude eterna e a principal todas. (O rei tem direito a um sexto dos méritos adquiridos por seus súditos. O mérito total, portanto, do rei, proveniente da renúncia, é muito grande. Além disso, o mérito de todo o tipo de renúncia pertence a ele dessa maneira.) Se a ciência de punição desaparecesse, os Vedas desapareceriam. Todas aquelas escrituras também que inculcam os deveres de homens se perderiam. De fato, se estes deveres antigos pertencentes aos Kshatriyas fossem abandonados, todos os deveres em relação a todos os modos de vida seriam perdidos. Todas as espécies de renúncia são vistas nos deveres reais; todos os tipos de iniciação ocorrem neles; todos os tipos saber estão relacionados com eles; e todos os tipos de comportamento mundano entram neles. Como animais, se mortos pelo vulgar, se tornam os meios de destruir a virtude e as ações religiosas dos matadores, assim mesmo todos os outros deveres, se privados da proteção dada pelos deveres reais, ficam sujeitos a ataques e destruição, e os homens, cheios de ansiedade, desrespeitam as práticas declaradas para eles.'"

64

"Bhishma disse, 'Os deveres em relação aos quatro modos de vida, aqueles de yatis, ó filho de Pandu, e os costumes relativos à conduta dos homens em geral, estão todos incluídos nos deveres reais. Todos estes atos, ó chefe dos Bharatas, ocorrem nos deveres Kshatriya. Se as funções da realeza são perturbadas, todas as criaturas são alcançadas pelo mal. Os deveres de homens não são óbvios. Eles têm, além disso, muitas saídas. (Isto é, para determinar se os deveres reais são superiores àqueles declarados para os vários outros modos de vida). Levados por muitos sistemas (falsos), sua natureza eterna é às vezes contrariada. Outros que fixam sua fé nas conclusões alcançadas por homens, sem realmente saberem qualquer coisa acerca das verdades sobre os deveres (como declaradas nas escrituras), se encontram finalmente aterrados e confundidos em crenças cujos últimos fins são desconhecidos. Os deveres impostos sobre Kshatriyas são claros, produtivos de grande felicidade, evidentes em relação aos seus resultados, livres de engano, e benéficos para o mundo inteiro. Como os deveres das três classes, como também de Brahmanas e daqueles que se retiraram do mundo, ó Yudhishthira, foram antes disso citados como estando todos incluídos dentro daquele modo de vida sagrado (chamado Garhasthya), assim mesmo, todo o mundo, com todas as boas ações, está sujeito aos deveres dos reis. Eu te disse, ó monarca, como muito bravos reis, nos tempos passados, foram até aquele senhor de todas as criaturas, isto é, o divino e pujante Vishnu de grande destreza, para resolver suas dúvidas sobre a ciência de castigo. Aqueles reis, conscientes das declarações das escrituras reforçadas por exemplos, visitaram Narayana no passado, depois de terem pesado cada um de seus atos contra os deveres de cada um dos modos de vida. Aquelas divindades, isto é, os Sadhyas, os Vasus, os Aswins, os Rudras, os Viswas, os Maruts, e os Siddhas, criados antigamente pelo

primeiro dos deuses, são todos cumpridores dos deveres Kshatriya. Eu agora narrarei para ti uma história repleta de conclusões sobre moralidade e lucro. Antigamente, quando os Danavas tinham se multiplicado e varrido todas as barreiras e distinções (isto é, espalhado confusão sobre a terra), o poderoso Mandhatri, ó monarca, se tornou rei. Aquele soberano da terra, o rei Mandhatri, realizou um sacrifício grandioso pelo desejo de contemplar o pujante Narayana, aquele deus de deuses, sem início, meio, e fim. Naquele sacrifício ele adorou com humildade o sublime Vishnu. O Senhor Supremo, assumindo a forma de Indra, se mostrou para ele. Acompanhado por muitos bons reis ele ofereceu suas adorações para aquela divindade poderosa. Uma conversação excelente ocorreu entre aquele leão entre reis e aquele deus ilustre na forma de Indra, referente a Vishnu de grande refulgência.'"

"Indra disse, 'Qual é teu objetivo, ó principal das pessoas virtuosas, em assim procurar contemplar o Antigo e Primeiro dos deuses, isto é, Narayana, de energia inconcebível, e ilusões infinitas? Nem eu mesmo, nem o próprio Brahman, podemos obter uma visão daquele deus de forma universal. Eu te concederei quaisquer outros objetos que possam estar no teu coração, pois tu és o principal dos mortais. Tua alma permanece na paz; tu és dedicado à justiça; tu tens teus sentidos sob controle; e tu és possuidor de heroísmo. Tu procuras destemidamente fazer o que é agradável para os deuses. Por causa também da tua inteligência, devoção, e grande fé, eu te concederei quaisquer bênçãos que possam ser desejadas por ti.'"

"Mandhatri disse, 'Eu inclino minha cabeça para te gratificar. Sem dúvida, no entanto, eu desejo ver o primeiro dos deuses, ó Senhor Divino! Rejeitando todos os desejos (terrenos), eu desejo ganhar mérito religioso, e seguir o principal modo de vida, aquele caminho dos bons, altamente respeitado por todos. Por exercer os deveres superiores de um Kshatriya, eu tenho ganhado muitas regiões de mérito inesgotável no outro mundo, e eu tenho também, através daqueles deveres, espalhado minha fama. Eu, no entanto, não sei como cumprir aqueles deveres, os principais no mundo, que fluíram do primeiro dos deuses.'"

"Indra disse, 'Aqueles que não são reis, embora eles possam ser cumpridores de seus deveres, não podem facilmente obter as maiores recompensas do dever. Os deveres reais primeiro fluíram do deus original. Outros deveres fluíram depois de seu corpo. Infinitos eram os outros deveres, como aqueles do modo de vida Vanaprastha, que foram criados depois. Os frutos de todos eles são esgotáveis. Os deveres reais, no entanto, são eminentes sobre eles. Neles estão incluídos todos os outros deveres. Por esta razão os deveres Kshatriya são citados como os principais de todos. Nos tempos passados, Vishnu, por agir segundo os deveres Kshatriya, suprimiu e destruiu violentamente seus inimigos e assim concedeu alívio aos deuses e aos Rishis de energia incomensurável. Se o divino Vishnu de energia inconcebível não tivesse matado todos os seus inimigos entre os Asuras, então os Brahmanas, e (Brahman) o Criador dos mundos e deveres Kshatriya, e os deveres que primeiro fluíram da divindade Suprema, teriam sido todos destruídos. Se aquele primeiro e principal dos deuses, por empregar sua destreza, não tivesse subjugado a terra com todos os seus Asuras, então todos os deveres

das quatro classes e todos os deveres em relação aos quatro modos de vida teriam sido todos destruídos em consequência da destruição de Brahmanas. Os deveres eternos (de homens) todos teriam sofrido destruição. Foi pelo exercício dos deveres Kshatriya que eles foram revividos. Em todo Yuga, os deveres de Brahmanas em relação a alcançar Brahma começaram primeiro. Estes, no entanto, são todos protegidos pelos deveres reais. Os últimos, por causa disto, são considerados como os principais. Abandonar a vida em batalha, compaixão por todas as criaturas, conhecimento dos assuntos do mundo, proteção de homens, resgatá-los do perigo, ajudar os afligidos e os oprimidos, todos estes ocorrem entre os deveres Kshatriya praticados por Reis. Pessoas que não respeitam restrições saudáveis e são governadas por luxúria e ira, não cometem atos públicos de pecado por medo dos reis. Outros que são dóceis e de comportamento virtuoso têm êxito, pela mesma influência, em realizar todos os seus deveres. Por esta razão os deveres Kshatriya são considerados justos. Sem dúvida, todas as criaturas vivem alegremente no mundo, protegidas por reis exercendo deveres Kshatriya como crianças protegidas por seus pais. Os deveres Kshatriya são os principais de todos os deveres. Aqueles deveres eternos, considerados como os mais importantes no mundo, abarcam a proteção de todas as criaturas. Eles mesmos eternos, eles levam à emancipação eterna.'"

65

"Indra disse, 'Os deveres Kshatriya, ó rei, os quais são possuidores de tal energia, que incluem em seu exercício todos os outros deveres, e que são os principais de todos os deveres, devem ser observados por pessoas que são, assim como tu, de grande alma e muito empenhadas em procurar o bem do mundo. Se aqueles deveres não fossem cumpridos devidamente, todas as criaturas seriam alcançadas pela ruína. Os reis possuidores de compaixão por todas as criaturas devem considerar estes como os seus deveres principais: reclamação da terra para cultivo e fertilização dela, realização de grandes sacrifícios para se purificar, uma desconsideração por mendicância, e proteção de súditos. Renúncia (doação) é citada pelos sábios como a principal das virtudes. De todos os tipos de renúncia, além disso, aquela do corpo em batalha é a principal. Tu viste com teus olhos como os soberanos da terra, sempre cumpridores dos deveres Kshatriya, tendo servido devidamente seus preceptores e adquirido grande erudição, finalmente abandonaram seus corpos, envolvidos em batalhas uns com os outros. O Kshatriya, desejoso de adquirir mérito religioso, deve, depois de ter praticado o modo Brahmacharya, levar uma vida familiar que é sempre meritória. Em presidir sobre questões comuns de direito (entre seus súditos), ele deve ser totalmente imparcial. Por fazerem todas as classes serem cumpridoras de seus respectivos deveres, pela proteção que eles concedem a todos, pelos diversos instrumentos e meios e pela destreza e esforço (com os quais eles procuram a realização de seus objetivos), os deveres Kshatriya, os quais incluem todos os outros deveres dentro de seu âmbito, são considerados como os principais. As outras classes podem cumprir seus respectivos deveres

em consequência dos deveres reais. Por esta razão os primeiros são citados como dependentes dos últimos em relação ao mérito que eles produzem. Os homens que desrespeitam todas as restrições saudáveis e que são muito ligados à perseguição de objetos mundanos são citados como sendo da natureza dos brutos. Eles são obrigados a agir com justiça pelo exercício dos deveres reais. Aqueles deveres, portanto, são considerados como os principais de todos. Aquela direção de conduta que foi prescrita para Brahmanas que seguem os três Vedas, e aqueles modos de vida que foram declarados para Brahmanas, devem, antes de tudo mais, ser cumpridos por todo Brahmana. Se um Brahmana age de outra maneira, ele deve ser punido como um Sudra. Os deveres dos quatro modos de vida e os rituais prescritos nos Vedas, ó rei, devem sempre ser seguidos por um Brahmana. Saiba que ele não tem outros deveres. Para um Brahmana agindo de outra maneira, um Kshatriya não deve fazer qualquer arranjo para sustento. Seu mérito religioso cresce por seus atos. Um Brahmana, de fato, é como o próprio Dharma. O Brahmana que está empenhado em ações que não são prescritas para ele não merece respeito. Se não engajado em seus atos apropriados, ele não é de confiança. Estes são os deveres que concernem às várias classes. Kshatriyas devem cuidar deles para que sua observância possa ser melhorada. Estes são os deveres dos Kshatriyas. Por estas razões também, os deveres reais e não outros são os principais de todos. Eles são, como eu creio, os deveres de heróis, e aqueles que são heróis são os principais em praticá-los.'"

"Mandhatri disse, 'Que deveres devem ser realizados pelos Yavanas, os Kiratas, os Gandharvas, os Chinas, os Savaras, os Barbaras, os Sakas, os Tusharas, os Kankas, os Pathavas, os Andhras, os Madrakas, os Paundras, os Pulindas, os Ramathas, os Kamvojas, as várias castas que surgiram de Brahmanas e Kshatriyas, os Vaisyas, e os Sudras, que residem nos domínios dos reis (Arya)? Quais são os deveres também pela observância dos quais reis como nós devemos dominar aquelas tribos que subsistem por meio de roubo? Eu desejo saber tudo isso. Ó deus ilustre, me instrua. Ó chefe de todas as divindades, tu és o amigo de nós Kshatriyas.'"

"Indra disse, 'Todas as tribos de ladrões devem servir seus pais e mães, seus preceptores e outros mais idosos, e reclusos vivendo nas florestas. Todas as tribos de ladrões devem também servir seus reis. Os deveres e ritos inculcados nos Vedas devem também ser seguidos por eles. Eles devem realizar sacrifícios em honra dos Pitris, cavar poços, (e dedicá-los para serviços gerais), dar água para viajantes com sede, doar camas e fazer outros presentes adequados para os Brahmanas. Abstenção de ferir, veracidade, supressão da raiva, sustento de Brahmanas e parentes por dar a eles o que lhes é de direito, sustento das esposas e filhos, pureza, calma, fazer doações para Brahmanas em sacrifícios de todos os tipos, são deveres que devem ser praticados por cada pessoa dessa classe que deseja sua própria prosperidade. Tal pessoa também deve realizar todos os tipos de Paka-yajnas com presentes caros de alimento e riquezas. Estes deveres e similares, ó impecável, foram declarados no passado para pessoas dessa classe. Todos estes atos, os quais foram prescritos para todas as outras, devem ser feitos também por pessoas da classe de ladrões, ó rei.'"

"Mandhatri disse, 'No mundo de homens, tais homens pecaminosos são vistos vivendo disfarçados entre todas as quatro classes e em todos os quatro modos de vida.'"

"Indra disse, 'Após o desaparecimento dos deveres reais e da ciência de punição, todas as criaturas ficaram extremamente aflitas, ó impecável, por causa da tirania dos reis. Depois do término dessa era Krita, uma confusão começará, em relação aos diferentes modos de vida, e inúmeros Bhikshus aparecerão com marcas sectárias de diferentes tipos. Desrespeitando os Puranas e as verdades superiores de religião, os homens, incitados por luxúria e ira, se desviarão para caminhos errados. Quando homens pecaminosos são refreados (de atos maus) por pessoas de grande alma com a ajuda da ciência de castigo, então a religião, que é superior a tudo e eterna, e que é a fonte de todo o bem, se torna firmemente estabelecida. As doações, e libações, e oferendas para os Pitris do homem que desrespeita o rei que é superior a todos, se tornam inúteis. Os próprios deuses não desconsideram um rei virtuoso que é realmente um deus eterno. O Senhor divino de todas as criaturas, tendo criado o universo, planejou o Kshatriya para governar homens com respeito a suas inclinações e desinclinações em relação aos deveres. Eu respeito e reverencio a pessoa que, ajudada por sua compreensão, vigia o rumo dos deveres realizados pelos homens. De tal supervisão dependem os deveres Kshatriya.'"

"Bhishma continuou, 'Tendo dito estas palavras, o divino e poderoso Narayana na forma de Indra, acompanhado pelos Maruts, se dirigiu para sua residência eterna de felicidade inesgotável. Quando, ó impecável, deveres como praticados pelos bons tinham tal rumo nos tempos passados, qual homem de alma purificada e erudição desrespeitaria o Kshatriya? Como homens cegos perdidos no caminho, criaturas agindo e se abstendo injustamente encontram a destruição. Ó tigre entre homens, adira àquele círculo (de deveres) que foi estabelecido primeiro e ao qual os antigos recorreram. Eu sei, ó impecável, que tu és bastante competente para fazer isso.'"

66

"Yudhishthira disse, 'Tu me falaste sobre os quatro modos de vida humana. Eu desejo saber mais sobre eles. Discorra sobre eles em detalhes.'"

"Bhishma disse, 'Ó Yudhishthira de braços poderosos, todos os deveres que são praticados pelos virtuosos neste mundo são tão conhecidos por ti quanto eles são conhecidos por mim. Ó principal das pessoas virtuosas, escute-me agora acerca do que tu perguntaste, isto é, o mérito (que um rei adquire) em consequência dos deveres praticados por outros que levam outros modos de vida. Todos os méritos, ó filho de Kunti, pertencentes às pessoas praticantes dos deveres dos quatro modos de vida se vinculam, ó principal dos homens, aos reis justos. Um rei que não é governado por luxúria e ódio, que governa com a ajuda

da ciência de castigo, e que olha igualmente para todas as criaturas, ó Yudhishthira, atinge o objetivo do modo de vida Bhaikshya (Este objetivo é Brahma). O rei que é possuidor de conhecimento, que faz doações para pessoas merecedoras em ocasiões apropriadas, que sabe como favorecer e punir, que se comporta em todas as coisas de acordo com as injunções das escrituras, e que tem tranquilidade de alma, alcança o objetivo do modo de vida Garhasthya. O rei que sempre cultua aqueles que são dignos de culto por lhes dar o que é devido, alcança completamente, ó filho de Kunti, o objetivo do modo de vida Bhaikshya. Aquele rei, ó Yudhishthira, que salva do infortúnio, ao melhor de seu poder, seus parentes e amigos, alcança o objetivo do modo de vida Vanaprashtha. O rei que em todas as ocasiões honra aqueles que são os principais entre os homens e aqueles que são os principais entre Yatis, alcança, ó filho de Kunti, o objetivo do modo de vida Vanaprashtha. O rei, ó Partha, que diariamente faz oferendas aos Pitris e grandes oferendas a todas as criaturas vivas incluindo homens, alcança o objetivo do mesmo modo de vida. O rei, ó tigre entre homens, que oprime os reinos de outros para proteger os virtuosos, alcança o objetivo do mesmo modo de vida. Pela proteção de todas as criaturas como também da proteção apropriada de seu reino, um rei ganha o mérito de tantos sacrifícios quanto o número de criaturas protegidas, e consequentemente alcança o objetivo do modo de vida Sannyasa. Estudo dos Vedas todos os dias, benevolência, e culto de preceptores, e serviços prestados para o próprio professor, levam ao alcance do objetivo de Brahmacharya. O rei que recita seus mantras silenciosamente todos os dias e que sempre cultua os deuses de acordo com a ordenança, alcança, ó tigre entre homens, o objetivo do modo de vida Garhasthya. Aquele rei que se envolve em batalha com a resolução de proteger seu reino ou encontrar a morte, alcança o objetivo do modo de vida Vanaprastha. O rei que doa para pessoas que levam o modo de vida Vanaprastha e para Brahmanas versados nos três Vedas alcança o objetivo do modo de vida Vanaprastha. O rei que demonstra compaixão por todas as criaturas e se abstém totalmente da crueldade, alcança os objetivos de todos os modos de vida. O rei, ó Yudhishthira, que mostra compaixão pelos jovens e pelos velhos, ó filho de Kunti, sob todas as circunstâncias, alcança os objetivos de todos os modos de vida. Aquele rei, ó perpetuador da linhagem de Kuru, que concede alívio para todas as pessoas oprimidas que procuram sua proteção, alcança o objetivo do modo de vida Garhasthya. O rei que protege todas as criaturas móveis e imóveis, e honra as que merecem, alcança o objetivo do modo de vida Garhasthya. Conceder favores e infligir castigos sobre as esposas e irmãos, mais velhos e mais novos, e sobre seus filhos e netos, são os deveres familiares de um rei e constituem suas melhores penitências. Por honrar aqueles que são virtuosos e merecedores de culto e proteger aqueles que (por suas penitências) adquiriram o autoconhecimento, um rei, ó tigre entre homens, alcança o objetivo do modo de vida Garhasthya. Convidar para sua casa, ó Bharata, as pessoas que se dirigiram para o Vanaprastha e para outros modos de vida, e tratá-las com alimento, constituem os deveres domésticos de um rei. O rei que adere devidamente aos deveres declarados pelo Criador, obtém os méritos abençoados de todos os modos de vida. O rei, ó filho de Kunti, em quem nenhuma virtude está faltando, aquele principal dos homens, ó Yudhishthira, é citado pelos eruditos como sendo uma pessoa na observância do Vanaprastha e de todos os

outros modos de vida. O rei que honra devidamente o ofício ou posto o qual merece honra, a linhagem ou família que merece honra, e os homens idosos que merecem honra é citado, ó Yudhishthira, como vivendo em todos os modos de vida. (Isto é, tal homem obtém os méritos de todos os modos de vida). Um rei, ó filho de Kunti, por cumprir os deveres de seu país e aqueles de sua família, obtém, ó tigre entre homens, os méritos de todos os modos de vida. O rei que em épocas apropriadas concede para pessoas virtuosas riquezas ou presentes de valor, ganha os méritos, ó rei, de todos os modos de vida. O rei, ó filho de Kunti, que enquanto dominado pelo perigo e medo ainda mantém seus olhos nos deveres de todos os homens (isto é, protege todos os homens na realização de seus deveres), ganha os méritos de todos os modos de vida. O rei obtém uma parte dos méritos ganhos sob sua proteção por pessoas justas em seus domínios. Por outro lado, se os reis, ó tigre entre homens, não protegem as pessoas justas dentro de seus domínios, eles então recebem os pecados das últimas (de omissão e comissão). Aqueles homens também, ó Yudhishthira, que ajudam os reis (na proteção de seus súditos), se tornam igualmente autorizados, ó impecável, a partilhar dos méritos ganhos por outros (em consequência daquela proteção). Os eruditos dizem que o Garhasthya, o qual nós temos adotado, é superior a todos os outros modos de vida. As conclusões a respeito disto são muito claras. Ele é certamente sagrado, ó tigre entre homens. O homem que respeita todas as criaturas como a si mesmo, que nunca faz algum mal e tem sua ira sob controle (que pune sem raiva), obtém grande felicidade neste e no outro mundo. Um rei pode cruzar facilmente o oceano do mundo, com os deveres reais como seu barco de grande velocidade, impulsionado pela brisa da caridade, tendo as escrituras como seu equipamento e inteligência como a força de seu timoneiro, e mantido à tona pelo poder da justiça. Quando o princípio de desejo em seu coração é afastado de todos os objetos terrestres, ele é então considerado como alguém que se apóia somente em sua compreensão. Neste estado ele logo alcança Brahma. Tornando-se contente pela meditação e por reprimir o desejo e outras paixões do coração, ó tigre entre homens, o rei, dedicado a cumprir o dever de proteção, consegue obter grande mérito. Portanto, ó Yudhishthira, te esforce cuidadosamente em proteger Brahmanas de atos pios e dedicados ao estudo dos Vedas, como também todos os outros homens. Por exercer o dever de proteção somente, ó Bharata, o rei ganha mérito que é cem vezes maior do que o que é obtido por reclusos em seus retiros dentro das florestas.'

"Eu agora descrevi, ó filho mais velho de Pandu, os diversos deveres de homens. Adira aos deveres reais que são eternos e que são praticados por grandes homens desde os tempos passados. Se tu te dedicares com atenção concentrada ao dever de proteger (teus súditos), ó tigre entre homens, tu então poderás, ó filho de Pandu, obter os méritos de todos os quatro modos de vida e de todas as quatro classes de homens!"

67

"Yudhishthira disse, 'Tu disseste quais são os deveres dos quatro modos de vida e das quatro classes. Diga-me agora, ó avô, quais são os principais deveres de um reino.'"

"Bhishma disse, 'A (eleição e) coroação de um rei é o primeiro dever de um reino. Um reino no qual a anarquia prevalece se torna fraco e é logo afligido por ladrões. Em reinos divididos pela anarquia a justiça não pode habitar. Os habitantes devoram uns aos outros. Uma anarquia é o pior estado possível. Os Srutis declaram que ao coroar um rei, é Indra que é coroado (na pessoa do rei). Uma pessoa que deseja prosperidade deve adorar o rei como ela adoraria o próprio Indra. Ninguém deve morar em reinos divididos pela anarquia. Agni não transporta (para os deuses) as libações que são despejadas sobre ele em reinos onde a anarquia prevalece. Se um rei poderoso se aproxima de reinos enfraquecidos pela anarquia, pelo desejo de anexá-los a seus domínios, o povo deve se adiantar e receber o invasor com respeito. Tal conduta seria compatível com sábios conselhos. Não há mal maior do que a anarquia. Se o invasor poderoso for inclinado à equidade, tudo ficará certo. Se, por outro lado, ele se empenhar em combate, ele poderá exterminar todos. A vaca que não pode ser facilmente ordenhada tem que sofrer muita tortura. Por outro lado, a vaca que pode ser facilmente ordenhada não tem que sofrer nenhuma tortura. A madeira que se curva facilmente não requer ser aquecida. A árvore que se dobra facilmente não tem que sofrer qualquer tortura (nas mãos do jardineiro). Guiados por estes exemplos, ó herói, homens devem se curvar perante aqueles que são poderosos. O homem que curva sua cabeça para uma pessoa poderosa realmente curva sua cabeça para Indra. Por estas razões, homens desejosos de prosperidade devem (eleger e) coroar alguma pessoa como seu rei. Aqueles que vivem em países onde a anarquia prevalece não podem desfrutar de sua riqueza e esposas. Durante tempos de anarquia, os homens pecaminosos derivam grande prazer por roubar a riqueza de outras pessoas. Quando, no entanto, sua riqueza (mal adquirida) é arrebatada por outros, eles desejam um rei. É evidente, portanto, que em tempos de anarquia nem os próprios pecaminosos podem ser felizes. A riqueza de um é roubada por dois. A riqueza daqueles dois é roubada por muitos agindo juntos. Aquele que não é um escravo é feito um escravo. Mulheres, também, são sequestradas à força. Por estas razões os deuses criaram os reis para proteger as pessoas. Se não houvesse rei sobre a terra para manejar a vara de castigo, os fortes teriam então vitimado os fracos assim como peixes na água. Foi ouvido por nós que os homens, antigamente, por causa da anarquia, encontraram a destruição, devorando uns aos outros como peixes mais fortes devorando os mais fracos na água. Foi ouvido por nós que uns poucos entre eles então, se reunindo, fizeram certos acordos, dizendo, 'Aquele que se tornar rude em palavras, ou violento em temperamento, aquele que seduzir ou sequestrar as esposas de outros ou roubar a riqueza que pertence a outros, deve ser expulso por nós.' Para inspirar confiança entre todas as classes de pessoas, eles fizeram tal pacto e viveram por algum tempo. Reunindo-se depois de algum tempo eles

foram em aflição até o Avô, dizendo, 'Sem um rei, ó senhor divino, nós estamos indo para a destruição. Nomeie alguém como nosso rei. Todos nós iremos adorá-lo e ele nos protegerá.' Assim solicitado, o Avô pediu a Manu. Manu, no entanto, não concordou com a proposta.'"

"Manu disse, 'Eu temo todas as ações pecaminosas. Governar um reino é extremamente difícil, especialmente entre homens que são sempre falsos e enganadores em seu comportamento.'"

"Bhishma continuou, 'Os habitantes da terra então disseram a ele, 'Não temas. Os pecados que os homens cometerem tocarão somente aqueles que os cometerem (sem te macular de modo algum). Para o aumento de tua tesouraria, nós te daremos uma quinquagésima parte de nossos animais e metais preciosos e uma décima parte de nossos grãos. Quando nossas donzelas também se tornarem desejosas de casar, nós iremos, quando a questão surgir, te dar as mais belas entre elas. Aqueles entre os homens que se tornarem os principais de todos no uso de armas e em guiar animais e dirigir veículos, procederão atrás de ti como as divindades atrás de Indra. Com tua força intensificada dessa maneira, e te tornando invencível e possuidor de grande destreza, tu serás nosso rei e nos protegerá tranquilamente como Kuvera protegendo os Yakshas e os Rakshasas. Uma quarta parte do mérito que os homens ganharem sob tua proteção será tua. Fortalecido por aquele mérito assim facilmente obtido por ti, nos proteja, ó rei, como Ele de cem sacrifícios protegendo as divindades. Como o Sol queimando tudo com seus raios, saia para ganhar vitórias. Esmague o orgulho de inimigos e deixe a justiça sempre triunfar (no mundo).' Assim endereçado por aqueles habitantes da terra, Manu, possuidor de grande energia, procedeu, acompanhado por uma grande tropa. De descendência nobre, ele parecia então resplandecer com destreza. Contemplando o poder de Manu, como os deuses olhando o poder de Indra, os habitantes da terra foram inspirados com medo e colocaram seus corações em seus respectivos deveres. Manu então fez sua ronda pelo mundo, controlando em todos os lugares todos os atos de maldade e designando todos os homens para seus respectivos deveres, como uma nuvem carregada de chuva (em sua missão de beneficência).'"

"Ó Yudhishthira, os homens sobre a terra que desejam prosperidade devem primeiro eleger e coroar um rei para a proteção de todos. Como discípulos se humilhando na presença dos preceptores ou os deuses na presença de Indra, todos os homens devem se humilhar perante o rei. Alguém que é honrado por seu próprio povo se torna um objeto de respeito para seus inimigos também, enquanto alguém que é desrespeitado por seus próprios é dominado por inimigos. Se o rei for dominado por seus inimigos, todos os seus súditos se tornam infelizes. Portanto, guarda-sóis e veículos e ornamentos externos, e comestíveis, e bebidas, e mansões, e assentos, e camas, e todos os utensílios para uso e exibição, devem ser atribuídos ao rei. Por tais meios o rei conseguirá cumprir (da melhor maneira) seus deveres de proteção e se tornará irresistível. Ele deve falar com sorrisos. Endereçado suavemente por outros, ele deve se dirigir a outros gentilmente. Grato (àqueles que o servem), firmemente devotado (àqueles que merecem seu respeito), e com suas paixões sob controle, ele deve dar aos outros o que lhes é

devido. Olhado com respeito por outros ele deve olhar para eles brandamente, gentilmente, e elegantemente.'"

68

"Yudhishthira disse, 'Por que, ó touro da raça Bharata, os Brahmanas dizem que o rei, aquele soberano de homens, é um deus?'"

"Bhishma disse, 'Com relação a isto é citada a antiga história, ó Bharata, do discurso de Vrihaspati para Vasumanas. Havia um rei de Kosala possuidor de grande inteligência, chamado Vasumanas. Em certa ocasião ele questionou o grande sábio Vrihaspati de muita sabedoria. Familiarizado com os requisitos de humildade, o rei Vasumanas, sempre dedicado ao bem-estar de todos, tendo cumprido as humildades apropriadas e tendo circungirado o grande sábio e se curvado a ele devidamente, perguntou ao virtuoso Vrihaspati acerca das ordenanças em relação a um reino, movido pelo desejo de assegurar a felicidade dos homens.'"

"Vasumanas disse, 'Por quais meios as criaturas crescem e por quais elas são destruídas? Ó tu de grande sabedoria, por adorar a quem elas conseguem obter felicidade eterna?' Assim questionado pelo rei Kosala de energia incomensurável, Vrihaspati de grande sabedoria falou a ele calmamente acerca do respeito que deve ser prestado aos reis."

"Vrihaspati disse, 'Os deveres de todos os homens, ó tu de grande sabedoria, podem ser vistos terem sua base no rei. É somente por medo do rei que os homens não devoram uns aos outros. É o rei que traz paz sobre a terra, pelo devido cumprimento de deveres, por controlar todo o desrespeito e todas as espécies de luxúria por meio de restrições salutares. Realizando isto, ele brilha em glória. Como, ó rei, todas as criaturas se tornam incapazes de verem umas às outras em total escuridão se o sol e a lua não nascem, como peixes em água rasa e aves em um local seguro de perigo voam e vagam como lhes agrada (por um tempo) e repetidamente atacam e oprimem umas às outras com força e então encontram com a destruição certa, assim mesmo os homens afundam em total escuridão e encontram a destruição se eles não têm um rei para protegê-los, como um rebanho de gado sem o vaqueiro para olhar por eles. Se o rei não exercesse o dever de proteção, os fortes se apropriariam à força das posses dos fracos, e se os últimos se recusassem a se render a eles com facilidade, suas próprias vidas seriam tiradas. Ninguém então, com referência a algum artigo em sua posse, poderia dizer 'Isto é meu'. Esposas, filhos, alimento, e outros tipos de propriedade, então não existiriam. A ruína tomaria conta de tudo se o rei não exercesse o dever de proteção. Homens perversos se apropriariam à força dos veículos e vestes e ornamentos e pedras preciosas e de outros tipos de propriedade pertencente a outros, se o rei não protegesse. Na ausência de proteção pelo rei, diversas espécies de armas cairiam sobre aqueles que são corretos em suas práticas, e a iniquidade seria adotada por todos. Na ausência de

proteção real homens desrespeitariam ou até feririam seus próprios pais se idosos, seus próprios preceptores e convidados e superiores. Se o rei não protegesse, todas as pessoas possuidoras de riqueza teriam que enfrentar morte, prisão, e perseguição, e a própria idéia de propriedade desapareceria. Se o rei não protegesse, tudo seria exterminado prematuramente, e todas as partes do país seriam infestadas por ladrões, e todos cairiam em um inferno terrível. Se o rei não protegesse, todas as restrições sobre casamento e relações (devidos à consanguinidade e outras espécies de relacionamentos) cessariam; todos os assuntos relativos à agricultura e comércio cairiam em confusão, a moralidade decairia e seria perdida; e os três Vedas desapareceriam. Sacrifícios, devidamente completados com presentes de acordo com a ordenança, não seriam mais realizados; nenhum casamento ocorreria, a própria sociedade cessaria de existir, se o rei não exercesse o dever de proteção. Os próprios touros não cobririam vacas e jarros de leite não seriam batidos, e homens vivendo por criar gado encontrariam com a destruição, se o rei não exercesse o dever de proteção. Na ausência de proteção real, todas as coisas, inspiradas com medo e ansiedade e se tornando insensatas e proferindo gritos de aflição, encontrariam a destruição num abrir e fechar de olhos. Nenhum sacrifício se estendendo por um ano e completado com doações segundo as ordenanças ocorreria se o rei não exercesse o dever de proteção. Na ausência de proteção real Brahmanas nunca estudariam os quatro Vedas ou passariam por austeridades ou seriam purificados por conhecimento e votos rígidos. Na ausência de proteção real, o matador de uma pessoa culpada da morte de um Brahmana não obteria qualquer recompensa; por outro lado a pessoa culpada de Brahmanicídio desfrutaria de total imunidade. Na ausência de proteção real, homens roubariam as riquezas de outras pessoas das suas próprias mãos, e todas as barreiras saudáveis seriam varridas, e todos, inspirados com medo, procurariam segurança na fuga. Na ausência de proteção real, todos os tipos de injustiça se manifestariam; uma mistura de castas ocorreria, e a fome devastaria o reino. Por causa também da proteção real, homens podem dormir em todos os lugares destemidamente e em seu caso sem trancar suas casas e portas com ferrolhos e barras. Ninguém ouviria as más palavras de outros, muito menos ataques verdadeiros, se o rei protegesse justamente a terra. (Homens toleram pacientemente as injúrias infligidas sobre eles por outros, sem procurar fazer justiça eles mesmos pela força, porque eles podem invocar o rei para punir os ofensores. Se não houvesse reis, a vingança imediata até pelas menores ofensas seria a prática geral.) Se o rei exerce o dever de proteção, mulheres enfeitadas com ornamentos podem passear sem medo em todos os lugares sem parentes masculinos para cuidar delas. Os homens se tornam justos e sem ofender servem uns aos outros porque o rei exerce o dever de proteção. Pela proteção real os membros das três classes podem realizar sacrifícios excelentes e se dedicar à aquisição de conhecimento com atenção. O mundo depende de agricultura e comércio e é protegido pelos Vedas. Todos estes são devidamente protegidos pelo rei exercendo seu principal dever. Já que o rei, tomando uma grande responsabilidade sobre si mesmo, protege seus súditos com a ajuda de um exército poderoso, é por isto que as pessoas podem viver em felicidade. Quem não veneraria aquele em cuja existência as pessoas existem e em cuja destruição as pessoas são destruídas? A pessoa que faz o que é

agradável e benéfico para o rei e que suporta (uma parte da) carga dos deveres reais que enchem todas as castas de medo, conquista este e o outro mundo. (Isto é, se tornando importante e feliz neste mundo, obtém bem-aventurança no mundo seguinte.) O homem que até pensa em fazer uma injúria para o rei, sem dúvida encontra aflição neste mundo e vai para o inferno após a morte. Ninguém deve desrespeitar o rei por tomá-lo por um homem, pois ele é realmente uma divindade superior em forma humana. O rei assume cinco formas diferentes de acordo com cinco ocasiões diferentes. Ele se torna Agni, Aditya, Mrityu, Vaisravana, e Yama. Quando o rei, enganado por falsidade, queima com sua energia feroz os ofensores pecaminosos diante dele, é dito que ele então assume a forma de Agni. Quando ele observa através de seus espiões as ações de todas as pessoas e faz o que é para o bem geral, é dito então que ele assume a forma de Aditya. Quando ele destrói em cólera centenas de homens pecaminosos com seus filhos, netos, e parentes, é dito então que ele assume a forma do Destruidor. Quando ele reprime os maus por infligir sobre eles castigos severos e favorece os justos por lhes conceder recompensas, é dito que ele assume a forma de Yama. Quando ele gratifica com presentes abundantes de riquezas aqueles que lhe prestaram serviços valiosos, e tira a riqueza e pedras preciosas daqueles que o ofenderam, de fato, quando ele concede prosperidade a alguns e a tira de outros, é dito então, ó rei, que ele assume a forma de Kuvera na terra. Nenhuma pessoa que possua inteligência, que seja capaz de trabalhar, que deseje a aquisição de virtude, e que seja livre de malícia, deve espalhar maus rumores acerca do rei. Nenhum homem, por agir contra o rei, pode se fazer feliz, mesmo que ocorra de ele ser o filho do rei ou irmão ou companheiro ou alguém a quem o rei considere como seu segundo eu. O fogo, tendo o vento como seu incitador, queimando (entre artigos que são inflamáveis), pode deixar um resto. (É dito que o Vento é o cocheiro do Fogo, porque onde quer que haja um incêndio, o Vento, aparecendo, ajuda a espalhá-lo.) A ira do rei, no entanto, não deixa nada para a pessoa que incorre nela. O que quer que pertença ao rei dever ser evitado à distância. (Isto é, ninguém deve cobiçar as posses do rei). Uma pessoa deve se desviar do que pertence ao rei como ela se desviaria da própria morte. Uma pessoa por se apropriar do que pertence ao rei encontra a destruição rapidamente como um veado após ingerir veneno. O homem de inteligência deve proteger como seu o que pertence ao rei. Aqueles que se apropriam da riqueza pertencente ao rei afundam sem sentidos em um inferno profundo de escuridão e infâmia eterna. Quem não adoraria o rei que é adorado por termos tais como alegrador do povo, concessor de felicidade, possuidor de prosperidade, o principal de todos, curador de ferimentos, senhor de terra, e protetor de homens? O homem, portanto, que deseja sua própria prosperidade, que cumpre todas as restrições saudáveis, que tem sua alma sob controle, que é o mestre de suas emoções, que é possuidor de inteligência e memória, e que é esperto (nas transações de negócios), deve sempre ser afeiçoado ao rei. O rei deve honrar devidamente o ministro que é grato, dotado de sabedoria, generoso, leal, possuidor de domínio sobre seus sentidos, virtuoso, e observador dos ditames de política. O rei deve entreter o homem que é leal, grato, virtuoso, possuidor de autocontrole, corajoso, magnânimo em suas ações, e competente para realizar tarefas sem a ajuda de outros. O conhecimento faz os homens orgulhosos. O rei faz os homens humildes. O homem que é afligido pelo

rei nunca pode obter felicidade. Por outro lado, o homem que é favorecido pelo rei se torna feliz. O rei é o coração de seu povo; ele é seu grande refúgio; ele é sua glória; e ele é sua maior felicidade. Os homens, ó monarca, que são afeiçoados ao rei, conseguem conquistar este e o outro mundo. Tendo governado a terra com a ajuda das qualidades de autodomínio, veracidade, e amizade, e tendo adorado os deuses por meio de sacrifícios grandiosos, o rei, ganhando grande glória, obtém uma residência eterna no céu.' Aquele melhor dos monarcas, isto é, o heróico Vasumanas, soberano de Kosala, assim instruído por Vrihaspati o filho de Angiras, começou desde então a proteger seus súditos."

69

"Yudhishthira disse, 'Que outros deveres especiais restam para o rei cumprir? Como ele deve proteger seu reino e como ele deve subjugar seus inimigos? Como ele deve empregar seus espiões? Como ele deve inspirar confiança nas quatro classes de seus súditos, em seus próprios empregados, esposas, e filhos, ó Bharata?'"

"Bhishma disse, 'Escute, ó monarca, com atenção aos diversos deveres dos reis, àqueles atos os quais o rei ou alguém que está na posição de um rei deve fazer primeiro. O rei deve primeiro subjugar a si mesmo e então procurar subjugar seus inimigos. Como um rei que não é capaz de conquistar a si mesmo pode conquistar seus inimigos? A conquista destes, isto é, o agregado de cinco, é considerada como a conquista de si mesmo. O rei que conseguiu subjugar seus sentidos é competente para resistir a seus inimigos. Ele deve colocar grupos de soldados de infantaria em seus fortes, fronteiras, cidades, parques, e jardins de divertimento, ó alegrador dos Kurus, como também em todos os locais aonde ele mesmo vai, e dentro de seu próprio palácio, ó tigre entre homens! Ele deve empregar como espiões homens que parecem com idiotas ou com aqueles que são cegos e surdos. Estes devem ser pessoas que tenham sido minuciosamente examinadas (em relação à sua habilidade), que possuam sabedoria, e que possam suportar fome e sede. Com atenção apropriada, o rei deve colocar seus espiões sobre todos os seus conselheiros e amigos e filhos, em sua cidade e províncias, e nos domínios dos dirigentes sob suas ordens. Seus espiões devem ser empregados de forma que eles não possam conhecer uns dos outros. Ele deve também, ó touro da raça Bharata, conhecer os espiões de seus inimigos por colocar ele mesmo espiões em lojas e lugares de diversão, e multidões de pessoas, entre mendigos, em seus jardins e parques de diversão, em reuniões e conclaves de eruditos, no campo, em lugares públicos, em lugares onde ele mantém sua própria corte, e nas casas dos cidadãos. O rei possuidor de inteligência pode assim averiguar os espiões despachados por seus inimigos. Se eles forem conhecidos, o rei pode derivar muito benefício, ó filho de Pandu! Quando o rei, por uma avaliação de si próprio, se percebe fraco, ele deve então, consultando com seus conselheiros, fazer as pazes com um inimigo que é mais forte. O rei que é sábio deve fazer rapidamente as pazes com um inimigo, mesmo quando ele sabe que ele não é fraco, se alguma vantagem puder ser derivada

disto. Empenhado em proteger seu reino com justiça, o rei deve fazer as pazes com aqueles que são possuidores de todas as habilidades, capazes de grande esforço, virtuosos, e honestos. Quando o rei se encontra ameaçado pelo perigo e prestes a ser alcançado pela ruína, ele deve matar todos os ofensores a quem ele tinha negligenciado antes e todas as tais pessoas que são apontadas pelo povo. Um rei não deve ter nada a fazer com aquela pessoa que não pode nem beneficiá-lo nem feri-lo, ou com alguém que não pode resgatar ele mesmo do infortúnio. Em relação às operações militares, um rei que é seguro de sua própria força deve, na dianteira de uma grande tropa, alegremente e com coragem dar a ordem para marchar, sem proclamar seu destino contra alguém desprovido de aliados e amigos ou já em guerra com outro e (portanto) desatento (ao perigo vindo de outros quadrantes), ou um mais fraco do que ele mesmo, tendo primeiro feito arranjos para a proteção de sua própria capital. Um rei não deve viver sempre em submissão a outro possuidor de grande destreza. Embora fraco, ele deve procurar afligir o forte, e resolvido a respeito disto, continuar a governar seu próprio (reino). Ele deve afligir o reino do mais forte por meio de armas, fogo e aplicação de veneno. Ele deve também causar dissensões entre seus conselheiros e empregados. Vrihaspati disse que um rei possuidor de inteligência deve sempre evitar guerra para aquisição de território. A aquisição de domínio deve ser feita pelos três meios bem conhecidos (de conciliação, presentes, e desunião). O rei que possui sabedoria deve ficar satisfeito com aquelas aquisições que são feitas por meio de conciliação, presentes, e desunião. O rei, ó alegrador dos Kurus, deve pegar um sexto das rendas de seus súditos como tributo para pagar as despesas de protegê-los. Ele deve também tirar riqueza forçosamente, muito ou pouco (como o caso possa requerer), dos dez tipos de ofensores mencionados nas escrituras, para a proteção de seus súditos. Um rei deve, sem dúvida, considerar seus súditos como seus próprios filhos. Em decidir suas disputas, no entanto, ele não deve mostrar compaixão. Para ouvir as queixas e respostas de disputantes em casos judiciais, o rei deve sempre nomear pessoas possuidoras de sabedoria e de um conhecimento dos assuntos do mundo, pois o estado realmente se apóia sobre uma administração apropriada da justiça. O rei deve colocar homens honestos e dignos de confiança sobre suas minas, sal, grãos, embarcações, e grupos de elefantes. O rei que sempre maneja com propriedade a vara de castigo ganha grande mérito. O regulamento apropriado da punição é o grande dever dos reis e merece grandes louvores. O rei deve ser conhecedor dos Vedas e seus ramos, possuidor de sabedoria, engajado em penitências, caridoso, e dedicado à realização de sacrifícios. Todas estas qualidades devem residir permanentemente em um rei. Se o rei fracassa em administrar justiça, ele não pode ter nem céu nem fama. Se um rei é afligido por um mais forte, o primeiro, se possuidor de inteligência, deve procurar refúgio em uma fortaleza. Reunindo seus amigos para consulta, ele deve planejar medidas adequadas. Adotando a política de conciliação e de produzir desavenças, ele deve idear meios para empreender guerra com o atacante. Ele deve colocar os habitantes das florestas nas rodovias, e, se necessário, fazer aldeias inteiras serem removidas, transferindo todos os habitantes para cidades menores ou para os arredores de grandes cidades. Repetidamente encorajando seus súditos ricos e os principais oficiais do exército, ele deve fazer os habitantes do país desprotegido se refugiarem em fortes bem

protegidos. Ele deve ele mesmo retirar todos os estoques de cereais (do país desprotegido para seus fortes). Se isso se torna impossível, ele deve destruí-los completamente pelo fogo. Ele deve colocar homens para destruírem as colheitas nos campos do inimigo (por produzir desavenças entre os súditos do inimigo). Fracassando em fazer isso, ele deve destruir aquelas colheitas por meio de suas próprias tropas. Ele deve destruir todas as pontes sobre os rios em seu reino. Ele deve retirar as águas de todos os tanques em seus domínios, ou, se incapaz de baldeá-las, fazê-las serem envenenadas. Desconsiderando o dever de proteger seus amigos, ele deve, em vista das circunstâncias presentes e futuras, procurar a proteção do soberano de outro reino que possa acontecer de ser o inimigo de seu inimigo e que possa ser competente para lidar com seu inimigo no campo de batalha. Ele deve destruir todos os fortes menores em seu reino. Ele deve também derrubar todas as árvores menores exceto aquelas que são chamadas Chaitya. (Árvores Chaitya são aquelas que são consideradas sagradas e para as quais é oferecido culto pelo povo.) Ele deve fazer os ramos de todas as árvores maiores serem cortados, mas ele não deve tocar nas próprias folhas daquelas chamadas Chaitya. Ele deve erguer defesas externas ao redor de seus fortes, com cercados nelas, e encher suas trincheiras com água, colocando estacas pontudas em seu fundo e enchendo-as com crocodilos e tubarões. Ele deve manter pequenas aberturas em seus muros para fazer ataques repentinos a partir de seu forte, e cuidadosamente fazer arranjos para a defesa deles como aquela dos portões maiores. Em todos os seus portões ele deve plantar mecanismos destrutivos. Ele deve plantar nas defesas (de seus fortes) Sataghnis e outras armas. Ele deve estocar madeira para combustível e cavar e consertar poços para fornecer água para a guarnição. Ele deve fazer todas as casas feitas de grama e palha serem cobertas com lama, e se for o mês de verão ele deve, por receio de fogo, retirar (para um local seguro) todos os suprimentos de grama e palha. Ele deve ordenar que todo o alimento seja cozido à noite. Nenhum fogo deve ser aceso durante o dia, exceto para o homa diário. Cuidado específico deve ser tomado com os fogos em forjas e quartos de resguardo. Fogos mantidos dentro das casas dos habitantes devem estar bem cobertos. Para a proteção eficaz da cidade, deve ser proclamado que um castigo merecido será dado à pessoa que acender fogos durante o dia. Durante tais épocas, todos os mendigos, eunucos, lunáticos, e mímicos, devem, ó principal dos homens, ser expulsos da cidade, pois se lhes for permitido permanecer, o mal se seguirá. Em lugares de reunião pública, em tirthas, em assembléias, e nas casas dos cidadãos, o rei deve colocar espiões competentes. (Os tirthas são dezoito em número, tais como a sala de conselho etc.) O rei deve fazer estradas amplas serem construídas e ordenar que lojas, e lugares para a distribuição de água, sejam abertos em localizações apropriadas. Depósitos (de diversos artigos necessários), arsenais, campos e quartéis para soldados, lugares para manter cavalos e elefantes, acampamentos de soldados, trincheiras, ruas e trilhas, casas e jardins para retiro e divertimento, devem ser ordenados de maneira que suas posições não possam ser conhecidas por outros, ó Yudhishthira. Um rei que é afligido por um exército hostil deve reunir riqueza, e estocar óleo e gordura e mel, e manteiga clarificada, e remédios de todas as espécies, e carvão e grama munja, folhas, setas, escribas e desenhistas, ervas, combustível, flechas envenenadas, armas de todos os tipos tais como dardos,

espadas, lanças, e outros. O rei deve armazenar tais artigos. Ele deve especialmente manter remédios prontos de todas as espécies, raízes e frutas, os quatro tipos de médicos, atores e dançarinos, atletas, e pessoas capazes de assumir diversos disfarces. Ele deve enfeitar sua capital e alegrar todos os seus súditos. O rei não deve perder tempo em trazer sob seu controle as pessoas que possam inspirá-lo com receio, sejam elas seus empregados ou conselheiros ou cidadãos ou monarcas vizinhos. Depois de alguma tarefa do rei ter sido realizada, ele deve recompensar aqueles que ajudaram em sua realização com riquezas e outros presentes adequados e palavras agradecidas. É declarado nas escrituras, ó encantador dos Kurus, que um rei paga sua dívida (isto é, cumpre suas obrigações com os súditos), quando ele derrota seu inimigo ou o mata completamente. Um rei deve cuidar de sete coisas. Ouça-me enquanto eu as recito. Elas são sua própria pessoa, seus conselheiros, sua tesouraria, sua maquinaria para conceder castigos, seus amigos, suas províncias, e sua capital. Ele deve proteger com cuidado seu reino que consiste nestes sete membros. O rei, ó tigre entre homens, que está familiarizado com o agregado de seis, o agregado triplo, e o agregado superior de três, consegue ganhar a soberania da terra inteira. Escute, ó Yudhishthira, ao que tem sido chamado de agregado de seis. Estes são governar em paz depois da conclusão de um tratado (com o inimigo), marchar para a batalha, produzir desunião entre o inimigo, concentrar forças para inspirar medo no inimigo, prontidão para a guerra com disposição para a paz, e aliança com outros. Escute agora com atenção ao que tem sido chamado de agregado triplo. Eles são diminuição, manutenção de que há, e crescimento. O agregado superior de três consiste em Virtude, Lucro e Prazer. Estes devem ser buscados judiciosamente. Pela ajuda da virtude, um rei consegue governar a terra para sempre. Sobre este assunto, o filho de Angirasa, o próprio Vrihaspati, cantou dois versos. Abençoado sejas tu, ó filho de Devaki, cabe a ti ouvi-los. 'Tendo cumprido todos os seus deveres e tendo protegido a terra, e tendo também protegido suas cidades, um rei obtém grande felicidade no céu. O que são penitências para aquele rei que protege seu povo devidamente, e que necessidade ele tem de sacrifícios? Tal rei deve ser considerado como alguém conhecedor de toda a virtude!'"

Yudhishthira disse, 'Há a ciência de punição, há o rei, e há os súditos. Diga-me, ó avô, que vantagem é derivada por um destes dos outros.'

Bhishma disse, 'Ouça, ó rei, como eu descrevo, ó Bharata, a grande bem-aventurança da ciência de punição, em palavras sagradas de grave importância. A ciência de punição força todos os homens à observância dos deveres de suas respectivas classes. Devidamente administrada, ela força as pessoas a atos virtuosos. Quando as quatro classes se encarregam de suas respectivas funções, quando todas as barreiras salutares são mantidas, quando a paz e a felicidade são feitas fluírem da ciência de punição, quando as pessoas ficam livres de todo o medo, e as três classes superiores se esforçam, de acordo com seus respectivos deveres, para manter a harmonia, saiba que os homens se tornam realmente felizes em tais épocas. Se é o rei que faz a era, ou, se é a era que faz o rei, é uma questão sobre a qual tu não deves nutrir qualquer dúvida. A verdade é que o rei

faz a era. Quando o rei governa com uma completa e rigorosa confiança na ciência de castigo, é dito que a principal das eras chamada Krita então inicia. A Justiça se estabelece na era Krita. Nada de injustiça existe então. Os corações dos homens pertencentes a todas as quatro classes não têm nenhum prazer na falta de retidão. Sem dúvida, todos os homens conseguem adquirir os objetos que eles desejam e preservar aqueles que foram adquiridos. Todos os ritos Védicos se tornam produtivos de mérito. Todas as estações se tornam prazerosas e livres do mal. A voz, pronúncia, e mentes de todos os homens se tornam claras e alegres. As doenças desaparecem e todos os homens vivem por muito tempo. Esposas não se tornam viúvas, e nenhuma pessoa se torna avarenta. A terra produz colheitas sem ser cultivada, e ervas e plantas crescem em exuberância. Cascas de árvores, folhas, frutas, e raízes se tornam vigorosas e abundantes. Nenhuma maldade é vista. Nada exceto a justiça existe. Saiba que estas são as características, ó Yudhishthira, da era Krita. Quando o rei confia em somente três das quatro partes da ciência de punição omitindo uma quarta, a era chamada Treta começa. Uma quarta parte de injustiça se segue à tal observância de três quartos (da grande ciência). A terra produz colheitas mas espera por cultivo. As ervas e plantas crescem (dependendo do cultivo). Quando o rei observa apenas a metade da grande ciência, omitindo a outra metade, então a era que começa se chama Dwapara. Uma metade de injustiça se segue à tal observância de metade da grande ciência. A terra requer cultivo e produz colheitas pela metade. Quando o rei, abandonando totalmente a grande ciência, oprime seus súditos por meio de medidas más de diversos tipos, a era que se estabelece é chamada Kali. Durante a era chamada Kali, a injustiça se torna plena e nada de justiça é visto. Os corações dos homens, de todas as classes, se desviam de seus respectivos deveres. Sudras vivem por adotar vidas de mendicância, e Brahmanas vivem por servir outros. Os homens fracassam em adquirir os objetos que desejam e em preservar aqueles já adquiridos. Ocorre uma mistura das quatro classes. Os ritos Védicos falham em produzir resultados. Todas as estações cessam de ser prazerosas e se tornam repletas de males. A voz, pronúncia, e mentes dos homens perdem vigor. Doenças aparecem, e homens morrem prematuramente. Esposas se tornam viúvas, e muitos homens cruéis são vistos. As nuvens não derramam chuvas de acordo com as estações, e as colheitas mínguam. Todas as espécies de umidade também são insuficientes, quando o rei não protege súditos com atenção apropriada à grande ciência. O rei é o criador da era Krita, da Treta, e da Dwapara. O rei é a causa da quarta era (chamada Kali). Se ele causa a era Krita, ele alcança o céu eterno. Se ele causa a era Treta, ele adquire o céu por um período que é limitado. Se ele causa a Dwapara, ele alcança a bem-aventurança no céu de acordo com a medida de seus méritos. Por causar a era Kali, o rei incorre em uma carga pesada de pecado. Maculado pela maldade, ele apodrece no inferno por incontáveis anos, pois afundando nos pecados de seus súditos, ele mesmo incorre em grande pecado e infâmia. Mantendo a grande ciência em sua vista, o Kshatriya possuidor de conhecimento deve se esforçar para adquirir aqueles objetos os quais ele deseja e proteger aqueles que já foram adquiridos. A ciência de castigo, que coloca todos os homens no cumprimento de seus respectivos deveres, que é o fundamento de todas as distinções salutares, e que realmente mantém o mundo e o põe em andamento, se devidamente

administrada, protege todos os homens como a mãe e o pai protegendo seus filhos. Saiba, ó touro entre homens, que as próprias vidas das criaturas dependem disto. O mais alto mérito que um rei pode adquirir é ter o entendimento da ciência de castigo e administrá-la apropriadamente. Portanto, ó tu da linhagem de Kuru, proteja teus súditos justamente, com a ajuda daquela grande ciência. Por proteger os súditos e adotar tal conduta, tu certamente obterás tal bem-aventurança no céu que é de aquisição difícil."

70

"Yudhishthira disse, 'Por adotar aquela conduta, ó tu que estás familiarizado com todos os tipos de comportamento, um rei pode conseguir adquirir facilmente, aqui e após a morte, objetos produtivos de felicidade no fim?'"

"Bhishma disse, 'Há estas trinta e seis virtudes (que um rei deve observar). Elas estão relacionadas com outras trinta e seis. Uma pessoa virtuosa, por atender estas qualidades, pode certamente adquirir grande mérito. O rei deve cumprir seus deveres sem ira e malícia. Ele não deve abandonar a bondade. Ele deve ter fé. Ele deve adquirir riqueza sem perseguição e crueldade. Ele deve procurar o prazer sem apegos. Ele deve, com alegria, proferir o que é agradável, e ser corajoso sem se gabar. Ele deve ser generoso mas não deve fazer doações para pessoas que são negligentes. Ele deve ter bravura sem crueldade. Ele deve fazer alianças, evitando aqueles que são pecaminosos. Ele não deve agir com hostilidade em direção a amigos. Ele nunca deve empregar pessoas que não são leais a ele como seus espiões e agentes secretos. Ele nunca deve realizar seus objetivos pela opressão. Ele nunca deve revelar seus propósitos perante pessoas que são más. Ele deve falar dos méritos de outros mas nunca dos seus próprios. Ele deve tirar riqueza de seus súditos, mas nunca daqueles que são bons. Ele nunca deve empregar ou receber a ajuda de pessoas que são perversas. Ele nunca deve infligir castigo sem uma investigação cuidadosa. Ele nunca deve revelar seus planos. Ele deve doar, mas não para pessoas que são cobiçosas. Ele deve depositar confiança em outros mas nunca naqueles que o ofenderam. Ele não deve nutrir malícia. Ele deve proteger suas esposas. Ele deve ser puro e não deve ser sempre comovido por compaixão. Ele não deve se viciar muito em companhia feminina. Ele deve ingerir alimento saudável e nunca aquele que não o é. Ele deve sem orgulho prestar honras àqueles que as merecem, e servir seus preceptores e mais velhos com sinceridade. Ele deve adorar os deuses sem orgulho. Ele deve procurar prosperidade, mas nunca fazer qualquer coisa que traga infâmia. Ele deve servir (seus superiores) com humildade. Ele deve ser inteligente nos negócios mas deve sempre esperar pela hora apropriada. Ele deve confortar homens e nunca os mandar embora com palavras vazias. Tendo favorecido uma pessoa, ele não deve abandoná-la. Ele nunca deve atacar em ignorância. Tendo matado seu inimigo ele nunca deve ceder à tristeza. Ele deve mostrar moderação, mas nunca deve fazer isto quando não há ocasião. Ele deve ser brando, mas nunca para aqueles que ofenderam. Te comporte dessa maneira enquanto governares teu reino se tu desejas ter prosperidade. O rei que se

comporta de outra maneira incorre em grande perigo. Aquele rei que observa todas essas virtudes que eu mencionei colhe muitas bênçãos na terra e recompensas grandiosas no céu.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras do filho de Santanu, o rei Yudhishthira, dócil em receber instruções, possuidor de grande inteligência, e protegido por Bhima e outros, então adorou seu avô e daquele tempo em diante começou a reinar de acordo com aquele ensinamento.'"

71

Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, de que maneira o rei deve proteger seus súditos de modo a poder evitar a aflição e a não pecar contra a justiça?'"

"Bhishma disse, 'Eu recitarei, ó rei, aqueles deveres eternos em resumo, pois se eu fosse mencioná-los em detalhes, eu nunca alcançaria seu fim. Tu deves adorar aqueles Brahmanas que são dedicados a seus deveres, possuidores de conhecimento, constantes em cultuar os deuses, cumpridores de votos superiores, e dotados de outros talentos, quando eles chegam à tua residência, e empregá-los em oficiar em teus sacrifícios. Com teu sacerdote te acompanhando, te deves te levantar quando eles se aproximarem, e tocar e venerar seus pés, e fazer todos os outros atos que sejam necessários. Fazendo estas ações de piedade e cumprindo outras ações que são para o teu próprio bem, tu deves (por meio de presentes) fazer aqueles Brahmanas proferirem bênçãos sobre ti para o sucesso de teus propósitos. Dotado de sinceridade, e sabedoria e inteligência, ó Bharata, tu deves adotar a verdade e evitar luxúria e ira. Aquele rei tolo que busca Lucro sem se afastar da luxúria e da ira, fracassa em adquirir virtude e no final sacrifica o Lucro também. Nunca empregue aqueles que são cobiçosos e tolos em questões ligadas com Prazer e Lucro. Tu deves sempre empregar em todas as tuas ações aqueles que são livres de cobiça e possuidores de inteligência. Maculados com luxúria e ira e não hábeis nas transações de negócios, pessoas tolas, se investidas com autoridade em questões de Lucro, sempre oprimem o povo por meio de diversas idéias produtivas de prejuízos. Com uma sexta parte sobre justo cálculo, da produção da terra como seu tributo, com multas e confiscos arrecadados de transgressores, com os impostos, em conformidade com as escrituras, sobre comerciantes e negociantes em troca da proteção concedida a eles, um rei deve encher sua tesouraria. Efetuando este justo tributo e governando o reino apropriadamente o rei deve, com atenção, agir de tal maneira que seus súditos não possam sentir a opressão da pobreza. Os homens se tornam profundamente devotados àquele rei que cumpre o dever de proteção devidamente, que é dotado de generosidade, que é firme no cumprimento da justiça, que é vigilante, e que é livre de luxúria e ódio. Nunca deseje encher tua tesouraria por agir injustamente ou por avareza. O rei que não age de acordo com as escrituras fracassa em ganhar riqueza e mérito religioso. O rei que é consciente somente dos meios de adquirir riqueza nunca consegue obter mérito religioso e riqueza. A riqueza também que ele adquire (por tais meios) é vista ser

desperdiçada em objetos indignos. (Se o rei presta atenção somente à aquisição de riqueza, ele pode conseguir obtê-la, mas ele não conseguirá ganhar mérito religioso.) É dito que aquele rei avarento que por insensatez oprime seus súditos por arrecadar impostos não sancionados pelas escrituras prejudica a si mesmo. Como uma pessoa desejosa de leite nunca obtém algum por cortar os úberes de uma vaca, similarmente um reino afligido por meios impróprios nunca produz algum lucro para o rei. (Literalmente, 'nunca floresce.') Aquele que trata uma vaca leiteira com ternura sempre obtém leite dela. Do mesmo modo, o rei que governa seu reino pela ajuda de meios apropriados colhe muitos frutos dele. Por proteger um reino devidamente e governando-o pela ajuda de meios judiciosos, um rei, ó Yudhishthira, pode conseguir sempre obter muita riqueza. A terra, bem protegida pelo rei, produz colheitas e ouro (para o governante e os governados) assim como uma mãe satisfeita produzindo leite para seu filho. Imite o exemplo, ó rei, do floricultor e não do fazedor de carvão. Se tornando assim e cumprindo o dever de proteção, tu poderás desfrutar da terra para sempre. (O produtor de carvão arranca plantas e árvores, e as queima para produzir seu estoque comercial. O floricultor, por outro lado, rega árvores e plantas, e colhe somente a produção delas). Se ao atacar o reino de um inimigo tua tesouraria se esgotar, tu podes reenchê-la por tirar riqueza de todos exceto Brahmanas. Que teu coração não seja movido, mesmo quando tu estiveres em grande infortúnio, ao ver Brahmanas possuidores de riqueza. Eu nem preciso falar então do que tu deves fazer quando estiveres em afluência. Tu deves dar a eles riqueza da melhor maneira que puderes e como eles merecem e protegê-los, confortando-os em todas as ocasiões. Por te comportares deste modo, tu poderás adquirir tais regiões após a morte que são da mais difícil aquisição. Adotando tal comportamento virtuoso, proteja teus súditos. Tu poderás então obter, ó encantador dos Kurus, fama que é eterna, superior, e pura. Proteja teus súditos justamente, ó filho de Pandu, pois nenhum arrependimento ou dor então serão teus. A proteção dos súditos é o maior dever de um rei, já que compaixão por todas as criaturas e protegê-las da injustiça são citados como o mérito mais elevado. Pessoas conhecedoras dos deveres consideram que o maior mérito do rei é quando, dedicado a proteger todas as criaturas, o rei mostra compaixão por elas. O pecado no qual um rei incorre por negligenciar por um único dia a proteção de seus súditos por medo é tal que ele não alcança o fim de seus sofrimentos (por isto) no inferno até depois de mil anos. O mérito que um rei ganha por proteger seus súditos virtuosamente por um único dia é tal que ele desfruta de sua recompensa no céu por dez mil anos. Todas aquelas regiões que são alcançadas pelas pessoas que seguem devidamente os modos de vida Garhasthya, Brahmacharya, e Vanaprastha, são logo alcançadas por um rei somente por proteger seus súditos corretamente. Ó filho de Kunti, cumpra com muito cuidado este dever (de proteção). Tu então obterás a recompensa da justiça e nenhuma dor ou angústia será tua. Ó filho de Pandu, tu obterás grande prosperidade no céu. Mérito como este é impossível de ser obtido por pessoas que não são reis. Uma pessoa, portanto, que é um rei, e nenhuma outra, pode conseguir ganhar tal recompensa de virtude. Possuidor de inteligência, tu obtiveste um reino. Proteja teus súditos honradamente. Gratifique Indra com oferendas de Soma e os amigos e benquerentes com os objetos de seus desejos.'"

72

"Bhishma disse, 'Aquela pessoa, ó rei, que protegeria os bons e puniria os maus, deve ser nomeada como seu sacerdote pelo rei. Em relação a isto é citada a história antiga sobre a conversa entre Pururavas, o filho de Aila, e Matariswan.'"

"Pururavas disse, 'De onde o Brahmana surgiu e de onde surgiram as três outras classes? Por que razão também o Brahmana se tornou o principal? Cabe a ti me dizer tudo isto.'"

"Matariswan respondeu, 'O Brahmana, ó melhor dos reis, surgiu da boca de Brahman. O Kshatriya surgiu de seus dois braços, e o Vaisya de suas duas coxas. Para servir estas três classes, ó soberano de homens, uma quarta classe, isto é, a Sudra, surgiu, sendo criada dos pés (de Brahman). Originalmente criado dessa maneira, o Brahmana tomou nascimento sobre a terra como o senhor de todas as criaturas, seu dever sendo a manutenção dos Vedas e das outras escrituras. Então, para governar a terra e manejar a vara de castigo e proteger todas as criaturas, a segunda classe, isto é, a Kshatriya, foi criada. O Vaisya foi criado para sustentar as duas outras classes e a si mesmo por meio de cultivo e comércio, e finalmente, foi ordenado por Brahman que o Sudra deveria servir as três classes como um criado.'"

"Pururavas disse, 'Diga-me realmente, ó deus dos Ventos, a quem esta terra pertence corretamente. Ela pertence ao Brahmana ou ao Kshatriya?'"

"O deus dos Ventos disse, 'Tudo o que existe no universo pertence ao Brahmana por seu nascimento e precedência. Pessoas familiarizadas com moralidade dizem isto. O que o Brahmana come é dele. O local que ele habita é dele. O que ele doa é dele. Ele merece a veneração de todas as (outras) classes. Ele é o primogênito e o principal. Como uma mulher, na ausência de seu marido, aceita seu irmão mais novo em lugar dele, assim mesmo a terra, por causa da recusa do Brahmana, aceitou o que nasceu em seguida, isto é, o Kshatriya, como seu senhor. Esta é a primeira regra. Em épocas, no entanto, de infortúnio, há uma exceção nisto. Se tu procuras cumprir os deveres da classe e desejas obter o lugar mais alto no céu, então dê para o Brahmana toda a terra que tu possas conseguir conquistar, para ele que é possuidor de erudição e conduta virtuosa, que é conhecedor dos deveres e praticante de penitências, que está satisfeito com os deveres de sua classe e não é cobiçoso de riqueza. O Brahmana bem nascido, possuidor de sabedoria e humildade, guia o rei em todas as questões por sua própria grande inteligência. Por meio de conselhos sensatos ele faz o rei ganhar prosperidade. O Brahmana indica para o rei os deveres que o último deve cumprir. Enquanto um rei sábio, cumpridor dos deveres de sua classe, e desprovido de orgulho, estiver desejoso de escutar às instruções do Brahmana, ele será honrado e desfrutará de fama. O sacerdote do rei, portanto, tem uma parte no mérito que o rei adquire. Quando o rei se comporta dessa forma, todos os seus súditos, confiando nele, se tornam virtuosos em seu comportamento, atentos aos seus

deveres, e livres de todo o medo. O rei obtém uma quarta parte daquelas ações virtuosas que seus súditos, devidamente protegidos por ele, realizam em seu reino. Os deuses, homens, Pitris, Gandharvas, Uragas, e Rakshasas, todos dependem de sacrifícios para seu sustento. Em um país desprovido de um rei não pode haver sacrifício. Os deuses e os Pitris subsistem das oferendas feitas em sacrifícios. Sacrifício, no entanto, depende do rei. Na estação do verão, homens desejam conforto da sombra de árvores, água fresca, e brisas frias. Na estação do inverno eles derivam conforto do fogo, roupas quentes, e do sol. O coração de um homem pode achar prazer no som, toque, gosto, visão, e aroma. O homem, no entanto, que está com medo, não encontra prazer em todas essas coisas. A pessoa que dissipa os temores de homens obtém grande mérito. Não há presente tão valioso nos três mundos quanto o presente da vida. O rei é Indra. O rei é Yama. O rei é Dharma. O rei assume formas diferentes. O rei sustenta e suporta tudo.'"

73

"Bhishma disse, 'O rei, com um olho em mérito religioso e lucro cujas considerações são muitas vezes muito complexas, deve, sem demora, nomear um sacerdote possuidor de erudição e conhecimento profundo dos Vedas e de (outras) escrituras. Aqueles reis que têm sacerdotes possuidores de almas virtuosas e familiarizados com política, e que são eles mesmo possuidores de tais atributos, desfrutam de prosperidade em todas as direções. Ambos, o sacerdote e o rei, devem ter qualidades que sejam dignas de respeito e devem ser cumpridores de votos e penitências. Eles então conseguirão sustentar e engrandecer os súditos e as divindades, os Pitris e os filhos. (Filhos é um eufemismo para súditos). É declarado que eles devem possuir corações parecidos e devem ser amigos um do outro. Por tal amizade entre Brahmana e Kshatriya, os súditos ficam felizes. Se eles não respeitassem um ao outro, a destruição alcançaria o povo. O Brahmana e o Kshatriya são citados como os progenitores de todos os homens. Em relação a isto é citada a antiga história da conversa entre o filho de Aila e Kasyapa. Escute-a, ó Yudhishthira.'"

"Aila disse, 'Quando o Brahmana abandona o Kshatriya ou o Kshatriya abandona o Brahmana, quem entre eles deve ser considerado superior e em quem as outras classes confiam e se mantêm?'"

"Kasyapa disse, 'A ruína toma conta do reino do Kshatriya quando os Brahmanas e Kshatriyas competem entre si. Ladrões infestam o reino no qual confusão prevalece, e todos os homens bons consideram o soberano como um Mlechcha. Seus bois não prosperam, nem seus filhos. Seus potes (de leite) não são batidos, e sacrifícios não são realizados lá. As crianças não estudam os Vedas em reinos onde Brahmanas abandonam Kshatriyas. Em suas casas a riqueza não aumenta. Seus filhos não se tornam bons e não estudam as escrituras nem realizam sacrifícios. Os kshatriyas que abandonam Brahmanas se tornam impuros em sangue e assumem a natureza de ladrões. Os Brahmanas e os

Kshatriyas estão ligados uns aos outros naturalmente, e um protege o outro. O Kshatriya é a causa do crescimento do Brahmana e o Brahmana é a causa do crescimento do Kshatriya. Quando cada um ajuda o outro, ambos obtêm grande prosperidade. Se sua amizade, existindo desde os tempos antigos, se rompe, uma confusão se estabelece sobre tudo. Nenhuma pessoa desejosa de cruzar o oceano da vida tem sucesso em sua tarefa assim como um pequeno barco flutuando na superfície do oceano. As quatro classes de homens ficam confusas e a destruição toma conta de tudo. Se o Brahmana, que é como uma árvore, é protegido, ouro e mel são abundantes. Se, por outro lado, ele não é protegido, então lágrimas e pecados são abundantes. Quando Brahmanas se desviam dos Vedas e (na ausência de um soberano Kshatriya) procuram proteção das escrituras, então Indra não despeja chuva nas épocas apropriadas e diversos tipos de calamidades afligem o reino incessantemente. Quando um canalha pecaminoso tendo matado uma mulher ou um Brahmana não incorre em opróbrio em assembléias de homens e não tem medo do rei, então o perigo ameaça o soberano Kshatriya. Por causa dos pecados cometidos por homens pecaminosos, o deus Rudra aparece no reino. De fato, os pecaminosos por seus pecados trazem sobre eles aquele deus de vingança. Ele então destrói todos, tanto os honestos quanto os maus (sem fazer qualquer distinção).'"

"Aila disse, 'De onde Rudra surgiu? Qual também é sua forma? Criaturas são vistas serem destruídas por criaturas. Diga-me tudo isto, ó Kasyapa! De onde o deus Rudra surge?'"

"Kasyapa disse, 'Rudra existe nos corações dos homens. Ele destrói os próprios corpos nos quais ele habita como também os corpos de outros. Rudra é citado como as visitações atmosféricas e sua forma é como aquela dos deuses do vento.'"

"Aila disse, 'O Vento, por soprar, não destrói visivelmente homens em todas as ocasiões, nem a divindade das nuvens faz isto por despejar chuva. Por outro lado, é visto entre homens que eles perdem a razão e são mortos por luxúria e malícia.'"

"Kasyapa disse, 'O fogo, queimando em uma casa, queima todo um quarteirão ou uma aldeia inteira. Similarmente, essa divindade estupefaz os sentidos de alguns e então aquela estupefação atinge a todos, os honestos e os pecaminosos do mesmo modo, sem qualquer distinção.'"

"Aila disse, 'Se o castigo toca a todos, isto é, os honestos e os maus da mesma maneira, em consequência dos pecados cometidos pelos pecaminosos, por que deveriam os homens, nesse caso, fazer boas ações? De fato, por que eles não deveriam realizar atos pecaminosos?'"

"Kasyapa disse, 'Por evitar qualquer ligação com os pecaminosos, uma pessoa se torna pura e imaculada. No entanto, por se misturar como os pecaminosos, os impecáveis são alcançados pelo castigo. Madeira molhada, se misturada com madeira seca, é consumida pelo fogo por causa de tal co-existência. O impecável, portanto, nunca deve se misturar com o pecaminoso.'"

"Aila disse, 'A terra mantém os honestos e os maus. O sol aquece os honestos e os maus. O vento sopra igualmente para eles. A água os limpa igualmente.'"

"Kasyapa disse, 'Tal, de fato, é o andamento deste mundo, ó príncipe! Não é assim, no entanto, após a morte. No outro mundo, há grande diferença de condição entre a pessoa que age corretamente e aquela que age pecaminosamente. As regiões que homens meritórios alcançam são cheias de mel e possuidoras do esplendor do ouro ou de um fogo sobre o qual tem sido despejada manteiga clarificada. Aquelas regiões também são comparadas ao centro da ambrosia. A pessoa meritória desfruta de grande felicidade lá. Lá não há morte, velhice, nem tristeza. A região para os pecaminosos é o inferno. Escuridão e dor contínua existem lá, e ela é cheia de tristeza. Afundando em infâmia, o homem de atos pecaminosos se atormenta com remorso lá por muitos anos. Pela desunião entre Brahmanas e Kshatriyas, aflições insuportáveis afligem as pessoas. Sabendo disto, um rei deve nomear um sacerdote (Brahmana) possuidor de experiência e amplo conhecimento. Um rei deve primeiro instalar o sacerdote em seu ofício, e então fazer sua própria coroação. Isto é declarado nas ordenanças. As ordenanças declaram que o Brahmana é a mais importante de todas as criaturas. Homens familiarizados com os Vedas dizem que o Brahmana foi criado primeiro. Pela precedência de seu nascimento, todas as coisas que são boas neste mundo estão investidas nele. O dono legítimo de todas as melhores coisas que fluíram do Criador, o Brahmana é também, por tal precedência, digno do respeito e do culto de todas as criaturas. Um rei, embora poderoso, deve, segundo os ditames das escrituras, conceder ao Brahmana tudo o que é bom e notável acima das outras coisas. O Brahmana contribui para o engrandecimento do Kshatriya, e o Kshatriya para o engrandecimento do Brahmana. Brahmanas devem, portanto, ser especialmente e sempre adorados pelos reis.'"

74

"Bhishma disse, 'É dito que a conservação e o crescimento do reino dependem do rei. A conservação e o crescimento do rei dependem do sacerdote do rei. O reino desfruta de felicidade verdadeira quando os medos invisíveis dos súditos são dissipados pelo Brahmana e todos os medos visíveis são dissipados pelo rei com o poder de suas armas. Em relação a isto é citada a narrativa antiga da conversa entre o rei Muchukunda e Vaisravana. O rei Muchukunda, tendo subjugado a terra inteira, foi ao senhor de Alaka para testar sua força. O rei Vaisravana criou (por meio de poder ascético) uma grande tropa de Rakshasas. Estes oprimiram as tropas lideradas por Muchukunda. Vendo o massacre de seu exército, o rei Muchukunda, ó castigador de inimigos, começou a repreender seu próprio sacerdote erudito (Vasishtha). Então aquela principal das pessoas justas, isto é, Vasishtha, passou por penitências muito rígidas e, fazendo aqueles Rakshasas serem mortos, averiguou a verdadeira conduta à qual Muchukunda estava inclinado. Quando as tropas do rei Vaisravana estavam sendo massacradas, ele se mostrou para Muchukunda e disse estas palavras.'"

"O Senhor dos tesouros disse, 'Muitos reis de antigamente, mais poderosos do que tu, ajudados por seus sacerdotes, nunca se aproximaram de mim dessa maneira. Todos eles eram hábeis com armas e todos eles eram possuidores de poder. Considerando-me como o concessor de bem-estar e miséria, eles se aproximaram de mim para oferecer culto. Na verdade, se tu tem poder de armas, cabe a ti mostrar isto. Por que tu ages tão orgulhosamente, ajudado pelo poder Brahmana?' Enfurecido por estas palavras, Muchukunda, sem orgulho e sem medo, disse para o senhor dos tesouros estas palavras repletas de razão e justiça, 'Brahman nascido por si mesmo criou o Brahmana e o Kshatriya. Eles têm uma origem comum. Se eles aplicarem suas forças separadamente, eles nunca serão capazes de sustentar o mundo. O poder de penitência e mantras foi concedido aos Brahmanas; a força de braços e de armas foi concedida aos Kshatriyas. Engrandecidos por ambos os tipos de poder, reis devem proteger seus súditos. Eu estou agindo dessa maneira. Por que tu, ó senhor de Alaka, me repreendes então?' Assim endereçado, Vaisravana disse a Muchukunda e a seu sacerdote, 'Eu nunca, sem ser ordenado pelo (auto-criado) concedo a soberania a alguém. Nem, sem ser ordenado, a tiro de alguém. Saiba disto, ó rei! Governe então a terra inteira sem fronteiras.' Assim endereçado, o rei Muchukunda respondeu, dizendo, 'Eu, ó rei, não desejo desfrutar da soberania obtida como presente de ti! Eu desejo desfrutar da soberania obtida pela força de meus próprios braços!'"

"Bhishma continuou, 'A estas palavras de Muchukunda, Vaisravana, vendo o rei destemido no cumprimento dos deveres Kshatriya, ficou surpreso. O rei Muchukunda, dedicado aos deveres Kshatriya, continuou a governar a terra inteira obtida pelo poder de seus próprios braços. O rei virtuoso que governa seu reino, ajudado por e concedendo precedência ao Brahmana, consegue subjugar a terra inteira e obter fama grandiosa. O Brahmana deve todos os dias realizar seus ritos religiosos e o Kshatriya deve estar sempre armado com armas. Entre todos eles são os donos legítimos de tudo no mundo.'"

75

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, por qual conduta um rei consegue engrandecer seus súditos e alcançar regiões de felicidade no outro mundo.'"

"Bhishma disse, 'O rei deve ser generoso e deve realizar sacrifícios, ó Bharata! Ele deve ser cumpridor de votos e penitências, e deve ser dedicado ao dever de proteger seus súditos. Protegendo justamente todos os seus súditos, ele deve honrar todas as pessoas virtuosas por se levantar quando elas se aproximam e por fazer presentes a elas. Se o rei a respeita, a virtude se torna respeitada em todos os lugares. Quaisquer atos e coisas que são apreciados pelo rei são apreciados por seus súditos. Para seus inimigos o rei deve ser sempre como a Morte, com a vara de castigo sempre erguida em suas mãos. Ele deve exterminar ladrões em todos os lugares em seu reino e nunca perdoar qualquer um por capricho. O rei, ó Bharata, ganha uma quarta parte do mérito que seus súditos ganham sob sua proteção. Somente por proteger seus súditos o rei adquire uma

quarta parte do mérito que eles adquirem por meio de estudo, por donativos, por despejar libações, e por cultuar os deuses. O rei adquire uma quarta parte também do pecado que seus súditos cometem por causa de qualquer necessidade no reino resultante da negligência do rei em cumprir o dever de proteção. Alguns dizem que o rei ganha uma metade, e alguns dizem que ele ganha a medida inteira, de qualquer pecado que seja causado por ele se tornar cruel e falso em palavras. Escute agora aos meios pelos quais o rei pode ser purificado de tais pecados. Se o rei falha em restituir para um súdito a riqueza que foi roubada por ladrões, ele deve então indenizar o prejudicado a partir de sua própria tesouraria, ou, em caso de incapacidade, com riqueza obtida de seus dependentes. Todas as classes devem proteger a riqueza de um Brahmana assim como elas protegeriam o filho ou a vida de um Brahmana. A pessoa que peca contra Brahmanas deve ser exilada do reino. Tudo é protegido por proteger a riqueza do Brahmana. Pela graça do Brahmana, a qual pode ser assegurada dessa maneira, o rei se torna coroado com sucesso. Homens procuram a proteção de um rei competente assim como criaturas procurando alívio das nuvens ou aves procurando refúgio em uma árvore grande. Um rei cruel e cobiçoso, com alma lasciva e sempre procurando a satisfação de seu desejo nunca consegue proteger seus súditos.'"

"Yudhishthira, disse, 'Eu não desejo, nem por um momento, a felicidade que a soberania concede ou a própria soberania por si mesma. Eu a desejo, no entanto, pelo mérito que se pode adquirir dela. Me parece que nenhum mérito é ligado a ela. Não há necessidade então da soberania pela qual nenhum mérito pode ser adquirido. Eu irei, portanto, me retirar para as florestas pelo desejo de ganhar mérito. Colocando de lado a vara de castigo, e subjugando meus sentidos, eu irei para as florestas que são sagradas e procurarei adquirir o mérito da virtude por me tornar um asceta subsistindo de frutas e raízes.'"

"Bhishma disse, 'Eu sei, ó Yudhishthira, qual é a natureza do teu coração, e quão inofensiva é tua disposição. Tu não irás, no entanto, somente pela inofensividade, ter sucesso em governar teu reino. Teu coração é inclinado para a suavidade, tu és compassivo, e tu és extremamente justo. Tu és sem firmeza, e tu és virtuoso e cheio de piedade. O povo, portanto, não te respeita muito. Siga a conduta de teu pai e avô. Reis nunca devem adotar aquela conduta que tu desejas adotar. Nunca seja tocado por tal ansiedade (depois de fazer teu dever), e nunca adote tal inofensividade de conduta. Por te tornares assim, tu não conseguirás ganhar aquele mérito de justiça que provém de proteger os súditos. O comportamento que tu desejas adotar, impelido por tua própria inteligência e sabedoria, não é compatível com aquelas bênçãos as quais teu pai Pandu e tua mãe Kunti costumavam pedir para ti. Teu pai sempre pediu para ti coragem, poder, e veracidade. Kunti sempre pediu para ti magnanimidade e generosidade. As oferendas com Swaha e Swadha em Sraddhas e sacrifícios são sempre pedidos de filhos pelos Pitris e as divindades. Se caridade e estudo e sacrifícios e a proteção de súditos são meritórios ou pecaminosos, tu nasceste para praticá-los e realizá-los. A fama, ó filho de Kunti, nunca é deslustrada de homens que até fracassam em aguentar as cargas que são colocadas sobre eles e às quais eles

estão unidos em vida. Até um cavalo, se devidamente treinado, consegue suportar, sem cair, uma carga. (O que dizer então de ti que és um ser humano?) Uma pessoa não incorre em crítica somente se seus atos e palavras forem apropriados, pois o sucesso é citado como dependente de ações (e palavras). Nenhuma pessoa, seja ele um homem seguindo virtuosamente o modo de vida familiar, ou seja ele um rei, ou seja ele um Brahmacharin, alguma vez conseguiu se conduzir sem dar passos curtos. É melhor fazer uma ação que é boa e na qual há um pequeno mérito do que se abster totalmente de todas as ações, pois a total abstenção de ações é muito pecaminosa. Quando uma pessoa justa e de nascimento nobre consegue obter riqueza, o rei então consegue obter prosperidade em todos os seus assuntos. Um rei virtuoso, tendo obtido um reino, deve procurar subjugar alguns por meio de presentes, alguns pela força, e alguns por palavras gentis. Não há ninguém mais virtuoso do que ele em quem pessoas eruditas e nobres de nascimento confiam por medo de perder seus meios de sustento e dependendo de quem eles vivem em contentamento.'"

"Yudhishthira disse, 'Quais atos, ó senhor, conduzem ao céu? Qual é a natureza da grande felicidade que é derivada deles? Qual também é a prosperidade superior que pode ser obtida disto? Diga-me tudo isso, se tu sabes.'"

"Bhishma disse, 'O homem de quem uma pessoa afligida com medo obtém alívio mesmo que por um momento, é o mais digno do céu entre nós. Isto que eu te digo é realmente verdadeiro. Seja alegremente o rei dos Kurus, ó principal da linhagem de Kuru, alcance o céu, proteja os bons e mate os maus. Que teus amigos, junto com homens honestos, derivem seu sustento de ti, como todas as criaturas da divindade das nuvens e como aves de uma árvore grande com frutos deliciosos. Homens procuram a proteção daquele que é digno, corajoso, capaz de castigar, compassivo, com sentidos sob controle, afetuoso em direção a todos, equitativo, e justo.'"

76

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, entre os Brahmanas alguns estão engajados nos deveres apropriados para sua classe, enquanto outros estão dedicados a outros deveres. Diga-me a diferença entre estas duas classes!'"

"Bhishma disse, 'Aqueles Brahmanas, ó rei, que possuem conhecimento e caráter beneficente, e olham para todas as criaturas imparcialmente, são citados como sendo iguais a Brahma. Aqueles que são familiarizados com os Riks, os Yajuses e os Samans, e que estão dedicados às práticas de sua classe, são, ó rei, iguais aos próprios deuses. Aqueles, no entanto, entre eles que não são bem nascidos nem dedicados aos deveres de sua classe, e são, além disso, apegados a práticas más, são como Sudras. Um rei virtuoso deve cobrar tributo de e recrutar sem pagamento para o serviço público aqueles Brahmanas que não possuem saber Védico e que não têm seus próprios fogos para culto. Aqueles que são empregados em cortes de justiça para convocar pessoas, os que realizam culto

para outros por uma taxa, os que realizam os sacrifícios de Vaisyas e Sudras, os que oficiam em sacrifícios em nome de uma aldeia inteira, e os que fazem viagens no oceano, estes cinco são considerados como Chandalas entre Brahmanas. Aqueles entre eles que se tornam Ritwikas (sacerdotes empregados em ocasiões especiais), Purohitas (que sempre agem como sacerdotes), conselheiros, enviados, e mensageiros, se tornam, ó rei, iguais a Kshatriyas. Aqueles entre eles que montam cavalos ou elefantes ou carros ou se tornam soldados de infantaria, se tornam, ó rei, iguais a Vaisyas. Se a tesouraria do rei não está cheia, ele pode cobrar tributos deles. Ao cobrar tributo, o rei, no entanto, deve excluir aqueles Brahmanas que são (por sua conduta) iguais aos deuses ou Brahma. Os Vedas dizem que o rei é o senhor da riqueza que pertence a todas as classes exceto Brahmanas. Ele pode pegar a riqueza daqueles Brahmanas também que se desviaram de seus deveres legítimos. O rei nunca deve ser indiferente em direção àqueles Brahmanas que não são cumpridores de seus deveres. Para fazer seu povo virtuoso, ele deve puni-los e separá-los de seus superiores. O rei, ó monarca, em cujos territórios um Brahmana se torna um ladrão, é considerado pelos eruditos como sendo o autor daquele delito. Pessoas conhecedoras dos Vedas declaram que se um Brahmana versado nos Vedas e praticante de votos se torna, por falta de sustento, um ladrão, é o dever do rei prover seu sustento. Se, depois do fornecimento para seu sustento ter sido feito, ele não se abstiver do roubo ele deve então, ó opressor de inimigos, ser banido do reino com todos os seus parentes.'"

77

"Yudhishthira disse, 'Da riqueza de quem, ó touro da raça Bharata, o rei deve ser considerado senhor? E qual conduta também o rei deve adotar? Discorra para mim sobre isto, ó avô.'"

"Bhishma disse, 'Os Vedas declaram que o rei é senhor da riqueza que pertence a todas as pessoas exceto Brahmanas, como também daqueles Brahmanas que não são cumpridores de seus próprios deveres. O rei não deve poupar aqueles Brahmanas que não são cumpridores de suas funções. Os virtuosos dizem que este é o antigo costume dos reis. O rei, ó monarca, em cujo domínio um Brahmana se torna um ladrão, é considerado como o autor daquele delito. É o rei que se torna pecaminoso por causa disso. Por causa de tal circunstância, reis se consideram como merecedores de repreensão. Todos os reis justos, portanto, fornecem aos Brahmanas os meios de sustento. Em relação a isto é citada a antiga narrativa do discurso feito pelo rei dos Kaikeyas para um Rakshasa enquanto o último estava prestes a raptá-lo. De votos rígidos e possuidor de saber Védico, o rei dos Kaikeyas, ó monarca, enquanto vivia nas florestas, foi agarrado violentamente em certa ocasião por um Rakshasa.'"

"O rei disse, 'Não há ladrão em meus territórios, nem qualquer pessoa de comportamento pecaminoso, nem alguém que bebe álcool. Não há ninguém em meus domínios que não tenha seu fogo sagrado ou que não realize sacrifícios.

Como então tu podes possuir meu coração? Não há Brahmana em meus domínios que não possua erudição ou que não seja praticante de votos ou que não tenha bebido Soma. Não há ninguém que não tenha seu fogo sagrado ou que não realize sacrifícios. Como então tu podes possuir minha alma? Em meus domínios nenhum sacrifício é realizado sem completá-lo por meio de Dakshina. Ninguém em meus domínios que não é cumpridor de votos estuda os Vedas. Como então tu podes possuir minha alma? Os Brahmanas em meu reino ensinam, estudam, sacrificam, oficiam em sacrifícios de outros, dão e recebem doações. Todos eles são praticantes destes seis atos. Os Brahmanas em meu reino são todos dedicados à realização dos deveres de sua classe. Adorados e providos, eles são brandos, e sinceros em palavras. Como então tu podes possuir minha alma? Os Kshatriyas em meu reino são todos dedicados aos deveres de sua classe. Eles nunca mendigam, mas doam, e estão familiarizados com verdade e virtude. Eles nunca ensinam, mas estudam, e realizam sacrifícios mas nunca oficiam nos sacrifícios de outros. Eles protegem os Brahmanas e nunca fogem da batalha. Como então tu podes possuir minha alma? Os Vaisyas em meus domínios são todos cumpridores dos deveres de sua classe. Com simplicidade e sem fraude eles derivam seu sustento da agricultura, criação de gado, e comércio. Eles são todos cuidadosos, observadores de ritos religiosos e votos excelentes, e sinceros em palavras. Eles dão para convidados o que lhes é devido, e são autocontrolados, e puros, e afeiçoados a seus parentes amigos. Como então tu podes possuir meu coração? Os Sudras em meu reino, cumpridores das funções de sua classe, servem humildemente e devidamente as outras três classes sem nutrir qualquer malícia em direção a eles. Como então tu és capaz de possuir meu coração? Eu sustento os incapacitados e os idosos, os fracos, os doentes, e as mulheres (sem protetores), por fornecer a eles todos os artigos que lhes são necessários. Como então tu podes possuir meu coração? Eu nunca sou um exterminador dos costumes especiais de famílias e de países que existem devidamente desde os tempos antigos. Como então tu podes possuir meu coração? Os ascetas em meu reino são protegidos e reverenciados. Eles são sempre honrados e entretidos com alimentos. Como então tu podes possuir meu coração? Eu nunca como sem alimentar outros de meus pratos. Eu nunca vou às esposas de outros homens. Eu nunca me divirto ou passo o tempo sozinho. Como então tu podes possuir meu coração? Ninguém em meu reino que não seja um Brahmacharin mendiga sua comida, e ninguém que leva o modo de vida Bhikshu deseja ser um Brahmacharin. Ninguém que não seja um Ritwij despeja libações (de manteiga clarificada) sobre o fogo sacrifical. Como então tu podes possuir minha alma? Eu nunca desrespeitei os eruditos ou os idosos ou aqueles que são dedicados a penitências. Quando toda a população dorme, eu me mantenho acordado (para vigiar e proteger). Como então tu podes possuir meu coração? Meu sacerdote possui auto-conhecimento. Ele é dado a penitências, e está familiarizado com todos os deveres. Possuidor de grande inteligência, ele tem todo o poder sobre o meu reino. Por meio de doações eu desejo adquirir conhecimento, e pela verdade e proteção aos Brahmanas, eu desejo alcançar regiões de bem-aventurança no céu. Pelo serviço eu me uno a meus preceptores, eu não tenho medo de Rakshasas. Em meu reino não há viúvas, nem Brahmana maus, nenhum Brahmana que se desviou de seus deveres, nenhuma pessoa enganadora,

nenhum ladrão, nenhum Brahmana que oficia nos sacrifícios de pessoas para quem ele nunca deve oficiar, e nenhum perpetrador de atos pecaminosos. Eu não tenho medo de Rakshasas. Não há espaço em meu corpo, nem da largura de dois dedos, que não tenha a cicatriz de um ferimento de arma. Eu sempre luto pela justiça. Como tu podes possuir meu coração? As pessoas do meu reino sempre invocam bênçãos sobre mim para que eu possa sempre proteger as vacas e os Brahmanas e realizar sacrifícios. Como então tu podes me possuir?'"

"O Rakshasa disse, 'Já que tu és cumpridor dos deveres sob todas as circunstâncias, portanto, ó rei dos Kaikeyas, volte para tua residência. Abençoado sejas, eu te deixo. Aqueles, ó rei dos Kaikeyas, que protegem as vacas e os Brahmanas e todos os seus súditos não têm nada a temer de Rakshasas, e muito menos de pessoas pecaminosas. Os reis que dão a liderança para Brahmanas e cujo poder depende daquele dos Brahmanas, e cujos súditos cumprem os deveres de hospitalidade, sempre conseguem alcançar o céu.'"

"Bhishma continuou, 'Tu deves, portanto, proteger os Brahmanas. Protegidos por ti, eles te protegerão em retorno. Suas bênçãos, ó rei, seguramente descem sobre reis de comportamento justo. Por causa da justiça, aqueles Brahmanas que não são cumpridores dos deveres de sua classe devem ser castigados e separados (em uma classe distinta) de seus superiores. Um rei que se comporta dessa maneira para com o povo de sua cidade e das províncias, obtém prosperidade aqui e residência no céu com Indra.'"

78

"Yudhishthira disse, 'É dito que em épocas de infortúnio um Brahmana pode se sustentar pela prática das funções Kshatriya. Ele pode, no entanto, em qualquer tempo, se sustentar pela prática das funções prescritas para os Vaisyas?'"

"Bhishma disse, 'Quando um Brahmana perde seus meios de sustento e cai em infortúnio, ele pode certamente se dirigir às práticas de um Vaisya e derivar seu sustento por meio de agricultura e criação de gado, se, é claro, ele for incompetente para as funções Kshatriya.'"

"Yudhishthira disse, 'Se um Brahmana, ó touro da raça Bharata, se dirige às funções de um Vaisya, quais artigos ele pode vender sem perder sua perspectiva de céu?'"

"Bhishma disse, 'Vinhos, sal, sementes de gergelim, animais que têm crinas, touros, mel, carne, e alimentos cozidos, ó Yudhishthira, sob todas as circunstâncias, um Brahmana deve evitar. Um Brahmana, por vendê-los, cairia no inferno. Um Brahmana, por vender uma cabra, incorre no pecado de vender o deus do fogo; por vender uma ovelha, no pecado de vender o deus da água; por vender um cavalo, no pecado de vender o deus do sol; por vender alimento cozido, no pecado de vender terra; e por vender uma vaca, no pecado de vender sacrifício e o suco Soma. Estes, portanto, não devem ser vendidos (por um

Brahmana). Aqueles que são bons não aprovam a compra de alimento não cozido por dar alimento cozido em troca. Alimento não cozido, no entanto, pode ser dado para obter alimento cozido, ó Bharata! 'Nós comeremos esta tua comida cozida. Tu podes cozinhar estas coisas cruas (que nós damos em troca).' Em um acordo deste tipo não há pecado. Escute, ó Yudhishthira, eu te falarei da prática eterna, existindo desde antigamente, de pessoas que se comportam segundo os costumes aprovados. 'Eu te dou isto. Dê-me esta outra coisa em troca.' Permuta por tal acordo é justa. Pegar coisas pela força, no entanto, é pecaminoso. Tal é o método do costume seguido pelos Rishis e outros. Sem dúvida, isto é justo.'"

"Yudhishthira disse, 'Quando, ó senhor, todas as classes, abandonando seus respectivos deveres, pegam armas contra o rei, então, é claro, o poder do rei decresce. Por quais meios o rei então deve se tornar o protetor e o refúgio do povo? Resolva esta minha dúvida, ó rei, por me falar em detalhes.'"

"Bhishma disse, 'Por donativos, por penitências, por sacrifícios, por quietude, e por autodomínio, todas as classes encabeçadas pelos Brahmanas devem, em tais ocasiões, buscar seu próprio bem. Aqueles entre eles que são dotados de força Védica, devem se erguer de todos os lados e como os deuses fortalecendo Indra contribuir (por meio de ritos Védicos) para aumentar a força do rei. Os Brahmanas são citados como o refúgio do rei quando seu poder sofre decadência. Um rei sábio procura o aumento de seu poder por meio do poder dos Brahmanas. Quando o rei, coroado com vitória, procura a restabelecimento da paz, todas as classes então se dirigem para seus respectivos deveres. Quando ladrões, quebrando todas as restrições, espalham a devastação, todas as classes podem pegar armas. Por fazer isso elas não incorrem em pecado, ó Yudhishthira!'"

"Yudhishthira disse, 'Se todos os Kshatriyas se tornarem hostis em direção aos Brahmanas, quem então protegerá os Brahmanas e seus Vedas? Qual então deve ser o dever dos Brahmanas e quem será seu refúgio?'"

"Bhishma disse, 'Por penitências, por Brahmacharya, por armas, e por força (física), aplicados com ou sem a ajuda de fraude, os Kshatriyas devem ser subjugados. Se os Kshatriyas se comportam impropriamente, especialmente com os Brahmanas, os próprios Vedas os derrotarão. Os Kshatriyas surgiram dos Brahmanas. O fogo surgiu da água; o Kshatriya do Brahmana; e o ferro da pedra. A energia do fogo, o Kshatriya, e o ferro, são irresistíveis. Mas quando eles entram em contato com as fontes de sua origem suas forças vem a ser neutralizadas. Quando o ferro golpeia a pedra, ou o fogo luta com a água, ou o Kshatriya se torna hostil ao Brahmana, então a força de cada daqueles três é destruída. Assim, ó Yudhishthira, energia e poder, por mais que sejam grandes e irresistíveis, dos Kshatriyas são suprimidos tão logo eles são dirigidos contra os Brahmanas. Quando a energia dos Brahmanas se abranda, quando a energia Kshatriya enfraquece, quando todos os homens se comportam mal em direção aos Brahmanas, aqueles que se envolvem em batalha então, abandonando todo o medo da morte, para proteger os Brahmanas, a moralidade, e a si mesmos, aquelas pessoas, movidas por justa indignação e possuidoras de grande força mental, conseguem ganhar regiões sublimes de bem-aventurança após a morte.

Todas as pessoas devem pegar armas por causa dos Brahmanas. As pessoas corajosas que lutam pelos Brahmanas alcançam aquela região feliz no céu que é reservada para pessoas que sempre estudaram os Vedas com atenção, que realizaram as mais rígidas das penitências, e que, depois de jejuarem, abandonaram seus corpos em fogos ardentes. O Brahmana, por pegar armas pelas três classes, não incorre em pecado. As pessoas dizem que não há dever maior do que abandonar a vida sob tais circunstâncias. Eu os reverencio e abençoados sejam eles que sacrificaram suas vidas dessa maneira ao procurarem castigar os inimigos de Brahmanas. Que nós alcancemos aquela região que está planejada para eles. O próprio Manu disse que aqueles heróis vão para a região de Brahman. Como as pessoas ficam purificadas de todos os seus pecados por passarem pelo banho final em um Sacrifício de Cavalo, assim mesmo aqueles que morrem no fio de armas enquanto lutando com pessoas pecaminosas são purificados de seus pecados. A justiça se torna injustiça, e a injustiça se torna justiça, de acordo com hora e lugar. Tal é o poder da hora e lugar (em determinar o caráter de ações humanas). Os amigos da humanidade, mesmo por fazerem atos de crueldade, têm alcançado o céu sublime. Kshatriyas virtuosos, mesmo por fazerem ações pecaminosas, alcançaram fins abençoados. (A alusão é a homens tais como Utanka e Parasara, que embora tenham realizado atos cruéis como o Sacrifício de Cobras e o Sacrifício Rakshasa, tinham entretanto direito ao céu. Assim reis Kshatriya, por invadirem os reinos de seus inimigos e matarem milhares de homens e animais, são entretanto considerados virtuosos e no final das contas vão para o céu.) O Brahmana, por pegar armas nessas três ocasiões, não incorre em pecado, isto é, para proteger a si mesmo, para obrigar as outras classes a se dirigirem para seus deveres, e para castigar ladrões.'"

"Yudhishthira disse, 'Se, quando ladrões erguem suas cabeças e uma mistura de classes começa a ocorrer por confusão, e os Kshatriyas se tornam incompetentes, alguma pessoa poderosa que não um Kshatriya procura subjugar aqueles ladrões para proteger o povo, de fato, ó melhor dos reis, se ocorre de aquela pessoa poderosa ser um Brahmana ou um Vaisya ou um Sudra, e se ele consegue proteger o povo por manejar justamente a vara de castigo, ele é justificado em fazer o que ele faz ou ele é impedido pelas ordenanças de realizar aquele dever? Parece que outros, quando os Kshatriyas demonstram ser tão desprezíveis, devem pegar em armas.'"

"Bhishma disse, 'Seja ele um Sudra ou um membro de alguma outra classe, aquele que se torna uma balsa em uma corrente sem balsa, ou um meio de se atravessar onde não há nenhum, certamente merece respeito de todas as maneiras. A pessoa, ó rei, confiando em quem homens desamparados, oprimidos e feitos miseráveis por ladrões, vivem alegremente, merece ser adorada amavelmente por todos como se fosse um parente próximo. A pessoa, ó tu da linhagem de Kuru, que dissipa os temores de outros sempre merece respeito. Que necessidade há de touros que não carregam cargas, ou de vacas que não produzem leite, ou de uma esposa que é estéril? Similarmente, que necessidade há de um rei se ele não é competente para conceder proteção? Como um elefante feito de madeira, ou um veado feito de couro, como uma pessoa sem riqueza, ou

alguém que é um eunuco, ou um campo que é estéril, assim mesmo é um Brahmana que é desprovido de conhecimento Védico e um rei incapaz de conceder proteção. Ambos são como uma nuvem que não despeja chuva. A pessoa que sempre protege os bons e reprime os maus merece se tornar um rei e governar o mundo.'"

79

"Yudhishthira disse, 'Quais, ó avô, devem ser as ações e qual o comportamento das pessoas empregadas como sacerdotes em nossos sacrifícios? Que tipo de pessoas elas devem ser, ó rei? Diga-me tudo isto, ó principal dos oradores.'"

"Bhishma disse, 'É declarado daqueles Brahmanas que são elegíveis como sacerdotes que eles devem estar familiarizados com os Chhandas inclusive os Samans, e todos os ritos inculcados nos Srutis, e que eles devem ser capazes de realizar todos os atos religiosos que levam à prosperidade do rei. Eles devem ser devotadamente leais e proferir palavras agradáveis ao se dirigirem aos reis. Eles devem também ser amigáveis uns com os outros, e olhar igualmente para todos. Eles devem ser desprovidos de crueldade, e verdadeiros em palavras. Eles nunca devem ser usurários, e devem sempre ser simples e sinceros. Um homem pacífico em temperamento, desprovido de vaidade, modesto, caridoso, autocontrolado, e contente, possuidor de inteligência, sincero, cumpridor de votos, e inofensivo para todas as criaturas, sem luxúria e malícia, e dotado das três qualidades excelentes, desprovido de inveja e possuidor de conhecimento, merece o assento do próprio Brahman. Pessoas com tais qualidades, ó majestade, são os melhores dos sacerdotes e merecem todo o respeito.'"

"Yudhishthira disse, 'Há textos Védicos acerca da doação de Dakshina em sacrifícios. Não há ordenança, no entanto, que declara quanto deve ser dado. Esta ordenança (sobre a doação de Dakshina) não procedeu de motivos ligados à distribuição de riqueza. A ordem da ordenança, pela provisão em casos de incapacidade, é terrível. Aquela ordem é cega para a competência do sacrificador (Em casos de incapacidade de dar o Dakshina prescrito, o sacrificador é ordenado a dar tudo o que ele tem. Esta instrução ou ordem é certamente terrível, pois quem pode decidir se desfazer de toda a sua riqueza para terminar um sacrifício?) A audição ocorre nos Vedas que uma pessoa deve, com devoção, realizar um sacrifício. Mas o que pode a devoção fazer quando o sacrificador é maculado pela falsidade (ao encontrar substitutos para o Dakshina realmente prescrito)?'" (A falsidade consiste em encontrar substitutos para o Dakshina verdadeiramente prescrito. Eles são pedacinhos de alimento cozido por uma vaca viva, um grão de cevada por uma peça de roupa, uma moeda de cobre por ouro; etc.)

"Bhishma disse, 'Nenhum homem obtém bem-aventurança ou mérito por desconsiderar os Vedas ou por engano ou mentira. Nunca pense que isto é de outra maneira. Dakshina constitui um dos membros do sacrifício e conduz ao sustento dos Vedas. Um sacrifício sem Dakshina nunca pode levar à salvação. A

eficácia, no entanto, de um único Purnapatra (256 punhados de arroz) é igual àquela de qualquer Dakshina, embora rico. (O fato é que embora o sacrificador possa não ser capaz de dar o Dakshiva verdadeiramente declarado nos Vedas, contudo por dar seu substituto ele não perde qualquer mérito, pois um único Purnapatra é tão eficaz se dado com devoção quanto o mais rico Dakshina.) Portanto, ó majestade, todos os que pertencem às três classes devem realizar sacrifícios. Os Vedas determinaram que Soma é como o próprio rei para os Brahmanas. Contudo eles desejam vendê-lo para a realização de sacrifícios, embora eles nunca desejem vendê-lo para ganhar o sustento. Rishis de comportamento virtuoso têm declarado, em conformidade com os ditames de moralidade, que um sacrifício realizado com os produtos da venda de Soma serve para estender sacrifícios. (Isto é, tal sacrifício, em vez de não produzir mérito, se torna os meios de aumentar a causa de sacrifícios. Em outras palavras, tal sacrifício é repleto de mérito.) Estes três, isto é, uma pessoa, um sacrifício e Soma, devem ser de bom caráter. Uma pessoa de mau caráter não é nem para este nem para o outro mundo. Esta audição foi ouvida por que nós que o sacrifício o qual Brahmanas de grande alma realizam por meio de riqueza obtida por trabalho físico excessivo não é produtivo de grande mérito. Há uma declaração nos Vedas que penitências são mais elevadas do que sacrifícios. Eu agora te falarei sobre penitências. Ó príncipe erudito, ouça-me. Abstenção de ferir, veracidade, benevolência, compaixão, estes são considerados como penitências pelos sábios e não a emaciação do corpo. Desrespeito aos Vedas, desobediência aos ditames das escrituras, e violação de todas restrições salutares produzem autodestruição. Escute, ó filho de Pritha, ao que foi prescrito por aqueles que despejam dez libações sobre o fogo dez vezes ao dia. Para aqueles que realizam o sacrifício da penitência, o Yoga que eles se esforçam para realizar com Brahma é sua concha; o coração é sua manteiga clarificada; e conhecimento superior constitui seu Pavitra. (Um Pavitra é feito de um par de folhas de Kusa para espalhar manteiga clarificada sobre o fogo). Todas as espécies de maldade significam morte, e todas as espécies de sinceridade são chamadas Brahma. Isto constitui o assunto de conhecimento. As rapsódias dos construtores de crenças não podem afetar isto.'"

80

"Yudhishthira disse, 'A ação mais insignificante, ó avô, não pode ser realizada por algum homem sem auxílio. O que dizer então do rei (que tem que governar um reino)? Qual deve ser o comportamento e quais devem ser os atos do ministro do rei? Em quem o rei deve depositar confiança e em quem ele não deve?'"

"Bhishma disse, 'Reis, ó monarca, têm quatro tipos de amigos. Eles são aquele que tem o mesmo objetivo, aquele que é devotado, aquele que é relacionado por nascimento, e aquele que foi conquistado (por doações e bondade). Uma pessoa de alma virtuosa, que serviria um e não ambos os lados, é a quinta na enumeração dos amigos do rei. Tal pessoa adota aquele lado no qual a justiça está, e consequentemente age justamente. Com relação a tal pessoa, o rei nunca

deve revelar propósitos seus tais como os que não atrairiam sua aprovação. Reis desejosos de sucesso são obrigados a adotar ambos os tipos de caminhos, justos e injustos. Dos quatro tipos de amigos, o segundo e o terceiro são superiores, enquanto o primeiro e o quarto devem ser sempre considerados com suspeita. Em vista, no entanto, daquelas ações as quais o rei deve fazer pessoalmente, ele deve sempre considerar com suspeita todos os quatro. O rei nunca deve agir desatentamente na questão de vigiar seus amigos. Um rei descuidado é sempre dominado por outros. Um homem mau assume o traje de honestidade, e aquele que é honesto se torna o contrário. Um inimigo pode se tornar um amigo e um amigo pode se tornar um inimigo. Um homem não pode ser sempre da mesma opinião. Quem então confiaria completamente nele? Todos os atos principais, portanto, de um rei ele deve realizar em sua própria presença. Uma confiança total (em seus ministros) é destrutiva de moralidade e lucro. Uma falta de confiança em relação a todos porém, é pior do que a morte. Credulidade é morte prematura. Uma pessoa incorre em perigo pela credulidade. Se alguém confia em outro completamente, é dito que ele vive pela permissão da pessoa confiada. Por esta razão deve-se confiar como também desconfiar de todos. Esta regra eterna de política, ó senhor, deve ser mantida em vista. Deve-se sempre desconfiar daquela pessoa que, às custas do desejo de alguém, obtém riqueza dele. Os sábios declaram que tal pessoa é um inimigo. Uma pessoa cuja alegria não tem limites ao ver o engrandecimento do rei e que se sente miserável ao ver a decadência do rei, fornece as indicações de um dos melhores amigos do rei. Naquele cuja queda seria ocasionada pela tua queda, tu deves confiar completamente assim como tu confiarias em teu pai. Tu deves, da melhor maneira, engrandecê-lo assim como tu ganhas engrandecimento para ti mesmo. Alguém que, mesmo em teus ritos religiosos, procura te resgatar do mal, procuraria te salvar do caminho do mal em qualquer outro negócio. Tal pessoa deve ser considerada como teu melhor amigo. Aqueles, por outro lado, que desejam mal para alguém são inimigos daquela pessoa. É citado como sendo tua própria pessoa um amigo que é inspirado com medo quando a calamidade te alcança e com alegria quando a prosperidade brilha em ti. Uma pessoa possuidora de beleza, feições formosas, voz excelente, generosidade, benevolência, e bom nascimento, não pode ser tal amigo. Aquela pessoa que é possuidora de inteligência e memória, que é inteligente nas transações de negócios, que é naturalmente contrária à crueldade, que nunca cede à raiva, e que, sendo respeitada ou desrespeitada nunca está descontente, seja ele teu sacerdote ou preceptor ou um amigo honrado, deve sempre receber teu respeito se ele aceitar o cargo de teu conselheiro e residir em tua residência. Tal pessoa pode ser informada dos teus planos mais secretos e do verdadeiro estado de todos os teus assuntos religiosos ou relativos à questões de lucro. Tu podes confiar nele como em teu próprio pai. Uma pessoa deve ser designada para uma tarefa, e não duas ou três. Aquelas podem não tolerar umas às outras. É sempre visto que várias pessoas, se colocadas para uma tarefa, discordam umas das outras. A pessoa que alcança celebridade, que observa todas as restrições, que nunca sente ciúmes de outras que são capazes e competentes, que nunca faz algum ação má, que nunca abandona a virtude por luxúria ou medo ou cobiça ou ira, que é inteligente nas transações de negócios, e que possui palavras sábias e relevantes, deve ser o principal dos teus ministros. Pessoas possuidoras de bom

nascimento e bom comportamento, que são generosas e que nunca se gabam, que são corajosas e respeitáveis, e eruditas e cheias de recursos, devem ser nomeadas como ministros para supervisionar todos os teus assuntos. Honrados por ti e gratificados com riquezas, eles agirão para o teu bem e serão de grande ajuda para ti. Nomeados para cargos ligados com lucros e outras questões importantes, eles sempre trazem grande prosperidade. Movidos por um sentimento de rivalidade saudável, eles cumprem todos os deveres ligados com lucro, consultando uns aos outros quando necessário. Tu deves temer teus parentes como a própria morte. Um parente nunca pode suportar a prosperidade de um parente assim como um dirigente feudatário não pode tolerar ver a prosperidade de seu senhor. Ninguém exceto um parente pode sentir alegria na destruição de um parente adornado com sinceridade, brandura, generosidade, modéstia, e veracidade. Aqueles, por outro lado, que não têm parentes, não podem ser felizes. Nenhum homem pode ser mais contemptível do que aquele que é desprovido de parentes. Uma pessoa que não tem parentes é facilmente dominada por inimigos. Os parentes constituem o amparo de alguém é afligido por outros homens, pois parentes nunca podem aguentar ver um parente afligido por outras pessoas. Quando um parente é perseguido mesmo por seus amigos, todos os parentes do perseguido consideram a ofensa como infligida sobre eles mesmos. Nos parentes, portanto, há méritos e defeitos. Uma pessoa desprovida de parentes nunca mostra predileção por alguém nem se humilha para alguém. Nos parentes, portanto, méritos e deméritos podem ser notados. Uma pessoa deve, por esta razão, sempre honrar e respeitar seus parentes em palavras e ações, e fazer coisas agradáveis para eles e nunca ofendê-los. Desconfiando deles no fundo, ela deve se comportar em direção a eles como se confiasse neles completamente. Refletindo sobre sua natureza, parece que eles não têm nem falhas nem méritos. Uma pessoa que age dessa maneira atentamente encontra seus verdadeiros inimigos desarmados de hostilidade e convertidos em amigos. Alguém que sempre se comporta dessa maneira em meio a amigos e parentes e se comporta assim em direção a amigos e inimigos, consegue ganhar fama eterna.'"

81

"Yudhishthira disse, 'Se alguém não consegue conquistar seus amigos e parentes (dessa maneira), aqueles que deveriam se tornar amigos viram inimigos. Como deve, então, se portar uma pessoa para que os corações de amigos e inimigos possam ser conquistados?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga história de uma conversa entre Vasudeva e o sábio celeste Narada. Em certa ocasião Vasudeva disse, 'Nem um amigo iletrado e tolo, nem um amigo erudito de alma inconstante, merece, ó Narada, conhecer os planos secretos de alguém. Confiando em tua amizade por mim, eu te direi algo, ó sábio! Ó tu que podes ir para o céu à vontade, uma pessoa deve falar para outra se ela estiver convencida da inteligência daquela outra. Eu nunca me comporto com subserviência em direção a meus

parentes por palavras aduradoras acerca de sua prosperidade. Eu dou a eles metade do que eu tenho, e perdôo suas palavras más. Como um galho de madeira é moído por uma pessoa desejosa de obter fogo, assim mesmo meu coração é oprimido por meus parentes com suas palavras cruéis. De fato, ó Rishi celeste, aquelas palavras cruéis queimam meu coração todos os dias. Poder reside em Sankarshana; brandura em Gada; e em relação a Pradyumna, ele supera até a mim mesmo em beleza pessoal. (Embora eu tenha todos estes ao meu lado) ainda assim eu estou desamparado, ó Narada! Muitos outros entre os Andhakas e os Vrishnis são possuidores de grande prosperidade e poder, e coragem e perseverança constante. Aquele em cujo lado eles não se colocam encontra destruição. Aquele, por outro lado, em cujo lado eles se colocam realiza tudo. Dissuadido (em alternação) por ambos (isto é, Ahuka e Akrura,) eu não tomo o partido de um ou outro. O que pode ser mais doloroso para uma pessoa do que ter Ahuka e Akrura ao seu lado? O que, também, pode ser mais doloroso para alguém do que não ter ambos ao seu lado? (O fato é que Ahuka e Akrura eram amargamente antagônicos um ao outro. Os dois, no entanto, amavam Krishna. Ahuka sempre avisava Krishna para afastar-se de Akrura, e Akrura sempre o avisava para evitar Ahuka. Krishna valorizava a amizade de ambos e dificilmente poderia dispensar um ou outro. O que ele diz aqui é que ter ambos é doloroso e não tê-los é igualmente doloroso.) Eu sou como a mãe de dois irmãos que jogam um contra o outro, invocando vitória para ambos. Eu sou, ó Narada, atormentado dessa maneira por ambos. Cabe a ti me dizer aquilo que é para o meu bem e de meus parentes.'"

"Narada disse, 'As calamidades, ó Krishna, são de dois tipos, isto é, externas e internas. Elas surgem, ó tu da tribo de Vrishni, das próprias ações de uma pessoa ou das ações de outros. A calamidade que agora te alcançou é interna e nascida de tuas próprias ações. Valadeva e outros da tribo Bhoja são partidários de Akrura, e tomaram seu lado ou por causa de riqueza, ou mero capricho, ou movidos por palavras ou por ódio. Em relação a ti, tu doaste riqueza obtida por ti para outro. Embora possuidor de homens que devem ser teus amigos, tu, no entanto, por tua própria ação, trouxeste calamidade sobre tua cabeça. Tu não podes pegar de volta aquela riqueza, assim como alguém não pode engolir novamente o alimento que ele mesmo vomitou. O reino não pode ser pego de volta de Babhu e Ugrasena (a quem ele foi dado). Tu mesmo, ó Krishna, não pode, especialmente, pegá-lo de volta (deles) por medo de produzir desavenças internas. Supondo que o esforço tivesse sucesso, isso aconteceria depois de muito incômodo e depois da realização das façanhas mais difíceis. Uma grande carnificina e uma grande perda de riqueza se seguiria, talvez até a destruição total. Use então uma arma que não é feita de aço, que é muito suave e ainda assim capaz de perfurar todos os corações. Afiando e reafiando aquela arma corrija as línguas de teus parentes.'"

"Vasudeva disse, 'Qual é a arma, ó sábio, que não é feita de aço, que é suave, que perfura todos os corações, e a qual eu devo usar para corrigir as línguas de meus parentes?'"

"Narada disse, 'Doar alimento o melhor que puder, bondade, sinceridade, gentileza, e honra para quem honra é devida, estes constituem uma arma que não é feita de aço. Somente com palavras gentis desvie a raiva de parentes prestes a proferirem palavras cruéis, e pacifique seus corações e mentes e línguas caluniosas. Ninguém que não é um grande homem com alma purificada e possuidor de talentos e amigos pode suportar uma responsabilidade pesada. Pegue este grande peso (de governar os Vrishnis) e o carregue em teus ombros. Todos os bois podem carregar cargas pesadas em uma estrada nivelada. Só os mais fortes entre eles podem carregar tais cargas em uma estrada difícil. Da desunião surgirá a destruição que ceifará todos os Bhojas e os Vrishnis. Tu, ó Kesava, és o principal entre eles. Aja de tal maneira para que os Bhojas e os Vrishnis não possam encontrar a destruição. Inteligência e bondade, restrição dos sentidos, e generosidade só estão presentes em uma pessoa de sabedoria. Melhorar a própria linhagem é sempre louvável e glorioso e conducente à vida longa. Ó Krishna, aja de tal maneira que a destruição não possa alcançar teus parentes. Não há nada desconhecido para ti a respeito de política e da arte da guerra, ó Senhor! Os Yadavas, os Kukuras, os Bhojas, os Andhakas, e os Vrishnis, são todos dependentes de ti assim como todos os mundos e todos os regentes daqueles mundos, ó de braços fortes! Os Rishis, ó Madhava, sempre rezam pelo teu progresso. Tu és o senhor de todas as criaturas. Tu conheces o passado, o presente, e futuro. Tu és o principal de todos os Yadavas. Confiando em ti, eles esperam viver em felicidade.'"

82

"Bhishma disse, 'Esses que eu te disse constituem os primeiros meios. Ouça agora, ó Bharata, aos segundos meios. O homem que procura promover os interesses do rei deve sempre ser protegido pelo rei. Se uma pessoa, ó Yudhishthira, que é paga ou não paga, se aproxima de ti para te falar dos danos feitos à tua tesouraria quando seus recursos estão sendo desviados por um ministro, tu deves conceder a ele uma audiência em particular e protegê-lo também do ministro (acusado). Os ministros culpados de peculato procuram, ó Bharata, matar tais informantes. Aqueles que pilham a tesouraria real combinam juntos para se opor à pessoa que procura protegê-la, e se o último for deixado desprotegido, ele certamente será arruinado. Ligado a isto também uma antiga história é citada do que o sábio Kalakavrikshiya disse ao rei de Kosala. Foi ouvido por nós que uma vez o sábio Kalakavrikshiya se aproximou de Kshemadarsin que tinha ascendido ao trono do reino de Kosala. Desejoso de examinar a conduta de todos os oficiais de Kshemadarsin, o sábio, com um corvo mantido dentro de uma gaiola em sua mão, viajava repetidamente por todas as partes daqueles domínios do rei. E ele falava a todos os homens e dizia, 'Estudem a ciência dos corvos. Os corvos me dizem o presente, o passado, e o futuro.' Proclamando isto no reino, o sábio, acompanhado por um grande número de homens, começou a observar os delitos de todos os oficiais do rei. Tendo averiguado todos os assuntos em relação àquele reino, e tendo descoberto que todos os oficiais nomeados pelo rei eram

culpados de má gerência da riqueza pública, o sábio, com seu corvo, foi ver o rei. De votos rígidos, ele disse ao rei, 'Eu sei tudo (sobre teu reino).' Chegado na presença do rei, ele disse para seu ministro adornado com as insígnias de seu cargo que ele tinha sido informado por seu corvo que o ministro tinha feito tal delito em tal local, e que tais e tais pessoas sabiam que ele tinha pilhado a tesouraria real. 'Meu corvo me diz isto. Admita ou prove a falsidade da acusação rapidamente.' O sábio então proclamou os nomes de outros oficiais que tinham similarmente sido culpados de desvio, somando: 'Meu corvo nunca diz nada que seja falso.' Assim acusados e ofendidos pelo sábio, todos os oficiais do rei, ó tu da linhagem de Kuru, (se uniram e) perfuraram seu corvo, enquanto o sábio dormia, à noite. Vendo seu corvo perfurado com uma flecha dentro da gaiola, o Rishi regenerado, indo até Kshemadarsin pela manhã, disse a ele, 'Ó rei, eu busco tua proteção. Tu és todo-poderoso e tu és o mestre das vidas e da riqueza de todos. Se eu receber tua ordem eu então poderei dizer o que é para o teu bem. Angustiado por causa de ti a quem eu considero como um amigo eu vim a ti, impelido por minha devoção e disposto a te servir com todo o meu coração. Tua riqueza está sendo roubada, eu vim a ti para revelar isto sem mostrar qualquer consideração pelos ladrões. Como um motorista que incita um bom corcel, eu vim para cá para alertar a ti a quem eu respeito como um amigo. Um amigo que é sensível aos seus próprios interesses e desejoso de sua própria prosperidade e engrandecimento, deve perdoar um amigo que se intromete impetuosamente, impelido por devoção e ira, para fazer o que é benéfico.' O rei respondeu a ele, dizendo, 'Por que eu não devo tolerar o que tu dirás, já que eu não sou cego ao que é para o meu bem? Eu te concedo permissão, ó regenerado! Diga-me o que quiseres, eu certamente obedecerei às instruções que tu me deres, ó Brahman!'"

"O sábio disse, 'Averiguando os méritos e defeitos de teus empregados, como também os perigos que tu corres nas mãos deles, eu vim a ti, impelido pela minha devoção, para relatar tudo para ti. Os professores (da humanidade) declararam antigamente qual é o comportamento, ó rei, daqueles que servem outros. A sina daqueles que servem o rei é muito dolorosa e infeliz. Aquele que tem alguma ligação com reis é como se tivesse ligação com cobras de veneno virulento. Reis têm muitos amigos como também muitos inimigos. Aquele que serve os reis tem que ter medo de todos. A todo momento, também, ele tem que temer o próprio rei, ó monarca. Uma pessoa servindo o rei não pode (com impunidade) ser culpada de negligência em fazer o trabalho do rei. De fato, um empregado que deseja ganhar prosperidade nunca deve demonstrar desatenção no cumprimento de seus deveres. Sua negligência pode provocar a fúria do rei, e tal ira pode ocasionar a destruição (do empregado). Aprendendo cuidadosamente como se comportar, ele deve sentar na presença do rei como ele sentaria na presença de um fogo ardente. Preparado para sacrificar a própria vida a todo momento, ele deve servir ao rei atentamente, pois o rei é todo-poderoso e dono das vidas e da riqueza de todos, e portanto, como uma cobra de veneno virulento. Ele deve sempre temer entregar-se a más palavras perante o rei, ou sentar-se desanimadamente ou em posturas irreverentes, ou servir em atitudes de desrespeito ou andar desdenhosamente ou expor gestos insolentes e movimentos desrespeitosos dos membros. Se o rei fica satisfeito, ele pode derramar prosperidade como um deus.

Se ele fica enfurecido, ele pode consumir até as próprias raízes como um fogo ardente. Isto, ó rei, foi dito por Yama. Sua verdade é vista nos assuntos do mundo. Eu irei agora (agindo segundo estes preceitos) fazer aquilo que aumentará tua prosperidade. Amigos como nós podemos dar a amigos como tu a ajuda de sua inteligência em épocas de perigo. Este meu corvo, ó rei, foi morto por fazer teu serviço. Eu não posso, no entanto, te culpar por isto. Tu não és amado por aqueles (que mataram esta ave). Averigúe quem são teus amigos e quem são teus inimigos. Faça tudo tu mesmo sem entregar tua inteligência para outros. Aqueles que estão em teu estabelecimento são todos peculadores. Eles não desejam o bem de teus súditos. Eu atraí a hostilidade deles. Conspirando com aqueles servos que têm acesso constante a ti eles cobiçam teu reino depois de ti por realizarem tua destruição. Os planos deles, no entanto, não tiveram sucesso por causa de circunstâncias imprevistas. Por medo daqueles homens, ó rei, eu deixarei este reino em busca de algum outro retiro. Eu não tenho desejo mundano, ainda assim aquelas pessoas de intenções desonestas dispararam esta flecha em meu corvo, e, ó senhor, despacharam a ave para a residência de Yama. Eu tenho visto isso, ó rei, com olhos cuja visão foi melhorada por meio de penitências. Com a ajuda deste único corvo eu cruzei esse teu reino que é como um rio cheio de jacarés e tubarões e crocodilos e baleias. De fato, com a ajuda desta ave, eu passei por teus domínios como por um vale Himalayan, impenetrável e inacessível por causa dos troncos de árvores (caídas) e rochas espalhadas e arbustos espinhosos e leões e tigres e outros animais predadores. Os eruditos dizem que uma região inacessível por causa da escuridão pode ser atravessada com a ajuda de uma luz, e um rio que não é vadeável pode ser cruzado por meio de um barco. Nenhum meio, no entanto, existe para se penetrar ou passar pelo labirinto dos negócios reais. Teu reino é como uma floresta inacessível envolvida em escuridão. Tu (que és o senhor dele) não podes confiar nele. Como então eu posso? Bem e mal são considerados aqui da mesma maneira. Residência aqui, portanto, não pode ser segura. Aqui uma pessoa de atos justos encontra com a morte, enquanto alguém de atos injustos não incorre em perigo. De acordo com os requisitos de justiça, uma pessoa de atos injustos deve ser morta mas nunca uma que é justa em suas ações. Não é apropriado, portanto, ficar por mais tempo nesse reino. Um homem inteligente deve deixar logo esse país. Há um rio, ó rei, de nome Sita. Barcos afundam nele. Esse teu reino é como aquele rio. Uma rede todo-destrutiva parece ter sido lançada em volta dele. Tu és como a queda que espera coletores de mel, ou como alimento atrativo contendo veneno. Tua natureza agora parece aquela de homens desonestos e não aquela dos bons. Tu és como uma cova, ó rei, cheia de cobras de veneno virulento. Tu pareces, ó rei, um rio cheio de água doce mas de acesso extremamente difícil, com margens íngremes cobertas com Kariras e juncos espinhosos. Tu és como um cisne no meio de cães, urubus e chacais. Parasitas gramíneos, derivando seu sustento de uma árvore imensa, se expandem em crescimento luxuriante, e finalmente cobrindo a própria árvore a obscurecem completamente. Um incêndio começa na floresta, e pegando aquelas plantas gramíneas primeiro, consome a árvore soberana com elas. Teus ministros, ó rei, parecem com aqueles parasitas gramíneos dos quais eu falo. Controle-os e corrija-os. Eles têm sido nutridos por ti. Mas conspirando contra ti, eles estão destruindo tua prosperidade. Ocultando (de

ti) as falhas de teus empregados, eu estou vivendo na tua residência em medo constante do perigo, assim como uma pessoa vivendo em um quarto com uma cobra dentro dele ou como o amante da esposa de um herói. Meu objetivo é averiguar o comportamento do rei que me hospeda. Eu desejo saber se o rei tem suas emoções sob controle, se seus empregados o obedecem, se ele é amado por eles, e se ele ama seus súditos. Para o objetivo de averiguar todos esses pontos, ó melhor dos reis, eu vim a ti. Como alimento para uma pessoa faminta, tu te tornaste querido para mim. Eu antipatizo com teus ministros, no entanto, como uma pessoa cuja sede foi saciada tem aversão à bebida. Eles me criticam porque eu procuro o teu bem. Eu não tenho dúvida de que não há outra causa para aquela hostilidade deles por mim. Eu não nutro alguma intenção hostil em direção a eles. Eu somente estou empenhado em notar suas imperfeições. Como se deve temer uma cobra ferida, todos devem temer um inimigo de coração pecaminoso!'" (Ainda é corrente a crença que uma cobra ferida seguramente procurará vingança mesmo se a pessoa que a feriu colocar milhas de distância entre ela mesma e o réptil. As pessoas desse país, portanto, sempre matam uma cobra completamente e a queimam em fogo se elas alguma vez a capturam.)

"O rei disse, 'Resida em meu palácio, ó Brahmana! Eu sempre te tratarei com respeito e honra, e sempre te cultuarei. Aqueles que antipatizarem contigo não morarão comigo. Faça tu mesmo o que deve ser feito em seguida para aquelas pessoas (das quais tu falaste). Cuide, ó santo, para que a vara de castigo seja manejada apropriadamente e para que tudo seja feito bem em meu reino. Refletindo sobre tudo, guie-me de tal modo que eu possa obter prosperidade.'"

"O sábio disse, 'Fechando teus olhos em primeiro lugar a esse ataque deles (isto é, a morte do corvo), enfraqueça-os um por um. Prove as falhas deles então e os atinja um depois do outro. Quando muitas pessoas se tornam culpadas do mesmo delito, elas podem, por agirem juntas, amolecer as próprias pontas dos espinhos. Para que teus ministros (sendo suspeitados, não ajam contra ti e) revelem seus planos secretos, eu te aconselho a continuar com tal cautela. Em relação a nós, nós somos Brahmanas, naturalmente compassivos e sem vontade de causar dor a ninguém. Nós desejamos o teu bem como também o bem de outros, assim como nós desejamos o nosso bem. Eu falo de mim mesmo, ó rei! Eu sou teu amigo. Eu sou conhecido como o sábio Kalakavrikshiya. Eu sempre sou fiel à verdade. Teu pai me considerava amavelmente como seu amigo. Quando o infortúnio alcançou esse reino durante o reinado de teu pai, ó rei, eu realizei muitas penitências (para rechaçá-la), abandonando todos os outros assuntos. Pela minha afeição por ti eu te digo que tu não podes cometer novamente o erro (de depositar confiança em pessoas não merecedoras). Tu obtiveste um reino sem incômodos. Reflita sobre tudo ligado à sua prosperidade e miséria. Tu tens ministros em teu reino. Mas por que, ó rei, tu deves ser culpado de negligência?' Depois disto, o rei de Kosala escolheu um ministro da classe Kshatriya, e nomeou aquele touro entre Brahmanas (isto é, o sábio Kalakavrikshiya) como seu Purohita. Depois que estas mudanças tinham sido efetuadas, o rei de Kosala subjugou a terra inteira e obteve grande fama. O sábio Kalakavrikshiya cultuou os deuses em muitos sacrifícios grandiosos realizados para o rei. Tendo escutado aos seus

conselhos benéficos, o rei de Kosala conquistou a terra inteira e se comportou em todas as circunstâncias como o sábio lhe indicou.'"

83

"Yudhishthira disse, 'Quais devem ser as características, ó avô, dos legisladores, dos ministros de guerra, dos cortesãos, dos generalíssimos, e dos conselheiros de um rei?'"

"Bhishma disse, 'Pessoas possuidoras de modéstia, autodomínio, veracidade, sinceridade, e coragem para dizer o que é apropriado, devem ser teus legisladores. Aqueles que estão sempre do teu lado, que são possuidores de grande coragem, que são da casta regenerada, possuidores de grande erudição, bem satisfeitos contigo, e dotados de perseverança em todas as ações, devem, ó filho de Kunti, ser desejados por ti para se tornarem teus ministros de guerra em todas as épocas de infortúnio, ó Bharata! Alguém que é de descendência nobre, que, tratado com honra por ti, sempre exerce seus poderes ao máximo em teu nome, e que nunca te abandonará na prosperidade ou na miséria, doença ou morte, deve ser acolhido por ti como um cortesão. Aqueles que são de nascimento nobre, que são nascidos em teu reino, que têm sabedoria, beleza de forma e feições, grande erudição, e dignidade de comportamento, e que, além disso, são devotados a ti, devem ser empregados como oficiais do teu exército. Pessoas de baixa descendência e propensões cobiçosas, que são cruéis e sem vergonha te cortejariam, ó majestade, enquanto suas mãos permanecessem molhadas; (isto é, enquanto elas fossem pagas e tivessem em suas mãos o que lhes fosse dado). Aqueles que são de bom nascimento e bom comportamento, que podem ler todos os sinais e gestos, que são desprovidos de crueldade, que sabem quais são as necessidades de hora e lugar, que sempre procuram o bem de seu chefe em todos os atos, devem ser nomeados como ministros pelo rei em todos os seus assuntos. Aqueles que foram conquistados com presentes de riqueza, honras, recepções respeitosas, e meios de obter felicidade, e que por causa disto podem ser consideradas por ti como pessoas inclinadas a te beneficiarem em todos os teus negócios, devem sempre ser participantes da tua felicidade. Aqueles que são de conduta constante, possuidores de conhecimento e bom comportamento, observadores de votos excelentes, generosos, e verdadeiros em palavras, estarão sempre atentos aos teus negócios e nunca te abandonarão. Aqueles, por outro lado, que são desrespeitosos, que não são observadores de restrições, que são de almas pecaminosas, e que se desviaram das boas práticas, devem sempre ser compelidos por ti a observar todas as restrições salutares. Quando a pergunta é qual de dois lados deve ser adotado, tu não deves abandonar os muitos para adotar o lado de um. Quando, no entanto, aquela pessoa supera os muitos pela posse de muitos talentos, então tu deves, por aquele um, abandonar os muitos. Estas são consideradas como marcas de superioridade, isto é, coragem, dedicação a objetivos que tragam fama, e observância de restrições salutares. Aquele, também, que honra todas as pessoas possuidoras de habilidade, que nunca cede a sentimentos de rivalidade com pessoas não possuidoras de mérito,

que nunca abandona a retidão por luxúria ou medo ou ira ou cobiça, que é adornado com humildade, que é sincero em palavras e bondoso em temperamento, que tem sua alma sob controle, que tem um senso de dignidade, e que tem sido testado em todas as situações, deve ser empregado por ti como teu conselheiro. Descendência nobre, pureza de sangue, bondade, inteligência, e pureza de alma, coragem, gratidão, e veracidade, são, ó filho de Pritha, marcas de superioridade e bondade. Um homem sábio que se comporta dessa maneira, (isto é, mostra estas virtudes em sua conduta), consegue desarmar seus próprios inimigos de sua hostilidade e convertê-los em amigos. Um rei que tem sua alma sob restrição, que possui sabedoria, e que deseja prosperidade, deve examinar cuidadosamente os méritos e deméritos de seus ministros. Um rei desejoso de prosperidade e de brilhar em meio a seus contemporâneos, deve ter como ministros homens ligados com seus amigos de confiança, possuidores de nascimento nobre e nascidos em seu próprio reino, incapazes de serem corrompidos, não maculados por adultério e vícios similares, bem testados, pertencentes a boas famílias, possuidores de erudição, nascidos de pais e avôs que ocuparam cargos parecidos, e adornados com humildade. O rei deve empregar para cuidar de seus negócios cinco dessas pessoas possuidoras de inteligência e não manchadas pelo orgulho, que tenham boa disposição, energia, paciência, bondade, pureza, lealdade, firmeza, e coragem, cujos méritos e defeitos tenham sido bem testados, de idade madura, capazes de arcar com responsabilidades, e que sejam livres de engano. Homens que são sábios em palavras, possuidores de heroísmo, cheios de recursos sob dificuldades, de nascimento nobre, sinceros, que podem ler sinais, que são livres de crueldade, familiarizados com os requisitos de hora e lugar, e que desejam o bem de seus mestres, devem ser empregados pelo rei como seus ministros em todos os assuntos do reino. Alguém que é desprovido de energia e que foi abandonado pelos amigos nunca pode trabalhar com perseverança. Tal homem, se empregado, fracassa em quase todos os serviços. Um ministro que possui pouca erudição, mesmo se abençoado com nascimento nobre e atento à virtude, lucro, e prazer, se torna incompetente em escolher rumos de ação apropriados. Similarmente, uma pessoa de descendência inferior, mesmo se possuidora de grande erudição, sempre erra, como um homem cego sem um guia, em todos os atos que requerem destreza e previdência. Uma pessoa, também, que não tem propósitos firmes, mesmo que possua inteligência e erudição, e mesmo que conheça os meios, não pode agir com sucesso por muito tempo. Um homem de coração pecaminoso e sem conhecimento pode colocar sua mão para trabalhar, mas ele falha em verificar quais serão os resultados de seu trabalho. Um rei nunca deve depositar confiança em um ministro que não é devotado a ele. Ele nunca deve, portanto, revelar seus planos para um ministro que não é dedicado a ele. Tal ministro vil, combinando com os outros ministros do rei, pode arruinar seu mestre, como um fogo consumindo uma árvore por entrar em suas entranhas através dos buracos em seu corpo com a ajuda do vento. Cedendo à ira, um mestre pode um dia remover um empregado de seu cargo ou reprová-lo, por raiva, em palavras duras, e recolocá-lo no poder novamente. Ninguém exceto um empregado dedicado a seu chefe pode tolerar e perdoar tal tratamento. Os ministros também ficam algumas vezes muito ofendidos com seus mestres reais. Aquele, no entanto,

entre eles, que subjuga sua raiva pelo desejo de fazer bem para seu chefe, aquela pessoa que é um participante com o rei de sua prosperidade e infortúnio, deve ser consultada pelo rei em todos os seus negócios. Uma pessoa de coração desonesto, mesmo que seja devotada a seu mestre e possuidora de sabedoria e adornada com numerosas virtudes, nunca deve ser consultada pelo rei. Alguém que está aliado com inimigos e que não respeita os interesses dos súditos do rei, deve ser conhecido como um inimigo. O rei nunca deve deliberar com ele. Alguém que não possui conhecimento, que não é puro, que é manchado com orgulho, que corteja os inimigos do rei, que se gaba, que é antipático, colérico, e cobiçoso não deve ser consultado pelo rei. Um estrangeiro, mesmo que ele seja devotado ao rei e possuidor de grande erudição, pode ser honrado pelo rei e gratificado com a designação dos meios de sustento, mas o rei nunca deve consultá-lo em seus negócios. Uma pessoa cujo pai foi injustamente banido por decreto real não deve ser consultada pelo rei mesmo que o rei possa ter posteriormente lhe concedido honras e lhe atribuído os meios de sustento. Um benquerente cuja propriedade foi uma vez confiscada por uma transgressão leve, mesmo se ele for possuidor de todos os talentos não deve ainda ser consultado pelo rei. Uma pessoa possuidora de sabedoria, inteligência, e erudição, que é nascida dentro do reino, que é pura e justa em todos os seus atos, merece ser consultada pelo rei. Alguém que é dotado de conhecimento e sabedoria, que conhece as disposições de seus amigos e inimigos, que é amigo do rei de tal maneira quanto a ser sua segunda pessoa, merece ser consultado. Alguém que é verdadeiro em palavras e modesto e gentil e que é um empregado hereditário do rei, merece ser consultado. Alguém que é contente e honrado, que é sincero e digno, que odeia maldade e homens pecaminosos, que é familiarizado com política e os requisitos de tempo, e que é corajoso, merece ser consultado pelo rei. Alguém que é competente para conquistar todos os homens pela conciliação deve ser consultado, ó monarca, pelo rei que deseja governar segundo os ditames da ciência de castigo. Alguém em quem os habitantes da capital e das províncias depositam confiança por sua conduta honrada, que é competente para lutar e conhecedor das regras de política, merece ser consultado pelo rei. Portanto, homens possuidores de tais qualidades, homens conhecedores das disposições de todos e desejosos de realizar grandes ações, devem ser honrados pelo rei e feitos seus ministros. Seu número também não deve ser menor do que três (geralmente deve ser cinco). Os ministros devem ser empregados em observar as negligências de seus mestres, deles mesmos, dos súditos, e dos inimigos de seu mestre. O reino tem sua base nos conselhos de política que fluem dos ministros, e seu crescimento procede da mesma fonte. Os ministros devem agir de tal modo que os inimigos de seu chefe não possam detectar seus pontos fracos. Por outro lado, quando os pontos fracos deles se tornam visíveis, eles devem então ser atacados. Como a tartaruga protegendo seus membros por recolhê-los dentro de sua carapaça, os ministros devem proteger seus próprios planos. Eles devem, assim mesmo, ocultar seus próprios pontos fracos. Aqueles ministros de um reino que conseguem esconder seus conselhos são citados como possuidores de sabedoria. Conselhos constituem a armadura de um rei, e os membros de seus súditos e oficiais. Um reino é citado como tendo sua base em espiões e agentes secretos, e é dito que sua força se encontra em conselhos de política. Se chefes e ministros seguem uns

aos outros para derivar apoio uns dos outros, subjugando orgulho e ira, e vaidade e inveja, eles podem então vir a ser felizes. Um rei deve também consultar com tais ministros que são livres dos cinco tipos de engano. Averiguando bem, em primeiro lugar, as diferentes opiniões dos três entre eles a quem ele consultou, o rei deve, para deliberação subsequente, ir até seu preceptor para informá-lo daquelas opiniões e da sua própria. Seu preceptor deve ser um Brahmana bem versado em todas as questões de virtude, lucro, e prazer. Indo até ele para tal deliberação subsequente, o rei deve, com mente serena, perguntar sua opinião. Quando chegar-se a uma decisão depois da deliberação com ele, o rei deve então, sem apego, realizá-la na prática. Aqueles que estão familiarizados com as conclusões da ciência de consulta dizem que reis devem sempre manter consultas dessa modo. Tendo feito planos dessa maneira, eles devem então colocá-los em prática, pois então eles serão capazes de conquistar todos os súditos. Não deve haver anões, nem pessoas corcundas, nem alguma de constituição emaciada, nem alguém que seja coxo ou cego, nem alguém que seja um idiota, nem uma mulher, e nem um eunuco, no local onde o rei mantém suas conferências. Nada deve se mover lá pela frente ou por trás, acima ou abaixo, ou em direções transversais. Subindo em um barco, ou indo a um espaço aberto desprovido de grama e arbustos gramíneos de onde o terreno circundante possa ser visto claramente, o rei deve manter conferências na hora apropriada, evitando falhas em palavras e gestos.'"

84

"'Bhishma disse, 'Em relação a isto, ó Yudhishthira, o antigo relato de uma conversa entre Vrihaspati e Sakra é citado.'"

"Sakra disse, 'Qual é o único ato, ó regenerado, que por realizar o qual com cuidado, uma pessoa pode se tornar respeitada por todas as criaturas e adquirir grande celebridade?'"

"Vrihaspati disse, 'Amabilidade de palavras, ó Sakra, é a única coisa por praticar a qual uma pessoa pode se tornar um objeto de respeito para todas as criaturas e adquirir grande celebridade. Esta é a única coisa, ó Sakra, que dá felicidade a todos. Por praticá-la, uma pessoa pode sempre obter o amor de todas as criaturas. A pessoa que não fala uma palavra e cujo rosto está sempre sulcado com expressões carrancudas se torna um objeto de ódio para todas as criaturas. Abstenção de palavras agradáveis a faz assim. Aquela pessoa que, ao ver outros, se dirige a eles primeiro e o faz com sorrisos, consegue fazer todos ficarem satisfeitos com ela. Até doações, se não feitas com palavras agradáveis, não alegram os recebedores, como arroz sem caril (curry, condimento apimentado). Se até as posses de homens, ó Sakra, forem tiradas com palavras gentis, tal gentileza de comportamento consegue pacificar os roubados. Um rei, portanto, mesmo desejoso de infligir castigo deve proferir palavras gentis. Gentileza de palavras nunca falha em seu propósito, enquanto que, ao mesmo tempo ela nunca

fere algum coração. Uma pessoa de bons atos e palavras boas, gentis e agradáveis, não tem igual.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por seu sacerdote, Sakra começou a agir de acordo com aquelas instruções. Pratique também, ó filho de Kunti, esta virtude."'

85

"Yudhishthira disse, 'Ó principal dos reis, qual é aquele método pelo qual um rei governando seus súditos pode, em consequência dele, obter grande bem-aventurança e fama eterna?'"

"Bhishma disse, 'Um rei de alma purificada e atento ao dever de proteger seus súditos ganha mérito e fama, neste mundo e no outro, por se comportar justamente.'"

"Yudhishthira disse, 'Com quem o rei deve se comportar de que maneira? A meu pedido, ó tu de grande sabedoria, cabe a ti me dizer tudo devidamente. Aquelas virtudes das quais tu já falaste, em relação a uma pessoa, em minha opinião, não podem ser encontradas existindo em um único indivíduo.'"

"Bhishma disse, 'Tu és dotado de grande inteligência, ó Yudhishthira! É assim mesmo como tu disseste. É muito rara a pessoa que é possuidora de todas aquelas boas qualidades. Para ser breve, a presença de todas as virtudes citadas é muito difícil de ser encontrada mesmo após busca cuidadosa. Eu irei, no entanto, te dizer quais tipos de ministros devem ser nomeados por ti. Quatro Brahmanas, eruditos nos Vedas, possuidores de um senso de dignidade, pertencentes à classe Snataka, e de comportamento puro, e oito Kshatriyas, todos os quais devem ser possuidores de força física e capazes de manejar armas, e vinte e um Vaisyas, todos os quais devem ser possuidores de riqueza, e três Sudras, todos os quais devem ser humildes e de conduta pura e dedicados aos seus deveres diários, e um homem da casta Suta, possuidor de um conhecimento dos Puranas e das oito virtudes principais, devem ser teus ministros. Todos eles devem ter cinquenta anos de idade, possuidores de um senso de dignidade, livres de inveja, familiarizados com os Srutis e os Smritis, humildes, imparciais, competentes para decidir prontamente entre disputantes recomendando diferentes rumos de ação, livres de cobiça e dos sete vícios terríveis chamados Vyasanas. O rei deve consultar com aqueles oito ministros e manter a liderança entre eles. Ele deve então publicar em seu reino, para a informação de seus súditos, os resultados de tal deliberação. Tu deves sempre, adotando tal conduta, zelar pelo teu povo. Tu nunca deves confiscar o que é depositado contigo ou te apropriar como tua da coisa cuja posse duas pessoas possam disputar. Tal conduta arruinaria a administração da justiça. Se a administração da justiça for assim prejudicada, o pecado te afligirá, e afligirá teu reino também, e inspirará teu povo com medo como aves pequenas à visão de um falcão. Teu reino então desaparecerá como um barco destruído no mar. Se um rei governa seus súditos

com injustiça, o medo toma posse de seu coração e a porta do céu é fechada contra ele. Um reino, ó touro entre homens, tem sua base na justiça. Aquele ministro, ou filho do rei, que age injustamente, ocupando o assento de justiça, e aqueles oficiais que tendo aceitado o encargo dos negócios (de Estado), agem injustamente, movidos pelo egoísmo, caem todos no inferno junto com o próprio rei. Aqueles homens desamparados que são oprimidos pelos poderosos, e que por causa disto se abandonam em lamentações comoventes e copiosas, têm seu protetor no rei. Em casos de disputa entre dois partidos a decisão deve ser baseada na evidência de testemunhas. Se um dos disputantes não tem testemunhas e é desamparado, o rei deve dar ao caso sua melhor consideração. O rei deve fazer o castigo ser infligido aos ofensores de acordo com a extensão de suas ofensas. Os que são ricos devem ser punidos com multas e confiscos; e os que são pobres com perda de liberdade. Aqueles que são de uma conduta muito perversa devem ser punidos pelo rei até com castigos corpóreos. O rei deve apreciar todos os homens bons com palavras agradáveis e presentes de riqueza. Aquele que procura realizar a morte do rei deve ser punido com morte a ser efetuada por meios diversos. O mesmo deve ser o castigo de quem é culpado de incêndio criminoso ou roubo ou coabitação com mulheres de modo que possa levar a uma confusão de castas. Um rei, ó monarca, que inflige punições devidamente e conforme os ditames da ciência de castigo não incorre em pecado pela ação. Por outro lado, ele ganha mérito eterno. O rei tolo que inflige castigos caprichosamente ganha infâmia aqui e cai no inferno após a morte. Uma pessoa não deve ser punida pelo erro de outra. Refletindo bem sobre o código (criminal), uma pessoa deve ser condenada ou absolvida. Um rei nunca deve matar um enviado sob nenhuma circunstância. Aquele rei que mata um enviado cai no inferno com todos os seus ministros. O rei observador das práticas Kshatriya que mata um enviado que profere fielmente a mensagem da qual está incumbido, faz os espíritos de seus antepassados falecidos serem maculados pelo pecado de matar um feto. Um enviado deve possuir estas sete habilidades, isto é, ele deve ser nobre de nascimento, de uma boa família, eloquente, inteligente, de palavras amáveis, fiel em entregar a mensagem da qual está encarregado, e dotado de uma boa memória. O ajudante de campo do rei que protege sua pessoa deve ser dotado de qualidades similares. O oficial que protege sua capital ou fortaleza também deve possuir os mesmos talentos. O ministro do rei deve ser familiarizado com as conclusões das escrituras e competente em dirigir guerras e fazer tratados. Ele deve, além disso, ser inteligente, corajoso, modesto, e capaz de guardar segredos. Ele deve também ser nobre de nascimento e dotado de força mental, e puro em conduta. Se possuidor destas qualidades, ele deve ser considerado digno. O comandante das tropas do rei deve possuir talentos similares. Ele deve também conhecer os diferentes tipos de formações de combate e os usos de máquinas e armas. Ele deve ser capaz de suportar exposição à chuva, frio, calor, e vento, e vigilante dos pontos fracos de inimigos. O rei, ó monarca, deve ser capaz de acalmar seus inimigos com um senso de segurança. Ele não deve, no entanto, confiar em ninguém. Depositar confiança mesmo em seu próprio filho não é aprovado. Eu agora, ó impecável, declarei para ti quais são as conclusões das escrituras. Recusa em confiar em alguém é citada como um dos mais altos mistérios da arte de reinar.'"

86

"Yudhishthira disse, 'Qual deve ser o tipo de cidade dentro da qual o próprio rei deve morar? Ele deve escolher uma já feita ou ele deve fazer uma ser especialmente construída? Diga-me isto, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'É apropriado, ó Bharata, perguntar sobre a conduta a ser seguida e as defesas que devem ser adotadas em relação à cidade na qual, ó filho de Kunti, um rei deve residir. Eu irei, portanto, discorrer para ti sobre o assunto, referente especialmente às defesas de fortalezas. Tendo me escutado, tu deves fazer os arranjos necessários e te comportar atentamente como indicado. Mantendo em vista os seis diferentes tipos de fortalezas, o rei deve construir suas cidades contendo todas as espécies de riquezas e todos os outros artigos de utilidade em abundância. Aquelas seis variedades são fortalezas na água, fortalezas na terra, fortalezas na colina, fortalezas humanas, fortalezas na lama, e fortalezas na floresta. (Fortalezas na água são aquelas que são cercadas por todos os lados por um rio ou rios, ou o oceano. Fortalezas na terra são aquelas que são construídas em planícies, guarnecidas com muros altos e totalmente rodeadas com trincheiras. Fortalezas humanas são cidades não fortificadas protegidas apropriadamente por guardas e uma população leal.) O rei, com seus ministros e o exército totalmente leal a ele, deve residir naquela cidade que é defendida por uma fortaleza que contém um estoque abundante de arroz e armas, que é protegida com muros impenetráveis e uma trincheira, que é cheia de elefantes e corcéis e carros, que é habitada por homens possuidores de conhecimento e versados nas artes mecânicas, onde mantimentos de todos os tipos são bem armazenados, cuja população é virtuosa em conduta e inteligente em negócios e que consiste em homens e animais fortes e energéticos, que é adornada com muitas praças abertas e fileiras de lojas, onde o comportamento de todas as pessoas é justo, onde a paz prevalece, onde nenhum perigo existe, que resplandece com beleza e ressoa com músicas e canções, onde as casas são todas espaçosas, onde os residentes numeram entre eles muitos indivíduos ricos e corajosos, que ecoa com o cântico de hinos Védicos, onde festividades e regozijos acontecem frequentemente, e onde as divindades são sempre adoradas. Residindo lá, o rei deve estar empenhado em encher sua tesouraria, aumentar suas tropas, aumentar o número de seus amigos, e estabelecer cortes de justiça. Ele deve reprimir todos os abusos e males em suas cidades e suas províncias. Ele deve se dedicar a reunir mantimentos de todos os tipos e a encher seus arsenais com cuidado. Ele deve também aumentar seus suprimentos de arroz e outros grãos, e fortalecer seus conselhos (com sabedoria). Ele deve em seguida aumentar seus estoques de combustível, ferro, resíduos de cereais, carvão, madeira, cornos, ossos, bambus, polpas, óleos e ghee, gordura, mel, remédios, linho, exsudações resinosas, arroz, armas, flechas, couro categute (para cordas de arco), transportes, e barbantes e cordas feitas de erva munja e outras plantas e trepadeiras. Ele deve também aumentar o número de tanques e poços, contendo grandes quantidades de água, e deve proteger todas as árvores suculentas. (Tais

como figueira-de-bengala, figueira-dos-pagodes, etc. Estas fornecem sombra refrescante para viajantes queimados pelo sol.) Ele deve entreter com respeito e atenção preceptores (de diferentes ciências), Ritwijas, e sacerdotes, arqueiros poderosos, pessoas hábeis em arquitetura, astrônomos e astrólogos, e médicos, como também todos os homens possuidores de sabedoria e inteligência e autodomínio e habilidade e coragem e erudição e nascimento nobre e energia mental, e capazes de aplicação precisa em todos os tipos de trabalho. O rei deve honrar os justos e castigar os injustos. Ele deve, agindo com resolução, designar as várias classes para seus respectivos deveres. Averiguando apropriadamente, por meio de espiões, o comportamento externo e o estado de espírito dos habitantes de sua cidade e províncias, ele deve adotar aquelas medidas que possam ser necessárias. O rei deve supervisionar ele mesmo seus espiões e conselhos, sua tesouraria, e as agências para infligir punições. Pode-se dizer que tudo depende destes. Com espiões constituindo sua visão, o rei deve averiguar todas as ações e intenções de seus inimigos, amigos, e neutros. Ele deve então, com atenção, planejar suas próprias medidas, honrando aqueles que são leais a ele e punindo aqueles que são hostis. O rei deve sempre adorar os deuses em sacrifícios e fazer doações sem causar sofrimento a ninguém. Ele deve proteger seus súditos, nunca fazendo qualquer coisa que possa obstruir ou impedir a justiça. Ele deve sempre manter e proteger os desamparados, os abandonados, os idosos, e as mulheres que são viúvas. O rei deve sempre honrar os ascetas e fazes doações para eles, em épocas apropriadas, de tecidos e recipientes e alimento. O rei deve, com cuidado atento, informar os ascetas (dentro de seus domínios) do estado de sua própria pessoa, de todas as suas medidas, e do reino, e deve sempre se comportar com humildade na presença deles. Quando ele vir ascetas nobres de nascimento e grande erudição que abandonaram todos os objetos mundanos, ele deve honrá-los com doações de camas e assentos e comida. Qualquer que seja a natureza da desgraça na qual ele possa cair, ele deve confiar em um asceta. Os próprios ladrões depositam confiança em pessoas daquele caráter. O rei deve colocar sua riqueza a cargo de ascetas e deve receber sabedoria deles (isto é, consultar com eles). Ele não deve, no entanto, sempre visitá-los ou cultuá-los em todas as ocasiões. (Para que ladrões não possam matá-los, suspeitando que eles são os depositários da riqueza do rei.) Dentre aqueles residentes em seu próprio reino, ele deve escolher um para amizade. Similarmente, ele deve escolher outro dentre aqueles que residem no reino de seu inimigo. Ele deve escolher um terceiro dentre aqueles que residem nas florestas, e um quarto dentre aqueles que residem nos reinos que pagam tributo a ele. Ele deve mostrar hospitalidade e conceder honras a eles e lhes atribuir os meios de sustento. Ele deve se comportar em direção aos ascetas que residem nos reinos de inimigos e nas florestas da mesma maneira como em direção àqueles que residem em seu próprio reino. Engajados em penitências e de votos rígidos, se a calamidade alcançar o rei e se ele solicitar proteção, eles concederão a ele o que ele quiser. Eu agora te disse em síntese as indicações da cidade na qual o rei deve residir.'"

87

"Yudhishthira disse, 'Como, ó rei, um reino pode ser consolidado e protegido? Eu desejo saber isso. Diga-me tudo isso, ó touro da raça Bharata!'

"Bhishma disse, 'Ouça-me com atenção concentrada. Eu te direi como um reino pode ser consolidado, e como também ele pode ser protegido. Um líder deve ser selecionado para cada aldeia. Sobre dez aldeias (ou dez líderes) deve haver um superintendente. Sobre dois tais superintendentes deve haver um oficial (tendo o controle, portanto, de vinte aldeias). Sobre os últimos devem ser nomeadas pessoas sob cada uma das quais deve haver uma centena de aldeias; e sobre o último tipo de oficiais, devem ser nomeados homens cada um dos quais deve ter mil aldeias sob seu controle. O líder deve averiguar as características de todas as pessoas na aldeia e todas as falhas também que precisam de correção. Ele deve relatar tudo para o oficial (que está acima dele e) a cargo de dez aldeias. O último, também, deve relatar o mesmo ao oficial (que está acima dele e) a cargo de vinte aldeias. O último, por sua vez, deve relatar a conduta de todas as pessoas dentro de seu domínio ao oficial (que está acima dele e) a cargo de cem aldeias. O chefe da aldeia deve ter controle sobre toda a produção e as posses da aldeia. Cada líder deve contribuir com sua parte para manter o senhor de dez aldeias, e o último deve fazer o mesmo para manter o senhor de vinte aldeias. O senhor de cem aldeias deve receber toda a honra do rei e deve ter para o seu sustento uma aldeia grande, ó chefe dos Bharatas, populosa e cheia de riqueza. Tal aldeia, assim atribuída a um senhor de cem aldeias, deve estar, no entanto, dentro do controle do senhor de mil aldeias. Aquele oficial superior, também, isto é, o senhor de mil aldeias, deve ter uma cidade menor para seu sustento. Ele deve desfrutar dos grãos e ouro e outras posses deriváveis dela. Ele deve realizar todos os deveres de suas guerras e outros assuntos internos concernentes a ela. Algum ministro virtuoso, com caráter colérico, deve exercer supervisão sobre os assuntos administrativos e relações mútuas daqueles oficiais. Em cada cidade, também, deve haver um oficial para se encarregar de todas as questões relativas à sua jurisdição. Como um planeta de forma terrível se movendo sobre todas as constelações abaixo, o oficial (com plenos poderes) mencionado por último deve se mover e agir sobre todos os oficiais subordinados a ele. Tal oficial deve averiguar a conduta daqueles sob ele através de seus espiões. Tais altos oficiais devem proteger o povo de todas as pessoas de tendências homicidas, de todos homens de atos pecaminosos, de todos os que roubam as riquezas de outras pessoas, de todos os que são cheios de falsidade, e de todos os que são considerados como possuídos pelo Gênio do mal. Tomando nota das vendas e das compras, do estado das estradas, da alimentação e vestuário, e dos estoques e lucros daqueles que são dedicados ao comércio, o rei deve arrecadar impostos deles. Averiguando em todas as ocasiões a extensão das fabricações, as receitas e despesas daqueles que são encarregados delas, e o estado das artes, o rei deve arrecadar impostos dos artesãos em relação à profissão que eles seguem. O rei, ó Yudhishthira, pode cobrar impostos altos, mas ele nunca deve arrecadar tal quantidade de impostos que possa enfraquecer seu povo. Nenhum tributo deve ser arrecadado sem averiguar o rendimento e a quantidade de trabalho que foi

necessária para produzi-lo. Ninguém trabalharia ou buscaria rendimentos sem causa suficiente. (Se uma margem de lucro suficiente, capaz de manter uma pessoa com conforto, não fosse deixada, ela se absteria totalmente do trabalho. O rei, portanto, ao taxar os rendimentos do trabalho, deve deixar tal margem de lucro para os produtores.) O rei deve, depois de reflexão, arrecadar impostos de tal modo que ele e a pessoa que trabalha para produzir o artigo tributado possam ambos partilhar o valor. O rei não deve, por sua sede, destruir seus próprios alicerces como também aqueles de outros. Ele deve sempre evitar aquelas ações pelas quais ele possa se tornar um objeto de ódio para seu povo. De fato, por agir dessa maneira ele pode conseguir ganhar popularidade. Os súditos odeiam o rei que ganha notoriedade pela voracidade de apetite (na questão de taxas e impostos). Como pode ter prosperidade um rei que se torna um objeto de ódio? Tal rei nunca pode obter o que é para o seu bem. Um rei que tem uma boa inteligência deve ordenhar seu reino como na seguinte analogia de (homens agindo na questão dos) bezerros. Se ao bezerro for permitido mamar ele cresce forte, ó Bharata, e suporta cargas pesadas. Se, por outro lado, ó Yudhishthira, a vaca for ordenhada demais, o bezerro fica magro e falha em fazer muito serviço para o dono. Similarmente, se o reino for muito drenado, os súditos fracassam em realizar qualquer ato que seja grande. O rei que protege seu reino ele mesmo e mostra generosidade para seus súditos (na questão de taxas e impostos) e se sustenta do que é facilmente obtido, consegue obter resultados muitos grandes. O rei então não obtém riqueza suficiente para lhe permitir poder com suas necessidades? (Os súditos então, em ocasiões de necessidade de seu soberano, se apressam a colocar seus recursos à disposição dele.) O reino inteiro, naquele caso, se torna para ele sua tesouraria, enquanto aquela que é sua tesouraria se torna seu quarto de dormir. Se os habitantes das cidades e das províncias forem pobres, o rei deve, se eles dependem dele imediatamente ou mediatamente, lhes mostrar compaixão da melhor maneira que puder. Castigando todos os ladrões que infestam os arredores, o rei deve proteger o povo de suas aldeias e fazê-los felizes. Os súditos, nesse caso, se tornando participantes da prosperidade e do infortúnio do rei, se sentem extremamente satisfeitos com ele. Pensando, em primeiro lugar, em reunir riqueza, o rei deve ir aos principais centros de seu reino um depois do outro e se esforçar para inspirar seu povo com pavor. Ele deve dizer a eles, ‘Agora, a calamidade nos ameaça. Um grande perigo surgiu por causa das ações do inimigo. Há todas as razões, no entanto, para termos esperança de que o perigo passará, pois o inimigo, como um bambu que floresceu, logo encontrará a destruição. Muitos inimigos meus, tendo se levantado e combinado com um grande número de ladrões, desejam colocar nosso reino em dificuldades, para encontrar com a destruição eles mesmos. Em vista dessa grande calamidade repleta de perigo terrível, eu peço sua riqueza para planejar os meios de sua proteção. Quando o perigo passar, eu lhes darei o que eu agora recebo. Nossos inimigos, no entanto, não irão devolver o que eles (se não forem resistidos) pegarem de vocês à força. Por outro lado (se não resistidos), eles irão até matar todos os seus parentes começando com seus próprios cônjuges. Vocês certamente desejam riqueza por causa de seus filhos e esposas. Eu estou feliz com sua prosperidade, e eu suplico a vocês como eu faria com meus próprios filhos. Eu levarei de vocês somente o que estiver dentro do seu poder me dar. Eu

não desejo causar sofrimento a ninguém. Em tempos de calamidade, você devem, como touros fortes, suportar tais cargas. Em épocas de infortúnio, a riqueza não deve ser tão cara a vocês.' Um rei familiarizado com as considerações relativas ao Tempo deve, com tais palavras agradáveis, gentis, e corteses, enviar seus agentes e coletar impostos de seu povo. Mostrando para eles a necessidade de consertar suas fortificações e de custear as despesas de seu estabelecimento e de outras coisas importantes, inspirando-os com o temor de uma invasão estrangeira, e impressionando-os com a necessidade que existe de protegê-los e de lhes permitir assegurar os meios de viver em paz, o rei deve arrecadar impostos dos Vaisyas de seu reino. Se o rei desconsidera os Vaisyas, eles se tornam perdidos para ele, e abandonando seus domínios eles se mudam para as florestas. O rei deve, portanto, se comportar com indulgência em direção a eles. O rei, ó filho de Pritha, deve sempre conciliar e proteger os Vaisyas, adotar medidas para lhes dar um senso de segurança e para protegê-los no desfrute de suas posses, e sempre fazer o for agradável para eles. O rei, ó Bharata, deve sempre agir de tal maneira em direção aos Vaisyas que seus poderes produtivos possam ser aumentados. Os Vaisyas aumentam a força de um reino, melhoram sua agricultura, e desenvolvem seu comércio. Um rei sábio, portanto, deve sempre gratificá-los. Agindo com atenção e indulgência, ele deve arrecadar impostos moderados deles. É sempre fácil se comportar com bondade em direção aos Vaisyas. Não há nada que produza um bem maior para um reino, ó Yudhishthira, do que a adoção de tal comportamento para com os Vaisyas do reino.'"

88

"Yudhishthira disse: 'Diga-me, ó avô, como o rei deve se comportar se, apesar da sua grande riqueza, ele desejar mais.'"

"Bhishma disse, 'Um rei, desejoso de ganhar mérito religioso deve se dedicar ao bem de seus súditos e protegê-los de acordo com considerações de tempo e lugar e com o melhor de sua inteligência e poder. Ele deve, em seus domínios, adotar todas as medidas que em sua avaliação possam assegurar o bem deles com também o dele próprio. Um rei deve ordenhar seu reino como uma abelha coletando mel das plantas. (Isto é, sem prejudicar a fonte.) Ele deve agir como o dono de uma vaca que tira leite dela sem furar seus úberes e sem fazer o bezerro passar fome. O rei deve (na questão das taxas) agir como a sanguessuga tirando sangue brandamente. Ele deve agir com seus súditos como uma tigresa na questão de carregar seus filhotes, tocando-os com seus dentes mas nunca perfurando-os com eles. Ele deve se comportar como um camundongo que embora possua dentes afiados e pontudos ainda corta os pés de animais adormecidos de tal maneira que eles não se tornam em absoluto conscientes disto. Pouco a pouco deve ser tirado de um súdito em crescimento e dessa maneira ele deve ser tosquiado. A demanda deve então ser aumentada gradualmente até que o que é tirado assuma uma proporção justa. O rei deve aumentar a carga de seus súditos gradualmente como uma pessoa aumentando gradualmente as cargas de um boi jovem. Agindo com cuidado e suavidade, ele

deve finalmente por as rédeas neles. Se as rédeas são assim colocadas, eles não se tornam intratáveis. De fato, medidas adequadas devem ser empregadas para fazê-los obedientes. Meros rogos para reduzi-los à submissão não o farão. É impossível se comportar igualmente para com todos os homens. Conciliando aquelas que são principais, as pessoas comuns devem ser reduzidas à obediência. Produzindo desunião (através da ação de seus líderes) entre as pessoas comuns que devem suportar as cargas, o rei deve ele mesmo apresentar-se para conciliá-las e então desfrutar em felicidade do que ele conseguir tirar delas. O rei nunca deve impor taxas inadequadamente e sobre pessoas incapazes de arcar com elas. Ele deve impô-las gradualmente e com conciliação, em tempos apropriados e segundo as formas devidas. Estes artifícios que eu declaro para ti são meios legítimos da arte de reinar. Eles não são considerados como métodos repletos de falsidade. Alguém que procura governar corcéis por métodos impróprios somente os deixa furiosos. Bares, mulheres públicas, cafetões, atores, jogadores e donos de casas de jogo, e outras pessoas deste tipo, que são fontes de desordem para o estado, devem todas ser controladas. Residindo dentro do reino, elas afligem e prejudicam as melhores classes de súditos. Ninguém deve pedir nada de ninguém quando não há necessidade. O próprio Manu antigamente declarou esta injunção em relação a todos os homens. Se todos os homens fossem viver por pedir ou mendigar e se abstivessem de trabalhar, o mundo sem dúvida acabaria. Somente o rei é competente para reprimir e controlar. O rei que não reprime seus súditos (de pecar) ganha uma quarta parte dos pecados cometidos pelo seu povo (por causa da ausência de proteção real). Esta é a declaração dos Srutis. Já que o rei partilha dos pecados e dos méritos de seus súditos ele deve, portanto, ó monarca, reprimir aqueles seus súditos que são pecaminosos. O rei que negligencia a restrição se torna ele mesmo pecaminoso. Ele ganha (como já foi dito) uma quarta parte dos pecados deles assim como uma quarta parte de seus méritos. As seguintes falhas das quais eu falo devem ser controladas. Elas empobrecem a todos. Qual ato pecaminoso há que uma pessoa governada pela paixão não faça? Uma pessoa governada pela paixão se vicia em estimulantes e carne, e se apropria das esposas e da riqueza de outras pessoas, e estabelece um mau exemplo (para ser imitado por outros). Aqueles que não vivem de esmolas podem mendigar em épocas de miséria. O rei deve, observador de justiça, fazer doações a eles por compaixão mas não por medo. Que não aja mendigos em teu reino, nem ladrões. São os ladrões (e não homens virtuosos) que doam para mendigos. Tais doadores não são verdadeiros benfeitores de homens. Que residam em teus domínios homens que auxiliem os interesses de outros e que lhes façam bem, mas não aqueles que exterminam outros. Aqueles oficiais, ó rei, que pegam dos súditos mais do que é devido devem ser punidos. Tu deves então nomear outros que pegarão somente o que é devido. Agricultura, criação de gado, comércio e outras ações de natureza similar, devem ser feitos serem exercidos por muitas pessoas sobre o princípio da divisão de trabalho. Se uma pessoa dedicada à agricultura, criação de gado, ou comércio, se torna inspirada com um senso de insegurança (por causa de ladrões e oficiais tirânicos), o rei, como uma consequência, incorre em infâmia. O rei deve sempre honrar aqueles seus súditos que são ricos e deve dizer a eles, 'Juntos, favoreçamos os interesses do povo.' Em todos os reinos, aqueles que são ricos constituem um

patrimônio no reino. Sem dúvida, uma pessoa rica é o principal dos homens. Aquele que é sábio, ou corajoso, ou rico ou influente, ou justo, ou dedicado a penitências, ou verdadeiro em palavras, ou dotado de inteligência, ajuda na proteção (dos súditos seus companheiros).

Por essas razões, ó monarca, ame todas as criaturas, e mostre as qualidades de honestidade, sinceridade, ausência de ira, e abstenção de ferir! Tu deves assim manejar a vara de castigo, e aumentar tua tesouraria e auxiliar teus amigos e consolidar teu reino dessa maneira, praticando as qualidades de veracidade e sinceridade e apoiado por teus amigos, tesouraria e tropas!'"

89

"Bhishma disse, 'Que as árvores que produzem frutos comestíveis são sejam derrubadas em teus domínios. Frutas e raízes constituem a propriedade dos Brahmanas. Os sábios declaram que esta é uma ordenança de religião. O excedente, depois de sustentar os Brahmanas, deve ir para o sustento de outras pessoas. Ninguém deve pegar qualquer coisa por fazer uma injúria para os Brahmanas. (Isto é, antes de eles estarem satisfeitos). Se um Brahmana, afligido por falta de sustento, deseja abandonar um reino para obter o meio de vida (em outro lugar), o rei, ó monarca, deve, com afeição e respeito, conceder a ele os meios de sustento. Se ele ainda não desistir (de deixar o reino), o rei deve ir para uma assembléia de Brahmanas e dizer, 'Tal Brahmana está deixando o reino. Em quem meu povo então encontrará uma autoridade para guiá-lo?' (Os Brahmanas são autoridades para guiar outros homens. Quando, portanto, um Brahmana específico deixa o reino, o povo perde nele um amigo, professor, e guia.) Se depois disso ele não desistir de sua intenção de ir embora, e dizer qualquer coisa, o rei deve dizer a ele, 'Esqueça o passado'. (Isto é, se a pessoa que pretende partir se refere a uma negligência anterior do rei, o rei deve pedir perdão e, é claro, atribuir a ele os meios de sustento.) Este, ó filho de Kunti, é o caminho eterno do dever real. O rei deve em seguida dizer a ele, 'De fato, ó Brahmana, as pessoas dizem que deve ser concedido para um Brahmana apenas o suficiente para mantê-lo. Eu, no entanto, não aceito aquela opinião. Por outro lado, eu penso que se um Brahmana procura deixar um reino por causa da negligência do rei em lhe fornecer os meios de sustento, tais meios devem ser atribuídos a ele, e, em seguida, se ele pretende dar aquele passo para obter os meios de luxo, a ele ainda deve ser pedido para ficar e ser suprido até com aqueles meios.' Agricultura, criação de gado, e comércio, fornecem para todos os homens os meios de vida. Um conhecimento dos Vedas, no entanto, fornece a eles os meios de alcançar o céu. Aqueles, portanto, que obstruem o estudo dos Vedas e a causa de práticas Védicas devem ser considerados como inimigos da sociedade. É para o extermínio destes que Brahman criou os Kshatriyas. Subjugue teus inimigos, proteja teus súditos, adore as divindades em sacrifícios, e lute batalhas com coragem, ó alegrador dos Kurus! Um rei deve proteger aqueles que merecem proteção. O rei que faz isso é o melhor dos soberanos. Os reis que não exercem o dever de proteção vivem uma vida inútil. Para o benefício de todos os seus súditos

o rei deve sempre procurar averiguar as ações e pensamentos de todos, ó Yudhishthira; e por essa razão deve colocar espiões e agentes secretos. Protegendo outros de ti mesmo, e tu mesmo de outros, como também outros de outros, e tu de ti mesmo, sempre cuide do teu povo. Protegendo sua própria pessoa de todos primeiro, o rei deve proteger a terra. Homens de conhecimento dizem que tudo tem sua base na própria pessoa. O rei deve sempre refletir sobre estes, isto é, quais são seus pontos fracos, em quais maus hábitos ele é viciado, quais são as fontes de sua fraqueza, e quais são as fontes de seus erros. O rei deve fazer agentes secretos e de confiança vagarem pelo reino para averiguar se sua conduta como exposta no dia anterior encontrou ou não a aprovação do povo. De fato, ele deve averiguar se sua conduta é ou não é geralmente elogiada, ou, se ela é ou não aceitável para o povo das províncias, e se ele tem ou não tem conseguido ganhar um bom nome em seu reino. Entre aqueles que são virtuosos e possuidores de sabedoria, aqueles que nunca se retiram da batalha, e aqueles que não residem em teu reino, aqueles que são dependentes de ti, e aqueles que são teus ministros, assim como os que são independentes de partido, aqueles que te louvam ou te culpam nunca devem ser objetos de desconsideração por ti, ó Yudhishthira! (Isto é, tu deves te interessar por tal opinião, sem ficar zangado com aqueles que te criticam ou te acusam.) Nenhum homem, ó majestade, pode conseguir ganhar a boa opinião de todas pessoas no mundo. Todas as pessoas têm amigos, inimigos, e neutros, ó Bharata!'"

"Yudhishthira disse, 'Entre pessoas todas as quais são iguais em poder de armas e talentos, de onde uma adquire superioridade sobre todo o resto, e por qual motivo ela consegue o domínio sobre elas?'"

"Bhishma disse, 'Criaturas que são móveis devoram coisas que são imóveis; animais que têm dentes devoram aqueles que não têm dentes; cobras coléricas de veneno virulento devoram as menores de sua própria espécie. (Conforme este princípio), entre os seres humanos também, o rei que é forte vitima aqueles que são fracos. O rei, ó Yudhishthira, deve sempre estar atento aos seus súditos como também aos seus inimigos. Se ele se torna descuidado, eles caem sobre ele como urubus (sobre carniça). Cuide, ó rei, para que os comerciantes em teu reino que compram artigos a preços altos e baixos (para venda), e que no decurso de suas viagens têm que dormir ou descansar em florestas e regiões inacessíveis, não sejam afligidos pela imposição de impostos pesados. (Isto é, aqueles que têm que passar por tais privações em exercer sua ocupação proveitosa não devem ser taxados pesadamente.) Não deixe que os agricultores do teu reino o deixem por causa de opressão; eles, que carregam as cargas do rei, também sustentam os outros residentes do reino. As doações feitas por ti neste mundo sustentam os deuses, Pitris, homens, Nagas, Rakshasas, aves, e animais. Esses, ó Bharata, são os meios de governar um reino e de proteger seus soberanos. Eu te falarei novamente sobre o assunto, ó filho de Pandu!'"

90

"Bhishma disse, 'Aquela principal de todas as pessoas conhecedoras dos Vedas, Utathya da linhagem de Angirasa, falou alegremente (em uma ocasião passada) para o filho de Yuvanaswa, Mandhatri. Eu irei agora, ó Yudhishthira, narrar para ti tudo o que Utathya, aquela principal de todas as pessoas familiarizadas com os Vedas, disse para aquele rei.'"

"Utathya disse, 'Alguém se torna um rei para agir nos interesses da justiça e não para se comportar caprichosamente. Saiba disto, ó Mandhatri; o rei é, de fato, o protetor do mundo. Se o rei age justamente, ele alcança a posição de um deus (isto é, vai para o céu). Por outro lado, se ele age injustamente, ele cai no inferno. Todas as criaturas se apóiam na justiça. A justiça, por sua vez, se apóia no rei. O rei, portanto, que mantém a justiça, é realmente um rei. Aquele rei que é dotado de uma alma justa e com todos os tipos de graça é citado como uma encarnação da virtude. Se um rei fracassa em castigar a injustiça, os deuses abandonam sua mansão e ele incorre na desonra entre homens. Os esforços de homens que cumprem seus próprios deveres são sempre coroados com sucesso. Por essa razão todos os homens procuram obedecer aos ditames de justiça que é produtiva de prosperidade. Quando a pecaminosidade não é reprimida, o comportamento justo chega ao fim e o comportamento injusto aumenta imensamente. Quando a pecaminosidade não é reprimida, ninguém pode, segundo os direitos de propriedade como declarado nas escrituras, dizer, 'Esta coisa é minha e esta não é minha'. Quando a pecaminosidade prevalece no mundo, os homens não podem possuir e desfrutar de suas próprias esposas e animais e campos e casas. As divindades não recebem culto, os Pitris nenhuma oferenda em Sraddhas, e os convidados nenhuma hospitalidade, quando a pecaminosidade não é reprimida. As classes regeneradas não estudam os Vedas, ou cumprem votos superiores, ou expandem sacrifícios, quando a pecaminosidade não é reprimida. As mentes dos homens, ó rei, se tornam fracas e confusas como aquelas de pessoas feridas por armas, quando a pecaminosidade não é reprimida. Lançando seus olhos em ambos os mundos, os Rishis fizeram o rei, aquele ser superior, planejando que ele seria a encarnação da justiça sobre a terra. (Bhishma diz que este discurso é muito antigo. Provavelmente este verso se refere à idéia do escritor dos motivos que impeliram os Rishis de Brahmavarta quando eles decidiram para sua colônia indiana a forma de governo real.) É chamado de Rajan aquele em quem a justiça brilha. O rei em quem não há justiça é chamado de Vrishala. (Este verso dá a etimologia da palavra Rajan e Vrishala. Ele em quem a justiça, brilha (rajate) é um Rajan; e ele em quem a justiça, chamada Vrisha, desaparece, é um Vrishala.) O divino Dharma (justiça) tem outro nome, isto é, Vrisha. Aquele que enfraquece Vrisha é chamado pelo nome de Vrishala. Um rei deve, portanto, promover a causa da justiça. Todas as criaturas crescem no crescimento da justiça, e decaem com a decadência dela. À justiça, portanto, nunca deve ser permitido decair. A justiça é chamada de Dharma porque ela ajuda a aquisição e conservação de riqueza (Dhana). Os sábios, ó rei, declaram que Dharma reprime e coloca limites em todos os maus atos dos homens. O nascido por si mesmo (Brahman) criou Dharma para o avanço e crescimento das criaturas. Por esta razão, um rei deve

agir segundo os ditames de Dharma para beneficiar seus súditos. Por esta razão também, ó tigre entre reis, Dharma é citado como a principal de todas as coisas. Aquele principal dos homens que governa seus súditos justamente é chamado de rei. Desconsiderando luxúria e ira, cumpra os ditames de justiça. Entre todas as coisas, ó chefe da linhagem de Bharata, que levam à prosperidade dos reis, a justiça é a principal. Dharma, além disso, surgiu do Brahmana. Por esta razão, o Brahmana deve sempre ser adorado. Tu deves, ó Mandhatri, satisfazer com humildade os desejos de Brahmanas. Por negligenciar satisfazer os desejos dos Brahmanas, o rei traz perigo sobre si mesmo. Por tal omissão, ele fracassa em obter alguma adesão de amigos enquanto seus inimigos aumentam em número. Em consequência de malícia em direção aos Brahmanas, surgida de sua tolice, a deusa da prosperidade, que tinha antigamente morado com ele, ficou enfurecida e abandonou o Asura Vali, o filho de Virochana. Abandonando o Asura ela foi até Indra, o chefe das divindades. Vendo a deusa vivendo com Purandara, Vali se entregou a muitos arrependimentos inúteis. Esses, ó poderoso, são os resultados da malícia e do orgulho. Fique vigilante, ó Mandhatri, para que a deusa da prosperidade não te abandone enfurecida. Os Srutis declaram que a Injustiça gerou um filho chamado Orgulho na deusa da prosperidade. Este Orgulho, ó rei, levou muitos dentre os deuses e os Asuras à ruína. Muitos sábios reais também foram destruídos por causa dele. Esteja, portanto, atento, ó rei! Aquele que o consegue conquistar se torna um rei. Aquele, por outro lado, que permite a si mesmo ser conquistado por ele, se torna um escravo. Se, ó Mandhatri, tu desejas uma vida eterna (de felicidade), viva como um rei que não se entrega a estes dois, isto é, Orgulho e Injustiça! Abstenha-te da companhia daquele que está embriagado (com orgulho), daquele que é desatento (aos ditames de honestidade), daquele que zomba da religião, daquele que é insensato, e te abstenha de cortejar a todos eles quando unidos. Mantenha tua pessoa afastada da companhia dos ministros a quem tu puniste uma vez e especialmente de mulheres, como também de montanhas e terras acidentadas e fortalezas inacessíveis e elefantes e cavalos e répteis (nocivos). Tu deves também desistir de vagar durante a noite, e evitar os defeitos de mesquinhez e vaidade e jactância e ira. Tu nunca deves ter relacionamento com mulheres desconhecidas, ou com aquelas de sexo equívoco, ou aquelas que são lascivas, ou aquelas que são esposas de outros homens, ou aquelas que são virgens. Quando o rei não reprime o vício, uma confusão de castas se segue, e Rakshasas pecaminosos, e pessoas de sexo neutro, e crianças desprovidas de membros ou possuidoras de línguas grossas, e idiotas, começam a nascer até em famílias respeitáveis. Portanto, o rei deve ter um cuidado especial em agir justamente, para o benefício de seus súditos. Se um rei age negligentemente, um grande mal se torna a consequência. A injustiça aumenta causando uma confusão de castas. O frio se manifesta durante os meses de verão, e desaparece quando sua estação apropriada chega. Secas e enchentes e pestilências afligem o povo. Estrelas ameaçadoras surgem e cometas ameaçadores aparecem em tais ocasiões. Diversos outros presságios, indicando a destruição do reino, aparecem. Se o rei não toma medidas para a sua própria segurança e não protege seus súditos, os últimos primeiro encontram a destruição e então a destruição apanha o próprio rei. Duas pessoas combinam de roubarem juntas a riqueza de alguém, e muitas agindo em acordo roubam as

duas. Donzelas são defloradas. Tal estado de coisas é citado como resultante das falhas do rei. Todos os direitos de propriedade acabam entre os homens, quando o rei, abandonando a justiça, age negligentemente.'"

91

"Utathya disse, 'Se a divindade das nuvens despeja chuva na estação apropriada e o rei age virtuosamente, a prosperidade que se segue mantém os súditos em felicidade. O lavadeiro que não sabe como lavar a sujeira do tecido sem tirar sua tintura é muito inábil em sua profissão. A pessoa entre os Brahmanas ou Kshatriyas ou Vaisyas que, tendo abandonado os deveres apropriados de sua classe, se torna um Sudra, é realmente para ser comparado com tal lavadeiro. Serviço humilde se atribui ao Sudra; agricultura ao Vaisya; a ciência de punição ao Kshatriya, e Brahmacharya, penitências, mantras, e honestidade, ao Brahmana. O Kshatriya que sabe como corrigir os erros de comportamento das outras classes e removê-los como um lavadeiro é realmente o pai delas e merece ser seu rei. As respectivas eras chamadas Krita, Treta, Dwapara e Kali, ó touro da raça Bharata, dependem todas da conduta do rei. É o rei que constitui a era. (Pois se ele age justamente, a era que inicia é Krita, se, por outro lado, ele age pecaminosamente, ele faz a era Kali começar.) As quatro classes, os Vedas e os deveres em relação aos quatro modos de vida ficam todos confusos e enfraquecidos quando o rei se torna negligente. Os três tipos de Fogo, os três Vedas, e sacrifícios com Dakshina, todos se perdem quando o rei se torna negligente. O rei é o criador de todas as criaturas, e o rei é seu destruidor. O rei que é de alma justa é considerado como o criador, enquanto aquele que é pecaminoso é considerado como o destruidor. As esposas do rei, filhos, parentes, e amigos, se tornam todos infelizes e sofrem quando o rei é negligente. Elefantes e corcéis e vacas e camelos e mulas e jumentos e outros animais todos perdem seu vigor quando o rei se torna injusto. É dito, ó Mandhatri, que o Criador criou o Poder (representado pelo rei) para o objetivo de proteger a Fraqueza. A Fraqueza é, de fato, um grande ser, pois tudo depende dela. (Aquele que protege a Fraqueza ganha o céu, enquanto aquele que a persegue vai para o inferno. A Fraqueza, dessa maneira, é uma grande coisa. Seu poder, por assim dizer, é tal que ela pode levar para o céu e inferno todos com os quais ela possa entrar em contato.) Todas as criaturas adoram o rei. Todas as criaturas são os filhos do rei. Se, portanto, ó monarca, o rei se torna injusto, todas as criaturas são prejudicadas. Os olhares do fraco, do Muni, e da cobra de veneno virulento, devem ser considerados como insuportáveis. Não entre, portanto, em contato (hostil) com os fracos. Tu deves considerar os fracos como sempre sujeitos à humilhação. Tome cuidado para que os olhares dos fracos não queimem a ti com teus parentes. Em uma família chamuscada pelos olhares dos fracos, nenhuma criança nasce. Tais olhares queimam a linhagem até suas próprias raízes. Não entre, portanto, em contato (hostil) com os fracos. A Fraqueza é mais poderosa até do que o maior Poder, pois aquele Poder que é queimado pela Fraqueza vem a ser exterminado totalmente. Se uma pessoa, que foi humilhada ou golpeada,

fracassa, enquanto gritando por ajuda, em obter um protetor, o castigo divino alcança o rei e causa sua destruição. Ó majestade, enquanto no desfrute do Poder, não tire a riqueza daqueles que são Fracos. Tome cuidado para que os olhares dos Fracos não te queimem como um fogo ardente. As lágrimas derramadas por homens atormentados pelas mentiras matam os filhos e animais daqueles que proferiram tais mentiras. Como uma vaca uma ação pecaminosa cometida não produz resultados imediatos. (O dono de uma vaca tem que esperar pelos bezerros para obter leite). Se o resultado não é visto no próprio perpetrador, ele é visto em seu filho ou no filho de seu filho, ou filho da filha. Quando uma pessoa fraca não encontra um salvador, a grande vara de castigo divino cai (sobre o rei). Quando todos os súditos de um rei (são obrigados pela pobreza) a viver como Brahmanas, por mendicância, tal mendicância traz destruição sobre o rei. Quando todos os oficiais do rei postados nas províncias se unem e agem com injustiça, é dito então que o rei ocasiona um estado de mal genuíno em seu reino. Quando os oficiais do rei extorquem riqueza, por meios injustos ou agindo por luxúria ou avareza, de pessoas que pedem piedade deploravelmente, é certo que uma grande destruição alcançará o rei. Uma árvore imensa, nascendo, cresce até grandes proporções. Numerosas criaturas então se aproximam e procuram sua proteção. Quando, no entanto, ela é derrubada ou consumida em uma conflagração, aqueles que recorreram a ela para se abrigarem ficam todos sem lar. Quando os residentes de um reino realizam atos de justiça e todos os ritos religiosos, e elogiam as boas qualidades do rei, o último colhe um aumento de riqueza. Quando, por outro lado, os residentes, movidos pela ignorância, abandonam a justiça e agem incorretamente, o rei é surpreendido pela miséria. Quando homens pecaminosos cujos atos são conhecidos são permitidos se moverem entre os justos (sem serem punidos por seus delitos), Kali então surpreende os soberanos daqueles reinos. Quando o rei faz com que todas as pessoas pecaminosas sejam punidas, seu reino viceja em prosperidade. Certamente prospera o reino daquele rei que presta honras apropriadas a seus ministros e os emprega em medidas de política e em batalhas. Tal soberano desfruta da vasta terra para sempre. O rei que honra devidamente todas as boas ações e boas palavras consegue ganhar grande mérito. O desfrute de coisas boas depois de dividi-las com outros, a prestação honras apropriadas aos ministros, e a subjugação de pessoas embriagadas com força, constituem o grande dever de um rei. Proteger todos os homens por meio de palavras, exército, e ações, e nunca perdoar seu próprio filho (se ele transgrediu), constituem o grande dever do rei. O sustento daqueles que são fracos por dividir com eles as coisas que ele tem, e assim aumentar a força deles constitui o dever do rei. Proteção do reino, extermínio de ladrões, e conquista em batalha, constituem o dever do rei. Nunca perdoar uma pessoa embora querida, se ela cometeu um delito por ação ou palavra, constitui o dever do rei. Proteger aqueles que pedem asilo, como ele protegeria seus próprios filhos, e nunca privar alguém das honras às quais ele tem direito constituem o dever do rei. Adorar as divindades, com um coração devotado, em sacrifícios completados por presentes, e subjugar luxúria e inveja, constituem o dever do rei. Secar as lágrimas dos afligidos, dos desamparados, e dos idosos, e inspirá-los com alegria, constituem o dever do rei. Engrandecer amigos, enfraquecer inimigos, e honrar os bons, constituem o dever do rei. Cumprir

alegremente as obrigações de veracidade, sempre fazer doações de terra, entreter convidados, e manter dependentes, constituem o dever do rei. Aquele rei que favorece aqueles que merecem favores e castiga aqueles que merecem punição ganha grande mérito neste mundo e após a morte. O rei é o próprio Yama. Ele é, ó Mandhatri, o deus (encarnado) para todos aqueles que são corretos. (O rei é Deus encarnado para todos os homens corretos porque eles podem esperar tudo dele.) Por subjugar seus sentidos ele consegue adquirir grande afluência. Por não subjugá-los ele incorre em pecado. Prestar honras devidas a Ritwijas e sacerdotes e preceptores, e fazer bons préstimos para eles constituem o dever do rei. Yama governa todas as criaturas sem observar distinções. O rei deve imitá-lo em seu comportamento por controlar todos os seus súditos devidamente. É dito que o rei parece com Aquele de Mil Olhos (Indra) em todos os aspectos. Ó touro entre homens, deve ser considerado como justiça aquilo que é considerado como tal por ele. Tu deves, sem ser negligente, cultivar bondade, inteligência, paciência, e o amor de todas as criaturas. Tu deves também averiguar a força e a fraqueza de todos os homens e aprender a distinguir entre certo e errado. Tu deves agir com retidão para com todas as criaturas, fazer caridade, e proferir palavras agradáveis e gentis. Tu deves manter os residentes da tua cidade e das províncias em alegria. Um rei que não é inteligente nunca consegue proteger seus súditos. A soberania, ó majestade, é uma responsabilidade muito feliz para se arcar. Somente o rei que é possuidor de sabedoria e coragem, e que é conhecedor da ciência de castigo, pode proteger um reino. Aquele, por outro lado, que não tem energia e inteligência, e que não é versado na grande ciência, é incompetente para arcar com a responsabilidade da soberania. Ajudado por ministros de belo aspecto e bom nascimento, inteligentes em negócios, dedicados ao seu mestre, e possuidores de grande erudição, tu deves examinar os corações e ações de todos os homens incluindo os próprios ascetas nas florestas. Agindo dessa maneira, tu serás capaz de descobrir os deveres de todas as classes de homens. Isto te ajudará a cumprir os teus próprios deveres, quando tu estiveres no teu país ou quando tu fores para outros reinos. Entre estes três objetivos, isto é, Virtude, Lucro, e Prazer, a Virtude é o principal. Aquele que é de alma virtuosa obtém grande felicidade nesta vida e após a morte. Se os homens forem tratados com honra, eles podem até abandonar (por causa da honra que tu possas dar a eles) suas próprias esposas e filhos. Por ligar bons homens a ele mesmo (por fazer bons préstimos a eles), por meio de presentes, palavras gentis, atenção e pureza de comportamento, um rei pode ganhar grande prosperidade. Portanto, ó Mandhatri, não seja negligente a estas qualidades e ações. O rei nunca deve ser negligente em procurar seus próprios pontos fracos, como também aqueles de seus inimigos. Ele deve agir de tal maneira que seus inimigos não possam descobrir seus pontos fracos, e ele deve atacá-los quando os deles estiverem visíveis. Essa é a maneira na qual Vasava, e Yama, e Varuna, e todos os grandes sábios reais têm agido. Observe a mesma conduta. Ó grande rei, adote esse comportamento que foi seguido por aqueles sábios reais. Ó touro da raça Bharata, adote logo essa estrada celestial. Os deuses, os Rishis, os Pitris, e os Gandharvas, possuidores de grande energia, cantam os louvores, nesta vida e após a morte, do rei cuja conduta é justa.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por Utathya, ó Bharata, Mandhatri agiu sem hesitar como ele tinha sido instruído, e se tornou o único senhor da terra extensa. Aja tu também, ó rei, justamente como Mandhatri. Tu irás então, depois de governar a terra, obter uma residência no céu.'"

92

"Yudhishthira disse, 'Como deve um rei virtuoso, que deseja aderir a um procedimento de justiça, se comportar? Eu te pergunto isto, ó principal dos homens! Responda-me, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga história do que Vamadeva dotado de grande inteligência e conhecedor da verdadeira significação de tudo cantou em um tempo antigo. Uma vez, o rei Vasumanas, possuidor de conhecimento e fortaleza e pureza de comportamento, pediu ao grande Rishi Vamadeva de grande mérito ascético, dizendo, 'Instrua-me, ó santo, em palavras repletas de retidão e de grave importância, quanto à conduta a ser observada por mim para que eu não possa me desviar dos deveres prescritos para mim.' A ele de uma cor dourada e sentado comodamente como Yayati, filho de Nahusha, aquele principal dos ascetas, isto é, Vamadeva, de grande energia, falou o seguinte:

"Vamadeva disse, 'Aja justamente. Não há nada superior à justiça. Aqueles reis que são observadores da justiça conseguem conquistar a terra inteira. O rei que considera a justiça como o meio mais eficaz para realizar seus objetivos, e que age de acordo com os conselhos daqueles que são justos, resplandece com justiça. Aquele rei que desconsidera a virtude e deseja agir com força bruta logo abandona a justiça e perde a Virtude e o Lucro. O rei que age segundo os conselhos de um ministro violento e pecaminoso se torna um destruidor da justiça e merece ser morto por seus súditos com toda a sua família. De fato, ele logo encontra a destruição. O rei que é incompetente para cumprir os deveres da arte de governar, que é governado pelo capricho em todas as suas ações, e que se vangloria, logo encontra a destruição mesmo que ocorra de ele ser soberano da terra inteira. Aquele rei, por outro lado, que deseja prosperidade, que é livre de malícia, que tem seus sentidos sob controle, e que é dotado de inteligência, prospera em afluência como o oceano aumentando com as águas descarregadas nele por cem rios. Ele nunca deve considerar que tem virtude, prazeres, riqueza, inteligência, e amigos suficientes. Destes depende a conduta do mundo. Por escutar a esses conselhos, um rei obtém fama, realizações, prosperidade, e súditos. Dedicado à virtude, o rei que procura a aquisição de virtude e riqueza por tais meios, e que inicia todas as suas medidas depois de refletir sobre seus objetivos, tem êxito em obter grande prosperidade. O rei que é mesquinho e sem afeição, que aflige seus súditos por meio de castigos indevidos, e que é estouvado em seus atos, logo encontra a destruição. Aquele rei que não é dotado de inteligência fracassa em ver suas próprias falhas. Coberto de infâmia nesta vida, ele cai no inferno após a morte. Se o rei dá honra apropriada para aqueles que a merecem, faz caridade, e reconhece o valor de palavras gentis por si mesmo

proferindo-as em todas as ocasiões, seus súditos então dissipam as calamidades que o surpreendem, como se elas tivessem caído sobre eles mesmos. O rei que não tem instrutor nos caminhos da justiça e que nunca pede conselhos a outros, e que procura adquirir riqueza pelos meios que o capricho sugere, nunca consegue desfrutar de felicidade por muito tempo. Aquele rei, por outro lado, que ouve as instruções de seus preceptores em questões ligadas com virtude, que supervisiona ele mesmo os negócios de seu reino, e que em todas as suas aquisições é guiado por considerações de virtude, consegue desfrutar de felicidade por um longo tempo.'"

93

"Vamadeva continuou, 'Quando o rei, que é poderoso, age injustamente em direção aos fracos, aqueles que nascem em sua linhagem imitam a mesma conduta. Outros, também, imitam aquele canalha que espalha o pecado. Tal imitação do homem não controlado por restrições logo traz a destruição sobre o reino. A conduta de um rei que é cumpridor dos seus próprios deveres, é aceita pelos homens em geral como um modelo para imitação. A conduta, no entanto, de um rei que abandona seus deveres, não é tolerada nem pelos seus próprios parentes. O rei imprudente que, desconsiderando as injunções declaradas nas escrituras, age com arrogância em seu reino, logo encontra a destruição. Aquele Kshatriya que não segue a conduta observada desde os tempos antigos por outros Kshatriyas, vencido ou vencedor, é citado como tendo abandonado os deveres Kshatriya. Tendo capturado em batalha um inimigo nobre que fez algum bem ao conquistador em uma ocasião anterior, o rei que, estimulado pela malícia, não lhe presta honras, se desvia dos deveres Kshatriya. O rei deve mostrar seu poder, viver alegremente, e fazer o que for necessário em épocas de perigo. Tal soberano se torna querido para todas as criaturas e nunca perde a prosperidade. Se tu fizeres desserviço para alguma pessoa, tu deves, quando chegar a ocasião, fazer serviço a ela. Alguém que não é amado vira um objeto de amor, se ele faz que é agradável. Palavras falsas devem ser evitadas. Tu deves fazer o bem a outros sem ser solicitado. Tu nunca deves abandonar a justiça por luxúria ou ira ou malícia. Não dê respostas rudes quando questionado por alguém. Não profira palavras indignas. Nunca tenha pressa em fazer alguma coisa. Nunca te entregue à malícia. Por tais meios um inimigo é conquistado. Não ceda à alegria excessiva quando qualquer coisa agradável ocorrer, nem te permita ser dominado pela tristeza quando qualquer coisa desagradável ocorrer. Nunca te entregue à angústia quando teus recursos pecuniários estiverem esgotados, e sempre lembre do dever de fazer o bem para teus súditos. O rei que sempre faz o que é agradável em virtude de sua disposição alcança o sucesso em todas as suas medidas e nunca perde a prosperidade. O rei deve sempre, com atenção, apreciar aquele empregado devotado que se abstém de fazer o que é prejudicial para seu chefe e que sempre faz o que é para o seu bem. Ele deve designar em todos os grandes negócios pessoas que tenham subjugado seus sentidos, que sejam devotadamente leais e de comportamento puro, e possuidoras de habilidade.

Aquela pessoa, que pela posse de tais qualificações agrada ao rei e que nunca é negligente em cuidar dos interesses de seu mestre deve ser nomeada pelo rei nos negócios de seu reino. Por outro lado, o rei fica desprovido de prosperidade por nomear para trabalhos importantes homens que são tolos e escravos de seus sentidos, que são cobiçosos e de conduta não respeitável, que são enganadores e hipócritas, maliciosos, de alma pecaminosa, e ignorantes, de mente baixa, e viciados em bebida, jogo, mulheres, e caça. O rei que, primeiro protegendo a si mesmo, protege outros que merecem proteção, sente a satisfação de encontrar seus súditos crescendo em prosperidade. Tal rei sucede também em obter grandeza. Um rei deve, por meio de agentes secretos que sejam dedicados a ele, observar a conduta e ações de outros reis. Por tais meios ele pode obter superioridade. Tendo ofendido um rei poderoso, ele não deve se acomodar com o pensamento de que ele (o ofensor) vive a uma grande distância do ofendido. Tal rei quando ofendido cai sobre o ofensor como o falcão se lançando sobre sua presa, em momentos de descuido. Um rei cujo poder foi consolidado e que confia em sua própria força, deve atacar um vizinho que é mais fraco do que ele mesmo mas nunca um que é mais forte. Um rei que é dedicado à virtude, tendo obtido a soberania da terra por meio de coragem, deve proteger seus súditos justamente e matar inimigos em batalha. Tudo pertencente a este mundo está destinado à destruição. Nada aqui é durável. Por esta razão, o rei, aderindo à justiça, deve proteger seus súditos justamente. A defesa dos fortes, batalha, administração da justiça, consultas sobre questões de política, e manter os súditos em felicidade, estas cinco ações contribuem para aumentar os domínios de um rei. O rei que cuida apropriadamente destes é considerado o melhor dos reis. Por sempre se encarregar disto, um rei consegue proteger seu reino. É impossível, no entanto, para um homem supervisionar todos esses assuntos todo o tempo. Transferindo tal supervisão para seus ministros, um rei pode governar a terra para sempre. O povo faz seu rei uma pessoa que é generosa, que compartilha todos os objetos de prazer com os outros, que possui uma tendência branda, que tem comportamento puro, e que nunca abandonará seus súditos. É obedecido no mundo aquele que, tendo ouvido conselhos de sabedoria, os aceita, abandonando suas próprias opiniões. O rei que não tolera os conselhos de um benquerente por causa de sua oposição aos seus próprios pontos de vista, que escuta com inatenção o que lhe é dito em oposição às suas opiniões, e que nem sempre segue a conduta de pessoas superiores e nobres, vencido ou não vencido, é citado como tendo abandonado os deveres Kshatriyas. De ministros que foram uma vez castigados, de mulheres em especial, de montanhas e regiões inacessíveis, de elefantes e cavalos e répteis, o rei deve sempre, com cuidado, se proteger. (O rei não deve montar elefantes e cavalos indóceis, deve se proteger contra répteis venenosos e os artifícios de mulheres, e deve tomar cuidado especial enquanto subindo montanhas ou entrando em regiões inacessíveis tais como florestas e vales arborizados.) Aquele rei que, abandonando seus principais ministros, faz seus favoritos pessoas inferiores, logo cai em desgraça, e nunca consegue realizar os fins (planejados) de suas medidas. O rei de alma instável, que, cedendo à influência da ira e malícia, não ama e honra aqueles entre seus parentes que possuem boas qualidades, é citado como vivendo à beira da destruição. O rei que se liga a pessoas ilustres por lhes fazer o bem, mesmo que ele possa não gostar

delas no fundo, consegue desfrutar de fama para sempre. Tu nunca deves impor impostos fora de época. Tu não deves sofrer pela ocorrência de algo desagradável, nem te regozijar extremamente por algo agradável. Tu deves sempre te dedicar à realização de atos bons. Quais entre os que dependem do rei são realmente dedicados a ti, e quais são leais a ti por medo, e quais entre eles têm defeitos, deve sempre ser averiguado por ti. O rei, mesmo se ele for poderoso, não deve confiar naqueles que são fracos, pois em momentos de descuido os fracos podem atacar o poderoso como um bando de urubus agarrando sua presa. Um homem de alma pecaminosa procura prejudicar seu mestre mesmo que o último seja de palavras gentis e possua todas as habilidades. Não coloque, portanto, tua confiança em tais homens. Yayati, o filho de Nahusha, ao declarar os mistérios da arte de reinar, disse que uma pessoa dedicada a governar homens deve matar até inimigos que são desprezíveis.'"

94

"Vamadeva disse, 'O rei deve ganhar vitórias sem batalhas. Os sábios não falam em termos elogiosos de vitórias alcançadas por meio de batalhas, ó monarca. Quando o próprio poder do soberano não está confirmado, ele não deve procurar fazer novas aquisições. Não é apropriado que um rei cujo poder não foi consolidado procure fazer tais aquisições. O poder de um rei cujos domínios são amplos e cheios de riqueza, cujos súditos são leais e contentes, e que tem um grande número de oficiais, é citado como confirmado. Aquele rei cuja classe militar é contente, satisfeita (com pagamentos e prêmios), e competente para enganar inimigos, pode até com uma pequena tropa subjugar a terra inteira. O poder do rei cujos súditos, pertencentes às cidades ou às províncias, têm compaixão por todas as criaturas, e possuem riquezas e grãos, é citado como confirmado. Quando o rei pensa que seu poder é maior do que aquele de um inimigo, ele deve então, ajudado por sua inteligência, procurar adquirir a riqueza e territórios do último. Um rei cujos recursos estão aumentando, que é compassivo para todas as criaturas, que nunca perde tempo por procrastinação, e que é cuidadoso em proteger a si mesmo, consegue ganhar avanço. Aquele rei que se comporta enganadoramente em direção ao seu próprio povo que não tem sido culpado de qualquer falha, ceifa a si mesmo como uma pessoa derrubando uma floresta com um machado. Se o rei nem sempre se encarrega da tarefa de matar seus inimigos, os últimos não diminuem. O rei que sabe como matar seu próprio temperamento não encontra inimigos. Se o rei for possuidor de sabedoria, ele nunca fará alguma ação que seja desaprovada por bons homens. Ele irá, por outro lado, sempre se dedicar a tais atos que levem ao seu próprio benefício assim como o de outros. O rei que, tendo realizado todos os seus deveres, se torna feliz pela aprovação da sua própria consciência, nunca incorre na repreensão de outros nem se entrega a arrependimentos. O rei que observa tal conduta em direção a homens consegue subjugar ambos os mundos e desfrutar dos frutos da vitória.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por Vamadeva, o rei Vasumana fez como ele foi instruído. Sem dúvida, tu também, seguindo esses conselhos, conseguirás conquistar ambos os mundos.'"

95

"Yudhishthira disse, 'Se um Kshatriya deseja subjugar outro Kshatriya em batalha, como deve o primeiro agir na questão daquela vitória? Questionado por mim, responda isto.'"

"Bhishma disse, 'O rei, com ou sem um exército em sua retaguarda, entrando nos domínios do rei que ele irá subjugar, deve dizer a todas as pessoas, 'Eu sou seu rei. Eu sempre protegerei vocês. Dêem-me o justo tributo ou me enfrentem em batalha.' Se o povo aceitá-lo como seu rei, não há necessidade de luta. Se, sem serem Kshatriyas por nascimento, eles mostrarem sinais de hostilidade, eles devem então, observadores como eles são de práticas não prescritas para eles, ser reprimidos por todos os meios. Pessoas das outras classes pegam armas (para resistir ao invasor) se elas vêem o Kshatriya desarmado para lutar, incapaz de proteger a si mesmo, e fazendo muito do inimigo.'"

"Yudhishthira disse 'Diga-me, ó avô, como o rei Kshatriya deve se comportar em luta ao avançar contra outro rei Kshatriya.'"

"Bhishma disse, 'Um Kshatriya não deve colocar armadura para lutar com um Kshatriya sem armadura. Um deve lutar com um, e abandonar o oponente quando o último se tornar inabilitado. Se o inimigo se aproxima envolvido em cota de malha, seu adversário também deve por cota de malha. Se o inimigo avança apoiado por um exército, deve-se, apoiado por um exército, desafiá-lo para a batalha. Se o inimigo luta ajudado por truques, ele deve ser combatido com a ajuda de truques. Se, por outro lado, ele luta honestamente, ele deve ser resistido com meios honestos. Não se deve proceder a cavalo contra um guerreiro em carro. Um guerreiro em carro deve proceder contra um guerreiro em carro. Quando um antagonista caiu em desgraça, (isto é, ficou sem seu cavalo ou seu carro ou suas armas, etc.) ele não deve ser golpeado; nem alguém que está apavorado, e nem alguém que foi derrotado. Nem flechas envenenadas nem flechas farpadas devem ser usadas. Estas são as armas dos perversos. Deve-se lutar justamente, sem se entregar à fúria ou desejar matar. Um homem fraco ou ferido não deve ser morto, ou um que está sem filhos; ou um cuja arma foi quebrada; ou um que caiu em desgraça; ou um cuja corda do arco foi cortada; ou um que perdeu seu veículo. Um adversário ferido deve ser enviado para sua própria casa, ou, se levado para os alojamentos do vencedor, deve ter seus ferimentos tratados por cirurgiões habilidosos. Quando, por causa de uma disputa entre reis justos, um guerreiro honrado cair em desgraça, (seus ferimentos devem ser tratados e) quando curado ele deve ser posto em liberdade. Este é o dever eterno. O próprio Manu, o filho do Nascido por Si Mesmo (Brahman), disse que as batalhas devem ser lutadas justamente. Os justos devem sempre agir

corretamente em direção àqueles que são justos. Ele deve sempre aderir à justiça sem destruí-la. Se um Kshatriya, cujo dever é lutar justamente, ganha uma vitória por meios injustos, ele se torna pecaminoso. De conduta fraudulenta, é dito que tal pessoa mata a si mesma. Tal é a prática daqueles que são perversos. Mesmo aqueles que são perversos devem ser subjugados por meios justos. É melhor perder a própria vida no cumprimento da justiça do que obter vitória por meios pecaminosos. Como uma vaca, ó rei, o pecado cometido não produz seus frutos imediatamente. Aquele pecado subjuga o perpetrador depois de consumir suas raízes e ramos. Uma pessoa pecaminosa, adquirindo riqueza por meios pecaminosos, se regozija imensamente. Mas o pecador, ganhando vantagem por meios pecaminosos, se torna unido ao pecado. Pensando que a virtude não tem eficácia, ele zomba dos homens de comportamento correto. Não acreditando em virtude, ele finalmente encontra a destruição. Embora enredado no laço de Varuna, ele ainda se considera imortal. Como um grande saco de couro inflado com vento, o pecador se dissocia totalmente da virtude. Logo, no entanto, ele desaparece como uma árvore na beira do rio arrastada com suas próprias raízes. Então o povo, vendo-o parecer como um recipiente de terra quebrado em uma superfície pedregosa, fala dele como ele merece. O rei deve, portanto, buscar vitória e o aumento de seus recursos por meios justos.'"

96

"Bhishma disse, 'Um rei nunca deve desejar subjugar a terra por meios injustos, mesmo que tal conquista fizesse dele o soberano da terra inteira. Qual rei se regozijaria depois de obter vitória por meios injustos? Uma vitória manchada pela injustiça é incerta e nunca leva ao céu. Tal vitória, ó touro da raça Bharata, enfraquece ambos o rei e a terra. Um guerreiro cuja armadura caiu, ou que pede por piedade, dizendo, 'Eu sou teu' ou que une suas mãos, ou que pôs de lado suas armas, pode simplesmente ser apanhado mas nunca morto. Se um rei hostil for vencido pelas tropas do invasor, o último não deve lutar ele mesmo com o inimigo derrotado. Por outro lado, ele deve levá-lo para seu palácio e persuadi-lo a dizer por um ano inteiro, 'Eu sou teu escravo'. Se ele disser isto ou não, o inimigo vencido, por viver por um ano na casa de seu vencedor, ganha uma vida nova. Se um rei consegue trazer pela força uma donzela da casa de seu inimigo derrotado, ele deve mantê-la por um ano e perguntar se ela se casaria com ele ou com algum outro. Se ela não concordar, ela deve então ser mandada de volta. Ele deve se comportar similarmente em relação a todos os outros tipos de riquezas (tais como escravos) que são obtidos pela força. O rei nunca deve ser apropriar da riqueza confiscada de ladrões e outros esperando execução. As vacas tiradas do inimigo pela força devem ser doadas aos Brahmanas para que eles possam beber o leite daqueles animais. Os touros pegos do inimigo devem ser empregados em trabalhos de agricultura ou devolvidos ao inimigo. É declarado que um rei deve lutar com um rei. Quem não é um rei nunca deve golpear um rei. Se um Brahmana, desejoso de paz, se coloca destemidamente no meio de dois exércitos oponentes, ambos devem imediatamente se abster de lutar. Quebraria uma regra

eterna aquele que matasse ou ferisse um Brahmana. Se algum Kshatriya quebrasse esta regra, ele se tornaria um canalha de sua classe. Além disto, o Kshatriya que destrói a justiça e ultrapassa todas as barreiras salutares não merece ser reconhecido como um Kshatriya e deve ser expulso da sociedade. Um rei desejoso de obter vitória nunca deve seguir tal conduta. Qual lucro pode ser maior do que a vitória ganha justamente? As classes excitáveis (de um reino conquistado recentemente) devem, sem demora, ser conciliadas com discursos calmantes e doações. Esta é uma boa política para o rei adotar. Se em vez de fazer isso se procurar governar estes homens sem diplomacia, eles então deixarão o reino e tomarão o partido de inimigos (do vencedor) e esperarão pela acessão de calamidades (para que eles possam então enfrentar o vencedor). Homens descontentes, esperando pelas calamidades do rei, tomam prontamente o partido dos inimigos do último, ó monarca, em épocas de perigo. Um inimigo não deve ser enganado por meios injustos, nem deve ser ferido mortalmente. Pois, se golpeado mortalmente, sua própria vida pode findar. (Em lutar com a ajuda de fraude o inimigo não deve ser morto completamente, tal ato de matar sendo pecaminoso. Matar um inimigo, no entanto, em luta justa é meritório.) Se um rei possuidor de poucos recursos estiver satisfeito com isso, ele considerará que somente a vida é o bastante. O rei cujos domínios são extensos e cheios de riquezas, cujos súditos são leais, cujos empregados e oficiais são todos contentes, é considerado como tendo bases firmes. O rei cujos Ritwijas e sacerdotes e preceptores e outros ao redor dele que são bem versados nas escrituras e merecedores de honras são devidamente respeitados, é considerado familiarizado com os caminhos do mundo. Foi por tal comportamento que Indra obteve a soberania do mundo. É por este comportamento que reis terrestres conseguem obter a posição de Indra. O rei Pratardana, subjugando seus inimigos em uma grande batalha, pegou toda a riqueza deles, inclusive seus próprios grãos e ervas medicinais, mas deixou sua terra intocada. O rei Divodasa, depois de subjugar seus inimigos, levou os próprios restos de seus fogos sacrificais, sua manteiga clarificada (destinada para libações), e seu alimento. Por esta razão ele foi privado do mérito de suas conquistas. (O rei Pratardana pegou o que deveria ser pego e então não incorreu em pecado. O rei Divodasa, no entanto, por pegar o que não deveria ser pego, perdeu todo o mérito de suas conquistas.) O rei Nabhaga (depois de suas conquistas) deu reinos inteiros com seus soberanos como presentes sacrificais para os Brahmanas, exceto a riqueza de Brahmanas e ascetas eruditos. O comportamento, ó Yudhishthira, de todos os reis justos de antigamente era excelente, e eu o aprovo totalmente. Aquele rei que deseja sua própria prosperidade deve procurar conquistar pela ajuda de todos os tipos de excelência mas nunca com fraude ou com orgulho.'"

97

"Yudhishthira disse. 'Não há práticas, ó rei, mais pecaminosas do que as dos Kshatriyas. Em marcha ou em batalha, o rei mata grandes multidões. Por quais

ações então o rei ganha regiões de felicidade? Ó touro da raça Bharata, fale, ó erudito, para mim o que eu desejo saber.'"

"Bhishma disse, 'Por punir os maus, por atrair e apreciar os bons, por sacrifícios e doações, os reis se tornam puros e limpos. É verdade, reis desejosos de vitória afligem muitas criaturas, mas depois da vitória eles auxiliam e engrandecem a todos. Pelo poder da caridade, sacrifícios, e penitências, eles destroem seus pecados, e seu mérito aumenta a fim de que eles possam fazer o bem para todas as criaturas. Aquele que cultiva um campo, para recuperá-lo, arranca folhas de arroz e ervas daninhas. Sua ação, no entanto, em vez de destruir o arrozal, o faz crescer mais vigorosamente. Aqueles que manejam armas destroem muitos que merecem destruição. Tal destruição extensa, no entanto, causa o crescimento e avanço daqueles que permanecem. Aquele que protege as pessoas de saque, morte, e aflição, por proteger dessa maneira suas vidas de ladrões, vem a ser considerado como o doador de riqueza, de vida, e de alimento. O rei, portanto, por adorar as divindades por meio de uma união de todos os sacrifícios cujo Dakshina é o dissipador dos temores de todos, desfruta de todos os tipos de felicidade aqui e obtém uma residência no céu de Indra após a morte. (A proteção de súditos é comparada aqui à realização de um sacrifício que tem o mérito de todos os sacrifícios. O presente final naquele sacrifício é a dissipação dos temores de todos.) O rei que, partindo, luta com seus inimigos em batalhas que surgiram por causa de Brahmanas e sacrifica sua vida, vem a ser considerado como a encarnação de um sacrifício com presentes ilimitados. Se um rei, com suas aljavas cheias de flechas, as atira destemidamente em seus inimigos, os próprios deuses não vêem ninguém sobre a terra que seja superior a ele. Em tal caso, igual ao número de flechas com as quais ele perfura os corpos de seus inimigos, é o número de regiões que ele desfruta, eternas e capazes de realizar todos os desejos. O sangue que flui de seu corpo o purifica de todos os seus pecados junto com a própria dor que ele sente na ocasião. Pessoas conhecedoras das escrituras dizem que as dores que um Kshatriya sofre em batalha operam como penitências para aumentar seu mérito. Pessoas justas, inspiradas com medo, ficam na retaguarda, solicitando vida de heróis que avançaram para a batalha, assim como homens solicitam chuva das nuvens. Se aqueles heróis, sem permitirem que os suplicantes incorram nos perigos da batalha, os mantêm atrás de si mesmos enfrentando aqueles perigos e os defendendo naquela hora de medo, grande se torna seu mérito. Se, também, aquelas pessoas tímidas, apreciando aquele feito de coragem, sempre respeitam aqueles defensores, elas fazem o que é apropriado e justo. Por agirem de outra maneira elas não podem se livrar do medo. Há uma grande diferença entre homens aparentemente iguais. Alguns avançam para a batalha, em meio ao seu rumor terrível, contra tropas armadas de inimigos. De fato, o herói avança contra multidões de inimigos, adotando a estrada para o céu. Aqueles, no entanto, que são inspirados com medo covarde, procuram segurança na fuga, abandonando seus camaradas em perigo. Que tais canalhas entre homens não nasçam na tua linhagem. Os próprios deuses com Indra encabeçando-os enviam calamidades àqueles que abandonam seus camaradas em luta e saem com membros ilesos. Aquele que deseja salvar sua própria vida por abandonar seus camaradas deve ser morto com paus ou pedras ou enrolado

em uma esteira de grama seca para ser queimado até a morte. Aqueles entre os kshatriyas que são culpados de tal conduta devem ser mortos da mesma forma que animais. (Isto é, não no fio de arma, mas de outra maneira). Morte em uma cama de repouso, depois de ejetar muco e urina e proferir gritos lastimáveis, é pecaminosa para um Kshatriya. Pessoas familiarizadas com as escrituras não aprovam a morte de um Kshatriya com corpo ileso. A morte de um Kshatriya, ó majestade, em casa não é louvável. Eles são heróis. Qualquer ato não heróico deles é pecaminoso e inglório. Em doença, alguém pode ser ouvido gritar, dizendo, 'Que tristeza! Quão doloroso! Eu devo ser um grande pecador!' Com rosto emaciado e fedor saindo de seu corpo e roupas, o homem doente mergulha seus parentes em aflição. Cobiçando a condição daqueles que estão com saúde, tal homem (em meio a suas torturas) repetidamente deseja a própria morte. Um herói, tendo dignidade e orgulho, não merece tal morte inglória. Cercado por parentes e massacrando seus inimigos em batalha, um Kshatriya deve morrer pelo fio de armas afiadas. Movido pelo desejo de prazer e cheio de raiva, um herói luta com fúria e não sente os ferimentos infligidos em seus membros por inimigos. Encontrando a morte em batalha, ele ganha aquele mérito sublime repleto de fama e respeito do mundo o qual pertence a ele ou ela e no final obtém uma residência no céu de Indra. O herói, por não mostrar suas costas em luta e combatendo por todos os meios em seu poder, em completa negligência da própria vida, na vanguarda da batalha, obtém a companhia de Indra. Onde quer que o herói encontre a morte no meio de inimigos sem mostrar medo ignóbil ou desânimo, ele consegue ganhar regiões bem-aventurança eterna após a morte.'"

98

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, quais regiões são alcançadas pelos heróis que não retornam por encontrarem a morte em batalha."

"Bhishma, dito, 'Em relação a isto, ó Yudhishthira, é citada a antiga história da conversa entre Amvarisha e Indra. Amvarisha, o filho de Nabhaga, tendo ido para o céu que é de aquisição tão difícil, viu seu próprio generalíssimo naquelas regiões celestes na companhia de Indra. O rei viu seu general poderoso resplandecendo com todos os tipos de energia, dotado de forma celestial, sentado em um carro muito belo, e viajando (naquele veículo) sempre mais alto em direção a regiões ainda mais elevadas. Contemplando a prosperidade de seu general Sudeva, e observando como ele atravessava regiões que eram ainda mais altas, Amvarisha de grande alma, cheio de surpresa, se dirigiu a Vasava, nas seguintes palavras.'"

"Amvarisha disse, 'Tendo governado devidamente a terra inteira limitada pelos mares, tendo pelo desejo de ganhar mérito religioso praticado todos os deveres que são comuns às quatro classes como declarados pelas escrituras, tendo praticado com austeridade rígida todos os deveres do modo Brahmacharya, tendo servido com obediência respeitosa meus preceptores e outros superiores veneráveis, tendo estudado com as devidas observâncias os Vedas e as

escrituras sobre os deveres reais, tendo satisfeito convidados com alimento e bebida, os Pitris com oferendas em Sraddhas, os Rishis com estudo atento das escrituras e com iniciação (sob formas apropriadas nos mistérios de religião), e os deuses com muitos sacrifícios grandes e excelentes, tendo cumprido devidamente os deveres Kshatriya de acordo com as injunções das escrituras, tendo olhado destemidamente para as tropas hostis, eu ganhei muitas vitórias em batalha, ó Vasava! Este Sudeva, ó chefe das divindades, era antigamente o generalíssimo dos meus exércitos. Isto é verdade. Ele era um guerreiro de alma tranquila. Por que razão, no entanto, ele conseguiu me superar? Ele nunca adorou os deuses em sacrifícios grandiosos e superiores. Ele nunca gratificou os Brahmanas (por meio de presentes caros e frequentes) em conformidade com as ordenanças. Por que razão, então, ele conseguiu me superar?'"

"Indra disse, 'Em relação a Sudeva, ó majestade, o grande sacrifício de batalha muitas vezes foi expandido por ele. O mesmo é o caso de todos os outros homens que se dedicam à luta. Cada guerreiro em armadura, por avançar contra inimigos em formação de combate, se torna instalado naquele sacrifício. De fato, é uma conclusão segura que tal pessoa, por agir dessa maneira, vem a ser considerada como a realizadora do sacrifício de batalha.'"

"Amvarisha disse, 'O que compõe as libações naquele sacrifício? Quais são suas oferendas líquidas? Qual é o seu Dakshina? Quem, além disso, são considerados seus Ritwijas? Diga-me tudo isso, ó realizador de cem sacrifícios.'"

"Indra disse, 'Elefantes constituem os Ritwijas daquele sacrifício, e corcéis são seus Audharyus. A carne de inimigos constitui suas libações, e o sangue é a sua oferenda líquida. Chacais e urubus e corvos, como também flechas aladas, constituem seus Sadasyas. Estes bebem os restos deixados da oferenda líquida daquele sacrifício e comem os restos de suas libações. Pilhas de lanças e arpões, de espadas e dardos e machados brilhantes, afiados, e bem temperados, constituem as conchas do sacrificador. Flechas retas, afiadas, e bem temperadas, com pontas penetrantes e capazes de perfurar os corpos de inimigos, impelidas de arcos bem esticados, constituem suas grandes conchas de boca dupla. Envolvidas em bainhas feitas de pele de tigre e equipadas com cabos feitos de marfim, e capazes de cortar a tromba de um elefante, as espadas formam os Sphises daquele sacrifício; (Sphis é o bastão de madeira com o qual linhas são desenhadas na plataforma sacrifical.) Os golpes infligidos com lanças e dardos e espadas e machados brilhantes e afiados, todos feitos de ferro rígido, constituem sua riqueza abundante obtida das pessoas respeitáveis por acordo em relação a quantia e limite. O sangue que corre sobre o campo em consequência da fúria do ataque, constitui a libação final, repleta de grande mérito e capaz de conceder todos os desejos, no Homa daquele sacrifício. ‘Corte’, ‘Fure’, e outros sons semelhantes, que são ouvidos linhas de frente do exército, constituem os Samans cantados por seus cantores Védicos na residência de Yama. As fileiras frontais do exército do inimigo constituem o recipiente para guardar suas libações. A multidão de elefantes e corcéis e homens equipados com escudos é considerada o fogo Syenachit daquele sacrifício. Os troncos sem cabeça que se erguem depois de milhares terem sido massacrados constituem a estaca octogonal, feita de madeira

Khadira, para o herói que realiza aquele sacrifício. Os gritos que elefantes proferem quando incitados adiante com laços, constituem seus mantras Ida. Os timbales, com as batidas de palmas formando os Vashats, ó rei, são seu Trisaman Udgatri. Quando a propriedade de um Brahmana está sendo roubada, aquele que perde seu corpo que é tão precioso para proteger aquela propriedade, por aquela ação de auto-sacrifício, adquire o mérito de um sacrifício com presentes infinitos. Aquele herói que, por causa de seu mestre, demonstra coragem na vanguarda da formação de combate e não mostra suas costas por medo, ganha aquelas regiões de felicidade que são minhas. Aquele que esparge o altar do sacrifício constituído pela batalha, com espadas envolvidas em bainhas azuis e braços cortados parecendo clavas pesadas, consegue alcançar regiões de felicidade como as minhas. O guerreiro que, decidido a obter vitória, penetra no meio das tropas do inimigo sem esperar por qualquer ajuda, consegue ganhar regiões de felicidade como as minhas. É dito que o guerreiro que, em batalha, faz fluir um rio de sangue, terrível e difícil de atravessar, tendo timbales como suas rãs e tartarugas, os ossos de heróis como suas areias, sangue e carne como sua lama, espadas e escudos como suas balsas, o cabelo de guerreiros mortos como as algas e musgo flutuantes, as multidões de corcéis e elefantes e carros como suas pontes, estandartes e bandeiras como suas moitas de junco, os corpos de elefantes mortos como seus barcos e jacarés enormes, espadas e cimitarras como seus barcos maiores, urubus e Kankas e corvos como balsas que flutuam sobre ele, aquele guerreiro que produz tal rio, difícil de ser cruzado até por aqueles que possuem coragem e força e que inspiram todos os homens tímidos com medo, completa o sacrifício por realizar as abluções finais. O herói cujo altar (em tal sacrifício) é coberto com cabeças (cortadas) de inimigos, de corcéis, e de elefantes, obtém regiões de felicidade como as minhas. Os sábios dizem que aquele guerreiro que considera a vanguarda do exército hostil como os quartos de suas esposas, que olha para a dianteira de seu próprio exército como o recipiente para manter a oferenda sacrifical, que toma os combatentes que ficam ao seu sul como seus Sadasyas e aqueles ao norte como seus Agnidhras, e que considera as tropas hostis como sua esposa, consegue ganhar todas as regiões de felicidade. (A vanguarda do exército hostil é a residência de suas esposas, pois ele vai para lá tão alegremente quanto ele vai para tal mansão. Agnidhras são aqueles sacerdotes de tomam conta dos fogos celestiais.) O espaço aberto entre as duas hostes alinhadas para lutar constitui o altar de tal sacrificador, e os três Vedas são seus três fogos sacrificais. Sobre aquele altar, ajudado pela recordação dos Vedas, ele realiza seu sacrifício. O guerreiro inglório que, se desviando da batalha por medo, é morto por inimigos, cai no inferno. Não há dúvida nisto. O guerreiro, por outro lado, cujo sangue encharca o altar sacrifical já coberto com cabelo e carne e ossos, seguramente consegue alcançar um fim sublime. O guerreiro poderoso que, tendo matado o comandante do exército hostil, sobe no veículo de seu adversário morto, vem a ser considerado como possuidor da destreza do próprio Vishnu e da inteligência de Vrihaspati, o preceptor dos celestiais. Aquele guerreiro que apanha vivo o comandante do exército hostil ou seu filho ou algum outro líder respeitado, consegue alcançar regiões de felicidade como as minhas. Não se deve nunca lamentar por um herói morto em batalha. Um herói morto, se ninguém se aflige por ele, vai para o céu e ganha o respeito de

seus habitantes. Homens não desejam oferecer (para a salvação dele) alimento e bebida. Nem eles se banham (depois de receberem a informação), nem entram em luto por ele. Ouça-me enquanto eu enumero a felicidade que está armazenada para tal pessoa. As mais importantes das Apsaras, contadas às milhares, saem com grande velocidade (para receber o espírito do herói morto) cobiçando-o como seu esposo. O Kshatriya que cumpre devidamente seu dever em batalha, obtém por aquela ação o mérito de penitências e de virtude. De fato, tal conduta de sua parte está de acordo com o caminho eterno do dever. Tal homem obtém os méritos de todos os quatro modos de vida. Os idosos e as crianças não devem ser mortos; nem as mulheres; nem os que estão fugindo; nem alguém que segura uma palha em seus lábios, (pegar uma palha e segurá-la entre os lábios é uma indicação de rendição incondicional); nem alguém que diz 'Eu sou teu'. Tendo matado em batalha Jambha, Vritra, Vala, Paka, Satamaya, Virochana, o irresistível Namuchi, Samvara de ilusões incontáveis, Viprachitti, todos esses filhos de Diti e Danu, como também Prahlada, eu mesmo me tornei o chefe dos celestiais.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo essas palavras de Sakra e aprovando-as, o rei Amvarisha compreendeu como os guerreiros conseguem, (por meio de batalha) alcançar sucesso para si mesmos (em relação a ganhar regiões de beatitude no céu).'"

99

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a história antiga da batalha entre Pratardana e o soberano de Mithila. O soberano de Mithila, Janaka, depois da instalação no sacrifício da batalha, alegrou todas as suas tropas (na véspera da luta). Ouça-me, enquanto eu narro a história. Janaka, o rei de grande alma de Mithila, conhecedor da verdade de tudo, mostrou o céu e o inferno para seus próprios guerreiros. Ele se dirigiu a eles, dizendo, 'Vejam, aquelas são as regiões, dotadas de grande esplendor, para aqueles que lutam destemidamente. Cheias de moças Gandharva, aquelas regiões são eternas e capazes de conceder todos os desejos. Lá, do outro lado, estão as regiões de inferno, destinadas para aqueles que fogem da batalha. Eles têm que apodrecer lá pela eternidade em vergonha eterna. Resolvidos a sacrificar suas próprias vidas, vençam seus inimigos. Não caiam no inferno inglório. O sacrifício da vida (em batalha) constitui, em relação aos heróis, sua alegre porta do céu.' Assim endereçados por seu rei, ó subjugador de cidades hostis, os guerreiros de Mithila, alegrando seu soberano, venceram seus inimigos em batalha. Aqueles que têm almas resolutas devem se colocar à frente da batalha. Os guerreiros em carros devem ser colocados no meio de elefantes. Atrás dos guerreiros em carros devem ficar os cavaleiros. Atrás dos últimos devem estar os soldados de infantaria todos vestidos em armadura. O rei que forma seu exército dessa maneira sempre consegue derrotar seus inimigos. Portanto, ó Yudhishthira, a ordem de batalha deve sempre ser formada assim. Cheios de fúria, os heróis desejam a bem-aventurança no céu por lutarem honestamente. Como Makaras agitando o oceano, eles agitam as tropas do inimigo. Encorajando uns aos outros, eles devem alegrar aqueles (entre eles) que

estiverem desanimados. O vencedor deve proteger a terra recém conquistada (de atos de agressão). Ele não deve fazer suas tropas perseguirem demais o inimigo derrotado. O ataque é irresistível de pessoas que se reagrupam depois da derrota e que, desesperadas de segurança, atacam seus perseguidores. Por esta razão, ó rei, tu não deves fazer tuas tropas perseguirem muito o inimigo derrotado. Guerreiros de coragem não desejam atacar aqueles que fogem com velocidade. Esta é outra razão pela qual o inimigo derrotado não deve ser perseguido ardentemente. Coisas imóveis são devoradas por aquelas que são móveis; criaturas desdentadas são devoradas pelas que têm dentes; água é bebida pelos sedentos; covardes são devorados por heróis. Covardes sofrem derrota embora eles tenham, como os vencedores, costas e estômagos e braços e pernas similares. Aqueles que estão afligidos pelo medo baixam suas cabeças e unem suas mãos e ficam perante aqueles que possuem coragem. Este mundo repousa nos braços de heróis como um filho naqueles de seu pai. Aquele, portanto, que é um herói, merece respeito sob todas as circunstâncias. Não há nada mais sublime nos três mundos do que o heroísmo. O herói protege e cuida de todos, e todas as coisas dependem do herói.'"

100

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, como os reis desejosos de vitória devem, ó touro da raça Bharata, liderar suas tropas para lutar mesmo por ofender ligeiramente as regras de justiça!'"

"Bhishma disse: 'Alguns dizem que a justiça é feita estável pela verdade (isto é, as ordenanças em relação aos deveres Kshatriya); alguns, por raciocínio (ou conclusão, indicando uma desconsideração pela vida, pois aquelas ordenanças não levam a outra conclusão), alguns, por bom comportamento (encorajar os soldados, falar gentilmente para eles, promover os corajosos, etc.); e alguns, pela aplicação de medidas e artifícios (punir deserção e covardia, etc. Batalhas, as quais, é claro, são planejadas para a proteção da justiça, se tornam possíveis em consequência dessas quatro causas.) Eu agora te direi quais são os meios e artifícios produtivos de resultados imediatos. Ladrões, ultrapassando todos os limites salutares, muito frequentemente se tornam destruidores de propriedade e mérito religioso. Para resistir e reprimir a eles, eu te direi quais são as medidas, como indicadas nas escrituras. Ouça-me enquanto eu falo daqueles meios para o sucesso de todas as ações. Ambos os tipos de sabedoria, honesta e desonesta, devem estar ao alcance do rei. Embora sabendo disso, ele não deve aplicar a sabedoria que é desonesta (para prejudicar outros). Ele pode usá-la para resistir aos perigos que possam ameaçá-lo. Inimigos frequentemente prejudicam um rei por produzirem desunião (entre seus ministros ou tropas ou aliados ou súditos). O rei, conhecedor de truques, pode, pela ajuda deles, neutralizar aqueles inimigos. Armadura de couro para proteger os corpos de elefantes, armadura do mesmo material para touros, ossos, espinhos, e armas de pontas afiadas feitas de ferro, cotas de malha, caudas de iaque, armas afiadas e bem temperadas, todos os tipos de armaduras, amarelas e vermelhas, bandeiras e estandartes de cores

diversas, espadas, e lanças e cimitarras afiadíssimas e machados de batalha, e lanças e escudos, devem ser fabricados e estocados em abundância. As armas devem estar todas devidamente afiadas. Os soldados devem estar inspirados com coragem e resolução. É apropriado colocar as tropas em movimento no mês de Chaitra ou Agrahayana. As colheitas maduras nessa época e a água também não se tornam escassas. Essa época do ano, ó Bharata, não é nem muito fria nem muito quente. As tropas devem, portanto, ser movidas nesse tempo. Se o inimigo, no entanto, estiver em uma situação difícil, as tropas devem ser postas em movimento imediatamente (sem esperar por tal época favorável). Essas (duas) são as melhores ocasiões para o movimento das tropas com o objetivo de subjugar inimigos. A estrada ao longo da qual há abundância de água e grama, que é nivelada e fácil de marchar, deve ser adotada (em mover as tropas). As regiões perto da estrada (de ambos os lados) devem ser anteriormente bem verificadas por espiões habilidosos e que tenham conhecimento íntimo das florestas. As tropas não devem, como animais, marchar através de regiões cheias de mato. Reis desejosos de vitória devem, portanto, adotar boas estradas para a marcha de suas tropas. Na dianteira deve ser colocada uma divisão de homens valentes, dotados de força e nascimento nobre. Em relação a fortalezas, aquela que tem muros e uma trincheira cheia de água por todos os lados e somente uma entrada, é digna de louvor. A respeito de inimigos invasores, pode-se oferecer resistência de dentro dela. Ao montar o acampamento, uma região perto de florestas é considerada muito melhor do que uma sob o céu aberto por homens familiarizados com a guerra e possuidores de habilidades militares. O acampamento deve ser montado para as tropas não muito longe de tal floresta. Montar acampamento em tal local, colocar os soldados de infantaria em uma posição de segurança, e enfrentar o inimigo tão logo ele chegue, são os meios para se precaver do perigo e da desgraça. Mantendo a constelação chamada Ursa Maior (cujas sete estrelas são os sete grandes Rishis, isto é, Marichi, Atri, Angira, Pulastya, Pulaha, Kratu, e Vasishtha) atrás delas, as tropas devem lutar tomando suas posições como colinas. Por estes meios, pode-se vencer até inimigos que são irresistíveis. As tropas devem ser colocadas em tal posição que o vento, o sol, e o planeta Sukra (Vênus) sopre e brilhe atrás delas. Como meio para conseguir a vitória o vento é superior ao Sol, e o Sol é superior a Sukra, ó Yudhishthira. Homens familiarizados com a guerra aprovam uma região que não é lamacenta, nem aquosa, nem acidentada, e nem cheia de tijolos e pedras, como bem adequada para as operações de cavalaria. Um campo livre de lama e buracos é adequada para guerreiros em carros. Uma região que é coberta com arbustos e árvores grandes e que é submersa é adequada para guerreiros em elefantes. Uma região que tem muitos locais inacessíveis, que é coberta com árvores grandes e tufos de moitas de junco, como também uma área montanhosa ou arborizada, é adequada para operações de infantaria. Um exército, ó Bharata, que tem uma grande tropa de infantaria, é considerado muito forte. Um exército no qual carros e cavaleiros predominam é considerado muito eficaz em um dia claro (não chuvoso). Um exército no qual soldados a pé e elefantes predominam é efetivo na estação chuvosa. Tendo tratado desses pontos (acerca da qualidade dos diferentes tipos de tropas e da maneira de marchar, acampar, e guiar), o rei deve focar sua atenção nas características de tempo e lugar. O rei que tendo prestado atenção a

todas estas considerações, parte sob uma constelação apropriada e em uma lunação auspiciosa, sempre consegue obter vitória por conduzir devidamente suas tropas. Ninguém deve matar aqueles que estão adormecidos ou sedentos ou fatigados, ou aqueles cujos equipamentos caíram, ou alguém que colocou seu coração na emancipação final, (como Bhurisravas no campo de Kurukshetra) ou que está fugindo, ou alguém que está andando (despreparado) por uma estrada, ou alguém que está ocupado comendo ou bebendo, ou um louco, ou um insano, ou alguém ferido mortalmente, ou extremamente enfraquecido por seus ferimentos, ou que está parado confiantemente, ou que começou qualquer tarefa sem poder completá-la (como alguém que começou um sacrifício que se estende por um longo período) ou alguém que é hábil em uma arte especial (como exploração de minas, etc.), ou que está em desgraça, ou que sai do acampamento para obter forragem, ou homens que levantam acampamentos ou que são vivandeiros, ou aqueles que esperam nos portões do rei ou de seus ministros, ou que fazem serviços humildes (para os chefes do exército), ou aqueles que são chefes de tais empregados. Aqueles entre teus guerreiros que rompem as fileiras de inimigos, ou reagrupam tuas tropas em retirada, devem ter seu pagamento dobrado e devem ser honrados por ti com alimento, bebida, e assentos iguais aos teus próprios. Aqueles entre estes que são chefes de dez soldados devem ser feitos chefes de cem. Também aquele herói atento (entre eles) que é chefe de cem soldados deve ser feito chefe de mil. Reunindo os principais guerreiros, eles devem ser endereçados assim: 'Juremos conquistar, e nunca abandonar uns aos outros. Que aqueles que estão com medo fiquem aqui. Que fiquem aqui também aqueles que causariam a morte de seus chefes por eles mesmos negligenciarem agir heroicamente na pressão da batalha. Que venham os homens que nunca fugiriam da batalha ou fariam seus próprios camaradas serem mortos. Protegendo a si mesmos como também seus companheiros, eles certamente matarão o inimigo em combate. As consequências da fuga da batalha são perda de riqueza, morte, infâmia, e repreensão. Palavras desagradáveis e cortantes têm que ser ouvidas por aquele homem que foge da luta, que perde seus lábios e dentes (uma forma de expressão significando falta de vergonha), que joga longe todas as suas armas, ou que se permite ser apanhado como um cativo pelo inimigo. Que tais más consequências sempre alcancem os guerreiros de nossos inimigos. Aqueles que fogem da batalha são patifes entre homens. Eles simplesmente aumentam o número de seres humanos sobre a terra. Pois humanidade verdadeira, no entanto, eles não são nem aqui nem após a morte. Inimigos vitoriosos, ó majestade, procedem alegremente. Seus louvores são recitados por bardos, em perseguição aos combatentes fugitivos. Quando inimigos, vindo para a batalha, mancham a fama de uma pessoa, a tristeza que a última sente é mais dolorosa, eu penso, do que a própria morte. Saiba que a vitória é a base do mérito religioso e de todos os tipos de felicidade. Aquilo que é considerado como a maior miséria pelos covardes (morte e dor física) é suportado alegremente por aqueles que são heróis. Decididos a alcançar o céu, nós devemos lutar, indiferentes à própria vida, e resolvidos a conquistar ou morrer, e alcançar um fim abençoado no céu. Tendo prestado tal juramento, e preparados para perder a própria vida, heróis devem avançar corajosamente contra as tropas do inimigo. Na dianteira deve ser colocada uma divisão de homens armados com espadas e escudos. Na

retaguarda deve ser colocada a divisão de carros. No espaço intermediário devem ser colocadas outras classes de combatentes. Este deve ser o arranjo feito para atacar o inimigo. Os combatentes no exército que são veteranos devem lutar na dianteira. Eles protegerão seus companheiros atrás deles. Aqueles do exército que são considerados como os mais importantes por força e coragem devem ser colocados na vanguarda. Os outros devem ficar atrás deles. Aqueles que sentem medo devem, com cuidado, ser confortados e encorajados. Os combatentes mais fracos devem ser colocados no campo (sem serem afastados) para pelo menos mostrar o número do exército (para o inimigo). Se as tropas são poucas, elas devem ser colocadas juntas para lutar. Às vezes, se seu líder desejar, a formação de combate cerrada pode ser estendida. Quando um pequeno número de tropas têm que lutar com um grande exército, a formação chamada Suchimukha deve ser formada, (isto é, os soldados devem ser alinhados para formar uma aparência de cunha com uma parte frontal estreita). Quando uma pequena tropa está envolvida em combate com uma grande, o líder da primeira pode apertar a mão de seus homens e proferir gritos para causar efeito, 'O inimigo se dividiu! O inimigo se dividiu!' Aqueles entre eles que são dotados de força devem resistir ao inimigo, gritando ruidosamente para seus companheiros, 'Chegaram novos amigos! Ataquem seus inimigos sem medo!' Aqueles que estão à frente do resto devem proferir gritos altos e fazer diversos tipos de barulhos, e devem soprar e bater Krakachas, chifres de vaca, baterias, pratos, e timbales.'"

101

"Yudhishthira disse, 'De que disposição, de que comportamento, de que forma, equipados como, e armados de que maneira os combatentes devem estar a fim de que eles possam ser competentes para lutar?'"

"Bhishma disse, 'É apropriado que (grupos específicos de combatentes) adotem armas e veículos com os quais eles se tornaram familiarizados pela prática. Soldados valentes, adotando aquelas armas e veículos, se envolvem em batalha. Os Gandharvas, os Sindhus, e os Sauviras lutam melhor com suas unhas e lanças. Eles são corajosos e dotados de grande força. Seus exércitos são capazes de derrotar todas as tropas. Os Usinaras possuem grande força e são habilidosos em todas as espécies de armas. Os habitantes do leste são hábeis em lutar das costas de elefantes e conhecem todos os modos de luta injusta. Os Yavanas, os Kamvojas, e aqueles que moram em volta de Mathura são bem habilidosos em lutar com braços nus. Os habitantes do sul são hábeis em lutar com espada na mão. É bem conhecido que pessoas que possuem grande força e coragem nascem em quase todos os países. Ouça-me enquanto eu descrevo suas indicações. Aqueles que têm vozes e olhos como aqueles do leão ou do tigre, aqueles que têm um modo de andar como aquele do leão e do tigre, e aqueles que têm olhos como aqueles do pombo ou da cobra, são todos heróis capazes de oprimir fileiras hostis. Aqueles que têm uma voz como (aquela do) veado, e olhos como aqueles do leopardo ou do touro, são possuidores de grande energia. Aqueles cuja voz parece com aquela de sinos são excitáveis, maus, e coléricos.

Aqueles que têm uma voz profunda como aquela das nuvens, um rosto colérico, ou rostos como os dos camelos, que tem narizes e línguas curvos, possuem grande velocidade e podem atirar ou arremessar suas armas a uma grande distância. Aqueles que têm corpos arqueados como aquele do gato, e pouco cabelo e pele fina, se tornam dotados de grande velocidade e agitação e quase invencíveis em batalha. Alguns que possuem olhos fechados como aqueles da iguana, temperamento brando, e velocidade e voz como os cavalos, são competentes para lutar com todos os inimigos. Aqueles que têm corpos bem formados, vigorosos e simétricos, e peitos largos, que ficam zangados ao ouvirem o tambor ou trombeta do inimigo, que se deleitam em desordens de todos os tipos, aqueles que têm olhos que indicam seriedade, ou olhos que parecem disparar, ou olhos que são verdes, aqueles que tem rostos obscurecidos com expressões carrancudas, ou olhos como os do mangusto, são todos corajosos e capazes de perder suas vidas em batalha. Aqueles que têm olhos tortos e testas largas e ossos molares não cobertos com carne e braços fortes como raios e dedos portando marcas circulares, e que são magros com artérias e nervos que são visíveis, avançam com grande velocidade quando ocorre a colisão da batalha. Parecendo com elefantes enfurecidos, eles se tornam irresistíveis. Aqueles que têm cabelo esverdeado terminado em cachos, que têm flancos, bochechas, e rostos gordos e cheios de carne, ombros elevados e pescoços largos, que têm aparências temíveis e panturrilhas carnudas, que são impetuosos como Sugriva (o cavalo de Vasudeva) ou como a prole de Garuda, o filho de Vinata, que têm cabeças redondas, bocas grandes, rostos como aqueles de gatos, voz aguda e temperamento colérico, que avançam para a batalha, guiados por seu ruído, que são maus em comportamento e cheios de arrogância, de expressões terríveis, e que vivem nas regiões afastadas, são todos descuidados com suas vidas e nunca fogem da batalha. Tais tropas devem sempre ser colocadas na dianteira. Eles sempre matam seus inimigos em luta e se permitem serem mortos sem retroceder. De comportamento pecaminoso e modos grotescos, eles consideram palavras gentis como indicações de derrota. Se tratados com suavidade, eles sempre demonstram ira contra seu soberano.'"

102

"Yudhishthira disse. 'Quais são as indicações bem conhecidas, ó touro da raça Bharata, do (futuro) sucesso de um exército? Eu desejo conhecê-las.'"

"Bhishma disse, 'Eu te direi, ó touro da raça Bharata, todas as indicações conhecidas do (futuro) sucesso de um exército. Quando os deuses se tornam zangados e inertes sendo incitados pelo destino, pessoas de conhecimento, contemplando tudo com a visão do conhecimento celestial, realizam diversas ações auspiciosas e ritos expiatórios incluindo homa e a recitação silenciosa de mantras, e assim atenuam todos os males. (Um astrólogo erudito e um sacerdote instruído são meios certos de obter vitórias por desviar todas as calamidades causadas por destino não auspicioso e pela ira dos deuses.) O exército no qual as tropas e os animais são todos vigorosos e alegres, ó Bharata, é certo de ganhar

uma vitória categórica. O vento sopra favoravelmente de trás de tais tropas. Arco-íris aparecem no céu. As nuvens lançam suas sombras sobre eles e às vezes o sol brilha sobre eles. Os chacais se tornam auspiciosos para eles, e corvos e urubus também. Quando estes mostram tal respeito pelo exército, grande sucesso com certeza será alcançado por ele. Seus fogos (sacrificais) resplandecem com um esplendor puro, a luz indo para cima e as chamas sem fumaça se curvam ligeiramente para o sul. As libações despejadas sobre eles emitem uma fragrância agradável. Estas são citadas como as indicações de sucesso futuro. As conchas e baterias, sopradas e batidas, produzem sons altos e profundos. Os combatentes ficam cheios de entusiasmo. Estas são citadas como indicações de sucesso futuro. Se veados e outros quadrúpedes são vistos atrás ou à esquerda daqueles que já saíram para a batalha ou daqueles que estão prestes a sair, eles são considerados auspiciosos. Se eles aparecem à direita dos guerreiros enquanto prestes a se engajarem em matança, isto é considerado como uma indicação de sucesso. Se, no entanto, eles fazem seu aparecimento na frente de tais pessoas, eles indicam desastre e derrota. Se estas aves, isto é, cisnes e grous e Satapatras e Chashas proferem gritos auspiciosos, e todos os combatentes saudáveis ficam alegres, estas são consideradas como indicações de sucesso futuro. Aqueles cujo exército brilha com esplendor e se torna terrível de se olhar por causa do brilho de suas armas, máquinas, armaduras, e estandartes como também da cor radiante dos rostos dos homens vigorosos que estão dentro dele, sempre conseguem derrotar seus inimigos. Se os combatentes de uma hoste são de comportamento puro e postura modesta e auxiliam uns aos outros com bondade, isso é considerado como uma indicação de sucesso futuro. Se sons agradáveis e ordem e sensação de tato prevalecem, e se os combatentes estão inspirados com gratidão e paciência, isto é considerado como a base do sucesso. O corvo à esquerda de uma pessoa envolvida em batalha e à direita daquele que está prestes a se envolver nela é considerado auspicioso. Aparecendo às costas, ele indica não cumprimento dos objetivos em vista, enquanto seu aparecimento na frente pressagia perigo. Mesmo depois de alistar um exército grande consistindo nos quatro tipos de tropas, tu deves, ó Yudhishthira, primeiro te comportar pacificamente. Se teus esforços pela paz fracassarem, então tu podes te envolver em combate. A vitória, ó Bharata, que alguém adquire por meio de batalha é muito inferior. A vitória em batalha, parece, depende do capricho ou destino. Quando um exército grande se rompe e as tropas começam a fugir, é extremamente difícil deter sua fuga. A impetuosidade da fuga parece aquela de uma poderosa corrente de água ou de um bando de veados assustados. Alguns se dividiram. Por isto, sem causa adequada, outros se dividem, até aqueles que são corajosos e habilidosos em luta. Um exército grande, consistindo mesmo em soldados valentes, é como um bando grande de veados Ruru. (Se um único veado se assusta e corre em uma direção específica, o bando inteiro o segue sem causa adequada. O símile é particularmente apropriado no caso de grandes exércitos, especialmente de hostes Asiáticas, se uma única divisão se põe em fuga, o resto a segue. O medo é muito contagioso.) Às vezes também pode ser visto que mesmo cinquenta homens, resolutos e confiando uns nos outros, alegres e preparados para sacrificar suas vidas, conseguem oprimir inimigos numericamente muito superiores. Às vezes até cinco, ou seis, ou sete homens, resolutos e

posicionados juntos, de descendência nobre e desfrutando da estima daqueles que os conhecem, derrotam inimigos muito superiores a eles em número. A colisão da batalha não é desejável, contanto que possa ser evitada. A política de conciliação, ou de produzir desunião, e fazer presentes devem ser tentados primeiro, a batalha, é dito, deve vir depois destes. À própria visão de uma tropa (hostil) o medo paralisa os medrosos, assim como à visão de um raio brilhante no céu eles perguntam, 'Oh, sobre o que ele irá cair?' Tendo averiguado que uma batalha está intensa, os membros daqueles que vão se unir a ela, como também daquele que está vencendo, transpiram profusamente. O país inteiro, ó rei, (que é a sede da guerra), fica agitado e atormentado com toda a sua população móvel e imóvel. A própria essência das criaturas incorporadas chamuscada com o calor de armas, enlanguesce com o tormento. Um rei deve, portanto, em todas as ocasiões, aplicar as artes de conciliação, misturando-as com medidas de severidade. (Isto é, o rei deve tentar conciliação, enviando ao mesmo tempo uma tropa invasora, ou fazendo uma demonstração armada. Tais medidas políticas têm êxito em ocasionar paz.) Quando as pessoas são afligidas por inimigos, elas sempre mostram uma disposição de chegar a um acordo. Agentes secretos devem ser enviados para produzir desunião entre os aliados do inimigo. Tendo produzido desunião, é muito desejável que as pazes então sejam feitas com o rei que aconteça de ser mais poderoso do que o inimigo (ao qual se procura esmagar). Se o invasor não procede dessa maneira, ele pode nunca conseguir esmagar completamente seu inimigo. Ao tratar com o inimigo, deve-se tomar cuidado para cercá-lo de todos os lados. A bondade sempre vem para aqueles que são bons, nunca para aqueles que são maus. Escute agora, ó Partha, aos usos do perdão e da severidade. A fama de um rei que demonstra bondade depois da conquista se expande amplamente. Os próprios inimigos de uma pessoa que tem uma disposição clemente confiam nele até quando ele se torna culpado de uma transgressão grave. Samvara disse que tendo afligido um inimigo primeiro, bondade deve ser mostrada posteriormente, pois um poste de madeira, se feito reto sem a aplicação de calor em primeiro lugar, logo assume seu estado anterior. Pessoas hábeis nas escrituras, de qualquer modo, não aprovam isto. Nem elas consideram isto como uma indicação de um bom rei. Por outro lado, eles dizem que um inimigo deve ser subjugado e controlado, como um pai subjugando e controlando um filho, sem raiva e sem destruí-lo. Se, ó Yudhishthira, um rei é severo, ele se torna um objeto de ódio para todas as criaturas. Se, por outro lado, ele é brando, ele é desrespeitado por todos. Portanto, pratique a severidade e a suavidade. Antes de derrotar, ó Bharata, e enquanto derrotando, profira palavras gentis; e tendo derrotado, mostre compaixão por eles e deixe eles entenderem que tu estás sofrendo e lamentando por eles. Tendo vencido um exército, o rei deve se dirigir ao sobreviventes dizendo, 'Eu não estou contente em absoluto que tantos tenham sido mortos por minhas tropas. Ai, as últimas, embora repetidamente dissuadidas por mim, não obedeceram minha ordem. Eu queria que aqueles (que estão mortos) estivessem todos vivos. Eles não mereciam tal morte. Eles eram todos homens bons e verdadeiros, que não recuavam da batalha. Tais homens, de fato, são raros. Aquele que matou tal herói em batalha certamente não fez o que era agradável para mim.' Tendo proferido tais palavras diante dos sobreviventes do inimigo vencido, o rei deve em segredo honrar aqueles entre

suas próprias tropas que bravamente mataram o inimigo. Para acalmar os matadores feridos por seus sofrimentos na mão do inimigo, o rei, desejoso afeiçoá-los a si mesmo, deve até chorar, agarrando suas mãos afetuosamente. O rei deve assim, sob todas as circunstâncias, se comportar com conciliação. Um rei que é destemido e virtuoso se torna amado por todas as criaturas. Todas as criaturas, também, ó Bharata, confiam em tal soberano. Ganhando sua confiança, ele consegue desfrutar da terra como lhe agrada. O rei deve, portanto, por abandonar a falsidade, procurar obter a confiança de todas as criaturas. Ele deve também procurar proteger seus súditos de todos os temores se ele procura desfrutar da terra.'"

103

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, como o rei deve se comportar com um inimigo que é brando, com um que é violento, e com um que tem muitos aliados e uma grande força militar.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada, ó Yudhishthira, a antiga narrativa da conversa entre Vrihaspati e Indra. Uma vez, aquele matador de heróis hostis, Vasava, o chefe dos celestiais, unindo suas mãos, se aproximou de Vrihaspati, e saudando-o, disse estas palavras.'

"Indra disse, 'Como, ó regenerado, eu devo me comportar com meus inimigos? Como eu devo subjugá-los por meio de artifícios, sem exterminá-los? Em uma colisão entre dois exércitos, a vitória pode ser ganha por qualquer lado. De que maneira eu devo me comportar para que essa prosperidade resplandecente que eu ganhei e que chamusca todos os meus inimigos não possa me abandonar?' Assim endereçado, Vrihaspati, hábil em Virtude, Lucro, e Prazer, possuidor de um conhecimento dos deveres reais, e dotado de grande inteligência, respondeu a Indra nas seguintes palavras.'"

"Vrihaspati disse, 'Uma pessoa nunca deve desejar subjugar seus inimigos por meio de disputa. Excitados com raiva e privados de bondade, somente garotos procuram briga. Alguém que deseja a destruição de um inimigo não deve por aquele inimigo em guarda. Por outro lado, ele nunca deve revelar sua ira ou medo ou alegria. Ele deve esconder estes dentro de seu próprio peito. Sem confiar de verdade no inimigo, ele deve se comportar como se ele confiasse nele completamente. Ele deve sempre falar palavras gentis para o inimigo e nunca fazer nada que seja desagradável. Ele deve se abster de atos inúteis de hostilidade como também de palavras insolentes. Como um caçador de aves selvagens, cuidadosamente proferindo gritos similares àqueles das aves que ele deseja capturar ou matar, as captura e as traz sob seu poder, assim mesmo deve um rei, ó Purandara, trazer seus inimigos sob submissão e então matá-los se ele quiser. Tendo vencido seus inimigos, uma pessoa não deve dormir tranquilamente. Um inimigo que é perverso ergue sua cabeça novamente como um fogo apagado de modo descuidado faz seu aparecimento outra vez. Quando a

vitória pode ser obtida por qualquer um dos lados, uma colisão hostil de armas deve ser evitada. Tendo acalmado um inimigo em segurança, deve-se reduzi-lo à submissão e alcançar seu objetivo. Tendo consultado com seus ministros e com pessoas inteligentes versadas em política, um inimigo que é desconsiderado e negligenciado, sendo todo o tempo não subjugado no fundo, ataca na época apropriada, especialmente quando o inimigo dá um passo em falso. Por empregar seus próprios agentes de confiança, tal inimigo também tornará as forças do outro ineficientes por produzir desunião. Averiguando o início, o meio e o fim de seus inimigos, (isto é, averiguando tudo sobre eles), um rei deve em segredo nutrir sentimentos de hostilidade em direção a eles. Ele deve corromper as forças armadas de seu inimigo, averiguando tudo por meio de comprovação positiva, usando as artes de produzir discórdias, fazendo presentes, e aplicando veneno. Um rei nunca deve viver na companhia de seus inimigos. Um rei deve esperar um longo tempo e então matar seus inimigos. De fato, ele deve aguardar, esperando a oportunidade, para que ele possa cair sobre seu inimigo em uma hora quando o último menos esperar. Um rei nunca deve matar um grande número das tropas de seu inimigo, embora ele deva certamente fazer aquilo que fará decisiva sua vitória. O rei nunca deve fazer uma injúria para seu inimigo que cause ressentimento no coração dele. Nem ele deve causar ferimentos por meio de flechas e dardos verbais. Se a oportunidade vier, ele deve golpeá-lo, sem deixá-la escapar. Tal, ó chefe dos deuses, deve ser a conduta de um rei desejoso de matar seus inimigos em direção àqueles que são seus inimigos. Se uma oportunidade, em relação ao homem que a espera, passa uma vez, ela pode nunca ser tida novamente pela pessoa desejosa de agir. Agindo de acordo com as opiniões dos sábios somente, um rei deve romper a força de seu inimigo. Ele nunca deve, quando a oportunidade não for favorável, procurar realizar seus objetivos. Nem ele deve, quando a oportunidade estiver à mão, perseguir seu inimigo (isto é, arruiná-lo completamente). Abandonando luxúria, ira e orgulho, o rei deve, agindo com atenção, vigiar constantemente os pontos fracos de seus inimigos. Sua própria indulgência, a severidade de seus castigos, sua inatividade e negligências, ó chefe dos deuses, e os artifícios enganadores bem aplicados (por seus inimigos), arruínam um soberano tolo. Aquele rei que pode vencer estas quatro falhas e neutralizar os truques enganadores de seus inimigos consegue, sem dúvida, derrotar todos eles. Quando somente um ministro (sem precisar de alguma ajuda) for competente para realizar um objetivo secreto (do rei), o rei deve consultar somente com aquele único ministro a respeito de tal objetivo. Muitos ministros, se consultados, se esforçam para jogar a responsabilidade da tarefa sobre os ombros uns dos outros e até dão publicidade àquele objetivo que deve ser mantido em segredo. Somente se a consulta com um não for apropriada, o rei então deve consultar com muitos. Quando inimigos não são vistos, o castigo divino deve ser invocado sobre eles; quando vistos, o exército, consistindo em quatro tipos de tropas, deve ser movido. (Quando inimigos não são vistos, isto é, quando eles estão a uma distância, o rei deve empregar seu sacerdote para realizar os ritos do Atharvan para levar destruição sobre eles. No caso, no entanto, de inimigos sendo vistos, isto é, quando eles estão perto, ele deve mover suas tropas sem depender dos ritos Atharvan.) O rei deve primeiro usar as artes de produzir desunião, como também aquelas de conciliação. Quando chega a hora para cada meio específico,

aqueles meios específicos devem ser aplicados. Às vezes, o rei deve até se prostrar perante um inimigo poderoso. É também desejável que, agindo atentamente, ele procure realizar a destruição do vencedor quando o último ficar desatento. Por se prostrar, por dar doação de tributo, por proferir palavras gentis, ele deve se humilhar diante de um rei mais poderoso. Ele nunca se deve, (quando chega a ocasião para tais ações) fazer qualquer coisa que possa despertar as suspeitas de um inimigo poderoso. O soberano mais fraco deve, sob tais circunstâncias, evitar cuidadosamente todas as ações que possam levantar suspeitas. Um rei vitorioso, também, não deve confiar em seus inimigos derrotados, pois aqueles que são vencidos permanecem sempre vigilantes. Não há nada, ó melhor dos reis, que seja de realização mais difícil do que a aquisição de prosperidade, ó soberano dos imortais, por pessoas de temperamento impaciente. A própria existência de pessoas de disposição agitada é repleta de perigo. Reis devem, portanto, com atenção concentrada, averiguar seus amigos e inimigos. Se um rei se torna brando, ele é desconsiderado. Se ele se torna violento, ele inspira medo nas pessoas. Portanto, não seja feroz, mas também não seja suave. Seja violento e gentil. Como uma corrente rápida derruba incessantemente a margem alta e causa grandes deslizamentos de terra, assim mesmo negligências e erros causam a ruína de um reino. Nunca ataque muitos inimigos ao mesmo tempo. Por aplicar as artes de conciliação, ou presentes, ou produção de desunião, ó Purandara, eles devem ser derrotados um por um. Com relação ao restante, (sendo poucos em número) o vencedor pode se comportar pacificamente para com eles. Um rei inteligente, mesmo se competente para isto, não deve começar a oprimir todos (os seus inimigos) de uma vez. Quando acontece de um rei ter um exército grande consistindo nos seis tipos de forças (isto é, infantaria, cavalos, elefantes, carros, tesouraria e comerciantes que seguem o acampamento) e cheio de cavalos, elefantes, carros, infantaria, e máquinas, todos dedicados a ele, quando ele se acha superior ao seu inimigo em muitos aspectos após uma comparação justa, então ele deve atingir abertamente o inimigo sem hesitação. Se o inimigo for forte, a adoção de uma política de conciliação (com ele) não é digna de aprovação. Por outro lado, o castigo por meios secretos é a política que deve ser adotada. Nem gentileza de comportamento deve ser adotada com tais inimigos, nem repetidas campanhas militares, para perda de colheitas, envenenamento de poços e tanques, e suspeitas em relação aos sete ramos de administração, devem ser evitados. (Perda de colheitas, etc. são as consequências inevitáveis de campanhas militares. O rei, em tais ocasiões, é obrigado também a tomar cuidado especial dos sete ramos de administração. Todos estes são desagradáveis, eles devem ser evitados.) O rei deve, em tais ocasiões, aplicar diversos tipos de fraude, diversos artifícios para colocar seus inimigos uns contra os outros, e diferentes tipos de comportamento hipócrita. Ele deve também, através de agentes de confiança, averiguar os feitos de seus inimigos em suas cidades e províncias. Reis, ó matador de Vala e Vritra, perseguindo seus inimigos e entrando em suas fortalezas, pegam e se apropriam das melhores coisas obteníveis lá, e planejam medidas apropriadas de política em suas próprias cidades e domínios. Fazendo presentes de riqueza a eles em particular, e confiscando suas posses publicamente, sem, no entanto, prejudicá-los materialmente, e proclamando que

eles são todos homens perversos que têm sofrido por seus próprios delitos, reis devem enviar seus agentes para as cidades e províncias de seus inimigos. Ao mesmo tempo, em suas próprias cidades, eles devem, através de outras pessoas conhecedoras das escrituras, adornadas com todas as habilidades, familiarizadas com as ordenanças dos livros sagrados e possuidoras de erudição, fazer encantamentos e ritos matadores de inimigos serem realizados.'"

"Indra disse, 'Quais são as indicações, ó melhor dos regenerados, de uma pessoa má? Questionado por mim, me diga como eu devo conhecer aquele que é mau.'"

"Vrihaspati disse, 'Uma pessoa má é aquela que proclama as falhas de outros às suas costas, que é inspirada com inveja pelas habilidades de outros, e que fica calada quando os méritos de outras pessoas são proclamados em sua presença, sentindo uma relutância em se unir ao coro. Mero silêncio em tais ocasiões não é indicação de maldade. Uma pessoa má, no entanto, em tais horas respira pesadamente, morde seus lábios, e sacode sua cabeça. Tal pessoa sempre se mistura em sociedade e fala de modo irrelevante (isto é, inicia assuntos de conversa que não surgem naturalmente, pois aquilo que ela tem em vista é proclamar os defeitos de outras pessoas, um tópico no qual somente ela está interessada e não seus ouvintes.) Tal homem nunca faz o que promete, quando os olhos da pessoa a quem ele deu a garantia não estão sobre ele. Quando os olhos da pessoa assegurada estão nele, o homem pecaminoso nem alude ao assunto. O homem malvado come sozinho (e não com outros na mesma mesa), e encontra defeito na comida colocada perante ele, dizendo, 'Tudo não está bem hoje como nos outros dias'. Sua disposição se revela em circunstâncias ligadas com seu modo de sentar, deitar, e cavalgar. Entristecer-se em ocasiões de tristeza e se regozijar em ocasiões de alegria, são as indicações de um amigo. Um comportamento oposto fornece indicações de um inimigo. Mantenha em teu coração esses ditados, ó soberano dos deuses! A disposição de homens perversos nunca pode ser ocultada. Eu então te disse, ó principal das divindades, quais são as indicações de uma pessoa má. Tendo escutado às verdades declaradas nas escrituras, siga-as devidamente, ó soberano dos celestiais!'"

"Bhishma continuou, 'Tendo ouvido essas palavras de Vrihaspati, Purandara, empenhado em subjugar seus inimigos, agiu estritamente de acordo com elas. Decidido a vencer, aquele matador de inimigos, quando chegou a oportunidade, obedeceu essas instruções e reduziu todos os seus inimigos à submissão.'"

104

"Yudhishthira disse, 'Como deve um rei justo, que é contrariado por seus próprios oficiais, cuja tesouraria e exército não estão mais sob seu controle, e que não tem riqueza, se comportar para adquirir felicidade?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto, a história de Kshemadarsin é muitas vezes recitada. Eu narrarei aquela história para ti. Ouça-a, ó Yudhishthira! Foi ouvido por

nós que nos tempos passados, quando o príncipe Kshemadarsin ficou enfraquecido e caiu em grande infortúnio, ele foi até o sábio Kalakavrikshiya, e saudando-o humildemente, disse a ele estas palavras.'"

"O rei disse, 'O que deve fazer uma pessoa como eu que merece riqueza mas que, depois de repetidos esforços, fracassou em recuperar seu reino, ó Brahmana, exceto suicídio, furto e roubo, aceitação de proteção de outros, e outros atos de mesquinharia de um tipo parecido? Ó melhor dos homens, me diga isto. Alguém como tu que és familiarizado com moralidade e cheio de gratidão é o amparo de uma pessoa afligida pela doença, mental ou física. O homem deve abandonar seus desejos. Por agir dessa maneira, por abandonar alegria e tristeza, e ganhando a riqueza do conhecimento, ele consegue obter felicidade. Eu me aflijo por aqueles que aderem à felicidade mundana como dependente da riqueza. Tudo aquilo, no entanto, desaparece como um sonho. Aqueles que podem abandonar uma vasta riqueza realizam uma façanha muito difícil. Em relação a nós mesmos, nós somos incapazes de abandonar aquela riqueza a qual nem é mais existente (isto é, embora despojado de meu reino, eu ainda não posso abandonar a esperança de recuperá-lo). Eu estou privado de prosperidade e caí em uma situação miserável e triste. Instrua-me, ó Brahmana, por qual felicidade eu ainda posso me esforçar.' Assim endereçado pelo inteligente príncipe de Kosala, o sábio Kalakavrikshiya de grande esplendor deu a seguinte resposta.'"

"O sábio disse, 'Parece que tu já compreendeste isto. Possuidor de conhecimento como tu és, tu deves agir como tu pensas. Tua opinião está correta, isto é, tudo isso que eu vejo é instável, eu mesmo como também tudo o que eu tenho. Saiba, ó príncipe, que aquelas coisas as quais tu consideras como existentes são na realidade inexistentes. O homem de sabedoria sabe disto, e consequentemente nunca é atormentado qualquer que seja a angústia que possa oprimi-lo. O que quer que tenha ocorrido e o que quer que ocorrerá é tudo irreal. Quando tu souberes disto que deve ser conhecido por todos, tu estarás livre da injustiça. Quaisquer coisas que tenham sido ganhas e adquiridas por aqueles que vieram antes, e as coisas que foram ganhas e adquiridas por aqueles que os sucederam, todas pereceram. Refletindo sobre isto, quem se entregaria à aflição? As coisas que eram, não são mais. As coisas que são, não serão novamente. A tristeza não tem o poder de restaurá-las. Não se deve, portanto, se entregar ao sofrimento. Onde, ó rei, está teu pai hoje, e onde está teu avô? Tu não os vês hoje, nem eles te vêem agora. Refletindo sobre tua própria instabilidade, por que tu te afliges por eles? Reflita com a ajuda de tua inteligência, e tu compreenderás que realmente tu cessarás de existir. Eu mesmo, tu, ó rei, teus amigos, e teus inimigos, iremos, sem dúvida, cessar de existir. De fato, tudo cessará de ser. Aqueles homens que estão agora com vinte ou trinta anos de idade, sem dúvida, irão todos morrer dentro dos próximos cem anos. Se um homem não puder ter a coragem para desistir de suas vastas posses, ele então deve se esforçar para pensar em suas posses como não suas e por estes meios procurar fazer o bem para si mesmo. (Isto é, ele deve pensar que sua riqueza foi dada a ele por causa de amigos e parentes e outros. Ele então conseguirá praticar caridade.) Uma pessoa não deve considerar aquisições que são futuras como suas. Aquisições

que desapareceram também não devem ser consideradas como suas por alguém. O Destino deve ser considerado como todo-poderoso. Aqueles que pensam dessa maneira são considerados como possuidores de sabedoria. Tal hábito de olhar as coisas é um atributo dos bons. Muitas pessoas que são iguais ou superiores a ti em inteligência e esforço, embora desprovidas de riquezas, não somente estão vivas mas nunca estão governando reinos. Elas não são como tu. Elas não se entregam ao sofrimento como tu. Portanto, pare de sofrer dessa maneira. Tu não és superior àqueles homens, ou pelo menos igual a eles em inteligência e esforço?'

O rei disse, 'Eu considero que o reino que eu tive com todos os seus anexos foi ganho por mim sem qualquer esforço. O Tempo todo-poderoso, no entanto, ó regenerado, o levou embora. A consequência, no entanto, que eu vejo, de meu reino ter sido varrido pelo Tempo como por um rio, é que eu sou obrigado a me sustentar do que quer que eu obtenha (por caridade).'"

"O sábio disse, 'Movido pelo conhecimento do que é verdadeiro (na vida) uma pessoa nunca se deve sofrer pelo passado nem pelo futuro. Tenha tal estado de espírito, ó príncipe de Kosala, em relação todos os casos que possam atrair tua atenção. Desejando obter somente o que é obtenível e não o que é inalcançável, desfrute de tuas posses atuais e nunca sofra por aquilo que está ausente. Fique alegre, ó príncipe de Kosala, com o que quer que tu consigas ganhar com facilidade. Mesmo privado de prosperidade, não te angustie por isso mas procure preservar uma disposição pura. Somente um homem infeliz que é de uma compreensão superficial, quando desprovido da prosperidade antiga, critica o Ordenador supremo, sem estar contente com suas posses atuais. Tal pessoa considera outros, embora não merecedores, como homens abençoados com prosperidade. Por esta razão, aqueles que possuem malícia e vaidade e cheios de um senso de sua própria importância sofrem ainda mais miséria. Tu, no entanto, ó rei, não és manchado por tais vícios. Aguente a prosperidade de outros embora tu estejas desprovido de prosperidade. Aqueles que possuem sagacidade conseguem desfrutar da prosperidade que é conferida a outros. A prosperidade deixa a pessoa que odeia outras. Homens possuidores de comportamento justo e sabedoria e conhecedores dos deveres de Yoga renunciam à prosperidade e filhos e netos por sua própria vontade. Outros, considerando a riqueza terrestre extremamente instável e inalcançável, dependente como ela é de ação e esforço contínuos, são vistos também renunciarem a ela. Tu pareces possuir sabedoria. Por que tu então sofres tão lastimavelmente, desejando coisas que não devem ser desejadas, que são instáveis, e que dependem de outros? Tu desejas perguntar sobre aquele estado de espírito específico (o qual irá te permitir desfrutar de felicidade apesar da perda de tuas posses). O conselho que eu te dou é renunciar a todos aqueles objetos de desejo. Objetos que devem ser evitados surgem na aparência daqueles pelos quais se deve lutar, enquanto aqueles pelos quais se deve lutar surgem na aparência de objetos que devem ser evitados. Alguns perdem sua riqueza na busca de riqueza. Outros consideram a riqueza como a base da felicidade infinita, e, portanto, a perseguem avidamente. Alguns também, encantados pela riqueza, acham que não há nada superior a ela. Em seu desejo

ávido pela aquisição de riqueza, tal pessoa perde todos os outros objetos da vida. Se, ó príncipe de Kosala, uma pessoa perde aquela riqueza que foi obtida com dificuldade e a qual era proporcional aos seus desejos, ela então, dominada pela inércia do desespero, desiste de todos os desejos de riqueza. Algumas pessoas de almas honradas e nascimento nobre se dedicam à aquisição de virtude. Estas renunciam a todos os tipos de felicidade mundana pelo desejo ganhar felicidade no outro mundo. Algumas pessoas sacrificam a própria vida, movidas pelo desejo de adquirir riqueza. Estas pensam que a vida não tem nenhuma utilidade se dissociada de riqueza. Veja sua condição deplorável. Contemple sua tolice. Quando a vida é tão curta e incerta, aqueles homens, movidos pela ignorância, fixam seus olhos na riqueza. Quem colocaria seu coração no acúmulo quando a destruição é seu fim, na vida quando a morte é seu fim, e na união quando a separação é seu fim? Às vezes o homem renuncia à riqueza, e às vezes a riqueza renuncia ao homem. Que homem possuidor de conhecimento se sentiria angustiado pela perda de riqueza? Há muitas outras pessoas no mundo que perdem riquezas e amigos. Contemple, ó rei, com tua inteligência, e tu entenderás que as calamidades que surpreendem os homens são todas devido à conduta dos próprios homens. Portanto, (como um remédio), reprima teus sentidos e mente e palavras. Pois, se estes se tornam fracos e produtivos de mal não há homem que possa se manter livre da tentação de objetos externos pelos quais ele sempre está cercado. Como ninguém pode formar uma idéia adequada do passado nem pode prever o futuro, havendo muitos intervalos de tempo e lugar, uma pessoa como tu, que és possuidor de tal sabedoria e destreza, nunca se entrega à angústia por causa de união e separação, por bem ou mal. Um pessoa de tal brandura de disposição, de alma bem controlada, conclusões firmes e observadora dos votos Brahmacharya, nunca se entrega ao sofrimento e nunca fica inquieta pelo desejo de adquirir ou medo de perder qualquer coisa de pouco valor. Não é adequado que tal homem adote uma vida enganadora de mendicância, uma vida que é pecaminosa e má e cruel e digna somente de um patife entre homens. Vá para a grande floresta e leve uma vida de felicidade lá, completamente só e subsistindo de frutas e raízes, reprimindo a palavra e a alma, e cheio de compaixão por todas as criaturas. Aquele que leva alegremente tal vida na floresta, com elefantes de grandes presas como companheiros, com nenhum ser humano a seu lado, e contente com os produtos da selva, é citado como agindo da maneira dos sábios. Um lago grande, quando fica turvo, retoma sua tranquilidade por si mesmo. Da mesma maneira, um homem de sabedoria, quando perturbado em tais questões, fica tranquilo por si mesmo. Eu vejo que uma pessoa que caiu em tal situação difícil como a tua pode viver alegremente exatamente assim. Quando a tua prosperidade é quase impossível de se recuperar, e quando tu não tem ministros e conselheiros, tal rota está aberta para ti. Tu esperas colher algum benefício por depender do destino?'"

105

"O sábio disse, 'Se, por outro lado, ó Kshatriya, tu ainda achas que tens alguma destreza, eu discorrerei para ti acerca da linha de política que tu podes adotar para recuperar teu reino. Se tu puderes seguir aquela linha de política e procurar te empenhar, tu ainda podes recuperar tua prosperidade. Escute atentamente a tudo o que eu vou te dizer em detalhes. Se tu puderes agir de acordo com aqueles conselhos, tu poderás ainda obter uma vasta riqueza, de fato, teu reino e poder real e grande prosperidade. Se tu quiseres isto, ó rei, diga-me, porque então eu te falarei sobre aquela política.'"

"O rei disse, 'Diga-me, ó santo, o que tu desejares dizer. Eu desejo ouvir e agir segundo os teus conselhos. Que este meu encontro contigo hoje seja produtivo de consequências (para mim).'"

"O sábio disse, 'Renunciando ao orgulho e desejo e ira e alegria e medo, sirva teus próprios inimigos, te humilhando e unindo tuas mãos. Sirva Janaka, o soberano de Mithila, sempre realizando atos bons e puros. Firmemente devotado à verdade, o rei de Videha certamente te dará grande riqueza. Tu então te tornarás o braço direito daquele rei e obterás a confiança de todas as pessoas. Como uma consequência disto, tu então conseguirás obter muitos aliados possuidores de coragem e perseverança, puros em comportamento, e livres dos sete principais defeitos. Um pessoa de alma dominada e tendo seus sentidos sob controle, por aderir aos seus deveres, consegue se elevar e alegrar outros. Honrado por Janaka possuidor de inteligência e prosperidade, tu certamente te tornarás o braço direito daquele soberano e desfrutarás da confiança de todos. Tendo então reunido uma grande tropa e mantendo consultas com bons ministros, cause desunião entre teus inimigos e, colocando-os uns contra os outros, quebre todos eles como uma pessoa quebrando um vilwa com um vilwa. (O Vilwa é o fruto do Aegle marmelos.) Ou, fazendo as pazes com os inimigos de teu inimigo, destrua o poder do último. Tu então farás teu inimigo ser atraído para coisas boas que não são facilmente alcançáveis, para belas mulheres e tecidos, camas e assentos e veículos, todos dos tipos muito valiosos, e casas, e aves e animais de diversas espécies, e sucos e perfumes e frutas, para que teu inimigo possa se arruinar por si mesmo. (Isto é, por fazer teu inimigo se apegar a estas coisas, a tesouraria dele provavelmente se esgotará. Se isso puder ser ocasionado, teu inimigo logo será arruinado.) Se um inimigo for assim manobrado, ou se indiferença é para ser mostrada por ele, alguém que deseja agir segundo a boa política nunca deve permitir que aquele inimigo saiba disso em absoluto. Seguindo o comportamento que é aprovado pelos sábios, desfrute de todos os tipos de prazer nos domínios de teu inimigo, e imitando a conduta do cachorro, do veado, e do corvo, te comporte, com amizade aparente, em direção a teus inimigos. Faça eles empreenderem realizações que são imensas e difíceis de se realizar. Procure também que eles se envolvam em hostilidades com inimigos poderosos. Atraindo a atenção deles para jardins agradáveis e camas e assentos caros, por oferecer tais objetos de prazer, drene a tesouraria do inimigo. Aconselhando teu inimigo a realizar sacrifícios e fazer doações, gratifique os Brahmanas. Os últimos, (tendo

recebido aqueles presentes através das tuas mãos), farão o bem para ti em retribuição (por realizarem penitências e ritos Védicos), e devorarão teus inimigos como lobos. Sem dúvida, uma pessoa de atos virtuosos obtém um fim excelente. Por tais feitos os homens conseguem ganhar regiões de muita felicidade no céu. Se a tesouraria de teus inimigos for esgotada (por feitos justos ou injustos), todos eles, ó príncipe de Kosala, podem ser reduzidos à submissão. A tesouraria é a base da felicidade no céu e da vitória sobre a terra. É por causa de suas tesourarias que os inimigos desfrutam de tal felicidade. A tesouraria, portanto, deve ser drenada por todos os meios. Não elogie o Esforço na presença de teu inimigo mas fale elogiosamente do Destino. Sem dúvida, o homem que confia demais em atos concernentes ao culto dos deuses logo encontra a destruição. Faça teu inimigo realizar o grande sacrifício chamado Viswajit e dessa maneira despoje-o de todas as suas posses. Através disso teu objetivo será cumprido. Tu podes então informar teu inimigo do fato que os melhores homens em seu reino estão sendo oprimidos (com exigências para reencher a tesouraria esgotada), e indicar algum asceta eminente conhecedor dos deveres de Yoga (que desapegará teu inimigo de todas as posses mundanas). O inimigo então desejará adotar a renúncia e se retirará para as florestas, desejoso de salvação. Tu irás então, com a ajuda de drogas preparadas pela fervura de ervas e plantas altamente eficazes, e de sais artificiais, destruir os elefantes e corcéis e homens (dos domínios de teu inimigo). Estes e muitos outros esquemas bem planejados são acessíveis, todos relacionados com fraude. Uma pessoa inteligente pode destruir dessa maneira a população de um reino hostil com veneno.'"

106

"O rei disse, 'Eu não desejo, ó Brahmana, manter a vida por meio de engano ou fraude. Eu não desejo a riqueza, embora grande, que deva ser obtida por meios injustos. No próprio início da nossa conversa atual eu excluí estes meios. Somente pela adoção de meios que não levem à crítica, de meios que me beneficiariam em todos os aspectos, somente por praticar atos que não sejam prejudiciais em suas consequências, eu desejo viver neste mundo. Eu sou incapaz de adotar esses métodos que tu me mostraste. De fato, essas instruções não ficam bem em ti.'"

"O sábio disse, 'Estas palavras, ó Kshatriya, que tu falaste indicam que tu possuis sentimentos honrados. De fato, tu és correto em disposição e compreensão, ó tu de grande experiência. Eu me esforçarei pelo bem de ambos, isto é, por ti mesmo e por ele (o soberano de Videhas). Eu farei com que uma união, eterna e incapaz de se romper ocorra entre ti e aquele rei. Quem não gostaria de ter um ministro como tu que és nascido em uma linhagem nobre, que te abstém de todas as ações de injustiça e crueldade, que és possuidor de grande erudição, e que és bem versado na arte de governar e de conciliar todas as pessoas? Eu digo isto porque, ó Kshatriya, embora desprovido de reino e mergulhado em grande miséria, tu ainda desejas viver seguindo um comportamento que é correto. O soberano dos Videhas, firmemente fiel à verdade, virá logo à minha residência. Sem dúvida, ele fará o que eu recomendar fazer.'"

"Bhishma continuou, "O sábio, depois disso, convidou o soberano dos Videhas, e disse estas palavras a ele: 'Esta pessoa é de nascimento nobre. Eu conheço o coração dele. Sua alma é tão pura como a superfície do espelho ou o disco da lua outonal. Ele foi examinado por mim de todas as maneiras. Eu não vejo algum defeito nele. Que aja amizade entre ele e tu. Deposite confiança nele como em mim mesmo. Um rei que não tem um ministro (competente) não pode governar seu reino mesmo por três dias. O ministro deve ser corajoso como também possuidor de grande inteligência. Por estas duas qualidades alguém pode conquistar ambos os mundos. Veja, ó rei, estas duas qualidades são necessárias para governar um reino. Reis virtuosos não têm tal amparo como um ministro possuidor de tais atributos. Esta pessoa de grande alma é de descendência real. Ele anda pelo caminho dos justos. Este que sempre mantém a virtude em vista é uma aquisição valiosa. Se tratado por ti com honra, ele reduzirá todos os teus inimigos à submissão. Se ele se envolver em combate contigo, ele fará o que como um Kshatriya ele deve fazer. De fato, se seguindo a maneira de seus pais e avôs ele lutar para te derrotar, será teu dever lutar com ele, cumpridor como tu és do dever Kshatriya de subjugar adversários. Sem te envolver em batalha, no entanto, por minha ordem, o empregue sob ti pelo desejo de te beneficiar. Lance teu olhar na virtude, desistindo da avareza que é imprópria. Não cabe a ti abandonar os deveres da tua classe por luxúria ou desejo de batalha. A vitória, ó majestade, não é certa. A derrota também não é certa. Lembrando disso, as pazes devem ser feitas com um inimigo por lhe dar alimento e outros artigos de prazer. Uma pessoa pode ver vitória e derrota em seu próprio caso. Aqueles que procuram exterminar um inimigo são às vezes eles mesmos exterminados no decurso de seus esforços.' Assim endereçado, o rei Janaka, saudando e honrando aquele devidamente touro entre Brahmanas que merecia todas as honras, respondeu a ele, dizendo, 'Tu tens grande erudição e grande sabedoria. Isso que tu disseste pelo desejo de nos beneficiar é certamente vantajoso para nós dois. Tal rumo de conduta é altamente benéfico (para nós). Eu não hesito em dizer isto.' O soberano de Videha então, se dirigindo ao príncipe de Kosala, disse estas palavras: 'No cumprimento dos deveres Kshatriya como também com ajuda de Política, eu conquistei o mundo. Eu fui, no entanto, ó melhor dos reis, conquistado por ti com tuas boas qualidades. Sem nutrir nenhum sentimento de humilhação (se tu permaneceres ao meu lado), viva comigo como um vencedor. Eu respeito tua inteligência, e eu honro tua coragem. Eu não te desrespeito, dizendo que eu te derrotei. Por outro lado, viva comigo como um vitorioso. Honrado devidamente por mim, ó rei, tu irás para a minha residência.' Ambos os reis então adoraram aquele Brahmana, e confiando um no outro, procederam para a capital de Mithila. O soberano dos Videhas, fazendo o príncipe de Kosala entrar em sua residência, honrou a ele que merecia todas as honras, com oferendas de água para lavar seus pés, mel e coalhos e os artigos usuais. O rei Janaka também entregou para seu convidado sua própria filha e diversos tipos de jóias e pedras preciosas. Este (o estabelecimento da paz) é o nobre dever dos reis; vitória e derrota são ambas incertas.'"

107

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó opressor de inimigos, descreveste o curso dos deveres, a conduta geral, os meios de vida, com seus resultados, de Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras. Tu discursaste também sobre os deveres dos reis, o assunto de suas tesourarias, os meios de enchê-las, e o tópico de conquista e vitória. Tu falaste também das características dos ministros, as medidas que levam ao progresso dos súditos, as características dos seis membros de um reino, as qualidades dos exércitos, os meios de distinguir os maus, e os sinais daqueles que são bons, os atributos daqueles que são iguais, dos que são inferiores, e dos que são superiores, o comportamento que um rei desejoso de progresso deve adotar em direção às massas, e a maneira pela qual os fracos devem ser protegidos e cuidados. Tu falaste sobre todos estes assuntos, ó Bharata, dando instruções que são claras de acordo com o que foi inculcado em tratados sagrados. Tu falaste também do comportamento que deve ser adotado por reis desejosos de derrotar seus inimigos. Eu desejo agora, ó principal dos homens inteligentes, ouvir ao comportamento que alguém deve observar para com a multidão de homens corajosos que se reúnem em volta de um rei! Eu desejo saber como eles podem progredir, como eles podem ter afeição pelo rei, ó Bharata, e como eles podem conseguir subjugar seus inimigos e adquirir amigos. Me parece que só a desunião pode ocasionar sua destruição. Eu penso que é sempre difícil manter planos secretos quando muitos estão envolvidos. Eu desejo saber tudo isso em detalhes, ó opressor de inimigos! Diga-me também, ó rei, os meios pelos quais eles podem ser impedidos de romper com o rei.'"

"Bhishma disse, 'Entre a aristocracia de um lado e o rei do outro, avareza e ira, ó monarca, são as causas que produzem inimizade. (Se o rei, movido por avareza, cobra impostos deles pesadamente, a aristocracia se ressente disto e procura derrubar o rei.) Um destes partidos (o rei) se entrega à avareza. Como uma consequência, a ira toma posse do outro (a aristocracia). Cada um planejando enfraquecer e arruinar o outro, ambos encontram a destruição. Por empregar espiões, artifícios de política, e força física, e adotar as artes de conciliação, presentes, e dissensões e aplicar outros métodos para produzir fraqueza, desgaste, e medo, os partidos atacam um ao outro. A aristocracia de um reino, tendo as características de um grupo compacto, se dissocia do rei se o último procura tirar demais deles. Dissociados do rei, todos eles ficam descontentes, e agindo por medo, tomam o partido dos inimigos de seu soberano. Se também os aristocratas de um reino são desunidos entre eles mesmos, eles encontram a destruição. Desunidos, eles são uma presa fácil para inimigos. Os nobres, portanto, devem sempre agir de comum acordo. Se eles forem unidos, eles podem ganhar aquisições de valor por meio de sua força e destreza. De fato, quando eles são assim unidos, muitos estrangeiros procuram sua aliança. Homens de conhecimento louvam aqueles nobres que estão unidos uns com os outros em vínculos de afeição. Se unidos em propósito, todos eles podem ser felizes. Eles podem (por seu exemplo) estabelecer rumos corretos de conduta. Por se comportarem apropriadamente, eles progridem em prosperidade. Por controlar seus filhos e irmãos e lhes ensinar seus deveres, e por se comportar

bondosamente em direção a todas as pessoas cujo orgulho foi dominado pelo conhecimento (isto é, homens eruditos de humildade), a aristocracia progride em prosperidade. Por sempre se encarregar dos deveres de colocar espiões e planejar medidas de política, como também da questão de encher suas tesourarias, a aristocracia, ó tu de armas poderosas, progride em prosperidade. Por mostrar reverência apropriada por aqueles que possuem sabedoria e coragem e perseverança e que mostram destreza firme em todos os tipos de trabalho, a aristocracia progride em prosperidade. Possuidora de riqueza e recursos, de conhecimento das escrituras e todas as artes e ciências, a aristocracia salva as massas ignorantes de todos os tipos de infortúnio e perigo. Cólera (da parte do rei), ruptura, terror, punição, perseguição, opressão, e execuções, ó chefe dos Bharatas, fazem a aristocracia se afastar rapidamente do rei e tomar o partido dos inimigos dele. Aqueles, portanto, que são os líderes da aristocracia devem ser honrados pelo rei. Os negócios do reino, ó rei, dependem em grande parte deles. Conferências devem ser mantidas somente com aqueles que são os líderes da aristocracia, e agentes secretos devem ser colocados, ó destruidor de inimigos, com eles somente. O rei não deve, ó Bharata, consultar com todos os membros da aristocracia. O rei, agindo de comum acordo com os líderes, deve fazer o que for para o bem de toda a classe. Quando, no entanto, a aristocracia se torna separada e desunida e desprovida de líderes, outras atitudes devem ser tomadas. Se os membros da aristocracia disputam uns com os outros e agem, cada um de acordo com seus próprios recursos, sem combinação, sua prosperidade decresce e diversas espécies de males ocorrem. Aqueles entre eles que possuem erudição e sabedoria devem reprimir uma disputa tão logo ela aconteça. De fato, se os superiores de uma classe olham com indiferença, disputas irrompem entre os membros. Tais disputas ocasionam a destruição de uma classe e produzem desunião entre (a classe inteira) dos nobres. Proteja a ti mesmo, ó rei, de todos os temores que surgem de dentro. Os temores, no entanto, que surgem de fora são de pouca consequência. O primeiro tipo de medo, ó rei, pode cortar tuas raízes em um único dia. Pessoas que são iguais umas às outras em família e sangue, influenciadas por ira ou tolice ou cobiça provenientes de suas próprias naturezas, param de falar umas com as outras. Este é um indício de derrota. Não é por coragem, nem por inteligência, nem por beleza, nem por riqueza que inimigos conseguem destruir a aristocracia. É somente pela desunião e presentes que ela pode ser reduzida à subjugação. Por esta razão, a união é considerada o grande refúgio da aristocracia.'"

108

"Yudhishthira disse, 'O caminho do dever é longo. Ele tem também, ó Bharata, muitos ramos. Quais, no entanto, de acordo contigo, são aqueles deveres que mais merecem ser praticados? Quais atos, de acordo contigo, são os mais importantes entre todos os deveres, pela prática dos quais eu posso ganhar o maior mérito aqui e após a morte?'"

"Bhishma disse, 'O culto de mãe, pai, e preceptor é o mais importante de acordo comigo. O homem que se encarrega deste dever aqui, consegue obter grande fama e muitas regiões de felicidade. Adorados com respeito por ti, o que quer que eles te ordenem, seja compatível com a virtude ou não compatível com ela, deve ser feito sem hesitar, ó Yudhishthira! Nunca se deve fazer o que eles proíbem. Sem dúvida, aquilo que eles ordenam deve sempre ser feito. Eles são os três mundos. Eles são os três modos de vida. Eles são os três Vedas. Eles são os três fogos sagrados. O pai é citado como o fogo Garhapatya; a mãe, o fogo Dakshina, e o preceptor é o fogo sobre o qual libações são despejadas. Estes três fogos são, é claro, os mais eminentes. Se tu cuidares com atenção destes três fogos, tu terás sucesso em conquistar os três mundos. Por servir o pai com regularidade, uma pessoa pode cruzar este mundo. Por servir a mãe da mesma maneira, pode-se alcançar regiões de felicidade no próximo. Por servir o preceptor com regularidade pode-se alcançar a região de Brahma. Te comporte adequadamente em direção a estes três, ó Bharata, e tu então obterás grande fama nos três mundos, e serás abençoado, e grandioso será teu mérito e recompensa. Nunca os contrarie em nenhuma ação. Nunca coma antes de eles comerem, nem coma nada que seja melhor do que o que eles comem. Nunca atribua qualquer defeito a eles. Deve-se sempre servi-los com humildade. Este é um ato de grande mérito. Por agir dessa maneira, ó melhor dos reis, tu poderás obter fama, mérito, honra, e regiões de felicidade após a morte. Aquele que honra estes três é honrado em todos os mundos. Aquele, por outro lado, que os desrespeita falha em obter algum mérito de algum de seus atos. Tal homem, ó opressor de inimigos, não adquire mérito nem neste mundo nem no próximo. Aquele que sempre desrespeita estes três superiores nunca obtém fama aqui ou após a morte. Tal homem nunca ganha algum bem no mundo seguinte. Tudo o que eu doei em honra daqueles três se multiplicou por cem ou por mil. É por causa daquele mérito que agora mesmo, ó Yudhishthira, os três mundos estão claramente diante dos meus olhos. Um Acharya é superior a dez Brahmanas versados nos Vedas. Um Upadhyaya é superior a dez Acharyas. O pai é superior a dez Upadhyayas. A mãe é superior a dez pais, ou talvez, ao mundo inteiro, em importância. Não há ninguém que mereça tal reverência como a mãe. Na minha opinião, no entanto, o preceptor é digno de maior reverência do que o pai ou até a mãe. O pai e a mãe são os criadores da constituição de uma pessoa. O pai e a mãe, ó Bharata, somente criam o corpo. A vida, por outro lado, que uma pessoa obtém de seu preceptor, é divina. Aquela vida não está sujeita à decadência e é imortal. O pai e a mãe, por mais que possam ofender, nunca devem ser mortos. Por não punir um pai e uma mãe, (mesmo que eles mereçam castigo), uma pessoa não incorre em pecado. De fato, tais pessoas veneráveis, por desfrutarem de impunidade, não maculam o rei. Os deuses e os Rishis não retiram seus favores de pessoas que se esforçam para cuidar até de seus pais pecaminosos com reverência. Aquele que favorece uma pessoa por lhe dar instrução verdadeira, por lhe comunicar os Vedas e dar conhecimento que é imortal, deve ser considerado como ambos, um pai e uma mãe. O discípulo, em grato reconhecimento pelo que o instrutor tem feito, nunca deve fazer algo que possa ofender o último. Aqueles que não reverenciam seus preceptores depois de receberem instrução deles por obedecê-los respeitosamente em pensamentos e

ações, incorre no pecado de assassinar um feto. Não há pecador neste mundo como eles. Os preceptores sempre demonstram grande afeição por seus discípulos. Os últimos devem, portanto, mostrar por seus preceptores uma reverência proporcional. Quem, portanto, deseja ganhar aquele mérito excelente que tem existido desde os tempos antigos, deve cultuar e adorar seus preceptores e dividir alegremente com eles todos os objetos de prazer. Com aquele que agrada seu pai o próprio Prajapati está satisfeito. Aquele que agrada sua mãe gratifica a própria terra. Aquele que satisfaz seu preceptor gratifica Brahma por sua ação. Por esta razão, o preceptor é digno de maior reverência do que o pai ou a mãe. Se os preceptores são adorados, os próprios Rishis e os deuses, junto com os Pitris, são todos satisfeitos. Portanto, o preceptor é digno da maior reverência. O preceptor nunca deve ser desrespeitado de alguma maneira pelo discípulo. Nem a mãe nem o pai merecem tal respeito como o preceptor. O pai, a mãe, e o preceptor nunca devem ser insultados. Não deve ser encontrado defeito em alguma ação deles. Os deuses e os grandes Rishis estão satisfeitos com aquele que se comporta com reverência para com seus preceptores. Aqueles que ofendem em pensamentos e atos seus preceptores, ou pais, ou mães, incorrem no pecado de assassinar um feto. Não há pecadores no mundo iguais a eles. O filho gerado do pai e do útero da mãe e criado por eles que, quando eles chegam à idade avançada, não os sustenta em retorno, incorre no pecado de matar um feto. Não há pecador no mundo como ele. Nós nunca soubemos que estes quatro, isto é, aquele que fere um amigo, aquele que é ingrato, aquele que mata uma mulher, e aquele que mata um preceptor, alguma vez conseguiram se purificar. Eu agora te disse em geral tudo o que uma pessoa deve fazer neste mundo. Além desses deveres que eu indiquei, não há nada que produza maior felicidade. Pensando em todos os deveres, eu te disse sua essência.'"

109

"Yudhishthira disse, 'Como, ó Bharata, deve agir uma pessoa que deseja aderir à virtude? Ó touro da raça Bharata, possuidor como tu és de conhecimento, me diga isto, questionado por mim. Verdade e mentira existem, cobrindo todos os mundos. Qual destes dois, ó rei, uma pessoa que é firme em virtude deve adotar? O que também é a verdade? O que é a falsidade? E qual é a virtude eterna? Em quais ocasiões uma pessoa deve dizer a verdade, e em quais ocasiões ela deve dizer uma mentira?'"

"Bhishma disse, 'Dizer a verdade é consistente com a virtude. Não há nada maior do que a verdade. Eu irei agora, ó Bharata, te dizer o que não é geralmente conhecido pelos homens. Onde a mentira assumiria o aspecto de verdade, a verdade não deve ser dita. E onde a verdade assumiria o aspecto de mentira, a mentira mesma deve ser dita. Incorre em pecado aquela pessoa ignorante que diz a verdade que é dissociada de retidão. É considerada conhecedora dos deveres a pessoa que pode distinguir a verdade da falsidade (isto é, que sabe quando a verdade se torna tão nociva quanto uma mentira, e quando a mentira se torna tão correta quanto a verdade). Mesmo uma pessoa que não é respeitável, de alma

impura, e que é muito cruel, pode conseguir ganhar grande mérito como o caçador Valaka por matar a besta cega (que ameaçava destruir todas as criaturas, vide Karna Parva). Quão extraordinário é que uma pessoa de compreensão superficial, embora desejosa de adquirir mérito (por meio de penitências rígidas) ainda tenha cometido um ato pecaminoso! (Karna Parva, um Rishi, por apontar o local onde certas pessoas inocentes se escondiam de um grupo de ladrões, incorreu no pecado de assassinato). Uma coruja, certa vez, nas margens do Ganges, (por fazer um ato injusto) obteve grande mérito. (A alusão é à história de uma coruja indo para o céu por ter, com seu bico, quebrado mil ovos colocados por uma serpente de veneno mortal.) A pergunta que tu me fizeste é difícil, já que é difícil dizer o que é a justiça. Não é fácil indicá-la. Ninguém ao falar sobre justiça pode indicá-la exatamente. A justiça foi declarada (por Brahman) para a melhoria e crescimento de todas as criaturas. Portanto, o que leva à melhoria e crescimento é justiça. A justiça foi declarada para impedir as criaturas de ferirem umas às outras. Portanto, é a Justiça que impede os danos às criaturas. A Justiça (Dharma) é assim chamada porque sustém todas as criaturas. Realmente, todas as criaturas são mantidas pela justiça. Portanto, é a justiça que é capaz de preservar todas as criaturas. Alguns dizem que a justiça consiste no que foi inculcado nos Srutis. Outros não concordam com isto. Eu não criticaria aqueles que falam assim. Pois nem tudo foi declarado nos Srutis. (Isto se refere à bem conhecida definição de Dharma imputada a Vasishtha, isto é, "Aquilo que é declarado nos Srutis e Smritis é Dharma." O defeito dessa definição é que os Srutis e os Smritis não incluem todos os deveres. Então Vasishtha foi obrigado a adicionar que onde estes estão silenciosos, os exemplos e práticas dos bons devem ser os guias de homens, etc.) Às vezes homens (ladrões), desejosos de obter a riqueza de alguém, fazem perguntas (para facilitar o ato de saque). Nunca se deve responder a tais perguntas. Este é um dever estabelecido. Se por manter silêncio uma pessoa conseguir escapar, ela deve ficar calada. Se, por outro lado, o silêncio em uma hora quando se deveria falar despertar suspeitas, seria melhor em tal ocasião dizer o que é falso do que o que é verdadeiro. Esta é uma conclusão segura. Se alguém puder escapar de homens pecaminosos por meio de um juramento (falso), ele pode fazê-lo sem incorrer em pecado. Não se deve, mesmo que se possa, doar sua riqueza para homens pecaminosos. A riqueza dada para homens pecaminosos aflige até o doador. Se um credor deseja fazer seu devedor saldar o empréstimo por prestar serviço corpóreo, as testemunhas seriam todas mentirosas se, convocadas pelo credor para provar a verdade do contrato, elas não dissessem o que deve ser dito. Quando a vida está em risco ou em uma ocasião de casamento, pode-se dizer uma inverdade. Alguém que busca virtude não comete um pecado por dizer uma mentira, se aquela mentira for dita para salvar a riqueza e prosperidade de outros ou para propósitos religiosos. Tendo prometido pagar, uma pessoa se torna obrigada a cumprir sua promessa. No fracasso, que o próprio apropriador seja escravizado à força. Se uma pessoa, sem cumprir um compromisso justo, age com impropriedade, ela deve certamente ser afligida pela vara de castigo por ter adotado tal comportamento. Uma pessoa enganadora, se desviando de todos os deveres e abandonando aqueles de sua própria classe, sempre deseja se dirigir às práticas de Asuras para manter a vida. Tal canalha pecaminoso vivendo por fraude deve ser morto por todos os meios. Tais homens

pecaminosos pensam que não há nada neste mundo superior à riqueza. Tais homens nunca devem ser tolerados. Ninguém deve comer com eles. Eles devem ser considerados como decaídos por causa de seus pecados. De fato, decaídos da condição de humanidade e excluídos da graça dos deuses, eles são como espíritos maus. Sem sacrifícios e sem penitências como eles são, te abstenha da companhia deles. Se a riqueza deles for perdida, eles até cometem suicídio, o que é extremamente deplorável. Entre aqueles homens pecaminosos não há um a quem tu possas dizer, 'Este é teu dever. Que teu coração se volte para isto.' Suas firmes convicções são de que não há nada neste mundo que seja igual à riqueza. A pessoa que matasse tal criatura não incorreria em pecado. Aquele que o mata, mata alguém que realmente já foi morto por suas próprias ações. Se morto, é o morto que é morto. Aquele que jura destruir aquelas pessoas de juízo perdido deve manter sua promessa. Tais pecadores, como o corvo e o urubu, dependem de fraude para viver. Depois da dissolução de seus corpos (humanos), eles renascem como corvos e urubus. Uma pessoa deve, em qualquer assunto, se comportar com outra como aquela outra se comporta naquele assunto. Aquele que pratica fraude deve ser repelido com fraude, enquanto alguém que é honesto deve ser tratado com honestidade.'"

110

"Yudhishthira disse, 'As criaturas são vistas serem afligidas de diversas maneiras e quase constantemente. Diga-me, ó avô, de que modo alguém pode vencer todas essas dificuldades.'"

"Bhishma disse, 'Os membros da classe regenerada que praticam devidamente, com almas controladas, os deveres que foram prescritos nas escrituras para os vários modos de vida, conseguem vencer todas essas dificuldades. Aqueles que nunca praticam fraude, cujo comportamento é reprimido por restrições salutares, e aqueles que controlam todos os desejos mundanos, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que não falam quando endereçados em má linguagem, que não ofendem outros quando eles mesmos são ofendidos, aqueles que dão mas não tiram, conseguem vencer todas as dificuldades. Os que sempre dão abrigo hospitaleiro para os convidados, que não se entregam à malícia, que estão constantemente dedicados ao estudo dos Vedas, conseguem vencer todas as dificuldades. Aquelas pessoas que, estando familiarizadas com os deveres, adotam aquele comportamento que devem ter para com os pais, aqueles que se abstêm de dormir durante o dia, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que não cometem qualquer tipo de pecado em pensamento, palavra, e ação, que nunca ferem qualquer criatura, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles reis que, não estando sob a influência de paixão e avareza, não cobram impostos opressivos, e aqueles que protegem seus próprios domínios, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que vão até suas próprias esposas na época apropriada sem procurar a companhia de outras mulheres, aqueles que são honestos e atentos aos seus Agni-hotras, conseguem vencer todas as

dificuldades. Os que possuem coragem e que, abandonando todo o medo da morte, se engajam em batalha, desejosos de vitória por meios honestos, conseguem vencer todas as dificuldades. Os que sempre falam a verdade neste mundo até quando a vida está em risco, e que são exemplos para todas as criaturas imitarem, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles cujos atos nunca enganam, cujas palavras são sempre agradáveis, e cuja riqueza é sempre bem gasta, conseguem vencer todas as dificuldades. Os Brahmanas que nunca estudam os Vedas em horas não destinadas para estudo, e aqueles que praticam penitências com devoção, conseguem vencer todas as dificuldades. Os brahmanas que se dirigem para uma vida de celibato e Brahmacharya, que realizam penitências, e que são purificados pela erudição, conhecimento Védico, e votos apropriados, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que controlaram todas as qualidades que pertencem à Paixão e Ignorância, que possuem almas nobres, e que praticam as qualidades que são chamadas de Bondade, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles de quem nenhuma criatura tem medo e que não temem nenhuma criatura, aqueles que consideram todas as criaturas como a si mesmos, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles touros entre homens que são bons, que nunca sentem mágoa ao verem a prosperidade de outras pessoas, e que se abstêm de todos os tipos de comportamento ignóbil, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que reverenciam todos os deuses, que ouvem as doutrinas de todos os credos, que têm fé, e que são dotados de almas tranquilas, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que não desejam honra para si mesmos, que dão honras a outros, que se curvam àqueles que merecem seu culto, conseguem vencer todas as dificuldades. Os que realizam Sraddhas nos dias lunares apropriados, com mentes puras, por desejo de filhos, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que reprimem sua própria ira e acalmam a ira de outros, e que nunca se zangam com nenhuma criatura, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que se abstêm, desde seu nascimento, de mel e carne e bebidas embriagantes, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que comem somente para manter a vida, que procuram a companhia de mulheres somente por causa de prole e que abrem seus lábios somente para falar o que é verdadeiro, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que adoram com devoção o deus Narayana, aquele Senhor Supremo de todas as criaturas, aquela origem e destruição do universo, conseguem vencer todas as dificuldades. Este Krishna aqui, de olhos vermelhos como o lótus, vestido em mantos amarelos, dotado de braços poderosos, este Krishna que é nosso benquerente, irmão, amigo, e parente, é Narayana de glória imperecível. Ele cobre todos os mundos como uma capa de couro, por sua própria vontade. Ele é o Senhor pujante, de alma inconcebível. Ele é Govinda, o principal de todos os seres. Este Krishna que está sempre empenhado em fazer o que é agradável e benéfico para Jishnu, como também para ti, ó rei, é aquele principal de todos os seres, irresistível, aquela residência de felicidade eterna. Aqueles que com devoção procuram a proteção deste Narayana, chamado também de Hari, conseguem vencer todas as dificuldades. Aqueles que lêem estes versos acerca do vencimento das dificuldades, aquele que os recita para outros, e que fala deles para Brahmanas, conseguem vencer todas as

dificuldades. Eu agora, ó impecável, te disse todas aquelas ações pelas quais os homens podem superar todas as dificuldades aqui e após a morte.'"

111

"Yudhishthira disse, 'Muitas pessoas aqui que não têm realmente almas tranquilas aparecem em forma externa como homens de almas tranquilas. Há também outros que são realmente de almas tranquilas mas que parecem ser o contrário. Como, ó senhor, nós conseguiremos reconhecer essas pessoas?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é narrada a antiga história da conversa entre um tigre e um chacal. Escute-a, ó Yudhishthira! Nos tempos antigos, em uma cidade chamada Purika, cheia de riqueza, havia um rei chamado Paurika. Aquele pior dos seres era extremamente cruel e tinha prazer em ferir outros. Na expiração do período de sua vida ele obteve um fim indesejável. Realmente, maculado pelas más ações de sua vida humana, ele renasceu como um chacal. Lembrando-se de sua antiga prosperidade, ele ficou cheio de pesar e se abstinha de carne até quando trazida perante ele por outros. E ele se tornou compassivo para todas as criaturas, e verdadeiro em palavras, e firme na observância de votos rígidos. Na hora designada ele se alimentava de alimento que consistia em frutas que caíam das árvores. Aquele chacal morava em um vasto crematório e gostava de morar lá. E como aquele era seu local de nascimento, ele nunca desejou trocá-lo por localidade mais agradável. Incapazes de tolerar a pureza de seu comportamento, os outros membros de sua espécie se esforçaram para fazê-lo alterar sua resolução por se dirigirem a ele nas palavras seguintes repletas de humildade: 'Embora residindo neste crematório terrível, tu ainda desejas viver em tal pureza de comportamento. Isto não é uma incorreção de compreensão da tua parte, já que tu és por natureza um comedor de carniça? Seja como nós. Todos nós te daremos comida. Coma aquilo que deve ser sempre teu alimento, abandonando tal pureza de conduta.' Ouvindo estas palavras deles, o chacal respondeu para eles, com atenção concentrada, nestas palavras gentis repletas de razão e inculcando inofensividade para todos: 'Meu nascimento foi inferior. É a conduta, no entanto, que determina a classe. (Embora nascido em uma classe inferior, não há razão pela qual eu deva agir como uma pessoa inferior. É o comportamento que determina a classe e não a classe que determina o comportamento. Há pessoas virtuosas, portanto, em todas as classes.) Eu desejo me comportar de tal maneira que minha fama possa se espalhar. Embora minha habitação seja este crematório, contudo escutem aos meus votos em relação a comportamento. A própria pessoa é a causa de suas ações. O modo de vida para o qual alguém possa se dirigir não é a causa de suas ações religiosas. Se alguém, enquanto na observância de um modo específico de vida, mata um Brahmana, o pecado de Brahmanicídio não se vincula a ele? Se, por outro lado, alguém doa uma vaca enquanto não está na observância de algum modo de vida específico, aquela doação piedosa não produzirá mérito? Movidos pelo desejo de conseguir o que é agradável, vocês estão empenhados somente em encher seus estômagos. Estupefatos pela insensatez vocês não vêem as três falhas que estão no fim. Eu não gosto de

adotar a vida levada por vocês, repleta como ela é de mal aqui e após a morte, e caracterizada como ela é por tal repreensível perda de virtude ocasionada pelo descontentamento e tentação.' Aconteceu de um tigre, célebre por bravura, ouvir por acaso essa conversação, e consequentemente, tomando o chacal por uma pessoa erudita de comportamento puro, ofereceu a ele tal culto respeitoso como o que era adequado para si mesmo e então expressou um desejo de nomeá-lo seu ministro.'"

"O tigre disse, 'Ó personalidade virtuosa, eu sei o que tu és. Desempenhe os deveres de governo comigo. Desfrute de quaisquer artigos que possam ser desejados por ti, abandonando tudo o que possa não satisfazer o teu gosto. Em relação a nós, nós somos conhecidos por termos um temperamento feroz. Nós te informamos disto com antecedência. Se tu te comportares com brandura, tu serás beneficiado e colherás vantagens para ti mesmo.' Honrando estas palavras daquele senhor de grande alma de todos os animais, o chacal, baixando um pouco sua cabeça, disse estas palavras repletas de humildade.'"

"O chacal disse, 'Ó rei dos animais, estas tuas palavras com referência a mim são tais que condizem contigo. É também digno de ti que tu devas procurar por ministros de comportamento puro e familiarizados com deveres e negócios mundanos. Tu não podes manter tua grandeza sem um ministro virtuoso, ó herói, ou com um ministro perverso que está em vigia para por um fim à própria vida. Tu deves, ó altamente abençoado, respeitar aqueles teus ministros que são devotados a ti, que são conhecedores da política, independentes uns dos outros, desejosos de te coroar com vitória, não maculados pela avareza, livres de falsidade, possuidores de sabedoria e sempre dedicados ao teu bem, e dotados de grande energia mental, assim como tu respeitas teus preceptores ou pais. Mas, ó rei dos animais, como eu estou perfeitamente contente com a minha posição atual, eu não desejo mudá-la por nada mais. Eu não cobiço prazeres luxuosos ou a felicidade que provém deles. A minha conduta, também, pode não estar de acordo com aquela de teus velhos empregados. Se ocorrer de eles serem de conduta pecaminosa, eles produzirão desunião entre nós dois. Dependência de outro, mesmo que esse outro seja possuidor de magnificência, não é desejável ou louvável. Eu sou de alma purificada, eu sou altamente abençoado. Eu sou incapaz de mostrar severidade mesmo para pecadores. Eu tenho grande previdência. Eu tenho capacidade para grande esforço. Eu não olho para coisas pequenas. Eu possuo grande força. Eu sou bem sucedido em ações. Eu nunca ajo inutilmente. Eu estou adornado com todos os objetos de prazer. Eu nunca estou satisfeito com pouco. Eu nunca servi a outro. Eu sou, além disso, inábil em servir. Eu vivo de acordo com a minha vontade nas florestas. Todos os que vivem ao lado de reis têm que suportar grande tormento por causa das más palavras contra eles mesmos. Aqueles, no entanto, que residem nas florestas passam seus dias, destemidamente e sem ansiedade, na observância de votos. O medo que surge no coração de uma pessoa que é convocada pelo rei é desconhecido para as pessoas que passam seus dias de modo contente nas florestas, vivendo de frutas e raízes. Alimento e bebida simples obtidos sem esforço, e alimento luxuoso obtido com medo, diferem muito uns dos outros. Refletindo sobre estes dois, eu

sou de opinião que há felicidade onde não há ansiedade. Somente uns poucos entre aqueles que servem reis são justamente punidos por suas ofensas. Um grande número deles, no entanto, sofre morte sob acusações falsas. Se, apesar de tudo isso, tu me nomeares, ó rei dos animais, como teu ministro, eu desejo fazer um pacto contigo em relação ao comportamento que tu deves sempre adotar em direção a mim. Essas palavras que eu falarei para o teu bem devem ser escutadas e consideradas por ti. A provisão que tu farás para mim não será interferida por ti. Eu nunca consultarei com teus outros ministros. Se eu o fizer, desejosos de superioridade como eles são, eles irão então imputar diversas espécies de falhas a mim. Me encontrando contigo somente e em segredo eu te direi o que é para o teu bem. Em todas as questões ligadas com teus parentes, tu não me perguntarás o que é para o teu bem ou o que não é. Tendo consultado comigo tu não irás punir teus outros ministros depois, cedendo à raiva tu não punirás meus seguidores e dependentes.' Assim endereçado pelo chacal, o rei dos animais respondeu a ele, dizendo, 'Assim seja' e mostrou a ele todas as honras. O chacal então aceitou ser ministro do tigre. Vendo o chacal tratado com respeito e honrado em todas as suas ações, os velhos empregados do rei, conspirando juntos, começaram incessantemente a mostrar seu ódio por ele. Aquelas pessoas pecaminosas a princípio se esforçaram para gratificá-lo e conquistá-lo com comportamento amistoso e o fizeram suportar os diversos abusos que existiam na prova. Espoliadores das propriedades de outras pessoas, eles tinham vivido por muito tempo no desfrute de suas vantagens. Agora, no entanto, sendo governados pelo chacal, eles não podiam se apropriar de nada pertencente a outros. Desejosos de avanço e prosperidade, eles começaram a tentá-lo com palavras gentis. De fato, até grandes subornos foram oferecidos para cativar seu coração. Possuidor de grande sabedoria, o chacal não mostrou sinais de ceder àquelas tentações. Então alguns deles, fazendo um pacto entre eles mesmos para efetuarem sua destruição, roubaram a carne bem preparada que era destinada para o rei dos animais e muito desejada por ele, e a colocaram secretamente na casa do chacal. O chacal soube que tinham roubado a carne e que tinham conspirado para fazer aquilo. Mas embora ele soubesse de tudo, ele permitiu aquilo para um objetivo específico. Ele tinha feito um pacto com o rei na hora em que aceitou o ministério, dizendo, 'Tu desejas minha amizade, mas tu não irás, ó monarca, desconfiar de mim sem motivo.'"

"Bhishma continuou, 'Quando o rei dos animais, sentindo-se faminto, foi comer, ele não viu a carne que tinha sido mantida pronta para seu jantar. O rei então ordenou, 'Que o ladrão seja descoberto'. Seus ministros desonestos então relataram para ele que a carne mantida para ele tinha sido roubada por seu ministro erudito, o chacal, que era tão orgulhoso da sua própria sabedoria. Ouvindo sobre aquele ato imprudente da parte do chacal, o tigre se encheu de raiva. De fato, o rei, cedendo à cólera, ordenou que seu ministro fosse morto. Vendo a oportunidade, os antigos ministros se dirigiram ao rei, dizendo, 'O chacal está até preparado para roubar de nós todos os meios de sustento.' Tendo revelado isto eles mais uma vez falaram da ação do chacal de roubar a comida do rei. E eles disseram, 'Tal então é seu ato! O que então ele não ousaria fazer? Ele não é como tu ouviste. Ele é correto em palavras mas sua real disposição é

pecaminosa. Um canalha em realidade, ele se disfarçou por colocar um traje de virtude. Seu comportamento é realmente pecaminoso. Para servir aos seus próprios fins ele praticou austeridades na questão de dieta e de votos. Se tu duvidas disto, nós te daremos a prova ocular.' Tendo assim falado, eles imediatamente fizeram aquela carne ser descoberta por entrarem na residência do chacal. Averiguando que a carne tinha sido trazida de volta da casa do chacal e ouvindo todos aqueles relatos de seus antigos empregados, o rei ordenou, dizendo, 'Que o chacal seja morto.' Ouvindo estas palavras do tigre, a mãe dele foi àquele local para despertar o bom senso do filho com conselhos benéficos. A dama venerável disse, 'Ó filho, tu não deves aceitar essa acusação repleta de fraude. Indivíduos vis atribuem falhas até a uma pessoa honesta, movidas por inveja e rivalidade. Inimigos desejosos de uma disputa não podem suportar a elevação de um inimigo ocasionada por seus grandes feitos. Falhas são atribuídas até a uma pessoa de alma pura dedicada a penitências. Em relação até a um asceta que vive nas florestas e que está dedicado às suas próprias ações (inofensivas), surgem três partidos, isto é, amigos, neutros, e inimigos. Aqueles que são vorazes odeiam os que são puros. Os ociosos odeiam os ativos. Os incultos odeiam os eruditos. Os pobres odeiam os ricos. Os injustos odeiam os justos. Os feios odeiam os belos. Muitos entre os eruditos, os incultos, os ávidos, e os enganadores, acusariam falsamente uma pessoa inocente mesmo se acontecesse de a última ser possuidora das virtudes e inteligência do próprio Vrihaspati. Se a carne foi realmente roubada da tua casa na tua ausência, lembre que o chacal se recusa a aceitar qualquer carne que seja dada a ele. Que este fato seja bem considerado (em descobrir o ladrão). Pessoas más às vezes assumem a aparência das boas, e aquelas que são boas às vezes assumem a aparência das más. Diversos tipos de aspecto são visíveis nas criaturas. É, portanto, necessário examinar qual é qual. O firmamento parece ser como a base sólida de um recipiente. O pirilampo parece ser como a faísca real de fogo. Na verdade, no entanto, o céu não tem base e não há fogo no vaga-lume. Você vê, portanto, que há a necessidade de escrutínio a respeito até das coisas como são endereçadas para a visão. Se uma pessoa averigua tudo depois de um exame minucioso, ela nunca terá que se entregar a algum tipo de remorso depois. Não é difícil em absoluto, ó filho, para um mestre executar seu empregado. A bondade, no entanto, em pessoas possuidoras de poder, é sempre louvável e produtiva de renome. Tu fizeste do chacal teu primeiro ministro. Por causa daquele ato, tu ganhaste grande fama entre todos os chefes vizinhos. Um bom ministro não pode ser obtido facilmente. O chacal é teu benquerente. Que ele, portanto, seja mantido. O rei que considera culpada uma pessoa realmente inocente falsamente acusada por seus inimigos logo encontra a destruição por causa dos ministros vis que o levam àquela convicção.' Depois que a mãe do tigre tinha terminado seu discurso, um agente íntegro do chacal, se afastando daquela falange de seus inimigos, descobriu tudo acerca da maneira na qual aquela falsa acusação tinha sido feita. A inocência do chacal tendo sido demonstrada, ele foi absolvido e honrado por seu mestre. O rei dos animais o abraçou carinhosamente repetidas vezes. O chacal, no entanto, que conhecia a ciência de política, queimando de aflição, saudou o rei dos animais e pediu permissão para abandonar sua vida por praticar o voto Praya. O tigre, lançando sobre o chacal virtuoso seus olhos

expandidos com afeição e honrando-o com culto respeitoso, procurou dissuadi-lo da realização de seus desejos. O chacal, vendo seu mestre agitado com afeição, se curvou a ele e em uma voz sufocada pelas lágrimas disse estas palavras: 'Honrado por ti primeiro, eu fui insultado por ti depois. Teu comportamento em direção a mim é calculado para me fazer um inimigo teu. Não é apropriado portanto, que eu deva continuar a morar contigo. Empregados que estão descontentes, que foram afastados de seus cargos, ou privados das honras que eram deles, que trouxeram destituição sobre si mesmos, ou que foram arruinados por seus inimigos (através da ira de seu mestre), que foram enfraquecidos, que são vorazes, ou enfurecidos, ou alarmados, ou enganados (em relação a seus empregadores), que sofreram confisco, que são orgulhosos e desejosos de realizar grandes feitos mas privados dos meios de ganhar riqueza, e que queimam de angústia ou raiva por causa de alguma injúria feita a eles, sempre esperam por calamidades para surpreender seus mestres. Enganados, eles deixam seus mestres e se tornam instrumentos efetivos nas mãos de inimigos. Eu fui insultado por ti e baixado do meu lugar. Como tu irás confiar em mim novamente? Como irei eu (de minha parte) continuar a morar contigo? Me achando competente tu me recebeste, e tendo me examinado tu me colocaste na posição. Violando o pacto então feito (entre nós) tu me insultaste. Se alguém fala de uma certa pessoa perante outros como possuidora de comportamento correto, ele não deve, se desejoso de manter sua coerência, depois descrever a mesma pessoa como pecaminosa. Eu que fui assim desrespeitado por ti não posso mais desfrutar da tua confiança. De minha parte, quando eu te vir retirar tua confiança de mim, eu ficarei alarmado e ansioso. Tu estando desconfiado e eu mesmo em alarme, nossos inimigos estarão alertas em busca de oportunidades para nos prejudicar. Teus súditos irão, como uma consequência, ficar ansiosos e descontentes. Tal estado de coisas tem muitos males. Os sábios não consideram feliz aquela situação na qual há honra primeiro e desonra depois. É difícil reunir os dois que foram separados, como, de fato, é difícil separar os dois que estão unidos. Se pessoas reunidas depois de separação se aproximam umas das outras novamente, seu comportamento não pode ser afetuoso. Não é visto um empregado que é movido (no que ele faz), somente pelo desejo de beneficiar seu mestre. O serviço procede do motivo de fazer bem para o mestre como também para si mesmo. Todas as ações são empreendidas por motivos egoístas. Atos ou motivos desinteressados são muito raros. Aqueles reis cujos corações são impacientes e inquietos não podem adquirir um verdadeiro conhecimento de homens. Só pode ser encontrado um em cem que é ou capaz ou destemido. A prosperidade de homens, como também sua queda, vem por si mesma. Prosperidade e adversidade, e grandeza, todas procedem da fraqueza de compreensão."'

"Bhishma continuou, 'Tendo dito estas palavras conciliadoras repletas de virtude, prazer, e lucro, e tendo gratificado o rei, o chacal se retirou para a floresta. Sem escutar aos rogos do rei dos animais, o chacal inteligente abandonou seu corpo por sentar-se em praya e procedeu para o céu (como recompensa de suas boas ações sobre a terra).'"

112

"Yudhishthira disse, 'Quais atos devem ser feitos por um rei, e quais são aqueles atos pelos quais um rei pode se tornar feliz? Diga-me isto em detalhes, ó tu que és a principal de todas as pessoas conhecedoras dos deveres.'"

"Bhishma disse, 'Eu te direi o que tu desejas saber. Escute a verdade segura sobre o que deve ser feito por um rei neste mundo e quais são aqueles atos por fazer os quais um rei pode vir a ser feliz. Um rei não deve se comportar da maneira revelada na grande história de um camelo do qual nós ouvimos. Ouça àquela história então, ó Yudhishthira! Havia, na era Krita, um camelo enorme que tinha recordação de todas as ações de sua vida anterior. Observando os votos mais rígidos, aquele camelo praticou austeridades muito severas na floresta. Perto da conclusão de suas penitências, o pujante Brahman ficou satisfeito com ele. O Avô, portanto, desejou conceder bênçãos a ele.'"

"O camelo disse, 'Que meu pescoço, ó santo, se torne longo pela tua graça, para que, ó senhor poderoso, eu possa apanhar qualquer alimento que possa estar no fim de até cem Yojanas.' O concessor de bênçãos de grande alma disse, 'Que assim seja'. O camelo então, tendo obtido o benefício, voltou para sua própria floresta. O animal tolo, desde o dia em que obteve a bênção, ficou preguiçoso. De fato, o infeliz, estupefato pelo destino, desde aquele dia não saiu para pastar. Um dia, enquanto estendia seu longo pescoço de cem Yojanas, o animal estava ocupado em apanhar seu alimento sem nenhum trabalho, surgiu uma grande tempestade. O camelo, colocando sua cabeça e uma parte do pescoço dentro da caverna de uma montanha, resolveu esperar até que a tempestade acabasse. Enquanto isso a chuva começou a cair em torrentes, inundando toda a terra. Um chacal, com sua esposa, encharcado pela chuva e tremendo de frio, se arrastou com dificuldade em direção àquela mesma caverna e entrou nela rapidamente para se abrigar. Vivendo de carne como ele vivia, e extremamente faminto e cansado como estava, ó touro da raça Bharata, o chacal, vendo o pescoço do camelo, começou a comer tanto dele quanto ele podia. O camelo, quando percebeu que seu pescoço estava sendo comido, se esforçou em aflição para encurtá-lo. Mas quando ele o moveu para cima e para baixo, o chacal e sua esposa, sem largá-lo, continuaram a comê-lo. Dentro de pouco tempo o camelo estava privado de vida. O chacal então, tendo (assim) matado e comido o camelo, saiu da caverna depois que a tempestade e a chuva tinham parado. Assim aquele camelo tolo encontrou sua morte. Veja que um grande mal seguiu na sequência da ociosidade. Em relação a ti mesmo, evitando a ociosidade e reprimindo teus sentidos, faça tudo no mundo com meios apropriados. O próprio Manu disse que a vitória depende da inteligência. Todos os atos que são realizados com a ajuda da inteligência são considerados como os principais, os alcançados com a ajuda dos braços são medianos, os alcançados com a ajuda dos pés são inferiores, enquanto aqueles feitos por carregar cargas são os mais inferiores. Se o rei for inteligente nas transações de negócios e reprimir seus

sentidos, o seu reino dura. O próprio Manu disse que é com a ajuda da inteligência que uma pessoa ambiciosa consegue alcançar vitórias. Neste mundo, ó Yudhishthira, aqueles que ouvem conselhos sábios que não são geralmente conhecidos, e, ó impecável, possuidores de aliados, e que agem depois de escrutínio apropriado, conseguem realizar todos os seus objetivos. Uma pessoa possuidora de tais ajudas consegue governar a terra inteira. Ó tu que és possuidor de destreza como aquela do próprio Indra, isto foi dito por homens sábios dos tempos antigos conhecedores das ordenanças declaradas nas escrituras. Eu, também, com a visão dirigida para as escrituras, tenho dito o mesmo para ti. Exercitando tua inteligência, aja neste mundo, ó rei!'"

113

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó touro da raça Bharata, como um rei, sem as ajudas usuais, tendo obtido um reino que é uma posse tão preciosa, deve se comportar com um inimigo poderoso.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga história da conversa entre o Oceano e os Rios. Antigamente, o Oceano eterno, aquele senhor dos Rios, aquele refúgio dos inimigos dos celestiais, questionou todos os Rios para resolver esta dúvida que tinha surgido em sua mente.'"

"O Oceano disse, 'Ó Rios, eu vejo que todos vocês, com suas correntes cheias, trazem árvores de troncos grandes, arrancando-as com suas raízes e ramos. Vocês, no entanto, nunca me trazem um junco. Os juncos que crescem em suas margens são de caules pobres e desprovidos de força. Vocês se recusam a arrastá-los por desprezo, ou eles são de alguma utilidade para vocês? Eu desejo, portanto, saber qual é o motivo que inspira todos vocês. De fato, por que é que os juncos não são arrastados por nenhum de vocês, arrancados das margens onde eles crescem?' Assim endereçado, o Rio Ganga respondeu ao Oceano, aquele senhor de todos os Rios, nestas palavras de grave importância, repletas de razão, e, portanto, aceitáveis para todos.'"

"Ganga disse, 'As árvores ficam em um e no mesmo lugar e são inflexíveis em relação ao local onde elas ficam. Por causa dessa disposição delas para resistir a nossas correntes, elas são obrigadas a deixar o lugar de seu crescimento. Os juncos, no entanto, agem diferentemente. O junco, vendo a corrente avançando, se curva a ela. Os outros não agem deste modo. Depois que a corrente passa, o junco retoma sua postura anterior. O junco conhece as virtudes de Tempo e oportunidade. Ele é dócil e obediente. Ele é flexível, sem ser obstinado. Por estas razões, ele fica onde ele cresce, sem ter que vir conosco. Aquelas plantas, árvores, e trepadeiras que se dobram e erguem perante a força do vento e da água, nunca têm que sofrer derrota (por serem arrancadas pelas raízes).'"

"Bhishma continuou, 'A pessoa que não se rende ao poder de um inimigo que avançou em poder e que é competente para encarcerar ou matar, logo encontra a destruição. (A verdadeira política, portanto, é esperar pela hora quando o inimigo

se tornar fraco.) O homem de sabedoria que age depois de verificar completamente a força e a fraqueza, o poder e a energia, dele mesmo e de seu inimigo, nunca tem que sofrer derrota. Um homem inteligente, portanto, quando ele vê que seu inimigo é mais poderoso do que ele mesmo, deve adotar o comportamento do junco. Esta é uma indicação de sabedoria.'"

114

"Yudhishthira disse, 'Como, ó Bharata, um homem erudito adornado com modéstia deve se comportar, ó castigador de inimigos, quando atacado com palavras duras no meio de assembléias por uma pessoa ignorante cheia de vaidade?'"

"Bhishma disse, 'Ouça, ó senhor da terra, como o assunto foi tratado (nas escrituras), como uma pessoa de boa alma deve tolerar neste mundo as palavras ofensivas de pessoas de pouca inteligência. Se uma pessoa, quando maltratada por outra, não cede à raiva, ela então seguramente recebe (o mérito de) todos os bons atos que foram feitos pela pessoa que insulta. O sofredor, em tal caso, transfere o demérito de todas as suas próprias más ações para a pessoa que sob a influência da cólera se perde em insultos. Um homem inteligente deve desconsiderar uma linguagem ofensiva que parece, afinal, somente um Tittibha (ave) proferindo gritos dissonantes. Quem se entrega ao ódio é citado como vivendo em vão. Um tolo pode muitas vezes ser ouvido dizer, 'Tal homem respeitável foi endereçado por mim em tais palavras no meio de tal reunião de homens,' e para se gabar daquele ato pecaminoso, ele irá acrescentar, 'Insultado por mim, o homem ficou calado como se morto de vergonha.' Assim mesmo um homem sem vergonha conta vantagem de uma ação da qual ninguém deveria se vangloriar. Tal canalha entre homens deve ser cuidadosamente desprezado. O homem de sabedoria deve tolerar tudo o que tal pessoa de pouca inteligência possa dizer. O que um sujeito vulgar pode fazer ou por seu louvor ou sua crítica? Ele é assim como um corvo que grasna inutilmente nas florestas. Se aqueles que acusam outros somente por suas palavras pudessem provar aquelas acusações por tais meios, então, talvez, suas palavras seriam consideradas como de algum valor. Como um fato, no entanto, estas palavras são tão eficazes como aquelas proferidas por tolos invocando a morte sobre aqueles com quem elas brigam. (Na Índia, a forma de insulto verbal mais comum entre homens e mulheres ignorantes é 'Encontre a morte,' ou 'Vá para a casa de Yama.' O que Bhishma diz é que como estas palavras são proferidas em vão, exatamente assim as acusações de homens maus vêm a ser totalmente malogradas.) Simplesmente proclama sua inferioridade o homem que se entrega a tal conduta e palavras. De fato, ele é assim como um pavão que dança enquanto mostrando tal parte de seu corpo que deveria sempre ser escondida da visão. Uma pessoa de conduta pura não deve sequer falar com o indivíduo de conduta pecaminosa que não tem escrúpulo em proferir ou fazer qualquer coisa. O homem que fala dos méritos de uma pessoa quando os olhos dela estão sobre ele e que fala mal dela quando ela não está olhando, é realmente como um cão. (O cão é um animal impuro na avaliação

Hindu.) Tal pessoa perde todas as suas regiões no céu e os frutos de qualquer conhecimento e virtude que ela possa ter. O homem que fala mal de alguém quando os olhos deste alguém não estão sobre ele, perde sem demora os frutos de todas as suas libações sobre o fogo e das doações que ele possa fazer mesmo para cem pessoas. Um homem de sabedoria, portanto, deve evitar firmemente uma pessoa de tal coração pecaminoso que merece ser evitada por todos os homens honestos, como ele evitaria a carne de cachorro. O patife de alma pecaminosa que proclama os defeitos de uma pessoa de grande alma, realmente divulga (por aquele ato) sua própria natureza má assim como uma cobra mostra seu capelo (quando mexem com ela). O homem de razão que procura contrariar tal caluniador sempre dedicado a uma ocupação apropriada para si mesmo, se encontra na condição dolorosa de um jumento estúpido afundado em uma pilha de cinzas. Um homem que está sempre ocupado em falar mal de outros deve ser evitado como um lobo furioso, ou um elefante enfurecido rugindo em loucura, ou um cão feroz. Que vergonha para o canalha pecaminoso que se dirigiu para o caminho dos tolos e abandonou todas as restrições saudáveis e modéstia, que está sempre empenhado em fazer o que é prejudicial para outros, e que não tem consideração por sua própria prosperidade. Se um homem honesto deseja trocar palavras com tais canalhas quando eles procuram humilhá-lo, ele deve ser aconselhado nestas palavras: Não te permita ser afligido. Um duelo de palavras entre uma pessoa superior e uma inferior é sempre desaprovado por pessoas de inteligência tranquila. Um patife calunioso, quando enfurecido, pode bater em outro com suas palmas, ou jogar pó ou resíduos, ou assustar outro por mostrar ou ranger seus dentes. Tudo isso é bem conhecido. O homem que suporta as repreensões e calúnias de indivíduos de alma pecaminosa proferidas em reuniões, ou que lê frequentemente estas instruções, nunca sofre alguma angústia ocasionada por palavras.'"

115

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu que possuis grande sabedoria, eu tenho uma grande dúvida que me deixa confuso. Tu deves, ó rei, resolvê-la. Tu és um melhorador de nossa família. Tu nos falaste sobre as palavras caluniosas proferidas por canalhas de alma pecaminosa de má conduta. Eu desejo, no entanto, te questionar mais. Aquilo que é benéfico para um reino, o que produz a felicidade da linha real, o que produz o bem e o progresso no futuro e no presente, o que é bom em relação a alimento e bebida e em relação ao corpo também, são tópicos sobre os quais eu desejo que tu fales. Como um rei que foi colocado no trono e que continua a ocupá-lo, cercado por amigos, ministros, e empregados, deve satisfazer seu povo? O rei que, levado por suas afeições e predileções, se torna dedicado a maus associados, e que homenageia homens pecaminosos por estar escravizado por seus sentidos, encontra todos os empregados de bom nascimento e sangue descontentes com ele. Tal rei nunca consegue alcançar aqueles objetivos cuja realização depende de ele ter vários bons empregados em volta dele. Cabe a ti que és igual ao próprio Vrihaspati em inteligência me falar

sobre estes deveres de reis os quais são difíceis de serem averiguados e assim remova minhas dúvidas. Tu, ó tigre entre homens, estás sempre dedicado a realizar o bem de nossa linhagem. Por esta razão tu sempre nos falaste sobre os deveres da arte de reinar. Kshatri (Vidura) também, possuidor de grande sabedoria, sempre nos dá instruções valiosas. Ouvindo instruções de ti que são produtivas de benefício para nossa linhagem e reino, eu poderei passar meus dias em felicidade como uma pessoa satisfeita por ter bebido o imortal Amrita. Quais classes de empregados devem ser consideradas como inferiores e quais são possuidoras de todas as habilidades? Ajudado por qual classe de servos ou por empregados de que tipo de nascimento, é aconselhável cumprir os deveres de governar? Se o rei opta por agir sozinho e sem empregados, ele nunca pode conseguir proteger seu povo. Todas as pessoas, no entanto, de nascimento nobre cobiçam a aquisição de soberania.'"

"Bhishma disse, 'O rei, ó Bharata, não pode governar seu reino sozinho. Sem empregados para ajudá-lo, ele não pode conseguir realizar qualquer objetivo. Mesmo que ele consiga ganhar algum objeto, ele não pode (se sozinho), preservá-lo. O rei cujos empregados são todos possuidores de conhecimento e sabedoria, que são todos dedicados ao bem de seu mestre, e que são nobres de nascimento e temperamento tranquilo, conseguem desfrutar da felicidade ligada à soberania. Aquele rei cujos ministros são todos bem nascidos, incapazes de serem afastados dele (por meio de suborno e outras influências), que sempre vivem com ele, que estão empenhados em dar conselhos para seu mestre, que possuem sabedoria e bondade, que têm um conhecimento das relações das coisas, que podem se prevenir para acontecimentos e contingências futuros, que têm um bom conhecimento das virtudes do tempo, e que nunca se afligem pelo que já passou, consegue desfrutar da felicidade ligada à soberania. O rei cujos empregados compartilham com ele suas dores e alegrias, que sempre fazem o que é agradável para ele, que sempre dirigem sua atenção para a realização dos objetivos de seu mestre, e são todos fiéis, consegue desfrutar da felicidade ligada à soberania. O rei cujos súditos são sempre alegres, e generosos, e que sempre trilham o caminho da virtude, consegue desfrutar da felicidade ligada à soberania. É o melhor dos reis aquele cujas fontes de renda são gerenciadas e supervisionadas por homens contentes e dignos de confiança conhecedores dos meios de aumentar as finanças. Consegue obter riqueza e grande mérito o rei cujos repositórios e celeiros são supervisionados por empregados incorruptíveis, merecedores de confiança, dedicados, e não cobiçosos sempre inclinados à arrecadação. O rei em cuja cidade a justiça é administrada devidamente, com o resultado de tal administração levando aos bem conhecidos resultados de multar o querelante ou o acusado se o seu caso for falso, e na qual as leis criminais são administradas exatamente da mesma maneira de Sankha e Likhita, consegue ganhar o mérito ligado à soberania. O rei que conquista seus súditos para si mesmo pela bondade, que conhece os deveres de reis, e que se encarrega do agregado de seis consegue ganhar o mérito ligado à soberania.'"

116

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a seguinte história dos tempos antigos. Esta história é considerada como um importante precedente entre homens bons e sábios. Esta história tem ligação com o tópico atual. Eu a ouvi no eremitério de Rama, o filho de Jamadagni, narrada por muitos dos principais Rishis. Em certa grande floresta inabitada por seres humanos, um asceta vivia de frutas e raízes e observava votos rígidos, e com seus sentidos sob controle. Observador também de regulamentos rigorosos e autodomínio, de alma tranquila e pura, sempre atento às recitações Védicas, e de coração purificado por jejuns, ele adotou uma vida de bondade em direção a todas as criaturas. Possuidor de grande inteligência, quando ele sentava em seu assento, a bondade de seu comportamento tendo sido conhecida por todas as criaturas que viviam naquela floresta, elas costumavam se aproximar dele com afeição. Leões e tigres ferozes, elefantes enfurecidos de tamanho enorme, leopardos, rinocerontes, ursos, e outros animais de aspecto feroz, subsistindo de sangue, costumavam se aproximar do Rishi e dirigir a ele as questões usuais de inquirição polida. De fato, todos eles se comportavam com ele como discípulos e escravos e sempre faziam para ele o que era agradável. Indo até ele eles lhe endereçavam as perguntas usuais, e então partiam para seus respectivos abrigos. Um animal doméstico, no entanto, vivia lá permanentemente, nunca deixando o Muni em qualquer momento. Ele era devotado ao sábio e extremamente apegado a ele. Fraco e emaciado com jejuns, ele subsistia de frutas e raízes e água, e era tranquilo e de aspecto inofensivo. Deitando-se aos pés daquele Rishi de grande alma quando o último se sentava, o cachorro, com um coração como aquele de um ser humano, se tornou extremamente ligado a ele por causa da afeição com a qual ele era tratado. Um dia um leopardo de grande força chegou lá, subsistindo de sangue. De uma disposição cruel e sempre cheio de deleite pela probabilidade de vitimar, o animal feroz parecia com um segundo Yama. Lambendo os cantos de sua boca com a língua, e movendo seu rabo furiosamente, o leopardo chegou lá, faminto e sedento, com mandíbulas escancaradas, desejoso de apanhar o cachorro como sua presa. Vendo aquele animal feroz se aproximando, ó rei, o cachorro, temendo por sua vida, se dirigiu ao Muni nestas palavras. Ouça-as, ó monarca! 'Ó santo, este leopardo é um inimigo dos cachorros. Ele deseja me matar. Ó grande sábio, aja de tal maneira que todos os meus medos deste animal possam ser dissipados pela tua graça. Ó tu de braços poderosos, sem dúvida tu és possuidor de onisciência.' Conhecedor dos pensamentos de todas as criaturas, o sábio sentiu que o cachorro tinha grande razão para temer. Possuidor dos seis atributos e capaz de interpretar as vozes de todos os animais, o sábio disse as seguintes palavras.'"

"O sábio disse, 'Tu não terás mais medo da morte por causa de leopardos. Que tua forma natural desapareça e seja tu um leopardo, ó filho!' A estas palavras, o cachorro foi transformado em um leopardo com pele brilhante como ouro. Com listras em seu corpo e com dentes grandes, desde então ele começou a viver

destemidamente naquela floresta. Enquanto isso, o leopardo, vendo à sua frente um animal de sua própria espécie, imediatamente abandonou todos os sentimentos de animosidade em direção a ele. Algum tempo depois, entrou no eremitério um tigre feroz e faminto com boca escancarada. Lambendo os cantos de sua boca com a língua, e avidamente desejoso de beber sangue, aquele tigre começou a se aproximar em direção ao animal que tinha sido transformado em um leopardo. Vendo o tigre faminto de dentes terríveis se aproximando daquela floresta, o leopardo (transformado) procurou a proteção do Rishi para salvar sua vida. O sábio, que mostrava grande afeição pelo leopardo pelo último viver no mesmo lugar com ele, em seguida transformou seu leopardo em um tigre poderoso para todos os inimigos. O tigre vendo uma fera de sua própria espécie não a feriu, ó rei. O cachorro, tendo no decorrer do tempo sido transformado em um tigre poderoso subsistindo de carne e sangue, se absteve de seu alimento anterior que consistia em frutas e raízes. De fato, desde aquele tempo, ó monarca, o tigre transformado vivia subsistindo dos outros animais da floresta, como um verdadeiro rei das feras.'"

117

"Bhishma disse, 'O cachorro transformado em um tigre, satisfeito com a carne de animais mortos, dormia tranquilamente. Um dia quando ele estava deitado no quintal do eremitério, um elefante enfurecido chegou lá, parecendo com uma nuvem surgida. De estatura enorme, com bochechas fendidas, tendo sinais do lótus em seu corpo, e com amplos globos frontais, o animal tinha presas longas e uma voz profunda como aquela das nuvens. Vendo aquele elefante enfurecido, orgulhoso de sua força, indo em sua direção, o tigre agitado com medo procurou a proteção do Rishi. Aquele melhor dos sábios então transformou o tigre em um elefante. O elefante verdadeiro, vendo um indivíduo de sua própria espécie, enorme como uma massa de nuvens, ficou apavorado. O elefante do Rishi então, pintalgado com o pó de filamentos de lótus, mergulhou alegremente em lagos cobertos com lotos e vagou por suas margens denteadas com tocas de coelho. Um tempo considerável passou desta maneira. Um dia quando o elefante estava andando alegremente pela vizinhança do eremitério, chegou diante dele naquele local um leão de juba nascido em uma caverna de montanha e acostumado a matar elefantes. Vendo o leão se aproximando, o elefante do Rishi, temendo pela vida, começou a tremer e procurou a proteção do sábio. O sábio então transformou aquele príncipe de elefantes em um leão. Como o leão selvagem era um animal da mesma espécie que ele, o leão do Rishi não mais o temeu. Por outro lado, o leão selvagem vendo uma fera mais forte de sua própria espécie diante ele, ficou apavorado. O leão do Rishi começou a morar naquele eremitério dentro da floresta. Por medo daquele animal, os outros animais não mais ousavam se aproximar do eremitério. De fato, todos eles pareciam estar inspirados com medo acerca da segurança de suas vidas. Algum tempo depois, um dia, um matador de todos os animais, possuidor de grande força e inspirando terror em todas as criaturas, tendo oito pernas e olhos na testa, isto é, um Sarabha, chegou

àquele local. De fato ele foi àquele mesmo eremitério com o objetivo de matar o leão do Rishi. Vendo isto, o sábio transformou seu leão em um Sarabha de grande força. O Sarabha selvagem, vendo que o Sarabha do Rishi diante dele era mais feroz e mais poderoso, fugiu rapidamente daquela floresta. Tendo sido assim transformado em um Sarabha pelo sábio, o animal viveu felizmente ao lado de seu transformador. Todos os animais então que moravam na vizinhança ficaram com medo daquele Sarabha. Seu medo e o desejo de salvar suas vidas os levou todos a fugirem daquela floresta. Cheio de deleite, o Sarabha continuou todos os dias a matar animais para seu sustento. Transformado em uma besta carnívora, ele não mais gostava de frutas e raízes das quais ele viva antigamente. Um dia aquela besta ingrata que tinha primeiro sido um cachorro mas que estava agora transformado em um Sarabha, avidamente sedento de sangue, desejou matar o sábio. O último, pelo poder ascético, viu isso tudo por meio de seu conhecimento espiritual. Possuidor de grande sabedoria, o sábio, tendo averiguado as intenções da besta, se dirigiu a ela nestas palavras.'"

"O sábio disse, 'Ó cachorro, tu foste primeiro transformado em um leopardo. De um leopardo tu foste então feito um tigre. De um tigre tu foste em seguida transformado em um elefante com o suco temporal escorrendo sobre tuas bochechas. Tua transformação seguinte foi para um leão. De um leão poderoso tu foste então transformado em um Sarabha. Cheio de afeição por ti, fui eu que te transformei naquelas diversas formas. Tu não pertenceste e não pertences, por nascimento, a qualquer uma daquelas espécies. Já que, no entanto, ó patife pecaminoso, tu desejas matar a mim que não te fiz dano, tu deves voltar para tua própria espécie e ser um cachorro novamente.' Depois disso, o animal desprezível e tolo de alma perversa transformado em um Sarabha assumiu mais uma vez, por causa da maldição do Rishi, sua própria forma de um cachorro.'"

118

"Bhishma disse, 'Tendo mais uma vez assumido sua própria forma, o cachorro ficou muito triste. O Rishi, repreendendo-o, expulsou a criatura pecaminosa de seu eremitério. Um rei inteligente deve, guiado por este precedente, nomear empregados, cada um apto para o cargo designado para ele, e exercer supervisão apropriada sobre eles, tendo primeiro averiguado suas qualificações em relação à veracidade e pureza, sinceridade, disposição geral, conhecimento da escritura, conduta, nascimento, autodomínio, compaixão, força, energia, dignidade, e bondade. Um rei nunca deve escolher um ministro sem tê-lo examinado primeiro. Se o rei reúne à sua volta pessoas de nascimento inferior, ele nunca pode ser feliz. Uma pessoa nobre de nascimento, mesmo se perseguida sem qualquer culpa por seu mestre real, nunca coloca seu coração, pela respeitabilidade de seu sangue, em prejudicar seu mestre. Um indivíduo, no entanto, que é vil e de nascimento inferior, mesmo tendo obtido grande riqueza de sua ligação com algum homem honesto, se torna um inimigo do último somente se ele é repreendido em palavras. Um ministro deve ser possuidor de nascimento nobre e força; ele deve ser bondoso e autocontrolado, e ter todos os seus sentidos sob

controle; ele deve ser livre do vício da ganância, contente com suas aquisições justas, alegre com a prosperidade de seu mestre e amigos, conhecedor das necessidades de hora e lugar, sempre empenhado em conquistar homens para si mesmo ou seu mestre por fazer bons préstimos a eles, sempre atento aos seus deveres, desejando o bem de seu mestre, sempre cuidadoso, fiel no cumprimento de seus próprios deveres, um perfeito mestre na arte da guerra e paz, conhecedor das exigências do rei em relação ao grande conjunto de três, amado pelos cidadãos e habitantes das províncias, familiarizado com todos os tipos de formações de combate para perfurar e romper as tropas do inimigo, competente para inspirar as forças armadas de seu mestre com animação e alegria, capaz de interpretar sinais e gestos, conhecedor de todos os requisitos em relação à marcha, hábil na arte de treinar elefantes, livre de orgulho, confiante em seus próprios poderes, inteligente nas transações de negócios, sempre fazendo o que é direito, de conduta justa, cercado por amigos justos, de palavras gentis, possuidor de feições agradáveis, capaz de liderar homens, versado em política, possuidor de habilidades, energético em ação, ativo, possuidor de criatividade, de um temperamento gentil, de atitude modesta, paciente, corajoso, rico, e capaz de adaptar suas medidas às necessidades de hora e lugar. O rei que consegue obter tal ministro nunca pode ser humilhado ou dominado por ninguém. De fato, seu reino se expande gradualmente sobre a terra como a luz da lua. Um rei, também, que é familiarizado com as escrituras, que considera que a justiça é superior a tudo, que está sempre dedicado a proteger seus súditos, e que possui as seguintes virtudes, obtém o amor de todos. Ele deve ser paciente, bondoso, puro em conduta, severo quando a ocasião requer isto, conhecedor da eficácia do esforço, respeitoso em seu comportamento em direção a todos os seus superiores, possuidor de um conhecimento das escrituras, disposto a escutar as instruções e conselhos daqueles que são competentes para instruir e dar conselhos, capaz de julgar corretamente em meio a cursos de ação diferentes ou opostos sugeridos a ele, inteligente, de uma memória retentiva, preparado para fazer o que é justo, autocontrolado, sempre de palavras gentis, bondoso mesmo para inimigos, praticando caridade pessoalmente, possuidor de fé, de feições agradáveis, pronto para estender a mão em auxílio para pessoas mergulhadas em infortúnio, possuidor de ministros que sempre procuram seu bem, livre do defeito do egoísmo, nunca sem uma esposa, e não inclinado a fazer qualquer coisa com pressa. Ele deve sempre recompensar seus ministros quando eles realizam alguma coisa notável. Ele deve amar aqueles que são devotados a ele. Evitando a ociosidade, ele deve sempre atrair homens para si mesmo por fazer o bem para eles. Seu rosto deve ser sempre alegre. Ele deve sempre estar atento às necessidades de seus empregados e nunca ceder à cólera. Ele deve, além disso, ser magnânimo. Sem pôr de lado a vara de castigo, ele deve manejá-la com retidão. Ele deve fazer todos os homens ao seu redor agirem corretamente. Tendo espiões como seus olhos, ele deve sempre supervisionar os assuntos de seus súditos, e deve ser conhecedor de todas as questões ligadas com virtude e riqueza. Um rei que possui estas cem qualificações ganha o amor de todos. Todo soberano deve ser esforçar para ser assim. O rei deve também, ó monarca, procurar por bons guerreiros (para alistar em seu exército) que devem ser todos possuidores das qualificações necessárias, para ajudá-lo a proteger seu reino. Um

rei que deseja seu próprio progresso nunca deve desconsiderar seu exército. Aquele rei cujos soldados são corajosos em batalha, gratos, e versados nas escrituras, cujo exército consiste em soldados de infantaria familiarizados com os tratados sobre religião e dever, cujos guerreiros em elefantes são destemidos, cujos guerreiros em carros são habilidosos em seu próprio modo de luta e bem versados em disparar setas e em manejar outras armas, consegue subjugar a terra inteira. O rei que está sempre empenhado em unir todos os homens a si mesmo, que está pronto para o esforço, que é rico em amigos e aliados, se torna o principal dos soberanos. Um rei que conseguiu unir todos os homens a si mesmo, pode, ó Bharata, com a ajuda de até mil cavaleiros de coragem, ter sucesso em conquistar a terra inteira.'"

119

"Bhishma disse, 'O rei que, guiado pela lição tirada da história do cachorro, nomeia seus empregados para cargos para os quais cada um é apto, consegue desfrutar da felicidade que é ligada à soberania. Um cachorro não deve, com honras, ser colocado em uma posição acima daquela para a qual ele é apto. Se um cachorro for colocado acima da situação que é adequada para ele, ele se torna embriagado com orgulho. Ministros devem ser nomeados para cargos para os quais eles estão preparados e devem possuir as qualificações que são necessárias para suas respectivas ocupações. A nomeação de pessoas inadequadas não é aprovada em absoluto. O rei que dá para seus empregados cargos para os quais cada um é digno, consegue, por tal mérito, desfrutar da felicidade ligada à soberania. Um Sarabha deve ocupar a posição de um Sarabha; um leão deve crescer com o poder de um leão; um tigre deve ser colocado na posição de um tigre; e um leopardo deve ser colocado como um leopardo. Empregados devem, de acordo com a ordenança, ser designados para cargos para os quais cada um é habilitado. Se tu desejas alcançar sucesso, tu nunca deves colocar empregados em posições mais altas do que aquelas que eles merecem. O rei tolo que, contrariando o precedente, nomeia empregados para cargos para os quais eles não são adequados, fracassa em satisfazer seu povo. Um rei que deseja possuir empregados habilidosos nunca deve nomear pessoas que são desprovidas de inteligência, que são vulgares, sem sabedoria, que não são mestres de seus sentidos, e que não são nobres de nascimento. Homens que são honestos, possuidores de nascimento nobre, corajosos, eruditos, desprovidos de malícia e inveja, generosos, puros em comportamento, e inteligentes nas transações de negócios, merecem ser nomeados como ministros. Pessoas que possuem humildade, presteza no desempenho de suas funções, que são tranquilas em disposição, puras em mente, adornadas com diversos outros dons naturais e que nunca são objetos de calúnia em relação aos cargos que ocupam devem ser associadas íntimas do rei. Um leão deve sempre ter como companheiro um leão. Se um que não é um leão se torna o companheiro de um leão, ele ganha todas as vantagens que pertencem a um leão. Aquele leão, no entanto, que enquanto empenhado em cumprir os deveres de um leão, tem somente uma

matilha de cães como seus associados, nunca consegue, por causa de tal companhia, realizar aqueles deveres. Assim, ó soberano de homens, um rei pode ter sucesso em subjugar a terra inteira se ele tiver como ministros homens possuidores de coragem, sabedoria, grande erudição, e nascimento nobre. Ó principal dos mestres reais, reis nunca devem acolher um empregado que não tenha erudição e sinceridade e sabedoria e grande riqueza. Esses homens que estão dedicados aos serviços de seu chefe nunca são parados por quaisquer obstáculos. Reis devem sempre falar calmamente àqueles empregados que estão sempre dedicados a fazer o bem para seus patrões. Reis devem sempre, com grande cuidado, cuidar de suas tesourarias. De fato, os reis têm suas bases em suas tesourarias. Um rei deve sempre procurar aumentar sua tesouraria. Que teus celeiros, ó rei, estejam providos de cereais. E que sua manutenção seja confiada a empregados honestos. Procure aumentar tua riqueza e cereais. Que teus empregados, habilidosos em batalha, estejam sempre atentos aos seus deveres. É desejável que eles também sejam habilidosos no manejo de corcéis. Ó alegrador dos Kurus, te encarregue das necessidades de teus parentes e amigos. Esteja cercado por amigos e parentes. Procure o bem da tua cidade. Por citar o precedente do cachorro eu te instruí sobre os deveres que tu deves adotar em direção aos teus súditos. O que mais tu desejas saber?'"

120

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó Bharata, falaste sobre os muitos deveres da arte de reinar que foram praticados e declarados antigamente por pessoas dos tempos antigos conhecedoras dos deveres reais. Tu, de fato, falaste em detalhes sobre aqueles deveres como aprovado pelos sábios. No entanto, ó touro da raça Bharata, fale deles de tal maneira que alguém possa conseguir retê-los na memória. (Isto é, fale em síntese sobre eles ou nos dê um resumo dos teus discursos elaborados.)'"

"Bhishma disse, 'A proteção de todas as criaturas é considerada como o maior dever do Kshatriya. Escute agora a mim, ó rei, quanto a como o dever de proteção deve ser exercido. Um rei conhecedor de seus deveres deve assumir muitas formas, assim como o pavão expõe plumas de diversas cores. Perspicácia, desonestidade, veracidade, e sinceridade, são as qualidades que devem estar presentes nele. Com total imparcialidade, ele deve praticar as qualidades de bondade para ganhar felicidade. Ele deve assumir aquela cor ou forma específica que será benéfica em vista do objetivo específico que ele procura realizar. (Isto é, agudeza, quando ele pune e inofensividade quando ele mostra favor.) Um rei que pode assumir diversas formas consegue realizar até o objetivo mais ardiloso. Calado como o pavão no outono, ele deve ocultar seus planos. Ele deve falar pouco, e o pouco que ele falar deve ser gentil. Ele deve ter bom aspecto e ser bem versado nas escrituras. Ele deve estar sempre atento em relação àqueles portões através dos quais perigos possam vir a alcançá-lo, como homens cuidando das rupturas em barragens pelas quais as águas de grandes reservatórios podem se precipitar e inundar seus campos e casas. Ele deve

procurar a proteção de Brahmanas coroados com êxito ascético assim como homens procuram a proteção de rios sonoros gerados pela água da chuva coletada dentro de lados de montanhas. O rei que deseja acumular riquezas deve agir como hipócritas religiosos na questão de manter um tufo coronal. O rei deve ter sempre a vara de castigo erguida em suas mãos. Ele deve sempre agir com cautela (na questão da arrecadação de impostos) depois de examinar a renda e as despesas de seus súditos como homens indo até uma palmeira crescida para tirar seu suco. (Como homens sempre tiram suco de uma árvore totalmente crescida e não de uma jovem, assim mesmo o rei deve tomar cuidado quanto a como taxas devem ser impostas sobre súditos que são incapazes de arcar com elas.) Ele deve agir equitativamente em direção a todos os seus súditos; fazer as colheitas dos inimigos serem esmagadas pelo passo de sua cavalaria, marchar contra inimigos quando seu próprio lado se tornar forte; e observar todas as fontes de sua própria fraqueza. Ele deve proclamar os defeitos de seus inimigos; esmagar aqueles que são partidários deles; e coletar riqueza do exterior como uma pessoa colhendo flores dos bosques. Ele deve destruir aqueles principais dos monarcas que crescem com poder e permanecem com cabeças erguidas como montanhas, por procurar a proteção de sombras desconhecidas (isto é, por lidar com os governadores das fortalezas e guarnições de seus inimigos), e por emboscadas e ataques repentinos. Como o pavão na estação das chuvas, ele deve entrar em seus alojamentos noturnos sozinho e despercebido. De fato, ele deve desfrutar, seguindo a maneira do pavão, dentro de seus aposentos internos, da companhia de suas esposas. Ele não deve tirar sua cota de malha. Ele deve proteger a si mesmo, e evitar as redes espalhadas para ele por espiões e agentes secretos de seus inimigos. Ele deve também conquistar a simpatia dos espiões de seus inimigos, mas eliminá-los quando surgir a oportunidade. Como os pavões o rei deve matar seus inimigos poderosos e zangados de política desonesta, e destruir suas tropas e expulsá-los de casa. O rei deve também como o pavão fazer o que é bom para ele, e colher sabedoria de todos os lugares como eles coletam insetos da floresta. Um rei sábio e semelhante ao pavão deve governar seu reino dessa maneira e adotar uma política que lhe seja benéfica. Por exercitar sua própria inteligência, ele deve decidir o que ele tem que fazer. Por consultar com outros ele deve ou abandonar ou confirmar tal resolução. Ajudado por aquela inteligência que é afiada pelas escrituras, uma pessoa pode determinar seus rumos de ação. Nisto consiste a utilidade das escrituras. Por praticar as artes de conciliação, ele deve inspirar confiança nos corações de seus inimigos. Ele deve mostrar sua própria força. Por avaliar diferentes rumos de ação em sua própria mente ele deve, por exercer sua própria inteligência, chegar a conclusões. O rei deve ser bem versado nas artes de política conciliadora, ele deve possuir sabedoria; e deve ser capaz de fazer o que deve ser feito e evitar o que não deve. Uma pessoa de sabedoria e inteligência profunda não tem necessidade de conselhos ou instrução. Um homem sábio que é possuidor de inteligência como Vrihaspati, se ele incorre em infâmia, logo recupera sua disposição como ferro aquecido mergulhado em água. Um rei deve realizar todos os objetivos, seus ou de outros, de acordo com os meios declarados nas escrituras. Um rei conhecedor dos modos de adquirir riqueza deve sempre empregar em seus atos homens que são de disposição branda, possuidores de sabedoria e coragem e grande força.

Vendo seus empregados ocupados em ações para as quais cada um é apto, o rei deve agir em conformidade com todos eles como as cordas de um instrumento musical, esticadas até a tensão apropriada, de acordo com as notas pretendidas. O rei deve fazer o bem para todas as pessoas sem contrariar os ditames de retidão. O rei que permanece imóvel como uma colina a quem todos consideram como 'Ele é meu'; tendo se aplicado à tarefa de julgar entre litigantes, o rei, sem fazer qualquer distinção entre pessoas das quais ele gosta e das quais ele não gosta, deve manter justiça. O rei deve designar em todos os seus trabalhos homens familiarizados com as características de famílias específicas, das massas do povo, e de diferentes países; gentis em palavras; de meia-idade; que não têm defeitos; que são dedicados a bons atos; que nunca são descuidados; livres de ganância; possuidores de erudição e autocontrole; firmes em virtude e sempre preparados para manter os interesses de virtude e lucro. Desta maneira, tendo determinado o rumo de ações e seus objetivos finais o rei deve realizá-los cuidadosamente; e informado em todas as questões por seus espiões, ele pode viver em alegria. O rei que nunca se entrega à ira e alegria sem causa suficiente, que supervisiona ele mesmo todos os seus próprios atos, e que cuida de suas rendas e gastos com seus próprios olhos, consegue obter grande riqueza da terra. É considerado conhecedor dos deveres da arte de reinar o rei que recompensa seus oficiais e súditos publicamente (por algum bem que eles tenham feito), que castiga aqueles que merecem punição, que se protege, e que protege seu reino de todos os males. Como o Sol derramando seus raios sobre tudo abaixo, o rei deve sempre cuidar ele mesmo de seu reino, e auxiliado por sua inteligência ele deve supervisionar todos os seus espiões e oficiais. O rei deve pegar a riqueza de seus súditos no tempo apropriado. Ele nunca deve proclamar o que ele faz. Como um homem inteligente ordenhando sua vaca todos os dias, o rei deve ordenhar seu reino todos os dias. Como a abelha coleta mel das flores gradualmente, o rei deve tirar riqueza gradualmente de seu reino para armazená-la. Tendo mantido à parte uma porção suficiente, aquilo que resta deve ser gasto na aquisição de mérito religioso e na satisfação do desejo por prazer. Aquele rei que conhece os deveres e que possui inteligência nunca esbanjara o que foi acumulado. O rei nunca deve desconsiderar alguma riqueza por sua pequenez; ele nunca deve desconsiderar inimigos por sua fraqueza; ele deve, por exercer sua própria inteligência, examinar a si mesmo; ele nunca deve depositar confiança em pessoas desprovidas de inteligência. Firmeza, habilidade, autodomínio, inteligência, saúde, paciência, coragem, e atenção às necessidades de hora e lugar, estas oito qualidades levam ao aumento de riqueza, seja esta pouca ou muita. Um pequeno fogo, alimentado com manteiga clarificada, pode resplandecer em uma conflagração. Uma única semente pode produzir mil árvores. Um rei, portanto, mesmo quando ele sabe que sua renda e gastos são grandes, não deve desconsiderar os itens menores. Um inimigo, seja ele uma criança, um homem jovem, ou um idoso, tem êxito em matar uma pessoa que é negligente. Um inimigo insignificante, quando ele se torna poderoso, pode exterminar um rei. Um rei, portanto, que esteja familiarizado com os requisitos de tempo é o principal de todos os soberanos. Um inimigo, forte ou fraco, guiado por malícia, pode logo destruir a fama de um rei, obstruir a aquisição de mérito religioso por ele; e privá-lo até de sua energia. Portanto, um rei de mente regulada nunca deve ser

descuidado quando ele tem um inimigo. Se um rei possuidor de inteligência deseja riqueza e vitória, ele deve, depois de pesquisar seus gastos, renda, economias, e administração, fazer ou paz ou guerra. Por esta razão o rei deve procurar a ajuda de um ministro inteligente. Uma inteligência resplandecente enfraquece até uma pessoa poderosa; pela inteligência o poder que está crescendo pode ser protegido; um inimigo crescente é enfraquecido pela ajuda da inteligência; portanto, toda ação que é empreendida em conformidade com os ditames de inteligência é merecedora de louvor. Um rei possuidor de paciência e sem qualquer falha, pode, se ele quiser, obter a realização de todos os seus desejos, com a ajuda até de uma pequena tropa. O rei, no entanto, que deseja estar cercado por um séquito de bajuladores interesseiros; (isto é, aquele rei que é vaidoso e cobiçoso) nunca consegue ganhar nem o menor benefício. Por essas razões, o rei deve agir com suavidade ao tirar riqueza de seus súditos. Se um rei oprime continuamente seu povo, ele encontra com a extinção como uma luz de relâmpago que brilha somente por um segundo. Conhecimento, penitências, riqueza vasta, de fato, tudo, pode ser obtido por meio de esforço. O esforço, como ele se acha nas criaturas incorporadas, é governado pela inteligência. O esforço, portanto, deve ser considerado como a principal de todas as coisas. O corpo humano é a residência de muitas criaturas inteligentes de grande energia, de Sakra, de Vishnu, de Saraswati, e de outros seres. Um homem de conhecimento, portanto, nunca deve desrespeitar o corpo; (ele pertença a ele mesmo ou a alguma outra pessoa.) Um homem cobiçoso deve ser subjugado por meio de presentes constantes. Aquele que é cobiçoso nunca está saciado com apropriação da riqueza de outras pessoas. Todos, no entanto, se tornam cobiçosos na questão de desfrutar de felicidade. Se uma pessoa, portanto, fica desprovida de riqueza, ela fica desprovida de virtude e prazer (que são objetivos alcançáveis pela riqueza). Um homem avarento procura se apropriar da riqueza, dos prazeres, dos filhos e filhas, e da riqueza de outros. Nos homens avarentos todos os tipos de defeitos podem ser vistos. O rei, portanto, nunca deve aceitar um homem cobiçoso como seu ministro ou oficial. Um rei (na ausência de agentes apropriados) deve despachar até uma pessoa inferior para averiguar a disposição e atos de inimigos. Um soberano possuidor de sabedoria deve frustrar todos os esforços e objetivos de seus inimigos. O rei confiante e nobre de nascimento que procura instrução de Brahmanas eruditos e virtuosos e que é protegido por seus ministros, consegue manter todos os seus principais contribuintes sob controle apropriado. Ó príncipe de homens, eu te falei brevemente sobre todos os deveres declarados nas escrituras. Encarregue-te deles, ajudado por tua inteligência. Aquele rei que, em obediência a seu preceptor, se encarrega desses, consegue dominar a terra inteira. Aquele rei que desconsidera a felicidade que é derivável da política e procura por aquela que a sorte pode trazer, nunca consegue desfrutar da felicidade lidada à soberania ou ao alcançar regiões de bem-aventurança após a morte. (Isto é, um rei deve sempre ser guiado pelos preceptores da ciência da arte de reinar sem depender da sorte.) Um rei que é atento, por se encarregar devidamente dos requisitos de guerra e paz, consegue matar até os inimigos que são eminentes por riqueza, venerados por inteligência e boa conduta, possuidores de habilidades, corajosos em batalha, e prontos para esforço. O rei deve descobrir aqueles meios que são fornecidos por diferentes tipos de ações e medidas. Ele

nunca deve depender do destino. Alguém que vê defeitos em pessoas impecáveis nunca consegue ganhar prosperidade e fama. Quando dois amigos se dedicam à realização de uma mesma ação, um homem sábio sempre louva aquele entre os dois que toma sobre si mesmo a parte mais pesada do trabalho. Pratique esses deveres de reis que eu tenho te indicado. Coloque teu coração no dever de proteger homens. Tu poderás então obter facilmente a recompensa da virtude. Todas as regiões de felicidade após a morte dependem do mérito!'" (Isto é, aquele que ganha mérito religioso com certeza obterá tais regiões; e como grande mérito pode ser adquirido por cumprir apropriadamente deveres reais um homem pode, por tal conduta, ganhar muita felicidade após a morte.)

121

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, tu agora terminaste teu discurso sobre os deveres de reis. Do que tu disseste parece que o Castigo ocupa uma posição elevada e é o senhor de tudo pois tudo depende do Castigo. Parece, ó poderoso, que o Castigo, que possui grande energia e que está presente em todo lugar, é o principal de todos os seres mesmo entre os deuses e Rishis e Pitris de grande alma e Yakshas e Rakshasas e Pisachas e Sadhyas, ou seres vivos neste mundo inclusive feras e aves. Tu disseste que o universo inteiro, móvel e imóvel, incluindo os deuses, Asuras, e homens, pode ser visto como depende do Castigo. Eu agora desejo, ó touro da raça Bharata, saber realmente quem é o Castigo. De que tipo ele é? Qual é sua forma? Qual é a sua disposição? Do que ele é feito? De onde é sua origem? Quais são suas feições? Qual é seu esplendor? Como ele permanece vigilante entre as criaturas vivas tão cuidadosamente? Quem é ele que permanece eternamente vigilante, protegendo este universo? Quem é ele que é conhecido como a principal de todas as coisas? Quem, de fato, é aquele personagem nobre chamado Castigo? Do que é que o Castigo depende? E qual é sua direção?'"

"Bhishma disse, 'Ouça, ó descendente de Kuru, quem é o Castigo e por que ele também é chamado de Vyavahara! Aquilo do qual todas as coisas dependem é chamado de Castigo. É pelo Castigo que a justiça é mantida. Ele é às vezes chamado de Vyavahara. A fim de que a justiça de um rei que é cuidadosamente vigilante não possa sofrer extinção (o Castigo veio a ser chamado por aquele nome). É por esta razão que o nome Vyavahara se torna aplicável a ele. (Vyavahara é vi e avahara, consequentemente aquilo através do qual todos os tipos de apropriação indevida são parados. Ele é um nome aplicado à Lei e administração de justiça.) Antigamente Manu, ó rei, declarou antes de tudo esta verdade, isto é, 'Aquele que protege todas as criaturas, as amadas e as odiosas igualmente, por manejar imparcialmente a vara de Castigo, é considerado como a encarnação da justiça.' Estas palavras que eu disse foram, ó principal dos reis, proferidas nos tempos passados por Manu. Elas representam as palavras sublimes de Brahman. E porque estas palavras foram faladas por primeiro, portanto, elas são conhecidas como as primeiras palavras. E já que é pelo Castigo que a apropriação indevida das posses de outras pessoas é reprimida, portanto o

Castigo veio a ser chamado pelo nome de Vyavahara. O agregado de três sempre depende do Castigo bem aplicado. O Castigo é um grande deus. Em forma ele parece com um fogo ardente. Sua cor é escura como aquela das pétalas do lótus azul. Ele é equipado com quatro dentes, tem quatro braços e oito pernas e muitos olhos. Suas orelhas são pontudas como flechas e seu cabelo se mantém em pé. Ele tem cabelos emaranhados e duas línguas. Seu rosto tem a cor do cobre, e ele está vestido em uma pele de leão. Aquela divindade irresistível assume tal forma feroz. Ele assume também a forma da espada, do arco, da maça, do dardo, do tridente, do malho, da seta, da clava compacta e curta, do machado de batalha, do disco, do laço, da maça pesada, do espadim, da lança, e realmente de todas as espécies de armas que existem na terra. O Castigo se move no mundo. De fato, o Castigo se move sobre a terra, perfurando e ferindo e afligindo e cortando e dividindo e batendo e matando e avançando contra suas vítimas. Estes, ó Yudhishthira, são alguns dos nomes que o Castigo tem: Espada, Sabre, Justiça, Fúria, o Irresistível, o Pai da prosperidade, Vitória, Punidor, Controlador, o Eterno, as Escrituras, Brahmana, Mantra, Vingador, o Principal dos primeiros Legisladores, Juiz, o Imperecível, Deus, o indivíduo cujo rumo é irresistível, o sempre constante, o Primogênito, o indivíduo sem afeição, a Alma de Rudra, o Manu mais velho e o grande Castigo Benfeitor é o santo Vishnu. Ele é o pujante Narayana. E porque ele sempre assume uma forma terrível, portanto, ele é chamado de Mahapurusha. Sua esposa Moralidade é também conhecida pelos nomes de Filha de Brahmana, Lakshmi, Vriti, Saraswati, e Mãe do universo. O Castigo assim tem muitas formas. Bênção e maldição, prazer e dor, justiça e injustiça, força e fraqueza, sorte e desgraça, mérito e demérito, virtude e vício, desejo e aversão, estação e mês, noite e dia, e hora, atenção e negligência, alegria e raiva, paz e autodomínio, destino e esforço, salvação e condenação, medo e destemor, injúria e abstenção de injúria, penitências e sacrifícios e abstinência rígida, veneno e comida saudável, o início, o meio, e o fim, o resultado de todos os atos homicidas, insolência, insanidade, arrogância, orgulho, paciência, política, falta de diplomacia, fraqueza e poder, respeito, desrespeito, decadência e estabilidade, humildade, caridade, conveniência e inconveniência de hora, mentira, sabedoria, verdade, crença, incredulidade, impotência, comércio, lucro, perda, sucesso, derrota, violência, brandura, morte, aquisição e não aquisição, acordo e desacordo, o que deve e o que não deve ser feito, força e fraqueza, malícia e boa vontade, correção e incorreção, vergonha e falta de vergonha, modéstia, prosperidade e adversidade, energia, ações, conhecimento, eloquência, sutileza de Compreensão, todos esses, ó Yudhishthira, são formas do Castigo neste mundo. Então, o Castigo é extremamente multiforme. Se o Castigo não existisse, todas as criaturas teriam oprimido umas às outras. Pelo medo do Castigo, ó Yudhishthira, as criaturas vivas não matam umas às outras. Os súditos, ó rei, sempre protegidos pelo Castigo, aumentam o poder de seu soberano. É por isto que o Castigo é considerado como o principal amparo de todos. O Castigo, ó rei, coloca rapidamente o mundo no caminho da virtude. Dependente da verdade, a virtude existe nos Brahmanas. Dotados de virtude, os principais dos Brahmanas se tornaram apegados aos Vedas. Dos Vedas os sacrifícios fluem. Sacrifícios gratificam as divindades. As divindades, estando gratificadas, elogiam os habitantes da terra para Indra. Para beneficiar os habitantes da terra, Indra lhes dá

alimento (na forma de chuva sem a qual as colheitas e a vegetação seriam insuficientes). A vida de todas as criaturas depende do alimento. Do alimento as criaturas derivam seu sustento e crescimento. O Castigo (na forma do soberano Kshatriya) permanece vigilante entre eles. Para servir a este propósito, o Castigo assume a forma de um Kshatriya entre homens. Protegendo os homens, ele permanece acordado, sempre vigilante e nunca enfraquecendo. O Castigo também tem estes outros oito nomes: Deus, Homem, Vida, Poder, Coração, o Senhor de todas as criaturas, a Alma de todas as coisas, e a Criatura Viva. Deus dá riqueza e a vara de castigo para o rei que possui força (na forma de tropas militares) e que é uma combinação de cinco ingredientes. (Estes são Justiça, Lei, Castigo, Deus e Criatura Viva.) Nobreza de sangue, ministros de grande riqueza, conhecimento, os diferentes tipos de força (tais como força de corpo, energia de mente, etc.), com os oito objetos mencionados abaixo, e a outra força (isto é, aquela que depende de uma tesouraria bem cheia), devem ser buscados pelo rei, ó Yudhishthira. Aqueles oito objetos são os elefantes, cavalos, carros, soldados de infantaria, barcos, operários recrutados (para seguir o acampamento e fazer outros trabalhos), aumento de população, e gados (tais como ovelhas, etc.). Do exército equipado com armaduras e outros equipamentos, os guerreiros em carros, guerreiros em elefantes, cavalaria, infantaria, oficiais, e médicos militares constituem os membros. Mendigos, juízes principais, astrólogos, realizadores de ritos propiciatórios e ritos Atharvan, tesouraria, aliados, cereais, e todos os outros requisitos, constituem o corpo, composto de sete atributos e oito membros, de um reino. O Castigo é outro membro poderoso de um reino. O Castigo (na forma de um exército) é o criador de um reino. O próprio Deus, com grande cuidado, enviou o Castigo para o uso do Kshatriya. Este universo eterno é o próprio Castigo imparcial. Não há nada mais digno de respeito por reis do que o Castigo pelo qual os caminhos da Justiça são indicados. O próprio Brahman, para a proteção do mundo e para determinar os deveres de diferentes indivíduos, enviou (ou criou) o Castigo. Há outro tipo de Vyavahara proveniente da disputa de litigantes o qual também surgiu de Brahman. Principalmente caracterizado por uma crença em um dos dois partidos, aquele Vyavahara é considerado como produtivo de bem. (Este primeiro é a Lei comum, e inclui a lei civil e criminal. Quando um processo civil ou criminal é instituído, o rei ou aqueles que agem em nome do rei devem pedir Evidência e decidir a questão por acreditar em um dos dois partidos. Então segue-se restituição ou punição. Em qualquer um dos dois casos, ele é uma forma de Castigo.) Há outro tipo de Vyavahara que tem o Veda como sua alma. (Este é a lei eclesiástica dos Vedas. Há preceitos ou injunções declaradas naqueles livros sagrados para regular todas as partes do dever humano.) Ele é também citado como tendo o Veda como sua causa. Há, ó tigre entre reis, um (terceiro) tipo de Vyavahara que está relacionado com os costumes familiares mas que é consistente com a escrituras. (O terceiro tipo de Vyavahara ou Lei são os costumes específicos de famílias ou tribos. Aonde eles não são inconsistentes ou em evidente desarmonia com a Lei civil ou criminal estabelecida, ou não são contrários ao espírito da lei eclesiástica como prescrita nos Vedas, eles são mantidos.) Aquele Vyavahara que, como acima, foi citado como sendo caracterizado por uma crença em um de dois partidos litigantes, deve ser conhecido por nós como inerente ao rei. Ele deve também ser conhecido pelo

nome de Castigo, como também pelo nome de Evidência. Embora o Castigo seja visto ser regulado pela Evidência, contudo ele é citado como tendo sua alma em Vyavahara. Aquilo que tem sido chamado de Vyavahara é realmente baseado em preceitos Védicos. (A lei civil ou criminal de um reino deve ser considerada como dependente do rei. Mas como este tipo de lei tem o Veda como sua alma e fluiu originalmente de Brahman, um rei não incorre em pecado por administrá-la e por infligir castigo em sua administração.) O Vyavahara que foi indicado como tendo os Vedas como sua alma é a Moralidade ou dever. Este também produz o bem para as pessoas crentes em dever e moralidade. Homens de almas purificadas falam daquele Vyavahara como eles falam da lei comum. (Isto é, ao falarem de Moralidade e dever dizem que ela é tão obrigatória quanto a lei comum administrada pelos reis.) O terceiro tipo de Vyavahara é também um preceptor de homens, e tem também seus fundamentos no Veda, ó Yudhishthira! Ele mantém os três mundos. Ele tem a Verdade como sua alma e é produtivo de prosperidade. Aquilo que é o Castigo é visto por nós como o eterno Vyavahara (Lei). Aquilo que é considerado como Vyavahara é em verdade o Veda. Aquilo que é o Veda é moralidade, dever. A moralidade e o dever são os caminhos da Justiça. Esta última é a que no início tinha sido o Avô Brahman, aquele Senhor de todas as criaturas. Brahman é o Criador do universo inteiro com os deuses e Asuras e Rakshasas e seres humanos e cobras, e todas as outras coisas. Então o Vyavahara que é caracterizado por uma crença em um dos dois partidos litigantes também fluiu dele. Por esta razão Ele declarou o seguinte a respeito de Vyavahara: Nem mãe, nem pai, nem irmão, nem esposa, nem sacerdote, são não puníveis por aquele rei que governa em conformidade com seu dever.'"

122

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a seguinte história antiga. Havia entre os Angas um rei de grande esplendor, chamado Vasuhoma. Aquele rei estava sempre dedicado a atos de piedade, e acompanhado por sua cônjuge ele sempre praticava as penitências mais rígidas. Ele foi ao local chamado Munjaprishtha considerado em alta estima pelos Pitris e Rishis celestes. Lá, naquele pico de Himavat, perto das montanhas douradas de Meru, (o grande Brahmana) Rama, sentado sob a sombra de uma figueira-de-bengala bem conhecida, tinha amarrado seus cabelos emaranhados, (ou, ordenou a remoção de seus cabelos emaranhados, em outras palavras, raspou a cabeça). Desde aquele tempo, ó monarca, o local, que é um retiro favorito de Rudra, veio a ser chamado de Munjaprishtha por Rishis de votos rígidos. O rei Vasuhoma, residindo naquele local, adquiriu muitos atributos pios e, tendo ganhado a estima dos Brahmanas, veio a ser considerado como um Rishi divino em santidade. Um dia, aquele destruidor de inimigos, aquele amigo de Sakra, isto é, o rei Mandhatri de grande alma, foi até Vasuhoma em seu retiro na montanha. Chegando lá, Mandhatri viu o rei Vasuhoma de penitências austeras diante dele em uma atitude de humildade. Vasuhoma ofereceu para seu convidado água para lavar seus pés, e o Arghya consistindo nos artigos costumeiros, e perguntou sobre o bem-estar de

seu reino consistindo em sete membros. Depois disto, Vasuhoma se dirigiu a seu convidado real que seguia fielmente as práticas dos homens justos de antigamente, dizendo, 'O que, ó rei, eu farei por ti?' Assim endereçado, ó alegrador dos Kurus, Mandhatri, aquele melhor dos reis, muito satisfeito, respondeu para Vasuhoma de grande sabedoria sentado comodamente, nas seguintes palavras.'"

"Mandhatri disse, 'Tu, ó rei, estudaste todas as doutrinas de Vrihaspati. Ó melhor dos homens, as doutrinas prescritas por Usanas também são conhecidas por ti. Eu desejo saber qual é a origem do Castigo. O que estava vigilante antes do Castigo? Qual também é considerado como seu fim? Como o Castigo veio a depender do Kshatriya? Diga-me tudo isso, ó tu de grande sabedoria! Eu vim a ti como um discípulo disposto a te dar a remuneração tutorial (isto é, a te reconhecer como tutor).'"

"Vasuhoma disse, 'Escute, ó rei, como o Castigo, o sustentador do mundo, surgiu. A alma da justiça, ele é eterno, e foi criado para manter o devido controle de todas as criaturas. Foi ouvido por nós que uma vez, o Avô de todos os mundos, o divino Brahman, desejando realizar um sacrifício, fracassou em achar um sacerdote possuidor de qualificações como ele mesmo. Por esta razão ele o concebeu em seu cérebro e manteve o feto lá por muitos longos anos. Depois que mil anos tinham passado, o grande deus espirrou. Naquela ação, o feto caiu de sua cabeça. O ser divino, ó castigador de inimigos, que assim nasceu de Brahman foi chamado pelo nome de Kshupa. Possuidor de grandes poderes, ele se tornou um senhor de criaturas. Kshupa se tornou o sacerdote, ó rei, no sacrifício do Avô de grande alma. Após o começo daquele sacrifício de Brahman, ó melhor dos reis, o Castigo desapareceu por causa da forma visível que o Avô foi então obrigado a assumir. (Visto que o Avô, que era o governador do universo, assumiu o aspecto brando e pacífico de um sacrificador, o Castigo o qual tinha morado em sua forma furiosa não podia mais existir.) O Castigo tendo desaparecido, uma grande confusão surgiu entre todas as criaturas. Não havia mais nenhuma distinção entre o que devia e o que não devia ser feito. Toda distinção, também, entre alimento puro e impuro cessou. Os homens cessaram de distinguir entre qual bebida era permitida e qual não era. Todas as criaturas começaram a prejudicar umas às outras. Não haviam restrições na questão da união dos sexos. Toda a idéia de propriedade cessou. Todas as criaturas começaram a roubar, e apanhar carne umas das outras. Os fortes começaram a matar os fracos. Ninguém nutria a menor consideração por seu vizinho. O Avô então, tendo adorado o divino e eterno Vishnu, se dirigiu àquele grande deus concessor de bênçãos, dizendo, 'Cabe a ti, ó Kesava, mostrar piedade na presente ocasião. Que seja ordenado por ti de modo que a confusão que ocorreu possa desaparecer.' Assim endereçada, aquela principal das divindades, armada com um enorme Sula, tendo refletido muito, criou a si mesmo na forma de Castigo. Daquela forma, tendo a Justiça como suas pernas, a deusa Saraswati criou Danda-niti (Ciência de Castigo) a qual logo se tornou célebre pelo mundo. Depois disto o grande deus armado com a enorme Sula, tendo novamente refletido por algum tempo, nomeou uns poucos entre os deuses como os senhores ou soberanos de suas respectivas classes. Foi então

que ele fez o divino Indra de mil olhos o soberano das divindades. Yama, o filho de Vivaswat, foi feito o senhor dos Pitris. Kuvera foi feito o senhor dos tesouros e de todos os Rakshasas. Meru foi feito o rei das montanhas, e Oceano foi feito o senhor dos rios. O poderoso Varuna foi instalado na soberania das águas e dos Asuras. A Morte foi feita o senhor da vida e de todas as coisas vivas, e o Fogo foi nomeado como o senhor de todas as coisas possuidoras de energia. O pujante Isana, o eterno Mahadeva de grande alma, de três olhos, foi feito o senhor dos Rudras. Vasishtha foi feito o senhor dos Brahmanas, e Jatavedas foi feito o chefe dos Vasus. Surya foi feito o senhor de todos os corpos luminosos, e Chandramas foi feito o rei das Estrelas e constelações. Ansumat foi feito o senhor de todas as ervas, e o pujante e principal das divindades, isto é, Kumara ou Skanda, de doze braços, foi feito o chefe de todos os espíritos e seres fantasmais (que servem Mahadeva). O Tempo, possuindo as sementes da destruição e do crescimento, foi feito o soberano de todas as criaturas como também das quatro partes da Morte (isto é, armas, doenças, Yama, e ações) e por fim da dor e da alegria. Os Srutis declaram que o deus supremo Mahadeva, o senhor dos senhores, ó rei, armado com Sula, é o chefe dos Rudras. A vara de castigo foi dada para o filho de Brahman de nascimento subsequente, isto é, Kshupa, aquele senhor de todas as criaturas e a principal de todas as pessoas virtuosas. Após a conclusão daquele sacrifício de acordo com os ritos devidos, Mahadeva, depois de fazer reverência apropriada transferiu o Castigo, aquele protetor da Justiça, para Vishnu. Vishnu o deu para Angiras; e Angiras, aquele principal dos ascetas, o transferiu para Indra e Marichi. Marichi o deu para Bhrigu. Bhrigu deu aquela vara destinada à proteção da justiça para todos os Rishis. Os Rishis a deram para os Regentes do mundo, e os Regentes a transferiram novamente para Kshupa. Kshupa então a transferiu para Manu, o filho de Surya. A divindade de Sraddhas (isto é, Manu), a deu para seus filhos por causa da justiça e riqueza verdadeiras. O Castigo deve ser infligido com discernimento, guiado pela justiça e não por capricho. Ele é destinado a reprimir os maus. Multas e confiscos são planejados para causar alarme, e não para encher a tesouraria do rei. A mutilação do corpo ou a imposição de morte não devem proceder de causas triviais. A imposição de dor física por diversos meios, o arremesso de topos de montanhas, e o banimento também, não devem proceder de causas similares. Manu, o filho de Surya deu a vara de castigo (para seus filhos) para a proteção do mundo. O Castigo, nas mãos de sucessivos portadores, permanece desperto, protegendo todas as criaturas. No topo da escala, o divino Indra está desperto (com a vara de castigo); depois dele, Agni de chamas ardentes; depois dele, Varuna; depois de Varuna, Prajapati; depois de Prajapati, a Justiça cuja essência consiste no controle (disciplina); depois da Justiça o filho de Brahman, isto é, a Lei eterna; depois da Lei, a Energia está desperta, empenhada no ato de proteção; depois da Energia, as ervas (oferecidas em sacrifícios para manter os deuses e usadas como alimento e remédios); depois das ervas, as montanhas; depois das montanhas, todas as espécies de sucos e seus atributos; depois destes, a deusa Niriti; depois de Niriti, os planetas e os corpos luminosos no céu; depois destes, os Vedas; depois dos Vedas, a poderosa forma de Vishnu com cabeça equina; depois dele, o onipotente e eterno Avô, isto é, Brahman; depois do Avô, o divino e abençoado Mahadeva; depois de Mahadeva, os Viswedevas; depois deles, os grandes Rishis; depois dos Rishis o divino Soma;

depois de Soma, as divindades que são todas eternas; depois das divindades, saiba que os Brahmanas estão despertos. Depois dos Brahmanas, os Kshatriyas estão protegendo justamente todas as criaturas. O universo eterno, consistindo em criaturas móveis e imóveis, é mantido desperto pelos Kshatriyas. Criaturas são mantidas despertas neste mundo, e o Castigo está alerta entre elas. Possuidor de esplendor parecendo aquele do próprio Avô, o Castigo mantém junto e sustenta tudo. O Tempo, ó Bharata, está sempre desperto, no início, no meio, e no fim. O mestre de todos os mundos, o senhor de todas as criaturas, o poderoso e abençoado Mahadeva, o deus dos deuses, está sempre desperto. Ele é chamado por estes nomes também, Kapardin, Sankara, Rudra, Bhava, Sthanu e o marido de Uma. Assim o Castigo também se mantém desperto no início, no meio, e no fim. Um rei virtuoso deve governar devidamente, guiado pelo Castigo.'"

"Bhishma continuou, 'A pessoa que escuta a este ensinamento de Vasuhoma, e tendo-o escutado se comporta de acordo com seu mandato, com certeza obterá a realização de todos os seus desejos. Eu agora, ó touro entre homens, te disse tudo sobre quem é o Castigo, aquele controlador do universo que é governado pela justiça.'"

123

"Yudhishthira disse, 'Eu desejo, ó senhor, ouvir as conclusões definitivas sobre o assunto de Virtude, Riqueza, e Prazer. Dependendo de qual destes o curso da vida procede? Quais são as respectivas bases de Virtude, Riqueza, e Prazer? Quais também são os resultados destes três? Eles são às vezes vistos se misturarem uns com os outros, e às vezes existir separadamente e independentemente uns dos outros.'"

"Bhishma disse, 'Quando os homens neste mundo se esforçam com bons corações obter Riqueza com a ajuda da Virtude, então estes três, isto é, Virtude, Riqueza, e Prazer, podem ser vistos coexistindo em um estado de união em relação a tempo, causa, e ação. (Isso pode ser ilustrado pela ação de um marido virtuoso procurando ato sexual com sua esposa na época apropriada. Há mérito religioso na realização dos ritos conhecidos pelo nome de Garbhadhana; há prazer no próprio ato; e no fim, riqueza ou lucro na forma de um filho é também obtida.) A Riqueza tem sua base na Virtude, e o Prazer é considerado o fruto da Riqueza. Todos os três também têm sua base na Vontade. A Vontade tem relação com os objetos. Todos os objetos, também, em sua totalidade, existem para satisfazer o desejo de prazer. Destes então o agregado de três depende. Total abstração de todos os objetos é a Emancipação. É dito que a Virtude é buscada para a proteção do corpo, e a Riqueza é para aquisição de Virtude. Prazer é somente a satisfação dos sentidos. Todos os três têm, portanto, a qualidade de Paixão. (Há três qualidades ou atributos que caracterizam as ações humanas, isto é, Bondade, Paixão, e Ignorância. Desta maneira Virtude, Riqueza e Prazer, portanto, não são objetos de busca muito superiores. Somente as coisas que possuem o atributo de Bondade são dignas de busca.) Virtude, Riqueza, e Prazer,

quando procurados por causa do céu ou outras recompensas, são citados como distantes porque as próprias recompensas estão distantes. Quando buscados, no entanto, por causa do Conhecimento do Eu, eles são citados como próximos. Uma pessoa deve buscá-los quando eles são de tal caráter. (Isto é, uma pessoa deve buscar virtude somente para atingir pureza de alma; Riqueza para que ela possa gastá-las em atos praticados sem desejo de resultado; e Prazer somente para sustentar o corpo.) Não se deve rejeitá-los nem mentalmente. Se Virtude, Riqueza, e Prazer devem ser abandonados, alguém deve abandoná-los quando já se libertou por meio de penitências ascéticas. O alvo do agregado triplo é em direção à emancipação. O homem pode obtê-la! As ações, empreendidas e completadas mesmo com a ajuda da inteligência, podem ou não podem levar aos resultados esperados. A Virtude não é sempre a base da Riqueza, pois outras coisas além da Virtude levam à Riqueza (tais como serviço, agricultura, etc.). Há também uma opinião contrária (pois alguns dizem que a Riqueza é ganha por sorte ou nascimento ou causas parecidas). Em alguns casos, a Riqueza adquirida foi produtiva de mal. Outras coisas também além da Riqueza (tais como jejuns e votos) têm levado à aquisição de Virtude. Em relação a este tópico, portanto, um estúpido cuja compreensão foi degradada pela ignorância, nunca consegue alcançar o mais alto objetivo da Virtude e da Riqueza, isto é, a Emancipação. A escória da Virtude consiste no desejo de recompensa; a escória da Riqueza consiste em somente acumulá-la; quando purgadas destas impurezas, elas produzem resultados grandiosos. Sobre isto é citada a narrativa da conversa que ocorreu antigamente entre Kamandaka e Angaristha. Um dia, o rei Angaristha, tendo esperado pela oportunidade, saudou o Rishi Kamandaka quando ele estava sentado comodamente e fez a ele as seguintes perguntas, 'Se um rei, forçado por luxúria e tolice, comete pecados dos quais ele se arrepende depois, por quais atos, ó Rishi, aqueles pecados podem ser destruídos? Se também um homem, impelido pela ignorância, faz o que é pecaminoso acreditando que está agindo corretamente, como o rei porá um fim naquele pecado que entrou em voga entre os homens?'"

"Kamandaka disse, 'O homem que, abandonando Virtude e Riqueza busca somente o Prazer, colhe como a consequência de tal conduta a destruição de sua inteligência. A destruição da inteligência é seguida pela negligência que é destrutiva ao mesmo tempo de Virtude e Riqueza. De tal negligência procede o ateísmo terrível e a maldade sistemática de conduta. Se o rei não reprime aqueles homens vis de conduta pecaminosa, todos os bons súditos então vivem com medo como o ocupante de um quarto dentro do qual uma cobra se esconde. Os súditos não seguem tal rei. Os Brahmanas e todas as pessoas virtuosas também agem da mesma maneira. Como uma consequência o rei incorre em grande perigo, e enfim no risco da própria destruição. Alcançado por infâmia e insulto, ele tem que se arrastar em uma existência miserável. Uma vida de infâmia, no entanto, é igual à morte. Homens versados nas escrituras têm indicado os seguintes meios de controlar o pecado. O rei deve sempre se dedicar ao estudo dos três Vedas. Ele deve respeitar os Brahmanas e fazer bons préstimos a eles. Ele deve ser dedicado à justiça. Ele deve fazer alianças com famílias nobres. Ele deve visitar Brahmanas generosos adornados com a virtude de bondade. Ele deve realizar

abluções e recitar mantras sagrados e assim passar seu tempo alegremente. Banindo todos os maus súditos para longe dele mesmo e de seu reino, ele deve procurar a companhia de homens virtuosos. Ele deve gratificar todas as pessoas por palavras ou boas ações. Ele deve dizer a todos, 'Eu sou seu,' e proclamar as virtudes até de seus inimigos. Por seguir tal conduta ele poderá logo se purificar de seus pecados e ganhar o maior respeito de todos. Sem dúvida, por tal conduta todos os seus pecados serão destruídos. Tu deves realizar todos aqueles deveres excelentes que teus superiores e preceptores indicarem. Tu com certeza obterás grandes bênçãos pela graça de teus superiores e preceptores.'"

124

"Yudhishthira disse, 'Todas as pessoas sobre a terra, ó principal dos homens, louvam o comportamento virtuoso. Eu tenho, no entanto, grandes dúvidas em relação a este objeto de seu louvor. Se o tópico puder ser compreendido por nós, ó principal dos homens virtuosos, eu desejo saber tudo sobre o modo pelo qual o comportamento virtuoso pode ser adquirido. Como de fato, aquele comportamento é adquirido, ó Bharata? Eu desejo saber isto. Diga-me também, ó principal dos oradores, quais são as características daquele comportamento.'"

"Bhishma disse, 'Antigamente, ó concessor de honras, Duryodhana enquanto queimava de angústia à visão daquela prosperidade bem conhecida pertencente a ti e a teus irmãos em Indraprastha e pelas zombarias que ele recebeu por causa de seus equívocos na grande mansão, fez para seu pai Dhritarashtra a mesma pergunta. Escute ao que ocorreu naquela ocasião, ó Bharata! Tendo visto aquela tua mansão grandiosa e aquela grande prosperidade da qual tu eras dono, Duryodhana, enquanto sentado diante de seu pai, falou do que ele tinha visto para o último. Tendo ouvido as palavras de Duryodhana, Dhritarashtra, dirigindo-se a seu filho e a Karna, respondeu a ele o seguinte.'"

Dhritarashtra disse, 'Por que tu sofres, ó filho? Eu desejo saber a causa em detalhes. Se depois de averiguar as razões elas parecerem ser adequadas, eu então me esforçarei para te instruir. Ó subjugador de cidades hostis, tu também obtiveste grande riqueza. Todos os teus irmãos são sempre obedientes a ti, como também teus amigos e parentes. Tu cobres teus membros com as melhores vestes. Tu comes o mais rico alimento. Corcéis da melhor espécie te conduzem. Por que então tu te tornaste pálido e emaciado?'"

Duryodhana disse, 'Dez milhares de Brahmanas Snataka de grande alma comem diariamente no palácio de Yudhishthira em pratos de ouro. Vendo sua mansão excelente adornada com flores e frutos excelentes, seus corcéis das raças Tittiri e Kalmasha, seus mantos de diversos tipos, de fato, contemplando a grande prosperidade de meus inimigos, os filhos de Pandu, uma prosperidade que parece com a grande riqueza do próprio Vaisravana, eu estou queimando de angústia, ó Bharata!'"

Dhritarashtra disse, 'Se tu desejas, ó majestade, ganhar prosperidade como aquela de Yudhishthira ou até uma superior a ela, então, ó filho, te esforce para ter um comportamento virtuoso. Sem dúvida, alguém pode, só pelo comportamento, conquistar os três mundos. Não há nada impossível de ser alcançado por pessoas de comportamento virtuoso. Mandhatri conquistou o mundo inteiro no curso de uma única noite, Janamejaya, no curso de três; e Nabhaga, no curso de sete. Todos estes reis eram possuidores de compaixão e de comportamento virtuoso. Por esta razão a terra veio para eles por sua própria vontade, conquistada por sua virtude.'"

"Duryodhana disse, 'Eu desejo saber, ó Bharata, como aquele comportamento pode ser adquirido, isto é, aquele comportamento pelo qual a terra foi conquistada tão depressa (pelos reis citados por ti).'"

"'Dhritarashtra disse, 'Em relação a isto, a narrativa seguinte é citada. Ela foi recitada antigamente por Narada sobre o assunto do comportamento virtuoso. Nos tempos passados, o Daitya Prahlada, pelo mérito de seu comportamento, arrebatou de Indra de grande alma sua soberania e reduziu os três mundos à submissão. Sukra então, com mãos unidas, se aproximou de Vrihaspati. Possuidor de grande sabedoria, o chefe dos celestiais se dirigiu ao grande preceptor, dizendo, 'Eu desejo que tu me digas qual é a fonte da felicidade'. Assim endereçado, Vrihaspati disse a ele que o Conhecimento (que leva à emancipação) é a fonte da maior felicidade. De fato, Vrihaspati indicou o Conhecimento como a fonte da felicidade suprema. Indra, no entanto, mais uma vez perguntou se não havia nada maior do que isto.'"

"Vrihaspati disse, 'Há uma coisa, ó filho, que é ainda mais elevada. Bhargava de grande alma (Usanas) te instruirá melhor. Vá até ele, abençoado sejas, e pergunte para ele, ó chefe dos celestiais!' Possuidor de grande mérito ascético e dotado de grande esplendor, o chefe dos celestiais então foi até Bhargava e obteve dele com um coração ratificado, um conhecimento do que era para o seu maior bem. Obtendo a permissão de Bhargava de grande alma, o realizador de cem sacrifícios mais uma vez perguntou ao sábio se havia alguma coisa maior (como meio para a aquisição de felicidade) do que o sábio já tinha dito. O onisciente Bhargava disse, 'Prahlada de grande alma tem um conhecimento melhor.' Sabendo disto, Indra ficou muito satisfeito. O castigador de Paka, possuidor de grande inteligência, assumiu a forma de um Brahmana, e indo até Prahlada, o questionou dizendo, 'Eu desejo saber o que leva à felicidade.' Prahlada respondeu ao Brahmana, dizendo, 'Ó principal dos regenerados, eu não tenho tempo, estando totalmente ocupado na tarefa de governar os três mundos, eu não posso, portanto, te instruir.' O Brahmana disse, 'Ó rei, quando tu puderes ter um tempo livre, eu desejo escutar às tuas instruções sobre qual rumo de conduta produz o bem.' A esta resposta, o rei Prahlada ficou encantado com aquele proferidor de Brahma. Dizendo, 'Assim seja' ele aproveitou uma oportunidade favorável para dar ao Brahmana as verdades de conhecimento. O Brahmana manteve devidamente em direção a Prahlada a conduta que um discípulo deveria manter para com seu preceptor, e começou com todo o seu coração a fazer o que Prahlada desejava. Várias vezes o Brahmana perguntou,

dizendo, 'Ó castigador de inimigos, por quais meios tu foste capaz de ganhar a soberania dos três mundos? Diga-me, ó rei justo, quais são aqueles meios.' Prahlada, ó monarca, respondeu a pergunta do Brahmana.'"

"Prahlada disse, 'Eu, ó regenerado, não sinto nenhum orgulho por ser um rei, nem tenho algum sentimento hostil pelos Brahmanas. Por outro lado, eu aceito e sigo os conselhos de política que eles me declaram baseados nos ensinos de Sukra. Em completa confiança eles me dizem o que eles desejam dizer, e me impedem de comportamentos que são injustos ou impróprios. Eu sou sempre obediente aos ensinos de Sukra. Eu visito e sirvo os Brahmanas e meus superiores. Eu não tenho malícia. Eu tenho uma alma virtuosa. Eu conquistei a ira. Eu tenho autodomínio, e todos os meus sentidos estão sob meu controle. Os regenerados que são meus instrutores despejam instruções benéficas sobre mim como abelhas colocando mel nas cavidades de seus favos. Eu provo o néctar derramado por aqueles homens eruditos, e como a Lua entre as constelações eu vivo entre os membros de minha raça. Isto mesmo é néctar sobre a terra, esta é a visão mais clara, isto é, escutar ao ensinamento de Sukra dos lábios de Brahmanas e agir de acordo com eles. Nisto consiste o bem de um homem.' Assim disse Prahlada para aquele proferidor de Brahma. Servido respeitosamente por ele, o chefe dos Daityas mais uma vez disse, 'Ó principal dos regenerados, eu estou extremamente satisfeito contigo por teu comportamento respeitoso para comigo. Peça de mim o benefício que desejas, abençoado sejas, pois em verdade eu concederei o que tu pedires.' O Brahmana respondeu ao chefe dos Daityas dizendo, 'Muito bem. Eu te obedecerei.' Prahlada, satisfeito com ele, disse, 'Pegue o que desejas.'"

"O Brahmana disse, 'Se, ó rei, tu estás satisfeito comigo e se tu desejas fazer o que é agradável para mim, eu desejo então adquirir o teu comportamento. É esta a bênção que eu peço.' Nisto, embora encantado, Prahlada se encheu de grande medo. De fato, quando este benefício foi indicado pelo Brahmana, o chefe Daitya pensou que o solicitante não poderia ser uma pessoa de energia comum. Muito admirado, Prahlada finalmente disse, 'Assim seja'. Tendo, no entanto, concedido o benefício, o chefe Daitya se encheu de angústia. O Brahmana, tendo recebido o benefício, foi embora, mas Prahlada, ó rei, foi tomado por uma ansiedade profunda e não sabia o que fazer. Quanto o chefe Daitya sentou-se meditando sobre a questão, uma chama de luz saiu de seu corpo. Ela tinha uma forma indistinta de grande esplendor e proporções enormes. Prahlada questionou a forma, dizendo, 'Quem és tu?' A forma respondeu, dizendo, 'Eu sou a encarnação do teu Comportamento. Rejeitado por ti eu estou indo embora. Eu irei de agora em diante, ó rei, habitar naquele impecável e principal dos Brahmanas que se tornou teu discípulo devotado.' Tendo dito estas palavras, a forma desapareceu e logo depois entrou no corpo de Sakra. Depois do desaparecimento daquela forma, outra forma parecida saiu do corpo de Prahlada. O chefe Daitya se dirigiu a ela, dizendo, 'Quem és tu?' A forma respondeu, dizendo, 'Me conheça, ó Prahlada, como a encarnação da Justiça. Eu irei para lá onde aquele principal dos Brahmanas está, pois, ó chefe dos Daityas, eu resido onde o Comportamento mora.' Após o desaparecimento da Justiça, uma terceira forma, ó monarca,

brilhante com esplendor, emergiu do corpo de Prahlada de grande alma. Questionada por Prahlada sobre quem ela era, aquela forma possuidora de grande refulgência respondeu, dizendo, 'Saiba, ó chefe dos Daityas, que eu sou a Verdade. Eu te deixarei, seguindo o caminho da Justiça.' Depois que a Verdade tinha deixado Prahlada, seguindo o mesmo caminho da Justiça, outra grande personalidade saiu do corpo de Prahlada. Questionado pelo rei dos Daityas, o ser poderoso respondeu, 'Eu sou a encarnação dos Bons atos. Saiba, ó Prahlada, que eu vivo onde a Verdade vive.' Depois que ele tinha deixado Prahlada, outro ser emergiu, proferindo gritos altos e profundos. Endereçado por Prahlada, ele respondeu, 'Saiba que eu sou o Poder. Eu moro onde os Bons atos estão.' Tendo dito essas palavras, o Poder partiu para o local onde os Bons atos tinham ido. Depois disto, uma deusa de grande refulgência saiu do corpo de Prahlada. O chefe Daitya lhe perguntou e ela respondeu dizendo que ela era a encarnação da Prosperidade, somando, 'Eu habitei em ti, ó herói, ó tu de destreza incapaz de ser frustrada! Rejeitada por ti, eu seguirei o mesmo caminho do Poder.' Prahlada de grande alma, dominado por um grande medo, mais uma vez questionou a deusa, dizendo, 'Aonde tu vais, ó deusa, ó tu que moras em meio a lotos? Tu és sempre dedicada à verdade, ó deusa, e és a principal das divindades. Quem é aquele principal dos Brahmanas (que foi meu discípulo)? Eu desejo saber a verdade.'

A deusa da Prosperidade disse, 'Devotado ao voto de Brahmacharya, o Brahmana que foi instruído por ti era Sukra. Ó pujante, ele te roubou aquela soberania que tu tinhas sobre os três mundos. Ó justo, foi pelo teu comportamento que tu reduziste os três mundos à submissão. Sabendo disto, o chefe dos celestiais roubou o teu comportamento. A Justiça e a Verdade e os Bons atos e o Poder e eu mesma, ó tu de grande sabedoria, todos temos realmente as nossas bases no Comportamento.'"

"Bhishma continuou, 'Tendo dito estas palavras, a deusa da Prosperidade foi embora, como também o resto, ó Yudhishthira! Duryodhana, mais uma vez se dirigindo a seu pai, disse estas palavras: 'Ó alegrador dos Kurus, eu desejo saber a verdade a respeito do Comportamento. Diga-me os meios pelos quais ele pode ser adquirido.'"

"Dhritarashtra disse, 'Aqueles meios foram indicados por Prahlada de grande alma enquanto discursava para Indra. Escute, no entanto, ó soberano de homens, em resumo como o Comportamento pode ser adquirido. Abstenção de ferir por meio de ações, pensamentos, e palavras, em relação a todas as criaturas, compaixão, e caridade, constituem o comportamento que é digno de louvor. Aquele ato ou esforço pelo qual outros não são beneficiados, ou aquele ato pelo qual uma pessoa tem que sentir vergonha, nunca devem ser feitos. Deve ser feito, por outro lado, aquele ato pelo qual uma pessoa pode ganhar louvor em sociedade. Ó melhor dos Kurus, eu agora te disse em resumo o que é o Comportamento. Se, ó rei, pessoas de comportamento pecaminoso alguma vez ganham prosperidade, elas não desfrutam dela por muito tempo, ó filho, e são vistas serem exterminadas pela raiz.'"

"Dhritarashtra continuou, 'Conhecendo tudo isto realmente, ó filho, tenha bom comportamento, se tu desejas obter uma prosperidade maior do que aquela de Yudhishthira.'"

"Bhishma continuou, 'Foi isso mesmo que o rei Dhritarashtra disse para seu filho. Aja de acordo com estas instruções, ó filho de Kunti, e tu irás então sem dúvida obter seus resultados.'"

125

"Yudhishthira disse, 'Tu disseste, ó avô, que o comportamento é o primeiro (dos requisitos para um homem). De onde, no entanto, surge a Esperança? Diga-me o que ela é. Esta grande dúvida tomou posse da minha mente. Não há outra pessoa além de ti, ó subjugador de cidades hostis, que possa removê-la. Ó avô, eu tinha uma grande esperança em relação a Suyodhana, que quando uma batalha estivesse prestes a se seguir (por causa de sua própria teimosia), ele iria, ó senhor, fazer o que era apropriado. Em todo homem a esperança é grande. Quando aquela esperança é destruída, grande é a angústia que se sucede, a qual, sem dúvida, é quase igual à própria morte. Tolo que eu sou, o filho de Dhritarashtra de alma pecaminosa, Duryodhana, destruiu a esperança que eu nutria. Veja, ó rei, a tolice da minha mente! Eu penso que a esperança é mais vasta do que uma montanha com todas as suas árvores. Ou, talvez, ela é mais vasta do que o próprio firmamento. Ou, talvez, ó rei, ela seja realmente incomensurável. A Esperança, ó chefe dos Kurus, é extremamente difícil de ser entendida e igualmente difícil de ser subjugada. Vendo este último atributo da Esperança eu pergunto, o que mais é tão inconquistável quanto ela?'"

"Bhishma disse, 'Eu narrarei para ti, ó Yudhishthira, sobre isto, a conversa entre Sumitra e Rishabha que ocorreu antigamente. Escute-a. Um sábio nobre da linhagem Haihaya, de nome Sumitra, saiu para caçar. Ele perseguia um veado, tendo-o perfurado com uma flecha reta. Possuidor de grande força, o veado correu adiante, com a seta fincada nele. O rei também era possuidor de grande força, e ele consequentemente perseguiu sua presa com grande velocidade. O animal, dotado de velocidade, rapidamente transpôs um terreno baixo e então uma planície nivelada. O rei, jovem, ativo e forte, e armado com arco e espada e envolvido em cota de malha, ainda o perseguiu. Desacompanhado, ao perseguir o animal através da floresta o rei cruzou muitos rios e correntes e lagos e matagais. Dotado de grande velocidade, o animal, à sua vontade, se mostrando ocasionalmente ao rei, corria adiante com grande rapidez. Perfurado com muitas flechas pelo rei, aquele habitante da selva, ó monarca, como se em esporte, repetidamente diminuía a distância entre si mesmo e o perseguidor. Repetidamente aplicando sua velocidade e atravessando uma floresta depois da outra, ele ocasionalmente se mostrava ao rei em um ponto próximo. Finalmente aquele destruidor de inimigos, pegando uma flecha muito superior, afiada, terrível, e capaz de penetrar nos próprios órgãos vitais, fixou-a na corda de seu arco. O animal então, de proporções enormes, como se risse dos esforços do perseguidor

se distanciou dele de repente por alcançar um ponto quatro milhas completas à frente do alcance da flecha. Aquela flecha de esplendor brilhante consequentemente caiu ao chão. O veado entrou em uma grande floresta mas o rei ainda continuou a persegui-lo.'"

126

"Bhishma disse, 'O rei, tendo entrado naquela floresta grande, chegou a um retiro de ascetas. Fatigado com o esforço que ele tinha feito, ele se sentou para descansar. Vendo-o armado com arco, desgastado pelo esforço, e faminto, os ascetas se aproximaram e o honraram de forma apropriada. Aceitando as honras oferecidas pelos Rishis, o rei lhes perguntou sobre o progresso e avanço de suas penitências. Tendo respondido devidamente as perguntas do rei, aqueles Rishis dotados de riqueza de ascetismo perguntaram àquele tigre entre os soberanos sobre a razão que levou seus passos àquele retiro. E eles disseram, 'Abençoado sejas, em busca de qual objeto encantador, ó rei, tu vieste a este retiro, andando a pé e armado com espada e arco e setas? Nós desejamos saber de onde tu vens, ó dador de honras. Diga-nos também em que linhagem tu nasceste e qual é teu nome.' Assim endereçado, ó touro entre homens, o rei prosseguiu para dar devidamente a todos aqueles Brahmanas um relato sobre si mesmo, ó Bharata, dizendo, 'Eu nasci na linhagem dos Haihayas. Por nome eu sou Sumitra, e eu sou o filho de Mitra. Eu caço bandos de veados, matando-os aos milhares com minhas setas. Acompanhado por uma grande tropa e por meus ministros e pelas senhoras de minha família, eu saí em uma expedição de caça. Eu perfurei um veado com uma seta, mas o animal com a flecha fincada em seu corpo correu com grande velocidade. Ao persegui-lo eu cheguei, sem um propósito determinado, a esta floresta e me encontro em sua presença, desprovido de esplendor, cansado de me esforçar, e com esperança frustrada. O que pode ser mais deplorável do que isto, isto é, que eu tenha chegado a este retro, esgotado pela fadiga, desprovido dos sinais de realeza, e privado de minha esperança? Eu não estou arrependido em absoluto, ó ascetas, por estar agora desprovido dos sinais de realeza ou por estar agora longe da minha capital. Eu sinto, no entanto, uma dor pungente por minha esperança ter sido frustrada. O príncipe das montanhas, isto é, Himavat, e aquele vasto receptáculo de águas, o oceano, não podem, por sua imensidão, medir a extensão do firmamento. Ó ascetas, da mesma maneira, eu também não posso discernir o limite da esperança. Vocês que são dotados de riqueza de penitências são oniscientes. Não há nada desconhecido para vocês. Vocês são também altamente abençoados. Eu portanto, peço a vocês que esclareçam minha dúvida. Esperança como nutrida pelos homens, e o vasto firmamento, qual destes dois parece maior para vocês? Eu desejo saber em detalhes o que é tão inconquistável quanto a esperança. Se o tópico for um sobre o qual não lhes é impróprio discursar, então me digam tudo sobre isto sem demora. Eu não desejo, ó principais dos regenerados, ouvir qualquer coisa de vocês que possa ser um mistério impróprio para se falar. Se também o discurso for prejudicial para suas penitências, eu não desejo que vocês falem. Se a pergunta feita por mim for um

tópico digno para se falar, eu então desejo ouvir a causa em detalhes. Dedicados a penitências como vocês são, vocês todos me instruam sobre o assunto.'"

127

"Bhishma disse, 'Então aquele melhor dos Rishis, isto é, o regenerado Rishabha, sentado no meio de todos aqueles Rishis, sorriu um pouco e disse estas palavras: 'Antigamente, ó tigre entre reis, enquanto viajava entre lugares sagrados, eu cheguei, ó senhor, no belo retiro de Nara e Narayana. Lá há um local encantador chamado Vadri, e lá também se encontra aquele lago no firmamento (à grande altura nos Himalayas, de onde a sagrada Ganga tem sua fonte). Lá o sábio Aswasiras, ó rei, (sempre) lê os Vedas eternos. Tendo realizado minhas abluções naquele lago e oferecido com os ritos devidos oblações de água aos Pitris e animais, eu entrei no retiro. Dentro daquele retiro os Rishis Nara e Narayana sempre passam seu tempo em verdadeira alegria. (Acredita-se que os espíritos daqueles dois sábios imortais moram para sempre naquele retiro no desfrute de verdadeira felicidade.) Não longe daquele local eu fui para outro retiro para fixar minha residência. Enquanto estava lá eu vi um Rishi muito alto e emaciado, vestido em trapos e peles, vindo em minha direção. Possuidor de riqueza de penitências, ele se chamava Tanu. Comparado, ó poderosamente armado, com outros homens, sua altura parecia ser oito vezes maior. Em relação à sua magreza, ó sábio real, eu posso dizer que eu nunca vi ninguém parecido. O corpo dele, ó rei, era tão magro quanto o dedo mínimo de uma pessoa. Seu pescoço e braços e pernas e cabelos eram todos de um aspecto extraordinário. Sua cabeça era proporcional ao seu corpo, e suas orelhas e olhos também eram o mesmo. Sua fala, ó melhor dos reis, e seus movimentos eram extremamente fracos. Contemplando aquele Brahmana extremamente emaciado eu fiquei muito triste e assustado. Saudando seus pés, eu fiquei perante ele com mãos unidas. Tendo-o informado de meu nome e família, e tendo dito a ele também o nome de meu pai, ó touro entre homens, eu me sentei lentamente em um assento que foi indicado por ele. Então, ó monarca, aquele principal dos homens virtuosos, isto é, Tanu, começou a falar no meio dos Rishis que moravam naquele retiro sobre tópicos ligados com Justiça e Lucro. Enquanto ele estava falando, um rei, possuidor de olhos como pétalas de lótus e acompanhado por suas tropas e as damas de sua família, chegou àquele local em um carro puxado por corcéis velozes. O nome daquele rei era Viradyumna. De belas feições, ele possuía grande fama. O nome do filho dele era Bhuridyumna. O filho tinha se perdido, e o pai, extremamente triste, chegou lá no decurso de suas viagens em meio à floresta à procura do desaparecido. 'Eu acharei meu filho aqui!' 'Eu acharei meu filho aqui!' Arrastado adiante pela esperança desta maneira, o rei vagava por aquela floresta naqueles dias. Dirigindo-se ao Rishi emaciado ele disse, 'Sem dúvida aquele meu filho altamente virtuoso é extremamente difícil de ser localizado por mim. Ai, ele era meu único filho. Ele está perdido e não pode ser achado em lugar nenhum! Embora incapaz de ser descoberto, minha esperança, no entanto, de achá-lo é muito grande. Cheio daquela esperança (a qual está

sendo frustrada constantemente), eu estou em verdade prestes a morrer.' Ouvindo essas palavras do rei, aquele principal dos Munis, isto é, o santo Tanu, permaneceu por um tempo curto com a cabeça baixa e mergulhado em contemplação. Vendo-o mergulhado em contemplação, o rei ficou extremamente triste. Em grande angústia ele começou a dizer lentamente e suavemente, 'O que, ó Rishi celeste, é mais inconquistável e o que é maior do que a esperança? Ó santo, me diga isto se eu puder ouvi-lo sem impropriedade.'"

"O Muni disse, 'Um Rishi poderoso e santo foi insultado por teu filho. Ele fez isso por má sorte, movido por sua compreensão superficial. O Rishi tinha pedido ao teu filho um jarro dourado e cascas vegetais. Teu filho desdenhosamente se recusou a satisfazer o asceta. Tratado dessa maneira por teu filho, o grande sábio ficou desapontado.' Assim endereçado, o rei adorou aquele asceta que era adorado por todo o mundo. De alma virtuosa, Viradyumna sentou-se lá, esgotado com fadiga assim como tu, ó melhor dos homens, agora estás. O grande Rishi, em retorno, ofereceu ao rei, segundo os ritos observados pelos habitantes das florestas, água para lavar seus pés e os ingredientes usuais que compõem o Arghya. Então todos os Rishis, ó tigre entre reis, sentaram-se lá, circundando aquele touro entre homens como as estrelas da constelação da Ursa Maior circundando a Estrela Polar. E eles perguntaram àquele rei invicto qual era a causa de sua chegada naquele retiro.'"

128

"O rei disse, 'Eu sou um rei chamado pelo nome de Viradyumna. Minha fama se espalhou em todas as direções. Meu filho Bhuridyumna está perdido. É em busca dele que eu cheguei a esta floresta. Ó principais dos Brahmanas, aquela criança era meu único filho e, ó impecáveis, ele é muito jovem. Ele não pode, no entanto, ser achado aqui. Eu estou vagando por todos os lugares para encontrá-lo.'"

"Rishabha continuou, 'Depois que o rei tinha dito estas palavras, o asceta Tanu baixou sua cabeça. Ele permaneceu perfeitamente silencioso, sem proferir uma única palavra em resposta. No passado aquele Brahmana não tinha sido muito honrado pelo rei. Desapontado, ó monarca, ele tinha por aquela razão praticado penitências rígidas por um longo tempo, resolvendo em sua mente que ele nunca deveria aceitar nada em doação de reis ou membros de alguma outra classe. E ele disse a si mesmo, 'A esperança agita todos os homens de inteligência superficial. Eu expulsarei a esperança da minha mente.' Tal tinha sido sua determinação. Viradyumna mais uma vez questionou aquele principal dos ascetas nestas palavras:

"O rei disse, 'Qual é a medida da finura da Esperança? O que sobre a terra é de aquisição extremamente difícil? Diga-me isto, ó santo, pois tu conheces bem moralidade e o lucro."

"Rishabha continuou, 'Lembrando-se de todos os incidentes passados (acerca de sua própria desconsideração nas mãos do rei) e chamando-os de volta à

recordação do rei também, aquele Brahmana santo de corpo emaciado se dirigiu ao rei e disse as seguintes palavras:

O sábio disse, 'Não há nada, ó rei, que iguale a Esperança em delgadeza. Eu apelei a muitos reis e descobri que nada é de aquisição tão difícil quanto uma imagem que a Esperança coloca diante da mente.'"

"O rei disse, 'Pelas tuas palavras, ó Brahmana, eu entendo o que é tênue e o que não é. (Isto é, a Esperança é tênue, enquanto as coisas não ligadas com a Esperança são o oposto.) Eu entendo também quão difícil de aquisição são as imagens colocadas pela Esperança diante da mente. Eu considero estas tuas palavras como declarações de Sruti. Ó tu de grande sabedoria, uma dúvida, no entanto, surgiu na minha mente. Cabe a ti, ó sábio, me explicar em detalhes o que eu te pergunto. O que é mais fino do que o teu corpo? Diga-me isto, ó santo, se, é claro, ó melhor dos sábios, o tópico for um que possa ser discorrido sem impropriedades.'"

"O sábio emaciado disse, 'Um requerente satisfeito é extremamente difícil de se encontrar. Talvez, não haja ninguém assim no mundo. Um coisa ainda mais rara, ó majestade, é a pessoa que nunca desrespeita um suplicante. A esperança que depende de tais pessoas que, depois de pronunciarem suas promessas, não fazem o bem para outros segundo o melhor que podem e de acordo com o que os requerentes merecem, é mais fina até do que o meu corpo. (Tais pessoas devem sempre ser suspeitadas. Contudo há homens que esperam por coisas boas deles. Tal esperança, o sábio diz, é mais fina do que seu corpo fino.) A esperança que se baseia em um homem ingrato, ou em um que é cruel, ou um que é indolente, ou um que prejudica outros, é até mais fina do que o que o meu corpo. A esperança nutrida por um pai que só tem um filho, de ver mais uma vez aquele filho depois de ele estar perdido ou desaparecido, é mais fina até do que o meu corpo. A esperança que mulheres idosas nutrem de ter filhos, ó rei, e que é nutrida por homens ricos, é até mais fina do que o meu corpo. A esperança que nasce de repente nos corações de moças crescidas de se casarem quando elas ouvem alguém somente falar disto em sua presença, é mais fina até do que o meu corpo'. Ouvindo estas palavras, ó monarca, o rei Viradyumna, e as damas de sua família, se prostraram perante aquele touro entre Brahmanas e tocaram seus pés com suas cabeças inclinadas.'"

"O rei disse, 'Eu suplico tua graça, ó santo! Eu desejo encontrar meu filho. O que tu disseste, ó melhor dos Brahmanas, é muito verdadeiro. Não há dúvida da verdade das tuas declarações.'"

"Rishabha continuou, 'O santo Tanu, aquela principal das pessoas virtuosas, sorrindo, fez, por meio de seu conhecimento e suas penitências, o filho do rei ser levado àquele local. Tendo feito o príncipe ser levado lá, o sábio repreendeu o rei (seu pai, por seu desrespeito nos tempos passados). Aquela principal das pessoas virtuosas então se mostrou como o deus da justiça. De fato, tendo mostrado sua própria forma maravilhosa e celestial, ele entrou em uma floresta adjacente, com o coração livre de ira e de desejo de vingança. Eu vi tudo isso, ó rei, e ouvi as

palavras que eu disse. Abandone tua esperança, que é até mais tênue (do que alguma daquelas que o sábio indicou).'"

"Bhishma continuou 'Assim endereçado, ó monarca, por Rishabha de grande alma, o rei Sumitra rapidamente rejeitou a esperança que estava em seu coração e que era mais fraca (do que algum dos tipos de esperança indicados pelo Rishi emaciado). Tu também, ó filho de Kunti, ouvindo estas minhas palavras, fique calmo e sereno como Himavat. Dominado pela angústia (ao pensar na matança em batalha) tu me questionaste e ouviste minha resposta. Tendo-a ouvido, ó monarca, cabe a ti dissipar esses teus remorsos!'"

129

"Yudhishthira disse, 'Como alguém que bebe néctar eu nunca estou saciado com te escutar enquanto tu falas. Como uma pessoa possuidora de conhecimento do eu nunca está saciada com a meditação, assim mesmo eu nunca fico saciado com te escutar. Portanto, ó avô, fale mais uma vez sobre moralidade. Eu nunca fico saciado ao beber o néctar dos teus discursos sobre moralidade.'"

"Bhishma disse, 'Sobre isto é citada a antiga narrativa da conversa entre Gotama e o ilustre Yama. Gotama possuía um grande retiro nas colinas Paripatra. Escute quantos anos ele morou naquela residência. Por sessenta mil anos aquele sábio passou por austeridades ascéticas naquele retiro. Um dia, o Regente do mundo, Yama, ó tigre entre homens, foi até aquele grande sábio de alma purificada enquanto ele estava empenhado nas austeridades mais severas. Yama viu o grande asceta Gotama de penitências rígidas. O sábio regenerado compreendendo que era Yama que tinha chegado, rapidamente o saudou e ficou com as mãos unidas em uma atitude atenta (esperando por suas ordens). O nobre Dharma, vendo aquele touro entre Brahmanas, devidamente o saudou (em retorno) e dirigindo-se a ele perguntou o que podia fazer por ele.'"

"Gotama disse, "Por fazer quais atos uma pessoa se livra da dívida que tem para com a mãe e o pai? Como também alguém consegue alcançar regiões de pura felicidade que são tão difíceis de alcançar?'"

"Yama disse, 'Dedicando-se ao dever da veracidade, e praticando pureza e penitências uma pessoa deve incessantemente venerar seu pai e mãe. Deve-se também realizar Sacrifícios de Cavalo com presentes em profusão para os Brahmanas. Por tais atos uma pessoa ganha muitas regiões (de felicidade) de aspecto maravilhoso.'"

130

"Yudhishthira disse, 'Qual rumo de conduta deve ser adotado por um rei sem amigos, que tem muitos inimigos, com a tesouraria esgotada, e desprovido de tropas, ó Bharata? Qual, de fato, deve ser sua conduta quando ele está cercado

por ministros vis, quando seus planos são todos divulgados, quando ele não vê seu caminho claramente à sua frente, quando ele ataca outro reino, quando ele está empenhado em oprimir um reino hostil, e quando embora fraco ele está em guerra com um soberano mais forte? Qual, de fato, deve ser a conduta de um rei os negócios de cujo reino são mal regulados, e que desconsidera as necessidades de hora e lugar, que é incapaz, por suas opressões, de ocasionar a paz e causar desunião entre seus inimigos? Ele deve procurar a aquisição de riqueza por meios maus, ou ele deve sacrificar sua vida sem procurar riqueza?'"

"Bhishma disse, 'Conhecedor dos deveres como és, tu, ó touro da raça Bharata, me fizeste uma pergunta relativa ao mistério (com relação aos deveres). (Isto é, este não é um assunto sobre o qual uma pessoa possa ou deva falar diante de audiências mistas.) Sem ser questionado, ó Yudhishthira, eu não ousaria falar sobre este dever. A moralidade é muito sutil. Pode-se compreendê-la, ó touro da raça Bharata, pela ajuda dos textos das escrituras. Por lembrar do que ouviu e por praticar boas ações, alguém em algum lugar pode se tornar uma pessoa virtuosa. Por agir com inteligência o rei pode ou não conseguir adquirir riqueza. (Isto é, por meio de artifícios engenhosos um rei pode conseguir encher sua tesouraria, ou sua melhor engenhosidade e cálculos podem falhar.) Ajudado por tua própria inteligência pense qual resposta deve ser dada à pergunta sobre este assunto. Escute, ó Bharata, aos meios, repletos de grande mérito, pelos quais reis podem se comportar (durante épocas de infortúnio). Por causa da moralidade verdadeira, no entanto, eu não chamaria de justos aqueles meios. Se a tesouraria for cheia pela opressão, tal conduta leva o rei para a beira da destruição. Esta é a conclusão de todos os homens inteligentes que têm pensado sobre o assunto. O tipo de escrituras ou ciência o qual uma pessoa sempre estuda dá a ela o tipo de conhecimento o qual ela é capaz de dar. Tal conhecimento realmente se torna agradável para ela. Ignorância leva à esterilidade de invenção em relação a meios. Habilidade de invenção de meios, através da ajuda do conhecimento, se torna fonte de grande felicidade. Sem nutrir quaisquer escrúpulos e qualquer malícia; (isto é, com um coração puro), ouça estas instruções. Pela diminuição da tesouraria, as forças do rei são diminuídas. O rei deve, portanto, encher sua tesouraria (por quaisquer meios) como alguém criando água em um ermo que não tem água. De acordo com este código de quase-moralidade praticado pelos antigos, o rei deve, quando chegar a hora para isso, (isto é, quando a época de miséria acaba), mostrar compaixão por seu povo. Este é o dever eterno. Para os homens que são capazes e competentes, (sob situações e circunstâncias comuns), os deveres são de um tipo. Em épocas de miséria, no entanto, os deveres são de um tipo diferente. Sem riqueza um rei pode (por penitências e semelhantes) adquirir mérito religioso. A vida, no entanto, é muito mais importante do que mérito religioso. (E como a vida não pode ser mantida sem riqueza, nenhum mérito que fique no caminho da aquisição da riqueza deve ser procurado). Um rei que é fraco, por adquirir somente mérito religioso, nunca consegue obter meios justos e apropriados para o sustento; e já que ele não pode, nem por seus melhores esforços, adquirir poder pela ajuda somente do mérito religioso, portanto, as práticas em épocas de necessidade são às vezes consideradas como não inconsistentes com a moralidade. Os eruditos, no entanto,

são de opinião que aquelas práticas levam à pecaminosidade. Depois que acaba a época de miséria, o que deve fazer o Kshatriya? Ele deve (em tal momento) se comportar de tal maneira que seu mérito não possa ser destruído. Ele deve também agir de tal maneira que ele não tenha que sucumbir a seus inimigos. (Isto é, ele deve realizar expiações e fazer o bem àqueles a quem ele prejudicou, para que eles não possam permanecer descontentes com ele.) Estes foram declarados como seus deveres. Ele não deve cair em desânimo. Ele não deve (em épocas de infortúnio) procurar salvar (do perigo de destruição) o mérito de outros ou dele mesmo. Por outro lado, ele deve salvar a si mesmo. Esta é uma conclusão segura. (Ele não deve, em tais épocas, se abster de alguma ação que possa prejudicar seu próprio mérito ou aquele de outros; em outras palavras, ele pode desprezar todas as considerações sobre os méritos religiosos de outros e dele mesmo. Seu único interesse em tal época deve ser salvar a si mesmo, isto é, sua vida.) Há este Sruti, isto é, que está estabelecido que Brahmanas, que estão familiarizados com os deveres, devem ter competência em relação aos deveres. Similarmente, em relação ao Kshatriya, sua competência deve consistir em esforço, já que força de braços é sua grande posse. Quando os meios de sustento de um Kshatriya se acabam, o que ele não deve pegar exceto o que pertence aos ascetas e o que é possuído pelos Brahmanas? Assim como um Brahmana em uma época de necessidade pode oficiar no sacrifício de uma pessoa para quem ele nunca deveria oficiar (em outros tempos comuns) e comer alimento proibido, assim não há dúvida de que um Kshatriya (em infortúnio) pode pegar riqueza de todos exceto ascetas e Brahmanas. Para alguém afligido (por um inimigo e procurando os meios de fuga), o que pode ser uma saída imprópria? Para uma pessoa presa (dentro de um calabouço e procurando escapar) qual pode ser um caminho impróprio? Quando uma pessoa é afligida, ela escapa até por uma saída imprópria. Para um Kshatriya que, por causa da fraqueza de sua tesouraria e exército, vem a ser muito humilhado, nem uma vida de mendicância nem a profissão de um Vaisya ou aquela de um Sudra é prescrita. A profissão ordenada para um Kshatriya é a aquisição de riqueza por meio de batalha e vitória. Ele nunca deve mendigar de um membro de sua própria classe. A pessoa que se sustenta em tempos comuns por seguir as práticas originalmente declaradas para ela, pode em tempos de miséria se sustentar por seguir as práticas declaradas na alternativa. Em uma época de miséria, quando as práticas comuns não podem ser seguidas, um Kshatriya pode viver até por meios injustos e impróprios. Os próprios Brahmanas, isto é visto, fazem o mesmo quando seus meios de vida são destruídos. Quando até os Brahmanas (em tais épocas) se comportam assim, que dúvida há em relação aos Kshatriyas? Isto está, de fato, determinado. Sem afundar no desânimo nem se entregar à destruição, um Kshatriya pode (pela força) pegar o que puder de pessoas que são ricas. Saiba que o Kshatriya é o protetor e o destruidor das pessoas, Portanto, um Kshatriya em perigo deve pegar (à força) o que puder, com o objetivo de (no final) proteger as pessoas. Nenhuma pessoa neste mundo, ó rei, pode manter a vida sem prejudicar outras criaturas. O próprio asceta levando uma vida solitária nas profundidades da floresta não é exceção. Um Kshatriya não deve viver confiando na sorte, especialmente aquele, ó chefe dos Kurus, que deseja governar. O rei e o reino devem sempre proteger um ao outro mutuamente. Este é um dever eterno. Como o rei protege, por gastar

todas as suas posses, o reino quando ele cai em desgraça, assim mesmo o reino deve proteger o rei quando ele cair em infortúnio. O rei, mesmo na extrema miséria, nunca deve desistir de sua tesouraria, de seu mecanismo para castigar os vis, de seu exército, de seus amigos e aliados, e de outras instituições necessárias e dos chefes existentes em seu reino. Homens conhecedores do dever dizem que alguém deve manter suas sementes, tirando-as do próprio alimento. Esta é uma verdade citada do tratado de Samvara bem conhecido por seus grandes poderes de ilusão. Vergonha para a vida daquele rei cujo reino definha. Vergonha para a vida daquele homem que por falta de meios vai para um país estrangeiro para viver. As bases do rei são sua tesouraria e exército. Seu exército, além disso, tem suas bases em sua tesouraria. Seu exército é a base de todos os seus méritos religiosos. Seus méritos religiosos são as bases de seus súditos. A tesouraria nunca pode ser cheia sem oprimir outros. Como então o exército pode ser mantido sem opressão? O rei, portanto, em épocas de necessidade, não incorre em falha por oprimir seus súditos para encher a tesouraria. Para realizar sacrifícios muitas ações impróprias são feitas. Por esta razão um rei não incorre em falha por fazer atos impróprios (quando o objetivo é encher sua tesouraria em uma época de necessidade). Por causa da riqueza outras práticas além das que são apropriadas são seguidas (em épocas de pobreza). Se (em tais tempos) tais práticas impróprias não forem adotadas, o mal certamente será o resultado. Todas as instituições que são mantidas para trabalhar destruição e miséria existem para reunir riqueza. (O exército e as cortes criminais.) Guiado por tais considerações, todo rei inteligente deve determinar seu rumo de ação (em tais épocas). Como animais e outras coisas são necessárias para sacrifícios, como sacrifícios são para purificar o coração, e como animais, sacrifícios, e pureza de coração são todos para a emancipação final, assim mesmo política e punição existem para a tesouraria, a tesouraria existe para o exército, e a política e a tesouraria e o exército, todos os três, existem para derrotar inimigos e proteger ou aumentar o reino. Eu citarei aqui um exemplo ilustrando os verdadeiros caminhos da moralidade. Uma árvore grande é derrubada para fazer dela uma estaca sacrifical. Ao cortá-la, outras árvores que ficam em seu caminho também têm que ser derrubadas. Estas também, ao caírem, matam outras que estão no local. Assim mesmo aqueles que ficam no caminho de fazer uma tesouraria bem cheia têm que ser mortos. Eu não vejo outra maneira do sucesso ser alcançado. Pela riqueza, ambos os mundos, este e o outro, podem ser tidos, como também Verdade e mérito religioso. Uma pessoa sem riqueza está mais morta do que viva. Riqueza para a realização de sacrifícios deve ser adquirida por todos os meios. O demérito atribuído a uma ação feita em uma época de miséria não é igual àquele atribuído à mesma ação se feita em outros tempos, ó Bharata! A aquisição de riqueza e seu abandono possivelmente não podem ser ambos vistos na mesma pessoa, ó rei! Eu não vejo um homem rico na floresta. Com relação a toda a riqueza que é vista neste mundo, todos discutem entre si, dizendo, 'Isto será meu!' 'Isto será meu!' Não há nada, ó opressor de inimigos, que seja tão meritório para um rei quanto a posse de um reino. É pecaminoso para um rei oprimir seus súditos com imposições pesadas em tempos comuns. Em uma época, no entanto, de necessidade, isto é muito diferente. Alguns adquirem riqueza por caridade e sacrifícios; alguns que têm preferência por penitências adquirem riqueza por

penitências; alguns a adquirem pela ajuda de sua inteligência e esperteza. Uma pessoa sem riqueza é considerada fraca, enquanto aquela que tem riqueza se torna poderosa. Um homem de riqueza pode adquirir tudo. Um rei que tem a tesouraria bem cheia consegue realizar tudo. Por sua tesouraria um rei pode ganhar mérito religioso, satisfazer seu desejo por prazer, obter o mundo seguinte, e este também. A tesouraria, no entanto, deve ser cheia pela ajuda da justiça e nunca por práticas injustas, as quais passam por justas em épocas de infortúnio.'"

131

(Apaddharmanusasana Parva)

"Yudhishthira disse, 'O que, além disso, deve ser feito por um rei que é fraco e procrastinador, que não se envolve em combate por ansiedade pelas vidas de seus amigos, que está sempre sob a influência do medo, e que não pode manter seus planos em segredo? O que, de fato, deve fazer aquele rei cuja cidade e reino foram divididos e apropriados por inimigos, que não tem riqueza, que é incapaz (por causa de tal pobreza) de honrar seus amigos e uni-los a si mesmo, cujos ministros são desunidos ou comprados por seus inimigos, que é obrigado a permanecer na presença de inimigos, cujo exército definhou, e cujo coração tem sido agitado por algum inimigo forte?'"

"Bhishma disse, 'Se o inimigo invasor tiver um coração puro e se ele estiver familiarizado com moralidade e lucro, um rei do tipo que tu indicaste deve, sem perder tempo, fazer as pazes com o invasor e ocasionar a reintegração daquelas partes do reino que já tinham sido conquistadas. Se o invasor for forte e pecaminoso e procurar obter vitória por meios injustos, o rei deve fazer as pazes com ele também, por abandonar uma parte de seus territórios. Se o invasor estiver sem vontade de fazer as pazes, o rei deve então abandonar sua própria capital e todas as suas posses para escapar do perigo. Se ele puder salvar sua vida ele pode esperar por aquisições similares no futuro. Qual homem conhecedor da moralidade sacrificaria sua própria pessoa, a qual é uma posse mais valiosa, para enfrentar aquele perigo do qual se poderia escapar pelo abandono de sua tesouraria e exército? Um rei deve proteger as damas de sua família. Se estas caírem nas mãos do inimigo, ele não deve mostrar qualquer compaixão por elas (por incorrer no risco de sua própria prisão ao resgatá-las). Contanto que isto esteja em seu poder, ele nunca deve se entregar ao inimigo.'"

"Yudhishthira disse, 'Quando seu próprio povo está descontente com ele, quando ele é oprimido por invasores, quando sua tesouraria está esgotada, e quando seus planos são divulgados, o que o rei deve fazer então?'"

"Bhishma disse, 'Um rei, sob tais circunstâncias, deve (se seu inimigo for virtuoso) procurar fazer as pazes com ele. Se o inimigo for injusto, ele deve então aplicar sua bravura. Ele deve, por tais meios, procurar fazer o inimigo se retirar de seu reino; ou lutando valentemente, ele deve sacrificar sua vida e ascender para o céu. Um rei pode conquistar a terra inteira com a ajuda até de uma pequena tropa

se aquela tropa for leal, alegre, e dedicada ao seu bem. Se morto em batalha, ele com certeza ascenderá ao céu. Se ele conseguir matar (seus inimigos), ele com certeza desfrutará da terra. Por sacrificar sua vida em batalha, uma pessoa obtém a companhia do próprio Indra.'"

132

"Yudhishthira disse, 'Quando as práticas repletas de moralidade superior e benéficas para o mundo, (aquelas que pertencem ao governo justo) desaparecem, quando todos os meios e recursos para o sustento da vida caem nas mãos de ladrões, quando, de fato, tal época calamitosa começa, por quais meios deve um Brahmana, ó avô, que por afeição é incapaz de abandonar seus filhos e netos, subsistir?'"

"Bhishma disse, 'Quando tal período começa, o Brahmana deve viver pela ajuda do conhecimento. Tudo neste mundo é para aqueles que são bons. Nada aqui é para aqueles que são vis. Aquele que fazendo de si mesmo um instrumento de aquisição, pega riqueza dos maus e dá para aqueles que são bons, é considerado conhecedor da moralidade da adversidade. Desejoso de manter seu governo, o rei, ó monarca, sem levar seus súditos à indignação e rebelião, pode pegar o que não é livremente dado pelo dono, dizendo, 'Isto é meu!' O homem sábio que, purificado pela posse de conhecimento e poder e de conduta correta em outros tempos, age de modo repreensível em tal época, não merece realmente ser criticado. Aqueles que sempre se sustentam por aplicar sua força nunca gostam de algum outro modo de viver. Aqueles que são dotados de poder, ó Yudhishthira, sempre vivem pela ajuda da coragem. As escrituras comuns, que existem (para épocas de necessidade) sem exceções de nenhum tipo, devem ser praticadas por um rei (em tais épocas). Um rei, no entanto, que é dotado de inteligência, enquanto seguindo aquelas escrituras, fará alguma coisa a mais. (Os textos comuns, sem exceções de qualquer tipo, prescritos para épocas de infortúnio, permitem a um rei encher sua tesouraria por arrecadar contribuições pesadas de seus próprios súditos e daqueles de reinos hostis. Um rei comum, em tal época, age dessa maneira. Um rei, no entanto, que é dotado de inteligência, enquanto arrecadando tais contribuições, toma o cuidado de taxá-las sobre aqueles que são maus e puníveis entre seus próprios súditos e entre os súditos de outros reinos, e se abstém de molestar os bons.) Em tais tempos, no entanto, o rei não oprime Ritwijas, e Purohitas e preceptores e Brahmanas, todos os quais são honrados e tidos em alta estima. Por oprimi-los, mesmo que em tais épocas, ele incorre em censura e pecado. Isto que eu te digo é considerado como uma autoridade no mundo. De fato, este é o olho eterno (pelo qual as práticas em épocas de angústia devem ser olhadas). Uma pessoa deve ser guiada por sua autoridade. Por isto é para ser julgado se um rei é para ser chamado de bom ou mau. É visto que muitas pessoas residentes em aldeias e cidades, incitadas por ciúmes e cólera, acusam umas às outras. O rei nunca deve, em suas palavras, honrar ou punir alguém. Calúnia nunca deve ser falada. Se falada, ela nunca deve ser ouvida. Quando ocorre uma conversa caluniosa, uma pessoa deve tapar seus

ouvidos ou deixar completamente o lugar. Conversa caluniosa é a característica de homens pecaminosos. Ela é uma indicação de depravação. Aqueles, por outro lado, ó rei, que falam das virtudes de outros em reuniões que são boas, são bons homens. Como um par de touros dóceis, governáveis, bem domesticados e usados para carregar cargas colocam seus pescoços para o jugo e arrastam a carroça de bom grado, assim mesmo o rei deve suportar suas cargas (em épocas de infortúnio). Outros dizem que um rei (em tais períodos) deve se comportar de tal maneira que ele possa conseguir ganhar um grande número de aliados. Alguns consideram o costume antigo como a mais alta indicação de virtude. Outros, isto é, aqueles que são a favor da conduta seguida por Sankha em direção a Likhita, não mantêm esta opinião. Eles não fomentam tal opinião nem por malícia nem por avareza. (Há pessoas que afirmam que sacerdotes e Brahmanas nunca devem ser punidos ou taxados. Este é o costume eterno, e, portanto, isto é moralidade. Outros que aprovam a conduta de Sankha em direção a seu irmão Likhita na ocasião do último se apropriando de umas poucas frutas pertencentes ao primeiro, são de uma opinião diferente. A última classe de pessoas é tão sincera quanto a primeira em sua opinião. Elas não podem ser acusadas por afirmarem que até sacerdotes e Brahmanas podem ser punidos quando pecam.) São vistos exemplos mesmo de grandes Rishis que declararam que até preceptores, se dedicados a práticas más, devem ser punidos. Mas não há autoridade aprovável para tal proposição. Os deuses podem ser deixados punirem tais homens quando acontecer de eles serem vis e culpados de práticas más. O rei que enche sua tesouraria por recorrer a estratagemas fraudulentos certamente abandona a virtude. O código de moralidade que é honrado em todos os aspectos por aqueles que são bons e em circunstâncias afluentes, e que é aprovado por todo coração honesto, deve ser seguido. É considerado como conhecedor do dever aquele que sabe que o dever depende ao todo de quatro alicerces. (Como declarado nos Vedas, como declarado nos Smritis, como sancionado pelos costumes antigos e como aprovado pelo coração ou pela consciência.) É difícil descobrir as razões nas quais o dever se mantém assim como é difícil descobrir as pernas da cobra. Como um caçador de animais descobre o rastro de um veado atingido por uma flecha por observar as manchas de sangue no chão, assim mesmo uma pessoa deve procurar descobrir as razões dos deveres. Um homem deve seguir com humildade o caminho trilhado pelos bons. Tal, de fato, era a conduta dos grandes sábios reais de antigamente, ó Yudhishthira!'"

133

"Bhishma disse, 'O rei deve, por tirar riqueza de seu próprio reino como também dos reinos de seus inimigos, encher sua tesouraria. Da tesouraria provém seu mérito religioso, ó filho de Kunti, e é por causa da tesouraria que as bases de seu reino se estendem. Por estas razões a tesouraria deve ser cheia; e quando cheia; ela deve ser protegida com cuidado (por parar com todos os gastos inúteis), e até deve-se procurar aumentá-la. Esta é a prática eterna. A tesouraria não pode ser cheia por (agir com) pureza e justiça, nem por (agir com) crueldade desapiedada.

Ela deve ser cheia por se adotar um comportamento intermediário (entre esses dois). Como um rei fraco pode ter uma tesouraria? Como também um rei que não tem uma tesouraria pode ter força? Como um homem fraco pode ter um reino? De onde também alguém sem um reino pode obter prosperidade? Para uma pessoa de posto alto, a adversidade é como a morte. Por esta razão o rei deve sempre aumentar sua tesouraria e exército, e aliados e amigos. Todos os homens desrespeitam um rei com uma tesouraria vazia. Sem estarem satisfeitos com o pouco que tal rei pode dar, seus empregados nunca expressam qualquer boa vontade em seu trabalho. Por sua riqueza, o rei consegue obter honras grandiosas. De fato, a riqueza oculta seus muitos pecados, como os mantos escondendo tais partes de uma forma feminina que não devem ser expostas para a visão. Aqueles com quem o rei tinha disputado antigamente se enchem de angústia ao verem sua nova riqueza. Como cachorros eles mais uma vez aceitam serviço sob ele, e embora esperem somente por uma oportunidade para matá-lo, ele os recebe como se nada tivesse acontecido. Como, ó Bharata, tal rei pode obter felicidade? O rei deve sempre se esforçar para adquirir grandeza. Ele nunca deve se curvar em humildade (isto é, se entregar com facilidade). Esforço é virilidade. Ele deve antes se quebrar em uma oportunidade desfavorável do que se curvar diante de alguém. Ele deve antes ir para a floresta e viver lá com os animais selvagens. Mas ele não deve viver calmo no meio de ministros e oficiais que como ladrões quebraram todas as restrições. Mesmo os ladrões da floresta podem fornecer um grande número de soldados para a realização dos atos mais violentos, ó Bharata! Se o rei transgride todas as restrições saudáveis todas as pessoas se enchem de alarme. Os próprios ladrões que não sabem o que é compaixão temem tal rei. Por esta razão, o rei deve sempre estabelecer regras e restrições para alegrar o coração de seu povo. Regras a respeito até de questões muito insignificantes são aclamadas com prazer pelo povo. Há homens que pensam que este mundo é nada e que o futuro também é um mito. Aquele que é um ateu deste tipo, embora seu coração seja agitado por medos secretos, nunca deve ser de confiança. Se os ladrões da floresta, enquanto observando outras virtudes, cometem depredações somente em relação a propriedade, aquelas depredações podem ser consideradas como inofensivas. As vidas de milhares de criaturas são protegidas pelos ladrões observarem tais restrições. Matar um inimigo que está fugindo da batalha, rapto de esposas, ingratidão, pilhar a propriedade de um Brahmana, privar uma pessoa de toda a sua propriedade, violação de donzelas, ocupação continuada de aldeias e cidades como seus senhores legais, e relações adúlteras com esposas de outros homens; estas são consideradas como ações perversas até entre ladrões, e os ladrões devem sempre se abster delas. É também certo que aqueles reis que se esforçam (por promover a paz) para inspirar confiança sobre eles mesmos nos corações dos ladrões, conseguem, depois de observar todas as vantagens e desvantagens deles, exterminá-los. Por esta razão, ao tratar com ladrões, é necessário que eles não sejam exterminados completamente. (Suas esposas e filhos devem ser salvos, e suas habitações e vestuário e posses e utensílios domésticos, etc., não devem ser destruídos.) Deve-se procurar trazê-los sob o domínio do rei. O rei nunca deve se comportar com crueldade em direção a eles, pensando que ele é mais poderoso do que eles. Os reis que não os exterminam completamente não

têm medo de extermínio para si mesmos. Aqueles, no entanto, que os exterminam têm sempre que viver com medo da consequência daquele ato.'"

143

"Bhishma disse, 'Em relação a isto, pessoas conhecedoras das escrituras declaram este texto a respeito do dever, isto é, para um Kshatriya possuidor de inteligência e conhecimento, (o ganho de) mérito religioso e (a aquisição) de riqueza, constituem seus deveres óbvios. Ele não deve, por discussões sutis sobre o dever e consequências despercebidas em relação a um mundo futuro, se abster de realizar estes dois deveres. Como é inútil discutir, ao ver certas pegadas no chão, se elas são de lobo ou não, assim mesmo é toda a discussão sobre a natureza da virtude e o contrário. Ninguém neste mundo vê os frutos da justiça e da injustiça. Um Kshatriya, portanto, deve buscar a aquisição de poder. Aquele que é poderoso é mestre de todos. A riqueza leva à posse de um exército. Aquele que é poderoso; (isto é, aquele que tem riqueza e força militar) obtém conselheiros inteligentes. Aquele que não tem riqueza é realmente decaído. Um pouco (de qualquer coisa no mundo) é considerado como a sujeira restante de um banquete. (Um homem pobre pode ter somente um pouco de todas as coisas terrenas. Aquele pouco, no entanto, é como o resto do jantar de um homem forte.) Se um homem forte faz muitas ações más, ninguém, por medo, diz ou faz qualquer coisa (para criticá-lo ou detê-lo). Se virtude e Poder forem associados com Verdade, eles podem então salvar os homens de grandes perigos. Se, no entanto, os dois forem comparados, o Poder parecerá ser superior à Virtude. É do Poder que a Virtude provém. A Virtude se apóia sobre o Poder como todas as coisas imóveis sobre a terra. Como a fumaça depende do vento (para seu movimento), assim mesmo a Virtude depende do Poder. A Virtude a qual é a mais fraca dos dois depende (do Poder) para seu sustento (como uma trepadeira depende) de uma árvore. A Virtude é dependente daqueles que são poderosos assim como o prazer é dependente daqueles que são dados ao prazer. Não há nada que homens poderosos não possam fazer. Tudo é puro com aqueles que são poderosos. Um homem sem poder, por cometer más ações, nunca pode escapar. Homens se sentem alarmados pela sua conduta assim como eles ficam alarmados pelo aparecimento de um lobo. Alguém decaído de um estado de riqueza leva uma vida de humilhação e tristeza. Uma vida de humilhação e vergonha é como a própria morte. Os eruditos dizem que quando em consequência de uma conduta pecaminosa alguém é rejeitado por amigos e companheiros, ele é perfurado repetidamente pelos dardos verbais de outros e tem que queimar de aflição por causa disso. Professores de escrituras dizem com relação à expiação da pecaminosidade que um homem deve (se maculado pelo pecado) estudar os três Vedas, servir e adorar os Brahmanas, gratificar todos os homens por olhares, palavras, e ações, abandonar toda a baixeza, casar em famílias nobres, proclamar os louvores de outros enquanto confessa sua própria indignidade, recitar mantras, realizar os usuais ritos de água, assumir uma brandura de comportamento, se abster de falar muito, realizar penitências austeras, e procurar a proteção de

Brahmanas e Kshatriyas. De fato, alguém que cometeu muitas más ações deve fazer tudo isso, sem ficar zangado pelas repreensões proferidas pelos homens. Por se conduzir desta maneira, uma pessoa pode logo se purificar de todos os seus pecados e recuperar o respeito do mundo. De fato, uma pessoa ganha grande respeito neste mundo e grandes recompensas no próximo, e desfruta de diversos tipos de felicidade aqui por seguir tal conduta e por partilhar sua riqueza com outros.'"

135

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga história de um ladrão que tendo sido observador de restrições (neste mundo) não encontrou a destruição no próximo. Havia um ladrão de nome Kayavya, nascido de um pai Kshatriya e uma mãe Nishada. Kayavya praticava os deveres Kshatriya. Hábil para castigar, possuidor de inteligência e coragem, familiarizado com as escrituras, desprovido de crueldade, dedicado aos Brahmanas, e cultuando seus superiores e preceptores com reverência, ele protegia os ascetas na observância de suas práticas. Embora um ladrão, ele ainda conseguiu ganhar felicidade no céu. De manhã e à noite ele costumava excitar a ira dos veados por caçá-los. Ele conhecia todas as práticas dos Nishadas como também de todos os animais que viviam na floresta. Bom conhecedor dos requisitos de tempo e lugar, ele vagava pelas montanhas. Familiarizado como ele era com os hábitos de todos os animais, suas setas nunca pediam seus alvos e seus braços eram fortes. Sozinho, ele podia derrotar muitas centenas de tropas. Ele reverenciava seus pais idosos, cegos, e surdos na floresta todos os dias. Com mel e carne e frutas e raízes e outras espécies de alimento excelente, ele entretinha com hospitalidade todas as pessoas merecedoras de honra e lhes fazia muitos bons trabalhos. Ele demonstrava grande respeito por aqueles Brahmanas que tinham se afastado do mundo para residir nas florestas. Matando veados, ele muitas vezes obtinha carne para eles. Em relação àqueles que eram relutantes, por medo de outros, em aceitar presentes dele por causa da profissão que ele exercia, (pois é sempre repreensível aceitar doações de pessoas de caráter duvidoso) ele costumava ir às suas residências antes da alvorada e deixar a carne em suas portas. Um dia muitos milhares de ladrões, desprovidos de compaixão em sua conduta e que não respeitavam restrições, desejaram elegê-lo como seu líder.'"

"Os ladrões disseram, 'Tu conheces os requisitos de tempo e lugar. Tu tens sabedoria e coragem. Tua firmeza também é grande em tudo o que tu empreendes. Seja tu nosso principal dos líderes, respeitado por nós todos. Nós faremos como tu mandares. Nos proteja devidamente, assim como um pai ou mãe.'"

"Kayavya disse, 'Nunca matem uma mulher, ou alguém que por medo se mantém fora da briga, ou uma criança, ou um asceta. Quem se abstém de lutar nunca deve ser morto, nem as mulheres devem ser agarradas ou levadas à força. Nenhum de vocês deve matar uma mulher entre todas as criaturas. Que

Brahmanas sejam sempre abençoados e vocês devem sempre lutar pelo seu bem. A Verdade nunca deve ser sacrificada. Os casamentos de homens nunca devem ser obstruídos. Nenhum dano deve ser infligido àquelas casas nas quais as divindades, os Pitris, e os convidados são cultuados. Entre as criaturas, os Brahmanas merecem ser dispensados por vocês em suas excursões de pilhagem. Por doar até vocês todos, vocês devem adorá-los. Aquele que incorre na ira dos Brahmanas, aquele para quem eles desejam derrota, fracassa em encontrar um salvador nos três mundos. Aquele que fala mal dos Brahmanas e deseja sua destruição, ele mesmo encontra a destruição como a escuridão ao nascer do sol. Residindo aqui, vocês obterão os frutos de sua bravura. Tropas serão enviadas contra aqueles que se recusarem a nos dar nossos tributos. A vara de castigo é destinada aos maus. Ela não é destinada à auto-exaltação. Aqueles que oprimem o deus merecem a morte, é dito. Aqueles que procuram aumentar suas fortunas por afligirem reinos de modos inescrupulosos, logo virão a ser considerados como bichos em um corpo morto. Os ladrões que se comportarem de acordo com estas restrições das escrituras, logo ganharão salvação embora levando uma vida de pilhagem.'"

"Bhishma continuou, 'Aqueles ladrões, assim endereçados, obedeceram todas as ordens de Kayavya. Por desistirem do pecado, eles obtiveram grande prosperidade. Por se comportar de tal maneira por fazer o bem para os honestos e por reprimir os ladrões das práticas más, Kayavya alcançou grande sucesso (no mundo seguinte). Aquele que sempre pensa nesta narrativa de Kayavya não terá que ter medo dos habitantes da floresta, realmente, de nenhuma criatura terrestre. Tal homem não terá que temer nenhuma criatura, ó Bharata! Ele não terá que temer homens perversos. Se tal homem for para a floresta, ele poderá viver lá com a segurança de um rei.'"

136

"Bhishma disse, 'Em relação a isto, isto é, o método pelo qual um rei deve encher sua tesouraria, pessoas conhecedoras das escrituras dos tempos antigos citam os seguintes versos cantados pelo próprio Brahman. A riqueza de pessoas que são dadas à realização de sacrifícios, como também a riqueza dedicada às divindades, nunca deve ser tomada. Um Kshatriya deve tirar a riqueza de pessoas que nunca realizam ritos religiosos e sacrifícios, que são por causa disso consideradas como iguais aos ladrões. Todas as criaturas que habitam a terra e todos os prazeres que pertencem à soberania, ó Bharata, pertencem ao Kshatriya. Toda a riqueza da terra pertence ao Kshatriya, e não a alguma outra pessoa. Aquela riqueza o Kshatriya deve usar para manter seu exército e para a realização de sacrifícios. Arrancando plantas e trepadeiras que não são de alguma utilidade, homens as queimam para cozinhar vegetais que servem como alimento. (O rei deve similarmente, por punir os maus, nutrir os bons.) Homens familiarizados com dever dizem que sua riqueza é inútil quando ela não alimenta, com libações de manteiga clarificada, os deuses, os Pitris, e homens. Um soberano virtuoso, ó rei, deve tomar tal riqueza. Por meio daquela riqueza um grande número de boas

pessoas pode ser satisfeito. Ele não deve, no entanto, acumular aquela riqueza em sua tesouraria. Aquele que faz de si mesmo um instrumento de aquisição e tirando a riqueza dos maus dá para aqueles que são bons é considerado familiarizado com toda a ciência de moralidade. Um rei deve estender suas conquistas no mundo seguinte de acordo com a medida de seu poder, e tão gradualmente como os produtos vegetais são vistos crescerem. Como algumas formigas são vistas aumentarem sem causa adequada, assim mesmo o sacrifício não provém de causa adequada. (O sacrifício procede mais de um desejo interno do que de uma grande soma de dinheiro na tesouraria. Se o desejo existe, o dinheiro vem gradualmente para realizá-lo. A força do símile consiste no fato de que formigas, provavelmente as formigas brancas, são vistas se reunirem e se multiplicarem de nenhuma causa ostensiva.) Como moscas e mosquitos e formigas são expulsos dos corpos das vacas e de outros gados domésticos (na hora de ordenhá-los), assim mesmo as pessoas que são contrárias à realização de sacrifícios devem ser expulsas do reino. Isso é consistente com moralidade. Como o pó que jaz sobre a terra, se socado entre duas pedras, se torna cada vez mais fino, assim as questões de moralidade, quanto mais forem refletidas e discutidas, se tornam cada vez mais refinadas.'"

137

"Bhishma disse, 'Estes dois, isto é, aquele que se previne para o futuro e aquele que possui presença de espírito, sempre desfrutam de felicidade. O homem de procrastinação, no entanto, está perdido. Em relação a isto, escute atentamente a seguinte história excelente de um indivíduo procrastinador na questão de determinar seu rumo de ação. Em um lago que não era muito profundo e cheio de peixes, viviam três peixes Sakula que eram amigos e companheiros constantes. Entre aqueles três um tinha muita prudência e sempre gostava de se precaver para o que estava vindo. Outro era possuidor de grande presença de espírito. O terceiro era procrastinador. Um dia certos pescadores chegando àquele lago começaram a transferir suas águas para um terreno mais baixo através de diversas saídas. Vendo a água do lago diminuindo gradualmente, o peixe que tinha muita previdência, dirigindo-se aos seus dois companheiros naquela ocasião de perigo, disse, 'Um grande perigo está prestes a alcançar todas as criaturas aquáticas que vivem neste lago. Vamos depressa para outro lugar antes que nosso caminho seja obstruído. Quem resiste ao futuro mal pela ajuda de boa política, nunca incorre em perigo sério. Que meus conselhos convençam vocês. Vamos deixar este lugar.' Aquele entre os três que era procrastinador então respondeu, 'Bem falado. No entanto, não há necessidade de tal pressa. Esta é a minha opinião deliberada.' Então o outro peixe, que era notável pela presença de espírito, se dirigiu ao seu companheiro procrastinador e disse, 'Quando chega a hora para alguma coisa, eu nunca falho em me preparar com antecedência de acordo com a política.' Ouvindo as respostas de seus dois companheiros, aquele de grande previdência e inteligência considerável imediatamente saiu por uma correnteza e alcançou outro lago profundo. Os pescadores, vendo que toda a

água tinha sido baldeada, aprisionaram os peixes que permaneceram, por diversos meios. Então eles começaram a agitar a pouca água que restou, e quanto eles começaram a pegar os peixes, o Sakula procrastinador foi capturado com muitos outros. Quando os pescadores começaram a amarrar a um longo barbante os peixes que eles tinham pegado, o Sakula que era notável pela presença de espírito se empurrou para a companhia daqueles que tinham sido assim atados e permaneceu quietamente entre eles, mordendo o barbante, pois ele pensou que ele devia fazer isso para dar a impressão de ter sido apanhado. Os pescadores acreditaram que todos os peixes atados ao barbante tinham sido capturados. Eles então os removeram para uma parte de água profunda para lavá-los. Justamente naquela hora o Sakula eminente pela presença de espírito, deixando o barbante, escapou rapidamente. Aquele peixe, no entanto, que tinha sido procrastinador, tolo e insensato e sem inteligência como ele era, e, portanto, incapaz de fugir, encontrou a morte.'"

"'Assim encontram a destruição, como o peixe procrastinador, todos os que por falta de inteligência não podem pressentir a hora de perigo. O homem, também, que se considerando esperto não procura o seu próprio bem na hora apropriada, incorre em grande perigo como o Sakula que tinha presença de espírito. Então somente estes dois, isto é, o que tem muita previdência e o que tem presença de espírito, conseguem obter felicidade. Aquele, no entanto, que é procrastinador, encontra a destruição. Diversas são as divisões de tempo, tais como Kashtha, Kala, Muhurta, dia, noite, Lava, mês, quinzena, as seis estações, Kalpa, ano. As divisões da terra são chamadas de lugares. O Tempo não pode ser visto. Com relação ao sucesso de qualquer objetivo ou propósito, ele é alcançado ou não de acordo com a maneira pela qual a mente é colocada para pensar nisto. Estes dois, o homem de previdência e o homem de presença de espírito, foram declarados pelos Rishis como os principais dos homens em todos os tratados sobre moralidade e lucro e naqueles que tratam de emancipação. Uma pessoa, no entanto, que faz tudo depois de reflexão e escrutínio, uma pessoa que se utiliza de meios apropriados para a realização de seus objetivos, sempre consegue alcançar muito. Aqueles também que agem com a devida consideração por hora e lugar conseguem alcançar resultados melhores do que o mero homem de previdência e o homem de presença de espírito.'"

138

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó touro da raça Bharata, disseste que a inteligência que se prepara com antecedência para o futuro, assim como aquela que pode se opor a emergências atuais, são sempre superiores, enquanto a protelação ocasiona destruição. Eu desejo, ó avô, saber daquela inteligência superior ajudada pela qual um rei, conhecedor das escrituras e bem versado em moralidade e lucro, não pode ser entorpecido mesmo quando cercado por muitos inimigos. Eu te peço isso, ó chefe da linhagem de Kuru! Cabe a ti me falar sobre isso. Eu desejo ouvir tudo, em conformidade com o que foi declarado nas escrituras, sobre a maneira pela qual um rei deve se comportar quando ele é atacado por muitos inimigos.

Quando um rei cai em infortúnio, um grande número de inimigos, provocados por suas ações passadas, se agrupam contra ele e procuram derrotá-lo. Como pode um rei, fraco e sozinho, conseguir manter sua cabeça erguida quando ele é desafiado de todos os lados por muitos reis poderosos juntos? Como um rei em tais tempos faz amigos e inimigos? Como ele deve, ó touro da raça Bharata, se comportar em tal época com os amigos e inimigos? Quando aqueles que têm indicações de amigos realmente se tornam seus inimigos, o que deve o rei então fazer se ele quer obter felicidade? Com quem ele deve fazer guerra e com quem ele deve fazer paz? Mesmo se ele ser forte, como ele deve se comportar no meio de inimigos? Ó opressor de inimigos, esta eu considero como a maior de todas as questões ligadas com o desempenho dos deveres reais. Há poucos homens para ouvirem a resposta desta questão e ninguém para respondê-la exceto o filho de Santanu, Bhishma, firmemente dedicado à verdade e tendo todos os seus sentidos sob controle. Ó tu que és altamente abençoado, reflita a respeito disso e discorra para mim sobre isso!'"

"Bhishma disse, 'Ó Yudhishthira, esta pergunta é certamente digna de ti. Sua resposta é repleta de grande felicidade. Ouça-me, ó filho, enquanto eu te declaro, ó Bharata, todos os deveres geralmente conhecidos que devem ser praticados em épocas de dificuldade. Um inimigo se torna um amigo e um amigo também se torna um inimigo. O rumo das ações humanas, através da combinação de circunstâncias, se torna muito incerto. Com relação, portanto, ao que deve e ao que não deve ser feito, é necessário que, prestando atenção às necessidades de hora e lugar, se confie em inimigos ou se faça guerra. Um homem deve, enquanto se esforçando, o melhor que pode, fazer amizade com homens de inteligência e conhecimento que desejem seu bem-estar. Ele deve fazer as pazes até com seus inimigos, quando, ó Bharata, sua vida não puder ser salva de outro modo. O homem tolo que nunca faz as pazes com inimigos nunca consegue ganhar algum lucro ou alcançar alguns daqueles resultados pelos quais outros se esforçam. Aquele também que faz as pazes com inimigos e briga até com amigos depois de uma total consideração das circunstâncias, consegue obter grandes resultados. Em relação a isto é citada a antiga história da conversa entre um gato e um rato ao pé de uma figueira-de-bengala (banian).'"

"Bhishma continuou, 'Havia uma grande banian no meio de uma floresta extensa. Coberta com muitas espécies de trepadeiras, ela era o refúgio de diversas espécies de aves. Ela tinha um tronco grande do qual numerosos ramos se estendiam em todas as direções. Encantadora de se olhar, a sombra que ela proporcionava era muito refrescante. Ela ficava no meio da floresta, e animais de diversas espécies viviam sobre ela. Um rato de grande sabedoria, chamado Palita, vivia no pé daquela árvore, tendo feito um buraco lá com cem saídas. Nos ramos da árvore vivia um gato, de nome Lomasa, em grande alegria, devorando diariamente um grande número de aves. Algum tempo depois, um Chandala entrou na floresta e construiu uma cabana para si mesmo. Toda noite depois do pôr do sol ele espalhava suas armadilhas. De fato, espalhando suas redes feitas de cordas de couro ele voltava para sua cabana, e passando uma noite de sono tranquilo, voltava ao local no amanhecer do dia. Diversas espécies de animais

caíam em suas armadilhas todas as noites. E aconteceu um dia que o gato, em um momento de descuido, foi pego na armadilha. Ó tu de grande sabedoria, quando seu inimigo, o gato, que era sempre um inimigo da espécie do rato, foi assim apanhado na rede, o rato Palita saiu de sua toca e começou a vagar por lá destemidamente. Enquanto vagava confiantemente pela floresta à procura de comida, o rato depois de um momento viu a carne (que o Chandala tinha espalhado como isca). Subindo na armadilha, o pequeno animal começou a comer a carne. Rindo mentalmente, ele até ficou sobre seu inimigo envolvido na rede sem auxílio. Concentrado em comer a carne, ele não notou seu próprio perigo, pois quando ele levantou seus olhos de repente ele viu que um inimigo terrível tinha chegado àquele local. Aquele inimigo era ninguém mais do que um mangusto agitado de olhos acobreados, de nome Harita. Vivendo em buracos subterrâneos, seu corpo parecia com a flor de um junco. Atraído àquele local pelo cheiro do rato, o animal foi lá com grande velocidade para devorar sua presa. E ele ficou sobre suas ancas, com a cabeça erguida, lambendo os cantos da boca com a língua. O rato viu ao mesmo tempo outro inimigo que vivia nas árvores, então sobre um ramo da banian. Era uma coruja de rondas noturnas de nome Chandraka e bico afiado. Tendo sido visto pelo mangusto e pela coruja, o rato, muito alarmado, começou a pensar desta maneira: 'Em tal hora de grande perigo, quando a própria morte está me olhando no rosto, quando há medo por todos os lados, como alguém deve agir para o seu próprio bem?' Cercado pelo perigo por todos os lados, vendo medo em todas as direções, o rato, muito alarmado por sua segurança, tomou uma grande decisão: 'Desviando-se até de inúmeros perigos por centenas de meios, uma pessoa deve sempre salvar a própria vida. O perigo, no momento presente, me cerca por todos os lados. Se eu descer desta armadilha para o chão, sem precauções suficientes, o mangusto certamente me agarrará e me devorará. Se eu permanecer sobre esta armadilha, a coruja certamente me agarrará. Se, também, aquele gato conseguir se desemaranhar da rede, ele também irá com certeza me devorar. Não é apropriado, no entanto, que um indivíduo da minha inteligência perca sua presença de espírito. Eu irei, portanto, me empenhar da melhor maneira para salvar minha vida, ajudado por meios e inteligência apropriados. Uma pessoa possuidora de inteligência e sabedoria e conhecedora da ciência de política nunca cai, mesmo que seja grande e terrível o perigo que a ameaça. No momento, no entanto, eu não vejo algum outro refúgio além deste gato. Ele é um inimigo. Mas ele está em perigo. O serviço que eu posso fazer para ele é muito grande. Procurado ser feito uma presa por três inimigos, como eu devo agir agora para salvar minha vida? Eu devo procurar a proteção de um destes inimigos, isto é, o gato. Com a ajuda da ciência de política, que eu aconselhe o gato para o seu bem, para que eu possa, com a minha inteligência, escapar de todos os três. O gato é meu grande inimigo, mas o perigo no qual ele caiu é muito grande. Que eu tente ver se eu consigo fazer esta criatura tola entender seus próprios interesses. Tendo caído em tal infortúnio, ele pode fazer as pazes comigo. Uma pessoa quando afligida por uma mais forte deve fazer as pazes até com um inimigo. Professores da ciência de política dizem que esta deve ser a conduta de uma pessoa que tendo caído em uma situação difícil procura a segurança de sua vida. É melhor ter uma pessoa erudita como inimiga do que um tolo como amigo. Com relação a mim mesmo, minha vida agora está

totalmente nas mãos de meu inimigo, o gato. Eu agora me dirigirei ao gato sobre o assunto de sua própria liberação. Talvez, neste momento, não seja errado tomar o gato por um inimigo inteligente e erudito.' Assim mesmo aquele rato, cercado por inimigos, prosseguiu suas reflexões. Tendo refletido dessa maneira, o rato, conhecedor da ciência de Lucro e bem familiarizado com ocasiões quando a guerra deve ser declarada e a paz deve ser feita, se dirigiu gentilmente ao gato, dizendo, 'Eu me dirijo a ti em amizade, ó gato! Tu estás vivo? Eu desejo que tu vivas! Eu desejo o bem de nós dois. Ó amável, tu não tens motivo para temer. Tu viverás alegremente. Eu te salvarei, se, de fato, tu não me matares. Há um recurso excelente neste caso, o qual se sugere para mim, e pelo qual você pode obter sua fuga e eu posso obter grande benefício. Por refletir seriamente eu descobri este recurso por tua causa e por minha causa, que beneficiará nós dois. Há o mangusto e a coruja, ambos esperando com más intenções. Somente enquanto, ó gato, eles não me atacarem, minha vida estará segura. Lá aquela coruja infame com olhares inquietos e gritos horrendos está me olhando do ramo daquela árvore. Eu estou extremamente assustado por isto. Amizade, em relação aos bons, é de sete passos. (Em relação aos bons homens, eles se tornam amigos imediatamente. Por darem somente sete passos em uma caminhada juntos, dois homens bons se tornam amigos.) Possuidor de sabedoria como tu és, tu és meu amigo. Eu agirei em direção a ti como um amigo. Tu não precisas mais temer. Sem meu auxílio, ó gato, tu não conseguirás rasgar a rede. Eu, no entanto, cortarei a rede para te ajudar, se tu te abstiveres de me matar. Tu tens vivido sobre esta árvore e eu tenho vivido em sua base. Nós dois temos morado aqui por muitos longos anos. Tu sabes tudo isso. Aquele em quem ninguém coloca sua confiança, e aquele que nunca confia em outro, nunca são elogiados pelos sábios. Ambos são infelizes. Por esta razão, que nosso amor um pelo outro aumente, e que haja união entre nós dois. Homens de sabedoria nunca aprovam o esforço para fazer uma ação quando sua oportunidade passou. Saiba que esta é a hora apropriada para tal entendimento entre nós. Eu desejo que tu vivas, e tu também desejas que eu viva. Um homem cruza um rio profundo e grande por meio de um pedaço de madeira. É visto que o homem leva o pedaço de madeira para o outro lado, e o pedaço de madeira também leva o homem ao outro lado. Como este, nosso acordo também trará felicidade para nós dois. Eu te salvarei, e tu também me salvarás.' Tendo dito essas palavras que eram benéficas para ambos, repletas de razão e por causa disso muito aceitáveis, o rato Palita esperou na expectativa de uma resposta.'"

"'Ouvindo essas palavras bem escolhidas, repletas de razão e altamente aceitáveis, que o rato disse, o inimigo do rato possuidor de juízo e previdência, isto é, o gato, falou em resposta. Dotado de grande inteligência, e possuidor de eloquência, o gato, refletindo sobre sua própria situação, elogiou as palavras do orador e o honrou por meio de palavras amáveis em retorno. Possuidor de dentes incisivos afiados e de olhos que pareciam as pedras chamadas lápis lazúli, o gato chamado Lomasa, olhando gentilmente para o rato, respondeu o seguinte: 'Eu estou encantado contigo, ó amável! Abençoado sejas tu que desejas que eu viva! Faça, sem hesitação, o que tu achas que terá consequências benéficas. Eu estou certamente em grande perigo. Tu estás, se possível, em um perigo ainda maior.

Que haja um acordo entre nós sem demora. Eu farei o que for oportuno e necessário para a realização do nosso interesse, ó poderoso! Se tu me resgatares, o serviço não será em vão e eu me colocarei nas tuas mãos. Eu sou dedicado a ti. Eu te visitarei e te servirei como um discípulo. Eu procuro tua proteção e sempre obedecerei às tuas ordens,' Assim endereçado, o rato Palita, se dirigindo ao gato que estava completamente sob seu controle, disse estas palavras de grave significado e sabedoria: 'Tu falaste muito magnanimamente. Isto mal poderia ser inesperado de alguém como tu. Ouça-me enquanto eu revelo o recurso que eu descobri para beneficiar nós dois. Eu me agacharei embaixo do teu corpo. Eu estou extremamente assustado pelo mangusto. Salve-me. Não me mate. Eu sou competente para te resgatar. Proteja-me também da coruja, pois aquela vilã também deseja me agarrar como sua presa. Eu cortarei a armadilha que te enreda. Eu juro pela Verdade, ó amigo!' Ouvindo estas palavras judiciosas repletas de razão, Lomasa, cheio de alegria, olhou para Palita e o elogiou com exclamações cordiais. Tendo louvado Palita, o gato, disposto à amizade, refletiu por um momento, e disse alegremente sem perder qualquer tempo, 'Venha a mim rapidamente! Abençoado sejas, tu és, de fato, um amigo caro para mim como a vida. Ó tu de grande sabedoria, pela tua graça eu quase consegui minha vida de volta. O que quer que esteja em meu poder fazer por ti agora, me diga e eu o farei. Que haja paz entre nós, ó amigo! Livre deste perigo, eu irei, com todos os meus amigos e parentes, fazer tudo o que possa ser agradável e benéfico para ti. O amável, livre deste perigo, eu sem dúvida procurarei te alegrar, e te honrar e cultuar em todas as ocasiões em retorno por teus serviços. Uma pessoa, mesmo por fazer serviços abundantes em retorno, nunca se iguala à pessoa que lhe fez o bem em primeiro lugar. O primeiro faz aqueles serviços por causa dos serviços recebidos. O último, no entanto, deve ser considerado como tendo agido sem nenhum motivo.'"

"Bhishma continuou, 'O rato, tendo assim feito o gato compreender seus próprios interesses, se agachou confiantemente abaixo do corpo de seu inimigo. Possuidor de conhecimento, e assim assegurado pelo gato, o camundongo confiantemente se deitou sob o peito do gato como ele fosse o colo de seu pai ou mãe. Vendo-o assim acomodado sob o corpo do gato, o mangusto e a coruja ficaram sem esperanças de agarrar sua presa. De fato, vendo aquela amizade íntima entre o rato e o gato, ambos, Harita e Chandraka, ficaram alarmados e cheios de surpresa. Ambos tinham força e inteligência. Hábeis em apanhar sua presa, embora próximos, o mangusto e a coruja se sentiram incapazes de afastar o camundongo e o gato daquele acordo. De fato, vendo que o gato e o rato tinham feito aquela aliança para realizarem seus objetivos mútuos, o mangusto e a coruja deixaram aquele local e foram para suas respectivas residências. Depois disto, o rato Palita, conhecedor dos requisitos de tempo e lugar, começou, enquanto estava sob o corpo do gato, a cortar as cordas da armadilha lentamente, esperando a hora apropriada para terminar seu trabalho. Afligido pelas cordas que o envolviam, o gato ficou impaciente ao ver o camundongo cortando lentamente a armadilha. Vendo o rato empenhado tão lentamente no trabalho, o gato desejando acelerá-lo na tarefa, disse: 'Como é, ó amável, que tu não prossegues com pressa em teu trabalho? Tu me desconsideras agora, tendo conseguido teu objetivo? Ó

matador de inimigos, corte estas cordas rapidamente. O caçador logo virá para cá.' Assim endereçado pelo gato que tinha ficado impaciente, o rato possuidor de inteligência disse estas palavras benéficas repletas de seu próprio bem para o gato que não parecia possuir muita sabedoria: 'Espere em silêncio, ó amável! A pressa não é necessária. Abandone todos os teus temores. Nós conhecemos os requisitos de tempo. Nós não estamos perdendo tempo. Quando um ato é iniciado em uma hora imprópria, ele nunca se torna lucrativo quando realizado. A ação, por outro lado, que é começada no tempo apropriado sempre produz resultados esplêndidos. Se tu fores libertado em um momento impróprio, eu terei grande receio de ti. Portanto, espere pela hora apropriada. Não seja impaciente, ó amigo! Quando eu vir o caçador se aproximar deste local armado com armas, eu cortarei as cordas naquele momento de medo para nós dois. Livre então, tu subirás na árvore. Naquela hora tu não pensarás em nada além da segurança da tua vida. E quando tu, ó Lomasa, fugires com medo, eu entrarei em minha toca e tu subirás na árvore.' Assim endereçado pelo rato em palavras que eram benéficas para ele, o gato, possuidor de inteligência e eloquência, e impaciente para salvar sua vida, respondeu para o rato nas seguintes palavras. De fato, o gato, que tinha rapidamente e devidamente feito a sua própria parte no acordo, se dirigindo ao rato que não era diligente em cumprir sua parte, disse, 'Eu te resgatei de um grande perigo com presteza considerável. Ai! Pessoas honestas nunca fazem serviço para seus amigos dessa maneira. Cheios de alegria ao fazerem-no, eles o fazem de outra maneira. Tu deves fazer o que é para o meu bem com maior rapidez. Ó tu de grande sabedoria, te empenhe um pouco mais para que o bem possa ser feito para nós dois. Se, por outro lado, se lembrando da nossa antiga hostilidade tu estás somente esperando a hora para escapulir, saiba, ó indivíduo perverso, que a consequência dessa tua ação certamente diminuirá a duração da tua própria vida! (A virtude prolonga a vida, e pecado e maldade sempre a diminuem. Isto é declarado quase em todos os lugares nas escrituras Hindus.) Se eu alguma vez, antes disto, inconscientemente fiz algum mal para ti, tu não deves manter isto na lembrança. Eu suplico teu perdão. Fique satisfeito comigo.' Depois que o gato tinha dito estas palavras, o rato, possuidor de inteligência e sabedoria e conhecimento das escrituras, disse estas palavras excelentes para ele: 'Eu, ó gato, ouvi o que tu disseste em apoio ao teu próprio objetivo. Escute, no entanto, a mim enquanto eu te digo o que é compatível com os meus próprios objetivos. Aquela amizade na qual há medo e que não pode ser mantida sem medo, deve ser preservada com grande cautela como a mão (do encantador de cobras) das presas da cobra. A pessoa que não se protege depois te ter feito uma aliança com um indivíduo mais forte, constata que aquele compromisso produz dano em vez de benefício. Ninguém é amigo de ninguém; ninguém é benquerente de ninguém; as pessoas se tornam amigas ou inimigas somente por motivos de interesse. Interesses atraem interesses assim como elefantes domesticados capturam indivíduos selvagens de sua espécie. Depois, também, de uma ação ter sido realizada, o fazedor mal é considerado. Por esta razão, todas as ações devem ser feitas de forma que alguma coisa possa permanecer para ser feita. Quando eu te libertar, tu irás, afligido pelo medo do caçador, fugir pela tua vida sem nem pensar em me capturar. Veja, todas as cordas desta rede foram cortadas por mim. Somente resta uma para ser cortada. Eu a cortarei também com pressa. Fique

confortado, ó Lomasa!' Enquanto o rato e o gato estavam falando dessa maneira um com o outro, ambos em sério perigo, a noite passou gradualmente. Um grande medo, no entanto, entrou no coração do gato. Quando finalmente chegou a manhã, o Chandala, cujo nome era Parigha, apareceu em cena. Seu rosto era terrível. Seu cabelo era preto e fulvo. Seus quadris eram muito largos e seu aspecto era muito feroz. De uma boca grande que se estendia de orelha a orelha, e extremamente sujo, suas orelhas eram muito longas. Armado com armas e acompanhado por uma matilha de cachorros, o homem de aparência lúgubre apareceu em cena. Vendo o indivíduo que parecia um mensageiro de Yama, o gato se encheu de medo. Dominado pelo pavor, ele se dirigiu a Palita e disse, 'O que tu farás agora?' O rato muito rapidamente cortou a corda restante que retinha o gato. Livre da armadilha, o gato correu com velocidade e subiu na banian. Palita também, livre daquela situação de perigo e da presença de um inimigo terrível, fugiu rapidamente e entrou em seu buraco. Lomasa enquanto isso tinha subido na árvore alta. O caçador, vendo tudo, pegou a ponta de sua rede. Suas esperanças frustradas, ele também deixou aquele local rapidamente. De fato, ó touro da raça Bharata, o Chandala voltou para sua residência. Livre daquele grande perigo, e tendo obtido de volta sua vida que era assim tão valiosa, o gato dos ramos daquela árvore se dirigiu ao rato Palita então dentro do buraco, e disse, 'Sem ter conversado comigo, tu fugiste de repente. Eu espero que tu não suspeites que eu tenha alguma má intenção. Eu estou certamente grato e tu me fizeste um grande serviço. Tendo me inspirado com confiança e tendo me dado minha vida, por que tu não te aproximas de mim em uma hora quando amigos devem desfrutar da doçura da amizade? Tendo feito amigos, aquele que os esquece depois é considerado uma pessoa má e nunca consegue obter amigos em tempos de perigo e necessidade. Eu, ó amigo, fui honrado e servido por ti da melhor maneira que tu pudesses. Cabe a ti desfrutar da companhia da minha pobre pessoa que se tornou tua amiga. Como discípulos adorando seu preceptor, todos os amigos que eu tenho, todos os meus parentes e amigos, irão te respeitar e venerar. Eu mesmo também te adorarei com todos os teus amigos e parentes. Que pessoa agradecida não adoraria aquele que lhe deu a vida? Sejas tu o senhor do meu corpo e da minha casa. Sejas tu o dono de todas as minhas posses e riquezas. Sejas o meu honrado conselheiro e me ordene como um pai. Eu juro pela minha vida que tu não tens que ter medo de nós. Em inteligência tu és como o próprio Usanas. Pelo poder da tua compreensão tu nos conquistaste. Possuidor de força de política, tu nos deste nossa vida.' Endereçado em tais palavras calmantes pelo gato, o rato, familiarizado com tudo o que era produtivo do maior bem, respondeu nestas palavras gentis que eram benéficas para ele mesmo: 'Eu ouvi, ó Lomasa, tudo o que tu disseste. Escute agora enquanto eu falo o que me parece. Amigos devem ser bem examinados. Inimigos também devem ser bem estudados. Neste mundo, uma tarefa como esta é considerada até pelos eruditos como difícil e dependente de uma inteligência aguçada. Amigos assumem a aparência de inimigos, e inimigos assumem a aparência de amigos. Quando pactos de amizade são formados, é difícil para os partidos compreenderem se os outros partidos são realmente movidos por luxúria e ira. Não há tal coisa como um inimigo. Não há tal coisa em existência como um amigo. É a força das circunstâncias que cria amigos e inimigos. Aquele que considera seus próprios interesses assegurados contanto

que outra pessoa viva e pensa que eles estarão em perigo quando aquela outra pessoa cessar de viver, toma a outra pessoa como um amigo e a considera assim desde que aqueles seus interesses não sejam contrariados. Não há uma condição que mereça permanentemente o nome amizade ou hostilidade. Amigos e inimigos provêm de considerações de interesses e lucro. Amizade se transforma em inimizade com o decorrer do tempo. Um inimigo também se torna um amigo. O egoísmo é muito poderoso. Aquele que deposita uma confiança cega em amigos e sempre se comporta com desconfiança em direção a inimigos, sem prestar nenhuma atenção às considerações de política, percebe que sua vida está sem segurança. Aquele que, desconsiderando todas as considerações de política, coloca seu coração em uma união afetuosa com amigos ou inimigos, vem a ser considerado como uma pessoa cuja compreensão foi confundida. Não se deve depositar confiança em uma pessoa não merecedora de confiança, nem se deve confiar demais em uma pessoa merecedora de confiança. O perigo que provém da confiança cega é tal que este corta as próprias raízes (da pessoa que deposita tal confiança). O pai, a mãe, o filho, o tio materno, o filho da irmã, e outros parentes e amigos, são todos guiados por considerações de interesses e lucro. Pai e mãe podem ser vistos rejeitarem o filho querido se decaído. (Isto é, se expulso da casta por causa de práticas irreligiosas.) As pessoas cuidam de si mesmas. Veja a eficácia do egoísmo. Ó tu que és possuidor de grande sabedoria, é muito difícil a fuga de quem imediatamente depois de estar livre do perigo procura os meios da felicidade de seu inimigo. Tu vieste do topo da árvore para este mesmo local. Tu não pudeste, por frivolidade de compreensão, verificar que uma rede tinha sido espalhada aqui. Uma pessoa, possuidora de frivolidade de compreensão, falha em proteger a si mesma. Como ela pode proteger outros? Tal pessoa, sem dúvida, arruína todas as suas ações. Tu me disseste em palavras gentis que eu sou muito caro para ti. Ouça, no entanto, ó amigo, as razões que existem do meu lado. Alguém se torna querido por uma causa adequada. Alguém se torna um inimigo por uma causa adequada. Todo este mundo de criaturas é movido pelo desejo de ganho (de alguma forma ou de outra). Alguém nunca se torna querido para outro (sem causa). A amizade entre dois irmãos, o amor entre marido e mulher, depende do interesse. Eu não conheço qualquer tipo de afeto entre quaisquer pessoas que não se apóie sobre algum motivo de egoísmo. Se, como é às vezes visto, irmãos ou marido e mulher, tendo discutido, se reconciliam por uma afeição natural, tal coisa não é vista em pessoas não relacionadas umas com as outras. Uma pessoa se torna querida por sua generosidade. Outra por suas palavras gentis. Uma terceira se torna assim por causa de seus atos religiosos. Geralmente, uma pessoa se torna cara pelo propósito que ela serve. O afeto entre nós resultou de uma causa suficiente. Aquela causa não existe mais. Por outro lado, por uma razão suficiente, aquele afeto entre nós acabou. Qual é a razão, eu pergunto, pela qual eu me tornei tão caro para ti, além do teu desejo de fazer de mim tua presa? Tu deverias saber que eu não me esqueci disto. O Tempo arruína razões. Tu procuras teus próprios interesses. Outros, no entanto, possuidores de sabedoria, compreendem seus próprios interesses. O mundo depende dos exemplos dos sábios. Tu não deves dirigir tais palavras para uma pessoa possuidora de erudição e competente para compreender seus próprios interesses. Tu és poderoso. A razão deste afeto que tu demonstraste por mim agora é fora de

propósito. Guiado, no entanto, pelos meus próprios interesses, eu sou firme na paz e na guerra que são eles mesmos muito instáveis. As circunstâncias sob as quais a paz deve ser feita ou a guerra ser declarada mudam tão rapidamente quanto as nuvens mudam sua forma. Neste mesmo dia tu foste meu inimigo. Neste mesmo dia, também, tu foste meu amigo. E neste mesmo dia mais uma vez tu te tornaste meu inimigo. Veja a leviandade das considerações que movem as criaturas vivas. Havia amizade entre nós enquanto havia razão para a sua existência. Aquela razão, dependente do tempo, findou. Sem ela, aquela amizade também findou. Tu és meu inimigo por natureza. Pelas circunstâncias tu te tornaste meu amigo. Aquele estado de coisas já passou. O velho estado de inimizade natural retornou. Inteiramente conhecedor como eu sou dos ditames de política que foram declarados dessa maneira, me diga por que eu deveria entrar hoje, por tua causa, na rede que está espalhada para mim. Pelo teu poder eu fui libertado de um grande perigo. Pelo meu poder tu foste libertado de um perigo similar. Cada um de nós serviu o outro. Não há necessidade de nos unirmos outra vez em um relacionamento amistoso. Ó amável, o objetivo que tu tinhas foi realizado. O objetivo que eu tinha também foi realizado. Tu agora não tens uso para mim exceto me fazer tua refeição. Eu sou teu alimento. Tu és o comedor. Eu sou fraco. Tu és forte. Não pode haver uma união amistosa entre nós quando nós estamos situados tão desigualmente. Eu percebo tua sabedoria. Tendo sido resgatado da rede, tu me elogias para que tu possas conseguir facilmente fazer uma refeição de mim. Tu foste pego na rede por causa do alimento. Tu foste libertado dela. Tu agora sentes uma fome aguda. Tendo recorrido àquela sabedoria que resulta de um estudo das escrituras, tu procuras em verdade me comer hoje. Eu sei que tu estás faminto. Eu sei que esta é tua hora de te alimentares. Tu estás procurando por tua presa, com teus olhos dirigidos para mim. Tu tens filhos e esposas. Tu ainda procuras uma união amistosa comigo e desejas me tratar com afeição e me fazer préstimos. Ó amigo, eu não posso concordar com esta proposta. Me vendo contigo, por que tua cara cônjuge e teus filhos carinhosos não me comeriam alegremente? Eu não irei, portanto, me unir contigo em amizade. A razão para tal união não existe mais. Se, de fato, tu não esqueces meus bons préstimos, pense no que será benéfico para mim e fique satisfeito. Qual pessoa possuidora de alguma sabedoria se colocaria sob o poder de um inimigo que não é famoso pela retidão, que está com fome aguda, e que está à procura de uma presa? Sejas feliz então, eu agora te deixarei. Eu fico alarmado mesmo se eu te vejo de uma distância. Eu não me misturarei contigo, cesse tuas tentativas, ó Lomasa! Se tu achas que eu te fiz um serviço, siga então os ditames de amizade quando possa acontecer de eu vagar confiantemente ou descuidadamente. Isso mesmo será gratidão em ti. Uma residência perto de uma pessoa possuidora de força e poder nunca é aprovada, mesmo se o perigo que existiu for considerado como passado. Eu devo sempre ter receio de alguém mais poderoso do que eu. Se tu não procuras teus próprios interesses (do tipo indicado), me diga então o que eu devo fazer por ti. Eu certamente te darei tudo exceto minha vida. Para proteger a si mesma uma pessoa deve desistir dos próprios filhos, e reino, e jóias, e riqueza. Ela deve sacrificar tudo para proteger a si mesma. Se uma pessoa vive ela pode recuperar toda a riqueza que ela possa ter dado para inimigos para proteger sua vida. Não é desejável desistir da vida

como da riqueza. De fato, a pessoa deve sempre se proteger, como eu já disse, por desistir de suas esposas e riqueza. Pessoas que são conscientes de sua própria proteção e que fazem todos os seus atos depois de uma consideração e pesquisa apropriadas, nunca incorrem em perigo como a consequência de suas ações. Aqueles que são fracos sempre conhecem como um inimigo aquele que possui maior força. Sua inteligência, firme nas verdades das escrituras, nunca perde sua firmeza.'"

"Assim repreendido inteligentemente pelo rato Palita, o gato, corando de vergonha, se dirigiu ao rato e disse as seguintes palavras."

"Lomasa disse, 'Realmente eu te juro que ferir um amigo é, em minha avaliação, muito censurável. Eu conheço tua sabedoria. Eu sei também que tu és dedicado ao meu bem. Guiado pela ciência de Lucro, tu disseste que há causa para um rompimento entre nós. Não cabe a ti, no entanto, ó bom amigo, me tomar pelo que eu não sou. Eu nutro uma grande amizade por ti por tu teres me concedido minha vida. Eu sou, também, conhecedor dos deveres. Eu sou todo apreciador dos méritos de outras pessoas. Eu sou muito grato por serviços recebidos. Eu sou dedicado a servir os amigos. Eu sou, também, especialmente dedicado a ti. Por estas razões, ó bom amigo, cabe a ti se reunir comigo. Se eu for mandado por ti, eu posso, com todos os meus amigos e parentes, sacrificar minha própria vida. Aqueles que são possuidores de erudição e sabedoria vêem grandes razões para colocar sua confiança em pessoas de tal disposição mental como nós. Ó tu que és conhecedor das verdades de moralidade, não cabe a ti nutrir qualquer suspeita em relação a mim.' Assim endereçado pelo gato, o rato, refletindo um pouco, disse estas palavras de grave significado para o último, 'Tu és muitíssimo bom. Eu ouvi tudo o que tu disseste e estou contente em te ouvir. Apesar de tudo isso, no entanto, eu não posso confiar em ti. É impossível para ti, por meio de tais elogios ou por presentes de grande riqueza, me induzir a me unir contigo outra vez. Eu te digo, ó amigo, que aqueles que possuem sabedoria nunca se colocam, quando não há razão suficiente, sob o poder de um inimigo. Uma pessoa fraca tendo feito um acordo com uma mais forte quando ambas são ameaçadas por inimigos, deve (quando o perigo em comum passar) se comportar com cautela e por considerações de política. Tendo alcançado seu objetivo, o mais fraco dos dois partidos não deve depositar confiança no forte novamente. Nunca se deve confiar em uma pessoa que não merece confiança. Nem se deve depositar uma confiança cega em uma pessoa merecedora de confiança. Uma pessoa deve sempre se esforçar para inspirar outras com confiança em si mesma. Ela não deve, no entanto, colocar confiança em inimigos. Por estas razões alguém deve, sob todas as circunstâncias, proteger a si mesmo. As posses e filhos e todas as coisas de uma pessoa somente têm valor enquanto ela está viva. Em resumo, a maior verdade de todos os tratados de política é a desconfiança. Por esta razão, desconfiar de todos produz o maior bem. Por mais que fracas que algumas pessoas possam ser, se elas desconfiarem de seus inimigos, os últimos, mesmo que fortes, nunca conseguem tê-las sob seu poder. Ó gato, alguém como eu deve sempre proteger sua vida de pessoas como tu. Proteja também tua própria vida do Chandala cuja raiva foi excitada.' Quando o rato falou dessa maneira, o gato,

assustado pela menção do caçador, deixando depressa o ramo da árvore, fugiu com grande velocidade. Tendo assim mostrado seu poder de compreensão, o rato Palita também, conhecedor das verdades das escrituras e possuidor de sabedoria, entrou em outro buraco.'"

"Bhishma continuou, 'Assim o rato Palita, possuidor de sabedoria, embora fraco e sozinho, conseguiu frustrar muitos inimigos poderosos. Alguém que possui inteligência e erudição deve fazer as pazes com um inimigo poderoso. O rato e o gato deveram sua fuga à sua confiança nos serviços um do outro. Eu assim te indiquei o curso dos deveres Kshatriya detalhadamente. Escute agora a mim em resumo. Quando duas pessoas que alguma vez estiveram envolvidas em hostilidades fazem as pazes entre si, é certo que cada uma delas tem em seu coração o desejo de levar a melhor sobre a outra. Em tal caso aquela que é possuidora de sabedoria tem êxito, pelo poder de sua inteligência, em superar a outra. Aquela, por outro lado, que é desprovida de sabedoria se permite, por sua desatenção, ser superada pela sábia. É necessário, portanto, que alguém com medo pareça estar destemido, e enquanto realmente desconfiando de outros ele deve parecer ser confiante. Alguém que age com tal atenção nunca dá um passo em falso, ou tropeçando, nunca é arruinado. Quando chega a hora para isto, deve-se fazer as pazes com um inimigo; e quando chega a hora, deve-se travar guerra até com um amigo. Assim mesmo uma pessoa deve se comportar, ó rei, como disseram aqueles que são familiarizados com as considerações de paz (e guerra). Sabendo disso, ó monarca, e mantendo as verdades da escritura em mente, alguém deve, com todos os seus sentidos ao seu redor e sem negligência, agir como uma pessoa com medo antes que a causa de medo se apresente verdadeiramente. Deve-se, antes que o motivo de temor tenha realmente chegado, agir como uma pessoa com medo, e fazer as pazes com inimigos. Tal medo e cautela levam à agudeza de inteligência. Se alguém age como um homem com medo antes que a causa de medo esteja à mão, ele nunca se enche de medo quando aquela causa está realmente presente. Do medo, no entanto, de uma pessoa que sempre age com destemor, um medo muito grande é visto surgir. (Tal homem, quando cheio de temor, se torna incapaz de repelir seus perigos e calamidades. A prudência requere que uma pessoa tema contanto que a causa de temor não esteja à mão. Quando, no entanto, aquela causa se apresenta verdadeiramente, ela deve aplicar sua coragem.) 'Nunca nutra medo', tal conselho nunca deve ser dado a alguém. A pessoa que nutre medo movida por uma consciência de sua fraqueza sempre procura os conselhos de homens sábios e experientes. Por estas razões, deve-se, quando com medo, parecer estar sem medo, e quando desconfiando de (outros) deve-se parecer estar confiante. Não se deve, mesmo em vista dos atos mais graves, se comportar em direção a outros com falsidade. Assim eu narrei para ti, ó Yudhishthira, a antiga história (do rato e do gato). Tendo-a escutado, aja devidamente no meio de teus amigos e parentes. Derivando daquela história uma grande compreensão, e aprendendo a diferença entre amigo e inimigo e o tempo apropriado para guerra e paz, tu deves descobrir os meios de escapar quando oprimido pelo perigo. Fazendo as pazes, em uma época de perigo em comum, com alguém que é poderoso, tu deves agir com consideração apropriada na questão de te unir com o inimigo (quando passar o

perigo em comum). De fato, tendo alcançado teu objetivo, tu não deves confiar no inimigo novamente. Este caminho de política é consistente com o agregado de três (isto é, Virtude, Lucro,e Prazer), ó rei! Guiado por este Sruti, ganhe prosperidade por proteger teus súditos mais uma vez. Ó filho de Pandu, sempre procure a companhia de Brahmanas em todos os teus atos. Os Brahmanas constituem a grande fonte de benefício neste mundo e no próximo. Eles são professores de dever e moralidade. Eles são sempre gratos, ó pujante! Se adorados, eles com certeza te farão bem. Portanto, ó rei, tu deves sempre adorá-los. Tu irás então, ó rei, obter devidamente reino, grande bem, fama, realização e progênie em sua ordem correta. Com olhos dirigidos para essa história de paz e guerra entre o rato e o gato, essa história formulada em palavras excelentes e capaz de afiar a inteligência, um rei deve sempre se comportar no meio de seus inimigos.'"

139

"Yudhishthira disse, 'Tu declaraste, ó poderoso, que nenhuma confiança deve ser colocada em inimigos. Mas como o rei se manteria se ele não confiasse em alguém? Da confiança, ó rei, como tu disseste, surge um grande perigo para os reis. Mas como, ó monarca, um rei pode, sem confiar em outros, vencer seus inimigos? Bondosamente esclareça esta minha dúvida. Minha mente ficou confusa, ó avô, pelo que eu te ouvi dizer sobre o assunto da desconfiança.'"

"Bhishma disse, 'Escute, ó rei, ao que aconteceu na residência de Brahmadatta, isto é, a conversa entre Pujani e o rei Brahmadatta. Havia uma ave chamada Pujani que viveu por um longo tempo com o rei chamado Brahmadatta nos aposentos internos de seu palácio em Kampilya. Como a ave Jivajivaka, Pujani podia imitar os gritos de todos os animais. Embora uma ave por nascimento, ela tinha grande conhecimento e era familiarizada com toda a verdade. Enquanto vivendo lá, ela deu à luz um filho de grande esplendor. Na mesma época o rei também teve um filho de sua rainha. Pujani, que era grata pela proteção do lar do rei, costumava ir todos os dias às margens do oceano e trazer um par de frutas para a nutrição de seu próprio filho e do jovem príncipe. Uma daquelas frutas ela dava para seu filho e a outra ela dava ao príncipe. As frutas que ela trazia eram doces como néctar, e capazes de aumentar a força e a energia. Todos os dias ela as trazia e diariamente ela as dispunha da mesma maneira. O jovem príncipe derivou grande força da fruta dada por Pujani que ele comia. Um dia o príncipe menino, enquanto carregado nos braços de sua babá, viu o pequeno filhote de Pujani. Descendo dos braços da babá, a criança correu em direção à ave, e, movido por impulso infantil, começou a brincar com ela, saboreando muito a diversão. Finalmente, erguendo a ave que tinha a mesma idade que ele em suas mãos, o príncipe espremeu sua jovem vida e então voltou para sua babá. A ave mãe, ó rei, que tinha estado fora em sua busca das frutas habituais, voltando ao palácio, viu seu filhote jazendo no chão, morto pelo príncipe. Vendo seu filho privado de vida, Pujani, com lágrimas correndo por suas bochechas, e coração queimando de dor, chorou amargamente e disse, 'Ai, ninguém deve viver com um

Kshatriya ou fazer amizade com ele ou se deleitar em algum relacionamento com ele. Quando eles têm algum objetivo para cumprir, eles se comportam com cortesia. Quando aquele objetivo foi cumprido eles rejeitam o instrumento. Os Kshatriyas fazem mal para todos. Nunca se deve confiar neles. Mesmo depois de fazer uma injúria eles sempre procuram acalmar e assegurar o prejudicado em vão. Eu certamente me vingarei diretamente, por este ato de hostilidade, neste traidor de confiança ingrato e cruel. Ele é culpado de um pecado triplo por tirar a vida de alguém que nasceu no mesmo dia em que ele e que estava sendo criado com ele no mesmo lugar, que costumava comer com ele, e que era dependente dele por proteção.' Tendo dito estas palavras para si mesma, Pujani, com suas garras, perfurou os olhos do príncipe, e derivando algum consolo daquele ato de vingança, mais uma vez disse, 'Uma ação pecaminosa, cometida de propósito, ataca o fazedor sem qualquer perda de tempo. Aqueles, por outro lado, que se vingam de uma injúria, nunca perdem seu mérito por tal conduta. Se a consequência de uma ação pecaminosa não for vista no próprio perpetrador, ela certamente será vista, ó rei, em seus filhos ou filhos do filho ou filhos da filha.' Brahmadatta, vendo seu filho cegado por Pujani e considerando o ato como uma vingança apropriada pelo que seu filho tinha feito, disse estas palavras para Pujani.'"

"Brahmadatta disse, 'Uma injúria foi feita por nós a ti. Tu te vingaste por fazer uma injúria em retorno. A conta está liquidada. Não deixe esta tua residência. Por outro lado, continue a morar aqui, ó Pujani.'"

"Pujani disse, 'Se uma pessoa tendo uma vez prejudicado outra, continua a morar com aquela outra, aqueles que possuem conhecimento nunca aprovam sua conduta. Sob tais circunstâncias é sempre melhor o ofensor deixar sua antiga moradia. Nunca se deve colocar confiança nas garantias calmantes recebidas de uma pessoa prejudicada. O tolo que confia em tais garantias logo encontra a destruição. A animosidade não se esfria rapidamente. Os próprios filhos e netos de pessoas que prejudicaram umas às outras encontram a destruição (em consequência da disputa descendente como uma herança). Por causa também de tal destruição de sua progênie, eles perdem o mundo seguinte também. Entre homens que prejudicaram uns aos outros, a desconfiança seria produtiva de felicidade. Não se deve confiar de modo algum em alguém que traiu confiança. Não se deve confiar em alguém não digno de confiança; nem se deve confiar demais em uma pessoa digna de confiança. O perigo que provém da confiança cega ocasiona uma destruição que é completa. Um homem deve procurar inspirar outros com confiança em si mesmo. No entanto, ele nunca depositar confiança em outros. Somente o pai e a mãe são os amigos mais importantes. A esposa é meramente um recipiente para colocar as sementes. O filho é somente a semente. O irmão é um inimigo. O amigo ou companheiro precisa ser adulado se for para ele permanecer assim. É a própria pessoa que desfruta ou sofre da própria felicidade ou tristeza. Entre pessoas que feriram umas às outras, não é aconselhável que haja paz (verdadeira). As razões pelas quais eu vivi aqui não existem mais. A mente de uma pessoa que feriu outra uma vez se torna naturalmente cheia de desconfiança, se ela vê a pessoa ofendida adorando-a com

presentes e honras. Tal conduta, especialmente quando mostrada por aqueles que são fortes, sempre enche os fracos de alarme. Uma pessoa possuidora de inteligência deve deixar aquele local onde ela primeiro encontrou honra para em seguida encontrar somente desonra e ofensa. Apesar de alguma honra subsequente que ela possa obter de seu inimigo, ela deve se comportar dessa maneira. Eu tenho morado em tua residência por um longo tempo, sempre honrada por ti. Uma causa de inimizade, no entanto, finalmente surgiu. Eu devo, portanto, deixar este lugar sem qualquer hesitação.'"

"Brahmadatta disse, 'Alguém que faz uma ofensa em retorno por uma ofensa recebida nunca é considerado como ofensor. De fato, o vingador ajusta sua conta por tal conduta. Portanto, ó Pujani, continue a residir aqui sem deixar este lugar.'"

"Pujani disse, 'Nenhuma amizade pode ser consolidada mais uma vez entre uma pessoa que ofendeu e aquela que infligiu uma injúria em retorno. Os corações de nenhuma das duas pode esquecer o que aconteceu.'"

"Brahmadatta disse, 'É necessário que uma união se realize entre um ofensor e o vingador daquela ofensa. A animosidade mútua, a partir de tal união, é vista esfriar. Nenhuma outra ofensa também tem se seguido em tais casos.'"

"Pujani disse, 'A animosidade (nascida de ofensas mútuas) nunca pode morrer. A pessoa ofendida nunca deve confiar em seus inimigos, pensando, 'Ó, eu fui confortado com garantias de afeição.' Neste mundo, homens frequentemente encontram a destruição por causa de confiança (colocada em lugar errado). Por esta razão é necessário que nós não mais encontremos um ao outro. Aqueles que não podem ser reduzidos à submissão pela aplicação de força e armas afiadas, podem ser conquistados por conciliação (insincera) como elefantes (selvagens) através de uma elefanta (domesticada).'"

"Brahmadatta disse, 'Do fato de duas pessoas residirem juntas, mesmo se uma inflige sobre a outra uma ofensa mortal, uma afeição surge naturalmente entre elas, como também confiança mútua como no caso do Chandala e do cachorro. Entre pessoas que prejudicaram umas às outras, residência em comum enfraquece a agudeza da animosidade. De fato, aquela animosidade não dura muito tempo, mas desaparece rapidamente como água derramada sobre a folha de um lótus.'"

"Pujani disse, 'A hostilidade surge de cinco causas. Pessoas possuidoras de erudição sabem disto. Aquelas cinco causas são mulher, terra, palavras duras, incompatibilidade natural, e injúria. (A hostilidade entre Krishna e Sisupala era devida à primeira destas causas, entre os Kurus e os Pandavas à segunda, entre Drona e Drupada à terceira, aquela entre o rato e o gato à quarta, e aquela entre a ave e o rei, na presente história, à quinta.) Quando acontece de a pessoa com quem a hostilidade ocorre ser um homem de generosidade, ele nunca deve ser morto, especialmente por um Kshatriya, abertamente ou por meios velados. Em tal caso, o erro do homem deve ser pesado devidamente. (O ato que levou à hostilidade deve ser considerado calmamente pelo inimigo antes de ele dar vazão à raiva.) Quando surge hostilidade mesmo com um amigo, nenhuma confiança

ulterior deve ser colocada nele. Sentimentos de animosidade existem escondidos como fogo em madeira. Como o fogo Aurvya dentro das águas do oceano, o fogo da animosidade nunca pode ser extinto por presentes de riquezas, por mostra de coragem, por conciliação, ou por conhecimento escritural. O fogo da animosidade, uma vez aceso, o resultado de uma ofensa uma vez infligida, nunca é extinto, ó rei, sem consumir inteiramente uma das partes. Alguém, tendo ferido uma pessoa, nunca deve confiar nela outra vez como uma amiga, mesmo que ela possa ter (depois da ofensa) o adorado com riquezas e honras. O fato da injúria infligida enche de medo o ofensor. Eu nunca te prejudiquei. Tu também nunca me fizeste uma injúria. Por esta razão eu morei em tua residência. Tudo aquilo está mudado, e no momento eu não posso confiar em ti.'"

"Brahmadatta disse, 'É o Tempo que faz todas as ações. As ações são de diversos tipos, e todas elas procedem do Tempo. Quem, portanto, ofende quem? (Se é o Tempo que faz todos os atos não pode haver responsabilidade individual.) Nascimento e Morte acontecem da mesma maneira. As criaturas agem (isto é, nascem e vivem) por causa do Tempo, e é também pelo Tempo que elas cessam de viver. Algumas são vistas morrerem imediatamente. Algumas morrem em um tempo. Algumas são vistas viverem por longos períodos. Como fogo consumindo combustível, o Tempo consome todas as criaturas. Ó senhora abençoada, eu não sou, portanto, a causa da tua tristeza, nem tu és a causa da minha. É o Tempo que sempre ordena o bem e o mal das criaturas incorporadas. Continue então a morar aqui de acordo com tua vontade, com afeição por mim e sem medo de alguma injúria de mim. O que tu fizeste foi perdoado por mim. Perdoe-me também, ó Pujani!'"

"Pujani disse, 'Se o Tempo, de acordo contigo, é a causa de todos os atos, então é claro que ninguém poderia nutrir sentimentos de animosidade em direção a alguém sobre a terra. Eu pergunto, no entanto, por que amigos e parentes procuram vingar eles mesmos os mortos. Por que também os deuses e os Asuras antigamente atingiram uns aos outros em batalha? Se é o Tempo que causa bem e mal e nascimento e morte, por que então médicos procuram aplicar remédios nos doentes? Se é o Tempo que está moldando tudo, que necessidade há de remédios? Por que as pessoas, privadas de sua razão pela dor, se entregam a tais rapsódias delirantes? Se o Tempo, de acordo contigo, é a causa das ações, como mérito religioso pode ser adquirido pelas pessoas realizando atos religiosos? Teu filho matou meu filho. Eu o feri por isso. Por aquele ato, ó rei, eu me tornei sujeita a ser morta por ti. Movida pelo sofrimento por meu filho, eu fiz este dano ao teu filho. Escute agora a razão pela qual eu me tornei sujeita a ser morta por ti. Homens desejam aves ou para matá-las para comer ou para mantê-las em gaiolas por divertimento. Não há terceira razão além de tal matança ou prisão pela qual homens procurariam indivíduos da nossa espécie. Aves, também, por medo de serem mortas ou presas pelos homens, procuram segurança na fuga. Pessoas conhecedoras dos Vedas dizem que morte e prisão são ambas dolorosas. A vida é cara para todos. Todas as criaturas são feitas miseráveis pela dor e aflição. Todas as criaturas desejam felicidade. A tristeza provém de várias fontes. Decrepitude, ó Brahmadatta, é tristeza. A perda de riqueza é tristeza. A

proximidade de qualquer coisa desagradável ou má é tristeza. Separação ou dissociação de amigos e objetos agradáveis é tristeza. A tristeza surge da morte e prisão. A tristeza surge de causas ligadas com mulheres e de outras causas naturais. A tristeza que surge da morte de crianças altera e aflige imensamente todas as criaturas. Algumas pessoas tolas dizem que não há tristeza na tristeza de outros. (Isto é, elas são indiferentes à tristeza de outras pessoas.) Somente quem não sentiu qualquer tristeza ele mesmo pode falar assim no meio de homens. Aquele, no entanto, que tem sentido tristeza e miséria nunca ousaria falar dessa maneira. Alguém que sentiu as dores de todos os tipos de tristeza sente a tristeza dos outros como sua. O que eu te fiz, ó rei, e o que tu me fizeste, não pode ser limpo nem por cem anos. Depois do que nós fizemos um para o outro, não pode haver uma reconciliação. Sempre que acontecer de tu pensares em teu filho, tua animosidade em direção a mim será revigorada. Se uma pessoa, depois de se vingar de uma ofensa, deseja fazer as pazes com o ofendido, as partes não podem ser reunidas devidamente assim como os fragmentos de um vaso de terra. Homens conhecedores das escrituras declaram que confiar nunca produz felicidade. O próprio Usanas cantou dois versos para Prahlada nos tempos passados. Aquele que confia nas palavras, verdadeiras ou falsas, de um inimigo, encontra a destruição como um buscador de mel, em uma cova coberta com grama seca. (Buscadores de mel dirigem suas paradas por colinas e vales por observarem atentamente o curso do vôo de abelhas. Consequentemente eles encontram quedas frequentes.) Animosidades são vistas sobreviverem à própria morte de inimigos, pois pessoas falam das brigas anteriores de seus pais falecidos perante seus filhos sobreviventes. Reis extinguem animosidades por recorrerem à conciliação mas, quando chega a oportunidade, eles quebram seus inimigos em pedaços como jarros de terra cheios de água lançados sobre pedra. Se o rei prejudica uma pessoa, ele nunca deve confiar nela outra vez. Por confiar em uma pessoa que foi prejudicada, alguém tem que sofrer uma grande miséria.'"

"Brahmadatta disse, 'Nenhum homem pode alcançar a realização de algum objetivo por se recusar a confiar (em outros). Por nutrir medo alguém é sempre obrigado a viver como uma pessoa morta.'"

"Pujani disse, 'Alguém cujos pés foram feridos certamente sofrerá uma queda se ele procurar se movimentar, ele só pode se mover com cautela. Um homem que tem olhos feridos, por abri-los contra o vento, os encontra muito atormentados pelo vento. Aquele que, sem conhecer sua própria força, entra em um caminho vicioso e persiste em andar por ele, logo perde sua própria vida como a consequência. O homem que, desprovido de esforço, cultiva sua terra, desconsiderando a estação das chuvas, nunca consegue obter uma colheita. Aquele que come todos os dias alimento que é nutritivo, seja ele amargo ou adstringente ou saboroso ou doce, desfruta de uma vida longa. Aquele, por outro lado, que desconsidera alimento saudável e come aquele que é prejudicial sem olhar para as consequências, logo encontra com a morte. Destino e Esforço existem, dependendo um do outro. Aqueles que são de almas nobres realizam atos bons e grandiosos, enquanto eunucos somente cortejam o Destino. Seja rude ou brando, um ato que é benéfico deve ser feito. O infeliz homem de inação, no

entanto, é sempre oprimido por todos os tipos de calamidade. Portanto, abandonando tudo mais, uma pessoa deve aplicar sua energia. De fato, desconsiderando tudo, homens devem fazer o que é produtivo de bem para si mesmos. Conhecimento, coragem, inteligência, força, e paciência são considerados como amigos naturais de uma pessoa. Aqueles que possuem sabedoria passam suas vidas neste mundo com a ajuda destes cinco. Casas, metais preciosos, terra, esposa, e amigos, estes são citados pelos eruditos como fontes secundárias de bem. Um homem pode obtê-los em todos os lugares. Uma pessoa possuidora de sabedoria pode estar muito satisfeita em todos os lugares. Tal homem brilha em todos os lugares. Ele nunca inspira medo em alguém. Se procurado ser assustado, ele nunca cede ao medo. A riqueza, embora pouca, que é possuída em qualquer tempo por um homem inteligente com certeza aumentará. Tal homem faz todas as ações com inteligência. Por autodomínio, ele consegue alcançar grande fama. Homens de pouca compreensão que mantêm um lar, têm que tolerar esposas rabugentas que comem sua carne como a cria de um caranguejo comendo sua mãe. Há homens que devido à perda de inteligência ficam muito tristes pela probabilidade de deixar o lar. Eles dizem para si mesmos, 'Estes são nossos amigos! Este é nosso país! Ai, como nós iremos deixá-los?' Uma pessoa deve certamente deixar o país de seu nascimento se ele for afligido por praga ou fome. Deve-se viver em seu próprio país, respeitado por todos, ou ir para um país estrangeiro para viver lá. Eu irei, por esta razão, me dirigir para alguma outra região. Eu não ouso viver mais neste lugar, pois eu fiz um grande mal para teu filho. Ó rei, um homem deve de uma distância abandonar uma má esposa, um mau filho, um rei mau, um amigo mau, uma aliança má, e um país mau. Não se deve colocar nenhuma confiança em um mau filho. Que alegria alguém pode ter com uma má esposa? Não pode haver alguma felicidade em um reino mau. Em um país mau não se pode esperar conseguir um meio de vida. Não pode haver companhia duradoura com um amigo mau cujo afeiçoamento é muito incerto. Em uma aliança má, quando não há necessidade para isso, há desgraça. É uma esposa, de fato, aquela que fala somente o que é agradável. É um filho aquele que faz o pai feliz. É um amigo aquele em quem alguém pode confiar. É um país, de fato, aquele onde alguém obtém seu sustento. É um rei de governo perfeito aquele que não oprime, que cuida dos pobres e em cujos territórios não há medo. Esposa, país, amigos, filhos, amigos, e parentes, todos esses um homem pode ter se acontecer de o rei ser possuidor de habilidades e olhos virtuosos. Se acontece de o rei ser pecaminoso, seus súditos, por suas opressões, encontram a destruição. A rei é a base do triplo agregado (Virtude, Riqueza, e Prazer) de uma pessoa. Ele deve proteger seus súditos com cuidado. Pegando deles uma sexta parte de sua riqueza, ele deve proteger eles todos. Aquele rei que não protege seus súditos é realmente um ladrão. Aquele rei que, depois de dar garantias de proteção, não as cumpre, por ganância, aquele soberano de alma pecaminosa, toma sobre ele mesmo os pecados de todos os seus súditos e ao final cai no inferno. O rei, por outro lado, que, tendo dado garantias de proteção, as cumpre, vem a ser considerado como um benfeitor universal por proteger todos os súditos. O senhor de todas as criaturas, isto é, Manu, disse que o rei tem sete atributos: ele é mãe, pai, preceptor, protetor, fogo, Vaisravana e Yama. O rei por se comportar com compaixão em direção a seu povo é chamado de seu pai. O

súdito que se comporta falsamente para com ele toma nascimento em sua próxima vida como um animal ou uma ave. Por fazer bem para eles e por cuidar dos pobres, o rei se torna uma mãe para seu povo. Por chamuscar os maus ele vem a ser considerado como fogo, e por reprimir os pecaminosos ele vem a ser chamado de Yama. Por fazer presentes de riqueza àqueles que são queridos para ele, o rei vem a ser considerado como Kuvera, o concessor de desejos. Por dar instrução sobre moralidade e virtude, ele se torna um preceptor, e por exercer o dever de proteção ele se torna o protetor. Aquele rei que alegra o povo de suas cidades e províncias por meio de suas realizações, nunca é privado de seu reino por tal observância do dever. Aquele rei que sabe como honrar seus súditos nunca sofre de tristeza nem aqui nem após a morte. Aquele rei cujos súditos estão sempre cheios de ansiedade ou sobrecarregados com impostos, e oprimidos por males de todos os tipos, encontra a derrota nas mãos de seus inimigos. O rei, por outro lado, cujos súditos crescem como um lótus grande em um lago, consegue obter todas as recompensas aqui e finalmente encontra honra no céu. Hostilidade com uma pessoa que é poderosa, ó rei, nunca é aprovada. O rei que incorreu na hostilidade de um mais poderoso do que ele mesmo, perde o reino e a felicidade.'"

"Bhishma continuou, 'A ave, tendo dito estas palavras, ó monarca, para o rei Brahmadatta, se despediu do rei e procedeu para a região que ela escolheu. Eu assim narrei para ti, ó principal dos reis, a conversa entre Brahmadatta e Pujani. O que mais tu desejas ouvir?'"

140

"Yudhishthira disse, 'Quando a justiça e os homens, ó Bharata, decaem em consequência do decorrer gradual do Yuga, e quando o mundo é afligido por ladrões, como, ó avô, um rei deve então se comportar?'"

"Bhishma disse, 'Eu te direi, ó Bharata, a política que o rei deve seguir em tais tempos infelizes. Eu te direi como ele deve se conduzir em tal época, rejeitando a compaixão. Em relação a isto é citada a história antiga da conversa entre Bharadwaja e o rei Satrunjaya. Havia um rei chamado Satrunjaya entre os Sauviras. Ele era um grande guerreiro em carro. Indo até Bharadwaja, ele perguntou ao Rishi sobre as verdades da ciência de Lucro, dizendo, 'Como um objeto não adquirido pode ser adquirido? Como também, quando adquirido, ele pode ser aumentado? Como também, quando aumentado, ele pode ser protegido? E como, quando protegido, ele deve ser utilizado?' Assim questionado acerca das verdades da ciência de Lucro, o Rishi regenerado disse as seguintes palavras repletas de razão excelente àquele soberano para explicar aquelas verdades.'"

"O Rishi disse, 'O rei deve sempre ficar com a vara de castigo erguida em sua mão. Ele deve sempre mostrar sua bravura. Ele mesmo sem negligências, ele deve observar as negligências de seus inimigos. De fato, seus olhos devem ser sempre usados para aquele propósito. À visão de um rei que tem a vara de castigo sempre erguida em sua mão, todos são afetados pelo medo. Por esta

razão, o rei deve governar todas as criaturas com a vara de castigo. Homens possuidores de erudição e conhecimento da verdade louvam o Castigo. Então, dos quatro requisitos de governo, isto é, Conciliação, Presentes, Desunião, e Castigo, o Castigo é citado como o principal. Quando o fundamento daquilo que serve como um abrigo é rachado, todos os refugiados perecem. Quando as raízes de uma árvore são cortadas, como os ramos viveriam? Um rei possuidor de sabedoria deve cortar as próprias raízes de seu inimigo. Ele deve então conquistar e trazer sob seu domínio os aliados e partidários daquele inimigo. Quando calamidades alcançam o rei, ele deve, sem perder tempo, deliberar sabiamente, mostrar sua coragem devidamente, lutar com habilidade, e até se retirar com sabedoria. Somente em palavras o rei deve mostrar sua humildade, mas no fundo ele deve ser afiado como uma navalha. Ele deve rejeitar luxúria e ira, e falar gentilmente e brandamente. Quando chega a ocasião para uma relação com um inimigo, um rei possuidor de previdência deve fazer as pazes, sem confiar cegamente nele. Quando o negócio estiver acabado, ele deve se afastar rapidamente do novo aliado. Deve-se conciliar um inimigo com garantias amáveis como se ele fosse um amigo. No entanto, deve-se sempre temer aquele inimigo como se vivesse em um aposento dentro qual há uma cobra. Aquele cuja compreensão é para ser dominada por ti (com a ajuda do teu intelecto) deve ser confortado por garantias dadas no passado. Quem tem uma má compreensão deve ser assegurado por promessas de benefício futuro. A pessoa, no entanto, que possui sabedoria, deve ser assegurada por serviços atuais. A pessoa que está desejosa de alcançar prosperidade deve unir as mãos, jurar, usar palavras gentis, cultuar por baixar sua cabeça, e derramar lágrimas. (Isto é, fazer algum desses ou todos como a ocasião possa requerer.) Um homem deve carregar seu inimigo em seus ombros enquanto a época for desfavorável. Quando no entanto, chegar a oportunidade, ele deve quebrá-lo em pedaços como um jarro de terra sobre uma pedra. É melhor, ó monarca, que um rei se inflame por um momento como carvão de madeira de ébano do que queimar lentamente e fumegar como palhiço por muitos anos. Um homem que tem muitos propósitos para cumprir não deve hesitar em tratar até com uma pessoa ingrata. Se bem sucedido, ele pode desfrutar de felicidade. Se frustrado, ele perde estima. Portanto em realizar os atos de tais pessoas, deve-se, sem fazê-los completamente, sempre deixar alguma coisa incompleta. Um rei deve fazer o que é para o seu bem, imitando um cuco, (por fazer seus próprios amigos ou súditos serem mantidos por outros); um javali, (por arrancar seus inimigos pelas raízes); as montanhas de Meru, (apresentar tal face que ninguém possa ultrapassá-lo); um aposento vazio, (por manter dependências suficientes para armazenar aquisições); um ator, (por assumir diferentes aspectos) e um amigo leal, (em atender os interesses de seus súditos amáveis). O rei deve frequentemente, com aplicação atenta, ir às casas de seus inimigos, e mesmo se calamidades aconteçam a eles, lhes perguntar sobre seu bem. Aqueles que são preguiçosos nunca ganham riqueza; nem os que são desprovidos de coragem e esforço; nem os que são maculados pela vaidade; nem os que temem a impopularidade; nem os que são sempre procrastinadores. O rei deve agir de tal maneira que seu inimigo não consiga descobrir seus pontos fracos. Ele deve, no entanto, observar as negligências de seus inimigos. Ele deve imitar a tartaruga que oculta seus membros. De fato, ele deve sempre esconder

suas próprias falhas. Ele deve pensar em todas as questões ligadas com as finanças como um grou. (O grou fica pacientemente por horas ao lado da água à espera de peixes.) Ele deve aplicar sua bravura como um leão. Ele deve ficar à espera como um lobo e cair sobre e perfurar seus inimigos como uma flecha. Bebida, dados, mulheres, caça, e música, destes ele deve desfrutar judiciosamente. Desejo compulsivo por estes é causador de males. Ele deve fazer arcos com bambus, etc.; ele deve dormir com cautela como o veado; ele deve ser cego quando for necessário que ele seja assim, ou ele deve até ser surdo quando é necessário ser surdo. O rei que possui sabedoria deve mostrar sua bravura, atento à hora e lugar. Se estes não forem favoráveis, bravura se torna inútil. Observando a oportunidade e inoportunidade, refletindo sobre sua própria força e fraqueza, e melhorando sua própria força por compará-la com aquela do inimigo, o rei deve se dirigir à ação. O rei que não esmaga um inimigo reduzido à submissão pela força militar, providencia a própria morte como o caranguejo fêmea quando ela concebe. Uma árvore com flores belas pode carecer de força. Uma árvore carregada de frutos pode ser difícil de subir; e às vezes árvores com frutos verdes parecem com árvores com frutos maduros. Vendo todos esses fatos um rei não deve se permitir ficar deprimido. Se ele se conduzir de tal maneira, ele então conseguirá se manter contra todos os inimigos. O rei deve primeiro fortalecer as esperanças (daqueles que se aproximam como pleiteantes). Ele deve então colocar obstáculos no caminho do cumprimento daquelas esperanças. Ele deve dizer que aqueles obstáculos são simplesmente devidos à ocasião. Ele deve em seguida revelar que aquelas ocasiões são realmente os resultados de causas graves. Enquanto a causa de temor não chegar realmente, o rei deve fazer todos os seus arranjos como uma pessoa inspirada com medo. Quando, no entanto, a causa de temor chegar até ele, ele deve atacar destemidamente. Nenhum homem pode colher benefício sem correr perigo. Se, também, ele conseguir preservar sua vida em meio ao perigo, ele certamente ganhará grandes benefícios. Um rei deve averiguar todos os perigos futuros; quando eles estiverem presentes, ele deve vencê-los; e para que eles não cresçam outra vez, ele deve, mesmo depois de vencê-los, pensar neles como não vencidos. O abandono da felicidade atual e a perseguição daquela que é futura, nunca é a política de uma pessoa possuidora de inteligência. O rei que tendo feito as pazes com um inimigo dorme tranquilamente em verdade é como um homem que dormindo no topo de uma árvore desperta depois de uma queda. Quando um homem cai em desgraça, ele deve se erguer por todos os meios em seu poder, brandos ou rigorosos; e depois de tal ascensão, quando competente, ele deve praticar virtude. O rei deve sempre honrar os inimigos de seus inimigos. Ele deve tomar seus próprios espiões como agentes empregados por seus inimigos. O rei deve cuidar para que seus próprios espiões não sejam reconhecidos por seu inimigo. Ele deve fazer espiões de ateus e ascetas e enviá-los aos territórios de seus inimigos. Ladrões pecaminosos, que pecam contra as leis da justiça e que são incômodos ao lado de todas as pessoas, entram em jardins e lugares de diversão e casas fundadas para dar água potável para viajantes com sede, e em hospedarias públicas e bares e casas de má fama e lugares santos e assembléias públicas. Eles devem ser reconhecidos e presos e suprimidos. O rei não deve confiar na pessoa que não merece confiança nem deve confiar demasiado em uma pessoa que merece confiança. O perigo surge da

confiança. A confiança nunca deve ser colocada sem prévio exame. Tendo por razões plausíveis inspirado confiança no inimigo, o rei deve atingi-lo quando ele der um passo em falso. O rei deve ter medo de quem não há medo; e deve também sempre temer aqueles que devem ser temidos. Temor que provém de alguém não temido pode levar ao extermínio total. Por atenção (à aquisição de mérito religioso), por taciturnidade, pelo traje avermelhado dos ascetas, e usar cabelos emaranhados e peles, deve-se inspirar confiança em um inimigo, e então (quando vier a oportunidade) deve-se saltar sobre ele como o lobo. Um rei desejoso de prosperidade não deve hesitar em matar filho ou irmão ou pai ou amigo, se algum destes procura frustrar seus objetivos. O próprio preceptor, se acontecer de ele ser arrogante, ignorante do que deve e do que não deve ser feito, e um seguidor de caminhos iníquos, merece ser reprimido pelo castigo. Assim como certos insetos de ferrões afiados cortam todas as flores e frutas das árvores sobre as quais eles sentam, o rei deve, depois de ter inspirado confiança em seu inimigo por honras e saudações e presentes, se voltar contra ele e desprovê-lo de tudo. Sem perfurar os próprios órgãos vitais de outros, sem realizar muitos atos severos, sem massacrar criaturas vivas seguindo a maneira do pescador, não se pode adquirir grande prosperidade. Não há espécies separadas de criaturas chamadas de inimigos ou amigos. As pessoas se tornam amigas ou inimigas segundo a força das circunstâncias. O rei nunca deve permitir que seu inimigo escape mesmo que o inimigo se entregue a lamentações comoventes. Ele nunca deve ficar comovido por isso; por outro lado, é seu dever destruir a pessoa que lhe fez uma ofensa. Um rei desejoso de prosperidade deve tomar cuidado em unir a si mesmo tantos homens quanto ele possa, e lhes fazer bem. Em se comportar em direção a seus súditos ele deve ser sempre livre de malícia. Ele deve também, com grande cuidado, punir e controlar os maus e descontentes. Quando ele pretender tirar riqueza, ele deve dizer o que é agradável. Tendo pegado riqueza, ele deve dizer coisas similares. Tendo cortado a cabeça de alguém com sua espada, ele deve sofrer e derramar lágrimas. Um rei desejoso de prosperidade deve atrair outros para si mesmo por meio de palavras gentis, honras, e presentes. Assim ele deve vincular homens ao seu serviço. O rei nunca deve se engajar em disputas inúteis. Ele nunca deve cruzar um rio com a ajuda somente dos seus dois braços. Comer chifres de vaca é inútil e nunca é revigorante. Por comê-los os dentes são quebrados enquanto o paladar não é satisfeito. O agregado triplo (Virtude, Riqueza e Prazer) tem três desvantagens com três adjuntos inseparáveis. Considerando cuidadosamente aqueles adjuntos, as desvantagens devem ser evitadas. (As desvantagens todas provêm de uma busca imprudente de cada um. A Virtude é um impedimento no caminho da Riqueza; a Riqueza fica no caminho da Virtude; e o Prazer fica no caminho de ambas. Os adjuntos inseparáveis dos três, no caso dos comuns, são que a Virtude é praticada como um meio de Riqueza; a Riqueza é procurada como meio de Prazer; e o Prazer é procurado para satisfazer os sentidos. No caso dos realmente sábios, aqueles adjuntos são pureza de alma como o objetivo da Virtude; realização de sacrifícios como o objetivo da Riqueza; e a manutenção do corpo como o objetivo do Prazer.) A quantidade a pagar de uma dívida, o resto de um fogo não apagado, e o restante de inimigos não mortos, repetidamente crescem e aumentam. Portanto, todos aqueles devem ser extintos e exterminados

completamente. A dívida, a qual sempre cresce, é certa de permanecer a menos que totalmente extinta. É o mesmo caso com inimigos derrotados e enfermidades negligenciadas. Estes sempre produzem grandes feitos. (Deve-se, portanto, sempre erradicá-los.) Toda ação deve ser feita minuciosamente. Deve-se estar sempre atento. Tal coisa miúda como um espinho, se mal extraído, leva a uma gangrena persistente. Por massacrar sua população, por arrancar suas estradas e danificá-las de outras maneiras, e por queimar e derrubar suas casas, um rei deve destruir um reino hostil. Um rei deve ver de longe como o urubu, ser imóvel como um grou, vigilante como um cachorro, valente como um leão, temível como um corvo, e penetrar nos territórios de seus inimigos como uma cobra, com facilidade e sem ansiedade. Um rei deve conquistar um herói por unir suas palmas, um covarde por inspirá-lo com medo, e um homem cobiçoso por meio de presentes de riqueza, enquanto com um igual ele deve travar guerra. Ele deve ser cuidadoso em produzir desunião entre os líderes de partidos e em conciliar aqueles que lhe são caros. Ele deve proteger seus ministros da desunião e destruição. Se o rei se torna compassivo as pessoas o desconsideram. Se ele se torna severo, as pessoas sentem isso como uma aflição. A regra é que ele deve ser rigoroso quando a ocasião requerer rigor, e suave quando a ocasião requerer suavidade. Pela suavidade o suave deve ser cortado. Pela suavidade alguém pode destruir aquilo que é feroz. Não há nada que a suavidade a não possa efetuar. Por essa razão, a suavidade é citada como sendo mais afiada do que a ferocidade. O rei que se torna indulgente quando a ocasião requer indulgência e que se torna severo quando severidade é necessária, tem sucesso em realizar todos os seus objetivos, e em eliminar todos os seus inimigos. Tendo atraído a animosidade de uma pessoa possuidora de conhecimento e sabedoria, não se deve tirar conforto da convicção de que está à uma distância (do inimigo). De longo alcance são os braços de um homem inteligente pelos quais ele fere quando ferido. Não se deve procurar cruzar o que realmente não pode ser cruzado. Não se deve arrebatar do inimigo aquilo que o inimigo possa recuperar. Não se deve procurar cavar em absoluto se por cavar não se conseguir chegar à raiz da coisa pela qual se cava. Nunca se deve golpear alguém cuja cabeça alguém não cortaria. Um rei não deve agir sempre dessa maneira. Este rumo de conduta que eu declarei deve ser seguido somente em épocas de dificuldade. Inspirado pelo motivo de fazer o bem para ti eu disse isso para te instruir a respeito de como tu deves te conduzir quando atacado por inimigos.'"

"Bhishma continuou, 'O soberano do reino dos Sauviras, ouvindo estas palavras faladas por aquele Brahmana inspirado com o desejo de lhe fazer bem, obedeceu àquelas instruções alegremente e obteve com seus parentes e amigos uma prosperidade resplandecente.'"

141

"Yudhishthira disse, 'Quando a virtude superior sofre decadência e é desobedecida por todos, quando a injustiça se torna justiça, e a justiça assume a forma do seu contrário, quando todas as restrições salutares desaparecem, e

todas as verdades em relação à virtude são perturbadas e confundidas, quando as pessoas são oprimidas por reis e ladrões, quando homens de todos os quatro modos de vida ficam confusos a respeito de seus deveres, e todos os atos perdem seu mérito, quando os homens vêem causas de medo em todas as direções por causa da luxúria e cobiça e tolice, quando todas as criaturas param de confiar umas nas outras, quando elas matam umas às outras por meios desonestos e enganam umas às outras em suas transações mútuas, quando casas são incendiadas por todo o país, quando os Brahmanas vêm a ser extremamente afligidos, quando as nuvens não despejam uma gota de chuva, quando as mãos de todos estão viradas contra seus vizinhos, quando todas as necessidades da vida caem sob o poder de ladrões, quando, de fato, tal época de infortúnio terrível começa, por quais meios deve viver um Brahmana que não deseja rejeitar a compaixão e seus filhos? Como, de fato, um Brahmana se mantém em tal época? Diga-me isto, ó avô! Como também deve viver o rei em tal tempo quando a pecaminosidade toma conta do mundo? Como, ó opressor de inimigos, o rei deve viver para que ele não possa se afastar da virtude e do lucro?'"

"Bhishma disse, 'Ó tu de braços poderosos, a paz e a prosperidade dos súditos, chuva suficiente e de acordo com as estações, doença, morte e outros temores, são todos dependentes do rei. (Isto é, se acontece de o rei ser bom, prosperidade, etc., são vistos. Por outro lado, se o rei se torna opressivo e pecaminoso, a prosperidade desaparece, e todo o tipo de mal inicia.) Eu também não tenho dúvida disso, ó touro da raça Bharata, que Krita, Treta, Dwapara, e Kali, em relação ao seu início, são todos dependentes da conduta do rei. Quando tal época de miséria como foi descrita por ti começa, o virtuoso deve manter a vida pela ajuda do discernimento. Em relação a isto é citada a antiga história da conversa entre Viswamitra e o Chandala em uma aldeia habitada por Chandalas. Perto do fim de Treta e do início de Dwapara, uma seca terrível ocorreu, se estendendo por doze anos, em consequência do que os deuses tinham ordenado. Naquele tempo que era o fim de Treta e o começo de Dwapara, quando veio o período para muitas criaturas aposentadas pela idade perderem suas vidas, a divindade de mil olhos do céu não despejou chuva. O planeta Vrihaspati começou a se mover em um curso retrógrado, e Soma, abandonando sua própria órbita, retrocedeu em direção ao sul. Nem mesmo uma gota de orvalho podia ser vista, o que dizer então de nuvens reunidas? Os rios todos encolheram até se tornarem córregos estreitos. Em todos os lugares lagos e poços e nascentes desapareceram e perderam sua beleza por causa daquela ordem de coisas que os deuses ocasionaram. A água tendo se tornada escassa, os lugares fundados por caridade para sua distribuição se tornaram desolados. (Na Índia, durante os meses quentes, pessoas caridosas montam abrigos sombreados ao lado de estradas para a distribuição de água fresca e açúcar em estado natural e aveia saturada em água. Entre algumas das principais estradas que correm através do país, uma pessoa ainda pode ver centenas de tais instituições proporcionando verdadeiro alívio para viajantes sedentos.) Os Brahmanas se abstiveram de sacrifícios e da recitação dos Vedas. Eles não mais proferiram Vashats nem realizaram outros ritos propiciatórios. A agricultura e a criação de gado foram abandonados. Mercados e lojas foram abandonados. Estacas para amarrar animais sacrificais

desapareceram. As pessoas não mais coletavam diversos tipos de artigos para sacrifícios. Todos os festivais e diversões pereceram. Em todos os lugares pilhas de ossos eram visíveis e todos os lugares ressoavam com os gritos e berros agudos de criaturas ferozes. (Tais como Rakshasas e Pisachas e aves e feras carnívoras.) As cidades e municípios da terra se tornaram vazios de habitantes. Aldeias e vilas foram incendiadas. Alguns afligidos por ladrões, alguns por armas, e alguns por reis maus, e com medo uns dos outros, começaram a fugir. Templos e lugares de culto ficaram desertos. Os idosos foram expulsos à força de suas casas. Vacas e cabras e ovelhas e búfalos brigavam (por alimento) e pereciam em grandes números. Os Brahmanas começaram a morrer por todos os lados. A proteção estava no fim. Ervas e plantas estavam completamente secas. A terra ficou desprovida de toda sua beleza e extremamente horrível como as árvores em um crematório. Naquele período de terror, quando a virtude não estava em lugar nenhum, ó Yudhishthira, homens com fome perderam a razão e começaram a comer uns aos outros. Os próprios Rishis, desistindo de seus votos e abandonando seus fogos e divindades, e deixando seus retiros nas florestas, começaram a vagar para lá e para cá (à procura de comida). O grande e santo Rishi Viswamitra, possuidor de grande inteligência, vagava desabrigado e afligido pela fome. Deixando sua mulher e filho em um lugar de abrigo, o Rishi vagava, sem fogo (isto é, abandonando seu fogo Homa) e sem lar, e indiferente a alimento puro e impuro. Um dia ele chegou a uma aldeia, no meio de uma floresta, habitada por caçadores cruéis dedicados à matança de vivas criaturas. A pequena vila abundava com jarros quebrados e panelas feitas de terra. Peles de cachorro estavam espalhadas aqui e ali. Ossos e caveiras, reunidos em pilhas, de javalis e jumentos, jaziam em lugares diferentes. Roupas despidas dos mortos estavam em alguns lugares, e as cabanas eram adornadas com guirlandas de flores gastas. (Isto é, flores já oferecidas para as divindades.) Muitas das habitações também estavam cheias de peles abandonadas por cobras. O lugar ressoava com o canto alto de galos e galinhas e o zurro dissonante de jumentos. Aqui e ali os habitantes disputavam uns com os outros, proferindo palavras duras em vozes agudas. Aqui e ali haviam templos de deuses portando desenhos de corujas e outras aves. Ressoando com o tilintar de sinos de ferro, a aldeia abundava com grupos caninos em pé ou deitados por todos os lados. O grande Rishi Viswamitra, incitado pela fome aguda e dedicado à busca de comida, entrou naquela aldeia e se esforçou o melhor que pôde para achar alguma coisa para comer. Embora o filho de Kusika suplicasse repetidamente, ainda assim ele fracassou em obter qualquer carne ou arroz ou frutas ou raízes ou qualquer outro tipo de comida. Ele então, exclamando, 'Ai, grande é a miséria que me alcançou!', caiu de fraqueza naquela aldeia de Chandalas. O sábio começou a refletir, dizendo a si mesmo, 'O que é melhor a fazer agora?' De fato, ó melhor dos reis, o pensamento que o ocupava era dos meios pelos quais ele poderia evitar a morte imediata. Ele viu, ó rei, um grande pedaço de carne, de um cachorro que tinha sido morto recentemente com uma arma, esticado no chão da cabana de um Chandala. O sábio refletiu e chegou à conclusão de que ele devia roubar aquela carne. E ele disse a si mesmo, 'Eu não tenho meios agora de sustentar a vida. O roubo é permitido em uma época de miséria mesmo para uma pessoa eminente. Isso não diminuirá sua glória. Mesmo um Brahmana para salvar sua vida pode fazê-lo. Isso é certo. Em primeiro lugar

deve-se roubar de uma pessoa inferior. Faltando tal pessoa alguém pode roubar de uma igual. Na falta de uma igual, alguém pode roubar até de um homem eminente e justo. Eu irei então, nessa hora quando minha própria vida está diminuindo, roubar esta carne. Eu não vejo demérito em tal roubo. Eu irei, portanto, roubar esta coxa de carne de cachorro.' Tendo tomado esta decisão, o grande sábio Viswamitra se deitou para dormir naquele lugar onde o Chandala estava. Vendo algum tempo depois que a noite tinha avançado e que toda a vila Chandala tinha adormecido, o santo Viswamitra, se levantando quietamente, entrou naquela cabana. O Chandala que a possuía, com os olhos cobertos com muco, estava deitado como alguém adormecido. De aparência desagradável, ele disse estas palavras ríspidas em uma voz quebrada e dissonante.'"

"O Chandala disse, 'Quem está aí, tentando abrir o trinco? Toda a aldeia Chandala está dormindo. Eu, no entanto, estou desperto e não dormindo. Quem quer que tu sejas, tu estás prestes a ser morto.' Estas foram as palavras duras que saudaram os ouvidos do sábio. Cheio de medo, seu rosto carmesim com rubores de vergonha, e seu coração agitado pela ansiedade causada por aquela ação de roubo que ele tinha tentado, ele respondeu, dizendo, 'Ó tu que és abençoado com uma vida longa, eu sou Viswamitra. Eu vim aqui oprimido pela fome aguda. Ó tu de compreensão correta, não me mate, se tua visão estiver clara.' Ouvindo estas palavras daquele grande Rishi de alma purificada, o Chandala ergueu-se em terror de sua cama e se aproximou do sábio. Unindo suas palmas por reverência e com olhos banhados em lágrimas, ele se dirigiu ao filho de Kusika, dizendo, 'O que você procura aqui à noite, ó Brahmana?' Conciliando o Chandala, Viswamitra disse, 'Eu estou extremamente faminto e prestes a morrer de fome. Eu desejo roubar aquela coxa de carne de cachorro. Estando faminto, eu me tornei pecaminoso. Alguém desejoso de comida não tem vergonha. É a fome que está me incitando a esse delito. É por isso que eu desejo levar embora aquela coxa de carne de cachorro. Meus ares vitais estão enfraquecendo. A fome destruiu minha erudição védica. Eu estou fraco e perdi minha razão. Eu não tenho escrúpulo a respeito de comida pura ou impura. Embora eu saiba que isso é pecaminoso, ainda assim eu desejo roubar aquela coxa de carne de cachorro. Depois que eu não consegui obter qualquer esmola, tendo vagado de casa em casa nessa tua aldeia, eu coloquei meu coração nesse ato pecaminoso de roubar esta carne de cachorro. O fogo é a boca dos deuses. Ele é também seu sacerdote. Ele deve, portanto, receber somente coisas que são puras e limpas. Às vezes, no entanto, aquele grande deus se torna um consumidor de tudo. Saiba que eu agora me tornei assim como ele em relação a isso.' Ouvindo estas palavras do grande Rishi, o Chandala respondeu a ele, dizendo, 'Escute-me. Tendo ouvido as palavras de verdade que eu digo, aja de tal maneira que teu mérito religioso não possa perecer. Ouça, ó Rishi regenerado, o que eu te digo acerca do teu dever. Os sábios dizem que um cachorro é menos puro do que um chacal. A coxa, também, de um cachorro, é muito pior do que as outras partes de seu corpo. Isto não foi sabiamente decidido por ti, portanto, ó grande Rishi, este ato que não está de acordo com a virtude, este roubo do que pertence a um Chandala, este roubo, além disso, de comida que é impura. Abençoado sejas, procure algum outro meio de preservar tua vida. Ó grande sábio, que tuas

penitências não sejam destruídas por este teu forte desejo por carne de cachorro. Conhecendo como tu conheces os deveres prescritos nas escrituras, tu não deves fazer um ato cuja consequência é uma confusão de deveres. (Nenhuma das três classes regeneradas deve comer carne de cachorro, se tu a comesses, onde estaria a diferença entre pessoas daquelas classes e homens como Chandalas?) Não abandone a virtude, pois tu és a principal de todas as pessoas observadoras de virtude.' Assim endereçado, ó rei, o grande Rishi Viswamitra, afligido pela fome, ó touro da raça Bharata, mais uma vez disse, 'Muito tempo se passou sem eu ter comido algum alimento. Eu também não vejo nenhum meio de preservar minha vida. Uma pessoa deve, quando ela está morrendo, manter a vida por quaisquer meios em seu poder sem julgar seu caráter. Depois, quando competente, ela deve procurar a aquisição de mérito. Os Kshatriyas devem observar as práticas de Indra. É o dever dos Brahmanas se comportarem como Agni. Os Vedas são fogo. Eles constituem minha força. Eu irei, portanto, comer mesmo esta comida impura para apaziguar minha fome. Aquilo pelo qual a vida pode ser preservada deve certamente ser realizado sem hesitação. A vida é melhor do que a morte. Vivendo, alguém pode adquirir virtude. Desejoso de preservar minha vida, eu desejo, com o total exercício da minha compreensão, comer este alimento impuro. Deixe-me receber tua permissão. Continuando a viver eu procurarei a aquisição de virtude e destruirei por meio de penitências e por conhecimento as calamidades consequentes da minha conduta atual, como os corpos luminosos do firmamento destruindo até a escuridão mais densa.'"

"O Chandala disse, 'Por comer esta comida alguém (como tu) não pode obter uma vida longa. Nem alguém (como tu) pode obter força (de tal comida), nem aquela satisfação que a ambrosia oferece. Procure algum outro tipo de esmola. Não deixe teu coração se inclinar a comer carne de cachorro. O cachorro é certamente um alimento impuro para os membros das classes regeneradas.'"

"Viswamitra disse, 'Qualquer outro tipo de carne não é obtido facilmente durante uma escassez como essa. Além disso, ó Chandala, eu não tenho riqueza (com a qual comprar comida). Eu estou extremamente faminto. Eu não posso mais me movimentar. Eu estou completamente desesperado. Eu penso que todos aqueles seis tipos de sabor serão encontrados naquele pedaço de carne de cachorro.'"

"O Chandala disse, 'Somente as cinco espécies de animais de cinco garras são alimento puro para Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas, como declarado nas escrituras. Não coloque teu coração no que é impuro (para ti).'"

"Viswamitra disse, 'O grande Rishi Agastya, quando faminto, comeu o Asura chamado Vatapi. Eu caí em miséria. Eu estou faminto. Eu irei portanto, comer aquela coxa de carne de cachorro.'"

"O Chandala disse, 'Procure alguma outra esmola. Não cabe a ti fazer tal coisa. Na verdade, tal ato nunca deve ser feito por ti. Se, no entanto, te agradar, tu podes levar este pedaço de carne de cachorro.'"

"Viswamitra disse, 'Aqueles que são chamados de bons são autoridades em questões de dever. Eu estou seguindo seu exemplo. Eu agora considero esta coxa

de cachorro como um alimento melhor do que qualquer coisa que seja altamente pura.'"

"O Chandala disse, 'Aquela que é a ação de uma pessoa iníqua nunca pode ser considerada como uma prática eterna. Aquele que é um ato impróprio nunca pode ser um ato apropriado. Não cometa uma ação pecaminosa por engano.'"

"Viswamitra disse, 'Um homem que é um Rishi não pode fazer o que é pecaminoso. (Agastya era Rishi. Ele não podia fazer o que era pecaminoso.) No presente caso, veado e cachorro, eu penso, são iguais (ambos sendo animais). Eu irei, portanto, comer esta coxa de cachorro.'"

"O Chandala disse, "Solicitado pelos Brahmanas, o Rishi (Agastya) fez aquele ato. Sob as circunstâncias aquilo não podia ser um pecado. É virtude aquilo no qual não há pecado. Além disso, os Brahmanas, que são os preceptores das outras três classes, devem ser protegidos e preservados de todas as maneiras.'"

"Viswamitra disse, 'Eu sou um Brahmana. Este meu corpo é meu amigo. Ele é muito valioso para mim e é digno da minha maior reverência. É pelo desejo de sustentar o corpo que é nutrido por mim o desejo de roubar aquela coxa de cachorro. Tão ávido eu me tornei que eu não tenho mais qualquer medo de ti e de teus confrades violentos.'"

"O Chandala disse, 'Homens sacrificam suas vidas mas eles ainda assim não colocam seus corações em alimento que é impuro. Eles obtêm a realização de todos os seus desejos mesmo neste mundo por conquistarem a fome. Conquiste tu também tua fome e obtenha aquelas recompensas.'"

"Viswamitra disse, 'Em relação a mim mesmo, eu sou cumpridor de votos rígidos e meu coração está estabelecido na paz. Para preservar a base de todo o mérito religioso, eu comerei alimento que é impuro. É evidente que tal ato seria considerado como justo em uma pessoa de alma purificada. Para uma pessoa, no entanto, de alma impura, comer carne de cachorro pareceria pecaminoso. Mesmo se a conclusão à qual eu cheguei estiver errada, (e se eu comer esta carne de cachorro) eu não irei, por aquela ação, me tornar alguém como tu.'"

"O Chandala disse, 'É minha firme conclusão que eu devo me esforçar o melhor que posso para te refrear deste pecado. Um Brahmana, por cometer uma má ação, cai de seu estado elevado. É por isso que eu estou te repreendendo.'"

"Viswamitra disse, 'As vacas continuam a beber, apesar do coaxar das rãs. Tu não podes ter a pretensão de declarar o que constitui a virtude (e o que não constitui). Não seja um auto-elogiador.'"

"O Chandala disse, 'Eu me tornei teu amigo. Somente por esta razão eu estou te aconselhando. Faça o que é benéfico. Não faça, por tentação, o que é pecaminoso.'"

"Viswamitra disse, 'Se tu és um amigo desejoso da minha felicidade, então me levante dessa angústia. Neste caso, cedendo esta coxa de cachorro, e eu poderei me considerar salvo pela ajuda da virtude (e não pela ajuda da pecaminosidade).'"

"O Chandala disse, 'Eu não ouso fazer um presente deste pedaço de carne para ti, nem posso tranquilamente te permitir roubar minha própria comida. Se eu te der esta carne e se tu a aceitares, tu mesmo sendo um Brahmana, nós dois ficaremos sujeitos a cairmos em regiões de desventura no mundo seguinte.'"

"Viswamitra disse, 'Por cometer este ato pecaminoso hoje eu certamente salvarei minha vida que é muito sagrada. Tendo salvado minha vida, eu praticarei virtude depois e limparei minha alma. Diga-me qual destes dois é preferível (morrer sem comida, ou salvar minha vida por comer comida impura).'"

"O Chandala disse: 'No cumprimento dos deveres que pertencem à sua classe ou tribo, a própria pessoa é o melhor juiz (de sua retidão ou impropriedade). Tu mesmo sabes qual dessas duas ações é pecaminosa. Aquele que considera carne de cachorro como comida pura, eu penso, não se absteria de nada em questões de comida!'"

"Viswamitra disse, 'Ao aceitar (um presente impuro) ou em comer (comida impura) há pecado. Quando a vida de uma pessoa, no entanto, está em perigo, não há pecado em aceitar tal presente ou comer tal comida. Além disso, comer comida impura, quando não acompanhado por matança e engano e quando a ação provocará somente uma reprimenda branda, não é caso de muita consequência.'"

"O Chandala disse, 'Se essa é tua razão para comer comida impura, é claro então que tu não respeitas o Veda e a moralidade Arya. Ensinado pelo que tu irás fazer, eu vejo, ó principal dos Brahmanas, que não há pecado em desconsiderar a distinção entre alimento puro e alimento que é impuro.'"

"Viswamitra disse, 'Não é visto que uma pessoa incorre em um pecado grave por comer (comida proibida). Que alguém se torna decaído por beber vinho é somente um preceito verbal (para impedir homens de beberem). As outras ações proibidas (do mesmo tipo), quaisquer que elas sejam, realmente, todos os pecados, não destroem o mérito de alguém.'"

"O Chandala disse, 'A pessoa erudita que rouba carne de cachorro de um lugar indigno (como este), de um infeliz impuro (como eu), de alguém que leva tal vida pecaminosa (como eu), comete um ato que é oposto ao comportamento daqueles que são chamados de bons. Por consequência, também, de sua ligação com tal ato, ele com certeza sofrerá as dores do arrependimento.'"

"Bhishma continuou, 'O Chandala, tendo dito estas palavras ao filho de Kusika, ficou silencioso. Viswamitra então, de entendimento refinado, pegou aquela coxa de carne de cachorro. O grande asceta, tendo se apoderado daquele pedaço de carne de cachorro para salvar sua vida, levou-a para as florestas e desejou comê-lo com sua mulher. Ele resolveu que tendo primeiro gratificado as divindades

segundo os ritos devidos, ele deveria então comer aquela carne de cachorro como lhe aprouvesse. Acendendo um fogo segundo os ritos Brahma, o asceta, de acordo com aqueles ritos que levam o nome de Aindragneya, começou ele mesmo a cozinhar aquela carne em Charu sacrifical. Ele então, ó Bharata, começou as cerimônias em honra dos deuses e dos Pitris, por dividir aquele Charu em tantas porções quanto fossem necessárias, segundo as injunções das escrituras, e por invocar os deuses com Indra encabeçando-os (para aceitarem suas partes). Enquanto isso, o chefe dos celestiais começou a despejar (chuva) copiosamente. Reanimando todas as criaturas por aquelas chuvas, ele fez plantas e ervas crescerem uma vez mais. Viswamitra, no entanto, tendo completado os ritos em honra dos deuses e dos Pitris e tendo-os gratificado devidamente, comeu ele mesmo aquela carne. Queimando todos os seus pecados posteriormente por meio de suas penitências, o sábio, depois de um longo tempo, alcançou o mais extraordinário êxito (ascético). Assim, quando o fim em vista é a conservação da própria vida, alguém de grande alma possuidor de erudição e conhecedor dos meios deve salvar sua própria pessoa infeliz, quando caída em miséria, por todos os meios em seu poder. Por recorrer a tal compreensão uma pessoa deve sempre preservar a própria vida. Uma pessoa, se viva, pode ganhar mérito religioso e desfrutar de felicidade e prosperidade. Por esta razão, ó filho de Kunti, uma pessoa de alma purificada e possuidora de conhecimento deve viver e agir neste mundo, confiando em sua própria inteligência ao discriminar entre virtude e seu oposto.'"

142

"Yudhishthira disse, 'Se aquilo que é tão horrível e que como a mentira nunca deve ser um objeto de respeito, é citado (como dever), então qual ato há do qual eu devo me reprimir? Por que também ladrões não devem ser respeitados então? Eu estou pasmo! Meu coração está aflito! Todos os laços que me ligam à moralidade estão soltos! Eu não posso tranquilizar minha mente e ousar agir da maneira sugerida por você.'"

"Bhishma disse, 'Eu não te instruo em relação ao dever, ensinado pelo que eu ouvi dos Vedas somente. O que eu te disse é o resultado de sabedoria e experiência. Este é o mel que os eruditos colheram. Reis devem colher sabedoria de várias fontes. Uma pessoa não pode realizar seu rumo pelo mundo com a ajuda de uma moralidade que é unilateral. O dever deve provir da compreensão; e as práticas daqueles que são bons devem ser sempre averiguadas, ó filho de Kuru! Preste atenção a estas minhas palavras. Somente reis que são possuidores de inteligência superior podem governar, esperando vitória. Um rei deve se preparar para a observância da moralidade pela ajuda de sua compreensão e guiado por conhecimento derivado de várias fontes. Os deveres de um rei nunca podem ser cumpridos por regras retiradas de uma moralidade que é unilateral. Um rei de mente fraca nunca pode mostrar sabedoria (no cumprimento de seus deveres) por não ter retirado qualquer sabedoria dos exemplos diante dele. A justiça às vezes toma a forma da injustiça. A última também às vezes toma a

forma da primeira. Quem não sabe disso fica confuso quando confrontado por um caso real desse tipo. Antes que a ocasião chegue, deve-se, ó Bharata, compreender as circunstâncias sob as quais a virtude e seu oposto se tornam confusas. Tendo adquirido esse conhecimento, um rei sábio deve, quando vir a ocasião, agir adequadamente, ajudado por seu raciocínio. As ações que ele faz em tal época são mal compreendidas pelas pessoas comuns. Algumas pessoas possuem conhecimento verdadeiro. Algumas pessoas têm conhecimento falso. Determinando realmente a natureza de cada tipo de conhecimento, um rei sábio deriva conhecimento daqueles que são considerados como bons. Aqueles que são realmente violadores da moralidade criticam as escrituras. Aqueles que não têm riqueza proclamam as inconsistências dos tratados sobre aquisição de riqueza. Aqueles que procuram adquirir conhecimento somente para o objetivo de conquistar seu sustento por meio disso, ó rei, são pecaminosos além disso sendo inimigos da moralidade. Homens vis, de inteligência imatura, nunca podem conhecer as coisas realmente, assim como pessoas não conhecedoras das escrituras são incapazes de se orientarem pela razão em todos os seus atos. Com os olhos direcionados para as falhas das escrituras, eles as depreciam. Mesmo que eles entendam o sentido verdadeiro das escrituras, eles ainda têm o hábito de proclamar que as injunções escriturais não são sadias. Tais homens, por vituperarem o conhecimento de outros proclamam a superioridade de seu próprio conhecimento. Eles têm palavras como suas armas e palavras como suas setas e falam como se eles fossem mestres legítimos de suas ciências. Saiba, ó Bharata, que eles são comerciantes em conhecimento e Rakshasas entre homens. Pela ajuda de meros pretextos eles rejeitam aquela moralidade que foi estabelecida por homens bons e sábios. É sabido por nós que os textos de moralidade não são para serem compreendidos por discussão ou pela própria inteligência. O próprio Indra disse que essa é a opinião do sábio Vrihaspati. Alguns são de opinião que nenhum texto escritural foi formulado sem uma razão. Outros também, mesmo que entendam devidamente as escrituras, nunca agem de acordo com elas. Uma classe de homens sábios declara que a moralidade não é nada mais do que o rumo aprovado do mundo. O homem de conhecimento verdadeiro deve descobrir por si mesmo a moralidade declarada para os bons. Se um homem sábio fala de moralidade sob a influência da ira ou confusão de entendimento ou ignorância, até suas opiniões não têm valor. Discursos sobre moralidade feitos com a ajuda de uma inteligência que é derivada da letra e espírito verdadeiros das escrituras, são dignos de louvor e não aqueles que são feitos com a ajuda de qualquer outra coisa. Até as palavras ouvidas de uma pessoa ignorante, se em si mesmas elas forem repletas de sentido, vêm a ser consideradas como pias e sábias. Nos tempos passados, Usanas disse aos Daityas esta verdade, a qual deve remover todas as dúvidas, que escrituras não são escrituras se elas não podem resistir ao teste da razão. A posse ou ausência de conhecimento que está misturado com dúvidas é a mesma coisa. Cabe a ti rechaçar tal conhecimento depois de arrancá-lo pelas raízes. Aquele que não escuta a essas minhas palavras é para ser considerado como alguém que se permitiu ser enganado. Tu não vês que tu foste criado para a realização de atos bravios? Veja a mim, ó filho caro, como, por me dirigir aos deveres da classe de meu nascimento, eu despachei inúmeros Kshatriyas para o céu! Há alguns que não estão contentes comigo por isto. A

cabra, o cavalo e o Kshatriya foram criados por Brahman para um propósito parecido (isto é, para serem úteis para todos). Um Kshatriya, portanto, deve constantemente procurar a felicidade de todas as criaturas. O pecado que se vincula a matar uma pessoa que não deveria ser morta é igual àquele em que se cai por não matar uma que merece ser morta. Tal é a ordem de coisas estabelecida que um rei de mente fraca nunca pensa em observar. Portanto, um rei deve mostrar severidade em fazer todos os seus súditos cumprirem seus respectivos deveres. Se isso não for feito, eles rondarão como lobos, devorando uns aos outros. É um canalha entre Kshatriyas aquele em cujos territórios ladrões circulam pilhando a propriedade de outras pessoas como corvos pegando peixes pequenos da água. Nomeando homens nobres de nascimento possuidores de conhecimento Védico como teus ministros, governe a terra, protegendo teus súditos justamente. Aquele Kshatriya que, ignorante dos costumes e planos estabelecidos, cobra impostos impropriamente de seu povo, é considerado como um eunuco de sua classe. Um rei não deve ser severo nem brando. Se ele governa justamente ele merece louvor. Um rei não deve rejeitar ambas as qualidades; por outro lado, se tornando severo (em ocasiões que exigem severidade), ele deve ser brando quando for necessário ser assim. Doloroso é o cumprimento dos deveres Kshatriya. Eu tenho um grande amor por ti. Tu foste criado para a realização de atos severos. Portanto, governe teu reino. Sakra possuidor de grande inteligência disse que em tempos de infortúnio o grande dever de um rei é castigar os maus e proteger os bons.'"

"Yudhishthira disse, 'Há alguma regra (em relação aos deveres reais) que não deve, de jeito nenhum, ser violada? Eu te pergunto isto, ó principal das pessoas virtuosas! Diga-me, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Uma pessoa deve sempre adorar Brahmanas veneráveis por causa de conhecimento, dedicados a penitências, e ricos em conduta harmoniosa com as injunções dos Vedas. Este, de fato, é um dever sublime e sagrado. Que tua conduta em direção aos Brahmanas seja sempre aquela que tu observas em direção aos deuses. Os Brahmanas, se enfurecidos, podem infligir diversos tipos de males, ó rei. Se eles forem satisfeitos, grande fama será tua parte. Se for o contrário, grande será teu medo. Se gratificados, os Brahmanas se tornam como néctar. Se enfurecidos, eles se tornam como veneno.'"

143

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu de grande sabedoria, ó tu que és conhecedor de todos os tipos de escrituras, me diga qual é o mérito é de alguém que cuida de suplicante que anseia por proteção.'"

"Bhishma disse, 'Grande é o mérito, ó monarca, de cuidar de um suplicante. Tu és digno, ó melhor dos Bharatas, de fazer tal pergunta. Aqueles reis de grande alma de antigamente, isto é, Sivi e outros, ó rei, obtiveram grande bem-aventurança no céu por terem protegido suplicantes. É sabido que um pombo

recebeu com respeito um inimigo suplicante de acordo com os ritos devidos e até o alimentou com sua própria carne.'"

"Yudhishthira disse, 'Como, de fato, um pombo nos tempos passados alimentou um inimigo suplicante com sua própria carne? Qual também foi o fim, ó Bharata, que ele ganhou por tal conduta?'"

"Bhishma disse, 'Escute, ó rei, a esta excelente história que purifica aqueles que a ouvem de todos os pecados, a história, isto é, que o filho de Bhrigu (Rama) narrou para o rei Muchukunda. Essa mesma questão, ó filho de Pritha, tinha sido colocada para o filho de Bhrigu por Muchukunda com devida humildade. A ele desejoso de escutar com humildade, o filho de Bhrigu narrou esta história de como um pombo, ó monarca, ganhou êxito (dando-lhe o direito à bem-aventurança celestial mais sublime).'"

"O sábio disse, 'Ó monarca de braços poderosos, ouça-me enquanto eu narro para ti essa história que está repleta de verdades ligadas com Virtude, Lucro, e Prazer. Um caçador de aves selvagens perverso e terrível, parecendo com o próprio Destruidor, costumava vagar no passado pela grande floresta. Ele era negro como um corvo e seus olhos eram de uma cor sangrenta. Ele parecia com o próprio Yama. Suas pernas eram compridas, seu pés curtos, sua boca grande, e suas bochechas protuberantes. Ele não tinha amigo, nem parente. Ele tinha sido rejeitado por todos eles por causa da vida extremamente cruel que ele levava. De fato, um homem de má conduta deve ser repudiado de longe pelos sábios, pois não se pode esperar que aquele que prejudica a si mesmo faça bem para outros. Aqueles homens cruéis e de alma vil que tiram as vidas de outras criaturas são sempre como cobras venenosas, uma fonte de incômodo para todas as criaturas. Levando suas redes consigo, e matando aves nas florestas, ele costumava vender a carne daquelas criaturas aladas, ó rei (como meio de vida). Seguindo tal conduta, o patife de alma pecaminosa viveu por muitos longos anos sem nem entender a pecaminosidade de sua vida. Acostumado por muitos longos anos a se divertir com sua mulher na floresta seguindo aquela atividade, e estupefato pelo destino, nenhuma outra profissão o agradava. Um dia quando ele estava vagando pela floresta concentrado em seu trabalho, surgiu uma grande tempestade que sacudia as árvores e parecia prestes a arrancá-las. Em um momento nuvens densas apareceram no céu, com clarões de relâmpagos tremulando entre elas, apresentando o aspecto de um mar coberto com barcos e navios de comerciantes. Ele de cem sacrifícios tendo entrado nas nuvens com uma grande provisão de chuva, em um momento a terra ficou inundada com água. Enquanto a chuva ainda caía em torrentes, o caçador perdeu seu juízo pelo medo. Tremendo com frio e agitado pelo medo, ele vagou pela floresta. O matador de aves não conseguiu achar algum lugar alto (que não estivesse sob a água). Os caminhos da floresta estavam todos submersos. Pela força da chuva, muitas aves foram privadas de vida ou caíram no chão. Leões e ursos e outros animais, se utilizando de alguns locais altos que eles tinham encontrado, se deitaram para descansar. Todos os habitantes da floresta se encheram de medo por causa daquela tempestade e chuva terríveis. Assustados e famintos eles vagavam pelas florestas em bandos, pequenos e grandes. O caçador, no entanto, com os membros endurecidos pelo

frio, não podia nem parar onde ele estava nem se mover. Enquanto neste estado ele viu um pombo fêmea jazendo sobre o solo, endurecido com frio. O indivíduo pecaminoso, embora estivesse no mesmo apuro, vendo a ave, a apanhou e prendeu em uma gaiola. Ele mesmo oprimido pela aflição, ele não hesitou em oprimir uma criatura semelhante com aflição. De fato, o patife, somente pela força do hábito, cometeu aquele pecado mesmo em tal momento. Ele então viu no meio daquela floresta uma árvore nobre, azul como as nuvens. Ela era o refúgio de miríades de aves desejosas de sombra e abrigo. Ela parecia ter sido colocada lá pelo Criador para o bem de todas as criaturas como um homem bom no mundo. Logo o céu clareou e ficou coberto com miríades de estrelas, apresentando o aspecto de um lago magnificente alegre com lírios desabrochantes. Olhando para o firmamento claro rico com estrelas, o caçador começou a avançar, ainda tremendo de frio. Vendo o céu sem nuvens, ele olhou para todos os lados, e vendo que a noite já estava sobre si, ele começou a pensar, 'Minha casa está a uma grande distância de onde eu estou.' Ele então resolveu passar a noite sob o abrigo daquela árvore. Curvando-se a ela com mãos unidas, ele se dirigiu àquele monarca da floresta, dizendo, 'Eu sou um suplicante por abrigo a todas as divindades que têm esta árvore como seu refúgio.' Tendo dito estas palavras, ele espalhou algumas folhas para fazer uma cama, e se deitou sobre ela, descansando sua cabeça em uma pedra. Embora oprimido pela aflição, o homem logo adormeceu.'"

144

"Bhishma disse, 'Em um dos ramos daquela árvore, um pombo com penas belas, ó rei, vivia por muitos anos com sua família. Naquela manhã sua esposa tinha saído à procura de alimento mas ainda não tinha voltado. Vendo que a noite tinha chegado e que sua esposa não tinha retornado, a ave começou a se entregar a lamentações: 'Oh, grande foi a tempestade e dolorosa foi a chuva que veio hoje! Ai, tu ainda não retornaste, ó cara esposa! A desgraça está sobre mim, qual pode ser a causa pela qual ela ainda não voltou para nós? Está tudo bem com aquela minha cônjuge querida na floresta? Separado dela, esta minha casa me parece vazia! Uma casa de um chefe de família, mesmo se cheia de filhos e netos e noras e empregados, é considerada vazia se desprovida da dona da casa. A casa de um homem não é seu lar; somente a esposa é o lar de um homem. Uma casa sem a esposa é tão desolada quanto o deserto. Se aquela minha querida esposa, de olhos franjados com vermelho, de plumas multicores, e de voz doce, não voltar hoje, minha própria vida cessará de ser de algum valor. De votos excelentes, ela nunca come antes que eu coma, e nunca se banha antes que eu me banhe. Ela nunca senta antes que eu me sente, e nunca deita antes que eu me deite. Ela se regozija se eu me regozijo, e fica triste quando eu estou triste. Quando eu estou fora ela fica desanimada, e quando eu estou zangado ela não para de falar docemente. Sempre dedicada a seu marido e sempre confiando nele, ela sempre esteve empenhada em fazer o que fosse agradável e benéfico para seu marido. Digna de louvor é aquela pessoa sobre a terra que possui tal cônjuge.

Aquela criatura amável sabe que eu estou cansado e faminto. Dedicada a mim e constante em seu amor, minha cônjuge excelente é extremamente meiga e me adora devotamente. Até a base de uma árvore é o lar de um homem se ele vive lá com sua cônjuge como companheira. Sem um cônjuge, mesmo um palácio é realmente um ermo deserto. Um cônjuge é um companheiro em todas as ações de Virtude, Lucro e Prazer. Quando um homem parte para uma terra desconhecida sua esposa é uma companheira de confiança. É dito que a esposa é a posse mais valiosa do marido. Neste mundo a esposa é a única companheira de seu marido em todos os assuntos da vida. (A idéia é que o homem vem sozinho para o mundo e sai dele sozinho. Somente a esposa é sua verdadeira associada pois só ela é uma participante de seus méritos, e sem ela nenhum mérito pode ser ganho. A idéia Hindu de casamento é uma união completa. A partir do dia do casamento as duas pessoas se tornam um indivíduo para a realização de todos os atos religiosos e outros.) A esposa é sempre o melhor dos remédios que um homem pode ter na doença e na dor. Não há amigo como a esposa. Não há melhor refúgio do que a esposa. Não há melhor aliado no mundo do que a esposa em atos empreendidos para a aquisição de mérito religioso. Aquele que não tem em sua casa uma esposa que é casta e de palavras agradáveis deve ir para as florestas. Para tal homem não há diferença entre casa e ermo.'"

145

"Bhishma disse, 'Ouvindo aquelas lamentações comoventes do pombo na árvore, a pomba capturada pelo caçador começou a dizer para si mesma o seguinte.'"

"A pomba disse, 'Se eu tenho algum mérito ou não, em verdade não há limite para a boa sorte quando meu querido marido fala assim de mim. Não é uma esposa aquela com a qual o marido não está contente. No caso das mulheres, se seus maridos estiverem satisfeitos com elas todas as divindades também estarão. Já que o casamento ocorre na presença do fogo, o marido é a maior divindade da esposa. A esposa com quem seu marido não está satisfeito vem a ser reduzida a cinzas, assim como uma trepadeira adornada com ramos de flores em um incêndio na floresta.' Tendo refletido dessa maneira, a pomba, afligida pelo sofrimento, e presa pelo caçador dentro de sua gaiola, falou assim para seu marido dominado pela dor, 'Eu direi o que é benéfico para ti agora. Ouvindo-me siga meu conselho, ó marido querido, sejas tu o salvador de um suplicante. Este caçador deita aqui perto da tua residência, afligido com frio e fome. Faça a ele os deveres de hospitalidade. O pecado que uma pessoa comete por matar um Brahmana ou aquela mãe do mundo, isto é, uma vaca, é igual àquele em que se incorre por permitir que um suplicante pereça (por falta de ajuda). Tu possuis autoconhecimento. Cabe a alguém como tu, portanto, seguir aquela conduta que foi ordenada para nós como pombos pela ordem de nosso nascimento. (Nossa força, embora pouca, deve ser empregada por nós em desempenhar os deveres de hospitalidade da nossa própria maneira.) É sabido por nós que o chefe de família que pratica a virtude de acordo com a medida de suas habilidades, ganha

regiões inesgotáveis de felicidade após a morte. Tu tens filhos. Tu tens progênie. Ó ave, rejeitando toda a bondade por teu próprio corpo, portanto, e para ganhar virtude e lucro, ofereça culto a este caçador para que seu coração possa ser satisfeito. Ó ave, não te entregue a qualquer sofrimento por minha causa. (Veja, quão insignificante eu sou!) Tu podes continuar a viver, aceitando outras esposas!' A pomba amável, dominada pela tristeza, e olhando para seu marido da gaiola do caçador dentro da qual ela tinha sido presa, disse estas palavras para ele.'"

146

"Bhishma disse, 'Ouvindo aquelas palavras repletas de moralidade e razão que foram faladas por sua esposa, o pombo sentiu grande deleite e seus olhos estavam banhados em lágrimas de alegria. Vendo aquele caçador cuja ocupação era a matança de aves, o pombo o honrou escrupulosamente segundo os ritos prescritos nas ordenanças. Dirigindo-se a ele, ele disse, 'Tu és bem vindo hoje. Diga-me o que eu devo fazer por ti. Tu não deves ficar descontente. Tu estás em casa. (Literalmente 'tu estás em casa', significando 'Eu não pouparei quaisquer esforços para te fazer sentir e desfrutar todos os confortos do lar neste local.) Diga-me rapidamente o que eu devo fazer e qual é teu desejo. Eu te pergunto isto em afeição, pois tu solicitaste abrigo em nossas mãos. Hospitalidade deve ser mostrada até para um inimigo quando ele vai à casa de alguém. A árvore não retira sua sombra nem da pessoa que se aproxima dela para cortá-la. Deve-se, com cuidado escrupuloso, cumprir os deveres de hospitalidade em direção a uma pessoa que anseia por abrigo. De fato, uma pessoa é especialmente obrigada a fazer isso se acontecer de ela levar uma vida familiar que consiste nos cinco sacrifícios. Se uma pessoa, enquanto levando uma vida familiar, por falta de discernimento não realiza os cinco sacrifícios, ela perde, segundo as escrituras, este mundo e o seguinte. Diga-me então confiantemente e em palavras inteligíveis quais são teus desejos. Eu realizarei eles todos. Não coloque teu coração na aflição.' Ouvindo estas palavras da ave, o caçador respondeu para ele, dizendo, 'Eu estou duro de frio. Que providências sejam tomadas para me aquecer.' Assim endereçada, a ave reuniu uma quantidade de folhas secas sobre o solo, e pegando uma única folha em seu bico saiu depressa para ir buscar fogo. Indo a um local onde fogo era mantido, ele obteve um pequeno fogo e voltou ao local. Ele então ateou fogo naquelas folhas secas, e quando elas resplandeceram em chamas vigorosas, ele se dirigiu a seu convidado, dizendo, 'Aqueça teus membros em confiança e sem medo'. Assim endereçado, o caçador disse, 'Assim seja', e se pôs a aquecer seus membros endurecidos. Recuperando (por assim dizer) seus ares vitais o caçador disse para seu anfitrião alado, 'A fome está me afligindo. Eu desejo que tu me dês algum alimento.' Ouvindo suas palavras a ave disse, 'Eu não tenho provisões com as quais apaziguar tua fome. Nós, habitantes das florestas, sempre vivemos do que nós conseguimos a cada dia. Como os ascetas da floresta nós nunca acumulamos para o dia seguinte.' Tendo dito estas palavras, o rosto da ave empalideceu (de vergonha). Ele começou a refletir silenciosamente quanto ao que ele deveria fazer e mentalmente desaprovou seu próprio método de viver.

Logo, no entanto, sua mente se iluminou. Dirigindo-se ao matador de sua espécie, a ave disse, 'Eu te satisfarei. Espere um momento.' Dizendo estas palavras, ele acendeu um fogo com a ajuda de algumas folhas secas, e cheio de alegria, disse, 'Eu ouvi no passado de Rishis de grande alma e deuses e Pitris que há grande mérito em honrar um convidado. Ó amável, seja bondoso para mim. Eu te digo realmente que meu coração está determinado a honrar a ti que és meu convidado.' Tendo tomado esta decisão, a ave de grande alma, com um rosto sorridente, circungirou três vezes aquele fogo e então entrou em suas chamas. Vendo a ave entrar naquele fogo, o caçador começou a pensar, e se perguntou, 'O que eu fiz? Ai, sombrio e terrível será meu pecado, sem dúvida em consequência dos meus próprios atos! Eu sou extremamente cruel e digno de reprovação.' De fato, observando a ave sacrificar suar vida, o caçador, depreciando seus próprios atos, começou a se entregar a lamentações copiosas como tu.'"

147

"Bhishma disse, 'O caçador, vendo o pombo cair dentro do fogo, encheu-se de compaixão e mais uma vez disse, 'Ai, cruel e insensível que eu sou, o que tenho feito! Eu sou certamente um canalha desprezível! Grande será meu pecado por anos eternos!' Entregando-se a tais auto-reprovações ele começou a dizer repetidamente, 'Eu sou indigno de crédito. Minha mente é perversa. Eu sou sempre pecaminoso em minhas resoluções. Ai, abandonando todos os tipos de ocupação honrada, eu me tornei um caçador. Um canalha cruel que sou, sem dúvida, este pombo de grande alma, por sacrificar sua própria vida, me ensinou uma lição importante. Abandonando esposas e filhos, eu certamente rejeitarei meus ares vitais que são tão valiosos. O pombo de grande alma me ensinou aquele dever. Desse dia em diante, negando todo o conforto ao meu corpo, eu irei desgastá-lo assim como um tanque raso na estação do verão. Capaz de suportar fome, sede, e penitências, reduzido à emaciação, e totalmente coberto com veias visíveis, eu praticarei de diversas maneiras tais votos que têm relação com o outro mundo. Ai, por abandonar seu corpo, o pombo me mostrou o culto que deve ser prestado para um convidado. Ensinado por seu exemplo, eu de agora em diante praticarei virtude. A virtude é maior refúgio (de todas as criaturas). De fato, eu praticarei tal virtude como a que era vista no pombo virtuoso, aquela principal de todas as criaturas aladas.' Tendo tomado tal decisão e dito estas palavras, o caçador, outrora de atos violentos, procedeu para fazer uma viagem sem retorno pelo mundo, observando os votos mais rígidos. (Mahaprasthana é literalmente uma partida sem volta. Quando uma pessoa deixa seu lar para vagar pelo mundo até que a morte ponha em fim em suas vagueações, é dito que ela parte em Mahaprasthana.) Ele jogou fora seu bastão sólido, sua vara de ferro de ponta afiada, suas redes e armadilhas, e sua gaiola de ferro, e libertou a pomba que ele tinha capturado e prendido.'"

148

"Bhishma disse, 'Depois que o caçador tinha deixado aquele local, a pomba, lembrando-se de seu marido e atormentada pelo sofrimento por sua causa, chorou copiosamente e se entregou a estas lamentações, 'Eu, ó marido querido, não posso me lembrar de uma única ocasião em que tu me fizeste uma injúria! Viúvas, mesmo se mães de muitas crianças, ainda são miseráveis! Sem seu marido, uma mulher se torna desamparada e um objeto de compaixão para seus amigos. Eu era sempre tratada com carinho por ti, e pelo grande respeito que tu tinhas por mim eu era sempre honrada por ti com palavras gentis, agradáveis, encantadoras, e graciosas. Eu me diverti contigo em vales, em nascentes de rios, e em encantadores topos de árvores. Eu também fui feita feliz por ti enquanto vagando contigo pelos céus. Eu costumava me divertir contigo antes, ó caro marido, mas onde estão aquelas alegrias agora? Limitados são os presentes do pai, do irmão, e do filho para uma mulher. Somente os presentes que seu marido dá para ela são ilimitados. Que mulher não iria, portanto, adorar seu marido? Uma mulher não tem protetor como seu marido, e nenhuma felicidade como seu marido. Abandonando toda a sua riqueza e posses, uma mulher deve tomar seu marido como seu único refúgio. A vida aqui não tem serventia para mim, ó marido, agora que eu estou separada de ti. Que mulher casta iria, quando privada do marido, ousar carregar o peso da vida?' Cheia de tristeza e se entregando a tais lamentações comoventes, a pomba, dedicada a seu marido, se lançou no fogo ardente. Ela então viu seu marido (falecido) adornado com braceletes, sentado em um carro (celeste), e adorado por muitos seres meritórios e de grande alma que estavam em volta dele. De fato, ele estava lá no firmamento, adornado com belas guirlandas, vestido em mantos excelentes, e enfeitado com todos os ornamentos. Ao redor dele estavam inúmeros carros celestes dirigidos por seres que tinham agido meritoriamente enquanto estavam neste mundo. Sentado em seu próprio carro celeste, a ave ascendeu para o céu, e obtendo honras apropriadas aos seus feitos neste mundo, continuou a se divertir em alegria, acompanhado por sua esposa.'"

149

"Bhishma disse, 'O caçador, ó rei, aconteceu de ver aquele casal enquanto sentado em seu carro celestial. Vendo o casal ele se encheu de tristeza (ao pensar em seu próprio infortúnio) e começou a refletir sobre os meios de alcançar o mesmo fim. E ele disse a si mesmo, 'Eu devo, por austeridades como aquelas do pombo, alcançar tal fim sublime!' Tendo tomado esta decisão, o caçador, que tinha vivido da matança de aves, saiu em uma viagem sem volta. Sem qualquer esforço (para obter alimento) e vivendo só do ar, ele rejeitou todas as afeições pelo desejo de alcançar o céu. Depois que ele tinha procedido por alguma distância, ele viu um lago extenso e encantador cheio água de fresca e pura, e adornado com lotos e cheio de diversas espécies de aves aquáticas. Sem dúvida,

a própria visão de tal lago era capaz de matar o desejo de beber de uma pessoa sedenta. Emaciado com jejuns, o caçador, no entanto, ó rei, sem olhar para ele, penetrou alegremente em uma floresta habitada por animais predadores, tendo averiguado previamente sua ampla extensão. Depois que ele tinha entrado na floresta ele foi muito afligido por espinhos pontudos e afiados. Lacerado e cortado por espinhos, e completamente coberto com sangue, ele começou a vagar naquela floresta desprovida de homens mas cheia de animais de diversas espécies. Algum tempo depois, em consequência da fricção de algumas árvores poderosas causada por um vento forte, surgiu um incêndio que se espalhou por toda parte. O elemento furioso, mostrando um esplendor como o que ele assume no fim do Yuga, começou a consumir aquela floresta grande cheia de árvores altas e arbustos e trepadeiras espessos. De fato, com as chamas sopradas pelo vento e miríades de faíscas voando em todas as direções, a divindade que tudo consome começou a queimar aquela floresta densa abundando com aves e feras. O caçador, desejoso de abandonar seu corpo, correu com um coração encantado em direção àquela conflagração que se propagava. Consumido por aquele fogo o caçador se purificou de todos os seus pecados e alcançou, ó melhor dos Bharatas, êxito sublime. A febre de seu coração dissipada, ele finalmente se viu no céu, brilhando em esplendor como Indra no meio de Yakshas e Gandharvas e pessoas coroadas com êxito ascético. Assim, de fato, o pombo e sua cônjuge devotada, com o caçador, ascenderam ao céu por seus atos meritórios. A esposa que assim segue seu marido logo ascende para o céu e brilha lá em esplendor como a pomba da qual eu falei. Essa é a velha história do caçador e do pombo de grande alma. Dessa maneira eles alcançaram um fim altamente meritório por suas ações virtuosas. Nenhum mal acontece à pessoa que escuta todos os dias a esta história ou que a recita todos os dias, mesmo que o erro invada sua mente. (A teoria é que todos os infortúnios surgem originalmente do erro mental o qual nubla a compreensão.) Ó Yudhishthira, ó principal de todas as pessoas virtuosas, a proteção de um suplicante é realmente um ato nobre de mérito. Até o matador de uma vaca, por praticar este dever, pode ser purificado do pecado. Nunca será purificado, no entanto, o homem que mata um suplicante. Por escutar a esta história sagrada e purificadora de pecados uma pessoa se livra da aflição e finalmente alcança o céu.'"

150

"Yudhishthira disse, 'Ó melhor dos Bharatas, quando uma pessoa comete pecado por falta de raciocínio, como ela pode ser purificada disso? Conte-me tudo sobre isto.'"

"Bhishma disse, 'Eu em relação a isto eu recitarei para ti a antiga narrativa, louvada pelos Rishis, do que o regenerado Indrota, o filho de Sunaka, disse para Janamejaya. Havia antigamente um rei possuidor de grande energia, chamado Janamejaya, que era o filho de Parikshit. Aquele senhor de terra em uma ocasião, por falta de raciocínio, tornou-se culpado de matar de um Brahmana. Depois disto, todos os Brahmanas junto com seus sacerdotes o abandonaram. Queimando dia e

noite com remorso, o rei se retirou para as florestas. Abandonado também por seus súditos, ele tomou este passo para conseguir grande mérito. Consumido pelo arrependimento, o monarca passou pelas austeridades mais rígidas. Para se purificar do pecado de Brahmanicídio ele interrogou muitos Brahmanas, e vagou de país em país sobre a terra inteira. Eu agora te contarei a história de sua expiação. Queimando com a lembrança de sua ação pecaminosa, Janamejaya vagou para lá e para cá. Um dia, no decurso de suas vagueações, ele encontrou Indrota, o filho de Sunaka, de votos rígidos, e se aproximando dele tocou seus pés. O sábio, vendo o rei diante de si, o reprovou gravemente, dizendo, 'Tu cometeste um grande pecado. Tu és culpado de feticídio. Por que tu vieste aqui? Que assunto tu tens conosco? Não me toque de nenhuma maneira! Vá, vá embora! Tua presença não nos agrada. Tua pessoa cheira como sangue. A tua aparência é como a de um cadáver. Embora impuro, tu pareces ser puro, e embora morto tu te moves como um vivo! Morto por dentro, tu tens a alma impura, pois estás sempre planejando pecados. Embora tu durmas e despertes, tua vida, no entanto, é passada em grande miséria. Tua vida, ó rei, é inútil. Tu vives muito miseravelmente. Tu foste criado para atos ignóbeis e pecaminosos. Pais desejam filhos pelo desejo de obter diversos tipos de bênçãos, e esperando que eles realizem penitências e sacrifícios, adorem os deuses, e pratiquem renúncia (fazendo caridade). Veja, toda a linhagem de teus ancestrais caiu no inferno por causa das tuas ações. Todas as esperanças que teus ascendentes colocaram em ti foram inúteis. Tu vives em vão, pois tu estás sempre inspirado com ódio e malícia em direção aos Brahmanas, eles, que por adorar a quem os homens obtêm vida longa, fama, e céu. Deixando este mundo (quando chegar a hora), tu terás que cair (no inferno) de cabeça para baixo e permanecer naquela posição por incontáveis anos por consequência das tuas ações pecaminosas. Lá tu serás torturado por urubus e pavões de bicos de ferro. Voltando então para este mundo, tu terás que nascer em uma classe desprezível de criaturas. Se tu pensas, ó rei, que este mundo é nada e que o próximo mundo é a sombra de uma sombra, os seguidores de Yama nas regiões infernais te convencerão, dissipando tua incredulidade.'"

151

"Bhishma disse, 'Assim endereçado, Janamejaya respondeu ao sábio, dizendo, 'Tu repreendes alguém que merece ser repreendido. Tu censuras alguém que é merecedor de censura. Tu reprovas a mim e minhas ações. Eu imploro que tu sejas gracioso em direção a mim. Todos os meus atos têm sido pecaminosos. Eu queimo, no entanto, com o arrependimento como se eu estivesse no meio do fogo ardente! Minha mente, ao lembrar dos meus atos, está extremamente triste. Na verdade, eu estou com muito medo de Yama. Como eu posso suportar viver sem extrair aquele dardo do meu coração? Ó Saunaka, suprimindo toda a tua ira, instrua-me agora. Antigamente eu costumava mostrar respeito pelos Brahmanas. Eu declaro solenemente que eu vou mais uma vez demonstrar o mesmo respeito por ti. Não deixe que minha linhagem seja extinta. Não deixe que a linhagem na

qual eu nasci afunde no pó. Não é apropriado que aqueles que foram injustos com Brahmanas e, pelas injunções dos Vedas, perderam todo o direito ao respeito do mundo e à relação social com seus semelhantes, devam ter algum portador de seus nomes para continuar suas famílias. Eu estou dominado pelo desespero. Eu, portanto, repito a minha decisão (sobre reparar minha conduta). Eu rogo a você que me proteja como sábios que não aceitam presentes protegendo os pobres. Indivíduos pecaminosos se abstendo de sacrifícios nunca alcançam o céu. Deixando (este mundo), eles têm que passar seu tempo nos abismos do inferno como Pullindas e Khasas. (Estas são tribos Mleccha de comportamento impuro.) Ignorante que eu sou, dê-me sabedoria como um preceptor erudito para seu pupilo ou como um pai para seu filho. Fique satisfeito comigo, ó Saunaka!'"

"Saunaka disse, 'Que surpresa há que uma pessoa desprovida de sabedoria faça muitas ações impróprias? Sabendo disso, uma pessoa de sabedoria verdadeira nunca se zanga com as criaturas (quando elas se tornam culpadas de tolice). Por ascender ao topo do palácio da sabedoria, uma pessoa se aflige pelas outras, sendo em si mesma demasiado pura para se tornar um objeto de aflição de outras pessoas. Por sua própria sabedoria alguém examina todas as criaturas no mundo como uma pessoa no topo de uma montanha olhando as pessoas em baixo. A pessoa que se torna um objeto de crítica pelos homens bons, que odeia bons homens e que se esconde de sua vista, nunca consegue obter qualquer bênção e nunca entende a propriedade de ações. Tu sabes que a energia e a nobreza do Brahmana é declarada nos Vedas e em outras escrituras. Aja agora de tal maneira que a tranquilidade de coração possa ser tua e que os Brahmanas sejam teu refúgio. Se os Brahmanas cessarem de estar zangados contigo, eles assegurarão tua felicidade no céu. Se, também, tu te arrependeres de teu pecado, tua visão ficará clara e tu conseguirás ver a virtude.'"

"Janamejaya disse, 'Eu estou arrependido de meus pecados. Eu nunca mais procurarei extinguir a virtude. Eu desejo obter bem-aventurança. Fique satisfeito comigo.'"

"Saunaka disse, 'Dissipando arrogância e orgulho, ó rei, eu desejo que tu demonstres consideração por mim! (Isto é, por minhas instruções.) Empenhe-te no bem de todas as criaturas, sempre te lembrando dos mandatos de retidão. Eu não estou te reprovando por medo ou estreiteza de mente ou avareza. Escute agora, com estes Brahmanas aqui, as palavras de verdade que eu profiro. Eu não peço nada. Eu irei, no entanto, te instruir sobre os caminhos da virtude. Todas as pessoas irão coaxar e zurrar e gritar vergonha sobre mim (pelo que eu vou fazer). Elas até me chamarão de pecaminoso. Meus parentes e amigos me rejeitarão. (Pois era tão grande a repugnância sentida pelo assassino de um Brahmana que até falar com ele era considerado um pecado. Instruir tal homem nas verdades dos Vedas e da moralidade era profanar a própria religião.) Sem dúvida, no entanto, meus parentes e amigos, ouvindo as palavras que eu falar, conseguirão atravessar vigorosamente as dificuldades da vida. Alguns que são possuidores de grande sabedoria irão compreender (meus motivos) corretamente. Saiba, ó filho, quais são meus pontos de vista, ó Bharata, em relação aos Brahmanas. (Depois de me ouvir) aja de tal maneira que eles possam, pelos meus esforços, obter

todas as bênçãos. Também, ó rei, empenhe tua palavra que tu não irás novamente prejudicar os Brahmanas.'"

"Janamejaya disse, 'Eu juro, até tocando teus pés, que eu nunca mais, em pensamentos, palavras, ou ações, ofenderei os Brahmanas.'"

152

"Saunaka disse, 'Por essas razões eu te falarei sobre virtude, para ti cujo coração tem estado extremamente agitado. Possuidor de conhecimento e grande força, e com um coração contente, tu procuras virtude por tua própria vontade. Um rei, primeiro sendo extremamente severo, então mostra compaixão e faz o bem para todas as criaturas por seus atos. Isto é certamente muito admirável. O povo diz que um rei que começa com severidade queima o mundo inteiro. Antes tu eras severo. Mas tu volveste teus olhos para a virtude agora. Abandonando comida luxuosa e todos os artigos de prazer, tu te dirigiste por um longo tempo para penitências rígidas. Tudo isso, ó Janamejaya, seguramente parece extraordinário para aqueles reis que estão afundados em pecado. Que aquele que tem riqueza deva se tornar generoso, ou aquele que é dotado de riqueza de ascetismo deva se tornar relutante em gastá-la, não é surpreendente em absoluto. É dito que esses dois não vivem muito longe um do outro. (Isto é, a mesma causa que faz uma pessoa afluente caridosa opera para fazer um asceta cuidadoso do tipo de riqueza que ele tem.) Aquilo que é precipitado produz miséria em abundância. Aquilo, por outro lado, que é realizado com a ajuda do raciocínio correto leva a resultados excelentes. Sacrifício, caridade, compaixão, os Vedas, e a verdade, ó senhor da terra, estes cinco, são purificadores. O sexto é penitência bem realizada. Este último, ó Janamejaya, é altamente purificador para reis. Por se dirigir a isto devidamente, tu seguramente ganharás grande mérito e bem-aventurança. Visitar lugares sagrados também foi citado como sendo altamente purificador. Com relação a isto são citados os seguintes versos cantados por Yayati: 'O mortal que ganhar vida e longevidade deve, depois de ter realizado sacrifícios com devoção, renunciar a eles (na velhice) e praticar penitências.' O campo de Kuru é citado como sagrado. O rio Saraswati é citado como sendo mais ainda. Os tirthas do Saraswati são mais sagrados do que a própria Saraswati; e o tirtha chamado Prithudaka é mais sagrado do que os tirthas do Saraswati. Alguém que se banhou no Prithudaka e bebeu suas águas não terá que sofrer por uma morte prematura. Tu deves ir para Mahasaras, para todos os tirthas designados pelo nome de Pushkara, para Prabhasa, ao lago do norte Manasa, e para Kalodaka. Tu irás então recuperar a vida e adquirir longevidade. O lago Manasa está no local onde o Saraswati e o Drisadwati se misturam um com o outro. Uma pessoa possuidora de conhecimento Védico deve se banhar nesses lugares. Manu disse que a generosidade é o melhor de todos os deveres e que a renúncia é melhor do que a generosidade. Em relação a isto é citado o seguinte verso composto por Satyavat. (Uma pessoa deve agir) como uma criança cheia de simplicidade e desprovida de mérito ou pecado. Em relação a todas as criaturas não há nem tristeza nem felicidade. (Aquilo que é chamado de tristeza e aquilo que é chamado de felicidade

são os resultados de uma imaginação perturbada.) Essa mesma é a natureza verdadeira de todas as criaturas vivas. De todas as criaturas, são superiores as vidas daquelas que se dirigiram à renúncia e que se abstiveram das ações meritórias e pecaminosas. Eu agora te direi aquelas ações que são melhores para um rei. Por empregar teu poder e generosidade conquiste o céu, ó rei! O homem que possui os atributos de poder e energia consegue alcançar a virtude. Governe a terra, ó rei, por causa dos Brahmanas e pela felicidade. Tu costumavas antigamente condenar os Brahmanas. Gratifique-os agora. Embora eles tenham gritado vergonha sobre ti e embora ele tenham te abandonado, ainda assim, guiado pelo conhecimento do eu, te empenhe solenemente para nunca ofendê-los. Envolvido em atos apropriados para ti, procure o que é para o teu maior bem. Entre os soberanos, alguns se tornam tão frios quanto a neve; alguns, tão ferozes quanto o fogo; alguns se tornam como um arado (arrancando todos os inimigos); e alguns, também, se tornam como um raio (queimando subitamente seus inimigos). Quem deseja impedir a autodestruição nunca deve se misturar com indivíduos vis, por razões gerais ou específicas. De um ato pecaminoso cometido uma única vez, alguém pode se purificar por se arrepender disso. De um ato pecaminoso cometido duas vezes, uma pessoa pode se purificar por jurar nunca cometê-lo outra vez. De tal ato cometido três vezes, ela pode se purificar pela decisão de se comportar corretamente mesmo posteriormente. Por cometer tal ação repetidamente, uma pessoa pode se purificar por uma viagem para lugares sagrados. Alguém desejoso de obter prosperidade deve fazer tudo o que resulta em bem-aventurança. Aqueles que vivem entre odores fragrantes se tornam eles mesmos fragrantes por consequência. Aqueles, por outro lado, que vivem no meio de fedor imundo se tornam eles mesmos imundos. Alguém dedicado à prática de penitências ascéticas é logo purificado de todos os pecados. Por cultuar o fogo (homa) por um ano, alguém maculado por diversos pecados se torna purificado. Alguém culpado de feticídio é purificado por cultuar o fogo por três anos. Alguém culpado de feticídio se purifica até a cem Yojanas de Mahasaras, ou dos tirthas chamados Pushkara, ou Prabhasa, ou Manasa no norte, se ele somente sai para algum deles. Um matador de criaturas é purificado de seus pecados por salvar do perigo iminente tantas criaturas daquela espécie específica quanto as que foram mortas por ele. Manu disse que por mergulhar em água depois de recitar três vezes os mantras Aghamarshana, uma pessoa obtém os frutos do banho final em um Sacrifício de Cavalo. (Esses mantras formam uma parte da prece da manhã, do meio-dia e da noite de todo Brahmana. Aghamarshana era um Rishi Védico de grande santidade.) Tal ação logo purifica uma pessoa de todos os seus pecados, e ela recupera em consequência a estima do mundo. Todas as criaturas se tornam obedientes a tal pessoa como idiotas impotentes (obedientes àqueles que os circundam). Os deuses e os Asuras, antigamente, se aproximando do preceptor celeste Vrihaspati, ó rei, humildemente lhe perguntaram, dizendo, 'Tu conheces, ó grande Rishi, os frutos da virtude, como também os frutos daqueles outros atos que levam ao inferno no mundo seguinte. Não consegue se libertar de mérito e pecado a pessoa para quem os dois (prosperidade e dor) são iguais? Nos diga, ó nobre Rishi, quais são os frutos da virtude, e como uma pessoa correta dissipa seus pecados.'"

"Vrihaspati respondeu, 'Se tendo cometido um pecado por tolice, alguém faz atos meritórios compreendendo sua natureza, ele consegue, por tal virtude, se purificar do pecado assim como um pedaço de tecido sujo é limpo por meio de alguma substância salina. Não se deve contar vantagem depois de ter cometido pecado. Por recorrer à fé e por se livrar da malícia, uma pessoa consegue obter bem-aventurança. A pessoa que cobre as falhas, até quando expostas, de bons homens, obtém bem-aventurança mesmo depois de ter cometido erros. Como o nascer do sol de manhã dissipa a escuridão, alguém dissipa todos os seus pecados por agir honradamente.'"

"Bhishma continuou, 'Indrota, o filho de Sunaka, tendo dito essas palavras ao rei Janamejaya, o ajudou, por seu sacerdócio, no desempenho do Sacrifício de Cavalo. O rei, purificado de seus pecados e recuperando bem-aventurança, brilhou com esplendor como um fogo ardente, e aquele matador de inimigos então entrou em seu reino como Soma em sua forma cheia entrando no céu.'"

153

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó avô, já viste ou ouviste de algum mortal devolvido à vida depois de ter sucumbido à morte?'"

"Bhishma disse, 'Escute, ó rei, a esta história da conversa entre um urubu e um chacal como aconteceu antigamente. De fato, a ocorrência foi na floresta de Naimisha. Era uma vez um Brahmana que tinha, depois de grandes dificuldades, obtido um filho de olhos grandes. A criança morreu de convulsões infantis. Alguns (entre seus parentes), extremamente agitados pelo sofrimento e se entregando a lamentações altas, pegaram o jovem menino, aquela única riqueza de sua família. Pegando a criança falecida eles procederam na direção do crematório. Chegando lá, eles começaram a pegar a criança do peito uns dos outros e a chorar mais amargamente em sofrimento. Lembrando com corações pesados as antigas palavras de seu querido repetidas vezes, eles eram incapazes de voltar para casa deixando o corpo no solo nu. Chamado por seus gritos, um urubu chegou lá e disse estas palavras: 'Vão embora e não permaneçam, vocês que têm que deixar apenas uma criança. Parentes sempre vão embora deixando neste lugar milhares de homens e milhares de mulheres trazidos aqui no decorrer do tempo. Vejam, todo o universo está sujeito ao bem e ao mal. União e desunião podem ser vistas em turnos. Aqueles que vêm ao crematório trazendo com eles os corpos de parentes mortos, e aqueles que sentam ao lado daqueles corpos (por afeição), eles mesmos desaparecem do mundo em consequência de suas próprias ações quando terminam os períodos concedidos de suas próprias vidas. Não há necessidade de sua demora no crematório, neste lugar horrível, que é cheio de urubus e chacais e de esqueletos e que inspira medo em todas as criaturas. Amigo ou inimigo, ninguém nunca volta para a vida tendo uma vez sucumbido ao poder do Tempo. Tal, de fato, é o destino de todas as criaturas. Nesse mundo de mortais, todos os que nascem certamente morrerão. Quem devolveria à vida alguém que está morto e partiu ordenado pelo Destruidor? Nesta hora quando os

homens estão prestes a terminarem sua labuta diária, o Sol está se retirando para as colinas Asta. Vão para suas casas, rejeitando essa afeição pela criança.' Ouvindo estas palavras do urubu, a dor dos parentes pareceu diminuir, e colocando a criança na terra nua eles se prepararam para ir embora. Se assegurando do fato de que a criança tinha morrido e se desesperando de vê-lo outra vez, eles começaram a retroceder seus passos, cedendo a altas lamentações. Assegurados sem dúvida alguma, e sem esperança da devolução dos mortos para a vida, eles abandonaram aquele filho de sua linhagem, e se preparam para voltar daquele local. Naquela hora um chacal, preto como um corvo, saiu de sua toca e se dirigiu aos parentes que iam embora, dizendo, 'Certamente, vocês que são parentes da criança falecida não têm aflição. O sol ainda brilha lá no céu, seus tolos! Se entreguem a seus sentimentos, sem medo. Diversas são as virtudes da hora. Ele pode voltar para a vida! Espalhando umas poucas folhas de erva Kusa no chão e abandonando aquela criança querida no crematório, por que vocês vão embora com corações de aço e rejeitando toda a afeição pelo amado? Certamente, vocês não têm afeição por esta jovem criança de voz doce, cujas palavras, logo que deixavam seus lábios, costumavam alegrar vocês imensamente. Vejam a afeição que até as aves e feras têm por sua prole. Eles não têm retribuição por criar seus filhotes. Como os sacrifícios dos Rishis (que nunca são empreendidos pelo desejo de fruto ou recompensa) a afeição de quadrúpedes, de aves e insetos, não tem recompensas no céu. Embora encantados com suas crias, eles nunca são vistos derivar qualquer beneficio das últimas nem aqui nem após a morte. Ainda assim eles cuidam de seus filhotes com afeto. Seus filhos, crescendo, nunca cuidam deles na velhice. Mas eles não se afligem quando eles não vêem seus pequenos? Onde, de fato, é para ser vista a afeição nos seres humanos do que na própria influência da aflição? Aonde vocês iriam deixando aqui esta criança que é o perpetuador de sua família? Vocês derramaram lágrimas por ele por algum tempo, e o olharam um pouco mais com afeto? Objetos tão queridos são, de fato, difíceis de se abandonar. São os amigos e não outros que esperam ao lado daquele que está fraco, do que é processado por um tribunal de justiça, daquele que é conduzido em direção ao crematório. Os ares vitais são preciosos para todos, e todos sentem a influência da afeição. Vejam a afeição que é nutrida até por aqueles que pertencem a espécies intermediárias! (Como aves e animais.) Como, de fato, vocês podem ir embora, abandonando este menino de olhos grandes como as pétalas do lótus, e belo como um jovem recém casado banhado e adornado com guirlandas florais?' Ouvindo estas palavras do chacal que tinha estado se entregando a tais expressões de dor comovente, os homens voltaram atrás por causa do cadáver.'"

"O urubu disse, 'Ai, homens desprovidos de força mental, por que vocês voltaram atrás por ordem de um chacal cruel e vil de pouca inteligência? Por que vocês choram a morte daquele composto de cinco elementos abandonado por suas divindades presidentes, não mais ocupado (pela alma), imóvel, e rígido como um pedaço de madeira? Por que vocês não choram por si mesmos? Vocês praticam penitências rígidas pelas quais vocês conseguirão se purificar do pecado? Tudo pode ser tido por meio de penitências. O que as lamentações farão? A má sorte é nascida com o corpo. É por aquela má sorte que este menino

partiu, mergulhando vocês em dor infinita. Riqueza, vacas, ouro, jóias preciosas, filhos, tudo tem sua fonte em penitências. Penitências também são os resultados de yoga (união da alma com a Divindade). Entre as criaturas, a medida de felicidade ou dor é dependente das ações de uma vida prévia. De fato, todas as criaturas vêm ao mundo trazendo consigo a sua própria medida de dor e alegria. O filho não é limitado pelas ações do pai, ou o pai pelas do filho. Limitados por suas próprias ações, boas e más, todos têm que viajar por esta estrada em comum. Pratiquem devidamente todos os deveres, e se abstenham das ações injustas. Sirvam reverentemente, segundo as indicações das escrituras, os deuses e os Brahmanas. Rejeitem tristeza e desânimo, e se abstenham do afeto parental. Deixem a criança sobre este solo exposto, e vão embora sem demora. O ator somente desfruta dos frutos das ações, boas ou más, que ele faz. Que relação os parentes têm com eles? Abandonando um parente (falecido), embora querido, os parentes deixam este local. Com olhos banhados em lágrimas, eles vão embora, cessando de demonstrar afeto pelos mortos. Sábios ou ignorantes, ricos ou pobres, todos sucumbem ao Tempo, dotados de ações, boas e más. O que vocês farão pelo luto? Por que vocês choram por alguém que está morto? O Tempo é o senhor de tudo, e em conformidade com sua própria natureza ele lança um olhar igual sobre todas as coisas. No orgulho da juventude ou na infância desamparada, aguentando o peso dos anos ou jazendo no útero da mãe, todos estão sujeitos a serem atacados pela Morte. Tal de fato, é o rumo do mundo.'"

"O chacal disse, 'Ai, a afeição nutrida por suas pessoas lacrimosas que estão oprimidas pela angústia por sua criança falecida foi diminuída por aquele urubu de inteligência iluminada. Este deve ser mesmo o caso, já que por causa de suas palavras bem aplicadas repletas de tranquilidade e capazes de produzir convicção, lá aquele volta para a cidade, rejeitando a afeição que é tão difícil de abandonar. Ai, eu supunha que era grande o pesar sentido pelos homens que se entregam a altas lamentações pela morte de uma criança e pelo cadáver em um crematório, como aquele da vaca privada de bezerros. Hoje, no entanto, eu entendo qual é a medida do pesar dos seres humanos na terra. Testemunhando sua grande afeição eu mesmo tinha derramado lágrimas, (parece, no entanto, que sua afeição não é forte)! Uma pessoa deve sempre se esforçar. Então ela tem êxito por meio do destino. Esforço e destino, juntos, produzem resultados. Deve-se sempre se esforçar com esperança. Como a felicidade pode ser tida a partir do desânimo? Objetos de desejo podem ser ganhos pela resolução. Por que então vocês voltam tão cruelmente? Aonde vocês vão, abandonando no ermo este seu filho, este perpetuador da linhagem de teus pais? Fiquem aqui até que o sol se ponha e o crepúsculo da noite venha. Você podem então levar este menino com vocês ou ficar com ele.'"

"O urubu disse, 'Eu tenho, ó homens, mil anos completos de idade hoje, mas eu nunca vi uma criatura morta, homem ou mulher ou de sexo ambíguo, reviver depois da morte. Alguns morrem no útero; alguns morrem logo depois do nascimento; alguns morrem (na infância) enquanto engatinhando; alguns morrem na juventude; e alguns na velhice. As sortes de todas as criaturas, incluindo até animais e aves, é instável. Os períodos de vida de todas as criaturas móveis e

imóveis são fixados previamente. Privados de cônjuges e entes queridos e cheios de tristeza (pela morte) de filhos, homens deixam este lugar todos os dias com corações agoniados para voltar para casa. Deixando neste lugar amigos e inimigos contados aos milhares, parentes afligidos pelo pesar voltam para suas casas. Rejeitem este corpo sem vida que não tem mais nenhum calor animal nele e que está tão rígido quanto um pedaço de madeira! Por que então vocês não vão embora, deixando o corpo desta criança que se tornou como um pedaço de madeira e cuja vida entrou em um novo corpo? Esta afeição (que vocês estão demonstrando) é sem sentido e abraçar a criança assim é inútil. Ele não vê com seus olhos ou ouve com seus ouvidos. Deixando-o aqui, vão embora sem demora. Assim endereçados por mim em palavras que são aparentemente cruéis mas que na verdade são repletas de razão e têm uma relação direta com a religião excelente da emancipação, voltem para as suas respectivas casas.' Endereçados assim pelo urubu dotado de sabedoria e conhecimento e capaz de dar inteligência e despertar a compreensão, aqueles homens se prepararam para dar suas costas ao crematório. A aflição, de fato, aumenta duas vezes sua medida à visão de seu objeto e à lembrança das ações daquele objeto (em vida). Tendo ouvido essas palavras do urubu, os homens resolveram deixar o local. Justamente naquela hora o chacal, indo lá com passos rápidos, lançou seus olhos sobre a criança deitada no sono de morte.'"

"O chacal disse, 'Por que, de fato, vocês deixam, pela ordem do urubu, esta criança de cor dourada, enfeitada com ornamentos, e capaz de dar o bolo fúnebre para seus antepassados? Se vocês o abandonarem, sua afeição não acabará, nem estas lamentações comoventes. Por outro lado, sua angústia certamente será maior. É sabido que um Sudra chamado Samvuka tendo sido morto e a justiça tendo sido mantida por Rama de destreza verdadeira, uma criança Brahmana foi devolvida à vida. (A alusão é à história de Rama tendo ressuscitado um menino Brahmana morto. Durante o reinado justo de Rama não haviam mortes prematuras em seu reino. Aconteceu, no entanto, um dia que um pai Brahmana chegou à corte de Rama e se queixou da morte prematura de seu filho. Rama imediatamente começou a perguntar o motivo. Algum ato pecaminoso em algum canto do reino, suspeitava-se, tinha causado a morte. Logo Rama descobriu um Sudra de nome Samvuka empenhado em penitências ascéticas no coração de uma floresta profunda. O rei instantaneamente cortou a cabeça do homem visto que um Sudra por nascimento não tinha o direito de fazer o que aquele homem estava fazendo. Logo que a justiça foi mantida, o menino Brahmana morto reviveu. (Ramayana, Uttarakandam.)) Similarmente, o filho do sábio nobre Sweta morreu (prematuramente). Mas o monarca, dedicado à virtude, conseguiu ressuscitar seu filho morto. Da mesma maneira, no seu caso também, algum sábio ou divindade pode estar disposto a conceder seu desejo e mostrar compaixão por vocês que estão chorando de modo tão comovente.' Assim endereçados pelo chacal, os homens, afligidos pela angústia e cheios de afeto pela criança, retrocederam seus passos, e colocando a cabeça da criança em seus colos um depois do outro, começaram a lamentar copiosamente. Convocado por seus gritos, o urubu, indo àquele local, falou a eles o seguinte.'"

"O urubu disse, 'Por que vocês estão banhando esta criança com suas lágrimas? Por que vocês o estão apertando desse modo com o toque de suas mãos? Pela ordem do rei lúgubre da justiça a criança foi enviada para aquele sono o qual não conhece despertar. Aqueles que são dotados do mérito de penitências, aqueles que são possuidores de riqueza, aqueles que têm grande inteligência, realmente, todos sucumbem à morte. Este mesmo é o lugar planejado para os mortos. É sempre ser visto que parentes, abandonando milhares de parentes jovens e velhos, passam suas noites e dias em angústia, rolando sobre o solo nu. Cessem este ardor em colocar os ornamentos do infortúnio. Que esta criança voltaria para a vida é o que diz a fé. Ele não obterá sua vida de volta pela ordem do chacal. Se uma pessoa uma vez morre e deixa seu corpo, seu corpo nunca recupera animação. Centenas de chacais, por sacrificarem suas próprias vidas, não conseguirão ressuscitar esta criança em centenas de anos. Se, no entanto, Rudra, ou Kumara, ou Brahman, ou Vishnu, concederem uma bênção a ele, somente então esta criança pode voltar à vida. Nem o derramamento lágrimas, nem longos suspiros, nem lamentações copiosas irão trazê-lo de volta à vida. Eu mesmo, o chacal, vocês todos, e todos os parentes dele, com todos os nossos méritos e pecados, estamos na mesma estrada (que ele tomou). Por esta razão alguém que possui sabedoria deve, de longe, evitar comportamento que desagrada outros, palavras duras, a inflição de dano a outros, o desfrute de esposas de outros homens, e o pecado e a mentira. Procurem cuidadosamente a retidão, veracidade, o bem dos outros, justiça, compaixão por todas as criaturas, sinceridade, e honestidade. Incorrem em pecado aqueles que, enquanto vivendo, não lançam seus olhos em suas mães e pais e parentes e amigos. O que vocês farão, por chorar, para ele depois de morto, que não vê com seus olhos e nem se mexe de modo algum?' Assim endereçados, os homens, oprimidos pela tristeza e queimando de angústia por causa de sua afeição pela criança, foram para suas casas, deixando o corpo (no crematório).'"

"O chacal disse, 'Ai, terrível é o mundo dos mortais! Aqui nenhuma criatura pode escapar. O período de vida de cada criatura, também, é curto. Amigos queridos estão sempre partindo. Ele é cheio de vaidades e mentiras, de acusações e más notícias. Observando este incidente que aumenta a dor e a angústia, eu não gosto nem por um momento deste mundo de homens. Ai, que vergonha para vocês, homens, que voltam dessa maneira, como pessoas tolas, por ordem do urubu, embora vocês estejam queimando de pesar por causa da morte desta criança. Ó indivíduos cruéis, como vocês podem ir embora, abandonando a afeição parental ao ouvirem as palavras de um urubu pecaminoso de alma impura? A felicidade é seguida pela tristeza, e a tristeza pela felicidade. Neste mundo que é envolvido por ambas, felicidade e tristeza, nenhum desses dois existe ininterruptamente. Vocês homens de pouca compreensão, para onde iriam, deixando na terra nua esta criança de tanta beleza, este filho que é um ornamento de sua linhagem? Em verdade, eu não posso dissipar a idéia da minha mente de que esta criança dotada de graça e mocidade e resplandecendo com beleza está viva. Não é adequado que ele deva morrer. (Isto é, com certeza ele voltará à vida.) Parece que vocês com certeza obterão felicidade. Vocês que estão afligidos pela angústia por causa da morte desta criança certamente terão boa

sorte hoje. Prevendo a probabilidade de inconveniência e dor (se vocês permanecerem aqui à noite) e colocando seus corações no seu próprio conforto, aonde vocês vão, como pessoas de pouca inteligência, deixando este ente querido?'"

"Bhishma continuou, 'Assim, ó rei, os parentes da criança falecida, incapazes de decidir sobre o que eles deviam fazer, foram, para a realização de seu próprio propósito, induzidos por aquele chacal pecaminoso que proferia mentiras agradáveis, aquele habitante do crematório que vagava toda noite em busca de alimento, a ficarem naquele local.'"

"O urubu disse, 'Terrível é este lugar, este ermo, que ressoa com os gritos de corujas e está cheio de espíritos e Yakshas e Rakshasas. Terrível e horrível, seu aspecto é como aquele de uma massa de nuvens azuis. Deixando o corpo morto, terminem a cerimônia fúnebre. De fato, jogando fora o corpo, realizem aqueles ritos antes do sol se pôr e antes que os pontos do horizonte fiquem envolvidos em escuridão. Os falcões estão proferindo seus gritos dissonantes. Chacais estão uivando ferozmente. Leões estão rugindo. O sol está se pondo. As árvores no crematório estão assumindo uma cor escura por causa da fumaça azul das piras mortuárias. Os habitantes carnívoros deste lugar, afligidos pela fome, estão gritando enfurecidos. Todas aquelas criaturas de formas horríveis que vivem neste lugar terrível, todos aqueles animais carnívoros de feições lúgubres que assombram este deserto, logo atacarão vocês. Este ermo é certamente pavoroso. O perigo os alcançará. De fato, se vocês ouvirem a estas palavras falsas e inúteis do chacal contra o seu próprio bom senso, em verdade, todos vocês com certeza serão destruídos.'"

"O chacal disse, 'Fiquem onde vocês estão! Não há medo neste deserto enquanto o sol brilha. Até que o deus do dia se ponha, permaneçam aqui esperançosamente, induzidos por afeto parental. Sem nenhum medo, se entregando a lamentações como lhes agradar, continuem a olhar esta criança com olhares de afeição. Embora este ermo seja assustador, nenhum perigo alcançará vocês. Na verdade este ermo apresenta um aspecto de quietude e paz. É aqui que os Pitris aos milhares se despediram do mundo. Esperem enquanto o sol brilhar. O que são as palavras deste urubu para vocês? Se com mentes entorpecidas vocês aceitarem as palavras duras e cruéis do urubu, então seu filho nunca voltará à vida!'"

"Bhishma continuou, 'O urubu então se dirigiu àqueles homens, dizendo que o sol tinha se posto. O chacal disse que não era assim. Ambos, o urubu e o chacal, sentiam fome aguda e assim se dirigiam aos parentes da criança morta. Ambos tinham se preparado para realizar seus respectivos propósitos. Exaustos com fome e sede, eles assim disputaram, recorrendo às escrituras. Movidos (alternadamente) por aquelas palavras, doces como néctar, daquelas duas criaturas, isto é, a ave e o animal, os quais eram dotados da sabedoria do conhecimento, os parentes em um momento desejavam ir embora e em outro ficar lá. Finalmente, movidos pela dor e desânimo, eles esperaram lá, se entregando a amargas lamentações. Eles não sabiam que o animal e a ave, hábeis na

realização de seus próprios propósitos, tinham somente os confundido (por meio de seus discursos). Enquanto a ave e o animal, ambos possuidores de sabedoria, estavam assim disputando e enquanto os parentes da criança falecida sentavam escutando a eles, o grande deus Sankara, incitado por sua cônjuge divina (Uma), chegou lá com olhos banhados em lágrimas de compaixão. Dirigindo-se aos parentes da criança falecida, o deus disse, 'Eu sou Sankara o concessor de bênçãos'. Com corações pesados de angústia, aqueles homens se prostraram perante a divindade ilustre e disseram a ele em resposta, 'Privados desta que era nossa única criança, todos nós estamos prestes a morrer. Cabe a ti nos conceder vida por conceder vida a este nosso filho.' Assim solicitada, a divindade ilustre, pegando uma quantidade de água em suas mãos, concedeu àquela criança morta uma vida que se prolongou por cem anos. Sempre empenhado no bem de todas as criaturas, o ilustre manejador de Pinaka concedeu um benefício ao chacal e ao urubu pelo qual sua fome foi apaziguada. Cheios de deleite e tendo obtido grande prosperidade, os homens se curvaram ao deus. Coroados com sucesso, eles então, ó rei, deixaram aquele lugar em grande alegria. Pela esperança persistente e firme resolução e pela graça do grande deus, os frutos dos atos de uma pessoa são obtidos sem demora. Veja a combinação de circunstâncias e a resolução daqueles parentes. Enquanto eles estavam chorando com corações torturados, suas lágrimas foram enxugadas e secadas completamente. Veja, como dentro de somente um tempo curto, pela sua firmeza de resolução, eles obtiveram a graça de Sankara, e com suas aflições dissipadas, eles ficaram felizes. De fato, pela graça de Sankara, ó chefe dos Bharatas, aqueles parentes tristes se encheram de maravilha e alegria pela devolução da criança à vida. Então, ó rei, rejeitando aquela dor da qual seu filho tinha sido a causa, aqueles Brahmanas, cheios de deleite, voltaram rapidamente para sua cidade levando a criança recuperada com eles. Comportamento como esse é declarado para todas as quatro classes. Por escutar frequentemente a esta história auspiciosa repleta de virtude, lucro, e salvação, um homem obtém felicidade aqui e após a morte.'"

154

"Yudhishthira disse, "Se uma pessoa, fraca, sem valor, e despreocupada, ó avô, por tolice provoca, por meio de palavras inconvenientes e vaidosas, um inimigo poderoso sempre residindo em sua vizinhança, competente para fazer o bem (quando agradado) e para castigar (quando desagradado), e sempre pronto para agir, como deve o primeiro, confiando em sua própria força, agir quando o último avança contra ele com fúria e pelo desejo de exterminá-lo?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada, ó chefe dos Bharatas, a velha história da conversa entre Salmali e Pavana. Havia uma árvore nobre (Salmali) em uma das alturas de Himavat. Tendo crescido por muitos séculos, ela tinha espalhado seus ramos totalmente ao redor. Seu tronco também era enorme e seus galhos e folhas eram incontáveis. Sob sua sombra elefantes cansados no cio, banhados em suor, costumavam descansar, e muitos animais de outras espécies também. A circunferência de seu tronco era de quatrocentos cúbitos, e

densa era a sombra de seus ramos e folhas. Carregada com flores e frutas, ela era a residência de papagaios inumeráveis, machos e fêmeas. Ao viajarem por suas rotas, caravanas de comerciantes e mercadores, e ascetas, residindo nas florestas, costumavam descansar sob o abrigo daquele monarca encantador da floresta. Um dia, o sábio Narada, ó touro da raça Bharata, vendo os ramos incontáveis e amplamente estendidos daquela árvore e a circunferência de seu tronco, se aproximou e se dirigiu a ela, dizendo, 'Ó, tu és encantador! Tu és fascinante! Ó principal das árvores, ó Salmali, eu fico sempre encantado à tua visão! Ó árvore fascinante, aves encantadoras de diversas espécies, e elefantes e outros animais, vivem alegremente; nos teus ramos e sob tua sombra. Teus ramos, ó monarca de ramos extensos da floresta, e teu tronco são gigantescos. Eu nunca vi algum deles quebrado pelo deus do vento. O caso é, ó filho, que Pavana está satisfeito contigo e é teu amigo e então ele te protege sempre nessas florestas? O ilustre Pavana possuidor de grande velocidade e força move de seus lugares as árvores mais altas e fortes, e até topos de montanhas. Aquele sagrado carregador de perfumes, soprando (quando ele deseja) seca rios e lagos e mares, inclusive a própria região inferior. Sem dúvida, Pavana te protege por amizade. É por esta razão que, embora possua ramos inumeráveis, tu ainda estás enfeitado com folhas e flores. Ó monarca da floresta, este teu verdor é encantador já que estas criaturas aladas, ó filho, cheias de alegria, se divertem em teus galhos e ramos. Durante a estação quando tu desenvolves tuas flores, as doces notas de todos esses habitantes dos teus ramos são ouvidas separadamente quando eles se entregam às suas canções melodiosas. Então, também, ó Salmali, esses elefantes que são os ornamentos de sua espécie, banhados em suor e gritando (de alegria), se aproximam de ti e encontram felicidade aqui. Similarmente, diversas outras espécies de animais habitantes das florestas contribuem para te adornar. De fato, ó árvore, tu pareces bela assim como as montanhas de Meru povoadas por criaturas de todos os tipos. Frequentada também por Brahmanas coroados com sucesso ascético, por outros dedicados a penitências, e por Yatis dedicados à contemplação, essa tua região, eu penso, parece com o próprio céu.'"

155

"Narada disse, 'Sem dúvida, ó Salmali, o terrível e irresistível deus do vento sempre te protege por simpatia ou amizade. Parece, ó Salmali, que uma intimidade próxima veio a existir entre ti e o Vento. Parece que tu disseste a ele estas palavras, isto é, 'Eu sou teu,' e que é por essa razão que o deus do vento te protege. Eu não vejo a árvore ou montanha ou mansão neste mundo que não possa, eu penso, ser quebrada pelo Vento. Sem dúvida tu permaneces aqui com todos os teus ramos e galhos e folhas simplesmente porque, ó Salmali, tu és protegida pelo Vento por uma razão ou razões (desconhecidas para nós).'"

"A Salmali disse, 'O Vento, ó regenerado, não é nem meu amigo nem companheiro nem benquerente. De fato, ele não é nem meu grande Ordenador que ele deva me proteger. Minha energia e poder selvagem, ó Narada, são maiores do que os do Vento. Em verdade, a força do Vento alcança somente

cerca de uma décima oitava parte da minha. Quando o Vento vem em fúria, arrancando árvores e montanhas e outras coisas, eu refreio sua força por empregar a minha. De fato, o Vento que quebra muitas coisas foi ele mesmo repetidamente quebrado por mim. Por esta razão, ó Rishi Celeste, eu não tenho medo dele nem quando ele vem em fúria.'"

"Narada disse, 'Ó Salmali, tua proteção parece ser completamente incorreta. Não há dúvida nisto. Não há coisa criada que seja igual ao Vento em força. Mesmo Indra, ou Yama, ou Vaisravana, o senhor das águas, não são iguais ao deus do vento em poder. O que dizer, portanto, de ti que és somente uma árvore? Qualquer criatura neste mundo, ó Salmali, qualquer ação que faça, o ilustre Deus do vento é em todos tempos a causa daquela ação, já que é ele quem dá a vida. Quando aquele deus se esforça com propriedade, ele faz todas as criaturas vivas viverem tranquilamente. Quando, no entanto, ele se esforça impropriamente, as calamidades alcançam as criaturas do mundo. O que mais pode ser além da fraqueza de compreensão que te induz a negar dessa maneira teu culto ao deus do vento, aquela principal das criaturas no universo, aquele ser merecedor de culto? Tu és indigno e de uma má compreensão. De fato, tu somente te abandonas em jactância sem sentido. Tua inteligência estando confundida pela raiva e outros maus sentimentos, tu somente falas mentiras, ó Salmali! Eu estou certamente zangado contigo por tu te entregares a tais discursos. Eu mesmo comunicarei ao deus do vento todas essas tuas palavras depreciativas. Chandanas, e Syandanas, e Salas, e Saralas e Devadarus e Vetavas e Dhanwanas e outras árvores de boas almas que são de longe mais fortes do que tu és, nunca, ó tu de compreensão perversa, proferiram tais injúrias contra o Vento. Todas elas conhecem o poder do Vento como também o poder que cada uma delas possui. Por essas razões aquelas principais das árvores curvam suas cabeças em respeito àquela divindade. Tu, no entanto, por tolice, não conheces o poder infinito do Vento. Eu irei, portanto, à presença daquele deus (para informá-lo do teu desprezo por ele).'"

156

"Bhishma continuou, 'Tendo dito estas palavras para a Salmali, aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de Brahma, Narada, relatou ao deus do vento tudo o que a Salmali tinha dito sobre ele.'"

"Narada disse, 'Há certa Salmali no leito de Himavat, adornada com ramos e folhas. Suas raízes se estendem profundas dentro da terra e seus ramos se espalham amplamente ao redor. Aquela árvore, ó deus do vento, te desconsidera. Ele falou muitas palavras repletas de ofensas sobre ti. Não é apropriado, ó Vento, que eu as repita na tua audição. Eu sei, ó Vento, que tu és a principal de todas as coisas criadas. Eu sei também que tu és um ser muito superior e muito poderoso, e que em fúria tu pareces o próprio Destruidor.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras de Narada, o deus do vento, indo até aquela Salmali, se dirigiu a ela com raiva e disse o seguinte.'"

"O Deus do vento disse, 'Ó Salmali, tu falaste depreciativamente de mim perante Narada. Saiba que eu sou o deus do vento. Eu certamente te mostrarei minha força e poder. Eu te conheço bem. Tu não és desconhecida para mim. O pujante Avô, enquanto empenhado em criar o mundo, descansou por algum tempo debaixo de ti. É por causa desse incidente que eu tenho até agora te mostrado benevolência. Ó pior das árvores, é por isso que tu permaneces ilesa, e não por causa do teu próprio poder. Tu me consideras ligeiramente como se eu fosse uma coisa comum. Eu me mostrarei para ti de tal maneira que tu não poderás me desrespeitar novamente.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçada, a Salmali deu risada em menosprezo e respondeu, dizendo, 'Ó deus do vento, tu estás zangado comigo. Não deixe de mostrar a extensão do teu poder. Vomite toda a tua ira sobre mim. Por dar vazão à tua ira, o que tu farás para mim? Mesmo se teu poder fosse teu próprio (em vez de ser derivado), eu ainda assim não te temeria. Eu sou superior a ti em poder. Eu não devo ter medo de ti. São realmente fortes aqueles que têm compreensão. Aqueles, por outro lado, que possuem somente força física não são para serem considerados fortes.' Assim endereçado, o Deus do Vento disse, 'Amanhã eu testarei tua força.' Depois disso, a noite veio. A Salmali, concluindo mentalmente qual era a extensão do poder do Vento e vendo-se inferior ao deus, começou a dizer a si mesma, 'Tudo o que eu disse para Narada é falso. Eu sou certamente inferior em poder ao Vento. Em verdade, ele é forte em sua força. O Vento, como Narada disse, é sempre poderoso. Sem dúvida, eu sou mais fraca do que outras árvores. Mas em inteligência nenhuma árvore é minha igual. Portanto, confiando em minha inteligência eu considerarei este temor que provém do Vento. Se todas as outras árvores na floresta confiam no mesmo tipo de inteligência, então, em verdade, nenhum dano pode resultar para elas do deus do Vento quando ele fica zangado. Todas elas, no entanto, são desprovidas de compreensão, e, portanto, elas não sabem, como eu sei, por que ou como o Vento consegue sacudi-las e arrancá-las.'"

157

"Bhishma disse, 'Tendo decidido isso em sua mente, a Salmali, em tristeza, ela mesma fez todos os seus ramos, principais e secundários, serem cortados. Rejeitando seus ramos e folhas e flores, pela manhã a árvore olhou firmemente para o Vento, quando ele veio em sua direção. Cheio de raiva e respirando fortemente, o Vento avançou, derrubando árvores grandes, em direção àquele local onde a Salmali estava. Vendo-a privada de topo e ramos e folhas e flores, o Vento, cheio de alegria, dirigiu-se sorridente àquele senhor da floresta que tinha antes uma aparência gigantesca, estas palavras.'"

"O Vento disse, 'Cheio de raiva, ó Salmali, eu teria te feito exatamente o que tu fizeste a ti mesma por cortar todos os teus ramos. Tu estás agora desprovida do teu topo orgulhoso e flores, e estás agora sem teus brotos e folhas. Pelas tuas próprias más idéias, tu foste trazida sob meu poder.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras do Vento, a Salmali sentiu grande vergonha. Lembrando também das palavras que Narada tinha dito, ele começou a se arrepender imensamente de sua tolice. Exatamente dessa maneira, ó tigre entre reis, uma pessoa fraca e tola, por provocar a inimizade de uma poderosa, é finalmente obrigada a se arrepender como a Salmali na fábula. Até quando possuidoras de poder igual, as pessoas não travam hostilidades repentinamente com aquelas que as prejudicaram. Por outro lado, elas mostram seu poder gradualmente, ó rei! Uma pessoa de compreensão superficial nunca deve provocar a hostilidade de uma que é possuidora de inteligência. Em tais casos a inteligência do homem inteligente penetra (no assunto sobre o qual ele está empenhado) como fogo penetrando em uma pilha de grama seca. A inteligência é a posse mais preciosa que uma pessoa pode ter. Similarmente, ó rei, um homem não pode ter nada aqui mais valioso do que o poder. Uma pessoa deve, portanto, deixar passar os males infligidos por uma pessoa possuidora de força superior, assim como deve-se deixar passar (por compaixão) os atos de uma criança, de um idiota, ou de alguém que é cego ou surdo. A sabedoria desse ditado é testemunhada no teu caso, ó matador de inimigos. Os onze Akshauhinis (de Duryodhana), ó tu de grande esplendor, e os sete (reunidos por ti mesmo), não eram iguais em poder a Arjuna de grande alma sozinho. Todas as tropas (de Duryodhana), portanto, foram derrotadas e mortas por aquele Pandava ilustre, aquele filho do castigador de Paka, enquanto ele percorria o campo de batalha, confiando em sua própria força. Eu, ó Bharata, te falei sobre os deveres dos reis e a moralidade dos deveres em detalhes. O que mais, ó rei, tu desejas ouvir?'"

158

"Yudhishthira disse, 'Eu desejo, ó touro da raça Bharata, ouvir em detalhes sobre a fonte da qual o pecado procede e o fundamento sobre o qual ele se apóia.'"

"Bhishma disse, 'Ouça, ó rei, qual é o fundamento do pecado. Somente a cobiça é o grande destruidor (de mérito e bondade). Da cobiça procede o pecado. É dessa fonte que o pecado e a irreligiosidade fluem, junto com grande miséria. A cobiça é a fonte também de toda a astúcia e hipocrisia no mundo. É a cobiça que faz homens cometerem pecados. Da cobiça procede a cólera; da cobiça flui a luxúria, e é da cobiça que a perda de juízo, fraude, orgulho, arrogância, e malícia, como também índole vingativa, falta de vergonha, perda de prosperidade, perda de virtude, ansiedade, e infâmia surgem. Avareza, cupidez, desejo por todos os tipos de atos impróprios, orgulho de nascimento, orgulho de conhecimento, orgulho de beleza, orgulho de riqueza, impiedade por todas as criaturas, malevolência em direção a todos, desconfiança em relação a todos, insinceridade

para com todos, apropriação da riqueza de outras pessoas, rapto das esposas de outros homens, dureza de palavras, ansiedade, propensão para falar mal dos outros, ânsia violenta pelo prazer da luxúria, gula, sujeição à morte prematura, propensão violenta para a malícia, simpatia irresistível pela mentira, apetite inconquistável para ceder às paixões, desejo insaciável de satisfazer a audição, maledicência, jactância, arrogância, não cumprimento de deveres, impetuosidade, e perpetração de todos os tipos de más ações, todos esses procedem da cobiça. Em vida, os homens são incapazes, sejam crianças ou jovens ou adultos, de abandonar a cobiça. Tal é a natureza da cobiça que ela nunca decai nem com a decadência da vida. Como o oceano que nunca pode ser cheio nem pela constante descarga de rios incontáveis de profundidades imensuráveis, a cobiça é incapaz de ser satisfeita por aquisições à qualquer extensão. A cobiça, no entanto, que nunca é satisfeita por aquisições e saciada pela realização de desejos, que não é conhecida em sua real natureza pelos deuses, os Gandharvas, os Asuras, as grandes cobras, e, realmente, por todas as classes de seres, aquela paixão irresistível, junto com aquela tolice que convida o coração para as irrealidades do mundo, deve sempre ser dominada por uma pessoa de alma purificada. Orgulho, malícia, calúnia, desonestidade, e incapacidade de ouvir o bem de outras pessoas, são vícios, ó descendente de Kuru, que são vistos em pessoas de alma impura sob o domínio da cobiça. Até pessoas de grande erudição que têm em suas mentes todas as volumosas escrituras, e que são capazes de dissipar as dúvidas de outros, demonstram em relação a isso serem de compreensão fraca e sentem grande tristeza por causa dessa emoção. Homens cobiçosos são apegados à inveja e raiva. Eles estão fora do limite do bom comportamento. De corações desonestos, as palavras que eles proferem são doces. Eles parecem, portanto, buracos escuros cujas bocas estão cobertas com grama. Eles se vestem com o manto hipócrita da religião. De mentes inferiores, eles roubam o mundo, levantando (se for preciso) a bandeira da religião e virtude. Confiando na força de razões aparentes, eles criam diversas espécies de divisões na religião. Com a intenção de realizar os propósitos de cupidez, eles destroem os caminhos da virtude. Quando pessoas de alma pecaminosa sob o domínio da cobiça aparentemente praticam os deveres de virtude, a consequência que resulta é que os sacrilégios cometidos por eles logo se tornam generalizados entre homens. Orgulho, raiva, arrogância, insensibilidade, paroxismos de alegria e tristeza, e presunção, todos estes, ó descendente de Kuru, são vistos nas pessoas influenciadas pela cobiça. Saiba que aqueles que estão sempre sob a influência da cobiça são perversos. Eu agora te falarei acerca dos quais tu perguntaste, isto é, aqueles que são chamados de bons e cujas praticas são puras. Aqueles que não têm medo de uma obrigação de voltar para este mundo (depois da morte), aqueles que não temem o mundo seguinte, aqueles que não são viciados em comida animal e que não têm preferência pelo que é agradável e que não têm aversão pelo que não o é, aqueles para quem o bom comportamento é sempre estimado, em quem há autodomínio, aqueles para quem prazer e dor são iguais, aqueles que têm a verdade como seu maior amparo, aqueles que doam mas não tiram, aqueles que têm compaixão, aqueles que adoram Pitris, deuses e convidados, que estão sempre prontos para se esforçarem (pelo bem de outros), aqueles que são benfeitores universais, aqueles que possuem grande coragem

(mental), aqueles que cumprem todos os deveres declarados nas escrituras, aqueles que são dedicados ao bem de todos, aqueles que podem dar tudo de si e sacrificar suas próprias vidas por outros, são considerados como bons e virtuosos, ó Bharata! Aqueles promotores da retidão não podem ser afastados do caminho da virtude. Sua conduta, compatível com o modelo fixado pelos homens honrados de antigamente, nunca pode ser diferente. Eles são perfeitamente destemidos, eles são tranquilos, eles são gentis, e eles sempre aderem ao caminho correto. Cheios de compaixão, eles são sempre adorados pelos bons. Eles são livres de luxúria e ira. Eles não são apegados a qualquer objeto mundano. Eles não têm orgulho. Eles são cumpridores de votos excelentes. Eles são sempre objetos de respeito. Portanto, sempre visite-os e procure instrução deles. Eles nunca adquirem virtude, ó Yudhishthira, por causa de riqueza ou de fama. Eles a adquirem, por outro lado, porque este é um dever como aquele de nutrir o corpo. Neles não há medo, ira, inquietação, nem tristeza. Não há o traje externo de religião para enganar seus companheiros. Não há mistério com eles. Eles são perfeitamente contentes. Não há erro de julgamento proveniente da cobiça. Eles são sempre devotados à verdade e sinceridade. Seus corações nunca se afastam da retidão. Tu deves mostrar teu respeito por eles sempre, ó filho de Kunti! Eles nunca ficam alegres por alguma aquisição ou atormentados por alguma perda. Sem apego a qualquer coisa, e livres do orgulho, eles são unidos à qualidade de bondade, e eles olham a todos igualmente. Ganho e perda, felicidade e aflição, o agradável e o desagradável, vida e morte, são iguais aos olhos daqueles homens de andar firme, empenhados na busca do conhecimento (divino), e devotados ao caminho da tranquilidade e virtude. Mantendo teus sentidos sob controle e sem te renderes à negligência, tu deves sempre adorar aquelas pessoas de grande alma que têm tal amor pela virtude. Ó abençoado, as palavras de uma pessoa se tornam produtivas de benefícios somente pelo favor dos deuses. Sob outras circunstâncias, palavras produzem más consequências.'"

159

"Yudhishthira disse, 'Tu disseste, ó avô, que a fundação de todos os males é a cobiça. Eu desejo, ó senhor, ouvir sobre a ignorância em detalhes.'"

"Bhishma disse, 'A pessoa que comete pecado por ignorância, que não sabe que seu fim está perto, e que sempre odeia aqueles que são de bom comportamento, logo atrai infâmia no mundo. Pela ignorância uma pessoa cai no inferno. A ignorância é a fonte da miséria. Pela ignorância uma pessoa sofre aflições e incorre em grande perigo.'"

"Yudhishthira disse, 'Eu desejo, ó rei, saber em detalhes a origem, o lugar, o crescimento, a decadência, a elevação, a raiz, a atributo inseparável, o rumo, o tempo, a causa, e a consequência, da ignorância. A miséria que é sentida aqui é toda nascida da ignorância.'"

"Bhishma disse, 'Apego, ódio, perda de bom senso, alegria, tristeza, vaidade, luxúria, raiva, orgulho, protelação, ociosidade, desejo, aversão, ciúmes, e todos os outros atos pecaminosos são todos conhecidos pelo nome em comum de ignorância. Ouça agora, ó rei, em detalhes, sobre sua tendência, crescimento e outros aspectos dos quais tu perguntaste. Esses dois, isto é, ignorância e cobiça, saiba, ó rei, são o mesmo (em substância). Ambos produzem os mesmos frutos e os mesmos erros, ó Bharata! A ignorância tem sua origem na cobiça. Quando a cobiça cresce, a ignorância também cresce. A ignorância existe onde a cobiça existe. Quando a cobiça diminui, a ignorância também diminui. Ela surge com o surgimento da cobiça. Múltiplo também é o rumo que ela toma. A base da cobiça é a perda do bom senso. A perda do bom senso, também, é seu atributo inseparável. A eternidade é o rumo da ignorância. O tempo quando a ignorância aparece é quando objetos de cobiça não são obtidos. Da ignorância de alguém procede a cobiça, e da última procede a ignorância. (A cobiça, portanto, é a causa e a consequência da ignorância.) A cobiça produz o mal. Por essas razões, todos devem evitar a cobiça. Janaka, e Yuvanaswa, e Vrishadarbhi, e Prasenajit, e outros reis alcançaram o céu por terem reprimido a cobiça. Tu também, na visão de todas as pessoas, evite a cobiça por uma resolução forte, ó chefe dos Kurus! Evitando a cobiça tu obterás felicidade neste mundo e no seguinte.'"

160

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu de alma virtuosa, o que, de fato, é citado como produtivo de grande mérito para uma pessoa dedicada atentamente ao estudo dos Vedas e desejosa de adquirir virtude? Aquilo que é considerado neste mundo como produtivo de grande mérito é de diversos tipos como demonstrado nas escrituras. Fale-me, ó avô, sobre aquilo que é considerado como tal aqui e após a morte. O caminho do dever é longo e tem ramos inumeráveis, ó Bharata! Entre os deveres quais são aqueles poucos que devem, de acordo contigo, ser preferidos a todos os outros para observância? Fale-me, ó rei, em detalhes, sobre isso que é tão abrangente e que tem tantas ramificações.'"

"Bhishma disse, 'Eu te falarei sobre aquilo pelo qual tu podes obter grande mérito. Possuidor como tu és de sabedoria, tu ficarás satisfeito com o conhecimento que eu te darei, como uma pessoa satisfeita por ter bebido néctar. As regras de dever que têm sido proferidas pelos grandes Rishis, cada um confiando em sua própria sabedoria, são muitas. A maior entre elas todas é o autodomínio. Aqueles entre os antigos que eram conhecedores da verdade disseram que o autodomínio leva ao mais alto mérito. Em relação ao Brahmana em particular, o autocontrole é seu dever eterno. É do autocontrole que ele obtém a devida fruição de suas ações. O autodomínio, no caso dele, supera (em mérito) a caridade e o sacrifício e o estudo dos Vedas. O autodomínio aumenta (sua) energia. O autodomínio é altamente sagrado. Pelo autodomínio um homem vem a ser purificado de todos os seus pecados e dotado de energia, e como consequência, alcança a maior bem-aventurança. Nós não sabemos que há algum outro dever em todos os mundos que possa se igualar ao autodomínio. O

autodomínio, segundo todas as pessoas virtuosas, é a maior das virtudes neste mundo. Pelo autodomínio, ó principal dos homens, uma pessoa obtém a maior felicidade aqui e após a morte. Dotada de autodomínio, uma pessoa adquire grande virtude. O homem autodominado dorme em felicidade e desperta em felicidade, e se move pelo mundo em felicidade. Sua mente está sempre alegre. O homem que não tem autodomínio sempre sofre tristeza. Tal homem traz sobre si mesmo muitas calamidades todas nascidas de seus próprios erros. É dito que em todos os quatro modos de vida o autodomínio é o melhor dos votos. Eu agora te direi aquelas indicações cuja soma total é chamada de autodomínio. Bondade, paciência, abstenção de ferir, imparcialidade, verdade, sinceridade, conquista dos sentidos, inteligência, suavidade, modéstia, constância, generosidade, liberdade de raiva, contentamento, delicadeza de palavras, benevolência, liberdade de malícia; a união de todos esses é autodomínio. Ele também consiste, ó filho de Kuru, de veneração ao preceptor e compaixão universal. O homem autodominado evita adulação e calúnia. Depravação, infâmia, palavras falsas, luxúria, cobiça, orgulho, arrogância, auto-glorificação, medo, inveja e desrespeito, são todos evitados pelo homem autocontrolado. Ele nunca atrai infâmia. Ele é livre de inveja. Ele nunca está satisfeito com pequenas aquisições (na forma de felicidade mundana de qualquer tipo). Ele é assim como o oceano o qual nunca pode ser cheio. (O sentido é que tal homem nunca coloca seu coração em coisas deste mundo, e consequentemente essas, quando obtidas, nunca podem satisfazê-lo. Suas aspirações são tão grandes e tão acima de qualquer coisa que este mundo pode dar a ele que até o alcance da região de Brahma não pode satisfazê-lo. À primeira vista isso pode parecer falta de contentamento, mas em realidade, não é assim. A grandeza de suas aspirações é procurada ser reforçada. O contentamento se aplica somente às aquisições comuns, incluindo até bem-aventurança no céu.) O homem de autodomínio nunca é limitado pelos afetos que provêm de relações mundanas como aquelas envolvidas em sentimentos como estes, 'Eu sou teu, Tu és meu, Eles estão em mim, e Eu estou neles.' Tal homem, que adota as práticas das cidades ou das florestas, e que nunca se entrega à calúnia ou adulação, alcança a emancipação. Praticando amizade universal, e possuidor de comportamento virtuoso, de alma alegre e dotado de conhecimento da alma, e livre das diversas atrações da terra, para mim, grande é a recompensa que tal pessoa obtém no mundo. De conduta excelente e cumpridor de deveres, de alma alegre e possuidor de erudição e conhecimento do eu, tal homem ganha estima enquanto aqui e alcança um fim sublime após a morte. Todos os atos que são considerados bons sobre a terra, todos aqueles atos que são praticados pelos justos, constituem o caminho do asceta possuidor de conhecimento. Uma pessoa que é boa nunca se desvia daquele caminho. Se retirando do mundo e se dirigindo para uma vida nas florestas, aquela pessoa erudita tendo um controle completo sobre os sentidos que trilha aquele caminho, em quieta expectativa de sua morte, com certeza obtém o estado de Brahma. Aquele que não tem medo de nenhuma criatura e de quem nenhuma criatura tem medo, depois da dissolução de seu corpo, não tem medo para enfrentar. (Isto é, tal homem sem dúvida obterá um fim abençoado.) Aquele que esgota seus méritos (por divertimento atual) sem procurar acumulá-los, que lança um olhar igual sobre todas as criaturas e pratica uma conduta de amizade universal, alcança Brahma. Como o rastro de aves pelo

céu ou de aves aquáticas sobre a superfície da água não pode ser discernido, assim mesmo o caminho de tal pessoa (sobre a terra) não atrai atenção. Por ele, ó rei, que abandonando o lar adota a religião da emancipação, muitos mundos brilhantes esperam para serem desfrutados pela eternidade. Se, abandonando todas as ações, abandonando penitências no devido tempo, abandonando os diversos ramos de estudo, realmente, abandonando todas as coisas (sobre as quais homens mundanos colocam seus corações), uma pessoa se torna pura em seus desejos, livre de todas as restrições (tais como distinções de casta, de vestuário, de alimento, etc.), de alma alegre, conhecedor de si mesmo, e de coração puro, então ela ganha estima neste mundo e finalmente alcança o céu. A eterna região do Avô a qual surge de penitências Védicas, e que está oculta em uma caverna, pode ser alcançada somente pelo autodomínio. (Uma referência à região de Brahma, a qual se supõe ser localizada dentro de cada coração. Uma pessoa alcança aquela região através de penitências e desprendimento.) Quem tem gosto pelo conhecimento verdadeiro, que se tornou erudito, e que nunca fere nenhuma criatura, não tem medo de voltar para este mundo, menos ainda, qualquer medo em relação aos outros. Há somente uma imperfeição no autocontrole. Nenhuma segunda imperfeição é perceptível nele. Uma pessoa que tem autocontrole é considerada pelos homens como fraca e imbecil. Ó tu de grande sabedoria, este atributo tem somente uma falha. Seus méritos são muitos. Pela bondade (a qual é somente outra forma de autocontrole), o homem de autocontrole pode facilmente alcançar mundos inumeráveis. Que necessidade tem de uma floresta um homem de autocontrole? Similarmente, ó Bharata, de que utilidade é a floresta para aquele que não tem autocontrole? É uma floresta onde o homem de autocontrole mora, e aquele é seu refúgio sagrado.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Bhishma, Yudhishthira ficou muito satisfeito como se ele tivesse bebido néctar. Novamente o rei questionou aquele principal dos homens virtuosos. Aquele perpetuador da linhagem de Kuru (questionado por seu neto) mais uma vez começou a falar alegremente (sobre o tópico levantado).'"

161

"Bhishma disse, 'Aqueles que possuem conhecimento dizem que tudo tem penitência como sua base. A pessoa tola que não passou por penitências não encontra com as recompensas de suas próprias ações. O pujante Criador criou todo esse universo com a ajuda de penitências. Da mesma maneira, os Rishis adquiriram os Vedas pelo poder das penitências. Foi pela ajuda das penitências que o Avô criou alimento, frutas e raízes. É pelas penitências que as pessoas coroadas com sucesso ascético contemplam os três mundos, com almas extasiadas. Remédios e todos os antídotos para substâncias prejudiciais, e as diversas ações (vistas aqui), produzem seus resultados planejados pela ajuda de penitência. A realização de todos os propósitos depende da penitência. Quaisquer coisas que existam que são aparentemente inalcançáveis certamente serão alcançadas pela ajuda de penitências. Sem dúvida, os Rishis obtiveram seus seis

atributos divinos através de penitência. Uma pessoa que bebe estimulantes alcoólicos, uma que se apropria das posses de outras sem seu consentimento, uma culpada de feticídio, e uma que viola o leito do preceptor, são todas purificadas por penitências devidamente praticadas. As penitências são de muitos tipos. Elas se revelam por várias saídas. De todas as espécies de penitências, no entanto, que alguém pode praticar acerca de se abster de prazer e divertimento, a abstenção de alimento é a mais elevada e melhor. A penitência envolvida em abstenção de alimento é superior, ó rei, até à compaixão, veracidade de palavras, caridade, e controle dos sentidos. Não há ação mais difícil de realizar do que a caridade. Não há modo de vida que seja superior a servir a própria mãe. Não há criatura superior àquelas que estão familiarizadas com os três Vedas. Similarmente, a Renúncia constitui a maior penitência. As pessoas mantêm seus sentidos sob controle para cuidarem de sua virtude e céu. Em relação a tal controle sobre os sentidos como também na aquisição de virtude, não há penitência superior à abstenção de alimento. Os Rishis, os deuses, seres humanos, animais, aves, e quaisquer outras criaturas que existam, móveis ou imóveis, são todas dedicadas a penitências, e qualquer sucesso que elas possam ganhar é alcançado por penitência. Assim, foi pela penitência que os deuses adquiriram sua superioridade. Estes (corpos luminosos no firmamento) que conseguiram suas quotas de felicidade, são sempre os resultados de penitência. Sem dúvida, pela penitência a própria posição de divindade pode ser adquirida.'"

162

"Yudhishthira disse, 'Brahmanas e Rishis e Pitris e os deuses todos louvam o dever da verdade. Eu desejo ouvir sobre a verdade. Fale para mim sobre isto, ó avô! Quais são as indicações, ó rei, da verdade? Como ela pode ser adquirida? O que é ganho por praticar a verdade, e como? Diga-me tudo isso.'"

"Bhishma disse, 'Uma confusão dos deveres das quatro classes nunca é aprovada. Isso que é chamado de Verdade sempre existe em um estado puro e genuíno em cada uma daquelas quatro classes. Com aqueles que são bons, a Verdade é sempre um dever. De fato, a Verdade é um dever eterno. Uma pessoa deve se curvar reverentemente à Verdade. A Verdade é o maior refúgio (de todos). Verdade é dever; Verdade é penitência; Verdade é Yoga; e Verdade é o eterno Brahma. A Verdade é citada como o Sacrifício de uma ordem superior. (Isto é, ambos são igualmente eficazes.) Tudo se apóia sobre a Verdade. Eu agora te direi as formas da Verdade uma após outra, e suas indicações também na devida ordem. Cabe a ti ouvir também como a Verdade pode ser adquirida. A Verdade, ó Bharata, como ela existe em todo o mundo, é de treze tipos. As formas que a Verdade assume são: imparcialidade, autocontrole, clemência, modéstia, paciência, bondade, renúncia, contemplação, dignidade, fortaleza, compaixão, e abstenção de ferir. Estas, ó nobre monarca, são as treze formas da Verdade. A Verdade é imutável, eterna, e permanente. Ela pode ser adquirida através de práticas que não sejam contrárias a nenhuma das outras virtudes. Ela pode ser adquirida também através de Yoga. Quando desejo e aversão, como também luxúria e ira, são destruídos, aquele atributo pelo qual uma pessoa é capaz de

olhar para si mesma e para seu inimigo, para seu bem e seu mal, com um olhar imutável, é chamado de imparcialidade. O autocontrole consiste em nunca desejar as posses de outro homem, em gravidade e paciência e capacidade para acalmar os temores de outros em relação a si mesmo, e imunidade de doença. Ele pode ser adquirido pelo conhecimento. Dedicação à prática de generosidade e a observância de todos os deveres são considerados pelos sábios como constituindo a benevolência. Uma pessoa vem a adquirir benevolência universal pela dedicação constante à verdade. Em relação à não clemência e à clemência, deve ser mencionado que o atributo através do qual um homem bom e estimado suporta o que é agradável e o que é desagradável, é citado como clemência. Esta virtude pode ser adequadamente adquirida pela prática da veracidade. Aquela virtude pela qual um homem inteligente, contente em mente e palavra, realiza muitos atos bons e nunca atrai a crítica de outros, é chamada de modéstia. Ela é adquirida pela ajuda da retidão. Aquela virtude que perdoa por causa da virtude e lucro é chamada de tolerância. Ela é uma forma de clemência. Ela é adquirida pela paciência, e seu propósito é unir pessoas a si mesmo. Abandonar a afeição como também todas as posses mundanas é chamado de renúncia. A renúncia nunca pode ser alcançada exceto por alguém que é desprovido de raiva e malícia. Aquela virtude pela qual uma pessoa faz o bem, com vigilância e cuidado, para todas as criaturas, é chamada de bondade. Ela não tem forma específica e consiste no despojamento de todos os afetos egoístas. Aquela virtude devido à qual alguém permanece inalterado na felicidade e na tristeza é chamada de fortaleza. O homem sábio que deseja seu próprio bem sempre praticar esta virtude. Deve-se sempre praticar a clemência e a devoção à verdade. O homem de sabedoria que consegue abandonar a alegria, o medo e a raiva, consegue adquirir fortaleza. Abstenção de ferir em relação a todas as criaturas em pensamentos, palavras, e ações, bondade, e caridade, são os deveres eternos daqueles que são bons. Esses treze atributos, embora aparentemente distintos uns dos outros, tem somente uma e a mesma forma, isto é, a Verdade. Todos esses, ó Bharata, sustentam a Verdade e a fortalecem. É impossível, ó monarca, esgotar os méritos da Verdade. É por essas razões que os Brahmanas, os Pitris, e os deuses louvam a Verdade. Não há dever que seja maior do que a Verdade, e nenhum pecado mais hediondo do que a falsidade. De fato, a Verdade é o próprio alicerce da justiça. Por esta razão, nunca se deve destruir a Verdade. Da Verdade procede a caridade, e os sacrifícios com presentes, bem como os Agnihotras triplos, os Vedas, e tudo mais que leva à virtude. Uma vez mil Sacrifícios de Cavalo e a Verdade foram pesados um contra o outro na balança. A Verdade pesou mais do que mil Sacrifícios de Cavalo.'"

163

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó tu de grande sabedoria, tudo acerca daquilo do qual surge ira e luxúria, ó touro da raça Bharata, e a tristeza e a perda da razão, e a tendência para fazer (mal aos outros), e ciúmes e malícia e orgulho, e inveja, e calúnia, e incapacidade de tolerar o bem de outros, e crueldade, e medo. Diga-me tudo realmente e em detalhes sobre isso.'"

"Bhishma disse, 'Esses treze vícios são considerados como inimigos muito poderosos de todas as criaturas. Eles, ó Monarca, se aproximam e tentam os homens de todos os lados. Eles aguilhoam e afligem um homem desatento ou um que é insensato. De fato, logo que eles vêem uma pessoa, eles a atacam poderosamente como lobos saltando sobre sua presa. Deles procedem todas as espécies de aflições. Deles procedem todas as espécies de pecados. Todo mortal, ó principal dos homens, deve sempre saber disso. Eu agora te falarei da origem deles, dos objetos dos quais eles dependem, e dos meios de sua destruição, ó senhor da terra! Escute, primeiro, ó rei, com atenção indivisa, sobre a origem da ira realmente e em detalhes. A ira surge da cobiça. Ela é fortalecida pelos erros de outros. Pela clemência ela permanece dormente, e pela bondade ela desaparece. Em relação à luxúria, ela surge da resolução. A indulgência a fortalece. Quando o homem de sabedoria resolutamente se desvia dela, ela desaparece e morre. A inveja de outros procede da ira e cobiça em conjunto. Ela desaparece pela compaixão e autoconhecimento. Pela compaixão por todas as criaturas, e daquela desconsideração por todos os objetos mundanos (que o conhecimento traz em seu séquito), ela desaparece. Ela também resulta de ver as falhas de outras pessoas. Mas nos homens de inteligência ela desaparece rapidamente em consequência do conhecimento verdadeiro. A perda da razão tem sua origem na ignorância e procede de hábitos pecaminosos. Quando o homem a quem este defeito assalta começa a se deleitar (na companhia e conselhos de) homens sábios, o vício imediatamente esconde sua cabeça. Homens, ó tu da linhagem de Kuru, vêem escrituras divergentes. Daquela circunstância surge o desejo por diversos tipos de ação. Quando o Conhecimento verdadeiro é obtido, aquele desejo é acalmado. A tristeza de uma criatura incorporada surge da afeição a qual é reavivada pela separação. Quando, no entanto, uma pessoa aprende que os mortos não retornam (qualquer que seja a tristeza que ela sinta por eles), ela diminui. A incapacidade de tolerar o bem de outras pessoas procede da ira e cobiça. Por compaixão por todas as criaturas e por um desinteresse por todos os objetos mundanos, ela é extinta. A malícia procede do abandono da verdade e da indulgência na maldade. Este vício, ó filho, desaparece por visitar os sábios e os bons. O orgulho, nos homens, surge do nascimento, erudição, e prosperidade. Quando aqueles três, no entanto, são realmente conhecidos, aquele vício desaparece imediatamente. O ciúme surge da luxúria e deleite em pessoas inferiores e vulgares. Pela sabedoria ele é destruído. Dos erros (de conduta) inconsistentes com os costumes comuns de homens, e por palavras desagradáveis expressivas de aversão, a calúnia tem sua origem. Ela desaparece, ó rei, a partir de uma avaliação do mundo inteiro. Quando a pessoa que ofende é poderosa e a ofendida não pode vingar a ofensa, o ódio se mostra. Ele diminui, no entanto, pela bondade. A compaixão procede de uma observação das pessoas desamparadas e miseráveis com as quais o mundo abunda. Aquele sentimento desaparece quando uma pessoa compreende a força da virtude. (A compaixão, como os defeitos enumerados acima, agita o coração e deve ser controlada por causa da felicidade individual e tranquilidade de alma.) A cobiça em todas as criaturas provém da ignorância. Vendo a instabilidade de todos os objetos de prazer, ela sofre destruição. É dito que somente a tranquilidade de alma pode subjugar todos esses treze defeitos. Todas esses treze defeitos manchavam os

filhos de Dhritarashtra. Tu mesmo, sempre desejoso da verdade, conquistaste todos aqueles vícios por teu respeito pelos superiores.'"

164

"Yudhishthira disse, 'Eu sei o que é benevolência, por minha observação de pessoas que são boas. Eu, no entanto, não conheço aquelas que são malévolas, nem a natureza de seus atos, ó Bharata. De fato, as pessoas evitam pessoas malévolas de ações cruéis assim como elas evitam espinhos e armadilhas e fogo. É evidente, ó Bharata, que aquele que é malévolo com certeza queima (com miséria) aqui e após a morte. Portanto, ó tu da linhagem de Kuru, me diga quais são, em verdade, as ações de tal pessoa.'"

"Bhishma disse, 'Pessoas malévolas sempre fazem ações pecaminosas e sentem uma inclinação irresistível para fazê-las. Elas caluniam outras e atraem infâmia sobre si mesmas. Elas sempre se consideram como enganadas no que lhes é devido. O homem malévolo se gaba de seus próprios atos de caridade. Ele olha os outros com olhos maliciosos. Ele é muito mesquinho. Ele é enganador, e cheio de astúcia. Ele nunca dá aos outros o que lhes é devido. Ele é arrogante. Ele mantém má companhia e é sempre vaidoso. Ele tem medo e suspeita de todos com quem entra em contato. Ele tem uma compreensão leviana. Ele pratica usura. Ele elogia seus associados. Ele nutre uma aversão e ódio imoderados por todos os reclusos que se retiraram para as florestas. Ele tem prazer em ferir outros. Ele é totalmente negligente em distinguir os méritos e imperfeições de outros. Ele é cheio de mentiras. Ele é descontente. Ele é extremamente cobiçoso, e sempre age cruelmente. Tal pessoa considera um homem virtuoso e educado como uma peste, e pensando que todos os outros são como ele mesmo nunca confia em ninguém. Tal pessoa proclama os defeitos de outras pessoas embora aqueles defeitos possam ser insuspeitos. Em relação a tais defeitos, no entanto, que são similares àqueles que maculam ele mesmo, ele não se refere nem remotamente, por causa da vantagem que ele colhe deles. Ele considera a pessoa que faz o bem para ele como um simplório a quem ele inteligentemente enganou. Ele é cheio de arrependimento por ter, em qualquer tempo, feito algum presente de riqueza até para um benfeitor. Saiba que é uma pessoa malévola e vil aquela que tranquilamente e sozinha pega comestíveis e bebidas e outras espécies de alimentos que são considerados finos, até quando pessoas estão presentes com olhos desejosos. Quem, por outro lado, dedica a primeira porção para Brahmanas e pega o que resta, dividindo-o com amigos e parentes, obtém grande felicidade no mundo seguinte e felicidade infinita neste. Eu agora, ó chefe dos Bharatas, te disse quais são as indicações do homem malévolo e vil. Tal pessoa deve ser sempre evitada por um homem de sabedoria.'"

165

"Bhishma disse, 'Para habilitar Brahmanas pios e empobrecidos que tiveram sua riqueza roubada (por ladrões), que são dedicados à realização de sacrifícios,

que conhecem bem todos os Vedas, e que são desejosos de adquirir o mérito da virtude, a cumprirem suas obrigações com preceptores e Pitris, e passarem seus dias recitando e estudando as escrituras, riqueza e conhecimento, ó Bharata, devem ser dados. (Na Índia, desde os tempos mais remotos, preceptores não cobram de seus pupilos quaisquer taxas pela instrução que eles dão. Sem dúvida, a taxa final, chamada de Gurudakshina, é exigível, mas ela é exigível depois que o pupilo terminou seus estudos. Vender conhecimento por dinheiro é um grande pecado. Até hoje em todos os Tols (um tipo de instituição de ensino) nativos do país, instrução é dada livre de todas as despesas. Além do mais, os pupilos são alimentados por seus preceptores. Os últimos, por sua vez, são sustentados pela caridade do país inteiro.) Para aqueles Brahmanas que não são pobres, somente o Dakshina, (o presente ou doação feito em sacrifícios), ó melhor dos Bharatas, deve ser dado. Em relação àqueles que decaíram (por seus atos pecaminosos) da posição de Brahman, alimento não cozido deve ser dado para eles fora dos limites do altar sacrifical. Os Brahmanas são os próprios Vedas e todos os Sacrifícios com grandes presentes. Desejosos de sobrepujar uns aos outros, eles sempre realizam sacrifícios, impelidos por suas tendências virtuosas. O rei deve, portanto, fazer presentes de diversos tipos de riquezas de valor para eles. O Brahmana que tem uma quantidade suficiente de suprimentos para alimentar sua família por três anos ou mais, merece beber o Soma. (Isto é, tal pessoa pode realizar um sacrifício grandioso no qual Soma é oferecido para os deuses e bebido pelo sacrificador e os sacerdotes.) Se apesar da presença de um rei virtuoso no trono, o sacrifício começado por alguém, especialmente por um Brahmana, não puder ser completado por falta somente de uma quarta das despesas calculadas, então o rei deve, para a conclusão daquele sacrifício, tirar de seus parentes a riqueza de um Vaisya que tem um grande rebanho de gado mas que é contrário a sacrifícios e se abstém de beber Soma. O Sudra não tem competência para realizar um sacrifício. O rei deve, portanto, tirar (riqueza para tal propósito) da casa de um Sudra. O rei deve também, sem nenhum escrúpulo, tirar dos parentes a riqueza daquele que não realiza sacrifícios embora possua cem vacas e também daquele que se abstém de sacrifícios embora possua mil vacas. O rei deve sempre tirar publicamente a riqueza da pessoa que não pratica caridade, por agir dessa maneira o rei ganha grande mérito. Ouça-me novamente. O Brahmana que foi forçado por pobreza a seguir sem seis refeições (isto é, que jejuou por três dias inteiros), pode tirar sem permissão, segundo a regra, de uma pessoa que se importa somente com o hoje sem nenhum pensamento no amanhã, somente o que é necessário para uma única refeição, do tonel de debulha ou do campo ou do jardim ou de qualquer outro lugar mesmo de um homem de ocupações inferiores. Ele deve, no entanto, questionado ou não, informar o rei de seu ato. Se o rei é familiarizado com o dever ele não deve infligir nenhum castigo sobre tal Brahmana. Ele deve se lembrar que um Brahmana é afligido pela fome somente pela falha do Kshatriya. (Se o Brahmana sofre fome, isto é devido ao rei ter negligenciado seu dever de providenciar para ele.) Tendo averiguado o conhecimento e o comportamento de um Brahmana, o rei deve fazer uma provisão para ele, e protegê-lo como um pai protege o próprio filho. No fim de cada ano, uma pessoa deve realizar o sacrifício Vaisvanara (se ela não puder realizar algum sacrifício animal ou Soma). Aqueles que são conhecedores da religião dizem que

a prática de uma ação declarada na alternativa não é destrutiva de virtude. Os Viswedevas, os Sadhyas, os Brahmanas, e os grandes Rishis, temendo a morte em épocas de infortúnio, não hesitam em recorrer a tais cláusulas nas escrituras que foram prescritas na alternativa. O homem, no entanto, que enquanto capaz de viver de acordo com a prescrição primária, se dirige à alternativa, vem a ser considerado como uma pessoa má e nunca consegue obter qualquer felicidade no céu. Um Brahmana conhecedor dos Vedas nunca deve falar de sua energia e conhecimento para o rei. (É o dever do rei averiguar isso por si mesmo.) Comparando a energia de um Brahmana com aquela do rei, a primeira sempre será julgada superior à última. Por esta razão a energia dos Brahmanas dificilmente pode ser suportada ou resistida por um rei. O Brahmana é citado como criador, soberano, ordenador, e deus. Nenhuma palavra ofensiva, nem palavras rudes, devem ser dirigidas a um Brahmana. O Kshatriya deve cruzar todas as suas dificuldades pela ajuda do poder das suas armas. O Vaisya e o Sudra devem vencer suas dificuldades pela riqueza; o Brahmana deve fazer isso por Mantras e homa. Nenhum destes, isto é, uma donzela, uma mulher jovem, uma pessoa não familiarizada com mantras, um sujeito ignorante, ou um que é impuro, é competente para despejar libações no fogo sacrifical. Se algum deles fizer isto, ele ou ela com certeza cairá no inferno, com aquele para quem eles agem. Por esta razão, ninguém exceto um Brahmana, conhecedor dos Vedas e hábil em todos os sacrifícios, deve se tornar aquele que despeja as libações sacrificais. Aqueles que conhecem as escrituras dizem que o homem que, tendo acendido o fogo sacrifical, não doa o alimento oferecido como Dakshina, não é o acendedor de um fogo sacrifical. Uma pessoa deve, com seus sentidos sob controle, e com devoção apropriada, fazer todas as ações de mérito (indicadas nas escrituras). Nunca se deve adorar as divindades em sacrifícios nos quais nenhum Dakshina é dado. Um sacrifício não completado com Dakshina, (em vez de produzir mérito) ocasiona a destruição dos filhos, animais, e céu de uma pessoa. Tal sacrifício destrói também a compreensão, a fama, as realizações e o próprio período de vida que alguém tem. Os Brahmanas que se deitam com mulheres em sua época, ou que nunca realizam sacrifícios, ou cuja famílias não têm membros conhecedores dos Vedas, são considerados como Sudras em ação. O Brahmana que, tendo casado com uma garota Sudra, reside por doze anos contínuos em uma aldeia que tem somente um poço para seu abastecimento de água, se torna um Sudra em ação. O Brahmana que convoca para sua cama uma moça solteira, ou permite que um Sudra, julgando-o digno de respeito, sente sobre o mesmo tapete com ele, deve sentar-se em uma cama de grama seca atrás de um Kshatriya ou Vaisya e dar a ele respeito dessa maneira. É desse modo que ele pode ser purificado. Escute, ó rei, as minhas palavras sobre este assunto. O pecado que um Brahmana comete em uma única noite por servir respeitosamente um membro de uma classe inferior ou por se divertir com ele no mesmo local ou na mesma cama, é purificado por observar a prática de sentar-se atrás de um Kshatriya ou um de Vaisya em uma cama de grama seca por três anos contínuos. Uma mentira falada de brincadeira não é pecaminosa; nem uma que é falada para uma mulher, ó rei, nem uma que é falada em uma ocasião de casamento; nem uma falada para beneficiar o próprio preceptor; nem uma falada para salvar a própria vida. É dito que estes cinco tipos de mentira em palavras não são pecaminosos. Alguém pode adquirir

conhecimento útil até de uma pessoa de ocupações inferiores, com devoção e reverência. Uma pessoa pode pegar ouro, sem nenhum escrúpulo, mesmo de um lugar impuro. Uma mulher que é o ornamento de seu sexo pode ser tomada (como esposa) até de uma família vil. Amrita, se extraído do veneno, pode ser bebido; mulheres, jóias e outros objetos de valor, e água, nunca podem, segundo as escrituras, ser impuros ou vis. Para o benefício de Brahmanas e vacas, e em ocasiões de transfusão de castas, até um Vaisya pode fazer uso de armas para sua própria segurança. Tomar bebidas alcoólicas, matar um Brahmana, e violar a cama do preceptor são pecados que, se cometidos conscientemente, não têm expiação. A única expiação prescrita para eles é a morte. O mesmo pode ser dito de roubar ouro e do roubo da propriedade de um Brahmana. Por tomar bebidas alcoólicas, por ter união sexual com alguém com quem tal união é proibida, por se misturar com uma pessoa decaída, e (uma pessoa de alguma das outras três classes) por união sexual com uma Brahmani, um homem se torna inevitavelmente decaído. Por se unir com uma pessoa decaída por um ano inteiro em questões tais como oficiar em sacrifícios e ensino e união sexual, alguém se torna decaído. Uma pessoa, no entanto, não se torna assim por se unir com uma pessoa decaída em questões tais como viajar no mesmo veículo, sentar-se no assento mesmo, e comer na mesma fileira. Excluindo os cinco pecados graves que foram mencionados acima, todos os outros pecados têm expiações, providenciadas para eles. Expiando aqueles pecados de acordo com as ordenanças prescritas para eles, uma pessoa não deve se entregar a eles novamente. No caso daqueles que foram culpados dos três primeiros destes cinco pecados, (isto é, tomar bebidas alcoólicas, matar um Brahmana, e violar a cama do preceptor), não há restrição para seus parentes (sobreviventes) sobre se alimentar e usar ornamentos, mesmo se suas cerimônias fúnebres permanecerem não executadas quando eles morrem. Os parentes vivos não devem ter escrúpulos sobre tais coisas em tais ocasiões. Um homem virtuoso deve, no cumprimento de seus deveres, se separar de seus próprios amigos e superiores veneráveis. Realmente, até que eles realizem expiação, aqueles que são virtuosos não devem nem conversar com os pecadores. Um homem que agiu pecaminosamente destrói seu pecado por agir virtuosamente depois e por penitências. Por chamar um ladrão de ladrão, uma pessoa incorre no pecado de roubo. Por chamar de ladrão uma pessoa que, no entanto, não é um ladrão, uma pessoa incorre exatamente no dobro do pecado de roubo. A donzela que permite que sua virgindade seja deflorada incorre em três quartos do pecado de Brahmanicídio, enquanto o homem que a deflorou incorre em um pecado igual a uma quarta parte daquele de Brahmanicídio. Por caluniar Brahmanas ou por bater neles, uma pessoa cai em infâmia por cem anos. Por assassinar um Brahmana alguém cai no inferno por mil anos. Ninguém, portanto, deve falar mal de um Brahmana ou matá-lo. Se uma pessoa golpeia um Brahmana com uma arma, ele terá que viver no inferno por tantos anos quanto os grãos de poeira que forem molhados pelo sangue fluindo do ferido. Alguém culpado de feticídio (ou de alguns dos pecados que são considerados equivalentes ao feticídio, como o assassinato de um Brahmana, etc.) se torna purificado se ele morre de ferimentos recebidos em batalha lutada por causa de vacas e Brahmanas. Ele pode também ser purificado por lançar sua pessoa em um fogo ardente. Um tomador de bebidas

alcoólicas se purifica por beber álcool quente. Seu corpo sendo queimado com aquela bebida quente, ele é purificado através morte no outro mundo. Um Brahmana manchado por tal pecado alcança regiões de felicidade por tal procedimento e não por outro qualquer. Por violar a cama de um preceptor, o canalha pecaminoso e de alma vil se purifica pela morte que provém de abraçar uma figura feminina de ferro aquecido. Ou, cortando fora seu órgão e testículos e levando-os em suas mãos, ele deve seguir em uma direção reta para o sudoeste e então rejeitar sua vida. Ou, por encontrar a morte para beneficiar um Brahmana, ele pode se limpar de seu pecado. Ou, depois de realizar um Sacrifício de Cavalo ou um Sacrifício de Vaca ou um Agnishtoma, ele pode recuperar a estima aqui e após a morte. O assassino de um Brahmana deve praticar o voto de Brahmacharya por doze anos e se dedicando a penitências, vagar, segurando em suas mãos a caveira do morto todo o tempo e proclamando seu pecado para todos. Ele deve adotar tal conduta, dedicado a penitências e levando a vida de um asceta. Tal é a expiação fornecida para alguém que mata uma mulher grávida, sabendo sua condição. O homem que mata de propósito tal mulher incorre no dobro do pecado que vem depois do Brahmanicídio. Um tomador de bebidas alcoólicas deve viver de alimento frugal, praticando votos Brahmacharya, e dormir sobre a terra nua, e realizar por mais de três anos o sacrifício seguinte ao Agnishtoma. Ele deve então fazer um presente de mil vacas com um touro (para um bom Brahmana). Fazendo tudo isso, ele recuperará sua pureza. Tendo matado um Vaisya alguém deve realizar tal sacrifício por dois anos e fazer um presente de cem vacas com um touro. Tendo matado um Sudra, deve-se realizar tal sacrifício por um ano e fazer um presente de cem vacas com um touro. Tendo matado um cachorro ou urso ou camelo, deve-se realizar a mesma penitência que é declarada para o assassinato de um Sudra. Por matar um gato, um chasa, uma rã, um corvo, um réptil, ou um rato, é dito que alguém incorre no pecado de matança animal, ó rei! Eu agora te falarei de outros tipos de expiações em sua ordem. Por todos os pecados menores uma pessoa deve se arrepender ou praticar algum voto por um ano. Por união sexual com a esposa de um Brahmana conhecedor dos Vedas, um homem deve praticar por três anos o voto de Brahmacharya, comendo pouco alimento na quarta parte do dia. Por tal união com alguma outra mulher (que não é a esposa de alguém), um homem deve praticar penitência semelhante por dois anos. Por se deleitar na companhia de uma mulher por sentar-se com ela no mesmo lugar ou no mesmo assento, um homem deve viver somente de água por três dias. Por fazer isso ele pode se purificar de seu pecado. O mesmo é prescrito para alguém que suja um fogo ardente (por jogar coisas impuras nele). Aquele que, sem causa adequada, rejeita seu pai ou mãe ou preceptor, certamente se torna decaído, ó tu da linhagem de Kuru, como é a conclusão das escrituras. Somente comida e roupas devem ser dadas, como é a injunção, para uma esposa culpada de adultério ou alguém confinado em uma prisão. De fato, os votos que são prescritos para um homem culpado de adultério devem também ser observados por uma mulher que é culpada do mesmo. A mulher que, abandonando um marido de uma casta superior, tem ato sexual com um homem vil (de uma classe inferior), deve ser feita pelo rei ser devorada por cães em um lugar público no meio de uma grande assembléia de espectadores. Um rei sábio deve fazer o homem que cometeu adultério sob tais circunstâncias ser colocado

sobre uma cama de ferro aquecido e então, colocando feixes de paus por baixo, queimar o pecador nela. O mesmo castigo, ó rei, é dado à mulher que é culpada de adultério. O pecador perverso que não realiza expiação dentro de um ano da perpetração do pecado incorre em demérito que é o dobro do que se atribui ao pecado original. Alguém que se associa com tal pessoa por dois anos deve vagar por sobre a terra, se dedicando a penitências e vivendo de caridade. Alguém que se associou com um pecador por quatro anos deve adotar tal modo de vida por cinco anos. Se um irmão mais novo se casa antes de seu irmão mais velho, então o irmão mais novo, o irmão mais velho e a mulher que se casou, todos os três, por causa de tal casamento, se tornam decaídos. Todos eles devem cumprir os votos prescritos para uma pessoa que negligenciou seu fogo sacrifical, ou praticar o voto de Chandrayana por um mês, ou algum outro voto doloroso, para se purificarem de seu pecado. O irmão mais novo, se casando, deve dar sua esposa para seu irmão mais velho solteiro. Depois, tendo obtido a permissão do irmão mais velho, o irmão mais novo pode pegar sua esposa de volta. Por tais meios todos os três podem ser purificados de seu pecado. Por matar animais exceto uma vaca, o matador não é maculado. Os eruditos sabem que o homem tem domínio sobre todos os animais inferiores. Um pecador, segurando em sua mão um rabo de iaque e uma panela de barro, deve vagar, proclamando seu pecado. Ele deve todos os dias mendigar de somente sete famílias, e viver do que possa ser assim obtido. Por fazer isso por doze dias ele pode ser purificado de seu pecado. Aquele que se torna incapaz de portar em sua mão o rabo de iaque enquanto pratica este voto, deve observar o voto de mendicância (como declarado acima) por um ano inteiro. Entre homens tal expiação é a melhor. Para aqueles que podem praticar caridade, a prática da caridade é prescrita em todos os tais casos. Aqueles que têm fé e virtude podem se purificar por doarem somente uma vaca. Alguém que come ou bebe a carne, excremento, ou urina, de um cachorro, um javali, um homem, um galo, ou um camelo, deve ter sua investidura do fio sagrado realizada novamente. Se um Brahmana bebedor de Soma inala o cheiro de álcool da boca de alguém que o bebeu, ele deve beber água quente por três dias ou leite quente pelo mesmo período. Ou, bebendo água quente por três dias, ele deve viver só de ar por aquele período. Estas são as injunções eternas declaradas para a expiação de pecados, especialmente para um Brahmana que cometeu esses pecados por ignorância e falta de bom senso.'"

166

"Vaisampayana disse, 'Após a conclusão deste discurso, Nakula, que era um espadachim talentoso, assim questionou o avô Kuru deitado sobre seu leito de flechas.'"

"Nakula disse, 'O arco, ó avô, é considerado como a principal das armas neste mundo. Minha mente, no entanto, se inclina para a espada, já que quando o arco, ó rei, é cortado ou quebrado, quando corcéis estão mortos ou enfraquecidos, um bom guerreiro, bem treinado na espada, pode se proteger por meio de sua espada. Um herói armado com a espada pode, sozinho, resistir a muitos

arqueiros, e a muitos adversários armados com maças e dardos. Eu tenho essa dúvida, e eu me sinto curioso para saber a verdade. Qual, ó rei, é realmente a principal das armas em todas as batalhas? Como a primeira espada foi criada e para qual propósito? Quem também foi o primeiro preceptor na arma? Diga-me tudo isso, ó avô.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras do inteligente filho de Madri, o virtuoso Bhishma, o mestre perfeito da ciência do arco, esticado sobre sua cama de setas, deu esta resposta repleta de muitas palavras refinadas de significado encantador, melodiosa com vogais devidamente colocadas, e mostrando habilidade considerável, para Nakula de grande alma, aquele discípulo de Drona, dotado de treinamento hábil.'"

"Bhishma disse, 'Ouça a verdade, ó filho de Madri, acerca do que tu me perguntaste. Eu estou excitado por essa tua pergunta, como uma colina de greda vermelha. (Isto é, a pergunta de Nakula excitou o coração de Bhishma e causou um fluxo de sangue através de seus ferimentos. Então Bhishma se compara a uma colina de greda vermelha.) Nos tempos antigos o universo era uma vasta extensão de água, imóvel e sem firmamento, e sem essa terra ocupando algum espaço nele. Envolvido em escuridão, e intangível, seu aspecto era extremamente terrível. Completo silêncio reinando por todos os lados, ele era imensurável em extensão. No seu próprio tempo apropriado o Avô (do universo) teve seu nascimento. Ele então criou o vento e o fogo, e também o sol de grande energia. Ele também criou o céu, os lugares de eterna bem-aventurança, as regiões inferiores, terra, as direções, o firmamento com a lua e as estrelas, as constelações, os planetas, o ano, as estações, os meses, as duas quinzenas (clara e escura) e as divisões menores de tempo. O Avô divino então, assumindo uma forma visível, gerou (pelo poder de sua vontade) alguns filhos possuidores de grande energia. Eles são os sábios Marichi, Atri, Pulastya, Pulaha, Kratu, Vasishtha, Angiras, e o poderoso e pujante senhor Rudra, e Prachetas. O último gerou Daksha, que por sua vez, gerou sessenta filhas. Todas aquelas filhas foram recebidas como esposas por sábios regenerados com o objetivo de gerar filhos nelas. Delas surgiram todas as criaturas do universo, incluindo os deuses, Pitris, Gandharvas, Apsaras, diversas espécies de Rakshasas, aves e animais e peixes, macacos, grandes cobras, e diversas espécies de aves que percorrem o ar ou se divertem na água, e vegetais, e todos os seres que são ovíparos ou vivíparos ou nascidos da sujeira. Desse modo surgiu todo o universo consistindo em criaturas móveis e imóveis. O Avô universal, tendo assim chamado à existência todas as criaturas móveis e imóveis, então promulgou a religião eterna declarada nos Vedas. Aquela religião foi aceita pelos deuses, com seu preceptores, sacerdotes, os Adityas, os Vasus, os Rudras, os Sadhyas, os Maruts, os Aswins, Bhrigu, Atri, Angiras, os Siddhas, Kasyapa rico em penitências, Vasishtha, Gautama, Agastya, Narada, Parvata, os Rishis Valikhilya, aqueles outros Rishis conhecidos sob os nomes de Prabhasas, os Sikatas, os Ghritapas, os Somavayavyas, os Vaiswanaras, Marichipas, os Akrishtas, os Hansas, aqueles nascidos do Fogo, os Vanaprasthas, e os Prasnis. Todos eles viviam em obediência a Brahman. Os principais dos Danavas, no entanto, desprezando as ordens do Avô, e se

entregando à ira e cobiça, começaram a causar a destruição da justiça. Eles eram Hiranyakasipu, e Hiranyaksha, e Virochana, e Samvara, e Viprachitti, e Prahlada, e Namuchi, e Vali. Estes e muitos outros Daityas e Danavas, ultrapassando todas as restrições de dever e religião, se divertiram e se deleitaram em todos os tipos de más ações. Se considerando iguais aos deuses em relação a nascimento, eles começaram a desafiá-los e aos sábios de comportamento puro. Eles nunca faziam algum bem para as outras criaturas do universo ou mostravam compaixão por alguma delas. Desconsiderando os três meios bem conhecidos, eles começaram a perseguir e afligir todas criaturas por manejarem somente a vara de castigo. De fato, aqueles principais dos Asuras, cheios de orgulho, abandonaram toda comunicação amistosa com outras criaturas. Então o divino Brahman, acompanhado pelos sábios regenerados, procedeu para um topo encantador de Himavat, se estendendo pela área de cem Yojanas, adornado com diversas espécies de jóias e pedras preciosas, e sobre cuja superfície as estrelas pareciam descansar como muitos lotos em um lago. Naquele príncipe das montanhas, ó senhor, coberto com florestas de árvores florescentes, aquele principal dos deuses, isto é, Brahman, ficou por algum tempo para realizar o trabalho do mundo. Depois do lapso de mil anos, o pujante senhor fez arranjos para um sacrifício grandioso de acordo com as ordenanças declaradas nas escrituras. O altar sacrifical foi adornado com Rishis hábeis em sacrifícios e competentes para realizar todas as ações referentes a isso, com feixes de combustível sacrifical, e com fogos ardentes. E ele parecia muito belo por causa dos pratos e recipientes sacrificais todos feitos de ouro. Todos os principais entre os deuses tomaram seus assentos nele. A plataforma foi em seguida adornada com Sadasyas todos os quais eram Rishis regenerados ilustres. Eu soube dos Rishis que logo uma coisa muito terrível aconteceu naquele sacrifício. É sabido que uma criatura pulou (do fogo sacrifical) espalhando as chamas ao seu redor, e cujo esplendor se igualava àquele da própria Lua quando ela se ergue no firmamento coberto de estrelas. Sua cor era escura como aquela das pétalas do lótus azul. Seus dentes eram afiados. Seu abdome era magro. Sua estatura era alta. Ele parecia ser irresistível e possuidor de energia excessiva. Após o aparecimento daquele ser, a terra tremeu. O Oceano ficou agitado com grandes vagalhões e redemoinhos tremendos. Meteoros pressagiando grandes desastres percorreram o céu. Os ramos das árvores começaram a cair. Todos os pontos do horizonte ficaram agitados. Ventos inauspiciosos começaram a soprar. Todas as criaturas começaram a tremer de medo a todo momento. Vendo aquela agitação horrível do universo e aquele Ser surgido do fogo sacrifical, o Avô disse estas palavras aos grandes Rishis, aos deuses, e aos Gandharvas. ‘Este Ser foi pensado por mim. Possuidor de grande energia, seu nome é Asi (espada ou cimitarra). Para a proteção do mundo e a destruição dos inimigos dos deuses, eu o criei.’ Aquele ser então, abandonando a forma que ele tinha assumido primeiro, tomou a forma de uma espada de grande esplendor, altamente polida, de gume afiado, surgida como o Ser todo-destrutivo no fim do Yuga. Então Brahman transferiu aquela arma para Rudra de garganta azul, que tem como desenho em sua bandeira o principal dos touros, para capacitá-lo a eliminar a irreligião e o pecado. Nisto, o divino Rudra de alma imensurável, louvado pelos grandes Rishis, ergueu aquela espada e assumiu uma forma diferente. Desenvolvendo quatro braços, ele se tornou tão

alto que embora estando na terra ele tocava o próprio sol com sua cabeça. Com olhos virados para cima e com todos os membros estendidos largamente, ele começou a vomitar chamas de fogo de sua boca. Assumindo diversas cores tais como azul e branco e vermelho, vestindo uma camurça preta salpicada com estrelas de ouro, ele possuía em sua testa um terceiro olho que parecia com o sol em esplendor. Seus dois outros olhos, um dos quais era preto e o outro fulvo, resplandeciam muito brilhantemente. O divino Mahadeva, o portador do Sula, o arrancador dos olhos de Bhaga, erguendo a espada cujo esplendor parecia aquele do fogo Yuga todo-destrutivo, e manejando um escudo largo com três grandes saliências que parecia com uma massa de nuvens escuras adornada com lampejos de relâmpago, começou a realizar diversos tipos de evoluções. Possuidor de grande destreza, ele começou a girar a espada no céu, desejoso de um duelo. Altos foram os rugidos que ele proferiu, e impressionante o som de sua risada. De fato, ó Bharata, a forma então assumida por Rudra era extremamente terrível. Sabendo que Rudra tinha assumido aquela forma para realizar atos violentos, os Danavas, cheios de alegria, começaram a ir em direção a ele com grande velocidade, despejando rochas enormes sobre ele enquanto eles se aproximavam, e pedaços de madeira ardentes, e diversos tipos de armas terríveis feitas de ferro e todas dotadas do corte da navalha. A hoste Danava, no entanto, vendo aquele principal de todos os seres, o indestrutível Rudra, crescendo com poder, ficou estupefata e começou a tremer. Embora Rudra estivesse sozinho e sem ajuda, ele se movia tão rapidamente pelo campo de batalha com a espada em seu braço que os Asuras pensaram que haviam mil Rudras semelhantes lutando com eles. Rasgando e perfurando e afligindo e partindo e cortando e triturando, o grande deus se movia com velocidade entre as massas compactas de seus inimigos como um incêndio florestal se espalhando em meio a pilhas de grama seca. Os Asuras poderosos, subjugados pelo deus com os giros de sua espada, com braços e pernas e peitos cortados e perfurados, e com cabeças cortadas de seus troncos, começaram a cair no chão. Outros entre os Danavas, afligidos pelos golpes da espada, se dividiram e fugiram em todas as direções, alegrando uns aos outros enquanto eles fugiam. Alguns penetraram nas entranhas da terra; outros ficaram sob o abrigo de montanhas, alguns foram para cima; outros entraram nas profundidades do oceano. Durante o progresso daquela batalha terrível e violenta, a terra se tornou lamacenta com carne e sangue e visões horríveis se apresentavam de todos os lados. Coberta com os corpos mortos de Danavas cobertos com sangue, a terra parecia como se coberta com topos de montanha cobertos com Kinsukas. Encharcada com sangue, a terra parecia extremamente bela, como uma dama de aparência formosa embriagada com álcool e vestida em mantos carmesins. Tendo matado os Danavas e restaurado a Justiça sobre a terra, o auspicioso Rudra abandonou sua forma horrível e assumiu sua própria forma benéfica. Então todos os Rishis e todos os celestiais adoraram aquele deus de deuses com aclamações altas desejando vitória para ele. O divino Rudra, depois disso, deu a espada, aquela protetora da religião, tingida com o sangue dos Danavas, para Vishnu com as devidas adorações. Vishnu a deu para Marichi. O divino Marichi a deu para todos os grandes Rishis. Os últimos a deram para Vasava. Vasava a deu para os Regentes do mundo. Os Regentes, ó filho, deram aquela grandiosa espada para Manu, o

filho de Surya. Na hora de dá-la para Manu, eles disseram, 'Tu és o senhor de todos os homens. Proteja todas as criaturas com esta espada que contém a religião dentro de seu ventre. Infligindo castigo devidamente àqueles que ultrapassaram os limites da virtude por causa do corpo ou da mente, eles devem ser protegidos em conformidade com as ordenanças mas nunca de acordo com capricho. Alguns devem ser punidos com reprimendas verbais, e com multas e confiscos. Perda de membro ou morte nunca devem ser infligidos por razões leves. Estes castigos, consistindo em reprimendas verbais como seu primeiro, são considerados como as muitas formas da espada. Estas são as formas que a espada assume por causa das transgressões de pessoas sob a proteção (do rei). Em tempo Manu instalou seu próprio filho Kshupa na soberania de todas as criaturas, e deu a ele a espada para a proteção delas. De Kshupa ela foi recebida por Ikshvaku, e de Ikshvaku por Pururavas. De Pururavas ela foi recebida por Ayus, e de Ayus por Nahusha. De Nahusha ela foi recebida por Yayati, e de Yayati por Puru. De Puru ela foi recebida por Amurtarya, de Amurtarya ela passou para o nobre Bhumisaya. De Bhumisaya foi recebida pelo filho de Dushmanta, Bharata. De Bharata, ó monarca, ela foi recebida pelo correto Ailavila. De Ailavila ela foi recebida pelo rei Dhundumara. De Dhundumara ela foi recebida por Kamvoja, e de Kamvoja ela foi recebida por Muchukunda, de Muchukunda foi recebida por Marutta, e de Marutta por Raivata. De Raivata ela foi recebida por Yuvanaswa, e de Yuvanaswa por Raghu. De Raghu ela foi recebida pelo corajoso Harinaswa. De Harinaswa a espada foi recebida por Sunaka e de Sunaka por Usinara de grande alma. Do último ela foi recebida pelos Bhojas e os Yadavas. Dos Yadus ela foi recebida por Sivi. De Sivi ela passou para Pratardana. De Pratardana ela foi recebida por Ashtaka, e de Ashtaka por Prishadaswa. De Prishadaswa ela foi recebida por Bharadwaja, e do último por Drona. Depois de Drona ela foi recebida por Kripa. De Kripa aquela melhor das espadas foi obtida por ti com teus irmãos. A constelação sob qual a espada nasceu é Krittika. Agni é sua divindade, e Rohini é seu Gotra (origem). Rudra é o seu preceptor excelente. A espada tem oito nomes que não são geralmente conhecidos. Escute-me enquanto eu os menciono para você. Se alguém os menciona, ó filho de Pandu, ele pode sempre obter vitória. Aqueles nomes então são Asi, Vaisasana, Khadga, afiada, de aquisição difícil, Sirgarbha, vitória, e protetor da justiça. De todas as armas, ó filho de Madravati, a espada é a principal. Os Puranas realmente declaram que ela foi primeiro manejada por Mahadeva. Em relação ao arco, ó castigador de inimigos, foi Prithu quem primeiro o criou. Foi com a ajuda desta arma que o filho de Vena, enquanto ele governava a terra virtuosamente por muitos anos, ordenhou suas colheitas e grãos em profusão. Cabe a ti, ó filho de Madri, considerar o que os Rishis disseram como prova conclusiva. Todas as pessoas hábeis em batalha devem reverenciar a espada. Eu agora te disse realmente a primeira parte da tua pergunta, em detalhes, sobre a origem e criação da espada, ó touro da raça Bharata! Por escutar a esta história excelente da origem da espada, um homem consegue ganhar fama neste mundo e felicidade eterna no próximo.'"

167

"Vaisampayana disse, 'Quando Bhishma, depois de ter dito isso, ficou silencioso, Yudhishthira (e os outros) voltaram para casa. O rei, se dirigindo a seus irmãos com Vidura formando o quinto, disse, 'O rumo do mundo depende de Virtude, Riqueza, e Desejo. Entre estes três, qual é o principal, qual o segundo, e qual o último, em ponto de importância? Para subjugar o agregado triplo (isto é, luxúria, ira, e cobiça), sobre qual dos três primeiros (isto é, Virtude, Riqueza, e Desejo) a mente deve ser fixada? Cabe a vocês todos responderem alegremente esta questão em palavras que sejam verdadeiras.' Assim endereçado pelo chefe Kuru, Vidura, que era familiarizado com a ciência de Lucro, com o rumo do mundo, e com a verdade (que diz respeito à natureza real das coisas), e possuidor de grande luminosidade de intelecto, falou primeiro estas palavras, lembrando dos conteúdos das escrituras.'"

"Vidura disse, 'Estudo de várias escrituras, ascetismo, caridade, fé, realização de sacrifícios, bondade, sinceridade de disposição, compaixão, veracidade, autodomínio, constituem as posses da Virtude. Adote a Virtude. Não deixe teu coração se desviar disso. Virtude e Lucro têm suas bases neles. Eu penso que todos estes podem ser incluídos em um termo. É pela Virtude que os Rishis têm cruzado (o mundo com todas as suas dificuldades). É da Virtude que todos os mundos dependem (para sua existência). É pela Virtude que os deuses alcançaram sua posição de superioridade. É sobre a Virtude que o Lucro ou Riqueza se apóia. A Virtude, ó rei, é a principal a respeito de mérito. O Lucro é citado como mediano. O Desejo, é dito pelos sábios, é o mais inferior dos três. Por esta razão, uma pessoa deve viver com alma controlada, dando sua atenção mais para a Virtude. Uma pessoa deve também se comportar em direção a todas as criaturas como ela deve se comportar consigo mesma.'"

"Vaisampayana continuou, 'Depois que Vidura tinha terminado o que ele tinha a dizer, o filho de Pritha, Arjuna, bem hábil na ciência de Lucro, e conhecedor também das verdades de Virtude e Lucro, estimulado (pelo significado da pergunta de Yudhishthira), disse estas palavras.'"

"Arjuna disse, 'Este mundo, ó rei, é o campo de ação. A ação, portanto, é louvada aqui. Agricultura, comércio, criação de gado, e diversos tipos de ofícios constituem o que é chamado de Lucro. O Lucro, também, é o objetivo de todas essas ações. Sem Lucro ou Riqueza, a Virtude e (os objetos de) Desejo não podem ser adquiridos. Esta é a declaração do Sruti. Mesmo pessoas de almas impuras, se possuidoras de diversos tipos de Riqueza, podem realizar os maiores atos de virtude e satisfazer desejos que são aparentemente difíceis de serem satisfeitos. Virtude e Desejo são os membros da Riqueza como o Sruti declara. Com a aquisição de Riqueza, ambos, Virtude e os objetos de Desejo, podem ser ganhos. Como todas as criaturas cultuando Brahman, até pessoas de nascimento superior cultuam um homem possuidor de Riqueza. Até aqueles que estão vestidos em camurças e têm madeixas emaranhadas em suas cabeças, que são

autocontrolados, que cobrem seus corpos com lama, que têm seus sentidos sob controle completo, até aqueles que têm cabeças raspadas e que são Brahmacharins devotados, e que vivem separados uns dos outros, nutrem um desejo por Riqueza. Outros vestidos em mantos amarelos, tendo barbas compridas, agraciados com modéstia, possuidores de erudição, contentes, e livres de todos os apegos, se tornam desejosos de Riqueza. Outros, seguindo as práticas de seus antepassados, e cumpridores de seus respectivos deveres, e outros desejosos de céu, fazem o mesmo. Crentes e não crentes e aqueles que são praticantes rígidos do mais sublime Yoga, todos atestam a excelência da Riqueza. É citado como realmente possuidor de Riqueza aquele que cuida de seus dependentes com objetos de prazer, e aflige seus inimigos com punições. Esta, ó principal dos homens inteligentes, é realmente minha opinião. Escute agora, no entanto, a estes dois (isto é, Nakula e Sahadeva) que estão prestes a falar.'"

"Vaisampayana continuou, 'Depois que Arjuna tinha parado, os dois filhos de Madri, Nakula e Sahadeva, disseram estas palavras de grande importância.'"

"Nakula e Sahadeva disseram, 'Sentado ou deitado, andando e parado, um homem deve se esforçar pela aquisição de Riqueza até pelos meios mais enérgicos. Se a Riqueza, que é de difícil aquisição e muito agradável, for ganha, a pessoa que a ganhou, sem dúvida, é vista obter todos os objetos de Desejo. Aquela Riqueza que está ligada com Virtude, como também aquela Virtude que está ligada com Riqueza, é certamente como néctar. Por esta razão, nossas opiniões são as seguintes. Uma pessoa sem riqueza não pode satisfazer nenhum desejo; similarmente, não pode haver Riqueza em alguém que é desprovido de Virtude. Aquele, portanto, que está fora do âmbito de Virtude e Riqueza é um objeto de temor para o mundo. Por esta razão, deve-se procurar a aquisição de Riqueza com uma mente devotada, sem desconsiderar os requisitos de Virtude. Aqueles que acreditam (na sabedoria) deste ditado conseguem adquirir o que quer que eles desejem. Uma pessoa deve primeiro praticar Virtude; em seguida adquirir Riqueza sem sacrificar a Virtude; e então procurar a satisfação do Desejo, pois esta deve ser a última ação de alguém que conseguiu adquirir Riqueza.'"

"Vaisampayana continuou, 'Os filhos gêmeos dos Aswins, depois terem dito estas palavras, ficaram calados. Então Bhimasena começou a dizer o seguinte.'"

"Bhimasena disse, 'Alguém sem Desejo nunca deseja Riqueza. Alguém sem Desejo nunca deseja Virtude. Alguém que é desprovido de Desejo nunca pode sentir qualquer desejo. Por esta razão, o Desejo é o principal de todos os três. É sob a influência do Desejo que os próprios Rishis se dedicam a penitências subsistindo de frutas, vivendo de raízes ou do ar somente. Outros possuidores de conhecimento Védico estão dedicados aos Vedas e seus ramos ou a ritos de fé e atos sacrificais, ou a fazer doações ou aceitá-las. Comerciantes, agricultores, criadores de gado, artistas e artesãos, e aqueles que estão ocupados em ritos de conciliação, todos agem por Desejo. Há alguns que mergulham nas profundidades do oceano, induzidos pelo Desejo. O Desejo, de fato, toma várias formas. Tudo é permeado pelo princípio do Desejo. Um homem fora da paliçada do Desejo nunca

é, foi, ou será visto neste mundo. Esta, ó rei, é a verdade. Virtude e Riqueza estão baseadas sobre o Desejo. Como a manteiga representa a essência dos coalhos, assim mesmo o Desejo é a essência do Lucro e Virtude. Óleo é melhor do que sementes oleaginosas. Ghee é melhor do que leite azedo. Flores e frutas são melhores do que madeira. Similarmente, Desejo é melhor do que Virtude e Lucro. Como um suco doce como mel é extraído das flores, assim é dito que o Desejo é extraído desses dois. O Desejo é o pai da Virtude e do Lucro. O Desejo é a alma desses dois. Sem Desejo os Brahmanas nunca dariam doces ou riquezas para Brahmanas. Sem Desejo os diversos tipos de ações que são vistos no mundo nunca teriam sido vistos. Por essas razões, o Desejo é visto ser o principal do agregado triplo. Aproximando-te de belas donzelas vestidas em mantos excelentes, enfeitadas com todos os ornamentos, e alegradas com vinhos doces, te divirta com elas. O Desejo, ó rei, deve ser o principal dos três para nós. Refletindo sobre a pergunta até seus próprios fundamentos, eu cheguei a esta conclusão. Não hesite em aceitar esta conclusão, ó filho de Dharma! Estas minhas palavras não são de significado vazio. Repletas de virtude como elas são, elas serão aceitáveis para todos os bons homens. Virtude, Lucro, e Desejo, todos devem ser igualmente atendidos. O homem que se dedica somente a um deles certamente não é uma pessoa superior. É citado como mediano quem se dedica a somente dois deles. Por outro lado, é o melhor de sua espécie aquele que se encarrega de todos os três.' Tendo dito estas palavras em resumo como também em detalhes, para aqueles heróis, Bhima possuidor de sabedoria, cercado por amigos, coberto com pasta de sândalo, e enfeitado com guirlandas e ornamentos excelentes, permaneceu silencioso. Então o rei Yudhishthira, o justo, o principal dos homens virtuosos, possuidor de grande erudição, refletindo devidamente por um instante sobre as palavras faladas por todos eles, e achando que todas aquelas palavras eram filosofia falsa, falou o seguinte.'"

"Yudhishthira disse, 'Sem dúvida, todos vocês têm conclusões firmes em relação às escrituras, e todos vocês são familiarizados com autoridades. Essas palavras repletas de certeza que vocês falaram foram ouvidas por mim. Escutem agora, com atenção concentrada, ao que eu lhes digo. Aquele que não está empenhado em mérito ou em pecado, aquele que não se dedica a Lucro, ou Virtude, ou Desejo, que está acima de todos os defeitos, que considera ouro e um pedaço de tijolo com olhos iguais, se torna livre do prazer e da dor e da necessidade de realizar seus propósitos. Todas as criaturas estão sujeitas ao nascimento e à morte. Todas estão sujeitas à ruína e mudança. Despertadas repetidamente pelos diversos benefícios e males da vida, todas elas louvam a Emancipação. Nós não sabemos, no entanto, o que é Emancipação. O autonascido e divino Brahman disse que não há Emancipação para aquele que está amarrado com laços de atração e afeição. Aqueles, no entanto, que são possuidores de erudição procuram a Extinção. (Há pouca dúvida de que esta é uma referência distinta ao principal artigo de fé no Budismo. Emancipação aqui é identificada com Extinção ou Aniquilação. A palavra usada é Nirvana. O conselho dado é abstenção de apegos de todos os tipos. Estas partes do Santi são ou interpolações, ou foram escritas depois da expansão do Budismo.) Por essa razão, nunca se deve considerar qualquer coisa como ou agradável ou

desagradável. Este ponto de vista parece ser o melhor. Ninguém neste mundo pode agir como lhe agrada. Eu ajo exatamente como eu sou feito agir (por um poder superior). O Grande Ordenador faz todas as criaturas procederem como Ele deseja. O Ordenador é Supremo. Saibam disso, todos vocês. Ninguém pode, por suas ações, obter o que não é obtenível. Aquilo que é para ser, acontece. Saibam disso. E já que aquele que se afasta do triplo agregado consegue ganhar Emancipação, parece, portanto, que a Emancipação é produtiva do maior bem.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo escutado a todas estas palavras importantes repletas de razão e aceitáveis para o coração, Bhima e os outros ficaram encantados e, unindo suas mãos, reverenciaram aquele príncipe da linhagem de Kuru. De fato, aqueles principais dos homens, ó rei, tendo ouvido aquele discurso do monarca, bem adornado com letras e sílabas agradáveis, aceitável para o coração, e desprovido de sons e palavras dissonantes, começaram a aplaudir muito Yudhishthira. O filho de grande alma de Dharma, em retorno, possuidor de grande energia, elogiou seus ouvintes convencidos; e mais uma vez o rei se dirigiu ao filho do principal dos rios, possuidor de uma grande alma, para perguntar sobre deveres.'"

168

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu que és possuidor de grande sabedoria, eu te farei uma pergunta. Cabe a ti, ó tu que aumentas a felicidade dos Kurus, me falar detalhadamente sobre isto. Qual tipo de homens é citado como sendo de disposição gentil? Com quem a amizade mais encantadora pode existir? Nos diga também quem pode fazer o bem no tempo presente e no fim. Eu sou de opinião que nem aumento de riqueza, nem parentes, nem amigos, ocupam aquele lugar o qual amigos benquerentes ocupam. Um amigo capaz de escutar a conselhos benéficos, e também de fazer o bem, é extremamente raro. Cabe a ti, ó principal dos homens virtuosos, me falar detalhadamente sobre estes assuntos.'"

"Bhishma disse, 'Ouça-me, ó Yudhishthira, enquanto eu te falo, em detalhes, daqueles homens com quem amizades podem ser formadas e daqueles com quem amizades não podem ser formadas. Um homem que é cobiçoso, um que é impiedoso, um que renunciou aos deveres de sua classe, um que é desonesto, um que é patife, um que é vil, um que é de práticas pecaminosas, um que suspeita de todos, um que é preguiçoso, um que é procrastinador, um que é de disposição desonesta, um que é um objeto de maledicência geral, um que desonra a vida de seu preceptor, viciado nos sete vícios bem conhecidos, um que abandona amigos afligidos, um possuidor de alma má, um que é sem vergonha, um cuja vista está sempre direcionada para o pecado, um que é um ateu, um que é caluniador dos Vedas, um cujos sentidos não são reprimidos, um que dá livre indulgência à luxúria, um que é mentiroso, um que é abandonado por todos, um que transgride todas as restrições, um que é enganador, um que é desprovido de sabedoria, um que é invejoso, um que é dedicado ao pecado, um cuja conduta é má, um cuja alma não tem sido purificada, um que é cruel, um que é um jogador, um que

sempre procura prejudicar amigos, um que cobiça riqueza pertencente a outros, aquele indivíduo de alma pecaminosa que nunca expressa satisfação com o que outro possa dar a ele de acordo com a extensão de seus recursos, um que nunca está satisfeito com seus amigos, ó touro entre homens, um que fica zangado em ocasiões que não justificam raiva, um que é de mente agitada, um que briga sem motivo, aquele sujeito pecaminoso que não tem escrúpulos em abandonar amigos bem intencionados, aquele patife que está sempre atento aos seus próprios interesses e que, ó rei, briga com amigos quando aqueles fazem a ele uma injúria muito leve ou infligem a ele um mal inconscientemente, um que age como um inimigo mas fala como um amigo, um que é de percepções perversas, um que é cego (ao seu próprio bem), um que nunca se alegra no que é bom para ele mesmo ou outros, deve ser evitado. Um que toma bebidas alcoólicas, um que odeia outros, um que é colérico, um que é desprovido de compaixão, um que fica aflito ao ver a felicidade de outros, um que ofende amigos, um que está sempre ocupado em tirar as vidas de criaturas vivas, um que é ingrato, um que é desprezível, deve ser evitado. Alianças (de amizade) nunca devem ser formadas com nenhum deles. Similarmente, nenhuma aliança (de amizade) deve ser formada com aquele que está sempre atento em observar os defeitos de outros. Ouça-me agora enquanto eu indico as pessoas com quem alianças (de amizade) podem ser formadas. Aqueles que são bem nascidos, aqueles que possuem eloquência e gentileza de palavras, aqueles que são dotados de conhecimento e ciência, aqueles que possuem mérito e outros talentos, aqueles que são livres de cobiça, aqueles que nunca são esgotados por trabalho, aqueles que são bons para seus amigos, aqueles que são gratos, aqueles que são possuidores de conhecimento e informação variados, aqueles que são desprovidos de avareza, aqueles que são possuidores de qualidades agradáveis, aqueles que são firmes na verdade, aqueles que têm subjugado seus sentidos, aqueles que são dedicados a esportes e outros exercícios, aqueles que são de boas famílias, aqueles que são perpetuadores de suas linhagens (isto é, aqueles que têm esposas e filhos), aqueles que são desprovidos de defeitos, aqueles que são possuidores de fama, devem ser aceitos por reis para formar alianças (de amizade) com eles. Aqueles, também, ó monarca, que ficam satisfeitos e contentes se alguém se comporta com eles de acordo com o melhor de seus poderes, aqueles que nunca se zangam em ocasiões que não justificam raiva, aqueles que nunca ficam insatisfeitos sem causa suficiente, aquelas pessoas que conhecem bem a ciência de Lucro e que, mesmo quando aborrecidas, conseguem manter suas mentes tranquilas, aqueles que se dedicam ao serviço de amigos em sacrifício pessoal, aqueles que nunca estão afastados dos amigos mas que continuam inalterados (em sua dedicação) como um cobertor vermelho feito de lã (o qual não muda sua cor facilmente); aqueles que nunca desconsideram, por raiva, aqueles que são pobres; aqueles que nunca desonram mulheres jovens por ceder à luxúria e perda de razão, aqueles que nunca indicam caminhos errados para amigos, aqueles que são dignos de confiança, aqueles que são dedicados à prática da virtude, aqueles que consideram ouro e pedaços de tijolo da mesma maneira, aqueles que aderem com firmeza a amigos e benquerentes, aqueles que reúnem seu próprio povo e procuram a realização do interesse de amigos indiferentes à sua própria dignidade e rejeitando todos os sinais de sua própria

respeitabilidade, devem ser considerados como pessoas com quem alianças (de amizade) devem ser feitas. De fato, os domínios daquele rei que faz alianças de amizade com tais homens superiores se espalham em todas as direções, como a luz do senhor das estrelas. Devem ser formadas alianças com homens que são bem experientes em armas, que subjugaram sua raiva completamente, que são sempre fortes em batalha e possuidores nascimento nobre, bom comportamento, e habilidades variadas. Entre aqueles homens viciosos, ó impecável, que eu mencionei, os mais vis, ó rei, são aqueles que são ingratos e que prejudicam amigos. Aquelas pessoas de comportamento perverso devem ser evitadas por todos. Esta, de fato, é uma conclusão segura.'"

"Yudhishthira disse, 'Eu desejo ouvir em detalhes essa descrição. Diga-me quem são aqueles que são chamados de ofensores de amigos e de pessoas ingratas.'"

"Bhishma disse, 'Eu narrarei para ti uma velha história cujos incidentes ocorreram no país, ó monarca, dos Mlecchas que se localiza ao norte. Havia certo Brahmana pertencente ao país do meio. Ele era desprovido de conhecimento Védico. (Um dia), vendo uma aldeia próspera, o homem entrou nela pelo desejo de obter caridade. Naquela aldeia vivia um ladrão possuidor de grande riqueza, conhecedor dos aspectos distintivos de todas as classes (de homens), devotado aos Brahmanas, firme em verdade, e sempre empenhado em fazer doações. Indo à residência daquele ladrão, o Brahmana pediu por esmolas. De fato, ele pediu uma casa para morar e artigos necessários para viver que durassem por um ano. Assim solicitado pelo Brahmana, o ladrão deu a ele um pedaço de tecido novo com seus fim completos (isto é, não era um pedaço arrancado de um pedaço inteiro, mas suas extremidades estavam lá), e uma mulher viúva possuidora de juventude. Obtendo todas essas coisas do ladrão, o Brahmana se encheu de alegria. De fato, Gautama começou a viver felizmente naquela casa confortável que o ladrão tinha designado para ele. Ele começou a manter os parentes e amigos da mulher escrava que ele tinha obtido do chefe ladrão. Dessa maneira ele viveu por muitos anos naquela aldeia próspera de caçadores. Ele começou a praticar com grande dedicação a arte de manobrar arco e flecha. Todos os dias, como os outros ladrões que residiam lá, Gautama, ó rei, ia para as florestas e matava grous selvagens em abundância. Sempre empenhado em matar criaturas vivas, ele se tornou bem habilidoso nessa ação e logo disse adeus à compaixão. Por causa de sua intimidade com ladrões ele se tornou como um deles. Enquanto ele vivia alegremente naquela aldeia de ladrões por muitos meses, grande era o número de grous selvagens que ele matava. Um dia outro Brahmana chegou àquela aldeia. Ele estava vestido em trapos e camurças e tinha cabelos emaranhados em sua cabeça. De comportamento altamente puro, ele era dedicado ao estudo dos Vedas. De uma disposição humilde, de alimentação frugal, devotado aos Brahmanas, totalmente conhecedor dos Vedas, e cumpridor de votos Brahmacharya, aquele Brahmana tinha sido um amigo querido de Gautama e pertencia àquela parte do país da qual Gautama tinha emigrado. No decurso de suas viagens, como eu já disse, o Brahmana chegou àquela aldeia de ladrões onde Gautama tinha tomado sua residência. Ele nunca aceitava qualquer

alimento dado por um Sudra e, portanto, começou a procurar pela casa de um Brahmana lá (para aceitar os deveres de hospitalidade). (Até hoje existem muitos Brahmanas na Índia que são asudra-pratigrahins, isto é, que não aceitam doação, por mais que valiosa, de um Sudra.) Consequentemente, ele vagou em todas as direções naquela aldeia cheia de famílias de ladrões. Finalmente aquele principal dos Brahmanas chegou à casa possuída por Gautama. E aconteceu que justamente naquela hora Gautama também, voltando das florestas, estava entrando em sua residência. Os dois amigos se encontraram. Armado com arco e espada, ele portava nos ombros uma carga de grous mortos, e seu corpo estava coberto com o sangue que escorria do saco em seus ombros. Vendo aquele homem que então parecia um canibal e que tinha abandonado as práticas puras da classe de seu nascimento, entrando em sua casa, o convidado recém chegado, reconhecendo-o, ó rei, disse estas palavras: 'O que é que tu estás fazendo aqui por tolice? Tu és um Brahmana, e o perpetuador de uma família Brahmana. Nascido em uma família respeitável pertencente ao País do Meio, como é que tu te tornaste como um ladrão em tuas práticas? Lembre, ó regenerado, teus parentes famosos dos tempos passados, todos os quais eram bem versados nos Vedas. Nascido na tua linhagem, ai, tu te tornaste um estigma para ela. Desperte a ti mesmo por teus próprios esforços. Lembrando da energia, do comportamento, do conhecimento, do autodomínio, da compaixão (que são teus pela ordem de teu nascimento), deixe esta tua residência atual, ó regenerado!' Assim endereçado por aquele seu amigo bem intencionado, ó rei, Gautama respondeu a ele em grande aflição de coração, dizendo, ‘Ó principal dos regenerados, eu sou pobre. Eu também sou desprovido de um conhecimento dos Vedas. Saiba, ó melhor dos Brahmanas, que eu tomei minha residência aqui somente por causa da riqueza. À tua visão, no entanto, eu sou abençoado hoje. Nós partiremos juntos deste lugar amanhã. Passe a noite aqui comigo.’ Assim endereçado, o Brahmana recém chegado, cheio de compaixão como ele era, passou a noite lá, não tocando em nada. De fato, embora faminto e rogado repetidamente o convidado se recusou a tocar em qualquer alimento naquela casa.'"

169

"Bhishma disse, 'Depois que a noite tinha passado e que aquele melhor dos Brahmanas tinha deixado a casa, Gautama, saindo de sua residência, começou a proceder em direção ao mar, ó Bharata! No caminho ele viu alguns comerciantes que costumavam fazer viagens no mar. Com aquela caravana de comerciantes ele procedeu em direção ao oceano. No entanto aconteceu, ó rei, que aquela grande caravana foi atacada, enquanto passava através de um vale, por um elefante enfurecido. Quase todas as pessoas foram mortas. Escapando daquele grande perigo de alguma maneira, o Brahmana fugiu em direção ao norte para salvar sua vida, não sabendo para onde procedia. Separado da caravana e levado muito longe daquele local, ele começou a vagar só em uma floresta, como Kimpurusha. (Kimpurusha é metade homem e metade cavalo. Supõe-se que o corpo é aquele de um cavalo, e a face aquela de um homem.) Finalmente encontrando uma

estrada que levava em direção ao oceano, ele viajou até que alcançou uma floresta encantadora e celestial cheia de árvores florescentes. Ela era adornada com árvores de manga que desenvolviam flores e frutas o ano inteiro. Ela parecia com os próprios bosques de Nandana (no céu) e era habitada por Yakshas e Kinnaras. Ela era também adornada com Salas e palmeiras e Tamalas, com cachos de aloés negros, e muitas árvores grandes de sândalo. Sobre os planaltos encantadores que ele viu lá, fragrantes com perfumes de diversos tipos, aves das principais espécies eram sempre ouvidas cantando suas melodias. Outros habitantes alados do ar, chamados Bharundas, e tendo rostos parecendo aqueles de seres humanos, e aqueles chamados Bhulingas, e outros pertencentes às regiões montanhosas e ao mar, trinavam docemente lá. Gautama procedeu por aquela floresta, escutando, enquanto seguia, aqueles acordes encantadores dos coristas da natureza. Em seu caminho ele contemplou um lugar de terreno nivelado muito agradável e encantador, coberto com praias douradas e parecendo o próprio céu, ó rei, por sua beleza. Naquele local havia uma banian grande e bela com um topo esférico. Possuidora de muitos ramos que correspondiam com a árvore mãe em beleza e tamanho, aquela banian parecia com um guarda-sol colocado sobre a planície. O lugar debaixo daquela árvore magnífica era molhado com água perfumada com o sândalo mais fragrante. Dotado de grande beleza e abundando em flores deliciosas por toda parte, o local parecia com a residência do próprio Avô. Contemplando aquele lugar fascinante e inigualável, cheio de árvores florescentes, sagrado, e parecendo com a residência de um celestial, Gautama ficou muito alegre. Chegando lá, ele sentou-se com o coração bem satisfeito. Quando ele estava lá sentado, ó filho de Kunti, uma brisa deliciosa, agradável, e auspiciosa, portando o perfume de muitas espécies de flores, começou a soprar suavemente, refrescando os membros de Gautama e enchendo-o de prazer celestial, ó monarca! Abanado por aquela brisa perfumada o Brahmana ficou revigorado, e pelo prazer que sentiu ele logo adormeceu. Enquanto isso o sol se pôs atrás das colinas Asta. Quando o luminar resplandecente entrou em seus aposentos no oeste e a hora do crepúsculo chegou, uma ave, que era a principal de sua espécie, voltou para aquele local, o qual era sua casa, das regiões de Brahman. Seu nome era Nadijangha e ele era um caro amigo do criador. Ele era um príncipe dos Grous, possuidor de grande sabedoria, e um filho do (sábio) Kasyapa. Ele era também muito conhecido na terra pelo nome de Rajadharman. De fato, ele superava todos na terra em fama e sabedoria. Filho de uma donzela celeste, possuidor de grande beleza e erudição, ele parecia com um celestial em esplendor. Enfeitado com muitos ornamentos que ele usava e que eram tão brilhantes quanto o próprio sol, aquele filho de uma donzela celeste parecia resplandecer com beleza. Vendo aquela ave chegando naquele local, Gautama ficou cheio de admiração. Esgotado com fome e sede, o Brahmana começou a olhar para a ave pelo desejo de matá-la.'"

"Rajadharman disse, 'Bem vindo, ó Brahmana! Por boa sorte eu tenho a ti hoje em minha residência. O sol se pôs. O crepúsculo noturno chegou. Tendo chegado à minha residência, tu és hoje meu convidado caro e excelente. Tendo recebido meu culto segundo os ritos prescritos nas escrituras, tu poderás partir para onde desejas ir amanhã de manhã.'"

170

“Bhishma disse, ‘Ouvindo essas palavras gentis, Gautama ficou muito admirado. Sentindo ao mesmo tempo uma grande curiosidade, ele olhou para Rajadharman sem poder tirar seus olhos dele.’”

"Rajadharman disse, 'Ó Brahmana, eu sou o filho de Kasyapa com uma das filhas do (sábio) Daksha. Possuidor de grandes méritos, tu hoje és meu convidado. Tu és bem vindo, ó principal dos Brahmanas!'”

"Bhishma continuou, 'Tendo oferecido a ele hospitalidade segundo os ritos declarados nas escrituras, o grou fez uma cama excelente de flores Sala que haviam por toda parte. Ele também ofereceu a ele vários peixes grandes capturados das águas profundas do Bhagirathi. De fato, o filho de Kasyapa ofereceu, para a aceitação de seu convidado Gautama, um fogo ardente e certos peixes grandes. Depois que o Brahmana tinha comido e ficado satisfeito, a ave, possuindo riqueza de penitências, começou a abaná-lo com suas asas para afastar sua fadiga. Vendo seu convidado sentado tranquilamente, ele lhe perguntou sobre sua genealogia. O homem respondeu, dizendo, 'Eu sou um Brahmana conhecido pelo nome de Gautama,' e então ficou calado. A ave deu para seu convidado uma cama macia feita de folhas e perfumada com muitas flores fragrantes. Gautama se deitou nela, e sentiu grande felicidade. Quando Gautama tinha se deitado, o eloquente filho de Kasyapa, que parecia com o próprio Yama em seu conhecimento de deveres, perguntou a ele sobre a causa de sua chegada lá. Gautama respondeu, dizendo, 'Eu sou, ó tu de grande alma, muito pobre. Para ganhar riqueza, eu estou desejando ir para o oceano.' O filho de Kasyapa disse alegremente a ele: 'Não cabe a ti sentir qualquer ansiedade. Tu terás êxito, ó principal dos Brahmanas, e voltarás para casa devidamente. O sábio Vrihaspati falou de quatro tipos de meios para a aquisição de riqueza, isto é, herança, acessão repentina devido à sorte ou ao favor dos deuses, aquisição por meio de trabalho, e aquisição através ajuda ou bondade de amigos. Eu me tornei teu amigo. Eu nutro bons sentimentos por ti. Eu irei, portanto, me esforçar de tal maneira que tu possas conseguir adquirir riqueza.’ A noite passou e a manhã chegou. Vendo seu convidado se levantar alegremente de cama, a ave se dirigiu a ele, dizendo, 'Vá, ó amável, por essa mesma rota e tu com certeza serás bem sucedido. À distância de cerca de três Yojanas deste local, há um rei poderoso dos Rakshasas. Possuidor de grande força, seu nome é Virupaksha, e ele é um amigo meu. Vá até ele, ó principal dos Brahmanas! Aquele comandante, induzido pelo meu pedido, irá, sem dúvida, te dar tanta riqueza quanto tu desejares.' Assim endereçado, ó rei, Gautama partiu alegremente daquele local, comendo no caminho, até se saciar, frutas doces como ambrosia. Contemplando as árvores de sândalo e aloés e bétulas que ficavam ao longo da estrada, e desfrutando de suas sombras refrescantes, o Brahmana procedeu rapidamente. Ele então alcançou a cidade conhecida pelo nome de Meruvraja. Ela tinha grandes pórticos feitos de pedra, e muros altos do mesmo material. Era também cercada por todos os lados

por uma trincheira, e grandes pedaços de rocha e máquinas de muitos tipos eram mantidas preparadas sobre os terraplenos. Ele logo se tornou conhecido ao chefe Rakshasa de grande inteligência, ó rei, como um convidado querido enviado a ele pelo amigo do comandante (o Grou). O dirigente recebeu Gautama muito alegremente. O rei dos Rakshasas então, ó Yudhishthira, ordenou seus servidores, dizendo, 'Que Gautama seja logo trazido do portão para cá.' Por ordem do rei, certas pessoas, rápidas como falcões, saíram do palácio esplêndido de seu soberano, e procederam para o portão abordado por Gautama. Os mensageiros reais, ó monarca, disseram àquele Brahmana, 'Venha rapidamente, o rei deseja ver-te. Tu deves ter ouvido falar do rei dos Rakshasas, de nome Virupaksha, possuidor de grande coragem. Ele mesmo está impaciente para te ver. Venha rapidamente e não demore.' Assim endereçado, o Brahmana, esquecendo seu cansaço em sua surpresa, correu com os mensageiros. Vendo a grande riqueza da cidade, ele ficou maravilhado. Logo ele entrou no palácio do rei na companhia dos mensageiros ansioso para ver o rei dos Rakshasas.'"

171

"Bhishma disse, 'Levado para um aposento espaçoso, Gautama foi apresentado para o rei dos Rakshasas. Adorado pelo último (com as oferendas usuais), ele tomou seu assento em um assento excelente. O rei perguntou a ele sobre a linhagem de seu nascimento e suas práticas, seu estudo dos Vedas e sua observância do voto Brahmacharya. O Brahmana, no entanto, sem responder as outras perguntas, somente declarou seu nome e linhagem. O rei, tendo averiguado somente o nome e a linhagem de seu convidado, e vendo que ele era desprovido de esplendor Brahmânico e estudos Védicos, perguntou em seguida sobre o país de sua residência.'"

"O Rakshasa disse, 'Onde é tua residência, ó abençoado, e a qual tribo tua esposa pertence? Nos diga realmente, não temas. Confie em nós sem ansiedade.'"

"Gautama disse, 'Eu pertenço por nascimento ao País do Meio. Eu vivo em uma aldeia de caçadores. Eu me casei com uma esposa Sudra que era viúva. Tudo isso que eu te digo é a verdade.'"

"Bhishma continuou, 'O rei então começou a refletir quanto ao que ele deveria fazer. De fato, o rei começou a pensar como ele poderia conseguir adquirir mérito. Ele disse para si mesmo, 'Este homem é por nascimento um Brahmana. Ele é, também, um amigo de Rajadharman de grande alma. Ele foi enviado para mim por aquele filho de Kasyapa. Eu devo fazer o que é agradável para meu amigo. Ele é meu amigo muito íntimo. De fato, ele é meu irmão, e um parente querido. Ele é realmente um amigo do meu coração. Neste dia do mês de Kartika, mil Brahmanas da ordem principal devem ser entretidos em minha casa. Este Gautama também será entretido com eles e eu darei riqueza para ele também. Este é um dia sagrado. Gautama veio para cá como um convidado. A riqueza que

é para ser doada (para os Brahmanas), está preparada. O que há então para se pensar?' Exatamente naquela hora mil Brahmanas, possuidores de grande erudição, com corpos purificados por banhos e enfeitados (com pasta de sândalo e flores) e vestidos em longos mantos de linho, chegaram ao palácio. O rei Rakshasa Virupaksha, ó monarca, recebeu os convidados, quando eles chegaram, devidamente e segundo os ritos prescritos nas escrituras. Por ordem do rei, peles foram espalhadas para eles. Os empregados reais então, ó melhor dos Bharatas, colocaram esteiras de erva Kusa sobre o solo. (Em tais festas, Hindus, até hoje, sentam em assentos separados quando comendo. Se alguém toca o assento de outro, ambos se tornam impuros e não podem comer mais. Antes de comer, no entanto, quando conversando ou ouvindo, os convidados podem ocupar um assento em comum, isto é, uma grande esteira ou cobertor ou tecido, etc. espalhado sobre o solo.) Aqueles principais dos Brahmanas, tendo sido devidamente adorados pelo rei se sentaram naqueles assentos. O chefe Rakshasa mais uma vez cultuou seus convidados, como estipulado pela ordenança, com sementes de gergelim, folhas verdes de ervas, e água. Alguns entre eles foram selecionados para representar os Viswedevas, os Pitris, e as divindades do fogo. Eles foram cobertos com pasta de sândalo, e flores foram oferecidas para eles. Eles foram também adorados com outras espécies de oferendas valiosas. Depois de tal culto, cada um deles parecia tão refulgente quanto a lua no firmamento. Então pratos de ouro brilhantes e polidos, adornados com gravuras, e cheios de alimento excelente preparado com ghee e mel, foram dados àqueles Brahmanas. Todos os anos (nos dias de lua cheia) dos meses de Ashadha e Magha, um grande número de Brahmanas costumava receber do chefe Rakshasa, depois das honras apropriadas, os melhores tipos de comida que eles desejavam. Especialmente no dia da lua cheia do mês de Kartika, depois do término do outono, o rei costumava dar para os Brahmanas muita riqueza de diversos tipos, incluindo ouro, prata, pedras preciosas, jóias, pérolas, diamantes de grande valor, pedras da variedade lápis lazúli, camurças, e peles de veado Ranku. De fato, ó Bharata, separando uma pilha de riqueza de muitas espécies para dá-la como Dakshina (para seus convidados regenerados), o poderoso Virupaksha, se dirigindo àqueles principais dos Brahmanas, disse a eles, 'Peguem tanto destas jóias e pedras preciosas quanto vocês desejarem e possam esperar carregar.' E ele também costumava dizer a eles, ó Bharata, estas palavras: 'Levando aqueles pratos e recipientes de ouro que vocês usaram para seu jantar, partam, ó principais dos Brahmanas.' Quando estas palavras foram proferidas pelo rei Rakshasa de grande alma (na ocasião daquele banquete específico), aqueles touros entre Brahmanas pegaram tanta riqueza quanto cada um desejava. Cultuados com aquelas pedras preciosas e jóias valiosas, aqueles melhores dos Brahmanas, vestidos em mantos excelentes, se encheram de alegria. Mais uma vez, o rei Rakshasa, tendo reprimido os Rakshasas que tinham ido para seu palácio de diversas terras, se dirigiu àqueles Brahmanas e disse, 'Somente neste dia, ó regenerados, vocês não precisam ter medo dos Rakshasas aqui. Divirtam-se como desejarem, e então vão embora rapidamente.' Os Brahmanas então, deixando aquele local, partiram em todas as direções com grande velocidade. Gautama também, tendo pegado uma pesada quantidade de ouro sem qualquer perda de tempo, foi embora. Carregando a carga com dificuldade, ele alcançou

aquela mesma banian (sob a qual ele tinha encontrado o grou). Ele se sentou, fatigado, cansado pelo esforço, e faminto. Enquanto Gautama estava descansando lá, aquela melhor das aves, isto é, Rajadharman, ó rei, chegou lá. Dedicado aos amigos, ele alegrou Gautama por lhe dar boas vindas. Por agitar suas asas ele começou a abanar seu convidado e dissipou sua fadiga. Possuidor de grande inteligência, ele adorou Gautama, e fez arranjos para sua alimentação. Tendo comido e se refrescado, Gautama começou a pensar, 'Pesada é esta carga que eu peguei de ouro brilhante, movido por cobiça e tolice. Eu tenho um longo caminho para viajar. Eu não tenho alimento com o qual manter a vida em meu caminho. O que eu devo fazer para manter a vida?' Estes eram seus pensamentos então. E aconteceu que mesmo depois de pensar muito ele fracassou em ver algum alimento que ele pudesse comer no caminho. Ingrato como ele era, ó tigre entre homens, este foi o pensamento que ele então concebeu, 'Este príncipe dos grous, tão grande e contendo grande quantidade de carne, permanece ao meu lado. Matando-o e ensacando-o, eu deixarei este lugar e seguirei com grande velocidade.'"

172

"Bhishma disse, 'Lá, sob aquela banian, para a proteção de seu convidado, o príncipe das aves tinha acendido e mantido um fogo com chamas altas e brilhantes. (É dito que Agni ou fogo é uma divindade que tem Vayu (o deus do vento) como seu cocheiro. O costume, até hoje, com todos os viajantes na Índia é acender um grande fogo quando eles têm que passar a noite em bosques e florestas ou lugares inabitados. Tais fogos sempre conseguem espantar animais selvagens. De fato, até tigres, vagando com fome, não se aproximam do lugar onde um fogo brilhante é mantido.) Em um lado do fogo, a ave dormiu confiantemente. O patife ingrato e de alma pecaminosa se preparou para matar seu anfitrião adormecido. Com a ajuda daquele fogo ardente ele matou a ave confiante, e tendo-a matado, se encheu de deleite, nunca pensando que havia pecado no que ele fez. Tirando as penas e as penugens, ele assou a carne naquele fogo. Então pegando o ouro que ele tinha trazido, o Brahmana saiu rapidamente daquele local. No dia seguinte, o rei Rakshasa, Virupaksha, se dirigindo a seu filho, disse, 'Ai, ó filho, eu não vejo Rajadharman, aquela melhor das aves, hoje. Todas as manhãs ele viaja para as regiões de Brahman para adorar o Avô. Quando volta, ele nunca vai para casa sem me fazer uma visita. Essas duas manhãs e duas noites se passaram sem ele ter vindo à minha residência. Minha mente, portanto, não está em paz. Que se pergunte pelo meu amigo. Gautama, que veio aqui, não tem estudos Védicos e é desprovido de esplendor Brahmânico. Ele encontrou seu caminho para a residência de meu amigo. Eu temo imensamente que aquele pior dos Brahmanas tenha matado Rajadharman. De práticas más e mente pecaminosa, eu o leio através dos sinais que ele mostra. Sem compaixão, de aparência cruel e lúgubre, e perverso, aquele mais vil dos homens é como um ladrão. Aquele Gautama foi à residência de meu amigo. Por esta razão, meu coração está extremamente ansioso. Ó filho,

procedendo com grande velocidade à residência de Rajadharman, averigúe se aquela ave de alma pura ainda está viva. Não demore.' Assim endereçado por seu pai, o príncipe, acompanhado por outros Rakshasas, procedeu com grande velocidade. Chegando ao pé daquela banian, ele viu os restos de Rajadharman. Chorando pela angústia, o filho do inteligente rei dos Rakshasas correu com grande velocidade e ao máximo de seu poder, para agarrar Gautama. Os Rakshasas não tinham ido longe quando eles conseguiram pegar o Brahmana e descobrir o corpo de Rajadharman desprovido de asas, ossos, e pés. Levando o cativo com eles, os Rakshasas voltaram rapidamente para Meruvraja, e mostraram para o rei o corpo mutilado de Rajadharman, e aquele canalha ingrato e pecaminoso, Gautama. Contemplando os restos de seu amigo, o rei, com seus conselheiros e sacerdote, começou a lamentar alto. De fato, alta era a voz de lamentação que foi ouvida em sua residência. A cidade inteira do rei Rakshasa, homens, mulheres, e crianças, ficou mergulhada na dor. O rei então se dirigiu a seu filho, dizendo, 'Que este canalha pecaminoso seja morto. Que estes Rakshasas aqui se banqueteiem alegremente da carne dele. De atos pecaminosos, de hábitos pecaminosos, de alma pecaminosa, e habituado ao pecado, este patife, eu penso, deve ser morto por vocês.' Assim endereçados pelo rei Rakshasa, muitos Rakshasas de bravura terrível expressaram sua repugnância em comer a carne daquele pecador. De fato, aqueles viajantes da noite, dirigindo-se ao seu rei, disseram, 'Que este mais vil dos homens seja dado aos ladrões!' Curvando suas cabeças para seu rei, eles lhe disseram isso, acrescentando, 'Não cabe a ti nos dar este canalha pecaminoso como nossa comida.' O rei disse a eles, 'Que seja assim! Que este indivíduo ingrato seja dado aos ladrões então sem demora.' Assim endereçados por ele, os Rakshasas armados com lanças e machados de batalha cortaram aquele patife pecaminoso em pedaços e os deram aos ladrões. Aconteceu, no entanto, que os próprios ladrões se recusaram a comer a carne daquele homem vil. Embora canibais, ó monarca, eles não comeriam uma pessoa ingrata. Para alguém que mata um Brahmana, para alguém que bebe álcool, para alguém que rouba, para alguém que abandonou um voto, há expiação, ó rei. Mas não há expiação para uma pessoa ingrata. O homem cruel e vil que fere um amigo e se torna ingrato não é comido pelos próprios canibais nem pelos vermes que se alimentam de carniça.'"

173

"Bhishma disse, 'O rei Rakshasa então ordenou que fosse feita uma pira mortuária para aquele príncipe dos grous e a enfeitou com jóias e pedras preciosas, e perfumes, e mantos caros. Ateando fogo a ela com o corpo daquele príncipe das aves, o chefe poderoso dos Rakshasas fez com que os ritos fúnebres de seu amigo fossem realizados de acordo com a ordenança. Naquela hora, a auspiciosa deusa Surabhi (a vaca celeste), a filha de Daksha, apareceu no céu acima do lugar onde a pira havia sido montada. Seus peitos estavam cheios de leite. De sua boca, ó monarca impecável, espuma misturada com leite caiu sobre a pira mortuária de Rajadharman. Nisto, o príncipe das aves reviveu. Erguendo-se,

ele se aproximou de seu amigo Virupaksha, o rei dos Rakshasas. Naquela hora, o próprio chefe dos celestiais chegou à cidade de Virupaksha. Dirigindo-se ao rei Rakshasa, Indra disse, 'Por boa sorte, tu ressuscitaste o príncipe dos grous.' O chefe das divindades em seguida narrou para Virupaksha a velha história da maldição proferida pelo Avô sobre aquela melhor das aves chamada Rajadharman. Dirigindo-se ao rei ele disse, 'Uma vez, ó monarca, este príncipe dos grous se ausentou da região de Brahman (quando sua presença era esperada). Enfurecido o Avô disse a este príncipe das aves, 'Já que este grou vil não se apresentou hoje na minha assembléia, portanto, ele de alma má não morrerá logo (para poder deixar a terra).' Por causa daquelas palavras do Avô, o príncipe dos grous, embora morto por Gautama, voltou à vida, pela virtude do néctar com o qual seu corpo foi molhado.' Depois que Indra tinha ficado silencioso, Rajadharman, tendo reverenciado o chefe dos celestiais, disse 'Ó principal dos deuses, se teu coração estiver inclinado em direção a mim com benevolência, então que meu querido amigo Gautama seja ressuscitado!' Ouvindo estas palavras dele, Vasava, ó principal dos homens, salpicou néctar sobre o Brahmana Gautama e lhe devolveu a vida. O príncipe dos grous, se aproximando de seu amigo Gautama, que ainda portava em seus ombros a carga de ouro (que ele tinha conseguido do rei dos Rakshasas) o abraçou e sentiu grande alegria. Rajadharman, aquele príncipe dos grous, se despedindo de Gautama de atos pecaminosos, junto com sua riqueza, voltou para sua própria residência. Na hora devida ele viajou (no dia seguinte) para a região do Avô. O último honrou a ave de grande alma com tais atenções como as que são mostradas para um convidado. Gautama também, voltando para sua casa na aldeia dos caçadores, gerou muitos filhos pecaminosos em sua mulher Sudra. Uma maldição pesada foi proferida sobre ele pelos deuses no sentido de que, dentro de poucos anos, tendo gerado no corpo de sua esposa casada novamente muitos filhos, aquele pecador ingrato cairia em um inferno terrível por muitos anos. Tudo isso, ó Bharata, foi narrado para mim antigamente por Narada. Lembrando dos incidentes desta história séria, ó touro da raça Bharata, eu narrei para ti todos os seus detalhes devidamente. De onde uma pessoa ingrata pode derivar fama? Onde é seu lugar? De onde ela pode ter felicidade? Uma pessoa ingrata não merece confiança. Alguém que é ingrato nunca pode escapar. Nenhuma pessoa deve ferir um amigo. Quem fere um amigo cai em um inferno terrível e eterno. Todos devem ser gratos e todos devem procurar beneficiar seus amigos. Tudo pode ser obtido de um amigo. Honras podem ser obtidas de amigos. Pelos amigos alguém pode desfrutar de vários objetos de prazer. (Honras, etc., podem ser obtidas através de amigos, isto é, os últimos podem dar riqueza ou colaborar para sua aquisição.) Pelos esforços de amigos, alguém pode escapar de vários tipos de perigo e infortúnio. Quem é sábio honrará seus amigos com suas melhores atenções. Um indivíduo mal-agradecido, sem vergonha, e pecaminoso, deve ser evitado por aqueles que são sábios. Aquele que fere seus amigos é um patife de sua raça. Tal indivíduo pecaminoso é o mais vil dos homens. Eu assim te disse, ó principal de todos os homens virtuosos, quais são as características daquele canalha pecaminoso que é maculado pela ingratidão e que fere seus amigos. O que mais tu desejas ouvir?'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras faladas por Bhishma de grande alma, Yudhishthira, ó Janamejaya, ficou muito satisfeito.'"

174

(Mokshadharma Parva)

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, tu falaste sobre os deveres auspiciosos (da pessoa em infortúnio) ligados com os deveres de reis. Cabe a ti agora, ó rei, me falar daqueles principais dos deveres que pertencem àqueles que levam os (quatro) modos de vida.'"

"Bhishma disse, 'A religião tem muitas portas. A observância (dos deveres prescritos pela) religião nunca pode ser inútil. Deveres foram declarados em relação a todos os modos de vida. (Os resultados daqueles deveres são invisíveis, sendo obteníveis no mundo seguinte.) Os resultados, no entanto, da Penitência dirigida para a alma são obteníveis neste mundo. Qualquer que seja o objetivo ao qual alguém se dedique, aquele objetivo, ó Bharata, e nada mais, parece para ele como a maior das aquisições repleta das maiores bênçãos. Quando uma pessoa reflete apropriadamente (seu coração sendo purificado por tal reflexão), ela vem a saber que as coisas deste mundo são tão sem valor quanto palha. Sem dúvida, ela é então libertada do apego em relação àquelas coisas. Quando o mundo, ó Yudhishthira, o qual é cheio de defeitos, é assim constituído, todo homem de inteligência deve se esforçar para obter a emancipação de sua alma.'"

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, por qual disposição de alma alguém deve matar a própria angústia quando ele perde sua riqueza, ou quando sua esposa, ou filho, ou pai, morre.'"

"Bhishma disse, 'Quando a riqueza é perdida, ou a esposa ou filho ou pai está morto, um homem certamente diz a si mesmo 'Ai, esta é uma grande tristeza!' Mas então ele deve, pela ajuda de reflexão, procurar matar aquela tristeza. Em relação a isto é citada a antiga história do discurso que um regenerado amigo dele, chegando à corte de Senajit, fez para aquele rei. Vendo o monarca agitado pelo sofrimento e queimando de tristeza por causa da morte de seu filho, o Brahmana se dirigiu àquele soberano de coração muito triste e disse estas palavras, 'Por que tu estás entorpecido? Tu és sem qualquer inteligência. Tu mesmo um objeto de tristeza, por que tu te afliges (por outros)? Daqui a poucos dias outros irão chorar por ti, e por sua vez eles serão pranteados por outros. Tu mesmo, eu mesmo, e outros que te servem, ó rei, iremos todos para aquele local de onde todos nós viemos.'"

"Senajit disse, 'Qual é aquela inteligência, qual é aquela penitência, ó Brahmana erudito, qual é aquela concentração mental, ó tu que tens riqueza de ascetismo, qual é aquele conhecimento, e qual é aquela erudição, por adquirir a qual tu não te entregas à tristeza?'"

"O Brahmana disse, 'Veja, todas as criaturas, as superiores, as medianas, e as inferiores, por causa de suas respectivas ações, estão envolvidas na tristeza. Eu não considero nem o meu próprio eu como meu. Por outro lado, eu considero o mundo inteiro como meu. Eu também penso que tudo isso (que eu vejo) é tanto meu quanto ele pertence a outros. A aflição não pode se aproximar de mim por causa deste pensamento. Tendo obtido tal compreensão, eu não cedo nem à alegria nem à tristeza. Como dois pedaços de madeira flutuando no oceano se unem em um momento e são novamente separados, exatamente assim é a união das criaturas (viventes) neste mundo. Filhos, netos, amigos, e parentes são todos desse tipo. Uma pessoa nunca deve sentir afeição por eles, pois a separação com eles é certa. Teu filho veio de uma região invisível. Ele partiu e se tornou invisível. Ele não te conheceu. Tu não o conheceste. Quem és tu e por quem tu sofres? A dor surge da doença constituída pelo desejo. Felicidade também provém da doença do desejo sendo curada. Da alegria também surge tristeza, e então tristeza surge repetidamente. A tristeza vem depois da alegria, e a alegria depois da tristeza. As alegrias e tristezas dos seres humanos estão girando em uma roda. Depois da felicidade a tristeza veio para ti. Tu terás a felicidade novamente. Ninguém sofre de tristeza para sempre, e ninguém desfruta de felicidade para sempre. O corpo é o refúgio de ambas, tristeza e alegria. (E não a Alma. Com a morte do corpo alegria e tristeza desaparecem.) Quaisquer atos que uma criatura incorporada faça com a ajuda de seu corpo, as consequências disso ela tem que sofrer naquele corpo. A vida surge com o surgimento do corpo. Os dois existem juntos, e os dois perecem juntos. Homens de almas impuras, unidos a coisas mundanas por vários vínculos, encontram com a destruição como diques de areia em água. Dores de vários tipos, nascidas da ignorância, agem como prensadores de sementes oleaginosas, por atacarem todas as criaturas por causa de seus apegos. Estas as pressionam como sementes oleaginosas na máquina de fazer óleo representada pela sucessão de renascimentos (à qual elas estão sujeitas). Um homem, por causa de sua esposa (e outros), comete numerosas ações más, mas sofre sozinho diversos tipos de miséria neste e no mundo seguinte. Todos os homens, apegados a filhos e esposas e amigos e parentes, afundam no mar lamacento da dor como elefantes selvagens, quando desprovidos de força, afundando em um pântano lodoso. De fato, ó senhor, pela perda de riqueza ou filhos ou amigos ou parentes, um homem sofre grande angústia, a qual parece, em relação ao seu poder de queimar, uma conflagração na floresta. Todos estes, isto é, alegria e dor, existência e não-existência, dependem do destino. Alguém que tem amigos assim como alguém que não os tem, alguém que tem inimigos assim como alguém desprovido de inimigos, alguém que tem sabedoria assim como alguém desprovido de sabedoria, todos e cada um entre estes obtém felicidade através do destino. Amigos não são a causa da felicidade de uma pessoa. Inimigos não são a causa da miséria de uma pessoa. A sabedoria não é competente para trazer uma acessão de riqueza; nem a riqueza é competente para trazer uma acessão de felicidade. A inteligência não é a causa da riqueza, nem a estupidez é a causa da pobreza. Somente aquele que é possuidor de sabedoria, e ninguém mais, compreende a ordem do mundo. Entre o inteligente, o heróico, o tolo, o covarde, o idiota, o erudito, o fraco, ou o forte, a felicidade vai àquele para quem ela está ordenada. Entre o bezerro, o vaqueiro que a possui, e

o ladrão, a vaca de fato pertence àquele que bebe seu leite. Aqueles cuja compreensão está absolutamente inativa, e aqueles que alcançaram aquele estado da mente que está além da esfera do intelecto, conseguem desfrutar de felicidade. Somente aqueles que estão entre as duas classes estão sujeitos à tristeza. (Há quatro estágios de consciência. Estes são vigília, sonho, sono profundo ou sem sonhos, e Turiya ou Samadhi absoluto, o qual somente o Yogin pode alcançar.) Aqueles que possuem sabedoria se deleitam nos dois extremos, (sono sem sonhos e Turiya ou Samadhi), mas não nos estados que são intermediários (vigília e sono com sonhos). Os sábios dizem que o alcance de algum destes dois extremos constitui felicidade. Miséria consiste nos estados intermediários entre os dois. Aqueles que conseguiram alcançar a felicidade real (que o samadhi pode trazer), e que se tornaram livres dos prazeres e dores deste mundo, e que são desprovidos de inveja, nunca são agitados pela aquisição de riqueza ou por sua perda. Aqueles que não conseguiram obter aquela inteligência a qual leva à felicidade verdadeira, mas que superaram a tolice e a ignorância (pela ajuda de um conhecimento das escrituras), dão vazão à alegria excessiva e à tristeza excessiva. Homens desprovidos de todas as noções de bem ou mal, insensatos com orgulho e com sucesso sobre outros, se entregam a êxtases de deleite como os deuses no céu. (Orgulho por terem insultado ou humilhado outros, e sucesso sobre outros tais como vitórias em batalha e outros negócios do mundo.) Felicidade deve terminar em miséria. Ociosidade é miséria; enquanto inteligência (em ação) é a causa da felicidade. Riqueza e prosperidade moram em alguém que possui inteligência, mas não em alguém que é indolente. Seja felicidade ou tristeza, seja agradável ou desagradável, o que vem para alguém deve ser desfrutado ou suportado com um coração invicto. Todos os dias mil motivos para tristeza, e cem motivos para o medo assaltam o homem de ignorância e tolice, mas não o homem que possui sabedoria. A tristeza nunca pode tocar o homem que é possuidor de inteligência, que adquiriu sabedoria, que é atento em escutar as instruções dos seus superiores, que é desprovido de inveja, e que é autocontrolado. Confiando em tal compreensão, e protegendo seu coração (das influências do desejo e das paixões), o homem de sabedoria deve se comportar aqui. De fato, a tristeza não pode tocar aquele que conhece aquele Ser Supremo do qual tudo surge e no qual tudo desaparece. A própria base daquilo pelo qual a dor, ou ressentimento, ou tristeza é sentida ou pelo qual uma pessoa é impelida para o esforço, deve, mesmo se ela for uma parte do corpo, ser rejeitada. Aquele objeto, o que quer que ele possa ser, em relação ao qual a idéia de ‘meu’ é nutrida, se torna uma fonte de dor e ciúme. Quaisquer objetos, entre as coisas que são desejadas, que são abandonados se tornam fontes de felicidade. O homem que persegue objetos de desejo encontra com a destruição no decorrer da busca. Nem a felicidade que é derivada de uma satisfação dos sentidos nem aquela grande felicidade que alguém pode desfrutar no céu, se aproxima de uma décima sexta parte da felicidade que provém da destruição de todos os desejos. As ações de uma vida passada, boas ou más, visitam, em suas consequências, os sábios e os tolos, os valentes e os medrosos. É assim que a alegria e a tristeza, o agradável e o desagradável, constantemente revolvem (como em uma roda) entre as criaturas vivas. Confiando em tal compreensão, o homem de inteligência e sabedoria vive em paz. Uma pessoa deve desprezar todos os seus desejos, e

nunca permitir que sua raiva leve a melhor sobre si. Esta ira surge no coração e cresce lá em vigor e exuberância. Esta ira que mora nos corpos de homens e nasce em suas mentes, é citada pelos sábios como a Morte. Quando uma pessoa consegue se afastar de todos os seus desejos como uma tartaruga recolhendo todos os seus membros, então sua alma, que é autoluminosa, consegue olhar dentro de si mesma. (Em todos os tratados sobre Yoga, é dito que quando é passado o primeiro estágio, o neófito consegue olhar para seu próprio eu. O significado parece ser que ele experimenta um tipo de existência dupla de modo que ele tem êxito em ele mesmo olhar para seu próprio eu.) Aquele objeto, o que quer que ele possa ser, em relação ao qual a idéia de 'meu' é nutrida, se torna uma fonte de dor e ciúmes. Quando uma pessoa não sente medo, e não é temida por ninguém, quando ela não nutre desejo e nem aversão, é dito que ela então alcançou o estado de Brahma. Rejeitando verdade e mentira, dor e alegria, medo e coragem, o agradável e o desagradável, tu poderás te tornar de alma tranquila. Quando uma pessoa se abstém de fazer mal para qualquer criatura, em pensamentos, palavras, ou ações, ela então alcançou o estado de Brahma. A felicidade verdadeira é daquele que pode rejeitar aquela sede a qual não pode ser rejeitada pelos desencaminhados, que não diminui com a velhice, e que é considerada como uma doença fatal. Em relação a isto, ó rei, são ouvidos os versos cantados por Pingala sobre a maneira na qual ela obteve mérito eterno mesmo em um momento que tinha sido muito desfavorável. A uma mulher decaída de nome Pingala, tendo ido ao lugar de um encontro, foi negada a companhia de seu amante por causa de um acidente. Naquela hora de grande tristeza, ela conseguiu obter tranquilidade de alma.'"

"Pingala disse, 'Ai, eu tenho vivido por muitos longos anos, todo o tempo tomada pela agitação, ao lado daquele Ser Querido em quem há somente tranquilidade. A Morte tem estado à minha porta. Antes disto, no entanto, eu não me aproximei daquela Essência de Pureza. Eu cobrirei esta casa de uma coluna e nove portas (por meio do Verdadeiro Conhecimento). (A casa referida é o corpo. A única coluna sobre o qual ele é mantido é a espinha dorsal, e as nove portas são os olhos, os ouvidos, as narinas, etc.) Qual mulher há que considera aquela Alma Suprema como seu marido querido, mesmo quando Ele se aproxima? (O sentido é que as mulheres sempre consideram seus amantes humanos como queridos sem considerarem dessa maneira o Ser Supremo, embora Ele esteja sempre com elas.) Agora eu estou desperta. Eu despertei do sono da ignorância. Eu não sou mais influenciada pelo desejo. Amantes humanos, que são realmente as formas incorporadas do inferno, não vão mais me enganar por se aproximarem de mim lascivamente. O mal produz bem através do destino ou dos atos de uma vida anterior. Despertada (do sono da ignorância), eu abandonei todo o desejo por objetos mundanos. Eu consegui um domínio completo sobre meus sentidos. Alguém livre de desejo e de expectativa dorme em felicidade. Liberdade de toda esperança e desejo é bem-aventurança. Tendo rejeitado desejo e esperança, Pingala dorme em bem-aventurança.'"

"Bhishma continuou, 'Convencido por estas e outras palavras proferidas pelo Brahmana erudito, o rei Senajit (rejeitando sua tristeza), sentiu deleite e ficou muito feliz.'"

175

"Yudhishthira disse, 'O Tempo, que destrói todas as coisas criadas, está passando. (Isto é, seguindo adiante, sem esperar por ninguém.) Diga-me, ó avô, qual é aquela coisa boa que deve ser procurada.'"

"Bhishma disse, 'Sobre isto, ó rei, é citada a narrativa antiga de uma conversa entre pai e filho, ó Yudhishthira! Certo Brahmana, ó Partha, que era dedicado ao estudo dos Vedas, tinha um filho muito inteligente que (por isso) era chamado de Medhavin (literalmente, inteligente). Um dia, o filho, bom conhecedor das verdades da religião da Emancipação, e conhecedor também dos assuntos do mundo, dirigiu-se a seu pai dedicado ao estudo dos Vedas.'"

"O filho disse, 'O que deve fazer um homem sábio, ó pai, vendo que o período de vida humana está passando tão rapidamente? Ó pai, me diga quais deveres ele deve realizar, sem omitir mencionar os resultados. Tendo te escutado, eu desejo cumprir aqueles deveres.'

"O pai disse, 'Ó filho, observando o modo de vida Brahmacharya, um homem deve primeiro estudar os Vedas. Ele deve então desejar filhos para resgatar seus antepassados. Estabelecendo seu fogo em seguida, ele deve procurar realizar os sacrifícios (prescritos) de acordo com os ritos devidos. Finalmente, ele deve entrar na floresta para se dedicar à contemplação.'"

"O filho disse, 'Quando o mundo está assim cercado por todos lados e é assim atacado, e quando tais coisas irresistíveis de consequências fatais caem sobre ele, como você pode dizer estas palavras tão calmamente?'

"O pai disse, 'Como o mundo é atacado? O que é aquilo pelo qual ele é cercado? Quais, também, são aquelas coisas irresistíveis de consequências fatais que caem sobre ele? Por que tu me assustas dessa maneira?'

"O filho disse, 'A Morte é aquilo pelo qual o mundo é atacado. A decrepitude o cerca. Aquelas coisas irresistíveis que vêm e vão são as noites (que estão diminuindo continuamente o período de vida humana). Quando eu sei que a Morte não tarda para ninguém (mas se aproxima firmemente em direção a todas as criaturas), como eu posso passar meu tempo sem me cobrir com o traje do conhecimento? Quando cada noite sucessiva, passando diminui o período determinado de existência de uma pessoa, o homem de sabedoria deve considerar o dia como inútil. (Quando a morte está se aproximando constantemente) quem há que iria, como um peixe em água rasa, se sentir feliz? A Morte vem para um homem antes de seus desejos estarem satisfeitos. A Morte arrebata uma pessoa quando ela está ocupada em colher flores e quando seu

coração está colocado em outras coisas, como uma tigresa levando um carneiro. A partir de hoje mesmo, realize aquilo que é para o teu bem. Não deixe esta Morte vir para ti. A Morte arrasta suas vítimas antes de suas ações estarem terminadas. As ações de amanhã devem ser feitas hoje, aquelas da tarde na manhã. A Morte não espera para ver se as ações de sua vítima foram todas concluídas ou não. Quem sabe se a Morte não virá a ele hoje mesmo? Na juventude uma pessoa deve se dedicar à prática de virtude. A vida é transitória. Se a virtude for praticada, fama aqui e felicidade após a morte serão as consequências. Dominado pela ignorância, um homem está disposto a se esforçar por seus filhos e esposas. Realizando atos virtuosos ou viciosos, ele os cria e os engrandece. Como um tigre levando um veado adormecido, a Morte arrebata o homem afeito à satisfação dos desejos e ocupado no desfrute de filhos e animais. Antes que ele tenha podido colher as flores sobre as quais ele colocou seu coração, antes que ele esteja satisfeito pela aquisição dos objetos de seu desejo, a Morte o leva embora como um tigre leva sua presa. A Morte domina um homem enquanto o último ainda está em meio à felicidade que advém da satisfação do desejo, e enquanto ainda pensando, 'Isso foi feito'; 'aquilo deve ser feito'; 'daquilo foi feito metade'.' A Morte leva o homem, embora designado segundo sua profissão, afeiçoado ao seu campo, sua loja, ou sua casa, antes que ele tenha obtido os frutos de suas ações. A Morte leva o fraco, o forte, o corajoso, o tímido, o idiota, e o erudito, antes que qualquer um deles obtenha os frutos de suas ações. Quando a morte, a decrepitude, a doença, e a tristeza proveniente de diversas causas, estão todas residindo em teu corpo, como é que tu vives como se tu fosses perfeitamente saudável? Logo que uma criatura nasce, Decrepitude e Morte a perseguem para (efetuar) sua destruição. Todas as coisas existentes, móveis e imóveis, são afetadas por estas duas. A afeição que alguém sente por morar em aldeias e cidades (em meio aos companheiros) é considerada como a própria boca da Morte. A floresta, por outro lado, é considerada como a cerca dentro da qual os sentidos podem ser confinados. Isto é declarado pelos Srutis. A atração que uma pessoa sente por residir em uma aldeia ou cidade (em meio a homens) é como uma corda que o ata efetivamente. Aqueles que são bons rompem aquela corda e alcançam a emancipação, enquanto aqueles que são maus não conseguem rompê-la. Aquele que nunca prejudica criaturas vivas por pensamentos, palavras, ou ações, nunca é prejudicado por agentes que destroem vida e propriedade. (Isto é, animais selvagens e homens sem lei.) Nada pode resistir aos mensageiros (doença e velhice) da Morte quando eles avançam exceto a Verdade a qual devora a Mentira. Na Verdade há imortalidade. Por essas razões uma pessoa deve praticar o voto de Verdade; ela deve se dedicar a uma união com a Verdade; ela se deve aceitar a Verdade como seu Veda; e reprimindo seus sentidos, ela deve derrotar o Destruidor por meio da Verdade. Morte e Imortalidade estão plantadas no corpo. Uma pessoa chega à Morte pela ignorância e perda de razão; enquanto a Imortalidade é alcançada através da Verdade. Eu, portanto, me absterei de ferir e procurarei alcançar a Verdade, e ultrapassando o domínio do desejo e da ira, considerarei prazer e dor da mesma maneira, e obtendo tranquilidade, evitarei a Morte como um imortal. Após a chegada daquela estação quando sol procede em direção ao norte, eu irei, controlando meus sentidos, me dedicar à realização do Sacrifício Santi, do Sacrifício Brahma, do Sacrifício da

Palavra, do Sacrifício da Mente, e do Sacrifício do Trabalho. (Santi é tranquilidade. O Sacrifício Santi é o esforço para praticar desprendimento em tudo; em outras palavras, reprimir todos os tipos de propensões ou inclinações. O Sacrifício Brahma é reflexão sobre as verdades declaradas nos Upanishads. O Sacrifício da Palavra consiste na recitação silenciosa (japa) do Pravana ou Om, o mantra inicial. O Sacrifício da Mente é contemplação da Alma Suprema. O Sacrifício do Trabalho consiste em banhos, asseio, e servir o preceptor.) Como alguém como eu pode cultuar seu Criador em sacrifícios de animais que envolvem crueldade, ou em sacrifícios do corpo, tais como somente Pisachas podem realizar e que produzem resultados que são transitórios? A pessoa cujas palavras, pensamentos, penitências, renúncia, e meditação yoga, todos se apóiam em Brahma, consegue ganhar o maior bem. Não há visão que seja igual (à visão do) Conhecimento. Não há penitência como (aquela envolvida em) Verdade. Não há tristeza igual (àquela envolvida em) apego. Não há felicidade (igual àquela que é obtenível da) renúncia. Eu nasci de Brahma através de Brahma. Eu me devotarei a Brahma, embora eu não tenha filhos. Eu voltarei para Brahma. Eu não preciso de um filho para me resgatar. Um Brahmana não pode ter riqueza semelhante ao estado de estar sozinho, o estado pelo qual ele é capaz de considerar tudo com um olhar imparcial, a prática de veracidade, bom comportamento, paciência, abstenção de injúria, simplicidade, e evitação de todos os ritos e sacrifícios visíveis. Que necessidade tu tens, ó Brahmana, de riqueza ou amigos e parentes, de esposas, quando tu terás que morrer? Procure teu Eu o qual está oculto em uma caverna. (Ou, procure Brahma em tua compreensão. A palavra Atman é frequentemente sinônimo de Eu Supremo.) Onde estão teus avôs e onde está teu pai?'"

"Bhishma continuou, 'Tu também, ó monarca, te comporte daquela maneira na qual o pai (nesta história), se comportou, devotado à religião da Verdade, depois de ter escutado ao discurso de seu filho.'"

176

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, de onde e como felicidade e tristeza vem para aqueles que são ricos, como também aqueles que são pobres, mas que vivem na observância de diferentes ritos e práticas.'"

(O comentador explica que o objetivo da pergunta de Yudhishthira é este: no capítulo ou lição anterior foi inculcado que uma pessoa pode procurar a aquisição da religião de moksha ou emancipação mesmo quando ela é jovem. Yudhishthira pergunta se a riqueza (tão necessária para a realização de sacrifícios) é necessária para a aquisição daquela religião. Se a riqueza for necessária, o homem pobre então não poderia obter aquela religião. Por isso a questão sobre o modo no qual alegria e tristeza vem para o rico e o pobre.)

"Bhishma continuou, 'Em relação a isto é citada a antiga narrativa do que foi cantado por Sampaka que tinha obtido tranquilidade e obtido emancipação por si mesmo. Nos tempos passados certo Brahmana, tornado miserável por uma má

esposa, mal vestido, e faminto, e vivendo na observância do voto de renúncia, me disse estes versos, 'Diversos tipos de tristeza e felicidade alcançam, desde o dia do nascimento, a pessoa que nasce sobre a terra. Se ela pudesse atribuir qualquer um dos dois à ação do Destino, ela então não se sentiria contente quando a felicidade viesse ou miserável quando a tristeza o alcançasse. Embora tua mente esteja desprovida de desejo, tu ainda carregas um fardo pesado. Tu não procuras conquistar teu bem (isto é, a emancipação). Tu não és bem sucedido em controlar tua mente? Se vagares, tendo renunciado à casa e posses desejáveis, tu provarás felicidade real. Uma pessoa privada de tudo dorme em felicidade, e desperta em felicidade. Completa pobreza, neste mundo, é felicidade. Ela é um bom regime, ela é uma fonte de bênçãos, ela é liberdade de perigo. Este caminho sem inimigos é inalcançável (por pessoas que nutrem desejo) e é facilmente alcançável (por aqueles que estão livres do desejo). Lançando meus olhos em todas as partes dos três mundos, eu não vejo a pessoa que é igual a um homem pobre de conduta pura e sem apego (a coisas mundanas). Eu pesei a pobreza e a soberania em uma balança. A pobreza pesou mais do que a soberania e pareceu possuir méritos maiores. Entre a pobreza e a soberania há esta grande diferença, isto é, que o soberano, possuidor de riqueza, está sempre agitado pela ansiedade e parece estar dentro das próprias mandíbulas da morte. Em relação, no entanto, ao homem pobre, que pela privação de toda a riqueza se livrou das esperanças e se emancipou, nem fogo, nem inimigo, nem morte, nem ladrões, podem levar a melhor sobre ele. Os próprios deuses louvam o homem que vaga de acordo com sua vontade amável, que deita no solo nu com seu braço como travesseiro, e que é possuidor de tranquilidade. Afetado por ira e cupidez, o homem de riqueza é maculado por um coração mau. Ele lança olhares oblíquos e fala secamente. Ele se torna pecaminoso, e seu rosto está sempre obscurecido por olhares carrancudos. Mordendo seus lábios, e excitado com cólera, ele profere palavras duras e cruéis. Mesmo se tal homem desejasse fazer um presente do mundo inteiro, quem há que gostaria até de olhar para ele? A companhia constante da Prosperidade estupefaz uma pessoa de raciocínio fraco. Ela leva embora sua razão assim como o vento soprando as nuvens outonais. A companhia da Prosperidade o induz a pensar, ‘Eu sou belo! Eu tenho riqueza! Eu sou nobre de nascimento! Eu tenho sucesso em tudo o que faço! Eu não sou um ser humano comum!’ Seu coração se intoxica por causa destas três razões. Com coração profundamente ligado a posses mundanas, ele desperdiça a riqueza acumulada por seus antepassados. Reduzido à pobreza, ele então considera a apropriação da riqueza de outras pessoas como inocente. Nesse estágio, quando ele ultrapassa todas as barreiras e seres para se apropriar das posses de outros de qualquer maneira, os soberanos de homens o impedem e afligem como caçadores afligindo com flechas afiadas um veado que é avistado nas florestas. Tal homem é então oprimido por muitas outras aflições de um tipo similar que se originam em fogo e armas. Portanto, desconsiderando todas as propensões mundanas (tais como desejo por filhos e esposas), junto com todas as irrealidades fugazes (tais como o corpo, etc.,) um homem deve, ajudado por sua inteligência, aplicar o remédio apropriado para a cura daquelas aflições dolorosas. Sem Renúncia uma pessoa nunca pode obter felicidade. Sem Renúncia nunca se pode obter o mais alto benefício. Sem Renúncia nunca se pode dormir tranquilamente.

Portanto, renunciando a tudo, faça tua a felicidade. Tudo isso foi dito para mim no passado em Hastinapura por um Brahmana, a respeito do que Sampaka tinha cantado. Por esta razão, eu considero a Renúncia como a coisa mais importante.'"

177

"Yudhishthira disse, 'Se uma pessoa, desejando realizar atos (de caridade e sacrifícios), fracassa em encontrar (a necessária) riqueza, e a sede por riquezas a oprime, o que é que ela deve fazer para obter felicidade?'"

"Bhishma disse, 'Aquele que considera tudo (isto é, alegria e tristeza, honra e insulto, etc.,) da mesma maneira, que nunca se esforça ele mesmo (para satisfazer seus desejos de posses mundanas), que pratica veracidade de palavras, que é livre de todos os tipos de apego, e que não tem desejo por ação, é, ó Bharata, um homem feliz. Estes cinco, dizem os antigos, são os meios para a aquisição de tranquilidade perfeita ou emancipação. Estes são chamados de Céu. Estes são Religião. Estes constituem a felicidade mais sublime. Em relação a isto é citada a velha narrativa do que Manki cantou, quando livre de apegos. Ouça, ó Yudhishthira! Desejoso de riqueza, Manki descobriu que ele estava fadado a ter decepções repetidamente. Finalmente com um pequeno resto de sua propriedade ele comprou um par de touros jovens com uma canga para treiná-los (para o trabalho agrícola). Um dia os dois touros devidamente atados à canga foram levados para treinamento (nos campos). Se assustando ao verem um camelo que estava deitado na estrada, os animais correram subitamente em direção ao camelo, e caíram sobre seu pescoço. Enfurecido ao perceber os touros caindo sobre seu pescoço, o camelo, dotado de grande velocidade, se ergueu e correu em um passo rápido, carregando as duas criaturas desamparadas pendendo de ambos os lados de seu pescoço. Vendo seus dois touros assim carregados para longe por aquele camelo forte, e vendo que eles estavam prestes a morrer, Manki começou a dizer, 'Se a riqueza não está ordenada pelo destino, ela nunca pode ser adquirida nem por um homem inteligente se esforçando com atenção e confiança e realizando com habilidade tudo o que é necessário para aquele objetivo. Eu, antes disto, tinha me esforçado por diversos meios e dedicação para ganhar riqueza. Vejam esta desgraça ocasionada pelo destino à propriedade que eu tinha! Meus touros estão sendo carregados, subindo e descendo, enquanto o camelo está correndo em um rumo irregular. Esta ocorrência parece ser um acidente. (Kakataliyam é, literalmente, 'da mesma maneira do corvo e do fruto de palmeira.' A história é que uma vez quando um corvo pousou sobre uma palmeira um fruto (que estava maduro) caiu. O fruto caiu por causa de sua madureza. Seria um erro aceitar o pouso do corvo como a causa da queda. O pouso foi somente um acidente. Contudo homens muito frequentemente, em investigar causas, aceitam acidentes em lugar de causas induzidoras. Tais homens são citados como enganados pela 'falácia do corvo e do fruto de palmeira.') Ai, aqueles meus touros preciosos estão balançando no pescoço do camelo como um par de jóias! Isto é somente o resultado do Destino. O esforço é inútil no que é devido ao Acaso. Ou, se a existência de alguma coisa como Esforço (como um agente na produção de

resultados) for admitida, uma busca mais profunda descobriria o Destino no fundo. (Esforço para ser bem sucedido deve depender de circunstâncias. A combinação de circunstâncias é destino.) Então, a pessoa que deseja felicidade deve renunciar a todo o afeto. O homem sem afetos, não mais nutrindo qualquer desejo de ganhar riqueza, pode dormir felizmente. Isto foi bem dito por Suka enquanto indo para a grande floresta a partir da residência de seu pai, renunciando a tudo! (É difícil resistir à crença de que muitas das passagens do Santi são adições posteriores. Suka era o filho de Vyasa. Citar um ditado de Suka (ou Sukadeva Goswanin como ele era chamado), se Vyasa foi o escritor real desta passagem, é um pouco suspeito.) Entre esses dois, isto é, alguém que obtém a realização de todos os seus desejos, e alguém que abandona todo o desejo, o último, que renuncia a tudo, é superior ao primeiro que obtém a realização de tudo. Ninguém pode alcançar ao fim do desejo. (Isto é, chegar a tal ponto que nada resta para ele desejar.) Somente quem é desprovido de conhecimento e bom senso sente uma avidez para proteger seu corpo e vida. Te abstenha de todo o desejo por ação. Ó minha Alma que estás possuída pela cupidez, adote a tranquilidade por te libertar de todos os apegos! Repetidamente tu tens sido enganada (por desejo e esperança). Como é que tu ainda não te libertaste dos apegos? Se eu não sou alguém que merece destruição nas tuas mãos, se eu sou alguém com quem tu deves te divertir em deleite, então, ó minha Alma que cobiça riqueza, não me induza em direção à cupidez. Tu tens perdido repetidamente tua riqueza acumulada. Ó minha Alma tola e cobiçosa de riqueza, quando tu conseguirás te emancipar do desejo de riqueza? Que vergonha para minha tolice! Eu me tornei teu brinquedo! É assim que alguém se torna escravo de outros. Ninguém nascido na terra alguma vez alcançou o fim do desejo, e ninguém que nascerá conseguirá alcançá-lo. Rejeitando todas as ações, eu finalmente fui despertado do sono. Agora eu estou desperto. Sem dúvida, ó Desejo, teu coração é tão duro quanto diamante, já que embora afetado por uma centena de angústias, tu não te partes em cem pedaços! Eu te conheço, ó Desejo, e todas aquelas coisas que te são caras! Procurando o que é caro para ti, eu sentirei felicidade em meu próprio Eu. (Isto é, com o propósito de te fazer bem, eu me emanciparei de todos os apegos e desfrutarei da bem-aventurança da tranquilidade.) Ó Desejo, eu conheço tua origem. Tu vens da Vontade. (Aqui a teoria do desejo parece ser virada em sentido contrário. Desejo é mero anseio por alguma coisa. Quando sua satisfação é procurada, a forma que ele assume é aquela de determinação ou vontade. Se, no entanto, Kama for aceito como o desejo formulado a respeito de objetos específicos, então, talvez, a Vontade pode ser considerada como sua fundação, pelo menos, em relação à aflição e dificuldades que vêm em seu séquito.) Eu irei, portanto, evitar a Vontade. Tu serás então destruído com tuas bases. O desejo por riqueza nunca pode estar repleto de felicidade. Se adquirida, grande é a ansiedade que sente quem a adquire. Se perdida depois de aquisição, isto é sentido como a morte. Por fim, a respeito da própria aquisição, ela é muito incerta. A riqueza não pode ser obtida nem pela rendição de uma pessoa. O que pode ser mais doloroso do que isto? Quando adquirida, uma pessoa nunca está satisfeita com sua quantidade, mas ela continua a procurá-la. Como a água doce do Ganges, a riqueza somente aumenta o desejo ardente de uma pessoa. Ela é minha destruição. Eu estou desperto agora. Ó Desejo, deixe-me! Que aquele

Desejo que se refugiou neste meu corpo, esta combinação de (cinco) elementos, vá para onde quer que ele escolha e viva alegremente onde quer que ele queira. Vocês todos que não são da Alma (isto é, todos os atributos que são fundados em Rajas e Tamas), eu não tenho alegria em vocês, porque vocês seguem o comando do Desejo e Cupidez! Abandonando todos vocês eu me refugiarei na qualidade de Bondade. Vendo todas as criaturas em meu próprio corpo e minha própria mente, (isto é, me identificando com todas as criaturas ou nunca tomando-as como distintas e separadas de mim; em outras palavras, professando e praticando o princípio de amor universal), e devotando minha razão ao Yoga, minha vida às instruções dos sábios, e alma à Brahma, eu vagarei alegremente pelo mundo, sem apego e sem calamidades de qualquer tipo, para que tu não possas mergulhar-me outra vez em tais tristezas! Se eu continuar a ser agitado por ti, ó Desejo, eu necessariamente não terei um caminho (pelo qual efetuar minha libertação). Tu, ó Desejo, és sempre o progenitor da sede, da aflição, e da fadiga e cansaço. Eu acho que a aflição que alguém sente pela perda de riqueza é muito forte e muito maior do que a que alguém sente sob quaisquer outras circunstâncias. Parentes e amigos desconsideram aquele que perdeu sua riqueza. Com vários tipos de humilhação que numeram às milhares, há muitos males nas posses que são mais dolorosos ainda. Por outro lado, a pequena felicidade que reside na riqueza está misturada com dor e tristeza. Ladrões matam, à vista de todos, a pessoa que possui riqueza, ou a afligem com vários tipos de severidade, ou sempre a enchem de medo. Finalmente, depois de um longo tempo, eu entendi que o desejo por riqueza está repleto de tristeza. Qualquer que seja o objeto, ó Desejo, sobre qual tu colocas teu coração, tu me forças a persegui-lo! Tu não tens bom senso. Tu és um tolo. Tu és difícil de ser contentado. Tu não podes ser satisfeito. Tu queimas como fogo. Tu não indagas (ao perseguir um objeto) se é fácil ou difícil de alcançá-lo. Tu não podes ser cheio até a borda, como a região inferior. Tu desejas mergulhar-me em tristeza. Desse dia em diante, ó Desejo, eu não posso viver contigo! Eu que tinha sentido desespero, a princípio, pela perda de minha propriedade, agora alcancei o estado sublime de liberdade perfeita de atrações. Neste momento eu não mais penso em ti e teu séquito. Eu, antes disso, senti grande tristeza por tua causa. Eu (agora) não me considero como desprovido de inteligência. Tendo adotado a Renúncia por causa da perda de minha propriedade, eu agora posso descansar, livre de todo tipo de febre. Eu te rejeito, ó Desejo, com todas as paixões do meu coração. Tu não mais morarás comigo ou te divertirás comigo. Eu perdoarei aqueles que me caluniarem ou falarem mal de mim. Eu não ferirei nem mesmo quando ferido. Se alguém por aversão falar palavras desagradáveis de mim, desconsiderando aquelas palavras eu me dirigirei a ele com palavras agradáveis. Em contentamento de coração e com todos os meus sentidos em paz, eu sempre viverei do que possa ser obtido por mim. Eu não contribuirei para a satisfação dos desejos nutridos por ti que és meu inimigo. Liberdade de atrações, emancipação do desejo, contentamento, tranquilidade, verdade, autocontrole, generosidade, e compaixão universal são as qualidades que agora vieram a mim. Portanto, que Desejo, cupidez, ânsia, e avareza me evitem. Eu agora adotei o caminho da Bondade. Tendo rejeitado Desejo e Cupidez, grande é minha felicidade agora. Eu não vou mais ceder à influência da Cupidez e não mais sentirei tristeza como uma pessoa de alma impura. Uma

pessoa está certa de obter felicidade de acordo com a medida dos desejos que ela seja capaz de rejeitar. Realmente, aquele que se entrega ao Desejo sempre sofre miséria. Quaisquer paixões ligadas ao Desejo que são rejeitadas por uma pessoa, todas concernem à qualidade de Paixão. Tristeza e impudência e descontentamento todos provêm de Desejo e Riqueza. Como uma pessoa na estação quente mergulhando em um lago frio, eu agora entrei em Brahma, eu me abstive do labor. Eu me livrei da aflição. Pura felicidade agora veio a mim. A felicidade que resulta da satisfação do Desejo, ou aquela outra felicidade mais pura que alguém desfruta no céu, não chega nem à décima sexta parte daquela que provém do abandono de todas as espécies de sede! Matando o princípio do desejo, o qual com o corpo compõe um agregado de sete, e o qual é um inimigo implacável, eu agora entrei na cidade imortal de Brahma e passarei meus dias lá em felicidade como um rei!' Confiando em tal inteligência, Manki se livrou das atrações, rejeitando todos os desejos e alcançando Brahma, aquela residência da maior felicidade. De fato, por causa da perda de seus dois touros, Manki obteve a imortalidade. De fato, porque ele cortou as próprias raízes do desejo, ele obteve, através desse meio, bem-aventurança sublime.'"

178

"Bhishma continuou, 'Em relação a isto é também citada a antiga narrativa dos versos cantados por Janaka, o soberano dos Videhas, que obteve tranquilidade de alma. O que o monarca disse foi, 'Ilimitada é minha riqueza. Ao mesmo tempo eu não tenho nada, se todo (o meu reino) Mithila for consumido em uma conflagração, eu não incorrerei em perda.' Relativo a isto é também citado o discurso que Vodhya proferiu a respeito deste mesmo assunto, isto é, liberdade de apegos. Escute-o, ó Yudhishthira! Uma vez o filho nobre de Nahusha (Yayati) questionou o Rishi Vodhya que tinha, pelo abandono dos desejos, obtido tranquilidade de alma e que tinha um conhecimento profundo das escrituras. O monarca disse, 'Ó tu de grande sabedoria, dê-me instruções sobre tranquilidade. No que é que tu confias que tu consegues vagar pelo mundo em tranquilidade de alma e livre de todas as ações?'"

"Vodhya disse, 'Eu me conduzo de acordo com as instruções de outros, mas eu mesmo nunca instruo outros. Eu irei, no entanto, mencionar as indicações daquelas instruções (segundo as quais minha conduta é moldada). Tu podes apreender seu sentido por meio de reflexão. Meu seis preceptores são Pingala, a águia pescadora, a cobra, a abelha na floresta, o fabricante de flechas (da história), e a donzela (da história).'"

"Bhishma continuou, 'A esperança é muito poderosa (em agitar o coração), ó rei! Liberdade de esperança é grande felicidade. Reduzindo a esperança para uma ausência de expectativa, Pingala dorme em paz. (A alusão é à história de Pingala.) Vendo uma águia pescadora com carne em seu bico, outras, que não encontraram carne, a atacam e destroem. Certa águia obteve felicidade por se abster totalmente de carne. Construir uma casa para si mesmo é produtivo de

tristeza e não de felicidade. A cobra, tomando sua residência no domicílio de outra criatura, vive em felicidade. Os ascetas vivem alegremente, se dirigindo à mendicância, sem serem prejudicados por qualquer criatura, como abelhas na floresta. Certo fabricante de flechas, enquanto empenhado eu seu trabalho, estava tão profundamente atento a este que ele não notou o rei que passou ao seu lado. Quando muitos estão juntos, seguem-se disputas. Mesmo quando dois residem juntos, eles com certeza conversam. Eu, no entanto, vago sozinho como a argola feita de conchas do mar no pulso da moça na história.'"

(A história, evidentemente uma muito antiga, é dada integralmente no Bhagavat. Uma vez uma donzela, residindo na casa de seu pai, desejou alimentar secretamente vários Brahmanas. Enquanto removendo os grãos do celeiro, suas pulseiras, feitas de conchas, começaram a retinir. Temendo ser descoberta através daquele barulho, ela quebrou todas as suas pulseiras exceto uma para cada mão.)

179

"Yudhishthira disse, 'Ó tu que conheces a conduta dos homens, me diga por qual conduta uma pessoa pode ter sucesso neste mundo, livre de aflição. Como também uma pessoa deve agir neste mundo para que ela possa alcançar um fim excelente?'"

"Bhishma disse, 'Sobre isso é citada a velha história da conversa entre Prahlada e o sábio Ajagara. Uma vez o rei Prahlada de grande inteligência questionou um Brahmana vagueador de inteligência superior e de alma tranquila e pura.'"

"Prahlada disse, 'Livre do desejo, com uma alma purificada, possuidor de humildade e autodomínio, sem desejo de ação, livre de malícia, agradável em palavras, dotado de dignidade e inteligência e sabedoria, tu vives (em simplicidade) como uma criança. Tu nunca cobiças qualquer tipo de lucro, e nunca te afliges por qualquer tipo de perda. Tu estás sempre contente, ó Brahmana, e não pareces estimar qualquer coisa no mundo. Enquanto todas as outras criaturas estão sendo carregadas na correnteza do desejo e paixão, tu estás perfeitamente indiferente a todos os atos concernentes à Religião, Lucro, e Prazer. Tu pareces estar em um estado de quietude (sem a possibilidade de agitação). Desconsiderando todos os objetos dos sentidos, tu te moves como uma pessoa emancipada, somente testemunhando tudo (mas nunca tomando parte em algo). Qual, ó sábio, é tua sabedoria, qual é teu conhecimento, e qual é teu comportamento (pelo qual tudo isso se torna possível)? Diga-me isto sem demora, se, ó Brahmana, tu achas que isto me fará bem!'

"Bhishma continuou, 'Aquele Brahmana inteligente que era bom conhecedor dos deveres do mundo, assim questionado por Prahlada, respondeu a ele em palavras gentis de grave significado. 'Veja, ó Prahlada, a origem das criaturas, seu crescimento, decadência, e morte, são determináveis a nenhuma causa (inteligível). É por isto que eu não me entrego à alegria ou tristeza. Todas as

propensões (para ação) que existem no universo podem ser vistas fluírem das próprias naturezas das criaturas (às quais elas são inerentes). Todas as coisas (no universo) dependem de suas respectivas naturezas. Então, eu não me regozijo com nada. (Como tudo depende de sua própria natureza, isto não pode, por sua ação, me alegrar ou me afligir. Se um filho nasce para mim eu não fico alegre. Se ele morre, eu não fico aflito. Seu nascimento e morte dependem de sua própria natureza como um mortal. Eu não tenho poder para alterar aquela natureza ou afetá-la de qualquer maneira.) Veja, ó Prahlada, todos os tipos de união tem uma tendência à desunião. Todas as aquisições com certeza terminarão em destruição. Então eu nunca coloco meu coração na aquisição de qualquer objeto. Todas as coisas possuidoras de qualidades seguramente encontrarão com a destruição. O que resta então a fazer para uma pessoa que (como eu) conhece a origem e o fim das coisas? De todas as coisas, grandes ou pequenas, nascidas no oceano de águas, o fim é evidente. Eu vejo também a morte, a qual é evidente, ó chefe de Asuras, de todas as coisas, móveis e imóveis, pertencentes à terra. Ó melhor dos Danavas, a morte vem na hora mesmo para a mais forte das criaturas aladas que percorrem o céu. Eu vejo também que os corpos luminosos, grandes e pequenos, que se movem no firmamento, caem quando sua hora chega. Possuidor de conhecimento, vendo todas as coisas criadas assim sujeitas a serem afetadas pela morte, e pensando que todas as coisas possuem a mesma natureza, eu durmo em paz sem ansiedade de coração. Se eu consigo sem incômodo uma refeição abundante, eu não tenho escrúpulos em desfrutar dela. Por outro lado, eu passo muitos dias sem comer nada. Às vezes as pessoas me alimentam com iguarias caras em profusão, às vezes com uma pequena quantidade, às vezes com menos ainda, e às vezes eu não consigo nenhum alimento. Eu às vezes como somente uma porção de um grão; às vezes bolos secos de gergelim dos quais o óleo foi retirado, eu às vezes como arroz e outro alimento do tipo mais rico. Às vezes eu durmo em uma armação de cama elevada do melhor tipo. Às vezes eu durmo na terra nua. Às vezes minha cama é feita dentro de um belo palácio ou mansão. Eu estou às vezes vestido em trapos, às vezes em panos feitos de sacos, às vezes em trajes de textura de excelente qualidade, às vezes em camurças, às vezes em mantos do tipo mais caro. Eu nunca rejeito tais prazeres que são consistentes com virtude e que são obtidos por mim sem esforço. Ao mesmo tempo, eu não me esforço para obter tais objetos que são de aquisição difícil. O voto rígido que eu adotei é chamado de Ajagara. (A palavra Ajagara implica 'da mesma maneira de uma grande cobra que não pode se mover.' Acredita-se que tais cobras, sem se moverem, permanecem no mesmo local à espera de vítimas, comendo quando alguma coisa se aproxima e reduzidas à fome quando não há nada.) Aquele voto pode assegurar imortalidade. Ele é auspicioso e sem aflições. Ele é incomparável e puro. Ele é consistente com os conselhos dos sábios. Ele é desaprovado por pessoas de compreensão leviana que nunca o seguem. Com um coração puro eu me comporto de acordo com ele. Minha mente nunca se desvia deste voto. Eu não me desviei das práticas de minha ordem. Eu sou moderado em tudo. Eu conheço o passado e o presente. Privado de medo e ira e cupidez e erros de julgamento, eu sigo este voto com um coração puro. Não há restrições a respeito de comida e bebida e outros objetos de prazer para alguém praticando este voto. Como tudo depende do destino, não há

observância das considerações de hora e lugar para alguém como nós. O voto que eu sigo contribui para a verdadeira felicidade do coração. Ele nunca é cumprido por aqueles que são pecaminosos. Eu o sigo com um coração puro. Induzidos por cupidez, homens buscam diferentes espécies de riqueza. Se frustrados na busca, eles ficam deprimidos pela tristeza. Refletindo apropriadamente sobre tudo isso pela ajuda de minha inteligência que penetrou nas verdades das coisas, eu sigo este voto com um coração puro. Eu tenho visto pessoas em infortúnio procurando, para a aquisição de riqueza, a proteção de homens, bons e maus. Dedicado à tranquilidade, e com minhas paixões sob controle, eu sigo este voto com um coração puro. Vendo, pela ajuda da verdade, que a felicidade e tristeza, perda e lucro, apego e renúncia, morte e vida, são todos ordenados pelo destino, eu sigo este voto com um coração puro. Privado de medo e atração e erros de julgamento e orgulho, e dotado de sabedoria, inteligência, e compreensão, e devotado à tranquilidade e sabendo que grandes cobras que sem se moverem aproveitam o fruto que vem a elas por si mesmo, eu sigo sua prática com um coração puro. Sem restrições de qualquer tipo em relação à cama e comida, dotado por minha natureza de autodomínio, moderação, voto puro, verdade, e pureza de conduta, e sem qualquer desejo de guardar (para uso futuro) as recompensas da ação, eu sigo, com um coração encantado e puro, este voto. Todas as causas de tristeza fugiram de mim por eu ter rechaçado os objetos de desejo. Tendo recebido uma acessão de conhecimento, eu sigo este voto com um coração puro, para controlar minha alma que é ansiosa e desregrada, mas que é capaz (sob treino apropriado) de depender de si mesma (sem a necessidade de objetos externos para mantê-la ocupada). Sem prestar qualquer atenção aos assuntos para os quais meu coração, mente, e palavras gostariam de me conduzir, e observando que a felicidade que está relacionada com eles é de aquisição difícil e fugaz em relação à duração, eu sigo este voto com um coração puro. Homens eruditos possuidores de grande inteligência, enquanto desejosos de proclamar suas próprias façanhas, enquanto estabelecendo suas próprias teorias e criticando aquelas de outros, têm dito isso e aquilo sobre esse tópico o qual não pode ser decidido por discussão. Homens tolos fracassam em compreender este voto de forma apropriada. Eu, no entanto, o vejo como destrutivo de Ignorância. Considerando-o também repleto de imortalidade e como um remédio contra diversas espécies de males, eu vago entre homens, tendo dominado todos os defeitos e me libertado da ânsia (por bens mundanos)!'"

"Bhishma continuou, 'A pessoa de grande alma que, tendo se libertado das atrações e do medo, da cupidez; da tolice, e da ira, segue este voto Ajagara, ou abandona-se neste esporte, como ele pode ser chamado, certamente consegue passar seus dias em grande deleite.'"

180

"Yudhishthira disse, 'Qual destes, ó avô, isto é, parentes, ou ações, ou riqueza, ou sabedoria, devem ser o refúgio de uma pessoa? Questionado por mim, responda-me isto!'"

"Bhishma disse, 'A Sabedoria é o refúgio das criaturas. A Sabedoria é considerada como a maior das aquisições. A Sabedoria é a maior felicidade no mundo. A Sabedoria é o céu na opinião dos bons e virtuosos. Foi através da sabedoria que Vali, Prahlada, Namuchi, e Manki, quando eles perderam sua prosperidade (terrena), conseguiram obter felicidade. O que há que é superior à sabedoria? Em relação a isto é citada a antiga história da conversa entre Indra e Kasyapa. Escute-a, ó Yudhishthira! Uma vez um Vaisya próspero, no desfrute de prosperidade, e orgulhoso de sua riqueza, jogou ao chão, por dirigir seu carro negligentemente, o filho de um Rishi de votos rígidos chamado Kasyapa, dedicado a penitências. Prostrado no chão, o homem jovem, com muita dor, deu vazão à sua ira; e sob a influência do desespero resolveu, dizendo, 'Eu rejeitarei minha vida. Um homem pobre não precisa de vida neste mundo.' Enquanto o Brahmana jazia naquele estado, silencioso e agitado, privado de energia e prestes a morrer, Indra apareceu em cena na forma de um chacal e dirigindo-se a ele, disse, 'Todas as criaturas (inferiores) cobiçam nascimento na raça humana. Entre os homens, também, a posição de um Brahmana é muito desejada. Tu, ó Kasyapa, és um ser humano! Entre os seres humanos, tu também és um Brahmana. Entre os Brahmanas, tu estás familiarizado com os Vedas. Tendo obtido aquilo que é obtenível com dificuldade muito grande, não cabe a ti desistir da vida por insensatez! Todos os tipos de aquisições (mundanas) estão repletas de orgulho. A declaração dos Srutis a este respeito é perfeitamente verdadeira. Tu pareces o retrato do contentamento. Ao tomar tal decisão (a qual é tão depreciativa de ti mesmo), de abandonar tua vida, tu ages por cupidez! Ó, são coroados com sucesso aqueles que têm mãos! Eu desejo avidamente a posição daquelas criaturas que têm mãos! Nós cobiçamos mãos tão avidamente quanto vocês cobiçam riquezas. Não há aquisição mais valiosa do que a aquisição de mãos. Veja, ó Brahmana, eu não posso extrair esse espinho que entrou em meu corpo, ou esmagar esses insetos e vermes que estão me mordendo e me afligindo imensamente! Aqueles que tiveram concedidas para eles duas mãos com dez dedos, conseguem jogar longe ou esmagar (por coçar) os vermes que mordem seus membros. Eles conseguem construir abrigos para si mesmos contra chuva, frio, e calor. Eles conseguem também desfrutar de roupas excelentes para si mesmos, boa comida, camas confortáveis, e habitações excelentes. Estando nesta Terra, aqueles que têm mãos desfrutam de vacas e outros animais e os fazem carregar cargas ou puxar seus veículos, e pela ajuda de diversos meios trazem aqueles animais sob domínio (para seus próprios propósitos). Aquelas criaturas vivas que não têm línguas, que são impotentes, de pouca força, e desprovidas de mãos, suportam todas as várias espécies de miséria (indicadas acima). Por boa sorte, ó asceta, tu não és como eles. Por boa sorte, tu não és um chacal, nem um verme, nem um rato, nem uma rã, nem um animal de alguma outra classe miserável. Com esta medida de benefício (que tu ganhaste), tu deves, ó Kasyapa, ficar satisfeito! Quão feliz também tu deves te sentir ao pensamento de que entre as criaturas vivas tu és um Brahmana superior! Esses vermes estão me mordendo! Por falta de mãos eu sou incapaz de rechaçá-los. Veja essa minha situação miserável! Eu não rejeito a vida porque fazer isso é um ato muito pecaminoso, e para que eu não caia, de fato, para uma classe mais miserável de

existência! Essa classe de existência, isto é, a de um chacal, à qual eu pertenço agora é um tanto suportável. Miserável como ela é, há muitas ordens de existência abaixo dela que são mais miseráveis ainda. Por nascimento certas classes de criaturas se tornam mais felizes do que outras que ficam sujeitas à grande aflição. Mas eu nunca vejo que há alguma classe de existência que possa ser citada como estando na posse da felicidade perfeita. Seres humanos, obtendo riquezas, desejam em seguida a soberania. Tendo obtido soberania seu próximo desejo é pela posição de deuses. Tendo ganhado tal posição eles então desejam a supremacia dos celestiais. Se tu te tornares rico, tu nunca conseguirás te tornar um rei (pois tu és um Brahmana por nascimento), nem te tornar um deus (porque, na verdade, tua posição de Brahmana é igual se não superior àquela de um deus). Se por algum meio (levado pela probabilidade tentadora de felicidade celestial) tu te tornares um deus (em vez de alcançar uma posição superior), tu então cobiçarás a supremacia dos deuses. Em nenhuma condição tu estarás satisfeito. O contentamento não resulta da aquisição de objetos desejáveis. A sede nunca é satisfeita embora haja profusão de água. (O significado é que mesmo goles abundantes não matam a sede permanentemente, pois depois de ser saciada, ela com certeza voltará.) A sede por aquisição só se inflama com cada nova aquisição como um fogo com novos feixes de madeira jogados nele. Em ti há tristeza. Mas a alegria também mora em ti. Ambas, felicidade e tristeza, moram em ti. Por que então tu te entregas à tristeza? Uma pessoa deve prender, como aves em uma gaiola, as próprias fontes, isto é, a compreensão e os sentidos, de todos os seus desejos e ações. Não pode haver o corte de uma segunda cabeça, nem de uma terceira mão. Aquilo que não existe não pode causar medo. Alguém que não conhece o prazer que certo objeto proporciona nunca sente um desejo por aquele objeto. Os desejos surgem da experiência real dos prazeres que tato ou visão, ou audição dá. Tu não tens idéia do gosto do vinho chamado Varuni ou da carne das aves chamadas Ladwaka. Não há bebida e nem comida mais deliciosos do que esses. Tu não tens idéia também, ó Kasyapa, de todos os outros tipos de bebida e comida superiores que existem entre homens, porque tu nunca os provaste. Sem dúvida, portanto, não provar, não ver, deve ser o voto de um homem se ele quer obter felicidade. Criaturas que têm mãos, sem dúvida, se tornam fortes e ganham riqueza. Homens são reduzidos por homens a um estado de servidão, e são repetidamente afligidos (nas mãos de sua própria espécie) com morte, prisão, e outras torturas. Embora tal seja sua condição, ainda assim eles (sem se entregarem à tristeza) riem e se divertem e se entregam à alegria. Outros também, embora sejam dotados de força de braços, e possuidores de conhecimento e grande energia mental, seguem profissões censuráveis, pecaminosas e miseráveis. Eles procuram mudar tais profissões por outras atividades (que sejam mais dignas) mas então eles são limitados por suas próprias ações (de uma vida anterior) e pela força do Destino. O homem mais vil da classe Pukkasa ou Chandala nunca deseja abandonar sua vida. Ele está bastante contente com a classe de seu nascimento. Veja a ilusão a este respeito! Vendo aqueles entre tua espécie que são desprovidos de braços, ou atingidos pela paralisia, ou afligidos com outras doenças, tu podes te considerar como muito feliz e possuidor de acompanhamentos de valor entre os membros de tua própria ordem. Se este teu corpo regenerado permanecer são e salvo, e livre de doença, e todos os teus

membros permanecem perfeitos, tu com certeza nunca incorrerás em qualquer repreensão entre homens. Não cabe a ti, ó Brahmana, rejeitar tua vida mesmo se alguma culpa, fundada em fato e capaz de ocasionar tua exoneração da casta, recair sobre ti! Levante, e pratique virtude. Não é apropriado que tu jogues tua vida fora! Se, ó regenerado, tu me escutares e dares crédito às minhas palavras, tu então obterás a maior recompensa da religião inculcada nos Vedas. Dirija-te a estudos Védicos, e mantenha devidamente teu fogo sagrado, e pratique verdade, e autodomínio, e caridade. Nunca te compare vaidosamente com outro. Aqueles que, por se dedicarem ao estudo dos Vedas, se tornam competentes para realizar sacrifícios para si mesmos e para outros, não têm necessidade de se entregarem a qualquer tipo de desgosto ou temerem algum tipo de mal. Aqueles que nascem sob uma constelação auspiciosa (tal como Pushya), em uma lunação auspiciosa e em uma hora auspiciosa, se esforçam o melhor que podem para realizar sacrifícios, praticar caridade, e procriar crianças, e desejando passar seu tempo alegremente naquelas ações, finalmente obtêm grande felicidade. Aqueles, por outro lado, que nascem sob constelações más (tais como Mula Aslesha, Magha, etc.), lunações não auspiciosas, e em horas más, se tornam desprovidos de sacrifícios e prole e finalmente caem para a classe Asura. Em minha vida anterior eu tinha muito conhecimento inútil. Eu sempre procurava por razões e tinha muito pouca fé. Eu era um difamador dos Vedas. Eu era desprovido dos (quatro) objetivos da vida, e era dedicado àquela ciência de argumentação que é baseada sobre provas oculares ou tangíveis. Eu costumava proferir palavras baseadas em razões (plausíveis). De fato, em assembléias, eu sempre falava de razões (e nunca de fé). Eu costumava falar de modo irreverente das declarações dos Srutis e me dirigir aos Brahmanas em tons arrogantes. Eu era um incrédulo, cético de tudo, e embora realmente ignorante, orgulhoso da minha erudição. Essa posição de um chacal que eu obtive nesta vida é a consequência, ó regenerado, daqueles meus pecados! Se mesmo depois de centenas de dias e noites eu que sou um chacal puder obter mais uma vez a posição de humanidade, eu então passarei minha vida em contentamento, atento aos verdadeiros objetivos da existência, e engajado em sacrifícios e doações. Eu então conhecerei o que deve ser conhecido, e evitarei o que deve ser evitado!' Assim endereçado, o asceta Kasyapa, se levantando, disse, 'Ó, tu és certamente possuidor de conhecimento e grande inteligência! Eu estou realmente surpreso com tudo isso!' Com olhos cuja visão foi ampliada pelo conhecimento, o Brahmana então viu que aquele ser que tinha se dirigido a ele era Indra, chefe dos deuses e marido de Sachi. Kasyapa então adorou aquele deus tendo o melhor dos corcéis como o animal que o carregava. Recebendo depois a permissão do deus, o Brahmana voltou para sua residência.'"

181

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, se doações, sacrifícios, penitências, e serviços respeitosos voltados aos preceptores são produtivos de sabedoria e grande felicidade.'"

'Bhishma disse, 'Se a mente se torna afetada pelo desejo, ira e outras paixões más, ela então corre em direção ao pecado. Se os atos de alguém são manchados pelo pecado, ele é obrigado a morar em regiões dolorosas. Homens pecaminosos nascem em circunstâncias pobres e repetidamente sofrem as dores de fome, aflições, medo, e morte. Aqueles que são virtuosos em suas ações, e que possuem fé, e que têm seus sentidos sob controle, nascem como homens ricos e repetidamente se divertem em festividades e céu e felicidade. Descrentes, com seus braços amarrados, são enviados para regiões tornadas inacessíveis por animais carnívoros e elefantes e cheias de terrores por causa de cobras e ladrões. O que mais pode ser dito deles? Aqueles, por outro lado, que têm reverência por deuses e convidados, que são generosos, que gostam de homens bons e honestos, vão, por suas ações de caridade, por aquele caminho alegre que pertence às pessoas de almas purificadas. Aqueles que não têm reverência pela virtude são tão vis entre homens como grãos sem sementes entre cereais ou o mosquito entre aves. Aquilo que está ordenado em consequência das ações de uma vida passada persegue o ator mesmo que o último se esforce o melhor que pode para deixá-lo para trás. (Isto é, mesmo se ele procura evitá-lo.) Aquilo dorme quando ele dorme e faz qualquer outra coisa que ele faça. (Isto é, se torna seu associado inseparável.) Como sua sombra aquilo descansa quando ele descansa, procede quando ele procede, e age quando ele age. Quaisquer atos que um homem faça ele seguramente tem que obter os resultados deles. A Morte está arrastando todas as criaturas que estão certamente destinadas a cair (para as classes de existência que elas merecem) e que sem dúvida estão sujeitas a desfrutar ou sofrer aquilo que foi ordenado como a consequência de seus atos. As ações de uma vida passada desenvolvem suas consequências em seu próprio tempo assim como flores e frutos, sem esforços externos de qualquer tipo, e nunca deixam de aparecer quando chega a hora certa. Depois que as consequências, como ordenadas, das ações de uma vida passada, se esgotam (por meio de prazer ou sofrimento), honra e ignomínia, lucro e perda, decadência e crescimento não fluem mais ou aparecem em relação a alguém. Isso acontece repetidamente. (Uma vez que as consequências dos atos de uma vida passada são esgotados, a criatura (com respeito a quem tal esgotamento ocorre), está livre de todas as vicissitudes da vida. No entanto, para que tal criatura não se torne emancipada, a visão ortodoxa é que é sempre deixado um resto de mérito e demérito, para que um novo nascimento possa acontecer e as consequências do que é assim deixado como um resto possam começar a serem desfrutadas ou sofridas. Isto não é referido aqui, mas esta é a visão de todos os Hindus ortodoxos.) Uma criatura enquanto ainda no útero da mãe desfruta ou sofre a felicidade ou a tristeza que foi ordenada para ela em consequência de suas próprias ações. Na infância ou juventude ou velhice, em qualquer período da vida no qual alguém faça uma ação boa ou má, as consequências dela com certeza a visitarão em sua próxima vida exatamente no mesmo período. Como um bezerro reconhece e se aproxima de sua mãe mesmo no meio de mil vacas, assim mesmo as ações de uma vida passada reconhecem e visitam o fazedor em sua nova vida. Lavado em água um pedaço de tecido (sujo) fica limpo. Similarmente, homens queimando de arrependimento obtêm felicidade infinita por meio de penitências apropriadas. Aqueles que vão residir nas florestas e por realizarem austeridades

por um longo período podem se purificar de seus pecados, conseguem alcançar os objetivos que sobre os quais eles colocaram seus corações. Como ninguém pode distinguir o rastro de aves no céu ou de peixes na água, similarmente, o rastro de pessoas cujas almas foram purificadas pelo conhecimento não pode ser notado por ninguém. (É difícil compreender em qual sentido é dito que o rastro dos virtuosos não pode ser notado. Talvez isto signifique que tais homens não deixam qualquer história ou registro atrás deles, eles tendo se abstido de todos os tipos de ação boa ou má.) Não há necessidade de mais eloquência ou de mais alguma referência a ações pecaminosas. Basta dizer que uma pessoa deve, com raciocínio apropriado e como melhor lhe convém, fazer o que é para o seu próprio bem. Este é o meio pelo qual a sabedoria e a maior felicidade podem ser alcançadas.'"

182

"Yudhishthira disse, 'De onde este universo consistindo em criaturas móveis e imóveis foi criado? Quem o faz proceder até quando a destruição começa? Diga-me isto, ó avô! De fato, por quem o universo com seus oceanos, seu firmamento, suas montanhas, suas nuvens, suas terras, seu fogo, e seu vento, foi criado? Como foram criados todos os objetos? De onde veio esta divisão em classes separadas de existência? De onde vem sua pureza e impureza, e as ordenanças sobre virtude e vício? De que tipo é a vida das criaturas vivas? Aonde também vão aqueles que morrem? Nos diga tudo acerca deste e do outro mundo.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isso é citada a velha narrativa das palavras sagradas que Bhrigu disse em resposta às perguntas de Bharadwaja. Vendo o grande Rishi Bhrigu brilhando com energia e esplendor, sentado no topo Kailasa, Bharadwaja se dirigiu a ele nas seguintes palavras.'"

"Bharadwaja disse, 'Por quem este mundo com seu oceano, seu firmamento, suas montanhas, suas nuvens, suas terras, seu fogo, e seu vento, foi criado? Como todas as criaturas foram criadas inicialmente? De onde veio essa distinção de castas? De onde a pureza e a impureza de (comportamento), e de onde as ordenanças sobre virtude e vício, para criaturas vivas? De que espécie é a vida das criaturas vivas? Aonde elas vão quando morrem? Cabe a ti me dizer tudo sobre este e o outro mundo.' Assim endereçado acerca de suas dúvidas por Bharadwaja, o ilustre e regenerado Rishi Bhrigu que parecia com o próprio Brahma respondeu para ele, dizendo estas palavras.'"

"Bhrigu disse, 'Há um Ser Primevo, conhecido pelos grandes Rishis, de nome Manasa. Ele é sem início e sem fim. Aquele Ser Divino não pode ser penetrado por armas. Ele é sem decadência e é Imortal. Ele é citado como o Imanifesto. Ele é Eterno, Imperecível, e Imutável. Através Dele as criaturas nascem e através Dele elas morrem. Ele primeiro criou um Ser Divino conhecido pelo nome de Mahat. (Manasa significa 'concernente à mente,' ou mais propriamente, a Vontade. Mahat literalmente significa grande.) Mahat criou a Consciência. Aquele Ser Divino

criou o Espaço. Aquele Ser pujante é o mantenedor de todos os objetos criados. Do Espaço nasceu a Água, e da Água nasceram Fogo e Vento. Através da união do Fogo e do Vento nasceu a Terra. Nascido por si mesmo Manasa então criou um Lótus divino rico em Energia. Daquele Lótus surgiu Brahman, aquele Oceano de Veda. (Veda é aqui usado no sentido de Conhecimento e Poder.) Os Srutis dizem que logo que nasceu, aquele Ser Divino proferiu as palavras, 'Eu Sou Ele!' Por isto Ele veio a ser chamado pelo nome de Consciência. Ele tem todas as coisas criadas como seu corpo e Ele é seu Criador. Estes cinco elementos que nós vemos são aquele Brahman de grande energia. As montanhas são seus ossos. A terra é sua gordura e carne. Os oceanos são seu sangue. O Espaço é seu estômago. O Vento é sua respiração. O Fogo é sua energia. Os rios são suas artérias e veias. Agni e Soma, também chamados Sol e Lua, são chamados de seus olhos. O firmamento acima é sua cabeça. A terra é seus dois pés. Os pontos cardeais e secundários do horizonte são seus braços. Sem dúvida, Ele não pode ser conhecido e Sua Alma é inconcebível até para pessoas coroadas com êxito ascético. O Ser Divino, que permeia o universo inteiro, é também conhecido pelo nome de Ananta (Infinito). Ele vive na Consciência, e não pode ser conhecido por pessoas de almas impuras. Questionado por ti eu agora te falei dEle que criou a Consciência para chamar à existência todos os objetos criados, e de quem este universo surgiu.'"

"Bharadwaja disse, 'Qual é a extensão do firmamento, dos pontos do horizonte, da superfície desta terra, e do Vento? Por me dizer a verdade, esclareça minhas dúvidas.''

"Bhrigu disse, 'O céu que tu vês acima é Infinito. Ele é a residência de pessoas coroadas com êxito ascético e de seres divinos. Ele é encantador, e consiste em várias regiões. Seus limites não podem ser averiguados. O Sol e a Lua não podem ver, acima ou abaixo, além dos limites de seus próprios raios. Lá onde os raios do Sol e da Lua não podem alcançar há corpos luminosos que são autorefulgentes e que possuem um esplendor como aquele do Sol ou do fogo. Saiba, ó concessor de honras, que, possuidores de esplendor célebre, mesmo estes últimos não vêem os limites do firmamento por causa da inacessibilidade e infinitude daqueles limites. Este Espaço, o qual os próprios deuses não podem medir, está repleto de mundos resplandecentes e auto-luminosos cada um acima do outro. Além dos limites da terra há oceanos de água. Além da água há escuridão. Além da escuridão há água novamente, e além da última há fogo. Para baixo, além das regiões inferiores, há água. Além da água há a região pertencente às grandes cobras. Além dela há o céu mais uma vez, e além do céu há água novamente. Assim há água e céu alternadamente sem fim. Tais são os limites da Divindade representados pela água. Os próprios deuses são incapazes de determinar os limites do fogo, do vento e da água. A natureza do fogo, vento, água, e terra, é como aquela do espaço. Eles são diferençados pela falta de Conhecimento verdadeiro. Os sábios lêem em diversas escrituras os limites que foram declarados dos três mundos e do oceano. Quem, no entanto, colocaria limites para o que não pode ser apreendido pela visão e que é inacessível (em todas as suas partes)? Mesmo que se tornasse possível averiguar os limites do firmamento

o qual é o caminho dos deuses e dos seres coroados com êxito ascético, nunca seria possível determinar limites para aquilo que é ilimitado e conhecido pelo nome de Infinito, àquilo que corresponde ao nome pelo qual é conhecido, isto é, que tem sido chamado de Manasa de grande alma. Quando também Sua forma está às vezes contraída e às vezes expandida, como alguém mais exceto alguém que fosse igual a Ele poderia compreender Seus limites? Do Lótus (do qual eu já falei) foi primeiro criado o senhor Onisciente, Brahman, dotado de forma, de essência consistindo em Retidão, e o Criador de todas as coisas móveis e imóveis."

"Bharadwaja disse, 'Se Brahman nasceu do Lótus, então o Lótus deve ser considerado como o Primogênito e não Brahman. Por que, no entanto, Brahma é citado como o primeiro? Esclareça esta minha dúvida.'"

"Bhrigu disse, 'A Terra é aquilo que é chamado de Lótus. Ela foi criada para dar um assento para aquela forma de Manasa que se tornou Brahman. Alcançando o próprio céu, o Sumeru se tornou o pericarpo do Lótus. Permanecendo dentro dele, o pujante Senhor do Universo criou todos os mundos.'"

183

"Bharadwaja disse, 'Diga-me, ó melhor dos Brahmanas, como o pujante Brahman residindo dentro de Meru, criou estes diversos tipos de objetos.'"

"Bhrigu disse, 'O grande Manasa (em sua forma de Brahman) criou os diversos tipos de objetos por decreto de Vontade. Então, para a proteção de todas as criaturas, ele primeiro criou a água. A água é a vida de todas as criaturas, e é a água que ajuda seu crescimento. Se não houvesse água, todas as criaturas pereceriam. O mundo inteiro é permeado por água. Terra, montanhas, nuvens, e todas as coisas que têm forma, devem ser conhecidas como transformações de água. Elas todas foram produzidas pela solidificação daquele elemento.'"

Bharadwaja disse, 'Como a água surgiu? Como Fogo e Vento? Como também a terra foi criada? Eu tenho grandes dúvidas sobre estes pontos.'"

"Bhrigu disse, 'Ó regenerado, em tempos muito antigos chamados de Brahma-kalpa, os Rishis de grande alma da classe regenerada, quando eles se reuniram, sentiram esta mesma dúvida acerca da criação do universo. Contendo as palavras, eles permaneceram imóveis, dedicados à contemplação (ascética). Tendo abandonado todo o alimento, eles subsistiram só do ar, e permaneceram assim por mil anos celestes. No fim daquele período, certas palavras tão sagradas quanto aquelas dos Vedas alcançaram simultaneamente os ouvidos de todos. De fato, uma voz celeste foi ouvida no firmamento dizendo, 'Antigamente havia somente o Espaço infinito, perfeitamente inerte e imóvel. Sem sol, lua, estrelas, e vento, ele parecia estar adormecido. Então a água surgiu como uma coisa mais escura dentro da escuridão. Então da pressão da água surgiu o vento. Como um recipiente vazio sem um orifício parece a princípio ser sem qualquer som, mas

quando enchido com água o ar aparece e faz um grande barulho, assim mesmo quando o Espaço infinito foi cheio com água, o vento surgiu com um grande barulho, penetrando através da água. Aquele vento, assim gerado pela pressão do oceano de água, ainda se movia. Entrando no Espaço (não obstruído), seu movimento nunca é parado. Então, pela fricção do vento e da água, surgiu o fogo possuidor de grande poder e energia resplandecente, com chamas dirigidas para cima. Aquele fogo dissipou a escuridão que tinha coberto o Espaço. Ajudado pelo vento, o fogo contraiu Espaço e Água juntos. De fato, combinado com o vento, o fogo se tornou solidificado. Enquanto descia do céu, a parte líquida do fogo se solidificou novamente e se tornou o que é conhecido como a terra. A terra ou solo, na qual tudo nasce, é a origem de todos os tipos de gosto, de todas espécies de cheiro, de todas espécies de líquidos, e de todas as espécies de animais.'"

184

"Bharadwaja disse, 'Quando Brahman de grande alma criou milhares de criaturas, por que é que somente estes cinco elementos que ele criou primeiro, os quais permeiam todo o universo e que são grandes criaturas, vieram a ter o nome de criaturas aplicado a eles exclusivamente?'" (Todas as coisas criadas são chamadas de Bhutas, mas os cinco elementos principais, isto é, fogo, ar, terra, água, e espaço, são especialmente chamados de Bhutas ou Mahabhutas.)

"Bhrigu disse, 'Todas as coisas pertencentes à categoria do Infinito ou do Vasto recebem o título de Grandes. É por esta razão que estes cinco elementos vieram a ser chamados de Grandes criaturas. Atividade é vento. O som que é ouvido é espaço. O calor que está dentro dele é fogo. Os sucos líquidos que se acham nele são água. A matéria solidificada, isto é, carne e ossos, são terra. Os corpos (das criaturas vivas) são feitos dessa maneira dos cinco elementos (primevos). Todos os objetos móveis e imóveis são feitos destes cinco elementos. Os cinco sentidos também das criaturas vivas partilham dos cinco elementos. O ouvido partilha das propriedades do espaço, o nariz da terra; a língua da água; o tato do vento; e os olhos da luz (do Fogo).'"

"Bharadwaja disse, 'Se todos os objetos móveis e imóveis são compostos destes cinco elementos, por que é que em todos os objetos imóveis aqueles elementos não são visíveis? As árvores não parecem ter qualquer calor. Elas não parecem ter algum movimento. Elas também são compostas de partículas densas. Os cinco elementos não são evidentes nelas. Árvores não ouvem, elas não vêem; elas não são capazes de ter percepções de cheiro ou gosto. Elas também não têm a percepção de tato. Como então elas podem ser consideradas como compostas dos cinco elementos (primevos)? Me parece que pela ausência de algum material líquido nelas, de calor, de terra, de vento, e de espaço vazio, as árvores não podem ser consideradas como compostas dos cinco elementos (primevos).'"

"Bhrigu disse, 'Sem dúvida, embora possuam densidade, as árvores têm espaço dentro delas. A manifestação de flores e frutos está sempre ocorrendo

nelas. Elas têm calor dentro de si pelo qual folhas, cascas, frutos, e flores são vistos murcharem. Elas ficam doentes e secam completamente. Isso mostra que elas têm percepção de tato. Pelo som do vento e do fogo e do trovão, seus frutos e flores caem. O som é percebido pelo ouvido. Árvores têm, portanto, ouvidos, e ouvem. Uma trepadeira se enrola ao redor de uma árvore e a circula por todos os seus lados. Uma coisa cega não pode achar seu caminho. Por esta razão é evidente que as árvores têm visão. Então também árvores recuperam vigor e dão flores por influência de odores, bons e maus, do perfume sagrado de diversas espécies de dhupas. É claro que as árvores têm olfato. (Isto é certamente curioso pois mostra que os antigos Hindus sabiam como tratar plantas doentes e devolver vigor a elas.) Eles bebem água por suas raízes. Elas pegam doenças de vários tipos. Aquelas doenças também são curadas por diferentes operações. Disto é evidente que árvores têm percepções de paladar. Como alguém pode sugar água através de um talo de lótus dobrado, as árvores também, com a ajuda do vento, bebem por suas raízes. Elas são sensíveis ao prazer e à dor, e crescem quando cortadas ou podadas. A partir dessas circunstâncias eu vejo que as árvores têm vida. Elas não são inanimadas. Fogo e vento fazem a água assim sugada ser digerida. De acordo, também, com a quantidade da água tomada, a árvore avança em crescimento e fica úmida. Nos corpos de todas as coisas móveis os cinco elementos se encontram. Em cada um as proporções são diferentes. É por causa destes cinco elementos que objetos móveis podem mover seus corpos. Pele, carne, ossos, medula, e artérias e veias, que existem juntos no corpo são feitos de terra. Energia, ira, olhos, calor interno, e aquele outro calor que digere o alimento ingerido, estes cinco, constituem o fogo que se encontra em todas as criaturas incorporadas. Os ouvidos, narinas, boca, coração, e estômago, estes cinco, constituem o elemento de espaço que se encontra nos corpos de criaturas vivas. Fleuma, bílis, suor, gordura, sangue, são os cinco tipos de água que se encontram nos corpos móveis. Pelo ar chamado Prana uma criatura viva é permitida se mover. Por aquele chamado Vyana, ela aplica força para ação. Aquele chamado Apana se move para baixo. Aquele chamado Samana reside dentro do coração. Através daquele chamado Udana uma pessoa arrota e pode falar por ele passar através (dos pulmões, da garganta, e da boca). Estes são os cinco tipos de vento que fazem uma criatura incorporada viver e se mover. As propriedades do olfato uma criatura incorporada conhece pelo elemento terra nele. Do elemento água ela percebe o gosto. Do elemento fogo representado pelos olhos, ela percebe formas, e do elemento vento ela obtém a percepção do tato. Aroma, toque, gosto, visão, e som, são considerados como as propriedades (gerais) de todos os objetos móveis e imóveis. Eu falarei primeiro dos vários tipos de aroma. Eles são agradáveis, desagradáveis, doces, pungentes, os que vão longe, variados, secos, indiferentes. Todos estes nove tipos de cheiro estão fundados sobre o elemento terra. A luz é vista pelos olhos e o toque pelo elemento vento. Som, toque, visão e paladar são as propriedades da água. Eu falarei agora (em detalhes) da percepção do paladar. Ouça-me. Rishis de grande alma têm falado de diversos tipos de gosto. Eles são doce, salgado, amargo, adstringente, azedo, e pungente. Estes são os seis tipos de gostos concernentes ao elemento água. A luz contribui para a visão da forma. A forma é de diversos tipos. Baixa, alta, grossa, quadrada, redonda, branca, preta, vermelha, azul, amarela, avermelhada, dura, brilhante, lisa, oleosa, macia, e

terrível. Estes são os dezesseis diferentes tipos de forma que constituem a propriedade da luz ou visão. A propriedade do elemento vento é o toque. O toque é de vários tipos: quente, frio, agradável, desagradável, indiferente, queimante, suave, macio, leve, e pesado. Ambos, som e toque, são as duas propriedades do elemento vento. Estas são as onze qualidades que concernem ao vento. O espaço tem uma única propriedade. Ela é chamada de som. Eu agora te falarei dos diferentes tipos de som. Eles são as sete notas originais chamadas Shadja, Rishabha, Gandhara, Mahdhyama, Panchama, Dhaivata e Nishada. Estes são os sete tipos da propriedade que concerne ao espaço. O som é inerente como o Ser Supremo em todo o espaço embora ligado especialmente a tambores e outros instrumentos. Qualquer som que seja ouvido dos tambores pequenos e grandes, e conchas, e nuvens, e carros, e criaturas animadas e inanimadas, estão todos incluídos nestes os sete tipos de som já enumerados. Assim o som, o qual é a propriedade do espaço, é de vários tipos. Os eruditos dizem que o som nasce do espaço. Quando causado pelos diferentes tipos de toque, o qual é a propriedade do vento, ele pode ser ouvido. Ele não pode ser ouvido, no entanto, quando os diferentes tipos de toque estão inativos. Os elementos, se misturando com suas contrapartes no corpo, aumentam e crescem. Água, fogo e ar estão sempre despertos nos corpos de criaturas vivas. Eles são os fundamentos do corpo. Permeando os cinco ares vitais (já mencionados), eles residem no corpo.'"

185

"Bharadwaja disse, 'Como o fogo ou calor corpóreo, entrando o corpo, reside lá? Como também o vento, obtendo espaço para si mesmo, faz o corpo se mover e se esforçar?'"

"Bhrigu disse, 'Eu te falarei, ó regenerado, da direção na qual o vento se move, e como, ó impecável, aquele elemento poderoso faz os corpos das criaturas viventes se moverem e se esforçarem. O calor reside dentro da cabeça (cérebro) e protege o corpo (de perecer). O vento ou ar chamado Prana, residindo dentro da cabeça e o calor que lá está, causam todos os tipos de esforço. Aquele Prana é a criatura viva, a alma universal, o Ser eterno, e a Mente, Intelecto, e Consciência de todas as criaturas vivas, como também todos os objetos dos sentidos. Assim a criatura viva é, em todos os aspectos, feita pelo Prana se mover e se esforçar. Então pelo outro ar chamado Samana, cada um dos sentidos é feito agir como ele age. O ar chamado Apana, recorrendo ao calor que está na uretra e nos intestinos abdominais, se move, empenhado em conduzir urina e fezes para fora. Aquele único ar o qual opera nestes três, é chamado de Udana por aqueles que são familiarizados com ciência. Aquele ar que opera, residindo em todas as juntas dos corpos de homens, é chamado Vyana. Há calor no corpos de criaturas vivas o qual é circulado por todo o sistema pelo ar Samana. Residindo dessa maneira no corpo, aquele ar opera sobre os diferentes tipos de substâncias aquosas e outras substâncias elementares e todos os líquidos orgânicos maus. Aquele calor, residindo entre Apana e Prana, na região do umbigo, opera, com a ajuda daqueles dois ares, na digestão de todo alimento que é ingerido por uma criatura viva. Há

um ducto que começa na boca e vai até o canal anal. Sua extremidade é chamada de ânus. Deste ducto principal numerosos ductos secundários se ramificam nos corpos de todas as criaturas vivas. (A palavra para ducto é Srotas. Ela também pode ser traduzida 'canal'. Muito semelhante à artéria principal ou aorta.) Em consequência do movimento rápido dos vários ares citados acima (através desses ductos), aqueles ares se misturam. O calor (que reside em Prana) é chamado de Ushman. É este calor que causa a digestão em todas as criaturas possuidoras de corpos. O ar chamado Prana, o portador de uma corrente de calor, desce (da cabeça) até a extremidade do canal anal e dali é enviado para cima mais uma vez. Voltando para seu assento na cabeça, ele mais uma vez manda para baixo o calor que ele carrega. Abaixo do umbigo é a região de matéria digerida. Acima dele está aquela para o alimento que é ingerido. No umbigo estão todas as forças de vida que sustentam o corpo. Incitados pelos dez tipos de ares tendo Prana como seu principal, os ductos (já mencionados), se ramificando a partir do coração, transportam os sucos líquidos que o alimento concede, para cima, para baixo, e em direções transversais. O ducto principal que vai da boca ao ânus é o caminho pelo qual yogins, vencedores da fadiga, de perfeita equanimidade em alegria e tristeza, e possuidores de grande paciência, conseguem alcançar Brahma por manterem a alma dentro do cérebro. (Em trabalhos sobre yoga é declarado que o ducto principal deve ser trazido sob o controle da vontade. A alma pode então, por um ato de volição, ser afastada do sistema físico inteiro nas convoluções do cérebro na cabeça. O cérebro, na linguagem de yogins, é um lótus de mil pétalas. Se a alma for recolhida dentro dele, a criatura viva então ficará livre da necessidade de alimento e sono, etc., e viverá de era em era, absorvida em contemplação da divindade e em perfeita beatitude.) Dessa maneira o calor pulsa nos ares chamados Prana e Apana e outros, de todas as criaturas incorporadas. Aquele calor está sempre queimando lá como um fogo colocado em algum recipiente (visível).'"

186

"Bharadwaja disse, 'Se é o vento que nos mantém vivos, se é o vento que causa nosso movimento e esforço, se é o vento que nos faz respirar e falar, então parece que a vida vale pouco. Se o calor animal (que digere todo o alimento) é da natureza do fogo, e se é aquele fogo que ajuda na digestão por dissolver o alimento que ingerimos, então a vida vale pouco. Quando um animal morre, aquilo que é chamado de sua vida nunca é visto deixando-o. Somente a respiração o deixa, e o calor interno se extingue. Se a vida fosse nada mais do que vento, ou se a vida dependesse somente do vento, ela então poderia ser vista como o oceano de ar externo, e quando partindo ela se misturaria com aquele ar. Se a vida depende do ar, e se ela termina com a fuga daquele ar do corpo, ela então se misturaria com outra porção de ar (que existe fora) como uma porção de água escapando para o grande oceano e assim somente mudando seu lugar de residência. Se uma quantidade de água é jogada em um poço, ou se a chama de uma lâmpada é jogada em um fogo ardente, eles, entrando em um elemento

homogêneo, perdem sua existência independente ou separada. Se a vida fosse ar, ela também, quando o animal morresse, se misturaria com o grande oceano de ar exterior. Como nós podemos dizer que há vida neste corpo animal que é composto dos cinco elementos (primordiais)? Se um daqueles elementos desaparece, a união dos outros quatro se dissolve. O elemento água seca se alimento não for ingerido. O elemento ar desaparece se a respiração for impedida. O elemento espaço desaparece se as excreções cessam. Assim também o elemento fogo se extingue se não entra alimento. O elemento terra se rompe em pedaços por causa de doenças, ferimentos, e outros sofrimentos. Se somente um dos cinco vem a ser afligido, a união sendo dissolvida, os cinco partem em cinco direções diferentes. Quando o corpo o qual é uma união dos elementos, vem a ser separado em cinco componentes, para onde a vida vai? O que ela sabe então? O que ela ouve? O que ela diz? Esta vaca (que é doada para um Brahmana santo), isto é dito, me resgatará no outro mundo. O próprio animal, no entanto, que é doado, morre. Quem então esta vaca resgatará? O recebedor da vaca (em doação) e o doador são iguais (ambos estando sujeitos à morte). Ambos encontram com a extinção neste mundo. Como então eles se encontrarão novamente? Como a pessoa que foi comida por aves, ou aquela que foi quebrada em pedaços por uma queda de um topo de montanha, ou que foi consumida pelo fogo, recupera vida? A raiz de uma árvore que foi derrubada não cresce outra vez. Somente as sementes manifestam brotos. Onde está a pessoa que tendo morrido volta (para algum novo tipo de existência)? Somente sementes foram criadas originalmente. Todo este universo é o resultado de sementes em sucessão. Aqueles que morrem, morrem para perecer. Sementes resultam de sementes.'"

187

"Bhrigu disse, 'Não há destruição da criatura viva, ou daquilo que é doado, ou de nossas outras ações. A criatura que morre somente entra em outra forma. Somente o corpo se dissolve. A criatura viva, embora dependente do corpo, não encontra destruição quando o corpo é destruído. Ela não é vista depois da destruição da forma física assim como o fogo não é visto depois do consumo do combustível com qual ele foi aceso.'"

"Bharadwaja disse, 'Se não há destruição da criatura viva como aquela do fogo, eu alego, o próprio fogo não é visto depois do consumo do combustível (que o acendeu). Quando o abastecimento de combustível é parado, o fogo se extingue, e, tanto quanto eu sei, vem a ser aniquilado. Certamente deve ser considerado como destruído aquilo que não tem mais nenhuma ação, que não fornece prova de sua existência, e que não mais ocupa qualquer espaço.'"

"Bhrigu disse, 'É verdade que após o consumo do combustível o fogo não é mais visto. Ele se mistura com o espaço porque não há mais qualquer objeto visível no qual inerir, e então não pode ser percebido por nós. Similarmente, após deixar o corpo, a criatura vive no espaço, e não pode ser vista por causa de sua extrema subtilidade, como é sem dúvida o caso com o fogo. É o fogo ou calor que

sustenta os ares chamados Prana e os outros. Saiba que aquele calor (existindo dessa maneira) é chamado de vida ou agente vivo. Aquele calor o qual é o sustentador dos ares se extingue pela supressão da respiração. Após aquele calor no corpo físico ser extinto, a própria forma perde animação. Perecendo, ela é transformada em terra, pois este é o seu destino final. O ar que está em todos os objetos móveis e imóveis se mistura com o espaço, e o calor que está neles segue aquele ar. Estes três (isto é, espaço, ar, e fogo), se misturam. Os outros dois (isto é, água e terra), existem juntos na forma de terra. Há vento onde há espaço, e há fogo onde há vento. Eles são informes, isso deve ser conhecido, e se tornam dotados de forma somente em relação às criaturas incorporadas.'"

"Bharadwaja disse, 'Se nos corpos físicos de todas as criaturas vivas há calor, vento, terra, espaço e água, quais, então, são as indicações do agente vivo? Diga-me isto, ó impecável! Eu desejo conhecer a natureza da vida que está nos corpos dos seres vivos, corpos feitos dos cinco elementos primordiais, empenhados nas cinco ações, dotados dos cinco sentidos e possuidores de animação. Após a dissolução do corpo que é uma união de carne e sangue, e uma massa de gordura, tendões e ossos, aquele que é o agente vivo não pode ser visto. Se este corpo, composto dos cinco elementos, for desprovido do que é chamado de vida, quem ou o que então é aquilo que sente tristeza pelo aparecimento de dor mental ou corporal? O agente vivo ouve o que é dito, com a ajuda dos ouvidos. Acontece, no entanto, ó grande Rishi, que o mesmo agente não ouve quando a Mente está ocupada de outra maneira. Parece, portanto, que aquele que é chamado de agente vivo não serve um propósito. Toda a cena que o agente vivo vê com olhos agindo em companhia da mente, a visão não contempla, mesmo quando colocada diante dele, se a mente está ocupada de outra maneira. Então, também, quando ele está sob a influência do sono, aquele agente nem vê nem cheira, nem ouve, nem fala, nem experimenta as percepções de tato e paladar. Quem ou o que então é aquilo que sente alegria, fica zangado, se entrega à tristeza, e experimenta tribulação? O que é aquilo que deseja, pensa, sente aversão, e profere palavras?'"

"Bhrigu disse, 'A mente também é feita dos cinco elementos em comum com o corpo. Por esta razão ela é sem importância em relação às ações mencionadas por ti. Somente a Alma interna sustenta o corpo. É ela que percebe cheiro, gosto, som, toque e forma e outras propriedades (que existem na natureza externa). Aquela Alma, permeando todos os membros, é a testemunha (dos atos) da mente dotada de cinco atributos e residindo dentro do corpo composto dos cinco elementos. É ela que sente prazer e dor, e quando separada dela o corpo não mais as experimenta. Quando não há mais qualquer percepção de forma ou de tato, quando não há calor no fogo que reside dentro do corpo, de fato, quando aquele calor animal se extingue, o corpo, em consequência de seu abandono pela Alma, encontra a destruição. O universo inteiro é composto de água. A água é a forma de todas as criaturas incorporadas. Naquela água está a Alma a qual está manifestada na mente. Aquela Alma é o Criador Brahman que existe em todas as coisas. Quando a Alma se torna dotada de atributos grosseiros, ela vem a ser chamada de Kshetrajna. Quando livre daqueles atributos, ela vem a ser chamada

de Paramatman ou Alma Suprema. Conheça aquela Alma. Ela é inspirada com benevolência universal. Ela reside no corpo como uma gota de água em um lótus. Conheça bem aquilo que é chamado de Kshetrajna e que tem benevolência universal. Ignorância, Paixão, e Bondade são as qualidades do agente vivo. Os eruditos dizem que a Alma tem Consciência e existe com as qualidades da vida. A alma se manifesta e faz tudo se manifestar. Pessoas que têm um conhecimento da Alma dizem que a Alma é diferente da vida. É a Alma Suprema que cria os sete mundos e os coloca em andamento. Não há destruição do agente vivo quando a dissolução do corpo ocorre. Homens desprovidos de inteligência dizem que ele morre. Isto é certamente falso. Tudo o que um agente vivo faz é ir de um corpo para outro. Aquilo que é chamado de morte é somente a dissolução do corpo. É assim que a Alma, envolvida em diversas formas, migra de forma para forma, despercebida e não notada por outros. Pessoas possuidoras de Conhecimento verdadeiro contemplam a Alma por meio de sua inteligência sutil e aguçada. O homem de sabedoria, vivendo de alimentação frugal, e com coração limpo de todos os pecados, se dedicando à meditação yoga, consegue toda noite, antes e depois do sono, contemplar sua Alma pela ajuda de sua Alma. (É dito frequentemente que em um estágio avançado de yoga uma pessoa é capacitada a ver sua própria Alma, ou, um tipo de existência dupla é percebido pelo qual a Alma se torna um objeto de visão interna para a própria Alma.) Por um coração contente, e por abandonar todas as ações boas e más, uma pessoa pode obter felicidade infinita por confiar na própria Alma. O rei, de refulgência ardente, residindo dentro da mente é chamado de agente vivo. É daquele Senhor de tudo que esta criação tem surgido. Esta é a conclusão a que se chega pela pesquisa sobre a origem das criaturas e da alma.'"

188

"Bhrigu disse, 'Brahman primeiro criou uns poucos Brahmanas que vieram a ser chamados de Prajapatis (senhores da criação). Possuidores de esplendor igual àquele do fogo ou do Sol, eles foram criados da energia daquele Ser Primogênito. O pujante Senhor então criou a Verdade, o Dever, a Penitência, os Vedas eternos, todos os tipos de atos virtuosos, e a Pureza, para permitir às criaturas alcançarem o céu (por praticá-las). Depois disso, as Divindades e os Danavas, os Gandharvas, os Daityas, os Asuras, as grandes cobras, os Yakshas, os Rakshasas, as Serpentes, os Pisachas, e os seres humanos com suas quatro divisões, isto é, Brahmanas, Kshatriyas, Vaisyas, e Sudras, ó melhor dos regenerados, e todas as outras classes de criaturas que existem, foram criadas. A cor que os Brahmanas obtiveram foi o branco (Bondade, Sattwa); a que os Kshatriyas obtiveram foi o vermelho (Paixão, Rajas); a dos Vaisyas foi o amarelo (Bondade e Paixão, Sattwa e Rajas); e a que foi dada aos Sudras foi a preta (Ignorância, Tamas).'"

"Bharadwaja disse, 'Se a distinção entre as quatro classes (de seres humanos) for feita somente por meio da cor (atributo), então parece que todas as quatro ordens estão misturadas. Luxúria, ira, medo, cupidez, dor, ansiedade, fome,

fadiga, dominam e prevalecem sobre todos os homens. Como os homens podem ser diferenciados pela posse de atributos? Os corpos de todos os homens emitem suor, urina, fezes, fleuma, bílis, e sangue. Como então os homens podem ser divididos em classes? De objetos móveis o número é infinito; as espécies também de objetos imóveis são inumeráveis. Como, então, objetos de tão grande diversidade podem ser distribuídos em classes?'"

"Bhrigu disse, 'Realmente não há distinção entre as diferentes classes. O mundo inteiro a princípio consistia em Brahmanas. Criados (iguais) por Brahman, os homens, por causa de suas ações, vieram a ser divididos em classes diferentes. Aqueles que se tornaram aficionados em satisfazer o desejo e desfrutar de prazeres, possuidores dos atributos de severidade e ira, dotados de coragem, e negligentes aos deveres de piedade e culto, aqueles Brahmanas possuidores do atributo de Paixão, se tornaram Kshatriyas. Aqueles Brahmanas que, sem cumprirem os deveres prescritos para eles, se tornaram possuidores de ambas as qualidades de Bondade e Paixão, e adotaram as profissões de criação de gado e agricultura, se tornaram Vaisyas. Aqueles Brahmanas que se tornaram afeiçoados à mentira e a prejudicar outras criaturas, possuidores de cobiça, empenhados em todos os tipos de ações para viver, e que se desviaram da pureza de comportamento, e assim se ligaram ao atributo de Ignorância, se tornaram Sudras. Separados por estas ocupações, os Brahmanas, se afastando de sua própria classe, se tornaram membros das outras três ordens. Todas as quatro classes, portanto, têm sempre o direito à realização de todas as funções virtuosas e de sacrifícios. Assim mesmo as quatro classes a princípio foram criadas iguais por Brahman que ordenou para todas elas (as observâncias expostas) nas palavras de Brahma (nos Vedas). Somente pela cobiça, muitos decaíram, e foram possuídos pela ignorância. Os Brahmanas estão sempre dedicados às escrituras sobre Brahma; e conscientes de votos e restrições, são capazes de apreender o conceito de Brahma. Suas penitências, portanto, nunca são em vão. Aqueles entre eles que não são Brahmanas são incapazes de compreender que cada coisa criada é o Brahma Supremo. Estes, decaindo, se tornam membros das diversas classes (inferiores). Perdendo a luz do conhecimento, e se dirigindo a uma conduta desregrada, eles tomam nascimento como Pisachas e Rakshasas e Pretas e como indivíduos das diversas espécies Mleccha. Os grandes Rishis que no início surgiram (pela Vontade de Brahman) posteriormente criaram, por meio de suas penitências, homens dedicados aos deveres ordenados para eles e ligados aos ritos declarados nos Vedas Eternos. Aquela outra Criação, no entanto, que é eterna e imperecível, que é baseada em Brahma e que surgiu do Deus Primevo, e que tem seu refúgio em yoga, é uma criação mental.'"

(A distinção aqui declarada parece ser esta: a criação eterna é devido ao yoga ou ação mental da Divindade Primeva. Esta criação que nós vemos é o resultado das penitências daqueles sábios que foram criados primeiro. Talvez, o que se queira dizer é que o princípio de vida, de vida procedendo de vida, e a matéria primordial com espaço, etc., são todos devidos à ordem de Deus; enquanto todos os objetos visíveis e tangíveis, provenientes da ação daqueles princípios e da matéria primordial e espaço, são atribuíveis aos sábios antigos.)

189

"Bharadwaja disse, 'Por quais ações alguém se torna um Brahmana? Por quais, também, alguém se torna um Kshatriya? Ó melhor dos regenerados, por quais atos alguém se torna um Vaisya ou um Sudra? Diga-me isto, ó principal dos oradores.'"

"Bhrigu disse, 'É chamado de Brahmana aquele que é santificado por tais ritos como aqueles chamados jata e outros; que é puro em comportamento; que é devotado a estudar os Vedas; que é dedicado às seis ações bem conhecidas (de abluções toda manhã e noite, recitação silenciosa de mantras, despejar libações no fogo sacrifical, cultuar as divindades, cumprir os deveres de hospitalidade para com os convidados, e oferecer comida aos Viswedevas); que é devidamente observador de todas as ações pias; que nunca ingere alimento sem tê-lo oferecido devidamente aos deuses e convidados; que é cheio de reverência por seu preceptor; e que está sempre dedicado a votos e verdade. É chamado de Brahmana aquele em quem há verdade, caridade, abstenção de dano a outros, compaixão, vergonha, benevolência, e penitência. Aquele que é dedicado à profissão de batalha, que estuda os Vedas, que faz doações (para Brahmanas) e tira riqueza (daqueles a quem ele protege) é chamado de Kshatriya. Aquele que ganha fama por criar gado, que está empenhado em agricultura e nos meios de adquirir riqueza, que é puro em comportamento e atento ao estudo dos Vedas, é chamado de Vaisya. Aquele que tem prazer em comer todos os tipos de alimento, que está empenhado em fazer todas as espécies de trabalho, que é impuro em comportamento, que não estuda os Vedas, e cuja conduta é impura, é considerado um Sudra. Se estas características forem observáveis em um Sudra, e se elas não forem encontradas em um Brahmana, então tal Sudra não é Sudra, e, tal Brahmana não é Brahmana. Por todos os meios a cobiça e a ira devem ser refreadas. Isto como também o autodomínio, são os maiores resultados do Conhecimento. Aquelas duas paixões (cobiça e ira), devem, com toda a coragem, ser resistidas. Elas fazem seu aparecimento para destruir o maior bem de alguém. Uma pessoa deve sempre proteger sua prosperidade de sua ira, suas penitências do orgulho; seu conhecimento de honra e desonra; e sua alma do erro. Aquela pessoa inteligente, ó regenerado, que faz todos os atos sem desejo de resultado, cuja riqueza inteira existe para a caridade, e que realiza o Homa diário, é um verdadeiro Renunciante. Uma pessoa deve se comportar como um amigo para todas as criaturas, se abstendo de todos os atos de injúria. Rejeitando a aceitação de todas as doações, ela deve, pela ajuda de sua própria inteligência, dominar completamente suas emoções. Ela deve viver em sua própria alma onde não pode haver aflição. Então ela não terá medo aqui e alcançará uma região sem medo após a morte. Ela deve viver sempre dedicada a penitências, e com todas as paixões completamente refreadas; cumprindo o voto de taciturnidade, e com alma concentrada em si mesma; desejosa de conquistar os sentidos indomados, e livre no meio das atrações. Todas as coisas que podem ser percebidas pelos sentidos são chamadas de Manifestas. Deve-se procurar conhecer, entretanto, tudo o que é Imanifesto, que está além da compreensão dos sentidos, que pode ser averiguado somente pelos sentidos sutis. (O mundo grosseiro é perceptível pelos

sentidos comuns. Além do mundo grosseiro há um sutil o qual os sentidos sutis, isto é, os sentidos afiados por meio de yoga, podem perceber. Com a morte, somente o corpo é dissolvido. O corpo ou forma sutil, chamado de Linga-sarira, e composto do que é chamado de Tanmatras dos elementos primordiais, permanece. Ele retém todas as características do mundo em uma forma incipiente. O Linga-sarira também deve ser destruído antes que a absorção em Brahma possa ocorrer.) Se não há fé, nunca se conseguirá obter aquele sentido sutil. Portanto, uma pessoa deve se manter na fé. A mente deve ser unida com Prana, e Prana deve então ser mantido dentro de Brahma. Por se dissociar de todos os apegos alguém pode obter absorção em Brahma. Não há necessidade de se dedicar a qualquer outra coisa. Um Brahmana pode facilmente alcançar Brahma pelo caminho da Renúncia. As indicações de um Brahmana são pureza, bom comportamento e compaixão por todas as criaturas.'"

190

"Bhrigu disse, 'Verdade é Brahma; Verdade é Penitência; é a Verdade que cria todas as criaturas. É pela Verdade que todo o universo é mantido; e é com a ajuda da Verdade que alguém vai para o céu. A mentira é somente outra forma de Ignorância. É a Ignorância que leva para baixo. Aqueles que são afligidos pela Ignorância e cobertos por ela fracassam em ver as regiões iluminadas do céu. É dito que o Céu é Luz e que o Inferno é Escuridão. As criaturas que moram no universo alcançam ambos, céu e inferno. Neste mundo também, verdade e mentira levam a rumos de conduta opostos e a direções opostas, tais como Justiça e Injustiça, luz e escuridão, prazer e dor. Entre esses, aquilo que é Verdade é Justiça; aquilo que é Justiça é Luz; e aquilo que é Luz é Felicidade. Do mesmo modo, aquilo que é Mentira é Injustiça; aquilo que é Injustiça é Escuridão; e aquilo que é Escuridão é Tristeza ou Miséria. Em relação a isso é dito que aqueles que possuem sabedoria, vendo que o mundo de vida é oprimido pela tristeza, corporal e mental, e pela felicidade que sempre termina em miséria, nunca se permitem ser entorpecidos. Aquele que é Sábio se esforçará para se salvar da tristeza. A felicidade das criaturas vivas é instável neste e no outro mundo. (A felicidade que é obtida no céu não é perpétua, sendo limitada em relção à duração pelo grau ou extensão de mérito que é obtido aqui.) A felicidade de criaturas que estão dominadas pela Ignorância desaparece como o esplendor da Lua quando afligida por Rahu. (A teoria Purânica sobre o eclipse solar e lunar é que o Daitya Rahu procura devorar o Sol e a Lua.) É dito que a felicidade é de dois tipos, isto é, física e mental. Neste e no outro mundo, os frutos visíveis e invisíveis (das ações) são especificados (nos Vedas) por causa da felicidade. (Os Vedas declaram aqueles frutos para que os homens possam se esforçar por eles quando eles levam à felicidade.) Não há nada mais importante do que a felicidade entre os frutos ou consequências do agregado triplo. A felicidade é desejável. Ela é um atributo da Alma. Virtude e Lucro são procurados por causa dela. A virtude é sua base. Esta, de fato, é sua origem. Todas as ações têm por fim a obtenção de felicidade.'"

"Bharadwaja disse, 'Você disse que a felicidade é o maior objetivo, eu não compreendo isso. Este atributo da alma que (você diz) é tão desejável não é procurado pelos Rishis que são considerados como estando dedicados a algo que promete uma recompensa superior. É sabido que o Criador dos três mundos, isto é, o pujante Brahman, vive sozinho, observador do voto de Brahmacharya. Ele nunca se dedica à felicidade obtenível da satisfação do desejo. Também, o Mestre divino do universo, o marido de Uma, reduziu Kama (a divindade do desejo) à extinção. Por esta razão, nós dizemos que a felicidade não é aceitável para pessoas de grande alma. Nem ela parece ser uma qualidade superior da Alma. Eu não posso pôr fé no que tua pessoa divina disse, isto é, que não há nada mais elevado do que a felicidade. Que há dois tipos de consequências em relação aos nossos atos, isto é, o surgimento de felicidade das boas ações e de tristeza das ações pecaminosas, é somente um ditado que é corrente no mundo.'"

"Bhrigu disse, 'Sobre isto é dito o seguinte: da Mentira surge Ignorância. Aqueles que estão oprimidos pela Ignorância seguem somente a Injustiça e não a Justiça, sendo dominados por ira, cobiça, malícia, falsidade, e males similares. Eles nunca obtêm felicidade aqui ou após a morte. Por outro lado, eles são afligidos por várias espécies de doenças e dores e incômodos. Eles são também torturados por Morte, prisão, e diversas outras aflições daquele tipo, e pelas tristezas, como fome e sede e fadiga. Eles são também atormentados por numerosas aflições corpóreas que provêm de chuva e vento e calor ardente e frio excessivo. Eles são também afligidos por numerosas angústias mentais causadas por perda de riqueza e separação de amigos, como também por aflições causadas por decrepitude e morte. Aqueles que não são tocados por esses diversos tipos de aflições físicas e mentais sabem o que é felicidade. Esses males nunca são encontrados no céu. Lá sopram brisas deliciosas. No céu há também uma fragrância perpétua. No céu não há fome, nem sede, nem decrepitude, nem pecado. Neste mundo há felicidade e miséria. No inferno há somente miséria. Portanto, a felicidade é o maior objetivo de conquista. A Terra é a progenitora de todas as criaturas. As fêmeas partilham de sua natureza. O animal masculino é como o próprio Prajapati. A semente vital, isto deve ser conhecido, é a energia criativa. Desta maneira Brahman ordenou nos tempos passados que a criação deveria continuar. Cada um, afetado por suas próprias ações, obtém felicidade ou miséria.'"

191

"Bharadwaja disse, 'Qual é citada como a consequência da caridade? Qual da Justiça? Qual da conduta? Qual das Penitências bem realizadas? Qual do estudo e recitação dos Vedas? E qual de despejar libações sobre o fogo?'"

'Bhrigu disse, 'Por despejar libações no fogo sagrado o pecado é queimado. Pelo estudo dos Vedas se obtém tranquilidade abençoada. Pela caridade se obtém prazer e artigos de prazer. Por Penitências, alguém alcança o céu abençoado. É dito que as doações são de duas espécies: doações pelo outro

mundo, e aquelas por este. O que quer que seja dado aos bons serve ao doador no outro mundo. O que quer que seja dado para aqueles que não são bons produz consequências agradáveis aqui. As consequências das doações são compatíveis com as próprias doações.'"

"Bharadwaja disse, 'Qual curso de deveres deve ser realizado por quem? Quais são também as características do dever? Quantos tipos de dever existem? Cabe a ti me dizer isto.'"

"Bhrigu disse, 'Aqueles homens sábios que estão engajados em praticar os deveres prescritos para eles conseguem alcançar o céu como sua recompensa. Por fazerem de outra maneira as pessoas se tornam culpadas de insensatez.'"

"Bharadwaja disse, 'Cabe a ti me falar acerca dos quatro modos de vida que foram declarados antigamente por Brahman, e das práticas ordenadas para cada um deles.'"

"Bhrigu disse, 'Nos tempos passados, o divino Brahman, para beneficiar o mundo, e para a proteção da virtude, indicou quatro modos de vida. Entre eles, habitar na residência do preceptor é mencionado como o primeiro (em ordem de tempo). Quem está neste modo de vida deve ter sua alma limpa por pureza de conduta, por ritos Védicos, e por restrições e votos e humildade. Ele deve adorar o crepúsculo da manhã e da noite, o Sol, seu próprio fogo sagrado, e as divindades. Ele deve rejeitar procrastinação e ociosidade. Ele deve purificar sua alma por saudar seu preceptor, por estudar os Vedas, e por escutar as instruções de seu preceptor. Ele deve realizar suas abluções três vezes (isto é, de manhã, meio-dia, e à noite). Ele deve levar uma vida de celibato; cuidar de seu fogo sagrado; servir respeitosamente seu preceptor; sair diariamente em uma ronda da mendicância (para se sustentar); e dar de bom grado para seu preceptor tudo o que foi obtido em esmolas. Cumprindo de boa vontade tudo o que as ordens do preceptor possam indicar, ele deve estar preparado para receber tanta instrução Védica quanto seu preceptor possa dar a ele como um favor. (Um pupilo nunca deve pedir instrução a seu preceptor. Ele deve atender somente quando o preceptor o chamar. Até hoje, a regra é observada rigidamente em todos os Tols por toda a Índia. Deve ser adicionado para o crédito daqueles empenhados em ensinar que eles muito raramente negligenciam seus pupilos.) Sobre este assunto há um verso: O Brahmana que obtém seu Veda por servir seu preceptor com reverência consegue alcançar o céu e obter a realização de todos os seus desejos. O modo de vida familiar é considerado o segundo (na questão de tempo). Nós lhe explicaremos todas as ações pias e indicações daquele modo. Aqueles que tendo completado sua residência na casa do preceptor voltam para casa, cuja conduta é virtuosa, que desejam os resultados de um comportamento virtuoso com cônjuges em sua companhia, têm este modo de vida ordenado para eles. Nele Virtude, Riqueza, e Prazer, todos podem ser obtidos. Ele é, (dessa maneira) apropriado para cultivo do agregado triplo. Adquirindo riqueza por meio de ações irrepreensíveis, ou com riqueza de grande eficácia que é obtida da recitação dos Vedas, ou vivendo de tais meios como os que são utilizados pelos Rishis regenerados (isto é, apanhando grãos caídos do campo depois que a safra foi

cortada e removida pelo proprietário), ou com os produtos de montanhas e minas, ou com a riqueza representada pelas oferendas feitas em sacrifícios e no término de votos e outras observâncias, e aquelas feitas às divindades, o chefe de família deve seguir esse modo de vida. Este modo de vida é considerado como a base de todos os outros. Aqueles que são residentes nas casas de preceptores, aqueles que levam vidas de mendicância, e outros que vivem na observância de votos e restrições nos quais eles estão empenhados, derivam deste modo os meios dos quais eles vivem, as oferendas que eles fazem aos Pitris e às divindades, em resumo, todo o seu sustento. O terceiro modo de vida é chamado de Vida na Floresta. Para aqueles que o seguem, não há armazenamento de riqueza e artigos. Geralmente, aqueles homens bons e virtuosos, subsistindo de boa comida, e dedicados a estudar os Vedas, vagam pela terra para viajar para tirthas e visitar diversos reinos. Ficar de pé, se adiantar, proferir palavras gentis em sinceridade, fazer doações de acordo com a medida da competência do doador, oferecer assentos e camas do melhor tipo, e presentes de alimentos excelentes, são alguns dos meios para lhes mostrar respeito. Sobre esse assunto há um verso: Se um convidado vai embora de uma casa com expectativas não satisfeitas, supõe-se que ele leva os méritos do chefe de família e deixa ao último todos os seus delitos. Então também no modo de vida familiar as divindades são gratificadas por sacrifícios e outros ritos religiosos; os Pitris pela realização de ritos fúnebres; os Rishis pelo cultivo de conhecimento (Védico), por ouvir as instruções de preceptores, e por encerrar na memória as escrituras; e por fim o Criador por gerar filhos. (É geralmente dito que por procriar descendência um homem satisfaz os Pitris ou paga o débito que ele tem com seus ancestrais falecidos. Aqui Bhrigu diz que por aquele ato alguém satisfaz o Criador. A idéia é a mesma que forma a base do comando dado aos Judeus, 'Vão e multipliquem.') Sobre este assunto há dois versos: Na observância deste modo de vida deve-se falar para todas as criaturas palavras cheias de afeição e agradáveis para os ouvidos. Causar dor, infligir mortificações, e falar palavras duras é censurável. Insulto, arrogância, e fraude também devem ser evitados. Abstenção de ferir, veracidade, e ausência de ira produzem os méritos de penitências em todos os (quatro) modos de vida. No modo de vida familiar estes são permitidos, isto é, o uso e desfrute de guirlandas florais, ornamentos, mantos, óleos e unguentos perfumados; desfrute de prazeres derivados da dança e da música, vocal e instrumental, e de todas as vistas e cenas agradáveis para a visão; o desfrute de vários tipos de iguarias e bebidas pertencentes às principais classes de víveres, isto é, aqueles que são engolidos, aqueles que são lambidos, aqueles que são bebidos, e aqueles que são chupados; e o desfrute dos prazeres deriváveis de esportes e todos os tipos de diversão e satisfação de desejos. O homem que na observância deste modo de vida procura a aquisição do conjunto triplo (Religião, Riqueza, e Prazer), com aquele grande fim dos três atributos de Bondade e Paixão e Ignorância (o fim destes atributos é Moksha ou Emancipação), desfruta de grande felicidade aqui e finalmente alcança ao fim que está reservado para pessoas que são virtuosas e boas. Mesmo aquele chefe de família que cumpre os deveres de seu modo de vida por seguir a prática de apanhar grãos de cereais caídos nas fendas dos campos, e que abandona o prazer sensual e apego à ação, não encontra dificuldades em alcançar o céu.'"

192

"Bhrigu disse, 'Reclusos nas florestas procurando a aquisição de virtude vão à águas e rios e fontes sagrados, e fazem penitências em florestas solitárias e retiradas cheias de veados e búfalos e javalis e tigres e elefantes selvagens. Eles abandonam todos os tipos de mantos e comidas e prazeres pelos quais as pessoas vivendo em sociedade têm uma predileção. Eles subsistem abstemiamente de ervas selvagens e frutas e raízes e folhas de diversas espécies. A terra nua é seu assento. Eles deitam na terra nua ou rochas ou seixos ou cascalho ou areia ou cinza. Eles cobrem seus membros com grama e peles de animais e cascas de árvores. Eles nunca raspam suas cabeças e barbas ou aparam suas unhas. Eles realizam suas abluções a intervalos regulares. Eles despejam libações sobre o solo, como também sobre o fogo sagrado na hora apropriada sem falta. Eles nunca desfrutam de algum descanso até terminarem a coleta diária de combustível sagrado (para seus fogos homa) e flores e ervas sagradas (para sacrifício e culto) e até que eles tenham varrido e esfregado para limpar (seus altares sacrificais). Eles suportam sem a darem mínima atenção frio e calor, chuva e vento, e, portanto, a pele de seus corpos está totalmente rachada; e por observarem e prescreverem para si mesmos vários tipos de ritos e votos e ações, sua carne e sangue e pele e ossos se tornam emaciados. Dotados de grande paciência e resistência, eles vivem, sempre praticando a qualidade de bondade. A pessoa que, com alma controlada, observa tal curso de deveres originalmente ordenado por Rishis regenerados, queima todos os seus pecados como fogo e alcança regiões de felicidade difíceis de serem alcançadas.'"

"Eu agora descreverei a conduta daqueles chamados Parivrajakas. Ela é a seguinte: se livrando do apego ao fogo sagrado, riquezas, cônjuge e filhos, e mantos, assentos, camas, e outros objetos de prazer, e rompendo os laços de afeição, eles vagueiam, considerando como iguais um pedaço de terra ou rocha e ouro. Eles nunca colocam seus corações na aquisição ou desfrute do agregado triplo. Eles olham igualmente para inimigos e amigos e neutros ou desconhecidos. Eles nunca ferem, em pensamento, palavra, ou ação, coisas imóveis ou criaturas que são vivíparas, ou ovíparas ou nascidas da sujeira, ou chamadas de vegetais. Eles não têm casas. Eles vagam por colinas e montanhas, sobre margens de rios ou mares, sob sombras de árvores, e entre templos de divindades. Eles podem ir para cidades ou aldeias para residência. Em uma cidade, no entanto, eles não devem viver por mais do que cinco noites, enquanto em uma aldeia sua residência nunca deve exceder uma noite. Entrando em uma cidade ou aldeia, eles devem, para manter a vida, ir somente às residências de Brahmanas de atos generosos. (Os Hindus não tinham leis para os pobres. As injunções de suas escrituras sempre foram suficientes para manter os pobres, especialmente seus mendicantes religiosos. Os próprios mendicantes são impedidos de perturbar os chefes de família frequentemente. Ninguém exceto os abastados devem ser visitados pelos mendicantes, de modo que homens de recursos escassos não podem ser obrigados a sustentar os reclusos.) Eles nunca devem pedir esmolas

exceto a que é lançada na tigela (de madeira) que eles carregam. Eles devem se livrar da luxúria, ira, orgulho, cobiça, ilusão, avareza, falsidade, calúnia, vaidade, e de injúria para criaturas vivas. Sobre este assunto há alguns versos: a pessoa que, observando o voto de taciturnidade, vaga sem causar medo à qualquer criatura, nunca é inspirado por medo por qualquer criatura. A pessoa erudita que realiza o Agnihotra (não por acender fogo externo mas) com a ajuda do fogo que é seu próprio corpo, de fato, que despeja libações em sua própria boca e sobre o fogo que existe em seu próprio corpo, consegue alcançar numerosas regiões de felicidade por aquele fogo ser alimentado com tais libações obtidas por uma vida de mendicância. Aquela pessoa de nascimento regenerado que observa da maneira supracitada este modo de vida que tem a Emancipação como seu fim, com um coração puro e com uma compreensão livre de resolução, alcança Brahma da mesma maneira que um raio tranquilo de luz que não é alimentado por qualquer combustível ardente.'"

"Bharadwaja disse, 'Além desta região (que nós habitamos) há uma região da qual nós temos ouvido mas nunca visto. Eu desejo saber tudo acerca dela. Cabe a ti descrevê-la para mim.'"

"Bhrigu disse, 'Em direção ao norte, no outro lado de Himavat, que é sagrado e possuidor de todo mérito, há uma região que é sagrada, abençoada, e altamente desejável. Ela é chamada de outro mundo. Os homens que habitam aquela região são justos em ação, virtuosos, de corações puros, livres de cobiça e erros de julgamento, e não sujeitos a aflições de nenhum tipo. Aquela região é, de fato, igual ao céu, possuidora como ela é de tais qualidades excelentes. A Morte chega lá na época apropriada. Doenças nunca tocam os habitantes. Ninguém nutre qualquer desejo pelos cônjuges de outras pessoas. Cada um está dedicado ao seu próprio cônjuge. Aquelas pessoas não afligem ou matam umas às outras, ou cobiçam as coisas umas das outras. Lá nenhum pecado ocorre, nenhuma dúvida surge. (Isto é, todo o conhecimento lá é exato.) Lá os frutos de todas as ações (religiosas) são visíveis. Lá alguns desfrutam de assentos e bebidas e iguarias da melhor espécie, e vivem dentro de palácios e mansões. Lá alguns, adornados com ornamentos de ouro, se circundam com todos os artigos de prazer. Há, também, alguns que comem muito abstemiamente, somente para manter corpo e alma juntos. Lá alguns, com grande esforço, procuram conter os ares vitais (isto é, praticam yoga). Aqui (nesta região que é habitada por nós), alguns homens estão dedicados à justiça e alguns à fraude. Alguns são felizes e alguns são miseráveis; alguns são pobres e outros são ricos. Aqui esforço, medo, ilusão, e fome dolorosa fazem seu aparecimento. Aqui cobiça por riqueza também é vista, uma emoção que entorpece até aqueles que são eruditos entre homens. Aqui diversas opiniões prevalecem, espalhadas por aqueles que fazem atos que são virtuosos ou pecaminosos. Aquele homem possuidor de sabedoria que conhece todas aquelas opiniões, as quais podem ser divididas em dois tipos, nunca é maculado pelo pecado. Engano com fraude, roubo, calúnia, malícia, opressão, injúria, traição, e mentira, e vícios tiram parte do mérito das penitências daquele que as pratica. Aquele, por outro lado, possuidor de conhecimento, que os evita, encontra o mérito de suas penitências aumentado. Aqui há muita reflexão sobre atos que são

justos e aqueles que são injustos. Esta região que nós habitamos é o campo de ação. Tendo feito bem e mal aqui, uma pessoa obtém bem por suas boas ações e mal pelas ações que são más. Aqui o próprio Criador nos tempos passados, e todos os deuses com os Rishis, tendo realizado penitências apropriadas, se purificaram e alcançaram Brahma. A parte norte da terra é altamente auspiciosa e sagrada. Aqueles pertencentes a esta região (que nós habitamos) que são fazedores de atos virtuosos ou que mostram respeito por yoga, nascem naquela região. Outros (que são de uma disposição diferente), nascem nas espécies intermediárias. Alguns, também, quando seus períodos determinados se esgotam, se tornam perdidos sobre a terra. Empenhados em se alimentarem uns dos outros e manchados por cobiça e ilusão, estes homens voltam para esta mesma região sem poderem ir (após a morte) para aquela região norte. Aqueles homens de sabedoria que com votos e cumpridores de Brahmacharya escutam com veneração as instruções de preceptores, conseguem conhecer os fins reservados para todas as classes de homens. Eu agora te disse em resumo o curso dos deveres ordenados por Brahman. De fato, é considerado possuidor de inteligência aquele que sabe o que é virtude e qual é seu contrário neste mundo.'"

"Bhishma continuou, 'Dessa maneira, ó rei, Bhrigu falou para Bharadwaja de grande energia. De alma altamente virtuosa, o último ficou cheio e admiração e adorou o grande sábio com veneração. Assim, ó monarca, a origem do universo foi narrada para ti em detalhes. O que, ó tu de grande sabedoria, tu desejas saber depois disto?"'

193

"Yudhishthira disse, 'Eu acho, ó avô, que tu és conhecedor de tudo, ó tu que estás familiarizado com os deveres. Eu desejo te ouvir falar, ó impecável, das ordenanças acerca da conduta.'"

"Bhishma disse, 'Aqueles que são de má conduta, de más ações, de mente pecaminosa, e impetuosidade excessiva, são chamados de homens maus ou pecaminosos. Aqueles, no entanto, que são chamados de bons são distinguidos por pureza de conduta e práticas. Aqueles que são bons homens nunca respondem chamados da natureza nas rodovias, em currais de vacas, ou em campos cobertos com arrozal. Tendo terminado as ações necessárias uma pessoa deve realizar abluções em rios e gratificar as divindades com oblações de água. É dito que este é o dever de todos os homens. Surya deve ser sempre adorado. Não se deve dormir depois do nascer do sol. De manhã e à noite as orações (ordenadas nas escrituras) devem ser ditas, sentando-se com rosto virado para o leste e para o oeste respectivamente. Lavando os cinco membros (as duas mãos, os dois pés, e o rosto), deve-se comer silenciosamente com rosto virado em direção ao leste. Nunca se deve menosprezar a comida que se tem para comer. Deve-se comer alimento que é bom para o paladar. Depois de comer deve-se lavar as mãos e se levantar. (Esta pode ser uma instrução geral para lavar as mãos depois de comer, ou ela pode se referir ao Gandusha final, isto é, o ato de

pegar um pouco de água na mão direita, erguê-la aos lábios, e jogá-la ao chão, repetindo uma fórmula curta.) Nunca se deve adormecer à noite com pés molhados. O Rishi celeste Narada disse que estas são indicações de boa conduta. Deve-se todo dia circungirar um local sagrado, um touro, uma imagem sagrada, um curral, um lugar onde quatro estradas se encontram, um Brahmana virtuoso, e uma árvore sagrada. Não se deve fazer distinções entre seus convidados e servidores e parentes em questões de alimento. Igualdade (a este respeito) com empregados é aprovada. Comer (duas vezes ao dia) de manhã e à noite é uma ordenança dos deuses. Não é prescrito que se deve comer (uma vez mais) em nenhum período intermediário. Aquele que come segundo esta regra adquire o mérito de um jejum. Nas horas ordenadas para Homa deve-se despejar libações no fogo sagrado. Sem procurar a companhia das esposas de outros homens, o homem de sabedoria que procura sua própria esposa no período apropriado adquire o mérito de Brahmacharya. Os restos do prato de um Brahmana são como ambrosia. Eles são como o alimento lácteo que é produzido pelo peito da mãe. As pessoas valorizam muito aqueles restos. Os bons, por comê-los, alcançam Brahma. Aquele que soca turfa para argila (para fazer altares sacrificais), ou que corta as ervas (para fazer combustível sacrifical), ou que usa suas unhas somente (e não armas de qualquer tipo) para comer (carne santificada), ou que sempre subsiste dos restos dos pratos de Brahmanas, ou aquele que age, induzido por desejo de recompensa, não tem que viver muito tempo no mundo. Alguém que tem se abstido de carne (sob algum voto) não deve comê-la mesmo se ela for santificada com mantras do Yajurveda. Deve-se também evitar a carne ao redor da coluna vertebral (de algum animal) e a carne de animais não mortos em sacrifícios. No seu próprio local ou em uma terra desconhecida, nunca se deve fazer um convidado jejuar. Tendo obtido esmolas e outros frutos de atos opcionais, deve-se oferecê-los para os mais velhos. Deve-se sempre oferecer assentos para os mais velhos e saudá-los com respeito. Por reverenciar os mais velhos obtém-se vida longa, fama, e prosperidade. Nunca se deve contemplar o Sol no momento em que nasce, nem se deve olhar em direção a uma mulher nua que é cônjuge de outro homem. Ato sexual com a esposa (na época apropriada) não é pecaminosa mas é uma ação que sempre deve ser feita em privacidade. O coração de todos os locais e santuários sagrados é o Preceptor. O coração de todas as coisas puras e purificadoras é o Fogo. Todas as ações feitas por uma pessoa boa e virtuosa são boas e louváveis, inclusive até o toque no pêlo do rabo de uma vaca. Sempre que se encontrar com outro, deve-se fazer perguntas educadas. Saudar os Brahmanas toda manhã e noite é ordenado. Em templos de deuses, em meio a vacas, ao realizar os ritos de religião prescritos para os Brahmanas, na leitura dos Vedas, e ao comer, a mão direita deve ser erguida. (No sentido de ser movida ou usada. O comentador adiciona que o fio sagrado também deve ser envolvido no polegar, como os Grihyasutras declaram.) O culto de Brahmanas, da manhã e à noite, segundo os ritos devidos, produz grande mérito. Por tal culto a mercadoria do comerciante e os produtos dos agricultores se tornam abundantes. Grande também se torna a produção de todas as espécies de cereais e o suprimento de todos os artigos que os sentidos podem desfrutar se torna copioso. Quando dando comestíveis para outro (colocando em seu prato), deve-se dizer, 'Isto é suficiente?' Quando ofertando bebida, deve-se perguntar 'Isto

vai satisfazer?', e quando dando leite e arroz adoçados, ou mingau de cevada açucarado, ou leite com gergelim ou ervilha, deve-se perguntar 'Isto tem caído?' (Em todos os casos, a pessoa que recebe deve dizer 'Totalmente suficiente' 'Até a saciedade', e 'Tem caído copiosamente' ou palavras neste sentido.) Depois de se barbear, depois de cuspir, depois do banho, e depois de comer, as pessoas devem adorar Brahmanas com reverência. Tal culto com certeza concede longevidade a homens doentios. Não se deve expelir urina com rosto virado para o sol, nem se deve ver as próprias fezes. Não se deve deitar na mesma cama com uma mulher, nem comer com ela. Ao se dirigir aos mais velhos nunca se deve aplicar o pronome ‘você’ a eles ou usar seus nomes. ‘Tu’ ou usar os nomes não é censurável ao se dirigir aos inferiores ou iguais em idade. (A forma polida de se dirigir é Bhavan. Ela é na terceira pessoa do singular. A segunda pessoa é evitada, sendo direta demais.) Os corações de homens pecaminosos revelam os pecados cometidos por eles. Aqueles homens pecaminosos que ocultam seus pecados conscientes de bons homens encontram a destruição. Somente tolos ignorantes procuram esconder os pecados que eles cometem conscientemente. É verdade que seres humanos não vêem aqueles pecados, mas os deuses os vêem. Um pecado oculto por outro pecado leva a novos pecados. Uma ação de mérito, também, se escondida por uma ação de mérito, aumenta o mérito. As ações de um homem virtuoso sempre seguem no encalço da virtude. Um homem desprovido de compreensão nunca pensa nos pecados que cometeu. Aqueles pecados, no entanto, alcançam o fazedor que se desviou das escrituras. Como Rahu vem para Chandra (no seu tempo apropriado), aquelas ações pecaminosas vão ao homem tolo. Os objetos que são armazenados com expectativa mal são desfrutados. Tal armazenamento nunca é aprovado pelos sábios, pois a morte não espera por ninguém (mas arrebata sua presa ela estando pronta ou não). Os sábios dizem que a retidão de todas as criaturas é um atributo da mente. Por esta razão, um homem deve, em sua mente, fazer bem para todos. Deve-se praticar virtude sozinho. Na prática de virtude não se tem necessidade da ajuda de outros. Se alguém obtém somente as ordenanças das escrituras, o que pode um amigo fazer? Virtude é a origem da humanidade. Virtude é a ambrosia dos deuses. Depois da morte, os homens desfrutam, pela Virtude, de felicidade eterna.'"

194

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, o que e de que natureza é aquilo que é chamado pelo nome de Adhyatma e que é declarado para todas as pessoas. (Adhyatma é algo que depende da mente. Todas as especulações sobre o caráter da mente e suas relações com objetos externos estão incluídas na palavra Adhyatma.) Ó tu que conheces Brahma, de onde foi criado este universo consistindo em coisas móveis e imóveis? Quando a destruição universal começa, para quem ele vai? Cabe a ti me falar sobre este assunto.'"

"Bhishma disse 'Isto, Adhyatma, ó filho de Pritha, sobre o qual tu me perguntaste, eu logo falarei. Isto é altamente agradável e produtivo de grande felicidade. Grandes professores (antes disso) mostraram as verdades sobre a

Criação e a Destruição (do universo). Conhecendo essas verdades, uma pessoa pode alcançar, mesmo neste mundo, grande satisfação e felicidade. Tal conhecimento também pode levar à aquisição de grandes resultados, e ele é altamente benéfico para todas as criaturas. Terra, ar, espaço, água, e luz numerada como a quinta, são considerados como Grandes Criaturas. Estes constituem a origem e a destruição de todos os objetos criados. Para ele de quem estes grandes elementos primordiais têm sua origem, eles voltam repetidamente, se separando de todas as criaturas (em cujas composições eles entram), assim como as ondas do oceano (baixando naquele do qual elas parecem se erguer). Como a tartaruga estica seus membros e os recolhe novamente, assim a Alma Suprema cria todos os objetos e novamente os recolhe em Si Mesmo. O Criador coloca os cinco elementos primordiais em todos os objetos criados em diferentes proporções. A criatura viva, no entanto, não vê isso (por ignorância). O som, os órgãos de audição, e todos os orifícios, estes três, surgem do Espaço como seu progenitor. Toque, ação, e pele são os atributos triplos do Vento. Forma, olho, e digestão são os atributos triplos do Fogo ou Energia. Sabor, todas as secreções líquidas, e a língua representam os três atributos da Água. Cheiros, o nariz, e o corpo são as propriedades triplas da Terra. Os grandes elementos (primordiais) são cinco. A mente é o sexto. Os sentidos e a mente, ó Bharata, são (as fontes de todas) as percepções de uma criatura viva. O sétimo é chamado de compreensão; e o oitavo é a alma. (Geralmente, na filosofia Hindu, particularmente da escola Vedanta, uma distinção é concebida entre a mente, a compreensão, e a alma. A mente é o assento ou fonte de todos os sentimentos e emoções como também todas as nossas percepções, ou daquelas que são chamadas de cognições na escola Kantiana, incluindo Comparação a qual (na escola Kantiana) é chamada de Vernuft ou Razão. Esta última é chamada de Compreensão ou Buddhi. A alma é considerada como algo distinto do corpo e da mente. Ela é o Ser a quem o corpo e a mente pertencem. Ela é representada como inativa, e como a testemunha que tudo vê dentro do corpo físico. Ela é uma porção da Alma Suprema.) Os sentidos são para perceber; a mente (incapaz de lidar com aquelas percepções) produz incerteza. A compreensão reduz todas as percepções à certeza. A Alma existe como uma testemunha (sem agir). Tudo o que está acima dos dois pés, tudo o que está atrás, e tudo o que está acima, são vistos pela Alma. Saiba que a Alma permeia o ser inteiro sem deixar qualquer espaço desocupado. Todos os homens devem conhecer os sentidos, a mente, e a compreensão completamente. Os três estados ou qualidades chamados de Ignorância, Paixão, e Bondade, existem, dependendo dos sentidos, da mente, e da compreensão. (Bondade inclui todas as qualidades morais superiores do homem. Paixão significa amor, afeição, e outras emoções que pertencem a objetos mundanos. Ignorância significa raiva, luxúria, e outras propensões prejudiciais semelhantes.) O homem, por compreender com a ajuda de sua inteligência, a maneira na qual as criaturas chegam ao mundo e o deixam, gradualmente obtém uma tranquilidade imperturbável. As três qualidades (já mencionadas, isto é, Ignorância, Paixão, e Bondade), levam a compreensão (para atrações mundanas). Neste aspecto, a Compreensão (ou Inteligência) é idêntica aos Sentidos e à Mente. A Compreensão, portanto, é idêntica aos seis (os cinco sentidos e a mente), e também aos objetos compreendidos por ela. Quando, no entanto, a Compreensão é destruída, as três qualidades (de Ignorância,

Paixão, e Bondade) não podem levar à ação. Este universo de coisas móveis e imóveis consiste naquela inteligência. É daquela Inteligência que tudo surge e é dentro dela que tudo cessa. Por esta razão, as escrituras indicam que tudo é uma manifestação da Inteligência. Aquilo pelo qual alguém ouve é o ouvido. Aquilo pelo qual alguém cheira é chamado de órgão do olfato, e aquilo pelo qual alguém distingue o gosto é chamado de língua. Pela pele que cobre o corpo alguém obtém percepção de tato. Aquilo que é chamado de Inteligência sofre modificações. Quando a Inteligência deseja alguma coisa ela vem a ser chamada de Mente. As fundações sobre quais a Inteligência se apóia são cinco em número, cada um servindo a um propósito diferente. Eles são chamados de sentidos. O princípio invisível, isto é, a Inteligência, se apóia neles. A Inteligência que existe em uma criatura viva participa dos três estados (chamados de Paixão, Ignorância, e Bondade). Às vezes ela obtém alegria e às vezes tristeza. E às vezes ela fica desprovida de ambas, alegria e tristeza. Assim a Inteligência existe nas mentes de todos os homens. Às vezes a Inteligência que é composta dos três estados (já mencionados), transcende aqueles três estados (por meio de yoga), como o senhor dos rios, isto é, o Oceano, com suas ondas, ultrapassando seus altos continentes. Aquela Inteligência que transcende as três qualidades existe na mente em um estado puro de existência (inalterada): sozinha. A qualidade de Ignorância, no entanto, que impele para a ação, logo a persegue. Naquele momento, a Inteligência estabelece todos os sentidos para a ação. As propriedades dos três são exatamente dessa maneira: alegria mora na Bondade; tristeza na Paixão; e ilusão na Ignorância. Todos os estados (da mente) que existem estão incluídos nesses três (que foram citados). Eu agora, ó Bharata, te falei sobre o curso da Compreensão. Um homem inteligente deve subjugar todos os seus sentidos. As três qualidades de Bondade, Paixão, e Ignorância, estão sempre ligadas às criaturas vivas. Três espécies de inteligência também são evidentes em todas as criaturas, isto é, aquela que está sob o domínio da Bondade, aquela da Paixão, e aquela da Ignorância, ó Bharata. A qualidade de Bondade traz felicidade; a qualidade de Paixão produz tristeza; e se estes dois se combinam com a qualidade de Ignorância, então nem felicidade nem tristeza são produzidas (mas, em vez disso, somente ilusão ou erro). Todo estado de felicidade que aparece no corpo ou na mente é devido à qualidade de Bondade. Um estado de tristeza, desagradável em si mesmo, que vem, é devido somente à qualidade de Paixão. Nunca se deve pensar nela com medo. (Por outro lado, dirigindo os pensamentos corajosamente em direção a ela, uma pessoa deve apurar sua causa e dissipar aquela causa, a qual, como declarado aqui, é a Paixão.) Aquele estado, também, que está aliado com ilusão e erro, e pelo qual alguém não sabe o que fazer, que não é determinável, que é desconhecido, deve ser considerado como pertencente à qualidade de Ignorância. Alegria, satisfação, deleite, felicidade, tranquilidade de coração, estas são as propriedades do estado de Bondade. O homem às vezes obtém uma quantidade deles. Descontentamento, inveja, mágoa, cobiça, e índole vingativa são todas indicações do estado de Paixão. Elas são vistas com ou sem causas adequadas para produzi-las. Desgraça, ilusão, erro, sono e estupefação, que surpreendem alguém por excesso de má sorte, são as várias propriedades do estado de Ignorância. Aquela pessoa cuja mente é de longo alcance, capaz de se estender em todas as

direções, desconfiada em relação à obtenção dos objetos que deseja, e bem controlada, é feliz neste e no outro mundo. Note a distinção entre estas duas coisas sutis, isto é, Inteligência e Alma. Uma dessas (a inteligência), manifesta as qualidades. A outra (a Alma), não faz nada do tipo. Um mosquito e um figo podem ser vistos unidos um ao outro. Embora unidos, no entanto, cada um é distinto do outro. Do mesmo modo, Inteligência e Alma, embora diferentes uma da outra, por suas respectivas naturezas, ainda podem ser vistas sempre existindo em um estado de união. Um peixe e água existem em um estado de união, cada um, no entanto, é diferente do outro. O mesmo é o caso com a Inteligência e a Alma. As qualidades não conhecem a Alma, mas a Alma conhece todas elas. A Alma é o espectador das qualidades e as considera como provenientes de si mesma. A alma, agindo através dos sentidos, da mente, e da compreensão, contada como o sétimo, todos os quais são inativos e não têm autoconsciência, descobre os objetos (em meio aos quais ela existe) como uma lâmpada (coberta) mostrando todos os objetos ao redor dela por derramar seus raios através de uma abertura na cobertura. A compreensão ou Inteligência cria todas as qualidades. A Alma somente as contempla (como uma testemunha). Tal é certamente a conexão entre a inteligência e a Alma. Não há refúgio do qual Inteligência ou Alma depende. A Compreensão cria a mente, mas nunca as qualidades. Quando a Alma, por meio da mente, reprime suficientemente os raios que emanam dos sentidos, é então que ela se torna manifesta (para a Compreensão) como uma lâmpada queimando dentro de um recipiente que a cobre. A pessoa que renuncia a todas as ações inferiores, pratica penitências, se dedica a estudar a Alma, se deleita com isso, e se considera como a Alma de todas as criaturas, obtém um fim sublime. Como uma ave aquática, enquanto se movendo sobre as águas, nunca é encharcada naquele elemento, assim mesmo uma pessoa de sabedoria se move (no mundo) entre as criaturas. Pela ajuda da inteligência deve-se agir no mundo dessa maneira, sem aflição, sem alegria, olhando igualmente para tudo, e desprovido de malícia e inveja. Alguém que vive dessa maneira consegue criar as qualidades (em vez de ser afetado por elas), como uma aranha criando fios. As qualidades devem, de fato, ser consideradas como os fios da aranha. Alguns dizem que as qualidades em relação a tais homens não são perdidas. Alguns dizem que elas são todas perdidas. Aqueles que dizem que elas não são perdidas confiam nas escrituras reveladas (isto é, os Srutis), as quais não contêm nenhuma declaração do contrário. Aqueles, por outro lado, que dizem que as qualidades são todas perdidas confiam nos Smritis. Refletindo sobre essas duas opiniões, uma pessoa deve julgar por si mesma qual delas está certa. Deve-se assim vencer esta questão difícil e complicada que é capaz de perturbar o entendimento pela dúvida, e assim obter felicidade. Quando aquela dúvida for removida, a pessoa não terá mais que se entregar à tristeza de nenhum tipo. Homens de corações corruptos podem obter sucesso pelo conhecimento como pessoas mergulhando em um rio bem cheio se purificando de toda sujeira. Alguém que tem que atravessar um rio largo não se sente feliz em somente ver a outra margem. Se o caso fosse outro (isto é, se só por olhar a outra margem se pudesse alcançá-la com um barco), então alguém poderia se tornar feliz. O caso é diferente com alguém conhecedor da Verdade. O mero conhecimento da Verdade lhe trará felicidade. Logo que tal conhecimento começa a dar frutos, a pessoa pode ser considerada como tendo

alcançado a outra margem. Aqueles que assim sabem que a Alma é livre de todos os objetos mundanos e é somente Uma, obtêm o conhecimento mais elevado e excelente. Uma pessoa por conhecer a origem e o fim de todas as criaturas, o qual é exatamente assim, e por refletir sobre a questão, gradualmente obtém felicidade infinita. Aquele que compreendeu o triplo agregado (isto é, que ele está sujeito à destruição em vez de ser eterno), e que refletindo sobre ele, o rejeita, consegue por meio de yoga ver a Verdade e obter felicidade perfeita. A Alma não pode ser vista a menos que os sentidos, os quais estão ocupados com diversos objetos e que são difíceis de serem controlados, estejam todos devidamente dominados. Aquele que sabe disso é realmente sábio. Que outra indicação há de um homem sábio? Adquirindo este conhecimento, homens possuidores de inteligência se consideram coroados com sucesso. Aquilo que inspira os ignorantes com medo nunca pode inspirar medo em pessoas de Conhecimento. Não há objetivo maior para alguém (do que a Emancipação). Por causa, no entanto, do excesso ou da falta de boas qualidades, os sábios dizem que diferenças são observáveis em relação ao grau de Emancipação. Uma pessoa por agir sem esperança de resultados consegue (por aquelas ações) aniquilar suas ações pecaminosas de um período anterior. Para alguém possuidor de sabedoria, as ações de um período anterior (assim purificadas) e aquelas desta vida também (que são realizadas sem expectativa de resultado), não se tornam produtivas de qualquer consequência desagradável (tal como ser emparedado no inferno). Mas como podem os atos, se ele continua empenhado em realizar atos, ocasionar o que é agradável (isto é, a Emancipação)? As pessoas criticam uma pessoa que está afligida (com luxúria, inveja, e outras paixões más). Aqueles vícios lançam a pessoa em sua próxima vida em diversas espécies de classes inferiores. Observe com firme atenção os viciosos neste mundo que sofrem extremamente pela perda de suas posses (tais como filhos e esposas, etc.). Veja também aqueles que são dotados de bom senso e que nunca se afligem quando lançados em circunstâncias parecidas. Aqueles que estão familiarizados com ambas (isto é, com a Emancipação gradual e a Emancipação imediata), merecem ser chamados verdadeiramente de sábios.'" (Bhishma aqui indica a superioridade do último tipo de Emancipação sobre o primeiro; por isso atos ou ritos Védicos devem ceder àquele yoga o qual treina a mente e a compreensão e os capacita a transcender todas as influências terrenas.)

195

"Bhishma disse, 'Eu irei agora, ó filho de Pritha, te falar sobre os quatro tipos de meditação yoga. Os grandes Rishis, obtendo um conhecimento dos mesmos, obtêm sucesso eterno mesmo aqui. Grandes Rishis satisfeitos com conhecimento, com corações colocados na Emancipação, e conhecedores de yoga, agem de tal maneira que sua meditação yoga possa progredir devidamente. Estes, ó filho de Pritha, sendo livres das imperfeições do mundo, nunca voltam (por renascimento). Livres da sujeição ao renascimento, eles vivem em seu estado de Alma original. (O estado de alma original é o estado de pureza. Uma pessoa decai dele por

causa das atrações mundanas. Pode-se recuperá-lo por meio de yoga o qual auxilia alguém a se libertar daquelas atrações.) Livres da influência de todos os pares de opostos (tais como calor e frio, alegria e tristeza, etc.), sempre existindo em seu próprio estado (original), livres (de apegos), nunca aceitando qualquer coisa (em doação), eles vivem em lugares livres da companhia de esposas e filhos, sem outros com quem disputas possam surgir, e favoráveis à perfeita tranquilidade de coração. Lá tal pessoa, reprimindo a fala, senta como um pedaço de madeira, subjugando todos os sentidos, e com a mente indivisivelmente unida (com a Alma Suprema) pela ajuda de meditação. Ele não tem percepção de som através do ouvido; não tem percepção de tato através da pele; não tem percepção de forma pelo olho; nem percepção de gosto através da língua. Ele não tem percepção também dos cheiros pelo órgão do olfato. Imerso em yoga, ele abandona todas as coisas, absorto em meditação. Possuidor de grande energia mental, ele não tem desejo por qualquer coisa que excita os cinco sentidos. O homem sábio, recolhendo seus cinco sentidos na mente, deve então fixar a mente instável com os cinco sentidos (no Intelecto). Possuidor de paciência, o yogin deve fixar sua mente, a qual sempre vaga (entre objetos mundanos), para que seus cinco portões (sob a influência do treinamento), possam ser tornados estáveis em relação a coisas que são elas mesmas instáveis. Ele deve, no firmamento do coração, fixar sua mente no caminho da meditação, fazendo-a independente do corpo ou de qualquer outro refúgio. Eu falei do caminho da meditação como o primeiro, já que o yogin tem primeiro que subjugar seus sentidos e a mente (e dirigi-los para aquele caminho). A mente, que constitui o sexto, quando assim reprimida, procura lampejar para fora como o relâmpago caprichoso e inconstante se movendo em travessura entre as nuvens. Como uma gota de água em uma folha de (lótus) é instável e se move em todas as direções, assim mesmo se torna a mente do yogin quando primeiramente fixada no caminho da meditação. Quando fixada, por um espaço de tempo a mente fica naquele caminho. Quando, no entanto, ela se força outra vez no caminho do vento, ela se torna tão volúvel quanto o vento. A pessoa conhecedora dos métodos de meditação-yoga, não desencorajada por isto, nunca dando atenção à perda do esforço passado, rejeitando ociosidade e malícia, deve dirigir sua mente à meditação novamente. Observando o voto de silêncio, quando alguém começa a fixar sua mente em yoga, então discernimento, conhecimento, e poder para evitar o mal, são obtidos por ele. Embora se sentindo aborrecido por causa da frivolidade de sua mente, ele deve fixá-la (em meditação). O yogin nunca deve se desesperar, mas sim procurar seu próprio bem. Como uma pilha de pó ou cinzas, ou de estrume de vaca queimado, quando molhada com água, não parece estar molhada, de fato, como ela continua seca se molhada parcialmente, e requer rega incessante antes de ficar totalmente encharcada, assim mesmo o yogin deve controlar todos os seus sentidos gradualmente. Ele deve afastá-los gradualmente (de todos os objetos). O homem que age dessa maneira consegue controlá-los. Alguém, ó Bharata, por si mesmo dirigindo sua mente e sentidos para o caminho da meditação, consegue trazê-los sob perfeito controle por yoga constante. A felicidade que sente quem conseguiu controlar sua mente e sentidos é tal que sua semelhante nunca pode ser obtida por Esforço ou Destino. Unido com tal felicidade, ele continua a ter

prazer no ato de meditação. Dessa maneira os yogins obtêm Nirvana o qual é altamente abençoado.'"

196

"Yudhishthira disse, 'Tu falaste sobre os quatro modos de vida e seus deveres. Tu também falaste dos deveres dos reis. Tu narraste muitas histórias de diversos tipos e ligadas com diversos assuntos. Eu também ouvi de ti, ó tu de grande inteligência, muitos discursos ligados com moralidade. Eu tenho, no entanto, uma dúvida. Cabe a ti esclarecê-la. Eu desejo, ó Bharata, saber dos resultados que os Recitadores silenciosos de mantras sagrados adquirem (por sua prática). Quais são os frutos que foram indicados para tais homens? Qual é aquela região para a qual eles vão depois da morte? Cabe a ti também, ó impecável, me dizer todas as regras que foram prescritas a respeito de tal recitação silenciosa. Quando a palavra Recitador é proferida, o que eu devo entender por isto? Tal homem deve ser considerado como seguidor das ordenanças de Sankhya ou yoga ou trabalho? Ou, tal homem deve ser considerado como observador das ordenanças sobre sacrifícios (mentais)? Como é para ser chamado o caminho dos Recitadores? Tu és, como eu penso, de conhecimento universal. Diga-me tudo isso.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha história do que ocorreu entre Yama, o Tempo, e certo Brahmana. Sábios conhecedores dos meios de alcançar a Emancipação têm falado de dois métodos, isto é, o Sankhya e o Yoga. Entre estes, no primeiro, que também é chamado de Vedanta, a Renúncia é pregada em relação à recitação silenciosa. As declarações dos Vedas pregam Abstenção (de ritos), são repletas de tranquilidade, e dizem respeito a Brahma. (De acordo com Sankhya, não há necessidade de recitação silenciosa de mantras. Meditação mental, sem a expressão vocal de palavras específicas, pode levar a Brahma.) De fato, os dois caminhos citados pelos sábios determinados a realizar o que é para o seu bem, isto é, Sankhya e Yoga, são de tal maneira que ambos têm relação e também não têm relação (com recitações silenciosas). (Ambos declaram, como o comentador explica, que enquanto alguém não consegue contemplar sua Alma, ele pode recitar silenciosamente o Pravana ou a palavra original Om. Quando, no entanto, alguém consegue ver sua Alma ele então pode abandonar tal recitação.) A maneira pela qual a recitação silenciosa está ligada (com cada um dos dois caminhos) e o motivo eu agora explicarei. Em ambos como no caso da recitação silenciosa, são necessários a subjugação dos sentidos e fixação da mente (depois de afastá-la dos objetos externos); como também verdade, manutenção do fogo (sagrado), residência em solidão, meditação, penitência, autodomínio, generosidade, benevolência, moderação em relação à alimentação, afastamento de atrações mundanas, a ausência de loquacidade, e tranquilidade. Estes constituem um sacrifício em atos (levando à realização de desejos em relação ao céu ou felicidade na próxima vida). (Há dois caminhos que alguém pode seguir neste mundo. Um é chamado de Pravritti dharma e o outro Nrivritti dharma. O primeiro é um curso de ações, o segundo de abstenção de ações.) Escute agora ao rumo que consiste em abstenção (de ações). O modo no

qual as ações do Recitador observando o voto de Brahmacharya podem cessar, eu logo declararei. Tal pessoa deve se conduzir de todas as maneiras segundo o que (já) foi dito por mim. (Isto é, ele deve primeiro purificar seu coração por observar as virtudes acima enumeradas.) Dirigindo-se ao caminho da abstenção, ele deve procurar extinguir sua dependência do Externo e do Interno. Sentando sobre erva kusa, com kusa na mão, e amarrando seus cabelos com kusa, ele deve se circundar com kusa e ter kusa como mantos. Reverenciando todos os assuntos mundanos, ele deve se despedir deles e nunca pensar neles. Assumindo equanimidade pela ajuda de sua mente, ele deve fixar sua mente na própria mente. Recitando a composição altamente benéfica (isto é, o Gayatri), ele medita com a ajuda de seu intelecto em Brahma somente. Depois ele deixa até isto, estando então absorto em contemplação concentrada. (Samadhi é aquela meditação na qual os sentidos tendo sido todos recolhidos dentro da mente, a mente, como explicado previamente, é feita residir em Brahma somente.) Por sua dependência da força do Gayatri que ele recita, esta contemplação concentrada virá por si mesma. Por penitências ele obtém pureza de alma, e autodomínio, e cessação de aversão e desejo. Livre de atração e ilusão, acima da influência de todos os pares de opostos (tais como calor e frio, alegria e tristeza, etc.), ele nunca se aflige e nunca se permite ser arrastado em direção a objetos mundanos. Ele não se considera como o ator nem como o desfrutador ou sofredor das consequências de seus atos. Ele nunca fixa sua mente em alguma coisa por egoísmo. Sem estar empenhado na aquisição de riqueza, ele se abstém também de desrespeitar ou insultar outros, mas não do trabalho. O trabalho no qual ele está empenhado é aquele de meditação; ele é devotado à meditação, e procura a meditação inalteravelmente. Pela meditação ele consegue ocasionar a contemplação concentrada, e então gradualmente deixa a própria meditação. Naquele estado ele desfruta da felicidade ligada ao abandono de todas as coisas. Tendo dominado completamente o princípio do desejo, ele rejeita seus ares vitais e então entra no corpo Brâhmico. Ou, se ele não deseja entrar no corpo Brâhmico, ele alcança imediatamente a região de Brahma e nunca tem que passar por renascimento. Tendo se tornado a própria tranquilidade, e estando livre de todos os tipos de calamidade, tal pessoa, por depender de sua própria inteligência, consegue alcançar aquela Alma que é pura e imortal e que não tem máculas.'"

197

"Yudhishthira disse, 'Tu disseste, em relação aos Recitadores, que eles alcançam este fim muito sublime. Eu peço para perguntar se este é seu único fim ou há algum outro ao qual eles alcançam.'" (O fim declarado por Bhishma no capítulo anterior é o sucesso de yoga, ou liberdade de decrepitude e morte, ou morte à vontade, ou absorção em Brahma, ou existência independente em uma condição beatífica.)

"Bhishma disse, 'Escute com atenção concentrada, ó monarca poderoso, ao fim que os Recitadores silenciosos alcançam, e aos diversos tipos de infernos nos quais eles caem, ó touro entre homens! Aquele Recitador que a princípio não se

comporta segundo o método que está prescrito, e que não pode completar o ritual ou curso de disciplina declarado, tem que ir para o inferno. (Deve ser notado que 'inferno', como aqui usado, significa o oposto de Emancipação. O recitador pode obter as alegrias do céu, mas comparadas com a Emancipação, elas são inferno, havendo a obrigação de renascimento ligada a elas.) Aquele Recitador que segue sem fé, que não está contente com seu trabalho, e que não tem prazer nele, vai para o inferno, sem dúvida. Aqueles que seguem o ritual com orgulho em seus corações, vão todos para o inferno. Aquele Recitador que insulta e desconsidera outros tem que ir para o inferno. O homem que se dirige à recitação silenciosa sob a influência da estupefação e por desejo de resultados, obtém todas aquelas coisas sobre as quais seu coração vem a estar colocado. (Até isso é um tipo de inferno, pois há renascimento ligado a isso.) Aquele Recitador cujo coração se coloca sobre os atributos que levam o nome de divindade, tem que cair no inferno e nunca se livra dele. (Aiswvarya ou os atributos de divindade são certos poderes extraordinários obtidos por yogins e Recitadores. Eles são o poder de se tornar minúsculo ou enorme em forma, ou ir para onde quer que se deseje, etc. Estes são comparados ao inferno, porque a obrigação de renascimento se vincula a eles. Nada menos que Emancipação ou absorção na Alma Suprema é o fim para o qual deve-se trabalhar.) O Recitador que se dirige à recitação sob a influência de apegos (a objetos mundanos tais como riquezas, esposas, etc.) obtém aqueles objetos sobre os quais seu coração está colocado. O Recitador de má compreensão e alma impura que se põe a trabalhar com uma mente instável, obtém um fim instável ou vai para o inferno. O Recitador que não é dotado de sabedoria e que é tolo, vem a ser entorpecido ou iludido; e por tal ilusão tem que ir para o inferno onde ele é obrigado a se entregar a arrependimentos. Se uma pessoa mesmo de coração firme, resolvendo completar a disciplina, se dirige à recitação, mas fracassa em alcançar a conclusão por ter se libertado das atrações por um esforço violento sem a genuína convicção de sua inutilidade ou caráter prejudicial, ele também tem que ir para o inferno.'"

"Yudhishthira disse, 'Quando o Recitador alcança a essência daquilo que existe em sua própria natureza (sem ser qualquer coisa como objetos nascidos ou criados), o qual é Supremo, o qual é indescritível e inconcebível, e que mora na sílaba om formando o assunto de recitação e meditação (de fato, quando Recitadores alcançam a um estado de Brahma), por que é que eles têm que nascer novamente em formas incorporadas?'"

"Bhishma disse, 'Por ausência de conhecimento e sabedoria verdadeiros, os Recitadores obtêm diversas classes de inferno. A disciplina seguida por Recitadores é certamente muito superior. Estas, no entanto, das quais eu falei, são as falhas concernentes a ela.'"

198

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, qual classe de inferno é obtida por um Recitador? Eu sinto, ó rei, uma curiosidade por saber isso. Cabe a ti me falar sobre o assunto.'"

"Bhishma disse, 'Tu surgiste de uma porção do deus da justiça. Tu és observador da justiça por natureza. Escute, ó impecável, com total atenção, a estas palavras apoiadas na justiça como sua base. Aquelas regiões que são possuídas pelos deuses de grande alma, que são de diversos aspectos e cores, de diversas descrições e produtivas de diversos frutos, e que são de grande excelência, cujos carros também se movem à vontade dos passageiros, aquelas belas mansões e salões, aqueles vários jardins agradáveis embelezados com lotos dourados, aquelas regiões que pertencem aos quatro Regentes e Sukra e Vrihaspati e aos Maruts e Viswedevas e Sadhyas e Aswins, e Rudras e Adityas e Vasus, e outros habitantes do céu, são, ó majestade, citadas como infernos, quando comparadas com a região da Alma Suprema. A região citada por último é sem qualquer medo (de mudança para o pior), incriada (e portanto, em sua natureza verdadeira), sem aflições de qualquer tipo (tais como ignorância e ilusão), sem qualquer elemento agradável ou desagradável, além do alcance dos três atributos (de Sattwa, Rajas, e Tamas), livre dos oito incidentes, (isto é, os cinco elementos primordiais, os sentidos, a mente, e o intelecto), sem as três (distinções entre o conhecedor, o conhecido, e o ato de conhecer); livre também dos quatro atributos (ver, ouvir, pensar, e conhecer, pois lá não existem formas para se tornarem objetos de tais funções. Lá tudo é puro conhecimento, independente daquelas operações comuns que ajudam os seres criados a obterem conhecimento); sem as quatro causas (de conhecimento), sem alegria e prazer e tristeza e doença. O tempo (em suas formas de passado, presente, e futuro) surge lá para uso. O tempo não é soberano lá. Aquela região suprema é a soberana do Tempo como também do Céu. Aquele Recitador que se torna identificado com sua Alma (por recolher tudo dentro dela) vai para lá. Ele, depois disso, nunca tem que sentir qualquer tristeza. Aquela região é chamada de Suprema. As outras regiões (das quais eu falei primeiro) são inferno. Eu não te falei de todas as regiões que são chamadas de inferno. De fato, em comparação com aquela principal das regiões todas as outras são chamadas de inferno.'"

199

"Yudhishthira disse, 'Tu te referiste à disputa entre o Tempo, Mrityu, Yama, Ikshvaku, e um Brahmana. Cabe a ti narrar a história integralmente.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a este assunto do qual eu estou falando, é citada a antiga história do que ocorreu entre o filho de Surya Ikshvaku e certo Brahmana, e o Tempo e Mrityu. Ouça-me quanto ao que aconteceu, e qual foi a conversação que ocorreu entre eles, e o lugar onde ela aconteceu. Havia certo Brahmana de

grande fama e comportamento pio. Ele era um Recitador. Possuidor de grande sabedoria, ele estava familiarizado com os seis Angas (dos Vedas, que são Siksha, Kalpa, Vyakarana, Nirukta, Chhandas, e Jyotish). Ele era da linhagem Kusika e filho de Pippalada. Ele adquiriu (por meio de suas austeridades) discernimento espiritual dos Angas (isto é, uma compreensão clara não obtida de modo comum mas por intuição). Residindo na base de Himavat, ele era devotado aos Vedas. Silenciosamente recitando a composição Gayatri, ele praticou austeridades severas para alcançar Brahma. Mil anos se passaram sobre sua cabeça enquanto ele estava dedicado à observância de votos e jejuns. A deusa (de Gayatri ou Savitri) se mostrou a ele e disse, 'Eu estou satisfeita contigo'. Continuando a recitar o mantra sagrado, o Brahmana ficou calado e não falou uma palavra para a deusa. A deusa sentiu compaixão por ele e ficou muito satisfeita. Então aquela progenitora dos Vedas elogiou aquela recitação na qual o Brahmana estava empenhado. Depois de terminar sua recitação (por aquele dia) o Brahmana levantou e, curvando sua cabeça, se prostrou perante os pés da deusa. O Recitador de alma virtuosa, dirigindo-se à deusa, disse, 'Por boa sorte, ó deusa, tu ficaste satisfeita comigo e apareceste para mim. Se, de fato, tu estás satisfeita comigo, a bênção que eu peço é que meu coração possa ter prazer no ato de recitação.'"

"Savitri disse, 'O que tu pedes, ó Rishi regenerado? Qual desejo teu eu realizarei? Diga-me, ó principal dos Recitadores, tudo será como tu desejas.' Assim endereçado pela deusa, o Brahmana, conhecedor dos deveres, respondeu dizendo, 'Que meu desejo sobre continuar minhas recitações continue a aumentar a todo momento. Que também, ó deusa auspiciosa, a absorção da minha mente em Samadhi seja mais completa.' A deusa disse docemente, 'Que seja como tu desejas'. Desejando fazer bem para o Brahmana, a deusa mais uma vez se dirigiu a ele, dizendo, 'Tu não terás que ir para o inferno, isto é, para onde grandes Brahmanas vão. Tu irás para a região de Brahma que é incriada e livre de toda imperfeição. Eu partirei daqui, mas o que tu me pediste acontecerá. Continue recitando com alma controlada e atenção absorta. O deus Dharma em pessoa virá a ti. O Tempo, Mrityu e Yama também se aproximarão todos da tua presença. Então haverá uma disputa aqui entre tu e eles sobre uma questão de moralidade.'"

'Bhishma continuou, 'Tendo dito estas palavras, a deusa voltou para sua própria residência. O Brahmana continuou dedicado à recitação por mil anos celestes. Reprimindo a ira, e sempre controlando a si mesmo, ele passou seu tempo, se devotando firmemente à verdade e livre de malícia. Após a conclusão de sua observância pelo inteligente Brahmana, Dharma, satisfeito com ele, mostrou sua pessoa para aquele indivíduo regenerado.'"

'Dharma disse, 'Ó regenerado, contemple a mim que sou Dharma. Eu vim aqui para te ver. Tu ganhaste a recompensa dessa recitação na qual tu tens estado engajado. Escute qual é aquela recompensa. Tu ganhaste todas as regiões de felicidade que pertencem a deuses ou homens. Ó bom homem, tu ascenderás além de todas as residências das divindades. Ó asceta, rejeite teus ares vitais então, e vá para quaisquer regiões que tu queiras. Por abandonar teu corpo tu ganharás muitas regiões de bem-aventurança.'"

"O Brahmana disse, 'Que assunto eu tenho com aquelas regiões de bem-aventurança das quais tu falas? Ó Dharma, vá para onde quer que te agrade. Eu não irei, ó senhor pujante, rejeitar este corpo que está sujeito à muita felicidade e miséria.'"

"Dharma disse, 'Teu corpo, ó principal dos ascetas, deve sem dúvida ser rejeitado. Ascenda para o céu, ó Brahmana! Ou, nos diga o que mais te agrada, ó impecável!'"

"O Brahmana disse, 'Ó senhor poderoso, eu não desejo residir no próprio céu sem este meu corpo. Deixe-me, ó Dharma! Eu não tenho desejo de ir para o próprio céu sem este meu corpo.'"

"Dharma disse, 'Sem colocar teu coração (dessa maneira) em teu corpo, rejeite-o e seja feliz. Entre em regiões que estão livres do atributo de Paixão. De fato, indo para lá, tu nunca terás que sentir qualquer tristeza.'"

"O Brahmana disse, 'Ó altamente abençoado, eu tenho grande prazer na recitação. Que necessidade eu tenho daquelas regiões eternas das quais tu falas? De fato, ó senhor pujante, eu não desejo ir para o céu mesmo com este meu corpo.'"

"Dharma disse, 'Se tu não desejas rejeitar teu corpo, veja, ó regenerado, lá está o Tempo, e lá está Mrityu, e lá está Yama, que estão todos se aproximando de ti!'"

'Bhishma continuou, 'Depois que Dharma tinha dito isso, o filho de Vivaswat (Yama), o Tempo, e Mrityu, o trio (que arrebata todas as criaturas da terra), se aproximou daquele Brahmana, ó rei abençoado, e se dirigiu a ele dessa maneira.'"

"Yama disse, 'Eu sou Yama. Eu te digo que uma grande recompensa te espera por essas tuas penitências bem realizadas, e por esta conduta virtuosa que tu tens observado.'"

"O Tempo disse, 'Tu ganhaste uma grande recompensa que é, de fato, proporcional a este curso de recitação que tu terminaste. Chegou a hora para ti ascenderes para o céu. Eu sou o Tempo e eu cheguei para ti.'"

"Mrityu disse, 'Ó tu que conheces a retidão, saiba que eu sou a própria Mrityu em sua própria forma. Eu vim para ti em pessoa, incitada pelo Tempo, para te levar daqui, ó Brahmana.'"

"O Brahmana disse, 'Boas vindas ao filho de Surya, ao Tempo possuidor de grande alma, a Mrityu, e a Dharma! O que eu realizarei por vocês todos?"

"Bhishma continuou, 'Naquela reunião, o Brahmana deu a eles água para lavar seus pés, e os artigos usuais do Arghya. Muito satisfeito, ele então se dirigiu a eles, dizendo, 'O que eu devo fazer por vocês todos por exercer meu próprio poder?' Justamente naquela hora, um monarca, (rei) Ikshvaku, que tinha saído em uma viagem para águas e santuários sagrados, chegou àquele local onde aquelas divindades estavam reunidas. O sábio nobre Ikshvaku curvou sua cabeça e

adorou todos eles. Aquele melhor dos reis então perguntou sobre o bem-estar de todos. O Brahmana deu ao rei um assento, como também água para lavar seus pés, e o Arghya usual. Tendo em seguida feito as perguntas costumeiras de cortesia, ele disse, 'Tu és bem vindo, ó grande monarca! Diga-me tudo o que tu desejas! Que tua nobre pessoa me diga o que eu terei que realizar para ti por aplicar meu poder.'"

"O rei disse, 'Eu sou um rei. Tu és um Brahmana na observância dos seis deveres bem conhecidos. (Eu não posso pedir), eu te darei alguma riqueza. Isto é bem conhecido. Me diga quanto eu te darei.'"

"O Brahmana disse, 'Há dois tipos de Brahmanas, ó monarca! Moralidade de virtude também é de dois tipos; apego ao trabalho, e abstenção do trabalho. Em relação a mim mesmo, eu me abstive da aceitação de doações. Dê presentes para aqueles, ó rei, que estão dedicados ao dever de trabalho e aceitação. Eu, portanto, não aceitarei nada em doação. Por outro lado, eu te pergunto, o que é para o teu bem? O que, de fato, eu te darei? Diga-me, ó principal dos reis, e eu o realizarei com a ajuda de minhas penitências.'"

"O rei disse, 'Eu sou um Kshatriya. Eu não sei como dizer a palavra 'Dê'. A única coisa, ó melhor das pessoas regeneradas, que nós podemos dizer (a fim de pedir) é ‘Nos dê combate.'"

"O Brahmana disse, 'Tu estás contente com o cumprimento dos deveres de tua classe. Do mesmo modo, eu estou contente com os deveres da minha, ó rei! Há, portanto, pouca diferença entre nós. Faça como quiseres!'"

"O rei disse, 'Tu disseste estas palavras primeiro, isto é, 'Eu te darei de acordo com meu poder.' Eu, portanto, te peço, ó regenerado. Dê-me os frutos dessa recitação (que tu tens praticado).'"

"O Brahmana disse, 'Tu estavas te vangloriando que tuas declarações sempre solicitam combate. Por que então tu não solicitas combate comigo?'"

"O rei disse, 'É dito que Brahmanas são armados com o trovão da palavra, e que os Kshatriyas têm força de braços. Então, Brahmana erudito, este combate verbal se iniciou entre nós dois.'"

"O Brahmana disse, 'No que me diz respeito, aquela é mesmo minha resolução hoje. O que eu te darei de acordo com meu poder? Diga-me, ó rei de reis, e eu te darei, tendo minha própria riqueza. Não tarde.'"

"O rei disse, 'Se, de fato, tu desejas me dar alguma coisa, então me dê os frutos que tu ganhaste por praticar recitação por esses mil anos.'"

"O Brahmana disse, 'Leve o maior fruto das recitações que eu tenho praticado. De fato, pegue metade, sem qualquer escrúpulo, daquele fruto. Ou, ó rei, se tu desejas, pegue sem qualquer escrúpulo todos os frutos de minhas recitações.'"

"O rei disse, 'Abençoado sejas tu, eu não tenho necessidade dos frutos de tuas recitações os quais eu pedi. Bênçãos sobre tua cabeça. Eu estou prestes a te deixar. Diga-me, no entanto, quais são aqueles frutos (de tuas recitações).'"

"O Brahmana disse, 'Eu não tenho conhecimento dos frutos que ganhei. No entanto, eu te dei aqueles frutos que eu adquiri por meio de recitação. Estes, isto é, Dharma e o Tempo, e Yama, e Mrityu, são testemunhas (do ato de doação).'"

"O rei disse, 'O que aqueles frutos, que são desconhecidos, dessas tuas observâncias, farão por mim? Se tu não me disseres quais são os frutos de tuas recitações, que eles sejam teus, pois sem dúvida eu não os desejo.'"

"O Brahmana disse, 'Eu não aceitarei qualquer outra declaração (de ti). Eu te dei os frutos de minhas recitações. Que, ó sábio real, as tuas palavras e as minhas se tornem verdadeiras. Em relação às minhas recitações, eu nunca nutri algum desejo específico para realizar. Como então, ó tigre entre reis, eu deveria ter qualquer conhecimento de quais são os frutos daquelas recitações? Tu disseste, 'Dê!' eu disse 'Eu dou!' e eu não falsificarei estas palavras. Mantenha a verdade. Fique calmo! Se tu pedes para guardar minha promessa, ó rei, grande será teu pecado devido à mentira. Ó castigador de inimigos, não fica bem para ti proferir o que é falso. Similarmente, eu ouso não falsificar o que proferi. Eu, antes disto, disse sem hesitar, 'Eu dou!' Se, portanto, tu és firme em verdade, aceite meu presente. Vindo aqui, ó rei, tu me pediste os frutos de minhas recitações. Portanto, pegue o que eu te dei, se, de fato, tu és firme em verdade. Aquele que é afeito à mentira não tem nem este mundo nem o seguinte. Tal pessoa fracassa em resgatar seus antepassados (falecidos). Como também ele conseguirá fazer bem para sua progênie (por nascer)? As recompensas de sacrifício e doações, como também de jejuns e observâncias religiosas, não são tão eficazes em resgatar (uma pessoa do mal e do inferno) quanto a Verdade, ó touro entre homens, neste mundo e no seguinte. Todas as penitências que foram praticadas por ti e todas aquelas que tu praticarás no futuro por centenas e milhares de anos não possuem eficácia maior do que a da Verdade. A Verdade é o único Brahma imperecível. A Verdade é a única Penitência imperecível. A Verdade é o único sacrifício imperecível. A Verdade é o único Veda imperecível. A Verdade está desperta nos Vedas. Os frutos ligados à Verdade são considerados como os mais elevados. Da Verdade provêm Virtude e o autodomínio. Tudo depende da Verdade. A Verdade é os Vedas e seus ramos. A Verdade é o Conhecimento. A Verdade é a Ordenança. A Verdade é a observância de votos e jejuns. A Verdade é a Palavra Primordial Om. A Verdade é a origem das criaturas. A Verdade é sua progênie. É pela Verdade que o Vento se move. É pela Verdade que o Sol dá calor. É pela Verdade que o Fogo queima. É sobre a Verdade que o Céu se apóia. Verdade é Sacrifício, Penitência, Vedas, a declaração dos Samans, Mantras, e Saraswati. É sabido por nós que uma vez a Verdade e todas as observâncias religiosas foram colocadas em um par de balanças. Quando ambas foram pesadas, foi visto que a balança sobre a qual a Verdade estava era a mais pesada. Há Verdade onde há Retidão. Tudo progride pela Verdade. Por que, ó rei, tu desejas fazer uma ação é maculada pela mentira? Seja firme em Verdade. Não aja falsamente, ó monarca! Por que tu falsificarias tuas palavras 'Dê-(me)', as quais tu proferiste? Se tu te

recusares, ó monarca, a aceitar os frutos de minhas recitações que eu te dei, tu então terás que vagar pelo mundo, decaído da Virtude! Aquela pessoa que não dá depois de ter prometido, e aquela também que não aceita depois de ter pedido, são ambas maculadas pela mentira. Cabe a ti, portanto, não falsificar tuas próprias palavras.'"

"O rei disse, 'Lutar e proteger (súditos) são os deveres de Kshatriyas. É dito que Kshatriyas são dadores (de presentes). Como então eu aceitaria qualquer coisa de ti (em doação)?'"

"O Brahmana disse, 'Eu nunca insisti, ó rei (para ti aceitares qualquer coisa de mim em primeiro lugar). Eu não procurei tua casa. Tu mesmo, vindo aqui, me pediste. Por que então tu não aceitas?'"

"Dharma disse, 'Saibam os dois que eu sou o próprio Dharma. Que não aja disputa entre vocês. Que o Brahmana se torne dotado da recompensa ligada à doação, e que o monarca também obtenha o mérito da Verdade.'"

"O Céu disse, 'Saiba, ó grande rei, que eu sou o próprio Céu em minha forma incorporada, e vim aqui pessoalmente. Que esta disputa entre vocês cesse. Vocês são iguais em relação ao mérito ou recompensas obtidas.'"

"O rei disse, 'Eu não tenho necessidade de Céu. Vá, ó Céu, para o lugar de onde você veio. Se este Brahmana erudito deseja se dirigir a ti, que ele receba as recompensas que eu tenho obtido (por minhas ações em vida).'"

"O Brahmana disse, 'Em meus dias de jovem eu, por ignorância, estiquei minha mão (para aceitação de doações). No momento, no entanto, eu recito o Gayatri, observando o dever de abstenção. (Trabalho e Abstenção de trabalho são os dois cursos de dever prescritos ou seguidos.) Por que tu, ó rei, me tentas dessa maneira, eu que tenho por um longo tempo cumprido o dever de abstenção? Eu farei o que é meu dever. Eu não desejo ter qualquer parte das recompensas ganhadas por ti, ó monarca! Eu sou devotado a penitências e ao estudo dos Vedas, e tenho me abstido da aceitação.'"

"O rei disse, 'Se, ó Brahmana, tu deves realmente me dar a excelente recompensa da tua recitação, então que metade daquela recompensa seja minha, tu mesmo levando ao mesmo tempo metade da recompensa que eu ganhei por minhas ações. Os Brahmanas estão engajados no dever de aceitação. Pessoas nascidas na classe real estão engajadas no dever de doação. Se tu não és inconsciente dos deveres (prescritos para ambas as classes), que nossos frutos sejam iguais (de acordo com a sugestão que eu fiz). Ou, se tu não desejas ser meu igual em relação às nossas recompensas, leve então toda a recompensa que eu possa ter ganhado. Pegue o mérito que eu ganhei, se tu desejas me mostrar graça.'"

"Bhishma continuou, 'Naquela hora, dois indivíduos de aspecto muito desajeitado chegaram lá. Cada um tinha seu braço sobre o ombro do outro; ambos estavam mal vestidos. Eles diziam estas palavras, 'Tu não me deves nada.

Eu realmente te devo. Se nós disputamos dessa maneira, aqui está o rei que governa indivíduos. Eu digo que realmente tu não me deves nada! Tu falas falsamente. Eu tenho uma dívida contigo.' Ambos, ficando muito veementes em discussão, então se dirigiram ao rei, dizendo, 'Cuide, ó monarca, para que nenhum de nós possa ser maculado pelo pecado.'"

"Virupa disse, 'Eu ganhei de meu companheiro Vikrita, ó monarca, os méritos da doação de uma vaca. Eu estou desejando saldar esta dívida. Este Vikrita, no entanto, se recusa a aceitar a retribuição.'" (Vikrita tinha doado uma vaca e então feito uma doação para Virupa do mérito que ele tinha ganhado por aquele ato virtuoso.)

"Vikrita disse, 'Este Virupa, ó monarca, não me deve nada. Ele fala uma mentira com a aparência de verdade, ó rei.'"

"O rei disse, "Diga-me, ó Virupa, o que é que tu deves para teu amigo aqui. É minha resolução te ouvir e então fazer o que for apropriado.'"

"Virupa disse, 'Ouça atentamente, ó rei, todas as circunstâncias em detalhes, acerca de como eu devo para meu companheiro, isto é, este Vikrita, ó soberano de homens. Vikrita, no passado, para ganhar mérito, ó impecável, doou uma vaca auspiciosa, ó sábio real, para um Brahmana dedicado a penitências como o estudo dos Vedas. Indo até ele, ó rei, eu pedi dele a recompensa daquele ato. Com um coração puro, Vikrita me fez um presente daquela recompensa. Eu então, para minha purificação, fiz algumas boas ações. Eu também comprei duas vacas kapila com bezerros, ambas as quais costumavam produzir grandes quantidades de leite. Eu então fiz uma doação, de acordo com os ritos devidos e com devoção apropriada, daquelas duas vacas para um Brahmana pobre que vivia pelo método Unchha. (Isto é, apanhando grãos solitários das fendas nos campos depois que as colheitas foram reunidas e levadas embora.) Tendo antigamente aceitado o presente de meu companheiro, eu desejo, ó senhor, aqui mesmo, devolver a ele a recompensa em dobro! (Ele me deu o mérito que ele ganhou por doar uma vaca. Eu desejo dar a ele em retorno o mérito que eu ganhei por doar duas vacas.) As circunstâncias sendo essas, ó tigre entre homens, quem entre nós dois será inocente e que será culpado (segundo teu julgamento)? Disputando um com o outro sobre isto, nós viemos a ti, ó monarca! Tu julgues corretamente ou incorretamente, nos estabeleça na paz. Se este meu companheiro não deseja aceitar de mim em retorno um presente igual ao que ele me deu, tu terás que julgar pacientemente e nos colocar no caminho correto.'"

"O rei disse, 'Por que você não aceita o pagamento que ele procura fazer da dívida que é devida a ti? Não te detenha, mas aceite o pagamento do que tu sabes que te é devido.'"

"Vikrita disse, 'Ele diz que me deve. Eu digo a ele que o que eu dei, eu dei de graça. Ele, portanto, não me deve nada. Que ele vá para onde quer que ele deseje.'"

"O rei disse, 'Ele está disposto a te dar. Tu, no entanto, estás relutante em aceitar. Isto não me parece apropriado. Eu acho que tu mereces punição por isto. Há pouca dúvida nisto.'"

"Vikrita disse, 'Eu fiz um presente para ele, ó sábio real! Como eu posso pegá-lo de volta? Se eu sou culpado nisto, pronuncie o castigo, ó pujante.'"

"Virupa disse, 'Se tu te recusares a aceitar quando eu estou disposto a dar, este rei certamente te punirá, pois ele é um mantenedor da justiça.'"

"Vikrita disse, 'Solicitado por ele eu dei a ele o que era meu. Como eu agora retomarei isso? Tu podes ir embora. Tu tens minha permissão.'"

"O Brahmana disse, 'Tu ouviste, ó rei, as palavras desses dois. Aceite sem escrúpulos o que eu prometi te dar.'"

"O rei disse, 'Esta questão é, de fato, tão profunda (em importância) quanto um abismo insondável. Como a pertinácia deste Recitador terminará? Se eu não aceitar o que foi dado por este Brahmana, como eu evitarei ser maculado por um grande pecado?' O sábio real então disse para os dois disputantes, 'Vão ambos, tendo obtido seus respectivos objetos. Eu devo cuidar para que os deveres reais, conferidos a mim, não se tornem inúteis. É determinado que reis devem cumprir os deveres declarados para eles. Para minha desgraça, no entanto, o curso de deveres prescritos para Brahmanas foi possuído pela minha pessoa desventurada.'"

"O Brahmana disse, 'Aceite, ó rei! Eu te devo. Tu o solicitaste, e eu também me comprometi (a te dar). Se, no entanto, tu te recusares a aceitar, ó monarca, eu te amaldiçoarei sem dúvida.'"

"O rei disse, 'Que vergonha para os deveres reais, a conclusão segura sobre a operação dos quais é esta mesma. Eu devo, contudo, aceitar o que tu dás, por esta única razão, isto é, tornar os dois cursos de dever exatamente iguais. Esta minha mão, que nunca antes foi (estendida para aceitação de doações), está agora estendida (para aceitação como também) para doar. Dê-me o que tu me deves.'"

"O Brahmana disse, 'Se eu ganhei quaisquer frutos por recitar o Gayatri, aceite eles todos.'"

"O rei disse, 'Estas gotas de água, veja, ó principal dos Brahmanas, caíram sobre minha mão. Eu também desejo te dar. Aceite minha doação. Que haja igualdade entre nós (por tu aceitares meu presente como eu aceitei o teu).'"

"Virupa disse, 'Saiba, ó rei, que nós dois somos Desejo e Ira. Foi por nós que tu foste induzido a agir dessa maneira. Tu fizeste uma doação em retorno para o Brahmana. Que aja igualdade entre tu e esta pessoa regenerada em relação a regiões de felicidade no mundo seguinte. Este Vikrita realmente não me deve nada. Nós apelamos para ti por tua própria causa. O Tempo, Dharma, Mrityu, e nós dois examinamos tudo sobre ti, aqui na tua própria presença, por produzirmos

este atrito entre tu e este Brahmana. Vá agora, como tu escolheres, para aquelas regiões de felicidade que tu ganhaste por meio de teus feitos.'"

"Bhishma continuou, 'Eu agora te disse como Recitadores obtêm os resultados (de suas recitações) e qual, de fato, é seu fim, qual o local, e quais as regiões, que um Recitador pode alcançar. Um Recitador do Gayatri vai para o deus supremo Brahman, ou vai para Agni ou entra na região de Surya. Se ele se diverte lá em sua (nova) forma enérgica, então estupefato por tal atração ele pega os atributos daquelas regiões específicas. (Isto não é Emancipação, mas meramente felicidade finita.) O mesmo vem a ser o caso com ele se ele vai para Soma, ou Vayu, ou Terra, ou Espaço. O fato é, ele habita em todos estes, com apego, e mostra os atributos peculiares àquelas regiões. Se, no entanto, ele vai para aquelas regiões depois de ter se livrado de atrações, e sente uma desconfiança (a respeito da felicidade que ele desfruta), e deseja Aquela que é Suprema e Imutável, ele então entra exatamente Naquela. Nesse caso ele alcança a ambrosia da ambrosia, a um estado livre de desejo e desprovido de consciência separada. Ele se torna o próprio Brahma livre da influência de opostos, feliz, tranquilo, e sem dor. (Alcança a Emancipação ou Absorção na essência de Brahma.) De fato, ele alcança aquela condição que é livre de aflição, que é a própria tranquilidade, a qual é chamada de Brahma, de onde não há retorno, e que é intitulada a Única e Imutável. Ele se torna livre dos quatro meios de compreensão (que são: Conhecimento Direto através dos sentidos, Revelação, Inferência e Intuição), das seis condições (fome, sede, dor, ilusão, doença e morte), e também dos outros dezesseis atributos (os cinco ares vitais, os dez sentidos, e a mente). Transcendendo o Criador (Brahman), ele alcança absorção na Única Alma Suprema. Ou, se sob a influência de atrações, ele não desejar tal absorção, mas desejar ter uma existência separada como dependente daquela Causa Suprema de tudo, ele então obtém a realização de tudo pelo qual ele nutre um desejo. Ou, se ele olha (com aversão) para todas as regiões de felicidade, as quais têm sido (como declarado previamente) chamadas de infernos, ele então, rejeitando desejo e livre de tudo, desfruta de felicidade suprema exatamente naquelas mesmas regiões. (Três diferentes fins são citados. Um é absorção em Brahma; o outro é o desfrute de felicidade comum, o qual, é claro, é finito, e o último é o desfrute daquela felicidade a qual é devido a uma liberdade de desejo e atrações.) Assim, ó monarca, eu te falei sobre o fim alcançado pelos Recitadores. Eu te disse tudo. O que mais tu desejas ouvir?'"

200

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, que resposta foi dada a Virupa pelo Brahmana ou pelo monarca depois da conclusão das palavras do último. Qual foi o tipo de fim, entre aqueles descritos por ti, que eles alcançaram? Qual, de fato, foi a conversa que ocorreu entre eles, e o que eles fizeram lá?'"

"Bhishma disse, 'O Brahmana, dizendo, 'Que sejas como tu dizes', adorou Dharma e Yama e Tempo e Mrityu e o Céu, todos os quais eram dignos de

adoração. Ele também adorou todos aqueles principais dos Brahmanas que tinham ido lá para curvar suas cabeças a eles. Dirigindo-se ao monarca então, ele disse, 'Dotado da recompensa de minhas recitações, ó sábio nobre, obtenha uma posição de eminência. Com tua permissão eu me dedicarei a minhas recitações novamente. Ó tu de grande poder, a deusa Savitri me deu um benefício, dizendo, 'Que tua dedicação às recitações seja contínua.'"

"O rei disse, 'Se teu sucesso (em recitação) se tornou inútil (por tu teres me dado aqueles frutos), e se teu coração está determinado a praticar outra vez, vá, ó Brahmana erudito, meio a meio comigo, e que a recompensa de tuas recitações sejam tuas (compartilhe comigo desta recompensa).'"

"O Brahmana disse, 'Tu fizeste esforços árduos perante todas essas pessoas (para fazer de mim um participante das recompensas acumuladas por ti como as consequências de tuas próprias ações). Que nós então nos tornemos iguais em relação às nossas recompensas (na próxima vida), e vamos receber aquele fim o qual é nosso.' Sabendo da decisão à qual eles haviam chegado lá, o chefe dos deuses foi àquele local, acompanhado pelas divindades e os Regentes do mundo. Os Sadhyas, os Viswas, os Mantras, diversos tipos de música alta e suave, os Rios, as Montanhas, os Mares, as Águas Sagradas, as Penitências, as Ordenanças sobre yoga, os Vedas, os Sons que acompanham o canto dos Samans, Saraswati, Narada, Parvata, Viswavasu, os Hahas, os Huhus, o Gandharva Chitrasena com todos os membros de sua família, os Nagas, os Sadhyas, os Munis, o deus de deuses, isto é, Prajapati, e o próprio Vishnu inconcebível e de mil cabeças, chegaram lá. Tambores e trombetas foram batidos e soprados no firmamento. Flores celestes foram derramadas sobre aqueles seres de grande alma. Grupos de Apsaras dançavam por toda parte. O Céu, em sua forma incorporada, chegou lá. Dirigindo-se ao Brahmana, ele disse, 'Tu alcançaste o sucesso. Tu és altamente abençoado.' Dirigindo-se em seguida ao monarca, ele disse, 'Tu também, ó rei, alcançaste o sucesso.' Aquelas duas pessoas então, ó monarca (isto é, o Brahmana e o rei), tendo feito bem um ao outro, afastaram seus sentidos dos objetos do mundo. Fixando os ares vitais Prana, Apana, Samana, Udana e Vyana no coração, eles concentraram a mente em Prana e Apana unidos. Eles então colocaram os dois ares unidos no abdômen, e dirigiram seu olhar fixo à ponta do nariz e então imediatamente abaixo das duas sobrancelhas. Eles em seguida mantiveram os dois ares, com a ajuda da mente, no lugar que fica entre as sobrancelhas, levando-os lá muito gradualmente. Com corpos totalmente inativos, eles estavam absortos com olhar fixo. Tendo controle sobre suas almas, eles então colocaram a alma dentro do cérebro. Então, atravessando o topo da cabeça do Brahmana de grande alma uma chama ígnea de esplendor magnífico ascendeu ao céu. Altas exclamações de pesar, proferidas por todas as criaturas, foram então ouvidas por todos os lados. Seus louvores cantados por todos, aquele esplendor então entrou no próprio Brahman. O Grandioso Avô, se adiantando, dirigiu-se àquele esplendor que tinha assumido uma forma da altura de um palmo, dizendo, 'Bem vindo!' E mais uma vez ele proferiu essas palavras, 'Em verdade, os Recitadores alcançam o mesmo fim com os yogins. O alcance pelo yogin de seu fim é um objeto de visão direta para todos esses (aqui

reunidos). (Os yogins alcançam Brahma aqui mesmo.) Em relação aos Recitadores, há esta distinção, que é ordenado para eles a honra de Brahman se adiantar para recebê-los (depois de sua partida da terra). Habite em mim.' Assim falou Brahman e mais uma vez deu consciência àquele esplendor. De fato, o Brahmana então, livre de todas as ansiedades, entrou na boca do Criador. O monarca (Ikshvaku) também, da mesma maneira, entrou no Avô divino como aquele principal dos Brahmanas. As divindades (reunidas) saudaram o auto-nascido e disseram, 'Um fim muito superior é, de fato, ordenado para os Recitadores. Este esforço (que nós te vimos empregar) é em prol dos Recitadores. Com relação a nós, nós viemos aqui para ver isto. Tu fizeste estes dois iguais, deste a eles honra igual, e concedeste a eles um fim igual. O fim sublime que está reservado para yogins e Recitadores foi visto por nós hoje. Transcendendo todas as regiões (de felicidade), estes dois são capazes de ir para onde quer que eles desejem.'"

"Brahman disse, 'Também aquele que ler o grande Smriti (isto é, o Veda), e também aquele que ler os outros Smritis auspiciosos que seguem o primeiro (isto é, o de Manu e o resto), irá, dessa maneira, alcançar a mesma região comigo. Aquele também que é dedicado ao yoga alcançará desse modo, sem dúvida, depois da morte, as regiões que são minhas. Eu partirei daqui. Vão vocês todos para seus respectivos lugares para a realização de seus objetivos.'"

"Bhishma continuou, 'Tendo dito estas palavras, aquele principal dos deuses desapareceu. As divindades reunidas, tendo previamente se despedido dele, voltaram para suas respectivas residências. Todos aqueles seres de grande alma, tendo honrado Dharma, prosseguiram com corações bem satisfeitos, ó monarca, seguindo aquela grande divindade. Estas são as recompensas dos recitadores e este é seu fim. Eu os descrevi para ti como eu mesmo ouvi a respeito deles. O que mais, ó monarca, tu desejas ouvir?'"

201

"Yudhishthira disse, 'Quais são os frutos do yoga representado pelo Conhecimento, de todos os Vedas, e das (várias) observâncias e votos? Como também a alma-criatura pode ser conhecida? Nos diga, isto, ó Avô!'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga narrativa da conversa entre aquele senhor de criaturas, isto é, Manu, e o grande Rishi Vrihaspati. Nos tempos passados, o principal dos Rishis celestes, Vrihaspati, que era um discípulo de Manu, reverenciou seu preceptor e, se dirigindo àquele senhor e principal das criaturas, disse, 'Qual é a causa (do universo)? De onde as ordenanças (sobre sacrifícios e outras observâncias virtuosas) fluíram? Quais são aqueles frutos que os eruditos dizem que são ligados ao Conhecimento? Diga-me também realmente, ó ilustre, o que é aquilo que os próprios Vedas não têm podido revelar? Quais são aqueles frutos que são adorados por personagens eminentes conhecedores da ciência de Artha, dos Vedas, e dos Mantras, através de sacrifícios e doações abundantes de gado? De onde surgem aqueles frutos? Onde eles são

encontrados? Conte-me também aquela velha história, isto é, de onde a terra, todos os objetos terrestres, vento, firmamento, criaturas aquáticas, água, céu, e os habitantes do céu, todos surgiram? As inclinações do homem tendem em direção àquele objeto acerca do qual ele procura conhecimento. Eu não tenho conhecimento daquele Antigo e Supremo. Como eu me salvarei de uma manifestação falsa de inclinações em direção a Ele? (O fato é, eu não sei nada dele, mas eu ainda professo adorá-lo. Este é um comportamento falso. Como eu serei salvo de tal falsidade?) Eu tenho estudado os Riks, todos os Samans, todos os Yajuses, os Chhandas (as regras de Métrica como aplicáveis aos hinos Védicos), Astronomia (Jyotish, que forma um Anga dos Vedas), Nirukta (que fornece regras para interpretação de passagens obscuras dos Vedas, e também dá os significados de palavras técnicas ou obscuras usadas neles), Gramática, Sankalpa (Kalpa é a descrição de ritos religiosos), e Siksha (a ciência de Pronúncia como aplicada a mantras e hinos Védicos). Mas eu não tenho conhecimento da natureza das grandes criaturas (os cinco elementos primordiais) que entram na composição de tudo. Diga-me tudo o que eu te perguntei, por usar somente afirmações simples e diferenciando adjetivos ou atributos. Diga-me quais são os frutos do Conhecimento e quais são aqueles frutos que são ligados a sacrifícios e outros ritos religiosos. Explique-me também como um ser incorporado parte de seu corpo e como ele obtém outro corpo.'"

"Manu disse, 'Aquilo que é agradável para alguém é dito que constitui sua felicidade. Similarmente, aquilo que é desagradável para alguém é dito que constitui sua tristeza. 'Por isto eu obterei felicidade e afastarei a tristeza', de um sentimento como esse fluem todos os atos religiosos. Os esforços para a aquisição de Conhecimento, no entanto, provêm de um sentimento para evitar felicidade e tristeza. (Aqueles que acreditam que a felicidade não é eterna e que, portanto, eles não devem procurá-la, se afastam de todos os atos pios os quais levam à felicidade. Eles buscam Conhecimento como o melhor meio para evitar tudo o que é transitório e mutável. Eles procuram moksha ou Emancipação completa a qual foi descrita nos capítulos anteriores.) As ordenanças sobre sacrifícios e outras observâncias, que se encontram nos Vedas, são todas ligadas com desejo. Aquele, no entanto, que se liberta do desejo, consegue alcançar Brahma. O homem que, pelo desejo de obter felicidade, anda pelo caminho das ações, as quais são de diversos tipos, tem que ir para o inferno.'" (O significado de 'inferno' como aplicado em tais passagens foi explicado antes.)

"Vrihaspati disse, 'As aspirações dos homens estão ligadas à aquisição do agradável que termina em felicidade, e à evitação do desagradável que traz tristeza. Tal aquisição e tal evitação também são realizadas por meio de ações.'"

"Manu disse, 'É por se libertar das ações que alguém consegue entrar em Brahma. As ordenanças sobre ações fluíram por este mesmo objetivo. (O sentido é que uma pessoa deve se dedicar às ações como um tipo de preparação. Posteriormente ela deve abandoná-las para obter o fim mais sublime. As ações, portanto, têm seu uso, e ajudam uma pessoa, embora indiretamente, na obtenção de Brahma.) As ordenanças sobre ações tentam somente aqueles cujos corações não estão livres do desejo. Por se libertar das ações (como já dito) alguém

alcança o estado mais elevado. Alguém desejoso de felicidade (Emancipação), se dirigindo a ritos religiosos, fica purificado (das atrações) por meio de ações que têm como seu objetivo a purificação da alma, e finalmente ganha grande esplendor. Por se libertar das ações, alguém alcança o fim mais sublime, isto é, Brahma, o qual está muitíssimo acima da recompensa que os atos dão. Todas as criaturas foram criadas por Mente e Ação. Estes também são os dois melhores caminhos adorados por todos. Ações externas produzem frutos que são transitórios como também eternos. Para adquirir os últimos não há outro meio além do abandono dos frutos pela mente (isto é, atos podem ser praticados, mas seus resultados nunca devem ser cobiçados). Como a visão, quando a noite passa e o véu da escuridão é removido dela, guia seu possuidor por seu próprio poder, assim a Compreensão, quando ela vem a ser dotada de Conhecimento, consegue ver todos os males que são dignos de serem evitados. Cobras, folhas de kusa de pontas afiadas, e buracos, os homens evitam quando eles percebem que estão em seu caminho. Se alguns pisam ou caem dentro deles, eles fazem isso por ignorância. Veja a superioridade dos frutos do conhecimento (sobre aqueles da ignorância). Mantras aplicados devidamente, sacrifícios, os presentes chamados de Dakshina, doações de alimento, e concentração da mente (para contemplação divina), estas são as cinco ações que são citadas como produtivas de frutos, não havendo mais nenhuma. As ações têm (os três) atributos (de Sattwa, Rajas, e Tamas) por sua alma. Os Vedas dizem isto. (Os Vedas consistem em Mantras). Os Mantras, portanto, têm as mesmas três qualidades, já que é com Mantras que as ações devem ser realizadas. O ritual também deve estar sujeito às mesmas três qualidades. Os resultados da ação dependem da mente (isto é, do motivo das ações). É a criatura incorporada que desfruta daqueles resultados. Todos os excelentes tipos de som, forma, gosto, toque, e aroma, são os frutos de ações, sendo obteníveis na região de ações (isto é, céu). Em relação, no entanto, aos frutos do conhecimento, o homem os obtém aqui mesmo antes da morte. Quaisquer atos que sejam realizados por meio do corpo, uma pessoa desfruta dos resultados deles em um estado de existência física. O corpo é, de fato, a estrutura à qual a felicidade inere, como também a estrutura à qual a tristeza inere. (O resultado de todos os atos realizados por meio do corpo é o céu onde uma pessoa em um estado físico (embora sutil) desfruta daqueles resultados. Se a Emancipação é para ser procurada, ela deve ser alcançada através da mente.) Quaisquer atos que sejam realizados por meio de palavras, seus frutos serão desfrutados em um estado no qual palavras possam ser faladas. Similarmente, quaisquer atos que sejam realizados pela mente, seus frutos são desfrutados em um estado no qual alguém não esteja livre da mente. Dedicada aos frutos das ações, quaisquer tipos de ações (Sattwikas, ou Rajasikas, ou Tamasikas) que uma pessoa cobiçosa de resultados realize, os frutos, bons ou maus, que ela realmente desfruta compartilham do caráter delas. Como peixes indo contra uma corrente de água, as ações de uma vida passada chegam ao ator. A criatura incorporada sente felicidade por suas boas ações, e tristeza pelas más. Ele de quem este universo surgiu, Ele por conhecer a quem pessoas de almas purificadas transcendem este mundo, Ele que não é expressado por mantras e palavras Védicos, eu agora indicarei. Ouça-me enquanto eu falo daquele mais sublime dos sublimes. Ele mesmo livre dos vários tipos de gosto e cheiro, e som e toque e

forma, Ele não pode ser compreendido pelos sentidos, imanifesto, sem cor, o Único, e Ele tem criado os cinco tipos de objetos (isto é, sabor, etc.) para Suas criaturas. Ele não é nem feminino, nem masculino, nem de sexo neutro. Ele não é existente (como átomo), nem inexistente (como espaço), nem existente-não-existente (como Maya ou ilusão). Somente aqueles que conhecem Brahma vêem a Ele. Ele não conhece direção.'"

202

"Manu disse, 'Daquele eterno e imperecível Um surgiu primeiro o Espaço; do espaço veio o Vento; do vento veio a Luz; da luz veio a Água; da água surgiu o Universo; e do universo, todas as coisas que existem nele. Os corpos de todas as coisas (terrenas), (depois da dissolução), primeiro entram na água, então na luz ou calor, então no vento, e então no espaço. Aqueles que procuram Emancipação não têm que voltar do espaço. Por outro lado, eles alcançam Brahma. O refúgio da Emancipação, isto é, Brahma, não é nem quente, nem frio, nem suave nem ardente, nem azedo nem adstringente, nem doce nem amargo. Ele não é dotado de som, ou cheiro, ou forma. Ele transcende todos esses e tudo, e é sem dimensões. A pele percebe toque; a língua, gosto; o nariz, cheiro; os ouvidos, sons; e os olhos, formas. Homens não familiarizados com Adhyatma não conseguem ver o que está acima destes. Tendo afastado a língua dos sabores, o nariz dos perfumes, os ouvidos dos sons, a pele do toque, e os olhos das formas, alguém consegue ver seu próprio eu (como independente dos sentidos e da mente e, portanto, dos atributos). (Isto é, ele vê sua própria alma.) É dito que aquilo que é a Causa do ator, a ação, o material com o qual a ação é feita, o lugar e a hora da ação, e as tendências e propensões em relação à felicidade e tristeza, é chamado de Eu (ou Alma). Aquilo que permeia tudo, que faz tudo (assumindo as formas de criaturas vivas), aquilo que existe no universo assim como os mantras declaram (isto é, que embora um, se divide em milhares de formas como a imagem da lua em uma quantidade de água agitada), aquilo que é a causa de tudo, aquilo que é o mais alto dos altos, e aquilo que é Um sem um segundo e que faz todas as coisas, é a Causa. Tudo mais é efeito. É visto que uma pessoa, por causa dos atos realizados por ela, obtém resultados bons e maus, os quais (embora aparentemente incompatíveis uns com os outros, ainda assim) vivem juntos em harmonia. De fato, como os frutos bons e maus nascidos de suas próprias ações moram juntos nos corpos de criaturas os quais são seu refúgio, assim mesmo o Conhecimento mora no corpo. (A analogia consiste nisto: frutos bons e maus, embora incompatíveis, moram juntos; similarmente, o conhecimento, embora não material, reside no corpo material. É claro, conhecimento é usado aqui no sentido da mente ou da compreensão.) Como uma lâmpada acesa, enquanto queimando, revela outros objetos diante de si, assim os cinco sentidos que são como lâmpadas fixadas em árvores altas, descobrem seus respectivos objetos quando acesos pelo Conhecimento. Como os vários ministros de um rei, unidos, dão conselhos a ele, assim mesmo os cinco sentidos que estão corpo são todos subservientes ao Conhecimento. O último é superior a todos eles. Como as

chamas do fogo, a corrente do vento, os raios do sol, e as águas dos rios vêm e vão repetidamente, assim mesmo os corpos das criaturas incorporadas estão indo e vindo repetidamente. Como uma pessoa por pegar um machado não pode, por cortar um pedaço de madeira, achar fumaça ou fogo nele, assim mesmo não se pode, por abrir os braços e pés e estômago de uma pessoa, ver o princípio de conhecimento, o qual, é claro, não tem nada em comum com o estômago, os braços e os pés. Como também, vê-se fumaça e fogo em madeira por friccioná-la contra outro pedaço, assim uma pessoa de inteligência e sabedoria bem direcionadas, por unir (por meio de yoga) os sentidos e a alma, pode ver a Alma Suprema a qual, é claro, existe em sua própria natureza (isto é, não afetada por atributos e qualidades e acidentes). Como no meio de um sonho uma pessoa vê seu próprio corpo deitado no chão como alguma coisa distinta de si mesma, assim mesmo uma pessoa, dotada dos cinco sentidos, a mente, e a compreensão, vê (depois da morte) seu próprio corpo e então vai de uma para outra forma. A Alma não está sujeita a nascimento, crescimento, decadência, e destruição. Pelos atos da vida serem dotados de efeitos, a Alma, vestida em corpo, passa deste corpo (quando privado de animação) para outro, não vista por outros. Ninguém pode ver com o olho a forma da Alma. A Alma não pode, também, formar o objeto de toque de alguém. Com aqueles (isto é, os sentidos), a Alma não realiza atos. Os sentidos não se aproximam da Alma. A Alma, no entanto, compreende eles todos. Como qualquer coisa, colocada em um fogo ardente perante um espectador, assume uma certa cor por causa da luz e calor que operam sobre ela, sem tomar qualquer outra cor ou atributo, assim mesmo a forma da Alma é vista pegar sua cor do corpo. Do mesmo modo, o homem, rejeitando um corpo, entra em outro, despercebido por todos. De fato, abandonando seu corpo para os (cinco) grandes elementos primordiais, ele assume uma forma que é similarmente feita dos mesmos (cinco) elementos. A criatura incorporada (após a destruição de seu corpo) entra no espaço, vento, fogo, água, e terra de tal maneira que cada elemento específico em seu corpo se mistura com o elemento específico (fora de seu corpo) com cuja natureza ele é consoante. Os sentidos também, que estão engajados em diversas ocupações e dependem dos cinco elementos (para o exercício de suas funções), entram naqueles cinco elementos que fazem surgir suas funções. O ouvido deriva sua capacidade do espaço; e o sentido do olfato, da terra. Forma, a qual é a propriedade da visão, é a consequência da luz ou fogo. O fogo ou calor é citado como a causa dependente da água. A língua, que tem o paladar como sua propriedade imerge na água. A pele, que tem o tato como sua propriedade, se perde no vento de cuja natureza ela compartilha. Os cinco atributos, (isto é, som, etc.) moram nas (cinco) grandes criaturas (isto é, os cinco elementos primordiais). Aqueles cinco objetos dos sentidos (isto é, espaço, etc.) moram nos (cinco) sentidos. Todos estes (os cinco atributos, os cinco elementos, e o cinco sentidos) seguem a liderança da mente. A mente segue a liderança da Compreensão, e a Compreensão segue a liderança daquilo que existe em sua natureza verdadeira e imaculada (isto é, a Alma Suprema). O fazedor em seu novo corpo recebe todas as ações boas e más feitas por ele como também todos os atos feitos por ele em sua existência passada. Todos os atos feitos nesta vida e nas próximas a virem seguem a mente assim como animais aquáticos passam ao longo de uma corrente amena. Como uma coisa agitada e que se move

rapidamente se torna um objeto de visão, como um objeto minúsculo parece possuir grandes dimensões (quando visto através de lentes), como um espelho mostra a uma pessoa seu próprio rosto (o qual não pode ser visto de outra maneira), assim mesmo a Alma (embora sutil e invisível) se torna um objeto de percepção da Compreensão.'"

203

"Manu disse, 'A mente unida com os sentidos, lembra depois de um longo tempo as impressões dos objetos recebidas no passado. Quando os sentidos estão todos suspensos (em relação às suas funções, no sono), o Supremo (a Alma), na forma de Compreensão, existe em sua própria natureza verdadeira. Quando a Alma (em tal momento) não considera de maneira alguma todos aqueles objetos dos sentidos em relação à sua simultaneidade ou o oposto em relação a tempo, mas reunindo-os de todas as direções os mantém juntos diante de si, necessariamente acontece que ela vaga entre todas as coisas que são incongruentes. Ela é, portanto, a Testemunha (silenciosa). Então a Alma envolvida em corpo é uma coisa que tem uma existência distinta e independente. (Quando a alma, em um sonho, reúne juntas as ocorrências e objetos de diferentes tempos e lugares, quando, de fato, coerência em relação a tempo e lugar não se aplica a ela, ela deve ser considerada como tendo uma existência que é distinta e independente dos sentidos e do corpo.) Há Rajas, há Tamas, e há Sattwa, o terceiro. Há também três estados da compreensão, isto é, vigília, sonho, e sono profundo. A Alma tem conhecimento dos prazeres e dores, os quais são todos contraditórios, daqueles estados, e os quais partilham da natureza dos três atributos mencionados primeiro. (A Alma somente tem conhecimento dos prazeres e dores surgidos em consequência de Sattwa e Rajas e Tamas e em conexão com os três estados da compreensão devidos aos mesmos três atributos. A Alma, no entanto, embora os conhecendo, não os desfruta ou os sofre. Ela é somente a Testemunha silenciosa e inativa de tudo.) A Alma entra nos sentidos como o vento entrando no fogo em um pedaço de madeira. (O objetivo do símile é mostrar que como o vento é uma entidade separada embora existindo com o fogo em um pedaço de madeira, assim a Alma, embora existindo com os sentidos é distinta deles.) Não se pode ver a forma da Alma através da visão, nem pode o sentido de tato, entre os sentidos, apreendê-la. A Alma não é, também, um objeto de compreensão pela audição. Ela pode, no entanto, ser vista pela ajuda dos Srutis e das instruções dos sábios. Em relação aos sentidos, aquele sentido específico que a compreende perde após tal compreensão sua existência como um sentido. Os próprios sentidos não podem compreender suas respectivas formas por si mesmos. A Alma é onisciente (visto que ela compreende ambos, o conhecedor e o conhecido). Ela contempla todas as coisas. Sendo onisciente, é a Alma que vê os sentidos (sem, como já foi dito, os sentidos poderem compreendê-la). Ninguém viu o outro lado das montanhas Himavat, nem o reverso do disco da lua. Ainda assim não pode ser dito que eles não existem. Similarmente, embora nunca apreendida pelos sentidos, contudo ninguém pode dizer que a Alma, a qual mora em todas as

criaturas, que é sutil, e que tem conhecimento como sua essência, não existe. As pessoas vêem o mundo refletido no disco da lua na forma de manchas. Embora vendo, elas não sabem que é o mundo que é refletido lá dessa maneira. Assim é o conhecimento da Alma. Aquele conhecimento deve vir por si mesmo. A Alma depende da própria Alma. Homens de sabedoria, refletindo sobre a informidade dos objetos visíveis antes do nascimento e depois da destruição, vêem pela ajuda da inteligência a informidade de objetos que têm formas aparentes. (O comentador usa a ilustração de uma árvore. Antes do nascimento não havia árvore, e depois da destruição também não há árvore, somente no intervalo ela existe. Sua informidade ou inexistência é evidente a partir destes dois estados, pois é dito que aquilo não existiu no passado e não existirá no futuro não pode ser considerado como existente no presente.) Assim também, embora o movimento do Sol não possa ser visto, as pessoas, por verem seu nascimento e ocaso, concluem que o sol tem movimento. Similarmente, aqueles que são dotados de sabedoria e erudição vêem a Alma pela ajuda da lâmpada da inteligência, embora ela esteja a uma grande distância deles, e procuram imergir os cinco elementos, os quais estão perto, em Brahma. Em verdade, um objetivo não pode ser realizado sem a aplicação de meios. Pescadores pegam peixes por meio de redes feitas de fios. Animais são capturados por empregar animais como os meios. Aves são apanhadas por empregar aves como os meios. Elefantes são pegos por empregar elefantes. Desse modo, a Alma pode ser compreendida pelo princípio de conhecimento. Nós temos ouvido que somente uma cobra pode ver as pernas de uma cobra. Da mesma maneira uma pessoa vê, através do Conhecimento, a Alma envolvida em forma sutil e residindo dentro do corpo grosseiro. As pessoas não podem, através de seus sentidos, conhecer os sentidos. Similarmente, a mera Inteligência mais elevada não pode contemplar a Alma a qual é suprema. A lua, no décimo quinto dia da quinzena escura, não pode ser vista por sua forma estar escondida. Não pode ser dito, no entanto, que a destruição a alcança. O mesmo é o caso com a Alma residindo no corpo. No décimo quinto dia da quinzena escura, o corpo grosseiro da lua se torna invisível. Do mesmo modo, a Alma, quando livre do corpo, não pode ser percebida. Como a lua, alcançando outro ponto no firmamento começa a brilhar novamente, similarmente, a Alma, obtendo um novo corpo, começa a se manifestar mais uma vez. O nascimento, crescimento e desaparecimento da lua podem ser todos apreendidos diretamente pela visão. Estes fenômenos, no entanto, concernem à forma grosseira daquele corpo luminoso. Os semelhantes não são os atributos da Alma. A lua, quando ela se mostra depois de seu desaparecimento no décimo quinto dia da quinzena escura, é considerada como o mesmo corpo luminoso que tinha se tornado invisível. Do mesmo modo, apesar das mudanças representadas por nascimento, crescimento e velhice, uma pessoa é considerada como o mesmo indivíduo sem qualquer dúvida de sua identidade. Não pode ser visto claramente como Rahu se aproxima e deixa a lua. Da mesma maneira, não pode ser visto como a Alma deixa um corpo e entra em outro. Rahu fica visível somente quando ele existe com o sol ou a lua. Similarmente, a Alma se torna um objeto de percepção somente quando ela existe com o corpo. Quando livre do sol ou da lua, Rahu poder não pode mais ser visto. Do mesmo modo, a Alma, livre do corpo, não pode mais ser vista. Então, também, como a lua, mesmo quando ela desaparece no décimo quinto dia da

quinzena escura, não é abandonada pelas constelações e as estrelas, a Alma também, mesmo que separada do corpo, não é abandonada pelos resultados dos atos que ela realizou naquele corpo.'"

204

"Manu disse, 'Como em um sonho este (corpo) manifesto repousa (inativo) e o espírito animante em sua forma sutil, separando-se do primeiro, vaga adiante da mesma maneira, no estado chamado de sono profundo (ou morte), a forma sutil com todos os sentidos se torna inativa e a Compreensão, separada destes permanece desperta. O mesmo é o caso com Existência e Não-Existência. Como quando uma quantidade de água está límpida, as imagens refletidas nela podem ser vistas pelo olho, do mesmo modo, se os sentidos estão imperturbados, a Alma pode ser vista pela compreensão. Se, no entanto, a quantidade de água fica agitada, a pessoa que está ao lado dela não pode mais ver aquelas imagens. Similarmente, se os sentidos ficam perturbados, a Alma não pode mais ser vista pela compreensão. Ignorância gera Ilusão. A ilusão afeta a mente. Quando a mente se torna viciada, os cinco sentidos que têm a mente como seu refúgio ficam viciados também. Sobrecarregado com Ignorância, e caído no atoleiro de objetos mundanos, alguém não pode desfrutar das doçuras do contentamento ou tranquilidade. A Alma (assim situada), não separada de suas ações boas e más, volta repetidamente para os objetos do mundo. Pelo pecado a sede de alguém nunca é saciada. A sede de alguém é saciada somente quando o pecado dele é destruído. Por causa da atração por objetos mundanos, a qual tem uma tendência para se perpetuar, uma pessoa deseja coisas além daquelas pelas quais alguém deveria desejar, e consequentemente fracassa em alcançar o Supremo. Da destruição de todos os atos pecaminosos, o conhecimento surge nos homens. Após o aparecimento do Conhecimento, alguém vê a própria Alma na própria compreensão assim como alguém vê o próprio reflexo em um espelho polido. Alguém obtém miséria por seus sentidos serem descontrolados. Alguém obtém felicidade por seus sentidos serem controlados. Portanto, deve-se reprimir a mente por um auto-esforço dos objetos compreendidos pelos sentidos. Acima dos sentidos está a mente; acima da mente está a compreensão; acima da compreensão está a Alma; acima da Alma está o Supremo ou Grandioso. Do Imanifesto surgiu a Alma; da Alma surgiu a Compreensão; da Compreensão surgiu a Mente. Quando a Mente se torna associada com os sentidos, ela então percebe som e os outros objetos dos sentidos. Aquele que rejeita aqueles objetos, como também tudo o que é manifesto, aquele que se liberta de todas as coisas que surgem da matéria primordial (que são todas as formas sutis ou existentes que são compostas dos tanmatras dos elementos mais grosseiros), sendo assim livre, desfruta de imortalidade. O Sol nascendo difunde seus raios. Quando se põe, ele recolhe dentro de si mesmo aqueles mesmos raios que foram difundidos por ele. Do mesmo modo, a Alma, entrando no corpo, obtém os cinco objetos dos sentidos por difundir sobre eles seus raios representados pelos sentidos. Quando, no entanto, ela retrocede, é dito que ela se põe por recolher aqueles raios dentro

de si mesma (ou, recupera sua real natureza). Repetidamente levada pelo caminho que é criado pelas ações, ela obtém os resultados de suas ações por ter seguido a prática de ações. O desejo por objetos dos sentidos se mantém longe de uma pessoa que não se entrega à tal desejo. O próprio princípio do desejo, no entanto, deixa aquele que viu sua alma, a qual, é claro, é totalmente livre do desejo. (Por se abster dos objetos dos sentidos alguém pode vencer seu desejo por eles. Mas ele não consegue só por aquele método se livrar totalmente do próprio princípio de desejo. Quando uma pessoa consegue ver a própria alma o próprio princípio de desejo dela vem a ser suprimido.) Quando a Compreensão, livre da atração pelos objetos dos sentidos, se torna fixa na mente, então alguém consegue alcançar Brahma, pois é lá que a mente, com a compreensão recolhida dentro dela, pode possivelmente ser extinta. Brahma não é um objeto de tato, ou de audição, ou de paladar, ou de visão, ou de olfato, ou de qualquer inferência dedutiva do Conhecido. Somente a Compreensão (quando afastada de tudo mais) pode alcançá-lo. Todos os objetos que a mente percebe através dos sentidos podem ser recolhidos dentro da mente; a mente pode ser recolhida dentro da Compreensão; a Compreensão pode ser recolhida dentro da Alma, e a Alma no Supremo. (A existência separada de um mundo objetivo é negada na primeira parte da frase aqui. Todos os objetos dos sentidos são citados como tendo somente uma existência subjetiva; por isso a possibilidade de eles serem recolhidos dentro da mente.) Os sentidos não podem contribuir para o êxito da mente. A mente não pode entender a Compreensão. A Compreensão não pode entender a Alma manifestada. A Alma, no entanto, que é sutil, contempla eles todos.'"

205

"Manu disse, 'Após o aparecimento de tristeza física e mental, alguém não se torna capaz de praticar yoga. É aconselhável, portanto, não meditar sobre tal tristeza. O remédio para a tristeza é a abstenção de pensar sobre ela. Quando a tristeza é meditada, ela vem agressivamente e aumenta em violência. Deve-se aliviar a tristeza mental pela sabedoria, enquanto a tristeza física deve ser curada por medicamentos. A Sabedoria ensina isto. Não se deve, enquanto sob tristeza, se comportar como uma criança. O homem de sabedoria nunca deve nutrir um desejo por juventude, beleza, duração de vida, acúmulo de riqueza, saúde, e a companhia daqueles que são queridos, todos os quais são transitórios. Alguém não deve sofrer sozinho por uma tristeza que afeta toda uma comunidade. Sem sofrer, ele deve, se ele vir uma oportunidade, procurar aplicar um remédio. Sem dúvida, a medida de tristeza é muito maior do que aquela de felicidade na vida. Para alguém que está contente com os objetos dos sentidos, a morte que é desagradável vem em consequência de sua estupefação. O homem que evita tristeza e alegria em verdade consegue alcançar Brahma. Tais pessoas, que possuem sabedoria, nunca têm que sofrer. Posses mundanas ocasionam tristeza. Em protegê-las tu não poderás ter qualquer felicidade. Elas são também obtidas com miséria. Não se deve portanto, considerar sua perda. O Conhecimento Puro

(ou Brahma) é considerado (por ignorância) como existindo nas diversas formas que são objetos de Conhecimento. Saiba que a mente é somente um atributo do Conhecimento. Quando a mente se torna unida com as faculdades de conhecimento, então a Compreensão (a qual representa as formas das coisas) começa. Quando a Compreensão, livre dos atributos de ação, vem a ser dirigida para a mente (depois de ser retirada dos objetos externos), ela então consegue conhecer Brahma por meditação ou Yoga terminando em completa absorção (samadhi). A Compreensão fluindo da Ignorância, e possuidora dos sentidos e atributos, corre em direção aos objetos externos, como um rio emanando de um topo de montanha e fluindo em direção a outras regiões. Quando a Compreensão, recolhida dentro da mente, consegue se absorver na contemplação que é livre de atributos, ela obtém um conhecimento de Brahma como o toque de ouro em uma pedra de toque. A mente é aquilo que percebe os objetos dos sentidos. Ela deve primeiro ser extinta (antes que Brahma possa ser alcançado). Dependente das qualidades dos objetos que estão diante dela, a mente nunca pode mostrar aquilo que não tem qualidades. Fechando todas as portas constituídas pelos sentidos, a Compreensão deve ser recolhida dentro da mente. Neste estado, quando absorta em contemplação, ela alcança o conhecimento de Brahma. Como as cinco grandes criaturas (em sua forma grosseira) após a destruição dos atributos pelos quais elas são conhecidas, vêm a serem recolhidas (em sua forma sutil chamada Tanmatra), da mesma maneira a Compreensão pode habitar só na mente, com os sentidos todos afastados de seus objetos. Quando a Compreensão, embora possuidora do atributo de certeza, mora na mente, ocupada com a natureza interna, mesmo então ela é só a mente (sem ser algo superior a ela). Quando a mente ou consciência, que alcança excelência através da contemplação, consegue identificar os atributos com aqueles que são considerados como seus possuidores, ela então pode rejeitar todos os atributos e alcançar Brahma que não tem atributos. (Homens comuns consideram todos os objetos como possuidores de uma existência independente, e seus atributos também como coisas diferentes das substâncias as quais os possuem. O primeiro passo a realizar é a convicção que atributos e substâncias são o mesmo, ou que os atributos são as substâncias. O estágio seguinte, é claro, é aniquilar os próprios atributos por meio de contemplação. O resultado disso é a obtenção de Brahma.) Não há indicação que seja digna o suficiente para produzir um conhecimento do que é Imanifesto (Brahma). Aquilo que não pode se converter em assunto de linguagem, não pode ser adquirido por alguém. Com alma purificada, deve-se procurar se aproximar do Brahma Supremo, através da ajuda fornecida por penitências, por inferências, por autodomínio, pelas práticas e observâncias como declaradas para sua própria classe, e pelos Vedas. Pessoas de visão clara (além de verem o Supremo dentro delas mesmas), o procuram até em formas externas por se livrarem dos atributos. O Supremo, que é chamado pelo nome de Jneya (isto é, aquele que deve ser conhecido), pela ausência de todos os atributos ou de sua própria natureza, nunca pode ser compreendido por raciocínio. Quando a Compreensão se torna livre de atributos, somente então ela pode alcançar Brahma. Quando não emancipada dos atributos, ela se retira do Supremo. De fato, tal é a natureza da compreensão que ela se precipita em direção aos atributos e se move entre eles como fogo entre combustível. Como no estado chamado Sushupti (sono profundo e sem sonhos)

os cinco sentidos existem livres de suas respectivas funções, da mesma maneira o Brahma Supremo existe muito acima de Prakriti, livre de todos os seus atributos. As criaturas incorporadas assim se dirigem para a ação por causa dos atributos. Quando elas se abstêm disso, elas alcançam a Emancipação. Algumas também (pela ação) vão para o céu. A criatura viva, a natureza primordial, a compreensão, os objetos dos sentidos, os sentidos, a consciência, a convicção de identidade pessoal, são chamados de criaturas (pois eles estão sujeitos à destruição). A criação original de todos estes fluiu do Supremo. Sua segunda criação ou seguinte é devido à ação de duplas ou pares (de sexos opostos) e está limitada a todas as coisas salvo os cinco primordiais, e é restringida por leis pelas quais a mesma espécie produz a mesma espécie. Da virtude criaturas (vivas) obtêm um fim excelente, e da pecaminosidade elas ganham um fim que é inferior. Aquele que não se emancipou das atrações encontra o renascimento; enquanto aquele que é emancipado delas alcança o Conhecimento (ou Brahma).'"

206

"Manu disse, 'Quando os cinco atributos estão unidos com os cinco sentidos e a mente, então Brahma é visto pelo indivíduo como um fio passando através de uma pedra preciosa. Como um fio, além disso, pode se encontrar dentro de ouro ou pérola ou coral ou algum objeto feito de terra, assim mesmo a alma de alguém, por causa de suas próprias ações, pode viver dentro de uma vaca, um cavalo, um homem, um elefante, ou outro animal qualquer, ou dentro de um verme ou um inseto. Os bons feitos que um indivíduo realiza em um corpo específico produzem recompensas que ele desfruta naquele corpo específico. Um solo, aparentemente molhado com um tipo específico de líquido, fornece para cada espécie diferente de erva ou planta que cresce nele o tipo de suco que ela requer para si mesma. Da mesma maneira, a Compreensão, cujo curso é testemunhado pela alma, é obrigada a seguir o caminho marcado pelas ações de vidas anteriores. Do conhecimento surge o desejo. Do desejo surge a resolução. Da resolução flui a ação. Da ação procedem os frutos (isto é, consequências, boas e más). Os frutos, portanto, são dependentes de ações como sua causa. As ações têm a compreensão como sua causa. A compreensão tem o conhecimento como sua causa; e o conhecimento tem a Alma como sua causa. Aquele resultado excelente que é alcançado em consequência da destruição do conhecimento, dos frutos, da compreensão, e das ações, é chamado de Conhecimento de Brahma. (O primeiro 'conhecimento' se refere à percepção da verdadeira conexão entre Alma e não-Alma. 'Frutos' significa as formas físicas que são obtidas em novos nascimentos. A destruição da compreensão ocorre quando os sentidos e a mente são recolhidos dentro dela e todos eles, unidos, são dirigidos para a Alma.) Grandiosa e sublime é aquela Essência auto-existente, que os yogins contemplam. Aqueles que são desprovidos de sabedoria, e cujas compreensões estão dedicadas a posses mundanas nunca vêem aquilo que existe na própria Alma. Água é superior à Terra em extensão; Luz é superior à Água; Vento é superior à Luz; Espaço é superior ao Vento; Mente é superior ao Espaço; Compreensão é superior à Mente; Tempo é

superior à Compreensão. O divino Vishnu, de quem é este universo, é superior ao Tempo. Aquele deus não tem início, meio, e fim. Por ele ser sem início, meio, e fim, ele é Imutável. Ele transcende toda a tristeza, pois a tristeza tem limites. (A tristeza surge da relação do conhecedor e do conhecido. Todas as coisas que dependem daquela relação são transitórias. Elas não podem formar parte daquilo que é eterno e que transcende aquela relação.) Aquele Vishnu tem sido chamado de Brahma Supremo. Ele é o refúgio ou objeto daquilo que é chamado de O Mais Sublime. Conhecendo Ele, aqueles que são sábios, livres de tudo o que possui o poder do Tempo, alcançam o que é chamado de Emancipação. Todos estes (que nós percebemos) estão expostos em atributos. Aquilo que é chamado de Brahma, sendo sem atributos, é superior a estes. Abstenção das ações é a religião mais elevada. Aquela religião sem dúvida leva à imortalidade (Emancipação). Os Richs, o Yajuses, e os Samans, têm o corpo como seu refúgio. Eles fluem do fim da língua. Eles não podem ser adquiridos sem esforço e estão sujeitos à destruição. Brahma, no entanto, não pode ser adquirido dessa maneira, pois (sem depender do corpo) ele depende daquele que tem o corpo como seu refúgio (isto é, o conhecedor ou Alma). Sem início, meio, ou fim, Brahma não pode ser adquirido por esforço (como aquele que é necessário para a aquisição dos Vedas). Os Richs, os Samans, os Yajuses têm cada um início. Aquilo que tem um início tem também um fim. Mas Brahma é citado como sem início. E porque Brahma não tem nem início nem fim, ele é citado como sendo infinito e imutável. Por imutabilidade, Brahma transcende toda a tristeza como também todos os pares de opostos. Por destino desfavorável, por incapacidade para descobrir os meios apropriados, e pelos obstáculos oferecidos pelas ações, os mortais não conseguem ver o caminho pelo qual Brahma pode ser alcançado. Por causa da atração por posses mundanas, de uma visão das alegrias do céu mais elevado, e de cobiçarem alguma coisa a não ser Brahma, os homens não alcançam o Supremo. (Os próprios Yogins, se levados pelo desejo de obter poderes extraordinários e a beatitude do mais alto céu não vêem o Supremo.) Outros vendo objetos mundanos cobiçam sua posse. Desejosos de tais objetos, eles não têm desejo por Brahma por Ele transcender todos os atributos. Como aquele que está apegado a atributos que são inferiores chegará ao conhecimento daquele que é possuidor de atributos que são superiores? É por inferência que se pode chegar a um conhecimento dele que transcende tudo isso em atributos e forma. Somente pela inteligência sutil nós podemos conhecê-lo. Nós não podemos descrevê-lo em palavras. A mente pode ser apreendida pela mente, a visão pela visão. (Aquilo que é chamado de mundo externo não tem existência objetiva. Ele é puramente subjetivo. Então, é a mente que vê e ouve e toca a própria mente.) Pelo conhecimento a compreensão pode ser purificada de sua escória. A compreensão pode ser empregada para purificar a mente. Pela mente os sentidos devem ser controlados. Realizando tudo isso, alguém pode alcançar o Imutável. Alguém que, pela contemplação, se tornou livre de apegos, e que foi enriquecido pela posse de uma mente perspicaz, consegue alcançar Brahma que não tem desejos e que está acima de todos os atributos. Como o vento se mantém longe do fogo que está embutido dentro de um pedaço de madeira, assim mesmo pessoas que estão agitadas (pelo desejo por posses mundanas) se mantêm afastadas daquele que é Supremo. Após a destruição de todos os objetos mundanos a mente sempre

alcança Aquele que é maior do que a Compreensão; enquanto em sua separação a mente sempre alcança aquilo que está abaixo da Compreensão. A pessoa que, em conformidade com o método já descrito, se torna engajada em destruir objetos mundanos, alcança absorção no corpo de Brahma. (O que se quer dizer pela destruição de 'guna' ou atributo ou objetos mundanos é fundi-los em buddhi por meio de yoga; em outras palavras, um retraimento dos sentidos na mente, e dos sentidos e da mente na compreensão. 'Em sua separação' quer dizer quando acredita-se que esses objetos são reais e como existindo independentemente da mente. O resultado disso seria a aquisição de 'budhyavara,' implicando a aquisição daqueles mesmos objetos.) Embora a Alma seja imanifesta; contudo quando vestida com qualidades, seus atos se tornam imanifestos. Quando a dissolução (do corpo) chega, ela mais uma vez se torna manifesta. A Alma é realmente inativa. Ela existe, unida com os sentidos que produzem felicidade ou tristeza. Unida com todos os sentidos e dotada de corpo, ela se refugia nos cinco elementos primordiais. Por falta de poder, no entanto, ela fracassa em agir quando privada de força pelo Supremo e Imutável. Nenhum homem vê o fim da terra mas sabe disso, isto é, que o fim da terra certamente virá. (O que é dito aqui é que Felicidade e Tristeza têm um fim, embora ele não possa ser visto, e a Alma seguramente chegará ao seu lugar de descanso final. Isto está de acordo com a doutrina de progresso espiritual infinito.) O homem, agitado aqui (pelas atrações), é levado com certeza para seu último refúgio como o vento levando um barco lançado ao mar para um porto seguro finalmente. O Sol, espalhando seus raios, se torna o possuidor de um atributo, (isto é, o iluminador do mundo); recolhendo seus raios (na hora de se pôr), ele mais uma vez se torna um objeto desprovido de atributos. Do mesmo modo, uma pessoa, abandonando todas as distinções (atrações), e se dirigindo a penitências, finalmente entra no indestrutível Brahma que é privado de todos os atributos. Por discernir Ele que é sem nascimento, que é o maior refúgio de todas as pessoas corretas, que é auto-nascido, de quem tudo surge e para quem todas as coisas retornam, que é imutável, que é sem início, meio, e fim, e que é a própria certeza e o supremo, uma pessoa alcança imortalidade (Emancipação).'"

207

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu de grande sabedoria, eu desejo ouvir em detalhes, ó chefe dos Bharatas, sobre aquele de olhos de lótus e indestrutível, que é o Criador de tudo mas que não foi criado por ninguém, que é chamado de Vishnu (por ele permear tudo), que é a origem de todas as criaturas e para quem todas as criaturas retornam, que é conhecido pelos nomes de Narayana e Hrishikesa e Govinda e Kesava, e que não pode ser vencido por ninguém.'"

"Bhishma disse, 'Eu ouvi sobre este assunto do filho de Jamadagni, Rama, enquanto ele discursava sobre isso; do Rishi celeste Narada, e de Krishna-Dwaipayana. Asita-Devala, ó filho, Valmiki de penitências austeras, e Markandeya falam de Govinda como o mais Maravilhoso e o Supremo. Kesava, ó chefe da linhagem de Bharata, é o divino e pujante Senhor de tudo. Ele é chamado de

Purusha, e permeia tudo, tendo se feito muitos. Escute agora, ó Yudhishthira de braços poderosos, àqueles atributos os quais grandes Brahmanas dizem que são encontrados no manejador de grande alma de Saranga. Eu irei também, ó príncipe de homens, narrar para ti aqueles atos que as pessoas conhecedoras das histórias antigas atribuem a Govinda. Ele é citado como a Alma de todas as criaturas, de grande alma, e o principal de todos os seres. Ele criou (por sua vontade) os cinco elementos, isto é, Vento, Luz, Água, Espaço, e Terra. Aquele poderoso Senhor de todas as coisas, aquele de grande alma, aquele principal de todos os seres, tendo criado a terra, deitou-se sobre a superfície das águas. Enquanto assim flutuando sobre as águas, aquele principal de todos os seres, aquele refúgio de todos os tipos de energia e esplendor, criou a Consciência, o primogênito dos seres no universo. Nós temos ouvido que Ele criou a Consciência junto com a Mente; Consciência a qual é o refúgio de todas as coisas criadas. Aquela Consciência mantém todas as criaturas e o passado e o futuro. Depois que aquele Grande Ser, ó poderosamente armado, isto é, a Consciência, tinha surgido, um lótus extremamente belo, possuidor de resplendor como o do Sol, cresceu do umbigo do Ser Supremo (flutuando nas águas). Então, ó filho, o ilustre e divino Brahman, o Avô de todas as criaturas, surgiu daquele lótus, iluminando todos os pontos do horizonte com sua refulgência. Depois que o Avô de grande alma tinha, ó tu de braços poderosos, assim surgido do lótus primordial, um grande Asura de nome Madhu, não tendo início, nasceu, surgindo do atributo de Escuridão (Tamas). O principal de todos os seres, (isto é, a Divindade Suprema), para beneficiar Brahman, matou aquele Asura feroz de atos violentos, empenhado mesmo então no ato violento (de matar o Avô). A partir daquela morte, ó filho, (do Asura chamado Madhu), todos os deuses e os Danavas e os homens vieram a chamar aquela principal de todas as pessoas justas pelo nome de Madhusudana (matador de Madhu). Depois disto, Brahman criou, por um decreto de sua vontade, sete filhos com Daksha completando a conta. Eles eram Marichi, Atri, Angiras, Pulastya, Pulaha, Kratu, (e o já mencionado Daksha). O primogênito, isto é, Marichi, gerou, por um decreto de sua vontade, um filho chamado Kasyapa, cheio de energia e a principal de todas as pessoas conhecedoras de Brahma. Do dedo de seu pé, Brahman tinha, mesmo antes do nascimento de Marichi, criado um filho. Aquele filho, ó chefe da linhagem de Bharata, era Daksha, o progenitor de criaturas. (Prajapati literalmente significa 'senhor de criaturas.' Ele é um nome aplicado àqueles filhos de Brahman que geraram descendentes.) Para Daksha primeiro nasceram treze filhas, ó Bharata, a mais velha das quais se chamava Diti. O filho de Marichi, Kasyapa, ó majestade, que era familiarizado com todos os deveres e suas distinções, que era de atos justos e grande fama, tornou-se o marido daquelas treze filhas. O altamente abençoado Daksha (além das treze já citadas) gerou em seguida dez outras filhas. O progenitor de criaturas, isto é, o justo Daksha, as entregou para Dharma. Dharma se tornou pai dos Vasus, dos Rudras de energia incomensurável, dos Viswedevas, dos Sadhyas, e dos Maruts, ó Bharata. Daksha em seguida gerou vinte e sete outras filhas jovens. O altamente abençoado Soma tornou-se o marido delas todas. As outras esposas de Kasyapa deram nascimento a Gandharvas, cavalos, aves, vacas, Kimpurushas, peixes, e árvores e plantas. Aditi deu à luz os Adityas, os principais entre os deuses, e possuidores de grande força. Entre eles Vishnu nasceu na forma de um anão.

Também chamado de Govinda, ele se tornou o principal deles todos. Por causa de sua destreza, a prosperidade dos deuses aumentou. Os Danavas foram derrotados. A prole de Diti foram os Asuras. Danu deu nascimento aos Danavas tendo Viprachitti como seu principal. Diti deu nascimento a todos os Asuras de grande força.'"

"O matador de Madhu também criou o Dia e a Noite, e as Estações em sua ordem, e a Manhã e o Entardecer. Depois de reflexão, ele também criou as nuvens, e todos os (outros) objetos móveis e imóveis. Possuidor de energia abundante, ele também criou os Viswas e a terra com todas as coisas sobre ela. Então o altamente abençoado e pujante Krishna, ó Yudhishthira, mais uma vez criou de sua boca uma centena de Brahmanas principais. De seus dois braços, ele criou uma centena de Kshatriyas, e de suas coxas uma centena de Vaisyas. Então, ó touro da raça Bharata, Kesava criou de seus dois os pés uma centena de Sudras. Possuidor de grande mérito ascético, o matador de Madhu, tendo assim criado as quatro classes de homens, fez Dhatri (Brahman) o senhor e soberano de todos os seres criados. De esplendor incomensurável, Brahman veio a ser também o expositor do conhecimento dos Vedas. E Kesava fez ele, chamado Virupaksha, o soberano dos espíritos e fantasmas e daqueles seres femininos chamados de Matrikas (mães). E ele fez Yama o soberano dos Pitris e de todos os homens pecaminosos. A Alma Suprema de todas as criaturas também fez Kuvera o senhor de todos os tesouros. Ele então criou Varuna o senhor das águas e governador de todos os animais aquáticos. O pujante Vishnu fez Vasava o chefe de todas as divindades. Naqueles tempos, os homens viviam tanto quando eles escolhiam viver, e não tinham qualquer medo de Yama. Ato sexual, ó chefe dos Bharatas, então não era necessário para perpetuar a espécie. Naqueles dias descendência era gerada por decreto da vontade. Na era que se seguiu, isto é, Treta, filhos eram gerados somente pelo toque. As pessoas daquela era, ó monarca, estavam acima da necessidade de ato sexual. Foi na era seguinte, isto é, Dwapara, que a prática da ato sexual se originou, ó rei, para prevalecer entre o gênero humano. Na era Kali, ó monarca, os homens vieram a se casar e viver em pares.'"

"Eu agora te falei do Senhor supremo de todas as criaturas. Ele é também chamado de Soberano de tudo e de todos. Eu te falarei agora, ó filho de Kunti, sobre as criaturas pecaminosas da terra. Ouça-me. Aqueles homens, ó rei, são nascidos na região sul e são chamados de Andrakas, Guhas, Pulindas, Savaras, Chuchukas, Madrakas. Aqueles que nasceram na região norte, eu também mencionarei. Eles são Yamas, Kamvojas, Gandharas, Kiratas e Barbaras. Todos eles, ó majestade, são pecaminosos, e se movem sobre esta Terra, caracterizados por práticas similares àquelas de Chandalas e corvos e urubus. Na era Krita, ó majestade, eles não estavam em lugar algum sobre a terra. Foi a partir da era Treta que eles tiveram sua origem e começaram a se multiplicar, ó chefe da linhagem de Bharata. Quando chegou o período terrível, juntando Treta e Dwapara, os Kshatriyas, se aproximando um dos outros, se envolveram em combate.'"

"Assim, ó chefe da família de Kuru, este universo teve seu nascimento por Krishna de grande alma. Aquele observador de todos os mundos, isto é, o Rishi celeste Narada, disse que Krishna é o Deus Supremo. Até Narada, ó rei, admite a supremacia de Krishna e sua eternidade, ó chefe de braços poderosos da linhagem de Bharata. Assim, ó de braços fortes, é Kesava de destreza invencível. Aquele de olhos de lótus não é um mero homem. Ele é inconcebível.'"

208

"Yudhishthira perguntou, 'Quem eram os primeiros Prajapatis, ó touro da raça Bharata? Quais Rishis altamente abençoados há em existência e em quais pontos do horizonte cada um deles mora?'"

"Bhishma disse, 'Ouça-me, ó chefe dos Bharatas, acerca do que tu me perguntaste. Eu te direi quem eram os Prajapatis e quais Rishis são mencionados como habitando em qual ponto do horizonte. Havia a princípio um Eterno, Divino, e Nascido por Si Mesmo Brahman. Brahman auto-nascido gerou sete filhos ilustres. Eles eram Marichi, Atri, Angiras, Pulastya, Pulaha, Kratu, e o altamente abençoado Vasishtha que era igual ao próprio auto-nascido. Estes sete filhos são mencionados nos Puranas como sete Brahmanas. Eu agora mencionarei todos os Prajapatis que vieram depois destes. Na linhagem de Atri nasceu o eterno e divino Varhi, o antigo, que tinha penitências como sua origem. De Varhi, o antigo, surgiram os dez Prachetasas. Os dez Prachetasas tiveram um filho entre eles, isto é, o Prajapati chamado pelo nome de Daksha. O último tinha dois nomes no mundo, isto é, Daksha e Kasyapa. Marichi teve um filho chamado Kasyapa. Este último também tinha dois nomes. Alguns o chamavam de Arishtanemi, e alguns de Kasyapa. Atri teve outro filho, o belo e magnífico Soma de grande energia. Ele realizou penitências por mil Yugas celestes. O divino Aryaman e aqueles que nasceram para ele como seus filhos, ó monarca, são descritos como determinadores de ordens e criadores de todas as criaturas. Sasavindu teve dez mil esposas. Em cada uma delas seu marido gerou mil filhos, e assim a conta alcançou dez milhões. Aqueles filhos se recusaram a chamar alguém mais salvo eles mesmos como Prajapatis. Os Brahmanas antigos concederam um título às criaturas do mundo, derivadas de Sasavindu. Aquela linhagem extensa do Prajapati Sasavindu tornou-se com o tempo a progenitora da linhagem Vrishni. Estes que eu mencionei são célebres como os ilustres Prajapatis. Depois disto, eu mencionarei as divindades que são os senhores dos três mundos. Bhaga, Ansa, Aryyaman, Mitra, Varna, Savitri, Dhatri, Vivaswat de grande poder, Tvashtri, Pushan, Indra, e Vishnu conhecido como o décimo segundo, estes são os doze Adityas, todos nascidos de Kasyapa. Nasatya e Dasra são mencionados como os dois Aswins. Estes dois são os filhos do ilustre Martanda, o oitavo na conta acima. Estes foram chamados primeiro os deuses e as duas classes de Pitris. Tvashtri teve muitos filhos. Entre eles estavam os belos e famosos Viswarupa, Ajaikapat, Ahi, Bradhna, Virupaksha, e Raivata. Então havia Hara e Vahurupa, Tryamvaka, o chefe das Divindades, e Savitrya, Jayanta e Pinaki, o invencível. Os altamente abençoados Vasus, oito em número, foram outrora enumerados por mim. Eles

foram reconhecidos como deuses no tempo do Prajapati Manu. Estes foram a princípio chamados de deuses e de Pitris. Entre os Siddhas e os Sadhyas haviam duas classes por conduta e juventude. As divindades foram antigamente consideradas como sendo de duas classes, isto é, os Ribhus e os Maruts. Assim os Viswas, os deuses e os Aswins, foram enumerados. Entre eles, os Adityas são Kshatriyas, e os Maruts são Vaisyas. Os dois Aswins, engajados em penitências severas, são citados como Sudras. As divindades surgidas da linha de Angirasa são citadas como Brahmanas. Isto é certo. Assim eu te falei sobre as quatro classes entre os deuses. A pessoa que, depois de levantar de sua cama pela manhã, recita os nomes destas divindades, é purificada de todos os seus pecados sejam estes cometidos por ele intencionalmente ou sem querer, ou nascidos de seu relacionamento com outros. Yavakriti, Raivya, Arvavasu, Paravasu, Ausija, Kashivat, e Vala são citados como os filhos de Angiras. Estes, e Kanwa, filho do Rishi Medhatithi, e Varhishada, e os sete bem conhecidos Rishis que são os progenitores dos três mundos, todos residem no Leste. Unmucha, Vimucha, Svastyatreya de grande energia, Pramucha, Idhmavaha, e o divino Dridhavrata, e o filho de Mitravaruna, Agastya de grande energia, estes Rishis regenerados residem todos no sul. Upangu, Karusha, Dhaumya, Parivyadha de grande energia, e aqueles grandiosos Rishis chamados Ekata, Dwita, e Trita, e o filho de Atri, isto é, o ilustre e pujante Saraswata, estes de grande alma residem no oeste. Atreya, e Vasishtha, e o grande Rishi Kasyapa, e Gautama, Bharadwaja, e Viswamitra, o filho de Kusika, e o ilustre filho de Richika de grande alma, isto é, Jamadagni, este sete vivem no norte. Assim eu te falei sobre os grandiosos Rishis de energia ardente que vivem nos diferentes pontos do horizonte. Aqueles de grandes almas são as testemunhas do universo, e são os criadores de todos os mundos. Dessa maneira eles moram em seus respectivos quadrantes. Por recitar seus nomes alguém se purifica de todos os seus pecados. Uma pessoa por se dirigir àqueles pontos vem a ser purificada de todos os seus pecados e consegue voltar para casa em segurança.'"

209

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu de grande sabedoria e bravura invencível em batalha, eu desejo ouvir em detalhes sobre Krishna que é imutável e onipotente. Ó touro entre homens, me fale realmente tudo sobre sua grande energia e as grandes façanhas realizadas por ele nos tempos passados. Por que aquele pujante assumiu a forma de um animal, e para realizar qual ato específico? Diga-me tudo isso, ó guerreiro poderoso!'"

"Bhishma disse, 'Antigamente, em uma ocasião, quando fora caçando, eu cheguei ao eremitério de Markandeya. Lá eu vi diversas classes de ascetas sentados aos milhares. Os Rishis me honraram pela oferta de mel e coalhos. Aceitando seu culto, eu os saudei com reverência em retorno. O que eu narrarei a seguir foi narrado lá pelo grandioso Rishi Kasyapa. Escute com atenção aquele relato excelente e encantador. Nos tempos passados, os principais Danavas, dotados de ira e cupidez, e Asuras poderosos contados às centenas e

embriagados com poder, e inúmeros outros Danavas que eram invencíveis em batalha, ficaram extremamente ciumentos da prosperidade inigualável dos deuses. Oprimidos (finalmente) pelos Danavas, os deuses e os Rishis celestes, fracassando em obter paz, fugiram em todas as direções. Os habitantes do céu viram a terra parecendo com alguém mergulhado em angústia dolorosa. Coberta com poderosos Danavas de aparência terrível, a terra parecia estar oprimida com um peso opressivo. Triste e agoniada, ela parecia estar afundando nas profundidades inferiores. Os Adityas, tomados pelo medo, foram até Brahman, e se dirigindo a ele, disseram, 'Como, ó Brahman, nós continuaremos a aguentar essas opressões dos Danavas?' O Nascido por Si Mesmo respondeu a eles, dizendo, 'Eu já ordenei o que é para ser feito nesse assunto. Dotados de bênçãos, e possuidores de poder, e inchados de orgulho, aqueles patifes insensatos não sabem que Vishnu de forma invisível, aquele Deus incapaz de ser derrotado pelas próprias divindades todas agindo juntas, assumiu a forma de um javali. Aquela Divindade Suprema, se apressando para o local onde aqueles canalhas entre os Danavas, de aspecto terrível, estão residindo aos milhares abaixo da terra, matará eles todos.' Ouvindo estas palavras do Avô, as principais entre as divindades sentiram grande alegria. Algum tempo depois, Vishnu de energia poderosa, envolvido na forma de um Javali, penetrando nas regiões inferiores, avançou contra aquela prole de Diti. Vendo aquela criatura extraordinária, todos os Daityas, se unindo e estupefatos pelo Tempo, procederam rapidamente contra ele para exercerem sua força, e ficaram circundando-o. Logo depois, todos eles avançaram contra aquele Javali e o agarraram simultaneamente. Cheios de raiva eles se esforçaram para arrastar o animal de todos os lados. Aqueles principais dos Danavas, de corpos enormes, possuidores de energia imensa, inchados com força, não conseguiram, no entanto, ó monarca, fazer qualquer coisa para aquele Javali. Nisto eles se surpreenderam muito e então se encheram de medo. Constando de milhares, eles consideraram que sua última hora tinha chegado. Então aquele Deus Supremo de todos os deuses, tendo yoga como sua alma e yoga como seu companheiro, ficou absorto em yoga, ó chefe dos Bharatas, e começou a proferir rugidos tremendos, agitando aqueles Daityas e Danavas. Todos os mundos e os dez pontos do horizonte ressoaram com aqueles rugidos, os quais, por esta razão, agitaram todas as criaturas e as encheram de medo. Os próprios deuses com Indra em sua liderança ficaram aterrorizados. Todo o universo ficou quieto por causa daquele som. Foi uma hora terrível. Todos os seres móveis e imóveis ficaram estupefatos por aquele som. Os Danavas, apavorados por aquele som, começaram a cair sem vida, paralisados pela energia de Vishnu. O Javali, com seus cascos, começou a perfurar aqueles inimigos dos deuses, aqueles habitantes das regiões inferiores, e rasgar sua carne, gordura, e ossos. Por aqueles rugidos tremendos, Vishnu veio a ser chamado pelo nome de Sanatana. (Esta é certamente uma etimologia singular da palavra Sanatana, a qual comumente implica eterno.) Ele também é chamado de Padmanabha. Ele é o principal dos yogins. Ele é o Preceptor de todas as criaturas, e seu Senhor supremo. Todas as tribos de deuses então foram ao Avô. Chegando ao local, aqueles ilustres se dirigiram ao Senhor do universo, dizendo, 'Que tipo de barulho é este, ó pujante? Nós não compreendemos isso. Quem é este, ou de quem é este som pelo qual o universo ficou estupefato? Com a energia deste som ou de

seu fazedor, todos os deuses e os Danavas foram privados de seus sentidos.' Enquanto isso, ó poderosamente armado, Vishnu em sua forma Porcina estava na visão dos deuses reunidos, seus louvores cantados pelos grandes Rishis.'"

"O Avô disse, 'Aquele é o Deus Supremo, o Criador de todos os seres, a alma de todas as criaturas, o principal de todos os yogins. De corpo enorme e grande força, ele vem aqui, tendo matado os principais entre os Danavas. Ele é o Senhor de todos os seres, o mestre de yoga, o grande asceta, a Alma de todos os seres vivos. Fiquem calmos, todos vocês. Ele é Krishna, o destruidor de todos os obstáculos e impedimentos. Aquele Deus Supremo, de esplendor incomensurável, aquele grande refúgio de todas as bênçãos, tendo realizado a façanha mais difícil que é incapaz de ser realizada por outros, voltou para sua própria natureza pura. É Ele de cujo umbigo o lótus primordial surgiu. Ele é o principal dos yogins. De alma suprema, Ele é o criador de todos os seres. Não há necessidade de tristeza ou medo ou angústia, ó principais dos deuses! Ele é o Ordenador. Ele é o Princípio Criador. Ele é o Tempo todo-destrutivo. É Ele que sustém todo o mundo. Os rugidos que alarmaram vocês estão sendo proferidos por aquele de grande alma. De braços poderosos, Ele é o objeto do culto universal. Incapaz de sofrer deterioração, aquele de olhos de lótus é a origem de todos os seres e seu senhor.'"

210

"Yudhishthira disse, 'Fale-me, ó majestade, daquele yoga superior pelo qual, ó Bharata, eu posso alcançar a Emancipação, ó principal dos oradores, eu realmente desejo saber tudo acerca daquele yoga.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga narrativa da conversa entre um preceptor e seu discípulo sobre o assunto da Emancipação. Havia um preceptor regenerado que era o principal dos Rishis. Ele parecia com uma massa de esplendor. Possuidor de uma alma elevada, ele era firme em verdade e um mestre completo de seus sentidos. Uma vez, um discípulo de grande inteligência e atenção concentrada, desejoso de obter o que era para o seu maior bem, tocou os pés do preceptor, e permanecendo com mãos unidas diante dele, disse, 'Se, ó ilustre, tu estás satisfeito com o culto que tenho te oferecido, cabe a ti esclarecer uma grande dúvida minha. De onde eu sou e de onde tu és? Diga-me isto integralmente. Diga-me também qual é a causa final. Por que também, ó melhor dos regenerados, quando a causa material em todos seres é a mesma, sua origem e destruição acontecem de tais modos diferentes? Cabe a ti, ó tu de grande erudição, também explicar o objetivo das declarações nos Vedas (sobre a diferença de ritos em relação às diferentes classes de homens), o significado das injunções dos Smritis e daquelas injunções que se aplicam a todos os casos de homens.'" (O sentido é que quando todos os homens são iguais em relação à sua causa material, por que há tais diferenças nos srutis e smritis sobre os deveres de homens?)

"O preceptor disse, 'Ouça, ó discípulo, ó tu de grande sabedoria! Isto que tu me perguntaste está oculto nos próprios Vedas e é o assunto mais elevado para pensamento ou discurso. Ele é chamado de Adhyatma e é o mais valioso de todos os ramos de ciência e de todos os institutos sagrados. Vasudeva é a (causa) Suprema do universo. Ele é a origem dos Vedas (isto é, Om). Ele é Verdade, Conhecimento, Sacrifício, Renúncia, Autodomínio, e Retidão. Pessoas conhecedoras dos Vedas conhecem Ele como Aquele que permeia tudo, Eterno, Onipresente, o Criador e o Destruidor, o Imanifesto, Brahma, Imutável. Ouça agora a história dele que nasceu na linhagem de Vrishni. Um Brahmana deve ouvir a respeito da grandeza daquele Deus de deuses, isto é, Ele chamado Vishnu de energia incomensurável, dos lábios de Brahmanas. Uma pessoa da classe real deve ouvi-la de pessoas daquela classe. Um Vaisya deve ouvi-la de Vaisyas, e um Sudra de grande alma deve ouvi-la de Sudras. Tu mereces ouvi-la. Escute agora ao relato auspicioso de Krishna, aquela narrativa que é a principal de todas as narrativas. Vasudeva é a roda do Tempo, sem início e sem fim. Existência e Não-Existência são os atributos pelos quais Sua natureza real é conhecida. O universo gira como uma roda dependendo daquele Senhor de todos os seres. Ó melhor dos homens, Kesava, aquele principal de todos os seres, é citado como aquele que é Indestrutível, que é Imanifesto, que é Imortal, Brahma, e Imutável. O mais sublime dos sublimes, e ele mesmo sem mudança ou deterioração, ele criou os Pitris, os deuses, os Rishis, os Yakshas, os Rakshasas, os Nagas, os Asuras, e os seres humanos. É Ele também quem criou os Vedas e os deveres eternos e costumes de homens. Tendo reduzido tudo à não-existência, ele uma vez mais, no início de um (novo) yuga, cria Prakriti (matéria primordial). Como os diversos fenômenos das várias estações aparecem uns depois dos outros de acordo com a estação que chega, da mesma maneira as criaturas começam a existir no início de cada yuga (celeste). Correspondente com aquelas criaturas que começam a viver é o conhecimento das regras e deveres que têm por seu objetivo o regulamento do curso do mundo. (No começo de todo yuga celeste, isto é, quando o Ser Supremo despertando do sono deseja criar criaturas mais uma vez, as criaturas ou seres começam a existir novamente. Com tal começo de todos os seres, as regras que regulam suas ações e relações também surgem, pois sem um conhecimento daquelas regras a nova criação logo seria um caos e chegaria ao fim. Dessa maneira quando homem e mulher começam a existir, eles não comem um ao outro mas se unem para perpetuar a espécie. Com o aumento da espécie humana, além disso, surge um conhecimento em todo peito dos deveres de retidão e das diversas outras práticas, todas as quais ajudam a regular a nova criação até que o próprio Criador, no fim do yuga, mais uma vez recolha tudo em si mesmo.) No fim de todo yuga (celeste, quando a destruição Universal começa), os Vedas e todas as outras escrituras desaparecem (como o resto). Pela graça do Auto-nascido, os grandes Rishis, através de suas penitências, primeiro re-adquirem os Vedas e as escrituras perdidas. O Auto-nascido (Brahman) adquiriu primeiro os Vedas. Seus ramos chamados Angas foram primeiro adquiridos por Vrihaspati (o preceptor celeste). O filho de Bhrigu, (Sukra) adquiriu primeiro a ciência de moralidade que é tão benéfica para o universo. A ciência de música foi adquirida por Narada; a de armas por Bharadwaja; a história dos Rishis celestes por Gargya, aquela da medicina pelo filho de cor escura de Atri. Diversos outros

Rishis, cujos nomes estão relacionados com elas, promulgaram diversas outras ciências tais como Nyaya, Vaiseshika, Sankhya, Patanjala, etc. Que aquele Brahma o qual aqueles Rishis têm indicado por argumentos retirados da razão, por meio dos Vedas, e por inferências retiradas da evidência direta dos sentidos, seja adorado. Nem os deuses nem os Rishis eram (a princípio) capazes de compreender Brahma, que é sem início e que é o mais alto dos altos. Somente o criador divino de todas as coisas, isto é, o pujante Narayana, tinha conhecimento de Brahma. De Narayana, os Rishis, os principais entre as divindades e os Asuras, e os sábios reais de antigamente, derivaram o conhecimento daquele grande remédio da cura da tristeza. Quando a matéria primordial produz existências através da energia primordial, o universo com todas as suas potências começa a fluir disto. De uma lâmpada acesa milhares de outras lâmpadas podem ser acesas. Da mesma maneira, a matéria primordial produz milhares de coisas existentes. Por causa, também, de sua infinidade, a matéria primordial nunca se esgota. Do Imanifesto flui a Compreensão determinada pelas ações. A Compreensão produz a Consciência. Da Consciência procede o Espaço. Do Espaço procede o Vento. Do Vento procede o Calor. Do Calor procede a Água, e da Água é produzida a Terra. Estes oito constituem a Prakriti primordial. O universo se apóia neles. Daqueles Oito se originaram os cinco órgãos de conhecimento, os cinco órgãos de ação, os cinco objetos dos (primeiros cinco) órgãos, e o único, isto é, a Mente, formando o décimo sexto, o qual é o resultado da modificação deles. O ouvido, a pele, os dois olhos, a língua, e o nariz são os cinco órgãos de conhecimento. Os dois pés, o ducto inferior, o órgão de geração, os dois braços, e a fala, são os cinco órgãos de ação. Som, toque, forma, gosto, e cheiro são os cinco objetos dos sentidos, cobrindo todas as coisas. A Mente se estende sobre todos os sentidos e seus objetos. Na percepção de gosto, é a Mente que se torna a língua, e na fala é a Mente que se torna palavras. Dotada dos diferentes sentidos, é a Mente que se torna todos os objetos que existem em sua percepção. Estes dezesseis, existindo em suas respectivas formas, devem ser conhecidos como divindades. Estes adoram Aquele que cria todo o conhecimento e que mora dentro do corpo. Paladar é o atributo da água; olfato é o atributo da terra; a audição é o atributo do espaço; a visão é o atributo do fogo ou luz; e o tato deve ser conhecido como o atributo do vento. Este é o caso com todas as criaturas sempre. A Mente, é dito, é o atributo da existência. A existência surge do Imanifesto (de Prakriti), o qual, toda pessoa inteligente deve saber, se apóia naquele que é a Alma de todos os seres existentes. Estas existências, dependendo da Divindade suprema que está acima de Prakriti e que é sem qualquer inclinação para ação, sustenham todo o universo de móveis e imóveis. Este edifício sagrado de nove portas (isto é, o corpo) é dotado de todas essas existências. Aquilo que está acima delas, a Alma, mora dentro dele, permeando-o completamente. Por esta razão, ela é chamada de Purusha. A Alma é sem decadência e não está sujeita à morte. Ela tem conhecimento do que é manifesto e do que é imanifesto. Ela também penetra tudo, é possuidora de atributos, sutil, e o refúgio de todas as existências e atributos. Como uma lâmpada revela todos os objetos grandes ou pequenos (independente de seu próprio tamanho), da mesma maneira a Alma mora em todas as criaturas como o princípio de conhecimento (apesar dos atributos ou acidentes daqueles criaturas). Incitando o ouvido a ouvir

o que ele ouve, é a Alma que ouve. Similarmente, empregando a visão, é a Alma que vê. Este corpo fornece os meios pelos quais a Alma deriva conhecimento. Os órgãos corpóreos não são os fazedores, mas é a Alma que é o fazedor de todas as ações. Há fogo na madeira, mas ele nunca pode ser visto por se abrir um pedaço de madeira. Da mesma maneira, a Alma mora dentro do corpo, mas ela nunca pode ser vista por se dissecar o corpo. O fogo que mora na madeira pode ser visto por se empregar meios apropriados, isto é, friccionando a madeira com outro pedaço de madeira. Assim mesmo, a Alma que mora dentro do corpo pode ser vista por se empregar meios apropriados, isto é, yoga. Água deve existir em rios. Raios de luz estão sempre ligados ao sol. Do mesmo modo, a Alma tem um corpo. Esta conexão não cessa por causa da constante sucessão de corpos que a Alma tem que entrar. (Um rio não pode existir sem água. Quando um rio é mencionado, água é implicada. A conexão entre um rio e água não é um acidente mas é necessária. O mesmo pode ser dito do sol e seus raios. Do mesmo modo, a conexão entre a Alma e um corpo é necessária e não um acidente.) Em um sonho, a Alma, dotada dos cinco sentidos, deixa o corpo e vaga por amplas áreas. Do mesmo modo, quando a morte ocorre, a Alma (com os sentidos em suas formas sutis) sai de um corpo para entrar em outro. A Alma é limitada pelas suas próprias ações anteriores. Limitada por suas próprias ações feitas em um estado de existência, ela obtém outro estado. De fato, ela é levada de um corpo para outro pelos seus próprios atos, os quais são muito poderosos em relação às suas consequências. Como o dono de um corpo humano, deixando seu corpo, entra em outro, e então novamente em outro, como, de fato, todo o conjunto de seres é o resultado de suas respectivas ações (de vidas presentes e passadas), eu logo direi a você.'"

211

"Bhishma disse, 'Todos os seres móveis e imóveis, distribuídos em quatro classes, são citados como sendo de nascimento imanifesto e morte imanifesta. Existindo somente na Alma imanifesta, a Mente é citada como sendo possuidora dos atributos do imanifesto. (Pois ela só existe junto com a Alma, assim como uma segunda lua é vista na água, mas que não existe se não existir a lua original e verdadeira.) Como uma enorme árvore está oculta dentro uma pequena flor Aswattha não desabrochada e se torna observável somente quando ela sai, assim mesmo ocorre o nascimento do que é imanifesto. Um pedaço de ferro, que é inanimado, corre em direção a um pedaço de pedra ímã. Similarmente, tendências e propensões devidos a instintos naturais, e tudo mais, correm em direção à Alma em uma nova vida. (Logo que a Alma toma uma nova forma ou corpo, todas as propensões e inclinações, como dependentes de seus atos passados, tomam posse dela; Avidya ou Maya também tomam posse dela.) De Fato, assim como aquelas propensões e posses nascidas de Ignorância e Ilusão, e inanimadas em relação à sua natureza, são unidas com a Alma quando renascida, da mesma maneira, aquelas outras propensões e aspirações da Alma que têm seu olhar dirigido em direção a Brahma se tornam unidas com ela, vindas a ela diretamente

do próprio Brahma. (Como todas as propensões e posses mais sombrias e indiferentes que vão à Alma em sua nova vida, nascidas dos atos de vidas passadas, todas as aspirações superiores também da Alma vão até ela diretamente de Brahma.) Nem terra, nem céu, nem firmamento, nem coisas, nem os ares vitais, nem virtude e vício, nem qualquer coisa mais, existia antes, exceto a Alma-chit. Nem eles têm qualquer ligação necessária mesmo com a Alma-chit corrompida pela Ignorância (pois ela existe independentemente deles). A Alma é eterna. Ela é indestrutível. Ela se encontra em todas as criaturas. Ela é a causa da Mente. Ela é sem atributos. Este universo que nós percebemos foi declarado (nos Vedas) como sendo devido à Ignorância ou Ilusão. As percepções da Alma de forma, etc., são devido a desejos passados. A Alma, quando ela vem a ser dotada daquelas causas (isto é, desejo), é levada ao estado de estar envolvida em ações. Por causa daquela condição (pois aquelas ações novamente produzem desejos para terminarem em ações de novo e assim sucessivamente), esta enorme roda da existência gira, sem início e sem fim. O Imanifesto, isto é, a Compreensão (com os desejos), é o cubo daquela roda. O Manifesto (isto é, o corpo com os sentidos) constitui seu conjunto de raios, as percepções e ações formam sua circunferência. Impulsionada pela qualidade de Rajas (Paixão), a Alma preside sobre ela (testemunhando suas revoluções). Como fazedores de óleo pressionando sementes oleaginosas em sua máquina, as consequências nascidas da Ignorância, atacando o universo (de criaturas), o qual está umedecido por Rajas, o comprimem ou trituram naquela roda. Naquela sucessão de existências, a criatura viva, apanhada pela idéia do Eu em consequência do desejo, se envolve em ações. Na união de causa e efeito, aquelas ações outra vez se tornam (novas causas). Efeitos não entram em causas. Nem causas entram em efeitos. Na produção de efeitos, o Tempo é a Causa. As essências primordiais (oito em número como mencionado antes), e suas modificações (dezesseis em número), repletas de causas, existem em um estado de união, por serem sempre presididas pela Alma. Como poeira seguindo o vento que a move, a Alma-criatura, privada de corpo, mas dotada ainda de inclinações nascidas de Paixão e Ignorância e com princípios de causas constituídos pelas ações da vida que acabou, se move adiante, seguindo a direção que a Alma Suprema dá a ela. A Alma, no entanto, nunca é tocada por aquelas inclinações e propensões. Nem aquelas são tocadas pela Alma que é superior a elas. O vento, que é naturalmente puro, nunca é manchado pelo pó que ele carrega. Como o vento é realmente separado do pó que carrega, assim mesmo, o homem de sabedoria deve saber, é a ligação entre aquilo que é chamado de existência ou vida e a Alma. Ninguém deve presumir que a Alma, por sua aparente união com o corpo e os sentidos e as outras propensões e crenças e descrenças, é realmente dotada deles como suas qualidades necessárias e absolutas. Por outro lado, a Alma deve ser considerada como existente em sua própria natureza.'

Assim o Rishi divino esclareceu a dúvida que tinha tomado posse da mente de seu discípulo. Apesar disso, as pessoas dependem dos meios consistindo em ações e ritos das escrituras para rejeitar miséria e ganhar felicidade. Sementes que são chamuscadas pelo fogo não manifestam brotos. Do mesmo modo, se tudo o que contribui para a miséria for consumido pelo fogo do verdadeiro conhecimento, a Alma escapa da obrigação de renascimento no mundo."

212

"Bhishma disse, 'Pessoas dedicadas à prática de ações consideram muito a prática de ações. Similarmente, aquelas que são devotadas ao Conhecimento não consideram qualquer outra coisa além do Conhecimento. Pessoas totalmente conhecedoras dos Vedas e dependentes das declarações contidas neles são raras. Aqueles que são mais inteligentes desejam o caminho da abstenção das ações como o melhor dos dois, isto é, céu e emancipação. (Os Vedas contêm declarações de ambos os tipos, isto é, eles incitam à ação como também à abstenção da ação. A primeira é necessária como um degrau para a última. São raros os homens que compreendem as declarações dos Vedas dessa maneira e que agem de acordo com aquelas declarações.) Abstenção das ações é praticada por aqueles que possuem grande sabedoria. Aquela conduta, portanto, é louvável. A inteligência a qual incita à abstenção das ações, é aquela pela qual alguém alcança a Emancipação. Possuidora de corpo, uma pessoa, por insensatez, e dotada de ira e cobiça e todas as propensões nascidas de Paixão e Ignorância, se torna ligada a todos os objetos mundanos. Alguém, portanto, que deseja destruir sua conexão com o corpo, nunca deve se entregar a alguma ação impura. Por outro lado, ele deve criar por meio de suas próprias ações um caminho para alcançar a emancipação, sem desejar regiões de felicidade (no mundo seguinte). Como ouro, quando unido com ferro, perde sua pureza e falha em brilhar, assim mesmo o Conhecimento, quando existindo com apego a objetos mundanos e tais outros defeitos, falha em manifestar seu esplendor. Aquele que, influenciado pela cobiça e seguindo os ditames do desejo e da ira, pratica a maldade, contrariando o caminho da retidão, encontra com a destruição completa. Alguém que deseja se beneficiar nunca deve seguir, com excesso de atrações, posses mundanas representadas pelos objetos dos sentidos. Se ele fizer isso, ira e alegria e tristeza nascem umas das outras (e o fazem miserável). Quando o corpo de todos é feito dos cinco elementos originais como também dos três atributos de Bondade, Paixão, e Ignorância, quem uma pessoa adorará e quem ela repreenderá com quais palavras? Somente aqueles que são tolos se tornam ligados aos objetos dos sentidos. Por tolice eles não sabem que seus corpos são somente modificações.

Como uma casa feita de terra é rebocada com terra, assim mesmo este corpo que é feito de terra é protegido da destruição pelo alimento o qual é somente uma modificação da terra. Mel e óleo e leite e manteiga e carne e sal e melado e grãos de todos os tipos e frutas e raízes, são todos modificações de terra e água. Reclusos que vivem na selva, abandonando todo o desejo (por alimento rico e saboroso), comem comida simples, que também é sem sabor, somente para manter o corpo. Da mesma maneira, uma pessoa que mora na selva do mundo deve estar preparada para o trabalho e deve ingerir alimento para passar pela vida, como um paciente tomando remédio. Uma pessoa de alma nobre, examinando todas as coisas de uma natureza mundana que se aproximam dela, pela ajuda da verdade, pureza, franqueza, um espírito de renúncia, esclarecimento, coragem, benevolência, fortaleza, inteligência, reflexão, e

austeridades, e desejosa de obter tranquilidade, deve controlar seus sentidos. Todas as criaturas, entorpecidas, por causa da Ignorância, pelos atributos de Bondade e Paixão e Ignorância, estão girando continuamente como uma roda. Todos os erros, portanto, que são nascidos da Ignorância, devem ser examinados de perto, e a idéia de Eu que tem sua origem na Ignorância, e que produz miséria, deve ser evitada. Os cinco elementos, os sentidos, as qualidades de Bondade, Paixão, e Ignorância, os três mundos com o próprio Ser Supremo, e as ações, todos dependem da Consciência do Eu. (A princípio havia somente jiva ou a Alma tendo só o conhecimento como seu atributo. Quando ela veio a ser coberta pela Ignorância, o universo surgiu em volta dela. A consciência é devido àquela união da Alma com a Ignorância. Então, todas as coisas dependem da Consciência, e a Consciência é a base de toda a tristeza.) Como o Tempo, sob suas próprias leis, sempre mostra os fenômenos das estações uns depois dos outros, assim mesmo alguém deve saber que a Consciência em todas as criaturas é aquilo que induz às ações. (Se todas as coisas dependem da consciência que é um atributo da Ignorância ou Ilusão, porque então esta uniformidade em vez da irregularidade que caracteriza todas as percepções em sonhos? A resposta é que a uniformidade é o resultado de atos passados, de atos que são devidos à Consciência. Estes produzem uniformidade de percepções assim como o tempo, sujeito às suas próprias leis, produz os fenômenos das estações com uniformidade.) Tamas (do qual procede a Consciência) deve ser conhecido como produtivo de ilusões. Ele é como a Escuridão e é nascido da Ignorância. Aos três atributos de Bondade, Paixão, e Ignorância estão ligadas todas as alegrias e tristezas (das criaturas). Escute agora àquelas consequências que provêm das qualidades de Bondade, Paixão, e Ignorância. Contentamento, a satisfação que surge da alegria, certeza, inteligência, e memória, essas são as consequências nascidas do atributo de Bondade. Eu agora mencionarei as consequências da Paixão e Ignorância. Desejo, ira, erro, cupidez, estupefação, medo, e fadiga, pertencem ao atributo de Paixão. Melancolia, angústia, descontentamento, vaidade, orgulho, e maldade, todos pertencem à Ignorância. Examinando a gravidade ou leveza desses e outros defeitos que moram na Alma, uma pessoa deve refletir sobre cada um deles um depois do outro (para averiguar quais deles existem, quais têm se tornado fortes ou fracos, quais foram rechaçados, e quais restam).'"

"Yudhishthira disse, 'Quais defeitos são abandonados pelas pessoas desejosas de Emancipação? Quais são aqueles que são enfraquecidos por elas? Quais são os defeitos que vêm repetidamente (e são, portanto, incapazes de serem eliminados)? Quais, também, são considerados como fracos, por estupefação (e, portanto, como permissíveis)? Quais, de fato, são aquelas faltas sobre cuja força e fraqueza um homem sábio deve refletir com a ajuda de inteligência e bom senso? Eu tenho dúvidas sobre esses assuntos. Fale para mim sobre eles, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Uma pessoa de Alma pura, por arrancar todos os seus defeitos por suas raízes, consegue obter Emancipação. Como um machado feito de aço corta uma corrente do aço (e realizando a ação quebra a si mesmo), do mesmo modo, uma pessoa de Alma purificada, destruindo todos os defeitos que provêm da Ignorância e que são nascidos com a Alma (quando ela renasce),

consegue dissolver sua conexão com o corpo (e alcançar a Emancipação). As qualidades que têm sua origem na Paixão, aquelas que provêm da Ignorância, e aquelas imaculadas caracterizadas pela pureza (isto é, aquelas incluídas sob a qualidade da Bondade), constituem a semente da qual todas as criaturas incorporadas crescem. Entre estas, só a qualidade de Bondade é a causa através da qual pessoas de Almas purificadas conseguem alcançar a Emancipação. Uma pessoa de alma pura, portanto, deve abandonar todas as qualidades nascidas de Paixão e Ignorância. Então, quando a qualidade de Bondade se torna livre daquelas de Paixão e Ignorância, ela fica mais resplandecente ainda. Alguns dizem que sacrifícios e outras ações realizadas com a ajuda de mantras, e que certamente contribuem para a purificação da Alma, são ações más ou cruéis. (Este ponto de vista não é correto.) Por outro lado, aqueles atos são os meios principais para dissociar a Alma de todos os apegos mundanos, e para a observância da religião de tranquilidade. Pela influência das qualidades nascidas da Paixão, todas as ações injustas são realizadas, e todos os atos repletos de propósitos mundanos como também todos os atos que provêm do desejo são realizados. Pelas qualidades nascidas da Ignorância, alguém faz todas as ações repletas de cobiça e surgidas da ira. Pelo atributo de Ignorância, uma pessoa adota sono e procrastinação e fica viciada em todas as ações de crueldade e prazer carnal. Aquela pessoa, no entanto, que, possuidora de fé e conhecimento das escrituras, é observadora do atributo de Bondade, faz somente todas as coisas boas, e se torna dotada de beleza (moral) e alma livre de toda mácula.'"

213

"Bhishma disse, 'Do atributo de Paixão surge ilusão ou perda de bom senso. Do atributo de Ignorância, ó touro da raça Bharata, surgem raiva e cobiça, medo e orgulho. Quando todos estes são destruídos, uma pessoa se torna pura. Por obter pureza, uma pessoa consegue chegar ao conhecimento da Alma Suprema, a qual é resplandecente com refulgência, incapaz de deterioração, sem mudança, que permeia todas as coisas, tem o imanifesto como seu refúgio, e é a principal de todas as divindades. Envolvidos em seu maya, homens se afastam do conhecimento e se tornam insensatos, e, por seu conhecimento estar obscurecido, se entregam à ira. (Nos Srutis é dito que Brahma tem dois atributos, Vidya (Conhecimento), e Avidya (Ignorância) com Maya (ilusão). É por causa deste Maya que as almas-chit ou jivas se tornam ligadas a coisas mundanas. É por este Maya que as pessoas, mesmo quando elas compreendem que tudo é nada, não podem se dissociar totalmente delas.) Da ira, eles se tornam sujeitos ao desejo. Do desejo surgem cobiça e ilusão e vaidade e orgulho e egoísmo. De tal egoísmo procedem vários tipos de ações. Das ações surgem diversos laços de afeição e daqueles laços de afeição surge tristeza ou miséria e dos atos repletos de alegria e tristeza procede a sujeição a nascimento e morte. Pela obrigação de nascimento, alguém incorre na sujeição a uma residência dentro do útero, devido à união da semente vital e sangue. Aquela residência é poluída com fezes e urina e muco, e sempre suja com o sangue que é gerado lá. Oprimida pela sede, a

Alma-chit se torna ligada à raiva e ao restante que foi enumerado acima. Ela procura, no entanto, escapar daqueles males. Em relação a isto, mulheres devem ser consideradas como instrumentos que determinam a continuidade da corrente da Criação. Por sua natureza, as mulheres são Kshetra, e os homens são Kshetrajna em relação a atributos. Por esta razão, homens de sabedoria nunca devem perseguir mulheres em especial (entre outros objetos do mundo). (A força do símile jaz nisto: Prakriti vincula Kshetrajna ou a Alma e a obriga a tomar nascimento, etc. Mulheres são Prakriti, homens são Almas. Como a Alma deve procurar evitar o contato de Prakriti e se esforçar pela emancipação, assim mesmo homens devem procurar evitar mulheres. Deve ser adicionado que mulheres, em quase todos os dialetos da Índia derivados do Sânscrito, são comumente chamadas de Prakriti ou símbolos de Prakriti, assim ilustrando a extraordinária popularidade da doutrina filosófica sobre Prakriti e Purusha.) De fato, mulheres são como terríveis poderes mântricos. Elas estupefazem homens desprovidos de sabedoria. Elas estão submersas no atributo de Paixão. Elas são a encarnação eterna dos sentidos. (Kritya é poder mântrico ou a eficácia dos ritos Atharvan. O que é dito aqui é que mulheres são tão terríveis quanto ritos Atharvan que podem levar destruição até sobre inimigos não vistos.) Por causa do forte desejo que homens nutrem por mulheres, a prole procede deles, devido à (ação da) semente vital. Como alguém expulsa do próprio corpo tais vermes que nascem lá mas que não são uma parte de si mesmo por causa disso, assim mesmo deve-se rejeitar aqueles vermes do corpo que são chamados de filhos, que, embora considerados como da própria pessoa, não são da própria pessoa na verdade. Da semente vital como do suor (e outras imundícies) criaturas surgem do corpo, influenciadas pelas ações de vidas anteriores ou no curso da natureza. Portanto, alguém que possui sabedoria não deve sentir consideração por elas. (O sentido é este: vermes parasíticos nascem do suor e outras sujeitas emitidas pelo corpo. Filhos nascem da semente vital. No primeiro caso, é Swabhava (natureza) que fornece a energia ativa. No último, a imperecível influência de atos e propensões anteriores fornece a força ativa. Os filhos de uma pessoa, portanto, são como vermes parasíticos no corpo dela. A sabedoria ensina desconsideração ou indiferença pelos dois.) O atributo de Paixão se apóia naquele de Ignorância. O atributo de Bondade, também, se apóia no de Paixão. A Ignorância, que é imanifesta, se difunde em Conhecimento, e causa os fenômenos de Inteligência e Consciência. (Rajas (paixão) é a causa de Pravritti ou propensão para ações. Sattwa (bondade) é iluminação ou aspirações superiores que levam a Brahma. Ambos dependem de Tamas (ignorância), o primeiro imediatamente, o último mediatamente. Chit ou Jiva é Conhecimento puro. Quando dominado por Tamas ou Avyakta, ele vem a ser provido daquela existência que é chamada de vida ou que nós percebemos no mundo, as condições daquela vida sendo Consciência e Inteligência.) Aquele conhecimento que possui os atributos de Inteligência e Consciência é citado como sendo a semente de Almas incorporadas. Aquilo, também, que é a semente de tal conhecimento é chamado de Jiva (ou Alma-Chit). (Chit ou Alma é Conhecimento completo. Quando coberto com Ignorância ou Escuridão, ele se torna manifesto por meio de Inteligência ou Consciência, isto é, assume uma forma ou corpo. Conhecimento coberto por Ignorância, portanto, ou Conhecimento com os atributos de Inteligência ou Consciência, é a causa de Chit ou alma ou Jiva

assumir um corpo. Tal conhecimento, portanto, é chamado de a semente do corpo. Então, além disso, a tadvijam (a segunda expressão), isto é, a fundação sobre a qual o conhecimento coberto por ignorância (ou conhecimento com os atributos de inteligência e consciência) se apóia, é, naturalmente, Conhecimento puro ou chit ou jiva ou Alma como ela existia antes da vida.) Por consequência de ações e da virtude do tempo, a Alma passa por nascimento e repetidas rondas de renascimento. Como em um sonho a Alma se diverte como se envolvida com um corpo, o qual, é claro, é devido à ação da mente, da mesma maneira, ela obtém um corpo no útero da mãe por consequência de atributos e propensões tendo ações (passadas) como sua origem. Quaisquer percepções enquanto ela está lá, despertadas por ações passadas como a causa operacional, vêm a ser geradas na Consciência pela mente co-existindo com ligações. (Enquanto no útero da mãe, a Alma recorda os atos de vidas passadas, e aqueles atos influenciam e determinam o crescimento de seus sentidos como também o caráter que ela revelará em sua próxima vida.) Pelos pensamentos passados de som que são despertados nela, a Alma, sujeita a tais influências, recebe o órgão de audição. Similarmente, por atração por formas, sua visão é produzida, e de seu desejo a respeito de aroma seu órgão de olfato. Dos pensamentos a respeito de tato ela adquire a pele. Do mesmo modo os cinco ares são adquiridos por ela, isto é, Prana, Apana, Vyana, Udana, e Samana, que contribuem para manter o corpo existindo. Envolvida em corpo com todos os membros completamente desenvolvidos em consequência (como mostrado acima) de ações passadas, a Alma toma nascimento, com tristeza, física e mental, no início, meio, e fim. Deve ser sabido que a tristeza surge do próprio fato da aceitação de corpo (no útero). Ela aumenta com a idéia de Eu. Da renúncia destes (apegos os quais são a causa do nascimento), a tristeza encontra com um fim. Aquele que está familiarizado com o fim da tristeza alcança a Emancipação. Ambas, a origem e a destruição dos sentidos se apóiam no atributo de Paixão. O homem de sabedoria deve agir com escrutínio apropriado com a ajuda do olho constituído pelas escrituras. (Os sentidos são originados em Rajas. Pela destruição, também, de Rajas, eles podem ser destruídos. O que é necessário, portanto, é a conquista de Rajas ou Paixão. Isso pode ser efetuado com a ajuda do olho cuja visão foi afiada por conhecimento escritural.) Os sentidos de conhecimento, mesmo que eles consigam ganhar todos os seus objetos, nunca conseguem oprimir o homem que não tem desejo. A Alma incorporada, por fazer seus sentidos fracos, escapa da obrigação do renascimento.'"

214

"Bhishma disse, 'Eu agora te direi quais são os meios (para conquistar os sentidos) como vistos com o olho das escrituras. Uma pessoa, ó rei, alcançará o fim mais elevado pela ajuda de tal conhecimento e por modelar sua conduta em conformidade com ele. Entre todas as criaturas vivas é dito que o homem é a principal. Entre homens, aqueles que são regenerados são chamados de os principais; e entre os regenerados, aqueles que conhecem os Vedas. Estes

últimos são considerados como as almas de todas as criaturas vivas. De fato, aqueles Brahmanas que estão familiarizados com os Vedas são considerados como os que tudo vêem e como oniscientes. Eles são pessoas que se tornaram conhecedoras de Brahma. Como um homem cego, sem um guia, encontra muitas dificuldades em uma estrada, assim uma pessoa desprovida de conhecimento encontra muitos obstáculos no mundo. Por esta razão, aqueles que possuem conhecimento são considerados superiores ao resto. Aqueles que desejam adquirir virtude praticam diversos tipos de ritos segundo os ditames das escrituras. Eles, no entanto, não conseguem alcançar a Emancipação, tudo o que eles ganham sendo aquelas boas qualidades das quais eu logo falarei. (O orador deseja mostrar a diferença entre a religião de Pravritti ou ações e aquela de Nivritti ou abstenção de ações. Aqueles que seguem a primeira não podem obter Emancipação. O que eles ganham são certas boas qualidades mencionadas a seguir, as quais, no entanto, são igualmente obtidas pelos seguidores da religião de Nivritti.) Pureza de palavras, de corpo, e de mente, generosidade, veracidade, constância, e inteligência, estas boas qualidades são mostradas pelas pessoas virtuosas observadoras de ambos os tipos de religião. Aquela que é chamada Brahmacharya (religião de abstenção ou yoga) é considerada como o meio de alcançar Brahma. Aquela é a principal de todas as religiões. É pela prática daquela religião que alguém alcança o fim mais elevado (isto é, a Emancipação). Brahmacharya é desprovida de toda conexão com os cinco ares vitais, mente, compreensão, os cinco sentidos de percepção, e os cinco sentidos de ação. Ela é, por causa disso, livre de todas as percepções que os sentidos dão. Ela é ouvida somente como uma palavra, e sua forma, sem ser vista, somente pode ser concebida. Ela é um estado de existência que depende somente da mente. Ela é livre de toda conexão com os sentidos. Aquele estado puro deve ser alcançado somente pela compreensão. Quem o pratica devidamente alcança Brahma; quem o pratica parcialmente alcança a condição dos deuses; enquanto aquele que o pratica indiferentemente, toma nascimento entre Brahmanas e possuidor de erudição obtém eminência. Brahmacharya é extremamente difícil de se praticar. Escute agora aos meios (pelos quais alguém pode praticá-lo). Aquela pessoa regenerada que se dirige a ele deve subjugar a qualidade de Paixão logo que ela começa a se manifestar ou logo que ela começa a ser poderosa. Um homem que se dirigiu àquele voto não deve falar com mulheres. Ele nunca deve lançar seus olhos em uma mulher despida. A visão de mulheres, mesmo sob circunstâncias indiferentes, enche todos os homens de mente fraca com Paixão. Se um homem (enquanto cumprindo este voto) sente um desejo por mulheres surgindo em seu coração, ele deve (como uma expiação) observar o voto chamado Krichcchra (certos jejuns) e também passar três dias na água (isto é, permanecer em um tanque ou rio com água até o queixo). Se o desejo é nutrido no curso de um sonho, se deve, mergulhando em água, repetir mentalmente por três vezes os três Riks por Aghamarshana. (Os três Riks começam com Ritancha, Satyancha etc. Todo Brahmana que sabe suas preces matutinas e vespertinas conhece bem esses três Riks.) O homem sábio que se dirigiu à prática deste voto deve, com uma mente expandida e culta, queimar os pecados em sua mente, os quais são todos devidos à qualidade de Paixão. Como o ducto que carrega o refugo do corpo está conectado estreitamente com o corpo, assim mesmo a Alma

incorporada está conectada estreitamente com o corpo que a confina. Os diferentes tipos de sucos, passando pela rede de artérias, nutrem o ar e a bílis e o muco, sangue e pele e carne, intestinos e ossos e medula, e o corpo inteiro de homens. Saiba que há dez ductos principais. Estes ajudam nas funções dos cinco sentidos. Daqueles dez se ramificam milhares de outros ductos que são mais miúdos em forma. Como rios enchendo o oceano na estação apropriada, todos esses ductos, contendo sucos, nutrem o corpo. Levando ao coração há um ducto chamado Manovaha (Sushumna). Ele retira de todas as partes do corpo do ser humano a semente vital que é nascida do desejo. Numerosos outros ductos se ramificando daquele principal se estendem por todas as partes do corpo e levando o elemento de calor causam o sentido de visão (e o resto). Como a manteiga que jaz dentro do leite é batida por agitar varas, assim mesmo os desejos que são gerados na mente (pela visão ou pensamento em mulheres) contraem a semente vital que jaz dentro do corpo. Até no meio de nossos sonhos a paixão tendo nascimento na imaginação assalta a mente, com o resultado que o ducto já citado, isto é, Manovaha, expulsa a semente vital nascida do desejo. O grandioso e divino Rishi Atri conhece bem o assunto da geração da semente vital. Os sucos que são produzidos pelo alimento, o ducto chamado Manovaha, e o desejo que é nascido da imaginação, esses três são as causas que originam a semente vital, a qual tem Indra como sua divindade presidente. A paixão que ajuda na emissão deste fluido é, portanto, chamada de Indriya. Aquelas pessoas que sabem que o curso da semente vital é a causa (daquele estado pecaminoso de coisas chamado) mistura de castas, são homens de paixões refreadas. Seus pecados são considerados destruídos pelo fogo, e eles nunca estão sujeitos ao renascimento. Aquele que se dirige à ação simplesmente para os propósitos de sustentar seu corpo, reduzindo com a ajuda da mente (isto é, por meio de yoga) os (três) atributos (de Bondade, Paixão, e Ignorância) a um estado de uniformidade (àquele estado de conhecimento que é independente dos sentidos), e traz em seus últimos momentos os ares vitais para o ducto chamado Manovaha, escapa da obrigação de renascimento. (Embora levar os ares vitais ao ducto chamado Manovaha ou Sushumna seja um ato físico, sua realização se torna possível somente por um longo curso de penitências consistindo no afastamento da mente de objetos externos.) A Mente com certeza ganha Conhecimento. É a Mente que toma a forma de todas as coisas. As mentes de todas as pessoas de grande alma, alcançando êxito pela meditação, se tornam livres do desejo, eternas, e luminosas (oniscientes e onipotentes). (O Conhecimento falado aqui é aquele conhecimento que é independente dos sentidos. O que o orador diz é que tal Conhecimento não é mito mas com certeza surgirá. Quando ele surge, seu possuidor vem a saber que o mundo externo, etc., é somente a mente transformada, como as visões vistas e sons ouvidos e pensamentos nutridos em um sonho.) Portanto, para destruir a mente (como mente, isto é, fundi-la na Alma), alguém deve fazer somente atos impecáveis e, se libertando dos atributos de Paixão e Ignorância, ele seguramente alcançará um fim que é muito desejável. O conhecimento (ordinariamente) adquirido na juventude se torna enfraquecido com a decrepitude. Uma pessoa, no entanto, de compreensão madura consegue, devido a efeitos auspiciosos de vidas passadas, destruir seus desejos. (O homem de compreensão madura, por destruir seus desejos, obtém aquele conhecimento que não está

sujeito à decadência com a idade. Então, tal conhecimento é superior ao conhecimento adquirido de modo comum.) Tal pessoa, por transcender os vínculos do corpo e dos sentidos, como um viajante cruzando um caminho cheio de obstáculos, e ultrapassando todos os defeitos que ele vê, consegue provar o néctar (da Emancipação).'"

215

"Bhishma disse, 'As criaturas vivas, por estarem ligadas aos objetos dos sentidos, os quais estão sempre repletos de males, se tornam desamparadas. Aquelas pessoas de grande alma, no entanto, que não estão ligadas a eles, alcançam o fim mais sublime. O homem de inteligência, vendo o mundo oprimido pelos males constituídos por nascimento, morte, velhice, tristeza, doença, e ansiedades, deve se esforçar para alcançar a Emancipação. Ele deve ser puro em palavras, pensamentos, e corpo; ele deve ser livre de orgulho. De alma tranquila e possuidor de conhecimento, ele deve levar uma vida de mendicância, e buscar felicidade sem ser vinculado a algum objeto mundano. Também, se o apego for visto possuir a mente por compaixão por criaturas, ele deve, vendo que o universo é o resultado de ações, mostrar indiferença em relação à própria compaixão. (Compaixão pode às vezes levar a excesso de apego, como no caso de Bharata em direção a seu pequeno veado. O universo é o resultado de atos porque atos determinam o caráter da vida que a alma assume. No caso de Bharata, ele foi obrigado a tomar nascimento como um veado em sua vida seguinte por seus pensamentos na vida anterior terem sido centrados em um veado.) Quaisquer boas ações que sejam realizadas, ou quaisquer pecados (cometidos), o fazedor prova as consequências. Então se deve, em palavras, pensamentos, e ações, fazer somente atos que são bons. Consegue obter felicidade aquele que pratica abstenção de ferir (outros), veracidade de palavras, honestidade em direção a todas as criaturas, e generosidade, e que nunca é negligente. Então uma pessoa, exercitando sua inteligência, deve fixar sua mente, depois de treiná-la, na paz em direção a todas as criaturas. O homem que considera a prática das virtudes enumeradas acima como o maior dever, como conducente à felicidade de todas as criaturas, e como destrutiva de todos os tipos de tristezas, é possuidor do conhecimento mais elevado, e consegue obter felicidade. Então (como já dito), se deve, exercitando a inteligência, dispor a mente, depois de treiná-la, na paz em direção a todas as criaturas. Nunca se deve pensar em fazer mal a outros. Não se deve cobiçar o que está muito acima de seu poder de alcançar. Não se deve dirigir os pensamentos para objetos que são inexistentes. Deve-se, por outro lado, dirigir a mente para o conhecimento, por tais esforços persistentes que são certos de terem êxito. Com a ajuda das declarações dos Srutis e de esforços persistentes calculados para trazer sucesso, aquele Conhecimento fluirá infalivelmente. Alguém que deseja dizer boas palavras ou seguir uma religião que é purificada de toda escória, deve proferir somente a verdade que não seja repleta de qualquer malícia ou crítica. Alguém que possui um coração honrado deve proferir palavras que não sejam repletas de desonestidade, que não sejam ríspidas, nem cruéis,

nem más, e que não sejam caracterizadas por loquacidade. O universo é vinculado pela palavra. (O que quer que seja falado nunca é destruído e afeta permanentemente tanto a pessoa que fala quanto a que ouve, de modo que não somente em uma vida, mas no infinito curso de vidas o falador será afetado por bem ou por mal pelas palavras que escapam de seus lábios. Isto está totalmente de acordo com a descoberta da ciência moderna, tão eloquentemente e poeticamente enunciada por Babbage, da indestrutibilidade da força ou energia quando uma vez aplicada. Quão temível é a sanção (a qual não é um mito) sob a qual falar mal é proibido.) Alguém disposto à renúncia (de todos os objetos mundanos) deve então proclamar, com a mente repleta de humildade e uma compreensão purificada, seus próprios atos maus. (Tal auto-revelação destrói os efeitos daqueles atos e evita sua repetição.) Quem se dirige à ação, impelido a isto por propensões repletas do atributo de Paixão, obtém muita miséria neste mundo e ao final cai no inferno. Deve-se, portanto, praticar autodomínio em corpo, fala, e mente. Pessoas ignorantes suportando as cargas do mundo são como ladrões carregados com seu saque de ovelhas extraviadas (segregadas de rebanhos levados para pastar). Os últimos estão sempre atentos às estradas que são desfavoráveis para eles (devido à presença da vigilância do rei). De fato, como os ladrões têm que jogar fora sua pilhagem se eles desejam segurança, assim mesmo uma pessoa deve rejeitar todos os atos ditados pela Paixão e Ignorância se ela deseja obter felicidade. Sem dúvida, uma pessoa que é sem desejo, que é livre dos vínculos do mundo, contente em viver em solidão, moderada em dieta, dedicada a penitências e com sentidos sob controle, que tem queimado todas as suas tristezas pela (aquisição de) conhecimento, que tem prazer em praticar todos os detalhes da disciplina yoga, e que tem uma alma purificada, consegue, por sua mente ser recolhida em si mesma, alcançar Brahma ou Emancipação. Alguém dotado de paciência e uma alma purificada, deve, sem dúvida, controlar sua compreensão. Com a compreensão (assim disciplinada), deve-se em seguida controlar a mente, e então com a mente dominar os objetos dos sentidos. Após a mente ser assim trazida sob controle e os sentidos serem todos subjugados, os sentidos se tornarão luminosos e entrarão alegremente em Brahma. Quando os sentidos são recolhidos na mente, o resultado que ocorre é que Brahma se torna manifestado nela. De fato, quando os sentidos são destruídos, e a alma volta ao atributo de existência pura, ela vem a ser considerada como transformada em Brahma. Então, além disso, uma pessoa nunca deve fazer uma exibição de seu poder de yoga. Por outro lado, ela deve sempre se esforçar para dominar seus sentidos por praticar as regras de yoga. De fato, alguém dedicado à prática das regras de yoga deve fazer todos aqueles atos pelos quais a própria conduta e disposição possam se tornar puros. (Sem fazer dos poderes de yoga os meios de subsistência), alguém deve antes viver de grãos de milho quebrados, feijões maduros, bolos secos de sementes das quais o óleo foi espremido, ervas cozidas e mantidas em conserva, cevada meio madura, farinha de grãos de leguminosas fritos, frutas, e raízes, obtidos em esmolas. Refletindo sobre as características de hora e lugar, ele deve, de acordo com suas próprias inclinações, depois de um exame apropriado, cumprir votos e regras sobre jejuns. Não se deve suspender uma observância que foi iniciada. Como alguém lentamente criando um fogo, deve-se estender gradualmente uma ação

que é instigada por conhecimento. Por agir dessa maneira, Brahma gradualmente brilha em alguém como o Sol. A Ignorância que tem o Conhecimento como seu solo de apoio, estende sua influência sobre todos os três estados (vigília, sonho e sono sem sonhos). (A Alma tinha, antes da criação, somente Conhecimento como seu atributo. Quando Ignorância ou Ilusão, procedendo do Brahma Supremo, tomou posse dela, a Alma se tornou uma criatura comum, isto é, consciência, mente, etc., se originaram. Esta Ignorância, portanto, se estabeleceu sobre o Conhecimento e transformou o caráter original da Alma.) O Conhecimento, também, que segue a Compreensão, é atacado pela Ignorância. (O conhecimento comum que segue a liderança da compreensão é afetado pela ignorância, o resultado disso é que a Alma toma aquelas coisas que realmente surgem de si mesma como coisas diferentes de si mesma e possuindo uma existência independente.) A pessoa de coração mau fracassa em obter um conhecimento da Alma por considerá-la como unida com os três estados, embora na verdade ela transcenda eles todos. Quando, no entanto, ela consegue compreender os limites sob os quais os dois, isto é, a união com os três estados e a separação deles, são manifestados, é então que ela se torna livre de apegos e alcança a Emancipação. Quando tal compreensão é alcançada, uma pessoa transcende os efeitos da idade, se ergue acima das consequências de decrepitude e morte, e alcança Brahma que é eterno, imortal, imutável, imperecível.'"

216

"Bhishma disse, 'O yogin que deseja sempre praticar Brahmacharya impecável e que está impressionado com as imperfeições ligadas aos sonhos deve, com todo seu coração, procurar abandonar o sono. Em sonhos, a alma incorporada, afetada pelos atributos de Paixão e Ignorância, parece se tornar possuidora de outro corpo e se move e age influenciada pelo desejo. Por aplicação pela aquisição de conhecimento e contínua reflexão e recapitulação, o yogin permanece sempre desperto. De fato, o yogin pode se manter desperto continuamente por se dedicar ao conhecimento. Sobre este assunto foi perguntado qual é esse estado no qual a criatura incorporada se imagina cercada por e envolvida em objetos e ações? A verdade é que o ser incorporado, com seus sentidos realmente suspensos, ainda se considera como possuidora de corpo com todos os sentidos de conhecimento e de ação. Com relação à questão levantada, é dito que aquele mestre de yoga, chamado Hari, compreende realmente como isto acontece. Os grandes Rishis dizem que a explicação oferecida por Hari é correta e consistente com a razão. Os eruditos dizem que é pelos sentidos estarem esgotados com fadiga que sonhos são experienciados por todas as criaturas. (Embora os sentidos estejam suspensos) a mente, no entanto, nunca desaparece (ou se torna inativa) e por isso surgem sonhos. Esta é citada por todos como sendo sua causa notável. Como as imaginações de uma pessoa que está desperta e engajada em ações são devido somente ao poder criativo da mente, da mesma maneira as impressões em um sonho pertencem somente à mente. Uma pessoa com desejo e apego obtém aquelas imaginações (em sonhos)

baseadas sobre as impressões de incontáveis vidas no passado. Nada que impressiona a mente uma vez jamais é perdido, e a Alma sendo conhecedora de todas aquelas impressões as faz saírem da obscuridade. Qualquer um entre os três atributos de Bondade, Paixão, e Ignorância que seja ocasionado pela influência de ações passadas, e por quaisquer entre eles que a mente esteja afetada no momento de qualquer maneira, os elementos (em suas formas sutis) manifestam ou indicam em conformidade (por meio de imagens). (O sentido é este: um atributo específico entre os três, isto é, Bondade, Paixão, ou Ignorância, é trazido à mente pela influência de atos passados desta ou de alguma vida anterior. Aquele atributo imediatamente afeta a mente de um modo definido. O resultado disso é que os elementos em suas formas sutis realmente produzem as imagens que correspondem com ou pertencem ao atributo que afeta e a maneira na qual ele afeta a mente.) Depois que as imagens foram assim produzidas, o atributo específico de Bondade ou Paixão ou Ignorância que pode ter sido trazido por ações passadas surge na mente e conduz ao seu último resultado, isto é, felicidade ou tristeza. Aquelas imagens tendo vento, bílis, e muco como suas causas principais, as quais os homens percebem por ignorância e por causa de propensões repletas de Paixão e Ignorância, não podem, é dito, ser facilmente descartadas. (Nada menos do que yoga pode descartá-las ou destruí-las, por elas realmente nascem de desejos gerados por atos passados.) Quaisquer objetos também que uma pessoa percebe na mente (enquanto desperta), através dos sentidos em um estado de clareza, são percebidos pela mente em sonhos enquanto os sentidos estão obscurecidos em relação às suas funções. A Mente existe livremente em todas as coisas. Isto é devido à natureza da Alma. A Alma deve ser compreendida. Todos os elementos e os objetos que eles compõem existem na Alma. (Os mundos externo e interno são devido à Consciência, a qual, por sua vez, nasce da ilusão afetando a Alma. Aquilo que é chamado de Mente é somente um produto da Alma. O mundo externo e interno é somente o resultado da Mente como explicado em capítulos anteriores. Por isso a Mente existe em todas as coisas. O que se quer dizer por todas as coisas existindo na Alma é que a Alma é onisciente e aquele que consegue conhecer a Alma ganha onisciência.) No estado chamado sono sem sonhos (sushupti), o corpo humano manifestado, o qual, é claro, é a porta dos sonhos, desaparece na mente. Ocupando o corpo a mente entra na alma, a qual é manifesta, e da qual todas as coisas existentes e inexistentes dependem, e vem a ser transformada em uma testemunha desperta com certeza de compreensão. Assim morando na Consciência pura que é a alma de todas as coisas; ela é considerada pelos eruditos como transcendendo a Consciência e todas as coisas no universo. (O corpo é chamado de porta dos sonhos porque o corpo é o resultado de ações passadas, e sonhos não podem ocorrer até que a Alma, através de atos passados, venha a estar envolvida em um corpo. O que se quer dizer pelo corpo desaparecendo na mente é que no sono sem sonhos a mente não mais retém qualquer percepção do corpo. O corpo estando assim perdido na mente, a mente (com o corpo perdido nela) entra na Alma, ou vem a ser recolhida nela. No sono sem sonhos os sentidos são recolhidos na mente, e a mente vem a ser recolhida na Alma. É somente a Alma que então vive em seu estado de pureza original, consciência e todas as coisas que procedem dela desaparecendo naquele momento.) Aquele yogin que por

desejo cobiça algum dos atributos divinos (de Conhecimento ou Renúncia, etc.) deve considerar uma mente pura como idêntica com o objeto de seu desejo. Todas as coisas dependem de uma mente ou alma pura. (Isto é, a mente se tornando pura, ele ganha onisciência e onipotência.) Este é o resultado alcançado por alguém que é dedicado a penitências. Aquele yogin, no entanto, que atravessou a Escuridão ou Ignorância, se torna possuidor de esplendor transcendente. Quando a escuridão ou ignorância foi superada, a Alma incorporada se torna o Brahma Supremo, a causa do universo. As divindades têm penitências e ritos Védicos. Escuridão (ou orgulho e crueldade), que é destrutiva dos primeiros, é adotada pelos Asuras. Aquele, isto é, Brahma, o qual é citado como tendo somente o Conhecimento como seu atributo, é difícil de ser alcançado pelas divindades ou os Asuras. Deve ser conhecido que os atributos de Bondade, Paixão e Ignorância pertencem às divindades e aos Asuras. A Bondade é o atributo das divindades; enquanto que os dois outros pertencem aos Asuras. Brahma transcende todos aqueles atributos. Ele é Conhecimento puro. Ele é Imortalidade. Ele é pura refulgência. Ele é imperecível. Aquelas pessoas de almas purificadas que conhecem Brahma alcançam o fim mais sublime. Alguém que tem o conhecimento como seu olho pode dizer isso com a ajuda da razão e analogia. Brahma, que é indestrutível, pode ser compreendido somente por remover os sentidos e a mente (dos objetos externos dentro da própria alma, isto é, por Pratyahara).'"

217

"Bhishma disse, 'Não pode dizer que conhece Brahma aquele que não conhece os quatro tópicos (isto é, sonhos, sono sem sonhos, Brahma como indicado por atributos, e Brahma como transcendendo todos os atributos), como também o que é Manifesto (isto é, o corpo), e o que é Imanifesto (a Alma-Chit), o qual o grandioso Rishi (Narayana) descreveu como Tattwam. (Isto é, aquilo que existe em pureza original e não toma sua cor ou forma da mente.) Aquilo que é manifesto deve ser conhecido como sujeito à morte. Aquilo que é imanifesto (a Alma-Chit), deve ser conhecido como transcendente à morte. O Rishi Narayana descreveu a religião de Pravritti. Dela depende todo o universo com suas criaturas móveis e imóveis. A religião de Nivritti leva ao imanifesto e eterno Brahma. (A religião de Pravritti consiste em ações. Ela não pode libertar alguém do renascimento. Toda a cadeia de existências, sendo o resultado de ações, depende da religião de Pravritti. A religião de Nivritti, por outro lado, ou abstenção de ações, leva à Emancipação ou Brahma.) O Criador (Brahma) descreveu a religião de Pravritti. Pravritti implica renascimento ou retorno. Nivritti, por outro lado, implica o fim mais sublime. O asceta que deseja discernir com exatidão entre o bem e o mal, que está sempre decidido a compreender a natureza da Alma, e que se dedica à religião de Nivritti, alcança o fim sublime. Alguém desejoso de realizar isto deve conhecer o Imanifesto e Purusha dos quais eu logo falarei. (Avyakta ou Imanifesto é Prakriti ou matéria primordial grosseira e sutil.) Aquele (isto é, a Alma Suprema ou Brahma), também, que é diferente de ambos, do Imanifesto e Purusha, e que

transcende os dois, e que é distinto de todos os seres, deve ser especialmente examinado por alguém possuidor de inteligência. Prakriti e Purusha são sem início e sem fim. Ambos não podem ser conhecidos por seus semelhantes. Ambos são eternos e indestrutíveis. Ambos são maiores do que os maiores (dos seres). Nisto eles são parecidos. Há pontos de dessemelhança entre eles. (Destes eu falarei agora). Prakriti está repleto dos três atributos (de Bondade, Paixão, e Ignorância). Ele está também engajado em criação. Os atributos verdadeiros de Kshetrajna (Purusha ou a Alma) devem ser conhecidos como diferentes. (Isto é, Purusha é não-criador e transcende os três atributos.) Purusha é o entendedor de todas as transformações de Prakriti (mas ele mesmo não pode ser compreendido). Ele transcende (em relação à sua natureza original) todos os atributos. Com relação ao Purusha e à Alma Suprema, ambos são incompreensíveis. Por ambos serem sem atributos pelos quais eles possam ser distinguidos, ambos são muito distintos de tudo mais. Uma pessoa com um turbante tem sua cabeça rodeada por três voltas de um pedaço de tecido. (A pessoa, no entanto, não é idêntica ao turbante que ela usa.) Do mesmo modo, a Alma incorporada é investida com as três qualidades de Bondade, Paixão, e Ignorância. Mas embora assim envolvida, a Alma não é idêntica àquelas qualidades. Então estes quatro tópicos, os quais estão cobertos por estas quatro considerações, devem ser compreendidos. (Os quatro tópicos são estes: os pontos de semelhança entre Prakriti e Purusha, os pontos de diferença entre eles, os pontos de semelhança entre Purusha e Iswara, e os pontos de diferença entre eles. As quatro considerações que cobrem estes tópicos são ausência de começo e fim, existência como chit e em animação, distinção de todas as outras coisas, e a noção de atividade.) Alguém que compreende tudo isso nunca fica estupefato quando ele tem que tirar conclusões (em relação a todos os assuntos de investigação). Quem está desejoso de alcançar a maior prosperidade deve se tornar puro em mente, e se dirigindo a práticas austeras em relação ao corpo e aos sentidos, deve se dedicar ao yoga sem desejo de resultados. O universo é permeado por poder yoga circulando secretamente por todas as partes dele e iluminando-o brilhantemente. O sol e a lua brilham com refulgência no firmamento do coração por poder yoga. O resultado de yoga é Conhecimento. Yoga é falado em termos muito elogiosos no mundo. Quaisquer atos que sejam destrutivos de Paixão e Ignorância constituem yoga em relação ao seu caráter real. Brahmacharya e abstenção de ferir são citados como constituindo yoga do corpo; enquanto controlar mente e fala apropriadamente são citados como constituindo o yoga da mente. O alimento que é obtido em esmolas de pessoas regeneradas conhecedoras do ritual é diferente de todos os outros alimentos. Por ingerir aquele alimento abstemiamente, os pecados de alguém, nascidos da Paixão, começam a enfraquecer. Um yogin que subsiste de tal alimento percebe seus sentidos gradualmente afastados de seus objetos. Então, ele deve pegar somente aquela quantidade de alimento que é estritamente necessária para o sustento de seu corpo. (Outro conselho que pode ser oferecido é que) aquele conhecimento que alguém obtém gradualmente pela mente dedicada ao yoga deve ser feito seu próprio alegremente durante seus últimos momentos por um enérgico esforço de poder. A Alma incorporada, quando privada de Rajas (isto é, livre dos sentidos e das propensões derivadas de sua indulgência, não alcança a Emancipação imediatamente mas) assume uma forma

sutil com todos os sentidos de percepção e se move no espaço. Quando sua mente não é afetada pelas ações, ela, por tal renúncia (perde aquela forma sutil) e imerge em Prakriti (sem no entanto, ainda alcançar Brahma ou Emancipação a qual transcende Prakriti). Depois da destruição deste corpo grosseiro, alguém que por ausência de negligência escapa de todos os três corpos (isto é, o grosseiro, o sutil e o karana), consegue alcançar a Emancipação. (O corpo karana é uma forma de existência mais sutil do que o Linga-sarira.) O nascimento e morte de criaturas sempre dependem da causa constituída pela Ignorância original (ou Avidya). Quando nasce o conhecimento de Brahma, a necessidade não mais persegue a pessoa. Aqueles, no entanto, que aceitam o que é o oposto da verdade (por acreditarem que é Eu aquilo que realmente é não-Eu) são homens cujas compreensões estão sempre relacionadas com o nascimento e morte de todas as coisas existentes. (Tais pessoas nem sonham com a Emancipação.) (O objetivo do verso é mostrar que tais pessoas equivocadas que tomam o corpo, os sentidos, etc., todos os quais são não-Eu, como Eu, estão sempre envolvidas com a idéia de que as coisas morrem e nascem, mas que não há nada como emancipação ou uma fuga total do renascimento.) Mantendo seus corpos pela ajuda da paciência, afastando seus corações de todos os objetos externos pela ajuda de sua compreensão, e se afastando do mundo dos sentidos, alguns yogins adoram os sentidos por causa de sua sutileza. Alguns entre eles, com mente purificada por yoga, procedendo de acordo com (os estágios indicados nas) escrituras e alcançando o mais alto, conseguem conhecer pela ajuda da compreensão e morar naquele que é o mais sublime e que, sem se apoiar em outra coisa, depende de si mesmo. Alguns cultuam Brahma em imagens. Alguns cultuam Ele como existindo com atributos. Alguns repetidamente percebem a maior Divindade que é descrita como um lampejo de relâmpago e que é também indestrutível. Outros que têm queimado seus pecados por meio de penitências, alcançam Brahma no fim. Todas aquelas pessoas de grande alma obtêm o fim mais sublime. Com o olho da escritura alguém deve observar as qualidades sutis dessas várias formas, como diferenciadas por qualidades, de Brahma que são (assim) adoradas pelos homens. O yogin que transcendeu a necessidade de depender do corpo, que rejeitou todos os vínculos, e cuja mente está devotada à abstração yoga, deve ser conhecido como outro exemplo de Infinito, como a Divindade Suprema, ou como aquilo que é Imanifesto. Aqueles cujos corações são devotados à aquisição de conhecimento conseguem primeiro se libertar do mundo dos mortais. Posteriormente, por rejeitarem todos os vínculos eles compartilham da natureza de Brahma e finalmente alcançam o fim mais sublime.'"

"Assim pessoas conhecedoras dos Vedas têm falado da religião que leva à realização de Brahma. Todos aqueles que seguem esta religião segundo a medida de seu conhecimento conseguem alcançar o fim grandioso. Mesmo aquelas pessoas que conseguem adquirir conhecimento que não pode ser abalado (por ataques de ceticismo) e que faz seus possuidores livres de vínculos de todos os tipos, alcançam várias regiões elevadas depois da morte e se tornam emancipados de acordo com a medida de seu conhecimento. Aquelas pessoas de corações puros que absorvem contentamento do conhecimento, e que abandonaram todos os desejos e apegos, gradualmente se aproximam mais e

mais em relação à sua natureza, de Brahma que tem o imanifesto como seu atributo, que é divino, e sem nascimento e morte. Percebendo que Brahma mora em suas Almas, eles mesmos se tornam imutáveis e nunca têm que voltar (para a terra). Alcançando aquele estado supremo que é indestrutível e eterno, eles existem em bem-aventurança. O conhecimento com respeito a este mundo é exatamente este: ele existe (no caso de pessoas enganadas), e ele não existe (no caso daquelas que não ficaram entorpecidas pelo erro). O universo inteiro, em ligação estreita com o desejo, está girando como uma roda. Como as fibras de um caule de lótus se espalham por todas as parte do caule, da mesma maneira as fibras do desejo, que não tem início nem fim, se espalham sobre todas as partes do corpo. Como um tecelão lança seus fios em um tecido por meio de sua lançadeira, do mesmo modo os fios que constituem o tecido do universo são tecidos pela lançadeira do Desejo. Quem conhece devidamente as transformações de Prakriti, a própria Prakriti e Purusha, se torna livre do Desejo e alcança a Emancipação. O divino Rishi Narayana, aquele refúgio do universo, por compaixão por todas as criaturas, promulgou claramente estes meios para a conquista da imortalidade.'"

218

"Yudhishthira disse, 'Por seguir qual conduta, ó tu que conheces todos os rumos de conduta, Janaka, o soberano de Mithila, versado na religião da Emancipação, conseguiu alcançar a Emancipação, depois de rejeitar todos os prazeres mundanos?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga narrativa da conduta específica pela qual aquele soberano, totalmente familiarizado com todas as direções de conduta, conseguiu alcançar a maior felicidade. Havia um soberano em Mithila de nome Janadeva da linhagem de Janaka. Ele estava sempre empenhado em refletir sobre as direções de conduta que podiam levar à realização de Brahma. Uma centena de preceptores sempre costumava viver em seu palácio, ensinando-o sobre os diversos rumos de dever seguidos pelas pessoas que tinham se dirigido para diversos modos de vida. Dado ao estudo dos Vedas, ele não estava muito satisfeito com as especulações de seus instrutores sobre o caráter da Alma, e com suas doutrinas de extinção após a dissolução do corpo ou de renascimento depois da morte. Uma vez um grande asceta de nome Panchasikha, o filho de Kapila, tendo vagado pelo mundo inteiro, chegou a Mithila. Dotado de conclusões corretas em relação a todas as especulações acerca dos diversos deveres ligados à renúncia, ele estava acima de todos os pares de opostos (tais como calor e frio, felicidade e tristeza), e de dúvidas ele não tinha nenhuma. Ele era considerado como o principal dos Rishis. Morando onde quer que lhe agradasse, ele desejava colocar ao alcance de todos os homens a felicidade eterna que é tão difícil de ser alcançada. Parecia que ele vagava, maravilhando o mundo, tendo assumido a forma de ninguém mais do que aquele grande Rishi, aquele senhor de criaturas, a quem os seguidores da doutrina Sankhya conheciam pelo nome de Kapila. Ele era o principal de todos os

discípulos de Asuri e era chamado de eterno. Ele tinha realizado um Sacrifício mental que tinha durado por mil anos. Ele era firme em mente, e tinha completado todos os ritos e sacrifícios que são ordenados nas escrituras e que levam à realização de Brahma. Ele conhecia totalmente os cinco revestimentos que cobrem a alma. (Estes são o annamaya, o pranamaya, o manomaya, o vijnanamaya, e o anandamaya.) Ele era dedicado aos cinco atos ligados com a adoração de Brahma, e tinha as cinco qualidades (de tranquilidade, autodomínio, etc.). Conhecido (como eu já disse) pelo nome de Panchasikha, ele se aproximou um dia de uma grande multidão de Rishis que seguiam as doutrinas Sankhya e perguntou a eles acerca do mais alto objeto de aquisição humana, isto é, o Imanifesto ou aquele do qual os cinco Purushas ou coberturas (já citadas) dependem. Para obter um conhecimento da Alma, Asuri tinha questionado seu preceptor. Pelas instruções do último e por suas próprias penitências, Asuri compreendia a diferença entre corpo e Alma e tinha adquirido visão divina. Naquela assembléia de ascetas, Asuri fez sua exposição do Único Imutável, e Indestrutível Brahma que é visto em diversas formas. Panchasikha se tornou um discípulo de Asuri. Ele vivia de leite humano. Havia certa Brahmani de nome Kapila. Ela era a esposa de Asuri. Panchasikha foi aceito por ela como um filho e ele costumava sugar seus peitos. Por isto, ele veio a ser conhecido como o filho de Kapila e sua compreensão se tornou fixa em Brahma. Tudo isso, acerca das circunstâncias de seu nascimento e daquelas que o levaram a se tornar o filho de Kapila, foi dito para mim pelo Rishi divino (Markandeya ou Sanatkumara). O último também me contou sobre a onisciência de Panchasikha. Conhecedor de todos os cursos de dever, Panchasikha, depois de ter adquirido conhecimento excelente, (se aproximou de Janaka) e sabendo que aquele rei tinha reverência igual por todos os seus preceptores, começou a assombrar aquela centena de preceptores (por uma exposição de sua doutrina repleta) de razões abundantes. Observando o talento de Kapileya, Janaka se tornou extremamente ligado a ele, e, abandonando seus cem preceptores, começou a segui-lo especialmente. Então Kapileya começou a discursar para Janaka, que tinha, de acordo com a ordenança, curvado sua cabeça para ele (como um discípulo deve), e que era totalmente competente para compreender as instruções do sábio sobre aquela elevada religião de Emancipação, a qual é explicada em tratados Sankhya. Demonstrando em primeiro lugar as tristezas do nascimento, ele falou em seguida das tristezas dos atos (religiosos). Tendo terminado aquele tópico ele explicou as tristezas de todos os estados de vida terminando mesmo com aquele na região superior do Criador. (A doutrina Sankhya procede da hipótese que todos os estados de vida contêm tristeza. Encontrar um remédio para isso, isto é, escapar permanentemente de toda tristeza, é o objetivo daquela filosofia.) Ele também falou daquela Ilusão por cuja causa há a prática de religião, e ações, e seus frutos, e que é muito indigna de confiança, destrutível, instável, e incerta. (Estas são as características daquela Ilusão sob a qual o homem toma nascimento neste mundo e continua vivendo até que ele possa conquistar permanentemente toda tristeza.) ‘Céticos dizem que quando a morte (do corpo) é vista e é uma questão de evidência direta testemunhada por todos, aqueles que afirmam, por sua fé nas escrituras, que alguma coisa distinta do corpo, chamada de Alma, existe, são necessariamente vencidos em discussão. Eles também argumentam que a morte de alguém

significa a extinção de sua Alma, e que tristeza, velhice, e doença implicam morte (parcial) da Alma. Aquele que afirma, devido ao erro, que a Alma é distinta do corpo e existe depois da perda do corpo, nutre uma opinião que é irracional. Se for considerado como existente aquilo que realmente não existe no mundo, então pode ser mencionado que o rei, sendo considerado dessa maneira, nunca está realmente sujeito à velhice ou morte. Mas se acredita, por causa disso, que ele esteja realmente acima da velhice e da morte? (Este e todos os versos seguintes são afirmações dos argumentos dos céticos.) Quando a questão é se um objeto existe ou não existe, e quando aquele cuja existência é afirmada apresenta todas as indicações de não existência, o que é aquilo no qual as pessoas comuns confiam em determinar os assuntos da vida? A evidência direta é a base das inferências e das escrituras. As escrituras podem ser contestadas pela evidência direta. Quanto à inferência, seu efeito comprobatório não é muito. Qualquer que seja o assunto, este cessa de apresentar razões só pela inferência. Não há nada mais chamado de jiva além deste corpo. Em uma semente de banian está contida a capacidade para produzir folhas e flores e frutas e raízes e cascas. Da grama e água que são ingeridos por uma vaca são produzidos leite e manteiga, substâncias cuja natureza é diferente daquela das causas produtoras. Substâncias de diferentes espécies, quando permitidas se decomporem em água por algum tempo, produzem bebidas alcoólicas cuja natureza é bastante diferente daquela das substâncias que as produzem. Da mesma maneira, da semente vital é produzido o corpo e suas qualidades, com a compreensão, consciência, mente, e outras posses. Dois pedaços de madeira, friccionados, produzem fogo. A pedra chamada Suryakanta, entrando em contato com os raios do Sol, produz fogo. Qualquer substância metálica sólida, aquecida em fogo, seca a água quando entra em contato com ela. Similarmente, o corpo material produz a mente e seus atributos de percepção, memória, imaginação, etc. Como a pedra ímã move o ferro, da mesma maneira, os sentidos são controlados pela mente. Assim argumentam os céticos. Os céticos, no entanto, estão em erro. Pois o desaparecimento (somente da força animante) após o corpo se tornar sem vida, (e não a extinção simultânea do corpo após a ocorrência daquele evento) é a prova (da verdade que o corpo não é a Alma mas que a Alma é algo separado do corpo e sobrevive a ele sem dúvida. Se, de fato, corpo e Alma fossem a mesma coisa, ambos desapareciam no mesmo instante de tempo. Em vez disso, o corpo morto pode ser visto por algum tempo depois da ocorrência da morte. A morte, portanto, significa a fuga do corpo de alguma coisa que é diferente do corpo). A petição às divindades pelos próprios homens que negam a existência separada da Alma é outro bom argumento para a afirmação de que a Alma é separada do corpo ou tem existência que pode ser independente de um invólucro material grosseiro. As divindades para quem aqueles homens rezam não podem ser vistas ou tocadas. Acredita-se que elas existam em forma sutil. (Realmente, se uma crença em divindades desprovidas de formas materiais grosseiras não prejudica sua razão, por que somente a existência de uma Alma imaterial deveria fazer tal dano à sua razão?) Outro argumento contra o cético é que sua afirmação sugere uma destruição das ações (pois se corpo e Alma morrem juntos, as ações desta vida também pereceriam, uma conclusão à qual nenhum homem possivelmente pode chegar se ele tem que explicar as desigualdades ou condições testemunhadas no

universo). Aqueles que têm sido mencionados, e que têm formas materiais, não podem possivelmente ser as causas (da Alma imaterial e seus acompanhamentos imateriais de percepção, memória, e semelhantes). A identidade de existências imateriais com objetos que são materiais não pode ser compreendida. (Por isso objetos que são eles mesmos materiais não podem ser de nenhuma maneira causas para a produção de coisas imateriais.) Alguns são de opinião que há renascimento e que isso é causado pela Ignorância, desejo de agir, cobiça, negligência, e aderência a outras imperfeições. Eles dizem que Ignorância (Avidya) é a alma. Ações constituem a semente que é colocada naquele solo. O Desejo é a água que faz aquela semente crescer, desse modo eles explicam o renascimento. Eles afirmam que aquela ignorância estando arraigada de um modo imperceptível, um corpo mortal sendo destruído, outro vem imediatamente dele; e que quando ela é queimada pela ajuda do conhecimento, a destruição da própria existência se segue ou a pessoa obtém o que é chamado de Nirvana. Essa opinião também é errônea. [Essa é a doutrina dos budistas.] Pode ser questionado que quando o ser que é assim renascido é um diferente em relação à sua natureza, nascimento, e propósitos ligados à virtude e vício, por que então eu devo ser considerado como tendo alguma identidade com o ser que era? De fato, a única inferência que pode ser retirada é que a série inteira de existências de um ser específico não é realmente uma corrente de elos conectados (mas aquelas existências em sucessão não são conectadas umas com as outras). (A objeção à teoria budista é que mera ignorância e karma não podem explicar o renascimento. Deve haver uma Alma indestrutível. Isto os budistas não reconhecem, pois eles acreditam que Nirvana ou aniquilação é possível. A argumentação, como esboçada, procede dessa maneira: o ser que é o resultado do renascimento é aparentemente um ser diferente. Que direito nós temos de afirmar sua identidade com o ser que existia antes? Ignorância e karma não podem criar uma Alma embora eles possam afetar os circundantes da Alma em seu novo nascimento.) Então, além disso se o ser que é o resultado de um renascimento for realmente diferente daquele que ele era em uma fase prévia de existência, pode ser perguntado que satisfação pode surgir para uma pessoa do exercício da virtude da caridade, ou da aquisição de conhecimento ou de poder ascético, já que as ações realizadas por alguém vão se concentrar sobre outra pessoa em outra fase de existência (sem o próprio realizador sendo existente para desfrutar delas?) Outro resultado da doutrina sob refutação seria que alguém nesta vida poderia ser tornado miserável pelas ações de outro em uma vida prévia, ou tendo se tornado miserável poderia se tornar feliz. Por ver, no entanto, o que realmente acontece no mundo, uma conclusão apropriada pode ser retirada em relação ao não visto. (O sentido é este: nunca é visto no mundo que os atos de uma pessoa afetam para o bem ou para o mal outra pessoa. Se Chaitra se expõe ao ar noturno, Maitra nunca pega resfriado por isso. Essa evidência direta deve decidir a controvérsia a respeito do não visto, isto é, se os atos de alguém em uma vida anterior podem afetar outra em uma vida subsequente se não houver identidade entre os dois seres em duas vidas.) A Consciência separada que é o resultado do renascimento é (segundo o que pode ser inferido da teoria de vida budista), diferente da Consciência que a precedeu em uma vida anterior. A maneira, no entanto, na qual a elevação ou aparecimento daquela Consciência separada é explicada por

aquela teoria não parece ser consistente ou razoável. A Consciência (como ela existia na vida anterior) era o próprio oposto de eterna, sendo somente transitória, se estendendo como ela se estendeu até a dissolução do corpo. Aquilo que teve um fim não pode ser considerado como a causa para a produção de uma segunda Consciência aparecendo depois da ocorrência do fim. Se, além disso, a própria perda da Consciência anterior for considerada como a causa da produção da segunda Consciência, então após a morte de um corpo humano ser ocasionada por uma clava pesada, um segundo corpo surgiria do corpo que foi assim privado de animação. Mais uma vez, sua doutrina da extinção da vida (ou Nirvana ou Sattwasankshaya) está exposta à objeção que aquela extinção se tornará um fenômeno periódico como aquele das estações, ou o ano, ou o yuga, ou calor, ou frio, ou objetos que são agradáveis ou desagradáveis. (Se, como já foi dito, a segunda Consciência for o efeito resultante da perda ou da própria destruição da Consciência anterior, então destruição não é aniquilação, e, necessariamente, depois que o Nirvana foi uma vez alcançado, pode haver uma nova Consciência ou nascimento, e, dessa maneira, depois de ter alcançado o Nirvana o mesmo resultado pode se seguir. O Nirvana budista, portanto, não pode levar àquela Emancipação final que é indicada nas escrituras Brahmânicas.) Se, para o propósito de evitar essas objeções, os seguidores desta doutrina afirmam a existência de uma Alma que é permanente e à qual cada nova Consciência se vincula, eles se expõe à nova objeção que aquela substância permanente, por ser dominada pela decrepitude, e pela morte que ocasiona destruição, pode com o tempo ser ela mesma enfraquecida e destruída. Se os suportes de uma mansão são enfraquecidos pelo tempo, a própria mansão com certeza cairá finalmente. (Os budistas então, de acordo com este argumento, não são beneficiados em absoluto por afirmarem a existência de uma Alma permanente à qual cada Consciência repetida pode inerir. A Alma, segundo as escrituras Brahmânicas, não tem atributos ou posses. Ela é eterna, imutável, e independente de todos os atributos. A afirmação de atributos com respeito à Alma leva diretamente à inferência de sua destrutibilidade, e então a asserção de sua permanência ou indestrubilidade sub tais condições é uma contradição em termos, de acordo com o que é frisado neste verso.) Os sentidos, a mente, vento, sangue, carne, ossos (e todos os constituintes do corpo), um depois do outro, encontram com a destruição e entram cada um em sua própria causa produtiva. (O comentador explica que o objetivo deste verso é mostrar que os sentidos, quando destruídos, imergem em suas causas produtivas ou nas substâncias das quais eles são atributos. É claro, aquelas causas ou substâncias são os elementos ou matéria primordial. Isso leva à inferência que embora atributos possam encontrar destruição, contudo as substâncias (das quais eles são atributos) podem permanecer intactas. Isso pode salvar a doutrina budista, pois a Alma, sendo permanente e possuindo consciência, etc., como seus atributos, pode sobreviver, como a matéria primordial, à destruição de seus atributos. Mas o orador frisa que esta doutrina não é filosófica e que a analogia não durará. Substância é combinação de atributos. Os atributos sendo destruídos, a substância também é destruída. Na filosofia européia também, a matéria, como uma essência desconhecida à qual extensão, divisibilidade, etc., são inerentes, não é mais acreditada ou considerada como científica.) Se também for afirmada a existência de uma Alma eterna que é

imutável, que é o refúgio da compreensão, consciência, e outros atributos do tipo comum, e que é dissociada de todos esses, tal afirmação estaria exposta a uma séria objeção, pois então tudo o que é usualmente feito no mundo seria sem sentido, especialmente com referência à obtenção dos resultados da caridade e outras ações religiosas. Todas as declarações nos Srutis incitando àquelas ações, e todas as ações ligadas à conduta de homens no mundo seriam igualmente sem sentido, pois a Alma sendo dissociada da compreensão e da mente, não haveria alguém para desfrutar dos resultados das boas ações e ritos Védicos. (Aqui o orador ataca a doutrina brahmânica ortodoxa do caráter da Alma.) Assim diversos tipos de especulações surgem na mente. Se esta opinião está certa ou errada, não há meios de determinar. Empenhadas em refletir sobre aquelas opiniões, certas pessoas seguem linhas específicas de especulação. As compreensões destas pessoas, dirigidas para teorias específicas, se tornam totalmente relacionadas com elas e são finalmente totalmente perdidas nelas. Dessa maneira todos os homens são tornados miseráveis por buscas, boas ou más. Os Vedas, por trazê-los de volta ao caminho correto, os guiam por ele, como tratadores conduzindo seus elefantes. Muitos homens, com mentes enfraquecidas, cobiçam objetos que estão repletos de grande felicidade. Eles, no entanto, logo têm que encontrar com uma medida muito grande de tristeza, e então, forçosamente arrancados de sua carne cobiçada, eles têm reconhecer o domínio da morte. Que utilidade tem alguém que está destinado à destruição e cuja vida é instável, de parentes e amigos e esposas e outras posses desse tipo? Aquele que encontra a morte depois de ter rejeitado todos estes sai facilmente do mundo e nunca tem que retornar. Terra, espaço, água, calor e vento, sempre nutrem e mantêm o corpo. Refletindo sobre isto, como alguém pode sentir alguma afeição por seu corpo? De fato, o corpo, que está sujeito à destruição, não tem alegria nele.' Tendo ouvido essas palavras de Panchasikha que eram livres de engano, não relacionadas com ilusão (porque desencorajavam sacrifícios e outros atos Védicos), altamente salutares, e tratando da Alma, o rei Janadeva ficou muito admirado, e se preparou para se dirigir ao Rishi mais uma vez.'"

219

"Bhishma disse, 'Janadeva da linhagem de Janaka, assim instruído pelo grande Rishi Panchasikha, mais uma vez o questionou sobre o assunto da existência ou não existência depois da morte.'"

"Janadeva disse, 'Ó ilustre, se nenhuma pessoa retém qualquer conhecimento depois de partir deste estado de existência, se, de fato, isto é verdade, onde então está a diferença entre Ignorância e Conhecimento? O que nós ganhamos então pelo conhecimento e o que nós perdemos pela ignorância? Veja, ó principal das pessoas regeneradas, que se a Emancipação for desta maneira, então todos os atos e votos religiosos terminam somente em aniquilação. De que utilidade seria então a distinção entre atenção e negligência? Se Emancipação significa separação de todos os objetos de gozo aprazível ou uma associação com objetos que não são duradouros, por que então homens nutririam um desejo por ação, ou,

tendo se aplicado à ação, continuariam a planejar os meios necessários para a realização de fins desejados? Qual então é a verdade (com relação a este tópico)?'"

"Bhishma continuou, 'Vendo o rei envolvido em uma densa escuridão, estupefato pelo erro, e desamparado, o erudito Panchasikha o tranquilizou por se dirigir a ele mais uma vez nas seguintes palavras, 'Nisto (Emancipação) a consumação não é Extinção. Nem aquela consumação é algum tipo de Existência (que alguém possa conceber facilmente). Isso que nós vemos é uma união de corpo, sentidos, e mente. Existindo independentemente como também controlando uns aos outros, estes seguem agindo. Os materiais que constituem o corpo são água, espaço, vento, calor, e terra. Estes existem juntos (formando o corpo) de acordo com sua própria natureza. Eles se separam também segundo sua própria natureza. Espaço e vento e calor e água e terra, estes cinco objetos em um estado de união constituem o corpo. O corpo não é um elemento. Inteligência, calor estomacal, e os ares vitais, chamados Prana, etc., que são todos vento, estes três são citados como os órgãos de ação. Os sentidos, os objetos dos sentidos (isto é, som, forma, etc.), o poder (morando naqueles objetos) pelo qual eles se tornam capazes de serem percebidos, as faculdades (residentes nos sentidos) pelas quais eles conseguem percebê-los, a mente, os ares vitais chamados Prana, Apana e o resto, e os vários sucos e líquidos orgânicos que são os resultados dos órgãos digestivos, fluem dos três órgãos já citados. (Os cinco primeiros são os efeitos da inteligência; os ares vitais, do vento; e os sucos e líquidos, do calor estomacal.) Audição, tato, paladar, visão, e olfato, estes são os cinco sentidos. Eles derivam seus atributos da mente a qual, de fato, é sua causa. A mente, existindo como um atributo de Chit, tem três estados, isto é, prazer, dor, e ausência de ambos. Som, tato, forma, gosto, cheiro, e os objetos aos quais eles inerem, estes até o momento da morte são as causas da produção do conhecimento de alguém. Dos sentidos dependem todas as ações (que levam ao céu), como também a renúncia (levando à obtenção de Brahma), e também a averiguação da verdade em relação a todos os tópicos de investigação. Os eruditos dizem que a averiguação (da verdade) é o maior objetivo da existência, e que ela é a semente ou base da Emancipação; e, com relação à Inteligência, eles dizem que ela leva à Emancipação e Brahma. Aquela pessoa que considera esta união de atributos perecíveis (chamada de corpo e de objetos dos sentidos) como a Alma, sente, por tal imperfeição de conhecimento, muita miséria que também vem a ser interminável. Aquelas pessoas, por outro lado, que consideram todos os objetos mundanos como não-Alma, e que por causa disso cessam de ter qualquer afeição ou atração por eles, nunca têm que sentir qualquer tristeza, pois a tristeza no caso delas carece de alguma fundação sobre a qual se apoiar. Em relação a isto existe o ramo inigualável de conhecimento que trata da Renúncia. Ele é chamado de Samyagradha. Eu te falarei sobre ele. Escute a isto por causa de tua Emancipação. A renúncia das ações é (prescrita) para todas as pessoas que se esforçam seriamente pela Emancipação. Aqueles, no entanto, que não foram ensinados corretamente (e que por causa disso acham que tranquilidade pode ser obtida sem renúncia) têm que aguentar uma carga pesada de tristeza. Sacrifícios Védicos e outros ritos existem para a renúncia de riqueza e outras posses. Para a

renúncia de todos os prazeres existem votos e jejuns de diversos tipos. Para renúncia do prazer e felicidade existem penitências e yoga. A renúncia, no entanto, de tudo, é o tipo mais elevado de renúncia. Isso que eu agora te direi é o único caminho indicado pelos eruditos para aquela renúncia de tudo. Aqueles que se dirigem para aquele caminho (que consiste em yoga) conseguem rechaçar toda tristeza. Aqueles, no entanto, que se desviam dele colhem angústia e miséria. Falando primeiro dos cinco órgãos de conhecimento tendo a mente como o sexto, todos os quais residem na compreensão, eu irei te falar dos cinco órgãos de ação tendo a força como seu sexto. As duas mãos constituem dois órgãos de ação. As duas pernas são os dois órgãos para se mover de um lugar para outro. O órgão sexual existe para o prazer e a continuação da espécie. O ducto inferior, levando do estômago para baixo, é o órgão para a expulsão de toda a matéria usada. Os órgãos de expressão vocal existem para a expressão de sons. Saiba que estes cinco órgãos de ação concernem ou pertencem à mente. Estes são os onze órgãos de conhecimento e de ação (contando a mente). Alguém deve rapidamente rejeitar a mente com a compreensão. (Por rejeitar a mente alguém rejeita os cinco órgãos de ação. Por rejeitar sua compreensão, alguém rejeita os órgãos de conhecimento com a mente.) No ato de ouvir, três causas devem existir juntas, isto é, dois ouvidos, som, e a mente. O mesmo é o caso com a percepção de tato; o mesmo com aquela de forma; o mesmo com aquela de paladar e olfato. (Isto é, em cada uma dessas operações três causas devem existir juntas.) Estes quinze acidentes ou atributos são necessários para os vários tipos de percepção indicados. Todo homem, por causa deles, fica consciente de três coisas separadas a respeito daquelas percepções (isto é, um órgão material, sua função específica, e a mente sobre a qual aquela função age). Há também (em relação a todas as percepções da mente) três classes, isto é, aquelas que concernem à Bondade, aquelas que concernem à Paixão, e aquelas que concernem à Ignorância. Nelas passam três tipos de consciência, incluindo todos os sentimentos e emoções. Êxtases, satisfação, alegria, felicidade, e tranquilidade, surgindo na mente de alguma causa perceptível ou na ausência de qualquer causa aparente, pertencem ao atributo de Bondade. Descontentamento, desgosto, angústia, cobiça, e disposição para a vingança, sem causa ou ocasionados por alguma causa perceptível, são as indicações do atributo conhecido como Paixão. Julgamento errado, entorpecimento, negligência, sonhos, e sonolência, embora causados, pertencem ao atributo de Ignorância. Qualquer estado de consciência que exista, com respeito ao corpo ou à mente, unido com alegria ou satisfação, deve ser considerado como devido à qualidade de Bondade. Qualquer estado de consciência que exista unido com algum sentimento de descontentamento ou tristeza deve ser considerado como ocasionado por uma acessão do atributo de Paixão na mente. Qualquer estado, em relação ao corpo ou à mente, que exista com erro ou negligência, deve ser conhecido como indicativo de Ignorância a qual é incompreensível e inexplicável. O órgão de audição depende do espaço; ele é o próprio espaço (sob limitações); (o som tem aquele órgão como seu refúgio). (O som, portanto, é uma modificação do espaço.) Em perceber som, alguém pode não adquirir imediatamente um conhecimento do órgão de audição e do espaço. Mas quando som é percebido, o órgão de audição e espaço não permanecem desconhecidos por muito tempo. (Por destruir o ouvido, som e espaço podem ser

destruídos; e, finalmente, por destruir a mente tudo pode ser destruído.) O mesmo é o caso com a pele, os olhos, a língua, e o nariz constituindo o quinto. Eles existem em tato, forma, gosto, e cheiro. Eles constituem a faculdade de percepção e eles são a mente. (A inferência é que as funções sendo destruídas, os órgãos são destruídos, e a mente também é destruída, ou, a mente sendo destruída, todos são destruídos.) Cada um empenhado em sua própria função específica, todos os cinco órgãos de ação e os cinco outros de conhecimento existem juntos, e após a união dos dez a mente reside como o décimo primeiro e sobre a mente a compreensão como o décimo segundo. Se for dito que estes doze não existem juntos, então a consequência que resultaria seria a morte no sono sem sonhos. Mas como não há morte no sono sem sonhos, deve ser admitido que estes doze existem juntos em relação a si mesmos mas separadamente da Alma. A coexistência desses doze com a Alma, que é aludida em linguagem comum é somente uma forma comum de falar com os incultos para propósitos comuns no mundo. O sonhador, pelo aparecimento de impressões sensuais passadas, se torna consciente de seus sentidos em suas formas sutis, e dotado como ele já é dos três atributos (de bondade, paixão, e ignorância), ele considera seus sentidos como existindo com seus respectivos objetos e, portanto, age e se move com um corpo imaginário do mesmo modo que sua própria pessoa enquanto desperta. Esta separação da Alma da compreensão e da mente com os sentidos (resultado do sono sem sonhos), que desaparece rapidamente, que não tem estabilidade, e que a mente faz surgir somente quando influenciada pela ignorância, é a felicidade que partilha, como os eruditos dizem, da natureza da ignorância e é experimentada somente neste corpo grosseiro. (A felicidade da Emancipação seguramente difere dela.) Sobre a felicidade da Emancipação também, a felicidade a qual é despertada pelo ensino inspirado dos Vedas e na qual ninguém vê a menor traço de tristeza, a mesma ignorância indescritível e que esconde a verdade parece se espalhar (como no sono sem sonhos, mas na verdade a felicidade da Emancipação não é maculada pela ignorância). Como o que ocorre no sono sem sonhos, na Emancipação também, existências subjetivas e objetivas (de Consciência dos objetos dos sentidos, todos incluídos), que têm sua origem nas ações de uma pessoa, são todas descartadas. Em alguns, que são oprimidos por Avidya, elas existem, firmemente enxertadas com eles. Para outros que transcenderam Avidya e ganharam conhecimento, elas nunca vêm em nenhum momento. Aqueles que estão familiarizados com especulações acerca do caráter de Alma e não-Alma, dizem que esta soma total (dos sentidos, etc.) é o corpo (kshetra). Aquela coisa existente que se baseia na mente é chamada de Alma (kshetrajna). Quando tal é o caso, e quando todas as criaturas, pela causa bem conhecida (que consiste em ignorância, desejo, e ações cujo início não pode ser concebido), existem, devido também à sua natureza primária (a qual é um estado de união entre corpo e Alma), (deste dois) qual então é destrutível, e como pode aquele, (isto é, a Alma), que é citado como sendo eterno, sofrer destruição? Como pequenos rios caindo em maiores perdem suas formas e nomes, e os maiores (assim aumentados) chegando ao oceano, perdem suas formas e nomes também, do mesmo modo ocorre aquela forma de extinção de vida chamada Emancipação. (Isto é, o corpo grosseiro desaparece no sutil, o sutil na forma de existência potencial (karana), e este último na Alma Suprema.) Sendo este o caso, quando

jiva o qual é caracterizado por atributos, é recebido dentro da Alma Universal, e quando todos os seus atributos desaparecem, como ele pode ser objeto de menção por diferenciação? Alguém que conhece aquela compreensão que é dirigida para a realização da Emancipação e que procura atentamente conhecer a Alma, nunca é maculado pelos maus resultados de suas ações, assim como uma folha de lótus, embora mergulhada em água, nunca é molhada por ela. Quando alguém se torna livre dos vínculos muito fortes, muitos em número, ocasionados por afeição por filhos e cônjuges e amor por sacrifícios e outros ritos, quando alguém rejeita alegria e tristeza e transcende todas as atrações, ele então alcança o fim mais sublime e entrando na Alma Universal se torna incapaz de diferenciação. Quando uma pessoa compreendeu as declarações dos Srutis que levam a inferências corretas (sobre Brahma) e tem praticado aquelas virtudes auspiciosas que as mesmas e outras escrituras inculcam, ela pode se deitar em paz, desprezando os medos de velhice e morte. Quando ambos, méritos e pecados desaparecem, e os resultados, na forma de alegria e tristeza, surgidos deles, são destruídos, os homens, livres de tudo, se refugiam primeiro em Brahma investido com personalidade, e então contemplam Brahma impessoal em suas compreensões. Jiva no curso de sua descida sob a influência de Avidya vive aqui, (dentro de sua cela formada por ações), da mesma maneira de um bicho da seda residindo dentro de sua cela feita de fios tecidos por si mesmo. Como o bicho da seda livre que abandona sua cela, jiva também abandona sua casa gerada por suas ações. O resultado final que ocorre é que suas tristezas são então destruídas como um torrão de terra caindo com violência sobre uma massa rochosa. Como o Ruru rejeitando seus chifres velhos ou a cobra abandonando sua pele segue em frente sem atrair qualquer atenção, do mesmo modo uma pessoa que não é apegada rejeita todas as suas tristezas. Como uma ave abandona uma árvore que está prestes a cair sobre a água e assim se separando dela pousa em um (novo) lugar de descanso, do mesmo modo a pessoa livre de vínculos rejeita alegria e tristeza e dissociada até de suas formas sutis e mais sutis alcança aquele fim que é repleto da maior prosperidade. Seu próprio antepassado Janaka, ó chefe de Mithila, vendo esta cidade queimando em uma conflagração, proclamou, 'Neste incêndio nada meu está queimando'.' O rei Janadeva, tendo escutado estas palavras capazes de produzir imortalidade e proferidas por Panchasikha, e chegando à verdade depois de refletir cuidadosamente sobre tudo o que o último tinha dito, rejeitou suas tristezas e viveu no desfrute de grande felicidade. Aquele que lê este discurso, ó rei, que trata de emancipação, e que sempre reflete sobre ele, nunca é atormentado por qualquer calamidade, e, livre da tristeza, alcança a emancipação como Janadeva, o soberano de Mithila, depois de seu encontro com Panchasikha.'"

220

"Yudhishthira disse, 'Por fazer o que alguém obtém felicidade, e o que é aquilo que por fazer o qual alguém encontra com aflição? O que também é aquilo, ó

Bharata, por fazer o qual alguém se torna livre do medo e permanece aqui coroado com sucesso (em relação aos objetivos da vida)?'"

"Bhishma disse, 'Os antigos que tinham suas compreensões dirigidas para os Srutis louvavam altamente o dever de autodomínio para todas as classes em geral mas para os Brahmanas em especial. Sucesso em relação a ritos religiosos nunca ocorre no caso de alguém que não é autocontrolado. Ritos religiosos, penitências, veracidade, todos estes estão estabelecidos no autodomínio. O autodomínio aumenta a energia de alguém. O autodomínio é citado como sagrado. O homem de autodomínio se torna impecável e destemido e obtém grandes resultados. Alguém que é autocontrolado dorme alegremente e acorda alegremente. Ele permanece alegremente no mundo e sua mente sempre permanece contente. Todo tipo de excitamento é controlado calmamente pelo autodomínio. Alguém que não é autocontrolado fracassa em um esforço parecido. O homem de autodomínio olha para seus inúmeros inimigos (na forma de luxúria, desejo, e raiva, etc.), como se eles morassem em um corpo separado. Como tigres e outros animais carnívoros, pessoas desprovidas de autodomínio sempre inspiram todas as criaturas com medo. Para controlar esses homens, o Nascido por Si Mesmo (Brahman) criou reis. Em todos os (quatro) modos de vida, a prática de autodomínio é eminente sobre todas as outras virtudes. Os resultados do autodomínio são muito maiores do que aqueles obteníveis em todos os modos de vida. Eu agora mencionarei para ti as indicações daquelas pessoas que apreciam muito o autodomínio. Elas são nobreza, disposição tranquila, contentamento, fé, generosidade, simplicidade invariável, ausência de loquacidade, humildade, reverência por superiores, benevolência, compaixão por todas as criaturas, franqueza, abstenção de conversa sobre reis e homens em autoridade, de todas as conversas falsas e inúteis, e de louvores e críticas a outros. O homem autocontrolado se torna desejoso de emancipação e, suportando quietamente alegrias e aflições atuais, nunca se alegra ou deprime pelas (alegrias e aflições) aguardadas. Desprovido de desejo de vingança e de todos os tipos de fraude, e inalterado por elogio e crítica, tal homem é bem comportado, tem boas maneiras, é puro de alma, tem firmeza ou constância, e é um mestre perfeito de suas paixões. Recebendo honras neste mundo, tal homem na vida após a morte vai para o céu. Fazendo todas as criaturas adquirirem o que elas não poderiam adquirir sem sua ajuda, tal homem se regozija se torna feliz. (Dar alimento e roupas para os pobres e necessitados em tempos de escassez é referido aqui.) Dedicado à benevolência universal, tal homem nunca nutre animosidade por alguém. Tranquilo como o oceano em uma calma sem movimento, a sabedoria enche sua alma e ele nunca está alegre. Possuidor de inteligência, e merecedor de reverência universal, o homem de autodomínio nunca sente medo de alguma criatura e não é temido por alguma criatura em retorno. Aquele homem que nunca se regozija nem com grandes aquisições e que nunca sente tristeza quando oprimido pela calamidade, é citado como sendo possuidor de sabedoria contente. Tal homem é considerado como autocontrolado. De fato, tal homem é citado como um ser regenerado. Versado nas escrituras e dotado de uma alma pura, o homem de autodomínio, realizando todas aquelas ações que são feitas pelos bons, desfruta de seus resultados superiores. Aqueles, no entanto, que são de alma

pecaminosa nunca se dirigem para o caminho representado pela benevolência, perdão, tranquilidade, contentamento, gentileza de palavras, veracidade, generosidade e auxílio. Seu caminho consiste em luxúria e cólera e cobiça e inveja de outros e jactância. Subjugando luxúria e cólera, praticando o voto de Brahmacharya e se tornando um mestre completo de seus sentidos, o Brahmana, se esforçando com resistência nas mais austeras das penitências, e observando as restrições mais rígidas, deve viver neste mundo, esperando calmamente por sua hora como alguém parecendo ter um corpo embora sabendo perfeitamente que ele não está sujeito à destruição.'"

221

"Yudhishthira disse, 'As três classes regeneradas, que são dadas a sacrifícios e outros ritos, às vezes comem os restos, consistindo em carne e vinho, de sacrifícios em honra das divindades, por motivos de obter filhos e céu. Qual, ó avô, é o caráter desta ação?'"

"Bhishma disse, 'Aqueles que comem alimento proibido sem serem celebradores dos sacrifícios e votos ordenados nos Vedas são considerados como homens teimosos. (Eles são considerados como decaídos mesmo aqui.) Aqueles, por outro lado, que comem tal alimento na observância de sacrifícios e votos Védicos e induzidos pelo desejo de frutos na forma de céu e crianças, ascendem para o céu mas caem no esgotamento de seus méritos.'"

"Yudhishthira disse, 'Pessoas comuns dizem que jejuar é tapas (penitência). É o jejum, no entanto, realmente assim, ou a penitência é algo diferente?'"

"Bhishma disse, 'As pessoas consideram o jejum, medido por meses ou quinzenas ou dias, como penitência. Na opinião, no entanto, dos bons, isso não é penitência. Por outro lado, o jejum é um obstáculo para a aquisição do conhecimento da Alma. (O objetivo das duas respostas de Bhishma é mostrar que causar dor a outros (sacrificando animais) é censurável, e causar dor a si mesmo é igualmente censurável.) A renúncia das ações (que é tão difícil para todos) e humildade (consistindo no culto de todas as criaturas e consideração por todas elas) constituem a penitência mais elevada. Ela é eminente sobre todos os tipos de penitência. Aquele que se dirige para tal penitência é considerado como alguém que está sempre jejuando e que está sempre levando uma vida de Brahmacharya. Tal Brahmana será um Muni sempre, uma divindade eternamente, sem sono para sempre, e alguém dedicado somente à procura de virtude, mesmo que ele viva no seio de uma família. Ele será um vegetariano sempre, e puro para sempre. Ele sempre será um comedor de ambrosia, e um adorador de deuses e convidados. De fato, ele será considerado como alguém sempre subsistindo de restos sacrificais, como alguém sempre dedicado ao dever de hospitalidade, como alguém sempre cheio de fé, e como alguém sempre cultuando deuses e convidados.'"

"Yudhishthira disse, 'Como alguém praticando tal penitência pode vir a ser considerado como alguém que está sempre jejuando ou como alguém que está sempre dedicado ao voto de Brahmacharya, ou como alguém que está sempre subsistindo de restos sacrificais ou como alguém que é sempre atencioso com convidados?'"

"Bhishma disse, 'Ele será considerado como alguém que está sempre jejuando se ele comer uma vez durante o dia e uma vez durante a noite nas horas determinadas, sem comer nada durante o intervalo. Tal Brahmana, por sempre falar a verdade e por aderir sempre à sabedoria, e por ir até sua esposa somente na época dela e nunca em outros momentos, se torna um Brahmacharin (celibatário). Por nunca comer carne de animais não mortos para sacrifício ele se tornará um vegetariano rigoroso. Por sempre ser caridoso ele sempre será puro, e por se abster de dormir durante o dia ele se tornará alguém que está sempre desperto. Saiba, ó Yudhishthira, que aquele homem que come somente depois de ter alimentado seus empregados e convidados se torna sempre um comedor de ambrosia. Aquele Brahmana que nunca come até que os deuses e convidados estejam alimentados, ganha, por tal abstenção, o próprio céu. É citado como subsistindo de restos sacrificais aquele que come somente o que resta depois de alimentar os deuses, os Pitris, empregados, e convidados. Tais homens ganham inúmeras regiões de felicidade na próxima vida. Para suas casas vão, com o próprio Brahman, os deuses e as Apsaras. Aqueles que partilham seu alimento com as divindades e os Pitris passam seus dias em felicidade constante com seus filhos e netos e finalmente, deixando este corpo, obtêm um fim muito elevado.'"

222

"Yudhishthira disse, 'Neste mundo, ó Bharata, os atos bons e maus se ligam ao homem para o propósito de produzir resultados para desfrute ou tolerância. O homem, no entanto, deve ser considerado como seu fazedor ou ele não deve ser considerado dessa maneira? Dúvida enche minha mente com respeito a esta questão. Eu desejo ouvir isto de ti em detalhes, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto, ó Yudhishthira, é citada a antiga narrativa de uma conversa entre Prahlada e Indra. O chefe dos Daityas, isto é, Prahlada, era indiferente a todos os objetos mundanos. Seus pecados tinham sido purificados. De ascendência respeitável, ele possuía grande erudição. Livre de estupefação e orgulho, sempre observador da qualidade de bondade, e dedicado a vários votos, ele recebia louvor e crítica igualmente. Possuidor de autodomínio, ele estava então passando seu tempo em um aposento vazio. Conhecedor da origem e destruição de todos os objetos criados, móveis e imóveis, ele nunca se zangava com coisas que o desagradavam e nunca se regozijava pela acessão de objetos que eram agradáveis. Ele lançava um olhar igual sobre ouro e um pedaço de terra. Firmemente engajado no estudo da Alma e em alcançar a Emancipação, e firme em conhecimento, ele tinha chegado a conclusões fixas em relação à verdade. Conhecedor do que é supremo e do que não é assim entre as todas

coisas, onisciente e de visão universal, quando ele estava sentado um dia em um aposento solitário com seus sentidos sob controle total, Sakra se aproximou dele, e desejoso de despertá-lo, disse estas palavras, 'Ó rei, eu vejo residindo em ti permanentemente todas aquelas qualidades pelas quais uma pessoa ganha a estima de todos. Tua compreensão parece ser como aquela de uma criança, livre de atração e aversão. Tu conheces a Alma. Quais, tu pensas, são os melhores meios pelos quais um conhecimento da Alma pode ser obtido? Tu estás agora amarrado em cordas, decaído da tua posição anterior, trazido sob o domínio de teus inimigos, e desprovido de prosperidade. Tuas circunstâncias presentes são tais que podem muito bem inspirar aflição. Ainda assim como é que, ó Prahlada, tu não te entregas à aflição? É isto devido, ó filho de Diti, à aquisição de sabedoria ou é por causa da tua firmeza? Veja tuas calamidades, ó Prahlada, e contudo tu pareces com alguém que está feliz e tranquilo.' Assim incitado por Indra, o chefe dos Daityas, dotado de conclusões decisivas a respeito da verdade, respondeu ao primeiro nestas palavras gentis e indicativas de grande sabedoria.'"

"Prahlada disse, 'Aquele que não conhece a origem e a destruição de todos os objetos criados, é, por tal ignorância, entorpecido. Aquele, no entanto, que está familiarizado com estas duas coisas, nunca fica entorpecido. Todos os tipos de entidades e não-entidades tomam forma ou cessam em consequência de sua própria natureza. Nenhum tipo de esforço pessoal é necessário (para a produção de tais fenômenos). Na ausência, portanto, de esforço pessoal, é evidente que nenhum agente pessoal existe para a produção de tudo isso que nós percebemos. Mas embora (em realidade) a pessoa (ou o chit) nunca faça alguma coisa, contudo (pela influência da Ignorância) uma consciência em relação à ira se espalha sobre ela. Aquele que se considera como o fazedor de ações boas ou más, possui uma sabedoria que é contaminada. Tal pessoa não é, de acordo com meu julgamento, conhecedora da verdade. Se, ó Sakra, o ser chamado pessoa fosse realmente o ator, então todas as ações empreendidas para seu próprio benefício seriam certamente coroadas com êxito. Nenhuma daquelas ações seria malograda. Mesmo entre as pessoas que se esforçam o máximo a suspensão do que não é desejado e a ocorrência do que é desejado não são vistos. O que acontece então com o esforço pessoal? No caso de alguns, nós vemos que sem qualquer esforço de sua parte, o que não é desejado é afastado e o que é desejado é realizado. Isto então deve ser o resultado da Natureza. Algumas pessoas também são vistas apresentarem aspectos extraordinários, pois embora possuidoras de inteligência superior elas têm que pedir riqueza de outras que são comuns em aspecto e dotadas de pouca inteligência. De fato, quando as qualidades, boas ou más, entram em uma pessoa, incitadas pela natureza, que motivo há para alguém se vangloriar (de suas posses superiores)? Todas essas fluem da Natureza. Esta é minha conclusão segura. Até Emancipação e conhecimento do eu, de acordo comigo, fluem da mesma fonte."

"Neste mundo todos os resultados, bons ou maus, que se ligam às pessoas, são considerados como o resultado de ações. Eu agora te falarei integralmente sobre o assunto das ações. Ouça-me. Como um corvo, enquanto comendo algum alimento, proclama a presença daquele alimento (para os membros de sua

espécie) por crocitar repetidamente, da mesma maneira todas as nossas ações somente proclamam as indicações da Natureza. Aquele que está familiarizado somente com as transformações da Natureza mas não com a Natureza que é suprema e existe por si mesma, sente estupefação por causa de sua ignorância. Quem, no entanto, entende a diferença entre a Natureza e suas transformações nunca fica estupefato. Todas as coisas existentes têm sua origem na Natureza. Por sua certeza de convicção a este respeito, uma pessoa nunca será afetada por orgulho ou arrogância. Quando eu sei qual é a origem de todas as ordenanças de moralidade e quando eu estou familiarizado com a instabilidade de todos os objetos, eu sou incapaz, ó Sakra, de me entregar à aflição. Tudo isso é dotado de um fim. Sem afeições, sem orgulho, sem desejo e esperança, livre de todos os vínculos, e dissociado de tudo, eu estou passando meu tempo em grande felicidade, ocupado em observar o aparecimento e desaparecimento de todos os objetos criados. Para alguém que possui sabedoria, que é autocontrolado, que é contente, que é sem desejo e expectativa, e que vê todas as coisas com a luz do autoconhecimento, nenhum aborrecimento ou ansiedade existe, ó Sakra! Eu não tenho afeição ou aversão pela Natureza ou suas transformações. Eu não vejo alguém agora que é meu inimigo nem alguém que é meu próprio. Eu não cobiço, ó Sakra, em tempo algum, o céu, ou este mundo, ou as regiões inferiores. Não é o caso que não há felicidade na compreensão da Alma, mas a Alma, sendo dissociada de tudo, não pode desfrutar de felicidade. Então eu não desejo nada.'"

"Sakra disse, 'Diga-me os meios, ó Prahlada, pelos quais este tipo de sabedoria pode ser obtido e pelos quais este tipo de tranquilidade pode ser possuído por alguém. Eu te peço.'"

"Prahlada disse, 'Por simplicidade, por atenção, por purificar a Alma, por dominar as paixões, e por servir superiores idosos, ó Sakra, uma pessoa consegue alcançar a Emancipação. Saiba, no entanto, que alguém adquire sabedoria da Natureza, e que a aquisição de tranquilidade também é devido à mesma causa. De fato, tudo mais que tu percebes é devido à Natureza.'"

"Assim endereçado pelo senhor dos Daityas, Sakra se encheu de admiração, e elogiou aquelas palavras, ó rei, com um coração alegre. O senhor dos três mundos então, tendo adorado o senhor dos Daityas, se despediu e procedeu para sua própria residência.'"

223

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, por adotar qual tipo de inteligência pode um monarca, que foi privado de prosperidade e esmagado pela clava pesada do Tempo, ainda viver sobre esta terra.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha narrativa da conversa entre Vasava e o filho de Virochana, Vali. Um dia Vasava, depois de ter subjugado todos os Asuras, foi até o Avô e unindo suas mãos o reverenciou e perguntou sobre o paradeiro de Vali. 'Diga-me, ó Brahman, aonde eu posso agora encontrar aquele

Vali cuja riqueza continuava não diminuída ainda que ele costumasse doá-la tão profusamente quanto ele desejava. Ele era o deus do vento. Ele era Varuna. Ele era Surya. Ele era Soma. Ele era Agni que costumava aquecer todas as criaturas. Ele se tornou água (para o uso de todos). Eu não descubro onde ele está agora. De fato, ó Brahman, me diga onde posso achar Vali agora. Antigamente, era ele quem costumava iluminar todos os pontos do horizonte (como Surya) e se pôr (quando chegava a noite). Rejeitando ociosidade, era ele quem costumava despejar chuva sobre todas as criaturas na estação apropriada. Eu agora não vejo aquele Vali. De fato, me diga, ó Brahmana, aonde eu posso encontrar aquele principal dos Asuras agora.'"

"Brahman disse, 'Não fica bem para ti, ó Maghavat, perguntar dessa maneira por Vali agora. Não se deve, no entanto, falar uma mentira quando se é questionado por outro. Por esta razão, eu te falarei do paradeiro de Vali. Ó marido de Sachi, Vali agora pode ter tomado seu nascimento entre camelos ou touros ou jumentos ou cavalos, e tendo se tornado o principal de sua espécie pode estar agora permanecendo em um apartamento vazio.'"

"Sakra disse, 'Se, ó Brahman, acontecer de eu encontrar com Vali em um apartamento vazio, eu devo matá-lo ou poupá-lo? Diga-me como eu devo agir.'"

"Brahman disse, 'Não fira Vali, ó Sakra, Vali não merece a morte. Tu deves, por outro lado, ó Vasava, solicitar instrução dele sobre moralidade, ó Sakra, como quiseres.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado pelo Criador divino, Indra vagou pela terra, sentado nas costas de Airavata e acompanhado por circunstâncias de grande esplendor. Ele conseguiu se encontrar com Vali, que, como o Criador tinha dito, estava vivendo em um apartamento vazio vestido na forma de um asno.'"

"Sakra disse, 'Tu és agora, ó Danava, nascido como um asno subsistindo de palhiço como teu alimento. Essa tua classe de nascimento é certamente uma inferior. Tu te afliges ou não por isto? Eu vejo o que eu nunca tinha visto antes, isto é, tu trazido sob o domínio de teus inimigos, privado de prosperidade e amigos, e sem energia e destreza. Antigamente, tu costumavas avançar pelos mundos com tua comitiva consistindo em milhares de veículos e milhares de parentes, e te movias para diante, chamuscando todos com teu esplendor e nos considerando como nada. Os Daityas, te considerando como seu protetor, viviam sob teu domínio. Pelo teu poder, a terra costumava produzir colheitas sem esperar por cultura. Hoje, no entanto, eu te vejo tragado por esta calamidade terrível. Tu te entregas ou não à aflição por isto? Quando antigamente tu costumavas, com orgulho refletido em teu rosto, dividir nas margens leste do oceano tua vasta riqueza entre teus parentes, qual era o estado da tua mente então? Antigamente, por muitos anos, quando resplandecente com magnificência, tu costumavas te divertir, milhares de donzelas celestes costumavam dançar diante de ti. Todas elas eram enfeitadas com guirlandas de lotos e todas tinham companheiras brilhantes como ouro. Qual, ó senhor dos Danavas, era o estado da tua mente então e qual é ele agora? Tu tinhas um guarda-sol muito grande feito de ouro e

adornado com jóias e pedras preciosas. Quarenta e dois mil Gandharvas costumavam naqueles tempos dançar diante de ti. Em teus sacrifícios tu tinhas uma estaca que era muito grande e feita totalmente de ouro. Em tais ocasiões tu doavas milhões e milhões de vacas. Qual, ó Daitya, era o estado da tua mente então? Antigamente, empenhado em sacrifício, tu percorreste a terra inteira, seguindo a regra do arremesso do Samya (um pedaço de madeira.) Qual era o estado da tua mente então? Eu agora não vejo aquele teu jarro dourado, nem aquele teu guarda-sol, nem aqueles leques. Eu não vejo também, ó rei dos Asuras, aquela tua guirlanda que te foi dada pelo Avô.'"

"Vali disse, 'Tu não vês agora, ó Vasava, meu jarro e guarda-sol e leques. Tu não vês também minha guirlanda, aquele presente do Avô. Aquelas minhas posses preciosas sobre as quais tu perguntas estão agora enterradas na escuridão de uma caverna. Quando chegar minha hora novamente, tu sem dúvida os verás novamente. Este teu comportamento, no entanto, não convém à tua fama ou nascimento. Tu mesmo em prosperidade, tu desejas zombar de mim que estou afundado em adversidade. Aqueles que adquiriram sabedoria, e obtiveram contentamento dela, aqueles que são de almas tranquilas, que são virtuosos e bons entre as criaturas, nunca se afligem em miséria nem se regozijam em felicidade. Levado, no entanto, por uma inteligência grosseira, tu te entregas à vaidade, ó Purandara! Quando tu te tornares como eu tu então não te entregarás a palavras como essas.'"

224

"Bhishma disse, 'Mais uma vez, rindo de Vali que estava suspirando como uma cobra, Sakra se dirigiu a ele para dizer alguma coisa mais penetrante do que o que tinha dito antes.'"

"Sakra disse, 'Antigamente, escoltado por uma comitiva que consistia em milhares de veículos e parentes, tu costumavas fazer teus progressos, chamuscando todos os mundos com teu esplendor e nos desdenhando. Tu estás agora, no entanto, abandonado por ambos, parentes e amigos. Vendo essa situação miserável que te alcançou, tu te abandonas ou não à aflição? Antigamente, todos os mundos estavam sob teu domínio e era grande tua alegria. Eu pergunto, tu te entregas ou não à aflição agora, por essa tua queda em relação a esplendor externo?'"

"Vali disse, 'Considerando tudo isso como transitório, devido, de fato, à passagem do tempo, ó Sakra, eu não me entrego à aflição. Essas coisas têm um fim. Estes corpos que as criaturas possuem, ó chefe dos celestiais, são todos transitórios. Por esta razão, ó Sakra, eu não sofro (por esta minha forma asinina). Nem esta forma é devido à alguma falha minha. O princípio animante e o corpo vêm à existência juntos, por sua própria natureza. Eles crescem juntos, e encontram a destruição juntos. Tendo obtido esta forma de existência eu não estou permanentemente escravizado por ela. Já que eu sei disso, eu não tenho

motivo para tristeza por causa daquele conhecimento. Como o lugar de repouso final de todos rios é o oceano, assim mesmo o fim de todas as criaturas incorporadas é a morte. Aquelas pessoas que sabem bem disso nunca são entorpecidas, ó manejador do raio! Aqueles, no entanto, que estão dominados pela Paixão e perda do bom senso, não sabem disso, aqueles cuja compreensão está perdida, afundam sob o peso da desgraça. Uma pessoa que obtém uma compreensão aguçada consegue destruir todos os seus pecados. Uma pessoa impecável adquire a qualidade de Bondade, e tendo-a adquirido se torna alegre. Aqueles, no entanto, que se afastam do atributo de Bondade, e obtêm repetidos renascimentos, são obrigados a se entregarem à tristeza e dor, levados pelo desejo e pelos objetos dos sentidos. Sucesso ou o oposto, em relação à obtenção de todos os objetos de desejo, vida ou morte, os frutos da ação que são representados por prazer ou dor, eu não gosto nem desgosto. Quando alguém mata outro, ele mata somente o corpo daquele outro. Aquele homem que pensa que é ele que mata outro, ele mesmo está morto. (A pessoa que considera a si mesma como o matador está imersa em ignorância, pois a Alma nunca é um ator.) De fato, ambos, aquele que mata e aquele que é morto, são ignorantes da verdade. Aquela pessoa, ó Maghavat, que tendo matado ou derrotado alguém se gaba de sua virilidade, deve saber que ele não é o ator, mas a ação (da qual ele se gaba) foi realizada por um agente real (que é diferente). Quando vem a pergunta quanto a quem é que causa a criação e a destruição de coisas no mundo, é geralmente considerado que alguma pessoa (que foi ela mesma causada ou criada) causou a ação (de criação ou destruição). Saiba, no entanto, que a pessoa que é assim considerada tem (como já dito) um criador. Terra, luz ou calor, espaço, água, e vento constituindo o quinto, destes surgem todas as criaturas. (Quando isto é conhecido por mim) que tristeza eu posso sentir (por esta mudança em minha condição)? Alguém que possui grande erudição, alguém que não tem muita erudição, alguém que possui força, alguém que é desprovido de força, alguém que possui beleza pessoal, e alguém que é muito feio, alguém que é afortunado e alguém que não é abençoado pela sorte, são todos varridos pelo Tempo, o qual é profundo demais para ser sondado, por sua própria energia. Quando eu sei que eu fui vencido pelo Tempo, que tristeza eu posso sentir (por essa alteração em minhas circunstâncias)? Alguém que queima algo queima uma coisa que realmente já foi queimada. Alguém que mata, somente mata uma vítima já morta. Alguém que é destruído já foi destruído antes. Algo que é adquirido por uma pessoa é aquilo ao qual já foi chegado e destinado para sua aquisição. Este Tempo é como um oceano. Não há ilha nele. Onde, de fato, é a sua outra margem? Seu limite não pode ser visto. Mesmo refletindo profundamente, eu não vejo o fim dessa corrente contínua que é o grande ordenador de todas coisas e é certamente celestial. Se eu não compreendesse que é o Tempo que destrói todas as criaturas, então, talvez, eu teria sentido as emoções de alegria e orgulho e cólera, ó marido de Sachi! Tu vens aqui para me condenar, tendo averiguado que eu estou agora portando a forma de um asno que subsiste de palhiço e que está agora passando seus dias em um lugar solitário distante das habitações de homens? Se eu desejar, agora mesmo eu posso assumir várias formas terríveis, vendo qualquer uma das quais tu baterias em retirada rapidamente da minha presença. É o Tempo que dá tudo e também tira tudo. É o Tempo que ordena

todas as coisas. Ó Sakra, não te gabe de tua virilidade. Antigamente, ó Purandara, em ocasiões de minha ira tudo costumava se tornar agitado. Eu sou conhecedor, no entanto, ó Sakra, dos atributos eternos de todas as coisas no mundo. Conheça tu também a verdade. Não te permita ficar maravilhado. A riqueza e sua origem não estão sob o controle de alguém. Tua mente parece ser como aquela de uma criança. Ela é a mesma que era antes. Abra teus olhos, ó Maghavat, e adote uma compreensão estabelecida sobre certeza e verdade. Os deuses, os homens, os Pitris, os Gandharvas, as cobras, e os Rakshasas, estavam todos sob meu domínio nos tempos passados. Tu sabes disto, ó Vasava! Com suas compreensões estupefatas pela ignorância, todas as criaturas costumavam me lisonjear, dizendo, 'Saudações àquele ponto do horizonte onde o filho de Virochana, Vali possa estar residindo agora!' Ó marido de Sachi, eu não sofro em absoluto quando eu penso naquela honra (que não é mais prestada a mim). Eu não sinto tristeza por esta minha queda. Minha compreensão é firme a este respeito, isto é, que eu viverei obediente ao domínio do Ordenador. É visto que alguém de nascimento nobre, possuidor de belas feições, e dotado de grande destreza, vive em miséria, com todos os seus conselheiros e amigos. Isto acontece por causa disto ter sido ordenado. Similarmente, alguém nascido em uma linhagem ignóbil, desprovido de conhecimento, e até com uma mácula em seu nascimento, é visto, ó Sakra, viver em felicidade com todos os seus conselheiros e amigos.Isto também acontece por ter sido ordenado. Uma mulher bela e auspiciosa, ó Sakra, é vista passar sua vida em miséria. Similarmente, uma mulher feia com todas as marcas inauspiciosas é vista passar seus dias em grande felicidade. Isso que nós nos tornamos agora não é devido a algum ato nosso, ó Sakra! Que tu és assim agora não é devido, ó manejador do raio, à qualquer ação tua. Tu não fizeste alguma coisa, ó tu de cem sacrifícios, pela qual tu estás agora desfrutando dessa afluência. Nem eu fiz algo pelo qual eu estou agora privado de afluência. Afluência e seu oposto vêm um depois do outro. Eu agora te vejo brilhando com esplendor, dotado de prosperidade, possuidor de beleza, colocado na liderança de todas as divindades, e bramindo dessa maneira para mim. Isto nunca seria exceto pelo fato do Tempo que estava próximo ter depois me atacado. De fato, se o Tempo não tivesse me atacado, eu hoje teria te matado somente com um golpe de meus punhos apesar do fato de tu estares armado com o trovão. Esta, no entanto, não é a hora para empregar minha bravura. Por outro lado, o tempo que chegou é para adotar um comportamento de paz e tranquilidade. É o Tempo que estabelece todas as coisas. O Tempo trabalha sobre todas as coisas e as leva para sua consumação final. (Literalmente, ‘O Tempo cozinha tudo’.) Eu era o adorado senhor dos Danavas. Queimando tudo com minha energia, eu costumava rugir em força e orgulho. Quando o Tempo atacou até a mim mesmo, quem ele não atacará? Antigamente, ó chefe das divindades, sozinho eu suportava a energia de todos os doze Adityas ilustres contigo mesmo entre eles. Era eu que costumava carregar água e então despejá-la como chuva, ó Vasava! Era eu que costumava dar luz e calor aos três mundos. Era eu que costumava proteger e era eu que costumava destruir. Era eu quem dava e era eu quem tirava. Era eu que costumava atar e era eu que costumava desatar. Em todos os mundos eu era o único mestre poderoso. Aquele domínio soberano que eu tinha, ó chefe dos celestiais, não existe mais. Eu estou agora

vituperado pelas forças do Tempo. Aquelas coisas, portanto, não são mais vistas brilharem em mim. Eu não sou o fazedor (dos atos que são aparentemente feitos por mim). Tu não és o fazedor (dos atos feitos por ti). Ninguém mais, ó marido de Sachi, é o fazedor (daqueles atos). É o Tempo, ó Sakra, que protege ou destrói todas as coisas. Pessoas familiarizadas com os Vedas dizem que o Tempo (Eternidade) é Brahma. As quinzenas e meses são seu corpo. Aquele corpo é coberto com dias e noites como seus mantos. As estações são seus sentidos. O ano é sua boca. Algumas pessoas, por sua inteligência superior, dizem que tudo isso (todo o universo) deve ser concebido como Brahma. Os Vedas, no entanto, ensinam que os cinco revestimentos que envolvem a Alma devem ser considerados como Brahma. Brahma é profundo e inacessível como um vasto oceano de águas. É dito que ele não tem nem início nem fim, e que ele é indestrutível e destrutível. (Brahma é indestrutível como jiva ou Alma, e é destrutível como manifestado na forma de não-Eu.) Embora ele seja sem atributos por si mesmo, ainda assim ele entra em todos os objetos existentes e como tal assume atributos. Aquelas pessoas que conhecem a verdade consideram Brahma como eterno. Pela ação da Ignorância, Brahma faz os atributos de materialidade envolverem o Chit ou Alma o qual é espírito imaterial (tendo somente o conhecimento como seu atributo). Aquela materialidade, no entanto, não é o atributo essencial da Alma, pois após o aparecimento de um conhecimento da causa verdadeira de tudo, aquela materialidade cessa de envolver a Alma. Brahma na forma de Tempo é o refúgio de todas as criaturas. Onde tu irias transcender o Tempo? O Tempo ou Brahma, de fato, não pode ser evitado nem por correr nem por ficar imóvel. Todos os cinco sentidos são incapazes de perceber Brahma. Alguns dizem que Brahma é Fogo; alguns que ele é Prajapati; alguns que ele é as Estações; alguns que ele é o Mês; alguns que ele é a Quinzena; alguns que ele é os Dias; alguns que ele é as Horas; alguns que ele é a Manhã; alguns que ele é o Meio-dia; alguns que ele é a Noite; e alguns que ele é o Momento. Assim diversas pessoas falam diversamente dele que é único. Saiba que ele é a Eternidade, sob cujo domínio estão todas as coisas. Muitos milhares de Indras passaram, ó Vasava, cada um dos quais era possuidor de grande força e destreza. Tu também, ó marido de Sachi, terás que passar da mesma maneira. A ti, também, ó Sakra, que és possuidor de poder superior e que és o chefe das divindades, quando tua hora chegar, o Tempo todo-poderoso extinguirá! O Tempo varre todas as coisas. Por esta razão, ó Indra, não te vanglorie. O Tempo não pode ser aquietado nem por ti ou por mim ou por aqueles que passaram antes de nós. Esta prosperidade real que tu alcançaste e que tu pensas estar além de comparação, antigamente era possuída por mim. Ela é insubstancial e irreal. Ela não mora muito tempo em um lugar. De fato, ela morou em milhares de Indras antes de ti, todos os quais, também, eram muitíssimo superiores a ti. Instável como ela é, me abandonando ela agora se aproximou de ti, ó chefe das divindades! Ó Sakra, não te entregue a tal jactância novamente. Cabe a ti te tornares tranquilo. Sabendo que tu és cheio de vaidade, ela logo te abandonará.'"

225

"Bhishma disse, 'Depois disso, aquele de cem sacrifícios viu a deusa da Prosperidade, em sua própria forma incorporada que brilhava em esplendor, sair da forma de Vali de grande alma. O ilustre castigador de Paka, vendo a deusa brilhando com radiância, se dirigiu a Vali nessas palavras, com olhos arregalados de admiração.'"

"Sakra disse, 'Ó Vali, quem é esta, assim brilhando com esplendor, assim enfeitada com plumas, assim adornada com pulseiras douradas na parte superior de seus braços, e emitindo dessa maneira um halo de glória por todos os lados por sua energia que está saindo do teu corpo?'"

"Vali disse, 'Eu não sei se ela é uma donzela Asura ou uma celestial ou uma humana. Tu podes questioná-la tu mesmo. Faça o que te agradar.'"

"Sakra disse, 'Ó tu de doces sorrisos, quem és tu que és possuidora de tal brilho e adornada com plumas que emerges dessa maneira do corpo de Vali? Eu não te conheço. Bondosamente me diga teu nome. Quem, de fato, és tu que estás aqui como a própria Maya, brilhando com teu próprio esplendor, depois de ter abandonado o senhor dos Daityas? Ó, diga-me isto conforme eu te perguntei.'"

"Sree disse, 'Virochana não me conhece. Este Vali que é o filho de Virochana também não me conhece. Os eruditos me chamam pelo nome de Duhshaha (alguém que é mantido com grande dificuldade). Alguns me conhecem pelo nome de Vidhitsa, (literalmente, o desejo por ação, então fartura ou abundância que é o resultado de ação ou labor). Eu tenho outros nomes também, ó Vasava! Eles são Bhuti, Lakshmi, e Sree. (Todos esses nomes implicam abundância e prosperidade.) Tu não me conheces, ó Sakra, nem alguma entre as divindades me conhece.'"

"Sakra disse, 'Ó dama que é difícil de ser mantida, por que tu abandonas Vali agora depois de teres vivido nele por um longo tempo? Isto é devido a alguma ação minha ou é devido a alguma ação que Vali tem feito?'"

"Sree disse, 'Nem o Criador nem o Ordenador me governam. É o Tempo que me move de um lugar para outro. Ó Sakra, não desrespeite Vali.'"

"Sakra disse, 'Por que razão, ó deusa adornada com plumas, você abandona Vali? Por que também você se aproxima de mim (para viver em mim)? Diga-me isto, ó tu de doces sorrisos!'"

'Sree disse, 'Eu vivo na verdade, na caridade, em bons votos, em penitências, em destreza, e em virtude. Vali decaiu de todos esses. Antigamente, ele era devotado aos Brahmanas. Ele era sincero e tinha controlado suas paixões. Ultimamente, no entanto, ele começou a nutrir sentimentos de animosidade em direção aos Brahmanas e tocou manteiga clarificada com mãos sujas. (Isto é, com mãos não lavadas depois de se erguer de suas refeições ou enquanto continuando com suas refeições.) Antigamente, ele estava sempre empenhado na

realização de sacrifícios. Finalmente, cegado pela ignorância e afligido pelo Tempo ele começou a se gabar perante todas as pessoas, dizendo que suas adorações em direção a mim eram incessantes. Abandonando-o (por causa dessas falhas) eu morarei em ti de agora em diante, ó Sakra. Tu deves me manter sem negligência, e com penitências e destreza.'"

"Sakra disse, 'Ó tu que moras em meio a lotos, não há uma única pessoa entre deuses, homens, e todas as criaturas, que possa te possuir para sempre.'"

"Sree disse, 'Realmente, ó Purandara, não há ninguém entre deuses, Gandharvas, Asuras, ou Rakshasas, que possa me manter para sempre.'"

"Sakra disse, 'Ó dama auspiciosa, me diga como eu devo me comportar para que tu possas morar em mim sempre. Eu certamente obedecerei tuas ordens. Cabe a ti me responder verdadeiramente.'"

"Sree disse, 'Ó chefe das divindades, eu te direi como eu poderei ser permitida morar em ti sempre. Me divida em quatro partes de acordo com a ordenança declarada nos Vedas.'"

"Sakra disse, 'Eu atribuirei as habitações de acordo com sua força e poder em te manter. Com relação a mim, eu sempre tomarei cuidado, ó Lakshmi, para que eu não possa te ofender de nenhuma maneira. Entre homens, a terra, aquela progenitora de todas as coisas, mantém todos eles. Ela manterá uma quarta parte de ti. Eu penso que ela tem a força para fazer isso.'"

"Sree disse, 'Aqui, eu entrego um quarto de mim mesma. Que ele seja estabelecido sobre a terra. Depois disto, faça um arranjo apropriado, ó Sakra, para o meu segundo quarto.'"

"Sakra disse, 'As águas, entre homens, em sua forma líquida, fazes vários serviços para os seres humanos. Que as águas tenham uma quarta parte de tua pessoa. Elas têm a força para manter uma porção tua.'"

"Sree disse, 'Eu entrego outro quarto meu que deve ser estabelecido nas águas. Depois disto, ó Sakra, designe um lugar apropriado para o meu terceiro quarto.'"

"Sakra disse, 'Os Vedas, os sacrifícios, e as divindades estão todos estabelecidos no Fogo. O Fogo manterá teu terceiro quarto, quando este for colocado nele.'"

"Sree disse, 'Aqui eu entrego meu terceiro quarto o qual é para ser colocado no Fogo. Ó Sakra, depois disto, atribua um lugar apropriado para o meu último quarto.'"

"Sakra disse, 'Aqueles que são bons entre homens, devotados aos Brahmanas, e verdadeiros em palavras, podem manter tua última quarta parte. Os bons têm o poder para mantê-la.'"

"Sree disse, 'Aqui eu entrego a minha quarta parte que é para ser colocada entre os bons. Minhas porções assim designadas para diferentes criaturas, continue a me proteger, ó Sakra.'"

"Sakra disse, 'Escute estas minhas palavras. Eu te distribuí dessa maneira entre diferentes criaturas. Aquelas entre as criaturas que pecarem contra ti serão castigadas por mim.' O chefe dos Daityas, isto é, Vali, assim abandonado por Sree, então disse estas palavras.'"

"Vali disse, 'No momento o Sol brilha tanto no leste como no oeste, e tanto no norte como no sul. Quando, no entanto, o Sol, se retirando de todos os lados, brilhar somente sobre a região de Brahman situada no meio de Sumeru, então novamente ocorrerá uma grande batalha entre os deuses e os Asuras, e naquela batalha eu seguramente derrotarei todos vocês. Quando o Sol, se retirando de todos os lados, brilhar fixamente somente sobre a região de Brahman, então novamente ocorrerá uma grande luta entre os deuses e os Asuras, e naquela luta eu certamente vencerei todos vocês.'"

(O comentador explica que de acordo com a teoria Purânica, o mundo está situado todo em volta das montanhas de Meru. A região de Brahman está localizada em seu topo. O sol viaja em volta de Meru e brilha sobre todas as direções ou pontos do horizonte. Isso acontece na era chamada de Vaivaswata Manwantara (a era ou época de Manu o filho de Vivaswat). Mas depois da passagem dessa era, quando chegar o Savarnika Manwantara, o sol brilhará somente sobre a região no topo de Meru, e por toda parte haverá escuridão.)

"Sakra disse, 'Brahman me ordenou dizendo que eu nunca deveria te matar. É por esta razão, ó Vali, que eu não arremesso meu raio sobre tua cabeça. Vá para onde quer que tu querias, ó chefe dos Daityas! Ó grande Asura, paz para ti! Não virá época quando o Sol brilhará somente do meridiano. O Auto-nascido (Brahman) antes disso ordenou as leis que regulam os movimentos do Sol. Dando luz e calor para todas as criaturas, ele segue em frente sem cessar. Por seis meses ele viaja em uma direção norte e então nos outros seis em uma direção sul. O sol viaja por estas direções (uma depois da outra), criando inverno e verão para todas as criaturas.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por Indra, ó Bharata, Vali, o chefe dos Daityas, foi para o sul. Purandara procedeu em direção ao norte. Indra de mil olhos, depois de ter escutado aquele discurso de Vali que era caracterizado por uma total ausência de orgulho, então ascendeu aos céus.'"

226

"Bhishma disse, 'Em relação a isto também é citada a antiga narrativa da conversa entre aquele de cem sacrifícios e o Asura Namuchi, ó Yudhishthira. Quando o Asura Namuchi, que estava familiarizado com o nascimento e a morte de todas as criaturas, estava sentado, privado de prosperidade mas de coração imperturbado, como o vasto oceano em perfeita tranquilidade, Purandara

endereçou a ele estas palavras: 'Decaído do teu lugar, amarrado com cordas, trazido sob o domínio de teus inimigos, e privado de prosperidade, tu, ó Namuchi, te entregas à dor ou passas teus dias alegremente?'"

"Namuchi respondeu, 'Por ceder à tal tristeza que não pode ser repelida alguém somente perde o próprio corpo e alegra seus inimigos. Então, também, ninguém pode aliviar a tristeza de outro por tomar alguma parte dela sobre si. Por essas razões, ó Sakra, eu não me entrego à tristeza. Tudo isso que tu vês tem um fim. (Isto é, todas as coisas são destrutíveis em vez de serem eternas.) Indulgência em tristeza destrói beleza pessoal, prosperidade, vida, e a própria virtude, ó chefe das divindades! Sem dúvida, suprimindo aquela tristeza que vem sobre si mesmo e que nasce de uma disposição imprópria da mente, alguém possuidor de conhecimento verdadeiro deve refletir em sua mente a respeito daquilo que é produtivo do maior bem e que mora no próprio coração. Quando alguém coloca sua mente no que é para o seu maior bem, sem dúvida, o resultado que ocorre é que todos os seus objetivos são realizados. (Como explicado anteriormente, alguém que se esforça para obter Emancipação deve se dirigir ao yoga. Como uma consequência de yoga, ele adquire (sem desejá-los) muitos poderes extraordinários. A realização de seus objetivos então segue-se como uma coisa natural.) Há Um Ordenador, e nenhum segundo. Seu controle se estende sobre o ser que se encontra dentro do útero. Controlado pelo grande Ordenador eu sigo como Ele me determina, como água correndo por um caminho para baixo. Sabendo o que é existência e o que é emancipação, e compreendendo também que a última é superior à primeira, eu, no entanto, não me esforço para alcançá-la. Fazendo ações que tendem em direção à virtude e também aquelas que tendem para a direção oposta, eu sigo em frente como Ele me determina. Alguém consegue aquelas coisas que estão ordenadas para serem conseguidas. Aquilo que é para acontecer realmente acontece. Alguém tem que residir repetidamente em tais úteros nos quais ele é colocado pelo Ordenador. Ele não tem escolha na questão. Nunca fica entorpecida aquela pessoa que, quando colocada em qualquer condição específica, a aceita como aquela na qual ela foi ordenada estar. Homens são afetados por prazer e dor que vêm em turnos no decorrer do Tempo. Não há ação pessoal (na questão de prazer ou dor para alguém). Nisto existe tristeza, isto é, que aquele que tem aversão à tristeza se considera como o ator. (O sentido é este: um homem sábio nunca se considera como o ator, e então nunca sente tristeza. Qualquer tristeza que o alcança ele observa impassível e a aceita como o resultado do que foi ordenado. Não é assim com o homem tolo. Ele se julga o ator e considera a tristeza como o resultado de seus próprios atos. Então, ele não pode observá-la indiferente. Tristeza, portanto, se encontra em alguém se considerar como o ator, o verdadeiro ponto de vista sendo que uma pessoa em vez de ser um ator é somente um instrumento nas mãos do grande Ordenador.) Entre Rishis, deuses, grandes Asuras, pessoas totalmente conhecedoras dos três Vedas, e ascetas na floresta, de quem as calamidades não se aproximam? Aqueles, no entanto, que conhecem a Alma e o que é não-Alma nunca temem calamidades. A pessoa de sabedoria, permanecendo naturalmente imóvel como Himavat, nunca cede à raiva; nunca se permite ser vinculada aos objetos dos sentidos; nunca enlanguesce na tristeza ou se regozija na felicidade.

Quando oprimida mesmo até pelas maiores aflições, tal pessoa nunca se entrega à aflição. É muito superior aquela pessoa a quem mesmo o maior sucesso não pode alegrar e até calamidades terríveis não podem afligir, e que tolera prazer e dor, e aquilo que há entre ambos, com um coração inabalável. Em qualquer condição que uma pessoa possa cair, ela deve convocar contentamento sem se entregar à tristeza. De fato, dessa maneira alguém deve afastar de si mesmo a dor crescente que é nascida na mente e que, (se não for dissipada), sem dúvida causará dor. Aquela assembléia de pessoas eruditas envolvidas em discussão a respeito de deveres baseados nos Srutis e nos Smritis não é uma boa assembléia, de fato, ela não merece ser chamada pelo nome de assembléia, entrando na qual um homem pecaminoso não se torna tomado pelo medo (nascido de seus atos maus). É o principal homem de sua espécie aquele que tendo sondado e investigado a retidão consegue agir de acordo com as conclusões às quais ele chega. (O objetivo deste verso é mostrar que conclusões corretas em relação aos deveres são muito raras.) As ações de um homem sábio não são facilmente compreensíveis. Aquele que é sábio nunca fica entorpecido quando desgraças caem sobre ele. Mesmo que ele decaia de sua posição como Gautama em sua velhice, por calamidade muito grande, ele não se permite ser entorpecido. (Este é um golpe duro, o ouvinte, isto é, Indra, tinha violado, sob circunstâncias da mais perversa fraude, a castidade da esposa de Gautama, Ahalya. Gautama teve que punir sua esposa por transformá-la em uma pedra. Essa punição, no entanto, teve um efeito sobre Gautama visto que ela pôs um fim à sua carga de uma vida familiar. Apesar de tal aflição terrível Gautama não permitiu que seu contentamento partisse de seu coração. O efeito da alusão é dizer a Indra que o orador não é como ele mas como Gautama, isto é, que Namuchi não era o escravo de suas paixões mas que ele o mestre de seus sentidos.) Por qualquer um desses, isto é, mantras, força, energia, sabedoria, destreza, comportamento, conduta, ou a afluência de riqueza, uma pessoa pode adquirir aquilo que não foi ordenado para ser adquirido por ela? Que tristeza então há pela não aquisição daquilo no qual alguém colocou seu coração? Antes que eu nascesse, aqueles que têm a questão em suas mãos tinham ordenado o que eu deveria fazer e sofrer. Eu estou realizando o que foi dessa maneira ordenado para mim. O que então a morte pode fazer para mim? Alguém obtém somente aquilo que foi ordenado para ser obtido. Alguém vai para aquela parte onde foi ordenado que ele é para ir. São obtidas aquelas tristezas e alegrias que estão ordenadas para serem obtidas. O homem que sabendo disso perfeitamente, não se permite ser entorpecido, e que está contente sob felicidade e tristeza, é considerado como o principal de sua espécie.'"

227

"Yudhishthira disse, 'O que, de fato, é bom para um homem que está caído em infortúnio terrível, quando perda de amigos ou perda de reino, ó monarca, ocorreu? Neste mundo, ó touro da raça Bharata, tu és o principal de nossos instrutores. Eu te pergunto isto. Cabe a ti me dizer o que eu perguntei.'"

"Bhishma disse, 'Para alguém que foi privado de filhos e esposas e prazeres de todos os tipos e riqueza, e está mergulhado em angústia terrível, a firmeza é o maior bem, ó rei! Nunca está emaciado o corpo de alguém que é sempre possuidor de firmeza. Não se afligir traz felicidade, e também saúde que é uma posse superior. Pela saúde do corpo, alguém pode obter prosperidade novamente. Aquele homem sábio, ó majestade, que adere a uma direção de conduta correta (enquanto afligido pelo infortúnio) consegue adquirir prosperidade, paciência, e perseverança na realização de todos os seus objetivos. Em relação isto é mais uma vez citada a antiga narrativa da conversa entre Vali e Vasava, ó Yudhishthira! Depois que a batalha entre os deuses e os Asuras, na qual um grande número de Daityas e Danavas morreu, tinha acabado, Vali se tornou rei. Ele foi enganado por Vishnu que uma vez mais estabeleceu seu domínio sobre todos os mundos. Ele de cem sacrifícios foi mais uma vez empossado com a soberania das divindades. Depois que o governo das divindades tinha sido assim restabelecido, e as quatro classes de homens tinham sido restabelecidas na prática de seus respectivos rumos de dever, os três mundos mais uma vez cresceram com prosperidade, e o Auto-nascido ficou muito contente. Naquele tempo, acompanhado pelos Rudras, os Vasus, os Adityas, os Aswins, os Rishis celestes, os Gandharvas, os Siddhas, e outras classes de seres superiores, o poderoso Sakra, sentado em esplendor sobre seu príncipe de elefantes de quatro presas chamado Airavata, fez uma jornada por todos os mundos. Um dia, enquanto assim empenhado, o manejador do raio viu o filho de Virochana, Vali, dentro de certa caverna de montanha no litoral. Vendo o príncipe dos Danavas, ele se aproximou dele. Vendo o chefe das divindades, isto é, Indra, assim sentado nas costas de Airavata e cercado pelas várias classes dos celestiais, o príncipe dos Daityas não mostrou sinais de tristeza ou agitação. Indra também, vendo Vali permanecer impassível e destemido, se dirigiu a ele das costas do seu principal dos elefantes, dizendo, 'Como é, ó Daitya, que tu estás assim impassível? É isto devido ao teu heroísmo ou por tu teres servido com reverência pessoas idosas? Isto é devido à tua mente ter sido purificada por penitências? À qualquer causa que isto seja devido, este estado de espírito é certamente muito difícil de ser alcançado. Lançado de uma posição que era certamente a mais alta, tu estás agora privado de todas as tuas posses, e tu foste trazido sob o domínio de teus inimigos. Ó filho de Virochana, o que é aquilo por teres recorrido ao qual tu não sofres embora a ocasião seja para aflição? Antigamente, quando tu estavas na posse da soberania da tua própria classe, prazeres inigualáveis eram teus. Agora, no entanto, tu estás privado de tua riqueza e jóias e soberania. Diga-nos por que estás assim inalterado. Tu eras antes disso um deus, sentado no trono de teu pai e avôs. Vendo a ti mesmo hoje despojado por teus inimigos, por que tu não te afliges? Tu estás atado no laço de Varuna e foste atingido por meu raio. Tuas esposas foram tiradas e tua riqueza também. Diga-nos por que tu não te entregas à dor. Privado de prosperidade e decaído da afluência, tu não cedes à angústia. Isto, de fato, é algo que é muito notável. Quem mais, ó Vali, além de alguém como tu, ousaria suportar o peso da existência depois de ser despojado da soberania dos três mundos?' Ouvindo sem nenhum sofrimento essas e outras palavras cortantes que Indra endereçou a ele, enquanto afirmando sua própria superioridade sobre ele, Vali, o filho de Virochana,

respondeu destemidamente para seu interrogador, dizendo as seguintes palavras.'"

"Vali disse, 'Quando calamidades têm me oprimido, ó Sakra, o que tu ganhas com tal jactância agora? Hoje eu te vejo, ó Purandara, diante de mim com o raio erguido em tua mão! Antigamente, no entanto, tu não podias te comportar dessa maneira. Agora de alguma maneira tu ganhaste aquele poder. De fato, quem mais além de ti poderia proferir tais palavras cruéis? Aquela pessoa que, embora capaz de punir, mostra compaixão em direção a um inimigo heróico derrotado e trazido sob seu domínio, é realmente um indivíduo muito superior. Quando duas pessoas lutam, vitória em combate é certamente duvidosa. Uma das duas certamente se torna vitoriosa, e a outra vem a ser derrotada. Ó chefe das divindades, não deixe que tua disposição seja assim! Não imagine que tu te tornaste o soberano de todas as criaturas depois de ter conquistado todos com teu poder e destreza! Aquilo que nós nos tornamos, ó Sakra, não é o resultado de alguma ação nossa. Que tu te tornaste assim, ó manejador do raio, não é o resultado de algum ato teu. O que eu sou agora tu serás no futuro. Não me desconsidere, pensando que tu fizeste uma façanha extremamente difícil. Uma pessoa obtém felicidade e miséria uma depois da outra no decorrer do Tempo. Tu, ó Sakra, obtiveste a soberania do universo no curso do Tempo, mas não por causa de algum mérito especial em ti. É o Tempo que me leva em seu curso. Este mesmo Tempo também te leva para diante. É por isso que eu não sou o que tu és hoje, e tu também não és o que nós somos! Serviços respeitosos feitos aos pais, culto reverente das divindades, prática devida de alguma boa qualidade, nenhum destes pode outorgar felicidade a alguém. Nem conhecimento, nem penitências, nem caridade, nem amigos, nem parentes podem resgatar alguém que está afligido pelo Tempo. Homens não podem evitar, mesmo por mil recursos, uma calamidade iminente. Inteligência e força são inúteis em tais casos. Não há um salvador de homens que estão afligidos pelo curso do Tempo. Que tu, ó Sakra, te considerasses como o ator jaz na base de toda tristeza. Se o pretenso fazedor de uma ação é ator real dela, aquele fazedor então não seria ele mesmo o trabalho de alguém mais (isto é, o Ser Supremo). Então, porque o fazedor aparente é ele mesmo o produto de outro, aquele outro é o Ser Supremo acima de quem não há nada superior. Ajudado pelo Tempo eu te derrotei. Ajudado pelo Tempo tu me derrotaste. É o Tempo que é o movedor de todos os seres que se movem. É o Tempo que destrói todos os seres. Ó Indra, por tua inteligência ser de uma espécie vulgar tu não vês que a destruição espera todas as coisas. Alguns, de fato, te consideram altamente como alguém que adquiriu por suas próprias ações a soberania do universo. Apesar de tudo isso, como pode alguém como nós que conhece o rumo do mundo, se entregar ao pesar por ter sido afligido pelo Tempo, ou permitir que nossa compreensão seja entorpecida, ou ceder à influência do erro? A minha compreensão ou aquela de alguém como eu, mesmo quando nós estamos oprimidos pelo Tempo, entrando em contato com uma calamidade, se permitirá ser destruída como um barco naufragado no mar? Eu mesmo, tu, e todos aqueles que no futuro se tornarão chefes das divindades teremos, ó Sakra, que seguir o caminho pelo qual centenas de Indras seguiram antes de ti. Quando tua hora amadurecer, o Tempo sem dúvida te destruirá como eu, tu que és agora tão

invencível e que agora brilhas com esplendor sem igual. No decorrer do Tempo muitos milhares de Indras e de divindades são varridos yuga após yuga. O Tempo, de fato, é irresistível. Tendo obtido tua posição atual, tu te consideras muito, assim como o Criador de todos os seres, o divino e eterno Brahman. Essa tua posição foi alcançada por muitos antes de ti. Com ninguém ela demonstrou ser estável ou interminável. Por causa, no entanto, de uma compreensão superficial, só tu a consideras como imutável e eterna. Tu confias naquilo que não é merecedor de confiança. Tu julgas eterno aquilo que não é eterno. Ó chefe das divindades, alguém que está dominado e estupefato pelo Tempo realmente se considera dessa maneira. Levado pela insensatez tu consideras essa tua atual prosperidade régia como tua. Saiba, no entanto, que ela nunca é estável em relação a ti ou a mim ou outros. Ela pertenceu a inúmeras pessoas antes de ti. Passando por elas, ela agora se tornou tua. Ela ficará contigo, ó Vasava, por algum tempo e então demonstrará sua instabilidade. Como uma vaca abandonando uma vala de beber por outra, ela sem dúvida te abandonará por outro alguém. Tantos soberanos se foram antes de ti que eu não me arrisco a fazer uma enumeração. No futuro também, ó Purandara, inumeráveis soberanos se erguerão depois de ti. Eu não vejo agora aqueles soberanos que antigamente desfrutaram dessa terra com suas árvores e plantas e pedras preciosas e criaturas vivas e águas e minas. Prithu, Aila, Maya, Bhima, Naraka, Samvara, Aswagriva, Puloman, Swarbhanu, cujo estandarte era de uma altura imensurável, Prahlada, Namuchi, Daksha, Vipprachitti, Virochana, Hrinisheva, Suhotra, Bhurihan, Pushavat, Vrisha, Satyepsu, Rishava, Vahu, Kapilaswa, Virupaka, Vana, Kartaswara, Vahni, Viswadanshtra, Nairiti, Sankocha, Varitaksha, Varaha, Aswa, Ruchiprabha, Viswajit, Pratirupa, Vrishanda, Vishkara, Madhu, Hiranyakasipu, o Danava Kaitabha, e muitos outros que eram Daityas e Danavas e Rakshasas, esses e muitos mais não citados, pertencentes a épocas remotas e ainda mais remotas, grandes Daityas e principais dos Danavas, cujos nomes nós temos ouvido, de fato, muitos principais dos Daityas dos tempos antigos, tendo partido, deixaram a Terra. Todos eles foram afligidos pelo Tempo. O Tempo demonstrou ser mais forte do que todos eles. Todos eles tinham adorado o Criador em centenas de sacrifícios. Tu não és a única pessoa que fez isso. Todos eles eram devotados à justiça e todos sempre realizavam sacrifícios grandiosos. Todos eles eram capazes de viajar pelos céus, e todos eram heróis que nunca mostravam suas costas em batalha. Todos eles tinham corpos muito fortes e todos tinham braços que pareciam com pesadas clavas. Todos eles eram mestres de centenas de ilusões, e todos podiam assumir qualquer forma que desejassem. Nós nunca ouvimos que tendo se envolvido em batalha algum deles alguma vez sofreu uma derrota. Todos eles eram firmes cumpridores do voto de veracidade, e todos se divertiam como eles desejavam. Dedicados aos Vedas e ritos Védicos, todos eles eram possuidores de grande erudição. Possuidores de grande poder, todos eles tinham obtido a maior prosperidade e riqueza. Mas nenhum daqueles soberanos de grande alma tinha o menor traço de orgulho por causa da soberania. Todos eles eram generosos, dando a cada um o que cada um merecia. Todos eles se comportaram devidamente e apropriadamente em direção a todas as criaturas. Todos eles eram a progênie das filhas de Daksha. Dotados de grande força, todos eram senhores da criação. Chamuscando todas as coisas com a energia todos

eles brilhavam com esplendor. Ainda assim todos eles foram varridos pelo tempo. Em relação a ti, ó Sakra, é evidente que quando tu tiveres, depois de desfrutar da terra, que deixá-la, tu não serás capaz de controlar tua aflição. Rejeite este desejo que tu nutres por objetos de afeição e prazer. Rejeite este orgulho que é nascido da prosperidade. Se tu agires dessa maneira, tu então poderás suportar a dor que está ligada à perda de soberania. Quando chega a hora de tristeza, não ceda à tristeza. Similarmente, quando chega a hora de alegria, não te regozije. Desconsiderando o passado e o futuro, viva contente com o presente. Quando o Tempo que nunca dorme veio sobre mim que sempre estava atento aos meus deveres, dirija teu coração aos caminhos de paz, ó Indra, porque aquele mesmo Tempo logo virá sobre ti! Tu me perfuras com tuas palavras, e tu pareces estar decidido a inspirar medo em mim. De fato, me encontrando sereno, tu consideras muito tua própria pessoa. O Tempo me atacou primeiro. Ele está agora mesmo atrás de ti. Eu fui inicialmente derrotado pelo Tempo. E foi por essa razão que tu depois conseguiste me derrotar, pelo que tu bradas em orgulho dessa maneira. Antigamente, quando acontecia de eu me zangar, qual pessoa sobre a terra poderia resistir diante de mim em batalha? O Tempo, no entanto, é mais forte. Ele me subjugou. É por essa razão, ó Vasava, que tu és capaz de resistir perante mim! Aqueles mil (anos celestes), que são a extensão de teu domínio, com certeza acabarão. Tu então cairás e teus membros se tornarão tão miseráveis quanto os meus agora, embora eu seja possuidor de energia imensa. Eu decaí da posição elevada que é ocupada pelo soberano dos três mundos. Tu és agora o Indra vigente no céu. Neste mundo encantador de seres vivos, tu és agora, por causa da passagem do Tempo, um objeto de adoração universal. Tu podes dizer o que é aquilo por teres feito o qual tu te tornaste Indra hoje e o que também é aquilo por termos feito o qual nós caímos da posição que nós tínhamos? O Tempo é o único criador e destruidor. Nada mais é causa (no universo para a produção de algum efeito). Declínio, queda, soberania, felicidade, tristeza, nascimento e morte, uma pessoa erudita por encontrar algum destes nem se regozija nem cede à tristeza. Tu, ó Indra, nos conhece. Nós também, ó Vasava, te conhecemos. Por que então tu te gabas dessa maneira perante mim, esquecendo, ó desavergonhado, que foi o Tempo que fez de ti o que tu és? Tu testemunhaste qual era minha destreza naqueles tempos. A energia e poder que eu costumava expor em todas as minhas batalhas fornecem evidência suficiente. Os Adityas, os Rudras, os Sadhyas, os Vasus, e os Maruts, ó marido de Sachi, foram todos derrotados por mim. Tu sabes muito bem, ó Sakra, que na grande batalha entre os deuses e os Asuras, as divindades reunidas foram rapidamente derrotadas por mim pela fúria do meu ataque. Montanhas com suas florestas e os habitantes que viviam naquelas florestas, foram repetidamente arremessados por nós. Muitos foram os topos de montanha com extremidades escarpadas que eu quebrei sobre tua cabeça. O que, no entanto, eu posso fazer agora? O Tempo não pode ser detido. Se isto não fosse assim, não pense que eu não teria ousado te matar com aquele teu raio mesmo com um golpe de meu punho. O presente, no entanto, não é o meu momento para a mostra de bravura. A hora que chegou é tal que eu agora devo adotar tranquilidade e tolerar tudo. É por esta razão, ó Sakra, que eu suporto toda essa tua insolência. Saiba, no entanto, que eu sou menos capaz de tolerar insolência do que tu. Tu te vanglorias perante alguém que, após seu tempo

ter amadurecido, está cercado por todos os lados pela conflagração do Tempo e atado fortemente nas cordas do Tempo. Lá está aquele indivíduo sombrio que não pode ser resistido pelo mundo. De forma feroz, ele permanece lá, tendo me atado como um animal inferior amarrado com cordas. Lucro e perda, felicidade e tristeza, luxúria e ira, nascimento e morte, cativeiro e liberdade, todos esses alguém encontra no decorrer do Tempo. Eu não sou o ator. Tu não és o ator. É o ator aquele que, de fato, é onipotente. O Tempo me amadurece (para me jogar ao chão) como uma fruta que apareceu em uma árvore. Há certas ações que por fazer as quais uma pessoa obtém felicidade no decorrer do Tempo. Por fazer aquelas mesmas ações outra obtém miséria no decorrer do Tempo. Versado como eu sou nas virtudes do Tempo, cabe a mim não me entregar à aflição quando é o Tempo que tem me atacado. É por essa razão, ó Sakra, que eu não sofro. A aflição não pode nos fazer algum bem. A dor de alguém que se entrega à aflição nunca dissipa sua calamidade. Por outro lado, a aflição destrói o poder de alguém. É por isso que eu não me entrego ao pesar.'"

"Assim endereçado pelo chefe dos Daityas, ele de cem sacrifícios, isto é, o poderoso e de mil olhos castigador de Paka, reprimiu sua fúria e disse estas palavras.'"

"Sakra disse, 'Vendo este meu braço erguido, equipado com o raio, e aqueles laços de Varuna, quem há cuja compreensão não seria agitada, incluindo o próprio Destruidor que empreende a morte de todos os seres? Tua compreensão, no entanto, tão firme e tão dotada da visão da verdade, não foi agitada. Ó tu de coragem invencível, em verdade, tu estás impassível hoje por tua firmeza. Vendo que todas as coisas neste universo são fugazes, quem há nele que, dotado de corpo, ousaria depositar confiança em seu corpo ou em todos os objetos de seu desejo? Como tu eu também sei que este universo não é eterno, e que ele tem sido lançado dentro da conflagração do Tempo que é terrível embora escondida da visão, que está queimando continuamente, e que é realmente infinita. Todos aqui são atacados pelo Tempo. Nada entre os seres que são sutis ou grosseiros desfruta de uma imunidade do domínio do Tempo. Todas as coisas estão sendo cozidas no caldeirão do Tempo. O Tempo não tem mestre. O Tempo está sempre atento. O Tempo está sempre cozinhando todas as coisas dentro de si mesmo. Ninguém, tendo uma vez entrado no domínio do Tempo que está avançando incessantemente, pode escapar dele. Todos os seres incorporados podem estar desatentos ao Tempo, mas o Tempo está atento e plenamente acordado atrás deles. Ninguém alguma vez foi visto afastar o Tempo de si. Antigo e eterno, e a encarnação da justiça, o Tempo é uniforme em relação a todas as criaturas vivas. O Tempo não pode ser evitado, e não há retrocesso em seu curso. Como um usurário somando seus interesses, o Tempo soma suas porções sutis representadas por kalas, e lavas, e kashthas, e kshanas, e meses, e dias e noites. Como a corrente de um rio arrastando uma árvore cujas raízes foram alcançadas por ela, o Tempo, alcançando aquele que diz, 'Isso eu farei hoje mas esta outra ação farei amanhã', o varre para longe. O Tempo elimina alguém e os homens exclamam, 'Eu o vi há pouco tempo atrás. Como ele morreu?' Riqueza, confortos, postos, prosperidade, tudo cai vítima do Tempo. Aproximando-se de todas as

criaturas vivas, o Tempo rouba suas vidas. Todas as coisas que erguem orgulhosamente alto suas cabeças estão destinadas a caírem. Aquilo que é existente é somente outra forma do inexistente. Tudo é transitório e instável. À tal convicção, no entanto, é difícil de se chegar. Tua compreensão, tão firme e dotada de visão verdadeira, é inabalável. Tu não percebes, mesmo mentalmente, o que tu eras algum tempo atrás. O Tempo que é forte, atacando o universo, o cozinha dentro de si mesmo e varre tudo sem consideração de superioridade de idade ou o oposto. Apesar disso, alguém que está sendo arrastado pelo Tempo está inconsciente do laço jogado em volta de seu pescoço. As pessoas, dadas aos ciúmes e vaidade e cupidez, à luxúria, ira, e medo, ao desejo, negligência, e orgulho, se permitem serem entorpecidas. Tu, no entanto, conheces a verdade da existência. Tu és possuidor de erudição e dotado de sabedoria e penitências. Tu vês o Tempo tão claramente como se ele fosse um emblic myrobalan (fruto da groselheira-espinhosa) na palma de tua mão. Ó filho de Virochana, tu conheces completamente o assunto da conduta do Tempo. Tu és bem versado em todos os ramos de conhecimento. Tu és de Alma purificada e és um mestre perfeito de tuas paixões. Tu és, por isto, um objeto de afeição com todas as pessoas dotadas de sabedoria. Tu, com teu discernimento, compreendeste completamente o universo inteiro. Embora tu tenhas desfrutado de todo tipo de felicidade, tu nunca és apegado a algo, e então tu não és maculado por nada. As qualidades de Paixão e Ignorância não te poluem pois tu conquistaste teus sentidos. Tu serves somente tua Alma que é desprovida de alegria e tristeza. O amigo de todas as criaturas, sem animosidade, com teu coração colocado na tranquilidade, vendo-te assim, meu coração se inclina à compaixão em direção a ti. Eu não desejo afligir uma pessoa culta como tu por mantê-lo em uma condição cativa. Abstenção de ferir é a religião mais elevada. Eu sinto compaixão por ti. Estes laços de Varuna, com os quais tu foste amarrado, se desatarão no decorrer do Tempo em consequência do comportamento impróprio dos homens. Abençoado sejas tu, ó grande Asura! Quando a nora colocar a sogra idosa para trabalhar, quando o filho, por ilusão, mandar o pai trabalhar para ele, quando Sudras tiverem seus pés lavados por Brahmanas e tiverem união sexual destemidamente com mulheres de famílias regeneradas, quando homens descarregarem a semente vital em úteros proibidos, quando o refugo de casas começar a ser carregado sobre pratos e recipientes feitos de metal branco, e quando oferendas sacrificais destinadas para as divindades começarem a ser carregadas sobre recipientes proibidos, quando todas as quatro classes violarem todas as restrições, então estes teus laços começarão, um por um, a se soltar. De nós tu não tens que temer. Espere tranquilamente. Sejas feliz. Fique livre de toda tristeza. Que teu coração seja alegre. Que nenhuma doença seja tua.' Tendo dito essas palavras para ele, o divino Indra, tendo o príncipe dos elefantes como seu veículo, deixou aquele local. Tendo derrotado todos os Asuras, o chefe das divindades se regozijou em alegria e se tornou o único senhor de todos os mundos. Os grandes Rishis cantaram os louvores daquele senhor de todas as criaturas móveis e imóveis. A divindade do fogo começou mais uma vez a conduzir as libações de manteiga clarificada que eram despejadas (por todos) em sua forma visível, e o grande deus se encarregou do néctar que era entregue aos seus cuidados. Seus louvores cantados pelos principais dos Brahmanas engajados em sacrifícios, o senhor Indra, brilhando com

esplendor, sua ira aplacada, e seu coração tranquilizado, ficou satisfeito, e, voltando para sua própria residência no céu, começou a passar seus dias em grande alegria.'" (Essas coisas não tinham acontecido por muitos anos por causa da maldade dos Asuras. Com a vitória de Indra os sacrifícios retornaram, e com eles paz universal.)

228

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, as indicações de futura grandeza e futura queda a respeito de uma pessoa.'"

"Bhishma disse, 'A própria mente, abençoado sejas tu, indica os sintomas premonitórios da prosperidade futura e da queda futura de alguém. Em relação a isto é citada a velha história da conversa entre Sree e Sakra. Ouça-a, ó Yudhishthira! O grande asceta Narada, de energia cuja refulgência é tão incomensurável quando o próprio Brahma, com seus pecados todos destruídos, capaz de ver pela prosperidade de suas penitências este e o outro mundo ao mesmo tempo, e igual aos Rishis celestiais na região do Criador, vagava de acordo com sua vontade pelo mundo triplo. Um dia, levantando-se ao amanhecer, ele desejou realizar suas abluções, e para aquele propósito foi ao rio Ganga onde ela saía da passagem conhecida pelo nome de Dhruva e mergulhava na corrente. Naquele momento Indra de mil olhos também, o manejador do raio, e o matador de Samvara e Paka, chegou na mesma margem onde Narada estava. O Rishi e a divindade, ambos de almas sob perfeito controle, terminaram suas abluções, e tendo completado suas recitações silenciosas, sentaram juntos. Eles usaram a hora para recitar e escutar as narrativas excelentes faladas pelos grandes Rishis celestes descritivas de muitos feitos bons e excelentes. De fato, com atenção concentrada os dois estavam envolvidos em tal conversa agradável sobre história antiga. Enquanto sentados lá eles viram o Sol nascente lançando seus mil raios retos diante dele. Vendo o orbe inteiro, ambos ficaram de pé e cantaram seus louvores. Justamente naquela hora eles viram no céu, em uma direção oposta àquela da estrela nascente do dia, um objeto luminoso, resplandecente como fogo ardente e parecendo ser uma segunda estrela do dia. E eles viram, ó Bharata, que aquele objeto luminoso estava gradualmente se aproximando na direção de ambos. Viajando sobre o veículo de Vishnu adornado com Garuda e próprio Surya, aquele objeto brilhava com esplendor inigualável, e parecia iluminar os três mundos. O objeto que eles viram era ninguém mais do que a própria Sree, acompanhada por muitas Apsaras dotadas de beleza esplêndida. De fato, ela mesma parecia com um grande disco solar, possuindo uma refulgência parecendo aquela do fogo. Enfeitada com ornamentos que pareciam com estrelas verdadeiras, ela usava uma coroa que parecia uma guirlanda de pérolas. Indra viu aquela deusa chamada Padma tendo sua habitação em meio a lotos. Descendo de seu principal dos carros, aquela dama sem igual começou a se aproximar do senhor dos três mundos e do Rishi celeste Narada. Seguido por Narada, Maghavat também procedeu em direção àquela dama. Com mãos unidas, ele se apresentou para ela, e versado como ele era em todas as coisas, ele a adorou

com reverência e sinceridade nunca superadas. As adorações terminadas, o senhor dos celestiais, ó rei, dirigiu-se a Sree nas seguintes palavras.'"

"Sakra disse, 'Ó tu de doces sorrisos, quem, de fato, és tu e para que assunto tu vieste aqui? Ó tu de belas sobrancelhas, de onde tu vieste e para onde tu irás, ó dama auspiciosa?'"

"Sree disse, 'Nos três mundos cheios de sementes auspiciosas, todas as criaturas, móveis e imóveis, se esforçam de todo o coração para ganhar uma associação comigo. Eu sou aquela Padma, aquela Sree enfeitada com lotos, que surgiu do lótus que floresce ao toque dos raios de Surya, para a prosperidade de todas as criaturas. Eu sou chamada Lakshmi, Bhuti, e Sree, ó matador de Vala! Eu sou Fé, eu sou Inteligência, eu sou Afluência, eu sou Vitória, e eu sou Imutabilidade. Eu sou Paciência, eu sou Sucesso, eu sou Prosperidade. Eu sou Swaha, eu sou Swadha, eu sou Reverência, eu sou Destino, e eu sou Memória. Eu moro na vanguarda e nos estandartes dos soberanos vitoriosos e virtuosos, como também em suas casas e cidades e domínios. Eu sempre resido, ó matador de Vala, com aqueles principais dos homens, isto é, heróis ofegantes depois da vitória e que não fogem da batalha. Eu também resido sempre com pessoas que são firmemente ligadas à virtude, que são dotadas de grande inteligência, que são devotadas a Brahma, que são sinceras em palavras, que possuem humildade, e que são generosas. Antigamente, eu morava com os Asuras por minha disposição de ser segurada por verdade e mérito. Vendo, no entanto, que os Asuras assumiram naturezas adversas, eu os deixei então e desejo residir em ti.'"

"Sakra disse, 'Ó tu de rosto formoso, por qual comportamento dos Asuras tu moraste com eles? O que tu viste lá pelo qual tu vieste para cá, tendo abandonado os Daityas e os Danavas?'"

"Sree disse, 'Eu me ligo firmemente àqueles que são dedicados aos deveres de sua própria classe, àqueles que nunca abandonam a paciência, àqueles que têm prazer em andar pelo caminho que leva ao céu. Eu sempre resido com aqueles que são eminentes por generosidade, por estudo das escrituras, por sacrifícios, por outros ritos escriturais, e por culto de Pitris, divindades, preceptores, mais velhos, e convidados. Antigamente, os Danavas costumavam manter suas residências limpas, manter suas mulheres sob controle, despejar libações no fogo sacrifical, servir respeitosamente seus preceptores, reprimir suas paixões, ser obedientes aos Brahmanas, e ser sinceros em palavras. Eles eram cheios de fé; eles mantinham sua ira sob controle; eles praticavam a virtude de caridade; eles nunca invejavam outros; eles costumavam manter seus amigos e conselheiros, e seus cônjuges; eles nunca eram ciumentos. Antigamente, eles nunca atacavam uns aos outros, cheios de fúria. Eles eram todos contentes e nunca sentiam desgosto à visão da afluência e prosperidade de outras pessoas. Eles eram todos caridosos e econômicos; de conduta respeitável, e dotados de compaixão. Eles eram extremamente inclinados à benevolência, possuidores de simplicidade de conduta, firmes em fé, e tinham suas paixões sob completo controle. Eles costumavam manter seus empregados e conselheiros contentes, e eram gratos e dotados de fala gentil. Eles costumavam servir a todos como cada um merecia por

sua posição e honra. Eles eram dotados de vergonha. Eles eram de votos rígidos. Eles costumavam realizar suas abluções em todos os dias sagrados. Eles costumavam se cobrir apropriadamente com perfumes e unguentos auspiciosos. Eles também enfeitavam seus corpos devidamente. Eles eram praticantes de jejuns e penitências, eram confiantes, e proferidores de hinos Védicos. O Sol nunca se erguia sobre eles enquanto eles estavam dormindo. Eles nunca dormiam demais. Eles sempre se abstinham de coalhos e cevada socada. Eles costumavam todas as manhãs olhar para manteiga clarificada e outros artigos auspiciosos, e com sentidos recolhidos eles costumavam recitar os Vedas e adorar Brahmanas com doações. Suas palavras eram sempre virtuosas, e eles nunca aceitavam doações. Eles sempre iam dormir à meia-noite e nunca dormiam durante o dia. Eles sempre gostavam de mostrar compaixão pelos afligidos, pelos desamparados, idosos, fracos, doentes, e mulheres, e desfrutavam de todas as suas posses por dividi-las com eles. Eles sempre costumavam compreender e confortar os agitados, os tristes, os ansiosos, os apavorados, os doentes, os fracos e emaciados, os roubados, e os aflitos. Eles seguiam os ditames de virtude e nunca feriam uns aos outros. Eles eram propensos e bem dispostos para ações de todos os tipos (que mereciam ser realizadas). Eles costumavam cuidar e servir com reverência os indivíduos superiores e idosos. Eles adoravam devidamente os Pitris, as divindades, e convidados, e comiam todos os dias o que era deixado depois de satisfazer estes. Eles eram firmemente dedicados à verdade e penitências. Nenhum entre eles comia sozinho algum alimento que fosse bom, e nenhum deles tinha relações sexuais com cônjuges de outras pessoas. Em relação à compaixão, eles se comportavam em direção a todas as criaturas como em direção a si mesmos. Eles nunca permitiam a emissão da semente vital no espaço vazio, em animais inferiores, em úteros proibidos, ou em dias sagrados. Eles eram sempre notáveis por doações, por inteligência, por simplicidade, por esforço auspicioso, por humildade, por cordialidade, e por clemência. E, ó pujante, verdade, caridade, penitência, pureza, compaixão, palavras gentis e ausência animosidade em direção a amigos, todos estes estavam sempre neles. Inatividade, procrastinação, mau humor, inveja, falta de previsão, descontentamento, melancolia, e cobiça nunca os assaltavam. Pelos Danavas terem sido notáveis por essas boas qualidades, eu morei com eles desde o início da criação por muitos yugas juntos. Os Tempos foram alterados, e aquela alteração ocasionou uma alteração no caráter dos Danavas. Eu vi que a virtude e a moralidade os abandonaram e eles começaram ser dominados por luxúria e ira. Pessoas, embora elas mesmas inferiores em capacidades, começaram a nutrir animosidades em direção a superiores em idade possuidores de qualificações superiores, e quando os últimos, possuidores de virtude e mérito, costumavam falar sobre tópicos apropriados em meio a assembléias, os primeiros começavam a escarnecer ou rir deles. Quando superiores veneráveis em idade chegavam, os indivíduos mais jovens, sentados à vontade, se recusavam a adorar os primeiros por se levantarem e saudá-los com respeito. Na presença de pais, filhos começaram a exercer poder (em questões que diziam respeito somente aos pais). Aqueles que não estavam em recebimento de pagamentos aceitavam serviço e proclamavam o fato desavergonhadamente. Aqueles entre eles que conseguiam acumular grande riqueza por fazer ações injustas e censuráveis vinham a ser

estimados. Durante a noite eles começavam a gritar alto e agudamente. Seus fogos homa cessaram de lançar chamas brilhantes e ascendentes. Filhos começaram a mandar nos pais, e esposas dominaram maridos. Mães, pais, mais velhos, preceptores, convidados, e guias cessaram de impor respeito por sua posição superior. As pessoas cessaram de educar com afeição seus próprios filhos e começaram a abandoná-los. Sem doar a porção definida em esmolas e reservar a parte fixa para oferecer aos deuses, cada um comia o que tinha. De fato, sem oferecerem seus bens para as divindades em sacrifícios e sem dividi-los com os Pitris, os deuses, convidados, e os superiores veneráveis, eles se apropriavam deles para seu próprio uso desavergonhadamente. Seus cozinheiros não tinham mais qualquer consideração pela pureza de mente, ações, e palavras. Eles comiam o que era deixado descoberto. Seus cereais jaziam espalhados em quintais, expostos à devastação por corvos e ratos. Seu leite permanecia exposto, e eles começaram a tocar manteiga clarificada com mãos não lavadas depois de comerem. Suas espadas, facas domésticas, cestos, e pratos e xícaras de metal branco, e outros utensílios começaram a ficar espalhados em suas casas. Suas donas de casa se abstinham de cuidar delas. Eles não mais realizavam os reparos em suas casas e muros. Amarrando seus animais eles se abstinham de lhes dar alimento e bebida. Desconsiderando as crianças que somente olhavam, e sem terem alimentado seus dependentes, os Danavas comiam o que eles tinham. Eles começaram a preparar payasa (pudim de arroz cozido em leite adoçado) e krisara (leite, gergelim e arroz) e pratos de carne e bolos e sashkuli (torta feita de arroz ou cevada cozida em água adoçada), (não para deuses e convidados) mas para seus próprios escravos, e começaram a comer a carne de animais não mortos em sacrifícios. Eles costumavam dormir até depois de o sol ter nascido. Eles faziam noite de suas manhãs. Dia e noite disputas e discussões aumentavam em todas as casas deles. Aqueles que não eram respeitáveis entre eles não mostravam mais qualquer respeito por aqueles que mereciam respeito enquanto os últimos estavam sentados em algum lugar. Afastados de seus deveres definidos, eles pararam de reverenciar aqueles que tinham se dirigido para as florestas para levarem uma vida de paz e contemplação divina. A mistura de castas começou livremente entre eles. Eles pararam de cuidar da pureza do corpo ou da mente. Brahmanas eruditos nos Vedas cessaram de impor respeito entre eles. Aqueles também que desconheciam os Richs não eram condenados ou punidos. Ambos eram tratados em uma posição de igualdade, isto é, aqueles que mereciam respeito e aqueles que não mereciam respeito. Suas empregadas se tornaram pecaminosas em comportamento, e começaram a usar colares de ouro e outros ornamentos e mantos finos, e costumavam permanecer em suas casas ou ir embora perante seus próprios olhos. Eles começaram a derivar grande prazer de esportes e diversões nos quais suas mulheres eram vestidas como homens e seus homens como mulheres. Aqueles entre seus antepassados que eram ricos tinham feito doações de riquezas para pessoas dignas. Os descendentes dos doadores, mesmo quando em condições prósperas, começaram a retomar, por sua incredulidade, aquelas doações. Quando dificuldades ameaçavam a realização de algum propósito e amigo procurava o conselho de amigo, aquele propósito era frustrado pelo último mesmo se ele tivesse o menor interesse que lhe servisse por frustrá-lo. Mesmo entre as suas melhores classes tinham

aparecido comerciantes e negociantes em bens, com a intenção de tirar a riqueza de outros. Os Sudras entre eles tinham se dedicado à prática de penitências. Alguns entre eles tinham começado a estudar, sem elaborarem quaisquer regras para regular suas horas e alimentação. Outros começaram a estudar, criando regras que eram inúteis. Discípulos se abstiveram de prestar obediência e serviço a preceptores. Preceptores também vieram a tratar discípulos como companheiros cordiais. Pais e mães estavam esgotados com trabalho, e se abstinham de se divertir em festas. Pais em velhice, privados de poder sobre filhos, eram forçados a mendigar seu alimento dos últimos. Entre eles, mesmo pessoas de sabedoria, conhecedoras dos Vedas, e parecendo com o próprio oceano em gravidade de comportamento, começaram a se dirigir à agricultura e outras ocupações semelhantes. Pessoas analfabetas e ignorantes começaram a ser alimentadas em Sraddhas. (Nenhum mérito se vincula ao ato de alimentar uma pessoa ignorante.) Todas as manhãs, discípulos, em vez de se aproximarem de preceptores para fazerem perguntas respeitosas para averiguar quais ações esperam realização e para procurar as ordens que eles têm que cumprir, são eles mesmos servidos por preceptores que cumprem aquelas funções. Noras, na presença das mães e pais de seus maridos, repreendem e castigam servos e empregadas, e chamando seus maridos os repreendem e criticam. Pais, com grande cuidado, procuram manter filhos em bom humor, ou dividindo por medo sua riqueza entre os filhos, vivem em miséria e aflição. Mesmo pessoas desfrutando da amizade das vítimas, vendo as últimas desprovidas de riqueza em incêndios ou por ladrões ou pelo rei, têm começado a se entregarem ao riso por sentimentos de zombaria. Eles se tornaram ingratos e incrédulos e pecaminosos e viciados em uniões adúlteras até com as esposas de seus preceptores. Eles têm se dirigido a comer alimento proibido. Eles têm ultrapassado todos os limites e restrições. Eles ficaram desprovidos daquele esplendor que os tinha distinguido antes. Por essas e outras indicações de má conduta, e a inversão de sua natureza anterior, eu não irei, ó chefe dos deuses, morar mais entre eles. Eu, portanto, vim a ti por minha própria vontade. Receba-me com respeito, ó marido de Sachi! Honrada por ti, ó chefe dos celestiais, eu receberei honra de todas as outras divindades. Lá, onde eu residir, as sete outras deusas com Jaya como sua oitava, que me amam, que estão inseparavelmente associadas comigo, e que dependem de mim, desejam viver. Elas são Esperança, Fé, Inteligência, Contentamento, Vitória, Progresso, e Bondade. Aquela que forma a oitava, isto é, Jaya, ocupa o lugar principal entre elas, ó castigador de Paka. Todas elas e eu mesma, tendo abandonado os Asuras, viemos para teus domínios. Nós iremos, de agora em diante, residir entre as divindades que são devotadas à retidão e fé.'"

"Depois que a deusa tinha falado dessa maneira, o Rishi celeste Narada, e Vasava, o matador de Vritra, para alegrá-la, ofereceram a ela um acolhimento jubiloso. O deus do vento, aquele amigo de Agni, então começou a soprar gentilmente pelo céu, carregando odores deliciosos, refrescando todas as criaturas com quem ele entrava em contato, e contribuindo para a felicidade de cada um dos sentidos. Todas as divindades (ouvindo as notícias) se reuniram em um local puro e agradável e esperaram lá na expectativa de ver Maghavat sentado com Lakshmi ao lado dele. Então o chefe dos deuses, de mil olhos, acompanhado

por Sree e seu amigo o grande Rishi, e sobre um carro esplêndido puxado por cavalos verdes, entrou naquela assembléia de celestiais, recebendo honra de todos. Então o grande Rishi Narada, cuja destreza era conhecida por todos os celestiais, observando um sinal que o manejador do raio fez e que a própria Sree aprovou, saudou a chegada da deusa lá e proclamou-a como extremamente auspiciosa. O céu se tornou claro e brilhante e começou a chover néctar sobre a região do Avô auto-nascido. Os timbales celestes, embora tocados por ninguém, começaram a tocar, e todos os pontos do horizonte, ficando sem nuvens, pareciam flamejar com esplendor. Indra começou a despejar chuva sobre colheitas que começaram a aparecer cada uma em sua estação apropriada. Ninguém então se desviou do caminho da retidão. A terra ficou adornada com muitas minas cheias de jóias e pedras preciosas, e o canto de recitações Védicas e outros sons melodiosos aumentaram na ocasião daquele triunfo dos celestiais. Seres humanos, dotados de mentes firmes, e todos aderindo ao caminho auspicioso que é trilhado pelos virtuosos, começaram a ter satisfação em ritos Védicos e em outros ritos e atos religiosos. Homens e deuses e Kinnaras e Yakshas e Rakshasas todos vieram a ser dotados de prosperidade e contentamento. Nem uma flor, o que dizer então de frutos, caiu prematuramente de uma árvore mesmo se o deus do vento a sacudisse com força. Todas as vacas começaram a produzir leite fresco sempre que ordenhadas por homens, e palavras cruéis e duras cessaram de ser proferidas qualquer um. Aqueles que, pelo desejo de progresso, se aproximarem perante assembléias de Brahmanas, e lerem essa narrativa da glorificação de Sree por todas as divindades com Indra em sua chefia, divindades que são competentes para conceder todos os desejos, conseguem obter grande prosperidade. Essas então, ó chefe dos Kurus, são as principais indicações de prosperidade e adversidade. Estimulado por ti, eu te contei tudo. Cabe a ti te comportares de acordo com as instruções transmitidas nelas, compreendendo-as depois de reflexão cuidadosa!'"

229

"Yudhishthira disse, 'Por qual disposição, qual rumo de deveres, qual conhecimento, e qual energia, alguém consegue alcançar Brahma que é imutável e que está além do alcance da natureza primordial?'" (Tudo mais sujeito a ser afetado pela natureza primordial. Somente a Alma Suprema não pode ser afetada. Por isso, Brahma é frequentemente citado como estando 'acima de Prakriti.')

"Bhishma disse, 'Alguém que está engajado na prática da religião de nivritti, que come abstemiamente, e que tem seus sentidos sob completo controle, pode alcançar Brahma o qual é imutável e que está acima da natureza primordial. Em relação a isto é citada a antiga narrativa, ó Bharata, da conversa entre Jaigishavya e Asita. Uma vez Asita-Devala se dirigiu a Jaigishavya que era possuidor de grande sabedoria e totalmente familiarizado com as verdades de dever e moralidade.'"

"Devala disse, 'Tu não te alegras quando elogiado. Tu não dás vazão à raiva quando culpado ou criticado. Qual, de fato, é tua sabedoria? De onde tu a conseguiste? E qual, de fato, é o refúgio daquela sabedoria?'"

"Bhishma disse, 'Assim questionado por Devala, o puro Jaigishavya de penitências austeras disse estas palavras de grande importância, repletas de fé ilimitada e sentido profundo.'"

"Jaigishavya disse, 'Ó principal dos Rishis, eu te falarei daquele que é o fim mais sublime, que é a meta suprema, que é tranquilidade, na avaliação de todas as pessoas de ações corretas. Aqueles, ó Devala, que se comportam uniformemente para com aqueles que os elogiam e aqueles que os criticam, aqueles que escondem seus próprios votos e boas ações, aqueles que nunca se entregam a recriminações, aqueles que nunca falam mesmo o que é bom quando isto é calculado para prejudicar (em vez de produzir algum benefício), aqueles que não desejam devolver insulto por insulto recebido, são citados como sendo homens possuidores de sabedoria. Eles nunca se afligem pelo que ainda está por vir. Eles estão interessados somente no que está diante deles, e eles agem como eles devem. Eles nunca se entregam à tristeza pelo que é passado ou mesmo o chamam às suas mentes. Possuidores de poder e mentes reguladas, eles fazem como lhes agrada, de acordo com a maneira na qual deve ser feito, o que se espera que eles façam em relação a todos os objetos, ó Devala, se solicitados respeitosamente a isso. De conhecimento maduro, de grande sabedoria, com ira sob completo controle, e com suas paixões mantidas sob domínio, eles nunca causam dano a alguém em pensamento, palavra, ou ação. Desprovidos de inveja, eles nunca ofendem outros, e possuidores de autocontrole, eles nunca ficam magoados ao verem a prosperidade de outras pessoas. Tais homens nunca fazem discursos exagerados, ou se põem a elogiar outros, ou a falar mal deles. Eles também nunca são afetados por louvor e censura proferidos por outros a respeito deles. Eles são tranquilos em relação a todos os seus desejos, e estão dedicados ao bem de todas as criaturas. Eles nunca dão vazão à raiva, ou se entregam a êxtases de alegria, ou ferem alguma criatura. Desatando todos os nós de seus corações, eles seguem adiante muito alegremente. Eles não têm amigos nem eles são os amigos de outros. Eles não têm inimigos nem eles são os inimigos de outras criaturas. De fato, homens que podem viver dessa maneira podem passar seus dias em felicidade para sempre. Ó melhor dos regenerados, aqueles que adquirem um conhecimento das regras de moralidade e virtude, e que cumprem aquelas regras na prática, conseguem ganhar alegria, enquanto aqueles que abandonam o caminho da retidão são afligidos por ansiedades e tristeza. Eu agora me dirigi ao caminho da retidão. Depreciado por outros, por que eu ficarei aborrecido com eles, ou, elogiado por outros, por que eu ficarei satisfeito? Que os homens obtenham quaisquer objetos que eles queiram de quaisquer ocupações nas quais eles se engajem. (Eu sou indiferente a aquisições e perdas.) Elogio e crítica não podem contribuir para meu progresso ou o oposto. Aquele que compreendeu as verdades das coisas fica satisfeito até com a desconsideração como se ela fosse ambrosia. O homem de sabedoria fica realmente aborrecido com a consideração como se ela fosse veneno. Aquele que é livre de todos os

defeitos dorme destemidamente neste e no outro mundo mesmo se insultado por outros. Por outro lado, aquele que o insulta, sofre destruição. Aqueles homens de sabedoria que procuram alcançar o fim mais sublime, conseguem obtê-lo por observarem uma conduta tal como esta. O homem que conquistou todos os seus sentidos é considerado como tendo realizado todos os sacrifícios. Tal pessoa alcança o degrau mais alto, isto é, aquele de Brahma, o qual é eterno e que supera o alcance da natureza primordial. Os próprios deuses, os Gandharvas, os Pisachas, e os Rakshasas, não podem alcançar o degrau que é daquele que alcançou o fim mais sublime.'"

230

"Yudhishthira disse, 'Qual homem há que é querido para todos, que alegra todas as pessoas, e que é dotado de todo o mérito e todas as habilidades?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto eu narrarei para ti as palavras que Kesava, perguntado por Ugrasena, disse a ele em uma ocasião passada.'"

"Ugrasena disse, 'Todas as pessoas parecem ser muito desejosas de falar dos méritos de Narada. Eu penso que aquele Rishi celeste deve realmente possuir todos os tipos de mérito. Eu te peço, me diga isso, ó Kesava!'"

"Vasudeva disse, 'Ó chefe dos Kukkuras, ouça-me enquanto eu menciono em resumo aquelas boas qualidades de Narada com as quais eu estou familiarizado, ó rei! Narada é tão versado nas escrituras quanto ele é bom e virtuoso em sua conduta. E contudo, por causa de sua conduta, ele nunca nutre orgulho que faz o sangue de alguém tão quente. É por essa razão que ele é adorado em todos os lugares. Descontentamento, cólera, leviandade, e medo, estes não existem em Narada. Ele é livre de procrastinação, e possuidor de coragem. Por isso ele é adorado em todos os lugares. Narada merece o culto respeitoso de todos. Ele nunca recua de suas palavras por desejo ou cobiça. Por isso ele é adorado em todos os lugares. Ele é totalmente familiarizado com os princípios que levam ao conhecimento da alma, inclinado à paz, possuidor de grande energia, e um mestre de seus sentidos. Ele é livre de fraude, e verdadeiro em palavras. Por isso ele é adorado com respeito em todos os lugares. Ele é eminente por energia, por fama, por inteligência, por conhecimento, por humildade, por nascimento, por penitências, e por idade. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele é de bom comportamento. Ele se veste e se aloja bem. Ele come alimento puro. Ele ama todos. Ele é puro em corpo e mente. Ele é de fala gentil. Ele é livre de inveja e malícia. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele está indubitavelmente sempre empenhado em fazer o bem para todas as pessoas. Nenhum pecado mora nele. Ele nunca se regozija com as desgraças de outras pessoas. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele sempre procura conquistar todos os desejos mundanos por ouvir recitações Védicas e prestar atenção nos Puranas. Ele é um grande renunciante e ele nunca desrespeita ninguém. Por isto ele é adorado em todos os lugares com respeito.

Ele olha igualmente para todos; e, portanto, ele não tem alguém a quem ele ama e alguém a quem ele odeia. Ele sempre fala o que é agradável para o ouvinte. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele possui grande conhecimento das escrituras. Sua conversação é variada e encantadora. Seu conhecimento e sabedoria são grandiosos. Ele é livre de cobiça. Ele é livre também da ilusão. Ele é generoso. Ele venceu ira e a cupidez. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele tem nunca disputou com alguém por qualquer assunto ligado com lucro ou prazer. Todas as imperfeições foram removidas por ele. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Sua devoção (a Brahma) é firme. Sua alma é irrepreensível. Ele é bem versado nos Srutis. Ele é livre de crueldade. Ele está além da influência da ilusão ou falhas. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele não é apegado a todas as coisas que são objetos de apego (para outros). Apesar disso ele parece ter afeição por todas as coisas. (O sentido é este: embora realmente desapegado, ele parece ser apegado. Nisso há mérito especial. Um homem cumprindo os deveres de um chefe de família, sem, no entanto, ser apegado a esposa e filhos e posses, é uma pessoa muito superior. Tal pessoa é comparada a uma folha de lótus, a qual, quando mergulhada em água, nunca é molhada ou encharcada por ela. Alguns, vendo a dificuldade do combate, fogem. Nisso há pouco mérito. Enfrentar todos os objetos de desejo, desfrutar deles, mas permanecer todo o tempo tão desapegado deles a ponto de não sentir a menor aflição se separado deles, é mais meritório.) Ele nunca está sujeito à influência de alguma dúvida. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele não tem ânsia por objetos ligados com lucro e prazer. Ele nunca glorifica a si mesmo. Ele está livre de malícia. Ele é de fala gentil. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele observa os corações, diferentes uns dos outros, de todos os homens, sem criticar algum deles. Ele é bem versado em todas as questões ligadas com a origem das coisas. Ele nunca desrespeita ou demonstra ódio por qualquer tipo de ciência. Ele vive de acordo com seu próprio padrão de moralidade. Ele nunca permite que seu tempo passe inutilmente. Sua alma está sob seu controle. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele tem labutado em assuntos que merecem a aplicação de trabalho. Ele ganhou conhecimento e sabedoria. Ele nunca está saciado com yoga. Ele está sempre atento e pronto para o esforço. Ele é sempre cuidadoso. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele nunca tem que sentir vergonha por alguma deficiência dele. Ele é muito atencioso. Ele está sempre empenhado pelos outros em realizar o que é para o bem deles. Ele nunca divulga os segredos de outros. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Ele nunca se entrega a êxtases de alegria nem em ocasiões de fazer aquisições de valor. Ele nunca fica aflito por perdas. Sua compreensão é firme e estável. Sua alma é desapegada de todas as coisas. Por isso ele é adorado em todos os lugares com respeito. Quem, de fato, não amaria ele que é dessa maneira possuidor de todos os méritos e habilidades, que é inteligente em todas as coisas, que é puro em corpo e mente, que é totalmente auspicioso, que é bem versado no curso do tempo e sua oportunidade para ações específicas, e que conhece bem todas as coisas agradáveis?'"

231

"Yudhishthira disse, 'Eu desejo, ó tu da linhagem de Kuru, saber qual é a origem e qual é o fim de todas as criaturas; qual é a natureza de sua meditação e quais são suas ações; quais são as divisões de tempo, e os períodos de vida determinados nas respectivas eras. Eu desejo também saber integralmente a verdade acerca da gênese e da conduta do mundo; a origem de criaturas no mundo e a maneira de elas seguirem em frente. De fato, de onde vem sua criação e destruição? Ó melhor das pessoas virtuosas, se tu estás disposto a nos favorecer, nos fale sobre isso que eu te perguntei. Tendo ouvido antes aquele discurso excelente de Bhrigu para o sábio regenerado Bharadwaja que tu narraste, minha compreensão, purificada da ignorância, tornou-se extremamente ligada ao yoga, e afastada dos objetos mundanos repousa em pureza celestial. Eu te pergunto sobre o assunto, portanto, mais uma vez. Cabe a ti me falar (mais elaboradamente).'"

"Bhishma disse, 'Sobre isso eu recitarei para ti uma antiga narrativa do que o divino Vyasa disse para seu filho Suka quando o último tinha questionado o primeiro. Tendo estudado os ilimitáveis Vedas com todos os seus ramos e os Upanishads, e desejoso de levar uma vida de Brahmacharya por ter obtido excelência de mérito religioso, Suka endereçou essas mesmas perguntas, sobre as quais suas dúvidas tinham sido esclarecidas, para seu pai, o Rishi Nascido na Ilha, que tinha removido (por estudo e contemplação) todas as dúvidas ligadas com o tópico da verdadeira importância dos deveres.'"

"Suka disse, 'Cabe a ti me dizer quem é o Criador é de todos os seres, como fixado por um conhecimento de tempo, e quais são os deveres que devem ser realizados por um Brahmana.'"

"Bhishma disse, 'Para seu filho que o tinha questionado, o pai, tendo um conhecimento do passado e do futuro, conhecedor de todos os deveres e dotado de onisciência, falou dessa maneira sobre o assunto.'"

"Vyasa disse, 'Somente Brahma, que é sem início e sem fim, não nascido, resplandecente com refulgência, além da decadência, imutável, indestrutível, inconcebível, e que transcende o conhecimento, existe antes da Criação. Os Rishis, medindo o tempo, têm nomeado partes específicas por nomes específicos. Quinze piscadas de olho compõem o que é chamado de Kashtha. Trinta Kashthas constituem o que é chamado de Kala. Trinta Kalas, com a décima parte de um Kala somado, fazem o que é conhecido como um Muhurta. Trinta Muhurtas completam um dia e uma noite. Trinta dias e noites são chamados de mês, e doze meses são chamados de ano. Pessoas conhecedoras da ciência matemática dizem que um ano é composto de dois ayanas (dependente do movimento do sol), isto é, o do norte e o do sul. O sol faz o dia e a noite para o mundo de homens. A noite é para o sono de todas as criaturas vivas, e o dia é para se fazer ações. Um mês dos seres humanos é igual a um dia e noite dos Pitris. Essa divisão (em relação aos Pitris) consiste nisto: a quinzena iluminada (dos homens) é seu dia o qual é para se fazer ações; e a quinzena escura é sua noite para dormir. Um ano

(dos seres humanos) é igual a um dia e noite dos deuses. A divisão (em relação aos deuses) consiste nisto: a metade do ano na qual o sol viaja do equinócio de primavera para o equinócio de outono é o dia das divindades, e a metade do ano na qual o sol viaja do último para o primeiro é sua noite. Calculando pelos dias e noites de seres humanos sobre os quais eu te falei, eu falarei do dia e da noite de Brahman e de seus anos também. Eu irei, em sua ordem, te dizer o número de anos, que são (dessa maneira) para diferentes propósitos computados diversamente em relação aos yugas Krita, Treta, Dwapara, e Kali. Quatro mil anos (das divindades) é a duração da primeira era ou Krita. A manhã daquela era consiste em quatrocentos anos e sua noite é de quatrocentos anos. (A duração total, portanto, do Krita yuga é de quatro mil e oitocentos anos das divindades.) Com relação aos outros yugas, a duração de cada um diminui gradualmente um quarto em relação ao período substancial com a parte conjunta e a própria parte conjunta. (Assim a duração do Treta é de três mil anos e sua manhã se estende por trezentos anos e sua noite por trezentos anos.) A duração do Dwapara é de dois mil anos, e sua manhã se estende por duzentos anos e sua noite também por duzentos anos. A duração do Kali yuga é mil anos, e sua manhã se estende por cem anos, e sua noite por cem anos. (O Krita se estende ao todo por 4.800 anos. O Treta por 3.600; o Dwapara por 2.400; e o Kali por 1.200. Estes são, no entanto, os anos das divindades.) Estes períodos sempre sustentam os mundos sem fim e eternos. Aqueles que conhecem Brahma, ó filho, consideram isto como o Imutável Brahma. Na era Krita todos os deveres existem em sua totalidade, junto com a Verdade. Nenhum conhecimento ou objeto vinha aos homens daquela era através de meios injustos ou proibidos. Nos outros yugas, o dever, ordenado nos Vedas, é visto declinar gradualmente um quarto em cada. A pecaminosidade cresce em consequência de roubo, mentira, e fraude. Na era Krita, todas as pessoas são livres de doenças e coroadas com sucesso em relação a todos os seus objetivos, e todas vivem por quatrocentos anos. Na era Treta, o período de vida diminui um quarto. É também sabido por nós que, no sucessivos yugas, as palavras dos Vedas, os períodos de vida, as bênçãos (proferidas por Brahmanas), e os frutos de ritos Védicos, todos diminuem gradualmente. Os deveres registrados para o Krita yuga são de um tipo. Aqueles para o Treta são outros. Aqueles para o Dwapara são diferentes. E aqueles para o Kali são outros. Isso está de acordo com aquele declínio que marca cada yuga sucessivo. Na era Krita, a Penitência ocupa o lugar mais importante. Na Treta, o Conhecimento é o principal. Na Dwapara, o Sacrifício é considerado como o principal. No Kali yuga, a Caridade é a única coisa que foi prescrita. Os eruditos dizem que esses doze mil anos (das divindades) constituem o que é chamado de um yuga (ou Devayuga). Mil de tais yugas compõem um único dia de Brahman. A mesma é a duração da noite de Brahman. Com o começo do dia de Brahman o universo começa a existir. Durante o período de dissolução universal o Criador dorme, tendo recorrido à meditação-yoga. Quando o período de sono expira, Ele desperta. Aquele então que é o dia de Brahman se estende por mil yugas. Suas noites também se estendem por mil yugas similares. Aqueles que sabem disso são citados como aqueles que conhecem o dia e a noite. No término de Sua noite, Brahman, despertando, modifica o indestrutível chit por fazê-lo ser coberto com Avidya. Ele então faz surgir a Consciência, de onde procede a Mente a qual é idêntica ao Manifesto.'"

232

"Vyasa disse, 'Brahma é a semente refulgente da qual, existindo como ele existe por si mesmo, surgiu o universo inteiro consistindo em dois tipos de seres, isto é, os móveis e os imóveis. Na alvorada de Seu dia, despertando, Ele cria com a ajuda de Avidya este universo. Inicialmente surge aquilo que é chamado de Mahat (Inteligência Pura ou Sutil). Aquele Mahat é rapidamente transformado em Mente a qual é a alma do Manifesto. (O Manifesto começa a existir a partir da Mente ou tem a Mente como sua Alma.) Oprimindo o Chit, que é refulgente, com Avidya, a Mente cria sete grandes seres. (Estes sete grandes Seres ou entidades são Mahat, o mesmo rapidamente transformado em Mente, e as cinco entidades elementares de Espaço, etc.) Incitada pelo desejo de criar, a Mente, que é de longo alcance, que tem muitas direções, e que tem desejo e dúvida como suas principais indicações, começa a criar diversas espécies de objetos por modificações de si mesma. Primeiro surge dela o Espaço. Saiba que sua propriedade é o Som. Do Espaço, por modificação, surge o portador de todos os perfumes, isto é, o Vento puro e poderoso. É dito que ele possui o atributo de Toque. Do Vento também, por modificação, surge a Luz dotada de refulgência. Manifestada em beleza, e chamada também de Sukram, ela começa a existir, dessa maneira, possuindo o atributo de Forma. Da Luz, por modificação, surge a Água que tem o Sabor como seu atributo. Da Água surge a Terra que tem o Aroma como seu atributo. Estes são citados como representando a criação inicial. Estes, um depois do outro, adquirem as qualidades dos imediatamente precedentes dos quais eles surgiram. Cada um não tem somente o seu próprio atributo especial, mas cada um que vem em seguida tem as qualidades de todos os precedentes. (Assim o Espaço tem somente o Som como seu atributo. Depois do Espaço vem o Vento, que tem, portanto, Som e Toque como seus atributos. Do Vento vem a Luz ou Fogo, que tem Som, Toque, e Forma como seus atributos. Da Luz vem a Água, que tem Som, Toque, Forma, e Sabor como seus atributos. Da Água vem a Terra, que tem Som, Toque, Forma, Sabor, e Aroma como seus atributos). Se alguém, percebendo Aroma na Água, dissesse por ignorância que ele pertence à Água, ele cairia em um erro, pois o Aroma é o atributo da Terra embora ele possa existir em um estado de conexão com a Água e também com o Vento. Essas sete espécies de entidades, possuindo diversos tipos de energia, a princípio existiam separadamente umas das outras. Elas não podiam criar objetos sem elas todas se juntarem em um estado de mistura. Todas essas grandes entidades se unindo, e, se misturando umas com as outras, formam as partes constituintes do corpo que são chamadas de membros. Pela combinação daqueles membros, a soma total, investida com forma e tendo dezesseis partes constituintes (os cinco elementos e os onze sentidos de conhecimento e ação incluindo a mente), se torna o que é chamado de corpo. (Quando o corpo grosseiro está assim formado), o Mahat sutil, com o resíduo inesgotado das ações, então entra naquela combinação chamada de corpo grosseiro. (Dessa maneira há dois corpos, um grosseiro e o outro sutil chamado 'linga-sarira.' As

grandes criaturas são os tan-mantras dos elementos grosseiros, isto é, suas formas sutis. A princípio o corpo grosseiro (com o princípio de crescimento) é formado, nele entra o corpo sutil ou o linga-sarira.) Então o Criador original de todos os seres, tendo por seu Maya dividido a Si Mesmo, entra naquela forma sutil para inspecionar ou supervisionar tudo. E visto que ele é o Criador original de todos os seres ele é por causa disso chamado de o Senhor de todos os seres. (Criação e destruição estão continuando infinitamente. O início da _primeira_ Criação é inconcebível. A Criação aqui descrita é uma de uma série. Isto é mais explicado nos versos seguintes.) É ele quem cria todos os seres móveis e imóveis. Depois de ter assim assumido a forma de Brahman ele cria os mundos dos deuses, os Rishis, os Pitris, e os homens; os rios, os mares, e os oceanos, os pontos do horizonte, países e províncias, colinas e montanhas, e grandes árvores, seres humanos, Kinnaras, Rakshasas, aves, animais domésticos e selvagens, e cobras. De fato, ele cria ambos os tipos de coisas existentes, isto é, as que são móveis e as que são imóveis; e as que são destrutíveis e as que são indestrutíveis. Desses objetos criados cada um obtém aqueles atributos os quais ele tinha durante a Criação anterior; e cada um, de fato, obtém repetidamente os mesmos atributos em cada Criação subsequente. Determinado em relação ao caráter por injúria ou quietude, suavidade ou ferocidade, justiça ou injustiça, veracidade ou falsidade, cada criatura, a cada nova criação, obtém aquela qualidade específica que ela tinha nutrido antes. É por isso que aquele atributo específico se liga a ela. É o próprio Ordenador quem atribui variedade às grandes entidades (de Espaço, Terra, etc.), aos objetos dos sentidos (tais como forma, etc.), e ao tamanho ou massa da matéria existente, e estabelece as relações das criaturas com aqueles entes multiformes. Entre os homens que têm se dedicado ao conhecimento das coisas há alguns que dizem que, na produção de efeitos, o esforço é supremo. Algumas pessoas eruditas dizem que o Destino é supremo, e alguns que é a Natureza que é o agente. Outros dizem que Ações fluindo do esforço (pessoal), e Destino, produzem efeitos, ajudados pela Natureza. Em vez de considerar algum desses como isoladamente competente para a produção de efeitos, eles dizem que é a união de todos os três que produz todos os efeitos. Com relação a este assunto, (isto é, essa variedade de Existência e essa variedade de relações), alguns dizem que tal é o caso; alguns, que tal não é o caso; alguns, que ambos não são o caso; e alguns, que não é que o oposto de ambos não são. Essas, é claro, são as contendas daqueles que dependem das Ações, com referência a objetos. Aqueles, no entanto, cuja visão é dirigida para a verdade consideram Brahma como a causa. Penitência é o maior bem para as criaturas vivas. As bases da penitência são tranquilidade e o autodomínio. Pela penitência alguém obtém todas as coisas que ele deseja em sua mente. Pela penitência alguém alcança aquele Ser que cria o universo. Aquele que (pela penitência) consegue alcançar aquele Ser se torna o mestre poderoso de todos os seres. É pela Penitência que os Rishis estão habilitados a lerem os Vedas incessantemente. No início o Auto-nascido fez aqueles sons Védicos excelentes, que são encarnações de conhecimento e que não têm início nem fim (surgirem e) fluírem (de preceptor para discípulo). Daqueles sons surgiram todos os tipos de ações. Os nomes dos Rishis, todas as coisas que foram criadas, as variedades de forma vistas nas coisas existentes, e o rumo das ações, têm sua origem nos

Vedas. (Os Vedas são Fala ou Palavra, o Criador teve que proferir Palavras simbolizando suas idéias antes de criar alguma coisa.) De fato, o Mestre Supremo de todos os seres, no início, criou todas as coisas a partir das palavras dos Vedas. Realmente, os nomes dos Rishis, e tudo mais que foi criado, se acham nos Vedas. Após o término de sua noite (isto é, na alvorada de seu dia), o incriado Brahman cria, de protótipos que existiam antes, todas as coisas as quais são, é claro, bem feitas por Ele. Nos Vedas é indicado o tópico da Emancipação da Alma, junto com os dez meios constituídos por estudo dos Vedas, adoção do modo de vida familiar, penitências, observância de deveres comuns para todos os modos de vida, sacrifícios, realização de todos os atos que levam à fama pura, a meditação que é de três tipos, e aquele tipo de emancipação que é chamada de sucesso (Siddhi) obtenível nessa vida. Aquele Brahma incompreensível que tem sido declarado nas palavras dos Vedas, e que é revelado mais claramente nos Upanishads por aqueles que têm uma compreensão clara dos Vedas, pode ser percebido por seguir gradualmente as práticas acima referidas. Para uma pessoa que pensa que tem um corpo, essa consciência de dualidade, repleta também daqueles pares de opostos, é nascida somente de ações nas quais ela está envolvida. (Aquela consciência de dualidade cessa durante o sono sem sonhos ou quando a Emancipação é alcançada.) Aquela pessoa, no entanto, que alcançou a Emancipação, ajudada por seu conhecimento, forçosamente rechaça aquela consciência de dualidade. Dois Brahmas devem ser conhecidos, isto é, o Brahma representado pelo som (isto é, os Vedas), e em segundo lugar aquele que está além dos Vedas e é Supremo. Alguém que está familiarizado com Brahma representado pelo som consegue alcançar o Brahma que é Supremo. A matança de animais é o sacrifício prescrito para os Kshatriyas. O cultivo de cereais é o sacrifício prescrito para os Vaisyas. Servir as três outras classes é o sacrifício prescrito para os Sudras. Penitências (ou culto de Brahma) é o sacrifício prescrito para os Brahmanas. Na era Krita a realização de sacrifícios não era necessária. Tal realização se tornou necessária na era Treta. Na Dwapara, os sacrifícios começaram decair. Na Kali, o mesmo é o caso com eles. Na era Krita, os homens, cultuando somente um Brahma, consideravam os Richs, os Samans, os Yajuses e os ritos e sacrifícios que são realizados por motivos de lucro, como todos diferentes do objeto de seu culto, e praticavam somente Yoga, por meio de penitências. Na era Treta, apareceram muitos homens poderosos que dominaram todos os objetos móveis e imóveis. (Embora a maioria dos homens daquela época não fosse naturalmente inclinada à prática de virtude, contudo aqueles grandes líderes os forçaram à tal prática.) Consequentemente, naquela era, os Vedas, e sacrifícios e as distinções entre as várias classes, e os quatro modos de vida, existiam em um estado firme. Em consequência, no entanto, da diminuição no período de vida em Dwapara, todos esses, naquela era, decaíram daquela condição firme. Na era Kali, todos os Vedas se tornaram tão raros que eles nem sequer podem ser vistos pelos homens. Afligidos pela iniquidade, eles sofrem extermínio junto com os ritos e sacrifícios prescritos neles. A virtude que é vista na era Krita é agora visível nos Brahmanas que são de almas purificadas e dedicados a penitências e ao estudo das escrituras. Em relação aos outros yugas, é visto que sem abandonarem imediatamente os deveres e ações que são consistentes com a virtude, os homens, observadores das práticas de suas respectivas classes, e

conhecedores das ordenanças dos Vedas, são levados, pela autoridade das escrituras, a se dirigirem por motivos de vantagem e interesse a sacrifícios e votos e peregrinações para águas e lugares sagrados. (Nos outros três yugas, mesmo no Kali, os homens realizam boas ações e sacrifícios e ritos Védicos e votos e observâncias escriturais, porém por motivos de ganho inferior e não como uma preparação para a Emancipação.) Como na estação das chuvas uma grande variedade de novos objetos da classe imóvel são feitos virem para a vida pelas chuvas que caem das nuvens, assim mesmo muitos novos tipos de dever ou observâncias religiosas são ocasionados em cada yuga. Como os mesmos fenômenos reaparecem com a reaparição das estações, assim mesmo, a cada nova Criação os mesmos atributos aparecem em cada novo Brahman e Hara. Eu, antes disso, te falei do Tempo que é sem início e sem fim, e que ordena essa variedade no universo. É o Tempo que cria e consome todas as criaturas. Todas as inúmeras criaturas que existem sujeitas aos pares de opostos e de acordo com suas respectivas naturezas, têm o Tempo como seu refúgio. É o Tempo que assume aquelas formas e é o Tempo que as mantém. Eu assim discursei para ti, ó filho, sobre os assuntos a respeito dos quais tu perguntaste, isto é, Criação, Tempo, Sacrifícios e outros ritos, os Vedas, o verdadeiro ator no universo, ação, e as consequências da ação.'"

233

"Vyasa disse, 'Eu agora te direi como, quando seu dia termina e sua noite chega, ele recolhe todas as coisas em si mesmo, ou como o Senhor Supremo, fazendo este universo grosseiro extremamente sutil, funde tudo em sua Alma. Quando chega a hora para a dissolução universal, uma dúzia de Sóis, e Agni com suas sete chamas, começam a queimar. O mundo inteiro, envolvido por aquelas chamas, começa a queimar em uma vasta conflagração. Todas as coisas móveis e imóveis que existem sobre a terra primeiro desaparecem e imergem na substância da qual este planeta é composto. Depois que todos os objetos móveis e imóveis assim desapareceram, a terra, desprovida de árvores e ervas, parece nua como um casco de tartaruga. Então a água toma o atributo da terra, isto é, o aroma. Quando a terra fica desprovida de seu principal atributo, aquele elemento está na véspera da dissolução. A Água então prevalece. Surgindo em poderosos vagalhões e produzindo bramidos tremendos, só a água enche este espaço e se move continuamente ou permanece imóvel. Então o atributo da água é tomado pelo Calor, e perdendo seu próprio atributo, a água encontra descanso naquele elemento. Chamas deslumbrantes de fogo, flamejando por toda parte, escondem o Sol que está no centro do espaço. De fato, então, o próprio espaço, cheio daquelas chamas ardentes, queima em uma vasta conflagração. Então o Vento vem e toma o atributo, isto é, a forma de Calor ou Luz, a qual então se torna extinta, se entregando ao Vento, o qual, possuidor de grande poder, começa a ficar terrivelmente agitado. O Vento, obtendo seu próprio atributo, isto é, som, começa a atravessar para cima e para baixo e transversalmente por todos os dez pontos. Então o Espaço toma o atributo, isto é, som, do Vento, após o que o último

se extingue entra em uma fase de existência parecida com aquela do som não ouvido ou não proferido. Então o Espaço é o tudo o que resta, aquele elemento cujo atributo, o som, mora em todos os outros elementos, privado dos atributos de forma, e sabor, e toque, e cheiro, e sem forma de qualquer tipo, como o som em seu estado imanifestado de existência. Então o som, que é o atributo do espaço, é consumido pela Mente que é a essência de todas as coisas que são manifestas. Assim a Mente, que em si mesmo é imanifesta, recolhe tudo o que é manifestado pela Mente. Este retraimento da Mente como manifestada na Mente como não manifestada ou sutil, é chamada de destruição do vasto universo externo. Então Chandramas tendo feito a Mente recolher (dessa maneira) seu atributo em si mesma, a consome. Quando a Mente, cessando de existir, entra assim em Chandramas, os outros atributos que são possuídos por Iswara são tudo o que permanece. Este Chandramas, que é chamado também de Sankalpa, é então, depois de um tempo muito longo, trazido sob o domínio de Iswara, o motivo sendo que aquele Sankalpa tem que realizar um ato muito difícil, isto é, a destruição de Chitta ou das faculdades que são empregadas no processo chamado de raciocínio. Quando isso é efetuado, a condição alcançada é citada como sendo de Conhecimento superior. Então o Tempo consome este Conhecimento, e como o Sruti declara, o próprio Tempo, por sua vez, é consumido pelo Poder ou Energia. O Poder ou Energia, no entanto, é (outra vez) consumido pelo Tempo, o qual por fim é então trazido sob seu domínio por Vidya. Possuidor de Vidya, Iswara então consome a própria não-existência em sua Alma. Isto é o Brahma Supremo e Imanifesto, que é Eterno, e que é O Mais Sublime dos Sublimes. Assim todas as criaturas existentes são recolhidas em Brahma. Realmente isto, que deve ser concebido (com a ajuda das escrituras) e que é um tópico de Ciência, tem sido assim declarado por Yogins possuidores de Almas Supremas, depois de experiência real. Assim mesmo o Brahma Imanifesto repetidamente passa pelos processos de Elaboração e Retirada (isto é, Criação e Destruição), e assim cada Dia e cada Noite de Brahman consiste em mil yugas.'"

234

"Vyasa disse, 'Tu me perguntaste sobre a Criação de todos os seres; eu agora narrei aquilo para ti integralmente. Ouça-me enquanto eu te digo agora quais são os deveres de um Brahmana. Os rituais de todas as cerimônias para as quais taxas sacrificais são ordenadas, começando com Jatakarma e terminando com Samavartana, dependem para sua realização de um preceptor competente nos Vedas. (Jatakarma é a cerimônia que é realizada com certos mantras Védicos logo após o nascimento de uma criança. Há muitas cerimônias semelhantes a serem realizadas até Samavartana ou retorno da casa do preceptor depois da conclusão do período de pupilagem. Essas cerimônias são de tal maneira que elas devem ser realizadas pelo pai da criança ou alguém mais a quem o último possa convocar.) Tendo estudado todos os Vedas e tendo mostrado um comportamento submisso em direção a seu preceptor durante sua residência com ele, e tendo pagado o taxa do preceptor, o jovem deve voltar para casa com um conhecimento

completo de todos os sacrifícios. (Nesse país não são cobradas taxas por instrução. O pupilo, no entanto, depois de completar seus estudos, pode dar para seu preceptor uma taxa final a qual é determinada pela escolha do próprio preceptor e que varia de acordo com os recursos do pupilo deixando a casa do preceptor por iniciativa própria.) Recebendo a permissão de seu preceptor, ele deve adotar um dos quatro modos de vida e viver nele no devido cumprimento de todos os seus deveres até que ele abandone seu corpo. Ele deve levar ou uma vida familiar com esposas e empenhado em criar filhos, ou viver na observância de Brahmacharya; ou na floresta na companhia de seu preceptor, ou na prática dos deveres prescritos para um yati. A vida familiar é citada como sendo a base de todos os outros modos de vida. Um chefe de família autocontrolado que conquistou todos os seus apegos a objetos mundanos sempre alcança êxito (em relação ao grande objetivo da vida). Um Brahmana, por gerar filhos, por adquirir um conhecimento dos Vedas, e por realizar sacrifícios, paga as três dívidas que ele tem. (Por gerar filhos, alguém paga sua dívida com os ancestrais; por estudar os Vedas, alguém para sua dívida com os Rishis; e por realizar sacrifícios alguém paga sua dívida com as divindades.) Ele deve então entrar nos outros modos de vida, tendo se purificado por meio de suas ações. Ele deve se estabelecer naquele local o qual ele possa verificar como sendo o local mais sagrado sobre a terra, e ele deve se esforçar em todas as questões que levam à fama, para alcançar uma posição de eminência. A fama de Brahmanas aumenta por penitências que são muito austeras, pelo domínio dos vários ramos de conhecimento, por sacrifícios, e por doações. De fato, uma pessoa desfruta de intermináveis regiões dos virtuosos (no mundo seguinte) tanto quanto seus feitos ou a memória deles durem neste mundo. Um Brahmana deve ensinar, estudar, oficiar em sacrifícios de outras pessoas, e oferecer sacrifícios ele mesmo. Ele não deve doar em vão ou aceitar presentes de outras pessoas em vão. Riqueza, em quantidade suficiente, que possa vir de alguém que é ajudado em um sacrifício, de um pupilo, ou de parentes (por casamento) de uma filha, deve ser gasta na realização de sacrifícios ou em fazer caridade. A riqueza vinda de alguma destas fontes nunca deve ser desfrutada isoladamente por um Brahmana. (É um pecado mortal aceitar alguma coisa do sogro ou outros parentes (por casamento) de uma filha. O que é obtido de tais fontes é, até hoje, gasto livremente. Aquelas pessoas que vendem suas filhas em casamento são universalmente reconhecidas como decaídas.) Para um Brahmana que leva uma vida familiar não há meios salvo a aceitação de doações por causa das divindades, ou Rishis, ou Pitris, ou preceptor ou os idosos, ou os doentes, ou os famintos. (O fato é, o dever de um chefe de família o obriga a cultuar as divindades e Pitris, e a se tornar hospitaleiro para os outros citados. O Brahmana, no entanto, não tem meios ostensivos para cumprir este dever. O único meio aberto para ele é aceitação de doações. Nesse caso, aceitação para tais fins não é produtiva de demérito.) Para aqueles que são perseguidos por inimigos não vistos, ou aqueles que estão se esforçando o melhor que podem para adquirir conhecimento, alguém deve fazer doações de suas próprias posses, incluindo até alimento cozido, mais do que se pode fornecer regularmente. Para uma pessoa merecedora não há nada que não possa ser dado. Aqueles que são bons e sábios merecem ter até o príncipe dos corcéis, chamado Uchchaisravas, pertencente ao próprio Indra. (Isto é, não há doação que seja valiosa demais para

tais pessoas.) De votos superiores o (rei) Satyasandha, tendo, com humildade apropriada, oferecido seus próprios ares vitais para salvar a vida de um Brahmana, ascendeu para o céu. O filho de Sankriti, Rantideva, tendo dado somente água morna para Vasishtha de grande alma, ascendeu para o céu e recebeu grandes honras lá. O filho real de Atri, Indradamana, possuidor de grande inteligência, tendo doado diversos tipos de riquezas para uma pessoa digna, alcançou diversas regiões de bem-aventurança no mundo seguinte. O filho de Usinara, Sivi, tendo doado seus próprios membros e seu filho querido por causa de um Brahmana, ascendeu deste mundo para o céu. Pratardana, o soberano de Kasi, tendo dado seus próprios olhos para um Brahmana, obteve grande fama neste e no outro mundo. O Rei Devavridha, tendo doado um guarda-sol muito belo e caro, com oito varetas de ouro, procedeu para o céu com todo o povo de seu reino. Sankriti da linhagem de Atri, possuidor de grande energia, tendo dado instrução para seus discípulos sobre o assunto do Brahma Impessoal, procedeu para regiões de grande felicidade. Amvarisha de grande destreza, tendo doado para os Brahmanas onze Arvudas de vacas, procedeu para o céu com todo o povo de seu reino. Savitri, por dar seus brincos, e o rei Janamejaya, por doar seu próprio corpo, ambos procederam para regiões elevadas de bem-aventurança. Yuvanaswa, o filho de Vrishadarbha, por doar diversos tipos de pedras preciosas, uma mansão excelente, e muitas mulheres belas, ascendeu para o céu. Nimi, o soberano dos Videhas, doou seu reino; o filho de Jamadagni, (Rama), doou a terra inteira; e Gaya doou a terra com todas as suas cidades e populações, para os Brahmanas. Uma vez quando as nuvens cessaram de despejar chuva, Vasishtha, parecendo com o próprio Brahman, manteve vivas todas as criaturas como Prajapati as mantendo vivas (por sua energia e bondade). O filho de Karandhama, Marutta de alma pura, por dar sua filha para Angiras, ascendeu rapidamente para o céu. Brahmadatta, o soberano dos Panchalas, possuidor de inteligência superior, por doar duas jóias preciosas chamadas Nidhi e Sankha para alguns dos principais dos Brahmanas, alcançou muitas regiões de felicidade. O rei Mitrasaha, tendo dado sua própria esposa amada Madayanti para Vasishtha de grande alma, ascendeu para o céu com aquela sua esposa. O sábio real Sahasrajit, possuidor de grande fama, tendo rejeitado a própria vida preciosa por causa de um Brahmana, ascendeu para regiões de grande bem-aventurança. O rei Satadyumna, tendo dado para Mudgala uma mansão feita de ouro e cheia de todos os objetos de conforto e utilidade, ascendeu para o céu. O rei dos Salwas, conhecido pelo nome de Dyutimat, possuidor de grande coragem, deu para Richika seu reino inteiro e ascendeu para o céu. O sábio nobre Madiraswa, por dar sua filha de cintura fina para Hiranyahasta, ascendeu para tais regiões que são consideradas em estima pelos próprios deuses. O sábio real Lomapada, de grande destreza, por dar sua filha Santa para Rishyasringa, obteve a realização de todos os seus desejos. O rei Prasenajit, de grande energia, por doar cem mil vacas com bezerros, ascendeu para excelentes regiões de felicidade. Esses e muitos outros, possuidores almas grandiosas e bem reguladas e tendo seus sentidos sob controle, ascenderam, por meio de caridade e penitências, para o céu. A fama deles durará tanto quanto a própria terra durará. Todos eles, por meio de doações, sacrifícios e procriação de herdeiros, procederam para o céu.'"

235

"Vyasa disse, 'O conhecimento chamado Trayi que se acha nos Vedas e seus ramos deve ser adquirido. Aquele conhecimento é para ser derivado dos Richs, dos Samans, e das ciências chamadas Varna e Akshara. Há, além desses, os Yajuses e os Atharvans. Nos seis tipos de ações indicadas neles, mora o Ser Divino. Aqueles que são bem versados nas declarações dos Vedas, que têm conhecimento da Alma, que são ligados à qualidade de Bondade, e que são altamente abençoados, conseguem compreender a origem e o fim de todas as coisas. Um Brahmana deve viver no cumprimento dos deveres prescritos nos Vedas. Ele deve fazer todas as suas ações como um bom homem de alma controlada. Ele deve ganhar seu sustento sem prejudicar qualquer criatura. Tendo recebido conhecimento dos bons e sábios, ele deve controlar suas paixões e propensões. Bem versado nas escrituras, ele deve praticar aqueles deveres que foram declarados para ele, e fazer todos os atos nesse mundo guiado pela qualidade de bondade. Mesmo levando o modo de vida familiar, o Brahmana deve ser observador das seis ações já citadas. Seu coração cheio de fé, ele deve adorar as divindades nos cinco sacrifícios bem conhecidos. Dotado de paciência, nunca negligente, tendo autocontrole, conhecedor dos deveres, com uma alma purificada, privado de alegria, orgulho, e raiva, o Brahmana nunca deve cair em langor. Doações, estudo dos Vedas, sacrifícios, penitências, modéstia, inocência, e autodomínio, estes aumentam a energia de alguém e destroem os pecados de alguém. Alguém dotado de inteligência deve ser moderado em dieta e deve dominar seus sentidos. De fato, tendo subjugado luxúria e ira, e tendo purificado todos os seus pecados, ele deve se esforçar para alcançar Brahma. Ele deve adorar o Fogo e os Brahmanas, e reverenciar as divindades. Ele deve evitar todos os tipos de conversa inauspiciosa e todos os atos de ofensa injusta. Essa direção de conduta preliminar é inicialmente prescrita para um Brahmana. Posteriormente, quando vem o conhecimento, ele deve se empenhar em ações, pois nas ações se encontra o êxito. (Estas são, é claro, atos religiosos.) O Brahmana que é dotado de inteligência consegue atravessar o rio da vida que é tão difícil de se cruzar e que é tão furioso e terrível, que tem os cinco sentidos como suas águas que tem cupidez como sua fonte, e ira como seu lodo. Ele nunca deve fechar seus olhos para o fato que o Tempo está atrás dele em uma atitude ameaçadora. O Tempo que é o grande entorpecente de todas as coisas, e que está armado com força muito grande e irresistível, emanando do próprio grande Ordenador. Gerado pela corrente da Natureza, o universo está sendo arrastado incessantemente. O poderoso rio do Tempo, coberto com redemoinhos constituídos pelos anos, tendo os meses como suas ondas e as estações como sua correnteza, as quinzenas como sua palha e grama flutuantes, e a elevação e queda das pálpebras como sua espuma, os dias e as noites como sua água, e desejo e luxúria como seus crocodilos terríveis, os Vedas e sacrifícios como suas balsas, e a virtude das criaturas como suas ilhas, e Lucro e Prazer como suas fontes, veracidade de palavras e Emancipação como suas margens, benevolência como as árvores que flutuam por ele, e os yugas como os lagos ao longo de seu curso; o poderoso rio

do Tempo, o qual tem uma origem tão inconcebível quanto aquela do próprio Brahma, está arrastando incessantemente todos os seres criados pelo grande Ordenador em direção à residência de Yama. Pessoas possuidoras de sabedoria e paciência sempre conseguem atravessar este rio terrível por empregarem as balsas do conhecimento e sabedoria. O que, no entanto, tolos insensatos, desprovidos de balsas similares podem fazer (quando jogados naquela correnteza furiosa)? Que somente o homem de sabedoria consiga cruzar este rio, e não aquele que é ininteligente, é consistente com a razão. O primeiro observa de uma distância os méritos e falhas de tudo. (Consequentemente, ele consegue adotar ou rejeitar o que é digno de adoção ou rejeição.) O homem, no entanto, de compreensão pequena e instável, e cuja alma é cheia de desejo e cobiça, está sempre cheio de dúvidas. Então o homem desprovido de sabedoria nunca consegue atravessar aquele rio. Aquele também que senta inativamente (em dúvida) nunca pode transpô-lo. O homem desprovido da balsa da sabedoria, por ter que aguentar o peso opressivo de grandes erros, afunda. Alguém que é agarrado pelo crocodilo do desejo, mesmo se possuidor de conhecimento, nunca pode fazer do conhecimento sua balsa. Por essas razões, o homem de sabedoria e inteligência deve se esforçar para flutuar sobre a correnteza do Tempo (sem afundar nela). De fato, é aquele que consegue se manter flutuando que se torna conhecedor de Brahma. Alguém nascido em uma linhagem nobre, se abstendo dos três deveres de ensinar, de oficiar em sacrifícios de outros e de aceitar doações, e fazendo somente os três outros atos, isto é, estudar, sacrificar, e doar, deve, por aquelas razões, se esforçar para flutuar sobre a corrente. Tal homem sem dúvida a atravessará ajudado pela balsa da sabedoria. Alguém que é puro em conduta, que é autocontrolado e cumpridor de bons votos, cuja alma está sob controle, e que possui sabedoria, seguramente alcança o êxito neste e no outro mundo. O Brahmana levando um modo de vida familiar deve dominar ira e inveja, praticar as virtudes já citadas, e cultuar as divindades nos cinco sacrifícios, comer depois de ter alimentado as divindades, Pitris, e convidados. Ele deve agir de acordo com aqueles deveres que são cumpridos pelos bons; ele deve fazer todas as suas ações como uma pessoa de alma controlada; e ele deve, sem prejudicar alguma criatura, ganhar seu sustento por adotar um comportamento que não seja censurável. Alguém que é bem versado nas verdades dos Vedas e nos outros ramos de conhecimento, cujo comportamento é como aquele de uma pessoa de alma bem controlada, que é dotado de uma visão clara, que cumpre os deveres que são prescritos para sua classe, que, por suas ações, não produz uma mistura de deveres, que se dedica às observâncias registradas nas escrituras, que é cheio de fé, que é autocontrolado, que é possuidor de sabedoria, que é desprovido de inveja e malícia, e que conhece bem as distinções entre justiça e injustiça, consegue transpor todas as suas dificuldades. Aquele Brahmana que é possuidor de firmeza, que está sempre atento, que possui autodomínio, que está familiarizado com a virtude, cuja alma está sob controle, e que transcendeu alegria, orgulho, e raiva, nunca tem que languir em aflição. Este é o rumo de conduta que foi ordenado antigamente para um Brahmana. Ele deve se esforçar para a aquisição de Conhecimento, e fazer todas as ações escriturais. Por viver dessa maneira, ele sem dúvida obtém êxito. Alguém que não possui uma visão clara faz o mal até quando ele deseja fazer o que é certo. Tal pessoa, mesmo

usando seu raciocínio, faz tais ações de virtude que partilham da natureza da injustiça. Desejando fazer o que é certo ela faz que é errado. Similarmente, desejando fazer o que é errado alguém faz o que é certo. Tal pessoa é um tolo. Não conhecendo os dois tipos de atos, ela tem que passar por repetidos renascimentos e mortes.'"

236

"Vyasa disse, 'Se a Emancipação é desejável, então o conhecimento deve ser adquirido. Para uma pessoa que é levada ora para cima ora para baixo ao longo da correnteza do Tempo ou vida, o conhecimento é a balsa pela qual ela pode alcançar a margem. Aqueles homens sábios que têm chegado a conclusões certas (com relação ao caráter da alma e daquilo que é chamado de vida) pela ajuda da sabedoria, podem ajudar os ignorantes a atravessarem o rio do tempo ou da vida com a balsa de conhecimento. Aqueles, no entanto, que são ignorantes, são incapazes de salvar a si mesmos ou outros. Aquele que se livrou do desejo e de todos os outros defeitos, e que se emancipou de todos os apegos, deve prestar atenção àqueles doze requisitos de yoga, isto é, local, atos, afeição, objetos, meios, destruição, certeza, olhos, alimento, supressão, mente e inspeção. (O local deve ser nivelado, não impuro, (tal como um crematório, etc.), livre de kankars, fogo, e areia, etc.; solitário e livre de barulho e outras fontes de perturbação. Atos incluem abstenção de alimento e divertimentos e distrações, abstenção de todos os tipos de trabalho tendo somente objetivos mundanos para efetuar, abstenção também de sono e sonhos. Afeição significa aquela por bons discípulos ou por progresso em yoga. Objetos se refere a combustível sagrado, água, e supressão de expectativa e ansiedade, etc. Meios se refere ao assento a ser usado, ao modo de sentar, e atitude de corpo. Destruição se refere à conquista do desejo e apegos, isto é, renúncia de todas as coisas atrativas. Certeza significa a fé inabalável que o é dito sobre yoga nos Vedas ou por preceptores é verdade. Olhos inclui os outros sentidos. Todos esses devem ser reprimidos. Alimentação significa alimento puro. Supressão se refere à subjugação de nossa inclinação natural em direção a objetos mundanos. Mente aqui se refere ao controle da determinação e seu oposto, isto é, irresolução. Inspeção significa reflexão sobre nascimento, morte, decrepitude, doença, tristeza, imperfeições, etc.) Aquele que deseja obter Conhecimento superior deve, pela ajuda de sua compreensão, reprimir a fala e a mente. Aquele que deseja ter tranquilidade deve, pela ajuda de seu conhecimento, dominar sua alma. Quer se torne compassivo ou cruel, conhecedor de todos os Vedas ou ignorante dos Richs, justo e observador de sacrifícios ou o pior dos pecadores, quer se torne eminente pela coragem e riqueza ou mergulhado em miséria, aquela pessoa que dirige sua mente em direção a esses (atributos dos quais eu tenho falado), sem dúvida cruzará o oceano da vida que é tão difícil de se atravessar. Sem falar dos resultados da obtenção de Brahma por yoga, pode ser dito que aquele que se determina somente a se informar a respeito da Alma transcende a necessidade de cumprir as ações prescritas nos Vedas. O corpo com jiva dentro dele é um carro excelente. Quando sacrifícios e ritos religiosos são

feitos seu upastha (a parte do carro na qual o motorista senta), a vergonha seu varutha (a cerca de madeira ao redor do carro para proteger contra os efeitos das colisões, pois a vergonha é o sentimento que nos afasta das ações pecaminosas), Upaya e Apaya (que são os 'meios' e 'destruição' explicados acima) seu kuvara (a lança à qual jugo é ligado), o ar chamado Apana seu aksha (roda), o ar chamado Prana seu yuga (jugo), o conhecimento e o período concedido de existência seus pontos para atar os corcéis, a atenção seu belo vandhura (aquela parte do yuga onde ele é ligado à lança, isto é, seu meio, sobre o qual aparece algo como uma saliência arredondada), a adoção de bom comportamento seu nemi (a circunferência da roda), visão, tato, olfato, e audição seus quatro corcéis, a sabedoria seu nabhi (a parte central do carro na qual senta o passageiro ou guerreiro), todas as escrituras seu pratoda (o aguilhão com o qual o motorista incita os corcéis), conhecimento certo das declarações escriturais seu motorista, a alma seu passageiro sentado firmemente, fé e autodomínio seus precursores, a renúncia seu companheiro inseparável seguindo atrás e inclinado a fazer o bem, pureza o caminho pelo qual ele segue, meditação (ou União com Brahma) sua meta, então aquele carro pode alcançar Brahma e brilhar lá em refulgência. Eu agora te direi os meios rápidos que devem ser adotados pela pessoa que equiparia seu carro de tal maneira para atravessar esta selva do mundo para alcançar a meta constituída por Brahma, que está além de decrepitude e destruição. Fixar a mente em uma coisa de cada vez é chamado de Dharana. (Dharana corresponde ao exercício do poder pelo qual a mente é retida ou mantida ocupada em uma imagem ou noção específica. Esta faculdade é especialmente treinada por yogins. De fato, o passo inicial consiste em treiná-la até a extensão desejável.) O Yogin, cumprindo votos e restrições apropriados, pratica ao todo sete tipos de Dharana. Há, também, muitos tipos de Dharanas que se originam destes, sobre objetos que estão próximos ou distantes. (Os sete tipos de Dharanas se referem respectivamente à Terra, Vento, Espaço, Água, Fogo, Consciência e Compreensão.) Através desses o Yogin gradualmente obtém domínio sobre a Terra, Vento, Espaço, Água, Fogo, Consciência, e Compreensão. Depois disto ele gradualmente obtém domínio sobre o Imanifesto. Eu agora descreverei para ti os conceitos em sua ordem que são compreendidos por indivíduos específicos entre aqueles que estão engajados em yoga de acordo com as regras e ordenanças que foram declaradas. Eu te falarei também da natureza do sucesso que se liga ao yoga iniciado (de acordo com as regras) por aquele que olha dentro de seu próprio eu. O Yogin, que abandona seu corpo grosseiro, seguindo as instruções de seu preceptor, vê sua alma mostrando as seguintes formas em consequência de sua subtilidade. Para ele no primeiro estágio, o firmamento parece estar cheio de uma substância sutil semelhante a vapor nevoento. Da Alma que está livre do corpo, exatamente assim se torna a forma. Quando esse nevoeiro desaparece, uma segunda (ou nova) forma se torna visível. Pois, então, o Yogin contempla dentro de si mesmo, no firmamento de seu coração, a forma da Água. Depois do desaparecimento da água, a forma do Fogo se mostra. Quando este desaparece, a forma que é perceptível é aquela do Vento, tão refulgente quanto uma arma bem temperada de polimento excelente. Gradualmente, a forma mostrada pelo Vento se torna como aquela da mais fina teia de aranha. Então, tendo obtido alvura, e também a sutileza do ar, é dito que a

alma de Brahman alcança a alvura e sutileza supremas do Éter. Ouça-me enquanto eu te digo as consequências dessas diversas condições quando elas ocorrem. Aquele Yogin que foi capaz de realizar a conquista do elemento terra, obtém por tal domínio o poder de Criação. Como um segundo Prajapati dotado de uma natureza que é perfeitamente imperturbável, ele pode a partir de seu próprio corpo criar todas as espécies de criaturas. Somente com seu dedo do pé, ou com sua mão ou pés, aquela pessoa que conseguiu o domínio do Vento pode sozinha fazer a Terra inteira tremer. Esse mesmo é o atributo do Vento como declarado no Sruti. O Yogin que conseguiu o domínio do Espaço pode existir brilhantemente no Espaço por ter obtido uniformidade com aquele elemento, e pode também desaparecer à vontade. Pelo domínio sobre a Água, alguém pode (como Agastya) esvaziar rios, lagos, e oceanos. Pelo domínio sobre o Fogo, o Yogin se torna tão resplandecente que sua forma não pode ser olhada. Ele se torna visível somente quando ele extingue sua consciência de individualidade; esses cinco elementos ficam sob seu domínio. Quando a Compreensão, a qual é a alma dos cinco elementos e da consciência de individualidade (porque estes seis dependem dela ou a têm como seu refúgio), é conquistada, o Yogin obtém Onipotência, e Conhecimento perfeito (ou percepção livre de dúvida e incerteza com respeito a todas as coisas), vem a ele. Por isso, o Manifesto se funde no Imanifesto ou Alma Suprema da qual o mundo emana e se torna o que é chamado de Manifesto. (É do Imanifesto ou a Alma Suprema que o mundo ou tudo o que é Manifesto surge ou emana. O yogin, por seu conhecimento superior, percebe que tudo o que é Manifesto é somente a Alma Suprema Imanifesta.) Escute agora a mim enquanto eu explico em detalhes a ciência do Imanifesto. Mas antes de tudo ouça-me sobre tudo o que é Manifesto como explicado no sistema de filosofia Sankhya. Em ambos, nos sistemas Yoga e Sankhya, vinte e cinco tópicos de conhecimento são tratados quase da mesma maneira. Escute-me enquanto eu menciono suas principais características. É citado como Manifesto aquilo que é possuidor desses quatro atributos: nascimento, crescimento, decadência, e morte. Aquilo que não possui estes atributos é citado como Imanifesto. Duas almas são mencionadas nos Vedas e nas ciências que são baseadas neles. A primeira (que é chamada de Jivatman), é dotada dos quatro atributos já mencionados, e tem um desejo pelos quatro objetos ou propósitos (isto é, Religião, Riqueza, Prazer e Emancipação). Essa alma é chamada de Manifesta, e é nascida do Imanifesto (Alma suprema). Ela é Inteligente e não-Inteligente. Eu assim te falei sobre Sattwa (matéria inerte) e Kshetrajna (espírito imaterial). Ambos os tipos de Alma, isto é dito nos Vedas, se tornam ligadas aos objetos dos sentidos. A doutrina dos Sankhyas é que alguém deve se manter indiferente ou dissociado dos objetos dos sentidos. O Yogin que é livre do apego e orgulho, que transcende todos os pares de opostos, tais como prazer e dor, calor e frio, etc., que nunca dá vazão à raiva ou ódio, que nunca fala uma inverdade, que, embora caluniado ou golpeado, ainda demonstra amizade pelo caluniador ou pelo que lhe bateu, que nunca pensa em fazer mal a outros, que reprime os três, isto é, palavras, ações, e mente, e que se comporta uniformemente para com todas as criaturas, consegue se aproximar da presença de Brahman. Aquela pessoa que não nutre desejos por objetos mundanos, que não é relutante em aceitar o que vem, que depende dos objetos mundanos somente naquela extensão em que é necessária para manter a vida, que é livre de

cobiça, que rejeitou toda aflição, que tem reprimido seus sentidos, que passa por todas as ações necessárias, que é indiferente à aparência pessoal e vestuário, cujos sentidos estão todos serenos (por devoção aos verdadeiros objetivos da vida), cujos objetivos nunca são deixados não realizados, que se comporta com igual amizade em direção a todas as criaturas, que olha um torrão de terra e um de ouro com um olhar igual, que é igualmente disposto em direção a amigo e inimigo, que possui paciência, que aceita elogio e crítica da mesma maneira, que é livre do desejo com respeito a todos os objetos de desejo, que pratica Brahmacharya, e que é firme e resoluto em todos os seus votos e observâncias, que não tem malícia ou inveja por alguma criatura no universo, é um Yogin que, segundo o sistema Sankhya, consegue ganhar Emancipação. Escute agora ao caminho e aos meios pelos quais uma pessoa pode obter Emancipação através de Yoga (ou o sistema de Patanjali). Aquela pessoa que se move e age depois de ter transcendido o poderio que a prática de yoga ocasiona (nos estágios iniciais), consegue ganhar Emancipação. (É dito que com a prática de Yoga, durante os primeiros estágios, certos poderes extraordinários vêm para o Yogin ele os deseje ou não. Em um capítulo anterior foi dito que aquele Yogin que se permite ser levado por aquelas aquisições extraordinárias vai para o inferno, isto é, fracassa em alcançar a Emancipação ao lado da qual o próprio céu com a posição de Indra é somente inferno. Por isso, aquele que transcende a pujança que Yoga traz se torna Emancipado.) Eu assim te falei sobre aqueles tópicos (isto é, Emancipação de acordo com o sistema Sankhya e de acordo com o sistema Yoga) os quais são diferentes se o orador estiver disposto à tratá-los como tais (mas que na verdade, são um e o mesmo). Dessa maneira alguém pode elevar-se acima de todos os pares de opostos. Assim alguém pode alcançar Brahma.'"

237

"Vyasa disse, 'Carregado para cima e para baixo no oceano da vida, aquele que é capaz de meditar agarra a balsa do Conhecimento, e para alcançar sua Emancipação adere ao próprio Conhecimento, (sem estender seus braços para lá e para cá para agarrar algum outro suporte).'"

"Suka disse, 'Qual é aquele Conhecimento? Ele é aquele saber pelo qual, quando o erro é dissipado, a verdade vem a ser descoberta? Ou, ele é aquele curso de deveres consistindo em ações a serem feitas ou realizadas, pela ajuda das quais o objetivo procurado pode ser compreendido ou alcançado? Ou, ele é aquele curso de deveres, chamado de abstenção de ações, pelo qual uma extensão da Alma é para ser procurada? Diga-me o que é, para que por sua ajuda, os dois, isto é, nascimento e morte, possam ser evitados.'"

"Vyasa disse, 'Aquele tolo que, acreditando que tudo isso existe por sua própria natureza sem, realmente, um refúgio ou fundação existente, enche por tal instrução as aspirações de discípulos, dissipando por sua inventividade dialética os argumentos que os últimos possam usar em contrário, não consegue chegar à alguma verdade. Aqueles também que crêem firmemente que toda Causa é

devido à natureza das coisas, falham em alcançar qualquer verdade mesmo por ouvirem homens (mais sábios) ou os Rishis (que são capazes de instruí-los). Aqueles homens de pouca inteligência que param (em suas especulações), tendo adotado uma dessas doutrinas, de fato, aqueles homens que consideram a natureza como a causa, nunca conseguem obter qualquer benefício para si mesmos. Essa crença na Natureza (como a Causa produtora e sustentadora), surgindo como surge de uma mente agindo sob a influência do erro, ocasiona a destruição da pessoa que a nutre. Escute agora à verdade com respeito a essas duas doutrinas que afirmam (1) que as coisas existem por sua própria natureza e (2) que elas fluem (por sua própria natureza) de outras que são diferentes e que as precedem. Homens sábios se dedicam à agricultura e lavoura, e à aquisição de colheitas (por aqueles meios) e de veículos (para locomoção) e assentos e tapetes e casas. Eles se dedicam também à instalação de jardins de divertimento, à construção de mansões espaçosas, e à preparação de remédios para doenças de todos os tipos. É a sabedoria (a qual consiste na aplicação de recursos) que leva à realização de propósitos. É a sabedoria que ganha resultados benéficos. É a sabedoria que permite aos reis exercerem e desfrutarem de soberania embora eles sejam possuidores de atributos iguais àqueles das pessoas sobre as quais eles governam. (É pela sabedoria que todos esses resultados são alcançados. Sabedoria é a aplicação de meios para a realização de objetivos. A Natureza nunca constrói palácios ou produz veículos e os diversos outros confortos que o homem desfruta. Aquele que confiasse na Natureza com relação a esses nunca os obteria por mais que ele pudesse esperar por muito tempo. A necessidade de esforço, mental e físico, e o êxito que coroa aquele esforço fornecem a melhor resposta, o orador pensa, para aqueles que acreditam naquelas doutrinas.) É pela sabedoria que o maior e o menor entre os seres são distinguidos. É pela sabedoria que os superiores e os inferiores entre os objetos criados são compreendidos. É a sabedoria ou conhecimento que é o maior refúgio de todas as coisas. Todos os diversos tipos de coisas criadas têm quatro tipos de nascimento. Eles são vivíparos, ovíparos, vegetais, e nascidos da sujeira. As criaturas, também, que são móveis, devem ser conhecidas como sendo superiores àquelas que são imóveis. É consistente com a razão que a energia inteligente, visto que ela diferencia (toda matéria não inteligente), deva ser considerada como superior à matéria (não inteligente). As criaturas móveis, que são inumeráveis, são de dois tipos, isto é, aquelas que têm muitas pernas e aquelas que têm duas. As últimas, no entanto, são superiores às primeiras. Os bípedes, também, são de duas espécies, isto é, aqueles que vivem sobre a terra e aqueles que são diferentes (como as aves que são chamadas de habitantes do céu ou do ar). Destes, os primeiros são superiores aos últimos. Os superiores comem diversos tipos de alimento cozido. Os bípedes que se movem sobre a terra são de dois tipos, isto é, os medianos ou intermediários, e os que são principais. Destes, os medianos ou intermediários são considerados como superiores (aos primeiros) por causa de sua observância dos deveres de casta. (É claro, os principais são os principais, e os intermediários nunca podem ser superiores a eles. Apesar disso, os intermediários são cumpridores dos deveres de casta; os principais não são assim, eles tendo transcendido tais distinções; por isso, como tentativa, a opinião popular ou ignorante é primeiro aceita, no sentido de que os observadores de

casta são superiores àqueles que não observam Jatidharma.) Os medianos ou intermediários são citados como sendo de dois tipos, isto é, os que conhecem e os que não conhecem os deveres. Desses, os primeiros são superiores por seu discernimento a respeito do que deve e do que não deve ser feito. Aqueles familiarizados com os deveres são citados como sendo de dois tipos: os que conhecem e os que não conhecem os Vedas. Desses os primeiros são superiores, pois os Vedas são considerados como habitando neles. (Isto provavelmente significa que como os Vedas não tinham sido reduzidos à escrita, seus conteúdos repousavam ou moravam nas memórias de homens versados neles.) Aqueles que conhecem os Vedas são de dois tipos, isto é, aqueles que fazem e aqueles que não fazem preleções sobre os Vedas. Desses, os primeiros, que conhecem totalmente os Vedas, com os deveres e os ritos declarados neles, e os resultados daqueles deveres e ritos, são superiores por sua divulgação de todos aqueles deveres e ritos. De fato, todos os Vedas com os deveres declarados neles são citados como fluindo deles. Os preceptores dos Vedas são de dois tipos, os que conhecem e os que não conhecem a Alma. Desses, os primeiros são superiores por seu conhecimento do que significa Nascimento e Morte. (Compreender o que é nascimento e o que é morte, e evitar nascimento (somado, portanto, morte), são os maiores frutos do conhecimento da Alma. Aqueles que não têm conhecimento da Alma tem que viajar em uma ronda de repetidos renascimentos.) Com relação aos deveres, eles são, também, de dois tipos (isto é, Pravritti e Nivritti). Aquele que conhece os deveres é citado como sendo onisciente ou possuidor de conhecimento universal. Tal homem é um Renunciante. Tal homem é firme na realização de seus propósitos. Tal homem é verdadeiro, puro (externamente e internamente), e possuidor de pujança (isto é, o poder que vem de Yoga). Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele que é devotado ao conhecimento de Brahma (e não aquele que conhece somente os deveres de Pravritti). Tal homem é versado também nos Vedas e seriamente dedicado ao estudo da Alma. Aqueles que têm conhecimento verdadeiro contemplam sua própria Alma como existente dentro e fora. Tais homens, ó filho, são realmente regenerados e tais homens são deuses. (Observar tudo no universo como seu próprio eu. A Alma é a mais alta aspiração de uma pessoa justa. É yoga que capacita alguém a alcançar o mais alto ideal de existência. Alguém que percebe isso é citado como sendo um verdadeiro Brahmana, uma pessoa realmente regenerada, de fato, um deus sobre a Terra.) Desses depende este mundo de Seres, neles mora todo este universo. Não há nada que seja igual à sua grandeza. Transcendendo nascimento e morte e as distinções e ações de todos os tipos, eles são os senhores das quatro espécies de criaturas e são iguais ao próprio Auto-nascido.'"

238

"Vyasa disse, 'Essas, então, são as ações obrigatórias ordenadas para Brahmanas. Alguém que possui conhecimento sempre alcança o êxito por praticar as ações (prescritas). Se nenhuma dúvida surge em relação às ações, então ações feitas sem dúvida levam ao sucesso. A dúvida à qual nós nos referimos é

esta: se as ações são obrigatórias ou se elas são opcionais. (O conhecimento é essencial para o êxito ou emancipação. Se ações se tornam necessárias para levar ao conhecimento, a dúvida pode então surgir de modo que elas cessam de ser obrigatórias, pois pode ser suposto que o conhecimento é obtenível de outra maneira do que por meio de ações.) Com relação a esta (dúvida acerca do verdadeiro caráter das ações, deve ser dito que), se as ações são ordenadas para o homem para produzir conhecimento (somente pelo qual Brahma ou a Emancipação é para ser alcançado, então) elas devem ser consideradas como obrigatórias (e não opcionais). Eu agora falarei sobre elas pela luz de inferências e experiência. Ouça-me. Com respeito às ações alguns homens dizem que o Esforço é sua causa. Outros dizem que a Necessidade é sua causa. Outros afirmam que a Natureza é a causa. Alguns dizem que as ações são os resultados do Esforço e da Necessidade. Alguns afirmam que as ações fluem do Tempo, Esforço, e Natureza. Alguns dizem que dos três (isto é, Esforço, Necessidade, e Natureza), só um (e não os outros dois) é a causa. Alguns são de opinião que todos os três combinados são a causa. Algumas pessoas que estão empenhadas na realização de ações dizem, com respeito a todos os objetos, que eles existem, que eles não existem, que eles não podem ser citados como existentes, que eles não podem ser citados como não existentes, que não é que eles não podem ser citados como existentes, e por fim, que não é que eles não podem ser citados como não existentes. (Estes então são os diversos pontos de vista nutridos pelos homens.) Aqueles que são Yogins, no entanto, vêem Brahma como a causa universal. Os homens do Treta, do Dwapara, e do Kali Yugas são inspirados com dúvidas (com referência às declarações dos Srutis). Os homens do Krita Yuga, no entanto, são dedicados a penitências, têm almas tranquilas (isto é, não têm dúvidas), e são observadores de virtude. Naquela era todos os homens consideram os Richs, os Samans, e os Yajuses como idênticos apesar de sua aparente diversidade. Analisando desejo e aversão, eles cultuam somente a penitência. (No Treta e nos outros Yugas as pessoas são vistas professando apego ou devoção a somente um dos Vedas e não aos outros, seja ele o Richs, o Samans, ou o Yajuses. O orador, descontente com isso se refere à era Krita como uma na qual tal diferença de fé não era observável. Os homens naquela era consideravam todos os Vedas igualmente, e, de fato, até como idênticos.) Dedicado à prática de penitências, constante nelas, e rígido em sua observância, alguém consegue a realização de todos os seus desejos só pelas penitências. Pela penitência alguém alcança àquilo por se tornar o qual alguém cria o universo. Pela penitência alguém se torna aquilo pelo qual ele se torna o mestre poderoso de todas as coisas. (Jiva ou Chit se torna poderoso e consegue criar o universo por meio de penitência. Por meio de penitência alguém alcança Brahma, e, portanto, pujança universal.) Aquele Brahma está explicado nas declarações dos Vedas. Apesar disso, Brahma é inconcebível mesmo para aqueles que estão familiarizados com aquelas declarações. Brahma também foi declarado no Vedanta. Brahma, no entanto, não pode ser contemplado por meio de ações. (Este é um dos versos mais importantes nesse capítulo, pois, como o comentador explica, ele fornece a resposta para a questão proposta no capítulo anterior, isto é 'O que é aquele conhecimento?' Nos Vedas ações e conhecimento são mencionados. Na província de ações, Brahma é representado como Indra e os

outros deuses. Brahma, portanto, é falado lá como oculto (ou inconcebível) até para aqueles que conhecem aquela província ou esfera dos Vedas. No Vedanta, também, conhecimento ou Vidya é falado como o meio pelo qual alcançar Brahma. O conhecimento ou Vidya, portanto, o qual é o assunto da questão, não é o que é implicado por Pravritti dharma ou por Nivritti como usado no capítulo anterior.) O sacrifício ordenado para Brahmanas consistem em japa (meditação e recitação), aquele para Kshatriyas consiste em matança de animais (puros) para a satisfação das divindades; aquele para Vaisyas consiste na produção de colheitas e na criação de animais domésticos; e aquele para Sudras em serviço humilde para as três outras classes. Por cumprir os deveres prescritos para ele e por estudar os Vedas e outras escrituras, alguém se torna um Dwija (regenerado). Se ele faz alguma outra ação ou não, ele se torna um Brahmana por se tornar o amigo de todas as criaturas. No início de Treta, os Vedas e sacrifícios e as divisões de casta e os vários modos de vida existiam em sua totalidade. Por consequência, no entanto, da duração de vida ser diminuída em Dwapara, aqueles são alcançados pelo declínio. Na era Dwapara como também na Kali, os Vedas são alcançados pela perplexidade. Perto do fim de Kali, é duvidoso se eles até se tornam visíveis para o olho. Naquela era, os deveres das respectivas classes desaparecem, e homens se tornam afligidos pela iniquidade. Os atributos suculentos de vacas, da terra, da água, e ervas (medicinais e comestíveis), desaparecem. (Isto é, as vacas não produzem mais leite doce e abundante, o solo cessa de ser fértil, e as ervas medicinais e comestíveis perdem suas virtudes de cura como também seu sabor.) Pela iniquidade (universal) os Vedas desaparecem e com eles todas as funções inculcadas neles, como também os deveres em relação aos quatro modos de vida. Aqueles que permanecem cumpridores dos deveres de sua própria classe são afligidos, e todos os objetos móveis e imóveis sofrem uma mudança para pior. Como as chuvas do céu fazem todos os produtos da terra crescerem, da mesma maneira os Vedas, em todas as eras, fazem todos os angas crescerem. (Angani significa as observâncias necessárias para a prática de Yoga como também todos os tipos de ritos e votos. Os Vedas fazem estes aumentarem, e eles, por sua vez, ajudam todos os estudantes dos Vedas a realizarem seus propósitos.) Sem dúvida, o Tempo assume diversas formas. Ele não tem início nem fim. É o Tempo que produz todas as criaturas e também as devora. Eu já falei disso para ti. O Tempo é a origem de todas as criaturas; o Tempo é aquilo que as faz crescer; o Tempo é aquilo que é seu destruidor; e por fim é o tempo que é seu soberano. Sujeitas aos pares de opostos (tais como calor e frio, prazer e dor, etc.), criaturas de variedade infinita dependem do Tempo de acordo com suas próprias naturezas (sem serem diferentes de como elas foram ordenadas pelo Brahma supremo).'"

239

"Bhishma disse, 'Assim endereçado (por seu pai), Suka, elogiando muito essas instruções do grande Rishi, se pôs a perguntar o seguinte, relativo à importância dos deveres que levam à Emancipação.'"

"Suka disse, 'Por quais meios alguém que possui sabedoria, que conhece os Vedas, que é observador de sacrifícios, dotado de sabedoria, e livre de malícia, consegue alcançar Brahma que não pode ser compreendido por evidência direta ou inferência, e que não é suscetível de ser indicado pelos Vedas? Questionado por mim, me diga por quais meios Brahma deve ser compreendido? É por penitência, por Brahmacharya, pela renúncia de tudo, pela inteligência, pela ajuda da filosofia Sankhya, ou por Yoga? Por quais meios pode qual tipo de busca de um só fim ser alcançado por homens, com relação a ambos, isto é, a mente e os sentidos? Cabe a ti explicar tudo isso para mim.'"

"Vyasa disse, 'Nenhum homem chega ao êxito por outros meios exceto a aquisição de conhecimento, a prática de penitências, a subjugação dos sentidos, e renúncia de tudo. (O comentador salienta que por esses quatro termos os quatro modos de vida são indicados.) As grandes entidades (cinco em número) representam a criação primeira (ou inicial) do Nascido por Si Mesmo. Elas têm sido colocadas amplamente em criaturas incorporadas incluídas no mundo de vida. Os corpos de todas as criaturas incorporadas são derivados da terra. Os líquidos orgânicos são da água. Seus olhos são citados como derivados da luz. Prana, Apana (e os três outros ares vitais) têm o vento como seu refúgio. E, por fim, todas as aberturas desocupadas dentro delas (tais como as narinas, as cavidades do ouvido, etc.) são do Espaço. Nos pés (das criaturas vivas) está Vishnu. Em seus braços está Indra. Dentro do estômago está Agni desejoso de alimento. Nos ouvidos estão os pontos do horizonte (ou da bússola) representando o sentido de audição. Na língua está a fala que é Saraswati. (O comentador explica que o objetivo deste verso é mostrar que a visão Yoga da Alma sendo somente o desfrutador mas não o ator não é correta. Por outro lado, a visão Sankhya da Alma não sendo o desfrutador nem o ator, é verdadeira. As divindades, permanecendo nos vários sentidos, agem e desfrutam. É por ignorância que a Alma atribui a si mesma seus prazeres e suas ações.) Os ouvidos, pele, olhos, língua e o nariz formando o quinto, são citados como os sentidos de conhecimento. Estes existem para os propósitos de percepção de seus respectivos objetos. Som, toque, forma, gosto e cheiro formando o quinto, são os objetos dos (cinco) sentidos. Estes devem sempre ser considerados como separados (ou independente) dos sentidos. Como o cocheiro colocando seus corcéis bem domados ao longo dos caminhos que lhe agradam, a mente coloca os sentidos (ao longo das direções que lhe agradam). A mente, por sua vez, é empregada pelo conhecimento situado no coração. A mente é o senhor de todos os sentidos em relação a empregá-los em suas funções e guiá-los ou reprimi-los. Similarmente, o conhecimento é o senhor da mente (por empregá-la, e guiá-la ou reprimi-la). Os sentidos, os objetos dos sentidos, os atributos daqueles objetos representados pela palavra natureza, conhecimento, mente, os ares vitais, e Jiva moram nos corpos de todas as criaturas incorporadas. (O que se quer dizer por os objetos dos sentidos residindo dentro dos corpos de criaturas vivas é que (como o comentador explica) seus conceitos existem na 'cavidade do coração' (provavelmente, mente) de modo que quando necessários ou requeridos, eles aparecem (perante a visão da mente).) O corpo dentro do qual o conhecimento mora não tem existência real. O corpo, portanto, não é o refúgio do conhecimento.

A Natureza Primordial (Prakriti) tendo os três atributos (de Bondade e Paixão e Ignorância) é o refúgio do conhecimento o qual existe somente na forma de um som. A Alma também não é o refúgio do conhecimento. É o Desejo que cria o conhecimento. O Desejo, no entanto, nunca cria os três atributos. O homem de sabedoria, capaz de subjugar seus sentidos, contempla o décimo sétimo, isto é, a Alma, como cercada por dezesseis atributos, em seu próprio conhecimento pela ajuda da mente. A Alma não pode ser vista com a ajuda do olho ou com aquela dos todos os sentidos. Transcendendo todos, a Alma se torna visível somente pela luz da lâmpada da mente. Desprovida das propriedades de som e tato e forma, sem gosto e cheiro, indestrutível e sem um corpo (grosseiro ou sutil) e sem sentidos, ela é todavia vista dentro do corpo. Imanifesta e suprema, ela mora em todos os corpos mortais. Seguindo a orientação do preceptor e dos Vedas, aquele que a contempla após a morte se torna o eu de Brahma. Aqueles que possuem sabedoria olham com um olhar igual para um Brahmana possuidor de conhecimento e discípulos, uma vaca, um elefante, um cachorro, e um Chandala; (pois tais homens vêem Brahma em todas as coisas). Transcendendo todas as coisas, a Alma mora em todas as criaturas móveis e imóveis. De fato, todas as coisas são permeadas por ela. Quando uma criatura viva vê sua própria Alma em todas as coisas, e todas coisas em sua própria Alma, é dito que ela alcançou Brahma. Alguém ocupa aquele tanto da Alma Suprema que é proporcional ao que é ocupado em sua própria alma pelo som Védico. (Os Vedas ensinam que tudo é a alma de alguém. A extensão à qual alguém consegue perceber isso é a medida de sua obtenção de Brahma. Se alguém pode perceber isso completamente, ele alcança Brahma completamente. Se parcialmente, seu alcance de Brahma também é parcial.) Aquele que pode sempre perceber a identidade de todas coisas com seu próprio eu indubitavelmente obtém imortalidade. Os próprios deuses ficam estupefatos no caminho daquele homem sem rastro que constitui ele mesmo a alma de todas as criaturas, que é dedicado ao bem de todos os seres, e que deseja alcançar (Brahma, que é) o refúgio final (de todas as coisas). (O rastro de tal pessoa, é dito, é tão invisível quanto os céus. O comentador explica que os próprios deuses ficam estupefatos em relação ao objetivo que tal homem procura, o objetivo, é claro, sendo Brahma.) De fato, o caminho que é seguido pelos homens de conhecimento é tão visível quanto aquele de aves no céu ou de peixes na água. O Tempo, por seu próprio poder, cozinha todos os entes dentro de si mesmo. Ninguém, no entanto, conhece Aquele (Brahma) no qual o Tempo, por sua vez, é ele mesmo cozido. Aquele (do qual eu falo) não está em cima, ou no meio ou em baixo, ou em direção transversal ou em qualquer outra. Aquele é para a entidade tangível; ele não é para ser encontrado em algum lugar. (Por meio disso o orador diz que Brahma não é para ser encontrado em algum lugar específico por mais que sagrado.) Todos esses mundos estão dentro daquele. Não há nada nesses mundos que exista fora dele. Mesmo se alguém siga em frente incessantemente com a velocidade de uma flecha impelida pela corda do arco, mesmo se ele siga com a velocidade da própria mente, ele ainda não alcançará o fim daquele que é a causa de tudo isso. (Porque Brahma é infinito.) Aquilo é tão bruto que não há nada mais bruto. Suas mãos e pés se estendem por todos os lugares. Seus olhos, cabeça, e face estão em todos os lugares. Seus ouvidos estão em todos os lugares no universo. Ele existe submergindo todas as

coisas. Ele é menor do que o menor, ele é o coração de todos os entes. Existindo, sem dúvida, ele ainda é imperceptível. Indestrutível e destrutível, estas são as formas duais de existência da Alma (suprema). Em todas as entidades móveis e imóveis a existência que ela manifesta é destrutível; enquanto a existência que ela manifesta em Chaitanya é celestial, imortal, e indestrutível. Embora o senhor dos seres existentes móveis e imóveis, embora inativa e desprovida de atributos, ela entra, todavia, na bem conhecida mansão de nove portas e se torna engajada em ação. Homens de sabedoria que são capazes de ver a outra margem dizem que o Não-Nascido (ou a Alma Suprema) vem a ser investido com o atributo de ação por causa de movimento, prazer e dor, variedade de forma, e as nove posses bem conhecidas. (O sentido é que a Alma residindo dentro do corpo é idêntica à Alma Suprema, e somente homens de sabedoria sabem disso.) Aquela Alma indestrutível que é citada como investida com o atributo de ação é nada mais do que aquela Alma indestrutível que é citada como sendo inativa. Uma pessoa de conhecimento, por alcançar àquela essência indestrutível, desiste para sempre de vida e nascimento.'"

240

"Vyasa disse, 'Ó filho excelente, questionado por ti, eu te falei realmente qual deve ser a resposta para tua pergunta segundo a doutrina de conhecimento como exposta no sistema Sankhya. Ouça-me agora enquanto eu te explico tudo o que deve ser feito (para o mesmo fim) de acordo com a doutrina Yoga. A união de Intelecto e Mente, e todos os sentidos, e a Alma que a tudo permeia é considerada como Conhecimento do tipo principal. Aquele Conhecimento deve ser adquirido (pela ajuda do preceptor) por alguém que é de uma disposição tranquila, que tem dominado seus sentidos, que é capaz (pela meditação) de dirigir seu olhar para a Alma, que tem prazer em (tal) meditação, é dotado de inteligência e puro em ações. Alguém deve procurar adquirir este Conhecimento por abandonar aqueles cinco impedimentos de Yoga que são conhecidos pelos sábios, isto é, desejo, ira, cupidez, medo, e sono. A ira é conquistada por tranquilidade de disposição. O desejo é conquistado por abandonar todos os propósitos. Por refletir com a ajuda da compreensão sobre tópicos dignos de reflexão, alguém dotado de paciência consegue abandonar o sono. Pela resistência firme alguém deve reprimir os órgãos de geração e o estômago (de indulgências indignas ou pecaminosas). Uma pessoa deve proteger suas mãos e pés por (usar) seus olhos. Deve-se proteger os olhos e ouvidos pela ajuda da mente, e a mente e a fala pelas ações. Deve-se evitar o medo pela atenção, e o orgulho por servir os sábios. Subjugando procrastinação, alguém deve, por estes meios, subjugar estes impedimentos de Yoga. Deve-se prestar adorações ao fogo e aos Brahmanas, e deve-se curvar a cabeça para as divindades. Deve-se evitar todos os tipos de conversa inauspiciosa, e palavras que são repletas de malícia, e palavras que são dolorosas para outras mentes. Brahma é a semente refulgente (de tudo). Ele é, também, a essência daquela semente de onde vem tudo isso. Brahma se tornou a visão, na forma deste universo móvel e imóvel, de todos os entes que tomaram nascimento.

(O significado é este: Brahma abriu seus olhos para se tornar muitos, como os Srutis declaram, e por isso ele se tornou muitos. Por um olhar Brahma se tornou a Alma de todas as coisas móveis e imóveis.) Meditação, estudo, caridade, veracidade, modéstia, simplicidade, bondade, pureza de corpo, pureza de conduta, e domínio dos sentidos, esses aumentam a energia de alguém, a qual (quando aumentada) destrói seus pecados. Por se comportar igualmente para com todas as criaturas e por viver em contentamento com o que é adquirido facilmente e sem esforço, alguém obtém a realização de todos os seus objetivos e consegue obter conhecimento. Purificado de todos os pecados, dotado de energia, moderado em dieta, com sentidos sob total controle, alguém deve, depois de ter subjugado desejo e ira, procurar alcançar Brahma. Unindo firmemente os sentidos e a mente (tendo-os afastado de todos os objetos externos) com olhar fixo para dentro, alguém deve, nas horas silenciosas da noite ou naquelas antes da alvorada, colocar sua mente sobre o conhecimento. Se mesmo um dos cinco sentidos de um ser humano for mantido descontrolado, toda sua sabedoria pode ser vista escapar através dele como água por um buraco aberto no fundo de uma sacola de couro. Em primeiro lugar o Yogin deve procurar controlar a mente, da mesma maneira de um pescador procurando no início devolver aquele entre os peixes fracos do qual há o maior perigo para suas redes. Tendo primeiro subjugado a mente, o Yogin deve então proceder para subjugar seus ouvidos, então seus olhos, então sua língua, e então seu nariz. Tendo controlado estes, ele deve fixá-los na mente. Então, afastando a mente de todos os propósitos, ele deve fixá-la no conhecimento. De fato, tendo dominado os cinco sentidos, o Yati deve fixá-los na mente. Quando estes, a mente como seu sexto, ficam concentrados no conhecimento, e assim concentrados permanecem firmes e imperturbados, então Brahma se torna perceptível como um fogo sem fumaça de chamas fulgurantes ou o Sol de brilho refulgente. De fato, então alguém vê em si mesmo sua própria alma como fogo relampejando nos céus. Tudo então aparece nela e ela aparece em tudo por sua infinitude. Aqueles Brahmanas de grande alma que possuem sabedoria, que são dotados de firmeza, que são possuidores de conhecimento superior, e que estão empenhados no bem de todas as criaturas, conseguem contemplá-la. Engajado na observância de votos austeros, o Yogin que se comporta dessa maneira por seis meses, sentado sozinho em um local isolado, consegue alcançar uma igualdade com o Indestrutível. Aniquilação, extensão, poder de apresentar vários aspectos na mesma pessoa ou corpo, perfumes celestiais, e sons, e visões, as mais agradáveis sensações de gosto e tato, sensações agradáveis de frescor e calor, igualdade com o vento (rapidez de movimento, poder de desaparecer à vontade, e capacidade de se mover pelos céus), capacidade de compreensão (por luz interior) o significado de escrituras e todo trabalho de gênio, companhia de donzelas celestes; adquirindo todos esses por meio de Yoga o Yogin deve desconsiderá-los e fundi-los todos no conhecimento. Reprimindo a fala e os sentidos ele deve praticar Yoga durante as horas depois do crepúsculo, nas horas antes do amanhecer, e ao amanhecer do dia, sentado em um topo de montanha, ou na base de uma árvore agradável, ou com uma árvore à sua frente. Reprimindo todos os sentidos dentro do coração, ele deve, com faculdades concentradas, pensar no Eterno e Indestrutível como um homem do mundo pensando em riqueza e outras posses valiosas. Ele nunca

deve, enquanto praticando Yoga, afastar sua mente disso. Ele deve com se dirigir com devoção àqueles meios pelos quais ele possa conseguir controlar a mente que é muito agitada. Ele nunca deve se permitir se afastar disso. Com os sentidos e a mente afastados de tudo mais, o Yogin (para praticar) deve se dirigir à cavernas vazias de montanhas, a templos consagrados às divindades, e a casas ou apartamentos vazios, para viver lá. Ele não deve se associar com outros nem em palavra, ação, ou pensamento. Desconsiderando todas as coisas, e comendo muito abstemiamente, o Yogin deve olhar com um olhar igual para objetos adquiridos ou perdidos. Ele deve se comportar da mesma maneira com alguém que o elogia e alguém que o critica. Ele não deve procurar o bem ou o mal de um ou de outro. Ele não deve se regozijar por uma aquisição ou sofrer ansiedade quando ele encontra fracasso ou perda. De comportamento uniforme para com todos os seres, ele deve imitar o vento (isto é, independente de todas as coisas). Para alguém cuja mente está assim voltada para si mesma, que leva uma vida de pureza, e que lança um olhar igual para todas as coisas, de fato, para alguém que está sempre engajado em Yoga dessa maneira exatamente por seis meses, Brahma como representado pelo som (Pranavah ou Om, o monossilábico místico significando a trindade,) aparece muito vividamente. Vendo todos os homens afligidos com ansiedade (por causa de ganhar riqueza e conforto), o Yogin deve olhar um torrão de terra, um pedaço de pedra, e um pedaço de ouro com um olhar igual. De fato, ele deve se afastar deste caminho (de ganhar riqueza), nutrindo uma aversão por isso, e nunca se permitir ser entorpecido. Mesmo se acontecer de uma pessoa pertencer à classe inferior (Sudra), mesmo se acontecer de ela uma mulher, ambos, por seguirem o caminho indicado acima, certamente alcançarão o fim mais sublime. (O comentador salienta que ao passo que somente as três classes superiores são consideradas elegíveis para o estudo de Sankhya e para revelação de tais Srutis como Tattwamasi (tu és Aquilo), aqui Vyasa declara que com relação ao caminho Yoga, _todos_ são elegíveis para se dirigirem a ele.) Aquele que subjugou sua mente vê em si mesmo, pela ajuda de seu próprio conhecimento, o Incriado, Antigo, Imperecível, e Eterno Brahma, Aquele que não pode ser alcançado exceto pelos sentidos fixados (na mente e esta na compreensão), Aquele que é mais sutil do que o mais sutil, e mais grosseiro do que o mais grosseiro, e que é a própria Emancipação.'"

"Bhishma continuou, 'Por averiguar das bocas de preceptores e por eles mesmos refletirem com suas mentes sobre estas palavras que o Rishi grandioso e de grande alma falou tão adequadamente, pessoas possuidoras de sabedoria obtêm aquela igualdade (sobre a qual as escrituras falam) com o próprio Brahman, até, de fato, o tempo quando chega a dissolução universal que traga todos os seres existentes.'"

241

"Suka disse, 'As declarações dos Vedas são duplas. Elas uma vez prescrevem a ordem, 'Faça todas as ações'. Elas também indicam (o contrário, dizendo), 'Desista das ações'. Eu pergunto, 'Para onde vão as pessoas pela ajuda do

Conhecimento e para onde elas vão pela ajuda de ações?' (Os Vedas proclamam a eficácia de ações e conhecimento. Ações não são prescritas para aqueles que têm conhecimento.) Eu desejo saber isso. Diga-me isso. De fato, estas declarações sobre conhecimento e ações são dissimilares e até contraditórias.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado, o filho de Parasara disse estas palavras para seu filho, 'Eu explicarei para ti os dois caminhos, isto é, o destrutível e o indestrutível, dependentes respectivamente de ações e conhecimento. Escute com atenção concentrada, ó filho, a mim, enquanto eu te digo o lugar que é alcançado por alguém com a ajuda de conhecimento, e aquele outro lugar que é alcançado com a ajuda de ações. A diferença entre esses dois lugares é tão grande quanto o céu ilimitado. A pergunta que tu me fizeste me causou uma angústia similar àquela que um discurso ateísta dá para um homem de fé. Estes são os dois caminhos sobre os quais os Vedas estão estabelecidos; os deveres (ações) indicados por Pravritti, e aqueles baseados em Nivritti, que têm sido tratados de forma tão excelente. Por meio de ações, uma criatura viva é destruída. Pelo conhecimento, no entanto, ela se torna emancipada. Por esta razão, os Yogins que vêem o outro lado do oceano da vida nunca se dirigem a ações. Pelas ações alguém é forçado a renascer, depois da morte, com um corpo composto dos dezesseis ingredientes. Pelo conhecimento, no entanto, alguém vem a ser transformado naquilo que é Eterno, Imanifesto, e Imutável. Uma classe de pessoas de pouca inteligência louva as ações. Por isso elas têm que aceitar corpos (um depois do outro) incessantemente. Aqueles homens cujas percepções são afiadas a respeito dos deveres e que alcançaram aquela compreensão elevada (que leva ao conhecimento), nunca louvam ações assim como pessoas que dependem para beber água do abastecimento de rios nunca louvam poços e tanques. O fruto que alguém obtém de ações consiste em prazer e dor, em existência e não existência. Pelo conhecimento, alguém alcança àquilo onde não há ocasião para dor; onde ele se torna livre de nascimento e morte; onde não se está sujeito à decrepitude; onde alguém transcende o estado de existência consciente, onde está Brahma que é Supremo, Imanifesto, imutável, sempre existente, imperceptível, acima do alcance da dor, imortal, e que transcende a destruição; onde todos se tornam livres da influência de todos os pares de opostos (como prazer e dor, etc.), como também de desejo ou propósito. Alcançando aquele estágio, eles lançam olhares iguais sobre tudo, se tornam amigos universais e dedicados ao bem de todas as criaturas. Há um amplo abismo, ó filho, entre alguém dedicado ao conhecimento e alguém dedicado às ações. Saiba que o homem de conhecimento, sem sofrer destruição, permanece existente para sempre como a lua no último dia da quinzena escura existindo em uma forma sutil (mas não destruída). O grande Rishi (Yajnavalkya em Vrihadaranayaka) disse isso mais elaboradamente. Com relação ao homem dedicado às ações, sua natureza pode ser inferida por se observar a lua recém nascida que aparece como um fio curvado no firmamento. (O significado é este: o homem de ações é como a lua recém-nascida, isto é, sujeito a crescimento e decadência.) Saiba, ó filho, que a pessoa de ações renasce com um corpo com onze entidades, como seus ingredientes, que são os resultados de modificação, e com uma forma sutil que representa um total de dezesseis. A divindade que toma refúgio naquela forma

(material), como uma gota de água em uma folha de lótus, deve ser conhecida como Kshetrajna (Alma), que é Eterna, e que consegue por meio de Yoga transcender a mente e o conhecimento. (A alma reside no corpo sem partilhar de algum dos atributos do corpo. Ela é, portanto, comparada a uma gota de água em uma folha de lótus, a qual, embora sobre a folha, contudo não está ligada a ela, tanto que ela pode partir sem molhar ou encharcar em absoluto qualquer parte da folha.) Tamas, Rajas, e Sattwa são os atributos do conhecimento. O conhecimento é o atributo da alma individual residindo dentro do corpo. A alma individual, por sua vez, vem da Alma Suprema. O corpo com a alma é citado como sendo o atributo de jiva. É jiva que age e faz todos os corpos viverem. Ele que tem criado os sete mundos é citado por aqueles que estão familiarizados com o que é Kshetra, (e com o que é Kshetrajna), como estando acima de jiva.'"

242

"Suka disse, 'Eu agora entendi que há dois tipos de criação, isto é, uma começando com Kshara (a qual é universal), e que é da Alma (universal). A outra, consistindo nos sentidos com seus objetos, é determinável ao poder do conhecimento. Esta última transcende a outra e é considerada como a principal. Eu desejo, no entanto, ouvir mais uma vez a respeito daquele rumo de virtude que se move neste mundo, regulado pela virtude do Tempo, (isto é, conforme cada Yuga específico), e de acordo com o qual todos os bons homens moldam sua conduta. Nos Vedas há ambos os tipos de declarações, isto é, fazer ações e evitar ações. Como eu conseguirei determinar a adequação deste ou daquele? Cabe a ti me explicar isto claramente. (Vyasa já explicou o caráter das duas declarações aparentemente hostis. O significado da questão de Suka, portanto, é que se duas declarações são só aparentemente hostis, se, como explicado no Gita, elas são idênticas, como aquela identidade é para ser averiguada claramente?) Tendo obtido, pelas tuas instruções, um conhecimento completo da direção de conduta de seres humanos (isto é, as diferenças entre certo e errado), tendo me purificado pela prática da virtude somente, e tendo purificado minha compreensão, eu irei, depois de rejeitar meu corpo, contemplar a Alma indestrutível.'" (Ou, 'tendo rejeitado, por meio de Yoga, a consciência de corpo, eu verei minha própria Alma'.)

"Vyasa disse, 'A direção de conduta que foi primeiro estabelecida pelo próprio Brahma foi devidamente observada pelas pessoas sábias e virtuosas de antigamente, isto é, os grandes Rishis dos tempos antigos. Os grandes Rishis conquistam todos os mundos pela prática de Brahmacharya. Procurando todas as coisas que são boas para si mesmo por fixar a mente sobre o conhecimento, praticando austeridades severas por residir na floresta e subsistir de frutas e raízes, por andar em locais sagrados, por praticar benevolência universal, e por sair em suas rondas de mendicância na hora apropriada para as cabanas de reclusos na floresta quando estas ficam sem fumaça, (isto é, quando os habitantes já cozinharam e comeram), e o som da vara de descascar estiver silenciado, (isto é, quando o pilão para limpar arroz não mais trabalha, e consequentemente

quando os habitantes não estão aptos a darem muito para o mendicante), uma pessoa consegue alcançar Brahma. Abstendo-te de bajulação e de curvar tua cabeça para outros, e evitando os bons e os maus, viva na floresta por ti mesmo, apaziguando a fome de qualquer maneira que venha pelo caminho.'"

"Suka disse, 'As declarações dos Vedas (já referidas a respeito de ações) são, na opinião dos incultos, contraditórias. Se esta é autoritária e aquela é igualmente, quando há este conflito, como elas podem ser citadas como sendo escriturais? (Há um aparente conflito entre as duas declarações. Se ambas são autoritárias, elas não podem ser consideradas como declarações escriturais por causa de seu conflito. Se uma é assim e a outra não, o caráter escritural da última pelo menos é perdido. As escrituras só podem ser indubitáveis e livres de imperfeições. Como então (a questão procede) se o caráter escritural de ambas for mantido?) Eu desejo saber: como ambas podem ser consideradas como autoritárias? Como, de fato, a Emancipação pode ser alcançada sem violar a ordenança acerca do caráter obrigatório das ações?'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado, o filho de Gandhavati, isto é, o Rishi, elogiando essas palavras de seu filho possuidor de energia incomensurável, respondeu para ele, dizendo o seguinte.'"

"Vyasa disse, 'Alguém que é um Brahmacharin, alguém que leva uma vida familiar, alguém que é um recluso na floresta, e alguém que leva uma vida de mendicância (religiosa), todos alcançam o mesmo fim sublime por cumprirem devidamente os deveres de seus respectivos modos de vida. Ou, se uma pessoa, livre de desejo e aversão, pratica (um depois do outro) todos esses quatro modos de vida segundo as ordenanças que foram declaradas, ela certamente tem condições (por tal conduta) de compreender Brahma. Os quatro modos de vida constituem uma escada ou escadaria. Aquela escadaria está ligada a Brahma. Por ascendê-la corretamente, alguém consegue chegar à região de Brahma. Pela quarta parte de sua vida, o Brahmacharin, conhecedor das distinções de dever e livre de malícia, deve viver com seu preceptor ou filho de seu preceptor. Enquanto residindo na casa do preceptor, ele deve ir para a cama depois que o preceptor tiver ido para a dele, e deve se levantar dela antes que o preceptor se levante da dele. Todos os atos que devem ser feitos pelo discípulo, como também aqueles que devem ser feitos por um empregado humilde, devem ser realizados por ele. Terminando estes ele deve humildemente se colocar ao lado do preceptor. Hábil em todos os tipos de trabalho, ele deve se comportar como um empregado servil, fazendo todas as ações para seu preceptor. Tendo realizado todas as ações (sem deixar alguma parte inacabada), ele deve estudar, sentando aos pés de seu preceptor, com desejo ávido de aprender. Ele deve sempre se comportar com simplicidade, evitar más palavras, e tomar aulas somente quando seu preceptor o convidar para isto. Tornando-se puro em corpo e mente, e adquirindo inteligência e outras virtudes, ele deve falar ocasionalmente o que for agradável. Subjugando seus sentidos, ele deve olhar para seu preceptor sem olhos de curiosidade ardente. (Significando: ele deve lançar olhares submissos ou humildes em vez de encarar audaciosamente ou rudemente.) Ele nunca deve comer antes que seu preceptor tenha comido; nunca beber antes que seu preceptor tenha bebido;

nunca sentar antes que seu preceptor tenha se sentado; e nunca ir dormir antes que seu preceptor tenha ido dormir. Ele deve tocar gentilmente os pés de seu preceptor com palmas viradas para cima, o pé direito com a direita e o esquerdo com a esquerda. Saudando reverentemente o preceptor, ele deve dizer a ele, 'Ó ilustre, me ensine. Eu realizarei este (trabalho), ó ilustre! Este (outro trabalho) eu já realizei. Ó regenerado, eu estou pronto para realizar qualquer coisa mais que tua pessoa venerável possa querer ordenar.' Tendo dito tudo isso, e tendo devidamente se oferecido para ele (dessa maneira), ele deve realizar quaisquer ações que seu preceptor espere ver realizadas, e tendo-as terminado informar o preceptor mais uma vez de sua conclusão. Quaisquer aromas ou gostos dos quais o Brahmacharin possa ter se abstido enquanto levando realmente uma vida de Brahmacharya podem ser usados por ele depois de seu retorno da residência do preceptor. Isto é consistente com a ordenança. Quaisquer observâncias que tenham sido declaradas elaboradamente para Brahmacharins (nas escrituras) devem ser todas praticadas regularmente por ele. Ele deve, também, estar sempre perto de seu preceptor (preparado ao alcance da voz). Tendo contribuído para a satisfação de seu preceptor desse modo ao melhor de seus poderes, o discípulo deve, a partir daquele modo de vida, passar para os outros (um depois do outro) e praticar os deveres de cada um. Tendo (assim) passado uma quarta parte de sua vida no estudo dos Vedas, e na observância de votos e jejuns, e tendo dado ao preceptor a taxa (final), o discípulo deve, de acordo com a ordenança, se despedir e voltar para casa (para entrar em uma vida familiar). (Conhecimento nunca era vendido nesse país nos tempos antigos. A taxa final não é uma retribuição pelos serviços do preceptor mas uma indicação de gratidão do pupilo. Seu valor depende da habilidade do discípulo, embora haja histórias nas escrituras de discípulos sendo prejudicados por seu ardor persistente em pressionar a aceitação desta taxa. Veja a história de Galava no Udyoga Parva.) Então, tendo aceitado esposas, obtendo-as das maneiras indicadas nas ordenanças, e tendo estabelecido cuidadosamente o fogo doméstico, ele deve, todo o tempo observando votos e jejuns, se tornar um chefe de família e passar o segundo período de vida.'"

243

"Vyasa disse, 'Observador de votos meritórios, o chefe de família, no segundo período da vida, deve morar em sua casa, tendo tomado esposas de acordo com os caminhos indicados nas ordenanças e tendo estabelecido um fogo (de sua posse). Com relação ao modo de vida familiar, quatro tipos de conduta são prescritos pelos eruditos. O primeiro consiste em manter um estoque de grãos suficientes para durar por três anos. O segundo consiste em manter um estoque para durar por um ano. O terceiro consiste em abastecer para o dia sem pensar no dia seguinte. O quarto consiste em coletar grãos da mesma maneira que o pombo. (O quarto tipo de conduta, chamado kapoti é também chamado de unchha. Ele consiste em coletar tais sementes de grãos que caíram dos carros e que foram abandonados pelos ceifeiros.) Destes, cada um seguinte é superior em relação à

mérito àquele que o precede, segundo o que é declarado nas escrituras. (Dessa maneira o segundo é mais meritório do que o primeiro, o terceiro do que o segundo, e o quarto do que o terceiro. O quarto ou último, portanto, é o primeiro com referência a mérito.) Um chefe de família observando o primeiro tipo de conduta pode praticar todos os seis deveres bem conhecidos (isto é, sacrifício no próprio interesse, sacrifício naquele de outros, ensino, aprendizado, fazer doações, e aceitar doações). Aquele que observa o segundo tipo de conduta deve praticar somente três destes deveres (isto é, aprender, doar, e receber). Aquele que observa o terceiro tipo de conduta deve praticar somente dois dos deveres da vida familiar (aprender e doar). O chefe de família praticando o quarto tipo de vida familiar deve cumprir somente um dever (isto é, estudar as escrituras). Os deveres do chefe de família são todos citados como sendo extremamente meritórios. O chefe de família nunca deve cozinhar qualquer alimento somente para seu próprio uso, nem deve matar animais (para alimentação) exceto em sacrifícios. (É dito que o chefe de família que cozinha deve dar uma parte do alimento cozido para um Brahmacharin ou Yati ou alguém que chegue como um convidado. Se ele não faz isso mas come tudo o que foi cozido, ele é considerado como comendo o que pertence a um Brahmana. Isso, naturalmente, é um grande pecado.) Se há algum animal que o chefe de família deseja matar (para se alimentar), ou alguma árvore que ele deseja derrubar (para fazer combustível), ele deve fazer ambas as ações de acordo com o ritual prescrito nos Yajuses pois aquilo é devido para as existências animadas e inanimadas. O chefe de família nunca deve dormir durante o dia, ou durante a primeira parte da noite, ou durante a última parte dela. Ele nunca deve comer duas vezes entre a manhã e a noite, e nunca deve convocar sua esposa para a cama exceto na época dela. Em sua casa, nenhum Brahmana deve ser permitido permanecer não alimentado ou não adorado. Ele deve sempre venerar tais convidados que são oferecedores de oferendas sacrificais, que são purificados pelo saber Védicos e observância de votos excelentes, que são nobres de nascimento e conhecedores das escrituras, que são cumpridores dos deveres de sua própria classe, que são autodominados, atentos a todos os atos religiosos, e dedicados a penitências. As escrituras ordenam que o que é oferecido às divindades e aos Pitris em sacrifícios e ritos religiosos está destinado ao serviço de convidados como esses. Neste modo de vida as escrituras ordenam que uma parte do alimento (que é cozido) deve ser dada para toda criatura (independente de seu nascimento ou caráter), para alguém, isto é, que por causa de exibição mantém suas unhas e barba, para alguém que por orgulho mostra quais são suas próprias práticas (religiosas), para alguém que abandonou impropriamente seu fogo sagrado, e até para alguém que ofendeu seu preceptor. Alguém que segue o modo de vida familiar deve dar (comida) para Brahmacharins e Sannyasins. O chefe de família deve todos os dias se tornar um comedor de vighasa, e deve todos os dias comer amrita. Misturados com manteiga clarificada, os restos do alimento que foi oferecido em sacrifícios constitui amrita. Aquele chefe de família que come depois de ter alimentado seus (parentes e) empregados é citado como comedor de vighasa. A comida que resta depois de os empregados terem sido alimentados é chamada de vighasa, e aquela que é deixada depois da apresentação de oferendas sacrificais é chamada de amrita. Alguém levando uma vida familiar deve estar contente com sua própria esposa. Ele deve ser

autocontrolado. Ele deve evitar a malícia e subjugar seus sentidos. Ele nunca deve brigar com seu Ritwik, Purohita, e preceptor, com seu tio materno, convidados e dependentes, com os idosos e os muito jovens, com aqueles que sofrem de doenças, com aqueles que trabalham como médicos, com aparentados, com parentes, e amigos, com seus pais, com mulheres que pertencem à sua própria família paterna, com seu irmão e filho e esposa, com sua filha, e com seus empregados. Por evitar disputas com esses, o chefe de família vem a ser purificado de todos os pecados. Por conquistar tais disputas, ele consegue conquistar todas as regiões de felicidade (no mundo após a morte). Não há dúvida nisto. O preceptor (se devidamente reverenciado) é capaz de levar alguém para as regiões de Brahman. O pai (se reverenciado) pode levar às regiões de Prajapati. O convidado é poderoso o suficiente para levar à região de Indra. O Ritwik tem poder em relação às regiões das divindades. Parentes mulheres da linha paterna têm domínio a respeito das regiões das Apsaras, e parentes (por sangue), a respeito da região dos Viswedevas. Parentes por casamento e parentes colaterais têm poder em relação aos vários quadrantes do horizonte (isto é, norte, etc.), e a mãe e o tio materno têm poder sobre a terra. Os idosos, os jovens, os afligidos e os arruinados têm poder sobre o céu. (O sentido é este: essas várias pessoas, se devidamente reverenciadas pelo chefe de família, são capazes de mandar o último para os lugares indicados ou fazê-lo confortável naqueles locais.) O irmão mais velho é como o próprio pai (para todos os seus irmãos mais novos). A esposa e o filho são o próprio corpo de um homem. Os empregados de alguém são sua própria sombra. A filha é um objeto de grande afeição. Por essas razões, um chefe de família dotado de erudição, cumpridor dos deveres, e possuidor de paciência, deve tolerar, sem calor ou ansiedade de coração, todos os tipos de aborrecimento e até crítica dos últimos parentes citados. Nenhum chefe de família correto deve fazer alguma ação, incitado por considerações de riquezas. Há três direções de dever em relação a uma vida familiar; (das quatro, a primeira é deixada de fora aqui). Dessas, aquela que vem em seguida (na ordem de enumeração) é mais meritória do que a precedente. Com relação aos quatro (principais) modos de vida também, a mesma regra de mérito se aplica, isto é, o que vem depois é superior ao que o precede. Consequentemente, a vida familiar é superior a Brahmacharya, a vida na floresta é superior à vida familiar, e uma vida de mendicância ou renúncia completa é superior a uma vida na floresta. Alguém desejoso de prosperidade deve realizar todos aqueles deveres e ritos que são ordenados nas escrituras a respeito daqueles modos. Cresce em prosperidade aquele reino onde essas pessoas altamente merecedoras vivem, isto é, aquelas que levam uma vida familiar segundo o método Kumbhadhanya, aquelas que a levam de acordo com o método Unchha, e aquelas que a levam de acordo com o método Kapoti. O homem que leva alegremente uma vida familiar na observância daqueles deveres, consegue santificar dez gerações de seus antepassados acima e dez gerações de descendentes abaixo. Um chefe de família, cumprindo devidamente os deveres da vida familiar, obtém um fim que produz felicidade igual àquela que ocorre nas regiões alcançadas por grandes reis e imperadores. Este mesmo é o fim que foi ordenado para aqueles que têm subjugado seus sentidos. Para todos os chefes de família de grande alma o céu foi ordenado. Aquele céu está equipado com carros encantadores para cada um (que se movem à vontade do passageiro). Esse

mesmo é o céu encantador indicado nos Vedas. Para todos os chefes de família de almas controladas, as regiões do céu constituem a recompensa excelente. O Auto-nascido Brahman ordenou que o modo de vida familiar deveria ser a causa produtiva do céu. E, já que foi assim ordenado, uma pessoa, por alcançar gradualmente o segundo modo de vida, obtém felicidade e respeito no céu. Depois deste vem aquele modo de vida elevado e superior, chamado de o terceiro, para aqueles que estão desejosos de rejeitar seus corpos. Superior àquela dos chefes de família, aquela é a vida de ascetas na floresta, daqueles, isto é, que desgastam seus corpos (por diversos tipos de austeridades) em esqueletos cobertos com peles secas. Escute enquanto eu te falo sobre isso.'"

244

"Bhishma disse, "Dessa maneira foram narrados os deveres da vida familiar como são ordenados pelos sábios. Escute agora, ó Yudhishthira, quais são aqueles deveres dos quais foi falado em seguida. Abandonando gradualmente o modo familiar, alguém deve entrar no terceiro modo que é excelente. Este é o modo no qual esposas se afligem por meio de austeridades. Este é o modo praticado por aqueles que vivem como reclusos na floresta. Abençoado sejas tu, ó filho, escute aos deveres observados por aqueles que levam este modo de vida no qual ocorrem as práticas de todos os homens e todos os modos de vida. Escute, de fato, aos deveres daqueles que são habitantes de locais sagrados e que recorreram a este modo depois de deliberação apropriada!'"

"Vyasa disse, 'Quando o chefe de família vê rugas em seu corpo e cabelos brancos em sua cabeça, e filhos de seus filhos, ele deve então se retirar para a floresta. A terceira parte de sua vida ele deve passar na observância do modo Vanaprastha. Ele deve cuidar daqueles fogos dos quais ele tinha cuidado como um chefe de família. Desejoso de sacrificar, ele deve adorar as divindades (segundo os rituais ordenados). Observador de votos e moderado em dieta, ele deve comer somente uma vez, a hora disso sendo a parte sexta parte do dia. Ele deve estar sempre atento. Cuidando de seus fogos, ele deve manter algumas vacas, servindo-as devidamente. (A vaca é um animal sagrado e há mérito em alimentar e cuidar apropriadamente de uma vaca. Ascetas na floresta mantêm vacas por mérito como também para homa ou sacrifício com o ghee obtido delas. A história da vaca de Vasishtha é bem conhecida.) Ele deve se encarregar de todos os rituais de um sacrifício. Ele deve viver do arroz que cresce de modo indígena, do trigo crescido sob circunstâncias similares, de grãos de outros tipos, crescendo de modo selvagem (e pertencentes a ninguém). Ele deve comer o que restar depois de alimentar convidados. Neste terceiro modo de vida, ele deve apresentar oferendas de manteiga clarificada nos cinco Sacrifícios bem conhecidos. (Que são: Agnihotra, Darsapurnamasi, Chaturmasya, Pasu e Soma.) Quatro espécies de direções de conduta foram prescritas para observância no modo de vida Vanaprastha. Alguns coletam só o que é necessário para o dia. Alguns reúnem estoque para durar por um mês. Alguns armazenam grãos e outras coisas necessárias suficientes para durar por doze anos. Reclusos na

floresta podem agir dessas maneiras para cultuar convidados e realizar sacrifícios. Eles devem, durante a estação das chuvas, se expor à chuva e se dirigir à água durante o outono. Durante o verão eles devem se sentar no meio de quatro fogos com o sol queimando por cima. Por todo o ano, no entanto, eles devem ser moderados em dieta. Eles sentam e dormem na terra nua. Eles ficam em pé somente sobre seus dedos dos pés. Eles se contentam com a terra nua e com pequenas esteiras de grama (não possuindo nenhuma outra mobília para assento ou cama). Eles realizam suas abluções de manhã, meio-dia, e à noite (preparatórias para sacrifícios). Alguns entre eles usam somente os dentes para limpar grãos. Outros usam somente pedras para aquele propósito. (Isto é, eles não usam um utensílio comum para descascar ou limpar os grãos que eles usam como alimento.) Alguns entre eles bebem, somente durante a quinzena iluminada, o mingau de trigo (ou outro grão) fervido muito levemente. (De modo que uma parte muito pequena do grão se mistura com a água.) Há muitos que bebem um mingau parecido somente durante a quinzena escura. Alguns comem somente o que vem pelo caminho (sem procurar obtê-lo). Alguns, adotando votos rígidos, vivem somente de raízes, alguns somente de frutas, e alguns somente de flores, observando devidamente o método seguido pelos Vaikhanasas. Essas e diversas outras observâncias são adotadas por aqueles homens de sabedoria e piedade. O quarto é (o modo chamado de Renúncia) baseado nos Upanishads. Os deveres declarados para ele podem ser observados em todos os modos de vida igualmente. Este modo diferente dos outros vem depois da vida familiar e da vida na floresta. Neste mesmo Yuga, ó filho, é sabido que muitos Brahmanas eruditos conhecedores das verdades de todas as coisas observam este modo. Agastya, os sete Rishis (isto é, Atri, Angiras, Pulastya, Pulaha, Vasishtha, Narada, e Kratu), Madhucchandas, Aghamarshana, Sankriti Sudivatandi que vivia onde quer que ele quisesse e que estava contente em aceitar o que vinha (nunca procurando por algo). Ahovirya Kavya, Tandya, o erudito Medhatithi, Karmanirvaka de energia imensa, e Sunyapala que tinha se esforçado imensamente (para adquirir poder ascético), foram os autores desta direção de deveres, e, eles mesmos os observando, procederam todos para o céu. Muitos grandes Rishis, ó filho, que tinham o poder de ver imediatamente os resultados de seu mérito ascético, (isto é, cujos desejos eram imediatamente coroados com sucesso, em relação a bênçãos e maldições, etc.), aqueles numerosos ascetas que são conhecidos pelo nome de Yayavaras, muitos Rishis de penitências muito rígidas e possuidores de conhecimento exato a respeito de distinções de dever, e muitos outros Brahmanas numerosos demais para mencionar, adotaram o modo de vida da floresta. Os Vaikhanasas, os Valikhilyas, os Saikatas, todos os quais eram dedicados a penitências austeras, que eram firmes em virtude, que tinham subjugado seus sentidos, e que costumavam ver os resultados de suas penitências imediatamente, adotaram este modo de vida e finalmente ascenderam para o céu. Livres do medo e não contados entre as estrelas e planetas, eles se tornaram visíveis no firmamento como corpos luminosos; (diferentes de estrelas e planetas mas todavia livres de escuridão). Quando a quarta ou última parte da vida é alcançada, e quando alguém está enfraquecido pela velhice e afligido por doença, ele deve abandonar o modo de vida da floresta (para o quarto modo chamado de Renúncia). Realizando um sacrifício que possa ser completado em um único dia e

no qual o Dakshina deve ser tudo o que ele possa ser possuidor, ele mesmo deve realizar seu próprio Sraddha (ritos fúnebres). Afastado de todos os outros objetos, ele deve se devotar a si mesmo, tendo satisfação em si mesmo, e dependendo também de si mesmo. Ele deve estabelecer todos os seus fogos sacrificais (daquele tempo em diante) em si mesmo, e desistir de todos os tipos de vínculos e atrações. (No caso de ele fracassar em alcançar a Renúncia completa), ele deve sempre realizar ritos e sacrifícios que sejam completados em um único dia; (por exemplo, como aqueles chamados de Brahma-yajna, etc.) Quando, no entanto, a partir da realização dos sacrifícios (comuns) de sacrificadores, o Sacrifício em Si procede, então (ele pode interromper todos os sacrifícios comuns, e) para os três fogos sacrificar devidamente em seu próprio Eu por sua Emancipação. (Isto é, sem mais adorar seus fogos por ritos visíveis e efetiva recitação de mantras, ele deve, por causa de sua emancipação, cultuar em si mesmo ou procurar a extinção da mente e conhecimento em Yoga.) Sem achar defeito em sua comida ele deve comer cinco ou seis bocados, oferecendo-os devidamente aos cinco ares vitais (proferindo todo o tempo os bem conhecidos) mantras do Yajurveda. (Até hoje todo Brahmana ou Kshatriya ou Vaisya ortodoxo nunca come sem oferecer no início cinco pequenos bocados para os cinco ares vitais, isto é, Prana, Apana, Samana, Udana, e Vyana.) Empenhado na observância de austeridades enquanto levando a vida de um asceta na floresta, alguém deve raspar seu cabelo e pêlos e aparar suas unhas, e tendo se purificado pelas ações, passar para o quarto e último modo de vida que é repleto de grande santidade. (O modo de vida Sannyasa, como bem sabido, nunca pode ser entrado sem uma prévia barbeação.) A pessoa regenerada que entra no quarto modo de vida, dando garantias de segurança para todas as criaturas (sendo totalmente inofensivo), consegue ganhar muitas regiões de brilho refulgente após a morte e no final alcança o Infinito. De disposição e conduta excelentes, com pecados todos purificados, a pessoa que conhece a si mesma nunca deseja fazer alguma ação para este ou para o outro mundo. Livre da ira e do erro, sem ansiedade e sem amizade, tal pessoa vive nesse mundo como alguém totalmente desinteressado por seus assuntos. Alguém (na observância de Sannyasa) não deve se sentir relutante em cumprir os deveres incluídos em Yama (benevolência universal, veracidade, fé, Brahmacharya e liberdade de apego) e também aqueles que andam atrás deles (e estão incluídos em niyama, que são: pureza de corpo e mente, contentamento, austeridade, estudo dos Vedas, meditação sobre o Supremo). Tal pessoa deve viver com energia de acordo com as ordenanças em relação ao seu próprio modo, e jogar fora o estudo Védico (recitação) e o fio sagrado que é indicativo da classe de seu nascimento. Dedicada à virtude e com seus sentidos sob controle completo, tal pessoa, possuidora de auto-conhecimento, alcança sem dúvida o objetivo pelo qual ela se esforça (Emancipação). Depois do terceiro há o quarto modo de vida. Ele é muito superior, e repleto de numerosas virtudes superiores. Ele transcende a respeito de mérito os outros três modos de vida. É dito que ele ocupa o lugar mais elevado. Ouça-me enquanto eu falo sobre os deveres que pertencem àquele modo que é preeminente e que é o maior refúgio de todos!'"

245

"Suka disse, 'Enquanto vivendo na devida observância dos principais deveres da vida, como deve alguém que procura alcançar Àquele que é o maior objeto de conhecimento, fixar sua alma em Yoga de acordo com o melhor que pode?'"

"Vyasa disse, 'Tendo adquirido (pureza de conduta e corpo) pela prática dos dois primeiros modos de vida, isto é, Brahmacharya e vida familiar, alguém deve, depois disso, fixar sua alma em Yoga no terceiro modo de vida. Escute agora com atenção concentrada ao que deve ser feito para alcançar ao mais alto objeto de aquisição! Tendo subjugado todos os defeitos da mente e do coração por meios fáceis na prática dos primeiros três modos de vida (isto é, estudo, vida familiar, e reclusão) alguém deve passar para o mais excelente e o mais eminente de todos os modos, isto é, Sannyasa ou Renúncia. Passe então teus dias, tendo obtido aquela pureza. Escute também a mim. Uma pessoa deve, sozinha e sem alguém para ajudá-la ou lhe fazer companhia, praticar Yoga para alcançar êxito (em relação ao maior objeto de aquisição). Alguém que pratica Yoga sem companhia, que vê tudo como uma cópia de seu próprio eu, e que nunca exclui qualquer coisa (por todas as coisas serem permeadas pela Alma Universal), nunca decai da Emancipação. Sem manter os fogos sacrificais e sem uma habitação fixa, tal pessoa deve entrar em uma aldeia somente para pedir sua comida. Ele deve se abastecer para o dia sem armazenar para o dia seguinte. Ele deve se dirigir a penitências, com coração fixo no Supremo. Comendo pouco e até isso sob regulações apropriadas, ele não deve comer mais do que uma vez ao dia. As outras indicações de um mendicante (religioso) são a caveira humana (usada como recipiente para beber), abrigo sob árvores, trapos para vestir, solidão não rompida pela companhia de alguém, e indiferença por todas as criaturas. Aquela pessoa em quem palavras entram como elefantes apavorados em um poço, e de quem elas nunca voltam para o orador, é apta para levar este modo de vida que tem a Emancipação como seu objetivo. (Elefantes, quando lançados em um poço, se tornam totalmente desamparados e incapazes de sair. Aquela pessoa, portanto, em quem palavras entram como elefantes em um poço, é aquela que não responde as más palavras de outras. O que é dito aqui é que somente uma pessoa de tal clemência deve se dirigir à mendicância ou Sannyasa.) O mendicante (ou Renunciante) nunca deve considerar as más ações de alguma pessoa. Ele nunca deve ouvir o que é dito em menosprezo de outros. Especialmente ele deve evitar falar mal de um Brahmana. Ele deve sempre dizer somente o que é agradável para os Brahmanas. Quando qualquer coisa é falada em menosprezo (dele mesmo), ele deve, (sem responder), permanecer totalmente silencioso. Tal silêncio, de fato, é o tratamento medicinal prescrito para ele. Aquela pessoa que por sua solidão (pois considera tudo como sendo ela mesma), faz o lugar que ocupa se tornar como o céu do leste, e que pode fazer um local cheio de milhares de homens e coisas parecer para si mesma como perfeitamente solitário ou desocupado (este é o processo de Yoga chamado Pratyahara), é considerada pelas divindades como sendo um verdadeiro Brahmana. Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele que se veste com o que vem pelo caminho, que subsiste do que quer que ele obtenha, e que dorme em qualquer lugar que ele

encontre. Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele que tem medo de companhia como de uma cobra; da medida completa de satisfação (de comestíveis doces e bebidas) como do inferno; e de mulheres como de um cadáver. (Um mendicante ou renunciante nunca deve comer até a total satisfação. Ele deve comer sem saciar completamente sua fome.) Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele que nunca fica alegre quando honrado e que nunca fica zangado quando insultado, e que dá garantias de compaixão para todas as criaturas. Alguém na observância do último modo de vida não deve olhar a morte com alegria. Nem ele deve olhar a vida com alegria. Ele deve somente esperar por sua hora como um empregado esperando pela ordem (de seu patrão). Ele deve purificar seu coração de todos os defeitos. Ele deve purificar sua língua de todos os defeitos. Ele deve se purificar de todos os pecados. Como ele não tem inimigos, que medo pode atacá-lo? Aquele que não tem medo de qualquer criatura e a quem nenhuma criatura teme não pode ter medo de algum quadrante, livre como ele é de erros de todo tipo. Como as pegadas de todas as outras criaturas que se movem sobre pernas são engolfadas dentro daquelas de elefantes, da mesma maneira todos os postos e condições são absorvidos dentro de Yoga. (Os resultados de Yoga incluem ou absorvem os frutos de todos os outros atos. O posto e prestígio do próprio Indra é absorvido dentro daquele que é obtido por meio de Yoga. Não há tipo de felicidade que não seja engolfado na felicidade da Emancipação, a qual somente Yoga pode conceder.) Do mesmo modo, todos os outros deveres e observâncias são admitidos como engolfados dentro do único dever de abstenção de ferir (todas as criaturas). Vive uma vida eterna de felicidade aquele que evita prejudicar outras criaturas. Alguém que se abstém de injúria, que olha igualmente para todas as criaturas, que é devotado à verdade, que é dotado de firmeza, que tem seus sentidos sob controle, e que concede proteção para todos os seres, alcança um fim que está além de comparação. A condição chamada de morte não consegue superar tal pessoa que está contente com autoconhecimento, que é livre do medo, e que é desprovida de desejo e expectativa. Por outro lado, tal pessoa consegue transcender a morte. Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele que está livre de atrações de todos os tipos, que é praticante de penitências, que vive como o espaço o qual enquanto ocupando tudo ainda assim não é ligado a qualquer coisa, que não tem nada que ele chame de seu, que leva uma vida de solidão, e que tem tranquilidade de alma. Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele cuja vida é para a prática de virtude, cuja virtude é para o bem daqueles que o servem respeitosamente, e cujos dias e noites existem somente para a aquisição de mérito. Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele que está livre de desejo, que nunca se esforça para fazer ações que são feitas por homens mundanos, que nunca curva sua cabeça para ninguém, que nunca bajula outros, (e que está livre de apegos de todos os tipos). Todas as criaturas ficam satisfeitas com a felicidade e cheias de medo pela probabilidade de aflição. O homem de fé, portanto, que deve se sentir afligido pela probabilidade de encher outras criaturas com aflição, deve se abster totalmente das ações de todos os tipos. (Porque todas as ações são repletas de injúria para outros.) A doação de garantias de inofensividade para todas as criaturas transcende todas as outras doações em relação a mérito. Aquele que, no início, repudia a religião da injúria (isto é, a religião de sacrifícios e ações),

consegue alcançar a Emancipação, na qual há a garantia de inofensividade para todas as criaturas. Aquele homem que não despeja em sua boca aberta nem os cinco ou seis bocados que são prescritos para o recluso na floresta, é citado como sendo o centro do mundo, e o refúgio do universo. A cabeça e outros membros, como também os atos bons e maus, se tornam possuídos pelo Fogo. Tal homem, que sacrifica em si mesmo, faz uma liberação de seus sentidos e mente no fogo que mora dentro do espaço limitado de seu próprio coração. Por consequência também de ele despejar tal libação em tal fogo dentro de si mesmo, o universo com todas as criaturas inclusive os próprios deuses, vem a ser satisfeito. Aquele que percebe a alma Jiva que é dotada de refulgência, que está envolvida em três coberturas, que tem três atributos como suas características, como Iswara partilhando daquilo que é o principal, isto é, da natureza da Alma Suprema, se torna objeto de grande respeito em todos os mundos. O próprios deuses com todos os seres humanos falam elogiosamente de seus méritos. Aquele que consegue contemplar na alma que reside em seu próprio corpo todos os Vedas, o espaço e os outros objetos de percepção, os rituais que se encontram nas escrituras, todas aquelas entidades que são compreensíveis somente no som e a natureza superior da Alma Suprema, é procurado para ser adorado pelas próprias divindades como o mais importante de todos os seres. Aquele que vê na alma que reside dentro de seu corpo aquele principal dos seres que não é ligado à terra, que é incomensurável mesmo no firmamento infinito, (isto é, mais vasto do que o firmamento); que é feito de ouro, (Chit tendo somente o conhecimento como seu atributo); que é nascido do ovo, (pertencente ao universo) e reside dentro do ovo, (isto é, capaz de ser percebido no coração); que é equipado com muitas penas, (tendo muitos membros cada um dos quais é presidido por uma divindade específica); que tem duas asas como uma ave, (ausência de atrações ou completa dissociação de tudo, e felicidade e contentamento e aptidão para a alegria), e que é tornado refulgente por muitos raios de luz (transformado em um agente vivo e ativo por meio de olhos, ouvidos, etc.); é procurado para ser adorado pelas próprias divindades como o principal de todos os seres. As próprias divindades adoram aquele em cuja compreensão está fixada a roda do Tempo, (isto é, aquele que compreende a roda do Tempo); a qual está girando constantemente, que não conhece decadência, que consome o período de existência de todas as criaturas, que tem as seis estações como seus cubos, que é equipada com doze raios consistindo nos doze meses, que tem juntas excelentes (que são os dias parva, ou seja, aquelas lunações sagradas nas quais os ritos religiosos são realizados), e em direção à cuja boca escancarada procede este universo (pronto para ser devorado). A Alma Suprema é a vasta inconsciência do sono sem sonhos. Aquela Inconsciência é o corpo do universo. Ela permeia todas as coisas criadas. Jiva, ocupando uma porção daquela vasta inconsciência gratifica as divindades. Estas últimas, estando gratificadas, gratificam a boca aberta daquela inconsciência. (O sentido do verso é este: Brahma, nos capítulos anteriores, tem sido falado como Sushupti ou a inconsciência do sono sem sonhos. O universo flui de Brahma. A inconsciência, portanto, é a causa ou origem ou corpo do universo. Aquela inconsciência, portanto, permeia todas as coisas, isto é, grosseiras e sutis. Jiva, encontrando um espaço dentro daquela inconsciência existindo na forma de grosseiro e sutil, satisfaz as divindades, prana e os sentidos. Estes, assim

satisfeitos por Jiva, finalmente satisfazem a boca aberta da inconsciência original que espera para recebê-los ou engoli-los. Todos esses versos são baseados nas idéias metafóricas que encontram expressão nos Upanishads.) Dotado de refulgência como também do princípio de eternidade, Jiva não tem início. Ele adquire (por seguir caminhos específicos) regiões infinitas de felicidade eterna. Aquele de quem nenhuma criatura tem medo nunca tem que temer nenhuma criatura. Aquele que nunca faz algo criticável e que nunca critica outro, é considerado como sendo realmente uma pessoa regenerada. Tal homem consegue contemplar a Alma Suprema. Aquele cuja ignorância foi dissipada e cujos pecados foram purificados, nunca desfruta aqui ou após a morte da felicidade que é desfrutada por outros (mas alcança a Emancipação completa). Uma pessoa na observância do quarto modo de vida vaga sobre a terra como alguém não relacionado com tudo. Tal pessoa está livre de cólera e erro. Tal pessoa considera igualmente um torrão de terra e um pedaço de ouro. Tal homem nunca armazena qualquer coisa para seu uso. Tal pessoa não tem amigos e inimigos. Tal homem é completamente indiferente a elogio e crítica, e ao agradável e ao desagradável.'"

246

"Vyasa disse, 'A alma Jiva é dotada de todas aquelas entidades que são modificações de Prakriti. Estas não conhecem a Alma mas a Alma conhece elas todas. Como um bom motorista procedendo com a ajuda de corcéis fortes, bem domados, e bem vigorosos pelos caminhos que ele escolhe, a Alma age com a ajuda destes, chamados de sentidos, tendo a mente como seu sexto. Os objetos dos sentidos são superiores aos próprios sentidos. A mente é superior àqueles objetos. A compreensão é superior à mente. A Alma, também chamada de Mahat, é superior à compreensão. Superior a Mahat é o Imanifesto (ou Prakriti). Superior ao Imanifesto é Brahma. Não há nada Superior a Brahma. Ele é o maior limite da excelência e a meta mais alta. A Alma Suprema está oculta em toda criatura. Ela não está exposta para homens comuns verem. Somente Yogins com visão sutil vêem a Alma Suprema com a ajuda de sua compreensão perspicaz e sutil. Unindo os sentidos tendo a mente como seu sexto e todos os objetos dos sentidos dentro da Alma interna pela ajuda da Compreensão, e refletindo sobre os três estados de consciência, isto é, o objeto pensado, a ação de pensar, e o pensador, e se abstendo pela contemplação de todos os tipos de prazer, equipando sua mente com o conhecimento de que ele é o próprio Brahma, pondo de lado ao mesmo tempo toda a consciência de pujança, e assim fazendo sua alma perfeitamente tranquila, o Yogin obtém aquilo ao qual a imortalidade inere. Aquela pessoa, no entanto, que acontece de ser a escrava de todos os seus sentidos e cujas idéias de certo e errado estão confusas, sempre sujeita à morte como ela é, realmente encontra com a morte por tal rendição do eu às (paixões). Destruindo todos os desejos, deve-se imergir a Compreensão grosseira na Compreensão sutil. Tendo assim unido a Compreensão grosseira à sutil, uma pessoa seguramente se tornará uma segunda montanha Kalanjara (isto é, irremovível como a montanha

assim chamada). Por purificar seu coração, o Yogin transcende a virtude e seu oposto. Por purificar seu coração e por viver em sua própria natureza verdadeira, ele obtém a maior felicidade. (A purificação aqui referida consiste em transcender a consciência de dualidade. A virtude deve ser evitada por causa de sua incapacidade de levar à emancipação a qual é muito superior ao céu.) A indicação daquela pureza de coração (da qual eu falo) é que alguém que a alcançou sente aquele estado de inconsciência (com respeito a todos os seus circundantes) que alguém experimenta no sono sem sonhos. O Yogin que alcançou aquele estado vive como a chama firme de uma lâmpada que queima em um lugar onde a atmosfera está perfeitamente imóvel. Tornando-se moderado em dieta, e tendo limpado seu coração, o Yogin que aplica sua Alma (Jiva) à Alma (Suprema) consegue ver a Alma na Alma. Este discurso, ó filho, planejado para tua instrução, é a essência de todos os Vedas. As verdades aqui reveladas não podem ser compreendidas somente pela ajuda de inferência ou por aquela de mero estudo das escrituras. Alguém deve compreender isso por si mesmo pela ajuda da fé. Por bater a riqueza que está contida em todos os trabalhos religiosos e em todos os discursos baseados na verdade, como também os dez mil Richs, este néctar foi formado. Como manteiga dos coalhos e fogo da madeira, exatamente este foi formado por causa de meu filho, este que constitui o conhecimento de todos os homens realmente sábios. Este discurso, ó filho, repleto de instrução sólida, é planejado para entrega para Snatakas (Brahmanas que terminaram o estudo dos Vedas e se dirigiram à vida familiar). Ele nunca deve ser dado para alguém que não tem uma alma tranquila, ou que não tem autodomínio, ou alguém que não tem passado por penitências. Ele não deve ser comunicado para alguém que não conhece os Vedas, ou alguém que não serve humildemente seu preceptor, ou que não está livre de malícia, ou que não possua sinceridade e franqueza, ou alguém que tenha um comportamento negligente. Ele nunca deve ser comunicado para alguém cujo intelecto foi consumido pela ciência de disputa, ou para alguém que é vil ou baixo. Para aquela pessoa, no entanto, que possui fama, ou que merece louvor (por suas virtudes), ou que é de alma tranquila, ou possuidora de mérito ascético, para um Brahmana que é dessa maneira, para um filho ou discípulo respeitoso, este discurso que contém a própria essência dos deveres deve ser comunicado, mas de modo algum ele deve ser comunicado para outros. Se alguma pessoa faz uma doação da terra inteira com todos os seus tesouros para alguém conhecedor da verdade, o último ainda considerará o presente deste conhecimento como sendo muitíssimo superior àquela doação. Eu agora te falarei sobre um assunto que é um mistério maior do que este, um assunto que está relacionado com a Alma, que transcende as compreensões comuns dos seres humanos, que é contemplado pelos principais dos Rishis, que tem sido tratado nos Upanishads, e que forma o tópico da tua pergunta. Diga-me: o que, depois disto, está em tua mente? Diga-me: sobre o que tu ainda tens alguma dúvida? Ouça, pois eu estou aqui, ó filho, rostos virados para todas as direções. O Sol e a Lua estão os dois sentados diante de ti! Sobre o que de fato, eu falarei mais uma vez para ti?'"

247

"Suka disse, 'Ó ilustre, ó principal dos Rishis, fale mais uma vez para mim sobre Adhyatma mais elaboradamente. Diga-me o que, de fato, é Adhyatma e de onde ele vem?'" (Adhyatma é um assunto com relação à Alma. Aqui ele significa os vinte e sete tópicos usuais de discurso filosófico: os cinco órgãos de ação, os cinco órgãos de conhecimento, a mente e três outros chamados Chitta, etc., os cinco ares vitais, as cinco substâncias elementares, Desejo, Ações e Avidya.)

"Vyasa disse, 'Aquilo, ó filho, que é considerado como Adhyatma com referência a seres humanos, eu agora mencionarei para ti, e escute a explicação que eu dou (de Adhyatma). Terra, água, luz, vento, e espaço, são as grandes entidades que formam as partes componentes de todas as criaturas, e, embora realmente um, eles contudo são considerados diferentes como as ondas do oceano (que embora idênticas com respeito à sua substância constituinte ainda são contadas como diferentes umas das outras). Como uma tartaruga esticando seus membros e recolhendo-os novamente, as grandes entidades (já nomeadas), por habitarem em inúmeras formas pequenas, passam por transformações (chamadas de criação e destruição). Todo este universo de objetos móveis e imóveis tem estas cinco entidades como suas partes componentes. Tudo, em relação à sua criação e destruição, é atribuível a esta entidade quíntupla. Estas cinco entidades se acham em todas as coisas existentes. O Criador de todas as coisas, no entanto, fez uma distribuição desigual daquelas entidades (por colocá-los em diferentes coisas em diferentes proporções) para servir a diferentes objetivos.'"

"Suka disse, 'Como alguém pode conseguir compreender aquela distribuição desigual (das cinco grandes entidades das quais tu falas), nas diversas coisas do universo? Quais entre elas são os sentidos e quais os atributos? Como isso pode ser entendido?'"

"Vyasa disse, 'Eu te explicarei isso devidamente um depois do outro. Escute com atenção concentrada ao assunto enquanto eu explico como o que eu disse realmente acontece. Som, o sentido de audição, e todas as cavidades dentro do corpo, esses três têm o espaço como sua origem. Os ares vitais, a ação dos membros e o tato formam os atributos do vento. Forma, olhos, e o fogo digestivo dentro do estômago são originados pela luz. Sabor, língua, e todos os líquidos orgânicos, esses três são da água. Aroma, nariz, e o corpo, esses três são os atributos da terra. Essas, então, como eu expliquei para ti, são as transformações das cinco (grandes) entidades com sentidos. O tato é citado como o atributo do vento; sabor da água; forma da luz. O som é citado como tendo sua origem no espaço, e o aroma é citado como sendo propriedade da terra. Mente, Compreensão, e Natureza, esses três, surgem de seus próprios estados anteriores, e, alcançando (a cada renascimento) uma posição superior aos atributos (que formam seus respectivos objetos), não transcendem aqueles atributos. (O significado é este: Mente, Compreensão, e Natureza (ou disposição individual de homem ou animal ou vegetal, etc.) são todos devido aos seus

próprios estados anteriores. A Natureza especialmente sendo o resultado dos desejos de um estado passado de existência. Tal sendo sua origem, eles também são devidos às cinco entidades citadas. Com relação às suas funções, é dito que eles não transcendem os próprios gunas; ou em outras palavras tendo se tornado dotados da faculdade ou poder de agarrar atributos específicos (tais como cheiro, forma, etc.), eles realmente os agarram ou percebem.) Como a tartaruga estica seus membros e os recolhe novamente dentro de si mesma, assim mesmo a Compreensão cria os sentidos e novamente os recolhe em si mesma. (Em outras palavras, os sentidos e a mente são somente a compreensão manifestada em uma forma ou condição específica. A principal função da mente é nutrir e descartar impressões. A compreensão está empenhada em chegar à certeza de conclusões.) A consciência de identidade pessoal que surge em relação àquilo que está acima das solas dos pés e abaixo do topo da cabeça (isto é, o corpo inteiro ou eu ou a pessoa), é principalmente devido à ação da Compreensão. É a compreensão que é transformada nos (cinco) atributos (de forma, cheiro, etc.). É a compreensão também que é transformada nos (cinco) sentidos com a mente como seu sexto. Quando a Compreensão está ausente, onde estão os atributos? (Por isso, os atributos de forma etc., e os sentidos com a mente a qual percebe aqueles atributos, são a própria compreensão, de modo que quando a compreensão não existe, esses também não existem.) No homem há cinco sentidos. A mente é chamada de o sexto (sentido). A Compreensão é chamada de o sétimo. A Alma é o oitavo. Os olhos (e os outros sentidos) são somente para receber impressões de forma (e cheiro, etc.). A mente existe para duvidar (da exatidão daquelas impressões). A Compreensão decide aquelas dúvidas. A Alma somente testemunha todas as operações sem se misturar com elas. Rajas, Tamas, e Sattwa, estes três, surgem de suas próprias contrapartes. Eles existem igualmente em todas as criaturas (isto é, as divindades e seres humanos, etc.). Eles são chamados de atributos e devem ser conhecidos pelas ações que eles induzem. (Os três atributos de Rajas, Tamas, e Sattwa não surgem de alguma coisa diferente mas de suas próprias contrapartes existindo em um estado prévio de existência ou vida. Eles surgem de seus respectivos estados como eles existiam com Chitta ou compreensão em uma vida anterior. Por isso Chitta, e os objetos dos sentidos e os sentidos também surgindo dela, são todos afetados pelos três Gunas.) Com relação àquelas ações, todos os estados nos quais alguém se torna consciente de si como unido com alegria ou contentamento e os quais são tranquilos e puros, devem ser conhecidos como devidos ao atributo de Sattwa. Todos os estados nos quais o corpo ou a mente estão unidos com tristeza devem ser considerados como devidos à influência do atributo chamado Rajas. Todos os estados que existem com entorpecimento (dos sentidos, da mente ou da compreensão) cujas causas não são determináveis, e que são incompreensíveis (pela razão ou luz interior), devem ser conhecidos como atribuíveis à ação de Tamas. Deleite, contentamento, alegria, equanimidade, satisfação de coração, devidos à alguma causa conhecida ou surgindo de outra maneira, são todos efeitos do atributo de Sattwa. Orgulho, falsidade de palavras, cobiça, estupefação, índole vingativa, resultantes de alguma causa conhecida ou não, são indicações da qualidade de Rajas. Estupor de raciocínio, negligência, sono, letargia, e

indolência, de qualquer causa que eles possam surgir, devem ser conhecidos como indicações da qualidade de Tamas.'"

248

"Vyasa disse, 'A mente cria (dentro de si mesma) numerosas idéias (de objetos ou coisas existentes). A Compreensão decide qual é qual. O coração discrimina qual é agradável e qual é desagradável. Essas são as três forças que impelem para ações. Os objetos dos sentidos são superiores aos sentidos. A mente é superior àqueles objetos. A compreensão é superior à mente. A Alma é considerada como superior à Compreensão. (Com relação a propósitos comuns do homem) a Compreensão é sua Alma. Quando a compreensão, por seu próprio movimento, forma idéias (de objetos) dentro de si mesma, ela então vem a ser chamada de Mente. Pelos sentidos serem diferentes uns dos outros (em relação a seus objetos e a maneira de sua operação), a Compreensão (que é única) apresenta diferentes aspectos em consequência de suas diferentes modificações. Quando ela ouve, ela se torna o órgão de audição, e quando ela toca, ela se torna o órgão de tato. Similarmente, quando ela vê, ela se torna o órgão de visão, e quando ela prova, ela se torna o órgão de paladar, e quando ela cheira, ela se torna o órgão de olfato. É a Compreensão que aparece sob diferentes aparências (para diferentes funções), por modificação. São as modificações da Compreensão que são chamadas de sentidos. Sobre eles está colocada como sua chefe presidente (ou supervisora) a Alma invisível. Residindo no corpo, a Compreensão existe nos três estados (de Sattwa, Rajas, e, Tamas). Às vezes ela obtém alegria, às vezes dá vazão à aflição; e às vezes sua condição se torna de tal maneira que ela não está unida nem com alegria nem com aflição. A Compreensão, no entanto, cuja principal função (como já dito) é criar entidades, transcende aqueles três estados assim como o oceano, aquele senhor dos rios, prevalece contra as correntes poderosas dos rios que caem dentro dele. Quando a Compreensão deseja algo, ela vem a ser chamada pelo nome de Mente. Os sentidos, embora (aparentemente diferentes) devem ser todos considerados como incluídos dentro da Compreensão. Os sentidos, que estão empenhados em trazer impressões de forma, cheiro, etc., devem ser todos subjugados. Quando um sentido específico se torna subserviente à Compreensão, a última embora em verdade não diferente (daquele sentido), entra na Mente na forma de coisas existentes. Isto mesmo é o que acontece com os sentidos um depois do outro (separadamente e não simultaneamente) com referência às idéias que são citadas como sendo compreendidas por eles. (Os sentidos são citados como sendo somente modificações da compreensão. A mente também é somente uma modificação da mesma. Um sentido específico, digamos a visão, se torna subserviente à compreensão em um momento específico. Logo que isso acontece, a compreensão, embora em realidade seja somente a visão, vem a ser unida com a visão, e entrando na mente cria uma imagem lá, a consequência disso é que aquela imagem é falada como sendo vista. Mundo externo há, naturalmente, como independente da mente e compreensão. Aquilo que é chamado de uma árvore é

somente uma idéia ou imagem criada na mente pela compreensão com a ajuda do sentido de visão.) Todos os três estados que existem (isto é, Sattwa, Rajas, e Tamas), inerem a estes três (isto é, Mente, Compreensão, e Consciência) e como os raios de uma roda de carro agindo por causa de sua ligação à circunferência da roda, eles seguem os diferentes objetos (que existem na Mente, Compreensão, e Consciência). (O orador aqui combate a teoria que as qualidades de Sattwa, Rajas, e Tamas inerem aos próprios objetos dos sentidos. Seu próprio ponto de vista é que eles inerem à Mente, à Compreensão e à Consciência. As qualidades podem ser vistas existirem com objetos, mas na verdade elas seguem objetos por causa de sua conexão permanente com a mente, a compreensão e a consciência as quais têm agência na produção de objetos. O comentador cita o exemplo dos membros belos e simétricos de uma esposa. Estes excitam prazer no marido, inveja em uma co-esposa, e desejo (misturado com dor por ele não ser satisfeito) em um observador. Todo o tempo os membros permanecem inalterados. Então, além disso, o marido não está sempre satisfeito com eles, nem a co-esposa está sempre cheia de inveja à sua visão, nem o observador está sempre agitado. Como os raios de uma roda os quais estão ligados à circunferência e que se movem com a circunferência, as qualidades de Sattwa, etc., ligadas à mente, compreensão e consciência, se movem junto com eles, isto é, seguem aqueles objetos na produção dos quais a mente, etc., são causas.) A mente deve fazer uma lâmpada dos sentidos para dissipar a escuridão que exclui o conhecimento da Alma Suprema. Este conhecimento que é adquirido por Yogins com a ajuda de toda a ação especial de Yoga, é adquirido sem quaisquer esforços especiais pelos homens que se abstêm dos objetos mundanos. O universo é desta natureza (isto é, ele é somente uma criação da compreensão). O homem de conhecimento, portanto, nunca fica entorpecido (pela atração pelas coisas deste mundo). Tal homem nunca se aflige, nunca se regozija, e está livre de inveja (ao ver outro possuindo uma parte maior de objetos mundanos). A Alma não pode ser vista com a ajuda dos sentidos cuja natureza é vagar entre todos os objetos (mundanos) de desejo. Até homens virtuosos, cujos sentidos são puros, fracassam em ver a alma com sua ajuda, o que dizer então dos viciosos cujos sentidos são impuros? Quando, no entanto, uma pessoa, com a ajuda de sua mente, segura firmemente as rédeas deles, é então que sua Alma se revela como um objeto (não visto na escuridão) aparecendo para a visão por causa da luz de uma lâmpada. De fato, como todas as coisas se tornam visíveis quando a escuridão que as envolve é dissipada, assim a alma se torna visível quando a escuridão que a cobre é removida. (Logo que a ignorância da compreensão é dissipada e o verdadeiro conhecimento sucede, a Alma se torna visível.) Como uma ave aquática, embora se movendo sobre a água, nunca fica encharcada por aquele elemento, da mesma maneira o Yogin de alma livre nunca é manchado pelas imperfeições dos três atributos (de Sattwa, Rajas, e Tamas). Do mesmo modo, o homem de sabedoria, por desfrutar de todos os objetos mundanos sem ser apegado a algum deles, nunca é manchado por defeitos de qualquer tipo que surgem de tal desfrute no caso de outros. Aquele que evita os atos depois de tê-los feito devidamente (isto é, que adota o Sannyasa ou o último modo de vida depois de ter passado corretamente pelos precedentes), e tem satisfação na única entidade realmente existente, isto é, a Alma, que se constituiu a alma de todos os seres criados, e que

consegue se manter afastado dos três atributos, obtém uma compreensão e sentidos que são criados pela Alma. As qualidades são incapazes de compreender a Alma. A Alma, no entanto, as compreende sempre. A Alma é a testemunha que observa as qualidades e devidamente as chama à existência. Veja, esta é a diferença entre a compreensão e a Alma, ambas as quais são extremamente sutis. Uma delas cria as qualidades. A outra nunca as cria. Embora elas sejam diferentes uma da outra por natureza, ainda assim elas estão sempre unidas. O peixe vivendo na água é diferente do elemento no qual ele vive. Mas como o peixe e a água formando seu lar estão sempre unidos, da mesma maneira Sattwa e Kshetrajna existem em um estado de união. O mosquito nascido dentro de um figo podre não é realmente o figo mas é diferente dele. Todavia, como o mosquito e o figo são vistos estarem unidos um com o outro, assim mesmo são Sattwa e Kshetrajna. Como a folha em uma moita de grama, embora distinta do grupo, todavia existe em um estado de união com ele, assim mesmo estes dois, embora diferentes um do outro, cada um existindo em si mesmo, são vistos em um estado de união constante.'"

249

"Vyasa disse, 'Os objetos pelos quais alguém está cercado são criados pela compreensão. A Alma, sem estar conectada com eles, permanece afastada, presidindo sobre eles. É a compreensão que cria todos os objetos. As três qualidades primárias estão sendo transformadas continuamente (para a produção de objetos). O Kshetrajna ou Alma, dotado de pujança, preside sobre eles todos, sem, no entanto, se misturar com eles. Os objetos que a compreensão cria partilham de sua própria natureza. De fato, como a aranha cria fios (os quais partilham de sua própria substância material), os objetos criados pela compreensão partilham da natureza da compreensão. Alguns afirmam que as qualidades, quando afastadas por Yoga ou conhecimento, não cessam de existir. Eles dizem isso porque quando uma vez perdidas, somente as indicações de seu retorno não são perceptíveis. (Mas não há evidência de sua real destruição.) Outros dizem que quando dissipadas pelo conhecimento, elas são destruídas imediatamente para nunca retornar. Refletindo apropriadamente sobre essas duas opiniões, uma pessoa deve se esforçar o melhor que pode de acordo com o modo que ela acha apropriado. É dessa maneira que alguém deve obter eminência e se refugiar somente em sua própria Alma. (De acordo com o orador então, não há muita diferença prática entre as duas opiniões aqui consideradas, e o rumo de conduta de uma pessoa não será muito afetado por qualquer uma das teorias que ela possa, depois de reflexão, adotar.) A Alma é sem início e sem fim. Compreendendo sua Alma corretamente o homem deve se mover e agir, sem dar vazão à ira, sem se entregar à alegria, e sempre livre de inveja. Cortando dessa maneira o nó que está em próprio coração, o nó cuja existência é devido à operação das faculdades da compreensão, o qual é difícil (de abrir ou cortar), mas que todavia pode ser destruído pelo conhecimento, alguém deve viver alegremente, sem se entregar à angústia (por qualquer coisa que aconteça), e

com suas dúvidas dissipadas. Saiba que aqueles que se misturam nos assuntos deste mundo são tão afligidos em corpo e mente quanto pessoas ignorantes da arte da natação quando elas escorregam da terra e caem em um rio largo e profundo. O homem de erudição, no entanto, estando familiarizado com a verdade, nunca é afligido, pois ele se sente como alguém caminhando sobre terra sólida. De fato, aquele que compreende sua Alma como tal, isto é, como apresentando somente o caráter de Chit o qual tem somente conhecimento como sua indicação, nunca é afligido. De fato, uma pessoa, por compreender dessa maneira a origem e o fim de todas as criaturas, e por assim perceber suas desigualdades ou distinções, consegue obter a maior felicidade. Esse conhecimento é a posse de um Brahmana em especial em virtude de seu nascimento. Conhecimento da Alma, e felicidade como aquela que foi referida, são, cada um, perfeitamente capazes de levarem à Emancipação. Por adquirir tal conhecimento alguém realmente se torna erudito. Qual é a outra indicação de uma pessoa de conhecimento? Tendo adquirido tal conhecimento, aqueles que são sábios entre homens se consideram coroados com sucesso e se tornam emancipados. Aquelas coisas que se tornam fontes de medo para homens desprovidos de conhecimento não se tornam fontes de medo para aqueles que são dotados de conhecimento. Não há fim maior do que o fim eterno que é alcançado por uma pessoa possuidora de conhecimento. Um vê com aversão todos os objetos mundanos de prazer que são, naturalmente, repletos de imperfeições de todos os tipos. Outro, vendo outros se dirigem com prazer a tais objetos, ficam cheios de tristeza. Com relação a este assunto, no entanto, aqueles que estão familiarizados com ambos os objetos, isto é, aquele que é fictício e aquele que não é assim, nunca se entregam à tristeza e são realmente felizes. Aquilo que um homem faz sem expectativa de resultados destrói suas ações de uma vida anterior. As ações, no entanto, de tal pessoa nesta e em sua vida prévia não podem levar à Emancipação. Por outro lado, tal destruição de ações antigas e tais ações desta vida não podem levar ao que é desagradável (isto é, inferno), mesmo que o homem de sabedoria se engaje em ações.'"

250

"Suka disse, 'Que a tua reverência me fale daquele que é o principal de todos os deveres, de fato, daquele dever acima do qual não existe um superior neste mundo.'"

"Vyasa disse, 'Eu agora te falarei dos deveres que têm uma origem muito antiga e declarados pelos Rishis, deveres que são distintos acima de todos os outros. Ouça-me com total atenção. Os sentidos que são insanos deve ser reprimidos cuidadosamente pela compreensão como um pai reprimindo seus próprios filhos inexperientes sujeitos a caírem em diversos maus hábitos. A retirada da mente e dos sentidos de todos os objetos indignos e sua devida concentração (em objetos dignos) é a maior penitência. Este é o principal de todos os deveres. De fato, este é citado como sendo o maior dever. Dirigindo, pela ajuda da compreensão, os sentidos tendo a mente como seu sexto, e sem, de fato, pensar em objetos

mundanos os quais têm a virtude de inspirar inúmeros tipos de pensamentos, alguém deve viver satisfeito consigo mesmo. Quando os sentidos e a mente, afastados das pastagens entre as quais eles normalmente correm soltos, voltarem para morar em sua própria residência (Brahma), é então que tu verás em teu próprio eu a Alma Eterna e Suprema. Aqueles Brahmanas de grande alma que possuem sabedoria conseguem ver aquela Alma Suprema e Universal que é como um fogo ardente em refulgência. Como uma árvore grande, dotada de numerosos ramos e possuidora de muitas flores e frutos não sabe em qual parte ela tem flores e em qual ela tem frutos, da mesma maneira a Alma como modificada pelo nascimento e outros atributos, não sabe de onde ela veio e para onde ela vai. Há, no entanto, uma Alma interna, que contempla (sabe) tudo. Alguém vê a Alma por si mesmo com a ajuda da lâmpada acesa do conhecimento. Contemplando, portanto, tu mesmo com teu próprio eu, cesse de considerar teu corpo como tu mesmo e obtenha onisciência. Purificado de todos os pecados, como uma cobra que abandonou sua pele, alguém obtém inteligência sublime aqui e se torna livre de toda ansiedade e da obrigação de adquirir um novo corpo (em um nascimento subsequente). Sua corrente se espalhando em diversas direções, terrível é este rio de vida carregando o mundo para a frente em seu curso. Os cinco sentidos são seus crocodilos. A mente e seus propósitos são as margens. Cobiça e estupor de raciocínio são a grama e palha que flutuam sobre ele, cobrindo sua superfície. Luxúria e ira são os répteis ferozes que vivem nele. A verdade forma o tirtha por suas margens lamacentas. A mentira forma suas ondas, raiva seu lodo. Originando-se do Imanifesto, rápida é a sua correnteza, e incapaz de ser cruzada por pessoas de almas impuras. Tu, com a ajuda da compreensão, cruze aquele rio que tem desejos como seus jacarés. O mundo e seus assuntos constituem o oceano em direção ao qual aquele rio corre. Gênero e espécie constituem sua profundidade insondável que ninguém pode entender. O nascimento, ó filho, é a fonte da qual aquela corrente surge. Palavras constituem seus redemoinhos. Difícil de atravessar, somente os homens de conhecimento e sabedoria e compreensão conseguem atravessá-la. Cruzando-a, tu conseguirás te libertar de toda atração, obtendo um coração tranquilo, conhecendo a Alma, e tornando-te puro em todos os aspectos. Confiando então em uma compreensão purificada e elevada, tu conseguirás te tornar o próprio Brahma. Tendo te dissociado de todo apego mundano, tendo adquirido uma Alma purificada e transcendendo todo tipo de pecados, olhe para o mundo como uma pessoa olhando do topo de uma montanha para as criaturas rastejando abaixo na superfície da terra. Sem dar vazão à ira ou alegria, e sem conceber qualquer desejo cruel, tu conseguirás ver a origem e a destruição de todos os objetos criados. Aqueles que são dotados de sabedoria consideram tal ação como a principal de todas as coisas. De fato, este ato de cruzar o rio da vida é considerado pelas principais das pessoas virtuosas, por ascetas conhecedores da verdade, como o maior de todos os atos que alguém pode realizar. Esse conhecimento da Alma onipresente é destinado a ser dado para um filho. Ele deve ser inculcado para alguém que é de sentidos reprimidos, que é honesto em comportamento, e que é obediente ou submisso. Esse conhecimento da Alma, do qual eu agora mesmo falei para ti, ó filho, e a evidência de cuja verdade é fornecida pela própria Alma, é um mistério, de fato, o maior de todos os mistérios, e o maior conhecimento que alguém pode obter. Brahma não

tem sexo, masculino, feminino, ou neutro. Ele não é nem tristeza nem felicidade. Ele tem por sua essência o passado, o futuro, e o presente. Qualquer que seja seu sexo, homem ou mulher, a pessoa que alcança o conhecimento de Brahma nunca tem que passar por renascimento. Este dever (de Yoga) foi inculcado para obter isenção de renascimento. Essas palavras que eu tenho usado para responder tua pergunta levam à Emancipação da mesma maneira como as diversas outras opiniões expostas por diversos outros sábios que têm tratado deste assunto. Eu expliquei o assunto para ti da mesma maneira na qual ele deve ser exposto. Aquelas opiniões às vezes se tornam produtivas de resultados e às vezes não. (As palavras, no entanto, que eu usei são de um tipo diferente, pois estas com certeza levam ao êxito.) Por esta razão, ó bom filho, um preceptor, quando questionado por um filho ou discípulo contente, meritório, e autocontrolado, deve, com um coração muito satisfeito, inculcar, de acordo com seu verdadeiro significado, essas instruções que eu inculquei para o teu benefício, meu filho!'"

251

"Vyasa disse, 'Não se deve mostrar qualquer afeição por perfumes e gostos e outras espécies de prazer. Nem se deve aceitar ornamentos e outros artigos que contribuem para o prazer dos sentidos de olfato e paladar. Não se deve cobiçar honra e realizações e fama. Esse mesmo é o comportamento de um Brahmana possuidor de perspicácia. Aquele que estudou todos os Vedas, tendo servido respeitosamente seu preceptor e observado o voto de Brahmacharya, aquele que conhece todos os Richs, Yajuses, e Samans, não é uma pessoa regenerada. (Isto é, alguém que somente conhece os Vedas tem praticado o voto de Brahmacharya não é um Brahmana superior. Para isso é preciso algo mais.) Alguém que se comporta em direção a todas as criaturas como alguém que é parente delas, e alguém que conhece Brahma, é considerado como sendo conhecedor de todos os Vedas. Alguém que é desprovido de desejo (estando satisfeito com conhecimento da alma), nunca morre. É por tal comportamento e tal estado de espírito que alguém realmente se torna uma pessoa regenerada. Tendo realizado somente vários tipos de ritos religiosos e diversos sacrifícios completados com doação de Dakshina, alguém não adquire a posição de um Brahmana se ele é sem compaixão e não desistiu do desejo. Quando alguém cessa de temer todas as criaturas e quando todas as criaturas cessam de temê-lo, quando ele nunca deseja algo nem nutre aversão por algo, então é dito que ele alcançou a posição de Brahma. Quando ele se abstém de ferir todas as criaturas em pensamento, palavra, e ação, então é dito que ele adquiriu a posição de Brahma. Há somente um tipo de escravidão neste mundo, isto é, a escravidão do desejo, e nenhuma outra. Alguém que está livre da escravidão do desejo obtém a posição de Brahma. Livre do desejo como a Lua emergida de nuvens escuras, o homem de sabedoria, purgado de todas máculas, vive na paciente expectativa de sua hora. Aquela pessoa em cuja mente todos os tipos de desejo entram como os diversos rios caindo no oceano sem poderem aumentar os limites dele por sua descarga, consegue obter tranquilidade, mas não aquela que nutre desejo por todos os

objetos mundanos. Tal pessoa vem a ser feliz pela realização de todos os seus desejos, e não aquela que nutre desejo por objetos mundanos. A última, mesmo que ela alcance o céu, tem abandoná-lo. Os Vedas têm a verdade como seu objeto recôndito. A verdade tem a subjugação dos sentidos como seu objeto recôndito. A subjugação dos sentidos tem a caridade como seu objeto recôndito. A caridade tem a penitência como seu objeto recôndito. A penitência tem a renúncia como seu objetivo recôndito. A renúncia tem a felicidade como seu objeto recôndito. A felicidade tem o céu como seu objeto recôndito. O céu tem a tranquilidade como seu objeto recôndito. (O sentido do verso é que cada uma das coisas mencionadas é inútil sem aquela que vem em seguida; e como tranquilidade ou Brahma não envolvido com atributos é o objetivo final, os Vedas e verdade, etc., são valiosos somente porque eles levam à tranquilidade.) Pelo contentamento tu deves desejar obter uma compreensão serena, que é uma posse preciosa, sendo indicativa de Emancipação, e que, chamuscando aflição e todos os propósitos ou dúvidas junto com sede, os destrói completamente no fim. Alguém possuidor destes seis atributos, isto é, contentamento, liberdade de angústias, liberdade de atração, quietude, alegria, e liberdade de inveja, com certeza se tornará satisfeito ou completo. Aqueles que, transcendendo toda consciência de corpo, conhecem a Alma que reside dentro do corpo e que é compreendida somente por pessoas de sabedoria com a ajuda das seis entidades (já mencionadas, isto é, os Vedas e verdade, etc.), quando dotados somente do atributo de Sattwa, e com a ajuda também dos outros três (isto é, instrução, meditação e Yoga), conseguem alcançar a Emancipação. O homem de sabedoria, por compreender a Alma que preside dentro do corpo, a qual é desprovida dos atributos de nascimento e morte, que existe em sua própria natureza, que não sendo envolvida com atributos não requer ato de purificação, e que é idêntica a Brahma, desfruta de beatitude que não conhece fim. A satisfação que o homem de sabedoria obtém por impedir sua mente de vagar em todas as direções e por fixá-la totalmente na Alma é tal que sua semelhante não pode ser alcançada por alguém por quaisquer outros meios. É considerado como realmente conhecedor dos Vedas aquele que está familiarizado com aquilo que satisfaz alguém cujo estômago está vazio, que agrada a alguém que é indigente, e que revigora alguém cujos membros estão secos. Suspendendo seus sentidos que têm sido devidamente reprimidos de indulgência indigna, aquele que vive engajado em meditação Yoga é considerado um Brahmana. Tal pessoa é citada como sendo eminente sobre outras. Tal pessoa deriva suas alegrias da Alma. Com referência a alguém que vive depois de ter enfraquecido o desejo e que se dedica ao mais elevado tópico de existência, deve ser dito que sua felicidade é continuamente aumentada como o disco lunar (na quinzena iluminada). Como o Sol dissipando a escuridão, a felicidade dissipa as tristezas daquele Yogin que transcende os elementos grosseiros e os sutis, como também Mahat e o Imanifesto. Decrepitude e morte não podem atacar aquele Brahmana que chegou além da esfera das ações, que transcendeu a destruição dos próprios Gunas, (isto é, que desconsidera a verdadeira pujança que a destruição dos gunas ocasiona), e que não é mais ligado a objetos mundanos. De fato, quando o Yogin, livre de tudo, vive em um estado que transcende atração e aversão, ele transcende mesmo nesta vida seus sentidos e todos os seus objetos. Aquele Yogin, que tendo transcendido

Prakriti alcança a Causa Maior, fica livre da obrigação de um retorno para o mundo por ter alcançado àquilo que é o mais sublime.'"

252

"Vyasa disse, 'Para um discípulo que deseja perguntar sobre a Emancipação depois de ter transcendido todos os pares de opostos e efetuado os negócios de lucro e religião, um preceptor ilustre deve primeiro relatar que tudo o que foi dito na seção precedente, a qual é elaborada, sobre o tópico de Adhyatma. Espaço, vento, luz, água e terra contada como o quinto, e bhava e abhava e tempo, existem em todas criaturas vivas tendo os cinco como seus ingredientes constituintes. (Bhava e abhava e kala são incluídos pelo orador dentro de bhutas ou elementos primários. Bhava implica as quatro entidades chamadas karma, samanya, visesha e samavaya. Abhava significa um estado negativo com respeito aos atributos não possuídos por uma coisa. Nós certamente não podemos pensar em uma coisa sem pensarmos nela como não investida com certos atributos quaisquer que sejam os outros atributos que ela possa possuir.) Espaço é intervalo desocupado. Os órgãos de audição constituem em espaço. Alguém conhecedor da ciência das entidades dotadas de forma deve saber que o espaço tem som como seu atributo. Os pés (que auxiliam na locomoção) têm o vento como sua essência. Os ares vitais são feitos de vento. O sentido de tato (pele) tem vento como sua essência, e tato é o atributo do vento. Calor, o fogo digestivo no estômago, a luz que revela todas as coisas, o calor que está no corpo, e o olho contado como o quinto, são todos da luz que tem forma de diversas cores como seu atributo. Erupções liquefeitas, solubilidade, e todas as espécies de matéria líquida são da água. Sangue, medula, e tudo mais (no corpo) que é fresco, deve ser conhecido como tendo água como sua essência. A língua é o sentido do paladar, e o paladar é considerado como o atributo da água. Todas as substâncias sólidas são da terra, como também ossos, dentes, unhas, barba, os pêlos no corpo, cabelo, nervos, tendões, e pele. O nariz é chamado de o sentido do olfato. O objeto daquele sentido, isto é, o cheiro, deve ser conhecido como o atributo da terra. Cada elemento subsequente possui o atributo ou atributos do precedente além do seu próprio. Em todas as criaturas vivas também estão as (três) entidades suplementares (isto é, avidya, kama, e karma; ou ignorância, desejo, e ações). Os Rishis declararam dessa maneira os cinco elementos e os efeitos e atributos que fluem deles ou pertencem a eles. A mente forma o nono no cálculo, e a compreensão é considerada como o décimo. A Alma, que é infinita, é chamada de décimo primeiro. Ela é considerada como isso tudo e como o mais alto. A mente tem dúvida como sua essência. A compreensão discrimina e causa certeza. A Alma (que, como já dito, é infinita), se torna conhecida como Jiva envolvido com corpo (ou jivatman) por consequências derivadas de ações. (Isto é, a alma quando investida com Avidya e desejo se torna uma criatura vivente e se engaja em ações. É por causa de consequências então que são derivadas de ações que a Alma infinita (ou Chit) se torna Jivatman.) O homem que considera todo o conjunto de criaturas vivas como sendo puro (isto é, aquele que as considera como Chit

imaculado, ou seja, aquele que tem um conhecimento da Alma), embora dotado de todas essas entidades que têm o tempo como sua essência, nunca tem que recorrer a ações afetadas pelo erro.'"

253

"Vyasa disse, 'Aqueles que estão familiarizados com as escrituras (Yogins) contemplam, com a ajuda de ações prescritas nas escrituras, (isto é, práticas ligadas com Yoga) a Alma que está vestida em um corpo sutil, que é extremamente sutil e que é dissociada do corpo grosseiro no qual ela reside. Como os raios do Sol que correm em massas densas por todas as partes do firmamento não podem ser vistos pelo olho nu embora sua existência possa ser inferida pela razão, do mesmo modo, seres existentes livres de corpos grosseiros e vagando no universo estão além do alcance da visão humana. Como o disco refulgente do Sol é visto na água em uma imagem contrária, da mesma maneira o Yogin vê dentro dos corpos grosseiros o eu existente em sua imagem contrária. (Isto é, o Yogin vê dentro de seu próprio corpo e naquele de outros as Almas ou Chits residindo lá como envolvidos em formas sutis.) Todas aquelas almas também que estão envolvidas em formas sutis depois de estarem livres dos corpos grosseiros nos quais elas residiam, são perceptíveis para Yogins que subjugaram seus sentidos e que são dotados de conhecimento da alma. De fato, ajudados por suas próprias almas, Yogins vêem aqueles seres invisíveis. Dormindo ou acordados, durante o dia como na noite, e durante a noite como no dia, aqueles que se aplicam ao Yoga depois de rejeitarem todas as criações da compreensão (os objetos dos sentidos ou o mundo externo) e os Rajas nascidos de ações, como também o próprio poderio que Yoga gera, conseguem manter sua forma linga sob completo controle. (Isto é, eles têm suas formas sutis sob completo controle sob todas as circunstâncias e todo o tempo. Eles podem entrar à vontade em outras formas.) O Jiva que mora em tais Yogins, sempre dotados das sete entidades sutis (isto é, Mahat, consciência, e os cinco tanmatras das cinco entidades elementares), vagueia em todas as regiões de felicidade, livre de decrepitude e morte. Eu digo 'sempre', e 'livre de morte' somente de acordo com a forma comum de falar, pois na verdade, aquela forma linga é finita. (O significado óbvio do verso é que Yogins, em seu corpo linga, vagam por todos os lugares, não excluindo as regiões mais bem-aventuradas no próprio céu.) Aquele homem, no entanto, que (sem ser capaz de transcendê-las) está sob a influência de sua mente e compreensão, diferencia, até em seus sonhos, seu próprio corpo daquele de outro e sente (mesmo então) prazer e dor. (O significado é este: como Yogins, até homens comuns têm o linga-sariram. Em sonhos, o corpo grosseiro está inativo. Somente o corpo sutil age e sente.) Sim, mesmo em seus sonhos ele desfruta de felicidade e sofre miséria; e se entregando à ira e cupidez, encontra com calamidades de vários tipos. Em seus sonhos ele adquire grande riqueza e se sente muito satisfeito, realiza atos meritórios, e (vê e ouve, etc.) como ele faz em suas horas de vigília. Maravilhoso é observar que jiva, que tem que jazer dentro do útero e em meio a muito calor interno, e que tem que passar um período de dez

meses completos naquele local, não é digerido e reduzido à destruição como alimento dentro do estômago. Homens oprimidos pelas qualidades de Rajas e Tamas nunca conseguem ver dentro do corpo grosseiro a alma-Jiva, a qual é uma porção da Alma Suprema de refulgência transcendente e que se encontra dentro do coração de toda criatura. Aqueles que se dirigem à ciência de Yoga para o propósito de obter (um conhecimento) daquela Alma transcendem o corpo grosseiro e inanimado, o corpo linga imperceptível, e o corpo karana que não é destruído nem na ocasião da destruição universal. (Os corpos karana são as potencialidades, existentes no tanmatra das substâncias elementares, de formar diversos tipos de corpos linga em consequência das ações de Jiva em períodos anteriores de existência.) Entre os deveres que foram prescritos para os diferentes modos de vida incluindo o quarto modo (ou Sannyasa), estes aos quais eu tenho me referido, os quais têm yoga como seu principal, e que implicam uma cessação de toda operação da Mente e da compreensão, foram declarados por Sandilya (no Chandogya Upanishad). (O que o orador deseja dizer neste verso é que dhyana não é prescrito somente para Sannyasins mas ele é prescrito também para todas as outras classes.) Tendo compreendido as sete entidades sutis (isto é, os sentidos, os objetos da mente, Mente, Compreensão, Mahat, o Imanifesto ou Prakriti, e Purusha), tendo compreendido também a Causa Suprema do universo com os seis atributos (isto é, onisciência, contentamento, compreensão ilimitada, independência, vigilância eterna, e onipotência), e tendo finalmente entendido que o universo é somente uma modificação de Avidya (ignorância) dotado das três qualidades, alguém consegue contemplar (guiado pelas escrituras), o sublime Brahma.'"

254

"Vyasa disse, 'Há uma árvore extraordinária, chamada Desejo, no coração de um homem. Ela é nascida da semente chamada Erro. Ira e orgulho constituem seu tronco largo. O desejo de agir é o vaso ao redor de sua base (para reter a água que é para nutri-la). Ignorância é a raiz daquela árvore, e negligência é a água que lhe dá sustento. Inveja constitui suas folhas. As más ações de vidas passadas a abastecem com energia. Perda de bom senso e ansiedade são seus galhos; aflição forma seus ramos grandes; e medo é seu broto. Sede (por diversos objetos) que é (aparentemente) agradável forma as trepadeiras que se enroscam ao redor dela por todos os lados. Homens excessivamente avarentos, atados em correntes de ferro, sentados em volta daquela árvore produtora de frutos, prestam suas adorações a ela, na expectativa de obter seus frutos. (As correntes de ferro aqui são os diversos desejos nutridos por homens mundanos, ou, talvez, os corpos com os quais os homens estão envolvidos.) Aquele que, subjugando aquelas correntes, derruba aquela árvore e procura rejeitar tristeza e alegria, consegue alcançar o fim de ambas. Aquele homem tolo que nutre esta árvore por indulgência nos objetos dos sentidos é destruído por aqueles mesmos objetos nos quais ele se abandona, assim como uma pílula venenosa destruindo o paciente a quem ela é administrada. Uma pessoa hábil, no entanto, pela ajuda de Yoga,

arranca à força e corta com a espada de samadhi a raiz de grande alcance desta árvore. (A raiz da árvore, naturalmente, é Avidya ou Ignorância.) Alguém que sabe que o fim de todas as ações empreendidas somente pelo desejo de resultado é renascimento ou correntes que prendem, consegue transcender toda tristeza. O corpo é citado como sendo uma cidade. A compreensão é citada como sua mestra. A mente morando dentro do corpo é o ministro daquela mestra cuja principal função é decidir. Os sentidos são os cidadãos que são empregados pela mente (no serviço da mestra). Para cuidar daqueles cidadãos a mente mostra uma forte inclinação para atos de diversos tipos. Na questão daquelas ações, duas grandes falhas são observáveis, isto é, Tamas e Rajas. Dos frutos daquelas ações dependem aqueles cidadãos junto com os chefes da cidade (isto é, a Mente, a Compreensão, e a Consciência). (O significado, em resumo, é este: o corpo é uma cidade. A compreensão é sua mestra. A mente é o principal servidor dela. Os sentidos são os cidadãos sob a liderança da mente. Para nutrir os sentidos a mente se empenha em atos produtivos de resultados visíveis e invisíveis, isto é, sacrifícios e doações, e a aquisição de casas e jardins, etc. Aqueles atos estão sujeitos a Rajas e Tamas. Os sentidos (nesta vida e nas seguintes) dependem dos resultados (felicidade ou miséria) daqueles atos. Os sentidos, a mente e a compreensão, etc., são todos devido às ações. Estes, portanto, são considerados como dependentes dos atos e tirando seu sustento deles.) As duas falhas (já mencionadas) vivem dos frutos daquelas ações que são realizadas por meios proibidos. Este sendo o caso, a compreensão, que por si mesma é inconquistável (por Rajas ou Tamas), desce a um estado de igualdade com a mente (por se tornar tão corrompida quanto a mente que a serve). Então também os sentidos, agitados pela mente maculada, perdem a sua própria estabilidade. Aqueles objetos também por cuja aquisição a compreensão se esforça (por considerá-los benéficos) se tornam produtivos de aflição e no final encontram com a destruição. Aqueles objetos, depois da destruição, são lembrados pela mente, e consequentemente eles afligem a mente mesmo depois de estarem perdidos. A compreensão é afligida ao mesmo tempo, pois a mente é citada como sendo diferente da compreensão somente quando a mente é considerada em relação à sua principal função de receber impressões sobre cuja certeza ela não é para julgar. Na verdade, no entanto, a mente é idêntica à compreensão. O Rajas (produtivo somente de tristeza e mal de todo tipo) que há na compreensão então oprime a própria Alma, que está colocada sobre a compreensão manchada por Rajas como uma imagem sobre um espelho. (O sentido é que a compreensão estando maculada ou afligida, a Alma também vem a ser maculada ou afligida.) É a mente que primeiro se une em amizade com Rajas. Tendo se unido, ela captura a alma, a compreensão, e os sentidos (como um falso ministro capturando o rei e o cidadãos depois de ter conspirado com um inimigo) e os transfere para Rajas (com o qual ela se uniu).'"

255

"Bhishma disse, 'Ó filho, ó impecável, escute mais uma vez, com sentimentos de grande orgulho, às palavras que saíram dos lábios do Rishi Nascido na Ilha sobre o assunto da enumeração das entidades. Como um fogo ardente (por ter transcendido toda ignorância), o grande Rishi disse essas palavras para seu filho que parecia com um fogo envolvido em fumaça; (porque o filho ainda não tinha obtido a luz do conhecimento completo). Instruído pelo que ele disse, eu também, ó filho, explicarei novamente para ti aquele conhecimento certo (que dissipa a ignorância). As propriedades possuídas pela terra são imobilidade, peso, dureza, produtividade, cheiro, densidade, capacidade de absorver cheiros de todos os tipos, coesão, habitabilidade (em relação a vegetais e animais), e aquele atributo da mente que é chamado de paciência da capacidade de suportar. As propriedades da água são frescor, gosto, umidade, liquidez, suavidade, agradabilidade, língua, fluidez, capacidade de ser congelada, e poder de dissolver muitos produtos da terra. As propriedades do fogo são energia irresistível, inflamabilidade, calor, capacidade de amolecer, luz, tristeza, doença, velocidade, fúria, e movimento ascendente invariável. As propriedades do vento são toque que não é nem quente nem frio, capacidade de ajudar o órgão da fala, independência (em relação a movimento), força, rapidez, poder de ajudar todos os tipos de emissão ou descarga, poder de erguer outros objetos, respirações inaladas e expiradas, vida (como o atributo de Chit) e nascimento (incluindo morte). As propriedades do espaço são som, extensão, capacidade de ser cercado, ausência de refúgio por se apoiar sobre a ausência de toda necessidade de tal refúgio, posição de ser imanifesto, capacidade para modificação, incapacidade para produzir resistência, causa material para produzir o sentido de audição, e as partes desocupadas do corpo humano. Estas são as cinquenta propriedades, como declaradas, que constituem a essência das cinco entidades elementares. Paciência, raciocínio ou discussão, lembrança, esquecimento ou erro, imaginação, resistência, propensão para o bem, propensão para o mal, e inquietação, estas são as propriedades da mente. A destruição dos pensamentos bons e maus (isto é, o sono sem sonhos), perseverança, concentração, decisão, e averiguação de todas as coisas que dependem de evidência direta, constituem as cinco propriedades da compreensão.'"

"Yudhishthira disse, 'Como pode ser dito que a compreensão tem cinco propriedades? Como também, os cinco sentidos podem ser citados como propriedades (das cinco entidades elementares)? Explique para mim, ó avô, tudo isso que parece ser muito abstruso.'"

"Bhishma disse, 'A compreensão é citada como possuindo ao todo sessenta propriedades, pois a compreensão inclui os cinco elementos. (Os elementos são cinco em número. Suas propriedades numeram cinquenta. As cinco propriedades especiais da compreensão devem ser adicionadas àquelas cinquenta e cinco. O total, portanto, das propriedade da compreensão chega a sessenta.) Todas aquelas propriedades existem em um estado de união com a Alma. Os Vedas declaram, ó filho, que os elementos, suas (cinquenta) propriedades (junto com a

mente e a compreensão e suas nove e cinco propriedades) são todos criados por Aquele que está acima de toda deterioração. Essas (setenta e uma) entidades, portanto, não são eternas (como a Alma). As teorias contradizendo a Revelação que nos Vedas anteriores, ó filho, foram colocadas diante de ti (acerca da origem do Universo e seus outros incidentes) são todas defeituosas aos olhos da razão. Prestando atenção cuidadosamente, entretanto, neste mundo a tudo que eu tenho dito para ti sobre o Supremo Brahma, depois de obter a pujança que o conhecimento de Brahma oferece, procure ganhar tranquilidade de coração.'"

256

"Yudhishthira disse, 'Estes senhores de terra que jazem na superfície da terra em meio a suas respectivas hostes, estes príncipes dotados de grande poder, estão agora privados de animação. Cada um desses monarcas poderosos era possuidor de força igual àquela de dez mil elefantes. Ai! eles todos foram mortos por homens possuidores de igual coragem e poder. Eu não vejo ninguém mais (no mundo) que pudesse matar qualquer um destes homens em batalha. (Isto é, eles poderiam ser mortos somente por seus iguais que estavam envolvidos em batalha com eles, significando que todos aqueles guerreiros eram homens superiores. Eles possivelmente não poderiam ser mortos por outros exceto aqueles com quem eles lutaram.) Todos eles eram dotados de grande destreza, grande energia, e grande força. Possuidores também de grande sabedoria, eles estão agora jazendo na terra nua, carentes de vida. Com respeito a todos estes homens que estão desprovidos de vida, a expressão que é usada é que eles estão mortos. De bravura terrível, todos estes reis são citados como estando mortos. Sobre esse assunto uma dúvida surgiu em minha mente. De onde vem a animação e de onde vem a morte? Quem é aquele que morre? (É o corpo grosseiro, o corpo sutil, ou a Alma, que morre)? De onde vem a morte? Por que razão também a morte leva (as criaturas vivas)? Ó avô, me diga isso, ó tu que pareces um celestial!'"

"Bhishma disse, 'Nos tempos passados, na era Krita, ó filho, havia um rei de nome Anukampaka. Seus carros e elefantes e cavalos e homens tendo sido reduzidos em número, ele foi trazido sob o domínio de seus inimigos em batalha. Seu filho chamado Hari, que parecia com o próprio Narayana em força, foi morto naquela batalha por seus inimigos junto com todos os seus seguidores e tropas. Afligido pela dor por causa morte de seu filho, e ele mesmo trazido sob o domínio de inimigos, o rei se dedicou portanto a uma vida de tranquilidade. Um dia, enquanto passeando sem um propósito ele encontrou com o sábio Narada sobre a terra. O monarca disse para Narada tudo o que tinha acontecido, isto é, a morte de seu filho em batalha e sua própria captura por seus inimigos. Tendo ouvido suas palavras, Narada, possuidor de riqueza de penitências, então contou para ele a seguinte narrativa para dissipar sua dor por causa da morte de seu filho.'"

"Narada disse, 'Ouça agora, ó monarca, a seguinte narrativa de detalhes muito prolongados como estes ocorreram. Eu mesmo a ouvi antigamente, ó rei! Dotado de grande energia, o Avô, no tempo da criação do universo, criou um grande

número de seres vivos. Estes se multiplicaram imensamente, e nenhum deles encontrou com a morte. Não havia uma parte do mundo que não estivesse superlotada com criaturas vivas, ó tu de glória imorredoura! De fato, ó rei, os três mundos pareciam inchar com seres vivos, e se tornaram como se estivessem sem fôlego. Então, ó monarca, surgiu na mente do Avô o pensamento de como ele deveria destruir aquela população excessivamente grande. Refletindo sobre o assunto, o Auto-nascido, no entanto, não pôde decidir os meios pelos quais a destruição da vida deveria ser ocasionada. Então, ó rei, Brahman cedeu à ira, e por causa de sua cólera um fogo saiu de seu corpo. Com aquele fogo nascido de sua ira, o Avô queimou todos os quadrantes do universo, ó monarca. De fato, aquela conflagração nascida da raiva do Senhor Divino, ó rei, queimou o céu e a terra e o firmamento e o universo inteiro com todos os seus seres móveis e imóveis. Realmente, quando o Avô deu vazão à ira dessa maneira, todos os seres móveis e imóveis começaram a ser consumidos pela energia irresistível daquela raiva. Então o divino e auspicioso Sthanu, aquele matador de heróis hostis, aquele senhor dos Vedas e das escrituras, cheio de compaixão, procurou gratificar Brahman. Quando Sthanu foi até Brahman por motivos de benevolência, o grande Deus queimando com energia se dirigiu a ele, dizendo, 'Tu mereces bênçãos das minhas mãos. Que desejo teu eu realizarei? Eu te farei bem por realizar o que quer que esteja em teu peito.'"

257

"Sthanu disse, 'Saiba, ó senhor, que as minhas solicitações a ti são em nome dos seres criados do universo. Estes seres foram criados por ti. Não fique zangado com eles, ó Avô! Pelo fogo nascido de tua energia, ó ilustre, todos os seres criados estão sendo consumidos. Vendo eles colocados em tal situação, eu estou comovido por compaixão. Não fique zangado com eles, ó senhor do universo.'"

"O senhor de todos os seres criados disse, 'Eu não estou zangado, nem é meu desejo que todos os seres criados cessem de existir. É somente para aliviar a carga da terra que a destruição é desejável. A deusa Terra, afligida com o peso das criaturas, me pediu, ó Mahadeva, para destruí-las, especialmente porque Ela parecia afundar na água sob o peso delas. Quando depois de aplicar minha inteligência mesmo por um longo tempo eu não pude descobrir os meios pelos quais realizar a destruição dessa população enorme, foi então que a fúria tomou posse de meu peito.'"

"Sthanu disse, 'Não te entregue à cólera, ó senhor das divindades, com respeito a este assunto sobre a destruição de criaturas vivas. Fique satisfeito. Não deixe estes seres móveis e imóveis serem destruídos. Todos os reservatórios, todas as espécies de grama e ervas, todos os seres imóveis, e todas as criaturas móveis também das quatro variedades, estão sendo consumidos. O mundo inteiro está prestes a ser desprovido de seres. Fique satisfeito, ó senhor divino! Ó tu de coração justo, este mesmo é o benefício que eu solicito das tuas mãos. Se forem

destruídas, estas criaturas não voltarão. Portanto, que essa tua energia seja neutralizada por tua própria energia. Influenciado por compaixão por todos os seres criados ache algum meio para que, ó Avô, estas criaturas vivas não possam queimar. Oh, não deixe que estas criaturas vivas pereçam até com seus descendentes destruídos dessa maneira. Tu me nomeaste como o superior sobre a consciência de todas as criaturas vivas, ó senhor de todos os senhores do universo. Todo este universo móvel e imóvel de vida, ó senhor do universo, surgiu de ti. Pacificando-te, ó deus dos deuses, eu te rogo que as criaturas vivas possam voltar repetidamente ao mundo, passando por repetidas mortes.'"

"Narada continuou, 'Ouvindo essas palavras de Sthanu, o divino Brahman de fala e mente controladas suprimiu aquela sua energia dentro de seu próprio coração. Suprimindo aquele fogo que estava devastando o universo, o ilustre Brahman, adorado de todos, e possuidor de pujança ilimitável, então providenciou nascimento e morte em relação a todas as criaturas vivas. Depois que o Nascido por Si Mesmo tinha retirado e suprimido aquele fogo, saiu, de todas as saídas do corpo dele, uma dama vestida em mantos de cores preta e vermelha, com olhos pretos, palmas pretas, usando um par de brincos excelentes, e enfeitada com ornamentos celestes. Tendo surgido do corpo de Brahman, a dama tomou seu lugar à direita dele. As duas principais das divindades então olharam para ela. Então, ó rei, o pujante Auto-nascido, a causa original de todos os mundos, a saudou e disse, 'Ó Morte, mate essas criaturas do universo. Cheio de ira e decidido a ocasionar a destruição dos seres criados, eu te chamei. (No caso de deuses e Rishis, pensar e convocar eram a mesma coisa.) Portanto, comece a destruir todas as criaturas tolas ou eruditas. Ó dama, mate todos os seres criados sem fazer exceção em favor de ninguém. Por minha ordem tu ganharás grande prosperidade.' Assim endereçada, a deusa, Morte, adornada com uma guirlanda de lotos, começou a refletir tristemente e a derramar lágrimas copiosas. Sem permitir que suas lágrimas caíssem, no entanto, ela as segurou, ó rei, em suas palmas unidas. Ela então suplicou ao Auto-nascido, impelida pelo desejo de fazer o bem para a humanidade.'"

258

"Narada disse, 'A dama de olhos grandes, controlando sua aflição por um esforço próprio, se dirigiu ao Avô, com mãos unidas e se curvando em um atributo de humildade como uma trepadeira. E ela disse, 'Como, ó principal dos oradores, uma dama como eu que surgiu de ti procederá para realizar tal feito terrível, um feito que com certeza inspirará todas as criaturas vivas com medo? Eu temo fazer qualquer coisa que seja perversa. Designe para mim um trabalho que seja virtuoso. Tu vês que eu estou assustada. Oh, lance um olhar compassivo sobre mim. Eu não serei capaz de matar criaturas vivas, crianças, jovens, e idosas, que não me fizeram mal. Ó senhor de todas as criaturas, eu te reverencio, fique satisfeito comigo. Eu não poderei matar filhos queridos e amigos e irmãos e mães e pais amados. Se estes morrerem (por minha ação), seus parentes sobreviventes certamente me amaldiçoarão. Eu estou cheia de temor pela probabilidade disto.

As lágrimas dos sobreviventes enlutados me queimarão pela eternidade. Eu estou com muito medo deles (cujos parentes eu terei que matar). Eu busco tua proteção. Todas as criaturas pecaminosas (mortas por mim) terão que cair nas regiões infernais. Eu procuro te gratificar, ó deus concessor de bênçãos! Estenda a mim tua graça, ó senhor pujante! Eu procuro a satisfação deste desejo, ó Avô de todos os mundos. Ó principal de todos os deuses, eu busco, pela tua graça, este objetivo, isto é, permissão para praticar austeridades severas.'"

"O Avô disse, 'Ó Morte, tu foste planejada por mim para a destruição de todas as criaturas. Vá, e te dedique à tarefa de matar todos. Não reflita (sobre a retidão ao não deste ato). Isto deve certamente acontecer. Não pode ser de outra maneira. Ó impecável, ó dama de membros impecáveis, cumpra a ordem que eu proferi.' Assim endereçada, ó tu de braços poderosos, a dama chamada Morte, ó conquistador de cidades hostis, não falou uma palavra, mas humildemente ficou lá com seus olhos erguidos na direção do Senhor de todas as criaturas. Brahman se dirigiu a ela repetidamente, mas a dama parecia ela mesma estar sem vida. Vendo ela dessa maneira, o deus dos deuses, aquele senhor dos senhores, ficou silencioso. De fato, o Auto-nascido, por um esforço de sua vontade, ficou satisfeito. Sorrindo, o senhor de todos os mundos então lançou seu olhar sobre o universo. Foi ouvido por nós que quando aquele senhor ilustre e inconquistado subjugou sua cólera, a dama (chamada Morte) partiu de seu lado. Deixando o lado de Brahman sem ter prometido realizar a destruição de criaturas vivas, a Morte procedeu rapidamente, ó rei, para o local sagrado conhecido pelo nome de Dhenuka. Lá a deusa praticou as mais severas austeridades por quinze bilhões de anos, todo o tempo permanecendo sobre um pé. (Um Padmaka consiste em dez dígitos, isto é, mil milhões ou um bilhão de acordo com o método de cálculo francês.) Depois que ela praticou tais austeridades extremamente rígidas naquele local, Brahman de grande energia mais uma vez disse a ela, 'Execute minha ordem, ó Morte!' Desconsiderando este comando, a dama mais uma vez praticou penitências ficando sobre um pé por vinte bilhões de anos, ó dador de honras! E mais uma vez, ó filho, ela levou uma vida nas florestas com os veados por outro longo período consistindo em dez mil bilhões de anos. (Levar uma vida na floresta com os veados e da mesma maneira dos veados confere grande mérito. Veja a história da filha de Yayati, Madhavi, no Udyoga Parva.) E uma vez, ó principal dos homens, ela passou duas vezes dez mil anos, vivendo somente de ar como seu sustento. Uma outra vez, ó monarca, ela cumpriu o voto excelente de silêncio por oito mil anos, passando todo o tempo na água. Então aquela donzela, ó melhor dos reis, foi ao rio Kausiki. Lá ela começou a passar seus dias na observância de outro voto, vivendo todo o tempo somente de água e ar. Depois disso, ó monarca, a donzela abençoada procedeu para o Ganges e então para as montanhas de Meru. Movida pelo desejo de fazer o bem para todas as criaturas vivas, ela ficou lá perfeitamente imóvel como um pedaço de madeira. Procedendo então para o topo de Himavat onde as divindades tinham realizado seu grandioso sacrifício, ela ficou lá por outros cem bilhões de anos, suportando seu peso somente sobre os dedos de seus pés com o objetivo de gratificar o Avô com tal ato de austeridade. Dirigindo-se para lá, o Criador e Destruidor do universo novamente se dirigiu a ela dizendo, 'No que tu estás empenhada, ó filha? Execute aquelas minhas palavras.'

Dirigindo-se ao Avô divino, a donzela mais uma vez disse, 'Eu não posso matar criaturas vivas, ó deus! Eu procuro te gratificar (para que eu possa ser dispensada dessa ordem).' Amedrontada pela probabilidade de demérito ela suplicou ao Avô para ser dispensada da obediência à sua ordem. O Avô a silenciou, e mais uma vez se dirigiu a ela, dizendo, 'Nenhum demérito advirá, ó Morte! Ó donzela auspiciosa, dirija-te à tarefa de destruir criaturas vivas. Aquilo que eu proferi, ó moça amável, certamente não pode ser falsificado. A justiça eterna agora se refugiará em ti. Eu mesmo e todas as divindades sempre estaremos empenhados em procurar teu bem. Este outro desejo que está em teu coração eu te concedo. As criaturas vivas serão afligidas por doenças, e (morrendo) lançarão a culpa em ti. Tu te tornarás um macho em todos os seres masculinos, uma fêmea em todos os seres femininos, e um eunuco em todos aqueles que são do terceiro sexo. (O comentador explica que isso significa que a Morte alcançaria o posto de Brahma que permeia tudo. Essa é a bênção que o Nascido por Si Mesmo concede a ela para protegê-la contra a iniquidade e acalmar seus temores.) Assim endereçada por Brahman, ó rei, a donzela finalmente disse, com mãos unidas para aquele senhor imperecível e de grande alma de todas as divindades, estas palavras, 'Eu não posso obedecer tua ordem.' O grande Deus, sem ceder, falou a ela novamente, 'Ó Morte, mate homens. Eu ordenarei para que tu não incorras em qualquer demérito por fazer isso, ó dama auspiciosa! Aquelas lágrimas que eu vi caírem de teus olhos, e que tu ainda seguras em tuas mãos unidas, tomarão a forma de doenças terríveis e elas mesmas destruirão os homens quando a hora deles chegar. Quando se aproximar o fim de criaturas vivas, tu despacharás Desejo e a Raiva juntos contra elas. Mérito incomensurável será teu. Tu não incorrerás em iniquidade, sendo tu mesma perfeitamente igual em teu comportamento, (isto é, sendo livre de ira e aversão.). Por fazer isso tu somente praticarás virtude em vez de te afundar em iniquidade. Portanto, coloque teu coração na tarefa à mão, e endereçando Desejo e Cólera comece a matar todas as criaturas vivas.' Assim endereçada, aquela dama, chamada pelo nome de Morte, ficou com medo da maldição de Brahman e respondeu a ele dizendo, 'Sim!' Daquele tempo em diante ela começou a despachar Desejo e Cólera como as últimas horas das criaturas vivas, e pela mediação deles a pôr um fim nos ares vitais delas. Aquelas lágrimas que a Morte tinha derramado são as doenças pelas quais os corpos de homens vêm a ser afligidos. Pela destruição, portanto, de criaturas vivas, não se deve, compreendendo com a ajuda da inteligência (à qual causa tal destruição é devido), se entregar à dor. Como os sentidos de todas as criaturas desaparecem quando as últimas estão mergulhadas em sono sem sonhos e voltam novamente quando elas despertam, da mesma maneira todos os seres humanos, após a dissolução de seus corpos, têm que entrar no outro mundo e retornar daquele lugar para este, ó leão entre reis! O elemento chamado vento, que é dotado de energia terrível e bravura poderosa e rugidos ensurdecedores, opera como a vida em todas as criaturas vivas. Aquele vento, quando os corpos das criaturas vivas são destruídos, escapando dos antigos se torna empenhado em diversas funções em diversos corpos novos. Por essa razão, o vento é chamado de o senhor dos sentidos e é distinguido acima dos outros elementos que constituem o corpo grosseiro. Os deuses, sem exceção, (quando seus méritos cessam), têm que tomar nascimento como criaturas mortais sobre a terra.

Similarmente, todas as criaturas mortais também (quando elas adquirem mérito suficiente), conseguem alcançar a posição de deuses. Portanto, ó leão entre reis, não sofra por teu filho. Teu filho alcançou o céu e está desfrutando de grande felicidade lá! Foi assim, ó monarca, que a Morte foi criada pelo Auto-nascido e é desse modo que ela mata regularmente todas as criaturas viventes quando suas horas chegam. As lágrimas que ela derramou se tornaram doenças, que, quando suas últimas horas chegam, arrebata todos os seres dotados de vida.'"

259

"Yudhishthira disse, 'Todos os homens que habitam esta terra estão cheios de dúvidas a respeito da natureza da retidão. O que é isto que é chamado de Retidão? De onde também a Retidão vem? Diga-me, ó avô! A Retidão é para ser útil neste mundo ou é para ser útil no próximo mundo? Ou, ela é para ser útil aqui e após a morte? Diga-me isto, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'As práticas dos bons, os Smritis, e os Vedas, são as três indicações (fontes) de retidão. Além disto, os eruditos têm declarado que o propósito (pelo qual uma ação é realizada) é a quarta indicação de retidão. (O trabalho de Vasishtha começa com a pergunta: 'O que é dharmah?' A primeira resposta é 'Algo consistente com os Srutis e os Smritis.') Os Rishis de antigamente declararam quais ações são justas e também as classificaram como superiores ou inferiores em relação a mérito. As regras de retidão têm sido prescritas para a administração dos assuntos do mundo. Em ambos os mundos, isto é, aqui e após a morte, a virtude produz felicidade como seu resultado. Uma pessoa pecaminosa incapaz de adquirir mérito por meios sutis, se torna maculada somente com pecado. Alguns são de opinião que pessoas pecaminosas nunca podem ser purificadas de seus pecados. Em épocas de infortúnio, uma pessoa mesmo por falar uma mentira adquire o mérito de falar a verdade, assim como uma pessoa que realiza uma ação injusta adquire por aquele mesmo meio o mérito de ter feito uma ação justa. A conduta é o refúgio da retidão. Tu deves saber o que é retidão, ajudado pela conduta. (É a natureza do homem que ele nem veja nem proclame suas próprias falhas mas perceba e proclame aquelas de outros.) O próprio ladrão, roubando o que pertence a outros, gasta os produtos de seu roubo em ações de virtude aparente. Durante um tempo de anarquia, o ladrão tem grande prazer em se apropriar do que pertence a outros. Quando outros, no entanto, roubam dele o que ele adquiriu por meio de roubo, ele então deseja em seguida um rei (para invocar punição sobre a cabeça dos criminosos). Mesmo em tal época, quando sua indignação por direitos de propriedade ofendidos está em seu ponto mais alto, ele secretamente cobiça a riqueza daqueles que estão contentes com o que possuem. Destemidamente e sem dúvida em sua mente (quando ele mesmo é vítima de roubo) ele se dirige ao palácio do rei com uma mente purificada de todo pecado. Mesmo dentro de seu próprio coração ele não vê a mancha de qualquer má ação. Falar a verdade é meritório. Não há nada superior à verdade. Tudo é mantido pela verdade, e tudo depende da verdade. Mesmo os pecaminosos e cruéis, jurando manter a verdade entre eles mesmos,

põem de lado todos os motivos de briga e se unindo uns com os outros se dirigem para suas tarefas (pecaminosas), dependendo da verdade. Se eles se comportassem falsamente uns com os outros, eles então seriam destruídos sem dúvida. Alguém não deve pegar o que pertence a outros. Esta é uma obrigação eterna. Homens poderosos consideram isso como algo que foi introduzido pelos fracos. Quando, no entanto, o destino destes homens se torna adverso, esta injunção então encontra sua aprovação. Então também aqueles que superam outros em força ou destreza não se tornam necessariamente felizes. Portanto, nunca coloque teu coração sobre qualquer ação que seja errada. Alguém que se comporta dessa maneira não tem que temer homens desonestos ou ladrões ou o rei. Não tendo feito qualquer injúria para qualquer um, tal homem vive sem medo e com um coração puro. Um ladrão tem medo de todos, como um veado expulso dos bosques para o meio de uma aldeia habitada. Ele pensa que as outras pessoas são tão pecaminosas quanto ele mesmo. Alguém que tem um coração puro está sempre cheio de alegria e não tem medo de qualquer direção. Tal pessoa nunca vê seu próprio comportamento impróprio em outros; (implicando que tal homem está sempre consciente de suas próprias falhas, e nunca pensa que outros são culpados de uma ofensa que ele, em um momento de tentação, possa ter cometido). Pessoas dedicadas a fazer o bem para todas as criaturas dizem que a prática de caridade é outro dever superior. Aqueles que possuem riqueza pensam que este dever foi declarado por aqueles que são pobres. Quando, no entanto, aqueles homens ricos encontram com a pobreza por consequência de uma mudança de sorte, a prática de caridade então se recomenda para eles. Homens que são extremamente ricos não necessariamente encontram a felicidade. Sabendo quão doloroso é para si mesma, uma pessoa nunca deve fazer para os outros o que ela não gosta quando feito a ela por outros. O que pode um homem que se torna o amante da esposa de outro homem dizer para outro homem (culpado da mesma transgressão)? É visto, no entanto, que mesmo tal homem, quando ele vê sua senhora com outro amante, se torna incapaz de perdoar o ato. Como pode alguém que, tomando fôlego ele mesmo pensa em impedir outro por meio de uma ação homicida, de fazer o mesmo? Quaisquer desejos que alguém nutra com relação a si mesmo, ele deve certamente nutrir com relação a outros. Com a riqueza excedente que possa ocorrer de alguém possuir ele deve aliviar as misérias dos indigentes. É por esta razão que o Criador ordenou a prática de aumentar a própria riqueza (por meio de comércio ou por gastá-la por causa de lucro). (O excedente não deve ser cobiçado por sua própria causa mas para tal uso.) Alguém deve trilhar sozinho aquele caminho por prosseguir pelo qual ele possa esperar encontrar com as divindades; ou, em tais tempos quando riqueza é obtida, a aderência aos deveres de sacrifício e caridade é louvável. Os sábios dizem que a realização de objetivos por meio de maneiras agradáveis (pacíficas) é virtude. Veja, ó Yudhishthira, que este mesmo é o critério que foi mantido em vista em declarar as indicações de retidão e iniquidade. Nos tempos passados o Criador ordenou a retidão dotando-a do poder de manter o mundo unido. A conduta dos bons, que é repleta de excelência, está sujeita a (numerosas) restrições para obter virtude a qual depende de muitas considerações delicadas. As indicações de retidão agora foram relatadas para ti, ó

principal da linhagem de Kuru! Portanto, em qualquer época, não coloque tua compreensão sobre alguma ação que seja errada.'"

260

"Yudhishthira disse, 'Tu disseste que a virtude ou dever depende de considerações delicadas, que é indicada pela conduta daqueles que são chamados de bons, e que é repleta de restrições (de numerosas ações), e que suas indicações estão também contidas nos Vedas. Me parece, no entanto, que eu tenho uma certa luz interior pela qual eu posso discriminar entre certo e errado por inferências. Numerosas perguntas que eu tinha planejado te fazer foram todas respondidas por ti. Há uma pergunta, no entanto, que eu farei agora. Ela não é motivada, ó rei, pelo desejo de discussão vazia. Todas essas criaturas incorporadas, parece, nascem, existem, e deixam seus corpos, por sua própria natureza. O dever e seu oposto, portanto, não podem ser averiguados, ó Bharata, somente pelo estudo das escrituras. (O argumento, como explicado pelo comentador é este: Bhishma disse que a virtude e seu oposto surgem dos atos de alguém produzindo felicidade ou miséria para outros, e que ambos afetam sua vida futura em relação à felicidade e miséria desfrutada ou suportada nela. Mas as criaturas vivas, diz Yudhishthira, são vistas tomarem seus nascimentos, existirem, e morrerem, por sua própria natureza. A natureza, portanto, parece ser a causa eficiente de nascimento, existência, e morte, e não as declarações nos Srutis, embora aquelas declarações possam ser consistentes com considerações de felicidade ou o oposto. O estudo dos Vedas, portanto, sozinho não pode levar a um conhecimento da retidão e seu contrário.) Os deveres de uma pessoa que está em boa situação são de um tipo. Aqueles de uma pessoa que caiu em infortúnio são de outro tipo. Como pode o dever a respeito das épocas de infortúnio ser averiguado somente pela leitura das escrituras? (O infortúnio pode ser de uma variedade infinita. Derrogação do dever pode, portanto, ser de uma variedade infinita. É impossível notar essas derrogações (justificáveis em vista do grau de angústia sentido) em qualquer código de ética, embora compreensível.) As ações dos bons, tu disseste, constituem retidão (ou virtude ou dever). Os bons, no entanto, devem ser averiguados por suas ações. A definição, portanto, tem por sua fundação um desvio da questão, com o resultado de que o se quer dizer por conduta dos bons permanece incerto. É visto que uma pessoa comum comete injustiça enquanto aparentemente realizando virtude. Algumas pessoas extraordinárias também podem ser vistas que realizam justiça por cometerem atos que são aparentemente injustos. (O comentador cita o exemplo de Sudras ouvindo escrituras proibidas na expectativa de mérito. Eles cometem pecado por tais atos. Então também Brahmanas como Agastya, por amaldiçoar os habitantes da floresta Dandaka, obtiveram grande mérito. Em pessoas geralmente chamadas de comuns e até inferiores são observáveis indicações de bom comportamento, e naquelas reconhecidas como boas e respeitáveis podem ser notados atos que não são bons. Portanto, aquilo que é chamado de conduta dos bons é extremamente indeterminável.) Então, a prova (do que eu digo) tem sido fornecida até por

aqueles que conhecem bem as escrituras, pois é sabido por nós que as ordenanças dos Vedas desaparecem gradualmente em cada era sucessiva. Os deveres na era Krita são de um tipo. Aqueles na Treta são de outro tipo, e aqueles na Dwapara também são diferentes. Os deveres na era Kali, além disso, são totalmente de outro tipo. Parece, portanto, que os deveres são prescritos para as respectivas eras de acordo com os poderes dos seres humanos nas respectivas eras. Quando, portanto, todas as declarações nos Vedas não se aplicam igualmente a todas as eras, o ditado que as declarações dos Vedas são verdadeiras é somente uma forma popular de falar usada para a satisfação popular. Dos Srutis se originaram os Smritis cujo âmbito também é muito amplo. Se os Vedas são autoridade para tudo, então também se atribuiria autoridade aos Smritis, pois os últimos são baseados nos primeiros. Quando, no entanto, os Srutis e os Smritis contradizem uns aos outros, como um dos dois pode ser autoritário? Então, também, é visto que quando algumas pessoas pecaminosas de grande poder fazem certas partes de certos cursos de ações justas serem paradas, estes são destruídos para sempre. (O comentador usa o exemplo da parada do Sacrifício de Cavalo pela intervenção de Indra com Janamejaya quando o último estava decidido a celebrar um para a aquisição de mérito.) Se nós o conhecemos ou não, se nós podemos averiguá-lo ou não podemos averiguá-lo, o curso de dever é mais fino do que o fio de uma navalha e mais grosso até do que uma montanha. A virtude (na forma de sacrifícios e outras ações religiosas) a princípio aparece na forma de edifícios fabulosos de vapor vistos no céu distante. Quando, no entanto, ela é examinada pelos eruditos, ela desaparece e se torna invisível. (Os edifícios e formas vaporosas vistos no céu distante são chamados de Gandharva-nagara por causa da crença peculiar que eles são cidades habitadas pelos Gandharvas, uma classe de seres superiores ao homem. Eles aparecem para a visão somente para desaparecerem logo. O que o orador deseja dizer é que sacrifícios e atos religiosos a princípio parecem fabulosos e encantadores por causa dos resultados que eles exibem, isto é, céu e felicidade. Mas quando eles são examinados pela luz da filosofia, eles desaparecem ou recuam no nada, pois como ações, eles são transitórios e suas consequências também são do mesmo caráter.) Como os pequenos tanques nos quais o gado bebe ou os aquedutos rasos ao longo de campos cultivados que secam logo, as práticas eternas inculcadas nos Smritis, caindo em descontinuação, finalmente desaparecem totalmente (na era Kali). Entre homens que são bons alguns são vistos se tornarem hipócritas (em relação à aquisição de virtude) por se permitirem serem incitados pelo desejo. Alguns se tornam assim, incitados pelos desejos de outros. Outros, numerando muitos, seguem o mesmo caminho, influenciados por diversos outros motivos de caráter similar. Não pode ser negado que tais ações (embora realizadas por pessoas sob a influência de más paixões) são virtuosas. Os tolos dizem que a virtude é um som vazio entre aqueles chamados de bons. Eles ridicularizam tais pessoas e as consideram como homens desprovidos de razão. Muitos grandes homens, também, virando as costas (para os deveres de sua própria classe) se dirigem aos deveres da classe real). Nenhuma conduta, portanto, é vista (como observada por qualquer homem), que seja repleta de benevolência universal. (O comentador cita o exemplo de Drona e outros daquela classe. Esses homens devem ser considerados como Mahajanas e Sadhus, mas

como sua conduta como ser considerada como correta? O que Yudhishthira quer dizer é que os estandartes de virtude ou aquilo pelo qual bons homens podem ser conhecidos é difícil de averiguar.) Por um certo rumo de comportamento alguém se torna realmente meritório. Aquele mesmo rumo de comportamento obstrui outro na aquisição de mérito. Outro, por praticar como lhe aprouver aquela conduta, isto é visto, permanece inalterado. (O exemplo de Viswamitra, Jamadagnya, e Vasishtha são citados pelo comentador. O primeiro ganhou preeminência por seu domínio sobre armas. O segundo perdeu seu caráter como um Brahmana pela profissão de armas. O terceiro não perdeu nada embora ele tivesse punido a insolência de Viswamitra por usar até armas mundanas.) Assim aquela conduta pela qual alguém se torna meritório impede outro na aquisição de mérito. Pode-se ver assim que todos os rumos de conduta perdem unidade de propósito e caráter. Parece, portanto, que somente aquilo que os eruditos dos tempos antigos chamavam de virtude é virtude até hoje, e através daquele curso de conduta, (que os eruditos assim fixaram), as distinções e limitações (que governam o mundo) se tornaram eternas.'" (O que Yudhishthira diz aqui é que retidão ou virtude ou dever não depende dos Srutis ou dos Smritis, nem de considerações de felicidade ou miséria. Por outro lado, a virtude é arbitrária em relação a seu estandarte, sendo chamado de justo aquilo que era chamado dessa maneira pelos eruditos dos tempos antigos. Em relação à felicidade ou miséria, sua causa é a natureza eterna.)

261

"Bhishma disse, 'Em relação a isso, (isto é, o assunto da verdadeira causa à qual deve ser atribuída a dispensação de felicidade ou seu oposto), é citada a velha narrativa da conversa de Tuladhara com Jajali sobre o tópico da retidão. Havia uma vez um Brahmana de nome Jajali que vivia em certa floresta, praticando os modos de um recluso na floresta. De penitências rígidas, ele procedeu em certa ocasião para o litoral, e tendo chegado lá começou a praticar as penitências mais severas. Observando muitos votos e restrições, com seu alimento regulado por muitas regras de jejum, seu corpo vestido em trapos e peles, portando cabelos emaranhados em sua cabeça, seu corpo inteiro coberto com sujeira e argila, aquele Brahmana possuidor de inteligência passou muitos anos lá, suspendendo a fala (e engajado em meditação Yoga). Possuidor de grande energia, aquele asceta regenerado, ó monarca, enquanto vivendo dentro das águas (do mar), vagou por todos os mundos com a velocidade da mente, desejoso de ver todas as coisas. (Seu corpo grosseiro estava dentro da água. Todavia, por poder de Yoga, ele era capaz de vagar pelo mundo em seu corpo sutil e via tudo o que ele desejava ver.) Tendo visto a terra inteira limitada pelo oceano e adornada com rios e lagos e florestas, um dia o asceta, enquanto sentado sob a água, começou a pensar dessa maneira, 'Nesse mundo de criaturas móveis e imóveis não há ninguém igual a mim. Quem pode viajar comigo entre as estrelas e planetas no firmamento e morar também dentro das águas?' Não vistos pelos Rakshasas enquanto ele repetia isto para si mesmo, os Pisachas

disseram a ele, 'Não cabe a ti falar assim. Há um homem chamado Tuladhara, possuidor de grande fama e dedicado ao negócio de compra e venda. Mesmo ele, ó melhor das pessoas regeneradas, não é digno de dizer tais palavras como tu disseste.' Assim endereçado por aqueles seres, Jajali de penitências austeras respondeu a eles, dizendo, 'Eu verei esse famoso Tuladhara que possui tal sabedoria.' Quando o Rishi disse estas palavras, aqueles seres sobre-humanos o ergueram do mar, e disseram a ele, 'Ó melhor das pessoas regeneradas, vá por esta estrada.' Assim endereçado por aqueles seres, Jajali seguiu adiante com um coração triste. Chegando em Varanasi ele encontrou Tuladhara a quem ele se dirigiu dizendo as seguintes palavras.'"

"Yudhishthira disse, 'Quais, ó majestade, são aquelas façanhas difíceis que Jajali tinha realizado antes pelas quais ele tinha alcançado tal sucesso superior? Cabe a ti descrevê-las para mim.'"

"Bhishma disse, 'Jajali tinha se engajado em penitências das mais rígidas austeridades. Ele costumava realizar abluções de manhã e à noite. Cuidando atentamente de seus fogos, ele era devotado ao estudos dos Vedas. Bom conhecedor dos deveres prescritos para reclusos na floresta, Jajali (por causa de suas práticas) parecia brilhar com refulgência. Ele continuou a viver nas florestas, o tempo todo dedicado a penitências. Mas ele nunca se considerava como alguém que tivesse adquirido algum mérito por suas ações. Na época das chuvas ele dormia sob o céu aberto. No outono ele sentava na água. No verão ele se expunha ao sol e ao vento. Ainda assim ele nunca se considerava como alguém que tinha adquirido algum mérito através de tais ações. Ele costumava dormir em diversos tipos de camas dolorosas e também sobre a terra nua. Uma vez, aquele asceta, enquanto estava sob o céu na estação chuvosa, recebeu sobre sua cabeça repetidos aguaceiros das nuvens. Ele teve que passar pelas florestas repetidamente. Em parte com a exposição às chuvas e em parte com a sujeira que eles pegaram, os cabelos daquele Rishi impecável ficaram emaranhados e entrelaçados uns com os outros. Em uma ocasião, aquele grande asceta, se abstendo totalmente de alimento e vivendo só do ar, ficou de pé na floresta como um poste de madeira. De coração impassível, ele ficou lá, sem nem uma vez se mover uma polegada. Enquanto ele estava lá como um poste de madeira, perfeitamente imóvel, ó Bharata, um par de aves Kulinga, ó rei, construiu seu ninho sobre sua cabeça. Cheio de compaixão, o grande Rishi permitiu aquele casal emplumado construir seu ninho entre seus cabelos emaranhados com tiras de grama. E como o asceta ficou lá como um poste de madeira, as duas aves viveram alegremente e com confiança sobre a cabeça dele. As chuvas passaram e veio o outono. O par, incitado pelo desejo, se aproximou segundo a lei do Criador, e em completa confiança colocaram seus ovos, ó rei, na cabeça daquele Rishi. De votos rígidos e possuidor de energia, o asceta soube disso. Sabendo o que as aves tinham feito, Jajali não se moveu. Firmemente decidido a adquirir mérito, qualquer ação que envolvesse a menor injúria para outros não poderia se tornar atraente para ele. O casal emplumado, partindo e se movendo todo dia de e para sua cabeça, felizmente e confiantemente viveu lá, ó rei pujante! Quando com o passar do tempo os ovos se tornaram maduros e os filhotes saíram, eles

começaram a crescer naquele ninho, pois Jajali não se moveu de modo algum. Firme no cumprimento de seus votos, o Rishi de alma virtuosa continuou a manter e proteger aqueles ovos por ficar sobre aquele mesmo local perfeitamente imóvel e absorto em meditação Yoga. Com o decorrer do tempo os jovens cresceram e vieram a ser equipados com asas. O Muni soube que os jovens Kulingas tinham alcançado aquele estágio de desenvolvimento. Aquele principal dos homens inteligentes, imperturbável na observância de votos, um dia viu aqueles filhotes e se encheu de satisfação. As aves pais, vendo seus filhotes equipados com asas, ficaram muito felizes e continuaram a morar com eles na cabeça do Rishi em perfeita segurança. O erudito Jajali viu que quando as aves jovens ficaram providas de asas elas davam um passeio toda noite e voltavam para sua cabeça sem terem ido longe. Ele ainda permaneceu imóvel naquele local. Às vezes, depois ele viu que, deixados por seus pais, eles saíam por si mesmos e voltavam também por si mesmos. Jajali ainda assim não se moveu. Um pouco depois, as aves jovens partindo de manhã passavam o dia todo fora de sua vista, mas voltavam à noite para residir no ninho. Às vezes, depois disso, deixando seu ninho por cinco dias a fio, eles voltavam no sexto dia. Jajali ainda assim não se moveu. Posteriormente, quando sua força ficou completamente desenvolvida eles o deixavam e não voltavam nem mesmo depois de muitos dias. Finalmente, em uma ocasião, o deixando, eles não voltaram nem depois de um mês. Então, ó rei, Jajali deixou aquele local. Quando eles tinham ido embora dessa maneira para sempre, Jajali se admirou muito, e pensou que ele tinha alcançado sucesso ascético. Então o orgulho entrou em seu coração. Firme na observância de votos, o grande asceta, vendo as aves assim deixá-lo depois de terem sido criadas sobre sua cabeça, pensou orgulhosamente de si mesmo, e se encheu de satisfação. Ele, então, banhou-se em um rio e despejou libações no fogo sagrado, e prestou suas adorações ao Sol nascente. De fato, tendo assim feito aquelas aves chataka crescerem em sua cabeça, Jajali, aquele principal dos ascetas, começou a bater em seu peito e proclamou ruidosamente pelo céu, 'Eu ganhei grande mérito.' Então uma voz invisível ergue-se no céu e Jajali ouviu estas palavras, 'Tu não és igual, ó Jajali, a Tuladhara em relação à virtude. Possuidor de grande sabedoria, Tuladhara vive em Baranasi. Mesmo ele não é digno de dizer o que tu disseste, ó regenerado.' Ouvindo estas palavras, Jajali se encheu de raiva, e desejoso de encontrar Tuladhara, ó monarca, começou a vagar pela terra inteira, cumprindo o voto de silêncio e passando a noite no local onde a noite o alcançasse. Depois de um tempo considerável ele alcançou a cidade de Baranasi, e viu Tuladhara ocupado em vender diversos artigos. (Uma loja de Beniya é um armazém variado. Ele contém principalmente temperos e remédios, mas não há artigo para uso doméstico que não possa ser encontrado em tal loja.) Logo que o lojista Tuladhara viu o Brahmana chegado em sua residência, ele se levantou alegremente e adorou o convidado com saudações apropriadas.'"

"Tuladhara disse, 'Sem dúvida, ó Brahmana, eu sei que tu vieste a mim. Ouça, no entanto, ó principal das pessoas regeneradas, o que eu digo. Vivendo em uma terra baixa perto da costa tu praticaste penitências muito austeras. Mas tu não tinhas consciência de ter obtido virtude ou mérito. Quando tu finalmente alcançaste êxito ascético, certas aves nasceram sobre tua cabeça. Tu tomaste

grande cuidado com as pequenas criaturas. Quando finalmente aquelas aves ficaram equipadas com asas e quando elas começaram a deixar tua cabeça para irem para lá e para cá à procura de comida, foi então que, por teres ajudado dessa maneira no nascimento daqueles Chatakas, tu começaste a sentir o impulso do orgulho, ó Brahmana, pensando que tu tinhas obtido grande mérito. Então, ó principal das pessoas regeneradas, tu ouviste no céu uma voz que se referia a mim. As palavras que tu ouviste te encheram de fúria, e como a consequência disto tu estás aqui. Diga-me, qual desejo teu eu realizarei, ó melhor dos Brahmanas!'"

262

"Bhishma disse, 'Assim endereçado pelo inteligente Tuladhara naquela ocasião, Jajali de grande inteligência, aquele principal dos ascetas, disse estas palavras para ele.'"

"Jajali disse, 'Tu vendes todos os tipos de sucos e perfumes, ó filho de um comerciante, como também (cascas e folhas de) grandes árvores e ervas e suas frutas e raízes. Como tu conseguiste adquirir uma certeza ou estabilidade de compreensão? De onde este conhecimento vem para ti? Ó tu de grande inteligência, diga-me tudo isso em detalhes.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por aquele Brahmana possuidor de grande fama, Tuladhara da classe Vaisya, bem familiarizado com as verdades referentes às interpretações de moralidade e satisfeito com conhecimento, discursou para Jajali que tinha praticado penitências severas, sobre os caminhos da moralidade.'"

"Tuladhara disse, 'Ó Jajali, eu conheço a moralidade, que é eterna, com todos os seus mistérios. Ela não é nada além do que aquela moralidade antiga que é conhecida por todos, e que consiste em amizade universal, e é repleta de beneficência para todas as criaturas. Aquele modo de vida que é fundado sobre uma total inofensividade em direção a todas as criaturas ou (em caso de necessidade real) sobre um mínimo de tal mal, é a moralidade mais elevada. Eu vivo de acordo com aquele modo, ó Jajali! Esta minha casa foi construída com madeira e grama cortadas pelas mãos de outras pessoas. Tintura laca, as raízes de lótus Nymphaea, filamentos de lótus, diversos tipos de bons perfumes e muitas espécies de líquidos, ó Rishi regenerado, com a exceção de vinhos, eu compro da mão de outras pessoas e vendo sem enganar. Ó Jajali, é citado como conhecedor do que é a moralidade ou virtude aquele que é sempre o amigo de todas as criaturas, e que está sempre dedicado ao bem de todas as criaturas, em pensamentos, palavras, e ações. Eu nunca incomodo ninguém. Eu nunca brigo com ninguém, eu nunca nutro aversão por ninguém. Eu nunca nutro desejo por algo. Eu olho igualmente para todas as coisas e todas as criaturas. Veja, ó Jajali, este é meu voto! Minha balança é perfeitamente equilibrada, ó Jajali, com relação a todas as criaturas. (Pesando as criaturas eu as considero como iguais, na minha

balança um Brahmana não pesa mais do que um Chandala, ou um elefante pesa mais do que um cachorro ou gato.) Eu nem louvo nem critico as ações de outros, considerando esta variedade no mundo, ó principal dos Brahmanas, como igual à variedade observável no céu. (O sentido é este: há variedade neste mundo. Ela é, no entanto, como a variedade de aspectos a qual o céu mostra. É a mesma Divindade que se manifesta em diversas formas assim como é o mesmo céu que manifesta vários aspectos por causa do aparecimento e desaparecimento de nuvens.) Saiba, ó Jajali, que eu lanço um olhar igual sobre todas as criaturas. Ó principal dos homens inteligentes, eu não vejo diferença entre um torrão de terra, uma pedra, e um torrão de ouro. Como o cego, o surdo, e aqueles que são desprovidos de racionalidade, estão perfeitamente consolados pela perda de seus sentidos, da mesma maneira eu estou consolado, por seu exemplo (pelos prazeres dos quais eu me abstenho). Como aqueles que foram alcançados pela velhice, aqueles que são afligidos por doenças, e aqueles que estão enfraquecidos e emaciados não participam com prazer de divertimentos de qualquer tipo, da mesma maneira eu parei de sentir qualquer satisfação por riqueza ou prazeres ou divertimentos. Quando uma pessoa não teme nada e ela mesma não é temida, quando ela não nutre desejo e não tem aversão por qualquer coisa, ela então é citada como tendo alcançado Brahma. Quando uma pessoa não se comporta pecaminosamente em direção a alguma criatura em pensamentos, palavras, e ações, então ela alcançou Brahma. Não há passado, nem futuro. Não há moralidade ou virtude. Aquele que não é um objeto de medo para alguma criatura consegue alcançar um estado (Brahma) no qual não há medo. Por outro lado, aquela pessoa que por dureza de palavras e severidade de temperamento, é uma fonte de incômodo para todas as criaturas assim como a própria morte, certamente alcança um estado que é cheio de medo. Eu sigo as práticas de homens de grande alma e benevolentes de idade avançada que com seus filhos e netos vivem na devida observância da ordenança declarada nas escrituras. As práticas eternas (declaradas nos Vedas) são totalmente abandonadas por aquele que se permite ficar entorpecido por alguns erros que ele possa ter reparado na conduta daqueles que são reconhecidamente bons e sábios. Alguém, no entanto, que é dotado de conhecimento, ou alguém que tem subjugado seus sentidos, ou alguém que possui força mental, consegue alcançar a Emancipação, guiado por aquela mesma conduta. (O sentido é este: há um rumo eterno de virtude como prescrito nos Vedas. Aquela que é chamada de a conduta dos bons pode às vezes ser manchada por alguns erros. Tolos, levados por isso, desistem da própria virtude. Por outro lado, homens sábios, evitando aqueles erros, aceitam o que é bom e são salvos. Um velho ditado é citado pelo comentador no sentido de que quando tudo está ameaçado, um homem sábio desiste da metade para salvar o restante. Um tolo, no entanto, desiste do todo quando somente metade está ameaçada pela destruição.) O homem sábio que, tendo controlado seus sentidos, pratica, com um coração limpo de todo o desejo de ferir outros, a conduta que é seguida por aqueles que são chamados de bons, está certo, ó Jajali, de obter o mérito da virtude (e Emancipação a qual é seu fruto). Neste mundo, como em um rio, um pedaço de madeira que está sendo arrastado pela correnteza como ela quer, é visto entrar em contato (por algum tempo) com outro pedaço que está sendo arrastado da mesma maneira. Lá, na

correnteza, outros pedaços de madeira que foram unidos, são vistos também se separarem uns dos outros. Grama, paus, e pedaços de esterco de vaca são vistos serem unidos juntos. Esta união é devido à casualidade e não por propósito ou desígnio. Aquele de quem nenhuma criatura tem o mínimo medo, ele mesmo, ó asceta, nunca é assustado por alguma criatura. Aquele, por outro lado, ó homem erudito, de quem todas as criaturas têm medo como de um lobo, vem a ser ele mesmo cheio de medo como animais aquáticos quando forçados a saltar sobre a margem por medo do crepitante fogo Vadava. Esta prática de inofensividade universal originou-se exatamente assim. Uma pessoa pode segui-la por todos meios em seu poder. Aquele que tem seguidores e aquele que tem riqueza podem procurar adotá-la. Ela com certeza leva também à prosperidade e o céu. Por sua capacidade de dissipar os temores dos outros, homens possuidores de riqueza e seguidores são considerados como os mais importantes pelos eruditos. Aqueles que vivem para a felicidade comum praticam este dever de inofensividade universal por causa de fama; enquanto que aqueles que são realmente hábeis praticam o mesmo para alcançar Brahma. Quaisquer resultados que alguém desfrute por penitências, por sacrifícios, por praticar generosidade, por falar a verdade, e por buscar sabedoria, podem todos ser obtidos pela prática do dever de inofensividade. Aquela pessoa que dá para todas as criaturas a garantia de inofensividade obtém o mérito de todos os sacrifícios e finalmente ganha destemor para si mesmo como sua recompensa. Não há dever superior ao dever da abstenção de ferir outras criaturas. Aquele de quem, ó grande asceta, nenhuma criatura tem o mínimo medo, obtém para si mesmo destemor de todas as criaturas. Aquele de quem todos têm medo como alguém tem de uma cobra abrigada dentro de seu quarto (de dormir), nunca adquire qualquer mérito neste mundo ou no próximo. Os próprios deuses, em sua busca por este, ficam pasmos no caminho daquela pessoa que transcende todos os estados, (isto é, falham em vê-lo ou encontrá-lo, pois tal pessoa transcende as mais elevadas regiões de felicidade, tais como até a região de Brahman, por causa da não eternidade delas), a pessoa, isto é, que constitui ela mesma a alma de todas as criaturas e que considera todas as criaturas como iguais ao seu próprio eu. De todas as doações, a garantia de inofensividade para todas as criaturas é o maior (a respeito de mérito). Eu te digo a verdade, creia-me, ó Jajali! Alguém que se dirige às ações a princípio ganha prosperidade, mas então (após o esgotamento de seus méritos) ele mais uma vez encontra adversidade. Vendo a destruição (do mérito) das ações, os sábios não elogiam as ações. Não há dever, ó Jajali, que não seja incitado por algum motivo (de felicidade). O dever, no entanto, é muito sutil. Os deveres foram declarados nos Vedas por causa de ambos, Brahma e o céu. (Nos Vedas se acham ambos os tipos de deveres, tais como Samah, etc., por Brahma, e sacrifícios, etc., pelo céu.) O assunto dos deveres tem muitos segredos e mistérios. Ele é tão sutil que não é fácil entendê-lo completamente. Entre as diversas ordenanças divergentes, alguns conseguem compreender o dever por observar os atos dos bons. (O comentador cita algumas ordenanças conflitantes a respeito da matança de vacas. O assunto do dever é assim confuso, declarações contraditórias sendo notáveis nos Vedas.) Por que tu não destróis aqueles que castram touros e furam seus narizes e os fazem suportar cargas pesadas, e os amarram e os colocam sob diversos tipos de restrições, e que comem a carne de

criaturas vivas depois de matá-las? Homens são vistos possuírem homens como escravos, e por bater, por amarrar, e por sujeitá-los a restrições de outras maneiras, os fazem trabalhar dia e noite. Essas pessoas não são ignorantes da dor que resulta de bater e de prender em correntes. Em toda criatura que é dotada dos cinco sentidos vivem todas as divindades. Surya, Chandramas, o deus do vento, Brahman, Prana, Kratu, e Yama (estes moram nas criaturas vivas). Há homens que vivem por traficar criaturas vivas! Quando eles ganham a vida por tal conduta pecaminosa, que escrúpulos eles precisam sentir em vender carcaças mortas? A cabra é Agni. A ovelha é Varuna. O cavalo é Surya. A terra é a divindade Virat. A vaca e o bezerro são Soma. O homem que vende estes nunca pode obter êxito. Mas que falha pode se atribuir à venda de óleo, ou de Ghrita, ou mel, ou remédios, ó regenerado? Há muitos animais que crescem em tranquilidade e conforto em lugares livres de mosquitos e insetos que picam. Sabendo que eles são amados ternamente por suas mães, homens os perseguem de diversas maneiras, e os levam para lugares imundos cheios de insetos mordentes. Muitos animais de tiro são oprimidos com cargas pesadas. Outros, também, definham por causa de tratamento não sancionado pelas escrituras. Eu penso que tais atos de dano feitos para os animais não são diferentes, de nenhuma maneira, de feticídio. Pessoas consideram a profissão de agricultura como sem pecado. Aquela profissão, no entanto, está seguramente repleta de crueldade. O arado de face de ferro fere o solo e muitas criaturas que vivem no solo. Lance teus olhos, ó Jajali, naqueles bois unidos ao arado. As vacas são chamadas nos Srutis de ‘Não Matáveis’. Comete um grande pecado aquele homem que mata um touro ou uma vaca. Nos tempos antigos, muitos Rishis com sentidos controlados se dirigiram a Nahusha, dizendo, 'Tu, ó rei, mataste uma vaca que é declarada nas escrituras como sendo semelhante à mãe de alguém. (Por causa da função para a qual ela é útil, pois seu leite nutre toda criança tanto quando o peito da mãe.) Tu também mataste um touro, o qual é declarado como sendo semelhante ao próprio Criador. (Porque como Prajapati ele cria prole e ajuda o homem na produção de alimentos.) Tu cometeste uma má ação, ó Nahusha, e nós estamos extremamente magoados por isso.' (Nahusha tinha matado um touro e uma vaca para honrar os Rishis, eles, no entanto, expressaram sua insatisfação pelo fato.) Para purificar Nahusha, no entanto, eles dividiram aquele pecado em cento e uma partes e transformando os fragmentos em doenças os lançaram entre todas as criaturas. Assim, ó Jajali, aqueles Rishis altamente abençoados lançaram aquele pecado em todas as criaturas vivas, e se dirigindo a Nahusha que tinha sido culpado de feticídio, disseram, 'Nós não poderemos despejar libações em teu sacrifício.' Assim disseram aqueles Rishis e Yatis de grande alma conhecedores das verdades de todas as coisas, tendo averiguado por seu poder ascético que o rei Nahusha não tinha sido intencionalmente culpado daquele pecado. (O comentador explica que os Rishis se dirigiram a Nahusha daquela maneira mesmo quando eles sabiam que ele não tinha matado intencionalmente a vaca e o touro. O objetivo do orador é mostrar a enormidade do ato quando feito intencionalmente.) Estas, ó Jajali, são algumas das práticas pecaminosas e terríveis que são prevalecentes neste mundo. Tu as praticaste porque elas são praticadas por todos os homens desde os tempos antigos, e não porque elas se harmonizam com os ditames da tua compreensão

purificada. Alguém deve praticar o que ele considera ser seu dever, guiado por razões, em vez de seguir cegamente as práticas do mundo. Ouça agora, ó Jajali, qual é meu comportamento em direção àquele que me ofende e àquele que me elogia. Eu considero ambos da mesma maneira. Eu não tenho alguém de quem eu goste e alguém de quem eu não goste. Os sábios aprovam tal rumo de conduta como consistente com dever ou religião. Este mesmo rumo de conduta, que é consistente com o bom senso, é seguido por Yatis. Os justos sempre o observam com olhos possuidores de visão aperfeiçoada.'"

263

"Jajali disse, 'Este rumo de dever que tu pregas, ó proprietário de balanças, fecha a porta do céu contra todas as criaturas e acaba com os próprios meios de sua subsistência. Da agricultura vem o alimento. Aquele alimento oferece subsistência até para ti. Com a ajuda de animais e de colheitas e ervas, os seres humanos, ó comerciante, são habilitados a manter sua existência. De animais e alimentos sacrifícios fluem. Tuas doutrinas têm laivos de ateísmo. Este mundo acabará se os meios pelos quais a vida é sustentada tiverem que ser abandonados.'"

"Tuladhara disse, 'Eu agora falarei sobre o objeto dos meios de sustento. Eu, ó Brahmana, não sou um ateu. Eu não critico Sacrifícios. É muito raro, no entanto, o homem que realmente conhece o Sacrifício. Eu reverencio aquele Sacrifício que é ordenado para Brahmanas. Eu reverencio também aqueles que estão familiarizados com aquele Sacrifício. Ai, os Brahmanas, tendo abandonado o Sacrifício que é ordenado para eles, têm se dirigido à realização de Sacrifícios que são para Kshatriyas. (O fato é, todos os Sacrifícios nos quais é feito algum dano à vida vegetal ou animal são para Kshatriyas. O único Sacrifício que os Brahmanas devem realizar é Yoga.) Muitas pessoas de fé, ó regenerado, que são cobiçosas e afeiçoadas à riqueza, sem terem compreendido o verdadeiro significado das declarações dos Srutis, e proclamando coisas que são realmente falsas mas que têm a aparência de verdade, têm introduzido muitos tipos de Sacrifícios, dizendo, 'Isto deve ser doado neste Sacrifício. Esta outra coisa deve ser doada naquele outro Sacrifício. O primeiro disto é muito louvável.' A consequência, no entanto, de tudo isso, ó Jajali, é que roubo e muitas más ações surgem. (Sacrifícios são sempre atrativos por causa da fama que eles trazem. Sua realização depende de riqueza. A aquisição de riqueza leva ao cometimento de muitos atos maus.) Deve ser conhecido que somente a oferenda sacrifical que foi adquirida por meios justos pode gratificar os deuses. Há indicações abundantes nas escrituras que o culto das divindades pode ser realizado com votos, com libações despejadas no fogo, com recitações ou canto dos Vedas, e com plantas e ervas. Por causa de suas ações religiosas pessoas injustas obtêm prole pecaminosa. De homens cobiçosos nascem filhos que são cobiçosos, e daqueles que são satisfeitos nascem filhos que são satisfeitos. Se o sacrificador e o sacerdote se permitem serem movidos pelo desejo de resultado (em relação aos Sacrifícios que eles realizam ou ajudam a fazer), seus filhos recebem a mácula. Se, por outro lado, eles não se entregam

ao desejo de fruto, os filhos nascidos para eles se tornam do mesmo tipo. De Sacrifícios nasce progênie como água pura do firmamento. As libações despejadas no fogo sacrifical sobem até o sol. Do Sol surge a chuva. Da chuva surge o alimento. Do alimento nascem criaturas vivas. Nos tempos antigos, homens corretamente dedicados a Sacrifícios costumavam obter deles a realização de todos os seus desejos. A terra produzia colheitas sem cultivo. As bênçãos proferidas pelos Rishis produziam ervas e plantas. (O sentido é que nos tempos antigos quando o verdadeiro significado de Sacrifício era compreendido e todos os homens os realizavam sem serem incitados pelos desejo de resultado, as consequências que fluíam eram a produção de colheitas sem cultivo (e sem dano para animais que vivem em buracos e tocas). Os bons desejos que os Rishis nutriam por todas as criaturas eram suficientes para produzir ervas e plantas e árvores.) Os homens dos tempos antigos nunca realizavam Sacrifícios pelo desejo de resultados e nunca se consideravam como qualificados para desfrutar daqueles frutos. Aqueles que de alguma maneira realizam sacrifícios, embora duvidando de sua eficácia, tomam nascimento em suas próximas vidas como homens desonestos, astutos, e avarentos extremamente cobiçosos de riqueza. Aquele homem que pela ajuda de raciocínio falso considera todas as escrituras autorizadas como repletas de males, indubitavelmente irá, por tal ação pecaminosa, para as regiões dos pecaminosos. Tal homem é certamente possuidor de uma alma pecaminosa, ó principal dos Brahmanas, e sempre permanece aqui, desprovido de sabedoria. Aquele homem que respeita aquelas ações obrigatórias que estão prescritas nos Vedas e ordenadas para serem realizadas todos os dias, que é tomado pelo medo se ele falha em realizá-las algum dia, que considera todos os elementos essenciais de Sacrifício como idênticos a Brahma (ou, que acredita que somente Brahma existe no mundo), e que nunca se considera o autor, é realmente um Brahmana. (Nós devemos fazer todos os atos acreditando que somos somente agentes ou instrumentos da Divindade Suprema. Atos são dele, nós somos somente Suas ferramentas. Tal convicção seguramente nos protegerá contra todos os atos maus.) Se as ações de tal pessoa ficarem incompletas, ou se sua conclusão for obstruída por todos os animais impuros, mesmo então aquelas ações são, como sabido por nós, de eficácia superior. (Quando Sacrifícios são feitos por um senso de dever, apesar de sua incompletude, eles se tornam eficazes.) Se, no entanto, aquelas ações são feitas pelo desejo de resultado (e se a sua conclusão for obstruída por tais obstáculos), então expiação se tornará necessária. Aqueles que cobiçam o alcance do maior objetivo da vida (isto é, Emancipação), que são desprovidos de cupidez em relação a todas as espécies de riqueza mundana, que se desfazem de toda provisão para o futuro, e que são livres de inveja, se dirigem à prática da verdade e autodomínio como seu Sacrifício. Aqueles que estão familiarizados com a distinção entre corpo e alma, são dedicados ao Yoga, e que meditam sobre o Pranava (Om), sempre conseguem gratificar outros. O Brahma universal (isto é, Pranava), que é a alma das divindades, mora naquele que conhece Brahma. Quando, portanto, tal homem come e é satisfeito, todas as divindades, ó Jajali, ficam gratificadas e estão satisfeitas. (O que se pretende dizer neste verso é que quando tal homem come e é satisfeito, o universo inteiro fica satisfeito. No Vana Parva, Krishna, por engolir uma partícula de sopa grossa satisfez a fome de

milhares de pupilos de Durvasa.) Como alguém que está satisfeito com todos os tipos de sabores não sente desejo por algum sabor específico, da mesma maneira alguém que está satisfeito com conhecimento tem satisfação eterna a qual para ele é uma fonte de felicidade perfeita. Aqueles homens sábios que são o amparo da virtude e cujo deleite está na retidão, são pessoas que têm conhecimento certo do que deve ser feito e do que não deve ser feito. Alguém possuidor de tal sabedoria sempre considera que todas as coisas no universo têm surgido de seu próprio Eu. (Tal homem considera todas as coisas como Brahma, e ele mesmo como Brahma.) Alguns que são dotados de conhecimento, que se esforçam para alcançar a outra margem (deste oceano de vida), e que são possuidores de fé, conseguem chegar à região de Brahman, que é produtiva de bênçãos grandiosas, altamente sagrada, e habitada por pessoas justas, uma região que está livre de tristeza, de onde não há retorno, e onde não há qualquer tipo de agitação ou dor. Tais homens não cobiçam o céu. Eles não adoram Brahma em sacrifícios caros. Eles andam pelo caminho dos justos. Os Sacrifícios que eles realizam são realizados sem dano para qualquer criatura. Estes homens conhecem árvores e ervas e frutas e raízes como as únicas oferendas sacrificais. Sacerdotes cobiçosos, pois eles são desejosos de riqueza, nunca oficiam nos sacrifícios destes homens (pobres). Estes homens regenerados, embora todas as suas ações estejam completadas, ainda realizam sacrifícios pelo desejo de fazer o bem para todas as criaturas e constituindo a si mesmos como oferendas sacrificais. (Isto é, eles realizam Sacrifícios mentais.) Por esta razão, (isto é, porque eles não podem oficiar nos Sacrifícios daqueles que são realmente bons), sacerdotes ávidos oficiam somente nos Sacrifícios daquelas pessoas mal orientadas que, sem se esforçarem para alcançar a Emancipação, buscam o céu. Com relação àqueles, no entanto, que são realmente bons, eles sempre procuram, por realizarem seus próprios deveres, fazer outros ascenderem ao céu. (Eles cumprem seus próprios deveres não para beneficiar a si mesmos mas para o bem de outros.) Olhando para esses dois tipos de comportamento (aquele dos bons e aquele dos desencaminhados), ó Jajali, eu tenho (me abstido de ferir qualquer criatura no mundo e) vim a considerar todas as criaturas com um coração imparcial. Dotados de sabedoria, muitos dos principais Brahmanas realizam Sacrifícios (que com respeito a seus frutos são de dois tipos, pois alguns deles levam à Emancipação de onde não há retorno, e outros levam para regiões de felicidade de onde há retorno). Por realizar aqueles Sacrifícios, eles procedem, ó grande asceta, pelos caminhos trilhados pelos deuses. De uma classe de Sacrificadores (isto é, daqueles que sacrificam por desejo de resultado) há volta (da região que eles alcançam). Daqueles, no entanto, que são realmente sábios (isto é, aqueles que sacrificam sem serem incitados a isso pelo desejo de resultado), não há volta. Embora ambas as classes de sacrificadores, ó Jajali, procedam pelo caminho trilhado pelas divindades (por causa dos sacrifícios que eles realizam), contudo tal é a diferença entre seus fins derradeiros. Em consequência do sucesso que acompanha os propósitos formados na mente de tais homens, touros, sem serem forçados a isso, colocam de boa vontade seus ombros no arado para ajudar na agricultura, e na canga para puxar seus carros, e vacas emanam leite de úberes não tocados por mãos humanas. Criando estacas sacrificais (e as outras coisas necessárias para Sacrifício) por simples decretos da

vontade, eles realizam muitos tipos de Sacrifícios bem completados com presentes abundantes. (O sentido parece ser que eles realizam Sacrifícios mentais, e não sacrifícios reais depois de terem criado por poder-Yoga todos os artigos necessários.) Alguém que é de tal alma purificada pode matar uma vaca (como uma oferenda em Sacrifício. O pecado não tocará tal pessoa, sua alma estando acima da influência das ações). Aqueles, portanto, que não estão nessa condição devem realizar Sacrifícios com ervas e plantas (e não com animais). Já que a Renúncia tem semelhante mérito, é por essa razão que eu a tenho mantido perante meus olhos ao falar contigo. Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele que abandonou todo desejo de resultado, que não se esforça em relação a atos mundanos, que nunca curva sua cabeça para alguém, que nunca profere os louvores de outros, e que é dotado de força embora suas ações tenham sido todas enfraquecidas. (Estas são, naturalmente, indicações de completa Renúncia.) Qual, ó Jajali, será o fim daquele que não recita os Vedas para outros, que não realiza Sacrifícios (corretamente), que não faz doações para Brahmanas (dignos), e que segue uma ocupação na qual cede-se a todo tipo de desejo? Por honrar devidamente, no entanto, os deveres que concernem à Renúncia, alguém indubitavelmente alcança Brahma.'"

"Jajali disse, 'Nós nunca antes, ó filho de um comerciante, ouvimos a respeito dessas doutrinas profundas de ascetas que realizam somente Sacrifícios mentais. Essas doutrinas são extremamente difíceis de compreender. É por esta razão que eu te pergunto (sobre elas). Os sábios de antigamente não eram seguidores daquelas doutrinas de Yoga. Por isso, os sábios que vieram depois deles não as apresentaram (para aceitação geral). Se tu dizes que somente homens de mentes estúpidas falham em realizar sacrifícios no solo da Alma, então, ó filho de um comerciante, por quais ações eles conseguirão realizar sua felicidade? Diga-me isto, ó tu de grande sabedoria! É grande a minha fé nas tuas palavras.'"

"Tuladhara disse, 'Às vezes sacrifícios realizados por algumas pessoas não se tornam sacrifícios (por causa da ausência de fé daqueles que os realizam). Estes homens, isto deve ser dito, não são dignos de realizar qualquer sacrifício (interno ou externo). Com relação ao fiel, no entanto, uma única coisa, isto é, a vaca, é adequada para sustentar todos os sacrifícios por meio de libações abundantes de manteiga clarificada, leite, e coalhos, o pêlo da ponta de seu rabo, seus chifres, e seus cascos. (Com relação àqueles que são pobres, o pó do casco de uma vaca e a água na qual o rabo e os chifres de uma vaca foram lavados são suficientes para capacitá-los a realizar seus sacrifícios.) (Os Vedas declaram que sacrifícios não podem ser realizados por um homem não casado). Ao realizar sacrifícios, no entanto, segundo o modo que eu tenho indicado, (isto é, por se abster da matança de animais e oferecendo somente manteiga clarificada, etc.), alguém pode fazer da Fé sua esposa, por dedicar tais oferendas (inocentes) para as divindades. Por honrar devidamente tais sacrifícios, alguém com certeza alcança Brahma. À exclusão de todos animais (que são certamente impuros como oferendas em sacrifícios), a bola de arroz é uma oferenda digna em sacrifícios. Todos os rios são tão sagrados quanto o Saraswati, e todas as montanhas são sagradas. Ó Jajali, a Alma é ela mesma um Tirtha. (Um tirtha é um local que contém água

sagrada. Uma pessoa deve procurar a aquisição de mérito na alma.) Não ande para cá e para lá sobre a terra para visitar lugares sagrados. Uma pessoa, por cumprir estes deveres (dos quais eu tenho falado e que não envolvem danos para outras criaturas), e por procurar a aquisição de mérito de acordo com sua própria habilidade, (isto é, da melhor maneira que pode, se ele pode realizar um sacrifício com manteiga clarificada ele não deve fazê-lo com o pó dos cascos de uma vaca), sem dúvida consegue alcançar regiões abençoadas após a morte.'"

"Bhishma continuou, 'Estes são os deveres, ó Yudhishthira, que Tuladhara elogiou, deveres que são consistentes com a razão, e que são sempre cumpridos por aqueles que são bons e sábios.'"

264

"Tuladhara disse, 'Veja com teus próprios olhos, ó Jajali, quem, isto é, aqueles que são bons ou aqueles que não são, têm adotado este caminho de dever do qual eu falei. Tu então entenderás devidamente como a verdade permanece. Veja, muitas aves estão pairando no céu. Entre elas estão aquelas que foram criadas sobre tua cabeça, como também muitos falcões e muitas outras de outras espécies. Veja, ó Brahmana, aquelas aves contraíram suas asas e pernas para entrarem em seus respectivos ninhos. Convoque-as, ó regenerado! Lá aquelas aves, tratadas com afeição por ti, estão mostrando seu amor por ti que és pai delas. Sem dúvida, tu és pai delas, ó Jajali! Chame teus filhos.'"

"Bhishma continuou, 'Então aquelas aves, convocadas por Jajali, responderam segundo os ditames daquela religião que não é repleta de injúria para qualquer criatura. Todas as ações que são feitas sem ferir alguma criatura se tornam úteis (para o fazedor) aqui e após a morte. Aquelas ações, no entanto, que envolvem dano para outros, destroem a fé, e a fé sendo destruída, envolvem o destruidor em ruína. Os sacrifícios daqueles que consideram aquisição e não aquisição da mesma maneira, que são dotados de fé, que são autocontrolados, que têm mentes tranquilas, e que realizam sacrifícios por um senso de dever (e não por desejo de resultado), se tornam produtivos de fruto. Fé com respeito a Brahma é a filha de Surya, ó regenerado. Ela é a protetora e ela é a concessora de bom nascimento. Fé é superior ao mérito nascido de recitações (Védicas) e meditação. Uma ação contaminada por defeito da fala (pronúncia incorreta de mantras), é salva pela Fé. Uma ação contaminada por defeito da mente (desatenção, pressa, etc.), é salva pela Fé. Mas nem a fala nem a mente podem salvar uma ação que é contaminada pela falta de Fé. Homens conhecedores das ocorrências do passado recitam sobre isso o seguinte verso cantado por Brahman. ‘As oferendas em sacrifícios de uma pessoa que é pura (em corpo e ações) mas desprovida de Fé, e de outra que é impura (em relação à sua dignidade de aceitação); o alimento, também, de uma pessoa conhecedora dos Vedas mas avarenta em comportamento, e aquela de um usurário de conduta generosa, as divindades, depois de consideração cuidadosa, consideraram como sendo iguais (em relação à sua dignidade de aceitação). O Senhor Supremo de todas as criaturas

(Brahman) então disse a elas que elas tinham cometido um erro. O alimento de uma pessoa generosa é santificada pela Fé. O alimento, no entanto, da pessoa que é desprovida de Fé é perdido por tal falta de Fé. A comida de um usurário generoso é aceitável, mas não a comida de um avarento. Somente uma pessoa no mundo, isto é, aquela que é desprovida de Fé, é inadequada para fazer oferendas para as divindades. Somente a comida de tal homem é imprópria para ser comida. Esta é a opinião de homens conhecedores dos deveres. Falta de Fé é um grande pecado. A Fé é um purificador de pecados. Como uma cobra rejeitando sua pele, o homem de Fé consegue rejeitar todos os seus pecados. A religião de abstenção com Fé é superior a todas as coisas consideradas sagradas. Se abstendo de todos os defeitos de comportamento, aquele que se dirige à Fé se torna santificado. Que necessidade tal pessoa tem de penitências, ou de conduta, ou de resistência? Todo homem tem Fé. A Fé, no entanto, é de três tipos, isto é, como afetada por Sattwa, por Rajas e por Tamas, e de acordo com o tipo de Fé que alguém tem, alguém é chamado. Pessoas dotadas de bondade e possuidoras de compreensão clara do verdadeiro significado de moralidade declararam dessa maneira o assunto dos deveres. Nós, como o resultado de nossas indagações, aprendemos tudo isso do sábio Dharmadarsana. Ó tu de grande sabedoria, dirija-te à Fé, pois então tu obterás aquilo que é superior. Aquele que tem Fé (nas declarações dos Srutis), e que age de acordo com seu significado (na crença de que eles são bons para ele), é certamente de alma virtuosa. Ó Jajali, aquele que adere ao seu próprio caminho é sem dúvida uma pessoa superior.'"

"Bhishma continuou, 'Pouco tempo depois, Tuladhara e Jajali, ambos os quais tinham sido dotados de grande sabedoria, ascenderam para o céu e se divertiram lá em grande felicidade (não na felicidade comum do céu mas na pujança de Yoga), tendo alcançado seus respectivos lugares ganhos por suas respectivas ações. Muitas verdades deste tipo foram faladas por Tuladhara. Aquela pessoa eminente compreendia completamente esta religião (da abstenção de ferir). Esses deveres eternos foram proclamados adequadamente por ele. O regenerado Jajali, ó filho de Kunti, tendo ouvido estas palavras de energia célebre, se dirigiu à tranquilidade. Dessa maneira, muitas verdades de grave importância foram proferidas por Tuladhara, ilustradas por exemplos para instrução. Que outras verdades tu desejas ouvir?'"

265

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada uma antiga narrativa do que foi recitado pelo rei Vichakhy por compaixão por todas as criaturas. Vendo o corpo mutilado de um touro, e ouvindo os gemidos extremamente dolorosos das vacas em um sacrifício no qual vacas eram mortas, e observando os Brahmanas cruéis que se reuniram lá para ajudar nas cerimônias, aquele rei proferiu estas palavras, 'Prosperidade para todas as vacas do mundo!' Quando a matança tinha começado, estas palavras expressivas de uma bênção (para aqueles animais desamparados) foram pronunciadas. E o monarca em seguida disse, 'Somente aqueles que são transgressores de limites definidos, que são desprovidos de

inteligência, ateus e céticos, e que desejam a aquisição de celebridade através de sacrifícios e ritos religiosos falam favoravelmente da matança de animais em sacrifícios. Manu de grande alma tem elogiado (a observância de) inofensividade em todas as ações (religiosas). De fato, homens matam animais em sacrifícios, incitados somente pelo desejo de resultado. Então, guiado por autoridade (em relação à matança e abstenção de matança ou inofensividade) alguém que conhece (as escrituras) deve praticar a verdadeira direção de dever, a qual é extremamente sutil. Inofensividade em direção a todas as criaturas é o maior de todos os deveres. Vivendo na vizinhança de um lugar habitado e ferindo a si mesmo pela observância de votos rígidos, e desconsiderando os frutos indicados de atos Védicos, alguém deve desistir da vida familiar, adotando uma vida de Renúncia. Somente aqueles que são vis são incitados pelo desejo de fruto. Mencionando com reverência sacrifícios e árvores e estacas sacrificais, homens não comem carne corrompida. Esta prática, no entanto, não é digna de louvor. (O significado é este: homens comuns se abstêm de carne corrompida, considerando toda carne que é obtida de animais que não são mortos em sacrifícios e no decorrer de atos religiosos como corrompida. O orador no entanto, considera que esta prática não é digna de aprovação, pois toda carne é corrompida, incluindo aquela de animais mortos em sacrifícios.) Vinho, peixe, mel, carne, álcool, e preparações de arroz e sementes de gergelim, foram introduzidos por patifes. O uso destes (em sacrifícios) não está prescrito nos Vedas. O desejo ardente por eles surge de orgulho, erro de julgamento, e cobiça. Aqueles que são verdadeiros Brahmanas percebem a presença de Vishnu em todo sacrifício. Seu culto, isto foi declarado, deve ser feito com Payasa adequado. (As folhas e flores de) tais árvores como tem sido indicado nos Vedas, qualquer ação que seja considerada como digna e tudo o que é considerado puro pelas pessoas de corações puros e naturezas purificadas, e por aqueles eminentes por conhecimento e santidade, são todos dignos de serem oferecidos à Divindade Suprema e não indignos de Sua aceitação.'"

"Yudhishthira disse, 'O corpo e todos tipos de perigos e calamidades estão constantemente em guerra uns com os outros. Como, portanto, uma pessoa que está totalmente livre do desejo de fazer mal e que por causa disso não está apta para agir, conseguirá sustentar seu corpo?'" (O sentido é este: perigos estão sempre procurando destruir o corpo. O corpo está sempre procurando destruir aqueles destruidores. Essa guerra ou empenho perpétuo implica o desejo de ferir. Como então, pergunta Yudhishthira, é possível para algum homem levar uma vida perfeitamente inofensiva, dano estando implicado no próprio fato da existência continuada?)

"Bhishma disse, 'Alguém deve, quando capaz, adquirir mérito e agir de tal maneira que seu corpo não possa enlanguescer e sofrer dor, e que a morte não possa vir.'" (O sentido, naturalmente, é que alguém deve adquirir mérito religioso sem arruinar seu corpo; alguém não deve fazer seu corpo ser destruído para ganhar mérito.)

266

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó avô, és nosso maior preceptor na questão de todas as ações que são de realização difícil (pelas ordens de superiores de um lado e da crueldade que é envolvida nelas no outro). Eu pergunto, como alguém deve julgar uma ação em relação à obrigação de fazê-la ou de se abster dela? Isto é para ser decidido rapidamente ou com demora?'"

"Bhishma disse, 'Sobre isso é citada a velha história do que ocorreu com relação a Chirakarin nascido na linhagem de Angirasa. Duas vezes abençoado é o homem que reflete muito antes de agir. Alguém que reflete muito antes de agir certamente é possuidor de grande inteligência. Tal homem nunca peca em relação a qualquer ato. Havia uma vez um homem de grande sabedoria, de nome Chirakarin, que era o filho de Gautama. Refletindo por um longo tempo sobre toda consideração ligada com ações propostas, ele costumava fazer tudo o ele tinha que fazer. Ele veio a ser chamado pelo nome de Chirakarin porque ele costumava refletir muito tempo sobre todas as questões, permanecer desperto por muito tempo, dormir por um longo tempo, e levar muito tempo para se pôr a realizar os atos que ele realizava. O clamor de ser um homem preguiçoso aderiu a ele. Ele era também considerado como uma pessoa tola, por todas as pessoas de uma compreensão leviana e desprovidas de previdência. Em certa ocasião, testemunhando uma ação de grande falha em sua esposa, o pai Gautama, ignorando os outros filhos, ordenou em cólera este Chirakarin, dizendo, 'Mate essa mulher.' Tendo dito estas palavras sem muita reflexão, o erudito Gautama, aquela principal das pessoas dedicadas à prática de Yoga, aquele asceta altamente abençoado, foi para as florestas. Tendo depois de um longo tempo concordado com isto, dizendo, 'Assim seja', Chirakarin, por sua própria natureza, e devido ao seu hábito de nunca realizar qualquer ação sem refletir bastante, começou a pensar por um longo tempo (sobre a retidão ou não do que ele tinha sido mandado fazer por seu pai). 'Como eu obedecerei a ordem de meu pai e ainda como evitar matar minha mãe? Como eu evitarei afundar, como uma pessoa má, em pecado nessa situação na qual obrigações contraditórias estão me arrastando em direções opostas? Obediência às ordens do pai constitui o maior mérito. A proteção da mãe também é um dever evidente. A posição de um filho é repleta de dependência. Como eu evitarei ser afligido pelo pecado? Quem é que pode ser feliz depois de ter matado uma mulher, especialmente sua mãe? Quem também pode obter prosperidade e fama por desrespeitar seu próprio pai? Respeito pelas ordens do pai é obrigatório. A proteção de minha mãe igualmente é um dever. Como eu irei moldar minha conduta para que ambas as obrigações possam ser cumpridas? O pai coloca a si mesmo dentro do útero da mãe e toma nascimento como o filho, para continuar suas práticas, conduta, nome e linhagem. Eu fui gerado como um filho por ambos, minha mãe e meu pai. Conhecendo como eu conheço minha própria origem, por que eu não devo ter este conhecimento (de meu relacionamento com ambos)? As palavras proferidas pelo pai enquanto realizando o rito inicial depois do nascimento, e aquelas que foram proferidas por ele na ocasião do rito secundário (depois do retorno da residência do preceptor)

são (evidência) suficiente para determinar a reverência devida a ele e, de fato, confirmam a reverência realmente prestada a ele. (Na ocasião do Jata-karma o pai diz 'Seja tu tão firme quanto diamante', 'Seja tu um machado (para todos os meus inimigos).' O rito upakarma ou secundário é realizado na ocasião de samavartana ou retorno da residência do preceptor. Ele é chamado de secundário porque ele não se encontra entre os ritos prescritos nos Griha Sutras. As palavras proferidas naquela ocasião são, 'Tu és meu próprio ser, ó filho.') Por ele criar o filho e instruí-lo, o pai é o principal dos superiores do filho, e a maior religião. Os próprios Vedas declaram como certo que o filho deve considerar o que o pai diz como seu maior dever. Para o pai o filho é somente uma fonte de alegria. Para o filho, no entanto, o pai é tudo em tudo. O corpo e tudo mais que o filho possui tem somente o pai como seu doador. Então, as ordens do pai devem ser obedecidas sem o menor questionamento. Os próprios pecados de alguém que obedece seu pai são purificados (por tal obediência). O pai é o dador de todos os artigos de alimento, de instruções nos Vedas, e de todo outro conhecimento com relação ao mundo. (Antes do nascimento do filho,) o pai é o realizador de tais ritos como Garbhadhana, (cerimonial ligado ao alcance da puberdade pela esposa), e Simantonnayana, (realizado pelo marido no quarto, sexto, e oitavo mês de gestação, o principal rito sendo a colocação de uma marca mínima sobre a cabeça da esposa, na linha de divisão dos cabelos dela). O pai é a religião. O pai é o céu. O pai é a maior penitência. O pai estando satisfeito, todas as divindades são satisfeitas. Quaisquer palavras que sejam pronunciadas pelo pai se tornam bênçãos que recaem sobre o filho. As palavras expressivas de alegria que o pai profere purificam o filho de todos os seus pecados. A flor é vista abandonar o caule. A fruta é vista abandonar a árvore. Mas o pai, quaisquer que sejam suas aflições, movido por afeto paterno, nunca abandona o filho. Essas então são minhas reflexões sobre a reverência devida do filho ao pai. Para o filho o pai não é um objeto comum. Eu agora pensarei (no que é devido) para a mãe. Desta união dos cinco elementos (primordiais) em mim devido ao meu nascimento como um ser humano, a mãe é a (principal) causa como o bastão de fogo. (Na Índia em toda casa dois bastões eram mantidos para produzir fogo por fricção. Estes foram substituídos pela pederneira e um pedaço de aço, e em seguida pelos palitos de fósforo.) A mãe é como o bastão de fogo com respeito aos corpos de todos os homens. Ela é a panacéia para todos os tipos de calamidades. A existência da mãe cobre alguém com proteção; o contrário priva alguém de toda proteção. O homem que, embora desprovido de prosperidade, entra em sua casa, proferindo as palavras, 'Ó mãe!' não tem que se entregar à aflição. Nem a decrepitude alguma vez o ataca. Um homem cuja mãe existe, mesmo se acontecer de ele possuir filhos e netos e mesmo que ele tenha cem anos, parece com uma criança de apenas dois anos de idade. Capaz ou incapaz, magro ou robusto, o filho é sempre protegido pela mãe. Ninguém mais, segundo a ordenança, é o protetor do filho. Então o filho se torna velho, então ele é tomado pela dor, então o mundo parece vazio aos seus olhos, quando ele fica privado de sua mãe. Não há abrigo (proteção contra o sol) como a mãe. Não há refúgio como a mãe. Não há defesa como a mãe. Não há ninguém tão querido quanto a mãe. Por ter carregado ele em seu útero a mãe é a Dhatri do filho. Por ter sido a principal causa de seu nascimento, ela é sua Janani. Por ter alimentado seus membros jovens para o

crescimento, ela é chamada de Amva. Por gerar um filho possuidor de coragem ela é chamada de Virasu. Por cuidar e proteger o filho ela é chamada de Sura. A mãe é o próprio corpo de alguém. Qual homem racional mataria sua mãe, devido a cujo cuidado somente é que sua própria cabeça não se encontra ao lado da rua como uma cabaça seca? Quando marido e mulher se unem para a procriação, o desejo sentido com respeito ao filho (por nascer) é nutrido por ambos, mas em relação à sua realização mais depende da mãe do que do pai. A mãe conhece a família na qual o filho é nascido e o pai que o gerou. Desde o momento da concepção a mãe começa a demonstrar afeição por seu filho e a deleitar-se com ele. (Por esta razão, o filho deve se comportar igualmente para com ela.) Por outro lado, as escrituras declaram que a prole pertence somente ao pai. Se homens, depois de aceitarem as mãos de esposas em casamento e, se empenhando para ganhar mérito religioso sem estarem separados delas, procuram se unir com esposas de outros homens, eles então cessam de serem dignos de respeito. (A mãe tem conhecimento correto de quem é pai. As ordens do pai, portanto, podem ser colocadas de lado pelo motivo da suspeita que se vincula à sua própria posição como pai. Então, além disso, se o pai for adúltero, ele não deve ser respeitado por conta de sua pecaminosidade. Chirakarin pergunta, 'Como eu posso saber que Gautama é meu pai? Como também eu saberei que ele não é pecaminoso?') O marido, porque ele sustenta a esposa, é chamado de Bhartri, e, porque ele a protege, ele é por causa disso chamado de Pati. Quando estas duas funções desaparecem dele, ele cessa de ser ambos, Bhartri e Pati. (Quando Gautama parou de proteger sua esposa ele também deixou de ser marido dela, sua ordem, portanto, de matá-la, não poderia ser obedecida.) Então também a mulher não pode cometer algum erro. É somente o homem que comete erros. Por cometer uma ação de adultério, somente o homem fica manchado pela culpa. É dito que o marido é o maior objeto em relação à esposa e a maior divindade para ela. Minha mãe entregou sua pessoa sagrada para alguém que veio para ela na forma e aparência de seu marido. Mulheres não podem cometer algum erro. É o homem que fica maculado pelo erro. De fato, pela fraqueza natural do sexo como revelada em toda ação, e sua sujeição à importunação, as mulheres não podem ser consideradas como ofensoras. Então também a pecaminosidade (nesse caso) é manifesta do próprio Indra que (por agir da maneira que ele agiu) fez a recordação do pedido que tinha sido feito a ele nos tempos passados por uma mulher, (quando uma terceira parte do pecado de Brahmanicídio do qual o próprio Indra era culpado foi lançado sobre o sexo dela). Não há dúvida que minha mãe é inocente. Ela, a quem eu fui mandado matar, é uma mulher. Aquela mulher é também minha mãe. Ela ocupa, portanto, um lugar de maior reverência. Os próprios animais que são irracionais sabem que a mãe não deve ser morta. O pai deve ser conhecido como sendo uma combinação de todas as divindades juntas. À mãe, no entanto, se atribui uma combinação de todas criaturas mortais e de todas as divindades.' (O sentido é este: o pai é todas as divindades juntas, pois por reverenciar o pai, todas as divindades são satisfeitas. A mãe, no entanto, é todas as criaturas mortais e imortais juntas, pois por gratificá-la alguém com certeza obtém sucesso aqui e após a morte.) Por seu hábito de refletir muito antes de agir, o filho de Gautama, Chirakarin, por se entregar a essas reflexões, passou um longo tempo (sem fazer a ação que ele tinha sido mandado fazer por seu pai).

Quando muitos dias tinham se passado, seu pai Gautama retornou. Dotado de grande sabedoria, Medhatithi da linhagem de Gautama, dedicado à prática de penitências, voltou (para seu retiro), convencido, depois de ter refletido por aquele longo tempo, da impropriedade do castigo que ele tinha mandado ser infligido sobre sua esposa. Queimando de angústia e derramando lágrimas copiosas, pelo arrependimento que tinha vindo a ele em consequência dos efeitos benéficos daquela tranquilidade de temperamento que é ocasionada por um conhecimento das escrituras, ele proferiu estas palavras, 'O senhor dos três mundos, Purandara, veio ao meu retiro, na aparência de um Brahmana pedindo por hospitalidade. Ele foi recebido por mim com palavras (apropriadas), e honrado com um acolhimento (apropriado), e presenteado na forma devida com água para lavar seus pés e as oferendas usuais de Arghya. Eu também concedi a ele o repouso que ele tinha pedido. Eu em seguida disse a ele que eu tinha obtido um protetor nele. Eu pensei que tal conduta de minha parte iria induzi-lo a se comportar em direção a mim como um amigo. Quando, no entanto, apesar de tudo isso, ele se comportou mal, minha esposa Ahalya não poderia ser considerada como tendo cometido algum erro. Parece que nem minha esposa, nem eu mesmo, nem o próprio Indra que, enquanto passando pelo céu tinha visto minha esposa (e ficado privado de sua razão por sua extraordinária beleza), poderíamos ser considerados como tendo pecado. A culpa realmente se atribui ao descuido do meu poder-Yoga. (Gautama culpa seu próprio descuido em não ter se prevenido, por poder-Yoga, contra a comissão da ofensa.) Os sábios dizem que todas as calamidades provêm da inveja, que, por sua vez, provém do erro de julgamento. Por aquela inveja, também, eu fui arrastado de onde eu estava e fui mergulhado em um oceano de pecado (na forma de assassinato de esposa). Ai, eu matei uma mulher, uma mulher que também é minha esposa, alguém que, por ela compartilhar as calamidades de seu marido veio a ser chamada pelo nome de Vasita, alguém que foi chamada de Bharya devido à obrigação sob a qual eu estava de sustentá-la. Quem é que pode me resgatar deste pecado? Agindo negligentemente eu mandei Chirakarin de grande alma (matar aquela minha esposa). Se na presente ocasião ele confirmar seu nome então ele pode me salvar dessa culpa. Duas vezes abençoado sejas tu, ó Chirakaraka! Se nessa ocasião tu adiaste a realização do trabalho, então tu és realmente digno de teu nome. Salve a mim, e tua mãe, e as penitências que eu tenho realizado, como também a ti mesmo, de graves pecados. Seja realmente um Chirakaraka hoje! Geralmente, por tua grande sabedoria tu tomas um longo tempo para reflexão antes de realizar qualquer ação. Que tua conduta não seja outra hoje! Seja um verdadeiro Chirakaraka hoje. Tua mãe esperou tua chegada por muito tempo. Por muito tempo ela te carregou em seu útero. Ó Chirakaraka, que teu hábito de refletir muito antes de agir seja produtivo de resultados benéficos hoje. Talvez, meu filho Chirakaraka esteja demorando hoje (para concluir minha ordem) em vista da tristeza que me causaria (vê-lo executar aquela ordem). Talvez, ele esteja se preocupando muito com aquela ordem, levando-a em seu coração (sem qualquer intenção de realizá-la prontamente). Talvez, ele esteja adiando, por causa da angústia que isto causaria a ele e a mim, refletindo sobre as circunstâncias do caso.' Entregando-se a tal arrependimento, ó rei, o grande Rishi Gautama então viu seu filho Chirakarin sentado perto dele. Vendo seu pai voltar para sua residência, o filho Chirakarin,

oprimido pela angústia, jogou fora a arma (que ele tinha pegado) e curvando sua cabeça começou a acalmar Gautama. Observando seu filho prostrado diante dele com cabeça inclinada, e vendo também sua esposa quase petrificada por vergonha, o Rishi se encheu de grande alegria. Desde aquele tempo o Rishi de grande alma, residindo naquele eremitério solitário, não viveu separadamente de sua cônjuge ou de seu filho cuidadoso. Tendo proferido a ordem que sua esposa deveria ser morta ele tinha ido embora de seu retiro para realizar algum propósito próprio. Desde aquele tempo seu filho tinha permanecido em uma postura humilde, arma na mão, para executar aquela ordem sobre sua mãe. Vendo seu filho prostrado aos seus pés, o pai pensou que, tomado pelo medo, ele estava pedindo perdão pelo delito que ele tinha cometido ao pegar uma arma (para matar sua própria mãe). O pai elogiou seu filho por um longo tempo, e cheirou sua cabeça por um longo tempo, e por muito tempo o segurou em um abraço apertado, e o abençoou, proferindo as palavras, 'Tenha uma vida longa!' Então, cheio de alegria e contente com o que tinha ocorrido, Gautama, ó tu de grande sabedoria, se dirigiu a seu filho e disse estas palavras, 'Abençoado sejas tu, ó Chirakaraka! Sempre reflita muito antes de agir. Pela tua demora em realizar minha ordem tu hoje me fizeste feliz para sempre!' Aquele erudito e melhor dos Rishis então proferiu estes versos sobre o assunto dos méritos de tais homens calmos que refletem por muito tempo antes de colocarem suas mãos para alguma ação. Se a questão é a morte de um amigo, ele deve realizar isto depois um longo tempo. Se é o abandono de um projeto já começado, ele deve abandoná-lo depois de um longo tempo. Uma amizade que é formada depois de um longo exame dura por muito tempo. Em dar vazão à ira, à arrogância, ao orgulho, a disputas, a atos pecaminosos, e para realizar tarefas desagradáveis demorar muito tempo merece louvor. Quando o delito não é claramente provado contra um parente, um amigo, um empregado, ou uma esposa, aquele que reflete muito antes de infligir o castigo é elogiado.' Assim, ó Bharata, Gautama ficou satisfeito com seu filho, ó tu da linhagem de Kuru, por aquela ação de adiamento da parte do último em cumprir a ordem do primeiro. Em todas as ações um homem deve, dessa maneira, refletir por um longo tempo e então decidir o que ele deve fazer. Por se comportar dessa maneira alguém com certeza evita aflição por um longo tempo. Aquele homem que nunca nutre sua raiva por muito tempo, que reflete por muito tempo antes de se determinar à realização de alguma ação, nunca faz qualquer ação que traga arrependimento. Alguém deve servir por um longo tempo aqueles que são idosos, e sentando perto deles lhes mostrar reverência. Ele deve desempenhar seus deveres por um longo tempo e ficar empenhado por um longo tempo em averiguá-los. Servindo por muito tempo aqueles que são eruditos, e servindo com reverência por muito tempo aqueles que são bons em comportamento, e mantendo sua própria alma por muito tempo sob controle apropriado, alguém consegue desfrutar do respeito do mundo por um longo tempo. Alguém dedicado a instruir outros sobre o assunto de religião e dever, quando questionado por outros por informações sobre estes assuntos, deve tomar um longo tempo para refletir antes de dar uma resposta. Ele pode então evitar se entregar ao arrependimento (por dar uma resposta incorreta cujas consequências práticas possam levar ao pecado). Com relação a Gautama de penitências austeras, aquele Rishi, tendo

adorado as divindades por um longo tempo naquele seu retiro, finalmente ascendeu ao céu com seu filho.'"

267

"Yudhishthira disse, 'Como, de fato, o rei deve proteger seus súditos sem prejudicar alguém? Eu te pergunto isto, ó avô, diga-me, ó principal dos homens bons!'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha narrativa da conversa entre Dyumatsena e o rei Satyavat. Nós soubemos que após certo número de indivíduos terem sido levados para execução por ordem de seu pai (Dyumatsena), o príncipe Satyavat disse certas palavras que nunca antes tinham sido ditas por alguém mais. 'Às vezes a justiça assume a forma de injustiça, e a injustiça assume a forma de justiça. Nunca pode ser possível que o assassinato de indivíduos possa ser uma ação correta.'" (Isto é, o príncipe Satyavat disse que as pessoas levadas para execução não deviam ser executadas. O poder dos reis não se estende sobre as vidas de seus súditos. Em outras palavras o príncipe argumentou contra a retidão de infligir punição máxima até sobre graves ofensores.)

"Dyumatsena disse, 'Se poupar aqueles que merecem ser mortos for justiça, se ladrões forem poupados, ó Satyavat, então as distinções (entre virtude e vício) desaparecerão. 'Isto é meu', 'Este (outro) não é dele', idéias como essas (a respeito de propriedade, se os maus não fossem punidos) não prevaleceriam na era Kali. (Se os maus não fossem punidos) os assuntos do mundo chegariam a um beco sem saída. Se tu sabes como o mundo pode seguir em frente (sem punir os maus), então fale para mim sobre isso.'"

"Satyavat disse, 'As três outras classes (isto é, Kshatriyas, Vaisyas, e Sudras) devem ser colocadas sob o controle dos Brahmanas. Se aquelas três classes forem mantidas dentro dos limites da retidão, então as classes secundárias (que surgiram de mistura) os imitarão em suas práticas. Aqueles entre eles que transgredirem (as ordens dos Brahmanas) devem ser apresentados ao rei. 'Este não atende minhas ordens,' após tal queixa ser proferida por um Brahmana, o rei infligirá castigo sobre o ofensor. Sem destruir o corpo do ofensor o rei deve fazer para ele aquilo que é indicado pelas escrituras. O rei não deve agir de outra maneira, deixando de refletir devidamente sobre o caráter da ofensa e sobre a ciência de moralidade. Por matar os pecaminosos, o rei (praticamente) mata um grande número de indivíduos que são inocentes. Veja, por matar um único ladrão, a esposa dele, mãe, pai e filhos são todos mortos (porque eles ficam privados dos meios de vida). Quando ofendido por uma pessoa má, o rei deve, portanto, refletir profundamente sobre a questão do castigo. Às vezes um homem pecaminoso é visto absorver bom comportamento de uma pessoa virtuosa. Então também de pessoas que são pecaminosas, bons filhos podem ser vistos nascerem. Os pecaminosos, portanto, não devem ser arrancados pelas raízes. O extermínio dos maus não é consistente com a prática eterna. Por atingi-los moderadamente eles

podem ser feitos expiarem seus delitos. Por privá-los de todas as suas riquezas, por correntes e prisão em calabouços, por desfigurá-los (eles podem ser feitos expiarem sua culpa). Seus parentes não devem ser perseguidos pela imposição de sentenças capitais sobre eles. Se na presença do Purohita e outros, eles se entregam a ele por desejo de proteção e juram, dizendo, 'Ó Brahmana, nós nunca mais cometeremos qualquer ação pecaminosa,' eles então merecem ser perdoados sem qualquer punição. Esta é a ordem do próprio Criador. Até o Brahmana que usa uma camurça e o bastão de (mendicância) e que tem sua cabeça raspada, deve ser punido (quando ele transgride). (Isto é, o próprio Sannyasin, quando ele peca, merece ser castigado.) Se grandes homens transgridem, seu castigo deve ser proporcional à sua grandeza. Com relação àqueles que pecam repetidamente, eles não merecem ser dispensados sem castigo como na ocasião de sua primeira ofensa.'"

"Dyumatsena disse, 'Enquanto aquelas barreiras dentro das quais os homens devem ser mantidos não forem ultrapassadas elas devem ser designadas pelo nome de Justiça. Se aqueles que ultrapassam aquelas barreiras não forem punidos com a morte, aquelas barreiras logo serão destruídas. Homens de tempos remotos e ainda mais remotos podiam ser governados com facilidade. (As punições não eram necessárias, ou as muito leves já eram suficientes). Eles eram muito verdadeiros (em palavras e comportamento). Eles eram pouco dispostos a disputas e brigas. Eles raramente se entregavam à raiva, ou, se eles o fizessem, sua ira nunca se tornavam incontrolável. Naqueles tempos o mero grito de vergonha, para os ofensores era castigo suficiente. Depois disso veio o castigo representado por palavras duras ou críticas. Então se seguiu o castigo de multas e confiscos. Nesta era, no entanto, o castigo de morte tornou-se generalizado. A medida de maldade aumentou a tal ponto que por matar um os outros não podem ser refreados; (então extermínio é a punição que se tornou desejável). O ladrão não tem ligação com homens, com as divindades, com os Gandharvas, e com os Pitris. O que ele é para quem? Ele não é alguém para qualquer (pessoa, então por matá-lo nenhum dano é feito para alguém neste ou no outro mundo). Esta é a declaração dos Srutis. O ladrão rouba os ornamentos de cadáveres de cemitérios e usa roupas de homens afligidos por espíritos (e, portanto, privados de razão). É um tolo o homem que faz algum acordo com aqueles patifes miseráveis ou exige algum juramento deles (por confiar nisto).'"

"Satyavat disse, 'Se tu não consegues fazer homens honestos daqueles malandros e nem salvá-los por meios não relacionados com matança, então extermine-os por realizar algum sacrifício. (O príncipe fala de exterminar os elementos nocivos por matá-los como animais em um sacrifício por causa da declaração nos Srutis que aqueles mortos em sacrifícios ascendem para o céu, purgados de todos os seus pecados. Tais atos, portanto, parecem ser mais misericordiosos para o príncipe, comparados à morte por enforcamento ou no cadafalso (de guilhotina).) Reis praticam austeridades severas para permitir que seus súditos continuem prosperamente em suas ocupações. Quando ladrões e assaltantes se multiplicam em seus reinos eles ficam envergonhados. Eles, portanto, se dirigem para penitências para suprimir roubos e assaltos e para fazer

seus súditos viverem felizmente. Os súditos podem ser feitos honestos somente por serem amedrontados (pelo rei). Bons reis nunca matam os pecaminosos por motivos de desforra. (Por outro lado, se eles matam, eles matam em sacrifícios, quando o motivo é fazer o bem para o morto.) Bons reis conseguem abundantemente governar seus súditos devidamente com a ajuda de boa conduta (em vez de imposições cruéis ou punitivas). Se o rei age apropriadamente, os súditos superiores o imitam. As pessoas inferiores, por sua vez, imitam seus superiores imediatos. Os homens são constituídos de maneira que eles imitam aqueles a quem eles consideram como seus superiores. Aquele rei que, sem reprimir a si mesmo, procura reprimir outros (de maus caminhos) se torna um objeto de riso para todos os homens por ele ser dedicado ao desfrute de todos os prazeres mundanos como um escravo de seus sentidos. Aquele homem que, por arrogância ou erro de julgamento, peca contra o rei de alguma maneira, deve ser reprimido por todos os meios. É por este caminho que ele é impedido de cometer delitos de novo. O rei deve primeiro controlar a si mesmo se ele deseja controlar outros que pecam. Ele deve punir severamente (se necessário) até amigos e parentes próximos. Naquele reino onde um delinquente vil não encontra com aflições severas, os delitos aumentam e a virtude diminui sem dúvida. Antigamente, um Brahmana, dotado de clemência e possuidor de conhecimento, me ensinou isso. Em verdade, neste sentido, ó majestade, eu fui instruído também por nosso avô nos tempos passados, que deu tais garantias de inofensividade para o povo, movido por compaixão. Suas palavras foram, 'Na era Krita, reis devem governar seus súditos por adotarem modos que sejam totalmente inofensivos. Na era Treta, reis se comportam de acordo com modos que correspondam com a virtude decaída uma quarta parte de sua quantidade total. Na era Dwapara, eles procedem segundo caminhos conformes com a virtude decaída à metade, e na era que se segue, segundo caminhos conformes com a virtude decaída três quartos. Quando a era Kali começa, pela maldade dos reis e pela natureza da própria época, quinze partes mesmo daquela quarta parte de virtude desaparecem, uma décima sexta parte dela é então tudo o que resta dela. Se, ó Satyavat, por adotar o método mencionado primeiro (isto é, a prática da inofensividade), a confusão começa, o rei, considerando o período de vida humana, a força dos seres humanos, e a natureza da época que chegou, deve conceder punições. (O período de vida humana diminui proporcionalmente em cada era sucessiva, como também a força dos seres humanos. Em conceder punições, o rei deve ser guiado por essas considerações.) De fato, Manu, o filho do Auto-nascido, por compaixão pelos seres humanos, indicou o caminho por meio do qual os homens podem aderir ao conhecimento (em vez de maldade) por causa da emancipação.'"

268

"Yudhishthira disse, 'Tu já me explicaste, ó avô, como a religião de Yoga, que leva aos seis atributos bem conhecidos, pode ser adotada e praticada sem ferir qualquer criatura. Fale-me, ó avô, daquela religião que leva a ambos os

resultados, isto é, Prazer e Emancipação. Entre esses dois, isto é, os deveres da vida familiar ou aqueles de Yoga, ambos os quais levam ao mesmo fim, qual é superior?'"

"Bhishma disse, 'Ambos os rumos de dever são altamente abençoados. Ambos são de realização extremamente difícil. Ambos são produtivos de resultados superiores. Ambos são praticados por aqueles que são reconhecidamente bons. Eu agora te falarei sobre a autoridade dessas duas direções de dever, para dissipar tuas dúvidas acerca de sua verdadeira importância. Ouça-me com atenção concentrada. Sobre isso é citada como exemplo a antiga narrativa da conversa entre Kapila e a vaca. Ouça-a, ó Yudhishthira! É sabido por nós que nos tempos antigos quando a divindade Tvashtri chegou à residência do rei Nahusha, o último, para cumprir os deveres de hospitalidade, estava prestes a matar uma vaca de acordo com a injunção verdadeira, antiga, e eterna dos Vedas. Vendo aquela vaca amarrada para ser morta, Kapila de alma generosa, sempre cumpridor dos deveres de Sattwa, sempre empenhado em controlar seus sentidos, possuidor de conhecimento verdadeiro, e moderado em dieta, tendo obtido uma compreensão excelente que era caracterizada pela fé, perfeitamente destemido, benéfico, firme, e sempre dirigido para a verdade, proferiu estas palavras uma vez, isto é, 'Ai os Vedas!' Naquela hora um Rishi, de nome Syumarasmi, entrando (por poder Yoga) na forma daquela vaca, se dirigiu ao Yati Kapila, dizendo, 'Silêncio, ó Kapila! Se os Vedas são meritórios (por aquelas declarações neles que sancionam a matança de criaturas vivas), por que motivo aqueles outros deveres (repletos de total inofensividade por todas as criaturas) vêm a ser considerados como autoritários? (Atos e conhecimento são indicados nos Vedas. Os Vedas, portanto, sendo autoridade com relação a ambos, um ou o outro não pode ser criticado ou elogiado.) Homens dedicados a penitências e dotados de inteligência, e que têm os Srutis e o conhecimento como seus olhos, consideram as injunções dos Vedas, que são declaradas e compiladas por Rishis, como sendo as palavras do próprio Deus. O que alguém pode dizer (como censura ou louvor) com respeito ao conteúdo dos Vedas, quando acontece de estas serem as palavras do próprio Ser Supremo que é livre do desejo de resultado, que é sem a febre (de inveja e aversão), que é afeito à nada, e que é desprovido de todo esforço (por causa da realização imediata de todos os seus desejos)?'"

"Kapila disse, 'Eu não critico os Vedas. Eu não desejo dizer algo em depreciação a eles. É sabido por nós que as diferentes direções de dever prescritas para os diferentes modos de vida, todos levam ao mesmo fim. O Sannyasin alcança um fim sublime. O recluso na floresta também alcança um fim sublime. Os outros dois também, isto é, o chefe de família e o Brahmacharin, alcançam o mesmo fim. Todos os quatro modos de vida sempre foram considerados como caminhos Deva-yana, (isto é, aqueles pelos quais a Alma é alcançada). A relativa força ou fraqueza destes, como representada por sua relativa superioridade ou inferioridade, foram declaradas no caráter de seus respectivos fins. (O Sannyasin alcança Moksha ou Emancipação, o recluso na floresta a região de Brahma, o chefe de família alcança o céu (região das

divindades presidida por Indra), e o Brahmacharin alcança a região dos Rishis.) Conhecendo estes, realize ações que levam para o céu e outras bênçãos, esta é uma declaração Védica. Não realize ações, esta também é outra declaração obrigatória dos Vedas. Se abstenção de ações é meritória, então sua realização deve ser extremamente repreensível. Quando as escrituras colocam dessa maneira, a força ou fraqueza de declarações específicas devem ser muito difíceis de serem averiguadas. Se tu conheces algum rumo de dever que seja superior à religião de inofensividade, e que dependa de evidência direta em vez de aquela das escrituras, então fale para mim sobre isso.'"

"Syumarasmi disse, 'Alguém deve realizar sacrifício pelo desejo de céu, este Sruti é constantemente ouvido por nós. Pensando primeiro no resultado (que é para ser alcançado), ele faz os preparativos para o sacrifício. Cabra, cavalo, vaca, todas as espécie de aves, domésticas ou selvagens, e ervas e plantas, são alimento de (outras) criaturas vivas. Isto é sabido por nós. (O comentador explica que tendo começado com a afirmação que homens devem sacrificar por desejo de céu, o orador teme que o ouvinte possa negar a própria existência do céu. Por isso, ele usa um motivo mais garantido para justificar a matança, isto é, o motivo que está ligado com a consideração de alimento. Criaturas vivas devem comer para viver. A própria manutenção da vida depende da matança de vida. Matança, portanto, é justificada pela maior necessidade.) O alimento também é ordenado para ser comido dia após dia de manhã e à noite. Então também o Sruti declara que animais e grãos são os membros do Sacrifício, (isto é, são os requisitos essenciais do Sacrifício). O Senhor do universo os criou junto com Sacrifício. O Senhor pujante de todas as criaturas fez as divindades realizarem sacrifícios com sua ajuda. No total sete animais (domésticos, que são: vaca, cabra, homem, cavalo, ovelha, mula, e asno) e sete animais (selvagens, que são: leão, tigre, javali, búfalo, elefante, urso, e macaco) são indicados como adequados para sacrifício. Em vez de todos serem igualmente adequados, cada um sucessivo é inferior ao precedente. Os Vedas também declaram que todo o universo é designado para sacrifício. Aquele também que é chamado de Purusha os Vedas designaram para o mesmo propósito. Isto também foi sancionado por homens de tempos antigos e remotos. Que homem de erudição não selecionaria, segundo sua própria habilidade, indivíduos dentre criaturas vivas para sacrifício? Os animais inferiores, seres humanos, árvores, e ervas, todos desejam a obtenção do céu. Não há meios, no entanto, exceto sacrifício, pelos quais eles podem obter a realização daquele desejo. As ervas decíduas, animais, árvores, trepadeiras, manteiga clarificada, leite, coalhos, carne e outras coisas aprovadas (que são despejadas no fogo sacrifical), terra, os pontos do horizonte, fé, e o tempo que cria o total de doze, os Richs, os Yajuses, os Samans, e próprio sacrificador criando o total de dezesseis, e Fogo o qual deve ser conhecido como o chefe de família, estes dezessete são citados como sendo os membros do sacrifício. O Sacrifício, o Sruti declara, é a base do mundo e sua direção. Com manteiga clarificada, leite, coalhos, estrume, coalhos misturados com leite, pele, o cabelo de seu rabo, chifres, e cascos, só a vaca pode fornecer todos os artigos necessários para o sacrifício. Alguns específicos entre estes que são prescritos para sacrifícios específicos, unidos com Ritwijas e presentes (para os próprios sacerdotes e outros

Brahmanas), juntos sustentam sacrifícios. (Todos os produtos da vaca que são citados aqui não são necessários em todos os sacrifícios. Alguns são requeridos em alguns, outros em outros. Aqueles então que são requeridos, quando unidos com Ritwijas e Dakshina, completam os respectivos sacrifícios ou os mantêm ou sustêm.) Por juntar essas coisas, pessoas realizam sacrifícios. Este Sruti, consistente com a verdade, é ouvido: que todas as coisas foram criadas para a realização de sacrifício. Foi dessa maneira que todos os homens dos tempos antigos se puseram a realizar sacrifícios. Com relação àquela pessoa, no entanto, que realiza sacrifícios por causa da convicção que sacrifícios devem ser realizados e não por causa do fruto ou recompensa, é visto que ela não fere qualquer criatura ou se comporta com hostilidade com qualquer coisa, ou se dirige para a realização de alguma tarefa mundana. Aquelas coisas que foram citadas como os membros do sacrifício, e aquelas outras coisas que foram mencionadas como requeridas em sacrifícios e que são indicadas nas ordenanças, todas sustêm umas às outras (para a conclusão de sacrifícios) quando usadas segundo o ritual sancionado. Eu vejo também os Smritis compilados pelos Rishis, nos quais os Vedas foram introduzidos. Homens de erudição os consideram como autoritários por eles seguirem os Brahmanas. (Brahmanas aqui significa aquela parte dos Vedas que contém o ritual.) Sacrifícios têm os Brahmanas como seus progenitores, e realmente eles dependem dos Brahmanas. O universo inteiro depende de sacrifício, e o sacrifício depende do universo. (Cada um constitui o refúgio do outro.) A sílaba Om é a base da qual os Vedas surgiram. (Todos os ritos, portanto, devem começar com a declaração daquela sílaba de vasta importância.) A respeito daquele que tem proferido por ele as sílabas Om, Namas, Swaha, Svadha, e Vashat, e que, segundo a extensão de sua habilidade, tem realizado sacrifícios e outros ritos, não há medo em relação à próxima vida em todos os três mundos. Assim dizem os Vedas, e sábios coroados com sucesso ascético, e os principais dos Rishis. Aquele em quem estão os Richs, os Yajuses, os Samans, e as expletivas (tais como hayi, havu, etc.) necessárias para completar o ritmo dos Samans de acordo com as regras prescritas em gramáticas Védicas, é, de fato, um Brahmana. Tu sabes, ó Brahmana adorável, quais são os frutas do Agnihotra, do Sacrifício Soma, e dos outros grandes sacrifícios. Eu digo, por esta razão, que alguém deve sacrificar e ajudar nos sacrifícios de outras pessoas, sem escrúpulos de qualquer tipo. Alguém que realiza tais sacrifícios que levam ao céu (tais como Jyotishtoma, etc.) obtém grandes recompensas após a morte na forma de beatitude celestial. Isto é certo, isto é, que aqueles que não realizam sacrifícios não têm nem este mundo nem o próximo. Aqueles que realmente conhecem as declarações dos Vedas consideram ambos os tipos de declarações (isto é, aquelas que incitam às ações e aquelas que pregam abstenção) como igualmente autoritárias.'"

269

"Kapila disse, 'Vendo que todos os frutos que são obteníveis pelas ações são finitos em vez de serem eternos, os Yatis, por adotarem autodomínio e

tranquilidade, alcançam Brahma pelo caminho do conhecimento. Não há nada em algum dos mundos que possa impedi-los, (pois por meros decretos de sua vontade eles coroam todos os seus desejos com êxito). Eles estão livres da influência de todos os pares de opostos. Eles nunca curvam suas cabeças para alguma coisa ou alguma criatura. Eles estão acima de todos os grilhões da necessidade. A Sabedoria é deles. Eles são purificados de todos os pecados. Puros e sem mácula eles vivem e viajam por todos os lugares (em grande felicidade). Eles, em suas próprias compreensões, chegaram a conclusões firmes a respeito de todos os objetos destrutíveis e de uma vida de Renúncia (por compararem os dois). Devotados a Brahma, já tendo se tornado como Brahma, eles tomaram refúgio em Brahma. Transcendendo a dor, e livres da (qualidade de) Rajas, são deles as aquisições que são eternas. Quando o fim excelente que é destes homens está ao alcance, que necessidade alguém tem de praticar os deveres do modo de vida familiar?'" (Pois, como o comentador explica, alguém que obteve um império não procura uma esmola de caridade. Em vista do fim sublime que a Renúncia sem dúvida traz, que necessidade uma pessoa tem do modo de vida familiar o qual leva a recompensas que são insignificantes comparadas à outra?)

"Syumarasmi disse, 'Se, de fato, aquele for o maior objeto de aquisição, se aquele for realmente o fim mais elevado (que é alcançado pela prática da Renúncia), então a importância do modo de vida familiar se torna evidente, porque sem o modo familiar nenhum outro modo de vida se torna possível. De fato, como todas as criaturas vivas podem viver por sua dependência de suas respectivas mães, da mesma maneira os três outros modos de vida existem por causa de sua dependência do modo familiar. O chefe de família que leva uma vida familiar realiza sacrifícios, e pratica penitências. O que quer que seja feito por alguém por desejo de felicidade tem por sua base o modo de vida familiar. Todas as criaturas vivas consideram a procriação de prole como uma fonte de grande felicidade. A procriação de prole, no entanto, se torna impossível em algum outro modo de vida (que não seja a vida familiar). Todas as espécies de grama e palha, todas as plantas e ervas (que produzem cereais ou grãos), e outros da mesma classe que crescem em colinas e montanhas, têm o modo de vida familiar como sua base, (porque eles são cultivados ou colhidos por pessoas que levam uma vida familiar). Deles depende a vida de criaturas vivas. E já que nada mais é visto (no universo) que não seja vivo, a vida familiar pode ser considerada o refúgio do universo inteiro. Quem então fala a verdade quando diz que a vida familiar não pode levar à conquista da Emancipação? Somente aqueles que são desprovidos fé e de sabedoria e perspicácia, somente aqueles que são desprovidos de reputação e que são indolentes e cansados de trabalhar, que têm miséria como sua quota em consequência de suas ações passadas, somente aqueles que são desprovidos de conhecimento, vêem a plenitude da tranquilidade em uma vida de mendicância. As distinções eternas e certas (declaradas nos Vedas) são as causas que sustentam os três mundos. Aquela pessoa ilustre da mais alta classe que está familiarizada com os Vedas é adorada desde a própria data de seu nascimento. Além da realização do Garbhadhana, mantras Védicos se tornam necessários para capacitar pessoas da classe regenerada para realizar todos os seus atos em

relação a este e ao outro mundo. (Traduzidas literalmente, as palavras são: 'Sem dúvida, mantras Védicos entram em pessoas das classes regeneradas em relação a atos cujos efeitos são vistos e atos cujos efeitos em vez de serem vistos dependem da evidência das escrituras.') Ao cremar seu corpo (depois da morte), na questão de sua obtenção de um segundo corpo, naquela de sua bebida e comida depois de tal obtenção, da doação de vacas e outros animais para ajudá-lo a cruzar o rio que divide a região de vida daquela de Yama, naquela de afundar os bolos fúnebres em água, mantras védicos são necessários. Então também as três classes de Pitris, isto é, os Archishmats, os Varhishads, e os Kravyads, aprovam a necessidade de mantras no caso dos mortos, e mantras são admitidos como causas eficientes (para a obtenção de objetivos pelos quais estas cerimônias e ritos são mandados serem realizados). Quando os Vedas dizem isso tão sonoramente e quando também seres humanos são citados como tendo dívidas com os Pitris, os Rishis, e os deuses, como alguém pode alcançar a Emancipação?

(Mantras são necessários para cremar o corpo de um Brahmana morto. Mantras também são necessários para ajudar o espírito morto a obter uma forma brilhante (no mundo seguinte ou neste se houver renascimento). Esses mantras são, naturalmente, proferidos em Sraddhas. Depois que o espírito morto foi provido, com a ajuda de mantras, com um corpo, alimento e bebida são oferecidos para ele com a ajuda de mantras. Vacas e animais são doados pelos representantes do morto para capacitar o ancestral morto a cruzar o Vaitarani (o rio que flui entre os dois mundos) e para habilitá-lo a se tornar feliz no céu. O bolo fúnebre, além disso, de acordo com a ordenança, é afundado em água para fazê-lo facilmente obtenível por aquele para quem ele é oferecido. Por se tornar um ser humano alguém herda três dívidas. Por meio de estudo ele paga sua dívida com os Rishis, pela realização de sacrifícios ele paga sua dívida com os deuses, e por gerar filhos ele se livra da dívida que ele tem com os Pitris. O argumento então é este: quando os Vedas, os quais são as palavras da Divindade Suprema, prescreveram esses mantras para a obtenção de tais objetos no mundo seguinte, como pode a Emancipação, a qual envolve uma existência incorpórea transcendente à própria (forma) Karana ser possível? As próprias declarações dos Vedas em favor das ações são inconsistentes com existência incorpórea ou com a negação de existência com consciência dual de conhecedor e conhecido.)

Essa doutrina falsa (da existência incorpórea chamada Emancipação), aparentemente vestida em cores de verdade, mas subversiva do propósito real das declarações dos Vedas, tem sido introduzida por homens eruditos desprovidos de prosperidade e tomados pela ociosidade. Aquele Brahmana que realiza sacrifícios segundo as declarações dos Vedas nunca é seduzido pelo pecado. Através de sacrifícios, tal pessoa alcança regiões elevadas de felicidade junto com os animais que ele matou naqueles sacrifícios, e ele mesmo, satisfeito pela aquisição de todos os seus desejos consegue satisfazer aqueles animais por realizar os desejos deles. Por desconsiderar os Vedas, por fraude, ou por engano, alguém nunca consegue alcançar o Supremo. Por outro lado, é por praticar os ritos prescritos nos Vedas que alguém consegue alcançar Brahma.'"

"Kapila disse, '(Se as ações são obrigatórias, então) há o Darsa, o Paurnamasa, o Agnihotra, o Chaturmasya, e outras ações para o homem de inteligência. Em seu desempenho existe mérito eterno. (Por que então realizar ações que envolvem crueldade)? Aqueles que se dirigiram ao modo de vida Sannyasa, que se abstêm de todas as ações, que são dotados de paciência, que estão purificados (da ira e de todos os defeitos), e que conhecem Brahma, conseguem por tal conhecimento de Brahma pagar as dívidas (das quais tu falaste) com os deuses (os Rishis, e os Pitris) descritos como sendo muito afeiçoados às libações despejadas em sacrifícios. Os próprios deuses ficam pasmos ao traçarem o caminho daquela pessoa sem rastro que constitui ela mesma a alma de todas as criaturas e que olha todas as criaturas com um olhar igual. Pelas instruções recebidas do preceptor alguém sabe que aquilo que mora dentro deste corpo (a Alma Universal) é de uma natureza quádrupla; (tudo envolvente, fina como o fio mais fino e que permeia tudo, possuidora de onisciência, e imaculada), tendo além disso quatro portas e quatro bocas. (Suas quatro bocas são suas quatro fontes de desfrute ou prazer, que são o corpo, os sentidos, a mente, e a compreensão.) Por (possuírem) dois braços, o órgão da fala, o estômago, e o órgão de prazer, os próprios deuses são citados como tendo quatro portas. Alguém deve, portanto, se esforçar o melhor que puder para manter aquelas portas sob controle. (O Kartritwa ou poder de ação é então indicado pela menção às portas que são os dois braços, etc., estes operam como portas para fechar ou confinar a alma dentro de sua câmara. Eles são as telas ou avaranas que escondem sua real natureza. Os próprios deuses sentem sua força, sendo incapazes de transcender a eles ou suas exigências. Aquele que deseja superá-los e brilhar em sua própria natureza imaculada deve procurar controlá-los ou reprimi-los.) Não se deve apostar com dados. Não se deve se apropriar do que pertence a outro. Não se deve ajudar no sacrifício de uma pessoa de nascimento ignóbil. Não se deve, cedendo à cólera, golpear outro com mãos ou pés. Aquele homem inteligente que se comporta dessa maneira é citado como tendo suas mãos e pés bem controlados. Uma pessoa não deve se entregar a insultos ou críticas vociferantes. Não se deve falar palavras que são inúteis. Deve-se se abster da desonestidade e de caluniar outros. Deve-se cumprir o voto de veracidade, ser econômico em palavras, e sempre atento.' Por se comportar dessa maneira alguém terá seu órgão de fala bem dominado. Não se deve se abster totalmente de comida. Não se deve comer demais. Deve-se rejeitar a cobiça, e sempre procurar a companhia dos bons. Deve-se comer somente tanto quanto é preciso para manter a vida. Por se comportar dessa maneira alguém consegue controlar devidamente a porta representada por seu estômago. Não se deve, ó herói, tomar outra esposa lascivamente quando se tem uma cônjuge casada (com quem realizar todas as ações religiosas). Nunca se deve convocar uma mulher para a cama exceto em sua época apropriada. O homem deve se limitar à sua própria esposa sem procurar ato sexual com outras mulheres. Por se comportar dessa maneira alguém é citado como tendo o órgão de prazer devidamente controlado. É realmente uma pessoa regenerada aquele homem de sabedoria que tem todas as suas quatro portas, isto é, o órgão de prazer, o estômago, os dois braços (e os dois pés), e o órgão da fala, devidamente controlados. Tudo se torna inútil daquela pessoa cujas portas não são bem controladas. O que pode fazer a penitência de tal homem? O

que seus sacrifícios podem ocasionar? O que pode ser realizado por seu corpo? Os deuses reconhecem como um Brahmana aquele que rejeitou suas peças de roupa superiores (isto é, que se veste muito escassamente somente por causa de decência e não de esplendor), que dorme na terra nua, que faz de seu braço um travesseiro, e cujo coração possui tranquilidade. Aquela pessoa que, dedicada à contemplação, desfruta sozinha de toda a felicidade que casais desfrutam, e que não dirige sua atenção para as alegrias e angústias de outros, deve ser conhecida como um Brahmana. Aquele homem que compreende corretamente tudo isso como isso existe em realidade e suas transformações multiformes, e que sabe qual é o fim de todos os objetos criados, é conhecido pelos deuses como um Brahmana. (Em realidade todas as coisas são, naturalmente, Brahma. Seus aspectos externos são somente transformações. O fim de todas as criaturas é morte e renascimento até que ocorra absorção em Brahma por meio de Yoga.) Aquele que não tem medo de nenhuma criatura e de quem nenhuma criatura tem medo, e que constitui ele mesmo a alma de todas as criaturas, deve ser conhecido como um Brahmana. Sem terem obtido pureza de coração, a qual é o resultado verdadeiro de todos os atos pios tais como caridade e sacrifícios, homens de compreensões superficiais não conseguem obter um conhecimento do que é preciso para fazer de alguém um Brahmana, mesmo quando explicado por preceptores. Desprovidos de um conhecimento de tudo isso, aqueles homens desejam frutos de uma espécie diferente, isto é, o céu e suas alegrias. Incapazes de praticar até uma pequena parte daquela boa conduta que veio dos tempos remotos, que é eterna, que é caracterizada pela certeza, que entra como um fio em todos os nossos deveres, e por adotar a qual homens de conhecimento pertencentes a todos os modos de vida convertem seus respectivos deveres e penitências em armas terríveis para destruir a ignorância e males da mundanidade, homens de compreensões superficiais consideram as ações que são produtivas de resultados visíveis, que são repletas da maior pujança, e que são imortais, como inúteis afinal e como desvios (do curso apropriado) não sancionados pelas escrituras. Em verdade, no entanto, aquela conduta, envolvendo como envolve práticas exatamente opostas daquelas que são vistas em épocas de infortúnio, é a própria essência da atenção e nunca é afetada pela luxúria e ira e outras paixões de um tipo similar. (Em resumo, o orador, nesses três versos, deseja inculcar que homens sábios, qualquer que seja seu modo de vida, cumprem seus deveres. Mas em virtude do nishkama dharma que eles seguem, eles convertem aqueles deveres e suas penitências em meios eficientes para dissipar a escuridão da ignorância. Tolos, por outro lado, incapazes de praticar aquele nishkama dharma, consideram ele e o próprio Yoga como inúteis e sem valor embora as recompensas que estes conferem sejam visíveis.) Com relação a sacrifícios também, é muito difícil apurar todos os seus detalhes. Se apurados, é muito difícil cumpri-los na prática. Se praticados, os frutos aos quais eles levam são finitos. Note bem isto. (E, notando isto, te dirija ao caminho do conhecimento).'"

"Syumarasmi disse, 'Os Vedas aprovam a ação e as desaprovam. De onde então é sua autoridade quando suas declarações contradizem dessa maneira

umas às outras? A renúncia às ações, também, é produtiva de grande benefício. Ambas são indicadas nos Vedas. Fale-me sobre este assunto, ó Brahmana!'"

"Kapila disse, 'Dirigindo-se para o caminho do bem (isto é, Yoga), percebam mesmo nesta vida seus resultados pela evidência direta de seus sentidos. Quais, no entanto, são os resultados visíveis daqueles outros objetos que vocês (homens de ações) perseguem?'"

"Syumarasmi disse, 'Ó Brahmana, eu sou Syumarasmi por nome. Eu vim aqui para adquirir conhecimento. Desejoso de fazer bem para mim mesmo, eu comecei essa conversa em franqueza natural e não por desejo de discussão. A dúvida sombria tomou posse da minha mente. Ó ilustre, esclareça-a para mim. Tu disseste que aqueles que pegam o caminho do bem (Yoga), pelo qual Brahma é alcançado, percebem seus frutos pela evidência direta de seus sentidos. O que, de fato, é aquilo que é assim perceptível pela evidência direta dos sentidos e que é buscado por vocês mesmos? Evitando todas as ciências que têm somente a disputa como seu principal objetivo, eu estudei o Agama de modo que dominei seu verdadeiro significado. Por Agama eu entendo as declarações dos Vedas. Eu também incluo nesse termo aquelas ciências baseadas na lógica que têm por seu objetivo apresentar o sentido real dos Vedas. Sem evitar os deveres prescritos para o modo de vida específico que alguém possa levar, ele deve seguir as práticas declaradas no Agama. Tal observância das práticas prescritas no Agama coroam alguém com êxito. Pela certeza das conclusões de Agama, o sucesso ao qual o último leva pode ser citado como sendo quase realizável pela evidência direta. Como um barco que está amarrado a outro com destino a um porto diferente não pode levar seus passageiros ao porto que eles desejam alcançar, assim mesmo nós, arrastados por nossas ações devido a desejos passados, nunca podemos cruzar o rio interminável de nascimento e morte (e alcançar o céu de descanso e paz que nós possamos ter em vista). Fale para mim sobre este assunto, ó ilustre! Me ensine como um preceptor ensina um discípulo. Não pode ser encontrado entre os homens alguém que tenha renunciado completamente a todos os objetos mundanos, nem alguém que esteja perfeitamente contente consigo mesmo, nem alguém que tenha transcendido a dor, nem alguém que esteja perfeitamente livre de doenças, nem alguém que esteja absolutamente livre do desejo de agir (para seu próprio benefício), nem alguém que tenha uma aversão absoluta por companhia, nem alguém que tenha se abstido totalmente de ações de todos os tipos. Mesmo homens como vocês mesmos são vistos cederem à alegria e se entregarem à aflição como pessoas como nós. Como outras criaturas os sentidos de pessoas como vocês têm suas funções e objetos. Diga-me em que consiste então, se nós temos que investigar a questão da felicidade, a felicidade pura para todas as quatro classes de homens e todos os quatro modos de vida os quais têm, em relação às suas inclinações, a mesma base.'"

"Kapila disse, 'Quaisquer que sejam os Sastras em conformidade como os quais alguém realize as ações que ele se sinta inclinado a fazer, as ordenanças prescritas neles para regular aquelas ações nunca se tornam inúteis. Qualquer que seja também a escola de opinião segundo a qual alguém se comporte, ele com certeza alcançará o fim mais elevado somente por cumprir os deveres de

autodomínio de Yoga. O conhecimento ajuda aquele homem que o procura a atravessar (este rio interminável de vida e morte). Aquela conduta, no entanto, que homens seguem depois de se desviarem do caminho do conhecimento, os aflige (por sujeitá-los aos males de vida e morte). É evidente que vocês são possuidores de conhecimento e dissociados de todos os objetos mundanos que possam produzir aflição. Mas algum de vocês alguma vez conseguiu adquirir aquele conhecimento pelo qual tudo pode ser olhado como idêntico à única Alma Universal? (Este é aquele estado da mente no qual alguém percebe sua identidade com tudo no universo. Este é aquele conhecimento verdadeiro que traz Emancipação ou que é a própria Emancipação.) Sem uma compreensão correta das escrituras, há alguns, afeiçoados à disputa, que, por serem oprimidos por desejo e aversão, se tornam escravos do orgulho e da arrogância. Sem terem entendido corretamente o sentido das declarações escriturais, aqueles ladrões das escrituras (porque eles procuram privar as escrituras de seu verdadeiro significado), aqueles depredadores de Brahma (porque eles negam a própria existência da Divindade), influenciados por arrogância e erro, se recusam a buscar tranquilidade e praticar autodomínio. Estes homens vêem inutilidade por todos os lados, e se (por acaso), eles conseguem obter a pujança do conhecimento, eles nunca o comunicam para outros para resgatá-los. Compostos totalmente da qualidade de Tamas, eles têm somente Tamas como seu refúgio. Alguém se torna sujeito a todos os incidentes daquela natureza a qual ele absorve. Consequentemente, naquele que tem Tamas como seu refúgio, os sentimentos de inveja, luxúria, ira, orgulho, mentira, e vaidade crescem continuamente, pois as qualidades de alguém têm a natureza desse alguém como sua origem. Pensando desta maneira e vendo esses defeitos (pela ajuda de instruções recebidas de preceptores), os Yatis, que cobiçam o fim mais sublime, se dirigem para Yoga, deixando ambos, o bem e o mal.'"

"Syumarasmi disse, 'Ó Brahmana, tudo o que eu tenho dito (sobre o caráter louvável das ações e o caráter oposto da Renúncia) está estritamente de acordo com as escrituras. É, no entanto, muito verdadeiro que sem uma compreensão correta do sentido das escrituras, alguém não se sente inclinado a obedecer o que as escrituras realmente declaram. Qualquer conduta que seja consistente com equidade é consistente com as escrituras. Isso mesmo é o que o Sruti declara. Similarmente, qualquer conduta que seja inconsistente com equidade não está de acordo com as escrituras. Isto também é declarado pelo Sruti. É certo que ninguém pode fazer uma ação que é escritural por contrariar as escrituras. Não é escritural também aquilo que é contra os Vedas. O Sruti declara isto. Muitos homens, que acreditam somente naquilo que apela diretamente para seus sentidos, vêem somente este mundo (e não o que é endereçado nas escrituras para a Fé). Eles não vêem o que as escrituras declaram como sendo defeitos. Eles têm, consequentemente, como nós, que ceder à aflição. Aqueles objetos dos sentidos com os quais homens como vocês estão relacionados são os mesmos com os quais outras criaturas vivas estão relacionadas. Contudo por causa de seu conhecimento da alma e da ignorância deles sobre isto, como é vasta a diferença que existe entre vocês e eles! Todas as quatro classes de homens e todos os quatro modos de vida, embora seus deveres sejam diferentes, procuram o mesmo

fim único (isto é, a maior felicidade). Tu és possuidor de talentos e habilidades não questionados. Por determinar aquela direção específica de conduta (entre aqueles vários deveres), a qual é bem calculada para realizar o fim desejado, tu, por discursares para mim sobre o Infinito (Brahma), encheste minha alma de tranquilidade. Com relação a nós, por nossa incapacidade de compreender a Alma, nós somos desprovidos de uma compreensão correta da realidade. Nossa sabedoria está relacionada com coisas que são inferiores, e nós estamos envolvidos em densa escuridão. (A direção de conduta, no entanto, que tu indicaste para capacitar alguém para alcançar a Emancipação, é extremamente difícil de se praticar.) Somente aquele que é devotado ao Yoga, que tem cumprido todos os seus deveres, que é capaz de vagar por todos os lugares dependendo somente de seu próprio corpo, que tem trazido sua alma sob controle perfeito, que transcendeu os requisitos da ciência de moralidade e que desconsidera o mundo inteiro (e tudo pertencente a ele), pode contrariar as declarações dos Vedas com relação às ações, e dizer que há Emancipação. (Somente uma vida de Renúncia, tão difícil de seguir, pode levar à Emancipação.) Para alguém, no entanto, que vive no meio de parentes, este rumo de conduta é extremamente difícil de ser seguido. Caridade, estudo dos Vedas, sacrifícios, geração de prole, simplicidade de comportamento; quando mesmo por praticar estes ninguém consegue alcançar a Emancipação, que vergonha para aquele que procura alcançá-la, e para a própria Emancipação que é procurada! Parece que o trabalho gasto em alcançá-la é todo inútil. Alguém se torna acusável de ateísmo se ele desrespeita os Vedas por não fazer as ações que eles ordenam. Ó ilustre, eu desejo ouvir sem demora sobre aquela (Emancipação) que vem nos Vedas depois das declarações em favor das ações. Diga-me a verdade, ó Brahmana! Eu sento aos teus pés como um discípulo. Ensine-me amavelmente! Eu desejo saber tanto acerca da Emancipação quanto é sabido por ti, ó erudito!'"

270

"Kapila disse, 'Os Vedas são considerados como autoritários por todos. As pessoas nunca os desconsideram. Brahma é de dois tipos, isto é, Brahma como representado pelo som, e Brahma como Supremo (e intangível). (Os Vedas são Savda-Brahma ou Brahma como representado pelo som.) Alguém familiarizado com Brahma representado pelo som consegue alcançar o Brahma Supremo. Começando com os ritos de Garbhadhana, aquele corpo que o pai cria com a ajuda de mantras Védicos é purificado (depois do nascimento) pelos mantras Védicos. (Um homem se aproxima de sua esposa depois de realizar o rito de Garbhadhana. Naquele rito, diferentes divindades são invocadas para desenvolverem os diferentes órgãos e partes do corpo da criança a ser gerada. Assim gerado, o corpo da criança é, depois do nascimento, limpo ou purificado. Tudo isso requere a ajuda dos mantras Védicos. O que Kapila deseja ensinar é que começando com ações, o conhecimento deve finalmente ser adquirido.) Quando o corpo foi limpo pelos ritos purificatórios (realizados com a ajuda de mantras Védicos), o dono então vem a ser chamado de um Brahmana e se torna

um recipiente adequado para receber conhecimento de Brahma. Saiba que a recompensa das ações é pureza de coração a qual somente leva à Emancipação. Eu agora te falarei disso. Se pureza de coração foi obtida ou não (por meio da realização de ações), é o que pode ser sabido pela própria pessoa que a obteve. Isto nunca pode ser conhecido com a ajuda dos Vedas ou inferência. Aqueles que não nutrem expectativa, que se desfazem de todo tipo de riqueza por não armazenarem qualquer coisa para uso futuro, que não são cobiçosos, e que estão livres de todo tipo de afeição e aversão, realizam sacrifícios por causa da convicção que sua realização é um dever. Fazer doações para pessoas dignas é o fim (uso correto) de toda riqueza. Nunca afeitos em qualquer tempo a ações pecaminosas, cumpridores daqueles ritos que são prescritos nos Vedas, capazes de coroar todos os seus desejos com realização, dotados de conclusões seguras através do conhecimento puro, nunca cedendo à ira, nunca se entregando à inveja, livres de orgulho e malícia, firmes em Yoga (que é o único caminho para o verdadeiro conhecimento), de nascimento sem mancha, conduta sem mancha, e conhecimento sem mancha, dedicados ao bem de todas as criaturas; haviam antigamente muitos homens que levavam vidas familiares e totalmente dedicados aos seus próprios deveres, haviam muitos reis também com as mesmas qualificações, dedicados ao Yoga (como Janaka, etc.), e muitos Brahmanas também do mesmo caráter (como Yajnavalkya e outros. Estes e homens como eles eram indicados como pessoas dignas de doações). Eles se comportavam igualmente para com todas as criaturas e eram dotados de sinceridade perfeita. O contentamento era deles, assim como a certeza de conhecimento. Eram visíveis as recompensas de sua retidão, e eles eram puros em comportamento e coração. Eles tinham fé em Brahma em ambas as formas (isto é, Brahma como possuidor de atributos e como livre de atributos). A princípio fazendo seus corações puros, eles observavam devidamente todos os votos (excelentes). Eles eram cumpridores dos deveres de virtude mesmo em ocasiões de angústia e dificuldade, sem fracassarem em qualquer pormenor. Unindo-se eles costumavam realizar atos meritórios. Nisto eles encontravam grande felicidade. E visto que eles nunca davam um passo em falso, eles nunca tinham que realizar alguma expiação. Confiando como eles confiavam na verdadeira direção de virtude, eles se tornaram dotados de energia irresistível. Eles nunca seguiam suas próprias compreensões na questão de ganhar mérito, mas seguiam somente os ditames das escrituras para aquele fim. Consequentemente eles nunca eram culpados de fraude na questão da realização de ações de virtude. (O que se quer dizer por fraude na prática de virtude pode ser exemplificado como segue. Grãos de cevada podem ser doados ao invés de roupas por alguém que não pode obter roupas para doar. Mas alguém que doa grãos de cevada sendo perfeitamente capaz de doar roupas seria culpado de fraude.) Por cumprirem unidamente as ordenanças absolutas das escrituras sem se dirigirem alguma vez para os ritos prescritos na alternativa, eles nunca estavam sob a necessidade de realizar expiação. (As escrituras frequentemente prescrevem ordenanças alternativas. As prescrições absolutas ou reais são para os que são capazes, e as alternativas são para os que não são capazes.) Não há expiação para homens que vivem na observância das ordenanças prescritas nas escrituras. O Sruti declara que a expiação existe somente para os homens que são fracos e incapazes de seguir as prescrições

absolutas e essenciais da lei sagrada. Haviam muitos Brahmanas deste tipo antigamente, dedicados à realização de sacrifícios, de conhecimento profundo dos Vedas, possuidores de pureza e boa conduta, e dotados de renome. Eles sempre adoravam Brahma em sacrifícios, e eram livres de desejo. Possuidores de erudição eles superaram todos os vínculos da vida. Os sacrifícios desses homens, seu (conhecimento dos) Vedas, suas ações realizadas em obediência às ordenanças, seu estudo das escrituras nas horas fixadas, e os desejos que eles nutriam, livres como eles eram de luxúria e ira, observadores como eles eram de conduta e ações virtuosas apesar de todas as dificuldades, renomados como eles eram por realizarem os deveres de sua própria classe e modo de vida, purificadas como eram suas almas por sua própria natureza, caracterizados como eles eram por total sinceridade, dedicados como eles eram à tranquilidade, e cuidadosos como eles eram com suas próprias práticas, eram idênticos ao Infinito Brahma. Este mesmo é o Sruti eterno ouvido por nós. (O que se quer dizer pelos sacrifícios, etc., de tais homens sendo idênticos ao infinito Brahma é que esses homens eram idênticos a Brahma e o que quer que eles fizessem era Brahma. Eles não tinham consciência de eu, ou eles não faziam nada pelo eu. Eles eram a Alma do Universo.) As penitências de homens que eram de alma tão nobre, de homens cuja conduta e atos eram tão difíceis de observância e realização, de homens cujos desejos eram coroados com realização por causa do cumprimento rigoroso de seus deveres, se tornaram armas eficazes para a destruição de todos os desejos mundanos. Os Brahmanas dizem que aquela Boa Conduta, a qual é extraordinária, cuja origem pode ser traçada até tempos muito antigos, que é eterna e cujas características são imutáveis, que difere das práticas às quais mesmo os bons recorrem em épocas de infortúnio e representam suas ações em outras situações, que é idêntica à atenção, sobre a qual luxúria e ira e outros maus sentimentos nunca podem prevalecer, e por causa da qual não havia (uma vez) qualquer transgressão em toda a humanidade, posteriormente veio a ser distribuída em quatro subdivisões, correspondendo aos quatro modos de vida por pessoas incapazes de praticar seus deveres em detalhes exatos e totalmente. (O que é dito aqui é que a princípio havia somente um curso de deveres, chamado sadachara ou boa conduta, para todos os homens. Com o passar do tempo os homens vieram a ser incapazes de obedecer a todos os seus ditames em sua totalidade. Então tornou-se necessário dividir aqueles deveres em quatro subdivisões correspondentes aos quatro modos de vida.) Aqueles que são bons, por observarem devidamente aquela direção de Boa Conduta depois da adoção do modo de vida Sannyasa, alcançam o fim mais sublime. Aqueles também que se dirigem ao modo da floresta alcançam o mesmo fim superior (por observarem devidamente aquela conduta). Aqueles também que observam o modo de vida familiar alcançam o fim elevado (por praticarem devidamente a mesma conduta); e, por fim, aqueles que levam o modo Brahmacharya obtêm o mesmo (fim por uma devida observância da mesma conduta). Aqueles Brahmanas são vistos brilharem no firmamento como corpos luminosos derramando raios de luz benéficos por toda parte. Aquelas miríades de Brahmanas se tornaram estrelas e constelações colocadas em seus caminhos fixos. Pelo contentamento (ou Renúncia) eles todos alcançaram o Infinito como os Vedas declaram. Se tais homens têm que voltar para o mundo através dos úteros de criaturas vivas, eles

nunca são maculados por pecados que têm o resíduo não esgotado de ações anteriores como sua causa originária. De fato, alguém que tem levado a vida de um Brahmacharin e servido respeitosamente seu preceptor, que tem chegado a conclusões seguras (a respeito da alma), e que tem se dedicado ao Yoga dessa maneira, é realmente um Brahmana. Quem mais mereceria ser chamado de Brahmana? Quando somente as ações determinam quem é um Brahmana e quem não é, as ações (boas ou más) devem ser consideradas para indicar a felicidade ou miséria de uma pessoa. Em relação àqueles que, por conquistarem todas as más paixões, obtiveram pureza da coração, nós temos ouvido o eterno Sruti que por causa do Infinito ao qual eles alcançam (por contemplarem a alma universal) e do conhecimento de Brahma (que eles adquirem pelas declarações dos Srutis), eles vêem tudo como Brahma. Os deveres (de tranquilidade, autodomínio, abstenção de ações, renúncia, devoção, e a abstração do Samadhi), seguidos por aqueles homens de corações puros, que estão livres de desejo, e que têm somente a Emancipação como seu objetivo, para a aquisição do conhecimento de Brahma, são igualmente prescritos para todas as quatro classes de homens e todos os quatro modos de vida. (Há quatro estados de consciência: vigília, sonho, sono sem sonhos (sushupti), e Turiya, o qual é alcançado por Samadhi (abstração de meditação-Yoga), e no qual Brahma se torna realizável. O que é dito aqui é que os deveres (dharmah), relativos ao Chaturthopanishat ou, o Conhecimento de Paramatman, são comuns para todas as quatro classes de homens e modos de vida. Aqueles deveres, naturalmente, são sama, dama, uparama, titiksha, sraddha, samadhi.) Em verdade, aquele conhecimento é sempre adquirido por Brahmanas de corações puros e alma controlada. (Pela ajuda daqueles deveres estes Brahmanas conseguem obter ou alcançar aquele Turiya ou consciência de Brahma.) Alguém cuja alma é para a Renúncia baseada no contentamento é considerado como o refúgio do verdadeiro conhecimento. A Renúncia, na qual está aquele conhecimento que leva à Emancipação, e que é altamente necessária para um Brahmana, é eterna (e desce de preceptor para pupilo eternamente). A Renúncia às vezes existe misturada com os deveres de outros modos. Mas existindo naquele estado ou por si mesma, alguém a pratica de acordo com a medida de sua força (que depende do grau de ausência de desejos mundanos). A Renúncia é a causa de benefício supremo para todo tipo de pessoa. Somente aquele que é fraco falha em praticá-la. Aquele homem de coração puro que procura alcançar Brahma vem a ser resgatado do mundo (com sua miséria).'"

"Syumarasmi disse, 'Entre aqueles que são dados ao desfrute (de posses), aqueles que fazem doações, aqueles que realizam sacrifícios, aqueles que se dedicam ao estudo dos Vedas, e aqueles que se dirigem para uma vida de Renúncia depois de terem adquirido e desfrutado de riqueza e todos os seus prazeres, quando eles partem deste mundo, quem é que alcança o lugar mais importante no céu? Eu te pergunto isto, ó Brahmana! Diga-me isto realmente.'"

"Kapila disse, 'Aqueles que levam uma vida familiar são certamente auspiciosos e obtêm excelência de todo tipo. Eles não podem, no entanto, desfrutar da felicidade que se vincula à Renúncia. Tu mesmo podes ver isso.'" (O comentador explica que o objetivo deste verso é mostrar que mesmo se houver igualdade em

relação ao fim que é alcançado na próxima vida, há mais de felicidade real em uma vida de Renúncia do que em uma vida de desfrute.)

"Syumarasmi disse, 'Vocês dependem do conhecimento como o meio (para alcançar a Emancipação). Aqueles que levam vidas familiares colocaram sua fé nas ações. No entanto, é dito que o fim de todos os modos de vida é a Emancipação. Nenhuma diferença, portanto, é observável entre eles em relação à sua superioridade ou inferioridade de pujança. Ó ilustre, diga-me então como fica a questão realmente.'"

"Kapila disse, 'Atos somente limpam o corpo. O conhecimento, no entanto, é o fim mais alto (pelo qual alguém se esforça, pois pelo conhecimento a Emancipação é obtida). Quando todas as imperfeições do coração são curadas (pelas ações), e quando a felicidade de Brahma se torna estabelecida em conhecimento, benevolência, clemência, tranquilidade, compaixão, veracidade, e franqueza, abstenção de ferir, ausência de orgulho, modéstia, renúncia, e abstenção de trabalho são obtidos. Estes constituem o caminho que leva a Brahma. Por eles alguém alcança aquele que é O Mais Sublime. Que a cura de todas as imperfeições do coração é o resultado de ações se torna inteligível para o homem sábio quando estes são obtidos. Isso, de fato, é considerado como o maior fim que é alcançado por Brahmanas dotados de sabedoria, afastados de todas as ações, possuidores de pureza e da certeza de conhecimento. Alguém que consegue adquirir um conhecimento dos Vedas, daquilo que é ensinado pelos Vedas (isto é, Brahma como representado em ações), e as minúcias das ações, é citado como estando familiarizado com os Vedas. Qualquer outro homem é somente um saco de vento (pois ele respira ou vive em vão). Alguém que conhece os Vedas conhece tudo, pois tudo está estabelecido nos Vedas. Realmente, o presente, passado, e futuro, todos existem nos Vedas. Esta única conclusão é dedutível de todas as escrituras, isto é, que esse universo existe e não existe. Para o homem de conhecimento isso (tudo o que é percebido) é ambos: sat e asat. Para ele, isso tudo é o fim e o meio. (Enquanto aqueles que são ignorantes consideram o universo como existente e durável como diamante, o homem de conhecimento o considera como realmente não existente embora ele desenvolva a aparência de existência.) Esta verdade se baseia em todos os Vedas, isto é, que quando ocorre a Renúncia completa alguém obtém o que é suficiente. Então também o maior contentamento se segue e se baseia na Emancipação, a qual é absoluta, que existe como a alma de todas as coisas mortais e imortais, que é bem conhecida como alma universal, que é o mais elevado objeto de conhecimento como sendo idêntica a todas as coisas móveis e imóveis, que é completa, que é a perfeita bem-aventurança, que não tem dualidade, que é a principal de todas as coisas, que é Brahma, que é Imanifesta e também a causa de onde o Imanifesto tem surgido, e que é sem deterioração de qualquer tipo. (Na completa abstração de Yoga, isto é, Samadhi, está Brahma. Isso todos os Vedas ensinam. Na Emancipação além disso há a felicidade Suprema de Brahma.) Habilidade de subjugar os sentidos, perdão, e abstenção de trabalho por consequência da ausência de desejo, estes três são as causas da felicidade perfeita. Com a ajuda destas três qualidades, homens que têm a compreensão

como seus olhos conseguem alcançar aquele Brahma que é incriado, que é a causa primordial do universo, que é imutável e que está além da destruição. Eu reverencio aquele Brahma, que é idêntico àquele que o conhece.'"

271

"Yudhishthira disse, 'Os Vedas, ó Bharata, falam de Religião, Lucro, e Prazer. Diga-me, no entanto, ó avô, a obtenção de qual (entre estes três) é considerada como superior.'"

"Bhishma disse, 'Eu irei, em relação a isto, contar para ti a antiga narrativa sobre a bênção que Kundadhara antigamente concedeu para alguém que era devotado a ele. Uma vez um Brahmana desprovido de riquezas procurou adquirir virtude, induzido pelo desejo de resultado. Ele colocou continuamente seu coração na riqueza para empregá-la na celebração de sacrifícios. Para realizar seu propósito se dirigiu à prática das penitências mais austeras. Decidido a realizar seu propósito, ele começou a cultuar as divindades com grande devoção. Mas ele fracassou em obter riqueza por tal culto das divindades. Ele então começou a refletir, dizendo para si mesmo, 'Qual é aquela divindade, até agora não adorada por homens, que possa estar favoravelmente disposta para comigo sem demora?' Enquanto refletia dessa maneira com uma mente calma, ele viu posicionado diante dele aquele servente das divindades, isto é, a Nuvem chamada Kundadhara. Logo que ele viu aquele ser poderosamente armado, os sentimentos de devoção do Brahmana foram excitados, e ele disse para si mesmo, 'Este certamente me concederá prosperidade. De fato, sua forma indica isso. Ele vive em próximo às divindades. Ele até agora não tem sido adorado por outros homens. Ele em verdade me dará riqueza abundante sem qualquer demora.' O Brahmana, então, tendo deduzido dessa maneira, adorou aquela Nuvem com dhupas e perfumes e guirlandas de flores da espécie mais superior, e com diversos tipos de oferendas. Assim adorada, a Nuvem logo ficou satisfeita com seu devoto e proferiu estas palavras repletas de benefícios para aquele Brahmana, 'Os sábios têm ordenado expiação para alguém culpado de Brahmanicídio, ou de beber álcool ou de roubar, ou de negligenciar todos os votos meritórios. Não há expiação, no entanto, para alguém que é ingrato. A Expectativa tem uma filha chamada Iniquidade. A Ira, também, é considerada como uma filha da Inveja. A Cobiça é a filha da Falsidade. A Ingratidão, no entanto, é estéril (e não tem prole).' Depois disso, aquele Brahmana, esticado em uma cama de erva Kusa, e impregnado pela energia de Kundadhara, viu todos os seres vivos em um sonho. De fato, por sua ausência de paixão, penitências, e devoção, aquele Brahmana de alma purificada, permanecendo afastado de todos os prazeres (carnais), viu à noite aquele efeito de sua devoção à Kundadhara. De fato, ó Yudhishthira, ele viu Manibhadra de grande alma de grande refulgência posicionado no meio das divindades, empenhado em dar suas ordens. Lá os deuses pareciam estar ocupados em conceder reinos e riquezas para os homens, induzidos por seus bons feitos, e em tirá-los quando os homens se afastavam da bondade. Então, ó touro da raça Bharata, Kundadhara de grande esplendor,

curvando-se, prostrou-se no chão perante os deuses na presença de todos os Yakshas. Por ordem dos deuses Manibhadra de grande alma se dirigiu ao prostrado Kundadhara e disse, 'O que Kundadhara quer?' Após o que Kundadhara respondeu, 'Se, de fato, os deuses estão satisfeitos comigo, lá, aquele Brahmana me reverencia imensamente. Eu rogo para que algum favor seja concedido a ele, alguma coisa que possa trazer felicidade a ele.' Ouvindo isso, Manibhadra, ordenado pelos deuses, mais uma vez disse para Kundadhara de grande inteligência estas palavras, 'Levante-se, levante-se, ó Kundadhara! Tua petição foi bem sucedida. Sejas feliz. Se este Brahmana está desejoso de riqueza, que riqueza seja dada a ele, isto é, tanta riqueza quanto este teu amigo deseja. Por ordem dos deuses eu darei a ele riqueza incalculável.' Kundadhara, então, refletindo sobre caráter fugaz e irreal da posição de humanidade, colocou seu coração, ó Yudhishthira, em inclinar o Brahmana para penitências. De fato, Kundadhara disse, 'Ó doador de riquezas, eu não peço por riqueza em nome deste Brahmana. Eu desejo a concessão de outro favor a ele. Eu não solicito para este meu devoto montanhas de pérolas e pedras preciosas ou mesmo a terra inteira com todas as suas riquezas. Eu desejo, no entanto, que ele seja virtuoso. Que seu coração encontre prazer na virtude. Que ele tenha a virtude como seu apoio. Que a virtude seja o principal de todos os objetivos para ele. Este mesmo é o favor que encontra com a minha aprovação.' Manibhadra disse, 'Os frutos da virtude são sempre soberania e felicidade de diversos tipos. Que ele desfrute daqueles resultados, sempre livre de dor física de todo tipo.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado, Kundadhara, no entanto, de grande celebridade, repetidamente solicitou somente a virtude para aquele Brahmana. Os deuses ficaram muito satisfeitos com isso. Então Manibhadra disse, 'Os deuses estão todos satisfeitos contigo como também com este Brahmana. Ele se tornará uma pessoa de alma virtuosa. Ele dedicará sua mente à virtude.' A Nuvem, Kundadhara, ficou encantado, ó Yudhishthira, por ter sido assim bem sucedido em obter seu desejo. A bênção que ele obteve era uma que era inalcançável por alguém mais. O Brahmana então viu espalhados ao redor dele muitos tecidos de roupa delicados. Sem prestar atenção a eles absolutamente (embora tão caros), o Brahmana veio a sentir aversão pelo mundo.'"

"O Brahmana disse, 'Quando este não põe qualquer valor sobre bons feitos, quem mais o fará? Eu faria melhor indo para as florestas para levar uma vida de virtude.'" (O Brahmana evidentemente se refere à indiferença de Kundadhara em direção a ele. Ele pensou que Kundadhara iria, em retorno por suas adorações, conceder riqueza a ele. Desapontado nisto, ele diz, 'Quando Kundadhara não se importa com minhas adorações, quem mais se importará? Eu farei melhor, portanto, em desistir de todo o desejo por riqueza e me retirar para as florestas.' A passagem, no entanto, parece ser inconsistente com a indiferença do Brahmana aos tecidos finos em volta dele.)

"Bhishma continuou, 'Nutrindo uma repugnância pelo mundo, e através também da graça dos deuses, aquele principal dos Brahmanas entrou nas florestas e começou a passar pelas mais austeras das penitências. Subsistindo das frutas e raízes que restavam depois de servir as divindades e convidados, a mente

daquela pessoa regenerada, ó monarca, estava estabelecida firmemente na virtude. Gradualmente, o Brahmana, renunciando às frutas e raízes, se dirigiu às folhas de árvores como seu alimento. Então, renunciando às folhas, ele tomou somente água como sua subsistência. Depois disso ele passou muitos anos por subsistir só do ar. Todo o tempo, a força dele não diminuiu. Isso parecia muito extraordinário. Devotado à virtude e dedicado à prática das austeridades mais rígidas, depois de muito tempo ele adquiriu visão espiritual. Ele então refletiu, dizendo para si mesmo, 'Se, estando satisfeito com alguém, eu lhe der riqueza, as minhas palavras nunca serão falsas.' (Pois as pessoas que conseguiam sucesso ascético proferiam um desejo e ele era imediatamente realizado.) Com o rosto iluminado por sorrisos, ele novamente começou a praticar austeridades mais severas. E, mais uma vez, tendo ganhado sucesso (superior), ele pensou que ele poderia, por um decreto da vontade, então criar os maiores objetos. 'Se, satisfeito com alguma pessoa eu lhe der até soberania, ele imediatamente se tornará um rei, pois minhas palavras nunca serão falsas.' Enquanto ele estava pensando dessa maneira, Kundadhara, induzido por sua amizade pelo Brahmana e não menos pelo sucesso ascético que o Brahmana tinha alcançado, se mostrou, ó Bharata (para seu amigo e devoto). Encontrando com ele o Brahmana lhe ofereceu culto segundo as observâncias ordenadas. O Brahmana, no entanto, sentiu alguma surpresa, ó rei. Então Kundadhara se dirigiu ao Brahmana, dizendo, 'Tu agora conseguiste uma visão excelente e espiritual. Contemple com essa tua visão o fim que é alcançado por reis, e examine todos os mundos além disso.' O Brahmana então, com sua visão espiritual, contemplou de uma distância milhares de reis caídos no inferno.'"

"Kundadhara disse, 'Se depois de ter me adorado com devoção tu obtivesses tristeza como tua parte, qual então teria sido o bem feito a ti por mim, e qual o valor do meu favor? Olhe, procure qual é o fim dos homens que desejam a satisfação dos prazeres carnais. A porta do céu está fechada para tais homens.'"

"Bhishma continuou, 'O Brahmana então viu muitos homens vivendo neste mundo, abraçando a luxúria, e ira, e cobiça, e medo, e orgulho, e sono e procrastinação, e inatividade.'"

"Kundadhara disse, 'Com esses (vícios) todos os seres humanos são acorrentados. Os deuses temem os homens. Esses vícios, por ordem dos deuses, arruínam e perturbam por toda parte. Nenhum homem pode se tornar virtuoso a menos que permitido pelos deuses. (Pela permissão deles) tu te tornaste competente para doar reinos e riquezas através das tuas penitências.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado, o Brahmana de alma justa, curvando sua cabeça para aquela Nuvem, se prostrou no chão e disse, 'Tu, de fato, me fizeste um grande favor. Inconsciente da grande afeição mostrada por ti em direção a mim, eu, pela influência do desejo e da cobiça, falhei em mostrar boa vontade em direção a ti.' Então Kundadhara disse para aquela principal das pessoas regeneradas, 'Eu te perdoei,' e, tendo-o abraçado com seus braços desapareceu imediatamente. O Brahmana então vagou por todos os mundos, tendo obtido sucesso ascético pela graça de Kundadhara. Pela pujança obtida de

virtude e penitências, alguém adquire competência para viajar através dos céus e para frutificar todos os seus desejos e propósitos, e finalmente alcançar o fim mais sublime. Os deuses e Brahmanas e Yakshas e todos os bons homens e Charanas sempre adoram aqueles que são virtuosos, mas nunca aqueles que são ricos ou entregues à indulgência de seus desejos. Os deuses são realmente propícios para ti já que tua mente é dedicada à virtude. Na riqueza pode haver muito pouca felicidade, mas na virtude a medida de felicidade é muito grande.'"

272

"Yudhishthira disse, 'Entre os diversos tipos de sacrifícios, todos os quais, naturalmente, são considerados como tendo somente um objetivo (isto é, a limpeza do coração ou a glória de Deus), diga-me, ó avô, qual é o sacrifício que é ordenado somente por causa da virtude e não para a obtenção de céu ou riqueza!'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto eu relatarei para ti a história antigamente recitada por Narada, de um Brahmana que para realizar sacrifícios vivia de acordo com o modo unchha.'"

"Narada disse, 'Em um dos principais dos reinos que eram famosos também por virtude, vivia um Brahmana. Dedicado a penitências e vivendo em conformidade com o modo unchha, aquele Brahmana estava seriamente dedicado a adorar Vishnu em sacrifícios. (Alguém que subsiste de grãos de cereais colhidos dos campos depois que os ceifeiros os abandonaram é chamado de uma pessoa levando o modo de vida unchha.) Ele tinha Syamaka, (uma variedade de arroz chamada Panicum frumentaceum), como seu alimento, como também Suryaparni e Suvarchala e outras espécies de ervas cozidas em conserva que eram amargas e desagradáveis para o paladar. Por causa, no entanto, de suas penitências, todos esses tinham gosto doce. Abstendo-se de ferir alguma criatura, e levando a vida de um asceta na floresta, ele obteve sucesso ascético. Com raízes e frutas, ó opressor de inimigos, ele costumava adorar Vishnu em sacrifícios que eram planejados para conceder o céu para ele. (Isto é, ele nunca matava animais vivos para oferecê-los em sacrifícios por causa de sua incapacidade de obtê-los. Ele, portanto, colocava produtos vegetais no lugar daqueles animais. Seus sacrifícios, planejados para levá-lo para o céu, eram realmente cruéis em intenção.) O Brahmana, cujo nome era Satya, tinha uma esposa chamada Pushkaradharini. Ela era de mente pura, e tinha emaciado a si mesma pela observância de muitos votos austeros. (Ela mesma sendo de uma disposição bondosa, e seu marido sendo assim dedicado a sacrifícios que eram cruéis), ela não aprovava a conduta dele. Convocada, no entanto, para tomar seu assento ao lado dele como sua cônjuge (para a realização de um sacrifício), ela teve medo de incorrer em sua maldição e, portanto, se conformou com sua conduta. As peças de roupa que envolviam o corpo dela consistiam de plumas de pavões (rejeitadas). Embora relutante, ela ainda assim realizou aquele sacrifício por ordem de seu marido que tinha se tornado seu Hotri. Naquela floresta, perto do retiro do Brahmana vivia um

vizinho dele, isto é, o virtuoso Parnada da linhagem de Sukra, tendo assumido a forma de um veado. Ele se dirigiu àquele Brahmana, cujo nome era Satya, em palavras articuladas e disse a ele estas palavras, 'Tu agirias muito impropriamente se esse teu sacrifício fosse realizado de maneira a ser defeituoso em mantras e outros detalhes do ritual. Eu, portanto, te peço para me matar e me cortar em pedaços para fazer as libações com eles sobre o fogo sacrifical. Faça isso e tornando-te irrepreensível ascenda para o céu.' Então a deusa que preside o disco solar, isto é, Savitri, chegou àquele sacrifício em sua própria forma incorporada e insistiu para aquele Brahmana fazer o que ele desejava fazer por meio daquele veado. Para aquela deusa, no entanto, que insistiu daquela maneira, o Brahmana respondeu, dizendo, 'Eu não matarei este veado que vive comigo nessa mesma vizinhança.' Assim endereçada pelo Brahmana, a deusa Savitri desistiu e entrou no fogo sacrifical pelo desejo de inspecionar o mundo inferior, e desejando evitar a visão dos (outros) defeitos naquele sacrifício. O veado, então, com mãos unidas, mais uma vez pediu para Satya (para ser cortado em pedaços e despejado no fogo sacrifical). Satya, no entanto, o abraçou em amizade e o dispensou, dizendo, 'Vá!' Nisto, o veado pareceu deixar aquele local. Mas depois que ele tinha dado oito passos ele voltou, e disse, 'Realmente, me mate. Verdadeiramente eu digo, morto por ti eu estou certo de alcançar um fim virtuoso. Eu te dou visão (espiritual). Veja as Apsaras celestes e os veículos belos dos Gandharvas de grande alma.' Contemplando (aquela visão) por um espaço de tempo prolongado, com olhos desejosos, e vendo o veado (desejoso de sacrifício), e pensando que residência no céu é alcançável somente pela matança, ele aprovou (os conselhos que o veado tinha dado). Era o próprio Dharma que tinha se tornado um veado que vivia naquelas florestas por muitos anos; (Dharma primeiro se tornou o Rishi Parnada e então, como Parnada, foi metamorfoseado em um veado). (Vendo o Brahmana tentado pela probabilidade que ele via), Dharma tomou providências para sua salvação e o aconselhou, dizendo, 'Isto, (a matança de criaturas vivas) não está de acordo com as ordenanças sobre Sacrifícios.' As penitências, que tinham sido de medida muito grande, daquele Brahmana cuja mente tinha nutrido o desejo de matar o veado, diminuíram imensamente por causa daquele pensamento. Ferir criaturas vivas, portanto, não faz parte do sacrifício. Então o próprio ilustre Dharma (tendo assumido sua forma real), ajudou aquele Brahmana, por cumprir o ofício sacerdotal, a realizar um sacrifício. O Brahmana, depois disso, por suas penitências (renovadas), alcançou aquele estado de espírito o qual era de sua esposa. Abstenção de ferir é aquela religião que é completa em relação às suas recompensas. A religião, no entanto, da crueldade é somente benéfica até o ponto em que ela leva para o céu (o qual tem um término). Eu te falei daquela religião da Verdade que, de fato, é a religião daqueles que são proferidores de Brahma.'"

273

"Yudhishthira disse, 'Por quais meios um homem se torna pecaminoso, por quais ele obtém virtude, por quais ele alcança a Renúncia, e por quais ele ganha Emancipação?'"

"Bhishma disse, 'Tu conheces todos os deveres. Essa pergunta que tu fizeste é somente para a confirmação das tuas conclusões. Escute agora a Emancipação, e Renúncia, e Pecado, e Virtude até suas próprias origens. Percebendo qualquer um dos cinco objetos (isto é, forma, gosto, cheiro, som, e toque), o desejo corre atrás disso a princípio. De fato, obtendo-os dentro do campo de ação dos sentidos, ó chefe da linhagem de Bharata, o desejo ou a aversão surge. Alguém, então, por causa daquele objeto, (ou seja, para a aquisição do que agrada e para evitar o que desagrada), se esforça e inicia ações que envolvem muito trabalho. Alguém se esforça o melhor que pode para desfrutar repetidamente daquelas formas e perfumes (e os três outros objetos dos três sentidos restantes) que parecem muito agradáveis. Gradualmente, atração, e aversão, e cobiça, e os erros de julgamento surgem. A mente de alguém oprimido pela cobiça e erro e afetado por atração e aversão nunca está dirigida para a virtude. Ele então começa com hipocrisia a fazer ações que são boas. De fato, com hipocrisia ele então procura adquirir virtude, e com hipocrisia ele gosta de adquirir riqueza. Quando alguém consegue, ó filho da linhagem de Kuru, ganhar riqueza com hipocrisia, ele coloca totalmente seu coração em tal aquisição. É então que ele começa a fazer ações que são pecaminosas, apesar das admoestações de benquerentes e dos sábios, para todos os quais ele dá respostas plausivelmente consistentes com a razão e obedientes às injunções das escrituras. Nascidos de atração e erro, seus pecados, de três tipos, aumentam rapidamente, pois ele pensa pecaminosamente, fala pecaminosamente, e age pecaminosamente. Quando ele regularmente começa no caminho do pecado, aqueles que são bons notam sua maldade. Aqueles, no entanto, que são de uma disposição similar àquela do homem pecaminoso, estabelecem amizade com ele. Ele não consegue ganhar felicidade nem aqui. Por qual motivo então ele conseguiria ganhar felicidade após a morte? É dessa maneira que alguém se torna pecaminoso. Escute agora a mim enquanto eu te falo de alguém que é justo. Tal homem, visto que ele procura o bem de outros, consegue ganhar bem para si mesmo. Por praticar deveres que estão repletos com o bem de outras pessoas, ele finalmente alcança um fim altamente agradável. Aquele que, ajudado por sua sabedoria, consegue ver de antemão as falhas acima advertidas, que é hábil em julgar o que é felicidade e o que é tristeza e como cada um é ocasionado, e que serve com reverência aqueles que são bons, faz progresso em conquistar virtude, por causa de seus hábitos e tal companhia dos bons. A mente de tal pessoa tem prazer na virtude, e ele vive, fazendo da virtude seu suporte. Se ele coloca seu coração na aquisição de riqueza, ele deseja somente tal riqueza que possa ser adquirida de maneiras justas. De fato, ele rega as raízes somente daquelas coisas nas quais ele vê mérito. Dessa maneira, alguém se torna justo e adquire amigos que são bons. Por sua aquisição de amigos, de riqueza, e de filhos, ele se diverte em felicidade aqui e após a morte. O domínio (em relação ao desfrute) que uma criatura viva obtém sobre som, toque, gosto, forma, e cheiro, ó Bharata, representa o resultado da virtude. (Este é o domínio ou pujança que é trazido por Yoga, de modo que a pessoa consegue, por decretos da vontade, criar tudo o que ela deseja.) Lembre disso. Tendo obtido o fruto da virtude, ó Yudhishthira, tal homem não se entrega à alegria. Sem estar satisfeito com tais resultados (visíveis) da virtude, ele se dirige à Renúncia, levado em frente pela visão do conhecimento. Quando, tendo obtido a visão do

conhecimento, ele pára de ter prazer na satisfação do desejo, no gosto e no aroma, quando ele não permite que sua mente corra em direção ao som, toque e forma, é então que ele consegue se livrar do desejo. Ele, no entanto, mesmo então não rejeita a virtude ou as ações justas. Vendo então que todos os mundos estão sujeitos à destruição, ele se esforça para rejeitar a virtude (com suas recompensas na forma de céu e sua felicidade) e se esforça para alcançar a Emancipação pelos meios (bem conhecidos. Isto é, pela prática dos deveres sem desejo de resultado, pois somente tal rumo de conduta pode levar à Emancipação). Abandonando gradualmente todas as ações pecaminosas ele se dirige à Renúncia, e se tornando de alma justa consegue finalmente alcançar a Emancipação. Eu agora te falei, ó filho, daquilo acerca do qual tu me perguntaste, ou seja, os assuntos de Pecado, Virtude, Renúncia, e Emancipação, ó Bharata! Tu deves, portanto, ó Yudhishthira, aderir à virtude em todas as situações. Eterno é o sucesso, ó filho de Kunti, de ti que aderes à justiça.'"

274

"Yudhishthira disse, 'Tu disseste, ó avô, que a Emancipação é para ser ganha por meios e não de outra maneira. Eu desejo saber devidamente quais são aqueles meios.'"

"Bhishma disse, 'Ó tu de grande sabedoria, essa pergunta que tu endereçaste a mim e que está relacionada com um assunto sutil, é realmente digna de ti, já que tu, ó impecável, sempre procuras realizar todos os teus objetivos pela aplicação de meios. Aquele estado de espírito que está presente quando alguém se põe a fazer um jarro de barro para seu uso, desaparece depois que o jarro está terminado. Da mesma maneira, aquela causa que incita as pessoas que consideram a virtude como a base do avanço e da prosperidade cessa de operar com aquelas que procuram alcançar a Emancipação. (O que é dito nesse verso é isto: quando um homem quer um jarro de barro, ele trabalha para criar um. Quando ele obteve um, ele não mais se encontra no mesmo estado de espírito, sua necessidade tendo sido satisfeita. Similarmente, com homens desejosos de céu e prosperidade mundana como a recompensa da virtude, o meio é Pravritti ou ações. Este ou estes cessam de operar com aqueles que tendo adquirido tal virtude se dirigem para a realização da Emancipação, pois com eles a religião de Nivritti é tudo em tudo.) Aquele caminho que leva ao Oceano Oriental não é o caminho pelo qual alguém pode ir para o Oceano Ocidental. Há um único caminho que leva à Emancipação. (Este não é idêntico a qualquer um daqueles que levam a algum outro objeto de aquisição.) Ouça-me enquanto eu te falo sobre isso em detalhes. Alguém deve, por praticar o perdão, exterminar a ira, e por abandonar todos os propósitos, extirpar o desejo. Por praticar a qualidade de Sattwa (isto é, por abandonar todos os tipos de preguiça), uma pessoa deve conquistar o sono. Pela atenção deve-se afastar o medo, e pela contemplação da Alma deve-se conquistar a respiração. (Isto é, por meditação-Yoga uma pessoa deve regular e finalmente suspender sua respiração. O Yogin pode suspender todas as funções físicas e ainda viver de era em era.) Desejo, aversão, e luxúria devem ser

dissipados por paciência; erro, ignorância, e dúvida, pelo estudo da verdade. Pela busca do conhecimento deve-se evitar despreocupação e indagação sobre coisas de nenhum interesse. Por alimentação frugal e facilmente digerível deve-se afastar todas as desordens e doenças. Pelo contentamento deve-se dissipar cobiça e estupor de raciocínio, e todos os assuntos mundanos devem ser evitados por um conhecimento da verdade. (A verdade é que o mundo é irreal e não tem fim.) Por praticar benevolência alguém deve vencer a iniquidade, e por respeito por todas as criaturas deve-se adquirir virtude. Deve-se evitar expectativa pela reflexão que está relacionada com o futuro; e deve-se rejeitar riqueza por abandonar o próprio desejo. O homem de inteligência deve abandonar afeição por lembrar que tudo (aqui) é transitório. Ele deve subjugar a fome por praticar Yoga. Por praticar benevolência deve-se afastar todas as idéias de presunção, e rechaçar todos os tipos de desejo por adotar o contentamento. Pelo esforço deve-se subjugar a procrastinação, e pela certeza todas as espécies de dúvidas, pela taciturnidade, a loquacidade, e pela coragem, todo tipo de temor. (A fome é para ser subjugada por Yoga, isto é, por regular o vento dentro do corpo. A dúvida é para ser dissipada pela certeza; isto implica que conhecimento indubitável deve ser buscado para rechaçar a dúvida. 'Temor', nesse verso, significa a fonte de temor, ou o mundo. Este é para ser conquistado pela conquista dos seis, isto é, desejo, ira, cobiça, erro, orgulho, e inveja.) A fala e a mente devem ser subjugadas pela Compreensão, e a Compreensão, por sua vez, deve ser mantida sob controle pela visão do conhecimento. O conhecimento, também, é para ser controlado por familiaridade com a Alma, e finalmente a Alma é para ser controlada pela Alma. (O que é declarado aqui é o mesmo curso de treinamento que é indicado por Yoga. Primeiro, os sentidos devem ser fundidos na mente, então a mente deve ser fundida na Compreensão, então a Compreensão deve ser imersa na Alma ou aquilo que é conhecido como o Ego. Este Ego é para ser imerso finalmente na Alma Suprema. Quando o Ego é compreendido, ele vem a ser considerado como Brahma.) Esta última é alcançável por aqueles que são de ações puras e dotados de tranquilidade de alma, (esta tranquilidade é a purificação da alma por expulsar todas as emoções e desejos), os meios sendo a subjugação daqueles cinco impedimentos de Yoga dos quais os eruditos falam. Por rejeitar desejo e ira e cobiça e medo e sono, uma pessoa deve, reprimindo a fala, praticar o que é favorável ao Yoga, isto é, contemplação, estudo, caridade, verdade, modéstia, franqueza, perdão, pureza de coração, pureza em relação à alimentação, e a subjugação dos sentidos. Por estes a energia de alguém é aumentada, pecados são dissipados, desejos coroados com realização, e conhecimento (de diversos tipos) obtido. Quando alguém se torna purificado de seus pecados e possuidor energia e de alimentação frugal e o mestre de seus sentidos, ele então, tendo conquistado desejo e ira, procura alcançar Brahma. A evitação da ignorância (por escutar e estudar as escrituras), a ausência de atrações (pela Renúncia) e liberdade de desejo e cólera (pela adoção de contentamento e perdão), o poder que é ganho por meio de Yoga, a ausência de orgulho e arrogância, liberdade de ansiedade (pela subjugação de todo tipo de medo), ausência de apego a qualquer coisa como casa e família, estes constituem o caminho da Emancipação. Esse caminho é encantador, imaculado, e puro. Similarmente, o controle da fala, do

corpo, e da mente (niyamah), quando praticado pela ausência de desejo (isto é, sem desejar yoga-siddhi), constituem também o caminho da Emancipação.'"

275

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha narrativa da conversa que ocorreu entre Narada e Asita-Devala. Uma vez Narada, vendo aquele principal dos homens inteligentes, Devala de idade venerável, sentado tranquilamente, questionou-o acerca da origem e da destruição de todas as criaturas.'"

"Narada disse, 'De onde, ó Brahmana, este universo, consistindo em objetos móveis e imóveis, foi criado? Quando também vem a destruição universal, em quem ele imerge? Que tua pessoa erudita fale para mim sobre isso.'"

"Asita disse, 'Aqueles dos quais a Alma Suprema, quando chega a hora, movida pelo desejo de existência em formas múltiplas, cria todas as criaturas, são citados por pessoas conhecedoras dos objetos como sendo as cinco grandes essências. (Depois disso) o Tempo, impelido pela Compreensão cria outros objetos daquelas (cinco essências primordiais). (Kala aqui é, talvez, a encarnação da idéia abstrata da vida de criaturas vivas. Impelido pela Compreensão, Kala ou vida se dirige para a criação de outras criaturas. Estas últimas também são igualmente o resultado das mesmas cinco essências primordiais.) Aquele que diz que há algo mais além destes (isto é, as cinco essências primordiais, Kala, e a Compreensão), diz o que não é verdade. Saiba, ó Narada, que estes cinco são eternos, indestrutíveis, e sem início e sem fim. Com Kala como seu sexto, estas cinco essências primordiais são naturalmente possuidoras de energia poderosa. Água, Espaço, Terra, Vento, e Calor, estes são aquelas cinco essências. Sem dúvida, não há nada maior ou superior a estes (a respeito de pujança ou energia). A existência de nada mais (além dos cinco) pode ser afirmada por qualquer um de acordo com as conclusões deriváveis dos Srutis ou argumentos retirados da razão. Se alguém afirmasse a existência de qualquer coisa mais, então sua afirmação em verdade seria ineficiente ou inútil. Saiba que estes seis entram na produção de todos os efeitos. Aquilo do qual é tudo isso (que tu percebes) é chamado de Asat. (O sentido da última oração é que tudo isso é o efeito daquelas essências primordiais. Tudo isso, portanto, é daquelas essências. As últimas estão incluídas na palavra asat, ou irreal, como distinguido de sat ou real ou substancial. A alma é sat, e tudo mais é asat.) Estes cinco, e Kala (ou Jiva), as potências de ações passadas, e a ignorância; essas oito essências eternas são as causas do nascimento e da destruição de todas as criaturas. (Nos capítulos anteriores foi explicado como quando o Chit, o qual tem conhecimento puro como seu atributo, vem a ser envolvido com Ignorância, ele começa a atrair as essências primordiais em direção a si mesmo em consequência das potências de atos passados e toma nascimento em várias formas. (A idéia de atos passados é devido aos infinitos ciclos de criação e destruição, a exata primeira criação sendo inconcebível.) As causas da criação são, portanto, as cinco essências primordiais, Jiva (ou chit), as potências de atos passados, e Ignorância.) Quando as criaturas são destruídas é

dentro destes que elas entram; e quando elas tomam nascimento, é novamente destas que elas o fazem. De fato, depois da destruição, uma criatura se desintegra naquelas cinco essências primordiais. Seu corpo é feito de terra; seu ouvido tem sua origem no espaço; seus olhos têm a luz como sua causa; sua vida (movimento) é do vento, e seu sangue é da água, sem dúvida. Os dois olhos, o nariz, os dois ouvidos, a pele, e a língua (constituindo o quinto), são os sentidos. Estes, os eruditos sabem, existem para a percepção de seus respectivos objetos. Ver, ouvir, cheirar, tocar e provar são as funções dos sentidos. Os cinco sentidos estão relacionados com cinco objetos de cinco maneiras. Conheça, pela inferência da razão, sua semelhança de atributos. (O olho é o sentido da visão. Ver é sua função. O objeto que ele apreende é a forma. O olho tem a luz como sua causa, e a forma é um atributo da luz. Então o olho entende ou apreende a forma. Pela inferência da razão, há semelhança em relação a atributo ou propriedade entre o olho, a visão, e a forma.) Forma, cheiro, gosto, toque, e som, são as cinco propriedades que são (respectivamente) apreendidas pelos cinco sentidos de cinco modos diferentes. Estas cinco propriedades, isto é, forma, cheiro, gosto, toque, e som, não são realmente compreendidas pelos sentidos (pois estes são inertes), mas é a Alma que os compreende através dos sentidos. Aquilo que é chamado de Chitta é superior à multidão dos sentidos. Superior à Chitta é Manas (Mente). Superior à Manas é Buddhi (Compreensão), e superior à Buddhi é o Kshetrajna (Alma). A princípio uma criatura viva percebe diferentes objetos pelos sentidos. Com Manas ela reflete sobre eles, e então com a ajuda de Buddhi ela chega à certeza de conhecimento. Possuidor de Buddhi, alguém chega à certeza de conclusões a respeito dos objetos percebidos pelos sentidos. Os cinco sentidos, Chitta, Mente e Compreensão (que é o oitavo), estes são considerados como órgãos de conhecimento por aqueles que conhecem a ciência de Adhyatma. As mãos, os pés, o ducto anal, o membro viril, a boca (formando o quinto), constituem os cinco órgãos de ação. A boca é citada como um órgão de ação porque ela contém o aparelho da fala, e aquele de alimentação. Os pés são os órgãos de locomoção e as mãos para fazerem vários tipos de trabalho. O ducto anal e o membro viril são dois órgãos que existem para um propósito similar, isto é, para evacuação. O primeiro é para a evacuação de fezes, o segundo para aquela da urina como também da semente vital quando alguém sente a influência do desejo. Além desses, há um sexto órgão de ação. Ele é chamado de poder muscular. Estes então são os nomes dos seis órgãos de ação segundo os tratados (aprovados) que têm ligação com o assunto. Eu agora mencionei para ti os nomes de todos os órgãos de conhecimento e de ação, e todos os atributos das cinco essências primordiais. Quando, pelos órgãos estarem fatigados, eles cessam de realizar suas respectivas funções, o dono daqueles órgãos, por causa de sua suspensão, é citado como estando dormindo. Se, quando as funções daqueles órgãos estão suspensas, as funções da mente não cessam, mas por outro lado a mente continua a se relacionar com seus objetos, a condição de consciência é chamada de Sonho. Durante a vigília há três estados da mente, isto é, aquele conectado com Bondade, aquele com Paixão, e aquele com Ignorância. No sonho também a mente se torna relacionada com os mesmos três estados. Aqueles mesmos estados, quando eles aparecem em sonhos, ligados com ações agradáveis, vêm a ser considerados com aprovação. Felicidade, sucesso,

conhecimento, e ausência de apego são as indicações (do homem acordado em quem está presente) o atributo de Bondade. Quaisquer estados (de Bondade, Paixão, ou Ignorância) que sejam experimentados por criaturas vivas, como revelados em ações, durante suas horas de Vigília, reaparecem na memória durante suas horas de sono quando elas sonham. A passagem de nossas noções como elas existem durante a vigília para aquelas de sonhos, e aquela de noções como elas existem em sonhos para aquelas de vigília, são diretamente compreensíveis naquele estado de consciência que é chamado de sono sem sonhos. Aquele é eterno, e aquele é desejável. (Isso significa que nos homens comuns, as noções durante a vigília não são as noções que eles nutrem durante sonhos; nem suas noções durante sonhos são identificáveis com aquelas que eles nutrem enquanto despertos. Há similaridade mas não identidade. Em Sushupti eterno, no entanto, o qual é Emancipação, as noções de vigília passam para aquelas de sonho e aquelas de sonho passam para aquelas de vigília, isto é, ambas (ou melhor, a mesma, pois há então perfeita identidade entre elas) vêm a ser diretamente apreensíveis em Sushupti ou Emancipação. Sushupti ou Emancipação, portanto, é um estado no qual não há nem a consciência de vigília nem aquela de sonho, mas ambas correm juntas, suas diferenças desaparecendo totalmente.) Há cinco órgãos de conhecimento, e cinco de ação; com poder muscular, mente, compreensão, e Chitta, e também com os três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas; a conta, é dito, alcança dezessete. O décimo oitavo na enumeração é aquele que possui o corpo. De fato, aquele que vive neste corpo é eterno. Todos aqueles dezessete (com Avidya ou Ignorância fazendo dezoito), residindo no corpo, existem ligados àquele que possui o corpo. Quando o proprietário desaparece do corpo, aqueles dezoito (contando Avidya) cessam de residir juntos no corpo. Ou, este corpo composto das cinco essências (primordiais) é somente uma combinação (que deve se desagregar). Os dezoito atributos (incluindo Avidya), com aquele que possui o corpo, e contando o calor estomacal numerando o vigésimo, formam aquilo que é conhecido como a Combinação dos Cinco. Há um Ser chamado Mahat, o qual, com a ajuda do vento (chamado Prana), mantém esta combinação contendo as vinte coisas que foram citadas, e a respeito da destruição daquele corpo o vento (que é geralmente citado como a causa), é somente o instrumento nas mãos daquele mesmo Mahat. Qualquer criatura nascida é dissolvida mais uma vez nos cinco elementos constituintes após o esgotamento de seus méritos e deméritos; e, incitada novamente pelos méritos e deméritos ganhos naquela vida entra em outro corpo resultante de suas ações. Suas residências sempre resultando de Avidya, desejo, e ações, ele migra de corpo para corpo, abandonando um depois do outro repetidamente, incitado adiante pelo Tempo, como uma pessoa abandonando casa após casa em sucessão. Aqueles que são sábios, e dotados de certeza de conhecimento, não cedem à aflição após verem esta (migração). Somente aqueles que são tolos, erroneamente imaginando relacionamentos (onde em realidade não há relacionamento), se entregam à dor ao verem tais mudanças de residência. Este Jiva não é parente de alguém; não há alguém também que possa ser citado como pertencente a ele. Ele está sempre só, e ele mesmo cria seu próprio corpo e sua própria felicidade e tristeza. Este Jiva nunca nasce, e nunca morre. Livre do laço do corpo, ele consegue às vezes alcançar o fim mais elevado. Privado de corpo,

porque foi liberto, pelo esgotamento das ações, dos corpos que são os resultados dos méritos e deméritos, Jiva finalmente alcança Brahma. Para o esgotamento de méritos e deméritos, o Conhecimento tem sido ordenado como a causa na escola Sankhya. Após o esgotamento de mérito e demérito, quando Jiva alcança a posição de Brahma, (aqueles que são versados nas escrituras) contemplam (com o olho das escrituras) o alcance de Jiva ao fim mais sublime.'"

276

"Yudhishthira disse, 'Cruéis e pecaminosos que nós somos, ai, nós matamos irmãos e pais e netos e parentes e amigos e filhos. Como, ó avô, nós dissiparemos esta sede por riqueza? Ai, por causa daquela sede nós cometemos muitos atos pecaminosos.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga narrativa do que foi dito pelo soberano dos Videhas para o perguntador Mandavya. O soberano dos Videhas disse, 'Eu não tenho nada (neste mundo), ainda assim eu vivo em grande felicidade. Se Mithila inteiro (que é citado como sendo o meu reino), queimasse em uma conflagração, nada meu seria incendiado. Posses tangíveis, embora valiosas, são uma fonte de tristeza para os homens de conhecimento; enquanto posses mesmo de pouco valor fascinam os tolos. (O comentador salienta que posses de valor incluem até a região de Brahman. Homens de conhecimento, que buscam Emancipação, não colocam qualquer valor nem na alegria da região do Criador.) Qualquer felicidade que exista aqui, derivável da satisfação do desejo, e qualquer felicidade celestial de alto valor que exista, não alcança nem mesmo uma décima sexta parte da felicidade que está ligada ao desaparecimento total do desejo. Como os chifres de uma vaca crescem com o crescimento da própria vaca, da mesma maneira a sede por riqueza aumenta com aquisições crescentes de riqueza. Qualquer que seja o objeto pelo qual alguém sente um apego, aquele objeto se torna uma fonte de angústia quando ele é perdido. Não se deve nutrir desejo. Ligação com o desejo leva à tristeza. Quando riqueza for adquirida, alguém deve aplicá-la para propósitos de virtude. Deve-se mesmo então desistir do desejo. (O comentador explica que alguém não deve nutrir o desejo por riqueza nem para adquirir virtude com ela. Quando, no entanto, riqueza é obtida sem esforço, tal riqueza deve ser aplicada para a aquisição de virtude. Uma pessoa também é instruída a desistir do desejo de obter riqueza (mesmo por meios inocentes) a razão sendo que o desejo, quando nutrido, seguramente aumenta e tira o melhor do coração de alguém.) O homem de conhecimento sempre olha para outras criaturas assim como ele olha para si mesmo. Tendo purificado sua alma e alcançado o êxito, ele rejeita tudo aqui. Por rejeitar verdade e falsidade, alegria e dor, o agradável e o desagradável, o destemor e o medo, uma pessoa obtém tranquilidade, e fica livre de toda ansiedade. Alguém que consegue rejeitar aquela sede (por coisas mundanas) a qual é difícil de ser rejeitada por homens de compreensão superficial, que não enfraquece com o enfraquecimento do corpo, e que é considerada como uma doença fatal (por homens de conhecimento), sem dúvida encontra felicidade. O homem de alma virtuosa, por observar seu próprio

comportamento que se tornou brilhante como a lua e livre de males de todos os tipos, consegue alegremente obter grande fama aqui e após a morte.' Ouvindo estas palavras do rei, o Brahmana se encheu de alegria, e elogiando o que ele ouviu, Mandavya se dirigiu para o caminho da Emancipação.'"

277

"Yudhishthira disse, 'O Tempo, que é repleto de terror para todas as criaturas, está seguindo seu rumo. Qual é aquela fonte de bem pela qual alguém deve se esforçar? Diga-me isto, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha narrativa de uma conversa entre um pai e um filho. Escute-a, ó Yudhishthira! Uma vez, ó filho de Pritha, uma pessoa regenerada dedicada somente ao estudo dos Vedas teve um filho muito inteligente que era conhecido pelo nome de Medhavin. Ele mesmo conhecedor da religião da Emancipação, o filho um dia fez para seu pai, que não conhecia aquela religião e que estava empenhado em seguir os preceitos dos Vedas, essa pergunta.'"

"O filho disse, 'O que um homem de inteligência deve fazer, ó pai, sabendo que o período de existência concedido para os homens corre rápido? Diga-me isto realmente e na ordem apropriada, ó pai, para que, guiado por tuas instruções, eu possa me dirigir à aquisição de virtude.'"

"O pai disse, 'Tendo estudado os Vedas todo o tempo cumprindo os deveres de Brahmacharya, ó filho, deve-se então desejar progênie para resgatar seus antepassados. Tendo então estabelecido um fogo e realizando os sacrifícios que são ordenados, deve-se então se retirar para as florestas e, (tendo vivido como um asceta na floresta), deve-se então se tornar um Muni (por abandonar tudo e esperar calmamente pela dissolução).'"

"O filho disse, 'Quando o mundo é assim atacado e assim sitiado por todos os lados, e quando tais (raios) irresistíveis estão caindo em todas as direções, como você pode falar tão calmamente?'"

"O pai disse, 'Como o mundo é atacado? Pelo que ele é sitiado? Quais são aqueles raios irresistíveis que estão caindo por todos os lados? Tu me assustas com tuas palavras!'"

"O filho disse, 'O mundo é atacado pela Morte. Ele é sitiado pela Decrepitude. Dias e Noites estão caindo continuamente (como raios). Por que você não presta atenção a eles? Quando eu sei que a Morte não espera aqui por ninguém (mas arrebata de repente e sem aviso prévio), como eu posso possivelmente esperar (por sua vinda) assim envolvido em uma capa de Ignorância e atendendo (descuidadamente) a meus interesses? Quando cada noite passa o período de vida de todos passa com ela, quando, de fato, a posição de alguém é similar àquela de um peixe em uma parte de água rasa, quem pode se sentir feliz? A

Morte encontra alguém no próprio meio de seus interesses, antes do alcance de seus objetivos, encontrando-o tão desatento quanto uma pessoa enquanto ocupada em colher flores. (Todos os Brahmanas têm que colher flores de manhã para oferecê-las às divindades que eles adoram. A tarefa leva muitos minutos, porque muitas têm que ser colhidas para o propósito. Esta sendo uma ocupação diária e, indo como eles vão a lugares cheios de flores, o ato de colher segue enquanto o colhedor está mentalmente envolvido com outras coisas.) Aquilo que é mantido para ser feito amanhã deve ser feito hoje; e aquilo que alguém pensa em fazer à tarde deve ser feito de manhã. A Morte não espera, atenta a alguém ter feito ou não suas ações. Faça hoje o que é para o teu bem (sem deixá-lo para amanhã). Cuide para que a Morte, que é irresistível, não possa te dominar (antes de tu realizares suas ações). Quem sabe se a Morte não virá para si neste mesmo dia? Antes das ações de alguém estarem terminadas, a Morte o leva à força. Alguém deve, portanto, começar a praticar virtude enquanto ainda é jovem (sem esperar pela velhice), pois a vida é incerta. Por adquirir virtude alguém com certeza terá felicidade eterna aqui e após a morte. Dominado por insensatez alguém cinge seus quadris para agir em favor de seus filhos e esposas. Por realizar ações justas ou injustas, ele satisfaz estes (parentes). Aquele que possui filhos e animais, e com mente lealmente apegada a eles, a Morte agarra e foge como tigre carregando um veado adormecido. Enquanto ele está ainda empenhado em ganhar diversos objetos de desejo, e enquanto ele ainda está insatisfeito com seu desfrute, a Morte o agarra e foge assim como uma loba agarrando uma ovelha e fugindo com ela. ‘Isto foi feito’, ‘Isto resta para ser feito’, ‘Este outro está metade feito’, alguém pode dizer assim para si mesmo; mas a Morte, sem consideração pelo desejo dele de terminar suas ações incompletas, o agarra e arrasta à força. Alguém que ainda não obteve o resultado do que ele já fez, entre aqueles apegados à ação, alguém ocupado com seu próprio campo ou loja ou casa, a Morte agarra e leva embora. O fraco, o forte; o sábio, o corajoso, o idiota, o erudito, ou o que ainda não obteve a satisfação de algum de seus desejos, a Morte agarra e leva embora. Morte, decrepitude, doença, tristeza, e muitas coisas semelhantes não podem ser evitadas por mortais. Como, então, ó pai, tu podes sentar-te tão tranquilamente? Logo que uma criatura nasce, a Decrepitude e a Morte vêm e a possuem para sua destruição. Todas essas formas de existência móveis e imóveis são possuídas por estas duas (isto é, Decrepitude e Morte). Quando os soldados que compõem o exército da Morte estão em sua marcha, nada pode resistir a eles, exceto uma coisa, isto é, o poder da Verdade, pois somente na Verdade a Imortalidade reside. O prazer que alguém sente em residir no meio de homens é a residência da Morte. O Sruti declara que aquilo que é chamado de floresta é o verdadeiro curral para os Devas, enquanto o deleite que alguém sente em residir entre os homens é, por assim dizer, a corda para amarrar o habitante (e fazê-lo desamparado). (Devas aqui evidentemente se refere aos sentidos. Os sentidos são, por assim dizer, gado. Seu verdadeiro curral é a floresta e não cidades povoadas. Na floresta não há tentações para atormentá-los como no meio das cidades.) Os justos a cortam e escapam. Os pecaminosos não conseguem cortá-la (e se libertarem). Aquele que não fere outras criaturas em pensamentos, palavras e ações, e que nunca prejudica outros para tirar seus meios de sustento, nunca é ferido por qualquer criatura. Por estas razões deve-se

praticar o voto da verdade, ser firmemente devotado ao voto da verdade, e desejar somente a verdade. Reprimindo todos os seus sentidos e olhando para todas as criaturas com um olhar igual, alguém deve vencer a Morte com a ajuda da Verdade. Imortalidade e Morte estão plantadas no corpo. A Morte é encontrada por causa da tolice, e a Imortalidade é obtida pela Verdade. Transcendendo desejo e ira, e me abstendo de ferir, eu adotarei a Verdade e, realizando alegremente o que é para o meu bem, evitarei a Morte como um Imortal. Empenhado no Sacrifício que é constituído pela Paz, e empenhado também no Sacrifício de Brahma, e controlando meus sentidos, os Sacrifícios que eu realizarei serão aqueles da fala, mente, e ações, quando o sol entrar em seu curso norte. (O Sacrifício da Paz é oposto ao Sacrifício da Matança. O Sacrifício de Brahma é Yoga o qual leva ao conhecimento da Alma. O Sacrifício da Fala é recitação Védica ou Japa. O Sacrifício da Mente é contemplação, e aquele das Ações é banhos, realização de outros atos de pureza, servir devidamente o preceptor, etc.) Como pode alguém como eu realizar um Sacrifício Animal que é repleto de crueldade? Como pode alguém como eu, que é possuidor de sabedoria, realizar como um Pisacha cruel, um Sacrifício de Matança da mesma maneira do que é prescrito para os Kshatriyas, um Sacrifício que é, além disso, dotado de recompensas que são finitas? Em mim mesmo eu fui gerado por meu próprio eu. Ó pai, sem procurar procriar descendência, eu dependerei de mim mesmo. Eu realizarei o Sacrifício do Eu (isto é, fundirei a Alma na Alma Suprema), eu não preciso de prole para me resgatar. Aquele cujas palavras e pensamentos estão sempre bem controlados, aquele que tem Penitências e Renúncia, e Yoga, sem dúvida alcança tudo através destes. Não há olho igual ao Conhecimento. Não há recompensa igual ao Conhecimento. Não há tristeza igual ao apego. Não há felicidade igual à Renúncia. Para um Brahmana não pode haver riqueza como a residência em solidão, igual respeito por todas as criaturas, veracidade de palavras, observância constante de boa conduta, o total abandono da vara (de castigo), simplicidade, e a abstenção gradual de todas as ações. Que necessidade tu tens de riqueza e que necessidade de parentes e amigos, e de cônjuges? Tu és um Brahmana e tu tens a morte para encontrar. Busque teu próprio Eu que está oculto em uma caverna (corpo). Aonde foram teus avôs e aonde foi teu pai também?'"

"Bhishma disse, 'Ouvindo estas palavras de seu filho, o pai agiu da maneira que foi indicada, ó rei! Aja tu também da mesma maneira, dedicado à religião da Verdade.'"

278

"Yudhishthira disse, 'De que comportamento um homem deve ser, de que atos, de que tipo de conhecimento, e ao que ele deve ser devotado, para alcançar a região de Brahma que transcende Prakriti e que é imutável?'" (Prakriti é natureza primordial consistindo nas cinco grandes essências de terra, água, etc.)

"Bhishma disse, 'Alguém que é devotado à religião da Emancipação, moderado em alimentação, e mestre de seus sentidos, alcança aquele lugar elevado que transcende Prakriti e que é imutável. Afastando-se do lar, considerando ganho e perda da mesma maneira, reprimindo os sentidos, e desconsiderando todos os objetos de desejo mesmo quando eles estão preparados (para desfrute), ele deve adotar uma vida de Renúncia. Nem com os olhos, nem com as palavras, nem em pensamentos, alguém deve menosprezar outros. Nem ele deve falar mal de alguma pessoa dentro ou fora de sua audição. Ele deve se abster de ferir qualquer criatura, e se conduzir observando o rumo do Sol, (isto é, vagando como o Sol todos os dias por um caminho diferente, ou seja, nunca se confinando a um local). Tendo entrado nesta vida, ele não deve se comportar com hostilidade em direção a alguma criatura. Ele deve desconsiderar palavras ignominiosas, e nunca em arrogância se julgar superior a outro. Quando alguém procurar irritá-lo, ele ainda assim deve proferir palavras agradáveis. Mesmo quando caluniado, ele não deve caluniar em retorno. Ele não deve se comportar de maneira amistosa ou antipática no meios de seres humanos. Ele não deve circular visitando muitas casas em sua ronda de mendicância. Nem ele deve ir para alguma casa tendo recebido um convite prévio (para jantar). Mesmo quando salpicado com sujeira (por outros), ele deve, apoiando-se firmemente no cumprimento de seus deveres, se abster de se dirigir a tais salpicadores em palavras desagradáveis. Ele deve ser compassivo. Ele deve se abster de retornar uma ofensa. Ele deve ser destemido; ele deve se abster da auto-louvação. O homem de sentidos controlados deve procurar sua doação de caridade na residência de um chefe de família quando a fumaça cessou de se elevar dela, quando o som da vara de debulha foi silenciado, quando o fogo da lareira foi extinto, quando todos os habitantes terminaram suas refeições, ou quando acabou a hora de colocar os pratos. (O Muni deve ser moderado e por isso ele deve escolher uma hora como esta para pedir seu donativo, quando houver muito pouco na casa para dar.) Ele deve se contentar somente com o tanto que é necessário para manter corpo e alma juntos. Mesmo aquele tanto de alimento que produz satisfação não deve ser cobiçado por ele. Quando ele fracassa em obter o que ele quer, ele não deve se permitir nutrir descontentamento. O sucesso, também, em obter o que ele quer, não deve fazê-lo alegre. Ele nunca deve desejar coisas que são cobiçadas por homens comuns. Ele nunca deve comer na casa de alguém quando respeitosamente convidado para isso. Alguém como ele deve reprovar tais ganhos como os que são obtidos com honra, (isto é, quando tal homem é presenteado com alguma coisa, ele deve pegá-la em reprovação). Ele nunca deve achar defeito (por causa de rancidez, etc.) no alimento colocado à sua frente, nem deve elogiar seus méritos. Ele deve cobiçar uma cama e um assento que estejam distantes dos lugares frequentados por homens. Os lugares que ele deve procurar são tais como uma casa abandonada, a base de uma árvore, uma floresta, ou uma caverna. Sem permitir que suas práticas sejam conhecidas por outros, ou ocultando sua real natureza por parecer adotar outras (que são odiosas ou repulsivas), ele deve entrar em seu próprio Eu, (isto é, se afastar de tudo para compreender e contemplar a Alma). Por associação com Yoga e dissociação de companhia, ele deve ser perfeitamente equânime, firmemente estável, e uniforme. Ele não deve ganhar mérito ou demérito por meio de ações. Ele deve estar sempre gratificado, satisfeito, de rosto

alegre e percepção alegre, destemido, sempre ocupado em recitação mental de mantras sagrados, silencioso, e dedicado a uma vida de Renúncia. Observando a repetida formação e dissolução de seu próprio corpo com os sentidos que originam-se de e se dissolvem nas essências elementares, e vendo também a vinda e partida de (outras) criaturas, ele deve se tornar livre de desejo e aprender a lançar olhares iguais para tudo, subsistindo de alimento cozido e não cozido. Frugal em relação à sua alimentação, e subjugando seus sentidos, ele conquista a tranquilidade do Eu pelo Eu. Ele deve controlar os impulsos (nascentes) de palavras, da mente, de ira, de inveja, de fome, e de luxúria. Dedicado a penitências para purificar seu coração, ele nunca deve permitir que as críticas (de outros) aflijam seu coração. Ele deve viver, tendo assumido uma posição de neutralidade com relação a todas as criaturas, e considerar elogio e crítica como iguais. Este, de fato, é o mais santo e mais elevado caminho do modo de vida Sannyasa. Possuidor de grande alma, o Sannyasin deve retrair seus sentidos de todas as coisas e se manter à distância de todas as atrações. Ele nunca deve ir aos lugares visitados por ele e pelos homens conhecidos por ele enquanto seguia os modos de vida anteriores. Agradável para todas as criaturas, e sem uma casa fixa, ele deve ser dedicado à contemplação do Eu. Ele nunca deve se misturar com chefes de família e ascetas da floresta. Ele deve comer tal comida que ele possa obter sem esforço (e sem ter pensado nela antes). (Pensar antes na comida que comerá converte a pessoa em um comilão. O Sannyasin, sem pensar na comida que ele receberá, e sem se entregar mentalmente a um antegozo dela deve comer o que ele obtém sem esforço.) Ele nunca deve permitir que a alegria possua seu coração. Para aqueles que são sábios tal vida de Renúncia é o meio para a obtenção de Emancipação. Para aqueles, no entanto, que são tolos, a prática destes deveres é extremamente penosa. O sábio Harita declarou que tudo isso é o caminho pelo qual a Emancipação é para ser alcançada. Aquele que parte de sua casa, tendo assegurado todas as criaturas de sua perfeita inofensividade, alcança muitas regiões luminosas de felicidade as quais demonstram ser intermináveis ou eternas.'"

279

"Yudhishthira disse, 'Todos os homens falam de nós como altamente afortunados. Na verdade, no entanto, não há pessoas mais desventuradas do que nós. Embora honrados por todo o mundo, ó melhor dos Kurus, e embora nós tenhamos nascido entre homens, ó avô, tendo sido gerados pelos próprios deuses, contudo quando tanta tristeza tem sido nossa sina, parece, ó superior venerável, que só o nascimento em uma forma incorporada é a causa de toda a tristeza. Ai, quando nós adotaremos uma vida de Renúncia que é destrutiva de tristeza? Sábios de votos rígidos livres dos dezessete (isto é, os cinco ares, mente, compreensão, e os dez órgãos de conhecimento e ação), das cinco falhas de Yoga (isto é, desejo, ira, cobiça, medo, e sono) que constituem as causas principais (para atar o homem às repetidas rondas de vida terrestre), e dos outros oito, ou seja, os cinco objetos dos sentidos e os três atributos (de Sattwa, Rajas, e

Tamas), nunca têm que incorrer em renascimento. Quando, ó opressor de inimigos, nós conseguiremos abandonar a soberania para adotar uma vida de renúncia?'"

"Bhishma disse, 'Tudo, ó grande monarca, tem um fim. Tudo tem limites designados para si. Até o renascimento, isto é bem conhecido, tem um fim. Neste mundo não há nada que seja imutável. Tu pensas, ó rei, que isso (isto é, a riqueza com a qual tu foste empossado é uma falha). Isso é verdade, em relação ao nosso assunto de investigação atual, (pois a afluência, por causa do apego que ela gera, fica no caminho da Emancipação). Vocês, no entanto, estão familiarizados com a virtude, e têm boa vontade. É certo, portanto, que vocês alcançarão o fim de sua tristeza, (isto é, Emancipação) em tempo. Jiva equipado com corpo, ó rei, não é o autor de seus méritos e deméritos (ou seus frutos representados por felicidade e tristeza). Por outro lado, ele vem a ser envolvido pela Escuridão (da Ignorância que tem atração e aversão como sua essência) que é nascida de seus méritos e deméritos. Como o vento impregnado com poeira de antimônio mais uma vez pega a eflorescência de realgar e, (embora ele mesmo desprovido de cor) assume as cores das substâncias que pegou e tinge os diferentes pontos do horizonte (os quais representam seu próprio progenitor sem cor, isto é, o espaço); da mesma maneira, Jiva, embora ele mesmo sem cor, assume uma cor por ser envolvido pela Escuridão e matizado pelas frutos das ações, e viaja de corpo para corpo (fazendo seu próprio progenitor sem mancha e imutável aparecer como manchado e mutável). (O vento tem o espaço como se progenitor. Jiva tem o imaculado e imutável Chit como seu progenitor. Como o vento, que é sem cor, apanhando cores de objetos circundantes e fazendo seu próprio progenitor parecer como se ele tivesse cores, Jiva também, embora em realidade sem mácula, apanha máculas de Ignorância e Ações e faz seu próprio progenitor, o imaculado e imutável Chit, mostrar máculas de todos os tipos. Assim é como o comentador formula o símile, completando os pontos que foram omitidos no texto.) Quando Jiva consegue dissipar por meio do Conhecimento a Escuridão que o envolve por causa da Ignorância, então o Imutável Brahma vem a ser revelado (em toda Sua glória). Os Sábios dizem que reversão para o Imutável Brahma não pode ser realizada por meio de Ações. Tu mesmo, outros no mundo, e as divindades também, devem reverenciar aqueles que alcançaram a Emancipação. Todos os grandes Rishis nunca desistem da cultura de Brahma. (Dizer que a obtenção de Brahma não depende de Ações significa isto: Ações são finitas. Suas consequências também são finitas. Ações, portanto, nunca podem ser os meios pelos quais Brahma pode ser alcançado, pois Brahma é infinito e eterno, não como a felicidade do céu a qual é mutável. O único meio pelo qual Jiva pode voltar para Brahma é por dissipar a Ignorância através do Conhecimento; ou, como os Upanishads declaram, alguém alcança àquilo como alguém obtém seu colar de ouro esquecido, o qual todo o tempo está no pescoço embora procurado com assiduidade em todos os lugares. O que se quer dizer pela instrução sobre reverenciar pessoas que alcançaram Brahma é isto: a existência de Brahma e a possibilidade de Jiva voltar para aquele estado Imutável são questões que dependem da concepção de tais homens. Brahma, além disso, é tão difícil de manter, que os grandes sábios nunca desistem por um momento da cultura que é

necessária para sua retenção.) Em relação a isto é citado aquele discurso que foi cantado antigamente (pelo preceptor dos Daityas). Escute, ó monarca, com total atenção a direção de conduta que foi seguida pelo Daitya Vritra depois que ele ficou desprovido de toda sua prosperidade. Dependendo somente de sua inteligência, ele não se entregou à tristeza no meio de seus inimigos, embora ele estivesse privado de soberania, ó Bharata! Para Vritra, quando antigamente ele estava privado de soberania, (seu preceptor) Usanas disse, 'Eu espero, ó Danava, que por causa da tua derrota tu não nutras alguma angústia.'"

"Vritra disse, 'Sem dúvida, tendo compreendido, pela ajuda da verdade e penitências, a chegada e partida de todas as criaturas vivas, eu parei de me entregar à tristeza ou alegria. Incitadas pelo Tempo as criaturas caem sem auxílio no inferno. Algumas também, o sábios dizem, vão para o céu. Todas essas passam seu tempo em contentamento. Passando seus períodos concedidos no céu e no inferno, e com alguma porção de seus méritos e deméritos inesgotada (por gozo e sofrimento), elas tomam nascimento repetidamente, impelidas pelo Tempo. Acorrentadas pelos laços do Desejo, as criaturas passam por miríades de vidas intermediárias (isto é, como animais e aves e répteis e vermes, etc.) e caem desamparadamente no inferno. Eu tenho visto que criaturas vêm e vão exatamente dessa maneira. A lição inculcada nas Escrituras é que as aquisições de alguém correspondem às suas ações; (isto é, se corretas, ele obtém alegria; se não, o oposto.) Criaturas tomam nascimento como homens ou como animais intermediários ou como deuses e vão para o inferno. Tendo agido em vidas, que são passadas de tal maneira quanto a merecê-las, todas as criaturas, sujeitas às ordenanças do Destruidor, encontram com felicidade e miséria, o agradável e o desagradável. Tendo desfrutado da medida de bem estar e angústia que corresponde com suas ações, as criaturas sempre voltam pelo velho caminho, o qual é medido pela medida das ações.' Então o ilustre Usanas se dirigiu ao Asura Vritra que estava assim falando do maior refúgio da criação, dizendo, 'Ó Daitya inteligente, por que, ó filho, tu proferes tais rapsódias tolas?'"

"Vritra disse, 'As penitências severas que eu pratiquei por cobiça de vitória são bem conhecidas por ti como também pelos outros sábios. Apropriando-me de diversos perfumes e diversos tipos de sabores que as outras criaturas tinham para desfrutar, eu me expandi com minha própria energia, afligindo os três mundos. Decorado com miríades de raios refulgentes eu costumava vagar pelos céus (em meu carro celeste), incapaz de ser derrotado por qualquer criatura e temendo ninguém. Eu obtive grande prosperidade pelas minhas penitências e a perdi também através das minhas próprias ações. Confiando em minha firmeza, no entanto, eu não me aflijo por esta mudança. Desejoso (antigamente) de lutar com o grande Indra, o soberano de grande alma dos céus, eu vi naquela batalha o ilustre Hari, o pujante Narayana. (Hari foi ajudar Indra, e por isso Vritra o viu. Ele é chamado de Hari porque ele tira os pecados de alguém.) Ele que é chamado de Vaikuntha (aquele que une todas as criaturas), Purusha (completo), Ananta, Sukla (Puro), Vishnu (aquele que permeia tudo), Sanatana (uniforme ou imutável), Munjakesa (possuidor de cabelo amarelo, ou de cabelo da cor da erva Munja), Harismasru (aquele de barba fulva), e de Avô de todas as criaturas. Sem dúvida,

ainda há um resto (para ser desfrutado por mim) das recompensas ligadas àquela penitência representada por uma visão do grandioso Hari. É por causa daquele resto inesgotado que eu fiquei desejoso de te perguntar, ó ilustre, acerca dos frutos da ação! (Penitências são meritórias. A própria visão de Hari que eu obtive foi tão eficaz quando um curso das penitências mais austeras. Naturalmente, por causa disso e de minhas outras penitências, grandes são as recompensas que eu tenho desfrutado. Parece, no entanto, que a medida completa de recompensas não foi colhida; o resto está para ser desfrutado por mim agora, pois eu estou prestes a te perguntar a respeito dos frutos das ações. Sagrada e altamente auspiciosa é minha indagação. Fazê-la é, em si mesmo, uma recompensa.) Sobre qual classe (de homens) foi estabelecida grande prosperidade Brahma? De que maneira, também, a grande prosperidade decai? De quem as criaturas surgem e vivem? Através de quem também elas agem? Qual é aquele Fruto sublime por alcançar o qual uma criatura consegue viver eternamente como Brahma? Por qual ação ou por qual Conhecimento aquele fruto pode ser alcançado? Cabe a ti, ó Brahmana erudito, explicar isso para mim.'"

"Resumido por mim, ó leão entre reis, escute com toda atenção, ó touro de homens, com todos os teus irmãos, ao que o sábio Usanas então disse depois que ele tinha sido assim endereçado por aquele príncipe dos Danavas.'"

280

"Usanas disse, 'Eu reverencio aquele Ser ilustre e divino e pujante que segura esta terra com o firmamento em seus braços. Eu falarei para ti da grandeza preeminente daquele Vishnu cuja cabeça, ó melhor dos Danavas, é aquele lugar Infinito (chamado Emancipação).'"

"Enquanto eles estavam assim conversando um com o outro aproximou-se deles o grande sábio Sanatkumara de alma justa para o propósito de dissipar suas dúvidas. Adorado pelo príncipe dos Asuras e pelo sábio Usanas, aquele principal dos sábios sentou em um assento suntuoso. Depois que Kumara de grande sabedoria estava sentado (à vontade), Usanas disse para ele, 'Fale para este comandante dos Danavas sobre a grandeza preeminente de Vishnu.' Ouvindo estas palavras, Sanatkumara proferiu o seguinte, repleto de grande importância, sobre a grandeza preeminente de Vishnu para o inteligente chefe dos Danavas, 'Ouça, ó Daitya, tudo sobre a grandeza de Vishnu. Saiba, ó opressor de inimigos, que o universo inteiro repousa em Vishnu. Ó tu de braços poderosos, é Ele quem cria todas as criaturas móveis e imóveis. No decorrer do Tempo é Ele, também, que recolhe todas as coisas, e no Tempo é Ele que mais uma vez as emite para fora de Si Mesmo. Em Hari todas as coisas são absorvidas na destruição universal e dele todas as coisas saem novamente. Homens possuidores de erudição escritural não podem obtê-lo por tal erudição. Nem Ele pode ser obtido por Penitências, nem por Sacrifícios. O único meio pelo qual Ele pode ser alcançado é por controlar os Sentidos. Nem sacrifícios são totalmente inúteis em direção a semelhante fim. Pois alguém, por confiar em ações externas e internas, e na

própria mente, pode purificar (a eles) por sua própria compreensão. Por tais meios, alguém consegue desfrutar de infinidade (Emancipação) no mundo. Como um ourives purifica a escória de seu metal por lançá-lo ao fogo repetidamente com muitos esforços próprios persistentes, da mesma maneira Jiva consegue purificar a si mesmo por seu curso através de centenas de nascimentos. Alguém pode ser visto se purificar em uma única vida por esforços poderosos. Como alguém deve limpar com cuidado as manchas de seu corpo antes que elas se tornem espessas, da mesma maneira alguém deve, com esforços vigorosos, purificar as próprias imperfeições. (A comparação jaz no fato de as duas ações serem desejáveis. Ninguém gosta que as manchas que o corpo pode apanhar permaneçam não lavadas ou não eliminadas. Similarmente, ninguém deve deixar de limpar os defeitos que o coração possa contrair. Não há comparação entre as duas ações com relação ao grau de esforço necessário para realizar cada uma.) Por misturar somente umas poucas flores com eles, grãos de gergelim não podem ser feitos perderem seu odor próprio (e se tornarem fragrantes imediatamente). Do mesmo modo, não se pode, por purificar o coração somente um pouco, conseguir contemplar a Alma. Quando, no entanto, aqueles grãos são perfumados repetidamente com a ajuda de uma grande quantidade de flores, é então que eles perdem seu próprio odor e assumem aquele das flores com as quais eles são misturados. Dessa maneira, imperfeições, na forma de apegos a todos os nossos ambientes, são dissipadas pela compreensão no decurso de muitas vidas, com a ajuda de uma grande dose do atributo do Sattwa, e por meio de esforços nascidos da prática. (‘Esforços nascidos da prática’ se refere a Sadhana interno e externo.) Ouça, ó Danava, por quais meios criaturas ligadas às ações e aquelas não ligadas a elas obtêm as causas que levam aos seus respectivos estados mentais. Ouça-me com total atenção. Eu irei, em sua ordem devida, falar para ti, ó Danava pujante, sobre como as criaturas se dirigem para ação e como elas desistem da ação. O Senhor Supremo cria todas as criaturas móveis e imóveis. Ele é sem início e sem fim. Não dotado de atributos de qualquer tipo, ele assume atributos (quando Ele opta por criar). Ele é o Destruidor universal, o Refúgio de todas as coisas, o Ordenador Supremo, e Chit puro. Em todas as criaturas é Ele quem mora como o mutável e o imutável. É Ele quem, tendo onze modificações como Sua essência, bebe este universo com Seus raios. (O 'mutável' em todas as criaturas é a combinação das cinco essências primordiais. O 'imutável' nelas é Jiva, ou Chit como envolvido em ignorância. As onze modificações que constituem Sua essência são os sentidos de conhecimento e ação com a mente. Equipado com estes onze, Ele bebe o universo, isto é, desfruta dele. Os raios são os próprios sentidos. Equipado com os sentidos, Ele desfruta do universo com os sentidos.) Saiba que a Terra é Seus pés. Sua cabeça é constituída pelo Céu. Seus braços, ó Daitya, são os vários pontos da bússola ou do horizonte. O espaço intermediário é Seus ouvidos. A luz de Seu olho é o Sol, e Sua mente está na Lua; (isto é, sua mente é a Lua). Sua compreensão sempre reside no Conhecimento, e Sua língua está na Água. Ó melhor dos Danavas, os Planetas estão no meio de Sua testa. As estrelas e constelações são provenientes da luz de Seus olhos. A Terra está em Seus pés, ó Danava! Saiba também que os atributos de Rajas, Tamas, e Sattwa são dele. Ele é o fruto (ou fim) de todos os modos de vida, e Ele é quem deve ser conhecido como o fruto (ou recompensa) de todas as ações

(piedosas, tais como Japa e Sacrifício, etc.). O Mais Sublime e Imutável, Ele é também o fruto da abstenção de todo trabalho. Os Chandas são os pêlos em Seu corpo, e Akshara (ou Pravana) é Sua palavra. As diversas classes (de homens) e os modos de vida são Seu refúgio. Suas bocas são muitas. O dever (ou religião) está plantado em seu coração. Ele é Brahma; Ele é a mais elevada Justiça; Ele é Sat e Ele é Asat; Ele é Sruti; Ele é as escrituras; Ele é o recipiente Sacrifical; Ele é os dezesseis Ritwijes; Ele é todos os Sacrifícios; Ele é o Avô (Brahman); Ele é Vishnu; Ele é os gêmeos Aswins; e Ele é Purandara; (Os grahas ou patras (recipientes) Sacrificais são chamados pelos nomes das divindades Indra, Vayu, Soma, etc. Os dezesseis Ritwijes são Brahman, Hotri, Adhyaryu, Udgatri, etc.) Ele é Mitra; Ele é Varuna; Ele é Yama; Ele é Kuvera o senhor dos tesouros. Embora os Ritwijes pareçam vê-lo como separado, Ele é, no entanto, conhecido para eles como único e o mesmo. (O Ser Divino é único. A variedade percebida é somente aparente, não real.) Saiba que todo este universo está sob o controle do Único Ser Divino. O Veda que está na alma, ó príncipe dos Daityas, considera a unidade das várias criaturas. Quando uma criatura viva percebe esta unidade em consequência do conhecimento verdadeiro, ela então é citada como tendo alcançado Brahma. O período de tempo pelo qual uma criação existe ou pelo qual ela cessa de existir é chamado de um Kalpa. As criaturas viventes existem por mil milhões de tais Kalpas. As criaturas imóveis também existem por um período igual. O período pelo qual uma criação específica existe é medido por muitos milhares de lagos (da seguinte maneira), ó Daitya! Conceba um lago que tem um Yojana de largura, um Krosa de profundidade, e quinhentos Yojanas de comprimento. Imagine muitos milhares de tais lagos. Procure então secar completamente aqueles lagos por tirar deles, somente uma vez por dia, tanta água quanto possa ser pega com a ponta de um único cabelo. O número de dias que se passariam em secá-los completamente por meio desse processo representa o período que é ocupado pela vida de uma criação desde seu primeiro início até a hora de sua destruição. A maior Evidência (para todas as coisas) diz que as criaturas têm seis cores, isto é, Escura, Morena, Azul, Vermelha, Amarela, e Branca. Estas cores procedem de misturas em várias proporções dos três atributos de Rajas, Tamas, e Sattwa. Onde Tamas predomina, Sattwa cai abaixo da marca, e Rajas mantém a marca, o resultado é a cor chamada Escura. Quando Tamas predomina como antes, mas as relações entre Sattwa e Rajas estão invertidas, o resultado é aquela cor chamada Morena. Quando Rajas predomina, Sattwa cai abaixo da marca, e Tamas mantém a marca, o resultado é a cor chamada Azul. Quando Rajas predomina como antes e a proporção é invertida entre Sattwa e Tamas, o resultado é a cor intermediária chamada Vermelha. Esta Cor é mais agradável (do que a precedente). Quando Sattwa predomina, Rajas cai abaixo da marca e Tamas mantém a marca, o resultado é a cor chamada Amarela. Esta é produtiva de felicidade. Quando Sattwa predomina e a proporção é invertida entre Rajas e Tamas, o resultado é a cor chamada Branca. Esta é produtiva de grande felicidade. (Isto é elaborado no Vishnu Purana, Parte 1, Capítulo 5. Há três criações primárias, isto é, Mahat, as cinco essências primordiais em suas formas sutis e os sentidos. Das Seis cores também surgiram seis outras criações. À cor Escura são atribuíveis todas as criaturas imóveis; à Morena toda a classe intermediária de criaturas (isto é, os animais inferiores e aves, etc.); à Azul são

atribuíveis seres humanos, à Vermelha os Prajapatyas; à Amarela as divindades; e à Branca os Kumaras, isto é, Sanatkumara e outros.) O Branco é a cor principal. Ele é impecável por ser livre de atração e aversão. Ele é sem dor, e livre da labuta envolvida em Pravritti. Por isso, o Branco, ó príncipe dos Danavas, leva ao sucesso (ou Emancipação). Jiva, ó Daitya, tendo passado por milhares de nascimentos derivados através do útero, alcança o êxito. Aquele êxito é o mesmo fim o qual o divino Indra declarou depois de ter estudado muitos tratados espirituais auspiciosos e que têm por sua essência a compreensão da Alma. O fim também que as criaturas obtêm é dependente de sua cor, e a cor, por sua vez, depende do caráter do Tempo que se manifesta, ó Daitya! Os estágios de existência, ó Daitya, através dos quais Jiva deve passar não são ilimitados. Eles são catorze centenas de milhares em número. Por eles Jiva ascende, permanece, e cai conforme o caso possa ser. (Há dez sentidos de conhecimento e ação. A estes devem ser somados Manas, Buddhi, Ahankara e Chitta, que são às vezes chamados de os quatro Karanas. Por causa destes catorze, catorze diferentes tipos de mérito e demérito podem ser alcançados por Jiva que é seu possuidor. Estes catorze tipos de mérito e demérito também, são subdivididos em centenas de milhares cada um. Jiva, no decorrer de suas viagens pelo universo, ascende na escala de Existência, permanece em degraus específicos, e cai deles para degraus inferiores, conformemente. O que o orador deseja inculcar é que estes catorze devem estar sempre em direção ao atributo de Sattwa ou Bondade.) O fim que é alcançado por um Jiva de cor escura é muito inferior, pois ele se torna viciado em ações que levam ao inferno e então tem que apodrecer no inferno. (Esta vida, isso deve ser notado, leva à transformação de Jiva como um objeto imóvel. Uma criatura de cor Escura vem a ser viciada em atos perversos e apodrece no inferno. Sua existência como um objeto imóvel é o próprio inferno.) Os eruditos dizem que por causa de sua maldade, a permanência (em tal forma) de um Jiva é medida por muitos milhares de Kalpas. Tendo passado muitas centenas de milhares de anos naquela condição, Jiva então obtém a cor chamada Morena (e nasce como uma criatura intermediária). Naquela condição ele vive (por muitos longos anos), em total desamparo. Finalmente, quando seus pecados estão esgotados (por ele ter suportado toda a miséria que eles são capazes de trazer), sua mente, rejeitando todas as atrações, nutre a Renúncia. (As cores Escura e Morena de seus correspondentes estados de existência, isto é, o imóvel e o intermediário, são consideradas como estados de tolerância. Por isso, quando a miséria que é sua porção foi completamente suportada, é subitamente irradiada para a mente a lembrança da virtude que distinguia Jiva em eras muito remotas.) Quando Jiva vem a ser dotado da qualidade de Sattwa, ele então dissipa tudo conectado com Tamas pela ajuda de sua inteligência, e se esforça (para realizar o que é para o seu bem). Como resultado disso, Jiva obtém a cor Vermelha. Se a qualidade de Sattwa, no entanto, não for adquirida, Jiva então viaja em uma ronda de renascimentos no mundo inerte, tendo alcançado a cor chamada Azul. (Depois da Morena vem a Azul, isto é, depois da obtenção de existência como uma criatura intermediária Jiva obtém humanidade. Isso ocorre quando Sattwa não predomina.) Tendo alcançado aquele fim (isto é, Humanidade) e tendo sido afligido pela duração de uma criação pelos vínculos nascidos de seus próprios atos, Jiva então obtém a cor chamada de Amarelo (ou se torna uma divindade).

Existindo naquela condição pelo espaço de cem criações, ele então a deixa (para se tornar um ser humano e) para voltar a ela mais uma vez. Tendo alcançado a cor Amarela, Jiva existe por milhares de Kalpas, se divertindo como um Deva. Sem, no entanto, ser emancipado (até então), ele tem que ficar no inferno, desfrutando ou suportando os resultados de suas ações de Kalpas passados e vagando por dezenove mil cursos. (Quando Jiva se torna um Deva, ele ainda tem os dez sentidos, os cinco Pranas, e as quatro posses internas de mente, compreensão, Chitta, e Ahankara, chegando ao todo a dezenove. Estes dezenove o impelem para milhares de ações. Então, mesmo quando transformado em Deva, Jiva não está livre das ações, mas está em niraya ou inferno, as ações sendo, sob todas as circunstâncias, equivalentes ao inferno.) Saiba que Jiva fica livre do inferno (das ações) como representado pelo céu ou divindade. Da mesma maneira, Jiva escapa de outros nascimentos (correspondentes às outras cores). Jiva se diverte por muitos longos Kalpas no mundo dos Devas. Caindo de lá, ele mais uma vez obtém a posição de Humanidade. Ele então fica naquela condição pelo espaço de cento e oito Kalpas. Ele então alcança mais uma vez a posição de um Deva. Se enquanto na posição de humanidade (pela segunda vez) ele decai através de (maus atos como representados por) Kala (na forma de Kali), ele então cai na cor Escura e assim ocupa o mais baixo de todos os estágios de existência.'"

"Eu te direi agora, ó principal dos Asuras, como Jiva consegue efetuar sua Emancipação. Desejoso de Emancipação, Jiva, confiando em setecentos tipos de ações, cada um dos quais é caracterizado por uma predominância do atributo de Sattwa, segue gradualmente através do Vermelho e do Amarelo e finalmente alcança o Branco. (Os cinco sentidos, com a mente e a compreensão formam um total de sete. As ações realizadas através de cada um destes podem ser subdivididas em uma centena. Como estas sete posses aderem ao Jiva até que ele se torne emancipado, ele age através destes sete de muitas maneiras. Confiando, portanto, neste setecentos tipos de ações (os quais são somente formas variadas de uma única coisa, isto é, Ação), Jiva sucessivamente se torna Vermelho e Amarelo e Branco.) Chegando lá, Jiva viaja por várias regiões que são muito encantadoras e que têm as oito regiões bem conhecidas de felicidade abaixo delas, e todo o tempo procura aquela forma de existência imaculada e refulgente que é a própria Emancipação. (Chegado no Branco, Jiva percorre certas regiões refulgentes que são superiores à região do próprio Brahman, e que deixam para trás ou abaixo delas os Oito Puris (pelos quais, talvez, queira-se dizer o puri de Indra, aquele de Varuna, etc., ou, Kasi, Mathura, Maya, etc., ou estágios de progresso simbólicos, os quais são repletos de grande felicidade). Aquelas regiões refulgentes e adoráveis são obteníveis só por Conhecimento ou pelo resultado de Yoga.) Saiba que as Oito (já referidas e) que são idênticas às Sessenta (subdividas em) centenas, são, para aqueles que são altamente refulgentes, somente criações da mente (sem terem alguma existência real ou independente). (A este número de Sessenta chega-se dessa maneira: 1º, o estado de vigília; 2º, o corpo grosseiro composto das cinco essências primordiais; 3º, os cinco atributos de som, cheiro, forma, gosto, e toque; estes totalizam sete. Então vêm os dez sentidos de ação e conhecimento; os cinco ares; mente, compreensão, consciência, e chitta, estes formam 19. Então vem Avidya, Kama, e

Karma. Com a Alma ou o Observador, a soma chega a 30. O número dobra quando o estado de Sonho é levado em consideração, pois como a vigília existindo com os 29, o Sonho também existe com os 29.) O maior objeto de aquisição de alguém que é de cor Branca, é aquela condição (chamada Turiya) que transcende os três outros estados de consciência, isto é, Vigília e Sonho e Sono sem Sonhos. Com relação àquele Yogin que não pode abandonar as felicidades que a pujança-Yoga traz, ele tem que morar (no mesmo corpo) por uma centena Kalpas em auspiciosidade (em uma forma de vida superior) e depois disso em quatro outras regiões (chamadas Mahar, Jana, Tapas, e Satya). Este mesmo é o fim mais elevado de alguém pertencente à sexta cor (isto é, a Branca), e que é malsucedido embora coroado com sucesso (isto é, que alcançou sucesso em Yoga, mas que ainda não pôde alcançar aquele êxito que consiste em contemplar Brahma), e que transcendeu todas as atrações e paixões. Aquele Yogin, também, que abandona as práticas de Yoga depois de ter alcançado a medida de eminência já descrita, reside no céu por uma centena de Kalpas com o resto inesgotado de suas ações passadas (para ser esgotado por desfrute ou tolerância conforme o caso), e com os sete (isto é, os cinco sentidos de conhecimento e a mente e a compreensão) purgados de todas as máculas por sua predisposição ou inclinação em direção ao atributo de Sattwa. E no término daquele período, tal pessoa tem que vir ao mundo dos homens onde ele obtém grande eminência. Regressando do mundo dos homens, ele parte para alcançar novas formas de existência que seguem cada vez mais alto na escala ascendente. Enquanto dedicado a isto, ele percorre sete regiões, (Bhur, Bhuvar, Swah, Mahar, Jana, Tapas, e Satya ou Brahmaloka), por sete vezes, sua pujança sendo sempre aumentada por seu Samadhi e do re-despertar a partir dele. O Yogin que é desejoso da Emancipação final suprime os sete por Conhecimento-Yoga, e continua a morar no mundo de vida, livre de apegos; e, considerando aqueles sete como meios certos de angústia, ele os rejeita e alcança subsequentemente aquele estado que é Indestrutível e Infinito. Alguns dizem que este é a região de Mahadeva; alguns, de Vishnu; alguns, de Brahman; alguns, de Sesha; alguns, de Nara; alguns, do Chit refulgente; e alguns, daquele que permeia tudo. (Os onze que o Yogin desejoso de Emancipação rejeita são ou as sete regiões já referidas, isto é, Bhu, Bhuva, Swah, Maha, Jana, Tapa, e Satya, ou os cinco sentidos de conhecimento com mente e compreensão. A primeira Devasya se refere a Mahadeva. Os Saivas chamam aquela região de Kailasa. Os Vaishnavas a chamam de Vaikuntha. Os Hiranya-garbhas a chamam de Brahman ou Brahmaloka. Sesha é Ananta, uma forma específica de Narayana. Aqueles que chamam esta região de Nara são, naturalmente, os Sankhyas, pois estes consideram a Emancipação como a meta de Jiva ou toda criatura.) Quando chega a destruição universal, aquelas pessoas que conseguiram consumir completamente pelo Conhecimento os seus corpos grosseiro e sutil e karana, sempre entram em Brahma. Todos os seus Sentidos também os quais têm ação como sua essência, e que não são iguais a Brahma, se fundem no mesmo. Quando chega a hora da destruição universal, aqueles Jivas que alcançaram a posição de Devas e que têm um resto não esgotado dos frutos das ações para desfrutar ou aguentar, voltam àqueles estágios de vida no Kalpa subsequente, os quais eram deles no anterior. Isso é devido à semelhança de cada Kalpa

sucessivo com o anterior. Aqueles também cujos atos, no tempo da destruição universal, foram esgotados por gozo ou tolerância em relação a seus resultados, caindo do céu, tomam nascimento entre homens, no Kalpa subsequente, pois sem Conhecimento alguém não pode destruir suas ações nem em cem Kalpas. Todos os Seres superiores também, dotados de poderes similares e formas similares, voltam para seus respectivos destinos em uma nova criação depois de uma destruição universal, subindo e descendo precisamente da mesma maneira como durante a criação que foi dissolvida. Com relação à pessoa que conhece Brahma, enquanto ela continua a desfrutar ou suportar o resto inesgotado de suas ações de Kalpas anteriores, é dito que todas as criaturas e as duas ciências imaculadas (Paravidya e Aparavidya, isto é, todo o conhecimento incluindo aquele de Brahma) vivem em seu corpo. Quando seu Chitta se torna purificado por Yoga, e quando ele pratica Samyama, este universo perceptível aparece para ele como somente seus próprios sentidos quíntuplos. (O que o orador deseja inculcar neste verso é que para alguém familiarizado com Brahma, o universo inteiro até completa identidade com Brahma é tão contíguo quando uma ameixa na palma da mão. Quando o Chitta é purificado por Yoga como praticado por meio de Dhyana, Dharana, and Samadhi, então o universo perceptível aparece para ele como idêntico aos seus próprios sentidos.) Investigando com uma mente purificada, Jiva alcança um fim elevado e imaculado. ('com uma mente purificada', isto é, com a ajuda de Sarvana (audição), Manana (atenção), Dhyana (contemplação), e Abhyasa (meditação repetida.) Então ele alcança um lugar que não conhece deterioração, e então alcança o eterno Brahma que é tão difícil de ser alcançado. Dessa maneira, ó tu de grande poder, eu te falei da eminência de Narayana!'"

"Vritra disse, 'Essas tuas palavras, eu vejo, estão perfeitamente de acordo com a verdade. De fato, quando isto é assim, eu não tenho (motivo para angústia). Tendo ouvido tuas palavras, ó tu de grandes poderes mentais, eu fiquei livre de tristeza e pecado de todo tipo. Ó Rishi ilustre, ó santo, eu vejo que esta roda do Tempo, dotada de energia imensa, do mais refulgente e Infinito Vishnu, foi posta em movimento. Eterno é aquele local do qual todos os tipos de criações surgem. Aquele Vishnu é a Alma Suprema. Ele é o principal dos Seres. Nele repousa todo este universo.'"

"Bhishma continuou, 'Tendo dito estas palavras, ó filho de Kunti, Vritra abandonou seus ares vitais, unindo sua alma (em Yoga, com a Alma suprema), e alcançou a posição mais elevada.'"

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, se este Janardana (Krishna) é aquele Senhor ilustre e pujante de quem Sanatkumara falou para Vritra nos tempos passados.'"

"Bhishma disse, 'A Divindade mais Sublime, dotada dos seis atributos de (força, etc.) está na Base. Permanecendo lá, a Alma Suprema, com sua própria energia, cria todas essas diversas coisas existentes. (O comentador diz que o objetivo deste verso é inculcar a Impessoalidade de Deus. Deus é a Base de todas as coisas. Ele existe em sua própria natureza inalterada, como Chit puro. Vidya (Conhecimento) e Avidya (Ignorância ou ilusão) existem nele. Por causa do último

ele é Bhagavan, isto é, dotado dos seis grandiosos atributos de pujança, etc.) Saiba que este Kesava que não conhece deterioração vem de Sua oitava parte. Dotado da maior Inteligência, é este Kesava quem cria os três mundos com uma oitava parte (de Sua energia). Vindo imediatamente depois daquele que se encontra na Base, este Kesava que é eterno (comparado com todas as outras coisas existentes), muda no fim de cada Kalpa. Aquele, no entanto, que se encontra na Base e que é dotado de poder e força supremos, repousa nas águas quando chega a destruição universal (na forma da Semente potencial, (causas e efeitos), de todas as coisas). Kesava é aquele Criador de Alma pura que percorre todos os mundos eternos. Infinito e Eterno como Ele é, Ele enche todo o espaço (com emanações de Si Mesmo) e percorre o universo (na forma de tudo o que constitui o universo). Livre como Ele é de limitações de todo tipo tais como a posse de atributos implicaria, ele se permite ser envolvido com Avidya e despertado para a Consciência. Kesava de Alma Suprema cria todas as coisas. Nele repousa este universo magnífico em sua totalidade.'"

"Yudhishthira disse, 'Ó tu que és conhecedor do maior objeto de conhecimento, eu penso que Vritra viu antes o fim excelente que o esperava. É por isso, ó avô, que ele estava feliz e não se entregou à aflição (em vista de sua morte próxima). Aquele que é de cor Branca, que tomou nascimento em uma linhagem pura ou imaculada, e que alcançou a categoria de um Sadhya não volta, ó impecável, (ao mundo por renascimento). Tal pessoa, ó avô, está livre de ambos, do inferno e da posição de todas as criaturas intermediárias. Aquele, no entanto, que obteve a cor Amarela ou Vermelha, é visto às vezes ser subjugado por Tamas e cair entre a classe de criaturas intermediárias. Com relação a nós, nós estamos muito aflitos e apegados a objetos que são produtivos de tristeza ou indiferença ou alegria. Ai, qual será o fim ao qual nós alcançaremos? Será a (cor) Azul ou a Escura que é a mais baixa de todas as cores?'"

"Bhishma continuou, 'Vocês são Pandavas. Vocês nasceram em uma linhagem imaculada. Vocês são de votos rígidos. Tendo se divertido em alegria nas regiões dos deuses, vocês voltarão ao mundo dos homens. Vivendo felizmente enquanto a criação durar, todos vocês na próxima nova criação serão admitidos entre os deuses, e desfrutando de todos os tipos de felicidades finalmente serão numerados entre os Siddhas. Que nenhum medo seja seu. Sejam alegres.'"

281

"Yudhishthira disse, 'Quão grandioso era o amor de virtude possuído por Vritra de energia incomensurável, cujo conhecimento era incomparável e cuja devoção a Vishnu era tão grande. A posição ocupada por Vishnu de energia incomensurável é extremamente difícil de ser compreendida. Como, ó tigre entre reis, poderia Vritra (que era um Asura) compreendê-la (tão bem)? Tu falaste das ações de Vritra. Eu também te escutei em plena fé. No entanto, por eu ver que um ponto (do teu discurso) é incompreensível (e isso, portanto, requer explicação), minha curiosidade foi despertada para te questionar novamente. Como, de fato, Vritra,

que era virtuoso, devotado a Vishnu, dotado do conhecimento da verdade derivável de uma compreensão correta dos Upanishads e Vedanta, foi derrotado por Indra, ó principal dos homens? Ó chefe dos Bharatas, esclareça esta minha dúvida. De fato, me diga, ó tigre entre reis, como Vritra foi derrotado por Sakra! Ó avô, ó tu de braços poderosos, me diga em detalhes como ocorreu a batalha (entre o chefe das divindades e o principal dos Asuras). Minha curiosidade para ouvi-la é muito grande.'"

Bhishma disse, 'Antigamente, Indra, acompanhado pelas forças celestes, procedia em seu carro, e viu o Asura Vritra posicionado perante ele como uma montanha. Ele tinha quinhentas Yojanas completas de altura, ó castigador de inimigos, e trezentas Yojanas de circunferência. Vendo aquela forma de Vritra, que não podia ser derrotada pelos três mundos unidos juntos, o celestial foi tomado pelo medo e ficou cheio de ansiedade. De fato, vendo de repente aquela forma gigantesca de seu antagonista, ó rei, Indra foi afetado pela paralisia nas extremidades inferiores. Então, na véspera daquela grande batalha entre as divindades e os Asuras, ergueram-se gritos altos de ambos os lados, e baterias e outros instrumentos musicais começaram a ser tocados. Vendo Sakra posicionado à sua frente, ó tu da linhagem de Kuru, Vritra não sentiu nem admiração nem medo, nem ele estava disposto a reunir todas as suas energias para a luta. Então o combate começou, inspirando os três mundos com terror, entre Indra, o chefe das divindades, e Vritra de grande alma. O firmamento inteiro foi envolvido pelos combates de ambos os lados com espadas e machados, lanças, dardos e arpões, maças pesadas e rochas de diversos tamanhos, arcos de vibração alta e diversas espécies de armas celestes, e fogos e madeiras ardentes. Todos os celestiais com o Avô em sua dianteira, e todos os Rishis altamente abençoados, foram testemunhar a batalha, nos seus principais dos carros; e os Siddhas também, ó touro da raça Bharata, e os Gandharvas, com as Apsaras, em seus próprios e belos e principais dos carros, foram lá (para o mesmo propósito). Então Vritra, aquela principal das pessoas virtuosas, rapidamente oprimiu o firmamento e o chefe das divindades com uma chuva grossa de rochas. Os celestiais, nisto, cheios de raiva, dissiparam com suas chuvas de setas aquela chuva grossa de rochas despejada por Vritra em batalha. Então Vritra, ó tigre entre os Kurus, possuidor de força imensa e dotado de grandes poderes de ilusão, entorpeceu o chefe das divindades por lutar totalmente com a ajuda de seus poderes de ilusão. Quando ele de sem sacrifícios, assim afligido por Vritra, foi dominado pelo estupor, o sábio Vasishtha o restituiu aos seus sentidos por proferir Somanas.'"

"Vasishtha disse, 'Tu és o principal dos deuses, ó chefe das divindades, ó matador de Daityas e Asuras! A força dos três mundos está em ti! Por que, então, ó Sakra, tu enlanguesces dessa maneira? Lá se encontram Brahman, e Vishnu, e Siva, aquele senhor do universo, o ilustre e divino Soma, e todos os grandes Rishis (te observando)! Ó Sakra, não ceda à fraqueza, como uma pessoa comum! Firmemente decidido em batalha, mate teus inimigos, ó chefe dos celestiais! Lá, aquele Mestre de todos os mundos, isto é, (Siva) de três olhos, o adorado de todos os mundos, está te olhando! Rejeite este entorpecimento, ó chefe dos

celestiais! Lá, aqueles Rishis regenerados, encabeçados por Vrihaspati, estão te louvando, para tua vitória, em hinos celestiais.'"

"Bhishma continuou, 'Enquanto Vasava de grande energia estava assim sendo restaurado à consciência por Vasishtha de grande alma, sua força veio a ser imensamente aumentada. O ilustre castigador de Paka então, confiando em sua inteligência, recorreu ao Yoga excelente e com sua ajuda dissipou aquelas ilusões de Vritra. Então Vrihaspati, o filho de Angiras, e aqueles principais dos Rishis possuidores de grande prosperidade, observando a destreza de Vritra, foram até Mahadeva, e impelidos pelo desejo de beneficiar os três mundos, o incitaram a destruir o grande Asura. A energia daquele senhor ilustre do universo então assumiu o caráter de uma febre feroz e penetrou no corpo de Vritra, o senhor dos Asuras. O ilustre e divino Vishnu, adorado de todos os mundos, inclinado a proteger o universo, entrou no raio de Indra. Então Vrihaspati de grande inteligência e Vasishtha de energia excelente, e todos os outros principais dos Rishis, indo até Ele de cem sacrifícios, isto é, Vasava concessor de bênçãos, o adorado de todos os mundos, se dirigiram a ele, dizendo, 'Mate Vritra, ó pujante, sem demora!'"

"Maheswara disse, 'Lá, ó Sakra, está o grande Vritra, acompanhado por uma grande tropa. Ele é a alma do universo, capaz de ir a todos os lugares, dotado de grandes poderes de ilusão, e possuidor de grande celebridade. Este principal dos Asuras é, portanto, incapaz de ser derrotado até pelos três mundos juntos. Ajudado por Yoga, mate-o, ó chefe das divindades. Não o desconsidere. Por sessenta mil anos completos, ó chefe dos celestiais, Vritra praticou as mais severas penitências para obter força. Brahman deu a ele as bênçãos que ele pediu, isto é, a grandeza que pertence aos Yogins, grandes poderes de ilusão, excesso de poder, e energia superabundante. Eu te dou minha energia, ó Vasava! O Danava agora perdeu sua frieza. Portanto, mate-o agora com teu raio!'"

"Sakra disse, 'Perante teus olhos, ó principal dos deuses, eu irei, pela tua graça, matar com meu raio este filho invencível de Diti.'"

"Bhishma continuou, 'Quando o grande Asura ou Daitya foi alcançado por aquela febre (nascida da energia de Mahadeva), as divindades e os Rishis, cheios de alegria, proferiram aclamações altas. Ao mesmo tempo tambores, e conchas de clangor alto, e tímpanos e tambores pequenos começaram a ser tocados aos milhares. De repente todos os Asuras ficaram afligidos com perda de memória. Em um instante, seus poderes de ilusão também desapareceram. Os Rishis e as divindades, averiguando que o inimigo estava assim possuído, proferiram os louvores de Sakra e Isana, e começaram a incitar o primeiro (a não se demorar em destruir Vritra). A forma que Indra assumiu na véspera do combate, enquanto sentado em seu carro e enquanto seus louvores estavam sendo cantados pelos Rishis, se tornou de tal maneira que ninguém podia olhá-la sem terror.'"

(Este relato do combate entre Vritra e Indra é substancialmente diferente daquele que se encontra no Vana Parva. Então também a parte que os Rishis tomaram na morte do Asura é sem dúvida criticável. Os grandes Rishis, mesmo para beneficiar os três mundos, certamente não deveriam prejudicar alguma

criatura. No relato acima, Vasishtha e Vrihaspati e os outros são representados como pessoas que apostaram grandemente no sucesso de Indra. No relato que se encontra no Vana Parva, Indra é representado como estando com medo terrível de Vritra e lançando seu raio sem nem fazer pontaria deliberada, e se recusando a acreditar que seu inimigo estava morto até ser assegurado por todas as divindades. O presente relato parece ser muito mais antigo do que aquele no Vana Parva.)

282

"Bhishma disse, 'Ouça-me, ó rei, enquanto eu te digo os sintomas que apareceram no corpo de Vritra quando ele foi dominado por aquela febre (nascida da energia de Mahadeva). A boca do Asura heróico começou a emitir chamas de fogo. Ele ficou extremamente pálido. Seu corpo começou a tremer completamente. Sua respiração se tornou pesada e difícil. Seus cabelos eriçaram-se. Sua memória, ó Bharata, saiu de sua boca na forma de um chacal feroz, terrível, e inauspicioso. Meteoros brilhantes e ardentes caíram à sua direita e esquerda. Urubus e kanakas e grous, se reunindo, proferiram gritos ferozes, enquanto eles circulavam sobre a cabeça de Vritra. Então, naquele duelo, Indra, adorado pelos deuses e armado com o raio, olhou firme para o Daitya quando o último sentava em seu carro. Possuído por aquela febre violenta, o poderoso Asura, ó monarca, bocejou e proferiu gritos inumanos. Enquanto o Asura estava bocejando Indra arremessou seu raio nele. Dotado de energia extremamente grande e parecendo com o fogo que destrói a criação no fim do Yuga, aquele raio derrubou Vritra de forma gigantesca em um instante. Gritos altos foram mais uma vez proferidos pelos deuses em todos os lados quando eles viram Vritra morto, ó touro da raça Bharata! Tendo matado Vritra, Maghavat, aquele inimigo dos Danavas, possuidor de grande fama, entrou no céu com aquele raio permeado por Vishnu. Exatamente naquele momento, ó tu da linhagem de Kuru, o pecado de Brahmanicídio (em sua forma incorporada), feroz e horrível e inspirando todos os mundos com temor, saiu do corpo do morto Vritra. De dentes terríveis e horrível, medonha pela feiúra, e escura e morena, com cabelos despenteados, e olhos terríveis, ó Bharata, com uma guirlanda de caveiras ao redor de seu pescoço, e parecendo com um Encantamento (Atharvan em sua forma incorporada), ó touro da raça Bharata, completamente coberta com sangue, e vestida em trapos e cascas de árvores, ó tu de alma justa, ela saiu do corpo de Vritra. De tal forma e aparência terríveis, ó monarca, ela procurou o manejador do raio (para possuí-lo). Pouco tempo depois, ó tu da linhagem de Kuru, o matador de Vritra, em algum propósito ligado com o bem dos três mundos, estava procedendo para o céu. Vendo Indra de grande energia assim procedendo em sua missão, ela agarrou o chefe das divindades e daquele momento em diante aferrou-se a ele. Quando o pecado de Brahmanicídio assim aferrou-se à sua pessoa e inspirou-o com terror, Indra entrou nas fibras de um talo de lótus e morou lá por muitos longos anos. Mas o pecado de Brahmanicídio o perseguia de perto. De fato, ó filho de Kuru, agarrado por ela, Indra ficou desprovido de todas as suas energias. Ele fez grandes esforços para

afastá-la de si, mas todos aqueles esforços fracassaram. Agarrado por ela, ó touro da raça Bharata, o chefe das divindades finalmente se apresentou perante o Avô e o adorou por inclinar sua cabeça. Compreendendo que Sakra estava possuído pelo pecado de Brahmanicídio, (pois Vritra era um descendente direto do grande sábio Kasyapa, o progenitor comum dos Devas e Asuras, então, ele era certamente uma pessoa muito superior), Brahman começou a refletir, ó melhor dos Bharatas, (sobre os meios de libertar seu suplicante). O Avô finalmente, ó tu de braços poderosos, dirigiu-se ao Brahmanicídio em uma voz gentil como se pelo desejo de acalmá-la, e disse, 'Ó amável, que o chefe dos celestiais, que é um favorito meu, seja liberto de ti. Diga-me o que eu farei por ti. Qual desejo teu eu realizarei?'"

"Brahmanicídio disse, 'Quando o Criador dos três mundos, quando o deus ilustre adorado pelo universo, está satisfeito comigo, eu considero meus desejos como já realizados. Que minha residência seja agora designada. Desejoso de preservar os mundos, esta regra foi feita por ti. Foste tu, ó senhor, que introduziste esta ordenança importante. (As regras ou ordenança referida é a respeito do assassino de um Brahmana estar sujeito a ser tomado pelo pecado de Brahmanicídio.) Como tu estás satisfeito comigo, ó Senhor justo, ó Mestre pujante de todos os mundos, eu certamente deixarei Sakra! Mas me conceda uma residência para morar.'"

"Bhishma continuou, 'O Avô respondeu para o Brahmanicídio, dizendo, 'Assim seja!' De fato, o Avô descobriu os meios para afastar o Brahmanicídio da pessoa de Indra. O Auto-criado lembrou-se de Agni de grande alma. O último imediatamente se apresentou para Brahman e disse estas palavras, 'Ó Senhor ilustre e divino, ó tu que não tens qualquer defeito, eu apareci diante de ti. Cabe a ti me dizer o que eu terei que realizar.'"

"Brahman disse, 'Eu dividirei este pecado de Brahmanicídio em várias partes. Para libertar Sakra dela, pegue uma quarta parte daquele pecado.'"

"Agni disse, 'Como eu serei resgatado dela, ó Brahman? Ó Senhor pujante, aponte uma maneira. Eu desejo saber os meios (de meu próprio livramento) em detalhes, ó adorado de todos os mundos!'"

"Brahman disse, 'Naquele homem que, dominado pela qualidade de Tamas, se abstiver de te oferecer como uma oblação, quando ele te vir em tua forma brilhante, sementes, ervas, e sucos, aquela parte do Brahmanicídio que tu tomarás sobre ti mesmo entrará imediatamente, e te deixando habitará nele. Ó portador de oblações, que a febre do teu coração seja dissipada.'"

"Bhishma disse, 'Assim endereçado pelo Avô o comedor de oblações e oferendas sacrificais aceitou sua ordem. Um quarto daquele pecado então entrou em seu corpo, ó rei! O Avô então convocou as árvores, as ervas, e todas as espécies de grama a ele, e solicitou a elas para tomarem sobre si mesmas um quarto daquele pecado. Endereçadas por ele, as árvores e ervas e gramas ficaram tão agitadas quanto Agni tinha ficado pelo pedido, e elas responderam ao Avô, dizendo, 'Como nós iremos, ó Avô de todos os mundos, nos salvar deste pecado?

Cabe a ti não afligir a nós que já temos sido afligidas pelos destinos. Ó deus, nós temos sempre que suportar calor e frio e as chuvas (das nuvens) impelidas pelos ventos, além do corte e do arrancamento (que nós temos que sofrer nas mãos de homens). Nós estamos dispostas, ó Senhor dos três mundos, a aceitar por tua ordem (uma parte deste) pecado de Brahmanicídio. Que os meios, no entanto, de nosso resgate sejam indicados para nós.'"

"Brahman disse, 'Este pecado que vocês receberão possuirá o homem que, por estupefação do bom senso, cortar ou arrancar alguma uma de vocês quando vierem os dias Parva.'"

"Bhishma disse, 'Assim endereçadas por Brahman de grande alma, as árvores e ervas e gramas adoraram o Criador e então partiram sem se demorarem lá. O Avô de todos os mundos então convocou as Apsaras e gratificando-as com palavras gentis, ó Bharata, disse, 'Esta principal das senhoras, isto é, Brahmanicídio, saiu da pessoa de Indra. A meu pedido, tomem uma quarta parte dela em suas próprias pessoas (para salvar o Chefe das divindades).'"

"As Apsaras disseram, 'Ó Senhor de todos os deuses, por tua ordem nós estamos totalmente dispostas a pegar uma parte deste pecado. Mas, ó Avô, pense nos meios pelos quais nós poderemos nos libertar (dos efeitos) deste acordo (que nós fazemos contigo).'"

"Brahman disse, 'Que a febre de seus corações seja dissipada. A parte deste pecado que vocês tomarão sobre si mesmas as deixará para possuir imediatamente aquele homem que procurar ato sexual com mulheres em sua época menstrual!'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçadas pelo Avô, ó touro da raça Bharata, as diversas tribos de Apsaras, com almas alegres, foram para seus respectivos lugares e começaram a se divertir em alegria. O ilustre Criador dos três mundos, dotado de grande mérito ascético, então se lembrou das Águas que imediatamente foram até ele. Chegando à presença de Brahman de energia incomensurável, as Águas se curvaram e disseram estas palavras, 'Nós viemos diante de ti, ó castigador de inimigos, por tua ordem. Ó Mestre pujante de todos os mundos, diga-nos o que nós devemos realizar.'"

"Brahman disse, 'Este pecado terrível tomou posse de Indra, por ele ter matado Vritra. Peguem uma quarta parte do Brahmanicídio.'"

"As Águas disseram, 'Que seja como tu ordenas, ó mestre de todos os mundos. Cabe a ti, no entanto, ó nosso Senhor pujante, pensar nos meios pelos quais nós podemos (de nossa parte) ser resgatadas da (consequência) deste acordo. Tu és o Senhor de todas as divindades, e o refúgio supremo do universo. Quem mais há a quem nós possamos prestar nossas adorações para que ele possa nos livrar da angústia?'"

"Brahman disse, 'Para aquele homem que, entorpecido por sua compreensão e pouco respeitando vocês, lançar em vocês catarro e urina e fezes, este (pecado)

imediatamente irá e desde então residirá nele. Dessa maneira, em verdade eu digo a vocês que seu resgate será realizado.'"

"Bhishma continuou, 'Então o pecado de Brahmanicídio, ó Yudhishthira, deixando o chefe das divindades, procedeu para as residências que foram ordenadas para ela por ordem do Avô. Foi assim, ó soberano de homens, que Indra veio a ser afligido por aquele pecado terrível (e foi assim que ele se livrou dela). Com a permissão do Avô Indra então resolveu realizar um Sacrifício de Cavalo. É ouvido, ó monarca, que Indra tendo sido assim possuído pelo pecado de Brahmanicídio depois ficou purificado dela através daquele Sacrifício. Recuperando sua prosperidade e matando milhares de inimigos, grande foi a alegria que Vasava obteve, ó senhor da Terra! Do sangue de Vritra, ó filho de Pritha, nasceram galos de cristas grandes. Por essa razão, aquelas aves são impuras (como alimento) para as classes regeneradas, e aqueles ascetas que passaram pelo rito de iniciação. Sob todas as circunstâncias, ó rei, realize o que é agradável para os duas vezes nascidos, pois estes, ó monarca, são conhecidos como deuses sobre a terra. Foi dessa maneira, ó tu da linhagem de Kuru, que o poderoso Asura Vritra foi morto por Sakra de energia incomensurável pela ajuda de inteligência sutil e pela aplicação de recursos. Tu também, ó filho de Kunti, não derrotado sobre a terra, te tornarás outro Indra e o matador de todos os teus inimigos. Aqueles homens que, em todo dia Parva, recitarem esta narrativa sagrada de Vritra no meio de Brahmanas nunca será manchado por qualquer pecado. Eu agora narrei para ti uma das maiores e mais maravilhosas façanhas de Indra relacionada com Vritra. O que mais tu desejas ouvir?'"

283

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, tu és possuidor de grande sabedoria e completamente conhecedor de todos os ramos de conhecimento. Dessa mesma narrativa da morte de Vritra surgiu em minha mente o desejo de te fazer uma pergunta. Tu disseste, ó soberano de homens, que Vritra foi (primeiro) entorpecido pela Febre, e que então, ó impecável, ele foi morto por Vasava com o raio. Como esta Febre, ó tu de grande sabedoria, surgiu? Ó senhor, eu desejo ouvir em detalhes sobre a origem da Febre.'"

"Bhishma disse, 'Ouça, ó rei, à origem, célebre por todo o mundo, da Febre. Eu falarei em detalhes sobre este assunto, explicando totalmente como a Febre veio à existência pela primeira vez, ó Bharata! Antigamente, ó monarca, havia um topo, chamado Savitri, das montanhas de Meru. Adorado por todos os mundos, ele era dotado de grande esplendor e adornado com todos os tipos de jóias e pedras preciosas. Aquele topo era imensurável em extensão e para lá ninguém podia ir. Sobre aquele topo de montanha o divino Mahadeva costumava sentar-se em esplendor como se em uma armação de cama adornada com ouro. A filha do rei das montanhas, sentando ao lado dele, brilhava em luminosidade. (Uma ou Parvati, a filha de Himavat, a consorte de Siva.) As divindades de grande alma, os Vasus de energia incomensurável, os Aswins de grande alma, aqueles principais

dos médicos, e o rei Vaisravana servido por muitos Guhyakas, aquele senhor dos Yakshas, dotado de prosperidade e pujança, e tendo sua residência no topo de Kailasa, todos serviam Mahadeva de grande alma. E o grande sábio Usanas, e os principais dos Rishis tendo Sanatkumara como seu principal, e os outros Rishis celestes encabeçados por Angiras, e o Gandharva Viswavasu, e Narada e Parvata, e as diversas tribos de Apsaras, todos iam lá para servir o Mestre do universo. Uma brisa pura e auspiciosa, carregando diversos tipos de perfumes, soprava lá. As árvores que haviam lá eram adornadas com as flores de todas as estações. Um grande número de Vidyadharas e Siddhas e ascetas também, ó Bharata, iam para lá para servir Mahadeva, o Senhor de todas as criaturas. Muitos seres fantasmais, também, de diversas formas e aspectos, e muitos Rakshasas terríveis e Pisachas poderosos, de diversos aspectos, loucos de alegria, e armados com diversos tipos de armas erguidas, formando o séquito de Mahadeva, permaneciam lá, cada um dos quais parecia com um fogo ardente em energia. O ilustre Nandi morava lá por ordem do grande deus, brilhando com sua própria energia e armado com uma lança que parecia uma chama de fogo. Ganga também, aquele principal de todos os Rios e nascida de todas as águas sagradas no universo, servia lá em sua forma incorporada, ó filho da linhagem de Kuru, aquela divindade ilustre. Assim adorado pelos Rishis celestes e pelos deuses, o ilustre Mahadeva de energia incomensurável morava sobre aquele topo de Meru.'"

"Depois que algum tempo tinha passado, o Prajapati Daksha começou a realizar um Sacrifício segundo os ritos antigos (prescritos nos Vedas). (O auto-criado Brahman a princípio criou, por decretos de sua santa vontade, certos seres que foram encarregados de procriar para encher o universo com criaturas vivas. Esses eram os Prajapatis ou senhores de todas as criaturas. Entre eles estava Daksha. Outros relatos representam Daksha como o neto de Brahman.) Para o Sacrifício de Daksha, todas as divindades encabeçadas por Sakra, se reunindo, resolveram ir. É sabido por nós que as divindades de grande alma, com a permissão de Mahadeva, subiram em seus carros celestes parecendo com o fogo ou com o Sol em esplendor, e procederam para aquele local (sobre o Himavat) de onde se diz que o Ganges emerge. Vendo as divindades partirem, a excelente filha do rei das montanhas dirigiu-se ao seu cônjuge divino, o Senhor de todas as criaturas, e disse, 'Ó ilustre, onde aquelas divindades encabeçadas por Sakra estão indo? Ó tu que conheces a verdade, me diga realmente, pois uma grande dúvida encheu minha mente.'"

"Maheswara disse, 'Ó dama que é altamente abençoada, o excelente Prajapati Daksha está adorando os deuses em um Sacrifício de Cavalo. Estes habitantes do céu estão procedendo para lá.'"

"Uma disse, 'Por que, ó Mahadeva, tu não procedes para aquele Sacrifício? Que objeção há em tu ires para aquele local?'"

"Maheswara disse, 'Ó senhora altamente abençoada, as divindades antigamente fizeram um arranjo em consequência do qual nenhuma parte foi atribuída para mim das oferendas em todos os Sacrifícios. De acordo com o modo de ação que foi sancionado por aquele arranjo, ó tu da aparência mais formosa, as

divindades não me dão, seguindo o antigo costume, qualquer parte das oferendas sacrificais.'"

"Uma disse, 'Ó ilustre, entre todos os seres tu és o principal em força. Em mérito, em energia, em fama, e em prosperidade, tu não te sujeitas a ninguém, e tu és, de fato, superior a todos. Por causa, no entanto, desta incapacidade em relação a uma parte (nas oferendas Sacrificais), eu estou cheia de grande aflição, ó impecável, e um tremor me ultrapassa da cabeça aos pés.'"

"Bhishma continuou, 'A deusa (Parvati), tendo dito estas palavras para seu cônjuge divino, o Senhor de todas as criaturas, ó monarca, ficou calada, enquanto seu coração queimava em aflição. Então Mahadeva, compreendendo o que estava em seu coração e quais eram seus pensamentos, (para acabar com aquela ignomínia), se dirigiu a Nandi, dizendo, 'Espere aqui (perto da deusa)'. Convocando toda sua força de Yoga, aquele Senhor de todos os senhores de Yoga, aquele deus de deuses, aquele manejador de Pinaka, possuidor de energia imensa, procedeu rapidamente para o local (onde Daksha estava sacrificando) acompanhado por todos os seus seguidores terríveis e destruiu aquele Sacrifício. Entre aqueles seguidores dele, alguns preferiam gritos altos, alguns riam terrivelmente, alguns, ó rei, extinguiram os fogos (Sacrificais) com sangue; e alguns, possuidores de rostos horríveis, levantando as estacas sacrificais, começaram a girá-las. Outros começaram a devorar aqueles que estavam contribuindo para o Sacrifício. Então aquele sacrifício, assim afligido por todos os lados, assumiu a forma de um veado e procurou fugir pelos céus. Vendo que o Sacrifício estava fugindo naquela forma, o pujante Mahadeva começou a persegui-lo com arco e flecha. Por causa da ira que então enchia o coração daquele principal de todos os deuses, possuidor de energia incomensurável, uma gota terrível de suor apareceu em sua testa. Quando aquela gota de suor caiu na terra, lá em seguida apareceu um fogo ardente parecido com a conflagração (todo-destrutiva) que aparece no fim de um Yuga. Daquele fogo saiu um ser terrível, ó monarca, de estatura muito baixa, possuidor de olhos cor de sangue e uma barba verde. Seu corpo estava totalmente coberto de pêlos como o de um falcão ou de uma coruja e seu cabelo estava ereto. De aspecto terrível, sua cor era escura e seu traje vermelho vivo. Como um fogo queimando uma pilha de grama ou palha seca, aquele Ser de grande energia consumiu rapidamente a forma incorporada do Sacrifício. Tendo realizado aquele feito, ele então se precipitou em direção às divindades e aos Rishis que tinham se reunido lá. As divindades, cheias de medo, fugiram em todas as direções. Por causa do andar daquele Ser, a terra, ó monarca começou a tremer. Exclamações de 'Oh' e 'Ai' ergueram-se por todo o universo. Notando isto, o Avô pujante, se mostrando para Mahadeva, dirigiu-se a ele nas seguintes palavras.'"

"Brahman disse, 'Ó pujante, as divindades de agora em diante te darão uma parte das oferendas sacrificais! Ó Senhor de todas as divindades, que essa tua ira seja retraída por ti! Ó opressor de inimigos, lá, aqueles deuses, e os Rishis, por tua cólera, ó Mahadeva, ficaram extremamente agitados. Este Ser também, que surgiu do teu suor, ó principal dos deuses, vagará entre criaturas, ó tu de grande justa, sob o nome de Febre. Ó pujante, se a energia deste Ser permanecer toda

reunida junta, então a própria terra inteira não poderá suportá-lo. Que ele, portanto, seja repartido em muitas partes.' Quando Brahman tinha dito estas palavras, e quando sua própria parte das oferendas sacrificais foi designada, Mahadeva respondeu para o Avô de grande energia, dizendo, 'Assim seja'. De fato, o manejador de Pinaka, isto é, Bhava, sorriu um pouco e ficou cheio de alegria. E ele aceitou a parte que o Avô designou para ele das oferendas em sacrifícios. Conhecedor das propriedades de tudo, Mahadeva então distribuiu a Febre em muitas partes, para a paz de todas as criaturas. Escute, ó filho, como ele fez isso. O calor que é perceptível nas cabeças de elefantes, o betume de montanhas (uma substância semelhante à laca que goteja das pedras de certas montanhas durante os meses quentes), o musgo que flutua sobre a água, a pele de cobras, as feridas que aparecem nos cascos de touros, as regiões estéreis da terra que estão cheias de substância salina, o embotamento de visão de todos os animais, as doenças que aparecem nas gargantas de cavalos, as cristas que aparecem nas cabeças de pavões, a doença do olho do cuco (que é a ave favorita de poetas indianos), cada um destes foi chamado de Febre por Mahadeva de grande alma. Isso é o que tem sido ouvido por nós. A doença do fígado da ovelha, e o soluço dos papagaios são também conhecidos como formas de Febre. A isto deve ser somado a fadiga que os tigres sofrem, pois isso também, ó rei justo, é conhecido como uma forma de Febre. Além disso, ó Bharata, entre os homens, a Febre entra em todos os corpos na hora do nascimento, da morte, e em outras ocasiões. Isto então que é chamado de Febre é conhecido como a energia terrível de Maheswara. Ele é dotado de autoridade sobre todas as criaturas e deve, portanto, ser considerado com respeito e adorado por todos. Foi por ele que Vritra, aquela principal das pessoas virtuosas, foi surpreendido quando ele bocejou. Foi então que Sakra arremessou seu raio nele. O raio, penetrando no corpo de Vritra, ó Bharata, o dividiu em dois. Dividido em dois pelo raio, o Asura poderoso possuidor de grandes poderes de Yoga procedeu para a região de Vishnu de energia incomensurável. Foi por sua devoção a Vishnu que ele tinha conseguido subjugar o universo inteiro. E foi por sua devoção a Vishnu que ele ascendeu, quando morto, para a região de Vishnu. Assim, ó filho, referente à história de Vritra eu narrei para ti em detalhes a narrativa a respeito da Febre. Sobre o que mais eu falarei para ti? O homem que ler este relato da origem da Febre com atenção cuidadosa e coração alegre se tornará livre de doença e sempre terá felicidade como sua parte. Cheio de alegria, ele terá realizados todos os desejos sobre os quais ele possa colocar seu coração.'"

284

"Janamejaya disse, 'Como, ó Brahmana, o Sacrifício de Cavalo do Prajapati Daksha, filho de Prachetas, foi destruído durante a era de Vaivaswata Manu? Compreendendo que a deusa Uma tinha ficado cheia de raiva e aflição, o pujante Mahadeva, que é a alma de todas as coisas, deu vazão à ira. Como, também, por sua graça, Daksha foi permitido reunir os membros divididos daquele Sacrifício?

Eu desejo saber tudo isso. Diga-me como tudo isso realmente ocorreu, ó Brahmana.'"

"Vaisampayana disse, 'Antigamente Daksha fez arranjos para realizar um Sacrifício no leito de Himavat, naquela região sagrada habitada por Rishis e Siddhas onde o Ganges sai das montanhas. Coberto com árvores e trepadeiras de diversas espécies aquele local abundava com Gandharvas e Apsaras. Cercado por multidões de Rishis, Daksha, aquele principal dos homens virtuosos, aquele progenitor de criaturas, era servido pelos habitantes da terra, do firmamento, e dos céus, com suas mãos unidas em reverência. Os deuses, os Danavas, os Gandharvas, os Pisachas, as Cobras, os Rakshasas, os dois Gandharvas chamados Haha e Huhu, Tumvuru e Narada, Viswavasu, Viswasena, os Gandharvas e as Apsaras, os Adityas, os Vasus, os Rudras, os Sadhyas, os Maruts, todos foram lá com Indra para tomar parte no Sacrifício. Os bebedores de Soma, os bebedores de fumaça, os bebedores de Ajya, os Rishis, e os Pitris foram lá com os Brahmanas. Estes, e muitas outras criaturas vivas pertencentes às quatro classes, isto é, vivíparas e ovíparas e nascidas da sujeira e vegetais, foram convidadas para aquele Sacrifício. Os deuses também, com seus cônjuges, respeitosamente convidados àquele lugar, chegaram em seus carros celestes e sentados sobre eles brilhavam como fogos ardentes. Vendo eles, o Rishi Dadhichi encheu-se de aflição e cólera, e disse, 'Isso não é um Sacrifício nem um rito meritório de religião, já que Rudra não é adorado nele. Vocês estão certamente se expondo à morte e servidão. Ai, quão desfavorável é o curso do tempo. Entorpecidos pelo erro vocês não vêem que a destruição os espera. Uma calamidade terrível se encontra à sua porta no decorrer desse grande Sacrifício. Vocês estão cegos para isso!' Tendo dito estas palavras, aquele grandioso Yogin viu o futuro com olhos de contemplação (Yoga). Ele viu Mahadeva, e sua cônjuge divina, isto é, aquela concessora de benefícios excelentes (sentados no topo de Kailasa) com Narada de grande alma sentado junto da deusa. Familiarizado com Yoga, Dadhichi ficou muito satisfeito, tendo averiguado o que estava prestes a acontecer. Todas as divindades e outros que tinham ido lá eram da mesma opinião com referência à omissão em convidar o Senhor de todas as criaturas. Somente Dadhichi, desejoso de deixar aquele local, então disse, 'Por adorar alguém que não deve ser adorado, e por se recusar a adorar aquele que deve ser adorado, um homem incorre no pecado de homicídio para sempre. Eu nunca antes falei uma inverdade, e uma inverdade eu nunca falarei. Aqui no meio dos deuses e dos Rishis eu digo a verdade. O Protetor de todas as criaturas, o Criador do universo, o Senhor de tudo, o Mestre pujante, o recebedor de oferendas sacrificais, logo virá a este Sacrifício e vocês todos o verão.'"

"Daksha disse, 'Nós temos muitos Rudras armados com lanças e tendo cabelos emaranhados em suas cabeças. Eles são onze em número. Eu conheço eles todos, mas eu não sei quem é este (novo Rudra) Maheswara.'"

"Dadhichi disse, 'Esta parece ser a opinião de todos os que estão aqui, isto é, que Maheswara não deve ser convidado. Como, no entanto, eu não vejo algum deus que possa ser citado como sendo superior a ele, eu estou certo de que esse proposto Sacrifício de Daksha seguramente será alcançado pela destruição.'"

"Daksha disse, 'Aqui, neste recipiente de ouro, planejado para o Senhor de todos os Sacrifícios, está a oferenda sacrifical santificada por mantras e (ritos) segundo a ordenança. Eu pretendo fazer esta oferenda para Vishnu que está além de comparação. Ele é poderoso e o Mestre de todos, e para Ele sacrifícios devem ser realizados.'"

'Enquanto isso', continuou Vaisampayana, 'a deusa Uma, sentada com seu marido, disse estas palavras.'"

"Uma disse, 'Quais são aquelas doações, quais são aqueles votos, e quais são aquelas penitências, que eu devo fazer ou praticar por meio dos quais meu marido ilustre possa obter uma metade ou uma terça parte das oferendas em sacrifícios?' Para sua esposa que estava agitada com angústia e que repetiu estas palavras o ilustre Mahadeva disse com uma expressão alegre, 'Tu não me conheces, ó deusa! Tu não sabes, ó tu de membros delicados e ventre baixo, quais palavras são apropriadas para serem dirigidas ao Senhor dos Sacrifícios. Ó dama de olhos grandes, eu sei que é somente o pecaminoso, que é desprovido de contemplação, que não me compreende. (Tu, no entanto, não és assim, portanto, é causa de surpresa que tu ainda não me conheças.) É através do teu poder de ilusão que as divindades com Indra em sua chefia e os três mundos todos vêm a ser entorpecidos. (És tu que entorpeces outros, como é que tu foste entorpecida dessa maneira?) É para mim que os cantores proferem seus louvores em Sacrifícios. É para mim que os cantores de Samans cantam seus Rathantaras. É para mim que Brahmanas conhecedores dos Vedas realizam seus Sacrifícios. E é para mim que os Adhvaryus oferecem as partes de oferendas sacrificais.'"

"A deusa disse, 'Até pessoas de habilidades comuns louvam e indultam a si mesmas na presença de seus cônjuges. Não há dúvida nisto.'"

"O santo disse, 'Ó Rainha de todos os deuses, eu certamente não louvo a mim mesmo. Veja agora, ó dama de cintura fina, o que eu faço. Contemple o Ser que eu criarei, ó tu da aparência mais formosa, para (destruir) este Sacrifício (que te desagradou), ó minha bela esposa.'"

"Tendo dito estas palavras para sua cônjuge Uma que era mais querida para ele do que sua própria vida, o pujante Mahadeva criou de sua boca um Ser terrível cuja própria visão podia arrepiar os cabelos de alguém. As chamas ardentes que emanavam de seu corpo o tornavam extremamente terrível de se contemplar. Seus braços eram muitos em número e em cada um havia uma arma que afligia o observador com medo. Aquele Ser, assim criado, ficou diante do grande deus, com mãos unidas, e disse, 'Quais ordens eu terei que cumprir?' Maheswara respondeu para ele, dizendo, 'Vá e destrua o Sacrifício de Daksha.' Assim ordenado, aquele Ser de bravura leonina que tinha saído da boca de Mahadeva desejou destruir o Sacrifício de Daksha, sem aplicar toda sua energia e sem a ajuda de alguém mais, para dissipar a cólera de Uma. Incitada por sua cólera, a esposa de Maheswara, ela mesma assumindo uma forma terrível que é conhecida pelo nome de Mahakali, procedeu na companhia daquele Ser que tinha saído da boca de Mahadeva, para testemunhar com seus próprios olhos a ação de

destruição a qual era dela mesma (pois foi ela que tinha impelido seu marido a realizá-la por sua causa). Aquele Ser poderoso então partiu, tendo obtido a permissão de Mahadeva e tendo curvado sua cabeça para ele. Em energia, força, e forma, ele parecia com o próprio Maheswara que o tinha criado. De fato, ele era a encarnação viva da ira (de Mahadeva). De poder e energia incomensuráveis, e de coragem e bravura imensuráveis, ele veio a ser chamado pelo nome de Virabhadra, aquele dissipador da ira da deusa. Ele então criou dos poros de seu corpo um grande número de espíritos superiores conhecidos pelo nome de Raumyas. Aqueles bandos de espíritos ferozes, dotados de energia e destreza terríveis e parecendo com o próprio Rudra por causa disso, moveram-se com a força do trovão para aquele local onde Daksha estava fazendo preparativos para seu sacrifício, impelidos pelo desejo de destruí-lo. Possuidores de formas terríveis e gigantescas, eles constavam de centenas e milhares. Eles encheram o céu com seus gritos e guinchos desordenados. Aquele barulho encheu de medo os habitantes do céu. As próprias montanhas foram rachadas e a terra tremeu. Redemoinhos de vento começaram a soprar. O Oceano ergueu-se em uma onda. Os fogos que foram acesos se recusaram a brilhar. O Sol ficou ofuscado. Os planetas, as estrelas, e constelações, e a lua, não mais brilharam. Os Rishis, os deuses e os seres humanos pareciam pálidos. Uma escuridão geral se espalhou sobre a terra e o céu. Os Rudras insultados começaram a atear fogo em tudo. Alguns entre eles de formas terríveis começaram a bater e golpear. Alguns arrancaram as estacas sacrificais. Algum começaram a triturar e outros a esmagar. Dotados da velocidade do vento ou pensamento, alguns começaram a avançar perto e longe. Alguns começaram a quebrar os recipientes sacrificais e os ornamentos celestes. Os fragmentos espalhados polvilharam o solo como as estrelas salpicando o firmamento. Pilhas de iguarias excelentes, de garrafas de bebida, e de comestíveis que haviam lá pareciam com montanhas. Rios de leite corriam por todos os lados, com manteiga clarificada e Payasa como sua lama, coalhos cremosos como sua água, e açúcar cristalizado como suas areias. Aqueles rios continham todos os seis gostos. Haviam lagos de melado que pareciam muito belos. Carne de diversas espécies, da melhor qualidade, e outros comestíveis de vários tipos, e muitas variedades excelentes de bebida, e várias outras espécies de alimento que podiam ser lambidas e chupadas, começaram a ser comidas por aquele exército de espíritos com diversas bocas. E eles começaram a arremessar e espalhar aquelas variedades de comida em todas as direções. Por causa da ira de Rudra, cada um daqueles Seres gigantescos parecia com o fogo-Yuga todo-destrutivo. Agitando as tropas celestes eles as fizeram tremer de medo e fugir em todas as direções. Aqueles espíritos violentos se divertiam uns com os outros, e agarrando as donzelas celestes as empurravam e arremessavam para todos os lados. De atos selvagens, aqueles Seres, impelidos pela cólera de Rudra, logo queimaram aquele Sacrifício embora ele fosse protegido com grande cuidado por todas as divindades. Altos eram os rugidos que eles proferiam, os quais aterrorizavam todas as criaturas vivas. Tendo arrancado a cabeça do Sacrifício eles se entregaram à alegria e gritos. Então os deuses encabeçados por Brahman, e aquele progenitor de criaturas, isto é, Daksha, unindo suas mãos em reverência, se dirigiram àquele Ser poderoso, dizendo, 'Diga-nos quem tu és.'"

"Virabhadra disse, 'Eu não sou nem Rudra nem sua esposa, a deusa Uma. Nem eu vim aqui para partilhar do alimento (fornecido neste Sacrifício). Sabendo do fato da ira de Uma, o Senhor pujante que é a alma de todas as criaturas deu vazão à ira. Eu não vim aqui para ver estes principais dos Brahmanas. Eu não vim aqui incitado por curiosidade. Saibam que eu vim aqui para destruir este seu Sacrifício. Eu sou conhecido pelo nome de Virabhadra e eu surgi da ira de Rudra. Esta dama (que é minha companheira), e que é chamada de Bhadrakali, surgiu da cólera da deusa. Ambos fomos enviados por aquele deus de deuses, e consequentemente viemos para cá. Ó principais dos Brahmanas, procurem a proteção daquele Senhor das divindades, o consorte de Uma. É preferível até incorrer na cólera daquele principal dos deuses do que obter benefícios de alguma outra Divindade.' Ouvindo as palavras de Virabhadra, Daksha, aquela principal de todas as pessoas justas, reverenciou Maheswara e procurou gratificá-lo por proferir o seguinte hino, 'Eu me jogo aos pés do refulgente Isana, que é Eterno, Imutável, e Indestrutível; que é o principal de todos os deuses, que é dotado de grande alma, que é o Senhor de todo o universo.' [Aqui seguem cinco slokas e meio que parecem ser interpolações.] Seus louvores tendo sido cantados dessa maneira, o grande deus Mahadeva, suspendendo Prana e Apana (os dois mais importantes dos cinco ares vitais) por fechar sua boca apropriadamente, e lançando olhares (bondosos) para todos os lados, se mostrou lá. Possuidor de muitos olhos, aquele subjugador de todos os inimigos, aquele Senhor até dos deuses de todos os deuses, ergueu-se de repente de dentro do buraco no qual era mantido o fogo sacrifical. Possuidor da refulgência de mil Sóis, e parecendo com outro Samvartaka, o grande deus sorriu gentilmente (para Daksha) e dirigindo-se a ele, disse, 'O que, ó Brahmana, eu farei por você?' Nesta conjuntura, o preceptor de todas as divindades adorou Mahadeva com os versos Védicos contidos nas seções Moksha. Então aquele progenitor de todas as criaturas, Daksha, unindo suas mãos em reverência, cheio de terror e medo, extremamente agitado, e com face e olhos banhados em lágrimas, dirigiu-se ao grande deus nas seguintes palavras.'"

"Daksha disse, 'Se o grande deus está satisfeito comigo, se, de fato, eu me tornei um objeto de favor para ele, se eu mereço sua bondade, se o grande Senhor de todas as criaturas está disposto a me conceder bênçãos, então que todos esses meus artigos que foram queimados, comidos, bebidos, engolidos, destruídos, quebrados, e poluídos, que todos esses artigos sejam úteis para mim. Reunidos no decorrer de muitos longos anos com grande cuidado e esforço, que eles não sejam inúteis. Este mesmo é o benefício que eu anseio.' Para ele o ilustre Hara, o arrancador dos olhos de Bhaga, disse, 'Que seja como tu dizes!' Estas mesmas foram as palavras daquele progenitor ilustre de todas as criaturas, aquele deus de três olhos, aquele protetor da justiça. (Mahadeva é chamado de Virupaksha por causa de seus três olhos, o terceiro olho fazendo suas feições terríveis de se olhar. Ele é também chamado de Tryaksha por sua posse de três olhos.) Tendo obtido aquele benefício de Bhava, Daksha se ajoelhou para ele e adorou aquela divindade que tem o touro como sua marca, por proferir seus mil e oito nomes.'"

285

“Yudhishthira disse, ‘Cabe a ti, ó majestade, me dizer aqueles nomes pelos quais Daksha, aquele progenitor de criaturas, adorou a grande divindade. Ó impecável, uma curiosidade reverente me impele a ouvi-los.’”

"Bhishma disse, 'Ouça, ó Bharata, quais são os nomes, secretos e proclamados, daquele deus de deuses, daquela divindade de feitos extraordinários, daqueles asceta de votos secretos.'"

"Daksha disse, 'Eu te reverencio, ó senhor de todos os deuses, o destruidor das tropas dos Asuras. Tu és o paralisador da força do próprio comandante celeste. Tu és adorado por deuses e Danavas. Tu és de mil olhos, tu és de olhos ferozes, e tu és de três olhos. Tu és o amigo do soberano dos Yakshas. Tuas mãos e pés se estendem em todas as direções para todos os lugares. Também teus olhos e cabeça e boca estão virados para todos os lados. Teus ouvidos também estão em todos os lugares no universo, e tu mesmo estás em todos os lugares, ó Senhor! Tu és de orelhas de seta, tu és de orelhas amplas, e tu és de orelhas de pote. Tu és o receptáculo do Oceano. Tuas orelhas são como aquelas do elefante, ou do touro, ou como palmas estendidas. Saudações a ti! Tu tens cem estômagos, cem revoluções, e cem línguas. Eu te reverencio! Os proferidores do Gayatri cantam teus louvores ao proferirem o Gayatri, e os devotos do Sol te adoram ao adorarem o Sol. Os Rishis te consideram como Brahmana, como Indra, e como o (ilimitável) firmamento acima. Ó tu de forma poderosa, o Oceano e o Céu são tuas duas formas. Todas as divindades moram em tua forma assim como gado mora dentro do curral. Em teu corpo eu vejo Soma, e Agni, e o senhor das Águas, e Aditya, e Vishnu, e Brahmana, e Vrihaspati. Tu, ó ilustre, és Causa e Efeito e Ação e Instrumento de tudo irreal e real, e tu és Criação e Destruição. Eu me curvo a ti que és chamado de Bhava e Sarva e Rudra. Eu me curvo a ti que és o concessor de bênçãos. Eu sempre me curvo a ti que és o Senhor de todas as criaturas. Saudações a ti que és o matador de Andhaka. Saudações a ti que tens três madeixas emaranhadas, a ti que tens três cabeças, a ti que estás armado com um tridente excelente; a ti que tens três olhos e que és, portanto, chamado de Tryamvaka e Trinetra! Saudações a ti que és o destruidor da cidade tripla! Saudações a ti que és chamado de Chanda, e Kunda; a ti que és o ovo (universal) e também o portador do ovo (universal); a ti que és o portador do bastão do asceta, a ti que tens ouvidos em todos os lugares, e a ti que és chamado de Dandimunda! Saudações a ti cujos dentes e cabelos são virados para cima, para ti que és imaculado e branco, e que estás estendido por todo o universo; a ti que és vermelho, a ti que és moreno, e a ti que tens uma garganta azul! Saudações a ti que és de forma incomparável, que és de forma terrível, e que és altamente auspicioso! A ti que és Surya, que tens uma guirlanda de Suryas ao redor de teu pescoço, e que tens estandartes e bandeiras portando o emblema de Surya. Saudações a ti que és o Senhor dos espíritos e fantasmas, a ti que tens pescoço de touro, e que estás armado com o arco; a ti que esmagas todos os inimigos, a ti

que és a personificação do castigo, e a ti que estás vestido em folhas (de árvores) e trapos. Saudações a ti que carregas ouro em teu estômago, a ti que estás envolvido em armadura dourada, a ti que és de crista de ouro, a ti que és o senhor de todo o ouro no mundo! Saudações a ti que tens sido adorado, que mereces ser adorado, e que ainda estás sendo adorado; a ti que és todas as coisas, que devoras todas as coisas, e que és a alma de todas as coisas! Saudações a ti que és o Hotri (em Sacrifícios), que és os mantras (Védicos) proferidos (em Sacrifícios), e que possuis bandeiras e estandartes brancos. Saudações a ti que és o centro do universo, que és causa e efeito na forma dos cinco elementos primordiais, e que és o envoltório de todas as coberturas. Saudações a ti que és chamado de Krisanasa, que tens membros magros, e que és magro. Saudações a ti que és sempre alegre e que és a personificação dos sons e vozes confusos. Saudações a ti que estás prestes a ser esticado na terra, que já estás esticado, e que permaneces em posição vertical. Saudações a ti que és fixo, que estás correndo, que és calvo, e que tens cabelos emaranhados em tua cabeça. Saudações a ti que és afeiçoado à dança e que golpeias tuas bochechas inchadas fazendo de tua boca um tambor. (Todo devoto de Mahadeva deve encher sua boca com ar e então, fechando seus lábios, bater em suas bochechas, deixando o ar sair suavemente a cada golpe, e ajudar com o ar dos pulmões para manter a corrente firme. Por fazer isso um tipo de barulho é feito como ‘Bom, Bom, Babam, Bom’. Mahadeva é afeiçoado a esta música e é representado fazendo-a muitas vezes.) Saudações a ti que gostas de lotos que florescem em rios, e que sempre gostas de cantar e de tocar instrumentos musicais. Saudações a ti que és o primogênito, que és a principal de todas as criaturas, e que és o aniquilador do Asura Vala. Saudações a ti que és o Mestre do Tempo, que és a personificação de Kalpa; que és a encarnação de todos os tipos de destruição, grandes e pequenas. Saudações a ti que ris terrivelmente e tão alto quanto a batida de um tambor, e que cumpres votos terríveis! Saudações para sempre a ti que és feroz, e que tens dez braços. Saudações a ti que estás armado com ossos e que gostas das cinzas das piras mortuárias. Saudações a ti que és impressionante, que és terrível de se contemplar, e que és um observador de votos e práticas temíveis. Saudações a ti que possuis uma boca feia, que tens uma língua parecida com uma cimitarra, e que tens dentes grandes. Saudações a ti que gostas de carne cozida e não cozida, e que consideras a Vina de cabaça como muito preciosa. Saudações a ti que causas a chuva, que ajudas a causa da justiça, que és identificável com a forma de Nandi, e que és a própria Justiça! Saudações a ti que estás sempre te movendo como vento e as outras forças, que és o controlador de todas as coisas, e que estás sempre empenhado em cozinhar todas as criaturas (no caldeirão do Tempo). Saudações a ti que és a principal de todas as criaturas, que és superior, e que és o dador de benefícios. Saudações a ti que tens as melhores guirlandas, os melhores perfumes, e os melhores mantos, e que dás as melhores bênçãos para as melhores criaturas. Saudações a ti que és afeiçoado, que és livre de todas as afeições, que és da forma da contemplação Yoga, e que és adornado com uma guirlanda de Akshas. Saudações a ti que és unido como causa e desunido como efeitos, e que tens a forma de sombra e de luz. Saudações a ti que és amável, e que és terrível, e que és extraordinariamente de tal maneira. Saudações a ti que és auspicioso, que és tranquilo, e que és o mais tranquilo. Saudações a ti que tens

uma perna e muitos olhos, e que tens somente uma cabeça; a ti que és feroz, a ti que és satisfeito com pequenas oferendas, e a ti que és afeiçoado à equidade. Saudações a ti que és o artífice do universo, e que estás sempre unido com o atributo de tranquilidade. Saudações a ti que carregas um sino para assustar inimigos, que és da forma do tinido feito por um sino, e que és da forma do som quando ele não é perceptível pelo ouvido. Saudações a ti que és como mil sinos retinindo juntos, e que gostas de uma guirlanda de sinos, que és como o som que os ares vitais fazem, que és da forma de todos os aromas e do barulho confuso de líquidos ferventes. Saudações a ti que estás além de três Huns, e que gostas de dois Huns. (Huns são sons místicos que são como emblemas para várias coisas.) Saudações a ti que és extremamente tranquilo, e que tens as sombras das árvores das montanhas como tua habitação. Tu gostas da carne do coração de todas as criaturas, tu purificas de todos os pecados, e és da forma de oferendas sacrificais. Saudações a ti que tens a forma do Sacrifício, que és o próprio Sacrificador, que és o Brahmana em cuja boca é despejada a manteiga sacrifical, e que és o fogo no qual é despejada a manteiga inspirada com mantras. (Em Sacrifício a manteiga é despejada com mantras na boca de um Brahmana escolhido que representa os deuses, e também no fogo sagrado.) Saudações a ti que és da forma de Ritwijes (sacrificais), que tens teus sentidos sob controle, que és feito de Sattwa, e que tens Rajas também em teu feitio. Saudações a ti que és das margens de Rios, dos próprios Rios, e do senhor de todos os Rios (o Oceano)! Saudações a ti que és o dador de alimento, que és o senhor de todo o alimento, e que és idêntico àquele que ingere alimento! Saudações a ti que tens mil cabeças e mil pés, a ti que tens mil tridentes erguidos em tuas mãos, e mil olhos! Saudações a ti que és da forma do Sol nascente, e que és da forma de uma criança, que és o protetor dos servidores, todos os quais são da forma de crianças, (isto se refere aos passatempos de Krishna nos bosques de Vrinda com as crianças rústicas que eram seus companheiros), e que és, além disso, da forma de brinquedos de crianças. Saudações a ti que és velho, que és cobiçoso, que já estás agitado, e que estás prestes a ser agitado. Saudações a ti que tens mechas de cabelo marcadas pela corrente do Ganges, e que tens mechas de cabelo parecidas com folhas da erva Munja! (A corrente sagrada do Ganges, saindo dos pés de Vishnu, é segurada por Brahman em seu Kamandalu ou jarro. De lá ela sai, e percorrendo os céus cai na cabeça de Siva, pois somente Siva é poderoso o suficiente para suportar aquela queda. Os cabelos emaranhados de Siva levam a marca da queda.) Saudações a ti que és gratificado com as seis ações (bem conhecidas), e que és dedicado à realização dos três atos. (As seis ações bem conhecidas são: realizar sacrifícios, ajudar nos sacrifícios de outros, estudar, ensinar, fazer doações e aceitar doações, Siva está dedicado à primeira, à terceira, e à quinta dessas ações.) Saudações a ti que designaste os deveres dos respectivos modos de vida. Saudações a ti que mereces ser louvado em sons, que és da forma da tristeza, e que és da forma do barulho profundo e confuso. Saudações a ti que tens olhos brancos e castanhos, como também pretos e vermelhos. Saudações a ti que dominaste teus ares vitais, que és da forma de armas, que rachas todas as coisas, e que és extremamente magro. Saudações a ti que sempre falas de Religião, Prazer, Lucro, e Emancipação. Saudações a ti que és um Sankhya, que és o principal dos Sankhyas, e que és o introdutor do

Sankhya-Yoga (Vedanta e Yoga). Saudações a ti que tens um carro e que não tens um carro (para tuas viagens. Isto é, capaz de rumar, sem obstrução, através da Água, Fogo, Vento e Espaço). Saudações a ti que tens as intersecções de quatro estradas em lugar de teu carro; a ti que tens a pele de um veado preto como tua peça de roupa superior, e que tens uma cobra como teu fio sagrado. Saudações a ti que és Isana (muito desejado, ou muito cobiçado por todas as pessoas), que és de corpo tão firme quanto o raio, e que tens madeixas verdes. Saudações a ti que és de três olhos, que és o marido de Amvika, que és Manifesto, e que és Imanifesto. Saudações a ti que és Desejo, que és o Concessor de todos os desejos, que és o Matador de todos os desejos, e que és o discriminador entre o gratificado e o não gratificado. Saudações a ti que és todas as coisas, que és o Dador de todas as coisas, e o Destruidor de todas as coisas. Saudações a ti que és as cores que aparecem no céu ao anoitecer. Saudações a ti que és de força imensa, que és de braços poderosos, que és um Ser poderoso, e que és de grande refulgência. Saudações a ti que pareces com uma massa poderosa de nuvens, e que és a encarnação da eternidade! Saudações a ti que és de corpo bem desenvolvido, que és de membros emaciados, que tens cabelos emaranhados em tua cabeça, e que estás vestido em cascas de árvores e peles de animais. Saudações a ti que tens madeixas emaranhadas tão refulgentes quanto o Sol ou o Fogo, e que tens cascas e peles como teus trajes. Saudações a ti que possuis o resplendor de mil Sóis, e que estás sempre engajado em penitências. Saudações a ti que és o excitamento da Febre, e que és dotado de madeixas emaranhadas encharcadas com as águas do Ganges caracterizadas por centenas de redemoinhos. Saudações a ti que repetidamente revolves a Lua, os Yugas, e as nuvens; (isto é, tu crias e destróis estes repetidamente ou os colocas em movimento.) Tu és alimento, tu és aquele que come aquele alimento, tu és o dador de alimento, tu és o cultivador do alimento, e tu és o criador do alimento. Saudações a ti que cozinhas comida e que comes comida cozida, e que és ambos, o vento e o fogo! Ó senhor de todos os senhores dos deuses, tu és as quatro classes de criaturas vivas, isto é, as vivíparas, as ovíparas, as nascidas da sujeira, e as plantas. Tu és o Criador do universo móvel e imóvel, e tu és seu Destruidor! Ó principal de todas as pessoas conhecedoras de Brahma, aqueles que estão familiarizados com Brahma te consideram como Brahma! Os proferidores de Brahma dizem que tu és a Fonte Suprema da Mente, e o Refúgio do qual Espaço, Vento, e Luz dependem. Tu és os Richs e os Samans, e a sílaba Om. Ó principal de todas as divindades, aqueles proferidores de Brahma que cantam os Samans constantemente cantam a ti quando eles preferem as sílabas Hayi-Hayi, Huva-Hayi, e Huva-Hoyi. (Estas são sílabas que todos os cantores de Samans proferem para prolongar palavras curtas para manter o ritmo.) Tu és composto dos Yajuses, dos Richs, e das oferendas despejadas no fogo sacrifical. Os hinos contidos nos Vedas e nos Upanishads adoram a ti! (Isto é, Aquele que é adorado naqueles hinos é tu mesmo e nenhum outro.) Tu és os Brahmanas e os Kshatriyas, os Vaisyas, e os Sudras, e as outras castas formadas por mistura. Tu és aquelas massas de nuvens que aparecem no céu; tu és Relâmpago; e tu és o ribombo do trovão. Tu és o ano, tu és as estações, tu és o mês, e tu és a quinzena. Tu és Yuga, tu és o tempo representado por um piscar de olhos, tu és Kashtha, tu és as Constelações, tu és os Planetas, tu és Kala. Tu és os topos de

todas as árvores, tu és os topos mais altos de todas as montanhas. Tu és o tigre entre os animais inferiores, tu és Garuda entre as aves, e tu és Ananta entre cobras. Tu és o oceano de leite entre todos os oceanos e tu és o arco entre os instrumentos para lançar armas. Tu és o trovão entre as armas, e tu és a Verdade entre os votos. Tu és Aversão e tu és Desejo, tu és afeição e tu és estupor (de raciocínio), tu és Clemência e tu és Inclemência. Tu és Esforço, e tu és Paciência, tu és Cobiça, tu és Luxúria e tu és Ira, tu és Vitória e tu és Derrota. Tu estás armado com maça, e tu estás armado com flechas, tu estás armado com o arco, e tu carregas o Khattanga e o Jharjhara em tuas mãos. Tu és aquele que derruba e perfura e golpeia. Tu és aquele que guia (todas as criaturas) e aquele que lhes dá dor e aflição. Tu és Justiça que é marcada por dez virtudes; tu és Riqueza ou Lucro de todo tipo; e tu és Prazer. Tu és Ganga, tu és os Oceanos, tu és os Rios, tu és os lagos, e tu és os tanques. Tu és as trepadeiras finas, tu és as plantas rastejantes mais grossas, tu és todas as espécies de grama, e tu és as ervas decíduas. Tu és todos os animais inferiores e tu és as aves. Tu és a origem de todos os objetos e ações, e tu és aquela estação que produz frutas e flores. Tu és o início e tu és o fim dos Vedas; tu és o Gayatri, e tu és Om. Tu és Verde, tu és Vermelho, tu és Azul, tu és Escuro, tu és de cor Sangrenta, tu és da cor do Sol, tu és Moreno, tu és Dourado, e tu és Azul Escuro. (Estas são as dez cores conhecidas para os Rishis.) Tu és sem cor, tu és da melhor cor, tu és o fazedor de cores, e tu és sem comparação. Tu és do nome do Ouro, e tu gostas de Ouro. Tu és Indra, tu és Yama, tu és o Dador de bênçãos, tu és o Senhor da riqueza, e tu és Agni. Tu és o Eclipse, tu és o Fogo chamado Chitrabhanu, tu és Rahu, e tu és o Sol. Tu és o fogo sobre o qual manteiga sacrifical é derramada. Tu és Aquele que despeja a manteiga. Tu és Aquele em honra de quem a manteiga é despejada, tu és a própria manteiga que é despejada, e tu és o pujante Senhor de tudo. Tu és aquelas seções dos Brahmans que são chamadas de Trisuparna, tu és todos os Vedas; e tu és as seções chamadas Satarudriya nos Yajuses. Tu és o mais santo dos santos, e a mais auspiciosa de todas as coisas auspiciosas. Tu animas o corpo inanimado. Tu és o Chit que mora na forma humana. Investido com atributos, tu te tornas sujeito à Destruição. Tu és Jiva, que é Aquele que nunca está sujeito à destruição quando não envolvido com atributos. Tu és pleno, contudo tu te tornas sujeito à decadência e morte na forma do corpo que é o acompanhamento de Jiva. Tu és o ar da vida, e tu és Sattwa, tu és Rajas, tu és Tamas, e tu não estás sujeito ao erro. Tu és os ares chamados Prana, Apana, Samana, Udana, e Vyana. Tu és o abrir do olho e o fechar do olho. Tu és a ação de Espirrar e tu és a ação de Bocejar. Tu és de olhos vermelhos (isto é, da cor do lótus) que estão sempre virados para dentro (olhando a própria Alma, em Samadhi). Tu és de grande boca e estômago grande. As cerdas em teu corpo são como agulhas. Tua barba é verde. Teu cabelo está virado para cima. Tu és mais rápido do que o mais rápido. Tu és conhecedor dos princípios de música vocal e instrumental, e gostas de música vocal e instrumental. Tu és um peixe que vaga nas águas (como Jiva vaga no espaço), e tu és um peixe envolvido na rede, (como Jiva envolvido por Ignorância ou Ilusão é obrigado a tomar nascimento). Tu és completo, tu gostas de esportes, e tu és da forma de todas as brigas e disputas. Tu és o Tempo, tu és o mau tempo, tu és o tempo que é prematuro, e tu és o tempo que é maduro demais. Tu és o assassinato, tu és a navalha (que mata), e

tu és aquele que é morto. Tu és o auxiliar e tu és o adversário, e tu és o destruidor de ambos, auxiliares e adversários. Tu és o tempo quando as nuvens aparecem (isto é, o tempo do dilúvio universal), tu és de dentes grandes, e tu és Samvartaka e Valahaka, (que são as nuvens que aparecem na ocasião da destruição universal). Tu estás manifesto na forma de esplendor. Tu estás oculto por estares envolvido por Maya (ou Ilusão). Tu és Aquele que conecta as criaturas com os frutos de suas ações. Tu tens um sino em tua mão. Tu brincas com todas as coisas móveis e imóveis (como com teus brinquedos). Tu és a causa de todas as causas. Tu és um Brahma (na forma de Pranava), tu és Swaha; tu és o portador do Danda, tua cabeça é calva (isto é, tu és um Paramahansa, alguém que renunciou ao mundo e seus costumes), e tu és aquele que tem suas palavras, ações e pensamentos sob controle. Tu és os quatro Yugas, tu és os quatro Vedas, tu és Aquele de quem os quatro fogos (Sacrificais, que são: Treta, Avasathya, Dakshina, e Sahya) têm fluído. Tu és o Diretor de todos os deveres dos quatro modos de vida. Tu és o fazedor das quatro Classes. Tu sempre gostas de jogar dados. Tu és astúcia. Tu és o chefe dos espíritos divididos em ganas (clãs), e seu soberano. Tu estás adornado com guirlandas vermelhas e vestido em mantos que são vermelhos. Tu dormes no leito da montanha, e tu gostas da cor vermelha. Tu és o artesão; tu és o principal dos artistas; e é de ti que todas as artes têm fluído. Tu és o arrancador dos olhos de Bhaga; tu és Feroz, e tu és Aquele que destruiu os dentes de Pushan. Tu és Swaha, tu és Swadha, tu és Vashat, tu és a forma da Saudação, e tu és as palavras Namas-Namas proferidas por todos os devotos. Tuas observâncias e penitências não são conhecidas para outros. Tu és Pranava; tu és firmamento salpicado com miríades de estrelas. Tu és Dhatri (Vishnu), e Vidhatri (de quatro cabeças), e Sandhatri (aquele que junta todas as coisas em uma), Vidhatri (o planejador de destinos), e o Refúgio de todas as coisas na forma da Causa Suprema, e tu és independente de todo Refúgio. Tu conheces Brahma, tu és Penitência, tu és Verdade, tu és a alma de Brahmacharya, e tu és Simplicidade. Tu és a alma das criaturas, tu és o Criador de todas as criaturas, tu és Existência Absoluta, e tu és a Causa de onde o Passado, o Presente, e o Futuro, têm surgido. Tu és Terra, tu és Firmamento, e tu és Céu. Tu és Eterno, tu és Auto-dominado, e tu és o grande deus. Tu és iniciado, e tu és não iniciado. Tu és perdoador; tu és rancoroso; e tu és o castigador de todos os que são rebeldes. Tu és o mês lunar, tu és o ciclo dos Yugas (isto é, Kalpa), tu és Destruição, e tu és Criação. Tu és Luxúria, tu és a semente vital, tu és sutil, tu és grosseiro, e tu gostas de guirlandas feitas de flores Karnikara. Tu tens um rosto como aquele de Nandi, tu tens um rosto que é terrível, tu tens um bonito rosto, tu tens um rosto feio, e tu és sem rosto. Tu tens quatro rostos, tu tens muitos rostos, e tu tens um rosto ardente quando envolvido em batalhas. Tu és de estômago de ouro (isto é, Narayana), tu és (independente de todas as coisas como) uma ave (não ligada à terra de onde ela deriva seu alimento e à qual ela pertence), tu és Ananta (o senhor das cobras poderosas), e tu és Virat (o mais imenso dos imensos). Tu és o destruidor da Injustiça, tu és chamado de Mahaparswa, tu és Chandradhara, e tu és o chefe dos clãs de espíritos. Tu mugiste como uma vaca, tu foste o protetor das vacas, e tu tens o senhor dos touros como teu servidor. (A identidade de Maheswara com Narayana ou Krishna é aqui pregada. Em sua encarnação de Krishna, Vishnu brincava com os filhos dos vaqueiros de Vrinda e mugia de modo

divertido como uma vaca. Ele também protegeu o gado de Vrinda de enchentes, veneno, etc. Govrisheswara é Nandi, o atendente de Mahadeva.) Tu és o protetor dos três mundos, tu és Govinda, tu és o diretor dos sentidos, e tu não podes ser compreendido pelos sentidos. Tu és a principal de todas as criaturas, tu és fixo, tu és imóvel, tu não tremes, e tu és da forma do trêmulo! Tu não podes ser resistido, tu és o destruidor de todos os venenos, tu não podes ser resistido (em batalha), e tu não podes ser superado, tu não podes ser feito tremer, tu não podes ser medido, tu não podes ser derrotado, e tu és vitória. Tu és de velocidade rápida, tu és a Lua, tu és Yama (o destruidor universal), tu suportas (sem vacilar) frio e calor e fome e fraqueza e doença. Tu és todas as agonias mentais, tu és todas as doenças físicas, tu és o curador de todas as doenças, e tu és aquelas próprias doenças as quais tu curas. Tu és o destruidor do meu Sacrifício que tinha se esforçado para fugir na forma de veado. Tu és a chegada e a partida de todas as doenças. Tu tens uma crista alta. Tu tens olhos como pétalas de lótus. Tua habitação é no meio de um bosque de lotos. Tu carregas o bastão do asceta em tuas mãos. Tu tens os três Vedas como teus três olhos. Tuas punições são violentas e severas. Tu és o destruidor do ovo (de onde o universo surge). Tu és o bebedor de veneno e fogo, tu és a principal de todas as divindades, tu és o bebedor de Soma, tu és o senhor dos Maruts. (Siva é representado como aquele que aceita todas as coisas que são rejeitadas por outros. Nisto consiste sua verdadeira divindade, pois para a Divindade nada no universo pode ser inaceitável ou digno de ser rejeitado. As cinzas da pira mortuária são dele, o veneno produzido pelo batimento do oceano foi dele. Ele salvou o universo por engolir o veneno naquela ocasião.) Tu és o bebedor de Néctar. Tu és o Mestre do universo. Tu brilhas em glória, e tu és o senhor de todos os brilhantes. Tu proteges do veneno e da morte, e tu bebes leite e Soma. Tu és o principal dos protetores daqueles que caíram do céu, e tu proteges aquele que é a principal das divindades (Brahman). Ouro é a tua semente vital. Tu és homem, tu és mulher, tu és neutro. Tu és uma criança, tu és um jovem, tu és velho em idade com teus dentes gastos, tu és o principal dos Nagas, tu és Sakra, tu és o Destruidor do universo, e tu és seu Criador. Tu és Prajapati, e tu és adorado pelos Prajapatis, tu és o sustentador do universo, tu tens o universo como tua forma, tu és dotado de grande energia, e tu tens teus rostos virados em todas as direções. O Sol e a Lua são teus dois olhos, e o Avô é teu coração. Tu és o Oceano. A deusa Saraswati é tua fala e Fogo e Vento são teu poder. Tu és Dia e Noite. Tu és todos os atos inclusive o abrir e o fechar dos olhos. Nem Brahman, nem Govinda, nem os Rishis antigos são competentes para compreender tua grandeza, ó divindade auspiciosa, realmente. Aquelas formas sutis que tu tens são invisíveis para nós. Salve-me, ó, e proteja-me como um pai protege seu próprio filho. Ó, proteja alguém! Eu mereço tua proteção. Eu te reverencio, ó impecável! Tu, ó ilustre, és cheio de compaixão por teus devotos. Eu sou sempre devotado a ti. Que seja sempre meu protetor aquele que fica sozinho no outro lado do oceano, em uma forma ser difícil de ser compreendida, e subjugando muitos milhares de pessoas! (O comentador explica que por Mahadeva ficando 'sozinho' quer-se dizer que ele é o conhecedor, o conhecido, e o conhecimento. 'No outro lado do oceano' significa 'no outro lado do desejo e apego, etc.' 'Subjugando muitos milhares de pessoas' significa superando-as por sua energia e conhecimento.) Eu reverencio aquela Alma de

Yoga que é contemplada na forma de uma Luz refulgente por pessoas que têm seus sentidos sob controle, que possuem o atributo de Sattwa, que têm regulado suas respirações, e que têm conquistado o sono, (isto é, os Yogins). Eu reverencio àquele que é dotado de cabelos emaranhados, que carrega o bastão do asceta em sua mão, que é possuidor de um corpo que tem um abdômen alongado, que tem um kamandalu atado às suas costas, e que é a Alma de Brahman. Eu reverencio a Ele que é a alma da água, em cujo cabelo estão as nuvens, nas juntas de cujo corpo estão os rios, e em cujo estômago estão os quatro oceanos. Eu procuro a proteção dele que, quando chega o fim do Yuga, devora todas as criaturas e se estica (para dormir) na ampla extensão de água que cobre o universo. Que Ele que, entrando na boca de Rahu bebe Soma à noite e que se tornando Swarbhanu devora Surya também, proteja-me! (Os eclipses da Lua e do Sol são causados, de acordo com a mitologia Purânica, por Rahu devorando a Lua e o Sol em certos intervalos bem conhecidos. Rahu é um Asura cuja cabeça somente ainda está viva. Veja Adi Parva, no Batimento do Oceano.) As divindades, que são meras crianças e que surgiram todas de ti depois da criação de Brahman, desfrutam de suas respectivas partes (nas oferendas sacrificais). Que elas desfrutem (pacificamente) daquelas oferendas feitas com Swaha e Swadha, e que elas derivem prazer daqueles presentes. Eu as reverencio. Que aqueles Seres que são da estatura do polegar e moram em todos os corpos, sempre me protejam e gratifiquem. (Estes seres são Rudras ou porções do grande Rudra.) Eu sempre reverencio aqueles Seres que, morando dentro das criaturas incorporadas, fazem as últimas gritarem de dor sem elas mesmas gritarem de dor, e que as alegram sem elas mesmas estarem alegres. Eu sempre reverencio aqueles Rudras que moram em rios, em oceanos, em colinas e montanhas, em cavernas de montanhas, nas raízes de árvores, em currais de vacas, em florestas inacessíveis, nas intersecções de estradas, em estradas, em praças abertas, em margens (de rios e lagos e oceanos), em abrigos de elefantes, em estábulos, em abrigos de carros, em jardins e casas abandonadas, nos cinco elementos primordiais, e nas direções principais e secundárias. Eu reverencio repetidamente aqueles que moram no espaço entre o Sol e a Lua, como também nos raios do Sol e da Lua, e aqueles que moram nas regiões inferiores, e aqueles que se dirigiram à Renúncia e outras práticas superiores por causa do Supremo. Eu sempre reverencio aqueles que são incontáveis, que são incomensuráveis, e que não têm forma, aqueles Rudras, isto é, que são dotados de atributos infinitos. Já que tu, ó Rudra, és o Criador de todas as criaturas, já que, ó Hara, tu és o Mestre de todas as criaturas, e já que tu és a Alma que mora em todas as criaturas, portanto tu não foste convidado por mim (para meus Sacrifícios). Já que tu és Aquele que é adorado em todos os sacrifícios com presentes abundantes, e já que Tu és o Criador de todas as coisas, portanto, eu não te convidei. Ou, talvez, ó deus, entorpecido por tua ilusão sutil eu falhei em te convidar. Fique satisfeito comigo, abençoado por ti mesmo, ó Bhava, comigo possuído pela qualidade de Rajas. Minha Mente, minha Compreensão, e meu Chitta todos moram em ti, ó deus!'"

"Ouvindo essas adorações, aquele Senhor de todas as criaturas, Mahadeva, parou (de pensar em infligir danos adicionais sobre Daksha). De fato, muito satisfeita, a divindade ilustre se dirigiu a Daksha, dizendo, 'Ó Daksha de votos

excelentes, eu estou satisfeito com essas tuas adorações. Tu não precisas me louvar mais. Tu alcançarás minha companhia. Pela minha graça, ó progenitor de criaturas, tu ganharás o resultado de mil Sacrifícios de Cavalo, e de cem Vajapeyas (por este teu sacrifício incompleto).'"

"Uma vez mais, Mahadeva, aquele mestre completo de palavras, dirigiu-se a Daksha e disse a ele estas palavras repletas de grande consolação, 'Seja tu a principal de todas as criaturas no mundo. Tu não deves, ó Daksha, nutrir quaisquer sentimentos de angústia por esses danos infligidos a teu Sacrifício. Tem sido visto que em Kalpas anteriores eu também tive que destruir teu Sacrifício. (Então no Kalpa atual eu sou obrigado a fazer o mesmo, pois todos os Kalpas devem ser similares em relação aos eventos que acontecem neles.) Ó tu de votos excelentes, eu te concederei novamente mais algumas bênçãos. Receba-as de mim. Dissipando essa tristeza que cobre tua face, ouça-me com total atenção. Com a ajuda de argumentos dirigidos à razão as divindades e os Danavas têm extraído dos Vedas, que consistem em seis ramos, e do sistema de Sankhya e Yoga, um credo pelo qual eles têm praticado as mais austeras das penitências por muitos longos anos. A religião, no entanto, que eu extraí, é sem paralelo, e produtiva de benefícios por todos os lados. Ela está aberta para homens em todos os modos de vida praticarem-na. Ela leva à Emancipação. Ela pode ser adquirida em muitos anos ou através de mérito por pessoas que têm controlado seus sentidos. Ela está envolta em mistério. Aqueles que são desprovidos de sabedoria a consideram como censurável. Ela é oposta aos deveres declarados em relação às quatro classes de homens e os quatro modos de vida, e concorda com aqueles deveres somente em uns poucos detalhes. Aqueles que são hábeis na ciência de (tirar) conclusões (de premissas) podem compreender sua adequação, e aqueles que transcenderam todos os modos de vida são dignos de adotá-lo. Nos tempos antigos, ó Daksha, esta religião auspiciosa chamada Pasupata foi extraída por mim. A observância apropriada daquela religião produz benefícios imensos. Que aqueles benefícios sejam teus, ó altamente abençoado! Rejeite esta febre do teu coração.' Tendo dito estas palavras, Mahadeva, com sua cônjuge (Uma) e com todos os seus servidores desapareceu da vista de Daksha de destreza incomensurável. Aquele que recitar este hino que foi primeiro proferido por Daksha ou que escutá-lo quando recitado por outro, nunca encontrará nem o menor mal e obterá uma vida longa. De fato, como Siva é a principal de todas as divindades, assim mesmo este hino, em conformidade com os Srutis, é o principal de todos os hinos. Pessoas desejosas de fama, reino, felicidade, prazer, lucro, e riqueza, como também aquelas desejosas de saber, devem escutar com sentimentos de devoção à recitação deste hino. Alguém sofrendo de doença, alguém afligido pela dor, alguém mergulhado em melancolia, alguém afligido por ladrões ou por medo, alguém sob o descontentamento do rei em relação a seu cargo, fica livre do medo (por escutar ou recitar este hino). Por escutar ou recitar este hino, uma pessoa, mesmo nesse seu corpo terrestre, obtém igualdade com os espíritos que formam os servidores de Mahadeva. Alguém vem a ser dotado de energia e fama, e purificado de todos os pecados (através da virtude deste hino). Nem Rakshasas, nem Pisachas, nem fantasmas, nem Vinayakas criam distúrbios na casa onde este hino é recitado. A mulher, também, que escuta este hino com fé piedosa,

enquanto cumpre as práticas de Brahmacharya, consegue culto como uma deusa na família de seu pai e naquela de seu marido. Sempre vêm a ser coroadas com êxito todas as ações daquela pessoa que escuta ou recita com atenção absorta este hino inteiro. Pela recitação deste hino todos os desejos que alguém forma na própria mente e todos os desejos que ele veste em palavras são coroados com fruição. Obtém todos os objetos de desfrute e prazer e todas as coisas que são desejadas por ele aquele homem que, praticando autodomínio, faz segundo os ritos devidos oferendas para Mahadeva, Guha, Uma, e Nandi, e depois disso profere seus nomes sem demora, na ordem apropriada e com devoção. Tal homem, partido desta vida, ascende para o céu, e nunca tem que tomar nascimento entre os animais ou aves intermediários. Isto foi dito até pelo pujante Vyasa, o filho de Parasara.'"

286

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, o que é Adhyatma com respeito ao homem e de onde ele surge.'"

"Bhishma disse, 'Ajudado pela ciência de Adhyatma alguém pode conhecer tudo. Ele é, também, superior a todas as coisas. Eu irei, com a ajuda da minha inteligência, explicar para ti este Adhyatma acerca do qual tu me perguntaste. Escute, ó filho, a minha explicação. Terra, Vento, Espaço, Água, e a Luz formando a quinta, são as grandes essências. Estas são (as causas da) origem e da destruição de todas as criaturas. Os corpos das criaturas vivas (ambos, o sutil e o grosseiro), ó touro da raça Bharata, são o resultado da combinação das virtudes destes cinco. Aquelas virtudes (cujas combinações produzem os corpos das criaturas) repetidamente começam a existir e repetidamente se fundem na causa original de todas as coisas, isto é, a Alma Suprema. Daquelas cinco essências primordiais são criadas todas as criaturas, e naqueles cinco grandes elementos todas as criaturas se dissolvem, repetidamente, como as ondas infinitas do Oceano se erguendo do Oceano e baixando naquele que as causa. Como uma tartaruga estica suas pernas e as recolhe outra vez em si mesma, assim mesmo o número infinito de criaturas surge de (e entra) naquelas cinco grandes essências fixas. Na verdade, o som surge do Espaço, e toda a matéria densa é o atributo da terra. A vida é do Vento. O gosto é da Água. A forma é citada como sendo a propriedade da Luz. Todo o universo móvel e imóvel é dessa maneira estas cinco grandes essências existindo juntas em várias proporções. Quando chega a Destruição, a diversidade infinita de criaturas se dissolve naquelas cinco, e mais uma vez, quando começa a Criação, elas surgem das mesmas cinco. O Criador coloca em todas as criaturas as mesmas cinco grandes essências em proporções que Ele acha apropriadas. Som, os ouvidos, e todas as cavidades, esses três, têm o Espaço como sua causa produtora. Gosto, todas as substâncias aquosas ou suculentas, e a língua, são citados como sendo as propriedades da água. Forma, o olho, e o fogo digestivo no estômago, são citados como partilhando da natureza da Luz. Aroma, o órgão do olfato, e o corpo, são as propriedades da terra. Vida, toque, e ação são citados como sendo as propriedades do Vento. Eu assim

expliquei para ti, ó rei, todas as propriedades das cinco essências primordiais. Tendo criado estas, a Divindade Suprema, ó Bharata, uniu com elas Sattwa, Rajas, Tamas, Tempo, Consciência de funções, e a Mente formando o sexto. (Karma-buddhi significa consciência ou percepção de funções. Cada sentido ou órgão sabe instintivamente qual é seu objeto e percebe aquele objeto imediatamente. Essa percepção de suas próprias funções, a qual cada sentido possui é aqui designada como Karma-buddhi.) Aquilo que é chamado de Compreensão mora no interior do que tu vês acima das solas dos pés e abaixo do topo da cabeça. No homem os sentidos (de conhecimento) são cinco. O sexto (sentido) é a Mente. O sétimo é chamado de Compreensão. O Kshetrajna ou Alma é o oitavo. Os sentidos e aquilo que é o Ator devem ser averiguados pela compreensão de suas respectivas funções. As condições ou estados chamados Sattwa, Rajas, e Tamas, dependem dos sentidos para seu refúgio ou formação. Os sentidos existem simplesmente para apreender as impressões de seus respectivos objetos. A Mente tem a dúvida como sua função. A Compreensão é para a averiguação. O Kshetrajna é citado como sendo somente uma testemunha inativa (das funções dos outros). Sattwa, Rajas, Tamas, Tempo, e Ações (de vidas passadas), ó Bharata, estes atributos dirigem a Compreensão. A Compreensão é os sentidos e os cinco atributos supracitados. Quando a Compreensão está ausente, os sentidos com a mente, e os cinco outros atributos (isto é, Sattwa, Rajas, Tamas, Tempo, e Ações) cessam de existir. Aquilo pelo qual a Compreensão vê é chamado de olho. Quando a Compreensão ouve, ela é chamada de ouvido. Quando ela cheira, ela se torna o sentido do olfato; e quando ela experimenta os vários objetos de paladar, ela vem a ser chamada pelo nome de língua. Quando também ela sente o toque dos vários objetos de tato, ela se torna o sentido do tato. É a Compreensão que vem a ser modificada diversamente e frequentemente. Quando a Compreensão deseja alguma coisa, ela se torna Mente. Os cinco sentidos com a Mente, os quais separadamente constituem as fundações (da Compreensão), são as criações da Compreensão. Eles são chamados de Indriyas. Quando eles ficam manchados, a Compreensão também se torna manchada. A Compreensão, residindo em Jiva, existe em três estados. Às vezes ela obtém alegria; às vezes ela cede à dor; e às vezes ela existe em um estado que não é nem prazer nem dor. Tendo como sua essência essas condições ou estados (Sattwa, Rajas, e Tamas), a Compreensão revolve por estes três estados, (ou seja, os ocupa um depois do outro). Como o senhor dos rios, isto é, o Oceano que sobe e desce, sempre se mantém dentro de seus continentes, assim mesmo a Compreensão, que existe em conexão com os (três) estados, existe na Mente (incluindo os sentidos). Quando o estado de Rajas é despertado, a Compreensão se torna modificada em Rajas. Êxtases de prazer, alegria, contentamento, felicidade, e satisfação de coração, estes, quando excitados de alguma maneira, são as propriedades de Sattwa. Inveja, aflição, tristeza, descontentamento, e rancor, surgindo de causas específicas, são o resultado de Rajas. Ignorância, apego e erro, negligência, estupor, e terror, avareza, melancolia, sono, e procrastinação, estes, quando ocasionados por causas específicas, são as propriedades de Tamas. Qualquer estado de corpo ou de mente, ligado com alegria ou felicidade, que surge, deve ser considerado como devido ao estado de Sattwa. Tudo o que for repleto de tristeza e desagradável

para alguém deve ser considerado como proveniente de Rajas. Sem começar algum ato de tal maneira, alguém deve dirigir sua atenção para ele (para evitá-lo). Tudo o que é repleto de erro ou entorpecimento em corpo ou mente, e que é inconcebível e misterioso, deve ser conhecido como ligado a Tamas. Dessa maneira, eu expliquei para ti quais coisas neste mundo moram na Compreensão. Por conhecer isso alguém se torna sábio. O que mais pode ser a indicação de sabedoria? Saiba agora a diferença entre estas duas coisas sutis, isto é, Compreensão e Alma. Uma delas, a Compreensão, cria atributos. A outra, a Alma, não os cria. Embora elas sejam, por natureza, distintas uma da outra, ainda assim elas sempre existem em um estado de união. Um peixe é diferente da água na qual ele mora, mas o peixe e a água devem existir juntos. Os atributos não podem conhecer a Alma. A Alma, no entanto, os conhece. Aqueles que são ignorantes consideram a Alma como existindo em um estado de união com os atributos como qualidades existindo com seus possuidores. Este, no entanto, não é o caso, pois a Alma é realmente só uma Testemunha inativa de tudo. A Compreensão não tem refúgio; (isto é, não há materiais dos quais ela é constituída). Aquilo que é chamado de vida (envolvendo a existência da Compreensão), surge dos efeitos dos atributos se unindo. Outros (exceto esses atributos que são criados pela Compreensão), agindo como causas, criam a Compreensão que mora no corpo. Ninguém pode compreender os atributos em sua natureza ou forma de existência real. A Compreensão, como eu já disse, cria os atributos. A Alma simplesmente os contempla (como uma Testemunha inativa). Esta união que existe entre a Compreensão e a Alma é eterna. A Compreensão habitante percebe todas as coisas através dos Sentidos os quais são eles mesmos inanimados e não entendedores. Realmente os sentidos são somente como lâmpadas (que lançam sua luz para revelar objetos para outros sem elas mesmas serem capazes de vê-los). Exatamente esta é a natureza (dos Sentidos, da Compreensão, e da Alma). Sabendo disso, alguém deve viver alegremente, sem se entregar à tristeza ou alegria. Tal homem é citado como estando além da influência do orgulho. Que a Compreensão cria todos estes atributos é devido à sua própria natureza, assim como uma aranha tece fios por sua própria natureza. Estes atributos devem ser conhecidos como os fios que a aranha tece. Quando destruídos, os atributos não cessam de existir; sua existência cessa de ser visível. Quando, no entanto, uma coisa transcende o alcance dos sentidos, sua existência (ou não) é afirmada por inferência. Esta é a opinião de um grupo de pessoas. Outras afirmam que com a destruição os atributos cessam de existir. Resolvendo este problema complicado endereçado à compreensão e reflexão, e dissipando toda dúvida, uma pessoa deve rejeitar a tristeza e viver em alegria. (O que o orador inculca nesses versos é isto: alguns são de opinião que com a aparente destruição do corpo, os atributos que compõem o corpo não cessam de existir. É verdade que eles cessam de ser perceptíveis pelos sentidos, mas então, embora afastados do alcance dos sentidos, sua existência pode ser afirmada por inferência. O argumento é que, se destruídos, seu reaparecimento seria impossível. O reaparecimento, entretanto, é certo. (Pois o renascimento é uma doutrina que é aceita como uma verdade solene que não requere argumento para prová-lo). Por isso, os atributos, quando aparentemente destruídos, continuam a existir. Eles são considerados então como inerentes ao corpo linga ou sutil. A opinião contrária é que, quando destruídos,

eles são destruídos para sempre. A última opinião é condenada pelo orador.) Como homens não familiarizados com seu fundo ficam angustiados quando eles caem sobre esta terra que é como um rio cheio com as águas do adormecimento, assim mesmo é afligido aquele homem que decai daquele estado no qual há uma união com a Compreensão. Homens de conhecimento, no entanto, conhecedores de Adhyatma e armados com fortaleza, nunca são afligidos, porque eles são capazes de atravessar para a outra margem daquelas águas. De fato, o Conhecimento é uma balsa eficiente (naquele rio). Homens de conhecimento não têm que enfrentar aqueles terrores pavorosos que alarmam aqueles que são desprovidos de conhecimento. Com relação aos virtuosos, nenhum deles alcança um fim que é superior àquele de alguma outra pessoa entre eles. De fato, os virtuosos mostram, neste aspecto, uma igualdade. Com relação ao homem de Conhecimento, quaisquer ações que tenham sido feitas por ele em tempos passados (enquanto ele estava imerso em Ignorância) e quaisquer atos repletos de grande iniquidade que ele faça (depois da obtenção de conhecimento), ele destrói ambos pelo Conhecimento como seu único meio. Então, após a obtenção de Conhecimento ele cessa de cometer estes dois males, isto é, criticar as más ações de outros e fazer quaisquer más ações ele mesmo sob a influência da atração.'"

287

"Yudhishthira disse, 'As criaturas vivas sempre têm medo da tristeza e da morte. Diga-me, ó avô, como a ocorrência destes dois pode ser impedida.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto, ó Bharata, é citada a antiga narrativa da conversa entre Narada e Samanga.'"

"Narada disse, '(Enquanto outros saúdam seus superiores somente por uma inclinação de cabeça) tu saúdas teus superiores por te prostrares no chão até que teu peito entre em contato com o solo. Tu pareces estar empenhado em cruzar (o rio da vida) com tuas mãos. (Isto é, mesmo em tua angústia mais terrível tu dependes de ti mesmo. Cruzar o temível rio da vida sem uma balsa e somente com a ajuda dos braços nus implica em grande independência.) Tu pareces estar sempre livre de tristeza e extremamente alegre. Eu não vejo que tu tens a menor ansiedade. Tu estás sempre contente e feliz e pareces te divertir (em felicidade) como uma criança.'"

"Samanga disse, 'Ó dador de honras, eu sei a verdade sobre o Passado, o Presente, e o Futuro. Então eu nunca fico triste. (Aquilo que não existiu e não existirá, não existe no momento presente. Tudo, portanto, que é da natureza de asat é inexistente. Nossas tristezas estão relacionadas com o asat. Sabendo disso, eu rejeitei todas as tristezas.) Eu sei também qual é o início das ações neste mundo, qual é a acessão de seus frutos, e quão variados são aqueles frutos. Por isso eu nunca me entrego à tristeza. (Eu compreendi que ações são para a tristeza; que os frutos das ações também são para a tristeza apesar do

caráter aparente de alguns; e que os frutos das ações são variados, às vezes aparecendo outros resultados que não são aqueles esperados. Por isso eu não me entrego à tristeza, pois eu evito as ações e não me angustio por não obter os resultados das ações ou pela acessão de frutos que não são aqueles aparentemente agradáveis.) Veja, o analfabeto, o indigente, o próspero, ó Narada, o cego, idiotas e loucos, e nós também, todos vivemos. (Nós que evitamos as ações não estamos mortos; realmente, nós vivemos exatamente como os outros; e aqueles outros, tão desigualmente situados!) Estes vivem em virtude de suas ações de vidas passadas. As próprias divindades, que existem livres de doenças, existem (naquele estado) em virtude de suas ações passadas. Os fortes e os fracos, todos, vivem em virtude de suas ações passadas. É adequado, portanto, que tu nos considere em estima. Os donos de milhares vivem. Os donos de centenas também vivem. Aqueles que são oprimidos pela tristeza vivem. Veja, nós também estamos vivendo! Quando nós, ó Narada, não cedemos à tristeza, o que a prática dos deveres (de religião) ou a observância de ações (religiosas) podem fazer por nós? E já que todas as alegrias e tristezas também não são intermináveis, elas são, portanto, incapazes de nos agitar em absoluto. (A ignorância se encontra na base da tristeza. Por rejeitar a ignorância, nós temos evitado a tristeza. Por isso, nem religião ou atos religiosos tais como Sacrifícios, etc., podem nos fazer algum bem ou mal. Em relação à alegria e miséria também, essas duas não podem nos agitar em absoluto, já que nós conhecemos seu valor, ambas sendo efêmeras em comparação com o período pelo qual nós vivemos.) Aquilo pelo qual homens estão citados como sábios, de fato, a própria base da sabedoria, é a liberdade dos sentidos do erro. São os sentidos que se entregam ao erro e à angústia. Alguém cujos sentidos estão sujeitos ao erro nunca pode ser citado como tendo obtido sabedoria. Aquele orgulho ao qual cede um homem sujeito ao erro é somente uma forma de erro ao qual ele está sujeito. Com relação ao homem de erro, ele não tem nem este mundo nem o próximo. Deve ser lembrado que as angústias não duram para sempre e que a felicidade não pode ser tida sempre. (Por essa razão, ninguém deve se entregar ao orgulho, dizendo, 'Eu sou feliz,' nem se ceder à tristeza, dizendo, 'Eu sou miserável.' Felicidade e miséria são transitórias. O homem de sabedoria nunca deve se permitir ser agitado por esses estados transitórios de sua mente.) A vida mundana com todas as suas vicissitudes e incidentes dolorosos, alguém como eu nunca adotaria. Tal pessoa não se inquietaria por objetos desejáveis de prazeres, e não pensaria em absoluto na felicidade que sua posse pode ocasionar, ou, de fato, nas angústias que se apresentariam. Alguém capaz de depender de si mesmo nunca cobiçaria as posses de outros; não pensaria em lucros não obtidos, não sentiria grande prazer nem na aquisição de riqueza imensa; e não se entregaria à tristeza pela perda de riqueza. Nem amigos, nem riqueza, nem nascimento nobre, nem erudição escritural, nem mantras, nem energia, podem conseguir resgatar alguém da tristeza no mundo seguinte. É somente pela conduta que alguém pode obter felicidade lá. A Compreensão do homem não familiarizado com Yoga nunca pode ser dirigida para a Emancipação. Alguém não familiarizado com Yoga nunca pode ter felicidade. Paciência e a decisão de rejeitar a tristeza, estes dois indicam o advento da felicidade. Qualquer coisa agradável leva ao prazer. O prazer causa orgulho. O orgulho produz tristeza. Por estas razões eu evito todos esses.

Angústia, Medo, Orgulho, estes que entorpecem o coração, e também Prazer e Dor, eu observo como uma testemunha (indiferente), já que meu corpo é dotado de vida e se move continuamente. (Eu sou obrigado a observá-los porque eu sou um ser vivo que tem um corpo, mas então eu os observo como uma testemunha tranquila.) Rejeitando riqueza e prazer, e sede e erro, eu vago pela terra, livre de aflição e todo tipo de ansiedade de coração. Como alguém que bebeu néctar eu não tenho medo, aqui ou na vida futura, da morte, ou iniquidade, ou cupidez, ou de qualquer coisa desse tipo. Eu obtive esse conhecimento, ó Brahmana, como o resultado de minhas penitências severas e indestrutíveis. É por esta razão, ó Narada, que a tristeza, mesmo quando ela vem pra mim, não consegue me afligir.'"

288

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó Avô, o que é benéfico para alguém que não conhece as verdades das escrituras, que está sempre em dúvida, e que se abstém do autodomínio e de outras práticas que têm como seu objetivo o conhecimento da Alma.'"

"Bhishma disse, 'Cultuar o preceptor, sempre servir com reverência aqueles que são idosos, e escutar as escrituras (quando recitadas por Brahmanas competentes), estes são considerados como sendo de benefício supremo (para uma pessoa como aquela que tu descreveste). Em relação a isto é citada também a velha narrativa da conversa entre Galava e o Rishi celeste Narada. Uma vez Galava, desejoso de obter o que era para seu benefício, se dirigiu a Narada livre de erro e fadiga, erudito nas escrituras, satisfeito com conhecimento, um mestre completo de seus sentidos, e com alma dedicada ao Yoga, e disse, 'Aquelas virtudes, ó Muni, pela posse das quais uma pessoa se torna respeitada no mundo, eu vejo, moram permanentemente em ti. Tu és livre de erro e, como tal, cabe a ti remover as dúvidas que enchem as mentes de homens como nós que estamos sujeitos ao erro e que não conhecemos as verdades do mundo. Nós não sabemos o que nós devemos fazer, pois as declarações das escrituras geram uma inclinação para (a aquisição de) Conhecimento simultaneamente com a inclinação para ações. Cabe a ti nos falar sobre esses assuntos. (As escrituras contêm ambos os tipos de instrução. Há declarações que são totalmente a favor de Atos ou observâncias. Há também declarações a favor do Conhecimento. O que o orador deseja é que o Rishi discurse sobre o que o orador deve fazer, isto é, se ele deve se dirigir para a aquisição de Conhecimento ou para fazer ações.) Ó ilustre, os diferentes asramas aprovam diferentes rumos de conduta. 'Isto é benéfico', 'Este (outro) é benéfico', as escrituras nos exortam muitas vezes dessa maneira. Vendo os seguidores dos quatro asramas, que são assim exortados pelas escrituras e que aprovam totalmente o que as escrituras prescrevem para eles, movendo-se dessa maneira em diversas direções, e vendo que nós também estamos igualmente contentes com nossas próprias escrituras, nós falhamos em compreender o que é realmente benéfico. Se as escrituras fossem todas uniformes, então o que é realmente benéfico se tornaria manifesto. Por

consequência, no entanto, das escrituras serem variadas, aquilo que é realmente benéfico se torna cercado com mistério. Por estas razões, aquilo que é realmente benéfico me parece estar envolvido em confusão. Então, ó ilustre, fale para mim sobre o assunto. Eu me aproximei de ti (para isto), ó, instrua-me!'"

"Narada disse, 'Os Asramas, (formas de credo prevalecentes ao mesmo tempo na Índia), são quatro em número, ó filho! (O primeiro é que não há tal coisa como virtude ou justiça; o segundo é que a virtude consiste somente no culto de árvores, etc.; o terceiro é que a virtude é somente o que os Vedas declaram; e o quarto é que além da virtude e seu oposto há algo por cujo alcance alguém deve ser esforçar.) Todos eles servem aos propósitos para os quais eles foram planejados; e os deveres que eles pregam diferem uns dos outros. Averiguando-os primeiro de preceptores bem qualificados, reflita sobre eles, ó Galava! Veja, os anúncios dos méritos daqueles Asramas são variados em relação à sua forma, divergentes em relação a seus assuntos, e contraditórios em relação às observâncias que eles abarcam. Observados com visão vulgar, realmente, todos os Asramas se recusam a revelar claramente sua verdadeira intenção (a qual, naturalmente, é o conhecimento do Eu). Outros, no entanto, dotados de visão sutil, vêem seu maior objetivo. Aquilo que é realmente benéfico, e sobre o qual não há dúvida, isto é, ajuda a amigos, e supressão de inimigos, e a aquisição do agregado de três (Religião, Lucro, e Prazer), têm sido declarados pelos sábios como sendo de excelência suprema. Abstenção de atos pecaminosos, constância de disposição íntegra, bom comportamento em direção àqueles que são bons e piedosos, estes, sem dúvida, constituem excelência. Suavidade para com todas as criaturas, sinceridade de comportamento, e o uso de palavras gentis, estes, sem dúvida, constituem excelência. Uma partilha equitativa do que alguém tem entre as divindades, os Pitris, e os convidados, e lealdade aos servidores, estes, sem dúvida, constituem excelência. Veracidade de palavras é excelente. O conhecimento, no entanto, da verdade, é de aquisição muito difícil. Eu digo que é a verdade aquilo que é extremamente benéfico para as criaturas. (Em capítulos anteriores a natureza da Verdade foi discutida. Uma verdade formal pode ser tão pecaminosa quanto uma mentira, e uma mentira pode ser tão meritória quanto a Verdade. Por isso, a averiguação da Verdade não é fácil.) A renúncia ao orgulho, a supressão da negligência, contentamento, viver por si mesmo, estes são citados como constituindo excelência suprema. O estudo dos Vedas, e de seus ramos, de acordo com as regras bem conhecidas, e todas as indagações e atividades tendo como sua causa a aquisição de conhecimento, estes, sem dúvida, são excelentes. Alguém desejoso de alcançar o que é excelente nunca deve desfrutar de som e forma e gosto e toque e cheiro em excesso, e não deve desfrutar deles somente por causa deles. Vagar durante a noite, dormir durante o dia, indulgência em ociosidade, patifaria, arrogância, indulgência excessiva e total abstenção de toda indulgência em objetos dos sentidos, devem ser abandonados por alguém desejoso de alcançar o que é excelente. Alguém não deve procurar auto-elevação por depreciar outros. De fato, alguém deve, só por seus próprios méritos, procurar distinção sobre pessoas que são eminentes, mas nunca sobre aquelas que são inferiores. Homens realmente desprovidos de mérito e cheios de um senso de auto-admiração depreciam homens de mérito verdadeiro, por afirmarem suas

próprias virtudes e riqueza. Enchendo-se de um senso de sua própria importância, estes homens, quando ninguém interfere com eles (para trazê-los a uma compreensão correta do que eles são), se consideram superiores aos homens de real distinção. Alguém possuidor de sabedoria verdadeira e dotado de méritos verdadeiros obtém grande renome por se abster de falar mal de outros e de se entregar ao auto-elogio. As flores derramam sua fragrância pura e doce sem proclamarem publicamente sua própria excelência. Similarmente, o Sol refulgente espalha seus esplendores no firmamento em perfeito silêncio. Da mesma maneira resplandecem no mundo com celebridade aqueles homens que, pela ajuda de sua inteligência, rejeitam esses e outros defeitos similares e que não proclamam suas próprias virtudes. O tolo nunca pode brilhar no mundo por espalhar o boato acerca de seu próprio louvor. O homem, no entanto, de mérito e conhecimento reais obtém celebridade mesmo que ele esteja escondido em um buraco. Palavras más, proferidas com qualquer vigor de voz, desaparecem (num abrir e fechar de olhos). Palavras boas, embora proferidas suavemente, resplandecem no mundo. Como o Sol mostra sua forma ígnea (na pedra preciosa chamada Suryakanta), assim mesmo a multidão de palavras, de pouco sentido, que tolos cheios de vaidade proferem, mostram somente (a baixeza de) seus corações. Por estas razões, homens procuram a aquisição de sabedoria de diversos tipos. Me parece que de todas as aquisições aquela de sabedoria é mais valiosa. Uma pessoa não deve falar até que seja solicitada; nem ela deve falar quando é solicitada impropriamente. Mesmo se possuidora de inteligência e conhecimento, ela deve ainda ficar em silêncio como uma idiota (até que seja solicitada a falar, e solicitada de forma apropriada). Ela deve procurar morar entre homens honestos dedicados à justiça e generosidade e ao cumprimento dos deveres de sua própria classe. Alguém desejoso de alcançar o que é excelente nunca deve morar em um lugar onde ocorra uma confusão nos deveres das várias classes. Pode ser vista viver uma pessoa que se abstém de todos os trabalhos (para ganhar os meios de seu sustento) e que está bem contente com qualquer coisa conseguida sem esforço. Por viver em meio aos justos, alguém consegue adquirir virtude pura. Da mesma maneira, alguém por viver em meio aos pecaminosos vem a ser maculado pelo pecado. (Mera companhia com os justos leva a atos justos; enquanto aquela com os pecaminosos leva a atos pecaminosos.) Como o toque da água ou fogo ou dos raios da lua imediatamente transmite a sensação de frio ou calor, do mesmo modo as impressões de virtude e vício se tornam produtivas de felicidade ou miséria. Aqueles que são comedores de Vighasa (isto é, homens bons e virtuosos) comem sem tomar qualquer conhecimento dos sabores dos comestíveis colocados diante deles. (Pois eles comem somente para encher seus estômagos, e não porque comer é uma fonte de desfrute e satisfação.) Aqueles, no entanto, que comem distinguindo cuidadosamente os sabores dos alimentos preparados para eles, devem ser conhecidos como pessoas ainda atadas pelos laços da ação. O homem justo deve deixar aquele local onde um Brahmana fala sobre deveres para discípulos desejosos de adquirir conhecimento, como baseado em razões, da Alma, mas que não perguntam sobre tal conhecimento com reverência. Quem, no entanto, deixaria aquele local onde existe em sua totalidade aquele comportamento entre discípulos e preceptores que é consistente com o que está declarado nas escrituras? Qual homem erudito desejoso de respeito para si

mesmo moraria naquele local onde as pessoas espalham boatos sobre os defeitos dos eruditos mesmo quando tais não têm um fundamento em que se apoiar? Quem é que não deixaria aquele local, como uma peça de roupa cuja ponta tivesse pegado fogo, onde homens cobiçosos procuram derrubar as barreiras da virtude? Deve-se permanecer e morar naquele lugar, entre bons homens de disposição justa, onde pessoas dotadas de humildade estão empenhadas em praticar destemidamente os deveres de religião. Lá onde homens praticam os deveres de religião para adquirir riqueza e outras vantagens temporais não se deve morar, pois as pessoas desse lugar devem ser consideradas como pecaminosas. Deve-se fugir com toda a velocidade daquele local, como se de um quarto no qual há uma cobra, onde os habitantes, desejosos de obter os meios de vida, estão engajados na prática de atos pecaminosos. Alguém desejoso do que é benéfico deve, desde o início, abandonar aquele ato pelo qual alguém fica esticado, por assim dizer, em uma cama de espinhos, e pelo qual alguém fica investido com os desejos nascidos das ações de vidas passadas. (Os desejos nascidos dos atos passados de uma pessoa, isto é, atos de vidas anteriores, aderem à mente. Nada pode extingui-los, exceto Nivritti e Tattwajnanam ou conhecimento da verdade. Deve-se, portanto, praticar a religião de Nivritti e procurar adquirir conhecimento da Verdade.) O homem justo deve deixar aquele reino onde o rei e os oficiais do rei exercem autoridade igual e onde eles são dados ao hábito de comer antes de alimentar seus parentes (quando os últimos chegam como convidados). Deve-se morar naquele país onde Brahmanas possuidores de um conhecimento das escrituras são alimentados primeiro: onde eles estão sempre dedicados ao devido cumprimento dos deveres religiosos, e onde eles estão empenhados em ensinar discípulos e oficiar nos sacrifícios de outros. Deve-se morar sem hesitação naquele país onde os sons Swaha, Swadha, e Vashat são proferidos apropriadamente e repetidamente; (isto é, onde as pessoas são virtuosas e dadas à realização de seus deveres). Deve-se deixar aquele reino, como carne envenenada, onde alguém vê Brahmanas obrigados a se dirigirem para práticas profanas, sendo torturados por falta dos meios de vida. Com um coração contente e considerando todos os seus desejos como já satisfeitos, um homem justo deve morar naquele país cujos habitantes doam alegremente mesmo antes que eles sejam solicitados. Alguém deve viver e se mover entre bons homens dedicados a atos de virtude, naquele país onde a punição cai sobre aqueles que são perversos e onde respeito e apoio são a porção daqueles que são de almas subjugadas e purificadas. Deve-se morar sem hesitar naquele país cujo rei é devotado à virtude e o qual o rei governa virtuosamente, rejeitando desejos e possuidor de prosperidade, (isto é, que embora possua riqueza não é apegado a ela), e onde punições severas são dadas àqueles que afligem homens autocontrolados com as consequências de sua ira, que agem de modo perverso em direção aos justos, que são dados a atos de violência, e que são cobiçosos. Reis dotados de tal disposição trazem prosperidade para aqueles que moram em seus reinos quando a prosperidade está a ponto de deixá-los. Eu assim te disse, ó filho, em resposta à tua pergunta, o que é benéfico ou excelente. Ninguém pode descrever, por causa de seu caráter extremamente superior, o que é benéfico ou excelente para a Alma. (Ninguém pode enumerar tudo o que é benéfico para a Alma por causa da vastidão do

assunto.) Muitas e grandiosas serão as excelências, através do cumprimento dos deveres prescritos para ele, do homem que para ganhar seu meio de vida durante o tempo de sua estada aqui se comporta da maneira indicada acima e que dedica sua alma ao bem de todas as criaturas.'"

289

"Yudhishthira disse, 'Como, ó avô, deve um rei como nós se comportar neste mundo, mantendo em vista o grande objeto de aquisição? Quais atributos, também, ele deve sempre possuir para que ele possa ser livre de atrações?'"

"Bhishma disse, 'Eu irei em relação a isto contar para ti a velha narrativa que foi proferida por Arishtanemi para Sagara que tinha procurado seu conselho.'"

"Sagara disse, 'Qual é aquele bem, ó Brahmana, por fazer o qual alguém pode desfrutar de bem-aventurança aqui? Como, de fato, alguém pode evitar aflição e agitação? Eu desejo saber tudo isso!'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por Sagara, Arishtanemi da linhagem de Tarkshya, conhecedor de todas as escrituras, considerando o indagador como sendo de todas as maneiras digno de suas instruções, disse estas palavras, 'A felicidade da Emancipação é a verdadeira felicidade no mundo. O homem de ignorância não a conhece, apegado como ele é a filhos e animais e possuidor de riqueza e cereais. Uma compreensão que é apegada a objetos mundanos e uma mente sofrendo de sede, estes dois frustram todo o tratamento habilidoso. O homem ignorante que está atado nas correntes da afeição é incapaz de alcançar a Emancipação. Eu logo te falarei de todos os vínculos que nascem das afeições. Escute-os com atenção. De fato, eles podem ser ouvidos com proveito por alguém que é possuidor de conhecimento. Tendo procriado filhos no devido tempo e os casado quando eles se tornaram homens jovens, e tendo averiguado se eles são competentes para ganhar seus meios de vida, te liberte de todas as afeições e vague em felicidade. Quando tu vires tua esposa ternamente estimada envelhecida em idade e apegada ao filho que ela deu à luz, deixe-a a tempo, mantendo em vista o maior objeto de aquisição (isto é, a Emancipação). Se tu obtiveste um filho ou não, tendo durante os primeiros anos da tua vida desfrutado apropriadamente com teus sentidos dos objetos que são endereçados a eles, te liberte das afeições e viaje sem rumo certo em felicidade. Tendo satisfeito os sentidos com seus objetos, tu deves suprimir o desejo de satisfazê-los mais. Libertando-te então dos apegos, tu deves vagar em felicidade, te contentando com que o que for obtido sem esforço e cálculo prévio, e olhando igualmente para todas as criaturas e objetos. Assim, ó filho, eu te disse em resumo (qual é o caminho para te libertar dos apegos). Ouça-me agora, pois eu agora te falarei, em detalhes, do fato da aquisição da Emancipação ser desejável. Aquelas pessoas que vivem neste mundo livres de apegos e medo conseguem obter felicidade. Aquelas pessoas, no entanto, quem são apegadas a objetos mundanos, sem dúvida encontram com a destruição. Vermes e formigas (como os homens) são

dedicados à aquisição de alimento e são vistos morrerem na busca. Aqueles que são livres de apegos são felizes, enquanto aqueles que são apegados a objetos mundanos encontram com a destruição. Se tu desejas alcançar a Emancipação tu nunca deves conceder teus pensamentos aos teus parentes, pensando, 'Como eles existirão sem mim?' Uma criatura viva nasce sozinha, e cresce sozinha, e obtém felicidade e miséria, e morre só. Neste mundo as pessoas desfrutam e obtêm alimento e vestuário e outras aquisições ganhas por seus pais ou por elas mesmas. Isso é o resultado das ações de vidas passadas, pois nada pode ser tido nesta vida que não seja o resultado do passado. Todas as criaturas vivem sobre a Terra, protegidas por suas próprias ações, e obtendo seu alimento como o resultado do que é ordenado por Aquele que atribui os resultados das ações. Um homem é somente uma massa de barro, e é sempre completamente dependente de outras forças. Alguém, portanto, sendo assim, definitivamente, qual consideração racional ele pode ter por proteger e alimentar seus parentes? Quando teus parentes são arrebatados pela Morte na tua própria visão e mesmo apesar dos teus esforços extremos para salvá-los, esta circunstância sozinha deve te despertar. No tempo de vida de teus parentes e antes que teu próprio dever de alimentá-los e protegê-los esteja concluído, tu podes encontrar com a morte e abandoná-los. Depois que teus parentes forem levados deste mundo pela morte, tu não poderás saber o que será deles lá, isto é, se eles encontrarão felicidade ou miséria. Esta circunstância deve te despertar. Quando por consequência dos resultados de suas próprias ações teus parentes conseguem se manter neste mundo tu vivas ou morras, refletindo sobre isso tu deves fazer o que é para o teu próprio bem. Quando é sabido que este é o caso, quem no mundo é para ser considerado como de quem? Portanto, coloque teu coração na obtenção da Emancipação. Ouça agora o que mais eu te direi. É certamente emancipado aquele homem de Alma firme quem tem conquistado fome e sede e outros tais estados do corpo, como também ira e cobiça e erro. É sempre emancipado aquele homem que não esquece de si mesmo, por tolice, por se viciar no jogo e na bebida e no concubinato e na caça. Aquele homem que é realmente tocado pela tristeza por causa da necessidade que há de comer todo dia e toda noite para manter a vida, é citado como sendo ciente das imperfeições da vida. Alguém que, como resultado de reflexão cuidadosa, considera seus repetidos nascimentos como sendo somente devidos à união sexual com mulheres, é considerado como livre de atrações. É certamente emancipado aquele homem que conhece realmente a natureza do nascimento, da destruição, e do esforço (ou ações) das criaturas vivas. Certamente vem a ser livre aquele homem que considera (como digno de sua aceitação) somente um punhado de cereais, para o sustento da vida, dentre milhões e milhões de carroças carregadas com grãos, e que desconsidera a diferença entre uma choupana de bambu e juncos e uma mansão suntuosa. Certamente se torna liberado aquele homem que vê o mundo sendo afligido pela morte e doença e penúria. De fato, alguém que vê o mundo dessa maneira consegue se tornar contente; enquanto quem falha em contemplar o mundo de tal ponto de vista encontra com a destruição. O homem que está contente somente com um pouco é considerado como liberado. Aquele homem que vê o mundo como consistindo em comedores e comestíveis (e a si mesmo como diferente de ambos) e que nunca é tocado por prazer e dor os quais nascem da ilusão, é

considerado como emancipado. Aquele homem que considera uma cama macia em uma armação de cama excelente e o solo duro como iguais, e que considera bom arroz sali e arroz grosso e duro como iguais, é emancipado. O homem que considera linho e tecido feito de grama como iguais, e em cuja avaliação roupa de seda e cascas de árvores são o mesmo, e que não vê diferença entre pele de carneiro limpa e couro impuro, é emancipado. Aquele homem que considera este mundo como o resultado da combinação das cinco essências primordiais, e que se comporta neste mundo mantendo esta noção em primeiro lugar, é emancipado. Aquele homem que considera o prazer e a dor como iguais, e ganho e perda como equivalentes, em cuja avaliação vitória e derrota não diferem, para quem gosto e desgosto são o mesmo, e que permanece inalterado sob medo e ansiedade, está totalmente emancipado. Aquele homem que considera seu corpo, o qual tem tantos defeitos, somente como uma massa de sangue, urina e fezes, como também de desordens e doenças, é emancipado. Se torna emancipado o homem que sempre lembra que este corpo, quando alcançado pela decrepitude, é tomado por rugas e cabelos brancos e magreza e palidez de cor e uma curvatura de forma. Aquele homem que lembra que seu corpo está sujeito à perda de virilidade, e fraqueza de visão, e surdez, e perda de força, está emancipado. O homem que sabe que os próprios Rishis, as divindades, e os Asuras são seres que têm que partir de suas respectivas esferas para outras regiões, é emancipado. Aquele homem que sabe que milhares de reis mesmo possuidores de grande afluência e poder partiram desta terra, consegue se tornar emancipado. Aquele homem que sabe que neste mundo a aquisição de objetos é sempre difícil, que a dor é abundante, e que o sustento de parentes está sempre ligado ao sofrimento, se torna emancipado. Vendo as abundantes imperfeições de filhos e de outros homens, quem é que não adoraria a Emancipação? Aquele homem que, despertado pelas escrituras e pela experiência do mundo, vê todo interesse humano neste mundo como insubstancial, se torna emancipado. Mantendo em mente essas minhas palavras, te comporte como alguém que se tornou emancipado, seja levando uma vida familiar ou buscando a emancipação sem permitir que tua compreensão seja confundida.' (Não há mal em levar uma vida familiar contanto que a pessoa se comporte da maneira indicada.) Ouvindo estas palavras dele com atenção, Sagara, aquele senhor da terra, adquiriu aquelas virtudes que são produtivas de Emancipação e continuou, com a ajuda delas, a governar seus súditos.'"

290

"Yudhishthira disse, 'Esta curiosidade, ó majestade, está sempre residindo em minha mente. Ó avô dos Kurus, eu desejo ouvir tudo sobre isto de ti. Por que o Rishi celeste, Usanas de grande alma, também chamado de Kavi estava empenhado em fazer o que era agradável para os Asuras e desagradável para as divindades? Por que ele estava empenhado em diminuir a energia das divindades? Por que os Danavas estavam sempre envolvidos em hostilidades com as principais das divindades? Possuidor do esplendor de um imortal, por que

razão Usanas obteve o nome de Sukra? Como também ele adquiriu tal excelência superior? Diga-me tudo acerca dessas coisas. Embora possuísse grande energia, por que ele não conseguiu viajar para o centro do firmamento? Eu desejo, ó avô, aprender tudo sobre todos estes assuntos.'" (Supõe-se que o planeta Vênus seja o sábio Usanas ou Sukra.)

"Bhishma disse, 'Ouça, ó rei, com atenção a tudo isso como realmente ocorreu. Ó impecável, eu narrarei estes assuntos para ti como eu os ouvi e entendi. De votos firmes e honrado por todos, Usanas, aquele descendente da linhagem de Bhrigu, tornou-se empenhado em fazer o que era desagradável para as divindades por uma causa adequada. (Pois antigamente Vishnu, induzido pelas divindades, usou seu disco para cortar a cabeça da mãe de Usanas. Por isso a ira de Usanas contra as divindades e seu desejo de ajudar seus inimigos, os Davanas.) O nobre Kuvera, o chefe dos Yakshas e dos Rakshasas, é o senhor da tesouraria de Indra, aquele mestre do universo. O grande asceta Usanas, coroado com êxito-Yoga, entrou na pessoa de Kuvera, e privando o senhor dos tesouros de sua liberdade por meio de Yoga, roubou dele toda sua riqueza. (Pessoas coroadas com sucesso-Yoga são competentes para entrar nos corpos de outras e privar as últimas do poder de vontade. De fato, a crença é que as últimas então se tornam meros autômatos incapazes de agir de qualquer outra maneira exceto como ordenadas pelo possessor animante.) Vendo sua riqueza roubada por ele, o senhor dos tesouros ficou muito descontente. Cheio de ansiedade, e sua ira também sendo excitada, ele foi àquele principal dos deuses, Mahadeva. Kuvera revelou o caso para Siva de energia incomensurável, aquele principal dos deuses, feroz e amável, e possuidor de várias formas. E ele disse, 'Usanas, tendo espiritualizado a si mesmo por Yoga entrou em minha forma e, me privando de liberdade, roubou toda minha riqueza. Tendo entrado em meu corpo por meio de Yoga ele em seguida o deixou.' Ouvindo estas palavras, Maheswara de supremos poderes-Yoga encheu-se de raiva. Seus olhos, ó rei, ficaram vermelho sangue, e erguendo sua lança ele esperou (pronto para derrubar Usanas). De fato, tendo erguido aquela principal das armas, o grande deus começou a dizer, 'Onde está ele? Onde está ele?' Enquanto isso, Usanas, tendo averiguado o propósito de Mahadeva (através de poder-Yoga) de uma distância, esperou em silêncio. De fato, tendo averiguado o fato da cólera de Maheswara de grande alma de poder-Yoga superior, o pujante Usanas começou a refletir se ele deveria ir até Maheswara ou fugir ou permanecer onde ele estava. Pensando, com a ajuda de suas penitências severas, em Mahadeva de grande alma, Usanas de alma coroada com sucesso-Yoga se colocou na ponta da lança de Mahadeva. Rudra armado com o arco, compreendendo que Usanas, cujas penitências tinham sido bem sucedidas e que tinha se convertido na forma de Conhecimento puro, estava na ponta da sua lança (e percebendo que ele não podia arremessar a lança em alguém que estava sobre ela), dobrou aquela arma com a mão. Quando o ferozmente armado e pujante Mahadeva de energia incomensurável dobrou sua lança dessa maneira (na forma de um arco), aquela arma veio a ser chamada daquele tempo em diante pelo nome de Pinaka. O marido de Uma, vendo Bhargava assim trazido sobre a palma de sua mão, abriu sua boca. O principal dos deuses então jogou Bhargava em sua boca e o engoliu de uma vez. O pujante

Usanas de grande alma da linhagem de Bhrigu, entrando no estômago de Maheswara, começou a vagar lá.'"

"Yudhishthira disse, 'Como, ó rei, Usanas podia conseguir vagar dentro do estômago daquele principal de inteligência superior? O que fez também aquele deus ilustre enquanto o Brahmana estava dentro de seu estômago?'"

"Bhishma disse, 'Nos tempos passados (tendo engolido Usanas), Mahadeva de votos severos entrou nas águas e permaneceu lá como uma estaca imóvel de madeira, ó rei, por milhões de anos (ocupado em meditação-Yoga). Suas Penitências de Yoga do tipo mais austero estando terminadas, ele ergueu-se do lago imenso. Então aquele primevo deus dos deuses, isto é, o eterno Brahman, aproximou-se dele, e perguntou pelo progresso de suas penitências e sobre seu bem-estar. A divindade que tem o touro como seu emblema respondeu, dizendo, 'Minhas penitências têm sido bem praticadas'. De alma inconcebível, possuidor de grande inteligência, e sempre devotado à religião da verdade, Sankara viu que Usanas dentro de seu estômago tinha se tornado maior por consequência daquelas penitências dele. Aquele principal dos Yogins (isto é, Usanas), rico com aquela fartura de penitências e a riqueza (de Kuvera da qual ele tinha se apropriado), brilhava gloriosamente nos três mundos, dotado de grande energia. Depois disso, Mahadeva armado com Pinaka, aquela alma de Yoga, mais uma vez se dirigiu à meditação-Yoga. Usanas, no entanto, cheio de ansiedade, começou a vagar dentro do estômago do grande deus. O grande asceta começou a cantar os louvores do deus de onde ele estava, desejoso de achar uma saída para escapar. Rudra, no entanto, tendo fechado todas as suas saídas, o impediu de sair. O grande asceta Usanas, no entanto, ó castigador de inimigos, de dentro do estômago de Mahadeva, repetidamente se dirigiu ao deus, dizendo, 'Mostre-me tua bondade!' Para ele Mahadeva disse, 'Saia pela minha uretra.' Ele tinha bloqueado todas as outras saídas de seu corpo. Confinado por todos os lados e incapaz de achar a saída indicada, o asceta começou a vagar para lá e para cá, queimando todo o tempo com a energia de Mahadeva. Finalmente ele achou a saída e saiu através dela. Por causa desse fato ele veio a ser chamado pelo nome de Sukra, e foi por consequência também desse fato que ele não pôde alcançar (no decorrer de sua viagem) o ponto central do firmamento. Vendo-o sair de seu estômago e brilhando gloriosamente com energia, Bhava, cheio de raiva, ficou com a lança erguida em sua mão. O deusa Uma então interveio e impediu o senhor zangado de todas as criaturas, seu cônjuge, de matar o Brahmana. E por Uma ter assim impedido seu marido de realizar seu propósito o grande asceta Usanas (daquele dia em diante) se tornou o filho da deusa.'"

"A deusa disse, 'Este Brahmana não merece mais ser morto por ti. Ele se tornou meu filho. Ó deus, alguém que sai do teu estômago não merece ser morto pelas tuas mãos.'"

"Bhishma continuou, 'Acalmado por estas palavras de sua esposa, Bhava sorriu e disse repetidamente este palavras, ó rei, 'Que ele vá para onde quer que ele queira.' Curvando-se para o concessor de benefícios Mahadeva e também para sua esposa, a deusa Uma, o grande asceta Usanas, dotado de inteligência

superior, procedeu para o lugar que ele escolheu. Eu assim narrei para ti, ó chefe dos Bharatas, a história de Bhargava de grande alma acerca da qual tu me perguntaste.'"

291

"Yudhishthira disse, 'Ó tu de braços poderosos, diga-me, depois disto, o que é benéfico para nós. Ó avô, eu nunca fico saciado com tuas palavras as quais me parecem como Amrita. Quais são aquelas boas ações, ó melhor dos homens, por realizar as quais um homem consegue obter o que é para seu maior benefício neste e no outro mundo, ó concessor de bênçãos?'"

"Bhishma disse, 'Sobre isto eu narrarei para ti o que o célebre rei Janaka perguntou, antigamente, para Parasara de grande alma, 'O que é benéfico para todas as criaturas neste mundo e no próximo? Diga-me o que deve ser conhecido por todos em relação a isto.' Assim questionado, Parasara, possuidor de grande mérito ascético e conhecedor das ordenanças de toda religião (isto é, das religiões de todas as classes e todos os modos de vida), disse estas palavras, desejoso de favorecer o rei.'"

"Parasara disse, 'Virtude obtida por meio de ações é benefício supremo neste mundo e no próximo. Os sábios de antigamente disseram que não há nada mais elevado do que a Virtude. Por realizar os deveres de virtude um homem vem a ser honrado no céu. A Virtude, também, das criaturas incorporadas, ó melhor dos reis, consiste na ordenança (declarada nas escrituras) sobre o assunto das ações. (As injunções escriturais são que alguém deve sacrificar em honra dos deuses, despejar libações no fogo sagrado, fazer doações, etc., nestes existe Virtude.) Todos os bons homens pertencentes aos vários modos de vida, colocando sua fé naquela virtude, realizam seus respectivos deveres. (Isto é, acreditando na eficácia da virtude, as pessoas de todos os modos de vida cumprem os deveres de seus respectivos modos.) Quatro métodos de vida, ó filho, têm sido ordenados neste mundo. (Aqueles quatro métodos são: a aceitação de doações para Brahmanas; a realização de impostos para Kshatriyas; agricultura para Vaisyas; e serviço das três outras classes para os Sudras.) Onde quer que homens vivam os meios de sustento vêm a eles por si mesmos. Realizando de várias maneiras ações que são virtuosas ou pecaminosas (para o propósito de ganhar seus meios de sustento), as criaturas viventes, quando dissolvidas em seus elementos constituintes alcançam diversos fins. (Os pecaminosos se tornam animais intermediários. Os virtuosos alcançam o céu. Os que são virtuosos e pecaminosos alcançam a posição de humanidade. Aqueles que adquirem Conhecimento se tornam Emancipados.) Como recipientes de metal branco, quando imersos em ouro ou prata liquefeitos, pegam a cor daqueles metais, assim mesmo uma criatura viva, que é totalmente dependente das ações de suas vidas passadas, pega sua cor do caráter daquelas ações. Nada pode brotar sem uma semente. Ninguém pode obter felicidade sem ter realizado ações capazes de levarem à felicidade. Quando o corpo de alguém é dissolvido (em seus elementos

constituintes), ele consegue obter felicidade somente por consequência das boas ações das vidas anteriores. O cético argumenta, ó filho, dizendo: 'Eu não vejo que alguma coisa neste mundo é o resultado do destino ou das ações virtuosas e pecaminosas das vidas passadas. A inferência não pode provar a existência ou operação do destino. (Destino aqui significa o resultado dos atos de vidas passadas.) As divindades, os Gandharvas e os Danavas se tornaram o que eles são por sua própria natureza (e não por suas ações de vidas passadas). As pessoas nunca lembram em suas próximas vidas das ações feitas por elas nas anteriores. Para explicar a aquisição de frutos em uma vida específica as pessoas raramente citam as quatro espécies de ações, (Nitya, Naimittika, Kamya, e Nishiddha), alegadas terem sido realizadas em vidas passadas. As declarações que têm os Vedas como sua autoridade são feitas para regular a conduta dos homens neste mundo, e para tranquilizar as mentes dos homens.' Estas (o cético diz), ó filho, não podem representar as declarações de homens possuidores de sabedoria verdadeira. Esta opinião está errada. Na verdade, alguém obtém os resultados de quaisquer entre as quatro espécies de ações que ele faça com os olhos, a mente, a língua, e músculos. Como o fruto de suas ações, ó rei, uma pessoa às vezes obtém felicidade totalmente, às vezes miséria da mesma maneira, e às vezes felicidade e miséria misturadas. Sejam justas ou pecaminosas, as ações nunca são destruídas (exceto pelo desfrute ou tolerância de seus resultados). (O comentador mostra que esta é uma resposta para a afirmação do cético sobre a Natureza ser a causa de tudo. O fogo é quente por natureza, portanto, ele não se torna quente em um momento, frio em outro, e morno em outro momento. Uma pessoa se torna ou totalmente feliz ou totalmente infeliz ou totalmente feliz e infeliz ao mesmo tempo. A natureza do homem não deve ser de tal maneira. A diferença de estado é produzida por diferença de causas.) Às vezes, ó filho, a felicidade devido às boas ações permanece oculta e coberta de tal maneira que ela não se manifesta no caso da pessoa que está afundando no oceano da vida até que suas tristezas desapareçam. Depois que tristeza foi esgotada (pela tolerância), alguém começa a desfrutar (dos resultados) de suas boas ações. E saiba, ó rei, que após o esgotamento dos frutos das boas ações, aqueles das ações pecaminosas começam a se manifestar. Auto-domínio, clemência, paciência, energia, contentamento, veracidade em palavras, modéstia, abstenção de ferir, liberdade das práticas más chamadas vyasana, e inteligência, estes são produtivos de felicidade. Nenhuma criatura está eternamente sujeita aos resultados de seus atos bons ou maus. O homem possuidor de sabedoria deve sempre se esforçar para acalmar e fixar sua mente. Alguém nunca tem que desfrutar ou suportar as ações boas e más de outro. De fato, alguém desfruta e suporta somente os resultados daquelas ações que ele mesmo faz. A pessoa que rejeita felicidade e miséria anda por um caminho específico (isto é, o caminho do conhecimento). Aqueles homens, no entanto, ó rei, que se permitem serem vinculados a todos os objetos mundanos, andam por um caminho que é totalmente diferente. Uma pessoa não deve fazer aquela ação que, se feita por outra, provocaria sua crítica. De fato, por fazer uma ação que ela censura em outros, ela cai em ridículo. Um Kshatriya privado de coragem, um Brahmana que aceita todos os tipos de alimento (há muitas regras para regular a alimentação de um Brahmana), um Vaisya não dotado de esforço (em relação à agricultura e

outras atividades lucrativas), um Sudra que é preguiçoso (e, portanto, avesso ao trabalho), uma pessoa erudita sem bom comportamento, alguém de nascimento nobre mas desprovido de conduta íntegra, um Brahmana decaído da verdade, uma mulher que é incasta e perversa, um Yogin dotado de afeições, alguém que cozinha comida para si mesmo (pois comida crua, como frutas, etc., alguém pode ingerir sem oferecer uma parte dela para convidados e outros; mas alimento cozido nunca pode ser comido sem uma parte dele ser dada para outros), uma pessoa ignorante empenhada em fazer um discurso, um reino sem um rei e um rei que não nutre afeição por seus súditos e que é desprovido de Yoga, todos esses, ó rei, são dignos de pena!'"

292

"Parasara disse, 'O homem que, tendo obtido este carro, isto é, seu corpo dotado de mente, segue em frente, refreando com as rédeas do Conhecimento os corcéis representados pelos objetos dos sentidos, deve certamente ser considerado como possuidor de inteligência. A homenagem (na forma de devoção e meditação concentrada no Supremo) por uma pessoa cuja mente é dependente de si mesma e que rejeitou os meios de vida é digna de grande louvor, aquela homenagem, a saber, ó regenerado, que é o resultado de instruções recebidas de alguém que conseguiu transcender as ações mas não obtidas de discussão mútua de homens no mesmo estado de progresso. Tendo obtido o período de vida concedido, ó rei, com tal dificuldade, alguém não deve diminuí-lo (por indulgência dos sentidos). Por outro lado, o homem deve sempre se esforçar, por meio de ações justas, pelo seu progresso gradual. Entre as seis diferentes cores que Jiva obtém em diferentes períodos de sua existência, aquele que decai de uma cor superior merece desonra e crítica. Por isso, alguém que alcançou o resultado de boas ações deve se comportar de tal maneira quanto a evitar todas as ações manchadas pela qualidade de Rajas. O homem alcança uma cor superior por ações justas. Incapaz de adquirir uma cor superior, pois tal aquisição é extremamente difícil, uma pessoa, por fazer atos pecaminosos somente mata a si mesmo (por afundar no inferno e decair para uma cor inferior). Todas as ações pecaminosas que são cometidas inconscientemente ou em ignorância são destruídas por meio de penitências. Uma ação pecaminosa, no entanto, que é cometida de propósito, produz muita tristeza. Por isso, nunca se deve cometer ações pecaminosas que têm somente tristeza como seu resultado. O homem de inteligência nunca faria uma ação que é pecaminosa em caráter mesmo que ela levasse à maior vantagem, assim como uma pessoa que é pura nunca tocaria um Chandala. Quão miserável é o resultado que eu vejo das ações pecaminosas! Pelo pecado a própria visão do pecador se torna perversa, e ele confunde seu corpo e seus acompanhamentos instáveis com a Alma. Aquele homem tolo que não consegue se dirigir à Renúncia neste mundo vem a ser afligido com grande angústia quando ele parte para o mundo seguinte. (Ou, alguém se dirige ao Yoga sem adotar a Renúncia encontra muita tristeza.) Um tecido incolor, quando sujo, pode ser limpo, mas não um tecido que foi tingido com corante preto; exatamente

assim, ó rei, ouça-me com atenção, é o caso com o pecado. Aquele homem que, tendo cometido um pecado intencionalmente age virtuosamente para expiar aquele pecado, tem que desfrutar e suportar os resultados de suas ações boas e más separadamente. (O objetivo deste verso é mostrar que o pecado consciente nunca pode ser destruído por meio de expiação. O único meio pelo qual o pecado pode ser destruído é por aguentar seus resultados.) Os proferidores de Brahma afirmam, sob a autoridade do que está declarado nos Vedas, que todos os atos de injúria cometidos em ignorância são anulados por atos de justiça. Um pecado, no entanto, que é cometido conscientemente nunca é anulado pela justiça. Assim dizem os regenerados proferidores de Brahma que estão familiarizados com as escrituras de Brahmana. Com relação a mim mesmo, meu ponto de vista é que quaisquer ações que sejam feitas, sejam elas justas ou pecaminosas, feitas de propósito ou não, permanecem (e nunca são destruídas a menos que seus frutos sejam desfrutados ou suportados). Quaisquer atos que sejam feitos pela mente com total deliberação, produzem, de acordo com sua grosseria ou sutileza, resultados que são grosseiros ou sutis. Aqueles atos, no entanto, ó tu de alma justa, que são repletos de grande injúria, se feitos em ignorância, sem falha produzem consequências e até consequências que levam para o inferno, com a diferença que aquelas consequências são desproporcionais em relação à gravidade às ações que as produziram. (A opinião do orador é que todas as ações são produtivas de resultados. Se boas, os resultados são bons. Se más, os frutos são maus. Há esta diferença, entretanto, entre atos feitos conscientemente e aqueles feitos em ignorância: os primeiros produzem resultados proporcionais, isto é, se grosseiros, seus resultados são grosseiros; se sutis, os resultados são sutis; mas os últimos produzem frutos que não são assim, de modo que mesmo se abomináveis, os resultados não envolvem uma grande mas somente uma pequena medida de miséria. Não há outra diferença entre os dois tipos de ações.) Quanto àquelas ações (de uma natureza duvidosa ou injusta) que possam ser feitas pelas divindades ou ascetas de reputação, um homem justo nunca deve fazer suas semelhantes ou, informado delas, nunca deve censurá-las. (Tais ações formam a exceção e são mantidas fora da minha visão neste meu discurso sobre as ações. O Rishi Viswamitra causou a morte dos cem filhos de Vasishtha, e contudo ele não teve que ir para o inferno por isto.) Aquele homem que, refletindo com sua mente, ó rei, e averiguando sua própria habilidade, realiza ações justas, certamente obtém o que é para seu benefício. Água despejada em um recipiente não cozido gradualmente diminui e finalmente escapa totalmente. Se mantida, no entanto, em um recipiente cozido, ela permanece sem sua quantidade ser reduzida. Da mesma maneira, ações feitas sem reflexão com a ajuda da compreensão não se tornam benéficas; enquanto ações feitas com discernimento permanecem com excelência não diminuída e produzem felicidade como seu resultado. Se dentro de um recipiente contendo água outra água for despejada, a água que havia lá originalmente aumenta em quantidade; assim mesmo todas as ações feitas com raciocínio, sejam elas equitativas ou não, somente contribuem para o estoque de justiça de alguém. Um rei deve subjugar seus inimigos e todos os que procuram afirmar sua superioridade, e ele deve governar e proteger seus súditos apropriadamente. Um homem deve acender seus fogos sagrados e derramar libações sobre eles em diversos sacrifícios, e se retirando para as

florestas na meia idade ou velhice, deve viver lá (praticando os deveres dos dois últimos modos de vida). Dotado de autocontrole, e possuidor de um comportamento justo, ele deve considerar todas as criaturas como se fossem ele mesmo. Ele deve também reverenciar seus superiores. Pela prática da veracidade e de boa conduta, ó rei, alguém sem dúvida obtém felicidade.'"

293

"Parasara disse, 'Ninguém neste mundo faz bem para outro. Ninguém é visto fazer doações para outros. Todas as pessoas são vistas agirem para si mesmas. As pessoas são vistas rejeitarem seus próprios pais e seus irmãos quando estes param de serem afetuosos. O que dizer então de parentes de outros graus? (Quando tais parentes próximos são rejeitados se percebidos serem desprovidos de afeição, não pode ser negado o fato que as pessoas nunca fazem bem para outras exceto quando elas esperam se beneficiar por meio de tais atos.) Doações para uma pessoa eminente e aceitação de doações feitas por uma pessoa eminente ambas levam ao mesmo mérito. Dessas duas ações, no entanto, a de fazer de uma doação é superior à aceitação de uma doação. (A aceitação de uma doação de uma pessoa superior é igual a respeito de mérito a uma doação feita por uma pessoa pobre. Um homem rico, por fazer uma doação, ganha maior mérito do que por aceitar uma doação). Aquela riqueza que é adquirida por meios apropriados e aumentada também por meios apropriados, deve ser protegida com cuidado para se adquirir virtude. Esta é uma verdade aceita. Alguém desejoso de adquirir virtude nunca deve ganhar riqueza por meios que envolvam danos a outros. Uma pessoa deve realizar suas ações de acordo com seu poder, sem perseguir ardorosamente riqueza. Por dar água, fria ou aquecida pelo fogo, com uma mente devotada, a um convidado (sedento), de acordo com o melhor que pode, alguém ganha o mérito vinculado à ação de dar alimento para um homem faminto. Rantideva de grande alma obteve êxito em todos os mundos por cultuar os ascetas somente com oferendas de raízes e folhas e frutas. O filho nobre de Sivi também alcançou as mais elevadas regiões de bem-aventurança por ter gratificado Surya junto com seu companheiro com oferendas do mesmo tipo. Todos os homens, por tomarem nascimento, incorrem em dívidas com os deuses, convidados, empregados, Pitris, e com eles mesmos. Todos devem, portanto, fazer o seu melhor para se livrarem dessas dívidas. Alguém se livra da dívida com os grandes Rishis por estudar os Vedas. Ele paga as dívidas com os deuses por realizar sacrifícios. Por realizar os ritos Sraddha ele se livra da dívida que tem com os Pitris. Ele paga a dívida para com os membros da raça humana por fazer bons préstimos para eles. Ele paga as dívidas que tem consigo mesmo por escutar as recitações Védicas e refletir sobre seu significado, por comer os restos de sacrifícios, e por sustentar seu corpo. Ele deve cumprir regularmente todas as ações, desde o início, que ele deve para seus empregados. Embora desprovidos de riqueza, homens são vistos alcançarem o êxito por grandes esforços. (Isto é, por Dhyana e Dharana.) Munis, por adorarem devidamente as divindades e por despejarem devidamente libações de manteiga clarificada no fogo sagrado, são

vistos alcançarem êxito ascético. O filho de Richika tornou-se o filho de Vishwamitra. Por adorar as divindades que têm partes nas oferendas sacrificais, com Richs (ele alcançou êxito na vida após a morte). Usanas tornou-se Sukra por ter gratificado o deus dos deuses. De fato, por cantar os louvores da deusa (Uma), ele se diverte no firmamento, dotado de grande esplendor. (Pois alcançou a posição de um planeta, Vênus, no céu.) Então, também, Asita e Devala, e Narada e Parvata, e Karkshivat, e Rama o filho de Jamadagni, e Tandya possuidor de alma purificada, e Vasishtha, e Jamadagni, e Viswamitra e Atri, e Bharadwaja, e Harismasru, e Kundadhara, e Srutasravas, estes grandes Rishis, por adorarem Vishnu com mentes concentradas com a ajuda de Richs, e por penitências, conseguiram alcançar o êxito pela graça daquela grande divindade dotada de inteligência. Muitos homens não merecedores, por adorarem aquela boa divindade, obtiveram grande distinção. Não se deve procurar por progresso por realizar qualquer ato mau ou criticável. Aquela riqueza que é obtida de modo honrado é riqueza verdadeira. Vergonha para aquela riqueza, no entanto, que é obtida por meios injustos! A Justiça é eterna. Ela nunca deve, neste mundo, ser abandonada pelo desejo de riqueza. Aquela pessoa de alma justa que mantém seu fogo sagrado e oferece diariamente suas adorações às divindades é considerada como a principal das pessoas virtuosas. Todos os Vedas, ó principal dos reis, estão estabelecidos nos três fogos sagrados (chamados Dakshina, Garhapatya, e Ahavaniya). É citado como possuidor do fogo sagrado aquele Brahmana cujas ações existem em sua totalidade. É melhor abandonar de uma vez o fogo sagrado do que mantê-lo, enquanto se abstendo de ações. O fogo sagrado, a mãe, o pai que o gerou, e o preceptor, ó tigre entre homens, devem ser todos devidamente servidos e tratados com humildade. Aquele homem que, rejeitando todos os sentimentos de orgulho, visita e serve humildemente aqueles que são veneráveis por idade, que possui conhecimento e é desprovido de luxúria, que olha para todas as criaturas com um olhar de amor, que não tem riqueza, que é justo em suas ações, e que é desprovido do desejo de infligir qualquer tipo de mal (sobre alguém), aquele homem realmente respeitável é adorado neste mundo por aqueles que são bons e piedosos.'"

294

"Parasara disse, 'A classe mais baixa, isto é apropriado, deve derivar seu sustento das três outras classes. Tal serviço, prestado com afeição e reverência, os faz virtuosos. Se os antepassados de algum Sudra não eram dedicados ao serviço, ele todavia não deve se empenhar em alguma outra ocupação (exceto serviço). Realmente, ele deve se aplicar ao serviço como sua ocupação. Em minha opinião, é apropriado para eles se associarem, sob todas as circunstâncias, com bons homens dedicados à justiça, mas nunca com aqueles que são pecaminosos. Como nas colinas Orientais pedras preciosas e metais brilham com grande esplendor por sua adjacência ao Sol, assim mesmo a classe mais baixa brilha com esplendor por sua associação com os bons. Um pedaço de tecido branco assume aquela cor com a qual ele é tingido. Tal é o caso com os Sudras;

(isto é, eles pegam as cores da companhia que eles mantêm. Por isso, é muito desejável viver com os bons). Por isso também, uma pessoa deve se ligar a todas as boas qualidades mas nunca às qualidades que são más. A vida de seres humanos neste mundo é fugaz e transitória. O homem sábio que, em felicidade como também em miséria, realiza somente o que é bom, é considerado como um verdadeiro cumpridor das escrituras. O homem que é dotado de inteligência nunca faria uma ação que é dissociada da virtude, por mais que pudessem ser grandes as vantagens daquela ação. De fato, tal ação não é considerada como realmente benéfica. Aquele rei sem lei que, arrebatando milhares de vacas de seus donos legais, as doa (para pessoas merecedoras), não adquire fruto (daquele ato de doação) além de um som vazio (expressivo da ação que ele faz). Por outro lado, ele incorre no pecado de roubo. O Auto-nascido a princípio criou o Ser chamado Dhatri considerado com respeito universal. Dhatri criou um filho que estava empenhado em sustentar todos os mundos. (Este filho de Dhatri é o deus das nuvens.) Cultuando aquela divindade, o Vaisya se dedica, pelos meios de seu sustento, à agricultura e à criação de gado. Os Kshatriyas devem se empregar na tarefa de proteger todas as outras classes. Os Brahmanas devem somente desfrutar. Com relação aos Sudras, eles devem se engajar na tarefa de reunir humildemente e honestamente os artigos que são para serem oferecidos em sacrifícios, e na limpeza de altares e de outros locais onde sacrifícios são para serem realizados. Se cada classe agisse dessa maneira, a justiça não sofreria qualquer diminuição. Se a justiça fosse preservada em sua totalidade, todas as criaturas que habitam a terra seriam felizes. Vendo a felicidade de todas as criaturas sobre a terra, as divindades no céu se enchem de alegria. Então, aquele rei que, segundo os deveres prescritos para sua classe, protege as outras classes, se torna digno de respeito. Similarmente, o Brahmana que está empenhado em estudar as escrituras, o Vaisya que está empenhado em ganhar riqueza, e o Sudra que está sempre empenhado em servir as três outras classes com atenção concentrada, se tornam objetos de respeito. Por se comportar de outras maneiras, ó chefe de homens, cada classe é citada como decaída da virtude. Mantendo aparte doações às milhares, mesmo vinte cauris que alguém possa dar penosamente, tendo-as obtido justamente, será produtivo de grande benefício. Aquelas pessoas, ó rei, que fazem doações para Brahmanas depois de reverenciá-los devidamente, colhem frutos excelentes compatíveis com aquelas doações. É altamente valorizada aquela doação que o doador faz depois de procurar o donatário e honrá-lo apropriadamente. É mediana aquela doação que o doador faz após solicitação. Aquela doação, no entanto, que é feita desdenhosamente e sem qualquer reverência, é citada como sendo muito inferior (em relação à mérito). Isso mesmo é o que aqueles proferidores da verdade, isto é, os sábios, dizem. Enquanto afundando neste oceano de vida, o homem deve sempre procurar cruzar este oceano por vários meios. De fato, ele deve se esforçar de modo que ele possa ser libertado dos grilhões deste mundo. O Brahmana brilha pelo auto-controle; o Kshatriya por vitória; o Vaisya por riqueza; enquanto o Sudra sempre brilha em glória por inteligência em servir (as três outras classes).'"

295

"Parasara disse, 'No Brahmana, riqueza adquirida por aceitação de doações, no Kshatriya aquela obtida por vitória em batalha, no Vaisya aquela obtida por seguir os deveres prescritos para sua classe, e no Sudra aquela obtida por servir as três outras classes, embora pequena sua quantidade, é digna de louvor, e gasta para a aquisição de virtude é produtiva de grandes benefícios. O Sudra é citado como sendo o constante servidor das três outras classes. Se o Brahmana, oprimido em busca de um meio de vida, se dirige aos deveres do Kshatriya ou do Vaisya, ele não decai da virtude. Quando, no entanto, o Brahmana se dirige para os deveres da classe mais baixa, então ele certamente decai. Quando o Sudra não pode obter seu sustento por serviço das três outras classes, então comércio, criação de gado, e a prática dos ofícios mecânicas são lícitas para ele seguir. Aparecer no palco de um teatro e se disfarçar de várias formas, exibição pública de marionetes, a venda de bebidas alcoólicas e carne, e comércio em ferro e couro, nunca devem ser adotados para propósitos de sustento por alguém que nunca antes tinha se dedicado a estas profissões, todas as quais são consideradas como censuráveis no mundo. Tem sido ouvido por nós que se alguém dedicado a elas pode abandoná-las, ele então adquire grande mérito. Quando alguém que se tornou bem sucedido na vida se comporta pecaminosamente por sua mente estar cheia de arrogância, as ações dele sob tais circunstâncias nunca podem ser tomadas por autoridade. É ouvido nos Puranas que antigamente a humanidade era autocontrolada; que eles tinham a justiça em grande estima; que as práticas que eles seguiam para o sustento eram todas consistentes com a retidão e com as injunções declaradas nas escrituras, e que o único castigo que era necessário para castigá-los quando eles erravam era o grito de vergonha sobre eles. No tempo do qual nós falamos, ó rei, a Retidão, e nada mais, era muito elogiada entre os homens. Tendo alcançado grande progresso em retidão, os homens naqueles tempos veneravam somente todas as boas qualidades que eles viam. Os Asuras, no entanto, ó filho, não puderam tolerar aquela retidão que prevalecia no mundo. Multiplicando-se (em número e energia), os Asuras (na forma de Luxúria e Ira) entraram nos corpos dos homens. Então foi gerado nos homens o orgulho que é tão destrutivo da retidão. Do orgulho surgiu a arrogância, e da arrogância surgiu a ira. Quando os homens se tornaram assim oprimidos pela ira, a conduta envolvendo a modéstia e vergonha desapareceu deles, e então eles foram dominados pela negligência. Afligidos pela negligência, eles não podiam mais ver como antes, e como a consequência disso eles começaram a oprimir uns aos outros e assim adquirir riqueza sem qualquer escrúpulo. Quando os homens se tornaram dessa maneira, o castigo de somente gritar vergonha sobre ofensores deixou de ter qualquer efeito. Os homens, não mostrando reverência pelos deuses ou Brahmanas, começaram fazer a vontade de seus sentidos até sua satisfação. (Isto é, eles começaram a desfrutar de todos os objetos dos sentidos em excesso.) Naquele tempo as divindades foram até aquele principal dos deuses, isto é, Siva, possuidor de paciência, de aspecto multiforme, e dotado dos principais atributos, e procuraram sua proteção. As divindades concederam a ele sua energia conjunta, e nisso o grande deus, com uma única flecha, derrubou na terra aqueles três

Asuras, isto é, Desejo, Ira, e Cobiça, que estavam morando no firmamento, junto com suas próprias habitações. (Este verso é tomado como uma declaração metafórica. Os três Asuras são, naturalmente, Kama, Krodha, and Lobha. 'Morando no firmamento' é interpretado como 'existindo em Maya'. 'Suas habitações' como 'com suas formas grosseiras, sutis, e potenciais;' 'derrubou na terra' é explicado como 'imergiu no puro chit.' O total é considerado como implicando uma destruição espiritual de todos os maus sentimentos e uma restauração do homem ao seu estado original de pureza.) O chefe feroz daqueles Asuras (Mahamoha ou grande Negligência) possuidor de fúria e destreza, que tinha afligido os Devas (ou sentidos) com terror, também foi morto por Mahadeva armado com a lança. Quando este chefe dos Asuras foi morto, os homens mais uma vez obtiveram suas próprias naturezas, e mais uma vez começaram a estudar os Vedas e as outras escrituras como era nos tempos passados. Então os sete Rishis antigos se apresentaram e instalaram Vasava como o chefe dos deuses e o soberano do céu. E eles tomaram sobre si mesmos a tarefa de segurar a vara de castigo sobre a humanidade. Depois dos sete Rishis veio o rei Viprithu (para governar a humanidade), e muitos outros reis, todos pertencentes à classe Kshatriya para governar separadamente grupos separados de seres humanos. (Quando Mahadeva dissipou todas as más paixões das mentes das criaturas) havia, naqueles tempos antigos, certos homens de idade de cujas mentes todos os sentimentos pecaminosos não haviam fugido. Então, por causa daquele estado pecaminoso de suas mentes e daqueles incidentes que estavam relacionados com ele, apareceram lá muitos reis de destreza terrível que começaram a se entregar somente a atos que eram adequados para Asuras. Aqueles seres humanos que eram extremamente tolos aderiram àquelas ações pecaminosas, as estabeleceram como autoridades, e as seguem na prática até hoje. Por esta razão, ó rei, eu te digo, que tendo refletido devidamente com a ajuda das escrituras, que uma pessoa deve se abster de todas as ações que são repletas de injustiça ou malícia, e procurar adquirir um conhecimento da Alma. O homem possuidor de sabedoria não procurará riqueza para a realização de ritos religiosos por caminhos que são injustos e que envolvem um abandono da moralidade. A riqueza obtida por tais meios nunca virá a ser benéfica. Torne-te então um Kshatriya deste tipo. Controle teus sentidos, seja agradável para teus amigos, e cuide, de acordo com os deveres de tua classe, de teus súditos, empregados, e filhos. Pela união de prosperidade e adversidade (na vida do homem), surgem amizades e animosidades. Milhares e milhares de existências estão revolvendo continuamente (em relação a cada Jiva), e em cada modo da existência de Jiva isto deve ocorrer. (Os próprios deuses estão sujeitos à prosperidade e adversidade, e seus efeitos de amores e ódios. Não há modo de vida no qual estes não possam ser encontrados.) Por esta razão, estejas ligado às boas qualidades de todos os tipos, mas nunca aos defeitos. Tal é o caráter das boas qualidades que se a pessoa mais insensata, privada de toda virtude, ouve a si mesma elogiada por alguma boa qualidade, ela fica cheia de alegria. Virtude e pecado existem, ó rei, somente entre homens. Eles não existem entre criaturas exceto homem. Alguém deve, portanto, em necessidade de alimento e outras necessidades da vida ou transcendendo tal necessidade, ser de disposição virtuosa, adquirir conhecimento, sempre olhar para todas as criaturas como a si

mesmo, e se abster totalmente de infligir qualquer tipo de dano. Quando a mente de alguém se torna desprovida de desejo, e quando toda Ignorância é dissipada dela, é então que ele consegue obter que é auspicioso.'"

296

"Parasara disse, 'Eu agora te falei sobre quais são as ordenanças dos deveres em relação a alguém que leva um modo de vida familiar. Eu agora te falarei das ordenanças sobre penitências. Ouça-me enquanto eu falo sobre o assunto. É visto geralmente, ó rei, que por causa de sentimentos repletos de Rajas e Tamas, o sentido de 'meu', nascido do apego, surge no coração do chefe de família. Dirigindo-se ao modo de vida familiar, alguém adquire vacas, campos, riqueza de diversos tipos, cônjuges, filhos, e empregados. Alguém que se torna observador deste modo de vida constantemente lança seu olhar sobre estes objetos. Sob essas circunstâncias, suas atrações e aversões aumentam, e ele cessa de considerar suas posses (transitórias) como eternas e indestrutíveis. Quando uma pessoa vem a ser dominada por afeição e aversão, e se entrega ao domínio dos objetos mundanos, o desejo de prazer então o apanha, tendo sua origem na negligência, ó rei. Pensando que é abençoada aquela pessoa que tem a maior parte de prazeres neste mundo, o homem dedicado ao prazer, por seu apego a isto, não vê que há alguma outra felicidade além da que resulta da satisfação dos sentidos. Dominado pela cobiça que resulta de tal atração, ele então procura aumentar o número de seus parentes e servidores, e para satisfazer estes últimos ele procura aumentar sua riqueza por todos meios em seu poder. Cheio de afeição por filhos, tal pessoa comete, para adquirir riqueza, atos que ele sabe que são maus, e dá vazão à angústia se sua riqueza é perdida. Tendo ganhado honras e sempre se protegendo contra a frustração de seus planos, ele se dirige aos meios que satisfarão seu desejo de prazer. Finalmente ele encontra com a destruição como a consequência inevitável da conduta que ele segue. É bem conhecido, no entanto, que a verdadeira felicidade é daqueles que são dotados de inteligência, que são proferidores do eterno Brahma, que procuram realizar somente ações que são auspiciosas e benéficas, e que se abstêm de todas as ações que são opcionais e que provêm somente do desejo. Da perda de todos os objetos sobre os quais estão centradas nossas afeições, da perda de riqueza, ó rei, e da opressão das doenças físicas somadas à agonia mental, uma pessoa cai em desespero. Deste desespero surge o despertar da alma. De tal despertar procede o estudo das Escrituras. Da contemplação do significado das escrituras, ó rei, vê-se o valor da penitência. Uma pessoa possuidora do conhecimento do que é essencial e do que não é essencial, ó rei, é muito rara, isto é, aquela que procura passar por penitências, impressionada com a verdade que a felicidade que alguém deriva da posse de objetos agradáveis tais como cônjuges e filhos leva no final à miséria. (Aqueles que se dirigem às penitências como consequência do desespero são muitos. São muito raros os homens que adotam as penitências sendo imediatamente convencidos de que felicidade da vida familiar é irreal e termina em miséria.) As penitências, ó filho, são para todos. Elas são ordenadas até para a

classe mais baixa de homens (Sudras). As penitências colocam o homem autocontrolado que tem domínio sobre todos os seus sentidos no caminho do céu. Foi através de penitências que o Senhor pujante de todas as criaturas, ó, rei, cumprindo votos em intervalos específicos, criou todos os objetos existentes. Os Adityas, os Vasus, os Rudras, Agni, os Aswins, os Maruts, os Viswedevas, os Saddhyas, os Pitris, os Maruts, os Yakshas, os Rakshasas, os Gandharvas, os Siddhas e os outros habitantes do céu, e, de fato, todos os outros celestiais, ó filho, foram todos coroados êxito através de suas penitências. Aqueles Brahmanas a quem Brahmana criou no início, conseguiram por suas penitências honrar não só a Terra mas também o céu no qual eles viajavam como lhes agradava. Neste mundo de mortais, aqueles que são reis, e aqueles outros que são chefes de família nascidos em famílias nobres, todos se tornaram o que eles são somente em consequência de suas penitências (de vidas passadas). Os mantos de seda que eles usam, os ornamentos excelentes que enfeitam seus corpos, os animais e veículos nos quais eles passeiam, e os assentos que eles usam são todos o resultado de suas penitências. As muitas mulheres encantadoras e belas, constando de milhares, que eles desfrutam, e sua residência em mansões suntuosas, são todas devido às suas penitências. Leitos caros e diversas espécies de iguarias deliciosas se tornam daqueles que agem justamente. Não há nada nos três mundos, ó opressor de inimigos, que as penitências não possam alcançar. Mesmo aqueles que são desprovidos de verdadeiro conhecimento ganham Renúncia como a consequência de suas penitências. Esteja em circunstâncias afluentes ou miseráveis, uma pessoa deve rejeitar a cobiça, refletindo sobre as escrituras com a ajuda de sua Mente e compreensão, ó melhor dos reis. O descontentamento é produtivo de miséria. (O descontentamento é o resultado da cobiça.) A cobiça leva ao adormecimento dos sentidos. O sentidos estando estupefatos, a sabedoria de alguém desaparece assim como conhecimento não conservado por aplicação contínua. Quando a sabedoria de alguém desaparece, ele falha em distinguir o que é apropriado do que é inapropriado. Então, quando a felicidade de alguém é destruída (e ele fica sujeito à miséria), ele deve praticar as mais austeras das penitências. Aquilo que é agradável é chamado de felicidade. Aquilo que é desagradável é citado como sendo miséria. Quando penitências são praticadas, o resultado é felicidade. Quando elas não são praticadas, o resultado é miséria. Veja os resultados da prática e da abstenção de penitências! Por praticar penitências imaculadas (isto é, sem desejo de resultado), as pessoas sempre encontram com consequências auspiciosas de todos os tipos, desfrutam de todas as coisas boas, e obtêm grande fama. Aquele, no entanto, que por abandonar (as penitências imaculadas), se dirige às penitências por desejo de fruto, encontra com muitas consequências desagradáveis, e desgraça e tristeza de diversos tipos, como os frutos delas, todos os quais têm as posses mundanas como sua causa. (Tais frutos lhes trazem diversos tipos de tristezas). Apesar da prática da virtude, penitências, e caridade ser desejável, surge em sua mente o desejo de realizar todos os tipos de ações proibidas. Por assim cometer diversos tipos de ações pecaminosas, ele vai para o inferno. Aquela pessoa, ó melhor dos homens, que, na felicidade e na tristeza, não abandona os deveres ordenados para ela, é citada como tendo as escrituras como sua visão. É dito que o prazer que alguém deriva da satisfação dos sentidos de tato, paladar, visão, olfato, e audição, ó monarca,

duram somente o tempo que uma flecha impulsionada do arco leva para cair sobre a terra. Após a cessação daquele prazer, que é de duração tão curta, alguém sofre a mais violenta agonia. É somente o insensato que não louva a bem-aventurança da Emancipação que é inigualável. Vendo a miséria que acompanha a satisfação dos sentidos, aqueles que possuem sabedoria cultivam as virtudes de tranquilidade e autocontrole para o propósito de alcançar a Emancipação. Por seu comportamento íntegro, riqueza e prazer nunca podem conseguir afligi-los. Os chefes de família podem, sem qualquer remorso, desfrutar de riqueza e de outras posses que são obtidas sem Esforço. Com relação, no entanto, aos deveres de sua classe que são declarados nas escrituras, estes, na minha opinião, eles devem cumprir com a ajuda do Esforço. (Cônjuges, alimento, bebida, etc., alguém obtém como o resultado de atos passados. Em relação a estes, Esforço é fraco. Então, empregar Esforço para sua aquisição não seria sábio. Com relação à aquisição de virtude, no entanto, o Esforço é eficaz. Por isso, alguém deve, com Esforço procurar agir de acordo com seus próprios deveres como declarados nas escrituras.) A prática daqueles que são honrados, nascidos em famílias nobres, e que têm seus olhos sempre dirigidos para o significado das escrituras, não pode ser seguida por aqueles que são pecaminosos e que possuem mentes descontroladas. Todas as ações que são feitas pelo homem sob a influência da vaidade encontram com a destruição. Então, para aqueles que são respeitáveis e realmente justos não há outra ação neste mundo para se fazer exceto penitência. (Sacrifícios e todas as outras ações empreendidas por um senso de vaidade são destrutíveis com relação às suas consequências, pois o céu é finito. Penitências, no entanto, que são praticadas sem desejo de resultado não são assim, pois estas levam à Emancipação.) Em relação, no entanto, àqueles chefes de família que são viciados nas ações, eles devem, de todo o coração, se dirigir às ações. Seguindo os deveres de sua classe, ó rei, eles devem com inteligência e atenção realizar sacrifícios e outros ritos religiosos. De fato, como todos os rios, masculinos e femininos, têm seu refúgio no Oceano, assim mesmo os homens pertencentes a todas as outras classes têm seu refúgio no chefe de família.'"

297

"Janaka disse, 'De onde, ó grande Rishi, surgiu esta diferença de cor entre os homens pertencentes às diferentes classes? Eu desejo saber. Diga-me isto, ó principal dos oradores! Os Srutis dizem que a prole que alguém gera é a própria pessoa. Originalmente surgidos de Brahmana, todos os habitantes da terra deveriam ter sido Brahmanas. Nascidos de Brahmanas, por que os homens se dirigiram a práticas diferentes daquelas dos Brahmanas?'"

"Parasara disse, 'É como tu dizes, ó rei! A prole procriada não é ninguém mais do que o próprio procriador. No entanto, por se afastarem da penitência, esta distribuição em classes de diferentes cores ocorreu. Quando o solo se torna bom e a semente também é boa, a prole produzida se torna meritória. Se, no entanto, o solo e a semente não são bons ou são inferiores, a prole que nascerá será inferior. Aqueles que estão familiarizados com as escrituras sabem que quando o Senhor

de todas as criaturas se pôs a criar os mundos, algumas criaturas surgiram de sua boca, algumas de seus braços, algumas de suas coxas, e algumas de seus pés. Aqueles que assim surgiram de sua boca, ó filho, vieram a ser chamados de Brahmanas. Aqueles que surgiram de seus braços foram chamados de Kshatriyas. Aqueles, ó rei, que surgiram de suas coxas eram a classe rica, chamados de Vaisyas. E, por fim, aqueles que nasceram de seus pés eram a classe servil, isto é, os Sudras. Somente estas quatro classes de homens, ó monarca, foram assim criadas. Aqueles que pertencem às classes além destas e outras a não ser estas surgiram de uma mistura delas. Os Kshatriyas chamados Atirathas, Amvashthas, Ugras, Vaidehas, Swapakas, Pukkasas, Tenas, Nishadas, Sutas, Magadhas, Ayogas, Karanas, Vratyas, e Chandalas, ó monarca, surgiram todos das quatro classes originais por mistura umas com as outras.'"

"Janaka disse, 'Quando todos surgiram somente de Brahmana, como os seres humanos vieram a ter diversidade em relação à raça? Ó melhor dos ascetas, é vista uma diversidade infinita de raças neste mundo. Como os homens dedicados às penitências poderiam alcançar a posição de Brahmanas, embora de origem indiscriminada? De fato, aqueles nascidos de úteros puros e aqueles de impuros, todos se tornaram Brahmanas.'"

"Parasara disse, 'Ó rei, a posição de pessoas de grande alma que conseguiram purificar suas almas por penitências não pode ser considerada como afetada por seus nascimentos inferiores. Grandes Rishis, ó monarca, por gerarem filhos em úteros indiscriminados, concederam a eles a posição de Rishis por meio de seu poder de ascetismo. Meu avô Vasishtha, Rishyasringa, Kasyapa, Veda, Tandya, Kripa, Kakshivat, Kamatha, e outros, e Yavakrita, ó rei, e Drona, aquele principal dos oradores, e Ayu, e Matanga, e Datta, e Drupada, e Matsya, todos esses, ó soberano dos Videhas, obtiveram suas respectivas posições através de penitências. Originalmente somente quatro Gotras (raças) surgiram, ó monarca, isto é, Angiras, Kasyapa, Vasishtha, e Bhrigu. Por ações e comportamento, ó soberano de homens, muitos outros Gotras vieram à existência com o tempo. Os nomes daqueles Gotras são devidos às penitências daqueles que os fundaram. Boas pessoas os usam.'"

"Janaka disse, 'Diga-me, ó santo, os deveres especiais das várias classes. Diga-me também quais são seus deveres comuns. Tu és conhecedor de tudo.'"

"Parasara disse, 'Aceitação de doações, oficiar nos sacrifícios de outros, e o ensino de pupilos, ó rei, são os deveres especiais dos Brahmanas. A proteção das outras classes é própria para o Kshatriya. Agricultura, criação de gado e comércio são as ocupações dos Vaisyas. Enquanto o serviço das (três) classes regeneradas é a ocupação, ó rei, dos Sudras. Eu agora te disse quais são os deveres especiais das quatro classes, ó monarca. Ouça-me, ó filho, enquanto eu te falo quais são os deveres comuns de todas as quatro classes. Compaixão, abstenção de ferir, atenção, dar a outros o que é devido a eles, Sraddhas em honra de antepassados falecidos, hospitalidade para convidados, veracidade, domínio da ira, contentamento com as próprias esposas, pureza (interna e externa), liberdade de malícia, conhecimento do Eu, e Renúncia, esses deveres, ó

rei, são comuns para todas as classes. Brahmanas, Kshatriyas, e Vaisyas, estas são as três classes regeneradas. Todas elas têm um direito igual à realização desses deveres, ó principal dos homens. Estas três classes, dirigindo-se a outros deveres a não ser aqueles prescritos para elas, fracassam, ó monarca (e caem de sua própria posição), assim como elas sobem e adquirem grande mérito por tomarem como modelo algum indivíduo honrado de suas respectivas classes que é devidamente observador de seus próprios deveres. O Sudra nunca cai (por fazer ações proibidas); nem ele é digno de algum dos ritos de regeneração. A direção de deveres que flui dos Vedas não é dele. Ele não é proibido, no entanto, de praticar os treze deveres que são comuns para todas as classes. Ó soberano dos Videhas, Brahmanas versados nos Vedas, ó monarca, consideram um Sudra (virtuoso) como igual ao próprio Brahmana. Eu, no entanto, ó rei, considero tal Sudra como o refulgente Vishnu do universo, o principal ser em todos os mundos. Pessoas da classe mais baixa, desejando exterminar as más paixões (de luxúria e cólera, etc.) podem se dirigir à observância da conduta dos bons; e, de fato, enquanto agindo dessa maneira, elas podem ganhar grande mérito por realizarem todos os ritos que levam ao progresso, omitindo os mantras que são pronunciados pelas outras classes enquanto realizando as mesmas cerimônias. Seja onde for que pessoas da classe mais baixa adotem o comportamento dos bons, elas conseguem obter felicidade pela qual elas podem passar seu tempo em bem-aventurança aqui e após a morte.'"

"Janaka disse, 'Ó grande asceta, o homem é maculado por suas ações ou ele é maculado pela ordem ou classe na qual ele é nascido? Uma dúvida surgiu em minha mente. Cabe a ti esclarecer isto para mim.'"

"Parasara disse, 'Sem dúvida, ó rei, ambos, ações e nascimento, são fontes de demérito. Ouça agora sua diferença. Aquele homem que, embora maculado por nascimento, não comete pecado, se abstém do pecado apesar do nascimento e ações. Se, no entanto, uma pessoa de nascimento superior comete atos censuráveis, tais atos o maculam. Então, dos dois, isto é, ações e nascimento, as ações mancham o homem (mais do que o nascimento).'"

"Janaka disse, 'Quais são aquelas ações virtuosas neste mundo, ó melhor de todas as pessoas regeneradas, a realização das quais não inflige qualquer dano a outras criaturas?'"

"Parasara disse, 'Ouça de mim, ó monarca, acerca do que tu me perguntaste, isto é, aquelas ações livres de injúria que sempre resgatam o homem. Aqueles que, mantendo de lado seus fogos domésticos, se dissociaram de todas as atrações mundanas, ficam livres de todas as ansiedades. Gradualmente ascendendo passo a passo, no caminho de Yoga, eles finalmente contemplam o estágio da maior felicidade (isto é, Emancipação). (Os estágios aqui referidos são vichara, vitarka, Ananda, e Asmita. O que é afirmado neste verso é que alguém que rejeita todos os apegos, e que se dedica ao Yoga, consegue obter a felicidade da Emancipação.) Dotados de fé e humildade, sempre praticando autodomínio, possuidores de inteligência afiada, e se abstendo de todas as ações, eles obtêm bem-aventurança eterna. Todas as classes de homens, ó rei, por realizarem

apropriadamente atos que são justos, por falarem a verdade, e se absterem da injustiça neste mundo, ascendem para o céu. Nisto não há dúvida.'"

298

"Parasara disse, 'Os antepassados, os amigos, o preceptor, e as esposas dos preceptores de homens que são desprovidos de devoção não podem dar àqueles homens os méritos que se vinculam à devoção. Somente aqueles que são firmemente devotados a tais superiores, que falam o que é agradável para eles, que procuram seu bem-estar, e que são submissos a eles em comportamento, podem obter o mérito da devoção. O pai é maior das divindades para seus filhos. É dito que o pai é superior à mãe. A obtenção de Conhecimento é considerada como a maior aquisição. Aqueles que subjugaram os objetos dos sentidos (pela obtenção de conhecimento), alcançam o que é mais sublime (isto é, a Emancipação). Aquele príncipe Kshatriya que, indo para o campo de batalha, recebe ferimentos em meio a flechas ardentes voando em todas as direções e queima com isso, sem dúvida vai para regiões que são inalcançáveis pelas próprias divindades e, chegando lá, desfruta da felicidade do céu em contentamento perfeito. Um Kshatriya não deve, ó rei, golpear alguém que esteja fatigado, ou assustado, ou desarmado, ou alguém que esteja chorando, ou que esteja relutante em lutar, ou alguém que não esteja equipado com armadura e carros e cavalos e infantaria, ou alguém que parou de se empenhar na luta, ou alguém que esteja mal, ou que grita por piedade, ou alguém que seja muito jovem, ou um idoso. Um Kshatriya deve, em batalha, lutar com alguém de sua classe que esteja equipado com armadura e carros e cavalos e infantaria, que esteja preparado para o esforço e que ocupe uma posição de igualdade. Morte nas mãos de alguém que é igual ou de um superior é louvável, mas não aquela nas mãos de alguém que é inferior, ou de alguém que é um covarde, ou de alguém que é um patife. Isto é bem conhecido. Morte nas mãos de alguém que é pecaminoso, ou de alguém que é de nascimento inferior e má conduta, ó rei, é inglória e leva ao inferno. Alguém cujo período de vida terminou não pode ser resgatado por ninguém. Similarmente, alguém cujo período de vida não está esgotado nunca pode ser morto por alguém. Alguém deve impedir seus superiores afetuosos (como mães, etc.) de fazerem para ele (para seu benefício) atos como os que são feitos por criados, como também todos os atos que sejam repletos de dano para outros. Nunca se deve desejar prolongar a própria vida por tirar as vidas de outros. Quando eles sacrificam suas vidas, é louvável para todos os chefes de famílias cumpridores dos deveres de homens vivendo em lugares sagrados sacrificarem suas vidas nas margens de rios sagrados. Quando o período de vida de alguém se esgota, ele se dissolve nos cinco elementos. Às vezes isto ocorre repentinamente (através de acidentes) e às vezes isto é ocasionado por causas (naturais). Aquele que, tendo obtido um corpo, ocasiona sua dissolução (em um lugar sagrado por meio de algum acidente inglório), vem a ser envolvido com outro corpo de um tipo parecido. Embora estabelecido no caminho da Emancipação, contudo ele se torna um viajante e obtém outro corpo como uma pessoa indo de

um quarto para outro. (Aquele que encontra com uma morte súbita em um tirtha ou local sagrado não se torna emancipado mas obtém outro corpo em sua próxima vida similar àquele que ele perde. Apesar de colocado no caminho da Emancipação ele se torna um viajante: seu estado é devido ao modo inglório de sua dissolução.) Na questão da obtenção de um segundo corpo de tal homem (apesar de sua morte em um local sagrado) a única causa é sua morte acidental. Não há uma segunda causa. Aquele novo corpo que as criaturas incorporadas obtêm (em consequência do caráter acidental de suas mortes em lugares sagrados) vem à existência e se torna ligado a Rudras e Pisachas. (O objetivo desse verso é mostrar que o homem morrendo em um local sagrado vem a renascer como um Rudra ou um Pisacha e alcança rapidamente a Emancipação por causa de sua proximidade a Siva.) Homens eruditos, conhecedores de Adhyatma, dizem que o corpo é uma conglomeração de artérias e tendões e ossos e matéria muito repulsiva e impura e um composto das essências (primordiais), e os sentidos e objetos dos sentidos nascidos do desejo, todos tendo uma cobertura externa de pele envolvendo-os. Desprovido (em realidade) de beleza e outras habilidades, esta conglomeração, pela força dos desejos de uma vida prévia, assume uma forma humana. (O composto das essências primordiais e das outras coisas mencionadas assume diferentes formas através da força dos desejos de vidas anteriores.) Abandonado pelo dono, o corpo se torna inanimado e imóvel. De fato, quando os ingredientes primordiais voltam para suas respectivas naturezas, o corpo se mistura com o pó. Causado por sua união com ações, este corpo reaparece sob circunstâncias determinadas por suas ações. De fato, ó soberano dos Videhas, sob quaisquer circunstâncias que este corpo encontre com a dissolução, seu próximo nascimento, determinado por aquelas circunstâncias, é visto desfrutar e suportar os resultados de todos os seus atos passados. Jiva, depois da dissolução do corpo que ele habitou, ó rei, não toma nascimento em um corpo diferente imediatamente. Ele vaga pelo céu por algum tempo como uma vasta nuvem. Obtendo um novo receptáculo, ó monarca, ele então nasce novamente. A alma está acima da mente. A mente está acima dos sentidos. As criaturas móveis, também, são os principais de todos os objetos criados. De todas as criaturas móveis aquelas que têm duas pernas são superiores. Entre as criaturas de duas pernas, aquelas que são regeneradas são superiores. Entre aquelas que são regeneradas aquelas que possuem sabedoria são superiores. Entre aquelas que são possuidoras de sabedoria aquelas que conseguiram adquirir um conhecimento da alma são superiores. Entre aquelas que possuem um conhecimento da alma, aquelas que são dotadas de humildade são superiores. Morte segue nascimento em relação a todos os homens. Isto está determinado. Criaturas, influenciadas pelos atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas, adotam ações as quais têm um fim. (Ações são todas perecíveis em relação às suas consequências.) É considerado como virtuoso aquele homem que encontra com a dissolução quando o Sol está na declinação do norte, e em um tempo e sob uma constelação que são sagrados e auspiciosos. É virtuoso aquele que, tendo se purificado de todos os pecados e realizado todas as suas ações de acordo com o melhor de seu poder e tendo se abstido de causar dor a algum homem, encontra com a morte quando ela chega. A morte que alguém encontra por tomar veneno, por enforcamento, por incêndio, nas mãos de ladrões, e nos dentes de animais, é

citada como uma morte inglória. Aqueles homens que são justos nunca se expõem a tais mortes ou similares mesmo que eles sejam afligidos com doenças físicas e mentais do tipo mais doloroso. As vidas dos justos, ó rei, atravessando o Sol, ascendem para as regiões de Brahma. As vidas daqueles que são justos e pecaminosos vagam nas regiões intermediárias. As vidas daqueles que são pecaminosos caem nas profundidades mais inferiores. Há somente um inimigo (do homem) e nenhum outro. Aquele inimigo é identificável com a ignorância, ó rei. Dominado por ele, alguém é levado a cometer ações que são terríveis e extremamente cruéis. Aquele inimigo para resistir ao qual alguém deve empregar seu poder por servir aos idosos de acordo com os deveres prescritos nos Srutis, aquele inimigo que não pode ser vencido exceto por esforços constantes, encontra com a destruição, ó rei, somente quando é subjugado pelas flechas da sabedoria. O homem desejoso de obter mérito deve inicialmente estudar os Vedas e passar por penitências, se tornando um Brahmacharin. Ele deve em seguida, entrando no modo de vida familiar, realizar os Sacrifícios usuais. Estabelecendo sua linhagem, ele deve então entrar na floresta, reprimindo seus sentidos, e desejoso de ganhar Emancipação. Alguém nunca deve se emascular por se abster de algum prazer. De todos os nascimentos, a posição de humanidade é preferível mesmo se alguém tem que se tornar um Chandala. De fato, ó monarca, esta ordem de nascimento (isto é, humanidade) é a principal, já que por se tornar um ser humano uma pessoa consegue se resgatar por meio de ações meritórias. Homens sempre realizam atos virtuosos, ó senhor, guiados pela autoridade dos Srutis, de modo que eles não possam decair da posição de humanidade. Aquele homem que, tendo alcançado a posição humanidade que é tão difícil de se alcançar, se perde em malícia, desrespeita a justiça e se entrega ao desejo, é certamente traído por seus desejos. Aquele homem que olha para todas as criaturas com olhos guiados por afeição, considerando-as dignas de serem tratadas com ajuda amorosa, que desconsidera todos os tipos de riqueza, que lhes oferece consolação, lhes dá alimento, se dirige a elas em palavras agradáveis, e que se regozija com a felicidade delas e se aflige com suas dores, nunca tem que sofrer miséria no mundo seguinte. Indo ao Saraswati, às florestas Naimisha, às águas Pushkara, e a outros locais sagrados sobre a terra, uma pessoa deve fazer doações, praticar renúncia, apresentar um aspecto amável, ó rei, e purificar seu corpo com banhos e penitências. Aqueles homens que encontram com a morte dentro de suas casas devem ter os ritos de cremação realizados sobre seus corpos. Seus corpos devem ser levados para o crematório em veículos e lá eles devem ser queimados em conformidade com os ritos de purificação que estão declarados nas escrituras. Ritos religiosos, cerimônias benéficas, a realização de sacrifícios, oficiar nos sacrifícios de outros, doações, fazer outros atos meritórios, a realização, de acordo com o melhor que se pode, de tudo o que é ordenado no caso de ancestrais falecidos, tudo isso alguém faz para beneficiar a si mesmo. Os Vedas com seus seis ramos, e as outras escrituras, ó rei, foram criadas para o bem daquele que é de ações imaculadas.'"

"Bhishma continuou, 'Tudo isso foi dito antigamente por aquele sábio de grande alma para o soberano dos Videhas, ó rei, para seu benefício.'"

299

"Bhishma disse, 'Mais outra vez Janaka, o soberano de Mithila, questionou Parasara de grande alma dotado de conhecimento indubitável em relação a todos os deveres.'"

"Janaka disse, 'O que é produtivo de bem? Qual é o melhor caminho (para as criaturas vivas)? O que é aquilo que sendo realizado nunca é destruído? Qual é aquele local indo para o qual alguém não tem que voltar? Diga-me tudo isso, ó tu de inteligência sublime!'"

"Parasara disse, 'Dissociação (de afeições) é a base do que é bom. O conhecimento é o caminho mais elevado. As penitências praticadas nunca são destruídas. Doações também, feitas para pessoas dignas, não são perdidas. Quando uma pessoa, rompendo os laços do pecado, começa a ter satisfação na virtude, e quando ela faz aquela mais sublime de todas as doações, isto é, a garantia de inofensividade para todas as criaturas, ela então alcança o êxito. Aquele que doa milhares de vacas e centenas de cavalos (para pessoas merecedoras), e que dá para todas as criaturas a garantia de inofensividade, recebe em retorno a garantia de inofensividade de todos. Alguém pode viver no meio de todas as espécies de riqueza e prazer, ainda assim, se abençoado com inteligência, ele não vive neles, enquanto aquele que é desprovido de inteligência vive totalmente nos objetos de prazer que são mesmo insubstanciais. O pecado não pode se ligar a um homem de sabedoria assim como a água não pode encharcar as folhas do lótus. O pecado adere mais firmemente àquele que não tem afeições assim como laca e madeira aderem firmemente uma à outra. O pecado, o qual não pode ser extinto exceto pelo sofrimento de seus resultados, nunca abandona o fazedor. Na verdade, o fazedor, quando chega a hora, tem que aguentar as consequências que surgem dele. Aqueles, no entanto, que são de alma purificada e que percebem a existência de Brahma, nunca são afligidos pelos frutos de suas ações. Negligente em relação aos seus próprios sentidos de conhecimento e de ação, alguém que não é consciente de suas ações pecaminosas, e cujo coração está ligado ao bem e ao mal, vem a ser atormentado com grande medo. Alguém que em todos os momentos está totalmente livre de atrações e que domina completamente o sentimento de raiva, nunca é manchado pelo pecado mesmo que ele viva no desfrute de objetos mundanos. Como um dique construído de um lado a outro de um rio, se não levado pela água, faz as águas dele aumentarem, assim mesmo o homem que, sem ser apegado aos objetos de prazeres, cria o dique da justiça cujos materiais consistem nas limitações registradas nas escrituras, nunca tem que enlanguescer. Por outro lado, seus méritos e penitências aumentam. Como a pedra preciosa pura (chamada Suryakanta) absorve e atrai para si mesma os raios do Sol, assim mesmo, ó tigre entre reis, o Yoga procede pela ajuda da atenção concentrada. (Assim como a fabulosa pedra preciosa, Jiva atrai para si mesmo, através de Yoga, a posição de Brahma.) Como sementes de gergelim, por serem repetidamente misturadas com flores (fragrantes), se tornam muito agradáveis em relação à qualidade, assim a

qualidade de Sattwa surge nos homens em proporção à medida de sua associação com pessoas de almas purificadas. Quando alguém fica desejoso de morar no céu, ele rejeita suas cônjuges e riquezas e posição e veículos e diversos tipos de boas ações. De fato, quando alguém alcança tal estado de espírito, a compreensão de tal pessoa é citada como estando dissociada dos objetos dos sentidos. (Por outro lado) aquele homem que, com a compreensão ligada aos objetos dos sentidos se torna cego ao que é para o seu verdadeiro bem, é arrastado (para sua ruína) por seu coração o qual corre atrás de todos os objetos mundanos, como um peixe (arrastado para sua ruína) pela isca de carne. Como o corpo que é composto de diferentes membros e órgãos, todas as criaturas mortais existem dependendo umas das outras. Elas são tão desprovidas de energia quanto o núcleo da bananeira. (Deixadas por si mesmas) elas afundam no oceano do mundo como um barco (feito de materiais fracos). Não há tempo fixo para a aquisição de virtude. A Morte não espera pelo homem. Quando o homem está correndo constantemente em direção às mandíbulas da Morte, a realização de ações virtuosas é apropriada em todos os momentos. Como um homem cego que, com atenção, é capaz de se mover por sua própria casa, o homem de sabedoria, com a mente fixa em Yoga, consegue progredir pelo caminho (que ele deve seguir, aquele do Conhecimento). É dito que a morte surge em consequência do nascimento. O nascimento está sujeito ao domínio da morte. Alguém não familiarizado com a direção dos deveres da Emancipação gira como uma roda entre nascimento e morte, incapaz de se libertar daquele destino. Alguém que anda pelo caminho recomendado pela compreensão ganha felicidade neste e no outro mundo. O Diverso é repleto de miséria, enquanto o Pouco é produtivo de felicidade. Os frutos representados pelo não-Alma são citados como constituindo o Diverso. A Renúncia é (citada como constituindo o Pouco que é) produtivo da felicidade da alma. (Por 'Diverso' quer-se dizer todos aqueles resultados que consistem em prazeres instáveis; consequentemente, os diversos atos declarados nos Vedas e outras escrituras. Por 'Pouco' quer-se dizer Renúncia, ou abstenção de ações. O que é dito, portanto, neste verso é isto: aqueles que se dirigem para as ações, as quais têm como seus frutos todos os tipos de prazer, encontra com a miséria; enquanto aqueles que se abstêm de ações ou praticam a Renúncia encontram com felicidade.) Como o caule do lótus (cresce e) deixa rapidamente a lama ligada a ele, assim mesmo a Alma pode rejeitar rapidamente a mente. É a mente que a princípio inclina a Alma para Yoga. A última então funde a primeira em si mesma. Quando a Alma alcança sucesso em Yoga, ela então vê a si mesma não envolvida com atributos. (O comentador explica que a intenção deste verso é explicar que o universo o qual é criado pela mente é destruído posteriormente pela própria mente.) Envolvido em meio aos objetos dos sentidos, alguém que considera tal envolvimento como sua própria ocupação abandona sua verdadeira ocupação por tal devoção àqueles objetos. A alma do homem sábio alcança, através de seus atos justos, um estado de grande bem-aventurança no céu, enquanto aquela do homem que não possui sabedoria cai muito baixo ou obtém nascimento entre criaturas intermediárias. Como uma substância líquida, se mantida em um recipiente de barro cozido, não escapa de lá mas permanece não diminuída, da mesma maneira o corpo com o qual alguém praticou austeridades desfruta (sem rejeitar) de todos os objetos de prazer (até os que estão contidos na

região do próprio Brahma). Na verdade, aquele homem que desfruta de objetos mundanos nunca pode ser emancipado. O homem, por outro lado, que rejeita tais objetos (neste mundo), consegue desfrutar de grande felicidade futuramente. Como alguém afligido com cegueira congênita e, portanto, incapaz de ver seu caminho, o sensualista, com alma confinada em um estojo opaco, parece estar cercado por uma neblina e fracassa em ver (o verdadeiro objetivo pelo qual ele deve se esforçar). Como comerciantes, atravessando o oceano, fazem lucros proporcionais ao seu capital, assim mesmo as criaturas, neste mundo de mortais, alcançam fins de acordo com suas respectivas ações. Como uma cobra devorando ar, a Morte vaga neste mundo composto de dias e noites na forma de Decrepitude e devora todas as criaturas. Uma criatura, quando nasce, desfruta ou suporta os resultados das ações feitas por ela em suas vidas anteriores. Não há nada agradável ou desagradável que alguém desfrute ou aguente sem isto ser o resultado das ações que ele fez em suas vidas anteriores. Esteja ele deitado ou procedendo, sentado ociosamente ou dedicado às suas ocupações, em qualquer estado em que um homem possa estar, suas ações (de vidas passadas) boas e más sempre se aproximam dele. Alguém que alcançou a outra margem do oceano não deseja cruzá-lo para voltar à margem de onde ele partiu. (O sentido é que alguém que rejeita objetos de prazer e se torna emancipado não obtém renascimento.) Como o pescador, quando ele deseja, ergue com a ajuda de sua corda seu barco afundado nas águas (de um rio ou lago), da mesma maneira a mente, pela ajuda da contemplação-Yoga, ergue Jiva afundado no oceano do mundo e não emancipado da consciência de corpo. (A prática dos pescadores na Índia é afundar seus barcos quando eles os deixam e vão para suas casas, e erguê-los novamente quando precisam deles no dia seguinte. Eles não deixam seus barcos flutuando com medo dos danos que as ondas possam fazer para eles por jogá-los demais.) Como todos os rios, correndo em direção ao oceano, se unem com ele, assim mesmo a mente, quando empenhada em Yoga, vem a ser unida com Prakriti primordial. (Por Prakriti aqui quer-se dizer a harmonia de Sattwa, Rajas, e Tamas. Enquanto essas três qualidades estão em harmonia umas com as outras, isto é, enquanto não há preponderância de alguma delas sobre as outras duas, não pode haver criação ou as operações de buddhi ou compreensão.) Homens cujas mentes se tornam atadas pelas diversas correntes de afeição, e que estão mergulhados em ignorância, encontram com a destruição como casas de areia em água. Aquela criatura incorporada que considera seu corpo somente como uma casa, (isto é, como um acompanhamento da Alma ao invés de considerá-lo como sendo a Alma), e a pureza (interna e externa) como seu rio sagrado, (que sem se dirigir aos rios sagrados aonde outros vão para se purificarem pensa que somente a pureza é capaz de purificá-lo), e que anda pelo caminho da compreensão, consegue obter felicidade aqui e após a morte. O Diverso é produtivo de miséria; enquanto o Pouco é produtivo de felicidade. O Diverso são os frutos representado pelo não-Alma. A Renúncia (que é correspondente ao Pouco), produz o benefício da alma. Os amigos de alguém que surgem de sua determinação, e seus parentes cuja afeição é devido a razões (egoístas), seus cônjuges e filhos e empregados, somente devoram a riqueza de alguém. Nem a mãe, nem o pai podem conceder o menor benefício para alguém no mundo seguinte. Doações constituem a dieta da qual uma pessoa pode

subsistir. De fato, uma pessoa deve desfrutar dos resultados de suas próprias ações. (O objetivo do verso é mostrar que alguém não deve, por causa de amigos e parentes e cônjuges e filhos, se abster de buscar seu verdadeiro objetivo. A prática de caridade além disso é a verdadeira dieta que sustenta um homem.) A mãe, o filho, o pai, o irmão, a mulher, e amigos, são como linhas traçadas com ouro ao lado do próprio ouro (legítimo, isto é, eles não têm valor ou utilidade na aquisição de prosperidade). Todas as ações, boas e más, feitas em vidas passadas vêm para o fazedor. Sabendo que tudo o que alguém desfruta ou suporta no presente é o resultado das ações de vidas passadas, a alma incita a compreensão em diferentes direções (para que ela possa agir de maneira a evitar todos os resultados desagradáveis). Confiando no esforço sério, e equipado com apoios apropriados, aquele que se dirige para realizar suas tarefas nunca encontra com o fracasso. Como os raios de luz nunca abandonam o Sol, assim mesmo a prosperidade nunca abandona alguém que é dotado de fé indubitável. Aquela ação que um homem de alma imaculada faz com fé e seriedade, com a ajuda de meios adequados, sem orgulho, e com inteligência, nunca é perdida. Uma criatura obtém desde o próprio período de sua residência no útero da mãe todas as ações boas e más que foram realizadas por ela em suas vidas passadas. A Morte, que é irresistível, ajudada pelo Tempo que ocasiona a destruição da vida, leva todas as criaturas para seu fim como vento espalhando o pó de madeira serrada. Pelas ações boas e más realizadas por ele mesmo em suas vidas passadas, o homem obtém ouro e animais e esposas, e filhos, e honra de nascimento, e posses de valor, e toda sua riqueza.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado em conformidade com a verdade pelo sábio, Janaka, aquela principal das pessoas justas, ó rei, ouviu tudo o que o Rishi disse e obteve grande felicidade disso.'"

300

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, homens eruditos louvam a verdade, autocontrole, perdão, e sabedoria. Que é tua opinião sobre estas virtudes?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto eu contarei para ti uma velha narrativa, ó Yudhishthira, da conversa entre os Sadhyas e um Cisne. Uma vez o Não-Nascido e eterno Senhor de todas as criaturas (isto é, Brahman), assumindo a forma de um Cisne dourado, vagava pelos três mundos até que no curso de suas viagens ele encontrou com os Sadhyas.'"

"Os Sadhyas disseram, 'Ó senhor, nós somos as divindades chamadas Sadhyas. Nós gostaríamos de te questionar. De fato, nós te perguntaremos sobre a religião da Emancipação. Tu a conheces bem. Nós temos ouvido, ó ave, que tu és possuidor de grande erudição, e eloquente e sábio em discurso. Ó ave, qual tu achas que é o maior de todos os objetivos? Ó tu de grande alma, no que tua mente encontra satisfação? Portanto, ó principal das aves, nos instrua quanto a qual é a única ação que tu consideras como a principal de todas as ações, e por

fazer a qual, ó chefe da criação alada, alguém pode ser logo libertado de todos os vínculos.'"

"O Cisne disse, 'Vocês que têm bebido Amrita, eu tenho ouvido que alguém deve recorrer a estes, isto é, penitências, autocontrole, verdade, e domínio da mente. Desatando todos os nós (apegos, desejos) do coração, deve-se também trazer sob seu controle o que é agradável e o que é desagradável. Não se deve ferir os órgãos vitais de outros. Não se deve proferir palavras cruéis. Nunca se deve aceitar preleções escriturais de uma pessoa que é mesquinha. Nunca se deve proferir palavras que infligem dor a outros, que fazem outros queimarem (com tristeza), e que levam ao inferno. Flechas verbais saem dos lábios. Perfurado por elas alguém (para quem elas são dirigidas) queima incessantemente. Aquelas flechas não atingem qualquer parte a não ser os próprios órgãos vitais da pessoa visada. Então aquele que é possuidor de erudição nunca deve apontá-las para outros. Se uma pessoa perfura profundamente um homem de sabedoria com flechas verbais, o homem sábio deve então adotar a paz (sem da vazão à ira). O homem que, embora procurem deixá-lo zangado, se regozija sem se entregar à raiva, toma do provocador todos os seus méritos. Aquele homem de alma justa, que, cheio de alegria e livre de malícia, subjuga sua cólera ardente a qual, se cedida, o levaria a falar mal de outros e em verdade se tornaria sua inimiga, leva os méritos de outros. Com relação a mim mesmo, eu nunca respondo quando outro fala mal de mim. Se atacado verbalmente, eu sempre perdôo o ataque. Os justos são da opinião que o perdão e verdade e sinceridade e compaixão são as principais (de todas as virtudes). A verdade é o arcano dos Vedas. O arcano da Verdade é o autodomínio. O arcano do autodomínio é a Emancipação. Este é o ensino de todas as escrituras. Eu considero como Brahmana e Muni aquela pessoa que domina o impulso crescente de falar, o impulso de raiva aparecendo na mente, o impulso de sede (por coisas indignas), e os impulsos do estômago e do órgão de prazer. Alguém que não cede à raiva é superior a alguém que o faz. Alguém que pratica a renúncia é superior a alguém que não o faz. Alguém que possui as virtudes de humanidade é superior a alguém que não as tem. Alguém que é dotado de conhecimento é superior a alguém que é desprovido dele. Atacado com palavras duras não se deve atacar em retorno. De fato, aquele que, sob tais circunstâncias, renuncia à ira, consegue queimar o atacante e tirar todos os seus méritos. (O atacante, encontrando sua vítima clemente, queima ele mesmo com arrependimento.) Aquela pessoa que quando atacada com palavras ríspidas não profere uma palavra ríspida em resposta, que quando elogiada não profere o que é agradável para ele que elogia, que é dotado de tal firmeza que não golpeia em retorno quando golpeado e nem mesmo deseja mal para o golpeador, encontra sua companhia sempre cobiçada pelos deuses. Aquele que é pecaminoso deve ser perdoado como se ele fosse justo, por alguém que é insultado, golpeado, e caluniado. Por agir dessa maneira uma pessoa obtém êxito. Embora todos os meus objetivos tenham sido realizados, contudo eu sempre sirvo com reverência aqueles que são virtuosos. Eu não tenho sede. Minha raiva tem sido suprimida. Seduzido pela cobiça eu não me afasto do caminho da retidão. Eu também não me aproximo de alguém (com solicitações) por riqueza. Se amaldiçoado, eu não amaldiçôo em retorno. Eu sei que o autodomínio é a porta da

imortalidade. Eu revelo para vocês um grande mistério. Não existe posição que seja superior àquela de humanidade. Livre do pecado como a Lua das nuvens escuras, o homem de sabedoria, brilhando em resplandecência, alcança o sucesso por esperar pacientemente por sua hora. Uma pessoa de alma controlada, que se torna o objeto de adoração para todos por se tornar o principal dos pilares de suporte do universo, e para quem somente palavras agradáveis são faladas por todos, obtém a companhia das divindades. Insultadores nunca se apresentam para falar dos méritos de uma pessoa como eles falam de seus deméritos. Aquela pessoa cujas palavras e mente são devidamente controladas e sempre dedicadas ao Supremo, consegue obter os frutos dos Vedas, Penitências, e Renúncia. O homem de sabedoria nunca deve ultrajar (em retorno) aqueles que são desprovidos de mérito, por proferir sua desaprovação e por insultos. Ele não deve exaltar outros (sendo exaltado por eles) e nunca deve ofendê-los. O homem dotado de sabedoria e conhecimento considera insulto como néctar. Ultrajado, ele dorme sem ansiedade. O insultador, por outro lado, encontra com a destruição. Os sacrifícios que alguém realiza com raiva, as doações que alguém faz com raiva, as penitências que alguém pratica com raiva, e as oferendas e libações que alguém faz ao fogo sagrado com raiva, são de tal maneira que seus méritos são roubados por Yama. O trabalho árduo de um homem zangado se torna completamente inútil. Ó principais dos imortais, é citada como sendo conhecedora da justiça aquela pessoa cujas quatro portas, isto é, o órgão de prazer, o estômago, os dois braços, e a língua, são bem controlados. Aquela pessoa que, sempre praticando verdade, autocontrole, sinceridade, compaixão, paciência e renúncia, se torna dedicada ao estudo dos Vedas, não cobiça o que pertence a outros, e procura o que é bom com uma unidade de propósito, consegue alcançar o céu. Como um bezerro sugando todas as quatro tetas dos úberes de sua mãe, uma pessoa deve se dedicar à prática de todas essas virtudes. Eu não sei se existe alguma coisa que é mais sagrada do que a Verdade. Tendo vagado entre os seres humanos e as divindades, eu declaro que a Verdade é o único meio de alcançar o céu, assim como um navio é o único maio de cruzar o oceano. Uma pessoa vem a ser como aquelas com quem ela mora, e como aquelas a quem ela reverencia, e como aquelas as quais ela deseja ser. Se uma pessoa serve com reverência aquele que é bom ou aquele que não é, se ela serve com reverência um sábio possuidor de mérito ascético ou um ladrão, ela percorre seu caminho e pega sua cor como um tecido pegando a tintura na qual ele é mergulhado. As divindades sempre conversam com aqueles que são possuidores de sabedoria e bondade. Elas, portanto, nunca nutrem o desejo mesmo de ver os divertimentos nos quais os homens têm prazer. A pessoa que sabe que todos os objetos de prazer (que os seres humanos apreciam) são caracterizados por vicissitudes, tem poucos rivais, e é superior à própria Lua e ao Vento. (A Lua é dotada de néctar, e, portanto, poderia ser igual a tal homem; mas a Lua cresce e diminui; portanto, ela não pode se aproximar de uma igualdade com tal homem que é o mesmo sob todas as mudanças. Similarmente, o vento, embora não manchado pelo pó que ele carrega, não é igual a tal homem; pois o vento é mutável, tendo movimentos lentos, medianos e rápidos.) Quando o Purusha que mora no coração de alguém é puro, e anda no caminho dos justos, os deuses têm alegria nele. Os deuses rejeitam à distância aqueles que estão sempre dedicados à satisfação de seus órgãos de

prazer e estômago, que são dedicados ao roubo, e que sempre proferem palavras cruéis, mesmo que eles expiem seus delitos por realizarem os ritos apropriados. Os deuses nunca estão satisfeitos com alguém de alma vil, com alguém que não observa restrições na questão de comida, e com alguém que é de atos pecaminosos. Por outro lado, os deuses se associam com aqueles homens que são observadores do voto de veracidade, que são gratos, e que são dedicados à prática da justiça. Silêncio é melhor do que falar. Falar a verdade é melhor do que silêncio. Além disso falar a verdade que está relacionada com a justiça é melhor do que falar a verdade. Falar aquilo que, além de ser verdadeiro e justo, é agradável, é melhor do que falar a verdade relacionada com justiça.'"

"Os Sadhyas disseram, 'Pelo que este mundo é coberto? Por que alguém falha em brilhar? Por que causa as pessoas rejeitam seus amigos? Por que razão as pessoas fracassam em alcançar o céu?'"

"O Cisne disse, 'O mundo é envolvido (pela escuridão da) Ignorância. Os homens falham em brilhar por causa da malícia. As pessoas rejeitam amigos induzidas pela cobiça. Homens fracassam em alcançar o céu por causa do apego.'"

"Os Sadhyas disseram, 'Quem entre os Brahmanas é sempre feliz? Quem entre eles pode observar o voto de silêncio embora residindo no meio de muitos? Quem entre eles, embora fraco, ainda assim é considerado como forte? E só quem entre eles não disputa?'"

"O Cisne disse, 'Somente aquele que possui sabedoria entre os Brahmanas é sempre feliz. Somente aquele que possui sabedoria entre os Brahmanas consegue observar o voto de silêncio, embora residindo no meio de muitos. Somente aquele entre os Brahmanas que é possuidor de sabedoria, embora realmente fraco, é considerado como forte. Somente aquele entre eles que tem sabedoria consegue evitar disputa.'" (O comentador explica que o objetivo deste verso é mostrar os méritos daquele homem cuja ignorância desapareceu.)

"Os Sadhyas disseram, 'Em que consiste a divindade dos Brahmanas? Em que sua pureza? Em que sua impureza? E em que sua posição de humanidade?'"

"O Cisne disse, 'No estudo dos Vedas está a divindade dos Brahmanas. Em seus votos e observâncias está sua pureza. Na infâmia está sua impureza. Na morte está sua humanidade.'" (Quando Brahmanas incorrem em infâmia eles são citados como impuros; eles são também considerados como possuidores da posição de humanidade somente porque eles morrem.)

"Bhishma continuou, 'Assim eu contei para ti a excelente narrativa da conversa entre os Sadhyas (e o Cisne). O corpo (grosseiro e sutil) é a origem das ações, e a existência ou Jiva é a verdade.'"

301

"Yudhishthira disse, 'Cabe a ti me explicar, ó majestade, qual é a diferença entre os sistemas de filosofia Sankhya e Yoga. Ó principal da linhagem de Kuru, tudo é conhecido por ti, ó tu que és conhecedor de todos os deveres!'"

"Bhishma disse, 'Os seguidores de Sankhya louvam o sistema Sankhya e aquelas pessoas regeneradas que são Yogins louvam o sistema Yoga. Para estabelecer a superioridade de seus respectivos sistemas, cada um qualifica seu próprio sistema como o melhor. Homens de sabedoria dedicados ao Yoga atribuem razões apropriadas e muito boas, ó opressor de inimigos, para mostrar que alguém que não que acredita na existência de Deus não pode alcançar a Emancipação. Aquelas pessoas regeneradas, também, que crêem nas doutrinas Sankhya expõem boas razões para mostrar que alguém, por adquirir conhecimento verdadeiro de todos os fins, se torna dissociado de todos os objetos mundanos, e, depois de sair deste corpo, isto é evidente, se torna emancipado e que isto não pode ser de outra maneira. Homens de grande sabedoria assim expuseram a filosofia Sankhya de Emancipação. Quando as razões estão assim equilibradas em ambos os lados, aquelas que são atribuídas àquele lado ao qual alguém está de alguma maneira inclinado a adotar como suas próprias, devem ser aceitas. De fato, aquelas palavras que são ditas naquele lado devem ser consideradas como benéficas. Bons homens podem ser encontrados em ambos os lados. Pessoas como tu podem adotar qualquer opinião. As evidências de Yoga são dirigidas à compreensão direta dos sentidos; aquelas de Sankhya são baseadas nas escrituras. Ambos os sistemas de filosofia são aprovados por mim, ó Yudhishthira. Ambos aqueles sistemas de ciência, ó rei, têm a minha colaboração e a daqueles que são bons e sábios. Se praticados devidamente de acordo com as instruções prescritas, ambos irão, ó rei, fazer uma pessoa alcançar o maior objetivo. Em ambos os sistemas a pureza é igualmente recomendada como também compaixão por todas as criaturas, ó impecável. Em ambos, também, o cumprimento de votos tem sido igualmente prescrito. Somente as escrituras indicam que seus caminhos são diferentes.'"

"Yudhishthira disse, 'Se os votos, a pureza, a compaixão, e os frutos deles recomendados em ambos os sistemas são os mesmos, me diga, ó avô, por que razão então suas escrituras (em relação aos caminhos recomendados) não são as mesmas?'"

"Bhishma disse, 'Por rejeitar, pela ajuda de Yoga, estes cinco defeitos, isto é, atração, negligência, afeição, luxúria, e ira, uma pessoa alcança a Emancipação. Como peixes grandes, rompendo a rede, passam para seu próprio elemento (para vagarem em felicidade), da mesma maneira os Yogins (atravessando luxúria e ira, etc.) vêm a ser purificados de todos os pecados e obtêm a bem-aventurança da Emancipação. Como animais poderosos, rompendo as redes nas quais os caçadores os enredaram, escapam para a alegria da liberdade, da mesma maneira os Yogins, livres de todos os laços, alcançam o caminho impecável que leva à Emancipação. Realmente, ó rei, rompendo os laços nascidos da cobiça, os

Yogins, dotados de força, alcançam o caminho impecável e auspicioso e sublime da Emancipação. Animais fracos, ó monarca, envolvidos em redes, são sem dúvida destruídos. Tal é o caso com as pessoas desprovidas da força de Yoga. Como peixes fracos, ó filho de Kunti, caídos na rede, ficam envolvidos nela, assim mesmo, ó monarca, homens desprovidos da força de Yoga encontram a destruição (em meio aos laços do mundo). Como aves, ó castigador de inimigos, quando envolvidas nas redes finas dos caçadores de aves (se fracas) encontram com sua ruína, mas se dotadas de força efetuam sua fuga, da mesma maneira isto acontece com os Yogins, ó castigador de inimigos. Amarrados pelos laços da ação, aqueles que são fracos encontram com a destruição, enquanto aqueles que são possuidores de força os rompem. Um fogo pequeno e fraco, ó rei, se extingue quando troncos grandes de madeira são colocados sobre ele. Assim mesmo o Yogin que é fraco, ó rei, encontra a ruína (quando entra em contato com o mundo e suas atrações). O mesmo fogo, no entanto, ó monarca, quando ele se torna forte, queimaria (sem se extinguir) com a ajuda do vento, a Terra inteira. Da mesma maneira, o Yogin, quando crescido em força, queimando com energia, e possuidor de poder, é capaz de chamuscar o Universo inteiro como o Sol que se ergue no tempo da dissolução universal. Como um homem fraco, ó rei, é levado por uma correnteza, assim mesmo um Yogin é carregado sem auxílio pelos objetos dos sentidos. Um elefante resiste a uma correnteza poderosa. Da mesma maneira, um Yogin, tendo adquirido pujança-Yoga, resiste a todos os objetos dos sentidos. Independentes de todas as coisas, os Yogins, dotados de pujança-Yoga e dotados de domínio, entram (nos corações) dos próprios senhores da criação, dos Rishis, das divindades, e dos Grandes Seres no universo. Nem Yama, nem o Destruidor, nem a própria Morte de destreza terrível, quando zangados, alguma vez conseguem prevalecer sobre o Yogin, ó rei, que é possuidor de energia incomensurável. O Yogin, adquirindo pujança-Yoga, pode criar milhares de corpos e com eles vagar sobre a terra. Alguns entre eles desfrutam de objetos dos sentidos e então mais uma vez se dedicam à prática de penitências austeras, e mais uma vez, como o Sol (retraindo seus raios), se afastam de tais penitências. (Os exemplos de Viswamitra e outros podem ser citados neste caso.) O Yogin, que é possuidor de força e a quem vínculos não atam, certamente consegue alcançar a Emancipação. Eu agora te falei, ó monarca, sobre todos esses poderes de Yoga. Eu mais uma vez te falarei quais são os poderes sutis de Yoga com suas indicações. Cultive, ó chefe da linhagem de Bharata, as indicações sutis do Dharana e do Samadhi da Alma (tais como Yoga ocasiona). (Dharana é manter a alma em auto-reflexão, impedindo-a de vagar. Samadhi é a abstração completa.) Como um arqueiro que é cuidadoso e atento consegue atingir o alvo, assim mesmo o Yogin, com alma absorta, sem dúvida alcança a Emancipação. Como um homem fixando sua mente em um recipiente cheio de algum líquido (colocado sobre sua cabeça), sobe uma escada com cuidado, assim mesmo o Yogin, fixado e absorto em sua alma, a purifica e a faz tão refulgente quanto o Sol. Como um barco, ó filho de Kunti, que é lançado na superfície do mar é logo levado à outra margem por um barqueiro atento, assim mesmo o homem de conhecimento por fixar sua alma em Samadhi alcança a Emancipação, que é tão difícil de se alcançar, depois de rejeitar seu corpo, ó monarca. Como um cocheiro atento, ó rei, tendo unido bons corcéis (ao seu carro) leva o guerreiro em carro ao local que ele

deseja, assim mesmo o Yogin, ó monarca, atento em Dharana, logo alcança o local mais elevado (isto é, Emancipação) como uma flecha disparada do arco alcançando o objeto visado. O Yogin que permanece imovelmente depois de ter introduzido seu eu na alma, destrói seus pecados e alcança aquele local indestrutível que é a propriedade daqueles que são justos. Aquele Yogin que, cumprindo atentamente votos superiores, une devidamente, ó rei, sua alma Jiva com a Alma sutil no umbigo, na garganta, na cabeça, no coração, no peito, nos lados, nos olhos, nos ouvidos, e no nariz, queima todas as suas ações boas e más mesmo de proporções como aquelas de montanhas, e tendo recorrido ao excelente Yoga, alcança a Emancipação.'"

"Yudhishthira disse, 'Cabe a ti me dizer, ó avô, quais são os tipos de dieta que por serem adotados, e quais são as coisas por conquistar as quais, o Yogin, ó Bharata, adquire pujança-Yoga.'"

"Bhishma continuou, 'Empenhado, ó Bharata, em subsistir de grãos quebrados de arroz e bolos saturados de gergelim, e se abstendo de óleo e manteiga, o Yogin adquire pujança-Yoga. Por subsistir por muito tempo de cevada em pó não misturada com qualquer substância líquida, e por se limitar a uma única refeição por dia, o Yogin de alma purificada obtém pujança-Yoga. Por beber somente água misturada com leite, primeiro somente uma vez durante o dia, então uma vez durante uma quinzena, então uma vez durante um mês, então uma vez durante três meses, e então uma vez durante um ano inteiro, o Yogin obtém pujança-Yoga. Por se abster totalmente de carne, ó rei, o Yogin de alma purificada adquire força. Por subjugar luxúria, e ira, e calor, e frio e chuva, e medo, e dor, e a respiração, e todos os sons que são agradáveis para os homens, e objetos dos sentidos, e a inquietude, tão difícil de conquistar, que nasce da abstenção do ato sexual, e a sede que é tão terrível, ó rei, e os prazeres do toque, e sono, e a procrastinação que é quase inconquistável, ó melhor dos reis, Yogins de grande alma, desprovidos de afeições, e possuidores de grande sabedoria, auxiliados por suas compreensões, e equipados com riqueza de contemplação e estudo, fazem a alma sutil permanecer manifestada em toda sua glória. Este caminho sublime (Yoga) de Brahmanas eruditos é extremamente difícil de se trilhar. Ninguém pode andar por este caminho com facilidade. Este caminho é como uma floresta terrível cheia de inúmeras cobras e bichos rastejantes, com buracos (ocultos) em todos os lugares, sem água para matar a sede, e cheia de espinhos, e inacessível por causa disso. De fato, o caminho de Yoga é como uma estrada ao longo da qual não há comestíveis, que corre por um deserto tendo todas as suas árvores queimadas em um incêndio, e que se tornou perigosa por ser infestada com bandos de ladrões. Muito poucos homens jovens podem passar com segurança por ela (para alcançar a meta). Como um caminho dessa natureza, poucos Brahmanas podem trilhar sozinhos o caminho-Yoga com facilidade e conforto. Aquele homem que, tendo se dirigido a este caminho, cessa de ir em frente (mas volta atrás depois de ter feito algum progresso), é considerado como culpado de muitos erros. Homens de almas purificadas, ó senhor da Terra, podem permanecer com facilidade em contemplação-Yoga, a qual é como o gume afiado de uma navalha. Pessoas de almas impuras, no entanto, não podem permanecer

nela. Quando a contemplação-Yoga vem a ser perturbada ou obstruída de outra maneira, ela nunca pode levar o Yogin para um fim auspicioso assim como um barco sem capitão não pode levar os passageiros para a outra margem. Aquele homem, ó filho de Kunti, que pratica contemplação-Yoga segundo os ritos devidos, consegue rejeitar nascimento e morte, e felicidade e tristeza. Tudo isso que eu te disse tem sido declarado nos diversos tratados que têm relação com Yoga. Os maiores resultados de Yoga são vistos em pessoas da classe regenerada. Aquele fruto mais elevado é identificação com Brahma. O Yogin de grande alma, possuidor de grandeza, pode entrar e sair, à sua vontade, do próprio Brahma que é o senhor de todas as divindades, e de Vishnu concessor de benefícios, e de Bhava, e de Dharma, e de Kartikeya de seis faces, e dos filhos (espirituais) de Brahmana, da qualidade de Ignorância que produz muita dor, e daquela de Paixão, e daquela de Sattwa que é pura, e de Prakriti que é a mais elevada, e da deusa Siddhi que é a esposa de Varuna, e de todas as espécies de energia, e de toda paciência contínua, e do senhor brilhante das estrelas no firmamento com as estrelas cintilando por todos os lados, e dos Viswas, e das (grandes cobras), e dos Pitris, e de todas as montanhas e colinas, e dos oceanos grandes e terríveis, e de todos os rios, e das nuvens carregadas de chuvas, e das serpentes, árvores, e Yakshas, e dos pontos principais e secundários da bússola, e dos Gandharvas, e de todas as pessoas masculinas e de todas as femininas também. Este discurso, ó rei, que é relacionado com o Ser Supremo de energia imensa deve ser considerado como auspicioso. O Yogin tem Narayana como sua alma. Predominando sobre todas as coisas (por sua contemplação da Divindade Suprema), o Yogin de grande alma é capaz de criar todas as coisas.'"

302

Yudhishthira disse, 'Ó rei, tu expuseste devidamente para mim, da maneira que deve ser, o caminho de Yoga que é aprovado pelos sábios, do mesmo modo de um preceptor carinhoso para seu pupilo. Eu pergunto agora sobre os princípios da filosofia Sankhya. Fale-me sobre aqueles princípios em sua totalidade. Qualquer conhecimento que exista nos três mundos é conhecido por ti!'"

"Bhishma disse, 'Ouça agora quais são os princípios sutis dos seguidores da doutrina Sankhya que tem sido estabelecida por todos os grandes e pujantes Yatis tendo Kapila como seu primeiro. Naquela doutrina, ó chefe de homens, não há erros que possam ser descobertos. Muitos, de fato, são seus méritos. Realmente, não há defeito nela. Compreendendo com a ajuda do conhecimento que todos os objetos existem com imperfeições, de fato, compreendendo aqueles objetos, tão difíceis de serem rejeitados, com os quais os seres humanos e Pisachas e Rakshasas e Yakshas e cobras e Gandharvas e Pitris e aqueles que estão vagando nas classes intermediárias de seres (tais como aves e animais) e grandes aves (tais como Garuda e outros) e os Maruts e sábios reais e sábios regenerados e Asuras e Viswedevas e os Rishis celestes e Yogins investidos com força suprema e os Prajapatis e o próprio Brahman estão ocupados, e entendendo realmente qual é o maior limite do período de existência de alguém neste mundo,

e percebendo também a grande verdade, ó principal dos homens eloquentes, sobre o que é chamado de felicidade aqui, tendo um conhecimento claro de quais são as tristezas que surpreendem quando chega a hora, todas aquelas que estão ligadas com objetos (transitórios) e conhecendo perfeitamente bem as tristezas daqueles que decaíram para as classes de existência intermediárias e daqueles que caíram no inferno, percebendo todos os méritos e todas as imperfeições do céu, ó Bharata, e todos os deméritos que se ligam às declarações dos Vedas e todas as excelências que estão relacionados com elas, reconhecendo os defeitos e os méritos dos sistemas de filosofia Yoga e Sankhya, percebendo também que a qualidade de Sattwa tem dez propriedades (isto é, alegria, satisfação, entusiasmo, fama, justiça, contentamento, fé, sinceridade, generosidade, e domínio); que a de Rajas tem nove, (isto é, crença nas divindades, caridade ostentosa, prazer e tolerância de felicidade e tristeza, desunião, exibição de coragem e luxúria e ira, intoxicação, orgulho, malícia, e disposição para insultar); e que a de Tamas tem oito (inconsciência, estupefação, excesso de estupor, confusão da compreensão; cegueira de resultados, sono, negligência, e procrastinação); que a Compreensão tem sete propriedades (Mahat, consciência, e as cinco essências sutis), a Mente tem seis (a própria Mente e os cinco sentidos), e o Espaço tem cinco (espaço, água, ar, luz, e terra), e também concebendo que a Compreensão (de acordo com uma escola de filosofia diferente) tem quatro propriedades (dúvida, averiguação, orgulho, e memória) e Tamas tem três (inabilidade de compreensão, compreensão parcial, e compreensão totalmente errônea), e Rajas tem dois (inclinação para agir e tristeza) e Sattwa tem um (a Iluminação), e realmente compreendendo o caminho que é seguido por todos os objetos quando a destruição os alcança e qual é a direção do autoconhecimento, os Sankhyas, possuidores de conhecimento e experiência e exaltados por suas percepções de causas, e adquirindo perfeita ventura, obtêm a felicidade da Emancipação como os raios do Sol, ou o Vento tomando refúgio no Espaço. A visão é ligada à forma; o sentido de olfato ao cheiro, o ouvido ao som, a língua aos sucos, e a pele (ou corpo) ao toque. O vento tem o Espaço como seu refúgio. O estupor tem Tamas (Escuridão) como seu refúgio. A cobiça tem os objetos dos sentidos como seu refúgio. Vishnu está ligado (aos órgãos de) movimento. Sakra está ligado (aos órgãos de) força. A divindade do fogo está ligada ao estômago, a Terra está ligada às Águas. As Águas têm Calor (ou fogo) como seu refúgio. O Calor se liga ao Vento; e o Vento tem o Espaço como seu refúgio; e o Espaço tem Mahat como seu refúgio, e Mahat tem a Compreensão como sua fundação. A Compreensão tem seu refúgio em Tamas; Tamas tem Rajas como seu refúgio; Rajas está fundado sobre Sattwa; e Sattwa está ligado à Alma. A Alma tem o glorioso e pujante Narayana como seu refúgio. Aquela divindade gloriosa tem a Emancipação como seu refúgio. A Emancipação é independente de todos os refúgios. Sabendo que este corpo, que é dotado de dezesseis posses, é o resultado da qualidade de Sattwa, entendendo completamente a natureza do organismo físico e o caráter do Chetana que mora dentro dele, reconhecendo o único Ser existente que vive no corpo, isto é, a Alma, a qual permanece à distância de todos os assuntos do corpo e a qual nenhum pecado pode vincular, percebendo a natureza daquele segundo objeto, isto é, as ações de pessoas apegadas aos objetos dos sentidos, compreendendo também o caráter dos sentidos e dos objetos sensuais que têm seu refúgio na Alma,

apreciando a dificuldade da Emancipação e as escrituras que têm relação com isto, conhecendo totalmente a natureza dos ares vitais chamados Prana, Apana, Samana, Vyana,e Udana, como também os dois outros ares, isto é, o que se move para baixo e o outro que se move para cima, de fato, conhecendo aqueles sete ares ordenados para realizarem sete diferentes funções, averiguando a natureza dos Prajapatis e dos Rishis e dos caminhos superiores, muitos em número, da virtude ou justiça, e dos sete Rishis e dos inúmeros Rishis reais, ó opressor de inimigos, e dos grandes Rishis celestes e dos outros Rishis regenerados dotados da refulgência do Sol, vendo todos estes decaindo de sua pujança no decorrer de muitas longas eras, ó monarca, sabendo da destruição mesmo de todos os seres poderosos no universo, compreendendo também o fim inauspicioso que é alcançado, ó rei, por criaturas de ações pecaminosas, e as misérias suportadas por aqueles que caem dentro do rio Vaitarani nos reinos de Yama, e as viagens inauspiciosas das criaturas através de diversos úteros, e o caráter de sua residência nos úteros profanos em meio à sangue e água e fleuma e urina e fezes, todos de cheiro desagradável, e então em corpos que resultam da união de sangue e da semente vital, de medula e tendões, cheios de centenas de nervos e artérias e formando uma mansão impura de nove portas, compreendendo também que aquelas diversas combinações são para o seu próprio bem, as quais são produtivas de bem; vendo a conduta abominável de criaturas cujas naturezas são caracterizadas por Ignorância ou Paixão ou Bondade, ó chefe da linhagem de Bharata, conduta que é repreendida, devido à sua incapacidade de alcançar a Emancipação, pelos seguidores da doutrina Sankhya que são totalmente conhecedores da Alma, vendo o Sol e a Lua sendo engolidos por Rahu, a queda de estrelas de suas posições fixas e os desvios de constelações de suas órbitas, conhecendo a triste separação de todos os objetos unidos e o comportamento diabólico de criaturas ao devorarem umas às outras, vendo a ausência de toda inteligência na infância dos seres humanos e a deterioração e destruição do corpo, notando a pequena ligação que as criaturas têm com a qualidade de Sattwa por serem dominadas por ira e estupor, vendo também somente um entre milhares de seres humanos resolvido a lutar pela obtenção de Emancipação, entendendo a dificuldade de se alcançar a Emancipação de acordo com o que é declarado nas escrituras, vendo a preocupação marcante que as criaturas manifestam por todos os objetos não alcançados e sua comparativa indiferença por todos os objetos que foram alcançados, notando a maldade que resulta de todos os objetos dos sentidos, ó rei, e os corpos repulsivos, ó filho de Kunti, de pessoas privadas de vida, e a residência, sempre repleta de aflição, de seres humanos, ó Bharata, em casas (no meio de cônjuges e filhos), conhecendo o fim daqueles homens terríveis e decaídos que se tornaram culpados de matar Brahmanas, e daqueles Brahmanas pecaminosos que são viciados em beber estimulantes alcoólicos, e o fim igualmente triste daqueles que se tornam criminalmente ligados às esposas de seus preceptores, e daqueles homens, ó Yudhishthira, que não reverenciam devidamente suas mães, como também daqueles que não têm reverência e culto para oferecer às divindades, compreendendo também, com a ajuda daquele conhecimento (que sua filosofia concede), o fim de todos os perpetradores de atos perversos, e os diversos fins que alcançam aqueles que tomaram nascimento

entre as classes intermediárias, averiguando as diversas declarações dos Vedas, o curso das estações, a passagem dos anos, dos meses, das quinzenas, e dos dias, vendo diretamente o crescimento e a diminuição da Lua, vendo a elevação e a baixa dos mares, e a diminuição de riqueza e seu aumento novamente, e a separação de objetos unidos, o lapso de Yugas, a destruição de montanhas, a secagem de rios, a deterioração (da pureza) das várias classes e o fim também daquela deterioração ocorrendo repetidamente, vendo o nascimento, velhice, morte, e tristezas de criaturas, conhecendo verdadeiramente os defeitos ligados ao corpo e as tristezas às quais os seres humanos estão sujeitos, e as vicissitudes às quais os corpos das criaturas estão sujeitos, e compreendendo todas as imperfeições que se vinculam às suas próprias almas, e também todas as imperfeições inauspiciosas que se ligam aos seus próprios corpos (os seguidores da filosofia Sankhya conseguem alcançar a Emancipação).'"

"Yudhishthira disse, 'Ó tu de energia incomensurável, quais são aquelas imperfeições que tu vês que se ligam ao corpo de alguém? Cabe a ti me esclarecer esta dúvida completamente e verdadeiramente.'"

"Bhishma disse, 'Ouça, ó matador de inimigos! Os Sankhyas ou seguidores de Kapila, que são familiarizados com todos os caminhos e dotados de sabedoria, dizem que há cinco imperfeições, ó pujante, no corpo humano. Elas são Desejo e Ira e Medo e Sono e Respiração. Essas imperfeições são vistas nos corpos de todas as criaturas incorporadas. Aqueles que são dotados de sabedoria cortam a raiz da ira com a ajuda do Perdão. O Desejo é removido pela rejeição de todos os propósitos. Pelo cultivo da qualidade de Bondade (Sattwa) o Sono é conquistado, e o Medo é conquistado pelo cultivo de Atenção. A Respiração é conquistada por moderação de dieta, ó rei. Realmente compreendendo os gunas pela ajuda de centenas de gunas, centenas de imperfeições, e diversas causas por centenas de causas, averiguando que o mundo é como a espuma da água, envolvido por centenas de ilusões fluindo de Vishnu, como um edifício pintado, e tão insubstancial quanto um junco, vendo que ele é (tão terrível quanto) uma cova escura, ou tão irreal quanto bolhas de água, pois os anos que compõem sua idade são tão efêmeros (comparados à duração da eternidade) quanto bolhas, vendo-o exposto à destruição imediata, desprovido de felicidade, tendo ruína incontestável como seu fim e da qual ele nunca pode escapar, afundado em Rajas e Tamas, e totalmente desamparado como um elefante afundado em lama, notando tudo isso, os Sankhyas, ó rei, dotados de grande sabedoria, rejeitando todas as afeições provenientes de seus relacionamentos com seus filhos, pela ajuda, ó rei, daquele conhecimento extenso e universal que seu sistema advoga e liquidando rapidamente, com a arma de conhecimento e a maça de penitências, ó Bharata, todos os vestígios inauspiciosos nascidos de Rajas, e todos os vestígios de natureza similar resultantes de Tamas, e todos os vestígios auspiciosos que surgem de Sattwa e todos os prazeres do tato (e dos outros sentidos) nascidos das mesmas três qualidades e inerentes ao corpo, de fato, ó Bharata, ajudados pelo Yoga do conhecimento, aqueles Yatis coroados com êxito cruzam o Oceano da vida. Aquele Oceano tão terrível tem tristeza como suas águas. Ansiedade e dor constituem seus lagos profundos. Doença e morte são seus jacarés

gigantescos. Os grandes temores que afligem o coração a cada passo são suas cobras enormes. Os atos inspirados por Tamas são suas tartarugas. Aqueles inspirados por Rajas são seus peixes. A Sabedoria constitui a balsa para atravessá-lo. As afeições nutridas por objetos dos sentidos são sua lama. A decrepitude constitui sua região de dor e dificuldade. ('Durga' é uma região inacessível tal como uma floresta ou deserto que não pode ser atravessada exceto com grande dor e perigo.) O conhecimento, ó castigador de inimigos, é sua ilha. Ações constituem sua grande profundidade. Verdade é suas margens. Observâncias virtuosas constituem as ervas verdejantes flutuando em sua superfície. A inveja constitui sua correnteza rápida e poderosa. Os diversos sentimentos do coração constituem suas minas. Os diversos tipos de satisfação são suas pedras preciosas valiosas. Aflição e febre são seus ventos. Miséria e sede são seus redemoinhos poderosos. Doenças dolorosas e fatais são seus elefantes enormes. O conjunto de ossos é sua escada, e muco é sua espuma. Doações são suas margens peroladas. Os lagos de sangue são seus corais. Riso alto constitui seus bramidos. Diversas ciências são sua intransitabilidade. Lágrimas são sua salmoura. Renúncia à companhia constitui o maior refúgio (daqueles que procuram cruzá-lo). Filhos e cônjuges são suas inúmeras sanguessugas. Amigos e parentes são as cidades e municípios em suas margens. Abstenção de ferir e Verdade são sua linha divisória. Morte é sua onda de tempestade. O conhecimento de Vedanta é sua ilha (capaz de proporcionar abrigo para aqueles que são lançados sobre suas águas). Atos de compaixão em direção a todas as criaturas constituem suas bóias salva-vidas (no caso desse país jarros de água são usados como bóias), e Emancipação é a mercadoria inestimável oferecida para aqueles que viajam em suas águas à procura de comércio. Como seu arquétipo real com sua cabeça equina expelindo chamas de fogo, este oceano também tem seus terrores ígneos. Tendo transcendido a obrigação, que é tão difícil de transcender, de residir dentro do corpo grosseiro, os Sankhyas entram no espaço puro. Surya então carrega, com seus raios, aqueles homens justos que são praticantes das doutrinas Sankhya, como as fibras do caule do lótus transportando água para a flor para a qual eles todos convergem. Surya, absorvendo todas as coisas do universo, as transporta para aqueles homens sábios e bons. (Por praticarem a doutrina Sankhya os homens cessam de ter alguma consideração por seus corpos grosseiros. Eles conseguem perceber sua existência como independente de todos os objetos terrenos ou celestiais. O que se quer dizer pelo Sol carregando-os em seus raios e transportando para eles todas as coisas de todas as partes do universo é que aqueles homens obtém grande pujança. Esta não é a pujança de Yoga mas do conhecimento. Tudo sendo considerado como insubstancial e transitório, a própria posição de Indra, ou de Brahman é considerada como indigna de aquisição. Convicção sincera desse tipo e o rumo de conduta que é correspondente a ela é literalmente pujança no tipo mais elevado, pois todos os propósitos da pujança podem ser cumpridos por meio disso.) Lá, com afeições todas destruídas, possuidores de energia, dotados de riqueza de penitências, e coroados com sucesso, aqueles Yatis, ó Bharata, são levados por aquele vento que é sutil, refrescante, fragrante, e delicioso para o toque, ó Bharata! Realmente, aquele vento que é o melhor dos sete ventos, e que sopra em regiões de grande bem-aventurança, os leva, ó filho de Kunti, para

aquele que é o maior fim no espaço. (Isto é aceito como significando que os Sankhyas são transportados para o firmamento do coração.) Então o espaço para o qual eles são levados, ó monarca, os transporta ao maior fim de Rajas, (os prazeres do céu). Rajas então os leva ao maior fim de Sattwa. Sattwa então os leva, ó tu de alma pura, ao Supremo e pujante Narayana. O pujante Narayana de grande alma finalmente, por si mesmo, os leva à Alma Suprema. Tendo alcançado a Alma Suprema, aquelas pessoas imaculadas que (nesse meio tempo) se tornaram o corpo do (que é citado), alcançam a imortalidade, e eles nunca têm que voltar posteriormente daquela posição, ó rei! Aquele é o fim mais elevado, ó filho de Pritha, que é alcançado por aqueles homens de grande alma que transcenderam a influência de todos pares de opostos.'"

Yudhishthira disse, 'Ó impecável, aquelas pessoas de votos firmes, depois que eles alcançaram aquela posição excelente que é repleta de pujança e felicidade, têm alguma recordação de suas vidas incluindo nascimento e morte? Cabe a ti me falar devidamente qual é a verdade a este respeito, ó tu da linhagem de Kuru. Eu não acho apropriado questionar ninguém mais além de ti! Observando as escrituras que tratam de Emancipação, eu acho essa grande falha no assunto, (pois certas escrituras sobre o tópico declaram que a consciência desaparece no estado emancipado, enquanto outras escrituras declaram o próprio inverso disso). Se, tendo alcançado aquele estado superior, os Yatis continuam a viver em consciência, parecerá, ó rei, que a religião de Pravritti é superior. Se, além disso, a consciência desaparece do estado emancipado e alguém que se tornou emancipado somente parece com uma pessoa mergulhada em sono sem sonhos, então nada pode ser mais impróprio do que dizer que não há realmente consciência na Emancipação, (pois tudo o que acontece no sono sem sonhos é que a consciência de alguém está temporariamente obscurecida e suspensa, mas nunca perdida, pois ela volta quando ele desperta daquele sono).'"

(A pergunta de Yudhishthira parece ser esta. Há ou não há consciência no estado emancipado? Diferentes escrituras respondem esta questão diferentemente. Se for dito que há consciência naquele estado, então por que descartar o céu e seus prazeres, ou religião de Pravritti ou ações a qual leva àqueles prazeres? Onde está a necessidade da religião e Nivritti ou abstenção de todas as ações? Na suposição de haver consciência no estado emancipado, a religião de Pravritti seria considerada como superior. Se, por outro lado, a existência de consciência fosse negada, isto seria um erro.)

"Bhishma disse, 'Embora possa ser difícil responder a isso, a pergunta que tu fizeste, ó filho, é apropriada. Na verdade, a pergunta é de tal tipo que até aqueles que possuem grande erudição ficam confusos ao respondê-la, ó chefe da linhagem de Bharata. Apesar disso, ouça qual é a verdade como explicada por mim. Os seguidores de grande alma de Kapila têm fixado seu discernimento superior neste ponto. Os sentidos de conhecimento, ó rei, plantados nos corpos de criaturas incorporadas, são empregados em suas respectivas funções de percepção. Eles são os instrumentos da Alma, pois é através deles que aquele Ser sutil percebe. Separados da Alma, os sentidos são como pedaços de madeira, e são sem dúvida, destruídos (em relação às funções que eles servem) como a

espuma que é vista na superfície do oceano. Quando a criatura incorporada, ó opressor de inimigos, cai no sono junto com seus sentidos, a Alma sutil então vaga entre todos os objetos como o vento através do espaço. A Alma sutil, durante o sono, continua a ver (todas as formas) e a tocar todos os objetos de toque, ó rei, e ocupada em outras percepções, assim como quando ela está desperta. Por sua incapacidade de agir sem seu diretor, os sentidos, durante o sono, se extinguem todos em seus respectivos lugares (e perdem seus poderes) como cobras privadas de veneno. Em tais momentos, a Alma sutil, dirigindo-se para o respectivo lugar de todos os sentidos, sem dúvida, cumpre todas as suas funções. (Pois a Alma, em sonhos, vê e ouve e toca e cheira etc., precisamente como ela faz quando acordada.) Todas as qualidades de Sattwa, todos os atributos da Compreensão, ó Bharata, como também aqueles da Mente, e Espaço, e Vento, ó tu de alma justa, e todos os atributos de substâncias líquidas, de Água, ó Partha, e de Terra, esses sentidos com essas qualidades, ó Yudhishthira, que são inerentes às almas-Jiva, junto com a própria Alma Jiva, são dominados pela Alma Suprema ou Brahma. As ações também, boas e más, oprimem aquela alma-Jiva. Como discípulos servindo seu preceptor com reverência, quando os sentidos também servem à alma-Jiva que transcende Prakriti, ela alcança Brahma que é imutável, que é o mais sublime, que é Narayana, e que está além de todos os pares de opostos, e que transcende Prakriti. Livre de mérito e demérito, a alma-Jiva entrando na Alma Suprema que é desprovida de todos os atributos, e que é o lar de toda ventura, não retorna de lá, ó Bharata. O que resta, ó filho, é a mente com os sentidos, ó Bharata. Estes têm para voltar mais uma vez na época estabelecida para cumprirem a ordem de seu grande mestre. (A pessoa que se torna emancipada nesta vida se torna assim em Samadhi, mas quando o estado de Samadhi termina, sua mente e sentidos retornam; e retornando eles cumprem a ordem do Supremo, isto é, ocasionam felicidade e miséria, as quais, naturalmente, são as consequências das ações de vidas passadas, embora aquela felicidade e miséria não sejam sentidas.) Logo depois, ó filho de Kunti, (quando este corpo é rejeitado) o Yati que se esforça pela Emancipação, dotado como ele é de conhecimento e desejoso como ele é de Guna, consegue obter aquela Paz da Emancipação a qual é daquele que se torna incorpóreo. (Há dois tipos de Emancipação: uma é obtenível aqui, neste corpo, ela é Jivan-mukti; a outra é Videha-kaivalya ou aquela que vem a ser de alguém quando ele está sem corpo.) Os Sankhyas, ó rei, são dotados de grande sabedoria. Eles conseguem alcançar o fim sublime por meio desse tipo de conhecimento. Não há conhecimento que seja igual a este. Não ceda a qualquer tipo de dúvida. O conhecimento que é descrito no sistema dos Sankhyas é considerado como o mais elevado. Aquele conhecimento é imutável e é eternamente seguro. Ele é Brahma eterno em plenitude. Ele não tem começo, meio e fim. Ele transcende todos os pares de opostos. Ele é a causa da criação do universo. Ele permanece em plenitude. Ele não tem qualquer tipo de deterioração. Ele é uniforme e eterno. Dessa maneira seus louvores são cantados pelos sábios. Dele fluem criação e destruição e todas as modificações. Os grandes Rishis falam dele e o louvam nas escrituras. Todos os Brahmanas eruditos e todos os homens justos o consideram como fluindo de Brahma, Supremo, Divino, Infinito, Imutável, e Imorredouro. Todos os Brahmanas também que são apegados aos objetos dos sentidos o adoram e louvam por

atribuírem a ele atributos que pertencem à ilusão. (Tais homens cantam seus louvores por considerá-lo como a Divindade Suprema possuidora de atributos. Aqueles atributos, naturalmente, são o resultado de ilusão, pois em sua real natureza não pode haver atributos em Brahma.) O mesmo é o ponto de vista de Yogins observadores de penitências e meditação e de Sankhyas de discernimento incomensurável. Os Srutis declaram, ó filho de Kunti, que a forma de filosofia Sankhya é a forma daquele Informe uno. As cognições (segundo aquela filosofia), ó chefe da linhagem de Bharata, têm sido citadas como sendo o conhecimento de Brahma. (Brahma é conhecimento sem dualidade, isto é, conhecimento sem a consciência de conhecedor e conhecido. O conhecimento ou cognição de um objeto, quando o objeto é aniquilado, assume a forma daquele conhecimento que é chamado de Brahma.)'"

"Há dois tipos de criaturas na Terra, ó senhor da Terra, isto é, as móveis e as imóveis. Destas aquelas que são móveis são superiores. Aquele conhecimento sublime, ó rei, que existe nas pessoas conhecedoras de Brahma, e aquele que se encontra nos Vedas, e aquele que é encontrado em outras escrituras, e aquele em Yoga, e aquele que pode ser visto nos diversos Puranas, são todos, ó monarca, para serem encontrados na filosofia Sankhya. (O comentador explica que o objetivo deste verso é mostrar que entre criaturas móveis aquelas dotadas de conhecimento são superiores, e entre todos os tipos de conhecimento, o conhecimento que se acha no sistema Sankhya é superior.) Qualquer conhecimento que é visto existir em grandes histórias, qualquer conhecimento que se ache, ó rei, nas ciências relativas à aquisição de riqueza como aprovadas pelos sábios, qualquer outro conhecimento que exista neste mundo, todos estes fluem, ó monarca de grande alma, do grande conhecimento que se acha entre os Sankhyas. Tranquilidade de alma, pujança superior, todo o conhecimento sutil do qual as escrituras falam, penitências de força sutil, e todos os tipos de felicidade, ó rei, foram todos devidamente ordenados no sistema Sankhya. Fracassando em adquirir, ó filho de Pritha, aquele conhecimento completo que é recomendado por seu sistema, os Sankhyas alcançam a posição de divindades e passam muitos anos em bem-aventurança. Dominando os celestiais como eles querem, eles caem, após o término do período concedido, entre Brahmanas e Yatis eruditos. (Isto é, se por causa de algum defeito na prática ou Sadhana, os Sankhyas fracassam em obter Emancipação, eles pelo menos vêm a ser transformados em deuses.) Rejeitando este corpo, aqueles regenerados que seguem o sistema Sankhya entram naquele estado superior de Brahma como os celestiais entrando no firmamento por se devotarem completamente àquele sistema encantador que é deles e que é adorado por todos os homens sábios. Aquelas pessoas regeneradas que são dedicadas à aquisição daquele conhecimento o qual é recomendado no sistema Sankhya, mesmo que elas fracassem em obter eminência, nunca são vistas caírem entre criaturas intermediárias, ou caírem para a posição de homens pecaminosos. Aquela pessoa de grande alma que conhece completamente aquele sistema Sankhya vasto, sublime, antigo, semelhante ao oceano, e incomensurável que é puro e bondoso e agradável, se torna, ó rei, igual a Narayana. Eu agora te disse, ó deus entre homens, a verdade sobre o sistema Sankhya. Ele é a encarnação de Narayana, do universo como ele existe desde o tempo mais

remoto, (isto é, ele é tudo). Quando chega o tempo da Criação, Ele faz a Criação a começar a existir, e quando chega o tempo da destruição, Ele consome tudo. Tendo recolhido tudo dentro de seu próprio corpo ele vai dormir, aquela Alma interna do universo.'" (Aquele Narayana que faz tudo isso é a encarnação do sistema Sankhya).

303

"Yudhishthira disse, 'O que é aquilo que é chamado de Indeteriorável e por alcançar ao qual ninguém tem que voltar? O que, também, é aquilo que é chamado de Deteriorável, e por alcançar o qual alguém tem que voltar uma vez mais? Ó matador de inimigos, eu te pergunto a diferença que existe, ó tu de braços poderosos, entre o Deteriorável e o Indeteriorável para compreendê-los realmente. Ó encantador dos Kurus, Brahmanas conhecedores dos Vedas falam de ti como um Oceano de conhecimento. Rishis altamente abençoados e Yatis de grandes almas fazem o mesmo. Tu tens muito poucos dias de vida. Quando o Sol voltar do caminho do sul para entrar no do norte, tu alcançarás teu fim sublime. Quando tu nos deixares, de quem nós ouviremos a respeito de tudo o que benéfico para nós? Tu és a lâmpada da família de Kuru. De fato tu estás sempre brilhando com a luz do conhecimento. Ó perpetuador da linhagem de Kuru, eu desejo, portanto, ouvir tudo isso de ti. Escutando aos teus discursos que são sempre doces como néctar, minha curiosidade, sem ser saciada, está sempre aumentando!'"

"Bhishma disse, 'Eu irei, em relação a isto, te contar a velha narrativa da conversa que ocorreu entre Vasishtha e o rei Karala da linhagem de Janaka. Uma vez quando aquele principal dos Rishis, isto é, Vasishtha, dotado da refulgência do Sol, estava sentado à vontade, o rei Janaka o questionou acerca daquele conhecimento mais elevado que é para o nosso bem supremo. Altamente competente naquele departamento de conhecimento que é relacionado com a Alma e possuidor de conclusões certas a respeito de todos os ramos daquela ciência, como Maitravaruni, aquele principal dos Rishis estava sentado quando o rei se aproximou dele com mãos unidas, e perguntou em palavras humildes, bem pronunciadas e gentis e desprovidas de todo espírito controverso, a questão: 'Ó santo, eu desejo saber a respeito do Brahma Supremo e Eterno por alcançar o qual homens de sabedoria não têm que voltar. Eu desejo também conhecer aquilo que é chamado de Destrutível e Aquilo no qual este universo entra quando destruído. De fato, o que é Aquilo que é citado como sendo indestrutível, auspicioso, benéfico e livre de mal de todo tipo?'"

"Vasishtha disse, 'Ouça, ó senhor da Terra, como este universo é destruído, e, Aquilo que nunca foi destruído e que nunca será destruído em qualquer tempo. Doze mil anos, (de acordo com a medida dos celestiais), fazem um Yuga, quatro de tais Yugas tomados mil vezes fazem um Kalpa que mede um dia de Brahman. A noite de Brahman também, ó rei, tem a mesma medida. Quando o próprio Brahman é destruído (Mahapralaya), Sambhu de alma informe e a quem os

atributos Yoga de Anima, Laghima, etc., são naturalmente inerentes, desperta, e mais uma vez cria aquela Primeira ou Mais Velha de todas as criaturas, possuidora de proporções vastas, de atos infinitos, dotada de forma, e identificável com o universo. Aquele Sambhu também é chamado de Isana (o senhor de tudo). Ele é Refulgência pura, e transcende toda deterioração, tendo suas mãos e pés estendidos em todas as direções, com olhos e cabeça e boca em todos os lugares, e com ouvidos também em todos os lugares. Aquele Ser existe, dominando o universo inteiro. O Ser primogênito é chamado de Hiranyagarbha. Este santo tem sido chamado de Compreensão (no Vedanta). Nas escrituras Yuga Ele é chamado de Grandioso, e Virinchi, e Não-Nascido. Nas escrituras Sankhya, Ele é indicado por diversos nomes, e considerado como tendo o Infinito como sua Alma. De diversas formas e constituindo a alma do universo, Ele é considerado como Único e Indestrutível. Os três mundos de ingredientes infinitos têm sido criados por Ele sem ajuda de qualquer fonte e têm sido subjugados por Ele. Por Suas formas múltiplas, Ele é citado como sendo de forma universal. Sofrendo modificações Ele cria a Si Mesmo por Si Mesmo. Dotado de energia imensa, Ele primeiro cria a Consciência e aquele Grande Ser chamado Prajapati dotado de Consciência. O Manifesto (ou Hiranyagarbha) é criado do Imanifesto. Isto é chamado pelos eruditos de a Criação do Conhecimento. A criação de Mahan (ou Virat) e Consciência, por Hiranyagarbha, é a criação da Ignorância. Imputação de atributos (dignos de culto) e a destruição deles, chamadas respectivamente pelos nomes de Ignorância e Conhecimento por pessoas instruídas pela interpretação dos Srutis, então surgiram, se referindo a isto, aquilo, ou aos outros três (isto é, Akshara, Hiranyagarbha, ou Virat). (Aqui diz que de Akshara surgiu Hiranyagarbha; de Hiranyagarbha surgiu Virat. Isto, aquilo e o outro são reverenciados por homens comuns, enquanto pessoas possuidoras de discernimento verdadeiro não envolvem nenhum deles com atributos dignos de culto. O orador diz que a imputação de tributos, chamada Ignorância, e a não-atribuição para destruição daquelas imputações chamada Conhecimento, (com relação a Virat ou Hiranyagarbha ou Akshara) então surgiram. Pode ser questionado que quando não havia homens naquele momento para cultuar ou condenar tal culto, como os dois poderiam surgir? A resposta é que os dois, em suas formas sutis, vieram à existência e foram posteriormente utilizados pelos homens quando os homens vieram a existir.) Saiba, ó rei, que a criação dos elementos (sutis) da consciência é a terceira. (De Akshara ou o Indestrutível é Hiranyagarbha. De Hiranyagarbha é Mahan ou Virat e Consciência. Do último são os elementos sutis.) Em todos os tipos de consciência está a quarta criação que flui por modificação da terceira. Esta quarta criação compreende Vento e Luz e Espaço e Água e Terra, com suas propriedades de som, toque, forma, gosto e cheiro. Este agregado de dez surgiu, sem dúvida, ao mesmo tempo. A quinta criação, ó monarca, é aquela que resulta da combinação dos elementos primordiais (citados acima). Isto inclui o ouvido, a pele, os olhos, a língua, e o nariz formando o quinto, e a fala, e as duas mãos, e as duas pernas, e o ducto inferior, e os órgãos de geração. Os primeiros cinco destes constituem os órgãos de conhecimento, e os últimos cinco os órgãos de ação. Todos estes, com a mente, surgiram simultaneamente, ó rei. Estes constituem os vinte e quatro princípios que existem nas formas de todas as criaturas vivas. Por compreender estes

corretamente, Brahmanas possuidores de discernimento da verdade nunca têm que ceder à tristeza. Nos três mundos uma combinação destes, chamada corpo, é possuída por todas as criaturas incorporadas. De fato, ó rei, uma combinação destes é conhecida como tal em divindades e homens e Danavas, e Yakshas e espíritos e Gandharvas e Kinnaras e grandes cobras, e Charanas e Pisachas, em Rishis celestes e Rakshasas, em insetos mordentes, e vermes, e mosquitos, e bichos nascidos da sujeira e ratos, e cachorros e Swapakas e Chaineyas e Chandalas e Pukkasas, em elefantes e corcéis e jumentos e tigres, e árvores e vacas. Quaisquer outras criaturas que existam na água ou espaço ou na terra, pois não há outro lugar no qual criaturas existam como nós temos ouvido, têm esta combinação. Todos estes, ó majestade, incluídos dentro da classe chamada de Manifesto, são vistos serem destruídos dia após dia. Por isso, todas as criaturas produzidas por união destes vinte e quatro são citadas como sendo destrutíveis.'"

"Isto então é o Indestrutível. E já que o universo, o qual é composto de Manifesto e Imanifesto, encontra com a destruição, portanto, ele é citado como Destrutível. O próprio Ser chamado Mahan que é o primogênito é sempre citado como um exemplo do Destrutível. Eu agora te disse, ó monarca, tudo o que tu me perguntaste. Transcendendo os vinte e quatro princípios já aludidos há o vigésimo quinto chamado Vishnu. Vishnu, pela ausência de todos os atributos, não é um objeto (de conhecimento) embora como aquele que permeia todos os objetos, ele é chamado assim pelos sábios. Já que aquilo que é destrutível tem causado tudo isso que é Manifesto, portanto, tudo isso é dotado de forma. Os vinte e quatro, que são Prakriti, são citados como presidindo sobre tudo isso (que surgiu das modificações dela). O vigésimo quinto, que é Vishnu, é informe e, portanto, não pode ser citado como presidindo sobre o universo. (Prakriti deve ser citada como sendo a Adhishthatri do universo. Vishnu não é assim. Vishnu, Brahma, Akshara, ou o Destrutível, no entanto, é citado como cobrindo ou permeando o universo (vyapnoti). Vishnu é Vyapka mais não Adhishthatri.) É aquele Imanifesto (Prakriti), que, quando dotado de corpo (em consequência de união com Chit), mora nos corações de todas as criaturas dotadas de corpo. Com relação ao eterno Chetana (o Indestrutível), embora ele seja sem atributos e sem forma, contudo ele (por uma união com Prakriti) assume todas as formas. Unindo-se com Prakriti que tem os atributos de nascimento e morte, ele também assume os atributos de nascimento e morte. E por causa de tal união ele se torna um objeto de percepção e embora realmente desprovido de todos os atributos ainda assim ele vem a ser investido com eles. É dessa maneira que a Alma-Mahan (Hiranyagarbha), tornando-se unido com Prakriti e envolvido com Ignorância, sofre modificações e se torna consciente de Si Mesmo. Unindo-se com os atributos de Sattwa e Rajas e Tamas, ele vem a ser identificado com diversas criaturas pertencentes a diversas classes de Existência, em consequência de seu esquecimento e de servir à Ignorância. Por seu nascimento e destruição resultantes do fato de ele residir com Prakriti, ele acha que ele mesmo não é outro a não o que ele aparentemente é. Considerando-se como isto ou aquilo, ele segue os atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas. Sob a influência de Tamas, ele alcança diversos tipos de condições que são afetadas por Tamas. Sob a influência de Rajas e Sattwa, ele obtém similarmente condições que

são afetadas por Rajas e Sattwa. Há três cores em tudo, isto é, Branca, Vermelha, e Preta. Todas essas cores pertencem à Prakriti (de modo que é Ele que se torna Branco ou Vermelho ou Preto de acordo com a natureza da Prakriti com a qual Ele se identifica no momento). Por Tamas alguém vai para o inferno. Por Rajas alguém alcança e permanece na posição de humanidade. Por Sattwa, as pessoas ascendem para as regiões das divindades e se tornam participantes de grande bem-aventurança. Por aderir ao pecado repetidamente uma pessoa cai para a classe intermediária de seres. Por agir justamente e pecaminosamente alguém alcança a posição das divindades. Dessa maneira os vinte e cinco, isto é, Akshara (o Indestrutível), os sábios dizem, por união com o imanifesto (Prakriti), vem a ser transformado em Kshara (destrutível). Por meio do conhecimento, no entanto, o Indestrutível é revelado em Sua natureza verdadeira."

304

"'Vasishtha disse, 'Assim por causa de seu esquecimento a Alma segue a ignorância e obtém milhares de corpos um depois do outro. Ela obtém milhares de nascimentos entre as classes intermediárias e às vezes entre os próprios deuses por sua união com atributos (específicos) e da força dos atributos. Da posição de humanidade, ela vai para o céu e do céu ela volta para a humanidade, e da humanidade ela cai para o inferno por muitos longos anos. Como a lagarta que fabrica o casulo fecha a si mesma completamente por todos os lados por meio dos fios que ela mesma tece, assim mesmo a Alma, embora na verdade transcendendo todos os atributos, se envolve com atributos por todos os lados (e se priva de liberdade). Embora transcendendo (em sua real natureza) felicidade e miséria, é dessa maneira que ela se sujeita à felicidade e à miséria. É assim também que, embora transcendendo todas as doenças, a Alma se considera como sendo afligida por dor de cabeça e oftalmia e dor de dente e afecções da garganta e hidropisia abdominal, e sede ardente, e ampliação das glândulas, e cólera, e vitiligo, e lepra, e queimações, e asma e tuberculose pulmonar, e epilepsia, e quaisquer outras doenças de diversos tipos que são vistas nos corpos das criaturas incorporadas. Considerando-se, por erro, como nascida entre milhares de criaturas nas classes de seres intermediários, e às vezes entre os deuses, ela suporta miséria e desfruta dos resultados de suas boas ações. Envolvida pela Ignorância ela se considera às vezes como vestida em traje branco e às vezes em traje de cerimônia consistindo em quatro peças ou como deitado em chãos (em vez de em camas e armações de camas) ou com mãos e pés contraídos como aqueles de rãs ou como sentado aprumado na atitude de contemplação ascética, ou como vestido em trapos, ou como deitado ou sentado sob o abrigo do céu ou dentro de mansões construídas de tijolos e pedras ou em pedras ásperas ou em cinzas ou em pedras nuas ou na terra nua ou em camas ou em campos de batalha ou em água ou na lama ou em pranchas de madeira ou em diversos tipos de camas; ou, impelida pelo desejo de resultados, ela se considera como vestida em um pedaço escasso de tecido feito de grama ou como totalmente nua ou como vestida em seda ou em pele de antílope preto ou em tecido feito de

linho ou em pele de ovelha ou em pele de tigre ou em pele de leão ou em tecido de cânhamo, ou em cascas de bétula ou em tecidos feitos dos produtos de plantas espinhosas, ou em vestes feitas de fios tecidos por vermes ou em trapos rasgados ou em diversas outras espécies de tecido numerosas demais para mencionar. A alma se considera também como usando diversas espécies de ornamentos e jóias, ou como comendo diversas espécies de alimento. Ela se considera às vezes como comendo a intervalos de uma noite, ou uma vez na mesma hora todos os dias, ou como na quarta, na sexta, e na oitava hora todos os dias, ou como uma vez em seis ou sete ou oito noites, ou como uma vez em dez ou doze dias, ou como uma vez em um mês, como comendo somente raízes, ou frutas, ou como subsistindo só do ar ou água, ou de bolos de casca de gergelim, ou de coalhos ou de esterco de vaca, ou da urina da vaca ou de ervas em conserva ou flores ou musgos ou comida crua, ou como subsistindo de folhas caíras das árvores ou frutas que caíram e que jazem espalhadas no chão, ou de diversos outros tipos de comida, impelida pelo desejo de obter êxito (ascético). A Alma se considera como adotando a observância de Chandrayana segundo os ritos ordenados nas escrituras, ou diversos outros votos e observâncias, e os rumos de dever prescritos para os quatro modos de vida, e mesmo de abandono do dever, e os deveres de outros modos de vida secundários incluídos nos quatro principais, e até diversos tipos de práticas que distinguem os maus e pecaminosos. A Alma se considera como desfrutando de lugares retirados e encantadoras sombras de montanhas e da vizinhança refrescante de nascentes e fontes e margens solitárias de rios e florestas retiradas, e locais sagrados dedicados às divindades, e lagos e águas afastados das caçadas ativas de homens, e grutas solitárias de montanhas fornecendo a acomodação que casas e mansões fornecem. A Alma se considera como empenhada na recitação de diferentes tipos de Mantras ocultos ou como cumprindo diferentes votos e regras e diversos tipos de penitências, e sacrifícios de muitas espécies, e ritos de tipos diversos. A Alma se considera às vezes como adotando o caminho de comerciantes e negociantes e as práticas de Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras, e fazendo diversos tipos de doações para aqueles que são indigentes ou cegos ou desamparados. Por estar envolvida pela Ignorância, a Alma adota diferentes qualidades de Sattwa e Rajas e Tamas, e Justiça e Riqueza e prazer. A Alma sob a influência de Prakriti, sofrendo modificações, observa e adota e pratica todos esses e se considera como tal. De fato, a Alma se considera como empenhada na declaração dos mantras sagrados Swaha e Swadha e Vashat, e em se curvar àqueles que ela considera como seus Superiores; em oficiar nos sacrifícios de outros, em ensinar pupilos, em fazer doações e em aceitá-las; em realizar sacrifícios e estudar as escrituras, e em fazer todos os outros atos e ritos desse tipo. A Alma se considera como relacionada com nascimento e morte e disputas e matança. Todos esses, os eruditos dizem, constituem o caminho das ações boas e más. É a deusa Prakriti que causa nascimento e morte. Quando se aproxima o tempo da Destruição universal, todos os objetos e atributos existentes são recolhidos pela Alma Suprema a qual então existe sozinha como o Sol recolhendo à noite todos os seus raios; e quando chega a hora da Criação Ele mais uma vez os cria e os espalha como o Sol derramando e espalhando seus raios quando chega a manhã. Assim dessa maneira a Alma, por esporte, repetidamente se considera investida com todas essas condições, as

quais são suas próprias formas e atributos, infinitos em número, e agradáveis para ela. É dessa maneira que a Alma, embora realmente transcendendo os três atributos, se torna ligada ao caminho das ações e cria por modificação Prakriti envolvida com os atributos de nascimento e morte e idêntica a todas as ações e condições que são caracterizadas pelos três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas. Chegando no caminho da ação, a Alma considera ações específicas como sendo dotadas de características específicas e produtivas de fins específicos. Ó monarca, todo este universo tem sido cegado por Prakriti e todas coisas têm sido diversamente oprimidas (por Prakriti) pelos atributos de Rajas e Tamas. É pela Alma estar envolvida por Prakriti que esses pares de opostos produtivos de felicidade e dor vêm repetidamente. É por causa dessa Ignorância que Jiva considera essas tristezas como suas e as imagina como perseguindo-o. De fato, ó monarca, através dessa Ignorância é que Jiva imagina que ele deve de qualquer modo passar por aquelas tristezas, e que ele deve, entrando nas regiões dos deuses, desfrutar da felicidade que resulta de todas as suas boas ações. É pela Ignorância que ele acha que deve desfrutar e suportar estes prazeres e estas dores aqui neste mundo. Pela Ignorância Jiva pensa 'Eu devo assegurar minha felicidade. Por fazer boas ações constantemente, eu posso ter felicidade nesta vida até seu término e serei feliz em todas as minhas vidas futuras. No entanto, pelas ações (más) que eu fizer nesta vida uma tristeza interminável pode se tornar minha. A posição de humanidade é repleta de grande miséria, pois dela alguém cai no inferno. Do inferno, levará muitos longos anos antes que eu possa voltar à posição de humanidade. Da humanidade eu obterei posição dos deuses. Daquela posição superior eu terei que voltar novamente para a humanidade e então cair no inferno mais uma vez!' Alguém que sempre considera esta combinação dos elementos primordiais e dos sentidos, com reflexo de Chit nela, como estando assim investida com as características da Alma, tem que vagar repetidamente entre deuses e seres humanos e cair no inferno. Estando sempre envolvida com a idéia de 'meu', Jiva tem que fazer uma ronda de tais nascimentos. Milhões e milhões de nascimentos têm que ser passados por Jiva nas formas sucessivas que ele assume, todas as quais estão sujeitas à morte. Aquele que age dessa maneira, que é repleta de frutos bons e maus, tem que assumir sucessivas formas nos três mundos e desfrutar e suportar resultados correspondentes a elas. É Prakriti que causa atos repletos de ações boas e más, e é Prakriti que desfruta e suporta os frutos delas nos três mundos. De fato, Prakriti segue a direção das ações. A posição dos seres intermediários, da humanidade, e dos deuses igualmente, estas três esferas de ação, devem ser conhecidas como se originando em Prakriti que tem sido citada como desprovida de todos os atributos. Sua existência é afirmada somente por causa de suas ações (começando com Mahat). Da mesma maneira, Purusha (ou Alma), embora ele mesmo sem atributos, tem sua existência afirmada por causa das ações que o corpo faz quando ele recebe seu reflexo. Embora a Alma não esteja sujeita a modificações de qualquer tipo e seja o princípio ativo que põe Prakriti em movimento, contudo entrando em um corpo que está unido com os sentidos de conhecimento e ação, ela considera todas as ações daqueles sentidos como suas. Os cinco sentidos de conhecimento começando com o ouvido, e aqueles de ação começando com a fala, se unindo com os atributos de Sattwa e Rajas e Tamas, ficam envolvidos em numerosos

objetos. Jiva imagina que é ele que faz as ações de sua vida e que os sentidos de conhecimento e ação pertencem a ele, embora na verdade ele não tenha sentidos. De fato, embora não equipado com corpo, ele imagina que ele tem um corpo. Embora desprovido de atributos, ele se considera como dotado deles, e embora transcendendo o Tempo, ele se imagina estando sob o controle do Tempo. Embora desprovido de compreensão, ele se considera como dotado dela, e embora transcendendo os (vinte e quatro) objetos, ele se considera incluído entre eles. Embora imortal, ele ainda se considera como sujeito à morte, e embora imóvel se considera dotado de movimento. Embora não possuidor de um invólucro material, ele ainda se considera como possuidor de um; e embora não nascido, ele se considera como investido com nascimento. Embora transcendendo penitências, ele ainda se considera como engajado em penitências, e embora ele não tenha fim (pelo qual se esforçar), ele se considera como propenso a alcançar fins (de diversos tipos). Embora não dotado de movimento e nascimento, ele ainda se considera como dotado de ambos, e embora transcendendo o medo, ele ainda se considera como sujeito ao medo. Embora Indestrutível, ele ainda se considera Destrutível. Envolvida em Ignorância, a Alma pensa dessa maneira sobre si mesma."

305

"'Vasishtha disse, 'É assim, por sua Ignorância e sua associação com outros que estão envolvidos pela Ignorância, que Jiva recorre a milhões e milhões de nascimentos cada um dos quais tem dissolução no fim. Por sua transformação em Chit envolvido com Ignorância, Jiva vai para milhões de residências todas as quais estão sujeitas a terminar em destruição, entre seres intermediários e homens e divindades. Por causa da Ignorância, Jiva, como Chandramas, tem que crescer e minguar milhares e milhares de vezes. Esta é realmente a natureza de Jiva quando investido com ignorância. Saiba que Chandramas tem em realidade dezesseis partes no total. Somente quinze destas estão sujeitas a crescimento e diminuição. A décima sexta (isto é, aquela parte que permanece invisível e que aparece na noite de Lua-Nova) permanece constante. Do mesmo modo que Chandramas, Jiva também tem dezesseis partes ao todo. Somente quinze destas, (isto é, Prakriti com o reflexo de Chit, os dez sentidos de conhecimento e ação, e as quatro faculdades internas) aparecem e desaparecem. A décima sexta (isto é, Chit em sua pureza) não está sujeita à modificação. Envolvido com Ignorância, Jiva repetidamente e constantemente toma nascimento nas quinze partes citadas acima. Com a eterna e imutável parte de Jiva a essência primordial se torna unida e esta união ocorre repetidamente. Aquela décima sexta parte é sutil. Ela deve ser conhecida como Soma (eterna e imutável). Ela nunca é sustentada pelos sentidos. Por outro lado, os sentidos são sustentados por ela. Já que aquelas dezesseis partes são a causa do nascimento das criaturas, as criaturas nunca podem, ó monarca, tomar nascimento sem sua ajuda. Elas são chamadas de Prakriti. A destruição da sujeição de Jiva a ser unido com Prakriti é chamada de Emancipação. A Alma-Mahat, que é a vigésima quinta, se ela estima aquele corpo

de dezesseis partes chamado de Imanifesto (feito de Chit e não-Chit combinados), tem que assumi-lo repetidamente. Por não conhecer Aquilo que é imaculado e puro, e por sua devoção àquilo que é o resultado de uma combinação de Puro e Impuro, a Alma, que na realidade é pura, vem a ser, ó rei, Impura. De fato, por sua devoção à Ignorância, Jiva, embora caracterizado por Conhecimento vem a ser repetidamente associado com a Ignorância. Embora, ó monarca, livre de erro de todo tipo, ainda assim, por sua devoção aos três atributos de Prakriti, ele se torna dotado daqueles atributos.'"

306

'"Janaka disse, 'Ó santo, é dito que a relação entre homem e mulher é como aquela que existe entre o Indestrutível e o Destrutível (ou Purusha e Prakriti). Sem um homem, uma mulher nunca pode conceber. Sem uma mulher um homem também nunca pode criar forma. Por sua união um com o outro, e cada um dependendo dos atributos do outro, as formas (das criaturas vivas) são vistas fluírem. Este é o caso com todas as classes de seres. Por união umas com as outras para propósitos de ato (sexual), e por cada uma depender dos atributos das outras, formas (das criaturas vivas) fluem em períodos menstruais. Eu falarei para ti as indicações disso. Ouça quais são os atributos que pertencem ao pai e quais são aqueles que pertencem à mãe. Ossos, tendões e medula, ó regenerado, nós sabemos, são derivados do pai. Pele, carne, e sangue, nós sabemos que são derivados da mãe. Isso mesmo, ó principal das pessoas regeneradas, é o que pode ser lido nos Vedas e outras escrituras. O que quer que seja lido como declarado nos Vedas e em outras escrituras é considerado como autoridade. A autoridade, também, dos Vedas e outras escrituras (não inconsistentes com os Vedas), é eterna. Se Prakriti e Purusha estão sempre unidos dessa maneira por cada um se opor e depender dos atributos do outro, eu vejo, ó santo, que a Emancipação não pode existir. Tu, ó santo, possuis visão espiritual, de modo que tu vês todas as coisas como se elas estivessem presentes perante teus olhos. Se, portanto, há alguma evidência direta da existência da Emancipação, me fale dela. Nós estamos desejosos de alcançar a Emancipação. De fato, nós desejamos alcançar Aquilo que é auspicioso, incorpóreo, não sujeito à decrepitude, eterno além do alcance dos sentidos, e ao qual não há nada superior.'"

'"Vasishtha disse, 'O que tu dizes sobre as indicações dos Vedas e das outras escrituras (a respeito do assunto) é assim mesmo. Tu aceitas aquelas indicações da maneira na qual elas devem ser aceitas. Tu carregas, no entanto, em tua compreensão, somente os textos dos Vedas e das outras escrituras. Tu não és, ó monarca, realmente conhecedor do real significado daqueles textos. Aquela pessoa que porta em sua compreensão meramente os textos dos Vedas e das outras escrituras sem conhecer o verdadeiro sentido ou significado daqueles textos, os carrega inutilmente. De fato, alguém que mantém os conteúdos de um trabalho na memória sem compreender seu significado é citado como estando carregando uma carga inútil. Aquele, no entanto, que está familiarizado com o sentido verdadeiro de um tratado, é citado como tendo estudado aquele tratado

utilmente. Questionada com relação ao significado de um texto, cabe a uma pessoa comunicar aquele significado que ela compreendeu por um estudo cuidadoso. Aquela pessoa de inteligência embotada que se recusa a explicar os significados de textos em meio a um conclave de eruditos, aquela pessoa de compreensão superficial, nunca consegue explicar o sentido corretamente. (A obrigação de explicar um tratado em meio a um conclave sempre estimula as melhores capacidades, e se for um conclave de eruditos a fricção de intelectos seguramente fará surgir o sentido correto.) Uma pessoa ignorante, indo explicar o sentido verdadeiro de tratados, cai em ridículo. Mesmo aqueles possuidores de um conhecimento da Alma têm que incorrer no ridículo em tais ocasiões (se eles forem explicar o que não foi adquirido por estudo). Escute agora a mim, ó monarca, quanto a como o assunto da Emancipação tem sido explicado (por preceptores para discípulos desde antigamente) entre pessoas de grande alma familiarizadas com os sistemas Sankhya e Yoga de filosofia. Aquilo que o Yogin contempla é exatamente aquilo que os Sankhyas chegam a alcançar. Aquele que vê os sistemas Sankhya e Yoga como idênticos é citado como sendo dotado de inteligência. Pele, carne, sangue, gordura, bílis, medula, e tendões, e estes sentidos (de conhecimento e ação), sobre os quais tu estavas me falando, existem. Objetos fluem de objetos; os sentidos dos sentidos. Do corpo alguém obtém um corpo, como uma semente é obtida de semente. Quando o Ser Supremo é sem sentidos, sem semente, sem matéria, sem corpo, Ele deve ser desprovido de todos os atributos! E por Ele ser assim, como, de fato, Ele pode ter atributos de qualquer tipo? O espaço e outros atributos surgem dos atributos de Sattwa e Rajas e Tamas, e desaparecem neles ao final. Dessa maneira os atributos provêm de Prakriti. Pele, carne, sangue, gordura, bílis, medula, ossos, e tendões, esses oito que são feitos de Prakriti, saiba, ó rei, podem às vezes ser produzidos somente da semente vital (do macho). A alma Jiva e o universo são citados como compartilhando de Prakriti caracterizada pelos três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas. A Alma Suprema é diferente da alma Jiva e do universo. Como as estações, embora não dotadas de formas, são todavia inferidas a partir do aparecimento de frutos e flores específicos, da mesma maneira, Prakriti, embora informe, é inferida a partir dos atributos de Mahat e do restante que provém dele. Dessa maneira da existência de Chaitanya no corpo, a Alma Suprema, privada de todos os atributos e perfeitamente imaculada, é inferida. Sem início e destruição, sem fim, a supervisora de todas as coisas, e auspiciosa, aquela Alma, somente por se identificar com o corpo e outros atributos, vem a ser aceita como investida com atributos. Aquelas pessoas que são realmente familiarizadas com os atributos sabem que somente objetos dotados de atributos podem ter atributos, mas que Aquilo que transcende todos os atributos não pode tê-los. Quando a alma Jiva conquista todos os atributos nascidos de Prakriti e os quais ela assume sob erro, somente então ela vê a Alma Suprema. Somente os maiores Rishis conhecedores dos sistemas Sankhya e Yoga conhecem aquela Alma Suprema que Sankhyas e Yogins e crentes em todos os outros sistemas dizem que está além da Compreensão, que é considerada como o Conhecedor e dotada da mais alta sabedoria por rejeitar toda a consciência de identificação com Prakriti, que transcende o atributo de Ignorância ou Erro, que é Imanifesta, que está além de todos os atributos, que é chamada de Suprema, que está dissociada

de todos os atributos, que ordena todas as coisas, que é Eterna e Imutável, que domina Prakriti e todos os atributos nascidos de Prakriti, e que, transcendendo os vinte e quatro tópicos de investigação, forma o vigésimo quinto. Quando homens de conhecimento, que temem o nascimento, das várias condições da consciência viva, e da morte, conseguem conhecer o Imanifesto, eles conseguem compreender a Alma Suprema ao mesmo tempo. Um homem inteligente considera a unidade da alma Jiva com a Alma Suprema como consistente com as escrituras e como perfeitamente correta, enquanto o homem desprovido de inteligência considera as duas como diferentes uma da outra. Isto forma a diferença entre o homem de inteligência e o homem que é desprovido dela. As indicações de Kshara e Akshara (destrutível e indestrutível) foram agora ditas para ti. Akshara é Singularidade ou Unidade, enquanto multiplicidade ou variedade é citada como sendo Kshara. Quando alguém começa a estudar e compreende corretamente os vinte e cinco tópicos de investigação, ele então se compreende que a Unidade da Alma é consistente com as escrituras e sua multiplicidade é que se opõe a elas. Estas são as várias indicações do que está incluído no número de tópicos ou princípios criados e que transcende aquele número. Os sábios dizem que o número de tópicos é somente vinte e cinco. Aquilo que transcende os tópicos está além desse número e forma o vigésimo sexto. O estudo ou compreensão das coisas criadas (numeradas vinte e cinco) de acordo com seus agregados (de cinco) é o estudo e compreensão dos tópicos. Transcendendo estes está Aquele que é eterno.'"

307

"'Janaka disse, 'Tu, ó principal dos Rishis, disseste que a Unidade é o atributo daquilo que é Akshara (Indestrutível) e a variedade ou multiplicidade é o atributo do que é conhecido como Kshara (Destrutível). Eu, no entanto, não entendi claramente a natureza desses dois. Dúvidas ainda estão espreitando em minha mente. Homens ignorantes consideram a Alma como dotada do incidente de multiplicidade. Aqueles, no entanto, que possuem conhecimento e sabedoria consideram a Alma como única. Eu, no entanto, tenho uma compreensão muito embotada. Eu sou, portanto, incapaz de compreender como tudo isso pode acontecer. As causas também que tu atribuíste à unidade e à multiplicidade de Akshara e Kshara eu quase esqueci por causa da agitação da minha mente. Eu portanto, desejo te ouvir discursar mais uma vez sobre aqueles mesmos incidentes de unidade e multiplicidade, sobre aquele que é instruído, sobre o que é desprovido de conhecimento, sobre a alma Jiva, Conhecimento, Ignorância. Akshara, Kshara, e sobre os sistemas Sankhya e Yoga, em detalhes e separadamente e em conformidade com a verdade.'"

"'Vasishtha disse, 'Eu te direi o que tu perguntaste! Escute, de qualquer modo, a mim, ó monarca, enquanto eu te explico as práticas de Yoga separadamente. A contemplação, que constitui uma prática obrigatória para Yogins, é sua maior força; (pois ela os capacita a vencer a Ignorância). Aqueles conhecedores do Yoga dizem que a Contemplação é de dois tipos. Uma é a concentração da

mente, e a outra é chamada de Pranayama (regulação da respiração). Pranayama é citado como sendo dotado de substância; enquanto a concentração da mente não é dotada dela. (Como Pranayama é realizado com a ajuda de mantras ou yapa, ele é citado como sendo saguna ou sagarbha ou dotado de substância. A concentração da mente, no entanto, é feita sem a ajuda de tal yapa.) Exceto as três vezes quando um homem expele urina e fezes e come, ele deve dedicar todo seu tempo à contemplação. Retirando os sentidos de seus objetos pela ajuda da mente, alguém possuidor de inteligência, tendo se purificado, deve em conformidade com os vinte e dois modos de conduzir o ar Prana, unir a alma Jiva com Aquilo que transcende o vigésimo quarto tópico (chamado Ignorância ou Prakriti), que é considerado pelos sábios como residindo em todas as partes do corpo e como transcendendo decadência e destruição. (Os vinte de dois sanchodans de Preranas são os vinte e dois modos de conduzir o ar Prana do dedo do pé para o topo da cabeça. Aquilo que transcende Prakriti é a Alma Suprema.) É por meio daqueles vinte e dois métodos que a Alma pode sempre ser conhecida, como ouvido por nós. É certo que esta prática de Yoga é daquele cuja mente nunca é afetada por maus sentimentos. Ela não é de alguma outra pessoa. Dissociado de todas as atrações, moderado em dieta, e subjugando todos os sentidos, alguém deve fixar sua mente na Alma, durante a primeira e a última parte da noite, depois de ter, ó rei de Mithila, suspendido as funções dos sentidos, acalmado a mente pela compreensão, e assumido uma postura tão imóvel quanto aquela de um bloco de pedra. Quando homens de conhecimento, conhecedores das regras de Yoga, ficam tão fixos quanto uma estaca de madeira, e tão imóveis quanto uma montanha, então eles são citados como estando em Yoga. Quando alguém não ouve, nem cheira, nem sente gosto, e nem vê; quando ele não está consciente de qualquer toque; quando sua mente se torna perfeitamente livre de todo propósito; quando ele não está consciente de qualquer coisa, quando ele não nutre pensamento; quando ele se torna como um pedaço de madeira, então ele é qualificado pelos sábios como estando em Yoga perfeito. Em tal momento ele brilha como uma lâmpada que queima em um lugar onde não há vento; em tal momento ele fica livre até da sua forma sutil, e perfeitamente unido com Brahma. Quando ele alcança tal progresso, ele não tem mais que ascender ou cair entre seres intermediários. Quando pessoas como nós dizem que há uma completa identificação do Conhecedor, do Conhecido, e do Conhecimento, então o Yogin é citado como contemplando a Alma Suprema. Enquanto em Yoga, a Alma Suprema se revela no coração do Yogin como um fogo ardente, ou como o Sol brilhante, ou como a chama do relâmpago no céu. Aquela Alma Suprema que é Não-Nascida e que é a essência do néctar, que é vista por Brahmanas de grande alma dotados de inteligência e sabedoria e conhecedores dos Vedas, é mais sutil do que o que é sutil e mais vasto do que o que é vasto. Aquela Alma, embora morando em todas as criaturas, não é vista por elas. O criador dos mundos, Ele é visto somente por uma pessoa dotada de riqueza de inteligência quando ajudada pela lâmpada da mente. Ele mora na outra margem da densa Escuridão e transcende aquele chamado Iswara. Pessoas conhecedoras dos Vedas e dotadas de onisciência O chamam de dissipador da Escuridão, imaculado, transcendente à Escuridão, sem atributos e dotado deles.'"

"'Isto é o que é chamado de Yoga dos Yogins. Qual é a outra indicação de Yoga? Por tais práticas os Yogins conseguem ver a Alma Suprema que transcende destruição e decadência. Desse modo eu te falei em detalhes assuntos sobre a ciência de Yoga. Eu agora te falarei daquela filosofia Sankhya pela qual a Alma Suprema é vista através da destruição gradual dos erros. Os Sankhyas, cujo sistema é construído sobre Prakriti, diz que Prakriti, que é Imanifesta, é a principal. De Prakriti, eles dizem, ó monarca, o segundo princípio chamado Mahat é produzido. É ouvido por nós que de Mahat flui o terceiro princípio chamado Consciência. Os Sankhyas abençoados com visão da Alma dizem que da Consciência fluem as cinco essências sutis de som, forma, toque, gosto, e cheiro. Todos esses oito eles chamam pelo nome de Prakriti. As modificações desses oito são dezesseis em número. Elas são as cinco essências grosseiras de espaço, luz, terra, água, e vento, e os dez sentidos de ação e de conhecimento incluindo a mente. Homens de sabedoria devotados ao caminho Sankhya e conhecedores de todas as suas ordenanças e revelações consideram esses vinte e quatro tópicos como abarcando toda a área de pesquisa Sankhya. Aquilo que é produzido vem a ser absorvido no producente. Criados pela Alma Suprema um depois do outro, esses princípios são destruídos em uma ordem inversa. Em toda nova Criação, os Gunas entram em existência na ordem lateral (como declarado acima), e (quando chega a Destruição) eles se fundem, (cada um em seu progenitor) em uma ordem inversa, como as ondas do oceano desaparecendo no oceano que lhes dá nascimento. Ó melhor dos reis, esta é a maneira na qual a Criação e a Destruição de Prakriti ocorrem. O Ser Supremo é tudo o que permanece quando a Destruição Universal ocorre, e é Ele que assume diversas formas quando a Criação começa. Isto é exatamente assim, ó rei, como averiguado por homens de conhecimento. É Prakriti que faz o Purusha que preside assumir assim a diversidade e voltar novamente à unidade. A própria Prakriti também tem as mesmas indicações. Somente aqueles que conhecem completamente a natureza dos tópicos de investigação sabem que Prakriti também assume o mesmo tipo de diversidade e unidade, pois quando vem a Destruição ela volta para a unidade e quando a Criação flui ela assume diversidade de forma. A Alma faz Prakriti, a qual contém os princípios de produção ou crescimento, assumir diversas formas. Prakriti é chamada de Kshetra (ou solo). Transcendendo os vinte e quatro tópicos ou princípios está a Alma que é grandiosa. Ela preside sobre aquela Prakriti ou Kshetra. Então, ó grande rei, os principais dos Yatis dizem que a Alma é a Presidente. De fato, tem sido ouvido por nós que pela Alma presidir sobre todos os Kshetras Ela é chamada de a Presidente. E porque Ela conhece aquele Kshetra Imanifesto, Ela é, portanto, também chamada de Kshetrajna (Conhecedor de Kshetra). E porque também a Alma entra no Kshetra Imanifesto (isto é, o corpo), portanto Ela é chamada de Purusha. Kshetra é algo bastante diferente de Kshetrajna. Kshetra é Imanifesto. A Alma, que transcende os vinte e quatro princípios, é chamada de o Conhecedor. O conhecimento e o objeto conhecido são diferentes um do outro. O conhecimento, também, é citado como sendo Imanifesto, enquanto o objeto de conhecimento é a Alma que transcende os vinte e quatro princípios. O Imanifesto é chamado de Kshetra, Sattwa (compreensão), e também Iswara (o Senhor Supremo), enquanto Purusha, que é o vigésimo quinto princípio, não tem nada superior a ele e não é

um princípio (pois ele transcende todos os princípios e é somente chamado de princípio convencionalmente). Este mesmo, ó rei, é um relato da filosofia Sankhya. Os Sankhyas intitularam a causa do universo, e fundindo todos os princípios grosseiros no Chit contemplam a Alma Suprema. Estudando corretamente os vinte e quatro tópicos junto com Prakriti, e averiguando sua verdadeira natureza, os Sankhyas conseguem ver Aquele que transcende os vinte e quatro tópicos ou princípios. Jiva na verdade é aquela mesma Alma que transcende Prakriti e que está além dos vinte e quatro tópicos. Quando ele consegue conhecer aquela Alma Suprema por se dissociar de Prakriti, ele então se torna identificável com a Alma Suprema. Eu agora te disse tudo sobre o sistema Sankhya realmente. Aqueles que estão familiarizados com esta filosofia conseguem obter tranquilidade. De fato, tais homens cujas compreensões não estão sujeitas ao erro têm conhecimento direto de Brahma. Aqueles que conseguem alcançar aquele estado nunca têm que voltar para este mundo depois da dissolução de seus corpos; enquanto em relação àqueles que são citados como sendo emancipados nesta vida, pujança, e aquela bem-aventurança indescritível que se liga ao Samadhi, e imutabilidade, se tornam deles, por eles terem alcançado a natureza do Indestrutível. (Os Srutis declaram que o conhecedor de Brahma se torna Brahma.) Aqueles que vêem este universo como muitos (em vez de vê-lo como um e uniforme) vêem incorretamente. Aqueles homens estão cegos para Brahma. Ó castigador de inimigos, tais pessoas têm que voltar repetidamente ao mundo e aceitar corpos (em diversas ordens de Existência). Aqueles que estão familiarizados com tudo o que foi dito acima vêm a ser possuidores de onisciência, e consequentemente quando eles saem deste corpo não ficam mais sujeitos ao controle de outros corpos físicos. Todas as coisas, (ou o universo inteiro), é citado como sendo o resultado do Imanifesto. A Alma, que é o vigésimo quinto, transcende todas as coisas. Aqueles que conhecem a Alma não têm medo de voltar para o mundo.'"

308

"'Vasishtha disse, 'Eu assim te falei até aqui sobre a filosofia Sankhya. Ouça-me agora enquanto eu te digo o que é Vidya (conhecimento) e o que é Avidya (ignorância), um depois do outro. Os eruditos dizem que Prakriti, que é repleta dos atributos de Criação e Destruição, é chamada de Avidya; enquanto Purusha, que é livre dos atributos de Criação e Destruição e que transcende os vinte e quatro tópicos ou princípios, é chamado de Vidya. Ouça-me primeiro enquanto eu te falo o que é Vidya entre conjuntos sucessivos de outras coisas, como explicado na filosofia Sankhya. Entre os sentidos de conhecimento e aqueles de ação, os sentidos de conhecimento são citados como constituindo o que é conhecido como Vidya. Dos sentidos de conhecimento e seus objetos, os primeiros constituem Vidya como tem sido ouvido por nós. Dos objetos dos sentidos e a mente, os sábios dizem que a mente constitui Vidya. Da mente e as cinco essências sutis, as cinco essências sutis constituem Vidya. Das cinco essências sutis e Consciência, a Consciência constitui Vidya. Da Consciência e Mahat, Mahat, ó rei, é Vidya. De

todos os tópicos ou princípios começando com Mahat, e Prakriti, é Prakriti, a qual é imanifesta e suprema, que é chamada de Vidya. De Prakriti, e aquela chamada Vidhi que é Suprema, a última deve ser conhecida como Vidya. Transcendendo Prakriti está o vigésimo quinto (chamado Purusha) que deve ser conhecido como Vidya. De todo o conhecimento aquele que é o Objeto de Conhecimento é citado como o Imanifesto, ó rei. (Por isso, como o comentador explica, por conhecer o que é chamado de Imanifesto alguém é capaz de obter onisciência.) Além disso, o Conhecimento tem sido citado como sendo Imanifesto e o Objeto de conhecimento como aquele que transcende os vinte e quatro. Mais uma vez, o Conhecimento é citado como sendo Imanifesto, e o Conhecedor é aquele que transcende os vinte e quatro. Eu agora te disse qual é realmente a significação de Vidya e Avidya. Ouça-me agora enquanto eu te falo tudo o que tem sido dito sobre o Indestrutível, e o Destrutível. Ambos, Jiva e Prakriti, são citados como Indestrutíveis, e ambos são citados como Destrutíveis. Eu te direi a razão disto corretamente como eu o compreendi. Ambos, Prakriti e Jiva, são sem início e sem fim ou destruição. Ambos são considerados como supremos (a respeito da Criação). Aqueles que possuem conhecimento dizem que ambos devem ser chamados de tópicos ou princípios. Por seus atributos de Criação e Destruição (repetidas), o Imanifesto (ou Prakriti) é chamado de Indestrutível. Aquele Imanifesto vem a ser repetidamente modificado para o propósito de criar os princípios. E porque os princípios começando com Mahat são produzidos por Purusha também, e porque também Purusha e o Imanifesto são mutuamente dependentes um do outro, portanto Purusha também, o vigésimo quinto, é chamado de Kshetra (e então Akshara ou Indestrutível). (O que é dito aqui é isto: o Imanifesto ou Prakriti, por modificação, produz Mahat e os outros princípios. Mas a agência de Purusha também é necessária para tal produção, pois Prakriti não pode fazer nada sem Purusha, e Purusha também não pode fazer nada sem Prakriti. Os princípios de Mahat e o restante, portanto, podem ser citados como tendo sua origem tanto em Purusha quanto em Prakriti. Além disso, os dois sendo naturalmente dependentes um do outro, se Prakriti for chamada de Kshara, Purusha também pode ser chamado dessa maneira.) Quando o Yogin recolhe e imerge todos os princípios na Alma Imanifesta (ou Brahma), então o vigésimo quinto, (isto é, Jiva ou Purusha) também, com todos aqueles princípios desaparece nela. Quando os princípios vêm a ser absorvidos cada um em seu progenitor, então o único que resta é Prakriti. Quando Kshetrajna (isto é, Jiva ou Purusha) também, ó filho, é absorvido em sua própria causa produtora então (tudo o que resta é Brahma e, portanto) Prakriti com todos os princípios nela se torna Kshara (ou encontra com a destruição), e alcança também a condição de ser sem atributos por causa de sua dissociação de todos os princípios. Assim é que Kshetrajna, quando seu conhecimento de Kshetra desaparece, se torna, por sua natureza, desprovido de atributos, como tem sido ouvido por nós. Quando ele se torna Kshara ele então assume atributos. Quando, no entanto, ele alcança sua própria natureza real, ele então consegue compreender sua própria condição de ser realmente desprovido de atributos. Por rejeitar Prakriti e começar a perceber que é diferente dela, o inteligente Kshetrajna então vem a ser considerado como puro e imaculado. Quando Jiva cessa de existir em um estado de união com Prakriti, então ele se torna identificável com Brahma. Quando, no entanto, ele

existe unido com Prakriti, ele então, ó rei, parece ser diferente de Brahma. De fato, quando Jiva não demonstra afeição por Prakriti e seus princípios, ele então consegue ver o Supremo e tendo visto Ele uma vez então não deseja se afastar daquela felicidade. Quando o conhecimento da verdade se expande sobre ele, Jiva começa a lamentar dessa maneira: 'Ai, quão tolamente eu tenho agido por cair por ignorância neste corpo composto de Prakriti como um peixe envolvido em uma rede! Ai, por ignorância, eu tenho migrado de corpo para corpo como um peixe de água para água pensando que água é único elemento no qual ele pode viver. De fato, como um peixe que não reconhece nada mais além de água como seu elemento, eu também nunca reconheci algo como meu além de filhos e esposas! Vergonha para mim que por ignorância tenho estado migrando repetidamente de corpo para corpo em esquecimento (da Alma Suprema)! Somente a Alma Suprema é minha amiga. Eu tenho capacidade para ter amizade com Ela. Qualquer que seja minha natureza e quem quer que eu possa ser, eu sou competente para ser como Ela e para alcançar uma igualdade com Ela. Eu vejo minha semelhança com Ela. Eu sou, de fato, como Ela. Ela é imaculada. É evidente que eu sou da mesma natureza. Por ignorância e adormecimento, eu me tornei associado com a inanimada Prakriti. Embora realmente sem ligações, eu passei este longo tempo em um estado de ligação com Prakriti. Ai, por ela eu fui subjugado dessa maneira por tanto tempo sem ter sido capaz de saber disso. Várias são as formas, superiores (como os deuses), medianas (como os seres humanos), e inferiores (como os animais), que Prakriti assume. Oh, como eu morarei naquelas formas? Como eu viverei conjuntamente com ela? Somente por minha ignorância eu me dirijo à sua companhia. Eu estarei agora fixado (em Sankhya ou Yoga). Eu não mais ficarei na companhia dela. Por ter passado um tempo tão longo com ela, eu devo pensar que eu fui enganado por ela todo este tempo, pois eu mesmo sendo realmente isento de modificação, como eu poderia me associar com alguém que está sujeito à modificação? Ela não pode ser considerada como responsável por isto. A responsabilidade é minha, já que me desviando da Alma Suprema eu me tornei ligado a ela por iniciativa própria. Por essa ligação, eu mesmo, embora informe em realidade, tive que residir em formas multifárias. De fato, embora informe por natureza eu vim a ser dotado de formas por causa do meu senso de 'meu', e assim insultado e afligido. Por causa do meu senso de 'meu', relativo ao resultado de Prakriti, eu sou forçado a aceitar nascimento em diversas classes de Existência. Ai, embora realmente desprovido de qualquer senso de 'meu', contudo por assumi-lo, quais diversas ações de uma natureza má foram cometidas por mim naquelas classes nas quais eu tomei nascimento enquanto eu permaneci nelas com uma alma que tinha perdido todo o conhecimento! Eu não tenho nada mais o que fazer com ela que, com essência composta de consciência, se divide em muitos fragmentos e que procura me unir com eles. Foi somente agora que eu fui despertado e compreendi que eu sou por natureza sem qualquer senso de 'meu' e sem aquela consciência que cria as formas de Prakriti que me envolvem por todos os lados. Rejeitando aquele senso de 'meu' que eu sempre tive com relação a ela e cuja essência é composta de consciência, e rejeitando a própria Prakriti, eu me refugiarei naquele que é auspicioso. Eu estarei unido com Ele, e não com Prakriti que é inanimada. Se eu me unir com Ele, isto será produtivo de meu benefício. Eu não tenho semelhança

de natureza com Prakriti!' O vigésimo quinto, (isto é, Jiva), quando ele consegue compreender dessa maneira o Supremo, se torna capaz de rejeitar o Destrutível e obter identidade com aquilo que é Indestrutível e que é a essência de tudo o que é auspicioso. Desprovido de atributos em sua natureza verdadeira e realmente Imanifesto, Jiva vem a ser envolvido com o que é Manifesto e assume atributos. Quando ele consegue ver aquilo que é sem atributos e que é a origem do Imanifesto, ele obtém, ó soberano de Mithila, a identidade do mesmo.''

"'Eu agora te disse quais são as indicações do que é Indestrutível e do que é Destrutível, segundo o melhor do meu conhecimento e segundo o que é explicado nas escrituras. Eu agora te direi, de acordo com o que eu tenho ouvido, como surge o Conhecimento que é sutil, imaculado, e seguro. Ouça-me. Eu já te disse o que são os sistemas Sankhya e Yoga de acordo com suas respectivas indicações como expostas em suas respectivas escrituras. Em verdade, a ciência que é explicada nos tratados Sankhya é idêntica àquela que é declarada nas escrituras Yoga. O conhecimento, ó monarca, que o Sankhya prega, é capaz de despertar todos. Nas escrituras Sankhya, aquele Conhecimento está inculcado muito claramente para o benefício dos discípulos. Os eruditos dizem que este sistema Sankhya é muito extenso. O Yogin tem grande respeito por aquele sistema como também pelos Vedas. No sistema Sankhya nenhum tópico ou princípio transcendente ao vigésimo quinto é admitido. Aquilo que os Sankhyas consideram como seu mais elevado tópico ou princípio foi devidamente descrito (por mim). Na filosofia Yoga, é dito que Brahma, o qual é a essência do conhecimento sem dualidade, se torna Jiva somente quando investido com Ignorância. Nas escrituras Yoga, portanto, ambos, Brahma e Jiva, são mencionados.'"

309

"'Vasishtha disse, 'Ouça-me agora enquanto eu te falo sobre Buddhas (Alma suprema) e Abuddha (Jiva), o qual é a dispensação de atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas. Assumindo muitas formas (sob a influência da ilusão) a Alma Suprema, tornando-se Jiva, considera todas aquelas formas como reais. (Budha é Bodha ou conhecimento puro. Abudha é o oposto de Budha. A Alma Suprema é Conhecimento, enquanto Jiva é Ignorância.) Por (se considerar idêntico a) tais transformações, Jiva fracassa em compreender a Alma Suprema, pois ele possui os atributos (de Sattwa, Rajas, e Tamas) e cria e recolhe em si mesmo o que ele cria. Incessantemente por seu esporte, ó monarca, Jiva sofre modificações, e porque ele é capaz de compreender a ação do Imanifesto, portanto ele é chamado de Budhyamana (o Entendedor). (Por causa da união ou ligação de Jiva com Prakriti, Jiva aceita este objeto como um vaso, aquele como uma montanha, e aquele outro como um terceiro. Quando vem o conhecimento, Jiva consegue entender que todas as suas impressões são errôneas e que o mundo externo é somente uma modificação do Eu. Pela capacidade de Jiva entender isso, ele é chamado de Budhyamana ou Entendedor.) O Imanifesto ou Prakriti nunca pode compreender Brahma que é realmente sem atributos mesmo quando ele se manifesta com atributos. Por isso Prakriti é chamada de Ininteligente. Há uma

declaração dos Srutis no sentido de que se Prakriti alguma vez consegue conhecer o vigésimo quinto (isto é, Jiva), Prakriti então, (em vez de ser alguma coisa diferenciada de Jiva) se torna identificada com Jiva que está unido com ela. (Com relação, no entanto, à Alma Suprema, a qual está sempre desunida e dissociada, e que transcende o vigésimo quinto, Prakriti nunca pode compreendê-la.) Por causa disso (isto é, sua ligação ou união com Prakriti), Jiva ou Purusha, que não é manifesto e que em sua natureza real não está sujeito a modificações, vem a ser chamado como o Não-desperto ou Ignorante. De fato, porque o vigésimo quinto pode compreender o Imanifesto, ele é portanto, chamado de Budhyamana (ou Entendedor). Ele, no entanto, não pode compreender facilmente o vigésimo sexto, que é imaculado, que é Conhecimento sem dualidade, que é incomensurável, e que é eterno. O vigésimo sexto, no entanto, pode conhecer ambos, Jiva e Prakriti, numerando o vigésimo quinto e vigésimo quarto respectivamente. Ó tu de grande refulgência, somente homens de sabedoria conseguem conhecer aquele Brahma que é Imanifesto, que inere em sua natureza real a tudo o que é visto e não visto (isto é, que permeia todas as coisas e se une com elas sem ele mesmo ser mudado com relação à sua própria natureza), e que, ó filho, é a única essência independente no universo. Quando Jiva se considera diferente do que ele realmente é (ou seja, quando ele se considera como gordo ou magro, claro ou escuro, um Brahmana ou um Sudra), é somente então que ele fracassa em conhecer a Alma Suprema e a si mesmo e Prakriti com a qual ele está unido. Quando Jiva consegue compreender Prakriti (e sabendo que ela é algo diferente dele), então ele é citado como sendo restabelecido à sua natureza verdadeira e então ele obtém aquela compreensão superior que é pura e imaculada e que está relacionada com Brahma. Quando Jiva consegue, ó tigre entre reis, obter aquela compreensão excelente, ele então alcança aquele Conhecimento Puro (sem dualidade) que é chamado de o vigésimo sexto ou (Brahma). Ele então rejeita o Imanifesto ou Prakriti que é repleto dos atributos de Criação e Destruição. Quando Jiva consegue conhecer Prakriti, a qual é ininteligente e sujeita à ação dos três atributos de Sattwa, e Rajas e Tamas, ele então se torna ele mesmo desprovido de atributos. Por compreender dessa maneira o Imanifesto (como sendo algo diferente dele), ele consegue adquirir a natureza da Alma Suprema. Os eruditos dizem que quando ele está livre dos atributos de Sattwa e Rajas e Tamas e unido em natureza com a Alma Suprema, então Jiva vem a ser identificado com aquela Alma. A Alma Suprema é chamada de Tattwa (isto é, envolvida com alguma forma por causa da Ignorância), assim como não-Tattwa (isto é, sempre dentro do alcance da compreensão), e transcende decadência e destruição. Ó concessor de honras, a Alma, embora ela tenha os princípios manifestados (ou seja, o corpo) como seu lugar de descanso, ainda assim não pode ser citada como tendo adquirido a natureza daqueles princípios. Os sábios dizem que incluindo a alma Jiva há vinte e cinco princípios em tudo. De fato, ó filho, a Alma não é para ser considerada como possuidora de algum dos princípios (Mahat e o restante). Dotada de Inteligência, ela transcende os princípios. Ela rejeita rapidamente até aquele princípio que é a indicação do Conhecedor ou de alguém desperto. (Esta indicação é ‘Eu sou Brahma’. Tal convicção ou conhecimento o qual caracteriza aqueles que são despertos ou Buddha, é rejeitado pelo vigésimo sexto.) Quando Jiva vem a se considerar como

o vigésimo sexto, o qual é desprovido de decadência e destruição, é então que, sem dúvida, ele consegue por sua própria força alcançar semelhança com o vigésimo sexto. Embora despertado pelo vigésimo sexto que é Inteligência Pura, Jiva contudo fica sujeito à Ignorância. Isto é a causa de Jiva, grande diversidade (em relação a formas) como explicado nos Srutis e nas escrituras Sankhya. Quando Jiva, que é dotado de Chetana e Prakriti Ininteligente, perde toda a Consciência de um Eu distinto ou individual, ele então, perdendo sua grande diversidade, retoma sua Unidade. Ó soberano de Mithila, quando Jiva, que é encontrado estando em união com felicidade e miséria, e que raramente está livre da consciência do Eu, consegue alcançar uma semelhança com a Alma Suprema que está além do alcance da compreensão, então ele se torna livre de virtude e vício. De fato, quando Jiva, alcançando o vigésimo sexto, o qual é Não-nascido e Pujante e que é dissociado de todas as ligações, consegue compreendê-lo totalmente, ele mesmo se torna possuidor de pujança e rejeita totalmente o Imanifesto ou Prakriti. Por compreender o vigésimo sexto, os vinte e quatro princípios parecem ser insubstanciais ou de nenhum valor para Jiva. Eu assim te falei, ó impecável, segundo a indicação dos Srutis, da natureza do Ininteligente ou Prakriti, e de Jiva, como também daquilo que é Puro Conhecimento, isto é, a Alma Suprema, em conformidade com a verdade. Guiado pelas escrituras, variedade e unidade devem ser compreendidas dessa maneira. A diferença entre o mosquito e o Udumvara, ou aquela entre o peixe e a água, ilustra a diferença entre a alma Jiva e a Alma Suprema. (Estes exemplos são frequentemente usados para explicar a diferença entre a alma-Jiva e a Alma Suprema. O Udumvara é o fruto do Ficus glomerate. Quando maduro e partido, o centro oco é visto conter muitos insetos adultos. O inseto vive na fruta mas não é a fruta, assim como o peixe embora vivendo na água não é a água que é seu lar. Jiva, da mesma maneira, embora vivendo na Alma Suprema, não é a Alma Suprema.) A Multiplicidade e Unidade desses dois são então compreendidas desse modo. Isto é chamado de Emancipação, isto é, esta compreensão ou conhecimento de si mesmo como alguma coisa distinta de Prakriti Ininteligente ou Imanifesta. O vigésimo quinto, que reside nos corpos das criaturas vivas, deve ser emancipado por fazê-lo conhecer o Imanifesto ou a Alma Suprema que transcende a compreensão. De fato, aquele vigésimo quinto é capaz de alcançar a Emancipação somente dessa maneira e não através de qualquer outro meio, isto é certo. Embora realmente diferente do Kshetra no qual ele reside por enquanto, ele compartilha da natureza daquele Kshetra por causa de sua união com ele. Unindo-se com o que é Puro, ele se torna Puro. Unindo-se com o Inteligente, ele se torna Inteligente. Por se unir, ó principal dos homens, com alguém que é Emancipado, ele vem a ser Emancipado. Por se unir com alguém que está livre de atrações de todos os tipos, ele se torna livre de todas as atrações. Por se unir com alguém que se esforça pela Emancipação, ele mesmo, partilhando da natureza de seu companheiro, se esforça pela Emancipação. Por se unir com alguém de ações puras ele se torna puro e de ações puras e dotado de refulgência brilhante. Por se unir com alguém de alma imaculada, ele mesmo se torna alguém de alma imaculada. Por se unir com a única Alma independente, ele se torna Uno e Independente. Unindo-se com Alguém que é dependente de Si mesmo, ele vem a ter a mesma natureza e obtém Independência.'"

"'Ó monarca, eu te disse devidamente tudo isso que é perfeitamente verdadeiro. Eu te falei sinceramente sobre este assunto, isto é, o Brahma Eterno e Imaculado e Primordial. Tu podes comunicar este conhecimento superior, capaz de despertar a alma, para aquela pessoa, ó rei, que embora não conheça os Vedas todavia é humilhe e tem um grande desejo de adquirir o conhecimento de Brahma. Ele nunca deve ser dado para alguém que é apegado à mentira, ou alguém que é astuto ou malandro, ou alguém que não tem alguma força mental ou que tem uma mente desonesta, ou para alguém que tem inveja dos homens de conhecimento, ou para alguém que causa dor a outros. Ouça-me enquanto eu te digo quem são aqueles para quem este conhecimento pode ser comunicado com segurança. Ele deve ser dado para alguém que é dotado de fé, ou alguém que é possuidor de mérito, ou alguém que sempre se abstém de falar mal de outros, ou alguém que é dedicado a penitências pelos mais puros dos motivos, ou para alguém que é dotado de conhecimento e sabedoria, ou alguém que conhece os sacrifícios e outros ritos prescritos nos Vedas, ou alguém que possui uma disposição clemente, ou alguém que é inclinado a ter compaixão e fazer o bem para todas as criaturas; ou alguém que gosta de viver em privacidade e solidão, ou alguém que gosta de cumprir todas as ações declaradas nas escrituras, ou alguém que é contrário a discussões e disputas, ou alguém que é possuidor de grande erudição ou alguém dotado de sabedoria, ou alguém possuidor de benignidade e autodomínio e tranquilidade de alma. Este elevado conhecimento de Brahma nunca deve ser comunicado para alguém que não possui tais qualificações. É sido dito que, por dar este conhecimento para alguém que não pode ser considerado um receptáculo digno para mantê-lo, nenhuma vantagem ou bom resultado pode surgir. Para alguém que não é cumpridor de quaisquer votos e restrições, este conhecimento excelente nunca deve ser comunicado mesmo que ele dê em troca a Terra inteira cheia de pedras preciosas e riquezas de todos os tipos. Sem dúvida, no entanto, ó rei, este conhecimento deve ser dado para alguém que dominou seus sentidos. Ó Karala, que nenhum medo seja teu em tempo algum, já que tu ouviste hoje de mim tudo isso a respeito do Brahma sublime! Eu te falei devidamente sobre Brahma sublime e santo que é sem início e meio (e fim), e que é capaz de dissipar todas as espécies de aflição. Vendo Brahma cuja visão é capaz de dissipar ambos, nascimento e morte, ó rei, que é cheio ventura, que remove todo medo, e que beneficia, e tendo adquirido esta essência de todo o conhecimento, rejeite todo o erro e estupor hoje! Eu adquiri este conhecimento do próprio Hiranyagarbha eterno, ó rei, que o comunicou para mim por eu ter gratificado cuidadosamente aquele Grande Ser de toda Alma superior. Perguntado por ti hoje, ó monarca, eu te comuniquei o conhecimento do eterno Brahma assim como eu mesmo o adquiri do meu professor. De fato, este conhecimento superior que é o refúgio de todas as pessoas conhecedoras da Emancipação foi comunicado para ti exatamente como eu o obtive do próprio Brahman!'"

"Bhishma continuou, 'Eu assim te falei do Brahma sublime de acordo com o que o grande Rishi (Vasishtha) disse (para o rei Karala da linhagem de Janaka), por alcançar ao qual o vigésimo quinto (ou Jiva) nunca tem que retornar. Jiva, por não conhecer realmente a Alma Suprema que não está sujeita à decadência e morte, é

obrigado a voltar para o mundo frequentemente. Quando, no entanto, Jiva consegue adquirir aquele conhecimento excelente, ele não tem mais que voltar. Tendo-o ouvido, ó rei, do Rishi celeste, eu, ó filho, comuniquei para ti este conhecimento superior produtivo do maior bem. Este conhecimento foi obtido de Hiranyagarbha pelo Rishi Vasishtha de grande alma. Daquele principal dos Rishis, isto é, Vasishtha, ele foi adquirido por Narada. De Narada eu adquiri este conhecimento que é realmente identificável com o Brahma eterno. Tendo ouvido este discurso de grande importância, repleto de palavras excelentes, ó principal dos Kurus, não ceda mais à angústia. Aquele homem que conhece Kshara e Akshara se torna livre do medo. De fato, ó rei, é obrigado a nutrir medo aquele que é desprovido deste conhecimento. Por causa da Ignorância (a respeito de Brahma), o homem de alma tola tem que voltar repetidamente para este mundo. De fato, partindo desta vida, ele tem que nascer em milhares e milhares de ordens de Existência todas as quais têm a morte ao final. Ora no mundo das divindades, ora entre homens, e ora entre classes de seres intermediários, ele tem que aparecer repetidas vezes. Se no decorrer do tempo ele consegue cruzar aquele Oceano de Ignorância no qual ele está submerso, ele então consegue evitar totalmente o renascimento e obter identidade com a Alma Suprema. O Oceano de Ignorância é terrível. Ele é sem fundo e chamado de Imanifesto. Ó Bharata, dia após dia, criaturas são vistas caírem a afundarem naquele Oceano. Já que tu, ó rei, foste liberto daquele Oceano eterno e ilimitado de Ignorância, tu, portanto, te tornaste livre de Rajas e também de Tamas.'"

310

"Bhishma disse, 'Uma vez um rei da linhagem de Janaka, enquanto percorrendo as florestas inabitadas à caça de veados, viu um Brahmana ou Rishi superior da linhagem de Bhrigu. Curvando sua cabeça àquele Rishi que estava sentado à vontade, o rei Vasuman tomou seu assento perto dele e obtendo sua permissão fez a ele esta pergunta: 'Ó santo, o que é produtivo do maior benefício, aqui e após a morte, para o homem que é dotado de um corpo instável e que é o escravo de seus desejos?' Devidamente honrado pelo rei, e assim questionado, aquele Rishi de grande alma possuidor de mérito ascético então disse para ele estas palavras que eram altamente benéficas.'"

"O Rishi disse, 'Se tu desejas aqui e após a morte o que é agradável para tua mente, então, com teus sentidos controlados, te abstenha de fazer o que é desagradável para todas as criaturas. A Retidão é benéfica para aqueles que são bons. A Retidão é o refúgio daqueles que são bons. Da Retidão têm fluído os três mundos com suas criaturas móveis e imóveis. Ó tu que estás avidamente desejoso de desfrutar de todos os objetos agradáveis, como é que tu ainda não estás saciado com objetos de desejo? Tu vês o mel, ó tu de pouca compreensão, mas estás cego à queda. (Este é um símile usado muito frequentemente para ilustrar o perigo de perseguir objetos dos sentidos. Coletores de mel costumavam vagar por montanhas, guiados pela visão de abelhas voando. Aqueles homens frequentemente encontravam com a morte por quedas de precipícios.) Como

alguém desejoso de ganhar os frutos do conhecimento deve se dirigir à aquisição de conhecimento, assim mesmo alguém desejoso de ganhar os frutos da Retidão dever se dirigir à aquisição de Retidão. Se um homem mau, por desejo de virtude, se esforça para realizar uma ação que é pura e imaculada, a satisfação de seu desejo se torna impossível. Se, por outro lado, um bom homem, impelido pelo desejo de ganhar virtude, se esforça para realizar uma ação mesmo que seja difícil, sua realização se torna fácil para ele. Se, enquanto residindo nas florestas, alguém age de tal maneira quanto a desfrutar de todos os prazeres de uma residência entre homens nas cidades, ele vem a ser considerado não como um asceta da floresta mas como um habitante das cidades. Similarmente, se alguém, enquanto residindo em cidades, age de tal maneira quanto desfrutar da felicidade que se vincula à vida de um asceta da floresta, ele vem a ser considerado não como um habitante das cidades mas como um asceta da floresta. Averiguando os méritos da religião da Ação e aqueles da Abstenção de ações, com teus sentidos concentrados, te dedique às práticas de retidão que concernem aos pensamentos, palavras, e ações. Avaliando a adequação de hora e lugar, purificado pela observância de votos e outros ritos purificatórios, e solicitado (por eles), sem malícia, faça grandes doações para aqueles que são bons. Adquirindo riqueza por meios justos, uma pessoa deve doá-la para aqueles que são merecedores. Ela deve fazer doações, rejeitando a raiva; e tendo-as feito nunca ela deve ceder à tristeza nem proclamar aquelas doações com sua própria boca. O Brahmana que é cheio de compaixão, que é observador de franqueza, e cujo nascimento é puro, é considerado como uma pessoa merecedora de doações. Uma pessoa é citada como sendo pura em nascimento quando ela é nascida de mãe que tem somente um marido e que pertence à mesma classe à qual seu marido pertence. De fato, tal Brahmana, conhecedor dos três Vedas, isto é, Rich, Yajurh, e Saman, possuidor de erudição, devidamente cumpridor dos seis deveres (de sacrificar por sua própria conta, oficiar nos sacrifícios de outros, aprender, ensinar, fazer doações, e receber doações), é considerado como merecedor de doações. A justiça se torna injustiça, e a injustiça se torna justiça, de acordo com o caráter do fazedor, do tempo, e do lugar. O pecado é rejeitado como a sujeira sobre o corpo de alguém, um pouco com um pequeno esforço e uma quantidade maior quando o esforço é maior. Uma pessoa, depois de purgar seus intestinos, deve tomar ghee (manteiga clarificada), a qual a opera muito beneficamente em seu sistema (como um tônico saudável). Da mesma maneira, quando alguém se purificou de todos os defeitos e se dirigiu à aquisição de virtude, aquela virtude, no mundo seguinte, vem a ser produtiva da maior felicidade. Pensamentos bons e maus existem nas mentes de todas as criaturas. Afastando a mente dos maus pensamentos, ela deve ser sempre dirigida para bons pensamentos. Deve-se reverenciar sempre as práticas de sua própria classe. Esforce-te, portanto, para agir de tal maneira que tu possas ter fé nas práticas da tua própria classe. Ó tu que és dotado de uma alma impaciente, dirija-te à prática de paciência. Ó tu que tens uma compreensão superficial, procure ser possuidor de inteligência! Desprovido de tranquilidade, procure ser tranquilo, e privado de sabedoria como tu és, procure agir sabiamente! Aquele que se move na companhia dos justos consegue, por sua própria energia, adquirir os meios de realizar o que é benéfico para ele neste mundo e no seguinte. Realmente, a base do benefício (que assim se torna dele aqui e após a morte) é

firmeza resoluta. O sábio nobre Mahabhisha, por falta desta firmeza, caiu do céu. Yayati, também, embora seus méritos tivessem se esgotado (por causa de sua ostentação e embora tenha sido arremessado do céu), conseguiu recuperar regiões de bem-aventurança por sua firmeza. Tu seguramente obterás grande inteligência, como também aquilo que é para o teu maior bem, por cortejar pessoas virtuosas e eruditas possuidoras de mérito ascético.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras do sábio, o rei Vasuman, possuidor de uma boa disposição, afastando sua mente das atividades do desejo, fixou-a sobre a aquisição de Retidão.'"

311

"Yudhishthira disse, 'Cabe a ti, ó avô, me falar sobre aquilo que é livre do dever e seu oposto, que é livre de todas as dúvidas, que transcende nascimento e morte, como também virtude e pecado, que é ventura, que é destemor eterno, que é Eterno e Indestrutível, e Imutável, que é sempre Puro, e que está sempre livre do trabalho do esforço.'"

"Bhishma disse, 'Eu sobre isso te contarei a velha narrativa, ó Bharata, da conversa entre Yajnavalkya e Janaka. Uma vez o famoso rei Daivarati da linhagem de Janaka, totalmente familiarizado com a importância de todas as questões, endereçou essa questão para Yajnavalkya, aquele principal dos Rishis.'"

"'Janaka disse, 'Ó Rishi regenerado, quantos tipos de sentidos existem? Quantos tipos de Prakriti existem também? O que é o Imanifesto e o Brahma sublime? O que é mais elevado do que Brahma? O que é o nascimento e o que é a morte? Quais são os limites da Idade? Cabe a ti, ó principal dos Brahmanas, falar sobre todos esses tópicos para mim que estou desejoso de obter tua graça; eu sou ignorante enquanto tu és um Oceano de conhecimento. Então eu te pergunto! Na verdade, eu desejo te ouvir discursar sobre todos esses assuntos!'"

"'Yajnavalkya disse, 'Ouça, ó monarca, o que eu digo em uma resposta a essas tuas perguntas. Eu te darei o conhecimento superior o qual Yogins valorizam, e especialmente aquele que é possuído pelos Sankhyas. Nada é desconhecido para ti. Tu ainda assim me perguntas. Alguém que é questionado, no entanto, deve responder. Esta é a prática eterna. Oito princípios são chamados pelo nome de Prakriti, enquanto dezesseis são chamados de modificações. Do Manifesto, há sete. Estes são os pontos de vista daquelas pessoas que estão familiarizadas com a ciência de Adhyatma. O Imanifesto (ou Prakriti original), Mahat, Consciência, e os cinco elementos sutis de Terra, Vento, Espaço, Água, e Luz, estes oito são conhecidos pelo nome de Prakriti. Escute agora a enumeração daqueles chamados de modificações. Eles são o ouvido, a pele, a língua, e o nariz; e som, toque, forma, gosto, e cheiro, como também a fala, os dois braços, os dois pés, o ducto inferior (dentro do corpo), e os órgãos de prazer. (Estes, incluindo a Mente, formam os dezesseis chamados de Vrikriti ou modificações de Prakriti.) Entre

esses, os dez começando com som, e tendo sua origem nos cinco grandes princípios (sutis ou Tanmatras), são chamados de Visesha. Os cinco sentidos de conhecimento são chamados de Savisesha, ó soberano de Mithila. Pessoas conhecedoras da Ciência de Adhyatma consideram a mente como o décimo sexto. Isto é compatível com tuas próprias idéias como também com aquelas de outros homens eruditos conhecedores das verdades sobre princípios. Do Imanifesto, ó rei, surgiu a alma Mahat. Os eruditos citam esta como a primeira criação relativa a Pradhana (ou Prakriti). De Mahat, ó rei dos homens, é produzida a Consciência. Esta é chamada de segunda criação tendo a Compreensão como sua essência. (Mahat é às vezes chamado de Buddhi por isso a criação da Consciência a partir de Mahat deve ser a criação relativa a Buddha.) Da Consciência surgiu a Mente que é a essência do som e os outros que são os atributos do espaço e o restante. Esta é a terceira criação, citada como relacionada com a Consciência. Da Mente surgiram os grandes elementos, (numerando cinco), ó rei! Saiba que esta é a quarta criação chamada mental, como eu digo. Pessoas conhecedoras dos elementos primordiais dizem que Som e Toque e Forma e Gosto e Cheiro são a quinta criação, relativa aos Grandes Elementos primordiais. A criação do Ouvido, da Pele, da Língua, e do Olfato, forma a sexta e é considerada como tendo por sua essência a multiplicidade de pensamento. Os sentidos que vêm depois do Ouvido e dos outros (isto é, os sentidos de ação) então surgem, ó monarca. Esta é chamada a sétima criação e se relaciona aos sentidos de Conhecimento. Então, ó monarca, vem o ar que sobe (Prana) e aqueles que têm um movimento transversal (Samana, Udana, e Vyana). Esta é a oitava criação e é chamada de Arjjava. (Arjjava significa ‘relativo a caminhos ou cursos retos’, assim chamada por causa da direção reta desses ares ou ventos.) Então vêm os ares que correm transversalmente nas partes inferiores do corpo (isto é, Samana, Udana e Vyana) e também aquele chamado Apana que ruma para baixo. Esta nona criação também é chamada de Arjjava, ó rei. Estes nove tipos de criação, e estes princípios, ó monarca, os quais numeram vinte e quatro, foram declarados para ti segundo o que está declarado nas escrituras. Depois disto, ó rei, ouça-me enquanto eu te falo as durações de tempo como indicadas pelos eruditos a respeito destes princípios ou atributos.'"

312

"Yajnavalkya disse, ‘Ouça-me, ó principal dos homens, enquanto eu te digo qual é a duração de tempo em relação ao Imanifesto (ou o Purusha Supremo). Dez mil Kalpas são citados como constituindo um único dia dele. A duração de sua noite é igual. Quando sua noite termina, ele desperta, ó monarca, e primeiro cria ervas e plantas que constituem o sustento de todas as criaturas incorporadas. Ele então cria Brahman que surge de um ovo dourado. Aquele Brahman é a forma de todas as coisas criadas, como tem sido ouvido por nós. Tendo morado por um ano inteiro dentro daquele ovo, o grande asceta Brahman, chamado também de Prajapati (Senhor de todas as criaturas), sai dele e cria a Terra inteira e o Céu acima. O Senhor então, isto é lido nos Vedas, ó rei, colocou o firmamento entre o

Céu e a Terra separados um do outro. Sete mil e quinhentos Kalpas medem o dia de Brahman. Pessoas conhecedoras da ciência de Adhyatma dizem que sua noite também é de uma duração igual. Brahmana, chamado Mahan, então cria a Consciência chamada Bhuta (por causa de sua capacidade de criar os Grandes Bhutas, cinco em número), e dotada de essência excelente. Antes de criar quaisquer corpos físicos externos dos ingredientes chamados de Grandes elementos, Mahan ou Brahma, dotado de penitências, criou quatro outros chamados de seus filhos. Eles são os pais dos pais originais, ó melhores dos reis, como ouvido por nós. (Estes quatro são Mente, Buddhi ou Compreensão, Consciência, e Chitwa, que são os pais dos pais primordiais porque deles surgiram os Mahabhutas ou Grandes Criaturas, isto é, os cinco elementos primordiais.) Foi também ouvido por nós, ó monarca, que os sentidos (de conhecimento) junto com as quatro faculdades internas, surgiram dos (cinco Grandes Elementos chamados) Pitris, e que o universo inteiro de seres móveis e imóveis tem sido preenchido com aqueles Grandes elementos. (Os Devas são os Filhos dos Pitris; com os Devas, todos os mundos de Existência Móvel têm sido cobertos.) A Consciência pujante criou os cinco Bhutas. Estes são Terra, Ar, Espaço, Água, e Luz numerando o quinto. Esta Consciência (que é um Grande Ser e) de quem surge a terceira criação, tem cinco mil Kalpas como sua noite, e seu dia é de duração igual. Som, Toque, Forma, Gosto, e Cheiro, estes cinco são chamados de Visesha. Eles são inerentes aos cinco grandes Bhutas. Todas as criaturas, ó rei, permeadas incessantemente por estes cinco, desejam a companhia umas das outras, se tornam subservientes umas às outras; e desafiando umas às outras, transcendem umas às outras; e levadas por aqueles princípios imutáveis e sedutores, as criaturas matam umas às outras e vagam nesse mundo entrando em numerosas ordens de Existência. (Estes dois versos se referem ao poder dos atributos de som, etc., sobre Jiva. Amores e ódios, e todos os tipos de relacionamento de Jiva são devido à ação dos atributos citados.) Três milhares de Kalpas representam a duração de seu dia (dos Mahabhutas). A medida de sua noite também é a mesma. A Mente vaga sobre todas as coisas, ó rei, levada pelos Sentidos. Os Sentidos não percebem qualquer coisa. É a Mente que percebe através deles. O Olho vê formas quando ajudado pela Mente mas nunca por si mesmo. Quando a Mente está distraída, o Olho falha em perceber até os objetos inteiramente diante dele. Geralmente é dito que os Sentidos percebem. Isto não é verdade, pois é a Mente que percebe através dos Sentidos. Quando ocorre a cessação da atividade da Mente, a cessação da atividade dos Sentidos se segue. É a cessação da atividade dos Sentidos aquela que é a cessação da atividade da Mente. Deve-se assim considerar os Sentidos como estando sob a dominação da Mente. De fato, a Mente é citada como sendo o Senhor de todos os Sentidos. Ó tu de grande fama, estes são todos os vinte Bhutas no Universo.'"

313

"Yajnavalkya disse, 'Eu te falei, uma depois da outra, a ordem da criação, com seu número total, dos vários princípios, como também a extensão da duração de

cada um. Ouça-me agora enquanto eu te falo da destruição deles. Ouça como Brahman, que é eterno e imperecível, e que é sem início e sem fim, repetidamente cria e destrói todos os objetos criados. Quando seu dia termina e chega a noite, ele fica desejoso de dormir. Em tal hora o imanifesto e santo incita o Ser chamado Maharudra, que é consciente dos seus grandes poderes, (para destruir o mundo). Incitado pelo imanifesto, aquele Ser assumindo a forma de Surya de centenas de milhares de raios, se divide em uma dúzia de partes cada uma parecendo com um fogo ardente. Ele então consome com sua energia, ó monarca, sem qualquer perda de tempo, as quatro espécies de seres criados, isto é, vivíparos, ovíparos, nascidos da sujeira, e vegetais. Dentro de um piscar de olhos todas as criaturas móveis e imóveis sendo assim destruídas, a Terra se torna por todos os lados tão despida quanto uma casca de tartaruga. Tendo queimado tudo sobre a face da Terra, Rudra, de poder incomensurável, então rapidamente enche a Terra nua com Água possuidora de grande força. Ele então cria o fogo-Yuga que seca completamente aquela Água (na qual a Terra nua foi dissolvida). A Água desaparecendo, o grande elemento do Fogo continua a queimar violentamente. Então vem o poderoso Vento de força incomensurável, em suas oito formas, que consome rapidamente aquele fogo ardente de força transcendente, possuidor de sete chamas, e identificável com o calor existente em todas as criaturas. Tendo consumido aquele fogo, o Vento corre em todas as direções, para cima, para baixo, e transversalmente. Então o Espaço de extensão incomensurável consome aquele Vento de energia transcendente. Então a Mente consome alegremente aquele Espaço incomensurável. Então aquele Senhor de todas as criaturas, isto é, a Consciência, que é a Alma de todas as coisas, consome a Mente. A Consciência, por sua vez, é consumida pela alma Mahat que conhece o Passado, o Presente, e o Futuro. A incomparável alma Mahat ou Universo é então consumida por Sambhu, aquele Senhor de todas as coisas, a quem os atributos de Yoga de Anima, Laghima, Prapti, etc., inerem naturalmente, que é considerado como a Refulgência Suprema e pura que é Imutável. Suas mãos e pés se estendem sobre todas as partes; seus olhos e cabeças e rostos estão em todos os lugares, seus ouvidos alcançam todos os lugares, e ele existe subjugando todas as coisas. Ele é o coração de todas as criaturas; Sua medida é a de um dígito do polegar. Aquela Alma Infinita e Suprema, aquele Senhor de tudo, assim consome o Universo. Depois disso, o que permanece é o Imperecível e o Imutável. Alguém que não tem defeitos de qualquer tipo, que é o Criador do Passado, do Presente, e do Futuro; e que é perfeitamente impecável. Eu assim, ó monarca, devidamente te falei da Destruição. Eu irei agora discursar para ti sobre os assuntos de Adhyatma, Adhibhuta, e Adhidaivata.'"

314

'Yajnavalkya disse, 'Brahmanas conhecedores dos tópicos de investigação falam dos dois pés como Adhyatma, da ação de andar como Adhibhuta, e de Vishnu como Adhidaivatam (daqueles dois membros). O ducto inferior é Adhyatma; sua função de expulsar as fezes é Adhibhuta, e Mitra (Surya) é o

Adhidaivata (daquele órgão). O órgão de geração é chamado Adhyatma. Sua função agradável é chamada Adhibhuta, e Prajapati é seu Adhidaivata. As mãos são Adhyatma; sua função como representada por ações é Adhibhuta; e Indra é o Adhidaivata daqueles membros. Os órgãos da fala são Adhyatma; as palavras proferidas por eles são Adhibhuta; e Agni é seu Adhidaivata. O olho é Adhyatma; visão ou forma é seu Adhibhuta; e Surya é o Adhidaivata daquele órgão. O ouvido é Adhyatma; o som é Adhibhuta; e os pontos do horizonte são seu Adhidaivata. A língua é Adhyatma, o gosto é seu Adhibhuta; e a Água é seu Adhidaivata. O sentido do olfato é Adhyatma; o odor é seu Adhibhuta; e a Terra é seu Adhidaivata. A pele é Adhyatma; o toque é seu Adhibhuta; e o Vento é seu Adhidaivata. A mente é chamada de Adhyatma; aquilo com o qual a Mente está ocupada é Adhibhuta; e Chandramas é seu Adhidaivata. Consciência é Adhyatma; a convicção da própria identidade com Prakriti é seu Adhibhuta; e Mahat ou Buddhi é seu Adhidaivata. Buddhi é Adhyatma; aquilo que é para ser compreendido é seu Adhibhuta; e Kshetrajna é seu Adhidaivata. Eu assim realmente expus para ti, ó rei, com seus detalhes tomados individualmente, a pujança do Supremo (em Se manifestar em diferentes formas) no início, no meio, e no fim, ó tu que conheces completamente a natureza dos tópicos ou princípios originais. Prakriti, alegremente e por sua própria iniciativa, como se por esporte, ó monarca, produz, por sofrer modificações em si mesma, milhares e milhares de combinações de suas transformações originais chamadas Gunahs. Como homens podem acender milhares de lâmpadas somente de uma única lâmpada, da mesma maneira Prakriti, por modificação, multiplica em milhares de objetos existentes os (três) atributos (de Sattwa e Rajas e Tamas) de Purusha. Paciência, alegria, prosperidade, satisfação, claridade de todas as faculdades, felicidade, pureza, saúde, contentamento, fé, generosidade, compaixão, perdão, firmeza, benevolência, equanimidade, verdade, quitação de obrigações, suavidade, modéstia, tranquilidade, pureza externa, simplicidade, observância de práticas obrigatórias, desapaixonamento, destemor de coração, indiferença pelo aparecimento ou não de bem e mal como também por ações passadas, apropriação de objetos somente quando obtidos por doações, a ausência de cobiça, respeito pelos interesses de outros, compaixão por todas as criaturas; estas têm sido citadas como as qualidades ligadas ao atributo de Sattwa. A lista das qualidades que se vinculam ao atributo de Rajas consiste em orgulho de beleza pessoal, afirmação de domínio, guerra, desinclinação para doar, ausência de compaixão, desfrute ou tolerância de felicidade e tristeza, prazer em de falar mal de outros, indulgência em discussões e disputas de todos os tipos, arrogância, indelicadeza, ansiedade, indulgência em hostilidades, tristeza, apropriação do que pertence aos outros, cinismo, desonestidade, desuniões, aspereza, luxúria, ira, orgulho, afirmação de superioridade, malícia, e calúnia. Estas são citadas como surgindo dos atributos de Rajas. Eu agora te falarei daquele conjunto de qualidades que surgem de Tamas. Elas são adormecimento do raciocínio, obscurecimento de todas as faculdades, escuridão e escuridão cega. Por escuridão é implicada morte, e por escuridão cega se quer dizer a ira. Além dessas, as outras indicações de Tamas são ganância em relação a todos os tipos e alimento, apetite contínuo por comida e bebida, gostar de perfumes e vestes e esportes e camas e assentos e dormir durante o dia e maledicência e todos os

tipos de ações procedendo da negligência, ter prazer, por ignorância (de fontes mais puras de alegria) em dançar e em música instrumental e vocal, e aversão por todos os tipos de religião. Estas, de fato, são as indicações de Tamas.'"

315

"'Yajnavalkya disse, 'Estes três, ó principal dos homens, (isto é, Sattwa, Rajas,e Tamas), são os atributos de Prakriti. Estes se ligam a todas as coisas do universo e sempre são inerentes a eles. O Purusha Imanifesto dotado dos seis atributos de Yoga se transforma por si mesmo em centenas e milhares e milhões e milhões de formas (por aceitar estes três atributos). Aqueles que estão familiarizados com a ciência de Adhyatma dizem que para o atributo de Sattwa está designado um lugar alto, para Rajas um mediano, e para Tamas, um lugar baixo no universo. Pela ajuda da virtude pura alguém alcança um fim elevado (isto é, aquele das divindades ou de outros seres celestiais). Pela virtude misturada com pecado alguém obtém a posição de humanidade. Enquanto através do pecado puro alguém afunda em um fim vil (por se tornar um animal ou um vegetal etc.). Escute agora a mim, ó rei, enquanto eu te falo da mistura ou combinações dos três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas. Às vezes Rajas é visto existindo com Sattwa. Tamas também existe com Rajas. Com Tamas também pode ser visto Sattwa. Então também podem Sattwa e Rajas e Tamas ser vistos existindo juntos e em proporções iguais. Eles constituem o Imanifesto ou Prakriti. Quando o Imanifesto (Purusha) vem a ser dotado somente de Sattwa, ele alcança as regiões das divindades. Dotado de Sattwa e Rajas, ele nasce entre os seres humanos. Dotado de Rajas e Tawas, ele nasce entre a classe de existência intermediária. Dotado de todos os três, isto é, Sattwa e Rajas e Tamas, ele alcança a posição de humanidade. Aquelas pessoas de grande alma que transcendem a virtude e o pecado, isto é dito, alcançam aquele local que é eterno, imutável, imperecível, e imortal. Homens de conhecimento obtêm nascimentos que são muito superiores, e seu lugar é impecável e imperecível, transcendendo o alcance dos sentidos, livre da ignorância, acima de nascimento e morte, e cheio de luz que dissipa todos os tipos de escuridão. Tu me perguntaste acerca da natureza do Supremo residindo no Imanifesto, (isto é, Purusha). Eu te falarei, ouça-me, ó rei. Mesmo quando residindo em Prakriti, Ele é citado como residindo em Sua própria natureza sem partilhar da natureza de Prakriti. (Purusha, mesmo quando residindo no invólucro que Prakriti fornece para ele, não partilha da natureza de Prakriti mas continua a ser não corrompido por ela.) Prakriti, ó rei, é inanimada e ininteligente. Somente quando presidida por Purusha, ela pode então criar e destruir.'"

"'Janaka disse, 'Ambos, Prakriti e Purusha, ó tu de grande inteligência, são sem início e sem fim. Ambos não têm forma. Ambos são imperecíveis. Ambos, também, são incompreensíveis. Como então, ó principal dos Rishis, pode ser dito que um deles é inanimado e ininteligente? Como, também, o outro é citado como sendo animado e inteligente? E por que o último é chamado de Kshetrajna? Tu, ó principal dos Brahmanas, conheces completamente toda a religião da Emancipação. Eu desejo ouvir em detalhes sobre a religião da Emancipação em

sua totalidade. Fale para mim então da existência e Unidade de Purusha, de sua separatividade de Prakriti, das divindades que se ligam ao corpo, do lugar para o qual as criaturas incorporadas vão quando elas morrem, e daquele lugar para o qual elas podem no final, com o decorrer do tempo, ser capazes de ir. Fale-me também do Conhecimento descrito no sistema Sankhya, e do sistema Yoga separadamente. Cabe a ti também falar dos sintomas premonitórios de morte, ó melhor dos homens. Todos esses tópicos são bem conhecidos por ti assim como um (emblic) myrobalan (fruto da groselheira-espinhosa) em tua mão!'"

316

'"Yajnavalkya disse, 'Aquilo que é sem atributos, ó filho, nunca pode ser explicado por atribuir atributos a ele. Ouça-me, no entanto, enquanto eu te explico o que é possuidor de atributos e o que é destituído deles. Munis de grande alma conhecedores da verdade com relação a todos os tópicos ou princípios dizem que quando Purusha apreende atributos como um cristal capturando o reflexo de uma flor vermelha, ele vem a ser chamado como possuidor de atributos; mas quando livre de atributos como o cristal livre do reflexo, ele vem a ser observado em sua natureza real, ou seja, como além de todos os atributos. A Prakriti Imanifesta é por sua natureza dotada de atributos. Ela não pode transcendê-los. Desprovida de inteligência por natureza, ela se torna ligada aos atributos. A Prakriti Imanifesta não pode conhecer alguma coisa, enquanto Purusha, por sua natureza, é possuidor de conhecimento, 'Não há nada maior do que eu mesmo', disso mesmo é que Purusha está sempre consciente. Por esta razão o imanifesto (ou Prakriti), embora naturalmente inanimado e ininteligente, ainda se torna inanimado e inteligente por sua união com Purusha que é Eterno e Indestrutível em vez de permanecer em sua própria natureza devido à destrutibilidade. (Prakriti, a qual é realmente ininteligente e incapaz de gozo e sofrimento, se torna inteligente e capaz de gozo ou sofrimento por estar unida com Purusha que é inteligente. Dessa maneira quando sensações aprazíveis ou dolorosas são sentidas, é o corpo que parece senti-las somente por causa da Alma que preside sobre ele.) Quando Purusha, por ignorância, se torna associado com atributos repetidamente, ele falha em compreender sua própria natureza real e portanto ele fracassa em alcançar a Emancipação. Pelo domínio de Purusha sobre os princípios que fluem de Prakriti, é dito que ele partilha da natureza daqueles princípios. Por causa também de sua agência na questão da criação, é dito que ele possui o atributo de criação. Por sua agência na questão do Yoga, é dito que ele possui o atributo do Yoga. Por seu domínio sobre aqueles princípios específicos conhecidos pelo nome de Prakriti, é dito que ele possui a natureza de Prakriti. Por sua agência na questão de criar as sementes (de todos os objetos imóveis), é dito que ele partilha da natureza daquelas sementes. E porque ele faz os vários princípios ou atributos começarem a viver, ele é, portanto, citado como estando sujeito à decadência e destruição (pois aqueles mesmos princípios estão sujeitos a isso). Por ele ser também a testemunha de tudo, e também por não haver nada mais além dele, como também por sua consciência de identidade com Prakriti, Yatis coroados com

êxito ascético, conhecedores de Adhyatma, e livres de febre de todos os tipos, o consideram como existindo por si mesmo sem um segundo, imutável, imanifesto (na forma de causa), instável, e manifesto (na forma de efeitos). Isto é o que foi ouvido por nós. Aqueles Sankhyas, no entanto, que dependem somente do Conhecimento (para sua Emancipação) e da prática de compaixão por todas as criaturas, dizem que é Prakriti que é Única mas que Purushas são muitos. (Isto se refere à opinião dos Sankhyas ateístas.) Na realidade, Purusha é diferente de Prakriti, a qual embora instável, ainda aparece como estável. Como uma folha de junco é diferente de sua cobertura exterior, assim mesmo Purusha é diferente de Prakriti. De fato, o verme que está acomodado dentro do Udumvara deve ser conhecido como diferente do Udumvara. Embora existindo com o Udumvara, o verme não deve ser considerado como formando uma parte do Udumvara. O peixe é distinto da água na qual ele vive, e a água é distinta do peixe que vive nela. Embora o peixe e a água existam juntos, ainda assim ele nunca é encharcado pela água. O fogo que está contido em uma panela de barro é distinto da panela de barro, e a panela é distinta do fogo que ela contém. Embora o fogo exista dentro e com a panela, ainda assim ele não deve ser considerado como formando alguma parte dela. A folha de lótus que flutua sobre uma quantidade de água é distinta da parte de água na qual ela flutua. Sua coexistência com a água não a faz uma parte da água. A existência perene daqueles objetos em e com aqueles mencionados nunca é entendida corretamente por pessoas comuns. Aqueles que vêem Prakriti e Purusha de algum outro ponto de vista são citados como possuidores de uma opinião que é incorreta. É certo que eles têm que afundar repetidamente no inferno terrível. Eu assim te falei da filosofia dos Sankhyas, aquela ciência excelente pela qual todas as coisas têm sido averiguadas corretamente. Averiguando a natureza de Purusha e Prakriti dessa maneira, os Sankhyas alcançam a Emancipação. Eu também te falei dos sistemas daqueles outros que estão familiarizados com os grandes princípios do universo. Eu agora te falarei da ciência dos Yogins.'"

317

"Yajnavalkya disse, 'Eu já te falei da ciência dos Sankhyas. Ouça-me agora enquanto eu te falo realmente da ciência dos Yogins como ouvida e vista por mim, ó melhor dos reis! Não há conhecimento que possa se comparar com aquele dos Sankhyas. Não há força que se compare com aquela do Yoga. Estes dois ordenam as mesmas práticas, e ambos são considerados como capazes de levar à Emancipação. Aqueles homens que não são abençoados com inteligência consideram os sistemas Sankhya e Yoga como sendo diferentes um do outro. Nós, no entanto, ó rei, os consideramos como um e o mesmo, de acordo com a conclusão à qual nós chegamos (depois de estudo e reflexão). Aquilo que os Yogins têm em vista é o mesmo que os Sankhyas também têm em vista. Aquele que vê ambos os sistemas Sankhya e Yoga como idênticos é para ser considerado como realmente conhecedor dos tópicos ou princípios que ordenam o universo. Saiba, ó rei, que os ares vitais e os sentidos são os principais meios

para praticar Yoga. Somente por regular aqueles ares e os sentidos, os Yogins vagam por todos os lugares à sua vontade; (em seus corpos sutis ou linga-sarira). Quando o corpo grosseiro é destruído, os Yogins, dotados de corpos sutis possuidores dos oito atributos de Yoga de Anima, Laghima, Prapti, etc., vagam pelo universo, desfrutando (naquele corpo) de todos os tipos de felicidade, ó impecável. Os sábios, nas escrituras, têm falado de Yoga como concedendo oito tipos de força. Eles têm falado de Yoga como possuidor de oito membros. (Que são Pranayama, Pratyahara, Dhyana, Dharana, Tarka, Samadhi, com os dois adicionais de Yama e Niyama.) De fato, ó rei, eles não têm falado de qualquer outro tipo de Yoga. É dito que as práticas dos Yogins, excelentes como elas são (por seus resultados), são de dois tipos. Aqueles dois tipos, segundo as indicações existentes nas escrituras, são práticas dotadas de atributos e aquelas livres de atributos. A concentração da mente (Dharana) nos dezesseis objetos citados (nos tratados sobre Yoga), com regulação simultânea da respiração, ó rei, é um tipo. A concentração da mente de tal maneira quanto a destruir toda a diferença entre o contemplador, o objeto contemplado, e o ato de contemplação junto com a subjugação dos sentidos, é de outro tipo. O primeiro tipo de Yoga é citado como possuidor de atributos; o segundo tipo é citado como sendo livre de atributos. Então, também, a regulação da respiração é Yoga com atributos. No Yoga sem atributos, a mente, livre de suas funções, deve ser fixada. Somente a regulação da respiração que é citada como sendo dotada de atributos deve, em primeiro lugar, ser praticada, pois, ó soberano de Mithila, se a respiração (que é inalada e suspensa) for expirada sem refletir mentalmente durante esse tempo sobre uma imagem definida (fornecida por um mantra restrito), o ar no sistema do neófito irá aumentar para seu grande prejuízo. (Em Saguna Pranayama, quando o ar é inalado, a inalação é medida pelo tempo tomado em recitar mentalmente um mantra bem conhecido. Assim quando a respiração inalada é suspensa, a suspensão é medida pelo tempo tomado para recitar mentalmente um mantra específico. Quando, portanto, o fôlego suspenso deve ser expirado, isto deve ser feito por medir o tempo da expiração da mesma maneira. Para principiantes, este Saguna Pranayama é recomendado. Naturalmente somente a exalação foi citada mas isto se aplica igualmente à inalação e suspensão. Estes três processos, em linguagem de Yoga, são Puraka, Kumbhaka, e Rechaka.) No primeiro Yama da noite, doze meios de reter a respiração são recomendados. Depois do sono, no último Yama da noite, outras doze maneiras de fazer o mesmo são prescritas. Sem dúvida, alguém dotado de tranquilidade, de sentidos subjugados, vivendo em isolamento, se regozijando em si mesmo, e totalmente conhecedor da importância das escrituras, deve (regulando sua respiração dessas vinte e quatro maneiras) fixar a própria Alma (na Alma Suprema). Dissipando as cinco imperfeições dos cinco sentidos, isto é, (retirando-os de seus objetos de) som, forma, toque, gosto, e cheiro, e dissipando aquelas condições chamadas Pratibha e Apavarga, ó soberano dos Mithilas, todos os sentidos devem ser fixados na mente. A mente deve então ser fixada na Consciência, ó rei, a Consciência deve em seguida ser fixada na inteligência ou Buddhi, e Buddhi deve então ser fixada em Prakriti. Fundindo dessa maneira estes um depois do outro, Yogins contemplam a Alma Suprema que é Una, que é livre de Rajas, que é imaculada, que é Imutável e Infinita e Pura e sem defeitos, que é Purusha Eterno, que é Imutável, que é

Indivisível, que é sem decadência e morte, que é eterna, que transcende diminuição, e que é Brahma Imutável. Escute agora, ó monarca, as indicações de alguém que está em Yoga. Todas as indicações de contentamento alegre que são daquele que está dormindo satisfeito são vistos na pessoa que está em Samadhi. A pessoa em Samadhi, os sábios dizem, parece com a chama fixa e ascendente de uma lâmpada que está cheia de óleo e que queima em um local sem brisa. Ele é como uma rocha que não pode ser movida no menor grau mesmo por um aguaceiro pesado das nuvens. Ele não pode ser alterado pelo barulho de conchas e baterias, ou por canções ou pelo som de centenas de instrumentos musicais batidos ou soprados juntos. Esta mesma é a indicação de alguém em Samadhi. Como um homem de coragem fria e determinação, enquanto subindo uma escada com um recipiente cheio de óleo em sua mão, não derrama nem uma gota do líquido se assustado e ameaçado por pessoas armadas com armas, assim mesmo o Yogin, quando sua mente foi concentrada e quando ele contempla a Alma Suprema em Samadhi, por causa da parada total das funções de seus sentidos em tal momento, não se move no menor grau. Exatamente estas devem ser conhecidas como as indicações do Yogin enquanto ele está em Samadhi. Enquanto em Samadhi, o Yogin vê Brahma que é Supremo e Imutável, e que está situado como uma Refulgência ardente no meio da densa Escuridão. É por estes meios que ele alcança, depois de muitos anos, a Emancipação depois de abandonar este corpo inanimado. Isso mesmo é o que o Sruti eterno declara. Isso é chamado de Yoga dos Yogins. O que mais é isso? Conhecendo-o, aqueles que são dotados de sabedoria se consideram coroados com sucesso.'"

318

'Yajnavalkya disse, 'Escute agora a mim, com atenção, ó rei, quanto a quais são os lugares para os quais aqueles que morreram têm que ir. Se a alma Jiva escapa através dos pés, é dito que o homem vai para a região de Vishnu. Se através das panturrilhas, é sabido por nós que o homem vai para as regiões dos Vasus. Se através dos joelhos, ele alcança a companhia daquelas divindades que são chamadas de Sadhyas. Se através do ducto inferior, o homem alcança as regiões de Mitra. Se através dos dorsais, o homem volta à Terra, e se pelas coxas para a região de Prajapati. Se através dos flancos, o homem alcança as regiões dos Maruts, e se através das narinas, a região de Chandramas. Se pelos braços, o homem vai à região de Indra, e se através do peito, para aquela de Rudra. Se através do pescoço, o homem vai para a região excelente daquele principal dos ascetas conhecido pelo nome de Nara. Se através da boca, o homem alcança a região dos Viswadevas e se através das orelhas, à região das divindades dos vários pontos do horizonte. Se através do nariz, o homem alcança a região do Deus do Vento; e se através dos olhos, a região de Agni. Se através das sobrancelhas, o homem vai para a região dos Aswins; e se através da testa, para aquela dos Pitris. Se através do topo da cabeça, o homem alcança a região do pujante Brahman, aquele principal dos deuses. Eu assim te disse, ó soberano de Mithila, os vários lugares para os quais os homens vão de acordo com a maneira

pela qual suas almas Jiva saem de seus corpos. Eu agora te falarei da indicação premonitória, como declarada pelos sábios, daqueles que têm somente um ano de vida. Alguém, que tendo anteriormente visto a estrela fixa chamada Arandhati, falha em vê-la, ou aquela outra estrela chamada Dhruva (a estrela Polar), ou alguém que vê a Lua cheia ou a chama de uma lâmpada ardente ser desviada em direção ao sul, tem somente um ano de vida. Aqueles homens, ó rei, que não podem mais ver imagens deles mesmos refletidas nos olhos de outros, têm somente um ano de vida. Alguém que, sendo dotado de esplendor o perde, ou sendo dotado de sabedoria a perde, de fato, alguém cuja natureza interna e externa é assim mudada, tem somente seis meses mais de vida. Aquele que desrespeita as divindades, ou briga com os Brahmanas, ou alguém que, sendo naturalmente de uma cor escura fica com uma cor pálida, tem somente seis meses mais de vida. Alguém que vê o disco lunar ter muitos buracos como uma teia de aranha, ou alguém que vê o disco solar ter buracos similares tem somente uma semana mais para viver. Alguém que, quando cheirando perfumes fragrantes em lugares de culto, os percebe como sendo tão ofensivos quanto o cheiro de cadáveres, tem somente uma semana mais de vida. O enfraquecimento de atividade do nariz ou dos ouvidos, a descoloração dos dentes ou dos olhos, a perda de toda a consciência, e a perda também de todo calor animal, são sintomas indicando a morte naquele mesmo dia. Se, sem qualquer causa perceptível, uma corrente de lágrimas flui de repente do olho esquerdo de alguém, e se vapores são vistos emanarem de sua cabeça, esta é uma indicação certa de que o homem irá morrer antes daquele dia terminar. Conhecendo todos esses sintomas premonitórios, o homem de alma purificada dia e noite une sua alma com a Alma Suprema (em Samadhi). Assim ele deve continuar até que chegue o dia de sua dissolução. Se, no entanto, em vez de desejar morrer ele deseja viver neste mundo, ele rejeita todos os prazeres, todos os perfumes e gostos, ó rei, e vive em abstinência. Ele assim conquista a morte por fixar sua alma na Alma Suprema. De fato, o homem que é abençoado com conhecimento da Alma, ó monarca, pratica o rumo de vida recomendado pelos Sankhyas e conquista a morte por unir sua alma com a Alma Suprema. Finalmente, ele alcança ao que é totalmente indestrutível, que é sem nascimento, que é auspicioso, e imutável, e eterno, e estável, e que não pode ser alcançado por homens de almas impuras.'"

319

"Yajnavalkya disse, 'Tu me perguntaste, ó monarca, daquele Brahma Supremo que reside no Imanifesto. A tua questão diz respeito a um mistério profundo. Ouça-me com atenção cuidadosa, ó rei! Tendo me comportado com humildade segundo as ordenanças declaradas pelos Rishis eu obtive os Yajushes, ó rei, de Surya. Com as penitências mais austeras eu antigamente adorei a divindade que dá calor. O pujante Surya, ó impecável, satisfeito comigo, disse, ‘Peça, ó Rishi regenerado, o benefício sobre o qual tu colocaste teu coração, embora ele possa ser de aquisição difícil, eu irei, com alma alegre, concedê-lo para ti. É muito difícil me inclinar à graça!’ Reverenciando-o com uma inclinação de minha cabeça,

aquele principal dos corpos luminosos dador de calor foi endereçado por mim nestas palavras, ‘Eu não tenho conhecimento dos Yajushes. Eu desejo conhecê-los sem perda de tempo!’ O santo, assim solicitado, me disse, ‘Eu te darei os Yajushes. Composta da essência da palavra, a deusa Saraswati entrará em teu corpo.’ A divindade então me mandou abrir minha boca. Eu fiz como tinha sido mandado. A deusa Saraswati então entrou em meu corpo, ó impecável. Nisto, eu comecei a queimar. Incapaz de suportar a dor eu mergulhei em um rio. Não compreendendo que o que Surya de grande alma tinha feito para mim era para o meu bem, eu fiquei até zangado com ele. Enquanto eu estava queimando com a energia da deusa, o santo Surya me disse, ‘Aguente essa sensação ardente somente por pouco tempo. Isso logo cessará e tu ficarás frio.’ De fato eu fiquei frio. Me vendo restabelecido à tranquilidade, o Fazedor de luz me disse, ‘Todos os Vedas, mesmo com aquelas partes que são consideradas como seu apêndice, junto com os Upanishads, aparecerão em ti por luz interior, ó regenerado! Os Satapathas inteiros também tu irás editar, ó principal dos regenerados. Depois disso, tua compreensão se voltará para o caminho da Emancipação. Tu também alcançarás aquele fim que é desejável e que é cobiçado por Sankhyas e Yogins!’ Tendo dito estas palavras para mim, o divino Surya procedeu para as colinas Asta. Ouvindo suas últimas palavras, e depois que ele tinha partido do local onde eu estava, eu fui para casa em alegria e então me lembrei da deusa Saraswati. Lembrada por mim, a auspiciosa Saraswati apareceu imediatamente diante de meus olhos, adornada com todas as vogais e as consoantes e tendo colocado a sílaba Om na dianteira. Eu então, de acordo com a ordenança, ofereci para a deusa o Arghya usual, e dediquei outro para Surya, aquela principal de todas as divindades que dão calor. Cumprindo este dever eu tomei meu assento, devotado a ambas aquelas divindades. Então, todos os Brahmanas Satapatha, com todos os seus mistérios e com todos os seus resumos como também seus apêndices, apareceram perante minha visão mental, pelo qual eu fiquei cheio de grande alegria. Eu então os ensinei para uma centena de bons discípulos e assim fiz o que era desagradável para meu tio materno de grande alma (Vaisampayana) com os discípulos reunidos ao redor dele. (Pois Vaisampayana era um reconhecido professor dos Vedas e ficou com ciúmes quando seu sobrinho Yajnavalkya, tendo obtido os Vedas de Surya, começou a ensiná-los.) Então, brilhando no meio de meus discípulos como o próprio Sol com seus raios, eu peguei a administração do Sacrifício do teu pai de grande alma, ó rei. Naquele Sacrifício surgiu uma disputa entre mim e meu tio materno quanto a quem deveria ser permitido se apropriar do Dakshina que foi pago pela recitação dos Vedas. Na própria presença de Devala, eu peguei metade daquele Dakshina (a outra metade indo para meu tio materno). Teu pai e Sumantra e Paila e Jaimini e outros contratados todos concordaram com esse acordo. (Isto mostra que eu fui então considerado como igual ao próprio Vaisampayana na questão de conhecimento Védico. Sumanta e Paila e Jaimini, com Vaisampayana foram os Rishis que ajudaram o grande Vyasa na tarefa de organizar os Vedas).”

'Eu assim obtive de Surya os cinquenta Yajushes, ó monarca. Eu então estudei os Puranas com Romaharshana. Mantendo perante mim aqueles Mantras (originais) e a deusa Saraswati, eu então, ó rei, ajudado pela inspiração de Surya,

me pus a compilar os excelentes Brahmanas Satapatha, e consegui realizar a tarefa nunca antes empreendida por ninguém mais. Aquele caminho o qual eu tinha desejado tomar foi tomado por mim e eu também o ensinei para meus discípulos. De fato, todos aqueles Vedas com seus resumos foram dados por mim para aqueles meus discípulos. Puros em mente e corpo, todos aqueles discípulos, pelas minhas instruções, ficaram cheios de alegria. Tendo estabelecido (para o uso de outros) este conhecimento consistindo em cinquenta ramos que eu obtive de Surya, eu agora medito no grande objeto daquele conhecimento (isto é, Brahma). O Gandharva Viswavas, bom conhecedor das escrituras Vedanta, desejoso, ó rei, de averiguar o que é benéfico para os Brahmanas neste conhecimento e qual verdade se encontra nele, e qual é o objeto excelente deste conhecimento, uma vez me questionou. Ele me fez ao todo vinte e quatro perguntas, ó rei, relativas aos Vedas. Finalmente, ele me fez uma vigésima quinta pergunta, relacionada ao ramo de conhecimento que diz respeito às inferências de raciocínio. Aquelas questões são as seguintes: O que é universo e o que é não-Universo? O que é Aswa e Aswa? O que é Mitra? O que é Varuna? O que é o Conhecimento? O que é Objeto de conhecimento? O que é Ininteligente? O que é Inteligente? Quem é Kah? Quem é possuidor do princípio de mudança? Quem não é possuidor do mesmo? O que é que devora o Sol e o que é o Sol? O que é Vidya e o que é Avidya? O que é Imóvel e o que é Móvel? O que não tem começo, o que é Indestrutível, e o que é Destrutível? Estas foram as perguntas excelentes feitas a mim por aquele principal dos Gandharvas. Depois que o rei Viswavasu, aquele principal dos Gandharvas, tinha me feito estas perguntas uma depois da outra, eu as respondi devidamente. A princípio, no entanto, eu disse a ele, ‘Espere por um breve espaço de tempo, até eu refletir sobre tuas perguntas!’ ‘Assim seja’, o Gandharva disse, e ficou em silêncio. Eu então pensei mais uma vez na deusa Saraswati em minha mente. As respostas então para aquelas questões então surgiram naturalmente em minha mente como manteiga de coalhos. Mantendo em vista a elevada ciência do raciocínio inferencial, eu bati com minha mente, ó monarca, os Upanishads e as escrituras suplementares relativas aos Vedas. A quarta ciência (as outras três sendo os Vedas, cultura Eixo, e a ciência de moralidade e punição), então, que trata da Emancipação, ó principal dos reis, e sobre a qual eu já te falei, e que é baseada sobre o vigésimo quinto, isto é, Jiva, eu então expliquei para ele. Tendo dito tudo isso, ó monarca, para o rei Viswavasu, eu então me dirigi a ele, dizendo, ‘Ouça agora as respostas que eu dou para as várias perguntas que tu me fizeste. Eu agora me dirijo à pergunta, ó Gandharva, que tu fizeste, isto é, ‘O que é Universo e o que é não-Universo? O Universo é Prakriti Imanifesta e original dotada dos princípios de nascimento e morte que são terríveis (para aqueles que desejam a Emancipação). Ela é, além disso, possuidora dos três atributos (de Sattwa, Rajas, e Tamas em proporções exatamente iguais), por produzir princípios todos os quais estão repletos daqueles atributos. (Todos os princípios de Mahat, etc., que fluem de Prakriti, são caracterizados por esses três atributos em diversas proporções.) Aquilo que é Não-universo é Purusha desprovido de todos os atributos. Por Aswa e Aswa se quer dizer o feminino e o masculino, isto é, a primeira é Prakriti e o último é Purusha. Similarmente, Mitra (a divindade que dá luz e calor) é Purusha, e Varuna (as águas que compõem o universo) é Prakriti. O conhecimento, também, é citado

como sendo Prakriti, enquanto o objeto a ser conhecido é chamado de Purusha. O Ignorante (Jiva), e o Conhecedor ou Inteligente são ambos Purusha sem atributos (pois é Purusha que se torna Jiva quando investido com Ignorância). Tu perguntaste o que é Kah, o que é dotado de mudança e o que não é dotado dela. Eu respondo, Kah é Purusha (Ananda ou bem-aventurança). Aquilo que é dotado de mudança é Prakriti. Aquilo não dotado dela é Purusha. Similarmente, aquilo que é chamado de Avidya (o incompreensível) é Prakriti; e aquilo que é chamado de Vidya é Purusha. Tu me perguntaste acerca do Móvel e do Imóvel. Ouça qual é minha resposta. Aquilo que é móvel é Prakriti, a qual, passando por modificação, constitui a causa da Criação e Destruição. O Imóvel é Purusha, pois sem sofrer modificações ele ajuda na Criação e Destruição. (Segundo um sistema diferente de filosofia) aquilo que é Vedya é Prakriti; enquanto aquilo que é Avedya é Purusha. Ambos Prakriti e Purusha são citados como sendo ininteligentes, estáveis, indestrutíveis, não nascidos e eternos, segundo as conclusões às quais chegaram filósofos conhecedores dos tópicos incluídos no nome de Adhyatma. Por causa da indestrutibilidade de Prakriti na questão da Criação, Prakriti, que é não nascida, é considerada como não sujeita à decadência ou destruição. Purusha, também, é indestrutível e imutável, pois ele não tem mudanças. Os atributos que residem em Prakriti são destrutíveis, mas não a própria Prakriti. Os eruditos, portanto, chamam Prakriti de indestrutível. Prakriti também, por sofrer modificações, opera como a causa da Criação. Os resultados criados aparecem e desaparecem, mas não a Prakriti original. Por isso Prakriti também é chamada de indestrutível. Dessa maneira eu te disse as conclusões da Quarta Ciência baseada nos princípios de inferência raciocinativa e que tem Emancipação como seu fim. Tendo adquirido pela ciência de inferência raciocinativa e por servir preceptores, o Rik, os Samans, e os Yajushes, todas as práticas obrigatórias devem ser observadas e todos os Vedas estudados com reverência, ó Viswavasu! Ó principal dos Gandharvas, aqueles que estudam os Vedas com todos os seus ramos, mas que não conhecem a Alma Suprema da qual todas as coisas têm seu nascimento e na qual todas as coisas são absorvidas quando chega a destruição, e que é o único objeto cujo conhecimento os Vedas procuram inculcar; de fato, aqueles que não conhecem aquilo que os Vedas procuram estabelecer, estudam os Vedas inutilmente e carregam sua carga de tal estudo em vão. Se uma pessoa desejosa de manteiga bate leite de jumenta, sem achar o que procura ela simplesmente encontrará uma substância que tem um cheiro tão repugnante quanto esterco. Da mesma maneira, se alguém, tendo estudado os Vedas, fracassa em compreender o que é Prakriti e o que é Purusha, ele somente demonstra sua própria tolice de entendimento e carrega uma carga inútil (na forma de erudição Védica). (A comparação se encontra na tolice das duas pessoas indicadas. Alguém batendo leite de jumenta em busca de manteiga é somente um tolo. Similarmente, alguém fracassando em compreender a natureza de Prakriti e Purusha a partir dos Vedas é somente um tolo.) Uma pessoa deve, com atenção dedicada, refletir sobre Prakriti e Purusha, para que ele possa evitar repetidos nascimentos e mortes. Refletir sobre o fato dos próprios nascimentos e mortes repetidos e evitar a religião das ações que é produtiva na melhor das hipóteses de resultados destrutíveis, ela deve se dirigir à indestrutível religião de Yoga. Ó Kasyapa, se alguém reflete continuamente sobre a natureza da alma Jiva e sua

conexão com a Alma Suprema, ele então consegue se livrar de todos atributos e ver a Alma Suprema. A Eterna e Imanifesta Alma Suprema é considerada por homens inteligência superficial como sendo diferente do vigésimo quinto ou alma Jiva. Aqueles que são dotados de sabedoria vêem ambas como realmente idênticas. Amedrontados pelos repetidos nascimentos e mortes, os Sankhyas e os Yogins consideram a alma Jiva e a Alma Suprema a mesma.'"

"Viswavasu então disse, 'Tu, ó principal dos Brahmanas, disseste que a alma Jiva é indestrutível e realmente indistinta da Alma Suprema. Isto, no entanto, é difícil de entender. Cabe a ti me falar novamente sobre este tópico. Eu tenho ouvido discursos sobre este assunto de Jaigishavya, Aista, Devala, do sábio regenerado Parasara, do inteligente Varshaganya, Bhrigu, Panchasikha Kapila, Suka, Gautama, Arshtisena, de Garga de grande alma, Narada, Asuri, do inteligente Paulastya, Sanatkumara, de Sukra de grande alma, e do meu pai Kasyapa. Posteriormente eu ouvi os discursos de Rudra e do inteligente Viswarupa, de várias das divindades, dos Pitris e dos Daityas. Eu adquiri tudo o que eles disseram, pois eles geralmente falam daquele objeto eterno de todo conhecimento. Eu desejo, no entanto, ouvir o que tu podes dizer sobre aqueles tópicos com a ajuda da tua inteligência. Tu és a principal de todas as pessoas, e um conferencista versado nas escrituras, e dotado de grande inteligência. Não há nada que seja desconhecido por ti. Tu és um oceano de Srutis, como descrito, ó Brahmana, no mundo das divindades e Pitris. Os grandes Rishis que residem na região de Brahma dizem que o próprio Aditya, o senhor eterno de todos os corpos luminosos, é teu preceptor (na questão deste ramo de conhecimento). Ó Yajnavalkya, tu obtiveste toda a ciência, ó Brahmana, dos Sankhyas, como também as escrituras dos Yogins particularmente. Sem dúvida, tu és erudito, totalmente conhecedor do universo móvel e imóvel. Eu desejo te ouvir falar sobre aquele conhecimento, o qual pode ser comparado à manteiga clarificada dotada de grãos sólidos.'"

"Yajnavalkya disse, 'Tu és, ó principal dos Gandharvas, competente para compreender todo conhecimento. Como, no entanto, tu me pedes, ouça-me então discursar para ti de acordo com o que eu mesmo obtive do meu preceptor. Prakriti, que é ininteligente, é compreendida por Jiva. Jiva, no entanto, não pode ser compreendido por Prakriti, ó Gandharva. Por Jiva ser refletido em Prakriti, o último é chamado de Pradhana por Sankhyas e Yogins conhecedores dos princípios originais como indicados nos Srutis. Ó impecável, o outro (isto é, a alma como distinta de seu reflexo sobre Prakriti, em seu caráter real como independente de Prakriti), contemplando, vê o vigésimo quarto (Prakriti) e o vigésimo quinto (Alma); não contemplando, ele vê o vigésimo sexto. (Isto é, quando a Alma, em seu caráter real, contempla ou age como uma testemunha de tudo (isto é, como existe nos estados de vigília e sonho), ela se torna consciente de si mesma (o vigésimo quinto) e de Prakriti (o vigésimo quarto) quando, no entanto, ela cessa de contemplar ou agir como tal testemunha (isto é, no estado de sono sem sonhos do samadhi do Yoga), ela consegue contemplar a Alma Suprema ou o Vigésimo Sexto. Ela é consciente de si mesma e de Prakriti no estado de vigília e sonho, e somente em Samadhi ela contempla a Alma Suprema.) O vigésimo quinto pensa

que não há nada mais alto do que ele mesmo. Na verdade, no entanto, embora contemplando, ele não vê aquilo (isto é, o vigésimo sexto) que o vê. (O vigésimo sexto ou a Alma Suprema sempre vê o vigésimo quinto ou a alma Jiva. A última, no entanto, cheia de vaidade, considera que não há nada superior a ela. Ela pode facilmente, no samadhi-Yoga, ver o vigésimo sexto. Embora assim competente para contemplar a Alma Suprema, ela fracassa ordinariamente em contemplá-la.) Homens possuidores de sabedoria nunca devem aceitar o vigésimo quarto (isto é, Prakriti, que é ininteligente ou inerte) como identificável com o vigésimo quinto ou a Alma que tem uma existência real e independente. O peixe vive na água. Ele vai para lá impelido por sua própria natureza. Como o peixe, embora vivendo na água, deve ser considerado como separado dela, da mesma maneira o vigésimo quinto deve ser compreendido (isto é, embora o vigésimo quinto exista em um estado de contato com o vigésimo quarto ou Prakriti, ele é, no entanto, em sua natureza real, separado e independente de Prakriti.) Quando subjugada pela consciência do 'meu' ou eu, e quando incapaz de compreender sua identidade com o vigésimo sexto, de fato, por causa da ilusão que a envolve, de sua coexistência com Prakriti, e de sua própria maneira de pensar, a alma Jiva sempre cai, mas quando livre de tal consciência ela vai para cima. Quando a alma Jiva consegue compreender que ela é uma, e Prakriti com a qual ela reside é outra, somente então, ó regenerado, ela consegue contemplar a Alma Suprema e alcançar a condição de Unidade com o universo. O Supremo é um, ó rei, e vigésimo quinto (ou alma Jiva) é outro. Em consequência, no entanto, do Supremo revestir a alma Jiva os sábios consideram ambos como iguais. (O exemplo da corda e da cobra é citado. A princípio a corda é erroneamente considerada como a cobra. Quando o erro é dissipado, a corda aparece como a corda. Assim a Alma Suprema e a alma Jiva vêm a ser consideradas como a mesma quando vem o conhecimento verdadeiro.) Por estas razões, os Yogins, e os seguidores do sistema de filosofia Sankhya, apavorados pelo nascimento e morte, abençoados com a visão do vigésimo sexto, puros em corpo e mente, e devotados à Alma Suprema, não recebem com agrado a alma Jiva como indestrutível. (A doutrina comum é que a alma Jiva é indestrutível, pois ela é não nascida e imortal, seus assim chamados nascimentos e mortes sendo somente mudanças das formas pelas quais Prakriti passa no curso de sua associação com ela, uma associação que continua enquanto alma Jiva não consegue efetuar sua emancipação. Neste verso a doutrina comum é abandonada. O que é dito aqui é que a alma Jiva _não_ é imortal, pois quando ela vem a ser identificada com a Alma Suprema, aquela alteração pode ser considerada como sua morte.) Quando alguém vê a Alma Suprema e perdendo toda consciência de individualidade se torna identificado com o Supremo, ele então se torna onisciente, e possuidor de tal onisciência ele fica livre da obrigação do renascimento. Eu assim te falei realmente, ó impecável, sobre Prakriti que é ininteligente, e a alma Jiva que é possuidora de inteligência, e a Alma Suprema que é dotada de onisciência, segundo as indicações que se encontram nos Srutis. Aquele homem que não vê alguma diferença entre o conhecedor e o conhecido, é Kevala e não-Kevala, (isto é, tal pessoa, embora ainda aparecendo como Jiva para outros, é na realidade identificável com a Alma Suprema), é a causa original do universo, é a alma Jiva e a Alma Suprema.'"

"Viswavasu disse, 'Ó pujante, tu falaste devidamente e adequadamente sobre aquilo que é a origem de todas as divindades e que é produtivo de Emancipação. Tu disseste o que é verdadeiro e excelente. Que bênçãos inesgotáveis possam sempre te acompanhar, e que tua mente possa estar sempre unida com a inteligência!'"

"Yajnavalkya continuou, 'Tendo dito aquelas palavras, o príncipe dos Gandharvas procedeu em direção ao céu, brilhando em resplandecência de beleza. Antes de me deixar, ele de grande alma me honrou corretamente por dar as voltas habituais ao redor de minha pessoa, e eu o olhei com respeito, muito satisfeito. Ele inculcou a ciência que ele obteve de mim para aqueles celestiais que moram nas regiões de Brahman e outras divindades, para aquelas que moram sobre a Terra, também para os habitantes das regiões inferiores, e para aqueles que tinham adotado o caminho da Emancipação, ó rei. Os Sankhyas são dedicados às práticas de seu sistema. Os Yogins são devotados às práticas inculcadas por seu sistema. Há outros que desejam alcançar sua Emancipação. Para esses últimos esta ciência é produtiva de resultados visíveis, ó leão entre reis. Emancipação flui do Conhecimento. Sem Conhecimento ela nunca pode ser alcançada. Os sábios têm dito isto, ó monarca. Por isso, uma pessoa deve se esforçar o melhor que pode para adquirir Conhecimento verdadeiro em todos os seus detalhes, pelo qual ela pode conseguir se libertar do nascimento e da morte. Obtendo conhecimento de um Brahmana ou de um Kshatriya ou Vaisya ou até de um Sudra que é de nascimento inferior, alguém dotado de fé deve sempre mostrar reverência por tal conhecimento. Nascimento e morte não podem atacar alguém que é dotado de fé. Todas as classes de homens são Brahmanas. Todas surgiram de Brahma. Todos os homens proferem Brahma. (No sentido de que todos os homens falam, e como a fala é Brahma, todos os homens podem ser considerados como proferidores de Brahma. Se, além disso, Brahma for tomado como significando os Vedas em especial, isto pode implicar que todos os homens proferem os Vedas ou são competentes para estudar os Vedas. Tal sentimento generoso proveniente da boca de Yajnavalkya é compatível somente com a religião de Emancipação que ele ensinava.) Ajudado por uma compreensão que é derivada de e dirigida para Brahma, eu inculquei esta ciência que trata de Prakriti e Purusha. De fato, todo este universo é Brahma. Da boca de Brahma surgiram os Brahmanas; dos seus braços, surgiram os Kshatriyas; do seu umbigo, os Vaisyas; e dos seus pés, os Sudras. Todas as classes, (tendo surgido dessa maneira) não devem ser consideradas como se furtando umas das outras. Impelidos pela Ignorância, todos os homens encontram com a morte e obtêm, ó rei, nascimento que é a causa das ações. (A doutrina é que a menos que as ações sejam destruídas, não pode haver Emancipação.) Desprovidas de Conhecimento, todas as classes de homens, arrastadas pela Ignorância terrível, caem em variadas classes de existência devido aos princípios que fluem de Prakriti. Por esta razão, todos devem, por todos os meios, procurar adquirir Conhecimento. Eu te disse que toda pessoa tem direito a se esforçar por sua aquisição. Alguém que é possuidor de Conhecimento é um Brahmana. Outros, (isto é, Kshatriyas e Vaisyas e Sudras) são possuidores de conhecimento. Então, esta ciência da Emancipação está sempre aberta para eles todos. Isto, ó rei, é dito pelos Sábios. As perguntas que tu

me fizeste foram todas respondidas por mim segundo a verdade. Portanto, rejeite toda aflição. Vá para o outro fim dessa indagação. Tuas questões foram boas. Bênçãos sobre tua cabeça para sempre!'"

"Bhishma continuou, 'Assim instruído pelo inteligente Yajnavalkya, o rei de Mithila ficou cheio de alegria. O rei honrou aquele principal dos ascetas por andar ao redor de sua pessoa. Despedido pelo monarca, ele partiu de sua corte. O rei Daivarati, tendo obtido o conhecimento da religião da Emancipação, tomou seu assento, e tocando um milhão de vacas e uma quantidade de ouro e uma quantidade de jóias e pedras preciosas, os doou para vários Brahmanas. Instalando seu filho na soberania dos Videhas, o velho rei começou a viver, adotando as práticas dos Yatis. Pensando principalmente em todos os deveres comuns e seu abandono (como prescritos nas escrituras), o rei começou a estudar a ciência dos Sankhyas e dos Yogins em sua totalidade. Considerando-se como Infinito, ele começou a refletir somente sobre o Eterno e Independente. Ele abandonou todos os deveres ordinários e suas negligências, Virtude e Vício, Verdade e Mentira, Nascimento e Morte, e todas outras coisas que concernem aos princípios produzidos por Prakriti. Ambos, Sankhyas e Yogins, segundo os ensinos das suas ciências, consideram que este universo é devido à ação do Manifesto e do Imanifesto. Os eruditos dizem que Brahma é livre de bem e mal, é independente, o maior dos maiores, Eterno, e Puro. Portanto, ó monarca, torne-te Puro! O doador, o recebedor da doação, a própria doação, e aquilo que é ordenado para ser doado, são todos para serem considerados como a Alma Imanifesta. A Alma é a única posse da Alma. Quem, portanto, pode ser um desconhecido para alguém? Pense sempre dessa maneira. Nunca pense de outra maneira. Aquele que não sabe o que é Prakriti possuidora de atributos e o que é Purusha que transcende os atributos, somente ele, não possuidor como ele é de conhecimento, vai para águas sagradas e realiza sacrifícios. Nem pelo estudo dos Vedas, nem por penitências, nem por sacrifícios, ó filho de Kuru, alguém pode alcançar a posição de Brahma. Somente quando alguém consegue compreender o Supremo ou Imanifesto ele vem a ser considerado com reverência. Aqueles que servem Mahat alcançam as regiões de Mahat. Aqueles que servem a Consciência, alcançam o local que pertence à Consciência. Aqueles que servem o que é mais elevado alcançam lugares que são mais altos de que esses. Aquelas pessoas, versadas nas escrituras, que conseguem compreender o Brahma Eterno que é mais elevado do que a Prakriti Imanifesta, consegue alcançar aquilo que transcende o nascimento e a morte, que é livre de atributos, e que é existente e inexistente. Eu obtive todo esse conhecimento de Janaka. O último o obteve de Yajnavalkya. O Conhecimento é muito superior. Sacrifícios não podem se comparar com ele. Com a ajuda do Conhecimento alguém consegue cruzar o oceano do mundo que é cheio de dificuldades e perigos. Uma pessoa nunca pode cruzar este oceano por meio de sacrifícios. O nascimento e a morte, e outros obstáculos, ó rei, os homens de conhecimento dizem, não podem ser ultrapassados por esforço comum. Homens alcançam o céu por sacrifícios, penitências, votos, e observâncias. Mas eles têm que cair outra vez de lá na Terra. Portanto, adore com reverência aquilo que é Supremo, o mais puro, abençoado, imaculado, e sagrado, e que transcende todos os estados (sendo a própria

Emancipação). Por compreender Kshetra, ó rei, e por realizar o Sacrifício que consiste na aquisição de Conhecimento, tu serás realmente sábio. Nos tempos antigos, Yajnavalkya fez aquele bem para o rei Janaka, o qual é derivável de um estudo dos Upanishads. O Eterno e Imutável Supremo era o tópico sobre o qual o grande Rishi tinha falado para o rei de Mithila. Isto o tornou apto para alcançar aquele Brahma que é auspicioso, e imortal, e que transcende todos os tipos de tristeza."

320

"Yudhishthira disse, 'Tendo adquirido grande poder e grande riqueza, e tendo obtido um longo período de vida, como alguém pode conseguir evitar a morte? Por qual destes meios, isto é, penitências, ou a realização das diversas ações (prescritas nos Vedas), ou por conhecimento dos Srutis, ou a aplicação de medicamentos, alguém pode conseguir evitar decrepitude e morte?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga narrativa de Panchasikha que era um Bhikshu em suas práticas e Janaka. Uma vez Janaka, o soberano dos Videhas, questionou o grande Rishi Panchasikha, que era a principal de todas as pessoas conhecedoras dos Vedas e que tinha suas dúvidas removidas a respeito do propósito e importância de todos os deveres. O rei disse, 'Por qual conduta, ó santo, alguém pode transcender decrepitude e morte? É por penitências, ou pela compreensão, ou por atos religiosos (como sacrifícios e votos), ou por estudo e conhecimento das escrituras?' Assim endereçado pelo soberano dos Videhas, o erudito Panchasikha, conhecedor de todas as coisas invisíveis, respondeu dizendo, 'Não há prevenção desses dois (isto é, velhice e morte); nem é verdade que não podem ser impedidos sob quaisquer circunstâncias. Nem dias, nem noites, nem meses cessam de seguir em frente. Somente aquele homem que, embora transitório, se dirige para o caminho eterno (da religião de Nivritti ou abstenção de todas as ações) consegue evitar nascimento e morte. A destruição alcança todas as criaturas. Todas as criaturas parecem ser incessantemente carregadas pela correnteza infinita do tempo. Aqueles que são levados ao longo da correnteza infinita do tempo que não tem uma balsa (para resgate) e que é infestada por aqueles dois jacarés poderosos, isto é, decrepitude e morte, afundam sem alguém vir ajudá-los. Conforme alguém é levado de roldão por aquela correnteza, ele fracassa em achar algum amigo para ajudá-lo e fracassa em ser inspirado com interesse por alguém mais. Alguém encontra com cônjuges e outros amigos somente de passagem. Nunca antes alguém desfrutou desse tipo de companhia com alguém por alguma duração de tempo. As criaturas, enquanto elas são levadas pela correnteza do tempo, vêm a ser repetidamente atraídas em direção umas às outras como massas de nuvens movidas pelo vento se encontrando com som alto. Decrepitude e morte são devoradoras de todas as criaturas, como lobos. De fato, elas devoram os fortes e os fracos, os baixos e os altos. Entre as criaturas, portanto, que são todas tão transitórias, somente a Alma existe eternamente. Por que alguém deveria então se regozijar quando criaturas nascem e por que ele deveria sofrer quando elas morrem? De onde eu vim?

Quem sou eu? Para onde eu irei? De quem eu sou? Perante o que eu permaneço? O que eu serei? Por que razão então tu te afliges pelo que? Quem mais além de ti irá ver o céu ou inferno (por causa do que tu fazes)? Por isso, sem jogar de lado as escrituras, uma pessoa deve fazer doações e realizar sacrifícios!"

321

"Yudhishthira disse, 'Sem abandonar o modo de vida familiar, ó sábio nobre da linhagem de Kuru, quem já alcançou a Emancipação a qual é a aniquilação da Compreensão (e das outras faculdades)? Diga-me isto! Como o grosseiro e o sutil podem ser rejeitados? Ó avô, me diga também qual é a excelência suprema da Emancipação.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha narrativa da conversa entre Janaka e Sulabha, ó Bharata! Antigamente havia um rei de Mithila de nome Dharmadhyaja, da linhagem de Janaka. Ele era dedicado às práticas da religião da Renúncia. Ele conhecia bem os Vedas, as escrituras sobre Emancipação, e as escrituras que tinham ligação com seu próprio dever como um rei. Subjugando seus sentidos, ele governava sua Terra. Sabendo de seu bom comportamento no mundo, muitos homens de sabedoria, bem familiarizados com a sabedoria, ó principal dos homens, desejaram imitá-lo. No mesmo Satya Yuga, uma mulher de nome Sulabha, pertencente à classe mendicante, praticava os deveres de Yoga e vagava por toda a Terra. No decorrer de suas viagens sobre a Terra, Sulabha ouviu de muitos Dandis de lugares diferentes que o soberano de Mithila era devotado à religião da Emancipação. Ouvindo este rumor sobre o rei Janaka e desejosa de averiguar se ele era verdadeiro ou não, Sulabha ficou desejosa de ter uma entrevista pessoal com Janaka. Abandonando, por seus poderes de Yoga, sua forma e aspecto anteriores, Sulabha assumiu as feições mais impecáveis e beleza inigualável. Num piscar de olhos e com a velocidade da flecha mais rápida, a dama de bela fronte de olhos como pétalas de lótus dirigiu-se à capital dos Videhas. Chegando na cidade principal de Mithila abundando com uma grande população, ela adotou a aparência de uma mendicante e se apresentou perante o rei. O monarca, observando sua forma delicada, ficou muito surpreso e perguntou quem ela era, de quem ela era, e de onde ela vinha. Dando as boas vindas a ela, ele designou para ela um assento excelente, a honrou por oferecer água para lavar seus pés, e a gratificou com refrescos excelentes. Refrescada devidamente e satisfeita com os ritos de hospitalidade oferecidos a ela, Sulabha, a mendicante feminina, pediu para o rei, que estava cercado por seus ministros e sentado no meio de estudiosos eruditos, (para se manifestar a respeito da sua adesão à religião da Emancipação). Duvidando se Janaka tinha conseguido alcançar a Emancipação, por seguir a religião de Nivritti, Sulabha, dotada de poder de Yoga, entrou na compreensão do rei por meio de sua própria compreensão. Reprimindo, por meio dos raios de luz que emanavam de seus próprios olhos, os raios emanados dos olhos do rei, a dama, desejosa de averiguar a verdade, atou o rei Janaka com laços de Yoga, (isto é, questionou o rei internamente ou por poder de Yoga). Aquele melhor dos monarcas, orgulhando-se de sua própria invencibilidade

e derrotando as intenções de Sulabha, capturou a resolução dela com sua própria resolução. O rei, em sua forma sutil, estava sem o guarda-sol e cetro reais. A dama Sulabha, na dela, estava sem o bastão triplo. Ambos ficando então na mesma forma (grosseira), conversaram dessa maneira entre si. Ouça aquela conversa como ela ocorreu entre o monarca e Sulabha.'"

"Janaka disse, 'Ó senhora santa, a que direção te conduta tu estás dedicada? De quem tu és? De onde tu vens? Depois de terminares teu assunto aqui, para onde tu irás? Ninguém pode, sem questionar, averiguar o conhecimento de outro das escrituras, ou idade, ou classe de nascimento. Tu deves, portanto, responder estas minhas perguntas, quando tu vieste a mim. Saiba que eu estou realmente livre de toda vaidade em relação ao meu guarda-sol e cetro reais. Eu desejo te conhecer completamente. Eu considero que tu és merecedora do meu respeito. Ouça-me enquanto eu te falo sobre a Emancipação pois não há ninguém mais (neste mundo), que possa te falar sobre este tópico. Ouça-me também enquanto eu te digo quem é aquela pessoa de quem antigamente eu adquiri este conhecimento notável. Eu sou o querido discípulo do venerável Panchasikha de grande alma, pertencente à classe mendicante, da linhagem de Parasara. Minhas dúvidas foram dissipadas e eu conheço completamente os sistemas Sankhya e Yoga, e as ordenanças a respeito de sacrifícios e outros ritos, que constituem os três caminhos bem conhecidos da Emancipação. (O valor de Karma no caminho da Emancipação é purificar a Alma.) Vagando sobre a terra e enquanto isso procurando o caminho que é indicado pelas escrituras, o erudito Panchasikha antigamente morou em felicidade na minha residência por um período de quatro meses na estação chuvosa. Aquele principal dos Sankhyas falou para mim, de acordo com a verdade, e de uma maneira inteligível adequada para a minha compreensão, sobre os vários tipos de meios para chegar à Emancipação. Ele, no entanto, não me ordenou desistir do meu reino. Livre de atrações, e fixando minha Alma no Brahma Supremo, e indiferente à companhia, eu vivi, praticando em sua totalidade aquela conduta tripla que é prescrita em tratados sobre Emancipação. Renúncia (a todos os tipos de atrações) é o meio mais elevado prescrito para a Emancipação. É dito que do Conhecimento flui a Renúncia pela qual alguém vem a ser livre. Do Conhecimento surge o esforço por Yoga, e é por aquele esforço que alguém obtém conhecimento do Eu ou Alma. Pelo conhecimento do Eu alguém transcende alegria e tristeza. Ele capacita uma pessoa a transcender a morte e alcançar grande êxito. Aquela inteligência superior (conhecimento do Eu), foi adquirida por mim, e consequentemente eu superei todos os pares de opostos. Mesmo nesta vida eu estou livre de adormecimento e transcendi todos os apegos. Como uma terra, saturada com água e amolecida dessa maneira, faz a semente (semeada) brotar, da mesma maneira, as ações dos homens causam renascimento. Como uma semente, frita em uma panela ou de outra maneira, se torna incapaz de brotar embora a capacidade de brotar estivesse lá, do mesmo modo minha compreensão, tendo sido liberta do princípio produtivo constituído pelo desejo, pela instrução do santo Panchasikha da classe mendicante, ela não mais produz seu fruto na forma de atração pelos objetos dos sentidos. Eu nunca sinto amor por minha cônjuge ou ódio por meus inimigos. De fato, eu me mantenho afastado de ambos, vendo a inutilidade da afeição e cólera. Eu

considero ambas as pessoas igualmente, isto é, aquela que cobre minha mão direita com pasta de sândalo e aquela que fere a minha esquerda. Tendo alcançado meu (verdadeiro) objetivo, eu sou feliz, e olho igualmente para um torrão de terra, uma pedra, e um pedaço de ouro. Eu estou livre de atrações de todos os tipos, embora eu esteja empenhado em governar um reino. Por tudo isso eu sou eminente sobre todos os portadores de bastões triplos. Alguns principais dos homens que estão familiarizados com o assunto da Emancipação dizem que a Emancipação tem um caminho triplo, (estes são conhecimento, Yoga, e sacrifícios e ritos). Alguns consideram o conhecimento tendo todas coisas do mundo como seu objeto como o meio de emancipação. Alguns consideram que a renúncia total às ações (externas e internas) é o meio para isto. Outra classe de pessoas conhecedoras das escrituras sobre Emancipação diz que o Conhecimento é o único meio. Outros, isto é, Yatis, dotados de visão sutil, consideram que as ações constituem os meios. Panchasikha de grande alma, descartando ambas as opiniões sobre conhecimento e ações, considerava a terceira como o único meio de Emancipação. Se os homens que levam o modo de vida familiar forem dotados de Yama e Niyama, eles se tornam iguais aos Sannyasins. Se, por outro lado, Sannyasins foram dotados de desejo e aversão e cônjuges e honra e orgulho e afeto, eles se tornam iguais aos homens que levam o modo de vida familiar. Se alguém pode alcançar a Emancipação por meio do conhecimento, então a Emancipação pode existir em bastões triplos (pois não há nada para impedir os portadores de tais bastões de obterem o conhecimento necessário). Por que então a Emancipação não pode existir no guarda-sol e no cetro também, especialmente quando há razão igual em erguer o bastão triplo e o cetro? (Portar o cetro é somente um modo de vida como aquele dos portadores do bastão triplo. Ambos, o rei e o Sannyasin, são livres para adquirir conhecimento e ambos, portanto, podem chegar à Emancipação apesar de seus respectivos emblemas. Nos próprios emblemas não há eficácia ou desqualificação.) Uma pessoa se torna ligada a todas aquelas coisas e ações das quais ela tem necessidade por si mesma por razões particulares. (Todas as pessoas, levadas por interesse, se tornam ligadas a coisas específicas. A grandeza ou pequenez daquelas coisas não pode ajudar ou barrar o caminho das pessoas para a Emancipação. 'Eu posso ser um rei, diz Janaka, e tu podes ser uma mendicante. Nem tua mendicância nem minha realeza podem ajudar ou impedir nossa Emancipação. Nós dois, por meio do Conhecimento, podemos realizar o que nós desejamos, apesar de nossos circundantes externos.') Se alguém, vendo as imperfeições do modo de vida familiar, o abandona para adotar outro modo (que ele considera repleto de grande mérito), ele não pode, por tal rejeição e adoção, ser considerado como alguém que está livre de uma vez de todos os apegos, (pois tudo o que ele fez foi se vincular a um novo modo depois de ter se livrado do anterior). (Por isso, por trocar minha vida de rei por aquela de um portador do bastão triplo eu não posso ganhar nada.) A soberania é repleta da recompensa e do castigo de outros. A vida de um mendicante está igualmente repleta do mesmo (pois mendicantes também recompensam e castigam aqueles que eles podem). Quando, portanto, os mendicantes são similares aos reis neste aspecto, por que somente os mendicantes alcançariam a Emancipação, e não os reis? Apesar da posse da soberania, portanto, alguém se torna purificado de todos os pecados somente por

meio do conhecimento, enquanto vive no Brahma Supremo. Vestir roupas marrons, raspar a cabeça, carregar o bastão triplo, e o Kamandalu, esses são os sinais externos do modo de vida de alguém. Esses não têm valor em ajudar alguém a alcançar a Emancipação. Quando, apesar da adoção desses emblemas de um modo específico de vida, somente o conhecimento se torna a causa de alguém se emancipar da tristeza, parece que a adoção de meros emblemas é totalmente inútil. Ou, se, vendo o alívio da tristeza nisto, tu te dirigiste a estes emblemas de Sannyasi, por que então o alívio da tristeza não deveria ser visto no guarda-sol e no cetro ao quais eu me dirigi? Emancipação não existe na pobreza; nem escravidão é para ser encontrada na riqueza. Uma pessoa alcança a Emancipação somente através do Conhecimento, seja ela rica ou indigente. Por essas razões, saiba que eu estou vivendo em uma condição de liberdade, embora ostensivamente engajado nos gozos de religião, riqueza, e prazer, na forma de reino e cônjuges, os quais constituem um campo de escravidão (para a maioria dos homens). Os laços constituídos por reino e riqueza, e a escravidão dos apegos, eu cortei com a espada da Renúncia afiada na pedra das escrituras que tratam de Emancipação. Com relação a mim mesmo então, eu te digo que eu me tornei livre dessa maneira. Ó dama da classe mendicante, eu nutro uma afeição por ti. Mas isso não me impede de te dizer que teu comportamento não corresponde às práticas do modo de vida ao qual tu te dirigiste! Tu tens grande delicadeza de formação. Tu tens uma forma muito simétrica. Tu és jovem. Tu tens tudo isso, e tu tens Niyama (subjugação dos sentidos). Eu duvido disto realmente. Tu bloqueaste meu corpo (por entrar em mim com a ajuda do poder Yoga), para averiguar se eu sou realmente emancipando ou não. Essa tua ação mal corresponde àquele modo de vida cujos emblemas tu carregas. Para o Yogin que é dotado de desejo o bastão triplo é inadequado. Com relação a ti, tu não aderiste ao teu bastão. Com relação aos que são livres, cabe a eles mesmos se protegerem da queda. Escute agora a mim quanto a qual foi tua transgressão por teu contato comigo e por teres entrado em meu corpo grosseiro com a ajuda da tua compreensão. À qual razão é para ser atribuída tua entrada em meu reino ou meu palácio? Ao sinal de quem tu entraste em meu coração? (Pois ele, o rei, não tinha feito acordo com a dama pelo qual ela poderia ser justificada de entrar em seu corpo.) Tu pertences à principal de todas as classes, sendo, como tu és, uma mulher Brahmana. Com relação a mim, no entanto, eu sou um Kshatriya. Não há união para nós dois. Não ajude a causar uma mistura de cores. Tu vives na prática daqueles deveres que levam à Emancipação. Eu vivo no modo de vida familiar. Este teu ato, portanto, é outro mal que tu fizeste, pois isto produz uma união antinatural de dois modos de vida opostos. Eu não sei se tu pertences ao meu próprio gotra ou não pertences a ele. Com respeito a ti mesma também, tu não sabes quem eu sou (isto é, a qual gotra eu pertenço). Se tu és do meu próprio grota, tu, por entrares em meu corpo, produziste outro mal, o mal da união antinatural. Se, também, teu marido estiver vivo e residindo em um lugar distante, tua união comigo produziu o quarto mal de pecaminosidade, pois tu não és alguém com quem eu possa ser unido legalmente. Tu cometeste todas essas ações pecaminosas, impelida pelo motivo de realizar um objetivo específico? Tu fizeste isso por ignorância ou por inteligência pervertida? Se, também, por tua natureza má tu te tornaste totalmente independente ou desenfreada em teu

comportamento, eu te digo que se tu tens algum conhecimento das escrituras, tu compreenderás que tudo o que tu fizeste foi produtivo de mal. Uma terceira falha se vincula a ti em consequência dessas tuas ações, uma falha que é destrutiva da paz mental. Por te esforçares para mostrar tua superioridade, a indicação de uma mulher pecaminosa é vista em ti. Desejosa de afirmar tua vitória como tu és, não é só a mim mesmo que tu desejas derrotar, pois é claro que tu desejas obter uma vitória mesmo sobre toda minha corte (consistindo nestes Brahmanas eruditos e muito superiores), por lançar teu olhar dessa maneira em direção a todos estes Brahmanas meritórios, é evidente que tu desejas humilhar eles todos e glorificar a ti mesma (às custas deles). Estupefata por teu orgulho de poder Yoga que nasceu do teu ciúme (à visão do meu poder) tu causaste uma união da tua compreensão com a minha e assim realmente misturaste néctar com veneno. Aquela união, também, de homem e mulher, quando um cobiça o outro, é doce como néctar. Aquela associação, no entanto, de homem e mulher quando a última, ela mesma cobiçando, falha em obter um indivíduo do sexo oposto que não a cobiça, é, em vez de ser um mérito, somente uma falha que é tão nociva quanto veneno. Não continue a me tocar. Saiba que eu sou justo. Aja de acordo com tuas próprias escrituras. A pergunta que tu desejaste fazer, isto é, se eu sou ou não emancipado, foi terminada. Não cabe a ti esconder de mim todos os teus motivos secretos. Não cabe a ti, que te disfarças dessa maneira, esconder de mim qual é teu objetivo, se essa tua visita foi incitada pelo desejo de realizar algum objetivo teu ou se tu vieste para realizar o objetivo de algum outro rei (que é hostil a mim). Alguém nunca deve aparecer enganadoramente perante um rei; nem perante um Brahmana; nem perante sua esposa quando aquela esposa possui todas as virtudes próprias de uma esposa. Aqueles que aparecem em aparência enganadora perante esses três logo encontram com a destruição. O poder dos reis consiste em sua soberania. O poder de Brahmanas conhecedores dos Vedas está nos Vedas. As mulheres manejam um grande poder por sua beleza e juventude e bem-aventurança. Esses então são poderosos na posse desses poderes. Aquele, portanto, que deseja realizar seu próprio objetivo deve sempre se aproximar desses três com sinceridade e franqueza, insinceridade e falsidade fracassam em produzir êxito (nesses três casos). Cabe a ti, portanto, me informar da classe à qual tu pertences por nascimento, da tua erudição e conduta e disposição e natureza, como também do objetivo que tu tens em vista ao vires para este local!""

"Bhishma continuou, 'Embora repreendida pelo rei nestas palavras desagradáveis, impróprias, e mal aplicadas, a dama Sulabha não estava envergonhada em absoluto. Depois que o rei tinha dito estas palavras, a bela Sulabha então se dirigiu a ele dizendo em resposta as seguintes palavras que eram mais belas do que sua pessoa.'"

"'Sulabha disse, 'Ó rei, a fala deve sempre ser livre das nove falhas verbais e das nove falhas de julgamento. Ela deve também, enquanto anunciando o sentido com clareza, ser possuidora dos dezoito méritos bem conhecidos. (Estas falhas e méritos são anunciados nos versos seguintes.) Ambiguidade, averiguação das falhas e méritos de premissas e conclusões, ponderação da relativa força ou

fraqueza daquelas falhas e méritos, estabelecimento da conclusão, e o elemento de persuasão ou não que se atribui à conclusão assim chegada; estas cinco características concernentes ao sentido constituem a autoridade do que é dito. Escute agora as características desses requisitos começando com ambiguidade, um depois do outro, enquanto eu os explico segundo as combinações. Quando o conhecimento depende da distinção pelo objeto a ser conhecido ser diferente de um outro, e quando (com relação à compreensão do assunto) a compreensão depende de muitos pontos um depois do outro, a combinação de palavras (em cujo caso isso ocorra) é citada como sendo contaminada pela ambiguidade. (Por exemplo, uma frase é composta contendo algumas palavras cada uma das quais é empregada em diversos sentidos, como o bem conhecido verso de Parasara o qual tem sido interpretado como sancionando o segundo casamento de viúvas Hindus. Aqui, o objetivo indicado pelas palavras usadas é variado. Chega-se ao conhecimento definitivo do sentido de cada palavra por meio de distinções, isto é, por diferenciar cada sentido de todos os outros. Em tais casos, a compreensão antes de chegar ao sentido definitivo se apóia em sucessão sobre diversos pontos, ora sobre um, ora sobre outro. De fato, é para se chegar ao significado verdadeiro por um processo de eliminação em tais casos. Quando tal processo se torna necessário para apreender o sentido de alguma frase, a falha é citada como sendo a falta de exatidão, ou ambiguidade.) Pela determinação (das falhas e méritos), chamada Sankhya, se quer dizer o estabelecimento, por eliminação, das falhas ou méritos (em premissas e conclusões), adotando significados tentativos. (Usando o mesmo exemplo; primeiro tome as bem conhecidas palavras de Parasara como realmente sancionando o segundo casamento de viúvas. Várias palavras no verso indicam este significado, várias outras não. Pesando probabilidades e justificações, que seja adotado tentativamente o significado que um segundo marido é sancionado pelo Rishi para a viúva Hindu. Isto é Sankhya.) Krama ou ponderar a relativa força ou fraqueza das falhas ou méritos (averiguados pelo processo acima), consiste em decidir a propriedade da prioridade ou subsequência das palavras empregadas em uma frase. Este é o significado dado à palavra Krama por pessoas conhecedoras da interpretação de frases ou textos. Por Conclusão se quer dizer a determinação final, depois desse exame do que foi dito sobre os assuntos de religião, prazer, riqueza, e Emancipação, em relação ao que é especificamente que foi dito no texto. (Tendo adotado tentativamente o significado que um segundo marido é sancionado pelo verso referido, a conclusão deve ser sua aceitação ou rejeição. Por ver a incompatibilidade do significado tentativo com outras conclusões seguras em relação a outros textos ou outros escritores, o significado tentativo pode ser rejeitado, e a conclusão final chegada no sentido de que o segundo marido é para ser aceito somente de acordo com o Niyoga-vidhi e não por casamento.) A tristeza nascida do desejo ou aversão aumenta para uma grande proporção. A conduta, ó rei, que alguém segue em tal questão (para dissipar a tristeza experimentada) é chamada de Prayojanam. (Por prayojanam se quer dizer a conduta que alguém segue para satisfazer seu desejo de adquirir ou evitar algum objeto. Desejo, em relação à aquisição ou evitação, se insatisfeito, se torna uma fonte de dor. A conduta que alguém adota para remover aquela dor é chamada de Prayojanam.) Tome por certo, ó rei, pela minha palavra, que estas características de

Ambiguidade e as outras (cinco ao todo), quando ocorrendo juntas (quando elas são tratadas devidamente por um orador ou escritor), constituem uma sentença completa e inteligível. As palavras que eu proferirei serão repletas de significado, livres de ambiguidade (por cada uma delas não ser símbolo de muitas coisas), lógicas, livres de pleonasmo ou tautologia, polidas, certas, livres de linguagem bombástica, agradáveis ou gentis, verdadeiras, não inconsistentes com o conjunto de três, (isto é, Virtude, Riqueza e Prazer), refinadas (isto é, livres de Prakriti), não elípticas ou imperfeitas, desprovidas de dureza ou dificuldade de compreensão, caracterizadas por ordem adequada, não forçadas em relação a sentido, emendadas umas com as outras como causa e efeito e cada uma tendo um objeto específico. (Estas características, o comentador salienta, embora totalizando dezesseis, incluem as vinte e quatro mencionadas por Bhojadeva em sua Retórica chamada Saraswati-kanthabharana.) Eu não te direi qualquer coisa, incitada por desejo ou ira ou medo ou cobiça ou vileza ou falsidade ou vergonha ou compaixão ou orgulho. (Eu te respondo porque é apropriado para eu responder o que tu disseste.) Quando o orador, o ouvinte, e as palavras ditas, concordam totalmente uns com os outros no decorrer de um discurso, então o sentido ou significado aparece muito claramente. Quando, na questão do que é para ser dito, o orador demonstra desrespeito pela inteligência do ouvinte por proferir palavras cujo sentido é entendido por si mesmo, então, embora aquelas palavras possam ser boas, elas se tornam incapazes de serem apreendidas pelo ouvinte. Aquele orador, também, que, abandonando todo o respeito por seu próprio significado usa palavras que são de som e significado excelentes, desperta somente impressões errôneas na mente do ouvinte. Tais palavras em tal relação se tornam certamente defeituosas. Aquele orador, no entanto, que emprega palavras que, enquanto expressam seu próprio sentido, são inteligíveis para o ouvinte também, realmente merece ser chamado de orador. Nenhum outro homem merece o nome. Cabe a ti, portanto, ó rei, ouvir com atenção concentrada estas minhas palavras, repletas de significado e dotadas de riqueza de vocábulos. Tu me perguntaste quem eu sou, de quem eu sou, de onde eu estou vindo, etc. Ouça, ó rei, com mente indivisa, como eu respondo estas suas questões. Como laca e madeira, como grãos de pó e gotas de água, existem misturados quando juntados, assim mesmo são as existências de todas as criaturas. (O que Sulabha diz aqui é isto: os grandes elementos primordiais são os mesmos eles construam este corpo ou aquele outro corpo; e então é o mesmo Chit que permeia toda combinação dos grandes elementos. O objetivo dessa observação é mostrar que Janaka não deveria ter feito estas perguntas sobre Sulabha, ele e ela sendo essencialmente a mesma pessoa. Considerar os dois como diferentes indicaria obscurecimento de visão.) Som, toque, gosto, forma, e cheiro, estes e os sentidos, embora diversos em relação às suas essências, existem ainda em um estado de mistura como laca e madeira. É bem conhecido também que ninguém questiona algum destes, dizendo, quem és tu? Cada em deles também não tem conhecimento de si mesmo ou dos outros. O olho não pode ver a si mesmo. O ouvido não pode ouvir a si mesmo. O olho, também, não pode cumprir as funções de algum dos outros sentidos, nem algum dos sentidos pode cumprir as funções de algum sentido exceto as suas. Mesmo se todos eles se misturassem, ainda assim eles falhariam em conhecer a si mesmos assim como pó e água misturados não podem

conhecer um ao outro embora existindo em um estado de união. Para cumprir suas respectivas funções, eles esperam o contato de objetos que são externos a eles. O olho, forma, e luz, constituem os três requisitos da operação chamada de visão. O mesmo, como neste caso, acontece em relação às operações dos outros sentidos e das idéias que são seu resultado. Então, além disso, entre as funções dos sentidos (chamadas de visão, audição, etc.) e as idéias as quais são seu resultado (isto é, forma, som, etc.), a mente é uma entidade diferente dos sentidos e é considerada como tendo uma ação própria. Com sua ajuda alguém distingue o que é existente do que é inexistente para chegar à certeza (na questão de todas as idéias derivadas dos sentidos). Com os cinco sentidos de conhecimento e os cinco sentidos de ação, a mente faz um total de onze. O décimo segundo é a Compreensão. Quando surge a dúvida a respeito do que é para ser conhecido, a Compreensão se apresenta e decide todas as dúvidas (para ajudar no entendimento correto). Depois do décimo segundo, Sattwa é outro princípio (que existe nas constituições de criaturas) numerando o décimo terceiro. Com sua ajuda as criaturas são distinguidas como possuindo mais dele ou menos dele em suas constituições. Depois disso, a Consciência (do eu) é outro princípio (numerando o décimo quarto). Ela ajuda alguém a ter um entendimento do eu como diferente do que não é eu. O Desejo é o décimo quinto princípio, ó rei. A ele inere o universo inteiro. (Enquanto existe o princípio do Desejo, o renascimento se torna possível. O universo, portanto, se apóia sobre o princípio do Desejo ou Vasana. Os sentidos, etc., todos surgem deste princípio de Vasana.) O décimo sexto princípio é Avidya. A ele inerem os décimo sétimo e décimo oitavo princípios chamados Prakriti e Vyakti (isto é, Maya e Prakasa). Felicidade e tristeza, decrepitude e morte, aquisição e perda, o fim agradável e o desagradável, estes constituem o décimo nono princípio e são chamados de pares de opostos. Além do décimo nono princípio há outro, isto é, o Tempo, chamado de vigésimo. Saiba que o nascimento e a morte de todas as criaturas são devido à ação deste vigésimo princípio. Esses vinte existem juntos. Além desses, os cinco grandes elementos primordiais, e existência e não-existência, fazem o número subir para vinte e sete. Além desses, há três outros, chamados Vidhi (aquela justiça e seu inverso que constituem a semente do Desejo), Sukra (aquilo que ajuda aquela semente a crescer ou desenvolver seus elementos iniciais), e Vala (o esforço que alguém faz para satisfazer o próprio desejo), fazem o número chegar a trinta. Aquilo no qual esses trinta princípios se encontram é citado como sendo o corpo. Algumas pessoas consideram a Prakriti imanifesta como a fonte ou causa desses trinta princípios. (Este é o ponto de vista da escola ateísta Sankhya.) Os Kanadas de visão grosseira consideram o Manifesto (ou átomos) como sendo a causa deles. Se o Imanifesto ou o Manifesto for sua causa, ou se os dois (isto é, o Supremo ou Purusha e o Manifesto ou átomos) forem considerados como sua causa, ou em quarto lugar, se os quatro juntos (isto é, o Supremo ou Purusha e seu Maya e Jiva e Avidya ou Ignorância) forem a causa, aqueles que estão familiarizados com Adhyatma vêem Prakriti como a causa de todas as criaturas. Aquela Prakriti que é Imanifesta vem a ser manifesta na forma daqueles princípios. Eu mesma, tu mesmo, ó monarca, e todos os outros que são dotados de corpo são o resultado daquela Prakriti (no que diz respeito aos nossos corpos). Inseminação e outras condições (embrionárias) são devido à mistura de semente

vital e sangue. Pela inseminação o resultado que aparece primeiro é chamado pelo nome de 'Kalala'. De 'Kalala' surge o que é chamado de Vudvuda (bolha). Do estágio chamado 'Vudvuda' surge o que é chamado de ‘Pesi’. Da condição chamada 'Pesi' surge aquele estado no qual os vários membros se tornam manifestados. Dessa última condição aparecem unhas e cabelo. Após o término do nono mês, ó rei de Mithila, a criatura nasce de modo que, seu sexo sendo conhecido, ela vem a ser chamada de menino ou menina. Quando a criatura sai do útero, a forma que ela apresenta é tal que suas unhas e dedos parecem ser da cor do cobre polido. O próximo estágio é citado como sendo a infância, quando a forma que foi vista no tempo do nascimento se torna mudada. Da infância a juventude é alcançada, e da juventude, a velhice. Conforme a criatura avança de um estágio para outro, a forma apresentada no estágio anterior vem a ser mudada. Os elementos constituintes do corpo, que são úteis para diversas funções na organização geral, sofrem mudanças em todos os momentos em todas as criaturas. Aquelas mudanças, no entanto, são tão minúsculas que elas não podem ser notadas. O nascimento de partículas, e sua morte, em cada condição sucessiva, não podem ser notados, ó rei, assim como não se pode perceber a mudança na chama de uma lâmpada queimando. (O exemplo citado para ilustrar a mudança de partículas corporais é certamente um muito feliz. A chama de uma lâmpada ardente, embora perfeitamente firme (como em um local sem brisa), é realmente o resultado da combustão sucessiva de partículas de óleo e a sucessiva extinção de tal combustão.) Quando tal é o estado dos corpos de todas as criaturas, quando aquilo que é chamado de corpo está mudando incessantemente assim como a locomoção rápida de um corcel vigoroso, quem então veio ou não veio de onde, ou de quem ele é ou não é, ou de onde ele não surgiu? Que ligação existe entre as criaturas e seus próprios corpos? (Por isso as questões de Janaka, perguntando quem a dama era ou de quem, eram fúteis.) Como do contato da pederneira com ferro, ou de dois paus de madeira quando friccionados um contra o outro, fogo é gerado, assim mesmo as criaturas são geradas da combinação dos (trinta) princípios já citados. De fato, como tu mesmo vês teu próprio corpo em teu corpo e como tu vês tua alma em tua própria alma, por que é que tu não vês teu próprio corpo e tua própria alma nos corpos e almas de outros? Se é verdade que tu vês uma igualdade de ti mesmo com os outros, por que então tu me perguntas quem eu sou e de quem? Se é verdade que tu, ó rei estás livre do conhecimento de dualidade que diz (erroneamente) ‘Isto é meu e este outro não é meu’, então que utilidade há para tais perguntas como ‘Quem és tu, de quem tu és e de onde tu vens?’ Quais indicações de Emancipação podem ser citadas como sendo encontradas naquele rei que age como outros agem em direção a inimigos e aliados e indiferentes e na vitória e trégua e guerra? Quais indicações de Emancipação ocorrem naquele que não conhece a verdadeira natureza do conjunto de três como manifestados de sete maneiras em todos os atos e que, por causa disso, está ligado àquele conjunto de três? (As sete maneiras são as seguintes: Virtude e Riqueza e Prazer independentemente e distintos uns dos outros contam três, então o primeiro e segundo, o primeiro e terceiro, e segundo e terceiro, contam três e por fim, todos os três existindo juntos. Em todas as ações, um ou outro destes sete podem ser encontrados. O primeiro e segundo existem em todas as ações cujo resultado é a aquisição justa de riqueza; o primeiro e

terceiro existem na procriação de filhos em matrimônio legal; o segundo e terceiro em ações comuns de homens mundanos. Das ações nas qual todos os três se combinam, a criação dos filhos pode ser mencionada, pois ela é ao mesmo tempo um dever, um fonte de riqueza, e um prazer.) Quais indicações de Emancipação existem naquele que fracassa em lançar um olhar imparcial para o agradável, o fraco, e o forte? Indigno como tu és dela, tua pretensão de Emancipação deve ser suprimida por teus conselheiros! Esse teu esforço para alcançar a Emancipação (quando tu tens tantas imperfeições) é como o uso de remédio por um paciente que se entrega a todos os tipos de alimentos e práticas proibidos. Ó castigador de inimigos, refletindo sobre cônjuges e outras fontes de apego, uma pessoa deve ver estes em sua própria alma. O que mais pode ser considerado como a indicação de Emancipação? Ouça-me agora enquanto eu te falo em detalhes dessas e certas outras pequenas fontes de apego concernentes às quatro ações bem conhecidas (de deitar para dormir, se divertir, comer, e se vestir) às quais tu ainda estás atado embora tu declares ter adotado a religião da Emancipação. Aquele homem que tem que governar o mundo inteiro deve, de fato, ser um único rei sem um segundo. Ele é obrigado a viver somente em um único palácio. Naquele palácio ele tem também um único quarto de dormir. Naquele quarto ele tem, novamente, somente uma cama na qual à noite ele se deita. Metade daquela cama ele é obrigado a dar para sua Rainha-consorte. Isto pode servir como um exemplo de quão pequena é a parte do rei de tudo o que se diz que ele possui. Este é o caso com seus objetos de prazer, com o alimento que ele come, e com os mantos que ele veste. Ele está assim ligado a uma parte muito limitada de todas as coisas. Ele está, também, ligado aos deveres de recompensa e punição. O rei é sempre dependente de outros. Ele desfruta de uma parte muito pequena de tudo o que se supõe que ele possui, e àquela pequena parte ele é forçado a ser vinculado (assim como outros estão ligados às suas respectivas posses). Na questão também de paz e guerra, o rei não pode citado como independente. Na questão de mulheres, de esportes e outros tipos de divertimento, as inclinações do rei são extremamente restringidas. Na questão de se aconselhar e na assembléia de seus conselheiros, que independência pode-se dizer que o rei tem? Quando, de fato, ele estabelece suas ordens sobre outros homens, ele é citado como sendo totalmente independente. Mas então no momento seguinte, nas várias questões de suas ordens, sua independência é barrada pelos próprios homens a quem ele ordenou. (O rei pode mandar alguns homens fazerem algumas coisas. Aqueles homens, depois de obedecerem aquelas ordens, voltam para ele para relatarem o fato do que eles realizaram. O rei é obrigado a lhes conceder entrevistas para escutá-los.) Se o rei deseja dormir, ele não pode satisfazer seu desejo, impedido por aqueles que têm negócios a realizar com ele. Ele deve dormir quando permitido, e quando dormindo ele é obrigado a acordar para se encarregar daqueles que têm negócios urgentes com ele, --tome banho, toque, beba, coma, despeje libações no fogo, realize sacrifícios, fale, ouça,-- estas são as palavras que reis têm que ouvir de outros e ouvindo-as eles têm que labutar para aqueles que as proferem. Homens vão ao rei em grupos e apelam a ele por doações. Sendo, no entanto, o protetor da tesouraria geral, ele não pode fazer doações nem para os mais merecedores. Se ele faz doações, a tesouraria vem a ser empobrecida. Se ele não faz, solicitadores desapontados o olham de forma

hostil. Ele fica aborrecido e, como o resultado disso, sentimentos misantrópicos logo invadem sua mente. Se muitos homens sábios e heróicos e ricos residem juntos, a mente do rei começa a se encher de desconfiança em consequência. Mesmo quando não há causa de medo, o rei nutre medo daqueles que sempre o servem e adoram. Aqueles que eu mencionei, ó rei, também o criticam. Veja, de que maneira os temores do rei podem provir até deles! Então também todos os homens são reis em suas próprias casas. Todos os homens, também, em suas próprias casas são chefes de família. Como reis, ó Janaka, todos os homens em suas próprias casas castigam e recompensam. Como reis outros também têm filhos e cônjuges e seus próprios interesses e tesourarias e amigos e suprimentos. Nestes aspectos o rei não é diferente de outros homens. 'O país está em ruínas', 'A cidade está consumida pelo fogo', 'O principal dos elefantes está morto', por tudo isso o rei se entrega à aflição como outros, pouco considerando que estas impressões são todas devido à ignorância e erro. O rei raramente está livre de angústias mentais causadas por desejo e aversão e medo. Ele geralmente é afligido também por dores de cabeça e diversas doenças do tipo. O rei é afligido (como outros) por todos os pares de opostos (como prazer e dor, etc.). Ele fica inquieto por causa de tudo. De fato, cheio de inimigos e obstáculos como o reino é, o rei, enquanto desfruta dele, passa noites de insônia. A soberania, portanto, é dotada de uma parte de felicidade extremamente pequena. A miséria da qual ela é dotada é muito grande. Ela é tão insubstancial quanto chamas ardentes alimentadas por palha ou as bolhas de espuma vistas na superfície da água. Quem é que gostaria de obter soberania, ou tendo obtido soberania pode esperar conseguir tranquilidade? Tu consideras este reino e este palácio como teus. Tu pensas também que este exército, esta tesouraria, e estes conselheiros pertencem a ti. De quem, no entanto, eles são na verdade, e de quem eles não são? Aliados, ministros, capital, províncias, castigo, tesouraria, e o rei, estes sete que constituem os membros de um reino existem, dependendo uns dos outros, como três bastões ficando de pé com o apoio uns dos outros. Os méritos de cada um são partilhados pelos méritos dos outros. Qual deles pode então ser citado como superior ao resto? Alguns específicos são considerados como eminentes acima do resto naquelas épocas quando algum fim importante é servido através de sua agência. Superioridade, no momento presente, se atribui àquele cuja eficácia é assim vista. Os sete membros já mencionados, ó melhor dos reis, e os outros três (que são Vriddhi, Kshaya, e Sthana, todos os quais provêm da diplomacia), formando um conjunto de dez, sustentando uns aos outros, são citados como desfrutando do reino como o próprio rei. (Alguns dos sete membros são inanimados, tal como a tesouraria. Mas é dito que a tesouraria mantém os ministros, e os ministros mantêm a tesouraria.) Aquele rei que é dotado de grande energia e que é firmemente ligado às práticas Kshatriya, deve estar satisfeito somente com uma décima parte da produção do campo do súdito. São vistos outros reis que estão satisfeitos com menos do que uma décima parte de tais produtos. Não há ninguém que possua a posição real sem alguém mais possuí-la no mundo, e não há reino sem um rei. (Por isso, quando todo reino tem um rei, e os reis também são muitos, ninguém deve se entregar ao orgulho ao pensamento de que ele é um rei.) Se não houvesse reino, não poderia haver justiça, e se não houvesse justiça, de onde a Emancipação poderia surgir? Qualquer mérito que

seja o mais sagrado e o maior, pertence aos reis e reinos. (O objetivo do verso é mostrar que como Janaka governa seu reino sem de ser afeiçoado a ele, ele não pode reivindicar ao mérito que pertence aos reis.) Por governar bem um reino, um rei ganha o mérito que se atribui a um Sacrifício de Cavalo com a Terra inteira doada como Dakshina. Mas há quantos reis que governam bem seus reinos? Ó soberano de Mithila, eu posso mencionar centenas e milhares de imperfeições como estas que se vinculam a reis e reinos. Então, também, quando eu não tenho conexão real mesmo com meu corpo, como então eu posso ser citada como tendo algum contato com os corpos de outros? Tu não podes me acusar de ter me esforçado para ocasionar uma mistura de castas. Tu ouviste a religião de Emancipação em sua totalidade dos lábios de Panchasikha junto com seus meios, seus métodos, suas práticas, e sua conclusão? Se tu triunfaste sobre todos os teus vínculos e te libertaste de todas as atrações, eu posso te perguntar, ó rei, porque tu ainda preservas tuas conexões com este guarda-sol e esses outros anexos de realeza? Eu penso que tu não escutaste as escrituras, ou, tu as escutaste sem qualquer vantagem, ou, talvez, tu escutaste alguns outros tratados parecidos com as escrituras. Parece que tu possuis somente conhecimento mundano, e como um homem comum do mundo tu és limitado pelos laços de contado e esposas e mansões e semelhantes. Se é verdade que tu estás emancipado de todos os vínculos, que mal eu te fiz por entrar em teu corpo somente com meu Intelecto? Com Yatis, entre todas as classes de homens, o costume é morar em residências inabitadas ou abandonadas. Que mal então eu fiz para quem por entrar em tua compreensão a qual é de conhecimento real? Eu não te toquei, ó rei, com minhas mãos, ou braços, ou pés, ou coxas, ó impecável, ou com qualquer outra parte do corpo. Tu és nascido em uma linhagem nobre. Tu tens modéstia. Tu tens previdência. Se o ato foi bom ou mau, minha entrada em teu corpo foi secreta, dizendo respeito a nós dois somente. Não foi impróprio para ti divulgar aquela ação particular perante toda a tua corte? Estes Brahmanas são todos dignos de respeito. Eles são os principais dos preceptores. Tu também tens direito ao respeito deles, sendo seu rei. Fazendo-lhes reverência, tu tens direito a receber reverência deles. Refletindo sobre tudo isso, não é apropriado para ti proclamar perante estes principais dos homens o fato dessa união entre duas pessoas de sexos opostos, se, de fato, tu és realmente conhecedor das regras de decência em relação a palavras. Ó rei de Mithila, eu estou permanecendo em ti sem te tocar em absoluto assim como uma gota de água em uma folha de lótus que permanece sobre ela sem encharcá-la o mínimo. Apesar das instruções de Panchasikha da classe mendicante, teu conhecimento se tornou abstraído dos objetos sensuais com os quais ele se relaciona? Tu, isto é óbvio, abandonaste o modo de vida familiar mas ainda não alcançaste a Emancipação à qual é tão difícil de se chegar. Tu permaneces entre os dois, fingindo que alcançaste a meta da Emancipação. O contato de alguém que é emancipado com outro que é assim, ou Purusha com Prakriti, não pode levar a uma mistura do tipo que tu temes. Somente aqueles que consideram a alma como idêntica ao corpo, e que pensa que as várias classes e modos de vida são realmente diferentes uns dos outros, está aberto ao erro de supor que uma mistura é possível. Meu corpo é diferente do teu. Mas minha alma não é diferente da tua alma. Quando eu posso perceber isso, eu não tenho a menor dúvida de que minha compreensão não está realmente

permanecendo na tua embora eu tenha entrado em ti por Yoga. Uma panela é carregada na mão. Na panela há leite. No leite há uma mosca. Embora a mão e a panela, a panela e o leite, e o leite e a mosca, existam juntos, ainda assim eles são todos diferentes uns dos outros. A panela não compartilha a natureza do leite. Nem o leite compartilha a natureza da mosca. A condição de cada um é dependente de si mesma, e nunca pode ser alterada pela condição daquele outro com o qual ele possa existir temporariamente. Dessa maneira, cores e práticas, embora elas possam existir juntas com e em uma pessoa que é emancipada, realmente não se vinculam a ela. Como então uma mistura de classes pode ser possível por causa dessa união de mim mesma contigo? Então, também, eu não sou superior a ti em cor. Eu não sou uma Vaisya, nem uma Sudra. Eu sou, ó rei, da mesma classe que tu, nascida de uma linhagem pura. Há um sábio nobre de nome Pradhana. É evidente que tu ouviste falar dele. Eu nasci na linhagem dele, e meu nome é Sulabha. Nos sacrifícios realizados por meus antepassados, o principal dos deuses, Indra, costumava vir, acompanhado por Drona e Satasringa, e Chakradwara (e outros gênios que presidem as grandes montanhas). Nascida em tal linhagem, descobriu-se que nenhum marido que fosse digno de mim poderia ser obtido por mim. Instruída então na religião da Emancipação, eu vago só sobre a Terra, observadora das práticas de ascetismo. Eu não pratico hipocrisia na questão da vida de Renúncia. Eu não sou um ladrão que se apropria do que pertence a outros. Eu não confundo as práticas pertencentes às diferentes classes. Eu sou firme nas práticas que pertencem àquele modo de vida ao qual eu pertenço devidamente. Eu sou firme e imperturbável em meus votos. Eu nunca profiro alguma palavra sem refletir sobre sua adequação. Eu não vim a ti sem ter deliberado devidamente, ó monarca! Tendo ouvido que tua compreensão tinha sido purificada pela religião da Emancipação, eu vim aqui pelo desejo de algum benefício. De fato, foi para te perguntar acerca da Emancipação que eu vim. Eu não digo isso para glorificar a mim mesma e humilhar meus oponentes. Mas eu digo isso impelida somente pela sinceridade. O que eu digo é, aquele que está emancipado nunca se entrega àquele combate intelectual que é implicado por uma discussão dialética pela vitória. Por outro lado, é realmente emancipado aquele que se devota a Brahma, aquele único alicerce da tranquilidade. Como uma pessoa da classe mendicante reside por uma única noite em uma casa vazia (e a deixa na manhã seguinte), da mesma maneira eu residirei por esta única noite em tua pessoa (a qual, como eu já disse, é como um quarto vazio, sendo desprovida de conhecimento). Tu me honraste com palavras e outras ofertas que são devidas de um anfitrião para um convidado. Tendo dormido esta única noite em tua pessoa, ó soberano de Mithila, a qual é como se fosse meu próprio quarto agora, eu partirei amanhã.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo essas palavras repletas de significado excelente e com razão, o rei Janaka fracassou em dar qualquer resposta a isso.'" (As palavras de Sulabha eram irrefutáveis, pois para alcançar a Emancipação uma pessoa deve praticar uma vida de Renúncia em vez de continuar no modo de vida familiar).

322

"Yudhishthira disse, 'Como Suka, o filho de Vyasa, antigamente, conquistou a Renúncia? Eu desejo te ouvir narrar a história. Minha curiosidade a este respeito é irreprimível. Cabe a ti, ó tu da linhagem de Kuru, me falar sobre as conclusões a respeito do Imanifesto (Causa), do Manifesto (Efeitos), e da Verdade (ou Brahma) que está neles, mas não ligada a eles, como também das ações do auto-nascido Narayana, como elas são conhecidas por tua compreensão.'"

"Bhishma disse, 'Vendo seu filho Suka vivendo destemidamente como homens comuns vivem, em práticas que são consideradas inofensivas por eles, Vyasa lhe ensinou os Vedas inteiros e então um dia lhe falou estas palavras: 'Vyasa disse, 'Ó filho, tornando-te o mestre dos sentidos, subjugue frio extremo e calor extremo, fome e sede, e o vento também, e tendo-os subjugado (como Yogins fazem), pratique a virtude. Observe devidamente verdade e sinceridade, e liberdade de ira e malícia, e autodomínio e penitências, e os deveres de benevolência e compaixão. Permaneça na verdade, firmemente dedicado à justiça, abandonando todo tipo de insinceridade e engano. Mantenha tua vida do que resta de comida depois de alimentar os deuses e convidados. Teu corpo é tão transitório quanto a espuma sobre a superfície da água. A alma Jiva está colocada sobre ele livre como uma ave em uma árvore. A companhia de todo objeto agradável é de duração extremamente curta. Por que então, ó filho, tu dormes em tal esquecimento? Teus inimigos (os sentimentos) estão atentos e despertos e sempre prontos (para surgirem em ti) e sempre alertas à sua oportunidade. Por que tu és tão tolo quanto a não saber disso? Conforme os dias se seguem um depois do outro, o período da tua vida está sendo diminuído. De fato quando tua vida está sendo encurtada incessantemente, por que tu não deverias correr para os preceptores (para aprender os meios de salvação)? Somente aqueles que são desprovidos de fé (na existência da vida seguinte) colocam seus corações em coisas deste mundo que têm o único efeito de aumentar carne e sangue. Eles estão totalmente desatentos a tudo o que está relacionado com o mundo seguinte. Aqueles homens que estão entorpecidos por compreensões errôneas demonstram um ódio pela justiça. O homem que caminha atrás daquelas pessoas enganadas que se dirigiram para caminhos desviados e errôneos é afligido igualmente com elas. Aqueles, no entanto, que são satisfeitos, devotados às escrituras, dotados de grandes almas, e possuidores de grande poder, se dirigem ao caminho da justiça. Visite-os com reverência e procure instrução deles. Aja segundo as instruções recebidas daqueles homens sábios cujos olhos estão fixos na justiça. Com compreensão purificada por tais lições e tornada superior, reprima então teu coração o qual está sempre pronto para se desviar da direção correta. Aqueles cujas compreensões estão sempre relacionadas com o presente, que destemidamente consideram o amanhã como uma coisa bastante remota, aqueles que não observam quaisquer restrições a respeito de comida, são realmente pessoas insensatas que falham em entender que este mundo é somente um campo de provação. (Literalmente, o mundo é somente um campo de ação, implicando que as criaturas, vindo aqui, têm que agir; essas ações levam a recompensas e punições, aqui e após a morte. O caminho da Emancipação é por

esgotar as consequências das ações por gozo ou sofrimento e por se abster de atos adicionais por adotar a religião de Nivritti.) Indo para a escada constituída pela Justiça, suba aqueles degraus um após outro. No momento tu és como um verme que está empenhado em tecer seu casulo ao redor de si mesmo e assim se privando de todos os meios de fuga. Mantenha à tua esquerda, sem qualquer escrúpulo, o ateu que transgride todas as restrições, que está situado como uma casa ao lado de uma correnteza violenta e que vai além dos limites, (pois ele procura a destruição), e que (para outros) parece permanecer como um bambu com sua cabeça erguida em orgulho. Com a balsa do Yoga, cruze o oceano do mundo cujas águas são constituídas pelos teus cinco sentidos. Tendo Desejo e Ira e Morte como seus monstros ferozes, e possuindo nascimento como seu redemoinho. Atravesse, com a balsa da Justiça, o mundo que é afetado pela Morte e afligido pela Decrepitude, e sobre o qual os raios constituídos pelos dias e noites estão caindo constantemente. Quando a morte está te procurando em todos os momentos, isto é, quando tu estás sentado ou deitado, é certo que a Morte pode te pegar como sua vítima a qualquer momento. De onde tu obterás tua salvação? Como uma loba arrebatando um cordeiro, a Morte arrebata alguém que ainda está empenhado em ganhar riqueza e ainda insatisfeito na indulgência de seus prazeres. Quando tu estás destinado a entrar no escuro, segure a lâmpada brilhante feita de compreensão correta e cuja chama tem sido bem economizada. Caindo em várias formas uma após outra no mundo de homens, uma criatura obtém a posição de Brahmana com grande dificuldade. Tu obtiveste esta posição. Então, ó filho, te esforce para mantê-la (adequadamente, isto é, por cumprir os deveres de um Brahmana). Um Brahman não nasceu para a satisfação do desejo. Por outro lado, seu corpo é planejado para estar sujeito à mortificação e penitências neste mundo para que felicidade incomparável possa ser dele no mundo seguinte. A posição de Brahmana é adquirida com a ajuda de penitências muito longas e austeras. Tendo alcançado esta posição, alguém nunca deve desperdiçar seu tempo na satisfação de seus sentidos. Sempre engajado em penitências e autodomínio e desejoso do que é para o teu bem, viva e aja, dedicado à paz e tranquilidade. O período de vida de todos os homens é como um corcel. A natureza daquele corcel é imanifesta. Os (dezesseis) elementos (mencionados anteriormente) constituem seu corpo. Sua natureza é extremamente sutil. Kshanas, e Trutis, e Nimeshas são os pêlos em seu corpo. Os crepúsculos constituem as juntas de seus ombros; as quinzenas iluminadas e escuras são seus dois olhos de igual poder. Os meses são seus outros membros. Aquele corcel está correndo incessantemente. Se teus olhos não são cegos, vendo então aquele corcel se movendo adiante continuamente em seu curso invisível, coloque teu coração na justiça, depois de ouvires o que teus preceptores têm a dizer sobre o assunto do mundo seguinte. Aqueles que abandonam a justiça e se comportam temerariamente, que sempre demonstram malícia em direção a outros e se dirigem para maus caminhos são obrigados a assumir corpos (físicos) nas regiões de Yama e sofrer diversas aflições, por consequência de suas ações injustas de diversos tipos. Aquele rei que é devotado à justiça e que protege e castiga os bons e os maus com discernimento, alcança aquelas regiões que pertencem ao homem de ações justas. Por fazer diversos tipos de boas ações, ele obtém tal felicidade que é impecável e não pode ser alcançada mesmo por passar

por milhares de nascimentos. (O comentador explica que este verso é para assegurar Yudhishthira que reis são competentes para obter felicidade no mundo seguinte.) Cães furiosos de aparência terrível, corvos de bicos de ferro, bandos de corvos e urubus e outras aves, e vermes chupadores de sangue, atacam o homem que desobedece as ordens de seus pais e preceptores quando ele vai para o inferno depois da morte. Aquele patife pecaminoso que, por seu atrevimento, transgride os dez limites que foram fixados pelo próprio Auto-nascido, é obrigado a passar seu tempo em grande aflição no desertos selvagens que se encontram nos domínios do rei dos Pitris. (Os dez limites ou mandamentos, como citados pelo comentador, são os cinco positivos, isto é, Pureza, Contentamento, Penitências, Estudo dos Vedas, Meditação em Deus; e os cinco negativos, isto é, abstenção da crueldade, da mentira, do roubo, do não cumprimento de votos, e da aquisição de riqueza.) Aquele homem que é corrompido pela cobiça, que ama a mentira, que sempre tem prazer na desonestidade e trapaça, e que causa dano a outros por praticar hipocrisia e fraude, tem que ir para o inferno profundo e sofrer grande dor e aflição por seus atos de maldade. Tal homem é forçado a se banhar no rio largo chamado Vaitarani cujas águas são escaldantes, a entrar em uma floresta de árvores cujas folhas são tão afiadas quanto espadas, e então a deitar em uma cama de machados de batalha. Ele tem assim que passar seus dias no inferno terrível em grande aflição. Tu viste somente as regiões de Brahman e outras divindades, mas tu estás cego para aquela que é a mais elevada (isto é, a Emancipação). Ai, tu estás sempre cego também àquilo que traz a Morte em seu séquito, (isto é, decrepitude e velhice). Vá (pelo caminho da Emancipação)! Por que tu tardas? Um terror medonho, destrutivo de tua felicidade, está diante de ti! Tome medidas imediatas para realizar tua Emancipação! Logo depois da morte tu com certeza serás levado perante Yama por ordem dele. Para obter felicidade no mundo seguinte, esforce-te para obter virtude pela prática de votos difíceis e severos. O pujante Yama, indiferente aos sofrimentos de outros, logo tira as vidas de todas as pessoas, isto é, de ti mesmo e teus amigos. Não há ninguém capaz de resistir a ele. Logo o vento de Yama soprará à tua frente (e te levará para a presença dele). Logo tu serás levado àquela presença terrível completamente sozinho. Realize o que será para o teu bem lá. Onde está agora aquele vento da morte que logo soprará perante ti? (Tu estás consciente disso?) Logo os pontos do horizonte, quando aquele momento chegar, vão começar a girar diante dos teus olhos. (Tu estás consciente disso?) Ó filho, logo (quanto chegar a hora) teus Vedas desaparecerão da tua visão quando tu fores sem auxílio àquela presença terrível. Portanto, coloque teu coração na abstração Yoga que é possuidora de grande excelência. Procure chegar àquele único tesouro (Samadhi ou Brahma) para que tu não tenhas que sofrer pela recordação (depois da Morte) de tuas antigas ações boas e más, todas as quais são caracterizadas pelo erro. (Atos, sejam bons ou maus, todos surgem do erro. Abstenção de ações é o verdadeiro caminho para a Emancipação.) A decrepitude logo enfraquece teu corpo e rouba tua força e membros e beleza. Portanto, procure aquele único tesouro. Logo o Destruidor, com Doença como seu cocheiro, irá, com uma mão forte, para tirar tua vida, perfurar e quebrar teu corpo. Portanto pratique penitência ascética. Logo, aqueles lobos terríveis que residem dentro do teu corpo (as emoções), te atacarão por todos os lados. Esforce-te, portanto, para realizar ações de virtude. Logo tu

irás, completamente só, ver uma escuridão densa, e logo tu verás árvores douradas no topo da colina. Portanto, te apresse para realizar ações de virtude. (A visão de árvores douradas é um sinal premonitório de Morte.) Logo aqueles teus maus companheiros e inimigos, (isto é, os sentidos), vestidos na aparência de amigos, te desviarão da visão correta. Então, ó filho, te esforce para obter aquilo que é do maior benefício. Ganhe aquela riqueza pela qual alguém não tem que temer reis ou ladrões, e a qual alguém não tem que abandonar mesmo na Morte. Obtida pelas próprias ações, aquela riqueza nunca tem que ser dividida entre co-proprietários. Cada um desfruta daquela riqueza (no mundo seguinte), a qual cada um ganhou por si mesmo. Ó filho, ofereça para outros aquilo pelo qual eles possam ser capazes de viver no mundo seguinte. Também te dirija para a aquisição daquela riqueza que é indestrutível e durável. Não pense que tu deves primeiro desfrutar de todos os tipos de prazeres e então dirigir teu coração para a Emancipação, pois antes que tu estejas saciado com o prazer tu podes ser alcançado pela Morte. Em vista disso, te apresse para fazer ações de bondade. (Literalmente traduzido, o verso correria dessa maneira: 'Antes do cozimento do Yavaka de um homem rico estar terminado, de fato, enquanto ele ainda não está cozido, tu podes encontrar com a morte. Portanto, te apresse.' Yavaka é um tipo específico de alimento feito de ghee e farinha de trigo ou cevada.) Nem mãe, nem filho, nem parentes, nem amigos queridos, mesmo quando solicitados com honras, acompanham o homem que morre. Para as regiões de Yama uma pessoa tem que ir por si mesma, desacompanhada. Somente aquelas ações, boas e más, que ele fez antes da morte, acompanham o homem que vai para o outro mundo. O ouro e pedras preciosas que alguém ganhou por meios bons e maus não se tornam produtivos de qualquer benefício para alguém quando seu corpo encontra com a dissolução. Dos homens que foram para o outro mundo, não há testemunha, melhor do que a alma, de todas as ações feitas ou não feitas em vida. Que quando o ativo Chaitanya (alma Jiva) entra na testemunha Chaitanya, a destruição do corpo acontece, é visto pela inteligência Yoga quando Yogins entram no firmamento de seus corações. (A existência da Alma quando o corpo não existe é possível, pois Yogins, em Yoga, vivem em sua Alma enquanto estão inconscientes de seus corpos. A entrada do ativo Chaitanya naquele Chaitanya o qual sobrevive como a testemunha significa a morte do corpo.) Mesmo aqui, o deus do Fogo, do Sol e do Vento, estes três residem no corpo. Estes, observando como eles fazem todas as práticas da vida de alguém se tornam suas testemunhas. Dias e Noites, o primeiro caracterizado pela virtude de expor todas as coisas e a última caracterizada pela virtude de ocultar todas as coisas, estão correndo incessantemente e tocando todas as coisas (e assim diminuindo seus períodos concedidos de existência). Portanto, seja observador dos deveres da tua própria classe. A estrada no outro mundo (que leva às regiões de Yama), é infestada por muitos inimigos (na forma de aves de bicos de ferro e lobos) e por muitos insetos e vermes terríveis e repulsivos. Cuide das tuas próprias ações, pois somente as ações o acompanharão ao longo daquela estrada. Alguém não tem que compartilhar suas ações com outros, mas cada um desfruta ou suporta os resultados daquelas ações as quais ele mesmo realizou. Como Apsaras e grandes Rishis alcançam frutos de grande felicidade, da mesma maneira, os homens de atos justos, como os frutos de suas respectivas ações justas, obtêm no outro

mundo carros de brilho transcendente que se movem por todos os lugares à vontade dos passageiros. Homens de ações imaculadas e almas purificadas e nascimento puro obtêm no mundo seguinte frutos que correspondem às suas próprias ações corretas nessa vida. Por andar pela estrada excelente constituída pelos deveres da vida familiar, homens obtêm fins felizes por alcançarem a região de Prajapati ou Vrihaspati ou daquele de cem sacrifícios. Eu posso te dar milhares e milhares de instruções. Saiba, no entanto, que o poderoso purificador (isto é, a Retidão), mantém todas as pessoas tolas no Escuro. Tu passaste dos vinte e quatro anos. Tu tens agora vinte e cinco anos de idade completos. Teus anos estão passando. Comece a preparar teu estoque de virtude. O Destruidor que mora dentro do erro e negligência logo privará teus sentidos dos seus respectivos poderes. Antes que a consumação seja ocasionada, te apresse para cumprir teus deveres, confiando em teu corpo somente. Quando é teu dever seguir ao longo daquela estrada na qual somente tu mesmo estarás na frente e somente tu mesmo estarás na retaguarda (isto é, a estrada do Autoconhecimento), que necessidade tu tens então de teu corpo ou tua esposa e filhos? Quando homens têm que ir individualmente e sem companheiros para a região de Yama, é claro que em vista de tal situação de terror tu deves procurar adquirir aquele único tesouro (isto é, Retidão ou Yogasamadhi). O pujante Yama, indiferente às aflições de outros, arrebata os amigos e parentes da família de alguém pelas próprias raízes. Ninguém pode resistir a ele. Portanto, procure adquirir um estoque de virtude. Eu te dou essas lições, ó filho, que estão todas em conformidade com as escrituras que eu sigo. Pratique-as por agir de acordo com sua importância. Aquele que sustenta seu corpo por seguir os deveres prescritos para sua própria classe, e que faz doações para ganhar quaisquer frutos que possam se vincular a tais ações, vem a ser livre das consequências que nascem da ignorância e erro. O conhecimento que um homem de ações justas adquire das declarações Védicas (tais como Tattwamasi, etc.) leva à onisciência. Aquela onisciência é idêntica ao conhecimento do maior objeto de aquisição humana (isto é, a Emancipação). Instrução, dada ao grato, se torna benéfica (por levar ao alcance daquele maior objeto de aquisição humana). A satisfação que alguém tem em viver em meio às habitações de homens é realmente uma corda que ata rapidamente. Rompendo aquela corda, homens de ações justas vão para regiões de grande bem-aventurança. Homens pecaminosos, no entanto, fracassam em romper aquele laço. Que necessidade tu tens de riqueza, ó filho, ou de parentes, ou de filhos, já que tu tens que morrer? Dedique-te a procurar por tua alma que está escondida em uma caverna. Aonde foram todos os teus antepassados? Faça hoje aquilo que tu deixarias para amanhã. Faça de manhã o que tu deixarias para a tarde. A Morte não espera por ninguém, para ver se ele terminou ou não sua tarefa. Seguindo o corpo depois da morte (para o crematório), os parentes e amigos de uma pessoa voltam, jogando-o na pira mortuária. Sem um escrúpulo evite aqueles homens que são céticos, que são desprovidos de compaixão, e que são devotados a maus caminhos, e te esforce para procurar, sem desatenção ou apatia, aquilo que é para o teu maior bem. Quando, portanto, o mundo é assim afligido pela Morte, tu, com todo teu coração, conquiste virtude, ajudado todo o tempo por paciência inabalável. Aquele homem que conhece bem os meios de chegar à Emancipação e que cumpre devidamente os deveres de sua classe, seguramente obtém grande

felicidade no outro mundo. Para ti que não reconheces a morte na obtenção de um corpo diferente e que não te desvias do caminho trilhado pelos justos, não há destruição. Aquele que aumenta o estoque de virtude é realmente sábio. Aquele, por outro lado, que abandona a virtude é citado como sendo um tolo. Alguém que está empenhado na realização de boas ações alcança o céu e outras recompensas como os frutos daquelas ações; mas aquele que é dedicado às más ações tem que afundar no inferno. Tendo alcançado a posição de humanidade, de aquisição tão difícil, que é o ponto de partida para o céu, uma pessoa deve fixar sua alma em Brahma para que ela não possa decair mais uma vez. Aquele homem cuja compreensão, dirigida ao caminho do céu, não se desvia disso, é considerado pelos sábios como realmente um homem de retidão e quando ele morre seus amigos devem se entregar à aflição. Aquele homem cuja mente não é inquieta e que está dirigida para Brahma e que alcançou o céu, fica livre de um grande terror (isto é, o inferno). Aqueles que nascem em retiros de ascetas e que morrem lá, não ganham muito mérito por se absterem toda a sua vida de prazeres e da satisfação do desejo. Aquele, no entanto, que embora possuidor de objetos de prazer os rejeita e se engaja na prática de penitências, consegue adquirir tudo. Os resultados das penitências de tal homem são, eu penso, muito superiores. Mães e pais e filhos e cônjuges, às centenas e milhares, todos tiveram e terão neste mundo. Quem, no entanto, eram eles e de quem somos nós? Eu estou bastante só. Eu não tenho alguém a quem eu possa chamar de meu. Nem eu pertenço a alguém mais. Eu não vejo aquela pessoa de quem eu sou, nem vejo aquela a quem eu possa chamar de minha. Eles não têm nada a fazer contigo. Tu não tens nada a fazer com eles. (O sentido é que no decorrer dos nossos repetidos renascimentos nós obtemos esses relacionamentos repetidamente e os obteremos repetidamente. Mas nós somos, na verdade, totalmente não relacionados com eles. Sua união conosco é como a união de pedaços de madeira flutuando em um rio, ora unidos temporariamente, ora separados.) Todas as criaturas nascem segundo suas ações de vidas passadas. Tu também terás que partir daqui (para nascer em uma nova classe) determinada por tuas próprias ações. Neste mundo é visto que somente os amigos e seguidores daqueles que são ricos se comportam para com os ricos com dedicação. Os amigos e seguidores daqueles, no entanto, que são pobres, os abandonam mesmo durante a vida dos pobres. Um homem comete numerosas más ações por causa de sua esposa (e filhos). Daquelas más ações ele deriva muita aflição aqui e após a morte. O homem sábio vê o mundo de vida devastado pelas ações realizadas por todos os seres vivos. Portanto, ó filho, aja de acordo com todas as instruções que eu tenho te dado! O homem possuidor de visão verdadeira, vendo este mundo somente como um campo de ação, deve, pelo desejo de felicidade no mundo seguinte, fazer ações que são boas. O Tempo, exercendo sua força irresistível, cozinha todas as criaturas (em seu próprio caldeirão), com a ajuda de sua concha constituída por meses e estações, o sol como seu fogo, e dias e noites como seu combustível, dias e noites, isto é, que são as testemunhas dos frutos de todas as ações feitas por todas as criaturas. Para qual propósito é aquela riqueza que não é doada e que não é desfrutada? Para qual propósito é aquela força que não é empregada em resistir ou subjugar os inimigos? Para qual propósito é aquele conhecimento das escrituras que não impele alguém para ações de virtude? E

para qual propósito é aquela alma que não subjuga os sentidos nem se abstém de más ações?'"

"Bhishma continuou, 'Tendo ouvido essas palavras benéficas faladas pelo Nascido na Ilha (Vyasa), Suka, deixando seu pai, procedeu para procurar um preceptor que pudesse ensinar a ele a religião de Emancipação.'"

323

"Yudhishthira disse, 'Se há alguma eficácia em doações, em sacrifícios, em penitências bem realizadas, e em serviços respeitosos prestados para preceptores e outros superiores veneráveis, ó avô, fale da mesma para mim.'"

"Bhishma disse, 'Uma compreensão associada com o mal faz a mente cair em pecado. Neste estado alguém macula suas ações, e então cai em grande angústia. Aqueles que são de ações pecaminosas têm que nascer como pessoas de condições muito indigentes. De fome para fome, de dor para dor, de medo para medo, é sua mudança. Eles estão mais mortos do que aqueles que estão mortos. Possuidores de riqueza, de alegria para alegria, de céu para céu, de felicidade para felicidade, procedem aquele que possuem fé, que são autodominados, e que estão dedicados a ações virtuosas. Aqueles que são descrentes têm que passar, com mãos tateantes, por regiões infestadas por animais predadores e elefantes e regiões sem trilhas cheias de cobras e ladrões e outras causas de temor. O que mais precisa ser dito desses? Aqueles, por outro lado, que são dotados de reverência por deuses e convidados, que são generosos, que têm respeito apropriado pelas pessoas que são boas, e que fazem doações em sacrifícios, têm como seu o caminho (de bem-aventurança) que pertence aos homens de almas purificadas e subjugadas. Aqueles que não são justos não devem ser contados entre homens assim como grãos sem núcleo não são contados entre grãos e como baratas não são contadas entre aves. As ações que alguém faz o seguem mesmo que ele corra rápido. Quaisquer ações que alguém faça se deitam com o fazedor que se deita. De fato, os pecados que alguém faz sentam quando o fazedor senta, e correm quando ele corre. Os pecados agem quando o fazedor age, e realmente seguem o fazedor como sua sombra. Quaisquer que sejam as ações que alguém faça por quaisquer meios e sob quaisquer circunstâncias, indubitavelmente serão desfrutadas e suportadas (em relação aos seus resultados), pelo fazedor em sua próxima vida. De todos os lados o Tempo está sempre arrastando todas as criaturas, cumprindo devidamente a regra a respeito da distância à qual elas são jogadas e a qual é compatível com seus atos. (O Tempo, como um agente personificado, está jogando todas criaturas a distâncias desiguais. Algumas são jogadas perto e algumas a uma grande distância. Essas distâncias são reguladas pela natureza das ações feitas pelas criaturas jogadas. Algumas são lançadas entre animais, algumas entre homens. Jogando ou lançando-as dessa maneira, o Tempo as arrasta novamente, as cordas de amarrar estando sempre em suas mãos.) Como flores e frutas, sem serem incitadas, nunca permitem que seu tempo apropriado passe sem fazerem seu aparecimento,

assim mesmo as ações que alguém fez na vida passada fazem seu aparecimento no tempo apropriado. Honra e desonra, lucro e perda, destruição e crescimento, são vistos se manifestarem. Ninguém pode resistir a eles (quando eles vêm). Nenhum deles é duradouro, pois ele deve desaparecer depois do aparecimento. A tristeza que alguém sofre é o resultado de suas próprias ações. A felicidade que alguém desfruta flui de suas próprias ações. Desde o momento em que jaz dentro do útero da mãe uma pessoa começa a desfrutar e suportar seus atos de uma vida passada. Quaisquer ações boas ou más feitas na infância, juventude, ou velhice, alguém desfruta ou suporta suas consequências em uma próxima vida em idades similares. Como o bezerro reconhece sua mãe mesmo que a última possa estar entre milhares de sua espécie, do mesmo modo as ações feitas por alguém em sua vida passada chegam a ele em sua vida seguinte (sem qualquer equívoco) embora ele viva entre milhares de sua espécie. Como uma peça de roupa suja é branqueada por ser lavada em água, do mesmo modo os virtuosos, purificados pela exposição contínua ao fogo de jejuns e penitências, finalmente obtêm felicidade interminável. Ó tu de grande inteligência, os desejos e propósitos daquele cujos pecados têm sido purificados por penitências bem realizadas continuadas por longo tempo se tornam coroados com fruição. O caminho dos justos não pode ser percebido assim como aquele das aves no céu, ou aquele dos peixes na água. Não há necessidade de falar mal dos outros, nem de recitar os casos nos quais outros têm errado. Por outro lado, uma pessoa deve sempre fazer o que é encantador, agradável, é benéfico para si mesmo.'"

324

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, como Suka de grande alma de penitências austeras nasceu como o filho de Vyasa, e como ele conseguiu alcançar o maior sucesso? Em qual mulher Vyasa, dotado de riqueza de ascetismo, gerou aquele filho dele? Nós não sabemos quem foi a mãe de Suka, nem sabemos alguma coisa do nascimento daquele asceta de grande alma. Como foi que, quando ele era um mero menino, sua mente veio a ser dirigida para o conhecimento do (Brahma) sutil? De fato, neste mundo nenhuma segunda pessoa pode ser vista na qual tais predileções pudessem ser notadas tão cedo em idade. Eu desejo saber tudo isso em detalhes, ó tu de grande inteligência. Eu nunca estou saciado com a audição de tuas palavras excelentes e como néctar. Fale-me, ó avô, em sua ordem apropriada, da grandeza e do conhecimento de Suka e de sua união com a Alma (Suprema)!"

"Bhishma continuou, 'Os Rishis não fazem mérito dependendo de idade ou decrepitude ou riqueza ou amigos. Eles disseram que era grande entre eles aquele que estudava os Vedas. Tudo isso sobre o que tu perguntaste tem penitências como seu fundamento. As penitências, ó filho de Pandu, provêm da subjugação dos sentidos. Sem dúvida, uma pessoa cai em erro por largar as rédeas de seus sentidos. É somente por controlá-los que alguém consegue ganhar sucesso. O mérito que se vincula a mil Sacrifícios de Cavalo ou cem Vajapeyas não pode chegar nem a uma décima sexta parte do mérito que provêm

do Yoga. Eu irei, na presente ocasião, narrar para ti as circunstâncias do nascimento de Suka, os frutos que ele ganhou por suas penitências, e o principal fim que ele alcançou (por suas ações), tópicos que não podem ser entendidos por pessoas de alma impura. Uma vez sobre o topo de Meru adornado com flores karnikara, Mahadeva se divertia, acompanhado pelos espíritos terríveis que eram seus associados. A filha do rei das montanhas, isto é, a deusa Parvati, também estava lá. Na vizinhança daquele topo, o Nascido na Ilha (Vyasa) passava por austeridades extraordinárias. Ó melhor dos Kurus, dedicado às práticas de Yoga, o grande asceta se recolheu por Yoga em sua própria Alma, e empenhado em Dharana, praticou muitas austeridades para (obter) um filho. A oração que ele endereçou ao grande Deus foi: 'Ó pujante, me permita ter um filho que tenha a força do Fogo e Terra e Água e Ar e Espaço.' Engajado nas mais austeras das penitências, o Rishi Nascido na Ilha rogou daquele Deus que não pode ser aproximado por pessoas de almas impuras, (não por palavras mas) por sua resolução Yoga. O pujante Vyasa permaneceu lá por cem anos, subsistindo só de ar, empenhado em adorar Mahadeva de formas diversas, o marido de Uma. Para lá foram todos os Rishis regenerados e sábios reais e os Regentes do mundo e os Sadhyas junto com os Vasus, e os Adityas, os Rudras, e Surya e Chandramas, e os Maruts, e os Oceanos, e os Rios e os Aswins, as Divindades, os Gandharvas, e Narada e Parvata e o Gandharva Viswavasu, e os Siddhas, e as Apsaras. Lá Mahadeva, chamado também pelo nome de Rudra, sentou, enfeitado com uma guirlanda excelente de flores Karnikara, e brilhou com refulgência como a Lua com seus raios. Naqueles bosques encantadores e celestiais densamente povoados com divindades e Rishis celestes o grande Rishi permaneceu, dedicado à sublime contemplação Yoga, pelo desejo de obter um filho. Sua força não sofreu diminuição, nem ele sentiu alguma dor. Nisto os três mundos estavam muito surpresos. Enquanto o Rishi, possuidor de energia incomensurável, estava em Yoga, seus cabelos emaranhados, por causa de sua energia, foram vistos resplandecerem como chamas de fogo. Foi do ilustre Markandeya que eu soube disso. Ele sempre costumava contar para mim as ações das divindades. É por isso que os cabelos emaranhados do Krishna de grande alma e (Nascido na Ilha), assim iluminados por sua energia naquela ocasião, parecem até hoje serem dotados da cor do fogo. Satisfeito com tais penitências e tal devoção, ó Bharata, do Rishi, o grande Deus resolveu (conceder a ele seu desejo). A divindade de três olhos, sorrindo com prazer, dirigiu-se a ele e disse, 'Ó Nascido na Ilha, tu obterás um filho como o que tu desejas! Possuidor de grandeza, ele será tão puro quanto o Fogo, o Ar, a Terra, a Água, e o Espaço! Ele possuirá a consciência de ser o próprio Brahma; sua compreensão e alma serão devotadas a Brahma, e ele dependerá completamente de Brahma de tal modo a ser identificável com ele!'"

325

"Bhishma disse. 'O filho de Satyavati, tendo obtido este grande benefício do grande Deus, estava um dia empenhado em friccionar seus gravetos para fazer um fogo. Enquanto estava assim ocupado, o Rishi ilustre, ó rei, viu a Apsara

Ghritachi, que, por sua energia, era então possuidora de grande beleza. Contemplando a Apsara naqueles bosques, o ilustre Rishi Vyasa, ó Yudhishthira, ficou de repente afetado pelo desejo. A Apsara (Ghritachi), vendo o coração do Rishi perturbado pelo desejo, se transformou em um papagaio fêmea e foi àquele local. Embora ele visse a Apsara disfarçada em outra forma, o desejo que tinha surgido no coração do Rishi (sem desaparecer) se espalhou por todas as partes de seu corpo. Convocando toda sua paciência, o asceta se esforçou para suprimir aquele desejo; com todo seu esforço, no entanto, Vyasa não conseguiu controlar sua mente agitada. Por causa da inevitabilidade do que estava para acontecer, o coração do Rishi estava atraído pela bela forma de Ghritachi. Ele se aplicou mais seriamente à tarefa de fazer um fogo para suprimir sua emoção, mas apesar de todos os seus esforços sua semente vital saiu. Aquele melhor dos regenerados, no entanto, ó rei, continuou a friccionar os gravetos sem sentir quaisquer escrúpulos pelo que tinha acontecido. Da semente que caiu nasceu um filho para ele, chamado Suka. Pelas circunstâncias ligadas ao seu nascimento, ele veio a ser chamado pelo nome de Suka. De fato, foi assim que aquele grande asceta, aquele principal dos Rishis e maior dos Yogins, nasceu dos dois gravetos (que seu pai tinha para fazer fogo). Como em um sacrifício um fogo ardente derrama sua refulgência por todos os lados quando libações de manteiga clarificada são despejadas sobre ele, da mesma maneira Suka teve seu nascimento, brilhando com esplendor por sua própria energia. Assumindo a forma e cor excelentes que eram de seu pai, Suka, ó filho de Kuru, de Alma purificada, brilhou como um fogo sem fumaça. O principal dos rios, Ganga, ó rei, chegando ao leito de Meru, em sua própria forma incorporada, banhou Suka (depois de seu nascimento) com suas águas. Lá caiu do firmamento, ó filho de Kuru, um bastão de asceta e uma camurça escura para o uso, ó monarca, de Suka de grande alma. Os Gandharvas cantaram repetidamente e as diversas tribos de Apsaras dançaram; e timbales celestes de som alto começaram a ser batidos. O Gandharva Viswavasu, e Tumvuru e Varada, e aqueles outros Gandharvas chamados pelos nomes de Haha, e Huhu, elogiaram o nascimento de Suka. Lá foram os regentes do mundo com Sakra em sua dianteira, como também as divindades e os Rishis celestes e regenerados. O Deus do Vento despejou chuvas de flores celestes sobre o local. Todo o universo, móvel e imóvel, se encheu de alegria. Mahadeva de grande alma de grande refulgência, acompanhado pela Deusa, e movido por afeição, chegou lá e logo depois do nascimento do filho do Muni o investiu com o fio sagrado. Sakra, o chefe dos deuses, deu a ele, por afeição, um Kamandalu celeste de forma excelente, e alguns mantos celestes. Cisnes e Satapatras e grous aos milhares, e muitos papagaios e Chasas, ó Bharata, voaram de forma circular sobre sua cabeça. Dotado de grande esplendor e inteligência, Suka, tendo obtido seu nascimento dos dois gravetos, continuou a viver lá, empenhado no cumprimento atento de muitos votos e jejuns. Logo que Suka nasceu, os Vedas com todos os seus mistérios e todos os seus resumos vieram para residir nele, ó rei, assim como eles residiam em seu pai. Apesar de tudo isso, Suka escolheu Vrihaspati, que estava familiarizado com todos os Vedas junto com seus ramos e comentários, como seu preceptor, guardando a prática universal. (Embora os Vedas tivessem vindo a Suka por iniciativa própria, contudo ele era, em respeito ao costume universal, obrigado a adquiri-los formalmente de um preceptor.) Tendo

estudado todos os Vedas junto com todos os seus mistérios e resumos, como também todas as histórias e a ciência de administração, ó monarca pujante, o grande asceta voltou para casa, depois de dar para seu preceptor a taxa de ensino. Adotando o voto de um Brahmacharin, ele então começou a praticar as mais penitências mais rígidas concentrando toda sua atenção nelas. Mesmo em sua infância, ele se tornou um objeto de respeito com os deuses e Rishis por seu conhecimento e penitência. A mente do grande asceta, ó rei, não tinha satisfação nos três modos de vida com o familiar entre eles, mantendo em vista, como ele mantinha, a religião da Emancipação.'"

326

"Bhishma disse, 'Pensando na Emancipação, Suka se aproximou de seu pai, e como ele era humilde e desejoso de alcançar seu maior bem, ele saudou seu grande preceptor e disse, ‘Tu és bem versado na religião da Emancipação. Ó ilustre, me fale sobre isto, para que a tranquilidade suprema de mente, ó pujante, possa ser minha!’ Ouvindo estas palavras de seu filho, o grande Rishi disse a ele, ‘Estude, ó filho, a religião da Emancipação e todos os diversos deveres da vida!’ À esta ordem de seu pai, Suka, aquele principal de todos os homens justos, dominou a fundo todos os tratados sobre Yoga, ó Bharata, como também a ciência promulgada por Kapila. Quando Vyasa viu seu filho possuindo a resplandecência dos Vedas, dotado da energia de Brahma, e totalmente conhecedor da religião da Emancipação, ele se dirigiu a ele, dizendo, ‘Vá até Janaka, o soberano de Mithila. O rei de Mithila te dirá tudo para tua Emancipação.’ Cumprindo a ordem de seu pai, ó rei, Suka procedeu para Mithila para indagar seu rei sobre a verdade dos deveres e o Refúgio da Emancipação. Antes de ele sair seu pai lhe disse mais, ‘Vá até lá por aquele caminho que os seres humanos comuns tomam. Não recorra ao teu poder-Yoga para proceder pelos céus.’ Nisto Suka não ficou surpreso em absoluto (pois ele era humilde por natureza). Em seguida lhe foi dito que ele deveria proceder para lá com simplicidade e não pelo desejo de divertimento. ‘Ao longo do teu caminho não procure por amigos e esposas, já que amigos e cônjuges são causas de apego ao mundo. Embora o soberano de Mithila seja alguém em cujo sacrifícios nós oficiamos, tu ainda assim não deves te entregar a qualquer sentimento de superioridade enquanto vivendo com ele. Tu deves viver sob sua orientação e em obediência a ele. Assim ele dissipará todas as tuas dúvidas. (Vyasa era o sacerdote ou Ritwija da casa de Mithila e como tal os reis de Mithila eram seus Yajyas ou Yajamanas. O dever de um Yajamana é reverenciar todos os membros da família do sacerdote. O pai, portanto, adverte o filho de que ele não deve, enquanto estiver vivendo com o rei de Mithila, afirmar sua superioridade sobre ele em nenhum aspecto.) Aquele rei é bem versado em todos os deveres e conhece bem as escrituras sobre Emancipação. Ele é alguém para quem eu oficio em sacrifícios. Tu deves, sem qualquer escrúpulo, fazer o que ele ordenar.’ Assim instruído, Suka de alma justa procedeu para Mithila a pé embora ele pudesse percorrer os céus sobre toda a Terra com seus mares. Cruzando muitas colinas e montanhas, muitos rios, muitas águas e lagos, e muitos bosques

e florestas cheios de feras predadoras e outros animais, cruzando os dois Varshas de Meru e Hari sucessivamente e em seguida o Varsha de Himavat, ele finalmente chegou ao Varsha conhecido pelo nome de Bharata. Tendo visto muitos países habitados por Chins e Huns, o grande asceta finalmente alcançou Aryavarta. Em obediência às ordens de seu pai e levando-as constantemente em sua mente, ele gradualmente percorreu seu caminho sobre a Terra como uma ave passando pelo ar. Atravessando muitas cidades encantadoras e populosas, ele viu diversos tipos de riqueza sem parar para observá-las. Em seu caminho ele passou por muitos jardins encantadores e planícies e muitas águas sagradas. Antes que muito tempo tivesse passado ele alcançou o país dos Videhas que era protegido pelo virtuoso Janaka de grande alma. Lá ele viu muitas aldeias populosas, e muitos tipos de comida e bebida e iguarias e habitações de vaqueiros cheias de homens e muitos rebanhos de gado. Ele contemplou muitos campos cheios de arroz e cevada e outros grãos, e muitos lagos e rios habitados por cisnes e garças e adornados com belos lotos. Atravessando o país Videha cheio de pessoas abastadas, ele chegou aos jardins encantadores de Mithila magníficos com muitas espécies de árvores. Abundando com elefantes e cavalos e carros, e povoados por homens e mulheres, ele passou por eles sem parar para observar alguma das coisas que foram apresentadas à sua visão. Portando aquela carga em sua mente e incessantemente apoiando-se nisto (isto é, o desejo de dominar a fundo a religião da Emancipação), Suka de alma alegre e que se deleitava somente em pesquisa interna finalmente alcançou Mithila. Chegando no portão, ele enviou mensagem pelos guardas. Dotado de tranquilidade mental, dedicado à contemplação e Yoga, ele entrou na cidade, tendo obtido permissão. Procedendo pela rua principal cheia de homens prósperos, ele alcançou o palácio do rei e entrou nele sem quaisquer escrúpulos. Os porteiros o impediram com palavras rudes. Por causa disso, Suka, sem qualquer raiva, parou e esperou. Nem o sol nem a longa distância que ele tinha andado o tinham cansado o mínimo. Nem fome, nem sede, nem o esforço que ele tinha feito o tinham enfraquecido. O calor do Sol não o tinha chamuscado ou magoado ou afligido em qualquer grau. Entre aqueles porteiros havia um que sentiu compaixão por ele, vendo-o permanecendo lá como o Sol do meio-dia em seu brilho. Adorando-o de forma devida e saudando-o apropriadamente, com mãos unidas ele o conduziu ao primeiro aposento do palácio. Sentado lá, Suka, ó filho, começou a pensar somente na Emancipação. Possuidor de esplendor uniforme ele olhava igualmente para um local sombreado e um exposto aos raios do Sol. Logo depois, o ministro do rei, chegando àquele local com mãos unidas, o conduziu ao segundo aposento do palácio. Aquele aposento levava para um jardim espaçoso que formava uma parte dos apartamentos internos do palácio. Ele parecia com um segundo Chaitraratha. Belas quantidades de água se encontravam aqui e ali em intervalos regulares. Árvores encantadoras, todas as quais estavam em sua estação florescente, se encontravam naquele jardim. Grupos de donzelas, de beleza transcendente, estavam em serviço. O ministro conduziu Suka do segundo aposento para aquele local encantador. Mandando aquelas donzelas darem um assento para o asceta, o ministro o deixou lá. Aquelas donzelas bem vestidas eram de belas feições, possuidoras de quadris excelentes, jovens, e estavam vestidas em mantos vermelhos de boa textura, e enfeitadas com muitos ornamentos de ouro polido. Elas eram bem hábeis em

conversação agradável e festanças de enlouquecer, e mestras completas das artes de dança e canto. Sempre abrindo seus lábios com sorrisos, elas eram iguais às próprias Apsaras em beleza. Habilidosas em todas as ações de flerte, competentes para ler os pensamentos dos homens a quem elas serviam, possuidoras de todas as habilidades, cinquenta donzelas, de uma classe muito superior e de virtude natural, cercaram o asceta. Presenteando-o com água para lavar seus pés, e cultuando-o respeitosamente com a oferta dos artigos usuais, elas o gratificaram com iguarias excelentes de acordo com a estação. Depois que ele tinha comido, aquelas donzelas então, uma depois da outra, separadamente o conduziram pelos jardins, mostrando para ele todos os objetos de interesse, ó Bharata. Se divertindo e rindo e cantando, aquelas donzelas, conhecedoras dos pensamentos de todos os homens, entretiveram aquele asceta auspicioso de alma nobre. O asceta de alma pura nascido nos bastões de fogo, cumpridor sem escrúpulos de qualquer tipo de seus deveres, tendo todos os seus sentidos sob controle completo, e um mestre perfeito de sua raiva, não ficou nem satisfeito nem zangado com tudo aquilo. Então aquelas principais das mulheres belas lhe deram um assento excelente. Lavando seus pés e outros membros, Suka recitou suas orações noturnas, sentado naquele assento excelente, e começou a pensar no objetivo pelo qual ele tinha ido lá. Na primeira parte da noite ele se dedicou ao Yoga. O asceta pujante passou a parte intermediária da noite dormindo. Logo acordando de seu sono ele praticou os ritos necessários de limpeza de seu corpo, e embora cercado por aquelas mulheres belas, ele novamente se dedicou ao Yoga. Foi dessa maneira, ó Bharata, que o filho do Krishna Nascido na Ilha passou a última parte daquele dia e toda aquela noite no palácio do rei Janaka.'"

327

"Bhishma disse, 'Na manhã seguinte, o rei Janaka, ó Bharata, acompanhado por seu ministro e toda a família, foi até Suka, colocando seu sacerdote na dianteira. Trazendo consigo assentos caros e diversas espécies de jóias e pedras preciosas, e carregando os ingredientes do Arghya sobra sua própria cabeça, o monarca se aproximou do filho de seu preceptor venerável. O rei, pegando com suas próprias mãos, das mãos de seu sacerdote, aquele assento adornado com muitas pedras preciosas, cobriu-o com um lençol excelente, belo em todas as suas partes, e extremamente caro, e o ofereceu com grande reverência para o filho de seu preceptor, Suka. Depois que o filho do Krishna (Nascido na Ilha) tinha tomado seu assento nisto, o rei o adorou segundo os ritos prescritos. Inicialmente oferecendo-lhe água para lavar seus pés, ele então o presenteou com o Arghya e vacas. O asceta aceitou aquele culto oferecido com ritos e mantras devidos. Aquela principal das pessoas regeneradas, tendo assim aceitado o culto oferecido pelo rei, e recebendo também as vacas que lhe foram ofertadas, então saudou o monarca. Possuidor de grande energia, ele em seguida perguntou sobre o bem-estar e prosperidade do rei. De fato, ó rei, Suka incluiu em sua pergunta o bem-estar dos seguidores do monarca e oficiais também. Recebendo a permissão de Suka, Janaka sentou-se com todos os seus seguidores. Dotado de uma alma

nobre e possuidor de nascimento nobre, o monarca, com mãos unidas, sentou-se no chão sem coberta e perguntou sobre o bem-estar e a prosperidade que não decresce do filho de Vyasa. O monarca então perguntou para seu convidado o objetivo de sua visita.'"

"Suka disse, 'Abençoado sejas tu, meu pai me disse que seu Yajamana, o soberano dos Videhas, no mundo inteiro conhecido pelo nome de Janaka, é bem versado na religião da Emancipação. Ele me mandou vir a ele sem demora, se eu tivesse quaisquer dúvidas requerendo solução na questão da religião de Pravritti ou Nivritti. Ele me deu a entender que o rei de Mithila dissiparia todas as minhas dúvidas. Eu, portanto, vim aqui, por ordem de meu pai, com o propósito de receber aulas de li. Cabe a ti, ó principal de todas as pessoas justas, me instruir! Quais são os deveres de um Brahmana, e qual é a essência daqueles deveres que têm a Emancipação como seu objetivo? Como também a Emancipação é para ser obtida? Ela é obtenível pela ajuda do conhecimento ou pela ajuda de penitências?'"

'Janaka disse, 'Ouça quais são os deveres de um Brahmana desde o momento de seu nascimento. Depois de sua investidura, ó filho, com o fio sagrado, ele deve dedicar sua atenção ao estudo dos Vedas. Por praticar penitências e servir respeitosamente seu preceptor e cumprir os deveres de Brahmacharya, ó pujante, ele deve saldar a dívida que ele tem com as divindades e os Pitris, e rejeitar toda a malícia. Tendo estudado os Vedas com atenção cuidadosa e subjugado seus sentidos, e tendo dado para seu preceptor a taxa de instrução, ele deve, com a permissão do preceptor, voltar para casa. Voltando para casa, ele deve se dirigir ao modo de vida familiar e, casando com uma cônjuge, se limitar a ela, e viver se livrando de todos os tipos de malícia, e tendo estabelecido seu fogo doméstico. Vivendo no modo familiar, ele deve procriar filhos e netos. Depois disso, ele deve se retirar para a floresta, e continuar a adorar os mesmos fogos e entreter convidados com hospitalidade cordial. Vivendo virtuosamente na floresta, ele deve finalmente estabelecer seu fogo em sua alma, e livre de todos os pares de opostos, e abandonando todos as afeições da alma, ele deve passar seus dias no modo chamado Sannyasa que também é chamado de modo de Brahma.'"

"'Suka disse, 'Se alguém consegue alcançar uma compreensão purificada pelo estudo das escrituras e conceitos verdadeiros de todas as coisas, e se o coração consegue se libertar permanentemente dos efeitos de todos os pares de opostos, ainda é necessário que tal pessoa adote, um depois do outro, os três modos de vida chamados Brahmacharya, Garhastya, e Vanaprastha? Isto é o que eu te pergunto. Cabe a ti me dizer. De fato, ó soberano de homens, me fale disto segundo a verdadeira significação dos Vedas!'"

"'Janaka disse, 'Sem a ajuda de uma compreensão purificada pelo estudo das escrituras e sem aquele conceito verdadeiro de todas as coisas que é conhecido pelo nome de Vijnana, o alcance da Emancipação é impossível. Aquela compreensão purificada, também, é dito, é inalcançável sem uma ligação com um preceptor. O preceptor é o timoneiro, e conhecimento é o barco (ajudado pelos quais alguém consegue cruzar o oceano do mundo). Depois de ter adquirido

aquele barco, uma pessoa vem a ser coroada com êxito. De fato, tendo cruzado o oceano, ela pode abandonar ambos. Para impedir a destruição de todos os mundos e para impedir a destruição das ações (das quais o mundo depende), os deveres concernentes aos quatro modos de vida foram praticados pelos sábios de antigamente. Por abandonar as ações, boas e más, de acordo com esta ordem de ações alguém consegue, no decorrer de muitos nascimentos, alcançar a Emancipação. (É certo que alguém deve abandonar todas as ações antes que ele possa obter a Emancipação. Mas então as ações não devem ser rejeitadas subitamente. É de acordo com esta ordem que elas devem ser abandonadas, isto é, na ordem dos vários modos de vida.) Aquele homem que, por penitências realizadas no decurso de muitos nascimentos, consegue obter uma mente e compreensão e alma purificadas, certamente se torna capaz de alcançar a Emancipação (em um novo nascimento) até no primeiro modo, isto é, Brahmacharya. Quando, tendo obtido uma compreensão purificada, a Emancipação se torna dele e por isso ele passa a possuir conhecimento em relação a todas as coisas visíveis, qual objeto desejável há para alcançar por observar os três outros modos de vida? (Isto é, quando Emancipação e onisciência foram obtidas no primeiro modo de vida, não existe mais necessidade de sujeitar-se aos três outros modos de vida.) Uma pessoa deve sempre rejeitar aquelas falhas nascidas dos atributos de Rajas e Tamas. Aderindo ao caminho de Sattwa, ela deve conhecer a Si Mesma por Si Mesma. (Isto é, ver a Alma Suprema por meio de sua própria Alma). Vendo a si mesma em todas as criaturas e todas as criaturas em si mesma, ela deve viver (sem estar vinculada a alguma coisa) como animais aquáticos vivendo na água sem serem encharcados por aquele elemento. Aquele que consegue transcender todos os pares de atributos e resistir à sua influência, consegue rejeitar todos os apegos, e obtém felicidade infinita no mundo seguinte, indo para lá como uma ave subindo da terra para o céu. Em relação a isto há um ditado cantado antigamente pelo rei Yayati e mantido na lembrança, ó senhor, por todas as pessoas conhecedoras das escrituras que tratam da Emancipação. O raio refulgente (isto é, a Alma Suprema) existe na Alma de alguém e não em algum outro lugar. Ela existe igualmente em todas as criaturas. Alguém pode vê-la por si mesmo se seu coração estiver devotado ao Yoga. Quando uma pessoa vive de tal maneira que outros não sejam inspirados com medo à sua visão, e quando ela mesma não é inspirada com medo à visão de outros, quando uma pessoa cessa de nutrir desejo e ódio, ela é citada como tendo alcançado Brahma. Quando uma pessoa cessa de nutrir uma atitude pecaminosa em direção a todas as criaturas em pensamentos, palavras, e ações, ela então é citada como tendo alcançado Brahma. Por controlar a mente e a alma, por rejeitar a malícia que entorpece a mente, e por se livrar do desejo e do estupor, ela é citada como tendo alcançado Brahma. Quando uma pessoa assume uma igualdade de atitude em relação a todos os objetos de audição e visão (e às operações dos outros sentidos) como também em relação a todas as criaturas vivas, e transcende todos os pares de opostos, ela então é citada como tendo alcançado Brahma. Quando uma pessoa considera imparcialmente louvor e repreensão, ouro e ferro, felicidade e miséria, calor e frio, bem e mal, o agradável e o desagradável, vida e morte, ela então é citada como tendo alcançado Brahma. Alguém que cumpre os deveres das classes mendicantes deve controlar seus

sentidos e a mente assim como uma tartaruga recolhendo seus membros esticados. Como uma casa envolvida em escuridão é capaz de ser vista com a ajuda de uma lâmpada acesa, da mesma maneira a alma pode ser vista com a ajuda da lâmpada da compreensão. Ó principal das pessoas inteligentes, eu vejo que todo esse conhecimento que eu estou te comunicando reside em ti. Qualquer coisa a mais que deva ser conhecida por alguém desejoso de aprender a religião da Emancipação já é conhecida por ti. Ó Rishi regenerado, eu estou convencido pela graça do teu preceptor e pelas instruções que tu recebeste, que tu já transcendeste todos os objetos dos sentidos. Ó grande asceta, pela graça daquele teu pai eu obtive onisciência, e então eu consegui te conhecer. Teu conhecimento é muito maior do que o que pensas que tu tens. Tuas percepções também que provêm da intuição são muito maiores do que as que tu achas que tu tens. Tua pujança também é muito maior do que tu estás ciente. Por causa da tua idade jovem, ou das dúvidas que tu não foste capaz de dissipar, ou do temor que é devido ao não alcance da Emancipação, tu não estás consciente daquele conhecimento devido à intuição embora ele tenha surgido em tua mente. Depois que as dúvidas de alguém foram dissipadas por pessoas como nós, alguém consegue abrir os nós do próprio coração e então, por um esforço virtuoso ele alcança e se torna consciente daquele conhecimento. Com relação a ti mesmo, tu és alguém que já adquiriste conhecimento. Tua inteligência é firme e tranquila. Tu estás livre da cobiça. Apesar de tudo isso, ó Brahmana, alguém nunca consegue alcançar Brahma, que é o maior objeto de aquisição, sem esforço. Tu não vês diferença entre felicidade e tristeza. Tu não és cobiçoso. Tu não tens desejo de dançar e cantar. Tu não tens apegos. Tu não tens vínculos com amigos. Tu não tens medo de coisas que inspiram temor. Ó abençoado, eu vejo que tu lanças um olhar igual sobre um pedaço de ouro e um torrão de terra. Eu mesmo, e outras pessoas possuidoras de sabedoria, te vemos estabelecido no caminho superior e indestrutível da tranquilidade. Tu permaneces, ó Brahmana, naqueles deveres os quais obtêm para o Brahmana aquele fruto que deve ser dele e que é idêntico à essência do objeto representado pela Emancipação. O que mais tu desejas me perguntar?'"

328

"Bhishma disse, 'Tendo ouvido estas palavras do rei Janaka, Suka de alma purificada e conclusões firmes começou a permanecer em sua Alma por sua Alma, tendo naturalmente visto o Eu por meio do Eu. (Isto é, ele direcionou o olhar de sua alma para sua Alma e se afastou de todos os objetos mundanos.) Seu objetivo sendo realizado, ele se tornou feliz e tranquilo, e sem fazer mais perguntas para Janaka ele procedeu na direção norte, para as montanhas de Himavat com a velocidade do vento e como o vento. (Ele não caminhou mais como homens comuns. Sem seguir ao longo do apoio sólido da Terra, ele procedeu pelo céu.) Aquelas montanhas abundavam com diversas tribos de Apsaras e ecoavam com muitos sons altos. Cheias de milhares de Kinnaras e Bhringarajas (popularmente, Bhimaraja, a Lanius Malabaricus), elas eram adornadas, além disso, com muitos

Madgus e Khanjaritas e muitos Jivajivakas de cores variadas. E haviam também muitos pavões de cores magníficas, proferindo seus gritos agudos porém melodiosos. Muitos bandos de cisnes, e muitos bandos de Kokilas alegres também adornavam o lugar. O príncipe das aves, Garuda, vivia sobre aquele topo constantemente. Os quatro Regentes do mundo, as divindades, e diversas classes de Rishis, costumavam sempre ir lá pelo desejo de fazer bem para o mundo. Foi lá que Vishnu de grande alma tinha praticado as mais severas das austeridades com o objetivo de obter um filho. E foi lá que o generalíssimo celeste chamado Kumara, em seus dias de juventude, desconsiderando os três mundos com todos os habitantes celestes, jogou seu dardo, perfurando a Terra com ele. Jogando seu dardo, Skanda se dirigiu ao universo, dizendo, 'Se existe alguma pessoa que seja superior a mim em poder, ou que considere os Brahmanas como mais queridos, ou que possa se comparar comigo em devoção aos Brahmanas e aos Vedas, ou que seja possuidora de energia como eu, que ela puxe este dardo ou pelo menos o balance!' Ouvindo esse desafio, os três mundos se encheram de ansiedade, e todas as criaturas questionaram umas às outras, dizendo, 'Quem erguerá este dardo?' Vishnu viu todas as divindades e Asuras e Rakshasas perturbados em seus sentidos e mentes. Ele refletiu sobre o que seria o melhor a ser feito sob as circunstâncias. Sem poder tolerar aquele desafio em relação ao arremesso do dardo, ele olhou para Skanda, o filho do Deus do fogo. Vishnu de alma pura agarrou o dardo refulgente com sua mão esquerda, e começou a sacudi-lo. Quando o dardo estava sendo assim sacudido por Vishnu possuidor de grande poder, a Terra inteira com suas montanhas, florestas, e mares, tremeu com o dardo. Embora Vishnu fosse perfeitamente competente para erguer o dardo, ainda assim ele se contentou somente com sacudi-lo. Nisto, o senhor pujante somente manteve a honra de Skanda intacta. Tendo-o sacudido ele mesmo, o divino Vishnu, se dirigindo a Prahlada, disse, 'Veja o poder de Kumara! Ninguém mais no universo pode erguer este dardo!' Incapaz de tolerar isso, Prahlada resolveu erguer o dardo. Ele o agarrou, mas não pôde sacudi-lo em absoluto. Proferindo um grito alto, ele caiu desmaiado no topo da colina. De fato, o filho de Hiranyakasipu caiu sobre a Terra. Dirigindo-se para o lado norte daquelas grandes montanhas, Mahadeva, tendo o touro como seu símbolo, tinha praticado as mais rígidas das penitências. O santuário onde Mahadeva tinha passado por aquelas austeridades é rodeado por todos os lados com um fogo ardente. Inalcançável por pessoas de almas impuras, aquela montanha é conhecida pelo nome de Aditya. Há um cercado de fogo ao redor dela, da largura de dez Yojanas, e Yakshas e Rakshasas e Danavas não podem se aproximar dela. O ilustre de deus do Fogo, possuidor de energia imensa, mora lá em pessoa empenhado em remover todos os obstáculos do lado de Mahadeva de grande sabedoria que permaneceu lá por mil anos celestes, todo o tempo permanecendo sobre um pé. Residindo ao lado daquela principal das montanhas, Mahadeva de votos excelentes (por meio de suas penitências) oprimiu muito as divindades. (Acredita-se que uma pessoa, por realizar penitências ascéticas, oprime os três mundos. É por causa deste efeito das penitências que as divindades superiores eram sempre obrigadas pelos Asuras e Danavas a lhes concederem quaisquer benefícios que eles solicitassem.) Na base daquelas montanhas, em um local retirado, o filho de Parasara de grande mérito ascético, isto é, Vyasa, ensinou os Vedas para seus discípulos. Aqueles

discípulos eram os altamente abençoados Sumantra, Vaisampayana, Jaimini de grande sabedoria, e Paila de grande mérito ascético. Suka procedeu para aquele retiro encantador onde seu pai, o grande asceta Vyasa, estava morando, cercado por seus discípulos. Sentado em seu santuário, Vyasa viu seu filho se aproximar como um fogo resplandecente de chamas espalhadas, ou parecendo com o próprio sol em refulgência. Conforme Suka se aproximava, ele não parecia tocar as árvores ou as rochas da montanha. Completamente dissociado de todos os objetos dos sentidos, engajado em Yoga, o asceta de grande alma se aproximou, parecendo, em velocidade, com uma flecha atirada de um arco. Nascido dos bastões de fogo, Suka, se aproximando de seu pai, tocou seus pés. Com as formalidades adequadas ele então abordou os discípulos de seu pai. Com grande alegria ele então contou para seu pai todos os detalhes de sua conversação com o rei Janaka. Vyasa, o filho de Parasara, depois da chegada de seu filho pujante, continuou a morar lá no Himavat empenhado em ensinar seus discípulos e seu filho. Um dia quando ele estava sentado, seus discípulos, todos bem hábeis nos Vedas, tendo seus sentidos sob controle, e dotados de almas tranquilas, sentaram-se em volta dele. Todos eles tinham dominado completamente os Vedas com seus ramos. Todos eles eram praticantes de penitências. Com mãos unidas eles se dirigiram a seu preceptor nas seguintes palavras."

"Os discípulos disseram, 'Nós, pela tua graça, fomos dotados de grande energia. Nossa fama também se espalhou. Há um favor que nós humildemente te pedimos para nos conceder.' Ouvindo estas palavras deles, o Rishi regenerado respondeu a eles, dizendo, 'Ó filhos, me digam qual é o benefício que vocês desejam que eu lhes conceda!' Ouvindo esta resposta de seu preceptor, os discípulos se encheram de alegria. Inclinando novamente suas cabeças para seu preceptor e unindo suas mãos, todos eles em uma voz disseram, ó rei, estas palavras excelentes: 'Se nosso preceptor está satisfeito conosco, então, ó melhor dos sábios, nós com certeza estamos coroados com sucesso! Todos nós te pedimos, ó grande Rishi, para nos conceder uma bênção. Esteja inclinado a ser bondoso para conosco. Que nenhum sexto discípulo (além de nós cinco) consiga alcançar a fama! Nós somos quatro. O filho do nosso preceptor forma o quinto. Que os Vedas brilhem somente como cinco! Este mesmo é o benefício que nós pedimos.' Ouvindo estas palavras de seus discípulos, Vyasa, o filho de Parasara, possuidor de grande inteligência, bom conhecedor do significado dos Vedas, dotado de uma alma justa, e sempre empenhado em pensar nos objetos que conferem benefícios para uma pessoa no mundo futuro, disse para seus discípulos estas palavras corretas repletas de grande benefício: 'Os Vedas devem sempre ser dados para aquele que é um Brahmana, ou para alguém que esteja desejoso de ouvir instruções Védicas, ou para aquele que deseja avidamente obter uma residência na região de Brahman! Multipliquem, que os Vedas se espalhem (pelos seus esforços). Os Vedas nunca devem ser dados para alguém que não se tornou um discípulo formalmente. Nem eles devem ser dados para quem não é cumpridor de bons votos. Nem eles devem ser dados para residirem em alguém que tem uma alma impura. Estas devem ser conhecidas como as qualificações apropriadas das pessoas que podem ser aceitas como discípulos (para a comunicação do conhecimento Védico). Nenhuma ciência deve ser

comunicada para alguém sem um exame apropriado do seu caráter. Como o ouro puro é testado pelo calor, corte e fricção, da mesma maneira discípulos devem ser testados por seu nascimento e habilidades. Vocês nunca devem colocar seus discípulos para tarefas para as quais eles não devem ser colocados, ou para tarefas que sejam repletas de perigo. O conhecimento de uma pessoa é sempre proporcional à sua compreensão e zelo em estudo. Que todos os discípulos conquistem todas as dificuldades, e que todos eles encontrem com o sucesso auspicioso. Vocês são competentes para fazerem preleções sobre as escrituras para pessoas de todas as classes. Só que vocês devem, enquanto ensinando, se dirigir a um Brahmana, colocando-o na dianteira. Estas são as regras a respeito do estudo dos Vedas. Esta também é considerada como uma tarefa excelente. Os Vedas foram criados pelo Auto-nascido para o propósito de louvar as divindades com eles. Aquele homem que, por entorpecimento do intelecto, fala mal de um Brahmana bem familiarizado com os Vedas, seguramente encontra com a humilhação por consequência de tal ação. Aquele que, desrespeitando todas as regras justas, solicita conhecimento, e aquele que, desconsiderando as regras de justiça, comunica conhecimento, ambos decaem, e em vez daquela afeição que deve prevalecer entre preceptor e discípulo, tal questionamento e comunicação certamente produzem desconfiança e suspeita. Eu agora lhes disse tudo acerca da maneira na qual os Vedas devem ser estudados e ensinados. Vocês devem agir desse modo em direção aos seus discípulos, mantendo estas instruções em suas mentes.'"

329

"Bhishma disse, 'Ouvindo estas palavras de seu preceptor, os discípulos de Vyasa dotados de energia se encheram de alegria e se abraçaram. Dirigindo-se uns aos outros, eles disseram, ‘Aquilo que foi dito pelo nosso preceptor ilustre em vista do nosso bem futuro viverá em nossa lembrança e nós certamente agiremos de acordo com aquilo.’ Tendo dito isso uns para os outros com corações alegres, os discípulos de Vyasa, que eram mestres perfeitos de palavras, mais uma vez se dirigiram ao seu preceptor e disseram, ‘Se te agradar, ó pujante, nós desejamos descer desta montanha para a Terra, ó grande asceta, para o propósito de subdividir os Vedas!’ Ouvindo estas palavras de seus discípulos, o pujante filho de Parasara respondeu para eles nestas palavras benéficas que eram repletas, além disso, de virtude e lucro, ‘Vocês podem se dirigir para a Terra ou para as regiões dos celestiais, como vocês quiserem. Vocês devem estar sempre atentos, pois os Vedas são de tal maneira que eles estão sempre sujeitos a serem mal interpretados!’ Permitidos por seu preceptor de palavras sinceras, os discípulos o deixaram depois de circungirá-lo e de inclinarem suas cabeças para ele. Descendo para a Terra eles realizaram o Agnishtoma e outros sacrifícios; e eles começaram a oficiar nos sacrifícios de Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas. Passando seus dias alegremente no modo de vida familiar, eles eram tratados pelos Brahmanas com grande respeito. Possuidores de grande fama e prosperidade, eles estavam empenhados em ensinar e oficiar em sacrifícios.

Depois que seus discípulos tinham ido embora, Vyasa permaneceu em seu retiro, somente com seu filho em sua companhia. Passando seus dias em meditação ansiosa, o grande Rishi, possuidor de sabedoria, manteve silêncio, sentado em um canto isolado do retiro. Naquele tempo Narada de grande mérito ascético chegou àquele local para ver Vyasa, e dirigindo-se a ele disse estas palavras de som melodioso.'"

"'Narada disse, 'Ó Rishi regenerado da linhagem de Vasishtha, por que os sons Védicos estão silenciosos agora? Por que tu estás sentado silencioso e sozinho engajado em meditação como alguém absorto em um pensamento que prende a atenção? Ai, desprovida de ecos Védicos, esta montanha perdeu sua beleza, assim como a Lua desprovida de esplendor quando atacada por Rahu ou envolvida em poeira. (Em muitas partes da Índia Superior, grandes quantidades de poeira são erguidas por ventos rodopiantes à tarde e à noite chamados Andhi, as nuvens de poeira cobrem a lua por horas.) Embora habitada por Rishis celestes, contudo desprovida de sons Védicos, a montanha não parece mais bela agora, mas parece com uma aldeola de Nishadas. (A classe mais baixa de homens, que vive da matança de animais.) Os Rishis, as divindades, e os Gandharvas, também, não brilham mais como antes por estarem privados do som Védico!' Ouvindo estas palavras de Narada, Krishna Nascido na Ilha respondeu, dizendo, 'Ó grande Rishi, tu és conhecedor das declarações dos Vedas, tudo o que tu disseste é agradável para mim e realmente cabe a ti me dizer isto! Tu és onisciente, tu tens visto tudo. Tua curiosidade também envolve todas as coisas dentro de sua esfera. Tudo o que já ocorreu nos três mundos é bem conhecido por ti. Então, ó Rishi regenerado, ordene-me. Ó, diga-me o que eu devo fazer! Diga-me, ó Rishi regenerado, o que deve ser feito por mim. Separado de meus discípulos, minha mente se tornou muito triste agora.'"

'Narada disse, 'A mácula dos Vedas é a suspensão da sua recitação. A mácula dos Brahmanas é sua não observância de votos. A raça Valhika é a mácula da Terra. A curiosidade é a mácula das mulheres. Recite os Vedas com teu filho inteligente, e com os ecos dos sons Védicos dissipe os temores provenientes de Rakshasas.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras de Narada, Vyasa, a principal de todas as pessoas familiarizadas com os deveres e firmemente devotado à recitação Védica, se encheu de alegria e respondeu para Narada dizendo, 'Assim seja.' Com seu filho Suka, ele se pôs a recitar os Vedas em uma voz alta e sonora, observando todas as regras de Ortoepia e, por assim dizer, enchendo os três mundos com aquele som. Um dia quando pai e filho, que conheciam bem todos os deveres, estava empenhados em recitar os Vedas, ergueu-se um vento violento que parecia ser impelido pelas ventanias que sopram na superfície do oceano. Compreendendo a partir desta circunstância que a hora não era adequada para recitação sagrada, Vyasa imediatamente mandou seu filho suspender a recitação. Suka, assim proibido por seu pai, encheu-se de curiosidade. Ele questionou seu pai, dizendo, 'Ó regenerado, de onde é este vento? Cabe a ti me dizer tudo acerca da conduta do Vento.' Ouvindo esta pergunta de Suka, Vyasa encheu-se de perplexidade. Ele respondeu para Suka, por dizer a ele que aquilo era um

presságio que indicava que a recitação dos Vedas deveria ser suspensa. ‘Tu obtiveste visão espiritual. Tua mente também, por si mesma, se tornou purificada de toda impureza. Assim tu estás livre dos atributos de Paixão e Ignorância. Tu permaneces agora no atributo de Bondade. Tu vês agora tua Alma com tua Alma assim como alguém vê sua própria sombra em um espelho. Permanecendo em tua própria Alma, reflita sobre os Vedas. O caminho da Alma Suprema é chamado de Deva-yana (o caminho dos deuses). O caminho que é composto do atributo de Tamas é chamado de Pitri-yana (o caminho dos Pitris). Estes são os dois caminhos no mundo após a morte. Por um, as pessoas vão para o céu. Pelo outro, as pessoas vão para o inferno. Os ventos sopram na superfície da Terra e no firmamento. Há sete direções nas quais eles sopram. Ouça-me enquanto eu as relato uma por uma. O corpo está equipado com os sentidos que são dominados pelos Sadhyas e muitos grandes seres de força imensa. Estes deram nascimento a um filho invencível chamado Samana. De Samana nasceu um filho chamado Udana. De Udana surgiu Vyana, de Vyana surgiu Apana, e por fim de Apana surgiu o vento chamado Prana. Aquele opressor invencível de todos os inimigos, isto é, Prana, ficou sem filhos. Eu agora narrarei para ti as diferentes funções daqueles ventos. O ar é a causa das diferentes funções de todas as criaturas vivas, e porque as criaturas são habilitadas a viverem por ele, portanto, o ar é chamado de Prana (ou vida). Aquele vento que é o primeiro na enumeração acima e que é conhecido pelo nome de Pravaha (Samana) impulsiona, ao longo da direção principal, massas de nuvens nascidas de fumaça e calor. Percorrendo o firmamento, e entrando em contato com a água contida nas nuvens, aquele vento se expõe em refulgência entre os dardos de relâmpago. O segundo vento chamado Avaha sopra com um barulho alto. É este vento que faz Soma e os outros corpos luminosos se erguerem e aparecerem. Dentro do corpo (o qual é um microcosmo do universo) aquele vento é chamado de Udana pelos sábios. Aquele vento que absorve água dos quatro oceanos, e tendo-a absorvido a dá para as nuvens no céu, e que, tendo-a dado às nuvens oferta-as para a divindade da chuva, é o terceiro na enumeração e conhecido pelo nome de Udvaha. Aquele vento que suporta as nuvens e as divide em diversas porções, que as liquefaz por despejar chuva e mais uma vez as solidifica, que é percebido como o som das nuvens ribombantes, que existe para a preservação do mundo por ele mesmo assumir a forma das nuvens, que sustenta os carros de todos os seres celestiais pelo céu, é conhecido pelo nome de Samvaha. O quarto na enumeração é dotado de grande força de maneira que ele é capaz de destruir as próprias montanhas. O quinto vento é repleto de grande força e velocidade. Ele é seco e arranca e quebra todas as árvores. Existindo com ele, as nuvens vêm a ser chamadas pelo nome de Valahaka. Aquele vento causa fenômenos calamitosos de muitos tipos, e produz sons estrondosos no firmamento. Ele é conhecido pelo nome de Vivaha. O sexto vento carrega todas as águas celestes no firmamento e as impede de cair. Sustentando as águas sagradas do Ganga celeste, aquele vento sopra, impedindo-as de terem um curso para baixo. Obstruído por aquele vento de uma distância, o Sol, que é realmente a fonte de mil raios, e que ilumina o mundo, aparece como um corpo luminoso de um raio somente. Pela ação daquele vento, a Lua, depois de minguar, cresce novamente até que revela seu disco cheio. Aquele vento é conhecido, ó principal dos ascetas, pelo nome de Parivaha

(significando o mais importante de todos em força e energia). Aquele vento que tira a vida de todas as criaturas vivas quando chega a hora apropriada, cujo rastro é seguido pela Morte e o filho de Surya Yama, que se torna a fonte daquela imortalidade que é alcançada pelos Yogins de visão sutil que estão sempre engajados em meditação Yoga, por cuja ajuda os milhares de netos de Daksha, aquele senhor de criaturas, por seus dez filhos, conseguiram antigamente alcançar os fins do universo, cujo toque permite alguém chegar à Emancipação por se livrar da obrigação de voltar para o mundo, aquele vento é chamado pelo nome de Paravaha. O principal de todos os ventos, ele é incapaz de ser resistido por alguém. Maravilhosos são estes ventos, todos os quais são os filhos de Diti. Capazes de irem a todos os lugares e de sustentarem todas as coisas, eles sopram ao redor de ti sem serem ligados a ti em qualquer momento. Isto, no entanto, é muito extraordinário, isto é, que esta principal das montanhas seja assim subitamente sacudida por esse vento que começou a soprar. Esse vento é a respiração das narinas de Vishnu. Quando incitado adiante com velocidade, ele começa a soprar com grande força pela qual todo o universo vem a ser agitado. Por isso, quando o vento começa a soprar com violência, pessoas conhecedoras dos Vedas não recitam os Vedas. Os Vedas são uma forma de vento. Se proferidos com força, o vento externo vem a ser torturado."

"Tendo dito estas palavras, o pujante filho de Parasara mandou seu filho (quando o vento tinha cessado) continuar com sua recitação Védica. Ele então deixou aquele local para mergulhar nas águas do Ganga celeste.'" (É dito que o rio Ganga sagrado tem três cursos ou correntes. Uma flui sobre a superfície da Terra; a segunda flui pelas regiões inferiores, e a terceira flui pelo céu).

330

"Bhishma disse, 'Depois que Vyasa tinha deixado o local, Narada, atravessando o céu, se aproximou de Suka que estava empenhado em estudar as escrituras. O Rishi celeste chegou com o objetivo de perguntar para Suka o significado de certas partes dos Vedas. Vendo o Rishi celeste Narada chegando em seu retiro, Suka o adorou por oferecer a ele o Arghya segundo os ritos prescritos nos Vedas. Satisfeito com as honras concedidas, Narada se dirigiu a Suka, dizendo, 'Diga-me, ó principal das pessoas justas, por quais meios, ó filho caro, eu posso realizar o que é para o teu maior bem!' Ouvindo estas palavras de Narada, Suka disse a ele, ó Bharata, estas palavras: 'Cabe a ti me instruir em relação àquilo que possa ser benéfico para mim.'"

'Narada disse, 'Antigamente o ilustre Sanatkumara disse essas palavras para certos Rishis de almas purificadas que tinham se dirigido a ele para perguntarem sobre a verdade: Não há visão como aquela do conhecimento. Não há penitência como a renúncia. Abstenção de ações pecaminosas, prática firme da retidão, boa conduta, o devido cumprimento de todos os deveres, estes constituem o maior bem. Tendo obtido a posição de humanidade que está repleta de tristeza, aquele que se torna apegado a ela vem a ser entorpecido, tal homem nunca consegue se

emancipar da tristeza. O apego (às coisas do mundo) é uma indicação de tristeza. A compreensão da pessoa que tem afeição por coisas mundanas se torna cada vez mais emaranhada na rede do entorpecimento. O homem que fica emaranhado na rede do entorpecimento obtém tristeza, aqui e após a morte. Uma pessoa deve, por todos meios em seu poder, reprimir desejo e ira se ela procura alcançar o que é para o seu bem. Aqueles dois (desejo e ira) surgem somente para destruir o bem de alguém. Alguém deve sempre proteger suas penitências da cólera, e sua prosperidade do orgulho. Ele deve sempre proteger o próprio conhecimento da honra e desonra e, sua alma do erro. (As penitências devem ser protegidas da cólera. Pelas penitências alguém obtém grande poder. O poder do asceta frequentemente se iguala àquele do próprio Brahman. Se, no entanto, o asceta cede à ira e amaldiçoa alguém por cólera, sua pujança vem a ser diminuída. Por esta razão, o perdão é citado como a maior virtude que um Brahmana pode praticar. O poder de um Brahmana está no perdão. O conhecimento também deve ser protegido de honra e desonra, isto é, alguém nunca deve receber honra por seu conhecimento, ou seja, fazer alguma coisa para o objetivo de obter honra. Similarmente, nunca se deve fazer alguma coisa que possa ter o efeito de desonrar o próprio conhecimento. Estes são alguns dos mais elevados deveres pregados nas escrituras.) A compaixão é a maior virtude. O perdão é o maior poder. O conhecimento do eu é o maior conhecimento. Não há nada superior à verdade. É sempre apropriado falar a verdade. É melhor também falar o que é benéfico do que falar o que é verdadeiro. Eu considero que é verdade aquilo que é repleto do maior benefício para todas as criaturas. (As escrituras não dizem que a verdade deve ser sacrificada em vista de que é benéfico, pois tal ponto de vista iria contra o ditado que não há nada superior à verdade. O ditado se refere àqueles casos excepcionais onde a verdade se torna uma fonte de mal positivo. A história do Rishi que falou a verdade a respeito do lugar onde certos viajantes estavam escondidos, quando questionado por certos ladrões que queriam assassinar os viajantes, é um exemplo disso. O filho do ourives que morreu com uma mentira em seus lábios para permitir que seu príncipe legítimo escapasse das mãos de seus perseguidores fez um ato meritório de lealdade.) É citado como realmente erudito e realmente possuidor de sabedoria aquele homem que abandona toda ação, que nunca cede à esperança, que é completamente dissociado de todos os ambientes mundanos, e que renunciou a tudo o que concerne ao mundo. Aquela pessoa que, sem ser apegada a eles, desfruta de todos os objetos dos sentidos com a ajuda dos sentidos que estão totalmente sob seu controle, que possui uma alma tranquila, que nunca é alterado por alegria e tristeza, que é dedicado à meditação-Yoga, que vive na companhia das divindades que presidem sobre seus sentidos e dissociado também delas, e que, embora dotado de um corpo, nunca se considera como identificável com ele, se torna emancipado e logo alcança aquilo que é o maior bem. Alguém que nunca vê outros, nunca toca outros, nunca fala com outros, logo, ó asceta, alcança o que é para o seu maior bem. Não se deve ferir nenhuma criatura. Por outro lado, alguém deve se comportar com perfeita cordialidade em direção a todos. Tendo obtido a posição de humanidade, alguém nunca deve se comportar com hostilidade em direção a algum ser. Uma total indiferença por todas as coisas (mundanas), contentamento perfeito, abandono de esperança de todo tipo, e paciência, estes

constituem o maior bem de alguém que tem subjugado seus sentidos e adquirido um conhecimento de si mesmo. Rejeitando todas as atrações, ó filho, subjugue todos os teus sentidos, e por estes meios obtenha felicidade neste e no outro mundo. Aqueles que estão livres da cobiça nunca têm que sofrer alguma tristeza. Uma pessoa deve, portanto, expulsar toda cobiça da própria alma. Por expulsar a cobiça, ó amável e abençoado, tu serás capaz de te libertar da dor e tristeza. Alguém que deseja conquistar aquilo que é inconquistável (isto é, alcançar Brahma) deve viver se dedicando às penitências, ao autodomínio, à taciturnidade, e à subjugação da alma. Tal pessoa deve viver no meio de atrações sem ser vinculado a elas. Aquele Brahmana que vive no meio de atrações sem ser apegado a elas e que sempre vive em reclusão logo alcança a maior bem-aventurança. Aquele homem que vive em felicidade por si mesmo no meio de criaturas que são vistas se deleitarem em levarem vidas de união sexual, deve ser reconhecida como uma pessoa cuja sede foi saciada pelo conhecimento. É bem conhecido que o homem cuja sede foi saciada pelo conhecimento nunca tem que se entregar à dor. Alguém alcança a posição das divindades por meio de boas ações, a posição de humanidade por meio de ações que são boas e más; enquanto por ações que são puramente más alguém cai desamparadamente entre os animais inferiores. Sempre atacada pela tristeza e decrepitude e morte, uma criatura viva está sendo cozida neste mundo (no caldeirão do Tempo). Tu não sabes disso? Tu frequentemente consideras benéfico aquilo que é realmente prejudicial; como sendo certo aquilo que é realmente incerto; e como desejável e bom aquilo que é indesejável e não bom. Ai, por que tu não despertas para uma compreensão correta disso? Como o bicho-da-seda se envolve em seu próprio casulo, tu estás te envolvendo continuamente em um casulo feito de tuas próprias ações incontáveis nascidas do entorpecimento e erro. Ai, por que tu não despertas para uma compreensão correta da tua situação? Não há necessidade de te apegar às coisas deste mundo. Apego aos objetos mundanos é produtivo de mal. O bicho-da-seda que tece um casulo ao redor de si mesmo é finalmente destruído por sua própria ação. Aquelas pessoas que se tornam apegadas a filhos e cônjuges e parentes encontram com a destruição no final, assim como elefantes selvagens caídos na lama de um lago são gradualmente enfraquecidos até a Morte. Veja, todas as criaturas que se permitem serem arrastadas pela rede da afeição ficam sujeitas à grande angústia assim como peixes na terra, arrastados a ela por meio de grandes redes! Parentes, filhos, cônjuges, o próprio corpo, e todas as posses armazenadas com cuidado, são insubstanciais e demonstram ser de nenhum auxílio no mundo seguinte. Somente as ações, boas e más, que alguém faz, o seguem para o outro mundo. Quando é certo que tu terás que ir sem ajuda ao outro mundo, deixando para trás todas essas coisas, ai, por que tu então te permites ser apegado a tais coisas insubstanciais de nenhum valor, sem prestares atenção àquelas que constituem tua riqueza real e durável? O caminho que tu terás que percorrer não tem lugares de descanso de qualquer tipo (nos quais descansar). Não há apoio ao longo daquele caminho, o qual alguém possa pegar para se sustentar. O país pelo qual ele passa é desconhecido e encoberto. Ele está, também, envolvido em uma densa escuridão. Ai, como tu procederás por aquele caminho sem te equipares com os custos necessários? Quando tu tiveres que seguir ao longo daquela estrada, ninguém seguirá contigo. Somente os teus

atos, bons e maus, seguirão atrás de ti quando tu partires deste mundo para o próximo. Alguém procura seu objetivo dos objetivos por meio de erudição, ações, pureza (externa e interna), e grande conhecimento. Quando aquele principal dos objetivos é alcançado, ele se torna livre (do renascimento). O desejo que alguém sente por viver no meio de habitações humanas é como uma corda que amarra. Aqueles que são de boas ações conseguem romper aquele laço e se libertar. Somente aqueles de ações pecaminosas não conseguem rompê-lo. O rio da vida (ou o mundo) é terrível. Beleza pessoal ou forma constitui suas ribanceiras. A mente é a velocidade de sua correnteza. Toque forma sua ilha. Sabor constitui sua correnteza. Aroma é sua lama. Som é suas águas. Aquela parte específica dele que leva para o céu está ligada a grandes dificuldades. O corpo é o barco pelo qual alguém deve cruzar aquele rio. O perdão é o remo pelo qual ele deve ser impulsionado. A verdade é o lastro que é para firmar aquele barco. A prática de virtude é a corda que é para ser ligada ao mastro para puxar à força aquele barco ao longo de águas difíceis. Caridade constitui o vento que impulsiona as velas daquele barco. Dotado de velocidade rápida, é com aquele barco que alguém deve cruzar o rio da vida. Rejeite virtude e vício, e verdade e falsidade. Tendo rejeitado verdade e falsidade, rejeite aquilo pelo qual estes são para serem rejeitados. Por rejeitar todo propósito, rejeite virtude; rejeite também o pecado por rejeitar todo desejo. Com a ajuda da compreensão, rejeite verdade e mentira; e, finalmente, rejeite a própria compreensão pelo conhecimento do tópico mais elevado (isto é, a Alma suprema). Rejeite este corpo tendo ossos como seus pilares; tendões como suas cordas e barbantes que amarram; carne e sangue como seu reboco exterior; a pele como sua cobertura exterior; cheio de urina e fezes e, portanto, emitindo um cheiro repugnante; exposto aos ataques de decrepitude e tristeza; formando o assento de doença e enfraquecido pela dor; possuidor do atributo de Rajas em predominância, não permanente ou durável, e que serve como a habitação (temporária) da criatura que o habita. Este universo inteiro de matéria, e aquilo que é chamado de Mahat ou Buddhi, são compostos dos (cinco) grandes elementos. Aquilo que é chamado de Mahat é devido à ação do Supremo. Os cinco sentidos, os três atributos de Tamas, Sattwa, e Rajas, estes (junto com aqueles que foram mencionados antes), constituem um total de dezessete. Estes dezessete, que são conhecidos pelo nome de Imanifesto, com tudo aquilo que é chamado de Manifesto, isto é, os cinco objetos dos cinco sentidos, (ou seja, forma, gosto, som, toque, e cheiro), com a Consciência e a Compreensão, formam o bem conhecido número de vinte e quatro. Quando dotado dessas vinte e quatro posses, alguém vem a ser chamado pelo nome de Jiva (ou Puman). Aquele que conhece o agregado de três (isto é, Religião, Riqueza, e Prazer), como também felicidade e tristeza e vida e morte, realmente e em todos os seus detalhes, é citado como sendo conhecedor do crescimento e decadência. Quaisquer objetos de conhecimento que existam devem ser conhecidos gradualmente, um depois do outro. Todos os objetos que são percebidos pelos sentidos são chamados de Manifestos. Quaisquer objetos que transcendam os sentidos e sejam percebidos somente por meio de suas indicações são citados como sendo Imanifestos. Por reprimir os sentidos, uma pessoa ganha grande satisfação, assim como um viajante sedento e ressecado em uma chuva deliciosa. Tendo subjugado os sentidos uma pessoa vê sua alma

se estender para abarcar todos os objetos, e todos os objetos em sua alma. Tendo suas raízes no conhecimento, nunca é perdida a força do homem que (assim) vê o Supremo em sua alma, do homem, ou seja, que sempre vê todas as criaturas em todas as condições (em sua própria alma). Aquele que pela ajuda do conhecimento transcende todos os tipos de dor nascidos do erro e entorpecimento, nunca pega algum mal por entrar em contato com todas as criaturas. (O homem que transcende todas as atrações nunca é prejudicado se levado à união com outras criaturas.) Tal homem, com a sua compreensão sendo totalmente desenvolvida, nunca encontra erro na direção de conduta que prevalece no mundo. Alguém familiarizado com a Emancipação diz que a Alma Suprema é sem início e sem fim; que ela toma nascimento como todas as criaturas; que ela reside (como uma testemunha) na alma Jiva; que ela é inativa, e sem forma. Somente aquele homem que encontra com a dor em consequência de seus próprios delitos mata numerosas criaturas para o propósito de repelir aquela dor. (O objetivo deste verso é mostrar que homens de conhecimento não realizam sacrifícios, nos quais, como uma coisa natural, um grande número de criaturas é morto. Homens ligados à religião de Pravritti realizam sacrifícios; vindo para o mundo por consequência de atos passados, eles procuram felicidade (por irem para o céu) pelo caminho de sacrifícios e ritos religiosos. Um grande número de criaturas é morto, pois além das vítimas ostensivamente oferecidas, um número infinito de criaturas menores ou minúsculas são mortas nos fogos sacrificais e no decorrer de outras preparações que são feitas em sacrifícios.) Por causa de tais sacrifícios, os realizadores têm que obter renascimentos e necessariamente têm que realizar inúmeras ações por todos os lados. Tal homem, cegado pelo erro, e considerando ser felicidade aquilo que é realmente uma fonte de dor, é continuamente tornado infeliz assim como uma pessoa doente que come alimento que é impróprio. Tal homem é pressionado e triturado por suas ações como alguma substância que é batida. Obrigado por suas ações, ele obtém renascimento, a ordem de sua vida sendo determinada pela natureza de suas ações. Sofrendo muitos tipos de tortura, ele viaja em uma ronda de renascimentos repetidos assim como uma roda gira incessantemente. Tu, no entanto, tens cortado todos os teus laços. Tu te abstiveste de todas as ações! Possuidor de onisciência e o mestre de todas as coisas, que o sucesso seja teu, e venha a ser livre de todos os objetos existentes. Através da subjugação de seus sentidos e do poder de suas penitências, muitas pessoas (antigamente), destruíram os vínculos da ação, e alcançaram grande êxito e bem-aventurança ininterrupta.'"

331

"'Narada disse, 'Por escutar tais escrituras que são abençoadas, que trazem tranquilidade, que dissipam a aflição, e que são produtivas de felicidade, uma pessoa obtém uma compreensão (pura), e tendo-a obtido ela conquista a maior felicidade. Mil causas de tristeza, e cem causas de medo, dia a dia, afligem alguém que é desprovido de compreensão, mas não alguém que possui sabedoria e conhecimento. Portanto, ouça algumas narrativas antigas enquanto eu as recito

para ti, para o objetivo de dissipar tuas aflições. Se alguém pode subjugar sua compreensão, ele com certeza alcançará felicidade. Pela associação do que é indesejável e dissociação do que é agradável, somente homens de pouca inteligência ficam sujeitos à tristeza mental de todo tipo. Quando coisas se tornaram passadas, uma pessoa não deve se afligir, pensando nos méritos delas. Aquele que pensa em tais coisas passadas com afeição nunca pode se emancipar. Alguém deve sempre procurar descobrir as imperfeições daquelas coisas às quais ele começa a se tornar apegado. Ele deve sempre considerar tais coisas como sendo repletas de muitos males. Por fazer isso, ele deve logo se libertar delas. O homem que sofre pelo que é passado fracassa em adquirir riqueza ou mérito religioso ou fama. Aquilo que não existe mais não pode ser obtido. Quando tais coisas terminam, elas não voltam (por mais que seja agudo o pesar ao qual alguém se entregue por sua causa). As criaturas às vezes adquirem e às vezes perdem objetos mundanos. Nenhum homem neste mundo pode ser afligido por todos os incidentes que caem sobre ele. Morto ou perdido, aquele que se angustia pelo que é passado somente obtém tristeza por tristeza. Ao invés de uma tristeza, ele obtém duas. (Tristeza aumenta por indulgência.) Aqueles homens que, observando o rumo da vida e da morte no mundo com a ajuda de sua inteligência, não derramam lágrimas, são citados como observando corretamente. Tais pessoas nunca têm que derramar lágrimas, (por alguma coisa que possa acontecer). Quando alguma calamidade chega, produtiva de dor física ou mental, que não possa ser repelida nem pelos seus melhores esforços, alguém deve parar de refletir sobre ela com tristeza. Este é o remédio para a tristeza, isto é, não pensar nela. Por pensar nela, alguém nunca poderá dissipá-la; por outro lado, por pensar sobre a tristeza, alguém somente a aumenta. Aflições mentais devem ser mortas pela sabedoria; enquanto dor física deve ser dissipada por remédios. Este é o poder do conhecimento. Alguém não deve, em tais questões, se comportar como homens de pouca compreensão. Juventude, beleza, vida, riqueza acumulada, saúde, associação com aqueles que são amados, tudo isso é extremamente transitório. Alguém possuidor de sabedoria nunca deve cobiçá-los. Uma pessoa não deve lamentar individualmente por uma ocorrência triste que diz respeito a uma comunidade inteira. Em vez de se entregar à dor quando ela chega, uma pessoa deve procurar evitá-la e aplicar um remédio logo que ela veja a oportunidade de fazer isso. Não há dúvida que nesta vida a medida de miséria é muito maior do que aquela de felicidade. Não há dúvida que todos os homens demonstram apego pelos objetos dos sentidos e que a morte é considerada como desagradável. Aquele homem que rejeita alegria e tristeza, é citado como tendo alcançado Brahma. Quando tal homem parte deste mundo, homens de sabedoria nunca se entregam a alguma tristeza por causa dele. Em gastar riqueza há dor. Em protegê-la há dor. Em adquiri-la há dor. Então, quando a riqueza de alguém encontra com a destruição, ele não deve ceder à tristeza por isso. Homens de pouca compreensão, obtendo diferentes graus de riqueza, não conseguem ganhar contentamento e finalmente perecem em miséria. Homens de sabedoria, no entanto, estão sempre satisfeitos. Todas as combinações estão destinadas a terminarem em dissolução. Todas as coisas que são altas estão destinadas a caírem e se tornarem baixas. União com certeza termina em desunião e vida com certeza termina em morte. A sede é insaciável. O contentamento é a maior

felicidade. Por isso, pessoas de sabedoria consideram o contentamento como a riqueza mais preciosa. O período de vida concedido a alguém está correndo continuamente. Ele não pára em seu curso nem por um único momento. Quando o próprio corpo não é durável, que outra coisa há (neste mundo) que se deva considerar como durável? Aquelas pessoas que, refletindo sobre a natureza de todas as criaturas e concluindo que ela está além do alcance da mente, dirigem sua atenção para o caminho mais elevado, e que, pondo-se a caminho, alcançam um bom progresso nele, não têm que se entregar à tristeza. (Há homens que estão empenhados em refletir sobre a natureza das coisas, estes devem saber que tal ocupação é inútil, pois realmente a natureza das coisas está além do alcance da mente. O maior filósofo é ignorante de todas as virtudes de uma folha de grama, o propósito para o qual ela existe, as mudanças que ela sofre a todos os instantes de tempo e dia a dia. Aqueles homens, no entanto, que deixam tal ocupação não lucrativa para andar pelo caminho mais sublime, isto é, o caminho que leva a Brahma, se libertam da aflição.) Como um tigre agarrando e fugindo com sua presa, a Morte agarra e leva embora o homem que está empenhado em tal ocupação (não lucrativa) e que ainda não está saciado com os objetos de desejo e prazer. Uma pessoa deve sempre procurar se emancipar da tristeza. Ela deve procurar dissipar a tristeza por começar suas ações com alegria, isto é, sem se entregar à tristeza durante esse tempo. Tendo se livrado de uma tristeza específica, ela deve agir de tal maneira quanto a manter a tristeza à distância por se abster de todos os defeitos de conduta. Os ricos e os pobres igualmente não encontram nada no som e toque e forma e cheiro e gosto, depois do desfrute imediato destes. (A satisfação dos sentidos não deixa nada atrás de si. O prazer dura contanto que continue o contato dos objetos com os sentidos.) Antes da união, as criaturas nunca estão sujeitas à tristeza. Por isso, alguém que não decaiu da sua natureza original nunca se entrega à tristeza quando aquela união vem a terminar. (Um homem tem cônjuges e filhos, ou riqueza, etc. Não havia tristeza quando não haviam estes: com sua união com eles sua tristeza começa. Então, quando estas coisas desaparecem, um homem inteligente não deve se entregar à alguma tristeza. Vínculos ou apegos são sempre produtivos de aflição. Quando os laços são cortados ou destruídos, não deve haver tristeza.) Uma pessoa deve reprimir seu apetite sexual e o estômago com a ajuda de paciência. Ela deve proteger suas mãos e pés com a ajuda dos olhos. A visão e a audição e os outros sentidos devem ser protegidos pela mente. A mente e a fala devem ser governadas com a ajuda da sabedoria. Rejeitando amor e afeição por pessoas que são conhecidas assim como por aquelas que são desconhecidas, uma pessoa deve se comportar com humildade. Tal pessoa é citada como sendo possuidora de sabedoria, e ela sem dúvida encontra felicidade. Aquele homem que está satisfeito com sua própria Alma, (isto é, cujos prazeres não dependem de objetos externos tais como cônjuges e filhos), que é dedicado ao Yoga, que não depende de nada fora de si mesmo, que não tem cobiça, e que se conduz sem a ajuda de alguma coisa exceto ele mesmo, consegue obter felicidade.'"

332

"'Narada disse, Quando as vicissitudes de felicidade e tristeza aparecem ou desaparecem, as transições não podem ser impedidas por sabedoria ou política ou esforço. Sem se permitir decair de sua natureza verdadeira, uma pessoa deve se esforçar da melhor maneira para proteger seu próprio Eu. Aquele que se dirige a tal cuidado e esforço nunca tem que enlanguescer. Considerando o Eu como algo precioso, ele deve sempre procurar se salvar da decrepitude, morte, e doença. Doenças mentais e físicas afligem o corpo, como flechas de pontas afiadas atiradas do arco por um arqueiro forte. O corpo de uma pessoa que é torturada pela sede, que é agitada pela agonia, que é totalmente desamparada, e que está desejosa de prolongar sua vida, é arrastado em direção à destruição. Dias e noites estão correndo sem parar levando em sua corrente os períodos de vida de todos os seres humanos. Como correntes de rios, estes fluem incessantemente sem jamais retroceder. (Vyasa vivia no norte da Índia e era evidentemente não familiarizado com as marés que aparecem nos rios bengaleses.) A sucessão contínua das quinzenas escuras e iluminadas está desgastando todas as criaturas mortais sem parar nem por um momento neste trabalho. Nascendo e se pondo dia após dia, o Sol, que é ele mesmo imperecível, está cozinhando continuamente as alegrias e tristezas de todos os homens. As noites estão passando incessantemente, levando com elas os incidentes bons e maus que acontecem ao homem, que dependem do destino, e que são inesperados por ele. Se os frutos das ações do homem não dependessem de outras circunstâncias, então ele obteria qualquer objeto que ele desejasse. Mesmo os homens de sentidos controlados, de habilidade, e de inteligência, se desprovidos de ações, nunca conseguirão ganhar quaisquer resultados. (O objetivo deste verso é mostrar a utilidade e necessidade de ações. Sem agir ninguém, embora inteligente, pode ganhar algum resultado.) Outros, embora desprovidos de inteligência e não dotados de habilidades de algum tipo, e que são realmente os mais inferiores dos homens, são vistos, mesmo quando não anseiam pelo êxito, serem coroados com a realização de todos os seus desejos. Algum outro, que está sempre pronto para fazer atos de injúria para todas as criaturas, e que está engajado em enganar todo mundo, é visto nadar em felicidade. Alguém que senta preguiçosamente obtém grande prosperidade; enquanto outro, por se esforçar seriamente, é visto perder frutos desejáveis quase dentro do seu alcance. Refira-te a isso como uma das imperfeições do homem! A semente vital, tendo origem na natureza de alguém pela visão de uma pessoa, vai para outra pessoa. Quando concedida ao útero, ela às vezes produz um embrião e às vezes falha. Quando a união sexual falha, ela parece com uma mangueira que lança muitas flores sem, no entanto, produzir um único fruto. Em relação a alguns homens que são desejosos de ter prole e que, para a realização de seu objetivo, se esforçam sinceramente (por cultuarem diversas divindades), eles fracassam em procriar um embrião no útero. Algumas pessoas também, que temem o nascimento de um embrião como alguém teme uma cobra de veneno virulento, encontram um filho de vida longa nascido para eles e que parecem ser eles mesmos de volta aos estágios através dos quais eles passaram. Muitas pessoas com desejo ardente

por prole e tristes por causa disso, depois de sacrificarem para muitas divindades e passarem por austeridades severas, finalmente geram filhos, devidamente carregados por dez longos meses (nos úteros de suas esposas), que demonstram ser verdadeiros canalhas de sua raça. Outros, que foram obtidos por virtude de tais ritos e observâncias abençoados, imediatamente obtêm riqueza e grãos e outras diversas fontes de prazer obtidas e armazenadas por seus pais. Em uma ação de ato sexual, quando duas pessoas de sexos opostos entram em contato uma com a outra, o embrião nasce no útero, como uma calamidade afligindo a mãe. Logo depois da suspensão dos ares vitais, outras formas físicas possuem aquela criatura incorporada cujo corpo grosseiro foi assim destruído, mas cujas ações foram todas realizadas com aquele corpo grosseiro feito de carne e muco. Após a dissolução do corpo, outro corpo, o qual é tão destrutível quanto aquele que foi destruído, é mantido pronto para a criatura queimada e destruída (migrar) assim como um barco vai para outro para transferir para si mesmo os passageiros do outro. Por causa de uma união sexual, uma gota da semente vital, que é inanimada, é lançada no útero. Eu te pergunto, através de quem ou qual cuidado o embrião é mantido vivo? Aquela parte do corpo para a qual vai a comida que é ingerida e onde ela é digerida, é o lugar onde o embrião reside, mas ele não é digerido lá. No útero, em meio a urina e fezes, a estada de alguém é regulada pela Natureza. Na questão de residência ou fuga de lá, a criatura nascida não é um agente livre. De fato, nesses aspectos, ela é totalmente indefesa. Alguns embriões caem do útero (em um estado não desenvolvido). Alguns saem vivos (e continuam a viver). Enquanto alguns encontram com a destruição no útero, depois de serem estimulados com vida, por alguns outros corpos estarem prontos para eles (pela natureza de suas ações, pois seus atos de vidas passadas trazem para eles outros corpos exatamente naquele estágio). Aquele homem que, em uma ação de união sexual, injeta o fluido vital, obtém disto um filho ou filha. A prole assim obtida, quando chega o momento, toma parte em uma ação de união similar. Quando o período de vida concedido a alguém está no fim, os cinco elementos primordiais de seu corpo alcançam o sétimo e o nono estágios e então cessam de existir. A pessoa, no entanto, não sofre mudança. (Os dez estágios da vida de uma pessoa são: (1) residência dentro do útero, (2) nascimento, (3) infância até 5 anos, (4) infância até 12 anos, (5) Pauganda até os 16 anos, (6) juventude até os 48 anos, (7) velhice, (8) decrepitude, (9) suspensão da respiração, (10) destruição de corpo.) Sem dúvida, quando pessoas são afligidas por doenças como animais pequenos atacados por caçadores, elas então perdem os poderes de se levantar e se mexer. Se quando os homens são afligidos por doenças, eles desejam gastar mesmo uma vasta riqueza, os médicos com os seus melhores esforços fracassam em aliviar sua dor. Até os médicos, que são bem hábeis e bem informados em suas escrituras e bem equipados com remédios excelentes, são eles mesmos afligidos por doenças como animais atacados por caçadores. Mesmo que os homens bebam muitos adstringentes e diversas espécies de ghee medicinal, eles são vistos serem quebrados pela decrepitude como árvores por elefantes fortes. Quando animais e aves e feras predadoras e homens pobres estão afligidos por doenças, quem os trata com remédios? De fato, estes não são vistos ficarem doentes. Como animais maiores atacando menores, indisposições são vistas afligirem até reis terríveis de energia feroz e destreza invencível. Todos os

homens, privados até do poder de proferirem gritos que revelam dor, e oprimidos por erro e aflição, são vistos serem carregados pela corrente violenta na qual eles foram lançados. As criaturas incorporadas, mesmo quando procurando conquistar a natureza, são incapazes de conquistá-la com a ajuda de riqueza, de poder soberano, ou das penitências mais austeras. (Natureza aqui significa as grandes leis às quais a existência humana está sujeita: a lei de nascimento, de morte, de doença e decrepitude etc.) Se todas as tentativas que os homens fizessem fossem coroadas com sucesso, então os homens nunca estariam sujeitos à decrepitude, nunca seriam surpreendidos por alguma coisa desagradável, e por fim seriam coroados com realização em relação a todos os seus desejos. Todos os homens desejam obter superioridade gradual de posição. Para satisfazer este desejo eles se esforçam da melhor maneira que podem. O resultado, no entanto, não corresponde com o desejo. (Se alguém se torna rico, ele deseja se tornar um conselheiro; se um conselheiro, ele deseja ser primeiro ministro; e assim adiante. O sentido do verso é que o desejo do homem de se elevar é insaciável.) Mesmo homens que são perfeitamente atentos, que são honestos, e valentes e dotados de destreza, são vistos prestarem suas adorações para homens intoxicados com o orgulho de riqueza e até com estimulantes alcoólicos. Alguns homens são vistos cujas calamidades desaparecem antes mesmo que elas sejam percebidas ou notadas por eles. Há outros que são vistos possuírem nenhuma riqueza mas que estão livres de miséria de todo tipo. Uma grande desigualdade é observável em relação aos resultados provenientes das combinações de ações. Alguns são vistos carregarem veículos em seus ombros, enquanto alguns são vistos passearem sobre aqueles veículos. Todos os homens estão desejosos de riqueza e prosperidade. Somente poucos têm carros (e elefantes e cavalos) puxados (ou andando) em suas procissões. Há alguns que não conseguem ter uma única esposa quando suas primeiras esposas morrem; enquanto outros têm centenas de esposas para chamar de suas. Miséria e felicidade são duas coisas que existem lado a lado. Homens têm ambos, miséria e felicidade. Veja, este é um tema de admiração! Porém, não te permita ser entorpecido pelo erro por causa de tal visão! Rejeite virtude e pecado! Rejeite também verdade e falsidade! Tendo rejeitado verdade e falsidade, rejeite então aquilo com cuja ajuda tu rejeitaste os primeiros! Ó melhor dos Rishis, eu agora te falei daquilo que é uma grande miséria! Com a ajuda de tais instruções, as divindades (que foram todas seres humanos) conseguiram deixar a Terra para se tornarem os habitantes do céu!'"

"'Ouvindo estas palavras de Narada, Suka, dotado de grande inteligência e possuidor de tranquilidade mental, refletiu sobre a força das instruções que recebeu, mas não pôde chegar a alguma certeza de conclusão. Ele entendeu que alguém sofre grande miséria por causa da acessão de filhos e cônjuges; que alguém tem que passar por muito trabalho para a aquisição de ciência e erudição Védica. Ele, portanto, questionou a si mesmo, dizendo, 'Qual é aquela situação que é eterna e que está livre de miséria de todo tipo mas na qual há grande prosperidade?' Refletindo por um momento sobre o rumo ordenado para ele seguir, Suka, que conhecia bem o início e o fim de todos os deveres, resolveu alcançar o fim mais elevado que é repleto da maior bem-aventurança. Ele questionou a si mesmo, dizendo, 'Como eu irei, rompendo todas as ligações e me

tornando perfeitamente livre, alcançar aquele fim excelente? Como, de fato, eu chegarei àquela situação excelente de onde não há volta para o oceano de diversos tipos de nascimento? Eu desejo obter aquela condição de existência de onde não há retorno! Rejeitando todos os tipos de apegos, chegando à certeza por reflexão com a ajuda da mente, eu alcançarei aquele fim! Eu alcançarei aquela situação na qual minha Alma terá tranquilidade, e na qual eu poderei ficar pela eternidade sem estar sujeito à decrepitude ou mudança. É, no entanto, certo que aquele fim sublime não pode ser alcançado sem a ajuda de Yoga. Alguém que alcançou ao estado de conhecimento e iluminação perfeitos nunca recebe uma acessão de ligações inferiores através das ações. (De fato, a aquisição do próprio corpo é uma ligação assim. O que é dito aqui é que Jiva que se tornou iluminado fica livre da obrigação de renascimento ou contado com o corpo novamente.) Eu, portanto, recorrerei ao Yoga, e rejeitando este corpo que é a minha residência atual, eu me transformarei em vento e entrarei naquela massa de refulgência que é representada pelo Sol; (isto é, Brahma, que é pura refulgência, aquela refulgência é adorada no Gayatri). Quando Jiva entra naquela massa de refulgência, ele não sofre mais como Shoma que, com os deuses, após o esgotamento do mérito, cai na Terra e, tendo mais uma vez adquirido mérito suficiente, volta para os céus. (Aquele que entra na refulgência solar não tem que passar por alguma mudança, diferentemente de Shomah e as divindades que têm que sofrer mudanças, pois elas caem após o esgotamento de seu mérito e re-ascendem quando elas adquirem mérito novamente. O fato é, há dois caminhos, archiradi-margah e dhumadi-margah. Aqueles que vão pelo primeiro alcançam Brahma e nunca têm que retornar, enquanto aqueles que vão pelo último caminho desfrutam de felicidade por algum tempo e então retornam.) A lua é sempre vista minguar e crescer novamente. Vendo este aumento e diminuição que continua repetidamente, eu não desejo ter uma forma de existência na qual haja tais mudanças. O Sol aquece todos os mundos por meio de seus raios ardentes. Seu disco nunca sofre alguma diminuição. Permanecendo inalterado, ele absorve energia de todas as coisas. Por isso, eu desejo entrar no Sol de esplendor brilhante. (Aqui as palavras Sol e Lua são indicativas dos dois caminhos diferentes já mencionados.) Lá eu viverei, invencível por todos, e em minha alma interna livre de todo medo, tendo rejeitado este meu corpo na região solar. Com os grandiosos Rishis eu entrarei na energia insuportável do Sol. Eu declaro para todas as criaturas, para estas árvores, estes elefantes, estas montanhas, para a própria Terra, para os vários pontos do horizonte, o firmamento, as divindades, os Danavas, os Gandharvas, os Pisachas, os Uragas, e os Rakshasas, que eu irei, realmente, entrar em todas as criaturas no mundo. (Isto é, ele irá alcançar o Brahma universal e assim se identificar com todas as coisas.) Que todos os deuses com os Rishis vejam o valor do meu Yoga hoje!' Tendo dito estas palavras, Suka informou sua intenção para o mundialmente famoso Narada. Obtendo a permissão de Narada, Suka então procedeu para onde seu pai estava. Chegado na presença do grande Muni, isto é, o Krishna Nascido na Ilha de grande alma, Suka andou ao redor dele e dirigiu a ele as perguntas usuais. Sabendo da intenção de Suka, o Rishi de grande alma ficou muito satisfeito. Dirigindo-se a ele, o grande Rishi disse, 'Ó filho, ó filho querido, fique aqui hoje para que eu possa te ver por algum tempo para satisfazer meus olhos.' Suka, no entanto, ficou

indiferente àquele pedido. Livre de afeição e toda dúvida ele começou a pensar somente na Emancipação, e colocou seu coração na jornada. Deixando seu pai, aquele principal dos Rishis então procedeu para o leito espaçoso de Kailasa que era habitado por multidões de ascetas coroados com êxito.'"

333

"Bhishma disse, 'Tendo subido o topo da montanha, ó Bharata, o filho de Vyasa sentou-se sobre um local plano livre de folhas de grama e afastado dos lugares frequentados por outras criaturas. De acordo com a direção das escrituras e as ordenanças prescritas, aquela asceta, conhecedor da ordem gradual dos processos sucessivos de Yoga, manteve sua alma primeiro em um lugar e então em outro, começando a partir de seus pés e prosseguindo através de todos os membros. Então, quando o Sol não tinha subido muito, Suka sentou-se, com seu rosto virado para o Leste, e mãos e pés contraídos, em uma atitude humilde. Naquele local onde o filho inteligente de Vyasa sentou preparado para se dirigir ao Yoga, não havia bandos de aves, nem som, e nenhuma visão que fosse repulsiva ou que inspirasse terror. Ele então viu sua própria Alma livre de todas as conexões. Contemplando aquela mais sublime de todas as coisas, ele riu em alegria. Ele mais uma vez ficou preparado para Yoga para alcançar o caminho da Emancipação. Tornando-se o grande mestre de Yoga, ele transcendeu o elemento espaço. Ele então circungirou o Rishi celeste Narada, e relatou para aquele principal dos Rishis o fato de ele ter se dirigido para o Yoga mais elevado.'"

"Suka disse, 'Eu consegui ver o caminho (da Emancipação), eu me dirigi a ele. Abençoado sejas, ó tu de riqueza de penitências! Eu irei, pela tua graça, ó tu de grande esplendor, alcançar um fim que é altamente desejável!"

"Bhishma disse, 'Tendo recebido a permissão de Narada, Suka, o filho de Vyasa Nascido na Ilha, saudou o Rishi celeste e mais uma vez se estabeleceu em Yoga e entrou no elemento espaço. Ascendendo então do leito da montanha Kailasa, ele subiu ao céu. Capaz de viajar através do céu, o abençoado Suka de conclusão fixa então se identificou com o elemento Vento. Quando aquele principal dos regenerados, possuidor de refulgência como aquela de Garuda, estava percorrendo os céus com a velocidade do vento ou pensamento, todas as criaturas o olharam. Dotado do esplendor do fogo ou do Sol, Suka então considerou os três mundos em sua totalidade como um Brahma homogêneo, e procedeu por aquele caminho de grande extensão. De fato, todas as criaturas móveis e imóveis lançaram seus olhos sobre ele enquanto ele procedia com atenção concentrada, e uma alma tranquila e sem medo. Todas as criaturas, conforme as ordenanças e segundo seu poder, o adoraram com reverência. Os habitantes do céu derramaram chuvas de flores celestes sobre ele. Vendo-o, todas as tribos de Apsaras e Gandharvas ficaram muito surpresos. Os Rishis também, que eram coroados com sucesso, ficaram igualmente assombrados. E eles perguntaram para si mesmos, 'Quem é este que alcançou o êxito por suas penitências?', 'Com olhar afastado de seu próprio corpo mas virado para cima ele

está nos enchendo de satisfação por seus olhares!' De alma muito virtuosa e célebre pelos três mundos, Suka procedeu em silêncio, seu rosto virado para o Leste e olhar fixo dirigido para o Sol. Conforme ele procedia, ele parecia encher o firmamento inteiro com um barulho que permeava tudo. Vendo-o indo por aquele caminho, todas as tribos de Apsaras, tomadas pela admiração, ó rei, ficaram maravilhadas. Encabeçadas por Panchachuda e outras, elas olharam Suka com olhos arregalados por assombro. E elas se perguntaram, dizendo; 'Qual divindade é esta que alcançou tal fim elevado? Sem dúvida, ele vem para cá, livre de todos os apegos e emancipado de todos os desejos!' Suka então procedeu para as montanhas Malaia onde Urvasi e Purvachitti costumavam morar sempre. Ambas, contemplando a energia do filho do grande Rishi regenerado, ficaram muito surpresas. E elas disseram, 'Extraordinária é esta concentração de atenção (em Yoga) de um jovem regenerado que estava habituado à recitação e estudo dos Vedas! Logo ele irá atravessar todo o firmamento como a Lua. Foi por serviço respeitoso e ajuda humilde para seu pai que ele adquiriu esta compreensão excelente. Ele é firmemente ligado ao seu pai, possuidor de penitências austeras, e é muito amado por seu pai. Ai, por que ele foi despedido por seu pai desatento para proceder (assim) por um caminho de onde não há retorno?' Ouvindo estas palavras de Urvasi, e prestando atenção em seu significado, Suka, aquela principal de todas as pessoas conhecedoras dos deveres, olhou para todos os lados, e mais uma vez viu o firmamento inteiro, toda a Terra com suas montanhas e águas e florestas, e também todos os lagos e rios. Todas as divindades também de ambos os sexos, unindo suas mãos, prestaram reverência ao filho do Rishi Nascido na Ilha e o fitaram com admiração e respeito. Aquele principal de todos os homens justos, Suka, dirigindo-se a todos, disse estas palavras, 'Se meu pai me seguir e repetidamente me chamar por meu nome, vocês todos juntos dêem a ele uma resposta por mim. Movidos pela afeição que todos vocês têm por mim, realizem este meu pedido!' Ouvindo estas palavras de Suka, todos os pontos do horizonte, todas as florestas, todos os mares, todos os rios, e todas as montanhas, responderam a ele de todos os lados, dizendo, 'Nós aceitamos tua ordem, ó regenerado! Será como tu disseste! É dessa maneira que nós respondemos as palavras faladas pelo Rishi!'"

334

"Bhishma disse, 'Tendo falado desse modo (para todas as coisas), o Rishi regenerado de penitências austeras, Suka, permaneceu em seu sucesso rejeitando os quatro tipos de falhas. Rejeitando também os oito tipos de Tamas, ele descartou os cinco tipos de Rajas. Dotado de grande inteligência, ele então rejeitou o atributo de Sattwa. Tudo isso parecia muito extraordinário. Ele então morou naquele lugar eterno que é desprovido de atributos, livre de toda indicação, isto é, em Brahma, brilhando como um fogo sem fumaça. Meteoros começaram a cair. Os pontos da bússola parecia estar em chamas. A Terra tremeu. Todos esses fenômenos pareciam muito admiráveis. As árvores começaram a perder seus ramos e as montanhas seus topos. Foram ouvidos estrondos sonoros (como

do trovão) que pareciam rachar as montanhas Himavat. O sol parecia naquele momento estar privado de esplendor. O fogo se recusou a queimar. Os lagos e rios e mares estavam todos agitados. Vasava despejou chuvas de gosto e fragrância excelentes. Uma brisa pura começou a soprar, carregando perfumes excelentes. Suka, conforme ele procedia pelo firmamento, viu dois topos belos, um pertencendo a Himavat e o outro a Meru. Estes estavam em contato estreito um com o outro. Um deles era feito de ouro e era, portanto, amarelo; o outro era branco, sendo feito de prata. Cada um deles, ó Bharata, tinha cem yojanas de altura e a mesma medida de largura. De fato, enquanto Suka viajava em direção ao norte, ele viu aqueles dois topos belos. Com um coração destemido ele colidiu contra aqueles dois topos que estavam unidos um ao outro. Incapazes de suportar a força, os topos foram subitamente rachados em dois. A visão que eles então apresentaram, ó monarca, era muito esplêndida de se contemplar. Suka atravessou aqueles topos, pois eles não podiam parar seu movimento para diante. Nisto um grande barulho ergueu-se no céu, feito pelos habitantes de lá; os Gandharvas e os Rishis também e outros que moravam naquela montanha sendo partida em duas e Suka passando através dela. De fato, ó Bharata, um barulho alto foi ouvido em todos os lugares naquele momento, consistindo nas palavras 'Excelente! Excelente!' Ele foi adorado pelos Gandharvas e Rishis, por multidões de Yakshas e Rakshasas, e por todas as tribos de Vidyadharas. Todo o firmamento ficou coberto com flores celestes despejadas do céu naquele momento quando Suka atravessou dessa maneira aquela barreira impenetrável, ó monarca! Suka de alma justa então viu de uma região alta o rio celeste Mandakini de grande beleza, correndo abaixo por uma região adornada por muitas flores e arvoredos e florestas. Naquelas águas muitas Apsaras belas estavam se divertindo. Vendo Suka que estava sem corpo, aqueles seres aéreos despidos sentiram vergonha. Sabendo que Suka tinha empreendido sua grande viagem, seu pai Vyasa, cheio de afeição, o seguiu pelo caminho mesmo aéreo. Enquanto isso Suka, procedendo por aquela região do firmamento que está acima da região do vento, mostrou sua destreza-Yoga e se identificou com Brahma. (Os Rishis sabiam que a altura da atmosfera não é interminável.) Adotando o caminho sutil de Yoga superior, Vyasa de penitências austeras alcançou dentro de um piscar de olhos aquele local de onde Suka começou a empreender sua viagem. Prosseguindo pelo mesmo caminho, Vyasa viu o topo da montanha rachado em dois e pelo qual Suka tinha passado. Encontrando o asceta Nascido na Ilha, os Rishis começaram a relatar para ele as realizações de seu filho. Vyasa, no entanto, começou a lamentar, chamando seu filho ruidosamente pelo nome e fazendo os três mundos ressoarem com o barulho que ele fazia. Enquanto isso, Suka de alma justa, que tinha entrado nos elementos, se tornado a alma deles e adquirido onipresença, respondeu para seu pai por proferir o monossílabo Bho na forma de um eco. Nisto, todo o universo de criaturas móveis e imóveis, proferindo o monossílabo Bho, ecoou a resposta de Suka. Desde aquele tempo até este, quando sons são proferidos em cavernas de montanha ou em leitos de montanha, os últimos, como se em resposta a Suka ainda os ecoam (com o monossílabo Bho). Tendo rejeitado todos os atributos de som, etc., e mostrando sua destreza-Yoga no modo de seu desaparecimento, Suka dessa maneira alcançou a região mais elevada. Vendo aquela glória e pujança de seu filho de energia incomensurável, Vyasa sentou-se

no leito da montanha e começou a pensar em seu filho com aflição. As Apsaras que estavam se divertindo nas margens da corrente celeste Mandakini, vendo o Rishi sentado lá, ficaram todas agitadas com grave vergonha e coração perdido. Algumas delas, para esconder sua nudez, mergulharam no rio, e algumas entraram nos bosques ao lado, e algumas pegaram suas roupas rapidamente, ao verem o Rishi. (Nenhuma delas tinha revelado quaisquer sinais de agitação à visão de seu filho.) O Rishi, vendo aqueles movimentos, compreendeu que seu filho estava emancipado de todas as atrações, mas que ele mesmo não estava livre delas. Nisto ele se encheu de alegria e vergonha. Quando Vyasa estava sentado lá, o deus auspicioso Siva, armado com Pinaka, cercado por todos os lados por muitas divindades e Gandharvas e adorado por todos os grandes Rishis chegou lá. Consolando o Rishi Nascido na Ilha que estava queimando de tristeza por causa de seu filho, Mahadeva disse estas palavras para ele. ‘Tu antigamente solicitaste de mim um filho possuidor da energia do Fogo, da Água, do Vento, e do Espaço. Procriado por tuas penitências, o filho que nasceu para ti era exatamente daquele tipo. Procedendo da minha graça, ele era puro e cheio da energia-Brahma. Ele alcançou o fim mais elevado, um fim ao qual não pode chegar alguém que não tenha subjugado completamente seus sentidos, nem pode ser obtido até por alguma das divindades. Por que então, ó Rishi regenerado, tu te afliges por aquele filho? Enquanto as colinas durarem, enquanto o oceano durar, a fama do teu filho permanecerá não diminuída! Pela minha graça, ó grande Rishi, tu verás neste mundo uma forma vaga parecida com teu filho, se movendo ao teu lado e nunca te abandonando por um único momento!’ Assim favorecido pelo próprio Rudra ilustre, ó Bharata, o Rishi viu uma sombra de seu filho ao seu lado. Ele voltou daquele local, cheio de alegria por isso. Eu agora te disse, ó chefe da linhagem de Bharata, tudo com relação ao nascimento e vida de Suka sobre o qual tu me perguntaste. O Rishi celeste Narada e o grande Yogin Vyasa repetidamente me contaram tudo isso antigamente quando o assunto era sugerido a eles no decorrer de conversação. Aquela pessoa dedicada à tranquilidade que ouve esta história sagrada diretamente ligada ao assunto da Emancipação com certeza alcançará o fim mais elevado." (Neste capítulo, Bhishma narra para Yudhishthira o fato da partida de Suka deste mundo, e a dor Vyasa por causa daquela ocorrência. Ele fala do fato como algo que tinha sido relatado a ele em tempos passados por Narada e pelo próprio Vyasa. Disto é evidente que o Suka que narrou o Srimad Bhagavat para Parikshit, o neto de Arjuna, não poderia possivelmente ser o Suka que era o filho de Vyasa.)

335

"Yudhishthira disse, 'Se um homem for um chefe de família ou um Brahmacharin, um asceta na floresta ou um mendicante, e se ele desejar alcançar sucesso, qual divindade ele deve adorar? Como ele pode certamente chegar ao céu e obter aquilo que é do maior benefício (isto é, Emancipação)? Segundo quais ordenanças ele deve realizar o homa em honra dos deuses e dos Pitris? Qual é a região para a qual alguém vai quando ele se torna emancipado? Qual é a

essência da Emancipação? O que alguém deve fazer para que, tendo alcançado o céu, não tenha que cair de lá? Quem é a divindade das divindades? E quem é o Pitri dos Pitris? Quem é aquele que é superior a ele, quem é a divindade das divindades e o Pitri dos Pitris? Diga-me tudo isso, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Ó tu que estás bem familiarizado com a arte de questionar, esta pergunta que tu me fizeste, ó impecável, é uma que diz respeito a um mistério profundo. Uma pessoa não pode responder a ela com a ajuda da ciência de argumentação, mesmo se ela se esforçasse por uma centena de anos. Sem a graça de Narayana, ó rei, ou uma acessão de conhecimento superior, esta tua pergunta é incapaz de ser respondida. (Pois sem fé este assunto não pode ser compreendido.) Embora este tópico esteja ligado com um mistério profundo, ainda assim eu irei, ó matador de inimigos, explicá-lo para ti! Em relação a isto é citada a antiga história da conversa entre Narada e o Rishi Narayana. Eu a ouvi do meu pai que na era Krita, ó monarca, durante a época do Manu Nascido por Si Mesmo, o eterno Narayana, a Alma do universo, tomou nascimento como o filho de Dharma em uma forma quádrupla, isto é, como Nara, Narayana, Hari, e o Auto-Criado Krishna (Swayambhuvah). Entre todos eles, Narayana e Nara passaram pelas austeridades mais severas por se dirigirem ao retiro Himalayan conhecido pelo nome de Vadari, por viajarem em seus carros dourados. Cada um daqueles carros era equipado com oito rodas, e composto dos cinco elementos primordiais, e parecia extremamente belo. (Os carros dourados referidos aqui são os corpos materiais das duas divindades. O corpo é chamado de carro porque, como o carro, ele é acionado por alguma força exceto a Alma, a qual o possui por algum tempo, a Alma sendo inativa. Ele é considerado como dourado porque todos se tornam apegados a ele como uma coisa muito valiosa. As oito rodas são Avidya e o resto.) Aqueles regentes originais do mundo que tinham nascido como os filhos de Dharma ficaram muito emaciados em pessoa por causa das austeridades que eles tinham praticado. De fato, por aquelas austeridades e por sua energia, as próprias divindades não podiam olhar para eles. Somente aquela divindade com quem eles estivessem propiciados podia contemplá-los. Sem dúvida, com seu coração devotado a eles, e impelido por um desejo ardente de vê-los, Narada desceu sobre Gandhamadana de um topo das altas montanhas de Meru e vagou por todo o mundo. Possuidor de grande velocidade, ele finalmente se dirigiu para aquele local onde estava situado o retiro de Vadari. Impelido pela curiosidade ele entrou naquele retiro na hora de Nara e Narayana realizarem seus ritos diários. Ele disse a si mesmo; 'Este é realmente o retiro daquele Ser em quem estão estabelecidos todos os mundos incluindo as divindades, os Asuras, os Gandharvas, os Kinnaras, e as grandes cobras! Havia somente uma forma deste grande Ser antes. Aquela forma tomou nascimento em quatro formas para a expansão da linhagem de Dharma que foi criado por aquela divindade. Quão maravilhoso é que Dharma tenha sido honrado dessa maneira por estas quatro grandes divindades, isto é, Nara, Narayana, e Hari e Krishna! Neste local Krishna e Hari moraram antigamente. Os outros dois, no entanto, Nara e Narayana, estão agora morando aqui engajados em penitências para o objetivo de aumentar seu mérito. Estes dois são o maior amparo do universo. Qual pode ser a natureza dos ritos diários que estes dois realizam? Eles são os progenitores de todas as criaturas, e as

divindades ilustres de todos os seres. Dotados de inteligência sublime, qual é aquela divindade a quem estes dois cultuam? Quem são aqueles Pitris a quem estes dois Pitris de todos os seres adoram?' Pensando nisto em sua mente, e cheio de devoção por Narayana, Narada apareceu de repente perante aqueles dois deuses. Depois que aquelas duas divindades tinham terminado sua adoração para _suas_ divindades e para os Rishis, eles olharam para o Rishi celeste chegado ao seu retiro. O último foi honrado com aqueles ritos eternos que são ordenados nas escrituras. Observando aquela conduta extraordinária das duas divindades originais em elas mesmas cultuarem outras divindades e Pitris, o ilustre Rishi Narada tomou seu assento lá, bem satisfeito com as honras que ele tinha recebido. Com uma alma alegre ele olhou então para Narayana, e reverenciando Mahadeva ele disse estas palavras.'"

"Narada disse, 'Nos Vedas e nos Puranas, nos Angas e nos Angas secundários tu és cantado com reverência, tu és não nascido e eterno. Tu és o Criador. Tu és a mãe do universo. Tu és a encarnação da Imortalidade e tu és a principal de todas as coisas. O Passado e o Futuro, de fato, o universo inteiro foi fundado em ti! Os quatro modos de vida, ó senhor, tendo o familiar como seu principal, incessantemente sacrificam para ti que és de diversas formas. Tu és o pai e a mãe e o eterno preceptor do universo. Nós não sabemos quem é aquela divindade ou aquele Pitri para quem tu estás sacrificando hoje!'"

"O santo disse, 'Este tópico é um sobre o qual nada deve ser dito. Este é um mistério antigo. Tua devoção por mim é muito grande. Por isso, ó regenerado, eu te falarei sobre isto de acordo com a verdade. Aquilo que é minúsculo, que é inconcebível, imanifesto, imóvel, durável, desprovido de toda conexão com os sentidos e os objetos dos sentidos, aquilo que é dissociado dos (cinco) elementos, aquilo é chamado de Alma que mora em todas as criaturas existentes. Aquilo é conhecido pelo nome de Kshetrajna. Transcendendo os três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas, aquilo é considerado como Purusha nas escrituras. Dele seguiu-se o imanifesto, ó principal dos regenerados, possuidor dos três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas. Embora realmente imanifesta, ela é chamada de Prakriti indestrutível e mora em todas as formas manifestas. Saiba que Ela é a fonte de onde nós dois surgimos. Aquela Alma que permeia tudo, que é composta de todas as coisas existentes e não existentes, é adorada por nós. É Ele mesmo que nós adoramos em todos aqueles ritos que nós realizamos em honra das divindades e dos Pitris. Não há divindade ou Pitri superior a Ele. Ó regenerado, Ele deve ser reconhecido como nossa Alma. É a Ele que nós adoramos. Esta direção de deveres seguida pelos homens, ó regenerado, foi promulgada por Ele. É Sua ordenança que nós devemos realizar devidamente todos os ritos prescritos em relação às divindades e aos Pitris. Brahman, Sthanu, Manu, Daksha, Bhrigu, Dharma, Yama, Marichi, Angiras, Atri, Pulastya, Pulaha, Kratu, Vasishtha, Parameshthi, Vivaswat, Shoma, ele que foi chamado de Karddama, Krodha, Avak, e Krita, essas vinte e uma pessoas, chamadas Prajapatis, nasceram primeiro. Todos eles obedeceram a lei eterna do Deus Supremo. Praticando todos os ritos, em detalhes, que foram ordenados em honra das divindades e dos Pitris, todos aqueles principais dos regenerados adquiriram todos os objetos que eles

procuraram. Os habitantes incorpóreos do próprio Céu reverenciam aquela divindade Suprema e por Sua graça eles alcançam aqueles resultados e aquele fim que Ele ordena para eles. É uma conclusão segura das escrituras que as pessoas livres destes dezessete atributos, (isto é, os cinco sentidos de conhecimento, os cinco sentidos de ação, os cinco ares vitais, e mente e compreensão), que rejeitaram todas as ações, e que estão privadas dos quinze elementos que constituem o corpo grosseiro, são citadas como sendo Emancipadas. Aquilo que os Emancipados alcançam como seu último fim é chamado pelo nome de Kshetrajna. Ele é considerado (nas escrituras) como possuidor e como livre de todos os atributos. Ele pode ser compreendido apenas pelo Conhecimento. Nós dois surgimos dele. Conhecendo-o dessa maneira, nós adoramos aquela Alma eterna de todas as coisas. Os Vedas e todos os modos de vida, embora caracterizados por divergências de opinião, todos adoram a Ele com devoção. É Ele que, movido rapidamente à benevolência, confere a eles fins sublimes repletos de bem-aventurança. Aquelas pessoas neste mundo que, cheias com Seu espírito, se tornam completamente e decisivamente devotadas a Ele, alcançam fins que são muito elevados, pois elas conseguem entrar nele e vêm a ser absorvidas em seu Eu. Eu agora, ó Narada, te falei sobre o que é um grande mistério movido pelo amor que eu tenho por ti pela tua devoção por mim. De fato, por essa devoção que tu professas em direção a mim, tu conseguiste escutar estas minhas palavras!"

336

"Bhishma disse, 'Endereçado por Narayana, aquele principal dos seres, nessas palavras, Narada, o principal dos homens, então disse estas palavras para Narayana para o bem do mundo.'"

"Narada disse, 'Que seja realizado aquele objetivo pelo qual tu, ó Ser nascido por Si mesmo, nasceste em quatro formas na casa de Dharma! Eu agora irei (para a Ilha Branca) para contemplar tua natureza original. Eu sempre cultuo meus superiores. Eu nunca divulguei os segredos de outros. Ó senhor do universo, eu tenho estudado os Vedas com cuidado. Eu tenho passado por penitências ascéticas. Eu nunca falei uma inverdade. Como ordenado nas escrituras, eu sempre protegi os quatros que devem ser protegidos. (Isto é, as mãos, os pés, o estômago, e o órgão de prazer. As mãos são citadas como estando protegidas quando elas são impedidas de cometerem todas as ações impróprias; os pés são devidamente protegidos quando eles são impedidos de tocarem todos os lugares impróprios. O estômago é protegido quando alguém nunca ingere qualquer tipo de alimento impróprio, e quando alguém se abstém de todas as más ações para apaziguar sua fome. E por fim, alguém é citado como reprimindo o órgão de prazer quando ele abstém de todas ações de união sexual imprópria.) Eu sempre me comportei igualmente em direção a amigos e inimigos. Totalmente e decisivamente devotado a Ele, aquela principal das divindades, isto é, a Alma Suprema, eu incessantemente adoro a Ele. Tendo purificado minha alma por essas ações de mérito especial, por que eu não conseguiria obter uma visão

daquele Senhor Infinito do universo?' Ouvindo estas palavras do filho de Parameshthi, Narayana, aquele protetor das escrituras, o despediu, dizendo, 'Vá, ó Narada!' Antes de despedi-lo, no entanto, a grande divindade adorou o Rishi celeste com aqueles ritos e cerimônias que foram declarados nas escrituras por ele mesmo. Narada também deu as honras devidas ao antigo Rishi Narayana. Depois que tais honras tinham sido mutuamente dadas e recebidas, o filho de Parameshthi partiu daquele local. Dotado de grande pujança-Yoga, Narada repentinamente se elevou ao firmamento e alcançou o topo das montanhas de Meru. Procedendo para um local isolado naquele topo, o grande asceta descansou por um tempo curto. Ele então olhou na direção noroeste e contemplou uma visão muito extraordinária. Em direção ao norte, no oceano de leite, há uma grande ilha chamada de Ilha Branca. Os eruditos dizem que sua distância das montanhas de Meru é maior do que trinta e duas mil Yojanas. Os habitantes daquele reino não têm sentidos. Eles vivem sem ingerir alimentos de qualquer tipo. Seus olhos não piscam. Eles sempre emitem perfumes excelentes. Suas cores são brancas. Eles são purificados de todos os pecados. Eles explodem os olhos daqueles pecadores que olham para eles. Seus ossos e corpos são tão duros quanto o trovão. Eles consideram honra e desonra da mesma maneira. Eles todos parecem como se eles fossem de origem celestial. Além disso, todos eles são dotados de marcas auspiciosas e grande força. Suas cabeças parecem ser como guarda-sóis. Suas vozes são profundas como aquela das nuvens. Cada um deles tem quatro Mushkas (ou braços). As solas de seus pés são marcadas por centenas de linhas. Eles têm sessenta dentes, todos os quais são brancos (e grandes), e oito menores. Eles têm muitas línguas. Com aquelas línguas eles parecem lamber o próprio Sol cuja face está virada para todas as direções. De fato, eles parecem ser capazes de devorar aquela divindade de quem surgiu o universo inteiro, os Vedas, as divindades, e os Munis dedicados ao atributo de tranquilidade.'"

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, tu disseste que aqueles seres não têm sentidos, que eles não comem nada para sustentar suas vidas; que seus olhos não piscam; e que eles sempre emitem perfumes excelentes. Eu pergunto, como eles nascem? Qual também é o fim superior que eles alcançam? Ó chefe da linhagem de Bharata, as indicações daqueles homens que se tornam emancipados são as mesmas pelas quais os habitantes da Ilha Branca são distinguidos? Dissipe minhas dúvidas! A curiosidade que eu sinto é muito grande. Tu és o repositório de todas as histórias e discursos. Em relação a nós, nós dependemos totalmente de ti para conhecimento e instrução!'"

"Bhishma continuou, 'Esta narrativa, ó monarca, a qual eu ouvi do meu pai, é extensa. Eu agora a contarei para ti. De fato, ela é considerada como a essência de todas as narrativas. Havia, em tempos passados, um rei sobre a Terra de nome Uparichara. Ele era conhecido como o amigo de Indra, o chefe dos celestiais. Ele era devotado a Narayana conhecido também pelo nome de Hari. Ele era cumpridor de todos os deveres prescritos nas escrituras. Sempre dedicado a seu pai, ele estava sempre atento e pronto para a ação. Ele ganhou a soberania do mundo por causa de um benefício que ele obteve de Narayana. Seguindo o ritual

Sattwata (Pancharatra) que tinha sido declarado antigamente pelo próprio Surya, o rei Uparichara costumava adorar o Deus dos deuses (Narayana), e quando seu culto acabava, ele costumava adorar (com o que restava) o avô do universo. Depois de cultuar os Avôs (Pitris), ele adorava os Brahmanas. Ele então dividia as oferendas entre aqueles que eram seus dependentes. Com o que restava depois de servir aqueles, o rei satisfazia sua própria fome. Dedicado à verdade, o monarca se abstinha de fazer alguma injúria para qualquer criatura. Com toda sua alma, o rei era devotado àquele Deus dos deuses, isto é, Janarddana, que é sem início e meio e fim, que é o Criador do universo, e que é sem deterioração de qualquer tipo. Vendo a devoção à Narayana daquele matador de inimigos, o próprio chefe divino dos celestiais dividiu com ele seu próprio assento e cama. Seu reino e riqueza e esposas e animais eram todos considerados por ele como obtidos de Narayana. Ele, portanto, ofereceu todas as suas posses para aquela grande divindade. (Isto é, dedicou suas posses ao serviço de Narayana, e as manteve como o administrador do grande Deus. Em outras palavras, ele nunca considerou sua riqueza como sua propriedade, mas estava sempre pronto para empregá-la para todos os propósitos bons e pios.) Adotando o ritual Sattwata, o rei Uparichara, com alma concentrada, costumava cumprir todos os seus atos e observâncias sacrificais, opcionais e obrigatórios. No domicílio daquele rei ilustre, muitos dos Brahmanas principais, conhecedores do ritual Pancharatra, costumavam comer antes de todos os outros o alimento oferecido ao deus Narayana. Enquanto aquele matador de inimigos continuou a governar seu reino justamente, nenhuma mentira alguma vez escapou de seus lábios e nenhum mau pensamento alguma vez entrou em sua mente. Com seus membros ele nunca cometeu nem o menor pecado. Os sete Rishis célebres, isto é, Marichi, Atri, Angiras, Pulastya, Pulaha, Kratu, e Vasishta de grande energia, que vieram a ser conhecidos pelo nome de Chitra-sikhandins, se reunindo no leito daquela principal das montanhas, Meru, promulgaram um tratado excelente sobre deveres e observâncias que era consistente com os quatro Vedas. Os conteúdos daquele tratado foram proferidos por sete bocas, e constituíam o melhor compêndio dos deveres e observâncias humanos. Conhecidos, como já foi dito, pelo nome de Chitra-sikhandins, aqueles sete Rishis constituem os sete (Pravriti) elementos (de Mahat, Ahankara, etc.) e o Manu Auto-nascido, que é o oitavo na enumeração, constituiu a Prakriti original. Estes oito mantêm o universo, e foram estes oito que promulgaram o referido tratado. Com seus sentidos e mentes sob controle completo, e sempre dedicados ao Yoga, estes oito ascetas, com almas concentradas, conhecem totalmente o Passado, o Presente e o Futuro, e são devotados à religião da Verdade. 'Isto é bom, isto é Brahma', 'isto é altamente benéfico', refletindo em suas mentes dessa maneira, aqueles Rishis criaram os mundos, e a ciência de moralidade e dever que governa aqueles mundos. Naquele tratado os autores falaram sobre Religião e Riqueza e Prazer, e subsequentemente sobre Emancipação também. Eles também declararam nele as várias restrições e limitações planejadas para a Terra como também para o Céu. Eles compuseram aquele tratado depois de terem adorado com penitências o pujante e ilustre Narayana também chamado de Hari, por mil anos celestes, em companhia com muitos outros Rishis. Satisfeito com suas penitências e culto, Narayana mandou a deusa da fala, Saraswati, entrar na pessoa daqueles Rishis.

A deusa, para o bem dos mundos, fez o que lhe foi ordenado. Em consequência da entrada da deusa da fala em suas pessoas, aqueles Rishis, bem familiarizados com penitências, conseguiram compor aquele principal dos tratados a respeito de vocábulos, significação, e argumentos. (Isto é, o tratado que aqueles Rishis compuseram era o principal do seu tipo a respeito de escolha e harmonia de vocábulos, de significação ou sentido, e de argumentos com os quais cada afirmação era fortalecida.) Tendo composto aquele tratado santificado com a sílaba Om, os Rishis antes de mais nada o leram para Narayana que ficou muito satisfeito com que ele ouviu. O principal de todos os seres então se dirigiu àqueles Rishis em uma voz incorpórea e disse, 'Excelente é esse tratado que vocês compuseram e consistindo em cem mil versos. Os deveres e observâncias de todos os mundos fluirão desse seu trabalho! Em harmonia completa com os quatro Vedas, isto é, os Riks, os Yajushes, os Samans, e os Atharvans de Angiras, o tratado de vocês será uma autoridade em todos os mundos em relação a Pravritti e Nivritti. (Há duas religiões, isto é, aquela de Pravritti, implicando ação e observâncias, e aquela de Nivritti, implicando uma abstenção completa de todas as ações e observâncias. A última é também chamada de religião da Emancipação.) De acordo com a autoridade das escrituras eu criei Brahman do atributo de Graça, Rudra da minha Cólera, e vocês mesmos, ó Brahmanas, como representando os elementos-Pravriti (de Mahat, Ahankara, etc.), Surya, e Chandramas, Vento e Terra, Água e Fogo, todas as estrelas e planetas e constelações, tudo mais que é chamado pelo nome de criaturas, e proferidores de Brahma (ou os Vedas), eles todos vivem e agem em suas respectivas esferas e são todos respeitados como autoridades. Esse mesmo tratado que vocês compuseram será considerado por todas as pessoas da mesma maneira, isto é, como um trabalho da maior autoridade. Esta é minha ordem. Guiado por esse tratado, o próprio Manu Auto-nascido irá declarar para o mundo sua direção de deveres e observâncias. Quando Usanas e Vrihaspati surgirem, eles também promulgarão seus respectivos tratados sobre moralidade e religião, guiados por e citando esse seu tratado. (Se algum trabalho sobre moralidade e religião foi realmente composto pelos sete Rishis ou não, nenhum trabalho semelhante, isto é certo, está em existência agora. Além dessa menção do trabalho no Mahabharata, nenhuma referência a ele foi feita em algum outro lugar.) Depois da publicação de seu tratado pelo Manu Auto-nascido e daquele por Usanas, e depois da publicação do tratado também por Vrihaspati, esta ciência composta por vocês será adquirida pelo rei Vasu (também conhecido pelo nome de Uparichara). De fato, ó principais dos regenerados, aquele rei irá adquirir este conhecimento desse trabalho de Vrihaspati. Aquele rei, cheio de todos os bons pensamentos, virá a ser profundamente devotado a mim. Guiado por esse tratado ele realizará todas as suas ações e observâncias religiosas. Em verdade, esse tratado composto por vocês será o principal de todos os tratados sobre moralidade e religião. Possuidor de excelência, esse tratado é repleto de instruções para adquirir ambos: Riqueza e Mérito Religioso, e é cheio de mistérios. Pela promulgação desse seu tratado, vocês serão progenitores de uma linhagem extensa. O rei Uparichara também virá a ser dotado de grandeza e prosperidade. Após a morte, no entanto, daquele rei, esse tratado eterno desaparecerá do mundo. Eu lhes digo tudo isso.' Tendo dito estas palavras para todos aqueles Rishis, o invisível Narayana os deixou e

procedeu para algum lugar que não era conhecido por eles. Então aqueles progenitores do mundo, aqueles Rishis que concederam seus pensamentos sobre os fins procurados pelo mundo, promulgaram devidamente aquele tratado que é a origem eterna de todos os deveres e observâncias. Posteriormente, quando Vrihaspati nasceu na linhagem de Angiras na primeira era ou era Krita, aqueles sete Rishis o encarregaram da tarefa de promulgar seu tratado, o qual era consistente com os Upanishads e os vários ramos dos Vedas. Eles mesmos que eram protetores do universo e os primeiros promulgadores de deveres e observâncias religiosas, então procederam para o local que eles escolheram, resolvidos a se dedicarem a penitências.'"

337

"Bhishma disse, 'Então após o término do grande Kalpa, quando o Purohita celeste Vrihaspati nasceu na linhagem de Angiras, todas as divindades ficaram muito felizes. As palavras, Vrihat, Brahma, e Mahat todos tinham o mesmo sentido. (Grupos de palavras expressivas da mesma significação são chamados de Paryyayas.) O Purohita celeste, ó rei, veio a ser chamado de Vrihaspati porque ele era dotado de todos esses atributos. O rei Uparichara, também chamado de Vasu, tornou-se um discípulo de Vrihaspati e logo veio a ser o principal dos seus discípulos. Admitido como tal, ele começou a estudar aos pés de seu preceptor aquela ciência que foi composta pelos sete Rishis quem eram (também) conhecidos pelo nome de Chitrasikhandins. Com alma purificada de todos os tipos de males por sacrifícios e outros ritos religiosos, ele governou a Terra como Indra governando o Céu. O rei ilustre realizou um grande Sacrifício de Cavalo no qual seu preceptor Vrihaspati tornou-se o Hota. Os próprios filhos de Prajapati (Brahman), isto é, Ekata, Dwita, e Trita, se tornaram os Sadasyas naquele sacrifício. (O Hotri tem que despejar libações no fogo sacrifical recitando mantras. Sadasyas são pessoas que vigiam o sacrifício, isto é, cuidam para que as ordenanças das escrituras sejam cumpridas devidamente.) Haviam outros também que vieram a ser Sadasyas naquele sacrifício, isto é, Dhanusha, Raivya, Arvavasu, Parvavasu, o Rishi Medhatithi, o grande Rishi Tandya, o abençoado Rishi Santi, também chamado de Vedasiras, o principal dos Rishis, isto é, Kapila, que era o pai de Salihotra, o primeiro Kalpa, Tittiri, o irmão mais velho de Vaisampayana, Kanwa, e Devahotra, ao todo formando dezesseis. Naquele sacrifício grandioso, ó monarca, todos os artigos necessários foram reunidos. Nenhum animal foi morto nele. O rei tinha ordenado assim. Ele era cheio de compaixão. De mente pura e generosa, ele tinha rejeitado todos os desejos, e conhecia bem todos os ritos. Todos os requisitos daquele sacrifício consistiam nos produtos da selva. O antigo Deus dos deuses (Hari), ficou muito satisfeito com o rei por causa daquele sacrifício. Incapaz de ser visto por alguém mais, o Deus sublime se mostrou para seu devoto. Aceitando a parte oferecida a ele por cheirar seu aroma, ele mesmo pegou o Purodasa. (Manteiga clarificada oferecida em sacrifícios, com bolos de cevada em pó molhados nela.) O grande Deus pegou as oferendas sem ser visto por ninguém. Nisto, Vrihaspati ficou zangado. Pegando a

concha ele a arremessou com violência para o céu, e começou a derramar lágrimas de raiva. Dirigindo-se ao rei Uparichara ele disse, ‘Aqui, eu coloco isto como a parte de Narayana das oferendas sacrificais. Sem dúvida, ele a pegará diante de meus olhos.’"

"Yudhishthira disse, 'No grande sacrifício de Uparichara, todas as divindades apareceram em suas respectivas formas para pegar suas partes das oferendas sacrificais e foram vistas por todos. Por que é que somente o pujante Hari agiu de outra maneira por pegar sua parte invisivelmente?'"

"Bhishma continuou, 'Quando Vrihaspati cedeu à cólera, o grande rei Vasu e todos os seus Sadasyas procuraram pacificar o grande Rishi. Calmos, todos eles se dirigiram a Vrihaspati, dizendo, ‘Não cabe a ti ceder à raiva. Nesta era Krita, a raiva à qual tu deste vazão não deve ser característica de ninguém. A grande divindade para quem a parte das oferendas sacrificais foi designada por ti, é ela mesma livre de raiva. Ele não pode ser visto por nós ou por ti, ó Vrihaspati! Somente pode vê-lo aquele para quem Ele se torna benevolente.’ Então os Rishis Ekata, Dwita, e Trita, que conheciam bem a ciência de moralidade e deveres compilados pelos sete Rishis, se dirigiram àquele conclave e começaram a seguinte narração. ‘Nós somos os filhos de Brahman, gerados por um decreto de sua vontade (e não da maneira comum). Uma vez nós nos dirigimos para o norte para obtermos o que é para o nosso maior bem. Tendo praticado penitências por milhares de anos e adquirido grande mérito ascético, nós também permanecemos sobre somente um pé como estacas fixas de madeira. O país onde nós passamos pelas mais austeras das penitências está localizado ao norte das montanhas de Meru e nas margens do Oceano de Leite. O objetivo que nós tínhamos em mente era ver o divino Narayana em sua própria forma. Após a conclusão de nossas penitências e depois que nós tínhamos realizado as abluções finais, uma voz incorpórea foi ouvida por nós, ó pujante Vrihaspati, ao mesmo tempo profunda como aquela das nuvens e extremamente suave, e que enchia o coração de alegria. A voz disse, ‘Ó Brahmanas, vocês têm realizado bem essas penitências com almas alegres. Devotados a Narayana, vocês procuram saber como vocês podem conseguir contemplar aquele deus de grande pujança! Nas margens norte do Oceano de Leite há uma ilha de grande esplendor chamada pelo nome de Ilha Branca. Os homens que habitam aquela ilha têm compleições tão brancas quanto os raios da Lua e são devotados a Narayana. Devotos daquele principal de todos os Seres, eles são dedicados a Ele com todas as suas almas. Eles todos entram naquela divindade ilustre e eterna de mil raios. Eles são desprovidos de sentidos. Eles não subsistem de algum tipo de alimento. Seus olhos não piscam. Seus corpos sempre emitem uma fragrância. De fato, os habitantes da Ilha Branca crêem e adoram somente um Deus. Vão para lá, ó ascetas, pois lá Eu tenho me revelado!’ Todos nós, ouvindo estas palavras incorpóreas, procedemos ao país descrito pelo caminho indicado. Avidamente desejosos vê-lo e com nossos corações cheios dele, nós finalmente chegamos naquela grande ilha chamada de Ilha Branca. Chegando lá, nós não podíamos ver nada. De fato, nossa vista foi cegada pela energia da grande divindade e consequentemente nós não podíamos vê-lo. Nisto, devido à graça do próprio grande Deus, surgiu em nossas mentes a

idéia de que alguém que não tivesse praticado penitências suficientes não poderia ver Narayana rapidamente. Sob a influência dessa idéia nós mais uma vez nos dirigimos à prática de algumas austeridades severas, adequadas ao tempo e lugar, por cem anos. Após a conclusão de nossos votos, nós vimos vários homens de feições auspiciosas. Todos eles eram brancos e pareciam com a Lua (em cor) e possuíam todos os sinais de bem-aventurança. Suas mãos estavam sempre unidas em oração. Os rostos de alguns estavam virados para o Norte e de alguns para o Leste. Eles estavam engajados em pensar silenciosamente em Brahma. (Yapa significa a recitação silenciosa de certos mantras sagrados ou do nome de alguma divindade. No caso dos habitantes da Ilha Branca, a recitação silenciosa não era recitação de mantras ou palavras, mas era uma meditação no Brahma incorpóreo.) O Yapa realizado por aquelas pessoas de grande alma era um yapa mental (e não consistia na real recitação de quaisquer mantras em palavras). Por seus corações estarem totalmente fixados sobre Ele, Hari ficou muito satisfeito com eles. A refulgência que era emitida por cada um daqueles homens parecia, ó principal dos ascetas, o esplendor que Surya assume quando chega a hora da dissolução do universo. De fato, nós pensamos que a Ilha era o lar de toda a Energia. Todos os habitantes eram perfeitamente iguais em energia. Não havia superioridade ou inferioridade lá entre eles. Nós então repentinamente vimos mais uma vez surgir uma luz que parecia ser a refulgência concentrada de mil Sóis, ó Vrihaspati. Os habitantes, se reunindo, correram em direção àquela luz, com mãos unidas em atitude reverente, cheios de alegria, e proferindo somente a palavra Namas (nós te reverenciamos!) Nós então ouvimos um barulho muito alto proferido por todos eles juntos. Parecia que aqueles homens estavam empenhados em oferecer um sacrifício para o grande Deus. Com relação a nós, nós ficamos de repente privados de nossos sentidos por sua Energia. Desprovidos de visão e força e todos os sentidos, nós não podíamos ver ou sentir nada. Nós somente ouvimos um volume alto de som proferido pelos habitantes reunidos. Ele dizia, 'Vitória para ti, ó tu de olhos como pétalas de lótus! Saudações a ti, ó Criador do universo! Saudações a ti, ó Hrishikesa, ó principal dos Seres, ó tu que és o Primogênito!' Este mesmo foi o som que nós ouvimos, proferido claramente e de acordo com as regras de Ortoepia. (A ciência de Ortoepia é um dos Angas (membros) dos Vedas. Os Vedas eram sempre cantados melodiosamente, a ciência de Ortoepia era cultivada pelos Rishis com grande cuidado.) Enquanto isso, uma brisa, fragrante e pura, soprou, portando perfumes de flores celestes, e de certas ervas e plantas que eram de utilidade na ocasião. Aqueles homens, dotados de grande devoção, possuidores de corações cheios de reverência, conhecedores das ordenanças prescritas no Pancharatra, estavam então cultuando a grande divindade com a mente, as palavras, e as ações. (O Pancha-kala, ou Pancha-ratra, ou Sattwatas vidhi, significa certas ordenanças prescritas por Narada e outros Rishis a respeito do culto de Narayana.) Sem dúvida, Hari apareceu naquele local de onde surgiu o som que nós ouvimos. Em relação a nós, entorpecidos por Sua ilusão, nós não pudemos vê-lo. Depois que a brisa tinha parado e o sacrifício tinha terminado, nossos corações ficaram agitados com ansiedade, ó principal da linhagem de Angira. Enquanto nós ficamos entre aqueles milhares de homens, todos os quais eram de descendência pura, ninguém nos honrou com um olhar rápido ou aceno de cabeça. Aqueles ascetas, todos os quais

eram alegres e cheios de devoção e que estavam todos praticando o estado de espírito Brahma, não mostraram qualquer tipo de sentimento por nós. (O sentido é este; como todos eles estavam praticando aquele estado de espírito o qual parece Brahma, eles não nos consideraram, isto é, nem nos honraram nem nos desonraram.) Nós estávamos extremamente cansados. Nossas penitências tinham nos emaciado. Naquele momento, um Ser incorpóreo dirigiu-se a nós do céu e nos disse estas palavras, 'Esses homens brancos, que são desprovidos de todos os sentidos externos, são capazes de ver (Narayana). Somente aquelas principais das pessoas regeneradas a quem estes homens brancos honraram com seus olhares se tornam competentes para ver o grande Deus. Voltem, ó Munis, para o lugar de onde vocês vieram. Aquela grande Divindade não pode nem ser vista por alguém que é desprovido de devoção. Incapaz de ser visto por causa de sua refulgência deslumbrante, aquela Divindade ilustre pode ser contemplada somente por aquelas pessoas que no decorrer de longas eras conseguiram se devotar totalmente e unicamente a Ele. Ó principais dos regenerados, vocês têm um grande dever para realizar. Depois do término desta era Krita, quando a era Treta vier no transcurso do ciclo Vivaswat, uma grande calamidade surpreenderá os mundos. Ó Munis, vocês então terão que se tornar os aliados das divindades (para dissipar aquela calamidade).' Tendo ouvido estas palavras notáveis que eram doces como néctar, nós logo voltamos para o lugar que nós desejávamos, pela graça daquela grande Divindade. Quando mesmo com a ajuda de tais penitências austeras e de oferendas devotamente dadas em sacrifícios nós falhamos em ter uma visão da grande Divindade, como, de fato, você pode esperar vê-lo tão facilmente? Narayana é um Grande Ser, Ele é o Criador do universo. Ele é adorado em sacrifícios com oferendas de manteiga clarificada e outros alimentos ofertados com a ajuda de mantras Védicos. Ele não tem início nem fim. Ele é Imanifesto. Ambos, as Divindades e os Danavas, adoram a Ele.' Induzido por estas palavras faladas por Ekata e aprovadas por seus companheiros, isto é, Dwita e Trita, e solicitado também pelos outros Sadasyas, o generoso Vrihaspati levou aquele sacrifício a uma conclusão depois de oferecer devidamente as adorações habituais para as Divindades. O rei Uparichara também, tendo completado seu grandioso sacrifício, começou a governar seus súditos justamente. Finalmente, rejeitando seu corpo, ele ascendeu para o céu. Depois de algum tempo, pela maldição dos Brahmanas, ele caiu daquelas regiões de felicidade e desceu profundamente nas entranhas da Terra. O rei Vasu, ó tigre entre monarcas, era sempre devotado à religião verdadeira. Embora caído profundamente nas entranhas da Terra, sua dedicação à virtude não diminuiu. Sempre devotado a Narayana, e sempre recitando mantras sagrados tendo Narayana como sua divindade, ele mais uma vez ascendeu para o céu pela graça de Narayana. Ascendendo das entranhas da Terra, o rei Vasu, pelo fim muito elevado que ele alcançou, procedeu para um local que é superior até à região do próprio Brahman.'"

338

"Yudhishthira disse, ‘Quando o grande rei Vasu era tão completamente devotado a Narayana, por que razão então ele caiu do céu e por que também ele teve que descer abaixo da superfície da Terra?’"

'Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada uma velha narrativa, ó Bharata, de uma conversa entre os Rishis e os deuses. Os deuses, uma vez, se dirigindo a muitos dos principais Brahmanas, disseram a eles que sacrifícios deveriam ser realizados por oferecer Ajas como vítimas. Pela palavra Aja deve ser entendido a cabra e nenhum outro animal.'"

Os Rishis disseram, ‘O Sruti Védico declara que em sacrifícios as oferendas devem consistir em sementes (vegetais). Sementes são chamadas de Ajas. Não cabe a vocês matar cabras. Ó divindades, não pode ser a religião de pessoas boas e justas aquela na qual a matança de animais é prescrita. Esta, também, é a era Krita. Como animais podem ser massacrados nesta época de retidão?'"

"Bhishma continuou, ‘Enquanto estava ocorrendo esta conversa entre os Rishis e as divindades, aquele principal dos reis, isto é, Vasu, foi visto vir por aquele caminho. Dotado de grande prosperidade, o rei estava se aproximando pelo firmamento, acompanhado por suas tropas e veículos e animais. Vendo o rei Vasu chegando àquele local através dos céus, os Brahmanas se dirigiram às divindades e disseram, ‘Este removerá nossas dúvidas. Ele realiza sacrifícios. Ele é generoso em fazer doações. Ele sempre procura o bem de todas as criaturas. Como, de fato, o grandioso Vasu falará de outra maneira?’ Tendo falado assim uns para os outros, as divindades e os Rishis se aproximaram rapidamente do rei Vasu e o questionaram, dizendo, ‘Ó rei, com o que alguém deve realizar sacrifícios? Ele deve sacrificar com a cabra ou com ervas e plantas? Dissipe esta nossa dúvida. Nós te constituímos nosso juiz nessa questão.’ Assim endereçado por eles, Vasu uniu suas mãos em humildade e disse para eles, ‘Digam-me realmente, ó principais dos Brahmanas, qual opinião é nutrida por vocês nesse assunto?’"

"'Os Rishis disseram, ‘A opinião nutrida por nós, ó rei, é que sacrifícios devem ser realizados com grãos. As divindades, no entanto, afirmam que sacrifícios devem ser realizados com animais. Julgue entre nós e nos diga qual destas opiniões é correta.'"

"Bhishma continuou, 'Sabendo qual era a opinião das divindades, Vasu, movido por predileção por eles, disse que sacrifícios deveriam ser realizados com animais. A esta resposta, todos os Rishis, dotados do esplendor do Sol, ficaram muito zangados. Dirigindo-se a Vasu que estava sentado em seu carro e que tinha (erradamente) tomado o lado das divindades, eles disseram para ele, ‘Já que tu tomaste (erroneamente) o lado das divindades, caia do céu. Desse dia em diante, ó monarca, tu perderás o poder de viajar pelo céu. Por causa da nossa maldição, tu cairás profundamente abaixo da superfície da Terra.’ Depois que os Rishis tinham dito estas palavras, o rei Uparichara caiu imediatamente, ó monarca, e afundou em um buraco na Terra. Por ordem, no entanto, de Narayana, a memória

de Vasu não o deixou. Para a boa sorte de Vasu, as divindades, aflitas pela maldição pronunciada sobre ele pelos Brahmanas, começaram a pensar ansiosamente quanto a como aquela maldição poderia ser neutralizada. Elas disseram, 'Este rei de grande alma foi amaldiçoado por nossa causa. Nós, habitantes do céu, devemos nos unir para fazer o que é bom para ele em retribuição pelo que ele tem feito por nós.' Tendo decidido isso rapidamente em suas mentes com a ajuda de reflexão, as divindades procederam para o local onde o rei Uparichara estava. Chegando em sua presença, elas se dirigiram a ele, dizendo, 'Tu és devotado ao grande Deus dos Brahmanas (isto é, Narayana). Aquele grande Senhor das divindades e dos Asuras, satisfeito contigo, te salvará da maldição pronunciada sobre ti. É apropriado, no entanto, que os Brahmanas de grandes almas sejam honrados. Na verdade, ó melhor dos reis, as penitências deles devem produzir resultados. (Isto é, como eles te amaldiçoaram, a maldição deles deve frutificar. Tu não deves fazer alguma coisa que possa ter o efeito de anular aquela maldição.) De fato, tu já caíste do céu sobre a Terra. Nós desejamos, no entanto, ó melhor dos reis, te favorecer em um aspecto. Enquanto tu, ó impecável, morares neste buraco, tu receberás (o devido sustento, pela nossa bênção)! Aquelas faixas de manteiga clarificada que Brahmanas com mentes concentradas despejam em sacrifícios em acompanhamento com mantras sagrados, e que são chamadas pelo nome de Vasudhara, serão tuas, por nosso cuidado por ti! De fato, fraqueza ou angústia não te tocarão. (Até hoje, em muitos ritos religiosos, essas faixas de ghee são despejadas com mantras sendo recitados. Elas são chamadas de Vasudhara e são derramadas pela superfície de uma parede. Primeiro, uma linha ondulada de vermelho é desenhada horizontalmente na parede. Então sete manchas são feitas sob aquela linha. Então, com a concha sacrifical, o Ghee é despejado de cada uma das manchas de tal maneira que uma listra espessa é derramada pela parede. O comprimento daquelas listras é geralmente de 3 a 4 pés e sua largura cerca da metade de uma polegada.) Enquanto residires, ó rei dos reis, no buraco da Terra, nem fome nem sede te afligirão pois tu beberás aquelas faixas de manteiga clarificada chamadas Vasudhara. Tua energia também continuará sem diminuir. Em consequência também deste nosso benefício que nós te concedemos, o Deus dos deuses, Narayana, ficará satisfeito contigo, e Ele te levará daqui para a região de Brahman!' Tendo concedido estes benefícios para o rei, os habitantes do céu, como também todos aqueles Rishis possuidores de riqueza de penitências, voltaram todos para seus respectivos lugares. Então Vasu, ó Bharata, começou a adorar o Criador do universo e a recitar em silêncio aqueles mantras (Védicos) sagrados que tinham saído da boca de Narayana antigamente. Embora residindo em uma cova da Terra, o rei ainda assim adorou Hari, o Senhor de todas as divindades, nos cinco sacrifícios bem conhecidos que são realizados cinco vezes todos os dias, ó matador de inimigos! Por causa daquelas adorações, Narayana, também chamado Hari, ficou muito satisfeito com ele que assim se mostrou ser totalmente devotado a Ele, por confiar nele totalmente como seu único amparo, e que tinha subjugado completamente seus sentidos. O ilustre Vishnu, aquele dador de benefícios, então se dirigindo a Garuda de grande velocidade, aquela principal das aves, que o servia como seu empregado, disse estas palavras agradáveis: 'Ó principal das aves, ó tu que és altamente abençoado, escute o que eu digo! Há um

grande rei de nome Vasu que é de alma justa e votos rígidos. Pela ira dos Brahmanas, ele caiu em uma cova da Terra. Os Brahmanas foram honrados suficientemente (pois sua maldição produziu resultado). Vá até aquele rei agora. Por minha ordem, ó Garuda, vá até aquele principal dos reis, Uparichara, que está agora residindo em um buraco na Terra e que não pode mais viajar pelo céu, e o traga sem demora para o firmamento.' Ouvindo estas palavras de Vishnu, Garuda, estendendo suas asas e se movendo com a velocidade do vento, entrou naquele buraco na Terra no qual o rei Vasu estava vivendo. Erguendo o rei repentinamente, o filho de Vinata subiu ao céu e lá soltou o rei de seu bico. Naquele momento, o rei Uparichara adquiriu novamente sua forma celestial e reentrou na região de Brahman. Foi dessa maneira, ó filho de Kunti, que aquele grande rei primeiro caiu pela maldição dos Brahmanas por uma falha de palavra, e mais uma vez ascendeu para o céu por ordem do grande Deus (Vishnu). Somente o pujante Senhor Hari, aquele principal de todos os Seres, foi cultuado devotamente por ele. Foi por aquele culto dedicado que o rei conseguiu escapar logo da maldição pronunciada sobre ele pelos Brahmanas e recuperar as regiões felizes de Brahman.'"

"Bhishma continuou, 'Eu assim te disse tudo a respeito da origem dos filhos espirituais de Brahman. Ouça-me com total atenção, pois eu agora narrarei para ti como o Rishi celeste Narada procedeu antigamente para a Ilha Branca.'"

339

"Bhishma disse, 'Chegando ao vasto reino chamado de Ilha Branca, o Rishi ilustre viu aqueles mesmos homens brancos possuidores de esplendor lunar (dos quais eu já te falei). Adorado por eles, o Rishi os adorou em retorno por inclinar sua cabeça e reverenciando-os em sua mente. Desejoso de ver Narayana, ele começou a residir lá, engajado atentamente na recitação silenciosa de mantras sagrados para ele, e cumprindo votos do tipo mais difícil, com mente concentrada, o Rishi regenerado, com braços erguidos, permaneceu em Yoga, e então cantou o seguinte hino para o Senhor do universo, Ele, isto é, que é ao mesmo tempo a alma dos atributos e desprovido de todos os atributos.'"

"Narada disse, 'Saudações a ti, ó Deus dos deuses, ó tu que és livre de todas as ações! Tu és aquele que é desprovido de todos os atributos, que é a Testemunha de todos os mundos, que é chamado de Kshetrajna, que é o principal de todos os Seres, que é Infinito, que é chamado de Purusha, que é o grandioso Purusha, que é o principal de todos os Purushas, que é a alma dos três atributos, que é chamado de o Principal, que é Amrita (néctar), que é chamado de Imortal, que é chamado de Ananta (Sesha), que é Espaço, (no sentido de não ser modificado, assim como o espaço é uma entidade que não pode ser modificada de nenhum modo), que não tem início, que é Manifesto e Imanifesto como coisas existentes e não existentes, que é citado como tendo seu lar na Verdade, (isto é, que está manifestado sem qualquer modificação, tudo mais sendo modificações de Ti mesmo), que é o primeiro dos deuses (Narayana), que é o dador de riqueza

(ou dos frutos das ações), identificado com Daksha e outros Senhores da Criação, que é o Aswattha e outras árvores grandes, que é o Brahman de quatro cabeças, que é o Senhor de todos os seres criados, que é o Senhor da Palavra, (isto é, de quem a palavra fluiu, ou que é Vrihaspati, o sacerdote celeste, tão famoso por sua erudição e inteligência), que é o Senhor do universo (ou Indra), que é a Alma que permeia tudo, que é o Sol, que é o ar chamado Prana, que é o Senhor das águas (Varuna), que é identificável com o Imperador ou o Rei, que é identificável com os Regentes dos vários pontos do horizonte, que é o refúgio do universo quando ele é dissolvido na destruição final, que é Não-Revelado, que é o dador dos Vedas para Brahman, que é identificável com os sacrifícios e estudos Védicos realizados por Brahmanas com a ajuda dos seus corpos, que é identificável com as quatro classes principais das divindades, que é cada uma das quatro classes, que é possuidor de refulgência, que é possuidor de refulgência grandiosa, que é aquele para quem as sete maiores oferendas em sacrifícios são apresentadas com o Gayatri e outros mantras sagrados, que é Yama, que é Chitragupta e os outros servidores de Yama, que é chamado de a esposa de Yama, que é aquela classe das divindades chamada Tushita, que é aquela outra classe chamada Mahatushita, que é o moinho universal (Morte), que é o desejo e todas as doenças que foram criadas para ajudar a chegada da Morte, que é saúde e liberdade de doença, que está sujeito a desejo e paixões, que está livre da influência do desejo e paixões, que é Infinito como manifestado em espécies e formas, que é aquele que é castigado, que é aquele que é o castigador, que é todos os sacrifícios menores (como Agnihotra e outros), que é todos os sacrifícios maiores (como aqueles chamados Brahma, etc.), que é todos os Ritwijas, que é a origem de todos os sacrifícios (isto é, os Vedas), que é fogo, que é o próprio coração de todos os sacrifícios (isto é, os mantras e hinos proferidos neles), que é aquele que é louvado em sacrifícios, que aceita aquelas partes das oferendas sacrificais que são oferecidas para ele, que é a encarnação dos cinco sacrifícios, que é o criador das cinco seções ou divisões de tempo (isto é, dia, noite, mês, estação e ano), que é incapaz de ser compreendido exceto por aquelas escrituras que são chamadas de Pancharatra, que nunca recua diante de alguma coisa, que é invicto, que é só Mente (sem um corpo físico), que é conhecido somente por nome, que é o Senhor do próprio Brahman, que completou todos os votos e observâncias mencionados nos Vedas, (isto é, que realizou o avabhrita ou banho final após a conclusão de todos os votos e observâncias e sacrifícios), que é o Hansa (portador do bastão triplo), que é o Parama-hansa (desprovido do bastão), que é o principal de todos os sacrifícios, que é Sankhya-Yoga, que é a encarnação da filosofia Sankhya, que mora em todos os Jivas, que vive em cada coração, que reside em todos os sentidos, que flutua no oceano de água, que vive nos Vedas, que jaz no lótus (a imagem do ovo de onde o universo surgiu), que é o Senhor do universo, e cujas tropas vão a todos os lugares para proteger seus devotos. Tu tomas nascimento como todas as criaturas. Tu és a origem do universo (de todas as criaturas). Tua boca é fogo. Tu és aquele fogo que percorre as águas do oceano, saindo todo o tempo de uma cabeça Equina. Tu és a manteiga santificada que é despejada no fogo sacrifical. Tu és o motorista do carro (fogo ou calor que impele o corpo e o faz viver e crescer). Tu és Vashat. Tu és a sílaba Om. Tu és Penitências. Tu és Mente. Tu és Chandramas. Tu santificas a manteiga sacrifical.

Tu és o Sol. Tu és os Dikgajas (Elefantes) que estão posicionados nos quatro pontos cardeais do horizonte. Tu iluminas os pontos cardeais do horizonte. Tu iluminas os pontos secundários também. Tu és a cabeça Equina. Tu és os primeiros três mantras do Rig Veda. Tu és o protetor das várias classes de homens (isto é, Brahmanas, Kshatriyas, Vaisyas, e Sudras). Tu és os cinco fogos (começando com Garhapatya). Tu és Aquele que tem acendido três vezes o fogo sacrifical chamado Nachi. (Isto é, tu tens realizado sacrifícios.) Tu és o refúgio dos seis membros. (Os Vedas têm três membros ou divisões.) Tu és o principal daqueles Brahmanas que estão empenhados em cantar os Samans em sacrifícios e outros ritos religiosos. Tu és Pragjyotish (um Saman específico; isto é, tu és o principal dos Samanas), e tu és aquele que canta o primeiro Saman. Tu és o cumpridor daqueles votos que dependem dos Vedas e que são cumpridos por cantores de Samanas. Tu és a encarnação do Upanishad, chamado pelo nome de Atharvasiras. Tu és aquele que é o tópico das cinco principais escrituras (isto é, aquelas que concernem ao culto de Surya, de Sakti, de Ganesa, de Siva, e de Vishnu). Tu és chamado de o preceptor que subsiste somente da espuma da água. Tu és um Valikhilya. Tu és a encarnação daquele que não decaiu do Yoga. Tu és a encarnação da correção de julgamento de raciocínio. Tu és o início dos Yugas, tu és o meio dos Yugas e tu és seu fim. Tu és Akhandala (Indra). Tu és os dois Rishis Prachina-garbha e Kausika. Tu és Purusthuta, tu és Puruhuta, tu és o artífice do universo. Tu tens o universo como tua forma. Teus movimentos são infinitos. Teus corpos são infinitos; tu és sem fim e sem início, e sem meio. Teu meio é imanifesto. Teu fim é imanifesto. Tu tens votos como tua residência. Tu resides no oceano. Tu tens teu lar na Fama, nas Penitências, no Autodomínio, na Prosperidade, no Conhecimento, nas grandes Realizações, e em Tudo o que pertence ao universo. Tu és Vasudeva. Tu és o concessor de todos os desejos. Tu és Hanuman que carregou Rama em seus ombros. Tu és o grande Sacrifício de Cavalo. Tu recebes tua parte nas oferendas feitas em grandes sacrifícios. (O comentador explica que por Mahayajna, grande sacrifício, quer-se dizer Yoga. A alma Jiva é como a libação derramada no sacrifício, pois por meio de Yoga a alma Jiva é aniquilada e fundida à Alma Suprema.) Tu és o concessor de bênçãos, de felicidade, de riqueza. Tu és devotado a Hari. Tu és a Restrição dos sentidos. Tu és votos e observâncias. Tu és mortificações, tu és mortificações severas, tu és mortificações muito severas. Tu és aquele que pratica votos e ritos religiosos e outros ritos pios. Tu estás livre de todos os erros. Tu és um Brahmacharin. Tu tomaste nascimento no útero de Prisni. Tu és aquele de quem têm fluído todos os ritos e ações Védicas. Tu és não-nascido. Tu permeias todas as coisas. Teus olhos estão sobre todas as coisas. Tu não deves ser apreendido pelos sentidos. Tu não estás sujeito à deterioração. Tu és possuidor de grande pujança. Teu corpo é vasto de modo inconcebível. Tu és santo, tu estás além do alcance da lógica ou razão. Tu és incognoscível. Tu és a principal das Causas. Tu és o Criador de todas as criaturas e tu és seu Destruidor. Tu és o possuidor de vastos poderes de ilusão. Tu és chamado de Chittrasikhandin. Tu és o dador de benefícios. Tu és o recebedor da tua parte das oferendas sacrificais. Tu obtiveste o mérito de todos os sacrifícios. Tu és aquele que está livre de todas as dúvidas. Tu és onipresente. Tu és da forma de um Brahmana. Tu és amigo dos Brahmanas. Tu tens o universo como tua forma. Tua forma é muito vasta. Tu és o

maior amigo. Tu és bondoso para todos os teus devotos. Tu és a grande divindade dos Brahmanas. Eu sou teu discípulo devotado. Eu estou desejoso de te ver. Saudações a ti que és da forma da Emancipação!'"

340

"Bhishma disse, 'Assim louvado com nomes que não são conhecidos por outros, o Divino Narayana tendo o universo como sua forma se mostrou para o asceta Narada. Sua forma era um pouco mais pura do que a lua e diferia da lua em alguns aspectos. Ele parecia um pouco com um fogo ardente em cor. O Senhor pujante era levemente da forma de Vishti, (que é uma conjunção específica de corpos celestes. Esta conjunção é representada como tendo uma forma peculiar). Ele parecia em alguns pontos com as penas do papagaio, e em alguns com uma massa de cristal puro. Ele parecia em alguns aspectos com uma colina de antimônio e em alguns com uma massa de ouro puro. Sua cor parecia um pouco com o coral quando inicialmente formado, e era um pouco branca. Em alguns pontos aquela cor parecia com a cor do ouro e em alguns aquela do lápis lazúli. Em alguns pontos ela parecia com a cor do azul lápis lazúli e em alguns com aquela da safira. Em alguns pontos ela parecia com a cor do pescoço do pavão, e em alguns com um colar de pérolas. Tendo esses diversos tipos de cores em sua pessoa, a Divindade eterna apareceu perante Narada. Ele tinha mil olhos e possuía grande beleza. Ele tinha cem cabeças e cem pés. Ele tinha mil estômagos e mil braços. Ele parecia ser ainda inconcebível para a mente. Com uma de suas bocas ele proferiu a sílaba Om e então o Gayatri seguindo o Om. Com a mente sob controle completo, a grande Divindade, chamada pelos nomes de Hari e Narayana, por suas outras bocas, muito numerosas, proferiu muitos mantras dos quatro Vedas que são conhecidos pelo nome de Aranyaka. O Senhor de todas as divindades, o grande Deus que é adorado em sacrifícios, segurava em suas mãos um altar sacrifical, um Kamandalu, poucas pedras preciosas brancas, um par de sandálias, um feixe de folhas Kusa, uma camurça, um palito de dente, e um pequeno fogo brilhante. (Ou seja, Narayana apareceu com todos os requisitos de um Brahmacharin em sua pessoa.) Com alma alegre, aquela principal das pessoas regeneradas, isto é, Narada de fala controlada, curvou-se ao grande Deus e o adorou. Para ele cuja cabeça ainda estava inclinada em veneração, a principal de todas as divindades, que está livre de deterioração, disse as seguintes palavras.'"

"'O Santo disse, 'Os grandes Rishis, Ekata, Dwita, e Trita, vieram para este reino pelo desejo de obter uma visão minha. Eles, no entanto, não puderam ter a realização de seus desejos. Ninguém pode ter uma visão minha salvo aquelas pessoas que são devotadas a mim de todo o coração. Com respeito a ti, tu és na verdade a principal de todas as pessoas devotadas a mim com todas as suas almas. Estes são meus corpos, os melhores que eu assumo. Eles nasceram, ó regenerado, na casa de Dharma. Cultue-os sempre, e realize aqueles ritos que estão prescritos nas ordenanças com relação àquele culto. Ó Brahmana, peça de

mim os benefícios que desejares. Eu estou satisfeito contigo hoje, e eu apareço para ti agora em minha forma universal como livre de decadência e deterioração.'"

"Narada disse, 'Já que, ó santo, eu hoje consegui obter uma visão de ti, eu considero que eu ganhei sem qualquer demora os frutos das minhas penitências, ó Deus, do meu autodomínio, e de todos os votos e observâncias que eu tenho praticado. Este, de fato, é o maior benefício que tu me concedeste por teres te mostrado para mim hoje. Ó Senhor Eterno, tu, ó santo, tens o universo como tua visão. Tu és o Leão. Tua forma é identificável com tudo. Possuidor de pujança, tu, ó Senhor, és vasto e infinito.'"

"Bhishma continuou, 'Tendo assim mostrado a Si Mesmo para Narada, o filho de Parameshthi, o grande Deus se dirigiu ao asceta e disse, 'Vá, ó Narada, e não demore! Esses meus devotos, possuidores de cores lunares, são desprovidos de todos os sentidos e não subsistem de qualquer tipo de alimento. Eles são, também, todos Emancipados; com suas mentes totalmente concentradas em Mim, as pessoas devem pensar em Mim. Tais devotos nunca encontrarão com quaisquer obstáculos. Esses homens são todos coroados com sucesso ascético e são altamente abençoados. Nos tempos antigos eles se tornaram totalmente devotados a mim. Eles estão livres dos atributos de Rajas e Tamas. Sem dúvida, eles são competentes para entrarem em mim e serem absorvidos em meu Eu. --Ele que não pode ser visto com os olhos, tocado com o sentido do tato, cheirado com o sentido do olfato, e que está além do alcance do sentido do paladar. Ele a quem os três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas não tocam, que permeia todas as coisas e é a única Testemunha do universo, e que é descrito como a Alma do universo inteiro; Ele que não é destruído após a destruição dos corpos de todas as coisas criadas, que é não-nascido e imutável e eterno, que está livre de todos os atributos, que é indivisível e inteiro; Ele que transcende os duas vezes doze tópicos de investigação e é considerado o Vigésimo quinto, que é chamado pelo nome de Purusha, que é inativo, e que é citado como sendo percebido somente pelo Conhecimento, Ele em quem as principais das pessoas regeneradas entram e se tornam emancipadas, Ele que é a Alma Suprema eterna e é conhecido pelo nome de Vasudeva. Veja, ó Narada, a grandeza e pujança de Deus. Ele é nunca é tocado por ações boas ou más. Sattwa, Rajas e Tamas são citados como os três atributos (originais). Estes moram e agem nos corpos de todas as criaturas. A alma Jiva, chamada de Kshetrajna, desfruta e endossa a ação desses três atributos. Ele, no entanto, os transcende e eles não podem tocá-lo. Livre desses atributos, Ele também é seu desfrutador e endossante. Tendo-os criado Ele Mesmo, Ele está acima deles todos. Ó Rishi celeste, a Terra, que é o refúgio do universo, desaparece (isto é, imerge, quando chega a hora da dissolução universal) na água, a Água desaparece na Luz, e a Luz no Vento, o Vento desaparece no Espaço, e o Espaço na Mente. A Mente é uma grande criatura, e ela desaparece na Prakriti Imanifesta. A Prakriti Imanifesta, ó Brahmana, desaparece no Purusha inativo. Não há nada mais elevado do que Purusha o qual é Eterno. Não há nada entre as coisas móveis e imóveis no universo que seja imutável, exceto Vasudeva, o Purusha eterno. Dotado de grande pujança, Vasudeva é a Alma de todas as criaturas. Terra, Vento, Espaço, Água, e Luz

formando o quinto, são os elementos primordiais de grande pujança. Misturando-se eles formam o que é chamado de corpo. Possuidor de destreza sutil e invisível para todos os olhos, ó Brahmana, o pujante Vasudeva então entra naquela combinação dos cinco elementos primordiais, chamada de corpo. Tal entrada é chamada de seu nascimento, e ato de tomar nascimento. Ele faz o corpo se mexer e agir. Sem uma combinação dos cinco elementos primordiais nenhum corpo pode ser formado. Sem, também, a entrada de Jiva no corpo, a mente que reside dentro dele não pode fazê-lo se mover e agir. Aquele que entra no corpo é possuidor de grande pujança e é chamado de Jiva. Ele é conhecido também por outros nomes, isto é, Sesha e Sankarshana. Ele que tem sua origem daquele Sankarshana, por suas próprias ações, Sanatkumara, e em quem todas as criaturas imergem quando chega a dissolução universal, é a Mente de todas as criaturas e é chamado pelo nome de Pradyumna. Dele (Pradyumna), surge Aquele que é o Criador, e que é ambos, Causa e Efeito. Deste último, tudo, isto é, o universo móvel e imóvel, tem sua origem. Este é chamado de Aniruddha. Ele também é chamado de Isana, e Ele está manifestado em todos os atos. (Esta cosmogonia está de acordo com as escrituras Vaishnava. Acima de todos, sem início está Vasudeva. De Vasudeva é Sankarshana. De Sankarashana é Pradyumna. De Pradyumna é Aniruddha.) Aquele ilustre, Vasudeva, que é chamado de Kshetrajna, e que está livre de atributos, deve, ó rei de reis, ser conhecido como o pujante Sankarshana, quando ele toma nascimento como Jiva. (O leitor é requisitado a notar o trato 'rei de reis'. Este é evidentemente um deslize da caneta. O discurso inteiro é aquele de Narayana e Narada é o ouvinte.) De Sankarshana surge Pradyumna que é chamado de 'Aquele que é nascido como Mente.' De Pradyumna é Ele que é Aniruddha. Ele é Consciência, Ele é Iswara (Senhor Supremo). É de mim que todo o universo móvel e imóvel surge. É de mim, ó Narada, que o indestrutível e o destrutível, o existente e o inexistente, fluem. Aqueles que são devotados a mim entram em mim e se tornam emancipados. Eu sou conhecido como Purusha. Sem ações, eu sou o Vigésimo quinto. Transcendendo os atributos, eu sou inteiro e indivisível. Eu estou acima de todos os pares de atributos opostos e livre de todos os vínculos. Isto, ó Narada, tu falharás em compreender. Tu me vês como dotado de uma forma. Em um momento, se surgir o desejo, eu posso dissolver esta forma. Eu sou o Senhor Supremo e o Preceptor do universo. Isso que tu vês de mim, ó Narada, é somente uma ilusão minha. Eu agora pareço ser dotado dos atributos de todas as coisas criadas. Tu não és capaz de me conhecer. Eu tenho revelado para ti devidamente a minha forma quádrupla. Eu sou, ó Narada, o Fazedor, Eu sou a Causa, e Eu sou o Efeito. Eu sou a soma total de todas as criaturas vivas. Todas as criaturas vivas têm seu refúgio em mim. Não pense que tu viste o Kshetrajna. Eu permeio todas as coisas. Ó Brahmana, e sou a alma Jiva de todas as criaturas. Quando os corpos de todas as criaturas, no entanto, são destruídos, eu não sou destruído. Aqueles homens altamente abençoados que, tendo alcançado êxito ascético, são totalmente devotados a mim, se tornam livres dos atributos de Rajas e Tamas e conseguem, por causa disso, entrar em mim, ó grande asceta. Aquele que é chamado de Hiranyagarbha, que é o início do mundo, que tem quatro faces, que não pode ser compreendido com a ajuda de Nirukta, que também é chamado de Brahman, que é uma divindade eterna, está empenhado em cuidar de muitos dos

meus assuntos. A divindade Rudra, nascida da minha ira, surgiu da minha testa. Veja, os onze Rudras estão crescendo (com poder) no lado direito do meu corpo. Os doze Adityas estão no lado esquerdo do meu corpo. Veja, os oito Vasus, aquelas principais das divindades, estão em minha frente, e veja, Nasatya e Dasra, aqueles dois médicos celestes (Aswini Kumars), estão em minha retaguarda. Veja em meu corpo todos os Prajapatis e veja os sete Rishis também. Veja também os Vedas, e todos os Sacrifícios consistindo em centenas, o Amrita (néctar), e todas as ervas e plantas (medicinais), e Penitências, e votos e observâncias de diversos tipos. Veja também em mim os oito atributos indicativos de pujança, isto é, aqueles particularmente chamados de atributos de Domínio, todos morando juntos em meu corpo em sua forma unida e incorporada. Veja também Sree e Lakshmi, e Kirti, e a Terra com sua elevação como também a deusa, Saraswati, aquela mãe dos Vedas, residindo em mim. Veja, ó Narada, Dhruva, aquele principal dos corpos luminosos percorrendo o firmamento, como também todos os Oceanos, aqueles receptáculos de água, e lagos, e rios, residindo em mim. Veja também, ó melhor dos homens, os quatro principais entre os Pitris em suas formas incorporadas, como também os três atributos (de Sattwa, Rajas, e Tamas), os quais são informes residindo em mim. As ações feitas em honra dos Pitris são superiores (em relação a mérito) àquelas feitas em honra das divindades. Eu sou o Pitri de ambos, das divindades e dos Pitris, e estou existindo desde o início (isto é, desde um tempo quando eles não existiam). Tornando-me a Cabeça Equina eu vago pelo oceano Ocidental e pelo oceano do Norte e bebo libações sacrificais devidamente despejadas com mantras e alimento sacrifical sólido oferecido com reverência e devoção. Antigamente eu criei Brahman que me adorou em sacrifícios. Satisfeito com ele por conta disso eu concedi a ele muitas bênçãos excelentes. Eu disse para ele que no início do Kalpa ele nasceria para mim como meu filho, e a soberania de todos os mundos seria concedida a ele, junto com diversos nomes outorgados a diversos objetos em consequência do começo de Ahankara à existência. (Como Brahman é para ser o filho de Narayana no começo de um Kalpa quando não há outro objeto existente móvel ou imóvel, o mesmo Brahman é para ser investido com domínio sobre todas as coisas as quais ele mesmo criaria através de Ahankara. Naturalmente, enquanto Brahman está sem Ahankara não pode haver Criação, isto é, objetos móveis ou imóveis a serem conhecidos por diferentes nomes.) Eu também disse a ele que ninguém alguma vez violaria os limites e fronteiras que ele designaria (para a observância das criaturas), e, além disso, que ele seria o concessor de benefícios para as pessoas que iriam (em sacrifícios e por meio de ações apropriadas) pedi-los a ele. Eu em seguida o assegurei que ele seria um objeto de adoração para todas as divindades e Asuras, todos os Rishis e Pitris, e as diversas criaturas que formam a criação. Eu também dei a entender a ele que eu sempre me manifestaria para executar os assuntos das divindades e que no que diz respeito àqueles assuntos eu me permitiria ser comandado por ele assim como um filho por seu pai. (Algumas pessoas acreditam que Narayana tem que se manifestar ele mesmo sempre para realizar os negócios das divindades. Essa Terra não é o único mundo onde tais manifestações são necessárias. Quanto ao objetivo das manifestações uma considerável diferença de opinião prevalece. No Gita, a própria grande divindade explica que aquele objetivo é resgatar os bons e destruir os maus.

Outros afirmam que este é somente um objetivo secundário, o primário sendo alegrar os corações dos devotos por fornecer a eles oportunidades de reverenciá-lo e louvar seus atos, e se entregar a novas alegrias por servir seus próprios adoradores.) Concedendo esses e outros benefícios muito agradáveis para Brahman de energia incomensurável por estar satisfeito com ele eu (mais uma vez) adotei a direção ditada por Nivritti. A mais elevada Nivritti é idêntica à aniquilação de todos os deveres e ações. Por isso, por adotar Nivritti alguém deve se conduzir em completa bem-aventurança. Preceptores eruditos, com convicções seguras deduzidas das verdades da filosofia Sankhya, têm falado de mim como Kapila dotado da pujança do Conhecimento, residindo dentro da refulgência de Surya (Sol), e concentrado em Yoga. (Isso não quer dizer o Sol visível, mas aquela pura fonte de refulgência a qual é inconcebível por seu brilho deslumbrante.) Nos Chcchandas (Vedas) eu tenho sido louvado repetidamente como o ilustre Hiranyagarbha. Nas escrituras Yoga, ó Brahmana, eu tenho sido citado como alguém que se deleita em Yoga. Eu sou eterno. Assumindo uma forma que é manifesta, eu moro, no momento, nos céus. No fim de mil Yugas eu mais uma vez recolherei o universo em mim mesmo. Tendo recolhido todas as criaturas móveis e imóveis em mim mesmo, eu existirei completamente só, somente com o conhecimento como meu companheiro. Depois do lapso de eras eu novamente criarei o universo, com a ajuda daquele conhecimento. Aquela que é minha quarta forma cria o indestrutível Sesha. Aquele Sesha é chamado pelo nome de Sankarshana. Sankarshana cria Pradyumna. De Pradyumna eu mesmo tomo nascimento como Aniruddha. Eu crio (a mim mesmo) repetidamente. De Aniruddha surge Brahman. O último toma nascimento do umbigo de Aniruddha. De Brahman surgem todas as criaturas móveis e imóveis. Saiba que a Criação surge dessa maneira repetidamente no início de cada Kalpa. Criação e destruição sucedem uma à outra assim como o nascer e o pôr do sol neste mundo. Então, também, como o Tempo, dotado de energia incomensurável, forçosamente traz de volta o Sol depois de seu desaparecimento, da mesma maneira eu irei, assumindo a forma de javali e empregando minha força, trazer de volta a Terra com sua faixa de mares para sua própria posição para o bem de todas as criaturas quando ela ficar submersa em água. Eu então matarei o filho de Diti, chamado Hiranyaksha, cheio com orgulho de força. (A grande divindade faz essas ações no início de cada Kalpa quando ele recria a Terra. Todos os ciclos ou Kalpas são similares em relação aos incidentes que ocorrem neles.) Assumindo então a forma de um Homem-Leão (Narsingha), eu irei, para beneficiar as divindades, matar Hiranyakasipu o filho de Diti, que será um grande destruidor de sacrifícios. Para Virochana (o filho de Prahlada) nascerá um poderoso filho de nome Vali. Aquele grande Asura não poderá ser morto em todo o universo consistindo em divindades, Asuras e Rakshasas. Ele tirará Sakra da soberania do universo. Quando depois de derrotar o Senhor de Sachi, aquele Asura pegar para si mesmo a soberania dos três mundos, eu tomarei nascimento no útero de Aditi, por meio de Kasyapa, como o décimo segundo Aditya. Eu irei (tomando a soberania dos três mundos de Vali) devolvê-la para Indra de esplendor incomensurável, e recolocar as divindades, ó Narada, em suas respectivas posições. Com relação a Vali, aquele principal dos Danavas, que não poderá ser morto por todas as divindades, eu o farei habitar nas regiões inferiores. Na era Treta eu tomarei

nascimento como Rama na linhagem de Bhrigu, e exterminarei os Kshatriyas que vão se tornar orgulhosos de sua força e posses. Perto do fim de Treta e do início de Dwapara, eu tomarei nascimento como Rama, o filho de Dasaratha na linha real de Iskshaku. Naquele tempo, os dois Rishis, isto é, os dois filhos de Prajapati chamados pelos nomes de Ekata e Dwita, por causa da injúria feita por eles para seu irmão Trita, terão que tomar nascimento como macacos, perdendo a beleza da forma humana. Aqueles macacos que nascerão na raça de Ekata e Dwita se tornarão dotados de grande força e energia imensa e se igualarão ao próprio Sakra em destreza. Todos aqueles macacos, ó regenerado, se tornarão meus aliados para executarmos os assuntos das divindades. Eu então matarei o terrível senhor dos Rakshasas, aquele vilão da linhagem de Pulastya, isto é, o feroz Ravana, aquela autoridade real de todos os mundos, junto com seus filhos e seguidores. Perto do fim de Dwapara e do início da era Kali, eu novamente aparecerei no mundo tomando nascimento na cidade de Mathura para o propósito de matar Kansa. Então, depois de matar inúmeros Danavas que serão uma fonte de incômodo para as divindades, eu tomarei minha residência em Kusasthali na cidade de Dwaraka. Enquanto residindo naquela cidade eu matarei o Asura Naraka, o filho da Terra, aquele que fará uma injúria para Aditi, como também alguns outros Danavas dos nomes de Muru e Pitha. Matando também outro principal dos Danavas, isto é, o senhor de Pragjyotisha, eu transplantarei sua cidade encantadora equipada com diversos tipos de riqueza para Dwaraka. Eu então subjugarei os dois deuses adorados de todas as divindades, isto é, Maheshwara (Mahadeva ou Siva) e Mahasena (Kartikeya, o generalíssimo das forças celestes), que se tornarão amigos do Danava Vana e farão para ele diversos bons préstimos e que se esforçarão vigorosamente por aquele devoto deles. Derrotando em seguida o filho do Danava Vali, isto é, Vana, que será dotado de mil braços, eu em seguida destruirei todos os habitantes da cidade Danava chamada Saubha. (Vana, o filho de Vali, era um devoto de Mahadeva. A filha de Mina, Usha, se apaixonou pelo neto de Krishna, Aniruddha. Aniruddha foi encarcerado por Vana. Foi para resgatar Aniruddha que Krishna lutou com Vana, depois de ter derrotado Mahadeva e Kartikeya. Os mil e um braços de Vana, menos dois, foram cortados por Krishna. Saubha era o nome de uma cidade voadora dos Danavas. Krishna derrubou aquela cidade no oceano, tendo matado todos os seus habitantes Danavas.) Eu irei em seguida, ó principal dos Brahmanas, empreender a morte de Kalayavana, um Danava que será dotado de grande poder por ele estar equipado com a energia de Gargya. (Perseguido pelo Danava, Krishna se refugiou em uma caverna de montanha na qual um rei do Satya Yuga estava deitado dormindo. Entrando na caverna, Krishna ficou na cabeceira do rei adormecido. O Danava, entrando na caverna depois de Krishna, encontrou o rei adormecido e o despertou. Logo que o rei olhou para o Danava, o último foi reduzido a cinzas, pois os deuses tinham dado uma bênção para o rei que aquele que o despertasse seria consumido por um olhar dele.) Um Asura orgulhoso aparecerá como um rei em Girivraja, de nome Jarasandha, que disputará com todos os outros reis do mundo. Sua morte será realizada por mim através de outro alguém guiado por minha inteligência. Eu em seguida matarei Sisupala no sacrifício do rei Yudhishthira, o filho de Dharma, ao qual sacrifício todos os reis do mundo levarão tributo. Em algumas dessas façanhas, somente

Arjuna, o filho de Vasava, se tornará meu assistente. Eu estabelecerei Yudhishthira com todos os seus irmãos em seu reino ancestral. As pessoas me chamarão e Arjuna como Narayana e Nara, quando, dotados de pujança, nós dois, exercendo nossa força, consumirmos um grande número de Kshatriyas, para fazer bem para o mundo. Tendo aliviado a carga da Terra segundo nossa vontade, eu absorverei todos os principais Sattwatas como também Dwaraka, minha cidade predileta, em meu próprio eu, reunindo meu Conhecimento universal. Dotado de quatro formas, eu irei, dessa maneira, realizar muitas façanhas de grande destreza, e alcançarei finalmente aquelas regiões de felicidade criadas por mim e honradas por todos os Brahmanas. Aparecendo nas formas de um cisne, uma tartaruga, um peixe, ó principal dos regenerados, eu irei então me manifestar como um javali, então como um Homem-leão (Nrisingha), então como um anão, então como Rama da linhagem de Bhrigu, então como Rama, o filho de Dasaratha, então como Krishna o descendente da linhagem Sattwata, e por fim como Kalki. Quando as audições nos Vedas desapareceram do mundo, eu as trouxe de volta. Os Vedas com as audições neles foram recriados por mim na era Krita. Eles mais uma vez desapareceram ou podem ser só parcialmente ouvidos aqui e ali nos Puranas. Muitos dos meus melhores aparecimentos no mundo também se tornaram eventos do passado. Tendo realizado o bem dos mundos naquelas formas nas quais eu apareço, elas têm reentrado em minha própria Prakriti. O próprio Brahman (o Criador) nunca obteve uma visão de mim nesta minha forma, a qual tu, ó Narada, viste hoje por tua total devoção a mim. Eu agora disse tudo, ó Brahmana, para ti que és totalmente devotado a mim, eu te revelei meus aparecimentos antigos e futuros também, ó melhor dos homens, junto com todos os seus mistérios.'

"Bhishma continuou, 'A divindade santa e ilustre, de forma universal e imutável, tendo dito estas palavras para Narada, desapareceu imediatamente. Narada também, dotado de grande energia, tendo obtido o grande favor que ele tinha solicitado, então procedeu com grande velocidade para o retiro chamado Vadari, para ver Nara e Narayana. Este grande Upanishad, perfeitamente consistente com os quatro Vedas, em harmonia com Sankhya-Yoga, e chamado por ele pelo nome de escrituras Pancharatra, e contado pelo próprio Narayana com sua própria boca, foi repetido por Narada na presença de muitos ouvintes na residência de Brahman (seu pai) exatamente da mesma maneira na qual Narayana (quando aquele grande deus tinha se mostrado para ele) o tinha contado, e na qual ele o tinha ouvido de seus próprios lábios.'"

"Yudhishthira disse, 'Brahman, o Criador de todas as coisas, não era familiarizado com esta narrativa extraordinária da glória de Narayana dotado de inteligência que ele a ouviu dos lábios de Narada? O ilustre Avô de todos os mundos é de algum modo diferente ou inferior ao grande Narayana? Como então é que ele não conhecia a pujança de Narayana de energia incomensurável?'"

"Bhishma continuou, 'Centenas e milhares de grandes Kalpas, centenas e milhares de Criações e Dissoluções, ó rei de reis, acabaram e se tornaram incidentes do passado. (A idéia de Eternidade sem algum início e fim concebíveis era tão completamente concebida pelos sábios Hindus que a supremacia do

próprio Céu era para eles o assunto de um momento. Nada menos do que bem-aventurança imutável por todos os tempos era o objetivo que eles buscavam. Todas as outras coisas e estados sendo mutáveis, e somente Brahman sendo imutável, o que eles procuravam era uma identificação com Brahma. Tal identificação com a Alma Suprema era a Emancipação que eles buscavam. Nenhuma outra religião jamais foi capaz de pregar semelhante ideal sublime. A preocupação do Hindu é com a Eternidade. Ele considera sua existência aqui como tendo somente a duração da milionésima parte de um momento. Como impedir renascimento e obter uma identificação com a Alma Suprema é o objetivo de sua busca.) No início de cada ciclo de Criação, Brahman, dotado de grande pujança e que cria todas as coisas, é lembrado (por Narayana). Brahman sabe bem, ó rei, que Narayana, aquele principal de todos os deuses, é muitíssimo superior a ele. Ele sabe que Narayana é a Alma Suprema, que Ele é o Senhor Supremo, que Ele é o Criador do próprio Brahman. Foi somente para aquele conclave de Rishis, coroados com sucesso ascético, que foi à residência de Brahman, que Narada recitou sua narrativa a qual é muito antiga, e que é perfeitamente consistente com os Vedas. A divindade Surya, tendo ouvido aquela narrativa daqueles Rishis coroados com êxito ascético, a repetiu para os sessenta e seis milhares de Rishis, ó rei, de almas purificadas, que seguiam em sua comitiva. E Surya, a divindade que dá calor para todos os mundos, repetiu aquela narrativa para aqueles Seres também, de almas purificadas, que foram criados (por Brahma) para sempre viajarem na dianteira de Surya. Os Rishis de grande alma que seguem na comitiva de Surya, ó filho, repetiram aquela narrativa excelente para as divindades reunidas no leito de Meru. Aquele melhor dos ascetas, isto é, o regenerado Asita, então tendo ouvido a narrativa das divindades, a repetiu para os Pitris, ó rei de reis. Eu a ouvi do meu pai Santanu, ó filho, que a contou para mim antigamente. Eu mesmo tendo-a ouvido do meu pai, eu a repeti para ti, ó Bharata. Divindades e Munis que ouviram esta antiga narrativa excelente, a qual é um Purana, todos adoram a Alma Suprema. Esta narrativa, pertencente aos Rishis e transmitida de um para outro, não deve, ó rei, ser comunicada por ti para alguém que não é um devoto de Vasudeva. Esta narrativa, ó rei, é realmente a essência das centenas de outras narrativas que tu ouviste de mim. Antigamente, ó monarca, as divindades e os Asuras, se unindo, bateram o Oceano e acharam o Amrita. Da mesma maneira, os Brahmanas, se unindo antigamente, bateram todas as escrituras e criaram esta narrativa que parece néctar. Aquele que lê frequentemente esta narrativa, e aquele frequentemente a escuta com atenção concentrada, em um local retirado, e cheio de devoção, consegue se tornar um habitante, possuidor de cor lunar, da ilha espaçosa conhecida pelo nome de Ilha Branca. Sem dúvida, tal homem consegue entrar em Narayana de mil raios. Uma pessoa doente, por escutar esta narrativa desde o início, fica livre de sua doença. O homem que simplesmente deseja ler ou escutar esta narrativa obtém a realização de todos os seus desejos. O adorador devotado, por ler ou por escutar a ela, alcança o fim que está reservado para adoradores devotados. Tu também, ó monarca, deves sempre cultuar e adorar aquele principal de todos os Seres. Ele é o pai e a mãe de todas as criaturas, e Ele é um objeto de reverência para o universo inteiro. Que o Deus ilustre e Eterno dos

Brahmans, isto é, Janarddana de inteligência sublime, fique satisfeito contigo, ó Yudhishthira de braços poderosos!'"

Vaisampayana continuou, "Tendo escutado a melhor das narrativas, ó Janamejaya, o rei Yudhishthira o justo, e todos os seus irmãos, se tornaram devotados a Narayana. E todos eles, ó Bharata, dirigindo-se à prática de meditação silenciosa a respeito de Narayana (daquele dia em diante), proferiram estas palavras para Sua glorificação, 'Vitória para aquele Ser santo e ilustre.' Ele, também, que é nosso melhor dos preceptores, isto é, o Krishna Nascido na Ilha, dedicado a penitências, cantou proferindo a palavra Narayana aquele mantra sublime que é digno de ser recitado em silêncio. Viajando pelo firmamento para o Oceano de Leite que é sempre a residência do néctar, e cultuando o grande Deus lá, ele voltou para seu próprio eremitério.'"

"Bhishma continuou, 'Eu agora repeti para ti a narrativa que foi contada por Narada (para o conclave de Rishis reunidos na residência de Brahman). Aquela narrativa tem passado de uma pessoa para outra desde tempos muito antigos. Eu a ouvi do meu pai que antigamente a repetiu para mim.'"

Suta continuou, "Eu agora disse a vocês tudo o que Vaisampayana narrou para Janamejaya. Tendo escutado a narração de Vaisampayana, o rei Janamejaya cumpriu devidamente todos os seus deveres segundo as ordenanças prescritas nas escrituras. Vocês todos têm passado por penitências muito severas e observado muitos votos superiores e excelentes. Residindo nessa floresta sagrada que é conhecida pelo nome de Naimisha, vocês são as principais de todas as pessoas conhecedoras dos Vedas. Ó principais dos regenerados, vocês todos vieram a este grande sacrifício de Saunaka. Todos vocês cultuem e adorem aquele Senhor Eterno e Supremo do universo em sacrifícios excelentes, despejando apropriadamente libações de manteiga clarificada no fogo com a ajuda de mantras e oferecendo as mesmas para Narayana. Em relação a mim mesmo, eu ouvi esta narrativa excelente que tem passado de geração para geração, do meu pai que a contou para mim nos tempos passados."

341

Saunaka disse, "Como aquele deus ilustre, isto é, o pujante Narayana, que conhece totalmente os Vedas e seus ramos, é ao mesmo tempo o fazedor e o desfrutador de sacrifícios? Dotado de clemência, ele tem adotado, também, a religião de Nivritti (abstenção). De fato, é aquele mesmo santo e pujante que tem ordenado os deveres de Nivritti. Por que então ele fez muitas das divindades as recebedoras de partes em sacrifícios os quais, naturalmente, são todos devido à disposição de Pravritti? Por que ele também criou alguns com uma disposição contrária, em lugar de eles seguirem as ordenanças da religião de abstenção? Ó Suta, dissipe esta nossa dúvida. Esta dúvida parece ser eterna e está relacionada com um grande mistério. Tu ouviste todos os discursos sobre Narayana, discursos que são consistentes com as (outras) escrituras.'"

Sauti disse, “Ó Saunaka excelente, eu narrarei para ti o que Vaisampayana, o discípulo do inteligente Vyasa, disse quando questionado sobre esses mesmos tópicos pelo rei Janamejaya. Tendo ouvido o discurso sobre a glória de Narayana que é a Alma de todas as criaturas incorporadas, Janamejaya, dotado de grande inteligência e sabedoria, questionou Vaisampayana sobre esses mesmos assuntos.

Janamejaya disse, "O mundo inteiro de Seres, com Brahma, as divindades, os Asuras e seres humanos, é visto estar profundamente ligado às ações que têm sido citadas como produtivas de prosperidade. A Emancipação, ó regenerado, foi citada por ti como sendo a maior bem-aventurança e consiste na cessação de existência. Aqueles que, sendo desprovidos de mérito e demérito, se tornam emancipados, conseguem, nós ouvimos, entrar no grande Deus de mil raios. Parece, ó Brahmana, que a religião eterna de Emancipação é de observância extremamente difícil. Desviando-se dela, todas as divindades se tornaram desfrutadoras das libações de manteiga clarificada despejadas com mantras em fogos sacrificais e outras oferendas apresentadas para eles pelos mesmos meios ou similares. Então, também, Brahman, e Rudra, o pujante Sakra, o matador de Vala, Surya, Chandramas (o Senhor das estrelas), o Deus do vento, a Divindade do Fogo, a Divindade das Águas, o Espaço Infinito (como Ser vivo), o Universo também (como um agente consciente), e o restante dos habitantes do céu, eles, parece, são ignorantes do caminho de assegurar aniquilação da existência consciente, que é capaz de ser ocasionada pela auto-realização. (O que o rei diz aqui é, 'Se a religião de Nivritti é tão superior por causa de seu fim superior, por que é que as divindades que são todas superiores a nós não a adotaram? Elas eram ignorantes do método pelo qual a Emancipação é obtenível? Elas eram ignorantes dos meios pelos quais obter cessação de existência?) Por isso, talvez, elas não se dirigiram para o caminho que é certo, indestrutível, e imutável. Por isso, talvez, se desviando daquele caminho eles têm adotado a religião de Pravritti, que leva à existência consciente que é medida pelo tempo. Este, de fato, é um grande erro que se vincula àqueles que são apegados às ações, pois todas as suas recompensas são finitas. Essa dúvida, ó regenerado, está cravada em meu coração como um punhal. Remova-a por narrar para mim alguns discursos antigos sobre este tópico. Grande é minha curiosidade para te escutar. Por qual razão, ó regenerado, as divindades têm sido citadas como sendo recebedoras de suas respectivas partes das oferendas sacrificais feitas a elas com a ajuda de mantras em sacrifícios de diversos tipos? Por que também os habitantes do céu são adorados em sacrifícios? E, ó melhor das pessoas regeneradas, para quem eles, que pegam suas partes das oferendas em sacrifícios realizados para sua honra, fazem oferendas quando eles realizam grandes sacrifícios?"

Vaisampayana disse, "A pergunta que tu me fizeste, ó soberano de homens, se relaciona a um mistério profundo. Nenhum homem que não tenha passado por penitências, e que não conheça os Puranas, pode respondê-la rapidamente. Eu irei, no entanto, te responder por contar para ti o que meu preceptor, o Krishna Nascido na Ilha, também chamado Vyasa, o grande Rishi que tem classificado os Vedas, nos disse em uma ocasião antiga quando questionado por nós. Sumanta,

e Jaimini, e Paila de votos firmes, e eu mesmo numerando o quarto, e Suka formando o quinto, éramos discípulos do ilustre Vyasa. Nós totalizando cinco ao todo, dotados de autodomínio e pureza de observâncias, tínhamos subjugado completamente a ira e controlado nossos sentidos. Nosso preceptor costumava nos ensinar os Vedas, tendo o Mahabharata como seu quinto. Uma vez, enquanto nós estávamos empenhados em estudar os Vedas no leito daquela principal das montanhas, a encantadora Meru, habitada por Siddhas e Charanas, surgiu em nossas mentes essa mesma dúvida que foi expressada por ti hoje. Nós, portanto, questionamos nosso preceptor sobre isto. Eu ouvi a resposta que nosso preceptor deu. Eu agora narrarei aquela resposta para ti, ó Bharata. Ouvindo aquelas palavras que foram endereçadas a ele por seus discípulos, aquele dissipador de todos os tipos de escuridão representada por ignorância, isto é, o abençoado Vyasa, o filho de Parasara, disse estas palavras: 'Tendo praticado penitências muito severas, realmente, as mais austeras das penitências, ó melhores dos homens, eu conheço totalmente o Passado, o Presente, e o Futuro. Em consequência daquelas minhas penitências e da restrição sob a qual eu mantive meus sentidos enquanto eu morei nas margens do Oceano de leite, Narayana ficou satisfeito comigo. Como o resultado da satisfação do grande Deus, essa onisciência com relação ao Passado, ao Presente, e ao Futuro, que era desejada por mim, surgiu em minha mente. Ouçam-me agora enquanto eu falo a vocês, na devida ordem, sobre esta grande dúvida que tem perturbado suas mentes. Eu tenho visto, com a visão do conhecimento, tudo o que ocorreu no início do Kalpa. Ele a quem ambos, os Sankhyas e aqueles familiarizados com Yoga, chamam pelo nome de Paramatma (a Alma Suprema) vem a ser considerado como Mahapurusha (o Grande Purusha) por suas próprias ações. Dele surge Abyakta (o Imanifesto), a quem os eruditos chamam de Pradhana. Do Imanifesto pujante surgiu, para a criação de todos os mundos, o Manifesto (Byakta). Ele é chamado de Aniruddha. Aquele Aniruddha é conhecido entre todas as criaturas pelo nome de Mahat Atma. É aquele Aniruddha que, tornando-se manifesto, criou o Avô Brahman. Aniruddha é conhecido por outro nome, isto é, Ahankara (consciência) e é dotado de todo tipo de energia. Terra, Vento, Espaço, Água, e Luz numerando o quinto, são os cinco Mahabhutas (elementos) que surgiram de Ahankara. Tendo criado os Mahabhutas (cinco em número), ele então criou seus atributos. (Isto é, os atributos de visão para Luz, gosto para Água, som para Espaço, toque para Vento, e cheiro para Terra.) Combinando os Mahabhutas, ele então criou diversos Seres incorporados. Ouçam-me enquanto eu os relato para vocês. Marichi, Angiras, Atri, Pulastya, Pulaha, Kratu, Vasishtha de grande alma, e o Manu auto-nascido, devem ser conhecidos como os oito Prakritis. Destes dependem todos os mundos. Então o Avô de todo mundo, Brahman, criou, para a realização de todas as criaturas, os Vedas com todos os seus ramos, como também os Sacrifícios com seus membros. Daqueles oito Prakritis tem surgido este universo vasto. Então surgiu Rudra do princípio da ira; passando a existir, ele criou dez outros que eram como ele. Estes onze Rudras são chamados pelo nome de Vikara-Purushas. Os Rudras, os (oito) Prakritis, e os vários Rishis celestes, tendo começado a viver, se aproximaram de Brahman com o objetivo de manter o universo e suas operações. Dirigindo-se ao Avô eles disseram, 'Nós fomos criados, ó santo, por ti, ó tu de grande pujança. Diga a cada um de nós, ó Avô, as respectivas jurisdições

com as quais nós seremos investidos. Quais jurisdições específicas foram criadas por ti para supervisionar os diferentes assuntos? Cada um de nós deve ser dotado de que tipo de consciência e tomará conta de qual destas? Ordene também para cada um de nós a medida de força que nós devemos ter para cumprir os deveres de nossas respectivas jurisdições.' Assim endereçado por eles, o grande deus respondeu para eles da seguinte maneira."

"Brahman disse, 'Vocês fizeram bem, ó divindades, em me falarem sobre essa questão. Abençoados sejam todos vocês! Eu estava pensando neste mesmo assunto que tem chamado sua atenção. Como os três mundos devem ser sustentados e mantidos? Como sua força e a minha devem ser utilizadas para aquele fim? Que todos nós, deixando este lugar, nos dirijamos até aquele imanifesto e principal dos Seres que é a testemunha do mundo, para procurar sua proteção. Ele nos dirá o que é para o nosso bem.' Depois disso, aquelas divindades e Rishis, com Brahman, procederam até as margens do norte do Oceano de leite, desejosos de fazer o bem para os três mundos. Chegando lá, eles começaram a praticar aquelas penitências rígidas que são declaradas por Brahman nos Vedas. Aquelas mais austeras das penitências são conhecidas pelo nome de Mahaniyama (os principais votos e observâncias). Eles permaneceram lá com mente estável, imóveis como pilares de madeira, com olhos virados para cima e braços erguidos. Por mil anos celestes eles ficaram engajados naquelas penitências ascéticas. Na conclusão daquele período eles ouviram estas palavras agradáveis em harmonia com os Vedas e seus ramos."

"'O abençoado e santo disse, 'Ó divindades e Rishis possuidores de riqueza de ascetismo, com Brahman em sua companhia, depois das adequadas boas-vindas a vocês todos, eu digo a vocês estas palavras. Eu sei o que está em seus corações. Na verdade, os pensamentos que ocupam vocês são para o bem dos três mundos. Eu aumentarei sua energia e força investindo as mesmas com Pravritti (predileção por ações). Ó deuses, vocês têm praticado bem essas penitências pelo desejo de me adorar. Ó principais dos Seres, desfrutem agora os frutos excelentes das austeridades que vocês têm praticado. Este Brahman é o Senhor de todos os mundos. Dotado de pujança, ele é o Avô de todas as criaturas. Vocês também são as principais das divindades. Vocês todos, com mentes concentradas, realizem sacrifícios para minha glória. Nos sacrifícios que vocês realizarão, sempre me dêem uma parte das oferendas sacrificais. Eu irei então, ó senhores da criação, designar para cada um de vocês suas respectivas jurisdições e ordenarei o que será para o seu bem!'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras daquele Deus dos deuses, todas aquelas divindades e grandes Rishis e Brahman se encheram de tal alegria que os pêlos de seus corpos se arrepiaram. Eles em seguida fizeram arranjos para um sacrifício em honra de Vishnu segundo as ordenanças prescritas nos Vedas. Naquele sacrifício, o próprio Brahman ofereceu uma parte das oferendas para Vishnu. As divindades e os Rishis celestes também, do mesmo modo que Brahman, ofereceram porções similares para o grande Deus. As porções, assim oferecidas com grande reverência para Vishnu, em relação à medida e à qualidade dos artigos usados, estavam de acordo com as ordenanças prescritas

para a era Krita. As divindades e os Rishis e Brahman, naquele sacrifício, adoraram o grande Deus como alguém dotado da cor do Sol, como o principal dos Seres, situado além do alcance de Tamas, vasto, permeando todas as coisas, o Senhor Supremo de tudo, o concessor de bênçãos, e possuidor de pujança. Assim adorado por eles, o dador de benefícios e grande Deus, invisível e incorpóreo, dirigiu-se do céu àqueles celestiais reunidos e disse a eles: 'Todas as oferendas dedicadas por vocês nesse sacrifício chegaram a mim. Eu estou satisfeito com todos vocês. Eu lhes darei recompensas que, no entanto, serão repletas de fins de onde haverá retorno. Este será seu aspecto distintivo, ó deuses, deste dia em diante, por minha graça e bondade por vocês. Realizando sacrifícios em todo Yuga, com grandes doações, vocês se tornarão os desfrutadores dos frutos nascidos de Pravritti. Ó deuses, aqueles homens também que realizarão sacrifícios segundo as ordenanças dos Vedas, darão para todos vocês partes de suas oferendas sacrificais. Nos Veda-sutras eu faço ele o recebedor (em tais sacrifícios) de uma parte similar àquela que ele mesmo ofereceu naquele sacrifício. Criados para cuidarem daqueles assuntos que pertencem às suas respectivas jurisdições, sustentem os mundos segundo as medidas de sua força como dependente das partes que vocês recebem naqueles sacrifícios. De fato, retirando força daqueles ritos e observâncias que serão generalizados nos vários mundos, tendo sua origem dos frutos de Pravritti (isto é, tendo sua origem em seu desejo por tais frutos que pertencem à religião de Pravritti ou ações), continuem a apoiar os assuntos daqueles mundos. Fortalecidos pelos sacrifícios que serão realizados pelos homens, vocês me fortalecerão. Estes são os pensamentos que eu nutro para vocês todos. É para este propósito que eu criei os Vedas e sacrifícios e plantas e ervas. Devidamente servidas com estes pelos seres humanos sobre a Terra, as divindades serão satisfeitas. Ó principais das divindades, até o fim desse Kalpa eu ordenei sua criação, fazendo sua constituição depender da consequência da religião de Pravritti. Ó principais dos Seres, então, com relação às suas respectivas jurisdições, se empenhem em procurar o bem dos três mundos. Marichi, Angiras, Atri, Pulastya, Pulaha, Kratu, e Vasishtha, estes sete Rishis foram criados por um decreto da vontade. Eles se tornarão as principais das pessoas conhecedoras dos Vedas. Realmente, eles se tornarão os preceptores dos Vedas. Eles serão devotados à religião de Pravritti, pois eles foram planejados para se dedicarem à ação de procriar descendência. Este é o caminho eterno que eu revelo das criaturas dedicadas às ações e observâncias. O Senhor pujante que é encarregado da criação de todos os mundos é chamado de Aniruddha. Sana, Sanatsujata, Sanaka, Sanandana, Sanatkumara, Kapila, e Sanatana numerando o sétimo, estes sete Rishis são conhecidos como os filhos espirituais de Brahman. Seu conhecimento vem a eles por si mesmo (sem ser dependente de estudo ou esforço). Estes sete são devotados à religião de Nivritti. Eles são as principais de todas as pessoas conhecedoras de Yoga. Eles possuem também conhecimento profundo da filosofia Sankhya. Eles são preceptores das escrituras sobre dever e são eles que introduzem os deveres da religião de Nivritti e os fazem fluir nos mundos. Do Imanifesto (Prakriti) fluiu a Consciência e os três grandes atributos (de Sattwa, Rajas, e Tamas). Transcendendo Prakriti está ele chamado Kshetrajna. Aquele Kshetrajna sou eu mesmo. O caminho daqueles que são dedicados ao Karma que

emerge de Ahankara é repleto de retorno. Por aquele caminho alguém não pode alcançar aquele local de onde não há retorno. Diferentes criaturas são criadas com diferentes fins. Algumas estão destinadas ao caminho de Pravritti e algumas àquele de Nivritti. De acordo com o caminho que uma criatura segue é a recompensa que ela desfruta. (Alguém que segue o caminho de Pravritti não pode esperar chegar ao local de onde não há retorno. É pelo caminho de Nivritti que aquele local pode ser alcançado. O caminho de Pravritti é sempre repleto de retorno. Alguém pode se tornar, por andar por aquele caminho, o próprio chefe dos celestiais, mas aquela posição não é eterna, já que desde o início (se um início pode ser concebido), milhões e milhões de Indras têm se erguido e caído.) Este Brahman é o mestre de todos os mundos. Dotado de pujança é ele que cria o universo. Ele é sua mãe e pai, e ele é seu avô. Por minha ordem, ele será o concessor de bênçãos para todas as criaturas. Seu filho Rudra, que surgiu da sua fronte por sua ordem, dotado de pujança, sustentará todos os seres criados. Vão para suas respectivas jurisdições, e procurem, segundo as ordenanças, o bem dos mundos. Que todas as ações escriturais fluam em todos os mundos. Que não haja demora nisto. Ó principais dos celestiais, ordenem as ações de todas as criaturas e os fins que elas devem alcançar consequentemente. Estabeleçam também os limites dos períodos pelos quais todas as criaturas devem viver. Esta época vigente é a principal de todas as épocas e deve ser conhecida pelo nome de Krita. Neste Yuga as criaturas vivas não devem ser mortas nos sacrifícios que possam ser realizados. Isto deve ser como eu ordeno e que não seja de outra maneira. Nesta era, ó celestiais, a Justiça florescerá em sua totalidade. (Literalmente, com seus quatro quartos completos.) Depois dessa era virá aquela época chamada Treta. Os Vedas, naquele Yuga, perderão um quarto. Somente três deles existirão. Nos sacrifícios que serão realizados naquela era, animais, depois de oferecimento com a ajuda de mantras sagrados, serão mortos. Com relação à Justiça também, ela perderá um quarto; somente três quartos dela vão florescer. No término do Treta virá aquele Yuga misturado conhecido pelo nome de Dwapara. Naquele Yuga, a Justiça perderá dois quartos e somente dois quartos dela irão florescer. Após o término de Dwapara o Yuga que começará será chamado de Kali yuga, o qual virá sob a influência da constelação Tisya. A Justiça perderá três quartos completos. Somente um quarto dela existirá em todos os lugares."

"Quando o grande Deus disse estas palavras, as divindades e os Rishis celestes se dirigiram a ele e disseram, 'Se somente uma quarta parte de Justiça é para existir naquela era em todos os lugares, nos diga, ó santo, para onde nós devemos ir então e o que nós faremos!'"

"O abençoado e santo disse, 'Ó principais dos celestiais, vocês deverão ir, naquela era, para tais lugares onde os Vedas e sacrifícios e Penitências e Verdade e Autodomínio, acompanhados por deveres repletos de compaixão por todas as criaturas, ainda continuarem a florescer. O pecado nunca será capaz de tocar vocês em absoluto!'"

"'Vyasa continuou, 'Assim comandados pelo grande Deus, as divindades com todos os Rishis inclinaram suas cabeças para ele e então procederam para os lugares que eles desejavam. Depois que os Rishis e habitantes do céu tinham

deixado aquele lugar, Brahman permaneceu lá, desejoso de ver a grande Divindade eminente na forma de Aniruddha. A principal das divindades então se manifestou para Brahman, tendo assumido uma forma que tinha uma vasta cabeça equina. Carregando uma tigela (Kamandalu) e o bastão triplo, ele se manifestou perante Brahman, recitando os Vedas com todos os seus ramos. Vendo a grande Divindade de energia incomensurável naquela forma coroada com uma cabeça equina, o pujante Brahman, o Criador de todos os mundos, movido pelo desejo de fazer o bem para sua Criação, adorou aquele Senhor concessor de benefícios com uma inclinação de sua cabeça, e permaneceu diante dele com mãos unidas em reverência. A grande Divindade abraçou Brahman e então disse a ele estas palavras.'"

"O santo disse, 'Ó Brahman, pense devidamente nas direções de ações que as criaturas devem seguir. Tu és o grande ordenador de todos os seres criados. Tu és o mestre e o senhor do universo. Colocando esta responsabilidade sobre ti eu logo estarei livre de ansiedade. Em tais tempos, entretanto, quando for difícil para ti realizares os propósitos das divindades, eu irei então aparecer em formas encarnadas conforme meu autoconhecimento.' Tendo dito estas palavras, aquela forma grandiosa com a cabeça equina desapareceu imediatamente. Tendo recebido sua ordem, Brahman também procedeu rapidamente para sua própria região. É por isso, ó abençoado, que a Divindade eterna, com o lótus em seu umbigo, se tornou o aceitante da primeira parte oferecida em sacrifícios e por isso é que Ele veio a ser chamado como o sustentador eterno de todos os Sacrifícios. Ele mesmo adotou a religião de Nivritti, o fim pelo qual se esforçam aquelas criaturas que desejam frutos indestrutíveis. Ele ordenou ao mesmo tempo a religião de Pravritti para outros, com a intenção de dar variedade ao universo. Ele é o início, Ele é o meio, e Ele é o fim de todos os seres criados. Ele é seu Criador e Ele é seu único objeto de meditação. Ele é o ator e Ele é o ato. Tendo recolhido o universo em Si Mesmo no fim do Yuga, Ele vai dormir, e, despertando no começo de outro Yuga, Ele mais uma vez cria o universo. Todos vocês reverenciem aquele Ser ilustre que possui uma grande alma e que transcende os três atributos, que é não nascido, cuja forma é o universo, e que é a residência ou refúgio de todos os habitantes do céu. Reverenciem Ele que é o Senhor Supremo de todas as criaturas, que é o Senhor dos Adityas, e dos Vasus também. Curvem-se a Ele que é o Senhor dos Aswins, e o Senhor dos Maruts, que é o senhor de todos os Sacrifícios ordenados nos Vedas, e o Senhor dos Vedangas. Reverenciem Ele que sempre reside no Oceano, e que é chamado de Hari, e cujo cabelo é como as folhas da erva Munja. Reverenciem Ele que é Paz e Tranquilidade, e que comunica a religião de Moksha para todas as criaturas. Reverenciem Ele que é o Senhor das Penitências, de todos os tipos de energia, e da Fama, que é sempre o Senhor da Fala e o Senhor de todos os Rios também. Reverenciem Ele que é chamado de Kaparddin (Rudra), que é o Grande Javali, que é Unicórnio, e que é possuidor de grande inteligência, que é o Sol, que assumiu a forma bem conhecida com a cabeça equina; e que está sempre manifestado em uma forma quádrupla. Reverenciem Ele que é não revelado, que só pode ser percebido pelo conhecimento, que é indestrutível e destrutível. A Divindade suprema, que é imutável, permeia todas as coisas. Ele é o Senhor

Supremo que pode ser conhecido somente com a ajuda do olho do conhecimento. Foi assim que, ajudado pelo olho do Conhecimento, eu vi antigamente aquela principal das divindades. Questionado por vocês, eu lhes disse tudo em detalhes, ó discípulos, e ajam de acordo com minhas palavras e sirvam respeitosamente o Senhor Supremo chamado Hari. Cantem Seus louvores em palavras Védicas e adorem e cultuem a Ele também de acordo com os ritos devidos!'"

Vaisampayana continuou, "Foi dessa maneira que o organizador dos Vedas, dotado de grande inteligência, discursou para nós, questionado por nós naquela ocasião. Seu filho, o altamente justo Suka, e todos os seus discípulos (nós) o escutamos enquanto ele proferia aquele discurso. Nosso preceptor, conosco, ó rei, então adorou a grande Divindade com Richs tirados dos quatro Vedas. Eu assim te disse tudo sobre o que tu me perguntaste. Foi assim, ó rei, que nosso preceptor Nascido na Ilha discursou para nós. Aquele que, tendo proferido as palavras: 'Eu reverencio o Senhor divino', ouve frequentemente, com atenção concentrada, a este discurso ou o lê ou narra para outros, vem a ser dotado de inteligência e saúde, e possuidor de beleza e força. Se doente, ele fica livre daquela doença, se atado, livre de seus grilhões. O homem que nutre desejos obtêm (por isto) a realização de todos os seus desejos, e obtém facilmente uma vida longa também. Um Brahmana, por fazer isso, vem a ser conhecedor de todos os Vedas, e um Kshatriya vem a ser coroado com êxito. Um Vaisya, por fazer isso, faz lucros consideráveis, e um Sudra obtém grande felicidade. Um homem sem filhos obtém um filho. Uma donzela obtém um marido desejável. Uma mulher que concebeu dá à luz um filho. Uma mulher estéril concebe e consegue fartura de filhos e netos. Aquele que recita este discurso no caminho consegue passar felizmente e sem obstáculos de qualquer tipo por seu caminho. Realmente, alguém alcança quaisquer objetivos que ele nutra, se ele lê ou recita esta narrativa. Ouvindo estas palavras do grande Rishi, repletas de certeza de conclusão, e incorporando uma narração dos atributos daquele de grande alma que é o principal de todos os seres, ouvindo esta narrativa do grande conclave de Rishis e outros habitantes do céu, homens que são devotados à Divindade suprema derivam grande felicidade.'"

342

Janamejaya disse, "Ó santo, cabe a ti me dizer o significado daqueles diversos nomes por proferir os quais o grande Rishi Vyasa com seus discípulos cantou os louvores do ilustre matador de Madhu. Eu estou desejoso de ouvir aqueles nomes de Hari, aquele Senhor Supremo de todas as criaturas. De fato, por escutar aqueles nomes, eu serei santificado e purificado assim como a brilhante lua outonal."

"Vaisampayana disse, 'Escute, ó rei, quais são os significados dos diversos nomes, devidos a atributos e atos, de Hari como o próprio Hari pujante de alma alegre os explicou para Phalguna. Aquele matador de heróis hostis, Phalguna, questionou Kesava uma vez, perguntando sobre a significação de alguns dos nomes pelos quais Kesava de grande alma é adorado.'"

"Arjuna disse, "Ó santo, ó ordenador Supremo do Passado e do Futuro. Ó Criador de todos os Seres, ó Imutável, ó Refúgio de todos os mundos, ó Senhor do universo, ó dissipador dos medos de todas as pessoas, eu desejo ouvir de ti em detalhes, ó Kesava, o significado de todos aqueles teus nomes, ó Deus, os quais foram mencionados pelos grandes Rishis nos Vedas e nos Puranas em consequência das tuas diversas ações. Ninguém mais além de ti, ó Senhor, é competente para explicar os significados daqueles nomes.'"

"O santo disse, 'No Rigveda, no Yajurveda, nos Atharvans e nos Samans, nos Puranas e nos Upanishads, como também nos tratados sobre Astrologia, ó Arjuna, nas escrituras Sankhya, nas escrituras Yoga, e também nos tratados sobre a Ciência da Vida, muitos são os nomes que têm sido mencionados pelos grandes Rishis. Alguns daqueles nomes são deriváveis dos meus atributos e alguns deles se relacionam com minhas ações. Ouça, com atenção concentrada, ó impecável, qual é o significado de cada um daqueles nomes (em particular) que se referem às minhas ações. Eu os relatarei para você. É dito que antigamente você era metade meu corpo. Saudações para Ele de grande glória, Ele, isto é, que é a Alma Suprema de todas as criaturas incorporadas. (Esta saudação de Krishna à Alma Suprema é muito característica. Ele saúda a si mesmo por saudar a Alma Suprema.) Saudações a Narayana, a Ele que é identificável com o universo, a Ele que transcende os três atributos (primordiais de Sattwa, Rajas e Tamas), a Ele que é, também, a Alma daqueles atributos. Da Sua benevolência surgiu Brahman e de da Sua ira surgiu Rudra. Ele é a fonte de onde têm surgido todas as criaturas móveis e imóveis. Ó principal de todas as pessoas dotadas de Sattwa, o atributo de Sattwa consiste em dezoito qualidades. Aquele atributo é Natureza Suprema tendo como sua alma o Céu e a Terra e conseguindo sustentar o universo por meio de suas forças criativas. Aquela Natureza é idêntica ao fruto de todas as ações (na forma das diversas regiões de bem-aventurança as quais as criaturas alcançam por suas ações). Ela também é o puro Chit. Ela é imortal, e invencível, e é chamada de Alma do universo. Dela fluem todas as modificações de Criação e Destruição. (Ela é idêntica à minha Prakriti ou Natureza.) Desprovida de sexo, Ela ou Ele é as penitências que as pessoas praticam. Ele é o sacrifício que é realizado e o sacrificador que realiza o sacrifício. Ele é o antigo e o infinito Purusha. Ele também é chamado de Aniruddha e é a fonte da Criação e da Destruição do universo. Quando acabou a noite de Brahma, pela graça daquele Ser de energia incomensurável, um lótus fez seu aparecimento primeiramente, ó tu de olhos como pétalas de lótus. Dentro daquele lótus nasceu Brahma, surgindo da graça de Aniruddha. Perto da noite do dia de Brahma, Aniruddha se encheu de cólera, e como consequência disto surgiu de sua testa um filho chamado Rudra investido com o poder de destruir tudo (quando chega a hora da destruição). Esses dois, isto é, Brahma e Rudra, são as principais de todas as divindades, tendo surgido respectivamente da Benevolência e da Ira (de Aniruddha). Agindo de acordo com a direção de Aniruddha, essas duas divindades criam e destroem. Embora capazes de conceder benefícios para todas as criaturas, eles são, no entanto, na questão dos assuntos dos quais eles se encarregam (Criação e Destruição), meramente instrumentos nas mãos de Aniruddha. (É Aniruddha que faz tudo,

fazendo de Brahma e Rudra os agentes visíveis em relação ao universo.) Rudra também é chamado de Kaparddin. Ele tem cabelos emaranhados em sua cabeça, e às vezes manifesta uma cabeça que é calva. Ele adora morar no meio de crematórios, os quais constituem seu lar. Ele é um praticante dos votos mais austeros. Ele é um Yogin de pujança e energia imensas. Ele é o destruidor do sacrifício de Daksha e o arrancador dos olhos de Bhaga. Ó filho de Pandu, Rudra deve ser conhecido como tendo sempre Narayana como sua Alma. Se aquela divindade das divindades, isto é, Maheswara, for adorado, então ó Partha, o pujante Narayana também é adorado. Eu sou a Alma, ó filho de Pandu, de todos os mundos, de todo o universo. Rudra, também, é minha Alma. É por isso que eu sempre o adoro. Se eu não adorasse o auspicioso e concessor de bênçãos Isana ninguém então adoraria a mim mesmo. As ordenanças que eu estabeleço são seguidas por todos os mundos. Aquelas ordenanças devem sempre ser adoradas, e é por isso, portanto, que eu as adoro. Aquele que conhece Rudra conhece a mim, e aquele que conhece a mim conhece Rudra. Aquele que segue Rudra segue a mim, Rudra é Narayana. Ambos são um; e um está manifestado em duas formas diferentes. Rudra e Narayana, formando uma pessoa, permeiam todas as coisas manifestadas e as fazem agir. Ninguém além de Rudra é competente para me conceder um benefício. Ó filho de Pandu, tendo decidido isto em minha mente, antigamente eu adorei o antigo e pujante Rudra para obter a bênção de um filho. Ao adorar Rudra dessa maneira eu adorei a mim mesmo. Vishnu nunca curva sua cabeça para alguma divindade exceto para si mesmo. É por esta razão que eu adoro Rudra, (Rudra sendo, como eu já te disse, eu mesmo). Todas as divindades, inclusive Brahma e Indra e as divindades e os grandes Rishis, adoram Narayana, aquela principal das divindades, também chamada pelo nome de Hari. Vishnu é o principal de todos os Seres passados, presentes, ou futuros, e como tal deve sempre ser cultuado e adorado com reverência. Curve tua cabeça para Vishnu. Curve tua cabeça para Ele que dá proteção para todos. Reverencie, ó filho de Kunti, aquela grande divindade que concede benefícios, aquela principal das divindades, que come as oferendas feitas para ele em sacrifícios. Eu tenho ouvido que há quatro tipos de devotos, isto é, aqueles que anseiam por uma vida religiosa, aqueles que são inquisitivos, aqueles que se esforçam para compreender o que eles aprendem e aqueles que são sábios. Entre eles todos, aqueles que estão dedicados a perceberem o eu e não adoram alguma outra divindade, são os principais. Eu sou o fim que eles procuram, e embora engajados em ações, eles nunca buscam os resultados delas. As três classes restantes de meus devotos são aqueles que desejam os frutos de suas ações. Eles alcançam regiões de grande bem-aventurança, mas então eles têm que cair de lá após o esgotamento de seus méritos. Aqueles entre meus devotos, portanto, que estão totalmente despertos (e, como tais, sabem que toda felicidade é finita exceto a que é alcançável pelas pessoas que se tornam identificadas comigo), obtém o que é mais importante (e inestimável, ou seja, Emancipação ou total identificação com a Alma Suprema). Aqueles que estão despertos, e cuja conduta revela tal iluminação, podem estar engajados em adorar Brahman ou Mahadeva ou as outras divindades que se encontram no céu, mas eles conseguem alcançar a mim de qualquer forma. Eu assim te disse, ó Partha, quais são as distinções entre meus devotos. Tu mesmo, ó filho de Kunti, e eu mesmo, somos conhecidos como

Nara e Narayana. Nós dois assumimos corpos humanos somente para o propósito de aliviar o peso da Terra. Eu sou totalmente conhecedor do autoconhecimento. Eu sei quem eu sou e de onde eu sou, ó Bharata. Eu conheço a religião de Nivritti, e tudo o que contribui para a prosperidade das criaturas. Eterno como Eu sou, Eu sou o único Refúgio de todos os homens. As águas são chamadas pelo nome de Nara, pois elas surgiram daquele chamado Nara. E já que as águas nos tempos passados eram meu refúgio, Eu sou, portanto, chamado pelo nome de Narayana. Assumindo a forma do Sol Eu cubro o universo com meus raios. E porque Eu sou o lar de todas as criaturas, portanto, Eu sou chamado pelo nome de Vasudeva. Eu sou o fim de todas as criaturas e seu progenitor, ó Bharata. Eu permeio todo o firmamento no alto e a Terra, ó Partha, e meu esplendor transcende todo outro esplendor. Eu sou Ele, ó Bharata, a quem todas as criaturas desejam alcançar na hora da morte. E porque Eu permeio todo o universo, Eu vim a ser chamado pelo nome de Vishnu. Desejosas de alcançar sucesso pela restrição de seus sentidos, as pessoas procuram alcançar a mim que sou céu e Terra e o firmamento entre os dois. Por isso Eu sou chamado pelo nome de Damodara. A palavra Prisni inclui alimento, os Vedas, água, e néctar. Esses quatro estão sempre em meu estômago. Então eu sou chamado pelo nome de Prisnigarbha. Os Rishis dizem que uma vez quando o Rishi Trita foi jogado em um poço por Ekata e Dwiti, o aflito Trita me invocou, dizendo, 'Ó Prisnigarbha, salve o caído Trita!' Aquele principal dos Rishis, Trita, o filho espiritual de Brahma, tendo me chamado dessa maneira, foi resgatado da cova. Os raios que emanam do Sol que dá calor ao mundo, do fogo brilhante, e da Lua, constituem meu cabelo. Por isso os principais dos Brahmanas eruditos me chamam pelo nome de Kesava. Utathya de grande alma, tendo fecundado sua esposa, desapareceu do lado dela por uma ilusão dos deuses. O irmão mais novo Vrihaspati então apareceu perante a esposa daquele de grande alma. Para aquele principal dos Rishis que tinha ido para lá pelo desejo de união sexual, a criança no útero da esposa de Utathya, ó filho de Kunti, cujo corpo já tinha sido formado dos cinco elementos primordiais, disse, 'Ó concessor de benefícios, eu já entrei nesse útero. Não cabe a ti atacar minha mãe.' Ouvindo estas palavras da criança por nascer Vrihaspati encheu-se de raiva e pronunciou uma maldição sobre ela, dizendo, 'Já que tu me obstruíste dessa maneira quando eu vim para cá pelo desejo dos prazeres do ato sexual, portanto tu, pela minha maldição, serás afligido pela cegueira, sem dúvida!' Por causa dessa maldição daquele principal dos Rishis o filho de Utathya nasceu cego, e cego ele permaneceu por um longo tempo. Foi por esta razão que aquele Rishi, antigamente, veio a ser conhecido pelo nome de Dirghatamas. Ele, no entanto, adquiriu os quatro Vedas com seus membros eternos e partes secundárias. Depois disso ele frequentemente me invocava por meio desse meu nome secreto. De fato, segundo a ordenança prescrita, ele repetidamente me chamava pelo nome de Kesava. Pelo mérito que ele adquiriu por proferir este nome repetidamente, ele veio a ser curado de sua cegueira e então veio a ser chamado pelo nome de Gotama. Esse meu nome, portanto, ó Arjuna, é produtivo de benefícios para aqueles que o proferem entre todas as divindades e os Rishis de grande alma. A divindade do Fogo (Apetite) e Shoma (alimento) combinados juntos, vêm a ser transformados em uma única substância. É por esta razão que o universo inteiro de criaturas móveis e imóveis é citado como sendo permeado por

aquelas duas divindades. (O objetivo deste verso, o comentador diz, é explicar o significado da palavra Hrishikesa. Agni é o fogo digestivo, e Shoma é alimento. Unindo-se, Agni e Shoma, portanto, sustêm o universo. Na forma de fogo digestivo e alimento, Agni e Shoma são os dois alegradores do universo. Por causa disso eles são chamados de Hrishi (no número dual). E já que eles são, por assim dizer, o kesa ou cabelo de Narayana, portanto ele é chamado de Hrishikesa. A palavra Hrishikesa também pode ser explicada como Isa ou senhor de Hrishika ou os sentidos.) Nos Puranas, Agni e Soma são citados como complementares um do outro. As divindades também são citadas como tendo Agni como sua boca. É por causa de esses dois seres serem dotados de naturezas que levam à unificação que eles são citados como dignos um do outro e sustentadores do universo.'"

343

"Arjuna disse, 'Como Agni e Shoma, antigamente, obtiveram uniformidade em relação à sua natureza original? Esta dúvida surgiu em minha mente. Dissipe-a, ó matador de Madhu!'"

"O sublime e santo disse, 'Eu narrarei para ti, ó filho de Pandu, uma história antiga de incidentes originados da minha própria energia. Ouça-a com atenção absorta! Quando decorrem quatro mil Yugas de acordo com a medida dos celestiais vem a dissolução do universo. O Manifesto desaparece no Imanifesto. Todas as criaturas, móveis e imóveis, encontram com a destruição. Luz, Terra, Vento, tudo desaparece. Escuridão se espalha sobre o universo que se torna uma extensão de água infinita. Quando aquela infinita devastação de água existe só como Brahma sem segundo, não é nem dia nem noite. Nem existente nem inexistente existem; nem manifesto nem imanifesto. Então somente Brahman indiferenciado existe. Quando tal é a condição do universo, o principal dos Seres surge de Tamas (escuridão primordial), isto é, o eterno e imutável Hari que é a combinação dos atributos (de onipotência e o resto), pertencente a Narayana, que é indestrutível e imortal, que não tem sentidos, que é inconcebível e não nascido, que é a própria Verdade repleta de compaixão, que é dotado da forma de existência a qual os raios da pedra preciosa chamada Chintamani têm, que faz diversos tipos de inclinações fluírem em diversas direções, que é desprovido dos princípios de hostilidade e deterioração e mortalidade e decadência, que é informe e que permeia tudo, e que é dotado do princípio de Criação universal e de Eternidade sem início, meio, ou fim. Há autoridade para esta afirmação. O Sruti declara, 'Não havia dia. Não havia noite. Não havia existente. Não havia inexistente. No início havia somente Tamas (a escuridão primordial, não o atributo de Ignorância) na forma do universo, e ela é a noite de Narayana de forma universal. Este mesmo é o significado da palavra Tamas. Daquele Purusha (chamado Hari), assim nascido de Tamas e tendo Brahman por seu pai, veio a existir o Ser chamado Brahman. Brahman, desejando criar criaturas, fez Agni e Shoma surgirem de seus próprios olhos. Depois quando as criaturas vieram a ser criadas, as pessoas criadas apareceram em sua ordem devida como Brahmanas e Kshatriyas. Aquele que veio à existência como Shoma era ninguém mais do que

Brahma; e aqueles que nasceram como Brahmanas na verdade eram todos Shoma. Aqueles que vieram à existência como Kshatriyas eram ninguém mais do que Agni. Os Brahmanas se tornaram dotados de maior energia do que os Kshatriyas. Se você perguntar a razão, a resposta é que esta superioridade dos Brahmanas sobre os Kshatriyas é um atributo que é evidente para o mundo inteiro. Isto ocorreu como segue. Os Brahmanas representam a mais antiga criação em relação aos homens. Ninguém foi criado antes, que fosse superior aos Brahmanas. Aquele que oferece alimento para a boca de um Brahmana é considerado como despejando libações em um fogo ardente (para satisfazer as divindades). Eu digo que tendo ordenado as coisas compreendidas dessa maneira, a criação de criaturas foi realizada por Brahma. Tendo estabelecido todos os seres criados em suas respectivas posições, ele sustém os três mundos. Há uma declaração no mesmo sentido nos Mantras dos Srutis. Tu, ó Agni, és o Hotri em sacrifícios, e o benfeitor do universo. Tu és o benfeitor das divindades, dos homens, e de todos os mundos. Há (outra) autoridade também para isto. Tu és, ó Agni, o Hotri do universo e dos sacrifícios. Tu és a fonte através da qual as divindades e os homens fazem bem para o universo. Agni é realmente o Hotri e o realizador de sacrifícios. Agni é também o Brahma do sacrifício. Nenhuma libação pode ser despejada no fogo sacrifical sem proferir mantras; não pode haver penitências sem uma pessoa para realizá-las; o culto das divindades e homens (mortos ou Pitris) e Rishis é realizado pelas libações despejadas com mantras. Por isso, ó Agni, tu tens sido considerado como o Hotri em sacrifícios. Tu és, também, todos os outros mantras que têm sido declarados em relação aos ritos Homa dos homens. Para os Brahmanas está ordenado o dever de oficiar para outros nos sacrifícios que eles realizam. As duas outras classes, Kshatriyas e Vaisyas, que estão incluídas dentro da classe regenerada ou duas vezes nascida, não têm o mesmo dever prescrito para elas. Então, os Brahmanas são como Agni, que mantém sacrifícios. Os sacrifícios (que os Brahmanas realizam) fortalecem as divindades. Fortalecidas dessa maneira, as divindades fertilizam a Terra (e assim sustentam todas as criaturas vivas). Mas o resultado que pode ser alcançado pelos principais dos sacrifícios pode ser igualmente efetuado através da boca dos Brahmanas. Aquela pessoa erudita que oferece alimento para a boca de um Brahmana é citada como despejando libações no fogo sagrado para gratificar as divindades. Desse modo os Brahmanas vieram a ser considerados como Agni. Aqueles que são possuidores de erudição adoram Agni. Agni é, também, Vishnu. Entrando em todas as criaturas ele mantém seus ares vitais. Em relação a isto há um verso cantado por Sanatkumara. Brahman, ao criar o universo, primeiro criou os Brahmanas. Os Brahmanas se tornam imortais por estudarem os Vedas, e vão para o céu pela ajuda de tal estudo. A inteligência, palavras, atos e observâncias, fé, e as penitências dos Brahmanas sustentam a Terra e o céu como laços de cordas sustentando o néctar bovino. Não há maior dever do que a Verdade. Não há superior mais digno de reverência do que a mãe. Não há ninguém mais eficiente do que o Brahmana para conferir felicidade aqui e após a morte. Os habitantes daqueles reinos onde Brahmanas não têm meios seguros de sustento (de terras e outros tipos de propriedades concedidas para eles) se tornam muito miseráveis. Lá os bois não carregam as pessoas ou puxam o arado, nem veículos de qualquer tipo os conduzem. Lá o leite mantido em jarros nunca é batido para

produzir manteiga. Por outro lado, os residentes ficam privados de prosperidade de todo tipo, e se dirigem aos caminhos de ladrões (em vez de poderem desfrutar das bênçãos da paz). (Nos tempos passados reis e dirigentes sempre costumavam lotear terras isentas de aluguel para Brahmanas eruditos para seu sustento. Aqueles países onde Brahmanas não tinham tais terras designadas para eles eram, por assim dizer, excomungados. O que é dito neste verso é que em tais países as bênçãos da paz estavam faltando.) Nos Vedas, nos Puranas, nas histórias e outros escritos autoritários, é dito que Brahmanas, que são as almas de todas as criaturas, que são os criadores de todas as coisas, e que são identificáveis com todos os objetos existentes, surgiram da boca de Narayana. De fato, é dito que os Brahmanas vieram primeiro no tempo quando o grande deus concessor de bênçãos tinha reprimido sua fala como uma penitência e que as outras classes se originaram dos Brahmanas. Os Brahmanas são eminentes acima das divindades e Asuras, já que eles foram criados por mim mesmo em minha forma indescritível como Brahma. Como eu criei as divindades e os Asuras e os grandes Rishis assim eu coloquei os Brahmanas em suas respectivas posições e tenho que puni-los de vez em quando. Por seu ataque licencioso sobre Ahalya, Indra foi amaldiçoado por Gautama, marido dela, pelo que Indra adquiriu uma barba verde em seu rosto. Por causa daquela maldição de Kausika Indra perdeu, também, seus próprios testículos, cuja perda depois (pela bondade das outras divindades) foi compensada pela substituição dos testículos de um carneiro. Quando, no sacrifício do rei Sarjiati, o grande Rishi Chyavana ficou desejoso de fazer os gêmeos Aswins participantes das oferendas sacrificais, Indra objetou. Após Chyavana insistir, Indra procurou arremessar seu raio nele. O Rishi paralisou os braços de Indra. Exasperado pela destruição de seu sacrifício por Rudra, Daksha mais uma vez se dirigiu à prática de austeridades severas e obtendo grande pujança fez algo como um terceiro olho aparecer na testa de Rudra para a destruição de Tripurasura. (Por causa desse terceiro olho na testa de Rudra ele veio a ser chamado pelo nome de Virupaksha ou o feio ou de olhar feroz.) Quando Rudra se dirigiu para a destruição da cidade tripla pertencente aos Asuras, o preceptor dos Asuras, isto é, Usanas, provocado além da tolerância, arrancou uma madeixa emaranhada de sua própria cabeça e a arremessou em Rudra. Daquela madeixa emaranhada de Usanas surgiram muitas serpentes. Aquelas serpentes começaram a morder Rudra, pelo que a garganta dele se tornou azul. Durante um período passado, isto é, aquele relacionado ao Manu Nascido por Si Mesmo, é dito que Narayana agarrou Rudra pela garganta e então a garganta de Rudra se tornou azul. (Um Manwantarah consiste em cerca de 72 Chaturyugas, isto é, 288 yugas de acordo com a medida dos celestiais. O yuga atual é chamado de Vaivaswat Manwantarah, isto é, o período conectado com Manu o filho de Vivaswat. A cada Manwantarah um novo Manu aparece. O Manu auto-nascido era uma pessoa diferente.) Na ocasião do batimento do Oceano para fazer aparecer o amrita, Vrihaspati da linhagem de Angiras sentou-se nas margens do Oceano para realizar o rito de Puruscharana. Quando ele pegou um pouco de água para o propósito do achamana inicial, a água lhe pareceu estar muito lamacenta. Por isso Vrihaspati ficou zangado e amaldiçoou o Oceano, dizendo, ‘Já que tu continuas a estar tão sujo apesar do fato de eu ter vindo a ti para te tocar, já que tu não te tornaste claro e transparente, portanto desse dia em

diante tu serás corrompido com peixes e tubarões e tartarugas e outros animais aquáticos.' Desde aquele tempo, as águas do oceano ficaram infestadas com diversas espécies de animais e monstros marinhos. Viswarupa, o filho de Tashtri, antigamente tornou-se o sacerdote das divindades. Ele era, do lado de sua mãe, relacionado aos Asuras, pois sua mãe era a filha de um Asura. Enquanto oferecendo publicamente para as divindades suas partes das oferendas sacrificais, ele privadamente oferecia partes delas para os Asuras. Os Asuras, com seu chefe Hiranyakasipu em sua dianteira, então foram até sua irmã, a mãe de Viswarupa, e solicitaram um benefício dela, dizendo, 'O filho Viswarupa por Tashtri, também chamado de Trisiras, é agora o sacerdote das divindades. Enquanto ele dá para as divindades a parte delas das oferendas sacrificais publicamente, ele nos dá nossas partes das mesmas privadamente. Em consequência disto, as divindades estão sendo engrandecidas, e nós estamos sendo enfraquecidos. Cabe a ti, portanto, persuadi-lo de que ele pode adotar nossa causa.' Assim endereçada por eles, a mãe de Viswarupa se dirigiu ao seu filho que estava então residindo nos bosques Nandana (de Indra) e disse para ele, 'Como é, ó filho, que tu estás engajado em engrandecer a causa dos teus inimigos e em enfraquecer aquela dos teus tios maternos? Não cabe a ti agir dessa maneira.' Viswarupa, assim solicitado por sua mãe, pensou que ele não deveria desobedecer as suas palavras, e como a consequência daquela reflexão ele mudou para o lado de Hiranyakasipu, depois de ter prestado os respeitos apropriados para sua mãe. O rei Hiranyakasipu, após a chegada de Trisiras, despediu seu velho Hotri, isto é, Vasishtha, o filho de Brahma, e nomeou Trisiras para aquele posto. Enraivecido por isto, Vasishtha amaldiçoou Hiranyakasipu, dizendo, 'Já que tu me despediste e nomeaste outra pessoa como teu Hotri, este teu sacrifício não será completado, e algum Ser cujo semelhante não existiu anteriormente te matará!' Por causa desta maldição, Hiranyakasipu foi morto por Vishnu na forma de um homem-leão. Viswarupa, tendo adotado o lado de seus parentes maternos, se empenhou em austeridades severas para engrandecê-los. Impelido pelo desejo de fazê-lo se desviar de seus votos, Indra despachou para ele muitas Apsaras belas. Vendo aquelas ninfas celestes de beleza transcendente, o coração de Viswarupa ficou agitado. Dentro de um tempo muito curto ele ficou extremamente apegado a elas. Compreendendo que ele tinha ficado apegado a elas, as ninfas celestes disseram para ele um dia, 'Nós não iremos mais nos demorar aqui. Realmente, nós voltaremos para o local de onde nós viemos.' Para elas que falaram dessa maneira, o filho de Tashtri respondeu, 'Aonde vocês vão? Fiquem comigo. Eu lhes farei bem.' Ouvindo-o falar assim, as Apsaras replicaram, 'Nós somos ninfas celestes chamadas Apsaras. Nós escolhemos antigamente o ilustre e concessor de benefícios Indra de grande pujança', Viswarupa então disse a elas, 'Nesse mesmo dia eu ordenarei que todas as divindades com Indra em sua liderança cessem de existir.' Dizendo isso, Trisiras começou a recitar mentalmente certos Mantras sagrados de grande eficácia. Em virtude daqueles Mantras ele começou a crescer em energia. Com uma de suas bocas ele começou a beber todo o Soma que Brahmanas empenhados em Sacrifícios despejavam em seus fogos sagrados com ritos devidos. Com uma segunda boca ele começou a comer todo o alimento (que era oferecido em sacrifícios). Com sua terceira boca ele começou a beber a energia de todas as divindades com Indra como seu líder.

Vendo-o se crescendo com energia em toda parte de seu corpo que era fortalecido pelo Soma que ele estava bebendo, todas as divindades, então, com Indra em sua companhia, foram até o Avô Brahma. Chegando a sua presença, eles se dirigiram a ele e disseram, 'Todo o Soma que é devidamente oferecido nos sacrifícios realizados em todos os lugares está sendo bebido por Viswarupa. Nós não obtemos mais nossas partes. Os Asuras estão sendo engrandecidos, enquanto nós estamos sendo enfraquecidos. Cabe a ti, portanto, ordenar o que é para o nosso bem.' Depois que as divindades cessaram, o Avô respondeu, 'O grande Rishi Dadhichi da linhagem de Bhrigu está agora engajado em praticar austeridades severas. Vão, ó divindades, até ele e peçam um benefício dele. Arranjem de tal maneira que ele possa rejeitar seu corpo. Com seus ossos que seja criada uma nova arma chamada Raio.' Assim instruídas pelo Avô, as divindades procederam para aquele local onde o santo Rishi Dadhichi estava engajado em suas austeridades. As divindades com Indra em sua dianteira se dirigiram ao sábio, dizendo, 'Ó santo, tuas austeridades, nós esperamos, estão sendo bem realizadas e ininterruptas.' Para eles o sábio Dadhichi disse, 'Bem vindos todos vocês. Digam-me o que eu devo fazer por vocês. Eu certamente farei o que vocês disserem.' Eles então disseram a ele, 'Cabe a ti rejeitar teu corpo para beneficiar todos os mundos.' Assim solicitado, o sábio Dadhichi, que era um grande Yogin e que considerava felicidade e miséria da mesma maneira, sem ficar triste em absoluto, concentrou sua Alma por seu poder Yoga e rejeitou seu corpo. Quando sua Alma deixou sua habitação temporária de barro, Dhatri, pegando seus ossos, criou uma arma irresistível chamada Raio. Com o Raio assim feito com os ossos de um Brahmana, o qual era impenetrável por outras armas e irresistível e permeado pela energia de Vishnu, Indra golpeou Viswarupa o filho de Tashtri. Tendo matado o filho de Tashtri dessa maneira, Indra cortou sua cabeça do corpo. Do corpo sem vida, no entanto, de Viswarupa, quando ele foi pressionado, a energia que ainda estava residindo nele deu à luz um poderoso Asura de nome Vritra. Vritra se tornou o inimigo de Indra, mas Indra também o matou com o Raio. Pelo pecado de Brahmanicídio ser assim dobrado, Indra foi dominado por um grande medo como consequência disso ele teve que abandonar a soberania do céu. Ele entrou em um caule de lótus fresco que crescia no lago Manas. Pelo atributo Yoga de Anima, ele se tornou muito minúsculo e entrou nas fibras daquele talo de lótus. (Por praticar Yoga alguém adquire certos poderes sobre-humanos. Estes são chamados de Yogaiswaryya. Eles incluem Anima, pelo qual alguém pode se tornar muito pequeno; Laghima, pelo qual alguém pode se tornar muito bruto, etc.). Quando o senhor dos três mundos, o marido de Sachi, tinha desaparecido de vista assim por medo do pecado de Brahmanicídio, o universo ficou sem soberano. Os atributos de Rajas e Tamas atacaram as divindades. Os Mantras proferidos pelos grandes Rishis perderam toda eficácia. Rakshasas apareceram em todos os lugares. Os Vedas estavam prestes a desaparecer. Os habitantes de todos os mundos, estando sem um rei, perderam sua força e começaram a se tornar vítimas fáceis de Rakshasas e outros seres maus. Então as divindades e os Rishis, se reunindo, fizeram Nahusha, o filho de Ayusha, o rei dos três mundos e o coroaram apropriadamente como tal. Nahusha tinha sobre sua fronte quinhentos corpos luminosos de refulgência fulgurante, os quais tinham a virtude de despojar toda criatura de energia. Assim equipado

Nahusha continuou a reger o céu. Os três mundos foram restaurados à sua condição normal. Os habitantes do universo mais uma vez se tornaram felizes e alegres. Nahusha então disse, 'Tudo o que Indra costumava desfrutar está diante de mim. Só sua esposa Sachi não está perto.' Tendo dito isso, Nahusha procedeu para onde Sachi estava e, dirigindo-se a ela, disse, 'Ó senhora abençoada, eu me tornei o senhor das divindades. Me aceite.' Para ele Sachi respondeu, dizendo, 'Tu és, por natureza, dedicado à justiça de comportamento. Tu pertences, também, à linhagem de Shoma. Não cabe a ti atacar a esposa de outra pessoa.' Nahusha, assim endereçado por ela, disse, 'A posição de Indra está agora sendo ocupada por mim. Eu mereço desfrutar dos domínios e de todas as posses preciosas de Indra. Em desejar desfrutar de ti não pode haver pecado. Tu eras de Indra e, portanto, deves ser minha.' Sachi então disse a ele, 'Eu estou cumprindo um voto que ainda não foi completado. Depois de realizar as abluções finais eu irei até ti dentro de poucos dias.' Arrancando esta promessa da esposa de Indra, Nahusha deixou sua presença. Enquanto isso Sachi, afligida pela dor e aflição, ansiosa para encontrar seu marido e assaltada por seu medo de Nahusha, foi até Vrihaspati (o principal sacerdote dos celestiais). À primeira vista Vrihaspati percebeu que ela estava afligida pela ansiedade. Ele imediatamente recorreu à meditação-Yoga e soube que ela estava planejando fazer o que fosse necessário para restaurar seu marido à sua verdadeira posição. Vrihaspati então se dirigiu a ela, dizendo, 'Provida de penitências e o mérito que será teu em consequência desse voto que tu estás cumprindo, invoque a deusa Upasruti concessora de bênçãos. Invocada por ti, ela aparecerá e te mostrará onde marido teu marido está morando.' Enquanto na observância daquele voto muito austero, ela invocou com a ajuda de Mantras apropriados a deusa Upasruti concessora de benefícios. Invocada por Sachi, a deusa se apresentou perante ela e disse, 'Eu estou aqui por tua ordem. Invocada por ti eu vim. Qual desejo nutrido por ti eu irei realizar?' Reverenciando-a com uma inclinação de cabeça, Sachi disse, 'Ó dama abençoada, cabe a ti me mostrar onde meu marido está. Tu és Verdade. Tu és Rita.' Assim endereçada, a deusa Upasruti a levou ao lago Manasa. Chegando lá, ela apontou para Sachi seu marido Indra residindo dentro das fibras de um caule de lótus. Vendo sua esposa pálida e emaciada, Indra ficou extremamente ansioso. E o senhor do céu disse para si mesmo, 'Ai, grande é a tristeza que me alcançou. Eu caí da posição que é minha. Esta minha cônjuge, afligida com pesar por minha causa, descobriu minha pessoa perdida e veio até mim aqui.' Tendo refletido dessa maneira, Indra se dirigiu à sua esposa querida e disse, 'Em qual condição tu estás agora?' Ela respondeu a ele, 'Nahusha me convidou para me fazer sua esposa. Eu obtive um adiamento dele, tendo fixado o tempo quando eu tenho que ir até ele.' Para ela Indra então disse, 'Vá e diga para Nahusha que ele deve vir a ti em um veículo nunca usado antes, isto é, um ao qual alguns Rishis devem ser arreados, e chegando até ti naquele estado ele deve se casar contigo. Indra tem muitos tipos de veículos que são todos belos e encantadores. Todos esses têm te conduzido. Nahusha, no entanto, deve vir sobre tal veículo que o próprio Indra não possuiu.' Assim aconselhada por seu marido, Sachi deixou aquele local com um coração alegre. Indra também mais uma vez entrou nas fibras daquele caule de lótus. Vendo a Rainha de Indra voltar para o céu, Nahusha dirigiu-se a ela dizendo, 'O tempo que tu fixaste acabou.' Para ele Sachi disse o que Indra a tinha instruído

dizer. Arreando vários grandes Rishis ao veículo que ele usava, Nahusha saiu de seu domicílio para ir para onde Sachi estava vivendo. O principal dos Rishis, Agastya, nascido dentro de um jarro, da semente vital de Maitravaruna, viu aqueles principais dos Rishis insultados por Nahusha daquela maneira. Nahusha bateu nele com seu pé. Para ele Agastya disse, 'Patife, como tu te dirigiste para uma ação altamente imprópria, caia sobre a Terra. Seja transformado em uma cobra e continue a viver naquela forma enquanto a Terra e suas colinas durarem.' Logo que estas palavras foram proferidas pelo grande Rishi, Nahusha caiu daquele veículo. Os três mundos mais uma vez ficaram sem mestre. As divindades e os Rishis então se uniram e procederam para onde Vishnu estava e apelaram para ele ocasionar a restauração de Indra. Aproximando-se dele eles disseram, 'Ó santo, cabe a ti resgatar Indra que está oprimido pelo pecado de Brahmanicídio.' Vishnu concessor de bênçãos respondeu para eles, dizendo, 'Que Sakra realize um Sacrifício de Cavalo em honra de Vishnu. Ele então será restaurado à sua antiga posição.' As divindades e os Rishis começaram a procurar por Indra, mas quando eles não puderam achá-lo, eles foram até Sachi disseram a ela, 'Ó senhora abençoada, vá até Indra e traga-o aqui.' Requisitada por eles, Sachi mais uma vez foi até lago Manasa. Indra, erguendo-se do lago, foi até Vrihaspati. O sacerdote celeste Vrihaspati então fez arranjos para um grande Sacrifício de Cavalo, substituindo um antílope preto por um bom corcel adequado de todas as maneiras para ser oferecido em sacrifício. Fazendo Indra, o senhor dos Maruts, montar sobre aquele mesmo corcel (que foi salvo da morte) Vrihaspati levou-o para o seu próprio lugar. O senhor do céu foi então adorado com hinos por todas as divindades e os Rishis. Ele continuou a governar no céu, purificado do pecado de Brahmanicídio que foi dividido em quatro partes e mandado residir em mulheres, fogo, árvores, e águas. Foi assim que Indra, fortalecido pela energia de um Brahmana, conseguiu matar seu inimigo (e quando, como o resultado daquele seu ato, ele foi dominado pelo pecado, foi a energia de outro Brahmana que o resgatou). Foi dessa maneira que Indra mais uma vez recuperou sua posição.'"

"'Antigamente, enquanto o grande Rishi Bharadwaja estava dizendo suas orações ao lado do Ganga celeste, um dos três pés de Vishnu, quando ele assumiu sua forma de três passos, alcançou aquele local. (Vishnu assumiu sua forma de três passos para enganar Vali da soberania do universo. Com um passo ele cobriu a Terra, com outro ele cobriu o firmamento. Não havia espaço restante para ele dar seu terceiro passo.) Contemplando aquela visão desconhecida, Bharadwaja atacou Vishnu com um punhado de água, após o que o peito de Vishnu recebeu uma marca (chamada Sreevatsa, que é um belo vórtice sobre o peito de Vishnu). Amaldiçoado por aquele principal dos Rishis, isto é, Bhrigu, Agni foi obrigado e se tornar um devorador de todas as coisas. Uma vez, Aditi, a mãe das divindades, cozinhou algum alimento para seus filhos. Ela pensou que, comendo aquele alimento e fortalecidas por isto, as divindades conseguiriam matar os Asuras. Depois que a comida estava cozida, Vudha (a divindade que preside o corpo celeste conhecido por aquele nome), tendo completado a observância de um voto austero, apresentou-se perante Aditi e disse a ela, 'Dê-me esmolas.' Aditi, embora assim solicitada por alimento não lhe deu nenhum, pensando que ninguém deveria comer da comida que ela tinha cozinhado, antes

que seus filhos, as divindades, a comessem primeiro. Enraivecido pela conduta de Aditi que assim se recusou a lhe dar esmolas, Vudha, que era o próprio Brahma pelo voto austero que tinha completado, a amaldiçoou, dizendo que como Aditi lhe tinha recusado esmolas ela teria uma dor em seu útero quando Vivaswat, em seu segundo nascimento no útero de Aditi, nascesse na forma de um ovo. Aditi se lembrou de Vivaswat no momento da maldição de Vudha, e é por essa razão que Vivaswat, a divindade que é adorada em Sraddhas, saindo do útero de Aditi, veio a ser chamado pelo nome de Martanda. O Prajapati Daksha tornou-se o pai de sessenta filhas. Entre elas, treze foram entregues por ele para Kasyapa; dez para Dharma; dez para Mann; e vinte e sete para Shoma. Embora todas as vinte e sete que eram chamadas Nakshatras e concedidas para Shoma fossem iguais em relação à beleza e habilidades, ainda assim Shoma se tornou mais afeiçoado a uma, Rohini, do que ao restante. O restante de suas esposas, cheias de ciúmes, deixando-o, se dirigiram ao seu pai e o informaram dessa conduta de seu marido, dizendo, 'Ó santo, embora todas nós sejamos iguais em relação à beleza, ainda assim nosso marido Shoma é exclusivamente afeiçoado à nossa irmã Rohini.' Enraivecido por essa queixa de suas filhas, o Rishi celeste Daksha amaldiçoou Shoma, dizendo que daquele tempo em diante a doença tísica atacaria seu genro e residiria nele. Por causa dessa maldição de Daksha, a tísica atacou o pujante Shoma e entrou em seu corpo. Atacado pela tísica dessa maneira, Shoma foi até Daksha. O último se dirigiu a ele dizendo, 'Eu te amaldiçoei por causa do teu comportamento desigual para com tuas esposas.' O Rishi então disse para Shoma, 'Tu estás sendo reduzido pela doença tísica que te atacou. Há uma água sagrada chamada Hiranyasarah no oceano Ocidental. Indo até aquela água sagrada, banhe-te lá.' Aconselhado pelo Rishi, Shoma procedeu para lá. Chegando a Hiranyasarah, Soma se banhou naquela água sagrada. Realizando suas oblações ele se purificou de seu pecado. E porque aquela água sagrada foi iluminada (abhasita) por Shoma, portanto desde aquele dia ela foi chamada pelo nome de Prabhasa. Em consequência, no entanto, da maldição pronunciada sobre ele antigamente por Daksha, Shoma, até hoje, começa a minguar a partir da noite de lua cheia até seu desaparecimento total na noite de lua nova, de onde ele novamente começa a aumentar até a noite de lua cheia. O brilho também do disco lunar desde aquele tempo recebeu uma mancha, pois o corpo de Shoma, desde então, veio a apresentar certas manchas escuras. Realmente, o disco esplêndido da lua, desde aquele dia, veio a exibir a marca de uma lebre. Uma vez, um Rishi de nome Sthulasiras estava dedicado a praticar austeridades muito severas sobre o leito norte das montanhas de Meru. Enquanto engajado naquelas austeridades, um brisa pura, carregada com todas as espécies de perfumes deliciosos, começou a soprar lá e abanar seu corpo. Chamuscado como seu corpo estava pelas austeridades muito severas que ele estava praticando, e vivendo como ele vivia só do ar com a exclusão de todo tipo de alimento, ele ficou muito gratificado por aquela brisa deliciosa que soprou ao redor dele. Enquanto ele estava assim satisfeito com a brisa deliciosa que o abanava, as árvores em volta dele (movidas pelo ciúme) desenvolveram suas flores para fazer uma exibição e extorquir seu louvor. Desagradado por essa conduta das árvores porque ela era ditada por ciúme, o Rishi as amaldiçoou, dizendo, 'Daqui em diante, vocês não poderão manifestar suas flores em todas as épocas.' Antigamente, para fazer bem para o

mundo, Narayana nasceu como o grande Rishi Vadavamukha. Enquanto empenhado em praticar austeridades ascéticas no leito de Meru, ele convocou o Oceano à sua presença. O Oceano, no entanto, desobedeceu a sua convocação. Enraivecido por isto, o Rishi, com o calor de seu corpo, fez as águas do Oceano se tornarem tão salgadas em sabor quanto o suor humano. O Rishi em seguida disse, 'Tuas águas de agora em diante cessarão de ser potáveis. Somente quando a cabeça Equina, vagando dentro de ti, beber tuas águas, elas serão tão doces quanto mel.' É por esta maldição que as águas do Oceano até hoje são salgadas para o paladar e não são bebidas por ninguém mais além da cabeça Equina. (As escrituras hindus mencionam que há uma cabeça Equina de vastas proporções que vaga pelos mares. Fogos resplandecentes saem constantemente de sua boca e estas bebem a água do mar. Ela sempre faz um barulho estrondoso. Ela é chamada de Vadava-mukha. O fogo que emana dela é chamado de Vadavanala. As águas do Oceano são como manteiga clarificada. A cabeça Equina as bebe como o fogo sacrifical bebe as libações de manteiga clarificada despejadas sobre ele. A origem do fogo Vadava às vezes é atribuída à cólera de Urva, um Rishi da linhagem de Jamadagni. Por isso ele é às vezes chamado de fogo Aurvya.) A filha, chamada Uma, das montanhas Himavat, foi desejada por Rudra em casamento. Depois que Himavat tinha prometido a mão de Uma para Mahadeva, o grande Rishi Bhrigu, aproximando-se de Himavat, dirigiu-se a ele dizendo, 'Dê-me esta tua filha em casamento.' Himavat respondeu para ele, dizendo, 'Rudra é o noivo já selecionado por mim para minha filha.' Enfurecido por esta resposta, Bhrigu disse, 'Já que tu recusaste meu pedido pela mão da tua filha e me insultaste dessa maneira, tu não mais serás cheio de pedras preciosas e jóias.' Até hoje, por causa das palavras do Rishi, as montanhas de Himavat não têm quaisquer jóias e pedras preciosas. Tal é a glória dos Brahmanas. É pelo favor dos Brahmanas que os Kshatriyas podem possuir a Terra eterna e que não se deteriora como sua esposa e desfrutar dela. O poder dos Brahmanas, também, é composto de Agni e Shoma. O universo é sustentado por aquele poder e, portanto, é sustentado por Agni e Shoma unidos. É dito que Surya e Chandramas são os olhos de Narayana. Os raios de Surya constituem meus olhos. Cada um deles, isto é, o Sol e a Lua, revigora e aquece o universo respectivamente. E por que o Sol e a Lua assim aquecem e revigoram o universo, eles vieram a ser considerados como o Harsha (alegria) do universo. É por estas ações de Agni e Shoma que sustêm o universo que eu vim a ser chamado pelo nome de Hrishikesa, ó filho de Pandu. De fato, eu sou Isana concessor de benefícios, o Criador do universo. (Agni e Shoma são chamados pelo nome de 'Hrishi' no número dual. É chamado de Hrishikesa aquele que tem aqueles dois como seu kesa ou cabelo. Em outro lugar, a palavra é explicada como o Isa ou senhor de Hrishika.) Pela virtude dos Mantras com os quais libações de manteiga clarificada são despejadas no fogo sagrado, eu pego e me aproprio da parte (principal) das oferendas feitas em sacrifícios. Minha cor também é a daquela principal das jóias chamada Harit. É por essas razões que eu sou chamado pelo nome de Hari. Eu sou a mais elevada residência de todas as criaturas e sou considerado pelas pessoas familiarizadas com as escrituras como idêntico à Verdade ou Néctar. Eu sou, por esta razão, chamado por Brahmanas eruditos pelo nome de Ritadhama (residência da Verdade ou Néctar). Quando antigamente a Terra ficou submersa nas águas e perdida para a visão, eu a

encontrei e a ergui das profundidades do Oceano. Por esta razão as divindades me adoram pelo nome de Govinda. Sipivishta é outro nome meu. A palavra Sipi indica uma pessoa que não tem pêlos em seu corpo. Aquele que permeia todas as coisas na forma de Sipi é conhecido pelo nome de Sipivishta. O Rishi Yaksha, com alma tranquila, em muitos sacrifícios me invocou pelo nome Sipivishta. É por esta razão que eu vim a ter este nome secreto. Yaksha de grande inteligência, tendo me adorado pelo nome Sipivishta, conseguiu restaurar os Niruktas que tinham desaparecido da superfície da Terra e caído nas regiões inferiores. Eu nunca nasci. Eu nunca tomo nascimento. Nem eu nascerei alguma vez. Eu sou o Kshetrajna de todas as criaturas. Por isso eu sou chamado pelo nome de Aja (não nascido). (Eu sou a Alma de todas as criaturas, e, portanto, não nascido, a Alma sendo Eterna, sem início e sem fim. Por isso eu sou chamado de Não Nascido.) Eu nunca proferi alguma coisa abjeta ou alguma coisa que fosse obscena. A divina Saraswati que é a própria Verdade, que é a filha de Brahma e que também é chamada pelo nome de Rita, representa minha fala e sempre mora em minha língua. O existente e o inexistente têm sido absorvidos por mim em minha Alma. Os Rishis residentes em Pushkara, que é considerada como a residência de Brahman, me chamaram pelo nome de Verdade. Eu nunca me desviei do atributo de Sattwa, e saiba que o atributo de Sattwa tem fluído de mim. Neste meu nascimento também, ó Dhananjaya, meu antigo atributo de Sattwa não me deixou, de tal modo que mesmo nesta vida, me estabelecendo em Sattwa, eu me dirijo às ações sem jamais desejar seus frutos. Purificado de todos os pecados como eu sou pelo atributo de Sattwa, o qual é minha natureza, eu posso ser visto somente pela ajuda do conhecimento que provém da adoção do atributo de Sattwa. Eu sou contado também entre aqueles que são dedicados àquele atributo. Por essas razões eu sou conhecido pelo nome de Sattwata. (A tribo na qual Krishna nasceu era conhecida pelo nome de Sattwata.) Eu cultivo a Terra, assumindo a forma de uma grande relha (de arado) de ferro negro. E porque minha cor é negra, portanto eu sou chamado pelo nome de Krishna. Eu tenho unido a Terra com Água, Espaço com Mente, e Vento com Luz. Portanto eu sou chamado de Vaikuntha. (Terra, Água, Luz, Vento e Espaço são os cinco elementos primordiais. Cada um desses é dividido em cinco partes e as partes assim formadas são então unidas ou misturadas formando as diferentes substâncias do universo, as proporções nas quais elas são misturadas sendo desiguais.) A cessação da existência consciente separada pela identificação com Brahman Supremo é o maior atributo ou condição para um agente vivo alcançar. E já que eu nunca me desviei daquele atributo ou condição, eu sou, portanto, chamado pelo nome de Achyuta (Inabalável). A Terra e o Firmamento são conhecidos como se estendendo em todas as direções. E porque eu sustenho ambos, portanto, eu sou chamado pelo nome de Adhokshaja. Pessoas conhecedoras dos Vedas e empenhadas em interpretar as palavras usadas naquelas escrituras me adoram em sacrifícios por me chamarem pelo mesmo nome. Antigamente, os grandes Rishis, enquanto empenhados em praticar austeridades severas, disseram, ‘Ninguém mais no universo além do pujante Narayana pode ser chamado pelo nome de Adhokshaja.’ A manteiga clarificada que sustenta as vidas de todas as criaturas no universo constitui minha refulgência. É por esta razão que Brahmanas conhecedores dos Vedas e possuidores de almas concentradas me chamam pelo nome de Ghritarchis. (A

manteiga clarificada é o grande sustentador do universo, pois as libações despejadas no fogo sacrifical sustentam as divindades, e as divindades, assim sustentadas, derramam chuva que faz as colheitas e outros alimentos crescerem, dos quais, naturalmente, vive o universo de criaturas vivas.) Há três elementos bem conhecidos constituintes do corpo. Eles têm sua origem na ação, e são chamados de Bílis, Fleuma, e Vento. O corpo é chamado de uma união desses três. Todas as criaturas vivas são sustentadas por esses três, e quando esses três ficam enfraquecidos, as criaturas vivas também ficam enfraquecidas. É por esta razão que todas as pessoas familiarizadas com as escrituras que tratam da ciência da Vida me chamam pelo nome de Tridhatu. (Os elementos constituintes do corpo, chamados Dhatu são Bílis, Fleuma e Vento. Eles são devidos às ações porque o próprio nascimento é devido às ações. Não pode haver nascimento sem um corpo, e nem corpo sem esses três. Então, esses três têm sua origem nas ações anteriores não esgotadas por desfrute ou tolerância.) O santo Dharma é conhecido entre todas as criaturas pelo nome de Vrisha, ó Bharata. Por isso é que eu sou chamado de o excelente Vrisha no léxico Védico chamado Nighantuka. A palavra 'Kapi' significa o principal dos javalis, e Dharma também é conhecido pelo nome de Vrisha. É por esta razão que aquele senhor de todas as criaturas, isto é, Kasyapa, o progenitor comum das divindades e Asuras, me chamou pelo nome Vrishakapi. As divindades e os Asuras nunca puderam averiguar meu início, meu meio, ou meu fim. É por esta razão que eu sou cantado como Anadi, Amadhya e Ananta. Eu sou o Senhor Supremo dotado de pujança, e eu sou a testemunha eterna do universo (vendo como eu vejo suas sucessivas criações e destruições). Eu sempre ouço palavras que são puras e santas, ó Dhananjaya, e nunca seguro alguma coisa que seja pecaminosa. Então eu sou chamado pelo nome de Suchisravas. Assumindo, antigamente a forma de um javali com uma única presa, ó aumentador das alegrias de outros, eu ergui a Terra submersa do fundo do oceano. Por esta razão eu sou chamado pelo nome de Ekasringa. Quando eu assumi a forma do javali imenso para este propósito, eu tinha três corcovas em minhas costas. De fato, é por esta peculiaridade da minha forma naquele tempo que eu vim a ser chamado pelo nome de Trikakud (de três corcovas). Aqueles que conhecem a ciência proposta por Kapila chamam a Alma Suprema pelo nome de Virincha. Aquele Virincha também é chamado de grande Prajapati (ou Brahman). Na verdade eu sou idêntico a Ele, chamado Virincha, por eu dar animação para todas as criaturas vivas, pois eu sou o Criador do universo. Os preceptores da filosofia Sankhya, possuidores de conclusões definitivas (a respeito de todos os tópicos), me chamam de o eterno Kapila permanecendo no meio do disco solar (Savitri-mandala) somente com o Conhecimento como meu companheiro. Na Terra eu sou reconhecido como idêntico Àquele que tem sido cantado nos versos Védicos como o refulgente Hiranyagarbha e que é sempre adorado por Yogins. Eu sou considerado como a forma incorporada do Rich Veda consistindo em vinte e um mil versos. Pessoas familiarizadas com os Vedas também me chamam de a encarnação dos Samans de mil ramos. Assim mesmo Brahmanas eruditos que são meus adoradores devotados e que são muito raros me cantam nos Aranyakas. Nos Adhyaryus eu sou cantando como o Yajur-Veda de cinquenta e seis e oito e sete e trinta ramos. (O Yajur-Veda consiste, segundo este cálculo, em cento e um ramos.) Brahmanas eruditos conhecedores dos Atharvans me

consideram como idêntico aos Atharvans consistindo nos cinco Kalpas e todos os Krityas. (Os Krityas são atos de encantamento, realizados com a ajuda de Mantras Atharvan. Eles são de grande eficácia. Brahmanas conhecedores dos Atharvans são competentes, com a ajuda de Krityas, para alterar as leis da Natureza e confundir o próprio universo.) Todas as subdivisões que existem dos diferentes Vedas em relação aos ramos e todos os versos que compõem aqueles ramos, e todas as vogais que ocorrem naqueles versos, e todas as regras em relação à pronúncia, saiba, ó Dhananjaya, são meu trabalho. Ó Partha, aquele que se ergue (no início da Criação do Oceano de Leite na mais intensa invocação de Brahmana e todas as divindades) e que dá diversos benefícios para as diversas divindades, é ninguém mais do que eu mesmo. Eu sou Ele que é o repositório da ciência de sílabas e pronúncia que é tratada nas partes suplementares dos Vedas. Seguindo o caminho indicado por Vamadeva, o Rishi Panchala de grande alma, por minha graça, obteve daquele Ser eterno as regras a respeito da divisão de sílabas e palavras (para a leitura dos Vedas). De fato, Galava, nascido na tribo Vabhravya, tendo alcançado êxito ascético e obtido um benefício de Narayana, compilou as regras a respeito da divisão de sílabas e palavras (para a leitura dos Vedas). De fato, Galava, nascido na tribo Vabhravya, tendo alcançado êxito ascético e obtido um benefício de Narayana, compilou as regras a respeito da divisão de sílabas e palavras e aquelas sobre ênfase e acento em elocução, e brilhou como o primeiro estudioso que se tornou conhecedor daqueles dois assuntos. Kundrika e o rei Brahmadatta de grande energia, pensando repetidamente na tristeza que acompanha nascimento e morte, obtiveram aquela prosperidade que é adquirida por pessoas dedicadas ao Yoga, no decorrer de sete nascimentos, por minha generosidade. Antigamente, ó Partha, por alguma razão, eu nasci como o filho de Dharma, ó chefe da linhagem de Kuru, e por causa de tal nascimento meu eu fui celebrado sob o nome de Dharmaja. Eu tomei nascimento em duas formas, isto é, como Nara e Narayana. Viajando no veículo (corpo) que ajuda rumo à realização de deveres escriturais e outros, eu pratiquei, naquelas duas formas, austeridades infinitas no leito de Gandhamadana. Naquele tempo ocorreu o grande sacrifício de Daksha. Daksha, no entanto, naquele seu sacrifício, se recusou a dar uma parte para Rudra, ó Bharata, das oferendas sacrificais. Incitado pelo sábio Dadhichi, Rudra destruiu aquele sacrifício. Ele arremessou um dardo cujas chamas resplandeciam a todo instante. Aquele dardo, tendo consumido todos os preparativos do sacrifício de Daksha, veio com grande força em direção a nós (Nara e Narayana) no retiro de Vadari. Com grande violência aquele dardo então caiu sobre o peito de Narayana. Atacado pela energia daquele dardo, o cabelo na cabeça de Narayana tornou-se verde. De fato, por causa dessa mudança na cor do meu cabelo eu vim a ser chamado pelo nome de Munjakesa. (Munja literalmente significa verde, ou uma erva de espécie específica.) Rechaçado por uma exclamação de Hun que Narayana proferiu, o dardo, sua energia sendo perdida, voltou para as mãos de Sankara. Nisto, Rudra ficou muito zangado e como o resultado disso ele avançou em direção aos Rishis Nara e Narayana, dotados da pujança de austeridades severas. Narayana então agarrou Rudra que avançava com sua mão pela garganta. Agarrado por Narayana, o senhor do universo, a garganta de Rudra mudou de cor e se tornou escura. Desde aquele tempo Rudra veio a ser chamado pelo nome de Sitikantha. Enquanto isso Nara,

para o propósito de destruir Rudra, ergueu uma folha de grama, e a inspirou com Mantras. A folha de grama, assim inspirada, foi convertida em um poderoso machado de batalha. Nara repentinamente arremessou aquele machado de batalha em Rudra mas ele se quebrou em pedaços. Por aquela arma ter sido quebrada em pedaços dessa maneira, eu vim a ser chamado pelo nome de Khandaparasu.'" (Nara e Narayana eram a mesma pessoa. Então, a arma de Nara tendo sido quebrada em pedaços, Narayana veio a ser chamado por este nome. Em outra parte é explicado que Mahadeva é chamado de Khandaparasu por ter desistido de seu parasu (machado de batalha) para Rama da linhagem de Bhrigu.)

"Arjuna disse, 'Naquela batalha capaz de ocasionar a destruição dos três mundos, quem obteve a vitória? Ó Janarddana, diga-me isso!'"

"O abençoado e santo disse, 'Quando Rudra e Narayana ficaram engajados em combate dessa maneira, todo o universo ficou repentinamente cheio de ansiedade. A divindade do fogo parou de aceitar libações até da mais pura manteiga clarificada devidamente despejada em sacrifícios com a ajuda de Mantras Védicos. Os Vedas não brilharam mais por luz interior nas mentes dos Rishis de almas purificadas. Os atributos de Rajas e Tamas possuíram as divindades. A Terra tremeu. A abóbada do firmamento pareceu se dividir em duas. Todos os corpos luminosos ficaram desprovidos do seu esplendor. O próprio Criador, Brahman, caiu de seu assento. O próprio Oceano se tornou seco. As montanhas de Himavat foram rachadas. Quando tais presságios terríveis apareceram em todos os lugares, ó filho de Pandu, Brahma circundado por todas as divindades e os Rishis de grande alma logo chegaram àquele local onde a batalha ocorria. Brahma de quatro rostos, capaz de ser compreendido somente com a ajuda dos Niruktas, uniu suas mãos e dirigindo-se a Rudra, disse, 'Deixe que aconteça o bem para os três mundos. Jogue ao chão tuas armas, ó senhor do universo, pelo desejo de beneficiar o universo. Aquele que é imanifesto, indestrutível, imutável, supremo, a origem do universo, uniforme, e o supremo ator, aquele que transcende todos pares de opostos, e que é inativo, optando por ser manifestado, ficou satisfeito em assumir esta forma abençoada, (pois embora duplo, os dois representam somente a mesma forma). Este Nara e Narayana (as formas manifestadas do Brahman Supremo) nasceu na linhagem de Dharma. As principais de todas divindades, estes dois são observadores dos votos mais elevados e dotados das penitências mais severas. Por alguma razão melhor conhecida por Ele, eu mesmo surgi do atributo de Sua Graça. Eterno como tu és, pois tu sempre exististe desde todas as criações passadas, tu também surgiste de Sua Ira. Comigo mesmo então, estas divindades, e todos os grandes Rishis, adore esta forma manifestada de Brahma, e que haja paz para todos os mundos sem qualquer demora.' Assim endereçado por Brahma, Rudra em seguida rejeitou o fogo de sua cólera, e se pôs a gratificar o ilustre e pujante Deus Narayana. (Ele ficou satisfeito em assumir as formas dos Rishis Nara e Narayana.) De fato, ele logo se colocou à disposição do adorável concessor de benefícios e pujante Deus Narayana. Aquele Deus concessor de benefícios, Narayana, que tinha sua ira e os sentidos sob controle, logo ficou satisfeito e reconciliado com Rudra. Bem adorado pelos Rishis, por Brahma, e por todas as divindades, aquele grande Deus, o

Senhor do universo, também chamado pelo nome de Hari, então se dirigiu ao ilustre Isana e disse a ele estas palavras: ‘Aquele que te conhece, me conhece. Aquele que te segue, me segue. Não há diferença entre nós. Nunca pense de outra maneira. A marca feita por tua lança em meu peito desde hoje assumirá a forma de um belo vórtice, e a marca da minha mão em tua garganta também assumirá uma forma bela pelas qual tu irás, deste dia em diante, ser chamado pelo nome de Sreekantha.'"

"O abençoado e santo continuou, 'Tendo mutuamente feito tais marcas no corpo um do outro, os dois Rishis Nara e Narayana assim fizeram amizade com Rudra, e despedindo as divindades, mais uma vez se dirigiram à prática de penitências com uma alma tranquila. Eu assim te disse, ó filho de Pritha, como naquela batalha que ocorreu antigamente entre Rudra e Narayana, o último obteve a vitória. Eu também te disse os muitos nomes secretos pelos quais Narayana é chamado e quais são os significados, ó Bharata, de alguns daqueles nomes, os quais, como eu te falei, os Rishis têm dado ao grande Deus. Desse modo, ó filho de Kunti, assumindo diversas formas eu vago à vontade pela Terra, a região do próprio Brahma, e aquela outra região eterna e sublime de bem-aventurança chamada Goloka. Protegido por mim na grande batalha, tu ganhaste uma grande vitória. Aquele Ser a quem, no tempo de todas as tuas batalhas, tu viste atacando na tua vanguarda, saiba, ó filho de Kunti, não é outro a não ser Rudra, aquele deus dos deuses, também chamado pelo nome de Kaparddin. Ele também é conhecido pelo nome de Kala, (Kala é literalmente Tempo ou Eternidade, mas frequentemente significa morte ou destruição, ou aquele que ocasiona morte ou destruição), e deve ser conhecido como alguém que surgiu da minha ira. Aqueles inimigos os quais tu mataste foram todos, em primeiro lugar, mortos por ele. (Arjuna foi somente o instrumento ostensivo.) Curve tua cabeça para aquele deus dos deuses, aquele marido de Uma, dotado de força incomensurável. Com alma concentrada, curve tua cabeça para aquele Senhor ilustre do universo, aquela divindade indestrutível, também chamada pelo nome de Hari. Ele é ninguém mais do que aquela divindade que, como eu te falei repetidamente, surgiu da minha ira. Tu, antes disto, ouviste, ó Dhananjaya, da pujança e energia que residem nele!'"

344

Saunaka disse, "Ó Sauti, é excelente esta narrativa que tu contaste. Na verdade, estes ascetas, tendo-a ouvido estão todos maravilhados. É dito, ó Sauti, que um discurso que tem Narayana como seu tópico é mais produtivo de mérito do que estadas em todos os retiros sagrados e abluções realizadas em todas as águas sagradas sobre a Terra. Tendo escutado este teu discurso que tem Narayana como seu tópico, que é sagrado e capaz de purificar alguém de todos os pecados, todos nós certamente nos tornamos santos. Adorada por todos os mundos, aquela ilustre e principal das divindades é incapaz de ser contemplada pelas divindades com Brahma numerando entre elas e todos os Rishis. Que Narada pudesse obter uma visão do Deus Narayana, também chamado Hari, foi

devido, ó filho de Suta, à graça especial daquele Senhor divino e pujante. Quando, no entanto, o Rishi celeste Narada tinha conseguido obter uma visão do Senhor Supremo do universo, uma residindo na forma de Aniruddha, por que ele procedeu tão rapidamente (para o retiro de Vadari no leito de Himavat) para ver aqueles dois principais Rishis divinos, Nara e Narayana? Ó Sauti, nos diga a razão de tal conduta da parte de Narada."

Sauti disse, 'Durante a continuação do seu sacrifício de cobras, Janamejaya, o filho nobre de Parikshit, utilizando-se de um intervalo nos ritos sacrificais, e quando todos os Brahmanas eruditos estavam descansando, ó Saunaka, aquele rei de reis dirigiu-se ao avô do seu avô, isto é, o Krishna Nascido na Ilha, também chamado Vyasa, aquele oceano de erudição Védica, aquele principal dos ascetas dotado de pujança, e disse estas palavras.'"

Janamejaya disse, "Depois que o Rishi celeste Narada tinha voltado da Ilha Branca, refletindo, conforme vinha, sobre as palavras faladas a ele pelo santo Narayana, o que, de fato, o grande asceta fez em seguida? Chegando ao retiro conhecido pelo nome de Vadari no leito das montanhas Himavat, e vendo os dois Rishis Nara e Narayana que estavam empenhados em austeridades severas naquele local, por quanto tempo Narada morou lá e quais foram os tópicos de conversação entre ele e os dois Rishis? Este discurso sobre Narayana, que é realmente um oceano de conhecimento, foi criado pela tua pessoa inteligente por bater aquela história vasta chamada Bharata que consiste em cem mil versos. Como manteiga é criada dos coalhos, sândalo das montanhas de Malaia, os Aranyakas dos Vedas, e néctar de todas as ervas medicinais, da mesma maneira, ó oceano de austeridades, este discurso que é como néctar e que tem Narayana como seu objeto foi criado por ti, ó Brahmana, de diversas histórias e Puranas existentes no mundo, Narayana é o Senhor Supremo. Ilustre e dotado de grande pujança, Ele é a alma de todas as criaturas. De fato, ó principal dos regenerados, a energia de Narayana é irresistível. Em Narayana, no fim do Kalpa, entram todas as divindades tendo Brahman como seu principal, todos os Rishis com os Gandharvas, e todas as coisas móveis e imóveis. Eu penso, portanto, que não há nada mais santo sobre a terra ou no céu, e nada mais elevado, do que Narayana. Uma permanência em todos os retiros sagrados da Terra, e abluções realizadas em todas as águas sagradas, não são produtivas de tanto mérito quanto um discurso que tem Narayana como seu tópico. Tendo escutado desde o começo este discurso sobre Hari, o senhor do universo, que destrói todos os pecados, nós sentimos que nós estamos purificados de todos os nossos pecados e totalmente santificados. Nada extraordinário foi realizado por meu antepassado Dhananjaya que foi o vencedor na grande batalha em Kurukshetra, pois deve ser lembrado que ele tinha Vasudeva como seu aliado. Eu penso que não poderia haver nada inalcançável nos três mundos para a pessoa que tivesse como seu aliado o próprio Vishnu, aquele grande Senhor do universo. Extremamente afortunados e meritórios eram aqueles meus antepassados, já que eles tiveram o próprio Janarddana para cuidar de sua prosperidade mundana e espiritual. Adorado de todos os mundos, o santo Narayana só pode ser visto com a ajuda de austeridades. Eles, no entanto, conseguiram ver Narayana, adornado com o belo

vórtice em seu peito. Mais afortunado do que meus antepassados foi o Rishi celeste Narada, o filho de Pramesthi. De fato, eu penso que Narada, que transcende toda destruição, era dotado de uma energia que não era pouca, pois se dirigindo para a Ilha Branca ele conseguiu ver a pessoa de Hari. De fato, é evidente que a visão que ele obteve do Senhor Supremo foi devido somente à graça daquele Ser. Afortunado foi Narada visto que ele conseguiu contemplar Narayana como existente na forma de Aniruddha. Tendo contemplado Narayana naquela forma, por que Narada se apressou novamente para o retiro de Vadari para o propósito de ver Nara e Narayana? Qual foi a razão, ó asceta, desse passo dado por Narada? Por quanto tempo também Narada, o filho de Pramesthi, depois do seu retorno da Ilha Branca e chegada em Vadari e encontro com os dois Rishis Nara e Narayana, viveu lá, e quais conversações ele teve com eles? O que aqueles dois principais Rishis de grande alma disseram para ele? Cabe a ti me dizer tudo isso!'" (As perguntas de Janamejaya, parece, eram endereçadas a Vyasa. Todas as edições, no entanto, fazem Vaisampayana responder aquelas perguntas.)

Vaisampayana disse, "Saudações para o santo Vyasa de energia incomensurável. Por sua graça eu recitarei esta narrativa tendo Narayana como seu tópico. Chegado na Ilha Branca, Narada viu o imutável Hari. Deixando aquele local ele procedeu rapidamente, ó rei, para as montanhas de Meru, levando em sua mente aquelas palavras importantes que Paramatma (o Senhor Supremo) tinha dito para ele. Chegando a Meru ele ficou muito admirado ao pensar, ó rei, no que ele tinha conseguido. E ele disse para si mesmo, 'Quão maravilhoso é isto! A viagem que eu realizei é longa. Tendo procedido para semelhante distância, eu voltei são e salvo.' Das montanhas de Meru ele então procedeu em direção a Gandhamadana. Atravessando os céus ele desceu rapidamente sobre aquele retiro extenso conhecido pelo nome de Vadari. Lá ele viu aquelas divindades antigas, aqueles dois principais dos Rishis, (chamados Nara e Narayana), dedicados à prática de penitências, cumprindo votos excelentes, e devotados ao culto de si mesmos. Ambas aquelas pessoas encantadoras portavam em seus peitos os belos vórtices chamados Sreevatsa, e ambos tinham madeixas emaranhadas em suas cabeças. E pela refulgência com a qual eles iluminavam o mundo eles pareciam superar o próprio Sol em energia. As palmas de cada um tinham a marca chamada de o pé do cisne. As solas dos seus pés tinham a marca do disco. Seus peitos eram muito largos; seus braços alcançavam seus joelhos. Cada um deles tinha quatro 'Mushkas' (juntas de ombros). Cada um deles tinha sessenta dentes e quatro braços. A voz de cada um era tão profunda quanto o ribombo das nuvens. Seus rostos eram extremamente belos, suas testas largas, suas sobrancelhas formosas, suas bochechas bem formadas, e seus narizes aquilinos. As cabeças daquelas duas divindades eram grandes e redondas, parecendo com guarda-sóis abertos. Possuidores dessas marcas, eles eram certamente pessoas muito superiores em aparência. Vendo-os, Narada ficou cheio de alegria. Ele os saudou com reverência e foi saudado por eles em retorno. Eles receberam o Rishi celeste, dizendo 'Bem vindo!', e fizeram as perguntas costumeiras. Contemplando aqueles dois principais dos Seres, Narada começou a refletir dentro de si mesmo, 'Estes dois principais dos Rishis parecem ser muito

semelhantes, em aparência, àqueles Rishis respeitados por todos, os quais eu vi na Ilha Branca.' Pensando dessa maneira, ele circungirou a ambos e então se sentou no assento excelente feito de erva Kusa que tinha sido oferecido para ele. Depois disso, aqueles dois Rishis que eram a residência das penitências, de realizações famosas, e de energia, e que eram dotados de tranquilidade de coração e autodomínio, praticaram seus ritos matinais. Eles então, com corações controlados, adoraram Narada com água para lavar seus pés e os ingredientes usuais do Arghya. (É dito que com a maioria dos homens jovens o que ocorre é que seus corações a princípio os deixam quando eles vêem chegar um convidado respeitado que é para ser recebido com honras devidas. Pouco depois, eles recebem de volta seus corações. Em Nara e Narayana, no entanto, nada desse tipo aconteceu quando eles viram Narada primeiramente, embora Narada fosse alguém a quem sua reverência era devida.) Tendo terminado seus ritos matinais e as observâncias necessárias para receber seu convidado, eles se sentaram em dois assentos feitos de pranchas de madeira. Quando aqueles dois Rishis tomaram seus assentos, aquele lugar começou a brilhar com beleza peculiar assim como o altar sacrifical resplandece com beleza por causa dos fogos sagrados quando libações de manteiga clarificada são derramadas sobre eles. Então Narayana, vendo Narada revigorado da fadiga e sentado tranquilamente e bem satisfeito com os ritos de hospitalidade que ele tinha recebido, se dirigiu a ele, dizendo estas palavras.'"

"Nara e Narayana disseram, 'Tu viste na Ilha Branca o Paramatma (Alma suprema), que é eterno e divino, e que é a fonte sublime de onde nós surgimos?'"

"Narada disse, 'Eu vi aquele Ser belo que é imutável e que tem o universo como sua forma. Nele habitam todos os mundos, e todas as divindades com os Rishis. Agora mesmo eu vejo aquele Ser imutável, ao contemplar vocês dois. Aquelas marcas e indicações que caracterizam o próprio Hari de forma não manifestada, caracterizam vocês dois que são dotados de formas manifestadas diante dos sentidos. (Nara e Narayana são formas manifestadas do Hari não manifestado.) Na verdade, eu vejo vocês ao lado daquele grande Deus. Despedido pela Alma Suprema, eu hoje vim para cá. Em energia e fama e beleza, quem mais nos três mundos pode se igualar a Ele do que vocês dois que nasceram na linhagem de Dharma? Ele me disse a direção inteira de deveres com relação a Kshetrajna. Ele também me falou de todas aquelas encarnações as quais ele irá, no futuro, ter neste mundo. Os habitantes da Ilha Branca, os quais eu vi, são todos desprovidos dos cinco sentidos que são possuídos pelas pessoas comuns. Todos eles são de almas despertas, dotados como eles são do conhecimento verdadeiro. Eles são, também, totalmente devotados ao principal dos Seres, o Senhor Supremo do universo. Eles estão sempre dedicados a cultuar aquela grande Divindade, e a última sempre passa o tempo com eles. A Alma Suprema e santa é sempre amiga daqueles que são devotados a Ele. Ele é amigo também dos regenerados. Sempre afeiçoado àqueles que são devotados a Ele, Ele passa o tempo com aqueles Seus devotos. Desfrutador do universo, permeando tudo, o ilustre Madhava é sempre afetuoso para seus devotos. Ele é o Ator; Ele é a Causa; e Ele é o efeito. Ele é dotado de onipotência e esplendor incomensurável. Ele é Causa

de onde todas as coisas surgem. Ele é a encarnação de todas as ordenanças escriturais. Ele é a encarnação de todos os tópicos. Ele possui grande fama. Unindo-se com penitências, Ele tem iluminado a Si Mesmo com um esplendor que é citado como representando uma energia que é maior do (que a que se encontra na) Ilha Branca. De alma purificada por penitências, Ele tem ordenado Paz e Tranquilidade nos três mundos. Com tal compreensão auspiciosa, ele está dedicado à observância de um voto muito superior o qual é a encarnação da santidade. Aquele reino onde ele reside, engajado em penitências austeras, o Sol não aquece e a Lua não faz brilhar. Lá o vento não sopra. Tendo construído um altar medindo a largura de oito dedos, o ilustre Criador do universo está praticando penitências lá, permanecendo sobre um pé, com braços erguidos, e com rosto virado para o Leste, recitando os Vedas com seus ramos, ele está engajado em praticar as austeridades mais severas. Quaisquer libações de manteiga clarificada ou carne que sejam despejadas sobre o fogo sacrifical segundo as ordenanças de Brahma, pelos Rishis, pelo próprio Pasupati, pelo resto das divindades principais, pelos Daityas, os Danavas, e os Rakshasas, todas alcançam os pés daquela grande divindade. Quaisquer ritos e atos religiosos que sejam realizados por pessoas cujas almas são totalmente devotadas a ele, são todas recebidas por aquela grande Divindade sobre sua cabeça. Ninguém é mais caro para ele nos três mundos do que aquelas pessoas que são despertas e possuidoras de grandes almas. Mais caro ainda do que aquelas pessoas é alguém que é totalmente devotado a ele. Despedido por ele que é a Alma Suprema, eu vim aqui. Isso foi o que o próprio Hari ilustre e santo disse para mim. Eu de agora em diante residirei com você dois, devotado a Narayana na forma de Aniruddha.'"

345

"Nara e Narayana disseram, 'Tu és digno do maior louvor, e tu foste altamente favorecido, já que tu viste o próprio Narayana pujante (na forma de Aniruddha). Ninguém mais, nem mesmo o próprio Brahma que surgiu do lótus primordial, é capaz de contemplá-lo. Aquele principal dos Purushas, dotado de pujança e santidade, é de origem imanifesta e incapaz de ser visto. Estas palavras que nós te dizemos são muito verdadeiras, ó Narada. Não existe ninguém no universo que seja mais querido para ele do que aquele que o adora com devoção. É por isso, ó melhor dos regenerados, que ele se mostrou para ti. Ninguém pode se dirigir para aquele reino onde a Alma Suprema está dedicada à observância de penitências, exceto nós dois, ó principal das pessoas regeneradas. Por aquele local ser adornado por Ele, seu esplendor parece com a refulgência de mil Sóis reunidos juntos. Daquele Ser ilustre, ó Brahmana, dele que é a origem do Criador do universo, ó principal de todas as pessoas dotadas de clemência, surge o atributo de clemência que se atribui à Terra. (Tão perdoador quanto a Terra é uma forma comum de expressão em quase todos os dialetos Indianos.) É daquele Ser ilustre que procura o bem-estar de todos seres, que Rasa (Gosto) surgiu. O atributo de Rasa se vincula às águas que são, também, líquidas. É dele que surgiu o Calor ou Luz tendo o atributo de forma ou visão. Ele se vincula ao sol pelo que o Sol se

torna capaz de brilhar e dar calor. É daquele ilustre e principal dos Seres também que o Tato surgiu. Ele está ligado ao Vento, pelo qual o Vento se move continuamente no mundo produzindo a sensação de toque. É daquele Senhor pujante de todo o universo que o Som surgiu. Ele se vincula ao Espaço, o qual, em consequência disso, existe descoberto e desimpedido. É daquele Ser ilustre que a Mente, a qual permeia todos os Seres, surgiu. Ela se liga a Chandramas, pelo que Chandramas vem a ser investido com o atributo de revelar todas as coisas. Aquele local onde o divino Narayana, aquele participante das libações e outras oferendas feitas em sacrifícios, reside somente com o Conhecimento como seu companheiro, nos Vedas, tem sido chamado pelo nome de causa produtiva de todas as coisas ou Sat. O caminho que é daqueles, ó principal das pessoas regeneradas, que são imaculados e que são livres de virtude e pecado, é repleto de ventura e felicidade. Aditya, que é o dissipador da escuridão de todos os mundos, é citado como sendo a porta (pela qual o Emancipado deve passar). Entrando em Aditya, os corpos de tais pessoas vêm a ser consumidos por seu fogo. Eles então se tornam invisíveis pois depois disso eles não podem ser vistos por alguém em qualquer tempo. Reduzidos a átomos invisíveis, eles então entram (em Narayana em forma manifestada e residindo no meio da região coberta por Aditya) na forma de Aniruddha. Perdendo todos os atributos físicos e sendo totalmente transformados em Mente apenas, eles então entram em Pradyumna. Indo além de Pradyumna, aquelas principais das pessoas regeneradas, incluindo aquelas que são familiarizadas com a filosofia Sankhya e aquelas que são devotadas à divindade Suprema, então entram em Sankarsana que também é chamado de Jiva. Depois disso, desprovidos dos três atributos primordiais de Sattwa, Rajas, e Tamas, aqueles principais dos seres regenerados rapidamente entram no Paramatma (Alma Suprema) também chamado de Kshetrajna e que transcende os três atributos primordiais. Saiba que Vasudeva é Ele quando chamado de Kshetrajna. Na verdade tu deves saber que Vasudeva é a residência ou o refúgio original de todas as coisas no universo. Somente aqueles cujas mentes são concentradas, que são observadores de todos os tipos de restrição, cujos sentidos são controlados, e que são devotados ao Único, conseguem entrar em Vasudeva. Nós dois, ó principal dos regenerados, nascemos na casa de Dharma. Residindo neste retiro encantador e espaçoso nós estamos passando pelas mais austeras das penitências. Nós estamos engajados dessa maneira, ó regenerado, sendo movidos pelo desejo de beneficiar aquelas manifestações da Divindade Suprema, caras para todos os celestiais, que irão ocorrer nos três mundos (para realizar diversas façanhas que não podem ser realizadas por algum outro Ser). De acordo com tais ordenanças que são raras e que se aplicam somente a nós dois, ó melhor das pessoas regeneradas, nós estamos praticando devidamente todos os votos excelentes e sublimes repletos das mais rigorosas das penitências. Tu, ó Rishi celeste, dotado de riqueza de penitências, foste visto por nós na Ilha Branca quando tu foste lá. Tendo encontrado com Narayana, tu tomaste uma resolução específica, a qual é conhecida por nós. Nos três mundos consistindo em seres móveis e imóveis não há nada que seja desconhecido para nós. Do bem ou mal que ocorrerá ou que ocorreu ou que está ocorrendo, aquele Deus dos deuses, ó grande asceta, te informou!'"

Vaisampayana continuou, "Tendo ouvido essas palavras de Nara e Narayana, ambos os quais eram dedicados à prática de penitências severas, o Rishi celeste Narada uniu suas mãos em reverência e tornou-se totalmente devotado a Narayana. Ele empregou seu tempo em recitar mentalmente, com as observâncias apropriadas, inúmeros Mantras sagrados que eram aprovados por Narayana. Cultuando a Divindade Suprema Narayana, e adorando aqueles dois Rishis antigos também que tinham nascido na casa de Dharma, o ilustre Rishi Narada, dotado de grande energia, continuou a residir, assim ocupado, naquele retiro, chamado Vadari, no leito de Himavat, pertencente a Nara e Narayana, por mil anos como medidos pelo padrão dos celestiais.'"

346

Vaisampayana disse, "Em uma ocasião, enquanto residindo no retiro de Nara e Narayana, Narada, o filho de Pramesthi, tendo realizado devidamente os ritos e observâncias em honra das divindades, se pôs a realizar depois disso os ritos em honra dos Pitris. Vendo-o assim preparado, o filho mais velho de Dharma, isto é, o pujante Nara, dirigiu-se a ele, dizendo, 'Quem tu estás cultuando, ó principal das pessoas regeneradas, por estes ritos e observâncias relativos às divindades e os Pitris? Ó principal de todas as pessoas dotadas de inteligência, diga-me isto, de acordo com as escrituras. O que é isto que tu estás fazendo? Quais também são os frutos desejados por ti daqueles ritos que tu te dedicas a realizar?'"

"Narada disse, "Tu me disseste que em uma ocasião anterior que ritos e observâncias em honra das divindades devem ser realizados. Tu disseste que os ritos em honra das divindades constituem o sacrifício mais elevado e são equivalentes ao culto da Alma Suprema eterna. Instruído por aquele ensino, eu sempre sacrifico em honra do eterno e imutável Vishnu, por estes ritos que eu realizo em cultuar as divindades. É daquela Divindade Suprema que Brahma, o Avô de todos os mundos, teve seu surgimento antigamente. Aquele Brahma, também chamado de Prameshthi, cheio de alegria, fez meu pai (Daksha) vir à existência. Eu fui o filho de Brahma, criado antes de todos os outros, por um decreto de sua vontade (embora eu tivesse que tomar nascimento depois como o filho de Daksha por causa de uma maldição daquele Rishi). Ó justo e ilustre, eu estou realizando estes ritos em honra dos Pitris por causa de Narayana, e em conformidade com aquelas ordenanças que foram prescritas por ele mesmo. O ilustre Narayana é o pai, mãe, e avô (de todas as criaturas). Em todos os sacrifícios realizados em honra dos Pitris, é aquele Senhor do universo que é cultuado e adorado. Em uma ocasião, as divindades, que eram pais, ensinaram os Srutis para seus filhos. Tendo perdido seu conhecimento dos Srutis, os pais tiveram que adquiri-lo outra vez daqueles filhos para quem eles o tinham comunicado. Por causa desse incidente, os filhos, que tinham assim comunicado os Mantras para seus pais, adquiriram a posição de pais (e os pais, por terem obtido os Mantras de seus filhos, adquiriram a posição de filhos). (A história é que uma vez as divindades, na véspera de saírem em uma campanha contra os Asuras, comunicaram os Vedas para seus filhos, Agnishatta e outros. Por

consequência, no entanto, da duração do tempo pelo qual eles ficaram ocupados no campo, eles esqueceram seus Vedas. Voltando para o céu, eles tiveram realmente que readquiri-los de seus próprios filhos e discípulos. As Escrituras declaram que o preceptor é sempre o pai, e o discípulo é o filho. Diferença de idade não perturba o relacionamento. Um jovem de dezesseis pode assim ser o pai de um octogenário. Com Brahmanas, a reverência é devida ao conhecimento, não à idade.) Sem dúvida, o que as divindades fizeram naquela ocasião é bem conhecido por vocês dois. Filhos e pais (naquela ocasião) tiveram assim que cultuar uns aos outros. Tendo primeiro espalhado algumas folhas de erva Kusa, as divindades e os Pitris (que eram seus filhos) colocaram três Pindas sobre elas e dessa maneira adoraram uns aos outros. Eu desejo saber, no entanto, a razão por que os Pitris antigamente adquiriram o nome de Pindas.'"

"Nara e Narayana disseram, 'A Terra, antigamente, com sua faixa de mares, desapareceu de vista. Govinda, assumindo a forma de um javali gigantesco, a ergueu (com sua presa imensa). Tendo recolocado a Terra em sua posição anterior, aquele principal dos Purushas, seu corpo coberto com água e lama, se pôs a fazer o que era necessário para o mundo e seus habitantes. Quando o sol alcançou o meridiano, e chegou a hora, portanto, de dizer suas orações matinais, o Senhor pujante, livrando-se repentinamente de três bolas de lama de sua presa, colocou-as sobre a Terra, ó Narada, tendo previamente espalhado sobre ela certas folhas de grama. O pujante Vishnu ofereceu aquelas bolas de lama para si mesmo, de acordo com os ritos prescritos na ordenança eterna. Considerando as três bolas de lama que o Senhor pujante tinha tirado de suas presas como Pindas, ele então, com sementes de gergelim de núcleo oleoso que provieram do calor do seu próprio corpo, realizou ele mesmo o rito de consagração, sentando com o rosto virado para o Leste. Aquela principal das divindades então, impelida pelo desejo de estabelecer regras de conduta para os habitantes dos três mundos, disse estas palavras:

"Vrishakapi disse, 'Eu sou o Criador dos mundos. Eu estou decidido a criar aqueles que devem ser chamados de Pitris.' Dizendo estas palavras, ele começou a pensar naquelas ordenanças superiores que devem regular os ritos a serem praticados em honra dos Pitris. Enquanto assim ocupado, ele viu que as três bolas de lama, sacudidas da sua presa, tinham caído em direção ao Sul. Ele então disse para si mesmo, 'Essas bolas, sacudidas da minha presa, caíram sobre a Terra em direção ao Sul de sua superfície. Levado por isto, eu declaro que essas devem ser conhecidas de agora em diante pelo nome de Pitris. Que essas três que não têm uma forma específica, e que são somente redondas, venham a ser consideradas como Pitris no mundo. Dessa maneira eu crio os Pitris eternos. Eu sou o pai, o avô, e o bisavô, e eu devo ser considerado como residindo nesses três Pindas. Não há alguém que seja superior a mim. Quem há a quem eu mesmo poderia cultuar ou adorar com ritos? Quem, além disso, é meu pai no universo? Eu mesmo sou meu avô. Eu sou, de fato, o Avô e o Pai. Eu sou a única causa (de todo o universo).' Tendo dito estas palavras, aquele Deus de deuses, Vrishakapi por nome, ofereceu aqueles Pindas, ó Brahmana erudito, no leito das montanhas Varaha, com ritos elaborados. Por meio daqueles ritos Ele adorou a Si mesmo, e

tendo terminado o culto, desapareceu. Por isso os Pitris vieram a ser chamados pelo nome de Pinda. Este mesmo é o fundamento da denominação. De acordo com as palavras proferidas por Vrishakapi naquela ocasião, os Pitris recebem o culto oferecido por todos. Aqueles que realizam sacrifícios em honra de e adoram os Pitris, as divindades, o preceptor ou outros convidados superiores veneráveis chegados à casa, vacas, Brahmanas superiores, a deusa Terra, e suas mães, em pensamentos, palavras, e ações, são considerados como adorando e sacrificando para o próprio Vishnu. Permeando os corpos de todas as criaturas existentes, o Senhor ilustre é a Alma de todas as coisas. Inalterado por felicidade ou miséria, Sua atitude em direção a todos é a mesma. Dotado de grandeza, e de grande alma, Narayana é citado como sendo a alma de todas as coisas no universo.'"

347

Vaisampayana disse, 'Tendo ouvido estas palavras de Nara e Narayana, o Rishi Narada se encheu de devoção pelo Ser Supremo. De fato, com sua toda sua alma ele se devotou a Narayana. Tendo residido por mil anos completos no retiro de Nara e Narayana, tendo contemplado o imutável Hari, e ouvido o discurso excelente tendo Narayana como seu tópico, o Rishi celeste dirigiu-se para seu próprio retiro no leito de Himavat. Aqueles principais dos ascetas, isto é, Nara e Narayana, no entanto, continuaram a residir em seu encantador retiro de Vadari, dedicados à prática das mais severas austeridades. Tu és nascido na família dos Pandavas. Tu és de energia incomensurável. Ó perpetuador da linhagem dos Pandavas, tendo escutado este discurso sobre Narayana desde o início, tu foste certamente purificado de todos os teus pecados e tua alma foi santificada. Nem este mundo nem o mundo seguinte, ó melhor dos reis, é daquele que odeia em vez de amar e reverenciar o imutável Hari. Os antepassados daquela pessoa que odeia Narayana, que é a principal das divindades, e também é chamado de Hari, caem no inferno pela eternidade. Ó tigre entre homens, Vishnu é a alma de todos os seres. Como então Vishnu pode ser odiado, visto que ao odiá-lo uma pessoa odiaria a si mesma? Ele que é nosso preceptor, isto é, o Rishi Vyasa, o filho de Gandhavati, ele mesmo narrou para nós este discurso sobre a glória de Narayana, aquela glória a qual é a mais sublime e que é imutável. Eu o ouvi dele e o recitei para ti exatamente como eu o ouvi, ó impecável. Este culto, com seus mistérios e seu resumo de detalhes, foi obtido por Narada, ó rei, daquele Senhor do universo, o próprio Narayana. Tais são os detalhes deste grande culto. Eu, antes disto, ó principal dos reis, o expliquei para ti no Hari-Gita, com uma referência breve às suas ordenanças. (O Hari-Gita é o Bhagavad-Gita. Ele é às vezes chamado também de Narayana-Gita.) Saiba que o Krishna Nascido na Ilha, também chamado de Vyasa, é Narayana sobre a Terra. Quem mais além dele, ó tigre entre reis, poderia compilar tal tratado como o Mahabharata? Quem mais além daquele Rishi pujante poderia falar sobre os diversos tipos de deveres e cultos para a observância e adoção dos homens? Tu resolveste realizar um sacrifício grandioso. Que este teu sacrifício prossiga como determinado por ti. Tendo escutado aos diversos tipos de deveres e cultos, que teu Sacrifício de Cavalo continue."

Sauti continuou, ‘Aquele melhor dos reis, tendo ouvido este grandioso discurso, iniciou todos aqueles ritos que estão prescritos na ordenança para a conclusão do seu grande sacrifício. Questionado por ti, ó Saunaka, eu narrei devidamente para ti e todos esses Rishis que são habitantes da floresta Naimisha, aquele grande discurso tendo Narayana como seu tópico. Antigamente Narada o recitou para meu preceptor na audição de muitos Rishis e os filhos de Pandu e na presença de Krishna e Bhishma também. A divindade Suprema Narayana é o Senhor de todos os principais dos Rishis, e dos três mundos. Ele é o sustentador da própria Terra de vastas proporções. Ele é o receptáculo dos Srutis e do atributo de humildade. Ele é o grande receptáculo de todas aquelas ordenanças que devem ser praticadas para obter tranquilidade de coração, como também de todas aquelas que levam o nome de Yama. Ele está sempre acompanhado pelas principais das pessoas regeneradas. Que aquela divindade sublime seja teu refúgio. Hari sempre faz o que é agradável e benéfico para os habitantes do céu. Ele é sempre o matador de tais Asuras (que se tornam incômodos para os três mundos). Ele é o receptáculo de penitências. Ele é possuidor de grande fama. Ele é o matador dos Daityas conhecidos pelo nome de Madhu e Kaitabha. Ele é o ordenador dos fins que são alcançados por pessoas conhecedoras e observadoras dos deveres escriturais e outros. Ele dissipa os medos de todas as pessoas. Ele pega as principais daquelas oferendas que são dedicadas em sacrifícios. Ele é teu refúgio e proteção. Ele é dotado de atributos. Ele é livre de atributos. Ele é dotado de uma forma quádrupla. Ele compartilha dos méritos provenientes da consagração de tanques e da observância de ritos religiosos similares. Insuperável e possuidor de grande poder, é Ele que sempre ordena o fim acessível somente à Alma, dos Rishis de atos justos. Ele é a testemunha dos mundos; (pois ele tem testemunhado inúmeras Criações de Destruições e as testemunhará pela eternidade). Ele é não nascido. Ele é o único Purusha antigo. Dotado da cor do Sol, Ele é o Senhor Supremo, e ele é o refúgio de todos. Todos vocês curvem suas cabeças para Ele (Vasudeva), já que Ele que surgiu das águas (isto é, o próprio Narayana) curva sua cabeça para Ele. Ele é a origem do universo. Ele é aquele Ser que é chamado de Amrita. Ele é perfeito. Ele é o refúgio do qual todas as coisas dependem. Ele é o único Ser a quem o atributo de imutabilidade se vincula. Os Sankhyas e Yogins, de almas controladas, mantêm Ele que é eterno em suas compreensões.’”

348

Janamejaya disse, 'Eu ouvi de ti a glória da Alma Divina e Suprema. Eu soube também do nascimento da Divindade Suprema na casa de Dharma, na forma de Nara e Narayana. Eu ouvi também de ti a respeito da origem do Pinda a partir do poderoso Baraha (javali) (cuja forma a Divindade suprema assumiu para erguer a Terra submersa). Eu ouvi de ti acerca daquelas divindades e Rishis que foram ordenados para a religião de Pravritti e daqueles que foram ordenados para a religião de Nivritti. Tu também, ó regenerado, nos falaste sobre outros assuntos. Tu nos falaste também daquela forma vasta, com a cabeça Equina, de Vishnu,

aquele participante das libações e outras oferendas feitas em sacrifícios, isto é, a forma que apareceu no grande oceano no Nordeste. Aquela forma foi vista pelo ilustre Brahman, também conhecido pelo nome de Parameshthi. Quais, no entanto, eram as feições exatas, e qual a energia, cuja semelhante entre todos os objetos grandiosos nunca apareceu antes, daquela forma que Hari, o mantenedor do universo, mostrou naquela ocasião? O que Brahman fez, ó asceta, depois de ter visto aquela principal das divindades, cuja semelhante nunca tinha sido vista antes, que era de energia incomensurável, que tinha a cabeça Equina, e que era a própria Santidade? Ó regenerado, esta dúvida surgiu em nossa mente acerca desse assunto antigo de conhecimento. Ó tu da mais notável inteligência, por qual razão a Divindade Suprema assumiu aquela forma e se mostrou nela para Brahman? Tu certamente nos tem santificado por nos falar sobre esses diversos assuntos sagrados!'"

Sauti disse, 'Eu narrarei para ti aquela história antiga, a qual é perfeitamente consistente com os Vedas, e que o ilustre Vaisampayana contou para o filho de Parikshit na ocasião do grande Sacrifício de Cobras. Tendo ouvido o relado da forma poderosa de Vishnu, equipada com a cabeça de cavalo, o filho nobre de Parikshit também teve a mesma dúvida e fez as mesmas perguntas para Vaisampayana.'"

Janamejaya disse, "Diga-me, ó melhor dos homens, por que razão Hari apareceu naquela forma poderosa equipada com uma cabeça de cavalo e a qual Brahma, o Criador, viu nas margens do grande Oceano do norte na ocasião referida por você mesmo?"

Vaisampayana disse, "Todos os objetos existentes, ó rei, neste mundo, são o resultado de uma combinação dos cinco elementos primordiais, uma combinação devido à inteligência do Senhor Supremo. O pujante Narayana, dotado de infinidade, é o Senhor Supremo e Criador do universo. Ele é a Alma interna de todas as coisas, e o dador de benefícios. Desprovido de atributos, ele também é possuidor deles. Ouça-me agora, ó melhor dos reis, enquanto eu narro para ti como a Destruição de todas as coisas é ocasionada. Inicialmente, o elemento Terra imerge na Água e nada então é visto exceto uma vasta extensão de Água por todos os lados. A Água então imerge no Calor, e o Calor no Vento. O Vento então imerge no Espaço, o qual por sua vez imerge na Mente. A Mente imerge no Manifesto (também chamado de Consciência ou Ego). O Manifesto imerge no Imanifesto (ou Prakriti). O Imanifesto (ou Prakriti) imerge em Purusha (Jivatman) e Purusha na Alma Suprema (ou Brahman). Então a Escuridão se estende sobre a superfície do universo, e nada pode ser percebido. Daquela Escuridão primordial surge Brahma (dotado do princípio de Criação). A Escuridão é primeva e repleta de imortalidade. Brahma que surge da Escuridão primeva se desenvolve (por sua própria potência) na idéia do universo, e assume a forma de Purusha. Tal Purusha é chamado de Aniruddha. Privado de sexo, ele também é chamado pelo nome de Pradhana (Supremo ou Primitivo). Ele é também conhecido pelo nome de Manifesto, ou a combinação do atributo triplo, ó melhor dos reis. Ele existe somente com o Conhecimento como seu companheiro. Aquele Ser ilustre e pujante é também chamado pelo nome de Viswaksena ou Hari. Entregando-se ao

sono-Yoga, ele se deita sobre as águas. Ele então pensa na Criação do Universo de fenômenos diversificados e repleto de atributos imensuráveis. Enquanto ocupado em pensar na Criação, ele se lembra de seus próprios atributos superiores. Disto surge o Brahma de quatro faces representando a Consciência de Anirudha. O ilustre Brahma, também chamado de Hiranyagarbha, é o Avô de todos os mundos. Dotado de olhos como pétalas de lótus, ele nasce dentro do Lótus que surge (do umbigo) de Anirudha. Sentado sobre aquele Lótus, o ilustre, pujante, e eterno Brahma de aspecto extraordinário viu que as águas estavam por todos os lados. Adotando o atributo de Sattwa Brahma, também chamado Parameshthi, ele então começou a criar o universo. No Lótus primevo que era dotado da refulgência do Sol, duas gotas de água foram lançadas por Narayana que eram repletas de grande mérito. O ilustre Narayana, sem início e sem fim, e transcendente à destruição, lançou seus olhos naquelas duas gotas de água. Uma daquelas duas gotas de água, de uma forma muito bela e brilhante, parecia com uma gota de mel. Daquela gota surgiu, por ordem de Narayana, um Daitya de nome Madhu composto do atributo de Tamas (Embotamento). A outra gota de água dentro do Lótus era muito sólida. Dela surgiu o Daitya Kaitabha composto do atributo de Rajas. Dotados assim dos atributos de Tamas e Rajas, os dois Daityas possuidores de poder e armados com maças, imediatamente depois de seu nascimento, começaram a vagar dentro daquele vasto Lótus primevo. Eles viram dentro dele Brahma de esplendor incomensurável, empenhado em criar os quatro Vedas, cada um dotado da forma mais encantadora. Aqueles dois principais dos Asuras, possuidores de corpos, vendo os quatro Vedas, inesperadamente os apanharam na própria vista de seu Criador. Os dois Danavas poderosos, tendo se apoderado dos Vedas eternos, mergulharam rapidamente no oceano de águas que eles viram e procederam para seu fundo. Vendo os Vedas tirados de si à força, Brahma encheu-se de angústia. Roubado dos Vedas dessa maneira, Brahma então se dirigiu ao Senhor Supremo nestas palavras."

"Brahma disse, 'Os Vedas são meus grandes olhos. Os Vedas são minha grande força. Os Vedas são meu grande refúgio. Os Vedas são meu Brahman sublime. Todos os Vedas, no entanto, foram roubados de mim à força pelos dois Danavas. Privados dos Vedas, os mundos que eu criei foram envolvidos em escuridão. Sem os Vedas (junto de mim), como eu conseguirei fazer minha Criação excelente começar a existir? Ai, grande é a angústia que eu sofro em consequência da perda dos Vedas (por tal ação). Meu coração está muitíssimo atormentado. Ele se tornou a residência de uma grande tristeza. Quem me salvará desse oceano de dor no qual eu caí por causa da perda que eu sofri? Quem me trará os Vedas que eu perdi? Quem terá compaixão por mim?' Enquanto Brahma estava proferindo estas palavras, ó melhor dos reis, surgiu de repente a resolução em sua mente, ó principal das pessoas inteligentes, de cantar os louvores de Hari nestas palavras. O poderoso Brahma então, com mãos unidas em reverência, e pegando os pés de seu progenitor, cantou este mais elevado dos hinos em honra de Narayana.'"

"Brahma disse, 'Eu te reverencio, ó coração de Brahman. Eu reverencio a ti que nasceste antes de mim. Tu és a origem do universo. Tu és a principal de todas as

residências. Tu, ó pujante, és o oceano de Yoga com todos os seus ramos. Tu és o Criador do que é Manifesto e do que é Imanifesto. Tu andas pelo caminho cuja ventura é de extensão inconcebível. Tu és o consumidor do universo. Tu és o Antaratma (Alma Interna) de todos criaturas. Tu és sem origem. Tu és o refúgio do universo. Tu és auto-nascido; pois tu não tens origem que não seja tu mesmo. Com relação a mim, eu surgi através da tua Graça. De ti eu derivei meu nascimento. Meu primeiro nascimento de ti, o qual é considerado sagrado por todas as pessoas regeneradas, foi devido a um decreto da tua Mente. Meu segundo nascimento de ti nos tempos passados foi dos teus olhos. Pela tua Graça, meu terceiro nascimento foi da tua palavra. Meu quarto nascimento, ó Senhor pujante, foi dos teus ouvidos. Meu quinto nascimento, excelente em todos os aspectos, foi do teu nariz. Ó Senhor, meu sexto nascimento foi, por ti, de um ovo. Este é meu sétimo nascimento. Ele ocorreu, ó Senhor, dentro deste Lótus, e é destinado a estimular o intelecto e desejos de todos os seres. Em cada Criação eu nasço de ti como teu filho, ó tu que és privado das três qualidades. De fato, ó tu de olhos de lótus, eu nasço como teu filho mais velho, composto de Sattwa, a principal das três qualidades. Tu és dotado daquela natureza que é Suprema. Tu nasces de ti mesmo. Eu fui criado por ti. Os Vedas são meus olhos. Por essa razão, eu transcendo o próprio Tempo. Os Vedas, que constituem meus olhos, foram roubados de mim. Eu, portanto, fiquei cego. Desperte desse sono-Yoga. Me devolva meus olhos. Eu sou caro para ti e tu és caro para mim.' Assim louvado por Brahma, o ilustre Purusha, com face virada para todos os lados, então se livrou do seu sono, resolvido a recuperar os Vedas (dos Daityas que os tinham roubado). Aplicando sua pujança-Yoga ele assumiu uma segunda forma. Seu corpo, ornado com um nariz excelente, tornou-se tão brilhante como a Lua. Ele assumiu uma cabeça equina de grande esplendor, a qual era a residência dos Vedas. O firmamento, com todos os seus corpos luminosos e constelações, tornou-se a coroa de sua cabeça. Suas madeixas eram muito longas e ondeantes, e tinham o brilho dos raios do Sol. As regiões superiores e inferiores se tornaram seus dois ouvidos. A Terra tornou-se sua testa. Os dois rios Ganga e Saraswati se tornaram seu dois quadris. Os dois oceanos viraram suas duas sobrancelhas. O Sol e a Lua se tornaram seus dois olhos. O crepúsculo tornou-se seu nariz. A sílaba Om se tornou sua memória e inteligência. A relâmpago tornou-se sua língua. Os Pitris bebedores de Soma se tornaram, é dito, seus dentes. As duas regiões de felicidade, isto é, Goloka e Brahmaloka, se tornaram seus lábios superior e inferior. A noite terrível que se segue à destruição universal, e que transcende os três atributos, tornou-se seu pescoço. Tendo assumido esta forma da cabeça equina e tendo diversas coisas como seus diversos membros, o Senhor do universo desapareceu imediatamente, e procedeu para as regiões inferiores. Tendo alcançado aquelas regiões, ele fixou-se em Yoga elevado. Adotando uma voz regulada pelas regras da ciência chamada Siksha, ele começou a proferir Mantras Védicos ruidosamente. Sua pronúncia era distinta e reverberava pelo ar, e era agradável em todos os aspectos. O som de sua voz encheu a região inferior de ponta a ponta. Dotada das propriedades de todos os elementos, ela era produtiva de grandes benefícios. Os dois Asuras, marcando um compromisso com os Vedas em relação à hora em que eles iriam voltar para pegá-los novamente, os jogaram na região inferior, e correram para o local de onde aqueles sons pareciam

vir. Enquanto isso, ó rei, o Senhor Supremo com a cabeça equina, também chamado Hari, que estava ele mesmo na região inferior, pegou todos os Vedas. Voltando para onde Brahma estava, ele deu os Vedas para ele. Tendo devolvido os Vedas para Brahma, o Senhor Supremo mais uma vez retornou para sua própria natureza. O Senhor Supremo também estabeleceu sua forma com a cabeça equina na região Nordeste do grande oceano. Tendo (dessa maneira) estabelecido ele que era a residência dos Vedas, ele mais uma vez se tornou a forma de cabeça equina que ele era. Os dois Danavas Madhu e Kaitabha, não encontrando a pessoa de quem aqueles sons procediam, voltaram rapidamente para aquele local. Eles olharam ao redor mas viram que o lugar no qual eles tinham jogado os Vedas estava vazio. Aqueles dois principais dos Seres poderosos, adotando grande velocidade de movimento, ergueram-se da região inferior. Voltando para onde estava o Lótus primevo que lhes deu nascimento, eles viram o Ser pujante, o Criador original, permanecendo na forma de Aniruddha de aparência formosa e dotado de um esplendor parecido com aquele da Lua. De destreza incomensurável, ele estava sob a influência do sono-Yoga, seu corpo esticado nas águas e ocupando um espaço tão vasto quanto o próprio. Possuidor de grande refulgência e dotado do atributo imaculado de Sattwa, o corpo do Senhor Supremo deitado sobre o excelente capelo de uma cobra parecia emitir chamas de fogo pela resplandecência ligada a ele. Contemplando o Senhor assim deitado, os dois principais dos Danavas deram uma alta gargalhada. Dotados dos atributos de Rajas e Tamas, eles disseram, ‘Este é aquele Ser de cor branca. Ele está agora deitado adormecido. Sem dúvida, foi ele quem trouxe os Vedas da região inferior. De quem é ele? De quem é ele? Quem é ele? Por que ele está dormindo assim sobre o capelo de uma cobra?’ Proferindo estas palavras, os dois Danavas acordaram Hari do seu sono-Yoga. O principal dos Seres, (isto é, Narayana), assim despertado, percebeu que os dois Danavas pretendiam ter um duelo com ele em batalha. Vendo os dois principais dos Asuras preparados para lutar com ele, ele também decidiu satisfazer aquele desejo deles. Então ocorreu um combate entre aqueles dois de um lado e Narayana do outro. Os Asuras Madhu e Kaitabha eram encarnações das qualidades de Rajas e Tamas. Narayana matou ambos para gratificar Brahma. Ele desde então veio a ser chamado pelo nome de Madhusudana (matador de Madhu). Tendo empreendido a destruição dos dois Asuras e devolvido os Vedas para Brahma, o Ser Supremo dissipou a angústia de Brahma. Ajudado então por Hari e auxiliado pelos Vedas, Brahma criou todos os mundos com suas criaturas móveis e imóveis. Depois disso, Hari, concedendo ao Avô inteligência da principal categoria relacionada à Criação, desapareceu para ir para o local de onde ele tinha vindo. Foi assim que Narayana, tendo assumido a forma equipada com a cabeça de cavalo, matou os dois Danavas Madhu e Kaitabha (e desapareceu da visão de Brahma). Mais uma vez, no entanto, ele assumiu a mesma forma para fazer a religião de Pravritti fluir no universo.'"

"Assim o abençoado Hari assumiu nos tempos passados aquela forma grandiosa tendo a cabeça equina. Esta, de todas as suas formas, dotada de pujança, é celebrada como a mais antiga. A pessoa que frequentemente escuta ou narra mentalmente esta história da adoção por Narayana da forma equipada com

a cabeça equina, nunca esquecerá seu saber Védico ou outro. Tendo adorado com as mais rígidas penitências a divindade ilustre com a cabeça de cavalo, o Rishi Panchala (também conhecido como Galava) adquiriu a ciência de Krama, (isto é, a ciência por cuja ajuda as palavras usadas nos Vedas são separadas umas das outras) por seguir pelo caminho indicado pela divindade (Rudra). Eu assim contei para ti, ó rei, a velha história de Hayasiras, consistente com os Vedas, sobre a qual tu me perguntaste. Quaisquer formas que a Divindade Suprema deseje assumir com a intenção de ordenar os vários assuntos do universo, ele assume aquelas formas imediatamente dentro dele mesmo por exercício dos seus próprios poderes inerentes. A Divindade Suprema, dotada de toda prosperidade, é o receptáculo dos Vedas. Ele é o receptáculo das Penitências também. O pujante Hari é Yoga. Ele é a encarnação da filosofia Sankhya. Ele é aquele Para Brahman do qual nós ouvimos. A Verdade tem seu refúgio em Narayana. Rita tem Narayana como sua alma. A religião de Nivritti, na qual não há retorno, tem Narayana como sua residência sublime. A outra religião que tem Pravritti como sua base tem igualmente Narayana como sua alma. O principal de todos os atributos que pertence ao elemento Terra é o Aroma. O Aroma tem Narayana como sua alma. Os atributos da Água, ó rei, são chamados de Sabores (de vários tipos). Estes Sabores têm Narayana como sua alma. O principal atributo da Luz é a forma. A Forma também tem Narayana como sua alma. O Toque, o qual é o atributo do Vento, é também citado como tendo Narayana como sua alma. O Som, o qual é um atributo do espaço, tem como os outros Narayana como sua alma. A Mente também, a qual é o atributo do imanifesto (Prakriti), tem Narayana como sua alma. O Tempo o qual é computado pelo movimento dos corpos celestes luminosos tem similarmente Narayana como sua alma. As divindades presidentes da Fama, da Beleza, e da Prosperidade, têm a mesma Divindade Suprema como sua alma. Ambas, a filosofia Sankhya e Yoga, têm Narayana como sua alma. O Ser Supremo é a causa de tudo isso, como Purusha. Ele é, também, a causa de tudo, como Pradhana (ou Prakriti). Ele é Swabhaba (a base sobre a qual todas as coisas se apóiam). Ele é o fazedor ou agente, e é a causa daquela variedade que é testemunhada no universo. Ele é os diversos tipos de energia que agem no universo. Dessas cinco maneiras ele é a influência invisível controladora de tudo da qual as pessoas falam. Aqueles empenhados em investigar os vários tópicos de investigação com a ajuda de razões que são de ampla aplicação, consideram Hari idêntico às cinco razões referidas acima e como o refúgio final de todas as coisas. De fato, o pujante Narayana, dotado do maior poder de Yoga, é o único tópico (de indagação). Os pensamentos dos habitantes de todos os mundos incluindo Brahma e os Rishis de grande alma, daqueles que são Sankhyas e Yogins, daqueles que são Yatis, e daqueles, geralmente, que são familiarizados com a Alma, são totalmente conhecidos por Kesava, mas nenhum desses pode saber quais são os pensamentos dele. Quaisquer atos que sejam realizados em honra dos deuses ou dos Pitris, quaisquer doações que sejam feitas, quaisquer penitências que sejam realizadas, têm Vishnu como seu refúgio, que está estabelecido sobre suas próprias ordenanças supremas. Ele é chamado de Vasudeva por ele ser a residência de todas as criaturas. Ele é imutável. Ele é Supremo. Ele é o principal dos Rishis. Ele é dotado da maior pujança. É dito que ele transcende os três

atributos. Como o Tempo (que corre suavemente sem algum sinal) assume indicações quando ele se manifesta na forma de estações sucessivas, assim mesmo é Ele, embora realmente privado de atributos (para manifestar a Si mesmo). Mesmo aqueles que são de grandes almas não conseguem compreender seus movimentos. Somente aqueles principais dos Rishis que têm conhecimento de suas Almas conseguem contemplar em seus corações aquele Purusha que transcende todos os atributos."

349

Janamejaya disse, "O ilustre Hari se torna benevolente para aqueles que são devotados a ele com todas as suas almas. Ele aceita também todo culto que é oferecido para Ele em conformidade com a ordenança. Daquelas pessoas que queimaram seu combustível (isto é, aquelas que se livraram do desejo), e que são desprovidas de mérito e demérito, que obtiveram Conhecimento como passado de preceptor para preceptor, tais pessoas sempre chegam àquele fim que é chamado de o quarto, isto é, a essência do Purushottama ou Vasudeva, através dos outros três. (Vasudeva é chamado de Quarto porque abaixo dele estão Sankarshana, Pradyumna, e Aniruddha.) Aquelas pessoas, no entanto, que são devotadas a Narayana com todas as suas almas imediatamente obtêm o fim mais sublime. (O que é dito nesses dois versos é a diferença entre os fins daqueles que confiam no Conhecimento, e aqueles que são devotados a Narayana com todas as suas almas. Os primeiros alcançam Vasudeva, é verdade, mas então eles têm que passar gradualmente pelos outros três um após outro, isto é, Aniruddha, Pradyumna, e Sankarshana. Os últimos, no entanto, alcançam Vasudeva imediatamente.) Sem dúvida, a religião da devoção parece ser superior (àquela do Conhecimento) e é muito querida para Narayana. Esses, sem passarem pelos três estágios sucessivos (de Aniruddha, Pradyumna, e Sankarshana), alcançam imediatamente o imutável Hari. O fim que é alcançado por Brahmanas, que, desempenhando as devidas observâncias, estudam os Vedas com os Upanishads segundo as regras declaradas para regular tal estudo, e por aqueles que adotam a religião de Yatis, é inferior, eu penso, àquele alcançado por pessoas devotadas a Hari com todas as suas almas. Quem promulgou primeiro esta religião da Devoção? Foi uma divindade ou um Rishi que a declarou? Quais são as práticas daqueles que são citados como devotados com todas as suas almas? Quando aquelas práticas começaram? Eu tenho dúvidas sobre esses tópicos. Remova aquelas dúvidas. Grande é minha curiosidade para te ouvir explicar estes vários pontos."

Vaisampayana disse, "Quando as diversas divisões dos exércitos Pandava e Kuru estavam alinhadas em formação de combate e quando Arjuna ficou desanimado, o próprio divino explicou a questão sobre qual é o fim e qual não é o fim alcançado por pessoas de diferentes qualidades. Eu antes disso já narrei para ti as palavras do santo. A religião pregada pelo santo naquela ocasião é de compreensão difícil. Homens de almas impuras não podem compreendê-la em absoluto. Tendo criado esta religião nos tempos antigos, na era Krita, em perfeita

consonância com os Samans, ela é mantida, ó rei, pelo Senhor Supremo, isto é, o próprio Narayana. Este mesmo tópico foi levantado pelo altamente abençoado Partha para Narada (pelas palavras do último) no meio dos Rishis e na presença de Krishna e Bhishma. Meu preceptor, o Krishna Nascido na Ilha, ouviu o que Narada disse. Recebendo-a do Rishi celeste, ó melhor dos reis, meu preceptor a comunicou para mim exatamente da mesma maneira na qual ele a tinha obtido do Rishi celeste. Eu agora a relatarei para ti, ó monarca, da mesma maneira como ela foi recebida de Narada. Escute, portanto, a mim. Naquele Kalpa quando Brahma, o Criador, ó rei, nasceu na mente de Narayana e saiu da boca do último, o próprio Narayana realizou, ó Bharata, seus ritos Daiva e Paitra de acordo com esta religião. Aqueles Rishis que vivem da espuma da água então a obtiveram de Narayana. Dos Rishis comedores de espuma, esta religião foi obtida por aqueles Rishis levam o nome de Vaikanasas. Dos Vaikanasas, Shoma a obteve. Depois, ela desapareceu do universo. Depois do segundo nascimento de Brahma, ou seja, quando ele surgiu dos olhos de Narayana, ó rei, o Avô (Brahma) então recebeu esta religião de Shoma. Tendo-a recebido dessa maneira, Brahma comunicou esta religião, a qual tem Narayana como sua alma, para Rudra. Na era Krita daquele Kalpa antigo, Rudra, devotado ao Yoga, ó monarca, a comunicou para todos aqueles Rishis que são conhecidos pelo nome de Valikhilyas. Pela ilusão de Narayana, ela mais uma vez desapareceu do universo. No terceiro nascimento de Brahma, o qual foi devido à fala de Narayana, esta religião surgiu mais uma vez, ó rei, do próprio Narayana. Então um Rishi de nome Suparna a obteve daquele principal dos Seres. O Rishi Suparna costumava recitar esta religião excelente, este principal dos cultos, três vezes durante o dia. Por isto ela veio a ser chamada pelo nome de Trisauparna no mundo. Esta religião foi apresentada no Rigveda. Os deveres que ela inculca são de observância extremamente difícil. Do Rishi Suparna, esta religião eterna foi obtida, ó principal dos homens, pelo Deus do vento, aquele sustentador das vidas de todas as criaturas no universo. O Deus do vento a comunicou para os Rishis que subsistiam do que restava das oferendas sacrificais depois de alimentarem convidados e outros. Daqueles Rishis esta religião excelente foi obtida pelo Grande Oceano. Ela mais uma vez desapareceu do universo e imergiu em Narayana. No nascimento seguinte de Brahman de grande alma, quando ele surgiu do ouvido de Narayana, escute, ó chefe de homens, o que aconteceu naquele Kalpa. O ilustre Narayana, também chamado Hari, quando decidiu sobre a Criação, pensou em um Ser que seria poderoso suficiente para criar o universo. Enquanto pensando nisto, surgiu de seus ouvidos um Ser competente para criar o universo. O Senhor de tudo o chamou pelo nome de Brahma. Dirigindo-se a Brahma, o Supremo Narayana disse para ele, ‘Ó filho, crie todas as espécies de criaturas da tua boca e pés. Ó tu de votos excelentes, eu farei o que for benéfico para ti, pois eu te darei energia e força suficientes para te tornar competente para essa tarefa. Receba também de mim esta religião excelente conhecida pelo nome de Sattwata. Ajudado por esta religião crie a era Krita e ordene-a devidamente.’ Assim endereçado, Brahma curvou sua cabeça para o ilustre Hari, o deus dos deuses, e recebeu dele aquele principal de todos os cultos com todos os seus mistérios e seu resumo de detalhes, junto com os Aranyakas, isto é, aquele culto que emergiu da boca de Narayana. Narayana então instruiu Brahma de energia incomensurável naquele culto, e dirigindo-se a

ele, disse, ‘Tu és o criador dos deveres que devem ser cumpridos nos respectivos Yugas.’ Tendo dito isso para Brahma, Narayana desapareceu e procedeu para aquele local que está além do alcance de Tamas, onde o Imanifesto reside, e que é conhecido pelos homens de ações sem desejo de resultados. Depois disso, o concessor de bênçãos Brahma, o Avô dos mundos, criou os diferentes mundos com suas criaturas móveis e imóveis. A era que começou primeiro era altamente auspiciosa e veio a ser chamada pelo nome de Krita. Naquela era, a religião de Sattwa existia, permeando o universo inteiro. (Isto é, todas as criaturas eram justas e compassivas. De mau, não havia nada naquela era.) Com a ajuda daquela religião primeva da virtude, Brahma, o Criador de todos os mundos, adorou o Senhor de todas as divindades, o pujante Narayana, também chamado Hari. Então para a difusão daquela religião e desejoso de beneficiar os mundos, Brahman instruiu aquele Manu que é conhecido pelo nome de Swarochish naquele culto. Swarochish-Manu, aquele Senhor de todos os mundos, aquela principal de todas as pessoas dotadas de força, então alegremente deu o conhecimento daquele culto para seu próprio filho, ó rei, que era conhecido pelo nome de Sankhapada. O filho de Manu, Sankhapada, comunicou aquele conhecimento para seu próprio filho Suvarnabha que era o Regente dos pontos principais e secundários do horizonte. Quando, após o término do Krita Yuga, chegou o Treta, aquele culto mais uma vez desapareceu do mundo. Em um nascimento subsequente de Brahman, ó melhor dos reis, isto é, aquele que foi derivado do nariz de Narayana, ó Bharata, o ilustre e pujante Narayana ou Hari com olhos como pétalas de lótus cantou ele mesmo esta religião na presença de Brahma. Então o filho de Brahma, criado por um decreto de sua vontade, Sanatkumara, estudou este culto. De Sanatkumara, o Prajapati Virana, no início da era Krita, ó tigre entre os Kurus, obteve este culto. Virana, tendo-o estudado dessa maneira, o ensinou para o asceta Raivya. Raivya, por sua vez, a comunicou para seu filho de alma pura, bons votos, e grande inteligência, isto é, Kukshi, aquele Regente justo dos pontos cardeais e secundários do horizonte. Depois disso, aquele culto, nascido da boca de Narayana, mais uma vez desapareceu do mundo. No próximo nascimento de Brahma, aquele do qual ele foi originado de um ovo que emergiu de Hari, este culto mais uma vez emanou da boca de Narayana. Ele foi recebido por Brahma, ó rei, e praticado devidamente em todos os seus detalhes por ele. Brahma então o comunicou, ó monarca, para aqueles Rishis que são conhecidos pelo nome de Varhishada. Dos Varhishadas ele foi obtido por um Brahmana bem versado no Sama-Veda, e conhecido pelo nome de Jeshthya. E porque ele era bem versado nos Samans, portanto ele foi também conhecido pelo nome de Jeshthya-Samavrata Hari. (Um dos principais dos Samans é chamado pelo nome de Jeshthya. Alguém conhecedor do Jeshthya Saman teria esse nome.) Do Brahmana conhecido pelo nome de Jeshthya, este culto foi obtido por um rei de nome Avikampana. Depois disso, aquele culto, derivado do poderoso Hari, desapareceu mais uma vez do mundo. Durante o sétimo nascimento de Brahma devido ao lótus, que surgiu do umbigo de Narayana, ó rei, aquele culto foi uma vez mais declarado pelo próprio Narayana, para o Avô de alma pura, o Criador de todos os mundos, no início deste Kalpa. O Avô o deu nos tempos passados para Daksha (um de seus filhos criados por um decreto de sua vontade). Daksha, por sua vez, o comunicou para o mais velho de todos os filhos

de suas filhas, ó monarca, ou seja, Aditya, que é mais velho do que Savitri em idade. De Aditya, Vivaswat o obteve. No início do Treta Yuga, Vivaswat comunicou o conhecimento deste culto para Manu. Manu, para a proteção e sustento de todos os mundos, então a deu para seu filho Ikshaku. (Ikshaku foi o progenitor da raça solar de reis.) Promulgado por Ikshaku, aquele culto se difundiu por todo o mundo. Quando chegar a destruição universal, ele mais uma vez voltará para Narayana e será absorvido nele. A religião que é seguida e praticada pelos Yatis, ó melhor dos reis, foi narrada para ti antes disso no Hari Gita, com todas as suas ordenanças em resumo. O Rishi celeste Narada a obteve daquele Senhor do universo, o próprio Narayana, ó rei, com todos os seus mistérios e resumo de detalhes. Assim, ó monarca, este principal dos cultos é primevo e eterno. Incapaz de ser compreendido com facilidade e extremamente difícil de ser praticado, ele é sempre mantido por pessoas unidas ao atributo de Sattwa. É por meio de atos que são bem realizados e efetuados com um total conhecimento dos deveres e nos quais não há nada que prejudique alguma criatura, que Hari, o Senhor Supremo, vem a ser satisfeito. Algumas pessoas adoram Narayana como possuidor de uma só forma, isto é, aquela de Aniruddha. Algumas o adoram como dotado de duas formas, a de Aniruddha e Pradyumna. Algumas o adoram como tendo três formas, isto é, Aniruddha, Pradyumna, e Sankarshana. Uma quarta classe o adora como consistindo em quatro formas, Aniruddha, Pradyumna, Sankarshana, e Vasudeva. Hari é Ele mesmo o Kshetrajna (Alma). Ele é sem partes (sendo sempre inteiro). Ele é o Jiva em todas as criaturas, transcendendo os cincos elementos primordiais. Ele é a Mente, ó monarca, que dirige e controla os cinco sentidos. Dotado da maior inteligência, Ele é o Ordenador do universo, e o Criador dele. Ele é ativo e inativo. Ele é a Causa e o Efeito. Ele é o único Purusha imutável, que se diverte como Ele quer, ó rei. Assim eu recitei para ti a religião dos Devotos sem desejos, ó melhor dos reis, incapaz de ser compreendida por pessoas de almas impuras, que eu adquiri pela graça do meu preceptor. São muito raras, ó rei, as pessoas que são devotadas a Narayana com todas as almas. Se, ó filho da linhagem de Kuru, o mundo estivesse cheio de tais pessoas, que são cheias de compaixão universal, e dotadas do conhecimento da alma, e estão sempre empenhadas em fazer bem para outros, então a era Krita teria começado. Todos os homens se dirigiriam à realização de ações sem desejo de resultado. Foi exatamente desta maneira, ó monarca, que aquela principal das pessoas regeneradas (o ilustre Vyasa), meu preceptor, totalmente conhecedor de todos os deveres, falou para o rei Yudhishthira, o justo, sobre esta religião da Devoção, na presença de muitos Rishis e na audição de Krishna e Bhishma. Ele a obteve do Rishi celeste Narada dotado de riqueza de penitências. Aquelas pessoas que são devotadas a Narayana com todas as suas almas e não têm desejo conseguem chegar à região da maior das divindades, idêntica a Brahma, pura em cor, possuidora da refulgência da lua e dotada de imutabilidade.'"

Janamejaya disse, "Eu vejo que aquelas pessoas regeneradas cujas almas despertaram praticam diversos tipos de deveres. Por que é que outros Brahmanas em vez de praticarem aqueles deveres se dirigem à observância de outros tipos de votos e ritos?"

Vaisampayana disse, "Três tipos de tendência, ó monarca, foram criadas em relação a todas as criaturas incorporadas, isto é, aquela que se relaciona com o atributo de Sattwa, aquela que se relaciona com o atributo de Rajas, e por fim aquela que se relaciona com o atributo de Tamas, ó Bharata. Em relação às criaturas incorporadas, ó perpetuador da linhagem de Kuru, é a principal aquela pessoa que é unida ao atributo de Sattwa, pois, ó tigre entre homens, é certo que ela chegará à Emancipação. É com a ajuda deste mesmo atributo de Sattwa que alguém dotado dele consegue compreender a pessoa que conhece Brahma. Com relação à Emancipação, ela depende totalmente de Narayana. Por isso é que as pessoas que se esforçam pela Emancipação são consideradas como compostas da qualidade de Sattwa. Por pensar em Purushottama, o principal dos Seres, o homem que é devotado com toda sua alma a Narayana, adquire grande sabedoria. Aqueles pessoas que são dotadas de sabedoria, que têm se dirigido para as práticas de Yatis e à religião da Emancipação, aquelas pessoas de sede extinta, sempre descobrem que Hari as favorece com a realização de seu desejo. (Esse desejo, naturalmente, se relaciona com a aquisição de Emancipação.) O homem sujeito a nascimento (e morte) sobre quem Hari lança um olhar bondoso deve ser conhecido como dotado da qualidade de Sattwa e dedicado ao alcance da Emancipação. A religião seguida por uma pessoa que é devotada com toda sua alma a Narayana é considerada como semelhante ou igual em mérito ao sistema dos Sankhyas. Por adotar aquela religião alguém alcança o fim mais sublime e chega à Emancipação que tem Narayana como sua alma. Aquela pessoa para quem Narayana olha com compaixão consegue se tornar desperta. (Buddha ou Pratibuddha literalmente significa _desperto_. O sentido é que tal pessoa conseguiu rejeitar todas as impurezas e desejos. Ela, por assim dizer, despertou do sono da ignorância e escuridão.) Ninguém, ó rei, pode se tornar desperto por meio de seus próprios desejos. Aquela natureza que partilha de Rajas e Tamas é citada como sendo misturada. Hari nunca lança um olhar benigno sobre a pessoa sujeita a nascimento (e morte) que é dotada de tal natureza misturada e tem, por causa disso, o princípio de Pravritti em si. Somente Brahma, o Avô dos mundos, olha para a pessoa que está sujeita a nascimento e morte por sua mente estar dominada pelos dois atributos inferiores de Rajas e Tamas. (Aqueles que seguem a religião de Pravritti obtêm céu, etc., através de seus méritos. Méritos, no entanto, são esgotáveis. Eles têm, portanto, que cair do céu. O Criador Brahma lança seu olhar sobre aqueles que seguem Pravritti. A religião de Nivritti leva à Emancipação. É Narayana que olha para os homens que se dirigem a Nivritti.) Sem dúvida, as divindades e os Rishis são unidos aos atributos de Sattwa, ó melhor dos reis. Mas então aqueles que são desprovidos daquele atributo em sua forma sutil são sempre considerados como sendo de natureza mutável." (O que é dito aqui é que as divindades e Rishis são seguramente dotados de Sattwa. Mas então aquele Sattwa é de uma grande forma. Por isso, eles não podem chegar à Emancipação. É somente aquele Sattwa que é de forma sutil que leva à Emancipação. As divindades, sem serem capazes de alcançar a Emancipação permanecem em um estado que é mutável ou repleto de mudança.)

Janamejaya disse, "Como pode alguém que é repleto do princípio de mudança conseguir chegar àquele Purushottama (o principal Purusha)? Diga-me tudo isso, que é, sem dúvida, conhecido por ti. Fale-me também de Pravritti na devida ordem."

Vaisampayana disse, "Aquilo que é o vigésimo quinto (na enumeração dos tópicos feita no sistema Sankhya) ou seja, quando ele é capaz de se abster totalmente das ações, consegue alcançar o Purushottama que é extremamente sutil, que é investido com o atributo de Sattwa (em sua forma sutil), e que é repleto das essências simbolizadas por três letras do alfabeto (isto é, A, U, e M). O sistema Sankhya, o Aranyaka-Veda, e as escrituras Pancharatra, são todos o mesmo e formam partes de um total. Esta mesma é a religião daqueles que são devotados com todas as suas almas a Narayana, a religião que tem Narayana como sua essência. (Ou seja, as práticas que constituem a religião dos Ekantins não são realmente diferentes daquelas declaradas nas escrituras referidas acima.) Como ondas do oceano, erguendo-se do oceano, se movem para longe dele somente para voltar para ele no fim, assim mesmo diversos tipos de conhecimento, emergindo de Narayana, voltam para Narayana no fim. Eu assim expliquei para ti, ó filho da linhagem de Kuru, qual é a religião de Sattwa. Se tu fores qualificado para isto, ó Bharata, pratique esta religião devidamente. Assim o altamente abençoado Narada explicou para meu preceptor, o Krishna Nascido na Ilha, o eterno e imutável processo, chamado Ekanta, (terminando em Um), seguido pelos Brancos (chefes de família ou os habitantes da Ilha Branca), como também pelos Yatis de mantos amarelos. Vyasa, satisfeito com o filho de Dharma Yudhishthira, comunicou esta religião para o rei Yudhishthira, o justo, que era possuidor de grande inteligência. Recebida do meu preceptor eu também a comuniquei para ti! Ó melhor dos reis, esta religião é, por essas razões, de prática extremamente difícil. Outros, ouvindo-a, ficam tão confusos quanto tu te permitiste ficar. É Krishna que é o protetor do universo e seu enganador. É Ele que é o destruidor e a causa, ó monarca."

350

Janamejaya disse, "O sistema Sankhya, as escrituras Pancharatra, e os Aranyaka-Vedas, esses diferentes sistemas de conhecimento ou religião, ó Rishi regenerado, são prevalecentes no mundo. Todos esses sistemas pregam o mesmo método de deveres, ou os métodos de deveres pregados por eles, ó asceta, são diferentes uns dos outros? Questionado por mim, me fale sobre Pravritti na devida ordem!"

Vaisampayana disse, "Eu reverencio aquele grande Rishi que é o dissipador da escuridão, e a quem Satyavati deu à luz por Parasara no meio de uma ilha, que é possuidor de grande conhecimento e que é dotado de grande generosidade de alma. Os eruditos dizem que ele é a origem do Avô Brahma; que ele é a sexta forma de Narayana; que ele é o mais importante dos Rishis; que ele é dotado de pujança-Yoga; que como o único filho de seus pais ele é uma porção encarnada

de Narayana; e que, nascido sob circunstâncias extraordinárias em uma Ilha, ele é o receptáculo inesgotável dos Vedas. Na era Krita, Narayana de pujança grandiosa e energia imensa o criou como seu filho. Na verdade, Vyasa de grande alma é não nascido e antigo e é o receptáculo inesgotável dos Vedas!"

Janamejaya disse, "Ó melhor das pessoas regeneradas, foste tu que disseste antes que o Rishi Vasishtha teve um filho de nome Saktri e que Saktri teve um filho de nome Parasara, e que Parasara gerou um filho chamado Krishna Nascido na Ilha dotado de grande mérito ascético. Tu me disseste também que Vyasa é o filho de Narayana. Eu pergunto, foi em algum nascimento antigo que Vyasa de energia incomensurável nasceu de Narayana? Ó tu de inteligência sublime, fale-me daquele nascimento de Vyasa que foi devido a Narayana!"

Vaisampayana disse, "Desejoso de compreender o significado dos Srutis, meu preceptor, aquele oceano de penitências, que é extremamente dedicado à observância de todos os deveres escriturais e à aquisição de conhecimento, morou por algum tempo em uma região específica das montanhas Himavat. Dotado de grande inteligência, ele ficou fatigado com suas penitências por causa da grande tensão em suas energias ocasionada pela composição do Mahabharata. Naquele tempo, Sumanta e Jaimini e Paila de votos firmes e eu mesmo numerando o quarto, e Suka, seu próprio filho, o atendíamos. Todos nós, ó rei, em vista da fadiga que nosso preceptor sentia, o servíamos respeitosamente, empenhados em fazer tudo o que era necessário para dissipar aquela fadiga dele. Cercado por aqueles seus discípulos, Vyasa brilhava em beleza no leito das montanhas Himavat como o Senhor de todos os seres fantasmais, Mahadeva, no meio daqueles seus servidores fantasmais. Tendo resumido os Vedas com todos os seus ramos como também os significados de todos os Versos no Mahabharata, um dia, com atenção absorta, todos nós nos aproximamos do nosso preceptor que, tendo controlado seus sentidos, estava na hora absorto em pensamento. Nos aproveitando de um intervalo na conversação, nós pedimos àquela principal das pessoas regeneradas para explicar para nós os significados dos Vedas e dos Versos do Mahabharata e para narrar para nós os incidentes também do seu próprio nascimento a partir de Narayana. Conhecedor como ele era de todos os tópicos de indagação, ele a princípio discursou para nós sobre as interpretações dos Srutis e do Mahabharata, e então se pôs a narrar para nós os seguintes incidentes relativos ao seu nascimento de Narayana."

"Vyasa disse, 'Escutem, ó discípulos, a esta principal das narrativas, a esta melhor das histórias que diz respeito além disso ao nascimento de um Rishi. Pertencente à era Krita, esta narrativa foi conhecida por mim através das minhas penitências, ó regenerados. Na ocasião da sétima criação, ou seja, aquela que foi devido ao Lótus primevo, Narayana, dotado das mais penitências mais severas, transcendendo bem e mal, e possuidor de esplendor inigualável, a princípio criou Brahma, a partir de seu umbigo. Depois que Brahma tinha nascido, Narayana dirigiu-se a ele, dizendo; 'Tu nasceste do meu umbigo. Dotado de pujança em relação à criação, ponha-te a criar diversas espécies de criaturas, racionais e irracionais.' Assim endereçado por seu criador, Brahma com sua mente penetrada pela ansiedade, sentiu a dificuldade de sua tarefa e ficou relutante em fazer o que

ele tinha começado a fazer. Curvando sua cabeça ao ilustre Hari dador de bênçãos, o Senhor do universo, Brahma, disse estas palavras a ele, 'Eu te reverencio, ó Senhor das divindades, mas eu pergunto: qual pujança eu tenho para criar diversas criaturas? Eu não tenho sabedoria. Ordene o que deve ser ordenado em vista disso.' Assim endereçado por Brahma, o Senhor do universo, Narayana, desapareceu imediatamente da vista de Brahma. O Senhor Supremo, o deus dos deuses, o principal daqueles dotados de inteligência, então começou a pensar. A Deusa da Inteligência em seguida fez seu aparecimento diante do pujante Narayana. Ele mesmo transcendendo todo Yoga, Narayana então, por força de Yoga, aplicou a Deusa da Inteligência apropriadamente. O ilustre e poderoso e imutável Hari, dirigindo-se à Deusa da Inteligência que era dotada de presteza e bondade e toda a pujança de Yoga, disse a ela estas palavras: 'Para a realização da tarefa de criar todos os mundos entre em Brahma.' Ordenada assim pelo Senhor Supremo, a Inteligência em seguida entrou em Brahma. Quando Hari viu que Brahma tinha se unido com a Inteligência, Ele mais uma vez se dirigiu a ele, dizendo, 'Crie agora diversas espécies de criaturas.' Respondendo a Narayana por proferir a palavra 'Sim', Brahma aceitou reverentemente a ordem do seu progenitor. Narayana então desapareceu da presença de Brahma e em um momento foi para seu próprio lugar, conhecido pelo nome de Deva (Luz ou Refulgência). Voltando para Sua própria disposição (de Não Manifestação), Hari permaneceu naquele estado de unidade. Depois da tarefa de criação, no entanto, ter sido realizada por Brahma, outro pensamento surgiu na mente de Narayana. De fato, ele refletiu dessa maneira: 'Brahma, também chamado Parameshthi, criou todas essas criaturas, consistindo em Daityas e Danavas e Gandharvas e Rakshasas. A Terra desamparada ficou sobrecarregada com o peso das criaturas. Muitos entre os Daityas e Danavas e Rakshasas na Terra se tornarão dotados de grande força. Possuidores de penitências, eles diversas vezes conseguirão obter muitos benefícios excelentes. Enchendo-se de orgulho e poder por causa daqueles benefícios que eles conseguirão obter, eles oprimirão e afligirão as divindades e os Rishis possuidores de poder ascético. É, portanto, apropriado que eu deva de vez em quando aliviar a carga da Terra, por assumir diversas formas uma após outra como a ocasião requerer. Eu realizarei essa tarefa por castigar os maus e defender os justos. (Assim cuidada por mim), a Terra, a qual é a encarnação da Verdade, conseguirá suportar sua carga de criaturas. Assumindo a forma de uma cobra imensa eu mesmo tenho que manter a Terra no espaço vazio. Sustentada por mim dessa maneira, ela sustentará a criação inteira, móvel e imóvel. Encarnado na Terra, portanto, em diferentes formas, eu terei que resgatá-la em tais tempos de perigo.' Tendo refletido dessa maneira, o ilustre matador de Madhu criou diversas formas em sua mente nas quais aparecer de tempos em tempos para realizar a tarefa em vista. 'Assumindo a forma de um Javali, de Homem-Leão, de um Anão, e de seres humanos, eu dominarei ou matarei tais inimigos das divindades que se tornarem perversos e incontroláveis.' Depois disso, o Criador original do universo mais uma vez proferiu a sílaba, Bho, fazendo a atmosfera ressoar com ela. Desta sílaba de palavra (Saraswati) surgiu um Rishi de nome Saraswat. O filho, assim nascido da Palavra de Narayana, veio também a ser chamado pelo nome de Apantara-tamas, (que significa alguém cuja ignorância ou escuridão foi dissipada). Dotado de grande pujança, ele conhecia

completamente o passado, o presente, e o futuro. Firme na observância de votos, ele era verdadeiro em palavras. Àquele Rishi que, depois do nascimento, tinha curvado sua cabeça para Narayana, o último, que era o Criador original de todas as divindades e possuidor de uma natureza que era imutável, disse estas palavras: 'Tu deves dedicar tua atenção à distribuição dos Vedas, ó principal de todas as pessoas dotadas de inteligência. Portanto, ó asceta, faça o que eu te ordeno.' Em obediência a esta ordem do Senhor Supremo de cuja Palavra o Rishi Apantaratamas surgiu, o último, no Kalpa que recebeu o nome do Manu Nascido por Si mesmo, distribuiu e arranjou os Vedas. Por aquela ação do Rishi, o ilustre Hari ficou satisfeito com ele, como também por suas penitências bem realizadas, seus votos e observâncias, e seu controle dos sentidos ou paixões. Dirigindo-se a ele, Narayana disse, 'Em cada Manwantara, ó filho, tu agirás dessa maneira em relação aos Vedas. Tu, por causa dessa tua ação, serás imutável, ó regenerado, e incapaz de ser superado por alguém. Quando a era Kali começar, certos príncipes da linhagem de Bharata, a serem chamados pelo nome de Kauravas, irão nascer de ti. Eles serão famosos sobre a Terra como príncipes de grandes almas governando reinos poderosos. Nascidos de ti, dissensões irão irromper entre eles terminando em sua destruição pelas mãos uns dos outros com exceção de você mesmo. Ó principal das pessoas regeneradas, naquela era também, dotado de penitências austeras, tu distribuirás os Vedas para diversas classes. De fato, naquela idade escura, tua cor se tornará escura. Tu farás fluir diversos tipos de deveres e diversos tipos de conhecimento também. Embora dotado de penitências austeras, contudo tu nunca poderás te livrar do desejo e apego ao mundo. Teu filho, no entanto, será livre de todo apego como a Alma Suprema, pela graça de Madhava. Isto não será de outra maneira. Ele a quem Brahmanas eruditos chamam de filho nascido da mente do Avô, isto é, Vasishtha, dotado de grande inteligência e como um oceano de penitências, e cujo esplendor transcende aquele do próprio Sol, será o progenitor de uma linhagem na qual um grande Rishi de nome Parasara, possuidor de energia e destreza imensas, terá seu nascimento. Aquela principal das pessoas, aquele oceano de Vedas, aquela residência de penitências, se tornará teu pai (quando tu nasceres na era Kali). Tu nascerás como o filho de uma donzela residindo na casa do pai dela, por meio de um ato sexual com o grande Rishi Parasara. Tu não terás nenhuma dúvida com relação à significação de coisas passadas, presentes, e futuras. Dotado de penitências e instruído por mim, tu verás os incidentes de milhares e milhares de eras passadas há muito tempo. Tu verás através de milhares e milhares de eras no futuro também. Tu, naquele nascimento, me verás, ó asceta, eu que sou sem nascimento e morte, encarnado na Terra (como Krishna da linhagem de Yadu), armado com o disco. Tudo isso acontecerá para ti, ó asceta, pelo mérito que será teu por tua devoção incessante a mim. Estas minhas palavras nunca serão diferentes. Tu serás uma das principais criaturas. Grandiosa será tua fama. O filho de Surya, Sani (Saturno) irá, em um futuro Kalpa, nascer como o grande Manu daquele período. Durante aquele Manwantara, ó filho, tu serás, em relação a méritos, superior até aos Manus dos vários períodos. Sem dúvida, tu serás assim pela minha graça. O que quer que exista no mundo representa o resultado do meu esforço. Os pensamentos de outros podem não corresponder às suas ações. Com relação a mim, no entanto, eu sempre ordeno o que eu penso, sem o mínimo

impedimento!' Tendo dito estas palavras para o Rishi Apantaratamas, também chamado pelo nome de Saraswat, o Senhor Supremo o despediu, dizendo a ele, 'Vá'. Eu sou aquele que nasceu como Apantaratamas pela ordem de Hari. Mais uma vez eu nasci como o célebre Krishna-Dwaipayana, um alegrador da linhagem de Vasishtha. (O filho ou o neto é chamado de 'alegrador' por ele ser uma fonte de alegria para o pai ou o avô com os outros membros da família.) Eu assim disse a vocês, meus caros discípulos, as circunstâncias do meu próprio nascimento anterior que foi devido à graça de Narayana, de tal maneira que eu era mesmo uma parte do próprio Narayana. Ó principais das pessoas inteligentes, eu passei, antigamente, pelas mais severas das penitências, com a ajuda da maior abstração da mente. Ó filhos, movido por minha grande afeição por vocês que são devotados a mim com reverência, eu lhes disse tudo relativo ao que vocês desejavam saber de mim, ou seja, meu primeiro nascimento em dias de antiguidade remota e aquele outro nascimento posterior àquele (isto é, o atual)!"

Vaisampayana continuou, "Eu assim narrei para ti, ó monarca, as circunstâncias ligadas ao nascimento anterior do nosso venerável preceptor, Vyasa de mente pura, como pedido por ti. Ouça-me mais uma vez. Existem diversos tipos de cultos, ó sábio nobre, que levam nomes diversos tais como Sankhya, Yoga, o Pancha-ratra, Vedas, e Pasupati. É dito que o promulgador do culto Sankhya é o grande Rishi Kapila. O primevo Hiranyagarbha, e ninguém mais, é o promulgador do sistema Yoga. O Rishi Apantaratamas é citado como o preceptor dos Vedas, alguns chamam aquele Rishi pelo nome de Prachina-garbha. O culto conhecido pelo nome de Pasupata foi promulgado pelo Marido de Uma, aquele mestre de todas as criaturas, ou seja, o alegre Siva, também conhecido pelo nome de Sreekantha, o filho de Brahma. O ilustre Narayana é ele mesmo o promulgador do culto, em sua totalidade, contido nas escrituras Pancharatra. Em todos esses cultos, ó principal dos reis, é visto que o pujante Narayana é o único objeto de explicação. Segundo as escrituras desses cultos e a medida de conhecimento que eles contêm, Narayana é o único objeto de culto que eles inculcam. Aquelas pessoas cujas visões, ó rei, foram cegadas pela escuridão, falham em compreender que Narayana é a Alma Suprema que permeia o universo inteiro. Aquelas pessoas de sabedoria que são os autores das escrituras dizem que Narayana, que é um Rishi, é o único objeto de culto reverente no universo. Eu digo que não há outro ser como Ele. A Divindade Suprema, chamada pelo nome de Hari, reside nos corações daqueles que conseguiram (com a ajuda das escrituras e de inferência) dissipar todas as dúvidas. Madhava nunca reside nos corações daqueles que estão sob o domínio de dúvidas e que questionariam tudo com a ajuda de falsa dialética. Aqueles que conhecem as escrituras Pancharatra, que são devidamente cumpridores dos deveres prescritos nelas, e que são devotados a Narayana com todas as suas almas, conseguem entrar em Narayana. Os sistemas Sankhya e Yoga são eternos. Todos os Vedas, também, ó monarca, são eternos. Os Rishis, em todos esses sistemas de culto, têm declarado que este universo existindo desde os tempos antigos é o próprio Narayana. Tu deves saber que quaisquer atos, bons ou maus, que são declarados nos Vedas e ocorrem no céu e na Terra, entre o céu e as águas, são todos causados por e fluem daquele antigo Rishi Narayana."

351

Janamejaya disse, "Ó regenerado, existem muitos Purushas ou há somente um? Quem, no universo, é o principal dos Purushas? O que, também, é citado como a fonte de todas as coisas?"

Vaisampayana disse, ‘Nas especulações dos sistemas Sankhya e Yoga muitos Purushas são mencionados, ó jóia da linhagem de Kuru. Aqueles que seguem esses sistemas não aceitam que há somente um Purusha no universo. Da mesma maneira na qual os muitos Purushas são citados como tendo origem no Purusha Supremo, pode ser dito que todo este universo é idêntico àquele único Purusha de atributos superiores. Eu explicarei isto agora, depois de reverenciar meu preceptor Vyasa, aquele principal dos Rishis, que é conhecedor da alma, dotado de penitências, autodominado, e digno de culto reverente. Essa especulação sobre Purusha, ó rei, ocorre em todos os Vedas. Isto é bem conhecido como igual a Rita e Verdade. O principal dos Rishis, Vyasa, pensou sobre isso. Tendo se ocupado com reflexão sobre o que é chamado de Adhyatma, diversos Rishis, ó rei, tendo Kapila como seu principal, têm declarado suas opiniões sobre o tema, de modo geral e detalhadamente. Pela graça de Vyasa de energia incomensurável, eu irei expor para ti o que Vyasa disse em resumo sobre esta questão da Unidade de Purusha. Em relação a isto é citada a velha narrativa da conversa entre Brahma, ó rei, e Mahadeva de três olhos. No meio do Oceano de leite há uma montanha muita alta de grande refulgência como aquela do ouro, conhecida, ó monarca, pelo nome de Vaijayanta. Indo para lá completamente só, a partir da sua própria residência de grande esplendor e felicidade, a divindade ilustre Brahma costumava passar seu tempo muito frequentemente, empenhado em pensar no curso de Adhyatma. Enquanto Brahma de quatro faces de grande inteligência estava sentado lá, seu filho Mahadeva, que tinha surgido de sua testa o encontrou um dia no decorrer de suas viagens pelo universo. Nos tempos antigos, Siva de três olhos dotado de pujança e Yoga superior, enquanto procedendo pelo céu, viu Brahma sentado naquela montanha e, portanto, desceu rapidamente em seu topo. Com um coração alegre ele se apresentou perante seu progenitor e adorou seus pés. Vendo Mahadeva prostrado aos seus pés, Brahma o levantou com sua mão esquerda. Tendo assim erguido Mahadeva, Brahma, aquele pujante e único Senhor de todas as criaturas, então se dirigiu ao seu filho, a quem ele encontrou depois de muito tempo, nestas palavras.”

"O Avô disse, 'Tu és bem vindo, ó tu de braços poderosos. Por boa sorte eu te vejo vir à minha presença depois de um longo tempo. Eu espero, ó filho, que esteja tudo certo com tuas penitências e teus estudos e recitações Védicas. Tu és sempre observador das mais austeras penitências. Então eu te pergunto sobre o progresso e bem-estar daquelas tuas penitências!'”

"Rudra disse, 'Ó ilustre, pela tua graça, tudo está bem com minhas penitências e estudos Védicos. Está tudo bem, também, com o universo. Eu vi tua pessoa

ilustre há muito tempo atrás em teu próprio lar de felicidade e refulgência. Eu estou vindo daquele lugar para esta montanha que é agora a residência dos teus pés (isto é, tua residência). Grande é a curiosidade provocada em minha mente por essa tua retirada para tal local solitário da tua região habitual de felicidade e esplendor. Deve haver uma grande razão, ó avô, para tal ato da tua parte. Tua própria residência principal é livre dos tormentos de fome e sede, e habitada pelas divindades e Asuras, por Rishis de esplendor incomensurável, como também por Gandharvas e Apsaras. Abandonando tal local de felicidade, tu resides sozinho nesta principal das montanhas. A causa disso deve ser importante."

"Brahma disse, 'Esta principal das montanhas, chamada Vaijayanta, é sempre minha residência. Aqui, com mente concentrada, eu medito no único Purusha universal de proporções infinitas.'"

"Rudra disse, 'Tu és auto-nascido. Muitos são os Purushas que foram criados por ti. Outros, também, ó Brahma, estão sendo criados por ti. O Purusha Infinito, no entanto, de quem tu falas, é um e único. Quem é aquele principal dos Purushas, ó Brahma, que está sendo meditado por ti? É grande a curiosidade que eu sinto sobre este assunto. Dissipe amavelmente a dúvida que tomou posse da minha mente."

"Brahma disse, 'Ó filho, muitos são aqueles Purushas dos quais tu falas. O único Purusha, no entanto, em quem eu estou pensando, transcende todos os Purushas e é invisível. Os muitos Purushas que existem no universo têm aquele Purusha como sua base; e já que um Purusha é citado como sendo a fonte de onde todos os inúmeros Purushas têm surgido, por isso todos os últimos, se eles conseguirem se despojar de atributos, se tornam competentes para entrar naquele único Purusha que é identificado com o universo, que é supremo, que é o principal dos principais, que é eterno, e que é ele mesmo desprovido de e que está acima de todos os atributos."

352

'Brahma disse, 'Escute, ó filho, como aquele Purusha é indicado. Ele é eterno e imutável. Ele é imperecível e incomensurável. Ele permeia todas as coisas. Ó melhor de todas as criaturas, aquele Purusha não pode ser visto por ti, ou por mim, ou por outros. Aqueles que são dotados da compreensão e dos sentidos mas desprovidos de autocontrole e tranquilidade de alma não podem obter uma visão dele. O Purusha Supremo é citado como alguém que pode ser visto somente com a ajuda do conhecimento. Embora privado de corpo, Ele mora em todos os corpos. Embora morando, também, em corpos, Ele nunca é tocado pelas ações realizadas por aqueles corpos. Ele é meu Antaratma (alma interna). Ele é tua alma interna. Ele é a Testemunha que tudo vê habitando dentro de todas as criaturas incorporadas e empenhado em observar suas ações. Ninguém pode pegá-lo ou compreendê-lo em qualquer tempo. O universo é a coroa de sua cabeça. O universo é seus braços. O universo é seus pés. O universo é seus olhos. O

universo é seu nariz. Só e único, ele vagueia por todos os Kshetras (corpos) incontido por quaisquer limitações à sua vontade e como lhe agrada. Kshetra é outro nome para corpo. E porque ele conhece todos os Kshetras como também todos os atos bons e maus, portanto ele, que é a alma do Yoga, é chamado pelo nome de Kshetrajna. (Atos são chamados de sementes. Sementes produzem árvores. Atos levam à obtenção de corpos. Para a produção de corpos, portanto, atos operam como sementes.) Ninguém consegue perceber como ele entra nas criaturas incorporadas e como ele sai delas. Segundo o modo Sankhya, como também com a ajuda de Yoga e a devida observância das ordenanças prescritas por este, eu estou ocupado em pensar na causa daquele Purusha, mas ai, eu não posso compreender aquela causa, excelente como ela é. Eu irei, no entanto, segundo a extensão do meu conhecimento, falar para ti sobre aquele Purusha eterno e sua Unidade e grandeza supremas. Os eruditos falam dele como o único Purusha. Aquele Ser eterno merece o título de Mahapurusha (o grande Purusha supremo). O Fogo é um elemento, mas ele pode ser visto queimar em mil lugares sob mil circunstâncias diferentes. O Sol é um e único, mas seus raios se estendem pelo amplo universo. Penitências são de diversos tipos, mas elas têm uma origem comum de onde elas têm fluído. O Vento é um, mas ele sopra em diversas formas no mundo. O grande Oceano é o único pai de todas as águas no mundo vistas sob diversas circunstâncias. Privado de atributos, aquele único Purusha é o universo manifestado em infinidade. Fluindo dele, o universo infinito entra novamente naquele único Purusha, que transcende todos os atributos, quando chega a hora de sua destruição. Por rejeitar a consciência de corpo e os sentidos, por rejeitar todas as boas e más ações, por rejeitar verdade e falsidade, alguém consegue se despojar de atributos. A pessoa que percebe aquele Purusha inconcebível, e compreende sua existência sutil na forma quádrupla de Aniruddha, Pradyumna, Sankarshana, e Vasudeva, e que, por tal compreensão, obtém perfeita tranquilidade de coração, consegue entrar em e se identificar com aquele único Purusha auspicioso. Algumas pessoas possuidoras de conhecimento falam dele como a alma suprema. Outras o consideram como a única alma. Uma terceira classe de homens eruditos o descreve como a alma. (No sistema Yoga Ele é chamado de Alma Suprema, pois Yogins afirmam a existência de duas almas, a Jivatman e a Alma Suprema, e asseveram a superioridade da última sobre a primeira. Os Sankhyas consideram a alma Jiva e a Alma Suprema como uma e a mesma. Uma terceira classe de homens pensa em tudo como Alma, não havendo diferença entre a única Alma e o universo manifestado em infinidade.) A verdade é que ele que é a Alma Suprema é sempre desprovido de atributos. Ele é Narayana. Ele é a alma universal, e ele é o único Purusha. Ele nunca é afetado pelos frutos das ações assim como a folha do lótus nunca é encharcada pela água que alguém possa jogar sobre ela. O Karamta (Alma ativa) é diferente. Esta Alma está às vezes engajada em ações e quando ela consegue rejeitar as ações alcança a Emancipação ou identidade com a Alma Suprema. A Alma ativa é dotada de dezessete propriedades. (A Alma ativa está abrigada no Linga-sarira com o qual ela se torna ora um ser humano, ora uma divindade, ora um animal, etc. As dezessete posses são os cinco pranas, mente, inteligência e os dez órgãos dos sentidos.) Dessa maneira é dito que há inúmeros tipos de Purushas em ordem devida. Na verdade, no entanto, há somente um Purusha. Ele é a residência de

todas as ordenanças em relação ao universo. Ele é o maior objeto de conhecimento. Ele é ao mesmo tempo o conhecedor e o objeto a ser conhecido. Ele é ao mesmo tempo o pensador e o objeto do pensamento. Ele é o comedor e o alimento que é comido. Ele é aquele que cheira e o perfume que é cheirado. Ele é ao mesmo tempo aquele que toca e o objeto que é tocado. Ele é o agente que vê e o objeto que é visto. Ele é o ouvinte e o objeto que é ouvido. Ele é aquele que concebe e o objeto que é concebido. Ele é possuidor de atributos e é livre deles. O que foi anteriormente, ó filho, chamado de Pradhana, e é a mãe do Mahat tattwa não é outro a não ser a Refulgência da Alma Suprema; porque Ele é que é eterno, sem destruição e nenhum fim e sempre imutável. Ele é quem cria a primeira ordenança em relação ao próprio Dhatri. Brahmanas eruditos o chamam pelo nome de Aniruddha. Quaisquer atos, possuidores de méritos excelentes e repletos de bênçãos, que fluem dos Vedas no mundo, têm sido causados por Ele. Todas as divindades e todos os Rishis, possuidores de almas tranquilas, ocupando seus lugares no altar, dedicam a ele a primeira parte de suas oferendas sacrificais. Eu, que sou Brahma, o mestre primevo de todas as criaturas, nasci dele, e tu nasceste de mim. De mim tem fluído o universo com todas as suas criaturas móveis e imóveis, e todos os Vedas, ó filho, com seus mistérios. Dividido em quatro partes (isto é, Aniruddha, Pradyumna, Sankarshana, e Vasudeva), Ele se diverte como Ele quer. Aquele Senhor ilustre e divino é de tal maneira, despertado por Seu próprio conhecimento. Eu assim te respondi, ó filho, de acordo com tuas perguntas, e em conformidade com a maneira na qual a questão é exposta no sistema Sankhya e na filosofia Yoga."

353

"Sauti disse, 'Depois que Vaisampayana tinha explicado para o rei Janamejaya dessa maneira a glória de Narayana, ele começou a falar sobre um outro tópico por narrar a pergunta de Yudhishthira e a resposta que Bhishma deu na presença de todos os Pandavas e dos Rishis como também do próprio Krishna. De fato, Vaisampayana começou por dizer o seguinte.'"

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó avô, nos falaste sobre os deveres pertencentes à religião da Emancipação. Cabe a ti agora nos dizer quais são os principais deveres das pessoas pertencentes aos vários modos de vida!'" (O objetivo da pergunta é averiguar qual é o principal de todos os modos de vida. Embora a Renúncia tenha sido descrita como o melhor de todos os modos, no entanto os deveres daquele modo são de prática extremamente difícil. Por isso, Yudhishthira deseja saber se os deveres de algum outro modo podem ser considerados como superiores.)

"Bhishma disse, 'Os deveres ordenados a respeito de cada modo de vida são capazes, se bem realizados, de levar para o céu e ao fruto sublime da Verdade. Deveres são como muitas portas, para grandes sacrifícios e doações, e nenhuma das práticas inculcadas por eles é inútil em relação à consequência. Alguém que adota deveres específicos com fé firme e imperturbável, louva aqueles deveres

adotados por ele à exclusão do resto, ó chefe da linhagem de Bharata. Este tópico específico, no entanto, sobre o qual tu desejas que eu fale foi antigamente o assunto de conversação entre o Rishi celeste Narada e o chefe das divindades, Indra. O Rishi grande Narada, ó rei, reverenciado por todo o mundo é um siddha, isto é, seu sadhana encontrou realização. Ele vaga por todos os mundos totalmente desimpedido, como o próprio vento que tudo permeia. Uma vez ele foi à residência de Indra. Devidamente honrado pelo chefe das divindades, ele sentou perto de seu anfitrião. Vendo-o sentado à vontade e livre de fadiga, o marido de Sachi dirigiu-se a ele, dizendo, 'Ó grande Rishi, há alguma coisa extraordinária que tenha sido vista por ti, ó impecável? Ó Rishi regenerado, coroado com sucesso ascético, tu vagas, movido pela curiosidade, pelo universo de objetos móveis e imóveis, testemunhando todas as coisas. Ó Rishi celeste, não há nada no universo que seja desconhecido para ti. Fale-me, portanto, de algum incidente admirável que tu possas ter visto ou ouvido ou sentido.' Assim questionado, Narada, aquele principal dos oradores, ó rei, então começou a narrar para o chefe dos celestiais a história extensa que se segue. Ouça-me enquanto eu conto aquela história que Narada contou diante de Indra. Eu a narrarei da mesma maneira na qual o Rishi celeste a narrou, e para o mesmo propósito que ele tinha em vista!'"

354

"Bhishma disse, 'Em uma cidade excelente chamada pelo nome de Mahapadma, que era situada no lado sul do rio Ganga, vivia, ó melhor dos homens, um Brahmana de alma concentrada. Nascido na linhagem de Atri, ele era dotado de amabilidade. Todas as suas dúvidas tinham sido dissipadas (pela Fé e contemplação) e ele conhecia bem o caminho que ele tinha que seguir. Sempre cumpridor dos deveres religiosos, ele tinha sua raiva sob controle total. Sempre contente, ele era o perfeito dominador de todos os seus sentidos. Dedicado a penitências e ao estudo dos Vedas, ele era honrado por todos os bons homens. Ele adquiriu riqueza por meios justos e sua conduta em todas as coisas correspondia ao modo de vida que ele levava e à classe à qual ele pertencia. A família à qual ele pertencia era grande e célebre. Ele tinha muitos amigos e parentes, e muitos filhos e esposas. Seu comportamento era sempre respeitável e impecável. Observando que ele tinha muitos filhos, o Brahmana se dirigiu à realização de ações religiosas em grande escala. Suas observâncias religiosas, ó rei, tinham relação com os costumes da sua própria família. (Costumes de família são sempre observados com grande cuidado. Mesmo quando inconsistentes com as ordenanças das escrituras, tais costumes não perdem sua força obrigatória. Repreensível como é a venda de uma filha ou irmã, o grande rei Salya, quando ele entregou sua irmã Madri para Pandu, insistiu em receber uma soma de dinheiro, alegando costume familiar não somente como uma desculpa mas como algo que era obrigatório. Até hoje, animais são mortos em sacrifícios de muitas famílias que seguem a fé Vaishnava, a justificação sendo costume de família.) O Brahmana refletiu que três tipos de deveres foram formulados para observâncias. Havia em

primeiro lugar os deveres ordenados nos Vedas a respeito da classe na qual ele era nascido e ao modo de vida que ele estava levando (isto é, um Brahmana na observância de vida familiar). Havia em segundo lugar, os deveres prescritos nas escrituras, ou seja, aqueles especialmente chamados de Dharmasastras. E, em terceiro lugar, havia aqueles deveres que homens eminentes e veneráveis dos tempos antigos tinham seguido embora não se encontrassem nem nos Vedas nem nas escrituras. (Os Vedas, no sentido exato da palavra, não são escrituras, pois eles são _ouvidos_, as escrituras sendo aquelas ordenanças que são escritas. Naturalmente, os Vedas foram postos em forma escrita, mas apesar disso, eles continuam a ser chamados de Srutis.) ‘Qual desses deveres eu devo seguir? Quais deles, também, seguidos por mim, provavelmente levarão ao meu benefício? Qual, de fato, deve ser meu refúgio?’ Pensamentos como esses sempre o incomodavam. Ele não podia esclarecer suas dúvidas. Enquanto incomodado com tais reflexões, um Brahmana de alma concentrada e praticante de uma religião muito superior chegou à casa dele como um convidado. O chefe de família honrou seu convidado devidamente segundo aquelas ordenanças de culto que são prescritas nas escrituras. Vendo seu convidado refrescado e sentado tranquilo, o anfitrião dirigiu-se a ele nas seguintes palavras."

"O Brahmana disse, 'Ó impecável, eu me tornei extremamente afeiçoado a ti por causa da gentileza da tua conversação. Tu te tornaste meu amigo. Ouça-me, pois eu desejo te dizer uma coisa. Ó principal dos Brahmanas, depois de transferir os deveres de um chefe de família para meu filho, eu desejo cumprir os mais elevados deveres do homem. Qual, ó regenerado, deve ser meu caminho? Confiando na alma Jiva, eu desejo alcançar existência na única Alma (Suprema). Ai, amarrado pelos vínculos do apego, eu não tenho coração para realmente me dirigir para a realização daquela tarefa. E já que a melhor parte da minha vida foi passada na observância da vida familiar, eu desejo dedicar o resto da minha vida a ganhar os meios de custear as despesas da minha viagem em relação à hora que se aproxima. Surgiu na minha mente o desejo de cruzar o oceano do mundo. Ai, de onde eu obterei a balsa da religião (com a qual realizar meus propósitos)? Sabendo que até as próprias divindades são perseguidas e têm que aguentar os resultados de suas ações, e vendo as fileiras das bandeiras e estandartes de Yama (isto é, as diversas doenças) flutuando sobre as cabeças de todas as criaturas, meu coração falha em derivar prazer dos diversos objetos de prazer com os quais ele entra em contato. Vendo também que os Yatis dependem para seu sustento de esmolas obtidas no decurso de suas rondas de mendicância, eu também não tenho respeito pela religião dos Yatis. Ó meu convidado venerável, ajudado por aquela religião que é fundada sobre as bases da inteligência e razão, estabeleça para mim o cumprimento de um método específico de deveres e observâncias!'"

"Bhishma continuou, 'Dotado de grande sabedoria, o convidado, ouvindo este discurso de seu anfitrião, o qual era consistente com a retidão, disse estas palavras gentis em uma voz melodiosa.'"

"O convidado disse, 'Eu mesmo também estou confuso com relação a este assunto. O mesmo pensamento ocupa minha mente. Eu não posso chegar a

conclusões definitivas. O Céu tem muitas portas. Há alguns que louvam a Emancipação. Algumas pessoas regeneradas louvam os frutos obteníveis pela realização de sacrifícios. Há alguns que se refugiam no modo de vida da floresta. Alguns, também, se dirigem ao modo de vida familiar. Alguns confiam nos méritos alcançáveis por uma observância dos deveres dos reis. Alguns confiam nos resultados daquele treino que consiste em controlar a alma. Alguns pensam que os méritos resultantes de uma obediência respeitosa aos preceptores e superiores são eficazes. Alguns se dirigem a restrições impostas sobre a fala. Alguns, por servirem respeitosamente suas mães e pais, vão para o céu. Alguns vão para o céu por praticarem o dever da compaixão, e alguns por praticarem a Verdade. Alguns vão para a batalha, e depois de sacrificarem suas vidas alcançam o céu. Alguns, também, obtendo sucesso por praticarem o voto chamado Unccha, se dirigem ao caminho de céu. Alguns se dedicam ao estudo dos Vedas. Dotados de boa ventura e dedicados a tal estudo, esses homens, possuidores de inteligência, com almas tranquilas, e tendo seus sentidos sob controle completo, chegam ao céu. Outros caracterizados por simplicidade e verdade são mortos por homens de perversidade. Dotados de almas puras, tais homens de verdade e simplicidade se tornam honrados habitantes do céu. Neste mundo, é visto que homens se dirigem ao céu através de mil portas de dever, todas totalmente abertas. Minha mente ficou agitada pela tua pergunta, como uma nuvem macia perante o vento.'"

355

"O convidado continuou, 'Apesar disso, ó Brahmana, eu me esforçarei para te instruir devidamente. Ouça-me enquanto eu narro para ti aquilo que eu ouvi do meu preceptor. Naquele lugar de onde, no decorrer de uma criação anterior, a roda da justiça foi posta em movimento, naquela floresta que é conhecida pelo nome de Naimisha, e que está situada nas margens do Gomati, há uma cidade que recebeu o nome dos Nagas. Lá, naquela região, todas as divindades, se reunindo, realizaram antigamente um sacrifício grandioso. Lá o principal dos reis terrestres, Mandhatri, derrotou Indra, o chefe dos celestiais. Um Naga poderoso, de alma justa, mora na cidade que fica naquela região. Aquele grande Naga é conhecido pelo nome de Padmanabha ou Padma. Andando pelo caminho triplo (de ações, conhecimento, e adoração) ele gratifica todas as criaturas em pensamentos, palavras, e atos. Refletindo sobre todas as coisas com grande cuidado, ele protege os justos e castiga os maus por adotar a política quádrupla de conciliação, provocar dissensões, fazer presentes ou subornos, e de usar a força. Indo para lá, tu deves fazer para ele as perguntas que desejares. Ele te mostrará realmente qual é a religião mais elevada. Aquele Naga é sempre afetuoso com convidados. Dotado de grande inteligência, ele conhece bem as escrituras. Ele possui todas as virtudes desejáveis, iguais às quais não são percebidas em nenhuma outra pessoa. Por disposição ele é sempre observador daqueles deveres que são realizados com ou na água. Ele é dedicado ao estudo dos Vedas. Ele é dotado de penitências e autodomínio. Ele tem grande riqueza. Ele realiza sacrifícios, faz doações, se abstém de infligir dano e pratica bondade.

Sua conduta em todos os aspectos é excelente. Verdadeiro em palavras e livre de malícia, seu comportamento é bom e seus sentidos estão sob controle adequado. Ele come depois de alimentar todos os seus convidados e servidores. Ele é de fala gentil. Ele tem conhecimento do que é benéfico e do que é simples e certo e do que é censurável. Ele avalia o que ele faz e o que ele deixa inacabado. Ele nunca age com hostilidade em direção a alguém. Ele está sempre dedicado a fazer o que é benéfico para todas as criaturas. Ele pertence a uma família que é tão pura e imaculada quanto a água de um lago no meio do Ganges.'"

356

"O anfitrião respondeu, 'Eu ouvi essas tuas palavras, que são tão confortantes, com tanta satisfação quanto a que é sentida por uma pessoa pesadamente carregada quando aquela carga é tirada da sua cabeça ou ombros. A satisfação que um viajante que fez uma longa viagem a pé sente quando ele deita em uma cama, aquela que uma pessoa sente quando ela encontra um assento depois de ter ficado em pé por longo tempo por falta de espaço, ou aquela que é sentida por uma pessoa sedenta quando ela encontra um copo de água fresca, ou aquela que é sentida por um homem faminto quando ele encontra comida saborosa colocada à sua frente, ou aquela que um convidado sente quando um prato de alimento desejável é colocado diante de si na hora apropriada, ou aquela que é sentida por um homem velho quando depois de desejar por muito tempo ele consegue um filho, ou aquela que é sentida por alguém quando encontrando com um amigo querido ou parente sobre quem ele tinha ficado extremamente ansioso, parece com essa que eu sinto por causa dessas palavras proferidas por ti. Como uma pessoa com olhar fixo virado para cima eu ouvi o que saiu dos teus lábios e estou refletindo sobre sua importância. Com estas tuas palavras sábias tu realmente me instruíste! Sim, eu farei o que tu me ordenaste fazer. Tu podes partir amanhã no alvorecer, passando a noite alegremente comigo e dissipando tua fadiga por tal descanso. Veja, os raios do divino Surya foram obscurecidos parcialmente e o deus do dia está prosseguindo em seu rumo para baixo!"

"Bhishma continuou, 'Servido com hospitalidade por aquele Brahmana, o convidado erudito, ó matador de inimigos, passou aquela noite na companhia de seu anfitrião. De fato, ambos passaram a noite felizmente, conversando animadamente um com o outro sobre o assunto dos deveres do quarto modo de vida, isto é, Sannyasa (renúncia). Tão interessante era a natureza da sua conversa que a noite passou como se fosse dia. Quando chegou a manhã, o convidado foi adorado com os ritos devidos pelo Brahmana cujo coração estava colocado ansiosamente na realização do que (segundo as palavras do convidado) era considerado por ele como benéfico para si. Tendo dado licença para seu convidado partir, o Brahmana justo, decidido a realizar seu propósito, despediu-se de seus amigos e parentes, e saiu na hora apropriada para a residência daquele principal dos Nagas, com o coração firmemente dirigido para isto.'"

357

"Bhishma disse, 'Procedendo por muitas florestas encantadoras e lagos e águas sagradas, o Brahmana finalmente chegou ao retiro de certo asceta. Chegando lá, ele perguntou para ele, em palavras apropriadas, acerca do Naga de quem ele tinha ouvido de seu convidado, e instruído por ele prosseguiu sua viagem. Com uma idéia clara do objetivo de sua viagem, o Brahmana então chegou à casa do Naga. Entrando nela devidamente, ele se anunciou em palavras adequadas, dizendo, 'Ho! Quem está aí? Eu sou um Brahmana, vim para cá como um convidado!' Ouvindo estas palavras, a casta esposa do Naga, possuidora de grande beleza e dedicada à observância de todos os deveres, apareceu. Sempre atenta aos deveres de hospitalidade, ela adorou o convidado com os ritos devidos, e dando as boas-vindas a ele, disse, 'O que eu posso fazer por você?'"

"O Brahmana disse, 'Ó senhora, eu sou suficientemente honrado por ti com as palavras gentis que tu me disseste. A fadiga da minha viagem também foi dissipada. Eu desejo, ó senhora abençoada, ver teu marido excelente. Este é meu grande objetivo. Este é o único objetivo do meu desejo. É por esta razão que eu vim hoje à residência do Naga, teu marido.'"

"A esposa do Naga disse, 'Senhor venerável, meu marido foi puxar o carro de Surya por um mês. Ó Brahmana erudito, ele estará de volta em quinze dias, e irá, sem dúvida, se mostrar para ti. Eu assim te disse a razão da ausência de meu marido de casa. Seja como for, o que mais eu posso fazer por ti? Diga-me isto!'"

"O Brahmana disse, 'Ó senhora casta, eu vim para cá com o objetivo de ver teu marido. Ó dama venerável, eu morarei na floresta adjacente, esperando pelo retorno dele. Quando teu marido voltar, diga-lhe gentilmente que eu cheguei neste lugar impelido pelo desejo de vê-lo. Tu deves também me informar da volta dele quando aquele evento ocorrer. Ó senhora abençoada, eu irei, até então, residir nas margens do Gomati, esperando por seu retorno e todo o tempo vivendo de alimentação frugal.' Tendo dito isto repetidamente para a esposa do Naga, aquele principal dos Brahmanas procedeu para as margens do Gomati para residir lá até a hora do retorno do Naga.'"

358

"Bhishma continuou, 'Os Nagas daquela cidade ficaram extremamente aflitos quando eles viram que aquele Brahmana, dedicado à prática de penitências, continuou a residir na floresta, se abstendo totalmente de alimento, na expectativa da chegada do chefe Naga. Todos os amigos e parentes do grande Naga, incluindo seu irmão e filhos e esposa, se reunindo, foram ao local onde o Brahmana estava permanecendo. Chegando às margens do Gomati, eles viram aquela pessoa regenerada sentada em um lugar retirado, se abstendo de alimento de todo tipo, enquanto observava votos excelentes, e ocupada em recitar silenciosamente certos Mantras. Aproximando-se da presença do Brahmana e

oferecendo a ele culto apropriado, os amigos e parentes do grande Naga disseram para ele estas palavras repletas de franqueza: ‘Ó Brahmana, dotado de riqueza de ascetismo, este é o sexto dia da tua chegada aqui, mas tu não disseste uma palavra a respeito da tua alimentação. Ó regenerado, tu és dedicado à virtude. Tu vieste até nós. Nós estamos aqui a teu serviço. É absolutamente necessário que nós façamos os deveres de hospitalidade para ti. Nós somos todos parentes do chefe Naga com quem tu tens negócio. Raízes ou frutas, folhas, ou água, ou arroz ou carne, ó melhor dos Brahmanas, cabe a ti pegar para teu sustento. Por causa da tua residência nesta floresta sob tais circunstâncias de total abstenção de comida, toda a comunidade de Nagas, jovens e velhos, está sendo afligida, já que este teu jejum implica negligência da nossa parte em cumprir os deveres de hospitalidade. Nós não temos ninguém entre nós que seja culpado de Brahmanicídio. Nenhum de nós jamais perdeu um filho imediatamente após o nascimento. Ninguém nascido em nosso povo se alimenta antes de servir as divindades ou convidados ou parentes chegados à sua residência.’"

"O Brahmana disse, 'Por causa desses apelos de vocês todos, eu posso ser considerado como tendo quebrado meu jejum. Estão faltando oito dias para o dia do retorno do chefe dos Nagas. Se, no término da oitava noite a partir de hoje, o chefe dos Nagas não voltar, eu irei então quebrar meu jejum por me alimentar. De fato, este voto de me abster de todo alimento que eu estou cumprindo é por meu respeito pelo chefe Naga. Vocês não devem se afligir pelo que eu estou fazendo. Vocês todos retornem para o lugar de onde vocês vieram. Este meu voto está por conta dele. Vocês não devem fazer alguma coisa por consequência da qual este meu voto possa ser quebrado.’ Os Nagas reunidos, assim endereçados pelo Brahmana, foram dispensados por ele, depois do que, ó principal dos homens, eles voltaram para suas respectivas residências.'"

359

"Bhishma disse, 'Após o término do período de quinze dias completos, o chefe Naga (Padmanabha), tendo terminado sua tarefa de arrastar o carro de Surya e obtendo a permissão do último, voltou para sua própria casa. Vendo-o de volta, sua esposa aproximou-se dele rapidamente para lavar seus pés e cumprir respeitosamente outras tarefas de natureza semelhante. Tendo realizado aquelas tarefas, ela tomou seu assento ao lado dele. O Naga então, revigorado da fadiga, dirigiu-se à sua esposa casta e respeitosa, dizendo, ‘Eu espero, minha cara esposa, que durante a minha ausência tu não tenhas te descuidado de cultuar as divindades e convidados de acordo com as instruções que eu te dei, e segundo as ordenanças declaradas nas escrituras. Eu espero que sem cederes àquela compreensão impura que é natural nas pessoas do teu sexo, tu tenhas, durante a minha ausência de casa, sido firme no cumprimento dos deveres de hospitalidade. Eu confio que tu não tenhas ultrapassado os limites do dever e retidão.'"

"A esposa do Naga disse, 'O dever dos discípulos é servir seu preceptor com reverência executando suas ordens; o dos Brahmanas é estudar os Vedas e

mantê-los na memória; o dos empregados é obedecer as ordens de seus patrões; o do rei é proteger seu povo por cuidar dos bons e castigar os maus. É dito que os deveres de um Kshatriya incluem a proteção de todas criaturas do mal e da opressão. O dever do Sudra é servir com humildade pessoas das três classes regeneradas, Brahmanas, Kshatriyas e Vaisyas. A religião do chefe de família, ó chefe dos Nagas, consiste em fazer o bem para todas as criaturas. Frugalidade de alimentação e observância de votos na devida ordem constituem mérito (para pessoas de todas as classes) por causa da conexão que existe entre os sentidos e os deveres de religião. (Frugalidade de alimentação e observância de votos constituem mérito para pessoas de todas as classes. Esses implicam na restrição dos sentidos, pois se os sentidos não forem controlados ninguém pode cumprir votos ou praticar moderação. Há uma conexão, dessa maneira, entre os deveres de religião e os sentidos.) 'Quem sou eu? De onde eu vim? O que são os outros para mim e o que eu sou para os outros?' Estes são os pensamentos para os quais deve sempre ser dirigida a mente daquele que leva o modo de vida que conduz à Emancipação. Castidade e obediência ao marido constituem os maiores deveres da esposa. Pela tua instrução, ó chefe dos Nagas, eu aprendi bem isto. Eu, portanto, que conheço bem o meu dever, e tenho a ti como meu marido, tu que és dedicado à retidão, ó, por que eu iria, me desviando do caminho do dever, trilhar o caminho da desobediência e pecado? Durante tua ausência de casa, as adorações às divindades não decaíram em nenhum aspecto. Eu também, sem a mínima negligência, me encarreguei dos deveres de hospitalidade em direção às pessoas que chegaram como convidados em tua residência. Quinze dias atrás um Brahmana veio aqui. Ele não me revelou seu objetivo. Ele deseja ter uma entrevista contigo. Morando no momento nas margens do Gomati ele está esperando teu retorno ansiosamente. De votos rígidos, aquele Brahmana está sentado lá, empenhado na recitação dos Vedas. Ó chefe dos Nagas, eu fiz uma promessa para ele no sentido de que eu iria te enviar até ele logo que tu voltasses para tua residência. Ouvindo estas minhas palavras, ó melhor dos Nagas, cabe a ti ir para lá. Ó tu que ouves com teus olhos, cabe a ti conceder para aquela pessoa regenerada o objeto que o trouxe para cá!'" (Acredita-se que os Nagas ou cobras não têm ouvidos, mas usam seus olhos para ver e ouvir. Os Nagas parecem ter sido uma classe de seres muito superiores, tendo sua residência nas regiões inferiores.)

360

"O Naga disse, 'Ó tu de doces sorrisos, por quem tu tomas aquele Brahmana? Ele é realmente um ser humano ou ele é alguma divindade que veio para cá no disfarce de um Brahmana? Ó tu de grande fama, quem entre os seres humanos estaria desejoso de me ver ou seria competente para o propósito? Pode um ser humano, desejando me ver, deixar tal ordem contigo para me enviar até ele para lhe fazer uma visita no lugar onde ele está morando? Entre as divindades e Asuras e Rishis celestes, ó senhora amável, os Nagas são dotados de grande energia. Possuidores de grande velocidade, eles são também dotados de

fragrância excelente. Eles merecem ser adorados. Eles são capazes de conceder benefícios. De fato, nós também merecemos ser seguidos por outros em nosso séquito. Eu te digo, ó senhora, que nós não podemos ser vistos por seres humanos.'"

"A cônjuge do Naga chefe disse, 'Julgando por sua simplicidade e franqueza eu sei que aquele Brahmana não é alguma divindade que subsiste de ar. Ó tu de grande cólera, eu também sei disto: que ele te reverencia com todo seu coração. Seu coração está colocado na realização de algum objetivo que depende da tua ajuda. Como a ave chamada Chataka, a qual gosta muito de chuva, espera na mais intensa expectativa de uma chuva (para matar sua sede), assim mesmo aquele Brahmana está esperando na expectativa de um encontro contigo. (O pássaro indiano Chataka tem um buraco natural na parte superior de seu longo pescoço por causa do qual ele é visto sempre ficar com bico virado para cima, de modo que a parte de cima do pescoço mantém o buraco coberto. O Chataka não pode matar sua sede em um lago ou rio, pois ele não pode inclinar seu pescoço para baixo. Água da chuva é o que ele deve beber. Expectativa ávida com relação a alguma coisa é sempre comparada à expectativa do Chataka de água da chuva.) Não deixe alguma calamidade acontecer a ele por sua incapacidade de obter uma visão de ti. Nenhuma pessoa nascida como tu em uma família respeitável pode permanecer respeitável por negligenciar um convidado chegado à sua casa. Rejeitando aquela ira que é natural pata ti, cabe a ti ir e ver aquele Brahmana. Não cabe a ti te permitir ser consumido por desapontar aquele Brahmana. O rei ou o príncipe, por se recusar a secar as lágrimas das pessoas que vão até ele com esperanças de alívio, incorre no pecado de feticídio. Por se abster de falar alguém obtém sabedoria. Por praticar caridade alguém adquire grande fama. Por aderir à veracidade de palavras, alguém adquire o dom da eloquência e vem a ser honrado no céu. Por doar terra alguém alcança aquele fim elevado que é ordenado para Rishis que levam o modo de vida sagrado. Por ganhar riqueza por meios justos, alguém consegue obter muitos frutos desejáveis. Por fazer em sua totalidade o que é benéfico para si mesmo, alguém pode evitar ir para o inferno. Isso é o que os justos dizem.'"

"O Naga disse, 'Eu não tive arrogância devido ao orgulho. Por causa, no entanto, do meu nascimento, a medida da minha arrogância era considerável. De ira, a qual é nascida do desejo, ó senhora abençoada, eu não tenho nada. Ela foi toda consumida pelo fogo das tuas instruções excelentes. Eu não vejo, ó dama abençoada, uma escuridão que seja mais densa do que a ira. No entanto, pelos Nagas terem excesso de ira, eles se tornaram objetos de repreensão com todas as pessoas. Por sucumbir à influência da ira Ravana de dez cabeças de grande coragem tornou-se o rival de Sakra e foi por aquela razão morto por Rama em batalha. Sabendo que o Rishi Rama da linhagem de Bhrigu tinha entrado nos aposentos internos de seu palácio para levar o bezerro da vaca Homa de seu pai, os filhos de Karttaviryya, cedendo à cólera, tomaram tal entrada como um insulto à sua casa real, e como a consequência disto eles encontraram com a destruição nas mãos de Rama. De fato, Karttaviryya de grande força, parecendo com o próprio Indra de mil olhos, por ter cedido à ira, foi morto em batalha por Rama da

linhagem de Jamadagni. Realmente, ó senhora amável, pelas tuas palavras eu reprimi minha fúria, aquela inimiga de penitências, aquela destruidora de tudo o que é benéfico para mim. Eu louvo a mim mesmo imensamente já que, ó tu de olhos grandes, eu sou afortunado o suficiente para ter a ti como minha esposa, tu que és possuidora de toda virtude e que tens méritos inesgotáveis. Eu agora irei para aquele local onde o Brahmana está. Eu certamente me dirigirei àquele Brahmana em palavras apropriadas e ele certamente irá embora, seus desejos sendo realizados."

361

"Bhishma disse, 'Tendo dito essas palavras para sua querida esposa, o chefe dos Nagas procedeu para aquele local onde o Brahmana estava na expectativa de uma entrevista com ele. Enquanto ele procedia, ele pensou no Brahmana e se perguntou quanto a que assunto poderia tê-lo trazido para a cidade Naga. Chegando à sua presença, ó chefe de homens, aquele principal dos Nagas dedicado por natureza à justiça, dirigiu-se ao seu convidado em palavras gentis, dizendo, 'Ó Brahmana, não ceda à ira. Eu me dirijo a ti em paz. Não fique zangado. Atrás de quem tu vieste aqui? Qual é teu objetivo? Vindo até ti, eu te pergunto em amizade, ó regenerado, a quem tu adoras neste lugar retirado nas margens do Gomati!'"

"O Brahmana disse, 'Saiba que meu nome é Dharmaranya, e que eu vim para cá para obter uma visão do Naga Padmanabha, ó principal de todas as pessoas regeneradas. Com ele eu tenho um assunto. Eu soube que ele não está em casa e que, portanto, eu agora não estou perto do seu abrigo atual. Como um Chataka esperando na expectativa das nuvens, eu estou esperando por ele a quem eu considero como caro para mim. Para afastar todo mal dele e fazer o que é benéfico para ele, eu estou ocupado em recitar os Vedas até que ele venha e estou em Yoga e passando meu tempo alegremente.'"

"O Naga disse, 'Na verdade, tua conduta é extremamente boa. Tu és virtuoso e dedicado ao bem de todas as pessoas justas. Ó Brahmana altamente abençoado, todo louvor é devido a ti. Tu vês o Naga com olhos de amizade. Eu sou aquele Naga, ó Rishi erudito, a quem tu procuras. Ordene-me, como tu desejares, em relação ao que é agradável para ti e o que eu devo fazer por ti. Sabendo pela minha cônjuge que tu estás aqui, eu me aproximei deste local, ó regenerado, para te ver. Como tu vieste aqui, tu com certeza voltarás daqui com teu objetivo cumprido. Cabe a ti, ó principal das pessoas regeneradas, me empregar em qualquer tarefa com toda confiança. Todos nós fomos certamente comprados por ti com teus méritos, (uma forma de expressão significando que 'nós somos seus escravos') já que tu, desconsiderando o que é para o teu próprio bem, empregaste teu tempo em procurar o nosso bem.'"

"O Brahmana disse, 'Ó Naga altamente abençoado, eu vim para cá movido pelo desejo de obter um visão de ti. Eu vim aqui, ignorante como eu sou de todas as

coisas, para te perguntar acerca de uma coisa. Ó Naga, confiando na alma Jiva, eu desejo alcançar a Alma Suprema a qual é o fim da alma Jiva. Eu não sou nem ligado ao mundo nem dissociado dele. Tu brilhas com a refulgência dos teus próprios méritos cobertos por pura fama, com uma refulgência que é tão agradável quanto aquela da lua. Ó tu que vives só do ar, responda primeiro uma pergunta que eu desejo te fazer. Depois eu te informarei do objetivo que me trouxe para cá!'"

362

"O Brahmana disse, 'Tu partiste para puxar o carro de uma roda de Vivaswat de acordo com teu turno. Cabe a ti descrever para mim qualquer coisa extraordinária que tu possas ter reparado naquelas regiões pelas quais tu viajaste!'"

"O Naga disse, 'O divino Surya é o refúgio ou lar de inúmeras maravilhas. Todas as criaturas que habitam os três mundos fluíram de Surya. Incontáveis Munis, coroados com sucesso ascético, junto com todas as divindades, residem nos raios de Surya como aves pousando nos ramos de árvores. O que, também, pode ser mais extraordinário do que isto, que o Vento poderoso, emanando de Surya, se refugie em seus raios e se mova pelo universo? O que pode ser mais maravilhoso do que isto, ó Rishi regenerado, que Surya, dividindo o Vento em muitas porções por desejar fazer bem para todas as criaturas, crie chuva que cai na estação chuvosa? O que pode ser mais maravilhoso do que isto, que a Alma Suprema, de dentro do disco solar, ela mesma banhada em resplendor fulgurante, observe o universo? O que pode ser mais maravilhoso do que isto, que Surya tenha um raio escuro que se transforma em nuvens carregadas de chuva e derrama chuvas quando chega a estação? O que pode ser mais maravilhoso do que isto, que absorvendo por oito meses a chuva que ele despeja, ele as despeje outra vez na estação chuvosa? Em certos raios de Surya, é dito que reside a Alma do universo. Dele é a semente de todas as coisas, e é Ele que sustenta a Terra com todas as suas criaturas móveis e imóveis. O que pode ser mais extraordinário, ó Brahmana, do que isto, que aquele principal dos Purushas, eterno e de braços poderosos, dotado de refulgência excelente, eterno, e sem início e sem fim, resida em Surya? Escute, no entanto, a uma coisa que eu te direi agora. Isto é a maravilha das maravilhas. Eu vi isto no céu claro, por causa da minha proximidade com Surya. Nos tempos antigos, um dia na hora do meio-dia, enquanto Surya estava brilhando em toda sua glória e dando calor para tudo, nós vimos um Ser vindo em direção a Surya, que parecia brilhar com uma refulgência que era igual àquela do próprio Surya. Fazendo todos os mundos brilharem com sua glória e enchendo-os com sua energia, ele se aproximou, como eu já te disse, em direção a Surya, rasgando o firmamento, por assim dizer, para fazer seu caminho através dele. Os raios que emanavam de seu corpo pareciam com o brilho fulgurante de libações de manteiga clarificada despejadas no fogo sacrifical. Por sua energia e esplendor ele não podia ser olhado. Sua forma parecia ser indescritível. De fato, ele para nós parecia ser como um segundo Surya. Logo que ele se aproximou, Surya estendeu suas duas mãos (para dar a ele uma recepção

respeitosa). Para honrar Surya em retorno, ele também estendeu sua mão direita. O último então, atravessando o firmamento, entrou no disco de Surya. Misturando-se então com a energia de Surya, ele parecia estar transformado no próprio Surya. Quando as duas energias assim se reuniram, nós estávamos tão confusos que não podíamos mais distinguir qual era qual. De fato, nós não podíamos decifrar quem era Surya que nós levávamos em seu carro, e quem era o Ser que nós tínhamos visto vindo pelo céu. Cheios de perplexidade, nós então nos dirigimos a Surya, dizendo, 'Ó ilustre, quem é este Ser que se misturou contigo e foi transformado no teu segundo eu?'"

363

"Surya disse, 'Este Ser não é o deus do fogo, ele não é um Asura. Nem ele é um Naga. Ele é um Brahmana que alcançou o céu por ter sido coroado com sucesso na observância do voto chamado Unccha. (Foi explicado nos capítulos anteriores que o voto Unccha consiste em subsistir de grãos recolhidos dos campos depois que os cereais foram colhidos e levados embora pelos donos. Ele é um voto muito difícil de praticar. O mérito vinculado a ele é, portanto, muito grande.) Esta pessoa subsistia de frutas e raízes e das folhas caídas das árvores. Ele às vezes subsistia de água, e às vezes só de ar, passando seus dias com alma concentrada. A divindade Mahadeva foi satisfeita por ele com recitação constante dos Samhitas. Ele se esforçou para realizar aqueles atos que levam para o céu. Pelos méritos daqueles atos ele agora chegou ao céu. Sem riqueza e sem desejo de qualquer tipo, ele tinha observado o voto chamado Unccha a respeito de seu sustento. Este Brahmana erudito, ó Nagas, era dedicado ao bem de todas as criaturas. Nem divindades, nem Gandharvas, nem Asuras, nem Nagas podem ser considerados como superiores àquelas criaturas que alcançam este fim excelente de entrar no disco solar.' Esse mesmo, ó regenerado, foi o incidente extraordinário que eu observei naquela ocasião. Aquele Brahmana, que foi coroado com sucesso pela observância do voto Unccha e que assim obteve um fim que pessoas coroadas com sucesso ascético alcançam, até hoje, ó regenerado, circunda a Terra, permanecendo no disco de Surya!'"

364

"O Brahmana disse, 'Sem dúvida, isso é muito extraordinário, ó Naga, eu estou muito satisfeito por escutar-te. Por estas palavras tuas que estão repletas de significado sutil, tu me mostraste o caminho que eu devo seguir. Abençoado sejas tu, eu desejo partir daqui, ó melhor dos Nagas, tu deves te lembrar de mim ocasionalmente e perguntar sobre mim por enviar teu empregado.'"

"O Naga disse, 'O maior objetivo que te trouxe aqui ainda está em teu peito, pois tu ainda não o revelaste para mim. Aonde então tu irás? Diga-me, ó regenerado, o que deve ser feito por mim, e qual é o objetivo que te trouxe aqui. Depois da realização do teu negócio, qualquer que ele seja, expressado ou não

expressado em palavras, tu podes ir, ó principal das pessoas regeneradas, me saudando e despedido por mim alegremente, ó tu de votos excelentes. Tu concebeste uma amizade por mim. Ó Rishi regenerado, não cabe a ti partir deste local depois de ter somente me visto, tu mesmo sentado sob a sombra desta árvore. Tu te tornaste caro para mim e eu me tornei caro para ti, sem dúvida. Todas as pessoas nessa cidade são tuas. Qual objeção há, então, ó impecável, em passar algum tempo em minha casa?"

"O Brahmana disse, 'É assim mesmo, ó tu de grande sabedoria, ó Naga que adquiriste um conhecimento da alma. É realmente verdade que as divindades não são superiores a ti em nenhum aspecto. Aquele que é tu mesmo, é em verdade eu mesmo, como aquele que é eu mesmo é realmente tu mesmo. Eu mesmo, tu mesmo, e todas as outras criaturas, todas teremos que entrar na Alma Suprema. Uma dúvida entrou em minha mente, ó chefe dos Nagas, a respeito da melhor maneira para ganhar virtude ou mérito. Aquela dúvida foi dissipada pelas tuas palavras, pois eu aprendi o valor do voto Unccha. Eu por essa razão seguirei este que é muito eficaz em relação a consequências benéficas. Esta, ó abençoado, tornou-se minha conclusão certa agora, baseado em razões excelentes. Eu me despeço de ti. Bênçãos para ti. Meu objetivo foi concluído, ó Naga.'"

"Bhishma disse, 'Tendo saudado aquele principal dos Nagas dessa maneira, o Brahmana (chamado Dharmaranya), firmemente resolvido a seguir o modo de vida Unccha, procedeu à presença, ó rei, de Chyavana da linhagem de Bhrigu, pelo desejo de ser oficialmente instruído e iniciado naquele voto. (A iniciação formal ou diksha é uma cerimônia de grande importância. Nenhum sacrifício ou voto, nenhum rito religioso, pode ser realizado sem o diksha. O rito de diksha é realizado com a ajuda de um preceptor ou sacerdote. Ao deixar o modo de vida familiar pela vida de um asceta na floresta, o diksha é necessário. Ao seguir o voto Unccha, este rito é necessário. Qualquer ato religioso realizado por alguém sem ter passado pelo diksha formal vem a ser estéril de resultados.) Chyavana realizou os ritos Samskara do Brahmana e o iniciou formalmente no modo de vida Unccha. O filho de Bhrigu, ó monarca, contou essa história para o rei Janaka. O rei Janaka, por sua vez, narrou-a para o Rishi celeste Narada de grande alma. O Rishi celeste Narada também, de atos imaculados, indo em uma ocasião à residência de Indra, o chefe das divindades, deu para Indra essa história após ser questionado por ele. O chefe dos celestiais, tendo-a obtido assim de Narada, contou essa história abençoada para um conclave consistindo em todos os principais Brahmanas, ó monarca. Na ocasião, também, do meu terrível combate com Rama da linhagem de Bhrigu (no campo de Kurukshetra), os Vasus celestes, ó rei, me contaram essa história. Pedido por ti, ó principal dos homens justos, eu narrei essa história que é excelente e sagrada e repleta de grande mérito. Tu me perguntaste sobre o que constitui o dever mais elevado, ó rei. Essa história é minha resposta à tua pergunta. Era um homem valente aquele, ó monarca, que se dirigiu à prática do voto Unccha dessa maneira, sem esperança de qualquer resultado. Firmemente decidido, aquele Brahmana, instruído pelo chefe de Nagas dessa maneira sobre seu dever, dirigiu-se à prática de Yama e Niyama, e enquanto subsistia do alimento que era permitido pelo voto Unccha, procedeu para outra floresta.'"

Fim do Santi Parva.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 13

ANUSASANA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO
Escaneado em sacred-texts.com, Janeiro de 2005. Verificado por John Bruno Hare. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Caçador, serpente, Kala, Mrityu, Gautami sobre quem é responsável por más ações. Karma. Yudhishthira consolado com relação a instrumento em batalha.	7
2	História da descendência de Ikswaku, até Sudarsana. Conquista de Mrityu por cumprir os deveres de chefe de chefe de família, um Brahmana é permitido desfrutar de sua esposa.	12
3	Yudhishthira pergunta como Viswamitra subiu de Kshatriya para Brahmana.	16
4	Nascimento de Viswamitra relatado, benefícios de Gadhi, mas árvores trocadas para que embora nascido na classe Kshatriya ele fosse destinado a ser um grande Brahmana.	17
5	Suka (papagaio) e árvore para ilustrar devoção e compaixão.	19
6	Destino e esforço.	21
7	Frutos das ações boas e más.	23
8	Bhishma afirma quão altamente ele considera os Brahmanas.	25
9	Chacal e macaco que decaíram por não fazerem doações, ou se apropriarem indevidamente de (posses de) Brahmanas.	27
10	Nobres de nascimento não devem dar instrução para pessoas de casta inferior.	29
11	Deusa da prosperidade residindo ou evitando certos tipos de homens e mulheres.	34
12	Rei Bhangaswana transformado em uma mulher por punição de Indra. Mulheres derivam mais prazer que os homens através da relação sexual, têm mais afeição pelos filhos.	35
13	**O que um homem deve fazer para passar agradavelmente esta vida e a vida após a morte (evitar 3 ações do corpo, 4 da fala, 3 da mente; 10 ações).**	38
14	Krishna questionado sobre os nomes de Mahadeva. Krishna inicia uma longa descrição de como ele obteve um filho por adorar Mahadeva.	39
15	Krishna obtém benefícios.	64
16	Upamanyu completa descrição do Rishi Tandi adorando Mahadeva.	65
17	Vasudeva canta (detalhadamente) vários nomes e formas de Mahadeva.	69
18	Rishis contam para Yudhishthira como cada um deles se libertou do pecado por adorar Mahadeva.	92
19	Yudhishthira pergunta sobre os deveres de todos e união de casamento. História de Ashtavakra pedindo para Vadanya sua filha. Mandado subir para o Norte: ele passa tempo com Kuvera e Apsaras (mencionadas), e também com a dama no palácio que se aproxima dele em busca de sexo.	97
20	Dama é Brahmacharya, deseja se casar com o Rishi.	103
21	Ashtavakra se mantém fiel, ela foi enviada para testá-lo. Ele obtém a filha de Vadanya.	104
22	Conversa entre Yudhishthira e Bhishma sobre glorificar Brahmanas com presentes, e aderência aos deveres.	106
23	Oferecimento de doações, ritos, conveniência do Brahmana em funerais.	109
24	Vyasa para Bhishma sobre ações equivalentes ao Brahmanicídio.	117
25	Angiras para Gautama sobre Thirtas sagrados nos quais se banhar.	118

26	Bhishma visitado por muitos Rishis. Yudhishthira pergunta sobre o principal dos lugares para se visitar. Rishi para Brahmana sobre o voto Sila, visita Ganga.	122
27	Yudhishthira pergunta como alguém pode ganhar a posição de Brahmana. História da jumenta e Matanga.	129
28	Indra tenta deter Matanga. Duração de tempo em cada casta.	131
29	Matanga finalmente aceita uma bênção, ele não pode obter a posição de Brahmana.	132
30	Como o rei Vitahavya obteve a posição de Brahmana com palavras de Bhrigu.	133
31	Narada para Vasudeva sobre aqueles cuja conduta é venerada.	137
32	História do falcão, pombo e Vrishadarbha sobre os méritos da proteção.	139
33	Veneração aos Brahmanas é o principal dos deveres reais.	142
34	Terra para Vasudeva sobre culto dos Brahmanas.	144
35	Últimas palavras sobre tratamento aos Brahmanas.	146
36	Samvara (um Asura) instrui Sakra sobre conduta em direção aos Brahmanas.	147
37	Virtuosa doação de presentes.	149
38	Apsara Panchachuda para Narada sobre disposição e defeitos das mulheres.	150
39	Yudhishthira pergunta por que os homens se associam com mulheres.	152
40	Bhishma concorda que as mulheres são a incorporação do pecado, incontroláveis. Proteção – Devarsarman pede para Vipula proteger sua esposa de Indra.	153
41	Indra chega chamando, mas a esposa está protegida.	156
42	Vipula ouve que ele está severamente em apuro.	159
43	Aliviado dos pecados. Bhishma conclui que os homens devem desfrutar companhia de mulheres com relutância e liberdade de apego. Somente aqueles de grande alma podem proteger as mulheres.	160
44	Casamento, entrega de filha, dotes.	162
45	Herança de riqueza por filhas.	167
46	Daksha sobre cuidado e proteção das mulheres.	169
47	Número de esposas aceito por cada classe; partilha de riqueza para descendentes de cada esposa.	170
48	Mistura de classes dando 15 classes inferiores, e assim por diante. Nenhum dever para as classes inferiores.	175
49	Mais sobre quem possui filhos, mistura de classes.	178
50	Compaixão por outros. Chyavana arrastado com peixes enquanto praticando penitências.	182
51	Comprado por vaca.	183
52	Yudhishthira pergunta sobre o nascimento de Rama (de Jamadagni). Chyavana e Kausika.	186
53	Kausika sujeitado a todos os tipos de tormentos por Chyavana.	188
54	Kausika passa pelas trilhas colocadas por Chyavana.	192
55	Chyavana explica que ele estava tentando extrair ira. Kausika obtém bênção de neto Brahmana.	194
56	Linhagem para o nascimento de Rama de Jamadagni, e profecia de ocorrência entre Kshatriyas e Brahmanas.	196

57	Bhishma vence o desgosto de Yudhishthira por levar modo de vida de chefes de família.	197
58	Méritos do plantio de árvores e construção de tanques.	200
59	Doações.	202
60	Doação para os Brahmanas que pedem e para os que não pedem.	205
61	Doações e sacrifícios.	206
62	Fazendo doações de terra.	209
63	Narada para Bhishma sobre doação de alimento.	213
64	Narada para Devaki sobre quais doações são dadas sob quais condições.	216
65	Bhishma sobre doações de água, ouro, etc. para Brahmanas.	219
66	Sementes de gergelim, (sacrifícios por ações trazendo resultados), doação de terra, vacas.	220
67	Comida e bebida doadas juntas.	223
68	Yama para Brahmana sobre doações de sementes de gergelim, água, luz, pedras preciosas.	224
69	Doação de Vacas.	227
70	História de Nriga doando vacas, como lagarto no poço após a morte.	228
71	Uddalaka e Nachiketa na residência de Yama – Yama sobre doações de vacas.	230
72	Avô para Sakra sobre regiões alcançadas por doar vacas.	235
73	Avô responde para Sakra.	236
74	Punição por matar vacas.	240
75	Méritos ligados a votos, Brahmacharya.	241
76	Mais sobre mérito, e como doar vacas.	243
77	Criação da vaca Kapila de Daksha.	246
78	Vasishtha para Saudasa sobre vacas.	249
79	Vacas desejaram salvar os mundos.	251
80	Ghee.	253
81	Vyasa para Suka sobre culto das vacas.	254
82	Deusa da Prosperidade, Sri, reside no excremento de vacas.	257
83	Indra instruído por Brahman sobre vacas.	258
84	Yudhishthira pergunta sobre ouro. Ouro é a essência do fogo e Soma.	261
85	História do nascimento do ouro para a destruição do Asura Taraka.	265
86	Skanda matou Asura Taraka.	275
87	Yudhishthira pergunta sobre culto dos ancestrais.	277
88	Oferendas para os Pitris e duração de tempo que elas duram.	278
89	Sraddhas opcionais.	279
90	Brahmanas pecaminosos e purificadores e doação de presentes.	280
91	Nimi realizando Sraddha por seu filho. Ritos de Atri do primeiro Sraddha explicados.	284
92	O fogo também deve ser honrado junto com os Pitris.	287
93	História dos Rishis não aceitando doações de pessoas injustas mesmo quando zangadas. Jejum como uma penitência.	288
94	Maldições por Rishis e Indra quando Agastya tem seus caules de lotos roubados.	299
95	Yudhishthira pergunta sobre guarda-sóis e sandálias. História de Jamadagni,	

	esposa Renuka, sobre aniquilar o sol.	304
96	Surya dá para Jamadagni guarda-sóis e sandálias para proteger do calor.	305
97	Vasudeva instruído no modo de um chefe de família.	306
98	Manu e Suvana sobre doações de flores e luz.	308
99	Nahusha como líder dos deuses, maltratando Rishis. Agastya e Bhrigu conspiram contra ele.	312
100	Nahusha lançado para baixo como uma cobra quando ele golpeia Agastya na cabeça com seu pé.	314
101	Fim para aqueles que tiram propriedades de Brahmanas.	316
102	Diferentes regiões alcançáveis após a morte.	318
103	Jejum como a maior penitência.	323
104	Ações que aumentam e diminuem a vida.	327
105	Comportamento de irmãos uns para com os outros.	337
106	Duração de tempo e mérito de jejuns.	338
107	Mérito de jejuns como iguais a sacrifícios.	342
108	Mérito do Tirtha sagrado (banhando-se em sua própria alma).	349
109	Resultados de sacrifícios.	351
110	Beleza e disposição – nomes de deuses para partes do corpo.	352
111	Vrihaspati fala para Yudhishthira sobre vida após a morte e vida no inferno.	352
112	Fim daqueles que seguem virtude.	360
113	Vrihaspati relata o maior bem para os humanos, isto é, compaixão. Ascende de volta para o céu.	361
114	Religião da compaixão: exemplo é a abstenção de carne.	362
115	Bhishma para Yudhishthira sobre abstenção de carne.	363
116	Méritos da abstenção de crueldade e carne.	368
117	Verme e Vyasa sobre medo da morte, apego à vida.	370
118	Verme renascido como Kshatriya – vai até Vyasa.	372
119	Finalmente alcança a região de Brahma.	373
120	Vyasa e Maitreya sobre conhecimento, penitências, caridade.	374
121	Maitreya sobre doações de alimento.	376
122	Conhecimento e penitências.	377
123	Deveres das mulheres castas e boas.	378
124	Conciliação e doações. Brahmana conciliado com Rakshasa.	380
125	Pitris explicam ações e grandes méritos associados com certos direitos.	382
126	Atos e sacrifícios que satisfazem Vishnu.	387
127	Mais sobre méritos da parte das divindades.	390
128	Vayu sobre certas observâncias.	392
129	Lomasa sobre certas observâncias.	393
130	Esposa de Vashishtha fala.	394
131	Pramathas (viajantes espectrais) explicam como eles são mantidos longe.	396
132	Renuka enviado para questionar os elefantes que sustentam o mundo, sobre religião e dever.	397
133	Maheswara sobre bondade para vacas.	398
134	Skanda e Vishnu terminam discussão sobre religião e dever.	399
135	Yudhishthira pergunta sobre as quatro classes aceitando alimento.	400
136	Como os Brahmanas expiam seus pecados por aceitarem alimento impróprio.	401
137	Bhishma relata nomes de grandes chefes de família chegando ao céu através	

	da caridade.	402
138	Cinco tipos de doações (mérito, lucro, medo, livre escolha, piedade).	404
139	Bhishma relata história de Krishna queimando um topo de montanha.	405
140	Uma questiona seu marido Mahadeva.	407
141	Resposta à questão sobre religião, dever, especialmente do chefe de família.	410
142	Uma pergunta sobre deveres dos ascetas da floresta.	418
143	Quatro classes, e como elas surgem e caem entre vidas.	422
144	Deveres dos homens.	426
145	Uma pergunta quais ações levam ao céu, e quais para o inferno.	429
146	Uma agora pedida para falar sobre o dever das mulheres.	433
147	Mahadeva descreve a glória de Krishna.	437
148	Conclusão do discurso de Sankara e Uma, em culto de Krishna.	440
149	Bhishma narra os mil nomes de Krishna.	444
150	Bhishma explica os Mantras Savitri.	463
151	Culto dos Brahmanas.	468
152	Recompensas por cultuar os Brahmanas. História de Pavana e Arjuna (não o Pandava).	469
153	Arjuna aconselhado pelo deus do vento por não cultuar os Brahmanas.	471
154	Deus do vendo narra feitos de grandes Brahmanas.	472
155	Façanhas de Agastya e Vasishtha.	473
156	Façanhas de Atri e Chyavana.	475
157	Arjuna reconhece a grandeza dos Brahmanas.	477
158	Yudhishthira pergunta sobre os frutos de Bhishma de cultuar Brahmanas. Bhishma é nublado – louva Krishna e pede a ele para responder.	479
159	Krishna fala sobre o Rishi Durvasa residindo em sua casa.	482
160	Krishna relata quem Durvasa é (deus Mahadeva).	485
161	Krishna louva Mahadeva.	488
162	Yudhishthira pergunta sobre a maior autoridade: escrituras ou percepção direta. Virtude.	489
163	Discurso sobre fortuna, atos do passado, obtenção de riqueza.	494
164	Rumo da Virtude e Iniquidade. Recompensa eterna.	495
165	Recitação dos nomes dos Deuses e Rishis, para destruir pecados.	496
166	Pandavas se despedem de Bhishma.	499
167	Retorno depois do período a Bhishma que tinha estado sobre o leito por 58 noites. Bhishma pede permissão de Krishna.	500
168	Bhishma morre. Ganga consolada. Bhishma era um dos Vasus.	503

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

(Anusasanika Parva)

Om! Reverenciando Narayana, e Nara o principal dos seres masculinos, como também a deusa Saraswati, a palavra "Jaya" deve ser proferida.

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, a tranquilidade da mente é citada como sendo sutil e de diversas formas. Eu tenho ouvido todos os teus discursos, mas a tranquilidade mental ainda não é minha. Nessa questão, vários meios de aquietar a mente têm sido relatados (por ti), ó majestade, mas como a paz mental pode ser adquirida somente de um conhecimento dos diferentes tipos de tranquilidade, quando eu mesmo fui o instrumento de ocasionar tudo isso? Vendo teu corpo coberto com setas e inflamado com feridas pungentes, eu fracasso em encontrar, ó herói, qualquer paz de mente, ao pensar nos males que eu fiz. Contemplando teu corpo, ó mais valente dos homens, banhado em sangue, como uma colina coberta com água de suas fontes, eu estou enlanguescendo com aflição assim como o lótus na estação chuvosa. O que pode ser mais doloroso do que isto, que tu, ó avô, tenhas sido trazido a essa situação por minha causa pelo meu povo lutando contra seus inimigos no campo de batalha? Outros príncipes também, com seus filhos e parentes, encontraram com a destruição por minha causa. Ai, o que pode ser mais doloroso do que isto? Diga-nos, ó príncipe, qual destino espera por nós e pelos filhos de Dhritarashtra, que, movidos por destino e raiva, fizemos este ato odioso. Ó senhor de homens, eu acho que o filho de Dhritarashtra é afortunado em não te ver nesse estado. Mas para mim, que sou a causa da tua morte como também daquela de nossos amigos, é negada toda a paz mental por te ver na terra nua nessa condição lamentável. O pecaminoso Duryodhana, o mais infame de sua raça, com todas as suas tropas e seus irmãos, pereceu em batalha, no cumprimento dos deveres Kshatriya. Aquele indivíduo de alma pecaminosa não te vê jazendo no chão. Na verdade, por esta razão, eu julgaria a morte como preferível à vida. Ó herói que nunca te desviaste da virtude, tivesse eu com meus irmãos encontrado com a destruição antes disso nas mãos dos nossos inimigos no campo de batalha, eu não teria te encontrado nessa situação deplorável, assim perfurado com flechas. Certamente, ó príncipe, o Criador nos criou para sermos perpetradores de más ações. Ó rei, se tu desejas me fazer bem, então me instrua de tal maneira que eu possa ser purificado desse pecado até no outro mundo.'"

"Bhishma respondeu, 'Por que, ó afortunado, tu consideras tua alma, a qual é dependente (de Deus e do Destino e do Tempo) como a causa das tuas ações? A manifestação de sua inação é sutil e imperceptível para os sentidos. Em relação a isto é citada a história antiga da conversa entre Mrityu e Gautami com Kala e o caçador de aves selvagens e a serpente. Havia, ó filho de Kunti, uma senhora idosa de nome Gautami, que possuía grande paciência e tranquilidade mental. Um dia ela encontrou seu filho morto por ter sido mordido por uma serpente. Um caçador zangado, de nome Arjunaka, amarrou a serpente com uma corda e levou-

a perante Gautami. Ele então disse para ela, ‘Esta serpente vil foi a causa da morte do teu filho, ó senhora abençoada. Diga-me depressa como esta desgraçada deve ser destruída. Eu devo jogá-la no fogo ou cortá-la em pedaços? Esta destruidora infame de uma criança não merece viver mais.'"

"Gautami respondeu, 'Ó Arjunaka de pouca compreensão, liberte esta serpente. Ela não merece a morte nas tuas mãos. Quem é tão tolo quanto a desconsiderar a sina inevitável que o espera e se sobrecarregando com tal tolice cai em pecado? Aqueles que se fizeram leves pela prática de atos virtuosos conseguem cruzar o mar do mundo, assim como um navio cruza o oceano. Mas aqueles que se fizeram pesados com pecado descem até o fundo, assim como uma flecha lançada na água. Por matar a serpente este meu menino não será devolvido à vida, e por deixá-la viva, nenhum mal será causado para ti. Quem iria para as regiões intermináveis da Morte por matar esta criatura viva?'"

"O caçador disse, 'Eu sei, ó senhora que conhece a diferença entre bem e mal, que os grandes são afligidos pelas aflições de todas as criaturas. Mas estas palavras que tu falaste são repletas de instrução somente para uma pessoa independente de coisas externas (e não para alguém mergulhado em tristeza). Portanto, eu devo matar esta serpente. Aqueles que dão valor à paz mental atribuem tudo ao decorrer do Tempo como a causa, mas homens práticos logo aliviam sua dor (pela vingança). As pessoas, por ilusão constante, temem perda de beatitude (no próximo mundo por ações como essas). Portanto, ó senhora, amenize tua dor por ter esta serpente destruída (por mim).’"

“Gautami respondeu, ‘Pessoas como nós nunca são afligidas por (tal infortúnio). Bons homens têm suas almas sempre concentradas na virtude. A morte do menino estava predestinada, portanto, eu não posso aprovar a destruição desta serpente. Brahmanas não guardam ressentimento, porque o ressentimento leva à dor. Ó bom homem, perdoe e liberte esta serpente por compaixão.’"

“O caçador respondeu, ‘Que nós ganhemos mérito grande e inesgotável após a morte por matar (esta criatura), assim como um homem adquire grande mérito, e o confere para sua vítima sacrificada também, por sacrifício sobre o altar. Mérito é adquirido por matar um inimigo: por matar esta criatura desprezível, tu obterás mérito grande e verdadeiro após a morte.’"

“Gautami respondeu, ‘Que bem há em atormentar e matar um inimigo, e qual benefício é ganho por não libertar um inimigo em nosso poder? Portanto, ó tu de expressão afável, por que nós não devemos perdoar esta serpente e tentar ganhar mérito por libertá-la?’"

"O caçador respondeu, 'Um grande número (de criaturas) deve ser protegido (da maldade) dela, em vez desta única criatura ser protegida (em preferência a muitas). Homens virtuosos abandonam os viciosos (ao seu destino), portanto, mate esta criatura perversa.'"

“Gautami respondeu, ‘Por matar esta serpente, ó caçador, meu filho não será restituído à vida, nem eu vejo qualquer outro fim que seria alcançado pela morte dela, portanto, ó caçador, liberte esta criatura viva de uma serpente.’”

“O caçador disse, ‘Por matar Vritra, Indra assegurou a melhor parte (das oferendas sacrificais), e por destruir um sacrifício Mahadeva garantiu sua parte das oferendas sacrificais, portanto, destrua esta serpente imediatamente sem quaisquer receios em tua mente!’”

"Bhishma continuou, 'Gautami de grande alma, embora repetidamente incitada pelo caçador para a destruição da serpente não dirigiu sua mente para aquele ato pecaminoso. A serpente, dolorosamente amarrada pela corda, suspirando um pouco e mantendo sua compostura com grande dificuldade, então proferiu estas palavras lentamente, em uma voz humana.'”

“A serpente disse, ‘Ó tolo Arjunaka, qual é minha falha? Eu não tenho vontade própria, e não sou independente. Mrityu me enviou nessa missão. Por sua ordem eu mordi esta criança, e não por raiva ou escolha da minha parte. Portanto, se houver algum pecado nisto, ó caçador, o pecado é dele.’”

“O caçador disse, ‘Se tu fizeste este mal, levado a isto por outro, o pecado é teu também já que tu és um instrumento na ação. Como na fabricação de um recipiente de barro a roda do oleiro e vara e outras coisas são todas consideradas como causas, assim tu és, ó serpente, (causa na produção deste efeito). Aquele que é culpado merece a morte em minhas mãos. Tu, ó serpente, és culpada. De fato, tu te confessaste assim nesta questão!’”

“A serpente disse, ‘Como todos esses, isto é, a roda do oleiro, vara, e outras coisas, não são causas independentes, exatamente assim eu não sou uma causa independente. Portanto, este não é um erro meu, como tu deves admitir. Tu deves pensar de outra maneira, então esses devem ser considerados como causas trabalhando em harmonia umas com as outras. Por trabalharem assim umas com as outras, surge uma dúvida com relação à sua relação como causa e efeito. Tal sendo o caso, isso não é erro meu, nem eu mereço a morte por causa disso, nem sou culpado de algum pecado. Ou, se tu achas que há pecado (mesmo em tal causação), o pecado se encontra no agregado de causas.’”

“O caçador disse, ‘Se tu não és nem a causa principal nem o agente nesta questão, tu ainda és a causa da morte (do filho dela). Portanto, tu mereces a morte em minha opinião. Se, ó serpente, tu pensas que quando uma má ação é feita o fazedor não é implicado nisso, então não pode haver causa nessa questão; mas tendo feito isso, tu realmente mereces a morte. O que mais tu pensas?’”

“A serpente disse, ‘Se alguma causa existe ou não, nenhum efeito é produzido sem uma ação (intermediária). Portanto, a causação não sendo importante em qualquer caso, minha agência somente como a causa (nessa questão) deve ser considerada em sua relação apropriada. Se, ó caçador, tu achas que eu sou a causa em verdade, então a culpa deste ato de matar um ser vivo se apóia sobre os ombros de outro que me incitou a este fim.’”

"O caçador disse, 'Não merecedor de vida, ó tolo, por que tu atiras tantas palavras, ó desgraçada de uma serpente? Tu mereces a morte pelas minhas mãos. Tu fizeste um ato atroz por matar este menino.'"

"A serpente disse, 'Ó caçador, como os sacerdotes oficiantes em um sacrifício não adquirem o mérito da ação por oferecerem oblações de manteiga clarificada para o fogo, assim mesmo eu devo ser considerado com respeito ao resultado em relação a isto.'"

"Bhishma continuou, 'A serpente dirigida por Mrityu tendo dito isso, o próprio Mrityu apareceu lá e dirigindo-se à serpente falou dessa maneira.'"

"Mrityu disse, 'Guiado por Kala, eu, ó serpente, te enviei nesta missão, e nem tu és nem eu sou a causa da morte desta criança. Assim como as nuvens são lançadas para lá e para cá pelo vento, eu sou como as nuvens, ó serpente, influenciado por Kala. Todas as atitudes concernentes a Sattwa ou Rajas, ou Tamas, são provocadas por Kala, e operam em todas as criaturas. Todas as criaturas móveis e imóveis, no céu ou na terra, são influenciadas por Kala. O universo inteiro, ó serpente, está imbuído com essa mesma influência de Kala. Todos os atos neste mundo e todas as abstenções, como também todas as suas modificações, são citadas como sendo influenciadas por Kala. Surya, Soma, Vishnu, Água, Vento, a divindade de cem sacrifícios, Fogo, Céu, Terra, Mitra e Parjanya, Aditi, e os Vasus, Rios e Oceanos, todos os objetos existentes e inexistentes, são criados e destruídos por Kala. Sabendo disso por que tu, ó serpente, me consideras culpado? Se alguma falha se atribui a mim nisto, tu também deves ser acusado.'"

"A serpente disse, 'Eu, ó Mrityu, não te culpo, nem te absolvo de toda culpa. Eu somente assevero que eu sou dirigido e influenciado por ti (em minhas ações). Se alguma culpa se atribui a Kala, ou, se não for desejável atribuir alguma culpa a ele, não é para eu esquadrinhar a falha. Nós não temos o direito de fazer isso. Como é minha incumbência me absolver dessa culpa, assim é meu dever cuidar para que nenhuma culpa se atribua a Mrityu.'"

"Bhishma continuou, 'Então a serpente, dirigindo-se a Arjunaka, disse, 'Tu escutaste o que Mrityu disse. Portanto, não é apropriado para ti atormentar a mim, que sou inocente, por me amarrar com esta corda.'"

"O caçador disse, 'Eu te escutei, ó serpente, assim como as palavras de Mrityu, mas estas, ó serpente, não te absolvem de toda culpa. Mrityu e tu mesmo são as causas da morte da criança. Eu considero vocês dois como a causa e eu não chamo de causa aquilo que não é realmente assim. Maldito seja o pecaminoso e vingativo Mrityu que causa aflição para os bons. Eu matarei a ti também, que és pecaminoso e estás engajado em atos pecaminosos!'"

"Mrityu disse, 'Nós não somos agentes livres, mas somos dependentes de Kala, e ordenados para fazer nosso trabalho designado. Tu não deves nos criticar se tu não levas em consideração esta questão minuciosamente.'"

“O caçador disse, ‘Se vocês dois, ó serpente e Mrityu, dependem de Kala, eu estou curioso para saber como prazer (resultante de fazer o bem) e raiva (resultante de fazer o mal) são causados.’”

“Mrityu disse, ‘O que quer que seja feito é feito sob a influência de Kala. Eu já disse antes, ó caçador, que Kala é a causa de tudo e que por esta razão nós dois, agindo sob a inspiração de Kala, fazemos nosso trabalho designado e portanto, ó caçador, nós dois não merecemos crítica de ti de nenhuma maneira!’”

“Bhishma continuou, ‘Então Kala chegou àquela cena de disputa sobre esta questão de moralidade, e falou dessa maneira para a serpente e Mrityu e o caçador Arjunaka reunidos.’”

"Kala disse, 'Nem Mrityu, nem esta serpente, nem eu, ó caçador, somos culpados da morte de alguma criatura. Nós somos meramente as causas estimulantes imediatas do evento. Ó Arjunaka, o Karma desta criança formou a causa estimulante da nossa ação neste caso. Não houve outra causa pela qual esta criança obteve sua morte. Ele foi morto como um resultado do seu próprio Karma. Ele encontrou com a morte como o resultado do seu Karma no passado. Seu Karma foi a causa da sua destruição. Todos nós estamos sujeitos à influência do nosso respectivo Karma. O Karma é uma ajuda para a salvação assim como os filhos são, e o Karma também é um indicador de virtude e vício no homem. Nós impelimos uns aos outros assim como as ações impelem umas às outras. Como homens fazem de uma massa de argila o que quer que eles desejem fazer, exatamente assim os homens obtêm vários resultados determinados pelo Karma. Como luz e sombra estão relacionadas uma à outra, assim os homens estão relacionados ao Karma por suas próprias ações. Portanto, nem tu, nem eu, nem Mrityu, nem a serpente, nem esta senhora idosa Brahmana é a causa da morte deste menino. Ele mesmo é a causa aqui.’ Após Kala, ó rei, explicar a questão dessa maneira, Gautami, convencida em sua mente que os homens sofrem de acordo com suas ações, falou assim para Arjunaka.'”

“Gautami disse, ‘Nem Kala, nem Mrityu, nem a serpente é a causa neste caso. Este menino encontrou com a morte como o resultado do seu próprio Karma. Eu também agi de tal modo (no passado) que meu filho morreu (como sua consequência). Deixe agora Kala e Mrityu se retirarem deste lugar, e também, ó Arjunaka, liberte esta serpente.’”

"Bhishma continuou, 'Então Kala e Mrityu e a serpente voltaram para seus respectivos destinos, e Gautami foi consolada em mente como também o caçador. Tendo ouvido tudo isso, ó rei, renuncie à toda dor, e obtenha paz mental. Homens alcançam o céu ou o inferno como o resultado do seu próprio Karma. Este mal não foi nem tua própria criação, nem de Duryodhana. Saiba que estes senhores da Terra foram todos mortos (nessa guerra) como um resultado dos atos de Kalas.'"

Vaisampayana disse, "Ter ouvido tudo isso, o poderoso e virtuoso Yudhishthira ficou consolado em mente, e novamente indagou o seguinte."

2

“Yudhishthira disse, ‘Ó avô, ó mais sábio dos homens, ó tu que és versado em todas as escrituras, eu ouvi essa história excelente, ó principal dos homens inteligentes. Eu estou desejoso de ouvir outra vez a narração de alguma história cheia de instrução religiosa, e cabe a ti me satisfazer. Ó senhor da Terra, me diga se algum chefe de família alguma vez conseguiu conquistar Mrityu pela prática da virtude. Narre isto para mim com todos os detalhes!’”

"Bhishma disse, 'Esta história antiga é citada como um exemplo do assunto da conquista por um chefe de família sobre Mrityu, pela prática da virtude. O Prajapati Manu tinha um filho, ó rei, de nome Ikshwaku. Daquele rei, ilustre como Surya, nasceram cem filhos. Seu décimo filho, ó Bharata, se chamava Dasaswa, e este príncipe virtuoso de destreza infalível tornou-se o rei de Mahismati. O filho de Dasaswa, ó rei, era um príncipe justo cuja mente estava constantemente dedicada à prática da verdade e caridade e devoção. Ele era conhecido pelo nome de Madiraswa e governou sobre a Terra como seu senhor. Ele era constantemente dedicado ao estudo dos Vedas como também da ciência de armas. O filho de Madiraswa era o rei chamado Dyutimat que possuía muito boa sorte e poder e força e energia. O filho de Dyutimat era o rei altamente devoto e pio que foi famoso em todos os mundos sob o nome de Suvira. Sua alma estava concentrada na religião e ele possuía riqueza como outro Indra, o senhor das divindades. Suvira também teve um filho que era invencível em batalha, e que era o melhor de todos os guerreiros e conhecido pelo nome de Sudurjaya. E Durjya também, possuidor de um corpo como aquele de Indra, teve um filho que brilhou com esplendor como aquele do fogo. Ele era o grande monarca chamado Duryodhana, que era um dos principais dos sábios reais. Indra costumava derramar chuva profusamente no reino daquele monarca, que nunca fugia do campo de batalha e que era possuidor de coragem como o próprio Indra. A cidade e o reino daquele rei eram cheios de riquezas e jóias e gado e grãos de várias espécies. Não havia avaro em seu reino nem alguma pessoa afligida com angústia ou pobreza. Nem havia em seu reino alguma pessoa que fosse fraca em corpo ou afligida com doença. Aquele rei era muito inteligente, polido em palavras, sem inveja, um mestre de suas emoções, de uma alma justa, cheio de compaixão, dotado de bravura, e não dado a se gabar. Ele realizava sacrifícios, e era autodominado e inteligente, devotado aos Brahmanas e à Verdade. Ele nunca humilhava outros, e era caridoso, e versado nos Vedas e no Vedanta. O rio celeste Narmada, auspicioso e sagrado e de águas frescas, em sua própria natureza, ó Bharata, o cortejou. Ele gerou naquele rio uma filha de olhos de lótus, de nome Sudarsana, que era, ó rei, dotada de grande beleza. Nenhuma criatura, ó Yudhishthira, alguma vez tinha nascido entre o sexo feminino, que possuísse tal beleza como aquela donzela excelente que era filha de Duryodhana. O próprio deus Agni cortejou a bela princesa Sudarsana, e tomando a forma de um Brahmana, ó monarca, pediu sua mão do rei. O rei estava relutante em dar sua filha em casamento para o Brahmana que era pobre e que não era da mesma classe que ele mesmo. Então Agni desapareceu do seu grande sacrifício. O rei, profundamente angustiado, então se dirigiu aos Brahmanas, dizendo, ‘De que pecado eu, ó Brahmanas

excelentes, ou vocês, somos culpados, que Agni devesse desaparecer deste sacrifício, assim como o bem feito para homens pecaminosos desaparece de sua apreciação? Grande, de fato, deve ser aquele nosso pecado pelo qual Agni desapareceu dessa maneira. Ou o pecado deve ser seu, ou, ele deve ser meu. Investiguem o caso plenamente.' Então ouvindo as palavras do rei, ó príncipe mais importante da linhagem de Bharata, os Brahmanas, reprimindo as palavras, procuraram com faculdades concentradas a proteção do deus do fogo. O divino portador de oblações, resplandecente como o Sol outonal, apareceu perante eles, envolvendo a si mesmo em refulgência gloriosa. Agni grande alma então se dirigiu àqueles Brahmanas excelentes, dizendo, 'Eu peço a filha de Duryodhana para mim mesmo.' Nisto todos aqueles Brahmanas foram tomados de surpresa, e levantando-se no dia seguinte, eles relataram para o rei o que tinha sido dito pelo Deus do fogo. O monarca sábio, ouvindo as palavras daqueles proferidores de Brahma, ficou encantado, e disse, 'Assim seja.' O rei pediu um benefício do ilustre Deus do fogo como o dote de casamento, 'Ó Agni, digne-se a permanecer sempre conosco aqui.' 'Assim seja', disse o divino Agni para aquele senhor da Terra. Por esta razão Agni sempre esteve presente no reino de Mahismati até hoje, e foi visto por Sahadeva no decurso de sua expedição conquistadora para o sul. Então o rei deu sua filha, vestida em roupas novas e enfeitada com jóias, para a divindade de grande alma, e Agni também aceitou, de acordo com os ritos Védicos, a princesa Sudarsana como sua noiva, assim como ele aceita libações de manteiga clarificada em sacrifícios. Agni estava bem satisfeito com sua aparência, sua beleza, graça, caráter, e nobreza de nascimento, e estava desejoso de gerar prole nela. E um filho de Agni, de nome Sudarsana, logo nasceu dela. Sudarsana era também, em aparência, tão belo quanto a lua cheia, e mesmo em sua infância ele obteve um conhecimento do Brahma supremo e eterno. Havia também um rei de nome Oghavat, que era o avô de Nriga. Ele teve uma filha de nome Oghavati, e um filho também de nome Ogharatha nascidos para ele. O rei Oghavat deu sua filha Oghavati, bela como uma deusa, para o erudito Sudarsana como esposa. Sudarsana, ó rei, levando a vida de um chefe de família com Oghavati, costumava morar em Kurukshetra com ela. Aquele príncipe inteligente de energia ardente tomou o voto, ó senhor, de conquistar a Morte mesmo por levar uma vida de chefe de família. O filho de Agni, ó rei, disse para Oghavati, 'Nunca aja contrariamente (aos desejos) daqueles que procuram nossa hospitalidade. Não tenha escrúpulo sobre os meios pelos quais convidados devem ser recebidos, mesmo que tu tenhas que oferecer tua própria pessoa. Ó bela, este voto está sempre presente na mente, já que para chefes de família não há virtude maior do que a hospitalidade concedida para convidados. Sempre tenha isto em mente sem jamais duvidar, se minhas palavras são alguma autoridade para ti. Ó impecável e abençoada, se tu tens alguma fé em mim, nunca desconsidere um convidado esteja eu ao teu lado ou longe de ti!' Para ele, com mãos unidas e colocadas sobre sua cabeça, Oghavati respondeu, dizendo, 'Eu não deixarei inacabado nada do que tu me ordenaste.' Então Mrityu, ó rei, desejando superar Sudarsana, começou a observá-lo para descobrir seus pontos fracos. Em certa ocasião, quando o filho de Agni saiu para ir buscar lenha na floresta, um Brahmana elegante procurou a hospitalidade de Oghavati com estas palavras: 'Ó senhora bela, se tu tens alguma fé na virtude da hospitalidade como prescrita para os

chefes de família, então eu te peço para estender os ritos de hospitalidade para mim hoje.' A princesa de grande fama, assim endereçada por aquele Brahmana, ó rei, recebeu-o de acordo com os ritos prescritos nos Vedas. Tendo lhe oferecido um assento, e água para lavar seus pés, ela perguntou, dizendo, 'Qual é o teu negócio? O que eu posso te oferecer?' O Brahmana disse para ela, 'Meu negócio é com tua pessoa, ó abençoada. Aja adequadamente sem qualquer hesitação em tua mente. Se os deveres prescritos para chefes de família são aceitáveis para ti, ó princesa, me satisfaça por te oferecer para mim.' Embora tentado pela princesa com ofertas de diversas outras coisas, o Brahmana, no entanto, não pediu algum outro presente a não ser a oferta da pessoa dela. Vendo-o decidido, aquela senhora, se lembrando das instruções que antes tinham sido dadas para ela por seu marido, mas dominada pela vergonha, disse para aquele Brahmana excelente, 'Assim seja.' Lembrando-se das palavras de seu marido que estava desejoso de adquirir a virtude dos chefes de família, ela se aproximou alegremente do Rishi regenerado. Enquanto isso, o filho de Agni, tendo coletado sua lenha, voltou para sua casa. Mrityu, com sua natureza feroz e inexorável, estava constantemente ao seu lado, assim como alguém acompanha um amigo leal. Quando o filho de Pavaka voltou para seu próprio eremitério, ele chamou Oghavati pelo nome, e (não recebendo resposta) exclamou repetidamente, 'Onde tu foste?' Mas a dama casta, devotada a seu marido, estando então apertada nos braços daquele Brahmana, não deu resposta para seu marido. De fato, aquela mulher casta, se considerando contaminada ficou sem fala, dominada pela vergonha. Sudarsana, dirigindo-se a ela novamente, exclamou, 'Onde pode estar minha esposa casta? Para onde ela foi? Nada pode ser de maior importância para mim do que isto (seu desaparecimento). Por que aquela dama simples e sincera, dedicada a seu marido, ai, não responde ao meu chamado hoje como ela costumava fazer antes com sorrisos doces?' Então aquele Brahmana, que estava dentro da cabana, respondeu assim para Sudarsana, 'Saiba, ó filho de Pavaka, que chegou um convidado Brahmana, e embora tentado por essa tua esposa com diversas outras ofertas de boas vindas, eu, ó melhor dos Brahmanas, desejei somente a pessoa dela, e esta dama de rosto formoso está empenhada em me dar as boas-vindas com os ritos devidos. Tu estás em liberdade para fazer o que quer que tu aches conveniente para esta ocasião.' Mrityu, armado com a clava de ferro, perseguiu o Rishi naquele momento, desejoso de realizar a destruição de alguém que iria, ele pensou, se desviar de sua promessa. Sudarsana foi tomado de surpresa, mas rejeitando todo ciúme e raiva por olhares, palavras, ações, ou pensamentos, disse, 'Desfrute, ó Brahmana. Isto é um grande prazer para mim. Um chefe de família obtém o maior mérito por honrar um convidado. É dito pelos eruditos que, com relação ao chefe de família, não há mérito superior ao que provêm para ele de um convidado partindo de sua casa depois de ter sido honrado devidamente por ele. Minha vida, minha esposa, e quaisquer outras posses mundanas que eu tenho, são todas dedicadas ao uso dos meus convidados. Exatamente este é o voto que eu adotei. Como eu realmente fiz esta afirmação, por aquela verdade, ó Brahmana, eu obterei o conhecimento do Eu. Ó principal dos homens virtuosos, os cinco elementos, isto é, fogo, ar, terra, água, e céu, e a mente, o intelecto e a Alma, e tempo e espaço e os dez órgãos dos sentidos, estão todos os presentes nos corpos dos homens, e sempre testemunham as

ações boas e más que os homens fazem. Esta verdade foi hoje proferida por mim, e que os deuses me abençoem por isto ou me destruam se eu falei falsamente.' Nisto, ó Bharata, lá se ergueu em todas as direções, em ecos repetidos, uma voz, bradando, 'Isto é verdade, isto não é falso.' Então aquele Brahmana saiu da cabana, e como o vento se erguendo e abarcando Terra e céu, e fazendo os três mundos ecoarem com sons Védicos, e chamando aquele homem virtuoso pelo nome, e o felicitando, disse, 'Ó impecável, eu sou Dharma; Toda glória para ti. Eu vim aqui, ó amante da verdade, para te testar, e eu estou bem satisfeito contigo por saber que tu és virtuoso. Tu subjugaste e conquistaste Mrityu que sempre tem te perseguido, procurando teus pontos fracos! Ó melhor dos homens, ninguém nos três mundos tem a habilidade para insultar, mesmo com olhares, esta senhora casta devotada a seu marido, muito menos para tocar seu corpo. Ela tem sido protegida da violação pela tua virtude e por sua própria castidade. Não pode haver nada contrário ao que esta dama orgulhosa dirá. Esta proferidora de Brahma, dotada de penitências austeras, para a salvação do mundo, será metamorfoseada em um rio poderoso. E tu chegarás a todos os mundos neste teu corpo, e como realmente a ciência de Yoga está dentro do seu controle, esta senhora altamente abençoada te seguirá somente com metade de seu eu corpóreo, e com a outra metade ela será célebre como o rio Oghavati! E tu alcançarás com ela a todos os mundos que adquiriste através de penitências. Aqueles mundos eternos e perpétuos dos quais ninguém volta serão alcançados por ti mesmo neste teu corpo grosseiro. Tu venceste a Morte, e obtiveste a maior de todas as bem-aventuranças, e, pelo teu próprio poder (mental), obtendo a velocidade do pensamento, tu te elevaste acima do poder dos cinco elementos! Por aderir dessa maneira aos deveres de um chefe de família, tu conquistaste tuas paixões, desejos, e raiva, e esta princesa, ó príncipe dos homens virtuosos, por te servir, venceu aflição, desejo, ilusão, inimizade e lassidão mental!'"

"Bhishma continuou, 'Então o glorioso Vasava (o senhor dos deuses), em uma carruagem excelente puxada por mil cavalos brancos, se aproximou daquele Brahmana. Morte e Alma, todos os mundos, todos os elementos, intelecto, mente, tempo, e espaço como também desejo e ira, foram todos conquistados. Portanto, ó melhor dos homens, tenha isto em mente, que para um chefe de família não há divindade superior ao convidado. É dito pelos eruditos que as bênçãos de um convidado honrado são mais eficazes do que o mérito de uma centena de sacrifícios. Quando um convidado digno procura a hospitalidade de um chefe de família e não é honrado por ele, ele leva (com ele) todas as virtudes do último dando a ele seus pecados (em retribuição). Eu agora contei para ti, meu filho, essa história excelente de como a Morte foi vencida antigamente por um chefe de família. A narração dessa história excelente confere glória, fama, e longevidade (para aqueles que a escutam). O homem que procura prosperidade mundana deve considerá-la como eficaz em remover todo mal. E, ó Bharata, o homem erudito que recita diariamente essa história da vida de Sudarsana chega às regiões dos abençoados.'"

3

"Yudhishthira disse, 'Se, ó príncipe, a posição de Brahmana é tão difícil de ser alcançada pelas três classes (Kshatriyas, Vaisyas e Sudras), como foi então que Viswamitra de grande alma, ó rei, embora um Kshatriya (por nascimento), alcançou a posição de um Brahmana? Eu desejo saber isto, ó majestade. Portanto, relate realmente este caso para mim. Aquele homem poderoso, ó majestade, em virtude de suas austeridades, destruiu em um momento os cem filhos de Vasishtha de grande alma. Enquanto sob a influência da raiva, ele criou numerosos espíritos maus e Rakshasas de energia poderosa e parecendo com o próprio grande destruidor Kala. Aquela grandiosa e erudita linhagem de Kusika, numerando centenas de sábios regenerados e muito elogiada pelos Brahmanas, foi fundada neste mundo dos homens por ele. Sunasepha de penitências austeras, o filho de Richika, tendo sido procurado ser morto como um animal no grande sacrifício de Amvarisha, obteve sua libertação por Viswamitra. Harishchandra, tendo satisfeito os deuses em um sacrifício, tornou-se um filho do sábio Viswamitra. Por não ter honrado seu irmão mais velho Devarat, a quem Viswamitra obteve como um filho dos deuses, os outros cinquenta irmãos dele foram amaldiçoados, e todos eles se tornaram Chandalas. Trisanku, o filho de Ikshwaku, pela maldição de Vasistha tornou-se um Chandala, e quando abandonado por seus amigos, e permanecendo suspenso com sua cabeça para baixo nas regiões inferiores, foi levado para o céu pela vontade de Viswamitra. Viswamitra tinha um rio amplo, de nome Kausika, que era frequentado por Rishis celestes. Aquela correnteza sagrada e auspiciosa era frequentada pelos deuses e Rishis regenerados. Por perturbar suas práticas religiosas, a ninfa celeste famosa Rambha de belos braceletes foi amaldiçoada e transformada em uma rocha. Por medo de Viswamitra o glorioso Vasishtha, nos tempos antigos, se amarrando com trepadeiras, jogou-se em um rio e veio novamente à superfície livre de seus laços. Por isso aquele rio grande e sagrado tornou-se célebre desde então pelo nome de Vipasa (literalmente, o libertador de laços). Ele rezou para o glorioso e pujante Indra que ficou satisfeito com ele e o absolveu de uma maldição. (Isto se refere à maldição pronunciada sobre Viswamitra pelo filho de Vasishtha, quando o último agia como o sacerdote de Trisanku. A maldição era que Viswamitra partilharia de carne canina por oficiar como o sacerdote de alguém que partilhava de tal carne. É dito que em uma época de grande escassez, Viswamitra foi obrigado a recorrer à carne de cachorro para comer, e que quando ele estava prestes a cozinhá-la Indra se lançou sobre ela e levou-a embora.) Permanecendo no lado norte do firmamento, ele derrama seu brilho de uma posição no meio dos sete Rishis regenerados (a constelação Ursa Maior), e Dhruva, o filho de Uttanpada (a Estrela Polar). Estas são suas realizações assim como muitas outras. Ó descendente de Kuru, como elas foram realizadas por um Kshatriya, minha curiosidade foi despertada neste caso. Portanto, ó principal da linhagem de Bharata, relate este assunto para mim realmente. Como sem rejeitar sua estrutura corpórea e tomar outra habitação de carne ele pôde se tornar um Brahmana? Ó majestade, conte verdadeiramente este caso para mim como tu me contaste a história de Matanga. Matanga nasceu como um Chandala, (foi gerado em uma mulher Brahmana por

um pai Sudra), e não pôde alcançar a posição de Brahmana, (com todas as suas austeridades), mas como este homem pôde chegar à posição de um Brahmana?"

4

"Bhishma disse, 'Ouça realmente em detalhes, ó filho de Pritha, como antigamente Viswamitra chegou à posição de um Rishi Brahmana. Havia, ó principal dos descendentes de Bharata, na linhagem de Bharata, um rei de nome Ajamida, que realizou muitos sacrifícios e era o melhor de todos os homens virtuosos. Seu filho era o grande rei chamado Jahnu. Ganga era a filha daquele príncipe magnânimo. O afamado e igualmente virtuoso Sindhudwipa era o filho daquele príncipe. De Sindhudwipa nasceu o grande sábio nobre Valakaswa. Seu filho se chamava Vallabha que era como um segundo Dharma em forma incorporada. Seu filho também era Kusika que era refulgente com glória como Indra de mil olhos. O filho de Kusika era o ilustre rei Gadhi que, sendo sem filhos e desejando ter um filho nascido para ele, dirigiu-se à floresta. Enquanto vivendo lá, nasceu uma filha para ele. Ela se chamava Satyavati por nome, e em beleza de aparência ela não tinha igual sobre a Terra. O filho ilustre de Chyavana, célebre pelo nome de Richika, da linhagem de Bhrigu, dotado de penitências austeras, pediu a mão daquela dama. Gadhi, o destruidor de seus inimigos, pensando que ele era pobre, não a entregou em casamento para Richika de grande alma. Mas quando o último, assim despedido, estava indo embora, o rei excelente, dirigindo-se a ele, disse, 'Se tu me deres um dote de casamento tu terás minha filha como tua esposa.'"

"Richika disse, 'Qual dote, ó rei, eu devo te oferecer pela mão da tua filha? Diga-me realmente, sem qualquer sentimento hesitação no assunto.' Gadhi disse, 'Ó descendente de Bhrigu, dê-me mil cavalos velozes como o vento, e possuidores da cor dos raios da lua, e cada um tendo uma orelha negra.'"

"Bhishma disse, 'Então aquele poderoso filho de Chyavana que era o principal da linhagem de Bhrigu suplicou para a divindade Varuna, o filho de Aditi, que era o senhor de todas as águas. 'Ó melhor dos deuses, eu te suplico para me dar mil cavalos, todos dotados da velocidade do vento e com cor tão refulgente quanto a da lua, mas cada um tendo uma orelha preta.' O deus Varuna, o filho de Aditi, disse para aquele descendente excelente da linhagem de Bhrigu, 'Assim seja. Onde quer que tu procures, os cavalos surgirão (na tua presença).' Logo que Richika pensou neles, ergueram-se lá das águas de Ganga mil cavalos de grande vigor, tão brilhantes em cor quanto a lua. Não longe de Kanyakubja, a margem sagrada do Ganga ainda é famosa entre os homens como Aswatirtha por causa do aparecimento daqueles cavalos naquele local. Então Richika, aquele melhor dos ascetas, satisfeito em mente, deu aqueles mil cavalos excelentes para Gadhi como o dote de casamento. O rei Gadhi, muito admirado e temendo ser amaldiçoado, deu sua filha, enfeitada com jóias, para aquele filho de Bhrigu. Aquele principal dos Rishis regenerados aceitou sua mão em casamento segundo os ritos prescritos. A princesa também ficou bem satisfeita ao se descobrir a esposa daquele Brahmana. Aquele principal dos Rishis regenerados, ó Bharata,

ficou bem satisfeito com a conduta dela e expressou um desejo de lhe conceder um benefício. A princesa, ó rei excelente, relatou isto para sua mãe. A mãe se dirigiu à filha que estava perante ela com olhar baixo, dizendo, 'Cabe a ti, ó minha filha, assegurar um favor do teu marido para mim também. Aquele sábio de penitências ascéticas é capaz de me conceder um benefício, isto é, a bênção do nascimento de um filho para mim.' Então, ó rei, voltando rapidamente para seu marido Richika, a princesa relatou para ele tudo o que era desejado por sua mãe. Richika disse, 'Por meu favor, ó abençoada, ela logo dará à luz um filho possuidor de toda virtude. Teu pedido pode ser realizado. De ti também nascerá um filho poderoso e glorioso que, dotado de virtude, perpetuará minha linhagem. Realmente eu digo isto para ti! Quando vocês duas se banharem em sua época, ela irá abraçar uma figueira-dos-pagodes, e tu, ó senhora excelente, irás igualmente abraçar uma figueira, e por fazer isso vocês obterão o objeto de seu desejo. Ó dama de sorriso doce, vocês duas terão que partilhar dessas duas oferendas sacrificais (charu, uma oblação de arroz, cevada, e grãos de leguminosa, fervido com manteiga e leite para oferecimento para os deuses em um sacrifício ou culto comum), consagradas com hinos, e então vocês obterão filhos (como desejado).' Nisto, Satyavati, com coração encantado, disse para sua mãe tudo o que tinha sido dito por Richika como também dos dois bolos de charu. Então a mãe, dirigindo-se a sua filha Satyavati, disse, 'Ó filha, como eu mereço maior consideração de ti do que teu marido, obedeça as minhas palavras. O charu, devidamente consagrado com hinos, o qual teu marido de teu, dê para mim e pegue aquele que foi prescrito para mim. Ó tu de sorriso doce e de caráter inocente, se tu tens algum respeito pela minha palavra, vamos trocar as árvores respectivamente designadas para nós. Todos desejam possuir um ser excelente e imaculado como seu próprio filho. O glorioso Richika também deve ter agido por um motivo similar neste caso, como aparecerá no fim. Por esta razão, ó bela moça, meu coração se inclina para teu charu, e tua árvore, e tu também deves considerar como assegurar um irmão excelente para ti mesma.' A mãe e a filha Satyavati tendo agido dessa maneira, ambas, ó Yudhishthira, ficaram grávidas. E aquele grande Rishi, o descendente excelente de Bhrigu, percebendo sua esposa grávida, satisfeito, e dirigindo-se a ela, disse, 'Ó senhora excelente, tu não fizeste bem em trocar o charu como logo se tornará evidente. É claro também que tu trocaste as árvores. Eu coloquei toda a energia acumulada de Brahma no teu charu e a energia Kshatriya no charu da tua mãe. Eu tinha arranjado de tal maneira que tu darias à luz um Brahmana cujas virtudes seriam famosas por todos os três mundos, e que ela (tua mãe) daria nascimento a um Kshatriya excelente. Mas agora, ó senhora excelente, que tu inverteste assim a ordem (do charu), tua mãe dará à luz um Brahmana excelente e tu também, ó senhora excelente, darás à luz um Kshatriya terrível em ação. Tu não fizeste bem, ó senhora, por agir dessa maneira por afeição por tua mãe.' Ouvindo isto, ó rei, a excelente senhora Satyavati, tomada pela tristeza, caiu no chão como uma bela trepadeira cortada em dois. Recuperando seus sentidos e reverenciando seu marido com (uma inclinação) de cabeça, a filha de Gadhi disse para seu marido, aquele principal da linhagem de Bhrigu, 'Ó Rishi regenerado, ó tu que és o principal dentre aqueles versados em Brahma, tenha pena de mim, tua esposa, que está assim te apaziguando e ordene que um filho Kshatriya não possa nascer para mim. Que

meu neto seja alguém que será famoso por suas realizações terríveis, se isto for teu desejo, mas não meu filho, ó Brahmana. Conceda-me este favor.' 'Assim seja', disse aquele homem de penitências austeras para sua esposa e então, ó rei, ela deu à luz um filho abençoado chamado Jamadagni. A esposa célebre de Gadhi também à luz ao regenerado Rishi Viswamitra versado no conhecimento de Brahma, pelo favor daquele Rishi. O altamente devoto Viswamitra, embora um Kshatriya, alcançou ao estado de um Brahmana e tornou-se o fundador de uma linhagem de Brahmanas. Seus filhos se tornaram progenitores de grande alma de muitas linhagens de Brahmanas, que eram dedicados a penitências austeras, versados nos Vedas, e fundadores de muitos clãs. O adorável Madhuchcchanda e o poderoso Devrat, Akshina, Sakunta, Vabhru, Kalapatha, o famoso Yajnavalkya, Sthula de votos superiores, Uluka, Mudgala, e o sábio Saindhavayana, o ilustre Valgujangha e o grande Rishi Galeva, Ruchi, o célebre Vajra, como também Salankayana, Liladhya e Narada, aquele conhecido como Kurchamuka, e Vahuli, Mushala, como também Vakshogriva, Anghrika, Naikadrik, Silayupa, Sita, Suchi, Chakraka, Marrutantavya, Vataghna, Aswalayana, e Syamayana, Gargya, e Javali, como também Susruta, Karishi, Sangsrutya, e Para Paurava, e Tantu, o grande sábio Kapila, Tarakayana, Upagahana, Asurayani, Margama, Hiranyksha, Janghari, Bhavravayani, e Suti, Bibhuti, Suta, Surakrit, Arani, Nachika, Champeya, Ujjayana, Navatantu, Vakanakha, Sayanya, Yati, Ambhoruha, Amatsyasin, Srishin, Gardhavi Urjjayoni, Rudapekahin, e o grande Rishi Naradin, estes Munis eram todos filhos de Viswamitra e eram versados no conhecimento de Brahma. Ó rei Yudhishthira, o altamente austero e devoto Viswamitra, embora um Kshatriya (por descendência), tornou-se um Brahmana por Richika ter colocado a energia do Brahma supremo (no charu). Ó príncipe mais importante da linhagem de Bharata, eu agora relatei para ti, com todos os detalhes, a história do nascimento de Viswamitra que possuía a energia do sol, da lua, e do deus do fogo. Ó melhor dos reis, se tu tens alguma dúvida com relação a algum outro assunto, deixe-me conhecê-la, para que eu possa removê-la.'"

5

"Yudhishthira disse, 'Ó tu que conheces as verdades de religião, eu desejo ouvir dos méritos da compaixão, e das características dos homens devotos. Ó majestade, descreva-os para mim.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto, esta lenda antiga, a história de Vasava e do generoso Suka, é citada como uma ilustração. Nos territórios do rei de Kasi, um caçador, tendo flechas envenenadas com ele, saiu de sua aldeia em uma excursão de caça à procura de antílopes. Desejoso de obter carne, quando em uma floresta grande em busca da caça, ele descobriu uma manada de antílopes não longe dele, e atirou suas flechas em um deles. As setas daquele caçador de braços irresistíveis, disparadas para a destruição do antílope, perderam seu alvo e perfuraram uma poderosa árvore da floresta. A árvore, violentamente perfurada com aquela flecha com ponta de veneno virulento, definhou, desprendendo suas folhas e frutos. A árvore tendo assim definhado, um papagaio que tinha vivido em

um oco de seu tronco toda a sua vida não deixou seu ninho por afeição pelo senhor da floresta. Imóvel e sem alimento, silencioso e triste, aquele papagaio grato e virtuoso também definhou com a árvore. O conquistador de Paka (Indra) ficou admirado por encontrar aquela ave de grande alma e de coração generoso assim não influenciada por miséria ou felicidade e possuindo uma resolução extraordinária. Então surgiu o pensamento na mente de Sakra, 'Como esta ave pôde vir a possuir sentimentos humanos e generosos, os quais são impossíveis em alguém pertencente ao mundo dos animais inferiores? Talvez, não haja nada extraordinário no caso, pois todas as criaturas são vistas demonstrarem sentimentos bondosos e generosos em direção a outras.' Assumindo então a forma de um Brahmana, Sakra desceu sobre a Terra e dirigindo-se à ave, disse, 'Ó Suka, ó melhor das aves, a neta (Suki) de Daksha se tornou abençoada (por ter-te como sua prole). Eu te pergunto, por que razão tu não deixas esta árvore murcha?' Assim questionado, Suka curvou-se a ele e respondeu: 'Bem vindo, ó chefe dos deuses, eu te reconheci pelo mérito das minhas penitências austeras.' 'Bem feito, bem feito!' Exclamou a divindade de mil olhos. Então o último o elogiou em sua mente, dizendo, 'Ó, quão extraordinário é o conhecimento que ele possui.' Embora o destruidor de Vala soubesse que o papagaio tinha um caráter altamente virtuoso e era meritório em ação, ele ainda perguntou sobre a razão de sua afeição pela árvore. 'Esta árvore está murcha e está sem folhas e frutos e é inadequada para ser o refúgio de aves. Por que tu então te apegas a ela? Esta floresta, também, é vasta e nesta selva há numerosas outras árvores excelentes cujos ocos são cobertos com folhas e as quais tu podes escolher livremente e à vontade. Ó paciente, aplicando o devido discernimento em tua sabedoria, abandone esta velha árvore que está morta e inútil e desprovida de todas as suas folhas e que não é mais capaz de algum bem.'"

"Bhishma disse, 'O virtuoso Suka, ouvindo estas palavras de Sakra, deu um suspiro profundo e respondeu tristemente para ele dizendo, 'Ó consorte de Sachi e chefe dos deuses, as ordenanças das divindades são sempre para serem obedecidas. Ouça a razão do caso a respeito do qual tu me questionaste. Aqui, dentro desta árvore, eu nasci, e aqui nesta árvore eu adquiri todos os bons traços do meu caráter, e aqui nesta árvore eu fui protegido em minha infância dos ataques de meus inimigos. Ó impecável, por que tu estás, em tua bondade, mexendo (indevidamente) com o princípio da minha conduta em vida? Eu sou compassivo, e devotamente concentrado na virtude, e firme em conduta. Bondade de sentimento é o grande teste de virtude entre os bons, e este mesmo sentimento compassivo e humano é a fonte de felicidade perene para o virtuoso. Todos os deuses te pedem para remover suas dúvidas em religião, e por esta razão, ó senhor, tu foste colocado na soberania sobre eles todos. Não cabe a ti, ó de mil olhos, me aconselhar agora a abandonar esta árvore para sempre. Quando ela era capaz de bem, ela sustentou minha vida. Como eu posso abandoná-la agora?' O virtuoso destruidor de Paka, satisfeito com estas palavras bem intencionadas do papagaio, falou dessa maneira para ele: 'Eu estou satisfeito com tua disposição humana e compassiva. Peça uma bênção de mim.' Nisto, o papagaio compassivo lhe pediu este benefício, dizendo, 'Que esta árvore reviva.' Conhecendo o grande apego do papagaio àquela árvore e seu caráter elevado, Indra, bem satisfeito, fez

a árvore ser rapidamente salpicada com néctar. Então aquela árvore ficou reabastecida e obteve grandeza extraordinária pelas penitências do papagaio, e o último também, ó grande rei, no fim de sua vida, obteve a companhia de Sakra em virtude daquele ato de compaixão. Dessa maneira, ó senhor de homens, por comunhão e companhia com os virtuosos as pessoas obtêm todos os objetos de seu desejo, assim como a árvore morta por sua companhia com o papagaio.'"

6

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó antepassado erudito que és versado em todas as escrituras, do Esforço e Destino qual é o mais poderoso?'"

"Bhishma disse, 'Esta história antiga da conversação de Vasishtha e Brahma, ó Yudhishthira, é um exemplo no assunto. Nos tempos antigos o adorável Vasishtha perguntou para Brahma qual entre esses dois, isto é, o Karma de uma criatura adquirido nesta vida, ou aquele adquirido em vidas anteriores (e chamado de Destino), é o mais potente em moldar sua vida. Então, ó rei, o grande deus Brahma, que surgiu do lótus primordial, respondeu para ele nestas palavras primorosas e bem fundamentadas, cheias de significado.'"

"Brahma disse, 'Nada vem a existir sem semente. Sem semente, frutos não crescem. De sementes surgem outras sementes. Por isso os frutos são conhecidos como gerados de sementes. Boas ou más conforme são as sementes que o marido semeia em seu campo, bons ou maus são os frutos que ele colhe. Como, não plantado com sementes, o solo, embora cultivado, torna-se inútil, assim, sem Esforço individual, o Destino é inútil. Os próprios atos de alguém são como o solo, e o Destino (ou a soma de suas ações em nascimentos anteriores) é comparado à semente. Da união da terra e da semente a colheita cresce. É observado todos os dias no mundo que o fazedor colhe os frutos de seus atos bons e maus; que felicidade resulta das boas ações, e dor das más; que ações, quando feitas, sempre frutificam; e que, se não feitas, nenhum fruto surge. Um homem de (boas) ações adquire méritos com boa sorte, enquanto um preguiçoso decai de sua posição, e ceifa o mal como a infusão de matéria alcalina injetada em um ferimento. Por aplicação dedicada alguém adquire beleza, sorte, e riquezas de vários tipos. Tudo pode ser obtido pelo Esforço, mas nada pode ser ganho só pelo Destino, por um homem que é desprovido de Esforço pessoal. Assim mesmo alguém alcança o céu, e todos os objetos de prazer, como também a realização dos desejos de seu coração por meio de Esforço individual bem dirigido. Todos os corpos luminosos no firmamento, todas as divindades, os Nagas, e os Rakshasas, como também o Sol e a Lua e os Ventos, alcançaram suas posições superiores pela evolução da posição de homem, pela força de sua própria ação. Riquezas, amigos, prosperidade passada de geração a geração, como também as graças da vida são de obtenção difícil por aqueles que são desprovidos de Esforço. O Brahmana obtém prosperidade por meio de vida santa, o Kshatriya por bravura, o Vaisya por esforço valoroso, e o Sudra por serviço. Riquezas e outros objetos de prazer não seguem o mesquinho, nem o impotente, nem o preguiçoso. Nem estes são obtidos pelo homem que não é ativo ou valoroso ou dedicado ao exercício de

austeridades religiosas. Mesmo ele, o adorável Vishnu, que criou os três mundos com os Daityas e todos os deuses, até Ele está engajado em penitências austeras na superfície do mar. Se o Karma de alguém não desse fruto, então todas as ações seriam inúteis, e confiando no Destino os homens se tornariam preguiçosos. Aquele que, sem seguir os modos de ação humanos, segue somente o Destino, age em vão, como a mulher que tem um marido impotente. Neste mundo a apreensão que advém da realização de ações boas ou más não é tão grande se o Destino for desfavorável como a apreensão de alguém do mesmo no outro mundo se Esforço estiver faltando enquanto ele está aqui. (Se o Destino é desfavorável, não precisa haver muito medo com relação a este mundo. Mas se alguém for desprovido de Esforço, grande deve ser seu medo com relação ao mundo seguinte, pois felicidade nunca pode ser obtida no próximo mundo a menos que alguém aja justamente enquanto está aqui.) Os poderes do homem, se devidamente exercidos, somente seguem seu Destino, mas só o Destino é incapaz de conferir algum bem onde o Esforço está faltando. Quando é visto que até nas regiões celestes a posição das próprias divindades é instável, como as divindades manteriam suas próprias posições ou aquelas de outros sem Karma apropriado? As divindades não aprovam sempre as boas ações de outros neste mundo, pois, temendo sua própria derrubada, elas tentam frustrar as ações de outros. Há uma rivalidade constante entre as divindades e os Rishis, e se eles todos têm que passar por seu Karma, contudo nunca pode ser afirmado que não há tal coisa como Destino, pois é o último que inicia todo Karma. Como o Karma se origina, se o Destino forma a primeira origem da ação humana? (A resposta é) que por estes meios, um acréscimo de muitas virtudes é feito mesmo nas regiões celestes. O próprio eu é seu próprio amigo e seu inimigo também, como também a testemunha de suas ações boas e más. Bem e mal se manifestam pelo Karma. Ações boas e más não dão resultados adequados. A Virtude é o refúgio dos deuses, e pela virtude tudo é alcançado. O Destino não frustra o homem que obteve virtude e justiça.

Antigamente, Yayati, decaindo de sua alta posição no céu desceu à Terra mas foi novamente recolocado nas regiões celestes pelas boas ações de seus netos virtuosos. O sábio nobre Pururavas, célebre como o descendente de Ila, alcançou o céu pela intercessão dos Brahmanas. Saudasa, o rei de Kosala, embora dignificado pela realização do Aswamedha e outros sacrifícios, obteve a posição de Rakshasa comedor de homens, pela maldição de um grande Rishi. Aswatthaman e Rama, embora ambos guerreiros e filhos de Munis, fracassaram em chegar ao céu por causa de suas próprias ações neste mundo. Vasu, embora tivesse realizado cem sacrifícios como um segundo Vasava, foi mandado para as regiões mais inferiores, por fazer uma única afirmação falsa. Vali, o filho de Virochana, justamente obrigado por sua promessa, foi enviado para as regiões sob a Terra, pela destreza de Vishnu. Janamejaya, que seguia as pegadas de Sakra, não foi detido e derrubado pelos deuses por assassinar uma mulher Brahmana? O Rishi regenerado Vaisampayana também, que matou um Brahmana em ignorância, e que estava poluído pela morte de uma criança, não foi derrubado pelos deuses? Antigamente o sábio real Nriga foi transmutado em um lagarto. Ele tinha feito doações de gado para os Brahmanas em seu grande sacrifício, mas isto

não o beneficiou. O sábio real Dhundhumara foi subjugado pela decrepitude mesmo enquanto empenhado em realizar seus sacrifícios, e abandonando todos os méritos deles, ele adormeceu em Girivraja. Os Pandavas também recuperaram seu reino perdido, do qual eles foram privados pelos filhos poderosos de Dhritarashtra, não pela intercessão dos destinos, mas por recorrerem ao seu próprio heroísmo. Munis de votos rígidos, e dedicados à prática de penitências austeras, pronunciam suas maldições com a ajuda de algum poder sobrenatural ou pelo exercício de sua própria pujança obtida por atos individuais? Todo o bem neste mundo o qual é obtido com dificuldade, que é possuído pelos maus, é logo perdido por eles. O Destino não ajuda o homem que está imerso em ignorância espiritual e avareza. Assim como um fogo de proporções pequenas, quando abanado pelo vento vem a ter força imensa, assim o Destino, quando unido com Esforço individual, aumenta imensamente (em potencialidade). Como com a diminuição de óleo na lâmpada sua luz é extinguida, assim a influência do Destino é perdida se as ações de alguém param. Tendo obtido vasta riqueza, e mulheres e todos os prazeres deste mundo, o homem sem ação não pode desfrutá-los por muito tempo, mas o homem de grande alma, que é sempre diligente, é capaz de encontrar riquezas enterradas profundamente na Terra e vigiada pelos destinos. O bom homem que é pródigo (em caridades e sacrifícios religiosos) é procurado pelos deuses por sua boa conduta, o mundo celeste sendo melhor do que o mundo dos homens, mas a casa do avaro embora cheia de riqueza é considerada pelos deuses como a casa de um morto. O homem que não se esforça nunca está satisfeito neste mundo nem pode o Destino alterar o rumo de um homem que tem tomado um mal caminho. Assim não há autoridade inerente no Destino. Como o pupilo segue sua própria percepção individual, assim o Destino segue o Esforço. Nos assuntos nos quais o próprio Esforço de alguém é aplicado, somente lá o Destino mostra sua mão. Ó melhor dos Munis, eu assim descrevi todos os méritos do Esforço individual, depois de tê-los sempre conhecido em seus significados verdadeiros com a ajuda do meu discernimento yogue. Pela influência do Destino, e por empregar o próprio Esforço individual, os homens alcançam o céu. A ajuda combinada de Destino e Esforço se torna eficaz.'"

7

"Yudhishthira disse, 'Ó melhor da linhagem de Bharata e o principal dos grandes homens, eu desejo saber quais são os frutos das boas ações. Esclareça-me sobre este ponto.'"

"Bhishma disse, 'Eu te direi o que tu perguntaste. Ó Yudhishthira, ouça este que constitui o conhecimento secreto dos Rishis. Ouça-me enquanto eu explico quais são os fins, muito cobiçados, que são alcançados pelos homens depois da morte. Quaisquer que sejam as ações realizadas por seres corpóreos específicos, os frutos delas são colhidos pelos fazedores enquanto dotados de corpos materiais similares; por exemplo, os resultdos de ações feitas com a mente são desfrutados no momento dos sonhos, e aqueles das ações realizadas fisicamente são desfrutados no estado fisicamente ativo. Em quaisquer estados que as criaturas

realizem ações boas ou más, elas colhem os frutos delas em estados similares de vidas sucessivas. Nunca algum ato feito com a ajuda dos cinco órgãos de percepção sensual é perdido. Os cinco órgãos sensuais e a alma imortal que é o sexto permanecem suas testemunhas. Alguém deve dedicar sua visão para o serviço do convidado e deve dedicar seu coração ao mesmo; ele deve proferir palavras que são agradáveis; e deve também seguir e cultuar (seu convidado). Isto é chamado de Sacrifício Panchadakshin, (o Sacrifício com cinco doações). Aquele que oferece boa comida para os viajantes fatigados desconhecidos e exaustos por uma longa jornada obtém grande mérito. Aqueles que usam a plataforma sacrifical como sua única cama obtêm mansões e camas cômodas (em nascimentos subsequentes). Aquele que usa somente trapos e cascas de árvores como vestimenta obtém bom vestuário e ornamentos no próximo nascimento. Alguém possuidor de penitências e tendo sua alma em Yoga consegue veículos e animais de condução (como o fruto de sua renúncia nesta vida). O monarca que deita ao lado do fogo sacrifical obtém energia e coragem. O homem que renuncia ao desfrute de todas as iguarias consegue prosperidade, e aquele que se abstém de comida animal obtém filhos e gado. Aquele que deita com sua cabeça para baixo, ou que vive em água, ou que vive retirado e sozinho na prática de Brahmacharya, alcança a todos os fins desejados. Aquele que oferece abrigo para um convidado e o recebe com água para lavar seus pés como também com alimento, luz e cama, obtém os méritos do sacrifício com as cinco doações. Aquele que se deita sobre o leito de um guerreiro no campo de batalha na postura de um guerreiro, vai para aquelas regiões eternas onde todos os objetos de desejo são realizados. Um homem que faz doações generosas, ó rei, obtém riquezas. Alguém assegura obediência às suas ordens pelo voto de silêncio, todos os prazeres da vida pela prática de austeridades, vida longa por Brahmacharya, e beleza, prosperidade e liberdade de doença por se abster de injúria para outros. Soberania cai como o lote daqueles que subsistem somente de frutas e raízes. Residência no céu é alcançada por aqueles que vivem somente de folhas das árvores. Um homem, ó rei, é citado como obtendo felicidade por abstenção de alimento. Por limitar a própria dieta somente a ervas, uma pessoa se torna possuidora de vacas. Por viver de grama alguém chega às regiões celestes. Por renunciar a todas as relações sexuais com a própria esposa e fazer abluções três vezes durante o dia e por inalar o ar somente para propósitos de subsistência, alguém obtém o mérito de um sacrifício. O céu é alcançado pela prática da veracidade, nobreza de nascimento por sacrifícios. O Brahmana de práticas puras que subsiste somente de água, e realiza o Agnihotra incessantemente, e recita o Gayatri, obtém um reino. Por se abster de comida ou por regulá-la, alguém obtém residência no céu. Ó rei, por se abster de tudo exceto da dieta prescrita enquanto engajado em sacrifícios, e por fazer peregrinação por doze anos, alguém chega a um lugar melhor do que as residências reservadas para heróis. Por ler todos os Vedas uma pessoa é imediatamente liberada da miséria, e por praticar virtude em pensamento alguém alcança as regiões celestiais. Aquele homem que é capaz de renunciar àquela ânsia intensa do coração pela felicidade e prazeres materiais, uma ânsia que é difícil de ser conquistada pelos tolos e que não diminui com a diminuição do vigor corpóreo e que se gruda a ele como uma doença fatal, é capaz de garantir felicidade. Como o bezerro jovem é capaz de reconhecer sua

mãe dentre mil vacas, assim as ações anteriores de um homem o perseguem (em todas as suas diferentes transformações). Como as flores e frutos de uma árvore, não incitados por influências visíveis, nunca perdem sua estação apropriada, assim o Karma feito em uma existência prévia traz seus resultados no tempo apropriado. Com a idade, o cabelo do homem fica cinzento, seus dentes ficam frouxos; seus olhos e ouvidos também ficam obscurecidos em ação; mas a única coisa que não diminui é seu desejo por prazeres. Prajapati é satisfeito com aqueles atos que agradam o pai de alguém, e a Terra é satisfeita com aqueles atos que agradam a mãe de alguém, e Brahma é adorado com aquelas ações que agradam ao preceptor. A virtude é honrada por aquele que honra estes três. As ações daqueles que desprezam estes três não os beneficiam.'"

"Vaisampayana disse, 'Os príncipes da linhagem de Kuru ficaram muito admirados ao ouvirem este discurso de Bhishma. Todos eles ficaram satisfeitos em mente e dominados pela alegria. Como Mantras aplicados com um desejo ganhar vitória, ou a realização do sacrifício Shoma feito sem doações apropriadas, ou oblações despejadas no fogo sem hinos apropriados, se tornam inúteis e levam a más consequências, assim mesmo pecado e maus resultados fluem da falsidade em palavras. Ó príncipe, eu assim relatei para ti esta doutrina da fruição de ações boas e más, como narrada pelos Rishis de antigamente. O que mais tu desejas ouvir?"

8

"Yudhishthira disse, 'Quem são merecedores de culto? Quem são aqueles para quem alguém pode se curvar? Quem são aqueles, ó Bharata, para quem tu inclinarias tua cabeça? Quem, também, são aqueles de quem tu gostas? Diga-me tudo isso, ó príncipe. O que é aquilo sobre o qual tua mente reside quando a aflição te domina? Fale para mim sobre o que é benéfico aqui, isto é, nesta região de seres humanos, como também após a morte.'"

"Bhishma disse, 'Eu gosto daquelas pessoas regeneradas cuja maior riqueza é Brahman, cujo céu consiste no conhecimento da alma, e cujas penitências são constituídas por seu estudo diligente dos Vedas. Meu coração anseia por aqueles em cuja linhagem pessoas, jovens e velhas, carregam diligentemente as cargas ancestrais sem enlanguescerem sob elas. Brahmanas bem treinados nos vários ramos de conhecimento, autocontrolados, de fala gentil, conhecedores das escrituras, bem educados, possuidores do conhecimento de Brahman e justos em conduta, discursam em assembléias respeitáveis como bandos de cisnes. (O comentador explica que a alusão aqui é ao ditado que cisnes ao beberem leite misturado com água sempre bebem o leite deixando a água. Brahmanas eruditos são como cisnes pois mesmo ao discursarem sobre os assuntos do mundo eles selecionam o que é bom e instrutivo mas rejeitam o que é mau e pecaminoso.) Auspiciosas, agradáveis, excelentes, e bem pronunciadas são as palavras, ó Yudhishthira, que eles proferem com uma voz tão profunda quanto aquelas das nuvens. Repletas de felicidade temporal e espiritual, tais palavras são proferidas por eles nas cortes de monarcas, eles mesmos sendo recebidos com honra e

atenção e servidos com reverência por aqueles soberanos de homens. De fato, meu coração anseia por aqueles que ouvem as palavras proferidas em assembléias ou nas cortes de reis por pessoas dotadas de conhecimento e todas as qualidades agradáveis, e são respeitados por outros. Meu coração, ó monarca, sempre anseia por aqueles que, para a satisfação de Brahmanas, ó Yudhishthira, dão para eles, com devoção, alimento que é bem cozido e limpo e saudável. É fácil lutar em batalha, mas não é fácil fazer uma doação sem orgulho ou vaidade. Neste mundo, ó Yudhishthira, há homens valentes e heróis às centenas. Enquanto tomando-os em consideração, aquele que é um herói em doações deve ser considerado como superior. Ó amável, se eu fosse um Brahmana vulgar, eu me consideraria como muito importante, para não falar de alguém nascido em uma boa família Brahmana dotada de retidão de conduta, e dedicada a penitências e erudição. Não há ninguém, ó filho de Pandu, neste mundo que seja mais caro para mim do que tu, ó chefe da linhagem de Bharata, mas mais caro para mim do que tu são os Brahmanas. E já que, ó melhor dos Kurus, os Brahmanas são muito mais caros para mim do que tu, é por esta verdade que eu espero ir para todas aquelas regiões de bem-aventurança que foram alcançadas por meu pai Santanu. Nem meu pai, nem o pai do meu pai, nem alguém mais ligado a mim por sangue é mais caro para mim do que os Brahmanas. Eu não espero qualquer fruto, grande ou pequeno, do meu culto aos Brahmanas (pois eu os cultuo como divindades porque eles são merecedores de tal culto). Por causa do que eu tenho feito para os Brahmanas em pensamentos, palavras, e ações, eu não sinto qualquer dor agora (embora eu esteja deitado em uma cama de setas). As pessoas costumavam me chamar como alguém devotado aos Brahmanas. Este estilo de tratamento sempre me agradou muito. Fazer bem para os Brahmanas é a mais sagrada de todas as ações sagradas. Eu vejo muitas regiões de beatitude esperando por mim que tenho caminhado com reverência atrás dos Brahmanas. Logo eu me dirigirei para aquelas regiões por tempo eterno, ó filho. Neste mundo, ó Yudhishthira, os deveres das mulheres têm referência a e dependem de seus maridos. Para uma mulher, na verdade, o marido é a divindade e ele é o maior fim pelo qual ela deve se esforçar. Como o marido é para a esposa, assim mesmo são os Brahmanas para os Kshatriyas. Se há um Kshatriya de cem anos completos de idade e um bom menino Brahmana de somente dez anos, o último deve ser considerado como um pai e o primeiro como um filho, pois entre os dois, realmente, o Brahmana é superior. Uma mulher na ausência de seu marido aceita o irmão mais novo dele como seu marido; assim mesmo a Terra, não tendo obtido o Brahmana, fez do Kshatriya seu marido. Os Brahmanas devem ser protegidos como filhos e adorados como pais ou preceptores. De fato, ó melhor dos Kurus, eles devem ser servidos com reverência assim como as pessoas servem com reverência seus fogos sacrificais ou Homa. Os Brahmanas são dotados de simplicidade e virtude. Eles são devotados à verdade. Eles estão sempre dedicados ao bem de todas as criaturas. Porém quando zangados eles são como cobras de veneno virulento. Eles devem, por essas razões, ser sempre servidos e satisfeitos com reverência e humildade. Alguém deve, ó Yudhishthira, sempre temer estes dois, isto é, Energia e Penitências. Ambos devem ser evitados ou mantidos à distância. Os efeitos de ambos são rápidos. Há superioridade, no entanto, das Penitências, isto é, que Brahmanas dotados de Penitências, ó

monarca, podem, se zangados, matar o objeto de sua ira (não obstante a quantidade de Energia com a qual aquele objeto possa ser dotado). Energia e Penitências, cada uma da maior extensão, vêm a ser neutralizadas se aplicadas contra um Brahmana que venceu a ira. Se as duas, isto é, Energia e Penitências, forem colocadas uma contra a outra, então a destruição alcançaria ambas, mas não destruição sem um resto, pois enquanto a Energia, aplicada contra Penitências, é certa de ser destruída sem deixar um resto, as penitências aplicadas contra a Energia não podem ser completamente destruídas. (Isto é, alguém deve se manter afastado de ambas, Energia e Penitências, pois ambas podem consumir, se incomodadas ou perturbadas. Por 'Energia' se quer dizer força física e mental, ela pertence ao Kshatriya como as Penitências pertencem ao Brahmana.) Como o pastor, bastão na mão, protege o rebanho, assim mesmo o Kshatriya deve sempre proteger os Vedas e os Brahmanas. De fato, o Kshatriya deve proteger todos os Brahmanas justos assim como um pai protege seus filhos. Ele deve sempre ter seu olhar sobre a casa dos Brahmanas para cuidar para que seus meios de subsistência não possam estar faltando.'"

9

"Yudhisthira disse, 'Ó avô, ó tu de grande esplendor, o que se tornam aqueles homens que, por entorpecimento do intelecto, não fazem doações para Brahmanas depois de terem prometido fazer aquelas doações? Ó tu que és a principal de todas as pessoas justas, me diga quais são os deveres em relação a isto. De fato, qual se torna o fim daqueles indivíduos perversos que não doam depois de terem prometido doar?'"

"Bhishma disse, 'A pessoa que, depois de ter prometido, não doa, seja pouco ou muito, tem a mortificação de ver suas esperanças (em todas as direções) se tornarem inúteis como as esperanças de um eunuco em relação à progênie. Quaisquer boas ações que tal pessoa faça entre o dia do seu nascimento e aquele da sua morte, ó Bharata, quaisquer libações que ele despeje sobre o fogo sacrifical, quaisquer doações que ele faça, ó chefe da linhagem de Bharata, e quaisquer penitências que ele realize todos se tornam infrutíferos. Aqueles que são familiarizados com as escrituras declaram esta como sua opinião, chegando a ela, ó chefe dos Bharatas, com a ajuda de uma compreensão bem organizada. Pessoas conhecedoras das escrituras também são de opinião que tal homem pode ser purificado por doar mil cavalos com orelhas de uma cor escura. Em relação a isto é citada a velha narrativa da conversa entre um chacal e um macaco. Quando ambos eram seres humanos, ó opressor de inimigos, eles eram amigos íntimos. Depois da morte um deles se tornou um chacal e o outro um macaco. Vendo o chacal um dia comendo uma carcaça animal no meio de um crematório, o macaco, se lembrando do nascimento anterior do amigo e do seu próprio como seres humanos, dirigiu-se a ele, dizendo, 'Realmente, qual pecado terrível tu cometeste no teu nascimento anterior por consequência do qual tu és obrigado neste nascimento a te alimentares em um crematório de tal comida repulsiva como a carcaça pútrida de um animal?' Assim endereçado, o chacal

respondeu para o macaco, dizendo, ‘Tendo prometido doar para um Brahmana eu não lhe fiz a doação. É por causa daquele pecado, ó macaco, que eu caí nessa classe de existência desprezível. É por esta razão que, quando faminto, eu sou obrigado a comer tal alimento.'"

“Bhishma continuou, ‘O chacal então, ó melhor dos homens, se dirigiu ao macaco e disse, ‘Qual pecado tu cometeste pelo qual tu te tornaste um macaco?’”

"O macaco disse, 'Em minha vida anterior eu costumava me apropriar das frutas pertencentes a Brahmanas. Por isso eu me tornei um macaco. Então é evidente que alguém possuidor de inteligência e erudição nunca deve se apropriar do que pertence aos Brahmanas. Na verdade, assim como alguém deve se abster disto, ele deve evitar também todas as disputas com Brahmanas. Tendo prometido, uma pessoa deve certamente fazer a doação prometida para eles.'"

"Bhishma continuou, 'Eu ouvi isto, ó rei, do meu preceptor enquanto ele estava ocupado em discursar sobre o assunto de Brahmanas. Eu ouvi isto daquela pessoa justa quando ele narrou a antiga e sagrada declaração sobre este tópico. Eu ouvi isto de Krishna também, ó rei, enquanto ele estava ocupado em discursar, ó filho de Pandu, sobre Brahmanas. (O comentador pensa que por Krishna quer-se dizer o Krishna Nascido na Ilha ou Vyasa.) Nunca deve-se tomar posse da propriedade de um Brahmana. Eles devem sempre ser deixados em paz. Pobres ou avaros, ou jovens em idade, eles nunca devem ser desconsiderados. Os Brahmanas sempre me ensinaram isto. Tendo lhes prometido fazer uma doação, a doação deve ser feita. Um Brahmana superior nunca deve ser desapontado na questão de suas expectativas. Um Brahmana, ó rei, em quem uma expectativa foi criada, ó rei, é citado como semelhante a um fogo ardente. (O sentido é que tal Brahmana, se sua expectativa não for satisfeita, é competente para consumir a pessoa que criou falsamente aquela expectativa.) Aquele homem sobre quem um Brahmana com expectativas criadas lança seu olhar, está certo, ó monarca, de ser consumido assim como uma pilha de palha pode ser consumida por um fogo ardente. Quando o Brahmana, satisfeito pelo rei (com honras e doações), se dirige ao rei em palavras encantadoras e afetuosas, ele se torna, ó Bharata, uma fonte de grande benefício para o rei, pois ele continua a viver no reino como um médico combatendo diversos tipos de doenças do corpo. (Como um médico cura diversas doenças do corpo, da mesma maneira, um Brahmana satisfeito cura diversas imperfeições no reino no qual ele continua a viver honrado e satisfeito pelo rei.) Tal Brahmana seguramente mantém por sua pujança e bons desejos, os filhos e netos e animais e parentes e ministros e outros oficiais e a cidade e as províncias do rei. Exatamente esta é a energia do Brahmana, tão grandiosa como aquela do próprio Surya de mil raios sobre a Terra. Portanto, ó Yudhishthira, se alguém deseja obter uma classe de existência respeitável ou feliz no seu próximo nascimento, ele deve, tendo proferido a promessa para um Brahmana, certamente mantê-la por realmente fazer a doação para ele. Por fazer doações para um Brahmana seguramente alguém alcança o céu mais sublime. Na verdade, fazer caridade é o maior dos atos que alguém pode realizar. Pelas doações que alguém faz para um Brahmana, as divindades e os pitris são sustentados. Por isso alguém possuidor de conhecimento deve sempre fazer doações para os Brahmanas. Ó

chefe dos Bharatas, o Brahmana é considerado como o objeto mais elevado para quem doações devem ser feitas. Em nenhum momento um Brahmana deve ser recebido sem ser adorado adequadamente.'"

10

"Yudhisthira disse, 'Eu desejo saber, ó sábio nobre, se atrai sobre si alguma falha alguém que por amizade interessada ou desinteressada dá instruções para uma pessoa pertencente a uma classe de nascimento inferior! Ó avô, eu desejo saber isto, explicado para mim em detalhes. O rumo do dever é extremamente sutil. Homens são vistos muitas vezes ficarem estupefatos em relação àquele rumo.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto, ó rei, eu contarei para ti, na devida ordem, o que eu ouvi certos Rishis dizerem antigamente. Instrução não deve ser dada para alguém que pertence a uma casta inferior ou vil. É dito que o preceptor que dá instrução para tal pessoa incorre em grande erro. Ouça-me, ó chefe da linhagem de Bharata, enquanto eu narro para ti, ó Yudhishthira, este exemplo que ocorreu nos tempos passados, ó monarca, das más consequências de se dar instrução para uma pessoa de nascimento inferior caída em infortúnio. O incidente que eu relatarei ocorreu no retiro de certos sábios regenerados que se localizava no leito auspicioso de Himavat. Lá, no leito daquele príncipe das montanhas, havia um retiro sagrado adornado com árvores de diversas espécies. Coberto também com diversos tipos de trepadeiras e plantas, ele era o recanto de muitos animais e aves. Habitado por Siddhas e Charanas também, ele era extremamente encantador pelos bosques que floresciam em todas as estações. Muitos eram os Brahmacharins que moravam lá, e muitos pertencentes ao modo de vida da floresta. Muitos também eram os Brahmanas que tinham tomado sua residência lá, que eram altamente abençoados e que pareciam com o sol ou o fogo em energia e refulgência. Ascetas de diversos tipos, observadores de várias restrições e votos, como também outros, ó chefe dos Bharatas, que tinham passado por Diksha e eram frugais em alimentação e possuidores de almas purificadas, tomaram sua redidência lá. Grande número de Valakhilyas e muitos que eram cumpridores do voto de Sanyasa também costumavam morar lá. O santuário, por tudo isso, ressoava com o canto dos Vedas e dos Mantras sagrados proferidos por seus habitantes. Uma vez um Sudra dotado de compaixão por todas as criaturas ousou entrar naquele retiro. Chegando naquele retiro, ele foi devidamente honrando por todos os ascetas. Vendo aqueles ascetas de diversas classes que eram dotados de grande energia, que pareciam com as divindades (em pureza e poder), e que estavam cumprindo diversas espécies de Diksha, ó Bharata, o Sudra ficou profundamente satisfeito. Contemplando tudo, ó chefe da linhagem de Bharata, o Sudra sentiu-se inclinado a se dedicar à prática de penitências. Tocando os pés do Kulapati (o chefe do grupo, pois um Kulapati é um asceta que possui dez mil ascetas como seus discípulos, por exemplo, Kanwa, o pai adotivo de Sakuntala, era um Kulapati), ó Bharata, ele se dirigiu a ele dizendo, 'Pela tua graça, ó principal das pessoas regeneradas, eu desejo aprender (e praticar) os

deveres de religião. Cabe a ti, ó ilustre, me falar sobre aqueles deveres e me introduzir (por realizar os ritos de iniciação) em uma vida de Renúncia. Eu sou certamente inferior em cor, ó ilustre, pois eu sou por casta um Sudra, ó melhor dos homens. Eu desejo servir e ser útil para vocês aqui. Fique satisfeito comigo que humildemente procuro tua proteção.'"

"O Kulapati disse, 'É impossível que um Sudra viva aqui adotando os símbolos especialmente destinados para aqueles que praticam vidas de Renúncia. Se te agrada, tu podes ficar aqui, dedicado a nos servir e a nos ser útil. Sem dúvida, por tal serviço tu alcançarás muitas regiões de grande bem-aventurança.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado pelo asceta, o Sudra começou a refletir em sua mente, ó rei, dizendo, 'Como eu devo agir agora? É grande minha reverência por aqueles deveres religiosos que levam ao mérito. Que isto, no entanto, seja decidido, que eu farei o que for para o meu benefício.' (Isto é, renunciando ao serviço que é o dever ordenado para a pessoa de sua classe, ele desejava se dirigir à Renúncia universal ou Sannyasa, sem, no entanto, o lingam ou símbolos daquele voto.) Procedendo para um local que era distante daquele retiro, ele fez uma cabana de gravetos e folhas de árvores. Erigindo também uma plataforma sacrifical, e fazendo um pequeno espaço para seu sono, e algumas plataformas para o uso das divindades, ele começou, ó chefe dos Bharatas, a levar uma vida regulada por observâncias e votos rígidos e a praticar penitências, se abstendo totalmente de falar todo o tempo. Ele começou a realizar abluções três vezes ao dia, cumprir outros votos (em relação à alimentação e sono), fazer sacrifícios para as divindades, derramar libações no fogo sacrifical, e adorar e cultuar as divindades dessa maneira. Reprimindo todos os desejos carnais, vivendo abstemiamente de frutas e raízes, controlando todos os seus sentidos, ele diariamente recebia e entretinha todos aqueles que chegavam ao seu retiro como convidados, oferecendo a eles ervas e frutas que cresciam abundantemente em volta. Dessa maneira ele passou um tempo muito longo naquele seu eremitério. Um dia um asceta foi ao retiro daquele Sudra para o propósito de fazer seu conhecimento. O Sudra recebeu e adorou o Rishi com os ritos devidos, e o agradou muito. Dotado de grande energia, e possuidor de uma alma justa, aquele Rishi de votos rígidos conversou com seu anfitrião sobre muitos assuntos agradáveis e o informou do lugar de onde ele tinha vindo. Desse modo, ó chefe dos Bharatas, aquele Rishi, ó melhor dos homens, foi ao retiro do Sudra inúmeras vezes para o objetivo de vê-lo. Em uma dessas ocasiões, o Sudra, ó rei, se dirigindo ao Rishi disse, 'Eu desejo realizar os ritos que são ordenados para os Pitris. Instrua-me bondosamente neste assunto.' 'Muito bem', o Brahmana disse a ele em resposta, ó monarca. O Sudra então, se purificando por meio de um banho, trouxe água para o Rishi para lavar seus pés, e ele também trouxe alguma grama Kusa, e ervas e frutas selvagens, e um assento sagrado, e o assento chamado Vrishi. O Vrishi, no entanto, foi colocado pelo Sudra em direção ao sul, com sua cabeça virada para o oeste. Vendo isso e sabendo que isso era contra a ordenança, o Rishi dirigiu-se ao Sudra, dizendo, 'Coloque o Vrishi com sua cabeça virada em para o Leste, e tendo te purificado, sente com teu rosto virado para o norte.' O Sudra fez tudo como o Rishi indicou. Possuidor de grande inteligência, e

praticante de virtude, o Sudra recebeu toda instrução sobre o Sraddha, como prescrita na ordenança, daquele Rishi dotado de penitências, com respeito à maneira de espalhar a grama Kusa, e colocação dos Arghyas, e com relação aos ritos a serem observados na questão das libações a serem despejadas e o alimento a ser oferecido. Depois que os ritos em honra dos Pitris tinham sido concluídos, o Rishi foi despedido pelo Sudra, depois do que ele voltou para sua própria residência. (Nenhum Brahmana, as escrituras declaram, jamais deve ajudar um Sudra na realização de seus ritos religiosos ou Pitri. Aqueles Brahmanas que violam esta injunção decaem de sua posição superior. Eles são condenados como Sudra-yajins. Aqui o Rishi, somente por dar indicações para o Sudra quanto a como os ritos Pitri eram para ser realizados, se tornou um Sudra-yajin. Há muitas famílias até hoje cuja posição foi rebaixada por causa de tais atos de indiscrição ou similares da parte de seus ancestrais.) Depois de muito tempo, todo o qual ele passou na prática de tais penitências e votos, o Sudra asceta morreu naquelas florestas. Por causa do mérito que ele adquiriu por aquelas práticas, o Sudra, na próxima vida, nasceu na família de um grande rei, e com o decorrer do tempo veio a possuir grande esplendor. O Rishi regenerado também, quando chegou o momento, pagou sua dívida com a Natureza. Na sua próxima vida, ó chefe da linhagem de Bharata, ele nasceu na família de um sacerdote. Foi dessa maneira que aqueles dois, isto é, aquele Sudra que tinha passado uma vida de penitências e aquele Rishi regenerado que por generosidade tinha dado para o primeiro algumas instruções na questão dos ritos realizados em honra dos Pitris, renasceram, um como o descendente de uma linhagem real e o outro como o membro de uma família sacerdotal. Ambos começaram a crescer e ambos adquiriram grande conhecimento nos ramos usuais de estudo. O Brahmana se tornou bem versado nos Vedas como também nos Atharvans. (Os Atharvans não eram geralmente incluídos sob o termo Veda pelo qual se queria dizer somente os três primeiros Vedas.) Na questão, também, de todos os sacrifícios ordenados nos Sutras, daquele Vedanga que trata de ritos e observâncias religiosos, astrologia e astronomia o Rishi renascido obteve grande excelência. Na filosofia Sankhya também ele começou ter grande satisfação. Enquanto isso, o Sudra renascido que tinha se tornado um príncipe, quando seu pai, o rei, morreu, realizou seus últimos ritos; e depois que ele tinha se purificado por finalizar todas as cerimônias fúnebres, ele foi instalado pelos súditos de seu pai como seu rei em seu trono paterno. Mas logo depois da sua própria instalação como rei, ele instalou o Rishi renascido como seu sacerdote. De fato, tendo feito o Brahmana seu sacerdote, o rei começou a passar seus dias em grande felicidade. Ele governava seu reino justamente e protegia e cuidava de todos os seus súditos. Diariamente, na entanto, o rei, na ocasião de receber bênçãos de seu sacerdote como também na realização de ritos religiosos e outros ritos sagrados, sorria ou dava risada dele ruidosamente. (Punyaha-vachana é um rito peculiar. O sacerdote ou algum outro Brahmana é convidado. Doações são então feitas a ele, e ele profere bênçãos em retorno sobre o doador. Yudhishthira costumava convidar todos os dias um grande número de Brahmanas e fazia presentes valiosos para eles para obter suas bênçãos.) Dessa maneira, ó monarca, o Sudra renascido que tinha se tornado um rei ria à visão de seu sacerdote em inúmeras ocasiões. O sacerdote, notando que o rei sempre sorria ou gargalhava quando acontecia de lançar seus olhos nele,

ficou zangado. Em uma ocasião ele encontrou o rei em um local onde não havia ninguém mais. Ele agradou o rei por meio de uma conversa agradável. Tomando vantagem daquele momento, ó chefe da linhagem de Bharata, o sacerdote se dirigiu ao rei, dizendo, 'Ó tu de grande esplendor, eu te suplico para me conceder um único benefício.'"

"O rei disse, 'Ó melhor das pessoas regeneradas, eu estou disposto a te conceder uma centena de benefícios, o que dizer então de um somente? Pela afeição que eu tenho por ti e pela reverência na qual eu te considero, não há nada que eu não possa te dar.'"

"O sacerdote disse, 'Eu desejo ter somente um benefício, ó rei, tu estás satisfeito comigo. Jure que tu me dirás a verdade em vez de uma inverdade.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado pelo sacerdote, ó Yudhishthira, o rei disse para ele, 'Assim seja. Se o que tu me perguntares for conhecido por mim, eu certamente te direi a verdade. Se, por outro lado, o assunto for desconhecido para mim, eu não direi nada.'"

"O sacerdote disse, 'Todos os dias, em ocasiões de obter minhas bênçãos, quando, também, eu estou ocupado na realização de ritos religiosos em teu nome, em ocasiões também do Homa e outros ritos de conciliação, por que é que tu dás risada ao me ver? Vendo-te rir de mim em todas as ocasiões, minha mente se encolhe de vergonha. Eu te fiz jurar, ó rei, que tu me responderias verdadeiramente. Não cabe a ti me dizer o que é falso. Deve haver alguma razão grave para o teu comportamento. Teu riso não pode ser infundado. Grande é minha curiosidade para saber a razão. Fale-me a verdade.'"

"O rei disse, 'Como tu te dirigiste a mim desse modo, ó regenerado, eu sou obrigado a te esclarecer, mesmo se fosse um assunto que não devesse ser divulgado na tua audição. Eu devo te dizer a verdade. Ouça-me com toda atenção, ó regenerado. Escute-me, ó principal das pessoas duas vezes nascidas, enquanto eu te revelo o que aconteceu (a nós) em nossos nascimentos anteriores. Eu me lembro daquele nascimento. Ouça-me com mente concentrada. Em minha vida anterior eu era Sudra empenhado na prática de penitências severas. Tu, ó melhor das pessoas regeneradas, eras um Rishi de penitências austeras. Ó impecável, satisfeito comigo, e impelido pelo desejo de me fazer bem, tu, ó Brahmana, ficaste contente em me dar certas instruções nos ritos que eu realizei (em uma ocasião) em honra dos meus Pitris. As instruções que tu me destes eram a respeito da maneira de espalhar o Vrishi e as folhas Kusa e de oferecer libações e carne e outros alimentos aos espíritos dos mortos, ó principal dos ascetas. Em consequência dessa tua transgressão tu tomaste nascimento como um sacerdote, e eu tomei nascimento como um rei, ó principal dos Brahmanas. Veja as vicissitudes que o Tempo ocasiona. Tu colheste este fruto por teres me instruído (em meu nascimento anterior). É por esta razão, ó Brahmana, que eu sorrio ao te ver, ó principal das pessoas regeneradas. Eu certamente não rio de ti pelo desejo de te desconsiderar. Tu és meu preceptor (ou superior). Por esta mudança de condição eu estou realmente muito pesaroso. Meu coração queima ao

pensamento. Eu me lembro dos nossos nascimentos anteriores, por isso eu dou risada à visão de ti. Tuas penitências ascéticas foram todas destruídas pelas instruções que tu me deste. Abandonando teu ofício atual de sacerdote, te esforce para recuperar um nascimento superior. Empenhe-te de tal maneira que tu não possas obter na tua próxima vida um nascimento mais inferior do que o teu atual. Pegue tanta riqueza quanto tu desejares, ó Brahmana erudito, e purifique tua alma, ó melhor dos homens.'"

"Bhishma continuou, 'Despedido pelo rei (da posição de sacerdote), o Brahmana fez muitas doações, para pessoas da sua própria classe, de riquezas e terra e aldeias. Ele praticou votos muitos rígidos e severos como declarados pelos principais dos Brahmanas. Ele viajou para muitas águas sagradas e fez muitas doações para Brahmanas naqueles locais. Fazendo doações de gado para pessoas da classe regenerada, sua alma foi purificada e ele conseguiu obter um conhecimento dela. Dirigindo-se para aquele mesmo retiro onde tinha vivido em seu nascimento anterior, ele praticou muitas penitências severas. Como consequência de tudo isso, ó principal dos reis, aquele Brahmana conseguiu alcançar o maior êxito. Ele tornou-se um objeto de veneração para todos os ascetas que moravam naquele retiro. Dessa maneira, ó melhor dos monarcas, aquele Rishi regenerado caiu em grande infortúnio. Para Sudras, portanto, os Brahmanas nunca devem dar instruções. Por isso, ó rei, o Brahmana deve evitar dar instruções (para aqueles que são de nascimento inferior), pois por dar instrução para uma pessoa de nascimento baixo um Brahmana foi prejudicado. Ó melhor dos reis, o Brahmana nunca deve desejar obter instrução de, ou dar instrução para, uma pessoa que pertence à classe mais baixa. Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas, as três classes, são consideradas como duas vezes nascidas. Por dar instrução a estas, um Brahmana não incorre em alguma falha. Aqueles, portanto, que são bons, nunca devem falar sobre algum assunto, para dar alguma instrução, perante pessoas da classe inferior. O rumo da moralidade é extremamente sutil e incapaz de ser compreendido por pessoas de almas impuras. É por esta razão que ascetas adotam o voto de silêncio, e sendo respeitados por todos, passam pelo Diksha (iniciação, o rito pelo qual alguém passa a fim de se preparar para aqueles sacrifícios e votos que ele procura realizar) sem se entregar às palavras. Por medo de dizer o que é incorreto ou o que possa ofender, os ascetas muitas vezes renunciam à própria fala. Sabe-se que até homens que são justos e possuidores de todas as habilidades, e dotados de veracidade e simplicidade de comportamento, incorrem em grandes erros por causa de palavras faladas impropriamente. Nunca se deve dar instrução sobre alguma coisa para qualquer pessoa. Se por consequência das instruções dadas, o instruído cometer algum pecado, aquele pecado se atribui ao Brahmana que deu a instrução. O homem de sabedoria, portanto, que deseja ganhar mérito, deve sempre agir com sabedoria. Aquela instrução que é dada em troca de dinheiro sempre polui o instrutor. Solicitada por outros, uma pessoa deve dizer somente o que é correto depois de determiná-lo com a ajuda da reflexão. Alguém deve dar instrução de tal maneira que ele possa, por dá-la, ganhar mérito. Eu assim te disse tudo a respeito do assunto de instruções. Com muita frequência pessoas vêm a

ser lançadas em grandes aflições por darem instruções. Por isso é apropriado que uma pessoa se abstenha de dar instruções para outras.'"

11

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, em qual tipo de homem ou mulher, ó chefe dos Bharatas, a deusa da prosperidade sempre reside?'"

"Bhishma disse, 'Eu irei, sobre isto, narrar para ti algo que ocorreu e que eu soube. Uma vez, vendo a deusa da prosperidade resplandecendo com beleza e dotada da cor do lótus, a princesa Rukmini, a mãe de Pradyumna que portava o emblema do Makara em seu estandarte, cheia de curiosidade, fez esta pergunta na presença do filho de Devaki. 'Quem são aqueles seres ao cujo lado tu permaneces e a quem tu favoreces? Quem também, são aqueles a quem tu não abençoas com proteção? Ó tu que és cara para Ele que é o senhor de todas as criaturas, me diga isto realmente, ó tu que és é igual a um grande Rishi em penitências e pujança.' Assim endereçada pela princesa, a deusa da prosperidade, com um rosto tão belo quanto a lua, e movida pela generosidade, na presença daquele que tem Garuda em seu estandarte, disse em resposta estas palavras que eram gentis e encantadoras.'"

"Sree disse, 'Ó senhora abençoada, eu sempre resido com aquele que é eloquente, ativo, atento ao trabalho, livre de cólera, dado ao culto das divindades, dotado de gratidão, que tem suas paixões sob controle completo, e que é generoso em tudo. Eu nunca resido com alguém que é desatento ao trabalho, que é um incrédulo, que causa uma mistura de classes por causa de sua luxúria, que é ingrato, que é de práticas impuras, que usa e palavras duras e cruéis, que é um ladrão, que nutre malícia em direção a seus preceptores e outros superiores, aquelas pessoas que são dotadas de pouca energia, força, vida, e honra, que ficam aflitas por todas as ninharias, e que sempre se entregam à raiva. Eu nunca resido com aqueles que pensam de uma maneira e agem de maneira diferente (isto é, hipócritas). Eu nunca resido também com aquele que nunca deseja alguma aquisição para si mesmo, dele que está tão cego quanto o resto, contente com a sorte na qual ele se encontra sem qualquer esforço ou com aqueles que ficam contentes com aquisições pequenas. Eu resido com aqueles que são cumpridores dos deveres de sua própria classe, ou aqueles que estão familiarizados com os deveres de virtude, ou aqueles que são dedicados ao serviço dos idosos ou aqueles que têm suas emoções sob controle, ou aqueles que são dotados de almas purificadas ou aqueles que cumprem a virtude do perdão, ou aqueles que são hábeis e rápidos em ação, ou com tais mulheres que são bondosas e autocontroladas. Eu também resido com aquelas mulheres que são devotadas à verdade e sinceridade e que adoram as divindades. Eu não resido com aquelas mulheres que não tomam conta da mobília da família e provisões espalhadas por toda a casa, e que sempre proferem palavras contrárias aos desejos de seus maridos. Eu sempre evito aquelas mulheres que têm predileção pelas casas de outras pessoas e que não têm modéstia. Por outro lado, eu resido com aquelas mulheres que são dedicadas a seus maridos, que são abençoadas em

comportamento, e que estão sempre enfeitadas com ornamentos e vestidas em bons trajes. Eu sempre resido com aquelas mulheres que são sinceras em palavras, que têm feições belas e agradáveis, que são abençoadas e dotadas de todas as habilidades. Eu sempre evito mulheres que são pecaminosas e incastas ou impuras, que sempre lambem os cantos de suas bocas, que não têm paciência ou fortaleza, que gostam de disputas e brigas, que são dadas a dormir muito, e que sempre deitam. Eu sempre resido nos meios de transporte e nos animais que os puxam, em donzelas, em ornamentos e boas vestimentas, em sacrifícios, em nuvens carregadas de chuva, lotos completamente desabrochados, e naquelas estrelas que salpicam o firmamento outonal. Eu resido em elefantes, em currais de vacas, em bons assentos, e em lagos adornados com lotos desabrochados. Eu vivo também em tais rios que murmuram docemente em seu curso, melodiosos com a música das garças, tendo margens enfeitadas com fileiras de diversas árvores, e frequentados por Brahmanas e ascetas e outros coroados com sucesso. Eu também sempre resido naqueles rios que têm volumes profundos e grandes de águas ondulantes tornadas lodosas por leões e elefantes mergulhando nelas para se banhar ou matar sua sede. Eu resido também em elefantes enfurecidos, em machos bovinos, em reis, no trono e bons homens. Eu sempre resido naquela casa na qual o habitante despeja libações no fogo sacrifical e cultua vacas, Brahmanas e as divindades. Eu resido naquela casa onde no momento apropriado oferendas são feitas para as divindades, no decorrer do culto. Eu sempre resido em Brahmanas que são dedicados ao estudo dos Vedas, em Kshatriyas dedicados ao cumprimento da justiça, em Vaisyas dedicados ao cultivo, e nos Sudras dedicados ao serviço (humilde) das três classes superiores. Eu resido, com um coração firme e imutável, em Narayana, em meu eu incorporado. Nele há justiça em sua perfeição e total medida, devoção aos Brahmanas, e a qualidade de agradabilidade. Eu não posso dizer, ó senhora, que eu não resido em minha forma incorporada, (em algum desses lugares que eu mencionei, exceto Narayana)? Aquela pessoa em quem eu resido em espírito cresce em virtude e fama e riqueza e objetos de desejo.'"

12

"Yudhishthira disse, 'Cabe a ti, ó rei, me dizer realmente qual dos dois, o homem ou a mulher, deriva o maior prazer de um ato de união um com o outro. Bondosamente esclareça minha dúvida a este respeito.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada esta velha narrativa da conversa entre Bhangaswana e Sakra como um precedente para ilustrar a pergunta. Antigamente vivia um rei de nome Bhangaswana. Ele era extremamente justo e era conhecido como um sábio nobre. Ele, no entanto, não tinha filhos, ó chefe de homens, e portanto realizou um sacrifício pelo desejo de obter descendentes. O sacrifício que aquele monarca poderoso realizou foi o Agnishtuta. Pelo fato que somente a divindade do fogo é adorada naquele sacrifício, ele sempre desagrada Indra. Contudo ele é o sacrifício que é desejado pelos homens quando para o propósito de obter herdeiros eles procuram se purificar de seus pecados. (A

crença é que um homem permanece sem filhos por causa de seus pecados. Se estes pecados puderem ser purificados, ele poderá seguramente obter filhos.) O altamente abençoado chefe dos celestiais, Indra, sabendo que o monarca estava desejoso de realizar o Agnishtuta, começou desde aquele momento a procurar os pontos fracos daquele sábio real de alma de bem moderada (pois se ele pudesse conseguir encontrar alguns pontos fracos, ele poderia então punir seu desdenhador). Apesar de toda sua vigilância, no entanto, ó rei, Indra fracassou em descobrir quaisquer negligências da parte do monarca de grande alma. Algum tempo depois, um dia, o rei saiu em uma expedição de caça. Dizendo para si mesmo, 'Esta, de fato, é uma oportunidade', Indra entorpeceu o monarca. O rei procedeu sozinho em seu cavalo, confundido porque o chefe dos celestiais tinha entorpecido seus sentidos. Afligido com fome e sede, a confusão do rei era tão grande que ele não podia determinar os pontos do horizonte. De fato, afligido pela sede, ele começou a vagar para lá e para cá. Ele então viu um lago que era extremamente belo e cheio de água transparente. Descendo de seu corcel, e mergulhando no lago, ele fez seu animal beber. Amarrando seu cavalo então, cuja sede tinha sido saciada, em uma árvore, o rei mergulhou no lago outra vez para realizar suas abluções. Para seu assombro ele descobriu que ele tinha sido convertido, em virtude das águas, em uma mulher. Vendo-se assim transformado em relação ao próprio sexo, o rei foi dominado pela vergonha. Com seus sentidos e mente completamente agitados, ele começou a refletir com todo seu coração desta maneira: 'Ai, como eu montarei meu corcel? Como eu voltarei para minha capital? Pelo sacrifício Agnishtuta eu consegui cem filhos, todos dotados de grande poder, e todos eles meus próprios filhos. Ai, transformado dessa maneira, o que eu direi a eles? O que eu direi para minhas esposas, meus parentes e benquerentes, e para os meus súditos da cidade e das províncias? Rishis conhecedores das verdades de dever e religião e outros assuntos dizem que suavidade e brandura e sujeição à agitação extrema são os atributos das mulheres, e que atividade, dureza, e energia são os atributos dos homens. Ai, minha virilidade desapareceu. Por que razão a feminilidade veio sobre mim? Por causa desta transformação de sexo, como eu conseguirei montar meu cavalo novamente?' Tendo se entregado a estes pensamentos tristes, o monarca, com grande esforço, montou em seu corcel e voltou para sua capital, embora ele tivesse sido transformado em uma mulher. Seus filhos e esposas e empregados, e seus súditos da cidade e das províncias, vendo aquela transformação extraordinária, ficaram extremamente admirados. Então aquele sábio nobre, aquele principal dos homens eloquentes, dirigindo-se a eles todos, disse, 'Eu saí em uma expedição de caça, acompanhado por uma grande tropa. Perdendo todo o conhecimento dos pontos da bússola, eu entrei em uma floresta densa e terrível, impelido pelos destinos. Naquela floresta terrível eu fiquei afligido pela sede e perdi meus sentidos. Eu então vi um belo lago cheio de aves de todas as espécies. Mergulhando naquela correnteza para realizar minhas abluções, eu fui transformado em uma mulher!' Convocando então suas esposas e conselheiros, e todos os seus filhos por seus nomes, aquele melhor dos monarcas transformado em mulher disse para eles estas palavras: 'Desfrutem desse reino em felicidade. Como relação a mim, eu irei para as florestas, ó filhos.' Tendo falado dessa maneira para seus filhos, o monarca procedeu para a floresta. Chegando lá, ela

encontrou um retiro habitado por um asceta. Por meio daquele asceta o monarca transformado deu à luz uma centena de filhos. Levando todos aqueles seus filhos, ela se dirigiu para onde seus primeiros filhos estavam, e dirigindo-se a eles, disse, 'Vocês são os filhos que eu tive enquanto eu era um homem. Estes são os filhos que eu gerei neste estado de transformação. Ó filhos, todos vocês desfrutem do meu reino juntos, como irmãos nascidos dos mesmos pais.' Por esta ordem de seu pai, todos os irmãos, se unindo, começaram a desfrutar do reino como sua propriedade em comum. Vendo todos aqueles filhos do rei desfrutando conjuntamente do reino como irmãos nascidos dos mesmos pais, o chefe dos celestiais, cheio de cólera, começou a refletir, 'Parece que por transformar este sábio real em uma mulher eu lhe fiz bem em vez de prejudicá-lo.' Dizendo isso, o chefe dos celestiais, Indra de cem sacrifícios, assumindo a forma de um Brahmana, dirigiu-se à capital do rei e encontrando todos os filhos conseguiu desunir os príncipes. Ele disse para eles, 'Irmãos nunca permanecem em paz mesmo quando acontece de eles serem filhos do mesmo pai. Os filhos do sábio Kasyapa, isto é, as divindades e os Asuras, disputaram uns com os outros por causa da soberania dos três mundos. Com respeito a vocês príncipes, vocês são filhos do sábio real Bhangaswana. Estes outros são os filhos de um asceta. As divindades e os Asuras são filhos de um pai em comum, e ainda assim os últimos brigaram uns com os outros. Quanto mais, portanto, vocês devem brigar uns com os outros? Este reino que é sua propriedade paterna está sendo desfrutado por esses filhos de um asceta.' Com estas palavras, Indra conseguiu causar uma discórdia entre eles, de modo que eles logo estavam envolvidos em combates e mataram uns aos outros. Sabendo disso, o rei Bhangaswana, que estava vivendo como uma mulher asceta, queimou de angústia e emitiu suas lamentações. O senhor dos celestiais, Indra, assumindo o disfarce de um Brahmana, chegou àquele local onde a senhora asceta estava vivendo e encontrando-a, disse, 'Ó tu que possuis um rosto belo, com qual angústia tu queimas tanto que tu estás emitindo tuas lamentações?' Contemplando o Brahmana a senhora disse a ele em uma voz comovente, 'Duzentos filhos meus, ó regenerado, foram mortos pelo Tempo. Eu antigamente era um rei, ó Brahmana erudito, e naquele estado eu tive cem filhos. Estes foram gerados por mim conforme minha própria forma, ó melhor das pessoas regeneradas. Em uma ocasião eu saí em uma expedição de caça. Entorpecido, eu vaguei em meio a uma floresta densa. Vendo finalmente um lago, eu mergulhei nele. Vindo à superfície, ó principal dos Brahmanas, eu descobri que eu tinha me tornado uma mulher. Voltando para minha capital eu instalei meus filhos na soberania dos meus domínios e então parti para a floresta. Transformado em uma mulher, eu dei à luz cem filhos para meu marido que é um asceta de grande alma. Todos eles nasceram no retiro do asceta. Eu os levei para a capital. Meus filhos, pela influência do Tempo, brigaram uns com os outros, ó duas vezes nascido. Assim afligida pelo Destino, eu estou me entregando ao pesar.' Indra se dirigiu a ela nestas palavras, 'Antigamente, ó senhora, tu me deste grande dor, pois tu realizaste um sacrifício que é antipatizado por Indra. De fato, embora eu estivesse presente, tu não me invocaste com honras. Eu sou Indra, ó tu de má compreensão. Foi comigo que tu procuraste hostilidades deliberadamente.' Vendo Indra, o sábio real caiu aos seus pés, tocando-os com sua cabeça, e disse, 'Fique satisfeito comigo, ó principal das divindades. O sacrifício do qual tu falas foi

realizado pelo desejo de prole (e não por algum desejo de te ferir). Cabe a ti, portanto, me conceder teu perdão.' Indra, vendo o monarca transformado se prostrar dessa maneira para ele, ficou satisfeito com ele e desejou lhe dar um benefício. 'Quais dos teus filhos, ó rei, tu desejas que revivam, aqueles que foram criados por ti transformado em uma mulher, ou aqueles que foram gerados por ti em tua condição como uma pessoa do sexo masculino?' A senhora asceta, unindo suas mãos, respondeu para Indra, dizendo, 'Ó Vasava, que venham à vida aqueles filhos que foram criados por mim como uma mulher.' Muito surpreso com esta resposta, Indra mais uma vez questionou a senhora, 'Por que tu tens menos afeição por aqueles teus filhos que foram gerados por ti em tua forma de uma pessoa do sexo masculino? Por que é que tu tens maior afeição por aqueles filhos que foram criados por ti em teu estado transformado? Eu desejo saber a razão dessa diferença em relação ao teu afeto. Cabe a ti me dizer tudo.'"

"A senhora disse, 'A afeição que é nutrida por uma mulher é muito maior do que aquela que é nutrida por um homem. Por isso, ó Sakra, é que eu desejo que voltem à vida aqueles filhos que foram criados por mim como uma mulher.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado, Indra ficou muito satisfeito e disse para ela, 'Ó senhora que és tão sincera, que todos os teus filhos voltem à vida. Aceite outro benefício, ó principal dos reis, realmente, qualquer benefício que tu queiras. Ó tu de votos excelentes, receba de mim qualquer condição que tu escolheres, aquela de mulher ou de homem.'"

"A senhora disse, 'Eu desejo permanecer uma mulher, ó Sakra. De fato, eu não desejo ser restituída à condição de masculinidade, ó Vasava.' Ouvindo esta resposta, Indra mais uma vez a questionou, dizendo, 'Por que é, ó pujante, que abandonando a posição de masculinidade tu desejas a de feminilidade?' Assim questionado, aquele principal dos monarcas transformado em uma mulher respondeu, 'Em atos sexuais, o prazer que as mulheres desfrutam é sempre muito maior do que o que é desfrutado por homens. É por esta razão, ó Sakra, que eu desejo continuar uma mulher; ó principal das divindades, realmente eu te digo que eu derivo maior prazer na minha condição atual de feminilidade. Eu estou bastante contente com esta posição de feminilidade que eu tenho agora. Deixe-me agora, ó senhor do céu.' Ouvindo estas palavras dela, o senhor dos celestiais respondeu, 'Assim seja', e despedindo-se dela procedeu para o céu. Assim, ó monarca, é sabido que a mulher deriva um prazer muito maior do que o homem sob as circunstâncias que tu perguntaste.'"

13

"Yudhishthira disse, 'O que um homem deve fazer a fim de passar agradavelmente por este e pelo outro mundo? Como, de fato, alguém deve se comportar? Quais práticas ele deve adotar com este fim em vista?'"

"Bhishma disse, 'Alguém deve evitar os três atos que são feitos com o corpo, os quatro que são feitos com a fala, os três que são feitos com a mente, e os dez

caminhos de ação. O três atos que são feitos com o corpo e que devem ser totalmente evitados são a destruição das vidas de outras criaturas, roubo ou apropriação do que pertence a outras pessoas, e o desfrute dos cônjuges de outras pessoas. As quatro ações que são feitas com a fala, ó rei, e que nunca devem ser indultadas ou mesmo pensadas são: má conversação, palavras duras, divulgar as falhas de outras pessoas, e falsidade. Cobiçar as posses de outros, prejudicar outros, e não crer nas ordenanças dos Vedas são os três atos feitos com a mente os quais devem ser sempre evitados. Então, alguém nunca deve fazer algum mal em palavra, corpo, ou mente. Por fazer ações boas e más, uma pessoa indubitavelmente tem que desfrutar ou aguentar as justas consequências disso. Nada pode ser mais certo do que isto.'"

14

"Yudhishthira disse, 'Ó filho do rio Ganga, tu ouviste todos os nomes de Maheswara, o Senhor do universo. Diga-nos, ó avô, todos os nomes que são aplicados, ó pujante, a Ele que é chamado de Isa e Sambhu. Diga-nos todos aqueles nomes que são aplicados a Ele que é chamado de Vabhru ou vasto, Ele que tem o universo como sua forma, Ele que é o preceptor ilustre de todas as divindades e Asuras, que é chamado de Swayambhu (auto-criador) e que é causa da origem e da dissolução do universo. Fale-nos também da pujança de Mahadeva.'"

"Bhishma disse, 'Eu sou muito incompetente para relatar as virtudes de Mahadeva de inteligência sublime. Ele permeia todas as coisas no universo e contudo não é visto em nenhum lugar. Ele é o criador do eu universal e o próprio Pragna (conhecimento) e ele é seu mestre. Todas as divindades, de Brahman aos Pisachas, o cultuam e adoram. Ele transcende Prakriti e Purusha. É nele que Rishis, conhecedores de Yoga e possuidores de um conhecimento dos tattwas, pensam e meditam. Ele é o Brahman indestrutível e Supremo. Ele é existente e inexistente. Agitando Prakriti e Purusha por meio de Sua energia, Ele cria deles o senhor universal das criaturas, isto é, Brahma. Quem há que é competente para dizer as virtudes daquele deus dos deuses, que é dotado de Inteligência suprema? O homem está sujeito à concepção (no útero da mãe), nascimento, decrepitude, e morte. Sendo dessa maneira, que homem como eu é competente para compreender Bhava? Somente Narayana, ó filho, aquele portador do disco e da maça, pode compreender Mahadeva. Ele é sem deterioração. Ele é o principal de todos os seres em atributos. Ele é Vishnu, por permear o universo. Ele é irresistível. Dotado de visão espiritual, Ele possui Energia suprema. Ele vê todas as coisas com a visão de Yoga. É pela devoção de Krishna de grande alma ao ilustre Rudra a quem ele agradou por meio de penitências, ó Bharata, no retiro de Vadari, que ele tem conseguido permear o universo inteiro. Ó rei de reis, é por meio de Maheswara de visão celeste que Vasudeva obteve o atributo de agradabilidade universal, uma agradabilidade que é muito maior do que a que é possuída por todos os objetos incluídos sob o nome de riqueza. (A riqueza é sempre agradável para todas as pessoas, mas Vasudeva é mais agradável do que

a riqueza. Este atributo de ser mais agradável do que a própria riqueza, que é ser agradável para todo o universo, é devido ao favor de Mahadeva.) Por mil anos completos este Madhava passou pelas mais austeras das penitências e finalmente conseguiu satisfazer o ilustre e concessor de benefícios Siva, aquele Mestre de todo o universo móvel e imóvel. Em cada novo Yuga, Krishna (por meio de tais penitências) agrada Mahadeva. Em cada Yuga Mahadeva é gratificado com a grande devoção de Krishna de grande alma. Quão grande é a pujança de Mahadeva de grande alma, aquela causa original do universo, foi visto com seus próprios olhos por Hari que transcende toda deterioração, na ocasião de suas penitências no retiro de Vadari, praticadas para obter um filho. (A alusão é às penitências de Krishna para satisfazer Mahadeva a fim de obter um filho. O filho assim obtido, isto é, como uma bênção de Mahadeva, foi Pradyumna gerado por Krishna em Rukmini, sua esposa favorita.) Eu, ó Bharata, não vejo alguém que seja superior a Mahadeva. Para explicar os nomes daquele deus dos deuses integralmente e sem criar o desejo de ouvir mais somente Krishna é competente. Só este de braços poderosos da linhagem de Yadu é competente para falar os atributos do ilustre Siva. Na verdade, ó rei, somente ele é capaz de discursar sobre a pujança, em sua totalidade, da divindade Suprema!'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito estas palavras, o ilustre Bhishma, o avô dos Kurus, dirigindo-se a Vasudeva, disse as seguintes palavras, tratando do assunto da grandeza de Bhava, ó monarca.'"

"Bhishma disse, 'Tu és o Mestre de todas as divindades e dos Asuras. Tu és ilustre. Tu és Vishnu por permeares o universo inteiro. Cabe a ti falar sobre aqueles assuntos ligados a Siva de forma universal sobre o qual Yudhishthira me perguntou. Antigamente, o Rishi Tandin, surgido de Brahma, recitou na região de Brahma e perante o próprio Brahma os mil nomes de Mahadeva. Recite aqueles nomes perante este conclave para que estes Rishis dotados de riqueza de ascetismo, cumpridores de votos superiores, possuidores de autodomínio, e numerando o Krishna Nascido na Ilha entre eles, possam te ouvir. Fale sobre a grande bem-aventurança dele que é imutável, que está sempre alegre e feliz, que é Hotri, que é o Protetor universal, que é o Criador do universo, e que é chamado de Mundin e Kaparddin.'"

"Vasudeva disse, 'As próprias divindades com Indra, e o Avô Brahma numerando entre eles, e os grandes Rishis também, são incompetentes para entender o curso das ações de Mahadeva realmente e em todos os seus detalhes. Ele mesmo é o fim ao qual todas as pessoas justas alcançam. Os próprios Adityas que são dotados de visão sutil não podem ver sua residência. Como então alguém que é meramente um homem pode conseguir compreendê-lo? (Tais versos são explicados pela escola esotérica de um modo diferente. O significado então seria: 'Como pode alguém que é meramente um homem compreender Sambhu a quem os sentidos não podem compreender, pois Sambhu mora no firmamento do coração e não pode ser visto exceto pela visão interna que o Yoga fornece?') Eu irei, portanto, narrar realmente para vocês alguns dos atributos daquele ilustre matador de Asuras, que é considerado como o Senhor de todos os sacrifícios e votos.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito estas palavras, o ilustre Vasudeva começou seu discurso sobre os atributos de Mahadeva de grande alma dotado da inteligência mais sublime, depois de ter se purificado por tocar água.'"

"Vasudeva disse, 'Ouçam, ó principais dos Brahmanas e tu Yudhishthira também, ó majestade, e ouça também, ó filho de Ganga, os nomes que são aplicados a Kaparddin. Ouçam como nos tempos antigos eu obtive uma visão, tão difícil de obter, (daquele grande deus), por causa de Samva. Na verdade, naqueles dias a divindade ilustre foi vista por mim por abstração-Yoga. (É dito que para obter um filho digno Krishna praticou as mais austeras das penitências no leito de Himavat, para satisfazer o deus Mahadeva. O filho obtido como um benefício de Mahadeva foi Samva, como parecerá a partir deste verso e dos seguintes. Em outra parte, no entanto, é afirmado que o filho assim obtido era Pradyumna gerado em Rukmini. A inconsistência desaparecerá se nós supormos que Krishna adorou Mahadeva duas vezes para obter filhos.) Depois que tinham passado doze anos do tempo quando Pradyumna, o filho de Rukmini, que é dotado de grande inteligência, matou o Asura Samvara antigamente, minha cônjuge Jamvavati se dirigiu a mim. De fato, contemplando Pradyumna e Charudeshna e outros filhos nascidos de Rukmini, Jamvavati, desejosa de um filho, disse estas palavras para mim, ó Yudhishthira, 'Conceda-me, ó tu de glória imperecível, um filho dotado de heroísmo, o principal dos homens poderosos, possuidor das feições mais agradáveis, impecável em conduta, e semelhante a ti mesmo. E ó, que não haja demora da tua parte em conceder esta minha súplica. Não há nada nos três mundos que seja inalcançável para ti, ó perpetuador da linhagem de Yadu, tu podes criar outro mundo se tu somente desejares isto. Cumprindo um voto por doze anos e purificando-te, tu adoraste o Senhor de todas as criaturas (Mahadeva) e então geraste em Rukmini os filhos que ela obteve de ti, isto é, Charudeshna e Sucharu e Charuvesa e Yasodhana e Charusravas e Charuyasas e Pradyumna e Sambhu. Ó matador de Madhu, conceda-me um filho como aqueles de grandes poderes que tu geraste em Rukmini?' Assim endereçado pela princesa, eu respondi para ela de cintura fina, 'Que eu tenha tua permissão (para te deixar por algum tempo), ó rainha. Eu certamente obedecerei a tua ordem.' Ela me respondeu, dizendo, 'Vá, e que o sucesso e a prosperidade sempre te acompanhem. Que Brahma e Siva e Kasyapa, os Rios, aquelas divindades que presidem sobre a mente, o solo, todas as ervas decíduas, aqueles Chhandas (rimas) que são considerados como transportadores das libações derramadas em sacrifícios, os Rishis, a Terra, os Oceanos, os presentes sacrificais, aquelas sílabas que são proferidas para completar as cadências dos Samans, os Rikshas, os Pitris, os Planetas, os cônjuges das divindades, as donzelas celestes, as mães celestes, os grandes ciclos, vacas, Chandramas, Savitri, Agni, Savitri, o conhecimento dos Vedas, as estações, o ano, pequenas e grandes divisões de tempo, os Kshanas, os Labas, os Muhurtas, os Nimeshas, e os Yugas em sucessão, te protejam, ó Yadava, e te mantenham em felicidade, onde quer que tu possas estar. Que nenhum perigo te alcance em teu caminho, e que nenhuma negligência seja tua, ó impecável.' Assim abençoado por ela, eu parti, me despedindo da filha do príncipe dos macacos. Dirigindo-me então à

presença daquele principal dos homens, isto é, meu pai, de minha mãe, do rei, e de Ahuka, eu os informei do que a filha do príncipe dos Vidyadharas, em grande aflição, tinha me dito. Despedindo-me deles com um coração triste, eu então me dirigi a Gada e a Rama de grande poder. Estes dois se dirigiram a mim alegremente, dizendo, 'Que tuas penitências aumentem sem qualquer obstrução.' Tendo obtido a permissão de todos eles, eu pensei em Garuda. Ele imediatamente veio a mim e me levou para Himavat (por minha ordem). Chegando em Himavat, eu o despedi. Lá sobre aquela principal das montanhas, eu contemplei muitas vistas extraordinárias. Eu vi um retiro excelente, maravilhoso, e agradável para a prática de penitências. Aquele retiro encantador era possuído por Upamanyu de grande alma que era um descendente de Vyaghrapada. Aquele retiro é louvado e reverenciado pelas divindades e os Gandharvas, e parecia estar coberto com beleza Védica. Ele era adornado com Dhavas e Kakubhas e Kadamvas e Cocas, com Kuruvakas e Ketakas e Jamvus e Patalas, com figueiras-de-bengala e Varunakas e Vatsanabhas e Vilwas, com Saralas e Kapitthas e Piyalas e Salas e palmeiras com Vadaris e Kundas e Punnagas e Asokas e Amras e Kovidaras e Champakas e Panasas, e com diversas outras árvores dotadas de frutos e flores. E aquele retiro era também decorado com os caules retos do Musa Supienta. Realmente, aquele santuário era adornado com diversas outras espécies de árvores e com diversos tipos de frutos formando o alimento de diversas espécies de aves. Pilhas de cinzas (de fogos sacrificais) estavam jogadas em lugares apropriados por toda parte, as quais contribuíam para a beleza da cena. Ele abundava com Rurus e macacos e tigres e leões e leopardos, com veados de diversas espécies e pavões, e com gatos e cobras. De fato, grandes números de outros animais também eram vistos lá, como também búfalos e ursos. Brisas deliciosas sopravam constantemente carregando os acordes melodiosos de ninfas celestes. Os murmúrios dos regatos e fontes da montanha, as doces notas dos cantores alados, os grunhidos dos elefantes, os deliciosos tons dos Kinnaras, e as vozes auspiciosas dos ascetas cantando os Samans, ó herói, e diversos outros tipos de música, tornavam aquele retiro extremamente encantador. A própria imaginação não pode conceber outro retiro tão encantador quanto aquele que eu contemplei. Havia também casas grandes naquele retiro, destinadas para a manutenção do fogo sagrado, e cobertas por todos os lados com trepadeiras florescentes. Ele era adornado com o rio Ganga de água límpida e sagrada. De fato, a filha de Jahnu (Ganga) sempre permanecia lá; (em espírito, desejosa de conferir mérito àqueles que a reverenciassem). Ele estava ornado também com muitos ascetas que eram as principais de todas as pessoas justas, que eram dotados de grandes almas, e que pareciam com o próprio fogo em energia. Alguns daqueles ascetas subsistiam de ar e alguns de água, alguns estavam dedicados ao Japa ou à recitação silenciosa de Mantras sagrados, e alguns estavam empenhados na limpeza de suas almas por praticarem as virtudes de compaixão, enquanto alguns entre eles eram Yogins dedicados à abstração da meditação-Yoga. Alguns entre eles subsistiam somente de fumaça, e alguns subsistiam de fogo, e alguns de leite. Dessa maneira aquele retiro era adornado com muitas das principais das pessoas regeneradas. E havia alguns lá entre eles que haviam feito o voto de comer e beber como as vacas, isto é, por abandonarem o uso das mãos de uma vez. E alguns usavam somente dois pedaços de pedra para descascar

seus grãos, e alguns usavam somente seus dentes para esse propósito. E alguns subsistiam por beberem somente os raios da lua, e alguns por beberem somente espuma. E alguns tinham se dirigido ao voto de viver como o veado, (isto é, nunca procurando por alimento, mas comendo o que eles viam, e nunca usando suas mãos também). E havia alguns que viviam dos frutos da Ficus religiosa, e alguns que costumavam viver de água. E alguns se vestiam em trapos e alguns em peles de animais e alguns em cascas de árvores. De fato, eu vi diversos ascetas da classe principal cumprindo estes e outros votos dolorosos. Eu desejei então entrar naquele santuário. Na verdade, aquele santuário era honrado e adorado pelas divindades e por todos os seres de grande alma, por Siva e outros, ó Bharata, e por todas as criaturas de atos virtuosos. Assim tratado, ele se localizava em toda sua beleza no leito de Himavat, como o disco lunar no firmamento. O mangusto se divertia lá com a cobra, e o tigre com o veado, como amigos, esquecendo sua inimizade natural, por causa da energia daqueles ascetas de penitências resplandecentes e por sua proximidade àqueles de grande alma. Naquele principal dos santuários, que era encantador para todas as criaturas, habitado por muitos dos Brahmanas principais totalmente conhecedores dos Vedas e seus ramos, e por muitos Rishis de grande alma célebres pelos votos difíceis que eles observavam, eu vi, logo que eu entrei, um Rishi pujante com madeixas emaranhadas na cabeça e vestido em trapos, que parecia brilhar como fogo com suas penitências e energia. Servido por seus discípulos e possuidor de alma tranquila, aquele principal dos Brahmanas era jovem em aspecto. Seu nome era Upamanyu. Para mim que o cumprimentei com um aceno de cabeça, ele disse, ‘Sejas bem vindo, ó tu de olhos como pétalas de lótus. Hoje, por esta tua visita, nós vemos que nossas penitências têm dado resultado. Tu és digno da nossa adoração, mas ainda assim tu nos adora. Tu és digno de seres visto, mas tu desejas me ver.’ Unindo minhas mãos eu dirigi a ele as perguntas usuais a respeito do bem-estar dos animais e aves que residiram em seu santuário, do progresso da sua virtude, e dos seus discípulos. O ilustre Upamanyu então se dirigiu a mim em palavras que eram extremamente gentis e encantadoras, ‘Tu, ó Krishna, obterás sem dúvida um filho parecido contigo mesmo. Dirigindo-te às penitências severas, agrade Isana, o Senhor de todas as criaturas. Aquele Mestre Divino, ó Adhokshaja, passa o tempo aqui com sua esposa ao seu lado. Ó Janarddana, foi aqui que as divindades com todos os Rishis, antigamente, gratificaram aquela principal das divindades por suas penitências e Brahmacharya e verdade e autocontrole, e conseguiram obter a realização de muitos desejos nobres. Aquele deus ilustre é na verdade o vasto receptáculo de todas as energias e penitências. Projetando para a existência e recolhendo novamente em si mesmo todas as coisas repletas de bem e mal, aquela Divindade inconcebível a quem tu procuras, ó destruidor de inimigos, vive aqui com sua esposa. Ele que tomou nascimento como o Danava chamado Hiranyakashipu, cuja força era tão grande que ele podia sacudir as próprias montanhas de Meru, conseguiu obter de Mahadeva a pujança pertencente a todas as divindades e desfrutou dela por dez milhões de anos. Ele que foi o principal de todos os seus filhos e que foi famoso pelo nome de Mandara, conseguiu, pelo benefício que ele tinha obtido de Mahadeva, lutar com Sakra por um milhão de anos. O disco terrível de Vishnu e o raio de Indra eram ambos incapazes de fazer a mais leve marca, ó Kesava,

antigamente, sobre o corpo daquela grande causa de aflição universal. O disco que tu possuis, ó impecável, foi dado para ti por Mahadeva depois que ele tinha matado um Daitya que era orgulhoso da sua força e que costumava viver dentro das águas. Este disco, fulgurante com energia e parecido com o fogo, foi criado pelo grande deus que tem o touro como seu emblema. Extraordinário e irresistível em energia ele foi dado para ti por aquele deus ilustre. Por causa de sua energia resplandecente ele não podia ser olhado por nenhuma pessoa exceto Siva, o manejador do Pinaka. Foi por esta razão que Bhava (Siva), deu a ele o nome de Sudarsana. Desde aquele tempo o nome Sudarsana veio a ser corrente em todos os mundos. Mesmo esta arma, ó Kesava, falhou em fazer a menor impressão no corpo do filho de Hiranyakashipu, Mandara, que surgiu como um planeta mau nos três mundos. Centenas de Chakras como o teu e raios como o de Sakra não puderam infligir um arranhão no corpo daquele mau planeta dotado de grande poder, que tinha obtido um benefício de Mahadeva. Afligidas pelo poderoso Mandara, as divindades lutaram duramente contra ele e seus associados, todos os quais tinham obtido bênçãos de Mahadeva. Satisfeito com outro Danava chamado Vidyutprabha, Mahadeva concedeu a ele a soberania dos três mundos. Aquele Danava permaneceu o soberano dos três mundos por cem mil anos. E Mahadeva disse para ele, ‘Torne-te um dos meus atendentes.’ De fato, o Senhor pujante em seguida concedeu a ele a bênção de cem milhões de filhos. O Mestre sem nascimento de todas as criaturas em seguida deu ao Danava a região conhecida pelo nome de Kusadwipa como seu reino. Outro grande Asura, de nome Satamukha, foi criado por Brahma. Por cem anos ele despejou sobre o fogo sacrifical (como oferendas para Mahadeva), a carne do seu próprio corpo. Satisfeito com tais penitências, Sankara disse para ele, ‘O que eu posso fazer por ti?’ Satamukha respondeu a ele dizendo, ‘Ó tu que és o mais admirável, que eu tenha o poder de criar novos animais e criaturas. Dê também para mim, ó principal de todas as divindades, poder eterno.’ ‘O Senhor pujante, assim endereçado por ele, disse, ‘Assim seja.’ O Brahma Nascido por Si Mesmo, concentrando sua mente em Yoga (poder de criação), antigamente, fez um sacrifício por trezentos anos, com o objetivo de obter filhos. Mahadeva concedeu a ele mil filhos possuidores de qualificações proporcionais aos méritos do sacrifício. Sem dúvida, tu conheces, ó Krishna, o senhor do Yoga, aquele que é cantado pelas divindades. O Rishi conhecido pelo nome de Yajnavalkya é extremamente virtuoso. Por adorar Mahadeva ele obteve grande fama. O grande asceta que é o filho de Parasara, isto é, Vyasa, de alma fixa em Yoga, adquiriu grande celebridade por adorar Sankara. Os Valikhilyas em uma ocasião passada foram desrespeitados por Maghavat. Cheios de raiva por isto, eles agradaram o ilustre Rudra. Aquele senhor do universo, aquela principal de todas as divindades, assim agradada pelos Valikhilyas, disse a eles, ‘Vocês conseguirão por meio de suas penitências criar uma ave que roubará o Amrita de Indra.’ Por causa da ira de Mahadeva em uma ocasião antiga, todas as águas desapareceram. As divindades o satisfizeram por realizarem um sacrifício chamado Saptakapala, e fizeram, por sua graça, outras águas fluírem nos mundos. Na verdade, quando a divindade de três olhos ficou satisfeita, a água apareceu novamente no mundo. A esposa de Atri, que era familiarizada com os Vedas, abandonou seu marido em um acesso de ira e disse, ‘Eu não vou mais viver em submissão àquele asceta.’ Tendo dito estas palavras,

ela procurou a proteção de Mahadeva. Por medo de seu marido, Atri, ela passou trezentos anos se abstendo de todo alimento. E todo esse tempo ela dormiu sobre maças de madeira para o propósito de agradar Bhava. A grande divindade então apareceu para ela e dirigiu-se sorridente a ela, dizendo, 'Tu obterás um filho. E tu terás aquele filho sem a necessidade de um marido, simplesmente através da graça de Rudra. Sem dúvida aquele filho, nascido na linhagem de seu pai, se tornará célebre por seu mérito, e assumirá um nome como o teu.' O ilustre Vikarna também, ó matador de Madhu, cheio de devoção por Mahadeva, o satisfez com penitências severas e obteve êxito excelente e feliz. Sakalya, também, de alma controlada, adorou Bhava em um sacrifício mental que ele realizou por novecentos anos, ó Kesava. Satisfeita com ele a divindade ilustre disse para ele, 'Tu te tornarás um grande criador. Ó filho, será inesgotável tua fama nos três mundos. Tua linhagem também nunca acabará e será adornada por muitos Rishis grandiosos que nascerão nela. Teu filho se tornará o principal dos Brahmanas e fará os Sutras do teu trabalho.' Havia um Rishi famoso de nome Savarni na era Krita. Aqui, neste retiro, ele passou por penitências severas por seis mil anos. O ilustre Rudra disse, 'Eu estou satisfeito contigo, ó impecável! Sem estar sujeito à decrepitude ou à morte, tu te tornarás um criador famoso por todos os mundos!' Nos tempos antigos, Sakra, também, em Baranasi, cheio de devoção, ó Janarddana, adorou Mahadeva que tem somente o espaço vazio como seus trajes e que está coberto com cinzas como um unguento agradável. Tendo adorado Mahadeva dessa maneira, ele obteve a soberania dos celestiais. Narada também, antigamente, adorou o grande Bhava com devoção de coração. Satisfeito com ele, Mahadeva, aquele preceptor do preceptor celestial, disse estas palavras; 'Ninguém se igualará a ti em energia e penitências. Tu sempre me servirás com tuas canções e música instrumental.' Ouça também, ó Madhava, como nos tempos passados eu consegui obter uma visão daquele deus dos deuses, aquele Mestre de todas as criaturas. Ó Senhor, ouça também em detalhes para qual objetivo, ó tu de grande pujança, eu invoquei com sentidos e mente controlados aquela divindade ilustre dotada de energia suprema. Eu irei, ó impecável, te contar com todos os detalhes tudo o que eu consegui obter daquele deus dos deuses, Maheswara. Antigamente, na era Krita, ó filho, havia um Rishi de grande fama, chamado Vyaghrapada. Ele era famoso por seu conhecimento e domínio sobre os Vedas e seus ramos. Eu nasci como o filho daquele Rishi e Dhaumya tomou nascimento como meu irmão mais novo. Em certa ocasião, Madhava, acompanhado por Dhaumya eu encontrei um retiro de certos Rishis de almas purificadas. Lá eu vi uma vaca que estava sendo ordenhada. Eu vi o leite e ele me deu a impressão de ser parecido com o próprio Amrita em sabor. Eu então fui para casa, e impelido pela infantilidade eu me dirigi à minha mãe e disse, 'Dê-me algum alimento preparado com leite.' Não havia leite na casa, e consequentemente minha mãe ficou muito angustiada por eu pedir por ele. Minha mãe pegou um pedaço de bolo (de arroz) e o ferveu em água, Madhava. A água ficou branqueada e minha mãe a colocou diante de nós dizendo que aquilo era leite e nos mandou bebê-la. Eu antes tinha bebido leite em uma ocasião, pois meu pai, no tempo de um sacrifício, tinha me levado à residência de alguns dos nossos parentes nobres. Uma vaca celeste, que deleita as divindades, estava sendo ordenhada naquela ocasião. Bebendo seu leite que parecia com Amrita em gosto, eu soube quais

eram as virtudes do leite. Eu, portanto, percebi imediatamente a origem da substância que minha mãe me ofereceu, me dizendo que ela era leite. Na verdade, o gosto daquele bolo, ó filho, não me proporcionou nenhum prazer. Impelido por infantilidade eu então me dirigi à minha mãe, dizendo, 'Isto que tu me deste, ó mãe, não é uma preparação de leite.' Cheia de dor e tristeza por isto, e me abraçando por afeição materna e cheirando minha cabeça, ó Madhava, ela me disse, 'De onde, ó filho, ascetas de almas purificadas podem obter comida preparada com leite? Tais homens sempre residem na floresta e subsistem de bulbos e raízes e frutas. De onde nós que vivemos pelas margens dos rios que são o recanto dos Valikhilyas, nós que temos as montanhas e florestas como nosso lar, de onde, de fato, ó filho, nós obteremos leite? Nós, filho querido, vivemos (às vezes) de ar e às vezes de água. Nós moramos em retiros no meio de florestas e bosques. Nós habitualmente nos abstemos de todos os tipos de alimento que são consumidos por pessoas que vivem em aldeias e cidades. Nós estamos acostumados somente com alimentos como os que são fornecidos pelos frutos da selva. Não pode haver leite, ó filho, na selva onde não há prole de Surabhi (a vaca celestial, a progenitora original de todas as vacas no céu e sobre a Terra). Residindo nas margens de rios ou em cavernas ou em leitos de montanha, ou em tirthas e outros lugares do tipo, nós passamos nosso tempo na prática de penitências e na recitação de Mantras sagrados, Siva sendo nosso maior refúgio. Sem agradar o concessor de bênçãos Sthanu de glória imperecível, ele, isto é, que tem três olhos, de onde, ó filho, alguém pode conseguir alimento preparado com leite e bons mantos e outros objetos de prazer no mundo? Dedique-te, ó filho querido, a Sankara com toda tua alma. Pela sua graça, ó filho, tu com certeza obterás todos os objetos tais como os que darão deleite a todos os teus desejos.' Ouvindo estas palavras de minha mãe, ó matador de inimigos, naquele dia, eu juntei minhas mãos em reverência e me curvando a ela, disse, 'Ó mãe, quem é este Mahadeva? De que maneira alguém pode agradá-lo? Onde este deus reside? Como ele pode ser visto? Com o que ele fica satisfeito? Qual também é a forma de Sarva? Como alguém pode conseguir obter um conhecimento dele? Se satisfeito, ele irá, ó mãe, se mostrar para mim?' Depois que eu tinha dito estas palavras, ó Krishna, para minha mãe, ela, cheia de afeição materna, cheirou minha cabeça, ó Govinda, com seus olhos cobertos de lágrimas. Afagando gentilmente meu corpo, ó matador de Madhu, minha mãe, adotando um tom de grande humildade, dirigiu-se a mim nas seguintes palavras, ó melhor das divindades.'"

"Minha mãe disse, 'Mahadeva é extremamente difícil de ser conhecido por pessoas de almas impuras. Estes homens são incapazes de tê-lo em seus corações e de compreendê-lo em absoluto. Eles podem retê-lo em suas mentes. Eles não podem entendê-lo, nem podem obter uma visão dele. Homens de sabedoria afirmam que suas formas são muitas. Muitos, também, são os lugares nos quais ele reside. Muitas são as formas de sua Graça. Quem é que pode compreender em seus detalhes os atos, que são todos excelentes, de Isa, ou todas as formas que ele assumiu antigamente? Quem pode relatar como Sarva se diverte e como ele fica satisfeito? Maheswara de forma universal reside nos corações de todas as criaturas. Enquanto Munis discursavam sobre as ações

auspiciosas e excelentes de Isana, eu ouvi deles como, impelido por compaixão por seus devotos, ele lhes concede uma visão de sua pessoa. Para o propósito fazer um favor para os Brahmanas, os habitantes do céu recitaram para sua informação as diversas formas que foram assumidas por Mahadeva nos tempos passados. Tu me perguntaste sobre elas. Eu as relatarei para ti, ó filho.'"

"Minha mãe continuou, 'Bhava assume as formas de Brahma e Vishnu e do chefe dos celestiais, dos Rudras, dos Adityas, e dos Aswins; e daquelas divindades que são chamadas de Viswadevas. Ele assume também as formas de homens e mulheres, de Pretas e Pisachas, de Kiratas e Savaras, e de todos os animais aquáticos. Aquela divindade ilustre assume também as formas daqueles Savaras que moram nos bosques e florestas. Ele assume as formas de tartarugas e peixes e moluscos. É Ele que assume as formas daqueles brotos de coral que são usados como ornamentos por homens. Ele assume também as formas de Yakshas, Rakshasas e Cobras, de Daityas e Danavas. De fato, o deus ilustre assume as formas de todas as criaturas que vivem em tocas. Ele assume as formas de tigres e leões e veados, de lobos e ursos e aves, de corujas e de chacais também. É Ele que assume as formas de cisnes e corvos e pavões, de camaleões e lagartos e cegonhas. É Ele que assume as formas de grous e urubus e Chakravakas. Realmente, é Ele que assume as formas de Chasas e de montanhas também. Ó filho, é Mahadeva que assume as formas de vacas e elefantes e cavalos e camelos e jumentos. Ele assume também as formas de cabras e leopardos e diversas outras variedades de animais. É Bhava que assume as formas de diversas espécies de aves de plumagem bela. É Mahadeva que possui as formas das pessoas com bastões (Sannyasin) e daquelas com guarda-sóis (reis) e daquelas com cabaças (mendicantes) entre Brahmanas. Ele às vezes se torna de seis faces e às vezes se torna multifacetado. Ele às vezes assume formas que têm três olhos e formas que têm muitas cabeças. E Ele às vezes assume formas que têm muitos milhões de pernas e formas que têm inúmeros estômagos e rostos e formas dotadas de inúmeros braços e lados incontáveis. Ele às vezes aparece cercado por inumeráveis espíritos e fantasmas. É Ele que assume as formas de Rishis e Gandharvas, e de Siddhas e Charanas. Ele às vezes assume uma forma que é tornada branca com as cinzas que ele espalha sobre ela e é adornado com uma meia lua sobre a testa. Cultuado com diversos hinos proferidos com diversos tipos de vozes e adorado com diversos Mantras repletos de louvores, ele, que é às vezes chamado de Sarva, é o Destruidor de todas as criaturas no universo, e é sobre ele, também, que todas as criaturas se apóiam como sua fundação universal. Mahadeva é a alma de todas as criaturas. Ele permeia todas as coisas. Ele é o orador de todos os discursos (sobre deveres e rituais). Ele reside em todos os lugares e deve ser conhecido como residindo nos corações de todas as criaturas no universo. Ele conhece o desejo nutrido por cada um de seus devotos. Ele fica familiarizado com o objetivo no qual alguém lhe presta adorações. Então, se te agrada, procure a proteção da principal das divindades. Ele às vezes se regozija, e às vezes cede à ira, e às vezes profere a sílaba Hum com um barulho muito alto. Ele às vezes se arma com o disco, às vezes com o tridente, às vezes com a maça, às vezes com os malhos pesados, às vezes com a cimitarra, e às vezes com o machado de batalha. É Ele que assume

a forma de Sesha que sustenta o mundo em sua cabeça. Ele tem cobras como seu cinto, e suas orelhas são enfeitadas com brincos feitos de cobras. Cobras formam também o fio sagrado que ele usa. (Todas as pessoas pertencentes às três classes superiores têm o Upavita ou fio-sagrado como seu distintivo. As divindades também, incluindo Mahadeva, portam o Upavita. O Upavita de Mahadeva é feito de cobras vivas.) Uma pele de elefante forma sua peça de roupa superior. Ele às vezes dá risada e às vezes canta e às vezes dança maravilhosamente. Circundado por inúmeros espíritos e fantasmas, ele às vezes toca instrumentos musicais. Diversos também são os instrumentos nos quais ele toca, e agradáveis os sons que eles produzem. Ele às vezes vagueia (em crematórios), às vezes boceja, às vezes grita, e às vezes faz outros gritarem. Ele às vezes assume a aparência de alguém que é louco, e às vezes de alguém que está embriagado, e ele às vezes profere palavras que são extremamente gentis. Dotado de ferocidade apavorante, ele às vezes ri ruidosamente, assustando todas as criaturas com seus olhos. Ele às vezes dorme e às vezes permanece desperto e às vezes boceja como lhe agrada. Ele às vezes recita Mantras sagrados e às vezes se torna a divindade daqueles Mantras que são recitados. Ele às vezes realiza penitências e às vezes se torna a divindade para cuja adoração aquelas penitências são praticadas. Ele às vezes faz doações e às vezes recebe aquelas doações; às vezes se coloca em posição de Yoga e às vezes se torna o objeto da contemplação-Yoga de outros. Ele pode ser visto na plataforma sacrifical ou na estaca sacrifical; no meio do curral ou no fogo. Ele também pode não ser visto lá. Ele pode ser visto como um menino ou como um homem velho. Ele se diverte com as filhas e as esposas dos Rishis. Seu cabelo é comprido e permanece ereto. Ele está totalmente nu, pois ele tem o horizonte como suas roupas. Ele é dotado de olhos terríveis. Ele é formoso, ele é um pouco escuro, ele é escuro, ele é pálido, ele é da cor da fumaça, e ele é vermelho. Ele é possuidor de olhos que são grandes e terríveis. Ele tem o espaço vazio como sua cobertura e é ele quem cobre todas as coisas. Quem é que pode compreender realmente os limites de Mahadeva que é informe, que é uno e indivisível, que conjura ilusões, que é a causa de todas as ações e operações destrutivas no universo, que assume a forma de Hiranyagarbha, e que é sem início e sem fim, e que é sem nascimento. Ele vive no coração (de todas as criaturas). Ele é o prana, ele é a mente, e ele é Jiva (que está envolvido no invólucro material). (O que é afirmado é que ele é os vários invólucros dos quais Jiva é composto enquanto em seu estado não emancipado, isto é, o Annamaya kosha, o Pranamaya kosha, o Manomaya kosha, e o Vijnanmaya kosha.) Ele é a alma do Yoga, e é o que é chamado de Yoga. Ele é a contemplação-Yoga na qual Yogins entram. Ele é a Alma Suprema. De fato, Maheswara, a pureza em essência, pode ser compreendido não pelos sentidos mas somente pela Alma apreendendo sua existência. Ele toca diversos instrumentos musicais. Ele é um vocalista. Ele tem cem mil olhos, ele tem uma boca, ele tem duas bocas, ele tem três bocas, e ele tem muitas bocas. Devotando-te a ele, colocando teu coração nele, dependendo dele, e o aceitando como teu único refúgio, ó filho, adore Mahadeva e então tu poderás obter a realização de todos os teus desejos.' Ouvindo estas palavras de minha mãe, ó matador de inimigos, desde aquele dia minha devoção foi dirigida para Mahadeva, tendo nada mais como seu objeto. Eu então me dediquei à prática das penitências mais

severas para agradar Sankara. Por mil anos eu permaneci sobre meu dedo do pé esquerdo. Depois disso eu passei mil anos subsistindo somente de frutas. Os próximos mil anos eu passei subsistindo de folhas caídas de árvores. Os próximos mil anos eu passei subsistindo somente de água. Depois disso eu passei setecentos anos subsistindo só de ar. Dessa maneira, eu adorei Mahadeva por mil anos completos dos celestiais. Depois disto, o pujante Mahadeva, o Mestre de todo o universo, ficou satisfeito comigo. Desejoso de averiguar se eu era devotado exclusivamente a ele e somente a ele, ele apareceu diante de mim na forma de Sakra cercado por todas as divindades. Como o célebre Sakra, ele tinha mil olhos em seu corpo e estava armado com o raio. E ele montava um elefante cuja cor era do branco mais puro, com olhos vermelhos, orelhas dobradas, o suco temporal escorrendo em suas bochechas, com tromba contraída, terrível de se olhar, e dotado de quatro presas. De fato, montado sobre tal elefante, o chefe ilustre das divindades parecia brilhar com sua energia. Com uma bela coroa em sua cabeça e adornado com guirlandas em volta de seu pescoço e braceletes em volta de seus braços, ele se aproximou do local onde eu estava. Um guarda-sol branco era segurado sobre sua cabeça. E ele era servido por muitas Apsaras, e muitos Gandharvas cantavam seu louvor. Dirigindo-se a mim, ele disse, ‘Ó principal das pessoas regeneradas, eu estou satisfeito contigo. Peça de mim qualquer benefício que tu desejares.’ Ouvindo estas palavras de Sakra eu não fiquei contente. Na verdade, ó Krishna, eu respondi ao chefe dos celestiais nestas palavras, ‘Eu não desejo algum benefício das tuas mãos, ou das mãos de alguma outra divindade. Ó divindade amável, eu te digo realmente, que é Mahadeva somente de quem eu tenho benefícios para pedir. Verdadeiras, sinceras, ó Sakra, verdadeiras são estas palavras que eu digo para ti. Não são agradáveis para mim em absoluto outras palavras salvo aquelas que se relacionam com Maheswara. Pela ordem de Pashupati, aquele Senhor de todas as criaturas, eu estou preparado para me tornar um verme ou uma árvore com muitos ramos. Se não obtida pela graça representada pelas bênçãos de Mahadeva, a própria soberania dos três mundos não seria aceitável para mim. Que eu nasça entre os próprios Chandalas mas que eu ainda seja devotado aos pés de Hara. Além disso, sem ser devotado àquele Senhor de todas as criaturas, eu não gostaria de nascer no palácio do próprio Indra. Se uma pessoa for desprovida de devoção por aquele Senhor do universo, aquele Mestre das divindades e dos Asuras, sua miséria não terminará mesmo se por falta de alimento ela tiver que subsistir somente de ar e água. (O homem que não é devotado a Mahadeva seguramente está sujeito à miséria. Seu infortúnio não conhecerá limites. Pensar que tal homem alcançou a mais baixa profundidade da miséria quando somente por falta de comida ele tem que viver de água ou ar não seria correto.) Qual é a necessidade de outros discursos, mesmo que sejam repletos de outros tipos de moralidade e justiça, para aquelas pessoas que não gostam de viver nem um momento sem pensar nos pés de Mahadeva? Quando chega o injusto ou pecaminoso Kali Yuga, uma pessoa nunca deve passar um momento sem devotar seu coração a Mahadeva. Alguém que bebeu o Amrita constituído pela devoção a Hara fica livre do medo do mundo. Alguém que não obteve a graça de Mahadeva nunca pode conseguir se devotar a Mahadeva por um único dia ou pela metade um dia ou por um Muhurta ou por um Kshana ou por um Lava (unidade de tempo muito pequena). Pela ordem de Mahadeva eu

alegremente me tornaria um verme ou um inseto, mas eu não teria satisfação nem na soberania dos três mundos, se outorgada por ti, ó Sakra. Pela palavra de Hara eu me tornaria até um cachorro. Realmente, isto estaria de acordo com meu maior desejo. Se não dada por Maheswara, eu não teria a soberania das próprias divindades. Eu não desejo ter este domínio dos Céus. Eu não desejo ter a soberania dos celestiais. Eu não desejo ter a região de Brahma. De fato, eu não desejo ter aquela cessação da existência individual que é chamada de Emancipação e que envolve uma identificação completa com Brahma. Mas eu quero me tornar o escravo de Hara. Enquanto aquele Senhor de todas as criaturas, o ilustre Mahesa, com coroa em sua cabeça e corpo possuidor da pura cor branca do disco lunar, não ficar satisfeito comigo, eu suportarei alegremente todas aquelas aflições, devidas a cem repetições de decrepitude, morte e nascimento, que sobrevêm como a sina dos seres incorporados. Qual pessoa no universo pode obter tranquilidade sem satisfazer Rudra que é livre de decrepitude e morte, que é dotado da refulgência do Sol, da Lua, ou do fogo, que é a raiz ou causa original de tudo real e irreal nos três mundos, e que existe como uma entidade e indivisível? Se, por causa das minhas falhas, renascimentos forem meus, eu irei, naqueles novos nascimentos, me devotar unicamente a Bhava.'"

"Indra disse, 'Qual fundamento tu podes atribuir para a existência de um Ser Supremo ou para Sua ser a causa de todas as causas?'"

"Upamanyu disse, 'Eu peço bênçãos daquela grande Divindade chamada Siva a quem proferidores de Brahma têm descrito como existente e inexistente, manifesto e imanifesto, eterno ou imutável, um e muitos. Eu peço bênçãos dele que é sem início e meio e fim, que é Conhecimento e Força, que é inconcebível e que é a Alma Suprema. Eu solicito benefícios dele de onde vem toda a Pujança, que não tem sido produzido por ninguém, que é imutável, e que, embora ele mesmo não surgido de alguma semente, é a semente de todas as coisas no universo. Eu peço bênçãos dele que é Refulgência brilhante (além da Escuridão), que é a essência de todas as penitências, que transcende todas as faculdades das quais nós somos possuidores e as quais nós podemos dedicar para o propósito de compreendê-lo, e por conhecer a quem todos se tornam livres da dor ou tristeza. Eu adoro Ele, ó Purandara, que está familiarizado com a criação de todos os elementos e os pensamentos de todas as criaturas vivas, e que é a causa original da existência ou criação de todas as criaturas, que é onipresente, e que tem a pujança para dar tudo. Eu peço bênçãos dele que não pode ser compreendido por raciocínio, que representa o objetivo dos sistemas de filosofia Sankhya e Yoga, e que transcende todas as coisas, e a quem todas as pessoas conhecedoras dos tópicos de investigação cultuam e adoram. (Sem os Srutis, Ele não pode ser compreendido, pois Ele está acima de toda dialética ou argumentos. O objetivo que o sistema Sankhya tem em vista flui dele, e o objetivo também que os Yogins têm em vista tem sua origem nele.) Eu peço bênçãos dele, ó Maghavat, que é a alma do próprio Maghavat, que é citado como sendo o Deus dos deuses, e que é o Mestre de todas as criaturas. Eu peço bênçãos dele que primeiro criou Brahma, aquele criador de todos os mundos, tendo preenchido o Espaço (com sua energia) e evocado à existência o ovo primordial. (Mahadeva primeiro encheu o

Espaço com sua energia, o Espaço formando, por assim dizer, o material com o qual tudo mais foi criado. Tendo enchido o Espaço com energia criativa, ele criou o ovo primordial e colocou Brahma ou o Avô do universo dentro dele.) Quem além daquele Senhor Supremo poderia ser o criador do Fogo, Água, Ar, Terra, Espaço, Mente, e daquilo que é chamado de Mahat? Diga-me, ó Sakra, quem mais além de Siva poderia criar Mente, Compreensão, Consciência ou Ego, os Tanmatras (elementos sutis), e os sentidos? Quem é maior do que Siva? Os sábios dizem que o Avô Brahma é o criador deste universo. Brahma, no entanto, adquiriu sua grande pujança e prosperidade por adorar e satisfazer Mahadeva, aquele Deus dos deuses. Aquela grande força (consistindo em todos os três atributos de criação, proteção, e destruição), que moram naquele Ser ilustre que é dotado da qualidade de ser uno, que criou Brahma, Vishnu, e Rudra, foi derivada de Mahadeva. Diga-me quem é superior ao Senhor Supremo? (Aqui Mahadeva é representado como Brahman Supremo. Então, o Ser que criou Brahma, Vishnu, e Rudra, derivou seu poder para criar de Mahadeva. Assim Mahadeva é Brahma Imanifesto.) Quem mais além daquele Deus dos deuses é competente para unir os filhos de Diti com domínio e pujança, julgando pela soberania e o poder de oprimir conferidos aos principais dos Daityas e Danavas? Os diferentes pontos do horizonte, o Tempo, o Sol, todos os entes ígneos, planetas, vento, água, e as estrelas e constelações, estes, saiba, são de Mahadeva. Diga-nos quem é maior do que o Senhor Supremo? Quem mais há, exceto Mahadeva, na questão da criação do Sacrifício e na destruição de Tripura? Quem mais exceto Mahadeva, o opressor de inimigos, tem oferecido domínio aos principais? Qual a necessidade, ó Purandara, de muitas afirmações bem ressonantes repletas de amplos sofismas, quando eu contemplo a ti de mil olhos, ó melhor das divindades, tu que és adorado por Siddhas e Gandharvas e as divindades e pelos Rishis? Ó melhor dos Kusikas, tudo isso é devido à graça daquele Deus dos deuses, isto é, Mahadeva. Saiba, ó Kesava, que tudo isso, consistindo em existências animadas e inanimadas com céu e outras entidades despercebidas, que se encontra neste mundo, e que tem o Senhor que a tudo permeia como sua alma, tem fluído de Maheswara e tem sido criado (por ele) para ser desfrutado por Jiva. (Aqui a compaixão de Mahadeva é mostrada.) Nos mundos que são conhecidos pelos nomes de Bhu, Bhuva, Swah, e Maha, no meio das montanhas de Lokaloka, nas ilhas, nas montanhas de Meru, em todas as coisas que produzem felicidade, e nos corações de todas as criaturas, ó ilustre Maghavat, reside Mahadeva, como dizem as pessoas conhecedoras de todos os tópicos investigação. Se, ó Sakra, os Devas (divindades) e os Asuras pudessem ver alguma outra forma pujante a não ser a de Bhava, ambos, especialmente os primeiros, quando combatidos e afligidos pelos últimos, não teriam procurado a proteção daquela forma? Em todos os combates hostis das divindades, dos Yakshas, dos Uragas e dos Rakshasas, que acabaram em destruição mútua, é Bhava quem dá para aqueles que encontraram a destruição pujança compatível com suas respectivas posições como dependentes de suas ações. Diga-me, quem há exceto Maheswara para outorgar benefícios, e novamente castigar Andhaka e Sukra e Dundubhi e Maharshi e muitos principais dos Yakshas, Indra e Vala e Rakshasas e os Nivatakavachas? Não foi a semente vital de Mahadeva, aquele Mestre das divindades e dos Asuras, derramada como uma libação sobre o fogo? Daquela

semente surgiu uma montanha de ouro. Quem mais existe cuja semente pode ser citada como sendo possuidora de semelhante virtude? (A alusão é assim explicada pelo comentador; uma vez a semente de Mahadeva caiu em um fogo ardente. A divindade do fogo a removeu, incapaz de consumi-la. A semente, no entanto, assim removida veio a ser convertida em uma montanha de ouro.) Quem mais neste mundo é louvado como tendo somente o horizonte como sua vestimenta? Quem mais pode ser citado como um Brahmacharin com sua semente vital parada? Quem mais existe que tenha metade de seu corpo ocupada por sua querida esposa? (Isto se refere à transformação de Mahadeva em uma forma metade da qual era masculina e metade feminina, a metade masculina sendo a metade da sua própria forma usual, e a metade feminina a forma de sua querida esposa Uma ou Parvati. Esta transformação é conhecida pelo nome de Haragauri.) Quem mais poderia subjugar Kama, o deus do desejo? Diga-me, ó Indra, que outro Ser possui aquela região sublime de felicidade suprema que é louvada por todas as divindades? Quem mais tem o crematório como seu campo de esporte? Quem mais é tão louvado por sua dança? Cuja pujança e culto permanecem imutáveis? Quem mais há que se diverte com espíritos e fantasmas? Diga-me, ó divindade, quem mais tem associados que são possuidores de força como a sua própria e são, portanto, orgulhosos daquela força e pujança? Quem mais há cuja posição é louvada como imutável e cultuada com reverência pelos três mundos? Quem mais há que despeja chuva, dá calor, e resplandece em Energia? De quem mais nós derivamos nossa abundância de ervas? Quem mais sustém todas as espécies de riqueza? Quem mais se diverte tanto quanto lhe agrada nos três mundos de coisas móveis e imóveis? Ó Indra, conheça Maheswara como a causa original (de tudo). Ele é adorado por Yogins, por Rishis, pelos Gandharvas, e pelos Siddhas, com a ajuda do conhecimento, do sucesso (ascético), e dos ritos prescritos nas ordenanças escriturais. Ele é adorado pelas divindades e pelos Asuras com a ajuda de sacrifícios por meio de ações e da aflição do ritual prescrito nas escrituras. Os frutos das ações nunca podem tocá-lo, pois ele os transcende todos. Sendo assim, eu o chamo de a causa original de tudo. Ele é grosseiro e sutil. Ele não tem comparação. Ele não pode ser concebido pelos sentidos. Ele é dotado de atributos e ele é desprovido deles. Ele é o senhor dos atributos, pois eles são sob seu controle. Este mesmo é o lugar que é de Maheswara. Ele é a causa da manutenção e da criação (do universo). Ele é a causa do universo e a causa também de sua destruição. Ele é o Passado, o Presente, e o Futuro. Ele é o pai de todas as coisas. Na verdade, Ele é a causa de todas as coisas. Ele é aquilo que é mutável, Ele é o imanifesto, Ele é Conhecimento; Ele é ignorância; Ele é toda ação, Ele é toda omissão; Ele é justiça; e Ele é injustiça. Ele, ó Sakra, eu chamo de a causa de tudo. Veja, ó Indra, na imagem de Mahadeva as indicações de ambos os sexos. Aquele deus dos deuses, isto é, Rudra, aquela causa da criação e destruição, mostra em sua forma as indicações de ambos os sexos como a única causa da criação do universo. Minha mãe antigamente me disse que ele é a causa do universo e a única causa de tudo. Não há alguém que seja maior do que Isa, ó Sakra. Se te agrada, te jogue em sua bondade e proteção. Tu tens evidência visível, ó chefe dos celestiais, do fato que o universo surgiu da união dos sexos (como representada por Mahadeva). O universo, tu sabes, é a soma de que é investido com atributos e

do que mais é privado de atributos e tem como sua causa imediata as sementes de Brahma e outros. Brahma e Indra e Hutasana e Vishnu e todas as outras divindades, junto com os Daityas e os Asuras, coroados com a fruição de mil desejos, sempre dizem que não há ninguém que seja superior a Mahadeva. Impelido pelo desejo, eu procuro, com mente reprimida, aquele deus conhecido por todo o universo móvel e imóvel, ele que tem sido citado como o melhor e mais sublime de todos os deuses, e que é a própria bem-aventurança, para obter sem demora aquela maior de todas as aquisições, isto é, a Emancipação. Que necessidade há de outras razões (para demonstrar) o que eu acredito? O supremo Mahadeva é a causa de todas as causas. Nós nunca soubemos que as divindades, em qualquer época, adoraram o símbolo de algum outro deus a não ser Mahadeva. Se Maheswara não é aceito, me diga, se tu alguma vez soubeste disso, quem mais há cujo símbolo seja adorado ou esteja sendo adorado por todas as divindades? Ele cujo símbolo é sempre adorado por Brahma, por Vishnu, por ti, ó Indra, com todas as outras divindades, é na verdade a principal de todas as divindades adoráveis. Brahma tem o lótus como seu símbolo, Vishnu tem o disco como o dele, Indra tem o raio como seu símbolo. Mas as criaturas do mundo não ostentam algum dos sinais que distinguem estas divindades. Por outro lado, todas as criaturas têm os sinais que distinguem Mahadeva e sua esposa. Então, todas as criaturas devem ser consideradas como pertencentes a Maheswara. Todas as criaturas do sexo feminino surgiram da natureza de Uma como sua causa, e é por essa razão que elas portam a marca da feminilidade que distingue Uma; enquanto todas as criaturas que são masculinas, tendo surgido de Siva, portam a marca masculina que distingue Siva. Aquela pessoa que diz que há, nos três mundos com suas criaturas móveis e imóveis, alguma outra causa a não ser o Senhor Supremo, e aquela que não é marcada com o sinal de Mahadeva ou de sua esposa deve ser considerada como muito ignóbil e não deve ser contada entre as criaturas do universo. Todos os seres com a marca do sexo masculino devem ser conhecidos como sendo de Isana, enquanto todos os seres com a marca do sexo feminino devem ser conhecidos como sendo de Uma. Este universo de criaturas móveis e imóveis é produzido por dois tipos de formas (masculina e feminina). É de Mahadeva que eu desejo obter bênçãos. Fracassando nisto, ó Kausika, eu antes preferiria a própria dissolução. Vá ou fique, ó Sakra, como tu, ó matador de Vala, desejares. Eu desejo ter bênçãos ou maldições de Mahadeva. Eu nunca reconhecerei alguma outra divindade, nem eu terei de alguma outra divindade a realização de todos os meus desejos.' Tendo dito estas palavras para o chefe dos celestiais, eu fui dominado pela aflição ao pensar que Mahadeva não estava satisfeito comigo apesar das minhas austeridades severas. Em um piscar de olhos, no entanto, eu vi o elefante celeste que eu tinha contemplado diante de mim transformado em um touro tão branco quanto um cisne, ou o Jasminum pubescens, ou um caule de lótus ou prata, ou o oceano de leite. De corpo enorme, o pêlo de seu rabo era preto e a cor de seus olhos era fulva como aquela do mel. Seus chifres eram duros como diamante e tinham a cor do ouro. Com suas extremidades muito afiadas, cuja cor era um vermelho suave, o touro parecia rasgar a Terra. O animal estava adornado por todos os lados com ornamentos feitos do ouro mais puro. Seu rosto e cascos e nariz e orelhas eram extremamente belos e sua cintura também era extremamente

bem formada. Seus flancos possuíam grande beleza e seu pescoço era muito grosso. Sua forma inteira era extremamente agradável e bela de se olhar. Sua corcova brilhava com grande beleza e parecia ocupar toda a sua junta de ombro. E ele parecia com o topo de uma montanha de neve ou com um rochedo de nuvens brancas no céu. Sobre as costas daquele animal eu vi sentados o ilustre Mahadeva com sua esposa Uma. Na verdade, Mahadeva brilhava como o senhor das estrelas quando ele está no seu auge. O fogo nascido de sua energia parecia em refulgência com o relâmpago que reluz em meio às nuvens. Realmente, parecia como se mil sóis se elevassem lá, enchendo todos os lados com um esplendor deslumbrante. A energia do Senhor Supremo parecia com o fogo Samvartaka que destrói todas as criaturas no fim do Yuga. Coberto com aquela energia, o horizonte ficou de tal maneira que eu não podia ver nada em qualquer lado. Cheio de ansiedade eu mais uma vez pensei no que isso poderia significar. Aquela energia, no entanto, não permeou todos os lados por alguma duração de tempo, pois logo, pela ilusão daquele deus dos deuses, o horizonte tornou-se claro. Eu então vi o ilustre Sthanu ou Maheswara sentado nas costas de seu touro, de aparência abençoada e agradável e parecendo com um fogo sem fumaça. E o grande deus estava acompanhado por Parvati de feições impecáveis. De fato, eu vi Sthanu de garganta azul e grande alma, independente de tudo, aquele receptáculo de todas as espécies de força, dotado de dezoito braços e enfeitado com todos os tipos de ornamentos. Vestido em trajes brancos, ele usava guirlandas brancas, e tinha unguentos brancos espalhados sobre seus membros. A cor de seu estandarte, irresistível no universo, era branca. O fio sagrado ao redor de seu corpo também era branco. Ele estava cercado por companheiros, todos possuidores de destreza igual à sua própria, que estavam cantando ou dançando ou tocando diversos tipos de instrumentos musicais. Uma lua crescente, de cor pálida, formava sua coroa, e colocada em sua fronte ela parecia com a lua que se eleva no firmamento outonal. Ele parecia deslumbrar com esplendor, por causa de seus três olhos que pareciam com três sóis. A guirlanda do branco mais puro, que estava em seu corpo, brilhava como uma coroa de lotos, de branco puro, adornada com jóias e pedras preciosas. Eu também contemplei, ó Govinda, as armas em suas formas incorporadas e repletas de todos os tipos de energia, pertencentes a Bhava de bravura incomensurável. A divindade de grande alma segurava um arco cujas cores pareciam com aquelas do arco-íris. Aquele arco é famoso sob o nome de Pinaka e é em realidade uma cobra poderosa. De fato, aquela cobra de sete cabeças e corpo vasto, de presas afiadas e veneno virulento, de pescoço grande e do sexo masculino, estava entrelaçada com a corda que servia como sua corda de arco. E havia uma flecha cujo esplendor parecia com aquele do sol ou do fogo que aparece no fim do Yuga. Na verdade, aquela flecha era o excelente Pasupata, aquela arma poderosa e terrível, que é sem uma segunda, indescritível por seu poder, e capaz de infligir medo em todas as criaturas. De proporções vastas, ele parecia vomitar faíscas de fogo constantemente. Possuidor de um pé, de dentes grandes, e mil cabeças e mil estômagos, ele tinha mil braços, mil línguas, e mil olhos. De fato, ele parecia vomitar fogo continuamente. Ó tu de braços poderosos, aquela arma é superior às armas Brahma, Narayana, Aindra, Agneya, e Varuna. Na verdade, ela é capaz de neutralizar todas as outras armas no universo. Foi com aquela arma que o ilustre

Mahadeva, antigamente, queimou e destruiu em um momento a cidade tripla dos Asuras. Com a maior facilidade, ó Govinda, Mahadeva, usando aquela única seta, realizou aquela façanha. Aquela arma, atirada pelos braços de Mahadeva, pode sem dúvida consumir em metade do tempo tomado por um piscar de olhos o universo inteiro com todas as suas criaturas móveis e imóveis. No universo não há algum ser, incluindo mesmo Brahma e Vishnu e as divindades, que não possa ser morto por aquela arma. Ó majestade, eu vi aquela arma excelente, extraordinária e incomparável na mão de Mahadeva. Há outra arma misteriosa e muito poderosa que é igual ou talvez superior à arma Pasupata. Eu a vi também. Ela é célebre em todos os mundos como a Soma de Mahadeva armado de Sula. Arremessada pela divindade ilustre, aquela arma é competente para rachar a Terra inteira ou secar completamente as águas do oceano ou aniquilar o universo inteiro. Antigamente, o filho de Yuvanaswa, o rei Mandhatri, aquele conquistador dos três mundos, possuidor de domínio imperial e dotado de energia abundante, foi, com todas as suas tropas, destruído por meio daquela arma. Dotado de grande poder e grande energia e parecendo com o próprio Sakra em destreza, o rei, ó Govinda, foi morto pelo Rakshasa Lavana com a ajuda deste Sula que ele tinha obtido de Siva. O Sula tem uma ponta muito afiada. Extremamente terrível, ele é capaz de fazer os cabelos de todos se arrepiarem. Eu o vi na mão de Mahadeva, como se rugindo com raiva, tendo contraído sua testa em três rugas. Ele parecia, ó Krishna, um fogo sem fumaça ou o sol que nasce no fim do Yuga. O cabo daquele Sula era feito de uma cobra imensa. Ele é realmente indescritível. Ele parecia com o próprio Destruidor armado com seu laço. Eu vi esta arma, ó Govinda, na mão de Mahadeva. Eu vi também outra arma, isto é, aquele machado de batalha afiado o qual, no passado, foi dado para Rama pelo satisfeito Mahadeva para capacitá-lo a exterminar os Kshatriyas. Foi com aquela arma que Rama (da linhagem de Bhrigu) matou em batalha terrível o grande Karttaviryya que era o soberano de todo o mundo. Foi com aquela arma que o filho de Jamadagni, ó Govinda, pôde exterminar os Kshatriyas por vinte e uma vezes. De gume brilhante e extremamente terrível, aquele machado estava pendurando no ombro, adornado com uma cobra, de Mahadeva. De fato, ele brilhava no corpo de Mahadeva como a chama de um fogo ardente. Eu vi inúmeras outras armas celestes com Mahadeva de grande inteligência. Eu, no entanto, mencionei somente poucas, ó impecável, por seu caráter principal. No lado esquerdo do grande deus estava o Avô Brahma sentado em um carro excelente ao qual estavam unidos cisnes dotados da velocidade da mente. No mesmo lado podia ser visto Narayana também, sentado sobre o filho de Vinata, e portando a concha, o disco, e a maça. Perto da deusa Uma estava Skanda sentado em seu pavão, levando seu dardo e sinos fatais, e parecendo com outro Agni. Na frente de Mahadeva eu vi Nandi permanecendo armado com seu Sula e parecendo com um segundo Sankara (por bravura e energia). Os Munis encabeçados pelo Manu auto-nascido e Rishis tendo Bhrigu como seu principal, e as divindades com Sakra em sua dianteira, todos foram lá. Todas as tribos de espíritos e fantasmas, e as Mães celestes, permaneceram circundando Mahadeva e saudando-o com reverência. As divindades estavam empenhadas em cantar os louvores de Mahadeva por proferirem diversos hinos. O Avô Brahma proferindo um Rathantara louvava Mahadeva. Narayana também, proferindo o Jyestha Saman, cantava os louvores

de Bhava. Sakra também fazia o mesmo com a ajuda daquele principal dos Mantras Védicos, isto é, o Sata-Rudriam. Realmente, Brahma e Narayana e Sakra, aquelas três divindades de grande alma, brilhavam lá como três fogos sacrificais. Em seu meio brilhava o Deus ilustre como o sol no meio de seu halo, saído das nuvens outonais. Eu contemplei miríades de sóis e luas, também no céu, ó Kesava. Eu então louvei o Senhor ilustre de tudo, o Mestre supremo do universo.'"

"Upamanyu continuou, 'Eu disse, 'Saudações para ti, ó ilustre, ó tu que constituis o refúgio de todas as coisas, ó tu que és chamado de Mahadeva! Saudações para ti que assumes a forma de Sakra, que és Sakra, e que te disfarças na forma e vestimentas de Sakra. Saudações para ti que estás armado com o raio, a ti que és moreno, e a ti que estás sempre armado com o Pinaka. Saudações para ti que sempre carregas a concha e o Sula. Saudações para ti que estás vestido em preto, a ti que tens cabelo escuro e encaracolado, a ti que tens uma camurça preta como tua peça de roupa superior, a ti que presides sobre a oitava lunação da quinzena escura. Saudações para ti que és de cor branca, para ti que és chamado de branco, para ti que estás vestido em mantos brancos, para ti que tens teus membros cobertos com cinzas brancas, para ti que estás sempre engajado em ações brancas. Saudações para ti que és de cor vermelha, a ti que estás vestido em trajes vermelhos, para ti que possuis um estandarte vermelho com bandeiras vermelhas, para ti que usas guirlandas vermelhas e unguentos vermelhos. Saudações para ti que és moreno em cor, para ti que estás vestido em trajes marrons, para ti que tens um estandarte marrom com bandeiras marrons, para ti que usas guirlandas marrons e unguentos marrons. Saudações para ti que tens o guarda-sol da realeza segurado sobre tua cabeça, para ti que usas a principal das coroas. Saudações para ti que estás adornado com meia guirlanda e meio bracelete, para ti que estás enfeitado com um anel por um ano, a ti que és dotado da velocidade da mente, a ti que és dotado de grande refulgência. Saudações para ti que és a principal das divindades, para ti que és o principal dos ascetas, para ti que és o principal dos celestiais. Saudações para ti que usas meia coroa de lotos, para ti que tens muitos lotos em teu corpo. Saudações para ti que tens metade do teu corpo coberta com pasta de sândalo, para ti que tens metade do teu corpo enfeitado com guirlandas de flores e coberto com unguentos fragrantes. (O corpo de Mahadeva é metade homem e metade mulher. A metade masculina tem guirlandas de ossos, a feminina tem guirlandas de flores. A metade masculina tem tudo o que é rejeitado por outros; a metade feminina tem todas as coisas que são cobiçadas por outros. Esta forma específica de Mahadeva é chamada de Hara-Gauri.) Saudações para ti que és da cor do Sol, para ti que és como o Sol, para ti cujo rosto é como o Sol, para ti que tens olhos cada um dos quais é como o Sol. Saudações para ti que és Soma, a ti que és tão suave quanto Soma, a ti que portas o disco lunar, a ti que és de aspecto lunar, a ti que és a principal de todas as criaturas, a ti que estás ornado com um conjunto dos mais belos dentes. Saudações para ti que és de uma cor escura, para ti que tens uma aparência bela, para ti que tens uma forma metade da qual é amarela e metade branca, para ti que tens um corpo metade do qual é homem e metade mulher, para ti que és ambos, homem e mulher. Saudações para ti que possuis um touro

como teu veículo, para ti que procedes montado no principal dos elefantes, para ti que és alcançado com dificuldade, para ti que podes ir a lugares inacessíveis para outros. Saudações para ti cujos louvores são cantados pelos Ganas, para ti que és dedicado aos diversos Ganas, para ti que segues o caminho que é trilhado pelos Ganas, para ti que és sempre devotado aos Ganas como a um voto. Saudações para ti que és da cor de nuvens brancas, para ti que tens o esplendor das nuvens noturnas, para ti que não podes ser descrito por nomes, para ti que tens tua própria forma (não tendo nada mais no universo com a qual ela possa ser comparada). Saudações para ti que usas uma guirlanda bela de cor vermelha, para ti que estás vestido em mantos de cor vermelha. Saudações para ti que tens a coroa da cabeça enfeitada com pedras preciosas, a ti que estás enfeitado com uma meia-lua, a ti que usas muitas pedras preciosas belas em teu diadema, para ti que tens oito flores sobre tua cabeça. Saudações para ti que tens uma boca ígnea e olhos ígneos, para ti que tens olhos possuidores da refulgência de mil luas, para ti que és da forma do fogo, para ti que és belo e agradável, para ti que és inconcebível e misterioso. Saudações para ti que percorres o firmamento, para ti que amas e resides em terras que proporcionam pastagem para as vacas, para ti que caminhas sobre a Terra, para ti que és a Terra, para ti que és infinito, para ti que és extremamente auspicioso. Saudações para ti que estás despido (ou que tens somente o horizonte como teu traje), para ti que fazes um lar feliz de todo local onde possa acontecer de tu estares no momento. Saudações para ti que tens o universo como tua casa, para ti que tens Conhecimento e Felicidade como tua Alma. Saudações para ti que sempre usas um diadema, para ti que usas um grande bracelete, para ti que tens uma cobra como guirlanda ao redor do teu pescoço, para ti que usas muitos ornamentos belos em teu corpo. Saudações para ti que tens o Sol, a Lua, e Agni como teus três olhos, para ti que possuis mil olhos, para ti que és homem e mulher, para que és desprovido de sexo, para ti que és um Sankhya, para ti que és um Yogin. Saudações para ti que és da graça daquelas divindades que são adoradas em sacrifícios, para ti que és os Atharvans, para ti que és aquele que alivia todos os tipos de doença e dor, a ti que és o dissipador toda tristeza. Saudações para ti que brames tão profundamente quanto as nuvens, a ti que empregas diversos tipos de ilusões, a ti que presides sobre o solo e sobre a semente que é semeada nele, a ti que és o Criador de tudo. Saudações para ti que és o Senhor de todos os celestiais, a ti que és o Mestre do universo, a ti que és dotado da velocidade do vento, a ti que és da forma do vento. Saudações para ti que usas uma guirlanda de ouro, para ti que te divertes em colinas e montanhas, para ti que és adorado por todos os que são inimigos dos deuses, para ti que possuis velocidade e energia furiosas. Saudações para ti arrancaste uma das cabeças do Avô Brahma, para ti que mataste o Asura chamado Mahisha, para ti que assumes três formas, para ti que ostentas todas as formas. Saudações para ti que és o destruidor da cidade tripla dos Asuras, para ti que és o destruidor do sacrifício (de Daksha), para ti que és o destruidor do corpo de Kama (a divindade do Desejo), para ti que manejas a vara da destruição. Saudações para ti que és Skanda, para ti que és Visakha, para ti que és a vara do Brahmana, para ti que és Bhava, para ti que és Sarva, para ti que és de forma universal. Saudações para ti que és Isana, para ti que és o destruidor de Bhaga, para ti que és o matador de Andhaka, para ti que és o universo, para ti que és

possuidor de ilusão, para ti que és concebível e inconcebível. Tu és o único fim de todas as criaturas, tu és o principal, tu és o coração de tudo. Tu és o Brahma de todas as divindades, tu és o Nilardhita Vermelho e Azul dos Rudras. Tu és a Alma das criaturas, tu és Aquele que é chamado de Purusha na filosofia Sankhya, tu és o Rishabha entre todas as coisas sagradas, tu és aquilo que é chamado de auspicioso por Yogins e o qual, segundo eles, é sem partes (sendo indivisível). Entre aqueles que são praticantes dos diferentes modos de vida, tu és o chefe de família, tu és o grande Senhor entre os senhores do universo. Tu és Kuvera entre todos os Yakshas, e tu és Vishnu (o principal) entre todos os sacrifícios. Tu és Meru entre as montanhas, tu és a Lua entre todos os corpos luminosos do firmamento, tu és Vasishtha entre os Rishis, tu és Surya entre os planetas. Tu és o leão entre todos os animais selvagens, e entre todos os animais domésticos tu és o touro que é adorado por todas as pessoas. Entre os Adityas tu és Vishnu (Upendra), entre os Vasus tu és Pavaka, entre as aves tu és o filho de Vinata (Garuda), e entre as cobras tu és Ananta (Sesha). Entre os Vedas tu és os Samans, entre os Yajushes tu és o Sata-Rudriyam, entre os Yogins tu és Sanatkumara, e entre os Sankhyas tu és Kapila. Entre os Maruts tu és Sakra, entre os Pitris tu és Devarat, entre todas as regiões (para a residência dos seres criados) tu és a região de Brahman, e entre todos os fins que as criaturas alcançam tu és Moksha ou Emancipação. Tu és o Oceano de leite entre todos os oceanos, entre todos os cumes rochosos tu és Himavat, entre todas as classes tu és o Brahmana, e entre todos os Brahmanas eruditos tu és aquele que tem praticado e é cumpridor do Diksha. Tu és o Sol entre todas as coisas no mundo, tu és o destruidor chamado Kala. Tu és tudo mais que possui energia superior de eminência que existe no universo. Tu possuis força suprema. Isso mesmo é o que representa minha conclusão segura. Saudações para ti, ó pujante e ilustre, ó tu que és bondoso para todos os teus devotos. Saudações para ti, ó senhor dos Yogins. Eu te reverencio, ó causa original do universo. Esteja satisfeito comigo que sou teu devoto, que sou muito miserável e impotente, ó Senhor Eterno, torne-te o refúgio desse teu adorador que é muito fraco e miserável. Ó Senhor Supremo, cabe a ti perdoar todas aquelas transgressões das quais eu me tornei culpado, tendo compaixão por mim pela razão de eu ser teu devoto dedicado. Eu fui entorpecido por ti, ó Senhor de todas as divindades, pelo disfarce no qual tu te mostrastes para mim. Ó Maheswara, eu não te dei o Arghya ou água para lavar teus pés.' (Estes artigos devem ser oferecidos para um visitante, ele precise deles ou não.) Tendo cantado os louvores de Isana dessa maneira, eu ofereci para ele, com grande devoção, água para lavar seus pés e os ingredientes do Arghya, e então, com mãos unidas, eu me submeti a ele, estando preparado para fazer o que quer que ele ordenasse. Então, ó majestade, uma chuva auspiciosa de flores caiu sobre minha cabeça, possuidoras de fragrância celestial e orvalhadas com água fria. Os músicos celestes começaram a tocar seus timbales. Uma brisa deliciosa, fragrante e agradável, começou a soprar e a me encher de prazer. Então Mahadeva, acompanhado por sua esposa, e tendo o touro como seu símbolo, estando satisfeito comigo, se dirigiu aos celestiais reunidos lá nestas palavras, me enchendo de grande alegria, 'Vejam, ó divindades, a devoção de Upamanyu de grande alma. Na verdade, imperturbável e grandiosa é esta devoção, e totalmente imutável, pois ela existe inalteravelmente.' Assim

endereçadas pelo grande Deus armado com o Sula, as divindades, ó Krishna, tendo se curvado a ele e unindo suas mãos em reverência, disseram estas palavras, ‘Ó ilustre, ó Deus dos deuses, ó mestre do universo, ó Senhor de tudo, que esta melhor das pessoas regeneradas obtenha de ti a realização de todos os seus desejos.’ Assim endereçado por todas as divindades, com o Avô Brahma entre eles, Sarva, também chamado Isa e Sankara, disse estas palavras como se sorrindo para mim.'"

"O ilustre Sankara disse, 'Ó caro Upamanyu, eu estou satisfeito contigo. Veja-me, ó principal dos Munis, ó Rishi erudito, tu és firmemente devotado a mim e tu foste bem testado por mim. Eu estou muito satisfeito contigo por esta tua devoção por Siva. Eu irei, portanto, te dar hoje a realização de quaisquer desejos que tu possas ter em teu coração.’ Assim endereçado por Mahadeva de grande sabedoria, lágrimas de alegria vieram aos meus olhos e meus cabelos se arrepiaram (por emoção). Ajoelhando-me para ele e me curvando repetidamente, eu então, com uma voz que estava sufocada com deleite, disse para ele, ‘Ó deus ilustre, me parece que eu estava morto até agora e que foi somente hoje que eu tive meu nascimento, e que meu nascimento deu resultado hoje, já que eu estou agora na presença dele que é o Mestre das divindades e dos Asuras! Quem é mais louvável do que eu, já que eu estou vendo com esses meus olhos Ele que é de destreza incomensurável a quem as próprias divindades são incapazes de contemplar sem primeiro prestar culto sincero? Aquilo o qual aqueles que possuem erudição e sabedoria dizem que é o mais sublime de todos os tópicos, que é Eterno, que é distinto de tudo mais, que é não nascido, que é Conhecimento, e que é indestrutível, é idêntico a ti, ó pujante e ilustre, a ti que és o início de todos os tópicos, que és indestrutível e imutável, que estás familiarizado com as ordenanças que governam todos os tópicos, que és o principal dos Purushas, a ti que és o mais nobre dos nobres. Tu és aquele que criou do teu lado direito o Avô Brahma, o Criador de todas as coisas. Tu és aquele que criou do teu lado esquerdo Vishnu para proteger a Criação. Tu és aquele Senhor pujante que criou Rudra quando veio o fim do Yuga e quando a Criação era para ser dissolvida mais uma vez. Aquele Rudra, que surgiu de ti, destruiu a Criação com todos os seus seres móveis e imóveis, assumindo a forma de Kala de grande energia, da nuvem Samvartaka (carregada com água a qual miríades de oceanos não seriam vastos o suficiente para suportar), e do fogo que a tudo consome. Na verdade, quando chega o período para a dissolução do universo, aquele Rudra se levanta, pronto para destruir o universo. Tu és aquele Mahadeva, que é o Criador original do universo com todos os seus entes móveis e imóveis. Tu és aquele que, no fim do Kalpa, permanece, recolhendo todas as coisas em si mesmo. Tu és aquele que permeia todas as coisas, que és a Alma de todas as coisas, tu és o Criador do Criador de todas as entidades. Incapaz de ser visto até por alguma das divindades, tu és aquele que existe, permeando todas as entidades. Se, ó senhor, tu estás satisfeito comigo e se tu me concederás bênçãos, que esta seja a bênção, ó Senhor de todas as divindades: que minha devoção por ti possa permanecer inalterada. Ó melhor das divindades, me deixe, pela tua graça, ter conhecimento do Presente, do Passado, e do Futuro. E que eu também, com todos os meus parentes e amigos, sempre coma alimentos

misturados com leite. E que tua pessoa ilustre esteja para sempre presente em nosso retiro.' Assim endereçado por mim, o ilustre Maheswara dotado de energia suprema, aquele Mestre de tudo móvel e imóvel, isto é, Siva, adorado por todo o universo, então me disse estas palavras.'"

"A Divindade ilustre disse, 'Seja livre de toda miséria e dor, e esteja acima da decrepitude e da morte. Seja possuidor de fama, seja dotado de grande energia, e que o conhecimento espiritual seja teu. Tu, pela minha graça, serás sempre procurado pelos Rishis. Seja teu comportamento bom e justo, seja teu todo atributo desejável, seja possuidor de conhecimento universal, e seja de aspecto agradável. Que juventude sem declínio seja tua, e que tua energia seja como aquela do fogo. Aonde quer que, além disso, tu possas desejar a presença do oceano de leite que é tão agradável para ti, lá aquele oceano aparecerá diante de ti (pronto para ser utilizado por ti e teus amigos para propósitos de tua alimentação). Tu, com teus amigos, sempre obtenha alimento preparado com leite, com o néctar celeste também sendo misturado com ele. Depois do término de um Kalpa tu então obterás minha companhia. Tua família e linhagem e parentes serão inesgotáveis. Ó principal dos regenerados, tua devoção por mim será eterna. E, ó melhor dos Brahmanas, eu sempre proporcionarei minha presença ao teu retiro. Viva, ó filho, aonde quer que tu queiras, e que nenhuma ansiedade seja. Pensado por ti, eu irei, ó Brahmana erudito, te conceder uma visão minha novamente.' Tendo dito estas palavras e me concedido estas bênçãos, o ilustre Isana, dotado do esplendor de milhões de sóis, desapareceu. Foi exatamente assim, ó Krishna, que eu contemplei, com a ajuda de penitências austeras, aquele Deus dos deuses. Eu também obtive tudo aquilo que foi dito pela grande Divindade dotada de inteligência suprema. Veja, ó Krishna, perante teus olhos, estes Siddhas residindo aqui e estes Rishis e Vidyadharas e Yakshas e Gandharvas e Apsaras. Contemple estas árvores e trepadeiras e plantas que produzem todos os tipos de flores e frutos. Veja-as portando as flores de todas as estações, com belas folhas, e derramando uma doce fragrância por toda parte. Ó tu de braços poderosos, todos estes são dotados de uma natureza celestial pela graça daquele Deus dos deuses, aquele Senhor Supremo, aquela Divindade de grande alma.'"

"Vasudeva continuou, 'Ouvindo estas palavras dele e vendo com meus próprios olhos o que ele tinha relatado para mim, eu fiquei muito admirado. Eu então me dirigi ao grande asceta Upamanyu e disse para ele, 'Tu és digno de grande louvor, ó principal dos Brahmanas eruditos, pois qual homem justo há além de ti cujo retiro desfruta da distinção de ser honrado com a presença daquele Deus dos deuses? O pujante Siva, o grandioso Sankara, ó chefe dos ascetas, irá me conceder também uma visão de sua pessoa e me mostrar benevolência?'"

"Upamanyu disse, 'Sem dúvida, ó tu de olhos como pétalas de lótus, tu logo obterás uma visão de Mahadeva, assim como, ó impecável, eu consegui obter uma visão dele. Ó tu de destreza incomensurável, eu vejo com meus olhos espirituais que tu irás, no sexto mês a partir deste, conseguir obter uma visão de Mahadeva, ó melhor de todas as pessoas. Tu, ó principal dos Yadus, obterás de Maheswara e sua cônjuge vinte e quatro benefícios. Eu te digo o que é verdadeiro. Pela graça daquela Divindade dotada de sabedoria suprema, o Passado, o Futuro

e o Presente são conhecidos por mim. O grande Hara tem favorecido estes milhares de Rishis e outros igualmente numerosos. Por que a Divindade pujante não te favoreceria, ó Mahadeva? É sempre louvável o encontro dos deuses com alguém como tu, com alguém que é devotado aos Brahmanas, com alguém que é cheio de compaixão e que é cheio de fé. Eu te darei certos Mantras. Recite-os continuamente. Através disto tu sem dúvida verás Sankara.'"

"O abençoado Vishnu continuou, 'Eu então disse a ele, 'Ó regenerado, pela tua graça, ó grande asceta, eu verei o senhor das divindades, aquele opressor de multidões de filhos de Diti.' Oito dias, ó Bharata, se passaram lá como uma hora, todos nós estando assim ocupados em conversar sobre Mahadeva. No oitavo dia, eu passei pelo Diksha (iniciação) segundo os ritos devidos, pelas mãos daquele Brahmana, e recebi o bastão das suas mãos. Eu passei pelo barbear prescrito. Eu peguei uma quantidade de folhas Kusa em minha mão. Eu usei trapos como meus trajes. Eu esfreguei meu corpo com ghee. Eu envolvi uma corda de erva Munja ao redor dos meus quadris. Por um mês eu vivi de frutas. No segundo mês eu subsisti de água. O terceiro, o quarto e o quinto mês eu passei vivendo só de ar. Eu fiquei de pé todo o tempo, me sustentando sobre um pé e também com meus braços erguidos, e abandonando o sono todo o tempo. Eu então contemplei, ó Bharata, no firmamento uma refulgência que parecia ser tão deslumbrante quanto aquela de mil Sóis unidos. Perto do centro daquela refulgência, ó filho de Pandu, eu vi uma nuvem parecida com uma massa de colinas azuis, adornada com fileiras de garças, embelezada com um grande arco-íris, com lampejos de relâmpago e o fogo-trovão parecendo com olhos fixados nela. Dentro daquela nuvem estava o pujante Mahadeva, ele mesmo de esplendor deslumbrante, acompanhado por sua esposa Uma. Na verdade, a grande Divindade parecia brilhar com suas penitências, energia, beleza, refulgência, e sua querida esposa ao seu lado. O pujante Maheswara, com sua esposa ao seu lado, brilhava no meio daquela nuvem. A aparição parecia ser como aquela do Sol no meio de nuvens ligeiras com a Lua ao seu lado. O pêlo no meu corpo, ó filho de Kunti, se arrepiou, e meus olhos se arregalaram de admiração ao contemplar Hara, o refúgio de todas as divindades e o dissipador de todas as suas dores. Mahadeva estava adornado com um diadema em sua cabeça. Ele estava armado com seu Sula. Ele estava vestido em uma pele de tigre, tinha madeixas emaranhadas em sua cabeça, e carregava o bastão (do Sannyasin) em uma de suas mãos. Ele estava armado, além disso, com seu Pinaka e o raio. Seus dentes eram de pontas afiadas. Ele estava ornado com um bracelete excelente para a parte superior do braço. Seu fio sagrado era constituído por uma cobra. Ele usava uma guirlanda excelente de diversas cores em seu peito, que pendia até seus dedos dos pés. Realmente, eu o vi como a lua extremamente brilhante em uma noite outonal. Cercado por diversos clãs de espíritos e fantasmas, ele parecia com o Sol outonal difícil de ser olhado por seu brilho deslumbrante. Onze centenas de Rudras estavam ao redor daquela Divindade de alma controlada e atos puros, então sentada sobre seu touro. Todos eles estavam empenhados em cantar seus louvores. Os Adityas, os Vasus, os Sadhyas, os Viswedevas, e os gêmeos Aswins louvavam aquele Senhor do universo por proferirem os hinos que se encontram nas escrituras. O pujante Indra e seu irmão Upendra, os dois filhos de Aditi, e o

Avô Brahma, todos proferiam, na presença de Bhava, o Saman Rathantara. Incontáveis mestres de Yoga, todos os Rishis regenerados com seus filhos, todos os Rishis celestes, a deusa Terra, o Céu (entre Terra e Céu), as Constelações, os Planetas, os Meses, as Quinzenas, as Estações, a Noite, os Anos, os Kshanas, os Muhurtas, os Nimeshas, os Yugas um depois do outro, todas as Ciências e ramos de conhecimento celestes, e todos os seres conhecedores da Verdade, foram vistos reverenciando aquele Preceptor Supremo, aquele grande Pai, aquele dador (ou origem) do Yoga. Sanatkumara, os Vedas, as Histórias, Marichi, Angiras, Atri, Pulastya, Pulaha, Kratu, os sete Manus, Soma, os Atharvans, e Vrihaspati, Bhrigu, Daksha, Kasyapa, Vasishtha, Kasya, os Schandas, Diksha, os Sacrifícios, Dakshina, o Fogo Sacrifical, os Havis (manteiga clarificada) despejados em sacrifícios, e todos os requisitos dos sacrifícios, foram vistos por mim, ó Yudhishthira, permanecendo lá em suas formas incorporadas. Todos os guardiões dos mundos, todos os Rios, todas as cobras, as montanhas, as Mães celestiais, todas as esposas e filhas dos celestiais, milhares e milhares e milhões de ascetas, foram vistos reverenciarem aquele Senhor pujante que é a alma da tranquilidade. As Montanhas, os Oceanos, e os Pontos do horizonte também faziam o mesmo, os Gandharvas e as Apsaras muito hábeis em música, em acordes celestiais, cantavam e elogiavam os louvores de Bhava que é cheio de maravilhas. Os Vidyadharas, os Danavas, os Guhyakas, os Rakshasas, e todos os seres criados, móveis e imóveis, adoravam, em pensamentos, palavras e ações, aquele Senhor pujante. Diante de mim, aquele Senhor de todos os dos deuses, Sarva, apareceu sentado em toda sua glória. Vendo que Isana tinha se mostrado para mim por estar sentado em glória perante meus olhos, o universo inteiro, com o Avô e Sakra, olhou para mim. Eu, no entanto, não tinha o poder para olhar para Mahadeva. A grande Divindade então se dirigiu a mim dizendo, 'Contemple-me, ó Krishna, e fale comigo. Tu me adoraste centenas e milhares de vezes. Não há alguém nos três mundos que seja mais caro para mim do que tu.' Depois que eu tinha me curvado para ele, sua esposa, a deusa Uma, ficou satisfeita comigo. Eu então me dirigi nestas palavras ao grande Deus cujos louvores são cantados por todas as divindades com o Avô Brahma em sua chefia.'"

"O abençoado Vishnu disse, 'Eu saudei Mahadeva, dizendo, 'Saudações para ti, ó tu que és a origem eterna de todas as coisas. O Rishis dizem que tu és o Senhor dos Vedas. Os justos dizem que tu és Penitência, tu és Sattwa, tu és Rajas, tu és Tamas, e tu és Verdade. Tu és Brahman, tu és Rudra, tu és Varuna, tu és Agni, tu és Manu, tu és Bhava, tu és Dhatri, tu és Tashtri, tu és Vidhatri, tu és o Mestre pujante de todas as coisas, e tu estás em todos os lugares. Todos os seres, móveis e imóveis, surgiram de ti. Este mundo triplo com todas as suas entidades móveis e imóveis, foi criado por ti. Os Rishis dizem que tu és superior aos sentidos, à mente, aos ares vitais, aos sete fogos sacrificais, a todos os outros que têm seu refúgio na Alma que a tudo permeia, e a todas as divindades que são adoradas e dignas de adoração. Tu, ó ilustre, és os Vedas, os Sacrifícios, Soma, Dakshina, Pavaka, Havi, e todos os outros requisitos do sacrifício. O mérito obtido por sacrifícios, doações feitas para outros, pelo estudo dos Vedas, votos, regulamentos em relação a restrições, Modéstia, Fama, Prosperidade, Esplendor, Contentamento, e Sucesso, todos existem para levarem a ti. Desejo, Ira, Medo,

Cupidez, Orgulho, Estupor, e Malícia, Dores e Doenças, são, ó ilustre, teus filhos. Tu és todos os atos que as criaturas fazem, tu és a alegria e a tristeza que fluem daqueles atos, tu és a ausência de alegria e tristeza, tu és aquela Ignorância que é a semente indestrutível do Desejo, tu és a origem sublime da Mente, tu és Pujança, e tu és Eternidade. Tu és o Imanifesto, tu és Pavana, tu és inconcebível, tu és o Sol de mil raios, tu és o Chit refulgente, tu és o primeiro de todos os tópicos, e tu és o refúgio da vida. O uso de palavras como Mahat, Alma, Compreensão, Brahman, Universo, Sambhu, e Auto-nascido e outras palavras que ocorrem em sucessão (nos Vedas), mostram que tua natureza tem sido considerada (por pessoas conhecedoras dos Vedas) como idêntica a Mahat e Alma. Na verdade, te considerando como tudo isto, os Brahmanas eruditos vencem aquela ignorância que jaz na base do mundo. Tu resides no coração de todas as criaturas, e tu és adorado pelos Rishis como Kshetrajna. Teus braços e pés se estendem por todos os lugares, e teus olhos, cabeça, e rosto estão em todos os lugares. Tu ouves em todos os lugares no universo, e tu permaneces permeando todas as coisas. De todas as ações que são realizadas nos Nimeshas e outras divisões de tempo que surgem em consequência da força do Sol, tu és o resultado. (Isto é, tu és a bem-aventurança celestial que as criaturas ganham por meio de suas ações justas. As ações são realizadas no decorrer do Tempo cujas divisões são causadas pelo Sol.) Tu és a refulgência original (do Chit supremo). Tu és Purusha, e tu resides nos corações de todas as coisas. Tu és os vários atributos do sucesso em Yoga, isto é, Sutileza e Densidade e Fruição e Supremacia e Refulgência e Imutabilidade. (Por sucesso em Yoga uma pessoa pode se fazer tão sutil quanto possível ou tão densa quanto possível. Alguém pode também obter a realização de todos os desejos, se estendendo à própria criação de mundos sobre mundos povoados com todos os tipos de criaturas. Que os Yogins não criam é devido ao seu respeito pelo Avô e ao seu desejo de não perturbar o rumo habitual das coisas.) Compreensão e inteligência e todos os mundo dependem de ti. Aqueles que são dedicados à meditação, que estão sempre empenhados em Yoga, que são devotados ou firmes na Verdade e que têm subjugado suas paixões, procuram a ti e repousam em ti. Aqueles que te conhecem como alguém que é Imutável, ou que reside em todos os corações, ou que é dotado de força suprema, ou que é o Purusha antigo, ou que é o Conhecimento puro, ou alguém que é o Chit refulgente, ou que é o maior refúgio de todas as pessoas dotadas de inteligência, são sem dúvida pessoas de grande inteligência. Na verdade, tais pessoas transcendem a inteligência. Por compreender os sete entes sutis (isto é, Mahat, Ego, e os cinco elementos primordiais chamados Tanmatras), por compreender teus seis atributos (de Onisciência, Contentamento de Plenitude, Conhecimento sem início, Independência, Força que não está em falta em qualquer tempo e que é infinita), e estando familiarizado com Yoga que é livre de toda noção falsa, o homem de conhecimento consegue entrar em teu grande ser.' Depois que eu tinha dito estas palavras, ó Partha, para Bhava, aquele dissipador da dor e aflição, o universo, móvel e imóvel, deu um grito leonino (expressivo de sua aprovação da correção das minhas palavras). Os inúmeros Brahmanas lá presentes, as divindades e os Asuras, os Nagas, os Pisachas, os Pitris, as aves, diversos Rakshasas, diversas classes de fantasmas e espíritos, e todos os grandes Rishis, então se curvaram

para aquela grandiosa Divindade. Lá então caíram sobre minha cabeça chuvas de flores celestes possuidoras de fragrância excelente, e ventos deliciosos sopraram no local. O pujante Sankara então, dedicado ao bem do universo, olhou para a deusa Uma e para o senhor dos celestiais e para mim mesmo também, e me falou dessa maneira, ‘Nós sabemos, ó Krishna, que tu, ó matador de inimigos, estás cheio da maior devoção por nós. Faça o que é para o teu bem. Meu amor e afeição por ti são muito grandes. Peça oito bênçãos. Eu realmente as darei para ti, ó Krishna. Ó melhor de todas as pessoas, me diga quais são elas, ó chefe dos Yadavas. Mencione o que tu desejas. Por mais que elas sejam difíceis de serem obtidas, tu ainda as terá.'"

15

"O abençoado Krishna disse, 'Curvando minha cabeça com grande alegria para aquela massa de energia e esplendor, eu disse estas palavras para a grande Divindade, com o coração cheio de felicidade, ‘Firmeza em virtude, a morte de inimigos em batalha, a maior fama, o maior poder, devoção ao Yoga, tua proximidade, e centenas e centenas de filhos, estas são as bênçãos que eu te peço.’ ‘Assim seja,’ disse Sankara repetindo as palavras que eu tinha proferido. Depois disto, a mãe do universo, a sustentadora de todas as coisas, que purifica todas as coisas, isto é, a esposa de Sarva, aquele vasto receptáculo de penitências, disse com uma alma controlada estas palavras para mim, 'O pujante Mahadeva te concedeu, ó impecável, um filho que se chamará Samva. Peça de mim também oito bênçãos que tu escolheres. Eu irei sem dúvida concedê-las para ti.’ Reverenciando-a com uma inclinação de minha cabeça, eu disse para ela, ó filho de Pandu, ‘Eu te peço falta de raiva contra os Brahmanas, benevolência de meu pai, cem filhos, os maiores prazeres, amor por minha família, a benevolência de minha mãe, a obtenção de paz e tranquilidade, e inteligência em todas as ações!'"

"Uma disse, 'Será exatamente assim, ó tu que possuis destreza e força iguais àquelas de um celestial. Eu nunca digo o que é falso. Tu terás dezesseis mil esposas. Teu amor por elas e o delas por ti também será ilimitado. De todos os teus parentes também, tu receberás a maior afeição. Teu corpo também será mais belo. Sete mil convidados se alimentarão diariamente no teu palácio.'"

"Vasudeva continuou, 'Tendo assim me concedido bênçãos, o deus e a deusa, ó Bharata, desapareceram com seus Ganas, ó irmão mais velho de Bhima. Todos aqueles fatos maravilhosos eu relatei integralmente, ó melhor dos reis, para aquele Brahmana de grande energia, isto é, Upamanyu (de quem eu tinha obtido o Diksha antes de adorar Mahadeva). Reverenciando o grande Deus, Upamanyu me disse estas palavras.'"

"Upamanyu disse, 'Não há divindade como Sarva. Não há fim ou refúgio como Sarva. Não há alguém que possa dar tantas ou semelhantes bênçãos sublimes. Não há alguém que seja igual a Ele em batalha.'"

16

"Upamanyu disse, 'Havia na era Krita, ó majestade, um Rishi célebre sob o nome de Tandi. Com grande devoção de coração ele adorou, com a ajuda de meditação-Yoga, o grande Deus por dez mil anos. Ouça-me enquanto eu te digo o fruto ou recompensa que ele colheu de tal devoção extraordinária. Ele conseguiu contemplar Mahadeva e o louvou por proferir alguns hinos. Pensando, com a ajuda de suas penitências, nele que é a Alma suprema e que é imutável e sem deterioração, Tandi ficou muito admirado e disse estas palavras, 'Eu procuro a proteção dele a quem os Sankhyas descrevem e os Yogins consideram como o Supremo, o Principal, o Purusha, Aquele que permeia todas as coisas, e o Mestre de todos os objetos existentes, dele que, os eruditos dizem, é a causa da criação e da destruição do universo; dele que é superior a todos os celestiais, aos Asuras, e aos Munis, dele que não tem nada superior, que é não nascido, que é o Senhor de todas as coisas, que não tem início nem fim, e que é dotado de força suprema, que é possuidor da maior bem-aventurança, e que é refulgente e impecável.' Depois que ele tinha dito estas palavras, Tandi viu à sua frente aquele oceano de penitências, aquela grande Divindade que é imutável e imperecível, que é sem comparação, que é inconcebível, que é eterna, e que é sem qualquer mudança, que é indivisível, que é completa, que é Brahma, que transcende todos os atributos, e que é dotada de atributos, que é o maior deleite dos Yogins, que é sem deterioração, que é chamado de Emancipação, que é o refúgio da Mente, de Indra, de Agni, do deus do vento, do universo inteiro, e do Avô Brahma; que não pode ser concebido pela Mente, que é sem mutação de qualquer tipo, que é puro, que pode ser apreendido somente pela compreensão e que é imaterial como a Mente; que é difícil de ser compreendido, que não pode ser medido, que é difícil de ser alcançado por pessoas de almas impuras, que é a origem do universo, e que transcende o universo e o atributo de escuridão; que é antigo, que é Purusha, que possui refulgência, e que é maior do que o maior. O Rishi Tandin, desejoso de ver a Ele que se fazendo dotado de ares vitais reside no que resulta disto, isto é, Jiva, na forma daquela refulgência que é chamada de Mente, passou muitos anos na prática de austeridades severas, e tendo conseguido contemplá-lo como a recompensa daquelas penitências, ele louvou o grande Deus nos seguintes termos.'"

"Tandi disse, 'Tu és o mais sagrado dos sagrados e o refúgio de tudo, ó principal de todos os seres dotados de inteligência. Tu és a energia mais feroz de todos os tipos de energia. Tu és a penitência mais austera de todas as penitências. Tu, ó pujante, és o generoso concessor de bênçãos. Tu és a Verdade suprema. Saudações para ti, ó tu de mil raios, e, ó refúgio de toda felicidade. Tu és o dador daquele Nirvana pelo qual, ó pujante, Yatis, temendo nascimento e morte, se esforçam tão arduamente. O Avô Brahma, ele de cem sacrifícios (Indra), Vishnu, os Viswadevas, os grandes Rishis, são incapazes de compreender a ti e a tua natureza real. Como então pessoas como nós podem esperar te compreender? De ti flui tudo. Sobre ti repousa tudo. Tu és chamado de Kala, tu és chamado de Purusha, tu és chamado de Brahma. Rishis celestes conhecedores

dos Puranas dizem que tu tens três corpos, isto é, aqueles relativos a Kalas, aqueles relativos a Purusha, e aqueles relativos a Brahma ou as três formas, a saber, Brahma, Vishnu e Rudra. Tu és Adhi-Purusha, (ocupando o corpo físico da cabeça aos pés) tu és Adhyatma (que ocupa o corpo interno), tu és Adhibhuta (elementos primordiais, olhos, ouvidos, etc.), e Adhi-Daivata (sol, lua, etc., que controlam os bhutas), tu és Adhi-loka (que ocupa os lokas), Adhi-Vijnanam (que ocupa o plano da consciência) e Adhi-Yajna (que dirige os sacrifícios residindo no coração dos jivas). Homens de sabedoria, quando eles conseguem conhecer a ti que resides neles mesmos e que és incapaz de ser conhecido pelos próprios deuses, se tornam livres de todos os vínculos e passam para um estado de existência que transcende toda tristeza. (Isto é, eles alcançam a Emancipação quando eles te vêem no firmamento dos seus próprios corações, ou conseguem identificar suas próprias almas contigo.) Aqueles que não desejam te conhecer, ó tu de grande pujança, têm que passar por inúmeros nascimentos e mortes. Tu és a porta do céu e da Emancipação. Tu és aquele que projeta todos os seres na existência e que os recolhe novamente em ti mesmo. Tu és o grande doador. Tu és céu, tu és Emancipação, tu és desejo (a semente da ação). Tu és cólera que inspira criaturas. Tu és Sattwa, tu és Rajas, tu és Tamas, tu és as regiões inferiores, e tu és as regiões superiores. Tu és o Avô Brahma, tu és Bhava, tu és Vishnu, tu és Skanda, tu és Indra, tu és Savitri, tu és Yama, tu és Varuna, Soma, tu és Dhatri, tu és Manu, tu és Vidhatri e tu és Kuvera, o Senhor dos tesouros. Tu és Terra, tu és Vento, tu és Água, tu és Agni, tu és Espaço, tu és a Fala, tu és a Compreensão, tu és Firmeza, tu és Inteligência, tu és as ações que as criaturas fazem, tu és Verdade, tu és Mentira, tu és existente e tu és inexistente. Tu és os sentidos, tu és aquilo que transcende Prakriti, tu és imutável. Tu és superior ao universo de objetos existentes, tu és superior ao universo de objetos inexistentes, tu és capaz de ser concebido, tu és incapaz de ser concebido. Aquilo que é o Brahman supremo, que é a maior entidade, que é o objetivo dos Sankhyas e dos Yogins, é, sem dúvida, idêntico a ti. Na verdade, eu fui recompensado por ti hoje por tu teres me concedido uma visão da tua forma. Eu alcancei o fim ao qual somente os justos alcançam. Eu fui recompensado com aquele fim que é solicitado por pessoas cujas compreensões estão purificadas pelo Conhecimento. Ai, tanto tempo eu estava imerso em Ignorância; por este longo período eu fui um tolo insensato, já que eu não tinha conhecimento de ti que és a Divindade Suprema, tu que és o único Ente eterno que pode ser conhecido somente por todas as pessoas dotadas de sabedoria. No decorrer de vidas inumeráveis eu finalmente consegui obter aquela Devoção por ti pela qual tu te revelaste para mim. Ó tu que estás sempre inclinado a estender tua graça àqueles que são devotados a ti. Aquele que consegue te conhecer está habilitado para desfrutar da imortalidade. Tu és aquele que é sempre um mistério para os deuses, os Asuras, e os ascetas. Brahman está oculto na caverna do coração. Os próprios ascetas não podem vê-lo ou conhecê-lo. Tu és aquela divindade pujante que é o fazedor de tudo e cuja face está virada para todas as direções. Tu és a Alma de todas as coisas, tu vês todas as coisas, tu permeias todas as coisas, e tu conheces todas as coisas. Tu fazes um corpo para ti mesmo, e carregas aquele corpo. Tu és um Ser incorporado. Tu desfrutas de um corpo, e tu és o refúgio de todas as criaturas incorporadas. Tu és o criador dos ares vitais, tu possuis os ares vitais, tu és

alguém que é dotado de ares vitais, tu és o dador dos ares vitais, e tu és o refúgio de todos os seres dotados de ares vitais. Tu és aquele Adhyatma que é o refúgio de todas as pessoas justas que são dedicadas à meditação-Yoga e conhecedoras da Alma e que estão desejosas de evitar renascimento. Na verdade, tu és aquele Senhor Supremo que é idêntico àquele refúgio. Tu és o dador para todas as criaturas dos fins que vêm a ser delas, repletos de felicidade ou miséria. Tu és aquele que ordena todos os seres criados ao nascimento e morte. Tu és o Senhor pujante que concede sucesso para Rishis coroados com sucesso com relação à realização de seus desejos. Tendo criado todos os mundos começando com Bhu (em seguida vêm Bhuva, Swah, Maha, Jana, Tapa, e Satya), junto com todos os habitantes do céu, tu sustentas e nutres eles todos, te distribuindo nas tuas Oito formas bem conhecidas. (As oito formas bem conhecidas de Mahadeva são Água, Fogo, Hotri, Sol, Lua, Espaço, Terra e Vento. Em sua forma de água ele é chamado de Bhava; naquela de fogo ele é chamado de Rudra; na de Hotri ele é chamado de Pasupati; na do Sol ele é chamado de Isana, na da Lua ele é chamado de Mahadeva; na de Espaço ele é chamado de Bhima; na de Terra, ele é chamado de Sarva; e na de vento ele é chamado de Ugra.) De ti flui tudo. Sobre ti se apóiam todas as coisas. Todas as coisas, além disso, desaparecem em ti. Tu és o único objeto que é Eterno. Tu és aquela região de Verdade a qual é procurada pelos justos e considerada por eles como a mais sublime. Tu és aquela cessação de existência individual que os Yogins procuram. Tu és aquela Unidade que é buscada pelas pessoas familiarizadas com a alma. Brahma e os Siddhas explanando os mantras te ocultaram em uma caverna para impedir as divindades e Asuras e seres humanos de te ver; (a caverna das Escrituras, ou textos difíceis). Embora tu residas no coração, contudo tu estás oculto. Por essa razão, entorpecidos por ti, divindades e Asuras e seres humanos são todos incapazes de te compreender, ó Bhava, realmente e em todos os teus detalhes. Para aquelas pessoas que conseguem te alcançar depois de terem se purificado pela devoção, tu mostras a ti mesmo por tua própria vontade, ó tu que resides em todos os corações. (Estas pessoas não têm que fazer quaisquer esforços extraordinários para te ver. Sua devoção é suficiente para te induzir a te mostrares para elas.) Por te conhecer alguém pode evitar morte e renascimento. Tu és o maior objeto de conhecimento. Por te conhecer nenhum objeto superior permanece para alguém conhecer. Tu és o objeto de conquista mais importante. A pessoa que é realmente sábia, por te alcançar, pensa que não há objetivo superior para alcançar. Por alcançar a ti que és extremamente sutil e que és o maior objeto de aquisição, o homem de sabedoria se torna imortal e imutável. Os seguidores do sistema Sankhya, bem familiarizados com sua própria filosofia e possuidores de um conhecimento dos atributos (de Sattwa, Rajas e Tamas) e daqueles chamados de tópicos de investigação, aqueles homens eruditos que transcendem o destrutível por obterem um conhecimento do sutil ou indestrutível, conseguem, por te conhecerem, se libertar de todos os vínculos. Pessoas conhecedoras dos Vedas te consideram como o único objeto de conhecimento, o qual tem sido explicado nos Vedantas. Estes homens, dedicados ao controle das respirações, sempre meditam em ti e finalmente entram em ti como seu fim mais sublime. No carro feito de Om, aqueles homens entram em Maheswara. Daquilo que é chamado de Devayana (o caminho das divindades, pelo qual os mortos alcançam o Sol) tu és a

porta chamada Aditya. Tu és, além disso, a porta chamada Chandramas, daquele que é chamado de Pitriyana (o caminho dos Pitris, pelo qual os mortos alcançam a Lua). Tu és Kashtha, tu és os pontos do horizonte, tu és o ano, e tu és os Yugas. Tua é a soberania dos céus, tua é a soberania da Terra, tu és as declinações do Norte e do Sul. O Avô Brahma antigamente proferiu teus louvores, ó tu que és chamado de Nilarohita (azul e vermelho), por recitar diversos hinos e te incitar a criar criaturas vivas. Brahmanas conhecedores dos Richs te louvam por proferirem Richs, te considerando como independente de todas as coisas e como desprovido de todas as formas. Adhyaryus, em sacrifícios, derramam libações, enquanto proferem Yajushes, em honra de ti que és o único objeto de conhecimento, de acordo com os três modos bem conhecidos; (isto é, os ritos inculcados nos Srutis; os métodos prescritos nos Smritis, e Dhyana ou meditação). Pessoas de compreensões purificadas, que estão familiarizadas com os Samans, te cantam com a ajuda de Samans. Aquelas pessoas regeneradas, também, que estão familiarizadas com os Atharvans, te louvam como Rita, como Verdade, como o mais Sublime, e como Brahma. Tu és a maior causa, de onde Sacrifício tem fluído. Tu és o Senhor, e tu és Supremo. A noite e o dia são teu sentido de audição e o sentido de visão. As quinzenas e meses são tua cabeça e braços. As estações são tua energia, penitências são tua paciência, e o ano é teu ânus, coxas e pés. Tu és Mrityu, tu és Yama, tu és Hutasana, tu és Kala, tu és dotado de rapidez a respeito da destruição, tu és a causa original do Tempo, e tu és o Tempo eterno. Tu és Chandramas e Aditya com todas as estrelas e planetas e a atmosfera que enche o espaço. Tu és a estrela-polar, tu és a constelação chamada de sete Rishis, tu és as sete regiões começando com Bhu. Tu és Pradhana e Mahat, tu és imanifesto, e tu és este mundo. Tu és o universo começando com Brahman e terminando com as formas mais inferiores de vegetação. Tu és o início ou a causa original de todas as criaturas. Tu és as oito Prakritis. (Com a Prakriti original, os sete começando com Mahat e Ahankara e contando os cinco Tanmatras.) Tu estás, além disso, acima das oito Prakritis. Tudo o que existe representa uma porção do teu Eu divino. Tu és aquela Felicidade suprema a qual também é Eterna. Tu és o fim que é alcançado por todas as coisas. Tu és aquela existência superior que é procurada pelos Justos. Tu és aquele estado que é livre de toda ansiedade. Tu és Brahman eterno! Tu és aquele estado mais sublime que constitui a meditação de pessoas versadas nas escrituras e nos Vedangas. Tu és o maior Kashtha, tu és o maior Kala. Tu és o maior Sucesso, e tu és o maior Refúgio. Tu és a maior Tranquilidade. Tu és a cessação de Existência. Por te alcançar, Yogins pensam que eles obtiveram o maior êxito que está aberto para eles. Tu és Contentamento, tu és Sucesso, tu és o Sruti, e tu és o Smriti. Tu és aquele Refúgio da Alma pelo qual os Yogins se esforçam, e tu és aquele Prapti indestrutível o qual homens de Conhecimento procuram. Tu és, sem dúvida, aquele Fim que têm em vista aquelas pessoas que estão habituadas a sacrifícios e que despejam libações sacrificais, impelidas por desejos específicos, e que fazem grandes doações em tais ocasiões. Tu és aquele Fim elevado que é procurado por pessoas que desgastam e ressecam seus corpos com penitências severas com recitações contínuas, com aqueles votos e jejuns rígidos e que pertencem às suas vidas tranquilas, e com outros meios de auto-aflição. Ó Eterno, tu és aquele Fim que é daqueles que estão desapegados de todas as coisas e que

têm renunciado a todas as ações. Tu, ó Eterno, és aquele Fim o qual é daqueles que estão desejosos de obter Emancipação do renascimento, que vivem em dissociação de todos os prazeres, e que desejam a aniquilação dos elementos Prakriti. Tu és aquele Fim sublime, ó ilustre, que é indescritível, que é imaculado, que é o único imutável, e que é daqueles que são devotados ao conhecimento e ciência. Estes são os cinco Fins que foram declarados nos Vedas e nas Escrituras e nos Puranas. É pela tua graça que pessoas alcançam aqueles Fins, ou, se elas fracassam em alcançá-los, é por tua graça ser negada para eles.' Foi dessa maneira que Tandi, que era uma vasta pilha de penitências, louvou Isana. E ele cantou também aquele Brahman sublime que foi cantado antigamente pelo próprio Criador (em honra de Mahadeva)."

"Upamanyu continuou, 'Assim elogiado por aquele proferidor de Brahma, isto é, Tandi, Mahadeva, aquela Divindade ilustre e pujante, que estava acompanhado por sua esposa Uma, disse estas palavras. Tandi em seguida tinha dito, 'Nem Brahma, nem Indra nem Vishnu, nem os Viswedevas, nem os grandes Rishis, te conhecem.' Satisfeito por isto, Siva disse as seguintes palavras.'"

"O santo disse, 'Tu serás indestrutível e eterno. Tu serás livre de toda tristeza. Grande fama será tua. Tu serás dotado de energia. Conhecimento espiritual será teu. Todos os Rishis irão te procurar, e teu filho, pela minha graça, se tornará o autor de Sutras, ó principal das pessoas regeneradas. Quais desejos teus eu concederei hoje? Diga-me, ó filho, quais são aqueles objetos que tu desejas.' Nisto, Tandi uniu suas mãos e disse. 'Ó Senhor, que minha devoção por ti seja constante.'"

"Upamanyu continuou, 'Tendo dado para Tandi estas bênçãos e tendo recebido as adorações das divindades e dos Rishis, a grande Divindade desapareceu. Quando a divindade ilustre, ó senhor dos Yadavas, desapareceu assim com todos os seus seguidores, o Rishi veio ao meu retiro e me disse tudo o que tinha acontecido a ele. Ouça, ó principal dos homens, todos aqueles nomes célebres (de Mahadeva) que Tandi disse para mim para teu êxito espiritual. O Avô recitou uma vez dez mil nomes que se aplicam a Mahadeva. Nas escrituras se encontram mil nomes daquela divindade ilustre. Estes nomes não são conhecidos por todos. Ó tu que transcendes a destruição, antigamente, o Avô Brahma proferiu estes nomes para adorar a Divindade de grande alma. Tendo-os adquirido pela graça do Avô, Tandi os comunicou para mim!'"

17

"Vasudeva disse, 'Concentrando sua mente, ó Yudhishthira, o Rishi regenerado Upamanyu, com mãos unidas em reverência proferiu este resumo dos nomes (que se aplicam a Mahadeva), começando desde o início.'"

"Upamanyu disse, 'Eu adorarei a grande Divindade que merece as adorações de todas as criaturas, por proferir aqueles nomes que são famosos por todos os mundos, alguns dos quais foram proferidos pelo Avô Brahma, alguns pelos Rishis,

e alguns que se encontram nos Vedas e nos Vedangas. Aqueles nomes têm sido aplicados (à grande Divindade) por pessoas que são eminentes. Aqueles nomes dele que são, além disso, verdadeiros e repletos de sucesso e que são capazes de realizar todos os propósitos os quais o proferidor possa ter em vista, foram aplicados a Mahadeva por Tandi depois de classificá-los do saber Védico com a ajuda de sua devoção. De fato, com aqueles nomes que foram proferidos por muitas pessoas de virtude bem conhecidas e por ascetas conhecedores de todos os princípios espirituais, eu adorarei ele que é o principal, que é o primeiro, que leva para o céu, que está pronto para conceder bênçãos para todas as criaturas, e que é auspicioso. Aqueles nomes têm sido ouvidos em todos os lugares no universo, tendo se difundido da região de Brahma (onde eles foram inventados originalmente). Todos eles estão repletos do elemento de Verdade. Com aqueles nomes eu adorarei ele que é Brahman Supremo, que tem sido declarado (para o universo) pelos Vedas, e que é Eterno. Eu agora te direi, ó chefe da linhagem de Yadu, aqueles nomes. Ouça-os com atenção absorta. Tu és um adorador devotado da Divindade Suprema. Cultue o ilustre Bhava, distinguindo-o acima de todas as divindades. E porque tu és devotado a ele, eu irei, portanto, recitar aqueles nomes em tua audição. Mahadeva é Brahman Eterno. Pessoas dotadas de Yoga e realizações de Yoga não podem conhecer, nem em cem anos, a glória e pujança da grande Divindade em sua totalidade. Na verdade, o início, meio ou fim de Mahadeva não podem ser compreendidos pelas próprias divindades. De fato, quando tal é o caso, quem, ó Madhava, poderia recitar os atributos de Mahadeva em sua totalidade? Apesar disso, eu irei, pela graça daquela Divindade ilustre e suprema de sabedoria perfeita, estendida a mim por causa da minha devoção por ele, narrar seus atributos como incorporados em um resumo de poucas palavras e letras. O Senhor Supremo não pode ser adorado por alguém se ele não concede sua permissão para o adorador. Com relação a mim mesmo, foi somente quando eu me tornei afortunado o suficiente para receber sua permissão que eu consegui adorá-lo. Eu indicarei somente uns poucos nomes daquela Divindade sublime que é sem nascimento e sem destruição, que é a causa original do universo, que é dotada da Alma mais sublime, e cuja origem é imanifesta. Ouça, ó Krishna, uns poucos nomes, que foram proferidos pelo próprio Brahma, daquele concessor de benefícios, aquela divindade adorável, aquele pujante que tem o universo como sua forma, e que possui sabedoria suprema. Estes nomes que eu narrarei são extraídos dos dez mil nomes que o grandioso Avô proferiu antigamente, como ghee é extraído de coalhos. Como o ouro representa a essência das montanhas rochosas, como o mel representa a essência das flores, como Manda representa o extrato do ghee, exatamente assim estes nomes foram extraídos e representam a essência daqueles dez mil nomes que foram proferidos pelo Avô Brahma. Este resumo de nomes é capaz de purificar de todos os pecados, por mais que hediondos. Ele possui o mesmo mérito que é atribuído aos quatro Vedas. Ele deve ser compreendido com atenção por aspirantes espirituais e gravado na memória. Estes nomes repletos de bem-aventurança, que levam ao adiantamento, destrutivos de Rakshasas, e grandes purificadores, devem ser dados somente para aquele que é devotado ao Senhor grandioso, para aquele que tem fé, para aquele que crê. Para quem não tem fé, para quem é cético, para quem não tem subjugado sua alma, eles nunca devem ser comunicados. Aquela

criatura, ó Krishna, que nutre malícia em direção ao ilustre Mahadeva que é a causa original de tudo, que é a Alma Suprema, e que é o Senhor grandioso, certamente tem que ir para o inferno com todos os seus antepassados anteriores e todos os seus filhos posteriores a ele. Este resumo de nomes que eu narrarei para ti é considerado como Yoga; (isto é, ele tem o mérito que é vinculado à Meditação ou Yoga). Ele é considerado como o objeto de meditação mais elevado. Ele é aquilo que alguém deve recitar constantemente como Japa. Ele é equivalente ao Conhecimento. Ele é o maior Mistério. Se alguém, mesmo durante seus últimos momentos, o recita ou o ouve recitado para ele, consegue chegar ao fim mais sublime. Ele é sagrado, ele é auspicioso, ele é repleto de todos os tipos de benefícios. Ele é a melhor de todas as coisas. Brahma, o Avô de todo o universo, tendo-o composto antigamente, designou para ele o lugar mais importante entre todos os hinos excelentes. Desde aquele tempo, este hino à grandeza e glória de Mahadeva de grande alma, que é mantido em grande estima por todas as divindades, veio a ser considerado como o rei de todos os hinos. Este rei de todos os hinos foi primeiro levado da região de Brahman para o céu, a região dos celestiais. Tandi então o obteve do céu. Por esta razão ele é conhecido como o hino composto por Tandi. Do céu Tandi o trouxe para a Terra. Ele é a mais auspiciosa de todas as coisas auspiciosas, e é capaz de purificar o coração de todos os pecados por mais que hediondos. Ó tu de braços poderosos, eu recitarei para ti este melhor de todos os hinos. Este hino se refere a ele que é o Veda dos Vedas, e o mais antigo de todos os objetos antigos, a ele que é a energia de todas as energias, e a penitência de todas as penitências; a ele que é a mais tranquila de todas as criaturas dotadas de tranquilidade, e que é o esplendor de todos os esplendores; a ele que é considerado como a mais controlada de todas as criaturas que são controladas, a ele que é a inteligência de todas as criaturas dotadas de inteligência; a ele que é considerado como a divindade de todas as divindades, e o Rishi de todos os Rishis; a ele que é considerado como o sacrifício de todos os sacrifícios e a mais auspiciosa de todas as coisas repletas de bem-aventurança; a ele que é o Rudra de todos os Rudras e a refulgência de todas as coisas dotadas de refulgência; a ele que é o Yogin de todos os Yogins, e a causa de todas as causas; a ele de quem todos os mundos começaram a existir, e para quem todos os mundos retornam quando eles cessam de existir; a ele que é a Alma de todas as criaturas existentes, e que é chamado de Hara de energia incomensurável. Ouça-me recitar aqueles mil e oito nomes do grande Sarva. Ouvindo aqueles nomes, ó principal de todos os homens, tu serás coroado com realização com relação a todos os teus desejos, 'Om! Tu és Imóvel, tu és Fixo, tu és Pujante, tu és Terrível, tu és o Principal, tu és concessor de bênçãos, e tu és Superior. Tu és a Alma de todas as criaturas, tu és célebre sobre todas as criaturas, tu és todas as coisas, tu és o Criador de tudo, e tu és Bhava. Tu és o portador de madeixas emaranhadas sobre tua cabeça. Tu usas peles de animais como tuas vestimentas. Tu usas um topete de cabelo emaranhado em tua cabeça como o pavão. Tu és aquele que tem o universo inteiro como teus membros; (Virat ou vasto ou Infinito). Tu és o Criador de todas as coisas. Tu és Hara por seres o destruidor de todas as coisas. Tu és aquele que tem olhos parecidos com aqueles da gazela. Tu és o destruidor de todas as criaturas. Tu és o desfrutador supremo de todas as coisas. Tu és aquela Pravritti de onde todas as ações fluem. Tu és

aquela Nivritti ou abstenção das ações. Tu és praticante de jejuns e votos (isto é, um asceta), tu és Eterno, tu és Imutável. Tu és aquele que reside em crematórios, tu és o possuidor dos seis atributos bem conhecidos de Domínio e o restante, tu resides no coração de todas as criaturas, tu és aquele que desfruta de todas as coisas com os sentidos, tu és o opressor de todas as criaturas pecaminosas. (Smasanu é ou um crematório, o lugar onde criaturas mortas jazem, ou pode significar Varanasi, a cidade sagrada de Siva, onde criaturas morrendo não têm que aceitar renascimento. Siva é um residente de crematórios e de Varanasi.) Tu és aquele que merece as saudações de todos, tu és de façanhas grandiosas, tu és aquele que tem penitências como sua riqueza, tu crias todos os elementos pela tua vontade, tu ocultas tua real natureza por assumires a aparência de um lunático. Tu és o Mestre de todos os mundos e de todas as criaturas vivas. Tu és de forma incomensurável, tu és de corpo vasto, tu és da forma da Justiça, tu és de grande fama, tu és de grande Alma, tu és a Alma de todas as criaturas, tu tens o universo como tua forma; (ou, o universo está manifestado em ti). Tu és de mandíbulas vastas (pois tu engoles o universo quando chega a hora da dissolução de todas as coisas). Tu és o protetor de todos os lokas (os mundos). Tu és a alma residindo no coração interno e como tal desprovida de ahamkara originado da ignorância, e una e indivisa; Tu és anandam (alegria). Tu és aquele cujo carro é carregado por mulas. Tu és aquele que protege Jiva do raio do renascimento. Tu és adorável. Tu és alcançado por pureza e autocontrole e votos. Tu és além disso o refúgio de todos os tipos de votos e observâncias incluindo pureza e autodomínio. (Por Niyama quer-se dizer pureza interna e externa, contentamento com o que quer que se obtenha, penitências, estudos Védicos, meditação sobre a Divindade, etc.) Tu és o artífice celeste que conhece todas as artes. Tu és Autocriado (pois ninguém te criou). Tu és o início de todas as coisas e criaturas. Tu és Hiranyagarbha, o Criador de todas as coisas. Tu és pujança e felicidade inesgotáveis. Tu tens cem olhos (ou inúmeros olhos por seres idêntico ao universo), tu tens olhos de imenso poder (porque o Passado e o Futuro são vistos por eles assim como o Presente). Tu és Soma; (a Lua ou o suco do Soma, isto é, as libações despejadas no fogo sacrifical). Tu és aquele que faz com que todas as criaturas justas assumam formas de glória para brilharem no firmamento. (Todas as pessoas justas se tornam corpos luminosos no firmamento. É Mahadeva que as faz assim, isto é, ele é o dador de formas gloriosas para aqueles que as merecem). Tu és Chandramas, tu és Surya, tu és o planeta Saturno, tu és o nodo descendente (da lua), tu és o nodo ascendente (Rahu), tu és Mangala (Marte, assim chamado por sua malevolência), e tu és Vrihaspati (Júpiter) e Sukra (Vênus, que na mitologia Hindu é uma pessoa masculina, o preceptor dos Daityas e Asuras), tu és Vudha (Mercúrio), tu és o devoto da esposa de Atri, tu és aquele que disparou sua flecha em cólera no Sacrifício quando o Sacrifício fugiu dele na forma de um veado. Tu és impecável. Tu és possuidor de penitências que te conferiram o poder de criar o universo. Tu és possuidor de penitências que te tornaram capaz de destruir o universo. Tu és de magnânimo (por causa da tua grande generosidade em direção aos teus devotos). Tu satisfazes os desejos de todos os que se submetem a ti. Tu és o criador do ano (pois és tu que colocas a roda do Tempo em movimento, por assumires a forma do sol e dos planetas). Tu és Mantra (na forma do Pranava e outras palavras e sílabas sagradas). Tu és a

autoridade para todas as ações (na forma dos Vedas e das escrituras). Tu és a maior Penitência. Tu és dedicado ao Yoga. Tu és aquele que se funde em Brahman (por abstração-Yoga). Tu és a grande semente (sendo a causa das causas). Tu és o expositor do que é imanifesto na forma manifesta na qual o universo existe. Tu és possuidor de poder infinito. Tu és aquele cuja semente é ouro. (A princípio ele criou água e então lançou sua semente nela. Aquela semente se tornou um ovo dourado. Isto também pode significar que Mahadeva é Agni ou a divindade do fogo, pois o ouro representa a semente de Agni.) Tu és onisciente, (sendo como és todas as coisas e o grande conhecedor). Tu és a causa de todas as coisas. Tu és aquele que tem a semente de ações (isto é, ignorância e desejo) como os meios de viajar deste mundo para o outro e do outro para este. (O sentido é este: Jiva carrega aquela semente das ações, ou seja, Ignorância e Desejo, com ele. Por causa desta semente, Jiva viaja de um mundo para outro incessantemente. Esta semente, portanto, é o transporte ou os meios de locomoção de Jiva. Mahadeva é Jiva. A alma é chamada de motorista, e o corpo é o carro que leva a Alma nele.) Tu tens dez braços. Tu tens olhos que não piscam (pois tu vês em todos os momentos). Tu tens uma garganta azul (por teres em tua garganta o veneno que se ergueu após o batimento do oceano e o qual, se não fosse assim mantido, era capaz de destruir o universo). Tu és o Marido de Uma. Tu és a origem de todas as formas infinitas que se encontram no universo. Tu és aquele cuja superioridade é devida a ti mesmo. Tu és um herói em poder (por teres realizado feitos grandiosos tais como a destruição rápida da cidade tripla dos Asuras). Tu és matéria inerte (a qual não pode se mover a menos que coexista com a alma). Tu és todos os tattwas (assuntos de investigação como contados pelos Sankhyas). Tu és o ordenador e soberano dos tattwas. Tu és o chefe daqueles seres que te servem e que são chamados de Ganas. (Este completa os primeiros cem nomes.) Tu cobres o espaço infinito. (Digvasas significa nu. Os Puranas dizem que para espantar as esposas de certos ascetas Mahadeva ficou nu em uma ocasião. O verdadeiro significado, no entanto, é que ele é capaz de cobrir e realmente cobre até o espaço infinito. No sentido de nu, a palavra significa alguém que tem o espaço vazio como sua cobertura ou vestimentas.) Tu és Kama, o Deus do Desejo. Tu és conhecedor dos Mantras (no sentido do conhecimento ser tua penitência em vez de austeridades físicas reais). Tu és o Mantra mais elevado pois tu és aquela filosofia a qual consiste na averiguação da natureza e dos atributos da alma (e suas diferenças do não-Alma). Tu és a causa do universo (já que tudo o que existe surgiu da tua Alma). Tu és o destruidor universal (pois tudo o que cessa de existir imerge em ti que és como o Brahman imanifesto). Tu levas em uma das tuas mãos a cabaça, e em outra tu seguras o arco; em outra mão tu levas as flechas e em outra tu levas uma caveira. Tu carregas o raio. Tu estás armado com o matador de cem (Sataghni). Tu estás armado com a espada. Tu portas o machado de batalha. Tu estás armado com o Sula (tridente). Tu és adorável. Tu seguras a concha sacrifical em uma das tuas mãos. Tu tens uma bela forma. Tu és dotado de energia abundante. Tu dás na medida mais generosa tudo o que tende a adornar aqueles que são devotados a ti. Tu usas um turbante em tua cabeça. Tu és de rosto belo. Tu és aquele que cresce com esplendor e pujança. Tu és aquele que é humilhe e modesto. Tu és extremamente alto. Tu és aquele que tem os sentidos como teus raios; (ou seja,

alguém que revela todos os objetos perante a alma através das portas dos sentidos. Mahadeva é aquele por cuja força a mente consegue adquirir conhecimento através dos sentidos). Tu és o maior dos preceptores. Tu és Brahman Supremo (sendo um estado de pura existência venturosa). Tu és aquele que tomou a forma de um chacal (para consolar o Brahmana que, quando insultado por um Vaisya rico, tinha resolvido cometer suicídio). Tu és aquele cujos objetivos são todos coroados com realização, por si mesmos e sem esperarem pela força (derivável de penitências). Tu és alguém que tem uma cabeça calva (como o símbolo da classe mendicante). Tu és alguém que faz o bem para todas as criaturas. Tu és não nascido. Tu tens inúmeras formas. Tu levas todos os tipos de fragrância em teu corpo. Os cabelos emaranhados em tua cabeça tinham absorvido o rio Ganga quando ele primeiro caiu do céu (embora eles tenham distribuído novamente as águas pelas intensas solicitações do rei Bhagiratha). Tu és o concessor de soberania e domínio. Tu és um Brahmacharin que nunca abandonou o voto rígido de continência. Tu és distinguido por tua abstinência sexual. Tu sempre deitas sobre tuas costas. Tu tens tua residência na Força. Tu tens três tufos de cabelos emaranhados em tua cabeça. Tu és aquele que está vestido em trapos. Tu és Rudra (por tua ferocidade). Tu és o generalíssimo celeste, e tu permeias a tudo. Tu és aquele que se move durante o dia. Tu és aquele que se move à noite. (É dito que as divindades se movem de dia, enquanto os Asuras e Rakshasas durante a noite.) Tu és de cólera feroz. Tu és possuidor de refulgência deslumbrante (nascida de estudo Védico e penitências). Tu és o matador do poderoso Asura que chegou na forma de um elefante enfurecido para destruir tua cidade sagrada de Varanasi. Tu és o matador dos Daityas que se tornam os opressores do universo. Tu és Kala ou Tempo que é o destruidor universal. Tu és o ordenador supremo do universo. Tu és uma mina de realizações excelentes. Tu és da forma do leão e do tigre. Tu és aquele que está vestido na pele de um elefante. Tu és o Yogin que engana o Tempo por transcender sua influência irresistível. Tu és o som original. (O som se torna perceptível somente quando manifestado. Quando ele está imanifestado e jazendo no útero do espaço eterno crê-se que ele tem uma existência.) Tu és a realização de todos os desejos. Tu és aquele que é adorado de quatro maneiras (que são Visva, Taijasa, Prajna, e Sivadhyana). Tu és um viajante noturno (como Vetala e outros). Tu és aquele que vaga na companhia de espíritos. Tu és aquele que vaga na companhia de seres fantasmais. Tu és o Senhor Supremo até de Indra e dos outros celestiais. Tu és aquele que se multiplicou infinitamente na forma de todas as coisas existentes e inexistentes. Tu és o sustentador de Mahat e de todas as inúmeras combinações dos cinco elementos primordiais. Tu és a Ignorância primeva ou Tamas que é conhecida pelo nome de Rahu. Tu és sem medida e por isso infinito. Tu és o Fim supremo que é alcançado pelo Emancipado. Tu gostas muito de dança. Tu és aquele que está sempre ocupado em dançar. Tu és aquele que faz outros dançarem. Tu és o amigo do universo. Tu és aquele cujo aspecto é calmo e brando. Tu és dotado de penitências fortes o suficiente para criar e destruir o universo. Tu és aquele que amarra todas as criaturas com os laços da tua ilusão. Tu és aquele que transcende a destruição. Tu és aquele que mora no monte Kailasa. Tu transcendes todos os vínculos e és independente em relação a todas as coisas, como Espaço. Tu possuis mil braços. Tu és vitória. Tu és aquela

perseverança que é a causa do sucesso ou vitória. Tu és sem ociosidade ou procrastinação que interfere com a atividade perseverante. Tu és intrépido. Tu és temor. Tu és aquele que colocou um fim no sacrifício de Vali. (Isto também pode significar que tu és chamado de Buddha que pregou contra todos os sacrifícios.) Tu realizas os desejos de todos os teus devotos. Tu és o destruidor do sacrifício de Daksha. Tu és amável. Tu és levemente amável. Tu és extremamente feroz e privas todas as criaturas de sua energia. Tu és o matador do Asura Vala. Tu és sempre alegre. Tu és da forma de riqueza que é cobiçada por todos. Tu nunca foste derrotado. (O comentador explica que a derrota de Mahadeva pelas mãos de Krishna na cidade de Vana foi devido à bondade de Mahadeva por Krishna, assim como Krishna quebrou seu próprio voto de nunca pegar em armas na batalha de Kurukshetra para honrar seu devoto Bhishma que tinha jurado que iria obrigar Krishna a pegar em armas.) Não há ninguém mais adorável do que tu. Tu és aquele que profere bramidos profundos (na forma de Oceano). Tu és aquilo que é tão profundo que ninguém pode medi-lo (porque tu és da forma de espaço). Tu és aquele cuja força e o poder de cujos companheiros e do touro nunca foram medidos por ninguém. Tu és a árvore do mundo (cujas raízes se estendem para cima e os ramos pendem para baixo). Tu és a banian (figueira-de-bengala). (Quando chega a destruição universal e tudo se torna uma imensa extensão de água, lá aparece uma árvore banian sob cuja sombra o Rishi imortal Markandeya vê um menino que é Mahavishnu.) Tu és aquele que dorme em (forma humana sobre) uma folha quando o universo, depois da dissolução, se torna uma extensão infinita de água. Tu és aquele que mostra compaixão por todos os devotos assumindo, como te agrada, a forma de Hari ou Hara ou Ganesa ou Arka ou Agni ou Vento, etc. Tu és possuidor de dentes que são extremamente afiados (já que tu és capaz de mastigar inúmeros mundos assim como alguém masca nozes e as engole rapidamente). Tu és de dimensões vastas em relação às tuas formas. Tu és possuidor de uma boca que é vasta o suficiente para engolir o universo de uma vez só. Tu és aquele cujas tropas são adoradas em todos os lugares. (Isto também pode significar que tu és aquele à cuja aproximação todas as tropas Daitya fugiram em todas as direções.) Tu és aquele que dissipou todos os temores das divindades quando o príncipe dos elefantes teve que ser capturado. Tu és a semente do universo. Tu és aquele que tem como seu veículo o mesmo touro que forma além disso o emblema em seu estandarte em batalha. Tu tens Agni como tua alma. Tu és Surya que tem corcéis verdes unidos ao seu carro. Tu és o amigo de Jiva. Tu és aquele que está familiarizado com o tempo apropriado para a realização de todas ações religiosas. Tu és aquele para quem Vishnu prestou suas adorações (para obter seu famoso disco). Tu és o sacrifício estando na forma de Vishnu. Tu és o oceano. Tu és a cabeça da Égua Barabanala que vagueia dentro do oceano, incessantemente vomitando fogo e bebendo as águas salinas como se elas fossem manteiga sacrifical. Tu és Vento, o amigo de Agni. Tu és de alma tranquila como o oceano quando em repouso e não agitado pela brisa mais suave. Tu és Agni que bebe as libações de manteiga clarificada despejadas em sacrifícios com a ajuda de Mantras. Tu és aquele de quem é difícil se aproximar. Tu és aquele cuja refulgência se espalha sobre o universo infinito. Tu és sempre habilidoso em batalha. Tu conheces bem a época quando alguém deve se envolver em combate para que a vitória possa ser alcançada. Tu és aquela ciência

que trata dos movimentos dos corpos celestes. Tu és da forma do sucesso ou vitória. Tu és aquele cujo corpo é o Tempo (pois teu corpo nunca está sujeito à destruição). Tu és um chefe de família pois tu usas um tufo de cabelo em tua cabeça. Tu és um Sannyasin pois tua cabeça é calva. Tu usas cabelos emaranhados em tua cabeça (sendo, como és, um Vanaprastha, um asceta da floresta). Tu és distinguido por teus raios ardentes (pois o caminho refulgente pelo qual os justos procedem é idêntico a ti). Tu és aquele que aparece no firmamento no coração envolvido no corpo de todas as criaturas. (Brahman é sentido por todos no firmamento de seu próprio coração. Mahadeva, como idêntico a Brahman, está manifestado no coração que está dentro do invólucro físico. Por esta razão pode ser dito que ele que toma nascimento ou aparece em sua refulgência dentro do corpo de todos.) Tu és aquele que entra no crânio (cérebro) de toda criatura. Tu levas as rugas da idade. Tu carregas a flauta de bambu. Tu tens também o tambor. Tu carregas o instrumento musical chamado Tali. Tu tens o recipiente de madeira usado para descascar grãos. Tu és aquele que cobre aquela ilusão a qual cobre Yama. (Kala é Yama. Ele está coberto com a ilusão da Divindade Suprema. Toda esta cobertura ilusória, além disso, tem a Divindade Suprema como sua cobertura. Tu és aquela Divindade Suprema.) Tu és um astrólogo visto que tua compreensão está sempre dirigida para o movimento da roda do tempo que é composta dos corpos luminosos no firmamento. Tu és Jiva cuja compreensão é dirigida para coisas que são o resultado dos atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas. Tu és aquilo no qual todas as coisas são absorvidas quando a dissolução as alcança. Tu és estável e fixo, não havendo nada em ti que esteja sujeito à mudança ou mutação de qualquer tipo. Tu és o Senhor de todas as criaturas. Teus braços se estendem por todo o vasto universo. Tu estás manifestado em inúmeras formas que são somente frações de ti mesmo. Tu permeias todas as coisas. Tu és aquele que não tem boca (pois tu não desfrutas dos objetos da tua própria criação). Tu és aquele que liberta as criaturas dos laços do mundo. Tu és facilmente alcançável; (ou tu és aquele que protege bem o universo). Tu és aquele que se manifestou com uma armadura dourada. (A armadura dourada sendo a ilusão da Divindade Suprema por causa da qual o universo veio a ser manifestado.) Tu és aquele que aparece no emblema fálico. Tu és aquele que vaga nas florestas em busca de aves e animais. Tu és aquele que vaga sobre a Terra. Tu és aquele que é onipresente. Tu és o clangor que é produzido por todas as trombetas sopradas nos três mundos. Tu és aquele que tem todas as criaturas como seus parentes (Pasupati). Tu és da forma de uma cobra (pois tu és idêntico ao poderoso Naga chamado Sesha). Tu és aquele que vive em cavernas de montanha (como Jaigishavya), ou algum outro Yogin. Tu és idêntico a Guha (o generalíssimo celeste). Tu usas guirlandas de flores. Tu és aquele que desfruta da felicidade que surge da posse de objetos mundanos. (Tu és aquele que está familiarizado com as ondas, ou seja, com as alegrias ou prazeres que resultam da posse ou prazer de coisas mundanas, pois tais alegrias podem realmente ser comparadas a ondas que aparecem e desaparecem na superfície do mar ou oceano da Eternidade.) Tu és aquele de quem todas as criaturas têm derivado seus três estados de nascimento, existência, e destruição. Tu és aquele que sustém todas coisas que existem ou se encontram nos três períodos de tempo, isto é, no Passado, no Presente, e no Futuro. Tu és aquele

que liberta as criaturas dos efeitos de todas as ações pertencentes às vidas anteriores assim como daquelas realizadas na vida atual, e de todos os laços devidos à Ignorância e Desejo. Tu és aquele que é o atador dos chefes Asura. (Isto se refere à forma de Vishnu da Divindade Suprema na qual ele atou Vali, o chefe dos Asuras. A forma plural se refere aos sucessivos Kalpas.) Tu és aquele que é o matador de inimigos em combate. Tu és aquele que é alcançável somente pelo conhecimento. Tu és Durvasas. Tu és aquele que é servido e adorado por todos os justos. Tu és aquele que causa a queda até mesmo de Brahma e outros. Tu és aquele que dá para todas as criaturas a justa parte de alegria e dor que cada uma merece de acordo com suas próprias ações. Tu és aquele que é incomparável. Tu conheces bem as porções que são dadas e apropriadas em sacrifícios; (isto é, tu és aquele que conheces bem o ritual dos sacrifícios). Tu resides em todos os lugares. Tu vagas em todos os lugares. Tu és aquele que tem trajes pobres; (ou isto pode significar que tu és aquele que não tem vestimentas, pois nenhum traje pode cobrir teus vastos membros). Tu és Vasava. Tu és imortal. Tu és idêntico às montanhas Himavat. Tu és o criador do ouro puro. Tu és sem ações. Tu conservas em ti mesmo os resultados de todas as ações. Tu és a principal de todas as criaturas que são consideradas como sustentadoras. (Aqueles que sustentam outros são, por exemplo, os elefantes que permanecem nos diferentes pontos do horizonte, a cobra Sesha, etc. O que é dito aqui é que tu és o melhor de todos esses ou de tais seres.) Tu és aquele que tem olhos sangrentos. Tu és aquele que tem olhos cuja visão se estende sobre o universo infinito. Tu és aquele que tem um carro cujas rodas são sempre vitoriosas. Tu és aquele que possui uma vasta erudição. Tu és aquele que aceita teus devotos como teus servos. Tu és aquele que reprime e subjuga teus sentidos. Tu és aquele que age. Tu usas roupas cuja urdidura e tecido são feitos de cobras. Tu és Supremo. Tu és aquele que é o mais inferior dos celestiais. (O sentido é que tu és Vishnu que é o principal dos celestiais e tu és Agni que é o mais baixo dos celestiais; isto é, tu és todos os celestiais.) Tu és aquele que é bem desenvolvido. Tu possuis o instrumento musical chamado Kahala. Tu és o concessor de todos os desejos. Tu és a encarnação da graça em todos os três períodos de Tempo, isto é, no Passado, no Presente, e no Futuro. Tu és possuidor de poder que é sempre bem usado. Tu és aquele que assumiu a forma de Valarama (o irmão mais velho de Krishna). Tu és a principal de todas as coisas serenas, sendo Emancipação ou o mais sublime de todos os fins aos quais criaturas alcançam. Tu és o dador de todas as coisas. Teu rosto está virado para todas as direções. Tu és aquele de quem diversas criaturas têm surgido assim como todas as formas têm surgido do espaço ou são modificações daquele elemento primordial. Tu és aquele que cai dentro da cova chamada corpo. (O corpo é por assim dizer uma cova na qual a alma cai, determinada por Desejo e Ignorância.) Tu és aquele que está desamparado (pois, caindo na cova constituída pelo corpo, tu não podes transcender a tristeza que é tua sina). Tu resides no firmamento do coração. Tu és extremamente feroz em forma. Tu és a Divindade chamada Ansu. Tu és o companheiro de Ansu e és chamado de Aditya. Tu possuis raios incontáveis. Tu és dotado de esplendor deslumbrante. Tu tens a velocidade do Vento. Tu és possuidor de velocidade que é maior do que a do Vento. Tu possuis a velocidade da mente. Tu és Nishachara porque tu desfrutas de todas as coisas, estando

envolvido em Ignorância. (Nisachara é alguém agindo através de nisa, ou Avidya, isto é, alguém que desfruta de todos os objetos, implicando Jiva envolvido em Ignorância.) Tu resides em todos os corpos. Tu vives com Prosperidade como tua companheira. Tu és aquele que dá conhecimento e instrução. Tu és aquele que dá instrução em silêncio completo. Tu és aquele que cumpre o voto de taciturnidade (pois tu instruis em silêncio). Tu és aquele que vai além do corpo, olhando para a alma. (A Alma pode olhar a Alma ou a si mesma, se ela puder transcender o corpo com a ajuda de Yoga.) Tu és aquele que é bem adorado. Tu és o dador de milhares (já que o senhor de todos os tesouros derivou aqueles seus tesouros de ti). Tu és o príncipe das aves, (sendo Garuda, o filho de Vinata e Kasyapa). Tu és o amigo que dá ajuda. Tu possuis refulgência excessiva (pois teu esplendor é como aquele de um milhão sóis surgidos juntos). Tu és o Mestre de todos os seres criados. Tu és aquele que provoca os apetites. Tu és a divindade do Desejo. Tu és da forma de mulheres encantadoras que são cobiçadas por todos. Tu és a árvore do mundo. Tu és o Senhor dos Tesouros. Tu és o dador de fama. Tu és a Divindade que distribui para todas as criaturas os frutos (na forma de alegrias e dores) de suas ações. Tu mesmo és aqueles frutos os quais tu distribuis. Tu és o mais antigo (tendo existido desde um tempo quando não havia outra coisa existente). Tu és competente para cobrir com um único passo teu todos os três mundos. Tu és Vamana (o anão) que enganou o Asura chefe Vali (e privando-o de sua soberania a devolveu para Indra). Tu és o Yogin coroado com sucesso (como Sanatkumara e outros). Tu és um grande Rishi (como Vasishtha e outros). Tu és alguém cujos objetivos são sempre coroados com êxito (como Rishava ou Dattatreya). Tu és um Sannyasin (como Yajnavalkya e outros). Tu és aquele está adornado com os símbolos da classe mendicante. Tu és aquele que está sem tais símbolos. (O comentador explica que a primeira palavra significa que tu és Hansa e que a segunda palavra significa que tu és Paramahansa.) Tu és aquele que transcende os costumes da classe mendicante. Tu és aquele que protege todas as criaturas de todo tipo de medo. Tu és sem quaisquer emoções em ti mesmo (de modo que glória e humilhação são iguais para ti). Tu és aquele que é chamado de generalíssimo celeste. Tu és aquele Visakha que surgiu do corpo do generalíssimo celeste quando Indra arremessou seu raio nele. Tu és conhecedor dos sessenta tattwas ou tópicos de investigação no universo. Tu és o Senhor dos sentidos (pois estes realizam suas respectivas funções guiados por ti). Tu és aquele que está armado com o raio (e que racha as montanhas). Tu és infinito. Tu és aquele que entorpece as tropas Daitya no campo de batalha. Tu és aquele que move seu carro em círculos entre suas próprias tropas e que faz círculos similares entre as tropas de seus inimigos e que retorna são e salvo de depois devastá-las. Tu és aquele que está familiarizado com a mais baixa profundidade do oceano do mundo (por teu conhecimento de Brahman). Tu és aquele chamado Madhu (que fundou a linhagem na qual Krishna nasceu). Tu tens olhos cuja cor parece com aquela do mel. Tu és aquele que tomou nascimento depois de Vrihaspati. Tu és aquele que faz as ações as quais os Adhyaryus têm que fazer em sacrifícios. Tu és aquele que é sempre adorado pelas pessoas quaisquer que sejam seus modos de vida. Tu és devotado a Brahman. Tu vagas entre as habitações dos homens no mundo (por tu seres um mendicante). Tu és aquele que permeia todos os seres. Tu és aquele que está familiarizado com a verdade. Tu conheces e guias todos os

corações. Tu és aquele que cobre o universo inteiro. Tu és aquele que reúne ou armazena as ações boas e más de todas as criaturas a fim de lhes conceder os resultados delas. Tu és aquele que vive mesmo durante a noite que se segue à dissolução universal. Tu és o protetor manejando o arco chamado Pinaka. Tu resides até nos Daityas que são os alvos nos quais tu atiras tuas setas. Tu és o criador da prosperidade. Tu és o poderoso macaco Hanuman que ajudou Vishnu na encarnação de Rama em sua expedição contra Ravana. Tu és o senhor poderoso daqueles Ganas que são teus companheiros. Tu és cada membro daqueles diversos Ganas. Tu és aquele que alegra todas as criaturas. Tu és o aumentador das alegrias de todos; (ou também aquele que retira ou recolhe as alegrias previamente concedidas). Tu tiras a soberania e prosperidade até de seres importantes tais como Indra e outros. Tu és o matador universal na forma de Morte. Tu és aquele que reside nos sessenta e quatro Kalas. Tu és muito grande. Tu és o Avô (sendo o pai do grande pai de todos). Tu és o emblema fálico supremo que é adorado pelas divindades e Asuras. Tu tens feições agradáveis e belas. Tu és aquele que preside sobre a variedade de evidências e tendências para ação e inação. Tu és o senhor da visão. Tu és o Senhor do Yoga (por recolheres todos os sentidos no coração e combiná-los juntos naquele local). Tu és aquele que sustém a Krita e as outras eras (por fazê-las seguirem incessantemente). Tu és o Senhor das sementes (por seres o dador dos frutos de todas as ações boas e más). Tu és a causa original de tais sementes. Tu ages das maneiras que são indicadas nas escrituras iniciando com aquelas que tratam da Alma. Tu és aquele em quem reside o poder e os outros atributos. Tu és o Mahabharata e outras histórias do tipo. Tu és os tratados chamados Mimansa. Tu és Gautama (o fundador da ciência de dialética). Tu és o autor do grande tratado sobre Gramática que recebeu o nome da Lua. Tu és aquele que castiga seus inimigos. Tu és aquele a quem ninguém pode castigar. Tu és aquele que é sincero a respeito de todas as suas ações e observâncias religiosas. Tu és aquele que se torna obediente àqueles que são devotados a ti. Tu és aquele que é capaz de reduzir outros à submissão. Tu és aquele que fomenta brigas entre as divindades e os Asuras. Tu és aquele que criou os quatorze mundos (começando com Bhu). Tu és o protetor e cuidador de todos os Seres começando com Brahma e terminando com as formas inferiores de vida vegetal (como grama e palha). Tu és o Criador até dos cinco elementos originais. Tu és aquele que nunca desfruta de algo (pois tu és sempre independente). Tu és livre de deterioração. Tu és a forma de felicidade mais sublime. Tu és uma divindade orgulhosa de seu poder. Tu és Sakra. Tu és a punição que é citada em tratados sobre moralidade e que é infligida sobre transgressores. Tu és da forma daquela tirania que prevalece no mundo. Tu és de Alma pura. Tu és imaculado (estando acima de todos os tipos de imperfeições). Tu és digno de adoração. Tu és o mundo que aparece e desaparece incessantemente. Tu és aquele cuja graça é da medida mais ampla. Tu és aquele que tem bons sonhos. Tu és um espelho no qual o universo está refletido. Tu és aquele que subjugou todos os inimigos internos e externos. Tu és o criador dos Vedas. Tu és o criador daquelas declarações que estão contidas nos Tantras e nos Puranas e que estão incorporadas em linguagem que é humana. (A linguagem do Veda é divina. Aquela das escrituras é humana.) Tu és possuidor de grande erudição. Tu és o opressor de inimigos em batalha. Tu és aquele que

reside nas nuvens terríveis que aparecem na época da dissolução universal. Tu és o mais terrível (por causa da dissolução do universo que tu ocasionas). Tu és aquele que consegue subjugar todas as pessoas e todas as coisas. Tu és o grande Destruidor. Tu és aquele que tem fogo como sua energia. Tu és aquele cuja energia é mais poderosa do que o fogo. Tu és aquele fogo-Yuga que consome todas as coisas. Tu és aquele que é capaz de ser satisfeito por meio de libações sacrificais. Tu és água e outros líquidos que são derramados em sacrifícios com a ajuda de Mantras. Tu estás na forma da Divindade da Justiça, o distribuidor dos resultados que se vinculam às ações boas e más. Tu és o concessor de felicidade. Tu estás sempre dotado de esplendor. Tu és da forma do fogo. Tu és da cor da esmeralda. Tu estás sempre presente no emblema fálico. Tu és a fonte de bem-aventurança. Tu não podes ser frustrado por algo na execução de teus objetivos. Tu és o concessor de bênçãos. Tu és da forma da bem-aventurança. Tu és aquele para quem é dada uma parte das oferendas sacrificais. Tu és aquele que distribui para cada um sua parte daquilo que é oferecido em sacrifícios. Tu és dotado de grande velocidade. Tu és aquele que está dissociado de todas as coisas. Tu és aquele que é possuidor do membro mais poderoso. Tu és aquele que está ocupado na ação de geração. Tu tens uma cor escura, (na forma de Vishnu). Tu tens uma cor branca (na forma de Samva, o filho de Krishna). Tu és os sentidos de todas as criaturas incorporadas. Tu és possuidor de pés vastos. Tu tens mãos vastas. Tu és de corpo vasto. Tu és dotado de fama amplamente expandida. Tu tens uma cabeça vasta. Tu és de medidas amplas. Tu és de visão ampla. Tu és o lar da escuridão da ignorância. Tu és o Destruidor do Destruidor. Tu és possuidor de orelhas vastas. Tu tens lábios vastos. Tu és aquele que tem bochechas vastas. Tu tens um nariz vasto. Tu tens uma vasta garganta. Tu tens um pescoço vasto. Tu és aquele que rompe o vínculo do corpo; (ou seja, que consegue efetuar sua Emancipação). Tu tens um peito vasto. Tu tens um tórax vasto. Tu és a alma interna que reside em todas as criaturas. Tu tens um veado em teu colo. Tu és aquele de quem inúmeros mundos pendem como frutos pendendo de uma árvore. Tu és aquele que estica seus lábios no tempo da dissolução universal para engolir o universo. Tu és o oceano de leite. Tu tens dentes vastos. Tu tens mandíbulas vastas. Tu tens um pêlo vasto. (Mahanakha se refere à encarnação de Narasingha ou o Homem-leão assumida para matar o Daitya Hiranyakasipu, o pai de Prahlada. Maharoman se refere à forma do poderoso ou vasto Javali que a Divindade Suprema assumiu para erguer em suas presas a Terra submersa.) Tu tens cabelos de comprimento infinito. Tu tens um estômago vasto. Tu tens madeixas emaranhadas de comprimento vasto. Tu estás sempre alegre. Tu és da forma da graça. Tu és da forma da crença. Tu és aquele que tem montanhas como seu arco (ou armas em batalha). Tu és aquele que é cheio de afeição por todas as criaturas como um pai por sua prole. Tu és aquele que não tem afeição. Tu és invicto. Tu és extremamente dedicado à contemplação (Yoga). Tu és da forma da árvore do mundo. (Como o mundo tem sido comparado a uma árvore foi explicado nas seções Moksha do Santi Parvan.) Tu és aquele que é indicado pela árvore do mundo. (Isto é explicado no sentido de ninguém ser capaz de perguntar sobre Brahman a menos que ele tenha um corpo, por mais que sutil, com os sentidos e compreensão necessários. Isto pode também significar que a árvore do mundo fornece evidência da existência da Divindade

Suprema.) Tu nunca estás saciado quando comendo (por seres da forma do fogo, pois de todos os elementos, o fogo nunca está saciado com a quantidade oferecida a ele para consumo). Tu és aquele que tem o Vento como seu veículo para ir de lugar para lugar (por tua identidade com o fogo). Tu és aquele que vaga sobre colinas e pequenos cumes. Tu és aquele que tem sua residência nas montanhas de Meru. Tu és o chefe dos celestiais. Tu tens os Atharvans como tua cabeça. Tu tens os Samans como tua boca. Tu tens os mil Richs como teus olhos incomensuráveis. Tu tens os Yajushes como teus pés e mãos. Tu és os Upanishads. Tu és o corpo inteiro de rituais (que se encontram nas escrituras). Tu és tudo o que é móvel. Tu és aquele cujas solicitações nunca são não realizadas. Tu és aquele que está sempre inclinado à benevolência. Tu és aquele que é de forma bela. Tu és da forma do bem que alguém faz para outro. Tu és aquilo que é querido. Tu és aquele que sempre avança na direção dos teus devotos (em proporção a como estes avançam para te encontrar). Tu és o ouro e outros metais preciosos que são considerados valiosos por todos. Tua refulgência é como aquela do ouro polido. Tu és o umbigo (do universo). Tu és aquele que faz que os frutos dos sacrifícios crescerem (para o benefício daqueles que realizam sacrifícios para tua glória). Tu és da forma daquela fé e devoção as quais os justos têm em relação aos sacrifícios. Tu és o artífice do universo. Tu és tudo o que é imóvel (na forma de montanhas e outros objetos inertes). Tu és os doze períodos de vida pelos quais uma pessoa passa. (Estes são os dez anteriormente enumerados, iniciando com residência no útero da mãe e terminando com a morte como o décimo, com céu o décimo primeiro e Emancipação o décimo segundo.) Tu és aquele que causa pavor (por assumir os estados intermediários entre os dez enumerados). Tu és o início de todas as coisas. Tu és aquele que une Jiva com o Brahman Supremo através de Yoga. Tu és identificável com aquele Yoga que causa tal união entre Jiva e o Brahman Supremo. Tu és imanifesto (sendo o estupor mais profundo). Tu és a divindade que preside a quarta era (por causa de tua identidade com luxúria e ira e cobiça e outras paixões más que fluem daquela divindade). (Deve ser lembrado que Kali é a era de pecaminosidade ou a divindade que preside aquela era, por conseguinte, malévola, ela é altamente favorável à Emancipação. O mundo sendo geralmente pecaminoso, aqueles que conseguem viver justamente nesta era ou sob o domínio desta divindade malévola alcançam o céu muito rapidamente se o céu for seu objetivo, ou a Emancipação se eles se esforçam pela Emancipação.) Tu és o Tempo eterno (por tu seres da forma daquela sucessão contínua de nascimento e morte que segue no universo). Tu és da forma da Tartaruga. (Significando que tu assumes a forma da constelação chamada Ursa Maior, e se movendo adiante no espaço causas o passar do Tempo. Esta constelação, na astronomia Hindu, é conhecida pelo nome de Sisumara por causa de sua semelhança com a forma de uma tartaruga.) Tu és adorado pelo próprio Destruidor. Tu vives no meio de companheiros. Tu aceitas teus devotos como membros do teu Gana. Tu tens o próprio Brahma como o motorista do teu carro. Tu dormes sobre cinzas. (Nesse caso a palavra cinzas quer dizer alguma coisa que dissipa, rompe todos os vínculos, e cura todas as doenças. Cinzas são usadas por Sannyasins para esfregar seus corpos como um sinal de que eles consumiram todos os pecados e cortaram todos os laços e se libertaram de todas as doenças.) Tu proteges o universo com cinzas. (Mahadeva

deu uma quantidade de cinzas para seus devotos para protegê-los do pecado.) Tu és aquele cujo corpo é feito de cinzas. (Veja a história de Mankanaka. O Rishi desse nome, vendo suco vegetal emanando de seu corpo, começou a dançar em alegria. O universo inteiro, dominado por uma influência empática, começou a dançar com ele. Nisto, para proteger o universo, Mahadeva se mostrou para Mankanaka e, apertando seus dedos, tirou uma quantidade de cinzas, mostrando dessa maneira que seu corpo era feito de cinzas.) Tu és a árvore que concede a realização de todos os desejos. Tu és da forma daqueles que constituem teu Gana. Tu és o protetor das quatorze regiões. Tu transcendes todas as regiões. Tu és completo, (não havendo deficiência). Tu és adorado por todas as criaturas. Tu és branco (sendo puro e imaculado). Tu és aquele que tem seu corpo, fala e mente perfeitamente imaculados. Tu és aquele que alcançou àquela pureza de existência que é chamada de Emancipação. Tu és aquele que é incapaz de ser maculado por impurezas de qualquer tipo. Tu és aquele que foi alcançado pelos grandiosos preceptores de antigamente. Tu resides na forma de Justiça ou dever nos quatro modos de vida. Tu és aquela Justiça a qual é da forma de ritos e sacrifícios. Tu és da forma daquela habilidade que é possuída pelo artífice celeste do universo. Tu és aquele que é adorado como a forma primeva do universo. Tu tens braços vastos. Teus lábios são de uma cor de cobre. Tu és da forma das águas vastas que estão contidas no Oceano. Tu és extremamente estável e fixo (sendo da forma de montanhas e colinas). Tu és Kapila. Tu és moreno. Tu és todas as cores cuja mistura produz branco. Tu és o período de vida. Tu és antigo. Tu és recente. Tu és um Gandharva. Tu és a mãe dos celestiais na forma de Aditi (ou a mãe de todas as coisas, na forma da Terra). Tu és Garuda, o príncipe das aves, nascido de Vinata por Kasyapa, também chamado Tarkshya. Tu és capaz de ser compreendido com facilidade. Tu és de fala excelente e agradável. Tu és aquele que está armado com o machado de batalha. Tu és aquele que está desejoso de vitória. Tu és aquele que ajuda outros na realização dos seus projetos. Tu és um amigo excelente. (Como Krishna, o amigo de Arjuna.) Tu és aquele que carrega um Vina feito de duas cabaças ocas. Tu és de ira terrível (a qual tu mostras na época da dissolução universal). Tu possuis como tua prole seres mais elevados do que homens e divindades (isto é, Brahma e Vishnu). Tu és da forma daquele Vishnu que flutua nas águas depois da dissolução universal. Tu devoras todas as coisas com grande ferocidade. Tu és aquele que procria descendência. Tu és família e linhagem, continuando de geração em geração. Tu és o clangor que uma flauta de bambu produz. Tu és perfeito. Tu és aquele cujo corpo tem todos os membros belos. Tu és cheio de ilusão. Tu fazes bem para outros sem esperar alguma retribuição. Tu és Vento. Tu és Fogo. Tu és os laços dos mundos que atam Jiva. Tu és o criador daqueles laços. Tu és aquele que rompe tais laços. Tu és aquele que mora até com os Daityas (que são os inimigos de todos os sacrifícios). Tu resides com aqueles que são inimigos de todas as ações (e que abandonaram todas as ações). Tu és de dentes grandes, e tu és de armas poderosas. Tu és aquele que tem sido imensamente criticado. Tu és aquele que entorpeceu os Rishis residentes na floresta Daruka. Tu és aquele que fez o bem até para teus caluniadores, isto é, aqueles Rishis residentes na floresta Daruka. Tu és aquele que dissipa todos os temores e que dissipando todos os temores daqueles Rishis lhes deu a Emancipação. Tu és aquele que não tem

riqueza (por sua inabilidade para obter até seus trajes necessários para uso.) Tu és senhor dos celestiais. Tu és o maior dos deuses (por tu seres adorado até por Indra e outros que são considerados como os mais importantes dos celestiais). Tu és um objeto de adoração até para Vishnu. Tu és o matador daqueles que são os inimigos das divindades. Tu és aquele que reside (na forma da cobra Sesha) na região mais baixa. (No mito Purânico, a Terra é descrita como sendo sustentada no espaço vazio por uma cobra imensa chamada Sesha. Mahadeva é aquele Sesha, também chamado Ananta.) Tu és invisível, mas capaz de ser compreendido, assim como o vento o qual embora seja invisível é percebido por todos. Tu és aquele cujo conhecimento se estende até as bases de tudo e para quem todas as coisas, mesmo em sua natureza interna, são conhecidas. Tu és o objeto que é desfrutado por aquele que o desfruta. Tu és aquele entre os onze Rudras que é chamado de Ajaikapat. Tu és o soberano do universo inteiro. Tu és da forma de todos os Jivas no universo (por tu estares coberto pelos três atributos bem conhecidos de Sattwa, Rajas, e Tamas). Tu és aquele que não está sujeito àqueles três atributos. Tu és aquele que transcende todos os atributos e é um estado de existência pura que não pode ser descrito com a ajuda de algum adjetivo que a linguagem possa produzir. Tu és o príncipe dos médicos chamado Dhanwantari. Tu és um cometa (por causa das calamidades que fluem de ti para os pecaminosos). Tu és o generalíssimo celeste chamado Skanda. Tu és o rei dos Yakshas, chamado Kuvera, que é teu companheiro inseparável e que é o Senhor de todos os tesouros do mundo. Tu és Dhatri. Tu és Sakra. Tu és Vishnu. Tu és Mitra. Tu és Tashtri (o artífice Celeste). Tu és a Estrela Polar. Tu és aquele que sustém todas as coisas. Tu és aquele chamado Prabhava entre os Vasus. Tu és o vento que é capaz de ir a todos os lugares (sendo o Sutra-atma que conecta todas as coisas no universo com um fio). Tu és Aryaman. Tu és Savitri. Tu és Ravi. Tu és aquele rei antigo de grande renome conhecido pelo nome de Ushangu. Tu és aquele que protege todas as criaturas de diversas maneiras. Tu és Mandhatri (por causa da tua competência para satisfazer todas as criaturas). Tu és aquele de quem todas as criaturas começam a viver. Tu és aquele que existe em diversas formas. Tu és aquele que faz as diversas cores existirem no universo. Tu és aquele que mantém todos os desejos e todos os atributos (porque estes fluem de ti). Tu és aquele que tem o lótus em seu umbigo; (isto é, Mahavishnu, de cujo umbigo surgiu o lótus primordial dentro do qual nasceu Brahma.) Tu és aquele dentro de cujo útero estão inúmeras criaturas poderosas. Tu és de rosto tão belo quanto a lua. Tu és vento. Tu és fogo. Tu és possuidor de poder excessivo. Tu és dotado de tranquilidade de alma. Tu és velho. Tu és aquele que é conhecido com a ajuda da Virtude. Tu és Lakshmi. Tu és o criador do campo daquelas ações (pelas quais as pessoas adoram a Divindade Suprema). Tu és aquele que vive no campo de ação. Tu és a alma do campo de ação. Tu és o remédio ou causador dos atributos de soberania e os outros. Todas as coisas se encontram em ti (pois, como os Srutis declaram, todas as coisas se tornam unas em ti, tu mesmo sendo da natureza daquela inconsciência que se manifesta no sono sem sonhos). Tu és o senhor de todas as criaturas dotadas de ares vitais. Tu és o deus dos deuses. Tu és aquele que está ligado à felicidade. Tu és Sat (na forma de causa). Tu és Asat (na forma de efeito). Tu és aquele que possui a melhor de todas as coisas. Tu és aquele que reside nas montanhas de Kailasa. Tu és aquele que se dirige

para as montanhas de Himavat. Tu arrastas para longe todas as coisas além de ti como uma corrente poderosa arrastando árvores e outros objetos permanecendo em suas margens. Tu és o criador de Pushkara e outros grandes lagos e partes de água natural. Tu possuis conhecimento de espécies infinitas. Tu és o concessor de bênçãos infinitas. Tu és um comerciante (que transporta os bens deste país para aquele país e traz os bens daquele país para este para a conveniência de seres humanos). Tu és um carpinteiro. Tu és a árvore (do mundo que fornece a madeira para o teu machado). Tu és a árvore chamada Vakula (Mimusops Elengi, Linn.) Tu és a árvore de sândalo (Santalum album, Linn.). Tu és a árvore chamada Chcchada (Alstonia Scholaris, syn Echitis, Scholaris, Roxb.). Tu és aquele cujo pescoço é muito forte. Tu és aquele cuja junta de ombro é vasta. Tu não és impaciente (mas dotado de serenidade em todos os teus atos em relação a todas as tuas faculdades). Tu és as principais ervas e plantas com seus produtos (na forma de arroz e trigo e o outras variedades de grãos). Tu és aquele que concede sucesso a outros com relação aos objetivos sobre os quais eles colocam seu coração. Tu és todas as conclusões corretas a respeito dos Vedas e Gramática. Tu és aquele que profere rugidos leoninos. Tu és dotado de presas leoninas. Tu montas nas costas de um leão para realizar tuas viagens. Tu possuis um carro que é puxado por um leão. Tu és aquele chamado de a verdade da verdade; (literalmente, a Alma de existência real). Tu és aquele cuja tigela ou prato é constituído pelo Destruidor do universo. (As pessoas comem em pratos de prata ou ouro ou de outros metais. Mahadeva tem como seu prato Kala ou o destruidor do universo.) Tu estás sempre empenhado em procurar o bem dos mundos. Tu és aquele que resgata todas as criaturas da angústia (e as leva à bem-aventurança da Emancipação). Tu és a ave chamada Saranga. Tu és um cisne novo (jovem). Tu és aquele que é revelado em beleza por causa da crista que tu tens em tua cabeça (como o galo ou o pavão). Tu és aquele que protege o lugar onde asembléias de sábios sentam para ministrar justiça. Tu és a residência de todas as criaturas. Tu és aquele que cuida de todas as criaturas. Tu és Dia e Noite (os quais são os elementos constituintes da Eternidade). Tu és aquele que é sem defeitos e, portanto, nunca criticado. Tu és o mantenedor de todas as criaturas. Tu és o amparo de todas as criaturas. Tu és sem nascimento. Tu és existente. Tu és sempre produtivo. Tu és dotado de Dharana e Diana e Samadhi. Tu és o corcel Uchchaisravas. Tu és o dador de alimento. Tu és aquele que mantém os ares vitais das criaturas vivas. Tu és dotado de paciência. Tu és possuidor de inteligência. Tu és dotado de esforço e inteligência. Tu és honrado por todos. Tu és o concessor dos frutos de virtude e pecado. Tu és aquele que cuida dos sentidos (pois os sentidos conseguem realizar suas respectivas funções por causa de ti que presides sobre eles). Tu és o senhor de todos os corpos luminosos. Tu és todas as coleções de objetos. Tu és aquele cujos trajes são feitos de couro bovino. Tu és aquele que dissipa a aflição de seus devotos. Tu tens um braço dourado. Tu és aquele que protege os corpos dos Yogins que procuram entrar em si mesmos. Tu és aquele que reduziu a nada todos os seus inimigos. (Mahadeva é o principal dos Sadhakas ou devotos engajados em alcançar um objetivo específico, pois ele se emaciou ou reduziu a nada todos os seus inimigos na forma de todas as emoções boas e más.) Tu és aquele cuja medida de contentamento é muito grande. Tu és aquele que alcançou vitória sobre a divindade do desejo que

é irresistível. Tu és aquele que tem subjugado seus sentidos. Tu és a nota chamada Gandhara na oitava musical. Tu és aquele que tem um lar excelente e belo (por ele estar localizado sobre as encantadoras montanhas de Kailasa). Tu és aquele que está sempre ligado às penitências. Tu és da forma de alegria e contentamento. Tu és aquele chamado vasto ou infinito. Tu és aquele em cuja honra os principais dos hinos têm sido compostos. Tu és aquele cuja dança é caracterizada por passos largos e saltos grandes. Tu és aquele que é adorado com reverência pelas diversas tribos de Apsaras. Tu és aquele que possui um vasto estandarte (portando o emblema do touro). Tu és as montanhas de Meru. Tu és aquele que vaga entre todos os topos daquela grande montanha. Tu és tão móvel que é muito difícil te capturar. Tu és capaz de ser explicado por preceptores para discípulos, embora tu não possas ser descrito em palavras. Tu és da forma daquela instrução que preceptores dão para discípulos. Tu és aquele que pode perceber todos os aromas agradáveis simultaneamente ou no mesmo instante de tempo. Tu és da forma dos portões de entrada de cidades e palácios. Tu és da forma dos fossos e trincheiras que circundam cidades fortificadas e dão a vitória à guarnição sitiada. Tu és o Vento. Tu és da forma de cidades fortificadas e cercadas por muros e fossos. Tu és o príncipe de todas as criaturas aladas, (sendo, como tu és, da forma de Garuda). Tu és aquele que multiplica a criação por meio de união com os sexos opostos. Tu és o principal de todos com relação a virtudes e conhecimento. Tu és superior até àquele que é o principal de todos em virtudes e conhecimento. Tu transcendes toda virtude e conhecimento. Tu és eterno e imutável como também dependente de ti mesmo. Tu és o mestre e protetor das divindades e Asuras. Tu és o mestre e protetor de todas as criaturas. Tu és aquele que veste uma cota de malha. Tu és aquele cujos braços são competentes para oprimir todos os inimigos. Tu és um objeto de adoração até para aquele que é chamado de Suparvan (Mahan) no céu. Tu és aquele que concede o poder de suportar ou de sustentar todas as coisas. (Mahadeva é aquele que faz as criaturas serem capazes de suportar todas as coisas, isto é, todas as dores e todas as alegrias, como também a influência de todos os objetos físicos que é tolerada quietamente sem a vida ser destruída.) Tu mesmo és capaz de suportar todas as coisas. Tu és fixo e firme (sem ser instável em absoluto). Tu és branco ou puro (sendo, como és, sem qualquer mancha ou mácula). Tu carregas o tridente que é capaz de destruir (todas as coisas). Tu és o concessor de corpos ou formas físicas para aqueles que revolvem constantemente no universo de nascimento e morte. Tu és mais valioso do que a riqueza. Tu és a conduta ou caminho dos justos (na forma de bondade e cortesia). Tu és aquele que arrancou a cabeça de Brahma depois de deliberação adequada (e não impelido por mera raiva). Tu és aquele que está marcado com todos aqueles sinais auspiciosos que são mencionados nas ciências de quiromancia e frenologia e outros ramos de conhecimento que tratam do corpo físico como o indicador de peculiaridades mentais. Tu és aquela barra de madeira que é chamada de o Aksha de um carro e, portanto, tu és aquele que está ligado ao carro representado pelo corpo. Tu estás ligado a todas as coisas (por permeares todas as coisas como sua alma). Tu és dotado de um poder muito grande, sendo como tu és um herói de heróis. Tu és o Veda. Tu és os Smritis, os Itihasas, os Puranas, e outras escrituras. Tu és a divindade ilustre de todos santuários sagrados. Tu és aquele que tem a Terra

como seu carro. Tu és os elementos inertes que entram na composição de todas as criaturas. Tu és aquele que dá vida para todas as combinações daqueles elementos inertes. Tu és o Pranava e outros Mantras sagrados que infundem vida na matéria morta. Tu és aquele que lança olhares tranquilos. Tu és extremamente severo (por seres o destruidor de todas as coisas). Tu és aquele em quem estão inúmeros atributos e posses preciosos. Tu és um corpo que é vermelho. Tu és aquele que tem todos os vastos oceanos assim como muitos tanques cheios para beber. (O sentido é este: um nipana é um tanque raso ou vala onde o gado bebe. Os próprios oceanos são os nipanas de Mahadeva.) Tu és a raiz da árvore do mundo. Tu és extremamente belo e brilhas com magnificência insuperável. Tu és da forma de ambrosia ou néctar. Tu és causa e efeito. Tu és um oceano de penitências (sendo um grande Yogin como tu és). Tu és aquele que está desejoso de ascender ao estado de existência mais elevado. Tu és aquele que já chegou àquele estado. Tu és aquele que é distinguido pela pureza de sua conduta e atos e observâncias. Tu és aquele que possui grande fama (pela Virtude de seu comportamento). Tu és o ornamento de exércitos (sendo como tu és da forma da destreza e coragem). Tu és aquele que está enfeitado com ornamentos celestes. Tu és Yoga. Tu és aquele de quem flui o tempo eterno medido por Yugas e Kalpas. Tu és aquele que transfere todas as criaturas de lugar. Tu és da forma da Virtude e pecado e sua mistura (tais como são manifestados nos sucessivos Yugas). Tu és grande e informe. Tu és aquele que matou o poderoso Asura que tinha se aproximado contra a cidade sagrada de Varanasi na forma de um elefante enfurecido de proporções enormes. Tu és da forma da morte. Tu dás para todas as criaturas a realização de seus desejos de acordo com seus méritos. Tu és acessível. Tu és conhecedor de todas as coisas que estão além do alcance dos sentidos. Tu és conhecedor dos Tattwas (e portanto, totalmente estável). Tu és aquele que brilha incessantemente em beleza. Tu usas guirlandas que se estendem do teu pescoço até os pés. Tu és aquele Hara que tem a Lua como seu belo olho. Tu és o oceano salgado de vasta extensão. Tu és os primeiros três Yugas (Krita, Treta, e Dwapara). Tu és aquele cujo aparecimento está sempre repleto de vantagem para outros. Tu és aquele que tem três olhos (na forma das escrituras, do preceptor, e da meditação). Tu és aquele cujas formas são extremamente sutis (sendo como tu és as formas sutis dos elementos primordiais). Tu és aquele cujas orelhas estão furadas para usar os Kundalas adornados com jóias. Tu és o portador de madeixas emaranhadas. Tu és o ponto (no alfabeto) que indica o som nasal. Tu és os dois pontos, isto é, Visarga (no alfabeto Sânscrito o qual indica o som do H aspirado). Tu és possuidor de uma face excelente. Tu és a flecha que é atirada pelo guerreiro para causar a destruição de seu inimigo. Tu és todas as armas que são usadas por guerreiros. Tu és dotado de paciência capaz de suportar todas as coisas. Tu és aquele cujo conhecimento surgiu da cessação de todas as funções físicas e mentais; (isto é, tu possuis conhecimento Yoga). Tu és aquele que veio a ser manifestado como Verdade em consequência da cessação de todas as outras faculdades. Tu és aquela nota a qual, surgindo da região chamada Gandhara, é extremamente agradável para o ouvido. Tu és aquele que está armado com o arco poderoso (chamado Pinaka). Tu és aquele que é a compreensão e os desejos que existem em todas as criaturas, sendo além disso o sustentáculo supremo de todos os seres. Tu és aquele de quem todas as

ações fluem. Tu és aquele vento que surge no tempo da dissolução universal e que é capaz de bater o universo inteiro assim como o bastão nas mãos da leiteira bate o leite no pote de leite. Tu és aquele que é completo. Tu és aquele que vê todas as coisas. Tu és o som que resulta de bater uma palma contra a outra. Tu és aquele a palma de cuja mão serve como o prato ou tigela de onde ele come seu alimento. Tu és aquele que possui um corpo adamantino. Tu és extremamente grande. Tu tens a forma de um guarda-sol. Tu és aquele que tem um guarda-sol excelente. Tu és bem conhecido como idêntico a todas as criaturas. Tu és aquele que tendo manifestado três pés cobriu todo o universo com dois e faltou espaço para o restante. Tu és aquele cuja cabeça é calva. Tu és aquele cuja forma é extremamente feia e feroz. Tu és aquele que tem sofrido modificações infinitas e se tornado todas coisas no universo. Tu és aquele que porta o bem conhecido símbolo de Sanyasa, isto é, o bastão. Tu és aquele que tem um Kunda. Tu és aquele que é incapaz de ser alcançado por meio de ações. Tu és aquele que é idêntico ao rei das feras de olhos verdes (isto é, o leão). Tu és da forma de todos os pontos da bússola. Tu és aquele que está armado com o trovão. Tu és aquele que tem cem línguas. Tu és aquele que tem mil pés e mil cabeças. Tu és o senhor e chefe dos celestiais. Tu és aquele que é composto de todos os deuses. Tu és o grande Mestre ou preceptor. Tu és aquele que tem mil braços. Tu és aquele que é competente para obter a realização de todos os desejos. Tu és aquele cuja proteção é procurada por todos. Tu és aquele que é o criador de todos os mundos. Tu és aquele que é o grande purificador de todos os tipos de pecado, na forma de santuários e águas sagradas. Tu és aquele que tem três Mantras sublimes; (estes são Vija, Sakti, e Kilakani). Tu és o filho mais novo de Aditi e Kasyapa, (estando na forma do anão que também é conhecido pelo nome de Upendra e que, enganando o Asura Vali, tirou seu domínio dos três mundos e o devolveu para o chefe dos celestiais). Tu és negro e moreno (sendo da forma que é conhecida como Hari-Hara). Tu és o criador da vara do Brahmana. (A fina vara de bambu na mão do Brahmana é mais poderosa do que o raio de Indra. O raio chamusca todos os objetos existentes sobre os quais ele cai. A vara do Brahmana, que simboliza o poder do Brahmana na forma de sua maldição, destrói até gerações por nascer. O poder da vara é derivado de Mahadeva.) Tu estás armado com o matador de cem, o laço, e o dardo. Tu és aquele que nasceu dentro do lótus primordial.

Tu és aquele que é dotado de um útero vasto. Tu és aquele que tem os Vedas em seu útero. Tu és aquele que se eleva daquela extensão infinita de águas a qual sucede a dissolução do universo. Tu és aquele que é dotado de raios de luz refulgente. Tu és o criador dos Vedas. Tu és aquele que estuda os Vedas. Tu és aquele que conhece o sentido dos Vedas. Tu és devotado a Brahman. Tu és o refúgio de todas as pessoas devotadas a Brahman. Tu és de formas infinitas. Tu és o portador de corpos inumeráveis. Tu és dotado de bravura irresistível. Tu és a alma ou natureza que transcende os três atributos universais (de Sattwa, Rajas, e Tamas). Tu és o senhor de todos os Jivas. Tu és dotado da velocidade do vento. Tu possuis a rapidez da mente. Tu estás sempre coberto com pasta de sândalo. Tu és o fim do caule do lótus primevo. (Brahma, depois de seu nascimento dentro do lótus primevo, ficou desejoso de ver o fim do caule daquele lótus. Ele seguiu ininterruptamente, sem conseguir achar o que ele procurava. O significado da

expressão, portanto, por implicação é que Mahadeva é infinito.) Tu és aquele que trouxe a vaca celeste Surabhi de uma posição superior para uma inferior por pronunciar uma maldição sobre ela. (Uma vez Brahma pediu para Surabhi comprovar perante Vishnu a afirmação de que Brahma tinha visto a parte principal de Siva. Surabhi tendo dado evidência falsa por recear por Brahma foi amaldiçoada por Siva que sua prole comeria substâncias profanas.) Tu és aquele Brahma que não pôde ver teu fim. Tu estás adornado com uma coroa grande de flores Karnikara. Tu estás adornado com um diadema de pedras preciosas azuis. Tu és o manejador do arco chamado Pinaka. Tu és o mestre daquele conhecimento que trata de Brahman. (Uma é outro nome para Brahmavidya.) Tu és aquele que subjugou seus sentidos pela ajuda do teu conhecimento de Brahman. Tu és aquele que mantém Ganga sobre sua cabeça. (Caindo das regiões celestes, o rio Ganga foi segurado por Mahadeva em sua cabeça, entre seus cabelos emaranhados. Pelas intensas solicitações do rei Bhagiratha ele a distribuiu de modo que fluindo pela superfície da Terra ela encontrasse com o oceano, primeiro passando sobre o local onde as cinzas dos antepassados de Bhagiratha, os sessenta mil filhos do rei Sagara da raça solar, jaziam.) Tu és o marido de Uma, a filha de Himavat. Tu és poderoso (por teres assumido a forma do enorme Javali para erguer a Terra submersa). Tu és aquele que protege o universo por assumir diversas encarnações. Tu és digno de adoração. Tu és aquele Ser primordial com a cabeça equina que recitou os Vedas com uma voz trovejante. Tu és aquele cuja graça é muito grande. Tu és o grande subjugador. Tu és aquele que matou todos os seus inimigos (na forma de emoções). Tu és branco e moreno (sendo como és metade homem e metade mulher, na forma chamada Hara-Gauri). Tu és possuidor de um corpo cuja cor é como aquela do ouro. Tu és aquele que é da forma de pura alegria, (estando, como tu estás, acima dos cinco revestimentos dos quais o Jiva consiste, isto é, o Anna-maya, o Prana-maya, o Mano-maya, o Vijnana-maya, e o Ananda maya). Tu és de alma controlada. Tu és a fundação sobre a qual se apóia aquela Ignorância que é chamada de Pradhana e a qual, consistindo nos três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas, é a causa de onde o universo tem surgido. Tu és aquele cujos rostos estão virados para todas as direções. (Mahadeva é representado como possuidor de cinco cabeças, quatro em quatro lados e uma em cima.) Tu és aquele que tem três olhos (nas formas do Sol, da Lua, e do Fogo). Tu és aquele que é superior a todas as criaturas (pela tua virtude cuja medida é a maior). Tu és a alma de todos os seres móveis. Tu és da forma da alma sutil (a qual não pode ser percebida). Tu és o dador de imortalidade na forma de Emancipação como o fruto de todas as ações de virtude realizadas pelas criaturas sem o desejo de resultados. Tu és o preceptor até daqueles que são os deuses dos deuses. Tu és Vasu, o filho de Aditi. Tu és aquele que é dotado de inúmeros raios de luz, que produz o universo, e que é da forma daquele Soma que é bebido em sacrifícios. Tu és Vyasa, o autor dos Puranas e outras histórias sagradas. Tu és as criações do cérebro de Vyasa (por seres idêntico aos Puranas e outras histórias sagradas) resumidas e completas. Tu és a soma total de Jivas. Tu és a Estação. Tu és o Ano. Tu és o Mês. Tu és a Quinzena. Tu és aqueles Dias sagrados que terminam ou concluem estes períodos. Tu és os Kalas. Tu és os Kashthas. Tu és os Lavas. Tu és os Matras. Tu és os Muhurtas e Dias e Noites. Tu és os Kshanas. (Estes são nomes para diferentes frações de tempo.) Tu és o

solo sobre o qual a árvore do universo permanece. Tu és a semente de todas as criaturas [sendo da forma daquele Chaitanya Imanifesto (consciência) dotado de Maya ou ilusão de onde todas as criaturas surgem]. Tu és Mahattatwa. Tu és o rebento de Jiva, (sendo da forma da Consciência que surge depois de Mahattatwa). Tu és Sat ou Efeito. Tu és Asat ou Causa. Tu és Manifesto (sendo apreensível pelos sentidos). Tu és o Pai. Tu és a Mãe. Tu és o Avô. Tu és a porta para o Céu (por causa de tua identidade com Penitências). Tu és a porta da geração de todas as criaturas (por causa de tua identidade com desejo). Tu és a porta da Emancipação (por causa de tua identidade com a ausência de Desejo somente a qual pode levar à união com Brahman). Tu és aquelas ações de virtude que levam à bem-aventurança do céu. Tu és Nirvana (ou aquela cessação de existência individual ou separada a qual é Emancipação). Tu és o alegrador (que dá todos os tipos de alegria para todas as criaturas). Tu és aquela região de Verdade (à qual chegam aqueles que são os principais em virtude). Tu és superior até àquela região de Verdade que é alcançável pelos justos. Tu és aquele que é o criador das divindades e dos Asuras. Tu és aquele que é o refúgio das divindades e dos Asuras. Tu és o preceptor das divindades e dos Asuras (sendo como és da forma de Vrihaspati e Sukra). Tu és aquele que é sempre vitorioso. Tu és aquele que é sempre adorado pelas divindades e os Asuras. Tu és aquele que guia as divindades e os Asuras assim como o Mahamatra guia o elefante. Tu és o refúgio de todas as divindades e Asuras. Tu és aquele que é o chefe das divindades e dos Asuras (sendo como és da forma de Indra e Virochana). Tu és aquele que é o líder em batalha das divindades e dos Asuras (sendo como és da forma de Karttikeya e Kesi, os líderes dos exércitos celeste e Daitya). Tu és aquele que transcende os sentidos e brilha por si mesmo. Tu és da forma dos Rishis celestes como Narada e outros. Tu és o concessor de benefícios para as divindades e Asuras (na forma de Brahman e Rudra). Tu és aquele que governa os corações das divindades e dos Asuras. Tu és aquele em quem o universo entra (quando ele é dissolvido). Dessa maneira tu és o refúgio até daquele que é o soberano dos corações das divindades e dos Asuras. Tu és aquele cujo corpo é composto de todas as divindades. (Os Srutis declaram que o Fogo é sua cabeça, o Sol e a Lua são seus olhos, etc.) Tu és aquele que não tem algum Ser superior a ti em quem pensar. Tu és aquele que é a alma interna das divindades. Tu és aquele que surgiu do seu próprio eu. Tu és da forma de coisas imóveis. Tu és aquele que cobre os três mundos com três passos seus. Tu és possuidor de grande erudição. Tu és imaculado. Tu és aquele que está livre da qualidade de Rajas. Tu és aquele que transcende a destruição. Tu és aquele em cuja honra hinos devem ser cantados. Tu és o mestre do elefante irresistível representado pelo Tempo. Tu és da forma daquele senhor dos Tigres que é adorado no país dos Kalingas. (Mahadeva tem uma imagem no país dos Kalingas que é chamada de Vyaghreswara.) Tu és aquele que é chamado de leão entre as divindades (pela preeminência da tua bravura). Tu és aquele que é o mais importante dos homens. Tu és dotado de grande sabedoria. Tu és aquele que pega primeiro uma parte das oferendas em sacrifício. Tu és imperceptível. Tu és a soma total de todas as divindades. Tu és aquele em quem penitências predominam. Tu estás sempre em Yoga excelente. Tu és auspicioso. Tu estás armado com o raio. Tu és a fonte de onde as armas chamadas Prasas tiveram sua origem. Tu és aquele a quem teus devotos

alcançam de diversas maneiras. Tu és Guha (o generalíssimo celeste). Tu és o limite supremo de felicidade. Tu és idêntico à tua criação. Tu és aquele que salva tuas criaturas da morte (por lhes conceder Emancipação). Tu és o purificador de todos incluindo o próprio Brahma. Tu és da forma de touros e outros animais cornudos. Tu és aquele que gosta de topos de montanha. Tu és o planeta Saturno. Tu és Kuvera, o chefe dos Yakshas. Tu és a perfeição completa. Tu és aquele que inspira alegria. Tu és todos os celestiais unidos. Tu és a cessação de todas as coisas. Tu és todos os deveres que pertencem a todos os modos de vida. Tu és aquele que tem um olho em sua testa. Tu és aquele que se diverte com o universo como sua bola de gude. Tu és da forma do veado. Tu és dotado da energia que é da forma do conhecimento e penitência. Tu és o senhor de todas as coisas imóveis (na forma de Himavat e Meru). Tu és aquele que tem subjugado seus sentidos por meio de várias regras e votos. Tu és aquele cujos objetivos têm sido todos cumpridos. Tu és idêntico à Emancipação. Tu és diferente daquele a quem nós cultuamos. Tu tens verdade como tuas penitências. Tu és de um coração puro. Tu és aquele que preside sobre todos os votos e jejuns (por seres o concessor de seus resultados). Tu és o mais sublime (sendo da forma de Turiya). Tu és Brahman. Tu és o maior amparo dos devotos. Tu és aquele que transcende todos os vínculos (sendo Emancipado). Tu estás livre do corpo linga. Tu és dotado de todos os tipos de prosperidade. Tu és aquele que aumenta a prosperidade dos seus devotos. Tu és aquele que está constantemente sofrendo mudanças.'"

"Eu assim, ó Krishna, cantei os louvores da Divindade ilustre por recitar seus nomes na ordem de sua importância. Quem pode cantar os louvores do senhor do universo, aquele grande Senhor de tudo que merece nossas adorações e culto e reverência, a quem os próprios deuses com Brahma em sua liderança são incapazes de louvar e a quem os Rishis também fracassam em louvar com cantos? Ajudado, no entanto, por minha devoção por ele, e tendo recebido sua permissão, eu louvei aquele Senhor dos sacrifícios, aquela Divindade de força suprema, aquela principal de todas as criaturas dotadas de inteligência. Por louvar com estes nomes que aumentam a boa sorte de alguém do grande senhor da bem-aventurança, um devoto de alma dedicada e coração puro consegue chegar ao seu próprio eu. Estes nomes constituem um hino que fornece os melhores meios de chegar a Brahman. Com a ajuda deste hino uma pessoa sem dúvida consegue alcançar a Emancipação. Rishis e as divindades todos louvam a maior divindade por proferirem este hino. Louvado por pessoas de alma controlada Mahadeva fica satisfeito com aqueles que cantam seus louvores desse modo. A divindade ilustre é sempre cheia de compaixão por seus devotos. Dotado de onipotência, é ele quem dá Emancipação para aqueles que o adoram. Assim também, aqueles entre os homens que são os mais notáveis, que possuem fé e devoção e ouvem e recitam para outros e proferem com reverência os louvores daquele Senhor ilustre e eterno, isto é, Isana, em todas as suas vidas sucessivas e o adoram em pensamentos, palavras, e ações, e adorando-o dessa maneira em todos os momentos, ou seja, quando eles estão deitados ou sentados ou andando ou despertos ou abrindo as pálpebras ou fechando-as, e pensando nele repetidamente, se tornam objetos de reverência para todos os seus companheiros e derivam grande satisfação e alegria excelente. Quando uma criatura vem a ser

purificada de todos os seus pecados no decorrer de milhões de nascimentos em diversas classes de existência, é então que nasce em seu coração a devoção por Mahadeva. É somente por boa sorte que a devoção total por Bhava que é a causa original (do universo) nasce completamente no coração de uma pessoa que conhece todos os modos de cultuar aquela grande Divindade. Tal devoção impecável e pura por Rudra, que tem um só propósito e que é simplesmente irresistível em seu curso, raramente é encontrada mesmo entre as divindades, e nunca entre os homens. É pela graça de Rudra que tal devoção surge nos corações de seres humanos. Por tal devoção, homens, se identificando totalmente com Mahadeva, conseguem chegar ao maior êxito. A Divindade ilustre que está sempre inclinada a estender sua graça em direção àqueles que o procuram com humildade e se jogam nele com sua toda sua alma os resgata do mundo. Exceto a grande Divindade que liberta as criaturas do renascimento, todos os outros deuses anulam constantemente as penitências dos homens, pois os homens não têm alguma outra fonte de poder que seja tão grande quanto estas. (Há numerosos exemplos dos deuses tendo ficado alarmados por causa das penitências de homens e feito seu melhor para anular aquelas penitências por enviarem ninfas celestes para atraí-los para prazeres carnais.) Foi exatamente assim que Tandi de alma tranquila, parecendo com o próprio Indra em esplendor, louvou o ilustre Senhor de todas as coisas existentes e inexistentes, aquela grande Divindade vestida em peles de animais. De fato, Brahma cantou este hino na presença de Sankara. Tu és um Brahmana (estando familiarizado com Brahman e devotado àqueles que estão familiarizados com Brahman). Tu irás, portanto, compreendê-lo bem. Ele é purificador, e leva embora todos os pecados. Ele concede Yoga e Emancipação e céu e contentamento. Aquele que recita este hino com total devoção por Sankara consegue chegar àquele fim superior o qual é daqueles que são devotados às doutrinas da filosofia Sankhya. Aquele devoto que recita este hino diariamente por um ano com unidade de devoção consegue alcançar o fim que ele deseja. Este hino é um grande mistério. Ele residia antigamente no peito de Brahma, o Criador. Brahma o comunicou para Sakra. Sakra o comunicou para Mrityu. Mrityu o comunicou para os Rudras. Dos Rudras Tandi o obteve. De fato, Tandi o obteve na região de Brahman como a recompensa de suas austeridades severas. Tandi o comunicou para Sukra, e Sukra da linhagem de Bhrigu o comunicou para Gautama. Gautama por sua vez, ó descendente de Madhu, o comunicou para Vaivaswata-Manu. Manu o comunicou para Narayana de grande inteligência, contado entre os Sadhyas e considerado extremamente querido por eles. O ilustre Narayana, incluído entre os Sadhyas e possuidor de glória que não conhece diminuição, o comunicou para Yama. Vaivaswat Yama o comunicou para Nachiketa. Nachiketa, ó tu da linhagem de Vrishni, o comunicou para Markandeya. De Markandeya, ó Janarddana, eu o obtive como a recompensa dos meus votos e jejuns. Para ti, ó matador de inimigos, eu comunico este hino não ouvido por outros. Este hino leva para o céu. Ele dissipa doença e concede vida longa. Ele é digno do maior louvor, e é consistente com os Vedas.'"

"Krishna continuou, 'Aquela pessoa, ó Partha, que recita este hino com um coração puro praticando o voto de Brahmacharya, e com seus sentidos sob controle, regularmente por um ano inteiro, consegue obter os frutos de um

Sacrifício de Cavalo. Danavas e Yakshas e Rakshasas e Pisachas e Yatudhanas e Guhyakas e cobras não podem feri-lo.'"

18

"Vaisampayana disse, 'Depois que Vasudeva tinha parado de falar, o grande Yogin, isto é, o Krishna Nascido na Ilha, dirigiu-se a Yudhishthira, dizendo, 'Ó filho, recite este hino consistindo nos mil e oito nomes de Mahadeva, e que Maheswara fique satisfeito contigo. Antigamente, ó filho, eu estava dedicado à prática de austeridades severas no leito das montanhas de Meru pelo desejo de obter um filho. Foi este mesmo hino que foi recitado por mim. Como a recompensa disto, eu obtive a realização de todos os meus desejos, ó filho de Pandu. Tu também, por recitares este mesmo hino, obterás de Sarva a realização de todos os teus desejos.' Depois disso, Kapila, o Rishi que promulgou as doutrinas que levam o nome de Sankhya, e que é honrado pelos próprios deuses, disse, 'Eu adorei Bhava com grande devoção por muitas vidas. A Divindade ilustre finalmente ficou satisfeita comigo e me deu o conhecimento que é capaz de ajudar aquele que o adquire a vencer o renascimento.' Depois disso, o Rishi chamado Charusirsha, aquele amigo querido de Sakra também conhecido pelo nome do filho de Alamvana e que é cheio de compaixão, disse, 'Eu, antigamente, me dirigi às montanhas de Gokarna e me sentei para praticar penitências austeras por cem anos. Como a recompensa daquelas penitências, eu obtive de Sarva, ó filho do rei Pandu, cem filhos, todos os quais nasceram sem a intervenção de mulher, de alma bem controlada, conhecedores da justiça, possuidores de grande esplendor, livres de doença e tristeza, e dotados de vidas que se estendiam por cem mil anos.' Então o ilustre Valmiki, dirigindo-se a Yudhishthira, disse, 'Uma vez, no decorrer de um debate dialético, certos ascetas que eram possuidores do fogo homa me denunciaram como alguém culpado de Brahmanicídio. Logo que eles tinham me denunciado como tal, o pecado de Brahmanicídio, ó Bharata, me possuiu. Eu então, para me purificar, procurei a proteção do impecável Isana que é irresistível em energia. Eu vim a ser purificado de todos os meus pecados. Aquele dissipador de todas as tristezas, isto é, o destruidor da cidade tripla dos Asuras, disse para mim, 'Tua fama será grande no mundo.' Então o filho de Jamadagni, aquela principal de todas as pessoas justas, brilhante como o Sol com esplendor refulgente no meio daquele conclave de Rishis, disse para o filho de Kunti estas palavras; 'Eu fui afligido com o pecado de Brahmanicídio, ó filho mais velho de Pandu, por ter matado meus irmãos que eram todos Brahmanas eruditos. Para me purificar, eu procurei a proteção de Mahadeva, ó rei. Eu cantei os louvores da grande Divindade por recitar seus nomes. Nisto, Bhava ficou satisfeito comigo e me deu um machado de batalha e muitas outras armas celestes. E ele disse para mim, 'Tu serás libertado do pecado e serás invencível em batalha; a própria Morte não conseguirá te vencer pois tu serás livre de doença.' Exatamente assim a Divindade ilustre e coroada de forma auspiciosa falou para mim. Pela graça daquela Divindade de inteligência suprema eu obtive tudo o que Ele tinha dito.' Então Viswamitra disse, 'Eu antigamente era um Kshatriya. Eu prestei minhas adorações a Bhava com o desejo de me tornar um Brahmana. Pela graça

daquela grande Divindade eu consegui alcançar a posição superior de um Brahmana que é tão difícil de se obter.' Então o Rishi Asita-Devala, dirigindo-se ao filho nobre de Pandu, disse, 'Antigamente, ó filho de Kunti, pela maldição de Sakra, todo o meu mérito devido às ações de virtude que eu tinha realizado foi destruído. Foi o pujante Mahadeva que bondosamente me devolveu o mérito junto com grande fama e uma vida longa.' O ilustre Rishi Gritsamada, o amigo querido de Sakra, que parecia com o próprio preceptor celeste Vrihaspati em esplendor, dirigindo-se a Yudhishthira da linhagem de Ajamidha disse, 'O inconcebível Sakra, antigamente, realizou um sacrifício que se estendeu por mil anos. Enquanto aquele sacrifício estava acontecendo, eu fui empregado por Sakra em recitar os Samans. Varishtha, o filho daquele Manu que surgiu dos olhos de Brahma, chegou àquele sacrifício e dirigindo-se a mim, disse, 'Ó principal das pessoas regeneradas, o Rathantara não está sendo recitado adequadamente por ti. Ó melhor dos Brahmanas, pare de ganhar demérito por ler tão imperfeitamente, e com a ajuda da tua compreensão leia os Samans corretamente. Ó tu de má compreensão, por que tu cometes tal pecado que é destruidor de sacrifícios?' Tendo dito estas palavras, o Rishi Varishtha, que era muito colérico, deu vazão àquele sentimento e dirigindo-se a mim mais uma vez, disse, 'Seja tu um animal desprovido de inteligência, sujeito à aflição, sempre cheio de medo, e um habitante de florestas não pisadas desprovidas de vento e água e abandonadas por outros animais. Passe dez mil anos com mais dezoito centenas de anos dessa maneira. Aquela floresta na qual tu terás que passar este período será desprovida de todas as árvores sagradas e será, além disso, um lugar frequentado por Rurus e leões. Na verdade, tu terás que te tornar um veado cruel mergulhado em extrema aflição.' Tão logo ele tinha dito estas palavras, ó filho de Pritha, eu fui imediatamente transformado em um veado. Eu então procurei a proteção de Maheswara. A grande Divindade disse para mim, 'Tu serás livre de doença de todo tipo, e além disso a imortalidade será tua. Dor nunca te afligirá. Tua amizade com Indra permanecerá inalterada, e que os teus sacrifícios e os de Indra aumentem.' O ilustre e pujante Mahadeva favorece todas as criaturas dessa maneira. Ele é sempre o grande distribuidor e ordenador na questão da felicidade e tristeza de todas as criaturas vivas. Aquela Divindade ilustre não pode ser compreendida em pensamentos, palavras, ou ações. Ó filho, ó tu que és o melhor dos guerreiros (pela graça de Mahadeva), não há ninguém que seja igual a mim em erudição.' Depois disto, Vasudeva, aquele mais importante de todos os homens inteligentes, mais uma vez disse, 'Mahadeva de olhos dourados foi satisfeito por mim com minhas penitências. Satisfeita comigo, ó Yudhishthira, a Divindade ilustre me disse, 'Tu, ó Krishna, pela minha graça, te tornarás mais querido para todas as pessoas do que a riqueza que é cobiçada por todos. Tu serás invencível em batalha. Tua energia será igual àquela do Fogo.' Milhares de outras bênçãos Mahadeva deu para mim naquela ocasião. Em uma encarnação anterior eu adorei Mahadeva na montanha Manimantha por milhões de anos. Satisfeita comigo, a Divindade ilustre me disse estas palavras: 'Abençoado sejas tu, peça benefícios assim como tu desejares.' Reverenciando-o com uma inclinação de cabeça, eu disse estas palavras, 'Se o pujante Mahadeva está satisfeito comigo, então que minha devoção por ele permaneça inalterada, ó

Isana! Este mesmo é o benefício que eu solicito.' O grande Deus me disse, 'Assim seja' e desapareceu.'"

"Jaigishavya disse, 'Ó Yudhishthira, antigamente na cidade de Varanasi, o pujante Mahadeva me descobrindo, me concedeu os oito atributos de soberania.'"

"Garga disse, 'Ó filho de Pandu, satisfeito comigo em consequência do sacrifício mental que eu tinha realizado, o grande Deus me concedeu, nas margens da corrente sagrada Saraswati, aquela ciência extraordinária, isto é, o conhecimento do Tempo com seus sessenta e quatro ramos. Ele também me concedeu mil filhos, todos possuidores de mérito igual e totalmente conhecedores dos Vedas. Pela sua graça, seus períodos de vida como também o meu se estenderam até dez milhões de anos.'"

"Parasara disse, 'Antigamente eu agradei Sarva, ó rei. Eu então nutria o desejo de obter um filho que possuísse grande mérito ascético, que fosse dotado de energia superior, dedicado ao excelente Yoga, que ganhasse fama mundial, organizasse os Vedas, e se tornasse o lar da prosperidade, que fosse devotado aos Vedas e aos Brahmanas e que fosse notável por compaixão. Um filho exatamente assim foi desejado por mim de Maheswara. Sabendo que este era o desejo do meu coração, aquela principal das Divindades me disse, 'Pela realização daquele teu objetivo que tu desejas obter de mim, tu terás um filho de nome Krishna. Naquela criação que será conhecida pelo nome de Savarni-Manu, aquele teu filho será contado entre os sete Rishis. Ele organizará os Vedas, e será o propagador da linhagem de Kuru. Ele, além disso, será o autor das histórias antigas e fará bem para o universo. Dotado de penitências severas, ele também será o caro amigo de Sakra. Livre de doenças de todo tipo, aquele teu filho, ó Parasara, além disso, será imortal.' Tendo dito estas palavras, a grande Divindade desapareceu. Este foi o bem, ó Yudhishthira, que eu obtive daquele Deus indestrutível e imutável, dotado das maiores penitências e energia suprema.'"

"Mandavya disse, 'Antigamente embora eu não fosse um ladrão mas injustamente suspeito de roubo, eu fui empalado (sob as ordens de um rei). Eu então adorei o ilustre Mahadeva que disse para mim, 'Tu logo serás libertado da empalação e viverás por milhões de anos. As dores devido à empalação não serão tuas. Tu também serás livre de todos os tipos de aflições e doenças. E já que, ó asceta, este teu corpo surgiu do quarto pé de Dharma (isto é, Verdade), tu serás inigualável sobre a Terra. Faça tua vida produtiva. Tu poderás, sem qualquer obstrução, te banhar em todas as águas sagradas da Terra. E depois da dissolução do teu corpo eu irei, ó Brahmana erudito, ordenar que tu desfrutes da pura felicidade do céu por um tempo interminável.' Tendo dito estas palavras para mim, a Divindade adorável que tem o touro como seu veículo, isto é, Maheswara de esplendor sem igual e vestido em pele animal, ó rei, desapareceu com todos os seus companheiros.'"

"Galava disse, 'Antigamente eu estudei aos pés do meu preceptor Viswamitra. Obtendo sua permissão eu fui para casa com o objetivo de ver meu pai. Minha mãe (tendo ficado viúva), se encheu de tristeza e chorando amargamente me

disse, ‘Ai, teu pai nunca verá seu filho que, adornado com conhecimento Védico, teve a permissão de seu preceptor para vir para casa e que, possuidor de todas as graças da juventude, é dotado de autodomínio!’ Ouvindo estas palavras de minha mãe, eu me desesperei em relação a ver meu pai outra vez. Eu então prestei minha adoração com uma alma absorta para Maheswara que, satisfeito comigo, mostrou-se para mim e disse, ‘Teu pai, tua mãe, e tu mesmo, ó filho, serão todos livres da morte. Vá rapidamente e entre em tua residência; tu verás teu pai lá.’ Tendo obtido a permissão da Divindade ilustre, eu então me dirigi para minha casa, ó Yudhishthira, e vi meu pai, ó filho, saindo depois de ter terminado seu sacrifício diário. E ele saiu levando em suas mãos uma quantidade de combustível Homa e grama Kusa e algumas frutas caídas. E ele parecia já ter comido seu alimento diário, pois ele tinha se lavado apropriadamente. Jogando no chão aquelas coisas de sua mão, meu pai, com olhos banhados em lágrimas (de alegria), me ergueu, pois eu tinha me prostrado aos seus pés. Abraçando-me ele cheirou minha cabeça, ó filho de Pandu, e disse, ‘Por boa sorte, ó filho, tu foste visto por mim. Tu voltaste, tendo adquirido conhecimento do preceptor.’"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas façanhas maravilhosas e muito extraordinárias do ilustre Mahadeva narradas pelos ascetas, o filho de Pandu ficou cheio de admiração. Então Krishna, aquela principal de todas as pessoas inteligentes, falou mais uma vez para Yudhishthira, aquele oceano de justiça, como Vishnu falando para Puruhuta.'"

"Vasudeva disse, 'Upamanyu, que parecia brilhar com refulgência como o Sol, me disse, ‘Aqueles homens pecaminosos que estão manchados por ações injustas não conseguem alcançar Isana. Suas disposições sendo maculadas pelos atributos de Rajas e Tamas, eles nunca podem se aproximar da Divindade Suprema. São somente aquelas pessoas regeneradas que são de almas purificadas que conseguem chegar à Divindade Suprema. Mesmo se uma pessoa vive no desfrute de todo prazer e luxo, contudo se ela for devotada à Divindade Suprema ela vem a ser considerada como igual aos ascetas da floresta de almas purificadas. Se Rudra está satisfeito com uma pessoa, ele pode lhe conceder as posições até de Brahma ou de Kesava ou de Sakra com todas as divindades sob ele, ou a soberania dos três mundos. Aquele homens, ó majestade, que adoram Bhava mesmo mentalmente, conseguem se libertar de todos os pecados e obter uma residência no céu com todos os deuses. Uma pessoa que põe casas no chão e destrói tanques e lagos, de fato, que devasta todo o universo, não fica manchada pelo pecado se ela cultua e adora a Divindade ilustre de três olhos. Uma pessoa que é desprovida de todas as indicações auspiciosas e que é maculada por todos os pecados tem todos os seus pecados destruídos por meditar sobre Siva. Até vermes e insetos e aves, ó Kesava, que se devotam a Mahadeva, podem vagar em perfeito destemor. É minha firme conclusão que aqueles homens que se devotam a Mahadeva sem dúvida se tornam emancipados do renascimento.’ Depois disto, Krishna dirigiu-se novamente a Yudhishthira, o filho de Dharma, nas seguintes palavras.’"

"Vishnu disse, ó grande rei, ‘Aditya, Chandra, Vento, Fogo, Céu, Terra, os Vasus, os Viswedevas, Dhatri, Aryyaman, Sukra, Vrihaspati, os Rudras, os

Saddhyas, Varuna, Brahma, Sakra, Maruts, os Upanishads que tratam do conhecimento de Brahman, Verdade, os Vedas, os Sacrifícios, Presentes Sacrificais, Brahmanas recitando os Vedas, Soma, Sacrificador, as partes das divindades nas oferendas sacrificais ou manteiga clarificada despejada em sacrifícios, Raksha, Diksha, todos os tipos de restrições na forma de votos e jejuns e observâncias rígidas, Swaha, Vashat, os Brahmanas, a vaca celeste, os principais atos de justiça, a roda do Tempo, Força, Fama, Autodomínio, a Constância de todas as pessoas dotadas de inteligência, todos os atos de bondade e o oposto, os sete Rishis, Compreensão da classe principal, todas as espécies de toques excelentes, o sucesso de todas as ações (religiosas), as diversas tribos das divindades, aqueles seres que absorvem calor, aqueles que são bebedores de Soma, Nuvens, Suyamas, Rishitas, todas as criaturas tendo Mantras como seus corpos, Abhasuras, aqueles seres que vivem somente de aromas, aqueles que vivem somente da visão, aqueles que reprimem sua fala, aqueles que reprimem suas mentes, aqueles que são puros, aqueles que são capazes de assumir diversas formas através de força-Yoga, aquelas divindades que vivem do toque (como seu alimento), aquelas divindades que subsistem da visão e aquelas que subsistem da manteiga derramada em sacrifícios, aqueles seres que são competentes para criar por decretos de sua vontade os objetos que eles necessitam, aqueles que são considerados como os mais importantes entre as divindades, e todas as outras divindades, ó descendente de Ajamila, os Suparnas, os Gandharvas, os Pisachas, os Danavas, Yakshas, os Charanas, as cobras, tudo o que é grosseiro e tudo o que é extremamente sutil, tudo o que é macio e tudo o que não é sutil, todas as tristezas e todas as alegrias, todas as tristezas que vêm depois da alegria e todas as alegrias que vêm depois da tristeza, a filosofia Sankhya, Yoga, e aquilo que transcende objetos que são considerados como principais e muito superiores, todas as coisas encantadoras, todas as divindades, e todos os protetores do universo que, entrando em forças físicas sustentam e mantêm esta criação antiga daquela Divindade ilustre, surgiram daquele Criador de todas as criaturas. Tudo isto que eu mencionei é mais grosseiro do que aquilo no qual os sábios pensam com a ajuda de Penitências. De fato, aquele Brahma sutil é a causa da vida. Eu curvo a minha cabeça em reverência a ele. Que aquele Mestre imutável e indestrutível, sempre adorado por nós, nos conceda bênçãos desejáveis. Aquela pessoa que, subjugando seus sentidos e se purificando, recita este hino, sem interrupção em relação ao seu voto, por um mês, consegue obter o mérito que é atribuído a um Sacrifício de Cavalo. Por recitar este hino o Brahmana consegue adquirir todos os Vedas; o Kshatriya vem a ser coroado com vitória, ó filho de Pritha; o Vaisya é bem sucedido em obter riqueza e inteligência; e o Sudra em ganhar felicidade aqui e um bom fim após a morte. Pessoas de grande renome, por recitarem este príncipe dos hinos que é competente para purificar todos os pecados e que é altamente sagrado e purificador, colocam seus corações em Rudra. Um homem, por narrar este príncipe dos hinos, consegue viver no céu por tantos anos quanto os poros que existem em seu corpo.'"

19

"Yudhishthira disse, 'Eu pergunto, ó chefe da linhagem de Bharata, qual é a origem do ditado sobre o cumprimento de todos os deveres conjuntamente no momento de uma pessoa receber a mão de seu cônjuge em casamento? Este ditado a respeito de cumprir todos os deveres juntos é devido somente ao que foi declarado pelos grandes Rishis antigamente, ou ele se refere ao dever de gerar prole por motivos religiosos, ou tem referência somente ao prazer carnal que é esperado de tal união? A dúvida que enche minha mente em relação a isso é muito grande. O que é citado pelos sábios como deveres conjuntos é incorreto em minha consideração. Aquilo que é chamado neste mundo de união para praticar todos os deveres junto cessa com a morte e não é visto subsistir depois dela. Esta união para praticar junto todos os deveres leva para o céu. Mas o céu, ó avô, é alcançado por pessoas que estão mortas. De um par casado é visto que somente um morre de cada vez. Onde o outro então permanece? Diga-me isto. Homens obtêm diversos tipos de resultados por praticarem diversos tipos de deveres. As ocupações, também, às quais os homens se dirigem são de diversos tipos. Diversos, além disso, são os infernos para os quais eles vão em consequência de tal diversidade de deveres e ações. Mulheres, em particular, os Rishis têm dito, são falsas em comportamento. Quando os seres humanos são dessa maneira, e quando as mulheres especialmente são declaradas como falsas nas ordenanças, como, ó majestade, pode haver uma união entre os sexos para propósitos de praticar todos os deveres juntos? Nos próprios Vedas uma pessoa pode ler que as mulheres são falsas. A palavra 'Dever', como usada nos Vedas, parece ter sido inventada em primeiro lugar para aplicação geral (de maneira que ela é aplicada para práticas que não têm mérito nelas). Por essa razão a aplicação daquela palavra aos ritos de casamento é, em vez de ser correta, somente uma forma de falar forçosamente aplicada onde ela não tem aplicação. O assunto me parece ser inexplicável embora eu reflita sobre ele constantemente. Ó avô, ó tu de grande sabedoria, cabe a ti me explicar isto em detalhes, claramente e segundo o que está prescrito no Sruti. Realmente, me explique quais são suas características, e a maneira na qual isto tem que acontecer!'"

(O assunto proposto por Yudhishthira é este: casamento é sempre citado como uma união dos sexos para praticar junto todos os ritos religiosos. O rei pergunta como isto pode ser. Casamento, como parece para ele, é uma união buscada por prazer. Se for dito que os dois indivíduos casados são casados para praticar deveres religiosos conjuntamente, tal prática é suspensa pela morte. Pessoas agem diferentemente e obtêm diferentes fins. Quando, além disso, um deles morre, a prática conjunta de deveres não pode mais ocorrer. As outras objeções, frisadas por Yudhishthira, à teoria do casamento ser uma união dos sexos somente para praticar deveres religiosos conjuntamente, são claras.)

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha narrativa da conversa entre Ashtavakra e a senhora conhecida pelo nome de Disa. Antigamente Ashtavakra de penitências severas, desejoso de casamento, pediu do Rishi Vadanya de

grande alma sua filha. O nome pelo qual a donzela era conhecida era Suprabha. Em beleza ela era inigualável sobre a Terra. Em virtudes, dignidade, conduta, e boas maneiras, ela era superior a todas as moças. Só por um relance aquela moça de belos olhos tinha roubado seu coração assim como um bosque encantador na primavera, adornado com flores, rouba do espectador seu coração. O Rishi se dirigiu a Ashtavakra e disse, 'Sim, eu te concederei minha filha. Escute, no entanto, a mim. Faça uma viagem para o Norte sagrado. Tu verás muitas coisas lá!'" (O sentido é que se depois de voltares da tua viagem para aquela região tu reivindicares tua noiva, tu poderás obtê-la de mim. Tua viagem será um tipo de prova ou teste ao qual eu pretendo te pôr.)

"Ashtavakra disse, 'Cabe a ti me dizer o que eu verei naquela região. De fato, eu estou preparado para realizar qualquer ordem que possa ser imposta sobre mim por ti.'"

"Vadanya disse, 'Passando pelos domínios do Senhor dos Tesouros tu cruzarás as montanhas Himavat. Tu irás então contemplar o planalto sobre o qual Rudra reside. Ele é habitado por Siddhas e Charanas. Ele abunda com os associados de Mahadeva, travessos e que gostam de dançar e possuidores de diversas formas. Ele é povoado também com muitos Pisachas, ó mestre, de diversas formas e todos cobertos com pós fragrantes de diversas cores, e dançando com corações alegres em acompanhamento com instrumentos de diferentes tipos feitos de metal. Cercado por estes que se movem com rapidez vibrante na confusão da dança ou se refreiam às vezes totalmente de movimentos para a frente ou para trás ou em direção diagonal de todo tipo, Mahadeva mora lá. Aquele local encantador nas montanhas, nós temos ouvido, é a residência favorita da grande Divindade. É dito que o grande deus como também seus companheiros estão sempre presentes lá. Foi lá que a deusa Uma praticou as austeridades mais severas (para obter como seu marido) a Divindade de três olhos. Por essa razão é dito aquele local é muito querido por ambos, Mahadeva e Uma. Antigamente lá, nas alturas do Mahaparswa, o qual está situado ao norte das montanhas sagradas para Mahadeva, as sessões, e a última Noite (a Noite que precede a dissolução universal), e muitas divindades, e muitos seres humanos também (da classe mais importante), em suas formas incorporadas, tinham adorado Mahadeva. Tu deves cruzar aquela região também em tua jornada para o norte. Tu verás então uma bela e encantadora floresta de cor azul e parecendo com uma massa de nuvens. Lá, naquela floresta, tu verás uma bela mulher asceta parecida com a própria Sree. Venerável em idade e altamente abençoada, ela está na observância do Diksha. Vendo ela lá tu deves adorá-la devidamente com reverência. Voltando para este local depois de tê-la visto, tu então receberás a mão de minha filha em casamento. Se tu desejares fazer este acordo, proceda então em tua viagem e faça o que eu te ordeno.'"

"Ashtavakra disse, 'Assim seja. Eu farei o que tu dizes. Na verdade, eu irei para aquela região da qual tu falaste, ó tu de alma justa. De tua parte, que tuas palavras estejam de acordo com a verdade.'"

"Bhishma continuou, "O ilustre Ashtavakra saiu em sua viagem. Ele procedeu cada vez mais em direção ao norte e finalmente alcançou as montanhas Himavat habitadas por Siddhas e Charanas. Chegando nas montanhas Himavat, aquele principal dos Brahmanas então encontrou o rio sagrado Vahuda cujas águas produzem grande mérito. Ele se banhou em um dos Tirthas aprazíveis daquele rio, o qual estava livre de lama, e agradou as divindades com oblações de água. (Thirta aqui significa um Ghat, isto é, um declive natural da margem para acesso à água.) Suas abluções estando terminadas, ele espalhou uma quantidade de grama Kusa e deitou-se sobre ela para descansar à vontade por algum tempo. Passando a noite desse modo, o Brahmana se levantou com o dia. Ele mais uma vez realizou suas abluções nas águas sagradas do Vahuda e então acendeu seu fogo homa e o adorou com a ajuda de muitos dos principais mantras Védicos. Ele então adorou com ritos devidos Rudra e sua esposa Uma, e descansou por mais algum tempo ao lado daquele lago no curso do Vahuda cujas margens ele tinha alcançado. Revigorado por tal descanso, ele saiu daquela região e então procedeu em direção a Kailasa. Ele então contemplou um portão de ouro que parecia resplandecer com beleza. Ele viu também o Mandakini e o Nalini de Kuvera de grande alma, o Senhor dos tesouros. (Mandakini é aquela parte do rio Ganga que flui através de Kailasa, enquanto Nalini é um lago célebre possuído pelo rei dos Yakshas, assim chamado por causa dos lotos que se encontram lá em profusão.) Vendo o Rishi chegado lá, todos os Rakshasas tendo Manibhadra como seu líder, que estavam empenhados em proteger aquele lago cheio de lotos belos, saíram em conjunto para dar as boas-vindas e honrar o viajante ilustre. O Rishi adorou em retorno aqueles Rakshasas de bravura terrível e pediu para eles comunicarem, sem demora, sua chegada ao Senhor dos Tesouros. Pedidos por ele para fazer isso, aqueles Rakshasas, ó rei, disseram, 'O rei Vaisravana, sem esperar pelas nossas notícias, está vindo por sua própria vontade à tua presença. O ilustre Senhor dos Tesouros conhece bem o objetivo dessa tua viagem. Veja-o, aquele Mestre abençoado, que brilha com sua própria energia.' Então o rei Vaisravana, se aproximando do impecável Ashtavakra, perguntou devidamente acerca do seu bem-estar. As perguntas costumeiras de cortesia tendo terminado, o Senhor dos Tesouros então dirigiu-se ao Rishi regenerado, dizendo, 'Tu és bem vindo aqui. Diga-me o que tu procuras de minhas mãos. Me informe disto. Eu irei, ó regenerado, realizar o que quer que tu possas me dizer para realizar. Entre em minha residência como te agradar, ó principal dos Brahmanas. Devidamente entretido por mim, e depois que o teu assunto estiver concluído, tu podes seguir sem quaisquer obstáculos no teu caminho.' Tendo dito estas palavras, Kuvera pegou a mão daquele principal dos Brahmanas e o levou para seu palácio. Ele lhe ofereceu seu próprio assento como também água para lavar seus pés e o Arghya feito dos ingredientes usuais. Depois que os dois tinham tomado seus assentos, os Yakshas de Kuvera encabeçados por Manibhadra, e muitos Gandharvas e Kinnaras, também se sentaram perante eles. Depois que todos eles tinham tomado seus assentos, o Senhor dos Tesouros disse estas palavras, 'Compreendendo qual é tua vontade, as diversas tribos de Apsaras começarão sua dança. É apropriado que eu te entretenha com hospitalidade e que tu sejas servido com auxílios apropriados.' Assim endereçado, o asceta Ashtavakra disse, em uma voz gentil, 'Que a dança proceda.' Então Urvara e Misrakesi, e Rambha e

Urvasi, e Alumvusha e Ghritachi, e Chitra e Chitrangada e Ruchi, e Manohara e Sukesi e Sumukhi e Hasini e Prabha, e Vidyuta, e Prasami e Danta e Vidyota e Rati, estas e muitas outras Apsaras belas começaram a dançar. Os Gandharvas tocaram diversos tipos de instrumentos musicais. Depois que tal música e dança excelentes tinham começado, o Rishi Ashtavakra de penitências severas inconscientemente passou um ano celeste inteiro lá na residência do rei Vaisravana. Então o rei Vaisravana disse para o Rishi, 'Ó Brahmana erudito, veja, passou um pouco mais de um ano desde tua chegada aqui. Esta música e dança, especialmente conhecida pelo nome de Gandharva, é uma ladra do coração (e do tempo). Aja como tu desejas ou deixe isto continuar se esta for tua vontade. Tu és meu convidado e, portanto, digno de adoração. Esta é minha casa. Dê tuas ordens. Nós estamos todos ligados a ti.' O ilustre Ashtavakra, assim endereçado pelo rei Vaisravana, respondeu para ele, com o coração satisfeito, dizendo, 'Eu fui devidamente honrado por ti. Eu desejo agora, ó Senhor dos Tesouros, partir daqui. De fato, eu estou muito satisfeito. Tudo isto condiz contigo, ó Senhor dos Tesouros. Pela tua graça, ó ilustre, e segundo a ordem do Rishi Vadanya de grande alma, eu irei agora proceder para o fim da minha viagem. Que crescimento e prosperidade sejam teus.' Tendo dito estas palavras, o Rishi ilustre saiu da residência de Kuvera e procedeu na direção norte. Ele cruzou a Kailasa e a Mandara como também as montanhas douradas. Além daquelas montanhas grandes e altas está situada aquela região excelente onde Mahadeva, vestido como um asceta humilde, tomou sua residência. Ele circungirou o local, com mente concentrada, enquanto inclinava sua cabeça em reverência. Descendo então sobre a Terra, ele se considerou santificado por ter obtido uma visão daquele local sagrado que é a residência de Mahadeva. Tendo circungirado aquela montanha três vezes, o Rishi, com rosto virado para o norte, prosseguiu com o coração alegre. Ele então contemplou outra floresta que era muito encantadora em aspecto. Ela era adornada com os frutos e raízes de todas as estações, e ressoava com a música de cantores alados contados aos milhares. Havia muitos bosques encantadores por toda a floresta. O Rishi ilustre então viu um eremitério atrativo. O Rishi viu também muitas colinas douradas enfeitadas com pedras preciosas e possuidoras de formas diversas. No solo enfeitado com pedras preciosas ele viu muitos lagos e tanques também. E ele viu diversos outros objetos que eram extremamente encantadores. Contemplando estas coisas, a mente daquele Rishi de alma purificada ficou cheia de alegria. Ele então viu uma mansão bela feita de ouro e adornada com jóias de muitos tipos. De estrutura maravilhosa, aquela mansão superava a residência do próprio Kuvera em todos os aspectos. Ao redor dela havia muitas colinas e montes de jóias e pedras preciosas. Muitos carros belos e muitas pilhas de diversas espécies de jóias também eram visíveis naquele lugar. O Rishi viu lá o rio Mandakini cujas águas estavam cobertas com muitas flores Mandara. Muitas pedras preciosas também eram vistas lá que eram auto-luminosas, e o solo em volta estava decorado com diamantes de diversos tipos. A mansão suntuosa que o Rishi viu continha muitos aposentos cujos arcos estavam embelezados com várias espécies de pedras. Aqueles aposentos estavam enfeitados também com redes de pérolas entremeadas com jóias e pedras preciosas de diferentes tipos. Diversas espécies de objetos belos capazes de roubar o coração e a visão circundavam aquele

palácio. Aquele retiro encantador era habitado por numerosos Rishis. Contemplando estas belas visões por todos os lados, o Rishi começou a pensar aonde ele iria se abrigar. Procedendo então para o portão da mansão, ele proferiu estas palavras: 'Que aqueles que vivem aqui saibam que chegou um convidado (desejoso de abrigo)'. Ouvindo a voz do Rishi, várias moças saíram juntas daquele palácio. Elas eram sete em número, ó rei, de diferentes estilos de beleza, todas elas eram extremamente encantadoras. Cada uma daquelas donzelas sobre a qual o Rishi lançou seus olhos roubou seu coração. O sábio, mesmo com seus melhores esforços, não conseguiu controlar sua mente. De fato, à visão daquelas moças de beleza muito superior, seu coração perdeu toda sua tranquilidade. Vendo a si mesmo cedendo a tais influências, o Rishi fez um esforço enérgico e, possuidor como ele era de grande sabedoria, ele finalmente conseguiu se controlar. Aquelas donzelas então se dirigiram ao Rishi, dizendo, 'Que o ilustre entre.' Cheio de curiosidade a respeito daquelas donzelas extremamente belas como também daquela mansão suntuosa, o Rishi regenerado entrou quando ele foi convidado. Entrando na mansão ele viu uma senhora idosa, com indicações de decrepitude, vestida em mantos brancos e adornada com todos os tipos de ornamentos. O Rishi a abençoou, dizendo, 'Que o bem-estar seja seu.' A senhora idosa retribuiu seus bons votos de forma apropriada. Erguendo-se, ela ofereceu um assento para o Rishi. Tendo tomado seu assento, Ashtavakra disse, 'Que todas as donzelas vão para seus respectivos alojamentos. Que somente uma fique aqui. Que permaneça aqui aquela que possui sabedoria e que tem tranquilidade de coração. De fato, que todas as outras partam como desejarem.' Assim endereçadas, todas aquelas donzelas circungiraram o Rishi e então deixaram o aposento. Somente aquela senhora idosa permaneceu lá. O dia passou rapidamente e chegou a noite. O Rishi sentou em uma cama esplêndida, e se dirigiu à senhora idosa dizendo, 'Ó senhora abençoada, a noite está se aprofundando. Dirija-te para dormir.' Sua conversação sendo assim encerrada pelo Rishi, a senhora idosa se deitou em uma cama excelente de grande esplendor. Logo depois, ela se levantou de sua cama e fingindo tremer com frio, ela a deixou para ir à cama do Rishi. O ilustre Ashtavakra a recebeu com cortesia. A senhora no entanto, esticando seus braços, abraçou o Rishi afetuosamente, ó principal dos homens. Vendo o Rishi bastante imóvel e tão inanimado como um pedaço de madeira, ela ficou muito desanimada e começou a conversar com ele. 'Não há prazer, salvo aquele que provém de Kama (desejo), que as mulheres possam derivar de uma pessoa do outro sexo. Eu estou agora sob a influência do desejo. Eu te procuro por esta razão. Procure-me em retorno. Fique animado, ó Rishi erudito, e una-te a mim. Abrace-me, ó erudito, pois eu te desejo imensamente. Ó tu de alma justa, esta união comigo é a recompensa excelente e desejável daquelas penitências severas que tu praticaste. À primeira vista eu me tornei disposta a te procurar. Procure-me também. Toda esta riqueza, e tudo mais de valor que tu vês aqui é meu. Realmente torne-te o senhor de tudo isto junto com minha pessoa e coração. Eu satisfarei todos os teus desejos. Divirta-te comigo, portanto, nesta floresta encantadora, ó Brahmana, que é capaz de conceder todos os desejos. Eu te darei obediência completa em tudo, e tu te divertirás comigo de acordo com tua vontade. Todos os objetos de desejo que são humanos ou que pertencem ao céu serão desfrutados por nós. Não há prazer

mais agradável para as mulheres (do que aquele que é derivável da companhia de uma pessoa do outro sexo). Na verdade, o ato sexual com uma pessoa do sexo oposto é fruto mais delicioso de alegria que nós podemos colher. Quando incitadas pelo deus do desejo, as mulheres ficam muito caprichosas. Em tais períodos elas não sentem alguma dor, mesmo se elas andam sobre um deserto de areia ardente.'"

"Ashtavakra disse, 'Ó senhora abençoada, eu nunca me aproximo de alguém que é esposa de outro. A união de alguém com a esposa de outro homem é condenada por pessoas familiarizadas com as escrituras sobre moralidade. Eu sou um completo estranho para os prazeres de todos os tipos. Ó senhora abençoada, saiba que eu fiquei desejoso de matrimônio para obter prole. Eu juro pela própria verdade. Pela ajuda de prole justamente obtida, eu procederei para aquelas regiões de felicidade que não podem ser alcançadas sem tal ajuda. Ó boa senhora, saiba o que é consistente com a moralidade, e conhecendo isto, desista dos teus esforços.'"

"A senhora disse, 'As próprias divindades do vento e fogo e água, ou os outros celestiais, ó regenerado, não são tão agradáveis para as mulheres quanto a divindade do desejo. Na verdade, as mulheres gostam muito da união sexual. Entre mil mulheres, ou, talvez, entre centenas de milhares, às vezes pode ser encontrada somente uma que é devotada a seu marido. Quando sob a influência do desejo, elas não têm consideração por família ou pai ou mãe ou irmão ou marido ou filhos ou irmão do marido (mas seguem o caminho que o desejo indica). Na verdade, em busca do que elas consideram felicidade, elas destroem a família (à qual elas pertencem por nascimento ou casamento) assim como muitos rios majestosos destroem as margens que os contêm. O próprio Criador disse isto, notando rapidamente os defeitos das mulheres.'" (É dito que uma mulher destrói a família por maculá-la com sua falta de castidade.)

"Bhishma continuou, 'O Rishi, disposto a descobrir os defeitos das mulheres, então se dirigiu àquela senhora, dizendo, ‘Pare de me falar dessa maneira. O desejo surge da amizade. Diga-me o que (mais) eu posso fazer.’ (O que o Rishi diz é: Eu ainda não anseio pela tua companhia, pois eu não gosto de ti. É claro que, se depois de ficar contigo por algum tempo eu começar a gostar de ti, eu poderei então sentir um desejo por ti!) Aquela senhora então disse em retorno, ‘Ó ilustre, tu verás de acordo com o tempo e lugar (se eu tenho alguma coisa agradável em mim). Somente viva aqui (por algum tempo), ó altamente abençoado, e eu me considerarei amplamente recompensada.’ Assim endereçado por ela, o Rishi regenerado, ó Yudhishthira, expressou sua resolução de concordar com o pedido dela, dizendo, ‘Realmente, eu morarei contigo neste lugar tanto tempo quanto eu puder ousar fazer isso.’ O Rishi então, vendo aquela senhora afligida pela decrepitude, começou a refletir seriamente sobre o assunto. Ele parecia estar mesmo torturado por seus pensamentos. Os olhos daquele principal dos Brahmanas fracassaram em derivar qualquer prazer daquelas partes do corpo daquela senhora às quais eles foram lançados. Por outro lado, seus olhares pareciam ser afastados pela feiúra daqueles membros específicos. ‘Esta senhora é certamente a deusa deste palácio. Ela ficou feia através de alguma maldição.

Não é apropriado que eu averigúe rapidamente a causa disto.' Refletindo sobre isto no sigilo de seu coração, e curioso para saber a razão, o Rishi passou o resto daquele dia em um estado ansioso. A senhora então se dirigiu a ele, dizendo, 'Ó ilustre, veja o aspecto do Sol avermelhado pelas nuvens noturnas. Qual serviço eu farei para ti?' O Rishi se dirigiu a ela, dizendo, 'Vá buscar água para as minhas abluções. Tendo me banhado, eu recitarei as minhas preces noturnas, reprimindo minha língua e os sentidos.'"

20

"Bhishma disse, 'Assim ordenada, a senhora disse, 'Assim seja'. Ela então trouxe o óleo (para esfregar o corpo do Rishi) e uma peça de roupa para seu uso durante as abluções. Permitida pelo asceta, ela friccionou todas as partes do seu corpo com o óleo fragrante que ela tinha trazido para ele. O Rishi foi gentilmente esfregado, e quando o processo de fricção estava terminado ele foi para o aposento reservado para a realização de abluções. Lá ele sentou-se sobre um assento novo e excelente de grande esplendor. Depois que o Rishi tinha sentado sobre ele, a dama idosa começou a lavar seu corpo com suas próprias mãos macias cujo toque era extremamente agradável. Um depois do outro na devida ordem, a dama prestou os serviços mais agradáveis para o Rishi a respeito das suas abluções. Entre a água morna com a qual ele era lavado e as mãos macias que estavam empenhadas em lavá-lo, o Rishi de votos rígidos não percebeu que a noite inteira tinha se passado no processo. Erguendo-se do banho o Rishi ficou muito surpreso. Ele viu o Sol erguido acima do horizonte no Leste. Ele ficou pasmado por isto e se perguntou, 'Isto foi realmente assim ou isto foi um erro da compreensão?' O Rishi então adorou devidamente o deus de mil raios. Isto feito, ele questionou a senhora quanto ao que ele deveria fazer. A senhora idosa preparou algum alimento para o Rishi que era tão delicioso para o paladar quanto o próprio Amrita. Pelo caráter delicioso daquela comida o Rishi não pôde comer muito. Ao comer aquele pouco, no entanto, o dia passou e chegou a noite. A dama idosa então pediu ao Rishi para ir para a cama e dormir. Uma cama excelente foi designada para o Rishi e a outra era ocupada por ela mesma. O Rishi e a senhora idosa ocuparam camas diferentes a princípio, mas quando era meia-noite a senhora deixou sua própria cama para ir para a do Rishi.'"

"Ashtavakra disse, 'Ó senhora abençoada, minha mente rejeita união sexual com alguém que é a esposa de outro. Deixe minha cama, ó boa senhora. Abençoada sejas tu, desista disso por iniciativa própria.'" (A última palavra também pode significar: 'Vá para tua própria cama e descanse sozinha!')

"Bhishma continuou, 'Assim dissuadida por aquele Brahmana com a ajuda de seu autocontrole, a dama respondeu, dizendo, 'Eu sou minha própria mestra. Ao me aceitares tu não incorrerás em pecado.'"

"Ashtavakra disse, 'As mulheres nunca podem ser suas próprias mestras. Esta é a opinião do próprio Criador, isto é, que uma mulher nunca tem direito a ser independente.'"

"A senhora disse, 'Ó Brahmana erudito, eu estou torturada pelo desejo. Observe minha devoção por ti. Tu incorrerás em pecado por te recusares a me abordar amorosamente.'"

"Ashtavakra disse, 'Diversos erros arrastam o homem que age como ele deseja. Com relação a mim mesmo, eu posso controlar as minhas inclinações por meio de autodomínio. Ó boa senhora, volte para tua própria cama.'"

"A senhora disse, 'Eu te reverencio, inclinando minha cabeça. Cabe a ti me mostrar tua graça. Ó impecável, eu me prostro diante de ti, torne-te meu refúgio. Se, de fato, tu vês semelhante pecado em união sexual com alguém que não é tua esposa, eu me entrego para ti. Ó regenerado, aceite minha mão em casamento. Tu não irás incorrer em pecado. Eu te digo a verdade. Saiba que eu sou minha própria mestra. Se houver algum pecado nisto, que ele seja só meu. Meu coração está devotado a ti. Eu sou minha própria mestra. Me aceite.'"

"Ashtavakra disse, 'Como é que, ó boa senhora, tu és tua própria mestra? Diga-me a razão disto. Não há uma única mulher nos três mundos que mereça ser considerada como a mestra de si mesma. O pai a protege enquanto ela é uma donzela. O marido a protege enquanto ela está na juventude. Os filhos a protegem quando ela é idosa. As mulheres nunca podem ser independentes enquanto elas viverem!'"

"A senhora disse, 'Eu, desde o tempo da minha virgindade, adotei o voto de Brahmacharya. Não duvide disto. Eu ainda sou uma donzela. Faça-me tua esposa. Ó Brahmana, não mate essa minha devoção por ti.'"

"Ashtavakra disse, 'Como tu estás inclinada a mim, assim eu estou inclinado a ti. Há esta questão, no entanto, a qual deve ser decidida. É verdade que por me entregar às minhas inclinações eu não serei considerado como agindo em oposição ao que o Rishi (Vadanya) deseja. Isto é extraordinário. Isto levará ao que é benéfico? Aqui está uma donzela adornada com ornamentos e mantos excelentes. Ela é extremamente bela. Por que a decrepitude a cobriu por tanto tempo? No momento ela parece uma moça bela. Não há conhecimento de qual forma ela pode tomar após a morte. Eu nunca me desviarei daquele controle que eu tenho sobre o desejo e as outras paixões ou do contentamento que eu já adquiri. Tal desvio não me parece ser bom. Eu me manterei unido com a verdade!'"

21

"Yudhishthira disse, 'Diga-me por que aquela dama não tinha tido medo da maldição de Ashtavakra embora Ashtavakra fosse dotado de grande energia? Como também Ashtavakra conseguiu voltar daquele lugar?'"

"Bhishma disse, 'Ashtavakra a questionou, dizendo, ‘Como tu consegues alterar tua forma dessa maneira? Tu não deves dizer qualquer coisa que seja falsa. Eu desejo saber. Fale verdadeiramente perante um Brahmana.'"

"A dama disse, 'Ó melhor dos Brahmanas, onde quer que tu possas residir, no céu ou sobre a Terra, este desejo de união entre os sexos é para ser observado. Ó tu de destreza infalível, escute, com atenção concentrada, a tudo isto. Este teste foi planejado por mim, ó impecável, para te testar corretamente. Ó tu de destreza infalível, tu subjugaste todos os mundos para não abandonar tua resolução prévia. Saiba que eu sou a encarnação do ponto Norte do horizonte. Tu viste a leviandade do caráter feminino. Até mulheres que são idosas são torturaras pelo desejo de união sexual. O próprio Avô e todas as divindades com Indra estão satisfeitos contigo. O objetivo pelo qual tua pessoa ilustre veio até aqui (é conhecido por mim). Ó principal das pessoas regeneradas, tu foste enviado para cá pelo Rishi Vadanya, o pai da tua noiva, a fim de que eu pudesse te instruir. De acordo com os desejos daquele Rishi eu já te instruí. Tu voltarás para casa em segurança. Tua viagem de retorno não será penosa. Tu obterás como esposa a moça que tu escolheste. Ela te dará um filho. Por desejo eu tinha te procurado, e tu me deste a melhor resposta. O desejo pela união sexual não pode ser superado nos três mundos. Volte para teus alojamentos, tendo conseguido tal mérito. O que mais há que tu desejas saber de mim? Eu falarei sobre isto, ó Ashtavakra, de acordo com a verdade. Eu fui gratificada pelo Rishi Vadanya em primeiro lugar por tua causa, ó asceta regenerado. Para honrá-lo eu te disse tudo isso.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras dela, o regenerado Ashtavakra uniu suas mãos em uma atitude reverente. Ele então pediu a permissão da senhora para voltar. Obtendo a permissão ele voltou para seu próprio retiro. Descansando por algum tempo em casa e obtendo a permissão de seus parentes e amigos, ele então, por um caminho apropriado, procedeu, ó encantador dos Kurus, até o Brahmana Vadanya. Recebido com as perguntas usuais por Vadanya, o Rishi Ashtavakra, com um coração satisfeito, narrou tudo o que ele tinha visto (durante sua viagem para o Norte). Ele disse, ‘Mandado por ti eu procedi para as montanhas de Gandhamadana. Nas regiões que se encontram ao norte dessas montanhas eu vi uma deusa muito superior. Eu fui recebido por ela com cortesia. Ela citou você em minha audição e também me instruiu em vários assuntos. Tendo-a ouvido eu voltei, ó senhor.’ Para ele que tinha dito isso, o erudito Vadanya disse, ‘Aceite a mão de minha filha de acordo com os ritos devidos e sob as constelações apropriadas. Tu és o noivo mais adequado que eu posso escolher para a moça.'"

'Bhishma continuou, 'Ashtavakra disse, ‘Assim seja’ e aceitou a mão da moça. De fato, o Rishi altamente virtuoso, tendo desposado a donzela, ficou cheio de alegria. Tendo tomado como sua esposa aquela bela donzela, o Rishi continuou a morar em seu próprio retiro, livre de agitações (mentais) de todos os tipos.'"

22

"Yudhishthira disse, 'A quem os Brahmanas eternos estritamente cumpridores dos ritos religiosos chamam de um objeto apropriado de caridade? Um Brahmana que tem os símbolos da ordem de vida que ele segue é para ser considerado como tal ou alguém que não tem tais indicações é para ser assim considerado?'"

"Bhishma disse, 'Ó monarca, é dito que doações devem ser feitas para um Brahmana que adere aos deveres da sua própria classe, ele ostente as indicações de um Brahmachari ou não, pois ambos são impecáveis, isto é, aquele que leva tais indicações e aquele que é desprovido delas.'"

"Yudhishthira disse, 'Em qual erro incorre uma pessoa impura, se ela faz doações de manteiga sacrifical ou alimento com grande devoção para pessoas da classe regenerada?'"

"Bhishma disse, 'Mesmo alguém que é muito desprovido de autocontrole vem a ser, sem dúvida, purificado pela devoção. Tal homem, ó tu de grande esplendor, se torna purificado em relação a todas as ações (e não somente com relação às doações).'"

"Yudhishthira disse, 'É dito que um Brahmana que é procurado para ser empregado em uma ação que tem relação com as divindades nunca deve ser examinado. Os eruditos, no entanto, dizem que com respeito às ações como as que têm relação com os Pitris, o Brahmana que é procurado para ser empregado deve ser examinado (a respeito de sua conduta e competência).'"

"Bhishma disse, 'Em relação às ações que têm referência às divindades, estas produzem resultados não por causa do Brahmana que é empregado em fazer os ritos mas pela graça das próprias divindades. Sem dúvida, aquelas pessoas que realizam sacrifícios obtêm o mérito ligado àquelas ações, através da graça das divindades. Os Brahmanas, ó chefe dos Bharatas, são sempre devotos de Brahman. O Rishi Markandeya, um dos maiores Rishis dotados de inteligência em todos os mundos, disse isso antigamente.'"

"Yudhishthira disse, 'Por que, ó avô, estes cinco, isto é, aquele que é um desconhecido, aquele que é dotado de erudição (ligada aos deveres da sua classe), aquele que é ligado por casamento, aquele que é dotado de penitências, e aquele que adere à realização de sacrifícios, são considerados como pessoas respeitáveis?'"

"Bhishma disse, 'Os primeiros três, ou seja, desconhecidos, parentes, e ascetas, quando possuidores destes atributos, isto é, pureza de nascimento, dedicação às ações religiosas, erudição, compaixão, modéstia, sinceridade, e veracidade, são considerados como pessoas respeitáveis. Os outros dois, isto é, homens de erudição e dedicados aos sacrifícios, quando dotados de cinco destes atributos, isto é, pureza de nascimento, compaixão, modéstia, sinceridade, e veracidade, também são considerados como pessoas respeitáveis. Escute agora a mim, ó filho de Pritha, enquanto eu narro para ti as opiniões destas quatro

pessoas de energia poderosa: a deusa Terra, o Rishi Kasyapa, Agni (a divindade do fogo) e o asceta Markandeya.'"

"A Terra disse, 'Como um punhado de lama, quando jogado no grande oceano se dissolve rapidamente, assim mesmo todos os tipos de pecado desaparecem nos três atributos excelentes, isto é, ofício em sacrifícios, ensino e recebimento de doações.'"

"Kasyapa disse, 'Os Vedas com seus seis ramos, a filosofia Sankhya, os Puranas, e o nascimento superior, estes fracassam em resgatar uma pessoa regenerada se ela abandona a boa conduta.'" (Por boa conduta é implicado modéstia e integridade.)

"Agni disse, 'Aquele Brahmana que, dedicado ao estudo e se considerando erudito, procura com a ajuda de sua erudição destruir a reputação de outros, abandona a justiça, e vem a ser considerado como dissociado da verdade. Na verdade regiões de bem-aventurança após a morte nunca são alcançadas por tal pessoa de gênio destrutivo.'"

"Markandeya disse, 'Se mil Sacrifícios de Cavalo e a Verdade forem pesados na balança, eu não sei o se o primeiro chegaria a pesar metade do último.'"

"Bhishma continuou, 'Tendo falado estas palavras, aquelas quatro pessoas, todas as quais são dotadas de energia incomensurável, isto é, a deusa Terra, Kasyapa, Agni, e o filho de Bhrigu armado com armas, foram embora rapidamente.'"

"Yudhishthira disse, 'Se Brahmanas cumpridores do voto de Brahmacharya neste mundo solicitam as oferendas que alguém faz (para seus antepassados falecidos em Sraddhas) eu pergunto, o Sraddha pode ser considerado bem realizado, se o realizador verdadeiramente transfere aquelas oferendas para tais Brahmanas?'"

"Bhishma disse, 'Se, tendo praticado o voto de Brahmacharya pelo período prescrito (de doze anos) e adquirido proficiência nos Vedas e seus ramos, um Brahmana solicita a oferenda feita em Sraddhas e come a mesma, ele é considerado como tendo abandonado seu voto. O Sraddha, no entanto, não é considerado como maculado de nenhuma maneira.'"

"Yudhishthira disse, 'Os sábios dizem que o dever de retidão tem muitos fins e numerosas portas. Diga-me, ó avô, quais no entanto são as conclusões seguras sobre este assunto.'"

Bhishma disse, 'Abstenção de injúria para outros, veracidade, a ausência de raiva (perdão), compaixão, autodomínio, e sinceridade ou franqueza, ó monarca, são as indicações de Retidão. Há pessoas que vagam sobre a terra louvando a retidão, mas sem praticarem o que elas pregam e todo o tempo envolvidas em pecado. Ó rei, aquele que dá ouro ou jóias ou corcéis para tais pessoas tem que cair no inferno e subsistir lá por dez anos, comendo as fezes de pessoas como as que vivem da carne de vacas e búfalos mortos, de homens chamados Pukkasas,

de outros que vivem nos arredores de cidades e aldeias (que são curtidores e outros de castas baixas), e de homens que divulgam, sob a influência da raiva e tolice, as ações e as omissões de outros. (Aqueles que divulgam os atos e omissões de outros são considerados como pessoas realmente vis, equivalentes aos homens de casta inferior mencionados acima.) Aqueles homens tolos que dão para um Brahmana cumpridor do voto de Brahmacharya as oferendas feitas em Sraddhas (para seus ancestrais falecidos), têm que ir, ó monarca, para regiões de grande miséria.'"

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, o que é superior ao Brahmacharya? Qual é a maior indicação de virtude? Qual é o tipo de pureza mais elevado?'"

"Bhishma disse, 'Eu te digo, ó filho, que abstenção de mel e carne é superior até ao Brahmacharya. A virtude consiste em se manter dentro de limites ou em autocontrole, a melhor indicação de Virtude é a Renúncia (a qual é também o tipo de pureza mais elevado).'"

"Yudhishthira disse, 'Em qual época alguém deve praticar Virtude? Em qual época a riqueza deve ser procurada? Em qual época o prazer deve ser desfrutado? Ó avô, diga-me isto.'"

"Bhishma disse, 'Uma pessoa deve ganhar riqueza na primeira parte de sua vida. Então ela deve obter Virtude, e então desfrutar do prazer. Não se deve, no entanto, se apegar a algum destes. Deve-se respeitar os Brahmanas, adorar o preceptor e os mais velhos, mostrar compaixão por todas as criaturas, ser de disposição branda e fala agradável. Proferir falsidade em uma corte de justiça, se comportar enganadoramente para com o rei, agir falsamente com os preceptores e mais velhos, são considerados como equivalentes (em atrocidade) ao Brahmanicídio. Uma pessoa nunca deve fazer uma ação de violência para a pessoa do rei. Nem alguém deve golpear uma vaca. Ambos estes delitos são equivalentes ao pecado de feticídio. Alguém nunca deve abandonar seu fogo (homa). E alguém nunca deve também rejeitar seu estudo dos Vedas. Nunca se deve atacar um Brahmana por meio de palavras ou ações. Todos esses delitos são equivalentes ao Brahmanicídio.'"

"Yudhishthira disse, 'Qual tipo de Brahmanas deve ser considerado como bom? Por fazer doações para (qual tipo de) Brahmanas alguém pode adquirir grande mérito? Qual tipo de Brahmanas são aqueles a quem se deve alimentar? Diga-me tudo isso, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Aqueles Brahmanas que estão livre de cólera, que são dedicados a atos de virtude, que são firmes na Verdade, e que praticam autodomínio são considerados como bons. Por fazer doações para eles alguém adquire grande mérito. Uma pessoa ganha grande mérito por fazer doações para Brahmanas que estão livres de orgulho, que são capazes de tolerar tudo, firmes na busca de seus objetivos, dotados de domínio sobre seus sentidos, dedicados ao bem de todas as criaturas, e dispostos a serem amáveis para com todos. Uma pessoa ganha grande mérito por fazer doações para Brahmanas que estão livres de cobiça, que são puros de coração e conduta, possuidores de erudição e

modéstia, sinceros em palavras e cumpridores dos seus próprios deveres como declarados nas escrituras. Os Rishis têm declarado que é um objeto merecedor de doações aquele Brahmana que estuda os quatro Vedas com todos os seus ramos e que é dedicado aos seis deveres bem conhecidos (prescritos nas escrituras). Alguém adquire grande mérito por fazer doações para Brahmanas possuidores de tais qualificações. O homem que faz doações para um Brahmana merecedor multiplica seu mérito mil vezes. Um único Brahmana justo possuidor de sabedoria e conhecimento Védico, cumpridor dos deveres prescritos nas escrituras, notável por pureza de comportamento, é competente para resgatar uma linhagem inteira; (isto é, por fazer doações mesmo para um único Brahmana que é assim, uma pessoa resgata todos os antepassados e descendentes da própria linhagem). Deve-se fazer doações de vacas e cavalos e riqueza e alimento e outros tipos de artigos para um Brahmana que possui tais qualificações. Por fazer tais doações para tais pessoas alguém consegue grande felicidade no mundo seguinte. Como eu já te disse até um Brahmana assim é totalmente competente para resgatar a linhagem inteira à qual o doador pertence. O que dizer, portanto, ó filho caro, do mérito de se fazer doações para muitos Brahmanas de tais qualificações? Ao fazer doações, portanto, deve-se sempre escolher o objeto para quem as doações devem ser feitas. Tendo notícias sobre um Brahmana possuidor de qualificações apropriadas e considerado com respeito por todas as boas pessoas, alguém deve convidá-lo mesmo que ele resida muito longe e recebê-lo quando ele chegar, e deve adorá-lo por todos os meios em seu poder.'"

23

"Yudhishthira disse, 'Eu desejo, ó avô, que tu me digas quais são as ordenanças que foram prescritas com relação às ações concernentes às divindades e aos ancestrais (falecidos) em ocasiões de Sraddhas.'"

"Bhishma disse, 'Tendo se purificado (por meio de banhos e outras ações purificatórias) e então passando pelos ritos auspiciosos bem conhecidos, uma pessoa deve realizar cuidadosamente todas as ações relativas às divindades de manhã, e todas as ações relativas aos Pitris à tarde. O que é doado para homens deve ser dado no meio-dia com afeição e respeito. Aquela doação que é feita inoportunamente é apropriada pelos Rakshasas. (Uma pessoa faz doações para as divindades, os Pitris, e para seres humanos. Há uma hora para cada tipo de doação. Se feita fora de hora, a doação, em vez de produzir algum mérito, se torna completamente inútil, se não pecaminosa. Doações inoportunas são apropriadas pelos Rakshasas. Até o alimento que é ingerido fora de hora não fortalece o corpo mas vai nutrir os Rakshasas e outros seres maus.) Doações de artigos que foram saltados por cima por alguém, ou que foram lambidos ou chupados, que não são dados pacificamente, que foram vistos por mulheres que estão impuras por seu período ter vindo, não produzem algum mérito. Tais doações são consideradas como a porção pertencente aos Rakshasas. Doações de artigos que foram anunciados perante muitas pessoas ou dos quais uma parte foi comida por um Sudra, ou que foram vistos ou lambidos por um cachorro,

formam as porções dos Rakshasas. Alimento que está misturado com cabelo ou na qual há vermes, ou que foi sujado com cuspe ou saliva, ou que foi olhado por um cachorro ou dentro do qual caíram lágrimas ou que foi pisado, deve ser conhecido como aquele que forma a porção dos Rakshasas. Alimento que foi comido por uma pessoa incompetente para proferir a sílaba Om (um Sudra), ou que foi comido por uma pessoa portando armas, ó Bharata, ou que foi comido por uma pessoa má, deve ser conhecido como aquele que constitui a porção dos Rakshasas; (isto é, qualquer alimento, uma porção do qual foi comido por alguma dessas pessoas, é indigno de ser doado. Se doado, ele é apropriado pelos Rakshasas). O alimento que é comido por uma pessoa do qual uma porção já foi comida por outra, ou que é comido sem uma parte dele ter sido oferecida para as divindades e convidados e filhos, é apropriado pelos Rakshasas. Tal comida maculada, se oferecida às divindades e Pitris, nunca é aceita por eles mas é pega pelos Rakshasas. O alimento oferecido pelas três classes regeneradas em Sraddhas nos quais Mantras não são proferidos ou são proferidos incorretamente, e nos quais as ordenanças prescritas nas escrituras não são cumpridas, se distribuído para convidados e outras pessoas, é apropriado pelos Rakshasas. O alimento que é distribuído para os convidados sem ter sido oferecido previamente para as divindades ou os Pitris com a ajuda de libações sobre o fogo sagrado, o qual foi maculado por uma porção dele ter sido comida por uma pessoa que é pecaminosa ou de comportamento irreligioso, deve ser conhecido como constituindo a porção dos Rakshasas.'"

"'Eu te disse quais são as porções dos Rakshasas. Ouça-me agora enquanto eu declaro as regras para averiguar quem é o Brahmana que não é merecedor de doações. Todos os Brahmanas que foram banidos (por causa da comissão de pecados hediondos), como também Brahmanas que são idiotas e loucos, não merecem ser convidados para Sraddhas nos quais oferendas são feitas para as divindades ou para os Pitris. Aquele Brahmana que sofre de leucoderma, ou aquele que é desprovido de virilidade, ou aquele que pegou lepra, ou aquele que contraiu tísica ou aquele que está trabalhando sob epilepsia (com ilusões do sensório), ou aquele que é cego, não deve, ó rei, ser convidado. (Apasmara é um tipo peculiar de epilepsia no qual a vítima sempre pensa que está sendo perseguida por algum monstro que está diante de seus olhos. Quando a epilepsia está acompanhada por alguma ilusão do sensório ela vem a ser chamada pelos médicos Hindus como Apasmara.) Aqueles Brahmanas que praticam a vocação de médicos, aqueles que recebem pagamento regular para cultuar as imagens de divindades estabelecidas pelos ricos, ou que vivem do serviço das divindades, aqueles que são cumpridores de votos por orgulho ou outros motivos falsos, e aqueles que vendem Soma, não merecem ser convidados. Aqueles Brahmanas que são, por profissão, vocalistas, ou dançarinos ou jogadores ou músicos instrumentais, ou narradores de livros sagrados, ou guerreiros e atletas, ó rei, não merecem ser convidados. Aqueles Brahmanas que despejam libações no fogo sagrado para Sudras, ou que são preceptores de Sudras, ou que são empregados de patrões Sudras, não merecem ser convidados. Aquele Brahmana que é pago por seus serviços como preceptor, ou que atende como pupilo nas conferências de algum preceptor por causa de alguma compensação que é dada a ele, não

merece ser convidado, pois ambos são considerados como vendedores de conhecimento Védico. Aquele Brahmana que foi uma vez induzido a aceitar a doação de alimento em um Sraddha no início, como também aquele que se casou com uma mulher Sudra, mesmo se possuidor de todos os tipos de conhecimento não merece ser convidado. (Um Agrani ou Agradani é aquele Brahmana para quem o alimento e outras oferendas para o Preta no primeiro Sraddha são doados. Tal pessoa é considerada como decaída.) Aqueles Brahmanas que são desprovidos de seu fogo doméstico, e aqueles que cuidam de cadáveres, aqueles que são ladrões, e aqueles que de alguma outra maneira decaíram, ó rei, não merecem ser convidados. (Quando cadáveres são levados para crematórios certos ritos têm que ser realizados sobre eles antes de eles poderem ser destruídos. Aqueles Brahmanas que ajudam no desempenho daqueles ritos são considerados como decaídos.) Aqueles Brahmanas cujos antecedentes são não conhecidos ou são vis, e aqueles que são Putrika-putras, ó rei, não merecem ser convidados em ocasiões de Sraddhas. (Às vezes o pai de uma filha a concede para um noivo sob o contrato que o filho nascido daquela filha por seu marido deve ser o filho do pai da filha. Tal filho, que é dissociado da linhagem de seu próprio pai, é chamado de Putrika-putra.) Aquele Brahmana que dá empréstimos de dinheiro, ou aquele que subsiste dos juros dos empréstimos dados por ele, ou aquele que vive por vender criaturas vivas, não merece, ó rei, ser convidado. Homens que são dominados por suas esposas, ou aqueles que vivem por se tornarem os amantes de mulheres incastas, ou aqueles que se abstêm de suas preces matutinas e noturnas não merecem, ó rei, ser convidados para Sraddhas.'"

"'Ouça-me agora enquanto eu menciono quem é o Brahmana que tem sido ordenado para ações feitas em honra das divindades e dos Pitris. De fato, eu te direi quais são aqueles méritos por consequência dos quais uma pessoa pode se tornar um doador ou um recebedor de doações em Sraddhas (apesar das falhas mencionadas acima. Isto é, aqueles méritos pelos quais as falhas são neutralizadas e a pessoa maculada pode vir a ser considerada como merecedora). Aqueles Brahmanas que são cumpridores dos ritos e cerimônias prescritos nas escrituras, ou aqueles que possuem mérito, ou aqueles que estão familiarizados com o Gayatri, ou aqueles que são cumpridores dos deveres comuns de Brahmanas, mesmo que aconteça de eles se dirigirem para a agricultura como meio de vida, são aptos, ó rei, para serem convidados para Sraddhas. Se acontece de um Brahmana ser bem nascido, ele merece ser convidado para Sraddhas apesar da sua profissão de armas para lutar a batalha de outros; (como Drona, Aswatthaman, Kripa, Rama e outros). Aquele Brahmana, no entanto, ó filho, que acontece de se dirigir ao comércio como meio de vida dever ser rejeitado (mesmo se possuidor de mérito). O Brahmana que despeja libações todos os dias sobre o fogo sagrado, ou que reside em uma habitação fixa, que não é um ladrão e que cumpre os deveres de hospitalidade para convidados que chegam em sua casa, merece, ó rei, ser convidado para Sraddhas. O Brahmana, ó chefe da linhagem de Bharata, que recita o Savitri de manhã, meio-dia, e à noite, ou que subsiste da caridade, que é observador dos ritos e cerimônias prescritos nas escrituras para pessoas de sua classe, merece, ó rei, ser convidado para Sraddhas. Aquele Brahmana que tendo obtido riqueza de manhã se torna pobre à

tarde (por gastá-la toda em doações), ou que pobre de manhã se torna rico à noite, (isto é, que embora pobre a princípio consegue ganhar riqueza depois e mantém aquela riqueza para gastá-la em bons propósitos), ou que é desprovido de malícia, ou está manchado pela menor imperfeição, merece, ó rei, ser convidado para Sraddhas. Aquele Brahmana que é desprovido de orgulho ou pecado, que não é dado à discussão rude, ou que subsiste de esmolas obtidas em suas rondas de mendicância de casa em casa merece, ó rei, ser convidado para sacrifícios. Alguém que não é cumpridor de votos, ou que está habituado à mentira (em palavras e conduta), que é um ladrão, ou que subsiste pela venda de criaturas vivas ou por comércio em geral, se torna digno de ser convidado para Sraddhas, ó rei, se acontece de ele oferecer tudo para as divindades primeiro e posteriormente bebe Soma. Aquele homem que tendo adquirido riqueza por meios sujos ou cruéis posteriormente a gasta em adorar as divindades e cumprir os deveres de hospitalidade, se torna merecedor, ó rei, de ser convidado para Sraddhas. A riqueza que alguém adquiriu pela venda de conhecimento Védico, ou que foi ganha por uma mulher, ou que foi ganha por baixeza (tal como dar falsa evidência em um tribunal de justiça), nunca deve ser dada para Brahmanas ou usada para fazer oferendas para os Pitris. Aquele Brahmana, ó chefe da família de Bharata, que após a conclusão de um Sraddha que é realizado com sua ajuda, se recusa a proferir as palavras ‘astu swadha’, incorre no pecado de jurar falsamente em um processo judicial por terra. (O sentido é que o Brahmana que ajuda o realizador do Sraddha por recitar os Mantras deve, após o término, dizer para o realizador que o Sraddha foi bem realizado.) O tempo para realizar um Sraddha, ó Yudhishthira, é aquele quando alguém consegue um bom Brahmana e coalho e ghee e o dia sagrado da lua nova, e a carne de animais selvagens tais como veado e outros. Após a conclusão de um Sraddha realizado por um Brahmana a palavra ‘Swadha’ deve ser proferida. Se realizado por um Kshatriya as palavras que devem ser proferidas são ‘Que os Pitris estejam satisfeitos.’ Após a conclusão de um Sraddha realizado por um Vaisya, ó Bharata, as palavras que devem ser proferidas são ‘Que tudo se torne inesgotável.’ Similarmente, após a conclusão de um Sraddha realizado por um Sudra, a palavra que deve ser proferida é ‘Swasti’. Com relação a um Brahmana, a declaração com respeito a Punyaham deve ser acompanhada da declaração da sílaba Om. (Após a conclusão de um Sraddha ou outros ritos, o Brahmana que oficia neles se dirige a certos outros Brahmanas que são convidados na ocasião e diz, 'Diga Punyaham,' o Brahmana endereçado diz, 'Om, que seja Punyaham!' Por Punyaham se quer dizer dia sagrado.) No caso de um Kshatriya, tal declaração deve ser sem a declaração da sílaba Om. Nos ritos realizados por um Vaisya, as palavras que devem ser proferidas, em vez de serem a sílaba Om, são, ‘Que as divindades estejam satisfeitas.’ Ouça-me falar agora dos ritos que devem ser realizados, um depois do outro, em conformidade com as ordenanças, (em relação a todas as classes). Todos os ritos que levam o nome de Jatakarma, ó Bharata, são indispensáveis no caso de todas as três classes (que são regeneradas). Todos aqueles ritos, ó Yudhishthira, no caso de Brahmanas e Kshatriyas como também naquele de Vaisyas são para serem realizados com a ajuda de mantras. O cinto de um Brahmana deve ser feito de grama Munja. Para alguém pertencente à classe real deve ser uma corda de arco. O cinto do Vaisya deve ser feito da grama Valwaji. Isto mesmo é o que foi declarado nas escrituras.

Ouça-me agora enquanto eu te explico o que constitui os méritos e as falhas de doadores e recebedores de doações. Um Brahmana se torna culpado de um abandono do dever por proferir uma mentira. Tal ato de sua parte é pecaminoso. Um Kshatriya incorre quatro vezes e um Vaisya oito vezes no pecado que um Brahmana incorre por proferir uma mentira. Um Brahmana não deve comer em outro lugar, tendo sido anteriormente convidado por um Brahmana. Por comer na casa da pessoa cujo convite foi posterior a respeito de tempo, ele se torna inferior e até incorre no pecado que se atribui à morte de um animal em ocasiões a não ser aquelas de sacrifícios. (O fato é, matar animais em um sacrifício não leva ao pecado, mas se mortos em vão, ou seja, somente para propósitos de alimentação, tal ato de matar leva ao pecado.) Assim também, se ele come em outro lugar depois de ter sido convidado por uma pessoa da classe real ou um Vaisya, ele decai de sua posição e incorre na metade do pecado que se atribui ao ato de matar de um animal em ocasiões que não são aquelas de sacrifícios. Aquele Brahmana, ó rei, que come em ocasiões de ritos tais como os que são realizados em honra das divindades ou Pitris por Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas, sem ter realizado suas abluções, incorre no pecado de proferir uma mentira por causa de uma vaca. Aquele Brahmana, ó rei, que come em ocasiões de ritos similares realizados por pessoas pertencentes às três classes superiores, em uma hora em que ele está impuro em consequência de um nascimento ou uma morte entre seus cognatos, por tentação, sabendo bem que ele está impuro, incorre no mesmo pecado. (É dito que uma pessoa se torna impura quando um nascimento ou uma morte ocorre entre seus parentes de grau próximo. O período de impureza varia de um dia a dez dias no caso de Brahmanas. Outros períodos são prescritos para as outras classes. Durante o período de impureza alguém não pode realizar seus atos diários de culto, etc.) Aquele que vive da riqueza obtida sob falsos pretextos como aquele de viagens para lugares sagrados, ou que pede riqueza do doador fingindo que irá gastá-la em ações religiosas, incorre, ó monarca, no pecado de proferir uma falsidade. (Nesse país, até hoje, há muitas pessoas que andam de lá para cá mendigando, afirmando que elas desejam ir para Banaras ou outros lugares do tipo. Ás vezes esmolas são procuradas pelo pretexto de possibilitar o buscador a investir seu filho com o fio sagrado ou realizar o Sraddha de seu pai, etc. O Rishi declara que tais práticas são pecaminosas.) Aquela pessoa, pertencente a alguma das três classes superiores, ó Yudhishthira, que em Sraddhas e em outras ocasiões distribui alimento com a ajuda de Mantras para Brahmanas que não estudam os Vedas e que não são cumpridores de votos, ou que não têm purificado sua conduta, certamente incorre em pecado.'"

"Yudhishthira disse, 'Eu desejo, ó avô, saber por dar para quem as coisas oferecidas às divindade e aos Pitris uma pessoa pode ganhar as maiores recompensas.'"

"Bhishma disse, 'Ó Yudhishthira, alimente aqueles Brahmanas cujas esposas esperam reverentemente pelos restos dos pratos de seus maridos como os lavradores do solo esperando em reverência por chuvas oportunas. Uma pessoa ganha grande mérito por fazer doações para aqueles Brahmanas que sempre mantêm uma conduta pura, ó rei, que são emaciados pela abstenção de todos os

luxos e até de refeições completas, que são dedicados ao cumprimento de votos tais como os que levam à emaciação do corpo, e que se aproximam dos doadores com o desejo de obter doações. Por fazer doações para Brahmanas que respeitam a conduta à luz de alimentação, que respeitam a conduta à luz de esposas e filhos, que respeitam a conduta à luz de força, que respeitam a conduta à luz de seu refúgio para cruzar este mundo e obter bem-aventurança no próximo, e que pedem riqueza somente quando a riqueza é absolutamente necessária, uma pessoa ganha grande mérito. Por fazer doações para aquelas pessoas, ó Yudhishthira, que, tendo perdido tudo por causa de ladrões ou opressores, se aproximam do doador, alguém adquire grande mérito. Por fazer doações para Brahmanas tais como os que pedem comida das mãos até de uma pessoa pobre de sua classe que somente obteve alguma coisa de outros, alguém ganha grande mérito. Por fazer doações para Brahmanas que perderam tudo em tempos de infortúnio geral e que foram privados de suas esposas em tais ocasiões, e que vão aos doadores com pedidos de esmolas, uma pessoa ganha grande mérito. Por fazer doações para Brahmanas que são cumpridores de votos, e que se colocam voluntariamente sob regras e regulamentos dolorosos, que são respeitosos em sua conduta à declaração formulada nos Vedas, e que vão pedir riqueza para gastá-la nos ritos necessários para completar seus votos e outras observâncias, uma pessoa ganha grande mérito. Por fazer doações para Brahmanas que vivem a uma grande distância das práticas que são observadas pelos pecaminosos e pelos maus, que são desprovidos de força por falta de um sustento adequado, e que são muito pobres em posses mundanas, uma pessoa ganha grande mérito. Por fazer doações para Brahmanas que tiveram todas as suas posses roubadas por homens poderosos mas que são totalmente inocentes, e que desejam encher seus estômagos de alguma maneira, isto é, sem quaisquer escrúpulos a respeito da qualidade da comida que eles ingerem, uma pessoa ganha grande mérito. Por fazer doações para Brahmanas tais como os que mendigam em nome de outros que são cumpridores de penitências e devotados a elas e como os que ficam satisfeitos mesmo com pequenos presentes, uma pessoa ganha grande mérito. Tu agora, ó touro da raça Bharata, ouviste quais são as declarações das escrituras a respeito da aquisição de grande mérito por fazer doações. Ouça-me agora enquanto eu explico quais são as ações que levam ao inferno ou ao céu. Aqueles, ó Yudhishthira, que falam mentiras em ocasiões que não são aquelas nas quais uma mentira é necessária para servir ao propósito do preceptor ou para dar a garantia de segurança para uma pessoa que teme por sua vida, caem no inferno. Aqueles que raptam esposas de outros homens, ou que têm união sexual com elas, ou que ajudam em tais atos de delinquência, caem no inferno. Aqueles que roubam a riqueza de outros ou destroem a riqueza e posses de outras pessoas, ou divulgam os defeitos de outras pessoas, caem no inferno. Aqueles que destroem os receptáculos de água como os que são usados pelo gado para matar a sede, que prejudicam construções que são usadas para propósitos de reuniões públicas, que derrubam pontes e passadiços, e que derrubam casas usadas para propósitos de habitação, têm que ir para o inferno. Aqueles que seduzem e enganam mulheres desamparadas, ou moças, ou damas idosas, ou mulheres que estão assustadas, têm que ir para o inferno. Aqueles que destroem os meios vida de outras pessoas, aqueles que arruínam as habitações de outras pessoas,

aqueles que roubam os cônjuges de outras pessoas, aqueles que semeiam desavenças entre amigos, e aqueles que destroem as esperanças de outras pessoas, caem no inferno. Aqueles que divulgam os erros de outros, aqueles que derrubam pontes ou passadiços, aqueles que vivem por seguirem vocações prescritas para outras pessoas, e aqueles que são ingratos com amigos por serviços recebidos, têm que ir para o inferno. Aqueles que não têm fé nos Vedas e não demonstram reverência por eles, aqueles que quebram as promessas feitas por eles mesmos ou obrigam outros a quebrá-las, e aqueles que decaem de sua posição pelo pecado, caem no inferno. Aqueles que se dirigem à conduta imprópria, aqueles que cobram taxas de juros exorbitantes, e aqueles que fazem grandes lucros indevidamente em vendas, têm que ir para o inferno. Aqueles que são dados ao jogo, aqueles que fazem atos pecaminosos sem qualquer escrúpulo, e aqueles que são dados à matança de criaturas vivas, têm que ir para o inferno. Aqueles que causam a demissão por patrões de empregados que estão esperando por recompensas ou estão expectantes de necessidade definida, ou que estão no gozo de salários ou ordenados, ou que estão esperando por retribuições em relação a serviços valiosos já prestados, têm que ir para o inferno. Aqueles que comem sem oferecerem porções para sua esposa ou seus fogos sagrados ou seus empregados ou seus convidados, e aqueles que se abstêm de realizar os ritos prescritos nas escrituras para honrar os Pitris e as divindades, têm que ir para o inferno. Aqueles que vendem os Vedas (que cobram taxas para ensiná-los), aqueles que criticam os Vedas, e aqueles que reduzem os Vedas à escrita, têm todos que ir para o inferno. (Com relação aos Vedas, a injunção nas escrituras é para decorá-los e comunicá-los de boca a boca. Por essa razão convertê-los à escrita era considerado como uma transgressão.) Aqueles que estão fora do âmbito dos quatro modos de vida bem conhecidos, aqueles que se dirigem às práticas proibidas pelos Srutis e as escrituras, e aqueles que vivem por se dirigirem a ações que são perversas ou pecaminosas ou que não pertencem à sua classe de nascimento, têm que cair no inferno. Aqueles que vivem por vender cabelo, aqueles que subsistem por vender venenos, e aqueles que vivem por vender leite, têm que cair no inferno. Aqueles que põem obstáculos no caminho de Brahmanas e vacas e donzelas, ó Yudhishthira, têm que ir para o inferno. Aqueles que vendem armas, aqueles que fabricam armas, aqueles que fazem flechas, e aqueles que fazem arcos, têm que ir para o inferno. Aqueles que obstruem caminhos e estradas com pedras e espinhos e buracos têm que ir para o inferno. Aqueles que abandonam e rejeitam preceptores e empregados e seguidores leais sem nenhuma transgressão, ó chefe da linhagem de Bharata, têm que ir para o inferno. Aqueles que colocam bois para trabalhar antes de os animais alcançarem idade suficiente, aqueles que furam os narizes de bois e outros animais para controlá-los melhor enquanto empenhados no trabalho, e aqueles que mantêm animais sempre amarrados, têm que ir para o inferno. Aqueles reis que não protegem seus súditos embora tirem deles forçosamente uma sexta parte da produção de seus campos, e aqueles que, embora capazes e possuidores de recursos, se abstêm de fazer donativos, têm que ir para o inferno. Aqueles que abandonam e rejeitam pessoas que são dotadas de bondade e autodomínio e sabedoria, ou aquelas com quem eles têm se associado por muitos anos, quando estas não são mais úteis para eles, têm que ir para o inferno. Aqueles homens que

comem sem dar porções do alimento para crianças e homens idosos e empregados, têm que ir para o inferno.'"

"'Todos estes homens enumerados acima têm que ir para o inferno. Escute agora a mim, ó touro da raça Bharata, enquanto eu te digo quem são aqueles homens que ascendem para o céu. O homem que peca contra um Brahmana por impedir a realização de todas as ações nas quais as divindades são adoradas, vem a ser afligido com a perda de todos os seus filhos e animais. (Aqueles que não pecam contra Brahmanas por obstruírem suas ações religiosas ascendem para o céu.) Aqueles homens, ó Yudhishthira, que seguem os deveres como declarados para eles nas escrituras e praticam as virtudes de caridade e autodomínio e veracidade, ascendem ao céu. Aqueles homens que tendo adquirido conhecimento por prestarem serviços obedientes para seus preceptores e praticarem penitências austeras, ficam relutantes em aceitar doações, conseguem ascender ao céu. Aqueles homens através dos quais outras pessoas são aliviadas e salvas do temor e do pecado, e dos obstáculos que se encontram no caminho do que eles desejam realizar e da pobreza e das aflições de doença, conseguem ascender ao céu. Aqueles homens que são dotados de uma disposição clemente, que possuem paciência, que são rápidos em realizar todos os atos justos, e que são de conduta auspiciosa, conseguem ascender ao céu. Aqueles homens que se abstêm de mel e carne, que se abstêm de união sexual com as esposas de outros homens, e que se abstêm de vinhos e licores alcoólicos, conseguem ascender ao céu. Aqueles homens que ajudam no estabelecimento de retiros para ascetas, que se tornam fundadores de famílias, ó Bharata, que tornam acessíveis novos territórios para propósitos de habitação, e que projetam cidades e municípios conseguem ascender ao céu. Aqueles homens que doam roupas e ornamentos, como também comida e bebida, e que ajudam no casamento de outros, conseguem ascender ao céu. (Nesse país até hoje, o ato de casar um homem desamparado com uma boa moça por pagar todas as despesas do casamento é considerado como um ato de virtude. Naturalmente, o homem que é assim casado também recebe propriedade suficiente para capacitá-lo a manter a si mesmo e sua esposa.) Aqueles homens que se abstiveram de todos os tipos de ofensa ou mal para todas as criaturas, que são capazes de suportar tudo, e que fizeram de si mesmos o refúgio de todas as criaturas, conseguem ascender ao céu. Aqueles homens que servem com humildade seus pais e mães, que subjugaram seus sentidos, e que são afetuosos com seus irmãos, conseguem ascender ao céu. Aqueles homens que subjugam seus sentidos apesar do fato de serem ricos em bens mundanos e fortes em poder e no gozo de juventude, conseguem ascender ao céu. Aqueles homens que são bondosos mesmo com aqueles que os ofendem, que são de disposição branda, que têm uma afeição por todos aqueles que são de comportamento brando, e que contribuem para a felicidade de outros por lhes prestarem todos os tipos de serviço em humildade, conseguem ascender ao céu. Aqueles homens que protegem milhares de pessoas, que fazem doações para milhares de pessoas, e que salvam milhares de pessoas do perigo, conseguem ascender ao céu. Aqueles homens que fazem doações de ouro e de gado, ó chefe da linhagem de Bharata, como também aquelas de transportes e animais, conseguem ascender ao céu. Aqueles homens

que fazem doações de artigos que são necessários em casamentos, como também aquelas de servos homens e mulheres, e tecidos e mantos, conseguem ascender ao céu. Aqueles homens que fazem casas de lazer e jardins e poços públicos, casas de repouso e construções para reuniões públicas e tanques para permitir ao gado e aos homens aplacarem sua sede, e campos para cultivo, ó Bharata, conseguem ascender ao céu. Aqueles homens que fazem doações de casas e campos e aldeias povoadas para pessoas que os pedem, conseguem ascender ao céu. Aqueles homens quem tendo eles mesmos produzido bebidas suculentas de gosto doce e sementes e arrozal ou arroz, fazem doações deles para outros, conseguem ascender ao céu. Aqueles homens que sendo nascidos em famílias superiores ou inferiores geram centenas de filhos e vivem longas vidas praticando compaixão e mantendo a cólera sob total submissão, conseguem ascender ao céu. Eu assim te expliquei, ó Bharata, quais são os ritos em honra das divindades e dos Pitris que são realizados pelas pessoas por causa do outro mundo, quais são as ordenanças em relação às doações, e quais são as opiniões dos Rishis dos tempos antigos a respeito dos artigos de doação e da maneira de doá-los.'"

24

"Yudhishthira disse, 'Ó filho nobre da linhagem de Bharata, cabe a ti responder esta minha pergunta verdadeiramente e em detalhes. Quais são aquelas circunstâncias sob as quais uma pessoa pode ser tornar culpada de Brahmanicídio sem realmente matar um Brahmana?'"

"Bhishma disse, 'Antigamente, ó monarca, eu um dia pedi para Vyasa me explicar este mesmo assunto. Eu agora narrarei para ti o que me Vyasa disse naquela ocasião. Escute com total atenção. Indo até a presença de Vyasa, eu me dirigi a ele, dizendo, 'Tu, ó grande asceta, és o quarto na linhagem de Vasishtha. Explique-me isto: quais são aquelas circunstâncias sob as quais alguém se torna culpado de Brahmanicídio sem verdadeiramente matar um Brahmana?' Assim endereçado por mim, o filho de Parasara, ó rei, bem hábil na ciência de moralidade, me deu a seguinte resposta, ao mesmo tempo excelente e repleta de certeza: 'Tu deves identificar como culpado de Brahmanicídio aquele homem que, tendo por sua própria vontade convidado um Brahmana de conduta justa para sua casa para dar esmolas a ele, posteriormente se recusa a dar alguma coisa para ele sob o pretexto de não haver nada em casa. Tu deves, ó Bharata, reconhecer como culpado de Brahmanicídio aquele homem que destrói os meios de vida de um Brahmana versado nos Vedas e em todos seus ramos, e que é livre de apegos a criaturas e bens mundanos. Tu deves, ó rei, reconhecer como culpado de Brahmanicídio o homem que causa obstruções no caminho de vacas com sede quando empenhadas em saciar aquela sede. Tu deves aceitar como culpado de Brahmanicídio o homem que, sem estudar os Srutis que têm fluído de preceptor para pupilo por eras e eras, critica os Srutis ou aquelas escrituras que têm sido compostas pelos Rishis. Tu deves identificar como culpado de Brahmanicídio o homem que não concede para um noivo adequado sua filha possuidora de beleza

e outros talentos excelentes. Tu deves identificar como culpada de Brahmanicídio aquela pessoa insensata e pecaminosa que inflige angústia sobre Brahmanas de tal maneira que afligem o próprio âmago dos seus corações. Tu deves reconhecer como culpado de Brahmanicídio o homem que priva os cegos, os coxos, e idiotas de tudo o que eles têm. Tu deves reconhecer como culpado de Brahmanicídio o homem que põe fogo em retiros de ascetas ou em florestas ou em uma aldeia ou uma cidade.'"

25

"Yudhishthira disse, 'É dito que viagens para águas sagradas são repletas de mérito; que abluções em tais águas são meritórias; e que escutar à excelência de tais águas também é meritório. Eu desejo te ouvir discorrer em detalhes sobre este assunto, ó avô. Cabe a ti, ó chefe da linhagem de Bharata, mencionar para mim as águas sagradas que existem nesta terra. Eu desejo, ó tu de grande força, te ouvir falar sobre este tópico.'"

"Bhishma disse, 'Ó tu de grande esplendor, a seguinte enumeração das águas sagradas sobre a Terra foi feita por Angiras. Abençoado sejas tu, cabe a ti escutar a isto pois tu irás então ganhar grande mérito. Uma vez, Gautama de votos rígidos, se aproximando do grande e erudito Rishi Angiras dotado de tranquilidade de alma, enquanto ele estava residindo em uma floresta, o questionou, dizendo, 'Ó ilustre, eu tenho algumas dúvidas a respeito dos méritos atribuídos às águas e santuários sagrados. Então eu desejo te ouvir falar sobre este assunto. Portanto, ó asceta, discurse para mim. Quais méritos são obtidos por uma pessoa em relação ao mundo seguinte por se banhar nas águas sagradas sobre a Terra, ó tu de grande sabedoria? Me explique isto verdadeiramente e de acordo com a ordenança.'"

"Angiras disse, 'Uma pessoa, por se banhar por sete dias em sucessão no Chandrabhaga (o rio Chenab no Punjab) ou no Vitasta (o rio Jhelum), cujas águas são sempre vistas dançarem em ondas, enquanto praticando um jejum, indubitavelmente será purificada de todos os seus pecados e dotada do mérito de um asceta. Os muitos rios que fluem por Kasmira caem no grande rio chamado Sindhu (Indus). Por se banhar nestes rios uma pessoa com certeza se torna dotada de bom caráter e ascende para o céu depois de partir deste mundo. Por se banhar em Pushkara, e Prabhasa, e Naimisha, e no oceano, e em Devika, e Indramarga, e Swarnavindu, alguém sem dúvida ascende ao céu estando sentado em um carro celeste, e cheio de êxtases de alegria pelas adorações de Apsaras. Por mergulhar nas águas de Hiranyavindu com uma mente concentrada e reverenciando aquela corrente sagrada, e se banhando em seguida em Kusesaya e Devendra, uma pessoa se purifica de todos os seus pecados. Dirigindo-se para Indratoya na vizinhança das montanhas de Gandhamadana e próximo a Karatoya no país chamado Kuranga, uma pessoa deve fazer um jejum por três dias e então se banhar naquelas águas sagradas com um coração concentrado e corpo puro. Por fazer isto ela com certeza obterá o mérito de um Sacrifício de Cavalo. Banhando-se em Gangadwara e Kusavarta e Vilwaka nas montanhas Nita, como

também em Kankhala, alguém seguramente se purifica de todos os seus pecados e então ascende ao céu. Se alguém se torna um Brahmacharin e subjuga sua ira, se dedica à verdade e pratica compaixão por todas as criaturas, e então se banha em Jala parda (Lago de Águas), sem dúvida adquire o mérito de um Sacrifício de Cavalo. Aquela região onde o Bhagirathi-Ganga flui na direção norte é conhecido como a união do céu, terra, e das regiões inferiores. Fazendo um jejum por um mês e se banhando naquele Tirtha sagrado que é conhecido como sendo aceitável para Maheswara, uma pessoa se torna competente para ver as divindades. Alguém que dá oblações de água para seus Pitris em Saptaganga e Triganga e Indramarga, obtém ambrosia como alimento, se ele ainda tem que passar por renascimento. O homem que em um estado puro de corpo e mente realiza seu Agnihotra diário e observa um jejum por um mês e então se banha em Mahasrama, seguramente obtém sucesso em um mês. Por se banhar, depois de um jejum de três dias e purificando a mente de todas as emoções más, no lago grande de Bhrigu Kunda, uma pessoa se purifica até do pecado de Brahmanicídio. Por se banhar em Kanyakupa e realizar suas abluções em Valaka, alguém adquire grande fama mesmo entre as divindades e brilha em glória. Banhando-se em Devika e no lago conhecido pelo nome de Sundarika como também no Tirtha chamado Aswini, alguém adquire, em sua próxima vida, grande beleza de forma. Por jejuar por uma quinzena e se banhar em Mahaganga e Krittikangaraka, uma pessoa se purifica de todos os pecados e ascende para o céu. Banhando-se em Vaimanika e Kinkinika alguém adquire o poder de ir para todos os lugares à vontade e se torna um objeto de grande respeito na região celeste das Apsaras. (O sentido é que alguém procede para a região das Apsaras e se torna um objeto de respeito lá.) Se uma pessoa, subjugando sua ira e cumprindo o voto de Brahmacharya por três dias, se banha no rio Vipasa no retiro chamado Kalika, ela com certeza consegue transcender a obrigação do renascimento. Banhando-se no retiro que é sagrado para os Krittakas e oferecendo oblações de água aos Pitris, e então satisfazendo Mahadeva, alguém se torna puro em corpo e mente e ascende para o céu. Se alguém, fazendo jejum por três dias com o corpo e a mente purificados, se banha em Mahapura, ele fica livre do medo de todos os animais móveis e imóveis como também de todos os animais que têm dois pés. Por se banhar na floresta Devadaru e oferecer oblações de água aos Pitris e morar lá por sete noites com corpo e mente puros, uma pessoa vai para a região das divindades após partir deste mundo. Banhando-se nas cachoeiras em Sarastamva e Kusastambha e Dronasarmapada, alguém indubitavelmente alcança a região das Apsaras onde alguém é servido com serviços respeitosos por aqueles seres sobre-humanos. Se uma pessoa, fazendo um jejum, se banha em Chitrakuta e Janasthana e nas águas de Mandakini, ela com certeza será unida com prosperidade que é real; (isto é, ela obtém soberania). Por se dirigir ao retiro que é conhecido pelo nome de Samya e residir lá por uma quinzena e se banhar na água sagrada que existe lá, alguém obtém o poder de desaparecer à vontade (e desfruta da felicidade que é ordenada para os Gandharvas). Dirigindo-se ao tirtha conhecido pelo nome de Kausiki e residindo lá com um coração puro e se abstendo de toda comida e bebida por três dias, alguém obtém o poder de residir (em sua próxima vida) na região feliz dos Gandharvas. Banhando-se no tirtha encantador que leva o nome de Gandhataraka e residindo lá por um mês, se

abstendo todo o tempo de alimento e bebida, alguém adquire o poder de desaparecer à vontade, e então, em vinte e um dias, de ascender para o céu. Aquele que se banha no lago conhecido pelo nome de Matanga com certeza alcançará o êxito em uma noite. Aquele que se banha em Analamva ou no eterno Andhaka, ou em Naimisha, ou no tirtha chamado Swarga, e oferece oblações de água aos Pitris, subjugando seus sentidos todo o tempo, adquire o mérito de um sacrifício humano. (Sacrifícios humanos eram realizados às vezes nos tempos passados.) Banhando-se em Ganga hrada e no tirtha conhecido pelo nome de Utpalavana e oferecendo diariamente oblações de água lá por um mês inteiro aos Pitris, uma pessoa adquire o mérito de um Sacrifício de Cavalo. Banhando-se na confluência do Ganga e do Yamuna como também no tirtha nas montanhas Kalanjara e oferecendo todos os dias oblações de água para os Pitris por um mês inteiro, uma pessoa adquire o mérito que se atribui a dez Sacrifícios de Cavalo. Banhando-se no lago Shashthi alguém adquire mérito muito maior do que o que é atribuído à doação de alimento. Dez mil tirthas e trinta milhões de outros tirthas chegam a Prayaga (a confluência do Ganga e Yamuna), ó chefe da linhagem de Bharata, no mês de Magha. Aquele que se banha em Prayaga, com uma alma reprimida e enquanto cumpre votos rígidos, no mês de Magha, vem a ser purificado de todos os seus pecados, ó chefe da linhagem de Bharata, e chega ao céu. Banhando-se no tirtha que é sagrado para os Maruts, como também naquele que está situado no retiro dos Pitris, e também naquele que é conhecido pelo nome de Vaivaswata, uma pessoa vem a ser purificada de todos os seus pecados e se torna tão pura e santificada quanto um tirtha. Dirigindo-se para Brahmasaras como também para o Bhagirathi e banhando-se lá e oferecendo oblações para os Pitris todos os dias por um mês inteiro, se abstendo de comida todo o tempo, alguém com certeza alcança a região de Soma. Banhando-se em Utpataka e então em Ashtavakra e oferecendo oblações de água aos Pitris todos os dias por doze dias em sucessão, enquanto se abstém de alimento, alguém adquire os méritos de um Sacrifício de Cavalo. Banhando-se em Asmaprishtha e nas montanhas Niravinda e em Kraunchapadi, todos os três em Gaya, alguém se purifica do pecado de Brahmanicídio. Um banho no primeiro lugar purifica alguém de um único Brahmanicídio; um banho no segundo purifica alguém de dois delitos daquele caráter; e um banho no terceiro purifica alguém de três delitos daquele grau. Banhando-se em Kalavinga alguém consegue uma grande quantidade de água (para uso no mundo seguinte). Um homem, por se banhar na cidade de Agni, adquire tal mérito que lhe dá o direito de viver durante seu próximo nascimento na cidade da filha de Agni. Banhando-se em Visala em Karavirapura e oferecendo oblações de água para seus Pitris, e realizando suas abluções em Devahrada também, uma pessoa se identifica com Brahma e brilha em glória como tal. Banhando-se em Punaravarta-nanda como também em Mahananda, um homem de sentidos controlados e compaixão universal se dirige para os jardins celestiais chamados Nandana de Indra e é servido lá por Apsaras de diversas tribos. Banhando-se com alma concentrada no tirtha que é chamado pelo nome de Urvasi e que está situado no rio Lohitya, no dia da lua cheia do mês de Kartika, alguém obtém os méritos que se atribuem ao sacrifício chamado Pundarika. Banhando-se em Ramahrada e oferecendo oblações de água para os Pitris no rio Vipasa (Beas), e fazendo um jejum por doze dias, alguém se purifica de todos os

pecados. Banhando-se no tirtha chamado Maha-hrada com um coração purificado e depois fazendo um jejum por um mês, uma pessoa sem dúvida obtém o fim o qual foi do sábio Jamadagni. Por se expor ao calor no tirtha chamado Vindhya, uma pessoa dedicada à verdade e dotada de compaixão por todas as criaturas deve então se dirigir à (pratica de) penitências austeras, estimulada pela humildade. Por fazer isto, ela com certeza alcança êxito ascético no decorrer de um único mês. Banhando-se no Narmada como também no tirtha conhecido pelo nome de Surparaka, fazendo um jejum por uma quinzena completa, alguém sem dúvida se torna em seu próximo nascimento um príncipe da linhagem real. Se alguém procede com sentidos controlados e uma alma concentrada ao tirtha conhecido sob o nome de Jamvumarga, ele com certeza alcança o sucesso no decorrer de um único dia e noite. Por se dirigir para Chandalikasrama e se banhar no tirtha chamado Kokamukha, tendo subsistido por algum tempo só de ervas (cozidas e mantidas em conserva e usadas como tempero) e usando trapos como trajes, um homem com certeza obtém dez donzelas de grande beleza como suas esposas. Alguém que vive ao lado do tirtha conhecido pelo nome de Kanya-hrada nunca tem que ir para as regiões de Yama. Tal pessoa sem dúvida ascende para as regiões de bem-aventurança que pertencem aos celestiais. Alguém que se banha com sentidos reprimidos no dia da lua nova no tirtha conhecido pelo nome de Prabhasa, sem dúvida, ó tu de braços poderosos, obtêm ao mesmo tempo êxito e imortalidade. Banhando-se no tirtha conhecido pelo nome de Ujjanaka que se encontra no retiro do filho de Arshtisena, e em seguida no tirtha que está situando no retiro de Pinga, uma pessoa indubitavelmente será purificada de todos os seus pecados. Fazendo um jejum por três dias e se banhando no tirtha conhecido como Kulya e recitando os mantras sagrados que levam o nome de Aghamarshana, alguém obtém o mérito de um Sacrifício de Cavalo. Fazendo um jejum por uma noite e se banhando em Pindaraka, uma pessoa se torna purificada na alvorada do dia seguinte e obtém o mérito de um sacrifício Agnishtoma. Alguém que se dirige para Brahmasara o qual está adornado pelos bosques chamados Dharmaranya vem a ser purificado de todos os seus pecados e obtém o mérito do sacrifício Pundarika. Banhando-se nas águas da montanha Mainaka e dizendo suas orações da manhã e da noite lá e vivendo no local por um mês, reprimindo o desejo, uma pessoa obtém o mérito de todos os sacrifícios. Partindo para Kalolaka e Nandikunda e Uttara-manasa, e chegando a um local que é cem yojanas longe de algum deles, alguém se purifica do pecado de feticídio. Alguém que consegue obter uma visão da imagem de Nandiswara se purifica de todos os pecados. Banhando-se no tirtha chamado Swargamarga alguém sem dúvida procede para as regiões de Brahman. O célebre Himavat é sagrado. Aquele príncipe das montanhas é o sogro de Sankara. Ele é uma mina de todas as jóias e pedras preciosas e é o recanto dos Siddhas e Charanas. Aquela pessoa regenerada que é totalmente familiarizada com os Vedas e que, considerando esta vida como extremamente instável, rejeita seu corpo naquelas montanhas, se abstendo de toda comida e bebida de acordo com os ritos declarados nas escrituras, depois de ter adorado as divindades e inclinado sua cabeça em culto aos ascetas, indubitavelmente alcança o êxito e procede para as regiões eternas de Brahman. Não há nada inalcançável para aquele que reside em um tirtha, reprimindo a luxúria e subjugando a ira, em consequência de tal residência. Para o

propósito de se dirigir a todos os tirthas no mundo, uma pessoa deve imaginar mentalmente aqueles entre eles que são quase inacessíveis ou viagens para os quais estão ligadas a dificuldades insuperáveis. Estadas em tirthas são produtivas dos méritos de sacrifícios. Eles são capazes de purificar todos do pecado. Repletos de grande excelência, eles podem levar para o céu. O assunto é realmente um grande mistério. As próprias divindades devem se banhar em tirthas. Para elas também eles são purificadores de pecados. Este discurso sobre tirthas deve ser comunicado para Brahmanas, e para pessoas honestas ou justas tais como as que estão empenhadas em realizar o que é para o seu próprio bem. Ele deve também ser recitado na audição de benquerentes e amigos e dos discípulos obedientes e leais de alguém. Angiras, possuidor de grande mérito ascético, comunicou este discurso para Gautama. O próprio Angiras o tinha obtido de Kasyapa de grande inteligência. O grande Rishi considera este discurso como digno de repetição constante. Ele é a principal de todas as coisas purificadoras. Se alguém o recita regularmente todos os dias, ele sem dúvida será purificado de todos os pecados e procederá para o céu depois do término desta vida. Alguém que ouve este discurso recitado em sua audição, este discurso de Angiras, que é considerado como um mistério, indubitavelmente consegue em sua próxima vida nascer em uma boa família e, além disso, ele será dotado da memória da sua existência anterior.'"

26

"Vaisampayana disse, 'Igual a Vrihaspati em inteligência e ao próprio Brahma em clemência, parecendo com Sakra em destreza e Surya em energia, Bhishma, o filho de Ganga, de poder infinito, tinha sido derrotado em batalha por Arjuna. Acompanhado por seus irmãos e muitas outras pessoas, o rei Yudhisthira fez a ele estas perguntas. O velho herói estava deitado em um leito que é cobiçado por heróis, na expectativa daquela hora auspiciosa quando ele poderia partir do corpo físico. Muitos grandes Rishis tinham ido lá para ver aquele principal da linhagem de Bharata. Entre eles estavam Atri e Vasishtha e Bhrigu e Pulastya e Pulaha e Kratu. Lá estavam também Angiras e Gotama e Agastya e Sumati de alma bem controlada, e Viswamitra e Sthulasiras e Samvarta e Pramati e Dama. Lá estavam também Vrihaspati e Usanas, e Vyasa e Chyavana e Kasyapa e Dhruva, e Durvasas e Jamadagni e Markandeya e Galava, e Bharadwaja e Raibhya e Yavakrita e Trita. Estavam lá Sthulaksha e Savalaksha e Kanwa e Medhatithi e Krisa e Narada e Parvata e Sudhanwa e Ekata e Dwita. Estavam lá também Nitambhu e Bhuvana e Dhaumya e Satananda e Akritavrana e Rama, o filho de Jamadagni, e Kacha. Todos estes Rishis famosos e de grande alma foram lá para ver Bhishma deitado em seu leito de setas. Yudhishthira com seus irmãos adorou devidamente aqueles Rishis de grande alma que tinham ido lá, um depois do outro na ordem apropriada. Recebendo aquele culto, aqueles principais dos Rishis se sentaram e começaram a conversar uns com os outros. Sua conversação se relacionava com Bhishma, e era muito gentil e agradável para todos os sentidos. Ouvindo aquela conversa deles que tinha referência a ele mesmo, Bhishma se encheu de prazer e se considerou como já estando no céu. Aqueles Rishis então,

tendo obtido a permissão de Bhishma e dos príncipes Pandava, se fizeram invisíveis, desaparecendo na própria vista de todos os espectadores. Os Pandavas repetidamente reverenciaram e ofereceram suas adorações àqueles Rishis altamente abençoados, mesmo depois que eles tinham se tornado invisíveis. Eles então com almas alegres visitaram o filho de Ganga, assim como Brahmanas versados em Mantras visitam com reverência o Sol nascente. Os Pandavas viram que os pontos do horizonte brilhavam com esplendor por causa da energia de suas penitências, e ficaram admirados pela visão. Pensando na bem-aventurança e força sublime daqueles Rishis, os príncipes Pandava começaram a conversar sobre o assunto com seu avô Bhishma."

"Vaisampayana continuou, 'A conversa estando terminada, o justo Yudhishthira, o filho de Pandu; tocou os pés de Bhishma com sua cabeça e então retomou suas questões relativas à moralidade e virtude.'"

"Yudhishthira disse, 'Quais países, quais províncias, quais retiros, quais montanhas, e quais rios, ó avô, são os principais a respeito de santidade?'"

"Bhishma disse, "Em relação a isto é citada a velha narrativa de uma conversa entre um Brahmana na observância dos votos Sila e Unccha, ó Yudhishthira, e um Rishi coroado com êxito ascético. Uma vez uma pessoa notável, tendo vagado sobre esta terra inteira adornada com montanhas, chegou finalmente na casa de uma pessoa notável levando o modo de vida familiar de acordo com o voto Sila. O último recebeu seu convidado com os ritos devidos. Recebido com tal hospitalidade, o Rishi feliz passou a noite tranquilamente na casa de seu anfitrião. Na manhã seguinte o Brahmana no cumprimento do voto Sila, tendo terminado todas as suas ações e ritos matinais e se purificado devidamente, se aproximou muito alegremente de seu convidado coroado com sucesso ascético. Se encontrando e sentados à vontade, os dois começaram a conversar sobre assuntos agradáveis ligados aos Vedas e aos Upanishads. Perto do término da conversa, o Brahmana no cumprimento do voto Sila dirigiu-se respeitosamente ao Rishi coroado com êxito. Dotado de inteligência, ele fez esta mesma pergunta que tu, ó Yudhisthira, me fizeste.'"

"O Brahmana pobre disse, 'Quais países, quais províncias, quais retiros, quais montanhas, e quais rios devem ser considerados como os principais a respeito de santidade? Fale-me sobre isto.'"

"O Rishi coroado com êxito disse, 'Aqueles países, aquelas províncias, aqueles retiros, e aquelas montanhas, devem ser considerados como os principais a respeito de santidade através dos quais ou ao lado dos quais flui aquele principal de todos os rios, isto é, Bhagirathi. Aquele fim o qual um criatura é capaz de alcançar por penitências, por Brahmacharya, por sacrifícios, ou por praticar renúncia, alguém indubitavelmente alcança somente por viver ao lado do Bhagirathi e se banhar em suas águas sagradas. Aquelas criaturas cujos corpos foram borrifados com as águas sagradas do Bhagirathi ou cujos ossos foram colocados no leito daquela corrente sagrada, não têm que abandonar o céu em qualquer tempo. Aqueles homens, ó Brahmana erudito, que usam as águas do

Bhagirathi em todas as suas ações, certamente ascendem ao céu depois de partirem deste mundo. Mesmo aqueles homens que, tendo cometido diversos tipos de ações pecaminosas na primeira parte de suas vidas, vão nos anos seguintes residir ao lado do Ganga, conseguem alcançar um fim muito superior. Centenas de sacrifícios não podem produzir aquele mérito o qual homens de almas contidas são capazes de adquirir por se banharem nas águas sagradas do Ganga. Uma pessoa é tratada com respeito e venerada no céu por tanto tempo quanto seus ossos se encontrem no leito do Ganga. Assim como o Sol, quando se eleva na alvorada do dia, brilha em esplendor, tendo dissipado a escuridão da noite, da mesma maneira a pessoa que se banhou nas águas do Ganga é vista brilhar em esplendor, purificada de todos os seus pecados. Aqueles países e aqueles pontos do horizonte que são desprovidos das águas sagradas do Ganga são como noites sem a lua ou como árvores sem flores. Realmente, um mundo sem Ganga é como as diferentes classes e modos de vida quando eles são desprovidos de virtude ou como sacrifícios sem Soma. Sem dúvida, países e pontos do horizonte que são sem Ganga são como o firmamento sem o Sol, ou a Terra sem montanhas, ou o firmamento sem ar. Todas as criaturas nos três mundos, se servidas com as águas auspiciosas do Ganga, derivam um prazer, semelhante ao qual elas são incapazes de derivar de alguma outra fonte. Aquele que bebe a água do Ganga que foi aquecida pelos raios do Sol deriva um mérito muito maior do que aquele que se atribui ao voto de subsistir de trigo ou grãos de outros cereais apanhados do esterco de vaca. Não pode ser dito se os dois são iguais ou não, isto é, aquele que realiza mil ritos Chandrayana para purificar seu corpo e aquele que bebe a água do Ganga. Não pode ser dito se os dois são iguais ou não, isto é, alguém que permanece por mil anos sobre um pé e alguém que vive somente por um mês ao lado do Ganga. Alguém que vive permanentemente ao lado do Ganga é superior em mérito a alguém que permanece por dez mil Yugas com a cabeça pendendo para baixo. Como o algodão, quando entra em contato com fogo, é queimado inteiramente sem deixar um resíduo, assim mesmo os pecados da pessoa que se banha no Ganga são consumidos sem deixar resíduos. Não há fim superior ao Ganga para aquelas criaturas que, com os corações afligidos pela tristeza, procuram alcançar os fins que possam dissipar aquela sua tristeza. Como cobras ficam privadas de seus venenos à própria visão de Garuda, assim mesmo alguém se purifica de todos os seus pecados à própria visão da corrente sagrada do Ganga. Aqueles que não têm bom nome e que são viciados em atos de pecaminosidade têm Ganga como sua fama, sua proteção, seus meios de resgate, seu refúgio ou cobertura. Muitos canalhas entre homens que vêm a ser afligidos com diversos pecados de uma natureza hedionda, quando eles estão prestes a cair no inferno, são salvos por Ganga no mundo seguinte (se, apesar de seus pecados, eles procuram a ajuda do Ganga nos seus anos posteriores). Aqueles, ó principal dos homens inteligentes, que mergulham todos os dias nas águas sagradas do Ganga, se tornam iguais aos grandes Munis e às próprias divindades com Vasava em sua liderança. Aqueles patifes entre homens que são desprovidos de humildade ou modéstia de comportamento e que são extremamente pecaminosos, se tornam justos e bons, ó Brahmana, por se dirigirem para o lado do Ganga. Como Amrita é para as divindades, como Swadha é para os Pitris, como Sudha é para os Nagas, assim

mesmo é a água do Ganga para os seres humanos. Como crianças afligidas pela fome pedem comida para suas mães, do mesmo modo pessoas desejosas do seu maior bem cortejam Ganga. Como a região do Brahma auto-nascido é citada como o principal de todos os lugares, assim mesmo Ganga é citado como o principal de todos os rios para aqueles que desejam se banhar. Como a Terra e a vaca são citadas como sendo o principal sustento das divindades e outros celestiais, assim mesmo Ganga é o principal sustento de todas as criaturas vivas. (As divindades são sustentadas pelas oferendas feitas em sacrifícios. Estas oferendas consistem nas produções da Terra e na manteiga produzida pela vaca. As divindades, portanto, são citadas como sendo sustentadas principalmente pela Terra e pela Vaca. Os Asuras, por afligirem a Terra e matarem vacas, costumavam enfraquecer as divindades.) Como as divindades se sustentam do Amrita que se encontra no Sol e na Lua e que é oferecido em diversos sacrifícios, assim mesmo os seres humanos se sustentam da água do Ganga. Alguém coberto com a areia tirada das margens Ganga se considera como um habitante do céu, adornado com unguentos celestes. Alguém que leva em sua cabeça a lama tirada das margens do Ganga apresenta um aspecto refulgente igual àquele do próprio Sol empenhado em dissipar a escuridão circundante. Quando aquele vento que está umedecido com as partículas da água do Ganga toca o corpo de uma pessoa, ele o purifica imediatamente de todos os pecados. Uma pessoa afligida por calamidades e prestes a sucumbir sob seu peso encontra todas as suas calamidades dissipadas pela alegria que nasce em seu coração à visão daquele rio sagrado. Pela melodia dos cisnes e Kokas e outras aves aquáticas que se divertem em seu leito, Ganga desafia os próprios Gandharvas, e por suas margens altas as próprias montanhas sobre a Terra. Contemplando sua superfície cheia de cisnes e outras aves diversas aquáticas, e tendo margens adornadas com terras de pastagem com gado pastando nelas, o próprio Céu perde seu orgulho. A felicidade sublime a qual alguém desfruta por uma residência nas margens do Ganga nunca pode ser daquele que está residindo até no céu. Eu não tenho dúvidas de que a pessoa que sofre por pecados cometidos por palavras e pensamentos e ações manifestas se torna purificada à própria visão do Ganga. Por contemplar aquele rio sagrado, tocá-lo, e se banhar em suas águas, uma pessoa resgata seus antepassados até a sétima geração, seus descendentes até a sétima geração, como também outros antepassados e descendentes. Por ouvir sobre o Ganga, por desejar ir até aquele rio, por beber suas águas, por tocar suas águas, e por se banhar nelas, uma pessoa resgata suas linhagens paternas e maternas. Por ver, tocar, e beber as águas de Ganga, ou mesmo por louvar Ganga, centenas e milhares de homens pecaminosos foram purificados de todos os seus pecados. Aqueles que desejam fazer seu nascimento, vida e erudição produtivos, devem se dirigir ao Ganga e gratificar os Pitris e as divindades por lhes oferecer oblações de água. O mérito que alguém ganha por se banhar no Ganga é tal que igual a ele não pode ser ganho pela aquisição de filhos ou riquezas ou pela realização de atos meritórios. Aqueles que, embora possuidores da habilidade física, não procuram ter uma visão do auspicioso Ganga de corrente sagrada, devem ser comparados, sem dúvida, a pessoas afligidas por cegueira congênita ou àquelas que estão mortas ou àquelas que estão desprovidas do poder de locomoção por paralisia ou coxeadura. Qual homem não reverenciaria este rio

sagrado que é adorado por grandes Rishis conhecedores do Presente, do Passado, e do Futuro, como também pelas próprias divindades com Indra em sua chefia? Qual homem não procuraria a proteção de Ganga cuja proteção é procurada por ascetas da floresta e chefes de família, e por Yatis e Brahmacharins igualmente? O homem de conduta justa que, com alma absorta, pensa em Ganga na hora quando seus ares vitais estão prestes a deixar seu corpo, consegue chegar ao fim mais sublime. Aquele homem que mora ao lado de Ganga até a hora da sua morte, adorando-a com reverência, fica livre do medo de todo tipo de calamidade, do pecado, e dos reis. Quando aquela corrente altamente sagrada caiu do firmamento, Maheswara a segurou em sua cabeça. Esta é aquela mesma corrente que é adorada no céu. (O rio Ganga tem três cursos. Sobre a Terra ele é chamado de Bhagirathi ou Ganga; no céu ele é chamado de Mandakini; e nas regiões inferiores ele é conhecido pelo nome de Bhogabati.) As três regiões, isto é, (Terra, Céu, e o lugar inferior chamado Patala) são adornadas pelos três cursos daquela corrente sagrada. O homem que usa as águas daquele rio se torna sem dúvida coroado com sucesso. Como o raio solar é para as divindades no céu, como Chandramas é para os Pitris, como o rei é para os seres humanos, assim mesmo é Ganga para todos os rios. Alguém que vem a ser privado de mãe ou pai ou filho ou cônjuge ou riqueza não sente aquela dor que se torna de uma pessoa quando ela vem a ser privada do Ganga. Alguém não obtém aquela alegria através das ações que levam à região de Brahma, ou por sacrifícios e ritos que levam para o céu, ou por filhos ou riqueza, a qual alguém obtém de uma visão do Ganga. Os prazeres que homens derivam de uma visão do Ganga é igual ao que eles derivam de uma visão da lua cheia. Torna-se querido para Ganga aquele homem que a adora com devoção profunda, com mente totalmente fixada nela, com uma reverência que se recusa a ter qualquer outro objeto dentro de sua esfera, com um sentimento de que não há nada mais para o universo digno de adoração semelhante, e com uma constância que não conhece enfraquecimento. Criaturas que vivem na Terra, no firmamento, ou no Céu, de fato, mesmo seres que são muito superiores, devem sempre se banhar no Ganga. Na verdade, este é o principal de todos os deveres para aqueles que são virtuosos. A fama de Ganga por santidade se espalhou pelo universo inteiro, já que ela carregou todos os filhos de Sagara, que tinham sido reduzidos a cinzas, daqui para o Céu. (O rei Sagara da raça solar tinha sessenta mil filhos, todos os quais foram reduzidos a cinzas pela maldição de Kapila. Posteriormente Bhagiratha, um príncipe da mesma raça, trouxe Ganga do céu para a redenção deles.) Homens que são lavados pelas ondas luminosas, belas, altas, e que se movem rapidamente, erguidas pelo vento, de Ganga, vêm a ser purificados de todos os seus pecados e parecem com o Sol em esplendor com seus mil raios. Aqueles homens de almas tranquilas que rejeitaram seus corpos nas águas do Ganga cuja santidade é tão grande quanto aquela da manteiga e outros líquidos derramados em sacrifícios e que são capazes de conceder méritos iguais àqueles do maior dos sacrifícios, sem dúvida obtiveram uma posição igual àquela das próprias divindades. Realmente, Ganga, possuidor de fama e vasta extensão e idêntico ao universo inteiro (porque é capaz de conceder a realização de todos os desejos) e reverenciado pelas divindades com Indra em sua chefia, Munis e seres humanos, é competente para conceder a realização de todos os desejos para aqueles que são cegos, aqueles que são

idiotas, e aqueles que são desprovidos de todas as coisas. Aqueles que procuraram a proteção de Ganga, aquela protetora de todo o universo, que flui em três correntes, que está cheia com água ao mesmo tempo altamente sagrada e doce como mel e produtiva de todos os tipos de benefícios, conseguiram alcançar a beatitude do Céu. Aquele mortal que mora ao lado de Ganga e a vê todo dia, se torna purificado por sua visão e toque. Para ele as divindades dão todos os tipos de felicidade aqui e um fim sublime após a morte. Ganga é considerada como competente para salvar todas as criaturas do pecado e conduzi-las à bem aventurança do Céu. Ela é considerada como idêntica a Prisni, a mãe de Vishnu. Ela é idêntica à Palavra ou Fala. Ela é muito remota, sendo incapaz de ser facilmente alcançada. Ela é a encarnação da boa ventura e prosperidade. Ela é capaz de outorgar os seis atributos bem conhecidos iniciando com domínio ou força. Ela está sempre inclinada a estender sua graça. Ela é a manifestadora de todas as coisas no universo, e ela é o maior refúgio de todas as criaturas. Aqueles que procuraram sua proteção nesta vida indubitavelmente chegaram ao céu. A fama de Ganga se espalhou por todo o firmamento, pelo Céu, pela Terra, e por todos os pontos, principais ou secundários, do horizonte. Criaturas mortais, por usarem as águas daquela principal das correntes, sempre vêm a ser coroadas com grande sucesso. Aquela pessoa que, ela mesma vendo Ganga, a indica para outros, descobre que Ganga a resgata do renascimento e lhe concede a Emancipação. Ganga manteve Guha, o generalíssimo das forças armadas celestiais, em seu útero. Ela também carrega o mais precioso de todos os metais, isto é, ouro, naquele seu útero. Aqueles que se banham em suas águas todo dia de manhã conseguem obter o agregado de três, isto é, Virtude, Riqueza e Prazer. Aquelas águas são, além disso, iguais a respeito de santidade à manteiga que é derramada com Mantras no fogo sacrifical. Capaz de purificar uma pessoa de todos os pecados, ela tem descido da região celestial, e sua corrente é muito estimada por todos. Ganga é a filha de Himavat, a esposa de Hara, e o ornamento do Céu e da Terra. Ela é a concessora de tudo o que é auspicioso, e é capaz de conferir os seis atributos bem conhecidos começando com domínio e pujança. Na verdade, ó rei, Ganga é o único objeto de grande santidade nos três mundos e concede mérito a todos. Realmente, ó monarca, Ganga é a Justiça em forma liquefeita. Ela é energia também correndo uma forma líquida sobre a Terra. Ela é dotada do esplendor ou pujança que pertence à manteiga que é despejada com Mantras no fogo sacrifical. Ela está sempre adornada com ondas grandes como também com Brahmanas que podem ser vistos sempre realizando suas abluções em suas águas. Caindo do Céu, ela foi segurada por Siva em sua cabeça. A própria mãe dos céus, ela surgiu da montanha mais alta para passar pelas planícies e conceder os mais preciosos benefícios para todas as criaturas da Terra. Ela é a maior causa de todas as coisas; ela é perfeitamente imaculada. Ela é tão sutil quanto Brahma. Ela proporciona o melhor leito para o moribundo. Ela leva criaturas para o céu muito rapidamente. Ela carrega um grande volume de água. Ela concede grande fama a todos. Ela é a protetora do universo. Ela é idêntica a todas as formas. Ela é muitíssimo cobiçada por pessoas coroadas com êxito. Na verdade, Ganga é o caminho para o Céu daqueles que se banharam em sua corrente. Os Brahmanas consideram que Ganga se iguala à Terra em perdão, e na proteção e sustento daqueles que vivem próximos a ela; além disso, como se

igualando ao Fogo e Surya em energia e esplendor; e, por fim, como sempre se igualando o próprio Guha na questão de mostrar benevolência para as classes regeneradas. Aqueles homens que, nesta vida, mesmo mentalmente procuram com todas as suas almas aquela corrente sagrada que é louvada pelos Rishis, que tem saído dos pés de Vishnu, que é muito antiga, e que é extremamente sagrada, conseguem se dirigir para as regiões de Brahman. Totalmente convencidos de que filhos e outras posses, como também as regiões dominadas por todos os tipos de felicidade, são transitórias ou sujeitas à destruição, homens de almas subjugadas, que estão desejosos de chegar àquela posição eterna que é idêntica a Brahma, sempre prestam suas adorações para Ganga com aquela reverência e amor os quais são próprios de um filho para a mãe. O homem de alma purificada que está desejoso de obter sucesso deve procurar a proteção de Ganga que é como uma vaca que produz Amrita em vez de leite comum, que é a própria prosperidade, que é possuidora de onisciência, que existe para o universo inteiro de criaturas, que é a fonte de todas as espécies de alimento, que é a mãe de todas as montanhas, que é o refúgio de todas as pessoas justas, que é incomensurável em pujança e energia, e que encanta o coração do próprio Brahma. Tendo, com penitências austeras, agradado todas as divindades com o Senhor Supremo (Vishnu), Bhagiratha trouxe Ganga para a Terra. Dirigindo-se a ela, homens sempre conseguem se libertar de todos os tipos de temor aqui e após a morte. Observando com a ajuda da inteligência, eu mencionei para ti somente uma pequena parte dos méritos de Ganga. Meu poder, no entanto, é insuficiente para falar de todos os méritos do rio sagrado, ou, de fato, para medir sua força e santidade. Alguém pode, por empregar seus melhores poderes, contar as pedras que se encontram nas montanhas de Meru ou medir as águas que se encontram no oceano, mas alguém não pode contar todos os méritos os quais pertencem às águas do Ganga. Por essa razão, tendo ouvido estes méritos específicos de Ganga que eu proferi com grande devoção, uma pessoa deve, em pensamentos, palavras e ações, reverenciá-los com fé e devoção. Por tu teres escutado aqueles méritos que eu mencionei, tu sem dúvida encherás todas as três regiões com fama e obterás uma medida de sucesso que é muito grande e que é difícil de ser obtida por alguma outra pessoa. Realmente, tu irás, logo depois disso, te divertir em alegria em uma região de grande bem-aventurança criada pela própria Ganga para aqueles que a reverenciam. Ganga sempre estende sua graça àqueles que são devotados a ela com humildade de coração. Ela une aqueles que são assim devotados a ela com todos os tipos de felicidade. Eu rogo que a altamente abençoada Ganga possa sempre inspirar teu coração e o meu com atributos que sejam repletos de virtude.'"

"Bhishma continuou, 'O asceta erudito dotado de inteligência sublime e grande iluminação, e coroado com sucesso, tendo discursado dessa maneira para aquele Brahmana pobre na observância do voto Sila, sobre os assuntos dos méritos infinitos de Ganga, então ascendeu ao firmamento. O Brahmana no cumprimento do voto Sila, despertado pelas palavras daquele asceta coroado com êxito, adorou Ganga devidamente e obteve o maior êxito. Tu também, ó filho de Kunti, procure Ganga com grande devoção, pois tu irás então, como a recompensa disto, chegar ao êxito sublime e excelente.'"

"Vaisampayana continuou 'Ouvindo este discurso de Bhishma que era repleto de louvor a Ganga, Yudhishthira com seus irmãos se encheu de grande alegria. Aquela pessoa que narra ou ouve este discurso sagrado repleto de louvor a Ganga vem a ser purificada de todos os pecados.'"

27

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó avô, és dotado de sabedoria e conhecimento das escrituras, de conduta e comportamento, de diversos tipos de atributos excelentes, e também de idade. Tu és distinguido acima dos outros por inteligência e sabedoria e penitências. Eu desejo, portanto, ó tu que és o principal de todos os homens justos, te dirigir perguntas a respeito da Virtude. Não há outro homem, ó rei, em todos os mundos, que seja mais digno de ser questionado sobre tais assuntos. Ó melhor dos reis, como pode alguém, se acontece de ele ser um Kshatriya ou um Vaisya ou um Sudra, conseguir alcançar a posição de um Brahmana? Cabe a ti me dizer os meios. É pelas penitências mais austeras, ou por ações religiosas, ou por conhecimento das escrituras, que uma pessoa pertencente a alguma das três classes inferiores consegue alcançar a posição de um Brahmana? Diga-me isto, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'A posição de um Brahmana, ó Yudhishthira, não pode ser alcançada por uma pessoa pertencente a alguma das três outras classes. Aquela posição é a mais elevada com relação a todas as criaturas. Passando por inumeráveis classes de existência, por passar por repetidos nascimentos, alguém finalmente, em algum nascimento, nasce como um Brahmana. Em relação a isto é citada uma história antiga, ó Yudhishthira, de uma conversa entre Matanga e uma jumenta. Uma vez um Brahmana obteve um filho que, embora procriado por uma pessoa pertencente a uma classe diferente, teve, no entanto, os ritos de infância e mocidade realizados em consequência das ordenanças prescritas para Brahmanas. O filho era chamado pelo nome de Matanga e possuía todas as habilidades. Seu pai, desejando realizar um sacrifício, mandou-o, ó opressor de inimigos, buscar os artigos requeridos para a ação. Tendo recebido a ordem de seu pai, ele saiu para o propósito em um carro de grande velocidade, puxado por um jumento. Aconteceu que o jumento unido àquele carro era muito novo. Portanto, em vez de obedecer às rédeas, o animal levou o carro para a vizinhança de sua mãe, isto é, àquela jumenta que lhe tinha dado à luz. Matanga, descontente com isso, começou a golpear repetidamente o animal com sua espora em seu focinho. Vendo aquelas marcas de violência no focinho de seu filho, a jumenta, cheia de afeição por ele, disse, 'Não sofra, ó filho, por seu tratamento. É um Chandala que está te dirigindo. Não há severidade em um Brahmana. O Brahmana é considerado o amigo de todas as criaturas. Ele é o professor também de todas as criaturas e seu soberano. Ele pode castigar alguma criatura tão cruelmente? Este sujeito, no entanto, é de ações pecaminosas. Ele não tem compaixão para mostrar até para uma criatura tão jovem como tu. Ele está simplesmente comprovando a classe de seu nascimento por se comportar dessa maneira. A natureza a qual ele derivou de seu pai impede o surgimento

daqueles sentimentos de compaixão e bondade que são naturais para o Brahmana.' Ouvindo estas palavras duras da jumenta, Matanga desceu do carro rapidamente e dirigindo-se à jumenta, disse, 'Diga-me, ó dama abençoada, por qual falha minha mãe é maculada? Como tu sabes que eu sou um Chandala? Responda-me sem demora. Como, de fato, tu sabes que eu sou um Chandala? Como minha posição como um Brahmana foi perdida? Ó tu de grande sabedoria, diga-me tudo isso em detalhes, do começo ao fim.'"

"A jumenta disse, 'Tu foste gerado em uma mulher Brahmana excitada com desejo por um Sudra seguindo a profissão de um barbeiro. Tu és, portanto, um Chandala por nascimento. A posição de Brahmana tu não tens em absoluto.'"

"Brahmana continuou, 'Assim endereçado pela jumenta Matanga refez seu caminho para casa. Vendo-o voltar, seu pai disse, 'Eu tinha te empregado na difícil tarefa de juntar os requisitos do meu sacrifício planejado. Por que tu voltaste sem ter realizado teu dever? O caso é que não está tudo bem contigo?'"

"Matanga disse, 'Como alguém que não pertence a uma classe de nascimento definida, ou a uma classe que é muito inferior, pode ser considerado como muito bem e feliz? Como, ó pai, pode ser feliz aquela pessoa cuja mãe é maculada? Ó pai, esta jumenta, que parece ser mais do que um ser humano, me disse que eu fui gerado em uma Brahmani por um Sudra. Eu irei, por esta razão, praticar as penitências mais austeras.' Tendo dito estas palavras para seu pai, e firmemente decidido sobre o que ele tinha dito ele procedeu para a grande floresta e começou a praticar as mais severas das penitências. Dirigindo-se à realização daquelas penitências para o propósito de alcançar alegremente a posição de um Brahmana, Matanga começou a chamuscar as próprias divindades pela severidade de seu ascetismo. Para ele assim engajado em penitências, o chefe dos celestiais, Indra, apareceu e disse, 'Por que, ó Matanga, tu passas teu tempo em tal sofrimento, te abstendo de todos os tipos de prazeres humanos? Eu te darei bênçãos. Especifique as bênçãos que tu desejas. Não te detenha, mas me diga o que está no teu peito. Mesmo se aquilo for inalcançável, eu ainda o concederei para ti.'"

"Matanga disse, 'Desejoso de obter a posição de Brahmana eu comecei a praticar estas penitências. Depois de tê-la obtido eu irei para casa. Exatamente esta é a bênção pedida por mim.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras dele, Purandara disse para ele, 'A posição de um Brahmana, ó Matanga, a qual tu desejas obter, é realmente inalcançável por ti. É verdade, tu desejas alcançá-la, mas ela não pode ser alcançada por pessoas geradas em almas impuras. Ó tu de compreensão superficial, tu sem dúvida encontrarás com a destruição se tu persistires nessa busca. Desista, portanto, sem demora desse teu esforço inútil. Este objeto do teu desejo, isto é, a posição de um Brahmana, que é a mais importante de todas, não pode ser obtida por meio de penitências. Portanto, por cobiçares aquela posição importante, tu seguramente atrairás destruição sobre ti. Alguém nascido como um Chandala nunca pode alcançar àquela posição que é considerada como a mais sagrada entre as divindades e Asuras e seres humanos!'"

28

"Bhishma disse, 'Assim endereçado por Indra, Matanga de votos contidos e alma bem controlada, (sem escutar aos conselhos do chefe dos celestiais), permaneceu por cem anos sobre um pé, ó tu de glória imperecível. Sakra de grande fama mais uma vez apareceu perante ele e dirigindo-se a ele, disse, 'A posição de um Brahmana, ó filho, é inalcançável. Embora tu a desejes, é impossível para ti obtê-la. Ó Matanga, por cobiçares aquela posição muito elevada tu sem dúvida serás destruído. Não mostre, ó filho, tal impulsividade. Este não pode não ser um caminho justo para tu seguires. Ó tu de compreensão superficial, é impossível para ti conseguir isto neste mundo. Na verdade, por cobiçar aquilo que é inalcançável, tu indubitavelmente encontrarás a destruição num abrir e fechar de olhos. Eu estou te proibindo repetidamente. Por te esforçares, no entanto, para chegar àquela posição elevada pela ajuda de tuas penitências, apesar das minhas repetidas admoestações, tu serás destruído sem dúvida. Da classe de vida irracional alguém chega à posição de humanidade. Se nascido como ser humano, ele sem dúvida toma nascimento como um Pukkasa ou um Chandala. Na verdade, uma pessoa tendo nascido naquela classe de existência pecaminosa, isto é, Pukkasa, ó Matanga, ela tem que vagar nela por um tempo muito longo. Passando um período de mil anos naquela classe, alguém obtém em seguida a posição de um Sudra. Na classe Sudra, também, alguém tem que vagar por muito tempo. Depois de trinta mil anos a posição de um Vaisya é obtida. Lá, naquela classe, alguém tem que passar um período muito longo. Depois de um tempo que é sessenta vezes mais longo do que o que foi declarado como o período de existência Sudra, alguém se torna uma pessoa da classe combatente. Na classe Kshatriya alguém tem que passar um tempo muito longo. Depois de um tempo que é medido por se multiplicar o último período aludido por sessenta, uma pessoa nasce como um Brahmana decaído. Nesta classe alguém tem que vagar por um longo período. Depois de um tempo medido por multiplicar o último período mencionado por duzentos, alguém nasce na linhagem de um Brahmana que vive pela profissão de armas. Lá, naquela classe, ele tem que vagar por um longo período. Depois de um tempo medido por se multiplicar o último período citado por trezentos, alguém toma nascimento na linhagem de um Brahmana que é dado à recitação do Gayatri e outros Mantras sagrados. Lá, naquela classe, ele tem que vagar por um longo período. Depois de um tempo medido por multiplicar o último período citado por quatrocentos, alguém nasce na linhagem de um Brahmana que está familiarizado com os Vedas inteiros e as escrituras. Lá, naquela classe, alguém tem que vagar por um período muito longo. Enquanto vagando naquela condição de existência, alegria e dor, desejo e aversão, vaidade e más palavras procuram entrar nele e fazer dele um canalha. Se ele consegue subjugar aqueles inimigos, ele então alcança um fim superior. Se, por outro lado, aqueles inimigos conseguem subjugá-lo, ele cai daquela posição elevada como uma pessoa caindo no solo do topo de uma palmeira alta. Sabendo disto por certo, ó Matanga, eu te digo, cite outra bênção, pois a posição de Brahmana não pode ser alcançada por ti (que nasceste como um Chandala)!'"

29

"Bhishma disse, 'Assim aconselhado por Indra, Matanga, cumpridor de votos, se recusou a dar ouvidos ao que lhe foi proposto. Por outro lado, com votos regulados e alma purificada, ele praticou penitências austeras por permanecer sobre um pé por mil anos, e estava profundamente dedicado à meditação-Yoga. Depois que mil anos tinham se passado Sakra foi vê-lo mais uma vez. De fato, o matador de Vala e Vritra disse a ele as mesmas palavras.'"

'Matanga disse, 'Eu passei estes mil anos permanecendo sobre um pé, em meditação profunda, cumprindo o voto de Brahmacharya. Por que é que eu ainda não consegui alcançar a posição de um Brahmana?'"

'Sakra disse, 'Alguém que nasceu um Chandala não pode, por quaisquer meios, alcançar a posição de um Brahmana. Portanto cite alguma bênção para que todo esse teu trabalho não venha a ser inútil.' Assim endereçado pelo chefe dos celestiais, Matanga encheu-se de aflição. Ele se dirigiu para Prayaga, e passou lá cem anos, todo o tempo permanecendo sobre seus dedos dos pés. Por causa da observância de tal Yoga que era extremamente difícil de suportar, ele ficou muito emaciado e suas artérias e veias ficaram inchadas e visíveis. Ele ficou reduzido somente a pele e osso. De fato, é sabido por nós que Matanga de alma justa, enquanto praticando aquelas austeridades em Gaya, caiu no chão de pura exaustão. O senhor e dador de bênçãos, dedicado ao bem de todas as criaturas, isto é, Vasava, vendo-o cair, chegou prontamente àquele local e segurou-o firme.'"

"Sakra disse, 'Parece, ó Matanga, que a posição de Brahmana a qual tu procuras é inadequada para ti. Aquela posição não pode ser alcançada por ti. Na verdade, no teu caso, ela está cercada por muitos perigos. Uma pessoa por cultuar um Brahmana obtém felicidade; enquanto por se abster de tal culto ela obtém dor e tristeza. O Brahmana é, com relação a todas as criaturas, o dador do que elas valorizam ou cobiçam e o protetor do que elas já têm. É através dos Brahmanas que os Pitris e as divindades vêm a ser satisfeitos. O Brahmana, ó Matanga, é considerado como o principal de todos os seres criados. O Brahmana concede todos os objetos que são desejados e da maneira que eles são desejados. Vagando através de inúmeras classes de Existência e passando por repetidos renascimentos, alguém consegue em algum nascimento subsequente obter a posição de um Brahmana. Aquela posição realmente é incapaz de ser obtida por pessoas de almas impuras. Portanto, desista da idéia. Cite algum outro benefício. O benefício específico o qual tu procuras não pode ser concedido para ti.'"

"Matanga disse, 'Afligido pelo sofrimento como eu estou, por que, ó Sakra, tu me afliges mais (com palavras como estas)? Tu estás golpeando alguém que está morto, por meio deste comportamento. Eu não tenho pena de ti pois tendo alcançado a posição de um Brahmana tu agora falhaste em preservá-la (pois tu não tens compaixão para mostrar por alguém como eu). Ó tu de cem sacrifícios, a posição de Brahmana como tu dizes é realmente inalcançável por alguém das três

outras classes, porém, os homens que têm conseguido obter aquela posição elevada (por meios naturais) não aderem a ela (pois mesmo os Brahmanas cometem pecados). Aqueles que tendo conseguido a posição de Brahmana a qual, como a riqueza, é tão difícil de se adquirir, não procuram conservá-la (por praticarem os deveres necessários), devem ser considerados como os mais inferiores dos canalhas neste mundo. De dato, eles são as mais pecaminosas de todas as criaturas. Sem dúvida, a posição de Brahmana é extremamente difícil de se alcançar, e uma vez sendo alcançada, ela é difícil de ser mantida. Ela é capaz de dissipar todos os tipos de sofrimentos. Ai, tendo-a obtido, homens nem sempre procuram conservá-la (por praticarem virtude e os outros deveres que se vinculam a ela). Quando até tais pessoas são consideradas como Brahmanas por que é que eu, que estou contente comigo mesmo, que estou acima de todos os pares de opostos, que estou dissociado de todos os objetos mundanos, que cumpro o dever de compaixão em direção a todas as criaturas e de autodomínio de conduta, não devo ser considerado como merecedor daquela posição? Quão desventurado eu sou, ó Purandara, que pelo erro de minha mãe fui reduzido a esta condição, embora eu não seja injusto em meu comportamento? Sem dúvida, o Destino não pode ser desviado ou vencido por esforço individual, já que, ó senhor, eu sou incapaz de adquirir, apesar destes meus esforços persistentes, o objeto, sobre a aquisição do qual eu tenho colocado meu coração. Quando tal é o caso, ó justo, cabe a ti me conceder alguma outra bênção se, de fato, eu me tornei digno da tua graça ou se eu tenho um pouco de mérito.'"

"Bhishma continuou, 'O matador de Vala e Vritra então disse a ele, ‘Cite a bênção.’ Assim incitado pelo grande Indra, Matanga disse as seguintes palavras:'"

"Matanga disse, 'Que eu possua o poder de assumir qualquer forma à vontade e viajar através dos céus, e que eu desfrute de quaisquer prazeres nos quais eu possa colocar meu coração. E que eu também tenha as adorações dispostas de Brahmanas e Kshatriyas. Eu te reverencio por inclinar minha cabeça, ó deus. Cabe a ti fazer aquilo também pelo qual minha fama, ó Purandara, possa viver para sempre no mundo.'"

"Sakra disse, 'Tu serás célebre como a divindade de uma medida específica de verso e tu obterás o culto de todas as mulheres. Tua fama, ó filho, se tornará inigualável nos três mundos.' Tendo concedido a ele estas bênçãos Vasava desapareceu. Matanga também, rejeitando seus ares vitais, obteve um lugar superior. Tu assim podes ver, ó Bharata, que a posição de Brahmana é muito elevada. Aquela posição não pode ser adquirida aqui (exceto da maneira natural de nascimento), como dito pelo próprio grande Indra.'"

30

"Yudhishthira disse, 'Eu ouvi esta grande narrativa, ó perpetuador da linhagem e Kuru. Tu, ó principal dos homens eloquentes, disseste que a posição de Brahmana é de aquisição extremamente difícil. É sabido, no entanto, que nos

tempos passados a posição de Brahmana foi adquirida por Viswamitra. Tu, no entanto, ó melhor dos homens, nos disseste que aquela posição não pode ser adquirida. Eu também soube que o rei Vitahavya antigamente conseguiu obter a posição de Brahmana. Eu desejo ouvir, ó filho pujante de Ganga, a história da promoção de Vitahavya. Por quais ações aquele melhor dos reis conseguiu obter a posição de Brahmana? Foi através de algum benefício (obtido de alguém de grande pujança) ou foi através da virtude de penitências? Cabe a ti me contar tudo.'"

"Bhishma disse, 'Ouça, ó monarca, como o sábio nobre Vitahavya de grande celebridade conseguiu antigamente alcançar a posição de Brahmana que é tão difícil de se alcançar e que é muito reverenciada por todo o mundo. Enquanto Manu de grande alma antigamente estava empenhado em governar seus súditos justamente, ele obteve um filho de alma justa que se tornou famoso sob o nome de Saryati. Na linhagem de Saryati, ó monarca, nasceram dois reis, isto é, Haihaya e Talajangha. Ambos eram filhos de Vatsa, ó principal dos reis vitoriosos. Haihaya, ó monarca, teve dez esposas. Nelas ele gerou, ó Bharata, uma centena de filhos todos os quais eram muito inclinados ao combate. Todos eles pareciam uns com os outros em aspecto e destreza. Todos eles eram dotados de grande força e todos eles possuíam grande habilidade em batalha. Eles todos estudaram os Vedas e a ciência de armas inteiramente. Em Kasi também, ó monarca, havia um rei que era o avô de Divodasa. O principal dos homens vitoriosos, ele era conhecido pelo nome de Haryyaswa. Os filhos do rei Haihaya, ó chefe de homens (que era também conhecido pelo nome de Vitahavya), invadiram o reino de Kasi e, avançando para o país localizado entre os rios Ganga e Yamuna lutaram com o rei Haryyaswa e o mataram também nele. Tendo matado o rei Haryyaswa dessa maneira, os filhos de Haihaya, aqueles grandes guerreiros em carros, voltaram destemidamente para sua própria cidade encantadora no país dos Vatsas. Enquanto isso o filho de Haryyaswa, Sudeva, que parecia com uma divindade em esplendor e que era como um segundo deus da justiça, foi instalado no trono de Kasi como seu soberano. O alegrador de Kasi, aquele príncipe de alma justa governou seu reino por algum tempo, quando os cem filhos de Vitahavya mais uma vez invadiram seus domínios e o derrotaram em batalha. Tendo derrotado o rei Sudeva dessa maneira, os vencedores voltaram para sua própria cidade. Depois disto Divodasa, o filho de Sudeva, foi instalado no trono de Kasi como seu soberano. Percebendo a bravura daqueles príncipes de grande alma, isto é, os filhos de Vitahavya, o rei Divodasa, dotado de grande energia, reconstruiu e fortaleceu a cidade de Baranasi por ordem de Indra. Os territórios de Divodasa eram cheios de Brahmanas e Kshatriyas, e abundavam com Vaisyas e Sudras. E eles abundavam com artigos e mantimentos de todos os tipos, e eram adornados com lojas e mercados e cheios de prosperidade. Aqueles territórios, ó melhor dos reis, se estendiam para o norte das margens de Ganga às margens do sul de Gomati, e pareciam com um segundo Amravati (a cidade de Indra). Os Haihayas novamente, ó Bharata, atacaram aquele tigre entre reis, enquanto ele governava seu reino. O poderoso rei Divodasa dotado de grande esplendor, saindo de sua capital, lutou com eles. O combate entre os dois partidos foi tão violento que parecia com a batalha antigamente entre as divindades e os Asuras. O rei

Divodasa lutou com o inimigo por mil dias no fim dos quais, tendo perdido vários seguidores e animais, ele ficou extremamente angustiado. O rei Divodasa, ó monarca, tendo perdido seu exército e vendo sua tesouraria esgotada, deixou sua capital e fugiu. Dirigindo-se ao retiro encantador de Bhardwaja dotado de grande sabedoria o rei, ó castigador de inimigos, unindo suas mãos em reverência, procurou a proteção do Rishi. Vendo o rei Divodasa diante dele, o filho mais velho de Vrihaspati, isto é, Bharadwaja de conduta excelente, que era o sacerdote do monarca, disse para ele, 'Qual é a razão da tua vinda aqui? Conte-me tudo, ó rei. Eu farei aquilo que é agradável para ti, sem qualquer escrúpulo.'"

"O rei disse, 'Ó santo, os filhos de Vitahavya mataram todos os filhos e homens da minha casa. Somente eu escapei com vida, totalmente derrotado pelo inimigo. Eu procuro tua proteção. Cabe a ti, ó santo, me proteger com tal afeição como tu tens por um discípulo. Aqueles príncipes de atos pecaminosos têm massacrado toda a minha raça, deixando só eu mesmo vivo.'"

"Bhishma continuou, 'Para ele que rogou de modo tão comovente, Bharadwaja de grande energia disse, 'Não tema! Não tema! Ó filho de Sudeva, que teus temores sejam dissipados. Eu realizarei um sacrifício, ó monarca, a fim de que tu possas ter um filho através do qual tu serás capaz de derrotar milhares e milhares do partido de Vitahavya.' Depois disto, o Rishi realizou um sacrifício com o objetivo de conceder um filho para Divodasa. Como o resultado disso, nasceu para Divodasa um filho chamado Pratarddana. Imediatamente após seu nascimento ele cresceu como um menino de treze anos completos e dominou rapidamente os Vedas inteiros e todas as armas. Ajudado por seus poderes-Yoga, Bharadwaja de grande inteligência tinha entrado no príncipe. De fato, reunindo toda a energia que se encontra nos objetos do universo, Bharadwaja a colocou no corpo do príncipe Pratarddana. Vestindo uma armadura brilhante e armado com o arco, Pratarddana, seus louvores cantados por bardos e pelos Rishis celestes, brilhava resplandecente como a estrela do dia. Subindo em seu carro e com a cimitarra atada ao seu cinto, ele brilhava como um fogo ardente. Com cimitarra e escudo e girando seu escudo enquanto procedia, ele foi até a presença de seu pai. Vendo o príncipe, o filho de Sudeva, isto é, o rei Divodasa, se encheu de alegria. De fato, o velho rei pensou nos filhos de seu inimigo Vitahavya como já mortos. Divodasa então instalou seu filho Pratarddana como Yuvaraja, e se considerando coroado com sucesso ficou extremamente feliz. Depois disto, o velho rei mandou aquele castigador de inimigos, isto é, o príncipe Pratarddana, marchar contra os filhos de Vitahavya e matá-los em batalha. Dotado de grandes poderes, Pratarddana, aquele subjugador de cidades hostis, cruzou o Ganga rapidamente em seu carro e procedeu contra a cidade dos Vitahavyas. Ouvindo o ruído produzido pelas rodas de seu carro, os filhos de Vitahavya, em seus próprios carros que pareciam com cidadelas fortificadas e que eram capazes de destruir veículos hostis, saíram de sua cidade. Saindo de sua capital, aqueles tigres entre homens, isto é, os filhos de Vitahavya, que eram todos guerreiros habilidosos vestidos em cotas de malha, avançaram com armas erguidas em direção a Pratarddana, cobrindo-o com chuvas de setas. Cercando-o com inúmeros carros, ó Yudhisthira, os Vitahavyas despejaram sobre Pratarddana armas de vários tipos parecendo nuvens

despejando torrentes de chuva no leito de Himavat. Desviando as armas deles com as suas, o príncipe Pratarddana dotado de energia poderosa matou todos eles com suas flechas que pareciam com o raio de fogo de Indra. Suas cabeças cortadas, ó rei, com centenas e milhares de setas pontas largas, os guerreiros de Vitahavya caíram com corpos tingidos de sangue como as árvores Kinsuka cortadas por lenhadores com seus machados por todos os lados. Depois que todos os seus guerreiros e filhos tinham morrido em batalha, o rei Vitahavya fugiu de sua capital para o retiro de Bhrigu. De fato, chegando lá, o fugitivo real procurou a proteção de Bhrigu. O Rishi Bhrigu, ó monarca, assegurou sua proteção ao rei derrotado. Pratarddana seguiu os passos de Vitahavya. Chegando no retiro do Rishi, o filho de Divodasa disse em voz alta, 'Alô, escutem vocês discípulos de Bhrigu grande alma que possa ocorrer de estarem presentes, eu desejo ver o sábio. Vão e o informem disto.' Reconhecendo que era Pratarddana quem tinha chegado, o próprio Rishi Bhrigu saiu de seu retiro e adorou aquele melhor dos reis de acordo com os ritos devidos. Dirigindo-se a ele então, o Rishi disse, 'Diga-me, ó rei, qual é o teu negócio.' O rei, nisto, informou o Rishi da razão da sua presença.'"

"O rei disse, 'O rei Vitahavya veio para cá, ó Brahmana. Entregue-o. Os filhos dele, ó Brahmana, destruíram minha linhagem. Eles devastaram os territórios e a riqueza do reino de Kasi. Cem filhos, no entanto, deste rei orgulhoso de seu poder, foram todos mortos por mim. Por matar aquele próprio rei eu hoje saldarei a dívida que eu tenho com meu pai.' Para ele aquele principal dos homens justos, isto é, o Rishi Bhrigu, sensibilizado pela compaixão, respondeu dizendo, 'Não há nenhum Kshatriya neste retiro. Eles que estão aqui são todos Brahmanas.' Ouvindo estas palavras de Bhrigu que deviam estar de acordo com a verdade, Pratarddana tocou os pés do Rishi lentamente e, cheio de alegria, disse, 'Por isto, ó santo, eu sou sem dúvida coroado com sucesso, já que este rei foi abandonado pela própria classe de seu nascimento por causa da minha destreza. Dê-me tua permissão, ó Brahmana, para te deixar, e me deixe te pedir para rezar pelo meu bem-estar. Este rei, ó fundador da linhagem que leva o teu nome, foi obrigado a deixar a própria comunidade de seu nascimento pelo meu poder.' Despedido pelo Rishi Bhrigu, o rei Pratarddana então partiu daquele retiro, tendo, assim como uma cobra, vomitado seu veneno real, e se dirigiu ao lugar de onde ele tinha vindo. Enquanto isso, o rei Vitahavya obteve a posição de um Brahmana sábio somente pela força das palavras de Bhrigu. E ele adquiriu também um domínio completo sobre todos os Vedas pela mesma causa. Vitahavya teve um filho chamado Gritsamada que em beleza pessoal era um segundo Indra. Uma vez os Daityas o afligiram muito, acreditando que ele era ninguém mais do que Indra. Com relação àquele Rishi de grande alma, um principal dos Srutis nos Richs procede assim, isto é: 'Aquele com quem Gritsamada permanece, ó Brahmana, é considerado com grande respeito por todos os Brahmanas. Dotado de grande inteligência, Gritsamada tornou-se um Rishi regenerado na prática de Brahmacharya. Gritsamada teve um filho regenerado de nome Sutejas. Sutejas teve um filho de nome Varchas, e o filho de Varchas era conhecido pelo nome de Vihavya. Vihavya teve um filho que se chamava Vitatya e Vitatya teve um filho de nome Satya. Satya teve um filho de nome Santa. Santa teve um filho, isto é, o Rishi Sravas.

Sravas gerou um filho chamado Tama. Tama gerou um filho chamado Prakasa, que era um Brahmana muito superior. Prakasa teve um filho chamado Vagindra que foi o principal de todos os recitadores silenciosos de Mantras sagrados. Vagindra gerou um filho chamado Pramati que era um mestre perfeito de todos os Vedas e seus ramos. Pramati gerou na Apsara Ghritachi um filho que foi chamado de Ruru. Ruru gerou um filho em sua esposa Pramadvara. Aquele filho era o Rishi regenerado Sunaka. Sunaka gerou um filho que se chamava Saunaka.' Foi assim, ó principal dos monarcas, que o rei Vitahavya, embora um Kshatriya pela classe de seu nascimento, obteve a posição de um Brahmana, ó chefe dos Kshatriyas, pela graça de Bhrigu. Eu também te disse a genealogia da linhagem que surgiu de Gritsamada. O que mais tu perguntarás?'"

31

"Yudhishthira disse, 'Quais homens, ó chefe da linhagem de Bharata, são dignos de homenagem reverente nos três mundos? Diga-me isto em detalhes verdadeiramente. Eu nunca estou saciado com te ouvir falar sobre estes tópicos.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha narrativa da conversa entre Narada e Vasudeva. Vendo Narada em uma ocasião cultuando muitos dos principais Brahmanas com mãos unidas, Kesava se dirigiu a ele dizendo, 'Quem tu cultuas? Quem entre estes Brahmanas, ó santo, tu cultuas com reverência tão grande? Se este for um assunto sobre o qual eu possa ouvir, eu então desejo ouvi-lo. Ó principal dos homens justos, diga-me isto!'"

"Narada disse, 'Ouça, ó Govinda, quanto a quem são aqueles aos quais eu estou cultuando, ó opressor de inimigos. Quem mais há neste mundo que merece tanto ouvir isto? Eu adoro os Brahmanas, ó pujante, que adoram constantemente Varuna e Vayu e Aditya e Parjanya e a divindade do Fogo, e Sthanu e Skanda e Lakshmi e Vishnu e os Brahmanas, e o senhor da fala, e Chandramas, e as Águas e a Terra e a deusa Saraswati. Ó tigre da raça Vrishni, eu sempre adoro aqueles Brahmanas que são dotados de penitências, que estão familiarizados com os Vedas, que estão sempre dedicados ao estudo Védico, e que são possuidores de grande mérito. Ó pujante, eu inclino minha cabeça para aquelas pessoas que são livres de ostentação, que cumprem, com o estômago vazio, os ritos em honra das divindades, que estão sempre contentes com que elas têm e que são dotadas de perdão. Eu adoro aqueles, ó Yadava, que são realizadores de sacrifícios, que são de uma disposição clemente, e autocontrolados, que são mestres dos seus próprios sentidos, que adoram verdade e justiça, e que doam terra e gado para bons Brahmanas. Eu reverencio aqueles, ó Yadava, que são dedicados à observância de penitências, que moram em florestas, que subsistem de frutas e raízes, que nunca armazenam alguma coisa para o dia seguinte, e que são praticantes de todos os atos e ritos declarados nas escrituras. Eu reverencio aqueles, ó Yadava, que alimentam e cuidam de seus empregados, que são sempre hospitaleiros para convidados, e que comem somente os restos do que é oferecido às divindades. Eu adoro aqueles que se tornaram irresistíveis pelo estudo dos Vedas, que são eloquentes ao falarem sobre as escrituras, que são

cumpridores do voto de Brahmacharya, e que estão sempre dedicados aos deveres de oficiar nos sacrifícios de outros e de ensinar discípulos. Eu cultuo aqueles que são dotados de compaixão por todas as criaturas, e que estudam os Vedas até o meio-dia (isto é, até suas costas serem aquecidas pelo sol). Eu reverencio aqueles, ó Yadava, que se esforçam para obter a graça de seus preceptores, que trabalham na aquisição de seus Vedas, que são firmes no cumprimento de votos, que servem, com obediência respeitosa, seus preceptores e os mais velhos, e que estão livres de malícia e inveja. Eu reverencio aqueles, ó Yadava, que são cumpridores de votos excelentes, que praticam taciturnidade, que têm conhecimento de Brahman, que são firmes na verdade, que são doadores de libações de manteiga clarificada e oblações de carne. Eu me curvo àqueles, ó Yadava, que subsistem de esmolas, que são emaciados por falta de comida e bebida suficientes, que têm vivido nas residências de seus preceptores, que são avessos a todos os prazeres e desprovidos deles, e que são pobres em bens desta Terra. Eu me curvo àqueles, ó Yadava, que não têm afeição por coisas desta Terra, que não têm brigas para travar com outros, que não vestem a si mesmos, que não têm necessidades, que se tornam irresistíveis pela aquisição dos Vedas, que são eloquentes na exposição de justiça, e que são proferidores de Brahma. Eu reverencio aqueles que estão dedicados à prática do dever de compaixão em direção a todas as criaturas, que são firmes no cumprimento da verdade, que são autocontrolados, e que são pacíficos em seu comportamento. Eu reverencio aqueles, ó Yadava, que estão dedicados ao culto das divindades e convidados, que são praticantes do modo de vida familiar, e que seguem a prática dos pombos na questão de sua subsistência. (Pombos apanham grãos espalhados e nunca estocam para o dia seguinte. No voto Sila e outros, catar grãos espalhados e rejeitados do campo depois que as colheitas foram levadas pelos donos é recomendado como a maneira de encher o estômago.) Eu sempre reverencio aquelas pessoas cujo conjunto de três existe, sem ser enfraquecido, em todas as suas ações, e que são praticantes da verdade e de um comportamento justo. (O agregado de três é Virtude, Riqueza e Prazer. Pessoas que, em todas as ações que elas fazem mantêm um olho sobre estes três, são citadas como tendo seu agregado de três existindo em todos os seus atos.) Eu me inclino para aqueles, ó Kesava, que conhecem Brahma, que são dotados de conhecimento dos Vedas, que estão atentos ao agregado de três, que são livres de cobiça, e que são justos em seu comportamento. Eu reverencio aqueles, ó Madhava, que subsistem somente de água, ou só do ar, ou dos restos do alimento que é oferecido para divindades e convidados, e que são cumpridores de diversos tipos de votos excelentes. Eu sempre adoro aqueles que não têm cônjuges (por causa do voto de celibato que eles praticam), que têm cônjuges e o fogo doméstico (por levarem o modo de vida familiar), que são o refúgio dos Vedas, e que são o refúgio de todas as criaturas no universo (pela compaixão que eles sentem por elas). Eu sempre me curvo àqueles Rishis, ó Krishna, que são os criadores do universo, que são os mais antigos do universo, que são membros mais velhos da linhagem ou da família, que são dissipadores da escuridão da ignorância, e que são as melhores de todas as pessoas no universo (por virtude de comportamento e conhecimento das escrituras). Por estas razões, tu também, ó descendente da linhagem de Vrishni, adore todos os dias aquelas pessoas

regeneradas de quem eu falei. Dignas como elas são de culto reverente, elas quando adoradas te concederão felicidade, ó impecável. Aquelas pessoas de quem eu falo são sempre concessoras de felicidade neste mundo assim como no próximo. Reverenciadas por todos, elas se movem neste mundo, e se adoradas por ti sem dúvida te concederão felicidade. Aqueles que são hospitaleiros para todas as pessoas que chegam a eles como convidados, e que são sempre devotados aos Brahmanas e vacas, como também à verdade (em palavras e comportamento), conseguem transpor todas as calamidades e obstáculos. Aqueles que estão sempre dedicados à quietude de comportamento, como também aqueles que são livres de malícia e inveja, e aqueles que estão sempre atentos ao estudo dos Vedas, conseguem superar todas as calamidades e obstáculos. Aqueles que reverenciam todas as divindades (sem demonstrarem uma preferência por alguma e assim comprovando sua tolerância), aqueles que se dirigem ao único Veda como seu refúgio, aqueles que possuem fé e são autocontrolados, conseguem transpor todas as calamidades e obstáculos. Aqueles que cultuam os principais dos Brahmanas com reverência e que são firmes na observância de votos excelentes e praticam a virtude da caridade, conseguem transpor todas as calamidades e obstáculos. Aqueles que são dedicados à prática de penitências, aqueles que são sempre cumpridores do voto de celibato, e aqueles cujas almas têm sido purificadas por meio de penitências, conseguem transpor todas as calamidades e obstáculos. Aqueles que são dedicados ao culto das divindades e convidados e dependentes, como também dos Pitris, e aqueles que comem o resto da comida que é oferecida para as divindades, Pitris, convidados e dependentes, conseguem transpor todas as calamidades e obstáculos. Aqueles que, tendo acendido o fogo doméstico, o mantêm queimando devidamente e o cultuam com reverência, e aqueles que derramam libações apropriadamente (para as divindades) em sacrifícios Soma, conseguem transpor todas as calamidades e obstáculos. Aqueles que se comportam como eles devem em direção às suas mães e pais e preceptores e outros mais velhos assim como tu, ó tigre entre os Vrishnis, te comportas, conseguem transpor todas as calamidades e obstáculos.' Tendo dito estas palavras, o Rishi celeste parou de falar.'"

"Bhishma continuou, 'Por estas razões, tu também, ó filho de Kunti, sempre adore com reverência as divindades, os Pitris, os Brahmanas, e convidados chegados à tua mansão e como a consequência de tal conduta tu sem dúvida alcançarás um fim desejável!'"

32

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu de grande sabedoria, ó tu que estás familiarizado com todos os ramos de conhecimento, eu desejo te ouvir falar sobre tópicos ligados ao dever e Justiça. Diga-me realmente, ó chefe da linhagem de Bharata, quais são os méritos daquelas pessoas que concedem proteção para criaturas vivas das quatro classes quando estas suplicam por proteção.'"

"Bhishma disse, 'Ó filho de Dharma de grande sabedoria e fama difundida, escute a esta velha história referente ao grande mérito de conceder proteção para outros quando proteção é procurada humildemente. Uma vez um pombo belo, perseguido por um falcão, caiu dos céus e procurou a proteção do rei Vrishadarbha altamente abençoado. O monarca de alma pura, vendo o pombo se refugiar em seu colo por medo, confortou-o, dizendo, 'Esteja confortado, ó ave; não tenha medo. Por que motivo tu ficaste tão assustado? O que tu fizeste e onde tu o fizeste em consequência do qual tu perdeste teus sentidos por medo e estás mais morto do que vivo? Tua cor, ave bela, é tal que parece com aquela que adorna um lótus recém desabrochado da variedade azul. Teus olhos são da cor do romã ou da flor Asoka. Não tema. Eu te peço, esteja confortado. Quando tu procuraste proteção comigo, saiba que ninguém terá coragem nem de pensar em te capturar, a ti que tens tal protetor para cuidar de tua pessoa. Por tua causa, eu desistirei hoje do próprio reino de Kasi e, se for necessário, da minha vida também. Fique confortado, portanto, e que nenhum medo seja teu, ó pombo.'"

"O falcão disse, 'Esta ave está ordenada para ser meu alimento. Não cabe a ti, ó rei, protegê-la de mim. Eu tenho perseguido esta ave e a alcancei. Na verdade, com grande esforço eu finalmente a alcancei. Sua carne e sangue e medula e gordura serão de grande bem para mim. Esta ave será o meio de me satisfazer imensamente. Ó rei, não te coloque entre ele e eu dessa maneira. Feroz é a sede que está me afligindo, e a fome está corroendo meus intestinos. Liberte a ave e a rejeite. Eu não posso mais suportar as dores da fome. Eu o persegui como minha presa. Veja, seu corpo está machucado e rasgado por mim com minhas asas e garras. Olhe, a respiração dele ficou muito fraca. Não cabe a ti, ó rei, protegê-lo de mim. No exercício daquele poder o qual pertence devidamente a ti, tu és, de fato, competente para interferir em proteger seres humanos quando outros seres humanos procuram destruí-los. Tu não podes, no entanto, ser admitido como tendo algum poder sobre uma ave percorredora do céu afligida com sede. Teu poder pode se estender sobre teus inimigos, teus empregados, teus parentes, as disputas que acontecem entre teus súditos. De fato, ele pode se estender sobre todas as partes dos teus domínios e também sobre teus próprios sentidos. Teu poder, no entanto, não se estende sobre o firmamento. Mostrando tua destreza sobre inimigos tais como os que agem contra os teus desejos, tu podes estabelecer teu governo sobre eles. Teu governo, no entanto, não se estende sobre as aves que percorrem o céu. De fato, se tu estás desejoso de ganhar mérito (por proteger este pombo), é teu dever olhar por mim também (e fazer o que é correto por me permitir apaziguar minha fome e salvar minha vida)!'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras do falcão, o sábio nobre ficou muito surpreso. Sem desconsiderar estas palavras dele, o rei, desejoso de cuidar de seus confortos, respondeu para ele dizendo as seguintes palavras.'"

"O rei disse, 'Que um touro ou javali ou veado ou búfalo seja preparado hoje por tua causa. Sacie tua fome em tal alimento hoje. Nunca abandonar alguém que procurou minha proteção é meu voto firme. Veja, ó ave, esta ave não deixa o meu colo!'"

"O falcão disse, 'Eu, ó monarca, não como a carne do javali ou do boi ou de alguma das diversas espécies de aves. Que necessidade eu tenho de comida deste ou daquele tipo? Meu interesse é com aquele alimento que foi eternamente ordenado para os seres da minha classe. Falcões se alimentam de pombos, esta é a ordenança eterna. Ó impecável Usinara, se tu sentes tal afeição por este pombo, então me dê a carne do teu próprio corpo, de peso igual àquele deste pombo.'"

"O rei disse, 'Grande é o favor que fazes para mim hoje por me falares dessa maneira. Sim, eu farei o que tu ordenas.' Tendo dito isto, aquele melhor dos monarcas começou a cortar sua própria carne e pesá-la em uma balança comparando-a com o pombo. Enquanto isso, nos aposentos internos do palácio, as esposas do rei, adornadas com jóias e pedras preciosas, sabendo o que estava acontecendo, proferiram exclamações de aflição e saíram, tomadas pela angústia. Por causa daqueles gritos das senhoras, como também dos ministros e empregados, um barulho profundo como o rugido das nuvens ergueu-se no palácio. O céu que tinha estado muito limpo ficou envolvido em nuvens espessas por todos os lados. A Terra começou a tremer, como a consequência daquele ato de verdade o qual o monarca fez. O rei começou a cortar a carne dos flancos de seus braços, e de suas coxas, e encheu rapidamente um dos pratos da balança para pesá-la contra o pombo. Apesar de tudo isso, o pombo continuou a ser mais pesado. Quando finalmente o rei se tornou um esqueleto de ossos, sem qualquer carne, e coberto com sangue, ele desejou desistir de seu corpo inteiro e, portanto, subiu no prato da balança no qual ele tinha colocado a carne que ele tinha cortado anteriormente. Naquele momento, os três mundos, com Indra em sua chefia, chegaram àquele local para vê-lo. Tímpanos celestiais e diversas baterias foram tocados por seres invisíveis pertencentes ao firmamento. O rei Vrishadarbha foi banhado em uma chuva de néctar que foi derramada sobre ele. Guirlandas de flores celestes, de fragrância e toque deliciosos, foram também despejadas sobre ele copiosamente e repetidamente. As divindades e Gandharvas e Apsaras em grandes grupos começaram a cantar e dançar ao redor dele assim como eles cantam e dançam ao redor do Avô Brahma. O rei então subiu em um carro celeste que superava (em grandiosidade e beleza) uma mansão totalmente feita de ouro, que tinha arcos feitos de ouro e pedras preciosas, e que era adornado com colunas feitas de lápis lazúli. Pelo mérito de sua ação, o sábio real Sivi procedeu para o Céu eterno. Tu também, ó Yudhishthira, aja da mesma maneira em direção àqueles que procuram tua proteção. Aquele que protege aqueles que são devotados a ele, aqueles que estão ligados a ele por amor e afeição, e aqueles que dependem dele, e que tem compaixão por todas as criaturas, consegue obter grande bem-aventurança após a morte. Aquele rei que é de comportamento justo e que é observador de honestidade e integridade, consegue por meio de suas ações de sinceridade obter todas as recompensas valiosas. O sábio nobre Sivi de alma pura e dotado de grande sabedoria e destreza invencível, aquele soberano do reino de Kasi tornou-se famoso nos três mundos por seus atos de virtude. Alguém que protege da mesma maneira alguém que procura proteção indubitavelmente obterá o mesmo fim feliz (como o próprio Sivi), ó melhor dos Bharatas. Aquele que narra esta história do sábio nobre Vrishadarbha sem dúvida

vem a ser purificado de todo pecado, e a pessoa que ouve esta história narrada por outra com certeza obtém o mesmo resultado.'"

33

"Yudhishthira disse, 'Qual ato, ó avô, é o principal de todos aqueles que são prescritos para um rei? Qual é aquele ato por fazer o qual um rei consegue desfrutar deste mundo e do próximo?'"

"Bhishma disse, 'Exatamente isto, isto é, o culto dos Brahmanas, é a principal de todas aquelas ações, ó Bharata, que foram prescritas para um rei devidamente instalado no trono, se, de fato, ele está desejoso de obter grande felicidade. Isto mesmo é o que o principal de todos os reis deve fazer. Saiba bem disto, ó chefe da linhagem de Bharata. O rei deve sempre cultuar com reverência todos os Brahmanas justos possuidores de erudição Védica. O rei deve, com mesuras e palavras confortantes e doações de todos os artigos de prazer, cultuar todos os Brahmanas possuidores de grande erudição que possam morar em sua cidade ou províncias. Esta é a principal de todas as ações prescritas para o rei. De fato, o rei deve sempre manter seus olhos fixados sobre isto. Ele deve proteger e cuidar destes, assim como ele protege a si mesmo ou seus próprios filhos. O rei deve cultuar com a maior reverência aqueles entre os Brahmanas que possam ser dignos disto (por sua santidade e erudição superiores). Quando tais homens estão livres de toda ansiedade, o reino inteiro resplandece em beleza. Tais indivíduos são dignos de adoração. Para eles o rei deve inclinar sua cabeça. Na verdade, eles devem ser honrados, assim como alguém honra seus pais e avôs. Deles depende a direção de conduta seguida pelos homens, assim como a existência de todas as criaturas depende de Vasava. De destreza incapaz de ser frustrada e dotados de grande energia, tais homens, se enfurecidos, são capazes de reduzir o reino inteiro a cinzas somente por decreto de sua vontade, ou por atos de encantamento, ou por outros meios (derivados do poder da penitência). Eu não vejo alguma coisa que possa destruí-los. Seu poder parece ser incontrolável, sendo capaz de alcançar o fim mais distante do universo. Quando zangados, seus olhares caem sobre homens e coisas como uma chama ardente de fogo sobre uma floresta. Os homens mais corajosos são tomados por medo destes homens. Suas virtudes e poderes são extraordinários e incomensuráveis. Alguns entre eles são como poços e buracos com bocas cobertas por grama e trepadeiras, enquanto outros parecem com o firmamento livre de nuvens e escuridão. Alguns entre eles são de disposições ferozes (como Durvasas e outros daquele temperamento). Alguns são tão suaves e delicados em disposição como algodão (como Gautama e outros). Alguns entre eles são muito astutos (como Agastya que devorou o Asura Vatapi, e Rishis daquela classe). Alguns entre eles estão dedicados à prática de penitências. Alguns entre eles estão empenhados em atividades agrícolas (como o preceptor de Uddalaka). Alguns entre eles estão engajados na criação de gado (como Upamanyu enquanto auxiliando seu preceptor). Alguns entre eles vivem de esmolas. Alguns entre eles são até ladrões (como Valmiki em sua juventude e Viswamitra durante uma escassez). Alguns

entre eles gostam de fomentar rixas e disputas (como Narada). Alguns entre eles, além disso, são atores e dançarinos (como Bharata). Alguns entre eles são competentes para realizar todas as façanhas, ordinárias e extraordinárias (como Agastya esvaziando o oceano inteiro como se ele fosse um palmo de água). Os Brahmanas, ó chefe da linhagem de Bharata, são de diversos aspectos e comportamentos. Uma pessoa deve sempre proferir os louvores dos Brahmanas que são familiarizados com todos os deveres, que são de comportamento justo, que são dedicados a diversos tipos de ações, e que são vistos derivarem seu sustento de diversos tipos de ocupações. (Embora realmente conhecedores de todos os deveres, e de comportamento justo, os Brahmanas, todavia, para esconder suas verdadeiras naturezas ou para proteger o mundo, são vistos estarem empregados em diversos tipos de ocupações.) Os Brahmanas, ó soberano de homens, que são altamente abençoados, são mais velhos em relação à sua origem do que os Pitris, as divindades, seres humanos (pertencentes às três outras classes), as Cobras e os Rakshasas. Aquelas pessoas regeneradas não podem ser derrotadas pelas divindades ou Pitris, ou Gandharvas ou Rakshasas, ou pelos Asuras ou pelos Pisachas. Os Brahmanas são competentes para tornar uma divindade aquele que não é uma divindade. Eles podem, além disso, privar alguém que é uma divindade de sua posição como tal. Torna-se um rei aquele a quem eles desejam tornar um rei. Por outro lado, vai para a parede aquele a quem eles não amam ou de quem eles não gostam. Eu te digo realmente, ó rei, que encontram a destruição, sem dúvida, aquelas pessoas tolas que caluniam os Brahmanas e proferem sua repreensão. Hábeis em louvor e crítica, e eles mesmos a origem ou causa da fama e ignomínia de outras pessoas, os Brahmanas, ó rei, sempre se zangam com aqueles que procuram prejudicar outros. Aquele homem a quem os Brahmanas elogiam consegue crescer em prosperidade. Aquele homem que é censurado e é rejeitado pelos Brahmanas logo encontra a derrota. É pela ausência de Brahmanas entre eles que os Sakas, os Yavanas, os Kamvojas e outras tribos Kshatriya se tornaram decaídas e degradadas para a posição de Sudras. Os Dravidas, os Kalingas, os Pulandas, os Usinaras, os Kolisarpas, os Mahishakas e outros Kshatriyas, por causa da ausência de Brahmanas em seu meio, foram rebaixados para Sudras. A derrota em suas mãos é preferível à vitória sobre eles, ó principal das pessoas vitoriosas. Alguém, matando todas as outras criaturas vivas no mundo, não incorre em um pecado tão hediondo como aquele de matar um único Brahmana. Os grandes Rishis dizem que o Brahmanicídio é um pecado hediondo. Nunca se deve proferir críticas ou caluniar os Brahmanas. Onde a crítica aos Brahmanas é proferida, uma pessoa deve sentar com o rosto pendendo para baixo ou deixar aquele local (para evitar o proferidor e suas palavras). Ainda não nasceu nem nascerá neste mundo o homem que é ou que será capaz de passar sua vida em felicidade depois de disputar com os Brahmanas. Não se pode agarrar o vento com as mãos. Não se pode tocar a lua com a mão. Não se pode sustentar a Terra nos braços. Do mesmo modo, ó rei, uma pessoa não é capaz derrotar os Brahmanas neste mundo.'"

34

"Bhishma disse, 'Uma pessoa deve sempre oferecer o culto mais reverente aos Brahmanas. Eles têm Soma como seu rei, e são eles que concedem felicidade e tristeza para outros. Eles, ó rei, devem sempre ser cuidados e protegidos assim como alguém cuida e protege seus próprios pais e avôs, e devem ser adorados com reverências e doações de alimento e ornamentos e outros artigos de prazer, como também com as coisas que eles possam desejar. A paz e a felicidade do reino fluem de tal respeito mostrado aos Brahmanas assim como a paz e a felicidade de todas as criaturas vivas fluem de Vasava, o chefe dos celestiais. Que Brahmanas de comportamento puro e refulgência de Brahma nasçam em um reino. Kshatriyas também que sejam esplêndidos guerreiros em carros e que sejam capazes de oprimir todos os inimigos devem ser desejados (entre aqueles que se instalam em um reino). Isto foi dito a mim por Narada. Não há nada superior, ó rei, a isto, ou seja, a ação de fazer um Brahmana possuidor de bom nascimento, tendo um conhecimento de moralidade e justiça, e firme no cumprimento de votos excelentes, tomar residência em sua mansão. Tal ação é produtiva de todos os tipos de bênçãos. As oferendas sacrificais dadas para os Brahmanas alcançam as próprias divindades que as aceitam. Os Brahmanas são os antepassados de todas as criaturas. Não há nada mais elevado do que um Brahmana. Aditya, Chandramas, Vento, Água, Terra, Céu e os pontos do horizonte, todos entram no corpo do Brahmana e comem o que o Brahmana come. (Tudo o que é dado para o Brahmana e que é aparentemente comido por ele é realmente comido por estas divindades.) Naquela casa onde os Brahmanas não comem os Pitris se recusam a comer. As divindades também nunca comem na casa do canalha que odeia os Brahmanas. Quando os Brahmanas estão satisfeitos, os Pitris também estão satisfeitos. Não há dúvida nisto. Aqueles que doam a manteiga sacrifical para os Brahmanas vêm a ser eles mesmos satisfeitos (neste e no outro mundo). Tais homens nunca encontram com a destruição. Na verdade, eles conseguem obter fins sublimes. Aquelas oferendas específicas em sacrifícios com as quais alguém gratifica os Brahmanas vai gratificar ambos, os Pitris e as divindades. O Brahmana é a causa daquele sacrifício de onde todas as coisas criadas surgiram. O Brahmana conhece aquilo do qual este universo surgiu e para o qual, quando aparentemente destruído, ele retorna. De fato o Brahmana conhece o caminho que leva para o Céu e o outro caminho que leva para o local oposto. O Brahmana está familiarizado com o que aconteceu e com o que acontecerá. O Brahmana é o principal de todos os seres de duas pernas. O Brahmana, ó chefe dos Bharatas, conhece totalmente os deveres que foram prescritos para sua classe. Aquelas pessoas que seguem os Brahmanas nunca são derrotadas. Partindo deste mundo, elas nunca encontram com a destruição. De fato a vitória é sempre delas. Aquelas pessoas de grande alma, de fato, aquelas pessoas que têm subjugado suas almas, que aceitam as palavras que saem dos lábios dos Brahmanas, nunca são derrotadas. A vitória sempre vem a ser delas. A energia e poder daqueles Kshatriyas que oprimem tudo com sua energia e poder é neutralizada quando eles enfrentam os Brahmanas. Os Bhrigus venceram os Talajanghas. O filho de Angiras venceu os Nipas. Bharadwaja

venceu os Vitahavyas como também os Ailas. Ó chefe da linhagem de Bharata, embora todos estes Kshatriyas fossem capazes de usar diversos tipos de armas, ainda assim os Brahmanas mencionados, possuindo somente peles negras de veado como seus emblemas, conseguiram vencê-los efetivamente. Entregando a Terra aos Brahmanas e iluminando ambos os mundos pelo esplendor de tal feito, uma pessoa deve realizar ações através das quais ela possa conseguir alcançar o fim de todas as coisas. Como fogo oculto dentro da madeira, tudo o que é dito ou ouvido ou lido neste mundo, se encontra oculto no Brahmana. Em relação a isto é citada a história antiga da conversa entre Vasudeva e a Terra, ó chefe da linhagem de Bharata!'"

"Vasudeva disse, 'Ó mãe de todas as criaturas, ó deusa auspiciosa, eu desejo te questionar para a solução desta minha dúvida. Por meio de qual ação um homem levando o modo de vida familiar consegue a purificação de todos os seus pecados?'"

"A Terra disse, 'Uma pessoa deve servir os Brahmanas. Esta conduta é purificadora e excelente. São destruídas todas as impurezas daquele homem que serve os Brahmanas com reverência. Desta (conduta) provém prosperidade. Dela surge a fama. Dela vem a inteligência ou conhecimento da alma. Um Kshatriya, por esta conduta, vem a ser um poderoso guerreiro em carro e um opressor de inimigos e consegue obter grande renome. Isto mesmo é o que Narada disse para mim, isto é, que alguém deve sempre reverenciar um Brahmana que é bem nascido, de votos rígidos e conhecedor das escrituras, se ele deseja todos os tipos de prosperidade. Cresce realmente em prosperidade aquele homem que é elogiado pelos Brahmanas, que são maiores do que aqueles que são considerados superiores a todos os homens inferiores ou superiores. O homem que fala mal dos Brahmanas logo encontra com a derrota, assim como um torrão de terra não cozido encontra a destruição quando lançado ao mar. Do mesmo modo, todos os atos que são prejudiciais para os Brahmanas sem dúvida ocasionam a derrota e a ruína. Veja as manchas escuras na Lua (devido à maldição de Daksha) e as águas salgadas do oceano (devido à maldição de um Rishi). O grande Indra uma vez foi completamente marcado com mil marcas de sexo. Foi através do poder dos Brahmanas que aquelas marcas foram modificadas para tantos olhos. Veja, ó Mahadeva como aquelas coisas aconteceram. Desejando fama e prosperidade e diversas regiões de beatitude no mundo seguinte, uma pessoa de comportamento e alma puros deve, ó matador de Madhu, viver em obediência aos ditames dos Brahmanas.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras da deusa Terra, o matador de Madhu, ó tu da linhagem de Kuru, exclamou, ‘Excelente! Excelente!’, e reverenciou a deusa de forma devida. Tendo ouvido esta conversa entre a deusa Terra e Madhava, tu, ó filho de Pritha, com alma absorta, sempre adore todos os Brahmanas superiores. Fazendo isto, tu realmente obterás o que é altamente benéfico para ti!'"

35

"Bhishma disse, 'Ó rei abençoado, o Brahmana, só por nascimento, se torna um objeto de adoração para todas as criaturas e tem o direito, como convidado, de comer a primeira porção de todo alimento cozido. (O sentido é que alguém se torna um Brahmana somente por meio de nascimento, sem a ajuda daqueles ritos que foram declarados nas escrituras. Quando alimento é cozido, ninguém exceto um Brahmana tem o direito à primeira porção dele.) Deles fluem todos os grandes objetivos da vida (isto é, Virtude e Riqueza e Prazer e Emancipação). Eles são os amigos de todas as criaturas no universo. Eles são além disso as bocas das divindades (pois o alimento derramado em suas bocas é comido pelas divindades). Adorados com reverência, eles nos desejam prosperidade por proferirem palavras repletas de bom augúrio. Desconsiderados por nossos inimigos, que eles fiquem enfurecidos com eles, e que eles desejem mal para aqueles seus caluniadores, proferindo palavras repletas de maldições severas. Em relação a isto, pessoas conhecedoras da história antiga repetem os seguintes versos cantados antigamente a respeito de como nos tempos antigos o Criador, depois de ter criado os Brahmanas, ordenou seus deveres. 'Um Brahmana nunca deve fazer alguma coisa mais exceto o que está ordenado para ele. Protegidos, eles devem proteger outros. Por se comportarem dessa maneira, eles sem dúvida obterão o que é imensamente vantajoso para eles. Por fazerem aquelas ações que estão ordenadas para eles, eles com certeza obterão prosperidade-Brahma. Vocês se tornarão os modelos de todas as criaturas, e as rédeas para controlá-las. Um Brahmana possuidor de erudição nunca deve fazer o que está prescrito para os Sudras (isto é, o serviço de outros). Por fazer tais ações, um Brahmana perde mérito. Por meio de estudo Védico ele sem dúvida consegue prosperidade e inteligência e energia e pujança competente para chamuscar todas as coisas, como também glória do tipo mais exaltado. Por oferecer oblações de manteiga clarificada para as divindades, os Brahmanas obtêm grande bem-aventurança e se tornam dignos de receber a precedência até de crianças na questão de todos os tipos de alimento cozido, e dotados de prosperidade-Brahma. (Nesse país até hoje, quando alimento é preparado por causa de hóspedes convidados para uma casa, nenhuma porção de tal alimento pode ser oferecida para alguém antes que ela seja oferecida para as divindades e colocada perante aqueles para quem ela está destinada. Uma exceção, no entanto, é feita para as crianças. O que é afirmado aqui é que um bom Brahmana pode ter a precedência até das crianças a respeito de tal alimento.) Dotados de fé que é repleta de compaixão por todas as criaturas, e dedicados ao autodomínio e ao estudo dos Vedas, eles obterão a realização de todos os seus desejos. Quaisquer coisas que existam no mundo dos homens, quaisquer coisas que se encontrem na região das divindades, todas podem ser alcançadas e adquiridas com a ajuda de penitências e conhecimento e a observância de votos e restrições.' Eu assim recitei para ti, ó impecável, os versos que foram cantados pelo próprio Brahma. Dotado de inteligência e sabedoria supremas, o próprio Criador ordenou isto, por compaixão pelos Brahmanas. A força daqueles entre eles que são dedicados às penitências é igual ao poder dos reis. Eles são realmente irresistíveis, ferozes, possuidores da

velocidade do relâmpago, e extremamente rápidos no que eles fazem. Há entre eles aqueles que são possuidores do poder dos leões e aqueles que são possuidores do poder dos tigres. Alguns deles são dotados do poder dos javalis, alguns com aquele do veado, e alguns com aquele dos crocodilos. Há alguns entre eles cujo toque parece com aquele de cobras de veneno virulento, e alguns cuja mordida parece com aquela de tubarões. Alguns entre eles são capazes de realizar só por meio da palavra a destruição daqueles que são opostos a eles; e alguns são competentes para destruir somente por um relance de seus olhos. Alguns entre eles, como eu já disse, são como cobras de veneno virulento, e alguns deles possuem disposições muito brandas. Os temperamentos, ó Yudhisthira, dos Brahmanas, são de diversos tipos. Os Mekalas, os Dravidas, os Lathas, os Paundras, os Konwasiras, os Saundikas, os Daradas, os Darvas, os Chauras, os Savaras, os Varvaras, os Kiratas, os Yavanas, e outras numerosas tribos de Kshatriyas, foram rebaixadas para a posição de Sudras pela cólera de Brahmanas. Por terem desconsiderado os Brahmanas, os Asuras foram obrigados a se refugiarem nas profundidades do oceano. Pela graça dos Brahmanas, as divindades se tornaram habitantes das regiões felizes do Céu. O elemento espaço ou éter é incapaz de ser tocado. As montanhas Himavat não podem ser movidas de seu lugar. A corrente do Ganga é incapaz de ser resistida por uma represa. Os Brahmanas não podem ser subjugados. Kshatriyas não podem governar a Terra sem cultivarem a boa vontade dos Brahmanas. Os Brahmanas são seres de grande alma. Eles são as divindades das próprias divindades. Sempre os adore com presentes e serviço obediente se, de fato, tu desejas desfrutar da soberania da Terra inteira com sua faixa de mares. A energia e poder dos Brahmanas, ó impecável, vêm a ser diminuídos por causa da aceitação de doações. Tu deves proteger tua linhagem, ó rei, daqueles Brahmanas que não desejam aceitar doações!'" (Aqueles Brahmanas que não aceitam doações são muito superiores. Sua energia e poder são muito grandes. Bhishma instrui Yudhishthira a ser sempre cuidadoso com o modo como ele trata tais Brahmanas superiores.)

36

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a antiga história da conversa entre Sakra e Samvara. Ouça-a, ó Yudhishthira. Uma vez Sakra, assumindo o disfarce de um asceta com cabelos emaranhados em sua cabeça e corpo totalmente coberto de cinzas, subiu em um carro feio e se dirigiu para a presença do Asura Samvara.'"

"Sakra disse, 'Por qual conduta, ó Samvara, tu pudeste obter a liderança de todos os indivíduos da tua raça? Por que razão todas as pessoas te consideram como superior? Diga-me isto verdadeiramente e em detalhes.'"

"Samvara disse, 'Eu nunca nutro quaisquer maus sentimentos em relação aos Brahmanas. Quaisquer instruções que eles dão eu aceito com reverência incondicional. Quando os Brahmanas estão dedicados à interpretação das escrituras, eu os escuto com grande alegria. Tendo ouvido suas interpretações eu nunca as desconsidero. Eu também nunca peco contra os Brahmanas de

nenhuma maneira. Eu sempre adoro aqueles Brahmanas que são dotados de inteligência. Eu sempre procuro as instruções deles. Eu sempre adoro seus pés. Aproximando-se de mim com confiança, eles sempre se dirigem a mim com afeição e perguntam pelo meu bem-estar. Se alguma vez acontece de eles estarem desatentos, eu estou sempre atento. Se acontece de eles dormirem, eu sempre permaneço desperto. Como abelhas encharcando as células do favo com mel, os Brahmanas, que são meus instrutores e soberanos, sempre me encharcam com o néctar do conhecimento, a mim que estou sempre dedicado ao caminho indicado pelas escrituras, que sou devotado aos Brahmanas, e que estou totalmente livre da malícia ou mau sentimento. O que quer que eles digam com corações alegres, eu sempre aceito ajudado pela memória e compreensão. Eu sou sempre cuidadoso da minha própria fé neles e eu sempre penso na minha própria inferioridade a eles. Eu sempre lambo o néctar que mora na ponta da língua deles, e é por esta razão que eu ocupo uma posição muito acima daquela de todos os outros da minha raça como a Lua superando todas as estrelas. As interpretações escriturais que saem dos lábios dos Brahmanas e ouvindo as quais todos os homens sábios agem no mundo, constituem o néctar na terra e podem também ser comparadas a olhos de excelência notável. Testemunhando o combate entre as divindades e os Asuras antigamente, e compreendendo a força das instruções que vinham dos Brahmanas, meu pai se encheu de prazer e admiração. (Naquele combate entre as divindades e os Asuras o poder dos Brahmanas foi abundantemente provado, pois Sukra ajudou os Asuras com seus mantras e encantamentos, enquanto Vrihaspati e outros ajudaram as divindades com os mesmos recursos.) Observando a pujança dos Brahmanas de grande alma, meu pai fez esta pergunta para Chandramas, 'Como os Brahmanas alcançam o êxito?'"

'Soma disse, 'Os Brahmanas se tornam coroados com êxito através de suas penitências. Sua força consiste na palavra. A destreza das pessoas pertencentes à classe real reside em suas armas. Os Brahmanas, no entanto, têm a palavra como suas armas. Sofrendo os desconfortos de uma residência na casa de seu preceptor, o Brahmana deve estudar os Vedas ou pelo menos o Pranava. Privando-se de cólera e renunciando aos vínculos mundanos, ele deve se tornar um Yati, olhando todas as coisas e todas as criaturas com olhos imparciais. Se permanecendo na residência de seu pai ele domina todos os Vedas e obtendo grande conhecimento alcança uma posição que deve impor respeito, as pessoas ainda o condenam como pouco viajado ou mantenedor de casa. Como uma cobra engolindo ratos, a terra consome os dois, isto é, um rei que é relutante em lutar e um Brahmana que é relutante em deixar o lar para adquirir conhecimento. O orgulho destrói a prosperidade das pessoas de pouca inteligência. Uma mulher solteira, se ela concebe, se torna maculada. Um Brahmana se expõe à crítica por se manter em casa.' Isto mesmo é o que meu pai ouviu de Soma de aspecto notável. Meu pai, em consequência disto, começou a cultuar e reverenciar os Brahmanas. Como ele, eu também cultuo e adoro todos os Brahmanas de votos superiores.'"

"Bhishma continuou, "Ouvindo estas palavras que saíram da boca daquele príncipe dos Danavas, Sakra começou a cultuar os Brahmanas, e como uma consequência disso ele conseguiu obter a supremacia das divindades.'"

37

"Yudhishthira disse, 'Qual dentre estas três pessoas, ó avô, deve ser considerada como a melhor para se fazer doações, isto é, alguém que é um completo desconhecido, ou alguém que está vivendo com e que é conhecido pelo doador por um longo tempo, ou alguém que se apresenta perante o doador, vindo de uma longa distância?'"

"Bhishma disse, 'Todos estes são iguais. A qualificação de alguns consiste em sua solicitação de esmolas para realizar sacrifícios ou para pagar a taxa do preceptor ou para manter suas esposas e filhos. A qualificação de alguns para receber doações consiste em eles seguirem o voto de vagar sobre a terra, nunca pedindo alguma coisa mas recebendo quando dada. Nós devemos também doar para alguém o que ele procura. Nós devemos, no entanto, fazer doações sem afligir aqueles que dependem de nós. Isto mesmo é o que nós temos ouvido. Por afligir seus dependentes alguém aflige a si mesmo. O estranho, isto é, alguém que chegou pela primeira vez, deve ser considerado como um objeto apropriado de doações. Aquele que é familiar e conhecido e que vem vivendo com o doador deve ser considerado da mesma maneira. Os eruditos sabem também que quem vem de um lugar distante deve ser considerado do mesmo modo.'"

"Yudhishthira disse, 'É verdade que nós devemos fazer doações para outros sem afligir alguém e sem violar as ordenanças das escrituras. Uma pessoa deve, no entanto, averiguar corretamente quem é a pessoa que deve ser considerada como um objeto apropriado para se fazer doações. Ela deve ser de tal maneira que a própria doação, por ser transferida para ela, não possa se afligir.'" (É dito que alimento ou outras coisas, quando dados para uma pessoa não merecedora, sente aflição. O que Yudhishthira pergunta é quem é a pessoa apropriada para quem doações podem ser feitas.)

"Bhishma disse, 'Se o Ritwik, o Purohita, o preceptor, o Acharya, o discípulo, o parente (por casamento), e parentes, forem possuidores erudição e livres de malícia, então eles devem ser considerados dignos de respeito e culto. Aquelas pessoas que não possuem tais qualificações não podem ser consideradas como dignas de doações ou hospitalidade. Então, alguém deve examinar com deliberação as pessoas com quem ele entra em contato. Ausência de ira, veracidade em palavras, abstenção de ferir, sinceridade, quietude de conduta, a ausência de orgulho, modéstia, renúncia, autocontrole, e tranquilidade ou contentamento de alma, aquele em quem estes se encontram por natureza, e em quem não há más ações, deve ser considerado como um objeto apropriado. Tal pessoa merece honras. Se a pessoa é alguém que é bem conhecido e familiar, ou alguém chegado recentemente, se ele não foi visto antes; se acontecer de ele possuir estas qualificações, ele deve ser considerado como digno de honra e

hospitalidade. Aquele que nega a autoridade dos Vedas, ou se esforça para mostrar que as escrituras devem ser desconsideradas, ou aprova todas as violações ou restrições na sociedade, simplesmente ocasiona sua própria ruína (e não deve ser considerado digno de doações). Aquele Brahmana que é vaidoso de sua erudição, que fala mal dos Vedas ou que é dedicado à ciência de discussão inútil, ou que é desejoso de obter vitória (em discussões) em assembléias de bons homens por refutar as razões que existem para a moralidade e religião e atribuindo tudo ao acaso, ou que censura e repreende outros ou que critica Brahmanas, ou que é suspeitoso de todas as pessoas, ou que é tolo e desprovido de discernimento, ou que é cruel em palavras, deve ser conhecido como sendo tão odioso quanto um cão. Como um cão enfrenta outros latindo e procurando morder, tal pessoa é exatamente assim, pois ela gasta seu fôlego em vão e procura destruir a autoridade de todas as escrituras. Aquelas práticas que sustentam a sociedade, os deveres de virtude, e todos os atos que produzem benefício para a própria pessoa devem ser realizados. Uma pessoa que vive se encarregando destes cresce em prosperidade por tempo eterno. Por pagar a dívida que se tem com as divindades por realizar sacrifícios, com os Rishis por estudar os Vedas, com os Pitris por procriar filhos, com os Brahmanas por fazer doações para eles e com os convidados por alimentá-los, na devida ordem, e com pureza de intenção, e realizando devidamente as ordenanças das escrituras, um chefe de família não abandona a virtude.'" (Todos estes atos devem ser realizados com pureza de intenção e de acordo com as ordenanças das escrituras. Por exemplo, sacrifícios não devem ser realizados com vaidade ou orgulho; os Vedas não devem ser estudados sem fé; filhos não devem ser procriados por luxúria, etc.)

38

"Yudhishthira disse, 'Ó melhor dos Bharatas, eu desejo te ouvir discursar sobre a disposição das mulheres. As mulheres são citadas como sendo a raiz de todo mal. Elas são todas consideradas como extremamente frágeis.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha história da conversa entre o Rishi celeste Narada e a cortesã (celeste) Panchachuda. Uma vez nos tempos antigos o Rishi celeste Narada, tendo vagado por todo o mundo, encontrou a Apsara Panchachuda de beleza impecável, tendo sua residência na região de Brahman. Contemplando a Apsara, todos os membros de cujo corpo eram dotados de grande beleza, o asceta se dirigiu a ela, dizendo, 'Ó tu de cintura fina, eu tenho uma dúvida na minha mente. Esclareça-a.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçada pelo Rishi, a Apsara disse a ele, 'Se o assunto for um que é conhecido por mim e se tu me achas competente para falar sobre isto, eu certamente direi o que está em minha mente.'"

"Narada disse, 'Ó amável, eu certamente não te designarei para alguma tarefa que está além da tua competência. Ó tu de rosto belo, eu desejo saber de ti sobre a disposição das mulheres.'"

“Bhishma continuou, ‘Ouvindo estas palavras do Rishi celeste, aquela principal das Apsaras respondeu para ele dizendo, ‘Eu sou incapaz, sendo eu mesma uma mulher, de falar mal das mulheres. Tu sabes o que as mulheres são e com qual natureza elas são dotadas. Não cabe a ti, ó Rishi celeste, me designar semelhante tarefa.’ Para ela o Rishi celeste disse, ‘Isto é muito verdadeiro, ó tu de cintura fina! Alguém incorre em erro por falar o que é falso. Em dizer, no entanto, o que é verdadeiro, não pode haver erro.’ Assim endereçada por ele, a Apsara Panchachuda de sorrisos doces consentiu em responder a pergunta de Narada. Ela então se pôs a mencionar quais são os verdadeiros e eternos defeitos das mulheres!’”

"Panchachuda disse, 'Mesmo se bem nascidas e dotadas de beleza e possuidoras de protetores, mulheres desejam transgredir as restrições ordenadas para elas. Este defeito realmente as macula, ó Narada! Não há nada que seja mais pecaminoso do que mulheres. Na verdade as mulheres são a base de todas as falhas. Isto é certamente conhecido por ti, ó Narada! As mulheres, mesmo quando possuidoras de maridos que têm fama e riqueza, de belas feições e completamente obedientes a elas, estão dispostas a desrespeitá-los se elas têm a oportunidade. Esta, ó pujante, é uma disposição pecaminosa de nós mulheres que, rejeitando a modéstia, nós cultivamos a companhia de homens de hábitos e intenções pecaminosos. Mulheres revelam uma simpatia por aqueles homens que as cortejam, que se aproximam de sua presença, e que as servem respeitosamente mesmo em uma pequena extensão. Por falta de solicitação por pessoas do outro sexo, ou medo de parentes, as mulheres, que são naturalmente intolerantes de todas as restrições, não transgridem aquilo que foi ordenado para elas, e permanecem ao lado de seus maridos. Não há ninguém para quem elas sejam incapazes de conceder seus favores. Elas nunca levam em consideração a idade da pessoa a quem elas estão dispostas a favorecer. Feio ou bonito, se somente acontecer de a pessoa pertencer ao sexo oposto, as mulheres estão dispostas a desfrutar de sua companhia. Que as mulheres permaneçam fiéis aos seus maridos não é devido ao seu medo do pecado, nem por compaixão, nem por riqueza, nem pela afeição que surge em seus corações por parentes e filhos. Mulheres que vivem no seio de famílias respeitáveis invejam a condição daqueles membros de seu sexo que são jovens e bem enfeitadas com jóias e pedras preciosas e que levam uma vida livre. Até aquelas mulheres que são amadas por seus maridos e tratadas com grande respeito são vistas concederem seus favores para homens que são corcundas, que são cegos, que são idiotas, ou que são anãos. Mulheres são vistas gostarem da companhia até daqueles homens que são desprovidos do poder de locomoção ou daqueles homens que são dotados de grande feiúra de aspecto. Ó grande Rishi, não há homem neste mundo a quem as mulheres possam considerar como impróprio para companhia. Por inabilidade de conseguir pessoas do sexo oposto, ou medo de parentes, ou medo da morte e prisão, as mulheres permanecem, por si mesmas, dentro das restrições prescritas para elas. Elas são extremamente impacientes, pois elas sempre anseiam por novos companheiros. Por sua natureza ser incompreensível, elas não podem ser mantidas em obediência por tratamento afetuoso. Sua disposição é tal que elas

não podem ser impedidas quando inclinadas à transgressão. Realmente, as mulheres são como as palavras proferidas pelos sábios. (Tais palavras são incompreensíveis e ininteligíveis por sua profundidade de significado. As mulheres são igualmente incompreensíveis e ininteligíveis.) O fogo nunca está saciado com combustível. O oceano nunca pode ser cheio com as águas que os rios levam para ele. O Destruidor nunca está saciado nem mesmo com matar todas as criaturas vivas. Similarmente, mulheres nunca estão saciadas com homens. Isto, ó Rishi celeste, é outro mistério ligado às mulheres. Logo que elas vêem um homem de feições belas e encantadoras, sinais infalíveis de desejo aparecem em seus corpos. Elas nunca mostram respeito suficiente nem mesmo por maridos que realizam todos os seus desejos, que sempre fazem o que é agradável para elas e que as protegem da carência e perigo. Mulheres nunca consideram tão altamente mesmo artigos de prazer em abundância ou ornamentos ou outras posses de um tipo agradável quanto elas consideram a companhia de pessoas do sexo oposto. O destruidor, a divindade do vento, a morte, as legiões inferiores, a boca equina que percorre o oceano, vomitando chamas contínuas de fogo, o gume da navalha, o veneno virulento, a cobra, e o Fogo; todos estes existem em um estado de união nas mulheres. Aquele Brahman eterno de onde os cinco grandes elementos surgiram para a existência, de onde o Criador Brahma ordenou o universo, e de onde, de fato, os homens surgiram, na verdade da mesma fonte eterna as mulheres surgiram para a existência. Naquele tempo, além disso, ó Narada, quando as mulheres foram criadas, estas imperfeições que eu enumerei foram plantadas nelas!'"

39

"Yudhishthira disse, 'Todos os homens, ó rei, neste mundo, são vistos se vincularem a mulheres, dominados pela ilusão que é criada pelo Ser divino. Similarmente, as mulheres também são vistas se ligarem aos homens. Tudo isso é visto acontecer em todos os lugares no mundo. Sobre este assunto uma dúvida existe em minha mente. Por que, ó alegrador dos Kurus, os homens (quando as mulheres são maculadas por tantas imperfeições) ainda assim se ligam às mulheres? Quem, além disso, são aqueles homens com os quais as mulheres são altamente agradadas e com quem elas são desagradadas? Cabe a ti, ó chefe de homens, me explicar como os homens são capazes de proteger as mulheres? Enquanto homens têm prazer nas mulheres e se divertem com elas, as mulheres, parece, estão empenhadas em enganar os homens. Então, também, se um homem uma vez cai em suas mãos, é difícil para ele escapar delas. Como gado sempre procurando pastos novos as mulheres procuram novos homens um depois do outro. Aquela ilusão que o Asura Samvara possuía, aquela ilusão que o Asura Namuchi possuía, aquela ilusão que Vali ou Kumbbinasi tinha, a soma total dela é possuída pelas mulheres. Se o homem ri, as mulheres riem. Se o homem chora, elas choram. Se a oportunidade requer, elas recebem o homem que é desagradável para elas com palavras agradáveis. Aquela ciência de política a qual o preceptor dos Asuras conhecia, aquela ciência de política a qual o preceptor dos celestiais, Vrihaspati, conhecia, não pode ser considerada como mais profunda ou

mais notável por subtilidade do que a que a inteligência da mulher produz naturalmente. Na verdade como podem as mulheres, portanto, ser reprimidas por homens? Elas fazem uma mentira aparecer como verdade, e uma verdade aparecer como uma mentira. Elas que podem fazer isto, eu pergunto, ó herói, como elas podem ser controladas por pessoas do sexo oposto? Parece-me que Vrihaspati e outros grandes pensadores, ó matador de inimigos, desenvolveram a ciência de política a partir da observação da inteligência das mulheres. Se tratadas pelos homens com respeito ou com desdém, as mulheres são vistas virarem as cabeças e agitarem os corações dos homens. (O sentido é este: mulheres agitam os corações daqueles homens que as tratam com respeito como daqueles que as tratam com desdém.) Criaturas vivas, ó tu de braços poderosos, são virtuosas; (pois elas são capazes de progredir em direção à divindade por suas próprias ações). Isto mesmo é o que tem sido ouvido por nós. (Como então isto pode ser consistente com a realidade)? Pois tratadas com afeição e respeito ou de outra maneira, as mulheres (formando uma porção considerável de criaturas vivas) são vistas merecerem crítica por sua conduta em direção aos homens. Esta grande dúvida enche minha mente, isto é, quando seu comportamento é tal, qual homem há que pode contê-las dentro dos limites da virtude? Explique-me isto, ó descendente altamente abençoado da linhagem de Kuru! Cabe a ti me dizer, ó chefe da linhagem de Kuru, se as mulheres podem ser realmente contidas dentro dos limites prescritos pelas escrituras ou se alguém antes do nosso tempo realmente conseguiu contê-las dessa maneira.'"

40

"Bhishma disse, 'Isto é assim mesmo como tu disseste, ó tu de braços poderosos. Não há nada falso em tudo isto que tu disseste, ó tu da linhagem de Kuru, sobre o assunto das mulheres. Sobre isto eu narrarei para ti a antiga história de como antigamente Vipula de grande alma conseguiu reprimir as mulheres dentro dos limites prescritos para elas. Eu também te direi, ó rei, como as mulheres foram criadas pelo Avô Brahman e o objetivo pelo qual elas foram criadas por Ele. Não há criatura mais pecaminosa, ó filho, do que a mulher. A mulher é um fogo ardente. Ela é a ilusão, ó rei, que o Daitya Maya criou. Ela é o fio afiado da navalha. Ela é veneno. Ela é uma cobra. Ela é fogo. Ela é, na verdade, tudo isso junto. É sabido por nós que todas as pessoas da raça humana são caracterizadas pela virtude, e que elas, no decorrer do progresso e aperfeiçoamento natural, chegam à posição das divindades. Esta circunstância alarmou as divindades. Elas, portanto, ó castigador de inimigos, se reuniram e foram à presença do Avô. Informando-o do que estava em suas mentes, elas ficaram silenciosas em sua presença, com olhar abatido. O pujante Avô tendo averiguado o que havia nos corações das divindades, criou as mulheres, com a ajuda de um rito Atharvan. Em uma criação anterior, ó filho de Kunti, as mulheres eram todas virtuosas. Aquelas, no entanto, que surgiram desta criação por Brahman com a ajuda de uma ilusão se tornaram pecaminosas. O Avô concedeu a elas o desejo de prazer, todos os tipos de prazer carnal. Tentadas pelo desejo de prazer, elas começaram a perseguir pessoas do outro sexo. O pujante senhor

das divindades criou Ira como companheira da Luxúria. Pessoas do sexo masculino, cedendo ao poder da Luxúria e Ira, procuraram a companhia das mulheres. Mulheres não têm atos especiais prescritos para elas. Esta mesma é a ordenança que foi declarada. O Sruti declara que mulheres são dotadas dos sentidos mais poderosos, que elas não têm escrituras para seguir, e que elas são mentiras vivas. Camas e assentos e ornamentos e comida e bebida e a ausência de tudo o que é respeitável e justo, indulgência em palavras desagradáveis, e amor de companhia sexual, estes foram dados por Brahman às mulheres. Os homens são muito incapazes de contê-las dentro de limites. O próprio Criador é incapaz de contê-las dentro dos limites que são apropriados, o que dizer dos homens então? Isto, ó chefe de homens, eu ouvi antigamente, isto é, como Vipula conseguiu proteger a esposa de seu preceptor nos tempos passados. Havia antigamente um Rishi altamente abençoado de nome Devasarman de grande celebridade. Ele tinha uma esposa, Ruchi por nome, que era inigualável sobre a terra em beleza. Seu encanto embriagava todo observador entre as divindades e Gandharvas e Danavas. O castigador de Paka, ou seja, Indra, o matador de Vritra, ó monarca, estava em particular apaixonado por ela e cobiçava sua pessoa. O grande asceta Devasarman estava completamente consciente da disposição das mulheres. Ele, portanto, ao melhor de seu poder e energia, a protegia (de todos os tipos de más influências). O Rishi sabia que Indra não era contido por escrúpulos na questão de procurar a companhia das esposas de outros homens. Era por esta razão que ele costumava proteger sua esposa, empregando todo seu poder. Uma vez, ó filho, o Rishi desejou realizar um sacrifício. Ele começou a pensar em como (durante sua ausência de casa) sua esposa poderia ser protegida. Dotado de grande mérito ascético, ele finalmente descobriu o procedimento que ele deveria adotar. Convocando seu discípulo predileto cujo nome era Vipula e que era da linhagem de Bhrigu, ele disse o seguinte:'"

"Devasarman disse, 'Eu deixarei minha casa (por um tempo) para realizar um sacrifício. O chefe dos celestiais sempre cobiça esta minha Ruchi. Durante a minha ausência, proteja-a, aplicando todo teu poder! Tu passarás teu tempo atentamente em vista de Purandara, ó principal da linhagem de Bhrigu, porque Indra assume vários disfarces.'"

Bhishma continuou, 'Assim endereçado por seu preceptor, o asceta Vipula com sentidos sob controle, sempre empenhado em penitências severas, possuidor do esplendor, ó rei, do fogo ou do sol, familiarizado com todos os deveres de virtude, e sempre sincero em palavras, respondeu a ele, dizendo, 'Assim seja'. Novamente, no entanto, quando seu preceptor estava prestes a sair Vipula o questionou nestas palavras.'"

"Vipula disse, 'Diga-me, ó Muni, quais formas Sakra assume quando ele se apresenta. De que tipo é seu corpo e qual é sua energia? Cabe a ti dizer tudo isso para mim.'"

"Bhishma continuou, 'O ilustre Rishi então descreveu realmente para Vipula de grande alma todas as ilusões de Sakra, ó Bharata.'"

"Devasarman disse, 'O pujante castigador de Paka, ó Rishi regenerado, é cheio de ilusão. Todo momento ele assume aquelas formas que ele escolhe. Às vezes ele usa um diadema e segura o raio. Às vezes armado com o raio e usando uma coroa em sua cabeça, ele se adorna com brincos, em um momento ele se transforma na forma e aspecto de Chandala. Às vezes, ele aparece com madeixas coronais em sua cabeça; logo outra vez, ó filho, ele se mostra com madeixas emaranhadas, com seu corpo vestido em trapos. Às vezes ele assume um corpo vistoso e gigantesco. No momento seguinte ele se transforma em alguém de membros emaciados, e vestido em trapos. Às vezes ele se torna formoso, às vezes um pouco escuro, às vezes de cor escura. Às vezes ele se torna feio e às vezes como possuidor de grande beleza de aparência. Às vezes ele se mostra como jovem e às vezes como velho. Às vezes ele aparece como um Brahmana, às vezes como um Kshatriya, às vezes como um Vaisya, e às vezes como um Sudra. Na verdade, ele de cem sacrifícios aparece às vezes como uma pessoa nascida de classe impura, isto é, como o filho de um pai superior com uma mãe inferior ou de um pai inferior com uma mãe superior. Às vezes ele aparece como um papagaio, às vezes como um corvo, às vezes como um cisne, e às vezes como um cuco. Ele assume as formas também de um leão, um tigre, ou um elefante. Às vezes ele se mostra como um deus, às vezes como um Daitya, e às vezes ele assume o disfarce de um rei. Às vezes ele aparece como gordo e roliço. Às vezes como alguém cujos membros têm sido enfraquecidos pela ação do vento desordenado no sistema, às vezes como uma ave, e às vezes como alguém de feições extremamente feias. Às vezes ele aparece como um quadrúpede. Capaz de assumir qualquer forma, ele às vezes aparece como um idiota desprovido de toda inteligência. Ele assume também as formas de insetos e mosquitos. Ó Vipula, ninguém pode distingui-lo por causa desses inúmeros disfarces que ele é capaz de assumir. O próprio Criador do universo não está à altura daquela façanha. Ele se faz invisível quando ele escolhe. Ele não pode ser visto exceto com a visão do conhecimento. O chefe dos celestiais às vezes se transforma no vento. O castigador de Paka sempre usa estes disfarces. Portanto, ó Vipula, proteja esta minha esposa de cintura fina com grande cuidado. Ó principal da linhagem de Bhrigu, tome todos os cuidados para que o chefe dos celestiais não possa macular esta minha esposa como um cachorro ordinário lambendo o Havi mantido em virtude de um sacrifício.' Tendo dito estas palavras, o Muni altamente abençoado, isto é, Devasarman, pretendendo realizar um sacrifício, saiu de sua residência, ó chefe dos Bharatas. Ouvindo estas palavras de seu preceptor, Vipula começou a pensar, 'Eu certamente protegerei esta senhora em todos os aspectos do chefe dos celestiais. Mas quais devem ser os meios? O que eu devo fazer a respeito de proteger a esposa do meu preceptor? O chefe dos celestiais é dotado de grandes poderes de ilusão. Possuidor de grande energia, ele é difícil de ser resistido. Indra não pode ser impedido de entrar por cercar este nosso retiro ou cercar este quintal, já que ele é capaz de assumir inúmeras formas. Assumindo a forma do vento, o chefe dos celestiais pode atacar a esposa do meu preceptor. O melhor procedimento, portanto, para mim, será entrar (por meio de força-Yoga) no corpo desta senhora e permanecer lá. Por aplicar minha destreza eu não poderei proteger a senhora, pois o pujante castigador de Paka, isto foi ouvido por mim, é capaz de assumir qualquer forma que quiser. Eu irei, portanto, protegê-la de Indra

por minha pujança-Yoga. Para cumprir meu objetivo eu irei com meu corpo entrar no corpo desta senhora. Se meu preceptor, voltando, vir sua esposa maculada, ele irá, sem dúvida, me amaldiçoar por cólera, pois dotado de grande mérito ascético, ele possui visão espiritual. Esta senhora não pode ser protegida da maneira na qual outras mulheres são protegidas por homens, já que o chefe dos celestiais é dotado de grandes poderes de ilusão. Ai, a situação na qual eu me encontro é muito crítica. A ordem do meu preceptor deve certamente ser obedecida por mim. Se, portanto, eu a proteger com minha força-Yoga, a façanha será considerada por todos como extraordinária. Por minha força-Yoga, portanto, eu entrarei no corpo da esposa do meu preceptor. Eu ficarei dentro dela e contudo não tocarei seu corpo, como uma gota de água sobre uma folha de lótus, que se encontra sobre ela e ainda assim não a encharca em absoluto. Se eu sou livre da mácula da paixão, eu não posso incorrer em algum erro por fazer o que eu desejo fazer. Como um viajante, no decorrer de sua jornada, toma residência (por um tempo) em alguma mansão vazia que ele encontra, eu irei, da mesma maneira, residir neste dia dentro do corpo da esposa do meu preceptor. Na verdade, com mente absorta em Yoga, eu morarei hoje no corpo desta senhora!' Dando sua melhor consideração a estes pontos de virtude, pensando em todos os Vedas e seus ramos, e com o olhar dirigido à grande medida de penitências a qual seu preceptor tinha e que ele mesmo também possuía, e tendo decidido em sua mente, com um propósito somente de proteger a senhora, entrar no corpo dela por poder de Yoga, Vipula da linhagem de Bhrigu teve grande cuidado (para realizar seu propósito). Ouça-me, ó monarca, enquanto eu conto para ti o que ele fez. Dotado de grandes penitências, Vipula sentou-se ao lado da esposa de seu preceptor quando ela de feições impecáveis estava sentada em sua cabana, Vipula então começou a falar para ela para convertê-la para a causa da virtude e verdade. Dirigindo seus olhos então aos dela e unindo os raios de luz que emanavam dos órgãos de visão dela com aqueles que emanavam dos dele, Vipula (em sua forma sutil) entrou no corpo da senhora assim como o elemento ar entra no éter do espaço. Penetrando seus olhos com seus olhos e sua face com sua face, Vipula permaneceu, sem se mover, dentro dela invisivelmente, como sua sombra. Reprimindo todas as partes do corpo da senhora, Vipula continuou a residir dentro dela, atento em protegê-la de Indra. A própria senhora não sabia de nada disto. Foi dessa maneira, ó monarca, que Vipula continuou a proteger a senhora até o momento do retorno de seu preceptor de grande alma depois de realizar o sacrifício que ele tinha saído para realizar.'"

41

'Bhishma disse, 'Um dia o chefe dos celestiais assumindo uma forma de beleza celestial chegou ao retiro do Rishi, achando que a oportunidade que ele vinha esperando tinha finalmente chegado. Na verdade, ó rei, tendo assumido uma forma inigualável em beleza e extremamente atraente para as mulheres e altamente agradável de se olhar, Indra entrou no retiro do asceta. Ele viu o corpo de Vipula permanecendo em uma postura sentada, imóvel como uma estaca, e com os olhos desprovidos de visão, como uma pintura desenhada em tela. E ele

viu também que Ruchi estava sentada lá, adornada com olhos cujas extremidades eram extremamente belas, possuidora de quadris cheios e redondos, e tendo um peito profundo e saliente. Seus olhos eram grandes e expansivos como pétalas do lótus, e seu rosto era tão belo e encantador quanto a lua cheia. Vendo Indra entrar naquele disfarce, a senhora desejou se levantar e oferecer a ele uma saudação amável. Sua admiração tendo sido excitada pela beleza sem igual de forma que a pessoa possuía, ela desejou muito lhe perguntar quem ele era. Embora, no entanto, ela desejasse se levantar e lhe dar as boas vindas, contudo seus membros tendo sido contidos por Vipula que estava morando dentro dela, ela não conseguiu, ó rei, fazer o que ela desejava. Realmente, ela não pôde se mover do lugar onde ela estava. O chefe dos celestiais então se dirigiu a ela em palavras agradáveis proferidas com uma voz gentil. De fato, ele disse, 'Ó tu de doces sorrisos, saiba que eu sou Indra, vindo aqui por tua causa! Saiba, ó dama gentil, que eu estou afligido pela divindade do desejo provocado por pensamentos sobre ti! Ó tu de belas sobrancelhas, eu vim à tua presença. O tempo passa.' Estas palavras que Indra falou foram ouvidas pelo asceta Vipula. Permanecendo dentro do corpo da esposa de seu preceptor, ele viu tudo o que ocorreu. A senhora de beleza impecável, embora ela tivesse ouvido o que Indra disse, foi, no entanto, incapaz de se levantar para receber ou honrar o chefe dos celestiais. Seus sentidos reprimidos por Vipula, ela não pôde proferir uma palavra em resposta. Aquele filho da linhagem de Bhrigu, de energia poderosa, julgando pelas indicações fornecidas pelo corpo da esposa de seu preceptor que ela não estava relutante em receber Indra com amabilidade, reprimiu todos os seus membros e sentidos mais eficientemente, ó rei, por meio de seus poderes-Yoga. Com laços-Yoga ele amarrou todos os sentidos dela. Vendo-a sentada sem qualquer indicação de agitação em seu corpo, o marido de Sachi, um pouco envergonhado, mais uma vez se dirigiu àquela senhora que tinha sido entorpecida pelos poderes-Yoga do discípulo de seu marido, nestas palavras, 'Venha, venha, ó doce dama!' Então a dama se esforçou para responder para ele. Vipula, no entanto, conteve as palavras que ela pretendia proferir. As palavras, portanto, que realmente escaparam de seus lábios (sob a influência de Vipula) foram: 'Qual é a razão da tua vinda aqui?' Estas palavras adornadas com requintes gramaticais saíram de sua boca que era tão bela quanto a lua. (Damas falam em Prakrita e não em Sânscrito. O último é refinado, o primeiro não o é. Daí a surpresa de Indra ao ouvir palavras Sânscritas dos lábios da dama.) Sujeita à influência de outro, ela proferiu estas palavras, mas ficou muito envergonhada de proferi-las. Ouvindo-a, Purandara ficou muito desanimado. Observando aquele efeito desajeitado, o chefe dos celestiais, ó monarca, adornado com mil olhos, viu toda a situação com sua visão espiritual. Ele então viu o asceta permanecendo dentro do corpo da senhora. De fato, o asceta permanecia dentro do corpo da esposa de seu preceptor como uma imagem ou reflexo em um espelho. Contemplando o asceta dotado do terrível poder de penitências, Purandara, ó monarca, temendo a maldição do Rishi, tremeu de medo. Vipula então, possuidor de grande poder ascético, deixou o corpo da esposa de seu preceptor e voltou para seu próprio corpo que estava perto. Ele então se dirigiu ao apavorado Indra nas seguintes palavras:'"

"Vipula disse, 'Ó Purandara de alma perversa, ó tu de mente pecaminosa, ó canalha que não tens controle sobre teus sentidos, nem as divindades nem seres humanos te adorarão por qualquer duração de tempo! Tu te esqueceste, ó Sakra, não está mais na tua memória, que Gautama te amaldiçoou em consequência do que teu corpo ficou desfigurado com mil marcas de sexo, as quais, devido à compaixão do Rishi, foram depois transformadas em órgãos de visão? Eu sei que tu tens uma compreensão extremamente insensata, que tua alma é impura, e que tu tens uma mente extremamente instável! Ó tolo, saiba que esta senhora está sendo protegida por mim. Ó patife pecaminoso, volte para aquele lugar de onde tu vieste. Ó tu de alma leviana, eu não vou te reduzir a cinzas hoje com minha energia. Na verdade, eu estou cheio de compaixão por ti. É por isto, ó Vasava, que eu não desejo te queimar. Meu preceptor, dotado de grande inteligência, é possuidor de um poder terrível. Com olhos ardendo com cólera, ele teria, se ele te visse, queimado tua pessoa pecaminosa hoje. Tu não deves, ó Sakra, fazer algo semelhante a isto outra vez. Os Brahmanas devem ser respeitados por ti. Cuide para que tu, com teus filhos e conselheiros, não encontre com a destruição, afligido pelo poder dos Brahmanas. Tu pensas que tu és um imortal e que, portanto, estás em liberdade para proceder dessa maneira. No entanto, não desconsidere os Brahmanas. Saiba que não há nada inalcançável por meio de penitência.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras de Vipula de grande alma, Sakra, sem dizer nada, e dominado pela vergonha, se fez invisível. Um momento depois de ele ter ido embora, Devasarman de grande mérito ascético, tendo realizado o sacrifício que ele tinha planejado realizar, voltou para seu próprio retiro. Quando seu preceptor voltou, Vipula, que tinha feito uma ação agradável, deu para ele sua esposa de beleza impecável a quem ele tinha protegido com sucesso contra as maquinações de Indra. De alma tranquila e cheio de reverência por seu preceptor, Vipula respeitosamente o saudou e permaneceu em sua presença com um coração destemido. Depois que seu preceptor tinha descansado por um tempo e quando ele estava sentado com sua esposa no mesmo assento, Vipula relatou para ele tudo o que Sakra tinha feito. Ouvindo as palavras de Vipula, aquele principal dos Munis, dotado de grande destreza, ficou muito satisfeito com ele por sua conduta e disposição, suas penitências, e suas observâncias. Observando a conduta de Vipula para com ele mesmo, seu preceptor, e sua dedicação também, e observando sua firmeza na virtude, o pujante Devasarman exclamou, 'Excelente, excelente!' Devasarman de alma justa, recebendo seu discípulo virtuoso com um acolhimento sincero, honrou-o com uma bênção. De fato, Vipula, firme em virtude, obteve de seu preceptor a bênção que ele nunca se desviaria ou abandonaria a virtude. Despedido por seu preceptor ele deixou sua residência e praticou as austeridades mais severas. Devasarman também, de penitências austeras, com sua esposa, começou desde aquele dia a viver naquelas florestas solitárias totalmente sem medo daquele que tinha matado Vala e Vritra.'"

42

"Bhishma disse, 'Tendo cumprido a ordem de seu preceptor, Vipula praticou as penitências mais rígidas. Possuidor de grande energia, ele finalmente se considerou como dotado de mérito ascético suficiente. Orgulhando-se da façanha que ele tinha realizado, ele vagou sem medo e contente sobre a terra, ó monarca, considerado por todos como alguém possuidor de grande renome pelo que ele tinha feito. O pujante Bhargava considerou que ele tinha conquistado ambos os mundos por aquela sua façanha como também por suas penitências severas. Depois que algum tempo tinha passado, ó alegrador dos Kurus, chegou a ocasião da realização de uma cerimônia de presentes com respeito à irmã de Ruchi. Riqueza abundante e cereais eram para serem doados nela. (A cerimônia adana era um rito no decorrer do qual amigos e parentes tinham que dar presentes para a pessoa que realizava a cerimônia. A investidura com o fio sagrado, casamento, os ritos realizados nos sexto e nono meses de gravidez, são todas cerimônias desse tipo.) Enquanto isso, certa donzela celeste dotada de grande beleza estava viajando pelos céus. Do corpo dela conforme ela percorria o firmamento caíram algumas flores sobre a terra. Aquelas flores possuidoras de fragrância celestial caíram sobre um local não longe do retiro do marido de Ruchi. Como as flores estavam espalhadas no chão, elas foram pegas por Ruchi de olhos belos. Logo depois chegou um convite para Ruchi do país dos Angas. A irmã, acima referida, de Ruchi, chamada Prabhavati, era a esposa de Chitraratha, o soberano dos Angas. Ruchi, de aparência muito superior, tendo prendido aquelas flores em seu cabelo, foi ao palácio do rei dos Angas em resposta ao convite que ela tinha recebido. Vendo aquelas flores no cabelo dela a rainha dos Angas, possuidora de olhos belos, pediu com insistência para sua irmã obter algumas para ela. Ruchi, de rosto belo, rapidamente informou seu marido daquele pedido de sua irmã. O Rishi aceitou a súplica de sua cunhada. Convocando Vipula para sua presença Devasarman de penitências severas mandou seu discípulo lhe trazer algumas flores do mesmo tipo, dizendo, 'Vá, vá!' Aceitando sem hesitação a ordem de seu preceptor, o grande asceta Vipula, ó rei, respondeu, 'Assim seja' e então procedeu para aquele local de onde a senhora Ruchi tinha pegado as flores que eram cobiçadas por sua irmã. Chegando naquele local onde as flores (apanhadas por Ruchi) tinham caído do firmamento, Vipula viu algumas outras ainda jazendo espalhadas. Elas estavam todas tão viçosas como se elas tivessem sido recém colhidas das plantas nas quais elas tinham crescido. Nenhuma delas tinha definhado o mínimo. Ele pegou aquelas flores celestes de grande beleza. Possuidoras de fragrância celeste, ó Bharata, Vipula as apanhou lá como o resultado de suas penitências severas. O cumpridor da ordem de seu preceptor, tendo-as obtido, sentiu grande deleite e partiu depressa para a cidade de Champa adornada com festões de flores Champaka. Conforme ele procedia, ele viu em seu caminho um par de seres humanos se movendo em um círculo de mãos dadas. Um deles fez um passo rápido e assim destruiu a cadência do movimento. Por esta razão, ó rei, surgiu uma disputa entre eles. De fato, um acusava o outro, dizendo, 'Tu fizeste um passo rápido!' O outro respondeu, 'Não, realmente', como cada um mantinha sua própria opinião teimosamente, cada um, ó rei, afirmava o

que o outro negava, e negava o que o outro afirmava. Enquanto estavam assim disputando um com outro com grande convicção, um juramento foi então ouvido entre eles. De fato, cada um deles de repente mencionou Vipula no que proferiu. O juramento que cada um deles fez foi este, 'Aquele entre nós dois que fala falsamente, irá no mundo seguinte encontrar o fim o qual será o do regenerado Vipula!' Ouvindo estas palavras deles, o rosto de Vipula ficou muito triste. Ele começou a refletir, dizendo para si mesmo, 'Eu tenho praticado penitências severas. A disputa entre este par está calorosa. Para mim, além disso, isto é doloroso. Qual é o pecado do qual eu sou culpado que ambas estas pessoas se referem ao meu fim no próximo mundo como o mais doloroso entre aqueles reservados para todas as criaturas?' Pensando dessa maneira, Vipula, ó melhor dos monarcas, baixou sua cabeça, e com uma mente triste começou a lembrar qual pecado ele tinha feito. Procedendo uma distância curta ele viu seis outros homens jogando com dados feitos de ouro e prata. Envolvidos no jogo, aqueles indivíduos lhe pareciam estar tão excitados que os pêlos em seus corpos eriçavam-se. Eles também (após uma disputa ter surgido entre eles) foram ouvidos por Vipula fazerem o mesmo juramento que ele já tinha ouvido o primeiro par fazer. De fato, suas palavras se referiam a Vipula da mesma maneira, 'Aquele entre nós que, levado pela cobiça, agir de maneira imprópria, encontrará aquele fim que está reservado para Vipula no mundo seguinte!' Ouvindo estas palavras, no entanto, Vipula, embora se esforçasse seriamente para recordar, fracassou em se lembrar de alguma transgressão sua mesmo desde os seus primeiros anos, ó tu da linhagem de Kuru. Na verdade ele começou a queimar como um fogo colocado no meio de outro fogo. Ouvindo aquela maldição, sua mente queimou de aflição. Neste estado de ansiedade um longo tempo decorreu. Finalmente ele se lembrou da maneira na qual ele tinha agido para proteger a esposa de seu preceptor das maquinações de Indra. 'Eu penetrei no corpo daquela senhora, colocando membro dentro de membro, rosto dentro de rosto. Embora eu tivesse agido dessa maneira, eu contudo não disse a verdade para meu preceptor!' Exatamente esta era a transgressão, ó tu da linhagem de Kuru, da qual o próprio Vipula se lembrou. De fato, ó monarca abençoado, sem dúvida aquela era a transgressão que ele tinha realmente cometido. Chegando à cidade de Champa, ele deu as flores para seu preceptor. Devotado aos superiores e aos mais velhos, ele adorou seu preceptor de forma apropriada.'"

43

"Bhishma disse, 'Vendo seu discípulo voltar de sua missão, Devasarman de grande energia se dirigiu a ele em palavras as quais eu contarei para ti ó rei!'"

"Davasarman disse, 'O que tu viste, ó Vipula, no decorrer do teu progresso, ó discípulo, através da grande floresta? Aqueles a quem tu viste te conheciam, ó Vipula. Eu, como também minha esposa Ruchi, sabemos como tu agiste na questão de proteger Ruchi.'"

"Vipula disse, 'Ó Rishi regenerado, quem eram aqueles dois que eu vi primeiro? Quem também eram os outros seis que eu vi posteriormente? Todos eles me

conheciam, quem, de fato, são eles a quem tu te referes em tuas palavras para mim?'"

"Devasarman disse, 'O primeiro par, ó regenerado, que tu viste, são Dia e Noite. Eles estão se movendo sem parar como um círculo. Ambos conhecem a transgressão da qual tu és culpado. Aqueles outros homens (seis em número) que, ó Brahmana erudito, tu viste jogando dados alegremente, são as seis Estações. Elas também conhecem tuas transgressões. Tendo cometido um pecado sob sigilo, nenhum homem pecaminoso deve nutrir o pensamento confiante de que sua transgressão é conhecida somente por ele mesmo e não por alguém mais. Quando um homem comete um ato pecaminoso em segredo, as Estações como também o Dia e a Noite o vêem sempre. Aquelas regiões que estão reservadas para os pecaminosos serão tuas (pelo que tu fizeste). O que tu fizeste tu não me disseste. Aquele teu pecado não era conhecido por ninguém, era tua crença, e esta convicção tinha te enchido de alegria. Tu não informaste o preceptor de toda a verdade, optando por esconder dele uma parte importante. As Estações, e Dia e Noite, a quem tu ouviste falar daquele modo, acharam apropriado te lembrar da tua transgressão. Dia e Noite e as Estações estão sempre familiarizados com todas as boas e más ações que estão em um homem. Eles falaram de ti daquela maneira, ó regenerado, porque eles têm total conhecimento do que tu fizeste, mas do qual tu não tiveste a coragem de me informar, temendo que tu tivesses errado. Por esta razão aquelas regiões que estão reservadas para os pecaminosos são tuas. Tu não me disseste o que tu fizeste. Tu eras completamente capaz, ó regenerado, de proteger minha esposa cuja disposição por natureza é pecaminosa. Ao fazer o que fizeste, tu não cometeste nenhum pecado. Eu fiquei, por isto, satisfeito contigo! Ó melhor dos Brahmanas, se eu tivesse sabido que tu agiste malvadamente eu teria te amaldiçoado sem hesitação. Mulheres se unem com homens. Tal união é muito desejável com homens. Tu, no entanto, protegeste minha esposa com uma intenção diferente. Se tu tiveste agido de outra maneira, uma maldição teria sido proferida sobre ti. Isto mesmo é o que eu penso. Tu, ó filho, protegeste minha esposa. A maneira na qual tu fizeste isto agora se tornou conhecida por mim como se tu mesmo tivesses me informado disto. Eu, ó filho, fiquei satisfeito contigo. Aliviado de toda ansiedade, tu irás para o céu!' Tendo dito estas palavras para Vipula, o grande Rishi Devasarman ascendeu para o céu com sua esposa e seu discípulo e começou a passar seu tempo lá em grande felicidade. No decorrer de uma conversação, ó rei, em uma ocasião anterior, o grande asceta Markandeya tinha narrado para mim esta história nas margens do Ganga. Eu, portanto, a narrei para ti. Mulheres devem sempre ser protegidas por ti (de tentações e oportunidades de todos os tipos). Entre elas ambos os tipos são vistos, isto é, aquelas que são virtuosas e aquelas que não são assim. Aquelas mulheres que são virtuosas são altamente abençoadas. Elas são as mães do universo (pois são elas que cuidam de todas as criaturas em todos os lados). São elas, ó rei, que sustentam a terra com todos os seus rios e florestas. Aquelas mulheres que são pecaminosas, que são de mau comportamento, que são as destruidoras de suas famílias, e que são dadas a resoluções pecaminosas, podem ser averiguadas por meio de indicações, expressivas do mal que está nelas, as quais aparecem, ó rei,

em seus corpos. É assim mesmo que pessoas de grande alma são capazes de proteger as mulheres. Elas, ó tigre entre reis, não podem ser protegidas de alguma outra maneira. Mulheres, ó chefe de homens, são ferozes. Elas são dotadas de destreza feroz. Elas não têm alguém a quem elas amem ou gostem tanto quanto aqueles que têm união sexual com elas. As mulheres são como aqueles encantamentos (Atharvan) que são destrutivos de vida. Mesmo depois de elas terem consentido em viver com alguém, elas estão dispostas a abandoná-lo para ter compromissos com outros. Elas nunca estão satisfeitas com uma pessoa do sexo oposto, ó filho de Pandu! Os homens não devem sentir afeição por elas. Nem eles devem nutrir quaisquer ciúmes por causa delas, ó rei! Tendo um respeito somente pelas considerações de virtude, os homens devem desfrutar de sua companhia, não com entusiasmo e apego, mas com relutância e ausência de vínculo. Por agir de outra maneira, um homem sem dúvida encontra a destruição, ó alegrador dos Kurus. A razão é respeitada em todos os tempos e sob todas as circunstâncias. Somente um homem, isto é, Vipula, conseguiu proteger a mulher. Não há ninguém mais, ó rei, nos três mundos que seja capaz de proteger as mulheres.'"

44

"Yudhishthira disse, "Fale-me daquilo, ó avô, que é o fundamento de todos os deveres, que é a fundação dos parentes, da casa, dos Pitris e dos convidados. Eu penso que este deve ser considerado como o principal de todos os deveres, (isto é, o casamento de uma filha). Diga-me, no entanto, ó rei, para que tipo de pessoa alguém deve entregar uma filha?'"

"Bhishma disse, 'Tendo investigado a conduta e disposição da pessoa, sua erudição e aptidões, seu nascimento, e suas ações, boas pessoas devem então entregar sua filha para noivos ilustres. Todos os Brahmanas justos, ó Yudhishthira, agem dessa maneira (na questão da concessão de suas filhas). Isto é conhecido como o casamento Brahma, ó Yudhishthira! Escolhendo um noivo qualificado, o pai da moça deve fazê-lo se casar com sua filha, tendo, por meio de presentes de diversos tipos, induzido o noivo àquela ação. Esta forma de casamento constitui a prática eterna de todos os bons Kshatriyas. Quando o pai da moça, desconsiderando seus próprios desejos, concede sua filha para uma pessoa de quem a filha gosta e que retribui os sentimentos da moça, a forma de casamento, ó Yudhishthira, é chamada de Gandharva por aqueles que são familiarizados com os Vedas. Os sábios dizem, ó rei, que esta é a prática dos Asuras, isto é, casar uma moça depois de comprá-la por um custo alto e depois de satisfazer a cobiça dos parentes dela. Matando e cortando as cabeças de parentes lamentosos, o noivo às vezes forçosamente leva a moça com a qual ele irá casar. Tal casamento, ó filho, é chamado pelo nome de Rakshasa. Destes cinco (o Brahma, o Kshatra, o Gandharva, o Asura, e o Rakshasa), três são justos, ó Yudhishthira, e dois são injustos. Nunca se deve recorrer às formas Paisacha e Asura. (É curioso ver como o comentador procura incluir dentro destas cinco as oito formas de casamento mencionadas por Manu. O fato é, tais partes do Mahabharata são

inquestionavelmente mais antigas do que Manu. A menção de Manu é ou um caso de interpolação ou deve ter havido um Manu mais antigo sobre cujo trabalho o Manu que nós conhecemos foi baseado. As formas Asura e Rakchasa são inequivocamente condenadas. Porém o comentador procura dizer que a forma Rakshasa está aberta para os Kshatriyas. O fato é, a Rakshasa às vezes era chamada de Paisacha. A distinção entre aquelas duas formas era certamente de origem posterior.) As formas Brahma, Kshatra, e Gandharva são justas, ó príncipe de homens! Puras ou combinadas, estas formas devem ser usadas, sem dúvida. Um Brahmana pode tomar três esposas. Um Kshatriya pode tomar duas esposas. Com relação ao Vaisya, ele deve tomar somente uma esposa da sua própria classe. As crianças nascidas destas esposas devem todas ser consideradas como iguais. (Assim, não havia diferença, em posição, nos tempos antigos, entre filhos nascidos de uma mãe Brahmana, ou Kshatriya ou Vaisya. A diferença de posição era de origem posterior.) Das três esposas de um Brahmana, aquela obtida da sua própria classe deve ser considerada como a principal. Similarmente, das duas esposas permitidas ao Kshatriya, aquela da sua própria classe deve ser considerada como superior. Alguns dizem que as pessoas pertencentes às três classes superiores podem aceitar, somente para propósitos de prazer (e não por aqueles de virtude), esposas da classe mais baixa ou Sudra. Outros, no entanto, proíbem a prática.

Os justos condenam a prática de gerar descendentes em mulheres Sudra. Um Brahmana, por gerar filhos em uma mulher Sudra, incorre na responsabilidade de realizar uma expiação. Uma pessoa de trinta anos de idade deve se casar com uma menina de dez anos de idade chamada de Nagnika. (Nagnika é alguém que veste uma única peça de roupa. Uma menina em quem os sinais de puberdade não apareceram não necessita mais do que uma única peça de roupa para cobri-la). Ou, uma pessoa de vinte e um anos de idade deve se casar com uma menina de sete anos de idade. Aquela menina que não tem irmão nem pai não deve ser casada, ó chefe da linhagem de Bharata, pois ela pode ter sido planejada como Putrika de seu pai. (Quando acontece de um pai ter somente uma filha, ele frequentemente a entrega em casamento para algum jovem elegível sobre o acordo de que o filho nascido dela será o filho para propósitos dos ritos Sraddha e herança, não do marido que o gerou, mas do pai da moça. Tal contrato deve ser válido seja ele expressado ou não no momento do casamento. O mero desejo do pai da moça, não enunciado na hora do casamento, converteria o filho em um filho não do pai que o gera mas do pai da própria moça. Uma filha reservada para tal propósito é citada com sendo uma putrikadharmini ou 'investida com o caráter de um filho.' Casar com tal moça não era honroso. Isto seria de fato um abandono dos frutos do casamento. Mesmo se morto na época do casamento, ainda se o pai tivesse, enquanto vivo, nutrido tal desejo, isto converteria a moça em uma putrikadharmini. A repugnância em se casar com moças sem pai e irmãos existe até hoje.) Depois do aparecimento da puberdade, a moça (se não casada) deve esperar por três anos. No quarto ano, ela mesma deve procurar um marido (sem esperar mais por seus parentes escolherem um para ela). A prole de tal moça não perde sua respeitabilidade, nem a união com tal moça se torna vergonhosa. Se, em vez de selecionar um marido para ela mesma, ela age de outra maneira, ela

incorre na repreensão de Prajapati. Alguém deve casar com uma moça que não é uma Sapinda de sua mãe ou do mesmo Gotra que seu pai. Este mesmo é o costume (consistente com a lei sagrada) o qual Manu declarou.'" (Para compreender os significados de Sapinda e Sagotra veja algum trabalho sobre lei civil ou canônica Hindu.)

"Yudhishthira disse, 'Desejoso de casamento alguém realmente dá um dote para os parentes da moça; alguém diz, 'Os parentes da moça concordam com promessas de dar um dote;' alguém diz, 'Eu irei sequestrar a moça à força;' alguém simplesmente mostra sua riqueza (para os parentes da moça, pretendendo oferecer uma parte disso como dote por ela); alguém, além disso, realmente aceita a mão da moça com ritos de casamento. Eu te pergunto, ó avô, de quem a moça realmente se torna esposa? Para alguém que está desejoso de saber a verdade, tu és o olho com o qual ver.'"

"Bhishma disse, 'Quaisquer ações dos homens que são aprovadas ou determinadas em consulta pelos sábios, são vistas serem produtivas de bem. Palavras falsas, no entanto, são sempre pecaminosas. (O comentador explica que o que se pretende dizer é que sob a terceira e quarta circunstâncias aquele que entrega a moça não incorre em pecado; sob a segunda, o concessor da moça (para um homem a não ser aquele para quem uma promessa foi feita) incorre em erro. A posição de esposa, no entanto, não pode vincular simplesmente pela promessa da entrega do dote para o prometedor. O relacionamento de marido e esposa surge de casamento efetivo. Por isso, quando os parentes se encontram e dizem, com os ritos devidos, 'Esta moça é esposa deste homem,' o casamento se torna completo. Somente o concessor incorre em pecado por não dá-la para a pessoa prometida.) A própria moça que se torna esposa, os filhos nascidos dela, os Ritwiks e preceptores e discípulos e Upadhyayas presentes no casamento, todos se tornam sujeitos à expiação se a moça entregar sua mão para outro alguém a não ser aquele com quem ela tinha prometido se casar. Alguns são de opinião que nenhuma expiação é necessária por tal conduta. Manu não aprova a prática de uma moça viver com uma pessoa de quem ela não gosta. (Por essa razão, tendo prometido se casar com semelhante pessoa, ela é livre para desistir dele e se casar com outro de quem ela gosta.) Viver como esposa com um homem de quem ela não gosta leva à desgraça e pecado. Ninguém incorre em muito pecado em qualquer destes casos que seguem. Em sequestrar à força para casamento uma moça que é concedida para o sequestrador pelos parentes da moça, com os ritos devidos, como também uma moça por quem o dote foi pago e aceito, não há grande pecado. Após os parentes da moça terem expressado seu consentimento, Mantras e Homa devem ser usados. Tais mantras realmente realizam seu propósito. Mantras e Homa recitados e realizados no caso de uma moça que não foi concedida por seus parentes não realizam seu propósito. O compromisso feito pelos parentes de uma moça é, sem dúvida, obrigatório e sagrado. Mas o compromisso que é assumido pelos casados, com a ajuda de Mantras, é muitíssimo mais (pois é este compromisso que realmente cria o relacionamento de marido e mulher). Segundo os ditames das escrituras, o marido deve considerar sua esposa como uma aquisição devido às suas próprias ações

de uma vida prévia ou para a qual foi ordenado por Deus. Alguém, portanto, não incorre em repreensão por aceitar como esposa uma moça que foi prometida para outro por seus parentes ou por quem um dote de outro foi aceito por eles.'"

"Yudhishthira disse, 'Quando depois de receber um dote por uma moça, o pai da moça vê uma pessoa mais qualificada se apresentar em busca de sua mão, alguém que é dotado do agregado de três em proporções criteriosas, o pai da moça atrai crítica por rejeitar a pessoa cujo dote foi recebido em favor do que é mais elegível? Em tal caso as duas alternativas parecem ser repletas de erro, pois se desfazer da pessoa para quem a moça foi prometida nunca pode ser honrado, enquanto que rejeitar a pessoa que é mais elegível nunca é bom (em vista da obrigação solene que há de se entregar uma filha para a pessoa mais qualificada). Eu pergunto, como o pai deve se comportar para que ele possa ser considerado como fazendo o que é benéfico? Para nós, de todos os deveres este parece exigir a maior medida de deliberação. Nós estamos desejosos de averiguar a verdade. Tu, de fato, és nossos olhos! Explique isto para nós. Eu nunca fico saciado com te escutar!'"

'Bhishma disse, 'A doação do dote não faz a posição de esposa se vincular à moça. Isto é bem conhecido pela pessoa que paga. Ele o paga simplesmente como o preço da moça. Então além disso aqueles que são bons nunca entregam suas filhas levados pelos dotes que os outros possam oferecer. Quando acontece da pessoa desejosa de casamento ser dotada de qualidades que não são aceitas pelos parentes da moça, é então que os parentes exigem o dote dele. Aquela pessoa, no entanto, que conquistada pelos talentos de outro se dirige a ele dizendo, 'Case com minha menina, enfeitando-a com ornamentos apropriados de ouro e pedras preciosas,' e aquela pessoa que concorda com este pedido, não podem ser citadas como exigindo o dote ou dando-o, pois tal transação não é realmente uma venda. A concessão de uma filha após aceitação do que pode ser estritamente considerado como presentes (de afeição ou amor) é a prática eterna. Em questões de casamento alguns pais dizem, 'Eu não entregarei minha filha para tal e tal pessoa;' alguns dizem, 'Eu entregarei minha filha para tal pessoa.' Alguns além disso dizem com veemência, 'Eu devo entregar minha filha para tal indivíduo.' Estas declarações não correspondem a um casamento real. As pessoas são vistas pedirem para outros as mãos de moças (e prometer e retirar-se). Até que a mão seja realmente aceita com os ritos devidos, o casamento não pode ser citado como tendo realmente se realizado. É ouvido por nós que esta foi a bênção concedida para os homens antigamente pelos Maruts a respeito de donzelas. (Por aquela bênção ninguém incorre em pecado por retratar promessas de entregar filhas para outros por causa de maridos mais qualificados.) Os Rishis declararam a ordem para todos os homens que moças nunca devem ser concedidas para homens a menos que aconteça de os últimos serem os mais adequados ou qualificados. A filha é a base do desejo e dos descendentes da linha colateral. Isto mesmo é o que eu penso. (Por essa razão, ninguém deve entregar sua filha para uma pessoa que não é elegível, pois a prole de tal casamento nunca poderá se boa e tal casamento nunca poderá fazer o pai ou os parentes da moça felizes.) Esta prática é conhecida pelos seres humanos desde

muito tempo, isto é, a prática da venda e compra da filha. Por tal familiaridade com a prática, tu serás capaz, sobre exame cuidadoso, de encontrar inúmeras falhas nela. Somente a doação ou aceitação do dote não pode ser considerada como criando a posição de marido e mulher. Escute o que eu digo sobre este assunto."

"Antigamente, tendo derrotado todos os Magadhas, os Kasis, e os Kosalas, eu trouxe pela força duas moças para Vichitravirya. Uma daquelas duas moças foi casada com os ritos devidos. A outra moça não foi oficialmente casada pelo motivo que ela era alguém por quem um dote tinha sido pago na forma de valor. Meu tio da linhagem de Kuru, isto é, o rei Valhika, disse que a moça assim trazida e não casada com os ritos devidos deveria ser libertada. Aquela moça, por essa razão, foi recomendada para Vichitravirya para ser casada com ele segundo os ritos devidos. Duvidando das palavras de meu pai eu me dirigi a outros para perguntar sua opinião. Eu achava que meu pai era extremamente escrupuloso em questões de moralidade. Eu então fui ao meu próprio pai, ó rei, e me dirigi a ele nestas palavras pelo desejo de saber alguma coisa acerca das práticas das pessoas virtuosas a respeito de casamento, 'Eu desejo, ó pai, saber quais em verdade são as práticas das pessoas justas.' Eu repeti a expressão do meu desejo várias vezes, tão grande era a minha impaciência e curiosidade. Depois que eu tinha proferido aquelas palavras, aquele principal dos homens justos, isto é, meu pai, Valhika me respondeu, dizendo, 'Se em sua opinião a posição de marido e mulher for aceita como atribuída por causa da doação e aceitação de dote e não da real aceitação da mão da moça com os ritos devidos, o pai da moça (por permitir que sua filha vá embora com o doador do dote) seria ele mesmo o seguidor de um credo a não ser aquele que é derivável das escrituras comuns. Isto mesmo é o que as escrituras reconhecidas declaram. Pessoas conhecedoras da moralidade e dever não permitem que sejam autoritárias em absoluto as palavras de quem diz que a condição de marido e mulher resulta da doação e aceitação de dote, e não da real aceitação da mão com os ritos devidos. É bem conhecido o ditado que a condição de marido e mulher é criada pela concessão verdadeira da filha pelo pai (e sua aceitação pelo marido com os ritos devidos). A posição de esposa não pode ser atribuída a moças por venda e compra. Aqueles que consideram tal posição como devido à venda e à doação do dote são pessoas que certamente não estão familiarizadas com as escrituras. Ninguém deve entregar sua filha para tais pessoas. Realmente, eles não são homens com quem alguém possa casar sua filha. Uma esposa nunca deve ser comprada. Nem um pai deve vender sua filha. Somente aquelas pessoas de alma pecaminosa que estão possuídas, além disso, pela avareza, e que vendem e compram mulheres escravas para criar serviçais, consideram a posição de esposa como capaz de surgir da doação e aceitação de um dote. Sobre este assunto algumas pessoas em uma ocasião tinham feito ao príncipe Satyavat a seguinte pergunta, 'Se acontece do doador de um dote para os parentes de uma moça morrer antes do casamento, outra pessoa pode aceitar a mão daquela moça em casamento? Nós temos dúvidas sobre este assunto. Remova estas nossas dúvidas, pois tu és dotado de grande sabedoria e és respeitado pelos sábios. Seja o órgão de visão para nós que estamos desejosos de aprender a verdade.' O príncipe Satyavat respondeu dizendo, 'Os parentes da moça devem entregá-la para aquele a quem

eles consideram qualificado. Não há necessidade de escrúpulos nisto. Os justos agem dessa maneira sem considerarem o doador do dote mesmo que ele esteja vivo; enquanto, com respeito ao doador que está morto, não há a menor dúvida. Alguns dizem a esposa virgem ou viúva, isto é, cujo casamento não foi consumado com seu marido por união sexual real por causa de sua ausência ou morte, pode ser permitida se unir com o irmão mais novo do marido ou outro parente semelhante. O marido morrendo antes de tal consumação, a virgem viúva pode se entregar ao irmão mais novo do marido ou se dirigir à prática de penitências. Na opinião de alguns, o irmão mais novo do marido ou outro parente semelhante pode usar dessa maneira a nova mulher ou viúva, embora outros afirmem que tal prática, apesar de sua prevalência, surge do desejo em vez de ser uma ordenança escritural. Aqueles que dizem isso são claramente de opinião que o pai de uma moça tem o direito de concedê-la para qualquer pessoa qualificada, desconsiderando o dote anteriormente dado por outro e aceito por ele mesmo. Se depois de a mão de uma moça ter sido prometida todos os ritos iniciais antes do casamento forem realizados, a donzela ainda pode ser entregue para outra pessoa que não é aquela para quem ela foi prometida. Somente o doador incorre no pecado de falsidade, no que diz respeito, no entanto, à condição de esposa, nenhum dano pode se suceder a ela. Os Mantras em relação ao casamento realizam seu objetivo de ocasionar a união indissolúvel do casamento no sétimo passo. A moça se torna esposa daquele para quem é realmente feito o presente com água. (Um dos mais importantes ritos de casamento é a cerimônia de circungirar. A moça é então carregada ao redor do noivo por seus parentes. Antigamente ela mesma costumava caminhar. Todos os presentes, além disso, são feitos com água. O fato é, quando uma coisa é dada, o dador, proferindo a fórmula, salpica uma gota de água sobre ela com uma folha de erva Kusa.) A doação de moças deve ser feita da seguinte maneira. Os sábios reconhecem isto como certo. Um Brahmana superior deve se casar com uma moça que não esteja relutante, que pertença a uma família igual à sua em pureza ou posição, e que seja dada por seu irmão. Tal moça deve ser casada na presença do fogo, com os ritos devidos, fazendo-a, entre outras coisas, circungirar pelo número usual de vezes.'"

45

"Yudhishthira disse, 'Se uma pessoa, depois de ter dado dote por uma moça, for embora, como o pai da moça ou outros parentes que são competentes para entregá-la, devem agir? Diga-me isto, ó avô!'

"Bhishma disse, 'Tal moça, se acontecer de ela ser a filha de um pai rico e sem filhos, deve ser mantida pelo pai (em vista do retorno daquele que deu o dote). De fato, se o pai não devolve o dote para os parentes do doador, a moça deve ser considerada como pertencente ao doador do dote. Ela pode até criar prole para o doador (durante sua ausência) por algum daqueles meios que são prescritos nas escrituras. Nenhuma pessoa, no entanto, pode ser competente para casá-la segundo os ritos devidos. Mandada por seu pai, a princesa Savitri antigamente

tinha escolhido um marido e se uniu com ele. Esta ação dela é elogiada por alguns; mas outros conhecedores das escrituras a condenam. Outros que são justos não têm agido dessa maneira. Outros afirmam que a conduta dos justos deve sempre ser considerada como a principal evidência do dever ou moralidade. (Por isso, o que Savitri fez por ordem de seu pai não poderia ser considerado como contra o curso do dever ou moralidade.) Sobre este assunto Sukratu, o neto de Janaka de grande alma, o soberano dos Videhas, declarou a seguinte opinião. Há a bem conhecida declaração das escrituras que as mulheres são incompetentes para desfrutar de liberdade em qualquer período de sua vida. Se este não fosse o caminho trilhado pelos justos, como esta declaração escritural poderia existir? Com respeito aos justos, portanto, como pode haver alguma pergunta ou dúvida em relação a esta questão? Como as pessoas podem condenar aquela declaração por optar por se comportarem de outra maneira? O abandono injusto do costume eterno é considerado como a prática dos Asuras; (ou seja, conceder a liberdade para as mulheres é uma prática Asura). Nós nunca soubemos de semelhante prática na conduta dos antigos. O relacionamento de marido e mulher é muito sutil (tendo referência à obtenção de destino, e, portanto, capaz de ser entendido somente com a ajuda das declarações inspiradas nas escrituras). Ele é diferente do relacionamento natural entre macho e fêmea que consiste somente no desejo de prazer sexual. Isto também foi dito pelo rei aludido da linhagem de Janaka.'" (Então, ninguém deve se casar levado somente pelo desejo. Nem se deve permitir que a moça escolha por si mesma. Ela pode ser guiada em sua escolha por considerações impróprias ligadas somente ao prazer carnal.)

"Yudhishthira disse, 'Sobre qual autoridade a riqueza dos homens é herdada (por outros quando acontece de eles terem filhas)? Em relação ao seu pai a filha deve ser considerada como igual ao filho.'"

"Bhishma disse, 'O filho é mesmo como a própria pessoa, e a filha é como o filho. Como, portanto, outro pode pegar a riqueza quando alguém vive em si mesmo na forma de sua filha? Qualquer riqueza que seja denominada a propriedade Yautuka da mãe forma a parte do dote da filha moça. Se acontece de o avô materno morrer sem deixar filhos, o filho da filha deve herdá-la. O filho da filha oferece pindas para seu próprio pai e para o pai de sua mãe. Por essa razão, de acordo com as considerações de justiça, não há diferença entre o filho e o filho da filha. Quando uma pessoa teve somente uma filha e ela foi investida por ele com a posição de um filho, se então acontece de ele ter um filho, tal filho (em vez de receber toda a riqueza de seu pai) divide a herança com a filha. (A propriedade é dividida em cinco partes, duas das quais são recebidas pela filha sob tais circunstâncias e três pelo filho.) Quando, além disso, uma pessoa teve uma filha e ela foi investida por ele com a posição de um filho, se então acontece de ele pegar um filho por adoção ou compra então a filha é considerada como sendo superior a tal filho (pois ela pega três partes da riqueza de seu pai, a parte do filho sendo limitada somente às duas restantes). No caso seguinte eu não vejo qualquer razão pela qual a posição de filhos da filha deva se atribuir aos filhos da filha de alguém. O caso é aquele da filha que foi vendida por seu pai. Os filhos nascidos de uma

filha que foi vendida por seu pai por preço real pertencem unicamente ao pai deles (mesmo que ele mesmo não os gere mas os obtenha segundo as regras prescritas nas escrituras para criar descendência pela ação de outros). Tais filhos nunca podem pertencer, assim como filhos da filha, a seu avô materno por ele ter vendido sua mãe por um preço e perdido todos os seus direitos sobre ela por causa daquele ato. Tais filhos, além disso, se tornam cheios de malícia, injustos em conduta, apropriadores indevidos da riqueza de outras pessoas, e dotados de falsidade e astúcia. Tendo nascido daquela forma pecaminosa de casamento chamada Asura, os descendentes se tornam pecaminosos em conduta. Pessoas conhecedoras das histórias dos tempos antigos, familiarizadas com os deveres, devotadas às escrituras e firmes em manter as restrições prescritas nelas, recitam sobre isto algumas linhas métricas cantadas antigamente por Yama. Isto mesmo é o que Yama cantou, ‘Aquele homem que adquire riqueza por vender seu próprio filho, ou que entrega sua filha depois de aceitar um dote para seu próprio sustento, tem que cair em sete infernos terríveis um depois do outro, conhecidos pelo nome de Kalasutra. Lá aquele patife tem que se alimentar de suor e urina e fezes durante todo o tempo. Naquela forma de casamento que é chamada de Arsha, o homem que se casa tem que dar um touro e uma vaca e o pai da moça aceita o presente. Alguns caracterizam este presente como um dote (ou preço), enquanto alguns são de opinião que isto não é considerado dessa maneira. A opinião verdadeira, no entanto, é que um presente para tal propósito, sendo de valor pequeno ou grande, deve, ó rei, ser considerado como dote ou preço, e a concessão da filha sob tais circunstâncias deve ser considerada como uma venda. Apesar do fato de isto ter sido praticado por umas poucas pessoas isto nunca pode ser aceito como o costume eterno. Outras formas de casamento são vistas, praticadas pelos homens, tais como casar moças depois de sequestrá-las pela força do meio de seus parentes. Aqueles homens que têm relação sexual com uma moça depois de reduzi-la à submissão pela força são considerados como perpetradores de pecado. Eles têm que afundar no inferno mais sombrio. (Isto implica somente aquelas moças cujo consentimento é obtido pela força. Então, casos tais como aqueles de Krishna raptando Rukmini e Arjuna raptando Subhadra são excluídos desta acusação.) Mesmo um ser humano com quem alguém não tem relacionamento de sangue não deve formar o objeto de venda. O que dizer então dos próprios descendentes? Com a riqueza que é obtida por se fazer atos pecaminosos, nenhuma ação que leve ao mérito pode ser realizada.'"

46

"Bhishma disse, ‘Aqueles que estão familiarizados com a história antiga recitam o seguinte verso de Daksha, o filho de Prachetas: Aquela moça, em relação a quem nada é pego por seus parentes na forma de dote não pode ser considerada como vendida. (A própria donzela aceita ornamentos. Isto não converteria a transação em uma venda.) Respeito, tratamento gentil, e tudo mais que é agradável, devem todos ser dados para a moça cuja mão é aceita em casamento. Seu pai e irmãos e sogro e irmãos do marido devem mostrar todo seu respeito e enfeitá-la com ornamentos, se eles estiverem desejosos de colher benefícios, pois

tal conduta de sua parte sempre leva à felicidade e vantagens consideráveis. Se a mulher não gosta de seu marido ou fracassa em alegrá-lo, de tal antipatia e ausência de alegria, o marido nunca pode ter descendentes para aumentar sua família. As mulheres, ó rei, devem sempre ser adoradas e tratadas com afeição. Onde as mulheres são tratadas com respeito, as próprias divindades são citadas como estando cheias de alegria. Onde as mulheres não são adoradas, todas as ações se tornam inúteis. Se as mulheres de uma família, por causa do tratamento que recebem, sofrem e derramam lágrimas, aquela família logo se torna extinta. Aquelas casas que são amaldiçoadas por mulheres encontram a destruição e ruína como se chamuscadas por algum rito Atharvan. Tais casas perdem seu esplendor. Seu crescimento e prosperidade cessa. Ó rei, Mann, na véspera de sua partida para o Céu, transferiu as mulheres para o cuidado e proteção dos homens, dizendo que elas são fracas, que elas são presas fáceis para as artimanhas sedutoras dos homens, dispostas a aceitar o amor que é oferecido elas, e dedicadas à verdade. Há outras entre elas que são cheias de malícia, cobiçosas de honras, violentas em temperamento, não merecedoras de amor, e insensíveis à razão. Mulheres, no entanto, merecem ser respeitadas. Vocês homens lhes mostrem respeito. A virtude dos homens depende das mulheres. Todos os prazeres e alegrias também dependem completamente delas. Sirvam-nas e adorem-nas. Submetam suas vontades perante elas. A geração de descendência, a amamentação das crianças já nascidas, e a realização de todos os atos necessários para as necessidades da sociedade, veja, todos têm as mulheres como sua causa. Por honrar as mulheres vocês sem dúvida obterão a realização de todos os objetivos. Sobre isto uma princesa da casa de Janaka, o soberano dos Videhas, cantou um verso. Ele é este: ‘Mulheres não têm sacrifícios ordenados para elas. Não há Sraddhas os quais elas são chamadas para realizar. Elas não são mandadas observar quaisquer fatos. Servir seus maridos com reverência e obediência disposta é seu único dever. Através do cumprimento deste dever elas conseguem conquistar o céu. Na infância, o pai a protege. O marido a protege na juventude. Quando ela fica velha, seus filhos a protegem. Em nenhum período de sua vida a mulher merece ser livre. As divindades da prosperidade são mulheres. A pessoa que deseja riqueza e prosperidade deve honrá-las. Por cuidar das mulheres, ó Bharata, alguém cuida da própria deusa de prosperidade, e por afligi-las, alguém é citado como afligindo a deusa da prosperidade.'"

47

"Yudhishthira disse, 'Tu conheces completamente as ordenanças de todas as escrituras. Tu és o principal daqueles que estão familiarizados com os deveres dos reis. Tu és célebre pelo mundo inteiro como um grande dissipador de dúvidas. Eu tenho uma dúvida, esclareça-a para mim, ó avô! Com relação a esta dúvida que surgiu em minha mente, eu não pedirei sua solução para qualquer outra pessoa. Cabe a ti, ó tu de braços poderosos, explicar como deve se comportar o homem que deseja andar pelo caminho do dever e justiça. É declarado, ó avô, que um Brahmana pode tomar quatro esposas, isto é, uma que pertence à sua própria

classe, uma que seja uma Kshatriya, uma Vaisya, e uma Sudra, se o Brahmana deseja se entregar ao desejo de relação sexual. Diga-me, ó melhor dos Kurus, quais entre aqueles filhos merecem herdar a riqueza do pai um depois do outro? Quem entre eles, ó avô, pegará qual parte da riqueza paterna? Eu desejo saber isto, como é ordenada a distribuição da propriedade paterna entre eles.'"

"Bhishma disse, 'Brahmana, Kshatriya, e Vaisya são consideradas como as três classes regeneradas. Casar nestas três classes é ordenado como o dever do Brahmana, ó Yudhishthira. Por julgamento errôneo ou cupidez ou luxúria, ó opressor de inimigos, um Brahmana toma uma mulher Sudra. Tal mulher, no entanto, ele não é competente para receber de acordo com as escrituras. Um Brahmana, por levar uma mulher Sudra para sua cama, obtém um fim baixo no mundo seguinte. Ele deve, tendo feito uma ação semelhante, praticar expiação segundo os prescritos nas escrituras. Esta expiação deve ser duas vezes mais pesada ou severa se por consequência de tal ação, ó Yudhishthira, o Brahmana obtiver prole. Eu agora te direi, ó Bharata, como a riqueza (paterna) é para ser distribuída (entre os filhos das diferentes esposas). O filho nascido da esposa Brahmana, em primeiro lugar, se apropria de um touro de boas marcas da riqueza de seu pai, e do melhor carro ou veículo. O que resta da propriedade do Brahmana, ó Yudhishthira, depois disto deve ser dividido em dez partes iguais. O filho da mulher Brahmana receberá quatro de tais partes da riqueza paterna. O filho que é nascido da esposa Kshatriya é, sem dúvida, possuidor da posição de um Brahmana. Por causa, no entanto, da distinção atribuída à sua mãe, ele receberá três das dez partes nas quais a propriedade foi dividida. O filho nascido da mulher pertencente à terceira classe, isto é, da mulher da casta Vaisya, pelo pai Brahmana, receberá, ó Yudhishthira, duas das três partes restantes da propriedade do pai. É dito que o filho que foi gerado pelo pai Brahmana na esposa Sudra não deve receber alguma parte da riqueza do pai, pois ele não é para ser considerado um herdeiro. Um pouco, no entanto, da riqueza paterna deve ser dada ao filho da mulher Sudra, por isso a única parte restante deve ser dada a ele por compaixão. Exatamente esta deve ser a ordem das dez partes nas quais a riqueza do Brahmana é para ser dividida. Todos os filhos que são nascidos da mesma mãe ou de mães da mesma classe dividirão igualmente a parte que é deles. O filho nascido da esposa Sudra não deve ser considerado como investido com a posição de Brahmana por ele ser sem instrução (nas escrituras e nos deveres ordenados para o Brahmana). Somente aqueles filhos que são nascidos de esposas pertencentes às três classes superiores devem ser considerados como investidos com a posição de Brahmanas. É dito que há somente quatro classes, não há quinta que tenha sido enumerada. O filho com a esposa Sudra receberá a décima parte da riqueza de seu pai (que resta depois da distribuição ter sido feita aos outros da maneira mencionada). Aquela parte, no entanto, ele deve pegar somente quando seu pai a der para ele. Ele não a pegará se seu pai não a der. Alguma parte da riqueza do pai deve ser dada sem dúvida, ó Bharata, ao filho da esposa Sudra. A compaixão é uma das maiores virtudes. É pela compaixão que alguma coisa é dada para o filho da mulher Sudra. Qualquer que seja o objeto a respeito do qual a compaixão surge, como uma virtude principal ela é sempre produtiva de mérito. Aconteça de o pai ter filhos (com suas esposas

pertencentes às outras classes) ou não ter filhos (com tais esposas), para o filho com a mulher Sudra, ó Bharata, nada mais do que uma décima parte da riqueza do pai deve ser dada. Se acontece de um Brahmana ter mais riqueza do que aquela que é necessária para manter a si mesmo e sua família por três anos, ele deve realizar sacrifícios com aquela riqueza. Um Brahmana nunca deve obter riqueza para nada. (Isto é, ele não deve obter para armazenar. Ele pode adquirir para gastar em sacrifícios e doações ou para manter a si mesmo e sua família.) A maior soma que o marido deve dar para a esposa é três mil moedas (da moeda corrente). A riqueza que o marido dá para a esposa, a última pode gastar ou dispor como ela quiser. Após a morte do marido sem filhos, a esposa desfrutará de toda sua riqueza. (Ela não deverá, no entanto, vender ou dispor de outra maneira de alguma parte dela.) A mulher nunca deve pegar qualquer parte da riqueza de seu marido (sem o conhecimento dele). Qualquer riqueza, ó Yudhishthira, que a mulher Brahmana possa obter por presente de seu pai, deve ser recebida (após a morte dela) por sua filha, pois a filha é como o filho. A filha, ó rei, tem sido ordenado nas escrituras, é igual ao filho, ó alegrador dos Kurus. Assim mesmo a lei de herança foi ordenada, ó touro da raça Bharata. Lembrando destas ordenanças acerca da distribuição e disposição de riqueza, uma pessoa nunca deve adquirir riqueza inutilmente.'"

"Yudhishthira disse, 'Se o filho nascido de uma esposa Sudra por um pai Brahmana é declarado nas escrituras como sendo privado de quaisquer direitos à riqueza, por qual regra excepcional então uma décima parte da propriedade paterna é para ser dada a ele? Um filho nascido de uma mulher Brahmana por um Brahmana é indubitavelmente um Brahmana. Alguém nascido de uma mulher Kshatriya ou Vaisya, por um marido Brahmana, é da mesma maneira investido com a posição de um Brahmana. Por que então, ó melhor dos reis, tais filhos têm que dividir a riqueza paterna desigualmente? Todos eles, tu disseste, são Brahmanas, tendo nascido de mães que pertencem às três classes superiores igualmente intituladas pelo nome de regeneradas.'"

"Bhishma disse, 'Ó opressor de inimigos, todas as esposas neste mundo são chamadas pelo nome de Data. Embora este nome seja aplicado a todas, contudo há esta grande distinção a ser observada. Se, tendo casado com três esposas pertencentes às três outras classes, um Brahmana toma uma esposa Brahmana, a última de todas ainda será considerada como a primeira em posição entre todas as esposas, e como merecedora do maior respeito. De fato, entre todas as co-esposas, ela será a principal em consideração. Nos aposentos dela devem ser mantidos todos aqueles artigos que são necessários em vista dos banhos do marido, decorações pessoais, limpeza dos dentes, e aplicação de colírio para os olhos. Em seus aposentos devem ser mantidos o Havya e o Kavya e tudo mais que o marido possa requerer para a realização de suas ações religiosas. Se a esposa Brahmana está na casa, nenhuma outra esposa tem o direito de se encarregar destas necessidades do marido. Somente a esposa Brahmana, ó Yudhishthira, deve ajudar nestas ações do marido. A comida e bebida e guirlandas e mantos e ornamentos do marido, todos devem ser dados pela mulher Brahmana ao marido, pois ela é a principal em posição e consideração entre todas as

cônjuges do marido. Estas são as ordenanças das escrituras como declaradas por Manu, ó alegrador dos Kurus! Este mesmo, ó monarca, é visto ser o curso do costume eterno. Se um Brahmana, ó Yudhishthira, levado por luxúria, age de um modo diferente, ele virá a ser considerado como um Chandala entre os Brahmanas. (Isto é, se o Brahmana, levado por afeição por alguma outra esposa, desrespeita a esposa pertencente à sua própria classe e demonstra preferência por aquelas das outras classes, ele então atrai sobre si a probabilidade de ser considerado como um Chandala que veio a ser contado entre Brahmanas.) O filho nascido da mulher Kshatriya é citado como sendo igual em posição ao filho nascido da mulher Brahmana. Apesar disso, uma distinção se atribui ao filho da mulher Brahmana pela superioridade do Brahmana ao Kshatriya em relação à classe de nascimento. A mulher Kshatriya não pode ser considerada como igual à Brahmana com referência ao nascimento. Daí, ó melhor dos reis, o filho nascido da mulher Brahmana deve ser considerado como o primeiro em posição e superior ao filho nascido da mulher Kshatriya. Porque, além disso, a mulher Kshatriya não é igual em relação a nascimento à mulher Brahmana, então o filho da mulher Brahmana recebe, uma após a outra, todas as melhores coisas, ó Yudhishthira, entre as posses de seu pai. Similarmente, a Vaisya não pode ser considerada como igual à Kshatriya a respeito de nascimento. Prosperidade, reino, e tesouraria, ó Yudhishthira, pertencem ao Kshatriya. Todos estes foram ordenados para o Kshatriya. A terra inteira, ó rei, com sua faixa de mares, é vista pertencer a ele. Por seguir os deveres da sua própria classe, o Kshatriya adquire uma riqueza extensa. O cetro da realeza é segurado por ele. Sem o Kshatriya, ó rei, não pode haver proteção. Os Brahmanas são altamente abençoados, pois eles são as divindades das próprias divindades. Seguindo as ordenanças prescritas pelos Rishis, os Kshatriyas devem adorar os Brahmanas segundo os ritos devidos. Este mesmo é o costume eterno. Cobiçadas por ladrões e outros, as posses de todos os homens são protegidas por Kshatriyas no cumprimento dos deveres determinados para sua classe. De fato, riqueza e esposas e todos os outros bens possuídos pelas pessoas teriam sido levados à força sem esta proteção que os Kshatriyas fornecem. O Kshatriya, como o rei, se torna o protetor ou salvador de todos os outros. Então, o filho da esposa Kshatriya, sem dúvida, será considerado superior àquele que é nascido da esposa Vaisya. O filho da esposa Kshatriya, por isto, recebe uma parte maior da propriedade paterna do que o filho da mãe Vaisya.'"

"Yudhishthira disse, 'Tu disseste devidamente quais são as regras que se aplicam aos Brahmanas. Quais, no entanto, são as regras que se aplicam aos outros?'"

"Bhishma disse, 'Para o Kshatriya, ó alegrador dos Kurus, foram ordenadas duas esposas. O Kshatriya pode pegar uma terceira esposa da classe Sudra. Tal prática prevalece, é verdade, mas ela não é sancionada pelas escrituras. Esta mesma deve ser a ordem, ó Yudhishthira, das esposas de um Kshatriya. A propriedade de um Kshatriya deve, ó rei, ser dividida em oito partes. O filho da mulher Kshatriya receberá quatro de tais partes da propriedade paterna. O filho da mulher Vaisya receberá três de tais partes. A restante ou a oitava parte será

recebida pelo filho da mulher Sudra. O filho da esposa Sudra, no entanto, deverá pegar somente quando o pai der mas não de outra maneira. Para o Vaisya foi ordenado somente uma esposa. Uma segunda mulher é aceita da classe Sudra. A prática prevalece, é verdade, mas ela não é sancionada pelas escrituras. Se um Vaisya tem duas esposas, um das quais é uma Vaisya e a outra uma Sudra, há uma diferença entre elas em relação à posição. A riqueza de um Vaisya, ó chefe da linhagem de Bharata, deve ser dividida em cinco partes. Eu agora falarei dos filhos de um Vaisya com uma mulher da sua própria classe e com uma pertencente à classe inferior, como também da maneira na qual, ó rei, sua riqueza é para ser dividida entre aqueles filhos. O filho nascido da mulher Vaisya receberá quatro de tais partes da riqueza de seu pai. A quinta parte, ó Bharata, tem sido citada como pertencente ao filho nascido da mulher Sudra. Tal filho, no entanto, a pegará quando seu pai der. Ele não deve pegar qualquer coisa a menos que seu pai a dê para ele. O filho que é gerado em uma mulher Sudra por pessoas das três classes superiores deve sempre ser considerado como sem direitos a qualquer parte da riqueza do pai. O Sudra deve ter uma única esposa obtida da sua própria classe. Ele não pode de modo algum aceitar alguma outra esposa. Mesmo que aconteça de ele ter uma centena de filhos com tal esposa, todos eles partilham igualmente a riqueza que ele possa deixar para trás. Com relação a todas as classes, os filhos nascidos da esposa da própria classe do marido, isto está declarado, devem dividir igualmente a riqueza do pai. A parte do filho mais velho deve ser maior do que a de todos os outros filhos, pois ele deve pegar uma parte a mais do que cada um de seus irmãos, consistindo nas melhores coisas de seu pai. Exatamente esta é a lei de herança, ó filho de Pritha, como declarada pelo próprio Nascido por Si Mesmo. Entre todos os filhos nascidos da esposa da mesma classe do marido, há outra distinção, ó rei! Em casamento, os mais velhos devem sempre preceder os mais jovens. As esposas sendo todas iguais em relação à sua classe de nascimento, e os filhos também sendo todos iguais a respeito da posição de suas mães, o filho primogênito pegará uma parte a mais do que cada um de seus outros irmãos. O filho que vem em seguida a respeito de idade receberá uma parte que é próxima em valor, enquanto o filho que é mais novo receberá a parte que pertence ao mais novo. (O sentido deste verso parece ser este: Se um Brahmana aceita em sucessão três esposas pertencentes à sua própria classe, o filho nascido de sua primeira esposa receberá a parte que é concedida ao mais velho; aquele nascido da segunda esposa receberá uma parte próxima em valor; e aquele nascido da esposa mais nova receberá a parte concedida para o mais novo. Depois que tais partes especiais são recebidas, o resto da propriedade é para ser dividido em partes iguais cada uma das quais será recebida por cada um dos filhos.) Assim entre esposas de todas as classes, aquelas que pertencem à mesma classe do marido são consideradas como as principais. Isto mesmo é o que foi declarado pelo grande Rishi Kasyapa, o filho de Marichi.'"

48

“Yudhishthira disse, ‘Por incentivos oferecidos por riqueza, ou por mera luxúria, ou por ignorância da verdadeira classe de nascimento (de homens e mulheres), ou por insensatez, acontece a mistura das várias classes. Quais, ó avô, são os deveres das pessoas que são nascidas nas classes misturadas e quais são as ações prescritas para elas? Fale-me sobre isto!’”

"Bhishma disse, 'No início, o Senhor de todas as criaturas criou as quatro classes e declarou suas respectivas ações ou deveres, por causa dos sacrifícios. (Isto é, cada classe foi criada para realizar sacrifícios. O Sudra é competente para realizar sacrifício, só que este sacrifício deve ser por servir as três outras classes.) O Brahmana pode pegar quatro esposas, uma de cada das quatro classes. Em duas delas (ou seja, a esposa da sua própria classe e aquela obtida da seguinte inferior), ele mesmo toma nascimento (os filhos gerados nelas sendo considerados como investidos com a mesma posição dele). Aqueles filhos, no entanto, que são gerados por ele nas duas esposas que pertencem às duas classes seguintes (Vaisya e Sudra), são inferiores, sua posição sendo determinada não por aquela de seu pai mas por aquela de suas mães. O filho que é gerado por um Brahmana em uma esposa Sudra é chamado de Parasara, implicando alguém nascido de um cadáver, pois o corpo da mulher Sudra é tão inauspicioso quanto um cadáver. Ele deve servir as pessoas da família de seu (pai). De fato, não é apropriado para ele abandonar o dever de serviço que está prescrito para ele. Adotando todos os meios em seu poder, ele deve sustentar a carga de sua família. Mesmo que aconteça de ele ser mais velho em idade, ele ainda assim deve servir respeitosamente os outros filhos de seu pai que possam ser mais jovens do que ele, e entregar para eles o que quer que ele possa conseguir ganhar. Um Kshatriya pode ter três esposas. Em duas delas (isto é, naquela da sua própria classe e na outra que foi obtida da classe imediatamente abaixo), ele mesmo toma nascimento (pois aqueles filhos são investidos com a posição da sua própria classe). Sua terceira esposa sendo da classe Sudra é considerada como muito inferior. O filho que ele gera nela vem a ser chamado como um Ugra. O Vaisya pode ter duas esposas. Em ambas (isto é, naquela da sua própria classe, e na outra da mais inferior das quatro classes puras), ele mesmo toma nascimento (de modo que aqueles filhos vêm a ser investidos com a posição da sua própria classe). O Sudra pode ter uma única mulher, isto é, aquela que é obtida da sua própria classe. O filho gerado por ele nela se torna um Sudra. Um filho que nasce sob circunstâncias diferentes daquelas mencionadas acima vem a ser considerado como alguém muito inferior. Se uma pessoa de uma classe mais baixa gera um filho em uma mulher de uma classe superior, tal filho é considerado como fora do limite das quatro classes puras. De fato, tal filho vem a ser um objeto de crítica para as quatro classes principais. Se um Kshatriya gera um filho em uma mulher Brahmana, tal filho, sem ser incluído em alguma das quatro classes puras, vem a ser considerado como um Suta. Os deveres de um Suta estão todos ligados com a recitação de louvores e elogios de reis e outros grandes homens. O filho gerado por um Vaisya em uma mulher da classe Brahmana vem a ser considerado como um Vaidehaka. Os deveres designados para eles são os cuidados de trancas e

ferrolhos para proteger a privacidade de mulheres de famílias respeitáveis. Tais filhos não têm ritos purificadores prescritos para eles. (Para eles não há investidura com o fio sagrado.) Se um Sudra se une com uma mulher pertencente à principal das quatro classes, o filho que é gerado é chamado de Chandala. Dotado de um temperamento feroz, ele deve viver nos arredores de cidades e municípios e o dever designado para ele é aquele do carrasco público. Tais filhos são sempre considerados como desgraçados de sua raça. Estes, ó principal das pessoas inteligentes, são os resultados das classes misturadas. O filho gerado por um Vaisya em uma mulher Kshatriya se torna um Vandi ou Magadha. Os deveres designados para ele são recitações eloquentes de louvor. O filho gerado por violação, por um Sudra em uma mulher Kshatriya, se torna um Nishada e os deveres designados para ele se referem à captura de peixes. Se acontece de um Sudra ter relacionamento com uma mulher Vaisya, o filho gerado nela vem a ser chamado de Ayogava. Os deveres designados para tal pessoa são aqueles de um Takshan (carpinteiro). Aqueles que são Brahmanas nunca devem aceitar presentes de tal pessoa. Eles não têm o direito de possuir qualquer tipo de riqueza. Pessoas pertencentes às classes misturadas geram em esposas obtidas das suas próprias castas filhos investidos com sua própria posição. Quando eles geram filhos em mulheres de castas que são inferiores às deles, tais filhos se tornam inferiores aos seus pais, pois eles se tornam investidos com a posição que pertence às suas mães. Dessa maneira com relação às quatro classes puras, os homens geram filhos investidos com sua própria posição em esposas das suas próprias classes como também naquelas que são das classes imediatamente abaixo das suas. Quando, no entanto, os descendentes são gerados em outras esposas, eles vêm a ser considerados como investidos com uma posição que está, principalmente, fora do âmbito das quatro classes puras. Quando tais filhos geram filhos em mulheres das suas próprias classes, aqueles filhos recebem a posição de seus pais. É somente quando eles tomam esposas de castas que não são as suas, que os filhos que eles geram vêm a ser investidos com posição inferior. Como um exemplo disto pode ser dito que um Sudra gera em uma mulher pertencente à classe mais superior um filho que está fora do âmbito das quatro classes (pois tal filho vem a ser considerado como um Chandala que é muito inferior). O filho que está fora do âmbito das quatro classes, por se unir com mulheres pertencentes às quatro classes principais, gera descendentes que são mais degradados a respeito de posição. Daqueles fora do âmbito das quatro classes e daqueles além disso que estão mais além daquele âmbito, filhos se multiplicam por causa da união de pessoas com mulheres de classes superiores às deles próprios. Desse modo, de pessoas de posição inferior surgem classes, ao todo quinze em número, que são igualmente inferiores ou ainda mais inferiores em posição. É somente da união sexual de mulheres com homens que não deveriam ter semelhante união com elas que as classes misturadas surgem. Entre as classes que estão assim fora do limite das quatro classes principais ou puras, crianças são geradas em mulheres pertencentes à classe chamada Sairindhri por homens da classe chamada Magadha. A ocupação de tal prole é o adorno dos corpos de reis e outros. Eles são bem familiarizados com a preparação de unguentos, a fabricação de guirlandas, e a fabricação de artigos usados para a decoração do corpo. Embora livres pela posição que se vincula a eles por

nascimento, eles ainda assim devem levar uma vida de serviço. Da união de Magadhas de certa classe com mulheres da casta chamada Sairindhri, surge outra casta chamada Ayogava. Sua ocupação consiste na fabricação de redes (para apanhar peixes e aves e animais de caça). Vaidehas, por se unirem com mulheres da casta Sairindhri, geram filhos chamados Maireyakas cuja ocupação consiste na fabricação de vinho e bebidas alcoólicas. Dos Nishadas surge uma casta chamada Madgura e outra conhecida pelo nome de Dasas cuja ocupação consiste em manejar barcos. Da Chandala surge uma casta chamada Swapaka cuja ocupação consiste em manter guarda sobre os mortos. As mulheres da casta Magadhi, por união com estas quatro castas de disposições pecaminosas, produzem quatro outras que vivem por praticar fraude. Estas são Mansa, Swadukara, Kshaudra, e Saugandha. Da Vaideha surge uma casta cruel e pecaminosa que vive por praticar fraude. Dos Nishadas além disso surge a casta Madranabha cujos membros são vistos dirigirem carros puxados por jumentos. Dos Chandalas surge a casta chamada Pukkasa cujos membros são vistos comerem a carne de jumentos, cavalos e elefantes. Estes se cobrem com os trajes obtidos por despir cadáveres humanos. Eles são também vistos comerem de artefatos de louça quebrados. (Panelas de barro quebradas são sempre rejeitadas. Elas às vezes são utilizadas por pessoas das classes inferiores). Estas três castas de posição muito baixa são nascidas de mulheres da casta Ayogava (por pais de castas diferentes). A casta chamada Kshudra surge da Vaidehaka. A casta chamada Andhra que toma sua residência nos arredores de cidades e municípios, também nasce (dos Vaidehakas). Então além disso o Charmakara, se unindo com uma mulher da casta Nishada, gera a classe chamada Karavara. Do Chandala também surge a casta conhecida pelo nome de Pandusaupaka cuja ocupação consiste em fazer cestos e outras coisas com bambus fendidos. Da união do Nishada com uma mulher da casta Vaidehi surge alguém que é chamado pelo nome de Ahindaka. O Chandala gera em uma mulher Saupaka um filho que não difere do Chandala em posição ou ocupação. Uma mulher Nishada, por união com um Chandala, dá à luz um filho que vive nos arredores de aldeias e cidades. De fato, os membros de tal casta vivem em crematórios e são considerados pelas próprias classes mais baixas como incapazes de figurar entre elas. Assim estas castas misturadas surgem de uniões impróprias e pecaminosas de pais e mães pertencentes a diferentes castas. Eles vivam escondidos ou publicamente, eles devem ser conhecidos por suas ocupações. Os deveres foram prescritos nas escrituras somente para as quatro classes principais. Com relação às outras as escrituras são totalmente silenciosas. Entre todas as classes, os membros daquelas castas que não têm deveres atribuídos para eles pelas escrituras, não precisam ter medo quanto ao que eles fazem (para ganhar seu sustento). Pessoas desacostumadas à realização ou para quem sacrifícios não foram prescritos, e que são privadas da companhia e das instruções dos justos contados entre as quatro classes principais ou fora de seu âmbito, por se unirem com mulheres de outras castas, levados não por considerações de virtude mas por luxúria descontrolada, fazem vir à existência numerosas classes misturadas cujas ocupações e residências dependem das circunstâncias ligadas com as uniões irregulares às quais elas devem sua origem. Tendo recorrido a locais onde quatro estradas se encontram, ou crematórios, ou colinas e montanhas, ou florestas e árvores, eles constroem suas habitações lá.

Os ornamentos que eles usam são feitos de ferro. Vivendo em tais lugares abertamente, eles se dirigem às suas próprias ocupações para ganhar seu sustento. Eles podem ser vistos vivendo dessa maneira, enfeitando seus corpos com ornamentos e empenhados na tarefa de fabricar diversos tipos de utensílios domésticos e outros. Sem dúvida, por ajudarem vacas e Brahmanas, e praticarem as virtudes de abstenção de crueldade, compaixão, veracidade de palavra, e perdão, e, se necessário for, por protegerem outros por sacrificarem suas próprias, pessoas das castas misturadas podem obter sucesso. Eu não tenho dúvida, ó chefe de homens, que estas virtudes se tornam as causas do sucesso delas. Aquele que possui inteligência, deve, levando tudo em consideração, gerar prole de acordo com as ordenanças das escrituras em uma mulher que seja declarada apropriada ou adequada para ele. Um filho gerado em uma mulher pertencente a uma casta degradada, em vez de resgatar o pai, traz aflição para ele assim como um peso pesado leva à aflição um nadador desejoso de cruzar água. Se acontece de um homem ser possuidor de erudição ou não, luxúria e ira são atributos naturais da humanidade neste mundo. Mulheres, portanto, podem sempre ser vistas arrastarem os homens para o caminho errado. Esta disposição natural das mulheres é tal que o contado do homem com ela é produtivo de miséria para ele. Então, homens possuidores de sabedoria não se permitem serem excessivamente apegados às mulheres.'"

"Yudhishthira disse, 'Há homens que pertencem às castas misturadas, e que são de nascimento muito impuro. Embora apresentando o aspecto de respeitabilidade, eles na realidade são indignos de respeito. Por causa destes aspectos externos nós podemos não saber a verdade sobre seu nascimento. Há alguns sinais, ó avô, pelos quais pode ser conhecida a verdade acerca da origem de tais homens?'"

49

"Bhishma disse, 'Uma pessoa que é nascida de uma união irregular apresenta diversos aspectos de disposição. A pureza de nascimento de alguém, além disso, é para ser averiguada a partir das ações dele que devem parecer com as ações daqueles que são evidentemente bons e justos. Um comportamento indigno de respeito, ações opostas àquelas declaradas nas escrituras, desonestidade e crueldade, e abstenção de sacrifícios e outras ações espirituais que levam ao mérito, proclamam a impureza de origem de uma pessoa. Um filho recebe a disposição do pai ou da mãe. Às vezes ele pega as disposições de ambos. Uma pessoa de nascimento impuro nunca pode conseguir ocultar sua verdadeira disposição. Como o filhote de um tigre ou de um leopardo parece com seu pai e mãe em forma e (a respeito de) suas listras de manchas, assim mesmo uma pessoa não pode exceto revelar a circunstância de sua origem. Embora possa estar encoberto o método da origem de alguém, se acontece de aquela origem ser impura, seu caráter ou disposição sem dúvida se manifesta levemente ou grandemente. Uma pessoa pode, para seus próprios propósitos, optar por trilhar um caminho insincero, mostrando tal conduta que parece ser virtuosa. Sua própria

disposição, no entanto, na questão daquelas ações que ele faz, sempre proclama se ele pertence a uma boa classe ou a uma diferente. Criaturas no mundo são dotadas de diversos tipos de disposição. Elas são, além disso, vistas estarem empenhadas em diversos tipos de ações. Entre as criaturas assim empenhadas, não há nada que seja tão bom ou precioso quanto o nascimento puro e conduta justa. Se uma pessoa for nascida em uma classe inferior, aquela boa compreensão que resulta de um estudo das escrituras fracassa em salvar seu corpo de atos inferiores. Bondade absoluta de compreensão pode ser de diferentes graus. Ela pode ser alta, mediana, ou baixa. Mesmo que ela apareça em uma pessoa de origem baixa, ela desaparece como nuvens outonais sem produzir quaisquer consequências. Por outro lado, aquela outra bondade de compreensão a qual, de acordo com sua medida, ordenou a posição na qual a pessoa nasceu, se revela em suas ações. (O sentido parece ser este: alguém que é de nascimento inferior deve permanecer inferior em disposição. Bondade absoluta pode surgir em seu coração, mas ela desaparece imediatamente sem produzir qualquer efeito. O estudo das escrituras, portanto, não pode elevar tal pessoa. Por outro lado, a bondade a qual de acordo com sua medida ordenou para alguém (1) a posição de humanidade e (2) a posição naquele estado, é vista se manifestar em seus atos.) Se acontece de uma pessoa pertencer a uma classe superior mas se acontece de ela ainda assim ser desprovida de bom comportamento, ela não deve receber respeito ou culto. Alguém pode adorar até um Sudra se acontece de ele ser conhecedor dos deveres e ser de boa conduta. Uma pessoa se proclama por seu próprio bem e ações e por sua disposição boa ou má e nascimento. Se acontece de a classe de nascimento de alguém ser degradada por alguma razão, ele logo a eleva e a faz resplandecente e famosa por suas próprias ações. Por estas razões aqueles que são dotados de sabedoria devem evitar aquelas mulheres, entre estas diversas castas misturadas ou puras, em quem eles não devem gerar descendência.'"

"Yudhishthira disse, 'Discurse para nós, ó majestade, sobre as ordens e classes separadamente, sobre os diferentes tipos de filhos gerados em diferentes tipos de mulheres, sobre a pessoa que tem direito a tê-los como filhos, e sobre sua posição em vida. É sabido que disputas com respeito a filhos surgem frequentemente. Cabe a ti, ó rei, resolver as dúvidas que tomaram posse das nossas mentes. De fato, nós estamos confusos com respeito a este assunto.'"

"Bhishma disse, 'O filho de um homem é considerado como o próprio homem. O filho que é gerado na esposa de alguém por uma pessoa que foi convidada para a tarefa, é chamado de Niruktaja. O filho que é gerado na esposa de alguém por alguém sem sua permissão, é Prasritaja. O filho gerado em sua própria esposa por uma pessoa decaída de sua posição é chamado de Patitaja. Há dois outros filhos, isto é, o filho dado, e o filho feito. Há outro chamado Adhyudha. (O filho gerado em uma moça por alguém que não se torna seu marido, e, nascido após o casamento dela, é considerado como pertencente não ao gerador mas ao marido.) O filho nascido de uma moça na casa de seu pai é chamado de Kanina. Além destes, há seis tipos de filhos chamados Apadhwansaja e seis outros que são

Apasadas. Estes são os vários tipos de filhos mencionados nas escrituras, saiba, ó Bharata!'"

"Yudhishthira disse, 'Quem são os seis que são chamados de Apadhwansajas? Quem também são os Apasadas? Cabe a ti explicar tudo isto para mim em detalhes.'"

"Bhishma disse, 'Os filhos que um Brahmana gera em esposas das três classes inferiores, aqueles gerados por um Kshatriya em esposas das duas classes inferiores à sua, ó Bharata, e os filhos que um Vaisya gera em uma esposa da única classe que é inferior à sua, são todos chamados de Apadhwansajas. Eles são, como assim explicado, de seis tipos. Ouça-me agora enquanto eu te digo quem são os Apasadas. O filho que um Sudra gera em uma mulher Brahmana é chamado de Chandala. Gerado em uma mulher Kshatriya por uma pessoa da classe Sudra, o filho é chamado de Vratya. Aquele que é nascido de uma mulher Vaisya com um pai Sudra é chamado de Vaidya. Estes três tipos de filhos são chamados de Apasadas. O Vaisya, por se unir com uma mulher da classe Brahmana, gera um filho que é chamado de Magadha, enquanto o filho que ele gera em uma mulher Kshatriya é chamado de Vamaka. O Kshatriya pode gerar somente um tipo de filho em uma mulher de uma classe superior. De fato, o filho gerado por um Kshatriya em uma mulher Brahmana é chamado de Suta. Estes três também são chamados de Apasadas. Não pode ser dito, ó rei, que estes seis tipos de filhos não são filhos.'"

"Yudhishthira disse, 'Alguns dizem que o filho de alguém é ele que é nascido no próprio solo. Alguns, por outro lado, dizem que o filho de alguém é ele que foi gerado da própria semente. Ambos estes tipos de filhos são iguais? De quem, além disso, é para ser o filho? Diga-me isto, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'O filho é daquele de cuja semente ele surgiu. Se, no entanto, o dono da semente abandona o filho nascido dela, tal filho então vem a ser daquele em cuja esposa ele foi gerado. A mesma regra se aplica ao filho chamado Adhyudha. Ele pertence à pessoa de cuja semente ele tomou seu nascimento. Se, no entanto, o dono da semente o abandona, ele se torna o filho do marido de sua mãe. Saiba que isto mesmo é o que a lei declara.'" (Tal filho se torna a propriedade do marido da mãe e não de seu gerador. Se, no entanto, o gerador expressa o desejo de tê-lo e criá-lo, ele deve ser considerado como do gerador. O princípio sobre o qual ele se torna o filho do marido da mãe é que o gerador se esconde e nunca deseja tê-lo.)

"Yudhishthira disse, 'Nós sabemos que o filho se torna dele de cuja semente ele teve nascimento. De onde o marido da mulher que dá à luz o filho deriva seu direito ao último? Similarmente, o filho chamado Adhyudha deve ser reconhecido como filho daquele de cuja semente ele surgiu. Como eles podem ser filhos de outros por razões do compromisso sobre possuí-los e criá-los ter sido rompido?'"

"Bhishma disse, 'Aquele que tendo gerado um filho o abandona por alguma razão ou outra não pode ser considerado como o pai de tal filho, pois só a semente vital não pode criar a condição de filho. Tal filho deve ser considerado

como pertencente à pessoa que possui o solo. Quando um homem, desejando ter um filho, se casa com uma moça grávida, o filho nascido de sua esposa deve pertencer a ele, pois ele é o fruto do seu próprio solo. A pessoa de cuja semente vital o filho surgiu não pode ter direito a tal filho. O filho que é nascido em seu solo, mas não gerado pelo dono, ó chefe da linhagem de Bharata, carrega todos os sinais do pai que realmente o gerou (e não os sinais de alguém que é somente o marido de sua mãe). O filho assim nascido é incapaz de ocultar as evidências que a fisionomia oferece. Ele é imediatamente reconhecido pela visão (como pertencente a outro). Com relação ao filho feito, ele às vezes é considerando como filho da pessoa que fez dele um filho e assim o cria. Em seu caso, nem a semente vital da qual ele é nascido nem o solo no qual ele nasceu se tornam a causa da condição de filho.'"

"Yudhishthira disse, 'Que tipo de filho é aquele que é citado como sendo feito um filho, e cuja condição de filho resulta do fato de ele ter sido pego e criado, e em cujo caso nem a semente vital nem o solo do nascimento, ó Bharata, são considerados como a causa da condição de filho?'"

"Bhishma disse, 'Quando uma pessoa adota e cria um filho que foi abandonado no caminho por seu pai e mãe, e quando a pessoa que assim o pega e cria fracassa em descobrir seus pais depois de busca, ele se torna o pai de tal filho e o último vem a ser aquele que é chamado seu filho feito. Não tendo alguém para possuí-lo, ele vem a ser possuído por aquele que o cria. Tal filho, além disso, vem a ser considerado como pertencente àquela classe à qual seu dono ou criador pertence.'"

"Yudhishthira disse, 'Como os ritos purificatórios de tal pessoa devem ser realizados? Em cujo caso qual tipo de ritos devem ser realizados? Com qual moça ele deve ser casado? Diga-me tudo isso, ó avô!"

"Bhishma disse, 'Os ritos de purificação referentes a tal filho devem ser realizados em conformidade com o costume da própria pessoa que o cria, pois, rejeitado por seus pais, tal filho obtém a classe da pessoa que o adota e o cria. De fato, ó tu de glória imperecível, o criador deve realizar todos os ritos purificatórios com relação àquele filho de acordo com as práticas da própria família e parentes do criador. Com respeito à moça também, ó Yudhishthira, que deve ser entregue em casamento para tal filho, ela pertence à classe do próprio criador. Tudo isso é para ser feito somente quando a classe da mãe verdadeira do filho não pode ser averiguada. Entre filhos, aquele que é nascido de uma moça e aquele que é nascido de uma mãe que tinha concebido antes de seu casamento mas que deu à luz posteriormente a este são considerados como muito vergonhosos e degradados. Aqueles dois, no entanto, devem receber os mesmos ritos de purificação que são prescritos para os filhos gerados pelo pai em matrimônio legal. Com respeito ao filho que se torna do seu pai por causa de seu nascimento no solo do pai e daqueles filhos que são chamados de Apasadas e, aqueles concebidos pela esposa em sua juventude mas dados à luz depois do casamento, Brahmanas e outros devem aplicar os mesmos ritos de purificação aprovados para suas próprias classes. Estas são as conclusões que são encontradas nas

escrituras com respeito às diferentes classes. Eu assim te disse tudo concernente às tuas perguntas. O que mais tu desejas saber?'"

50

"Yudhishthira disse, 'Qual é a natureza da compaixão ou piedade que é sentida à visão da dor de outros? Qual é a natureza daquela compaixão ou empatia que alguém sente por outro por viver na companhia daquele outro? Qual é a natureza (e grau) da sublime bem-aventurança que se atribui às vacas? Cabe a ti, ó avô, explicar tudo isso para mim.'"

"Bhishma disse, 'Eu irei, em relação a isto, ó tu de grande refulgência, contar para ti uma antiga narrativa de uma conversa entre Nahusha e o Rishi Chyavana. Antigamente, ó chefe da linhagem de Bharata, o grande Rishi Chyavana da linhagem de Bhrigu, sempre cumpridor de votos superiores, ficou desejoso de levar por algum tempo o modo de vida chamado Udavasa e se dirigiu para iniciá-lo. Rejeitando orgulho e ira e alegria e dor, o asceta, se empenhando para cumprir aquele voto, se dirigiu para viver por doze anos de acordo com as regras de Udavasa. O Rishi inspirou todas as criaturas com uma confiança feliz. E ele inspirou uma confiança similar em todas as criaturas que viviam na água. O asceta pujante parecia com a própria Lua em seu comportamento para com todos. Reverenciando todas as divindades e tendo se purificado de todos os pecados, ele entrou na água na confluência do Ganga e do Yamuna, e permaneceu lá como uma estaca inanimada de madeira. Colocando sua cabeça contra ela, ele suportou a correnteza violenta e estrondosa dos dois rios unidos, a corrente cuja velocidade parecia com aquela do próprio vento. O Ganga e o Yamuna, no entanto, e as outras correntes e lagos, cujas águas se unem na confluência em Prayaga, em vez de afligirem o Rishi, passaram por ele (para lhe mostrar respeito). Assumindo a atitude de uma estaca de madeira, o grande Muni às vezes se deitava na água e dormia à vontade. E às vezes, ó chefe da linhagem de Bharata, o sábio inteligente permanecia em uma postura ereta. Ele se tornou muito agradável para todas as criaturas que viviam na água. Sem o menor medo, todas estas costumavam cheirar os lábios do Rishi. Dessa maneira, o Rishi passou muito tempo naquela grandiosa confluência de águas. Um dia alguns pescadores foram lá. Com redes em suas mãos, ó tu de grande refulgência, aqueles homens chegaram àquele local onde o Rishi estava. Eles eram muitos em número e todos eles estavam decididos a apanhar peixes. Bem formados e de peitos largos, dotados de grande força e coragem e nunca voltando por medo da água, aqueles homens que viviam dos lucros por meio de suas redes foram para aquele local, decididos a capturar peixes. Chegando à água que continha muitos peixes, aqueles pescadores, ó chefe dos Bharatas, amarraram todas as suas redes juntas. Desejosos de peixes, aqueles Kaivartas, muitos em numero, se uniram e cercaram uma parte da água do Ganga e do Yamuna com suas redes. De fato, eles então lançaram na água sua rede que era feita de cordas novas, capazes de cobrir um espaço grande, e dotada de comprimento e largura suficientes. Todos eles, chegando à água, então começaram a arrastar com grande força aquela sua rede que era muito grande e

que tinha sido bem espalhada por um amplo espaço. Todos eles eram livres de medo, alegres, e totalmente resolvidos a executarem as ordens dos outros. Eles tinham conseguido enredar um grande número de peixes e outros animais aquáticos. E enquanto eles arrastaram sua rede, ó rei, eles facilmente arrastaram Chyavana, o filho de Bhrigu, junto com um grande número de peixes. Seu corpo estava coberto com o musgo do rio. Sua barba e madeixas emaranhadas tinham se tornado verdes. E por todo o seu corpo podiam ser vistos conchas e outros moluscos ligados com suas cabeças. Contemplando aquele Rishi que era bom conhecedor dos Vedas arrastado por eles da água, todos os pescadores permaneceram com palmas unidas e então se prostraram no chão e repetidamente inclinaram suas cabeças. Por medo e dor causados pelo arrasto da rede, e por serem trazidos para a terra, os peixes envolvidos na rede perderam suas vidas. O asceta, vendo aquela grande matança de peixes, encheu-se de compaixão e suspirou repetidamente.'"

"Os pescadores disseram, 'Nós cometemos este pecado (de arrastar teu corpo sagrado da água) por ignorância. Fique satisfeito conosco! Qual desejo teu nós realizaremos? Comande-nos, ó grande asceta!'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por eles, Chyavana, dentre aquela pilha de peixes ao redor dele, disse, 'Com atenção concentrada ouçam qual é meu maior desejo. Eu devo ou morrer com estes peixes ou vocês me venderão com eles. Eu tenho vivido com eles por muito tempo dentro da água. Eu não desejo abandoná-los em tal momento.' Quando ele disse estas palavras para eles, os pescadores ficaram extremamente apavorados. Com rostos pálidos eles se dirigiram ao rei Nahusha e o informaram de tudo o que tinha acontecido.'"

51

"Bhishma disse, 'O rei Nahusha, sabendo da condição à qual Chyavana estava reduzido, foi rapidamente para aquele local acompanhado por seus ministros e sacerdote. Tendo se purificado devidamente, o rei, com palmas unidas e atenção concentrada, apresentou-se para Chyavana de grande alma. O sacerdote do rei então adorou com as devidas cerimônias aquele Rishi, ó monarca, que era cumpridor do voto de verdade e dotado de uma grande alma, e que parecia com um deus (em esplendor e energia).'"

"Nahusha disse, 'Diga-me, ó melhor das pessoas regeneradas, qual ação nós devemos fazer que possa ser agradável para ti? Por mais que aquela ação seja difícil, não há nada, ó santo, que eu não possa fazer para cumprir tua ordem.'"

"Chyavana disse, 'Esses homens que vivem por capturar peixes estão todos esgotados pelo trabalho. Pague a eles o preço que possa ser colocado sobre mim junto com o valor destes peixes.'"

"Nahusha disse, 'Que meu sacerdote dê a estes Nishadas mil moedas como um preço para comprar este venerável como ele mesmo ordenou.'"

"Chyavana disse, 'Mil moedas não podem representar meu preço. A questão depende de sua discriminação. Dê a eles um valor justo, determinando com tua própria inteligência qual ele deve ser.'"

"Nahusha disse, 'Que, ó Brahmana erudito, cem mil moedas sejam dadas para estes Nishadas. Este será teu preço, ó santo, ou tu pensas de outra maneira?'"

"Chyavana disse, 'Eu não devo ser comprado por cem mil moedas, ó melhor dos monarcas! Que um preço apropriado seja dado a eles. Consulte com teus ministros.'"

"Nahusha disse, 'Que meu sacerdote dê para estes Nishadas um crore de moedas. Se mesmo isto não representar teu preço, que mais seja pago para eles.'"

"Chyavana disse, 'Ó rei, eu não mereço ser comprado por um crore de moedas ou até mais. Que seja dado para aqueles homens o preço que seria justo ou apropriado. Consulte com os Brahmanas.'"

"Nahusha disse, 'Que metade do meu reino ou até mesmo todo ele seja dado para estes Nishadas. Eu penso que representaria teu preço. O que, no entanto, tu pensas, ó regenerado?'"

"Chyavana disse, 'Eu não mereço ser comprado com metade do teu reino ou mesmo com ele inteiro, ó rei! Que o preço que é apropriado seja dado para estes homens. Consulte com os Rishis.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras do grande Rishi, Nahusha ficou aflito com grande angústia. Com seus ministros e sacerdote ele começou a deliberar sobre o caso. Lá então se aproximou do rei Nahusha um asceta que vivia nas florestas e subsistia de frutas e raízes e nascido de uma vaca. Aquela melhor das pessoas regeneradas, dirigindo-se ao monarca, ó rei, disse estas palavras, 'Eu logo te alegrarei. O Rishi também será satisfeito. Eu nunca falarei uma mentira, não, nem de brincadeira, o que dizer então de outras ocasiões? Tu deves, sem qualquer escrúpulo, fazer o que eu te ordeno.'"

"Nahusha disse, 'Ó ilustre, diga qual é o preço daquele grande Rishi da linhagem de Bhrigu. Ó, salve-me desta situação terrível, salve meu reino, e salve minha família! Se o santo Chyavana ficar zangado, ele destruirá os três mundos, o que dizer então da minha pobre pessoa que é desprovida de penitências e que depende somente do poder de seu braço? Ó grande Rishi, torne-te o barco para nós todos que caímos em um oceano insondável com todos os nossos conselheiros e nosso sacerdote! Determine qual deve ser o preço do Rishi.'"

"Bhishma disse, 'Ouvindo estas palavras de Nahusha, o asceta nascido de uma vaca e dotado de grande energia falou dessa maneira, alegrando o monarca e todos os seus conselheiros, 'Os Brahmanas, ó rei, pertencem à principal das quatro classes. Nenhum valor, embora grandioso, pode ser colocado sobre eles. Vacas também são inestimáveis. Portanto, ó chefe de homens, considere uma vaca como o valor do Rishi.' Ouvindo estas palavras do grande Rishi, Nahusha, ó

rei, ficou cheio de alegria junto com todos os seus conselheiros e sacerdote. Procedendo então à presença do filho de Bhrigu, Chyavana, de votos rígidos, ele se dirigiu a ele dessa forma, ó monarca, para satisfazê-lo com toda a sua habilidade.'"

'Nahusha disse, 'Levante, levante, ó Rishi regenerado, tu foste comprado, ó filho de Bhrigu, com uma vaca como teu preço. Ó principal das pessoas justas, este mesmo, eu penso, é teu preço.'"

"Chyavana disse, 'Sim, ó rei de reis, eu me levanto. Eu fui devidamente comprado por ti, ó impecável! Eu, ó tu de glória imorredoura, não vejo alguma riqueza que seja igual às vacas. Falar de vacas, ouvir outros falarem delas, fazer doações de vacas, e ver vacas, ó rei, são atos que são todos elogiados, ó herói, e que são altamente auspiciosos e purificadores de pecados. A vaca é sempre a base da prosperidade. Não há imperfeição nas vacas. As vacas sempre fornecem o melhor alimento, na forma de Havi, para as divindades. Os Mantras sagrados, Swaha e Vashat, estão sempre estabelecidos nas vacas. As vacas são as principais condutoras de sacrifícios. Elas constituem a boca do sacrifício. Elas carregam e produzem o néctar excelente que dá força. Elas recebem o culto de todos os mundos e são consideradas como a fonte de néctar. Sobre a terra, as vacas parecem com fogo em energia e forma. Na verdade, as vacas representam a maior energia, e são as concessoras de grande felicidade para todas as criaturas. Aquele país onde vacas, estabelecidas por seus donos, respiram destemidamente, brilha em beleza. Os pecados, também, daquele país são todos purificados. Vacas constituem as escadas que levam ao céu. Vacas são adoradas no próprio céu. Vacas são as deusas que são competentes para dar tudo e conceder todos os desejos. Não há nada mais no mundo que se seja tão elevado ou tão superior!'" (Não há imperfeição nas vacas, etc., e vacas são como fogo, etc. A idéia Hindu é que vacas são purificadoras e santificadoras. Os Rishis descobriram que o magnetismo da vaca é algo que é possuidor de virtudes extraordinárias. Dê o mesmo tipo de alimento para uma vaca e um cavalo. O esterco do cavalo emite um mau cheiro insalubre, enquanto o esterco da vaca é um desinfetante eficaz. A ciência ocidental ainda não dirigiu sua atenção para o assunto, mas há pouca dúvida que a urina e esterco da vaca possuem inúmeras virtudes.)

"Bhishma continuou, 'Isto mesmo é o que eu digo para ti sobre o assunto da glória e superioridade das vacas, ó chefe da linhagem de Bharata. Eu sou competente para proclamar somente uma parte dos méritos que se atribuem às vacas. Eu não tenho a habilidade para esgotar o assunto!'"

"Então os Nishadas disseram, 'Ó asceta, tu nos viste e tu também falaste conosco. É dito que amizade com aqueles que são bons depende somente de sete palavras. (Por falarem somente sete palavras ou caminharem somente sete passos juntos, duas pessoas, se elas são boas, se tornam amigas.) Então, ó senhor, mostre-nos tua benevolência. O fogo sacrifical come todas as oblações de manteiga clarificada derramadas sobre ele. De alma justa e possuidor de energia, tu és um fogo ardente em energia entre homens. Nós te conciliamos, ó tu de

grande erudição! Nós nos rendemos a ti. Para nos mostrar generosidade, aceite de volta de nós esta vaca.'"

"Chyavana disse, 'O olhar de uma pessoa que é pobre ou que caiu em angústia, o olhar de um asceta, ou o olhar de uma cobra de veneno virulento, consome um homem com suas próprias raízes, assim como um fogo que, queimando com a ajuda do vento, consome uma pilha de grama seca ou palha. Eu aceitarei a vaca que vocês desejam me presentear. Vocês pescadores, livre de todo pecado, vão para o céu sem qualquer demora, com estes peixes também que vocês pegaram com suas redes.'"

"Bhishma continuou, 'Depois disto, pela energia do grande Rishi de alma purificada, aqueles pescadores junto com todos aqueles peixes pela virtude daquelas palavras que ele tinha proferido procederam para o céu. O rei Nahusha, vendo os pescadores ascendendo para o céu com aqueles peixes em sua companhia, ficou muito admirado, ó chefe da linhagem de Bharata. Depois disto, os dois Rishis, isto é, aquele nascido de uma vaca e o outro que era Chyavana da linhagem de Bhrigu, alegraram o rei Nahusha por lhe concederem muitas bênçãos. Então o rei Nahusha de grande energia, aquele senhor de toda a terra, cheio de alegria, ó melhor dos Bharatas, disse, 'Suficiente!' Como um segundo Indra, o chefe dos celestiais, ele aceitou a bênção a respeito de sua própria firmeza em virtude. Os Rishis tendo dado a bênção a ele, o rei encantado adorou ambos com grande reverência. Com relação a Chyavana, seu voto estando concluído, ele voltou para seu próprio retiro. O Rishi que tinha tido seu nascimento de uma vaca, e que era dotado de grande energia, também procedeu para seu próprio retiro. Os Nishadas todos ascenderam para o céu como também os peixes que eles tinham capturado, ó monarca. O rei Nahusha, também, tendo obtido aquelas bênçãos valiosas, entrou em sua própria cidade. Eu assim, ó filho, te disse tudo a respeito do que tu me perguntaste. A afeição que é gerada somente pela visão de outros como também pelo fato de se viver com eles, ó Yudhishthira, e a grande bem-aventurança das vacas, e a averiguação da justiça verdadeira, são os tópicos sobre os quais eu tenho falado. Diga-me, ó herói, o que mais está no teu peito.'"

52

"Yudhishthira disse, 'Ó tu de grande sabedoria, eu tenho uma dúvida que é muito grande e que é tão vasta quanto o próprio oceano. Escute-a, ó poderosamente armado, e tendo sabido qual ela é, cabe a ti esclarecê-la para mim. Eu tenho uma grande curiosidade com respeito ao filho de Jamadagni, ó senhor, isto é, Rama, aquela principal de todas as pessoas justas. Cabe a ti satisfazer esta curiosidade. Como nasceu Rama que era dotado de bravura incapaz de ser frustrada? Ele pertencia por nascimento a uma linhagem de Rishis regenerados. Como ele se tornou um seguidor das práticas Kshatriya? Então, ó rei, conte para mim em detalhes as circunstâncias do nascimento de Rama. Como também um filho da linhagem de Kusika que era Kshatriya tornou-se um Brahmana? Grandiosa, sem dúvida, era a força de Rama de grande alma, ó chefe

de homens, como também de Viswamitra. Por que o neto de Richika em vez de seu filho tornou-se um Kshatriya em conduta? Por que também o neto de Kusika e não seu filho tornou-se um Brahmana? Por que tais incidentes desfavoráveis alcançaram os netos de ambos, em vez de seus filhos? Cabe a ti explicar a verdade a respeito destas circunstâncias.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada uma velha história da conversa entre Chyavana e Kusika, O Bharata! Dotado de grande inteligência, Chyavana da linhagem de Bhrigu, aquele melhor dos ascetas contemplou (com sua visão espiritual) a mácula que afetaria sua própria linhagem (por um descendente dele se tornar dedicado à prática Kshatriya). Refletindo sobre os méritos e faltas daquele incidente, como também sua força e fraqueza, Chyavana dotado de riqueza de ascetismo ficou desejoso de consumir a linhagem dos Kusikas (pois era daquela linhagem que a mácula das práticas Kshatriya iria, ele soube, afetar sua própria linhagem). Dirigindo-se então à presença do rei Kusika, Chyavana disse a ele, 'Ó impecável, surgiu no meu coração o desejo de morar contigo por algum tempo.'"

"Kusika disse, 'Ó santo, residência junto é uma ação que os eruditos ordenam para moças quando estas são entregues em casamento. Aqueles que são dotados de sabedoria sempre falam da prática em tal relação somente. Ó Rishi dotado de riqueza de ascetismo, a residência a qual tu procuras comigo não é sancionada pela ordenança. Ainda assim, embora oposta aos ditames do dever e virtude, eu farei aquilo que tu possas estar satisfeito em ordenar.'"

"Bhishma continuou, 'Ordenando que um assento fosse colocado para o grande asceta Chyavana, o rei Kusika, acompanhado por sua esposa, permaneceu na presença do asceta. Trazendo um pequeno jarro de água, o rei lhe ofereceu água para lavar seus pés. Ele então, através de seus empregados, fez serem realizados devidamente todos os ritos em honra de seu convidado de grande alma. Kusika de grande alma, que era cumpridor de restrições e votos, então ofereceu alegremente, segundo as formas devidas, os ingredientes consistindo em mel e as outras coisas, para o grande Rishi e o induziu a aceitar os mesmos. Tendo recebido e honrado o Brahmana erudito dessa maneira, o rei mais uma vez se dirigiu a ele e disse, 'Nós dois esperamos tuas ordens! Ordene-nos o que nós devemos fazer por ti, ó santo! Se é nosso reino ou riqueza ou vacas, ó tu votos rígidos, ou todos os artigos que são dados em sacrifícios, os quais tu necessita, nos diga a ordem, e nós te daremos tudo! Este palácio, o reino, este assento de justiça, esperam tua vontade. Tu és o senhor de tudo isto! Governe a terra! Com relação a mim mesmo, eu sou totalmente dependente de ti.' Endereçado nestas palavras pelo rei, Chyavana da linhagem de Bhrigu, cheio de grande satisfação, disse para Kusika estas palavras em resposta.'"

"Chyavana disse, 'Eu, ó rei, não cobiço teu reino, nem tua riqueza, nem as donzelas que tu tens, nem teu gado, nem tuas províncias, nem artigos necessários para sacrifícios. Ouça-me. Se agradar a ti e tua esposa, eu começarei a cumprir um certo voto. Eu desejo que tu e tua esposa me sirvam durante aquele período sem quaisquer escrúpulos.' Assim endereçados pelo Rishi, o rei e a rainha se

encheram de alegria, ó Bharata, e responderam a ele dizendo, 'Assim seja, ó Rishi!' Encantado com as palavras do Rishi, o rei o conduziu para um apartamento do palácio. Ele era excelente, agradável de se ver. O rei lhe mostrou tudo naquele quarto. E o rei disse, 'Esta, ó santo, é tua cama. Viva aqui como quiseres! Ó tu que és dotado de riqueza de ascetismo, eu mesmo e minha rainha nos esforçaremos o melhor que pudermos para te dar toda a comodidade e todo o prazer.' Enquanto eles estavam assim conversando um com o outro, o sol passou pelo meridiano. O Rishi mandou o rei lhe trazer comida e bebida, e o rei Kusika, curvando-se para o Rishi, o questionou, dizendo, 'Qual tipo de alimento é agradável para ti? Qual comida, de fato, deve ser trazida para ti?' Cheio de deleite, o Rishi respondeu para aquele governante de homens, ó Bharata, dizendo, 'Que o alimento que é apropriado seja dado para mim.' Recebendo estas palavras com respeito, o rei disse, 'Assim seja' e então ofereceu para o Rishi alimento do tipo apropriado. Tendo terminado suas refeições, o santo Chyavana, conhecedor de todos os deveres, se dirigiu ao rei e à rainha, dizendo, 'Eu desejo dormir. Ó pujante, o sono me estorva agora.' Procedendo então para um quarto que tinha sido preparado para ele, aquele melhor dos Rishis então se deitou sobre uma cama. O rei e a rainha se sentaram. O Rishi disse a eles, 'Enquanto eu dormir, não me despertem. Mantenham-se despertos e pressionem continuamente meus pés enquanto eu durmo.' Sem o menor escrúpulo, Kusika, familiarizado com todos os deveres, disse, 'Assim seja'. De fato, o rei e a rainha se mantiveram despertos a noite inteira, devidamente dedicados a cuidarem e servirem o Rishi da maneira indicada. O casal real, ó monarca, cumpriu a ordem do Rishi com seriedade e atenção. Enquanto isso o Brahmana santo, tendo assim dado suas ordens para o rei, dormiu profundamente, sem mudar sua posição ou se virar nem uma vez, por um espaço de vinte e um dias. O rei, ó alegrador dos Kurus, privando-se de todo alimento, junto com sua esposa, ficou sentado alegremente o tempo inteiro dedicado a cuidar e servir ao Rishi. No término de vinte e um dias, o filho de Bhrigu se levantou por sua própria vontade. O grande asceta então saiu do quarto, sem abordá-los em absoluto. Famintos e cansados de trabalhar, o rei e a rainha o seguiram, mas aquele principal dos Rishis não se dignou lançar um único olhar para algum deles. Procedendo um caminho curto, o filho de Bhrigu desapareceu à própria vista do casal real (fazendo-se invisível por seu poder-Yoga). Nisto, o rei, tomado pela aflição, caiu no chão. Confortado, ele ergueu-se logo, e acompanhado por sua rainha, ó monarca, possuidor de grande esplendor, começou a procurar pelo Rishi em todos os lugares.'"

53

"Yudhishthira disse, 'Depois que o Rishi tinha desaparecido, o que fez o rei e o que também fez sua esposa altamente abençoada? Diga-me isto, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Tendo perdido o Rishi de vista, o rei, tomado pela vergonha, esgotado e perdendo seus sentidos, voltou para seu palácio, acompanhado por sua rainha. Entrando em sua mansão com uma disposição triste, ele não falou uma palavra com ninguém. Ele pensava somente naquele comportamento de

Chyavana. Com um coração desesperado ele então procedeu para seu quarto. Lá ele viu o filho de Bhrigu esticado como antes em sua cama. Vendo o Rishi lá, eles ficaram muito surpresos. De fato, eles começaram a refletir sobre aquele incidente muito estranho. A visão do Rishi dissipou sua fadiga. Tomando seus assentos mais uma vez ao lado dele, eles se puseram novamente a pressionar suavemente seus pés como antes. Enquanto isso, o grande asceta continuou a dormir profundamente como antes. Só que agora ele se deitou do outro lado. Dotado de grande energia, ele assim passou outro período medido por vinte e um dias. Agitado por seus medos, o par real não demonstrou mudança em sua atitude ou sentimento em direção ao Rishi. Despertando então de seu sono, o asceta se dirigiu ao rei e à rainha, dizendo, 'Esfreguem meu corpo com óleo, eu desejo tomar um banho.' Embora estivessem famintos e esgotados eles assentiram prontamente, e logo se aproximaram do Rishi com um óleo caro que tinha sido preparado por ser fervido por uma centena de vezes. Enquanto o Rishi estava sentado à vontade, o rei e a rainha, reprimindo as palavras, continuaram a esfregá-lo. Dotado de grande mérito ascético o filho de Bhrigu nem uma vez proferiu a palavra ‘Suficiente.’ O filho de Bhrigu, no entanto, viu que o casal real estava totalmente impassível. Levantando-se de repente, ele entrou no quarto de banho. Os diversos artigos necessários para um banho e tais como os que eram adequados para o uso de um rei estavam preparados lá. Sem honrar, no entanto, algum daqueles artigos por se apropriar deles para seu uso, o Rishi uma vez mais desapareceu imediatamente por seu poder-Yoga, na própria vista do rei Kusika (e sua esposa). Isto, no entanto, ó chefe dos Bharatas, fracassou em perturbar a equanimidade do casal real. Na próxima vez o Rishi pujante foi visto sentado, depois de um banho, no trono. De fato, foi daquele local que ele então se mostrou ao rei e à rainha, ó alegrador dos Kurus. Com um rosto alegre, o rei Kusika, junto com sua esposa, então ofereceu ao Rishi alimento cozido com grande reverência. Dotado de sabedoria, e com o coração totalmente impassível, Kusika fez esta oferta. 'Que a comida seja trazida', foram as palavras que foram então proferidas pelo asceta. Ajudado por sua esposa, o rei logo levou a comida para lá. Havia diversos tipos de carne e diferentes preparativos dela também. Havia também uma grande variedade de vegetais e ervas cozidas em conserva. Havia bolos suculentos também entre aquelas iguarias, e vários tipos agradáveis de confeitos, e preparações sólidas de leite. De fato, as iguarias oferecidas apresentavam diferentes tipos de gosto. Entre elas havia também algum alimento, os produtos da selva, tais como ascetas gostavam e aceitavam. Diversos tipos agradáveis de frutas, boas para serem comidas por reis, também havia lá. Havia Vadaras e Ingudas e Kasmaryas e Bhallatakas. De fato, a comida foi oferecida continha coisas tais como as que eram aceitas por habitantes da selva. Por medo da maldição do Rishi, o rei tinha feito todos os tipos de alimento serem reunidos e cozidos para seu convidado. Todo aquele alimento, trazido da cozinha, foi colocado à frente de Chyavana. Um assento foi também colocado para ele e uma cama também foi estendida. As iguarias foram então feitas serem cobertas com tecidos brancos. Logo, no entanto, Chyavana da linhagem de Bhrigu pôs fogo em todas as coisas e as reduziu a cinzas. Possuidor de grande inteligência, o par real não demonstrou raiva por esta conduta do Rishi, que mais uma vez depois disto se fez invisível perante os próprios olhos do rei e da rainha. O sábio nobre Kusika

então permaneceu lá na mesma postura a noite inteira, com sua esposa ao seu lado, e sem falar uma palavra. Dotado de grande prosperidade, ele não cedeu à ira. Todos os dias, comida boa e pura de diversos tipos, camas excelentes, artigos abundantes necessários para banho, e tecidos de vários tipos, eram reunidos e mantidos preparados no palácio para o Rishi. De fato, Chyavana fracassou em notar qualquer falha na conduta do rei. Então o Rishi regenerado, dirigindo-se ao rei Kusika, disse para ele, 'Tu com tua esposa, unam-se a um carro e me carreguem nele para qualquer lugar que eu indique.' Sem o menor escrúpulo, o rei respondeu para Chyavana dotado de riqueza de ascetismo, dizendo, 'Assim seja!' e ele em seguida questionou o Rishi, perguntando, ‘Qual carro eu devo trazer? Deverá ser meu carro de divertimento para fazer jornadas de divertimento, ou será meu carro de batalha?’ Assim endereçado pelo encantado e contente monarca, o asceta disse a ele, 'Equipe prontamente aquele teu carro com o qual tu penetras em cidades hostis. De fato aquele teu carro de batalha, com todas as armas, com seu estandarte e bandeiras, seus dardos e lanças e colunas e postes dourados, deve ser aprontado. Seu estrépito parece com o tilintar de sinos. Ele é adornado com numerosos arcos feitos de ouro puro. Ele está sempre equipado com armas superiores e excelentes contadas às centenas!' O rei disse, 'Assim seja' e logo fez seu grande carro de batalha ser equipado. E ele uniu sua esposa à esquerda dele e a si mesmo à direita. E o rei colocou no carro, entre seus outros equipamentos, a aguilhada que tinha três alças e uma ponta ao mesmo tempo tão dura quanto o raio e afiada como a agulha. Tendo colocado tudo o que era necessário sobre o carro, o rei disse para o Rishi, 'Ó santo, para onde o carro deve proceder? Ó, que o filho de Bhrigu emita sua ordem! Este carro procederá para o lugar ao qual tu possas estar satisfeito em indicar.' Assim endereçado o homem santo respondeu ao rei, dizendo, 'Que o carro saia daqui, arrastado lentamente, passo a passo. Obedientes à minha vontade, procedam vocês dois de tal maneira que eu não possa sentir alguma fadiga, eu devo ser carregado agradavelmente, e que todo o teu povo veja este progresso que eu faço por seu meio. Não deixe que alguma pessoa que venha a mim, enquanto eu procedo pela estrada, seja afugentada. Eu farei presentes de riqueza para todos. Para aqueles entre os Brahmanas que possam se aproximar de mim no caminho, eu concederei seus desejos e entregarei para todos jóias e riqueza sem limite. Que tudo isso seja realizado, ó rei, e não nutra quaisquer escrúpulos.' Ouvindo estas palavras do Rishi, o rei convocou seus empregados e disse, 'Vocês devem, sem qualquer medo, doar o que quer que o asceta ordene.' Então pedras preciosas e jóias em abundância, e mulheres belas, e pares de ovelhas, e ouro cunhado e não cunhado, e elefantes enormes parecendo com colinas ou topos de montanha, e todos os ministros do rei, começaram a seguir o Rishi quando ele foi conduzido naquele carro. Gritos de 'Oh' e 'Ai' ergueram-se de todas as partes da cidade a qual estava mergulhada em angústia àquela visão extraordinária. E o rei e a rainha foram subitamente golpeados pelo Rishi com aquela aguilhada equipada com ponta afiada. Embora golpeados dessa maneira nas costas e nas faces, o casal real ainda assim não demonstrou sinal de agitação. Por outro lado, eles continuaram a carregar o Rishi como antes. Tremendo da cabeça aos pés, pois nenhum alimento tinha passado por seus lábios por cinquenta noites, e extremamente fraco, o casal heróico de alguma maneira conseguiu arrastar aquele carro excelente. Repetidamente e

profundamente cortados pela aguilhada, o par real ficou coberto de sangue. De fato, ó monarca, eles então pareciam com um par de árvores Kinsuka na estação florescente. Os cidadãos, vendo a situação à qual seu rei e rainha tinham sido reduzidos, ficaram afligidos com grande dor. Cheios de medo pela probabilidade da maldição do Rishi, eles se mantiveram silenciosos sob sua tristeza. Reunindo-se em grupos eles disseram uns para os outros, 'Veja o poder das penitências! Embora todos nós estejamos zangados, nós ainda assim somos incapazes de olhar para o Rishi! Grande é a energia do Rishi santo de alma purificada! Vejam também a resistência do rei e de sua nobre esposa! Embora desgastados com esforço e fome, eles ainda estão carregando o carro!' O filho de Bhrigu, apesar da miséria que ele causou para Kusika e sua rainha, fracassou em notar qualquer sinal de descontentamento ou agitação neles.'"

"Bhishma continuou, 'O perpetuador da linhagem de Bhrigu vendo o rei e a rainha totalmente inalterados, começou a doar em grande medida (riqueza obtida da tesouraria do rei) como se ele fosse um segundo Senhor dos Tesouros. Por este ato também, o rei Kusika não demonstrou sinal de descontentamento. Ele fez como o Rishi mandou (na questão daquelas doações). Vendo tudo isso, aquele ilustre e melhor dos ascetas ficou encantado. Descendo daquele carro excelente, ele desatrelou o casal real. Tendo-os libertado, ele se dirigiu a eles devidamente. De fato, o filho de Bhrigu, em uma voz suave, profunda, e encantada, disse, 'Eu estou disposto a dar uma bênção excelente para ambos!' Frágeis como eles estavam, seus corpos tinham sido perfurados com a aguilhada. Aquele melhor dos ascetas, movido por afeição, suavemente os tocou com suas mãos cujas virtudes curativas pareciam com aquelas do próprio néctar, ó chefe dos Bharatas. Então o rei respondeu, 'Minha esposa e eu não sentimos cansaço!' De fato, toda sua fadiga tinha sido dissipada pela pujança do Rishi, e foi por isso que o rei pôde falar assim para o Rishi. Encantado com a conduta deles, o ilustre Chyavana disse para eles, 'Eu nunca antes falei uma inverdade. Isto deve, portanto, ser como eu disse. Este local nas margens do Ganga é muito encantador e auspicioso. Eu irei, cumprindo um voto, morar por um tempo curto aqui, ó rei! Retorne para tua cidade. Tu estás cansado! Tu deves vir novamente. Amanhã, ó rei, tu irás, voltando com tua esposa, me ver aqui mesmo. Tu não deves dar vazão à raiva ou angústia. Chegará a hora quando tu colherás uma grande recompensa! Aquilo que é cobiçado por ti e que está no teu coração será realmente realizado.' Assim endereçado pelo Rishi, o rei Kusika, com um coração encantado, respondeu ao Rishi nestas palavras de grande importância, 'Eu não tenho nutrido raiva ou angústia, ó altamente abençoado! Nós temos sido purificados e santificados por ti, ó santo! Nós uma vez mais nos tornamos dotados de juventude. Veja, nossos corpos se tornaram extremamente belos e possuidores de grande força. Eu não vejo mais aquelas feridas e cicatrizes que foram causadas por ti em nossos corpos com tua aguilhada. Na verdade, com minha esposa, eu estou com boa saúde. Eu vejo que minha deusa se tornou tão bela em corpo quanto uma Apsara. Na verdade, ela está dotada de tanta beleza e esplendor como ela já tinha tido antes. Tudo isto, ó grande asceta, é devido à tua graça. Na verdade, não há nada de extraordinário em tudo isso, ó Rishi santo de força sempre imbatível.' Assim endereçado pelo rei, Chyavana disse para ele, 'Tu deves, com tua esposa,

retornar para cá amanhã, ó monarca!' Com estas palavras, o sábio real Kusika foi despedido. Saudando o Rishi, o monarca, dotado de um corpo belo, voltou para sua capital como um segundo chefe dos celestiais. Os conselheiros então, com o sacerdote, saíram para recebê-lo. Suas tropas e as mulheres dançarinas e todos os seus súditos também fizeram o mesmo. Cercado por eles todos, o rei Kusika, brilhando com beleza e esplendor, entrou em sua cidade, com o coração muito satisfeito, e seus louvores foram cantados por bardos e panegiristas. Tendo entrado em sua cidade e realizado todos os seus ritos matinais, ele comeu com sua esposa. Dotado de grande esplendor, o monarca então passou a noite felizmente. Um viu o outro como sendo possuidor de juventude novamente. Toda sua aflição e dores tendo cessado, eles se viram parecidos com celestiais. Dotados do esplendor que tinham obtido como um benefício daquele principal dos Brahmanas, e possuidores como eles eram de formas que eram extremamente graciosas e belas, ambos passaram uma noite feliz em sua cama. Enquanto isso, o espalhador das façanhas da linhagem de Bhrigu, isto é, o Rishi possuidor da riqueza de penitências, converteu, por seu poder-Yoga, aquele bosque encantador na margem do Ganga em um retiro cheio de riqueza de todo tipo e adornado com todas as variedades de pedras preciosas e jóias por consequência das quais ele superava em beleza e esplendor a própria residência do chefe dos celestiais.'"

54

"Bhishma disse, 'Quando aquela noite passou, o rei Kusika de grande alma despertou e passou por seus ritos matinais. Acompanhado por sua esposa ele então procedeu em direção àquele bosque que o Rishi tinha escolhido como sua residência. Chegando lá, o monarca viu uma mansão suntuosa totalmente feita de ouro. Possuidora de mil colunas cada uma das quais era feita de jóias e pedras preciosas, ela parecia com um edifício pertencente aos Gandharvas. (As belas massas de nuvens sempre inconstantes da tarde ou noturnas, apresentando diversos tipos de formas quase a cada minuto, são consideradas como as residências ou mansões dos Gandharvas.) Kusika contemplou em todas as partes daquela estrutura evidências de projeto celeste. E ele viu colinas com vales encantadores, e lagos com lotos em sua superfície; e mansões cheias de artigos caros e curiosos, e portões e arcos, ó Bharata. E o rei viu muitas clareiras abertas e lugares abertos atapetados com verdor gramíneo, e parecendo com campos planos de ouro. E ele viu muitas Sahakaras adornadas com flores, e Ketakas e Uddalakas, e Dhavas e Asokas, e Kundas florescentes, e Atimuktas. E ele viu lá muitas Champakas e Tilakas e Bhavyas e Panasas e Vanjulas e Karnikaras adornadas com flores. E o rei viu muitas Varanapushpas e as trepadeiras chamadas Ashtapadika, todas podadas devidamente e belamente. E o rei contemplou árvores nas quais lotos de todas as variedades floresciam em toda sua beleza, e algumas das quais portavam flores de todas as estações. E ele notou também muitas mansões que pareciam com carros celestes ou com belas montanhas. E em alguns lugares, ó Bharata, havia tanques e lagos cheios de água fresca e em outros havia aqueles que estavam cheios de água morna ou quente. E havia diversos tipos de assentos excelentes e camas caras, e armações

de cama feitas de ouro e pedras preciosas e cobertas com tecidos e tapetes de grande beleza e valor. De comestíveis havia quantidades enormes, bem cozidos e prontos para uso. E havia papagaios falantes e Bhringarajas (Lanius Malabaricus) e Kokilas (cucos indianos) e Catapatras (pica-paus) com Koyashtikas (abibes) e Kukkubhas (galos selvagens), e pavões e galos e Datyuhas (galinholas) e Jivajivakas (uma espécie de perdiz) e Chakoras (perdiz grega) e macacos e cisnes e Sarasas (grou indiano) e Chakravakas (pato ou ganso Brahmini). Lá e cá ele viu grupos de Apsaras alegres e conclaves de Gandharvas felizes, ó monarca. E ele viu outros Gandharvas em outros lugares se regozijando com suas amadas esposas. O rei às vezes contemplava estas visões e às vezes não podia vê-las (pois elas pareciam desaparecer da frente de seus olhos). O monarca ouviu também acordes melodiosos de música vocal e as vozes agradáveis de preceptores dedicados a fazerem preleções para seus discípulos sobre os Vedas e as escrituras. E o monarca também ouviu o cacarejo harmonioso dos gansos se divertindo nos lagos. Contemplando tais vistas extremamente maravilhosas, o rei começou a refletir interiormente, dizendo, 'Isto é um sonho? Ou tudo isto é devido a uma aberração da minha mente? Ou, isto tudo é real? Ó, sem abandonar minha habitação terrestre, eu alcancei a beatitude do céu! Esta terra é a região sagrada dos Uttara-Kurus, ou a residência, chamada Amaravati, do chefe dos celestiais! Ó, o que são estas visões maravilhosas que eu contemplo?' Refletindo dessa maneira, o monarca finalmente viu aquele principal dos Rishis. Naquele palácio de ouro (dotado) de colunas (feitas) de pedras preciosas e jóias, estava o filho de Bhrigu esticado em uma cama cara e excelente. Com sua esposa ao seu lado o rei se aproximou com um coração deleitado do Rishi quando ele estava sobre aquela cama. Nisto, no entanto, Chyavana desapareceu rapidamente, com a própria cama sobre a qual ele estava. O rei então viu o Rishi em outra parte daqueles bosques sentado em uma esteira feita de grama Kusa, e engajado em recitar mentalmente alguns Mantras sublimes. Por seu poder-Yoga, assim mesmo aquele Brahmana confundiu o rei. Em um momento aquele bosque encantador, aqueles grupos de Apsaras, aqueles bandos de Gandharvas, aquelas árvores belas, todos desapareceram. A margem do Ganga ficou tão silenciosa quanto de hábito, e apresentou seu antigo aspecto, sendo coberta com grama Kusa e formigueiros. O rei Kusika com sua esposa tendo contemplado aquela visão muito extraordinária e também o seu rápido desaparecimento, ficou muito admirado. Com um coração muito satisfeito, o monarca se dirigiu a sua esposa e disse para ela, 'Veja, ó amável, as várias cenas e vistas agradáveis, que não se encontram em outro lugar, as quais nós dois há pouco testemunhamos! Tudo isto é devido à graça do filho de Bhrigu e à força das penitências dele. Pelas penitências se torna obtenível tudo aquilo que alguém nutre em sua imaginação. Penitências são superiores até à soberania sobre os três mundos. Por meio de penitências bem realizadas, a própria emancipação pode ser alcançada. Veja a força do Rishi Chyavana de grande alma e celeste, derivada de suas penitências. Ele pode, à sua vontade, criar até outros mundos (além daqueles que existem). Somente Brahmanas são nascidos neste mundo para obter fala e compreensão e atos que são sagrados. Quem mais além de Chyavana poderia fazer tudo isto? Soberania pode ser adquirida com facilidade. Mas a posição de Brahmana não é alcançável dessa maneira. Foi através da pujança de um Brahmana que nós fomos arreados

a um carro como animais bem domados!' Estas reflexões que passaram pelo cérebro do rei se tornaram conhecidas por Chyavana. Averiguando os pensamentos do rei, o Rishi se dirigiu a ele e disse, 'Venha para cá rapidamente.' Assim endereçados, o rei e a rainha se aproximaram do grande asceta, e, inclinando suas cabeças, eles adoraram a ele que merecia adoração. Proferindo uma bênção sobre o monarca, o Rishi, possuidor de grande inteligência, ó chefe de homens, confortou o rei e disse, 'Sente naquele assento.' Depois disto, ó monarca, o filho de Bhrigu, sem astúcia ou insinceridade de qualquer tipo, gratificou o rei com muitas palavras gentis, e então disse, 'Ó rei, tu subjugaste completamente os cinco órgãos de ação e os cinco órgãos de conhecimento com a mente como seu sexto. Por isto tu saíste ileso da provação ardente que eu preparei para ti. Eu fui devidamente honrado e adorado, ó filho, por ti, ó principal de todas as pessoas possuidoras de fala. Tu não tens pecado, nem mesmo um minúsculo, em ti! Dê-me permissão, ó rei, pois eu agora procederei para o lugar de onde eu vim. Eu estou muito satisfeito contigo, ó monarca! Aceite o benefício que eu estou disposto a dar.'"

"Kusika disse, 'Na tua presença, ó santo, eu tenho ficado como alguém permanecendo no meio de um fogo. Que eu ainda não tenha sido consumido, ó chefe da linhagem de Bhrigu, é suficiente! Este mesmo é o maior benefício que foi obtido, ó encantador de Bhrigu! Que tu tenhas sido satisfeito por mim, ó Brahmana, e que eu tenha conseguido salvar minha família da destruição, ó impecável, constituem no meu caso o melhor dos benefícios. Isto eu considero, ó Brahmana erudito, como uma evidência distinta da tua graça. O objetivo da minha vida foi realizado. Isto mesmo é o que eu considero o próprio fim da minha soberania. Este mesmo é o fruto mais elevado das minhas penitências! Se, ó Brahmana erudito, tu estás satisfeito comigo, ó alegrador de Bhrigu, então esclareça algumas dúvidas que estão em minha mente!'"

55

"Chyavana disse, 'Aceite uma bênção de mim. E também, ó chefe de homens, diga-me qual é a dúvida que está em tua mente. Eu certamente realizarei todos os teus propósitos.'"

"Kusika disse, 'Se tu foste satisfeito por mim, ó santo, então, ó filho de Bhrigu, diga-me teu objetivo em residir no meu palácio por algum tempo, pois eu desejo saber isto. Qual foi teu objetivo em dormir na cama que eu te designei por vinte e um dias repetidamente, sem mudar de lados? Ó principal dos ascetas, qual também foi teu objetivo, além disso, em sair do quarto sem falar uma única palavra? Por que tu, também, sem qualquer razão aparente, te fizeste invisível, e novamente te tornaste visível? Por que, ó Brahmana erudito, tu te deitaste novamente na cama e dormiste como antes por vinte e um dias? Por qual razão tu saíste depois de teres sido esfregado por nós com óleo em vista do teu banho? Por que também, depois teres feito diversos tipos de alimento serem reunidos no meu palácio, tu os destruíste com a ajuda do fogo? Qual foi a causa da tua viagem repentina pela minha cidade no carro? Qual objetivo tu tinhas em vista ao doar

tanta riqueza? Qual foi teu motivo em nos mostrar as maravilhas da floresta criadas por força-Yoga? Qual de fato foi teu motivo para mostrar, ó grande asceta, tantas mansões suntuosas feitas de ouro e tantas armações de cama suportadas por pilares de jóias, e pedras preciosas? Por que também todas estas maravilhas desapareceram da nossa visão? Eu desejo saber a causa de tudo isso. Ao pensar em todas essas tuas ações, ó perpetuador da linhagem de Bhrigu, eu fico confuso repetidamente. Eu fracasso em descobrir qual foi o motivo exato que te influenciou! Ó tu que és dotado de riqueza de penitências, eu desejo ouvir a verdade em detalhes acerca de todas aquelas tuas ações.'"

"Chyavana disse, 'Ouça-me enquanto eu te conto em detalhes as razões que me incitaram em todos esses meus atos. Questionado por ti, ó monarca, eu não posso me recusar a te informar. Nos tempos passados, em uma ocasião, quando as divindades tinham se reunido, o Avô Brahman lhes disse algumas palavras. Eu as ouvi, ó rei, e logo as repetirei para ti.' 'Por causa de uma contenda entre a energia Brahmana e a Kshatriya, ocorrerá uma mistura em minha linhagem. (O Avô falou de alguém se tornando um Kshatriya na linhagem de Bhrigu, e se referiu ao incidente como o resultado de uma mácula que seria transmitida àquela linhagem a partir da de Kusika.) Teu neto, ó rei, virá a ser dotado de grande energia e força.' Ouvindo isto, eu vim para cá, resolvido a exterminar tua família. De fato, eu vim, ó Kusika, procurando o extermínio completo da tua raça, de fato, para reduzir todos os teus descendentes a cinzas. Impelido por este motivo eu fui ao teu palácio, ó monarca, e te disse, 'Eu cumprirei um voto. Acompanhe-me e sirva-me respeitosamente.' Enquanto residindo, no entanto, em tua casa, eu fracassei em descobrir quaisquer negligências em ti. É por esta razão, ó sábio nobre, que tu ainda estás vivo, pois de outra maneira agora tu estarias incluído entre os mortos. Foi com esta resolução que eu dormi por vinte e um dias na esperança de que alguém me despertasse antes de eu me levantar por minha própria vontade. Tu, no entanto, com tua esposa, não me despertaste. Mesmo então, ó melhor dos reis, eu fiquei satisfeito contigo. Levantando da minha cama eu saí do quarto sem abordar algum de vocês. Eu fiz isto, ó monarca, na esperança de que tu me questionarias e assim eu teria uma oportunidade de te amaldiçoar. Eu então me fiz invisível, e novamente me revelei no quarto do teu palácio, e, me dirigindo novamente ao Yoga, dormi por vinte e um dias. O motivo que me impeliu foi este. Esgotados com o esforço e famintos vocês dois ficariam zangados comigo e fariam o que fosse desagradável para mim. Foi com esta intenção que eu fiz tu e tua esposa serem afligidos pela fome. Em teu coração no entanto, ó rei, não surgiu o menor sentimento de ira ou vexação. Por isto, ó monarca, eu fiquei muito satisfeito contigo. Quando eu fiz diversos tipos de alimentos serem trazidos e então os incendiei, eu esperei que tu com tua esposa cedessem à cólera ao verem aquilo. Até aquele meu ato, no entanto, foi tolerado por ti. Eu então subi no carro, ó monarca, e me dirigi a ti, dizendo, 'Carreguem-me, tu com a tua esposa.' Tu fizeste o que eu ordenei, sem o menor escrúpulo, ó rei! Eu me enchi de satisfação por isto. As doações de riqueza que eu fiz não puderam provocar tua ira. Satisfeito contigo, ó rei, eu criei com a ajuda da minha pujança-Yoga aquela floresta a qual tu com tua esposa contemplaste aqui. Ouça, ó monarca, ao objetivo que eu tinha. Para gratificar a ti e à tua rainha eu te fiz ter um

vislumbre do céu. Todas aquelas coisas que tu viste nestes bosques, ó monarca, são um antegozo do céu. Ó melhor dos reis, por um tempo curto eu fiz a ti e tua esposa contemplarem, mesmo nestes seus corpos terrestres, algumas visões do céu. Tudo isto foi feito para mostrar a força das penitências e a recompensa que está reservada para a virtude. O desejo que surgiu no teu coração, ó monarca, à visão daqueles objetos encantadores, é conhecido por mim. Tu te tornaste desejoso de obter a posição de Brahmana e o mérito das penitências, ó senhor da Terra, desconsiderando a soberania da terra, não somente isto, mas a soberania do próprio céu! Aquilo que tu pensaste, ó rei, foi exatamente isto. A posição de Brahmana é extremamente difícil de obter; depois de se tornar um Brahmana, é extremamente difícil obter a posição de um Rishi; e mesmo para um Rishi é difícil se tornar um asceta! Eu te digo que teu desejo será satisfeito. De ti, ó Kusika, surgirá um Brahmana, que receberá o teu nome. A pessoa que será a terceira na tua descendência obterá a posição de um Brahmana. Através da energia dos Bhrigus, teu neto, ó monarca, será um asceta dotado do esplendor do fogo. Ele sempre encherá de medo todos os homens, de fato, os habitantes dos três mundos. Eu te digo a verdade. Ó sábio nobre, aceite a bênção que está agora em tua mente. Eu logo sairei em uma viagem para todas as águas sagradas. O tempo está terminando.'"

"Kusika disse, 'Esta, ó grande asceta, é uma bênção sublime no meu caso, pois tu foste satisfeito por mim. Que se realize o que tu disseste. Que meu neto se torne um Brahmana, ó impecável! De fato, que a posição de Brahmana se vincule à minha linhagem, ó santo. Este é o benefício que eu peço. Eu desejo novamente te questionar em detalhes, ó santo! De que maneira, ó encantador de Bhrigu, a posição de Brahmana se vinculará à minha família? Quem será meu amigo? Quem terá minha afeição e respeito?'" (Ou seja, qual pessoa da linhagem de Bhrigu concederá este grande benefício para minha família?)

56

"Chyavana disse, 'Eu certamente devo, ó chefe de homens, dizer a vocês tudo acerca da circunstância pela qual, ó monarca, eu vim para cá para exterminar tua linhagem. É bem conhecido, ó rei, que os Kshatriyas devem sempre ter a ajuda dos filhos de Bhrigu na questão de sacrifícios. Por um decreto irresistível do Destino, os Kshatriyas e os Bhargavas irão brigar. Os Kshatriyas, ó rei, matarão os descendentes de Bhrigu. Afligidos por uma ordenança do destino, eles exterminarão a linhagem de Bhrigu, não poupando nem os bebês nos úteros das mães. Então surgirá na família de Bhrigu um Rishi de nome Urva. Dotado de grande energia, em esplendor ele certamente parecerá com o fogo ou o sol. Ele irá nutrir tal cólera (após saber do extermínio da família dele) que será suficiente para consumir os três mundos. Ele será competente para reduzir a terra inteira com todas as suas montanhas e florestas a cinzas. Por pouco tempo ele abrandará as chamas daquela raiva ardente, jogando-a na boca da Égua que vaga pelo oceano. Ele terá um filho de nome Richika. Toda a ciência de armas, ó impecável, em sua forma incorporada, irá até ele para o extermínio de toda a

classe Kshatriya, por um decreto do Destino. Recebendo aquela ciência por luz interior, ele irá, por pujança-Yoga, comunicá-la para seu filho, o altamente abençoado Jamadagni de alma purificada. Aquele tigre da raça Bhrigu manterá aquela ciência em sua mente. Ó tu de alma justa, Jamadagni se casará com uma moça, pegando-a de tua família, para espalhar sua glória, ó chefe dos Bharatas. Tendo obtido como esposa a filha de Gadhi e tua neta, ó rei, aquele grande asceta gerará um filho regenerado dotado de talentos Kshatriya. Na tua família nascerá um filho, um Kshatriya dotado das virtudes de um Brahmana. Possuidor de grande virtude, ele será o filho de Gadhi. Conhecido pelo nome de Viswamitra, ele em energia virá a ser considerado como igual ao próprio Vrihaspati, o preceptor dos celestiais. O ilustre Richika concederá este filho para tua família, este Kshatriya que será dotado de penitências superiores. Na questão desta troca de filhos, (isto é, um filho Kshatriya na família de Bhrigu e um filho Brahmana na tua família) a causa será duas mulheres. Tudo isto acontecerá por ordem do Avô. Isto nunca será de outra maneira. Àquele que é o terceiro em descendência de ti, a condição de Brahmana irá se vincular. Tu te tornarás um parente (por casamento) dos Bhargavas.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras do asceta Chyavana de grande alma, o rei Kusika se encheu de alegria, e deu a resposta nas seguintes palavras. De fato, ó melhor dos Bharatas, ele disse, 'Assim seja.' Dotado de grande energia, Chyavana mais uma vez se dirigiu ao rei, e incitou-o a aceitar um benefício dele mesmo. O rei respondeu, 'Muito bem, de ti, ó grande asceta, eu obterei a realização do meu desejo. Que a minha família venha a ser investida com a posição de Brahmana, e que ela sempre coloque seu coração na justiça.' O asceta Chyavana, assim solicitado, concedeu o pedido do rei, e despedindo-se do monarca, saiu em sua viagem planejada para as águas sagradas. Eu agora te disse tudo, ó Bharata, relativo às tuas perguntas, isto é, como os Bhrigus e os Kusikas se tornaram ligados um ao outro por casamento. De fato, ó rei, aconteceu como o Rishi Chyavana disse. O nascimento de Rama (da linhagem de Bhrigu) e de Viswamitra (da linhagem de Kusika) aconteceu da maneira que Chyavana tinha indicado.'"

57

"Yudhishthira disse, 'Ouvindo tuas palavras eu fico pasmo, ó avô! Refletindo que a terra está agora desprovida de um número muito grande de reis, todos os quais eram possuidores de grande prosperidade, meu coração se enche de dor. Tendo conquistado a terra e adquirido reinos contados às centenas, ó Bharata, eu fico angustiado, ó avô, ao pensar nos milhões de homens que eu massacrei. Ai, qual será a situação daquelas damas importantes que foram privadas por nós de maridos e filhos e tios maternos e irmãos? Tendo matado aqueles Kurus, nossos parentes, isto é, nossos amigos e benquerentes, nós teremos que ir para o inferno, cabeças (pendendo) para baixo. Não há dúvida disto. Eu desejo, ó Bharata, dirigir meu corpo para penitências severas. Com este fim em vista, ó rei, eu desejo receber instruções de ti.'"

"Vaisampayana continuou, 'Bhishma de grande alma, ouvindo estas palavras de Yudhishthira, refletiu sobre elas intensamente com a ajuda de sua compreensão, e se dirigiu a Yudhishthira em resposta.'"

"Bhishma disse, 'Ouça o que eu te digo. Isto é extremamente maravilhoso, e constitui um grande mistério. O tópico é o objetivo que as criaturas alcançam depois da morte como as recompensas de ações ou cursos de conduta específicos que elas seguem. Alguém chega ao Céu por meio de penitências. Por penitências alguém obtém fama. Por penitências, ó rei pujante, alguém obtém vida longa e todos os artigos de prazer. Por penitências alguém obtém conhecimento, ciência, saúde e liberdade de doença, beleza pessoal, prosperidade, e bem-aventurança, ó chefe da linhagem de Bharata. Por penitências se obtém riqueza. Por cumprir o voto de taciturnidade uma pessoa consegue trazer o mundo inteiro sob seu domínio. Por fazer doações alguém adquire todos os tipos de artigos agradáveis. Por cumprir o direito de Diksha alguém obtém nascimento em uma família boa e superior. Aqueles que passam suas vidas subsistindo somente de frutas e raízes (e evitando alimento cozido) conseguem obter reino e soberania. Aqueles que vivem das folhas de plantas e árvores como seu alimento conseguem chegar ao céu. Alguém que subsiste somente de água alcança o céu. Por fazer doações uma pessoa simplesmente aumenta sua riqueza. Por servir com reverência seu preceptor alguém adquire erudição. Por realizar Sraddhas todos os dias em honra de seus Pitris (espíritos dos mortos), alguém obtém um grande número de filhos. Por cumprir Diksha por meio de ervas cozidas e vegetais, alguém obtém um grande número de vacas. Aqueles que subsistem de grama e palha conseguem alcançar o céu. Por se banhar três vezes todos os dias com os ritos necessários alguém obtém um grande número de cônjuges. Por beber somente água alguém obtém residência nas regiões de Prajapati. O Brahmana que se banha todos os dias e recita Mantras sagrados nos crepúsculos, vem a ser possuidor da posição do próprio Daksha. Por cultuar as divindades em uma selva ou deserto, uma pessoa obtém um reino ou soberania, e por cumprir o voto de rejeitar o corpo por meio de um longo jejum, alguém ascende para o Céu. Alguém possuidor da riqueza de penitências e que sempre passa seus dias em Yoga obtém boas camas e assentos e veículos. Rejeitando o corpo por entrar em um fogo ardente, uma pessoa se torna um objeto de reverência na região de Brahman. Aqueles que se deitam sobre o chão duro e desguarnecido adquirem casa e camas. Aqueles que se vestem em trapos e cascas de árvores obtêm bons mantos e ornamentos. Por evitar os vários sabores agradáveis alguém consegue adquirir grande prosperidade. Por se abster de carne e peixe uma pessoa consegue filhos de vida longa. Alguém que passa algum tempo naquele modo de vida que é chamado de Udavasa vem a ser o próprio senhor do Céu. O homem que fala a verdade, ó melhor dos homens, consegue se divertir alegremente com as próprias divindades. Por fazer doações alguém adquire grande fama por causa de suas realizações sublimes. Por abstenção de crueldade alguém adquire saúde e liberdade de doença. Por servir Brahmanas com reverência se obtém reino e soberania, e a posição elevada de um Brahmana. Por fazer doações de água e outras bebidas se adquire fama eterna por grandes realizações. Por fazer doações de alimento se adquire diversos artigos de prazer. Alguém que dá paz para todas

as criaturas (por se abster de lhes causar algum dano) vem a ser livre de todas as regiões. Por servir as divindades se obtém um reino e beleza celestial. Por introduzir luzes em lugares que são escuros e frequentados por homens alguém adquire uma boa visão. Por doar objetos bons e belos se adquire uma boa memória e compreensão. Por doar perfumes e guirlandas uma pessoa obtém fama que se espalha sobre uma grande área. Aqueles que se abstêm de raspar seu cabelo e barba conseguem obter filhos excelentes. Por praticar jejuns e Diksha e banhos, ó Bharata, por doze anos (segundo a ordenança), alguém alcança uma região que é superior àquela alcançável por heróis que não retornam. Por entregar uma filha para um noivo qualificado segundo a forma Brahma alguém obtém, ó melhor dos homens, escravos homens e mulheres e ornamentos e campos e casas. Por realizar sacrifícios e fazer jejuns se ascende para o Céu, ó Bharata. O homem que doa frutas e flores consegue adquirir conhecimento auspicioso. O homem que dá mil vacas com chifres adornados com ouro consegue alcançar o céu. Isto mesmo foi dito pelas próprias divindades em um conclave no céu. Alguém que doa uma vaca Kapila com seu bezerro, com um cântaro de bronze para ordenha, com chifres enfeitados com ouro, e possuidora de diversas outras habilidades, obtém a realização de todos os seus desejos a partir daquela vaca. Tal pessoa, em consequência daquela ação de doação, reside no céu por tantos anos quanto os pêlos que existem no corpo da vaca e resgata no mundo seguinte (da miséria do inferno) seus filhos e netos e toda sua família até o sétimo grau. As regiões dos Vasus se tornam alcançáveis para aquele homem que doa uma vaca com chifres belamente enfeitados com ouro, acompanhada por um jarro de bronze para ordenha, junto com um tecido bordado com ouro, uma medida de gergelim e uma soma de dinheiro como Dakshina. Uma doação de vacas resgata o doador no próximo mundo quando ele se encontra caindo na escuridão profunda do inferno e reprimido por suas próprias ações neste mundo, como um barco com velas que tem captado o ar salvando uma pessoa de se afogar no mar. Aquele que entrega uma filha de acordo com a forma Brahma para um homem qualificado, ou que faz uma doação de terra para um Brahmana, ou que dá alimento (para um Brahmana) segundo os ritos devidos, consegue chegar à região de Purandara. Aquele homem que faz uma doação de uma casa, equipada com todo tipo de mobília, para um Brahmana dado ao estudo Védico e possuidor de todas as habilidades e bom comportamento, adquire residência na região dos Uttara-Kurus. Por fazer doações de bois que puxam cargas, uma pessoa alcança a região dos Vasus. Doações de ouro levam ao céu. Doações de ouro puro levam a mérito ainda maior. Por fazer uma doação de um guarda-sol alguém adquire uma mansão suntuosa. Por fazer uma doação de um par de sandálias ou sapatos alguém obtém bons veículos. A recompensa vinculada a uma doação de tecidos é beleza pessoal, e por fazer doações de perfumes alguém se torna uma pessoa fragrante em sua vida seguinte. Alguém que dá flores e frutas e plantas e árvores para um Brahmana adquire, sem qualquer trabalho, uma mansão suntuosa ornada com mulheres belas e cheia de bastante riqueza. O doador de alimento e bebida de sabores diferentes e de outros artigos de prazer consegue adquirir um suprimento copioso de tais artigos. O doador, além disso, de casas e tecidos obtém artigos de um tipo similar. Não há dúvida acerca disto. Aquela pessoa que faz doações de guirlandas e incenso e

perfumes e unguentos e dos artigos necessitados pelos homens depois de um banho, e de coroas florais, para Brahmanas, se torna livre de todas as doenças e possuidor de beleza pessoal, e se diverte em alegria na região reservada para reis grandiosos. O homem, ó rei, que faz para um Brahmana a doação de uma casa que está provida com grãos, mobiliada com camas, cheia de muita riqueza, auspiciosa e encantadora, adquire uma residência suntuosa. Aquele que dá para um Brahmana uma boa cama perfumada com perfumes fragrantes, coberta com um lençol excelente, e provida de travesseiros, ganha sem qualquer esforço de sua parte uma esposa bela, pertencente a uma família elevada e de conduta agradável. O homem que vai para um leito de herói no campo de batalha se torna igual ao próprio Avô Brahman. Não há fim mais elevado do que este. Isto mesmo é o que os grandes Rishis têm declarado.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de seu avô, Yudhishthira, o alegrador dos Kurus, ficou desejoso do fim que está reservado para os heróis e não mais expressou qualquer desgosto em levar o modo de vida de um chefe de família. Então, ó principal dos homens, Yudhishthira, dirigindo-se a todos os outros filhos de Pandu, disse a eles, 'Que as palavras que nosso avô disse mereçam sua fé.' Nisto, todos os Pandavas com a famosa Draupadi entre eles, aplaudiram as palavras de Yudhishthira e disseram, 'Sim.'"

58

"Yudhishthira disse, 'Eu desejo, ó chefe dos Bharatas, ouvir de ti quais são as recompensas que estão ligadas, ó melhor dos Kurus, ao plantio de árvores e à escavação de tanques.'"

"Bhishma disse, 'Um pedaço de terra que é agradável para a visão, fértil, situado no meio de panoramas encantadores adornados com diversos tipos de metais, e habitado por todos os tipos de criaturas, é considerado como o principal dos locais. Uma parte específica de tal terra deve ser selecionada para a escavação de um tanque. Eu te falarei, na devida ordem, sobre os diferentes tipos de tanques. Eu também te direi quais os méritos que são atribuídos à escavação de reservatórios (com o propósito de tirar água para o benefício de todas as criaturas). O homem que faz um tanque ser cavado tem direito ao respeito e culto dos três mundos. Um tanque cheio de água é tão agradável e benéfico quanto a casa de um amigo. Ele é gratificante para o próprio Surya. Ele também contribui para o crescimento para as divindades. Ele é a principal de todas as coisas que levam à fama (com relação à pessoa que o faz ser escavado). Os sábios dizem que a escavação de um tanque contribui para o agregado de três, Virtude, Riqueza e Prazer. Um tanque é citado como sendo escavado apropriadamente se ele for feito em um pedaço de terra que é habitado por pessoas respeitáveis. Um tanque é citado como sendo útil para todos os quatro propósitos das criaturas vivas. Tanques, além disso, são considerados como constituindo a beleza excelente de um país. As divindades e seres humanos e Gandharvas e Pitris e Uragas e Rakshasas e até seres imóveis, todos recorrem a um reservatório cheio de água como seu refúgio. Eu irei, portanto, te dizer quais são os méritos que são

citados por grandes Rishis como sendo vinculados aos tanques, e quais são as recompensas obteníveis pelas pessoas que fazem com que eles sejam escavados. Os sábios dizem que colhe o mérito de um sacrifício Agnihotra o homem em cujo reservatório a água é retida na estação das chuvas. A grande recompensa no mundo que é colhida pela pessoa que faz uma doação de mil vacas é obtida por aquele homem em cujo tanque a água é retida na estação do outono. A pessoa em cujo tanque a água se encontra na estação fria adquire o mérito de alguém que realiza um sacrifício com doações abundantes de ouro. Aquela pessoa em cujos reservatórios a água se encontra na estação do orvalho, ganha, os sábios dizem, os méritos de um sacrifício Agnishtoma. Aquele homem em cujo tanque bem feito a água se encontra na estação da primavera adquire o mérito do sacrifício Atiratra. Aquele homem em cujo tanque a água se encontra na estação do verão adquire, os Rishis dizem, os méritos ligados a um Sacrifício de Cavalo. Resgata toda a sua linhagem aquele homem em cujo tanque vacas são vistas aliviarem sua sede e do qual homens justos retiram sua água. Aquele homem em cujo tanque vacas matam sua sede como também outros animais e aves, e seres humanos, adquire os méritos de um Sacrifício de Cavalo. Qualquer quantidade de água que seja bebida do reservatório de alguém e qualquer quantidade que seja pega dele por outros para propósitos de banho, vem a ser toda armazenada para o benefício do escavador do reservatório e ele desfruta da mesma por dias intermináveis no mundo seguinte. Água, especialmente no outro mundo, é difícil de se obter, ó filho. Uma doação de bebida produz felicidade eterna. Faça doações de gergelim aqui. Faça doações de água. Também dê lâmpadas (para iluminar lugares escuros). Enquanto vivo e acordado, passe teu tempo em felicidade com parentes. Estas são ações as quais tu não poderás realizar no outro mundo. (Céu e Inferno são lugares somente para desfrute e tolerância. Lá não pode haver ações que levem a mérito ou demérito. Este mundo é o único lugar o qual é chamado de 'campo de ações'.) A doação de bebida, ó chefe de homens, é superior a todas as outras doações. A respeito de mérito ela é eminente acima de todas as outras doações. Portanto, faça doações de água. Exatamente assim os Rishis declararam quais são os grandes méritos da escavação de tanques. Eu irei agora te falar sobre o plantio de árvores. De objetos imóveis seis classes são citadas. Elas são Vrikshas (árvores grandes ou pequenas em geral), Gulmas (arbustos), Latas (trepadeiras que não podem crescer sem suporte), Vallis (trepadeiras cujos talos são mais como os das árvores do que como os das trepadeiras), Twaksaras (bambus), e Trinas (gramas) de diversas espécies. Estes são os vários tipos de vegetais. Escute agora ao mérito que se atribui ao seu plantio. Por plantar árvores alguém adquire fama no mundo dos homens e recompensas auspiciosas no mundo futuro. Tal homem é louvado e reverenciado no mundo dos Pitris. O nome de tal homem não perece nem mesmo quando ele se torna um habitante do mundo das divindades. O homem que planta árvores resgata os antepassados e descendentes de suas linhagens paterna e materna. Portanto, plante árvores, ó Yudhishthira! As árvores que um homem planta se tornam os filhos do plantador. Não há dúvida sobre isto. Partindo deste mundo, tal homem ascende para o Céu. Na verdade muitas regiões eternas de bem-aventurança se tornam dele. Árvores agradam as divindades por suas flores; os Pitris por seus frutos; e todos os convidados e desconhecidos pela sombra que

elas dão. Kinnaras e Uragas e Rakshasas e divindades e Gandharvas e seres humanos, como também Rishis, todos recorrem às árvores como seu refúgio. As árvores que carregam flores e frutas satisfazem todos os homens. O plantador de árvores é salvo no mundo seguinte pelas árvores que ele planta como filhos resgatando seu próprio pai. Portanto, o homem que está desejoso de realizar seu próprio bem deve plantar árvores ao lado de reservatórios e cuidar delas como seus próprios filhos. As árvores que um homem planta são, de acordo com a razão e as escrituras, os filhos do plantador. Aquele Brahmana que escava um tanque, aquele que planta árvores, e aquele que realiza sacrifícios, são todos adorados no céu assim como homens que são devotados à veracidade de palavra. Então uma pessoa deve fazer tanques serem escavados e árvores serem plantadas, adorar as divindades em diversos sacrifícios, e falar a verdade.'"

59

"Yudhishthira disse, 'Entre todas aquelas doações que são mencionadas nos tratados excetos os Vedas, qual doação, ó chefe da linhagem de Kuru, é a mais notável na tua opinião? Ó pujante, é grande a curiosidade que eu sinto com respeito a esta questão. Fale-me também daquela doação que segue doador para o mundo seguinte.'"

"Bhishma disse, 'Uma garantia para todas as criaturas de amor e afeição e abstenção de todos os tipos de injúria, ações de bondade e favores feitos para uma pessoa em situação difícil, doações de artigos feitos para alguém que os solicita com ansiedade e de acordo com os desejos do solicitador, e quaisquer doações que sejam feitas sem o doador alguma vez pensar nelas como doações feitas por ele, constituem, ó chefe da linhagem de Bharata, as melhores e mais elevadas das doações. Doações de ouro, doações de vacas, e doações de terra, estas são consideradas como purificadoras de pecados. Elas salvam o doador de suas más ações. Ó chefe de homens, sempre faça tais doações para aqueles que são justos. Sem dúvida, doações salvam o doador de todos os seus pecados. Aquela pessoa que deseja fazer suas doações eternas deve sempre doar para pessoas possuidoras das qualificações necessárias quaisquer artigos que sejam desejados por todos e quaisquer coisas que sejam as melhores em sua casa. O homem que faz doações de coisas agradáveis e que faz para outros o que é agradável para eles, sempre consegue obter coisas que são agradáveis para ele mesmo. Tal pessoa sem dúvida se torna agradável para todos, aqui e após a morte. Ó Yudhishthira, é um canalha cruel aquele homem que, por vaidade, não atende, à extensão de seus meios, aos desejos de alguém que é pobre e desamparado, e que pede auxílio. É na verdade o principal dos homens aquele que demonstra benevolência até por um inimigo desamparado caído em infortúnio, quando tal inimigo se apresenta e suplica por ajuda. Nenhum homem é igual (em mérito) àquele que satisfaz a fome de uma pessoa que é emaciada, possuidora de erudição, desprovida dos meios de sustento, e enfraquecida pela miséria. Alguém deve sempre, ó filho de Kunti, dissipar por todos meios em seu poder o infortúnio de pessoas justas praticantes de votos e ações, que, embora desprovidas de

filhos e cônjuges e mergulhadas em miséria, ainda assim não solicitam outros por qualquer tipo de ajuda. Aquelas pessoas que não proferem bênçãos sobre as divindades e homens (na expectativa de doações), que são merecedoras de reverência e sempre contentes, e que subsistem de esmolas tais como as que elas conseguem sem pedidos de qualquer tipo, são consideradas como verdadeiras cobras de veneno virulento. Ó Bharata, sempre te proteja delas por lhes fazer doações. Elas são competentes para compor os principais dos Ritwikas. Tu deves descobri-los por meio dos teus espiões e agentes. Tu deves honrar aqueles homens por meio de doações de boas casas equipadas com todos os artigos necessários, com escravos e homens serventes, com bons mantos e vestimentas, ó filho de Kuru, e com todos os artigos competentes para contribuir para o prazer e felicidade de alguém. Homens justos de ações justas devem fazer tais doações, impelidos pelo motivo que é seu dever agir dessa maneira e não pelo desejo de colher quaisquer recompensas disso. Na verdade bons homens devem agir dessa maneira para que os homens virtuosos descritos acima não possam, ó Yudhishthira, sentir qualquer indisposição para aceitar aquelas doações santificadas por fé e devoção. Há pessoas banhadas em erudição e banhadas em votos. Sem depender de ninguém eles obtêm seus meios de subsistência. Estes Brahmanas de votos rígidos são dedicados ao estudo Védico e penitências sem proclamarem suas práticas para ninguém. Quaisquer doações que tu possas fazer para aquelas pessoas de comportamento puro, de domínio completo sobre seus sentidos, e sempre satisfeitas com suas próprias esposas na questão de desejo, sem dúvida ganharão para ti um mérito que te acompanhará para todos os mundos para os quais tu possas ir. Alguém colhe o mesmo mérito por fazer doações para pessoas regeneradas de almas controladas o qual alguém ganha por despejar devidamente libações no fogo sagrado de manhã e à noite. Este mesmo é o sacrifício distribuído por ti, um sacrifício que é santificado pela fé e devoção e que é dotado de Dakshina. Ele é eminente sobre todos os outros sacrifícios. Que este sacrifício flua de ti incessantemente conforme tu doas. (Este sacrifício é o sacrifício de doações. 'Distribuir um sacrifício' significa distribuir os artigos e colocá-los em ordem apropriada em vista do sacrifício.) Realizado por causa de tais homens, ó Yudhishthira, um sacrifício no qual a água que é salpicada para oferecer as doações constitui as oblações em honra dos Pitris, e a devoção e culto prestado para semelhantes homens superiores serve para livrar alguém dos débitos que ele tem com as divindades. (O sentido é este: doações feitas para tais Brahmanas superiores servem para livrar uma pessoa dos débitos que ela tem com as divindades. A 'água de doações' significa a água que o doador salpica, com uma folha de grama Kusa, sobre o artigo doado, dizendo, 'Eu dou isto'. No sacrifício constituído por doações, tal água é como a consagração de oferendas para os Pitris.) Aquelas pessoas que não cedem à ira e que nunca desejam pegar nem uma folha de grama pertencente a outros, como também aquelas que são de fala agradável, merecem receber de nós o culto mais reverente. Tais pessoas e outras (porque são livres do desejo) nunca prestam seus respeitos ao doador. Nem eles se esforçam para obter doações. Eles devem, no entanto, ser tratados pelos doadores como eles tratariam seus próprios filhos. Eu inclino minha cabeça para eles. Deles também o Céu e o Inferno podem vir a ser de alguém; (se satisfeitos, eles concedem o Céu, se zangados, eles lançam no

Inferno). Ritwiks e Purohitas e preceptores, quando familiarizados com os Vedas e quando se comportando gentilmente em direção a discípulos, se tornam de tal modo. Sem dúvida, a energia Kshatriya perde sua força sobre um Brahmana quando o enfrenta. Pensando que tu és um rei, que tu possuis grande poder, e que tu tens riqueza, ó Yudhishthira, não desfrute de tua riqueza sem dares alguma coisa para os Brahmanas. Cumprindo os deveres da tua própria classe, cultue os Brahmanas com qualquer riqueza que tiveres, ó impecável, para propósitos de adorno ou sustentar teu poder. Deixe os Brahmanas viverem de qualquer maneira que eles queiram. Tu deves sempre inclinar tua cabeça para eles com reverência. Deixe que eles sempre se regozijem em ti como teus filhos, vivendo felizmente e segundo seus desejos. Quem mais além de ti, ó melhor dos Kurus, é competente para fornecer os meios de subsistência para Brahmanas que são dotados de contentamento eterno, que são teus benquerentes, e que são satisfeitos somente com um pouco? Como as mulheres têm um dever eterno neste mundo, isto é, dependência e serviço obediente a seus maridos, e como tal dever constitui seu único fim, assim mesmo o serviço para os Brahmanas é nosso dever e fim eterno. Se, à visão de crueldade e outras ações pecaminosas em Kshatriyas, os Brahmanas, ó filho, não respeitados por nós, abandonarem todos nós, eu digo, de que utilidade a vida seria para nós, na ausência de todo contato com os Brahmanas, especialmente porque nós então teríamos que nos arrastar em nossa existência sem poder estudar os Vedas, realizar sacrifícios, esperar por mundos de bem-aventurança após a morte, e realizar façanhas grandiosas? Eu irei, com relação a isto, te dizer qual é o costume eterno. Antigamente, ó rei, os Kshatriyas costumavam servir os Brahmanas. O Vaisya de maneira similar costumava naqueles tempos cultuar a classe real, e o Sudra cultuar o Vaisya. Isto mesmo é o que é ouvido. O Brahmana era como um fogo ardente. Sem poder tocá-lo ou se aproximar de sua presença, o Sudra costumava servir o Brahmana de uma distância. Era somente o Kshatriya e o Vaisya que podiam servir o Brahmana por tocar sua pessoa ou se aproximar da sua presença. Os Brahmanas são dotados de uma disposição gentil. Eles são verdadeiros em comportamento. Eles são seguidores da religião verdadeira. Quando zangados, eles são como cobras de veneno virulento. Sendo tal sua natureza, ó Yudhishthira, os sirva e atenda com obediência e reverência. Os Brahmanas são superiores até àqueles que são mais altos do que os altos e os baixos. A energia e penitências, mesmo daqueles Kshatriyas que resplandecem com energia e poder, se tornam impotentes e neutralizadas quando elas entram em contato com os Brahmanas. Meu próprio pai não é mais caro para mim do que os Brahmanas. Minha mãe não é mais cara para mim do que eles. Meu avô, ó rei, não é mais caro, meu próprio eu não é mais caro, minha própria vida não é mais cara, ó rei, para mim do que os Brahmanas! Sobre a terra não há nada, ó Yudhishthira, que seja mais caro para mim do que tu. Mas, ó chefe da linhagem de Bharata, os Brahmanas são mais caros para mim até do que tu. Eu te digo realmente, ó filho de Pandu! Eu juro por esta verdade, pela qual eu espero alcançar todas aquelas regiões de felicidade que têm sido de Santanu. Eu contemplo aquelas regiões sagradas com Brahma brilhando visivelmente perante elas. Eu me dirigirei para lá, ó filho, e residirei nelas por dias intermináveis. Contemplando aquelas regiões, ó melhor dos Bharatas (com meus

olhos espirituais), eu estou cheio de deleite ao pensar em todas aquelas ações as quais eu tenho feito em ajuda e honra dos Brahmanas, ó monarca!'"

60

"Yudhishthira disse, 'Para qual dos dois Brahmanas, quando acontece de ambos serem igualmente puros em comportamento, igualmente possuidores de erudição e pureza, de nascimento e sangue, mas diferindo um do outro somente nisto: que um pede e o outro não, eu pergunto, ó avô, para qual destes dois uma doação seria mais meritória?'"

"Bhishma disse, 'É dito, ó filho de Pritha, que uma doação feita para uma pessoa que não solicita é produtiva de maior mérito do que uma feita para uma pessoa que solicita. Alguém possuidor de contentamento é sem dúvida mais merecedor do que aquela pessoa que é desprovida daquela virtude e é, portanto, impotente entre as tempestades e desgraças do mundo. A firmeza de um Kshatriya consiste na proteção que ele dá para outros. A firmeza de um Brahmana consiste em sua recusa em pedir. O Brahmana possuidor de constância e erudição e contentamento alegra as divindades. Os sábios dizem que um ato de solicitação da parte de um homem pobre é uma grande vergonha. Aquelas pessoas que pedem para outros são citadas como incomodando o mundo como ladrões e assaltantes. (No Santi Parva, Bhishma instrui que mendigos sejam expulsos de vilas e cidades como indivíduos aborrecedores de pessoas respeitáveis. Isto, no entanto, se aplica a mendigos profissionais, e não a pessoas em verdadeiro infortúnio.) A pessoa que pede é citada como se encontrando com a morte. O doador, no entanto, é citado como não se encontrando com a morte. É dito que o doador concede vida para aquele que solicita. Por um ato de doação, ó Yudhishthira, o doador salva a si mesmo também. A compaixão é uma virtude muito elevada. Que as pessoas façam doações por compaixão para aqueles que pedem. Aqueles, no entanto, que não mendigam, mas que estão mergulhados na pobreza e miséria devem ser convidados respeitosamente a receber ajuda. Se tais Brahmanas, que devem ser considerados como os principais de sua classe, vivem em teu reino, tu deves considerá-los como fogo coberto com cinzas. Resplandecendo com penitências, eles são capazes de consumir a terra inteira. Tais pessoas, ó filho da linhagem de Kuru, embora geralmente não adoradas, ainda devem ser consideradas como dignas de culto de todas as maneiras. Dotadas de conhecimento e visão espiritual e penitências e Yoga, tais pessoas sempre merecem nosso culto. Ó opressor de inimigos, sempre ofereça culto para semelhantes Brahmanas. Uma pessoa deve se dirigir por sua própria vontade para aqueles principais dos Brahmanas que não pedem e lhes fazer doações de diversos tipos de riqueza em abundância. O mérito que flui de se derramar libações no fogo sagrado adequadamente toda manhã e noite é ganho pela pessoa que faz doações para um Brahmana dotado de erudição, dos Vedas e de votos sublimes e excelentes. Tu deves, ó filho de Kunti, convidar aqueles principais dos Brahmanas que são purificados pelo conhecimento e pelos Vedas e votos, que vivem em independência, cujo estudo Védico e penitências estão

escondidos sem serem anunciados publicamente, e que são cumpridores de votos excelentes, e honrá-los com doações de casas bem construídas e encantadoras equipadas com servidores e mantos e mobília, e com todos os outros artigos de prazer e divertimento. Conhecedores de todos os deveres e possuidores de visão perfeita, aqueles principais dos Brahmanas, ó Yudhishthira, podem aceitar os presentes oferecidos para eles com devoção e respeito, pensando que eles não devem recusar e desapontar o doador. Tu deves convidar aqueles Brahmanas cujas esposas esperam por seu retorno como agricultores na expectativa de chuva. Tendo-os alimentado bem tu deves fazer doações de comida adicional para eles, para que após sua volta para casa suas esposas expectantes possam distribuir aquele alimento entre seus filhos que tinham clamado por comida mas que foram acalmados com promessas. Brahmacharins de sentidos controlados, ó filho, por comerem na casa de alguém de manhã, fazem os três fogos sacrificais serem satisfeitos com o chefe de família em cuja casa eles comem. Que o sacrifício da doação proceda em tua casa ao meio-dia, ó filho, e também doe vacas e ouro e mantos (para teus convidados depois de alimentá-los bem). Por te comportares dessa maneira, tu sem dúvida agradarás o próprio chefe dos celestiais. Este constituiria teu terceiro sacrifício, ó Yudhishthira, no qual oferendas são feitas para as divindades, os Pitris, e os Brahmanas. Por tal sacrifício tu com certeza gratificarás os Viswedevas. Que compaixão por todas as criaturas, dar para todas as criaturas o que é devido a elas, controle dos sentidos, renúncia, constância, e verdade, constituam o banho final daquele sacrifício que é constituído por doações. Este mesmo é o sacrifício que é estendido para ti, um sacrifício que é santificado por devoção e fé, e que tem um grande Dakshina vinculado a ele. Este sacrifício que é constituído por doações é eminente sobre todos os outros sacrifícios, ó filho, que este sacrifício seja sempre realizado por ti.'"

61

"Yudhishthira disse, 'Eu desejo saber em detalhes, ó Bharata, onde alguém encontra com as grandes recompensas de doações e sacrifícios. Aquelas recompensas são ganhas aqui ou elas vêm depois da morte? Qual entre estes dois (doação e sacrifício) é considerado como produtivo de mérito superior? Para quem doações devem ser feitas? De que maneira doações e sacrifícios devem ser feitos? Quando também eles devem ser feitos? Eu te pergunto tudo isso, ó antepassado erudito! Discurse para mim sobre o dever das doações! Diga-me, ó avô, qual leva à maior recompensa, isto é, doações feitas da plataforma sacrifical ou aquelas feitas fora daquele local?'"

'Bhishma disse, 'Ó filho, um Kshatriya está geralmente empenhado em atos de violência. No seu caso, sacrifícios e doações são considerados como purificadores e santificadores deles. Aqueles que são bons e justos não aceitam presentes de pessoas da classe real que são dadas a ações pecaminosas. Por esta razão, o rei deve realizar sacrifícios com presentes abundantes na forma de Dakshina. (Sacrifícios são um meio de doar para Brahmanas.) Se os bons e justos aceitarem as doações feitas para eles, o Kshatriya, ó monarca, deve constantemente fazer

doações com devoção e fé para eles. Doações são produtivas de grande mérito, e são altamente purificadoras. Cumpridor de votos, alguém deve realizar sacrifícios e gratificar com riqueza Brahmanas tais como os que são amigos de todas as criaturas, possuidores de virtude, familiarizados com os Vedas, e preeminentes por ações, conduta, e penitências. Se tais Brahmanas não aceitam teus presentes, nenhum mérito vem a ser teu. Realize sacrifícios com Dakshina copioso, e faça doações de alimento bom e agradável para aqueles que são virtuosos. Por fazer um ato de doação tu deves te considerar como realizando um sacrifício. Tu deves adorar com presentes aqueles Brahmanas que realizam sacrifícios. Por fazer isto tu obterás uma parte dos méritos daqueles sacrifícios deles. Tu deves sustentar Brahmanas que possuem filhos e que são capazes de enviar pessoas para o Céu. Por te comportares dessa maneira tu sem dúvida conseguirás uma grande progênie, de fato uma progênie tão grande quanto a do próprio Prajapati. Aqueles que são justos mantêm e auxiliam a causa de todas as ações justas. Uma pessoa deve, por dar tudo de si, sustentar tais homens como também aqueles que fazem bem para todas as criaturas. Tu mesmo estando no desfrute de riqueza, ó Yudhishthira, faça para os Brahmanas doações de vacas e bois e alimento e guarda-sóis, e mantos e sandálias ou sapatos. Dê para Brahmanas sacrificantes manteiga clarificada, como também comida e carros e veículos com cavalos atrelados a eles, e moradias e mansões e camas. Tais doações são repletas de prosperidade e riqueza para o doador, e são consideradas como puras, ó Bharata. Aqueles Brahmanas que não são criticáveis por alguma coisa que eles fazem, e que não têm meios de sustento designados para eles, devem ser procurados. Veladamente ou publicamente cuide de tais Brahmanas por lhes atribuir os meios de sustento. Tal conduta sempre confere maior benefício para Kshatriyas do que o Rajasuya e os Sacrifícios de Cavalo. Purificando-te do pecado, tu sem dúvida alcançarás o Céu. Enchendo tua tesouraria tu deves fazer bem para o teu reino. Por tal conduta tu com certeza ganharás muita riqueza e te tornarás um Brahmana (em tua próxima vida). Ó Bharata, proteja teus próprios meios (de sustento e de fazer atos de virtude), como também os meios de subsistência de outras pessoas. Sustente teus empregados como teus próprios filhos. Ó Bharata, proteja os Brahmanas no desfrute do eles têm e faça doações para eles de artigos tais como os que eles não têm. Que tua vida seja dedicada ao propósito dos Brahmanas. Que nunca seja dito que tu não concedes proteção para os Brahmanas. Muita riqueza ou afluência, quando possuída por um Brahmana, se torna uma fonte de mal para ele. Associação constante com riqueza e prosperidade seguramente o encherá de orgulho e fará com que ele fique confuso (a respeito dos seus verdadeiros deveres). Se os Brahmanas ficam entorpecidos e imersos em insensatez, virtude e deveres com certeza sofrem destruição. Sem dúvida, se a virtude e o dever acabarem, isto levará à destruição de todas as criaturas. Aquele rei que tendo acumulado riqueza a transfere para seus oficiais da tesouraria e guardas (para mantê-la segura), e então começa novamente a pilhar seu reino, dizendo para seus oficiais, 'Tragam-me tanta riqueza quanto vocês possam extorquir do reino,' e que gasta a riqueza que é assim arrecadada por sua ordem sob circunstâncias de medo e crueldade na realização de sacrifícios, deve saber que aqueles seus sacrifícios nunca são aprovados pelos justos. O rei deve realizar sacrifícios com riqueza tal como a que é paga de bom grado para sua tesouraria

por súditos prósperos e não perseguidos. Sacrifícios nunca devem ser realizados com riqueza adquirida por meio de severidade e extorsão. O rei deve então realizar sacrifícios grandiosos com grandes presentes na forma de Dakshina, quando por ser dedicado ao bem de seus súditos, os últimos o banham com chuvas copiosas de riqueza trazidas de bom grado por eles para o propósito. O rei deve proteger a riqueza daqueles que são idosos, daqueles que são menores de idade, daqueles que são cegos, e daqueles que são inabilitados de outras maneiras. O rei nunca deve pegar alguma riqueza de seu povo se eles, em uma estação de seca, conseguem fazer crescer algum cereal com a ajuda de água obtida de poços. Nem ele deve tirar alguma riqueza de mulheres lacrimosas. (Mulheres lacrimosas significa mulheres privadas de recursos e, portanto, incapazes de pagar.) A riqueza tirada dos pobres e dos desamparados sem dúvida destrói o reino e a prosperidade do rei. O rei deve sempre fazer para os virtuosos doações de todos os artigos agradáveis em abundância. Ele deve certamente dissipar o medo da fome o qual aqueles homens possam ter. Não há homens mais pecaminoso do que aquele para cuja comida crianças olham com desejo sem poderem comê-la devidamente. Se dentro do teu reino algum Brahmana erudito enlanguesce com fome como alguma daquelas crianças, tu então incorrerás no pecado de feticídio por teres permitido tal ação. O próprio rei Sivi disse isto: 'Que vergonha para aquele rei em cujo reino um Brahmana ou mesmo algum outro homem enlanguesce de fome!' Aquele reino no qual um Brahmana da classe Snataka enlanguesce com fome vem a ser dominado pela adversidade. Tal reino com seu rei também atrai crítica. Está mais morto do que vivo aquele rei em cujo reino mulheres são facilmente sequestradas do meio de maridos e filhos, proferindo gritos e gemidos de indignação e angústia. Os súditos devem se armar para matar aquele rei que não os protege, que simplesmente pilha sua riqueza, que confunde todas as distinções, que é sempre incapaz de tomar sua liderança, que é sem compaixão, e que é considerado como o mais pecaminoso dos reis. Aquele rei que diz para seu povo que ele é seu protetor mas que não o faz ou não pode protegê-los, deve ser morto por seus súditos combinados, como um cachorro que foi afetado pela raiva e que ficou louco. Uma quarta parte de quaisquer pecados que sejam cometidos pelos súditos se aferram àquele rei que não os protege, ó Bharata. Algumas autoridades dizem que o total daqueles pecados é recebido por semelhante rei. Outros são de opinião que uma metade deles vem a ser dele. Tendo em mente, no entanto, a declaração de Manu, é nossa opinião que uma quarta parte de tais pecados vem a ser do rei não protetor. Aquele rei, ó Bharata, que concede proteção para seus súditos obtém uma quarta parte de quaisquer méritos que seus súditos adquiram vivendo sob sua proteção. Ó Yudhishthira, aja de tal maneira que todos os teus súditos possam te procurar como sua proteção enquanto tu estiveres vivo, assim como todas as criaturas procuram a proteção da divindade da chuva ou como os habitantes alados do ar procuram a proteção de uma árvore grande. Que todos os teus parentes e todos os teus amigos e benquerentes, ó opressor de inimigos, te procurem como seu refúgio assim como os Rakshasas procuram Kuvera ou as divindades procuram Indra como o deles.'"

62

"Yudhishthira disse, 'As pessoas aceitam com afeição as declarações dos Srutis que dizem, 'Isto é para ser dado.' 'Esta outra coisa é para ser dada!' Com relação aos reis, além disso, eles fazem doações de várias coisas para vários homens. Qual, no entanto, ó avô, é a melhor ou principal de todas as doações?'"

"Bhishma disse, 'De todos os tipos de doações, a doação de terra é citada como sendo a primeira (a respeito de mérito). A terra é imóvel e indestrutível. Ela é capaz de produzir para aquele que a possui todas as melhores coisas sobre as quais seu coração pode estar colocado. Ela produz mantos e vestimentas, jóias e pedras preciosas, animais, arroz e cevada. Entre todas as criaturas, o doador de terra cresce em prosperidade para sempre. Enquanto a terra dura o doador de terra cresce em prosperidade. Não há doação que seja maior, ó Yudhishthira, do que a doação de terra. É ouvido por nós que todos os homens têm dado uma pequena quantidade de terra. Todos os homens têm feito doações de terra, por essa razão todos os homens desfrutam de um pouco de terra. Neste ou no mundo seguinte todas as criaturas vivem sob condições dependentes de suas próprias ações. A Terra é a própria Prosperidade. Ela é uma deusa poderosa. Ela faz seu senhor (na próxima vida) aquele que faz doações dela nesta vida para outras pessoas. Aquela pessoa, ó melhor dos reis, que dá terra, a qual é indestrutível, como Dakshina, vem a nascer na próxima vida como um homem e se torna também um senhor de terra. A medida do prazer de alguém nesta vida é compatível com a medida de suas doações em uma vida prévia. Esta mesma é a conclusão para a qual as escrituras apontam. Pois um Kshatriya deve ou dar a terra em doação ou rejeitar sua vida em batalha. Isto mesmo constitui a maior fonte de prosperidade com relação aos Kshatriyas. É sabido por nós que a terra, quando doada, purifica e santifica o doador. O homem que é de comportamento pecaminoso, que é culpado até da morte de um Brahmana e de falsidade, é purificado por uma doação de terra. De fato, tal doação salva até semelhante pecador de todos os seus pecados. Os justos aceitam somente doações de terra e nenhuma outra coisa de reis que são pecaminosos. Como uma mãe, a terra, quando doada, purifica o doador e o recebedor. Este é um nome eterno e secreto da terra, isto é, Priyadatta. (O comentador explica que porque é dada por alguém que é caro ou dada para alguém que é caro, portanto ela é chamada de Priyadatta.) Doada ou aceita em doação, o nome que é querido para ela é Priyadatta. A doação de terra é desejável. O rei que faz uma doação de terra para um Brahmana erudito obtém um reino daquela doação. Após renascer neste mundo, tal homem sem dúvida alcança uma posição que é igual àquela de um rei. Por isso um rei logo que ele obtém terra deve fazer doações de terra para os Brahmanas. Ninguém exceto um senhor de terra é competente para fazer doações de terra. Nem alguém que não é uma pessoa merecedora deve aceitar uma doação de terra. Aqueles que desejam terra devem, sem dúvida, se comportar dessa maneira (isto é, fazer doações de terra). Aquela pessoa que rouba a terra pertencente a uma pessoa justa nunca adquire alguma terra. Por fazer doações de terra para os justos alguém adquire boa terra. De alma virtuosa, tal doador obtém grande renome aqui e após a morte. Aquele rei justo a respeito de quem os

Brahmanas dizem, 'Nós vivemos na terra dada a nós por ele' é tal que seus próprios inimigos não podem proferir a menor crítica a respeito de seu reino. Quaisquer pecados que um homem cometa por falta dos meios de sustento são todos purificados pela doação de somente tanta terra quanto seja coberta por uma pele bovina. Aqueles reis que são vis em suas ações ou são de atos violentos, devem ser ensinados que a doação de terra é extremamente purificadora e é ao mesmo tempo a maior doação (a respeito de mérito). Os antigos pensavam que havia sempre muito pouca diferença entre o homem que realiza um Sacrifício de Cavalo e aquele que faz uma doação de terra para alguém que é justo. Os eruditos têm dúvidas da aquisição de mérito por fazer todas as outras ações de virtude. A única ação com respeito à qual eles não nutrem dúvida é a doação de terra a qual, de fato, é a principal de todas as doações. O homem de sabedoria que faz doações de terra, doa todos estes, isto é, ouro, prata, tecido, jóias e pérolas e pedras preciosas. Penitências, sacrifícios, erudição Védica, bom comportamento, ausência de cobiça, firmeza na verdade, culto aos mais velhos, preceptores, e às divindades, todos moram naquele que faz uma doação de terra. Aqueles que ascendem para a região de Brahman por perderem suas vidas em batalha, depois de terem lutado sem qualquer consideração por si mesmos para assegurar o benefício para seus mestres, até eles são incapazes de transcender o mérito daqueles que fazem doações de terra. Como a mãe sempre nutre seu próprio filho com leite de seu peito, assim mesmo a terra satisfaz com todos os gostos a pessoa que faz uma doação de terra. Mrityu, Vaikinkara, Danda, Yama, o Fogo que é possuidor de grande ferocidade, e todos os pecados hediondos e terríveis não podem tocar a pessoa que faz uma doação de terra. Aquele homem de alma tranquila que faz uma doação de terra gratifica (por aquela ação) os Pitris habitando em sua própria região e as divindades também aclamando da região que é delas. O homem que faz um presente de terra para alguém que está emaciado e triste e desprovido dos meios de vida e enlanguescendo com fraqueza, e que assim o supre com os meios de subsistência, vem a ter o direito à honra e mérito da realização de um sacrifício. Assim como uma vaca afetuosa corre na direção de seu bezerro, com úberes cheios pingando leite, a terra altamente abençoada, da mesma maneira, corre em direção à pessoa que faz uma doação de terra. Aquele homem que faz para um Brahmana uma doação de terra que tem sido cultivada, ou semeada com sementes ou que contém colheitas em pé, ou uma mansão bem equipada com tudo o que é necessário, consegue se tornar (na próxima vida) o realizador dos desejos de todos. O homem que faz um Brahmana possuidor dos meios de vida, possuidor de um fogo doméstico e de votos e práticas puros aceitar um presente de terra, nunca cai em algum perigo ou infortúnio. Como a lua aumenta dia a dia, assim mesmo o mérito de uma doação de terra vem a ser aumentado toda vez que tal terra produz colheitas. Aqueles que conhecem a história antiga cantam este verso com relação à doação de terra. Ouvindo aquele verso o filho de Jamadagni (Rama) doou a terra inteira para Kasyapa. O verso ao qual eu me refiro é (esta declaração da própria terra): 'Receba-me em doação. Doe-me. Por me doar, tu (ó doador) me obterá novamente!' Aquilo que é doado nesta vida é readquirido na próxima. Aquele Brahmana que recita esta declaração sublime dos Vedas na hora de um Sraddha obtém a maior recompensa. Uma doação de terra é uma grande expiação para o

pecado daqueles homens pujantes que se dirigem aos ritos Atharvan para prejudicar outros. De fato, por fazer uma doação de terra alguém resgata dez gerações de sua linhagem paterna e materna. Aquela pessoa que é mesmo conhecedora desta declaração Védica a respeito dos méritos de uma doação de terra consegue resgatar dez gerações de suas famílias paterna e materna. A terra é a fonte original de todas as criaturas (pois é da terra que todas as criaturas derivam seu sustento). É dito que a divindade do fogo é o gênio que preside a terra. Depois que é realizada a cerimônia de coroação de um rei, esta declaração Védica deve ser recitada para ele, para que ele possa fazer doações de terra e nunca possa tirar a terra de uma pessoa justa. Sem dúvida, toda a riqueza possuída pelo rei pertence aos Brahmanas. Um rei bom conhecedor da ciência do dever e moralidade é o primeiro requisito da prosperidade do reino. Aquelas pessoas cujo rei é injusto e ateu em conduta e crença nunca podem ser felizes. Tais pessoas nunca podem dormir ou acordar em paz. Por suas ações de perversidade seus súditos estão sempre cheios de ansiedade. Proteção do que os súditos já têm e novas aquisições segundo os meios legais são os incidentes que não são visíveis no reino de tal soberano. Aquelas pessoas, além disso, que têm um rei sábio e justo, dormem tranquilamente e acordam em felicidade. Pelas ações abençoadas e justas de tal rei, seus súditos ficam livres de ansiedade. Os súditos, impedidos de fazerem más ações, crescem em prosperidade por sua própria conduta. Capazes de manter o que têm, eles continuam fazendo novas aquisições. Aquele rei que faz doações de terra é considerado bem nascido. Ele é considerado como um homem. Ele é um amigo. Ele é justo em suas ações. Ele é um doador. Ele é considerado como possuidor de destreza. Aqueles homens que fazem doações de terra ampla e fértil para Brahmanas conhecedores dos Vedas sempre brilham no mundo, por sua energia, como muitos sóis. Como as sementes espalhadas na terra crescem e rendem uma boa colheita, assim mesmo todos os desejos de alguém vêm a ser coroados com realização em consequência de ele fazer doações de terra. Aditya e Varuna e Vishnu e Brahman e Soma e Hutasana, e o ilustre Mahadeva manejador do tridente, todos aplaudem o homem que faz uma doação de terra. As criaturas vivas surgem para a vida da terra e é na terra que elas vêm a se fundir quando elas desaparecem. As criaturas viventes que estão divididas em quatro classes (vivíparas, ovíparas, nascidas da sujeira, e vegetais) têm a terra como sua essência constituinte. A terra é a mãe e o pai do universo de criaturas, ó monarca. Não há elemento, ó soberano de homens, que possa se comparar com a terra. Em relação a isto é citada a velha narrativa de uma conversa entre o preceptor celeste Vrihaspati e Indra, o soberano do Céu, ó Yudhishthira. Tendo adorado Vishnu em cem sacrifícios, cada um dos quais era eminente por presentes abundantes como Dakshina, Maghavat fez esta pergunta para Vrihaspati, aquela principal de todas as pessoas eloquentes.'"

"Maghavat disse, 'Ó ilustre, por quais doações alguém consegue ir para o Céu e obter beatitude? Ó principal dos oradores, fale-me daquela doação que é produtiva de mérito sublime e inesgotável.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado pelo chefe dos celestiais, o preceptor das divindades, Vrihaspati de grande energia, disse estas palavras em resposta

para ele de cem sacrifícios. ‘Dotada como ela é dos méritos que se ligam à doação de terra, a região de bem-aventurança reservada para a pessoa que faz doação de tal terra que é auspiciosa e rica com todos os sabores, nunca vem a ser esgotada. (As coisas recebem da terra a qualidade de sabor. Os sabores são inerentes à terra, pois é a mesma terra que produz a cana de açúcar e o tamarindo.) Aquele rei, ó Sakra, que deseja ter prosperidade e que deseja ganhar felicidade para si mesmo, deve sempre fazer doações de terra, com os ritos devidos, para pessoas merecedoras. Se depois de cometer numerosos pecados uma pessoa faz doações de terra para membros da classe regenerada, ela rejeita todos aqueles pecados como uma cobra rejeitando sua pele. A pessoa que faz uma doação de terra é citada como fazendo doações de tudo, isto é, de mares e rios e montanhas e florestas. Por fazer uma doação de terra, a pessoa é citada como doando lagos e tanques e poços e rios. Pela umidade da terra, uma pessoa é citada como doando artigos de diversos gostos por fazer um presente de terra. O homem que faz um presente de terra é considerado como doando ervas e plantas possuidoras de virtudes superiores e eficazes, árvores adornadas com flores e frutos, bosques encantadores, e morros pequenos. O mérito que uma pessoa adquire por fazer uma doação de terra não pode ser obtido nem pela realização de sacrifícios grandiosos como o Agnishtoma e outros com presentes abundantes na forma de Dakshina. O doador de terra, isto já foi dito, salva dez gerações de suas linhagens paterna e materna. Similarmente, por tirar terra que foi dada de graça, uma pessoa se lança no inferno e lança dez gerações de suas linhagens paterna e materna no mesmo lugar de miséria. Aquele homem que tendo prometido fazer uma doação de terra realmente não a faz, ou que tendo feito um presente o pega de volta, tem que passar muito tempo em grande miséria por ser atado com o laço de Varuna por ordem da Morte. Nunca têm que ir para Yama aqueles homens que honram e adoram aqueles principais dos Brahmanas que despejam libações todos os dias sobre seu fogo doméstico, que estão sempre engajados na realização de sacrifícios, que têm meios escassos de sustento, e que recebem com hospitalidade todos os convidados que procuram abrigo em suas residências. O rei, ó Purandara, deve se livrar da dívida que ele tem com os Brahmanas e proteger os desamparados e os fracos pertencentes às outras classes. O rei nunca deve retomar, ó chefe das divindades, a terra que foi dada por outro para um Brahmana, ó soberano dos celestiais, que é desprovido dos meios de vida. As lágrimas que cairiam dos olhos de tais Brahmanas tristes e destituídos por suas terras serem pegas de volta são capazes de destruir os antepassados e descendentes daquele que as retoma até a terceira geração. Aquele homem que consegue por seus esforços restabelecer um rei rechaçado de seu reino obtém residência no céu e é muito honrado pelos habitantes de lá. Aquele rei que consegue fazer doações de terra com colheitas sobre ela tais como cana-de-açúcar ou cevada ou trigo, ou com vacas e cavalos e outro gado de tiro, terra que foi ganha com o poder dos braços do doador, que tem riqueza mineral em suas entranhas e que está coberta com todos os tipos de riqueza da superfície, ganha regiões inesgotáveis de felicidade no mundo seguinte, e tal rei é citado como realizando do sacrifício de terra. Aquele rei que faz um presente de terra vem a ser purificado de todos os pecados e é, portanto, puro e aprovado pelos justos. Neste mundo ele é altamente honrado e elogiado por todos os

homens justos. O mérito que se vincula a uma doação de terra aumenta toda vez que a terra doada produz colheitas para o benefício do dono, assim como uma gota de óleo, caindo sobre água, é vista se estender por todos os lados e cobrir a superfície aquosa. Aqueles reis heróicos e ornamentos de assembléias que rejeitam suas vidas em batalha com rostos na direção do inimigo, alcançam, ó Sakra, a região de Brahman. Belas donzelas hábeis em música e dança e adornadas com guirlandas de flores celestes, se aproximam, ó chefe das divindades, do doador de terra quando ele vai para o céu partindo da terra. Aquele rei que faz doações de terra com os ritos devidos para pessoas da classe regenerada se diverte em felicidade nas regiões celestes, adorado todo o tempo pelas divindades e Gandharvas. Uma centena de Apsaras, enfeitadas com guirlandas celestes, se aproximam, ó chefe das divindades, do doador de terra quando ele ascende para a região de Brahman. Flores de perfumes excelentes, uma concha excelente e assento excelente, um guarda-sol e corcéis excelentes com veículos excelentes, estão sempre preparados para a pessoa que faz doações de terra. Por fazer doações de terra um rei pode sempre dispor de flores de perfume excelente e pilhas de ouro. Possuidor de todos os tipos de riqueza as ordens de semelhante rei nunca podem ser desobedecidas em algum lugar, e gritos de vitória o saúdam de onde quer que ele possa se aproximar. As recompensas que se vinculam às doações de terra consistem em residência no céu, ó Purandara, e ouro, e flores, e plantas e ervas de virtude medicinal, e Kusa e riqueza mineral e grama verdejante. Uma pessoa por fazer uma doação de terra obtém em sua próxima vida terra produtiva de néctar. Não há doação que seja igual a uma doação de terra. Não há superior digno de maior respeito do que a mãe. Não há maior dever do que a verdade. Não há riqueza mais preciosa do que aquela que é doada.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras do filho de Angiras, Vasava fez uma doação da terra inteira com todas suas pedras preciosas e jóias e toda sua riqueza de diversas espécies. Se estes versos declarando o mérito atribuído aos presentes de terra forem recitados na ocasião de um Sraddha, nem Rakshasas nem Asuras podem conseguir se apropriar de qualquer parte das oferendas feitas nele. Sem dúvida, as oferendas que uma pessoa faz para seus Pitris em tal Sraddha se tornam inesgotáveis. Então, em ocasiões de Sraddhas, o homem de erudição deve recitar estes versos sobre o assunto dos méritos que se anexam aos presentes de terra, na presença e audição dos Brahmanas convidados quando ocupados em comer. Eu assim, ó chefe dos Bharatas, discursei para ti sobre aquela doação que é a principal de todas as doações. O que mais tu desejas saber?'"

63

"Yudhishthira disse, 'Quando um rei fica desejoso de fazer doações neste mundo, quais, de fato, são aquelas doações que ele deve fazer, ó melhor dos Bharatas, para Brahmanas tais como os que possuem habilidades superiores? Qual presente é aquele pelo qual os Brahmanas ficam imediatamente satisfeitos?

Quais frutos eles concedem em retribuição? Ó tu de braços poderosos, diga-me qual é a grande recompensa obtenível pelo mérito que provém das doações. Quais doações, ó rei, são produtivas de recompensas aqui e após a morte? Eu desejo saber tudo isso de ti. Fale-me sobre tudo isso em detalhes.'"

"Bhishma disse, 'Estas mesmas perguntas em uma ocasião antiga foram feitas por mim para Narada de aparência celeste. Ouça-me enquanto eu conto para ti o que aquele sábio celeste me disse em resposta.'"

"Narada disse, 'As divindades e todos os Rishis aprovam alimento. O andamento do mundo e as faculdades intelectuais foram todas fundadas sobre o alimento. Nunca houve, nem haverá alguma doação que seja igual às doações de alimento. Então, homens sempre desejam particularmente fazer doações de alimento. Neste mundo, alimento é a causa da energia e força. Os ares vitais estão estabelecidos sobre o alimento. É o alimento que mantém o amplo universo, ó pujante. Todas as classes de homens, chefes de famílias e mendicantes e ascetas, existem dependendo da comida. Os ares vitais dependem da comida. Não há dúvida nisto. Afligindo (se for necessário) seus parentes, alguém que está desejoso de sua própria prosperidade deve fazer doações de comida para um Brahmana de grande alma ou uma pessoa da classe mendicante. Aquele homem que faz uma doação de alimento para um Brahmana ilustre que solicita o mesmo, assegura para si mesmo no mundo riqueza de grande valor. O chefe de família que está desejoso de sua própria prosperidade deve receber com reverência um homem idoso digno que está exausto com o esforço enquanto procede em seu caminho longe de casa, quando tal homem honra a residência do chefe de família com sua presença. Aquele homem que, rejeitando a ira que passa por cima de todos os limites e se tornando justo em disposição e livre de malícia, faz doações de alimento, sem dúvida obtém felicidade, ó rei, aqui e após a morte. O chefe de família nunca deve desconsiderar o homem que chega à sua residência, nem deve insultá-lo por mandá-lo embora. Uma doação de alimento feita até para um Chandala ou um cachorro nunca é perdida. Aquele homem que faz uma doação de alimento puro para uma pessoa no caminho que está cansada e é desconhecida para o doador, com certeza adquire grande mérito. O homem que satisfaz com doações de alimento os Pitris, as divindades, os Rishis, os Brahmanas, e convidados chegados à sua residência, adquire mérito cuja medida é muito grande. Aquela pessoa que tendo cometido até um pecado hediondo faz uma doação de alimento para alguém que pede, ou para um Brahmana, nunca é entorpecida por aquele pecado hediondo. Uma doação de alimento feita para um Brahmana se torna inesgotável. Uma feita para um Sudra vem a ser produtiva de grande mérito. Esta é a diferença entre os méritos que se vinculam às doações de alimento feitas para os Brahmanas e Sudras. Solicitado por um Brahmana, alguém não deve perguntar sobre sua família ou conduta ou conhecimento Védico. Pedida por alimento, uma pessoa deve dar alimento ao que pede. Não há dúvida nisto, ó rei, que aquele que faz doações de alimento obtêm aqui e após a morte muitas árvores produtivas de alimento e todos os outros objetos de desejo. Como agricultores esperando as chuvas auspiciosas, os Pitris sempre esperam que seus filhos e netos façam oferendas de comida para eles (em Sraddhas). O Brahmana

é um grande ser. Quando ele entra na residência de alguém e pede, dizendo, 'Dê-me,' o dono da residência, influenciado ou não pelo desejo de adquirir mérito, sem dúvida ganha grande mérito por atender a esta solicitação. O Brahmana é o convidado de todas as criaturas no universo. Ele tem direito à primeira porção de toda comida. Cresce em prosperidade aquela casa para a qual os Brahmanas se dirigem pelo desejo de pedir esmolas e da qual eles retornam honrados por seus desejos serem realizados. O dono de tal casa toma nascimento em sua próxima vida em uma família, ó Bharata, que pode dispor de todo conforto e luxos da vida. Um homem, por fazer doações de alimento neste mundo, com certeza chega a um lugar excelente após a morte. Aquele que faz doações de doces e de todo alimento que é doce, obtém uma residência no céu onde ele é honrado por todas as divindades e outros habitantes. O alimento constitui o ar vital dos homens. Tudo está fundado sobre o alimento. Aquele que faz doações de alimento obtém muitos animais (como sua riqueza), muitos filhos, riqueza considerável (em outra forma), e um controle em abundância de todos os artigos de comodidade e prazer luxuoso. O doador de alimento é citado como sendo o doador de vida. De fato, ele é citado como sendo o doador de tudo. Por essa razão, ó rei, tal homem adquire força e beleza de forma neste mundo. Se alimento é dado devidamente para um Brahmana chegado à casa do doador como um convidado, o doador obtém grande felicidade, e é adorado pelas próprias divindades. O Brahmana, ó Yudhishthira, é um grande ser. Ele é também um campo fértil. Qualquer semente que seja semeada sobre aquele campo produz uma colheita de mérito abundante. Uma doação de alimento é visivelmente e imediatamente produtiva de felicidade para o doador e o recebedor. Todos os outros presentes produzem frutos que são despercebidos. O alimento é a origem de todas as criaturas. Do alimento vem a felicidade e o prazer. Ó Bharata, saiba que religião e riqueza, ambas fluem do alimento. A cura da doença ou saúde também flui do alimento. Em um Kalpa anterior, o Senhor de todas as criaturas disse que o alimento é Amrita ou a fonte da imortalidade. Alimento é Terra, alimento é Céu, alimento é o Firmamento. Tudo está estabelecido sobre o alimento. Na ausência de alimento, os cinco elementos que constituem o organismo físico cessam de existir em um estado de união. Da ausência de alimento a força mesmo do homem mais forte é vista falhar. Convites e casamentos e sacrifícios todos cessam na ausência de alimento. Os próprios Vedas desaparecem quando não há alimento. Quaisquer criaturas móveis e imóveis que existam no universo são dependentes do alimento. Religião e riqueza, nos três mundos, são todas dependentes do alimento. Então os sábios devem fazer doações de alimento. A força, energia, fama e realizações do homem que faz doações de comida aumentam constantemente nos três mundos, ó rei. O senhor dos ares vitais, isto é, a divindade do vento, coloca acima das nuvens (a água absorvida pelo Sol). A água assim levada para as nuvens é feita por Sakra ser derramada sobre a terra, ó Bharata. O Sol, por meio de seus raios, absorve a umidade da terra. A divindade do vento faz a umidade cair do Sol. Quando a água cai das nuvens sobre a Terra, a deusa Terra se torna úmida, ó Bharata. Então as pessoas semeiam diversas espécies de colheitas de cuja produção o universo das criaturas depende. É do alimento assim produzido que a carne, gordura, ossos e semente vital de todos os seres têm sua origem. Da semente vital assim originada, ó rei, nascem diversas espécies de criaturas vivas. Agni e Soma, os dois agentes

que vivem dentro do corpo, criam e mantêm a semente vital. Assim do alimento, o Sol e a divindade do vento e a semente vital surgem e agem. Todos estes são citados como constituindo um elemento ou quantidade, e é destes que todas as criaturas surgem. Aquele homem que dá comida para alguém que vai à sua casa e a pede, é citado, ó chefe dos Bharatas, como contribuindo para a vida e energia das criaturas vivas.'"

'Bhishma continuou, 'Assim endereçado por Narada, ó rei, eu sempre fiz doações de alimento. Tu também, portanto, livre de malícia e com o coração alegre, faça doações de alimento. Por fazer doações de alimento, ó rei, para Brahmanas merecedores com os ritos devidos, tu podes estar certo, ó pujante, de chegar ao Céu. Ouça-me, ó monarca, enquanto eu te digo quais são aquelas regiões que estão reservadas para aqueles que fazem doações de alimento. As mansões daquelas pessoas de grande alma brilham com resplandecência nas regiões do Céu. Brilhantes como as estrelas no firmamento, e sustentadas sobre muitas colunas, brancas como o disco da lua, e adornadas com muitos sinos tilintantes, e rosadas como o sol ao nascer, aquelas residências suntuosas são fixas ou móveis. Aquelas mansões estão cheias de centenas e centenas de coisas e animais que vivem sobre a terra assim como muitas coisas e animais que vivem na água. Algumas delas são dotadas da refulgência do lápis lazúli e algumas são possuidoras da resplandecência do sol. Algumas delas são feitas de prata e algumas de ouro. Dentro daquelas mansões estão muitas árvores capazes de coroar com realização todos os desejos dos habitantes. Muitos tanques e estradas e salões e poços e lagos se encontram por toda parte. Milhares de transportes com cavalos e outros animais atrelados a eles e com rodas cujo ruído é sempre alto, podem ser vistos lá. Montanhas de alimento e todos os artigos agradáveis e pilhas de tecidos e ornamentos são também vistos lá. Rios numerosos que correm leite, e colinas de arroz e outros comestíveis, podem também ser vistos lá. De fato, muitas residências suntuosas parecendo com nuvens brancas, com muitas camas de esplendor dourado, se encontram naquelas regiões. Tudo isto é obtido por aqueles homens que fazem doações de alimento neste mundo. Portanto, torne-te um doador de alimento. Na verdade, estas são regiões que estão reservadas para aquelas pessoas justas e de grande alma que fazem doações de alimento neste mundo. Por estas razões, homens devem sempre fazer doações de alimento neste mundo.'"

64

"Yudhishthira disse, 'Eu ouvi o discurso com respeito à ordenança acerca da doação de alimento. Fale-me agora sobre a conjunção dos planetas e das estrelas em relação ao assunto de fazer doações.'" (Ou seja, quais conjunções devem ser utilizadas para fazer quais doações específicas.)

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é contada esta antiga narrativa da conversa entre Devaki e Narada, aquele principal dos Rishis. Uma vez quando Narada de aspecto divino e conhecedor de todos os deveres chegou a Dwaraka, Devaki lhe

fez esta pergunta. Para ela que lhe tinha perguntado, o Rishi celeste Narada respondeu devidamente nas seguintes palavras. Ouça-as enquanto eu as repito.'"

"Narada disse, 'Por satisfazer, ó senhora abençoada, Brahmanas merecedores com Payasa (arroz fervido em leite açucarado) misturado com ghee, sob a constelação Krittika alguém alcança regiões de grande felicidade. Sob a constelação Rohini, uma pessoa deve, para se livrar da dívida que ela tem com os Brahmanas, fazer doações para eles de muitos punhados de carne de veado junto com arroz e ghee e leite, e outros tipos de comestíveis e bebidas. Alguém doando uma vaca com um bezerro sob a constelação chamada Somadaivata (ou Mrigasiras), procede desta região de seres humanos para uma região no céu de grande bem-aventurança. Alguém passando por um jejum e doando Krisara misturado com gergelim transcende todas as dificuldades no mundo seguinte, incluindo aquelas montanhas com rochas afiadas como navalhas. Por fazer doações, ó senhora bela, de bolos e outro alimento sob a constelação Punarvasu alguém se torna possuidor de beleza pessoal e grande renome e toma nascimento em sua vida seguinte em uma família na qual há abundância de comida. Fazendo uma doação de ouro trabalhado ou não trabalhado, sob a constelação Pushya, uma pessoa brilha em com refulgência como o próprio Soma em regiões de escuridão circundante. Aquele que faz uma doação sob a constelação Aslesha, de prata e de um touro, fica livre de todo o medo e obtém grande riqueza e prosperidade. Por fazer uma doação, sob a constelação Magha, de pratos de louça cheios com gergelim, alguém vem a ser possuidor de filhos e animais neste mundo e ganha grande bem-aventurança no próximo. Por fazer doações para Brahmanas, sob a constelação chamada Purva-Phalguni, de alimento misturado com Phanita (suco da cana de açúcar engrossado), o doador fazendo um jejum naquele momento, a recompensa é grande prosperidade aqui e após a morte. Por fazer uma doação, sob a constelação chamada Uttara-Phalguni, de ghee e leite com arroz chamado Shashthika, uma pessoa obtém grandes honras no céu. Quaisquer doações que sejam feitas por homens sob a constelação de Uttara-Phalguni produzem grandes méritos, os quais, além disso, se tornam inesgotáveis. Isto é muito verdadeiro. Enquanto faz um jejum, a pessoa que faz, sob a constelação Hasta, uma doação de um carro com quatro elefantes, alcança regiões de grande felicidade que são capazes de conceder a realização de todos os desejos. Por fazer uma doação, sob a constelação Chitra, de um touro e de bons perfumes, alguém se diverte em felicidade nas regiões das Apsaras como as divindades se divertindo nos bosques de Nandana. Por fazer doações de riqueza sob a constelação Swati, uma pessoa alcança regiões excelentes tais como ela deseja e além disso ganha grande fama. Por fazer doações, sob a constelação Visakha, de um touro, e uma vaca que produz uma quantidade copiosa de leite, uma carroça cheia de arroz, com um Prasanga (cesta de bambu ou outro material) para cobrir o mesmo, e também roupas para uso, uma pessoa satisfaz os Pitris e as divindades e obtém mérito inesgotável no outro mundo. Tal pessoa nunca encontra alguma calamidade e satisfaz os Pitris e as divindades e obtém mérito inesgotável no outro mundo. Tal pessoa nunca encontra qualquer calamidade e sem dúvida chega ao céu. Por fazer doações para os Brahmanas de quaisquer artigos que eles peçam, alguém obtém meios de subsistência tais como ele

deseja, e vem a ser resgatado do inferno e de todas as calamidades que punem um pecador depois da morte. Esta é a conclusão indubitável das escrituras. Por fazer doações, sob a constelação Anuradha, de tecido bordado e outras vestimentas e de comida, enquanto faz um jejum, uma pessoa vem a ser honrada no céu por cem Yugas. Por fazer uma doação sob a constelação Jyeshtha, da erva chamada Kalasaka cozida com as raízes, alguém obtém grande prosperidade como também um fim tal como é desejável. Por fazer uma doação para Brahmanas sob a constelação Mula, de frutas e raízes, com a alma controlada, alguém gratifica os Pitris e alcança um fim desejável. Por fazer uma doação sob a constelação Purvashadha, para um Brahmana familiarizado com os Vedas e de boa família e conduta, de xícaras cheias com coalhos, enquanto está na observância de um jejum, alguém toma nascimento em sua próxima vida em uma família possuidora de vacas abundantes. Uma pessoa obtém a realização de todos os desejos por fazer doações, sob a constelação Uttarashadha, de jarros cheios de bebida à base de cevada, com ghee e suco de cana de açúcar engrossado em abundância. Por fazer uma doação sob a conjunção chamada Abhijit, de leite com mel e ghee para homens de sabedoria, uma pessoa justa alcança o céu e se torna um objeto de atenção e respeito lá. Por fazer sob a conjunção Sravana uma doação de cobertores ou outros tecidos de textura espessa, uma pessoa vaga livremente por todas as regiões de bem-aventurança em um carro branco de resplendor puro. Por fazer com alma controlada, sob a constelação Dhanishtha, uma doação de um veículo com touros unidos a ele, ou pilhas de tecidos e riqueza, alguém imediatamente alcança o céu em sua próxima vida. Por fazer doações, sob a constelação Satabhisha, de perfumes com Aquilaria Agallocha e sândalo, alguém obtém no mundo seguinte a companhia de Apsaras como também perfumes eternos de diversos tipos. Por fazer doações, sob a constelação Purva-Bhadrapada, de Rajamasha (uma espécie de feijão), alguém obtém grande felicidade na próxima vida e vem a ser possuidor de um estoque abundante de todos os tipos de comestíveis e frutas. Alguém que faz, sob a constelação Uttara, uma doação de carne de carneiro, gratifica os Pitris por tal ação obtém mérito inesgotável no mundo seguinte. De alguém que faz uma doação, sob a constelação Revati, de uma vaca com um recipiente de cobre branco para ordenhá-la, a vaca assim doada se aproxima no mundo seguinte, preparada para conceder a realização de todos os desejos. Por fazer uma doação, sob a constelação Aswini, de um carro com corcéis unidos a ele, uma pessoa nasce em sua próxima vida em uma família possuidora de numerosos elefantes e corcéis e carros, e vem a ser dotada de grande energia. Por fazer, sob a constelação Bharani, uma doação para os Brahmanas de vacas e gergelim, alguém obtém em sua próxima vida grande fama e uma abundância de vacas.'"

"Bhishma continuou, 'Dessa maneira Narada discursou para Devaki sobre o assunto de quais doações devem ser feitas sob quais constelações. A própria Devaki, tendo escutado a este discurso, o narrou por sua vez para suas noras (isto é, as esposas de Krishna).'"

65

"Bhishma disse, 'O ilustre Atri, o filho do Avô Brahman, disse, 'Aqueles que fazem doações de ouro são citados como fazendo doações de tudo no mundo.' O rei Harischandra disse que a doação de ouro é purificadora de pecados, leva a uma vida longa, e se torna produtiva de mérito inesgotável para os Pitris. Manu disse que uma doação de bebida é a melhor de todas as doações; portanto um homem deve fazer poços e tanques e lagos serem escavados. Um poço cheio de água e do qual diversas criaturas tiram água, é dito que tira a metade das ações pecaminosas da pessoa que o escavou. Toda a família de uma pessoa é resgatada do inferno e pecado em cujo poço ou tanque ou lago as vacas e Brahmanas e pessoas justas saciam sua sede constantemente. Transcende todos os tipos de calamidade aquele homem de cujo poço ou reservatório todos tiram água sem restrição durante a estação do verão. Ghee é dito que satisfaz o ilustre Vrihaspati, Pushan, Bhaga, os gêmeos Aswins, e a divindade do fogo. Ghee é possuidor de grandes virtudes medicinais. Ele é um grande requisito para sacrifício. Ele é o melhor de todos os líquidos. O mérito que uma doação de ghee produz é muito superior. Aquele homem que está desejoso da recompensa de felicidade no mundo seguinte, que deseja fama e prosperidade, deve, com a alma limpa e tendo se purificado, fazer doações de ghee para os Brahmanas. Para aquele homem que faz doações de ghee para os Brahmanas no mês de Aswin, os gêmeos Aswins, satisfeitos, concedem beleza pessoal. Rakshasas nunca invadem a residência daquele homem que faz doações para os Brahmanas de Payasa misturado com ghee. Nunca morre de sede aquele homem que faz doações para os Brahmanas de jarros cheios com água. Tal pessoa obtém todas as coisas necessárias para a vida em abundância, e nunca tem que passar por alguma calamidade ou infortúnio. Aquele homem que com grande devoção e sentidos controlados faz doações para os principais dos Brahmanas, é citado como recebendo uma sexta parte dos méritos ganhos pelos Brahmanas por suas penitências. Aquele homem que faz presentes para os Brahmanas tendo os meios de sustento, de lenha para propósitos de cozinhar como também de lhes permitir expulsar o frio, encontra todos os seus propósitos e todas as suas ações coroados com sucesso. Tal homem é visto brilhar com esplendor grandioso sobre todos os seus inimigos. A ilustre divindade do fogo fica satisfeita com tal homem. Como outra recompensa, ele nunca fica desprovido de gado, e ele sem dúvida obtém vitória em batalhas. O homem que faz uma doação de um guarda-sol obtém filhos e grande prosperidade. Tal pessoa nunca é afetada por alguma doença nos olhos. Os méritos também que provêm da realização de um sacrifício vêm a ser dele. Aquele homem que faz uma doação de um guarda-sol na estação do verão ou chuvas nunca tem que encontrar com algum ressentimento por qualquer motivo. Tal homem consegue se livrar rapidamente de toda dificuldade e obstáculo. O Rishi ilustre e altamente abençoado Sandilya disse que, de todos os presentes, o presente de um carro, ó rei, é o melhor.'"

66

"Yudhishthira disse, 'Eu desejo saber, ó avô, quais são os méritos daquela pessoa que faz uma doação de um par de sandálias para um Brahmana cujos pés estão queimando ou sendo chamuscados pela areia quente, enquanto ele está andando.'"

"Bhishma disse, 'O homem que dá sandálias para os Brahmanas para a proteção de seus pés consegue superar todos os incômodos e vence todo tipo de dificuldade. Tal homem, ó Yudhishthira, permanece acima das cabeças de todos os seus inimigos. Veículos de esplendor puro, com mulas atreladas a eles, e feitos de ouro e prata, ó monarca, se aproximam dele. Aquele que faz uma doação de sandálias é dito que ganha o mérito de fazer a doação de um veículo com corcéis bem domados unidos a ele.'"

"Yudhishthira disse, 'Fale-me em detalhes mais uma vez, ó avô, dos méritos que se vinculam às doações de gergelim e terra e vacas e alimento.'"

"Bhishma disse, 'Ouça, ó filho de Kunti, quais são os méritos que se vinculam à doação de gergelim. Ouvindo-me, então, ó melhor dos Kurus, faça doações de gergelim de acordo com a ordenança. Sementes de gergelim foram criadas pelo Brahman auto-nascido como o melhor alimento para os Pitris. Então, doações de sementes de gergelim sempre alegram imensamente os Pitris. O homem que faz doações de sementes de gergelim, no mês de Magha, para os Brahmanas, nunca tem que visitar o inferno que abunda com todas as criaturas terríveis. Aquele que adora os Pitris com oferendas de sementes de gergelim é considerado como cultuando as divindades em todos os sacrifícios. Nunca se deve realizar um Sraddha com oferendas de sementes de gergelim sem nutrir algum propósito. (Isto é, um Sraddha com Tila ou gergelim nunca deve ser feito sem desejo de resultados.) Sementes de gergelim surgiram dos membros do grande Rishi Kasyapa. Por essa razão, na questão de doações, elas vieram a ser consideradas como possuidoras de grande eficácia. Sementes de gergelim concedem prosperidade e beleza pessoal e purificam o doador de todos os seus pecados. É por esta razão que a doação de sementes de gergelim é eminente acima da doação de todos os outros artigos. Apastamva de grande inteligência, e Kankha e Likhita, e o grande Rishi Gautama, todos ascenderam para o céu por terem feito doações de sementes de gergelim. Aqueles Brahmanas que fazem Homa com oferendas de gergelim, se abstêm de relações sexuais, e que são praticantes da religião de Pravritti ou ações, são considerados como iguais (em pureza e eficácia) ao Havi bovino. A doação de sementes de gergelim é notável acima de todas as doações. Entre todas as doações, as doações de gergelim são consideradas como produtivas de mérito inesgotável. Nos tempos antigos quando Havi (manteiga clarificada), em uma ocasião tinha se tornado não obtenível, o Rishi Kusika, ó opressor de inimigos, fez oferendas de sementes de gergelim para seus três fogos sacrificais e conseguiu alcançar um fim excelente. Eu assim te disse, ó chefe dos Kurus, quais são as regras a respeito da excelente doação de sementes de gergelim. É por causa destas regras que a doação de sementes de gergelim

veio a ser considerada como dotada de mérito muito superior. Depois disto, escute o que eu irei dizer. Uma vez as divindades, desejosas de fazer um sacrifício, se dirigiram, ó monarca, à presença de Brahman Nascido por Si Mesmo. Tendo encontrado com Brahman, estando desejosos de realizar um sacrifício sobre a terra, elas pediram a ele um pedaço de terra auspiciosa, dizendo, 'Nós o queremos para nosso sacrifício.'"

"As divindades disseram, 'Ó ilustre, tu és o senhor de toda a terra como também de todas as divindades. Com tua permissão, ó altamente abençoado, nós desejamos realizar um sacrifício. A pessoa que não obteve por meios legais a terra sobre a qual faz o altar sacrifical não ganha o mérito do sacrifício que ela realiza. Tu és o Senhor de todo o universo consistindo em seus objetos móveis e imóveis. Então, cabe a ti nos conceder um pedaço de terra para o sacrifício que nós desejamos fazer.'"

"Brahman disse, 'Ó principais das divindades, eu lhes darei uma terra sobre a qual, ó filhos de Kasyapa, vocês irão realizar seu sacrifício planejado.'"

"As divindades disseram, 'Nossos desejos, ó santo, têm sido coroados com realização. Nós realizaremos nosso sacrifício aqui mesmo com Dakshina abundante. Que, no entanto, os Munis sempre adorem o pedaço de terra.' Então foram àquele local Agastya e Kanwa e Bhrigu e Atri e Vrishakapi, e Asita e Devala. As divindades de grande alma então, ó tu de glória imperecível, realizaram seu sacrifício. Aqueles principais dos deuses o concluíram no devido tempo. Tendo completado aquele seu sacrifício no leito daquela principal das montanhas, Himavat, as divindades vincularam à doação de terra uma sexta parte do mérito resultante de seu sacrifício. O homem que faz uma doação mesmo de um palmo de terra (para um Brahmana) com reverência e fé, nunca tem que enlanguescer sob alguma dificuldade e nunca tem que encontrar com qualquer calamidade. Por fazer uma doação de uma casa que mantém fora o frio, o vento, e o sol, e que se encontra sobre um pedaço de terra limpa, o doador alcança a região das divindades e não cai nem quando seu mérito se esgota. Por fazer uma doação de uma casa residencial, o doador, possuidor de sabedoria, vive, ó rei, em felicidade na companhia de Sakra. Tal pessoa recebe grandes honras no céu. Aquela pessoa em cuja casa um Brahmana de sentidos controlados, versado nos Vedas, e pertencente por nascimento a uma família de preceptores, reside em contentamento, consegue alcançar e desfrutar de uma região de bem-aventurança sublime. (Quando uma casa residencial é doada para tal Brahmana e o recebedor reside nela, o doador colhe a recompensa indicada. Isto não se refere ao abrigo hospitaleiro para tal Brahmana dado por alguém em sua própria casa.) Da mesma maneira, ó melhor dos Bharatas, por doar um galpão para o abrigo de vacas que possa impedir a entrada do frio e da chuva e que seja firme em estrutura, o doador resgata sete gerações de sua família (do inferno). Por doar um pedaço de terra cultivável o doador obtém prosperidade excelente. Por doar um pedaço de terra que contém riqueza mineral, o doador engrandece sua família e linhagem. Nunca se deve doar alguma terra que seja estéril ou que seja queimada (árida); nem se deve doar alguma terra que seja na vizinhança de um crematório, ou que tenha sido possuída e desfrutada por uma pessoa pecaminosa antes de tal doação.

Quando um homem realiza um Sraddha em honra dos Pitris sobre a terra pertencente a outra pessoa, os Pitris tornam a doação daquela terra e o próprio Sraddha infrutífero. (Até hoje, em Bengala pelo menos, um morador nunca realiza o primeiro Sraddha ou um Puja (culto das divindades), sem obter em primeiro lugar a permissão do dono da terra. Existe em Sraddhas uma Rajavarana ou taxa real pagável para o dono da terra sobre a qual o Sraddha é realizado.) Por isso, alguém possuidor de sabedoria deve comprar mesmo um pequeno pedaço de terra e fazer uma doação dela. O Pinda que é oferecido para os antepassados de alguém sobre a terra que foi devidamente comprada se torna inesgotável. Florestas, e montanhas, e rios, e Tirthas são considerados como não tendo donos. Nenhuma terra precisa ser comprada nestes lugares para realizar Sraddhas. Isto mesmo é dito, ó rei, sobre o assunto dos méritos de se fazer doações de terra. Depois disto, ó impecável, eu te falarei sobre o assunto da doação de vacas. Vacas são consideradas como superiores a todos os ascetas. E já que isto é assim, o divino Mahadeva por esta razão realizou penitência na companhia delas. As vacas, ó Bharata, moram na região de Brahman, na companhia de Soma. Constituindo como ela constitui o fim mais elevado, Rishis regenerados coroados com êxito se esforçam para alcançar aquela mesma região. As vacas beneficiam os seres humanos com leite, ghee, coalhos, estrume, pele, ossos, cornos, e pêlos, ó Bharata. As vacas não sentem frio ou calor. Elas sempre trabalham. A estação das chuvas também não pode afligi-las em absoluto. E já que as vacas alcançam ao fim sublime (isto é, residência na região de Brahman), na companhia de Brahmanas, portanto os sábios dizem que vacas e Brahmanas são iguais. Nos tempos passados, o rei Rantideva realizou um sacrifício grandioso no qual um número imenso de vacas foi oferecido e massacrado. Do suco que foi secretado pelas peles dos animais mortos foi formado um rio que veio a ser chamado pelo nome de Charmanwati. As vacas não constituem mais animais adequados para sacrifício. Elas agora constituem animais que são adequados para doação. Aquele rei que faz doações de vacas para os principais dos Brahmanas, ó monarca, sem dúvida superará toda calamidade mesmo que ele caia nela. O homem que faz uma doação de mil vacas não tem que ir para o inferno. Tal pessoa, ó soberano de homens, obtém vitória em todos os lugares. As principais das divindades disseram que o leite de vaca é néctar. Por esta razão, alguém que faz uma doação de uma vaca é considerado como fazendo uma doação de néctar. Pessoas conhecedoras dos Vedas têm declarado que o Ghee fabricado do leite de vaca é a melhor de todas as libações derramadas no fogo sacrifical. Por esta razão, o homem que faz a doação de uma vaca é considerado como fazendo a doação de uma libação para sacrifício. Um touro é a corporificação do céu. Aquele que faz a doação de um touro para um Brahmana ilustre recebe grandes honras no céu. As vacas, ó chefe da linhagem de Bharata, são citadas como sendo o ar vital das criaturas vivas. Então, o homem que faz a doação de uma vaca é citado como fazendo a doação do ar vital. Pessoas familiarizadas com os Vedas dizem que as vacas constituem o grande refúgio das criaturas vivas. Por isso, o homem que faz a doação de uma vaca é considerado como fazendo a doação do que é o maior refúgio para todas as criaturas. A vaca nunca deve ser doada para matança (isto é, para alguém que irá matá-la); nem a vaca deve ser dada para um lavrador do solo (que lavra o solo com a ajuda de touros); nem ela deve ser dada para um

ateu. A vaca também não deve, ó chefe dos Bharatas, ser dada para alguém cuja ocupação é a criação de vacas. Os sábios dizem que uma pessoa que dá uma vaca para alguma de tais pessoas pecaminosas tem que ir para o inferno eterno. Nunca se deve dar para um Brahmana uma vaca que é magra, ou que produz bezerros que não vivem, ou que é estéril, ou que é doente, ou que é defeituosa de membros, ou que está desgastada pelo trabalho pesado. O homem doa dez mil vacas ganha o céu e se diverte em felicidade na companhia de Indra. O homem que faz doações de vacas na extensão de cem mil alcança muitas regiões de felicidade inesgotável. Assim eu relatei para ti os méritos ligados à doação de vacas e gergelim, como também à doação de terra. Ouça-me agora enquanto eu te falo sobre a doação de alimento, ó Bharata. A doação de alimento, ó filho de Kunti, é considerada como uma doação muito superior. O rei Rantideva nos tempos passados ascendeu para o céu por ter feito doações de alimento. Aquele rei que faz uma doação de alimento para alguém que está cansado e faminto chega àquela região de felicidade suprema, a qual é a do próprio Nascido por Si Mesmo. Homens fracassam em alcançar por meio de doações de ouro e mantos e de outras coisas, àquela bem-aventurança que os doadores de alimento conseguem alcançar, ó tu de grande pujança! O alimento é, de fato, o artigo mais importante. O alimento é considerado como a prosperidade mais elevada. É do alimento que surge a vida, como também energia e destreza e força. Aquele que sempre faz doações de alimento, com atenção, para os virtuosos, nunca cai em algum infortúnio. Isto mesmo foi dito por Parasara. Tendo adorado as divindades devidamente, o alimento deve ser primeiro oferecido para elas. É dito, ó rei, que o tipo de alimento que é comido por homens específicos é comido também pelas divindades que aqueles homens cultuam. (Uma pessoa não precisa oferecer para suas divindades algum outro alimento além daquele que ela mesma come. No Ramayana é dito que Rama ofereceu para os Pitris frutas adstringentes enquanto ele estava no exílio. Os Pisachas oferecem carne putrefata para suas divindades porque eles mesmos subsistem de carne putrefata.) O homem que faz uma doação de alimento na quinzena clara do mês de Kartika, consegue transpor todas as dificuldades aqui e obtém felicidade inesgotável futuramente. O homem que faz uma doação de alimento para um convidado faminto chegado à sua residência alcança todas aquelas regiões, ó chefe da linhagem de Bharata, que estão reservadas para as pessoas conhecedoras de Brahma. O homem que faz doações de alimento indubitavelmente irá transpor todas as dificuldades e angústias. Tal pessoa passa por cima de todos os pecados e se purifica de todas as más ações. Eu assim te falei sobre os méritos de se fazer doações de alimento, de gergelim, de terra, e de vacas.'"

67

"Yudhishthira disse, 'Eu tenho ouvido, ó majestade, sobre os méritos dos diferentes tipos de doações sobre os quais tu me falaste. Eu entendo, ó Bharata, que a doação de alimento é especialmente louvável e superior. Quais, no entanto, são os grandes méritos de se fazer doações de bebida? Eu desejo ouvir a respeito disto em detalhes, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Eu irei, ó chefe da linhagem de Bharata, te falar sobre este assunto. Ouça-me, ó tu de destreza imbatível, enquanto eu te falo. Eu irei, ó impecável, discursar para ti sobre as doações começando com aquela de bebida. O mérito que um homem adquire por fazer doações de comida e bebida é tal que o similar a ele, eu penso, é incapaz de ser adquirido através de alguma outra doação. Não há doação, portanto, que seja superior àquela de alimento ou bebida. É do alimento que todas as criaturas vivas podem existir. Por esta razão, o alimento é considerado como um objeto muito superior em todos os mundos. Da comida a força e energia das criaturas vivas aumentam constantemente. Então, o próprio senhor de todas as criaturas disse que a doação de comida é uma doação muito superior. Tu ouviste, ó filho de Kunti, quais são as palavras auspiciosas da própria Savitri (sobre o assunto da doação de alimento). Tu sabes por qual razão aquelas palavras foram ditas, quais foram aquelas palavras, e como elas foram ditas no decorrer dos Mantras sagrados, ó tu de grande inteligência. Um homem, por fazer uma doação de alimento, realmente faz uma doação da própria vida. Não há presente neste mundo que seja superior ao presente da vida. Tu estás familiarizado com este ditado de Lomasa, ó tu de braços poderosos! O fim que foi alcançado nos tempos passados pelo rei Sivi por ele ter concedido vida para o pombo é alcançado por aquele, ó monarca, que faz uma doação de alimento para um Brahmana. Por isso, é ouvido por nós que aqueles que dão vida alcançam regiões muito elevadas de felicidade depois da vida. O alimento, ó melhor dos Kurus, pode ser ou não ser superior à bebida. Nada pode existir sem a ajuda do que surge da água. O próprio senhor de todos os planetas, isto é, o ilustre Soma, surgiu da água. Amrita e Sudha e Swadha e leite como também todos os tipos de alimento, as ervas decíduas, ó monarca, e trepadeiras (medicinais e de outras virtudes), provêm da água. Destes, ó rei, o ar vital de todas as criaturas vivas flui. As divindades têm néctar como seu alimento. Os Nagas têm Sudha. Os Pitris tem Swadha como o deles. Os animais têm ervas e plantas como seu alimento. Os sábios dizem que arroz, etc., constitui o alimento dos seres humanos. Todos estes, ó chefe de homens, surgem da água. Então, não há nada superior à doação de água ou bebida. Se uma pessoa deseja assegurar prosperidade para si mesma, ela deve sempre fazer doações de bebida. A doação de água é considerada como muito louvável. Ela leva à grande fama e concede vida longa ao doador. O doador de água, ó filho de Kunti, sempre permanece sobre as cabeças de seus inimigos. Tal pessoa obtém a realização todos os seus desejos e ganha fama eterna. O doador, ó chefe de homens, vem a ser purificado de todos os pecados e obtém felicidade interminável após a morte quando ele procede para o céu, ó tu de grande esplendor. O próprio Mann disse que tal pessoa alcança regiões de bem-aventurança inesgotável no outro mundo.'"

68

"Yudhishthira disse, 'Fale-me mais uma vez, ó avô, sobre os méritos ligados às doações de gergelim e de lâmpadas para iluminar a escuridão, como também de alimento e vestimentas.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto, ó Yudhishthira, é contada a narrativa da conversa que ocorreu nos tempos antigos entre um Brahmana e Yama. Na região localizada entre os rios Ganga e Yamuna, no pé das colinas chamadas Yamuna, havia uma grande cidade habitada por Brahmanas. A cidade era célebre sob o nome de Parnasala e era muito encantadora em aparência, ó rei. Um grande número de Brahmanas eruditos viva nela. Um dia, Yama, o soberano dos mortos, ordenou um mensageiro dele, que estava vestido de preto, dotado de olhos vermelho sangue e cabelo permanecendo ereto, e possuidor de pés, olhos, e nariz todos os quais pareciam com aqueles de um corvo, dizendo, 'Vá até a cidade habitada por Brahmanas e traga para cá a pessoa conhecida pelo nome de Sarmin e pertencente por nascimento à família de Agastya. Ele está concentrado na tranquilidade mental e possui erudição. Ele é um preceptor ocupado no ensino dos Vedas e suas práticas são bem conhecidas. Não me traga outra pessoa pertencente à mesma família e que vive na mesma vizinhança. Este outro homem é igual àquele que eu preciso, em virtudes, estudo, e nascimento. Com respeito a filhos e conduta, este outro parece com o inteligente Sarmin. Traga o indivíduo que eu tenho em vista. Ele deve ser adorado com respeito (em vez de ser arrastado para cá com desrespeito).' O mensageiro, tendo chegado ao local, fez exatamente o inverso do que ele tinha sido mandado fazer. Atacando aquela pessoa, ele trouxe aquele que tinha sido proibido de ser trazido por Yama. Possuidor de grande energia, Yama se levantou à visão do Brahmana e o adorou devidamente. O rei dos mortos então mandou seu mensageiro, dizendo, 'Que este seja devolvido, e que o outro seja trazido para mim.' Quando o grande juiz dos mortos disse estas palavras, aquele Brahmana se dirigiu a ele e disse, 'Eu completei meu estudo dos Vedas e não sou mais apegado ao mundo. Qualquer período que possa ainda restar da minha existência mortal eu desejo passar morando aqui mesmo, ó tu de glória imperecível!'"

"Yama disse, 'Eu não posso determinar o período exato, ordenado pelo Tempo, da vida de alguém, e por isso, não incitado pelo Tempo, eu não posso permitir que alguém tome residência aqui. Eu tomo nota das ações de virtude (ou o contrário) que alguém faz no mundo. Ó Brahmana erudito de grande esplendor, volte imediatamente para tua residência. Diga-me também o que está na tua mente e o que eu posso fazer por ti, ó tu de glória imperecível!'"

"O Brahmana disse, 'Diga-me quais são aquelas ações por realizar as quais alguém pode ganhar grande mérito. Ó melhor de todos os seres, tu és a principal das autoridades (sobre o assunto) nos três mundos.'"

"Yama disse, 'Ouça, ó Rishi regenerado, as excelentes ordenanças a respeito das doações. A doação de sementes de gergelim é muito superior. Ela produz mérito eterno. Ó principal dos regenerados, uma pessoa deve fazer doações de tanto gergelim quanto ela possa. Por fazer doações de gergelim todos os dias, ela sem dúvida obtém a realização de todos os seus desejos. A doação de gergelim em Sraddhas é louvada. Na verdade a doação de gergelim é uma doação muito superior. Faça doações de gergelim para os Brahmanas de acordo com os ritos ordenados nas escrituras. Uma pessoa deve no dia da lua cheia do mês de Vaisakha fazer doações de gergelim para os Brahmanas. Eles devem também ser

feitos comerem e tocarem gergelim em todas as ocasiões que alguém possa proporcionar. Aqueles que estão desejosos de obter o que é benéfico para eles devem, com todas as suas almas, fazer isto em suas casas; (isto é, convidar Brahmanas para banquetes nos quais o gergelim deve predominar). Sem dúvida, homens devem similarmente fazer doações de água e fundar lugares de descanso para a distribuição de água para beber. (Em Bengala, até hoje, aqueles que podem dispor de economias, especialmente senhoras devotas, estabelecem lugares sombreados de descanso no mês de Vaisakha, o mês mais quente do ano, ao lado de estradas públicas, para viajantes, onde água fria de beber, um punhado de aveia bem ensopada, e um pouco de açúcar em estado natural são distribuídos livremente. Tais instituições, na velha Estrada Benares e na Estrada Tronco Principal (Grand Trunk Road ou GT Road), refrescam viajantes consideravelmente. Há milhas e milhas ao longo destas estradas onde água boa não é obtenível.) Alguém deve fazer reservatórios e lagos e poços serem escavados. Tais ações são raras no mundo, ó melhor das pessoas regeneradas! Sempre faça doações de água. Esta ação está repleta de grande mérito. Ó melhor das pessoas regeneradas, tu deves estabelecer lugares de descanso pelas estradas para a distribuição de água. Depois de alguém ter comido, para ele deve ser feita especialmente a doação de água para beber.'"

"Bhishma continuou, 'Depois que Yama tinha dito estas palavras para ele, o mensageiro que o tinha levado de sua residência o transportou de volta para ela. O Brahmana, por sua vez, obedeceu as instruções que ele tinha recebido. Tendo assim o levado de volta para sua residência o mensageiro de Yama foi buscar Sarmin, que realmente era procurado por Yama. Levando Sarmin para ele, ele informou seu mestre. Possuidor de grande energia, o juiz dos mortos adorou aquele Brahmana justo, e tendo conversado com ele um tempo o despediu para ser levado de volta para sua residência. Para ele Yama também deu as mesmas instruções. Sarmin, também, voltando ao mundo dos homens, fez tudo o que Yama tinha dito. Como a doação de água, Yama, por um desejo de fazer bem para os Pitris, elogia a doação de lâmpadas para iluminar lugares escuros. Por isso, o doador de uma lâmpada para iluminar um lugar escuro é considerado como beneficiando os Pitris. Então, ó melhor dos Bharatas, uma pessoa deve sempre doar lâmpadas para iluminar lugares escuros. A doação de lâmpadas aumenta o poder visual das divindades, dos Pitris, e da própria pessoa. (O que se quer dizer pela doação de lâmpadas é a colocação de lâmpadas acesas em locais escuros os quais são os refúgios de homens, tais como estradas e ghats, etc.) É dito, ó rei, que a doação de pedras preciosas é uma doação muito superior. O Brahmana que, tendo aceitado um presente de pedras preciosas, vende o mesmo para realizar um sacrifício, não incorre em erro. O Brahmana que, tendo aceitado um presente de pedras preciosas, faz uma doação delas para Brahmanas, adquire mérito inesgotável para si mesmo e concede mérito inesgotável para aquele de quem ele as recebeu originalmente. Conhecedor de todos os deveres o próprio Manu disse que aquele que, cumpridor de restrições apropriadas, faz um presente de pedras preciosas para um Brahmana cumpridor de restrições apropriadas ganha mérito inesgotável para si mesmo e concede mérito inesgotável para o recebedor. O homem que está contente com sua própria esposa e que faz uma

doação de mantos, ganha um aspecto excelente e vestimentas excelentes para si mesmo. Eu te disse, ó principal dos homens, quais são os méritos que se vinculam às doações de vacas, de ouro, e de gergelim de acordo com os preceitos meritórios dos Vedas e das escrituras. Um homem deve se casar e criar descendência em suas próprias esposas. De todas as aquisições, ó filho da linhagem de Kuru, aquela de herdeiros homens é considerada como a principal.'"

69

"Yudhishthira disse, 'Ó principal da linhagem de Kuru, fale-me novamente sobre a ordenança a respeito das doações, com referência especial, ó tu de grande sabedoria, à doação de terra. Um Kshatriya deve fazer doações de terra para um Brahmana de atos justos. Tal Brahmana deve aceitar o presente com os ritos devidos. Ninguém mais, no entanto, exceto um Kshatriya é competente para fazer doações de terra. Cabe a ti agora me dizer quais são os objetos que as pessoas de todas as classes estão livres para conceder se incitadas pelo desejo de ganhar mérito. Tu deves também me dizer o que é dito nos Vedas sobre este assunto.'"

"Bhishma disse, 'Há três doações que levam o mesmo nome e que são produtivas de mérito igual. De fato, estes três concedem a realização de todos os desejos. Os três objetos cujas doações são de tal caráter são vacas, terra, e conhecimento. (De nome igual, porque a palavra 'go' significa vaca, terra, e palavra.) Aquela pessoa que diz para seus discípulos palavras de significado justo tiradas dos Vedas adquire mérito igual àquele que é ganho por fazer doações de terra e vacas. Similarmente vacas são louvadas (como objetos de doações). Não há objeto de doação mais elevado do que elas. Considera-se que as vacas concedem mérito imediatamente. Elas são também, ó Yudhishthira, de tal maneira que uma doação delas não pode exceto levar a grande mérito. As vacas são as mães de todas as criaturas. Eles concedem todos os tipos de felicidade. A pessoa que deseja sua própria prosperidade deve sempre fazer doações de vacas. Ninguém deve chutar vacas ou proceder pelo meio delas. As vacas são deusas e lares de bem-aventurança. Por esta razão, elas sempre merecem culto. Antigamente, as divindades, enquanto aravam a terra sobre a qual elas realizaram um sacrifício, usavam a aguilhada para golpear os bois unidos ao arado. Por isso, em cultivar a terra para tal propósito, uma pessoa pode, sem incorrer em crítica ou pecado, aplicar a aguilhada nos bois. Em outras ações, no entanto, os bois nunca devem ser golpeados com a aguilhada ou o chicote. Quando as vacas estão pastando ou deitadas ninguém deve aborrecê-las de nenhuma maneira. Quando as vacas estão com sede e elas não conseguem água (por alguém obstruir seu acesso ao reservatório ou tanque ou rio), elas, por meramente olharem para tal pessoa, podem destruí-la com todos os seus parentes e amigos. Quais criaturas podem ser mais sagradas do que as vacas quando com o próprio estrume das vacas os altares sobre os quais Sraddhas são realizados em honra dos Pitris, ou aqueles sobre os quais as divindades são adoradas, são purificados e santificados? Aquele homem que, antes de comer, dá todos os dias, por um ano, somente um punhado de grama para uma vaca pertencente a outro, é

considerado como praticando um voto ou observância que concede a realização de todos os desejos. Tal pessoa obtém filhos e fama e riqueza e prosperidade, e dissipa todos os males e sonhos.'"

"Yudhishthira disse, 'Quais devem ser as indicações daquelas vacas que merecem ser doadas? Quais são aquelas vacas que devem ser ignoradas na questão de doações? Qual deve ser o caráter daquelas pessoas para quem as vacas devem ser dadas? Quem, além disso, são aqueles para quem vacas devem ser dadas?'"

"Bhishma disse, 'Uma vaca nunca deve ser dada para alguém que não é virtuoso em comportamento, ou alguém que é pecaminoso, ou que é cobiçoso ou que é falso em palavras, ou para alguém não faz oferendas para os Pitris e as divindades. Uma pessoa, por fazer uma doação de dez vacas para um Brahmana versado nos Vedas, pobre em riqueza terrena, possuidor de muitos filhos, e possuindo um fogo doméstico, alcança numerosas regiões de grande felicidade. Quando um homem realiza alguma ação que é repleta de mérito ajudado pelo que ele conseguiu por doação de outro, uma porção do mérito ligado àquela ação vem a ser para sempre daquele com cuja riqueza a ação foi realizada. Aquele que gera uma pessoa, aquele que salva uma pessoa, e aquele que concede os meios de sustento para uma pessoa são considerados como os três pais. Serviços prestados respeitosamente para o preceptor destroem o pecado. O orgulho destrói até uma grande fama. A posse de três filhos destrói a desgraça da falta de filhos, e a posse de dez vacas dissipa a desgraça da pobreza. Para alguém que é devotado ao Vedanta, que é dotado de grande erudição, que é cheio de sabedoria, que tem um controle completo sobre seus sentidos, que é cumpridor das regras prescritas nas escrituras, que se afastou de todas as atrações mundanas, para aquele que diz palavras agradáveis para todas as criaturas, para aquele que nunca faria uma má ação mesmo quando impelido pela fome, para alguém que é gentil e possuidor de uma disposição pacífica, para alguém que é hospitaleiro para todos os convidados, na verdade para tal Brahmana um homem deve, sendo possuidor de conduta similar e possuidor de filhos e esposas, conceder os meios de sustento. A medida de mérito que se vincula a uma doação de vacas para uma pessoa digna é exatamente a medida do pecado que se vincula à ação de roubar de um Brahmana o que pertence a ele. Sob todas as circunstâncias a espoliação do que pertence a um Brahmana deve ser evitada, e suas esposas mantidas a uma distância.'"

70

"Bhishma disse, 'Em relação a isto, ó perpetuador da linhagem de Kuru, é contada pelos justos a narrativa da grande calamidade que surpreendeu o rei Nriga por causa de sua espoliação do que pertencia a um Brahmana. Algum tempo antes, certos homens jovens da linhagem de Yadu, enquanto procuravam por água, tinham encontrado um grande poço coberto com grama e trepadeiras. Desejosos de retirar água dele, eles trabalharam muito para remover as trepadeiras que cobriam sua boca. Depois que a boca tinha sido limpada, eles

viram dentro do poço um lagarto muito grande residindo dentro dele. Os homens jovens fizerem fortes e repetidos esforços para resgatar o lagarto daquela situação. Parecendo com uma verdadeira colina em tamanho, o lagarto foi procurado ser libertado por meio de cordas e tenazes de couro. Não tendo sucesso em sua intenção os homens jovens então foram até Janardana. Dirigindo-se a ele eles disseram, 'Cobrindo o espaço inteiro de um poço, há um lagarto muito grande para ser visto. Apesar dos nossos melhores esforços nós não conseguimos salvá-lo daquela situação.' Isto mesmo foi o que eles relataram para Krishna. Vasudeva então procedeu ao local e tirou o lagarto e o questionou quanto a quem ele era. O lagarto disse que ele era idêntico à alma do rei Nriga que tinha prosperado nos tempos passados e que tinha realizado muitos sacrifícios. Para o lagarto que disse aquelas palavras, Madhava falou, 'Tu realizaste muitos atos virtuosos. Tu não cometeste pecado. Por que, então, ó rei, tu chegaste a tal fim lamentável? Explique o que é isto e por que isto foi ocasionado. Nós soubemos que tu repetidamente fizeste doações para os Brahmanas de centenas e centenas de milhares e mais uma vez de oito vezes centenas sobre centenas de dez milhares de vacas; (ou seja, inúmeras vacas, aqui nenhum número específico é pretendido). Por que, portanto, este fim te alcançou?' Nriga então respondeu para Krishna, dizendo, 'Em uma ocasião uma vaca pertencente a um Brahmana que adorava regularmente seu fogo doméstico, escapando da residência do dono enquanto ele estava ausente de casa, entrou no meu rebanho. Os mantenedores do meu gado incluíram aquela vaca em sua conta de mil. Em tempo aquela vaca foi doada por mim para um Brahmana, agindo como eu fazia pelo desejo de felicidade no céu. O dono verdadeiro, voltando para casa, procurou por sua vaca perdida e finalmente a viu na casa de outro. Achando-a, o dono disse, 'Esta vaca é minha!' A outra pessoa contestou sua reclamação, até que ambos, disputando e excitados com cólera, vieram a mim. Dirigindo-se a mim um deles disse, 'Tu és o doador desta vaca!' O outro disse, 'Tu me roubaste esta vaca, ela é minha!' Eu então pedi para o Brahmana para quem eu tinha dado aquela vaca para devolver o presente em troca de centenas mais centenas de outras vacas. Sem concordar com meus pedidos intensos, ele se dirigiu a mim, dizendo. 'A vaca que eu consegui é bem apropriada para tempo e lugar. Ela produz uma quantidade abundante de leite, além de ser muito quieta e muito afeiçoada a nós. O leite que ela produz é muito doce. Ela é considerada como digna de todo louvor na minha casa. Ela está nutrindo, além disso, um filho fraco meu que acabou de ser desmamado. Ela não pode ser desistida por mim.' Tendo dito estas palavras, o Brahmana foi embora. Eu então procurei o outro Brahmana lhe oferecendo uma permuta, e dizendo, 'Receba cem mil vacas por esta única vaca.' O Brahmana, no entanto, me respondeu dizendo, 'Eu não aceito presentes de pessoas da classe real. Eu sou capaz de progredir sem ajuda. Então, sem perda de tempo, dê-me aquela mesma vaca que era minha.' Exatamente assim, ó matador de Madhu, aquele Brahmana falou para mim. Eu propus fazer presentes para ele de ouro e prata e cavalos e carros. Aquele principal dos Brahmanas se recusou a aceitar algum destes como doação e foi embora. Enquanto isso, incitado pela influência irresistível do tempo, eu tive que partir deste mundo. Dirigindo-me à região dos Pitris eu fui levado à presença do rei dos mortos. Cultuando-me devidamente Yama se dirigiu a mim, dizendo, 'Não pode ser averiguado o fim, ó rei, dos teus

feitos. Há, no entanto, um pequeno pecado o qual foi cometido inconscientemente por ti. Sofra o castigo por aquele pecado agora ou depois como te agradar. Tu (após tua acessão ao trono) juraste que irias proteger (todas as pessoas no desfrute de suas posses). Aquele teu juramento não foi rigidamente mantido por ti. Tu tiraste também o que pertencia a um Brahmana. Este mesmo foi o pecado duplo que tu cometeste.' Eu respondi, dizendo, 'Eu primeiro passarei pela angústia do castigo, e quando este estiver terminado, eu desfrutarei da felicidade que está guardada para mim, ó senhor!' Depois que eu tinha dito estas palavras para o rei dos mortos, eu caí na Terra. Embora caído eu ainda podia ouvir as palavras que Yama me disse muito ruidosamente. Aquelas palavras foram: ‘Janardana, o filho de Vasudeva, te resgatará! Após a conclusão de mil anos completos, quando estiver esgotado o demérito da tua ação pecaminosa, tu irás então alcançar muitas regiões de felicidade inesgotável que foram conquistadas por ti pelas tuas próprias ações de virtude.’ Caindo eu me encontrei, de cabeça para baixo, dentro deste poço, transformado em uma criatura da ordem intermediária. A memória, no entanto, não me deixou. Por ti eu fui resgatado hoje. O que mais isto pode atestar além da força das tuas penitências? Que eu tenha tua permissão, ó Krishna! Eu desejo ascender para o céu!’ Permitido então por Krishna, o rei Nriga inclinou sua cabeça para ele e então subiu em um carro celeste e procedeu para o céu. Depois que Nriga tinha assim procedido para o céu, ó melhor dos Bharatas, Vasudeva recitou este verso, ó alegrador dos Kurus; ‘Ninguém deve se apropriar conscientemente de alguma coisa pertencente a um Brahmana. A propriedade de um Brahmana, se tirada, destrói aquele que a tira assim como a vaca do Brahmana destruiu o rei Nriga!’ Eu te digo, além disso, ó Partha, que um encontro com alguém bom nunca demonstra ser inútil. Veja, o rei Nriga foi salvo do inferno por se encontrar com alguém que é bom. Como uma doação é produtiva de mérito, assim mesmo uma ação de espoliação leva ao demérito. Por isso também, (com relação ao que foi dito antes sobre o assunto das vacas), ó Yudhishthira, deve-se evitar fazer alguma injúria para as vacas.'"

71

"Yudhishthira disse, ‘Ó impecável, fale-me mais em detalhes sobre os méritos que são obteníveis por fazer doações de vacas. Ó tu de braços poderosos, eu nunca fico saciado com tuas palavras!'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é narrada a velha história da conversa entre o Rishi Uddalaki e seu filho chamado Nachiketa. Uma vez o Rishi Uddalaki dotado de grande inteligência, se aproximando de seu filho Nachiketa, disse para ele, 'Sirva-me e atenda-me.' Após a conclusão do voto que ele tinha cumprido o grande Rishi mais uma vez disse para seu filho, 'Engajado em realizar minhas abluções e profundamente absorvido com meu estudo Védico, eu me esqueci de trazer comigo a lenha, as folhas Kusa, as flores, o jarro de água, e as ervas que eu tinha colhido. Traga-me aquelas coisas da margem do rio.' O filho procedeu para o local indicado, mas viu que todos os artigos tinham sido levados pela correnteza. Voltando para seu pai, ele disse, 'Eu não vi as coisas!' Afligido como

ele então estava com fome, sede, e fadiga, o Rishi Uddalaki de grande mérito ascético, em uma cólera repentina, amaldiçoou seu filho, dizendo, 'Encontre com Yama hoje!' Assim atingido por seu pai com o raio de suas palavras, o filho, com palmas unidas, disse, 'Esteja apaziguado comigo!' Logo, no entanto, ele caiu sobre o solo, carente de vida. Vendo Nachiketa prostrado no chão, seu pai ficou privado de seus sentidos pela aflição. Ele, também, exclamando, 'Ai, o que eu fiz!,' caiu sobre o solo. Cheio de dor, enquanto ele se abandonava em lamentações por seu filho, o resto daquele dia passou e veio a noite. Então Nachiketa, ó filho da linhagem de Kuru, encharcado pelas lágrimas de seu pai, deu sinais de voltar à vida quando ele estava deitado em uma esteira de grama Kusa. Sua restauração à vida sob as lágrimas de seu pai pareceu com o brotamento de sementes quando encharcadas com chuvas auspiciosas. O filho há pouco tempo devolvido à consciência ainda estava fraco. Seu corpo estava coberto com unguentos fragrantes e ele parecia com alguém apenas despertando de um sono profundo. O Rishi questionou-o, dizendo, 'Tu, ó filho, alcançaste regiões auspiciosas pelas tuas próprias ações? Por boa sorte, tu foste devolvido a mim! Teu corpo não parece ser humano!' Assim questionado por seu pai de grande alma, Nachiketa, que tinha visto todas as coisas com seus próprios olhos, deu a seguinte resposta para ele no meio dos Rishis, 'Em obediência à tua ordem eu procedi para a região extensa de Yama que é possuidora de uma refulgência encantadora. Lá eu vi uma mansão suntuosa a qual se estendia por milhares de Yojanas e emitia um esplendor dourado de toda parte. Logo que Yama me viu me aproximando com rosto em direção a ele, ele ordenou seus servidores dizendo, ‘Dêem a ele um bom assento’, na verdade, o rei dos mortos, por tua causa, me adorou com o Arghya e os outros ingredientes. Assim adorado por Yama e sentado no meio de seus conselheiros, eu então disse brandamente, 'Eu vim para tua residência, ó juiz dos mortos! Designe para mim aquelas regiões as quais eu mereço pelas minhas ações!' Yama então me respondeu dizendo, 'Tu não estás morto, ó amável! Dotado de penitências, teu pai disse para ti: ‘Te encontre com Yama!’ A energia do teu pai é como aquela de um fogo ardente. Possivelmente eu não poderia falsificar estas palavras dele. Tu me viste. Parta daqui, ó filho! O criador do teu corpo está entregue a lamentações por ti. Tu és meu caro convidado. Qual desejo nutrido por ti no teu coração eu te concederei? Peça a realização de qualquer desejo que tu possas nutrir.' Assim endereçado por ele, eu respondi para o rei dos mortos, dizendo, 'Eu cheguei dentro dos teus domínios dos quais nenhum viajante alguma vez retorna. Se eu realmente sou um objeto merecedor das tuas atenções, eu desejo, ó rei dos mortos, ter uma visão daquelas regiões de prosperidade e felicidade sublimes que estão reservadas para os fazedores de atos virtuosos.' Assim endereçado por mim, Yama me fez subir em um veículo de esplendor tão refulgente quando aquele do sol e ao qual estavam atrelados muitos corcéis excelentes. Levando-me naquele veículo, ele me mostrou, ó principal das pessoas regeneradas, todas aquelas regiões encantadoras que estão reservadas para os justos. Eu contemplei naquelas regiões muitas mansões de grande resplandecência destinadas para pessoas de grande alma. Aquelas mansões são de diversas formas e estão adornadas com todas as espécies de pedras preciosas. Brilhantes como o disco da lua, elas estão ornamentadas com fileiras de sinos tilintantes. Centenas entre elas são de muitos andares. Dentro delas há

arvoredos agradáveis e bosques e massas de águas transparentes. Possuidoras da refulgência do lápis lazúli e do sol, e feitas de prata e ouro, sua cor parece com a cor do sol da manhã. Algumas delas são imóveis e algumas são móveis. Dentro delas há muitos morros de iguarias e artigos agradáveis e mantos e camas em abundância. Dentro delas há muitas árvores capazes de conceder a realização de todos os desejos. Há também muitos rios e estradas e salas espaçosas e lagos e tanques grandes. Milhares de carros com rodas que causam ruído podem ser vistos lá, tendo corcéis excelentes atrelados a eles. Muitos rios que correm leite, muitas colinas de ghee, e grandes corpos de água transparente se encontram lá. Na verdade, eu vi muitas regiões semelhantes, nunca vistas por mim antes, de felicidade e alegria, aprovadas pelo rei dos mortos. Contemplando todos aqueles objetos, eu me dirigi ao antigo e pujante juiz dos mortos, dizendo, 'Para o uso e desfrute de quem estes rios com correntezas eternas de leite e ghee estão ordenados?' Yama me respondeu dizendo, 'Estes rios de leite e ghee, saiba, são para o prazer daquelas pessoas justas que fazem doações no mundo dos homens. Há outros mundos eternos os quais estão cheios de tais mansões livres de tristeza de todo tipo. Estas estão reservadas para aquelas pessoas que são dedicadas a fazer doações de vacas. A mera doação de vacas não é digna de louvor. Há considerações de adequação ou o contrário acerca da pessoa para quem vacas devem ser dadas, o momento para fazer aquelas doações, a espécie de vaca que deve constituir o objeto das doações, e os ritos que devem ser observados ao fazer as doações. Doações de vacas devem ser feitas depois de se averiguar as qualificações distintivas dos Brahmanas (que vão recebê-las) e das próprias vacas (que serão doadas). Vacas não devem ser dadas para alguém em cuja residência elas provavelmente irão sofrer por causa do fogo ou do sol. Aquele Brahmana que é possuidor de erudição Védica, que é de penitências austeras, e que realiza sacrifícios, é considerado como digno de receber vacas de presente. Aquela vaca que foi resgatada de uma situação de infortúnio, ou que foi dada por chefes de família pobres por falta de recursos suficientes para alimentá-la e tratá-la, é, por estas razões, considerada como de grande valor. Abstendo-se de todo alimento e vivendo só de água por três noites e dormindo este tempo sobre a terra nua, uma pessoa deve, tendo alimentado devidamente as vacas destinadas para doação, dá-las para Brahmanas depois de tê-los agradado também (com outros presentes). As vacas doadas devem ser acompanhadas por seus bezerros. Elas devem, além disso, ser de tal maneira que produzam bons bezerros, nas épocas apropriadas. Elas devem ser acompanhadas por outros artigos assim doados. Tendo completado a doação, o doador deve viver por três dias só de leite e se abstendo de comida de todo outro tipo. Aquele que doa uma vaca que não é indócil, que produz bons bezerros em intervalos apropriados, e que não foge da casa dos donos, e acompanhada por tais presentes como um recipiente de latão branco para ordenhá-la, desfruta da bem-aventurança do céu por tantos anos quanto medidos pelo número de pêlos no corpo do animal. Aquele que dá para um Brahmana um touro bem domesticado e capaz de carregar cargas, possuidor de força e jovem, não propenso a fazer algum dano, de tamanho grande e dotado de energia, desfruta daquelas regiões que estão reservadas para doadores de vacas. É considerada como uma pessoa apropriada para receber uma vaca de presente aquela que é conhecida como sendo gentil para com as vacas, que tem vacas

como seu refúgio, que é grata, e que não tem meios de subsistência designados para ela. Quando um homem velho fica doente, ou quando um Brahmana pretende realizar um sacrifício, ou quando alguém deseja arar (a terra) para a agricultura, ou quando alguém obtém um filho através da eficácia de um Homa realizado para o propósito, ou para o uso de seu preceptor, ou para o sustento de uma criança (nascida da maneira usual), uma pessoa deve doar uma vaca querida. Estas são as considerações que são louvadas (na questão de se fazer doações de vacas) a respeito de hora e lugar. As vacas que merecem ser doadas são aquelas que produzem quantidades copiosas de leite, ou aquelas que são bem conhecidas (por sua docilidade e outras virtudes), ou aquelas que foram compradas por um preço, ou aquelas que foram adquiridas como honorário por aprendizagem, ou aquelas que foram obtidas em permuta por oferecer outras criaturas vivas (tais como ovelhas e cabras, etc.), ou aquelas que foram ganhas por destreza de braços, ou aquelas que foram ganhas como dote de casamento (dos sogros e outros parentes da esposa).'"

"Nachiketa continuou, 'Ouvindo estas palavras de Vaivaswata, eu mais uma vez me dirigi a ele dizendo, 'Quais são aqueles objetos por dar os quais, quando vacas não são obteníveis, os doadores ainda assim podem ir para as regiões reservadas para os homens que fazem doações de vacas?' Questionado por mim, o sábio Yama respondeu, explicando em seguida qual é o fim que é alcançável por fazer doações de vacas. Ele disse, 'Na ausência de vacas, uma pessoa por fazer doações do que tem sido considerado como substituto das vacas ganha o mérito de fazer doações de vacas. Se, na ausência de vacas, alguém faz uma doação de uma vaca feita de ghee, enquanto cumpre um voto, ele consegue para seu próprio uso estes rios de ghee todos os quais se aproximam dele como uma mãe afetuosa se aproxima de seu filho amado. Se, na ausência até de uma vaca feita de ghee, alguém faz uma doação de uma vaca feita de sementes de gergelim, enquanto cumpre um voto, ele consegue com a ajuda daquela vaca transpor todas as calamidades neste mundo e desfrutar de grande felicidade futura destes rios de leite que tu vês! Se na ausência de uma vaca feita de sementes de gergelim, alguém faz uma doação de uma vaca feita de água ele consegue vir para estas regiões felizes e desfrutar deste rio de água fresca e transparente, que é, além disso, capaz de conceder a realização de todos os desejos.' O rei dos mortos me explicou tudo isso enquanto eu era seu convidado, e, ó tu de glória imperecível, foi grande a alegria que eu senti ao ver todas as maravilhas que ele me mostrou. Eu agora te direi o que certamente será agradável para ti. Eu agora obtive um grande sacrifício cuja realização não requer muita riqueza. Aquele sacrifício (constituído por doações de vacas) pode ser citado como fluindo de mim, ó pai! Outros o obterão também. Isto não é inconsistente com as ordenanças dos Vedas. A maldição que tu pronunciaste sobre mim não foi uma maldição mas na realidade foi uma bênção, já que ela me permitiu ter uma visão do grande rei dos mortos. Lá eu vi quais são as recompensas vinculadas às doações. Eu irei, de agora em diante, ó tu de grande alma, praticar o dever da caridade sem qualquer dúvida espreitando em minha mente a respeito de suas recompensas. E, ó grande Rishi, o justo Yama, cheio de alegria, repetidamente me disse, 'Uma pessoa que, por fazer doações frequentes, conseguiu adquirir pureza de mente deve então fazer

doações de vacas especialmente. Este tópico (sobre doações) é repleto de santidade. Nunca desconsidere os deveres a respeito de doações. Doações, além disso, devem ser feitas para pessoas dignas, quando hora e lugar são convenientes. Portanto, sempre faça doações de vacas. Nunca nutra quaisquer dúvidas a este respeito. Dedicadas ao caminho das doações, muitas pessoas de grande alma nos tempos passados costumavam fazer presentes de vacas. Temendo praticar penitências austeras, eles fizeram doações segundo a extensão de seu poder. Com o tempo eles rejeitaram todos os sentimentos de orgulho e vaidade, e purificaram suas almas. Engajados em realizar Sraddhas em honra dos Pitris e em todas as ações de virtude, eles costumavam fazer, de acordo com a extensão de seu poder, doações de vacas, e como a recompensa daquelas ações eles alcançaram o céu e estão brilhando com refulgência por tal virtude. Uma pessoa deve, no oitavo dia da lua que é conhecida pelo nome de Kamyashtami, fazer doações de vacas, devidamente obtidas, para Brahmanas depois de averiguar a qualificação dos recebedores (pelas ordenanças já declaradas). Depois fazer o presente, alguém deve então subsistir por dez dias seguidos somente de leite de vaca, seu estrume e sua urina (enquanto se abstém de toda outra comida). O mérito que se adquire por fazer um presente de um touro é igual àquele que se atribui ao voto divino. Por fazer um presente de um par de vacas alguém consegue, como a recompensa disso, um domínio dos Vedas. Por fazer um presente de carros e veículos com vacas unidas a eles alguém adquire o mérito de banhos em águas sagradas. Por fazer uma doação de uma vaca da espécie Kapila alguém vem a ser purificado de todos os seus pecados. Na verdade, por doar mesmo uma única vaca da espécie Kapila que foi adquirida por meios legítimos, uma pessoa é purificada de todos os pecados que ela possa ter cometido. Não há nada superior (a respeito de gosto) ao leite que é produzido pelas vacas. A doação de uma vaca é realmente considerada como uma doação muito superior. Vacas, por produzirem leite, salvam todos os mundos da calamidade. É a vaca, além disso, que produz o alimento do qual as criaturas subsistem. Alguém que, conhecendo a extensão do serviço que as vacas fazem, não nutre em seu coração uma afeição por elas, é um pecador que sem dúvida vai para o inferno. (As vacas produzem alimento não somente por ajudarem no cultivo da terra mas também por ajudarem na realização de sacrifícios. O ghee queimado no fogo sacrifical sustenta as sub-divindades, que despejam chuva e fazem as colheitas crescerem.) Se alguém dá mil ou cem ou dez ou cinco vacas, na verdade, se alguém dá para um Brahmana justo até uma única vaca a qual produz bons bezerros em intervalos apropriados, ele sem dúvida verá aquela vaca se aproximar dele no céu na forma de um rio de água sagrada capaz de conceder a realização de todos os desejos. Em relação à prosperidade e ao crescimento que as vacas concedem, na questão também da proteção que as vacas dão para todas as criaturas da terra, as vacas são iguais aos próprios raios do sol que caem sobre a terra. (Aquele calor é o princípio que origina o crescimento de muitas coisas como bem compreendido pelos Rishis.) A palavra que representa a vaca também significa os raios do sol. O doador de uma vaca se torna o progenitor de uma família muito grande que se estende sobre uma parte grande da terra. Por isso, aquele que dá uma vaca brilha como um segundo sol em resplandecência. O discípulo deve, na questão de fazer doações de vacas, escolher seu preceptor. Tal

discípulo indubitavelmente irá para o céu. A seleção de um preceptor (na questão da realização de atos pios) é considerada como um grande dever pelas pessoas familiarizadas com as ordenanças. Esta é, de fato, a ordenança inicial. Todas as outras ordenanças (a respeito de doações de vacas) dependem dela. (Ao fazer todos os atos pios, uma pessoa deve em primeiro lugar receber a ajuda de um preceptor, mesmo se ela for bem familiarizada com as ordenanças que ela tem que seguir. Sem a escolha de um preceptor em primeiro lugar, não pode haver ato virtuoso. Na questão, portanto, de fazer doações de vacas de acordo com as ordenanças declaradas, alguém deve procurar a ajuda de um preceptor assim como na questão de todo outro ato de piedade.) Selecionando, depois de exame, uma pessoa qualificada entre os Brahmanas, alguém deve fazer para ele a doação de uma vaca que foi adquirida por meios legítimos, e tendo feito a doação fazê-lo aceitá-la. As divindades e homens e nós também, ao desejarmos bem para outro, dizemos, 'Que os méritos vinculados às doações sejam teus pela tua virtude!' Exatamente assim o juiz dos mortos falou para mim, ó Rishi regenerado. Eu então inclinei minha cabeça para o justo Yama. Obtendo sua permissão eu deixei seus domínios e agora vim para a sola dos teus pés.'"

72

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó avô, me falaste sobre o tópico da doação de vacas ao falares do Rishi Nachiketa. Tu também falaste implicitamente, ó pujante, sobre a eficácia e preeminência daquele ato. Tu também me falaste, ó avô de grande inteligência, do caráter extremamente aflitivo da calamidade que aconteceu ao rei Nriga de grande alma por causa de um único erro dele. Ele teve que morar por um longo tempo em Dwaravati (na forma de um imenso lagarto) e como Krishna se tornou a causa de sua salvação daquela situação miserável. Eu tenho, no entanto, uma dúvida. Ela é sobre o assunto das regiões das vacas. Eu desejo saber, em detalhes, acerca daquelas regiões que estão reservadas para a residência das pessoas que fazem doações de vacas.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é contada a velha narrativa da conversa entre Aquele que surgiu do lótus primevo e aquele que realizou uma centena de sacrifícios.'"

"Sakra disse, 'Eu vejo, ó Avô, que aqueles que são residentes da região das vacas transcendem por sua resplandecência a prosperidade dos habitantes do céu e os preterem (como seres de uma posição inferior). Isto criou uma dúvida em minha mente. De que tipo, ó santo, são as regiões das vacas? Conte-me tudo acerca delas, ó impecável! Na verdade, qual é a natureza daquelas regiões que são habitadas por doadores de vacas? Eu desejo saber isto: de que tipo são aquelas regiões? Quais frutos elas trazem? Que é o objeto mais elevado lá o qual os habitantes daquele local conseguem ganhar? Quais são suas virtudes? Como também homens, livres de todo tipo de ansiedade, conseguem ir para aquelas regiões? Para qual período o doador de uma vaca desfruta dos resultados que são produzidos por sua doação? Como as pessoas podem fazer doações de muitas vacas e como elas podem fazer doações de poucas vacas? Quais são os méritos

vinculados à doação de muitas vacas e quais são aqueles que se vinculam à doação de poucas somente? Como também as pessoas se tornam doadoras de vacas sem doarem alguma vaca em realidade? Diga-me tudo isto. Como alguém fazendo doações de até muitas vacas, ó senhor pujante, se torna igual a alguém que fez doação de somente poucas vacas? Como também alguém que faz doações de poucas vacas consegue se tornar igual a alguém que fez doações de muitas vacas? Qual tipo de Dakshina é considerado como notável por preeminência na questão das doações de vacas? Cabe a ti, ó santo, discursar para mim sobre tudo isso de acordo com a verdade.'"

73

"O Avô disse, 'As perguntas que tu me fizeste a respeito das vacas, começando com sua doação, são de tal maneira que não há ninguém mais nos três mundos, ó tu de cem sacrifícios, que poderia fazê-las! Há muitos tipos de regiões, ó Sakra, as quais são invisíveis até para ti. Aquelas regiões são vistas por mim, ó Indra, como também por aquelas mulheres que são castas e que são ligadas somente a um marido. Rishis praticantes de votos excelentes, por meio dos seus atos de virtude e piedade, e Brahmanas de almas justas, conseguem se dirigir a elas até mesmo em suas formas carnais. Homens que são cumpridores de votos excelentes contemplam aquelas regiões que parecem com as criações brilhantes dos sonhos, ajudados por suas mentes purificadas e por aquela emancipação (temporária) a qual sucede a perda da consciência do corpo. (Quanto a consciência do corpo é perdida em Yoga ou Samadhi, uma emancipação temporária ou Moksha se sucede. Homens com mentes purificadas contemplam em tais momentos aquelas regiões de felicidade suprema às quais o orador se refere. Tal felicidade, naturalmente, é a felicidade do próprio Brahma.) Ouça-me, ó tu de mil olhos, enquanto eu te digo quais são os atributos dos quais aquelas regiões são dotadas. Lá a própria passagem do Tempo está suspensa. Decrepitude não existe lá, nem Fogo o qual é onipresente no universo. Lá o menor mal não ocorre, nem doença, nem fraqueza de qualquer tipo. As vacas que vivem lá, ó Vasava, obtêm a realização de todos os desejos os quais elas nutrem em seus corações. Eu tenho experiência direta do que eu te digo. Capazes de ir a todos os lugares à vontade e realmente se dirigindo de lugar em lugar com facilidade, elas desfrutam da realização de desejo após desejo conforme eles surgem em suas mentes. Lagos e tanques e rios e florestas de diversas espécies, e mansões e colinas e todos os tipos de objetos encantadores, encantadores, isto é, para todas as criaturas, são vistos lá. Não há região de bem-aventurança que seja superior a alguma destas das quais eu falo. Todos aqueles mais importantes dos homens, ó Sakra, que são bondosos para todas as criaturas, que suportam tudo, que são cheios de afeição por todas as coisas, que prestam obediência respeitosa para seus preceptores, e que estão livres de orgulho e vaidade, se dirigem para aquelas regiões de felicidade suprema. Aquele que se abstém de todos os tipos de carne, que possui um coração purificado, que é dotado de virtude, que adora seus pais com reverência, que é dotado de veracidade em palavras e conduta, que auxilia os Brahmanas com obediência, que é impecável em conduta, que nunca se comporta

com raiva com as vacas e com os Brahmanas, que está dedicado à realização de todos os deveres, que serve seus preceptores com reverência, que é dedicado sua vida inteira à verdade e à caridade, e que é sempre perdoador com respeito a todas as transgressões contra ele mesmo, que é gentil e autocontrolado, que é cheio de reverência pelas divindades, que é hospitaleiro com todos os convidados, que é dotado de compaixão; na verdade aquele que é adornado com todas estas qualidades; consegue chegar à eterna e imutável região das vacas. Aquele que é maculado com adultério não vê tal região; nem aquele que é um assassino de seu preceptor; nem aquele que fala falsamente ou se entrega a jactâncias inúteis; nem aquele que sempre disputa com outros; nem aquele que se comporta com hostilidade em direção aos Brahmanas. De fato aquele indivíduo perverso que é maculado por semelhantes falhas fracassa em obter até uma visão daquelas regiões de felicidade; também aquele que fere seus amigos; também aquele que é cheio de fraude; também aquele que é ingrato; também aquele que é um trapaceiro; também aquele que é desonesto em conduta; também aquele que é um zombador da religião; e também aquele que é um assassino de Brahmanas. Tais homens são incapazes de contemplar até em imaginação a região das vacas que é a residência somente daqueles que são de ações justas. Eu te disse tudo sobre a região das vacas em detalhes precisos, ó chefe das divindades! Ouça agora, ó tu de cem sacrifícios, o mérito que é daqueles que são dedicados a fazer doações de vacas. Aquele que faz doações de vacas depois de comprá-las com riqueza obtida por herança ou adquirida legalmente por ele, alcança, como o resultado de tal ação, muitas regiões de bem-aventurança inesgotável. Aquele que faz uma doação de uma vaca tendo-a adquirido com riqueza obtida nos dados, desfruta de felicidade, ó Sakra, por dez mil anos de extensão celeste. Aquele que adquire uma vaca como sua parte da riqueza ancestral é citado como a adquirindo legitimamente. Tal vaca pode ser doada. Aquele que faz doações de vacas assim adquiridas alcança muitas regiões eternas de bem-aventurança que é inesgotável. Aquela pessoa que, tendo obtido uma vaca de presente faz uma doação dela com um coração puro, consegue sem dúvida, ó marido de Sachi, alcançar regiões eternas de beatitude. Aquela pessoa que, com sentidos controlados fala a verdade desde o seu nascimento (até a hora de sua morte) e que tolera tudo nas mãos de seu preceptor e dos Brahmanas, e que pratica o perdão, consegue alcançar um fim que é igual àquele das vacas. Aquelas palavras que são impróprias, ó marido de Sachi, nunca devem ser dirigidas a um Brahmana. Uma pessoa não deve, além disso, nem mesmo na própria mente, fazer uma injúria para uma vaca. Alguém deve, em sua conduta, imitar a vaca (isto é, nunca pensar no dia seguinte e nunca acumular nada para uso futuro), e mostrar compaixão em direção à vaca. Ouça, ó Sakra, quais são os frutos que vêm a ser daquele que é devotado ao dever da verdade. Se tal pessoa dá de graça uma única vaca, aquela única vaca se torna igual a mil vacas. Se um Kshatriya, possuidor de tais qualificações, faz uma doação de uma única vaca, seu mérito se torna igual àquele de um Brahmana. Aquela única vaca, saiba, ó Sakra, a qual tal Kshatriya dá de graça, se torna uma fonte de tanto mérito quanto a única vaca que um Brahmana dá de graça sob circunstâncias similares. Esta é a conclusão segura das escrituras. Se um Vaisya, possuidor de habilidades parecidas, faz uma doação de uma única vaca, aquela vaca se torna igual a quinhentas vacas (em relação ao mérito que ela produz). Se

um Sudra dotado de humildade faz uma doação de uma vaca, tal vaca será igual a cento e vinte e cinco vacas (em relação ao mérito que ela produz). Dedicado a penitências e verdade, competente (nas escrituras e todas as ações) por serviços respeitosos prestados para seu preceptor, dotado de generosidade de disposição, dedicado ao culto das divindades, possuidor de uma alma tranquila, puro (em corpo e mente), iluminado, cumpridor de todos os deveres, e livre de todo tipo de egotismo, aquele homem que faz uma doação de uma vaca para um Brahmana, certamente obtém grande mérito por aquela ação dele, isto é, a doação, de acordo com os ritos apropriados, de uma vaca produtora de leite abundante. Então, uma pessoa, com devoção sincera, praticante da verdade e dedicada a servir humildemente seu preceptor, deve sempre fazer doações de vacas. Ouça, ó Sakra, qual é o mérito daquela pessoa que, estudando devidamente os Vedas, mostra reverência pelas vacas, que sempre fica contente à visão de vacas, e que, desde seu nascimento sempre inclinou sua cabeça para as vacas. O mérito que se torna de alguém por realizar o sacrifício Rajasuya, o mérito que se torna de alguém por fazer presentes de pilhas de ouro, aquele grande mérito é adquirido por uma pessoa que mostra tal reverência pelas vacas. Rishis justos e pessoas de grande alma coroadas com sucesso têm dito isso. Dedicado à verdade, possuidor de uma alma tranquila, livre de cupidez, sempre sincero em palavras, e se comportando com reverência para com as vacas com a firmeza de um voto, o homem que, por um ano inteiro, antes de ele mesmo comer qualquer alimento, regularmente oferece algum alimento para as vacas, ganha o mérito, por tal ação, da doação de mil vacas. Aquele homem que faz somente uma refeição por dia e que dá a quantidade inteira da sua outra refeição para as vacas, na verdade, aquele homem, que reverencia as vacas dessa maneira com a firmeza de um voto e demonstra tal compaixão por elas desfruta por dez anos de felicidade ilimitada. O homem que se limita a somente uma refeição por dia e com a outra refeição economizada por algum tempo compra uma vaca e faz um presente dela (para um Brahmana), ganha, através daquele presente, ó tu de cem sacrifícios, o mérito eterno que se atribui à doação de tantas vacas quanto os pêlos que existem no corpo daquela única vaca assim doada. Estas são declarações a respeito do mérito que os Brahmanas adquirem por fazerem doações de vacas. Escute agora aos méritos que os Kshatriyas podem ganhar. É dito que um Kshatriya, por comprar uma vaca dessa maneira e fazer uma doação dela para um Brahmana, obtém grande bem-aventurança por cinco anos. Um Vaisya, por tal conduta, obtém só a metade do mérito de um Kshatriya, e um Sudra, por tal conduta, ganha a metade do mérito que um Vaisya ganha. O homem que vende a si mesmo e com o lucro disso compra vacas e as doa para Brahmanas, desfruta de felicidade no céu por um período tão longo quanto vacas são vistas na terra. É dito, ó altamente abençoado, que em cada pêlo de tais vacas que são compradas com os lucros obtidos por vender a si mesmo há uma região de bem-aventurança inesgotável. O homem que, tendo obtido vacas por meio de batalha faz doações delas (para Brahmanas), adquire tanto mérito quanto aquele que faz doações de vacas depois de ter comprado as mesmas com os lucros da venda de si mesmo. O homem que, na ausência de vacas, faz uma doação de uma vaca feita de sementes de gergelim, enquanto controla seus sentidos, é resgatado por tal vaca de todo tipo de calamidade ou infortúnio. Tal homem se diverte em grande

felicidade. A mera doação de vacas não é repleta de mérito. As considerações de recebedores dignos, de tempo, da espécie das vacas, e do ritual a ser observado, devem ser atendidas. Deve-se averiguar o momento apropriado para fazer uma doação de vacas. Deve-se também averiguar as qualificações distintivas de ambos, dos Brahmanas e das próprias vacas (as quais serão doadas). Vacas não devem ser dadas para alguém em cuja residência elas provavelmente sofrerão por causa do fogo ou do sol. Alguém que é rico em saber Védico, que é de linhagem pura, que é dotado de uma alma tranquila, que é dedicado à realização de sacrifícios, que teme o cometimento de pecado, que possui conhecimento variado, que é compassivo para com as vacas, que é gentil em comportamento, que fornece proteção para todos que a procuram dele, e que não tem meios de sustento designados para ele, é considerado como uma pessoa apropriada para receber uma doação de vacas. Para um Brahmana que não tem meios de sustento, para ele enquanto ele está extremamente aflito por falta da comida (em uma época de fome, por exemplo) para propósitos de agricultura, para uma criança nascida em consequência do Homa, para os propósitos de seu preceptor, para o sustento de uma criança nascida (pelo método comum), uma vaca deve ser dada. Na verdade, a doação deve ser feita em uma hora apropriada e em um lugar apropriado. (Ascetas às vezes criavam filhos sem a intervenção de mulheres e somente pela eficácia do Homa. Em tais momentos as pessoas deviam fazer presentes de vacas para tais pais.) Aquelas vacas, ó Sakra, cujas disposições são bem conhecidas, as quais foram obtidas como honorários por conhecimento, ou que foram compradas em troca de outros animais (tais como cabras, ovelhas, etc.), ou que foram ganhas pela destreza de braços, ou obtidas como dote de casamento; ou que foram adquiridas por serem resgatadas de situações de perigo, ou que, incapazes de serem mantidas por seus donos pobres, foram transferidas para a casa de outros para manutenção cuidadosa são, por tais razões, consideradas como objetos apropriados de doação. Aquelas vacas que são fortes de corpo, que têm boas disposições, e que emitem uma fragrância agradável, são aprovadas na questão de doações. Como Ganga é o principal de todos os rios, assim mesmo uma vaca Kapila é o principal de todos os animais da raça bovina. Abstendo-se de todo alimento e vivendo somente de água por três noites, e dormindo pelo mesmo período sobre a terra nua, uma pessoa deve fazer doações de vacas para Brahmanas depois de tê-los agradado com outros presentes. Tais vacas, livres de todas as imperfeições devem, ao mesmo tempo, estar acompanhadas por bezerros saudáveis que não foram desmamados. Tendo feito o presente, o doador deve viver pelos próximos três dias em sucessão de alimento consistindo somente em produtos da vaca. Por doar uma vaca que é de boa disposição, que se permite ser ordenhada tranquilamente, que sempre produz bezerros vivos e robustos, e que não foge da residência do dono, o doador desfruta de bem-aventurança no mundo seguinte por tantos anos quanto os pêlos que existem no corpo dela. Similarmente, por doar para um Brahmana um touro que é capaz de carregar carga pesada, que é jovem e forte e dócil, que leva tranquilamente a canga do arado, e que é possuidor de tal energia que é suficiente para ser submetido até a um grande trabalho, uma pessoa alcança regiões tais como as que são daquele que doa dez vacas. Aquela pessoa que resgata vacas e Brahmanas (do perigo) na selva, ó Kausika, vem a ser ela mesma resgatada de

todos os tipos de calamidade. Ouça qual é seu mérito. O mérito que tal homem adquire é igual ao mérito eterno de um Sacrifício de Cavalo. Tal pessoa obtém qualquer fim que ela deseje na hora da morte. Muitas regiões de felicidade, de fato, qualquer felicidade que ele cobice em seu coração, se tornam obteníveis por ele por causa de tal ação dele. Na verdade, tal homem, permitido pelas vacas, vive honrado em todas as regiões de bem-aventurança. Aquele homem que segue as vacas todos os dias nos bosques, enquanto ele mesmo subsiste de grama e esterco de vaca e folhas de árvores, seu coração livre do desejo de resultado, seus sentidos retraídos de todos os objetos impróprios e sua mente purificada de toda escória, aquele homem, ó tu de cem sacrifícios, vive em alegria e livre do domínio do desejo na minha região ou em qualquer outra região de felicidade que ele deseje, na companhia das divindades!'"

74

"Indra disse, 'Eu desejo saber, ó Avô, qual é o fim que é alcançado por quem rouba uma vaca conscientemente ou que vende uma por motivos de cobiça."

"O Avô disse, 'Ouça quais são as consequências que alcançam aquelas pessoas que roubam uma vaca para matá-la para se alimentar ou para vendê-la por riqueza, ou para fazer uma doação dela para um Brahmana. Aquele que, sem ser detido pelas restrições das escrituras, vende uma vaca, ou mata uma, ou come a carne de uma vaca, ou aqueles que, por causa de riqueza, permitem que uma pessoa mate vacas, todos estes, isto é, aquele que mata, aquele que come, e aquele que permite a matança, apodrecem no inferno por tantos anos quantos os pêlos que há no corpo da vaca assim morta. Ó tu de grande pujança, aqueles erros e aqueles tipos de falhas que são citados como vinculados a alguém que obstrui o sacrifício de um Brahmana, são considerados como vinculados à venda e ao roubo de vacas. O homem que, tendo roubado uma vaca faz uma doação dela para um Brahmana, desfruta de felicidade no céu como a recompensa da doação, mas sofre a miséria no inferno pelo pecado de roubo por um período igualmente longo. Ouro é considerado como constituindo o Dakshina, ó tu de grande esplendor, nas doações de vacas. De fato, o ouro tem sido citado como o melhor Dakshina em todos os sacrifícios. Por fazer uma doação de vacas uma pessoa é citada como resgatando seus antepassados até o sétimo grau como também seus descendentes até o sétimo grau. Por doar vacas com Dakshina de ouro alguém resgata seus antepassados e descendentes do dobro do número. O presente de ouro é o melhor dos presentes. O ouro é, além disso, o melhor Dakshina. O ouro é um grande purificador, ó Sakra, e é, de fato, o melhor de todos os objetos purificadores. Ó tu de cem sacrifícios, o ouro é considerado como o santificador da linhagem inteira daquele que o doa. Eu assim, ó tu de grande esplendor, te falei de Dakshina em resumo.'"

"Bhishma disse, 'Isto mesmo foi dito pelo Avô para Indra, ó chefe da linhagem de Bharata! Indra o comunicou para Dasaratha, e Dasaratha por sua vez para seu filho Rama, Rama da linhagem de Raghu o comunicou para seu caro irmão Lakshmana de grande renome. Enquanto residia nas florestas, Lakshmana o

comunicou para os Rishis. Ele então passou de geração para geração, pois os Rishis de votos rígidos o mantiveram entre eles mesmos como também os reis justos da terra. Meu preceptor, ó Yudhishthira, o comunicou para mim. Aquele Brahmana que o recita todos os dias nas reuniões de Brahmanas, em sacrifícios ou em doações de vacas, ou quando duas pessoas se encontram, alcança após a morte muitas regiões de felicidade inesgotável onde ele sempre reside com as divindades como seus companheiros. O santo Brahman, o Senhor Supremo, falou dessa maneira (para Indra sobre o assunto das vacas).'"

75

"Yudhishthira disse, 'Eu tenho sido imensamente assegurado, ó tu de pujança, por tu me falares dos deveres dessa maneira. Eu irei, no entanto, dar expressão às dúvidas que eu tenho. Esclareça-as para mim, ó avô! Quais são os resultados, declarados nas escrituras, dos votos que os homens cumprem? De qual natureza são os frutos, ó tu de grande esplendor, de observâncias de outros tipos? (Vratas, traduzido como 'votos', e Niyamas, traduzido como observâncias, diferem nesse aspecto, que os primeiros envolvem atos positivos de culto junto com a observância de, ou abstenção de, práticas específicas, enquanto os últimos envolvem somente tal observância ou abstenção.) Quais, além disso, são os frutos de um estudo apropriado dos Vedas? Quais são os frutos das doações, e quais são aqueles da retenção dos Vedas na memória? Quais são os frutos que se vinculam ao ensino dos Vedas? Eu desejo saber tudo isso. Quais, ó avô, são os méritos ligados à não aceitação de doações neste mundo? Quais frutos são vistos se vincularem àquele que faz doações de conhecimento? Quais são os méritos adquiridos pelas pessoas que são cumpridoras dos deveres de sua classe, como também por heróis que não fogem da batalha? Quais são os frutos que são declarados como ligados à observância da pureza e da prática de Brahmacharya? Quais são os méritos ligados ao serviço do pai e da mãe? Quais também são os méritos de servir preceptores e professores, e quais são os méritos da compaixão e da bondade? Eu desejo saber tudo isso, ó avô, verdadeiramente e em detalhes, ó tu que estás familiarizado com todas as escrituras! Grande é a curiosidade que eu sinto.'"

"Bhishma disse, 'Regiões de felicidade eterna vêm a ser daquele que, tendo começado apropriadamente um Vrata (voto) completa sua observância de acordo com as escrituras, sem uma brecha. Os resultados de Niyamas, ó rei, são visíveis até neste mundo. Estas recompensas que tu ganhaste são aquelas de Niyamas e sacrifícios. Os frutos que se vinculam ao estudo dos Vedas são vistos aqui e após a morte. A pessoa que é dedicada ao estudo dos Vedas é vista passar seu tempo em felicidade neste mundo e na região de Brahma. Ouça-me agora, ó rei, enquanto eu te falo em detalhes quais são os frutos do autodomínio. Aqueles que são autocontrolados são felizes em todos os lugares. Aqueles que são autocontrolados estão sempre no gozo daquela felicidade a qual está ligada à ausência ou subjugação do desejo. Aqueles que são autocontrolados são competentes para ir a todos os lugares à vontade. Aqueles que são

autocontrolados são capazes de destruir todos os inimigos. Sem dúvida, aqueles que são autocontrolados conseguem obter tudo o que eles procuram. Aqueles que são autocontrolados, ó filho de Pandu, obtêm a realização de todos os desejos. A felicidade que homens desfrutam no céu por penitências e destreza (de braços), por doações, e por diversos sacrifícios, vem a ser daqueles que são autocontrolados e clementes. O autodomínio é mais meritório do que a caridade. Um doador, depois de fazer uma doação para Brahmanas, pode ceder à influência da cólera. Um homem de autodomínio, no entanto, nunca cede à cólera. Então, o autodomínio é superior (a respeito de mérito) à caridade. O homem que faz doações sem ceder à cólera consegue alcançar regiões eternas de bem-aventurança. A ira destrói o mérito de uma doação. Por isso, o autodomínio é superior à caridade. Há vários lugares invisíveis, ó monarca, contados por dez milhares, no céu. Existindo em todas as regiões do céu, estes lugares pertencem aos Rishis. Pessoas, deixando este mundo, chegam a elas e são transformadas em divindades. Ó rei, os grandes Rishis se dirigem para lá, ajudados somente por seu autodomínio, e como o fim de seus esforços alcançam uma região de felicidade superior. Então, o autodomínio é superior (em eficácia) à doação. A pessoa que se torna um preceptor (pelo ensino dos Vedas), e que cultua o fogo devidamente, se despedindo de todas as suas aflições neste mundo, desfruta de bem-aventurança inesgotável, ó rei, na região de Brahma. Aquele homem que, tendo estudado os Vedas, dá um conhecimento deles para discípulos virtuosos, e que louva as ações de seu próprio preceptor, obtém grandes honras no céu. O Kshatriya que se dedica ao estudo dos Vedas, à realização de sacrifícios, às doações, e que salva as vidas de outros em combate, da mesma maneira obtém grandes honras no céu. O Vaisya que, cumpridor dos deveres de sua própria classe, faz doações, colhe como o fruto daquelas doações uma recompensa suprema. O Sudra, que cumpre devidamente os deveres de sua classe (os quais consistem em serviços prestados para as três outras classes) ganha o céu como a recompensa de tais serviços. Diversos tipos de heróis têm sido mencionados (nas escrituras). Ouça-me enquanto eu te explico quais são as recompensas que eles obtêm. Estão estabelecidas as recompensas de um herói pertencente a uma linhagem heróica. Há heróis de sacrifício, heróis de autocontrole, heróis da verdade, e outros que igualmente têm direito ao nome de heróis. Há heróis de combate, e heróis de caridade e de generosidade entre os homens. Há muitas pessoas que podem ser chamadas de heróis da fé Sankhya como, de fato, há muitos outros que são chamados de heróis de Yoga. Há outros que são considerados como heróis a respeito da vida na floresta, da chefia de família ou domesticidade, e da renúncia (ou Sannyasa). Similarmente, há outros que são chamados de heróis de intelecto, e também heróis de perdão. Há outros homens que vivem em tranquilidade e que são considerados como heróis de justiça. Há diversos outros tipos de heróis que praticam diversos outros tipos de votos e observâncias. Há heróis dedicados ao estudo dos Vedas e heróis dedicados ao ensino dos mesmos. Há, além disso, homens que vêm a ser considerados como heróis pela devoção com a qual atendem e servem seus preceptores, como, de fato, heróis a respeito da reverência que eles demonstram por seus antepassados. Há heróis em relação à obediência às mães, e heróis em relação à vida de mendicância que levam. Há heróis na questão da hospitalidade para convidados,

se vivem como donos de casa. Todos estes heróis alcançam regiões muito superiores de bem-aventurança que são, naturalmente, alcançadas por eles como as recompensas de suas próprias ações. Manter todos os Vedas na memória, ou abluções realizadas em todas as águas sagradas, podem ser ou não ser iguais a dizer a Verdade todos os dias na vida. Mil Sacrifícios de Cavalo e a Verdade foram uma vez pesados na balança. Foi visto que a Verdade era mais pesada do que mil Sacrifícios de Cavalo. É pela Verdade que o sol está dando calor, é pela Verdade que o fogo queima, é pela Verdade que os ventos sopram; na verdade, tudo depende da Verdade. É a Verdade que satisfaz as divindades, os Pitris e os Brahmanas. A Verdade é considerada como o maior dever. Portanto, ninguém jamais deve violar a Verdade. Os Munis são todos leais à Verdade. Sua destreza depende da Verdade. Eles também juram pela Verdade. Por isso, a Verdade é preeminente. Todos os homens verdadeiros, ó chefe da linhagem de Bharata, conseguem por sua veracidade chegar ao céu e se divertir lá em felicidade. O autodomínio é a obtenção da recompensa que se vincula à Verdade. Eu tenho falado sobre isto com todo o meu coração. O homem de coração humilde que possui autodomínio sem dúvida obtém grandes honras no céu. Ouça-me agora, ó senhor da Terra, enquanto eu te explico os méritos de Brahmacharya. Aquele homem que pratica o voto de Brahmacharya desde seu nascimento até a hora da sua morte, saiba, ó rei, não tem nada inalcançável! Muitos milhões de Rishis estão residindo na região de Brahma. Todos eles, enquanto estão aqui, são devotados à Verdade, e autocontrolados e têm sua semente vital parada. O voto de Brahmacharya, ó rei, praticado devidamente por um Brahmana, sem dúvida queima todos os seus pecados. O Brahmana é citado como sendo um fogo ardente. Naqueles Brahmanas que são dedicados às penitências, a divindade do fogo se torna visível. Se um Brahmacharin cede à cólera por causa de algum menosprezo o próprio chefe das divindades treme de medo. Este mesmo é o resultado visível do voto de Brahmacharya que é observado pelos Rishis. Ouça, ó Yudhishthira, qual é o mérito que se vincula ao culto do pai e da mãe. Aquele que serve respeitosamente seu pai sem jamais se opor a ele em alguma coisa, ou similarmente serve sua mãe ou irmão (mais velho) ou outro superior ou preceptor, isto deve ser conhecido, ó rei, ganha uma residência no céu. O homem de alma purificada, por tal serviço prestado para seus superiores, nunca tem que contemplar o inferno.'"

76

"Yudhishthira disse, 'Eu desejo, ó rei, te ouvir falar em detalhes sobre aquelas ordenanças superiores que regulam doações de vacas, pois é por fazer doações (de vacas) de acordo com aquelas ordenanças que alguém alcança inúmeras regiões de felicidade eterna.'"

"Bhishma disse, 'Não há doação, ó senhor da Terra, que seja superior em relação a mérito à doação de vacas. Uma vaca, legalmente adquirida, se doada, salva imediatamente a linhagem inteira do doador. Aquele ritual o qual surgiu para o benefício dos justos, foi posteriormente declarado por causa de todas as

criaturas. Aquele ritual vem do tempo primitivo. Ele existia mesmo antes que fosse declarado. Na verdade, ó rei, ouça-me enquanto eu relato para ti aquele ritual o qual tem influência sobre a doação de vacas. (A crença ortodoxa é que todos os rituais são literalmente eternos. Como eternos, eles existiam antes que alguém os declarasse ou registrasse em escrito sagrado. O ritual em relação às doações de vacas surgiram dessa maneira, isto é, no tempo primitivo. Ele foi só subsequentemente declarado ou registrado em escrito sagrado.) Antigamente quando várias vacas (destinadas a serem doadas) foram levadas (perante ele), o rei Mandhatri, cheio de dúvidas a respeito do ritual que ele deveria celebrar (ao doá-las verdadeiramente), questionou apropriadamente Vrihaspati (o preceptor dos celestiais) para um esclarecimento daquela dúvida. Vrihaspati disse, 'Enquanto cumpre restrições propriamente, o doador de vacas deve, no dia anterior, honrar os Brahmanas adequadamente e marcar a hora (real) da doação. Com respeito às vacas a serem doadas, elas devem ser da classe chamada Rohini (vaca vermelha). As vacas também devem ser endereçadas com as palavras Samange e Vahule (que são termos Védicos aplicados à vaca). Entrando no curral onde as vacas são mantidas, os seguintes Srutis devem ser proferidos, ‘A vaca é minha mãe. O touro é meu pai. (Dêem-me o) céu e a prosperidade terrena! A vaca é meu refugio!’ Entrando no curral e agindo dessa maneira, o doador deve passar a noite lá. Ele deve além disso proferir a fórmula quando realmente doando as vacas. (A fórmula ou Mantras que devem ser proferidos ao doar realmente as vacas se encontram nas escrituras.) O doador, assim residindo com as vacas no curral sem fazer alguma coisa para reprimir sua liberdade, e deitando na terra nua (sem afugentar os mosquitos e outros insetos que irão aborrecê-lo como eles aborrecem as vacas), é imediatamente purificado de todos os seus pecados por reduzir a si mesmo a um estado de similitude perfeita com as vacas. Quando o sol surge de manhã, tu deves doar a vaca, acompanhada por seu bezerro e um touro. Como a recompensa de tal ação, o céu certamente se tornará alcançável por ti. As bênçãos também que são indicadas pelos Mantras também serão tuas. Os Mantras contêm estas referências às vacas: Vacas são dotadas dos elementos de força e esforço enérgico. Vacas têm nelas os elementos de sabedoria. Elas são a fonte daquela imortalidade que os sacrifícios alcançam. Eles são o refúgio de toda energia. Elas são os passos pelos quais a prosperidade terrena é obtida. Elas constituem o curso eterno do universo. Elas levam à extensão da linhagem de alguém. Que as vacas (que eu dôo) destruam meus pecados. Elas têm nelas aquilo que partilha da natureza de Surya e Soma. Que elas sejam auxiliares para a minha obtenção do céu. Que elas se dirijam a mim como uma mãe acolhe sua prole. Que sejam minhas também todas as outras bênçãos que não foram citadas nos Mantras que eu tenho proferido! No alívio ou cura de tísica e outras doenças debilitantes, e na questão de obter liberdade do corpo, se uma pessoa recebe a ajuda dos cinco produtos da vaca, as vacas se tornam inclinadas a conceder bênçãos sobre a pessoa como o rio Saraswati. Ó vacas, vocês são sempre portadoras de todos os tipos de mérito! Satisfeitas comigo, designem um fim desejável para mim! Eu hoje me tornei o que vocês são! Por doá-las, eu realmente dôo a mim mesmo. (Depois de estas palavras terem sido proferidas por doador, o recebedor deve dizer), ‘Vocês não são mais possuídas por aquele que as doa! Vocês agora se tornaram minhas. Possuidoras

da natureza de Surya e Soma, façam o doador e o recebedor resplandecer com todos os tipos de prosperidade!' (Como já indicado), o doador deve proferir devidamente as palavras que se encontram na primeira parte do verso acima. O recebedor regenerado, conhecedor do ritual que regula a doação de vacas, deve, quando receber as vacas de presente, proferir (como já dito) as palavras encontradas na última metade do verso acima. O homem que, em vez de uma vaca, doa o valor usual dela ou tecido ou ouro, vem a ser considerado como o doador de uma vaca. O doador, quando dá o valor usual de uma vaca (como o substituto de uma vaca) deve proferir as palavras, 'Esta vaca com face virada para cima está sendo doada. Aceite-a!' O homem que doa tecidos (como substitutos de uma vaca) deve proferir a palavra 'Bhavitavya', (querendo dizer que a doação deve ser considerada como representando uma vaca). O homem que doa ouro (como o substituto de uma vaca) deve proferir a palavra, 'Vaishnavi' (significando, 'Este ouro que eu dou é da forma e natureza de uma vaca'). Estas mesmas são as palavras que devem ser proferidas na ordem dos tipos de doação mencionados acima. A recompensa que é colhida por fazer tais doações vicárias de vacas é residência no Céu por trinta e seis mil anos, oito mil anos, e vinte mil anos respectivamente. Estes mesmos são os méritos, respectivamente, de doações de coisas como substitutas de vacas. Enquanto com relação àquele que dá uma vaca verdadeira todos os méritos ligados às doações vicárias de vacas se tornam suas somente no oitavo passo do recebedor (para casa). (Somente no oitavo passo da jornada do recebedor para casa todos os méritos vinculados às doações vicárias se tornam daquele que dá uma vaca real: o que falar, portanto, daquele mérito quando o recebedor chega em casa e tira da vaca os meios de cultuar seu fogo doméstico, entreter seus convidados, etc.?) Aquele que dá uma vaca real se torna dotado de comportamento virtuoso neste mundo. Aquele que dá o valor de uma vaca fica livre de todo tipo de medo. Aquele que dá uma vaca (de maneira a substituir uma vaca real) nunca encontra com tristeza. Todos os três, como também aqueles que praticam regularmente suas abluções e outras ações no início da alvorada, e aquele que está bem familiarizado com o Mahabharata, isto é bem conhecido, alcançam as regiões de Vishnu e Soma. Tendo doado uma vaca, o doador deve, por três noites, adotar o voto vacum, e passar uma noite com as vacas. Começando novamente a partir daquela lunação, numerando a oitava, a qual é conhecida pelo nome de Kamya, ele deve passar três noites se sustentando totalmente de leite e urina e estrume da vaca. (Ashtami é o oitavo dia da quinzena lunar. Deve haver dois Ashtamis em cada mês lunar. Um Ashtami específico é conhecido como o Kamya ou o Goshtha. Naquele dia vacas são cultuadas com pasta de sândalo, cinabre, guirlandas florais, etc.) Por doar um touro, alguém obtém o mérito que se atribui ao voto divino (Brahmacharya). Por doar um par de vacas, uma pessoa obtém o domínio dos Vedas. Aquele homem que realiza um sacrifício e faz doações de vacas de acordo com o ritual declarado alcança muitas regiões de um caráter superior. Estas, no entanto, não são alcançáveis pela pessoa que não está familiarizada com aquele ritual (e que, portanto, doa vacas sem observar as declarações escriturais). O homem que doa mesmo uma única vaca que produz uma medida abundante de leite obtém o mérito de doar todas as coisas desejáveis sobre a Terra reunidas. O que precisa, portanto, ser dito da doação de muitas vacas que produzem Havya e Kavya em

consequência de seus úberes cheios? O mérito que se vincula à doação de bois superiores é maior do que aquele que se atribui à doação de vacas. Não se deve, por dar um conhecimento deste ritual, beneficiar uma pessoa que não é seu discípulo ou que não é cumpridor de votos ou que é desprovido de fé ou que é possuidor de uma compreensão desonesta. Na verdade, esta religião é um mistério, desconhecido para a maioria das pessoas. Alguém que a conhece não deve falar dela em todos os lugares. Há, no mundo, muitos homens que são desprovidos de fé. Há entre os homens muitas pessoas que são vis e que parecem com Rakshasas. Esta religião, se comunicada para elas, levará ao mal. Ela seria produtiva de mal igual se comunicada para homens pecaminosos tais como os que se abrigaram no ateísmo. Ouça-me, ó rei, enquanto eu conto para ti os nomes daqueles monarcas justos que alcançaram regiões de grande felicidade como a recompensa daquelas doações de vacas as quais eles fizeram em conformidade com as instruções de Vrihaspati, Usinara, Viswagaswa, Nriga, Bhagiratha; o célebre Mandhatri, o filho de Yuvanaswa; o rei Muchukunda, Bhagiratha, Naishadha. Somaka, Pururavas, Bharata de poder imperial à cuja linhagem pertencem todos os Bharatas, o heróico Rama o filho de Dasaratha, e muitos outros reis célebres de grandes realizações, e também o rei Dilipa de feitos amplamente conhecidos, todos, por suas doações de vacas em conformidade com o ritual, alcançaram o Céu. O rei Mandhatri era sempre realizador de sacrifícios, doações, penitências, deveres da realeza, e doações de vacas. Portanto, ó filho de Pritha, também tenha em mente aquelas instruções de Vrihaspati as quais eu relatei para ti (a respeito das doações de vacas). Tendo obtido o reino dos Kurus, tu, com o coração alegre, faça doações de boas vacas para os principais dos Brahmanas!'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por Bhishma sobre o assunto de fazer doações de vacas apropriadamente, o rei Yudhishthira fez tudo o que Bhishma desejava. Realmente, o rei Yudhishthira levou em consideração toda aquela religião a qual o preceptor das divindades comunicou para o nobre Mandhatri. Yudhishthira daquele tempo em diante começou a fazer doações de vacas sempre e se sustentar de grãos de cevada e de esterco de vaca como seu alimento e bebida. O rei também começou a dormir desde aquele dia sobre a terra nua, e, possuidor de alma contida e parecido com um touro em conduta, ele se tornou o principal dos monarcas. O rei Kuru desde aquele dia ficou muito atento às vacas e sempre as adorava, cantando seus louvores. Desde aquele dia, o rei abandonou a prática de unir vacas aos seus veículos. Para onde quer que ele tinha motivo para ir, ele procedia em carros puxados por cavalos de bom vigor.'"

77

"Vaisampayana disse, 'O rei Yudhishthira dotado de humildade uma vez mais questionou o filho nobre de Santanu sobre o assunto das doações de vacas em detalhes.'"

“O rei disse, ‘Ó Bharata, discurse para mim novamente em detalhes sobre os méritos de se doar vacas. Na verdade, ó herói, eu não fiquei saciado com ouvir tuas palavras como néctar!’”

“Vaisampayana continuou, ‘Assim endereçado pelo rei Yudhishthira o justo, o filho de Santanu começou a lhe falar novamente em detalhes sobre méritos ligados à doação de vacas.’”

"Bhishma disse, 'Por doar para um Brahmana uma vaca possuidora de um bezerro, dotada de docilidade e outras virtudes, jovem, e envolvida com um tecido, uma pessoa vem a ser purificada de todos os seus pecados. Há muitas regiões (no Inferno) as quais não têm sol. Alguém que faz um presente de uma vaca não tem que ir para lá. Aquele homem, no entanto, que dá para um Brahmana uma vaca que é incapaz de beber ou comer, cujo leite secou, que é dotada de sentidos todos os quais estão enfraquecidos, e que está doente e dominada pela decrepitude, e que pode, portanto, ser comparada a um tanque cuja água está completamente seca, de fato, o homem que dá semelhante vaca para um Brahmana e assim inflige somente dor e decepção a ele, sem dúvida tem que entrar no Inferno sombrio. Aquela vaca que é colérica e viciosa, ou doente, ou fraca ou que foi comprada sem o preço combinado ter sido pago, ou que somente afligiria o recebedor regenerado com angústia e decepção, nunca deve ser dada. As regiões que tal homem pode alcançar (como recompensas de outras ações de virtude realizadas por ele) fracassariam em lhe dar qualquer felicidade ou lhe conceder alguma energia. Somente vacas que são fortes, dotadas de bom comportamento, jovens, e possuidoras de fragrância são aprovadas por todos (na questão de doação). Na verdade, como Ganga é o principal de todos os rios, assim mesmo é uma vaca Kapila a principal de todas as vacas.'”

“Yudhishthira disse, ‘Por que, ó avô, os justos aprovam a doação de uma vaca Kapila (como mais meritória) quando todas as boas vacas que são doadas devem ser consideradas como iguais? Ó tu de grande pujança, eu desejo saber qual é a distinção que se atribui a uma vaca Kapila. Tu és, realmente, competente para me falar sobre este tópico!’” (Uma vaca Kapila é uma que dá uma quantidade abundante de leite sempre que ela é ordenhada, e é possuidora de várias outras habilidades e virtudes.)

"Bhishma disse, 'Eu tenho, ó filho, ouvido homens idosos narrarem a história a respeito das circunstâncias sob as quais a vaca Kapila foi criada. Eu narrarei para ti aquela história antiga! Nos tempos passados, o Brahman auto-nascido ordenou o Rishi Daksha, dizendo, ‘Crie criaturas vivas!’ Pelo desejo de fazer o bem para as criaturas, Daksha, em primeiro lugar, criou o alimento. Assim como as divindades existem dependendo do néctar, todas as criaturas vivas, ó pujante, vivem dependendo do sustento designado por Daksha. Entre todos os objetos móveis e imóveis, os móveis são superiores. Entre as criaturas móveis os Brahmanas são superiores. Os sacrifícios estão todos estabelecidos sobre eles. É pelo sacrifício que Soma (néctar) é obtido. O sacrifício está estabelecido sobre as vacas; (pois sem ghee, o qual é produzido do leite, não pode haver sacrifício). Os deuses ficam satisfeitos por sacrifícios. Com relação à Criação então, os meios de sustento

vieram primeiro, em seguida vieram as criaturas. Logo que as criaturas nasceram, elas começaram a gritar por comida. Todas elas então se aproximaram de seu criador que era para lhes dar alimento, como filhos se aproximando de seu pai ou mãe. Conhecendo a intenção que movia todas as suas criaturas, o santo senhor de todas as criaturas, isto é, Daksha, por causa dos seres que ele tinha criado, bebeu uma quantidade de néctar. Ele ficou satisfeito com o néctar que ele bebeu e logo após saiu um arroto, espalhando um aroma excelente por toda parte. Como o resultado daquele arroto, Daksha viu que ele deu à luz uma vaca a qual ele chamou de Surabhi. Esta Surabhi era dessa maneira uma filha dele, que tinha surgido de sua boca. A vaca chamada Surabhi deu à luz várias filhas que vieram a ser consideradas como as mães do mundo. Sua cor era como aquela do ouro, e elas eram todas Kapilas. Elas eram os meios de sustento para todas as criaturas. Quando aquelas vacas, cuja cor parecia com aquela do Amrita, começaram a despejar leite, a espuma daquele leite surgiu e começou a se espalhar por todos os lados, assim como quando as ondas de um rio correndo colidem umas contra as outras é produzida uma espuma abundante que se espalha por todos os lados. Alguma daquela espuma caiu, das bocas dos bezerros que estavam sugando, sobre a cabeça de Mahadeva que estava então sentado na Terra. O pujante Mahadeva então, cheio de cólera, olhou para aquelas vacas. Com aquele terceiro olho dele que adorna sua testa, ele parecia queimar aquelas vacas enquanto ele olhava para elas. Como o Sol colorindo massas de nuvens com diversas cores, a energia emanada do terceiro olho de Mahadeva produziu, ó monarca, diversas cores naquelas vacas. Aquelas entre elas, no entanto, que conseguiram escapar do olhar de Mahadeva por entrarem na região de Soma, permaneceram da mesma cor com a qual tinham nascido, pois nenhuma mudança foi produzida em sua cor. Vendo que Mahadeva tinha ficado extremamente zangado; Daksha, o senhor de todas as criaturas, se dirigiu a ele, dizendo, 'Tu foste, ó grande divindade, encharcado com néctar. O leite ou a espuma que escapa das bocas dos bezerros sugando suas mães nunca é considerado como resíduo impuro. (A idéia de uchcchishta é característica Hindu e não pode ser traduzida em alguma outra linguagem. Tudo o que forma o resto da refeição depois que alguém deixou de comer é uchcchishta. O bezerro suga sua mãe. Os úberes, no entanto, não são lavados antes de ordenhar a mãe, pois o leite saindo deles não é considerado como sendo resto impuro.) Chandramas, depois de beber o néctar, o despeja mais uma vez. Ele não é, no entanto, por causa disso, considerado como impuro. Da mesma maneira, o leite que estas vacas produzem, sendo nascido do néctar, não deve ser considerado como impuro (mesmo que os úberes tenham sido tocados pelos bezerros com suas bocas). O vento nunca pode se tornar impuro. O fogo nunca pode se tornar impuro. O ouro nunca pode se tornar impuro. O Oceano nunca pode se tornar impuro. O Néctar, mesmo quando bebido pelas divindades, nunca pode se tornar impuro. Similarmente, o leite de uma vaca, mesmo quando seus úberes são sugados por seu bezerro, nunca pode se tornar impuro. Estas vacas sustentarão todos estes mundos com o leite que elas irão produzir e o ghee que será fabricado dele. Todas as criaturas desejam desfrutar da riqueza auspiciosa, identificável com o néctar, que as vacas possuem!' Tendo dito estas palavras, o senhor das criaturas, Daksha, fez um presente para Mahadeva de um touro com certas vacas. Daksha satisfez o coração de Rudra, ó Bharata, com

aquele presente, Mahadeva, assim satisfeito, fez daquele touro seu veículo. E foi por causa da forma daquele touro que Mahadeva adotou o emblema no estandarte que flutua em seu carro de combate. Por esta razão é que Rudra veio a ser conhecido como a divindade de estandarte de touro. E foi naquela ocasião também que os celestiais, se reunindo, fizeram de Mahadeva o senhor dos animais. De fato, o grande Rudra tornou-se o Mestre das vacas e é chamado como a divindade de emblema de touro. Então, ó rei, na questão de doar vacas, é considerada como principalmente desejável a doação de vacas Kapila, as quais são dotadas de grande energia e possuidoras de cor inalterada (do branco). Dessa maneira as vacas são as principais de todas as criaturas no mundo. Foi delas que fluíram os meios de sustento de todos os mundos. Elas têm Rudra como seu mestre. Elas produzem Soma (néctar) na forma de leite. Elas são auspiciosas e sagradas, e concessoras de todos os desejos e dadoras de vida. Uma pessoa, por fazer um presente de uma vaca, vem a ser considerada como fazendo um presente de todos os artigos que são desejados para serem desfrutados pelos homens. O homem que, desejoso de obter prosperidade, lê com um coração e corpo puros estes versos sobre a origem das vacas vem a ser purificado de todos os seus pecados e obtém prosperidade e filhos e riqueza e animais. Aquele que faz um presente de uma vaca, ó rei, sempre consegue adquirir os méritos que se vinculam aos presentes de Havya e Kavya, ao oferecimento de oblações de água para os Pitris, a outras ações religiosas cuja realização traz paz e felicidade, à doação de veículos e tecidos, e ao cuidado de crianças e dos idosos.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de seu avô, o filho de Pritha, isto é, o nobre Yudhishthira da linhagem de Ajamida, se unindo com seus irmãos, começou a fazer doações de touros e vacas de cores diferentes para os principais dos Brahmanas. Na verdade, para o propósito de conquistar regiões de bem-aventurança no próximo (mundo), e ganhando grande fama, o rei Yudhishthira realizou muitos sacrifícios e, como presentes sacrificais, deu de presente centenas de milhares de vacas para certos Brahmanas.'"

78

"Bhishma disse, 'Nos tempos passados, o rei Saudasa nascido da linhagem de Ikshvaku, aquele principal dos homens eloquentes, em uma ocasião se aproximou do sacerdote de sua família, isto é, Vasishtha, aquele principal dos Rishis, coroado com êxito ascético, capaz de vagar por todas as regiões, o receptáculo de Brahma, e dotado de vida eterna, e lhe fez a seguinte pergunta.'"

"Saudasa disse, 'Ó santo, ó impecável, o que é aquilo nos três mundos que é sagrado e por recitar o qual em todos os momentos um homem pode adquirir grande mérito?'"

"Bhishma disse, 'Para o rei Saudasa que permanecia perante ele com cabeça inclinada em reverência, o erudito Vasishtha tendo primeiro reverenciado as vacas e se purificado (em corpo e mente), discursou sobre o mistério relacionado às

vacas, um tópico que é repleto de resultados altamente benéficos para todas as pessoas.'"

"Vasishtha disse, 'Vacas são sempre fragrantes. O perfume emanado pela exsudação do Amytis agallochum sai dos corpos. Vacas são o grande refúgio de todas as criaturas. Vacas constituem a grande fonte de bênçãos para todos. Vacas são o Passado e o Futuro. Vacas são a fonte de crescimento eterno. Vacas são a base da Prosperidade. Qualquer coisa dada para as vacas nunca é perdida. Vacas constituem o alimento mais elevado. Elas são o melhor Havi para as divindades. Os Mantras chamados Swaha e Vashat estão sempre estabelecidos nas vacas. Vacas constituem o resultado de sacrifícios. Os sacrifícios estão estabelecidos nas vacas. Vacas são o Futuro e o Passado, e o Sacrifício depende delas. De manhã e à noite as vacas produzem para os Rishis, ó principal dos homens, Havi para uso em Homa, ó tu de grande esplendor. Aqueles que fazem doações de vacas conseguem transcender todos os pecados os quais eles possam ter cometido e todos os tipos de calamidades nas quais eles possam cair, ó tu de grande pujança. O homem possuindo dez vacas e fazendo uma doação de uma vaca, aquele possuindo cem vacas e fazendo uma doação de dez vacas, e aquele possuindo mil vacas e fazendo uma doação de cem vacas, todos ganham a mesma medida de mérito. O homem que, embora possuidor de cem vacas, não estabelece um fogo doméstico para culto diário, o homem que, embora possuidor de mil vacas não realiza sacrifícios, e aquele homem que embora possuidor de riqueza age como um avaro (por não fazer caridade e não cumprir os deveres de hospitalidade), são todos os três considerados como indignos de algum respeito. Aqueles homens que fazem doações (de vacas) da espécie Kapila com seus bezerros e com recipientes de metal branco para ordenhá-las, vacas, isto é, que não são violentas e que, quanto doadas, estão envolvidas com tecidos, conseguem conquistar este e o outro mundo. Pessoas que conseguem fazer doação de um touro que ainda está no início da juventude, que tem todos os seus sentidos fortes, e que pode ser considerado como o principal entre centenas de rebanhos, que tem chifres grandes enfeitados com ornamentos (de ouro ou prata), para um Brahmana possuidor de erudição Védica, conseguem, ó opressor de inimigos, obter grande prosperidade e riqueza cada vez que elas tomam nascimento no mundo. Uma pessoa nunca deve ir dormir sem recitar os nomes de vacas. Ninguém deve se levantar da cama de manhã sem uma recitação similar dos nomes de vacas. De manhã e à noite uma pessoa deve inclinar sua cabeça em reverência às vacas. Como a consequência de tais atos, alguém sem dúvida obtém grande prosperidade. Nunca se deve sentir alguma repugnância pela urina e pelo estrume da vaca. Nunca se deve comer a carne de vacas. Como consequência disto, alguém sem dúvida obtém grande prosperidade. Sempre se deve considerar os nomes de vacas. Nunca se deve mostrar algum desrespeito pelas vacas de algum modo. Se sonhos maus são vistos, homens devem usar os nomes das vacas. Na hora do banho sempre se deve usar o estrume da vaca. Alguém deve sentar sobre estrume de vaca seco. Nunca se deve lançar a própria urina e fezes e outras secreções sobre o estrume da vaca. Nunca se deve obstruir as vacas de nenhuma maneira. Deve-se comer, sentando em um couro bovino purificado por mergulhá-lo em água, e então olhar em direção ao oeste. Sentando

com fala contida, alguém deve comer ghee, usando a terra nua como seu prato. Uma pessoa colhe, por tais ações, aquela prosperidade da qual as vacas são a fonte. Deve-se despejar libações no fogo, usando ghee para este propósito. Deve-se fazer Brahmanas proferirem bênçãos sobre si por presentes de ghee. Deve-se fazer doações de ghee. Deve-se também comer ghee. Como a recompensa de tais ações uma pessoa sem dúvida obtém aquela prosperidade que as vacas concedem. Aquele homem que inspira uma forma bovina feita de sementes de gergelim por proferir os Mantras Védicos chamados pelo nome de Gomati, e então adorna aquela forma com todos os tipos de pedras preciosas e faz uma doação dela, nunca tem que sofrer alguma dor por causa de todos os seus atos de omissão e cometimento. ‘Que vacas que produzem quantidades abundantes de leite e que têm chifres enfeitados com ouro, isto é, vacas que são Surabhis ou as filhas de Surabhis, se aproximem de mim assim como rios se aproximam do oceano! Eu sempre olho pelas vacas. Que elas sempre olhem por mim. As vacas são nossas. Nós somos delas. Nós mesmos estamos lá onde as vacas estão!’ Assim mesmo, à noite ou de dia, em felicidade ou infortúnio, realmente, em momentos de grande temor, um homem deve exclamar. Por proferir tais palavras ele sem dúvida será livre de todo medo.'"

79

"Vasishtha disse, 'As vacas que foram criadas em uma era passada praticaram as penitências mais austeras por cem mil anos com o desejo de obter uma posição de grande preeminência. Na verdade, ó opressor de inimigos, elas disseram para si mesmas, ‘Nós iremos, neste mundo, nos tornar o melhor de todos os tipos de Dakshina em sacrifícios, e nós não estaremos sujeitas a sermos maculadas por alguma imperfeição! Por se banharem em água misturada com nosso estrume as pessoas ficarão santificadas. As divindades e homens usarão nosso estrume para o propósito de purificar todas as criaturas móveis e imóveis. Aqueles também que nos doarem irão alcançar aquelas regiões de felicidade as quais serão nossas.’ O pujante Brahman, aparecendo para elas na conclusão de suas austeridades, deu a elas as bênçãos que elas procuravam, dizendo, ‘Será como vocês desejam! (Dessa maneira) salvem todos os mundos!’ Coroadas com realização em relação aos seus desejos, elas todas se levantaram, aquelas mães do Passado e do Futuro. Todas as manhãs, as pessoas devem se curvar às vacas com reverência. Como a consequência disto, elas sem dúvida ganharão prosperidade. Na conclusão de suas penitências, ó monarca, as vacas se tornaram o refúgio do mundo. É por isto que as vacas são citadas como sendo altamente abençoadas, sagradas, e as principais de todas as coisas. É por isto que as vacas são citadas como permanecendo no próprio topo de todas as criaturas. Por doar uma vaca Kapila com um bezerro parecido com ela mesma, produzindo uma quantidade abundante de leite, livre de todos os maus hábitos, e coberta com um pedaço de tecido, o doador obtém grandes honras na região de Brahma. Por doar uma vaca de cor vermelha, com um bezerro que parece com ela mesma, produzindo leite, livre de todo vício, e coberta com um tecido, uma pessoa obtém grandes honras na região de Surya. Por doar uma vaca de cor variada, com

um bezerro similar a ela mesma, produzindo leite, livre de todas as imperfeições, e coberta com um tecido, alguém obtém grande honra na região de Soma. Por doar uma vaca de cor branca, com um bezerro similar a ela mesma, produzindo leite, livre de todo vício, e coberta com um tecido, se obtém grandes honras na região de Indra. Por doar uma vaca de cor escura, com um bezerro parecido com ela mesma, produzindo leite, livre de todos os maus hábitos, e coberta com um tecido, se obtém grandes honras na região de Agni. Por doar uma vaca da cor da fumaça, com um bezerro parecido com ela mesma, produzindo leite, livre de todos os maus hábitos, e coberta com um tecido, se obtém grandes honras na região de Yama. Por doar uma vaca da cor da espuma da água, com um bezerro e um recipiente de metal branco para ordenhá-la, e coberta com um tecido, alguém alcança a região de Varuna. Por doar uma vaca cuja cor é como aquela do pó soprado pelo vento, com um bezerro, e um recipiente de metal branco para ordenhá-la, e coberta com um tecido, se obtém grandes honras na região do Deus do vento. Por doar uma vaca da cor do ouro, tendo olhos de uma cor fulva com um bezerro e um recipiente de metal para ordenhá-la e coberta com um tecido, se desfruta da felicidade da região de Kuvera. Por doar uma vaca da cor da fumaça de palha, com um bezerro e um recipiente de metal branco para ordenhá-la, e coberta com um tecido, se obtém grandes honras na região dos Pitris. Por doar uma vaca gorda com a carne de sua garganta pendendo e acompanhada por seu bezerro, se chega com facilidade à região excelente dos Viswedevas. Por doar uma vaca Gouri, com bezerro similar a ela, produzindo leite, livre de todos os defeitos, e coberta com um pedaço de tecido, se chega à região dos Vasus. Por doar uma vaca da cor de um cobertor branco, com um bezerro e um recipiente de metal branco, e coberta com um tecido, se alcança a região dos Sadhyas. Por doar um touro com uma corcova alta e adornado com todas as jóias, o doador, ó rei, alcança a região dos Maruts. Por doar um touro de cor azul, que é crescido em relação à idade e enfeitado com todos os ornamentos, o doador alcança as regiões dos Gandharvas e das Apsaras. Por doar uma vaca com a carne de sua garganta pendendo, e enfeitada com todos os ornamentos, o doador, livre de toda dor, alcança aquelas regiões que pertencem ao próprio Prajapati. Aquele homem, ó rei, que habitualmente faz doações de vacas, procede, atravessando as nuvens, para o Céu em um carro de refulgência solar e brilha lá em esplendor. Aquele homem que habitualmente faz doações de vacas vem a ser considerado como o principal de sua espécie. Quando procedendo dessa maneira para o Céu, ele é recebido por mil donzelas celestes de belos quadris e adornadas com belos mantos e ornamentos. Estas moças o servem lá e contribuem para seu deleite. Ele dorme lá em paz e é despertado pelo riso musical daquelas moças de olhos de gazela, as doces notas dos seus Vinas, os acordes delicados dos seus Vallakis (alaúdes), e o tilintar melodioso dos seus Nupuras (ornamentos para os tornozelos). O homem que faz doações de vacas reside no Céu e é honrado lá por tanto anos quanto os pêlos que existem nos corpos das vacas que ele doa. Caindo do Céu (após o esgotamento do seu mérito), tal homem toma nascimento na classe da humanidade e, realmente, em uma família superior entre os homens.'"

80

"Vasishtha disse, ‘As vacas são produtoras de ghee e leite. Elas são as fontes de ghee e elas surgiram do ghee. Elas são rios de ghee, e redemoinhos de ghee. Que as vacas sempre estejam em minha casa! Ghee é sempre meu coração. Ghee está sempre estabelecido em meu umbigo. Ghee está em todos os meus membros. Ghee reside em minha mente. Vacas estão sempre na minha frente. Vacas estão sempre atrás de mim. Vacas estão em todos os lados do meu corpo. Eu vivo no meio de vacas!’ Tendo se purificado por tocar água, uma pessoa deve, de manhã e à noite, recitar estes Mantras todos os dias. Por isto, alguém sem dúvida se purifica de todos os pecados que ele possa cometer no decorrer do dia. Aqueles que fazem doações de mil vacas, partindo deste mundo, procedem para as regiões dos Gandharvas e das Apsaras onde há muitas mansões suntuosas feitas de ouro e onde o Ganga celeste, chamado de corrente de Vasu, corre. Doadores de mil vacas se dirigem para lá onde correm muitos rios que têm leite como sua água, queijo como sua lama, e coalhos como seu musgo flutuante. O homem que faz doações de centenas de milhares de vacas, em conformidade com o ritual prescrito nas escrituras, obtém grande prosperidade (aqui) e grandes honras no Céu. Tal homem faz seus antepassados paternos e maternos até o décimo grau alcançarem regiões de grande bem-aventurança, e santifica toda a sua linhagem. As vacas são sagradas. Elas são as principais de todas as coisas no mundo. Elas são na verdade o refúgio do universo. Elas são as mães das próprias divindades. Elas são realmente incomparáveis. Elas devem ser oferecidas em sacrifícios. Quando fazendo viagens, uma pessoa deve proceder à sua direita (isto é, mantendo-as à sua esquerda). Averiguando a época apropriada, elas devem ser doadas para pessoas qualificadas. Por doar uma vaca Kapila com chifres grandes, acompanhada por um bezerro e um recipiente de metal branco para ordenhá-la, e coberta com um pedaço de tecido, alguém consegue entrar, livre do medo, no palácio de Yama no qual é tão difícil de se entrar. Deve-se sempre recitar este Mantra sagrado, isto é: ‘As vacas são de forma bela. As vacas são de formas diversas. Elas são de forma universal. Elas são as mães do universo. Ó, que as vacas se aproximem de mim!’ Não há presente mais sagrado do que o presente de vacas. Não há doação que produz mérito mais abençoado. Não há nada igual à vaca, nem haverá alguma coisa que se igualará a ela. Com sua pele, seu pêlo, seus chifres, o cabelo de seu rabo, seu leite, e sua gordura, com todos estes juntos, a vaca mantém o sacrifício. Qual coisa há que é mais útil do que a vaca? Inclinando minha cabeça para ela com reverência, eu adoro a vaca que é a mãe do Passado e do Futuro, e por quem o universo inteiro de criaturas móveis e imóveis está coberto. Ó melhor dos homens, eu assim contei para ti somente uma parte do grande mérito das vacas. Não há doação neste mundo que seja superior à doação de vacas. Também não há refúgio neste mundo que seja mais elevado do que as vacas.’"

"Bhishma continuou, 'Aquele doador de terra de grande alma (o rei Saudasa), considerando estas palavras do Rishi Vasishtha como as principais a respeito de importância, então fez doações de um número muito grande de vacas para os Brahmanas, reprimindo seus sentidos, e como a consequência daquelas doações

o monarca conseguiu alcançar muitas regiões de bem-aventurança no mundo seguinte.'"

81

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, qual é a mais sagrada de todas as coisas sagradas no mundo, exceto aquelas que já foram mencionadas, e que é o mais sublime de todos os objetos que santificam.'"

"Bhishma disse, 'As vacas são os mais importantes de todos os objetos. Elas são altamente sagradas e elas salvam os homens (de todos os tipos de pecados e infortúnios). Com seu leite e com o Havi fabricado dele, as vacas sustentam todas as criaturas no universo. Ó melhor dos Bharatas, não há nada que seja mais sagrado do que as vacas. As principais de todas as coisas nos três mundos, as vacas são elas mesmas sagradas e capazes de purificar outros. As vacas residem em uma região que é até mais elevada do que a região das divindades. Quando doadas, eles resgatam seus doadores. Homens de sabedoria conseguem alcançar o Céu por fazerem doações de vacas. O filho de Yuvanaswa, Mandhatri, Yayati, e (seu pai) Nahusha, costumavam sempre doar vacas às milhares. Como a recompensa daquelas doações eles alcançaram regiões que são inalcançáveis pelas próprias divindades. Há, em relação a isso, ó impecável, um discurso proferido nos tempos antigos. Eu o narrarei para ti. Uma vez o inteligente Suka, tendo terminado seus ritos matinais, se aproximou com uma mente controlada de seu pai, aquele principal dos Rishis, isto é, o Krishna Nascido na Ilha, que conhece a distinção entre aquilo que é superior e o que é inferior, e saudando-o, disse, 'Qual é aquele sacrifício que te parece como o principal de todos os sacrifícios? Qual é aquele ato por fazer o qual homens de sabedoria conseguem chegar à região mais sublime? Qual é aquela ação sagrada pela qual as divindades desfrutam da bem-aventurança do Céu? O que constitui o caráter do sacrifício como sacrifício? O que é aquilo do qual o sacrifício depende? O que é que é considerado como o melhor pelas divindades? Qual é aquele sacrifício que transcende os sacrifícios deste mundo? Diga-me também, ó pai, qual é a mais sagrada de todas as coisas.' Tendo ouvido estas palavras de seu filho, ó chefe da linhagem de Bharata, Vyasa, a principal de todas as pessoas familiarizadas com os deveres, discursou para ele como segue.'"

"Vyasa disse, 'Vacas constituem o esteio de todas as criaturas. Vacas são o refúgio de todas as criaturas. Vacas são a encarnação do mérito. Vacas são sagradas, e vacas são as santificadoras de tudo. Antigamente as vacas eram sem chifres como é sabido por nós. Para obter chifres elas adoraram o eterno e pujante Brahmana. O pujante Brahmana, vendo as vacas prestarem suas adorações para ele e sentadas em praya, concedeu para cada uma delas o que cada uma desejava. Depois disso seus chifres cresceram e cada uma obteve o que desejava. De diversas cores, e dotadas de chifres, elas começaram a brilhar em beleza, ó filho! Favorecidas pelo próprio Brahman com benefícios, as vacas são auspiciosas e produtoras de Havya e Kavya. Elas são as encarnações do mérito. Eles são sagradas e abençoadas. Elas possuem forma e atributos excelentes. As

vacas constituem a energia sublime e altamente excelente. A doação de vacas é muitíssimo elogiada. Aqueles homens bons que, livres de orgulho, fazem doações de vacas, são considerados como fazedores de atos justos e como dadores de todos os artigos. Tais homens, ó impecável, alcançam a altamente sagrada região das vacas. As árvores lá produzem frutos doces. De fato, aquelas árvores estão sempre adornadas com flores e frutos excelentes. Aquelas flores, ó melhor das pessoas regeneradas, são dotadas de fragrância celestial. Todo o solo daquela região é feito de pedras preciosas. As areias lá são todas douradas. O clima lá é tal que as excelências de todas as estações são sentidas. Não há mais lama, nem poeira. Ela é, de fato, altamente auspiciosa. Os rios que correm lá brilham em resplandecência por causa dos lotos vermelhos desabrochando em suas superfícies, e pelas jóias e pedras preciosas e ouro que se encontram em suas margens e que mostram o esplendor do sol da manhã. Há muitos lagos também naquela região em cujos leitos há muitos lotos, misturados aqui e ali com Nymphoea stellata, e tendo suas pétalas feitas de pedras preciosas valiosas, e seus filamentos adornados com uma cor como aquela do ouro. Eles são também adornados com bosques florescentes de Nerium odorum com milhares de trepadeiras belas se entrelaçando ao redor deles, como também com florestas de Santanakas portando suas cargas floridas. Há rios cujas margens são matizadas com muitas pérolas brilhantes e pedras preciosas resplandecentes e ouro brilhante. Partes daquelas regiões são cobertas com árvores excelentes que estão enfeitadas com pedras preciosas e jóias de todos os tipos. Algumas delas são feitas de ouro e algumas mostram o esplendor do fogo. Lá se encontram muitas montanhas feitas de ouro, e muitas colinas e cumes feitos de jóias e pedras preciosas. Estas brilham em beleza por causa de seus topos altos os quais são compostos de todos os tipos de jóias. As árvores que adornam aquelas regiões sempre desenvolvem flores e frutos, e estão sempre cobertas com folhagem densa. As flores sempre emitem uma fragrância celestial e os frutos são extremamente doces, ó chefe da linhagem de Bharata. Aquelas pessoas que são de atos justos, ó Yudhishthira, sempre se divertem lá em alegria. Livres de dor e ira, elas passam seu tempo lá, coroadas com a realização de todos os desejos. Pessoas de ações virtuosas, possuidoras de fama, se divertem lá felicidade, se movendo de lugar em lugar, ó Bharata, em veículos encantadores de grande beleza. De ações auspiciosas, grupos de Apsaras sempre os entretêm lá, com música e dança. De fato, ó Yudhishthira, uma pessoa vai para tais regiões como a recompensa por ela ter feito doações de vacas. Aquelas regiões as quais têm como seus senhores Pushan e os Maruts de grande pujança, são alcançadas por doadores de vacas. Em riqueza o real Varuna é considerado como preeminente. O doador de vacas obtém riqueza como aquela do próprio Varuna. Deve-se, com a firmeza de um voto, recitar diariamente estes Mantras declarados pelo próprio Prajapati (a respeito das vacas). Viswarupa e, isto é, Yugandharah, Surupah, Vahurupah, e Matara. (Estes são os vários nomes pelos quais as vacas são conhecidas. O primeiro é provavelmente derivado de a vaca portar o arado e dessa maneira ajudar no cultivo do solo. O segundo implica beleza de forma. O terceiro é derivado de a vaca ser considerada como a origem de todas as coisas no universo: todas as coisas, portanto, são somente muitas formas da vaca. Viswarupa implica a mesma coisa. Matara implica mães, as vacas sendo

consideradas como as mães de todos.) Aquele que serve as vacas com reverência e que as segue com humildade, consegue obter muitos benefícios inestimáveis das vacas que ficam satisfeitas com ele. Alguém nunca deve, mesmo em seu coração, fazer uma injúria para as vacas. Deve-se, de fato, sempre conceder felicidade para elas. Deve-se sempre reverenciar as vacas e adorá-las com inclinações de cabeça. Aquele que faz isto, reprimindo seus sentidos e cheio de alegria, consegue obter aquela felicidade que é desfrutada pelas vacas (e a qual só as vacas podem conceder). Uma pessoa deve beber por três dias a urina quente da vaca. Pelos três dias seguintes ela deve beber o leite quente da vaca. Tendo assim bebido leite quente por três dias, ela deve em seguida beber ghee quente por três dias. Tendo dessa maneira bebido ghee quente por três dias, ela deve subsistir pelos próximos três dias somente do ar. Aquela coisa sagrada por cuja ajuda as divindades desfrutam de regiões de felicidade, aquela que é a mais sagrada de todas as coisas sagradas, isto é, o ghee, deve então ser carregado sobre a cabeça. (O ghee é considerado dessa maneira por causa de seu uso em sacrifícios. É com a ajuda do ghee que as divindades se tornaram o que elas são. Ele mesmo sagrado, ele é também purificador ao mesmo tempo.) Com a ajuda do ghee deve-se derramar libações no fogo sagrado. Por fazer doações de ghee, uma pessoa deve fazer o Brahmana proferir bênçãos sobre ela mesma. Deve-se comer ghee e fazer presentes de ghee. Como recompensa deste comportamento uma pessoa pode então obter aquela prosperidade que pertence às vacas. Aquele homem que, por um mês, subsiste de mingau de cevada apanhado todos os dias do estrume da vaca vem a ser purificado de pecados tão graves quanto o assassinato de um Brahmana. Depois de sua derrota nas mãos dos Daityas, as divindades praticaram esta expiação. Foi por causa desta expiação que elas conseguiram recuperar sua posição como divindades. Realmente, foi por meio disto que elas recuperaram sua força e vieram a ser coroadas com sucesso. Vacas são sagradas. Elas são encarnações do mérito. Elas são as purificadoras sublimes e mais eficazes de todos. Por fazer doações de vacas para os Brahmanas alguém alcança o Céu. Vivendo em um estado puro, no meio das vacas, uma pessoa deve recitar mentalmente aqueles Mantras sagrados que são conhecidos pelo nome de Gomati, depois de tocar água pura. Por fazer isto, ela se torna purificada e limpa (de todos os pecados). Brahmanas de atos virtuosos, que têm sido purificados pelo conhecimento, estudo dos Vedas, e observância de votos, devem, somente no meio de fogos sagrados ou vacas ou assembléias de Brahmanas, comunicar para seus discípulos um conhecimento dos Mantras Gomati os quais são de todas as maneiras semelhantes a um sacrifício (pelo mérito que eles produzem). Deve-se fazer um jejum por três noites para receber a bênção constituída por um conhecimento do significado dos Mantras Gomati. O homem que está desejoso de obter um filho pode obter um por adorar estes Mantras. Aquele que deseja a posse de riqueza pode ter seu desejo satisfeito por adorar estes Mantras. A moça desejosa de ter um bom marido pode ter seu desejo realizado pelos mesmos meios. Realmente, alguém pode obter a realização de todos os desejos que ele possa nutrir, por adorar estes Mantras sagrados. Quando as vacas estão satisfeitas com o serviço que alguém presta para elas, elas são, sem dúvida, capazes de conceder a realização de todos os desejos. Exatamente dessa maneira, vacas são altamente abençoadas. Elas são os requisitos

indispensáveis dos sacrifícios. Elas são concessoras de todos os desejos. Saiba que não há nada superior às vacas.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por seu pai de grande alma, Suka, dotado de grande energia, começou desde aquele momento a cultuar as vacas todos os dias. Tu também, ó filho, te comporte da mesma maneira.'"

82

"Yudhishthira disse, 'Eu tenho ouvido que o estrume da vaca é dotado de Sree (a deusa da Prosperidade). Eu desejo saber como isto foi ocasionado. Eu tenho dúvidas, ó avô, as quais tu deves dissipar.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é narrada a velha história, ó monarca, da conversa entre as vacas e Sree, ó melhor dos Bharatas! Uma vez a deusa Sree, assumindo uma forma muito bela, entrou em um rebanho de vacas. As vacas, vendo sua fartura de beleza, ficaram muito admiradas.'"

"As vacas disseram, 'Quem és tu, ó deusa? Por que motivo tu te tornaste inigualável sobre a terra por beleza? Ó deusa altamente abençoada, nós estamos muito admiradas por causa da tua riqueza de beleza. Nós desejamos saber quem és tu. Quem, de fato, és tu? Para onde tu procederás? Ó tu de esplendor de cor muito superior, nos conte em detalhes tudo o que nós desejamos saber.'"

"Sri disse, 'Abençoadas sejam vocês, eu sou querida para todas as criaturas. De fato, eu sou conhecida pelo nome de Sri. Abandonados por mim, os Daityas estão perdidos para sempre. As divindades, isto é, Indra, Vivaswat, Soma, Vishnu, Varuna, e Agni, tendo me obtido, estão se divertindo em alegria e farão isso para sempre. Na verdade, os Rishis e as divindades, somente quando eles são dotados comigo, têm sucesso. Ó vacas, encontram com a destruição aqueles seres nos quais eu não entro. Religião, riqueza, e prazer, somente quando dotados comigo se tornam fontes de felicidade. Ó vacas que são dadoras de felicidade, saibam que eu sou possuidora de tal energia! Eu desejo sempre residir em todas vocês. Dirigindo-me à sua presença, eu lhes peço. Sejam todas vocês dotadas de Sri.'"

"As vacas disseram, 'Tu és inconstante e impaciente. Tu te permites ser desfrutada por muitas pessoas. Nós não desejamos ter-te. Abençoada sejas tu, vá para onde quer que te agrade. Com relação a nós mesmas, todas nós somos possuidoras de boas formas. Que necessidade nós temos de ti? Vá para onde quer que tu queiras. Tu (por responder nossas perguntas) já nos agradaste muitíssimo.'"

"Sri disse, 'Isto é característico de vocês, ó vacas, que vocês não me recebem bem? Eu sou difícil de ser obtida. Por que então vocês não me aceitam? Parece, ó criaturas de votos excelentes, que o provérbio popular é verdadeiro, isto é, que é indubitável que quando alguém vai até outro por sua própria vontade e sem ser procurado, ele encontra com a desconsideração. Os Deuses, os Danavas, os Gandharvas, os Pisachas, os Uragas, os Rakshasas e os seres humanos

conseguem me obter somente depois de passarem pelas austeridades mais severas. Vocês que têm tal energia, me recebam. Ó amáveis, eu nunca sou desconsiderada por ninguém nos três mundos de criaturas móveis e imóveis.'"

"As vacas disseram, 'Nós não te desconsideramos, ó deusa. Nós não te mostramos um desprezo! Tu és inconstante e de um coração muito desassossegado. É somente por isto que nós nos despedimos de ti. Qual necessidade de muita conversa? Vá para onde quer que tu escolhas. Todas nós somos dotadas de formas excelentes. Que necessidade nós temos de ti, ó impecável?'"

"Sri disse, 'Ó dadoras de honras, rejeitada por vocês dessa maneira, eu serei certamente um objeto de desconsideração por todo o mundo. Mostrem-me sua graça. Vocês são todas altamente abençoadas. Vocês estão sempre dispostas a conceder proteção para aqueles que procuram sua proteção. Eu vim a vocês solicitando sua proteção. Eu não tenho defeito. Salvem-me (desta situação). Saibam que eu sempre serei devotada a vocês. Eu estou desejosa de residir em quaisquer partes, por mais que repulsivas, de seus corpos. De fato, eu desejo residir até em seu reto. Ó impecáveis, eu não vejo que vocês têm alguma parte em seus corpos que possa ser considerada como repulsiva, pois vocês são sagradas, e santificantes, e altamente abençoadas. Entretanto, concedam minha súplica. Digam-me em qual em parte de seus corpos eu devo residir.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçadas por Sri, as vacas, sempre auspiciosas e inclinadas à bondade para todos aqueles que são devotados a elas, deliberaram entre si, e então se dirigiram a Sri, e disseram para ela, ó rei, estas palavras.'"

"As vacas disseram, 'Ó tu de grande fama, é certamente desejável que nós te honremos. Viva em nossa urina e estrume. Os dois são sagrados, ó deusa auspiciosa!'"

"Sri disse, 'Por boa sorte, vocês me mostraram muita benevolência implicando seu desejo de me favorecer. Que isto seja como vocês dizem! Abençoadas sejam vocês todas, eu fui realmente honrada por vocês, ó concessoras de felicidade!'"

"Bhishma continuou, 'Tendo, ó Bharata, feito este acordo com as vacas, Sri, naquele momento, na própria vista daquelas vacas, tornou-se invisível. Eu assim te falei, ó filho, da glória do estrume das vacas. Eu te falarei novamente sobre a glória das vacas. Ouça-me.'"

83

"Bhishma disse, 'Aqueles que fazem doações de vacas, e que subsistem dos restos de coisas oferecidas como libações no fogo sagrado, são considerados, ó Yudhishthira, como sempre realizando sacrifícios de todos os tipos. Nenhum sacrifício pode ser realizado sem a ajuda de coalhos e ghee. O próprio caráter como sacrifício que o sacrifício tem depende do ghee. Então o ghee (ou, a vaca da qual ele é produzido) é considerado como a verdadeira base do sacrifício. De

todos os tipos de presentes, o presente de vacas é elogiado como o mais elevado. As vacas são as principais de todas as coisas. Elas mesmas sagradas, elas são as melhores purificadoras e santificadoras. As pessoas devem criar vacas para obterem prosperidade e paz serena. O leite, coalhos, e ghee que as vacas produzem são capazes de purificar alguém de todo tipo de pecado. As vacas são citadas como representando a energia mais elevada neste mundo e no mundo que está acima. Não há nada que seja mais sagrado ou santificante do que as vacas, ó chefe da linhagem de Bharata. Em relação a isso é contada a antiga narrativa, ó Yudhishthira, da conversa entre o Avô e o chefe dos celestiais. Depois que os Daityas tinham sido derrotados e Sakra tinha se tornado o senhor dos três mundos, todas as criaturas cresceram em prosperidade e se tornaram devotadas à religião verdadeira. Então, em uma ocasião, os Rishis, os Gandharvas, os Kinnaras, os Uragas, os Rakshasas, as Divindades, os Asuras, as criaturas aladas e os Prajapatis, ó tu da linhagem de Kuru, se reuniram todos e adoraram o Avô. Lá estavam Narada e Parvata e Viswavasu e Haha-Huhu, que cantaram em acordes celestes para adorar aquele senhor pujante de todas as criaturas. A divindade do vento levou para lá a fragrância das flores celestes. As Estações também, em suas formas incorporadas, levaram os perfumes das flores características de cada uma, para aquele conclave de celestiais, aquela reunião de todas as criaturas do universo, onde donzelas celestes dançaram e cantaram em acompanhamento com música celestial. No meio daquela assembléia, Indra, saudando o Senhor de todas as divindades e inclinando sua cabeça para ele com reverência, questionou-o, dizendo, 'Eu desejo, ó Avô, saber por que a região das vacas é superior, ó santo, à região das próprias divindades que são os senhores de todos os mundos. Quais austeridades, qual Brahmacharya, ó senhor, as vacas realizaram por consequência das quais elas podem residir felizmente em uma região que está até acima daquelas das divindades?' Assim endereçado por Indra, Brahman disse para o matador de Vala, 'Tu, ó matador de Vala, sempre desconsideraste as vacas. Por isso tu não estás familiarizado com a gloriosa preeminência das vacas. Ouça-me agora, ó pujante, enquanto eu te explico a grande energia e a gloriosa preeminência das vacas, ó chefe dos celestiais! Vacas são citadas como os membros do sacrifício. Elas representam o próprio sacrifício, ó Vasava! Sem elas não pode haver sacrifício. Com seu leite e o Havi produzido dele, elas sustentam todas as criaturas. Seus bezerros machos são empregados em ajudar no cultivo e por meio disso produzem diversos tipos de arroz e outras sementes. Delas fluem sacrifícios e Havya e Kavya, e leite e coalhos e ghee. Então, ó chefe das divindades, as vacas são sagradas. Afligidas por fome e sede, elas carregam diversas cargas. As vacas sustentam os Munis. Elas sustêm todas as criaturas por meio de diversas ações. Ó Vasava, as vacas não têm malícia em seu comportamento. Por causa de tal comportamento e de muitas ações bem realizadas, elas estão habilitadas a viver sempre em regiões que estão até acima da nossa. Eu assim expliquei para ti hoje, ó tu de cem sacrifícios, a razão, ó Sakra, das vacas residirem em um lugar que está acima daquele das divindades. As vacas obtiveram muitas formas excelentes, ó Vasava, e são elas mesmas concessoras de benefícios (para outros). Elas são chamadas de Surabhis. De atos sagrados e dotadas de muitas indicações auspiciosas, elas são altamente santificantes. Ouça-me também, ó matador de Vala, enquanto eu te digo em

detalhes a razão porque as vacas, a prole de Surabhi, desceram sobre a terra, ó melhor das divindades. Antigamente, ó filho, quando no Devayuga os Danavas de grande alma se tornaram os senhores dos três mundos, Aditi passou pelas austeridades mais severas e obteve Vishnu dentro de seu útero (como a recompensa disso). Realmente, ó chefe dos celestiais, ela tinha permanecido sobre uma perna por muitos longos anos, desejosa de ter um filho. Vendo a grande deusa Aditi passando dessa maneira pelas austeridades mais rígidas, a filha de Daksha, isto é, a ilustre Surabhi, ela mesma devotada à virtude, da mesma maneira passou por muitas austeridades severas sobre o leito das encantadoras montanhas de Kailasa, que são frequentadas pelas divindades e pelos Gandharvas. Estabelecida no Yoga mais sublime ela também permaneceu sobre uma perna por onze mil anos. As divindades com os Rishis e os grandes Nagas todos vieram a ser chamuscados com a severidade de suas penitências. Dirigindo-se até lá comigo, todas elas começaram a adorar aquela deusa auspiciosa. Eu então me dirigi àquela deusa dotada de penitências e disse, 'Ó deusa, ó tu de conduta impecável, para que propósito tu passas por tais austeridades severas? Ó altamente abençoada, eu estou satisfeito com tuas penitências, ó bela! Ó deusa, peças qual bênção tu desejas. Eu te concederei o que quer que tu possas pedir.' Exatamente estas foram minhas palavras para ela, ó Purandara. Assim endereçada por mim, Surabhi me respondeu, dizendo, 'Eu não preciso, ó Avô, de bênçãos. Isto mesmo, ó impecável, é uma grande bênção para mim: que tu tenhas ficado satisfeito comigo.' Para a ilustre Surabhi, ó chefe dos celestiais, que disse isto para mim, ó marido de Sachi, eu respondi nestas palavras, ó principal das divindades, isto é, 'Ó deusa, por esta demonstração da tua liberdade de cobiça e desejo e por estas tuas penitências, ó tu de rosto belo, eu fiquei muitíssimo satisfeito. Eu, portanto, te concedo a bênção da imortalidade. Tu residirás em uma região que é mais elevada do que os três mundos, pela minha graça. Aquela região será conhecida por todos pelo nome de Goloka. Tua descendência, sempre engajada em fazer boas ações, irá residir no mundo dos homens. Realmente, ó altamente abençoada, tuas filhas residirão lá. Todos os tipos de prazer, celeste e humano, que tu possas pensar, imediatamente serão teus. Qualquer felicidade que existe no Céu também será tua, ó abençoada.' As regiões, ó tu de cem olhos, que são de Surabhi são dotadas dos meios para a satisfação de todo desejo. Nem Morte, nem Decrepitude, nem fogo, podem dominar seus habitantes. Nenhuma má sorte, ó Vasava, existe lá. Muitos bosques encantadores, e ornamentos encantadores e objetos de beleza podem ser vistos lá. Lá muitos carros belos, todos excelentemente equipados, os quais se movem à vontade do passageiro, podem ser vistos, ó Vasava. Ó tu de olhos como pétalas de lótus, é somente por Brahmacharya, por penitências, por Verdade, por autodomínio, por caridade, por diversos tipos de ações virtuosas, por viagens para águas sagradas, realmente, por austeridades severas e ações justas bem realizadas, que alguém pode chegar à Goloka. Tu me perguntaste, ó Sakra, e eu te respondi integralmente. Ó matador de Asuras, tu nunca deves desrespeitar as vacas.'"

"Bhishma continuou, 'Tendo ouvido estas palavras do Brahman auto-nascido, ó Yudhishthira, Sakra de mil olhos começou desde aquele tempo a cultuar as vacas todos os dias e a lhes mostrar o maior respeito. Eu assim te disse tudo acerca do

caráter santificante das vacas, ó tu de grande esplendor. A sagrada e excelente preeminência e glória das vacas, que é capaz de purificar uma pessoa de todos os pecados, ó chefe de homens, foi assim explicada para ti. Aquele homem que com sentidos afastados de todos os outros objetos narra este relato para Brahmanas, em ocasiões quando Havya e Kavya são oferecidos, ou em sacrifícios, ou em ocasiões de adorar os Pitris, consegue conceder para seus antepassados uma bem-aventurança inesgotável repleta da realização de todos os desejos. Aquele homem que é devotado às vacas consegue obter a realização de todos os seus desejos. De fato, até aquelas mulheres que são devotadas às vacas conseguem obter a realização de todos os desejos delas. Aquele que deseja filhos os obtém. Aquele que deseja filhas as obtém. Aquele que deseja riqueza consegue adquiri-la e aquele que deseja mérito religioso consegue ganhá-lo. Aquele que deseja conhecimento o adquire e aquele que deseja felicidade consegue obtê-la. De fato, ó Bharata, não há nada que seja inalcançável para alguém que é devotado às vacas.'"

84

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó avô, me falaste sobre a doação de vacas que é repleta de grande mérito. No caso dos reis cumpridores de seus deveres, esta doação é mais meritória. A soberania é sempre dolorosa. Ela não pode ser mantida por pessoas de almas impuras. Na maioria dos casos, os reis fracassam em alcançar fins auspiciosos. Por sempre fazerem, no entanto, doações de terra, eles conseguem se purificar (de todos os seus pecados). Tu, ó príncipe da linhagem de Kuru, me falaste sobre muitos deveres. Tu me falaste sobre as doações de vacas feitas pelo rei Nriga nos tempos passados. O Rishi Nachiketa, antigamente, discursou sobre os méritos desta ação. Os Vedas e os Upanishads também declaram que em todos os sacrifícios, de fato, em todos os tipos de atos religiosos, o Dakshina deve ser terra ou vacas ou ouro. Os Srutis, no entanto, declaram que de todos os Dakshinas, o ouro é superior e é, de fato, o melhor. Eu desejo, ó avô, te ouvir falar realmente sobre este tópico. O que é o ouro? Como ele surgiu? Quando ele entrou em existência? Qual é sua essência? Quem é a divindade que o preside? Quais são seus frutos? Por que ele é considerado como a principal de todas as coisas? Por que razão homens de sabedoria elogiam a doação de ouro? Por que razão o ouro é considerado como o melhor Dakshina em todos os sacrifícios? Por que também o ouro é considerado como um purificador superior à própria terra e às vacas? Por que, de fato, ele é considerado tão superior como um Dakshina? Ó avô, fale-me sobre tudo isso!'"

"Bhishma disse, 'Ouça-me, ó rei, com atenção concentrada enquanto eu conto para ti em detalhes as circunstâncias ligadas com a origem do ouro como compreendida por mim. Quando meu pai Santanu de grande energia partiu deste mundo, eu procedi para Gangadwara para realizar seu Sraddha. Chegando lá, eu comecei o Sraddha do meu pai. Minha mãe Jahnavi, chegando lá, me prestou grande ajuda. Convidando muitos ascetas coroados com êxito e fazendo-os tomarem seus assentos à minha frente, eu comecei os ritos preliminares

consistindo nos presentes de água e de outras coisas. Tendo realizado com uma mente concentrada todos os ritos preliminares como prescritos nas escrituras, eu me pus a oferecer devidamente o bolo fúnebre. Eu então vi, ó rei, um braço belo, adornado com Angadas e outros ornamentos, se erguer, atravessando o solo, através das folhas de grama Kusa que eu tinha espalhado. Vendo aquele braço erguido do solo, eu fiquei muito surpreso. De fato, ó chefe da linhagem de Bharata, eu pensei que meu pai tinha vindo ele mesmo para aceitar o bolo que eu estava prestes a oferecer. Refletindo então, pela luz das escrituras, logo veio a mim a convicção de que se encontra nos Vedas a ordenança que o bolo não deve ser ofertado à mão daquele cujo Sraddha é realizado. Esta foi a convicção que tomou posse da minha mente, isto é, que o bolo fúnebre nunca deve ser ofertado neste mundo por um homem para a mão visível do homem cujos ritos funerais são realizados. Os Pitris não vêm em suas formas visíveis para pegarem o bolo. Por outro lado, a ordenança estipula que ele deve ser oferecido sobre as folhas de grama Kusa espalhadas no solo para o propósito. Eu então, desconsiderando aquela mão que constituía uma indicação da presença de meu pai, e me lembrando da ordenança verdadeira dependente da autoridade das escrituras a respeito do modo de ofertar o bolo, ofereci o bolo inteiro, ó chefe dos Bharatas, sobre aquelas folhas de grama Kusa que estavam espalhadas à minha frente. Saiba, ó príncipe de homens, que o que eu fiz era perfeitamente consistente com a ordenança escritural. Depois disto, o braço do meu pai, ó monarca, desapareceu na nossa própria visão. Naquela noite enquanto eu dormia, os Pitris apareceram para mim em um sonho. Satisfeitos comigo eles disseram, ó chefe da linhagem de Bharata, estas palavras, 'Nós estamos satisfeitos contigo, pela indicação que tu forneceste hoje de tua aderência à ordenança. Satisfez-nos ver que tu não te desviaste das injunções das escrituras. A ordenança escritural, tendo sido seguida por ti, se tornou mais autoritária, ó rei. Por tal conduta tu honraste e mantiveste a autoridade de ti mesmo, das escrituras, das audições dos Vedas, dos Pitris e dos Rishis, do próprio Avô Brahman, e daqueles mais velhos, isto é, os Prajapatis. A aderência às escrituras foi mantida. Tu hoje, ó chefe dos Bharatas, agiste muito corretamente. Tu fizeste doações de terra e vacas. Faça doações de ouro. As doações de ouro são muito purificadoras. Ó tu que és bom conhecedor dos deveres, saiba que por tais ações tuas, nós e nossos antepassados seremos todos purificados dos nossos pecados. Tais presentes resgatam ambos, antepassados e descendentes, até o décimo grau, da pessoa que os faz.' Estas mesmas foram as palavras que meus antepassados, aparecendo para mim em um sonho, me disseram. Eu então despertei, ó rei, e fiquei muito admirado. De fato, ó chefe da linhagem de Bharata, eu coloquei meu coração então em fazer presentes de ouro. Escute agora, monarca, a esta história antiga. Ela é muito louvável e estende o período de vida daquele que a ouve. Ela foi primeiro narrada para Rama, o filho de Jamadagni. Nos tempos passados o filho de Jamadagni, Rama, cheio de grande fúria, exterminou os Kshatriyas da face da terra por três vezes sete vezes. Tendo subjugado a terra inteira o heróico Rama de olhos como pétalas de lótus começou a fazer preparativos para realizar um Sacrifício de Cavalo, ó rei, que é elogiado por todos os Brahmanas e Kshatriyas e que é capaz de conceder a realização de todos os desejos. Aquele sacrifício purifica todas as criaturas e aumenta a energia e esplendor daqueles que conseguem realizá-lo.

Dotado de grande energia, Rama, pela realização daquele sacrifício, ficou purificado. Tendo, no entanto, realizado aquele principal dos sacrifícios, Rama de grande alma ainda fracassou em obter perfeita leveza de coração. Dirigindo-se aos Rishis familiarizados com todos os ramos de conhecimento como também às divindades, Rama da linhagem de Bhrigu os questionou. Cheio de arrependimento e compaixão, ele se dirigiu a eles, dizendo, 'Ó altamente abençoados, declarem o que é ainda mais purificador para homens engajados em atos violentos.' Assim endereçados por ele, aqueles grandes Rishis, totalmente familiarizados com os Vedas e as escrituras, responderam a ele, dizendo, 'Ó Rama, guiado pela autoridade dos Vedas, honre todos os Brahmanas eruditos. Seguindo esta conduta por algum tempo questione mais uma vez os Rishis regenerados quanto ao que deve ser feito por ti para te purificar. Siga o conselho que aquelas pessoas de grande sabedoria irão dar.' Dirigindo-se então até Vasishtha e Agastya e Kasyapa, aquele alegrador dos Bhrigus, dotado de grande energia, lhes fez esta pergunta, 'Ó principais dos Brahmanas, este mesmo é o desejo que surgiu no meu coração. Como, de fato, eu posso conseguir me purificar? Por quais ações e ritos isto pode ser conseguido? Ou, se for por doações, qual é aquele artigo por doar o qual este meu desejo pode ser realizado? Ó principais das pessoas justas, se suas mentes estiverem inclinadas a me favorecer, então me digam, vocês que são dotados de riqueza de ascetismo, o que é aquilo pelo qual eu posso conseguir me purificar.'"

"Os Rishis disseram, 'Ó alegrador dos Bhrigus, o mortal que pecou vem a ser purificado por fazer doações de vacas, de terra, e de riqueza. Isto mesmo é o que nós temos ouvido. Há outro presente que é considerado como um grande purificador. Escute-nos, ó Rishi regenerado, enquanto nós falamos sobre isso. Aquele artigo é excelente e é dotado de aspecto maravilhoso e é, além disso, a prole do Fogo. Antigamente, o deus Agni queimou todo o mundo. É sabido por nós que de sua semente surgiu o ouro de cor brilhante. Ele veio a ser célebre sob o nome de bem compleiçoado. Por fazer doações de ouro tu sem dúvida terás teu desejo coroado com realização.' Então o ilustre Vasishtha em especial, de votos rígidos, dirigindo-se a ele, disse, 'Ouça, ó Rama, como o ouro, o qual tem o esplendor do fogo, surgiu. Aquele ouro te concederá mérito. A respeito de doações, o ouro é muito aprovado. Eu também te direi o que é o ouro, de onde ele veio, e como ele veio a ser investido com atributos superiores. Ouça-me, ó tu de braços poderosos, enquanto eu falo sobre estes tópicos. Saiba como certo que o ouro é da essência do Fogo e Soma. A cabra é Fogo (pois se doada, ela leva à região da divindade do fogo); a ovelha é Varuna (pois ela leva à região de Varuna, o senhor das águas); o cavalo é Surya (pois ele leva à região de Surya); elefantes são Nagas (pois eles levam ao mundo dos Nagas); búfalos são Asuras (pois eles levam à região dos Asuras); galos e javalis são Rakshasas (pois eles levam às regiões dos Rakshasas). Ó encantador dos Bhrigus; terra é sacrifício, vacas, água, e Soma (pois ela leva aos méritos do sacrifício, e à região das vacas, do senhor das águas e de Soma). Estas são as declarações dos Smritis. Batendo o universo inteiro, uma massa de energia foi encontrada. Aquela energia é ouro. Então, ó Rishi regenerado, em comparação com todos estes objetos (os quais eu citei acima) o ouro é sem dúvida superior. Ele é uma coisa preciosa, superior e

excelente. (O comentador explica que por esta razão, por fazer doações de ouro, alguém vem a ser considerado como fazendo doações do universo inteiro.) É por este motivo que as divindades e Gandharvas e Uragas e Rakshasas e seres humanos e Pisachas o mantêm com cuidado. Todos estes seres, ó filho da linhagem de Bhrigu, brilham em esplendor com a ajuda do ouro, depois de convertê-lo em coroas e braceletes e diversas espécies de ornamentos. É também por esta razão que o ouro é considerado como a mais purificadora de todas as coisas purificadoras tais como terra e vacas e todos os outros tipos de riqueza, ó príncipe de homens. A doação de ouro, ó rei pujante, é a doação mais elevada. Ela é eminente acima das doações de terra, de vacas, e de todas as outras coisas, Ó tu que és dotado da refulgência de um imortal, o ouro é um eterno purificador. Faça doações dele para os principais dos Brahmanas porque ele é a principal das coisas purificadoras. De todos os tipos de Dakshina, o ouro é o melhor. Aqueles que fazem presentes de ouro são citados como sendo dadores de todas as coisas. De fato, aqueles que fazem doações de ouro vêm a ser considerados como dadores de divindades. Agni é todas as divindades em uma, e o ouro tem Agni como sua essência. Por esta razão a pessoa que faz doações de ouro dá todas as divindades. Então, ó chefe de homens, não há doação superior à doação de ouro.'"

"Vasishtha continuou, 'Ouça mais uma vez, ó Rishi regenerado, enquanto eu falo sobre isto, a preeminência do ouro, ó principal de todos os manejadores de armas. Eu ouvi isto antigamente no Purana, ó filho da linhagem de Bhrigu. Eu descrevo o discurso do próprio Prajapati. Depois que foi concluído o casamento do ilustre Rudra grande alma armado com o tridente, ó filho da linhagem de Bhrigu, com a deusa que se tornou sua esposa, no leito daquela principal das montanhas, isto é, Himavat, a divindade ilustre e de grande alma desejou se unir com a deusa. Nisso todas as divindades, tomadas pela ansiedade, se aproximaram de Rudra. Inclinando suas cabeças com reverência e agradando Mahadeva e sua esposa concessora de benefícios Uma, ambos os quais estavam sentados juntos, eles se dirigiram a Rudra, ó perpetuador da linhagem de Bhrigu, dizendo, 'Esta união, ó ilustre e impecável, de ti com a deusa, é uma união de alguém dotado de penitências com outro de penitências igualmente severas! Na verdade, esta é a união, ó senhor, de alguém possuidor de energia muito grande com outro cuja energia mal é menor! Tu, ó ilustre, tens energia que é irresistível. A deusa Uma também possui energia que é igualmente irresistível. A prole que resultará de uma união como esta, irá, sem dúvida, ó divindade ilustre, ser dotada de um poder muito grande. Na verdade, ó senhor pujante, essa prole consumirá todas as coisas nos três mundos sem deixar resto. Então, ó senhor de todo o universo, ó tu de olhos grandes, conceda para estas divindades prostradas diante de ti uma bênção pelo desejo de beneficiar os três mundos! Ó pujante, reprima esta tua grande energia a qual pode se tornar a semente de prole. Na verdade, aquela energia é a essência de todas as forças nos três mundos. Vocês dois, por um ato de união sexual, sem dúvida irão chamuscar o universo! A prole que nascerá de vocês dois certamente será capaz de afligir as divindades! Nem a deusa Terra, nem o Firmamento, nem o Céu, ó pujante, nem todos eles juntos, serão capazes de suportar tua energia, nós cremos firmemente. O universo inteiro sem dúvida será

queimado pela força da tua energia. Cabe a ti, ó pujante, nos mostrar benevolência, ó divindade ilustre. Esta benevolência consiste em tu não gerares um filho, ó principal das divindades, na deusa Uma. Com paciência, reprima tua energia ardente e pujante!' Para as divindades que falaram dessa maneira o santo Mahadeva tendo o touro como seu emblema, ó Rishi regenerado, respondeu dizendo, 'Assim seja.' Tendo dito isto, a divindade que tem o touro como seu veículo parou sua semente vital. Desde aquele tempo ele veio a ser chamado pelo nome de Urdhvaretas (alguém que parou a semente vital). A esposa de Rudra, no entanto, por este esforço das divindades em parar a procriação, ficou muito enfurecida. Por ela ser do sexo oposto (e, portanto, dotada de pouco controle sobre seu temperamento) ela usou palavras duras, dessa maneira, 'Já que vocês se opuseram ao meu marido na questão de procriar um filho quando ele estava desejoso de procriar um em mim, como a consequência deste ato, ó divindades, vocês todos ficarão sem filhos. Realmente, já que vocês se opuseram ao nascimento de descendentes de mim, portanto, vocês não terão prole própria.' No momento em que esta maldição foi pronunciada, ó perpetuador da linhagem de Bhrigu, a divindade do fogo não estava lá. Foi por causa desta maldição da deusa que as divindades ficaram sem filhos. Rudra, solicitado por eles, manteve em si mesmo sua energia de força incomparável. Uma pequena quantidade, no entanto, que saiu de seu corpo, caiu sobre a terra. Aquela semente, caindo na terra, lançou-se em um fogo ardente e lá começou a crescer notavelmente (em tamanho e poder). A energia de Rudra, entrando em contato com outra energia de grande pujança, veio a ser identificada com ela em relação à essência. Enquanto isso, todas as divindades tendo Sakra em sua chefia estavam sendo muito oprimidas pelo Asura chamado Taraka. Os Adityas, os Vasus, os Rudras, os Maruts, os Aswins, e os Sadhyas, todos ficaram extremamente aflitos pela bravura daquele filho de Diti. Todas as regiões das divindades, seus belos carros, e suas mansões suntuosas, e os retiros dos Rishis, foram roubados pelos Asuras. Então as divindades e os Rishis, com corações tristes, procuraram a proteção do ilustre e pujante Brahman de glória imperecível.'"

85

'As Divindades disseram, 'O Asura chamado Taraka que recebeu bênçãos de ti, ó pujante, está afligindo as divindades e os Rishis. Que a morte dele seja ordenada por ti. Ó Avô, é grande o nosso medo dele. Ó ilustre, nos salve. Nós não temos outro amparo além de ti.'"

"Brahman disse, 'Eu sou imparcial em meu comportamento em direção a todas as criaturas. Eu não posso, no entanto, aprovar a injustiça. Que Taraka, aquele oponente das divindades e Rishis, seja destruído rapidamente. Os Vedas e os deveres eternos não serão exterminados, ó principais dos celestiais! Eu ordenei o que é apropriado nesta questão. Que a febre de seus corações seja dissipada.'"

"As Divindades disseram, 'Por tu teres concedido benefícios para ele, aquele filho de Diti tem estado orgulhoso de seu poder. Ele não pode ser morto pelas divindades. Como então sua morte será ocasionada? O benefício o qual, ó Avô,

ele obteve de ti é que ele não pode ser morto pelas divindades ou Asuras ou Rakshasas. As divindades também foram amaldiçoadas pela esposa de Rudra por causa do seu esforço nos tempos passados para parar a reprodução. A maldição pronunciada por ela, ó senhor do universo, foi esta: que nós não teríamos nenhuma descendência.'"

"Brahman disse, 'Ó principais das divindades, Agni não estava lá no momento em que a maldição foi pronunciada pela deusa. Ele mesmo irá gerar um filho para a destruição dos inimigos dos deuses. Superando todas as divindades e Danavas e Rakshasas e seres humanos e Gandharvas e Nagas e criaturas emplumadas, a prole de Agni com seu dardo, o qual em suas mãos será uma arma incapaz de ser desviada se uma vez arremessada no inimigo, destruirá Taraka de quem seu medo surgiu. Na verdade, todos os outros inimigos seus também serão mortos por ele. O Desejo é eterno. Aquele Desejo é conhecido pelo nome de Kama e é idêntico à semente de Rudra, uma porção da qual caiu na forma ardente de Agni. Aquela energia, a qual é uma substância poderosa, e que parece com um segundo Agni, será lançada por Agni em Ganga para produzir um filho nela a fim de efetuar a destruição dos inimigos dos deuses. Agni não ficou dentro do alcance da maldição de Uma. O comedor de libações sacrificais não estava presente lá quando a maldição foi pronunciada. Que a divindade do fogo, portanto, seja procurada. Que ele agora seja designado para esta tarefa. Ó impecáveis, eu disse a vocês quais são os meios para a destruição de Taraka. As maldições daqueles que são dotados de energia fracassam em produzir algum efeito sobre aqueles que são dotados de energia. Forças, quando elas entram contato com alguma coisa que é dotada de força maior, ficam enfraquecidas. Aqueles que são dotados de penitências são competentes para destruir até as divindades concessoras de bênçãos que são indestrutíveis. Vontade, ou Anseio, ou Desejo (o qual é identificável com Agni) surgiu nos tempos antigos e é a mais eterna de todas as criaturas. Agni é o Senhor do universo. Ele não pode ser compreendido ou descrito. Capaz de ir a em todos os lugares e de existir em todas as coisas, ele é o Criador de todos os seres. Ele vive nos corações de todas as criaturas. Dotado de grande pujança, Ele é mais velho do que o próprio Rudra. Que aquele comedor de libações sacrificais, que é uma massa de energia, seja procurado. Aquela divindade ilustre realizará este desejo dos seus corações.' Ouvindo estas palavras do Avô, os deuses de grande alma então foram procurar o deus do fogo com corações alegres por seu propósito ter sido alcançado. Os deuses e os Rishis então procuraram por todas as partes dos três mundos, seus corações cheios com o pensamento de Agni e desejando avidamente obter uma visão dele. Dotados de penitências, possuidores de prosperidade, célebres por todos os mundos, aqueles de grande alma, todos coroados com êxito ascético, viajaram por todas as partes do universo, ó principal da linhagem de Bhrigu. Eles fracassaram, no entanto, em descobrir o comedor de libações sacrificais que tinha se escondido por fundir seu eu no eu; (isto é, na água, pois a água é idêntica a Agni). Naquela ocasião, uma rã, vivendo na água, apareceu na superfície dela das regiões mais inferiores, com coração triste por ter sido chamuscada pela energia de Agni. A pequena criatura se dirigiu às divindades que tinham sido tomadas pelo medo e que estavam todas muito ávidas para obter uma visão daquela divindade do fogo, dizendo, 'Ó deuses,

Agni está agora residindo nas regiões inferiores. Chamuscada pela energia daquela divindade, e incapaz de aguentá-la por mais tempo, eu vim para cá. O ilustre portador das libações sacrificais, ó deuses, está agora sob as águas. Ele criou uma massa de águas dentro da qual ele está morando. Todos nós temos sido chamuscados por sua energia. Se, ó deuses, vocês desejam obter uma visão ele, na verdade, se vocês têm algum negócio com ele, vão para lá. De fato, se dirijam para lá. Com relação a nós mesmos, nós fugiremos deste lugar, ó divindades, por medo de Agni.' Tendo dito isso, a rã mergulhou na água. O comedor de libações sacrificais soube da deslealdade da rã. Indo até aquele animal, ele amaldiçoou toda a raça batráquia, dizendo, 'Vocês de agora em diante serão privados do órgão de paladar.' Tendo pronunciado esta maldição sobre a rã, ele deixou o local depressa para tomar sua residência em outro lugar. Na verdade, a divindade pujante não se mostrou. Vendo a situação à qual as rãs foram reduzidas por elas terem lhes feito um serviço, as divindades, ó melhor dos Bhrigus, mostraram benevolência para aquelas criaturas. Eu te direi tudo com relação a isto. Ouça-me, ó herói de braços poderosos.'"

"As Divindades disseram, 'Embora privados de línguas pela maldição de Agni e, portanto, desprovidos da sensação de paladar, vocês ainda serão capazes de proferir diversos tipos de palavras. Vivendo dentro de buracos, privados de alimento, desprovidos de consciência, abandonados e sedentos, e mais mortos do que vivos, todavia todos vocês serão sustentados pela Terra. Vocês também poderão perambular à noite quando tudo está envolvido em densa escuridão.' Tendo dito isto para as rãs, as divindades mais uma vez examinaram todas as partes da terra para descobrir a divindade de chamas ardentes. Apesar de todos os seus esforços, no entanto, elas fracassaram em chegar até ele. Então, ó perpetuador da linhagem de Bhrigu, um elefante, tão grande e poderoso quanto o elefante de Sakra, se dirigiu aos deuses, dizendo, 'Agni está agora residindo dentro desta árvore Aswattha!' Inflamado pela cólera, Agni amaldiçoou todos os elefantes, ó descendente de Bhrigu, dizendo, 'Suas línguas serão curvadas para trás.' Tendo sido apontado pelos elefantes, a divindade do fogo amaldiçoou todos os elefantes dessa maneira e então foi embora e entrou no coração da árvore Sami pelo desejo de residir dentro dela por algum tempo. Ouça agora, ó herói pujante, qual favor foi concedido para os elefantes, ó principal da linhagem de Bhrigu, pelas divindades de destreza imbatível que estavam todas satisfeitas com o serviço, um representativo do que eles tinham feito por eles.'"

"As Divindades disseram, 'Com a ajuda de suas línguas inclinadas para dentro vocês poderão comer todas as coisas, e mesmo com aquelas línguas vocês serão capazes de proferir gritos que serão somente indistintos.' Tendo abençoado os elefantes dessa maneira, os habitantes do Céu mais uma vez retomaram sua procura por Agni. De fato, tendo saído da árvore Aswattha, a divindade do fogo tinha entrado no coração de Sami. Esta nova residência de Agni foi divulgada por um papagaio. Os deuses então procederam para o local. Enfurecido com a conduta do papagaio, a divindade de chamas ardentes amaldiçoou toda classe dos papagaios, dizendo, 'Vocês deste dia em diante serão privados do poder da fala.' De fato, o comedor de libações sacrificais virou para cima as línguas de

todos os papagaios. Vendo Agni no lugar indicado pelo papagaio, e testemunhando a maldição pronunciada sobre ele, os deuses, sentindo compaixão pela pobre criatura, o abençoaram, dizendo, 'Por tu seres um papagaio, tu não serás totalmente privado do poder da fala. Embora tua língua tenha sido virada para trás, contudo tu terás o poder da fala, limitado à letra K. Como aquela de uma criança ou de um homem idoso, tua fala será meiga, indistinta e maravilhosa.' Tendo dito estas palavras para o papagaio, e contemplando a divindade de fogo dentro do núcleo de Sami, os deuses fizeram da madeira Sami um combustível sagrado adequado para produzir fogo em todos os ritos religiosos. E foi desde aquele tempo que o fogo é visto residir no âmago da Sami. Os homens vieram a considerar a Sami como meio apropriado para produzir fogo (em sacrifício. Isto se refere à prática de fazer o fogo sacrifical por friccionar dois gravetos de Sami, pois ela é uma madeira muito inflamável e por esta razão é usada em todos os ritos sagrados). As águas que se encontram nas regiões inferiores tinham entrado em contato com a divindade de chamas ardentes. Aquelas águas aquecidas, ó tu da linhagem de Bhrigu, são expelidas pelas fontes de montanha. Por consequência, de fato, de Agni ter residido nelas por algum tempo, eles se tornaram quentes pela sua energia. Enquanto Isso, Agni, vendo os deuses, ficou aflito. Dirigindo-se às divindades, ele as questionou, 'Qual é a razão da sua presença aqui?' Para ele as divindades e os grandes Rishis disseram, 'Nós desejamos te designar para uma tarefa específica. Cabe a ti realizá-la. Quando realizada, ela irá redundar grandemente para o teu crédito.'"

"Agni disse, 'Digam-me qual é o seu negócio. Eu irei, ó deuses, realizá-lo. Eu estou sempre disposto a ser colocado por vocês em qualquer tarefa que vocês desejem. Não hesitem portanto, em me ordenar.'"

"As Divindades disseram, 'Há um Asura de nome Taraka que tem estado cheio de orgulho por causa do benefício que ele obteve de Brahman. Pela sua energia ele pode se opor a nós e nos derrotar. Ordene sua destruição. ó senhor, salve estas divindades, estes Prajapatis, e estes Rishis, ó altamente abençoado Pavaka! Ó pujante, gere um filho heróico possuidor da tua energia que irá dissipar, ó portador das libações sacrificais, nossos temores daquele Asura. Nós fomos amaldiçoados pela grande deusa Uma. Não há nada mais a não ser tua energia que possa ser nosso refúgio agora. Portanto, ó divindade pujante, salve a nós todos.' Assim endereçado, o ilustre e irresistível portador das libações sacrificais respondeu, dizendo, 'Assim seja', e ele então procedeu em direção à Ganga também chamada de Bhagirathi. Ele se uniu em ato sexual (espiritual) com ela e a fez conceber. Na verdade, no útero de Ganga a semente de Agni começou a crescer assim como o próprio Agni cresce (quando abastecido com combustível e ajudado pelo vento). Com a energia daquele deus, Ganga ficou extremamente agitada. De fato, ela sofreu grande angústia e foi incapaz de suportá-la. Quando a divindade de chamas ardentes lançou sua semente dotada de grande energia no útero de Ganga, certo Asura (aplicado em seus próprios propósitos) proferiu um rugido terrível. Por causa daquele rugido terrível proferido pelo Asura para seus próprios propósitos (e não para apavorá-la), Ganga ficou muito apavorada e seus olhos rolaram de medo e revelaram sua agitação. Privada de consciência, ela se

tornou incapaz de suportar seu corpo e a semente dentro de seu útero. A filha de Jahnu, inseminada com a energia da divindade ilustre, começou a tremer. Dominada pela energia da semente que ela mantinha em seu útero, ó Brahmana erudito, ela então se dirigiu à divindade de fogo ardente, dizendo, 'Eu não sou mais capaz, ó ilustre, de carregar tua semente em meu útero. Na verdade, eu estou dominada pela fraqueza por causa desta tua semente. A saúde que eu tinha no passado não é mais minha. Eu tenho estado extremamente agitada, ó ilustre, e meu coração está morto dentro de mim, ó impecável. Ó principal de todas as pessoas dotadas de penitências, eu sou incapaz de carregar tua semente por mais tempo. Eu a expulsarei, compelida pela angústia que tomou conta de mim, e não por capricho. Não houve contato real do meu corpo com tua semente, ó divindade ilustre de chamas ardentes! Nossa união, tendo como sua causa o infortúnio que alcançou as divindades, foi adequada e não da carne, ó tu de grande esplendor. Qualquer mérito ou demérito que possa haver neste ato (planejado por mim), ó comedor de libações sacrificais, deve pertencer a ti. Na verdade, eu penso, a justiça ou injustiça deste ato deve ser tua.' Para ela a divindade do fogo disse, ‘Carregue a semente. De fato, mantenha o feto dotado de minha energia. Isto levará a resultados grandiosos. Tu és, na verdade, capaz de sustentar a terra inteira. Tu não ganharás nada por não manteres esta minha energia.' Aquele principal dos rios, embora assim preterida pela divindade do fogo como também por todas as outras divindades, expeliu a semente no leito de Meru, aquela principal de todas as montanhas. Capaz (de alguma maneira) de carregar aquela semente, porém oprimida pela energia de Rudra (pois Agni é idêntico a Rudra), ela fracassou em segurar aquela semente por mais tempo por causa de sua energia ardente. Depois que ela tinha rejeitado, por pura angústia, aquela semente brilhante tendo o esplendor do fogo, ó perpetuador da linhagem de Bhrigu, Agni a viu, e questionou aquela principal das correntes, ‘Está tudo bem com o feto que tu rejeitaste? De que cor ele é, ó deusa? De que forma ele aparece? Com que energia ele parece ser dotado? Conte-me tudo sobre isto.'"

"Ganga disse, 'O feto é dotado da cor do ouro. Em energia ele é exatamente como tu, ó impecável! De uma cor excelente, perfeitamente imaculado, e brilhante com esplendor, ele iluminou a montanha inteira. Ó principal de todas as pessoas dotadas de penitências, a fragrância emitida por ele parece com o perfume fresco que é espalhado por lagos adornados com lotos e Nyphoea stellata, misturados com aquele da Nauclea Cadamba. Com o esplendor daquele feto tudo ao redor dele pareceu ser transformado em ouro assim como todas as coisas na montanha e a terra baixa parecem ser transformados em ouro pelos raios do sol. De fato, o esplendor daquele feto, se espalhando longe, caiu sobre montanhas e rios e fontes. De fato, parece que os três mundos, com todas as suas criaturas móveis e imóveis, está sendo iluminado por ele. Deste tipo exato é teu filho, ó portador ilustre de libações sacrificais. Como Surya ou teu eu brilhante, em beleza ele é assim como um segundo Soma.' Tendo dito estas palavras, a deusa desapareceu. Pavaka também, de grande energia, tendo realizado o negócio das divindades procedeu para o local que lhe agradava, ó encantador dos Bhrigus. Foi pelo resultado deste ato que os Rishis e as divindades concederam o nome de Hiranyaretas (que tem ouro como sua semente vital) para a divindade do fogo. E

porque a Terra segurou aquela semente (depois que a deusa Ganga a lançou sobre ela), ela também veio a ser chamada pelo nome de Vasumati. (Vasumati implica dotada de riqueza, assim chamada porque a semente de Agni, identificada com ouro, é riqueza do tipo mais elevado e caiu na Terra que desde aquele tempo começou a mantê-la.) Enquanto isso; aquele feto, que tinha surgido de Pavaka e sido mantido por um tempo por Ganga, tendo caído em uma mata de juncos, começou a crescer e finalmente assumiu uma forma extraordinária. A deusa que preside a constelação Krittika viu aquela forma parecida com o sol nascente. Ela desde então começou a criar aquela criança como seu filho com o sustento de seu peito. Por esta razão, aquela criança de esplendor preeminente veio a ser chamada de Kartikeya por causa do nome dela. E porque ele cresceu da semente que saiu do corpo de Rudra, ele veio a ser chamado Skanda (caído). O incidente também de seu nascimento ter ocorrido na solidão de uma mata de juncos, escondido da visão de todos, o levou a ser chamado pelo nome de Guha (secreto). Foi dessa maneira que o ouro veio a existir como a prole da divindade de chamas ardentes. Por esta razão é que o ouro veio a ser considerado como a principal de todas as coisas e o ornamento dos próprios deuses. Foi desta circunstância que o ouro veio a ser chamado pelo nome de Jatarupam (aludindo ao incidente de ele ter assumido uma forma excelente após seu nascimento de Agni). Ele é a principal de todas as coisas valiosas, e entre os ornamentos ele também é o principal. O purificador entre todas as coisas purificadoras, ele é o mais auspicioso de todos os objetos auspiciosos. O ouro é realmente o ilustre Agni, o Senhor de todas as coisas, e o principal de todos os Prajapatis. A mais sagrada de todas as coisas sagradas é o ouro, ó principal dos regenerados. Na verdade, o ouro é citado como tendo Agni e Soma como sua essência.'"

"Vasishtha continuou, 'Esta história também, ó Rama, chamada Brahmadarsana, foi ouvida por mim antigamente, a respeito da realização do Avô Brahman que é identificável com a Alma Suprema. Para um sacrifício realizado nos tempos passados por aquele principal dos deuses, isto é, o Senhor Rudra, ó tu de grande poder, que naquela ocasião tinha assumido a forma de Varuna, foram os Munis e todas as divindades com Agni em sua vanguarda. Àquele sacrifício também foram todos os membros sacrificais (em suas formas incorporadas), e o Mantra chamado Vashat em sua forma incorporada. Todos os Samans também e todos os Yajushes, contados aos milhares e em suas formas incorporadas, foram lá. O Rig Veda também chegou lá, adornado com as regras de Ortoepia. Os Lakshanas, os Suras, os Niruktas, as Notas arranjadas em fileiras, e a sílaba Om, como também Nigraha e Pragraha, todos chegaram lá e tomaram sua residência no olho de Mahadeva. Os Vedas com os Upanishads, Vidya e Savitri, como também o Passado, o Presente, e o Futuro, todos chegaram lá e foram mantidos pelo ilustre Siva. O próprio Senhor pujante de todos então despejou libações em si mesmo. De fato, o manejador do Pinaka fez aquele Sacrifício de formas diversas parecer extremamente belo. Ele é Céu, Firmamento, Terra, e a Abóbada Celeste. Ele é chamado de o Senhor da Terra. Ele é o Senhor cujo domínio é possuído por todos os obstáculos. Ele é dotado de Sri e Ele é idêntico à divindade de chamas ardentes. Aquela divindade ilustre é chamada por vários nomes. Ele mesmo é Brahman e Siva e Rudra e Varuna e Agni e Prajapati.

Ele é o Senhor auspicioso de todas as criaturas. O Sacrifício (em sua forma incorporada), e Penitência, e todos os ritos de união, e a deusa Diksha resplandecente com observâncias rígidas, os vários pontos do horizonte com as divindades que respectivamente presidem sobre eles, os cônjuges de todas as divindades, suas filhas, e as mães celestes, todos se aproximaram juntos em um grupo de Pasupati, ó perpetuador da linhagem Bhrigu. Na verdade, observando aquele sacrifício de Mahadeva de grande alma que tinha assumido a forma de Varuna, todos eles ficaram muito satisfeitos. Vendo as donzelas celestes de grande beleza, a semente de Brahman saiu e caiu sobre a terra. Pela semente ter caído na poeira, Pushan (Surya) pegou aquele pó misturado com as partículas da semente da terra com suas mãos e lançou-a no fogo sacrifical. Enquanto isso, o sacrifício com o fogo sagrado de chamas ardentes foi começado e continuou. Brahman (como o Hotri) estava derramando libações no fogo. Enquanto assim ocupado, o avô ficou excitado com desejo (e sua semente saiu). Logo que aquela semente saiu, ele a pegou com a concha sacrifical e despejou-a como uma libação de ghee, ó encantador dos Bhrigus, com os Mantras necessários, no fogo ardente. Daquela semente Brahman de grande energia fez as quatro ordens de criaturas surgirem. Aquela semente do Avô era dotada dos três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas. Daquele elemento nela o qual representava o princípio de Rajas surgiram todas as criaturas móveis dotadas do princípio de Pravritti ou ação. Do elemento Tamas nela surgiram todas as criaturas imóveis. O princípio de Sattwa, no entanto, o qual morava naquela semente, entrou em ambos os tipos de existências. Aquele atributo de Sattwa é da natureza de Tejas ou Luz (sendo idêntico à Buddhi ou à Compreensão, porque Buddhi, como a Luz, revela todas as coisas). Ele é eterno e dele é o Espaço interminável. (Sattwa, sendo da natureza do espaço, ou mais propriamente sendo o próprio espaço, é de forma universal, isto é, Sattwa permeia tudo.) Em todas as criaturas o atributo de Sattwa está presente e é idêntico àquela luz a qual mostra o que é certo e o que é errado. Quando a semente de Brahman foi assim despejada como uma libação naquele fogo sacrifical, lá surgiram dela, ó poderoso, três seres. Eles eram três pessoas masculinas, dotadas de corpos que partilhavam das qualidades das circunstâncias das quais eles surgiram respectivamente. Um ergueu-se primeiro das chamas do fogo (chamado Bhrig) e por isso ele veio a ser chamado pelo nome de Bhrigu. Um segundo veio dos carvões ardentes (chamados Angara) e então ele veio a ser chamado pelo nome de Angiras. O terceiro surgiu de uma pilha de carvões apagados e ele veio a ser chamado pelo nome de Kavi. Já foi dito que o primeiro saiu com chamas emanando de seu corpo e por isso ele foi chamado de Bhrigu. Dos raios do fogo sacrifical surgiu outro chamado Marichi. De Marichi (depois) surgiu Kasyapa. Já foi dito que dos carvões (ardentes) surgiu Angiras. Os Rishis (diminutos) chamados Valakhilyas surgiram das folhas de grama Kusa espalhadas naquele sacrifício. Das mesmas folhas de grama Kusa, ó tu de grande pujança, surgiu Atri. Das cinzas do fogo surgiram todos aqueles que são contados entre os Rishis regenerados, isto é, os Vaikhanasas, dotados de penitências e dedicados ao conhecimento Védico e todas as habilidades excelentes. Dos olhos de Agni surgiram os gêmeos Aswins dotados de grande beleza pessoal. Finalmente, de seus ouvidos, surgiram todos os Prajapatis. Os Rishis surgiram dos poros do corpo de Agni. De seu suor surgiu Chhandas, e de sua força surgiu a Mente. Por

esta razão, Agni é citado como sendo todas as divindades em seu eu individual, por Rishis dotados de erudição Védica, guiados pela autoridade dos Vedas. Os pedaços de madeira que mantêm vivas as chamas de Agni são considerados como os Meses. Os Sucos que o combustível produz constituem as Quinzenas. O fígado de Agni é chamado de Dia e Noite, e sua luz ardente é chamada de Muhurtas. O sangue de Agni é considerado como a fonte dos Rudras. De seu sangue também surgiram as divindades de cor de ouro chamadas de Maitradevatas. De sua fumaça surgiram os Vasus. De suas chamas surgiram os Rudras como também os (doze) Adityas de grande refulgência. Os Planetas e Constelações e outras estrelas que estão fixas em suas respectivas órbitas no firmamento, são considerados como os carvões (ardentes) de Agni. O primeiro Criador do universo declarou que Agni é o Brahma Supremo e Eterno, e o concessor de todos os desejos. Isto é realmente um mistério.'"

"Depois que todos esses nascimentos tinham acontecido, Mahadeva que tinha assumido a forma de Varuna e que tinha Pavana como sua alma, disse, 'Este Sacrifício excelente é meu. Eu sou o Grahapati nele. Os três seres que surgiram primeiro do fogo sacrifical são meus. Sem dúvida, eles devem ser considerados como minha prole. Saibam disto, ó deuses que percorrem os céus! Eles são os frutos deste Sacrifício.'"

"Agni disse, 'Esta prole surgiu dos meus membros. Eles todos dependeram de mim como a causa de seu surgimento. Eles devem, portanto, ser considerados como meus filhos. Mahadeva na forma de Varuna está em erro a respeito desta questão.' Depois disto, o mestre de todos os mundos, o Avô de todas as criaturas, isto é, Brahman, então disse, 'Estes filhos são meus. Era minha a semente a qual eu despejei sobre o fogo sacrifical. Eu sou realizador deste Sacrifício. Fui eu que despejei no fogo sacrifical a semente que saiu de mim mesmo. O fruto é sempre daquele que plantou a semente. A causa principal destes nascimentos é a semente possuída por mim.' As divindades então se dirigiram à presença do Avô e, tendo curvado suas cabeças a ele uniram suas mãos em reverência e lhe disseram, 'Todos nós, ó ilustre, e todo o universo de criaturas móveis e imóveis, somos tua progênie. Ó pai, que Agni de chamas ardentes, e o ilustre e pujante Mahadeva que, para este sacrifício, assumiu a forma de Varuna, tenham seu desejo (na questão da prole).' Por causa destas palavras, embora nascido de Brahman, o pujante Mahadeva na forma de Varuna, o soberano de todas as criaturas aquáticas recebeu o primogênito, isto é, Bhrigu dotado da refulgência do sol, como seu próprio filho. O Avô então planejou que Angiras se tornasse filho de Agni. Conhecedor da verdade a respeito de tudo, o Avô então recebeu Kavi como seu próprio filho. Engajado em procriar criaturas para povoar a terra, Bhrigu, que é considerado como um Prajapati, desde aquele tempo veio a ser chamado como o descendente de Varuna. Dotado de toda prosperidade, Angiras veio a ser chamado de descendente de Agni, e o célebre Kavi veio a ser conhecido como o filho do próprio Brahman. Bhrigu e Angiras, que tinham surgido das chamas e dos carvões de Agni respectivamente, se tornaram procriadores de linhagens e tribos extensas no mundo. Na verdade, estes três, isto é, Bhrigu e Angiras e Kavi, considerados como Prajapati, são os progenitores de muitas raças e tribos. Todos

são os filhos destes três. Saiba disso, ó herói pujante. Bhrigu gerou sete filhos, todos os quais se tornaram iguais a ele em méritos e habilidades. Seus nomes são Chyavana, Vajrasirsha, Suchi, Urva, Sukra, dador de benefícios, Vibhu, e Savana. Estes são os sete. Eles são filhos de Bhrigu e por isso são Bhargavas. Eles são também chamados de Varunas por seu antepassado Bhrigu ter sido adotado por Mahadeva na forma de Varuna. Tu pertences à linhagem de Bhrigu. Angiras gerou oito filhos. Eles também são conhecidos como Varunas. Seus nomes são Vrihaspati, Utathya, Payasya, Santi, Dhira, Virupa, Samvarta, e Sudhan foi o oitavo. Estes oito também são considerados como a prole de Agni. Livres de todos os males, eles são devotados somente ao conhecimento. Os filhos de Kavi que foi apropriado pelo próprio Brahman também são conhecidos como Varunas. Oito em número, todos eles se tornaram progenitores de raças e tribos. Auspiciosos por natureza, eles são todos conhecedores de Brahma. Os nomes dos oito filhos de Kavi são Kavi, Kavya, Dhrishnu, Usanas dotado de grande inteligência, Bhrigu, Viraja, Kasi, e Ugra conhecedor de todos os deveres. Estes são os oito filhos de Kavi. Por eles o mundo inteiro foi povoado. Eles são todos Prajapatis, e por eles foram procriados muitos descendentes. Assim, ó chefe da linhagem de Bhrigu, todo o mundo foi povoado com a prole de Angiras, e Kavi e Bhrigu. O Senhor supremo e pujante Mahadeva na forma de Varuna, a qual ele tinha assumido para seu sacrifício, tinha primeiro, ó Brahmana erudito, adotado Kavi e Angiras. Por esta razão, estes dois são considerados como de Varuna. Depois disso o comedor de libações sacrificais, isto é, a divindade de chamas ardentes, adotou Angiras. Por isso, toda a progênie de Angiras é conhecida como pertencente à linhagem de Agni. O Avô Brahman foi, antigamente, gratificado por todas as divindades que disseram para ele, 'Que estes senhores do universo (se referindo a Bhrigu e Angiras e Kavi e seus descendentes) salvem todos nós. Que todos eles se tornem progenitores de descendentes (para povoarem a terra). Que todos eles se tornem dotados de penitências. Pela tua graça, que todos eles salvem o mundo (de se tornar um ermo inabitado). Que eles se tornem procriadores e ampliadores de raças e tribos e que eles aumentam tua energia. Que todos eles se tornem mestres perfeitos dos Vedas e que eles sejam realizadores de grandes façanhas. Que todos eles sejam aliados para a causa das divindades. De fato, que todos eles venham a ser dotados de boa ventura. Que eles se tornem fundadores de famílias e tribos extensas e que eles sejam grandes Rishis. Que todos eles sejam dotados de penitências superiores e que todos eles sejam dedicados ao sublime Brahmacharya. Todos nós, como também todos estes, somos tua progênie, ó tu de grande pujança. Tu, ó Avô, és o Criador de ambos, divindades e Brahmanas. Marichi é o teu primeiro filho. Todos aqueles também que são chamados Bhargavas são teus descendentes. (Nós também somos assim.) Considerando este fato, ó Avô, nós todos iremos ajudar e sustentar uns aos outros. Todos estes irão, dessa maneira, multiplicar sua progênie e estabelecer tu mesmo no começo de cada criação depois da destruição universal.' Assim endereçado por eles, Brahman, o Avô de todos os mundos, lhes disse, ‘Assim seja! Eu estou satisfeito com vocês todos!’ Tendo dito isto para as divindades ele procedeu para o local de onde ele tinha vindo. Isto foi o aconteceu antigamente naquele sacrifício de Mahadeva de grande alma, aquela principal de todas as divindades, no início da criação, quando ele para os propósitos de seu sacrifício tinha assumido forma de

Varuna. Agni é Brahman. Ele é Pasupati. Ele é Sarva. Ele é Rudra. Ele é o Prajapati. (Estes são diferentes nomes de Brahman e Mahadeva.) É bem conhecido que o ouro é a prole de Agni. Quando fogo não está disponível (para os propósitos de um sacrifício), ouro é usado como substituto. Guiado pelas indicações fornecidas pelas audições do Veda, alguém que esteja familiarizado com as autoridades e que conheça a identidade do ouro com fogo, age dessa maneira. Colocando um pedaço de ouro sobre algumas folhas de grama Kusa espalhadas no chão, o sacrificador derrama libações sobre ele. Também sobre os poros de um formigueiro, sobre a orelha direita de uma cabra, sobre um pedaço de terra plana, sobre as águas de um Tirtha, ou na mão de um Brahmana, se libações são despejadas, a ilustre divindade do fogo fica satisfeita e considera isto como uma fonte de seu próprio engrandecimento como também das divindades através dele. Por isso é que nós temos ouvido que todas as divindades consideram Agni como seu refúgio e são devotadas a ele. Agni surgiu de Brahman, e de Agni surgiu o ouro. Por esta razão é sabido por nós que aquelas pessoas praticantes de virtude que fazem doações de ouro são consideradas como dando todas as divindades. O homem que faz doações de ouro alcança um fim muito elevado. Regiões de esplendor brilhante são dele. Na verdade, ó Bhargava, ele vem a ser instalado como o rei dos reis no céu. Aquela pessoa que, ao nascer do sol, faz um presente de ouro de acordo com a ordenança e com Mantras apropriados, consegue repelir as más consequências pressagiadas por sonhos agourentos. O homem que, logo que o sol nasce, faz uma doação de ouro vem a ser purificado de todos os seus pecados. Aquele que faz uma doação de ouro ao meio-dia destrói todos os seus pecados futuros. Aquele que com alma contida faz uma doação de ouro no segundo crepúsculo consegue obter uma residência com Brahman e a divindade do vento e Agni e Soma em suas respectivas regiões. Tal homem obtém fama auspiciosa em regiões de grande bem-aventurança que pertencem ao próprio Indra. Obtendo grande renome neste mundo também, e purificado de todos os seus pecados, ele se diverte em alegria e felicidade. Na verdade, tal homem alcança muitas outras regiões de felicidade e se torna inigualável por glória e fama. Seu rumo totalmente desobstruído, ele consegue ir a todos os lugares à vontade. Ele nunca tem que cair das regiões às quais ele alcança e a glória que ele adquire se torna grandiosa. De fato, por fazer doações de ouro alguém alcança inúmeras regiões de felicidade, todas as quais ele desfruta pela eternidade. O homem que, tendo acendido um fogo ao nascer do sol, faz doações de ouro em vista do cumprimento de um voto específico, consegue obter a realização de todos os seus desejos. É dito que o ouro é idêntico a Agni. O presente de ouro, portanto, é produtivo de grande felicidade. A doação de ouro leva à posse daqueles méritos e habilidades que são desejados, e purifica o coração. Eu assim te falei, ó impecável, da origem de ouro. Ó tu de pujança, ouça como Kartikeya cresceu, ó alegrador da linhagem de Bhrigu. Depois de um longo tempo Kartikeya cresceu. Ele foi então, ó perpetuador da linhagem de Bhrigu, escolhido por todas as divindades com Indra em sua liderança, como o generalíssimo dos exércitos celestes. Ele matou o Daitya Taraka como também muitos outros Asuras, pela ordem do chefe dos celestiais, ó Brahmana, e atuou também pelo desejo de beneficiar todos os mundos. Eu também, ó tu de grande

poder, discursei para ti sobre os méritos de se fazer doações de ouro. Portanto, ó principal de todos os oradores, faça doações de ouro.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por Vasishtha, o filho de Jamadagni de grande coragem então fez doações de ouro para os Brahmanas e foi purificado de seus pecados. Eu assim te disse, ó rei, tudo acerca dos méritos das doações de ouro e sobre sua origem também, ó Yudhishthira. Tu também, portanto, faça presentes abundantes de ouro para os Brahmanas. Na verdade, ó rei, por fazer tais presentes de ouro, tu sem dúvida serás purificado de todos os teus pecados!'"

86

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó avô, me falaste em detalhes sobre os méritos ligados à doação de ouro em conformidade com as ordenanças prescritas nas escrituras como indicado nas audições do Veda. Tu também narraste qual é a origem do ouro. Conte-me agora como Taraka encontrou com a destruição. Tu me disseste, ó rei, que aquele Asura não podia ser morto pelos deuses. Fale-me em detalhes como sua destruição foi ocasionada. Ó perpetuador da linhagem de Kuru, eu desejo saber isto de ti. Eu quero dizer os detalhes da morte de Taraka. Grande é minha curiosidade para ouvir a narrativa.'"

"Bhishma disse, 'Os deuses e os Rishis, ó monarca, submetidos a grande angústia (pela bravura de Taraka e a conduta de Ganga em rejeitar a semente de Agni), incitaram as seis Krittikas a criarem aquela criança. Entre as damas celestes não havia nenhuma, exceto estas, que pudessem, por sua energia, carregar a semente de Agni em seus úteros. O deus do fogo ficou muito satisfeito com aquelas deusas por sua boa vontade em manter a concepção causada pela semente rejeitada de Agni, que era dotada de sua própria energia superior. Quando a energia de Agni, ó rei, foi dividida em seis porções e colocada dentro dos canais (levando ao útero), as seis Krittikas começaram a nutrir a porção que cada uma levava em seu útero. Conforme Kumara de grande alma, no entanto, começou a crescer dentro de seus úteros, os corpos delas sendo afligidos por sua energia, elas fracassaram em obter paz em algum lugar (no céu ou na terra). Cheios de energia como seus corpos estavam, finalmente chegou a hora do parto. Todos eles, assim aconteceu, ó príncipe de homens, se libertaram ao mesmo tempo. Embora mantidas em seis úteros diferentes, ainda assim as porções, quando saíram, se uniram em uma. A deusa Terra segurou a criança, a pegando de uma pilha de ouro. Realmente, a criança, dotada de forma excelente, brilhava com esplendor assim como o deus do Fogo. De feições belas, ele começou a crescer em uma encantadora floresta de juncos. As seis Krittikas contemplaram aquele filho delas parecido com o sol da manhã em esplendor. Cheias de afeição por ele, de fato, amando-o muito, elas começaram a criá-lo com o sustento de seus peitos. Por ele ter nascido das Krittikas e criado por elas, ele veio a ser conhecido por todos os três mundos como Kartikeya. Tendo surgido da semente que tinha caído de Rudra ele foi chamado de Skanda, e por causa de seu nascimento na solidão de uma floresta de juncos ele veio a ser chamado pelo nome de Guha (o nascido em segredo). Os deuses numerando trinta e três, os

pontos da bússola (em suas formas incorporadas) junto com as divindades que os presidem, e Rudra e Dhatri e Vishnu e Yama e Pushan e Aryaman e Bhaga, e Angas e Mitra e os Sadhyas e Vasava e os Vasus e os Aswins e as Águas e o Vento e o Firmamento e Chandramas e todas as Constelações e os Planetas e Surya, e todos os Ricks e Samans e Yajuses em suas formas incorporadas, foram lá para ver aquela criança maravilhosa que era o filho da divindade de chamas ardentes. Os Rishis proferiram hinos de louvor e os Gandharvas cantaram em honra daquela criança chamada Kumara de seis cabeças, duas vezes seis olhos, e extremamente devotado aos Brahmanas. Os ombros dele eram largos, e ele tinha uma dúzia de braços, e o esplendor de seu corpo parecia com aquele do fogo e Aditya. Quando ele estava deitado esticado em uma moita de urzes, os deuses com os Rishis, contemplando-o, se encheram de grande alegria e consideraram o grande Asura como já morto. As divindades então começaram a levar para ele diversos tipos de brinquedos e artigos que poderiam diverti-lo. Enquanto ele brincava como uma criança, diversos tipos de brinquedos e aves foram dados para ele. Garuda de penas excelentes deu para ele um filho seu, isto é, um pavão dotado de plumas de cores variadas. Os Rakshasas lhe deram um javali e um búfalo. O próprio Aruna lhe deu um galo de esplendor ígneo. Chandramas lhe deu uma ovelha, e Aditya lhe deu alguns dos seus raios deslumbrantes. A mãe de todas as vacas, Surabhi, lhe deu vacas às centenas e milhares. Agni lhe deu uma cabra possuidora de muito boas qualidades. Ila lhe deu uma quantidade abundante de flores e frutos. Sudhanwan lhe deu uma carruagem de passeio e um carro de Kuvara. Varuna lhe deu muitos produtos do Oceano auspiciosos e excelentes, com alguns elefantes. O chefe dos celestiais lhe deu leões e tigres e leopardos e diversas espécies de habitantes emplumados do ar, e muitos animais predadores terríveis e muitos guarda-sóis também de diversos tipos. Rakshasas e Asuras, em grandes bandos, começaram a andar no séquito daquela criança pujante. Vendo o filho de Agni crescer, Taraka procurou, por vários meios, efetuar sua destruição, mas ele fracassou em fazer alguma coisa para aquela divindade pujante. Os deuses na época investiram o filho de Agni nascido na solidão (em uma mata de juncos) com o comando de seus exércitos. E eles também o informaram das opressões cometidas sobre eles pelo Asura Taraka. O generalíssimo das forças celestes cresceu e veio a ser possuidor de grande energia e pujança. Na ocasião Guha matou Taraka com seu dardo irresistível. Na verdade, Kumara matou o Asura tão facilmente como se em esporte. Tendo realizado a destruição de Taraka ele restabeleceu o chefe das divindades em sua soberania dos três mundos. Dotado de destreza imensa, o generalíssimo celeste brilhava com beleza e esplendor. O pujante Skanda se tornou o protetor das divindades e fez o que era agradável para Sankara. O filho ilustre de Pavaka era dotado de uma forma dourada. Realmente, Kumara é sempre o líder dos exércitos celestes. O ouro é a energia pujante do deus do fogo e nasceu com Kartikeya (da mesma semente). Por essa razão o Ouro é altamente auspicioso e, como algo valioso, é excelente e dotado de mérito inesgotável. Assim mesmo, ó filho da linhagem de Kuru, Vasishtha narrou este discurso para Rama da linhagem de Bhrigu nos tempos passados. Portanto, ó rei de homens, tente fazer doações de Ouro. Por fazer doações de Ouro Rama foi purificado de

todos os seus pecados, e finalmente alcançou um lugar sublime no céu que é inalcançável por outros homens.'"

87

"Yudhishthira disse, 'Tu me falaste, ó tu de alma justa, sobre os deveres das quatro classes. Do mesmo modo, ó rei, fale-me agora sobre todas as ordenanças a respeito do Sraddha (de antepassados falecidos).'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por Yudhishthira, o filho de Santanu se pôs a declarar o seguinte ritual, consistente com a ordenança do Sraddha.'"

"Bhishma disse, 'Ouça-me, ó rei, com total atenção, enquanto eu te falo sobre o ritual do Sraddha. Aquele ritual é auspicioso, digno de louvor, produtivo de fama e descendência, e é considerado como um sacrifício, ó opressor de inimigos, em honra dos Pitris. Deuses ou Asuras ou seres humanos, Gandharvas ou Uragas ou Rakshasas, Pisachas ou Kinnaras, todos devem sempre adorar os Pitris. É visto que as pessoas adoram os Pitris primeiro, e gratificam as divindades em seguida por lhes oferecerem suas adorações. Por esta razão, deve-se sempre adorar os Pitris com todo cuidado. (O comentador explica que os Pitris devem ser cultuados na dia da Lua Nova, as divindades devem então ser cultuadas no primeiro dia da quinzena iluminada. Ou, em algum outro dia da quinzena iluminada, o sacrifício-Pitri ou Sraddha deve ser realizado primeiro, o sacrifício-Deva ou Ishti deve então ser realizado.) É dito, ó rei, que o Sraddha realizado em honra dos Pitris é realizável depois. Mas esta regra geral é limitada por uma especial (a qual ordena que o Sraddha em honra dos Pitris deve ser realizado na tarde do dia da Lua Nova. Os deuses devem ser adorados no primeiro dia da quinzena iluminada. Por essa razão, devido a esta ordenança especial, o Sraddha deve preceder o culto dos deuses, e não sucedê-lo.) Os antepassados (falecidos) ficam satisfeitos com o Sraddha que pode ser realizado em qualquer dia. Eu irei, no entanto, te dizer agora quais são os méritos e deméritos dos respectivos dias lunares (em vista de sua adaptabilidade para a realização do Sraddha). Eu irei te falar, ó impecável, quais resultados são obtidos em quais dias por realizar o Sraddha. Ouça-me com toda atenção. Por adorar os Pitris no primeiro dia da quinzena iluminada, um homem obtém em sua própria residência esposas belas capazes de produzir muitos filhos, todos possuidores de habilidades desejáveis. Por realizar o Sraddha no segundo dia da quinzena iluminada se obtém muitas filhas. Por realizá-lo no terceiro dia se obtém muitos corcéis. Por realizá-lo no quarto dia se obtém um grande rebanho de animais menores, (tais como cabras e ovelhas) em sua casa. Aqueles, ó rei, que realizam o Sraddha no quinto dia obtêm muitos filhos. Aqueles homens que realizam o Sraddha no sexto dia obtêm grande esplendor. Por realizá-lo no sétimo o dia, ó monarca, se obtém grande fama. Por realizá-lo no oitavo dia alguém faz grandes lucros em comércio. Por realizá-lo no nono dia se obtém muitos animais de cascos não divididos. Por realizá-lo no décimo dia se obtém muita abundância em vacas. Por realizá-lo no décimo primeiro dia alguém vem a ser possuidor de muita riqueza em roupas e utensílios (de cobre e outros

metais). Tal homem também obtém muitos filhos todos os quais se tornam dotados de esplendor Brahma. Por realizar o Sraddha no décimo segundo dia alguém sempre contempla, se desejar, diversos tipos de artigos belos feitos de prata e ouro. Por realizar o Sraddha no décimo terceiro dia alguém obtém eminência sobre seus parentes. Sem dúvida, todos os homens jovens na família daquele que realiza o Sraddha no décimo quarto dia encontram com a morte. Tal homem se torna envolvido em guerra. Por realizar o Sraddha no dia da lua nova uma pessoa obtém a realização de todos os desejos. Na quinzena escura, todos os dias começando com o décimo (e terminando com aquele da lua nova), deixando de fora somente o décimo quarto dia, são dias louváveis para a realização do Sraddha. Outros dias daquela quinzena não são assim. Então, além disso, como a quinzena escura é melhor do que a iluminada, assim a tarde do dia é melhor do que a manhã na questão do Sraddha.'"

88

"Yudhishthira disse, 'Ó tu de grande pujança, me diga qual o objeto o qual, se oferecido aos Pitris, se torna inesgotável! Qual Havi, também, (se oferecido) dura por todo o tempo? O que, de fato, é aquilo que (se ofertado) se torna eterno?'"

"Bhishma disse, 'Ouça, ó Yudhishthira, quais são aqueles Havis os quais pessoas familiarizadas com o ritual do Sraddha consideram como adequados em vista do Sraddha e quais são os resultados atribuídos a cada um. Com sementes de gergelim e arroz e cevada e Masha (Phascolus Roxburghii) e água e raízes e frutos, se dados em Sraddhas, os Pitris, ó rei, permanecem satisfeitos pelo período de um mês. Manu disse que se um Sraddha é realizado com uma quantidade abundante de gergelim, tal Sraddha se torna inesgotável. De todos os tipos de alimento, as sementes de gergelim são consideradas como o melhor. Com peixes oferecidos em Sraddhas, os Pitris permanecem satisfeitos por um período de dois meses. Com carne de carneiro eles permanecem satisfeitos por três meses e com a carne da lebre por quatro. Com a carne da cabra, ó rei, eles permanecem satisfeitos por cinco meses, com toucinho por seis meses, e com a carne de aves por sete. Com carne de veado obtida daqueles veados que são chamados Prishata, eles permanecem satisfeitos por oito meses, e com aquela obtida do Ruru por nove meses, e com a carne do Gavaya por dez meses. Com a carne do búfalo sua satisfação dura por onze meses. Com carne de boi oferecida no Sraddha, sua satisfação, isto é dito, dura por um ano inteiro. Payasa misturado com ghee é tão aceitável para os Pitris quanto carne de boi. Com a carne do Vadhrinasa a satisfação dos Pitris dura por doze anos. (Vadhrinasa significa ou um touro grande, ou uma espécie de ave, ou uma variedade de cabra. Provavelmente aqui significa o touro.) A carne do rinoceronte, oferecida aos Pitris nos aniversários dos dias lunares nos quais eles morreram, se torna inesgotável. A erva chamada Kalasaka, as pétalas da flor Kanchana, e carne de cabra também, assim oferecidas, demonstram ser inesgotáveis. Em relação a isto, ó Yudhishthira, há uns versos, originalmente cantados pelos Pitris, que são cantados (no mundo). Eles foram comunicados para mim antigamente por

Sanatkumara. ‘Aquele que tomou nascimento em nossa família deve nos dar Payasa misturado com ghee no décimo terceiro dia (da quinzena escura), sob a constelação Magha, durante o curso do Sol para o sul. Alguém nascido em nossa linhagem deve, sob a constelação Magha, como se no cumprimento de um voto, oferecer a carne de cabra ou as pétalas da flor Kanchana. Alguém deve também nos oferecer, com os ritos devidos, Payasa misturado com ghee, oferecendo isto em um local coberto pela sombra de um elefante.’ Muitos filhos devem ser cobiçados para que ao menos um possa ir para Gaya (para realizar o Sraddha de seus antepassados), onde está localizada a banian que é célebre por todos os mundos e que faz todas as oferendas feitas sob seus ramos inesgotáveis. (Até hoje a santidade de Gaya é universalmente reconhecida por todos os Hindus. Sraddhas são realizados lá sob a banian chamada Akshaya ou figueira-de-bengala inesgotável.) Mesmo um pouco de água, raízes, frutas, carne, e arroz, misturados com mel, se oferecidos no aniversário do dia da morte, se tornam inesgotáveis.'"

89

"Bhishma continuou, 'Ouça-me, ó Yudhishthira, enquanto eu te digo quais são aqueles Sraddhas opcionais que devem ser realizados sob as diferentes constelações e que foram primeiramente citados por Yama para o rei Sasavindu. (Todos os atos religiosos são ou nitya ou kamya. O primeiro implica atos que são obrigatórios e por fazer os quais nenhum mérito específico é adquirido mas por não fazê-los alguém incorre em pecado. O último implica aqueles atos opcionais que, se feitos, produzem mérito mas que, se omitidos, não levam ao pecado.) O homem que sempre realiza o Sraddha sob a constelação Krittika é considerado como realizando um sacrifício depois de estabelecer o fogo sagrado. Tal pessoa, livre do medo, ascende para o céu com seus filhos. Aquele que está desejoso de filhos deve realizar o Sraddha sob a constelação Rohini, enquanto aquele que está desejoso de energia deve fazê-lo sob a constelação Mrigasiras. Por realizar o Sraddha sob a constelação Ardra, um homem se torna o fazedor de atos violentos. Um mortal, por realizar o Sraddha sob Punarvasu, faz muito lucro por agricultura. O homem que é desejoso de crescimento e progresso deve realizar o Sraddha sob Pushya. Por fazê-lo sob a constelação Aslesha uma pessoa gera filhos heróicos. Por fazê-lo sob Maghas se obtém preeminência entre parentes. Por fazê-lo sob Phalgunis anterior, o fazedor disto vem a ser dotado de boa sorte. Por fazer o Sraddha sob o Phalgunis posterior se obtém muitos filhos; enquanto por realizá-lo sob Hasta se obtém a realização dos próprios desejos. Por realizá-lo sob a constelação Chitra se obtém filhos dotados de grande beleza. Por fazê-lo sob a constelação Swati, uma pessoa faz muito lucro por meio de comércio. O homem que deseja filhos obtém a realização de seu desejo por realizar o Sraddha sob a constelação Visakha. Por fazê-lo sob Anuradha alguém se torna um rei de reis; (literalmente, 'coloca em movimento um grupo de reis,' isto é, se torna um Chefe Supremo.) Por fazer oferendas em honra dos Pitris sob a constelação Jyeshtha com devoção e humildade alguém obtém soberania, ó principal da linhagem de Kuru. Por fazer o Sraddha sob Mula se obtém saúde, e por fazê-lo sob o Ashadha

anterior se obtém fama excelente. Por realizá-lo sob o Ashadha posterior alguém consegue vagar pelo mundo inteiro, livre de toda tristeza. Por fazê-lo sob a constelação Abhijit se obtém conhecimento superior. Por fazê-lo sob Sravana uma pessoa, partindo deste mundo, obtém um fim muito sublime. O homem que realiza o Sraddha sob a constelação Dhanishtha vem a ser o soberano de um reino. Por fazê-lo sob a constelação presidida por Varuna (isto é, Satabhisha), uma pessoa obtém sucesso como um médico. Por realizar o Sraddha sob a constelação do Bhadrapada anterior se adquire grande propriedade em cabras e ovelhas; enquanto por fazê-lo sob o Bhadrapada posterior se obtém milhares de vacas. Por realizar o Sraddha sob a constelação Revati se obtém muita riqueza em utensílios de latão branco e cobre. Por fazê-lo sob Aswini alguém obtém muitos corcéis, enquanto que sob Bharani se obtém longevidade. Escutando a estas ordenanças acerca do Sraddha, o rei Sasavindu agiu adequadamente e conseguiu facilmente subjugar e governar a terra inteira.'"

90

"Yudhishthira disse, 'Cabe a ti, ó principal da linhagem de Kuru, me dizer para qual tipo de Brahmanas, ó avô, as oferendas feitas em Sraddhas devem ser entregues.'"

"Bhishma disse, 'O Kshatriya que está familiarizado com as ordenanças sobre doações nunca deve examinar os Brahmanas (quando fazendo doações para eles). Em todas as ações, no entanto, que se relacionam com o culto das divindades e dos Pitris, um exame é considerado apropriado. As divindades são adoradas sobre a terra pelos homens somente quando eles estão cheios com devoção que vem das próprias divindades. Por isso, uma pessoa deve, se aproximando deles, fazer doações para todos os Brahmanas (sem qualquer exame de seus méritos), considerando tais presentes como sendo feitos para as próprias divindades. Em Sraddhas, no entanto, ó monarca, o homem de inteligência deve examinar os Brahmanas (a serem empregados para ajudar os fazedores do Sraddha a terminarem o ritual e fazer presentes para eles das oferendas feitas para os Pitris). Tal exame deve se relacionar com seu nascimento e conduta e idade e aparência e erudição e nobreza (ou o contrário) de ascendência. Entre os Brahmanas há alguns que poluem a fila e alguns que a santificam. Ouça-me, ó rei, enquanto eu te digo quem são aqueles Brahmanas que devem ser excluídos da fila. (Quando Brahmanas são alimentados, eles são feitos sentarem em longas filas. Aqueles que são maculados por maus hábitos são excluídos da fila. Tal exclusão da fila é considerada como igual ao banimento total.) Aquele que é cheio de fraude, ou aquele que é culpado de feticídio, ou aquele que é doente de consumpção, ou aquele que mantém animais, ou é desprovido de estudo Védico, ou é um empregado comum de uma aldeia, ou vive dos juros de empréstimos, ou aquele que é um cantor, ou aquele que vende todos os artigos, ou aquele que é culpado de incêndio culposo, ou aquele que é um envenenador ou aquele que é um cafetão por profissão, ou aquele que vende Soma, ou aquele que é um professor de quiromancia, ou aquele que está no

serviço do rei, ou aquele que é vendedor de óleo, ou aquele que é um trapaceiro e jurador falso, ou aquele que tem uma briga com seu pai, ou aquele que tolera um amante de sua esposa em sua casa, ou aquele que foi amaldiçoado, ou aquele que é um ladrão, ou aquele que vive por meio de alguma habilidade mecânica, ou aquele que usa disfarces, ou aquele que é enganador em seu comportamento, ou aquele que é hostil com aqueles que ele chama de seus amigos, ou aquele que é um adúltero, ou aquele que é um preceptor de Sudras, ou aquele que se dirigiu à profissão de armas, ou aquele que vaga com cachorros (para caçar), ou aquele que foi mordido por um cachorro, ou aquele que se casou antes de seus irmãos mais velhos, ou aquele que parece ter passado por circuncisão (natural), aquele que viola o leito de seu preceptor, aquele que é um ator ou mímico, aquele que vive por instalar uma divindade e aquele que vive por calcular as conjunções de estrelas e planetas e asterismos (implicando adivinhos), são considerados como próprios para serem excluídos da fila. Pessoas conhecedoras dos Vedas dizem que as oferendas feitas em Sraddhas, se comidas por tais Brahmanas, vão encher os estômagos dos Rakshasas (em vez de encher aqueles dos Pitris), ó, Yudhishthira. Aquela pessoa que tendo comido em um Sraddha não se abstém aquele dia do estudo dos Vedas ou que tem relação sexual naquele dia com uma mulher Sudra, deve saber que seus Pitris, por causa de tais ações suas, têm que jazer por um mês sobre seu excremento. As oferendas feitas em Sraddhas se oferecidas para um Brahmana que vende Soma são convertidas em excremento humano; se oferecidas para um Brahmana que é dedicado à prática da Medicina, elas são convertidas em pus e sangue; se oferecidas a alguém que vive por estabelecer uma divindade, elas fracassam em produzir algum resultado; se oferecidas para alguém que vive dos juros de empréstimos elas levam à infâmia; se oferecidas para alguém que é dedicado ao comércio, elas não se tornam produtivas de frutos nem aqui nem após a morte. Se oferecidas para um Brahmana que nasceu de uma mãe viúva (por um segundo marido), elas se tornam tão inúteis quanto libações despejadas sobre cinzas. (Esta é uma forma comum de expressão para sugerir a inutilidade de um ato. Libações devem ser derramadas sobre o fogo ardente. Se despejadas sobre cinzas elas não levam a mérito, pois somente Agni em sua forma ardente pode levá-las para os lugares pretendidos.) Aqueles que oferecem o Havya e Kavya (oferecidos em Sraddhas) para tais Brahmanas que são desprovidos dos deveres ordenados para eles e daquelas regras de boa conduta que pessoas de sua classe devem seguir, descobrem que tais oferendas não são produtivas de mérito após a morte. O homem de pouca inteligência que faz presentes de tais artigos para tais homens conhecendo suas tendências, obriga, por tal conduta, seus Pitris a comerem excremento humano no mundo seguinte. Tu deves saber que estes canalhas entre os Brahmanas merecem ser excluídos da fila. Aqueles Brahmanas também de pouca energia que estão empenhados em instruir Sudras são da mesma classe. Um Brahmana que é cego macula sessenta indivíduos da fila; um que é desprovido de poder viril uma centena; enquanto um que sofre de lepra branca macula tantos quantos ele contempla, ó rei. Quaisquer oferendas feitas em Sraddhas que sejam comidas por alguém com sua cabeça envolvida com um tecido, qualquer que seja comida por alguém com rosto para o sul, e qualquer que seja comida com sapatos ou sandálias colocados, todas vão satisfazer os Asuras.

Qualquer coisa, além disso, que seja dada com malícia, e qualquer que seja dada sem reverência, foi ordenada pelo próprio Brahmana como a porção do príncipe dos Asuras (isto é, Vali). Cachorros, e Brahmanas tais como os que são poluidores de filas, não devem ser permitidos olharem para as oferendas feitas em Sraddhas. Por esta razão, Sraddhas devem ser realizados em um local que esteja devidamente cercado ou escondido da visão. Aquele local também deve ser polvilhado com sementes de gergelim. Aquele Sraddha que é realizado sem sementes de gergelim, ou aquele que é feito por uma pessoa enraivecida, tem seu Havi roubado por Rakshasas e Pisachas. Compatível com o número de Brahmanas vistos por alguém que merece ser excluído da fila, é a perda do mérito que ele causa do tolo realizador do Sraddha que o convida para o banquete.'

'Eu irei agora, ó chefe da linhagem de Bharata, te dizer quem são santificadores da fila. Descubra-os por meio de exame. Todos aqueles Brahmanas que são purificados pelo conhecimento, estudo Védico, e votos e observâncias, e aqueles que são de comportamento bom e justo, devem ser reconhecidos como santificadores de tudo. Eu agora te direi quem merece sentar na fila. Tu deves reconhecer como tais aqueles os quais eu indicarei agora. Aquele que está familiarizado com os três Nachiketas, aquele que instalou os cinco fogos sacrificais, aquele que conhece os cinco Suparnas, aquele que está familiarizado com os seis ramos (chamados Angas) do Veda, aquele que é um descendente de pais que eram dedicados ao ensino dos Vedas e é ele mesmo dedicado ao ensino, aquele que conhece bem os Chhandas, aquele que conhece o Jeshtha Saman, aquele que é obediente ao domínio de seus pais, aquele que está familiarizado com os Vedas e cujos antepassados foram assim por dez gerações, aquele que têm união sexual somente com suas esposas e isto na época apropriada, e aquele que está purificado pelo conhecimento pelo Veda, e por votos e observâncias, tal Brahmana santifica a fila. Aquele que lê os Atharva-siras, que é dedicado ao cumprimento de práticas Brahmacharya, e que é firme no cumprimento de votos justos, que é sincero e de conduta justa, e que é devidamente cumpridor dos deveres prescritos para sua classe, aqueles também que têm passado por fadiga e trabalho para se banharem nas águas de tirthas, que têm passado pelo banho final depois de realizarem sacrifícios com Mantras apropriados, que estão livres do domínio da cólera, aqueles que não são impacientes, que são dotados de disposições clementes, que são mestres autocontrolados de seus sentidos, e aqueles que estão dedicados ao bem de todas as criaturas, estes devem ser convidados para Sraddhas. Qualquer coisa dada a eles se torna inesgotável. Estes, de fato, são santificadores de filas. Há outros também, altamente abençoados, que devem ser considerados como santificadores da fila. Eles são Yatis e aqueles que são familiarizados com a religião de Moksha, e aqueles que são devotados ao Yoga, e aqueles que cumprem devidamente votos excelentes e aqueles que, com mente serena narram histórias (sagradas) para os principais dos Brahmanas. Aqueles que estão familiarizados com Bhashyas, aqueles também que são dedicados a estudos gramaticais, aqueles que estudam os Puranas e aqueles que estudam os Dharmasastras e tendo-os estudado (isto é, os Puranas e os Dharmasastras) agem de acordo com o padrão formulado neles, aquele que viveu (pelo período

determinado) na residência de seu preceptor, aquele que é sincero em palavras, aquele que é um doador de milhares, aqueles que são principais em (em seu conhecimento de) todos os Vedas e das escrituras e aforismos filosóficos, estes santificam a fila tão longe quanto eles a olhem. E porque eles santificam todos os que sentam na fila, portanto, eles são chamados de santificadores de filas. Proferidores de Brahma dizem que se acontecer de mesmo uma única pessoa ser o descendente de antepassados que eram professores do Veda e é ele mesmo um professor Védico, ele santifica sete milhas completas em volta de si. Se aquele que não é um Ritwik e que não é um professor Védico toma o assento principal em um Sraddha, mesmo com a permissão dos outros Ritwiks lá presentes, é dito que ele recebe (por aquele seu ato) os pecados de todos os que possam estar sentados na fila. Se, por outro lado, acontecer de ele estar familiarizado com os Vedas e ser livre de todos aqueles defeitos que são considerados como capazes de poluir a fila, ele, ó rei, não é considerado como decaído (por tomar o assento principal em um Sraddha). Tal homem então seria realmente um santificador da fila. Por estas razões, ó rei, tu deves examinar devidamente os Brahmanas antes de convidá-los para Sraddhas. Tu deves convidar somente aqueles entre eles que são dedicados aos deveres prescritos para sua classe, e que são nascidos em boas famílias, e que possuem grande erudição. Aquele que realiza Sraddhas para alimentar somente seus amigos e cujo Havi não satisfaz as divindades e os Pitris, fracassa em ascender para o Céu. Aquele que reúne seus amigos e parentes somente na ocasião do Sraddha que ele realiza (sem honrar apropriadamente pessoas dignas por convidá-las e alimentá-las), fracassa em proceder (após a morte) pelo caminho das divindades (o qual é iluminado e livre de todas as aflições e obstáculos). O homem que faz do Sraddha que ele realiza uma ocasião somente para reunir seus amigos nunca consegue ascender para o céu. Na verdade, o homem que converte o Sraddha em uma ocasião para regalar seus amigos vem a ser dissociado do céu assim como uma ave dissociada do poleiro quando a corrente que a retém se rompe. Portanto, aquele que realiza um Sraddha não deve honrar (em tais ocasiões) seus amigos. Ele pode fazer presentes de riqueza para eles em outras ocasiões por reuni-los. O Havi e o Kavi oferecidos em Sraddhas devem ser servidos para aqueles que não são nem amigos nem inimigos mas que são somente indiferentes ou neutros. Como semente semeada em um solo estéril não brota, ou como alguém que não semeou não obtém uma parte da produção, assim mesmo o Sraddha no qual as oferendas são comidas por uma pessoa indigna, não produz nenhum fruto ou aqui ou após a morte. Aquele Brahmana que é desprovido de estudo Védico é como um fogo feito por queimar grama ou palha; e é logo extinguido assim como tal fogo. As oferendas feitas em Sraddhas não devem ser dadas para ele assim como libações não devem ser derramadas nas cinzas do fogo sacrifical. Quando as oferendas feitas em Sraddhas são trocadas pelos realizadores uns com os outros (em vez de serem doadas para pessoas dignas), elas vêm a ser consideradas como presentes Pisacha. Tais oferendas não gratificam nem os deuses nem os Pitris. Em vez de chegarem ao outro mundo, elas perambulam aqui mesmo como uma vaca que perdeu seu bezerro perambulando dentro do curral. Como aquelas libações de ghee que são despejadas sobre as cinzas extinguidas de um fogo sacrifical nunca chegam aos deuses ou aos Pitris, da mesma maneira um

presente que é feito para um dançarino ou um cantor ou um Dakshina oferecido para uma pessoa mentirosa ou enganadora não produz mérito. O Dakshina que é oferecido para uma pessoa mentirosa ou enganadora destrói o doador e o recebedor sem beneficiá-los em nenhum aspecto. Tal Dakshina é destrutivo e altamente censurável. Os Pitris da pessoa que faz isto têm que sair do caminho das divindades. Os deuses reconhecem como sendo Brahmanas aqueles que sempre andam, ó Yudhishthira, dentro dos limites estabelecidos pelos Rishis que são conhecedores de todos os deveres, e que têm uma fé firme em sua eficácia. Aqueles Brahmanas que são dedicados ao estudo Védico, ao conhecimento, às penitências, e às ações, ó Bharata, devem ser reconhecidos como Rishis. As oferendas feitas em Sraddhas devem ser dadas para aqueles que são devotados ao conhecimento. Realmente, devem considerados como homens aqueles que nunca falam mal dos Brahmanas. Nunca devem ser alimentados nas ocasiões de Sraddhas aqueles homens que falam mal de Brahmanas no decorrer de conversações no meio de assembléias. Se os Brahmanas, ó rei, forem caluniados, eles destruirão três gerações do caluniador. (Ou seja, o caluniador, seu pai e seu filho encontram com a destruição por consequência de tal ato.) Esta é a declaração, ó rei, dos Rishis Vaikhanasa. Brahmanas conhecedores dos Vedas devem ser examinados de uma distância. Uma pessoa, quer goste deles ou sinta uma antipatia por eles, deve dar para tais Brahmanas as oferendas feitas em Sraddhas. Aquele homem que alimenta milhares e milhares de falsos Brahmanas adquire mérito que é obtenível por se alimentar mesmo um Brahmana se acontecer de o último ser possuidor de um conhecimento dos Vedas, ó Bharata!"

91

"Yudhishthira disse, 'Por quem o Sraddha foi concebido inicialmente e em qual época? Qual também é sua essência? Durante a época em que o mundo era povoado somente pelos descendentes de Bhrigu e Angiras; quem foi o Muni que estabeleceu o Sraddha? Quais ações não devem ser feitas em Sraddha? Quais são aqueles Sraddhas nos quais que frutos e raízes são para serem oferecidos? Qual tipo também de arroz deve ser evitado em Sraddhas? Diga-me tudo isso, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Ouça-me, ó soberano de homens, enquanto eu te digo como o Sraddha foi introduzido, a época de tal introdução, as essências do rito, e o Muni que o concebeu. Do Brahman Auto-nascido surgiu Atri, ó tu da linhagem de Kuru. Na família de Atri nasceu um Muni de nome Dattatreya. Dattatreya obteve um filho de nome Nimi possuidor de riqueza de ascetismo. Nimi obteve um filho chamado Srimat que era dotado de grande beleza pessoal. Após o término de mil anos completos, Srimat, tendo praticado as austeridades mais severas, sucumbiu à influência do Tempo e partiu deste mundo. Seu pai Nimi, tendo realizado os ritos purificatórios segundo o ritual prescrito na ordenança, ficou cheio de grande dor, pensando constantemente na perda de seu filho. (Estes ritos purificatórios, depois do período habitual de luto, consistem em se barbear e banhar e vestir roupas novas.) Pensando naquela causa de tristeza Nimi de grande alma reuniu vários

objetos agradáveis (de comer e beber) no décimo quarto dia da lua. Na manhã seguinte ele se levantou da cama. Seu coração estava atormentado pela dor, assim quando ele se levantou do sono naquele dia, ele conseguiu afastá-lo do único objeto sobre o qual ele tinha estado trabalhando. Sua mente conseguiu se ocupar com outras questões. Com atenção concentrada ele então concebeu a idéia de um Sraddha. Todos aqueles artigos do seu próprio sustento, consistindo em frutas e raízes, e todos aqueles tipos de grãos principais que eram agradáveis para ele foram pensados cuidadosamente por aquele sábio possuidor de riqueza de penitências. No dia da lua Nova ele convidou vários Brahmanas adoráveis (para seu retiro). Possuidor de grande sabedoria, Nimi os fez sentarem em assentos (de grama Kusa) e os honrou andar ao redor de suas pessoas. Aproximando-se de sete de tais Brahmanas os quais ele tinha trazido juntos para sua residência, o pujante Nimi lhes deu alimento consistindo em arroz Syamaka, não misturado com sal. Próximo aos pés daqueles Brahmanas ocupados em comer a comida que foi servida para eles foram espalhadas várias folhas de Kusa sobre os assentos que eles ocupavam, com as extremidades superiores das folhas dirigidas em direção ao sul. Com um corpo e mente puros e com atenção concentrada, Nimi, tendo colocado aquelas folhas de grama sagrada da maneira indicada, ofereceu bolos de arroz para seu filho morto, proferindo seu nome e família. Tendo feito isso, aquele principal dos Munis ficou cheio de remorso pela idéia de ter realizado uma ação que não tinha sido prescrita (até onde ele sabia) em alguma das escrituras. De fato, cheio de arrependimento ele começou a pensar no que ele tinha feito. (O ato, como explicado pelo comentador, consistiu no pai ter feito com referência ao filho aquilo que, como a ordenança autorizava, era feito por filhos com referência aos pais.) 'Nunca feito antes pelos Munis, ai, o que eu fiz! Como eu irei (por ter feito um ato que não foi ordenado) evitar ser amaldiçoado pelos Brahmanas (como um introdutor de ritos estranhos)?' Ele então pensou no progenitor original de sua linhagem. Logo que foi pensado, Atri dotado de riqueza de penitências chegou lá. Vendo-o extremamente afligido pela angústia por causa da morte de seu filho, o imortal Atri o consolou com conselhos agradáveis. Ele disse para ele, 'Ó Mini, este rito que tu concebeste é um sacrifício em honra dos Pitris. Que nenhum temor seja teu, ó tu possuidor da riqueza de ascetismo! O próprio Avô Brahman, antigamente, o prescreveu! Este rito que tu concebeste foi ordenado pelo próprio Nascido por Si Mesmo. Quem mais além do Auto-nascido poderia ordenar este ritual em Sraddhas? Eu agora te direi, ó filho, a ordenança excelente declarada a respeito de Sraddhas. Ordenada pelo próprio Auto-nascido, ó filho, siga-a. Ouça-me primeiro! Tendo primeiro realizado o Karana no fogo sagrado com a ajuda de Mantras, ó tu que és possuidor de riqueza de penitências, deve-se sempre despejar libações em seguida na divindade do fogo, e Soma, e Varuna. Para os Viswedevas também, que são sempre os companheiros dos Pitris, o Auto-nascido então ordenou uma porção das oferendas. A Terra também, como a deusa que sustenta as oferendas feitas em Sraddhas, deve então ser louvada sob os nomes de Vaishnavi, Kasyapi, e a inesgotável. Quando água está sendo buscada para o Sraddha, a divindade Varuna de grande pujança deve ser louvada. Depois disto, Agni e Soma devem ser invocados com reverência e gratificados (com libações), ó impecável. Aquelas divindades que são chamadas pelo nome de Pitris foram criadas pelo Auto-

nascido. Outras também, altamente abençoadas, isto é, os Ushnapsas, foram criados por ele. Para todos estes estão ordenadas partes das oferendas feitas em Sraddhas. Por adorar todas estas divindades em Sraddhas, os antepassados das pessoas que os realizam são libertas de todos os pecados. Os Pitris acima referidos como aqueles criados pelo Auto-nascido constam de sete. Os Viswedevas que têm Agni como sua boca (pois é através de Agni que eles são alimentados), foram mencionados antes. Eu agora mencionarei os nomes daquelas divindades de grande alma que merecem partes das oferendas feitas em Sraddhas. Aqueles nomes são Vala, Dhriti, Vipapa, Punyakrit, Pavana, Parshni, Kshemak, Divysanu, Vivaswat, Viryavat, Hrimat, Kirtimat, Krita, Jitatman, Munivirya, Diptaroman, Bhayankara, Anukarman, Pratia, Pradatri, Ansumat, Sailabha, Paramakrodhi, Dhiroshni, Bhupati, Sraja, Vajrin, e Vari, estes são os Viswedevas eternos. Há outros também cujos nomes são Vidyutvarchas, Somavarchas, e Suryasri. Outros também são contados entre eles, isto é, Somapa, Suryasavitra, Dattatman, Pundariyaka, Ushninabha, Nabhoda, Viswayu, Dipti, Chamuhara, Suresa, Vyomari, Sankara Bhava, Isa, Kartri, Kriti, Daksha, Bhuvana, Divya, Karmakrit, Ganita Panchavirya, Aditya, Rasmimat, Saptakrit, Somavachas, Viswakrit, Kavi, Anugoptri, Sugoptri, Naptri, e Iswara; estes altamente abençoados são contados como os Viswedevas. Eles são eternos e familiarizados com tudo o que ocorre no Tempo. O tipo de arroz que não deve ser oferecido em Sraddhas é aquele chamado Kodrava, e Pulka. Assa-fétida também, entre artigos usados na cozinha, não deve ser oferecida, como também cebolas e alho, os produtos da Moringa pterygosperma, Bauhinia Variegata, a carne de animais mortos com flechas envenenadas, todas as variedades de Sucuribita Pepo, Sucuribita lagenaria, e sal preto. Os outros artigos que não devem ser oferecidos em Sraddhas são a carne do porco domesticado, a carne de todos os animais não mortos em sacrifícios, Nigella sativa, sal da variedade chamada Vid, a erva que é chamada de Sitapaki, todos os brotos (como aqueles do bambu), e também o Trapa bispinosa. Todos os tipos de sal devem ser excluídos das oferendas feitas em Sraddhas, e também os frutos do Eugenia Jamblana. Todos os artigos, além disso, sobre os quais alguém cuspiu ou sobre os quais caíram lágrimas não devem ser oferecidos em Sraddhas. Entre oferendas feitas aos Pitris ou com o Havya e Kavya oferecido às divindades, a erva chamada Sudarsana (Menispermum tomentosum, Rox) não deve ser incluída. Havi misturado com isto não é aceitável para os Pitris. Do lugar onde o Sraddha está sendo realizado, o Chandala e o Swapacha devem ser excluídos, como também todos os que usam roupas saturadas de amarelo, e pessoas afetadas com lepra, ou alguém que foi excluído da casta (por transgressões), ou alguém que é culpado de Brahmanicídio, ou um Brahmana de descendência misturada ou alguém que é parente de um homem sem casta. Esses todos devem ser excluídos por pessoas possuidoras de sabedoria do lugar onde um Sraddha está sendo realizado.' Tendo dito estas palavras nos tempos passados para o Rishi Nimi da sua própria linhagem, o ilustre Atri possuidor de riqueza de penitências então voltou para a assembléia do Avô no Céu.'"

92

"Bhishma disse, 'Depois que Nimi tinha agido da maneira descrita acima, todos os grandes Rishis começaram a realizar o sacrifício em honra dos Pitris (chamado de Sraddha) segundo os ritos prescritos na ordenança. Firmemente dedicados ao cumprimento de todos os deveres, os Rishis, tendo realizado Sraddhas, começaram também a oferecer oblações (para os Pitris) de águas sagradas, com atenção. Em consequência, no entanto, das oferendas feitas por pessoas de todas as classes (para os Pitris), os Pitris começaram a digerir aquela comida. Logo eles, e as divindades também com eles, foram afligidos pela indigestão. De fato, afligidos com pilhas de alimento que todas as pessoas começaram a lhes dar, eles se dirigiram à presença de Soma. Aproximando-se de Soma eles disseram, 'Ai, grande é nossa aflição por causa da comida que nós é oferecida em Sraddhas. Ordene o que é necessário para nosso bem-estar.' Para eles Soma respondeu, dizendo, 'Se, ó deuses, vocês estão desejosos de obter bem-estar, dirijam-se então para a residência do Auto-nascido. Ele mesmo fará o que é para o seu bem.' Por estas palavras de Soma, as divindades e os Pitris então procederam, ó Bharata, ao Avô onde ele estava sentado no topo das montanhas de Meru.'"

"As divindades disseram, 'Ó ilustre, com a comida que nos é oferecida em sacrifícios e Sraddhas, nós estamos sendo extremamente atormentados. Ó senhor, nos mostre benevolência e faça o que for para o nosso bem.' Ouvindo estas palavras deles, o Auto-nascido lhes disse em resposta, 'Aqui, o deus do fogo está sentado ao meu lado, ele mesmo fará o que é para o seu benefício.'"

"Agni disse, 'Ó senhores, quando ocorre um Sraddha, nós iremos comer juntos as oferendas feitas a nós. Se vocês comerem aquelas oferendas comigo, vocês então, sem dúvida, conseguirão digeri-las facilmente.' Ouvindo estas palavras da divindade do fogo, os Pitris ficaram tranquilos de coração. É por esta razão também que ao fazer oferendas em Sraddhas uma parte é primeiro oferecida para divindade do fogo, ó rei. Se uma porção das oferendas forem feitas primeiro para a divindade do fogo em um Sraddha, ó príncipe de homens, Rakshasas de origem regenerada não podem então causar qualquer dano para tal Sraddha. (Ravana e outros Rakshasas que surgiram da linhagem de Pulastya são conhecidos como Brahma-Rakshasas ou Rakshasas de origem regenerada.) Vendo a divindade do fogo em um Sraddha os Rakshasas fogem dele. O ritual do Sraddha é que o bolo deve ser oferecido primeiro para o pai (falecido). Em seguida, um deve ser oferecido para o avô. Em seguida um deve ser oferecido para o bisavô. Esta é a ordenança a respeito do Sraddha. Sobre cada bolo que é oferecido, o ofertante deve, com atenção concentrada, proferir os Mantras Savitri. Este outro Mantra também deve ser proferido, isto é, para Soma que gosta dos Pitris. Uma mulher que está impura por causa da chegada de sua época, ou alguém cujas orelhas foram cortadas, não devem ser permitidos permanecer onde um Sraddha está sendo realizado. Nem uma mulher (para cozinhar o arroz para ser oferecido no Sraddha) deve ser trazida de um Gotra diferente daquele da pessoa que está realizando o Sraddha. Enquanto cruzando um rio, uma pessoa deve oferecer

oblações de água para seus Pitris, nomeando eles todos. De fato, quando alguém se encontra em um rio ele deve gratificar seus Pitris com oblações de água. Tendo oferecido oblações de água primeiro para os antepassados da própria família, alguém deve em seguida oferecer tais oblações para seus amigos e parentes (falecidos). Quando alguém cruza um rio em um carro que está unido a um par de bois de cor variada, ou daqueles que cruzam um rio em barcos, os Pitris esperam oblações de água. Aqueles que sabem disto sempre oferecem oblações de água com atenção concentrada para os Pitris. Toda quinzena no dia da Lua Nova uma pessoa deve fazer oferendas para seus ancestrais falecidos. Crescimento, longevidade, energia, e prosperidade se tornam todos obteníveis pela devoção aos Pitris. O Avô Brahman, Pulastya, Vasishtha, Pulaha, Angiras, Kratu e o grande Rishi Kasyapa, estes, ó príncipe da linhagem de Kuru, são considerados como grandes mestres de Yoga. Eles figuram entre os Pitris. Este mesmo é o ritual sublime a respeito do Sraddha, ó monarca! Pelos Sraddhas realizados sobre a terra os membros falecidos de uma família vêm a ser libertos de uma posição de miséria. Eu dessa maneira, ó príncipe da linhagem de Kuru, te expus de acordo com as escrituras, as ordenanças a respeito de Sraddhas. Eu irei mais uma vez te falar sobre doações."

93

"Yudhishthira disse, 'Se Brahmanas que estão no cumprimento de um voto (isto é, jejum) comem, ao convite de um Brahmana, o Havi (oferecido em um Sraddha), eles podem ser acusados de transgressão ou de uma violação de seu voto, ou eles devem recusar o convite de um Brahmana quando tal convite é recebido por eles? Diga-me isto, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Que aqueles Brahmanas comam, impelidos pelo desejo, que são cumpridores de votos tais como os que não estão indicados nos Vedas. Com relação àqueles Brahmanas, no entanto, que são cumpridores de votos tais como os que estão indicados nos Vedas, eles são considerados como culpados de uma quebra de seu voto, ó Yudhishthira, por comerem o Havi de um Sraddha a pedido de quem realiza o Sraddha.'"

"Yudhishthira disse, 'Algumas pessoas dizem que o jejum é uma penitência. A penitência é realmente identificável com jejum ou não é assim? Diga-me isto, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'As pessoas consideram um jejum regular por um mês ou meio mês como uma penitência. A verdade, no entanto, é que alguém que mortifica seu próprio corpo não é para ser considerado nem como um asceta nem como alguém familiarizado com o dever. (Isto é, aquele jejum que mortifica o corpo não é para ser considerado como equivalente à penitência. A verdadeira penitência é algo mais. Um praticante de tal jejum não é para ser considerado como um asceta. Tais jejuns, além disso, são pecaminosos em vez de serem meritórios.) A renúncia, no entanto, é considerada como a melhor das penitências; (alguém pode comer a comida mais luxuosa sem ser apegado a ela). Um Brahmana deve sempre ser um

abstêmio de comida (isto é, se abster de alimento entre as duas horas prescritas para alimentação), e cumprir o voto chamado Brahmacharya. Um Brahmana deve sempre praticar abnegação reprimindo até a fala, e recitar os Vedas. O Brahmana deve se casar e se cercar de filhos e parentes, pelo desejo de obter virtude. Ele nunca deve dormir. Ele deve se abster de carne. Ele deve sempre ler os Vedas e as escrituras. Ele deve sempre falar a verdade, e praticar abnegação. Ele deve comer Vighasa (isto é, o que resta depois de servir as divindades e convidados). De fato, ele deve ser hospitaleiro para com todos os que chegam à sua residência. Ele deve sempre comer Amrita (isto é, o alimento que resta na casa depois de toda a família, inclusive convidados e empregados, terem comido) Ele deve cumprir devidamente todos os ritos e realizar sacrifícios.'"

"Yudhishthira disse, "Como alguém pode vir a ser considerado como sempre praticante de jejuns? Como alguém pode se tornar cumpridor de votos? Como, ó rei, alguém pode vir a ser um comedor de Vighasa? Por fazer o que alguém pode ser citado como amigo do convidado?'"

"Bhishma disse, 'Aquele que come alimento somente de manhã e à noite nas horas prescritas e se abstém de todo alimento durante o intervalo no meio, é citado como sendo um abstinente de alimento. Aquele que tem ato sexual somente com sua esposa e isso somente na época dela, é citado como sendo cumpridor do voto de Brahmacharya. Por sempre fazer doações alguém vem a ser considerado como sincero em palavras. Por se abster de toda carne obtida de animais mortos em vão alguém se torna um abstinente de carne. (A carne de animais mortos em sacrifícios é lícita. Por comer tal carne uma pessoa não se torna uma comedora de carne.) Por fazer doações alguém vem a ser purificado de todos os pecados, e por se abster de sono durante o dia alguém vem a ser considerado como sempre desperto. Aquele que sempre come o que resta depois de servir as necessidades dos convidados e empregados é citado como sempre comendo Amrita. Aquele que se abstém de comer até que Brahmanas tenham comido (daquela comida), é considerado como conquistando o céu por tal abstenção. Aquele que come o que resta depois de servir as divindades, os Pitris, e parentes e dependentes, é citado como comendo Vighasa. Tais homens alcançam muitas regiões de bem-aventurança na residência do próprio Brahman. Lá, ó rei, eles moram na companhia de Apsaras e Gandharvas. De fato, eles se divertem e desfrutam de todos os esportes de prazer naquelas regiões, com as divindades e convidados e os Pitris em sua companhia, e cercados por seus próprios filhos e netos. Este mesmo vem a ser seu fim sublime.'"

"Yudhishthira disse, 'Pessoas são vistas fazerem diversos tipos de doações para os Brahmanas. Qual, no entanto, é a diferença, ó avô, entre o doador e o recebedor?'"

"Bhishma disse, 'O Brahmana aceita doações daquele que é justo, e daquele que é injusto. Se acontece de o doador ser justo o recebedor incorre em pouca falha. Se, por outro lado, acontece de o doador ser injusto, o recebedor cai no inferno. Em relação a isto é citada uma história antiga da conversa entre Vrishadarbhi e os setes Rishis, ó Bharata. Kasyapa e Atri e Vasishtha e

Bharadwaja e Gautama e Viswamitra e Jamadagni, e a casta Arundhati (a esposa de Vasishtha), todos tinham uma criada em comum cujo nome era Ganda. Um Sudra de nome Pasusakha se casou com Ganda e tornou-se seu marido. Kasyapa e outros, antigamente, praticavam as penitências mais austeras e vagavam pelo mundo, desejosos de alcançar a região eterna de Brahman pela ajuda de meditação-Yoga. Por volta daquele tempo, ó encantador dos Kurus, ocorreu uma seca severa. Afligido pela fome, o mundo inteiro de criaturas vivas ficou extremamente fraco. Em um sacrifício que tinha sido realizado nos tempos antigos pelo filho de Sivi, ele tinha dado para os Ritwiks um filho dele como o presente sacrifical. Naquela época, não dotado de longevidade como o príncipe era, ele morreu de fome. Os Rishis citados, afligidos pela fome, se aproximaram do príncipe morto e sentaram circundando-o. De fato, aqueles principais dos Rishis, contemplando o filho daquele em cujo sacrifício eles tinham oficiado, ó Bharata, assim morto de fome, começaram a cozinhar o corpo em um recipiente, impelidos pelas pontadas de fome. Todo alimento tendo desaparecido do mundo dos homens, aqueles ascetas, desejosos de salvar suas vidas, tinham recorrido, para propósitos de sustento, a tal meio miserável. Enquanto eles estavam assim empenhados, o filho de Vrishadarbha, isto é, o rei Saivya, no decorrer de sua vagueação, encontrou aqueles Rishis. De dato, ele encontrou com eles em seu caminho, ocupados em cozinhar o corpo morto, impelidos pela fome aguda.'"

"O filho de Vrishadarbha disse, 'A aceitação de uma doação (de mim) irá aliviar imediatamente vocês todos. Portanto, aceitem uma doação para o sustento de seus corpos! Ó ascetas dotados de riqueza de penitências, ouçam-me enquanto eu declaro qual riqueza eu tenho! Aquele Brahmana que me pede (por doações) é sempre querido para mim. Na verdade, eu darei a vocês mil mulas. Para cada um de vocês eu darei mil vacas de pêlo branco, principais em prosperidade, cada uma acompanhada por um touro, e cada uma tendo um bezerro bem nascido, e, portanto, produzindo leite. Eu também darei para vocês mil touros de cor branca e da melhor raça e capazes de carregar cargas pesadas. Eu também lhes darei um grande número de vacas, de boa disposição, as principais de sua espécie, todas gordas, e cada uma das quais, tendo dado à luz seu primeiro bezerro, está prenhe de seu segundo. Digam-me o que mais eu darei das aldeias mais importantes, de grãos, de cevada, e mesmo de jóias mais raras e caras. Não procurem comer este alimento que não é comestível. Digam-me o que eu devo dar para vocês para o sustento de seus corpos!'"

"Os Rishis disseram, 'Ó rei, uma aceitação de doações de um monarca é muito doce a princípio mas ela é veneno no fim. Sabendo bem disto, por que você, ó rei, nos tenta então com estas ofertas? O corpo do Brahmana é o campo das divindades. Por penitência, ele é purificado. Então além disso, por gratificar o Brahmana, alguém gratifica as divindades. Se um Brahmana aceita os presentes feitos a ele pelo rei, ele perde, por tal aceitação, o mérito que ele iria de alguma maneira adquirir por suas penitências naquele dia. De fato, tal aceitação consome aquele mérito assim como uma conflagração ardente consome uma floresta. Que a felicidade seja tua, ó rei, como o resultado das doações que tu fazes para aqueles que te pedem!' Dizendo estas palavras para ele, eles deixaram o local,

procedendo por outro caminho. A carne que aqueles de grande alma tinham pretendido cozinhar permaneceu não cozida. De fato, abandonando aquela carne, eles foram embora, e entraram nas florestas à procura de alimento. Depois disto, os ministros do rei, incitados por seu mestre, entraram naquelas florestas e colhendo certos figos se esforçaram para dá-los para aqueles Rishis. Os oficiais do rei encheram algum daqueles figos com ouro e misturando-os com outros procuraram induzir aqueles ascetas a aceitá-los. Atri pegou alguns daqueles figos, e achando-os pesados se recusou a aceitá-los. Ele disse, 'Nós não somos desprovidos de conhecimento. Nós não somos tolos! Nós sabemos que há ouro dentro destes figos. Nós temos nossos sentidos em volta de nós. De fato, nós estamos despertos em vez de estarmos dormindo. Se aceitos neste mundo, estes produzirão consequências amargas após a morte. Aquele que procura felicidade aqui e após a morte nunca deve aceitá-los.'"

"Vasishtha disse, 'Se nós aceitarmos mesmo uma moeda de ouro, ela será contada como uma centena ou até um milhar (em conceder o demérito que se vincula à aceitação). Se, portanto, nós aceitarmos muitas moedas, nós certamente obteremos um fim infeliz após a morte!'"

Kasyapa disse, 'Todo arroz e cevada sobre a terra, todo ouro e animais e mulheres que se encontram no mundo, são incapazes de satisfazer o desejo de uma única pessoa. Por essa razão, alguém que possui sabedoria deve dissipar a cupidez, e adotar a tranquilidade!'"

"Bharadwaja disse, 'Os chifres de um Ruru, depois do seu primeiro aparecimento, começam a crescer com o crescimento do animal. A cupidez de homem é assim como isto. Ela não tem medida!'"

"Gautama disse, 'Todos os objetos que existem no mundo não podem satisfazer nem uma única pessoa. O homem é assim como o oceano, pois ele nunca pode ser cheio (assim como o oceano nunca pode ser cheio por todas as águas que são descarregadas dentro dele pelos rios).'"

"Viswamitra disse, 'Quando um desejo nutrido por uma pessoa vem a ser satisfeito, surge imediatamente outro cuja satisfação é procurada e o qual a perfura como uma flecha.'"

"Jamadagni disse, 'A abstenção de aceitar doações suporta as penitências como sua fundação. A aceitação, no entanto, destrói aquela riqueza (isto é, o mérito das penitências).'"

"Arundhati disse, 'Algumas pessoas são de opinião que as coisas do mundo podem ser armazenadas com um propósito de gastá-las na aquisição de virtude (por doações e sacrifícios). Eu penso, no entanto, que a aquisição de virtude é melhor do que a de riqueza mundana.'"

"Ganda disse, 'Quando estes meus senhores, que são dotados de grande energia, estão com tanto medo disto o qual parece ser um grande terror, um homem fraco como eu o teme ainda mais.'"

"Pasusakha disse, 'A riqueza que há na virtude é muito superior. Não há nada superior a isto. Aquela riqueza é conhecida pelos Brahmanas. Eu os sirvo como seu empregado, somente para aprender a dar valor àquela riqueza.'"

"Os Rishis (todos juntos) disseram, 'Que a felicidade seja dele, como o resultado das doações que ele faz, ele que é o rei do povo desta terra. Que seja bem sucedida a doação daquele que enviou estas frutas para nós, encerrando ouro dentro delas.'"

"Bhishma continuou, 'Tendo dito estas palavras, aqueles Rishis de votos firmes, abandonando os figos que tinham ouro dentro deles, deixaram aquele local e procederam para qualquer destino que lhes conviesse.'"

"Os ministros disseram, 'Ó rei, vindo a saber da existência de ouro dentro dos figos, os Rishis foram embora! Que isto seja sabido por ti!'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por seus ministros, o rei Vrishadarbhi ficou cheio de raiva contra todos aqueles Rishis. De fato, para se vingar deles, o monarca entrou em seu próprio aposento. Praticando as mais austeras das penitências, ele despejou em seu fogo sagrado libações de ghee, acompanhando cada uma com Mantras proferidos por ele. Daquele fogo então surgiu como o resultado do encantamento uma forma capaz de infligir medo em todos. Vrishadarbhi a chamou de Yatudhani. Aquela forma que tinha vindo a existir a partir dos encantamentos do rei, parecendo tão terrível quanto a Última Noite, apareceu com mãos unidas perante o monarca. Dirigindo-se ao rei Vrishadarbhi ela disse, 'O que eu devo realizar?'"

"Vrishadarbhi disse, 'Vá e siga os sete Rishis, como também Arundhati e o marido da criada deles, e a própria criada, e compreenda quais são os significados dos nomes deles. Tendo averiguado seus nomes, mate eles todos. Depois de tê-los matado tu podes ir para qualquer destino que quiseres.'" (O comentador explica que a ordem sobre averiguar os nomes dos Rishis e os significados daqueles nomes procede do desejo do rei de acautelar a Rakshasi para que ao ir destruí-los ela não pudesse ela mesma encontrar com a destruição.)

"Bhishma continuou, 'Dizendo, ‘Assim seja!’ a Rakshasi que tinha sido chamada de Yatudhani, em sua própria forma, procedeu para aquela floresta na qual os grandes Rishis vagavam à procura de alimento. De fato, ó rei, aqueles grandes Rishis, com Atri entre eles, vagavam dentro da floresta, subsistindo de frutas e raízes. No decorrer de suas perambulações eles viram um mendicante de ombros largos, braços e pernas roliços e rosto e abdômen bem nutridos. De membros que eram todos adiposos, ele estava vagando com um cachorro em sua companhia. Vendo aquele mendicante cujos membros eram todos bem desenvolvidos e vistosos, Arundhati exclamou, dirigindo-se aos Rishis, 'Nenhum de vocês poderá alguma vez exibir tais feições bem desenvolvidas!'"

"Vasishtha disse, 'O fogo sagrado desta pessoa não é como o nosso, pois enquanto ele pode despejar libações sobre ele de manhã e à noite, nenhum de nós pode fazer o mesmo. É por esta razão que nós vemos ambos, ele e seu

cachorro, tão bem desenvolvidos.'" (Em outras palavras, Vasishtha atribui a magreza ou emaciação de si mesmo e seus companheiros à falta da realização dos seus ritos diários de prática religiosa.)

"Atri disse, 'Este homem não sente as pontadas da fome como nós. Sua energia não sofreu, como a nossa, alguma diminuição. Adquiridos com a maior dificuldade, seus Vedas não desapareceram como os nossos. Por isso é que nós vemos ele e seu cachorro tão bem desenvolvidos.'"

"Viswamitra disse, 'Este homem não é, como nós, incapaz de cumprir os deveres eternos inculcados nas escrituras. Eu me tornei inativo. Eu sinto fome aguda. Eu perdi o conhecimento que eu adquiri. Este homem não é como nós neste aspecto. Por isso eu vejo ele e seu cachorro tão bem desenvolvidos.'"

"Jamadagni disse, 'Este homem não tem que pensar em armazenar seus grãos e combustível anuais como nós somos obrigados a fazer. Por isso eu vejo ele e seu cachorro tão bem desenvolvidos!'"

"Kasyapa disse, 'Este homem não tem, como nós, quatro irmãos da linhagem inteira que estão mendigando de casa em casa, proferindo as palavras, 'Dê! Dê!' Por isso é que eu vejo ele e seu cachorro tão bem desenvolvidos.'"

"Bharadwaja disse, 'Este homem não tem remorso como o nosso por ter condenado e amaldiçoado sua esposa. Ele não agiu tão malvadamente e insensatamente. Por isso eu vejo ele e seu cachorro tão bem desenvolvidos!'"

"Gautama disse, 'Este homem não tem como nós somente três pedaços de coberta feita de grama Kusa, e uma única pele de Ranku, cada um dos quais, além disso, tem três anos de idade. Por isso é que eu vejo ele e seu cachorro tão bem desenvolvidos!'"

"Bhishma continuou, 'O mendicante vagueador, vendo aqueles grandes Rishis, aproximou-se deles e abordou eles todos por tocar suas mão segundo o costume. Conversando então uns com os outros acerca da dificuldade de obter sustento naquela floresta e a consequente necessidade de suportar as pontadas da fome, todos eles deixaram aquele local. De fato, eles vagaram por aquela selva, empenhados em um propósito em comum, isto é, a colheita de frutas e a extração de raízes para sustento. Um dia, quanto eles estavam vagando eles contemplaram um belo lago coberto com lotos. Suas margens estavam cobertas com árvores que permaneciam cerradamente perto umas das outras. As águas do lago eram puras e transparentes. De fato, os lotos que adornavam o lago eram todos da cor do sol da manhã. As folhas que flutuavam sobre a água eram da cor do lápis lazúli. Diversas espécies de aves aquáticas estavam se divertindo sobre sua superfície. Havia somente um caminho que levava a ele. As margens não eram lamacentas e o acesso à água era fácil. Incitada por Vrishadarbhi, a Rakshasi de aparência terrível que tinha surgido de seus encantamentos e que tinha sido chamada de Yatudhani, vigiava o lago. Aqueles principais dos Rishis, com Pasusakha em sua companhia, procederam em direção ao lago, o qual era assim vigiado por Yatudhani, com o objetivo de colher alguns talos de lotos. (Talos de lotos são

comidos na Índia e são mencionados por Charaka como alimento pesado.) Vendo Yatudhani, de aspecto terrível, permanecendo nas margens do lago, aqueles grandes Rishis se dirigiram a ela, dizendo, 'Quem és tu que permaneces sozinha dessa maneira nestas florestas solitárias? Por quem tu esperas aqui? Qual, de fato, é teu propósito? O que tu fazes aqui nas margens deste lago adornado com lotos?'"

"Yatudhani disse, 'Não importa quem eu sou. Eu não mereço ser questionada (a respeito do meu nome e família e propósitos). Vocês que são possuidores de riqueza ascética, saibam que eu sou a guarda colocada para vigiar este lago.'"

'Os Rishis disseram, 'Todos nós estamos com fome. Nós não temos nada mais para comer. Com tua permissão nós colheremos alguns talos de lotos!'"

"Yatudhani disse, 'Conformemente com um acordo, peguem os talos de lotos como quiserem. Vocês devem, um a um, me dar seus nomes. Vocês podem então, sem demora, pegar os caules!'"

"Bhishma continuou, 'Averiguando que seu nome era Yatudhani e que ela estava lá para matá-los (depois de saber, a partir dos significados dos seus nomes, qual era a extensão do poder deles), Atri, que estava com muita fome, dirigiu-se a ela e disse estas palavras.'"

"Atri disse, 'Eu sou chamado de Atri porque eu purifico o mundo do pecado. Por, além disso, estudar os Vedas três vezes todos os dias, eu fiz dias de minhas noites. Isto é, não há noite na qual eu não tenha estudado os Vedas. Por estas razões também eu sou chamado de Atri, ó bela dama!'"

"Yatudhani disse, 'Ó tu de grande refulgência, a explicação que tu me deste do teu nome não pode ser compreendida por mim. Portanto, vá e mergulhe neste tanque cheio de lotos!'"

"Vasishtha disse, 'Eu sou dotado da riqueza (que consiste nos atributos Yoga de pujança, etc.) Eu levo, além disso, um modo de vida familiar, e sou considerado como a principal de todas as pessoas que levam tal modo de vida. Por ser dotado de (tal) riqueza, da minha vida como um chefe de família, e de eu ser considerado como o principal de todos os chefes de família, eu sou chamado de Vasishtha.'"

"Yatudhani disse, 'A explicação etimológica do teu nome é totalmente incompreensível para mim, visto que as inflexões que as raízes originais têm sofrido são ininteligíveis. Vá e mergulhe neste lago de lotos!'"

"Kasyapa disse, 'Eu sempre protejo meu corpo, e por minhas penitências eu vim a ser dotado de refulgência. Por proteger o corpo dessa maneira e por esta refulgência que é devido às minhas penitências, eu vim a ser chamado pelo nome de Kasyapa!'"

"Yatudhani disse, 'Ó tu de grande refulgência, a explicação etimológica que tu me deste do teu nome não pode ser compreendida por mim. Vá e mergulhe neste lago cheio de lotos!'"

"Bharadwaja disse, 'Eu sempre sustento meus filhos, meus discípulos, as divindades, os Brahmanas, e minha esposa. Por sustentar a todos dessa maneira com facilidade eu sou chamado de Bharadwaja!'"

"Yatudhani disse, 'A explicação etimológica que tu me deste do teu nome é totalmente incompreensível para mim, por causa das muitas inflexões que a raiz têm sofrido. Vá e mergulhe neste lago cheio de lotos!'"

"Gotama disse, 'Eu conquistei céu e terra pela ajuda do autodomínio. Por eu olhar para todas as criaturas e objetos com um olhar imparcial, eu sou como um fogo sem fumaça. Por isso eu não posso ser subjugado por ti. Quando, além disso, eu nasci, a refulgência do meu corpo dissipou a escuridão circundante. Por estas razões eu sou chamado de Gotama!'"

"Yatudhani disse, 'A explicação que tu me deste do teu nome, ó grande asceta, é incapaz de ser entendida por mim. Vá e mergulhe neste lago de lotos!'"

"Viswamitra disse, 'As divindades do universo são minhas amigas. Eu sou também o amigo do universo. Por isso, ó Yatudhani, saiba que eu sou chamado de Viswamitra!'"

"Yatudhani disse, 'A explicação que tu deste do teu nome é incompreensível para mim por causa das inflexões que a raiz tem sofrido. Vá e mergulhe neste lago de lotos!'"

"Jamadagni disse, 'Eu surgi do fogo sacrifical das divindades. Por isso eu sou chamado de Jamadagni, ó tu de feições belas!'"

"Yatudhani disse, 'A explicação etimológica que tu me deste, ó grande asceta, do teu nome, é incompreensível para mim (por causa das diversas inflexões que a raiz tem sofrido). Vá e mergulhe neste lago de lotos!'"

"Arundhati disse, 'Eu sempre fico ao lado do meu marido, e ocupo a terra juntamente com ele. Eu sempre inclino o coração do meu marido em direção a mim. Eu sou, por estas razões, chamada de Arundhati!'"

"Yatudhani disse, 'A explicação que tu me deste do teu nome é totalmente incompreensível para mim por causa das inflexões que as raízes têm sofrido. Vá e mergulhe neste lago de lotos!'"

"Ganda disse, 'O Ganda significa uma parte da bochecha. Como eu tenho aquela parte um pouco elevada acima das outras, eu sou, ó tu que surgiste do fogo sacrifical de Saivya, chamado pelo nome de Ganda!'"

"Yatudhani disse, 'A explicação que tu me deste do teu nome é totalmente incompreensível para mim em consequência das inflexões que a raiz tem sofrido. Vá e mergulhe neste lago de lotos!'"

“Pasusakha disse, ‘Eu protejo e cuido de todos os animais que eu vejo, e eu sou sempre um amigo para todos os animais. Por isso eu sou chamado de Pasusakha, ó tu que surgiste do fogo (sacrifical do rei Vrishadarbhi).’”

"Yatudhani disse, 'A explicação que tu me deste do teu nome é totalmente incompreensível para mim por causa das inflexões que as raízes têm sofrido. Vá e mergulhe neste lago de lotos!'"

"Sunahsakha disse, 'Eu sou incapaz de explicar a etimologia do meu nome da mesma maneira destes ascetas. Mas saiba, ó Yatudhani, que eu sou chamado pelo nome de Sunahsakha!'" (Sunahsakha implica um amigo dos cachorros. O recém chegado que tinha se juntado aos Rishis errantes tinha um cachorro com ele, por isso ele é chamado pelo nome de Sunahsakha.)

"Yatudhani disse, 'Tu mencionaste o teu nome somente uma vez. A explicação que tu ofereceste eu não sou capaz de apreender. Portanto, mencione-o novamente, ó regenerado!'"

"Sunahsakha disse, 'Já que tu foste incapaz de compreender o meu nome por eu tê-lo mencionado somente uma vez, eu te golpearei com meu bastão triplo! Golpeada com ele, seja reduzida a cinzas sem demora!'"

"Bhishma continuou, 'Golpeada então, na cabeça, pelo Sannyasin, com seu bastão triplo o qual parecia com o castigo infligido por um Brahmana, a Rakshasi que tinha nascido dos encantamentos do rei Vrishadarbhi caiu no chão e foi reduzida a cinzas. (Brahma-danda literalmente significa o bastão na mão do Brahmana. Figurativamente, ele implica o castigo infligido por um Brahmana na forma de uma maldição. Como tal ele é mais eficaz do que o raio nas mãos do próprio Indra, pois o raio destrói somente aqueles objetos que se encontram em seu alcance imediato. A maldição do Brahmana, no entanto, destrói até aqueles que são não nascidos.) Tendo assim destruído a Rakshasi poderosa, Sunahsakha enfiou seu bastão no solo e sentou-se em um pedaço de terra coberto de grama. Os Rishis então, tendo, como lhes apetecia, colhido vários lotos e pegado vários talos de lotos, saíram do lago, cheios de alegria. Jogando sobre o solo a pilha de lotos que eles tinham colhido com muito trabalho, eles mergulharam mais uma vez para oferecer oblações de água para os Pitris. Subindo, eles procederam para aquela parte da margem onde eles tinham depositado os talos de lotos. Alcançando aquele local, aqueles principais dos homens descobriram que os caules não eram vistos em nenhum lugar.'"

"Os Rishis disseram, 'Qual homem pecaminoso e desumano roubou os talos de lotos colhidos por nossas pessoas famintas pelo desejo de comer?'"

"Bhishma continuou, 'Aqueles mais importantes dos homens regenerados, suspeitando uns dos outros, ó opressor de inimigos, disseram, ‘Cada um de nós terá que jurar pela sua inocência!’ Todos aqueles ascetas então, famintos e desgastados pelo esforço, concordando com a proposta, fizeram estes juramentos.'"

"Atri disse, 'Que aquele que roubou os talos de lotos toque vacas com seu pé, urine de frente para o sol, e estude os Vedas em dias excluídos!'"

"Vasishtha disse, 'Que aquele que roubou os talos de lotos se abstenha de estudar os Vedas, ou controle cães de caça, ou seja um mendicante errante não contido pelas ordenanças prescritas para aquele modo de vida, ou seja um assassino de pessoas que procuram sua proteção, ou viva dos lucros da venda de sua filha, ou peça riqueza daqueles que são inferiores e vis!'"

"Kasyapa disse, 'Que aquele que roubou os talos de lotos profira todos os tipos de palavras em todos os lugares, dê evidência falsa em uma corte de lei, coma a carne de animais não mortos em sacrifícios, faça doações para pessoas não merecedoras ou para pessoas merecedoras em momentos impróprios, e tenha união sexual com mulheres durante o dia!'"

"Bharadwaja disse, 'Que aquele que roubou os talos de lotos seja cruel e injusto em seu comportamento em direção a mulheres e parentes e vacas. Que ele humilhe Brahmanas, em discussões, por expor seu conhecimento e habilidade superiores. Que ele estude os Riks e os Yajuses, desrespeitando seu preceptor! Que ele derrame libações sobre fogos feitos com grama ou palha seca!" (Libações devem sempre ser despejadas em um fogo ardente. Fogo feito com grama seca ou palha queima rapidamente e logo se extingue. Por despejar libações, portanto, sobre tais fogos, alguém praticamente as despeja sobre cinzas e não ganha mérito.)

"Jamadagni disse, 'Que aquele que roubou os talos de lotos seja culpado de jogar sujeira e imundície na água. Que ele seja inspirado com animosidade em direção às vacas. Que ele seja culpado de ter união sexual com mulheres em períodos diferentes da época delas. Que ele atraia a aversão de todas as pessoas. Que ele derive seu sustento dos lucros de sua esposa! Que ele não tenha amigos e que ele tenha muitos inimigos! Que ele seja convidado de outro para receber em retribuição aqueles atos de hospitalidade os quais ele fez para aquele outro!'" (Receber atos de hospitalidade em retribuição por aqueles prestados era considerado não somente como baixeza mas também destrutivo de mérito.)

"Gotama disse, 'Que aquele que roubou os talos de lotos seja culpado de jogar fora os Vedas depois de tê-los estudado! Que ele rejeite os três fogos sagrados! Que ele seja um vendedor do Soma (planta ou suco)! Que ele viva com aquele Brahmana que reside em uma aldeia que tem um único poço do qual água é retirada por todas as classes e que se casou com uma mulher Sudra!'"

"Viswamitra disse, 'Que aquele que roubou os talos de lotos seja condenado a ver seus preceptores e mais velhos e seus empregados mantidos por outros durante seu próprio tempo de vida. Que ele não tenha um bom fim. Que ele seja o pai de muitas crianças! Que ele seja sempre impuro e um canalha entre os Brahmanas! Que ele seja orgulhoso de suas posses! Que ele seja um lavrador do solo e que ele seja cheio de malícia! Que ele vague na estação das chuvas. Que ele seja um empregado pago! Que ele seja o sacerdote do rei! Que ele ajude nos

sacrifícios de tais pessoas impuras que não merecem ser ajudadas em seus sacrifícios!'"

"Arundhati disse, 'Que aquela que roubou os talos de lotos sempre humilhe sua sogra! Que ela esteja sempre aborrecida com seu marido! Que ela coma quaisquer coisas boas que cheguem à casa dela sem dividi-las com outros! Desconsiderando os parentes de seu marido, que ela viva na casa de seu marido e coma, no fim do dia, a farinha de cevada frita! Que ela venha a ser considerada como desagradável (por causa das máculas que irão manchá-la)! Que ela seja mãe de um filho heróico!'" (Para uma mulher Brahmana dar à luz um filho dedicado a atos heróicos é uma vergonha.)

"Ganda disse, 'Que aquela que roubou os talos de lotos seja sempre uma contadora de mentiras! Que ela sempre brigue com seus parentes! Que ela entregue sua filha em casamento por uma consideração pecuniária! Que ela coma a comida que ela cozinhou, sozinha e sem dividi-la com ninguém! Que ela passe sua vida inteira em escravidão! De fato, que aquela que roubou os talos de lotos fique grávida em consequência de ato sexual sob circunstâncias de culpa.'"

"Pasusakha disse, 'Que aquele que roubou os talos de lotos seja nascido de uma mãe escrava. Que ele tenha muitos filhos todos os quais sejam indignos! E que ele nunca reverencie as divindades.'"

"Sunahsakha disse, 'Que aquele que removeu os talos de lotos obtenha o mérito de entregar sua filha em casamento para um Brahmana, que tenha estudado todos os Samans e os Yajuses e que tenha cumprido cuidadosamente o voto de Brahmacharya. Que ele realize as abluções finais depois de ter estudado todos os Atharvans!'"

"Todos os Rishis disseram, 'O juramento que tu fizeste não é juramento em absoluto, pois todas as ações que tu mencionaste são muito desejáveis para os Brahmanas! É evidente, ó Sunahsakha, que tu te apropriaste dos nossos talos de lotos!'"

"Sunahsakha disse, 'Os caules de lotos depositados por vocês não sendo vistos, o que vocês dizem é perfeitamente verdadeiro, pois fui eu que realmente os roubei. Na própria vista de vocês todos eu causei o desaparecimento daqueles caules! Ó impecáveis, a ação foi feita por mim pelo desejo de testar vocês! Eu vim para cá para proteger vocês. Aquela mulher que jaz morta lá se chamava Yatudhani. Ela era de uma disposição feroz. Nascida dos encantamentos do rei Vrishadarbhi, ela veio para cá pelo desejo de matar todos vocês! Ó ascetas dotados de riqueza de penitências, instigada por aquele rei, ela veio, mas eu a matei. Aquela criatura perversa e pecaminosa, nascida do fogo sacrifical, de outra maneira teria tirado suas vidas. Foi para matá-la e salvar vocês que eu vim aqui, ó Brahmanas eruditos! Saibam que eu sou Vasava! Vocês se libertaram completamente da influência da cobiça. Por isto, vocês ganharam muitas regiões eternas repletas da realização de todo desejo logo que ele surge no coração! Levantem-se, sem demora, deste lugar e se dirijam para aquelas regiões de beatitude, ó regenerados, que estão reservadas para vocês!'"

"Bhishma continuou, 'Os grandes Rishis, muito satisfeitos com isto, responderam para Purandara, dizendo, 'Assim seja.' Eles então ascenderam para o céu na companhia do próprio Indra. Dessa maneira, aquelas pessoas de grande alma, embora famintos e embora tentados em tal período com a oferta de diversos tipos de artigos agradáveis, se abstiveram de ceder à tentação. Como o resultado de tal abnegação, eles chegaram ao céu. Parece, portanto, que alguém deve, sob todas as circunstâncias, expulsar a cobiça de si mesmo. Este mesmo, ó rei, é o maior dever. A cobiça deve ser rejeitada. O homem que narra este relato (dos atos dos Rishis virtuosos) em assembléias de homens, consegue obter riqueza. Tal homem nunca tem que alcançar um fim aflitivo. Os Pitris, os Rishis, e as divindades ficam todos satisfeitos com ele. Após a morte, além disso, ele vem a ser dotado de fama e mérito religioso e riqueza!'"

94

"Bhishma disse, "Em relação a isto é citada a velha história dos juramentos (feitos por muitos Rishis um depois do outro) na ocasião de uma viagem para águas sagradas. Ó melhor dos Bharatas, o ato de roubo foi feito por Indra, e os juramentos foram feitos por muitos Rishis reais e regenerados. Uma vez os Rishis, tendo se reunido, procederam para o Prabhasa ocidental. Eles tiveram uma conferência lá a qual resultou em uma decisão de sua parte de visitar todas as águas sagradas sobre a terra. Lá estavam Sakra e Angiras e Kavi de grande erudição e Agastya e Narada e Pravata; e Bhrigu e Vasishtha e Kasyapa e Gautama e Viswamitra e Jamadagni, ó rei! Lá estavam também o Rishi Galava, e Ashtaka e Bharadwaja e Arundhati e os Valakhilyas; e Sivi e Dilipa e Nahusha e Amvarisha e o nobre Yayati e Dhundhumara e Puru. Estes principais dos homens, colocando Satakratu de grande alma, o matador de Vritra, em seu lugar de honra, foram para todas as águas sagradas uma após outra, e finalmente chegaram ao Kausiki altamente sagrado no dia da lua cheia no mês de Magha. Tendo se purificado de todos os pecados por abluções realizadas em todas as águas sagradas, eles finalmente procederam para o muito sagrado Brahmasara. Banhando-se naquele lago, aqueles Rishis dotados de energia como aquela do fogo começaram a colher e comer os caules dos lotos. Entre aquele Brahmanas, alguns tinham arrancado os caules dos lotos e alguns os caules da Nymphoea stellata. Logo eles descobriram que os caules extraídos por Agastya (e depositados na margem) tinham sido roubados por alguém. O principal dos Rishis, Agastya, se dirigindo a eles todos, disse, 'Quem roubou os caules que eu tinha arrancado e depositado aqui? Eu suspeito que um dentre vocês deve ter feito o ato. Que aquele que os roubou os devolva para mim. Não cabe a vocês se apropriarem indevidamente dos meus caules! É sabido que o Tempo ataca a energia da Virtude. Aquele Tempo chegou agora para nós. Por isso, a Virtude está afligida. É apropriado que eu vá para o céu para sempre, antes que a injustiça ataque o mundo e se estabeleça aqui! (As escrituras declaram que a Justiça perde sua força conforme o Tempo avança. Na era Krita, ela existe em sua totalidade. Na Treta ela perde um quarto; na Dwapara outro quarto é perdido; e na era Kali

três quartos completos são perdidos e somente um quarto é tudo o que resta.) Antes que chegue o tempo quando Brahmanas, ruidosamente proferindo os Vedas integralmente, dentro dos arredores de aldeias e lugares habitados, façam os Sudras ouvi-los, antes que chegue a época quando reis pequem contra as regras de Justiça por motivos de política, eu irei para o céu para sempre! Antes que os homens cessem de respeitar as distinções entre as classes baixas, médias, e superiores, eu irei para o céu para sempre. (Os Rishis pensam que as distinções entre as classes baixas, médias e superiores da sociedade são eternas, e nada pode ser uma calamidade maior do que a extinção daquelas distinções. Igualdade entre os homens, aos olhos deles, é um mal absoluto.) Antes que a Ignorância ataque o mundo e envolva todas as coisas em escuridão, eu irei para o céu para sempre. Antes que chegue o tempo quando os fortes começarem a dominar os fracos e tratá-los como escravos, eu irei para o céu para sempre. De fato, eu não ouso permanecer na terra para testemunhar estas coisas.' Os Rishis, muito preocupados pelo que ele disse, se dirigiram àquele grande asceta e disseram, 'Nós não roubamos os teus caules! Tu não deves nutrir estas suspeitas contra nós. Ó grande Rishi, nós iremos fazer os juramentos mais terríveis!' Tendo dito estas palavras, conscientes da sua própria inocência, e desejosos de defender a causa da justiça, aqueles Rishis e sábios de descendência real então começaram a fazer, um depois do outro, os seguintes juramentos.'"

“Bhrigu disse, ‘Que aquele que roubou teus talos censure quando censurado, ataque quando atacado, e coma a carne que está ligada à espinha dorsal de animais (mortos em sacrifícios).’” (O perdão é o dever de um Brahmana. Abandonar o perdão é abandonar o dever. Criticar quando criticado e atacar o atacante são transgressões graves no caso de um Brahmana. A idéia de retaliação nunca deve entrar no coração do Brahmana, pois o Brahmana é o amigo do universo. Seu comportamento em direção ao amigo e ao inimigo deve ser igual. Comer a carne que se liga à espinha dorsal de um animal morto também é uma transgressão grave.)

“Vasishtha disse, ‘Que aquele que roubou teus talos negligencie seus estudos Védicos, controle cães de caça, e tendo se dedicado à classe mendicante viva em uma cidade ou município!’” (Um mendicante religioso deve sempre vagar pela Terra, dormindo onde a noite o alcança. Para tal homem residir em uma cidade ou município é pecaminoso.)

"Kasyapa disse, ' Que aquele que roubou teus talos venda todas as coisas em todos os lugares, se aproprie indevidamente de depósitos, e dê evidências falsas!'"

"Gautama disse, 'Que aquele que roubou teus talos viva, mostrando orgulho em todas as coisas, com uma compreensão que não vê todas as criaturas com um olhar imparcial, e sempre se entregando à influência do desejo e da ira! Que ele seja um cultivador do solo, e que ele seja inspirado pela malícia!'" (Arar a terra é uma transgressão para um Brahmana.)

"Angiras disse, 'Que aquele que roubou teus caules seja sempre impuro! Que ele seja um Brahmana criticável (por seus delitos). Que ele controle cães de caça.

Que ele seja culpado de Brahmanicídio. Que ele seja avesso às expiações depois de ter cometido transgressões!'"

"Dhundhumara disse, 'Que aquele que roubou teus caules seja ingrato com seus amigos! Que ele tome nascimento em uma mulher Sudra! Que ele coma sozinho qualquer alimento bom (disponível em casa), sem dividi-lo com outros!'" (Bom alimento nunca deve ser comido sozinho. Ele deve ser sempre dividido com filhos e empregados.)

"Dilipa disse, 'Que aquele que roubou teus caules desça para aquelas regiões de miséria e infâmia que estão reservadas para aquele Brahmana que reside em uma aldeia que tem somente um poço e que tem união sexual com uma mulher Sudra!'" (Uma vila que tem somente um poço deve ser abandonada por um Brahmana, pois ele não deve retirar água de semelhante poço que é usado por todas as classes da população).

"Puru disse, 'Que aquele que roubou teus caules adote a profissão de médico! Que ele seja sustentado pelos lucros de sua esposa! Que ele retire seu sustento de seu sogro!'"

"Sukra disse, 'Que aquele que roubou teus caules coma a carne de animais não mortos em sacrifícios! Que ele tenha união sexual durante o dia! Que ele seja um empregado do rei!'"

"Jamadagni disse, 'Que aquele que roubou teus caules estude os Vedas em dias ou ocasiões proibidos. Que ele alimente amigos em Sraddhas realizados por ele! Que ele coma no Sraddha de um Sudra!'"

"Sivi disse, 'Que aquele que roubou teus caules morra sem ter estabelecido um fogo (para culto diário)! Que ele seja culpado de obstruir o desempenho de sacrifícios por outros! Que ele brigue com aqueles que são praticantes de penitências!'"

"Yayati disse, 'Que aquele que roubou teus caules seja culpado de ter união sexual com sua mulher quando ela não está em sua época e quando ele mesmo está no cumprimento de um voto e tenha madeixas emaranhadas em sua cabeça! Que ele também desrespeite os Vedas!'"

"Nahusha disse, 'Que aquele que roubou teus caules viva no ambiente doméstico depois de ter se dirigido ao voto de mendicância! Que ele aja de qualquer maneira que lhe agrade (e sem moderação de qualquer tipo), depois de ter passado pelos ritos iniciatórios em vista de um sacrifício ou uma observância solene! Que ele receba gratificação pecuniária por preleções para discípulos (em qualquer ramo de conhecimento que os últimos venham a aprender)!'"

"Amvarisha disse, 'Que aquele que roubou teus caules seja cruel e injusto em seu comportamento para com mulheres e parentes e vacas! Que ele seja culpado também de Brahmanicídio!'"

"Narada disse, 'Que aquele que roubou teus caules seja alguém que identifica o corpo com a alma! Que ele estude as escrituras com um preceptor que é censurável! Que ele cante os Vedas, pecando a cada passo contra as regras de Ortoepia! Que ele desrespeite todos os seus superiores!'"

"Nabhaga disse, 'Que aquele que roubou teus caules fale mentiras e discuta com aqueles que são justos! Que ele entregue sua filha em casamento depois de aceitar uma gratificação pecuniária oferecida por seu genro!'"

"Kavi disse, 'Que aquele que roubou teus caules seja culpado de golpear uma vaca com seu pé. Que ele urine encarando o sol! Que ele rejeite a pessoa que procura proteção em suas mãos!'"

"Viswamitra disse, 'Que aquele que roubou teus caules se torne um empregado que se comporta com falsidade em direção a seu patrão! Que ele seja o sacerdote de um rei! Que ele seja o Ritwik de alguém que não deva ser ajudado em seus sacrifícios!'"

"Parvata disse, 'Que aquele que roubou teus caules seja o chefe de uma aldeia! Que ele faça viagens sobre jumentos! Que ele controle cães de caça para seu sustento!'"

"Bharadwaja disse, 'Que aquele que roubou teus caules seja culpado de todos os deméritos que vêm a ser daquele que é cruel em seu comportamento e falso em palavras!'"

"Ashtaka disse, 'Que aquele que roubou teus caules seja um rei desprovido de sabedoria, caprichoso e pecaminoso em seu comportamento, e disposto a governar a Terra injustamente!'"

"Galava disse, 'Que aquele que roubou teus caules seja mais infame do que um homem pecaminoso! Que ele seja pecaminoso em suas ações em direção aos seus amigos e parentes! Que ele divulgue as doações que ele faz para outros!'"

"Arundhati disse, 'Que aquela que roubou teus caules fale mal de sua sogra! Que ela sinta repugnância por seu marido. Que ela coma sozinha qualquer comida boa que chegue à sua casa!'"

"Os Valakhilyas disseram, 'Que aquele que roubou teus caules permaneça sobre um pé na entrada de uma aldeia (para ganhar sua subsistência)! Que ele, enquanto conhecendo todos os deveres, seja culpado de todas as infrações!'" (A penitência que está envolvida em permanecer sobre um pé deve ser praticada, como todas as outras penitências, nas florestas. Praticar uma penitência no caminho que leva a uma vila para que as pessoas possam ser induzidas a fazer doações é uma transgressão de um tipo grave.)

"Sunahsakha disse, 'Que aquele que roubou teus caules seja um Brahmana que dorme em felicidade, tendo desconsiderado seu Homa diário! Que ele, depois de se tornar um mendicante religioso, se comporte de qualquer maneira que lhe agrade, sem observar qualquer restrição!'"

"Surabhi disse, 'Que aquela que roubou teus caules seja ordenhada, com suas pernas (traseiras) amarradas com uma corda de cabelo humano, e com a ajuda de um bezerro que não é dela, e, enquanto ordenhada, que seu leite seja retido em um recipiente de latão branco!'" (Algumas vacas que são indóceis têm suas pernas traseiras amarradas com uma corda enquanto elas são ordenhadas. Se a corda for feita de cabelo humano, supõe-se que a dor sentida é muito grande. Obter a ajuda de um bezerro pertencente a outra vaca é considerado como pecaminoso. Para a vaca também, o processo de sugar não pode ser agradável. Se o leite é mantido em um recipiente de metal branco, ele se torna inadequado para deuses e convidados.)

"Bhishma continuou, 'Depois que os Rishis e os sábios reais tinham feito estes diversos juramentos, ó rei Kuru, o chefe de mil olhos das divindades, cheio de alegria, lançou seus olhares no enfurecido Rishi Agastya. Dirigindo-se ao Rishi que estava muito zangado pelo desaparecimento dos seus talos de lotos, Maghavat assim declarou o que estava se passando em sua mente. Ouça, ó rei, quais foram as palavras que Indra falou no meio daqueles Rishis regenerados e celestes e sábios reais.'"

"Sakra disse, 'Que aquele que roubou teus caules seja possuidor do mérito daquele que entrega sua filha em casamento para um Brahmana que tem cumprido devidamente o voto de Brahmacharya ou que estudou devidamente os Samans e os Yajuses! Que ele também tenha o mérito de alguém que passa pelo banho final depois de completar seu estudo do Atharva Veda! Que aquele que roubou teus caules tenha o mérito de ter estudado todos os Vedas. Que ele seja cumpridor de todos os deveres e justo em seu comportamento! De fato, que ele vá para a região de Brahman!'"

"Agastya disse, 'Tu, ó matador de Vala, proferiste uma bênção em vez de uma maldição! (É evidente) que tu pegaste meus caules! Dê eles para mim, pois este é o dever eterno!'"

"Indra disse, 'Ó santo, eu não removi teus caules levado pela cobiça! De fato, eu os removi pelo desejo de ouvir este conclave narrar quais são os deveres que nós devemos cumprir. Não cabe a ti dar vazão à ira! Os deveres são os principais dos Srutis. Os deveres constituem o caminho eterno (para cruzar o mar do mundo)! Eu escutei a este discurso dos Rishis (sobre deveres) que é eterno e imutável, e que transcende toda mudança! (O discurso é chamado de eterno e imutável porque seu assunto assim o é. Deveres são verdades eternas.) Então, ó principal dos Brahmanas eruditos, pegue de volta estes teus caules! Ó santo, cabe a ti perdoar minha transgressão, ó tu que és livre de todas as imperfeições!'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado pelo chefe das divindades, o asceta, isto é, Agastya, que tinha ficado muito zangado, pegou seus caules de volta. Dotado de grande inteligência, o Rishi ficou contente. Depois disto, aqueles habitantes das florestas procederam para diversas outras águas sagradas. De fato, se dirigindo para aquelas águas sagradas eles realizaram suas abluções em todos os lugares. O homem que lê esta narrativa com total atenção em todos os

dias Parva não terá que se tornar progenitor de um filho ignorante e perverso. Ele nunca será desprovido de erudição. Nenhuma calamidade alguma vez irá alcançá-lo. Ele será, além disso, livre de toda espécie de tristeza. Decrepitude e decadência nunca serão dele. Livre de máculas e males de todo tipo, e dotado de mérito, ele sem dúvida alcançará o Céu. Aquele que estuda este Sastra cumprido pelos Rishis, com certeza, ó príncipe de homens, chegará à região eterna de Brahman que é cheia de bem-aventurança!'" (Sastra é literalmente algo que governa homens, que regula seu comportamento.)

95

"Yudhishthira disse, 'Ó chefe da linhagem de Bharata, por quem foi introduzido o costume de dar guarda-sóis e sandálias em cerimônias fúnebres? Por que isto foi introduzido e para que propósito estes presentes são feitos? Eles são dados não somente em cerimônias fúnebres mas também em outros ritos religiosos. Eles são dados em muitas ocasiões com um propósito de adquirir mérito religioso. Eu desejo saber, em detalhes, ó regenerado, o sentido verdadeiro deste costume!'"

"Bhishma disse, 'Ó príncipe, ouça atentamente aos detalhes que eu contarei a respeito do costume de se doar guarda-sóis e sapatos em ritos religiosos, e quanto a como e por quem isto foi introduzido. Eu também te direi integralmente, ó príncipe, como isto adquiriu a força de uma observância permanente e como isto veio a ser visto como uma ação meritória. Eu irei, em relação a isto, relatar a narrativa da conversa entre Jamadagni e Surya de grande alma. Nos tempos antigos, o ilustre Jamadagni, ó rei pujante, da linhagem de Bhrigu, estava ocupado em praticar com seu arco. Escolhendo seu alvo, ele disparava seta depois de seta. Sua esposa Renuka costumava apanhar as setas quando atiradas e levá-las repetidamente de volta para aquele descendente, dotado de energia resplandecente, da linhagem de Bhrigu. Satisfeito com o barulho sibilante de suas setas e o ressoar de seu arco, ele se divertia dessa maneira por atirar repetidamente suas setas as quais Renuka levava de volta para ele. Um dia, ao meio dia, ó monarca, naquele mês quando o sol estava em Jyesthamula, o Brahmana, tendo atirado todas as suas setas, disse para Renuka, 'Ó dama de olhos grandes, vá e me busque as setas que eu atirei do meu arco, ó tu de sobrancelhas belas! Eu as dispararei novamente com meu arco.' A dama procedeu em sua missão, mas foi obrigada a se sentar sob a sombra de uma árvore, por sua cabeça e pés estarem sendo chamuscados pelo calor do sol. A graciosa Renuka de olhos negros, tendo descansado somente por um momento, teve medo da maldição de seu marido e, portanto, dirigiu-se novamente à tarefa de reunir e levar de volta as setas. Levando-as com ela, a senhora célebre de feições elegantes voltou, afligida em mente e com seus pés doendo muito. Tremendo com medo, ela se aproximou de seu marido. O Rishi, cheio de cólera, repetidamente se dirigiu à sua esposa de rosto formoso, dizendo, 'Ó Renuka, por que tu demoraste tanto para voltar?'"

"Renuka disse, 'Ó tu que és dotado de riqueza de penitências, minha cabeça e pés foram chamuscados pelos raios do sol! Oprimida pelo calor, eu me dirigi para

a sombra de uma árvore! Justamente esta foi a causa da demora! Informado da causa, ó marido, cesse de estar zangado comigo!'"

"Jamadagni disse, 'Ó Renuka, neste mesmo dia eu destruirei, com a energia ardente das minhas armas, a estrela do dia com seus raios brilhantes, que te afligiu dessa maneira!'"

"Bhishma continuou, 'Sacando seu arco celeste, e pegando muitas setas, Jamadagni ficou de pé, virando seu rosto em direção ao sol e vendo como ele se movia (no seu percurso diurno). Então, ó filho de Kunti, vendo-o dirigido para a luta, Surya se aproximou dele no disfarce de um Brahmana e lhe disse, 'O que Surya fez para te desagradar? Percorrendo o firmamento, ele absorve a umidade da terra, e na forma de chuvas ele a despeja novamente sobre ela. É por isto, ó regenerado, que nasce o alimento dos seres humanos, alimento que é tão agradável para eles! Os Vedas dizem que é alimento o que constitui os ares vitais. Ó Brahmana, oculto nas nuvens e rodeado por seus raios, o sol encharca as sete ilhas com chuvas. Ó pujante, a umidade, assim derramada, se propagando nas folhas e frutos de vegetais e ervas, é transformada em alimento. Ó filho de Bhrigu, os ritos de natividade, observâncias religiosas de todos os tipos, investidura com o fio sagrado, doações de vacas, casamentos, todos os artigos em vista de sacrifícios, as regras para o governo de homens, doações, todos os tipos de união (entre homem e homem), e a aquisição de riqueza, têm sua origem no alimento! Tu sabes bem disso! Todas as coisas boas e agradáveis no universo, e todos os esforços feitos pelas criaturas vivas fluem do alimento. Eu repito devidamente isto que é bem conhecido por ti! De fato, tu conheces completamente tudo o que eu disse! Portanto, ó Rishi regenerado, abande tua ira! O que tu irás ganhar por aniquilar o sol?'"

96

"Yudhishthira disse, 'O que fez aquele principal dos ascetas, isto é, Jamadagni dotado de grande energia, quando assim suplicado pelo fazedor do dia?'"

"Bhishma disse, 'Ó descendente de Kuru, apesar de todas as súplicas de Surya, o sábio Jamadagni, dotado do resplendor do fogo, continuou a nutrir sua raiva. Então, ó rei, Surya, no disfarce de um Brahmana, curvou sua cabeça para ele e se dirigiu a ele com mãos unidas, nestas palavras gentis. 'Ó Rishi regenerado, o sol está sempre em movimento! Como tu irás perfurar o Senhor do dia que está constantemente se movendo para frente?'"

"Jamadagni disse, ‘Com a visão do conhecimento eu te conheço como sendo móvel e imóvel! Eu certamente te darei uma lição neste dia. Ao meio-dia tu pareces parar nos céus por um momento. É então, ó Surya, que eu te perfurarei com minhas setas! Não há desvio desta minha resolução!'"

"Surya disse 'Ó Rishi regenerado, sem dúvida, tu me conheces, ó melhor dos arqueiros! Mas, ó santo, embora eu tenha ofendido, veja, eu sou um suplicante pela tua proteção!'"

"Bhishma continuou, 'Nisto, o adorável Jamadagni dirigiu-se sorridente ao fazedor do dia, dizendo, 'Ó Surya, quando tu procuraste minha proteção, tu não tens nada a temer! Superaria a simplicidade que existe nos Brahmanas, a estabilidade que existe na Terra, a suavidade existente na Lua, a gravidade existente em Varuna, a refulgência existente em Agni, o brilho de Meru, e o calor do sol, aquele que matasse um suplicante por proteção! O homem que pode matar um suplicante é capaz de violar o leito de seu preceptor, de matar um Brahmana, e de beber álcool. Portanto, pense em algum remédio para este mal, pelo qual as pessoas possam ser aliviadas quando aquecidas por teus raios!'"

"Bhishma continuou, 'Assim dizendo, aquele excelente descendente de Bhrigu ficou calado por um momento, e Surya em seguida transferiu para ele um guarda-sol e um par de sandálias.'"

"Surya disse, 'Ó grande Rishi, pegue este guarda-sol com o qual a cabeça pode ser protegida e meus raios repelidos. Este par de sandálias é feito de couro para a proteção dos pés. Deste dia em adiante a doação destes artigos em todos os ritos religiosos será estabelecida como um costume inflexível!'"

"Bhishma continuou, 'Este costume de dar guarda-sóis e sapatos foi introduzido por Surya! Ó descendente de Bharata, estes presentes são considerados meritórios nos três mundos. Portanto, doe guarda-sóis e sapatos para Brahmanas. Eu não tenho dúvida que tu irás então obter grande mérito religioso por esta ação. Ó principal da linhagem de Bharata, aquele que doa um guarda-sol branco com cem de varetas para um Brahmana obtém bem-aventurança eterna depois da morte e reside na região de Indra, respeitado por Brahmanas, Apsaras, e Devas. Ó pujante, aquele que dá sapatos para Brahmanas Snataka, como também para Brahmanas praticantes dos ritos de religião cujos pés ficaram feridos pelo calor do sol, alcança regiões cobiçadas pelas próprias divindades. Tal homem, ó Bharata, mora em felicidade no Céu mais sublime depois de sua morte. Ó principal da linhagem de Bharata, eu assim relatei para ti integralmente os méritos de se doar sapatos e guarda-sóis em cerimônias religiosas!'"

97

"Yudhishthira disse, 'Ó principal da linhagem de Bharata, relate para mim todos os deveres do modo familiar e me diga tudo aquilo que um homem deve fazer para obter prosperidade neste mundo.'"

"Bhishma disse, 'Ó Bharata, eu irei, em relação a isto, narrar para ti a antiga história de Vasudeva e da deusa Terra. O pujante Vasudeva, ó príncipe excelente da linhagem de Bharata, depois de cantar os louvores da deusa Terra, questionou-a acerca deste mesmo tópico sobre o qual tu perguntaste.'"

"Vasudeva disse, 'Tendo adotado o estado de um chefe de família, quais ações eu, ou alguém como eu, deve realizar e como tais ações frutificam em benefícios?'"

"A deusa Terra disse, 'Ó Madhava, os Rishis, as divindades, os Pitris, e os homens devem ser adorados, e sacrifícios devem ser realizados por um chefe de família. Aprenda também de mim que as divindades são sempre satisfeitas com sacrifícios, e os homens são satisfeitos com hospitalidade. Portanto, o chefe de família deve agradá-los com objetos tais como os que eles desejam. Por semelhantes ações, ó matador de Madhu, os Rishis também são satisfeitos. O chefe de família, se abstendo de comida, deve cuidar diariamente de seu fogo sagrado e de suas oferendas sacrificais. As divindades, ó matador de Madhu, ficam satisfeitas com tais ações. O chefe de família deve oferecer diariamente oblações de comida e água, ou de frutas, raízes e água, para a satisfação dos Pitris, e a oferenda Vaiswadeva deve ser realizada com arroz fervido, e oblações de manteiga clarificada para Agni, Soma, e Dhanwantari. Ele deve oferecer oblações distintas e separadas para Prajapati. Ele deve fazer oferendas sacrificais na devida ordem; para Yama na região ao Sul, para Varuna na região Oeste, para Soma na Região Norte, para Prajapati dentro da propriedade, para Dhanwantari na região Nordeste, e para Indra na região Leste. Ele deve oferecer alimento para homens na entrada de sua casa. Estas, ó Madhava, são conhecidas como as oferendas Vali. As Vali devem ser oferecidas para os Maruts e para as divindades no interior da casa. Para os Viswedevas elas devem ser oferecidas ao ar livre, e para os Rakshasas e espíritos as oferendas devem ser feitas à noite. Depois de fazer estas oferendas, o chefe de família deve fazer oferendas para Brahmanas, e se nenhum Brahmana estiver presente, a primeira porção de alimento deve ser jogada no fogo. Quando um homem deseja oferecer Sraddha para seus antepassados, ele deve, quando a cerimônia Sraddha estiver terminada, gratificar seus antepassados e então fazer as oferendas Vali na ordem devida. Ele deve então fazer oferendas para os Viswedevas. Ele deve em seguida convidar Brahmanas e então regalar apropriadamente os convidados chegados à sua casa, com alimento. Por este ato, ó príncipe, os convidados são satisfeitos. Aquele que não fica muito tempo na casa, ou, tendo chegado, vai embora depois um tempo curto, é chamado de convidado. Para seu preceptor, para seu pai, para seu amigo e para um convidado, um chefe de família deve dizer, 'Eu adquiri isto em minha casa para te oferecer hoje!' E ele deve oferecer isto consequentemente todo dia. O chefe de família deve fazer o que quer que eles lhe peçam para fazer. Este é o costume estabelecido. O chefe de família, ó Krishna, deve comer seu alimento por último depois de ter oferecido alimento para todos eles. O chefe de família deve adorar, com oferendas de Madhuparka, seu rei, seu sacerdote, seu preceptor, e seu sogro como também Brahmanas Snataka mesmo se eles fossem ficar em sua casa por um ano inteiro. De manhã assim como à noite, alimento deve ser oferecido no chão para cachorros, Swapachas, (literalmente, aqueles que cozinham para cachorros, ou seja, que mantêm cachorros como companheiros, significando membros da casta mais baixa) e aves. Isto é chamado de oferenda Vaiswadeva. O chefe de família que realiza estas cerimônias com uma mente não nublada pela emoção obtém as bênçãos dos Rishis neste mundo, e depois da morte chega às regiões celestiais.'"

"Bhishma continuou, "O pujante Vasudeva, tendo escutado tudo isso da deusa Terra, agiu conformemente. Aja tu também da mesma maneira. Por realizar estes deveres de um chefe de família, ó rei, tu obterás fama neste mundo e alcançarás o céu depois da morte!'"

98

"Yudhishthira disse, 'De que tipo é a doação de luz, ó chefe da linhagem de Bharata? Como este presente se originou? Quais são os méritos que se atribuem a ele? Conte-me tudo isto.'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto, ó Bharata, é contada a velha narrativa da conversa entre Manu, aquele senhor das criaturas, e Suvarna. Havia antigamente um asceta, ó Bharata, de nome Suvarna. Sua cor era como aquela do ouro e por isso ele era chamado de Suvarna (o de cor de ouro). Dotado de uma linhagem pura, bom comportamento, e talentos excelentes, ele tinha dominado todos os Vedas. De fato, pelas habilidades que ele possuía, ele conseguiu superar muitas pessoas de linhagem nobre. Um dia aquele Brahmana erudito viu Manu, o senhor de todas as criaturas, e se aproximou dele. Se encontrando, eles fizeram as perguntas usuais de cortesia. Ambos eram firmes no cumprimento da verdade. Eles se sentaram no leito encantador de Meru, aquela montanha de ouro. Sentados lá eles começaram a conversar um com o outro sobre diversos assuntos ligados às divindades de grande alma e Rishis regenerados e Daityas dos tempos antigos. Então Suvarna, dirigindo-se ao Manu Auto-nascido, disse estas palavras, 'Cabe a ti responder uma pergunta minha para o benefício de todas as criaturas. Ó senhor de todas as criaturas, as divindades são vistas serem adoradas com presentes de flores e outros bons perfumes. O que é isto? Como esta prática foi originada? Quais também são os méritos que se atribuem a isto? Fale para mim sobre este tópico.'"

"Manu disse, 'Em relação a isto é recitada a velha história da conversa entre Sukra e o (Daitya) Vali de grande alma. Uma vez, Sukra da linhagem de Bhrigu se aproximou da presença de Vali, o filho de Virochana, enquanto ele estava governando os três mundos. O chefe dos Asuras, aquele dador de presentes sacrificais em abundância, tendo adorado o descendente de Bhrigu com o Arghya (e lhe oferecendo um assento), se sentou depois que seu convidado tinha se sentado. Este mesmo tópico que tu começaste relativo aos méritos ligados ao presente de flores e incenso e lâmpadas surgiu na ocasião. De fato, o chefe dos Daityas fez esta grande pergunta para Sukra, aquele mais erudito de todos os ascetas.'"

"Vali disse, 'Ó principal de todas as pessoas familiarizadas com Brahma, qual, de fato, é o mérito de dar flores e incenso e lâmpadas? Cabe a ti, ó principal dos Brahmanas, me falar sobre isto.'"

"Sukra disse, 'Primeiro a penitência surgiu para a vida. Depois veio Dharma (ou compaixão e outras virtudes). No intervalo no meio surgiram muitas trepadeiras e

ervas. Inúmeras eram as espécies destas. Todas elas têm (a divindade) Soma como seu senhor. Algumas daquelas trepadeiras e ervas vieram a ser consideradas como Amrita e algumas vieram a ser consideradas como Veneno. Outras que não eram nem isto nem aquilo formaram uma classe. É Amrita aquilo que dá satisfação imediata e alegria para a mente. É Veneno aquilo que tortura a mente extremamente por seu odor. Saiba também que Amrita é altamente auspicioso e que Veneno é altamente inauspicioso. Todas as ervas (decíduas) são Amrita. O Veneno nasceu da energia do fogo. As flores alegram a mente e concedem prosperidade. Por esta razão, homens de atos virtuosos deram o nome de Sumanas para elas. Aquele homem que está em um estado de pureza e oferece flores para as divindades descobre que as divindades ficam satisfeitas com ele, e como a consequência de tal satisfação concedem prosperidade para ele. Ó soberano dos Daityas, aquelas divindades para quem os devotos oferecem flores, ó senhor, enquanto proferem seus nomes, ficam satisfeitas com as oferendas por causa de sua devoção. As ervas (decíduas) são de diversas espécies e possuem diversos tipos de energia. Elas devem ser classificadas como selvagens, suaves, e poderosas. Ouça-me enquanto eu te digo quais árvores são úteis para propósitos de sacrifício e quais não são assim. Ouça também quais guirlandas são aceitáveis para Asuras, e quais são benéficas quando oferecidas às divindades. Eu também mostrarei em sua devida ordem quais guirlandas são agradáveis para os Rakshasas, quais são para os Uragas, para os Yakshas, quais são para os seres humanos, e para os Pitris, na ordem apropriada. As flores são de diversas espécies. Algumas são selvagens, algumas são de árvores crescidas no meio de habitações humanas; algumas pertencem a árvores que nunca crescem a menos que plantadas em solo bem cultivado; algumas são de árvores crescidas em montanhas; algumas são de árvores que não são espinhosas; e algumas de árvores que são espinhosas. Fragrância, beleza de forma, e gosto também podem oferecer bases de classificação. O perfume que as flores produzem é de dois tipos, agradável e desagradável. As flores que emitem perfume agradável devem ser oferecidas às divindades. As flores de árvores que são desprovidas de espinhos são geralmente brancas em cor. Tais flores são sempre aceitáveis para as divindades, ó senhor! Uma pessoa possuidora de sabedoria deve oferecer guirlandas de flores aquáticas, tais como o lótus e semelhantes, para os Gandharvas e Nagas e Yakshas. Tais plantas e ervas que produzem flores vermelhas, que possuem perfume forte, e que são espinhosas, são declaradas no Atharvana como adequadas para todas as ações de encantamento para prejudicar inimigos. Tais flores como as que possuem grande energia, que são dolorosas ao toque, que crescem em árvores e plantas que têm espinhos, e que são vermelho vivo ou pretas, devem ser oferecidas para espíritos (maus) e seres sobrenaturais. Tais flores que alegram a mente e o coração, que são muito agradáveis quando pressionadas, e que são de forma bela, são citadas, ó senhor, como sendo dignas de serem oferecidas para seres humanos. Flores tais como as que crescem em cemitérios e crematórios, ou em lugares dedicados às divindades, não devem ser levadas e usadas para casamento e outros ritos que tenham crescimento e prosperidade como seu objetivo, ou para atos de galanteio e prazer em segredo. Tais flores que nascem em montanhas e em vales, e que são agradáveis em perfume e aspecto, devem ser oferecidas para as divindades.

Salpicando-as com pasta de sândalo, tais flores agradáveis devem ser oferecidas devidamente segundo as ordenanças das escrituras. As divindades ficam satisfeitas com o perfume das flores; os Yakshas e Rakshasas com sua visão, os Nagas com seu toque; e os seres humanos com todos os três, isto é, perfume, visão, e toque. Flores, quando oferecidas para as divindades, as agradam imediatamente. Elas são capazes de realizar todos os objetivos simplesmente por desejarem sua realização. Como tais, quando satisfeitas com devotos lhes oferecendo flores, elas fazem todos os objetivos nutridos por seus devotos serem realizados imediatamente. Satisfeitas, elas satisfazem seus devotos. Honradas, elas fazem seus devotos desfrutarem de todas as honras. Desconsideradas e insultadas, elas fazem aqueles mais vis dos homens serem arruinados e consumidos. Eu irei, depois disto, falar para ti dos méritos que se vinculam às ordenanças sobre o presente de incenso. Saiba, ó príncipe dos Asuras, que os incensos são de diversos tipos. Alguns deles são auspiciosos e alguns são inauspiciosos. Alguns incensos consistem de exsudações. Alguns são feitos de madeira fragrante colocada sobre o fogo. E alguns são artificiais, sendo feitos por intermédio de diversos artigos misturados. Seu perfume é de dois tipos, isto é, agradável e desagradável. Ouça-me enquanto eu te falo sobre o assunto em detalhes. (Dhupas são incensos oferecidos para as divindades. Sendo de substâncias inflamáveis, eles são feitos de modo que eles possam queimar lentamente. Eles são acompanhamentos inseparáveis de um culto das divindades.) Todas as exsudações exceto aquela da Boswellia serrata são agradáveis para as divindades. É, no entanto, certo que a melhor de todas as exsudações é a da Balsamodendron Mukul. De todos os Dhupas da classe Sari, o Aquilaria Agallocha é o melhor. Ele é muito agradável para os Yakshas, os Rakshasas, e os Nagas. A exsudação da Boswellia serrata, e outros da mesma classe, são muito desejados pelos Daityas. Dhupas feitos da exsudação do Shorea robusta e do Pinus deodara, misturados com várias tinturas de perfume forte, são, ó rei, ordenados para os seres humanos. É dito que tais Dhupas satisfazem imediatamente as divindades, os Danavas, e espíritos. Além desses, há muitas outras espécies de Dhupas usados por homens para propósitos de prazer ou satisfação. Todos os méritos que foram falados como vinculados à oferta de flores devem ser reconhecidos como se vinculando igualmente ao presente de Dhupas tais como os que são produtivos de satisfação. Eu agora falarei dos méritos ligados ao presente de luzes, e quem pode dá-los em quais momentos e de que maneira, e quais devem ser os tipos de luzes que devem ser oferecidos. A luz é citada como sendo energia e fama e tem um movimento ascendente. Por isso o presente de luz, o qual é energia, aumenta a energia dos homens. Há um inferno de nome Andhatamas. O período também do rumo do sol para o sul é considerado como escuro. Para escapar daquele inferno e da escuridão deste período, uma pessoa deve dar luzes durante o período quando o sol está em seu rumo norte. Tal ato é elogiado pelos bons. (O sentido parece ser que se um homem morre durante aquele período quando o sol está no seu rumo para o sul, ele é arrastado através de uma escuridão densa. Para escapar daquela escuridão uma pessoa deve dar luzes no período mencionado.) Já que, além disso, a luz tem uma direção ascendente e é considerada como um remédio para a escuridão, portanto, uma pessoa deve ser um doador de luz. Exatamente esta é

a conclusão das escrituras. É devido às luzes oferecidas que as divindades se tornaram dotadas de beleza, energia, e resplandecência. Por abstenção de tal ação, os Rakshasas se tornaram dotados dos atributos opostos. Por esta razão se deve sempre dar luzes. Por dar luzes um homem vem a ser dotado de visão aguçada e resplandecência. Alguém que doa luzes não deve ser um objeto de ciúme com outros. Luzes, além disso, não devem ser roubadas, nem extinguidas quando dadas por outros. Alguém que rouba uma luz se torna cego. Tal homem ter que tatear pela escuridão (no mundo seguinte) e se torna desprovido de resplandecência. Alguém que dá luzes brilha em beleza nas regiões celestiais como uma fileira de luzes. Entre as luzes, as melhores são aquelas nas quais ghee é queimado. Em seguida na ordem estão aquelas nas quais o suco (dos frutos produzidos por) ervas decíduas é queimado (isto é, óleo de sementes de mostarda e sementes de mamona, etc.) Alguém desejoso de progresso e crescimento nunca deve queimar (para iluminação) gordura ou medula ou o suco que flui dos ossos das criaturas. O homem que deseja seu próprio progresso e prosperidade deve sempre dar luzes em descidas de montanhas, em estradas através de florestas e regiões inacessíveis, sob árvores sagradas localizadas no meio de habitações humanas, e em cruzamentos de ruas. O homem que dá luzes sempre ilumina sua família, obtém pureza de alma e refulgência de forma. Realmente, tal homem, depois da morte, obtém a companhia dos corpos luminosos no firmamento. Eu irei agora te falar sobre os méritos, com os frutos que eles ocasionam, que se vinculam às oferendas Vali feitas às divindades, aos Yakshas, aos Uragas, seres humanos, espíritos, e Rakshasas. Aqueles homens inescrupulosos e pecaminosos que comem sem primeiro servir Brahmanas e divindades e convidados e filhos devem ser reconhecidos como Rakshasas. Por isso, alguém deve oferecer primeiro o alimento que ele preparou para as divindades depois tê-las adorado devidamente com sentidos reprimidos e atenção concentrada. Deve-se oferecer as Vali para as divindades inclinando a cabeça em reverência. As divindades são sempre sustentadas pela comida que os chefes de família oferecem. Na verdade, elas abençoam as casas nas quais são feitas oferendas para elas. Os Yakshas e Rakshasas e Pannagas, como também convidados e todas as pessoas sem casa, são sustentados pelo alimento que é oferecido por pessoas que levam o modo de vida familiar. De fato, as divindades e os Pitris derivam seu sustento de tais oferendas. Satisfeitos com tais oferendas eles satisfazem o ofertante em retribuição com longevidade e fama e riqueza. Alimento limpo, de cheiro e aparência agradáveis, misturado com leite e coalhos, deve, junto com flores, ser oferecido para as divindades. As Valis que devem ser oferecidas para Yakshas e Rakshasas devem ser abundantes com sangue e carne, com vinhos e bebidas alcoólicas acompanhando, e adornadas com camadas de arroz frito. (Arroz bem frito, reduzido a pó, é às vezes usado para dar um revestimento para pratos de carne.) Valis misturadas com lotos e Utpalas são muito agradáveis para os Nagas. Sementes de gergelim, fervidas em açúcar cru, devem ser oferecidas aos espíritos e outros Seres sobrenaturais. Aquele que nunca come algum alimento sem primeiro servir dele para os Brahmanas e divindades e convidados, vem a ter direito às primeiras porções de alimento. Tal homem se torna dotado de força e energia. Por isso, nunca se deve ingerir algum alimento sem oferecer primeiro uma porção dele para as divindades depois de

cultuá-las com reverência. A casa de uma pessoa sempre brilha com beleza por causa das divindades da família que vivem nela. Por isso, aquele que deseja seu próprio crescimento e prosperidade deve adorar as divindades da família por lhes oferecer a primeira porção de todo alimento.' Dessa maneira o erudito Kavi da linhagem de Bhrigu discursou para Vali, o chefe dos Asuras. Aquele discurso foi em seguida repetido por Manu para o Rishi Suvarna, Suvarna, por sua vez, o repetiu para Narada. O Rishi celeste Narada repetiu para mim os méritos que se vinculam às várias ações mencionadas. Informado daqueles méritos, ó filho, realize as várias ações mencionadas!'"

99

"Yudhishthira disse, 'Eu, ó chefe dos Bharatas, ouvi quais são os méritos que são ganhos por aqueles que oferecem flores e incenso e luzes. Eu te ouvi falar também dos méritos que se vinculam a um cumprimento adequado das ordenanças a respeito do oferecimento da Vali. Cabe a ti, ó avô, me falar uma vez mais sobre este assunto. De fato, fale-me novamente, ó majestade, dos méritos de se oferecer incenso e luzes. Por que Valis são oferecidas no chão por pessoas que levam o modo de vida familiar?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é contada a velha narrativa da conversa entre Nahusha e Agastya e Bhrigu. O sábio nobre Nahusha, ó monarca, possuidor de riqueza de penitências, obteve a soberania do Céu por suas próprias boas ações. Com sentidos contidos, ó rei, ele morou no Céu, empenhado em fazer diversos atos de natureza humana e celeste. Daquele monarca de grande alma fluíram diversos tipos de ações humanas e diversos tipos de ações celestes também, ó chefe de homens. Os diversos ritos com respeito ao fogo sacrifical, a coleta do combustível sagrado e de grama Kusa, como também de flores, e o oferecimento de Vali consistindo em alimento adornado com arroz frito (reduzido a pó), e a oferta de incenso e de luz, todos estes, ó monarca, ocorriam diariamente na residência daquele rei de grande alma enquanto ele morava no céu. De fato, embora morando no céu, ele realizava o sacrifício de Japa (ou recitação silenciosa) e o sacrifício de meditação. E, ó castigador de inimigos, Nahusha, embora ele tivesse se tornado o chefe das divindades, ainda assim adorava todas as divindades, como ele costumava fazer nos tempos passados, com os ritos e cerimônias devidos. Algum tempo depois, Nahusha percebeu sua posição como o chefe de todas as divindades. Isto o encheu de orgulho. Desde aquele momento todas as suas ações (do tipo mencionado) foram suspensas. Cheio de arrogância em consequência do benefício que ele tinha recebido de todas as divindades, Nahusha fez os próprios Rishis o carregarem em seus ombros. Por causa, no entanto, de sua abstenção de todas as ações religiosas, sua energia começou a sofrer uma diminuição. Foi muito longo o tempo pelo qual Nahusha, cheio de orgulho, continuou a empregar os principais dos Rishis, possuidores de riqueza de penitências, como os carregadores de seus veículos. Ele fez os Rishis cumprirem por turnos seu trabalho humilhante. Chegou o dia em que era a vez de Agastya carregar os veículos, ó Bharata. Naquele momento, Bhrigu, aquela principal de

todas as pessoas familiarizadas Brahma, se dirigiu à presença de Agastya enquanto o último estava sentado em seu retiro, e se dirigindo a ele, disse, 'Ó grande asceta, por que nós devemos tolerar pacientemente tal indignidade infligida por este Nahusha de alma perversa que se tornou o chefe das divindades?'"

"Agastya disse, 'Como eu posso conseguir amaldiçoar Nahusha, ó grande Rishi? É sabido por ti como o próprio concessor de bênçãos (Brahman) deu para Nahusha a melhor das bênçãos! Vindo para o céu, a bênção que Nahusha pediu foi que quem quer que viesse dentro do alcance de sua visão, privado de toda energia, ficaria sob seu domínio. O auto-nascido Brahman lhe concedeu até este benefício, e é por essa razão que nem tu mesmo nem eu somos capazes de consumi-lo. Sem dúvida, é por esta razão que ninguém mais entre os principais dos Rishis pode destruí-lo ou tirá-lo de sua posição elevada. Antigamente, ó Senhor, néctar foi dado por Brahman para Nahusha beber. Por esta razão também nós ficamos impotentes contra ele. A divindade suprema, parece, deu aquele benefício para Nahusha para lançar todas as criaturas no infortúnio. Aquele canalha entre homens se comporta da maneira mais injusta em direção aos Brahmanas. Ó principal de todos os oradores, nos diga o que deve ser feito em vista da situação. Sem dúvida, eu farei o que tu aconselhares.'"

"Bhrigu disse, 'É por ordem do Avô que eu vim a ti com o propósito de neutralizar a força de Nahusha que é possuidor de grande energia, mas que foi entorpecido pelo destino. Aquele indivíduo de alma extremamente má que se tornou o chefe das divindades hoje te unirá ao seu carro. Com a ajuda da minha energia eu irei hoje tirá-lo de sua posição como Indra por ele ter ultrapassado todas as restrições! Eu irei hoje, na tua própria vista, restabelecer o verdadeiro Indra em sua posição, isto é, aquele que realizou cem Sacrifícios de Cavalo, tendo derrubado o pecaminoso Nahusha de alma má daquele assento! Aquele chefe injusto das divindades hoje te insultará por um pontapé, por sua compreensão ser afligida pelo destino e para ocasionar sua própria queda. Enfurecido por semelhante insulto eu hoje amaldiçoarei aquele canalha pecaminoso, aquele inimigo dos Brahmanas, que ultrapassou todas as restrições, dizendo, 'Seja tu transformado em uma cobra!' Na tua própria visão, ó grande asceta, eu irei hoje arremessar na terra Nahusha de alma perversa que será privado de toda energia pelos gritos de 'Vergonha!' que serão proferidos de todos os lados. (O único castigo que estava em voga na era Krita era o grito de 'Vergonha' para o ofensor.) Na verdade, eu lançarei Nahusha para baixo hoje, aquele indivíduo de atos injustos, que, além disso, ficou entorpecido pelo domínio e poder. Eu farei isto, se isto for aceitável para ti, ó asceta!' Assim endereçado por Bhrigu, o filho de Mitravaruna, Agastya de pujança e glória imperecíveis, ficou muito satisfeito e livre de toda ansiedade.'"

100

"Yudhishthira disse, 'Como Nahusha foi lançado em infortúnio? Como ele foi arremessado na terra? Como, de fato, ele foi privado da soberania dos deuses? Cabe a ti contar tudo isto para mim.'"

"Bhishma disse, 'Assim mesmo aqueles dois Rishis, isto é, Bhrigu e Agastya, conversaram entre si. Eu já te disse como Nahusha, quando ele se tornou o chefe dos deuses, inicialmente agiu de uma maneira adequada. Na verdade, todas as ações de natureza humana e celeste fluíram daquele sábio real de grande alma! A oferenda de luz, e todos os outros ritos de um tipo semelhante, o oferecimento apropriado de Valis, e todos os ritos que são realizados especialmente em dias sagrados, todos estes foram praticados devidamente por Nahusha de grande alma que tinha se tornado o soberano das divindades. Ações pias são sempre praticadas por aqueles que possuem sabedoria, no mundo dos homens e naquele das divindades. Na verdade, ó principal dos reis, se tais ações são praticadas, os chefes de família sempre conseguem obter prosperidade e progresso. Este mesmo é o efeito da doação de lâmpadas e de incenso, como também de reverências e prostrações, para as divindades. Quando alimento é cozido, a primeira porção dele deve ser oferecida para um Brahmana. As oferendas específicas chamadas de Vali devem também ser oferecidas para as divindades da família. As divindades ficam satisfeitas com tais presentes. É também bem conhecido que a medida de satisfação que as divindades derivam de tais oferendas é cem vezes tão grande quanto aquela que o próprio chefe de família deriva de fazê-las. Pessoas dotadas de piedade e sabedoria fazem oferendas de incenso e luzes, acompanhando-as com reverências e prostrações. Tais ações são sempre repletas de progresso e prosperidade para aquele que as faz. Aqueles ritos pelos quais os eruditos passam no decorrer de suas abluções, e com a ajuda de águas, acompanhados com reverências para os deuses, sempre contribuem para a satisfação dos deuses. Quando adorados com ritos apropriados, os Pitris altamente abençoados, os Rishis possuidores de riqueza de ascetismo, e as divindades da família, todos ficam satisfeitos. Cheio de semelhantes idéias, Nahusha, aquele grande rei, quando ele obteve a soberania das divindades, cumpriu todos aqueles ritos e deveres repletos de grande glória. Algum tempo depois a boa sorte de Nahusha diminuiu, e como a consequência disto ele desconsiderou todas estas observâncias e começou a agir sem respeito por todas as restrições da maneira à qual eu já me referi. O chefe das divindades, por sua abstenção de cumprir as ordenanças acerca das oferendas de incenso e luz, começou a declinar em energia. Seus ritos e doações sacrificais foram obstruídos por Rakshasas. Foi neste momento que Nahusha uniu aquele principal dos Rishis, isto é, Agastya, ao seu carro. Dotado de grande força, Nahusha, sorrindo, colocou aquele grande Rishi rapidamente para a tarefa, mandando-o carregar o veículo das margens do Saraswati (para o lugar que ele iria indicar). Nesta hora, Bhrigu, dotado de grande energia, dirigiu-se ao filho de Mitravaruna, dizendo, 'Feche teus olhos até que eu entre nas madeixas emaranhadas em tua cabeça.' Tendo dito isso, Bhrigu de glória imperecível e energia poderosa entrou nos cabelos emaranhados de Agastya que permaneceu imóvel como um poste de madeira

para derrubar o rei Nahusha do trono do Céu. Logo depois Nahusha viu Agastya se aproximar dele para carregar seu veículo. Vendo o senhor das divindades Agastya se dirigiu a ele, dizendo, 'Una-me ao teu veículo sem demora. Para qual região eu te levarei? Ó senhor das divindades, eu te carregarei para o local que tu possas querer ordenar.' Assim endereçado por ele, Nahusha fez o asceta ser unido ao seu veículo. Bhrigu, que estava dentro dos cabelos emaranhados de Agastya, ficou muito satisfeito por este ato de Nahusha. Ele tomou cuidado para não olhar para Nahusha. Totalmente familiarizado com a energia que o ilustre Nahusha tinha adquirido por causa do benefício que Brahman lhe tinha concedido, Bhrigu se comportou desse modo. Agastya também, embora tratado por Nahusha dessa maneira, não cedeu à ira. Então, ó Bharata, o rei Nahusha incitou Agastya para frente com sua aguilhada. O Rishi de alma justa ainda assim não deu vazão à raiva. O senhor das divindades, ele mesmo cedendo à raiva, então golpeou Agastya na cabeça com seu pé esquerdo. Quando o Rishi foi assim golpeado na cabeça, Bhrigu, que estava permanecendo dentro dos cabelos emaranhados de Agastya, ficou enfurecido e amaldiçoou Nahusha de alma pecaminosa, dizendo, 'Já que tu bateste com teu pé na cabeça deste grande Rishi, portanto, caia na terra, transformado em uma cobra, ó canalha de mente perversa!' Assim amaldiçoado por Bhrigu que não tinha sido visto, Nahusha foi imediatamente transformado em uma cobra e caiu na terra, ó chefe da linhagem de Bharata! Se, ó monarca, Nahusha tivesse visto Bhrigu, o último então não teria conseguido, por sua energia, lançar o último sobre a terra. Por causa das várias doações que Nahusha tinha feito, como também suas penitências e observâncias religiosas, embora arremessado na terra, ó rei, ele conseguiu reter sua memória. Ele então começou a conciliar Bhrigu com a intenção de resolver a maldição. Agastya também, cheio de compaixão, se juntou a Nahusha em acalmar Bhrigu para ocasionar um fim da maldição. Finalmente Bhrigu sentiu compaixão por Nahusha e tomou providências para o fim da maldição.'"

'Bhrigu disse, 'Aparecerá (sobre a terra) um rei de nome Yudhishthira, o principal de sua linhagem. Ele te resgatará dessa maldição.' Tendo dito isso, o Rishi desapareceu na própria vista de Nahusha. Agastya também, de energia poderosa, tendo assim realizado o negócio do verdadeiro Indra, aquele realizador de cem sacrifícios, voltou para o seu próprio retiro, adorado por todos os membros da classe regenerada. Tu, ó rei, resgataste Nahusha da maldição de Bhrigu. Na verdade, salvo por ti, ele ascendeu para a região de Brahman na tua visão. Com relação a Bhrigu, tendo arremessado Nahusha na terra, ele foi para a região de Brahman e informou o Avô disto. O Avô, tendo chamado Indra de volta, se dirigiu às divindades, dizendo, 'Ó divindades, através da bênção que eu tinha concedido a ele, Nahusha obteve a soberania do céu. Privado, no entanto, daquela soberania pelo enfurecido Agastya, ele foi arremessado na terra. Ó divindades, vocês não conseguirão viver sem um chefe. Portanto, instalem Indra novamente na soberania do Céu.' Para o Avô, ó filho de Pritha, que tinha falado dessa maneira para elas, as divindades cheias de alegria responderam dizendo, 'Assim seja.' O divino Brahman então, ó melhor dos monarcas, instalou Indra na soberania do céu. Feito mais uma vez o chefe das divindades, Vasava começou a brilhar em beleza e resplandecência. Isto mesmo foi o que ocorreu nos tempos passados por

causa da transgressão de Nahusha. Por consequência, no entanto, dos méritos que ele tinha adquirido por ações do tipo que eu mencionei, Nahusha conseguiu recuperar novamente sua posição perdida. Por isso, quando chega a noite, as pessoas que levam o modo de vida familiar devem doar luzes. O doador de luzes sem dúvida obtém visão divina depois da morte. Realmente, doadores de luz se tornam tão resplandecentes quanto a lua cheia. O doador de luzes vem a ser dotado de beleza de forma e força por tantos anos quanto os que correspondem ao número de cintilações pelos quais as luzes doadas por ele queimam ou brilham.'" (Uma cintilação ocupa um instante de tempo, portanto, o doador de luzes se torna dotado de beleza e força por tantos anos quanto o número de instantes pelos quais as luzes doadas por ele são vistas queimarem.)

101

"Yudhishthira disse, 'Para onde vão aqueles homens tolos, desprezíveis, e pecaminosos, ó chefe de homens, que roubam ou desviam artigos que pertencem a Brahmanas?'"

"Bhishma disse, 'Eu irei, em relação a isto, ó Bharata, te contar a antiga narrativa de uma conversa entre um Chandala e um Kshatriya inferior.'"

"A pessoa da classe real disse, 'Tu pareces, ó Chandala, ser velho em idade, mas teu comportamento parece ser como aquele de um menino! Teu corpo está coberto com o pó erguido por cachorros e jumentos, mas sem prestar atenção àquela poeira tu estás ansioso sobre as pequenas gotas de leite que caíram sobre teu corpo! É evidente que atos como os que são criticados pelos pios são ordenados para o Chandala. Por que, de fato, tu procuras lavar as manchas de leite do teu corpo?'" (Literalmente, 'Por que tu mergulhas tais partes do teu corpo em um tanque de água?').

"O Chandala disse, 'Antigamente, ó rei, certas vacas pertencentes a Brahmana foram roubadas. Enquanto elas estavam sendo levadas embora, algum leite de seus úberes caiu sobre várias plantas Soma que cresciam à beira da estrada. Aqueles Brahmanas que beberam o suco das plantas assim molhadas com leite, como também o rei que realizou o sacrifício no qual aquele Soma foi bebido, tiveram que ir para o inferno. De fato, por ter se apropriado dessa maneira de uma coisa que pertencia a um Brahmana, o rei com todos os Brahmanas que o tinham ajudado teve que ir para inferno. Todo aqueles homens também, Brahmanas e Kshatriyas, que beberam leite ou ghee ou coalho, no palácio do rei que tinha roubado as vacas do Brahmana, tiveram que cair no inferno. As vacas roubadas também, sacudindo seus corpos, mataram com seu leite os filhos e netos daqueles que as tinham roubado, como também o rei e a rainha embora os últimos tratassem os animais com grande cuidado e atenção. Com relação a mim mesmo, ó rei, eu costumava viver no cumprimento do voto de Brahmacharya naquele local onde estas vacas foram colocadas depois que elas tinham sido roubadas. O alimento que eu obtive por mendicância foi salpicado com o leite daquelas vacas. Tendo ingerido aquele alimento, ó tu da classe real, eu, nesta

vida, me tornei Chandala. O rei que tinha roubado as vacas pertencentes a um Brahmana obteve um fim infame. Por isso, nunca se deve roubar ou se apropriar indevidamente de qualquer coisa que pertença a um Brahmana. Veja a qual estado eu fui reduzido por ter comido alimento que tinha sido salpicado com leite pertencente a um Brahmana! É por esta razão que as plantas Soma vieram a ser invendáveis por uma pessoa possuidora de sabedoria. Aqueles que vendem a planta Soma são criticados pelos sábios. De fato, ó filho, aqueles que compram Soma e aqueles que o vendem, ambos vão para o inferno chamado Raurava quando, partindo deste mundo, eles se dirigem à região de Yama. Aquele homem que, possuindo um conhecimento dos Vedas, vende Soma regularmente, se torna em sua próxima vida um usurário e rapidamente encontra com a destruição. Por trezentas vezes ele tem que ir para o inferno e ser transformado em um animal que subsiste de excremento humano. Servir uma pessoa que é vil e baixa, orgulho, e rapto da esposa de um amigo, se pesados uns contra os outros em uma balança, mostrariam que o orgulho, o qual transcende todas as restrições, é o mais pesado. Veja este cachorro, tão pecaminoso e desagradavelmente pálido e magro! (Ele era um ser humano em sua vida anterior.) É através do orgulho que as criaturas vivas obtêm tal fim miserável. Com relação a mim mesmo, eu nasci em uma família grande em um nascimento anterior meu. Ó senhor, e eu era um mestre perfeito de todos os ramos de conhecimento e todas as ciências. Eu conhecia a gravidade de todas estas falhas, mas influenciado pelo orgulho, eu fiquei cego e comi a carne ligada às colunas vertebrais de animais. Por causa de tal conduta e tal alimentação, eu cheguei a este estado. Veja os reveses ocasionados pelo Tempo! Como uma pessoa cuja roupa pegou fogo em sua extremidade, ou que é perseguida por abelhas, veja, eu estou correndo, tomado pelo medo, e coberto com poeira! Aqueles que levam o modo de vida familiar são salvos de todos os pecados por um estudo dos Vedas, como também por doações de outros tipos, como declarado pelos sábios. (O estudo dos Vedas é considerado como equivalente em mérito às doações. Por essa razão as doações reais de artigos são citadas como 'doações de outros tipos.') Ó tu da classe real, um Brahmana que é pecaminoso em conduta vem a ser resgatado de todos os seus pecados pelo estudo dos Vedas se ele se dirige ao modo de vida da floresta e se abstém de apego de todo tipo. Ó chefe de Kshatriyas, eu nasci, nesta vida, em uma classe pecaminosa! Eu fracasso em ver claramente como eu posso conseguir me purificar de todos os pecados. Por causa de alguns atos meritórios de uma vida anterior, eu não perdi a memória das minhas vidas prévias. Ó rei, eu me jogo na tua piedade! Eu te peço! Esclareça minha dúvida. Por qual rumo de conduta auspicioso eu devo desejar realizar minha emancipação? Ó principal dos homens, por quais meios eu conseguirei me livrar da minha condição como um Chandala?'"

"A pessoa da classe real disse, 'Saiba, ó Chandala, os meios pelos quais tu podes ser capaz de alcançar a emancipação. Por rejeitar teus ares vitais por causa de um Brahmana tu podes obter um fim desejável! Por jogar teu corpo no fogo da batalha como uma libação para os animais e aves predadores por causa de um Brahmana, de fato, por rejeitar teus ares vitais dessa maneira, tu podes obter emancipação! Por nenhum outro meio tu conseguirás alcançá-la!'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado, aquele Chandala, ó opressor de inimigos, despejou seus ares vitais como uma libação no fogo da batalha para proteger a riqueza de um Brahmana e, como a consequência daquele ato obteve um fim muito desejável. Por isso, ó filho, tu deves sempre proteger a propriedade dos Brahmanas, se, ó chefe da linhagem de Bharata, tu desejas, ó tu de braços poderosos, um fim que é felicidade eterna!'"

102

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, é dito que todos os homens pios alcançam a mesma região depois da morte. É verdade, ó Bharata, que há diferença de posição ou condição entre eles?'"

"Bhishma disse, 'Por diferentes atos, ó filho de Pritha, homens alcançam diferentes regiões. Aqueles que são justos em conduta alcançam regiões de felicidade, enquanto aqueles que são pecaminosos alcançam regiões que são repletas de miséria. Em relação a isto é citada a velha narrativa da conversa, ó filho, entre o asceta Gautama e Vasava. Certo Brahmana de nome Gautama, gentil e autodominado e com todos os seus sentidos sob completo controle, viu um elefante filhote que tinha perdido sua mãe e que estava extremamente triste por causa disso. Cheio de compaixão e firme no cumprimento de seus votos, o asceta cuidou daquele animal filhote. Depois de um longo tempo o pequeno animal cresceu para um elefante grande e poderoso. Um dia, Indra, assumindo a forma do rei Dhritarashtra, capturou aquele elefante poderoso que era tão enorme quanto uma colina e de cujas têmporas fendidas o suco estava escorrendo. Vendo o elefante sendo levado embora, o grande asceta Gautama de votos rígidos se dirigiu ao rei Dhritarashtra e disse, 'Ó ingrato Dhritarashtra, não roube este elefante de mim. Ele é considerado por mim como um filho e eu o tenho criado com muita dor. É dito que entre os justos a amizade surge se eles trocam somente sete palavras. (Literalmente 'amizade é de sete palavras.' Às vezes a mesma expressão é compreendida como significando 'de sete passos,' o sentido, naturalmente, é que se os justos se encontram e trocam sete palavras, ou caminham um com o outro por somente sete passos, eles se tornam amigos.) Tu deves cuidar, ó rei, para que o pecado de prejudicar um amigo não te toque! Não cabe a ti, ó rei, tirar à força este elefante que me traz meu combustível e água, que protege meu retiro quando eu estou fora, que é extremamente dócil e obediente ao seu instrutor, que é atento em fazer todos os trabalhos que seu preceptor manda, que é gentil e bem domado, e que é grato e muito querido para mim! De fato, tu não deves levá-lo embora, desconsiderando meus protestos e gritos!'"

"Dhritarashtra disse, 'Eu te darei mil vacas, cem criadas, e quinhentos pedaços de ouro. Eu te darei também, ó grande Rishi, diversos outros tipos de riqueza. Que utilidade os Brahmanas podem ter para elefantes?'"

“Gautama disse, ‘Guarde, ó rei, tuas vacas e empregadas e moedas de ouro e várias pedras preciosas e diversos outros tipos de riqueza! O que, ó monarca, os Brahmanas têm a fazer com riqueza?’”

"Dhritarashtra disse, 'Brahmanas não têm uso para elefantes. Na verdade, ó Brahmana erudito, elefantes estão destinados às pessoas da classe real. Ao levar embora um animal, isto é, este principal dos elefantes, para meu uso como veículo, eu não posso ser considerado como cometendo algum pecado. Pare de me obstruir dessa maneira, ó Gautama!'”

“Gautama disse, ‘Ó rei ilustre, me dirigindo até para aquela região de Yama onde os justos vivem em alegria e os pecaminosos em aflição, eu pegarei de ti este meu elefante!’”

"Dhritarashtra disse, 'Aqueles que são desprovidos de ações (religiosas), aqueles que não têm fé e são ateus, aqueles que são de almas pecaminosas e estão sempre empenhados em satisfazer seus sentidos, somente eles têm que ir para a região de Yama e aguentar a miséria que ele inflige. Dhritarashtra irá para uma região superior, e não para lá!'”

“Gautama disse, ‘A região de Yama é de tal maneira que os homens lá são controlados. Nenhuma mentira pode ser dita lá. Somente a verdade prevalece naquele lugar. Lá o fraco persegue o forte. Dirigindo-me para lá eu te forçarei a entregar este elefante para mim!’”

“Dhritarashtra disse, ‘Somente aquelas pessoas que, embriagadas pelo orgulho, se comportam em direção à sua irmã mais velha e pai e mãe como em direção aos inimigos têm que se dirigir, ó grande asceta, para tal região. Eu irei para uma região superior. De fato, Dhritarashtra não terá que ir para lá!’”

"Gautama disse, 'A região, chamada Mandakini, do rei Vaisravana é alcançada por aquelas pessoas altamente abençoadas para quem são todas as alegrias e confortos. Lá Gandharvas e Yakshas e Apsaras vivem (alegrando todos os habitantes com danças e música encantadoras). Dirigindo-me até para lá, ó rei, eu te forçarei a entregar este elefante para mim!'”

"Dhritarashtra disse, 'Aquelas pessoas que consideram a hospitalidade para convidados como um voto, que são cumpridoras de bons votos (tendo outros objetivos), que dão abrigo para Brahmanas, e que comem o que resta depois de distribuição entre todos aqueles que são dependentes delas, adornam a região chamada Mandakini de Kuvera. (Eu não irei para lá, pois uma região superior está reservada para mim)!'”

"Gautama disse, 'Se tu te dirigires para aqueles bosques encantadores decorados com flores, que permanecem no topo de Meru, que ecoam com as vozes melodiosas de Kinnaris, e que são agraciados com belos Jamvus de ramos bem espalhados, eu procederei até para lá e te forçarei a entregar este elefante para mim!'”

'Dhritarashtra disse, 'Aqueles Brahmanas que são dotados de disposições brandas, que são devotados à verdade, que possuem grande erudição nas escrituras, que são compassivos para todas as criaturas, que estudam os Puranas com todas as histórias, que despejam libações no fogo sagrado e fazem doações de mel para os Brahmanas, se dirigem para tais regiões, ó grande Rishi! Eu me dirigirei para uma região que é superior. De fato Dhritarashtra não irá para lá. Se tu estás familiarizado com alguma outra região conhecida de bem-aventurança, fale para mim, pois eu me dirigirei para lá mesmo!'"

"Gautama disse, 'Se tu procederes para os bosques possuídos por Narada e muito estimados por ele, que são adornados com flores e que ecoam com as canções melodiosas do príncipe dos Kinnaras, e que são a residência eterna de Gandharvas e Apsaras, eu irei te seguir para lá e te forçarei a entregar este elefante para mim!'"

"Dhritarashtra disse, 'Aqueles que nunca pedem esmolas, aqueles que desenvolvem música e dança, e sempre vagueiam em alegria, procedem para tais regiões. Ó grande Rishi, eu irei para uma região que é superior. De fato, Dhritarashtra não terá que ir para lá!'"

"Gautama disse, 'Se tu fores para aquela região onde os Uttara-Kurus resplandecem em beleza e passam seus dias em alegria, ó rei, na companhia das próprias divindades, onde aqueles seres que têm sua origem no fogo, aqueles que têm sua origem na água, e aqueles que têm sua origem nas montanhas, residem em felicidade, e onde Sakra derrama a realização de todos os desejos, e onde as mulheres vivem em perfeita liberdade, não reprimidas por regras de qualquer tipo regulando sua conduta de movimentos, e onde não há sentimentos de ciúme entre os sexos, se tu te dirigires para lá, até para lá eu procederei e te forçarei a me entregar este elefante!'"

"Dhritarashtra disse, 'Aqueles homens que estão livres de desejo com relação a todos os artigos de prazer, que se abstêm de carne, que nunca erguem a vara de castigo, e que nunca infligem o menor mal em criaturas móveis e imóveis, que se constituíram a alma de todas as criaturas, que estão totalmente livres da idéia de 'meu', que rejeitaram atrações de todos os tipos, que consideram ganho e perda como também elogio e crítica como iguais, somente aqueles homens, ó grande Rishi, se dirigem para tais regiões. Eu irei para uma região superior. Na verdade, Dhritarashtra não irá para lá!'"

"Gautama disse, 'Próximo a estas brilham em beleza aquelas regiões eternas, fragrantes com perfumes excelentes, que estão livres de emoções de todos os tipos e que são desprovidas de tristeza. Estas constituem a residência do rei Soma de grande alma. Se tu fores para lá, até para lá eu procederei e te forçarei a entregar este elefante para mim!'"

"Dhritarashtra disse, 'Aqueles homens que sempre fazem doações sem receberem nenhuma doação, que nunca aceitam algum serviço de outros, que não possuem nada que não possam dar para uma pessoa merecedora, que são hospitaleiros para todas as criaturas, que estão inclinados a mostrar benevolência

para todos, que são dotados de disposições clementes, que nunca falam mal de outros, que protegem todas as criaturas por lançarem sobre elas o manto da compaixão, e que são sempre justos em seu comportamento, somente aqueles homens, ó grande Rishi, procedem para tais regiões. Eu procederei para uma região superior. Na verdade, Dhritarashtra não irá lá!'"

"Gautama disse, 'Próximo a estas resplandecem em beleza outras regiões que são eternas, livres de paixão e escuridão e tristeza, e que se encontram na base da divindade de grande alma do Sol. Se tu te dirigires para lá, para lá mesmo eu irei e te forçarei a entregar este elefante para mim!'"

"Dhritarashtra disse, 'Aqueles homens que estão atentos ao estudo dos Vedas, que são dedicados ao serviço de seus preceptores, que são praticantes de penitências e votos excelentes, que são firmes na verdade, que nunca proferem alguma coisa que tenha laivos de desobediência ou inimizade para seus preceptores, que estão sempre alertas, e sempre dispostos no serviço de mais velhos e preceptores, eles se dirigem, ó grande Rishi, para tais regiões, aqueles que são puros (de mente e corpo), que são dotados de almas purificadas, que são de palavras contidas, que são firmes na verdade, e que são bem versados nos Vedas. Eu procederei para uma região superior! Na verdade, Dhritarashtra não irá para lá!'"

"Gautama disse, 'Próximo a estas estão as regiões eternas que brilham em beleza, que são fragrantes com perfumes excelentes, que estão livres de paixão, e que estão livres de toda tristeza. Elas constituem a residência do rei Varuna de grande alma. Se tu procederes para lá, até para lá eu irei e te forçarei a entregar este elefante para mim!'"

"Dhritarashtra disse, 'Aqueles homens que cultuam as divindades por cumprirem o voto chamado Chaturmasya, que realizam cento e dez sacrifícios, que derramam libações todos os dias em seu fogo sagrado com devoção e fé por três anos de acordo com as ordenanças declaradas nos Vedas, que carregam sem vacilar a carga de todos os deveres, que andam firmemente pelo caminho trilhado pelos justos, que mantêm firmemente o rumo de conduta seguido pelos de alma justa, somente eles se dirigem para tais regiões. Eu me dirigirei para uma região superior. Na verdade, Dhritarashtra não irá para lá!'"

"Gautama disse, 'Acima delas estão as regiões de Indra, livres de paixão e tristeza, que são de difícil acesso e cobiçadas por todos os homens. Procedendo até a residência do próprio Indra de energia poderosa, eu irei, ó rei, te forçar a entregar este elefante para mim!'"

"Dhritarashtra disse, 'Aquele que vive por cem anos, que é dotado de heroísmo, que estuda os Vedas, e que realiza sacrifícios com devoção, na verdade, tais homens procedem para a região de Sakra. Eu me dirigirei para uma região superior. Na verdade, Dhritarashtra não irá lá!'"

"Gautama disse, 'Acima dos Céus estão as regiões dos Prajapatis de bem-aventurança superior cheias de todas as alegrias, e desprovidas de tristeza.

Pertencentes àqueles pujantes de quem a criação tem surgido, elas são cobiçadas por todas as pessoas. Se tu fores para lá, para lá mesmo eu irei e te forçarei a entregar este elefante para mim!'"

"Dhritarashtra disse, 'Aqueles reis que se banharam após o término do sacrifício Rajasuya, que são dotados de almas justas, que protegem seus súditos devidamente, e que têm lavado seus membros com água santificada após a conclusão do Sacrifício de Cavalo, se dirigem para tais regiões. Na verdade, Dhritarashtra não irá lá!'"

"Gautama disse, 'Próximo àquelas resplandecem em beleza aquelas regiões eternas, fragrantes com perfumes deliciosos, livres de paixão, e transcendendo toda tristeza. Aquelas são as regiões das vacas, difíceis de serem alcançadas e onde opressão nunca pode existir. Se tu te dirigires para lá, eu irei até lá e te forçarei a entregar este elefante para mim!'"

"Dhritarashtra disse, 'Aquele que, possuindo mil vacas, doa cem vacas todo ano, ou possuindo cem vacas doa dez todo ano da melhor maneira que pode, ou possuindo somente dez ou cinco vacas doa uma delas, e aqueles que chegam à uma velhice madura praticando os votos de Brahmacharya todos os seus dias, que obedecem as declarações dos Vedas, e que, dotadas de energia mental, se dirigem a peregrinações para águas e santuários sagrados, moram em bem-aventurança na região das vacas. Aqueles que se dirigem para Prabhasa e Manasa, aos lagos de Pushkara, ao grande lago chamado Mahatsara, às florestas sagradas de Naimisha, Vahuda, Karatoya, Ganga, Gayasiras, Vipasa, Sthulavaluka, Krishna, os cinco rios (do Punjab), o lago extenso chamado Mahahrada, Gomati, Kausiki, Champa, Saraswati, Drisadwati, e Yamuna, de fato, aqueles Brahmanas ilustres, firmes no cumprimento de votos, que vão para estas águas sagradas, se dirigem para as regiões das quais tu falaste. Dotados de corpos celestes e adornados com guirlandas celestes aqueles indivíduos abençoados, sempre emitindo os perfumes mais encantadores, se dirigem para aquelas regiões de alegria e contentamento. Realmente, Dhritarashtra não irá lá!'"

"Gautama disse, 'Próximo a estas estão regiões onde não há medo do menor frio ou calor, nenhuma fome, nenhuma sede, nenhuma dor, nenhuma tristeza, nenhuma alegria, nem alguém que é agradável ou desagradável, nem amigo, e nem inimigo, onde decrepitude e morte não existem, e onde não há nem virtude nem pecado. Procedendo até para aquela região que é livre de paixão, a qual abunda com felicidade equânime, e onde há sabedoria e o atributo de Sattwa, na verdade, procedendo até para aquela residência sagrada do Brahman auto-nascido, eu te forçarei a entregar este elefante para mim!'"

"Dhritarashtra disse, 'Aqueles que estão livres de todos os apegos, que são possuidores de almas purificadas, que são firmes no cumprimento dos votos principais, que são dedicados ao Yoga que depende da tranquilidade da mente, e que (nesta vida) obtiveram a felicidade do céu, aquelas pessoas unidas ao atributo de Sattwa, alcançam a região sagrada de Brahman. Ó grande asceta, tu não serás capaz de descobrir Dhritarashtra lá!'"

"Gautama disse, 'Lá onde o principal dos Rathantaras é cantado, onde altares são cobertos com as folhas Kusa sagradas para a realização de sacrifícios Pundarika, lá onde Brahmanas bebedores de Soma andam em veículos puxados por corcéis excelentes, procedendo até lá eu te forçarei a entregar este elefante. Eu acho que tu és o matador de Vritra, isto é, a divindade que realizou cem sacrifícios, empenhada em vagar por todas as regiões do universo! Eu espero que eu não tenha, por fraqueza mental, (não te reconhecendo antes) cometido algum erro pelas palavras que eu te dirigi!'"

"A divindade de cem sacrifícios disse, 'Sim, eu sou Maghavat. Eu vim ao mundo dos seres humanos para capturar este elefante. Eu me curvo a ti. Comande-me! Eu realizarei prontamente tudo o que tu possas ficar satisfeito em dizer!'"

"Gautama disse, 'Dê-me, ó chefe das divindades, este elefante que é de cor branca e que é tão jovem, pois ele tem somente dez anos de idade. Eu o criei como um filho meu. Residindo nestas florestas, ele tem crescido sob meu olhar vigilante e tem sido para mim um companheiro querido. Liberte este meu filho que tu capturaste e que desejas levar embora à força!'"

"A divindade de cem sacrifícios disse, 'Este elefante que tem sido um filho para ti, ó principal dos Brahmanas, se aproxima de ti te olhando ansiosamente! Veja, ele cheira teus pés com suas narinas! Minhas saudações para ti! Reze pelo meu bem-estar!'"

"Gautama disse, 'Ó chefe das divindades, eu sempre penso no teu bem! Eu sempre te ofereço culto! Tu também, ó Sakra, conceda-me tuas bênçãos! Dado por ti, eu aceito este elefante!'"

"A divindade de cem sacrifícios disse, 'Entre todos aqueles Rishis principais e de grande alma que aderem firmemente à verdade e que têm os Vedas plantados em seu coração só tu foste capaz de me reconhecer. Por esta razão eu estou muito satisfeito contigo! Portanto, ó Brahmana, venha comigo rapidamente, acompanhado por este teu filho! Tu mereces alcançar as diversas regiões de felicidade sublime sem a demora de nem um único dia!'"

"Bhishma continuou, 'Tendo dito estas palavras, o manejador do raio, levando Gautama consigo e colocando-o na frente, junto com seu filho, isto é, aquele elefante, procedeu para o céu, que é difícil de ser alcançado até pelos justos. Aquele que escutar esta história todos os dias ou narrá-la, enquanto controla seus sentidos, procede (depois da morte) para a região de Brahman assim como o próprio Gautama.'"

103

"Yudhishthira disse, 'Tu discursaste para nós sobre diversos tipos de doações, sobre tranquilidade de alma, sobre Verdade, sobre compaixão, sobre contentamento com a própria esposa, e os méritos da caridade. É sabido por ti, ó

avô, que não há nada cuja força seja superior àquela das penitências. Cabe a ti explicar para nós qual constitui a maior das penitências.'"

"Bhishma disse, 'Eu te digo, ó Yudhishthira, que uma pessoa alcança uma região de felicidade que corresponde ao tipo de penitências que ela pratica. Isto é o que eu afirmo, ó filho de Kunti, que não há penitência que seja superior à abstenção de alimento! Em relação a isto é contada a narrativa antiga da conversa entre Bhagiratha e o ilustre Brahman (o Avô da criação). É sabido por nós, ó Bharata, que Bhagiratha chegou àquela região que transcende aquela das divindades, das vacas, e dos Rishis. Vendo isto, ó monarca, o Avô Brahman, dirigindo-se a Bhagiratha, disse, 'Como, ó Bhagiratha, tu chegaste a esta região que é tão difícil de ser alcançada? Nem as divindades, nem Gandharvas, nem seres humanos, ó Bhagiratha conseguem vir aqui sem terem praticado as austeridades mais severas. Como, de fato, tu alcançaste esta região?'"

"Bhagiratha disse, 'Eu costumava fazer doações de centenas de milhares de moedas de ouro para os Brahmanas, cumprindo o voto Brahmacharya todo o tempo; não foi através do mérito daquelas doações, ó erudito, que eu alcancei esta região. Eu realizei o sacrifício Ekaratra por dez vezes, e o sacrifício Pancharatra pelo mesmo número de vezes. O sacrifício Ekadasaratra foi realizado por mim onze vezes. (Estes sacrifícios consistem em jejuns e doações pelos períodos indicados pelos nomes, isto é, uma noite, cinco noites, e onze noites.) O grande sacrifício de Jyotishtoma foi realizado por mim cem vezes. Não foi, no entanto, pelos méritos daqueles sacrifícios que eu cheguei a esta região de bem-aventurança. Por cem anos eu vivi continuamente ao lado do santo Jahnavi, o tempo todo praticando as austeridades mais rigorosas. Lá eu fiz doações para os Brahmanas de milhares de escravos homens e mulheres. Ao lado dos lagos Pushkara eu fiz presentes para os Brahmanas, por cem mil vezes, de cem mil corcéis, e duzentas mil vacas. Eu também doei mil donzelas de grande beleza, cada uma enfeitada com luas douradas, e mais sessenta mil enfeitadas com ornamentos de ouro puro. Não foi, no entanto, pelos méritos daquelas ações que eu consegui chegar a estas regiões. ('Luas douradas' significa aqueles discos de ouro bem esculpidos e belamente franjados que são usados pelas damas hindus sobre a testa e que pendem por finas correntes de ouro presas ao cabelo. Em Bengala, damas de casas respeitáveis usam um tipo de ornamento chamado de 'Chandrahara' ou a guirlanda de lua. Este ornamento é usado ao redor da cintura, sobre o quadril. Várias correntes de ouro, de meia dúzia a uma dúzia, tendo um grande disco de ouro bem esculpido ao qual elas são ligadas, constituem este ornamento realmente muito belo. O disco é dividido em duas metades, ligadas uma à outra por dobradiças, de modo que ao sentar o ornamento não produz inconveniência.) Ó senhor do universo, realizando aqueles sacrifícios conhecidos pelo nome de Gosava, eu doei dez Arvudas de vacas, presenteando cada Brahmana com dez vacas, cada uma das quais estava acompanhada por seu bezerro, cada uma das quais produzia leite naquele momento, e com cada uma das quais foi dado um recipiente de ouro e um de metal branco para ordenhá-la. Realizando muitos sacrifícios Soma, eu dei para cada Brahmana dez vacas, cada uma das quais produzia leite, e cada uma das quais tinha dado à luz somente seu

primeiro bezerro, além de fazer presentes para eles de centenas de vacas pertencentes àquela espécie que é conhecida pelo nome de Rohini. Eu também doei para Brahmanas duas vezes dez Prayutas de outras vacas, todas produzindo leite. Não foi pelo mérito daqueles presentes, ó Brahman, que eu consegui chegar a esta região de felicidade. Eu também doei cem mil cavalos da raça Valhika, todos de cor branca, e adornados com guirlandas de ouro. Não foi, no entanto, através dos méritos daquelas ações que eu alcancei esta região. Eu doei oito crores de moedas de ouro para os Brahmanas, ó Brahman, e então outros dez crores também, em cada sacrifício que eu realizei. Não foi, no entanto, através dos méritos daquelas ações que eu alcancei esta região de bem-aventurança. Eu também doei dez e então sete crores de corcéis, ó Avô, cada um de cor verde, cada um tendo orelhas que eram escuras, e cada um adornado com guirlandas de ouro. Eu também doei dezessete mil elefantes de tamanho enorme, de dentes tão grandes quanto relhas de arado, cada um tendo aquelas espiras em seu corpo que são chamadas de Padmas, e cada um adornado com guirlandas de ouro. Eu doei dez mil carros, ó Avô, cujos membros eram feitos de ouro, e que estavam enfeitados com diversos ornamentos de ouro. Eu também doei sete mil outros carros com corcéis unidos a cada um. Todos os corcéis que estavam unidos a eles estavam enfeitados com ornamentos de ouro. Aqueles carros representavam os Dakshinas de um sacrifício e eram exatamente daquele tipo que é indicado nos Vedas. Nos dez grandiosos sacrifícios Vajapeya que eu realizei, eu dei de graça mil cavalos cada um dotado da pujança do próprio Indra, julgados por sua destreza e os sacrifícios que eles tinham realizado. Gastando uma vasta soma de dinheiro, ó Avô, e realizando oito sacrifícios Rajasuya, eu doei (para os Brahmanas que oficiaram neles) mil reis cujos pescoços estavam enfeitados com guirlandas de ouro, depois de tê-los vencido em batalha. Não foi, no entanto, pelos méritos daqueles atos que eu cheguei a esta região. Naqueles sacrifícios, ó Senhor do universo, os presentes que fluíam de mim eram tão abundantes quanto a correnteza da própria Ganga. Para cada Brahmana eu dei dois mil elefantes ornados com ouro, o mesmo número de corcéis adornados com ornamentos dourados, e cem aldeias do melhor tipo. Na verdade, eu dei estes para cada Brahmana por três vezes em sucessão. Praticante de penitências, subsistindo de dieta regulada, adotando tranquilidade de alma, e reprimindo a fala, eu morei por muito tempo sobre o leito de Himavat ao lado daquela Ganga cuja corrente irresistível (quando ela caiu do céu) foi suportada por Mahadeva em sua cabeça. Não foi através do mérito destas ações, ó Avô, que eu alcancei esta região. Jogando o Sami, eu adorei os deuses em miríades de sacrifícios que não completados no decorrer de um único dia, e outros como os que levam doze dias para se completar, e outros ainda que podem ser completados em treze dias, além de muitos Pundarikas. Eu não cheguei a esta região pelos méritos de algum daqueles sacrifícios. (Nos tempos antigos reis às vezes realizavam sacrifícios fazendo altares serem erguidos a distâncias curtas um dos outros. Estas distâncias eram medidas pelo arremesso um pedaço de madeira pesado chamado Sami, de modo que jogando o Sami de um altar, o próximo altar fosse criado sobre o local onde ele caísse.) Eu dei para os Brahmanas oito mil touros de cor branca, cada um ornado com uma bela corcova, e cada um tendo um dos seus chifres coberto com ouro. Para eles eu também dei belas esposas cujos pescoços

estavam adornados com correntes de ouro. Eu também dei de graça pilhas grandes de ouro e riqueza de outros tipos. Realmente, eu doei colinas de jóias e pedras preciosas. Aldeias, contadas às milhares e abundantes em riqueza e cereais, foram também doadas por mim. Com todos os meus sentidos em volta de mim, eu doei para os Brahmanas cem mil vacas cada uma das quais tinha dado à luz somente seu primeiro bezerro, em muitos grandes sacrifícios que eu realizei. Não foi, no entanto, pelos méritos daquelas ações que eu alcancei esta região. Eu adorei as divindades em um sacrifício que é completado em onze dias. Duas vezes eu as adorei em sacrifícios que são completados em doze dias. Eu as adorei também muitas vezes em Sacrifícios de Cavalo. Dezesseis vezes eu realizei o sacrifício Arkayana. Não foi através dos méritos daquelas ações que eu alcancei esta região. Eu também dei para cada Brahmana um bosque de árvores Kanchana se estendendo por um Yojana para todos os lados, e com cada árvore enfeitada com jóias e pedras preciosas. Não foi pelos méritos daquela ação que eu alcancei esta região. Por trinta anos, com coração totalmente livre de ira, eu cumpri o voto Turayana que é possuidor de mérito muito superior, e doei para os Brahmanas todos os dias novecentas vacas. De fato, ó Senhor do universo, todas aquelas vacas pertenciam à espécie Rohini, e produziam leite na época que eu as doei. Não foi pelos méritos daquelas ações, ó chefe das divindades, que eu alcancei esta região. Eu adorava trinta fogos, ó Brahmana, todos os dias. Eu adorei as divindades em oito sacrifícios nos quais a gordura de todos os animais foi despejada no fogo. Eu as adorei em sete sacrifícios nos quais a gordura de seres humanos foi despejada no fogo. Eu as adorei em mil e vinte e oito sacrifícios Viswajit. Não foi pelos méritos daqueles sacrifícios, ó Senhor de todas as divindades, que eu alcancei esta região. Nas margens de Sarayu e Vahuda e Ganga como também nas florestas de Naimisha, eu dei de graça milhões de vacas para os Brahmanas. Não foi pelos méritos daquelas ações que eu alcancei esta região. O voto de jejum era conhecido por Indra. Ele, no entanto, o tinha mantido em segredo. Sukra, o descendente de Bhrigu, obteve um conhecimento dele por meio de visão espiritual adquirida através de penitências. Resplandecendo com energia como ele faz, foi Usanas quem primeiro o fez ser conhecido pelo universo. Eu cumpri aquele voto, ó divindade concessora de bênçãos! Quando eu realizei aquele voto muito superior todos os Brahmanas ficaram satisfeitos comigo. Mil Rishis foram para lá. Todos aqueles Brahmanas e Rishis, ó senhor pujante, satisfeitos comigo, disseram, ‘Dirija-te para a região de Brahman!’ É pelos méritos daquele voto que eu consegui chegar a esta região de felicidade muito superior. Não há dúvida nisto. Questionado pelo Ordenador Supremo de todas as coisas, eu expliquei devidamente os méritos do voto de jejum. Em minha opinião, não há penitência mais elevada do que o jejum. Eu te reverencio, ó principal de todas as divindades! Seja benévolo para mim!'"

"Bhishma continuou, 'O rei Bhagiratha, que tinha falado dessa maneira e que merecia toda honra, na conclusão de seu discurso, foi honrado por Brahman segundo os ritos ordenados para aquele propósito. Portanto, ó Yudhishthira, cumpra o voto de jejum e adore os Brahmanas todos os dias. As palavras proferidas por Brahmanas podem realizar tudo neste mundo e após a morte. De fato, os Brahmanas devem ser sempre agradados com presentes de mantos,

alimento e vacas de cor branca e boas residências e mansões. As próprias divindades devem gratificar os Brahmanas. Livrando-te da cobiça, pratique este voto de mérito muito superior que não é conhecido por todos!'"

104

"Yudhishthira disse, 'O homem, isto é dito, é dotado de um período de vida que se estende por cem anos, e com energia e poder que são consideráveis. Por que então, ó avô, os seres humanos morrem mesmo quando eles são muito jovens? Pelo que um homem vem a ser dotado de longevidade, e pelo que sua vida é encurtada? Através do que um homem obtém o renome que se baseia em grandes realizações? Pelo que alguém obtém riqueza e prosperidade? É por penitências, ou Brahmacharya, ou recitação silenciosa de Mantras sagrados, ou drogas? É pelas suas ações, ou palavras? Explique-me isto, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Eu te direi o que tu me perguntaste. Realmente, eu te direi qual é a razão é pela qual alguém vem a ter vida curta, e qual é a razão pela qual alguém vem a ser dotado de longevidade. Eu irei também te explicar a razão pela qual alguém consegue obter a fama que se baseia em realizações grandiosas, e a razão pela qual alguém consegue obter riqueza e prosperidade. De fato, eu te informarei quanto à maneira na qual uma pessoa deve viver a fim de ser dotada de tudo o que é benéfico para ela. É pelo comportamento que uma pessoa obtém longevidade, e é pelo comportamento que uma pessoa adquire riqueza e prosperidade. De fato, é pela conduta que se adquire a fama que se apóia sobre grandes realizações aqui e após a morte. O homem cuja conduta é imprópria ou pecaminosa nunca conquista uma vida longa. Todas as criaturas ficam com medo de tal homem e são oprimidas por ele. Se, portanto, alguém deseja seu próprio progresso e prosperidade, ele deve, neste mundo, se dirigir à conduta que é apropriada e boa. A boa conduta consegue dissipar a inauspiciosidade e miséria mesmo de alguém que é pecaminoso. (Isto é, se um homem pecaminoso corrige sua conduta, ele consegue repelir a miséria e males aos quais ele de outra maneira estaria sujeito em consequência de seus pecados.) A virtude tem o comportamento como sua indicação. Aqueles que são bons e justos são assim por causa da conduta que eles seguem. As indicações, além disso, da boa conduta são fornecidas pelas ações daqueles que são bons ou justos. As pessoas estimam o homem que age justamente e que faz boas ações mesmo que elas somente ouçam sobre ele sem realmente vê-lo. Aqueles que são ateus, aqueles que são desprovidos de todas as ações, aqueles que são desobedientes a preceptores e transgridem as injunções das escrituras, aqueles que não conhecem e, portanto, negligenciam os deveres, e aqueles que são de má conduta, vêm a ter vida curta. Aqueles que são de comportamento impróprio, aqueles que violam todas as restrições, aqueles que são inescrupulosos em relação a ato sexual, vêm a ter vida curta aqui e têm que ir para o Inferno após a morte. Vivem por cem anos aqueles homens que, embora desprovidos de todas as habilidades, se dirigem à retidão e justiça de conduta e se tornam dotados de fé e livres de malícia. Aquele que é livre de ira, que é verdadeiro em palavras, que nunca causa algum dano

para alguma criatura no universo, que é privado de malícia e desonestidade e insinceridade, consegue viver por cem anos. Aquele que sempre quebra pequenos torrões de terra, ou arranca a grama que cresce sob seus pés, ou corta suas unhas com seus dentes, ou está sempre impuro, ou muito inquieto, nunca consegue obter uma vida longa. (Certas pessoas têm o hábito feio de apanhar pequenos torrões de terra e triturá-los em poeira, enquanto sentados sobre o solo ou envolvidos em conversa. O hábito também de arrancar a grama enquanto sentados sobre o solo pode ser observado. Deve ser lembrado que as pessoas da Índia nos tempos antigos costumavam frequentemente sentar na terra nua. Quanto a cortar as unhas com os dentes, este é um hábito feio de muitos homens jovens.) Deve-se acordar do sono na hora conhecida como Brahma Muhurta (quanto o sol está exatamente abaixo do horizonte) e então pensar em religião e lucro. Levantando-se da cama, uma pessoa deve então lavar seu rosto e boca, e unindo as mãos em uma atitude de reverência, dizer as preces matinais. Dessa maneira, alguém deve, quando vem a noite, dizer suas orações noturnas também, enquanto reprime a fala (com outras pessoas). Nunca se deve olhar para o sol nascente, nem para o sol poente. (As preces ditas de manhã e à noite são também mencionadas como adoração aos dois crepúsculos.) Nem se deve olhar para o sol quando ele está em eclipse; nem para sua imagem na água; nem ao meio-dia quando ele está no meridiano. Os Rishis, por adorarem os dois crepúsculos com grande regularidade conseguiram obter longevidade. Por essa razão, uma pessoa deve, reprimindo a fala, dizer suas orações regularmente nos dois crepúsculos. Com relação àqueles Brahmanas que não dizem suas orações nos dois crepúsculos, um rei justo deve colocá-los para realizar ações que estão ordenadas para os Sudras. Pessoas de todas as classes nunca devem ter união sexual com cônjuges de outras pessoas. Não há nada que encurte a vida tão eficazmente quanto ato sexual com cônjuges de outras pessoas. O adúltero terá que viver no Inferno por tantos milhares de anos quanto o número de poros nos corpos das mulheres com quem ele possa cometer o delito. Uma pessoa deve adornar seu cabelo, aplicar colírio em seus olhos, e lavar seus dentes, como também adorar as divindades, de manhã. Uma pessoa não deve olhar para urina ou fezes, ou o pisar nelas ou tocá-las com seus pés. Não se deve sair em uma viagem de manhã cedo, ou ao meio-dia, ou no crepúsculo noturno, ou com um companheiro que é desconhecido, ou com um Sudra, ou sozinho. Enquanto seguindo ao longo de uma estrada, alguém deve, ficando fora do caminho, sempre dar lugar para um Brahmana, para vacas, para reis, para um homem idoso, para alguém que está sobrecarregado com um peso, para uma mulher grávida, ou para alguém que é fraco. Quando alguém encontra com uma árvore grande que é conhecida, ele deve caminhar ao redor dela. Deve-se também, quando se chega a um local onde quatro estradas se encontram, andar ao redor dele antes de seguir viagem. Ao meio-dia, ou à meia-noite, ou à noite em geral, ou nos dois crepúsculos, não se deve proceder para locais onde quatro estradas se encontram. Nunca se deve usar sandálias ou roupas que foram usadas por outro. Sempre se deve cumprir o voto de Brahmacharya (ou seja, um homem deve se abster de ato sexual exceto com suas esposas e no período apropriado), e nunca se deve cruzar as pernas. Deve-se cumprir o voto de Brahmacharya no dia da lua nova, como também naquele da lua cheia, como também no oitavo dia lunar de

ambas as quinzenas. Nunca se deve comer a carne de animais não mortos em sacrifício. Nunca se deve comer a carne das costas de um animal. Deve-se evitar criticar e caluniar outros, como também todos os tipos de comportamento enganoso. Nunca se deve perfurar outros com flechas verbais. De fato, nunca se deve proferir alguma palavra cruel. Nunca se deve aceitar um presente de uma pessoa que é inferior e vulgar. Nunca se deve proferir palavras que perturbem outras pessoas ou que sejam inauspiciosas ou que sejam pecaminosas. Flechas verbais saem da boca. Perfurada por elas, a vítima sofre dia e noite. O homem de sabedoria nunca deve dispará-las para perfurar os órgãos vitais de outras pessoas. Uma floresta, perfurada por flechas ou derrubada com o machado, cresce novamente. O homem, no entanto, que é perfurado por palavras faladas imprudentemente, se torna a vítima de ferimentos que se inflamam e o levam à morte. Setas farpadas e Nalikas e flechas de cabeça larga podem ser extraídas do corpo. Flechas verbais, no entanto, não podem ser extraídas, pois elas jazem enterradas no próprio coração. Não se deve zombar de uma pessoa que é defeituosa de um membro ou que tem um membro em excesso, ou de alguém que é desprovido de aprendizagem, ou de alguém que é miserável, ou de alguém que é feio ou pobre, ou de alguém que é desprovido de força. Deve-se evitar ateísmo, caluniar os Vedas, criticar as divindades, malícia, orgulho, arrogância, e rispidez. Não se deve, em cólera, levantar a vara de castigo para golpear outro. Somente o filho ou o pupilo, isto é dito, pode ser castigado brandamente para propósitos de instrução. Não se deve falar mal de Brahmanas; nem apontar para as estrelas com os dedos. Se perguntado, alguém não deve dizer qual é a lunação em um dia específico. Por dizê-lo, a vida de alguém é encurtada. Tendo respondido chamados da natureza ou tendo andado por uma estrada deve-se lavar os pés. Deve-se também lavar os pés antes de sentar para recitar os Vedas ou para comer algum alimento. Estas são as três coisas que são consideradas como puras e sagradas pelas divindades e como tais adequadas para o uso do Brahmana, isto é, aquilo cuja impureza é desconhecida, aquilo que foi lavado em água, e aquilo do qual foi bem falado. Samyava, Krisara, carne, Sashakuli e Payasa nunca devem ser cozidos para a própria pessoa. Quando cozidos, estes devem ser oferecidos para as divindades. (Samyava é um bolo fino de pão sem fermento, frito com ghee, socado e novamente juntado em uma forma oblonga com pão fresco, açúcar e condimentos, e novamente frito com ghee. Krisara é um tipo de alimento líquido feito de leite, gergelim, arroz, açúcar e temperos. Sashkuli é um tipo de torta. Payasa é arroz fervido em açúcar e leite.) Deve-se cuidar todos os dias do próprio fogo. Todos os dias se deve dar esmolas. Alguém deve, enquanto reprime a fala, limpar seus dentes com o palito de dente. Nunca se deve estar na cama quando o sol está no alto. Se alguém fracassa algum dia em estar levantado com o sol, ele deve então realizar uma expiação. Levantando-se da cama, uma pessoa deve primeiro saudar seus pais, e preceptores, ou outros superiores dignos de respeito. Por assim fazer ela obtém vida longa. O palito de dente deve ser rejeitado quando usado, e um novo deve ser usado todo dia. Deve-se comer somente tal comida que não é proibida nas escrituras, se abstendo de alimento de todo tipo nos dias da lua nova e da lua cheia. Deve-se, com sentidos controlados, responder chamados da natureza, encarando o norte. Não se deve cultuar as divindades sem ter primeiro lavado os dentes. Sem também cultuar as divindades

primeiro, uma pessoa nunca deve se dirigir a alguma pessoa exceto o próprio preceptor ou alguém que é velho em idade ou alguém que é justo ou alguém que possui sabedoria. Aqueles que são sábios nunca devem se ver em um espelho não polido ou sujo. Um homem nunca deve ter união sexual com uma mulher que é desconhecida ou com uma que está grávida. Nunca se deve dormir com a cabeça virada para o norte ou para o oeste. Não se deve deitar sobre uma armação de cama que esteja quebrada ou vacilante. Não se deve dormir em uma cama sem tê-la examinado primeiro com a ajuda de uma luz. Nem se deve dormir em uma cama com outro (tal como esposa) ao seu lado. Nunca se deve dormir em uma direção transversal. Nunca se deve fazer um acordo com ateus ou fazer alguma coisa junto com eles. Nunca se deve arrastar um assento com o pé e sentar sobre ele. Nunca se deve tomar banho em um estado de nudez, nem à noite. Uma pessoa possuidora de inteligência nunca deve permitir que seus membros sejam friccionados ou pressionados depois do banho. Nunca se deve passar unguentos sobre o corpo sem ter primeiro tomado banho. Tendo se banhado, nunca se deve agitar a própria roupa no ar (para secá-la). Não se deve usar sempre roupas molhadas. Nunca se deve tirar do próprio corpo as guirlandas de flores que se possa usar. Nem se deve usar tais guirlandas sobre suas peças de roupa externas. Não se deve nem falar com uma mulher durante o período de sua mudança funcional. Não se deve responder um chamado da natureza em um campo (onde colheitas crescem) ou em um lugar perto demais de uma aldeia habitada. Nunca se deve responder um chamado da natureza em um curso d'água. Deve-se primeiro lavar a boca três vezes com água antes de comer qualquer alimento. Tendo terminado as refeições, deve-se lavar a boca três vezes com água e duas vezes novamente. Deve-se comer, com rosto virado para o leste, a própria comida, enquanto reprime a fala e sem criticar a comida que é ingerida. Deve-se sempre deixar um resto da comida que é colocada diante de si para comer. Tendo terminado suas refeições, alguém deve tocar o fogo mentalmente. Se uma pessoa come com o rosto virado para o leste ela vem a ser dotada de longevidade. Por comer com o rosto virado para o sul alguém obtém grande fama. Por comer com o rosto virado para o oeste alguém adquire grande riqueza. Por comer com o rosto virado na direção norte uma pessoa se torna sincera em palavras. Tendo terminado as refeições deve-se lavar todos os orifícios superiores do corpo com água, (isto é, as narinas, os buracos das orelhas e os olhos). Similarmente, todos os membros, o umbigo, e as palmas das mãos devem ser lavados com água. Uma pessoa nunca deve se sentar sobre casca de milho, ou sobre cabelo, ou sobre cinzas, ou sobre ossos. Não se deve, de modo algum, usar a água que foi usada por outro para banho. Sempre se deve realizar o Homa para propiciar as divindades, e recitar o Savitri Mantra. Sempre se deve comer em uma postura sentada. Nunca se deve comer enquanto caminhando. Nunca se deve responder um chamado da natureza em uma posição em pé. Nunca se deve responder um chamado da natureza sobre cinzas ou em um curral. Deve-se lavar os pés antes de sentar para as refeições. Nunca se deve sentar ou deitar para dormir com pés molhados. Alguém que senta para fazer suas refeições depois de ter lavado seus pés vive por cem anos. Nunca se deve tocar estas três coisas de grande energia enquanto se está em um estado impuro, isto é, o fogo, uma vaca, e um Brahmana. Por cumprir esta regra uma pessoa obtém longevidade. Não se

deve, enquanto se está em um estado impuro, olhar para estas três coisas de grande energia, isto é, o sol, a lua, e as estrelas. Os ares vitais de um homem jovem vão para cima quando uma pessoa idosa e venerável chega à sua residência. Ele os obtém de volta por se levantar e saudar apropriadamente o convidado. Homens idosos devem sempre ser saudados. Deve-se, após vê-los, oferecer assentos com sua própria mão. Depois que o homem idoso tomou seu assento, alguém deve sentar e permanecer com mãos unidas em reverência. Quando um homem idoso anda ao longo da estrada, deve-se sempre segui-lo em vez de andar adiante. Nunca se deve sentar em um assento rasgado ou quebrado. Deve-se, sem usá-lo mais, jogar fora um recipiente quebrado de metal branco. Nunca se deve comer sem uma peça de roupa superior cobrindo o corpo. Nunca se deve tomar banho em um estado de nudez. Nunca se deve dormir em um estado de nudez. Não se deve nem tocar nos restos de pratos e tigelas de outras pessoas. Nunca se deve, enquanto se está em um estado impuro, tocar a cabeça de outro, pois é dito nas escrituras que os ares vitais estão todos concentrados na cabeça. Nunca se deve bater em outro na cabeça ou agarrar outro pelo cabelo. Não se deve unir as mãos para coçar a cabeça. Não se deve, no momento do banho, mergulhar repetidamente a cabeça na água. Por fazer isso alguém encurta a própria vida. Alguém que se banhou por mergulhar a cabeça em água não deve, depois, aplicar óleo em alguma parte do corpo. Nunca se deve fazer uma refeição sem comer algum gergelim. Nunca se deve ensinar (os Vedas e quaisquer escrituras) em uma hora em que se está impuro. Nem se deve estudar enquanto se está impuro. Quando uma tempestade surge ou um odor mau penetra na atmosfera, nunca se deve pensar nos Vedas. Pessoas familiarizadas com história antiga recitam um Gatha cantado por Yama antigamente. Aquele que corre enquanto impuro ou estuda os Vedas sob circunstâncias similares, de fato, aquele Brahman regenerado que estuda os Vedas em períodos proibidos, perde seus Vedas e encurta sua vida. Por isso, nunca se deve estudar os Vedas com atenção concentrada em tempos proibidos. Aqueles que respondem um chamado da natureza com o rosto em direção ao sol, ou em direção a um fogo ardente, ou em direção a uma vaca, ou em direção a uma pessoa regenerada, ou na estrada, vêm a ter vida curta. Durante o dia ambos os chamados da natureza devem ser respondidos com rosto virado para o norte. À noite, aqueles chamados devem ser respondidos de frente para o sul. Por fazer isso uma pessoa não encurta a própria vida. Alguém que deseja viver por muito tempo nunca deve desconsiderar ou insultar algum destes três, embora eles possam parecer estar fracos ou emaciados, isto é, o Brahmana, o Kshatriya, e a cobra. Todos os três são dotados de veneno virulento. A cobra, se zangada, queima a vítima somente um relance de seus olhos. O Kshatriya também, se zangado, queima os objetos de sua ira, logo que ele os vê, com sua energia. O Brahmana, mais forte do que estes dois, destrói não somente os objetos de sua ira mas sua linhagem inteira também, não somente pela visão mas pelo pensamento também. O homem de sabedoria deve, portanto, tratar estes três com cuidado. Uma pessoa nunca deve se envolver em alguma discussão com seu preceptor. Ó Yudhishthira, se o preceptor fica zangado, ele deve sempre ser acalmado pelas honras devidas serem prestadas para ele. Mesmo que aconteça de o preceptor estar totalmente errado, ainda assim se deve segui-lo e honrá-lo. Sem dúvida, ditados caluniosos contra o

preceptor sempre consomem as vidas daqueles que os proferem. Uma pessoa sempre deve responder um chamado da natureza em um local longe da própria habitação. Deve-se lavar os pés a uma distância da habitação. Deve-se sempre jogar os restos de pratos e tigelas em um local longe da habitação. Na verdade, aquele que deseja seu próprio bem dever fazer tudo isso. Não se deve usar guirlandas de flores vermelhas. De fato, aqueles que possuem sabedoria devem usar guirlandas de flores que sejam da cor branca. Rejeitando o lótus e o lírio, ó tu de grande poder, uma pessoa pode levar sobre a cabeça, no entanto, uma flor que é vermelha, mesmo que seja uma aquática. (O costume na Índia, especialmente com todos os Brahmanas ortodoxos, é usar uma única flor sobre a cabeça, inserida na madeixa coronal.) Uma guirlanda de ouro não pode de jeito nenhum se tornar impura. Depois do banho, ó rei, deve-se usar perfumes misturados com água, (ou seja, perfumes secos não devem ser usados). Nunca se deve usar uma peça de roupa superior para cobrir os membros inferiores ou as peças de roupas inferiores para cobrir os superiores. Nem se deve usar roupas usadas por outro. Não se deve, além disso, usar uma peça de roupa que não tenha suas franjas laterais. (A roupa usada por um Hindu tem duas franjas laterais as quais contêm um número menor de fios do que a parte principal da roupa.) Quando alguém vai dormir, ó rei, ele deve vestir uma peça de roupa diferente. Quando se faz uma viagem também em uma estrada, deve-se usar uma peça de roupa diferente. Assim também, quando cultuando as divindades, deve-se vestir uma roupa diferente. (É dito que o Hinduísmo é um vasto sistema de higiene pessoal. Estas instruções sobre mudança de traje são cumpridas escrupulosamente por todo Hindu austero até hoje. Nenhuma mudança parece ter ocorrido nos hábitos diários das pessoas.) O homem de inteligência deve cobrir seus membros com unguentos feitos de Priyangu (Aglaia Roxburghiana), pasta de sândalo, Vilwa (Egle marmelos), Tagara (Taberuaemontana coronaria, Linn), e Kesara (Eclipta alba, Hassk). Ao fazer um jejum, uma pessoa deve se purificar com um banho, e se enfeitar com ornamentos e unguentos. Deve-se sempre se abster de união sexual nos dias da lua cheia e da lua nova. Nunca se deve, ó monarca, comer do mesmo prato com outro mesmo que aconteça daquele outro ser do posto da própria pessoa ou igual. Nem se deve alguma vez comer algum alimento que foi preparado por uma mulher em seu período funcional. Nunca se deve comer algum alimento ou bebida, algum líquido cuja essência tenha sido tirada. Nem se deve comer algo sem dar uma porção disso para pessoas que olham desejosamente para a comida que aconteça de alguém pegar. O homem de inteligência nunca deve sentar perto de alguém que é impuro. Nem deve se sentar perto de pessoas que são as principais em piedade. Todo alimento que é proibido em ações rituais nunca deve ser ingerido nem em outras ocasiões. Os frutos da Ficus religiosa e da Ficus Bengalensis como também as folhas da Crotolaria Juncea, e os frutos da Ficus glomerata, nunca devem ser comidos por alguém que deseja o seu próprio bem. A carne de cabras, de vacas, e do pavão, nunca deve ser comida. Deve-se também se abster de carne seca e toda carne que é estragada. O homem de inteligência nunca deve comer algum sal, pegando-o com sua mão. Nem ele deve comer coalhos e farinha de cevada frita à noite. Uma pessoa deve se abster também da carne de animais não mortos em sacrifícios. Deve-se, com atenção concentrada, comer uma vez de manhã e uma vez à noite, se abstendo totalmente

de todo alimento durante o intervalo. Nunca se deve comer algum alimento no qual se possa descobrir um cabelo. Nem se deve comer no Sraddha de um inimigo. Deve-se comer silenciosamente; nunca se deve comer sem cobrir o corpo com uma peça de roupa superior, e sem se sentar. Nunca se deve comer qualquer alimento colocando-o na terra nua. Nunca se deve comer exceto em uma postura sentada. Nunca se deve fazer algum barulho (de mastigar ou chupar ou lamber, etc.) enquanto comendo. O homem de inteligência deve primeiro oferecer água e então alimento para alguém que se tornou seu convidado, e depois de ter servido o convidado dessa maneira, ele deve então se sentar para fazer suas refeições. Aquele que senta para jantar em uma fileira com amigos e ele mesmo come algum alimento sem dar dele para seus amigos, é citado como comendo veneno virulento. Com relação à água e Payasa e farinha de cevada frita e coalhos e ghee e mel, nunca se deve, depois de bebê-los ou comê-los, oferecer os restos deles para outros. Nunca se deve, ó chefe de homens, comer algum alimento duvidosamente. (Duvidando, por exemplo, se ele será capaz de digeri-lo ou não, ou se o que ele está ingerindo é limpo ou não, ou se será muito para ele.) Alguém desejoso de comida nunca deve beber coalhos no término de uma refeição. Depois que a refeição está terminada, deve-se lavar a boca e o rosto somente com a mão (direita), e pegando um pouco de água deve-se então mergulhar o dedo do pé direito nela. Depois da ablução, deve-se tocar o topo da própria cabeça com a mão (direita). Com atenção concentrada, deve-se em seguida tocar o fogo. O homem que sabe como cumprir todas estas ordenanças com cuidado consegue obter o lugar principal entre seus parentes. Uma pessoa deve, depois de terminar suas refeições, lavar com água o nariz e olhos e orelhas e umbigo e ambas as mãos. Não se deve, no entanto, manter as mãos molhadas. Entre a ponta e a base do polegar está situado o Tirtha sagrado conhecido pelo nome de Brahma. Nas costas do dedo mínimo, é dito, está situado o Deva-tirtha. O espaço que fica entre o polegar e o indicador, ó Bharata, deve ser usado para cumprir os ritos Pitri, depois de tocar água de acordo com a ordenança. (Ao oferecer certos artigos no Sraddha, os artigos são primeiro colocados nesta parte da mão direita e então oferecidos com os mantras apropriados para os Pitris.) Um pessoa nunca deve se entregar a caluniar outras pessoas. Nem ela deve alguma vez proferir algo que seja desagradável. O homem que deseja seu próprio bem nunca deve procurar provocar contra si mesmo a ira de outros. Nunca se deve procurar conversar com uma pessoa que decaiu de sua classe. A própria visão de tal pessoa deve ser evitada. Nunca se deve entrar em contato com uma pessoa decaída. Por evitar tal contato se consegue obter uma vida longa. Nunca se deve ter união sexual durante o dia. Nem se deve ter união com uma donzela, nem com uma prostituta, nem com uma mulher estéril. Nunca se deve ter união sexual com uma mulher que não tomou banho depois do término de seu período funcional. Por evitar tais atos alguém consegue obter uma vida longa. Depois de lavar os vários membros ordenados, em virtude de atos religiosos, deve-se lavar os lábios três vezes, e mais uma vez duas vezes. Por fazer isto uma pessoa fica purificada e preparada para atos religiosos. Os vários órgãos dos sentidos devem ser cada um lavado uma vez, e água deve também ser salpicada sobre o corpo inteiro. Tendo feito isso, deve-se realizar o culto dos Pitris e das divindades, de acordo com as ordenanças dos Vedas. Ouça-me, ó tu da linhagem de Kuru, enquanto eu

te digo qual purificação é adequada e benéfica para um Brahmana. Antes de começar a comer e depois de terminar a refeição, e em todas as ações que requerem purificação, o Brahmana deve realizar o achamana com água colocada sobre o membro chamado Brahmatirtha. (No inicio de atos religiosos o rito de achamana consiste em meramente tocar os lábios e algumas outras partes com água, mas quando alguém é ordenado realizar o achamana depois de ter comido ele naturalmente implica um ato de limpeza.) Depois de ejetar alguma substância da garganta ou cuspir, uma pessoa deve lavar a boca antes que ela possa se tornar pura. Um parente que aconteça de ser idoso, ou um amigo que aconteça de ser pobre, devem ser estabelecidos na casa de alguém e seus confortos considerados como se ele fosse um membro da família. Por fazer isso alguém consegue obter fama e vida longa. O estabelecimento de pombos na casa de alguém é repleto de bem-aventurança, como também de papagaios machos e fêmeas. Se fêmeas destes se refugiam na residência de alguém, elas conseguem dissipar calamidades. O mesmo é o caso com baratas. Se pirilampos e urubus e pombos do mato e abelhas entram na casa de alguém ou procuram residir nela, atos de aplacação das divindades devem ser realizados. Estas são criaturas de mau agouro, como também águias pescadoras. Nunca se deve divulgar os segredos de homens de grande alma; nunca se deve ter união sexual com uma mulher proibida. Nem se deve jamais ter tal união com a esposa de um rei ou com mulheres que são amigas de rainhas. Nunca se deve cultivar intimidade com médicos, ou com crianças, ou com pessoas que são idosas, ou com os próprios empregados, ó Yudhishthira. Sempre se deve sustentar amigos, Brahmanas, e pessoas que procuram sua proteção. Por fazer isto, ó rei, alguém obtém uma vida longa. O homem de sabedoria deve residir em tal casa que foi construída com a ajuda de um Brahmana e um engenheiro hábil em sua profissão, se de fato, ó rei, ele deseja seu próprio bem. (A ajuda do Brahmana é necessária em escolher o terreno, e determinar a direção longitudinal e outras direções da casa, como também em fixar o dia do início do trabalho de construção.) Não se deve, ó rei, dormir no crepúsculo noturno. Nem se deve estudar em tal hora para obter algum ramo de conhecimento. O homem de inteligência nunca deve comer também em tal hora. Por agir dessa maneira se obtém uma vida longa. Nunca se deve realizar alguma ação em honra dos Pitris à noite. Não se deve embelezar o próprio corpo depois de terminar as refeições. Uma pessoa deve se banhar à noite se ela deseja seu próprio progresso. Ela deve também, ó Bharata, sempre se abster de farinha de cevada frita à noite. Os restos de comida e bebida, como também as flores com as quais se adorou as divindades, nunca devem ser usados. Convidando um convidado à noite, nunca se deve, com cortesia excessiva, forçá-lo a comer ao ponto de satisfação. Nem a própria pessoa deve comer até o ponto de satisfação, à noite. Não se deve matar uma ave (para comê-la), especialmente depois de tê-la alimentado. Um homem possuidor de sabedoria deve se casar com uma moça nascida em uma família nobre, dotada de indicações auspiciosas, e de idade completa. Gerando filhos nela e assim perpetuando a própria família dessa maneira, ele deve transferir os filhos para um bom preceptor para adquirirem conhecimento geral, ó Bharata, como também um conhecimento dos costumes especiais da família, ó monarca. As filhas que alguém possa gerar devem ser entregues em casamento para jovens de famílias respeitáveis, que sejam além

disso possuidores de inteligência. Filhos também devem ser estabelecidos e uma parte da herança da família deve ser dada para eles, ó Bharata, como sua provisão. Uma pessoa deve se banhar por mergulhar sua cabeça em água antes de se sentar para realizar alguma ação em honra dos Pitris e das divindades. Nunca se deve realizar um Sraddha sob a constelação da própria natividade. Nenhum Sraddha deve ser realizado sob algum dos Bhadrapadas (anterior ou posterior), nem sob a constelação Krittika, ó Bharata. O Sraddha nunca deve ser realizado sob alguma daquelas constelações que são consideradas como violentas (tais como Aslesha, etc.) e alguma daquelas que, após cálculo, pareça ser hostil. De fato, a este respeito, devem ser evitadas todas aquelas constelações que são proibidas em tratados sobre astrologia. Alguém deve sentar de frente para o leste ou o norte enquanto passando por uma barbeação nas mãos do barbeiro. Por fazer isso, ó grande rei, se consegue adquirir uma vida longa. Nunca se deve se entregar a caluniar outras pessoas ou à auto-crítica, pois, ó chefe dos Bharatas, é dito que a calúnia é pecaminosa, seja de outros ou de si mesmo. Em casamento, um homem deve evitar uma mulher que é deficiente de algum membro. Um moça também, se desta maneira, também deve ser evitada. Uma mulher do mesmo Pravaras (linhagem) também deve ser evitada; como também uma que tenha qualquer má-formação; como também uma que nasceu na família à qual sua própria mãe pertence. Um homem possuidor de sabedoria nunca deve ter união sexual com uma mulher que é idosa, ou uma que abandonou o modo de vida familiar para entrar no modo da floresta, ou uma que é sincera para seu marido, ou uma cujos órgãos de geração não são saudáveis ou bem formados. Cabe a ti não se casar com uma mulher que é de uma cor amarela, ou uma que sofre de lepra, ou uma nascida em uma família na qual tem havido epilepsia, ou uma que é inferior em nascimento e hábitos, ou uma que é nascida em uma família na qual a doença chamada Switra (lepra) tem aparecido, ou uma pertencente por nascimento a uma linhagem na qual há mortes prematuras. Somente aquela moça que é dotada de indicações auspiciosas, e que é habilidosa por qualificações de diversos tipos, que é agradável e bonita, deve ser casada. Alguém deve se casar, ó Yudhishthira, em uma família que é superior ou pelo menos igual à sua própria. Alguém que deseja sua própria prosperidade nunca deve se casar com uma mulher que é de uma classe inferior ou que decaiu da classe de seu nascimento. Acendendo o fogo cuidadosamente, uma pessoa deve realizar todos aqueles atos os quais são ordenados e declarados nos Vedas ou pelos Brahmanas. Nunca se deve procurar ferir mulheres. Esposas devem sempre ser protegidas. A malícia sempre encurta a vida. Por isso, alguém deve sempre se abster de nutrir malícia. Dormir durante o dia encurta a vida. Dormir depois de o sol ter nascido encurta a vida. Aqueles que dormem em algum dos crepúsculos, ou ao anoitecer ou que adormecem em um estado de impureza, têm suas vidas encurtadas. O adultério sempre encurta a vida. Não se deve permanecer em um estado de impureza depois de se barbear. (Uma pessoa é considerada impura depois de se barbear até que se banhe.) Alguém deve, ó Bharata, se abster cuidadosamente de estudar ou de recitar os Vedas, e de comer, e se banhar, ao anoitecer. Quando chega o crepúsculo noturno, uma pessoa deve reunir seus sentidos para meditação, sem fazer alguma ação. Alguém deve, ó rei, se banhar e então adorar os Brahmanas. De fato, deve-se tomar banho antes de cultuar as

divindades e saudar o preceptor com reverência. Nunca se deve ir a um sacrifício a menos que tenha sido convidado. De fato, uma pessoa pode ir lá sem um convite se ela desejar somente ver como o sacrifício é conduzido. Se alguém vai a um sacrifício (para algum outro propósito) sem um convite e se, por causa disso, ele não recebe culto apropriado do sacrificador, sua vida vem a ser encurtada. Nunca se deve ir sozinho em uma viagem para partes estrangeiras. Nem se deve alguma vez proceder sozinho para algum lugar à noite. Antes que a noite venha, uma pessoa deve voltar para sua casa e permanecer dentro dela. Sempre se deve obedecer às ordens da mãe e do pai e do preceptor, sem julgar em absoluto se aquelas ordens são benéficas ou não. Deve-se, ó rei, prestar atenção com grande cuidado aos Vedas e à ciência de armas. Então, ó rei, dedique-te com cuidado à prática de guiar um elefante, um corcel, e uma carruagem de guerra. O homem que desempenha estes com cuidado consegue obter felicidade. Tal rei consegue se tornar inconquistável por inimigos, e domina seus empregados e parentes sem algum deles poder levar vantagem sobre ele. O rei que alcança semelhante posição e que se encarrega com cuidado do dever de proteger seus súditos, nunca tem que incorrer em alguma perda. Tu deves adquirir, ó rei, a ciência do raciocínio, como também a ciência das palavras, a ciência dos Gandharvas, e os sessenta e quatro ramos de conhecimento conhecidos pelo nome de Kala. Deve-se todos os dias ouvir os Puranas e os Itihasas e todas as outras narrativas que existem, como também as histórias de vida de todos os personagens de grande alma. Quando a esposa de alguém passa pelo período funcional, ele nunca deve ter união sexual com ela, nem mesmo convocá-la para conversação. O homem dotado de sabedoria pode aceitar sua companhia no quarto dia depois do banho de purificação. Se alguém se entrega à união sexual no quinto dia a partir do primeiro aparecimento da operação funcional, ele obtém uma filha. Por ter tal união no sexto dia, acontece de ele ter um filho. O homem de sabedoria deve, na questão de união sexual, prestar atenção a esta regra (sobre dias pares e ímpares). Parentes e parentes por casamento e amigos devem ser todos tratados com respeito. Deve-se, segundo o melhor que se pode, adorar as divindades em sacrifícios, dando de graça diversos tipos de artigos como Dakshina sacrifical. Depois que o período ordenado para o modo de vida familiar passou, deve-se, ó rei, entrar na vida de um asceta da floresta. Eu assim te disse todas as indicações, em resumo, das pessoas que conseguem vida longa. O que permanece não dito por mim deve ser ouvido por ti das bocas de pessoas bem versadas nos três Vedas, ó Yudhishthira. Tu deves saber que a conduta é a base da prosperidade. A conduta é a aumentadora de fama. É a conduta que prolonga a vida. É a conduta que destrói todas as calamidades e males. A conduta é citada como sendo superior a todos os ramos de conhecimento. É a conduta que gera virtude, e é a virtude que prolonga a vida. A conduta é produtiva de fama, de vida longa, e do céu. A conduta é o rito mais eficaz de propiciar as divindades (para trazer auspiciosidade de todo tipo). O próprio Brahman Auto-nascido disse que alguém deve mostrar compaixão por todas as classes de homens.'" (Conduta aqui implica não somente o comportamento de alguém para consigo mesmo e outros, isto é, para seres inferiores, iguais e superiores; ela inclui o corpo inteiro de ações que alguém faz nessa vida, incluindo os próprios sentimentos que ele nutre.)

105

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó chefe da linhagem de Bharata, como o irmão mais velho deve se comportar com seus irmãos mais novos e como os irmãos mais novos devem se comportar com seu irmão mais velho.'"

"Bhishma disse, 'Ó filho, sempre te comporte em direção aos teus irmãos mais novos como seu irmão mais velho deve. Tu és sempre o mais velho de todos estes teus irmãos. Aquela conduta superior que o preceptor deve sempre adotar em direção a seus discípulos deve ser adotada por ti em direção aos teus irmãos mais novos. Se acontece de o preceptor não ser dotado de sabedoria, o discípulo não pode possivelmente se comportar em direção a ele de uma maneira respeitosa ou apropriada. Se acontece de o preceptor ser possuidor de pureza e nobreza de conduta, o discípulo também consegue obter conduta do mesmo tipo, ó Bharata. O irmão mais velho deve às vezes ser cego às ações de seus irmãos mais jovens, e embora possuidor de sabedoria deve às vezes agir como se ele não entendesse suas ações. Se os irmãos mais novos forem culpados de alguma transgressão, o irmão mais velho deve corrigi-los por caminhos e meios indiretos. Se há boa compreensão entre irmãos e se o irmão mais velho procura corrigir seus irmãos mais novos por meios diretos ou ostensivos, pessoas que são inimigas, ó filho de Kunti, que são afligidas com tristeza ao verem tal boa compreensão e que, portanto, sempre procuram causar uma desunião, se põem a desunir os irmãos e causar dissensões entre eles. É o irmão mais velho que aumenta a prosperidade da família ou que a destrói totalmente. Se acontece de o irmão mais velho não ser dotado de sabedoria e mau em comportamento, ele ocasiona a destruição da família inteira. O irmão mais velho que fere seus irmãos mais jovens cessa de ser considerado como o mais velho e perde seu direito à sua parte na propriedade da família e merece ser reprimido pelo rei. Aquele homem que age enganosamente tem, sem dúvida, que ir para regiões de dor e de todo tipo de mal. O nascimento de tal pessoa não serve a algum propósito útil assim como as flores da cana. (A flor da cana não pode ser colhida para ser oferecida para as divindades.) Aquela família na qual uma pessoa pecaminosa toma nascimento fica sujeita a todo mal. Tal pessoa traz infâmia, e todas as boas ações da família desaparecem. Tais entre os irmãos que são dedicados a más ações perdem suas partes da propriedade da família. Em tal caso, o irmão mais velho pode se apropriar de toda a propriedade Yautuka sem dar qualquer parte dela para seus irmãos mais novos. Se o irmão mais velho faz alguma aquisição, sem usar a propriedade paterna e por ir para um lugar distante ele pode se apropriar para seu próprio uso, de tais aquisições, sem dar qualquer parte disto para seus irmãos mais novos. Se irmãos não separados desejam, (durante o tempo de vida de seu pai), repartir a propriedade da família, o pai deve dar partes iguais para todos os seus filhos. Se acontecer de o irmão mais velho ser de atos pecaminosos e não distinto por habilidades de qualquer tipo ele pode ser desconsiderado por seus irmãos mais novos. Se acontecer de a esposa ou o irmão mais novo ser pecaminoso, ainda assim o bem dela ou dele deve ser procurado. Pessoas conhecedoras da eficácia da virtude dizem a que virtude é o

maior bem. O Upadhyaya (aquele que ensina os Vedas) é superior até a dez Acharyas (instrutores comuns). O pai é igual a dez Upadhyayas. A mãe é igual a dez pais ou até à terra inteira. Não há superior igual à mãe. Realmente, ela supera todos em relação à reverência devida a ela. É por esta razão que as pessoas consideram que a mãe merece tanta reverência. Depois que o pai cessou de respirar, ó Bharata, o irmão mais velho deve ser considerado como o pai. É o irmão mais velho que deve designar para eles seus meios de sustento e proteger e cuidar deles. Todos os irmãos mais jovens devem se curvar a ele e obedecer sua autoridade. De fato, eles devem viver em dependência dele assim como eles viviam do pai deles enquanto ele estava vivo. No que diz respeito ao corpo, ó Bharata, é o pai e a mãe que o criam. Aquele nascimento, no entanto, o qual o Acharya ordena, é considerado como o nascimento verdadeiro, que é, além disso, realmente imperecível e imortal. (O nascimento que alguém deriva dos pais está sujeito à morte, enquanto o nascimento derivado do preceptor é verdadeira regeneração, imperecível e imortal.) A irmã mais velha, ó chefe da linhagem de Bharata, é como a mãe. A esposa do irmão mais velho também é como a mãe, pois o irmão mais novo, na infância, recebe, suga dela.'"

106

"Yudhishthira disse, 'É vista a disposição de fazer jejuns, ó avô, em todas as classes de homens, inclusive nos próprios Mlechchhas. A razão disto, no entanto, não é conhecida por nós. É sabido por nós que somente Brahmanas e Kshatriyas devem cumprir o voto de jejum. Como, ó avô, as outras classes podem ser aceitas como ganhando algum mérito pela observância de jejuns? Como os votos e jejuns vieram a ser cumpridos por pessoas de todas as classes, ó rei? Qual é aquele fim ao qual alguém dedicado à observância de jejuns alcança? É dito que jejuns são altamente meritórios e que jejuns são um grande refúgio. Ó príncipe de homens, qual é o resultado que é ganho neste mundo pelo homem que faz jejuns? Por quais meios uma pessoa é purificada de seus pecados? Por quais meios alguém obtém virtude? Por quais meios, ó melhor dos Bharatas, alguém consegue adquirir céu e mérito? Depois de ter feito um jejum, o que deve ser doado, ó rei? Ó, diga-me, quais são aqueles deveres pelos quais alguém pode conseguir obter objetos tais como os que levam à felicidade?'"

"Vaisampayana continuou, 'Para o filho de Kunti com a divindade de Dharma, que estava familiarizado com todos os deveres e que tinha falado dessa maneira para ele, o filho de Santanu, Bhishma, que conhecia todos os deveres, respondeu nas seguintes palavras.'"

"Bhishma, dito, 'Antigamente, ó rei, eu ouvi a respeito destes méritos superiores, ó chefe da linhagem de Bharata, que se vinculam à observância de jejuns de acordo com a ordenança. Eu tinha, ó Bharata, feito ao Rishi Angiras de grande mérito ascético as mesmas perguntas as quais tu me fizeste hoje. Questionado por mim desse modo, o Rishi ilustre, que surgiu do fogo sacrifical, me respondeu exatamente assim a respeito da observância de jejuns segundo a ordenança.'"

"Angiras disse, 'Com relação a Brahmanas e Kshatriyas, jejuns por três noites a fio são ordenados para eles, ó alegrador dos Kurus. De fato, ó chefe de homens, um jejum por uma noite, por duas noites, e por três noites, podem ser feitos por eles. (Eles nunca devem ir além de três noites.) Com relação a Vaisyas e Sudras, a duração dos jejuns prescritos para eles é uma única noite. Se, por tolice, eles fazem jejuns por duas ou três noites, tais jejuns nunca levam ao seu progresso. De fato, para Vaisyas e Sudras, jejuns por duas noites é ordenado (em certas ocasiões especiais). Jejuns por três noites, no entanto, não foram prescritos para eles por pessoas conhecedoras e cumpridoras de deveres. Aquele homem de sabedoria que, com seus sentidos e alma sob controle, ó Bharata, jejua, por se abster de uma das duas refeições, no quinto e no sexto dias da lua como também no dia da lua cheia, vem a ser dotado de perdão e beleza pessoal e conhecimento das escrituras. Tal pessoa nunca fica sem filhos e pobre. Aquele que realiza sacrifícios para adorar as divindades no quinto e sexto dias da lua, supera todos os membros de sua família e consegue alimentar um grande número de Brahmanas. Aquele que faz jejuns no oitavo dia e no décimo quarto dia da quinzena escura vem a ser livre de enfermidades de todo tipo e possuidor de grande energia. O homem que se abstém de uma refeição todos os dias por todo o mês chamado Margasirsha, deve, com reverência e dedicação, alimentar vários Brahmanas. Por fazer isso ele se torna livre de todos os seus pecados. Tal homem vem a ser dotado de prosperidade, e todas as espécies de cereais se tornam dele. Ele se torna dotado de energia. Realmente, tal pessoa colhe em abundância da colheita de seus campos, obtém grande riqueza e muitos grãos. Aquele homem, ó filho de Kunti, que passa o mês de Pausha inteiro se abstendo todo dia de uma das duas refeições, se torna dotado de boa sorte e feições agradáveis e grande fama. Aquele que passa o mês de Magha inteiro se abstendo todo dia de uma das duas refeições, toma nascimento em uma família nobre e obtém uma posição de eminência entre seus parentes. Aquele que passa o mês de Bhagadaivata inteiro se limitando todo dia a uma única refeição se torna um predileto das mulheres que, de fato, facilmente possuem seu domínio. Aquele que passa o mês de Chaitra inteiro se limitando todo dia a uma refeição, toma nascimento em uma família nobre e se torna rico em ouro, jóias, e pérolas. A pessoa, homem ou mulher, que passa o mês de Vaisakha se limitando todo dia a uma refeição, e mantendo seus sentidos sob controle, consegue alcançar uma posição de eminência entre parentes. A pessoa que passa o mês de Jyaishtha se limitando todo dia a uma refeição por dia consegue alcançar uma posição de eminência e grande riqueza. Se for uma mulher, ela colhe a mesma recompensa. Aquele que passa o mês de Ashadha se limitando a uma refeição por dia e com sentidos firmemente concentrados em seus deveres, vem a ser possuidor de muitos grãos, grande riqueza, e uma grande progênie. Aquele que passa o mês de Sravana se limitando a uma refeição por dia recebe as honras de Abhisheka onde quer que possa acontecer de ele residir, e obtém uma posição de eminência entre os parentes a quem ele sustenta. Aquele homem que se limita a uma única refeição por dia pelo mês inteiro de Proshthapada vem a ser dotado de grande riqueza e obtém afluência crescente e durável. O homem que passa o mês de Aswin se limitando a uma refeição por dia se torna puro em alma e corpo,

possuidor de animais e veículos em abundância, e uma grande progênie. Aquele que passa o mês de Kartika se limitando a uma refeição todo dia, se torna possuidor de heroísmo, muitas esposas, e grande fama. Eu agora te disse, ó chefe de homens, quais são os frutos que são obtidos pelos homens por fazerem jejuns pelos doze meses em detalhes. Escute agora, ó rei, a mim enquanto que te digo quais são as regras a respeito de cada um dos dias lunares. O homem que, se abstendo dele todos os dias, come arroz no término de toda quinzena, se torna possuidor de muitíssimas vacas, uma grande progênie, e uma vida longa. Aquele que faz um jejum por três noites todos os meses e se comporta dessa maneira por doze anos, alcança uma posição de supremacia entre seus parentes e associados, sem um rival para contestar seu direito e sem qualquer ansiedade causada por alguém se esforçando para se elevar à mesma altura. Estas regras que eu cito, ó chefe da linhagem de Bharata, devem ser cumpridas por doze anos. Que a inclinação para isto se manifeste. Aquele homem que come uma vez de manhã e uma vez depois à noite e se abstém de beber (ou comer alguma coisa) no intervalo, e que pratica compaixão em direção a todas as criaturas e despeja libações de manteiga clarificada em seu fogo sagrado todos os dias, alcança o êxito, ó rei, em seis anos. Não há dúvida nisto. Tal homem ganha o mérito que se vincula à realização do sacrifício Agnishtoma. Dotado de mérito e livre de todo tipo de mácula, ele alcança a região das Apsaras que ecoa com os sons de canções e dança, e passa seus dias na companhia de mil donzelas de grande beleza. Ele passeia em um carro da cor do ouro fundido e recebe grandes honras na região de Brahma. Depois do esgotamento daquele mérito tal pessoa volta para a terra e obtém preeminência de posição. Aquele homem que passa um ano inteiro se limitando todo dia a uma única refeição obtém o mérito do sacrifício Atiratra. Ele ascende para o céu depois da morte e recebe grandes honras lá. Após o esgotamento daquele mérito ele retorna para a terra e obtém uma posição de eminência. Aquele que passa um ano inteiro fazendo jejuns por três dias em sucessão e ingerindo alimento em todo quarto dia, e se abstendo de injúria de todo tipo adere à veracidade de palavras e mantém seus sentidos sob controle, obtém o mérito do sacrifício Vajapeya. Tal pessoa ascende para o céu depois da morte e recebe grandes honras lá. Aquele homem, ó filho de Kunti, que passa um ano inteiro fazendo jejuns por cinco dias e ingerindo alimento somente no sexto dia, adquire o mérito Sacrifício de Cavalo. A carruagem na qual ele é levado é puxada por Chakravakas. Tal homem desfruta de todo tipo de felicidade no céu por quarenta mil anos completos. Aquele que passa um ano inteiro fazendo jejuns por sete dias e se alimenta somente em todo oitavo dia adquire o mérito do sacrifício Gavamaya. A carruagem que ele usa é puxada por cisnes e grous. Tal pessoa desfruta de todas as espécies de felicidade no Céu por cinquenta mil anos. Aquele que passa um ano inteiro, ó rei, comendo somente em intervalos de uma quinzena, adquire o mérito de um jejum contínuo por seis meses. Isto foi dito pelo próprio Angiras ilustre. Tal homem mora no céu por sessenta mil anos. Ele é despertado de sua cama toda manhã pelas notas doces de Vinas e Vallakis e flautas, ó rei. Aquele que passa um ano inteiro bebendo somente um pouco água no término de cada mês adquire, ó monarca, o mérito do sacrifício Viswajit. Tal homem é conduzido em uma carruagem puxada por leões e tigres. Ele mora no céu por setenta mil anos no gozo de todo tipo de felicidade. Nenhum jejum por

mais do que um mês, ó chefe de homens, é ordenado. Exatamente esta, ó filho de Pritha, é a ordenança a respeito de jejuns que foi declarada por sábios familiarizados com deveres. Aquele homem que faz um jejum, não afligido por doença e livre de toda enfermidade, realmente adquire, a cada passo, os méritos que se vinculam a Sacrifícios. Tal homem ascende para o Céu em um carro puxado por cisnes. Dotado de pujança, ele desfruta de todo tipo de felicidade no céu por cem anos. Cem Apsaras das feições mais belas o servem e se divertem com ele. Ele é despertado de sua cama toda manhã pelo som dos Kanchis e dos Nupuras daquelas moças. (Kanchi é um ornamento usado por damas ao redor da cintura ou quadris. Há um disco brilhante de ouro ou prata, o qual pende sobre o quadril. Ele é comumente chamado de Chandra-hara. O Nupura é uma argola de prata usada no tornozelo, com pequenas bolas moventes colocadas dentro, de modo que quando quem usa se move estas fazem um som agradável.) Tal pessoa passeia em um carro puxado por mil cisnes. Residindo, além disso, em uma região abundando com centenas das mais belas donzelas, ele passa seu tempo em grande alegria. O homem que deseja o céu não gosta da acessão de força quando ele fica fraco, ou da cura de ferimentos quando ele está ferido, ou da administração de remédios que curam quando ele está doente, ou de ser acalmado por outros quando ele está zangado, ou da mitigação, pelo gasto de riqueza, das tristezas causadas pela pobreza. Deixando este mundo onde ele sofre somente privações de todo tipo, ele procede para o céu e passeia em carros adornados com ouro, seu corpo embelezado com ornamentos de todo tipo. Lá, no meio de centenas de belas donzelas, ele desfruta de todos os tipos de prazer e felicidade, purificado de todos os pecados. De fato, se abstendo de alimento e prazeres neste mundo, ele se despede deste corpo e ascende para o céu como o resultado de suas penitências. Lá, livre de todos os seus pecados, saúde e felicidade se tornam dele e quaisquer desejos que surgem em sua mente vêm a ser coroados com realização. Tal pessoa passeia em um carro celestial de cor dourada, da refulgência do sol da manhã, ornamentado com pérolas e lápis lazúli, ressoando com a música de Vinas e Murajas, adornado com estandartes e lâmpadas, e ecoando com o tinido de sinos celestes, tal pessoa desfruta de todas as espécies de felicidade no céu por tantos anos quanto os poros que existem em seu corpo. Não há Sastra superior ao Veda. Não há pessoa mais digna de reverência do que a mãe. Não há aquisição superior àquela de Virtude, e nenhuma penitência superior ao jejum. Não há nada mais sagrado, no céu ou na terra, do que os Brahmanas. Do mesmo modo não há penitência que seja superior à observância de jejuns. Foi por jejuns que as divindades conseguiram se tornar habitantes do céu. É por jejuns que os Rishis têm obtido grande êxito. Viswamitra passou mil anos celestes se limitando todo dia a uma única refeição, e como a consequência disso obteve a posição de um Brahmana. Chyavana e Jamadagni e Vasishtha e Gautama e Bhrigu, todos estes grandes Rishis dotados da virtude do perdão alcançaram o céu através da observância de jejuns. Nos tempos passados Angiras declarou desta forma para os grandes Rishis. O homem que ensina a outro o mérito dos jejuns nunca tem que sofrer algum tipo de tristeza. As ordenanças sobre jejuns, em sua devida ordem, ó filho de Kunti, fluíram do grande Rishi Angiras. O homem que lê diariamente estas ordenanças ou as ouve serem lidas, fica livre de pecados de todo tipo. Não somente tal pessoa é libertada de

toda calamidade, mas sua mente se torna incapaz de ser tocada por algum tipo de imperfeição. Tal pessoa consegue compreender os sons de todas as criaturas que não são humanas, e adquirindo fama eterna, se torna o principal de sua espécie.'"

107

"Yudhishthira disse, 'Ó avô de grande alma, tu discursaste devidamente para nós sobre o assunto de Sacrifícios, inclusive os méritos em detalhes que se vinculam a eles neste e no outro mundo. Deve ser lembrado, no entanto, ó avô, que Sacrifícios não podem ser realizados por pessoas que são pobres, pois estes requerem um grande estoque de diversos tipos de artigos. De fato, ó avô, o mérito ligado aos Sacrifícios pode ser adquirido somente por reis e príncipes. Aquele mérito não pode ser adquirido por aqueles que são desprovidos de riqueza e privados de habilidade e que vivem sós e que são desamparados. Diga-nos, ó avô, quais são as ordenanças a respeito daquelas ações que são repletas de mérito igual ao que se vincula aos sacrifícios e as quais, portanto, são capazes de serem realizadas por pessoas desprovidas de recursos.'"

"Bhishma disse, 'Ouça, ó Yudhishthira! Aquelas ordenanças das quais eu te falei, isto é, aquelas que foram primeiro promulgadas pelo grande Rishi Angiras, e que têm referência a fatos meritórios como sua alma, são consideradas como iguais a Sacrifícios (em relação aos resultados que elas ocasionam neste e no outro mundo). O homem que faz uma refeição de manhã e uma à noite, sem ingerir algum alimento ou bebida durante o intervalo, e que cumpre estes regulamentos por um período de seis anos em sucessão, se abstendo todo o tempo de ferir qualquer criatura e derramando regularmente libações em seu fogo sagrado todo dia, alcança, sem dúvida, o sucesso. Tal homem adquire após a morte um carro da cor do ouro aquecido, e obtém uma residência, por milhões de anos, na região de Prajapati, na companhia de donzelas celestes, que sempre ecoa com o som de música e dança, e resplandece com a refulgência do fogo. Aquele que passa três anos se limitando todo dia a uma refeição e se abstendo todo o tempo de relações sexuais com alguma outra mulher salvo sua própria esposa, obtém o mérito do sacrifício Agnishtoma. Tal homem é considerado como tendo realizado um Sacrifício, com abundância de presentes em ouro, que é precioso para o próprio Vasava. Por praticar a veracidade de palavras, fazer doações, reverenciar os Brahmanas, evitar malícia, se tornar perdoador e auto-dominado, e vencer a ira, um homem alcança o fim mais sublime. Passeando em um carro da cor das nuvens brancas que é puxado por cisnes, ele vive, por milhões e milhões de anos, na companhia de Apsaras. Jejuando por um dia inteiro e comendo uma única refeição no segundo dia, aquele que despeja libações sobre seu fogo sagrado pelo período de um ano inteiro, realmente, aquele que faz tal jejum e se encarrega todo dia de seu fogo e se levanta todo dia da cama antes do nascer do sol, obtém o mérito do sacrifício Agnishtoma. Tal homem obtém um carro puxado por cisnes e grous. Cercado pelas donzelas mais belas, ele reside na região de Indra. Aquele homem que come somente uma refeição a cada terceiro dia, e despeja libações todo dia em seu fogo sagrado por um período de

um ano inteiro, de fato, aquele que cuida assim de seu fogo todo dia e acorda toda manhã antes do sol nascer, obtém o grande mérito do sacrifício Atiratra. Ele obtém um carro puxado por pavões e cisnes e grous. Procedendo para a região dos sete Rishis (celestes), ele toma sua residência lá, cercado por Apsaras de grande beleza. É bem sabido que tal residência dura por três Padmas completos de anos. (Um Padma é um número muito grande.) Jejuando por três dias em sucessão, aquele que come somente uma refeição cada quarto dia, e despeja libações todo dia em seu fogo sagrado, adquire o grande mérito do sacrifício Vajapeya. O carro que ele obtém é enfeitado por donzelas celestes de grande beleza que têm Indra como seu pai. Ele reside na região de Indra por milhões e milhões de anos e experimenta grande felicidade por testemunhar os esportes do chefe das divindades. Jejuando por quatro dias em sucessão, aquele que come somente uma refeição cada quinto dia, e despeja libações no fogo sagrado todo dia pelo período de um ano, e que vive sem cobiça, dizendo a verdade, reverenciando os Brahmanas, se abstendo de todos os tipos de injúria, e evitando malícia e pecado, adquire o mérito do sacrifício Vajapeya. O carro que ele usa é feito de ouro e puxado por cisnes e dotado da refulgência de muitos sóis nascidos juntos. Ele obtém uma mansão suntuosa de branco puro. Ele vive lá em grande felicidade por cinquenta e um Padmas completos de anos. Jejuando por cinco dias, aquele que ingere alimento somente no sexto dia, e despeja libações em seu fogo sagrado todo dia por um ano inteiro, e que realiza três abluções no decorrer do dia para se purificar e dizendo suas orações e fazendo seu culto, e que leva uma vida de Brahmacharya, privado de malícia em sua conduta, adquire o mérito do sacrifício Gomedha. Ele obtém um carro excelente adornado com ouro puro, possuidor do esplendor de um fogo ardente e puxado por cisnes e pavões. Ele dorme no colo de Apsaras e é despertado toda manhã pelo tinido melodioso de Nupuras e Kanchis. Ele leva tal vida de felicidade por dez mil milhões de anos e três mil milhões além disso e dezoito Padmas e dois Patakas. (Um número quase incontável.) Tal homem reside também, honrado por todos, na região de Brahma por tantos anos quanto os pêlos que existem nos corpos de centenas de ursos. Jejuando por seis dias, aquele que come somente uma refeição todo sétimo dia e despeja libações no fogo sagrado todo dia, por um ano inteiro, reprimindo a fala o tempo todo e cumprindo o voto de Brahmacharya, e se abstendo do uso de flores e unguentos e mel e carne, alcança a região dos Maruts e de Indra. Coroado com a realização de todos os desejos conforme eles surgem na mente, ele é servido e adorado por donzelas celestes. Ele adquire os méritos de um sacrifício no qual abundância de ouro é doada. Procedendo para as regiões citadas, ele vive lá por inúmeros anos na maior felicidade. Aquele que mostra clemência por todos e, jejuando por sete dias come em todo oitavo dia por um ano inteiro, e, despejando libações todo dia no fogo sagrado adora as divindades regularmente, adquire os grandes méritos do sacrifício Paundarika. O carro que ele usa é de uma cor como aquela do lótus. Sem dúvida, tal homem obtém também um grande número de donzelas, possuidoras de juventude e beleza, algumas tendo cores que são escuras, algumas com cores como aquela do ouro, e algumas que são Syamas, cujas aparências e atitudes são de tipo mais agradável. (Algumas das mais belas damas na mitologia e história Hindu são de cor escura. Draupadi, a rainha dos Pandavas, era de cor escura e era chamada de Krishna. Quanto às mulheres

chamadas de Syamas, a descrição dada é que seus corpos são quentes no inverno e frios no verão, e sua cor é como aquela do ouro aquecido.) Aquele que jejua por oito dias e come somente uma refeição em todo nono dia por um ano inteiro, e despeja libações no fogo sagrado todo dia, adquire os grandes méritos de mil Sacrifícios de Cavalo. O carro que ele usa no Céu é tão belo quanto um lótus. Ele sempre faz suas viagens naquele carro, acompanhado pelas filhas de Rudra, adornado com guirlandas celestes e dotado da refulgência do sol do meio-dia ou dos fogos de chamas ardentes. Chegando às regiões de Rudra, ele vive lá em grande felicidade por inúmeros anos. Aquele que jejua por nove dias e come somente uma refeição em todo décimo dia por um ano inteiro, e despeja libações em seu fogo sagrado todo dia, adquire o mérito sublime de mil Sacrifícios de Cavalo, e obtém a companhia de filhas de Brahmanas dotadas de beleza capaz de encantar os corações de todas as criaturas. Estas donzelas, possuidoras de tal beleza, e algumas delas possuidoras de cor como aquela do lótus e algumas como aquela da mesma flor da variedade azul, sempre o mantêm em alegria. Ele obtém um veículo belo, que se move em belos círculos e que parece com a nuvem densa chamada Avarta, realmente, ele pode ser citado como parecendo também com uma onda do oceano. Aquele veículo ressoa com o tinido constante de fileiras de pérolas e jóias, e o clangor melodioso de conchas, e é adornado com colunas feitas de cristal e diamantes, como também com um altar construído dos mesmos minerais. Ele faz suas viagens em tal carro, puxado por cisnes e grous e vive por milhões e milhões de anos em grande felicidade no céu. Aquele que jejua por dez dias e que come somente ghee em todo décimo primeiro dia por um ano inteiro e despeja libações em seu fogo sagrado todo dia, que nunca, em palavras ou pensamentos, cobiça a companhia de esposas de outros homens e que nunca profere uma mentira nem por causa de sua mãe e pai, consegue contemplar Mahadeva de grande pujança sentado em seu carro. Tal pessoa adquire o grande mérito de mil Sacrifícios de Cavalo. Ele vê o carro do próprio Brahman Auto-nascido se aproximar para levá-lo sobre ele. Ele passeia nele, acompanhado por donzelas celestes possuidoras de grande beleza, e cor tão refulgente quanto aquela do ouro puro. Dotado do esplendor brilhante do fogo-Yoga, ele vive por inúmeros anos em uma mansão celestial no céu, repleta de toda felicidade. Por aqueles incontáveis anos ele experimenta a alegria de inclinar sua cabeça em reverência para Rudra adorado por divindades e Danavas. Tal pessoa obtém todo dia a visão da grande divindade. Aquele homem que tendo jejuado por onze dias come somente um pouco de ghee no décimo segundo, e segue esta conduta por um ano inteiro, consegue obter os méritos vinculados a todos os sacrifícios. O carro que ele usa é possuidor da refulgência de uma dúzia de sóis. Adornada com jóias e pérolas e corais de grande valor, embelezada com fileiras de cisnes e cobras e de pavões e Chakravakas proferindo suas notas melodiosas, e embelezada com cúpulas grandes, é a residência que ele obtém na região de Brahman. Aquela residência, ó rei, está sempre cheia com homens e mulheres (que o atendem para serviço). Isto mesmo é o que o altamente abençoado Rishi Angiras, conhecedor de todos os deveres, disse (a respeito dos frutos de tal jejum). Aquele homem que tendo jejuado por doze dias come um pouco de ghee no décimo terceiro, e se conduz dessa maneira por um ano inteiro, consegue obter os méritos do sacrifício divino. Tal homem obtém um carro da cor do lótus recém

aberto, adornado com ouro puro e pilhas de jóias e pedras preciosas. Ele procede para as regiões dos Maruts que abunda em donzelas celestes, que estão enfeitadas com todos os tipos de ornamentos celestes, que são fragrantes com perfumes celestes, e que contêm todo elemento de bem-aventurança. O número de anos que ele reside naquelas regiões felizes é incontável. Acalmado com o som de música e a voz melodiosa de Gandharvas e os sons e clangor de baterias e Panavas, ele é constantemente alegrado por donzelas celestes de grande beleza. Aquele homem que tendo jejuado por treze dias come um pouco de ghee no décimo quarto dia, e se conduz dessa maneira por um ano inteiro, obtém os méritos do sacrifício Mahamedha. (Este sacrifício consistia na morte de um ser humano.) Donzelas celestes de beleza indescritível, e cuja idade não pode ser adivinhada pois elas são sempre jovens em aparência, enfeitadas com todos os ornamentos e com braceletes de esplendor brilhante, o servem com muitos carros e o seguem em suas viagens. Ele é despertado de sua cama toda manhã pela voz melodiosa de cisnes, o tinido de Nupuras, e o altamente agradável tinido de Kanchis. Na verdade, ele mora em uma residência superior, servido por tais donzelas celestes, por anos tão incontáveis quanto as areias nas margens de Ganga. Aquele homem que, mantendo seus sentidos sob controle, jejua por uma quinzena e faz somente uma refeição no décimo sexto dia, e se comporta dessa maneira por um ano inteiro, despejando libações todo dia em seu fogo sagrado, adquire os grandes méritos que se vinculam a mil sacrifícios Rajasuya. O carro que ele usa é possuidor de grande beleza e é puxado por cisnes e pavões. Passeando em tal veículo, que é, além disso, adornado com guirlandas de pérolas e do ouro mais puro e enfeitado com grupos de donzelas celestes adornadas com ornamentos de todo tipo, tendo uma coluna e quatro arcos e sete altares extremamente auspiciosos, dotado de milhares de estandartes e ecoando com o som de música celeste e de atributos celestes, embelezado com jóias e pérolas e corais, e possuidor da refulgência do relâmpago, tal homem vive no céu por mil Yugas, tendo elefantes e rinocerontes para puxar aquele seu veículo. Aquele homem que tendo jejuado por quinze dias faz uma refeição no décimo sexto dia e se comporta dessa maneira por um ano inteiro, adquire os méritos ligados ao sacrifício Soma. Procedendo para o Céu ele vive na companhia das filhas de Soma. Seu corpo fragrante com unguentos cujos perfumes são tão doces quando aqueles do próprio Soma, ele adquire o poder de se transportar imediatamente para qualquer lugar que ele queira. Sentado em seu carro ele é servido por donzelas das feições mais belas e modos agradáveis, e dispõe de todos os artigos de prazer. O período pelo qual ele desfruta de tal felicidade consiste em anos inumeráveis. Aquele homem que tendo jejuado por dezesseis dias come um pouco de ghee no décimo sétimo dia e se comporta dessa maneira por um ano inteiro, despejando libações todo dia em seu fogo sagrado, procede para as regiões de Varuna e Indra, e Rudra e dos Maruts e Usanas e do próprio Brahman. Lá ele é servido por donzelas celestes e obtém uma visão do Rishi celeste chamado Bhurbhuva e compreende o universo inteiro em seu círculo visual. As filhas da divindade das divindades o alegram lá. Aquelas donzelas, de maneiras agradáveis e enfeitadas com todos os ornamentos, são capazes de assumir trinta e duas formas. Enquanto o Sol e a Lua se moverem no firmamento aquele homem de sabedoria residirá naquelas regiões de bem-aventurança, subsistindo da

suculência da ambrosia e néctar. Aquele homem que tendo jejuado por dezessete dias come uma única refeição no décimo oitavo dia, e se comporta dessa maneira por um ano inteiro, consegue compreender as sete regiões, das quais o universo consiste, em seu horizonte. Enquanto realizando suas viagens em seu carro ele é sempre seguido por uma grande comitiva de carros que produzem o estrépito mais agradável e repletos de donzelas celestes brilhando com ornamentos e beleza. Desfrutando da maior felicidade, o veículo que ele usa é celeste e dotado da maior beleza. Ele é puxado por leões e tigres, e produz um estrépito tão profundo quanto o som das nuvens. Ele vive em tal felicidade por mil Kalpas subsistindo da suculência da ambrosia que é tão doce quanto o próprio néctar. Aquele homem que tendo jejuado por dezoito dias come somente uma refeição no décimo nono dia e se comporta dessa maneira por um ano inteiro, consegue compreender dentro do seu círculo visual todas as sete regiões das quais o universo consiste. A região a qual ele alcança é habitada por diversas tribos de Apsaras e ressoa com a voz melodiosa de Gandharvas. O carro no qual ele é levado é possuidor da refulgência do sol. Seu coração estando livre de toda ansiedade, ele é servido pelas principais das donzelas celestes. Enfeitado com guirlandas celestes, e possuidor de beleza de forma, ele vive em tal felicidade por milhões e milhões de anos. Aquele homem que tendo jejuado por dezenove dias come somente uma refeição a cada vigésimo dia e se comporta dessa maneira por um ano inteiro, aderindo todo o tempo à veracidade de palavras e ao cumprimento de outros rituais (excelentes), se abstendo também de carne, levando a vida de um Brahmacharin, e dedicado ao bem de todas as criaturas, chega às legiões extensas, de grande felicidade, pertencentes aos Adityas. Enquanto realizando suas viagens em seu próprio carro, ele é seguido por uma grande comitiva de carros ocupados por Gandharvas e Apsaras enfeitadas com guirlandas e unguentos celestes. Aquele homem que tendo jejuado por vinte dias faz uma única refeição no vigésimo primeiro dia e se comporta dessa maneira por um ano inteiro, despejando libações todo dia em seu fogo sagrado, vai para as regiões de Usanas e Sakra, dos Aswins e dos Maruts, e reside lá em felicidade ininterrupta de grande medida. Não familiarizado com tristeza de todo tipo, ele é conduzido nos principais dos carros para fazer suas viagens, e servido pelas principais das donzelas celestes, e possuidor de pujança, ele se diverte em alegria assim como um celestial. Aquele homem que tendo jejuado por vinte e um dias faz uma única refeição no vigésimo segundo dia e se conduz dessa maneira por um ano inteiro, despejando libações em seu fogo sagrado todo dia, se abstendo de ferir qualquer criatura, aderindo à veracidade de palavras, e livre de malícia, alcança as regiões dos Vasus e vem a ser dotado do esplendor do sol. Possuidor do poder de ir a todos os lugares à vontade, subsistindo de néctar, e passeando nos principais dos carros, com seu corpo enfeitado com ornamentos celestes, ele se diverte em alegria na companhia de donzelas celestes. Aquele homem que tendo jejuado por vinte e dois dias faz uma única refeição do vigésimo terceiro dia e se conduz dessa maneira por um ano inteiro, regulando sua dieta dessa maneira e mantendo seus sentidos sob controle, alcança as regiões da divindade do Vento, de Usanas, e de Rudra. Capaz de ir a todos os lugares à vontade e sempre vagando à vontade, ele é adorado por diversas tribos de Apsaras. Sendo levado nos principais dos carros e seu corpo enfeitado com ornamentos celestes, ele se

diverte por inúmeros anos em grande bem-aventurança na companhia de donzelas celestes. Aquele homem que tendo jejuado por vinte e três dias come um pouco de ghee no vigésimo quarto dia, e se conduz dessa maneira por um ano inteiro, despejando libações em seu fogo sagrado, reside por inúmeros anos em grande felicidade nas regiões dos Adityas, seu corpo ornado com mantos celestes e guirlandas e perfumes e unguentos celestes. Passeando em um carro excelente feito de ouro e possuidor de grande beleza e puxado por cisnes, ele se diverte em alegria na companhia de milhares e milhares de donzelas celestes. Aquele homem que tendo jejuado por vinte e quatro dias come uma única refeição no vigésimo quinto dia e se comporta dessa maneira por um ano inteiro, consegue obter um carro do tipo principal, cheio de todos os artigos de prazer. Ele é seguido em suas viagens por um grande séquito de carros puxados por leões e tigres, e produzindo um estrépito tão profundo quanto o ribombo das nuvens, repletos de donzelas celestes, e todos feitos de ouro puro e possuidores de grande beleza. Ele mesmo sendo conduzido em um carro celeste excelente possuidor de grande beleza, ele reside naquelas regiões por mil Kalpas, na companhia de centenas de donzelas celestes, e subsistindo da suculência da ambrosia que é doce como o próprio néctar. Aquele homem que tendo jejuado por vinte e cinco dias come somente uma refeição no vigésimo sexto dia, e se comporta dessa maneira por um ano inteiro na observância de tal regulamento em relação à dieta, mantendo seus sentidos sob controle, livre de atração (por objetos mundanos), e despejando libações todo dia em seu fogo sagrado, aquele homem abençoado, adorado pelas Apsaras, alcança as regiões dos sete Maruts e dos Vasus. Quando realizando suas viagens ele é seguido por uma grande comitiva de carros feitos de cristal excelente e adornados com todas as espécies de pedras preciosas, e repletos de Gandharvas e Apsaras que lhe mostram toda honra. Ele reside naquelas regiões, no desfrute de tal bem-aventurança, e dotado de energia celeste, por dois mil Yugas. Aquele homem que tendo jejuado por vinte e seis dias come uma única refeição no vigésimo sétimo dia e se comporta dessa maneira por um ano inteiro, despejando libações todo dia em seu fogo sagrado, adquire grande mérito e procedendo para o Céu recebe honras das divindades. Residindo lá, ele subsiste de néctar, livre de sede de todo tipo, e desfrutando de toda felicidade. Sua alma purificada de toda escória e realizando suas viagens em um carro celeste de grande beleza, ele vive lá, ó rei, se conduzindo da mesma maneira dos Rishis celestes e dos sábios reais. Possuidor de grande energia, ele mora lá em grande felicidade na companhia de donzelas celestes de modos altamente agradáveis, por três mil Yugas e Kalpas. Aquele homem que, tendo jejuado por vinte e sete dias, come uma única refeição no vigésimo oitavo dia e se conduz dessa maneira por um ano inteiro, com alma e sentidos sob perfeito controle, adquire mérito muito grande, o qual, realmente, é igual ao que é adquirido pelos Rishis celestes. Possuidor de todos os artigos de prazer, e dotado de grande energia, ele brilha com a refulgência do sol do meio dia. Moças divertidas das feições mais delicadas e dotadas de esplendor de cor, tendo peitos profundos, coxas cônicas e quadris cheios e redondos, enfeitadas com ornamentos celestes, o alegram com sua companhia enquanto ele passeia em um carro encantador e excelente possuidor do esplendor do sol e equipado com todos os artigos de prazer, por milhares e milhares de Kalpas. Aquele homem que tendo jejuado por vinte e oito dias come

uma única refeição no vigésimo nono dia, e se comporta dessa maneira por um ano inteiro, aderindo todo o tempo à veracidade de palavras, alcança regiões auspiciosas de grande felicidade que são adoradas por Rishis celestes e sábios reais. O carro que ele obtém é dotado da refulgência do sol e da lua; feito de ouro puro e adornado com todo tipo de pedras preciosas, repleto de Apsaras e Gandharvas cantando melodiosamente. Nisso ele é alcançado por donzelas auspiciosas adornadas com ornamentos celestes de todo tipo. Possuidoras de disposições amáveis e feições agradáveis, e dotadas de grande energia, elas o alegram com sua companhia. Dotado de todo artigo de prazer e de grande energia, e possuidor do esplendor de um fogo ardente, ele brilha como um celestial, com uma forma celeste tendo toda excelência. As regiões que ele alcança são aquelas dos Vasus e dos Maruts, dos Sadhyas e dos Aswins, dos Rudras e do próprio Brahman. Aquele homem que tendo jejuado por um mês inteiro faz uma única refeição no primeiro dia do mês seguinte e se comporta dessa maneira por um ano inteiro, olhando para todas as coisas com um olhar imparcial alcança as regiões do próprio Brahman. Lá ele subsiste da suculência da ambrosia. Dotado de uma forma de grande beleza e altamente agradável para todos, ele brilha com energia e prosperidade como o próprio sol de mil raios. Devotado ao Yoga e adornado com mantos celestes e guirlandas e coberto com perfumes e unguentos celestes, ele passa seu tempo em grande felicidade, não familiarizado com a menor tristeza. Ele brilha em seu carro acompanhado por donzelas que brilham com refulgência emitida por elas mesmas. Aquelas donzelas, as filhas dos Rishis celestes e dos Rudras, o adoram com veneração. Capazes de assumir diversas formas que são muito encantadoras e altamente agradáveis, sua fala é caracterizada por diversas espécies de suavidade, e elas são capazes de alegrar a pessoa que elas servem de diversos tipos de maneiras. Enquanto realizando suas viagens, ele passeia em um carro que parece com o próprio firmamento em cor (pela sutileza do material que o compõe). Em sua retaguarda estão carros que parecem com a lua; à frente dele estão carros que parecem as nuvens; à sua direita estão veículos que são vermelhos; abaixo dele estão aqueles que são azuis; e acima dele estão aqueles que são de cor variada. Ele é sempre adorado por aqueles que o servem. Dotado de grande sabedoria, ele vive na região de Brahman por tantos anos quando são medidos pelas gotas de chuva que caem no decorrer de mil anos naquela divisão da terra que é chamada de Jamvudwipa. Realmente, possuidor do esplendor de uma divindade, ele vive naquela região de bem-aventurança genuína por tantos anos quanto as gotas de chuva que caem sobre a terra na estação das chuvas. O homem que, tendo jejuado por um mês inteiro, come no primeiro dia do mês seguinte, e se comporta dessa maneira por dez anos, obtém a posição de um grande Rishi. Ele não tem que sofrer qualquer mudança de forma enquanto procedendo para o céu para desfrutar das recompensas de suas ações em sua vida. Na verdade, esta é a posição que alguém por reprimir as palavras, praticar abnegação, subjugar a ira, o apetite sexual, e o desejo de comer, derramar libações no fogo sagrado, e adorar regularmente os dois crepúsculos. Aquele homem que se purifica pelo cumprimento destes votos e práticas similares, e que se alimenta dessa maneira, se torna tão imaculado quanto o éter (que é o mais puro dos elementos) e dotado de refulgência como aquela do próprio sol. Tal homem, ó rei, procedendo para o

céu mesmo em sua própria forma carnal, desfruta de toda a felicidade que há lá como uma divindade à sua vontade.'"

'Eu assim te disse, ó chefe dos Bharatas, quais são as ordenanças excelentes a respeito de sacrifícios, uma após outra, como dependentes dos resultados de jejuns. (Sacrifícios têm como sua alma os ritos reais prescritos nas escrituras ou jejuns de vários tipos. A observância de jejuns é igual à realização de sacrifícios, pois os méritos de ambos são iguais.) Homens pobres, ó filho de Pritha (que são incapazes de realizar sacrifícios) podem; todavia, adquirir os frutos deles (pela observância de jejuns). Na verdade, por fazer estes jejuns, até um homem pobre pode chegar ao fim mais sublime, ó principal da linhagem de Bharata, encarregando-se todo o tempo, além disso, do culto das divindades e dos Brahmanas. Eu assim narrei para ti em detalhes as ordenanças em relação a jejuns. Não nutra qualquer dúvida a respeito daqueles homens que são dessa maneira cumpridores de votos, que são assim atentos e puros e de grande alma, que são assim livres de orgulho e contendas de todo tipo, que são dotados de tais compreensões devotadas, e que perseguem seu objetivo com tal firmeza e fixidez de propósito sem jamais se desviarem de seu caminho.'"

108

"Yudhishthira disse, 'Fale-me, ó avô, daquele que é considerado como o principal de todos os Tirthas. De fato, cabe a ti me explicar qual é aquele Tirtha que leva à maior pureza.'" (A palavra Tirtha significa água sagrada. Não pode haver Tirtha sem água, seja ele um rio, um lago, ou mesmo um poço. Bhishma, no entanto, escolhe usar a palavra em um sentido diferente.)

"Bhishma disse, 'Sem dúvida, todos os Tirthas são possuidores de mérito. Ouça-me, no entanto, com atenção enquanto eu te digo qual é o Tirtha purificador de homens dotados de sabedoria. Aderindo à Verdade eterna, uma pessoa deve se banhar no Tirtha chamado Manasa, o qual é insondável (por sua profundidade), imaculado e puro, e que tem a Verdade como suas águas e a compreensão como seu lago. (A linguagem é figurativa. Por Manasa não se quer dizer o lago trans-Himalaico daquele nome, o qual até hoje é considerado como altamente sagrado e arrasta numerosos peregrinos de todas as partes da Índia. A palavra é usada para significar a Alma. Ela é insondável por ninguém ser capaz de descobrir sua origem. Ela é pura e imaculada por natureza.) Os frutos na forma de purificação, que alguém adquire por se banhar naquele Tirtha, são liberdade de cobiça, sinceridade, veracidade, suavidade (de comportamento), compaixão, abstenção de ferir alguma criatura, auto-domínio, e tranquilidade. Aqueles homens que são livres de apegos, que são desprovidos de orgulho, que transcendem todos os pares de opostos (tais como prazer e dor, elogio e crítica, calor e frio, etc.), que não têm esposas e filhos e casas e jardins, etc., que são dotados de pureza, e que subsistem de esmolas dadas para eles por outros, são considerados como Tirthas. Aquele que está familiarizado com as verdades de todas as coisas e que está livre da idéia de 'meu', é citado como sendo o Tirtha mais sublime. (Alguém livre da idéia de 'meu' significa aquele que se identifica com todas as criaturas; ele, isto é,

em quem a idéia de eu foi extinta.) Ao procurar as indicações de pureza, o olhar deve ser sempre dirigido para estes atributos (de maneira que onde estes estão presentes tu podes considerar a pureza como estando presente, e onde estes não estão, a pureza também deve ser concluída como não estando). Aquelas pessoas de cujas almas os atributos de Sattwa e Rajas e Tamas foram removidos, aquelas que, indiferentes à pureza e impureza (externas) perseguem os fins que elas propuseram a si mesmas, aqueles que renunciaram a tudo, aqueles que são possuidores de onisciência e dotados de visão universal, e aqueles que são de conduta pura, são considerados como Tirthas possuidores do poder de purificação. Aquele homem cujos membros somente estão molhados com água não é considerado como alguém que está lavado. Por outro lado, é considerado como purificado aquele que se lavou por meio de abnegação. Tal pessoa é citada como sendo pura interiormente e exteriormente. Aqueles que nunca se preocupam com que é passado, aqueles que não sentem apego pelas aquisições que são presentes, de fato, aqueles que estão livres do desejo, são citados como sendo possuidores da maior pureza. O conhecimento é citado como constituindo a pureza especial do corpo. Assim também liberdade de desejo, e alegria de mente. Pureza de conduta constitui a pureza da mente. A pureza que alguém obtém por abluções em águas sagradas é considerada como inferior. Na verdade, aquela pureza que provêm do conhecimento é considerada como a melhor. Aquelas abluções que alguém realiza com uma mente resplandecente nas águas do conhecimento de Brahma no Tirtha chamado Manasa são as verdadeiras abluções daqueles que estão familiarizados com a Verdade. O homem que é possuidor de pureza verdadeira de conduta e que está sempre dedicado à preservação de uma atitude apropriada em direção a tudo, de fato, aquele que é possuidor de atributos e mérito (puros), é considerado como realmente puro. Estes que eu mencionei são citados como os Tirthas que são inerentes ao corpo. Ouça-me enquanto eu te digo quais são aqueles Tirthas sagrados que estão situados sobre a terra também. Assim como atributos especiais que são inerentes ao corpo são citados como sagrados, há locais específicos na terra também, e águas específicas, que são considerados como sagrados. Por recitar os nomes dos Tirthas, por realizar abluções lá, e por oferecer oblações para os Pitris naqueles locais, os pecados de uma pessoa são purificados. Realmente, aqueles homens cujos pecados são assim purificados conseguem chegar ao céu quando eles deixam este mundo. Por sua associação com pessoas que são justas, através da eficácia especial da própria terra daqueles locais e de águas específicas, há certas partes da terra que vieram a ser consideradas como sagradas. Os Tirthas da mente são separados e distintos daqueles da terra. Aquela pessoa que se banha em ambos obtém sucesso sem qualquer demora. Como força sem esforço, ou esforço sem força nunca podem realizar alguma coisa separadamente, e como estes, quando combinados, podem realizar todas as coisas, exatamente assim alguém que vem a ser dotado da pureza que é fornecida pelos Tirthas no corpo como também por aquela que é fornecida pelos Tirthas sobre a terra, se torna realmente puro e obtém êxito. Aquela pureza que é derivada de ambas as fontes é a melhor.'"

109

"Yudhishthira disse, 'Cabe a ti, ó avô, me dizer qual é o maior fruto, o mais benéfico, e o mais certo de todos os tipos de jejum neste mundo.'"

"Bhishma disse, 'Escute, ó rei, ao que foi cantado pelo próprio Auto-nascido e por realizar o qual uma pessoa, sem dúvida, obtém a maior felicidade. Aquele homem que jejua no décimo segundo dia da lua no mês chamado Margasirsha e cultua Krishna como Kesava pelo dia e noite inteiros, obtém o mérito do Sacrifício de Cavalo e se torna purificado de todos os seus pecados. Aquele que; da mesma maneira, jejua no décimo segundo dia da lua no mês de Pausha e adora Krishna como Narayana, pelo dia e noite inteiros, obtém os méritos do sacrifício Vajapeya e o maior êxito. Aquele que jejua no décimo segundo dia da lua no mês de Magha e cultua Krishna como Madhava, pelo dia e noite inteiros, obtém os méritos do sacrifício Rajasuya, e resgata sua própria linhagem (da miséria). (Tal pessoa, através do mérito que adquire, faz seus antepassados e descendentes falecidos serem libertados de todo tipo de miséria no mundo seguinte.) Aquele que jejua no décimo segundo dia da lua no mês de Phalguna e adora Krishna como Govinda, pelo dia e noite inteiros, obtém o mérito do sacrifício Atiratra e vai para a região de Soma. Aquele que jejua no décimo segundo dia da lua no mês de Chaitra e adora Krishna como Vishnu, pelo dia e noite inteiros, obtém o mérito do sacrifício Pundarika e procede para a região das divindades. Por fazer um jejum similar no décimo segundo dia do mês de Vaisakha e cultuar Krishna como o matador de Madhu pelo dia e noite inteiros, uma pessoa obtém os méritos do sacrifício Agnishtoma e procede para a região de Soma. Por fazer um jejum no décimo segundo dia lunar no mês de Jyaishtha e cultuar Krishna como aquele que (no sacrifício de Vali) cobriu o universo com três passos dele, alguém obtém os méritos do sacrifício Gomedha e se diverte com as Apsaras em grande felicidade. Por fazer um jejum no décimo segundo dia da lua no mês de Ashadha e cultuar Krishna como o anão (que iludiu o rei Asura Vali), uma pessoa obtém os méritos do sacrifício Naramedha (no qual um ser humano era oferecido como sacrifício) e se diverte em alegria com as Apsaras. Por fazer um jejum no décimo segundo dia lunar do mês Sravana e cultuar Krishna de dia e de noite como Sridhara, alguém obtém os méritos do sacrifício chamado Panchayajna e obtém um carro belo no Céu, no qual ele se diverte em alegria. Por fazer um jejum no décimo segundo dia da lua no mês de Bhadrapada e cultuar Krishna como Hrishikesa pelo dia e noite inteiros, alguém obtém os méritos do sacrifício Sautramani e vem a ser purificado de todos os pecados. Por fazer um jejum no décimo segundo dia da lua no mês de Aswin e cultuar Krishna como Padmanabha, uma pessoa obtém sem dúvida os méritos do sacrifício no qual mil vacas são doadas. Por fazer um jejum no décimo segundo dia da lua no mês de Kartika e cultuar Krishna como Damodara, alguém obtém sem dúvida os méritos combinados de todos os sacrifícios. Aquele que, dessa maneira, adora Krishna por um ano inteiro como Pundarikaksha, obtém o poder de se lembrar dos incidentes de seus nascimentos passados e ganha muita riqueza em ouro. Similarmente, aquele que adora Krishna todo dia como Upendra obtém identidade com ele. Depois que Krishna foi adorado desse modo, deve-se, na conclusão do voto, alimentar vários Brahmanas ou fazer presentes de ghee

para eles. O próprio Vishnu ilustre, aquele Ser antigo, disse que não há jejum que possua mérito superior ao que se vincula ao jejum deste tipo.'"

110

"Vaisampayana disse, 'Aproximando-se do avô Kuru, venerável em idade, isto é, Bhishma, que estava então deitado em seu leito de flechas, Yudhishthira possuidor de grande sabedoria faz a ele a seguinte pergunta.'"

"Yudhishthira disse, 'Como, ó avô, alguém adquire beleza de forma e prosperidade e amabilidade de disposição? Como, de fato, alguém vem a ser possuidor de mérito religioso e riqueza e prazer? Como uma pessoa se torna dotada de felicidade?'"

"Bhishma disse, 'No Mês de Margasirsha, quando a lua entra em conjunção com o asterismo chamado Mula, quando seus dois pés estão unidos com aquele mesmo asterismo, ó rei, quando Rohini está em sua panturrilha, quando suas juntas do joelho estão em Aswini, e suas canelas estão nos dois Ashadhas, quando Phalguni faz seu ânus, e Krittika sua cintura, quando seu umbigo está em Bhadrapada, sua região ocular em Revati, e suas costas nos Dhanishthas, quando Anuradha faz sua barriga, quando com seus dois braços ele alcança os Visakhas, quando suas duas mãos são indicadas por Hasta, quando Punarvasu, ó rei, faz seus dedos, Aslesha suas unhas, quando Jyeshtha é conhecido como seu pescoço, quando por Sravana é indicado seus ouvidos, e sua boca por Pushya, quando Swati é citado como constituindo seus dentes e lábios, quando Satabhisha é seu sorriso e Magha seu nariz, quando Mrigasiras é conhecido como estando em seu olho, e Chitra em sua testa, quando sua cabeça está em Bharani, quando Ardra constitui seu cabelo, ó rei, o voto chamado Chandravrata deve ser começado. Após a conclusão daquele voto, doações de ghee devem ser feitas para Brahmanas conhecedores dos Vedas. Como o fruto daquele voto, uma pessoa vem a ser possuidora de conhecimento. De fato, alguém se torna, em consequência de tal voto, tão repleto (de todo atributo abençoado) quanto a própria lua quando ela está cheia.'"

111

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu que és possuidor de grande sabedoria e familiarizado com todas as escrituras. Eu desejo conhecer aquelas ordenanças excelentes pelas quais as criaturas mortais têm que viajar através de seus ciclos de renascimento. Qual é aquela conduta por seguir a qual, ó rei, homens conseguem alcançar o céu sublime, e qual é aquela conduta pela qual alguém vai para o Inferno? Quando, abandonando o corpo morto que é tão inerte quanto um pedaço de madeira ou um torrão de terra, as pessoas procedem para o outro mundo, quais são aqueles que o seguem para lá?'"

"Bhishma disse, 'Lá vem o ilustre Vrihaspati de grande inteligência! Pergunte para sua pessoa abençoada. O assunto é um mistério eterno. Ninguém mais é capaz de explicar a questão. Não há orador como Vrihaspati.'"

"Vaisampayana disse, 'Enquanto o filho de Pritha e o filho de Ganga estavam falando dessa maneira um com o outro, do firmamento chegou àquele local o ilustre Vrihaspati de alma purificada. O rei Yudhishthira, e todos os outros, com Dhritarashtra em sua dianteira, se levantaram e receberam Vrihaspati com honras apropriadas. De fato, o culto que eles ofereceram ao preceptor dos celestiais foi excelente. Então o filho nobre de Dharma, Yudhishthira, se aproximando do ilustre Vrihaspati, fez a ele a pergunta de forma adequada, desejoso de saber a verdade.'"

"Yudhishthira disse, 'Ó ilustre, tu és conhecedor de todos os deveres e todas as escrituras. Diga-me, qual é realmente o amigo das criaturas mortais? É o pai, ou mãe, ou filho, ou preceptor, ou homens da mesma família, ou parentes, ou aqueles chamados de amigos, que pode ser citado como realmente constituindo o amigo de uma criatura mortal? Uma pessoa vai para o mundo seguinte, deixando seu corpo morto que é como um pedaço de madeira ou um torrão de terra. Quem é que o segue para lá?'"

"Vrihaspati disse, 'Uma pessoa nasce sozinha, ó rei, e morre sozinha; ela atravessa sozinha as dificuldades que ela encontra, e sozinha enfrenta qualquer miséria que caia como sua sina. Não se tem realmente algum companheiro nestas ações. O pai, a mãe, o irmão, o filho, o preceptor, parentes, e amigos, deixando o corpo morto como se ele fosse um pedaço de madeira ou um torrão de terra, depois de terem pranteado somente por um momento, todos o rejeitam e procedem para seus próprios interesses. Somente a Virtude segue o corpo que é assim abandonado por eles todos. Por essa razão, é evidente que a Virtude é o único amigo e que somente a Virtude deve ser procurada por todos. Uma pessoa dotada de virtude obterá aquele fim sublime que é constituído pelo céu. Se dotada de iniquidade, ela vai para o Inferno. Por isso, o homem de inteligência deve sempre procurar obter mérito religioso através de riqueza ganha por meios legais. A piedade é único amigo que as criaturas têm no mundo após a morte. Levado pela cobiça, ou entorpecimento, ou compaixão, ou medo, alguém desprovido de muito conhecimento é visto fazer ações impróprias, por causa de outro (isto é, para o próprio corpo e os sentidos e não para si mesmo), seu bom senso sendo dessa maneira entorpecido pela avareza. Piedade, riqueza e prazer, estes três constituem o fruto da vida. Deve-se adquirir estes três por meio de se livrar da impropriedade e pecado.'"

"Yudhishthira, dito, 'Eu ouvi cuidadosamente as palavras faladas pela tua pessoa ilustre, estas palavras que são repletas de virtude, e que são altamente benéficas. Eu desejo agora saber da existência do corpo (após a morte). O corpo morto do homem se torna sutil e imanifesto. Ele se torna invisível. Como é possível para a piedade segui-lo?'"

"Vrihaspati disse, 'Terra, Ar, Éter, Água, Luz, Mente, Yama (o rei dos mortos), Compreensão, a Alma, como também Dia e Noite, todos juntos observam como testemunhas os méritos (e deméritos) de todas as criaturas vivas. Com estes, a Virtude segue a criatura (quando morta. Ou seja, quando estes deixam o corpo eles são acompanhados pela Virtude). Quando o corpo fica privado de vida, pele, ossos, carne, a semente vital, e sangue, ó tu de grande inteligência, o deixam ao mesmo tempo. Dotado de mérito (e demérito) Jiva (depois da destruição deste corpo) obtém outro. Depois da obtenção por Jiva daquele corpo, as divindades que presidem os cinco elementos mais uma vez contemplam como testemunhas todas as suas ações boas e más. O que mais tu desejas saber? Se dotado de virtude, Jiva desfruta de felicidade. Sobre qual outro tópico, pertencente a este ou ao outro mundo, eu devo falar?'"

"Yudhishthira disse, 'Tua pessoa ilustre explicou como a Virtude segue Jiva. Eu desejo saber como a semente vital é originada.'"

"Vrihaspati disse, 'O alimento que estas divindades, ó rei, que moram no corpo, isto é, Terra, Ar, Éter, Água, Luz, e Mente comem, as satisfaz. Quando aqueles cinco elementos estão satisfeitos, ó monarca, com a Mente contada como o sexto, sua semente vital então é gerada, ó tu de alma purificada! Quando um ato de união ocorre entre homem e mulher, a semente vital flui para fora e causa a concepção. Eu assim te expliquei o que tu perguntaste. O que mais tu desejas saber?'"

"Yudhishthira disse, 'Tu, ó ilustre, disseste como a concepção ocorre. Explique como o Jiva que toma nascimento cresce (por se tornar possuidor de corpo).'"

"Vrihaspati disse, 'Logo que Jiva entra na semente vital, ele é dominado pelos elementos já mencionados. Quando Jiva vem a ser desunido deles, é dito que ele obtém outro fim (isto é, a morte). Dotado como Jiva se torna de todos esses elementos, ele obtém, em consequência disso, um corpo. As divindades que presidem sobre aqueles elementos observam como testemunhas todas as suas ações, boas e más. O que mais tu desejas saber?'"

"Yudhishthira disse, 'Deixando pele e ossos e carne, e ficando desprovido de todos aqueles elementos, no que Jiva reside, ó ilustre, para desfrutar e suportar felicidade e miséria?'"

"Vrihaspati disse, 'Dotado de todas as suas ações, o Jiva entra rapidamente na semente vital, e utilizando o fluxo funcional das mulheres, toma nascimento no tempo, ó Bharata. Depois do nascimento, o Jiva recebe dor e morte dos mensageiros de Yama. De fato, miséria e um círculo doloroso de renascimentos são sua herança. Dotado de vida, ó rei, o Jiva neste mundo, desde o momento de seu nascimento, desfruta e suporta suas próprias ações (anteriores), dependendo da virtude (e seu oposto). Se o Jiva, segundo o melhor de seu poder, segue a virtude desde o dia de seu nascimento, ele então consegue desfrutar, quando renascido, de felicidade sem interrupção. Se, por outro lado, sem seguir a virtude sem interrupção, ele age pecaminosamente, ele colhe felicidade a princípio como a recompensa de sua virtude e suporta miséria depois disso. Dotado de

iniquidade, o Jiva tem que ir para os domínios de Yama e sofrendo grande miséria lá, ele tem que tomar nascimento em uma classe de existência intermediária. (Intermediária, isto é, entre divindades e seres humanos, consequentemente, animais e aves.) Ouça-me enquanto eu te digo quais são as diferentes ações por fazer as quais o jiva, entorpecido pela insensatez, tem que tomar nascimento em diferentes classes de existência, como declarado nos Vedas, nas escrituras, e nas histórias (sagradas). Os mortais têm que ir para as regiões terríveis de Yama. Naquelas regiões, ó rei, há lugares que são repletos de todo mérito e que são dignos por causa disso de serem as residências das próprias divindades. Há, além disso, lugares naquelas regiões que são piores do que aqueles que são habitados por animais e aves. De fato, há locais destes tipos na residência de Yama os quais (no que diz respeito às suas regiões mais felizes) são iguais à região do próprio Brahman em méritos. Criaturas, amarradas por suas ações, suportam diversos tipos de miséria. Eu irei, depois disto, te dizer quais são aquelas ações e disposições pelas quais uma pessoa obtém um fim que é repleto de grande miséria e terror. Se uma pessoa regenerada, tendo estudado os quatro Vedas, vem a ser entorpecida pela insensatez e aceita uma doação de um homem decaído, ela então tem que tomar nascimento na classe asinina. Ele tem que viver como um asno por quinze anos. Rejeitando sua forma asinina, ele em seguida tem que tomar nascimento como um boi, em qual estado ele tem que viver por sete anos. Abandonando sua forma bovina, ele em seguida tem que tomar nascimento como um Rakshasa de classe regenerada. (Brahma-Rakshasa é um Rakshasa que pertence por nascimento à classe regenerada, como Ravana e outros.) Vivendo como Rakshasa da classe regenerada por três meses, ele então recupera (em seu próximo nascimento) sua posição de Brahmana. Um Brahmana, por oficiar no sacrifício de uma pessoa decaída, tem que tomar nascimento como um verme vil. Nesta forma ele tem que viver por quinze anos, ó Bharata. Livre da posição de verme, ele em seguida nasce como um asno. Como um asno ele tem que viver por cinco anos, e então um porco, em qual estado também ele tem que permanecer pelo mesmo número de anos. Depois disso, ele toma nascimento como um galo, e vivendo por cinco anos naquela forma, ele toma nascimento como um chacal e vive pelo mesmo número de anos naquele estado. Ele em seguida tem que tomar nascimento como um cachorro, e vivendo assim por um ano ele recupera sua posição de humanidade. Aquele discípulo tolo que ofende seu preceptor por fazer alguma injúria para ele, tem certamente que passar pelas três transformações neste mundo. Tal pessoa, ó monarca, tem em primeiro lugar que se tornar um cachorro. Ele tem então que se tornar um animal predador, e então um asno. Vivendo em sua forma asinina, ele tem que vagar por algum tempo em grande aflição como um espírito. Depois do término daquele período, ele tem que nascer como um Brahmana. Aquele discípulo pecaminoso que mesmo em pensamento comete adultério com a esposa de seu preceptor, tem por causa de tal coração pecaminoso, que passar por muitas formas ferozes neste mundo. Primeiro tomando nascimento na ordem canina ele tem que viver por três anos. Abandonando a forma canina quando chega a morte, ele nasce como um verme ou inseto desprezível. Nesta forma ele tem que viver por um ano. Deixando aquela forma ele consegue recuperar sua posição como um ser humano da classe regenerada. Se o preceptor mata, sem razão, seu discípulo que é assim como um

filho para ele, ele tem, por causa de tal ação proposital de pecado de sua parte, que tomar nascimento como um animal predador. Aquele filho que desrespeita seu pai e mãe, ó rei, tem que tomar nascimento, depois de deixar sua forma humana, como um animal da ordem asinina. Assumindo a forma asinina ele tem que viver por dez anos. Depois disso ele tem que nascer como um crocodilo, em qual forma que ele tem que viver por um ano. Depois disso ele recupera sua forma humana. Aquele filho com quem seus pais ficam zangados, tem, por causa de seus maus pensamentos em direção a eles, que nascer como um asno. Como um asno ele tem que viver por dez meses. Ele tem então que tomar nascimento como um cachorro e permanecer como tal por quatorze meses. Depois disso ele tem nascer como um gato e vivendo naquela forma por sete meses ele recupera sua posição de humanidade. Tendo falado mal dos pais uma pessoa tem que nascer como um Sarika. Batendo neles, alguém tem que tomar nascimento, ó rei, como tartaruga. Vivendo como uma tartaruga por dez anos, ele em seguida tem que nascer como um porco-espinho. Depois disso ele tem que tomar nascimento como uma cobra, e vivendo por seis meses naquela forma ele recupera a posição de humanidade. Aquele homem que, enquanto subsiste do alimento que seu patrão real fornece, comete ações que são prejudiciais aos interesses de seu patrão, aquele homem, assim entorpecido pela tolice, tem depois da morte que tomar nascimento como um macaco. Por dez anos ele tem que viver como um macaco, e depois disso por cinco anos como um camundongo. Depois disso ele tem que se tornar um cachorro, e vivendo naquela forma por um período de seis meses ele consegue recuperar sua posição de humanidade. Aquele homem que desvia o que é depositado com ele em confiança tem que sofrer uma centena de transformações. Ele finalmente nasce como um verme vil. Naquela ordem ele tem que viver por um período de quinze anos, ó Bharata. Após o esgotamento do seu grande demérito dessa maneira, ele consegue recuperar sua posição de humanidade. Aquele homem que nutre malícia em direção a outros tem, depois da morte, que tomar nascimento como um Sarngaka. Aquele homem de mente pecaminosa que se torna culpado de abuso de confiança tem que nascer como um peixe. Vivendo como um peixe por oito anos, ele toma nascimento, ó Bharata, como um veado. Vivendo como um veado por quatro meses, ele em seguida nasce como uma cabra. Depois do término de um ano inteiro ele rejeita seu corpo caprino, e toma nascimento então como um verme. Depois disso ele consegue recuperar sua posição de humanidade. Aquele homem insensato desavergonhado que, por estupefação, rouba arroz, cevada, gergelim, Masha (Phaseolus Roxburghii), Kulattha (Dolichos biflosus, Roxb), sementes oleaginosas, aveia, Kalaya (Pisum Sativum, Linn), Mudga (Phaseolus Mango, Linn), trigo, Atasi (Linum usitattisimam, Linn), e outros tipos de cereais, tem que tomar nascimento como um rato. Depois de levar a vida por algum tempo ele tem que nascer como um porco. Logo que ele toma nascimento como um porco ele tem que morrer de doença. Por consequência de seu pecado, aquele homem tolo tem em seguida que tomar nascimento como um cachorro, ó rei. Vivendo como um cachorro por cinco anos, ele então recupera sua posição de humanidade. Tendo cometido um ato de adultério com a esposa de outro homem, alguém tem que tomar nascimento como um lobo. Depois disso ele tem que assumir as formas de um cachorro e chacal e urubu. Ele tem em seguida que nascer como uma cobra e

então como um Kanka (ave predadora) e então como um grou. Aquele homem de alma pecaminosa que, estupefato pela insensatez, comete um ato de união sexual com a esposa de um irmão, tem que tomar nascimento como um Kokila macho e viver naquela forma por um ano inteiro, ó rei. Aquele que, por luxúria, comete um ato de união sexual com a mulher de um amigo, ou a mulher do preceptor, ou a mulher do seu rei, tem, depois da morte, que tomar a forma de um porco. Ele tem que viver em sua forma suína por cinco anos e então assumir aquela de um lobo por dez anos. Pelos próximos cinco anos ele tem que viver como um gato e então pelos próximos dez anos como um galo. Ele tem em seguida que viver por três meses como uma formiga, e então como um verme por um mês. Tendo sofrido estas transformações ele tem em seguida que viver como um verme desprezível por quatorze anos. Quando seu pecado se torna esgotado por tal castigo, ele finalmente recupera a posição de humanidade. Quando um casamento está prestes a ocorrer, ou um sacrifício, ou um ato de caridade está prestes a ser feito, ó tu de grande pujança, o homem que oferece alguma obstrução tem que tomar nascimento em sua próxima vida como um verme vil. Assumindo tal forma ele tem que viver, ó Bharata, por quinze anos. Quando seu demérito é esgotado por tal sofrimento, ele recupera a posição de humanidade. Tendo uma vez concedido sua filha em casamento para uma pessoa, aquele que procura entregá-la novamente para um segundo marido, tem, ó rei, que tomar nascimento entre vermes vis. Assumindo tal forma, ó Yudhishthira, ele tem que viver por um período de treze anos. Após o término do seu demérito por tal sofrimento ele recupera a posição de humanidade. Aquele que come sem ter realizado os ritos em honra das divindades ou aqueles em honra dos Pitris ou sem ter oferecido (mesmo) oblações de água para os Rishis e os Pitris, tem que tomar nascimento como um corvo. Vivendo como um corvo por cem anos ele em seguida assume a forma de um galo. Sua próxima transformação é a de uma cobra por um mês. Depois disto, ele recupera a posição de humanidade. Aquele que desrespeita seu irmão mais velho que é assim como um pai, depois da morte, tem que nascer na ordem das grous. Tendo assumido aquela forma ele tem que viver nela por dois anos. Rejeitando aquela forma no término daquele período, ele recupera a posição de humanidade. Aquele Sudra quem tem relação sexual com uma mulher Brahmana, tem, depois da morte, que tomar nascimento como um porco. Logo que ele nasce na ordem suína ele morre de doença, ó rei. O patife tem em seguida que nascer como um cachorro, ó rei, por causa de seu ato horrendo de pecado. Abandonando sua forma canina ele recupera, após o esgotamento do seu demérito, a posição de humanidade. O Sudra que gera prole em uma mulher Brahmana, abandonando sua forma humana, vem a renascer como um camundongo. O homem que se torna culpado de ingratidão, ó rei, tem que ir para as regiões de Yama e lá sofrer um tratamento muito doloroso e severo nas mãos dos mensageiros, provocados à fúria, do rei lúgubre dos mortos. Clavas com martelos e malhos pesados, lanças de pontas afiadas, jarros aquecidos, todos repletos de dor violenta, florestas terríveis de lâminas de espada, desertos de areias aquecidas, Salmalis espinhosas, estes e muitos outros instrumentos de tortura mais dolorosa tal homem tem que suportar nas regiões de Yama, ó Bharata! (Ele é repetidamente golpeado com clavas e martelos e malhos. Ele é frequentemente empalado. Ele é confinado em recipientes causticantes. Ele é arrastado por florestas de lâminas de

espada. Ele é feito caminhar sobre areia quente. Ele é esfregado contra Salmalis espinhosas. A Salmali é a Bombox Malabaricum.) A pessoa ingrata, ó chefe da linhagem de Bharata, tendo aguentado tal tratamento terrível nas regiões do rei lúgubre dos mortos, tem que voltar para este mundo e tomar nascimento entre insetos desprezíveis. Ele tem que viver como um verme vil por um período de quinze anos. Ó Bharata, ele tem então que entrar no útero e morrer prematuramente antes do nascimento. Depois disto, aquela pessoa tem que entrar no útero cem vezes em sucessão. De fato, tendo passado por cem renascimentos, ele finalmente nasce como uma criatura em alguma ordem intermediária entre homem e natureza inanimada. Tendo suportado miséria por muitíssimos anos, ele tem que nascer como uma tartaruga que não tem pêlos. Uma pessoa que rouba coalhos tem que tomar nascimento como um grou. Alguém se torna um macaco por roubar peixe cru. Aquele homem de inteligência que rouba mel tem que nascer como um moscardo. Por roubar frutas ou raízes ou bolos alguém se torna uma formiga. Por roubar Nishpava (um tipo de vagem ou feijão) alguém se torna um Halagolaka (um verme de cauda longa). Por roubar Payasa alguém se torna em seu próximo nascimento uma ave Tittiri. Por roubar bolos alguém se torna um mocho (um tipo de coruja). Aquele homem de pouca inteligência que rouba ferro tem que tomar nascimento como uma vaca. Aquele homem de pouca compreensão que rouba latão branco tem que nascer como uma ave da espécie Harita. Por roubar um recipiente de prata alguém se torna um pombo. Por roubar um recipiente de ouro uma pessoa tem tomar nascimento como um verme vil. Por roubar um pedaço de tecido de seda uma pessoa se torna um Krikara (uma espécie de perdiz). Por roubar um tecido feito de seda vermelha alguém se torna um Vartaka (um tipo de codorniz). Por roubar uma peça de musselina alguém se torna um papagaio. Por roubar um tecido que é de boa textura alguém se torna um pato depois de rejeitar seu corpo humano. Por roubar uma peça de roupa feita de algodão, alguém se torna uma garça. Por roubar uma peça de roupa feita de juta (fibra de planta indiana), alguém se torna uma ovelha em sua próxima vida. Por roubar uma peça de linho, uma pessoa tem que tomar nascimento como uma lebre. Por roubar diferentes tipos de matéria colorida alguém tem que tomar nascimento como um pavão. Por roubar um pedaço de tecido vermelho uma pessoa tem que nascer como uma ave da espécie Jivajivaka. Por roubar unguentos (tais como pasta de sândalo) e perfumes neste mundo, o homem possuidor de cobiça, ó rei, tem que tomar nascimento como uma toupeira. Assumindo a forma de uma toupeira ele tem que viver nela por um período de quinze anos. Depois do esgotamento do seu demérito por tais sofrimentos ele recupera a posição de humanidade. Por roubar leite alguém se torna uma garça. Aquele homem, ó rei, que por entorpecimento da inteligência rouba óleo, tem que tomar nascimento, depois de abandonar este corpo, como um animal que subsiste de óleo como sua forma. (Tailapayin é, literalmente, um que bebe óleo. O nome é aplicado a uma barata.) Aquele canalha que estando ele mesmo bem armado, mata outro enquanto aquele outro está desarmado, por motivos de obter riqueza de sua vítima ou por sentimentos de hostilidade, tem, depois de abandonar seu corpo humano, que tomar nascimento como um asno. Assumindo aquela forma asinina ele tem que viver por um período de dois anos e então ele encontra com a morte no fio de uma arma. Rejeitando dessa maneira seu corpo asinino ele tem

que nascer em sua próxima vida como um veado sempre cheio de ansiedade (ao pensamento de inimigos que podem matá-lo). Após o término de um ano desde o tempo de seu nascimento como um veado, ele tem que entregar sua vida na ponta de uma arma. Abandonando dessa maneira sua forma de veado, ele em seguida toma nascimento como um peixe e morre por ser arrastado na rede, no término do quarto mês. Ele tem em seguida que nascer como um animal predador. Por dez anos ele tem que viver naquela forma, e então ele toma nascimento como um leopardo em qual forma ele tem que viver por um período de cinco anos. Impelido pela mudança que é ocasionada pelo tempo, ele então abandona aquela forma, e seu demérito tendo sido esgotado ele recupera a posição de humanidade. Aquele homem de pouca inteligência que mata uma mulher tem que ir para as regiões de Yama e suportar diversas espécies de dor e miséria. Ele então tem que passar por vinte e uma transformações completas. Depois disso, ó monarca, ele tem que tomar nascimento como um verme desprezível. Vivendo como um verme por vinte anos, ele recupera a posição de humanidade. Por roubar comida, alguém tem que tomar nascimento como uma abelha. Vivendo por muitos meses na companhia de outras abelhas, seu demérito se esgota e ele recupera a posição de humanidade. Por roubar arroz alguém se torna um gato. Aquele homem que rouba comida misturada com bolos de gergelim tem em seu próximo nascimento que assumir a forma de um camundongo grande ou pequeno segundo a grandeza ou pequenez da quantidade roubada. Ele morde seres humanos todo dia e como a consequência disso se torna pecaminoso e viaja por uma sucessão variada de renascimentos. Aquele homem de compreensão tola que rouba ghee tem que nascer como uma galinhola. Aquela pessoa má que rouba peixe tem que tomar nascimento como um corvo. Por roubar sal alguém tem que nascer como uma ave imitadora. O homem que se apropria indevidamente do que é depositado com ele por confiança, tem que sofrer uma diminuição no período de sua vida, e depois da morte tem que tomar nascimento entre peixes. Tendo vivido por algum tempo como um peixe ele morre e recupera a forma humana. Recuperando, no entanto, a posição de humanidade, ele tem vida curta. De fato, tendo cometido pecados, ó Bharata, uma pessoa tem que nascer em uma classe intermediária entre aquela da humanidade e vegetais. Aquelas pessoas que têm seus próprios corações como sua autoridade são totalmente alheias à virtude. Aqueles homens que cometem diversas ações de pecado e então procuram expiá-las por meio de votos contínuos e observâncias de piedade, vêm a ser dotados de felicidade e miséria e vivem em grande ansiedade de coração. Aqueles homens que são de conduta pecaminosa e que cedem à influência da cobiça e entorpecimento, sem dúvida tomam nascimento como Mlechchhas, que não são dignos de serem associados. Aqueles homens, por outro lado, que se abstêm de pecado todas as suas vidas, ficam livres de doença todo tipo, dotados de beleza de forma e possuidores de riqueza. Mulheres também, quando elas agem da maneira indicada, obtêm nascimentos do mesmo tipo. De fato, elas têm que tomar nascimentos como esposas dos animais que eu indiquei. Eu te disse todas as falhas que se relacionam com a apropriação do que pertence a outros. Eu te falei muito brevemente sobre o assunto, ó impecável. Com relação a algum outro assunto, ó Bharata, tu deves além disso saber daquelas falhas. Eu ouvi tudo isto, ó rei, nos tempos passados, do próprio Brahman, e eu perguntei tudo sobre isto de uma

maneira adequada, quando ele discursou sobre isto no meio dos Rishis celestes. Eu te disse verdadeiramente e em detalhes tudo aquilo que tu me perguntaste. Tendo escutado tudo isto, ó monarca, sempre coloque teu coração na virtude.'"

112

"Yudhishthira disse, 'Tu me disseste, ó regenerado, qual é o fim da iniquidade ou pecado. Eu desejo agora saber, ó principal dos oradores, daquele fim que é da Virtude. Tendo cometido diversas ações de pecado, por quais ações as pessoas conseguem obter um fim auspicioso neste mundo? Por quais atos também as pessoas obtêm um fim auspicioso no céu?'"

"Vrihaspati disse, 'Por cometer atos pecaminosos com mente pervertida, uma pessoa cede ao domínio da injustiça e como uma consequência vai para o inferno. Aquele homem que, tendo cometido ações pecaminosas por entorpecimento da mente, sente as dores do arrependimento e coloca seu coração na contemplação (da divindade) não tem que suportar as consequências de seus pecados. Uma pessoa fica livre de seus pecados na proporção em que ela se arrepende deles. Se alguém tendo cometido um pecado, ó rei, o proclama na presença de Brahmanas conhecedores dos deveres, ele vem a ser rapidamente purificado do opróbrio resultante de seu pecado. Consequentemente dessa maneira uma pessoa se torna purificada disso completamente ou não, como uma cobra livre de sua pele enferma. Por fazer, com uma mente concentrada, doações de diversos tipos para um Brahmana, e concentrando a mente (na divindade), alguém obtém um fim auspicioso. Eu agora te direi quais são aquelas doações, ó Yudhishthira, por fazer as quais uma pessoa, mesmo se culpada de ter cometido atos pecaminosos, pode vir a ser dotada de mérito. De todas as espécies de doações, aquela de alimento é considerada como a melhor. Alguém desejoso de obter mérito deve, com um coração sincero, fazer doações de alimento. O alimento é o ar vital dos homens. Dele todas as criaturas nascem. Todos os mundos de criaturas vivas estão fundados sobre o alimento. Por essa razão o alimento é louvado. As divindades, Rishis, Pitris, e homens, todos elogiam o alimento. O rei Rantideva, nos tempos passados, procedeu para o Céu por fazer doações de alimento. Alimento que é bom e que foi adquirido legalmente deve ser dado, com um coração alegre, para Brahmanas que sejam possuidores de erudição Védica. Nunca tem que tomar nascimento em uma ordem intermediária o homem cujo alimento, dado com um coração alegre, é aceito por mil Brahmanas. Uma pessoa, ó chefe de homens, por alimentar dez mil Brahmanas, se torna purificada pela piedade e dedicada às práticas Yoga. Um Brahmana conhecedor dos Vedas, por doar alimento adquirido por ele como esmolas, para um Brahmana dedicado ao estudo dos Vedas, consegue obter felicidade aqui. Aquele Kshatriya que, sem tirar alguma coisa que pertence a um Brahmana, protege seus súditos legalmente, e faz doações de alimento obtido pelo exercício de sua força, para Brahmanas principais em conhecimento Védico, com coração concentrado, consegue por tal conduta, ó tu de alma justa, se purificar, ó filho de Pandu, de todas as suas ações pecaminosas. Aquele Vaisya que divide a produção de seus campos em seis

partes iguais e faz um presente de uma daquelas partes para Brahmanas, consegue por tal conduta se purificar de todo pecado. Aquele Sudra que, ganhando alimento por trabalho duro e através do risco da própria vida, faz um presente dele para Brahmanas, vem a ser purificado de todo pecado. Aquele homem que, por empregar sua força física, ganha alimento sem fazer qualquer ato de dano para alguma criatura, e faz uma doação dele para Brahmanas consegue evitar todas as calamidades. Uma pessoa por fazer alegremente doações de alimento adquirido por meios legais para Brahmanas preeminentes por saber Védico fica purificada de todos os seus pecados. Por trilhar o caminho dos justos alguém fica livre de todos os pecados. Uma pessoa por fazer doações de alimento que é produtivo de grande energia, vem a ser ela mesma possuidora de grande energia. O caminho feito por pessoas caridosas é sempre trilhado por aqueles que são dotados de sabedoria. Aqueles que fazem doações de alimento são considerados como doadores de vida. O mérito que eles adquirem por tais doações é eterno. Por isso, uma pessoa deve, sob todas as circunstâncias, procurar obter alimento por meios legais, e tendo obtido fazer sempre doações dele para homens dignos. O alimento é o grande refúgio do mundo de criaturas vivas. Por fazer doações de alimento, uma pessoa nunca tem que ir para o inferno. Por isso deve-se sempre fazer doações de alimento, tendo-o obtido por meios legais. O chefe de família deve sempre procurar comer depois de ter feito uma doação de alimento para um Brahmana. Todo homem deve fazer o dia proveitoso por fazer doações de alimento. (O dia no qual nenhuma doação de alimento é feita e estéril ou perdido.) Uma pessoa por alimentar mil Brahmanas, ó rei, todos os quais são familiarizados com os deveres e as escrituras e as histórias sagradas, não tem que ir para o Inferno e retornar para este mundo para passar por renascimentos. Dotada da realização de todo desejo, ela desfruta de grande bem-aventurança após a morte. Possuidora de tal mérito, ela se diverte em felicidade, livre de toda ansiedade, possuidora de beleza de forma e grande renome e dotada de riqueza. Eu assim te disse tudo acerca do grande mérito das doações de alimento. Isto mesmo é a base de toda virtude e mérito, como também de todas as doações, ó Bharata!'"

113

"Yudhishthira disse, 'Abstenção de ferir, a observância do ritual Védico, meditação, subjugação dos sentidos, penitências, e serviços obedientes prestados para os preceptores, quais entre estes é repleto do maior mérito com respeito a uma pessoa?'"

"Vrihaspati disse, 'Todos estes seis são repletos de mérito. Eles são diferentes portas de piedade. Eu agora falarei sobre eles. Ouça-os, ó chefe dos Bharatas! Eu te direi o que constitui o maior bem de um ser humano. Aquele homem que pratica a religião de compaixão universal conquista seu maior bem. Aquele homem que mantém sob controle os três defeitos, isto é, luxúria, ira, e cobiça, por lançá-los sobre todas as criaturas (isto é, dividindo-os em infinitas partes pequenas, expulsando-os de si para outros), (e pratica a virtude de compaixão), obtêm

sucesso. Aquele que, por motivos de sua própria felicidade, mata outras criaturas inofensivas com a vara de castigo, nunca obtém felicidade no mundo seguinte. Aquele homem que considera todas as criaturas como a si mesmo, e se comporta em direção a elas como em direção a si mesmo, pondo de lado a vara de castigo e subjugando completamente sua ira, consegue obter felicidade. As próprias divindades, que são desejosas de uma residência fixa, ficam estupefatas em averiguarem o rastro daquela pessoa que constitui ela mesma a alma de todas as criaturas e considera todas elas como seu próprio eu, pois tal pessoa não deixa rastro para trás. (Tal homem não deixa vestígio atrás dele, pois ele se torna identificado com Brahma. As divindades, por outro lado, desejam uma residência fixa tal como o céu ou um lugar repleto de felicidade.) Nunca se deve fazer para outro aquilo que alguém considera como prejudicial para si mesmo. Esta, em resumo, é a regra da Justiça. Uma pessoa por agir de uma maneira diferente por se entregar ao desejo se torna culpada de injustiça. Em recusas e doações, em felicidade e tristeza, no agradável e no desagradável, alguém deve julgar seus efeitos por uma referência a si mesmo. (Isto é, quando alguém recusa um pedido ele deve pensar como ele se sentiria se outro recusasse os pedidos que ele endereçou àquele outro. Do mesmo modo com relação às outras coisas.) Quando uma pessoa ofende outra, a ofendida volta e fere a ofensora. Similarmente, quando alguém trata outro com carinho, aquele outro estima o estimador. Alguém deve moldar sua regra de comportamento de acordo com isto. Eu te disse certamente o que é Justiça por este modo sutil.'"

"Vaisampayana continuou, 'O preceptor das divindades, possuidor de grande inteligência, tendo dito isto para o rei Yudhishthira o justo, ascendeu para cima para proceder para o Céu, perante nossos olhos.'"

114

"Vaisampayana disse, 'Depois disto, o rei Yudhishthira, dotado de grande energia, e o principal dos homens eloquentes, dirigiu-se a seu avô deitado em seu leito de setas, nas seguintes palavras.'"

"Yudhishthira disse, 'Ó tu de grande inteligência, os Rishis e Brahmanas e as divindades, levados pela autoridade dos Vedas, todos louvam aquela religião a qual tem a compaixão como sua indicação. Mas, ó rei, o que eu te pergunto é isto: como um homem que cometeu atos de injúria para outros em palavras, pensamentos e ações, consegue se purificar da miséria?'"

"Bhishma disse, 'Proferidores de Brahma dizem que há quatro tipos de compaixão ou abstenção de ferir. Se mesmo um daqueles quatro tipos não for cumprido, a religião da compaixão, é dito, não é cumprida. Como todos os animais de quatro patas são incapazes de permanecer sobre três pernas, assim mesmo a religião da compaixão não pode permanecer se alguma daquelas quatro divisões ou partes estiver ausente. Como as pegadas de todos os outros animais são engolfadas naquela do elefante, assim mesmo todas as outras religiões são citadas como sendo contidas naquela da compaixão. Uma pessoa se torna

culpada de injúria através de ações, palavras e pensamentos. (Por exemplo: por cometer um assassinato uma pessoa se torna culpada disto. Por incitar outros a isto alguém se torna culpado. Por cometer mentalmente um ato de assassinato alguém se torna culpado disto.) Descartando isto mentalmente no início, deve-se em seguida se desfazer disto em palavra e pensamento. Aquele que de acordo com esta regra se abstém de comer carne é citado como sendo purificado de uma maneira tripla. É sabido que proferidores de Brahma atribuem a três causas (o pecado de comer carne). Aquele pecado pode se atribuir à mente, às palavras, e às ações. É por esta razão que homens de sabedoria que são dotados de penitências se abstêm de comer carne. Ouça-me, ó rei, enquanto eu te digo quais são as falhas que estão ligadas ao ato de comer carne. A carne de outros animais é como a carne de um filho. Aquela pessoa insensata, entorpecida pela tolice, que come carne é considerada como o mais vil dos seres humanos. A união de pai e mãe produz uma prole. Da mesma maneira, a crueldade que um patife impotente e pecaminoso comete produz sua prole de repetidos renascimentos repletos de grande miséria. Como a língua é a causa do conhecimento ou sensação de paladar, assim as escrituras declaram, a atração procede do paladar. (Isto é, por comer carne alguém sente o desejo por carne aumentar. Um gosto ou predileção por carne é criado dessa maneira. Por isso, o melhor procedimento é abstinência total.) Bem preparada, cozida com sal ou sem sal, carne, em qualquer forma que alguém possa comê-la, gradualmente atrai a mente e a escraviza. Como aqueles homens tolos que subsistem de carne conseguirão escutar à música doce das baterias e pratos e liras e harpas (celestes)? Aqueles que comem carne a elogiam muito, se permitindo serem entorpecidos por seu gosto o qual eles declaram como sendo alguma coisa inconcebível, indescritível, e inimaginável. Tal louvor constante da carne é repleto de demérito. Nos tempos passados, muitos homens justos, por darem a carne de seus próprios corpos, protegeram a carne de outras criaturas e como a consequência de tais ações de mérito procederam para o céu. Dessa maneira, ó monarca, a religião da compaixão é cercada por quatro considerações. Eu assim declarei para ti aquela religião que compreende todas as outras religiões dentro dela.'"

115

"Yudhishthira disse, 'Tu disseste muitas vezes que abstenção de ferir é a maior religião. Em Sraddhas, no entanto, que são realizados em honra dos Pitris, as pessoas para seu próprio bem devem fazem oferendas de diversos tipos de carne. Tu disseste isto enquanto falavas anteriormente sobre as ordenanças a respeito de Sraddhas. Como a carne, no entanto, pode ser obtida sem matar uma criatura viva? Tuas declarações, portanto, me parecem ser contraditórias. Um dúvida, portanto, surgiu em nossas mentes a respeito do dever da abstenção de carne. Quais são os erros nos quais incorre alguém por comer carne, e quais são os méritos que alguém ganha? Quais são os deméritos daquele que come carne por ele mesmo matar uma criatura viva? Quais são os méritos daquele que come a carne de animais mortos por outros? Quais são os méritos e deméritos daquele que mata uma criatura viva para outro? Ou daquele que come carne por comprá-la

de outros? Eu desejo, ó impecável, que tu discurses para mim sobre este assunto em detalhes. Eu desejo averiguar esta religião eterna com certeza. Como alguém obtém longevidade? Como alguém adquire força? Como alguém obtém perfeição de membros? De fato, como alguém se torna dotado de indicações excelentes?'"

"Bhishma disse, 'Ouça, ó filho da linhagem de Kuru, qual é o mérito que se vincula à abstenção de carne. Escute-me enquanto eu te declaro quais são as ordenanças excelentes, na verdade, sobre este assunto. Aquelas pessoas de grande alma que desejam beleza, perfeição de membros, vida longa, compreensão, força mental e física, e memória, devem se abster de atos de injúria. Sobre este tópico, ó descendente da família de Kuru, aconteceram inúmeras conversas entre os Rishis. Ouça, ó Yudhishthira, qual era sua opinião. O mérito adquirido por aquela pessoa, ó Yudhishthira, que, com a firmeza de um voto, adora as divindades todo mês em Sacrifícios de Cavalo, é igual ao daquele que rejeita mel e carne. Os sete Rishis celestes, os Valakhilyas, e aqueles Rishis que bebem os raios do sol, dotados de grande sabedoria, louvam a abstenção de carne. O Manu Nascido por Si Mesmo disse que o homem que não come carne, ou que não mata criaturas vivas, ou que não faz com que elas sejam mortas, é um amigo de todas as criaturas. Tal homem não pode ser oprimido por alguma criatura. Ele desfruta da confiança de todos os seres vivos. Ele sempre desfruta, além disso, da aprovação e elogio dos justos. Narada de alma justa disse que o homem que deseja aumentar sua própria carne por comer a carne de outras criaturas encontra com a calamidade. Vrihaspati disse que o homem que se abstém de mel e carne adquire o mérito de doações e sacrifícios e penitências. Na minha avaliação, estas duas pessoas são iguais, isto é, aquela que adora as divindades todo mês em um Sacrifício de Cavalo por um espaço de cem anos e aquele que se abstém de mel e carne. Pela abstenção de carne uma pessoa vem a ser considerada como alguém que sempre adora as divindades em sacrifícios, ou como alguém que sempre faz doações para outros, ou como alguém que sempre passa pelas austeridades mais severas. Aquele homem que tendo comido carne desiste disso depois, adquire mérito por tal ação que é tão grande que um estudo de todos os Vedas ou uma realização, ó Bharata, de todos os sacrifícios, não pode conceder seu semelhante. É extremamente difícil abandonar a carne depois de ter se tornado familiarizado com seu gosto. De fato, é extremamente difícil para tal pessoa cumprir o voto sublime da abstenção de carne, um voto que inspira confiança em todas as criaturas por dissipar todo o medo. Aquela pessoa erudita que dá para todas as criaturas vivas o Dakshina da confiança total vem a ser considerada, sem dúvida, como a doadora dos ares vitais neste mundo. (A segurança dada para todas as criaturas de nunca feri-las em alguma ocasião é o Dakshina ou a oferenda sacrifical do grandioso sacrifício que é constituído pela compaixão universal ou abstenção de ferir.) Esta é a religião sublime a qual homens de sabedoria aprovam. Os ares vitais de outras criaturas são tão preciosos para elas quanto aqueles de uma pessoa são preciosos para ela mesma. Homens dotados de inteligência e almas purificadas devem sempre se comportar em direção a outras criaturas da mesma maneira daquele comportamento o qual eles gostam que outros observem em direção a si mesmos. É visto que até aqueles homens que possuem erudição e que procuram alcançar o

maior bem na forma de Emancipação não estão livres do medo da morte. O que dizer daquelas criaturas inocentes e saudáveis dotadas de amor à vida, quando canalhas pecaminosos que subsistem de matança procuram matá-las? Por esta razão, ó monarca, saiba que a rejeição de carne é o maior refúgio da religião, do céu, e da felicidade. Abstenção de ferir é a maior religião. Ela é, além disso, a maior penitência. Ela é também as verdades mais sublimes das quais todo dever procede. A carne não pode ser obtida da grama ou madeira ou pedra. A menos que uma criatura viva seja morta, ela não pode ser obtida. Por isso há erro em comer carne. As divindades que subsistem de Swaha, Swadha, e néctar, são devotadas à verdade e sinceridade. Aquelas pessoas, no entanto, que são por satisfazer a sensação de paladar, devem ser conhecidas como Rakshasas apegados ao atributo de Paixão. Aquele homem que se abstém de carne nunca é colocado em medo, ó rei, por alguma criatura, onde quer que ele possa estar, isto é, em selvas terríveis ou fortalezas inacessíveis, de dia ou de noite, ou nos dois crepúsculos, em praças abertas de cidades ou em assembléias de homens, de armas erguidas ou em lugares onde há grande terror de animais selvagens ou cobras. Todas as criaturas procuram sua proteção. Ele é um objeto de confiança para todas as criaturas. Ele nunca causa alguma ansiedade em outros, e ele mesmo nunca tem que ficar ansioso. Se ninguém comesse carne então não haveria alguém para matar criaturas vivas. O homem que mata criaturas vivas as mata por causa da pessoa que come carne. Se a carne fosse considerada como não-comestível, então não haveria matança de criaturas vivas. É por causa do comedor que o massacre de criaturas vivam continua no mundo. Já que, ó tu de grande esplendor, o período de vida das pessoas que matam criaturas vivas ou as fazem ser mortas é encurtado, é evidente que a pessoa que deseja seu próprio bem deve desistir totalmente da carne. Aquelas pessoas violentas que são dedicadas à matança de criaturas vivas nunca encontram protetores quando elas estão em necessidade. Tais pessoas devem sempre ser molestadas e perseguidas assim como bestas predadoras. Por cobiça ou entorpecimento da compreensão, por causa de força e energia, ou por associação com os pecaminosos, se manifesta nos homens a disposição para pecar. Aquele homem que procura aumentar sua própria carne por (comer) a carne de outros, tem que viver neste mundo em grande ansiedade e depois da morte tem que tomar nascimento em raças e famílias indiferentes. Grandes Rishis dedicados ao cumprimento de votos e autodomínio têm dito que a abstenção de carne é digna de todo louvor, produtiva de fama e Céu, e um grande sacrifício expiatório por si mesma. Isto eu ouvi nos tempos passados, ó filho de Kunti, de Markandeya quando aquele Rishi discursou sobre os deméritos de comer carne. Aquele que come a carne de animais que estão desejosos de viver mas que foram mortos por ele mesmo ou por outros, incorre no pecado que se atribui à matança por este seu ato de crueldade. Aquele que compra carne mata criaturas vivas através de sua riqueza. Aquele que come carne mata criaturas vivas por tal ato de comer. Aquele que amarra ou captura e realmente mata criaturas vivas é o matador. Há três tipos de matança, cada um destes três atos sendo dessa maneira. Aquele que não come carne mas aprova um ato de matança fica maculado pelo pecado de matança. Por se abster de carne e mostrar compaixão por todas as criaturas alguém se torna incapaz de ser molestado por alguma criatura, e obtém uma vida

longa, saúde perfeita, e felicidade. O mérito que é adquirido por uma pessoa por se abster de carne, nós temos ouvido, é superior àquele de alguém que faz doações de ouro, de vacas, e de terra. Uma pessoa nunca deve comer carne de animais não oferecidos em sacrifícios e que são, portanto, mortos em vão, e que não foram oferecidos para os deuses e Pitris com a ajuda das ordenanças. Não há a menor dúvida que uma pessoa por comer tal carne vai para o Inferno. Se alguém come a carne que foi santificada por ela ter sido obtida de animais dedicados em sacrifícios e que foram mortos para o propósito de alimentar Brahmanas, ele incorre em uma pequena culpa. Por se comportar de outra maneira ele se torna manchado pelo pecado. Aquele patife entre homens que mata criaturas vivas por causa daqueles que irão comê-las atrai sobre si grande demérito. O demérito do comedor não é tão grande. Aquele patife entre homens que, seguindo o caminho dos ritos religiosos e sacrifícios prescritos nos Vedas, mata uma criatura viva pelo desejo de comer sua carne, certamente se torna um residente do inferno. Aquele homem que tendo comido carne se abstém disto depois, obtém grande mérito por tal abstenção de pecado. Aquele que planeja para obter carne, aquele aprova aqueles planos, aquele que mata, aquele que compra ou vende, aquele que cozinha, e aquele que come, são todos considerados como comedores de carne. Eu agora citarei outra autoridade, dependente daquilo que foi declarado pelo próprio ordenador, e estabelecido nos Vedas. É dito que aquela religião que tem ações como suas indicações foi ordenada para chefes de família, ó chefe de reis, e não para aqueles homens que estão desejosos de emancipação. O próprio Mann disse que a carne que é santificada com mantras e oferecida apropriadamente, de acordo com as ordenanças dos Vedas, em ritos realizados em honra dos Pitris, é pura. Toda outra carne cai sob a classe da que é obtida por meio de matança inútil, e é, portanto, não comestível, e leva ao Inferno e infâmia. Nunca se deve comer, ó chefe da linhagem de Bharata, como um Rakshasa, alguma carne que tenha sido obtida por meios não sancionados pela ordenança. De fato, nunca se deve comer carne obtida de matança inútil e que não tenha sido santificada pela ordenança. Aquele homem que deseja evitar calamidade de todo tipo deve se abster da carne de toda criatura viva. É sabido que no Kalpa antigo, as pessoas, desejosas de alcançarem regiões de mérito após a morte, realizavam sacrifícios com sementes, considerando tais animais como oferecidos por eles. Cheios de dúvidas a respeito da adequação de comer carne, os Rishis pediram para Vasu, o soberano dos Chedis, para esclarecê-las. O rei Vasu, sabendo que a carne não é comestível, respondeu que ela era comestível, ó monarca. Naquele momento Vasu caiu do firmamento na terra. Depois disto ele repetiu novamente sua opinião, com o resultado que ele teve que afundar abaixo da terra por isto. Desejoso de beneficiar todos os homens, Agastya de grande alma, pela ajuda de suas penitências, ofereceu, definitivamente, todos os animais selvagens da espécie do veado para as divindades. Por essa razão, não há mais qualquer necessidade de santificar aqueles animais para oferecê-los para as divindades e os Pitris. Servidos com carne de acordo com a ordenança, os Pitris ficam satisfeitos. Ouça-me, ó rei de reis, enquanto eu te digo isto, ó impecável. Há felicidade completa em se abster de carne, ó monarca. Aquele que pratica austeridades severas por cem anos e aquele que se abstém de carne são iguais a respeito de mérito. Esta é minha

opinião. Na quinzena iluminada do mês de Karttika em especial, uma pessoa deve se abster de mel e carne. Nisto, isto está ordenado, há grande mérito. Aquele que se abstém de carne pelos quatro meses das chuvas obtém as quatro bênçãos valiosas de realizações, longevidade, fama e poder. Aquele que se abstém de carne de todo tipo pelo mês de Karttika inteiro supera todas as espécies de dor e vive em completa felicidade. Aqueles que se abstêm de carne por meses ou quinzenas a fio têm a região de Brahma ordenada para eles por sua abstenção de crueldade. Muitos reis nos tempos antigos, ó filho de Pritha, que tinham se constituído as almas de todas as criaturas e que eram familiarizados com as verdades de todas as coisas, isto é, Alma e Não-alma, se abstinham de carne ou pelo mês inteiro de Karttika ou por toda a quinzena iluminada daquele mês. Eles eram Nabhaga e Amvarisha e Gaya de grande alma e Ayu e Anaranya e Dilipa e Raghu e Puru e Kartavirya e Aniruddha e Nahusha e Yayati e Nrigas e Vishwaksena e Sasavindu e Yuvanaswa e Sivi, o filho de Usinara, e Muchukunda e Mandhatri, e Harischandra. Sempre fale a verdade. Nunca fale uma falsidade. A Verdade é um dever eterno. É pela verdade que Harischandra vaga pelo céu como um segundo Chandramas. Estes outros reis também, isto é, Syenachitra, ó monarca, e Somaka e Vrika e Raivata e Rantideva e Vasu e Srinjaya, e Dushmanta e Karushma e Rama e Alarka e Nala, e Virupaswa e Nimi e Janaka de grande inteligência, e Aila e Prithu e Virasena, e Ikshvaku, e Sambhu, e Sweta, e Sagara, e Aja e Dhundhu e Suvahu, e Haryaswa e Kshupa e Bharata, ó monarca, não comiam carne pelo mês de Karttika e como a consequência disso chegaram ao céu, e dotados de prosperidade brilharam com refulgência na região de Brahman, adorados por Gandharvas e cercados por mil donzelas de grande beleza. Aqueles homens de grande alma que praticam esta religião excelente que é caracterizada pela abstenção de injúria conseguem obter uma residência no céu. Aqueles homens justos que, desde o momento do nascimento, se abstêm de mel e carne e vinho, são considerados como Munis. Aquele homem que pratica esta religião que consiste em abstenção de carne ou que a relata para fazer outros ouvirem-na, nunca tem que ir para o inferno mesmo que ele seja extremamente mau em conduta em outros aspectos. Aquele, ó rei, lê (muitas vezes) estas ordenanças sobre abstenção de carne, que são sagradas e adoradas pelos Rishis, ou as ouve lidas, vem a ser purificado de todo pecado e obtém grande bem-aventurança por consequência da realização de todos os desejos. Sem dúvida, ele alcança também uma posição de eminência entre parentes. Quando afligido pela calamidade, ele facilmente a transcende. Quando obstruído por impedimentos, ele consegue se livrar deles com a maior facilidade. Quando mal com doença, ele fica curado depressa, e afligido com tristeza ele fica livre dela com grande facilidade. Tal homem nunca tem que tomar nascimento na ordem intermediária de animais ou aves. Nascido na ordem da humanidade, ele obtém grande beleza pessoal. Dotado de grande prosperidade, ó chefe da linhagem de Kuru, ele obtém grande renome também. Eu assim te disse, ó rei, tudo o que deve ser dito sobre o assunto da abstenção de carne, junto com as ordenanças a respeito da religião de Pravritti e Nivritti como concebida pelos Rishis."

116

"Yudhishthira disse, 'Ai, aqueles homens cruéis que, rejeitando diversos tipos de alimento, cobiçam somente carne, são realmente como grandes Rakshasas! Ai, eles não apreciam diversas espécies de bolos e diversos tipos de ervas cozidas e vários tipos de Khanda com sabor suculento tanto quanto eles apreciam a carne! Minha compreensão, por este motivo, fica pasma nesta questão. Eu penso, quando tal é o caso, que não há algo que possa se comparar com a carne na questão de gosto. Eu desejo, portanto, ó pujante, saber quais são os méritos da abstenção de carne, e os deméritos ligados ao ato de comer carne, ó chefe da linhagem de Bharata. Tu és conhecedor de todo dever. Fale-me integralmente em conformidade com as ordenanças sobre dever, a respeito deste assunto. Diga-me o que, de fato, é comestível e o que não é comestível. Diga-me, ó avô, o que é a carne, de quais substâncias ela é, os méritos que se vinculam à abstenção dela, e quais são os deméritos que se vinculam ao ato de comer carne.'"

"Bhishma disse, 'É assim mesmo, ó de braços poderosos, como tu disseste. Não há algo sobre a terra que seja superior à carne a respeito de gosto. Não há algo que seja mais benéfico do que a carne para pessoas que são magras, ou fracas, ou afligidas com doença, ou viciadas em sexo ou que estão esgotadas por viagem. A carne aumenta a força rapidamente. Ela produz grande desenvolvimento. Não há alimento, ó opressor de inimigos, que seja superior à carne. Mas, ó encantador dos Kurus, são grandes os méritos que se atribuem aos homens que se abstêm dela. Ouça-me enquanto eu te falo sobre isto. Aquele homem que deseja aumentar sua própria carne por meio da carne de outra criatura é de tal maneira que não há ninguém que seja mais vil e mais cruel do que ele. Neste mundo não há algo que seja mais valioso para uma criatura do que sua vida. Por isso (em vez de tirar aquela posse valiosa), deve-se mostrar compaixão pelas vidas de outros como se faz pela própria vida. Sem dúvida, ó filho, a carne tem sua origem na semente vital. Há grande demérito ligado ao ato de comê-la, como, de fato, há mérito em se abster dela. No entanto, não se incorre em qualquer culpa por comer carne santificada segundo as ordenanças dos Vedas. É ouvido que animais foram criados para sacrifício. Aqueles que comem carne de alguma outra maneira são citados como seguindo a prática Rakshasa. Ouça-me enquanto eu te digo qual é a ordenança que foi prescrita para os Kshatriyas. Eles não incorrem em erro por comer carne que foi adquirida pelo emprego de destreza. Todos os veados da selva foram oferecidos para as divindades e os Pitris antigamente, ó rei, por Agastya. Por isso, a caça ao veado não é censurada. Não pode haver caça sem risco da própria vida. Há igualdade de risco entre o matador e o morto. Ou o animal é morto ou ele mata o caçador. Por essa razão, ó Bharata, até sábios nobres se dirigem à prática da caça. Por tal conduta eles não ficam maculados pelo pecado. De fato, a prática não é considerada como pecaminosa. Não há nada, ó encantador dos Kurus, que seja igual a respeito de mérito, neste mundo ou após a morte, à prática da compaixão por todas as criaturas vivas. O homem de compaixão não tem medo. Aqueles homens inofensivos que são dotados de compaixão têm este mundo e o seguinte. Pessoas conhecedoras do dever dizem que é digna de ser chamada de Religião

aquela Religião quando tem abstenção de crueldade como sua indicação. O homem de alma purificada deve fazer somente atos que tenham compaixão como sua alma. Aquela carne que é oferecida em sacrifícios realizados em honra das divindades e dos Pitris é chamada de Havi (e, como tal, é digna de ser comida). Aquele homem que é dedicado à compaixão e que se comporta com compaixão para com outros não tem medo a nutrir de alguma criatura. É sabido que todas as criaturas se abstêm de causar algum medo para tal criatura. Se ele estiver ferido ou caído ou prostrado ou enfraquecido ou machucado, em qualquer estado que ele possa estar, todas as criaturas o protegem. De fato, elas fazem isso sob todas as circunstâncias, esteja ele em solo plano ou acidentado. Nem cobras nem animais selvagens, nem Pisachas nem Rakshasas jamais o matam. Quando surgem circunstâncias de temor, fica livre do temor aquele que livra outros de situações de temor. Nunca houve nem haverá um presente que seja superior ao presente da vida. É indubitável que não há algo mais valioso para alguém do que sua vida. A morte, ó Bharata, é uma calamidade ou mal para todas as criaturas. Quando chega o momento da Morte, um tremor do corpo inteiro é visto em todas as criaturas. Suportando nascimento no útero, decrepitude e aflições de diversas espécies, neste oceano do mundo, as criaturas vivas podem ser vistas indo adiante e voltando continuamente. Toda criatura é afligida pela morte. Enquanto residindo no útero, todas as criaturas são cozidas nos sucos fluidos, que são alcalinos e azedos e amargos, de urina e muco e fezes, líquidos que produzem sensações dolorosas e que são difíceis de suportar. Lá no útero elas têm que morar em um estado de desamparo e são até repetidamente feridas e perfuradas. Aqueles que são cobiçosos de carne são vistos serem repetidamente cozidos no útero em tal estado de impotência. Obtendo diversos tipos de nascimento, eles são cozidos no inferno chamado Kumbhipaka. Eles são atacados e mortos, e dessa maneira têm que viajar repetidamente. Não há nada tão precioso para alguém quanto a própria vida quando alguém vem para este mundo. Por esta razão, uma pessoa de alma purificada deve ser compassiva para todas as criaturas vivas. Aquele homem, ó rei, que se abstém de todos os tipos de carne desde seu nascimento sem dúvida obtém um grande espaço no Céu. Aqueles que comem a carne de animais que são desejosos de vida, são eles mesmos comidos pelos animais que eles comem, sem dúvida. Esta é minha opinião. ‘Já que ele me comeu, eu o comerei em retribuição,’ isto mesmo, ó Bharata, constitui o caráter como Mansa de Mansa. (Mansa é carne. Este verso explica a etimologia da palavra, Mam (mim) as; a mim ele comeu, portanto, eu o comerei. As palavras seguintes a 'a mim ele' devem ser fornecidas a fim de chegar ao significado.) O matador é sempre morto. Depois dele o comedor encontra com o mesmo destino. Aquele que age com hostilidade em direção a outro (nesta vida) se torna a vítima de ações similares feitas por aquele outro. Quaisquer atos que alguém faça em quaisquer corpos, ele tem que sofrer as consequências disso naqueles corpos. (Isto é, alguém, enquanto dotado de um corpo humano, fere outro, as consequências daquela injúria o fazedor sofrerá em seu corpo humano. Alguém se torna um tigre e mata um veado; as consequências daquele ato ele terá que suportar quando renasce como um tigre.) Abstenção de crueldade é a maior Religião. Abstenção de crueldade é o maior autocontrole. Abstenção de crueldade é o maior presente. Abstenção de crueldade é a maior penitência. Abstenção de

crueldade é o maior sacrifício. Abstenção de crueldade é a maior pujança. Abstenção de crueldade é o maior amigo. Abstenção de crueldade é a maior felicidade. Abstenção de crueldade é a maior verdade. Abstenção de crueldade é o maior Sruti. Doações feitas em todos os sacrifícios, abluções realizadas em todas as águas sagradas, e o mérito que alguém adquire por fazer todas as espécies de doações mencionadas nas escrituras, todos não alcançam a abstenção de crueldade (a respeito do mérito que se vincula a ela). As penitências de um homem que se abstém de crueldade são inesgotáveis. O homem que se abstém de crueldade é considerado como sempre realizando sacrifícios. O homem que se abstém de crueldade é o pai e a mãe de todas as criaturas. Estes, ó chefe da linhagem de Kuru, são alguns dos méritos da abstenção de crueldade. Os méritos que se vinculam a ela são tantos que eles não poderiam ser esgotados mesmo se alguém fosse falar por cem anos."

117

"Yudhishthira disse, 'Desejando morrer ou desejando viver, muitas pessoas oferecem suas vidas no grandioso sacrifício (de batalha). Diga-me, ó avô, qual é o fim que estes alcançam. Jogar fora a vida em batalha é repleto de tristeza para homens. Ó tu de grande sabedoria, tu sabes que desistir da vida é difícil para os homens estejam eles em prosperidade, ou adversidade, em felicidade ou calamidade. Em minha opinião, tu és possuidor de onisciência. Diga-me a razão disto.'"

"Bhishma disse, 'Em prosperidade ou adversidade, em felicidade ou tristeza, as criaturas vivas, ó senhor da terra, vindo para este mundo, vivem de acordo com uma tendência específica. Ouça-me enquanto eu te explico a razão. A pergunta que tu me fizeste é excelente, ó Yudhishthira! Em relação a isto, ó rei, eu irei explicar para ti a velha narrativa da conversa que ocorreu nos tempos antigos entre o Rishi Nascido na Ilha e um verme rastejante. Nos tempos passados, quando aquele Brahmana erudito, isto é, o Krishna Nascido na Ilha, tendo se identificado com Brahma, vagava pelo mundo, ele viu, em uma estrada sobre a qual carros costumavam passar, um verme se movendo depressa. O Rishi conhecia o comportamento de toda criatura e a linguagem de todo animal. Possuidor de onisciência, ele se dirigiu ao verme que ele viu nestas palavras.'"

"Vyasa disse, 'Ó verme, tu pareces estar extremamente alarmado, e estar em grande pressa. Diga-me para onde tu corres e por que motivo tu estás com medo.'"

"O verme disse, 'Ouvindo o estrépito de um grande carro mais longe eu estou cheio de medo. Ó tu de grande inteligência, aterrador é o som que ele faz. Ele está quase chegando! O som é ouvido. Ele não irá me matar? É por isso que eu estou fugindo. Como ele é ouvido de um ponto perto, eu percebo que eu ouço o som dos touros. Eles estão respirando pesadamente sob o chicote do motorista, conforme eles estão puxando a carga pesada. Eu ouço também os diversos sons feitos pelos homens que estão dirigindo os touros. Tais sons não podem ser

ouvidos por uma criatura que como nós teve seu nascimento na ordem dos vermes. É por esta razão que eu estou fugindo desta situação de grande terror. A morte é sentida por todas as criaturas como sendo repleta de dor. A vida é uma aquisição difícil de se fazer. Por isso eu fujo com medo, eu não desejo passar de um estado de felicidade para um de aflição.'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado, Vyasa Nascido na Ilha disse, 'Ó verme, de onde pode vir tua felicidade? Tu pertences à ordem de existência intermediária. Eu acho que a morte seria repleta de felicidade para ti! Som, toque, gosto, cheiro, e diversos tipos de prazeres excelentes são desconhecidos para ti, ó verme! Eu penso que a morte virá a ser um benefício para ti!'"

"O verme disse, 'Uma criatura viva, em qualquer situação que ela possa estar colocada, se torna apegada a ela. Mesmo nesta ordem de existência eu sou feliz, eu penso, ó tu de grande sabedoria! É por isso que eu desejo viver. Mesmo nesta condição, todos os objetos de prazer existem para mim de acordo com as necessidades do meu corpo. Seres humanos e aquelas criaturas que surgem de objetos imóveis têm prazeres diferentes. Em minha vida anterior eu era um ser humano. Ó pujante, eu era um Sudra possuidor de grande riqueza. Eu não era devotado aos Brahmanas. Eu era cruel, vil em conduta, e um usurário. Eu era ríspido em palavras. Eu considerava astúcia como sabedoria. Eu odiava todas as criaturas. Tirando vantagem de pretextos em acordos feitos entre eu mesmo e outros, eu estava sempre disposto a roubar o que pertencia a outros. Sem alimentar empregados e convidados chegados à minha casa, eu costumava encher, quando faminto, meu próprio estômago, sob o impulso do orgulho, cobiçoso de boa comida. Eu era avarento de riqueza, eu nunca ofereci, com fé e reverência, algum alimento para as divindades e os Pitris embora o dever ordenasse que eu oferecesse comida para eles. Aqueles homens que vinham a mim, movidos por medo, para procurar minha proteção, eu despachava sem rumo sem lhes dar qualquer proteção. Eu não estendia minha proteção àqueles que vinham a mim com súplicas para dissipar seu medo. Eu costumava sentir inveja irracional ao ver a riqueza de outras pessoas, e cereais, e esposas amadas por eles, e artigos de bebida, e boas mansões. Vendo a felicidade de outros, eu ficava cheio de inveja e eu sempre lhes desejava pobreza. Seguindo aquela direção de conduta a qual prometia coroar meus próprios desejos com realização, eu procurava destruir a virtude, riqueza, e prazeres de outras pessoas. Naquela minha vida passada, eu cometi diversos atos amplamente repletos de crueldade e outras emoções semelhantes. Lembrando-me daquelas ações eu estou cheio de arrependimento e dor assim como alguém fica cheio de dor pela perda de um filho querido. Por causa daquelas minhas ações eu não sei quais são os frutos das boas ações. Eu, no entanto, adorava minha velha mãe e em uma ocasião adorei um Brahmana. Dotado de nascimento e habilidades, aquele Brahmana, no decurso de suas viagens, chegou à minha casa uma vez como um convidado. Eu o recebi com hospitalidade reverente. Pelo mérito ligado àquela ação minha memória não me abandonou. Eu penso que por consequência daquela ação eu conseguirei recuperar felicidade mais uma vez. Ó tu de riqueza ascética, tu sabes tudo. Por bondade diga-me o que é para o meu bem."

118

"Vyasa disse, 'É por consequência de um ato meritório, ó verme, que tu, embora nascido na ordem existência intermediária, não estás entorpecido. Aquele ato é meu, ó verme, por consequência do qual que não estás entorpecido. (O que o sábio diz é que o fato de o verme ser capaz de se lembrar dos incidentes de sua vida passada é devido a algum ato meritório. Aquele ato meritório é a própria visão do sábio a qual o verme foi afortunado de obter.) Pela força das minhas penitências, eu sou capaz de salvar um ser do demérito por lhe conceder somente uma visão de minha pessoa. Não há poder mais forte do que o poder que se vincula às penitências. Eu sei, ó verme, que tu tomaste nascimento na ordem dos vermes pelas más ações da tua vida passada. Se, no entanto, tu pensares em obter virtude e mérito, tu poderás obtê-los novamente. Divindades assim como seres coroados com sucesso ascético desfrutam ou suportam as consequências de ações feitas por eles neste campo de ação. Entre os homens também, quando ações de mérito são realizadas, elas são realizadas pelo desejo de resultados (e não com desconsideração pelo resultado). As próprias habilidades que alguém procura obter são procuradas pelo desejo da felicidade que elas irão trazer. (O sentido é que entre seres humanos também, ações são feitas com a intenção de assegurar felicidade. Em outras palavras, seres humanos também desfrutam dos resultados de seus bons atos e suportam aqueles de seus maus atos.) Erudita ou ignorante (em uma vida anterior) a criatura que é, nesta vida, desprovida de fala e compreensão e mãos e pés, é realmente desprovida de tudo. Aquele que se torna um Brahmana superior adora, enquanto vivo, as divindades do sol e da lua, proferindo diversos Mantras sagrados. Ó verme, tu alcançarás aquele estado de existência. Alcançando aquela posição, tu desfrutarás de todos os elementos convertidos em artigos de prazer. Quando tu tiveres alcançado aquele estado, eu te comunicarei Brahma. Ou, se tu desejares, eu posso colocar-te em alguma outra posição!' O verme, concordando com as palavras de Vyasa, não deixou a estrada, mas permaneceu sobre ela. Enquanto isso, o veículo grande que estava vindo naquela direção chegou àquele local. Rasgado em pedaços pelo avanço das rodas, o verme abandonou seu ares vitais. Nascido finalmente na classe Kshatriya pela graça de Vyasa de força incomensurável, ele procedeu para ver o grande Rishi. Ele tinha, antes de se tornar um Kshatriya, passado através de diversas ordens de existência, tais como ouriço e iguana e javali e veado e ave, e Chandala e Sudra e Vaisya. Tendo dado um relatório de suas várias transformações para o Rishi falador da verdade, e se lembrando da bondade do Rishi para com ele, o verme (agora transformado em um Kshatriya) com palmas unidas caiu aos pés do Rishi e os tocou com sua cabeça.'"

"O verme disse, 'Minha posição atual é aquela superior a qual é cobiçada por todos e que é obtenível pela posse dos dez atributos bem conhecidos. De fato, eu que era antigamente um verme dessa maneira cheguei à posição de um príncipe. Elefantes de grande força, enfeitados com correntes douradas, me carregam em suas costas. Aos meus carros estão unidos corcéis Kamvoja de grande vigor. Numerosos veículos, aos quais estão ligados camelos e mulas, me conduzem.

Com todos os meus parentes e amigos eu agora como alimento saboroso com carne. Adorado por todos, eu durmo, ó altamente abençoado, em camas caras em quartos encantadores nos quais ventos desagradáveis não podem soprar. Perto das poucas horas de toda noite, Sutas e Magadhas e panegiristas proferem meus louvores assim como as divindades proferem os louvores agradáveis de Indra, seu chefe. Pela graça de ti que és firme em verdade e dotado de energia incomensurável, eu que era antes um verme agora me tornei uma pessoa da classe real. Eu inclino minha cabeça para ti, ó tu de grande sabedoria. Ordene-me quanto ao que eu devo fazer agora. Ordenado pela pujança de tuas penitências, até este estado feliz agora veio a ser meu!'"

"Vyasa disse, 'Eu fui hoje adorado por ti, ó rei, com diversas palavras expressivas de reverência. Transformado em um verme, tua memória não ficou nublada. Aquela memória apareceu novamente. O pecado que tu cometeste em uma vida antiga ainda não foi destruído, aquele pecado, isto é, o qual foi ganho por ti enquanto tu eras um Sudra cobiçoso de riqueza e cruel em comportamento e hostil aos Brahmanas. Tu foste capaz de obter uma visão de minha pessoa. Aquela foi uma ação de mérito para ti enquanto tu eras um verme. Por tu teres me saudado e me adorado tu subirás mais alto, pois, da classe Kshatriya tu te elevarás à posição de um Brahmana, somente se tu rejeitares teus ares vitais no campo de batalha por causa de vacas ou Brahmanas. Ó príncipe, desfrutando de muita felicidade e realizando muitos sacrifícios com presentes copiosos, tu chegarás ao céu e transformado no eterno Brahma tu terás beatitude perfeita. Aqueles que nascem na ordem intermediária (de animais) se tornam (quando eles se elevam) Sudras. O Sudra se eleva à posição do Vaisya; e o Vaisya àquela do Kshatriya. O Kshatriya que se orgulha no cumprimento dos deveres de sua classe consegue alcançar a posição de um Brahmana. O Brahmana, por seguir uma conduta justa, alcança o céu que é repleto de grande bem-aventurança.'"

119

"Bhishma disse, 'Tendo rejeitado a posição de verme e tomado nascimento como um Kshatriya de grande energia, a pessoa (de quem eu estou falando), se lembrando de suas transformações anteriores, ó monarca, começou a praticar austeridades severas. Vendo aquelas austeridades severas do Kshatriya que era bem familiarizado com religião e riqueza, o Krishna Nascido na Ilha, aquele principal dos Brahmanas, foi até ele.'"

"Vyasa disse, As penitências que concernem, ó verme, à classe Kshatriya consistem na proteção de todas as criaturas. Considere estes deveres da classe Kshatriya como sendo as penitências prescritas para ti. Tu então alcançarás a posição de um Brahmana. Averiguando o que é certo e o que é errado, e purificando tua alma, proteja e cuide devidamente de todas as criaturas, satisfazendo judiciosamente todos os bons desejos e corrigindo tudo o que é profano. Seja de alma purificada, seja contente e seja dedicado à prática da justiça. Comportando-te dessa maneira, tu irás então, quando tu rejeitares teus ares vitais, te tornar um Brahmana!'"

"Bhishma continuou, 'Embora ele tivesse se retirado para as florestas, ainda assim, ó Yudhishthira, tendo ouvido as palavras do grande Rishi ele começou a cuidar e proteger seus súditos justamente. Logo, ó melhor dos reis, aquele verme, pelo devido cumprimento do dever de proteger seus súditos, se tornou um Brahmana depois de abandonar seu corpo Kshatriya. Vendo-o transformado em um Brahmana, o Rishi célebre, isto é, o Krishna Nascido na Ilha de grande sabedoria, foi até ele.'"

"Vyasa disse, 'Ó principal dos Brahmanas, ó abençoado, não te preocupe (pelo medo da morte)! Aquele que age justamente obtém nascimento respeitável. Aquele, por outro lado, que age injustamente obtém um nascimento inferior e vil. Ó tu que és conhecedor da virtude, uma pessoa obtém miséria de acordo com a medida do próprio pecado. Portanto, ó verme, não fique preocupado por medo da morte. O único medo que deves nutrir é acerca da perda de virtude. Portanto, continue praticando virtude.'"

"O verme disse, 'Pela tua graça, ó santo, eu atingi de posições felizes posições ainda mais felizes! Tendo obtido tal prosperidade que tem suas bases na virtude, eu penso que meus deméritos foram perdidos.'"

"Bhishma disse, 'O verme tendo, por ordem do Rishi santo, alcançado a posição de Brahmana que é tão difícil de se obter, fez a terra ser marcada com mil estacas sacrificais. Aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de Brahma então obteve uma residência na região do próprio Brahman. De fato, ó filho de Pritha, o verme alcançou a posição mais elevada, isto é, aquela de Brahma eterno, como o resultado das suas próprias ações feitas em obediência aos conselhos de Vyasa. Aqueles touros entre Kshatriyas, também, que abandonaram seus ares vitais (no campo de Kurukshetra) enquanto exerciam sua energia, todos alcançaram um fim meritório. Portanto, ó rei, não lamente por causa deles.'"

120

"Yudhishthira disse, 'Qual entre estes três é superior, isto é, conhecimento, penitências, e caridade? Eu te pergunto, ó principal das pessoas justas! Diga-me isto, ó avô!'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha narrativa da conversa entre Maitreya e o Krishna Nascido na Ilha. Uma vez o Krishna Nascido na Ilha, ó rei, enquanto vagava pelo mundo em disfarce, procedeu para Baranasi e visitou Maitreya que pertencia por nascimento a uma linhagem de Munis. Vendo Vyasa chegar, aquele principal dos Rishis, isto é, Maitreya, lhe deu um assento e depois de cultuá-lo com os ritos devidos o alimentou com comida excelente. Tendo comido aquela boa comida a qual era muito saudável e que produzia todo tipo de satisfação, Krishna de grande alma ficou muito contente, e enquanto estava sentado lá ele até riu alto. Vendo Krishna rir, Maitreya se dirigiu a ele, dizendo, 'Diga-me, ó de alma justa, qual é a razão do teu riso! Tu és um asceta, dotado da capacidade de controlar tuas emoções. Grande alegria, parece, veio sobre ti!

Saudando-te, e adorando-te com cabeça inclinada, eu te pergunto isto, isto é, qual é a força das minhas penitências e qual é a grande bem-aventurança que é tua! As ações que eu faço são diferentes daquelas que tu fazes. Tu já és emancipado embora ainda possuindo ares vitais. Eu, no entanto, ainda não estou livre. Apesar disso eu penso que não há muita diferença entre nós. Eu sou, além disso, distinto por nascimento.'"

"Vyasa disse, 'Esta admiração que tomou conta de mim veio de uma ordenança que parece com uma hipérbole, e de sua afirmação paradoxal para a compreensão das pessoas. A declaração dos Vedas parece ser falsa. Mas por que os Vedas diriam uma inverdade? É dito que há três caminhos que constituem os melhores votos de um homem. Nunca se deve ferir; sempre se deve dizer a verdade; e se deve fazer caridade. Os Rishis de antigamente anunciaram isto, seguindo as declarações dos Vedas. Estas injunções foram ouvidas nos tempos passados, elas devem certamente ser seguidas por nós até em nossos tempos. Mesmo uma pequena doação, feita sob as circunstâncias declaradas, produz grandes resultados. (É dito que pela doação mesmo de um palmo de água alguém pode chegar ao local que é alcançável por cem sacrifícios. Esta ordenança, a qual parece uma hipérbole, e sua afirmação por instrutores Védicos que parece com um paradoxo, me deixam muito surpreso. Os Vedas dizem que ninguém alcança tal local sem uma centena de sacrifícios. Isto parece ser falso, pois pessoas o alcançam por fazerem até pequenas doações para pessoas dignas em momentos apropriados.) Para um homem sedento tu deste um pouco de água com um coração sincero. Tu mesmo sedento e faminto, tu, por me dares tal alimento, conquistaste muitas regiões sublimes de bem-aventurança, ó pujante, como alguém faz por muitos sacrifícios. Eu estou muitíssimo satisfeito com tua doação muito sagrada, como também com tuas penitências. Tua força é aquela da Virtude. Tua aparência é a da Virtude. A fragrância da Virtude está em volta de ti. Eu penso que todas as tuas ações são realizadas em conformidade com a ordenança. Ó filho, superior a abluções em águas sagradas e superior à realização de todos os votos Védicos é a caridade. De fato, ó Brahmana, a caridade é mais auspiciosa do que todos os atos sagrados. Se ela não for mais meritória do que todos os atos sagrados, não pode haver questionamento sobre sua superioridade. Todos aqueles ritos prescritos nos Vedas os quais tu louvas não se aproximam da caridade, pois a caridade é sem dúvida, como eu considero, repleta de mérito muito superior. O caminho que é feito por aqueles homens que fazem doações é o caminho que é trilhado pelos sábios. Aqueles que fazem caridade são considerados assim como doadores de ares vitais. Os deveres que constituem a Virtude estão estabelecidos neles. Como os Vedas quando bem estudados, como o controle dos sentidos, como uma vida de Renúncia universal, assim mesmo é a caridade a qual é repleta de mérito muito superior. Tu, ó filho, te elevarás de alegria para alegria maior por teres te dirigido ao dever de fazer doações. O homem de inteligência (que pratica este dever) certamente se eleva de alegria para alegria maior. Nós, sem dúvida, temos encontrado muitos exemplos diretos disto. Homens dotados de prosperidade conseguem obter riqueza, fazer doações, realizar sacrifícios, e ganhar felicidade como o resultado disso. É sempre observado, ó tu de grande sabedoria, acontecer naturalmente que

a felicidade é seguida pela miséria e a miséria é seguida pela felicidade. (O sentido é que aqueles que buscam prazeres carnais encontram com a miséria como o fim, e aqueles que praticam austeridades encontram com a felicidade como sua recompensa.) Homens de sabedoria dizem que os seres humanos neste mundo têm três tipos de conduta. Alguns são justos, alguns são pecaminosos, e alguns não são nem justos nem pecaminosos. A conduta da pessoa que é devotada a Brahma não é considerada de algum desses modos. Seus pecados nunca são considerados como pecados. Assim também o homem que é dedicado aos deveres prescritos para ele não é considerado como justo nem pecaminoso (pelo cumprimento daqueles deveres). Aqueles homens que são dedicados a sacrifícios, doações, e penitências são considerados como justos. Aqueles, no entanto, que ferem outras criaturas e são hostis para com elas são considerados como pecaminosos. Há alguns homens que se apropriam do que pertence a outros. Estes sem dúvida vão para o Inferno e encontram com a miséria. Todas as outras ações que os homens fazem são indiferentes, não sendo consideradas como virtuosas nem pecaminosas. Divirta-te e cresça e te regozije e faça doações e realize sacrifícios. Nem homens de conhecimento nem aqueles dotados de penitências então poderão te sobrepujar!'"

121

"Bhishma disse, 'Assim endereçado por Vyasa, Maitreya, que era um devoto das ações, que tinha nascido em uma linhagem dotada de grande prosperidade, que era sábio e possuidor de grande erudição disse para ele estas palavras.'"

"Maitreya disse, 'Ó tu de grande sabedoria, sem dúvida isto é como tu disseste. Ó pujante, com tua permissão eu desejo dizer algo.'"

"Vyasa disse, 'O que quer que tu desejes dizer, ó Maitreya, diga, ó homem de grande sabedoria, pois eu desejo te ouvir.'"

"Maitreya disse, 'Tuas palavras sobre o assunto da Caridade são impecáveis e puras. Sem dúvida, tua alma foi purificada pelo conhecimento e penitência. Por tua alma ser purificada, exatamente esta é a grande vantagem que eu colho disto. Com a ajuda da minha compreensão eu vejo que tu és dotado de penitências superiores. Com respeito a nós mesmos, nós conseguimos obter prosperidade através somente de uma visão de personagens como tu. Eu penso que isto é devido à tua graça e flui da natureza das minhas próprias ações. (Obter uma visão de ti é a recompensa ou resultado das minhas próprias ações. Uma visão da tua pessoa leva à prosperidade, pela bondade que tu nutres por nós.) Penitências, conhecimento dos Vedas, e nascimento em uma linhagem pura, estas são as causas da posição a qual alguém adquire de um Brahmana. Quando alguém tem estes três atributos, então ele vem a ser chamado de uma pessoa regenerada. Se o Brahmana estiver satisfeito, os Pitris e as divindades também estarão satisfeitos. Não há nada superior a um Brahmana possuidor de erudição Védica. Sem o Brahmana, tudo seria ignorância. Nada seria conhecido. As quatro classes não existiriam. A distinção entre Justiça e Injustiça. Verdade e Mentira, cessaria. Em

um campo bem cultivado uma colheita abundante pode ser colhida. Assim mesmo, uma pessoa colhe grande mérito por fazer doações para um Brahmana possuidor de grande erudição. Se não houvesse Brahmanas dotados de conhecimento Védico e boa conduta para aceitarem doações, a riqueza possuída pelas pessoas ricas seria inútil. O Brahmana ignorante, por comer o alimento que é oferecido para ele, destrói o que ele come (pois isto não produz mérito para aquele que o dá). O alimento que é comido também destrói o comedor (pois o comedor incorre em pecado por comer o que é oferecido para ele). Deve ser chamado corretamente de comestível aquilo que é dado para um homem merecedor, em todos os outros casos, aquele que o aceita faz o presente do doador ser desperdiçado e o recebedor é igualmente arruinado para aceitá-lo impropriamente. O Brahmana possuidor de erudição se torna o subjugador do alimento que ele come. Tendo-o comido, ele gera outro alimento. O ignorante que come o alimento oferecido para ele perde seu direito aos filhos que ele gera, pois os últimos vêm a ser daquele cujo alimento permitiu ao progenitor gerá-los. Esta é a culpa sutil que se atribui às pessoas que comem o alimento de outras pessoas quando elas não têm a força para ganhar aquele alimento. O mérito que o doador adquire por fazer a doação é igual ao que o recebedor adquire por aceitar o alimento. O doador e o recebedor dependem igualmente um do outro. Isto mesmo é o que os Rishis têm dito. Lá onde existem Brahmanas possuidores de conhecimento e conduta Védicos as pessoas podem ganhar os frutos sagrados de doações e desfrutar deles aqui e no outro mundo. Aqueles homens que são de linhagem pura, que são extremamente dedicados às penitências, que fazem caridade, e que estudam os Vedas, são considerados como dignos do culto mais reverente. São aqueles bons homens que têm marcado o caminho por trilhar o qual uma pessoa não vem a ser entorpecida. São aqueles homens que são os guias de outros para o céu. Eles são os homens que carregam em seus ombros a carga dos sacrifícios e vivem pela eternidade.'"

122

"Bhishma disse, 'Assim endereçado, o santo respondeu para Maitreya, dizendo 'Por boa sorte tu és dotado de conhecimento. Por boa sorte, tua compreensão é desse tipo! Aqueles que são bons aprovam muito todos os atributos justos. Que beleza pessoal e juventude e prosperidade não consigam te dominar é devido à boa sorte. Este favor feito para ti é devido à bondade das divindades. Ouça-me enquanto eu te falo sobre o que é superior (em eficácia) à caridade. Quaisquer escrituras e tratados religiosos que existem, quaisquer tendências (virtuosas) que são observáveis no mundo, elas têm fluído em sua devida ordem, em conformidade com a direção dos Vedas, de acordo com sua ordem adequada. Seguindo-as eu louvo a caridade. Tu louvas penitências e conhecimento Védico. Penitências são sagradas. Penitências são os meios pelos quais alguém pode adquirir os Vedas e o céu também. Com a ajuda de penitências e do conhecimento alguém obtém os maiores resultados, nós temos ouvido. É pelas penitências que alguém destrói seus pecados e tudo mais que é mau. É sabido por nós que com qualquer propósito em vista que alguém pratique penitências, ele

obtém a realização disto em consequência daquelas penitências. O mesmo pode ser dito do conhecimento. O que quer que seja difícil de realizar, o que quer que seja difícil de conquistar, que seja difícil para alcançar, e o que quer que seja difícil de atravessar, pode tudo ser realizado com a ajuda das penitências. De todas as coisas, as penitências são possuidoras de poder muito superior. O homem que bebe álcool, ou aquele que tira à força o que pertence a outros, ou aquele que é culpado de feticídio, ou aquele que viola a cama de seu preceptor, consegue superar com a ajuda de penitências. De fato, alguém vem a ser purificado de todos estes pecados através de penitências. Alguém possuidor de todo o conhecimento e, portanto, tendo visão verdadeira, e um asceta de qualquer tipo, são iguais. Deve-se sempre reverenciar estes dois. (O sentido é que um asceta praticante de penitências, em qualquer estado, e um homem possuidor de onisciência são considerados como iguais.) Todos os homens que têm os Vedas como sua riqueza devem ser adorados. Similarmente, todos os homens dotados de penitências merecem ser adorados. Aqueles que fazem doações obtêm felicidade após a morte e muita prosperidade aqui. Homens virtuosos deste mundo, por fazerem doações de alimento, obtêm este mundo e aquele do próprio Brahman com muitas outras regiões de felicidade superior. Aqueles homens que são adorados por todos, eles mesmos adoram aquele que faz doações. Aqueles homens que são honrados em todos os lugares eles mesmos honram aquele que faz doações. Aonde quer que o doador vá ele é elogiado. Aquele que faz ações e aquele que omite fazê-las obtêm cada um o que é proporcional às suas ações e omissões. More nas regiões superiores ou inferiores, uma pessoa sempre alcança aqueles lugares aos quais ela vem a ter direito por suas ações. Com respeito a ti, tu sem dúvida obterás qualquer alimento e bebida que tu possas cobiçar, pois tu és dotado de inteligência, bom nascimento, conhecimento Védico, e compaixão! Tu és possuidor de juventude, ó Maitreya! Tu és cumpridor de votos. Seja dedicado à Virtude. Receba instruções de mim com relação àqueles deveres os quais tu deves seguir primeiro, os deveres, isto é, de chefes de família. Naquela casa na qual o marido está satisfeito com sua esposa, e a esposa satisfeita com seu marido, todos os resultados auspiciosos se seguem. Como a sujeira é lavada do corpo com água, como a escuridão é dissipada pelo esplendor do fogo, exatamente assim o pecado é purificado pela caridade e penitências. Bênção para ti, ó Maitreya, que mansões sejam tuas! Eu parto daqui em paz. Mantenha em mente o que eu disse. Tu então poderás colher muitas vantagens!' Maitreya então andou ao redor de seu convidado ilustre e curvou sua cabeça para ele, e unindo suas mãos em reverência disse, 'Que a bênção seja para ti também, ó santo!"

123

"Yudhishthira disse, 'Ó tu que és familiarizado com todos os deveres, eu desejo saber, em detalhes, qual é o comportamento excelente das mulheres castas e boas. Ó avô, fale-me sobre isto.'"

"Bhishma disse, 'Uma vez, nas regiões celestes, uma dama chamada Sumana da linhagem de Kekaya, dirigindo-se a Sandili possuidora de grande energia e

conhecedora da verdade relativa a tudo e dotada de onisciência, disse, 'Por qual conduta, ó dama auspiciosa, por qual curso de ações, tu conseguiste chegar ao céu, purgada de todo pecado? Tu resplandeces com tua própria energia como uma chama de fogo. Tu pareces ser uma filha do Senhor das estrelas, vindo para o céu na tua própria refulgência. Tu usas vestimentas de branco puro, e estás muito alegre e em paz. Sentada naquela carruagem celeste, tu brilhas, ó dama auspiciosa, com energia multiplicada mil vezes. Tu, eu suponho, não alcançaste esta região de felicidade por penitências e doações e votos insignificantes. Diga-me a verdade'. Assim questionada gentilmente por Sumana, Sandili de sorrisos doces, dirigindo-se à sua formosa interrogadora, respondeu dessa maneira para ela fora da audição de outros, ‘Eu não vesti mantos amarelos; nem cascas de árvores. Eu não raspei minha cabeça; nem mantive madeixas emaranhadas em minha cabeça. Não foi por causa destas ações que eu obtive a posição de uma celestial. Eu nunca, por negligência, dirigi alguma palavra desagradável ou má para meu marido. Eu era sempre dedicada ao culto das divindades, dos Pitris, e dos Brahmanas. Sempre atenta eu servia e atendia minha sogra e sogro. Era minha resolução que eu nunca deveria me comportar com falsidade. Eu nunca costumava ficar na porta da nossa casa nem falava muito tempo com alguém. Eu nunca fiz alguma má ação; eu nunca dei risada alta; eu nunca fiz alguma injúria. Eu nunca revelei algum segredo. Exatamente assim eu sempre me comportei. Quando meu marido, tendo deixado a casa em algum trabalho, costumava voltar, eu sempre o servia por lhe dar um assento e o adorava com reverência. Eu nunca comia alimento de algum tipo que fosse desconhecido para meu marido e com o qual meu marido não estivesse satisfeito. Levantando cedo na alvorada eu fazia e fazia com que fosse feito o que quer que fosse ocasionado e necessário ser realizado pelos parentes e amigos. Quando meu marido deixava o lar para ir para um lugar distante em algum negócio, eu permanecia em casa ocupada em diversos tipos de ações auspiciosas para abençoar seu empreendimento. Na verdade, durante a ausência do meu marido eu nunca usava colírio, ou enfeites; eu nunca me lavava adequadamente ou usava guirlandas e unguentos, ou decorava meus pés com tinta laca, ou meu corpo com ornamentos. Quando meu marido dormia em paz eu nunca o acordava mesmo se algum negócio importante requeresse sua atenção. Eu era feliz em sentar perto dele deitado adormecido. Eu nunca incitei meu marido a se esforçar mais ativamente para ganhar riqueza para sustentar sua família e parentes. Eu sempre mantive segredos sem revelá-los para outros. Eu costumava manter sempre nossos locais limpos. Aquela mulher que com atenção concentrada adere a este caminho de dever, se torna a recebedora de honras consideráveis no céu como uma segunda Arundhati.'"

"Bhishma continuou, 'A ilustre e altamente abençoada Sandili, de conduta correta, tendo dito estas palavras para Sumana sobre o assunto dos deveres da esposa para com seu marido, desapareceu. Aquele homem, ó filho de Pandu, que lê esta narrativa em toda lua cheia e lua nova, consegue alcançar o céu e desfrutar de grande felicidade nos bosques de Nandana."

124

"Yudhishthira disse, 'Qual destes é de eficácia superior, Conciliação ou Doações? Diga-me, ó chefe da linhagem de Bharata, qual destes dois é superior a respeito de eficácia.'"

'Bhishma disse, 'Alguns ficam satisfeitos por conciliação, enquanto outros são satisfeitos por doações. Todo homem, segundo sua própria natureza, assume um ou o outro. Ouça-me, ó rei, enquanto eu te explico os méritos da conciliação, ó chefe da linhagem de Bharata, de modo que a mais furiosa das criaturas pode ser apaziguada por isto. Em relação a isto é citada a antiga narrativa de como um Brahmana, que tinha sido apanhado na floresta por um Rakshasa, foi libertado (com a ajuda da conciliação). Certo Brahmana, dotado de eloquência e inteligência, caiu em desgraça, pois ele foi capturado em uma floresta solitária por um Rakshasa que desejava se alimentar dele. O Brahmana, possuidor de compreensão e erudição, não estava agitado em absoluto. Sem se permitir ficar entorpecido pela visão daquele canibal terrível, ele resolveu aplicar conciliação e ver seu efeito sobre o Rakshasa. O Rakshasa, saudando respeitosamente o Brahmana tanto quanto as palavras alcançavam, fez a ele esta pergunta, 'Tu escaparás, mas diga-me por que razão eu estou pálido de cor e tão magro!' Refletindo por um breve espaço de tempo, o Brahmana aceitou a pergunta do Rakshasa e respondeu nas seguintes palavras bem-faladas.'"

"O Brahmana disse, 'Residindo em um local que é distante da tua residência, te movendo em uma região que não é a tua própria, e privado da companhia de teus amigos e parentes, tu estás desfrutando de vasta riqueza. É por isso que tu estás tão pálido e magro. Na verdade, ó Rakshasa, teus amigos, embora bem tratados por ti, ainda não estão bem dispostos em direção a ti por causa da própria natureza viciosa deles. É por isso que tu estás pálido e magro. Tu és dotado de mérito e sabedoria e uma alma bem regulada. Contudo é tua sina ver outros que são desprovidos de mérito e sabedoria honrados em preferência a ti mesmo. É por isso que tu estás pálido e magro. Pessoas possuidoras de riqueza e afluência muito maiores do que as tuas mas inferiores a ti a respeito de talentos estão, realmente, te desrespeitando. É por isso que tu estás pálido e magro. Embora afligido por falta dos meios de sustento, tu és levado pela grandeza da tua alma a desconsiderar meios como os que estão abertos para ti para retirar teu sustento. É por isso que tu estás pálido e magro. Por tua virtude tu te limitaste para fazer bem para outro. Aquele outro, ó Rakshasa honrado, pensa que te enganou e subjugou (por sua inteligência superior). É por isso que tu estás pálido e magro. Eu acho que tu estás sofrendo por aquelas pessoas que com almas dominadas pela luxúria e ira estão sofrendo miséria neste mundo. É por isso que tu estás pálido e magro. Embora agraciado com a posse de sabedoria, tu és ridicularizado por outros que são totalmente desprovidos dela. Na verdade, pessoas de conduta pecaminosa estão te censurando. É por isso que tu estás pálido e magro. De fato, algum inimigo teu, com uma língua amigável, se aproximando de ti se comportou a princípio como uma pessoa justa e então te deixou, te enganando como um patife. É por isso que tu estás pálido e magro. Tu conheces bem o rumo dos assuntos do

mundo. Tu és bem hábil em todos os mistérios. Tu és dotado de capacidade. Aqueles que te conhecem como sendo dessa maneira ainda assim não te respeitam e elogiam. É por isso que tu estás pálido e magro. Ficando no meio de homens maus engajados juntos em algum empreendimento, tu discursaste para eles, dissipando suas dúvidas. Apesar disso eles não admitiram teus méritos superiores. É por isso que tu estás pálido e magro. Na verdade, embora desprovido de riqueza e inteligência e erudição Védica, tu desejas ainda, somente com a ajuda da tua energia, realizar alguma coisa grandiosa. É por isso que tu estás pálido e magro. Parece que embora tu estejas decidido a praticar austeridades severas por te retirares para a floresta, contudo teus parentes não estão inclinados favoravelmente em direção a este teu projeto. É por isso que tu estás pálido e magro. Algum vizinho teu, possuidor de grande riqueza e dotado de juventude e feições belas, na verdade, cobiça tua querida esposa. É por isso que tu estás pálido e magro. As palavras faladas por ti, mesmo quando excelentes, no meio de homens ricos, não são consideradas por eles como sábias ou oportunas. É por isso que tu estás pálido e magro. Algum parente caro teu, desprovido de inteligência embora repetidamente instruído nas escrituras, ficou zangado. Tu não conseguiste acalmá-lo. É por isso que tu estás pálido e magro. Na verdade, alguém, tendo primeiro te designado para a realização de algum objetivo desejável para ti está agora procurando roubar o resultado disso da tua posse. É por isso que tu estás pálido e magro. Na verdade, embora possuidor de habilidades excelentes e adorado por todos por causa disso, tu ainda és considerado pelos teus parentes como adorado por causa deles e não por causa de ti mesmo. É por isso que tu estás pálido e magro. Na verdade, por vergonha tu és incapaz de anunciar um propósito no teu coração, movido também pela demora inevitável que ocorrerá na sua realização. É por isso que tu estás pálido e magro. Na verdade, tu desejas, com a ajuda da tua inteligência, trazer sob tua influência diversas pessoas com diversos tipos de compreensões e tendências. (Tal objetivo nunca pode ser realizado.) É por isso que tu estás pálido e magro. Desprovido de erudição, sem coragem, e sem muita riqueza, tu procuras tal fama como a que é obtida pelo conhecimento e bravura e doações. Na verdade, é por isso que tu estás pálido e magro. Tu não pudeste adquirir alguma coisa sobre a qual tu colocaste teu coração por um longo tempo. Ou, aquilo que tu procuras fazer é procurado ser desfeito por alguém mais. É por isso que tu estás pálido e magro. Na verdade, sem poder ver alguma falha da tua parte, tu foste amaldiçoado por alguém. É por isso que tu estás pálido e magro. (Embora completamente inocente, tu ainda foste amaldiçoado. A ansiedade devido a isto te fez assim.) Desprovido de riqueza e habilidades tu procuras em vão dissipar as angústias de teus amigos e as tristezas de homens entristecidos. É por isso que tu estás pálido e magro. Vendo pessoas justas no modo de vida familiar, pessoas injustas vivendo segundo o modo da floresta, e pessoas emancipadas apegadas à vida familiar e residência fixa, tu estás pálido e magro. Na verdade, tuas ações ligadas com Virtude, com Riqueza, e com Prazer, como também as palavras oportunas faladas por ti, não dão resultados. É por isso que tu estás pálido e magro. Embora dotado de sabedoria, porém desejoso de viver, tu vives com riqueza obtida por ti em doação de alguém de má conduta. É por isso que tu estás pálido e magro. Vendo a injustiça aumentado por todos os lados e a justiça enlanguescendo, tu estás cheio

de aflição. É por isso que tu estás pálido e magro. Incitado pelo tempo tu procuras agradar todos os teus amigos até quando eles estão disputando e colocados em lados opostos uns aos outros. É por isso que tu estás pálido e magro. Vendo pessoas possuidoras de conhecimento Védico dedicadas a ações impróprias, e pessoas de erudição incapazes de manter seus sentidos sob controle, tu estás cheio de aflição. É por isso que tu estás pálido e magro.' Assim elogiado, o Rakshasa adorou aquele Brahmana erudito em retorno, e fazendo-o seu amigo e concedendo riqueza suficiente para ele em doação, deixou-o (sem devorá-lo).'"

125

"Yudhishthira disse, 'Diga-me, ó avô, como um homem pobre, desejoso de realizar seu próprio bem, deve se comportar depois de ter obtido a posição de humanidade e vindo para esta região de ações que é tão difícil de se alcançar. Diga-me também qual é o melhor de todos os presentes, e qual deve ser dado sob quais circunstâncias. Diga-me, ó filho de Ganga, quem é realmente merecedor de honra e culto. Cabe a ti discursar para nós sobre estes mistérios.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim questionado por aquele monarca famoso, isto é, o filho de Pandu, Bhishma explicou (nestas palavras) para aquele rei estes mistérios superiores concernentes ao dever.'"

"Bhishma disse, 'Ouça-me com atenção concentrada, ó rei, enquanto eu explico para ti, ó Bharata, estes mistérios concernentes aos deveres, da mesma maneira na qual o santo Vyasa os explicou para mim nos tempos passados. Este assunto é um mistério para as próprias divindades, ó monarca. Yama de atos imaculados, com a ajuda de votos bem cumpridos e meditação Yoga, adquiriu o conhecimento destes mistérios como os frutos sublimes de suas penitências. O que agrada aquela divindade, o que agrada os Pitris, os Rishis, os Pramathas (associados de Mahadeva), a deusa Sri, Chitragupta (o assistente registrador de Yama), e os poderosos Elefantes nos pontos cardeais do horizonte, que constitui a religião dos Rishis, a religião que tem muitos mistérios e que é produtiva de resultados sublimes, os méritos dos que são chamados de grandes presentes, e os méritos que se vinculam a todos os sacrifícios, quem conhece estes, ó impecável, e conhecendo age de acordo com seu conhecimento, fica livre de máculas se ele tem máculas e obtém os méritos indicados. Igual a dez açougueiros é um oleiro. Igual a dez oleiros é um bebedor de álcool. Igual a dez bebedores de álcool é um cortesão. Igual a dez cortesãos é um único chefe (territorial). (O sentido é este; não se deve aceitar doações feitas por um açougueiro ou matador de animais. Dez açougueiros são iguais a um único oleiro. Por aceitar uma doação de um oleiro, portanto, uma pessoa incorre em dez vezes no pecado de aceitar uma doação de um açougueiro. Dessa maneira, a medida de pecado continua aumentando de acordo com a proporção dada. Um pequeno rei é igual a dez mil açougueiros. Um grande rei, no entanto, é igual à metade daquilo, isto é, cinco mil açougueiros. Em outras palavras, por aceitar uma doação de um grande rei, um homem atrai sobre si cinco mil vezes o pecado de aceitar uma doação de um açougueiro.) É dito que um grande rei é igual à metade destes todos. Por essa

razão não se deve aceitar doações destes. Por outro lado, deve-se prestar atenção à ciência que é sagrada e que tem virtude como suas indicações, do agregado de três (isto é, Religião, Riqueza, e Prazer). Entre estes, Riqueza e Prazer são naturalmente atraentes. Por isso se deve, com atenção concentrada, escutar as exposições sagradas de Religião (especialmente), pois são muito grandes os resultados de se ouvir os mistérios de Religião. Deve-se certamente ouvir todo tópico ligado com Religião como ordenado pelas próprias divindades. Nela está contido o ritual a respeito do Sraddha no qual são declarados os mistérios relacionados com os Pitris. Os mistérios ligados com todas as divindades também são explicados lá. Ela compreende os deveres e práticas, produtivos de grande mérito, dos Rishis também, junto com os mistérios ligados a eles. Ela contêm uma exposição dos méritos de grandes sacrifícios e aqueles que se vinculam a todas as espécies de doações. Aqueles homens que sempre lêem as escrituras que tratam destes assuntos, aqueles que os mantêm apropriadamente em sua mente, e aquele que, tendo-as escutado, as segue na prática, são todos considerados como sendo tão santos e impecáveis quanto o próprio pujante Narayana. Os méritos que se vinculam à doação de vacas, aqueles que pertencem à realização de abluções em águas sagradas, aqueles que são obtidos pela realização de sacrifícios, todos estes são adquiridos por aquele homem que trata convidados com reverência. Aqueles que ouvem a estas escrituras, aqueles que são dotados de fé, e aqueles que têm um coração puro, isto é bem sabido, conquistam muitas regiões de bem-aventurança. Aqueles homens justos que são dotados de fé vêm a ser purificados de todas as máculas e nenhum pecado pode tocá-los. Tais homens sempre crescem em virtude e conseguem chegar ao céu. Uma vez um mensageiro celeste, indo à corte de Indra por sua própria vontade, mas permanecendo invisível, se dirigiu ao chefe das divindades nestas palavras, 'Por ordem daquelas duas divindades que são os principais de todos os médicos, e que são dotados de todo atributo desejável, eu vim para este lugar onde eu vejo seres humanos e Pitris e as divindades reunidos. Por que, de fato, a relação sexual é proibida para o homem que realiza um Sraddha e também para aquele que come em um Sraddha (pelo dia específico)? Por que três bolos de arroz são oferecidos separadamente em um Sraddha? Para quem deve ser oferecido o primeiro daqueles bolos? Para quem o segundo deve ser oferecido? E de quem é dito que é o terceiro ou o restante? Eu desejo saber tudo isso.' Depois que o mensageiro celeste tinha dito estas palavras ligadas com virtude e dever, as divindades que estavam sentadas em direção ao leste, os Pitris também, aplaudindo aquele caminhante do céu, começaram como segue.'"

"Os Pitris disseram, 'Seja bem vindo, e bênçãos para ti! Ouça, ó melhor de todos os caminhantes do céu! A pergunta que tu fizeste é excelente e repleta de significado profundo. Os Pitris daquele homem que se entrega ao ato sexual no dia que ele realiza um Sraddha, ou come em um Sraddha, têm que jazer pelo período de um mês inteiro em sua semente vital. Com relação à classificação dos bolos de arroz oferecidos em um Sraddha, nós explicaremos o que deve ser feito com eles um depois do outro. O primeiro bolo de arroz deve ser concebido como jogado nas águas. O segundo bolo deve ser dado para uma das esposas comer. O terceiro bolo deve ser lançado no fogo ardente. Esta é a ordenança que foi

declarada a respeito do Sraddha. Esta é a ordenança que é seguida na prática de acordo com os ritos de religião. Os Pitris daquele homem que age de acordo com esta ordenança ficam satisfeitos com ele e permanecem sempre alegres. A progênie de tal homem aumenta e riqueza inesgotável sempre permanece às suas ordens.'"

"O mensageiro celeste disse, 'Tu explicaste a divisão dos bolos de arroz e sua consignação um depois do outro para os três (isto é, água, a esposa, e o fogo ardente), junto com as razões disso. (As razões são as declarações nas escrituras nesse sentido.) A quem aquele bolo de arroz que é consignado às águas alcança? Como ele, por ser assim consignado, satisfaz as divindades e como ele resgata os Pitris? O segundo bolo é comido pela esposa. Isso está declarado em ordenança. Como os Pitris daquele homem (cuja esposa come o bolo) se tornam os comedores disso? O último bolo vai para o fogo ardente. Como aquele bolo consegue encontrar seu caminho para ti, ou quem é ele para quem ele vai? Eu desejo saber isto, isto é, quais são os fins alcançados pelos bolos de arroz oferecidos em Sraddhas quando assim dispostos por serem lançados na água, dados à esposa, e jogados no fogo ardente!'"

"Os Pitris disseram, 'Magnífica é esta pergunta que tu fizeste. Isto envolve um mistério e está repleto de maravilha. Nós estamos muito satisfeitos contigo, ó caminhante do céu!' As próprias divindades e os Munis louvam atos feitos em honra dos Pitris. Nem eles sabem quais são as conclusões certas das ordenanças a respeito das ações feitas em honra dos Pitris. Exceto o imortal e excelente Markandeya de alma justa, aquele Brahmana de grande renome, que é sempre devotado aos Pitris, ninguém entre eles está familiarizado com os mistérios das ordenanças a respeito dos Pitris. Tendo ouvido do santo Vyasa qual é o fim dos três bolos de arroz que são oferecidos no Sraddha, como explicado pelos próprios Pitris em resposta à pergunta do mensageiro celeste, eu explicarei o mesmo para ti. Ouça, ó monarca, quais são as conclusões com relação às ordenanças sobre o Sraddha. Ouça-me com atenção absorta, ó Bharata, enquanto eu te explico qual o fim é dos três bolos de arroz. Aquele bolo de arroz que vai para a água é considerado como satisfazendo a divindade da lua. Aquela divindade, assim satisfeita, ó tu de grande inteligência, satisfaz em retribuição as outras divindades e os Pitris também com elas. É declarado que o segundo bolo de arroz deve ser comido pela esposa (do homem que realiza o Sraddha). Os Pitris, que estão sempre desejosos de progênie, concedem filhos para a mulher da casa. Ouça-me agora enquanto eu te digo o que acontece àquele bolo de arroz que é lançado ao fogo ardente. Com aquele bolo os Pitris são satisfeitos e como o resultado disso eles concedem a realização de todos os desejos para a pessoa que o oferece. Eu assim te disse tudo acerca do fim dos três bolos de arroz oferecidos no Sraddha e consignados aos três (isto é, água, a esposa, e o fogo). Aquele Brahmana que se torna o Ritwik em um Sraddha constitui ele mesmo, por essa ação, o Pitri da pessoa que realiza o Sraddha. Por isso, ele deve se abster naquele dia de relação sexual mesmo com sua própria esposa. (O sentido, como explicado pelo comentador, é este: o Brahmana que se torna o Ritwik e come em um Sraddha se torna um Pitri da pessoa que realiza o Sraddha. Por isso, como sua identidade foi

mudada, ele deve, naquele dia, se abster de ato sexual até com sua própria esposa. Por ter tal ato, ele incorre no pecado de adultério.) Ó melhor de todos os caminhantes do céu, o homem que come em Sraddha deve se comportar com pureza por aquele dia. Por agir de outra maneira ele certamente incorre nas faltas que eu indiquei. Isto não pode ser de outro modo. Por isso, o Brahmana que é convidado para um Sraddha para comer as oferendas deve comê-las depois de se purificar com um banho e de se comportar piamente naquele dia por de abster de todo tipo de injúria ou mal. A progênie de tal pessoa se multiplica e aquele também que o alimenta colhe a mesma recompensa.'"

"Bhishma continuou, 'Depois que os Pitris disseram isto, um Rishi de penitências rígidas, chamado Vidyutprabha, cuja forma brilhava com esplendor como aquele do sol, falou. Tendo ouvido aqueles mistérios de religião como propostos pelos Pitris, ele se dirigiu a Sakra, dizendo, 'Entorpecidos pela insensatez homens matam numerosas criaturas nascidas nas ordens intermediárias, tais como vermes e formigas e cobras e ovelhas e veados e aves. Pesada é a medida de pecado que eles atraem sobre si por estas ações. Qual, no entanto, é o remédio?' Quando esta pergunta foi feita, todos os deuses e Rishis dotados de riqueza de penitências e os Pitris altamente abençoados aplaudiram aquele asceta.'"

"Sakra disse, 'Pensando na própria mente em Kurukshetra e Gaya e Ganga e Prabhasa e nos lagos de Pushkara, uma pessoa deve mergulhar sua cabeça em água. Por fazer isso ela vem a ser purificada de todos os seus pecados como Chandramas livre de Rahu. Uma pessoa deve se banhar dessa maneira por três dias em sucessão e então jejuar pelo dia todo. Além disso, ela deve tocar (depois de se banhar) as costas de uma vaca e inclinar a cabeça para a cauda dela.' Vidyutprabha, depois disto, dirigindo-se novamente a Vasava, disse, 'Eu irei declarar um rito que é mais sutil. Ouça-me, ó tu de cem sacrifícios. Esfregado com o pó adstringente das raízes pendentes da banian e ungido com o óleo de Priyangu (um tipo de semente), deve-se comer o arroz Shashtika (aquele que amadurece em sessenta dias) misturado com leite. Por fazer isso alguém vem a ser purificado de todos os seus pecados. Escute agora a outro mistério desconhecido para muitos mas que foi descoberto pelos Rishis com a ajuda da meditação. Eu ouvi isto de Vrihaspati enquanto ele o relatava na presença de Mahadeva. Ó chefe das divindades, ouça com Rudra em tua companhia, ó marido de Sachi! Se uma pessoa, subindo uma montanha, permanece lá sobre um pé, com braços erguidos e unidos, e se abstendo de alimento olha para um fogo ardente, ela adquire os méritos de penitências severas e obtém as recompensas ligadas aos jejuns. Aquecida pelos raios do sol, ela fica purificada de todos os seus pecados. Alguém que age dessa maneira nas estações de verão e inverno fica livre de todo pecado. Purificado de todo pecado, ele adquire um esplendor de cor por todo o tempo. Tal homem resplandece com energia como o Sol ou brilha em beleza como a Lua!' Depois disto, o chefe das divindades, isto é, aquele de cem sacrifícios, sentado no meio dos deuses, então se dirigiu gentilmente a Vrihaspati, dizendo estas palavras excelentes, 'Ó santo, discurse devidamente sobre quais são aqueles mistérios de religião que são repletos de felicidade para

os seres humanos, e quais são as falhas as quais eles cometem, junto com os mistérios ligados a eles!'"

"Vrihaspati disse, 'Aqueles que urinam de frente para o sol, aqueles que não mostram reverência pelo vento, aqueles que não derramam libações no fogo ardente, aqueles que ordenham uma vaca cujo bezerro é muito jovem, movidos pelo desejo de obter dela tanto leite quanto possível, cometem pecados. Eu declararei qual são aquelas falhas, ó marido de Sachi! Ouça-me. O Sol, o Vento, o carregador de oblações sacrificais, ó Vasava, e as vacas que são as mães de todas as criaturas, foram criados pelo próprio Auto-nascido, para resgatar todos os mundos, ó Sakra! Estes são as divindades dos seres humanos. Ouçam todos vocês às conclusões de religião. Aqueles homens e mulheres pecaminosos que urinam de frente para o sol vivem em grande infâmia por oitenta e seis anos. Aquele homem, ó Sakra, que não nutre reverência pelo vento, obtém filhos que caem prematuramente do útero de sua esposa. Aqueles homens que não despejam libações no fogo ardente descobrem que o fogo, quando eles o acendem para os ritos que eles desejam realizar, se recusa a comer suas libações. (As libações dos homens que não cultuam seu fogo diariamente não são levadas pelo fogo para os lugares destinados.) Aqueles homens que bebem o leite de vacas cujos bezerros são muito jovens, nunca obtêm filhos para perpetuar suas linhagens. Tais homens vêem seus filhos morrerem e suas famílias diminuírem. Estas são as consequências das referidas ações, como observadas por pessoas regeneradas veneráveis por idade em suas respectivas famílias. Por isso deve-se sempre evitar o que é proibido, e fazer somente o que é ordenado para ser feito, se uma pessoa está desejosa de obter prosperidade. Isto que eu te digo é muito verdadeiro.' Depois que o preceptor celeste tinha dito isso, as divindades altamente abençoadas, com os Maruts, e os Rishis muito abençoados questionaram os Pitris, dizendo, 'Ó Pitris, por quais ações dos seres humanos, que são geralmente dotados de pouca compreensão, vocês ficam satisfeitos? Quais doações, feitas no decorrer de ritos como os que são praticados para melhorar a posição de pessoas falecidas no outro mundo, se tornam inesgotáveis em relação à sua eficácia? Por realizar quais ações os homens podem ficar livres da dívida que eles têm com os Pitris? Nós desejamos saber isto. É grande a curiosidade que nós sentimos.'"

"Os Pitris disseram, 'Ó altamente abençoados, a dúvida existente em suas mentes foi devidamente apresentada. Escutem como nós declaramos quais são aquelas ações dos homens justos que nos gratificam. Touros dotados de cor azul devem ser libertados. Presentes devem ser feitos para nós, no dia da lua nova, de sementes de gergelim e água. Na estação de chuvas, lâmpadas devem ser acesas (no céu. Estas são colocadas em longos mastros os quais são fixados às árvores mais altas). Por estas ações dos homens, eles podem se libertar das dívida que eles têm com os Pitris. Tais presentes nunca se tornam infrutíferos. Por outro lado, eles se tornam inesgotáveis e produtivos de grandes resultados. A satisfação que nós derivamos deles é considerada como sendo inesgotável. Aqueles homens que, dotados de fé, geram progênie, resgatam seus antepassados falecidos do Inferno miserável'. Ouvindo estas palavras dos Pitris,

Vriddha-Gargya, possuidor de riqueza de penitências e grande energia, ficou tão admirado que os pêlos de seu corpo se arrepiaram. Dirigindo-se a eles ele disse, 'Vocês que são todos possuidores de riqueza de penitências, nos digam quais são os méritos vinculados à libertação de touros dotados de cor azul. Quais méritos, além disso, são atribuídos ao presente de lâmpadas na estação das chuvas e ao presente de água com sementes de gergelim?'"

"Os Pitris disseram, 'Se um touro de cor azul, após ser libertado, ergue uma (pequena) quantidade de água com seu rabo, os Pitris (da pessoa que libertou aquele touro) ficam satisfeitos com aquela água por sessenta mil anos completos. A lama que tal touro ergue com seus chifres das margens (de um rio ou lago), consegue, sem dúvida, mandar os Pitris (da pessoa que libertou o animal) para a região de Soma. Por dar lâmpadas na estação das chuvas, alguém brilha com refulgência como o próprio Soma. O homem que dá lâmpadas nunca está sujeito ao atributo de Escuridão. Aqueles homens que fazem doações, no dia da lua nova, de sementes de gergelim e água, misturadas com mel e usando um recipiente de cobre, ó tu que és possuidor de riqueza de penitências, são considerados como realizando devidamente um Sraddha com todos os seus mistérios. Estes homens obtêm filhos de saúde perfeita e mentes alegres. O mérito adquirido pelo doador do Pinda (para os Pitris) toma a forma do crescimento da sua linhagem. Na verdade, aquele que realiza estes atos com fé fica livre da dívida que ele tem com os Pitris. Assim foram declarados o tempo apropriado para a realização do Sraddha, a ordenança a respeito dos ritos a serem cumpridos, a pessoa adequada que deve ser alimentada no Sraddha, e os méritos que se vinculam a isto. Eu declarei tudo para ti na devida ordem.'"

126

"Bhishma disse, 'O chefe das divindades, Indra, depois do Pitri ter cessado de falar, dirigiu-se ao pujante Hari, dizendo, 'Ó Senhor, quais são aqueles atos pelos quais tu ficas satisfeito? Como, de fato, os homens conseguem te satisfazer?'"

"Vishnu disse, ‘Aquilo que eu odeio imensamente é a difamação de Brahmanas; sem dúvida, se os Brahmanas são adorados, eu mesmo me considero adorado. Todos os Brahmanas superiores devem ser sempre saudados com reverência, depois de alimentá-los com hospitalidade. Uma pessoa deve reverenciar seus próprios pés também (à noite). Eu estou satisfeito com homens que agem dessa maneira, como também com aqueles que adoram e fazem oferendas ao vórtice que é visível no esterco de vaca (quando este primeiro cai da vaca). Aqueles que vêem um Brahmana que é um anão em estatura, ou um javali que acabou de se erguer da água e carrega em sua cabeça uma quantidade de lama tirada da margem, nunca têm que encontrar com algum mal. Eles ficam livres de todo pecado. O homem que adora todo dia a Aswattha (Ficus religiosa) e a substância chamada Gorochana e a vaca, é considerado como cultuando o universo inteiro com as divindades e Asuras e seres humanos. Na verdade, ficando dentro destes, eu aceito, em minha própria forma, o culto que é oferecido para eles. O culto que é oferecido a estes é o culto oferecido a mim. Isto tem sido assim desde que os

mundos foram criados. Aqueles homens de pouca compreensão que me cultuam de uma maneira diferente me adoram em vão, pois o culto daquele tipo eu nunca aceito. Realmente, o culto de outros tipos não é gratificante para mim em absoluto.'"

"Indra disse, 'Por que tu louvas as marcas circulares no esterco das vacas, os pés, o javali, o Brahmana que é um anão em estatura, e a lama erguida do solo? És tu quem os cria e és tu quem os destrói. Tu és a natureza eterna de todas as coisas mortais ou transitórias.'"

"Bhishma continuou, 'Ouvindo estas palavras de Indra. Vishnu sorriu um pouco e então disse, 'Foi com meu disco circular que os Daityas foram mortos. Foi com meus dois pés que o mundo foi coberto. Assumindo a forma de um javali eu matei Hiranyaksha. Assumindo a forma de um anão eu conquistei o rei (Asura) Vali. Aqueles homens de grande alma que cultuam estes me agradam. Na verdade, aqueles que me adoram nestas formas nunca encontram com a derrota. Se alguém, vendo um Brahmana que leva o modo de vida Brahmacharya chegando a sua casa, oferece para ele a primeira porção da própria comida que pertence como de direito a um Brahmana, e come o que resta depois disso, ele é considerado como comendo Amrita. Se alguém, depois de adorar o crepúsculo matutino, permanece com rosto o virado para o sol, ele colhe o mérito que se vincula à realização de abluções em todos os tirthas e vem a ser purificado de todos os pecados. Ó Rishis possuidores de riqueza de penitências, eu disse a vocês em detalhes o que constitui um grande mistério. Sobre o que mais eu falarei para vocês? Contem-me suas dúvidas.'"

"Baladeva disse, 'Escutem agora a outro grande mistério que é repleto de felicidade para os homens. Pessoas ignorantes, não familiarizadas com isto, encontram com muitas aflições nas mãos de outras criaturas. Aquele homem que, levantando de manhã cedo, toca uma vaca, ghee, e coalhos, como também sementes de mostarda e a maior variedade dela chamada Priyangu, fica purificado de todos os pecados. Com relação aos Rishis possuidores de riqueza de penitências, eles sempre evitam todas as criaturas à frente e atrás, como também tudo o que é impuro enquanto realizando Sraddhas.'"

"As divindades disseram, 'Se uma pessoa, pegando um recipiente de cobre, enchendo-o com água e encarando o leste, resolve a respeito de um jejum ou o cumprimento de um voto específico, as divindades ficam satisfeitas com ele e todos os seus desejos vêm a ser coroados com êxito. Por fazer jejuns, ou votos de alguma outra maneira, homens de pouca inteligência não ganham nada. (Votos e jejuns e etc., devem ser cumpridos depois de o Sankalpa ou Resolução naquele sentido ter sido formalmente enunciado. Mesmo um mergulho em uma quantidade de água sagrada não pode ser produtivo de mérito a menos que o Sankalpa tenha sido formalmente enunciado. O Sankalpa é a declaração do propósito pelo qual o ato é realizado como também do ato que se planeja realizar.) Ao proferir a decisão acerca do cumprimento de jejuns e ao fazer oferendas para as divindades, o uso de um recipiente de cobre é preferível. Em apresentar oferendas às divindades, em (doar ou aceitar) esmolas, em oferecer os ingredientes do Arghya e em

oferecer oblações de água misturada com sementes de gergelim para os Pitris, um recipiente de cobre deve ser usado. Por fazer estes atos de qualquer outra maneira alguém adquire pouco mérito. Exatamente assim estes mistérios foram declarados relativos a como as divindades são satisfeitas.'"

"Dharma disse, 'As oferendas feitas em todos os ritos em honra das divindades e naqueles em honra dos Pitris nunca devem ser dadas para um Brahmana que aceitou serviço sob o rei, ou que toca o sino ou que se encarrega de funções secundárias em atos de culto ou em Sraddhas, ou que mantém vacas, ou que é dedicado ao comércio, ou que segue alguma arte como profissão, ou que é um ator, ou que disputa com amigos ou que é desprovido de estudos Védicos, ou que se casa com uma mulher Sudra. O realizador do Sraddha que dá tais oferendas para semelhante Brahmana decai da prosperidade e não multiplica sua linhagem. Ele fracassa, além disso, em satisfazer seus Pitris por fazer tal ato. Da casa daquela pessoa de onde um convidado retorna insatisfeito, os Pitris, as divindades, e os fogos sagrados, todos voltam desapontados por causa de semelhante tratamento do convidado. O homem que não cumpre os deveres de hospitalidade em direção ao convidado chegado em sua residência vem a ser considerado como igualmente pecaminoso com aqueles que são assassinos de mulheres ou de vacas, que são ingratos para com benfeitores, que são assassinos de Brahmanas, ou que são violadores das camas de seus preceptores.'"

"Agni disse, 'Escutem com atenção concentrada. Eu narrarei os deméritos daquele homem de mente pecaminosa que levanta seus pés para golpear com eles uma vaca ou um Brahmana altamente abençoado ou um fogo ardente. A infâmia de tal homem se espalha por todo o mundo e toca os confins do próprio céu. Seus Pitris se enchem de medo. As divindades também ficam muito descontentes por sua causa. Dotado de grande energia, o Fogo se recusa a aceitar as libações despejadas por ele. Por cem vidas ele tem que apodrecer no inferno. Ele nunca é resgatado em qualquer tempo. Portanto, nunca se deve tocar uma vaca com os pés, ou um Brahmana de grande energia, ou um fogo ardente, se uma pessoa é dotada de fé e deseja seu próprio bem. Este são os deméritos declarados por mim de alguém que ergue seus pés em direção a estes três.'"

"Viswamitra disse, 'Ouçam um grande mistério que é desconhecido pela maioria dos homens e que está relacionado com religião. Aquele que oferece aos Pitris arroz fervido em leite açucarado, sentando com a face dirigida para o sul ao meio dia na sombra causada pelo corpo de um elefante, no mês de Bhadrapada, sob a constelação Magha, adquire grandes méritos. Escutem quais são aqueles méritos. O homem que faz tal oferenda para os Pitris sob tais circunstâncias é considerado como realizando um grande Sraddha todo ano por treze anos em sucessão.'"

"As vacas disseram, 'Vem a ser purificado de todos os seus pecados aquele homem que adora uma vaca com estes Mantras, isto é, ‘Ó Vahula, ó Samanga, ó tu que és destemida em todo lugar, ó tu que és bondosa e cheia de auspiciosidade, ó amiga, ó fonte de toda plenitude, na região de Brahman, antigamente, tu foste oferecida com teu bezerro no sacrifício de Indra, o manejador do raio. Tu tomaste tua posição no firmamento e no caminho de Agni.

As divindades com Narada entre elas então te adoraram naquela ocasião por te chamarem de Sarvamsaha.' Tal homem alcança a região de Purandara. Ele adquire, além disso, os méritos atribuídos às vacas, e o esplendor de Chandramas também. Tal homem fica livre de todo pecado, todo medo, toda dor. No fim, ele obtém residência na região feliz de Indra de mil olhos!'"

"Bhishma continuou, 'Depois disto, os sete Rishis altamente abençoados e célebres, com Vasishtha em sua vanguarda, se levantam e circungirando o Brahman Nascido no Lótus permaneceram ao redor dele com mãos unidas em reverência. Vasishtha, aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de Brahma, tornou-se seu porta-voz e fez esta pergunta que é benéfica para todas as criaturas, mas especialmente para Brahmanas e Kshatriyas: 'Por fazer quais ações homens de conduta justa que são, no entanto, desprovidos de bens deste mundo, conseguem obter méritos vinculados a sacrifícios?' Ouvindo esta pergunta de deles, o Avô Brahman começou a dizer o seguinte.'"

"Brahman disse, 'É excelente esta pergunta, ó altamente abençoados! Ela é ao mesmo tempo auspiciosa e sublime e cheia de mistério. Esta pergunta que vocês fizeram é sutil e está repleta de grande benefício para a humanidade. Ó Rishis possuidores de riqueza de penitências, eu contarei tudo para vocês em detalhes. Escutem com atenção ao que eu digo quanto a como homens adquirem méritos vinculados a sacrifícios (mesmo quando eles não podem realizá-los devido à pobreza). Na quinzena iluminada do mês de Pausha, quando a constelação Rohini está em conjunção, se alguém, se purificando por meio de um banho, deita sob a abóbada celeste, vestida em uma única peça de roupa, com fé e atenção concentrada, e bebe os raios da lua, ela obtém os méritos ligados à realização de grandes sacrifícios. Ó principais das pessoas regeneradas, é um grande mistério isto que eu declaro para vocês em resposta às suas perguntas, para vocês que possuem discernimento das verdades sutis de todos os tópicos de investigação.'"

127

"Vibhavasu (também chamado Surya) disse, 'Há duas oferendas. Uma delas consiste em um palmo de água e a outra chamada Akshata consiste em grãos de arroz com ghee. Deve-se, no dia da lua cheia, permanecer de frente para aquele orbe brilhante e fazer para ele as duas oferendas mencionadas, isto é, um palmo de água e os grãos de arroz com ghee chamados Akshata. O homem que apresenta estas oferendas é citado como adorando seu fogo sagrado. Realmente, ele é considerado como alguém que tem derramado libações nos três fogos (principais). O homem de pouca inteligência que corta uma árvore grande no dia da lua nova fica manchado pelo pecado de Brahmanicídio. Por matar até uma única folha uma pessoa incorre em pecado. Aquele homem tolo que mastiga uma escova de dentes no dia da lua nova é considerado como ferindo a divindade da lua por tal ato. Os Pitris de tal pessoa ficam aborrecidos com ela. (Na Índia a escova de dentes consiste em um galho fino ou ramo pequeno. Uma ponta deste é mastigada e amolecida. As fibras amolecidas servem o propósito de uma escova. Tal escova é usada somente uma vez. Ela é jogada fora depois que a

escovação dos dentes está terminada.) As divindades não aceitam as libações despejadas por tal homem em dias de lua cheia e de lua nova. Seus Pitris ficam enfurecidos com ele, e sua linhagem e família se tornam extintas.'"

"Sree disse, 'Aquela casa pecaminosa, na qual recipientes de comer e de beber e assentos e camas se encontram espalhados, e na qual mulheres apanham, as divindades e Pitris deixam em repugnância. Na verdade, sem aceitar as oferendas feitas para eles pelos donos de semelhantes casas, as divindades e os Pitris fogem de tal habitação pecaminosa.'"

"Angiras disse, 'Aumenta a progênie daquele homem que permanece toda noite por um ano inteiro sob uma árvore Karanjaka com uma lâmpada para iluminá-la, e segura além disso em sua mão as raízes da planta Suvarchala.'"

"Gargya disse, 'Uma pessoa deve sempre cumprir os deveres de hospitalidade para com seus convidados. Deve-se dar lâmpadas na sala ou galpão onde sacrifícios são realizados. Deve-se evitar dormir durante o dia, e se abster de todos os tipos de carne ou comida. Nunca se deve ferir vacas e Brahmanas. Sempre se deve recitar os nomes dos lagos Pushkara e das outras águas sagradas. Tal rumo de dever é o principal. Isto mesmo constitui uma religião sublime com seus mistérios. Se cumprida na prática, ela sem dúvida produz consequências grandiosas. Se uma pessoa realiza mesmo cem sacrifícios, ela está fadada a ver o esgotamento dos méritos ligados às libações despejadas neles. Os deveres, no entanto, os quais eu mencionei, são de tal maneira que quando cumpridos com uma pessoa dotada de fé, seus méritos se tornam inesgotáveis. Escute agora a outro grande mistério oculto da vista de muitos. As divindades não aceitam as libações (derramadas sobre o fogo) na ocasião de Sraddhas e ritos em sua honra ou na ocasião daqueles ritos que são realizáveis em dias lunares comuns ou nos dias especialmente sagrados da lua cheia e da lua nova, se elas vêem uma mulher em seu período de impureza ou uma que é filha de uma mãe afligida com lepra. Os Pitris do homem que permite que tal mulher se aproxime do lugar onde o Sraddha está sendo realizado por ele não ficam satisfeitos com ele por treze anos. Vestido em roupa branca, e se tornando puro em corpo e mente, ele deve convidar Brahmanas e fazê-los proferirem suas bênçãos (quando ele realiza o Sraddha). Em tais ocasiões deve-se também recitar o Bharata. É por observar todos estes que as oferendas feitas em Sraddhas se tornam inesgotáveis.'"

"Dhaumya disse, 'Utensílios quebrados, armações de cama quebradas, galos e, cachorros, como também árvores que cresceram dentro de residências, são todos objetos inauspiciosos. Em um utensílio quebrado está o próprio Kali, enquanto em uma armação de cama quebrada está perda de riqueza. Quando um galo ou um cachorro está à vista, as divindades não comem as oferendas feitas para elas. Sob as raízes de uma árvore escorpiões e cobras sem dúvida encontram abrigo. Por isso, nunca se deve plantar uma árvore dentro de uma residência.'" (Utensílios quebrados, até hoje, são considerados inauspiciosos. Eles são rejeitados, como uma regra, por toda família. Kali tem sua residência neles, significando que tais utensílios causam brigas e disputas. Armações de cama quebradas também são

consideradas como capazes de causar perda de riqueza. Galos e cachorros nunca devem ser mantidos ou criados em uma casa. As raízes de árvores fornecem abrigo para escorpiões e cobras e insetos e vermes venenosos. Alguém nunca deve, portanto, plantar árvores ou permiti-las crescerem dentro de sua residência.)

"Jamadagni disse, 'Aquele homem cujo coração não é puro sem dúvida vai para o Inferno mesmo que ele adore as divindades em um Sacrifício de Cavalo ou em cem sacrifícios Vajapeya, ou que ele pratique as austeridades mais severas com a cabeça mais baixa. Pureza de coração é considerada como igual a sacrifícios e Verdade. Um Brahmana muito pobre, por dar somente um Prastha de cevada em pó com um coração puro para um Brahmana, alcançou a região do próprio Brahman. Esta é uma prova suficiente (da importância da pureza de coração).'"

128

"Vayu disse, 'Eu narrarei alguns deveres a observância dos quais é repleta de felicidade para a humanidade. Ouçam também com atenção concentrada a certas transgressões com as causas secretas das quais elas dependem. Aquele homem que oferece pelos quatro meses da estação chuvosa gergelim e água (para os Pitris), e alimento, de acordo com o melhor em seu poder, para um Brahmana bem familiarizado com os deveres, que derrama libações no fogo sagrado adequadamente, e faz oferendas de arroz fervido em leite açucarado, que dá lâmpadas em honra dos Pitris, com gergelim e água, na verdade aquele que faz tudo isso com fé e atenção concentrada adquire todos os méritos que se vinculam a cem sacrifícios nos quais animais são oferecidos para as divindades. Ouçam a este outro grande mistério que é desconhecido para todos. Aquele homem que pensa que está tudo bem quando um Sudra acende o fogo sobre o qual ele vai despejar libações ou que não vê qualquer erro quando mulheres, que são incompetentes para ajudar em Sraddhas e outros ritos, são permitidas ajudarem neles, realmente ficam maculados pelo pecado. (O fogo de um Brahmana nunca deve ser aceso por um Sudra. Mulheres também nunca devem ser permitidas ajudarem em Sraddhas por arranjarem as oferendas.) Os três fogos sacrificais ficam enfurecidos com semelhante pessoa. Em sua próxima vida ele tem que tomar nascimento como um Sudra. Seus Pitris, junto com as divindades, nunca estão satisfeitos com ele. Eu agora contarei quais são as expiações que alguém deve praticar para se purificar de tais pecados. Ouçam-me com atenção. Por realizar aqueles atos expiatórios alguém vem a ser feliz e livre de ansiedade. Jejuando todo o tempo, ele deve, por três dias, com atenção concentrada, despejar libações, no fogo sagrado, da urina da vaca misturada com esterco de vaca e leite e ghee. As divindades aceitam as oferendas de tal homem no término de um ano inteiro. Seus Pitris também, quando chega o momento de ele realizar o Sraddha, ficam satisfeitas com ele. Eu dessa maneira contei o que é justo e o que é o pecaminoso, com todos os seus detalhes desconhecidos, a respeito dos seres humanos desejosos de chegarem ao céu. Na verdade, os homens que se abstêm destas transgressões ou que tendo-as cometido praticam os ritos expiatórios indicados, conseguem alcançar o céu quando eles deixam este mundo.'"

129

"Lomasa disse, 'Os Pitris daqueles homens que, sem terem suas próprias esposas, se dirigem às esposas de outros homens, se enchem de decepção quando chega o momento para os Sraddhas. Aquele que se dirige às esposas de outros homens, aquele que se entrega à união sexual com uma mulher que é estéril, e aquele que se apropria do que pertence a um Brahmana, são igualmente pecaminosos. Sem dúvida, os Pitris de tais pessoas os deserdam sem desejarem ter qualquer relacionamento com eles. As oferendas que eles fazem fracassam em satisfazer as divindades e os Pitris. Por isso, um homem deve sempre se abster de união sexual com mulheres que são esposas de outros, como também com mulheres que são estéreis. O homem que deseja seu próprio bem não deve se apropriar do que pertence a um Brahmana. Escutem agora a outro mistério desconhecido para todos com relação à religião. Uma pessoa deve, dotada de fé, sempre cumprir as ordens de seu preceptor e de outros mais velhos. No décimo segundo dia lunar, como também no dia da lua cheia, todo mês, deve-se fazer doações para Brahmanas de ghee e as oferendas que constituem Akshata. Ouçam-me enquanto eu digo qual é a medida do mérito que tal pessoa adquire. Por tal ato é dito que alguém aumenta Soma e o Oceano. Vasava, o chefe dos celestiais, concede para ele uma quarta parte dos méritos vinculados a um Sacrifício de Cavalo. Por fazer tais doações, uma pessoa vem a ser dotada de grande energia e coragem. O divino Soma, bem satisfeito com ele, lhe concede a realização de seus desejos. Escutem agora a outro dever, junto com a fundação sobre a qual ele se apóia, que é produtivo de grande mérito. Nesta era de Kali, aquele dever, se realizado, traz muita felicidade para os homens. Aquele homem que, levantando bem cedo e se purificando com um banho, se veste em roupas brancas e com atenção concentrada faz doações para Brahmanas de recipientes cheios de sementes de gergelim, que faz oferendas para os Pitris de água com sementes de gergelim e mel, e que dá lâmpadas como também o alimento chamado Krisara adquire méritos substanciais. Ouçam-me enquanto eu digo quais são aqueles méritos. O divino castigador de Paka atribuiu estes méritos à doação de recipientes de cobre e metal cheios de sementes de gergelim. Aquele que faz doações de vacas, aquele que faz doações de terra que são produtivas de mérito eterno, aquele que realiza o sacrifício Agnishtoma com presentes copiosos na forma de Dakshina para os Brahmanas, são todos considerados pelas divindades como adquirindo méritos iguais àqueles que alguém adquire por fazer doações de recipientes cheios de sementes de gergelim. Presentes de água com sementes de gergelim são considerados pelos Pitris como produtivos de satisfação eterna para eles. Todos os antepassados ficam muito satisfeitos com presentes de lâmpadas e Krisara. Eu assim narrei a ordenança antiga, declarada pelos Rishis, que é altamente aprovada pelos Pitris e pelas divindades em suas respectivas regiões.'"

130

"Bhishma disse, 'Os Rishis lá reunidos, junto com os Pitris e as divindades, então, com atenção concentrada, questionaram Arundhati (a esposa de Vasishtha) que era dotada de grande mérito ascético. Possuidora de riqueza abundante de penitências, Arundhati estava à altura de seu marido Vasishtha de grande alma em energia, pois em votos e conduta ela era igual a seu marido. Dirigindo-se a ela eles disseram, 'Nós desejamos ouvir de ti os mistérios do dever e religião. Cabe a ti, ó senhora amável, nos dizer o que tu consideras como um mistério superior.'"

"Arundhati disse, 'O grande progresso que eu tenho podido obter em penitências é devido à sua consideração por mim por lembrarem dessa maneira de minha pobre pessoa. Com sua permissão benevolente eu irei agora falar sobre deveres que são eternos, sobre deveres que são mistérios sublimes. Eu irei discursar sobre eles com as causas das quais eles dependem. Ouçam-me enquanto eu lhes falo elaboradamente. Um conhecimento disto deve ser dado somente para aquele que possui fé ou que tem um coração puro. Com estes quatro, isto é, aquele que é desprovido de fé, aquele que é cheio de orgulho, aquele que é culpado de Brahmanicídio, e aquele que viola a cama de seu preceptor, alguém nunca deve conversar. Religião e dever nunca devem ser comunicados para eles. Os méritos adquiridos por uma pessoa que doa uma vaca Kapila todo dia por um período doze anos, ou por uma pessoa que adora as divindades todo mês em um sacrifício, ou por aquele que doa centenas de milhares de vacas no grande Pushkara, não se aproximam daqueles que são da pessoa com quem um convidado está satisfeito. Ouçam agora a outro dever cujo cumprimento é repleto de felicidade para a humanidade. Ele deve ser cumprido com seu ritual secreto por uma pessoa dotada de fé. Seus méritos são indubitavelmente sublimes. Ouçam quais são eles. Se uma pessoa, levantando na alvorada e levando consigo uma quantidade de água e umas poucas folhas de grama Kusa, procede para um curral e chegando lá lava os chifres de uma vaca por borrifar neles aquela água com aquelas folhas de grama Kusa e então faz a água pingar sobre sua própria cabeça, ela é considerada, em consequência de tal banho, como alguém que tem realizado suas abluções em todas as águas sagradas que os sábios sabem que existem nos três mundos e que são honradas e visitadas por Siddhas e Charanas.' Depois que Arundhati tinha dito estas palavras, todas as divindades e Pitris a aplaudiram, dizendo, 'Excelente, Excelente!' De fato, todos os seres lá ficaram muito satisfeitos e todos adoraram Arundhati.'"

"Brahman disse, 'Ó altamente abençoada, é excelente o dever que tu enunciaste, junto com seu ritual secreto. Louvor para ti! Eu te concedo esta bênção, isto é, que tuas penitências aumentarão constantemente!'"

"Yama disse, 'Eu ouvi de ti um discurso excelente e agradável. Escute agora ao que Chitragupta disse e que é agradável para mim. Aquelas palavras se relacionam com dever com seu ritual secreto, e são dignas de serem ouvidas pelos grandes Rishis, como também por homens dotados de fé e desejosos de

realizar seu próprio bem. Nada é perdido de piedade ou pecado que é cometido pelas criaturas. Nos dias da lua cheia e da lua nova, aquelas ações são transportadas para o sol onde elas permanecem. Quando um mortal entra na região dos mortos, a divindade do sol testemunha todos os seus atos. Aquele que é virtuoso obtém os frutos de sua virtude lá. Eu agora direi a vocês alguns deveres auspiciosos que são aprovados por Chitragupta. Água para beber, e lâmpadas para iluminar a escuridão, devem sempre ser doadas, como também sandálias e guarda-sóis e vacas Kapila com os ritos devidos. Em Pushkara especialmente deve-se fazer a doação de uma vaca Kapila para um Brahmana conhecedor dos Vedas. Uma pessoa deve também sempre manter seu Agnihotra com grande cuidado. Aqui está outro dever que foi proclamado por Chitragupta. Cabe àquelas que são as melhores das criaturas ouvirem quais são os méritos daquele dever separadamente. No decorrer do tempo, toda criatura está destinada a sofrer dissolução. Aqueles que são de pouca compreensão encontram com grande angústia nas regiões dos mortos, pois eles vêm a ser afligidos por fome e sede. De fato, eles têm que apodrecer lá, queimando de dor. Não há fuga para eles de tal calamidade. Eles têm que entrar em uma escuridão densa. Eu agora lhes falarei daqueles deveres por realizar os quais alguém pode conseguir transpor tal calamidade. O cumprimento daqueles deveres custa muito pouco mas é repleto de grande mérito. De fato, tal desempenho é produtivo de grande felicidade no outro mundo. Os méritos que se vinculam ao presente de água para beber são excelentes. No mundo seguinte em especial, aqueles méritos são muito grandes. Para aqueles que fazem presentes de água para beber está ordenado no outro mundo um grande rio cheio de água excelente. De fato, a água contida naquele rio é inesgotável e fresca e doce como néctar. Aquele que faz presentes de água neste mundo bebe daquela corrente no mundo futuro quando ele vai para lá. Escutem agora aos méritos abundantes ligados à doação de lâmpadas. O homem que doa lâmpadas neste mundo nunca tem que ver a densa escuridão a (do Inferno). Soma e Surya e a divindade do fogo sempre lhe dão sua luz quando ele se dirige para o outro mundo. As divindades ordenam que em todos os lados de tal pessoa deve haver luz brilhante. Realmente, quando o doador de luzes se dirige ao mundo dos mortos, ele mesmo brilha em refulgência pura como um segundo Surya. Por isso, alguém deve doar luzes enquanto aqui e água para beber em especial. Escutem agora quais são os méritos da pessoa que faz a doação de uma vaca Kapila para um Brahmana conhecedor dos Vedas, especialmente se o presente for feito em Pushkara. Tal homem é considerado como tendo feito um presente de cem vacas com um touro, um presente que é produtivo de mérito eterno. O presente de uma única vaca Kapila é capaz de purificar quaisquer pecados dos quais o doador possa ser culpado mesmo se aqueles pecados forem tão graves quanto Brahmanicídio, pois a doação de uma única vaca Kapila é considerada como igual a respeito de mérito àquela de cem vacas. Por isso, deve-se doar uma vaca Kapila naquele Pushkara o qual é considerado como o mais antigo (dos dois Tirthas conhecidos por aquele nome) no dia da lua cheia no mês de Karttika. Homens que conseguem fazer semelhante doação nunca têm que enfrentar aflição de nenhum tipo, ou tristeza, ou espinhos que causam dor. Aquele homem que doa um par de sandálias para um Brahmana superior que é digno do presente, obtém méritos similares. Por doar um guarda-

sol uma pessoa obtém sombra confortável no mundo seguinte. (Ele não terá que ser exposto ao sol.) Um presente feito para uma pessoa merecedora nunca é perdido. Ele sem dúvida produz consequências agradáveis para o doador.' Ouvindo estas opiniões de Chitragupta, os cabelos de Surya se arrepiaram. Dotado de grande esplendor, ele se dirigiu a todas as divindade e aos Pitris, dizendo 'Vocês ouviram os mistérios relativos ao dever, como propostos por Chitragupta de grande alma. Aqueles seres humanos que, dotados de fé, fazem estas doações para Brahmanas de grande alma se tornam livres do medo de todo tipo. Estes cinco tipos de homens, maculados por atos violentos, não têm salvação. Na verdade, de comportamento pecaminoso e considerados como os piores dos homens, alguém nunca deve falar com eles. De fato eles devem sempre ser evitados. Aqueles cinco são: aquele que é o assassino de um Brahmana, aquele que é o matador de uma vaca, aquele que é afeito a ter união sexual com esposas de outros homens, aquele que é desprovido de fé (nos Vedas), e aquele que deriva seu sustento por vender a virtude de sua esposa. Estes homens de conduta pecaminosa, quando eles se dirigem para a região dos mortos, apodrecem no inferno como vermes que vivem de pus e sangue. Estes cinco são evitados pelos Pitris, as divindades, os Brahmanas Snataka, e outras pessoas regeneradas que são dedicadas à prática de penitências.'"

131

"Bhishma disse, 'Então todas as divindades altamente abençoadas e os Pitris, e os altamente abençoados Rishis também, dirigindo-se aos Pramathas, disseram, 'Vocês são todos seres muito abençoados. Vocês são vagueadores invisíveis da noite. Por que vocês afligem aqueles homens que são vis e impuros e que são imorais? Quais ações são consideradas como impedimentos para seu poder? Quais, de fato, são aquelas ações pelas quais vocês se tornam incompetentes para afligir os homens? Quais são aqueles atos que são destrutivos de Rakshasas e impedem vocês de reivindicarem seu poder sobre as habitações de homens? Ó viajantes da noite, nós desejamos saber tudo isso de vocês.'" (Pramathas são os companheiros espectrais de Mahadeva. Literalmente, o nome significa batedores.)

"Os Pramathas disseram, 'Homens ficam impuros por meio de atos de união sexual. Aqueles que não se purificam depois de tais atos, aqueles que insultam seus superiores, aqueles que por entorpecimento comem diferentes tipos de carne, o homem também que dorme ao pé de uma árvore, aquele que mantém alguma substância animal sob seu travesseiro enquanto deitado para dormir, e aquele que deita ou dorme colocando a cabeça onde seus pés devem ser colocados ou seus pés onde a cabeça deve ser colocada, estes homens são considerados por nós como impuros. Na verdade, estes homens têm muitos defeitos. Aqueles também são incluídos na mesma classe que jogam seu muco e outras secreções impuras na água. Sem dúvida estes homens merecem ser mortos e comidos por nós. Realmente, nós afligimos aqueles seres humanos que são dados à tal conduta. Escutem agora quais são aquelas ações que são consideradas como antídotos e por consequência das quais nós fracassamos em

causar algum dano para homens. Aqueles homens sobre cujos corpos se encontram faixas de Gorochana, ou que seguram Vachas em suas mãos, ou que fazem doações de ghee com aqueles ingredientes que levam o nome de Akshata, ou que colocam ghee e Akshata em suas cabeças, ou aqueles que se abstém de carne não podem ser afligidos por nós. Aquele homem em cuja casa o fogo sagrado queima dia e noite sem ser extinto jamais, ou que mantém a pele ou dentes de um lobo em sua residência ou um casco de tartaruga, ou de cuja habitação a fumaça sacrifical é vista espiralar para cima, ou que mantém um gato ou uma cabra que é fulvo ou preto em cor, está livre do nosso poder. Na verdade, aqueles chefes de família que mantêm estas coisas em suas casas sempre as encontram livres de invasões até dos espíritos mais ferozes que vivem de carniça. Aqueles seres também, que como nós vagueiam através de diferentes mundos em busca de prazer, são incapazes de fazer algum dano para tais casas. Por isso, ó divindades, os homens devem manter tais artigos em suas casas, artigos que são destrutivos de Rakshasas (e outros seres do tipo). Nós assim dissemos a vocês tudo sobre aquilo a respeito do qual vocês tinham grandes dúvidas.'"

132

"Bhishma disse, 'Depois disto, o Avô Brahman, surgido do lótus primordial e parecendo com o lótus (em agradabilidade e fragrância), se dirigiu às divindades com Vasava, o marido de Sachi, em sua chefia, 'Lá permanece o Naga poderoso que é um residente das regiões inferiores. Dotado de grande força e energia, e com grande bravura também, seu nome é Renuka. Ele é certamente um grande ser. Aqueles elefantes poderosos dotados de grande energia e poder, que seguram a terra inteira com suas colinas, águas e lagos devem ser entrevistados por aquele Renuka a seu pedido. Que Renuka vá até eles e lhes pergunte acerca dos mistérios da religião ou dever.' Ouvindo estas palavras do Avô, as divindades, com mentes bem satisfeitas enviaram Renuka para onde aqueles suportes do mundo estão.'"

"Renuka, procedendo para onde aqueles elefantes estão, se dirigiu a eles, dizendo, 'Ó criaturas poderosas, eu fui mandado pelas divindades e pelos Pitris para questionar vocês acerca dos mistérios de religião e dever. Eu desejo ouvir vocês falarem sobre este assunto em detalhes. Ó altamente abençoados, discursem sobre o assunto como sua sabedoria possa ditar.'"

"Os (oito) elefantes que permanecem nos oito quadrantes disseram, 'No auspicioso oitavo dia da quinzena escura no mês de Karttika quando a constelação Aslesha está em ascendência, deve-se fazer doações de melado e arroz. Rejeitando a cólera, e vivendo de dieta regulada, alguém deve fazer estas oferendas em um Sraddha, enquanto profere estes mantras; 'Que Valadeva e outros Nagas possuidores de grande força, que outras cobras poderosas de corpos enormes que são indestrutíveis e eternos, e que todas as outras grandes cobras que tiveram seu nascimento em sua linhagem, façam oferendas Vali para mim para a intensificação de minha força e energia. Na verdade, que minha força seja tão grande quanto aquela do abençoado Narayana quando ele ergueu a

Terra submersa!' Proferindo estes mantras, uma pessoa deve fazer oferendas Vali sobre um formigueiro. Quando o fazedor do dia se retira para seus aposentos no oeste, sobre o formigueiro escolhido devem ser feitas oferendas de açúcar e arroz crus. O formigueiro deve ser previamente espalhado com flores Gajendra. Também devem ser feitas oferendas de tecidos azuis e unguentos fragrantes. Se oferendas forem feitas dessa maneira, aqueles seres que vivem nas regiões inferiores, aguentando o peso das regiões superiores sobre suas cabeças ou ombros, ficam bem satisfeitos e gratificados. Com relação a nós, nós também não sentimos o labor de sustentar a Terra, por tais oferendas serem feitas para nós. Afligidos com a carga que nós suportamos, isto mesmo é o que nós achamos (benéfico para os homens), sem a menor consideração por interesses egoístas. Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras, por cumprirem esta regra por um ano inteiro, jejuando em cada ocasião, obtêm grandes méritos de tais doações. Nós pensamos que fazer oferendas Vali dessa maneira no formigueiro é realmente repleto de méritos muito superiores. Por fazer tais oferendas, uma pessoa é considerada como cumprindo os deveres de hospitalidade por cem anos para todos os elefantes poderosos existentes nos três mundos.' Ouvindo estas palavras dos elefantes poderosos, as divindades e os Pitris e os Rishis altamente abençoados, todos aplaudiram Renuka.'"

133

"Maheswara disse, 'Examinando suas memórias, excelentes são os deveres que vocês têm narrado. Ouçam-me agora todos vocês enquanto eu declaro alguns mistérios relativos a religião e dever. Somente aquelas pessoas cuja compreensão está fixada em religião e que são possuidoras de fé devem ser instruídas a respeito daqueles mistérios de dever e religião que são repletos de méritos superiores. Ouçam quais são os méritos que se tornam daquele que, com coração livre de ansiedade, dá alimento diariamente, por um mês, para vacas e se contenta com uma refeição por dia por todo este período. As vacas são altamente abençoadas. Elas são consideradas como as mais sagradas de todas as coisas sagradas. Na verdade, são elas que estão sustentando os três mundos com as divindades, os Asuras, e seres humanos. Serviços respeitosos prestados para elas são repletos de grande mérito e consequências graves. Aquele homem que todo dia dá alimento para vacas progride todo dia em mérito religioso. Antigamente, na era Krita eu tinha expressado minha aprovação destas criaturas. Depois Brahman, nascido do lótus primevo, me pediu (para mostrar bondade em direção às vacas). (É dito que Brahman pediu para Maheswara aceitar algumas vacas de presente. O último aceitou algumas, e adotou deste aquele tempo o emblema do touro em sua bandeira.) É por esta razão que até hoje um touro permanece como o emblema no meu estandarte suspenso. Eu sempre passo meu tempo com vacas. Por isso as vacas devem ser adoradas por todos. As vacas são possuidores de grande poder. Elas são concessoras de bênçãos. Se adoradas, elas concederão benefícios. A pessoa que dá alimento para vacas mesmo por um único dia recebe daquelas criaturas benéficas por aquela ação uma quarta parte dos méritos que ela possa ganhar por todas as suas boas ações em vida.'"

134

"Skanda disse, 'Eu agora declararei um dever que é aprovado por mim. Ouçam isto com atenção concentrada. Aquela pessoa que pega um pouco de terra dos chifres de um touro de cor azul, cobre seu corpo com isso por três dias, e então realiza suas abluções, obtém grandes méritos. Ouçam quais são aqueles méritos. Por tal ação ele lavaria toda mácula e mal, e obteria domínio soberano após a morte. Tantas vezes quanto ele toma seu nascimento neste mundo, tantas vezes ele se torna célebre por seu heroísmo. Escutem agora a outro mistério desconhecido por todos. Pegando um recipiente de cobre e colocando nele algum alimento cozido depois de tê-lo misturado com mel, deve-se oferecê-lo como Vali para a lua nascente na noite do dia quando aquele corpo luminoso está cheio. Aprendam, com fé, quais são os méritos da pessoa que age dessa maneira. Os Sadhyas, os Rudras, os Adityas, os Viswedevas, os gêmeos Aswins, os Maruts, e os Vasus, todos aceitam aquela oferenda. Por tal oferenda Soma aumenta como também o oceano, aquele vasto receptáculo de águas. Este dever que é declarado por mim e que é desconhecido para todos, se realizado, é certamente repleto de grande felicidade.'"

"Vishnu disse, 'Aquela pessoa que, dotada de fé e livre de malícia, escuta todo dia com atenção concentrada aos mistérios a respeito de religião e dever que são preservados pelas divindades de grande alma e aqueles mistérios também do mesmo tipo que são preservados pelos Rishis, nunca tem que sucumbir a algum mal. Tal pessoa se torna também livre de todo o medo. O homem que, com seus sentidos sob controle completo, lê estes capítulos que tratam destes deveres auspiciosos e meritórios, junto com seus mistérios, deveres que foram declarados (pelos oradores anteriores), adquire todos os méritos que se vinculam à sua efetiva realização. O pecado nunca pode dominá-lo. Na verdade, tal homem nunca pode ser maculado por imperfeições de qualquer tipo. De fato, uma pessoa ganha méritos abundantes por ler estes mistérios (como declarados), ou por narrá-los eles para outros, ou por ouvi-los narrados. As divindades e os Pitris comem para sempre o Havya e o Kavya oferecidos por tal criatura. Ambos, pelas virtudes do ofertante, se tornam inesgotáveis. Este mesmo é o mérito que se atribui à pessoa que, com atenção concentrada, narra estes mistérios para os principais dos Brahmanas nos dias da lua cheia ou da lua nova. Tal pessoa, em consequência de tal ação, se torna firme no cumprimento de todos os deveres. Beleza de forma e prosperidade também vêm a ser dele. Ele consegue, além disso, se tornar o favorito, por todo o tempo, dos Rishis e das divindades e dos Pitris. Se uma pessoa se torna culpada de todos os pecados salvo aqueles que são classificados como graves ou hediondos, ele vem a ser purificado de todos eles somente por escutar à narração destes mistérios sobre religião e dever.'"

"Bhishma continuou, 'Estes, ó rei de homens, são os mistérios a respeito de religião e dever residindo nos peitos das divindades. Considerados com grande respeito por todos os deuses e promulgados por Vyasa, eles agora foram declarados por mim para teu benefício. Quem está familiarizado com religião e

dever pensa que este conhecimento excelente é superior (em valor) até à terra inteira cheia de riquezas e fartura. Este conhecimento não deve ser dado para alguém que é desprovido de fé, ou para alguém que é um ateu, ou para alguém que decaiu dos deveres de sua classe, ou para alguém que é desprovido de compaixão, ou para alguém que é dedicado à ciência de discussões vazias, ou para alguém que é hostil para com seu preceptor, ou para alguém que pensa que todas as criaturas são diferentes de si mesmo.'"

135

"Yudhishthira disse, 'Quem são aquelas pessoas, ó Bharata, de quem um Brahmana neste mundo pode aceitar seu alimento? De quem um Kshatriya, um Vaisya, e um Sudra podem receber seu alimento respectivamente?'"

"Bhishma disse, 'Um Brahmana pode aceitar seu alimento de outro Brahmana ou de um Kshatriya ou um Vaisya, mas ele nunca deve aceitar alimento de um Sudra. Um Kshatriya pode receber sua comida de um Brahmana, um Kshatriya ou um Vaisya. Ele deve, no entanto, evitar comida dada por Sudras que são viciados em maus hábitos e que partilham de todo o tipo de alimento sem qualquer escrúpulo. Brahmanas e Kshatriyas podem partilhar de comida dada por tais Vaisyas que cuidam do fogo sagrado todo dia, que são impecáveis em caráter, e que cumprem o voto de Chaturmasya. Mas o homem que aceita comida de um Sudra engole a própria abominação da terra, e bebe as excreções do corpo humano, e partilha da sujeira de todo o mundo. Partilha da própria imundície da terra aquele que aceita seu alimento dessa maneira de um Sudra. Realmente, aqueles Brahmanas que recebem seu alimento de Sudras comem a sujeira da terra. Se alguém se engaja no serviço de um Sudra, ele está fadado à perdição embora ele possa realizar devidamente todos os ritos de sua classe. Um Brahmana, um Kshatriya, ou um Vaisya, assim empregado, está condenado, embora dedicado à devida realização de ritos religiosos. É dito que o dever de um Brahmana consiste em estudar os Vedas e procurar o bem-estar da raça humana; que o dever de um Kshatriya consiste em proteger homens, e aquele de um Vaisya em promover sua prosperidade material. Um Vaisya vive por distribuir os frutos de suas próprias ações e agricultura. A criação de vacas e comércio são os trabalhos legítimos nos quais um Vaisya pode se ocupar sem medo de crítica. O homem que abandona sua própria ocupação e se dirige para aquela de um Sudra deve ser considerado como um Sudra e em hipótese alguma algum alimento deve ser aceito dele. Professores da arte da cura, soldados mercenários, o sacerdote que age como vigia da casa, e pessoas que dedicam um ano inteiro ao estudo sem qualquer lucro, são todos para serem considerados como Sudras. E aqueles que partilham impudentemente do alimento oferecido em cerimoniais na casa de um Sudra são afligidos com uma calamidade terrível. Por partilharem tal alimento proibido eles perdem sua família, força, e energia, e obtêm a posição de animais, descendo para a posição de cachorros, decaídos em virtude e desprovidos de todas as observâncias religiosas. Aquele que aceita alimento de um médico aceita aquilo que não é melhor do que excremento; o alimento de uma prostituta é como

urina; aquele de um mecânico hábil é como sangue. Se um Brahmana aprovado pelos bons aceita o alimento de alguém que vive por sua erudição, ele é considerado como aceitando o alimento de um Sudra. Todos os bons homens devem renunciar a tal comida. A comida de uma pessoa que é censurada por todos é citada como sendo como um gole de uma piscina de sangue. A aceitação de alimento de uma pessoa má é considerada tão repreensível quanto o assassinato de um Brahmana. Uma pessoa não deve aceitar alimento se ela for desprezada e não recebida com as devidas honras pelo doador. Um Brahmana que faz isto é logo tomado pela doença, e sua linhagem logo vem a ser extinta. Por aceitar comida do sentinela de uma cidade alguém desce para a posição do pária mais inferior. Se um Brahmana aceita comida de alguém que é culpado do assassinato de uma vaca ou de um Brahmana ou de alguém que tem cometido adultério com a esposa de seu preceptor ou de um beberrão, ele ajuda a promover a raça dos Rakshasas. Por aceitar comida de um eunuco, ou de uma pessoa ingrata, ou de alguém que se apropriou indevidamente da riqueza confiada ao seu cuidado, alguém é nascido no país dos Savaras situado além dos arredores do país médio. Eu assim te contei devidamente as pessoas cujo alimento pode ser aceito e de quem ele não pode. Agora me diga, ó filho de Kunti, o que mais tu desejas ouvir de mim hoje.'"

136

"Yudhishthira disse, 'Tu me falaste integralmente daqueles cujo alimento pode ser aceito e daqueles de quem ele não deve ser aceito. Mas eu tenho sérias dúvidas em um ponto. Ó majestade, me esclareça, diga-me qual expiação um Brahmana deve fazer (pelo pecado em que ele incorre) após aceitar os diferentes tipos de alimento, aqueles especialmente oferecidos em honra dos deuses e as oblações feitas para os espíritos dos mortos.'"

"Bhishma disse, 'Eu te direi, ó príncipe, como Brahmanas de grande alma podem ser absolvidos de todos os pecados incorridos por aceitarem alimento de outros. Por aceitar manteiga clarificada, a expiação é feita por despejar oblações sobre o fogo, recitando o hino Savitri. Por aceitar gergelim, ó Yudhishthira, a mesma expiação tem que ser feita. Por aceitar carne, ou mel, ou sal, um Brahmana fica purificado por ficar de pé até o nascer do sol. Se um Brahmana aceita ouro de alguém, ele se torna purificado de todos os pecados por recitar silenciosamente a grande oração Védica (Gayatri) e por segurar um pedaço de ferro em sua mão na presença do público. Por aceitar dinheiro ou roupa ou mulheres ou ouro, a purificação é a mesma como antes. Por aceitar comida, ou arroz fervido em leite e açúcar, ou suco da cana de açúcar, ou cana-de-açúcar, ou óleo, ou alguma coisa sagrada, alguém fica purificado por se banhar três vezes no decorrer do dia, isto é, de manhã, meio dia e à noite. Se alguém aceita arroz, flores, frutas, água, cevada meio madura, leite, ou leite coalhado, ou qualquer coisa feita de refeição ou farinha, a expiação é feita por recitar a oração Gayatri cem vezes. Por aceitar sapatos ou roupas em cerimônias fúnebres, o pecado é destruído por recitar devotamente o mesmo hino cem vezes. A aceitação da

doação terra no momento de um eclipse ou durante o período de impureza é expiada por fazer um jejum durante três noites sucessivas. O Brahmana que partilha de oblações oferecidas para antepassados falecidos, no decorrer da quinzena escura, é purificado por jejuar por um dia e uma noite inteiros. Sem realizar suas abluções um Brahmana não deve dizer suas orações noturnas, nem se dirigir para meditação religiosa, nem comer seu alimento uma segunda vez. Por fazer isso ele é purificado. Por esta razão, o Sraddha de antepassados falecidos é ordenado para ser realizado à tarde e então o Brahmana que é convidado antes deve ser banqueteado. O Brahmana que partilha de alimento na casa de uma pessoa morta no terceiro dia depois da morte é purificado por se banhar três vezes diariamente por doze dias. Depois do término de doze dias, e de passar devidamente pelas cerimônias de purificação, o pecado é destruído por dar manteiga clarificada para Brahmanas. Se um homem aceita algum alimento na casa de uma pessoa morta, dentro de dez dias depois da morte, ele deve passar por todas as expiações antes mencionadas, e deve recitar o hino Savitri e fazer as penitências destruidoras de pecado Ishti e Kushmanda. O Brahmana que come sua comida na casa de uma pessoa morta por três noites vem a ser purificado por realizar suas abluções três vezes diariamente por sete dias, e assim obtém todos os objetos de seu desejo, e nunca é perturbado por infortúnios. O Brahmana que come seu alimento na companhia de Sudras é purgado de toda impureza por cumprir devidamente as cerimônias de purificação. O Brahmana que come seu alimento na companhia de Vaisyas é absolvido do pecado por viver de esmolas por três noites sucessivas. Se um Brahmana come seu alimento com Kshatriyas, ele deve fazer expiação por se banhar com suas roupas colocadas. Por comer com um Sudra do mesmo prato o Sudra perde sua respeitabilidade familiar; o Vaisya por comer do mesmo prato com um Vaisya perde seu gado e amigos. O Kshatriya perde sua prosperidade, e o Brahmana seu esplendor e energia. Em tais casos, expiações devem ser feitas, e ritos propiciatórios devem ser observados, e oblações oferecidas para os deuses. O hino Savitri deve ser recitado e os ritos Revati e penitências Kushmanda devem ser praticados com o propósito de destruir o pecado. Se alguma das quatro classes acima partilha de alimento comido parcialmente por uma pessoa de alguma outra classe, a expiação é feita indubitavelmente por cobrir o corpo com substâncias auspiciosas como Rochana, grama Durva, e gengibre dourado.'"

137

"Yudhishthira disse, 'Ó Bharata, das duas coisas: caridade e devoção, condescenda a me dizer, ó majestade, qual é a melhor neste mundo? Por meio disto remova uma grande dúvida de minha mente.'"

"Bhishma disse, 'Ouça-me enquanto eu recito os nomes dos príncipes que tendo sido devotados à virtude, e tendo purificado seus corações por penitências e praticado caridade e outros atos de piedade, sem dúvida chegaram às diferentes regiões celestes. O Rishi Atreya reverenciado por todos, alcançou, ó monarca, as regiões celestes excelentes, por comunicar o conhecimento do Ser Supremo

incondicional para seus pupilos. O rei Sivi, o filho de Usinara, por oferecer a vida de seu filho querido, para o benefício de um Brahmana, foi levado deste mundo para o céu. E Pratardana, o rei de Kasi, por dar seu filho para um Brahmana, assegurou para si mesmo fama única e eterna neste mundo assim como no outro. Rantideva, o filho de Sankriti, alcançou o céu mais sublime por fazer devidamente doações para Vasishtha de grande alma. Devavriddha também foi para o céu por dar um guarda-sol excelente e de cem varetas dourado para um Brahmana para um sacrifício. O respeitável Amvarisha também chegou à região dos deuses, por fazer um presente de todo o seu reino para um Brahmana de grande poder. O rei Janamejaya da linhagem solar foi para o céu mais elevado por fazer um presente de brincos, bons veículos, e vacas para Brahmanas. O sábio nobre Vrishadarbhi foi para o céu por fazer doações de várias jóias e casas belas para Brahmanas. O rei Nimi de Vidarva alcançou o céu com seus filhos, amigos e gado, por dar sua filha e reino para Agastya de grande alma. O muito afamado Rama, o filho de Jamadagni, chegou às regiões eternas, muito além de sua expectativa, por dar terras para Brahmanas. Vasishtha, o príncipe dos Brahmanas, protegeu todas as criaturas em uma época de grande seca quando o deus Parjjanya não concedeu sua chuvas agradáveis sobre a terra, e por esta ação ele assegurou felicidade eterna para si mesmo. Rama, o filho de Dasaratha, cuja fama é muito grande neste mundo, alcançou as regiões eternas por fazer doações de riqueza em sacrifícios. O afamado sábio real Kakshasena foi para o céu por transferir devidamente para Vasishtha de grande alma a riqueza que ele tinha depositado com ele. Marutta, o filho de Parikshita e o neto de Karandhama, por dar sua filha em casamento para Angiras, foi imediatamente para o céu. O altamente devoto rei de Panchalal Brahmadatta alcançou o caminho abençoado por doar uma concha preciosa. O rei Mitrasaha, por dar sua esposa predileta Madayanti para Vasishtha de grande alma, ascendeu para o céu. Sudyumna, o filho de Manu, por fazer o castigo apropriado ser infligido sobre Likhita de grande alma, alcançou as regiões mais abençoadas. O célebre sábio real Saharachitta foi para as regiões abençoadas por sacrificar sua vida preciosa por causa de um Brahmana. O rei Satadyumna foi para o céu por dar para Maudgaya uma mansão dourada repleta com todos os objetos de desejo. Nos tempos antigos o rei Sumanyu, por dar para Sandilya pilhas de alimento parecidas com colinas, procedeu para o céu. O príncipe Salwa Dyutimat de grande esplendor alcançou as regiões sublimes por dar seu reino para Richika. O sábio nobre Madiraswa por dar sua filha de cintura fina para Hiranyahasta foi para a região dos deuses. O nobre Lomapada obteve todos os vastos objetos de seu desejo por dar sua filha Santa em casamento para Rishyasringa. O sábio nobre Bhagiratha, por dar sua famosa filha Hansi em casamento para Kautsa, foi para as regiões eternas. O rei Bhagiratha por dar centenas e milhares de vacas com seus filhotes para Kohala alcançou as regiões mais abençoadas. Estes e muitos outros homens, ó Yudhishthira, alcançaram o céu pelo mérito de suas caridades e penitências e eles também retornaram de lá repetidas vezes. Sua fama irá durar tanto quanto o mundo irá durar. Eu relatei para ti, ó Yudhishthira, esta história daqueles bons chefes de família que alcançaram regiões eternas por força de suas caridades e penitências. Por suas caridades e por realizarem sacrifícios e por procriarem descendência, estas pessoas chegaram às regiões celestes. Ó principal descendente da linhagem de

Kuru, por sempre realizar atos de caridade, estes homens aplicaram seus intelectos virtuosos à realização de sacrifícios e obras pias. Ó príncipe poderoso, como a noite se aproximou eu esclarecerei para ti de manhã quaisquer dúvidas que possam surgir em tua mente.'"

138

"Yudhishthira disse, 'Eu ouvi de ti, ó majestade, os nomes daqueles reis que ascenderam para o céu, ó tu cujo poder é grande no cumprimento do voto de veracidade por seguir a religião da caridade. Há quantos tipos de presentes que devem ser dados? Quais são os frutos dos vários tipos de doações respectivamente? Por quais razões, aqueles tipos de doações, feitas para quais pessoas, são produtivos de méritos? De fato, para quais pessoas quais doações devem ser feitas? Por quais razões há tantos tipos de doações para serem feitas? Eu desejo saber tudo isso em detalhes.'"

"Bhishma disse, 'Escute, ó filho de Kunti, em detalhes, ó impecável, a mim enquanto eu falo sobre o assunto de doações. De fato, eu direi a você, ó Bharata, como doações devem ser feitas para todas as classes de homens. Por desejo de mérito, por desejo de lucro, por medo, por livre escolha, e por piedade, doações são feitas, ó Bharata! As doações, portanto, devem ser conhecidas como sendo de cinco tipos. Escute agora as razões pelas quais as doações são assim distribuídas em cinco classes. Com a mente livre de malícia alguém deve fazer doações para Brahmanas, pois por fazer doações para eles alguém adquire fama aqui e grande bem-aventurança após a morte. (Tais doações são consideradas como feitas pelo desejo de mérito.) Ele tem o hábito de fazer doações; ou ele já fez doações para mim. Ouvindo tais palavras de solicitadores alguém doa todos os tipos de riqueza para um solicitador específico. (Tais doações são consideradas como feitas pelo desejo de lucro.) Eu não sou dele, nem ele é meu. Se desconsiderado, ele pode me prejudicar. Por semelhantes motivos de medo até um homem de erudição e sabedoria pode fazer doações para um patife ignorante. (Tais doações são consideradas como feitas por medo.) Este é querido para mim, Eu também sou querido para ele. Influenciado por considerações como estas, uma pessoa de inteligência, livremente e prontamente, faz doações para um amigo. (Tais doações são consideradas como feitas por livre escolha.) A pessoa que me pede é pobre. Ela é, além disso, satisfeita com um pouco. Por considerações tais como estas, uma pessoa deve sempre fazer doações para os pobres, movida por compaixão. (Doações feitas por semelhantes considerações são consideradas como feitas por piedade.) Estes são os cinco tipos de doações. Eles aumentam os méritos e fama do doador. O Senhor de todas as criaturas (o próprio Brahman) disse que alguém deve sempre fazer doações de acordo com sua capacidade.'"

139

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, tu és possuidor de grande sabedoria. De fato, tu conheces completamente todos os ramos de conhecimento. Em nossa grande linhagem tu és a única pessoa que se encheu com todas as ciências. Eu desejo ouvir de ti discursos que sejam entretecidos com Religião e Lucro, que levem à bem-aventurança após a morte, e que sejam repletos de maravilhas para todas as criaturas. Chegou o tempo que é repleto de grande angústia. Um igual a este geralmente não vem para parentes e amigos. De fato, exceto tu, ó principal dos homens, agora nós não temos alguém que possa ocupar o lugar de um instrutor. Se, ó impecável, eu com meus irmãos merecemos o favor, cabe a ti responder a pergunta que eu desejo te fazer. Este é Narayana que é dotado de toda a prosperidade e que é honrado por todos os reis. Até ele serve a ti, te mostrando toda indulgência e te honrando imensamente. Cabe a ti me falar, por afeição, para meu benefício como também para aquele de meus irmãos, na presença do próprio Vasudeva e de todos estes reis.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras do rei Yudhishthira, Bhishma, o filho do rio que recebeu o nome de Bhagiratha, cheio de alegria por sua afeição pelo monarca e seus irmãos, disse o seguinte.'"

"Bhishma disse, 'Eu certamente farei para ti discursos que são encantadores, sobre o assunto, ó rei, da pujança deste Vishnu como revelada nos tempos passados e como eu tenho ouvido (de meus preceptores). Ouça-me também enquanto eu descrevo a força daquele grande deus que tem um touro como seu emblema. Ouça-me enquanto eu narro também a dúvida que encheu a mente da esposa de Rudra e a do próprio Rudra. Uma vez Krishna de alma justa cumpriu um voto que se entendia por doze anos. Para ver a ele que tinha passado pelo rito de iniciação para o cumprimento de seu grande voto, foram àquele local Narada e Parvata, e o Krishna Nascido na Ilha, e Dhaumya, aquele principal dos recitadores silenciosos, e Devala, e Kasyapa, e Hastikasyapa. Outros Rishis também, dotados de Diksha e autodomínio, seguidos por seus discípulos e acompanhados por muitos Siddhas e muitos ascetas de grande mérito, foram lá. O filho de Devaki ofereceu a eles tais honras de hospitalidade que são dignas do maior louvor e que são oferecidas somente para os deuses. Aqueles grandes Rishis se sentaram sobre assentos alguns dos quais eram verdes e alguns dotados da cor do ouro e alguns que eram cheios com as plumas do pavão e alguns que eram perfeitamente novos e recém-feitos. Assim sentados, eles começaram a conversar gentilmente entre si sobre assuntos ligados com Religião e dever como também com muitos sábios reais e divindades. Naquele momento a energia, na forma de fogo, Narayana, surgindo do combustível que consistia na observância rígida de seu voto, saiu da boca de Krishna de façanhas extraordinárias. Aquele fogo começou a consumir aquelas montanhas com suas árvores e trepadeiras e plantas pequenas, como também com suas aves e veados e animais predadores e répteis. Logo o topo daquela montanha apresentava um aspecto aflitivo e comovente. Habitado por animais de diversas espécies que começaram a proferir gritos de dor e aflição, o topo logo ficou desprovido de toda criatura viva. Aquele

fogo de chamas poderosas, tendo consumido tudo sem deixar resto finalmente voltou para Vishnu e tocou seus pés como um discípulo dócil. Aquele opressor de inimigos, isto é, Krishna, contemplando aquela montanha queimada, lançou um olhar benigno sobre ela e assim a trouxe de volta para sua condição anterior. Aquela montanha então mais uma vez ficou adornada com árvores florescentes e trepadeiras, e ecoou novamente com as notas e gritos de aves e veados e animais predadores e répteis. Vendo aquela vista maravilhosa e inconcebível, todos os ascetas ficaram muito surpresos. Seus cabelos se arrepiaram e sua visão estava borrada com lágrimas. Aquele principal dos oradores, Narayana, vendo aqueles Rishis assim muito admirados, se dirigiu a eles nestas palavras gentis e reanimadoras, 'Por que, de fato, a admiração encheu os corações desta assembléia de Rishis, destes ascetas que estão sempre livres de apegos de todo tipo, que são desprovidos da idéia de ‘meu’, e que conhecem completamente todas as ciências sagradas? Cabe a estes Rishis possuidores de riqueza de penitências e livres de todas as máculas esclarecerem para mim realmente esta dúvida que surgiu em minha mente.'"

"Os Rishis disseram, 'És tu que crias todos os mundos, e és tu que os destrói novamente. És tu que és Inverno, és tu que és Verão, e és tu que és a estação das chuvas. De todas as criaturas, móveis e imóveis, que são encontradas sobre a terra, tu és o pai, tu és a mãe, tu és o mestre, e tu és a origem! Exatamente esta, ó matador de Madhu, é uma causa de admiração e dúvida para nós. Ó fonte de toda auspiciosidade, cabe a Ti nos esclarecer esta dúvida, isto é, a emissão de fogo da Tua boca. Nossos temores sendo dissipados nós iremos então, ó Hari, narrar para ti o que nós temos visto e ouvido.'"

"Vasudeva disse, 'O fogo que emanou da minha boca e que parece em esplendor com o fogo-Yuga que a tudo consome, e pelo qual esta montanha foi dominada e chamuscada, é nada mais do que a energia de Vishnu. Ó Rishis, vocês são pessoas que têm subjugado a ira, que têm trazido seus sentidos sobre controle completo, que são dotados de riqueza de penitências, e que são verdadeiros deuses em pujança. Ainda assim vocês se permitiram serem agitados e afligidos! Eu estou agora totalmente ocupado com as observâncias relativas ao voto rígido. Na verdade, por eu estar cumprindo os votos de um asceta, um fogo emanou da minha boca. Não cabe a vocês se permitirem serem agitados. É para cumprir um voto rígido que eu vim para esta montanha encantadora e auspiciosa. O objetivo que me trouxe aqui é obter pela ajuda de penitências um filho que será meu igual em energia. Por minhas penitências, a Alma existente em meu corpo foi transformada em fogo e saiu da minha boca. Aquele fogo foi ver o Avô concessor de bênçãos de todo o universo. O Avô, ó principais dos ascetas, disse para minha alma que metade da energia do grande deus que tem o touro como seu emblema irá tomar nascimento como meu filho. Aquele fogo, retornando de sua missão, voltou para mim e se aproximou dos meus pés como um discípulo desejoso de me servir respeitosamente. De fato, abandonando sua fúria ele voltou para mim, para sua própria natureza inerente. Eu assim contei a vocês, em resumo, um mistério referente a Aquele que tem o lótus como sua origem e que é dotado de grande inteligência. Ó Rishis possuidores de riqueza de penitências, vocês não devem

ceder ao medo! Vocês são dotados de visão de longo alcance. Vocês podem proceder a todo lugar sem qualquer obstáculo. Resplandecendo com votos cumpridos por ascetas, vocês são adornados com conhecimento e ciência. Eu agora lhes peço para me dizerem alguma coisa que seja muito admirável que vocês tenham ouvido ou visto na terra ou no céu. Eu sinto um desejo ávido de provar o mel das palavras que sairão dos seus lábios, o mel que será, eu estou certo, tão doce quanto um jorro do próprio néctar. Se eu vejo alguma coisa na terra ou no céu, que é muito encantadora e de aspecto notável mas que é desconhecida para todos vocês, ó Rishis que parecem com muitos deuses, eu digo que isto é por consequência da minha própria Natureza Suprema que é incapaz de ser obstruída por alguma coisa. Qualquer coisa extraordinária cujo conhecimento more em mim ou que seja adquirido por minha própria inspiração cessa de parecer extraordinária para mim. Algo, no entanto, que é contado por pessoas pias e que é ouvido daqueles que são bons, merece ser aceito com respeito e fé. Tais discursos existem sobre a terra por um longo tempo e são tão duráveis quanto os caracteres gravados nas rochas. Eu desejo, portanto, ouvir, nesta reunião, algo que saia dos lábios de pessoas que são boas e que não possa falhar em ser produtivo de bem para os homens.' Ouvindo estas palavras de Krishna todos aqueles ascetas ficaram muito surpresos. Eles começaram a olhar fixamente para Janardana com aqueles seus olhos que eram tão belos e grandes quanto as pétalas do lótus. Alguns deles começaram a glorificá-lo e alguns começaram a cultuá-lo com reverência. De fato, todos eles então cantaram os louvores do matador de Madhu com palavras cujos significados eram adornados com os Riks eternos. Todos aqueles ascetas então designaram Narada, aquela principal de todas as pessoas familiarizadas com discurso, para satisfazer o pedido de Vasudeva.'"

"Os ascetas disseram, 'Cabe a ti, ó Narada, descrever integralmente, desde o início, para Hrishikesa, aquele incidente maravilhoso e inconcebível o qual ocorreu, ó pujante, nas montanhas de Himavat e que, ó asceta, foi testemunhado por aqueles de nós que tinham procedido para lá no decurso de nossa peregrinação às águas sagradas. Na verdade, para o benefício de todos os Rishis aqui reunidos, cabe a ti narrar aquele incidente.' Assim endereçado por aqueles ascetas, o Rishi celeste, isto é, o divino Narada, então narrou a seguinte história cujos incidentes tinham ocorrido algum tempo antes.'"

140

"Bhishma disse, 'Então Narada, aquele Rishi santo, aquele amigo de Narayana, relatou a seguinte narrativa da conversa entre Sankara e sua esposa Uma.'"

"Narada disse, 'Uma vez o senhor de alma justa de todas as divindades, isto é, Mahadeva com o touro como seu emblema, praticou penitências severas nas montanhas sagradas de Himavat que é o recanto de Siddhas e Charanas. Aquelas montanhas encantadoras são cobertas com diversas espécies de ervas e adornadas com várias espécies de flores. Naquele tempo elas eram habitadas pelas diferentes tribos de Apsaras e multidões de seres fantasmais. Lá o grande

deus se sentou, cheio de alegria, e circundado por centenas de seres fantasmais que apresentavam diversos aspectos para o olhar do observador. Alguns deles eram feios e desajeitados, alguns tinham feições muito bonitas, e alguns exibiam os aspectos mais extraordinários. Alguns tinham rostos como o do leão, alguns como o do tigre e alguns como o do elefante. Realmente, os rostos daquelas criaturas fantasmais exibiam toda variedade de rostos animais. Alguns tinham rostos parecidos com o do chacal, alguns cujo rosto parecia com o do leopardo; alguns como o do macaco, alguns como o do touro. Alguns deles tinham rostos como o da coruja; alguns como o do falcão; alguns tinham rostos como o dos veados de variedades diversas. O grande deus estava também cercado por Kinnaras e Yakshas e Gandharvas e Rakshasas e diversos outros seres criados. O retiro ao qual Mahadeva tinha se dirigido também abundava com flores celestes e brilhava com raios celestes de luz. Ele era perfumado com sândalo celeste, e incenso celeste era queimado em todos os lados. E ele ecoava com os sons de instrumentos celestes. De fato, ele ressoava com a batida de Mridangas e Panavas, o clangor de conchas, e o som de baterias. Ele abundava com seres fantasmais de diversas tribos que dançavam em alegria e com pavões também que dançavam com plumas estendidas. Formando como ele formava o recanto dos Rishis celestes, as Apsaras dançavam lá em alegria. O lugar era extremamente agradável para a visão. Ele era extremamente belo, parecendo com o próprio Céu. Seu aspecto total era maravilhoso e, de fato, ele era indescritível em relação à sua beleza e graça. Na verdade, com as penitências daquela grande divindade que dorme em leitos de montanha, aquele príncipe das montanhas brilhava com grande beleza. Ele ressoava com o canto dos Vedas proferidos por Brahmanas eruditos dedicados à recitação Védica. Ecoando com o zumbido de abelhas, ó Madhava, a montanha tornou-se incomparável em beleza. Os ascetas, contemplando a grande divindade que é dotada de uma forma feroz e que parece com um grande festival, se encheram, ó Janardana, de grande alegria. Todos os ascetas altamente abençoados, os Siddhas que tinham parado sua semente vital, os Maruts, os Vasus, os Sadhyas, os Viswedevas, o próprio Vasava, os Yakshas, os Nagas, os Pisachas, os Regentes do mundo, os vários Fogos sagrados, os Ventos, e todas as grandes criaturas residiram sobre aquela montanha com mentes concentradas em Yoga. Todas as Estações estavam presentes lá e espalharam naquelas regiões todas as espécies de flores maravilhosas. Diversos tipos de ervas resplandecentes iluminavam os bosques e florestas naquela montanha. Várias espécies de aves, cheias de alegria, saltavam em volta e cantavam alegremente no leito encantador daquela montanha. Aquelas aves eram extremamente adoráveis pelas notas que elas proferiam. Mahadeva de grande alma sentou-se, manifestado em beleza, em um dos cumes que estavam adornados com minérios excelentes, como se ele servisse aos propósitos de uma boa armação de cama. Ao redor dos quadris dele havia uma pele de tigre, e uma pele de leão formava sua peça de roupa superior. Seu fio sagrado consistia em uma cobra. Seus braços estavam enfeitados com um par de Angadas vermelhos. Sua barba era verde. Ele tinha madeixas emaranhadas em sua cabeça. De feições terríveis, ele é que inspira medo nos corações de todos os inimigos dos deuses. É ele, além disso, que protege todas as criaturas por dissipar seus temores. Ele é adorado por seus devotos como a divindade que tem o touro como

seu emblema. Os grandes Rishis, contemplando Mahadeva, se curvavam a ele por tocarem o solo com suas cabeças. Dotados de almas clementes, eles todos ficaram (por causa da visão que eles tinham obtido da grande divindade) livres de todos os pecados e completamente purificados. O retiro daquele senhor de todas as criaturas com muitas formas terríveis brilhava com uma beleza peculiar. Abundando com muitas cobras grandes, ele se tornou inacessível e insuportável (por seres comuns). Dentro de um piscar de olhos, ó matador de Madhu, tudo lá se tornou extremamente maravilhoso. De fato, a residência daquela grande divindade que tem o touro como seu emblema começou a brilhar com uma beleza terrível. De Mahadeva sentado lá se aproximou sua esposa, a filha de Himavat, cercada pelas esposas dos seres fantasmais que são os companheiros da grande divindade. Seu traje era como aquele de seu marido e os votos que ela cumpria eram como os dele. Ela segurava um jarro em seus quadris que estava cheio com as águas de todos os Tirthas, e estava acompanhada pelas divindades presidentes (do seu próprio sexo) de todos os rios da montanha. Aquelas damas auspiciosas caminhavam em seu séquito. A deusa se aproximou derramando flores por todos os lados e diversos tipos de perfumes doces. Ela que amava residir no leito de Himavat avançou dessa maneira em direção a seu grande marido. A bela Uma, com lábios sorridentes e desejosa de fazer um gracejo, cobriu por trás, com suas duas mãos belas, os olhos de Mahadeva. Logo que os olhos de Mahadeva foram assim cobertos, todas as regiões se tornaram escuras e a vida pareceu ser extinta em todos os lugares no universo. Os ritos Homa pararam. O universo ficou de repente privado do sagrado Vashat também. Todas as criaturas vivas ficaram tristes e cheias de medo. De fato, quando os olhos do senhor de todas as criaturas foram assim fechados, o universo pareceu ficar sem sol. Logo, no entanto, aquela escuridão que se espalhava desapareceu. Uma chama de fogo poderoso e brilhante emanou da testa de Mahadeva. Um terceiro olho, parecendo com outro sol, apareceu (nela). Aquele olho começou a queimar como o fogo-Yuga e começou a consumir aquela montanha. A filha de Himavat de olhos grandes, vendo o que ocorria, curvou sua cabeça para Mahadeva dotado daquele terceiro olho o qual parecia com um fogo ardente. Ela permaneceu lá com o olhar fixo em seu marido. Quando as florestas da montanha queimavam em todos os lados, com suas Was e outras árvores de troncos retos, e seus sândalos encantadores e diversas ervas medicinais excelentes, bandos de veados e outros animais, apavorados, foram com grande velocidade ao local onde Hara estava e procuraram sua proteção. Com aquelas criaturas quase o enchendo, o retiro da grande divindade resplandecia com um tipo de beleza singular. Enquanto isso, aquele fogo, aumentando violentamente, se elevou até os próprios céus e, dotado do esplendor e mobilidade do relâmpago e parecendo com uma dúzia de sóis em poder e refulgência, cobriu todos os lados como o todo destrutivo fogo-Yuga. Em um momento, as montanhas Himavat foram consumidas, com seus minérios e topos e ervas brilhantes. Vendo Himavat oprimido e consumido, a filha daquele príncipe das montanhas procurou a proteção da grande divindade e permaneceu perante ele com suas mãos unidas em reverência. Então Sarva, vendo Uma dominada por uma acessão de suavidade feminina e achando que ela estava relutante em ver seu pai Himavat reduzido àquela situação deplorável, lançou olhares benignos para a montanha. Em um momento todo o Himavat foi

restaurado à sua condição anterior e ficou tão belo de se olhar como sempre. De fato, a montanha manifestou um aspecto alegre. Todas as suas árvores ficaram adornadas com flores. Contemplando Himavat em sua condição natural, a deusa Uma, desprovida de todos os defeitos, dirigiu-se a seu marido, aquele mestre de todas as criaturas, o divino Maheswara, nestas palavras.'"

"Uma disse, 'Ó santo, ó senhor de todas as criaturas, ó divindade que estás armada com o tridente, ó tu de votos sublimes, uma grande dúvida encheu minha mente. Cabe a ti esclarecer aquela dúvida para mim. Por qual razão o terceiro olho apareceu em tua testa? Por que também a montanha foi consumida com os bosques e tudo o que pertencia a ela? Por que também, ó divindade ilustre, tu restituíste a montanha à sua condição anterior? De fato, tendo-a queimado uma vez, por que tu novamente a fizeste ser coberta com árvores?'"

"Maheswara disse, 'Ó deusa sem qualquer imperfeição, por tu teres coberto meus olhos por um ato de indiscrição o universo ficou em um instante desprovido de luz. Quando o universo ficou sem sol e, portanto, tudo se tornou escuro, ó filha do príncipe das montanhas, eu criei o terceiro olho desejoso de proteger todas as criaturas. A grande energia daquele olho oprimiu e consumiu esta montanha. Para te agradar, no entanto, ó deusa, eu mais uma vez fiz de Himavat o que ele era por reparar o dano.'"

"Uma disse, 'Ó santo, por que aquelas tuas faces as quais estão no leste, no norte, e no oeste, são tão belas e tão agradáveis de se olhar como a própria lua? E por que aquela tua face que está no sul é tão terrível? Por que teus cabelos emaranhados são fulvos em cor e assim eretos? Por que tua garganta é azul do mesmo modo que as plumas do pavão? Por que, ó divindade ilustre, o Pinaka está sempre na tua mão? Por que tu és sempre um Brahmacharin com madeixas emaranhadas? Ó senhor, cabe a ti explicar tudo isso para mim. Eu sou tua esposa que procura seguir os mesmos deveres contigo. Além disso eu sou tua adoradora devotada, ó divindade que tem o touro como teu símbolo!'"

"Narada continuou, 'Assim endereçado pela filha do príncipe das montanhas, o ilustre manejador do Pinaka, o pujante Mahadeva, ficou muito satisfeito com ela. O grande deus então se dirigiu a ela dizendo, 'Ó dama abençoada, ouça-me enquanto eu explico, com as razões disso, por que minhas formas são assim.'"

141

"O abençoado e santo disse, 'Nos tempos passados, uma mulher abençoada foi criada por Brahman, chamada Tilottama, por escolher grãos de beleza de todo objeto belo no universo. Um dia, aquela dama de rosto belo, sem igual no universo em beleza de forma, veio a mim, ó deusa, para circungirar-me mas realmente impelida pelo desejo de me tentar. Em qualquer direção que aquela dama de dentes belos virava, um novo rosto meu imediatamente aparecia (de tão ávido que eu fiquei para vê-la). Todos aqueles meus rostos se tornaram agradáveis de se olhar. Assim, pelo desejo de contemplá-la, eu fiquei com quatro rostos, através da

força-Yoga. Dessa maneira, eu mostrei meu grande poder-Yoga ao me tornar de quatro faces. Com aquele meu rosto que está virado para o leste eu exerço a soberania do universo. Com aquele meu rosto que está virado para o norte, eu me divirto contigo, ó tu de feições impecáveis! Aquele meu rosto o qual está virado para o oeste é agradável e auspicioso. Com ele eu ordeno a felicidade de todas as criaturas. Aquele meu rosto que está virado para o sul é terrível. Com ele eu destruo todas as criaturas. Eu vivo como um Brahmacharin com madeixas emaranhadas em minha cabeça, impelido pelo desejo de fazer o bem para todas as criaturas. O arco Pinaka está sempre na minha mão para realizar os propósitos das divindades. Antigamente, Indra, desejoso de obter minha prosperidade, arremessou seu raio em mim. Com aquela arma minha garganta foi chamuscada. Por esta razão eu me tornei de garganta azul.'"

"Uma disse, 'Quando, ó principal de todas as criaturas, há tantos veículos excelentes dotados de grande beleza, por que é que tu escolheste um touro como teu veículo?'"

"Maheswara disse, 'Antigamente, o Avô Brahma criou a vaca celeste Surabhi produzindo leite abundante. Depois de sua criação surgiu dela um grande número de vacas todas as quais produziam quantidades abundantes de leite tão doce quanto néctar. Uma vez uma quantidade de espuma caiu da boca de um dos bezerros dela sobre meu corpo. Eu fiquei enfurecido por isto e minha ira chamuscou todas as vacas após o que elas se tornaram diversificadas em cor. Eu fui então acalmado pelo Mestre de todos os mundos, isto é, Brahma, conhecedor de todos os tópicos. Foi ele quem me deu este touro como um veículo para me conduzir e como um emblema em meu estandarte.'"

"Uma disse, 'Tu tens muitas residências no céu, de diversas formas e possuidoras de todo conforto e luxo. Por que, ó santo, tu resides no crematório, abandonando todas aquelas mansões encantadoras? O crematório está cheio de cabelos e ossos (dos mortos), abunda com urubus e chacais, e está coberto com centenas de piras mortuárias. Cheio de carniça e lamacento com gordura e sangue, com entranhas e ossos espalhados por todos os lados, e sempre ecoando com os uivos de chacais, ele é certamente um lugar impuro.'"

"Maheswara disse, 'Eu sempre vago pela terra inteira à procura de um local sagrado. Eu, no entanto, não vejo algum local que seja mais sagrado do que o crematório. Por essa razão, de todas as residências, o crematório agrada mais o meu coração, sombreado como ele geralmente é por ramos da banian e adornado com guirlandas rasgadas de flores. Ó tu de sorrisos doces, as multidões de seres fantasmais que são meus companheiros gostam muito de residir em tais locais. Eu não gosto, ó deusa, de residir em algum lugar sem aquelas criaturas fantasmais estando ao meu lado. Por isso, o crematório é uma residência sagrada para mim. De fato, ó dama auspiciosa, ele me parece ser o próprio céu. Altamente sagrado e possuidor de grande mérito, o crematório é muito louvado por pessoas desejosas de terem residências sagradas.'"

"Uma disse, 'Ó santo, ó senhor de todas as criaturas, ó principal de todos os cumpridores dos deveres e ritos religiosos, eu tenho uma grande dúvida, ó manejador do Pinaka, ó concessor de benefícios. Estes ascetas, ó senhor pujante, têm praticado diversos tipos de austeridades. No mundo são vistos ascetas vagando em todos os lugares sob diversas formas e vestidos em diversos tipos de trajes. Para beneficiar esta grande assembléia de Rishis, como também a mim mesma, esclareça bondosamente, ó castigador de todos os inimigos, esta minha dúvida. Quais indicações é dito que a Religião ou Dever possui? Como, de fato, homens que desconhecem os detalhes de Religião ou Dever conseguem cumpri-los? Ó senhor pujante, ó tu que és familiarizado com Religião, diga-me isto.'"

"Narada continuou, 'Quando a filha de Himavat fez esta pergunta, o conclave de Rishis lá presente cultuou a deusa e a adorou com palavras adornadas com Riks e com hinos repletos de significado profundo.'"

"Maheswara disse, 'Abstenção de ferir, veracidade de palavras, compaixão por todos os seres, tranquilidade de alma, e fazer caridade da melhor maneira que ele pode, são os principais deveres do chefe de família. Abstenção de relação sexual com as esposas de outros homens, proteção da riqueza e da mulher entregue à sua responsabilidade, repugnância em se apropriar do que não lhe é dado, e evitação de mel e carne, estes são os cinco deveres principais. De fato, Religião ou Dever tem muitos ramos todos os quais estão repletos de felicidade. Estes mesmos são os deveres os quais as criaturas incorporadas que consideram o dever como superior devem cumprir e praticar. Estes são as fontes de mérito.'"

"Uma disse, 'Ó santo, eu desejo te fazer outra pergunta sobre o que eu tenho grandes dúvidas. Cabe a ti respondê-la e dissipar minhas dúvidas. Quais são os deveres meritórios das quatro classes diferentes? Quais deveres pertencem ao Brahmana? Quais ao Kshatriya? Quais são as indicações daqueles deveres que pertencem ao Vaisya? E que tipo de deveres pertencem ao Sudra?'"

"O santo disse, 'Ó dama altamente abençoada, a pergunta que tu fizeste é muito apropriada. Aquelas pessoas que pertencem à classe regenerada são consideradas como muito abençoadas, e são, de fato, deuses sobre a terra. Sem dúvida, a observância de jejuns (isto é, subjugação dos sentidos) é sempre o dever do Brahmana. Quando o Brahmana consegue cumprir devidamente todos os seus deveres, ele obtém identidade com Brahma. A observância apropriada dos deveres de Brahmacharya, ó deusa, é seu ritual. O cumprimento de votos e a investidura com o fio sagrado são seus outros deveres. É por meio destes que ele se torna realmente regenerado. Ele se torna um Brahmana por cultuar seus preceptores e outros superiores como também as divindades. Realmente, aquela religião que tem como sua alma o estudo dos Vedas é a fonte de toda piedade. Aquela é a religião que as criaturas incorporadas que são dedicadas à piedade e ao dever devem cumprir e praticar.'"

"Uma disse, 'Ó santo, minhas dúvidas não foram dissipadas. Cabe a ti explicar em detalhes quais são os deveres das quatro respectivas classes de homens.'"

"Maheswara disse, 'Escutar aos mistérios de religião e dever, cumprimento dos votos indicados nos Vedas, atenção ao fogo sagrado, realização do serviço do preceptor, levar uma vida de mendicante, sempre portar o fio sagrado, recitação constante dos Vedas, e observância rígida dos deveres de Brahmacharya, são os deveres do Brahmana. Depois que o período de estudo acaba, o Brahmana, recebendo a ordem de seu preceptor, deve deixar a residência de seu preceptor para voltar para a casa de seu pai. Após seu retorno ele deve se casar devidamente com uma mulher que seja adequada para ele. Outro dever do Brahmana consiste em evitar a comida preparada pelo Sudra. Andar pelo caminho da justiça, sempre fazer jejuns e cumprir as práticas de Brahmacharya são seus outros deveres. (Aquele que come suas refeições nas horas apropriadas é citado como fazendo jejuns. Aquele que evita relação sexual com outras mulheres e se associa somente com sua esposa e isto na época dela é citado como praticando Brahmacharya.) O chefe de família deve manter seu fogo doméstico para culto diário. Ele deve estudar os Vedas. Ele deve derramar libações em honra dos Pitris e das divindades. Ele deve manter seus sentidos sob controle apropriado. Ele deve comer o que resta depois de servir os deuses e convidados e todos os seus dependentes. Ele deve ser abstinente em alimentação, sincero em palavras, e puro externamente e interiormente. Atender aos convidados é outro dever do chefe de família, como também a manutenção dos três fogos sacrificais. O chefe de família deve também se encarregar dos sacrifícios comuns que levam o nome de Ishti e deve também oferecer animais para as divindades de acordo com as ordenanças. De fato, a realização de sacrifícios é seu maior dever como também uma total abstenção de dano para todas as criaturas. Nunca comer antes de servir as divindade e convidados e dependentes é outro dever do chefe de família. O alimento que resta depois de servir os deuses e convidados e dependentes é chamado de Vighasa. O chefe de família deve comer Vighasa. De fato, comer depois dos membros da própria família inclusive empregados e outros dependentes, é considerado como um dos deveres especiais do chefe de família regenerado, que deve estar familiarizado com os Vedas. A conduta de marido e mulher, no caso do chefe de família, deve ser igual. Ele deve todos os dias fazer oferendas de flores e outros artigos para aquelas divindades que presidem a vida familiar. O chefe de família deve cuidar para que sua casa seja esfregada devidamente todos os dias (com esterco de vaca e água). Ele deve também fazer jejuns todo dia. Bem limpa e bem esfregada, sua casa deve ser também todo dia fumigada com a fumaça de manteiga clarificada derramada sobre seu fogo sagrado em honra das divindades e dos Pitris. Estes mesmos são os deveres pertencentes ao modo de vida familiar como observáveis por uma pessoa regenerada. Aqueles deveres realmente sustentam o mundo. Na verdade, aqueles deveres fluem sempre e eternamente daquelas pessoas virtuosas entre os Brahmanas que levam uma vida familiar. Ouça-me com atenção concentrada, ó deusa, pois eu agora te direi quais são os deveres que pertencem ao Kshatriya e acerca dos quais tu me perguntaste. Desde o início é dito que o dever do Kshatriya é proteger todas as criaturas. O rei obtém uma parte fixa dos méritos ganhos por seus súditos. Por estes meios o rei vem a ser dotado de virtude. Aquele governante de homens que rege e protege seus súditos justamente, adquire, em virtude da proteção que ele oferece a outros, muitas regiões de

felicidade no mundo seguinte. Os outros deveres de uma pessoa da ordem real consistem em autodomínio e estudo Védico, despejar libações no fogo sagrado, fazer doações, estudo, o porte do fio sagrado, sacrifícios, o desempenho de ritos religiosos, o sustento de empregados e dependentes, e perseverança em ações que foram iniciadas. Outro dever dele é conceder punições de acordo com os delitos cometidos. É também seu dever realizar os sacrifícios e outros ritos religiosos segundo as ordenanças declaradas nos Vedas. Aderência à prática de julgar devidamente as disputas de litigantes perante ele, e uma devoção à veracidade de palavras, e interferência para ajudar os aflitos, são outros deveres por cumprir os quais o rei obtém grande glória aqui e após a morte. Ele deve também sacrificar sua vida no campo de batalha, tendo mostrado grande coragem em nome de vacas e Brahmanas. Tal rei adquire no Céu regiões de bem-aventurança que são capazes de serem alcançadas pela realização do Sacrifício de Cavalo. Os deveres do Vaisya sempre consistem na criação de gado e agricultura, em derramar libações no fogo sagrado, em fazer caridade, e estudo. Comércio, andar no caminho da justiça, hospitalidade, calma, autocontrole, receber bem os Brahmanas, e renunciar às coisas (em favor de Brahmanas), são os outros deveres eternos do Vaisya. O Vaisya, dedicado ao comércio e trilhando o caminho da virtude, nunca deve vender gergelim e perfumaria e sucos ou substâncias líquidas. Ele deve cumprir os deveres de hospitalidade em direção a todos. Ele é livre para procurar religião e riqueza e prazer de acordo com seus recursos e tanto quanto seja judicioso para ele. O serviço das três classes regeneradas constitui o maior dever do Sudra. Aquele Sudra que é sincero em palavras e que subjuga seus sentidos é considerado como tendo conquistado penitências meritórias. Na verdade, o Sudra, que tendo recebido um convidado cumpre os deveres de hospitalidade em direção a ele, é considerado como adquirindo o mérito de penitências superiores. Aquele Sudra inteligente cuja conduta é virtuosa e que adora as divindade e os Brahmanas vem a ser dotado das recompensas desejáveis da virtude. Ó bela dama, eu assim contei para ti quais são os deveres das quatro classes. De fato, ó senhora abençoada, eu te disse quais são os respectivos deveres delas. O que mais tu desejas saber?'"

"Uma disse, 'Tu me contaste quais são os respectivos deveres das quatro classes, auspiciosos e benéficos para elas. Agora me diga, ó santo, quais são os deveres comuns de todas as classes.'"

"Maheswara disse, 'O principal de todos os seres do universo, isto é, o Criador Brahma, sempre desejoso de realizações justas, criou os Brahmanas para resgatar todos os mundos. Entre todos os seres criados, eles são, realmente, deuses sobre a terra. Eu irei a princípio te dizer quais são os atos religiosos os quais eles devem fazer e quais são as recompensas que eles ganham por eles. Aquela religião que foi ordenada para os Brahmanas é a principal de todas as religiões. Pela virtude do mundo, três religiões foram criadas pelo Auto-nascido. Quando o mundo é criado (ou recriado), aquelas religiões são criadas pelo Avô. Ouça. Estas são as três religiões eternas. A religião que é proposta nos Vedas é a mais elevada; aquela que é proposta nos Smritis é a seguinte em ordem de importância; a terceira em importância é aquela que é baseada nas práticas

daqueles que são considerados como virtuosos. O Brahmana possuidor de erudição deve ter os três Vedas. Ele nunca deve fazer do estudo dos Vedas (ou da recitação das escrituras) os meios de seu sustento. (Vender os Vedas ou algum tipo de conhecimento é um grande pecado.) Ele deve se dedicar às três ações bem conhecidas (de fazer caridade, estudar os Vedas, e realizar sacrifícios). Ele deve transcender os três (luxúria, ira, e cobiça). Ele deve ser o amigo de todas as criaturas. Uma pessoa que possui estes atributos é chamada de Brahmana. O senhor do universo declarou estas seis ações para a observância de Brahmanas. Escute aqueles deveres eternos. A realização de sacrifícios, oficiar nos sacrifícios de outros, fazer doações, a aceitação de doações, ensino, e estudo, são as seis ações por realizar as quais um Brahmana ganha mérito religioso. Na verdade, o estudo dos Vedas diariamente é um dever. Sacrifício é (outro) dever eterno. Fazer doações segundo a medida de seus recursos e em conformidade com a ordenança, é, no seu caso, muito louvado. Tranquilidade mental é um grande dever que sempre tem sido generalizado entre aqueles que são justos. Chefes de família de mente pura são capazes de ganhar muito mérito superior. De fato, aquele que limpa sua alma pela realização dos cinco sacrifícios, que é sincero em palavras, que é livre de malícia, que faz caridade, que trata com hospitalidade e honra todos os convidados regenerados, que vive em residências bem limpas, que é livre de orgulho, que é sempre sincero em suas transações, que usa palavras gentis e encorajadoras em direção a outros, que tem prazer em servir convidados e outros que chegam a sua residência, e que come o alimento que resta depois que foram satisfeitas todas as necessidades de todos os membros de sua família e dependentes, ganha grande mérito. Aquele homem que oferece água para seus convidados para lavar seus pés e mãos, que oferece o Arghya para honrar o recebedor, que devidamente dá assentos, e camas, e lâmpadas para iluminar a escuridão, e abriga aqueles que chegam a sua residência, é considerado como altamente virtuoso. O chefe de família que levanta ao amanhecer e lava sua boca e rosto e serve alimento para seus convidados, e tendo-os honrado devidamente os despede de sua residência e os segue (como um sinal de respeito) por uma pequena distância, adquire mérito eterno. Hospitalidade em direção a todos, e a busca do agregado de três, são os deveres do chefe de família. Os deveres do Sudra consistem na busca do agregado de três. A Religião ordenada para o chefe de família é citada como tendo Pravritti como sua indicação principal. Auspiciosa, e benéfica para todas as criaturas, eu irei expô-la para ti. O chefe de família deve sempre fazer doações segundo a medida de seu poder. Ele deve também realizar sacrifícios frequentemente da mesma maneira. De fato, aquele que deseja realizar seu próprio bem deve sempre realizar atos meritórios. O chefe de família deve obter riqueza por meios justos. A riqueza assim adquirida deve ser dividida com cuidado em três partes, mantendo os requisitos da virtude em vista. Com uma daquelas partes ele deve realizar todas as ações de virtude. Com outra ele deve procurar satisfazer seus desejos de prazer. A terceira parte ele deve dispor para crescimento. A Religião de Nivritti é diferente. Ela existe para a Emancipação (do renascimento por absorção em Brahman). Eu te direi a conduta que a constitui. Escute-me em detalhes, ó deusa. Um dos deveres inculcados por aquela religião é compaixão para com todas as criaturas. O homem que a segue não deve residir em um lugar por mais do que

um dia. Desejosos de alcançar a emancipação, os seguidores desta Religião se livram dos laços da esperança (ou desejo). Eles não têm apego à habitação, ao Kamandalu que eles carregam para guardar água, aos mantos que cobrem seus quadris, ou ao assento sobre o qual eles descansam, ou ao bastão triplo que eles levam em suas mãos, ou à cama na qual eles dormem, ou ao fogo que eles necessitam, ou ao aposento que os aloja. Um seguidor desta Religião coloca seu coração nas atividades de sua alma. Sua mente é devotada ao Brahman Supremo. Ele está cheio com a idéia de alcançar Brahman. Ele é sempre devotado ao Yoga e à Filosofia Sankhya. Ele não deseja outro abrigo exceto a base de uma árvore. Ele se abriga em residências vazias de homens. Ele dorme nas margens de rios. Ele tem prazer em estar ao lado de tais margens. Ele está livre de toda atração, e de todo laço de afeição. Ele funde a existência de sua própria alma à Alma Suprema. Permanecendo como uma estaca de madeira, e se abstendo de todo alimento ele faz somente tais atos que tendem para a Emancipação. Ou ele pode perambular, dedicado ao Yoga. Estes mesmos são os deveres eternos de um seguidor da Religião de Nivritti. Ele vive afastado da sua espécie. Ele está livre de todos os apegos. Ele nunca reside no mesmo lugar por mais do que um dia. Livre de todos os vínculos ele vaga pelo mundo. Emancipado de todos os laços, ele nunca dorme na mesma margem de rio por mais do que um dia. Esta é a religião de pessoas familiarizadas com a Emancipação como declarada nos Vedas. Este mesmo é o caminho virtuoso que é trilhado pelos virtuosos. Aquele que segue neste caminho não deixa vestígio para trás. Bhikshus (ou seguidores da religião da Emancipação) são de quatro tipos. Eles são Kutichakas, Vahudakas, Hansas, e Paramahansas. O segundo é superior ao primeiro, o terceiro ao segundo, e o quarto ao terceiro. Não há nada superior ao Paramahansa; nem há qualquer coisa inferior a ele ou ao lado dele ou antes dele. (O sentido é que isto inclui tudo, sendo tão abrangente quanto Brahman.) Esta é uma condição que é desprovida de tristeza e felicidade; que é auspiciosa e livre de decrepitude e morte e que não conhece mudança.'"

"Uma disse, 'Tu narraste a religião dos chefes de família, aquela da Emancipação, e aquela que é baseada nas observâncias dos justos. Estes caminhos estão excelentes e extremamente benéficos para o mundo de criaturas vivas. Ó tu que és conhecedor de toda religião, eu desejo agora saber qual é a religião sublime dos Rishis. Eu sempre tenho uma simpatia por aqueles que moram em retiros ascéticos. O perfume que emana da fumaça das libações de manteiga clarificada despejada sobre o fogo sagrado parece impregnar os retiros inteiros e os faz encantadores. Notando isto, ó grande deus, meu coração fica sempre cheio de deleite. Ó divindade pujante, eu tenho dúvidas com relação à religião dos ascetas. Tu conheces os detalhes de todas as religiões. Instrua-me, ó deus dos deuses, em detalhes, verdadeiramente a respeito deste tópico sobre o qual eu te perguntei, ó divindade grandiosa!'"

"O abençoado e santo disse, 'Sim, eu narrarei para ti a religião elevada e excelente dos ascetas. Por seguirem os ditames daquela religião, ó dama auspiciosa, os ascetas obtêm sucesso através das penitências severas que eles praticam. Ó altamente abençoada, ouça, desde o início, quais são os deveres

daqueles Rishis justos que conhecem todos os deveres e que são conhecidos pelo nome de Phenapas. O Avô Brahma (durante os dias em que ele se dedicou à prática de penitências) bebeu um pouco de néctar (na forma de água). Aquela água tinha fluído no céu de um grandioso sacrifício. A espuma daquela água é muito auspiciosa e (por Brahman tê-la bebido) ela partilhou de Sua própria natureza. Os Rishis que subsistem da quantidade de espuma que assim surgiu (da água indicada) são chamados de Phenapas (Comedores de Espuma). Esta é a conduta daqueles Rishis de alma pura, ó dama possuidora de riqueza de penitências! Ouça-me agora enquanto eu te explico quem são os Valkhilyas. Os Valkhilyas são ascetas que obtiveram sucesso por suas penitências. Eles residem no disco solar. Adotando a forma de subsistência que é seguida pelas aves, aqueles Rishis, conhecedores de todo dever de virtude, vivem de acordo com o modo Unchha. Seu traje consiste em peles de veado ou cascas de árvores. Livres de todos os pares de opostos, os Valkhilyas, possuidores de riqueza de penitências, andam neste caminho de virtude. Eles são tão grandes quanto um dígito do polegar. Distribuídos em classes, cada classe vive na prática dos deveres atribuídos a ela. Eles desejam somente praticar penitência. Os méritos que eles ganham por sua conduta justa são muito elevados. Eles são considerados como tendo alcançado uma igualdade com os deuses e existem para a realização dos propósitos dos deuses. Tendo queimado todos os seus pecados por meio de penitências severas, eles brilham em refulgência, iluminando todos os pontos do horizonte. Outros, chamados Chakracharas, são dotados de almas purificadas e dedicados à prática de compaixão. Justos em sua conduta e possuidores de grande santidade, eles vivem na região de Soma. Assim residindo perto suficiente da região dos Pitris, eles subsistem devidamente por beberem os raios de Soma. Há outros chamados Samprakshalas (que são aqueles Rishis que lavam seus utensílios diariamente de modo que nada é acumulado por eles para o dia seguinte); e Asmkuttas (que são aqueles que usam somente dois pedaços de pedras para descascar seus grãos) e Dantolukhalas (que usam seus dentes para propósitos de descascar os grãos que eles comem). Estes vivem perto das divindades bebedoras de Soma e outras que bebem chamas de fogo. Com suas esposas, e com paixões sob controle completo, eles também subsistem dos raios de Soma. Eles derramam libações de manteiga clarificada no fogo sagrado, e adoram os Pitris sob formas apropriadas. Eles também realizam os sacrifícios bem conhecidos. Isto mesmo é dito que constitui sua religião. A religião dos Rishis, ó deusa, é sempre seguida por aqueles que não têm casa e que são livres para vagar por todas as regiões incluindo aquela dos deuses. Há, além disso, outras classes sobre as quais eu logo falarei. Ouça. É necessário que aqueles que seguem as diferentes religiões dos Rishis subjuguem suas paixões e conheçam a Alma. De fato, na minha opinião, luxúria e ira devem ser completamente dominadas. Com cereais (riqueza) obtidos pelo modo Unchha, eles devem cumprir os seguintes deveres, isto é, despejar libações no fogo sagrado, ocupar um assento fixo enquanto se empenha no sacrifício chamado Dharmaratri, realização do sacrifício Soma, aquisição de conhecimento especial, dar presentes sacrificais o que forma o quinto, a realização diária de sacrifícios, dedicação ao culto dos Pitris e das divindades, hospitalidade em direção a todos. Abstenção de todas as iguarias luxuosas preparadas de leite de vaca, ter prazer na tranquilidade de

coração, deitar sobre rochas nuas ou o solo, dedicação ao Yoga, comer ervas e folhas de árvores, e subsistir de frutas e raízes e ar e água e musgo, são algumas das práticas dos Rishis pelas quais eles obtêm o fim que pertence às pessoas não subjugadas (pelo mundo). Quando a fumaça cessou de espiralar para cima de uma casa, quando a máquina de debulha cessou de ser manejada, quando o fogo do lar se extinguiu, quando todos os habitantes comeram seu alimento, quando pratos não são mais levados de aposento para aposento, quando mendicantes pararam de andar nas ruas, é então que o homem que é devotado à religião da verdade e tranquilidade de alma, desejando ter um convidado (mas encontrando seu desejo insatisfeito), deve comer o que resta do alimento que possa ainda se encontrar na casa. Por agir dessa maneira, alguém se torna um praticante da religião dos Munis. Uma pessoa não deve ser arrogante, nem orgulhosa, nem triste e descontente; nem ela deve se admirar por alguma coisa. De fato, ela deve se comportar igualmente para com amigos e inimigos. Na verdade, alguém que é a principal de todas as pessoas familiarizadas com os deveres deve também ser amável para com todas as criaturas."

142

"Uma disse, 'Ascetas da floresta residem em regiões encantadoras, entre as nascentes e fontes de rios, em caramanchões nas margens de rios e ribeirões, em colinas e montanhas, em bosques e florestas, e em lugares sagrados cheios de frutas e raízes. Com atenção concentrada e cumpridores de votos e regras, eles moram em tais locais. Eu desejo, ó Sankara, ouvir as ordenanças sagradas as quais eles seguem. Estes ascetas, ó deus de todos os deuses, são pessoas que dependem, para a proteção de seus corpos, somente de si mesmos.'"

Maheswara disse, 'Ouça com atenção concentrada quais são os deveres de ascetas da floresta. Tendo-as escutado com atenção, ó deusa, coloque teu coração na virtude. Escute então quais são as ações que devem ser praticadas por ascetas justos coroados com êxito, cumpridores de votos e regras rígidas, e residindo em bosques e florestas. Realizar abluções três vezes ao dia, cultuar os Pitris e as divindades, derramar libações no fogo sagrado, realizar aqueles sacrifícios e ritos que levam o nome de Ishti-homa, pegar os grãos de arroz Nivara, comer frutas e raízes, e usar o óleo que é pressionado das sementes Inguda e mamona são seus deveres. Tendo passado pelas práticas de Yoga e se tornando coroado com sucesso (ascético) e livre de luxúria e ira, eles devem se sentar na posição chamada Virasana. De fato, eles devem residir naqueles lugares que são inacessíveis para covardes. (As grandes florestas são chamadas de Virasthana pois covardes não podem entrar ou residir nelas.) Cumpridores das ordenanças excelentes relativas ao Yoga, permanecendo no verão no meio de quatro fogos dos quatro lados com o sol por cima, praticando devidamente o que é chamado de Manduka Yoga, e sempre sentado na posição chamada Virasana, e se deitando em rochas nuas ou na terra, estes homens, com corações colocados na virtude, devem se expor ao frio e água e fogo. Eles subsistem de água ou ar ou musgo. Eles usam dois pedaços de pedras somente para descascar seus cereais.

Alguns deles usam somente seus dentes para tal propósito. Eles não mantêm utensílios de qualquer tipo (para armazenar alguma coisa para o dia seguinte). Alguns deles se vestem com trapos e cascas de árvores ou peles de veado. Assim mesmo eles passam suas vidas pela medida de tempo concedida a eles, segundo as ordenanças (propostas nas escrituras). Permanecendo em bosques e florestas, eles vagam dentro de bosques e florestas, vivem dentro deles, e são sempre para serem encontrados dentro deles. De fato, estes ascetas da floresta entrando em bosques e florestas vivem dentro deles como discípulos, obtendo um preceptor, vivem com ele. A realização dos ritos de Homa é seu dever, como também a observância dos cinco sacrifícios. Um cumprimento devido das regras acerca da distribuição (a respeito de tempo) dos sacrifícios quíntuplos como prescritas nos Vedas, dedicação a (outros) sacrifícios, formando o oitavo, observância do Chaturmasya, execução do Paurnamasya, e outros sacrifícios, e execução dos sacrifícios diários, são os deveres destes homens dissociados de esposas, livres de toda atração, e purificados de todo pecado. De fato, eles devem viver exatamente assim na floresta. A concha sacrifical e o recipiente de água são sua principal riqueza. Eles são sempre devotados aos três fogos. Justos em sua conduta e aderindo ao caminho da virtude, eles obtêm o fim mais sublime. Estes Munis, coroados com sucesso (ascético) e sempre devotados à religião da Verdade, alcançam a região muito sagrada de Brahman ou a região eterna de Soma. Ó deusa auspiciosa, eu assim contei para ti, em resumo, os contornos da religião que é seguida por ascetas da floresta e que tem muitas práticas em detalhes.'"

"Uma disse, 'Ó santo, ó senhor de todas as criaturas, ó tu que és adorado por todos os seres, eu desejo saber qual é a religião daqueles Munis que são seguidores das escrituras que tratam do sucesso ascético. Conte-a para mim. Residindo em bosques e florestas e bem educados nas escrituras de sucesso, alguns entre eles vivem e agem como eles querem, sem serem reprimidos por práticas específicas; outros têm esposas. Como, de fato, suas práticas foram prescritas?'"

"Mahadeva disse, 'Ó deusa, raspar a cabeça e vestir mantos marrons são as indicações daqueles ascetas que vagam em liberdade; enquanto as indicações daqueles que se divertem com esposas consistem em passar suas noites em casa. Realizar abluções três vezes ao dia é o dever das classes, enquanto o Homa, com água e frutos da selva, pertencem aos ascetas casados como realizado pelos Rishis em geral. Absorção, meditação-Yoga, e aderência àqueles deveres que constituem piedade e que são prescritos como tais (nas escrituras e nos Vedas) são alguns dos outros deveres prescritos para eles. Todos aqueles deveres também dos quais eu falei para ti antes como pertencentes aos ascetas residindo em florestas, são os deveres destes também. De fato, se aqueles deveres forem cumpridos, aqueles que os cumprem obtêm as recompensas que se vinculam a penitências severas. Aqueles ascetas da floresta que levam vidas de casado devem limitar a satisfação de seus sentidos àquelas suas esposas. Por se entregarem à união sexual com suas esposas somente naqueles períodos quando as épocas delas chegam, eles se ajustam aos deveres que estão

prescritos para eles. A religião que estes homens virtuosos devem seguir é a religião que é prescrita e seguida pelos Rishis. Com seus olhos fixos na aquisição de virtude, eles nunca devem perseguir algum outro objeto de desejo por causa de um sentimento de capricho descontrolado. Aquele homem que faz um presente para todas as criaturas de uma garantia de total inofensividade ou inocência, livre como sua alma se torna da mancha de malícia ou nocividade, vem a ser dotado de virtude. Na verdade, aquela pessoa que mostra compaixão por todas criaturas, que adota como um voto um comportamento de perfeita sinceridade para com todas as criaturas, e que constitui ela mesma a alma de todas as criaturas, vem a ser dotada de virtude. Um banho em todos os Vedas, e um comportamento de sinceridade em direção a todas as criaturas, são considerados como iguais a respeito de mérito; ou, talvez, o último é o um pouco eminente acima do outro a respeito de mérito. Sinceridade, é dito, é Virtude; enquanto insinceridade ou desonestidade é o oposto. Aquele homem que se comporta com sinceridade vem a ser dotado de Virtude. O homem que está sempre dedicado à sinceridade de comportamento consegue obter uma residência entre as divindades. Por isso, aquele que deseja obter o mérito da virtude deve se tornar dotado de sinceridade. Possuidor de uma disposição clemente e de autodomínio, e com ira sob submissão total, uma pessoa deve se transformar em uma encarnação da Virtude e ficar livre da malícia. Tal homem, que se torna devotado, além disso, ao cumprimento de todos os deveres de Religião, vem a ser dotado do mérito da Virtude. Livre de sonolência e procrastinação, a pessoa piedosa, que adere ao caminho da Virtude com todas as suas forças, e se torna possuidor de conduta pura, e que é venerável em idade, vem a ser considerado como igual ao próprio Brahma.'"

"Uma disse, 'Por qual rumo de deveres, ó deus, aqueles ascetas que são apegados aos seus respectivos retiros e possuidores de riqueza de penitências conseguem se tornar dotados de grande esplendor? Por quais ações além disso, os reis e príncipes que possuem grande riqueza, e outros que são desprovidos de riqueza, conseguem obter recompensas superiores? Por quais ações, ó deus, os habitantes da floresta conseguem alcançar aquele lugar o qual é eterno e adornar seus corpos com pasta de sândalo celeste? Ó deus ilustre de três olhos, ó destruidor da cidade tripla, dissipe esta minha dúvida ligada com o assunto auspicioso da prática de penitências por dizeres tudo em detalhes.'"

"A divindade ilustre disse, 'Aqueles que cumprem os votos relativos aos jejuns e reprimem seus sentidos, que se abstêm de injúria de qualquer tipo para qualquer criatura, e que praticam a veracidade de palavras, alcançam o êxito e ascendendo para o Céu se divertem lá em felicidade com os Gandharvas como seus companheiros, livres de todo tipo de mal. O homem de alma justa que se deita na posição que pertence ao Manduka-Yoga, e que devidamente e de acordo com a ordenança realiza atos meritórios depois ter feito o Diksha, passa seu tempo em felicidade no mundo seguinte na companhia dos Nagas. Aquele homem que vive na companhia de veados e subsiste de ervas e vegetais que caem das bocas deles, e que passou pelo Diksha e se encarrega dos deveres ligados a isto, consegue alcançar Amaravati (as mansões de Indra). Aquele homem que subsiste

do musgo que ele colhe e das folhas caídas das árvores que ele apanha, e aguenta todas as severidades do frio, chega a um lugar muito sublime. Aquele homem que subsiste de ar ou de água, ou de frutas e raízes, obtém depois da vida a riqueza que pertence aos Yakshas e se diverte alegremente na companhia de diversas tribos de Apsaras. Tendo praticado por doze anos, segundo os ritos prescritos nas ordenanças, o voto relativo à resistência dos cinco fogos na estação do verão, uma pessoa se torna um rei em sua próxima vida. Aquele homem que, tendo cumprido votos com relação à alimentação, pratica penitências por quatorze anos, se abstendo cuidadosamente de todo alimento proibido, comido em horas proibidas, durante este período, se torna em sua próxima vida um soberano da terra. Aquele homem que senta e deita no solo nu somente com a cúpula do firmamento como seu abrigo, segue o rumo de deveres vinculados ao Diksha, e então rejeita seu corpo por se abster de todo alimento, obtém grande bem-aventurança no Céu. É dito que as recompensas de alguém que senta e deita sobre o solo nu (só com o firmamento como seu abrigo) são veículos e camas excelentes, e mansões caras possuidoras da resplandecência da lua, ó dama! O homem que, tendo subsistido de dieta moderada e cumprido diversos votos excelentes, vive dependendo de si mesmo e então rejeita seu corpo por se abster de todo alimento, consegue ascender para o céu e desfrutar de toda a sua felicidade. O homem que, tendo vivido em total dependência de si mesmo, cumpre por doze anos os deveres que concernem ao Diksha, e finalmente abandona seu corpo no grande oceano, consegue chegar às regiões de Varuna depois da morte. Aquele homem que, vivendo em total dependência de si mesmo cumpre os deveres que se vinculam ao Diksha por doze anos, e perfura seus próprios pés com uma pedra afiada, ganha a bem-aventurança da região que pertence aos Guhyakas. Aquele que cultiva a si mesmo com a ajuda de si mesmo, que se livra da influência de todos os pares de opostos (tais como calor e frio, alegria e tristeza, etc.), que é livre de todo tipo de atração, e que cumpre mentalmente por doze anos tal direção de conduta em seguimento ao Diksha, alcança o Céu e desfruta de toda felicidade com as divindades como seus companheiros. Aquele que vive em total dependência de si mesmo e cumpre por doze anos os deveres ligados ao Diksha e finalmente rejeita seu corpo no fogo como uma oblação para divindades, alcança as regiões de Brahman e é considerado com grande respeito lá. Aquele homem regenerado, ó deusa, que tendo passado apropriadamente pelo Diksha mantém seus sentidos sob domínio, e colocando seu Eu no Eu se liberta do sentimento de 'meu', desejoso de obter virtude, e parte, sem uma cobertura para seu corpo, depois do cumprimento devido dos deveres de Diksha por doze anos e depois de ter colocado seu fogo sagrado em uma árvore, e anda pelo caminho que pertence aos heróis e se deita (quando vem a necessidade de deitar) na posição dos heróis, e se comporta sempre da mesma maneira dos heróis, certamente obtém o fim que está reservado para heróis. (Pois ele é um herói de virtude e penitências. O caminho dos heróis é a floresta, pois covardes não podem ir lá. Virasana, a postura dos heróis, é um tipo de posição para os Yoguins se sentarem.) Tal homem se dirige para a região eterna de Sakra onde ele vem a ser coroado com a realização de todos os seus desejos e onde ele se diverte em alegria, seu corpo enfeitado com guirlandas de flores celestes e perfumes celestes. De fato, aquela pessoa de alma justa vive alegremente no Céu, com as

divindades como seus companheiros. O herói, observador das práticas de heróis e devotado àquele Yoga o qual pertence aos heróis, vivendo na prática de Bondade, tendo renunciado a tudo, tendo passado pelo Diksha e subjugado seus sentidos, e mantendo pureza de corpo e mente, sem dúvida chega àquele caminho que está reservado para heróis. Regiões eternas de felicidade são dele. Passeando em um carro que se move à vontade do passageiro, ele vaga por todas aquelas regiões felizes como lhe apraz. De fato, morando na região de Sakra, aquela pessoa abençoada sempre passa seu tempo em alegria, livre de toda calamidade.'"

143

"Uma disse, 'Ó santo, ó tu que arrancaste os olhos de Bhaga e os dentes de Pushan, ó destruidor do sacrifício de Daksha, ó divindade de três olhos, eu tenho uma grande dúvida. Antigamente, o Nascido por Si Mesmo criou as quatro classes. Pela má consequência de qual ato um Vaisya se torna um Sudra? Por quais ações um Kshatriya se torna um Vaisya e uma pessoa regenerada (Brahmana) se torna um Kshatriya? Por quais meios tal degradação de castas pode ser impedida? Por quais ações um Brahmana toma nascimento, em sua próxima vida, na classe Sudra? Através de quais ações, ó divindade pujante, um Kshatriya também desce para a posição de Sudra? Ó impecável, ó senhor de todos os seres criados, ó ilustre, dissipe esta minha dúvida. Como, além disso, as outras três classes podem conseguir obter a posição de Brahmana naturalmente?'"

"O ilustre disse, 'A posição de um Brahmana, ó deusa, é extremamente difícil de se obter. Ó dama auspiciosa, uma pessoa se torna um Brahmana pela criação ou nascimento original. Da mesma maneira o Kshatriya, o Vaisya, e o Sudra, todos vêm a ser assim por criação original. Esta é minha opinião. Aquele, no entanto, que é nascido Brahmana decai de sua posição por causa de suas próprias más ações. Por isso, o Brahmana, depois de ter chegado à posição da primeira classe, deve sempre protegê-la (por meio de seus atos). Se alguém que é um Kshatriya ou Vaisya vive na prática daqueles deveres que são designados para o Brahmana, do mesmo modo que um Brahmana ele se torna (em sua próxima vida) um Brahmana. O Brahmana que rejeita os deveres de sua classe para seguir aqueles designados para o Kshatriya, é considerado como alguém que decaiu da posição de Brahmana e se tornou um Kshatriya. Aquele Brahmana de pouca compreensão, que, impelido por cobiça ou insensatez, segue a prática atribuída aos Vaisyas esquecido de sua posição como um Brahmana que é extremamente difícil de obter, vem a ser considerado como alguém que se tornou um Vaisya. Similarmente, alguém que é um Vaisya por nascimento pode, por seguir as práticas de um Sudra, se tornar um Sudra. De fato, um Brahmana, decaindo dos deveres de sua própria classe, pode descer para posição até de um Sudra. Tal Brahmana, decaindo da classe de seu nascimento e expulso dela, sem chegar à região de Brahman (a qual é sua meta se ele cumpre seus próprios deveres adequadamente), cai no Inferno e em seu próximo nascimento nasce como um Sudra. Um Kshatriya altamente abençoado ou um Vaisya que abandona aquelas

práticas suas que são consistentes com os deveres prescritos para sua classe, e segue as práticas prescritas para o Sudra, decai da sua própria classe e se torna uma pessoa de casta misturada. É desta maneira que um Brahmana, ou um Kshatriya, ou um Vaisya cai para a posição de um Sudra. Aquele homem que obteve clareza de visão pela prática dos deveres da sua própria classe, que é dotado de conhecimento e ciência, que é puro (em corpo e mente), que conhece todos os deveres e é dedicado à prática de todos os seus deveres, sem dúvida desfruta das recompensas da virtude. Eu agora recitarei para ti, ó deusa, um ditado proferido por Brahma (o Auto-nascido) sobre este assunto. Aqueles que são justos e desejosos de obter mérito sempre buscam com firmeza o desenvolvimento da alma. O alimento que vem de pessoas cruéis e violentas é censurável. Assim também é o alimento que foi cozido para servir um grande número de pessoas. O mesmo é dito do alimento que é cozido em vista do primeiro Sraddha de uma pessoa falecida. Assim também é a comida que está maculada pelas imperfeições usuais e a comida que é fornecida por um Sudra. Estas nunca devem ser aceitas por um Brahmana em nenhum momento. A comida de um Sudra, ó deusa, é sempre desaprovada pelas divindades de grande alma. Exatamente esta, eu penso, é a autoridade pronunciada pelo Avô com sua própria boca. Se um Brahmana, que tem instalado o fogo sagrado e que realiza sacrifícios, morre com alguma porção da comida de um Sudra permanecendo não digerida em seu estômago, ele sem dúvida toma nascimento em sua próxima vida como um Sudra. Por causa daqueles restos da comida de um Sudra em seu estômago, ele decai da posição de Brahmana. Tal Brahmana se torna investido com a posição de um Sudra. Não há dúvida nisto. Este Brahmana em sua próxima vida vem a ser investido com a posição daquela classe de cujo alimento ele subsiste através da vida ou com a porção não digerida de cujo alimento em seu estômago ele exala seu último suspiro. (O sentido é este: se um Brahmana morre com alguma porção da comida de um Sudra, um Vaisya, ou um Kshatriya em seu estômago, em sua vida seguinte ele tem que tomar nascimento como um Sudra, um Vaisya, ou um Kshatriya. Se, além disso, durante a vida ele subsiste de comida fornecida para ele por um Sudra, um Vaisya, ou um Kshatriya, ele tem que tomar nascimento em sua próxima vida como um Sudra, um Vaisya, ou um Kshatriya.) Aquele homem que, tendo obtido a auspiciosa posição de um Brahmana a qual é tão difícil de se adquirir, a desconsidera e come alimento proibido, ele decai de sua posição superior. Aquele Brahmana que bebe álcool, que se torna culpado de Brahmanicídio ou egoísta em seu comportamento, ou um ladrão, ou que quebra seus votos, ou se torna impuro, ou desatento aos seus estudos Védicos, ou pecaminoso, ou caracterizado por avareza, ou culpado de astúcia ou trapaça, ou que não cumpre votos, ou que se casa com uma mulher Sudra, ou que deriva sua subsistência por alcovitar as luxúrias de outras pessoas ou que vende a planta Soma, ou que serve uma pessoa de uma classe abaixo da sua, decai de sua posição de Brahmana. Aquele Brahmana que viola a cama de seu preceptor, ou que nutre malícia em direção a ele, ou que tem prazer em falar mal dele, decai da posição Brahmana mesmo que ele seja conhecedor de Brahman. Por estas boas ações, por outro lado, ó deusa, quando realizadas, um Sudra se torna um Brahmana, e um Vaisya se torna um Kshatriya. O Sudra deve realizar todos os deveres prescritos para ele, apropriadamente e de acordo com a

ordenança. Ele deve sempre servir, com obediência e humildade, as pessoas das três outras classes e trabalhar para elas com cuidado. Sempre aderindo ao caminho da virtude, o Sudra deve fazer tudo isso alegremente. Ele deve honrar as divindades e as pessoas das classes regeneradas. Ele deve cumprir o voto de hospitalidade para todas as pessoas. Com sentidos mantidos sob submissão e se tornando moderado em comida, ele nunca deve se aproximar de sua esposa exceto na época dela. Ele deve sempre procurar por pessoas que são santas e puras. Com respeito à comida, ele deve comer aquilo que resta depois de as necessidades de todas as pessoas estarem satisfeitas. Se, de fato, o Sudra deseja ser um Vaisya (em sua próxima vida), ele deve também se abster da carne de animais não mortos em sacrifícios. Se um Vaisya deseja ser um Brahmana (em sua próxima vida), ele deve cumprir estes mesmos deveres. Ele deve ser sincero em palavras, e livre de orgulho ou arrogância. Ele deve se erguer acima de todos os pares de opostos (tais como calor e frio, alegria e tristeza, etc.) Ele deve ser cumpridor dos deveres de paz e tranquilidade. Ele deve adorar as divindades em sacrifícios, prestar atenção com devoção ao estudo e recitação dos Vedas, e se tornar puro em corpo e mente. Ele deve manter seus sentidos sob submissão, honrar os Brahmanas, e procurar o bem-estar de todas as classes. Levando o modo de vida familiar e comendo somente duas vezes ao dia nas horas prescritas ele deve satisfazer sua fome somente com tal alimento que resta depois de estarem satisfeitas as necessidades de todos os membros de sua família com dependentes e convidados. Ele deve ser moderado em alimentação, e agir sem ser impelido pelo desejo de recompensa. Ele deve ser livre de egotismo. Ele deve adorar as divindades no Agnihotra e despejar libações segundo a ordenança. Cumprindo os deveres de hospitalidade em direção a todas as pessoas, ele deve, como já dito, comer o alimento que sobra depois de servir todos os outros para quem ele foi cozido. Ele deve, de acordo com a ordenança prescrita, adorar os três fogos. Tal Vaisya de conduta pura toma nascimento em sua vida seguinte em uma família Kshatriya nobre. (Cumprindo estes deveres indicados um Vaisya no final das contas se torna um Brahmana. Como a recompensa imediata, no entanto, do seu cumprimento destes deveres, ele se torna um grande Kshatriya. O que ele deve fazer em seguida para se tornar um Brahmana é dito nos versos seguintes.) Se um Vaisya, depois de tomado nascimento como um Kshatriya, passa pelos ritos purificatórios usuais, vem a ser investido com o fio sagrado, e se dirige ao cumprimento de votos, ele se torna, na sua próxima vida, um Brahmana honrado. De fato, depois de seu nascimento como um Kshatriya, ele deve fazer caridade, adorar as divindades em grandes sacrifícios com Dakshinas abundantes, estudar os Vedas, e desejoso de alcançar o Céu deve cultuar os três fogos. Ele deve interferir para dissipar as tristezas dos aflitos, e deve sempre proteger e cuidar justamente daqueles súditos que possuem seu domínio. Ele deve ser sincero, e fazer todas as ações que tenham verdade nelas, e procurar felicidade em conduta como esta. Ele deve conceder punições que sejam justas, sem pôr de lado a vara de castigo para sempre. Ele deve induzir os homens a fazerem atos justos. Guiado por considerações de política (na questão de governar seu povo), ele deve pegar um sexto dos produtos dos campos. (Isto pode, além disso, significar o recebimento de uma sexta parte dos méritos adquiridos por seus súditos através dos atos virtuosos que eles realizam.) Ele

nunca deve se viciar no prazer sexual, mas viver alegremente e em independência, bem familiarizado com a ciência de Riqueza ou Lucro. De alma justa, ele deve procurar sua esposa somente na época dela. Ele deve sempre fazer jejuns, manter sua alma sob controle, se dedicar ao estudo dos Vedas, e ser puro em corpo e mente. Ele deve dormir sobre folhas de grama Kusa espalhadas no seu aposento do fogo. Ele deve perseguir o conjunto de Três (isto é, Virtude, Riqueza, e Prazer), e ser sempre alegre. Para Sudras desejosos de alimento, ele deve sempre responder que isto está pronto. Ele nunca deve desejar alguma coisa por motivos de lucro ou prazer. Ele deve adorar os Pitris e deuses e convidados. Na sua própria casa ele deve viver a vida de um mendicante. Ele deve adorar devidamente as divindades em seu Agnihotra, de manhã, meio-dia, e à noite todos os dias, por derramar libações em conformidade com a ordenança. Com seu rosto virado para o inimigo, ele deve rejeitar seu ar vital na batalha lutada pelo benefício de vacas e Brahmanas. Ou ele pode entrar nos fogos triplos santificados com Mantras e abandonar seu corpo. Por seguir esta linha de conduta ele toma nascimento em sua próxima vida como um Brahmana. Dotado de conhecimento e ciência, purificado de toda escória, e totalmente conhecedor dos Vedas, um Kshatriya pio, por suas próprias ações, se torna um Brahmana. É com a ajuda destas ações, ó deusa, que uma pessoa que surgiu de uma classe degradada, isto é, um Sudra, pode vir a ser um Brahmana purificado de todas as máculas e possuidor de saber Védico. Alguém que é um Brahmana, quando ele se torna mau em conduta e não observa distinção em relação à alimento, decai da posição de Brahmana e se torna um Sudra. Até um Sudra, ó deusa, que purificou sua alma por meio de atos puros e que subjugou todos os seus sentidos, merece ser visitado e servido com reverência como um Brahmana. Isto foi dito pelo próprio Brahman Auto-nascido. Quando uma natureza virtuosa e atos pios são evidentes mesmo em um Sudra, ele deve, segundo a minha opinião, ser considerado superior a uma pessoa das três classes regeneradas. Nem nascimento, nem os ritos purificatórios, nem erudição, nem progênie podem ser considerados como motivos para outorgar para uma pessoa a posição regenerada. Na verdade, a conduta é o único motivo. Todos os Brahmanas neste mundo são Brahmanas por consequência da conduta. Um Sudra, se ele está estabelecido na boa conduta, é considerado como possuidor da posição de um Brahmana. A posição de Brahma, ó dama auspiciosa, é igual aonde quer que ela exista. Esta é minha opinião. De fato, é um Brahmana aquele em quem a posição de Brahma existe, aquela condição que é desprovida de atributos e que não tem máculas vinculadas a ela. Brahma concessor de bênçãos, quando ele criou todas as criaturas, ele mesmo disse que a distribuição dos seres humanos nas quatro classes dependente de nascimento é somente para propósitos de classificação. O Brahmana é um grande campo neste mundo, um campo equipado com pés pois ele se move de lugar em lugar. Aquele que planta sementes naquele campo, ó dama bela, ceifa a colheita no mundo seguinte. Aquele Brahmana que deseja realizar seu próprio bem deve sempre viver dos restos da comida que possa haver em sua casa depois de satisfazer as necessidades de todos os outros. Ele deve sempre aderir ao caminho da virtude. De fato, ele deve andar pelo caminho que pertence a Brahma. Ele deve viver dedicado ao estudo dos Samhitas e permanecendo em casa ele deve cumprir todos os deveres de um chefe de família. Ele deve ser sempre

devotado ao estudo dos Vedas, mas ele nunca deve derivar os meios de subsistência de tal estudo. Aquele Brahmana que sempre se comporta dessa maneira, aderindo ao caminho da virtude, cultuando seu fogo sagrado, e dedicado ao estudo dos Vedas, vem a ser considerado como Brahma. A posição de Brahmana uma vez obtida, ela deve sempre ser protegida com cuidado, ó tu de doces sorrisos, por evitar a mácula do contato com pessoas nascidas em classes inferiores, e por se abster da aceitação de doações. Eu assim te disse um mistério, isto é, a maneira pela qual um Sudra pode ser tornar um Brahmana, ou aquela pela qual um Brahmana decai da sua própria posição pura e se torna um Sudra.'"

144

"Uma disse, 'Ó santo, ó Senhor de todos os seres, ó tu que és adorado pelas divindades e Asuras igualmente, diga-me quais são os deveres e negligências dos homens. De fato, ó pujante, esclareça minhas dúvidas. É por estes três, isto é, pensamento, palavra, e ação, que os homens se tornam limitados por vínculos. É por estes mesmos três que eles se tornam livres daqueles vínculos. Por seguir qual conduta, ó deus, de fato, por qual tipo de ações, por qual comportamento e atributos e palavras, os homens conseguem ascender para o céu?'"

"O deus dos deuses disse, 'Ó deusa, tu estás bem familiarizada com a verdadeira importância dos deveres. Tu és sempre dedicada à virtude e autodomínio. A pergunta que tu me fizeste é repleta de benefício para todas as criaturas. Ela aumenta a inteligência de todas as pessoas. Portanto, ouça a resposta. Aquelas pessoas que são devotadas à religião da Verdade, que são justas e desprovidas das indicações dos vários modos de vida, e que desfrutam de riqueza obtida por meios justos, conseguem ascender para o céu. Aqueles homens que estão livres de todas as dúvidas, que são possuidores de onisciência, e que têm olhos para ver todas as coisas, nunca são acorrentados por virtude ou pecado. Aqueles homens que estão livres de todos os apegos nunca podem ser atados pelas correntes da ação. Aqueles que nunca ferem outros em pensamentos, palavras, ou ações, e que nunca se apegam a alguma coisa, nunca podem ser encadeados pelas ações. Aqueles que se abstêm de tirar as vidas de qualquer criatura, que são pios em conduta, que têm compaixão, que consideram amigos e inimigos da mesma maneira e que são autocontrolados, nunca podem ser atados pelas ações. Aqueles homens que são dotados de compaixão por todos os seres, que conseguem inspirar a confiança de todas as criaturas vivas, e que rejeitaram a malícia em seu comportamento conseguem ascender para o céu. Aqueles homens que não têm desejo de se apropriar do que pertence a outros, que se mantêm afastados das esposas de outros, e que desfrutam somente da riqueza que foi obtida por meios justos, conseguem ascender para o céu. Aqueles homens que se comportam em direção às esposas de outros homens como em direção às suas próprias mães e irmãs e filhas conseguem alcançar o céu. Aqueles homens que se abstêm de se apropriar do que pertence a outros, que estão totalmente contentes com o que eles possuem, e que vivem dependendo do

seu próprio destino, conseguem ascender para o céu. Aqueles homens que, em sua conduta, sempre fecham seus olhos contra a associação com esposas de outros homens, que são mestres de seus sentidos, e que são dedicados à conduta virtuosa, conseguem ascender para o céu. Este mesmo é o caminho, criado pelos deuses, que os justos devem seguir. Este é o caminho, livre de paixão e aversão, prescrito para o justo seguir. Aqueles homens que são devotados às suas próprias esposas e que as procuram somente em suas épocas e que se desviam da indulgência em prazer sexual, conseguem ascender para o Céu. Conduta marcada por caridade e penitências, e caracterizada pela justiça de ações e pureza de corpo e coração, deve ser seguida por aqueles que são sábios para aumentar seu mérito ou para ganhar seus meios de subsistência. Aqueles que desejam ascender para o Céu devem seguir neste caminho e não em algum outro.'"

"Uma disse, 'Diga-me, ó divindade ilustre, ó senhor impecável de todas as criaturas, quais são aquelas palavras pelas quais alguém vem a ser acorrentado e quais são aquelas palavras por proferir as quais uma pessoa pode ser libertada de seus grilhões.'"

"Maheswara disse, 'Aqueles homens que nunca dizem mentiras nem para si mesmos nem para outros, ou em brincadeira ou para provocar riso, conseguem ascender para o Céu. Aqueles que nunca dizem mentiras para ganhar sua subsistência ou para ganhar mérito ou por mero capricho, conseguem ascender para o Céu. Aqueles que proferem palavras que são polidas e gentis e impecáveis, e que saúdam a todos a quem eles encontram com sinceridade, conseguem ascender para o Céu. Aqueles que nunca proferem palavras que são duras e amargas e cruéis, e que são livres de falsidade e mal de todo tipo, conseguem ascender para o Céu. Aqueles homens que nunca proferem palavras que são repletas de truques ou que causam rompimento de compreensão entre amigos, e que sempre falam o que é verdadeiro e que promove bons sentimentos, conseguem ascender para o Céu. Aqueles homens que evitam palavras ríspidas e que se abstêm de discussões com outros, que são imparciais em seu comportamento para com todas as criaturas, e que têm subjugado suas almas, conseguem ascender para o Céu. Aqueles que se abstêm de palavras más ou conversas pecaminosas, que evitam palavras que são desagradáveis, e que proferem somente palavras que são auspiciosas e agradáveis, conseguem ascender para o Céu. Aqueles que nunca proferem, sob raiva, palavras que partem os corações de outras pessoas, e que, mesmo quando sob a influência da ira falam palavras que são pacíficas e agradáveis, conseguem ascender para o Céu. A religião, ó deusa, referente às palavras, deve sempre ser seguida pelos homens. Ela é auspiciosa e caracterizada pela verdade. Aqueles que são possuidores de sabedoria devem sempre evitar a mentira.'"

"Uma disse, 'Diga-me, ó deus dos deuses, ó manejador do Pinaka, ó tu que és altamente abençoado, quais são aquelas ações mentais ou pensamentos pelos quais uma pessoa pode ser encadeada.'"

"Maheswara disse, 'Dotada do mérito que provém de atos mentais, ó deusa, uma pessoa ascende para o Céu. Ouça-me, ó auspiciosa, enquanto eu te digo quais são aqueles atos. Ouça-me, ó tu de rosto meigo, como também uma mente de traços mal regulados se torna aguilhoada por pensamentos mal regulados ou maus. Aqueles homens que não procuram nem mentalmente tirar o que pertence a outros mesmo quando eles o vêem em uma floresta solitária, conseguem ascender para o Céu. Aqueles homens que cuidam para não se apropriarem do que pertence a outros mesmo quando eles o vêem em uma casa ou uma aldeia que foi abandonada, ascendem para o Céu. Aqueles homens que não procuram, nem mentalmente, se associar com as esposas de outros nem quando eles as vêem em lugares solitários e sob a influência do desejo, conseguem ascender para o Céu. Aqueles homens que, encontrando com amigos ou inimigos, se comportam da mesma maneira amigável para com todos, conseguem ascender para o Céu. Aqueles homens que são possuidores de erudição e compaixão, que são puros em corpo e mente, que são firmes em sua aderência à verdade, e que estão satisfeitos com o que pertence a eles, conseguem ascender para o Céu. Aqueles homens que não têm animosidade por alguma criatura, que não têm necessidade de trabalho para sua subsistência, que têm corações afetuosos para com todos os seres, e que nutrem compaixão por todos, conseguem ascender para o Céu. Aqueles homens que são dotados de fé, que têm compaixão, que são santos, que procuram a companhia de homens santos, e que estão familiarizados com as distinções entre certo e errado, conseguem ascender para o Céu. Aqueles homens, ó deusa, que sabem quais são as consequências de ações boas e más, conseguem ascender para o Céu. Aqueles homens que são justos em todas as suas transações, que são dotados de todas as habilidades desejáveis, que são devotados às divindades e aos Brahmanas, e que são dotados de perseverança na prática de boas ações, conseguem ascender para o Céu. Todo estes homens, ó deusa, conseguem ascender para o Céu pelas consequências meritórias dos seus atos. O que mais tu desejas ouvir?'"

"Uma disse, 'Eu tenho uma grande dúvida, ó Maheswara, sobre um assunto ligado com seres humanos. Cabe a ti esclarecê-la cuidadosamente. Por quais ações um homem consegue, ó divindade pujante, obter uma vida longa? Por quais penitências também alguém consegue uma vida longa? Por quais ações uma pessoa vem a ter vida curta sobre a terra? Ó tu que és perfeitamente imaculado, cabe a ti me dizer quais são as consequências das ações (na questão de conceder uma vida longa ou curta para o fazedor). Alguns são vistos serem possuidores de muito boa sorte e alguns oprimidos pelo infortúnio. Alguns são de nascimento nobre enquanto outros de nascimento ignóbil. Alguns têm aspectos tão repulsivos como se eles fossem feitos de madeira, enquanto outros têm feições muito agradáveis mesmo à primeira vista. Alguns parecem ser desprovidos de sabedoria enquanto outros são possuidores dela. Alguns, além disso, são vistos dotados de inteligência e sabedoria superiores, esclarecidos por conhecimento e ciência. Alguns têm que suportar pouco sofrimento, enquanto há outros que são oprimidos por calamidades pesadas. Estas diversas visões são vistas com relação aos homens. Cabe a ti, ó ilustre, me dizer a razão de tudo isso.'"

"O deus dos deuses disse, 'Na verdade, ó deusa, eu irei te falar sobre a manifestação dos resultados das ações. É pelas regras daquela manifestação que todos os seres humanos neste mundo desfrutam ou suportam as consequências de suas ações. Aquele homem que assume um aspecto feroz para o propósito de tirar as vidas de outras criaturas, que se arma com bastões fortes para ferir outras criaturas, que é visto com armas erguidas, que mata criaturas vivas, que é desprovido de compaixão, que sempre causa agitação para os seres vivos, que se recusa a conceder proteção mesmo para vermes e formigas, que é dotado de crueldade, alguém que é de tal maneira, ó deusa, vai para o Inferno. Alguém que é dotado de uma disposição oposta e que é justo em ações nasce como um homem bonito. O homem que é dotado de crueldade vai para Inferno, enquanto aquele que é dotado de compaixão ascende para o Céu. O homem que vai para o Inferno tem que suportar miséria excruciante. Alguém que, tendo afundado no Inferno se eleva de lá, toma nascimento como um homem dotado de vida curta. Aquele homem que é viciado na matança e injúria, ó deusa, fica, pelos seus atos pecaminosos, sujeito à destruição. Tal pessoa se torna desagradável para todas as criaturas e dotada de uma vida curta. Aquele homem que pertence àquela que é chamada de classe Branca, que se abstém da matança de criaturas vivas, que jogou fora todas as armas, que nunca inflige algum castigo em alguém, que nunca fere alguma criatura, que nunca faz alguém matar criaturas para ele, que nunca mata ou golpeia nem mesmo quando golpeado ou quando tentam matá-lo, que nunca sanciona ou aprova uma ação de matança, que é dotado de compaixão por todas as criaturas, que se comporta com outros como em direção a si mesmo, tal homem superior, ó deusa, consegue alcançar a posição de uma divindade. Cheio de alegria, tal homem desfruta de diversos tipos de artigos luxuosos. Se tal pessoa alguma vez toma nascimento no mundo dos homens, ela vem a ser dotada de longevidade e desfruta de grande felicidade. Este mesmo é o caminho daqueles que são de conduta justa e atos justos e que são abençoados com longevidade, o caminho que foi indicado pelo próprio Brahman Auto-nascido e que é caracterizado pela abstenção de matança de criaturas vivas.'"

145

"Uma disse, 'Por qual disposição, qual conduta, quais ações, e quais doações um homem consegue chegar ao Céu?'"

"Maheswara disse, 'Aquele que é dotado de uma disposição generosa, que honra Brahmanas e os trata com hospitalidade, que faz doações de alimento e bebida e vestes e outros artigos de prazer para os indigentes, os cegos, e os afligidos, que faz doações de casas, que constrói salões (para uso do público), cava poços, constrói abrigos de onde água pura e fresca é distribuída (durante os meses quentes para viajantes sedentos), escava tanques, faz arranjos para a livre distribuição de doações todos os dias, dá para todos os que procuram o que cada um solicita, que faz doações de assentos e cama e transportes, riqueza, jóias e pedras preciosas, casas, todos os tipos de cereais, vacas, campos, e mulheres, realmente, aquele que sempre faz estas doações com um coração alegre, vem a

ser um habitante, ó deusa, do Céu. Ele reside lá por um longo período, desfrutando de diversos tipos de artigos superiores. Passando seu tempo alegremente na companhia das Apsaras, ele se diverte nos bosques de Nandana e outras regiões encantadoras. Depois do esgotamento de seus méritos ele cai do Céu e toma nascimento na ordem da humanidade, em uma família, ó deusa, que é possuidora de riqueza em abundância e que tem um grande domínio de todos os artigos de prazer. Naquela vida ele vem a ser dotado de todos os artigos para satisfazer seus desejos e apetites. De fato, abençoado com a posse de tais artigos, ele vem a ser dotado de riqueza e uma tesouraria bem cheia. O próprio Brahman Auto-nascido declarou nos tempos passados que são mesmo semelhantes pessoas, ó deusa, que se tornam muito abençoadas e possuidoras de disposições generosas e feições agradáveis. Há outros, ó deusa, que são incapazes de fazer doações. Dotados de pouca compreensão, eles não podem fazer doações nem quando solicitados por Brahmanas e possuidores de riqueza abundante. Vendo os indigentes, os cegos, os aflitos, e mendicantes, e até convidados chegados às suas residências, aquelas pessoas, sempre cheias com o desejo de satisfazer o órgão do paladar, os mandam embora, mesmo quando expressamente solicitados por eles. Eles nunca fazem doações de riqueza ou mantos, ou mantimentos, ou ouro, ou vacas, ou qualquer tipo de alimento. Aqueles homens que são pouco dispostos a aliviar a angústia de outros, que são cheios de cobiça, que não têm fé nas escrituras, e que nunca fazem caridade, na verdade, estes homens de pouca compreensão, ó deusa, têm que ir para o Inferno. No decorrer do tempo, quando seus sofrimentos no Inferno acabam, eles tomam nascimento na ordem da humanidade, em famílias que são totalmente desprovidas de riqueza. Sempre sofrendo de fome e sede, excluídos de toda sociedade decente, sem esperança de alguma vez desfrutar de coisas boas, eles levam vidas de grande miséria. Nascidos em famílias que são desprovidas de todos os artigos de prazer, estes homens nunca conseguem desfrutar das coisas boas do mundo. De fato, ó deusa, é por causa de seus atos que as pessoas se tornam desventuradas e pobres. Há outros que são cheios de arrogância e orgulho causados pela posse de riquezas. Aqueles patifes insensatos nunca oferecem assentos para aqueles que merecem tal oferta. Dotados de pouca compreensão eles não dão caminho para aqueles que merecem tal honra. (Na Índia um inferior deve sempre permanecer de lado para deixar seu superior passar. O Kshatriya de dar caminho para o Brahmana, o Vaisya para o Kshatriya, e o Sudra para o Vaisya.) Nem eles dão água para lavar os pés para as pessoas para quem ela deve ser dada. De fato, eles não honram, de acordo com a ordenança, com presentes do Arghya, as pessoas que merecem ser honradas com eles. Eles não oferecem água para lavar a boca para aqueles que merecem ter tal honra. Eles não tratam seus próprios preceptores, quando os últimos chegam a suas casas, da maneira na qual preceptores devem ser tratados. Vivendo em cupidez e arrogância, eles se recusam a tratar seus superiores e homens idosos com amor e afeição, sempre insultando aqueles que merecem ser respeitados e afirmando sua superioridade sobre eles sem demonstrarem reverência e humildade. Tais homens, ó deusa, vão para o Inferno. Quando seus sofrimentos acabam depois de uma longa passagem de anos, eles se elevam do Inferno, e tomam nascimento na ordem da humanidade em famílias inferiores e

pobres. De fato, aqueles que humilham seus preceptores e superiores têm que nascer em castas tais como aquelas de Swapakas e Pukkasas que são extremamente vis e desprovidas de inteligência. Aquele que não é arrogante ou cheio de orgulho, que é um devoto das divindades e Brahmanas, que desfruta do respeito do mundo, que se curva para todos aqueles que merecem sua reverência, que profere palavras polidas e amáveis, que beneficia pessoas de todas as classes, que está sempre dedicado ao bem de todos os seres, que não sente aversão por ninguém, que fala gentilmente, que pronuncia palavras agradáveis e ponderadas, que dá caminho a alguém que merece ter caminho, que adora seus preceptores da maneira na qual os preceptores merecem ser adorados, que saúda todas as criaturas com cortesia apropriada, que não tem animosidade em direção a alguma criatura, que vive cultuando seus superiores e convidados com honras como eles merecem, que está sempre inclinado a receber tantos convidados quanto possível, e que adora todos os que honram sua casa com sua presença, consegue, ó deusa, ascender para o Céu. Após o esgotamento de seu mérito, ele toma nascimento na ordem da humanidade em uma família nobre e respeitável. Naquela vida ele vem a ser possuidor de todos os artigos de prazer em abundância e jóias e pedras preciosas e todo tipo de riqueza em profusão. Ele dá para pessoas merecedoras o que elas merecem. Ele se torna dedicado ao cumprimento de todos os deveres e todos os atos de virtude. Honrado por todas as criaturas e recebendo sua reverência, ele obtém os frutos de suas próprias ações. Assim tal pessoa obtém uma linhagem e nascimento nobres neste mundo. Isto que eu narrei para ti foi dito pelo próprio Ordenador (Brahman) nos tempos passados. Aquele homem que é violento em conduta, que inspira terror em todas as criaturas, que fere outros seres com mãos ou pés ou cordas ou paus, ou tijolos ou torrões de argila dura, ou outros meios de ferir e atormentar, ó dama bela, que pratica diversos tipos de truques para matar criaturas vivas ou atormentá-las, que persegue animais no ato de caçar e os faz tremer de medo, realmente, aquele homem que se comporta dessa maneira sem dúvida vai para o Inferno. Se no decorrer do tempo ele toma nascimento na ordem da humanidade, ele é obrigado a nascer em uma linhagem ou família inferior e vil que é afligida por obstáculos de todo tipo por todos os lados. Ele se torna um objeto de aversão para todo o mundo. Infame entre os homens, ele se torna assim pela consequência de suas próprias ações. Outro, que é possuidor de compaixão, lança seu olhar em todas as criaturas. Dotado de uma visão amigável, se comportando em direção a todas as criaturas como se ele fosse seu pai, privado de todo sentimento hostil, com todas as suas emoções sob controle completo, ele nunca atormenta alguma criatura e nunca as inspira com medo por meio de suas mãos ou pés que estão sempre sob seu controle. Ele inspira a confiança de todos os seres. Ele nunca aflige alguma criatura com cordas ou paus ou tijolos ou torrões de terra dura ou armas de qualquer tipo. Seus atos nunca são violentos ou cruéis, e ele é cheio de bondade. Alguém que é dotado de tais práticas e conduta indubitavelmente ascende para o Céu. Lá ele vive como um deus em uma mansão celestial cheia de toda comodidade. Se, após o esgotamento de seu mérito, ele tem que tomar nascimento na ordem da humanidade, ele nasce como um homem que tem não que lutar com dificuldades de qualquer tipo ou enfrentar algum temor. De fato, ele desfruta de grande felicidade. Possuidor de boa sorte, sem a

obrigação de passar por trabalho penoso para sua subsistência, ele vive livre de todo tipo de ansiedade. Este mesmo, ó deusa, é o caminho dos virtuosos. Nele não há obstáculos ou aflições.'"

"Uma disse, 'No mundo alguns homens são vistos bem versados em inferências e nas premissas que levam a elas. De fato, eles são possuidores de ciência e conhecimento, têm grande progênie, e são dotados com erudição e sabedoria. Outros, ó deus, são desprovidos de sabedoria, ciência, e conhecimento, e são caracterizados pela tolice. Por quais ações específicas uma pessoa se torna possuidora de sabedoria? Por quais ações, além disso, alguém vem a possuir pouca sabedoria e visão distorcida? Dissipe esta minha dúvida, ó tu que és o principal de todos os seres conhecedores dos deveres. Há outros, ó deus, que são cegos desde o momento de seu nascimento. Há outros que são doentes e afligidos e impotentes. Ó deus, diga-me a razão disto.'"

"Maheswara disse, 'Aqueles homens que sempre perguntam acerca do que é para seu benefício e do que é para seu detrimento, Brahmanas versados nos Vedas, coroados com sucesso, e familiarizados com todos os deveres, que evitam todos os tipos de más ações e realizam somente atos que são bons, conseguem ascender para o Céu depois de partirem deste mundo e desfrutam de grande felicidade enquanto eles vivem aqui. De fato, após o esgotamento de seus méritos quando eles tomam nascimento na ordem da humanidade, eles nascem como homens possuidores de grande inteligência. Todo tipo de felicidade e auspiciosidade vêm a ser deles por causa daquela inteligência com a qual eles são nascidos. Aqueles homens de compreensões superficiais que lançam olhares pecaminosos para as esposas de outros homens são amaldiçoados com cegueira congênita por causa daquela pecaminosidade deles. Aqueles homens que, impelidos pelo desejo em seus corações, lançam seus olhos em mulheres nuas, aqueles homens de atos perversos tomam nascimento neste mundo para passarem suas vidas inteiras em uma doença contínua. Aqueles homens de ações insensatas e pecaminosas que se entregam a relações sexuais com mulheres de classes diferentes da sua própria, aqueles homens de pouca sabedoria, têm que tomar nascimento em suas próximas vidas como pessoas desprovidas de virilidade. Aqueles homens que fazem animais serem mortos, e aqueles que violam as camas de seus preceptores, e aqueles que se satisfazem promiscuamente em atos sexuais, têm que tomar nascimento em suas vidas seguintes como pessoas desprovidas do poder viril.'"

"Uma disse, 'Quais ações, ó principal das divindades, são erradas, e quais ações são impecáveis? Quais, de fato, são aquelas ações por fazer as quais um homem consegue obter o que é para o seu maior bem?'"

"Maheswara disse, 'Aquele homem que deseja averiguar o que é virtude, e que deseja adquirir virtudes e habilidades proeminentes, e que sempre faz perguntas para os Brahmanas com um propósito de descobrir o caminho que leva para o seu maior bem, consegue ascender para o Céu. Se (depois do esgotamento de seu mérito) ele toma nascimento na ordem da humanidade, ele se torna dotado de inteligência e memória e grande sabedoria. Esta, ó deusa, é a linha de conduta

que os justos devem seguir e que está repleta de grande benefício. Eu te falei disto para o bem dos seres humanos.'"

"Uma disse, 'Há homens que odeiam a virtude e que possuem pouca compreensão. Eles nunca desejam se aproximar de Brahmanas conhecedores dos Vedas. Há outros que são cumpridores de votos e que são dedicados ao dever de realizar Sraddhas. Outros, além disso, são desprovidos de todos os votos. Eles não têm consideração pela observância e são como Rakshasas em conduta. Há alguns que são dedicados à realização de sacrifícios e alguns que negligenciam o Homa. Pelas consequências de quais ações os homens vêm a ser possuidores destas naturezas diferentes?'"

"Maheswara disse, 'Pelos Vedas foram determinados os limites de todas as ações dos seres humanos. Aqueles homens que se comportam de acordo com a autoridade dos Vedas são vistos (em suas próximas vidas) se tornarem dedicados à observância de votos. Aqueles homens, no entanto, que tendo ficado sujeitos ao domínio da insensatez aceitam a injustiça como seu oposto, se tornam desprovidos de votos, transgridem todas as restrições, e vêm a ser considerados como Brahmarakshasas. De fato, são estes homens que se tornam negligentes do Homa, que nunca proferem o Vashat e outros Mantras sagrados, e vêm a ser considerados como os mais inferiores e mais vis dos homens. Assim, ó deusa, eu expliquei para ti o oceano inteiro de deveres a respeito dos seres humanos para remover tuas dúvidas, não omitindo os pecados dos quais eles se tornam culpados.'"

146

"Narada disse, 'Tendo dito estas palavras, o próprio Mahadeva pujante ficou desejoso de ouvir (em vez de falar), e com esta intenção questionou sua querida esposa que estava sentada ao seu lado e que estava totalmente disposta a agir de acordo com o desejo dele.'"

"Mahadeva disse, 'Tu, ó deusa, conheces o que é Supremo e o que não é; (isto é, Alma, incluindo a Alma Suprema, e Não-alma). Tu estás familiarizada com todos os deveres, ó tu que gostas de residir nos retiros de ascetas. Tu és dotada de todas as virtudes, possuidora de sobrancelhas belas e cabelo terminando nos cachos mais formosos, ó filha de Himavat, o rei das montanhas! Tu és hábil em todos os trabalhos. Tu és dotada de autodomínio e tu olhas imparcialmente para todas as criaturas. Despojada do sentimento de 'meu', tu és dedicada à prática de todos os deveres. Ó tu de feições belas, eu desejo te perguntar sobre uma coisa. Eu desejo que, questionada por mim, tu me fales sobre aquele tópico. Savitri é a esposa casta de Brahma. A casta Sachi é a esposa de Indra. Dhumrorna é a esposa de Markandeya, e Riddhi do (rei) Vaisravana. Varuna tem Gauri como sua esposa, e Surya tem Suvarchala. (Gauri é outro nome para Terra.) Rohini é a esposa casta de Sasin, e Swaha de Vibhavasu. Kasyapa tem Aditi. Todas estas consideram seus maridos como seus deuses. Tu, ó deusa, conversaste e te associaste com todas elas todos os dias. É por esta razão, ó tu que conheces

todos os deveres, que eu desejo te perguntar acerca dos deveres das mulheres, ó tu cujas palavras são sempre compatíveis com a retidão. Eu desejo te ouvir discursar sobre este assunto desde o início. Tu praticas todos os deveres de virtude comigo. Teu comportamento é exatamente como o meu, e os votos que tu praticas são os mesmos que são praticados por mim. Tua força e energia são iguais às minhas, e tu tens passado pelas penitências mais austeras. O assunto, quando discursado por ti, se tornará dotado de grande mérito. De fato, aquele discurso então se tornará autoritário no mundo. Mulheres, em especial, são o maior refúgio das mulheres. Ó tu de quadris belos, entre os seres humanos aquela direção de conduta que tu irás declarar será seguida de geração em geração. Metade do meu corpo é composta de metade do teu corpo. Tu estás sempre empenhada em fazer o trabalho das divindades, e és tu que és a causa do povoamento da terra. Ó dama auspiciosa, todos os deveres eternos das mulheres são bem conhecidos por ti. Portanto, diga-me em detalhes quais são os deveres do teu sexo.'"

"Uma disse, 'Ó santo, ó senhor de todas as coisas criadas, ó fonte de tudo o que é passado, presente, e futuro, é pela tua graça que as palavras que eu estou proferindo estão surgindo em minha mente. Todos estes Rios (que são do meu sexo), ó deus dos deuses, dotados das águas de todos os Tirthas, estão se aproximando da tua presença para te permitir realizar tuas abluções neles. (Os Nadies ou Rios são femininos. Naturalmente, entre os Rios há alguns que são masculinos, notavelmente, o Sindhu ou Indus. Tirthas são lugares com águas sagradas.) Depois de consultá-los eu irei falar sobre o tópico indicado, na devida ordem. Aquela pessoa que, embora competente, ainda está livre de egotismo, é corretamente chamada de Purusha. (Alguém que está livre de vaidade ou arrogância merece ser chamado de Purusha. A ausência de vaidade é implicada por pedir a ajuda de outros mesmo quando a própria pessoa é competente. Mulheres seguem mulheres, tal sendo sua natureza. Isto é um cumprimento que Parvati presta a Siva por ele questioná-la quando ele mesmo é bem familiarizado com o tópico sobre o qual ela foi pedida para discursar.) Com relação à mulher, ó senhor de todos os seres, ela segue pessoas do seu sexo. Por consultar estes principais dos Rios, elas serão honradas por mim. A sagrada Saraswati é o mais importante de todos os rios. Ela segue para o oceano e é realmente a primeira de todas as correntes. Vipasa também aqui, e Vitasta, e Chandrabhaga, e Iravati, e Satadru, e o rio Devika, e Kausiki, e Gomati, e este Rio celeste que tem nela todos os Tirthas sagrados, isto é, a deusa Ganga, que tendo sua origem no Céu desceu sobre a Terra e é considerada como a principal de todas as correntes.' Tendo dito isso, a esposa daquele deus dos deuses, aquela principal de todas as pessoas justas, dirigiu-se sorridente a todos aqueles Rios do seu sexo. De fato, a esposa do grande deus, dedicada ao cumprimento de todos os deveres, questionou aqueles indivíduos do seu sexo acerca dos deveres das mulheres. Na verdade, aqueles mais importantes dos rios tendo Ganga como seu principal são todos conhecedores dos deveres das mulheres.'"

"Uma disse, 'O deus ilustre me fez uma pergunta relativa aos deveres das mulheres. Eu desejo responder para Sankara depois de ter consultado com vocês.

Eu não vejo algum ramo de conhecimento sobre a Terra ou no Céu que seja capaz de ser dominado por algum indivíduo sem ajuda. Ó rios que correm em direção ao oceano, é por isso que eu busco suas opiniões!' Foi dessa maneira que aqueles principais dos Rios, todos os quais eram auspiciosos e altamente sagrados, foram questionados pela esposa de Siva. Então o Rio celeste Ganga, que adorou a filha do príncipe das montanhas em retribuição, foi escolhida para responder a pergunta. Na verdade, ela de sorrisos doces é considerada como cheia de diversos tipos de conhecimento e bem familiarizada com os deveres das mulheres. A deusa sagrada, capaz de dissipar todo o medo do pecado, possuidora de humildade por causa de sua inteligência, conhecedora de todos os deveres, e enriquecida com uma inteligência extremamente abrangente, sorrindo docemente, proferiu estas palavras, 'Ó deusa, tu estás sempre dedicada à execução adequada de todos os deveres. Tu me favoreceste muito por me questionares dessa maneira! Ó impecável, tu és honrada pelo universo inteiro, ainda assim tu perguntas a mim que sou apenas um rio. Aquela pessoa que, embora ela mesma competente (para falar sobre um assunto) ainda indaga outra, ou que presta uma homenagem educada para outra, certamente merece, eu penso, ser considerada como de alma justa. Na verdade, tal pessoa merece ser chamada de erudita e sábia. Nunca cai em ignomínia aquela pessoa que questiona tais oradores que são dotados de conhecimento e ciência e que são bons conhecedores de premissas e inferências. Um homem orgulhoso, mesmo quando enriquecido com inteligência, por falar no meio de uma assembléia de outra maneira (isto é, por confiar somente em seus próprios poderes e sem referência ou consulta com outros), se descobre proferindo somente palavras de significado fraco. Tu és possuidora de discernimento espiritual. Tu és a principal de todos os habitantes no Céu. Tu tiveste teu surgimento acompanhada por diversos tipos de mérito excelente. Tu, ó deusa, és totalmente competente para falar sobre os deveres das mulheres!' Dessa maneira, a deusa Uma foi adorada por Ganga e honrada com a atribuição de muitos méritos superiores. A bela deusa, assim elogiada, então começou a discursar sobre todos os deveres das mulheres integralmente.'"

"Uma disse, 'Eu irei, de acordo com a ordenança, falar sobre o assunto dos deveres das mulheres tanto quanto eles são conhecidos por mim. Vocês todos escutem com atenção concentrada! Os deveres das mulheres surgiram como criados no início por parentes nos ritos de casamento. De fato, uma mulher se torna, na presença do fogo nupcial, a associada de seu marido no desempenho de todas as ações virtuosas. (De acordo com as escrituras Hindu o casamento não é um contrato. Ele é a união de dois indivíduos de sexos opostos em uma pessoa para a melhor realização de todos os atos de piedade.) Possuidora de uma boa disposição, dotada de palavras agradáveis, conduta agradável, e aspecto agradável, e sempre olhando para o rosto de seu marido e derivando tanta alegria disto como ela faz de olhar para o rosto de seu filho, aquela mulher casta que regula seus atos por cumprir as restrições prescritas, vem a ser considerada como realmente virtuosa em sua conduta. Escutando (com reverência) aos deveres da vida de casada (como expostos nas escrituras), e realizando todos aqueles deveres auspiciosos, aquela mulher que considera a virtude como o principal de todos os objetivos de busca, que cumpre os mesmos votos como aqueles que são

cumpridos por seu marido, que, adornada com castidade, considera seu cônjuge como um deus, que o atende e o serve como se ele fosse um deus, que entrega sua própria vontade completamente àquela de seu marido, que é alegre, que pratica votos excelentes, que é dotada de boas feições, e cujo coração está completamente devotado a seu marido tanto que ela nunca pensa em algum outro homem, é considerada como realmente virtuosa em conduta. Aquela mulher que, até quando endereçada severamente e olhada com olhos zangados por seu marido, apresenta um aspecto alegre para ele, é citada como sendo realmente dedicada a seu marido. Aquela que não lança seus olhos para a Lua ou o Sol ou uma árvore que tenha um nome masculino, que é adorada por seu marido e que é possuidora de feições belas, é considerada como realmente virtuosa. Aquela mulher que trata seu marido com a afeição que ela demonstra por seu filho, até quando acontece de ele (o marido) ser pobre ou doente ou fraco ou desgastado com o trabalho de viajar, é considerada como realmente virtuosa em sua conduta. Aquela mulher que é dotada de autocontrole, que tem dado à luz filhos, que serve seu marido com dedicação, e cujo coração inteiro está devotado a ele, é considerada como realmente virtuosa em sua conduta. Aquela mulher que cuida e serve seu marido com um coração alegre, que é sempre alegre de coração, e que é possuidora de humildade, é considerada como realmente virtuosa em sua conduta. Aquela mulher que sempre sustenta seus parentes por lhes dar alimento, e cuja satisfação em satisfazer seus desejos ou por artigos de prazer, ou pela riqueza que ela possui, ou pela felicidade com a qual ela está circundada, não alcança sua satisfação por seu marido, é considerada como realmente virtuosa em sua conduta. Aquela mulher que sempre tem prazer em levantar de manhã cedo, que é dedicada ao cumprimento de todos os deveres domésticos, que sempre mantém sua casa limpa, que esfrega sua casa diariamente com esterco de vaca, que sempre cuida do fogo doméstico (por derramar libações sobre ele), que nunca negligencia fazer oferendas de flores e outros artigos para as divindades, que com seu marido gratifica as divindades e convidados e todos os empregados e dependentes da família com aquela parte de alimento que é deles pelas ordenanças, e que sempre pega, de acordo com a ordenança, para ela mesma aquele alimento que resta na casa depois que foram satisfeitas as necessidades dos deuses e convidados e empregados, e que gratifica todas as pessoas que entram em contato com sua família e as alimenta até sua satisfação, consegue adquirir grande mérito. Aquela mulher que é dotada de habilidades, que gratifica os pés de seu sogro e sogra, e que é sempre dedicada a seu pai e mãe, é considerada como possuidora de riqueza ascética. Aquela mulher que sustenta com comida os Brahmanas que são fracos e incapazes, que são afligidos ou cegos ou indigentes, vem a ser considerada como tendo direito a compartilhar o mérito de seu marido. Aquela mulher que sempre cumpre, com um coração alegre, votos que são difíceis de serem cumpridos, cujo coração está devotado a seu marido, e que sempre procura o bem de seu marido, é considerada como tendo direito a compartilhar os méritos de seu marido. Devoção pelo marido é o mérito da mulher; isto é sua penitência; isto é seu Céu eterno. Mérito, penitências, e Céu se tornam daquela que considera seu marido como seu tudo em tudo, e que, dotada de castidade, procura se dedicar a seu marido em todas as coisas. O marido é o deus os quais as mulheres têm. O marido é seu amigo, ó marido é seu

maior amparo. Mulheres não têm refúgio que possa se comparar com seus maridos, e nenhum deus que possa se comparar com ele. A graça do marido e o Céu são iguais na avaliação de uma mulher; ou, se desiguais, a desigualdade é muito insignificante. Ó Maheswara, eu não desejo o próprio Céu se tu não estás satisfeito comigo. Se o marido que é pobre, ou doente ou afligido ou caído entre inimigos, ou afligido pela maldição de um Brahmana, mandar a esposa realizar alguma coisa que seja imprópria ou injusta ou que possa levar à destruição da própria vida, a esposa deve, sem qualquer hesitação, realizá-la, guiada pelo código cuja adequação é sancionada pela lei de Infortúnio. Eu assim, ó deus, expliquei, por tua ordem, quais são os deveres das mulheres. Na verdade, aquela mulher que se comporta dessa maneira vem a ter direito a uma parte dos méritos ganhos por seu marido.'"

"Narada continuou, 'Assim endereçado, o grande deus elogiou a filha do príncipe das montanhas e então despediu todas as pessoas que tinham se reunido lá, junto com seus próprios servidores. As diversas tribos de seres fantasmais, como também os Rios incorporados, e os Gandharvas e Apsaras, todos curvaram suas cabeças para Mahadeva e partiram para retornarem para os lugares de onde eles tinham vindo.'"

147

"Os Rishis disseram, 'Ó manejador do Pinaka, ó arrancador dos olhos de Bhaga, ó tu que és adorado por todo o universo, nós desejamos ouvir a glória de Vasudeva.'"

"Maheswara disse, 'Hari é superior ao próprio Avô. Ele é o Purusha Eterno. Também chamado de Krishna, ele é dotado do esplendor do ouro, e brilha com refulgência como um segundo sol. Possuidor de dez braços, ele é dotado de grande energia, e é o matador dos inimigos dos deuses. Tendo um vórtice em seu peito, ele tem cachos de cabelo encaracolado em sua cabeça. Ele é adorado por todas as divindades. Brahman surgiu do seu abdômen. Eu surgi da cabeça dele. Todos os corpos luminosos no firmamento surgiram do seu cabelo. Dos pêlos em seu corpo surgiram todos os deuses e Asuras. Do seu corpo surgiram os Rishis como também todos os mundos eternos. Ele é a verdadeira residência do Avô e a residência de todos os deuses além disso. Ele é o Criador de toda esta Terra, e Ele é o Senhor dos três mundos. Ele é também o Destruidor de todas as criaturas móveis e imóveis. Ele é verdadeiramente a principal de todas as divindades. Ele é seu mestre. Ele é o castigador de todos os inimigos. Ele é possuidor de onisciência. Ele existe em tudo. Ele é capaz de ir a todos os lugares. Ele é de extensão universal (permeando tudo). Ele é a Alma Suprema. Ele é o incitador de todos os sentidos. Ele cobre o universo. Ele é o Senhor Supremo. Não há nada nos três mundos que sela superior a Ele. Ele é Eterno. Ele é o matador de Madhu, e é também chamado de Govinda. O concessor de honras, Ele fará todos os reis da Terra serem mortos em batalha, para realizar os propósitos das divindades, tomando nascimento em uma forma humana. As divindades, abandonadas por Ele, são incapazes de realizar seus propósitos sobre a terra. Sem obtê-lo como

seu líder elas não podem fazer nada. Ele é o líder de todas as criaturas e é adorado por todos os deuses. Dentro do abdômen deste Mestre dos deuses que está sempre dedicado à realização de seus propósitos, deste que é idêntico a Brahma e que é sempre o refúgio dos Rishis regenerados, reside Brahma (o Avô). De fato, o último mora felizmente no corpo de Hari o qual é a residência. Eu mesmo, que sou chamado de Sarva, também resido alegremente naquela minha residência feliz. Todas as divindades também residem em felicidade em Seu corpo. Dotado de grande refulgência, ele tem olhos que parecem com as pétalas do lótus. Sri mora dentro dele e Ele vive sempre associado com ela. O arco chamado Saranga e o disco (chamado Sudarsana) são suas armas, junto com uma espada. Ele tem o inimigo das cobras (isto é, Garuda) sentado em seu estandarte. Ele é distinguido por conduta excelente, por pureza (de corpo e mente), por autodomínio, por destreza, por energia, pela forma mais bela, por altura e membros bem proporcionados, por paciência, por sinceridade, por riqueza, por compaixão, por excelência de forma, e por poder. Ele brilha, dotado de todas as armas celestes de forma e feitio extraordinários. Ele tem Yoga como sua ilusão. Ele é possuidor de mil olhos. Ele está livre de toda mácula ou imperfeição. Ele é de mente sublime. Ele é dotado de heroísmo. Ele é um objeto de orgulho para todos os seus amigos. Ele é querido para todos os seus amigos e parentes e eles são queridos para Ele. Ele é dotado de clemência. Ele é livre de orgulho ou egotismo. Ele é devotado aos Brahmanas e é seu líder. Ele dissipa os temores de todas as pessoas afligidas pelo medo. Ele aumenta as alegrias de todos os seus amigos. Ele é o refúgio de todas as criaturas. Ele está sempre dedicado a proteger e cuidar dos aflitos. Possuidor de um conhecimento completo de todas as escrituras, e todo tipo de riqueza, Ele é adorado por todos os seres. Conhecedor de todos os deveres, Ele é um grande benfeitor até de inimigos quando eles procuram Sua proteção. Familiarizado com política e dotado de política, Ele é um proferidor de Brahma e tem todos os Seus sentidos sob controle perfeito. Para fazer bem para as divindades, Govinda tomará nascimento na linhagem de Manu de grande alma. Na verdade, dotado de inteligência superior, Ele tomará nascimento na linhagem auspiciosa e justa daquele Prajapati. Manu terá um filho de nome Anga. Depois de Anga virá Antardhaman. De Antardhaman surgirá Havirdhaman, aquele senhor de todas as criaturas, livre de toda mácula. Havirdhaman terá um filho ilustre de nome Rachinavarhi. Ele terá dez filhos tendo Prachetas como seu primeiro. Prachetas terá um filho chamado Daksha que será considerado como um Prajapati. Daksha irá gerar uma filha que será chamada de Dakshayani. De Dakshayani nascerá Aditya, e de Aditya surgirá Manu. De Manu surgirá uma filha chamada Ila e um filho que se chamará Sudyumna. Ila terá Vudha como seu marido, e de Vudha surgirá Pururavas. De Pururavas surgirá Ayu. De Ayu surgirá Nahusha, e Nahusha gerará um filho chamado Yayati. De Yayati surgirá um filho poderoso de nome Yadu, Yadu gerará Kroshtri. Kroshtri irá gerar um poderoso filho que se chamará Vrijinivat. De Vrijinivat surgirá Ushadgu o invicto. Ushadgu gerará um filho de nome Chitraratha. Chitraratha terá um filho mais novo de nome Sura. De fato, na linhagem destes homens poderosos, de energia célebre por todo o mundo, possuidores de conduta excelente e diversas habilidades, dedicados à realização de sacrifícios e puros em comportamento, na linhagem pura honrada pelos Brahmanas, Sura tomará seu nascimento. Ele será

um Kshatriya importante, dotado de grande energia, e possuidor de grande renome. Sura, concessor de honras, irá gerar um filho, o propagador de sua linhagem, de nome Vasudeva, também chamado de Anakadundhuvi. Vasudeva terá um filho de nome Vasudeva. Ele terá quatro mãos. Ele será extremamente generoso, e honrará os Brahmanas grandemente. Idêntico a Brahma, ele irá estimar e amar os Brahmanas, e os Brahmanas irão estimá-lo e amá-lo. Aquele descendente da linhagem de Yadu libertará muitos reis encarcerados na prisão do soberano dos Magadhas, depois de derrotar aquele soberano chamado Jarasandha em sua capital enterrada entre montanhas. Dotado de grande energia, ele será rico com as jóias e pedras preciosas de todos os soberanos da terra. De fato, em energia ele será inigualável sobre a terra, possuidor de grande destreza, ele será o rei de todos os reis da terra. O mais importante entre todos os Surasenas, o pujante, residindo em Dwaraka, governará e protegerá a terra inteira depois de vencer todos os seus senhores, conhecedor como ele será da ciência de governo. Reunindo-se, vocês todos adorem a Ele, como vocês adoram o Eterno Brahman, com palavras, guirlandas florais, e incenso e perfumes excelentes. Aquele que deseja ver a mim ou o Avô Brahma deve ver primeiro o ilustre Vasudeva de grande pujança. Se Ele é visto Eu sou visto, como também o Avô Brahman, aquele principal de todos os deuses. Nisto eu não julgo que há alguma diferença. Saibam disto, ó Rishis de riqueza ascética! Aquela pessoa com quem Vasudeva de olhos de lótus ficar satisfeito, todas as divindades com Brahma entre elas também ficarão satisfeitas. Aquele homem que procurar a proteção de Kesava conseguirá ganhar grandes realizações e vitória e Céu. Ele será um instrutor em religião e deveres, e ganhará grande mérito religioso. Todas as pessoas familiarizadas com religião e deveres devem, com grande entusiasmo, reverenciar aquele Senhor de todos os deuses. Por adorar aquele pujante, uma pessoa obterá grande mérito. Dotado de grande energia, aquele deus, com o desejo de beneficiar todas as criaturas, criou milhões de Rishis por causa da virtude. Aqueles milhões de Rishis, assim criados por aquele grande Ordenador estão agora residindo nas montanhas de Gandhamadana, encabeçados por Sanatkumara e engajados na prática de penitências. Por isso, ó principal dos regenerados, aquela principal de todas as pessoas eloquentes, o justo Vasudeva, deve ser adorado por todos. O ilustre Hari, o pujante Narayana, é realmente o principal de todos os seres no Céu. Adorado, ele adora, e honrado ele honra; para aqueles que fazem oferendas para ele, ele faz oferendas em retorno. Adorado, ele adora em retorno, se visto sempre, ele vê os o que vêem sempre. Se alguém procura Seu amparo e proteção, Ele procura o que o procura como seu amparo em retorno. Ó principais de todos os virtuosos, se adorado e cultuado, Ele adora e cultua em retribuição. Esta é a prática sublime do impecável Vishnu. Este mesmo é o voto que é praticado por todas as pessoas justas, daquela principal de todas as divindades, aquele Senhor pujante de todas as criaturas. Ele é sempre adorado no mundo. Na verdade, aquele Ser Eterno é adorado até pelas divindades. Aquelas pessoas que são devotadas a Ele com a firmeza de um voto ficam livres de calamidade e medo em proporção à sua devoção. Os regenerados devem sempre adorá-lo em pensamento, palavra, e ação. O filho de Devaki deve ser visto por eles com reverência e a fim de vê-lo com reverência eles devem se dirigir para a prática de penitências. Ó principais dos ascetas, este mesmo é o caminho que

eu mostro para vocês. Por vê-lo, vocês verão todas as principais das divindades. eu também curvo minha cabeça em reverência àquele Senhor do universo, aquele Avô de todos os mundos, aquele javali poderoso e vasto. Por vê-lo alguém vê a Trindade. Nós, isto é, todas as divindades, residimos nele. Ele terá um irmão mais velho que se tornará conhecido por todo o mundo como Vala. Tendo um arado como sua arma, em forma ele parecerá com uma colina branca. Realmente, ele será dotado de força capaz de erguer a terra inteira. Sobre o carro daquela pessoa divina uma palmeira alta, de três cabeças e feita de ouro, formará seu estandarte orgulhoso. A cabeça daquele herói de poderosamente armado, aquele Senhor de todos os mundos, será sombreada por muitas cobras de grande alma de corpos vastos. Todas as armas de ataque e defesa também irão até ele logo que ele pensar nelas. Ele é chamado de Ananta (infinito). Na verdade, aquele ilustre é idêntico ao imutável Hari. Uma vez o poderoso Garuda, o filho de Kasyapa, foi endereçado pelas divindades nestas palavras, 'Ó pujante, veja se este tem algum fim!' Embora possuidor de grande energia e poder, Garuda, no entanto, fracassou em descobrir o fim daquele ilustre que é idêntico à Alma Suprema. Sustentando a terra inteira sobre sua cabeça, ele reside nas regiões inferiores. Ele vaga pelo universo como Sesha, cheio de grande alegria. Ele é Vishnu, Ele é o ilustre Ananta. Ele é o sustentador da terra. Aquele que é Rama é Hrishikesa. Aquele que é Achyuta é Ananta, o suporte da terra. Ambas daquelas principais de todas as criaturas são celestiais e dotadas de destreza celestial. Um deles está armado com o disco e o outro com o arado. Eles merecem toda a honra e devem ser vistos. Eu, pela minha bondade por vocês, assim declarei a vocês a natureza de Vasudeva. Isto mesmo, ó ascetas possuidores de riqueza de penitências, é Virtude. Eu declarei tudo isto para vocês para que vocês possam, com reverência e cuidado, adorar Krishna, aquele principal da linhagem de Yadu.'"

148

"Narada disse, 'Na conclusão do discurso de Mahadeva, rugidos altos foram ouvidos no firmamento. Trovões ribombaram, com lampejos de relâmpago. O firmamento foi envolvido com nuvens azuis e densas. A divindade das nuvens então derramou água pura como aquela que ele derrama na estação das chuvas. Uma escuridão densa teve início. Os pontos do horizonte não podiam mais ser distinguidos. Então naquele encantador, sagrado, e eterno leito daquela montanha celeste, os Rishis reunidos não viram mais a multidão de seres fantasmais que se associam com Mahadeva. Logo, no entanto, o céu clareou. Alguns dos Rishis partiram para as águas sagradas. Outros voltaram para os lugares de onde eles vieram. Na verdade, contemplando aquela visão maravilhosa e inconcebível, eles ficaram cheios de assombro. A conversa também entre Sankara e Uma tinha sido ouvida por eles com os sentimentos. Aquele principal de todos os Seres, de quem Sankara de grande alma nos falou sobre aquela montanha, és Tu. Na verdade, tu és idêntico ao Eterno Brahma. Algum tempo também Mahadeva queimou Himavat com sua energia. Tu também nos mostraste uma visão de prodígio similar. De fato, nós nos lembramos daquele fato pelo que nós testemunhamos hoje. Ó

Janardana de braços poderosos, eu assim, ó pujante, narrei para ti a glória daquele deus dos deuses, isto é, aquele que é chamado de Kapardin ou Girisa!'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado por aqueles habitantes dos retiros ascéticos, Krishna, o alegrador de Devaki prestou as devidas honras para todos aqueles Rishis. Cheios de deleite, aqueles Rishis mais uma vez se dirigiram a Krishna, dizendo, 'Ó matador de Madhu, repetidamente mostre a Ti mesmo para nós em todos os momentos! Ó pujante, o próprio Céu não pode nos regozijar tanto quanto uma visão de Ti. Tudo o que foi dito pelo ilustre Bhava (com referência a Ti) é verdade. Ó opressor de inimigos, nós te dissemos tudo sobre aquele mistério. Tu mesmo és conhecedor da verdade de todo tópico. Já que, no entanto, perguntado por nós, te agradou nos perguntar em retorno, nós, por esta razão, descrevemos tudo (sobre a conversa de Bhava com Uma) para Ti somente para Te agradar. Não há nada nos três mundos que seja desconhecido por Ti. Tu conheces totalmente o nascimento e a origem de todas as coisas, de fato, tudo o que opera como uma causa (para a produção de outros objetos). Por causa da leviandade do nosso caráter, nós não podemos levar (dentro de nós mesmos o conhecimento de) algum mistério (sem revelá-lo). (Tu conheces todas as coisas, todos os mistérios, porém Tu podes manter todo este conhecimento dentro de Ti mesmo. Nós, no entanto, somos tão inconstantes, desprovidos de gravidade, que nós somos incapazes de manter dentro de nós mesmos o conhecimento de um mistério. Logo que nós obtivemos aquele conhecimento de Mahadeva, nós sentimos o desejo de divulgá-lo, e, de fato, nós o divulgados a teu pedido, e divulgamos para quem? Para alguém que deve estar rindo de nós secretamente por nosso orgulho aparente.) De fato, na Tua presença, ó pujante, nós nos entregamos a incoerências pela leviandade de nossos corações. Não há coisa extraordinária que seja desconhecida para Ti! O que quer que haja sobre a terra, e o que quer que exista no céu, tudo é conhecido por Ti! Nós nos despedimos de Ti, ó Krishna, para voltar para nossas respectivas residências. Que Tu possas crescer em inteligência e prosperidade! Ó Senhor, Tu logo obterás um filho como Tu ou ainda mais famoso do que Tu mesmo. Ele será dotado de grande energia e esplendor. Ele realizará façanhas grandiosas, e se tornará possuidor de força tão grande quanto a Tua!'" (É dito que nenhuma pessoa deseja ser superada por outra em relação a alguma coisa. No entanto, a única pessoa cuja vitória ou superioridade é tolerável ou, antes, para quem ela é rogada, é o filho. Por essa razão, os Rishis desejam para Krishna um filho até superior a ele.)

"Bhishma continuou, 'Depois disso, os grandes Rishis reverenciaram aquele deus dos deuses, aquele descendente da linhagem de Yadu, aquele principal de todos os Seres. Eles então o circungiraram e se despedindo dele, partiram. Com relação a Narayana, que é dotado de prosperidade e refulgência brilhante, Ele voltou para Dwaraka depois de ter cumprido devidamente aquele Seu voto. Sua esposa Rukmini concebeu, e no término do décimo mês um filho foi nascido dela, possuidor de heroísmo e respeitado por todos por suas habilidades muito admiráveis. Ele era idêntico àquele Kama (desejo) o qual existe em todas as criaturas e que permeia toda condição existente. De fato, ele se move dentro dos corações de deuses e Asuras. Este Krishna é aquela principal de todas as

pessoas. Ele mesmo, dotado da cor das nuvens é aquele Vasudeva de quatro mãos. Por afeição Ele se uniu aos Pandavas, e vocês também, ó filhos de Pandu, se uniram a Ele. Realizações, Prosperidade, Inteligência, e o caminho que leva para o céu, estão todos lá onde este, isto é, o ilustre Vishnu de três passos, está. Ele é os trinta e três deuses com Indra em sua vanguarda. Não há dúvida nisto. Ele é o único Deus Antigo. Ele é o principal de todos os deuses. Ele é o refúgio de todas as criaturas. Ele é sem início e sem destruição. Ele é imanifesto. Ele é o matador de grande alma de Madhu. Dotado de energia imensa, Ele tomou nascimento (entre homens) para realizar o propósito dos deuses. Na verdade, este Madhava é o explanador de verdades mais difíceis relativas a Lucro ou Riqueza, e ele é também seu empreendedor. Ó filho de Pritha, a vitória que tu obtiveste sobre teus inimigos, tuas realizações inigualáveis, o domínio que tu adquiriste sobre a terra inteira, são todos devido ao teu lado ter sido adotado por Narayana. O fato de tu teres obtido o inconcebível Narayana como teu protetor e refúgio te permitiu te tornares um Adharyu (sacrificador principal) por despejar multidões de reis como libações no fogo ardente da batalha. Este Krishna foi tua grande concha sacrifical parecendo com o fogo todo destrutivo que aparece no fim do Yuga. Era para se ter muita pena de Duryodhana com seus filhos, irmãos e parentes, visto que, movido pela ira, ele fez guerra com Hari e o manejador do Gandiva. Muitos filhos de Diti, muitos principais dos Danavas, de corpos enormes e força vasta, têm perecido no fogo do disco de Krishna como insetos em um incêndio florestal. Quão incapazes então devem ser os seres humanos de lutar contra aquele Krishna, seres humanos que, ó tigre entre homens, são desprovidos de força e poder! Com relação a Jaya, ele é um poderoso Yogin parecendo com o todo destrutivo fogo-Yuga em energia. Capaz de estirar o arco igualmente com ambas as mãos, ele está sempre na vanguarda da luta. Com sua energia, ó rei, ele matou todas as tropas de Suyodhana. Escute-me enquanto eu te digo o que Mahadeva que tem touro como o emblema em seu estandarte contou para os ascetas no leito de Himavat. Suas declarações constituem um Purana. A superioridade de grandeza, energia, força, destreza, pujança, humildade e linhagem que existem em Arjuna podem alcançar somente uma terça parte da medida na qual aqueles atributos residem em Krishna. Quem poderia superar Krishna nestes atributos? Se isto é possível ou não, ouça (e julgue). Lá onde o ilustre Krishna está, há Excelência inigualável. Com relação a nós, nós somos pessoas de pouca compreensão. Dependentes da vontade de outros, nós somos muito desafortunados. Conscientemente nós nos dirigimos para o eterno caminho da morte. Tu, no entanto, és dedicado à sinceridade de conduta. Tendo antigamente te empenhado contra a tomada do teu reino, tu não o tomaste, desejoso de manter tua promessa. Ó rei, tu fizeste demasiado do massacre de teus parentes e amigos em batalha (ocasionado, como tu acreditas, por ti mesmo). Tu deves lembrar, no entanto, ó castigador de inimigos, que não é certo violar uma promessa. (A promessa, provavelmente, se refere aos juramentos feitos por Bhima e outros sobre o massacre dos Kauravas.) Todos aqueles que morreram no campo de batalha realmente foram mortos pelo Tempo. Na verdade, todos nós somos mortos pelo Tempo. O Tempo é, de fato, todo-poderoso. Tu estás totalmente familiarizado com a força do Tempo. Afligido pelo Tempo, não cabe a ti sofrer. Saiba que o próprio Krishna, também chamado de Hari, é aquele Tempo com

olhos vermelhos sangue e com a clava na mão. Por estas razões, ó filho de Kunti, não cabe a ti te afligir por teus parentes (mortos). Esteja sempre livre, ó encantador dos Kurus, de aflição. Tu ouviste a respeito da glória e da grandeza de Madhava como declaradas por mim. Isto é suficiente para permitir um bom homem compreender a Ele. Tendo ouvido as palavras de Vyasa como também de Narada dotado de grande inteligência, eu te falei sobre a qualidade de ser adorável de Krishna. Eu mesmo somei; do meu próprio conhecimento, alguma coisa àquele discurso. Realmente, eu falei também na pujança insuperável de Krishna como declarada por Mahadeva, para aquele conclave de Rishis (no leito de Himavat). A conversa também entre Maheswara e a filha de Himavat, ó Bharata, foi narrada por mim para ti. Aquele que mantiver em mente este discurso quando proveniente de uma pessoa importante, aquele que o escutar, e aquele que o narrar (para audição de outras pessoas), sem dúvida obterá o que é altamente benéfico. Aquele homem encontrará todos os seus desejos realizados. Partindo deste mundo ele ascenderá para o Céu. Não há dúvida nisto. Aquele homem que está desejoso de obter o que é benéfico para si mesmo deve se devotar a Janardana. Ó rei dos Kurus, cabe a ti também sempre manter em mente aqueles incidentes de dever e virtude que foram declarados por Maheswara. Se tu te comportares de acordo com aqueles preceitos, se tu portares a vara de castigo corretamente, se tu protegeres teus súditos adequadamente, tu podes estar seguro de chegar ao céu. Cabe a ti, ó rei, proteger teus súditos sempre segundo os ditames da justiça. A forte vara de castigo que o rei possui é citada como sendo a personificação de sua justiça ou mérito. (O rei adquire grande mérito por manejar a vara de castigo adequadamente, isto é, por punir aqueles que merecem punição. A inflição de punição é o que mantém os súditos dentro dos limites do dever. A vara de castigo, portanto, é a própria corporificação da justiça ou mérito do rei.) Ouvindo esta conversa, repleta de virtude, entre Sankara e Uma, que eu narrei na presença deste conclave honrado, uma pessoa deve adorar com reverência aquele deus que tem o touro como o emblema em seu estandarte. Mesmo alguém que fica desejoso de escutar aquela conversa deve adorar Mahadeva com reverência. Na verdade, a pessoa que deseja obter que é benéfico para ela deve adorar Mahadeva com um coração puro. Esta é a ordem do impecável Narada de grande alma. Ele mesmo ordenou tal culto do grande deus. Ó filho de Pandu, obedeça a ordem de Narada. Ó rei pujante, estes são os incidentes fenomenais que ocorreram no leito sagrado do Himavat com relação a Vasudeva e Sthanu, ó filho de Kunti. Aquelas ocorrências fluíram da própria natureza daquelas divindades de grande alma. Vasudeva, acompanhado pelo manejador do Gandiva, praticou penitências eternas no retiro de Vadari por dez mil anos. (Vasudeva é Narayana, e Arjuna é Nara. Nara e Narayana praticaram penitências severas em Vadari no leito do Himavat por muitos milhares de anos. Vyasa posteriormente adotou Vadari como seu retiro.) Realmente, Vasudeva e Dhananjaya, ambos de olhos como pétalas de lótus, praticaram austeridades severas pela duração de três Yugas inteiros. Eu fui informado disto por Narada e Vyasa, ó rei. Vasudeva de olhos de lótus e de braços poderosos, enquanto ainda era uma criança (em forma humana) realizou o grande feito de matar Kansa para o alívio de seus parentes. Eu não ouso, ó filho de Kunti, enumerar as façanhas deste Ser Antigo e Eterno, ó Yudhishthira. Sem dúvida, ó filho, benefícios sublimes e grandiosos serão colhidos

por ti que possui aquela principal de todas as pessoas, isto é, Vasudeva, como teu amigo. Eu me aflijo pelo pecaminoso Duryodhana em relação mesmo ao mundo seguinte para o qual ele foi. Foi por causa dele que a terra inteira foi despovoada com suas sementes e elefantes. De fato, foi por causa do erro de Duryodhana, de Karna, de Sakuni, e de Duhsasana numerando o quarto, que os Kurus pereceram.'"

"Vaisampayana continuou, 'Enquanto aquele principal dos homens, isto é, o filho de Ganga, se dirigia a ele dessa maneira, o rei Kuru (Yudhishthira) permaneceu totalmente silencioso no meio daquelas pessoas de grande alma (que tinham se reunido para escutar os discursos de Bhishma). Todos os reis com Dhritarashtra entre eles ficaram muito admirados ao ouvirem as palavras do avô Kuru. Em suas mentes eles adoraram Krishna e então se viraram em direção a ele com mãos unidas em reverência. Os Rishis também, com Narada em sua liderança, aceitaram e aplaudiram as palavras de Bhishma e as aprovaram alegremente. Estes foram os discursos maravilhosos narrados por Bhishma os quais o filho de Pandu (Yudhishthira) com todos os seus irmãos ouviram com alegria. Algum tempo depois, quando o rei (Yudhishthira) viu que o filho de Ganga tinha dado riqueza abundante como presentes para os Brahmanas nos sacrifícios realizados por ele, tinha descansado e ficado revigorado, o rei inteligente mais uma vez o questionou da seguinte maneira.'"

149

"Vaisampayana disse, 'Tendo ouvido todos os deveres em sua totalidade e todos aqueles atos e objetos sagrados que purificam seres humanos de seus pecados, Yudhishthira novamente se dirigiu ao filho de Santanu nas seguintes palavras.'"

"Yudhishthira disse, 'Quem pode ser citado como o único deus no mundo? Quem pode ser citado como o único objeto que é nosso único refúgio? Quem é aquele por adorar a quem ou cantar cujos louvores seres humanos obteriam o que é benéfico? Qual religião é aquela que, segundo teu julgamento, é a principal de todas as religiões? Quais são aqueles Mantras por recitar os quais uma criatura viva se torna livre dos vínculos de nascimento e vida?'"

"Bhishma disse, 'Uma pessoa deve sempre, com entusiasmo e rejeitando todo langor, cantar os louvores daquele Senhor do universo, aquele deus dos deuses (isto é, Vasudeva), que é Infinito e o principal de todos os Seres, por proferir Seus mil nomes. Por sempre cultuar com reverência e devoção aquele Ser imutável, por meditar nele, por cantar Seus louvores e curvar a cabeça para Ele, e por realizar sacrifícios para Ele, de fato por sempre louvar Vishnu, que é sem início e sem fim ou destruição, que é o Senhor Supremo de todos os mundos, e que é o Mestre e Controlador do universo, uma pessoa consegue transcender toda tristeza. Na verdade, Ele é devotado aos Brahmanas, conhecedor de todos os deveres e práticas, o aumentador da fama e realização de todas as pessoas, o mestre de todos os mundos, extremamente maravilhoso, e a primeira causa da origem de

todas as criaturas. Esta, em minha opinião, é a principal religião de todas as religiões, isto é, alguém deve sempre adorar e cantar os louvores de Vasudeva de olhos de lótus com devoção. Ele é a maior Energia. Ele é a maior Penitência. Ele é o maior Brahma. Ele é o maior refúgio. Ele é o mais santo de todos os santos, o mais auspicioso de todos os objetos auspiciosos. Ele é o deus de todos os deuses e Ele é o pai imutável de todas as criaturas. No advento do Yuga primordial, todas as criaturas provêm dele. No término, além disso, de um Yuga, todas as coisas desaparecem nele. (Os sábios Hindus nunca tentam especular sobre a criação original do universo. Suas especulações, entretanto, estão relacionadas com o que é chamado de Avantara srishti ou aquela criação que surge com o despertar de Brahman. Criação e Destruição têm ocorrido incessantemente e irão ocorrer incessantemente. A criação original é impossível de imaginar visto que a Eternidade não pode ter um início.) Ouça, ó rei, os mil nomes, possuidores de grande eficácia em destruir pecados, daquele principal em todos os mundos, aquele Mestre do universo, isto é, Vishnu. Todos aqueles nomes derivados de Seus atributos, secretos e bem conhecidos, de Vasudeva de grande alma os quais foram cantados por Rishis, eu recitarei para ti para o bem de todos. Eles são, Om! Ele que entra em todas as coisas, além de Ele Mesmo, Ele que cobre todas as coisas, Ele para quem libações sacrificais são derramadas, o Senhor do Passado, do Presente, e do Futuro, o Criador (ou Destruidor) de todas as coisas existentes, o sustentador de todas as coisas existentes, o Existente, a Alma de todos, o Originador de todas as coisas (1--9); de Alma purificada, a Alma Suprema, o maior Refúgio de todas as pessoas emancipadas, o Imutável, Ele que jaz fechado em um invólucro, a Testemunha , Ele que conhece o invólucro material no qual Ele reside, o Indestrutível (10--17); (Putatman significa de Alma purificada. Isto implica que embora Ele seja o Senhor ou soberano de todos os objetos existentes, contudo Ele é dissociado deles. Purusha é Aquele que se encontra em um pura ou a mansão de nove portas, isto é, o corpo. Sakshi ou Testemunha significa que Ele vê todas as coisas diretamente, sem qualquer intermediário obstruindo Sua visão. Kshetrajna significa o Chit dentro do corpo e que conhece o corpo que, sendo inerte, não percebe o Chit que ele contém.) Ele em quem a mente repousa durante a abstração-Yoga, o Guia ou líder de todas as pessoas familiarizadas com Yoga, o Senhor de Pradhana (ou Prakriti) e Purusha. Ele que assumiu uma forma humana com uma cabeça leonina, Ele de belas feições e equipamentos, Ele de cabelo belo, o principal dos Purushas (18--24); (Ele é chamado de Yoga porque a mente repousa nele enquanto ela está em abstração-Yoga. Pradhana, na filosofia Sankhya, é outro nome de Prakriti ou Natureza original. Todas as coisas surgiram da união de Prakriti e Purusha. Vasudeva, no entanto, transcende Prakriti e Purusha como seu Senhor. Narasinghavapu--Ele assumiu a forma humana com uma cabeça de leão para matar o Asura Hiranyakasipu, o pai de Prahlada.) A encarnação de todas as coisas, o Destruidor de todas as coisas, Ele que transcende os três atributos de Sattwa, Rajas e Tamas, o Imóvel, o Início de todas as coisas e o Receptáculo no qual todas as coisas afundam na Dissolução universal, o Imutável, Ele que toma nascimento por sua própria vontade, Ele que faz as ações de todas as criaturas vivas frutificarem (na forma de felicidade ou infortúnio), o Mantenedor de todas as coisas, a Fonte da qual os elementos primordiais têm surgido, o Pujante, Ele em quem está o Domínio ilimitado sobre

todas as coisas (25--37); (Sarva significa a fonte de todas as coisas existentes e inexistentes e aquilo no qual todas as coisas existentes e inexistentes se fundem na dissolução universal. Sambhava significa Aquele que nasce por Sua própria vontade. Atos não podem tocá-lo. O nascimento de todos os outros seres é determinado por suas ações em vidas anteriores. Bhuvana significa alguém que liga às ações seus respectivos resultados, isto é, aquele por causa de quem a felicidade e infortúnio de todas as criaturas fluem devido às ações.) O Nascido por Si Mesmo, Ele que dá felicidade para Seus devotos, o Gênio presidente (em forma dourada) no meio do Disco Solar, Aquele de Olhos de Lótus, Aquele de Voz Alta, Ele que é sem início e sem fim. Ele que sustenta o universo (na forma de Ananta e outros), Ele que ordena todas as ações e seus frutos, Ele que é superior ao Avô Brahma (38--46); (Sambhu significa alguém cujo nascimento não foi determinado por circunstâncias externas, ou outras influências exceto seu próprio desejo, o nascimento de todas as outras criaturas sendo determinado por forças estranhas a elas mesmas. Aditya pode também significar o principal entre as divindades especialmente chamadas de Adityas. Eles são doze em número. Dhatri pode também significar alguém que mantém tudo no universo por multiplicar a Si Mesmo infinitamente. Dhaturuttama pode, além disso, significar alguém que como Chit é superior a todos os elementos como Terra, Água, etc., os quais constituem tudo o que é não-Chit.) O Incomensurável (Aprameya), o Senhor dos sentidos (Hrishikesa, ou Ele que tem cabelos encaracolados), Ele de cujo umbigo o lótus primordial surgiu, o Senhor de todas as divindades, o Artífice do universo, o Mantra, Ele que enfraquece ou emacia todas as coisas, Ele que é vasto, o Antigo, Ele que é Permanente (47--56). Ele que não pode ser apreendido (pelos sentidos ou a mente), o Único Eterno, Krishna, o de Olhos Vermelhos (Lohitaksha, por Seus olhos serem da cor do cobre polido), Ele (Pratardana) que mata todas as criaturas no tempo da dissolução universal (ou Aquele que destrói a tristeza de seus devotos), Ele que é vasto por conhecimento e pujança e outros atributos do tipo, Ele que reside em três partes (acima, no meio, e abaixo) de toda criatura. Aquele que purifica, é auspicioso, e sublime (57--64). (Krishna é um dos principais nomes da Divindade Suprema. Ele significa Alguém que está sempre em êxtases de alegria. Ele é derivado de krish que significa ser, e na, significando Emancipação final ou cessação de existência, o composto provavelmente significa Aquele em quem todo atributo foi extinto; por essa razão, ausência de mudança, de tristeza, etc., ou, a maior e eterna alegria. Prabhuta é Alguém que é Grande ou Vasto por Conhecimento, Pujança, Energia, e Renúncia, etc.) Ele que incita todas as criaturas em relação a todas as suas ações. Ele que faz os ares vitais agirem. Ele que faz todas as criaturas vivas viverem, o Mais Velho, o Principal de todos aqueles que são considerados como os Senhores de todas as criaturas, Ele tem ouro em seu abdômen, Ele que tem a Terra como seu abdômen, o Marido de Sri ou Lakshmi, o Matador de Madhu (65--73); (Pranada é interpretado de modo variado. Isto pode significar Ele que faz os ares vitais operarem; Ele que, como Tempo suspende os ares vitais, isto é, mata todas as criaturas; Ele que conecta os ares vitais, isto é, os coloca em movimento quando ameaçados com extinção; por isso, curador de doenças. Prana significa Ele que é a causa da vida de toda criatura viva sendo Ele mesmo, por assim dizer, o ar vital que as inspira. Hiranyagarbha significa Ele que é idêntico ao Avô. Bhugarbha, é alguém que tem

a Terra como seu abdômen, sugerindo que todas as coisas sobre a Terra estão em Seu abdômen.) O Onipotente, Ele que é dotado de grande bravura, Ele que está armado com o arco, Ele que é Possuidor de uma mente capaz de portar os conteúdos de todos os tratados, Ele que vaga pelo universo, montado em Garuda. Ele que é bem adequado para as oferendas feitas para Ele e que tem o poder de desfrutá-las devidamente, o Inigualável, Ele que não pode ser derrotado, Ele que conhece todas as ações que são feitas, Ele que é idêntico a todas as ações, Ele que depende do Seu próprio Eu verdadeiro (74--84). O Senhor de todas as divindades, Ele que é o Refúgio de todos, a personificação da bem-aventurança mais sublime, Ele cuja semente é o universo, Ele que é a fonte de todas as coisas, o dia (Aha, por Ele despertar Jiva que está imerso no sono de Necedade ou Avidya), o Ano (Samvatsara, porque o Tempo é Sua essência), a Cobra (Vyala, devido a Ele ser incapaz de ser apanhado), a personificação da Convicção, Ele que vê todas as coisas (85--94). O Não Nascido, o Senhor de todas as criaturas, Ele que alcançou sucesso, Ele que é o próprio Sucesso, Ele que é o início de todas as coisas (por Ele ser a causa de todas as coisas), Ele que está além de deterioração, Ele que é Virtude na forma do touro e do grande javali que ergueu a Terra submersa, Ele que é de alma incomensurável, Ele que permanece afastado de todos os tipos de união (95--103); Ele que é Pauaka entre as divindades chamadas Vasus (ou, Ele que mora em Seus devotos). Ele que é alma generosa, sendo livre de ira e ódio e orgulho e outros maus sentimentos. Verdade cuja alma é equânime por Sua perfeita imparcialidade, Ele que tem sido medido por Seus devotos, Ele que é sempre igual, estando acima de toda mudança ou modificação, Ele que nunca recusa conceder os desejos de Seus devotos, Ele cujos olhos são como as pétalas do lótus, Ele cujas ações são sempre caracterizadas pela Justiça (ou Ele que está sempre empenhado em conceder os desejos daqueles que são devotados a Ele), Ele que é da forma da Retidão (104--113); Ele que destrói todas as criaturas (ou suas dores), Ele de Muitas Cabeças, Ele que mantém o universo, Ele que é a origem do universo, Ele que é de fama pura ou sem mancha, o Imortal, Ele que é Eterno e Fixo, Ele que é possuidor de membros belos, (ou, Ele a ascensão para quem é a melhor de todas as ações), Ele que tem tal conhecimento que tem penitência como sua indicação, Ele que é capaz de agitar Prakriti para desenvolver o universo dela (114--122); Ele que vai a todos os lugares (no sentido de permear todas as coisas como sua causa), o Onisciente, Ele que brilha em refulgência inalterada, Ele cujas tropas estão em todos os lugares (na forma de associados devotados), (ou Ele à cuja própria visão as tropas Danava são espalhadas em todas as direções). Ele que é cobiçado (ou buscado) por todos (ou, Ele que oprime todos os Seus inimigos), Ele que é o Veda, Ele que está familiarizado com o Veda, Ele que conhece todos os membros (ou ramos) do Veda, Ele que representa os membros (ou ramos) do Veda (isto é, todas as ciências secundárias), Ele que determina as interpretações dos Vedas, Ele que não tem superior em sabedoria (123--133); Ele que é o mestre de todos os mundos, Ele que é o mestre das divindades, Ele que é o Supervisor da Justiça e Injustiça (para dar os frutos delas para aqueles que procuram uma ou outra), Ele é Efeito e Causa, (ou, Ele cuja vida não tem sido determinada por ações realizadas em alguma ocasião prévia por Ele transcender Prakriti). Ele que é de quatro almas (por Suas quatro formas de Aniruddha, Pradyumna, Sankarshana e Vasudeva).

Ele que é conhecido por quatro formas (como acima), Ele que tem quatro chifres (os quais apareceram nele quando Ele assumiu uma forma humana com uma cabeça de leão para matar o chefe Asura Hiranya-Kasipu), Ele que tem quatro braços (para segurar a concha, o disco, a maça, e o lótus) (134--141); Ele que brilha em refulgência, Ele que é o concessor de alimento e estima aqueles que são bons; Ele que não tolera ou suporta aqueles que são maus, (ou, Ele que tolera transgressões ocasionais de seus devotos); Ele que existia antes de o universo começar a existir; Ele que é imaculado; Ele que é sempre vitorioso; Ele que vence as próprias divindades; Ele que é a causa material do universo; Ele que repetidamente reside nas causas materiais (142--150); Ele que é o irmão mais novo de Indra, (ou Ele que transcende Indra em habilidades e atributos). Ele que tomou nascimento como um anão (de Aditi com seu marido Kasyapa para iludir o rei Asura Vali e tirá-lo da soberania dos três mundos, e conceder a mesma para Indra que tinha sido despojado dela), Ele que é alto (em alusão à Sua vasta forma universal a qual Ele assumiu no sacrifício de Vali para cobrir o Céu, a Terra, e as regiões Inferiores com três passos Seus). Ele cujas ações nunca são inúteis, Ele que purifica (aqueles que o adoram, aqueles que ouvem sobre Ele e aqueles que pensam nele), Ele que é dotado de energia e força preeminentes, Ele que supera Indra em todos os atributos, Ele que aceita todos os Seus devotos, Ele que é a própria Criação por Ele ser as Causas dela, Ele que mantém a Si Mesmo na mesma forma sem jamais estar sujeito a nascimento, crescimento, ou morte, Ele que sustenta todas as criaturas em suas respectivas funções no universo, Ele que controla os corações de todas as criaturas (151--162); Ele que merece ser conhecido por aqueles que desejam realizar o que é para o seu maior bem; Ele que é o médico celeste na forma de Dhanwantari, (ou Ele que cura aquela principal de todas as doenças, isto é, os laços que ligam alguém ao mundo); Ele que está sempre dedicado ao Yoga; Ele que mata grandes Asuras para estabelecer a Justiça; Ele que é o Senhor daquela Lakshmi que surgiu do oceano quando ele foi batido pelas divindades e os Asuras, (ou, Ele que estima ambas as deusas da prosperidade e erudição); Ele que é mel (pelo prazer que Ele dá para aqueles que conseguem prová-lo); Ele que transcende os sentidos (ou é invisível para aqueles que se desviam dele); Ele que é possuidor de grandes poderes de ilusão (manifestados em Ele iludir Mahadeva e as divindades em muitas ocasiões); Ele que emprega grande energia (em realizar façanhas poderosas); Ele que transcende todos em poder (163--172); Ele que transcende todos em inteligência; Ele que transcende todos em pujança; Ele que transcende todos em habilidade; Ele que revela o universo pelo esplendor emanando de Seu corpo; Ele cujo corpo é incapaz de ser averiguado pela visão (ou algum outro sentido ou órgão de conhecimento); Ele que é possuidor de toda beleza; Ele cuja alma não pode ser compreendida por divindades ou homens; Ele que segura em suas costas, na forma da vasta tartaruga, a montanha enorme, Mandara, a qual foi feita o bastão de bater pelas divindades e os Asuras quando eles se puseram a bater o grande oceano para obter dele todos os objetos de valor escondidos em seu leito; (ou, Ele que ergueu as montanhas de Govardhana nos bosques de Brinda para proteger os habitantes daquele lugar encantador, que eram objetos especiais de Sua bondade, da ira de Indra que derramou chuvas incessantes por dias seguidos com o propósito de afogar tudo) (173--180); Ele que pode disparar Suas setas a

uma grande distância, atravessando obstrução de todo tipo; Ele que ergueu a Terra submersa, tendo assumido a forma do Javali imenso; Ele em cujo peito mora a deusa da Prosperidade; (ou Ele que é idêntico a Kama, o marido de Rati); Ele que é o Refúgio daqueles que são justos; Ele que não pode ser conquistado sem devoção total; (ou, Ele que não pode ser preso ou contido por alguém empregando seus poderes); Ele que é o deleite das divindades, ou, Ele que é a encarnação da plenitude da alegria; Ele que resgatou a Terra submersa; (ou Ele que compreende os hinos endereçados a Ele por Seus devotos); Ele que é o Mestre de todas as pessoas eloquentes (ou Ele que dissipa as calamidades de todos aqueles que o conhecem) (181--188); Ele que é cheio de refulgência brilhante, Ele que eliminou as aflições de Seu adoradores; (ou, Ele que assume a forma de Yama, o Destruidor universal, para castigar todas as pessoas que se desviam dos seus deveres); Ele que assumiu a forma de um Cisne para comunicar os Vedas para o Avô Brahman; (ou, Ele que entra nos corpos de todas as pessoas); Ele que tem Garuda, o príncipe dos habitantes emplumados do firmamento, como Seu veículo; Ele que é a principal das cobras por Sua identidade com Sesha ou Ananta que sustenta em sua cabeça a vasta Terra, (ou, Ele que tem o capelo do príncipe das cobras como Sua cama enquanto Ele deita para dormir na vasta extensão de água depois da dissolução do universo); Ele cujo umbigo é tão belo quanto ouro; Ele que praticou as austeridades mais severas na forma de Narayana em Vadari sobre o leito de Himavat; Ele cujo umbigo parece com um lótus; (ou, Ele de cujo umbigo surgiu o lótus primevo no qual o Avô Brahma nasceu); Ele que é o Senhor de todas as criaturas (189--197); Ele que transcende a morte; (ou, Ele que desvia a Morte daqueles que são devotados a Ele); Ele que sempre lança um olhar bondoso em Seus devotos; (ou, Ele que vê todas as coisas no universo); Ele que destrói todas as coisas; (ou, Ele que encharca com néctar todas aqueles que o adoram com devoção sincera); Ele é o Ordenador de todos os ordenadores; (ou, Ele que une todas as pessoas com as consequências de seus atos); Ele que em si mesmo desfruta e suporta os resultados de todas as ações, (ou, Ele que assumiu a forma de Rama, o filho de Dasaratha, e indo para o exílio por ordem de Seu pai fez um tratado com Sugriva, o chefe dos Macacos, para ajudá-lo na recuperação do seu reino da posse de seu o mais irmão velho Vali em retorno pela ajuda que Sugriva lhe prometeu para recuperar de Ravana Sua esposa Sita que tinha sido raptada por aquele Rakshasa e levada para sua ilha nativa em Lanka), Ele que é sempre da mesma forma; (ou, Ele que é extremamente afetuoso para Seus devotos); Ele que está sempre se movendo; (ou, Ele que é da forma de Kama que surge no coração de todas as criaturas); Ele que é incapaz de ser resistido por Danavas e Asuras (ou, Ele que resgatou Sua esposa Sita depois de matar Ravana, ou, Ele que mostra compaixão até por Chandalas e membros de outras castas inferiores quando eles se aproximam dele com devoção, em alusão à Sua amizade, na forma de Rama, por Guhaka, o chefe dos Chandalas, habitando o país conhecido pelo nome de Sringaverapura); Ele que castiga os maus; (ou, Ele que regula a conduta de todas as pessoas pelos ditames dos Srutis e dos Smritis); Ele cuja alma tem conhecimento verdadeiro como sua indicação; (ou, Ele que destruiu Ravana, o inimigo dos deuses, tendo assumido a forma de Rama que era cheio de compaixão e outras virtudes amáveis); Ele que destrói os inimigos das divindades

(ou, Ele que mata aqueles que obstruem ou impedem a doação de presentes para pessoas merecedoras) (197--208); Ele que é o instrutor em todas as ciências e o pai de todos; Ele que é o instrutor até do Avô Brahma; Ele que é a residência ou lugar de descanso de todas as criaturas; Ele que é o benfeitor daqueles que são bons e que estão livres da mácula da falsidade; Ele cuja destreza é incapaz de ser frustrada; Ele que nunca lança seu olhar em atos que não são sancionados ou aprovados pelas escrituras; Ele que lança seu olhar em atos que são sancionados ou aprovados pelas escrituras; (ou, Ele cujo olho nunca pisca ou dorme); Ele que usa a guirlanda imperecível de vitória chamada pelo nome de Vaijayanti; Ele que é o Senhor da fala e que é possuidor de grande generosidade tanto que Ele resgatou o mais baixo dos baixos e o mais vil dos vis por lhes conceder Sua graça (209--218); Ele que leva pessoas desejosas de Emancipação para a principal de todas as condições, isto é, a própria Emancipação; (ou, Ele que assume a forma de um Peixe imenso e se movendo através da vasta extensão de águas que cobrem a Terra quando chega a dissolução universal, e puxando o barco amarrado aos Seus chifres, leva Manu e outros para a segurança); Ele que é o líder de todas as criaturas; (ou, Ele que se diverte na vasta extensão de águas que domina todas as coisas na dissolução universal); Ele cujas palavras são o Veda e que resgatou os Vedas quando eles estavam submersos nas águas na dissolução universal; Ele que é o realizador de todas as funções no universo; Ele que assume a forma do vento para fazer todas as criaturas vivas agirem ou se esforçarem; (ou, Ele cujos movimentos são sempre belos, ou, que deseja que Suas criaturas o glorifiquem); Ele que é dotado de mil cabeças; Ele que é a Alma do universo e como tal permeia todas as coisas; Ele que tem mil olhos e mil pernas; (219--226); Ele que faz a roda do universo girar à Sua vontade; Ele cuja alma está livre de desejo e que transcende aquelas condições que investem Jiva e às quais Jiva está sujeito; Ele que está escondido da visão de todas as pessoas que são apegadas ao mundo; (ou, Ele que cobriu os olhos de todas as pessoas com a bandagem de necedade); Ele que oprime aqueles que se desviam dele; Ele que coloca os dias em movimento por Ele ser idêntico ao Sol; Ele que é o destruidor do próprio Tempo todo destrutivo; Ele que transporta as libações derramadas no fogo sagrado para aqueles para quem elas são destinadas; (ou, Ele que carrega o universo, colocando-o somente sobre uma fração minúscula de Seu corpo); Ele que não tem início; (ou, Ele que não tem habitação fixa); Ele que sustenta a Terra no espaço (na forma de Sesha, ou, a resgata na forma do javali poderoso ou a mantém como um permeador sutil) (227--235); Ele que é muito inclinado à benevolência, tanto que Ele concede felicidade até para inimigos como Sisupala; Ele que está livre dos atributos de Rajas (paixão) e Tamas (ignorância) de modo que Ele é Sattwa puro ou imaculado por si mesmo; (ou, Ele que obteve a realização de todos os Seus desejos); Ele que sustenta o universo; Ele que alimenta (ou desfruta do universo); Ele que está manifestado em pujança infinita; Ele que honra as divindades, os Pitris, e Seus próprios devotos; Ele que é honrado ou adorado por aqueles que são eles mesmos honrados ou adorados por outros; (ou, Ele cujas ações são todas belas e duradouras); Ele que realiza os propósitos de outros; (ou, Ele que é o benfeitor de outros); Ele que recolhe todas as coisas em Si Mesmo na dissolução universal; (ou, Ele que destrói os inimigos das divindades ou dos Seus devotos); Ele que tem as águas como seu lar; (ou, Ele

que é o único Refúgio de todas as criaturas ou Ele que destrói a ignorância de todas as criaturas (236--246); Ele que é eminente acima de todos, Ele que aprecia os justos, Ele que purifica todos os mundos, Ele que coroa com realização os desejos de todas as criaturas, Ele cujos desejos são sempre coroados com realização, Ele que dá êxito para todos, Ele que concede sucesso para aqueles que pedem a Ele por isto (247--256); Ele que preside sobre todos os dias sagrados; (ou, Ele que subjuga o próprio Indra com Seus próprios atributos excelentes), Ele que derrama todos os objetos de desejo sobre Seus devotos, Ele que caminha por todo o universo, Ele que oferece a excelente escada constituída pela Virtude (para aqueles que desejam subir para o lugar mais elevado); Ele que tem Virtude em Seu abdômen; (ou, Ele que protege Indra assim como uma mãe protege a criança em seu útero); Ele que engrandece (Seus devotos), Ele que expande a Si Mesmo para se tornar o universo vasto, Ele que está afastado de todas as coisas (embora as permeando); Ele que é o receptáculo do oceano de Srutis (257--264); Ele que é possuidor de braços excelentes (isto é, braços capazes de sustentar o universo); Ele que não pode ser sustentado por alguma criatura, Ele de quem fluíram os sons chamados Brahman (ou Veda), Ele que é o Senhor de todos os Senhores do universo, Ele que é o concessor de riqueza, Ele que reside em Sua própria pujança, Ele que é multiforme, Ele que é de forma vasta, Ele que reside na forma de Sacrifício em todos os animais, Ele que faz todas as coisas serem manifestadas (265--274), Ele que é dotado de grande poder, energia, e esplendor; Ele que revela a Si Mesmo em formas visíveis para Seus devotos, Ele que chamusca os injustos com Sua energia abrasadora, Ele que é enriquecido com os seis atributos (de riqueza, etc.), Ele que comunicou o Veda ao Avô Brahma, Ele que é da forma dos Samans, Riks, e Yajuses (do Veda); Ele que conforta Seus devotos queimando com as aflições do mundo como os raios da lua refrescando todas as criaturas vivas do mundo, Ele que é dotado de refulgência brilhante como o sol (275--282); Ele de cuja mente surgiu a lua, Ele que resplandece em sua própria refulgência, Ele que nutre todas as criaturas assim como o corpo luminoso marcado pela lebre, Ele que é o Mestre das divindades, Ele que é o grande remédio para a doença do apego mundano, Ele que é a grande estrada do universo, Ele que é dotado de conhecimento e outros atributos que nunca são inúteis e com bravura que não pode ser frustrada (283--289); Ele que é solicitado por todas as criaturas em todos os tempos, isto é, no Passado, no Presente, e no Futuro; Ele que resgata Seus devotos por lançar olhares bondosos sobre eles, Ele que santifica até aqueles que são sagrados; Ele que funde o ar vital na Alma; (ou, Ele que assume diversas formas para proteger os Emancipados e os não-Emancipados); Ele que mata os desejos daqueles que são Emancipados; (ou, Ele que impede desejos maus de surgirem nas mentes de Seus devotos); Ele que é o pai de Kama (o princípio do desejo ou luxúria); Ele que é o mais agradável, Ele que é desejado por todas as criaturas, Ele que concede a realização de todos os desejos, Ele que tem a habilidade para realizar todas as ações (290--299); Ele que põe os quatro Yugas para iniciarem seu curso; Ele que faz os Yugas girarem continuamente como em uma roda, Ele que é dotado de diversos tipos de ilusão (e, portanto, a causa da qual surgem os diferentes tipos de ações que distinguem os diferentes Yugas); Ele que é o maior dos comedores (por Ele engolir todas as coisas no fim de cada Kalpa); Ele que não pode ser

apreendido (por aqueles que não são Seus devotos); Ele que é manifesto (sendo extremamente vasto); Ele que subjuga milhares de inimigos (das divindades); Ele que subjuga inúmeros inimigos (300--308); Ele que é desejado (até pelo Avô e Rudra, ou Ele que é adorado em sacrifícios); Ele que é eminente sobre todos; Ele que é desejado por aqueles que são dotados de sabedoria e virtude; Ele que tem um ornamento de penas (de pavão) em Sua proteção para a cabeça; Ele que entorpece todas as criaturas com Sua ilusão; Ele que derrama Sua graça sobre Seus devotos; Ele que mata a ira dos justos; Ele que enche os injustos de ira; Ele que é o realizador de todas as ações; Ele que segura o universo em Seus braços; Ele que sustenta a Terra (309--318); Ele que transcende as seis modificações bem conhecidas (de princípio, nascimento ou aparecimento, crescimento, maturidade, declínio, e dissolução); Ele que é dotado de grande celebridade (por causa de Suas façanhas); Ele que faz todas as criaturas vivas viverem (por Ele ser a alma que a tudo permeia); Ele que dá vida; o irmão mais novo de Vasava (na forma de Upendra ou o anão); Ele que é o receptáculo de todas as águas no universo; Ele que cobre todas as criaturas (por Ele ser a causa material de tudo); Ele que nunca está desatento (estando sempre acima do erro); Ele que está estabelecido em Sua própria glória (319--327); Ele que flui na forma de néctar; (ou, Ele que seca todas as coisas); Ele que preserva o caminho da justiça; Ele que sustenta a carga do universo; Ele que dá benefícios desejáveis para aqueles que os pedem; Ele que faz os ventos soprarem; Ele que é o filho de Vasudeva; (ou, Ele que cobre o universo com Suas ilusões e se diverte no meio dele); Ele que é dotado de esplendor extraordinário; Ele que é a causa original das divindades; Ele que perfura todas as cidades hostis (328--336); Ele que transcende toda tristeza e dor; Ele que nos leva com segurança através do oceano da vida ou do mundo; Ele que dissipa dos corações de todos os Seus devotos o medo do renascimento; Ele que é possuidor de coragem e destreza infinitas; Ele que é um descendente da linhagem de Sura; Ele que é o mestre de todas as criaturas vivas; Ele que é inclinado a mostrar Sua graça para todos; Ele que tem vindo para a terra por cem vezes (para salvar os bons, destruir os maus, e estabelecer a justiça); Ele que segura um lótus em uma de Suas mãos; Ele cujos olhos parecem com as pétalas do lótus (337--346); Ele de cujo umbigo surgiu o lótus primordial; (ou, Ele que está sentado sobre um lótus); Ele que é dotado de olhos parecidos com as pétalas do lótus; Ele que é adorado por devotos constantes como alguém sentado dentro do lótus dos seus corações; Ele que assumiu a forma de Jiva incorporado (através da Sua própria ilusão); Ele que é dotado de força de todo tipo; Ele que cresce na forma dos cinco elementos primordiais; a Alma Antiga; Ele que é dotado de olhos vastos; Ele que tem Garuda sentado sobre o estandarte de Seu carro (347--355); Ele que é incomparável; o Sarabha (o animal matador de leões); Ele que atinge os pecaminosos com terror; Ele que conhece tudo o que tem ocorrido no Tempo; Ele que aceita, nas formas das divindades, a manteiga despejada no fogo sacrifical; Ele que é conhecido por todas as espécies de evidência ou prova; Ele sobre cujo peito sempre repousa a Prosperidade; Ele que é vitorioso em toda batalha (356--364); Ele que está acima da destruição; Ele que assume uma forma vermelha; (ou, se torna colérico para os inimigos de Seus devotos); Ele que é um objetivo de busca dos justos; Ele que está na base de todas as coisas; Ele que tem a marca da corda ao redor de seu abdômen (pois Yasoda o tinha amarrado com uma corda

enquanto Ele era Krishna); Ele que suporta ou perdoa todas as injúrias; Ele que sustenta a Terra na forma de suas montanhas; Ele que é o principal de todos os objetos de culto; Ele que é dotado de grande velocidade; Ele que engole vastas quantidades de alimento (365--374); Ele que fez a criação começar a existir; Ele que sempre agita Prakriti e Purusha; Ele que brilha com resplendor; (ou, se diverte em alegria); Ele que tem pujança em Seu estômago; Ele que é o Mestre Supremo de todos; Ele que é o material do qual o universo tem sido feito; Ele que é a causa ou Agente que tem feito o universo, Ele que é independente de todas as coisas; Ele que ordena variedade no universo; Ele que é incapaz de ser compreendido; Ele que se torna invisível pela tela da ilusão (375--385); Ele que é Chit desprovido de todos os atributos; Ele em quem todas as coisas repousam; Ele em quem todas as coisas residem quando chega a dissolução universal; Ele que designa o lugar principal para aqueles que o adoram; Ele que é durável; Ele que é dotado da maior força; Ele que é glorificado no Vedanta; Ele que é satisfeito; Ele que é sempre repleto; Ele cujo olhar é auspicioso (386--395); Ele que enche todos os Yogins de deleite; Ele que é o fim de todas as criaturas (pois é nele que todas as coisas imergem na dissolução universal); Ele que é o Caminho impecável; Ele que na forma de Jiva leva à Emancipação; Ele que conduz (Jiva para a Emancipação); Ele que não tem alguém que o guie; Ele que é dotado de grande poder; Ele que é o principal de todos os seres possuidores de poder; Ele que sustenta Aquele que é o principal de todos os seres conhecedores do dever e religião (396--404); Ele que une, no momento da criação, os elementos desunidos para formar todos os objetos; Ele que reside em todos os corpos; Ele que faz todas as criaturas agirem na forma de Kshetrajna; Ele que cria todas as criaturas depois de destruí-las na dissolução universal; Ele para quem todos se curvam com reverência; Ele que está estendido sobre universo inteiro; Ele que possui o ovo dourado primordial como seu abdômen (de onde, como do útero feminino), tudo procede; Ele que destrói os inimigos das divindades; Ele que espalha todas as coisas (sendo a causa material de onde elas surgem); Ele que propaga perfumes agradáveis; Ele que desconsidera os prazeres dos sentidos (405--415); Ele que é identificável com as estações; Ele à cuja visão somente todos os devotos conseguem obter o grande objeto de seu desejo; Ele que enfraquece todas as criaturas; Ele que mora no firmamento do coração, dependendo da Sua própria glória e pujança; Ele que pode ser conhecido em todo lugar (por causa de Sua onipresença); Ele que inspira todo o mundo com medo; Ele em quem todas as criaturas residem; Ele que é inteligente em realizar todas as ações; Ele que constitui o descanso de todas as criaturas (sendo, como Ele é, a personificação da Emancipação); Ele que é dotado de competência maior do que aquela de outros Seres (416--425); Ele em quem o Universo inteiro está espalhado; Ele que é em Si Mesmo imóvel e em quem todas as coisas repousam para sempre; Ele que é um objeto de prova; Ele que é a semente indestrutível e imutável; Ele que é procurado por todos (por Ele ser felicidade); Ele que não tem desejo (por todos os Seus desejos terem sido satisfeitos); Ele que é a grande causa (que cobre o universo); Ele que tem todos os tipos de coisas para desfrutar; Ele que tem grande riqueza com a qual assegurar todos os objetos de desejo (426--434); Ele que está acima do desespero; Ele que existe na forma de Renúncia; Ele que é sem nascimento; Ele que é a estaca à qual a Retidão está amarrada; Ele que é a grande personificação

do sacrifício; Ele que é o cubo da roda estrelada que gira no firmamento; (Supõe-se que Vishnu esteja dentro da constelação chamada Sisumara ou a Ursa do Norte. As estrelas, sem mudarem suas posições por si, parecem girar ao redor deste ponto dentro da constelação citada.) Ele é a Lua entre as constelações; Ele é competente para realizar toda proeza; Ele que permanece em Sua própria alma quando todas as coisas desaparecem; Ele que nutre o desejo por Criação (435--444); Ele que é a personificação de todos os sacrifícios; Ele que é adorado em todos os sacrifícios e ritos religiosos; Ele que é a mais adorável das divindades presentes nos sacrifícios que homens realizam; Ele que é a personificação de todos os sacrifícios nos quais animais são oferecidos de acordo com a ordenança; Ele que é adorado por pessoas antes que elas comam algum alimento; (Na Índia nenhum homem deve cultuar as divindades com um estômago cheio. De fato, uma pessoa deve se abster de todo tipo de comida e bebida se ela tem que cultuar as divindades formalmente.) Ele que é o Refúgio daqueles que buscam Emancipação; Ele que observa as ações e omissões de todas as criaturas; Ele cuja alma transcende todos os atributos; Ele que é possuidor de onisciência; Ele que é idêntico ao conhecimento que é não adquirido, ilimitado, e capaz de realizar tudo (445--454); Ele que é cumpridor de votos excelentes (o principal entre os quais é a concessão de benefícios para alguém que os solicita com um coração puro); Ele que tem uma face sempre cheia de deleite; Ele que é extremamente sutil; Ele que profere os sons mais agradáveis (na forma do Veda ou como Krishna tocando a flauta); Ele que dá felicidade (para todos os Seus devotos); Ele que faz bem para outros sem esperar nenhuma retribuição; Ele que enche todas as criaturas de deleite; Ele que tem subjugado a ira; Ele que tem braços poderosos (tão poderosos que Ele matou como se em diversão os mais poderosos dos Asuras); Ele que dilacera aqueles que são injustos (455--464); Ele que faz aquelas pessoas que são desprovidas de conhecimento da alma serem imersos no sono profundo de Sua ilusão; Ele que confia em Si Mesmo (sendo totalmente independente de todas as pessoas e coisas); Ele que cobre o universo inteiro; Ele que existe em formas infinitas; Ele que está engajado em ocupações infinitas em número; Ele que vive em tudo; Ele que é cheio de afeição por todos os Seus devotos; Ele que é o pai universal (todas as criaturas vivas do universo sendo como bezerros nascidos dele); Ele que mantém, na forma do vasto Oceano, todas as jóias e pedras preciosas em Seu abdômen, Ele que é o Senhor de todos os tesouros (465--474); Ele que é o protetor da justiça; Ele que realiza todos os deveres de justiça; Ele que é o substrato da justiça; Ele que é existente por todo o tempo; Ele que é inexistente (na forma do universo, pois o universo manifestado é o resultado de ilusão); Ele que é destrutível (na forma do universo); Ele que é indestrutível como Chit; Ele que é, na forma de Jiva, desprovido de conhecimento verdadeiro; Ele que é, na forma do Sol, dotado de mil raios; Ele que ordena (até aquelas criaturas grandes e poderosas como Sesha e Garuda, etc.); Ele que criou todos os Sastras (475--485); Ele que existe, na forma do Sol, como o centro de inúmeros raios de luz; Ele que mora em todas as criaturas; Ele que é possuidor de grande destreza; Ele que é o Mestre até de Yama e outros de força similar; Ele que é a mais antiga das divindades (existindo como Ele existe desde o início); Ele que existe em Sua própria glória, rejeitando todas as condições; Ele que é o Senhor de todas as divindades; Ele que é o soberano até daquele que sustenta as

divindades (isto é,Indra) (486--493); Ele que transcende nascimento e destruição; Ele cuidou e protegeu as vacas (na forma de Krishna); Ele que nutre todas as criaturas; Ele que é acessível somente pelo conhecimento; Ele que é Antigo; Ele que mantém os elementos que constituem o corpo; Ele que desfruta e suporta (felicidade e infortúnio, na forma de Jiva); Ele que assumiu a forma de um enorme Javali; (ou, Ele que, na forma de Rama, foi o Senhor de uma grande hoste de macacos); Ele que deu presentes abundantes para todos em um sacrifício grandioso realizado por Ele (494--502); Ele que bebe Soma em todo sacrifício; Ele que bebe néctar; Ele que, na forma de Soma (Chandramas), nutre todas as ervas e plantas; Ele que conquista inimigos em um instante mesmo quando eles são infinitos em número; Ele que é de forma universal e é o principal de todos os entes existentes; Ele que é o castigador; Ele que é vitorioso sobre todos; Ele cujos propósitos não podem ser frustrados; Ele que merece presentes; Ele que dá o que Suas criaturas não têm e que protege o que elas têm (503--512); Ele que mantém os ares vitais; Ele que vê todas as Suas criaturas como objetos de visão direta; Ele que nunca vê nada além de Si mesmo; Ele que dá Emancipação; Ele cujos passos (três em número) cobriram Céu, Terra, e as Regiões Inferiores; Ele que é o receptáculo de toda a água; Ele que domina todo o Espaço, todo o Tempo, e todas as coisas; Ele que deita na vasta extensão de águas depois da dissolução universal; Ele que causa a destruição de todas as coisas (513--521); Ele que é sem nascimento; Ele que é extremamente adorável; Ele que aparece em Sua própria natureza; Ele que tem vencido todos os inimigos (na forma de ira e outros maus sentimentos); Ele que deleita aqueles que meditam nele; Ele que é alegria; Ele que enche outros de deleite; Ele que cresce com todas as causas de deleite; Ele que tem verdade e outras virtudes como Suas indicações; Ele cujos passos estão nos três mundos (522--530); Ele que é o primeiro dos Rishis (estando familiarizado com os Vedas inteiros); Ele que é idêntico ao preceptor Kapila; Ele que é o conhecedor do Universo; Ele que é Mestre da Terra; Ele que tem os pés deles; Ele que é o guardião das divindades; Ele que tem chifres grandes (em alusão à forma de peixe na qual Ele salvou Manu na ocasião do dilúvio universal por se mover pelas águas com o barco de Manu amarrado aos Seus chifres); Ele que esgota todas as ações por fazer seus fazedores desfrutarem ou suportarem seus resultados; (ou, Ele que oprime o próprio Destruidor) (531--538); o grande Javali; Ele que é entendido ou compreendido pela ajuda do Vedanta; Ele que tem belas tropas (na forma de Seus devotos); Ele que está adornado com braceletes dourados; Ele que está oculto (sendo conhecido somente com a ajuda dos Upanishads); Ele que é profundo (em conhecimento e pujança); Ele que é de acesso difícil; Ele que transcende palavra e pensamento, que está armado com o disco e a maça (539--547); o Ordenador; Ele que é a causa (na forma do ajudante do universo); Ele que nunca foi derrotado; Ele que é o Krishna Nascido na Ilha; Ele que é permanente (por Ele transcender a decadência); Ele que ceifa todas as coisas e está Ele Mesmo acima de deterioração; o Varuna (a divindade das águas); o filho de Varuna (na forma de Vasishtha ou Agastya); Ele que é imóvel como uma árvore; Ele que está manifestado em Sua própria forma verdadeira no lótus do coração; Ele que cria, preserva, e destrói somente por um decreto da mente (548--558); Ele que é possuidor dos seis atributos (de soberania etc.); Ele que destrói os seis atributos (na dissolução universal); Ele que é felicidade (por

Ele crescer com todos os tipos de prosperidade); Ele que está adornado com a guirlanda triunfal (chamada Vaijayanta); Ele que está armado com o arado (em alusão à sua encarnação como Valadeva); Ele que tomou nascimento do útero de Aditi (na forma do anão que iludiu Vali); Ele que é dotado de esplendor como aquele do Sol; Ele que resiste a todos os pares de opostos (tais como calor e frio, prazer e dor, etc.); Ele que é o principal Refúgio de todas as coisas (559--568); Ele que está armado com o melhor dos arcos (chamado Saranga); Ele que foi privado de Seu machado de combate (por Rama da linhagem de Bhrigu); (Rama da linhagem de Bhrigu foi até Mahadeva para obter a ciências de armas. Enquanto morando no retiro de Siva ele teve uma briga com Karttikeya ou Kumara, o filho de Siva. Rama venceu o filho do seu preceptor em combate, pelo que seu preceptor, satisfeito com ele, lhe fez um presente do seu próprio machado de batalha, com o qual o regenerado exterminou os Kshatriyas por vinte e uma vezes.) Ele que é feroz; Ele que é o concessor de todos os objetos de desejo; Ele que é tão alto quanto a tocar os próprios céus com sua cabeça (em alusão à forma que ele assumiu no sacrifício de Vali); Ele cuja visão se estende sobre o universo inteiro; Ele que é Vyasa (que distribuiu os Vedas); Ele que é o Mestre do discurso ou toda ciência; Ele que começou a existir sem a intervenção de órgãos genitais (568--576); Ele que é cantado com os três Samans (principais); Ele que é o cantor dos Samans; Ele que é a Extinção de todos os apegos mundanos (por Ele ser a personificação da Renúncia); Ele que é o Remédio; Ele que é o Médico (que aplica o remédio); Ele que ordenou o quarto ou último modo de vida chamado de Renúncia (para permitir que Suas criaturas alcançassem a Emancipação); Ele que faz as paixões de Seus devotos serem acalmadas (com o propósito de lhes dar tranquilidade de alma); Ele que é contente (por causa de Sua total dissociação de todos os objetos mundanos); Ele que é o Refúgio da devoção e tranquilidade de Alma (577--585); Ele que é possuidor de membros belos; Ele que é o dador de tranquilidade de alma; Ele que é Criador; Ele que passa seu tempo em alegria na superfície da terra; Ele que dorme (em Yoga) deitado sobre o corpo do príncipe das cobras, Sesha, depois da dissolução universal; o Benfeitor das vacas; (ou, Ele que tomou uma forma humana para aliviar a terra do peso de sua população); o Mestre do universo; o Protetor do universo; Ele que é dotado de olhos como aqueles do touro; Ele que nutre a Justiça com amor (586--595); Ele que é o herói que não retorna; Ele cuja alma foi afastada de todos os apegos; Ele que reduz a uma forma sutil o universo no tempo da dissolução universal; Ele que faz bem para Seus devotos afligidos; Ele cujo nome, logo que ouvido, limpa o ouvinte de todos os seus pecados; Ele que tem o vórtice auspicioso em Seu peito; Ele em quem mora a deusa da Prosperidade para sempre; Ele que foi escolhido por Lakshmi (a Deusa da prosperidade) como seu Marido; Ele que é o principal de todos os Seres dotados de prosperidade (596--604); Ele que dá prosperidade para Seus devotos; o Mestre da prosperidade; Ele que sempre vive com aqueles que são dotados de prosperidade; Ele que é o receptáculo de todos os tipos de prosperidade; Ele que dá prosperidade para todas as pessoas de ações virtuosas de acordo com a proporção de sua virtude; Ele que mantém a deusa da Prosperidade em Seu peito; Ele que concede prosperidade para aqueles que ouvem, louvam, e meditam sobre Ele; Ele que é a personificação daquela condição que representa a obtenção de felicidade inalcançável; Ele que é

possuidor de todo tipo de beleza; Ele é que o Refúgio do três mundos (605--614); Ele que é possuidor de olhos belos; Ele que é possuidor de membros belos; Ele que é possuidor de cem fontes de prazer; Ele que representa o prazer mais sublime; Ele que é o Mestre de todos os corpos luminosos no firmamento (pois é ele que os mantém em seus lugares e órbitas); Ele que subjugou Sua alma; Ele cuja alma não é dominada por algum Ser superior; Ele que é sempre de ações belas; Ele cujas dúvidas foram todas dissipadas (pois é dito que Ele vê o universo inteiro como um Amlaka em Sua palma) (615--623); Ele que supera todas as criaturas; Ele cuja visão se estende em todas as direções; Ele que não tem Mestre; Ele que em todos os tempos transcende todas as mudanças; Ele que (na forma de Rama) teve que se deitar sobre aquele solo nu; Ele que adorna a terra (com Suas encarnações); Ele que é a própria pujança; Ele que transcende toda dor; Ele que dissipa as aflições de todos os Seus devotos logo que eles se lembram dele (624--632); Ele que é possuidor de refulgência, Ele que é adorado por todos; Ele que é o pote de água (porque todas as coisas residem dentro dele); Ele que é de alma pura; Ele que purifica todos logo que eles ouvem sobre Ele; Ele que é livre e ilimitado; Ele cujo carro nunca se desvia de batalhas; Ele que é possuidor de grande riqueza; Ele cuja bravura é incapaz de ser medida (633--641); Ele que é o matador do Asura chamado Kalanemi; Ele que é o Herói; Ele que tomou nascimento na linhagem de Sura; Ele que é o Senhor de todas as divindades; a alma dos três mundos; o Mestre dos três mundos; Ele que tem os raios solares e lunares como Seu cabelo; o matador de Kesi; Ele que destrói todas as coisas (na dissolução universal) (642--650); a Divindade de quem a realização de todos os desejos é procurada; Ele que concede os desejos de todos; Ele que tem desejos; Ele que tem uma bela forma; Ele que é dotado de conhecimento completo de Srutis e Smritis; Ele que é possuidor de uma forma que é indescritível por atributos; Ele cujos raios mais brilhantes dominam o céu; Ele que não tem fim; Ele que (na forma de Arjuna ou Nara) obteve vasta riqueza na ocasião de sua campanha de conquista (651--660); Ele que é o principal objeto de recitação silenciosa, de sacrifício, dos Vedas, e de todas as ações religiosas; Ele que é o criador de penitências e semelhantes; Ele que é a forma (do Avô) Brahman, Ele que é o aumentador de penitências; Ele que está familiarizado com Brahma; Ele que é da forma de Brahmana; Ele que tem por Seus membros Aquele que é chamado de Brahma; Ele que conhece todos os Vedas e tudo no universo; Ele que é sempre amigo dos Brahmanas e de quem os Brahmanas também são amigos (661--670); Ele cujos passos cobrem áreas vastas; Ele cujas façanhas são poderosas; Ele que é possuidor de energia vasta; Ele que é idêntico a Vasuki, o rei das cobras; Ele que é o principal de todos os sacrifícios; Ele que é Japa, aquele principal dos sacrifícios; Ele que é a principal de todas as oferendas feitas em sacrifícios (671--678); Ele que é cantado por todos; Ele que ama ser cantado (por seus devotos); Ele que é Ele mesmo os hinos proferidos por Seus devotos; Ele que é o próprio ato de cantar; Ele que é a pessoa que canta; Ele que gosta de lutar (com tudo o que é mau); Ele que é pleno em todos os aspectos; Ele que enche outros com todo tipo de riqueza; Ele que destrói todos os pecados logo que Ele é lembrado; Ele cujos atos são todos justos; Ele que transcende todas as espécies de doença (679--689); Ele que é dotado da velocidade da mente; Ele que é o criador e promulgador de todos os tipos de ciência; Ele cuja semente vital é

ouro; Ele que é concessor de riqueza (sendo idêntico a Kuvera, o Senhor dos tesouros); Ele que tira a riqueza dos Asuras; o filho de Vasudeva; Ele em quem todas as criaturas moram; Ele cuja mente mora em todas as coisas em perfeita identidade com elas; Ele que tira os pecados de todos os que procuram refúgio nele (690--698); Ele que é alcançável pelos justos; Ele cujas ações são sempre boas; Ele que é a única entidade no universo; Ele que se manifesta em diversas formas; Ele que é o refúgio de todos aqueles que estão familiarizados com a verdade; Ele que tem os maiores dos heróis como suas tropas; (se referindo a Hanuman e outros entre os macacos que Rama liderou contra Ravana). Ele que é o principal dos Yadavas; Ele que é a residência dos justos; Ele que brinca em alegria (nos bosques de Brinda) nas margens do Yamuna (699--707); Ele em quem todas as coisas criadas residem; a divindade que oprime o universo com Seu Maya (ilusão); Ele em quem todos os principais dos Seres vêm a ser unidos (quando eles alcançam sua Emancipação); Ele cuja fome nunca é satisfeita; Ele que humilha o orgulho de todos; Ele que enche os virtuosos com justo orgulho; Ele que cresce com alegria; Ele que não pode ser apanhado; Ele que nunca foi vencido (707--716); Ele que é de forma universal; Ele que é de forma vasta; Ele cuja forma resplandece com energia e refulgência; Ele que é sem forma (como determinado por ações); Ele que é de diversas formas; (Ele que é imanifesto); Ele que é de cem formas; Ele que é de cem rostos (717--724); Ele que é um; Ele que é muitos (por ilusão); Ele que é cheio de felicidade; Ele que forma o único grande tópico de investigação; Ele de quem é tudo isso; Ele que é chamado de AQUELE; Ele que é o maior Refúgio; Ele que confina Jiva dentro de causas materiais; Ele que é cobiçado por todos; Ele que tomou nascimento na linhagem de Madhu; Ele que é extremamente afetuoso para com Seus devotos (725--735); Ele que é de cor dourada; Ele cujos membros são como ouro (em cor); Ele que é possuidor de membros belos; Ele cujo corpo é enfeitado com Angadas feitos com pasta de sândalo; Ele que é o matador de heróis; Ele que não tem igual; Ele que é como zero (por nenhum atributo ser afirmável dele); Ele que não precisa de bênçãos (por causa de Sua plenitude); Ele que nunca se desvia da Sua própria natureza e pujança e conhecimento; Ele que é móvel na forma do vento (736--745); Ele que nunca Se identifica com alguma coisa que é não-alma; (O universo consiste em Alma e Não-alma. Jiva, quando envolvido em matéria ou Não-alma aceita o Não-alma como ele mesmo, em sua ignorância. De fato, até que o verdadeiro conhecimento seja obtido, o corpo é aceito como o eu.) Ele que concede honra para Seus devotos; Ele que é honrado por todos; Ele que é o Senhor dos três mundos; Ele que sustenta os três mundos; Ele que é possuidor de inteligência e memória capaz de manter em Sua mente os conteúdos de todos os tratados; Ele que tomou nascimento em um sacrifício; Ele que é digno do maior louvor; Ele cuja inteligência e memória nunca são inúteis; Ele que mantém a terra (746--755); Ele que emana calor na forma do Sol; Ele que é o portador de grande beleza de membros; Ele que é o principal de todos os portadores de armas; Ele que aceita as oferendas de flores e folhas feitas para Ele por Seus devotos; Ele que subjugou todas as Suas paixões e oprime todos os Seus inimigos; Ele não tem ninguém para caminhar diante dele; Ele que tem quatro chifres; Ele que é o irmão mais velho de Gada (756--764); Ele que tem quatro braços; Ele de quem os quatro Purushas surgiram; Ele que é o refúgio dos quatro modos de vida e das quatro

classes de homens; Ele que é de quatro almas (Mente, Compreensão, Consciência, e Memória); Ele de quem surgem os quatro objetivos da vida, isto é, Virtude, Riqueza, Prazer, e Emancipação; Ele que conhece os quatro Vedas; Ele que tem exposto somente uma fração de Sua força (765--772); Ele que põe a roda do mundo para girar incessantemente; Ele cuja alma é dissociada de todos os apegos mundanos; Ele que não pode ser vencido; Ele que não pode ser superado; Ele que é extremamente difícil de ser alcançado; Ele que é difícil de ser aproximado; Ele que é de acesso difícil; Ele que é difícil de ser trazido dentro do coração (mesmo por Yogins); Ele que mata até os inimigos mais poderosos (entre os Davanas) (773--781); Ele que tem membros belos; Ele que toma a essência de todas as coisas no universo; Ele que possui a mais bela urdidura e trama (para tecer essa textura de tecido do universo); Ele que tece com urdidura e trama que sempre se expandem; Ele cujas ações são feitas por Indra; Ele cujos atos são grandiosos; Ele que não tem atos inacabados; Ele que compôs todos os Vedas e escrituras (782--789); Ele cujo nascimento é sublime; Ele que é extremamente belo; Ele cujo coração é cheio de compaixão; Ele que tem pedras preciosas em Seu umbigo; Ele que tem conhecimento excelente como Sua visão; Ele que é digno de ser adorado pelo próprio Brahman e outros principais no universo; Ele que é o dador de alimento; Ele que assumiu chifres no momento da dissolução universal; Ele que sempre subjugou Seus inimigos magnificamente; Ele que conhece todas as coisas; Ele que é sempre vitorioso sobre aqueles que são de bravura irresistível (790--799); Ele cujos membros são como ouro; Ele que é incapaz de ser agitado (por ira ou aversão ou outra emoção); Ele que é Mestre de todos aqueles que são mestres de todo discurso; Ele que é o lago mais profundo; Ele que é a cova mais profunda; Ele que transcende a influência do Tempo; Ele em quem os elementos primordiais estão estabelecidos (800--806); Ele que alegra a terra; Ele que concede frutos os quais são tão agradáveis quanto as flores Kunda (Jasmim pubescens, Linn); Ele que doou a terra para Kasyapa (em sua encarnação como Rama); Ele que extingue os três tipos de miséria (mencionados na filosofia Sankhya) como uma nuvem carregada de chuva esfriando o calor da terra por seu aguaceiro; Ele que purifica todas as criaturas; Ele que não tem ninguém para incitá-lo; Ele que bebeu néctar; Ele que tem um corpo eterno; Ele que possui onisciência; Ele que tem rosto e olhos virados para todas as direções (807--816); Ele que é conquistado facilmente (com presentes que consistem em flores e folhas); Ele que tem realizado votos excelentes; Ele que é coroado com sucesso por Si Mesmo; Ele que é vitorioso sobre todos os inimigos; Ele que chamusca todos os inimigos; Ele que é a Banian sempre crescente e alta que se eleva acima de todas as outras árvores; Ele que é a figueira sagrada (Ficus glomerata, Willd); Ele que é a Ficus religiosa; (ou, Ele que é não durável, por Ele ser todas as formas perecíveis no universo assim como ele é todas as formas imperecíveis que existem); Ele que é o matador de Chanura do país Andhra (817--825); Ele que é dotado de mil raios; Ele que tem sete línguas (nas formas de Kali, Karali, etc.); Ele que tem sete chamas (por Ele ser idêntico à divindade do fogo); Ele que tem sete cavalos para carregar Seu veículo; (ou, Ele que possui o corcel chamado Sapta); Ele que é informe; Ele que é impecável; Ele que é inconcebível; Ele que dissipa todos os medos; Ele que destrói todos os medos (826--834); Ele que é minúsculo; Ele que é grosseiro; Ele que é emaciado; Ele que é adiposo; Ele

que é dotado de atributos; Ele que transcende todos os atributos; Ele que não pode ser apanhado; Ele que Se permite ser facilmente apanhado (por Seus devotos); Ele que tem um rosto excelente; Ele que tem como Seus descendentes o povo das regiões acidentais; Ele que expande a criação consistindo nos cinco elementos primordiais (835--846); Ele que carrega pesos pesados (na forma de Ananta); Ele que tem sido declarado pelos Vedas; Ele que é dedicado ao Yoga; Ele que é o senhor de todos os Yogins; Ele que é o concessor de todos os desejos; Ele que fornece um retiro para aqueles que buscam isto; Ele que põe Yogins para praticarem Yoga de novo depois de seu retorno para a vida após o término de sua vida de bem-aventurança no céu; Ele que investe Yogins com pujança mesmo depois do esgotamento de seus méritos; Ele que tem folhas vistosas (na forma dos Schhandas dos Vedas, Ele Mesmo sendo a árvore do mundo); Ele que faz os ventos soprarem (847--856); Ele que está armado com o arco (na forma de Rama); Ele que está familiarizado com a ciência de armas; Ele que é a vara de castigo; Ele que é o castigador; Ele que executa todas as sentenças de castigo; Ele que nunca foi derrotado; Ele que é competente em todas as ações; Ele que designa todas as pessoas para seus respectivos deveres; Ele que não tem alguém para designá-lo para algum trabalho; Ele que não tem Yama para matá-lo (857--866); Ele que é dotado de heroísmo e destreza; Ele que tem o atributo de Sattwa (Bondade); Ele que é idêntico à Verdade; Ele que é devotado à Verdade e Justiça; Ele que é procurado por aqueles que estão decididos a obter Emancipação; (ou, Ele em direção a quem o universo procede quando chega a dissolução); Ele que merece ter todos os objetos os quais Seus devotos oferecem para Ele; Ele que é digno de ser adorado (com hinos e flores e outras oferendas de reverência); Ele que faz bem a todos; Ele que aumenta os prazeres de todos (867--875); Ele cujo caminho é através do firmamento; Ele que resplandece em sua própria refulgência; Ele que é dotado de grande beleza; Ele que come as oferendas feitas sobre o fogo sacrifical; Ele que mora em todos os lugares e é dotado de força suprema; Ele que absorve a umidade da terra na forma do Sol; Ele que tem diversos desejos; Ele que gera todas as coisas; Ele que é a origem do universo; Ele que tem o Sol como Seu olho (876--885); Ele que é Infinito; Ele que aceita todas as oferendas sacrificais; Ele que desfruta de Prakriti na forma de Mente; Ele que é concessor de felicidade; Ele que tem tomado repetidos nascimentos (para a proteção da justiça e dos justos); Ele que é a Primogênita de todas as coisas existentes; Ele que transcende o desespero (pela realização de todos os Seus desejos); Ele que perdoa os justos quando eles erram; Ele que é a fundação sobre a qual o universo se apóia; Ele que é o mais extraordinário (886--895); Ele que é existente desde o início do Tempo; Ele que tem estado existindo desde antes do nascimento do Avô e outros; Ele que é de uma cor fulva; (ou, Ele que revela ou ilumina todas as coisas existentes com Seus raios); Ele que assumiu a forma do grande Javali; Ele que existe mesmo quando todas as coisas são dissolvidas; Ele que é o dador de todas as bênçãos; Ele que cria bênçãos; Ele que é identificável com todas as bênçãos; Ele que desfruta de bênçãos; Ele que é capaz de espalhar bênçãos (896--905); Ele que é sem ira; Ele que deita oculto em voltas (na forma da cobra Sesha); (ou, Ele que está enfeitado com brincos); Ele que está armado com o disco; Ele que é dotado de grande destreza; Ele cujo domínio é regulado pelos preceitos excelentes dos Srutis e dos

Smritis; Ele que não pode ser descrito pela ajuda da fala; Ele a quem os Vedantas se esforçam para expressar com a ajuda das palavras; Ele que é o orvalho que refresca aqueles que sofrem com os três tipos de aflição; Ele que vive em todos os corpos, dotado da capacidade de dissipar a escuridão (906--914); Ele que é desprovido de cólera; Ele que é bem hábil em realizar todos os atos por pensamentos, palavras, e ações; Ele que pode realizar todas as ações dentro do período de tempo mais curto; Ele que destrói os maus; Ele que é a principal de todas as pessoas clementes; Ele que é principal de todas as pessoas dotadas de conhecimento; Ele que transcende todo temor; Ele cujo nomes e feitos, ouvidos e recitados, levam à Virtude (915--922), Ele que resgata os Justos do tempestuoso oceano do mundo; Ele que destrói os perversos; Ele que é Justiça; Ele que dissipa todos os sonhos maus; Ele que destrói todos os maus caminhos para levar Seus devotos ao bom caminho da Emancipação; Ele que protege o universo por permanecer no atributo de Sattwa; Ele que anda pelo bom caminho; Ele que é Vida; Ele que existe cobrindo o universo (923--931); Ele que é de formas infinitas; Ele que é dotado de prosperidade infinita; Ele que subjugou a ira; Ele que destrói os temores dos virtuosos; Ele que dá resultados justos, de todos os lados, para seres sensíveis de acordo com seus pensamentos e atos; Ele que é de Alma incomensurável; Ele que concede diversos tipos de resultados para pessoas merecedoras por suas diversas ações; Ele que determina diversas ordens (para os deuses e homens); Ele que anexa a cada ato seu resultado apropriado (932--940); Ele que não tem início; Ele que é o receptáculo de todas as causas assim como da terra; Ele que tem a deusa da Prosperidade sempre ao Seu lado; Ele que é o principal de todos os heróis; Ele que está enfeitado com belos braceletes; Ele que produz todas as criaturas; Ele que é a causa original do nascimento de todas as criaturas; Ele que é o terror de todos os Asuras perversos; Ele que é dotado de bravura terrível (941--949); Ele que é o receptáculo e residência dos cinco elementos primordiais; Ele que engole em Sua garganta todas as criaturas na hora da dissolução universal; Ele cujo sorriso é tão agradável quanto a visão de flores; (ou, Ele que ri na forma de flores); Ele que está sempre desperto; Ele que permanece na cabeça de todas as criaturas; Ele cuja conduta consiste naquelas ações que os Justos fazem; Ele que revive os mortos (como no caso de Parikshit e outros); Ele que é a sílaba inicial Om; Ele que tem ordenado todos os atos justos (950--958); Ele que expõe a verdade acerca da Alma Suprema; Ele que é a residência dos cinco ares vitais e dos sentidos; Ele que é o alimento que sustenta a vida das criaturas vivas; Ele que faz todas as criaturas vivas viverem com a ajuda do ar vital chamado Prana; Ele que é o grande tópico de todo sistema de filosofia; Ele é a Única Alma no universo; Ele que transcende nascimento, decrepitude, e morte (959--965); Ele que resgata o universo pelas sílabas sagradas Bhuh, Bhuvah, Swah, e as outras com as quais oferendas Homa são feitas; Ele que é o grande salvador; Ele que é o pai de todos; Ele que é o pai até do Avô (Brahman); Ele que é da forma do Sacrifício; Ele que é o Senhor de todos os sacrifícios (sendo a grande divindade que é adorada neles); Ele é o sacrificador; Ele que tem sacrifícios como seus membros; Ele que mantém todos os sacrifícios (966--975); Ele que protege sacrifícios; Ele que criou sacrifícios; Ele que é o principal de todos os realizadores de sacrifícios; Ele que desfruta das recompensas de todos os sacrifícios; Ele que causa a realização de todos os

sacrifícios; Ele que conclui todos os sacrifícios por aceitar a libação completa no fim; Ele que é idêntico a tais sacrifícios que são realizados sem desejo de resultado; Ele que é o alimento que sustenta todas as criaturas vivas; Ele que é também o comedor daquele alimento (976--984); Ele que é Ele mesmo a causa de Sua existência; Ele que é Nascido por Si Mesmo; Ele que penetrou através da terra sólida (e se dirigindo para as regiões inferiores matou Hiranyaksha e outros); Ele que canta os Samans; Ele que é o alegrador de Devaki; Ele que é o criador de tudo; Ele que é o Senhor da terra; Ele que é o destruidor dos pecados de Seus devotos (985--992); Ele que leva a concha (Panchajanya) em Suas mãos; Ele que possui a espada do conhecimento e ilusão; Ele que faz o ciclo dos Yugas girar incessantemente; Ele que investe a Si Mesmo com consciência e sentidos; Ele que é dotado da maça da compreensão mais sólida. Ele que está armado com uma roda de carro; Ele que é incapaz de ser agitado; Ele que está armado com todos os tipos de armas (993--1000). Om, saudações a Ele!

'Dessa maneira eu recitei para ti, sem nenhuma exceção, os mil nomes excelentes do Kesava de grande alma cuja glória deve ser sempre cantada. Aquele homem que ouve os nomes todo dia ou que os recita todo dia, nunca encontra com nenhum mal aqui ou após a morte. Se um Brahmana faz isso ele consegue dominar o Vedanta; se um Kshatriya o faz ele se torna sempre bem sucedido em batalha. Um Vaisya, por fazê-lo, vem a ser possuidor de riqueza, enquanto um Sudra ganha grande felicidade. Se alguém se torna desejoso de ganhar o mérito da virtude, ele consegue ganhá-lo (por ouvir ou recitar estes nomes). Se é riqueza que alguém deseja, ele consegue ganhar riqueza (por agir dessa maneira). Assim também o homem que deseja prazeres dos sentidos consegue desfrutar de todos os tipos de prazeres, e o homem desejoso de prole obtém prole (por seguir este rumo de conduta). Aquele homem que com devoção e perseverança e coração totalmente dirigido para ele, recita estes mil nomes de Vasudeva todo dia, depois de ter se purificado, consegue obter grande fama, uma posição de eminência entre seus parentes, prosperidade duradoura, e por fim, aquele que é do maior benefício para ele (ou seja, a própria Emancipação). Tal homem nunca encontra o medo em qualquer tempo, e obtém grande destreza e energia. Doença nunca o aflige; esplendor de cor, força, beleza, e habilidades se tornam dele. Os doentes ficam com saúde, os aflitos ficam livres de suas aflições; os amedrontados ficam livres do medo, e aquele que está mergulhado em calamidade fica livre da calamidade. O homem que canta os louvores daquele principal dos Seres por recitar Seus mil nomes com devoção consegue transpor todas as dificuldades rapidamente. Aquele mortal que se refugia em Vasudeva e que se torna devotado a Ele, fica livre de todos os pecados e alcança o eterno Brahma. Aqueles que são devotados a Vasudeva nunca têm que enfrentar nenhum mal. Eles ficam livres do medo do nascimento, morte, decrepitude, e doença. O homem que com devoção e fé recita este hino (consistindo nos mil nomes de Vasudeva) consegue obter felicidade de alma, bondade de disposição, Prosperidade, inteligência, memória, e fama. Nem ira, nem ciúmes, nem cobiça, nem má compreensão jamais aparecem naqueles homens de virtude que são devotados àquele principal dos seres. O firmamento com o sol, lua e estrelas, o céu, os pontos do horizonte, a terra e o oceano, são todos mantidos e suportados

pela destreza de Vasudeva de grande alma. Todo o universo móvel e imóvel com as divindades, Asuras, e Gandharvas, Yakshas, Uragas e Rakshasas, está sob o domínio de Krishna. Os sentidos, mente, compreensão, vida, energia, força e memória, isto é dito, têm Vasudeva como sua alma. De fato, este corpo que é chamado de Kshetra, e a alma inteligente dentro dele, que é chamada de conhecedor de Kshetra, também têm Vasudeva como sua alma. Conduta (consistindo em práticas) é citada como sendo o principal de todos os tópicos tratados nas escrituras. A justiça tem a conduta como sua base. O imperecível Vasudeva é citado como sendo o senhor da justiça. Os Rishis, os Pitris, as divindades, o grandes elementos (primordiais), os metais, de fato, todo o universo móvel e imóvel, surgiu de Narayana. Yoga, a Filosofia Sankhya, o conhecimento, todas as artes mecânicas, os Vedas, as diversas escrituras, e toda a ciência, surgiram de Janardana. Vishnu é o único grande elemento ou substância que tem se expandido em formas multifárias. Cobrindo os três mundos, Ele, a alma de todas as coisas, desfruta delas todas. Sua glória não conhece diminuição, e Ele é que é o Desfrutador do universo (como seu Senhor Supremo). Este hino em louvor do ilustre Vishnu composto por Vyasa deve ser recitado por aquela pessoa que deseja obter felicidade e aquele que é o maior benefício (isto é, Emancipação). Aquelas pessoas que cultuam e adoram o Senhor do universo, aquela divindade que é não-nascida e possuidora de brilho resplandecente, que é a origem ou causa do universo, que não conhece deterioração, e que é dotada de olhos que são tão grandes e belos quanto as pétalas do lótus, nunca têm que encontrar com nenhuma derrota.'"

150

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu de grande sabedoria, ó tu que és familiarizado com todos os ramos de conhecimento, qual é aquele objeto de recitação silenciosa por recitar o qual todo dia alguém pode obter o mérito da virtude em uma grande medida? Qual é aquele Mantra cuja recitação concede sucesso se recitado na ocasião de partir em uma viagem ou ao entrar em uma construção nova, ou no começo de algum empreendimento, ou na ocasião de sacrifícios em honra das divindades ou dos Pitris? Cabe a ti me dizer qual, de fato, é o Mantra que aplaca todas as influências malévolas, ou leva à prosperidade ou crescimento, ou à proteção do mal, ou à destruição de inimigos, ou que dissipa os temores, e que, ao mesmo tempo, é compatível com os Vedas.'"

"Bhishma disse, 'Ouça, ó rei, com atenção concentrada, qual é aquele Mantra o qual foi declarado por Vyasa. Ele foi ordenado por Savitri e é possuidor de grande excelência. Ele é capaz de purificar uma pessoa imediatamente de todos os seus pecados. Ouça, ó impecável, enquanto eu narro para ti as ordenanças a respeito daquele Mantra. De fato, ó primeiro dos filhos de Pandu, por escutar aquelas ordenanças, uma pessoa fica purificada de todos os seus pecados. Alguém que recita este Mantra dia e noite nunca vem a ser manchado pelo pecado. Eu agora declararei para ti qual é aquele Mantra. Escute com atenção concentrada. De fato, o homem que o ouve se torna dotado de vida longa, ó príncipe, e obtendo a

realização de todos os seus desejos, passa seu tempo em felicidade aqui e após a morte. Este Mantra, ó rei, era recitado diariamente pelos mais importantes dos sábios nobres dedicados à prática dos deveres Kshatriya e firmemente cumpridores do voto de veracidade. De fato, ó tigre entre reis, aqueles monarcas que, com sentidos contidos e alma tranquila, recitam este Mantra todo dia, conseguem obter prosperidade inigualável--Saudações a Vasishtha de votos superiores depois de ter se curvado com reverência a Parasara, aquele Oceano dos Vedas! Saudações para a grande cobra Ananta, e saudações para todos aqueles que são coroados com sucesso, e que são de glória imperecível! Saudações aos Rishis, e para Aquele que é o Maior dos Maiores, o deus dos deuses, e o concessor de bênçãos para todos aqueles que são os mais notáveis. Saudações para Ele de mil cabeças, Ele que é mais auspicioso, Ele que tem mil nomes, isto é, Janardana! Aja, Ekapada, Ahivradhna, o invencível Pinakin, Rita Pitrirupa, Maheswara de três olhos, Vrishakapi, Sambhu, Havana, e Iswara, estes são os célebres Rudras, onze em número, que são os senhores de todos os mundos. Estes mesmos onze de grande alma são mencionados como cem no Satarudra (dos Vedas). Ansa, Bhaga, Mitra, Varuna o senhor de águas, Dhatri, Aryaman, Jayanta, Bhaskara, Tvashtri, Pushan, Indra e Vishnu, são citados como chegando ao total de doze. Estes doze são chamados de Adityas e eles são os filhos de Kasyapa como o Sruti declara. Dhara, Dhruva, Some, Savitra, Anila, Anala, Pratyusha, e Prabhava são os oito Vasus citados nas escrituras. Nasataya e Dasra são citados como sendo os dois Aswins. Eles são os filhos de Martanda nascidos de sua esposa Samjna, de cujas narinas eles saíram. Depois disto eu irei recitar os nomes daqueles que são as testemunhas de todas as ações nos mundos. Eles tomam nota de todos os sacrifícios, de todas as doações, de todas as boas ações. Aqueles senhores entre as divindades observam tudo embora eles sejam invisíveis. De fato, eles contemplam todas as ações boas e más de todos os seres. Eles são Mrityu, Kala, os Viswedevas, os Pitris dotados de formas, os grandes Rishis possuidores de riqueza de penitências, os Munis, e outros coroados com sucesso e dedicados a penitências e emancipação. Estes de sorrisos gentis concedem diversos benefícios para aqueles homens que recitam seus nomes. Realmente, dotados de energia celestial, eles concedem diversas regiões de bem-aventurança criadas pelo Avô para tais homens. Eles residem em todos os mundos e observam atentamente todas as ações. Por recitar os nomes daqueles senhores de todas as criaturas vivas, alguém sempre se torna dotado de virtude e riqueza e prazer em medida abundante. Ele alcança após a morte diversas regiões de auspiciosidade e felicidade criadas pelo Senhor do universo. Estas trinta e três divindades, que são os senhores de todos os seres como também Nandiswara de corpo enorme, e aquele preeminente que tem o touro como o emblema em seu estandarte, e aqueles mestres de todos os mundos, isto é, os seguidores e associados dele chamado Ganeswara, e aqueles chamados Saumyas, e aqueles chamados Rudras, e aqueles chamados Yogas, e aqueles que são conhecidos como Bhutas, e os corpos luminosos no firmamento, os Rios, o céu, o príncipe das aves (Garuda), todas aquelas pessoas na terra que se tornaram coroadas com êxito por suas penitências e que estão existindo em uma forma móvel ou imóvel, o Himavat, todas as montanhas, os quatro Oceanos, os seguidores e associados de Bhava que são possuidores de bravura que é igual

àquela do próprio Bhava, o ilustre e sempre vitorioso Vishnu, e Skanda, e Ambika, estas são as grandes almas por recitar cujos nomes com sentidos contidos alguém vem a ser purificado de todos os pecados. Depois disto eu recitarei os nomes daqueles Rishis principais que são conhecidos como Manavas. Eles são Yavakrita, e Raibhya, e Arvavasu, e Paravasu, e Aushija, e Kakshivat, e Vala o filho de Angiras. Então vem Kanwa o filho do Rishi Medhatithi, e Varishada. Todos estes são dotados da energia de Brahma e são mencionados (nas escrituras) como criadores do universo. Eles surgiram de Rudra e Anala e dos Vasus. Por recitar seus nomes as pessoas obtêm grandes benefícios. De fato, por fazer boas ações sobre a terra, as pessoas se divertem em alegria no céu, com as divindades. Estes Rishis são os sacerdotes de Indra. Eles vivem no leste. Aquele homem que, com atenção absorta, recita os nomes destes Rishis, consegue ascender para as regiões de Indra e obter grandes honras lá. Unmachu, Pramchu, Swastyatreya de grande energia, Dridhavya, Urdhvavahu, Trinasoma, Angiras, e Agastya de grande energia, o filho de Mitravaruna, estes sete são os Ritwiks de Yama, o rei dos mortos, e moram no quadrante sul. Dridheyu e Riteyu, e Pariyadha de grande fama, e Ekata, e Dwita, e Trita, os últimos três dotados de esplendor como aquele do sol, e o filho de Atri de alma justa, isto é, o Rishi Saraswata, estes sete que agiram como Ritwiks no grande sacrifício de Varuna, tomaram suas residências no quadrante oeste. Atri, o ilustre Vasishtha, o grande Rishi Kasyapa, Gotama, Bharadwaja, Viswamitra, o filho de Kusika, e o filho feroz de Richika Jamadagni de grande energia, estes sete são os Ritwiks do Senhor dos tesouros e moram no quadrante norte. Há os sete outros Rishis que vivem em todas as direções sem serem limitados por alguma específica. Eles, isto é, que são os induzidores de fama e de tudo o que é benéfico para os homens, e eles são cantados como os criadores dos mundos. Dharma, Kama, Kala, Vasu, Vasuki, Ananta, e Kapila, estes sete são sustentadores do mundo. Rama, Vyasa, o filho de Drona Aswatthaman, são os outros Rishis (que são considerados como os principais). Estes são os grandes Rishis como distribuídos em sete grupos, cada grupo consistindo de sete. Eles são os criadores daquela paz e bem que os homens desfrutam. Eles são citados como sendo os Regentes dos vários pontos do horizonte. Uma pessoa deve virar seu rosto para aquela direção na qual um destes Rishis vive se ela deseja adorá-lo. Aquele Rishis são os criadores de todas as criaturas e são considerados como os purificadores de todos. Samvarta, Merusavarna, o justo Markandeya, e Sankhya e Yoga, e Narada e o grande Rishi Durvasa, estes são dotados de penitência severa e grande autodomínio, e são célebres pelos três mundos. Há outros que são iguais ao próprio Rudra. Eles vivem na região de Brahman. Por citá-los com reverência um homem sem filhos obtém um filho, e um homem pobre obtém riqueza. De fato, por citá-los, uma pessoa obtém êxito em religião, e riqueza e prazer. Deve-se também usar o nome daquele rei célebre que foi Imperador da terra inteira e igual a um Prajapati, isto é, aquele principal dos monarcas, Prithu, o filho de Vena. A terra se tornou sua filha (por amor e afeição). Deve-se também citar Pururavas da linhagem Solar e igual ao próprio Mahendra em destreza. Ele é o filho de Ila e célebre pelos três mundos. Deve-se, de fato, usar o nome daquele filho caro de Vudha. Deve-se também usar o nome de Bharata, aquele herói famoso pelos três mundos. Ele também que na era Krita adorou os deuses em um grandioso sacrifício Gomedha, isto é,

Rantideva de grande esplendor, que era igual ao próprio Mahadeva, deve ser mencionado. Dotado de penitências, possuidor de toda marca auspiciosa, a fonte de todo tipo de benefício para o mundo, ele foi o conquistador dos universos. Uma pessoa deve também usar o nome do sábio nobre Sweta de fama ilustre. Ele satisfez o grande Mahadeva e foi por sua causa que Andhaka foi morto. Deve-se também usar o nome do sábio real Bhagiratha de grande fama, que, pela graça de Mahadeva, conseguiu trazer o rio sagrado do céu (para fluir sobre a terra e limpar todos os seres humanos de seus pecados). Foi Bhagiratha quem fez as cinzas dos sessenta mil filhos de Sagara serem inundadas com as águas sagradas de Ganga e assim os resgatou de seu pecado. De fato, alguém deve usar os nomes de todos esses que eram dotados da refulgência brilhante do fogo, grande beleza pessoal, e grande energia. Alguns deles eram de formas imponentes e grande poder. Realmente, deve-se usar os nomes destas divindades e Rishis e reis, aqueles senhores do universo, que são aumentadores de fama. Sankhya, e Yoga que é o maior dos maiores, e Havya e Kavya e aquele refúgio de todos os Srutis, isto é, o Brahma Supremo, têm sido declarados como sendo fontes de grande benefício para todas as criaturas. Estes são sagrados e purificadores de pecado e são citados muito favoravelmente. Estes são os principais dos remédios para aliviar todas as doenças, e são os induzidores de sucesso em relação a todas as ações. Controlando os sentidos alguém deve, ó Bharata, usar os nomes destes de manhã e à noite. São estes que protegem. São estes que derramam chuva. São estes que brilham e dão luz e calor. São estes que sopram. São estes que criam todas as coisas. Estes são considerados como os mais importantes de todos, como os líderes do universo, como altamente inteligentes na realização de todas as coisas, como dotados de clemência, como mestres perfeitos dos sentidos. De fato, é dito que eles dissipam todos os males aos quais os seres humanos estão sujeitos. Estes de grande alma são as testemunhas de todos os atos bons e maus. Levantando-se de manhã uma pessoa deve usar seus nomes, pois por isto ela sem dúvida conseguirá tudo o que é bom. Aquele que usa os nomes deles fica livre do medo de fogos e de ladrões. Tal homem nunca encontra seu caminho obstruído por algum impedimento. Por usar os nomes destes de grande alma alguém fica livre de sonhos maus de todo tipo. Absolvidos de todos os pecados, tais homens tomam nascimento em famílias auspiciosas. Aquela pessoa regenerada que, com sentidos controlados, recita estes nomes nas ocasiões de realizar os ritos iniciatórios de sacrifícios e outras observâncias religiosas, se torna, como a consequência disso, dotada de virtude, dedicada ao estudo da alma, possuidora de clemência e autodomínio, e livre de malícia. Se um homem que sofre de doença os recita, ele fica livre do seu pecado na forma de doença. Por recitá-los dentro de uma casa, todos os males são dissipados dos habitantes. Por recitá-los dentro de um campo, é ajudado o crescimento de todas as espécies de colheitas. Recitando-os no momento de partir em uma viagem, ou enquanto está longe de casa, alguém encontra com boa sorte. Estes nomes levam à proteção da própria pessoa, de seus filhos e esposas, de sua riqueza, e de suas sementes e plantas. O Kshatriya que recita estes nomes na hora de se juntar a uma batalha vê a destruição alcançar seus inimigos e a boa sorte coroar a ele e seu partido. O homem que recita estes nomes nas ocasiões de realizar os ritos em honra das divindades ou dos Pitris, ajuda os Pitris e divindades a comerem o

Havya e Kavya sacrificais. O homem que os recita se torna livre do medo de doença e animais predadores, de elefantes e ladrões. Sua carga de ansiedade fica mais leve, e ele fica livre de todo pecado. Por recitar estes Mantras Savitri excelentes a bordo um barco, ou em um veículo, ou nas cortes de reis, uma pessoa obtém grande êxito. Lá onde estes Mantras são recitados o fogo não queima madeira. Lá crianças não morrem, nem cobras residem. De fato, em tais lugares não pode haver medo do rei, nem de Pisachas e Rakshasas. (O sentido é mortes prematuras não ocorrem em tais lugares; nem medo de opressão ou castigo ilegal pelo rei; etc.) Na verdade, o homem que recita estes Mantras cessa de ter algum medo do fogo ou água ou vento ou animais predadores. Estes Mantras Savitri, recitados devidamente, contribuem para a paz e bem-estar de todas as quatro classes. Aqueles homens que os recitam com reverência ficam livres de toda tristeza e finalmente alcançam um fim excelente. Estes mesmos são os resultados obtidos por aqueles que recitam estes Mantras Savitri que são da forma de Brahma. O homem que recita estes Mantras no meio de vacas vê suas vacas se tornarem produtivas. Quando partindo em uma viagem, ou entrando em uma casa na volta, uma pessoa deve recitar estes Mantras em cada ocasião. Estes Mantras constituem um grande mistério dos Rishis e são os mais importantes daqueles que eles recitam silenciosamente. Assim mesmo são estes Mantras para aqueles que praticam o dever da recitação e derramam libações no fogo sacrifical. Isto que eu disse para ti é a excelente opinião de Parasara. Ele foi recitado nos tempos passados para o próprio Sakra. Representando como ele representa a Verdade ou Brahman Eterno. Eu o declarei integralmente para ti. Ele constitui aquele coração de todas as criaturas, e é o Sruti mais sublime. Todos os príncipes da linhagem de Soma e de Surya, isto é, os Raghavas e os Kauravas, recitam estes Mantras todos os dias depois de terem se purificado. Estes constituem o fim mais elevado das criaturas humanas. Há resgate de todo transtorno e calamidade na recitação diária dos nomes das divindades, dos sete Rishis, e de Dhruva. De fato, tal recitação livra alguém do infortúnio rapidamente. Os sábios dos tempos antigos, isto é, Kasyapa, Gotama, e outros, e Bhrigu, Angiras e Atri e outros, e Sukra, Agastya, e Vrihaspati, e outros, todos os quais são Rishis regenerados, têm adorado estes Mantras. Aprovados pelo filho de Bharadwaja, estes Mantras foram obtidos pelos filhos de Richika. De fato, tendo-os adquirido novamente de Vasishtha, Sakra e os Vasus partiram para lutar e conseguiram subjugar os Danavas. Aquele homem que faz um presente de cem vacas com seus chifres cobertos com placas de ouro para um Brahmana possuidor de muito conhecimento e bem familiarizado com os Vedas, e aquele que faz a excelente história de Bharata ser narrada em sua casa todo dia, são considerados como obtendo méritos iguais. Por recitar o nome de Bhrigu a virtude de uma pessoa vem a ser aumentada. Por reverenciar Vasishtha a energia de alguém se torna intensificada. Por reverenciar Raghu uma pessoa se torna vitoriosa em batalha. Por recitar os louvores dos Aswins alguém fica livre de doenças. Eu dessa maneira, ó rei, te falei dos Mantras Savitri os quais são idênticos ao eterno Brahman. Se tu desejas me perguntar sobre algum outro tópico tu podes fazer isso. Eu irei, ó Bharata, te responder.'"

151

"Yudhishthira disse, 'Quem merece ser adorado? Quem são aqueles para quem nós devemos nos curvar? Como, de fato, nós devemos nos comportar em direção a quem? Qual rumo de conduta, ó avô, em direção a quais classes de pessoas é considerado impecável?'"

"Bhishma disse, 'A humilhação de Brahmanas humilharia as próprias divindades. Por se curvar aos Brahmanas uma pessoa, ó Yudhishthira, não incorre em qualquer falha. Eles merecem ser adorados. Eles merecem ter nossas saudações. Tu deves te comportar em direção a eles como se eles fossem teus filhos. De fato, são aqueles homens dotados de grande sabedoria que mantêm todos os mundos. Os Brahmanas são os grandes caminhos de virtude em relação a todos os mundos. Sua felicidade consiste em renunciar a todos os tipos de riqueza. Eles são devotados ao voto de reprimir a fala. Eles são agradáveis para todas as criaturas, e cumpridores de diversos votos excelentes. Eles são o amparo de todas as criaturas no universo. Eles são os autores de todos os regulamentos que governam os mundos. Eles são possuidores de grande renome. Penitências são sempre sua grande riqueza. Seu poder consiste na fala. Sua energia flui dos deveres que eles cumprem. Conhecedores de todos os deveres, eles possuem visão perfeita, pelo que eles estão cientes das considerações mais sutis. Eles são de desejos virtuosos. Eles vivem no cumprimento de deveres bem realizados. Eles são as estradas da Virtude. As quatro espécies de criaturas vivas existem dependendo deles como sua proteção. Eles são o caminho ou estrada pelo qual todos devem seguir. Eles são os guias de todos. Eles são os sustentadores eternos de todos os sacrifícios. Eles sempre sustentam as cargas pesadas de pais e avôs. Eles nunca enlanguescem sob pesos pesados mesmo quando passando por estradas difíceis como gado forte. Eles são atentos às necessidades dos Pitris e divindades e convidados. Eles têm direito a comer as primeiras porções de Havya e Kavya. Pelo próprio alimento que eles comem, eles salvam os três mundos de grande temor. Eles são por assim dizer a Ilha (para refúgio) para todos os mundos. Eles são os olhos de todas as pessoas dotadas de visão. A riqueza que eles possuem consiste em todos os ramos de conhecimento conhecidos pelo nome de Siksha e todos os Srutis. Dotados de grande habilidade, eles estão familiarizados com as relações mais sutis das coisas. Eles conhecem bem o fim de todas as coisas, e seus pensamentos estão sempre ocupados na ciência da alma. Eles são dotados do conhecimento do início, do meio, e do fim de todas as coisas, e eles são pessoas em quem dúvidas não mais existem por se sentirem seguros de seu conhecimento. Eles são totalmente conscientes das distinções entre o que é superior e o que é inferior. São eles que chegam ao fim mais elevado. Livres de todos os apegos, purificados de todos os pecados, transcendendo todos os pares de opostos (tais como calor e frio, felicidade e tristeza, etc.), eles estão desligados de todas as coisas mundanas. Merecedores de toda honra, eles são sempre tidos em grande estima por pessoas dotadas de conhecimento e grandes almas. Eles lançam olhares imparciais para pasta de sândalo e sujeira ou lodo, ou para o que é alimento e o que não é alimento. Eles vêem com um olhar igual suas vestimentas marrons de tecido grosseiro e tecidos

de seda e peles de animais. Eles viveriam por muitos dias seguidos sem comerem algum alimento, e secariam seus membros por tal abstenção de todo sustento. Eles se dedicam seriamente ao estudo dos Vedas, reprimindo seus sentidos. Eles fariam deuses daqueles que não são deuses, e não deuses daqueles que são deuses. Enfurecidos, eles podem criar outros mundos e outros Regentes dos mundos além daqueles que existem. Pela maldição daqueles de grande alma o oceano se tornou tão salino quanto a ser impotável. O fogo de sua ira ainda queima na floresta de Dandaka, não apagado pelo tempo. Eles são os deuses dos deuses, e a causa de todas as causas. Eles são a autoridade de todas as autoridades. Qual homem de inteligência e sabedoria procuraria humilhá-los? Entre eles os jovens e os velhos todos merecem honras. Eles respeitam uns aos outros (não por causa de distinções de idade mas) por distinções a respeito de penitências e conhecimento. Até o Brahmana que é desprovido de conhecimento é um deus e é um grande instrumento para purificar outros. Aquele entre eles, então, que é possuidor de conhecimento é um deus muito superior e semelhante ao oceano quando cheio (até a borda). Erudito ou não, o Brahmana é sempre uma grande divindade. Santificado ou não santificado (com a ajuda de Mantras), o Fogo é sempre uma grande divindade. Um fogo ardente mesmo quando ele queima em um crematório, não é considerado como maculado pelo caráter do local no qual ele queima. Manteiga clarificada parece bela seja mantida no altar sacrifical ou em um aposento. Igualmente, se um Brahmana está sempre dedicado a atos maus, ele ainda assim é para ser considerado como merecedor de honra. De fato, saiba que o Brahmana é sempre uma grande divindade.'"

152

"Yudhishthira disse, 'Nos diga, ó rei, qual é a recompensa vinculada ao culto de Brahmanas, vendo a qual tu os cultua, ó tu de inteligência superior! De fato, qual é aquele sucesso, fluindo do seu culto, guiado pelo qual tu os cultua?'"

"Bhishma disse, 'Em relação a isto é citada a velha narrativa de uma conversa entre Pavana e Arjuna, ó Bharata! Dotado de mil braços e grande beleza o poderoso Kartavirya, nos tempos passados, tornou-se o senhor de todo o mundo. Ele tinha sua capital na cidade de Mahishmati. De destreza imbatível, aquele chefe da linhagem Haihaya de Kshatriyas governava a terra inteira com sua faixa de mares, junto com suas ilhas e todas as suas minas preciosas de ouro e pedras preciosas. Mantendo diante dele os deveres da classe Kshatriya, como também humildade e conhecimento Védico, o rei fez grandes presentes de riqueza para o Rishi Dattatreya. De fato, o filho de Kritavirya adorou dessa maneira o grande asceta que, ficando satisfeito com ele, lhe pediu para solicitar três benefícios. Assim pedido pelo Rishi em relação a benefícios, o rei se dirigiu a ele, dizendo, 'Que eu me torne dotado de mil braços quando eu estiver meio das minhas tropas. No entanto, enquanto eu permanecer em casa que eu tenha, como de hábito, somente dois braços! De fato, que os combatentes, quando envolvidos em combate, me vejam possuidor de mil braços, cumpridor também de votos superiores, me deixe conseguir subjugar a terra inteira por força da minha

coragem. Tendo adquirido a terra justamente, me deixe governá-la com vigilância. Há um quarto benefício o qual, ó principal das pessoas regeneradas, eu te peço para conceder. Ó impecável, por tua disposição para me favorecer, cabe a ti concedê-lo a mim. Dependente que eu sou de ti, sempre que possa acontecer de eu tomar um mau caminho, que os virtuosos venham para me instruir e me corrigir!' Assim endereçado, o Brahmana respondeu para o rei, dizendo, 'Que assim seja!' Dessa maneira aqueles benefícios foram obtidos por aquele rei de refulgência brilhante. Sendo conduzido então em seu carro cujo esplendor parecia com aquele do fogo ou do Sol, o monarca, cegado por sua grande destreza, disse, 'Quem, de fato, pode ser considerado como meu igual em paciência e energia, em fama e heroísmo, em destreza e força?' Depois que ele tinha proferido estas palavras, uma voz invisível no firmamento disse, 'Ó patife ignorante, tu não sabes que o Brahmana é superior ao Kshatriya? O Kshatriya, ajudado pelo Brahmana, governa todas as criaturas!'"

"Arjuna disse, 'Quando satisfeito, eu posso criar muitas criaturas. Quando zangado, eu posso destruir todas. Em pensamento, palavra, e ação, eu sou o principal. O Brahmana sem dúvida não está acima de mim! A primeira proposição aqui é que o Brahmana é superior ao Kshatriya. A proposição contrária é que o Kshatriya é superior. Tu disseste, ó ser invisível, que os dois estão unidos (na ação sobre qual se procura basear a superioridade do Kshatriya). Uma diferença, no entanto, é observável nisto. É visto que Brahmanas se refugiam com Kshatriyas. Os Kshatriyas nunca procuram a proteção de Brahmanas. De fato, por toda a terra, os Brahmanas, aceitando semelhante proteção sob a pretensão de ensinar os Vedas, retiram seu sustento dos Kshatriyas. O dever de proteger todas as criaturas está investido nos Kshatriyas. É dos Kshatriyas que os Brahmanas derivam seu sustento. Como então o Brahmana pode ser superior aos Kshatriyas? Bem, eu irei de hoje em diante trazer sob minha submissão os seus Brahmanas que são superiores a todas as criaturas mas que têm a mendicância como sua ocupação e que são tão convencidos! O que a donzela Gayatri disse do firmamento não é verdade. Vestidos em peles, os Brahmanas se movem em independência. Eu trarei aqueles indivíduos independentes sob minha submissão. Divindade ou homem, não há ninguém nos três mundos que possa me tirar da soberania que eu desfruto. Por isso, eu sou sem dúvida superior aos Brahmanas. Este mundo que é agora considerado como tendo os Brahmanas como seus habitantes principais logo será feito de tal maneira que terá os Kshatriyas como seus habitantes principais. Não há ninguém que seja capaz de suportar meu poder em batalha!' Ouvindo estas palavras de Arjuna, a deusa que percorre o céu ficou agitada. Então o deus do vento, se dirigindo do céu ao rei disse, 'Rejeite essa atitude pecaminosa. Reverencie os Brahmanas. Por ofendê-los tu causarás distúrbios em teu reino. Os Brahmanas ou te matarão, embora tu sejas rei, ou, dotados de grande poder como eles são, eles te expulsarão do teu reino, te despojando da tua energia!' O rei, ouvindo estas palavras se dirigiu ao orador, dizendo, 'Quem, de fato, és tu?' O deus do vento respondeu, 'Eu sou o deus do vento e o mensageiro das divindades! Eu te digo o que é para o teu benefício.'"

"Arjuna disse, 'Oh, eu vejo que hoje tu mostraste a tua devoção e afeição pelos Brahmanas. Diga-me agora que espécie de criatura terrena é o Brahmana! Diga-me, um Brahmana superior parece com o Vento em algum aspecto? Ou, ele é como Água, ou Fogo, ou o Sol, ou o Firmamento?'"

153

"O deus do vento disse, 'Ouça, ó homem iludido, quais são os atributos que pertencem aos Brahmanas todos os quais são dotados de grandes almas. O Brahmana é superior a todos aqueles que, ó rei, tu mencionaste! Antigamente, a terra, cedendo a um espírito de rivalidade com a espécie dos Angas, abandonou seu caráter como Terra. O regenerado Kasyapa faz a destruição alcançá-la por realmente paralisá-la. Os Brahmanas são sempre invencíveis, ó rei, no céu como também sobre a terra. Nos tempos passados, o grande Rishi Angiras, por sua energia, bebeu todas as águas. O Rishi de grande alma, tendo bebido todas as águas como se elas fossem leite, ainda assim não sentiu que sua sede tinha sido saciada. Ele, portanto, mais uma vez fez a terra ser cheia com água por erguer uma onda imensa. Em outra ocasião, quando Angiras ficou enfurecido comigo, eu fugi, deixando o mundo, e morei por muito tempo oculto no Agnihotra dos Brahmanas por medo daquele Rishi. O ilustre Purandara, por ele ter cobiçado o corpo de Ahalya, foi amaldiçoado por Gautama, porém, por causa da Virtude e riqueza, o Rishi não destruiu completamente o chefe das divindades. O Oceano, ó rei, que no passado era cheio de água cristalina, amaldiçoado pelos Brahmanas, se tornou salino em gosto. Até Agni que é da cor do ouro, e que brilha com resplendor quando desprovido de fumaça, e cujas chamas se unindo queimam para cima, quando amaldiçoado pelo enfurecido Angiras, ficou privado de todos estes atributos. Veja, os sessenta mil filhos de Sagara, que vieram aqui para adorar o Oceano, foram todos pulverizados pelo Brahmana Kapila de cor dourada. Tu não és igual aos Brahmanas. Ó rei, busque o teu próprio bem. Até o Kshatriya de grande força reverencia crianças Brahmana que estão ainda nos úteros de suas mães. O grande reino dos Dandakas foi destruído por um Brahmana. O poderoso Kshatriya Talajangala foi destruído por um único Brahmana, isto é, Aurva. Tu também obtiveste um grande reino, grande poder, mérito religioso, e erudição, os quais são todos difíceis de serem obtidos, pela graça de Dattatreya. Por que tu, ó Arjuna, cultuas Agni diariamente que é um Brahmana? Ele é o portador de libações sacrificais de toda parte do universo. Tu és ignorante deste fato? Por que, de fato, tu te permites ser entorpecido pela insensatez quando tu não és ignorante do fato que um Brahmana superior é o protetor de todas as criaturas no mundo e é, de fato, o criador do mundo vivo? O Senhor de todas as criaturas, Brahman, imanifesto, dotado de pujança, e de glória imperecível, que criou este universo ilimitado com suas criaturas móveis e imóveis (é um Brahmana). Há algumas pessoas, desprovidas de sabedoria, que dizem que Brahman nasceu de um Ovo. Do Ovo original, quando ele se rompeu, montanhas e os pontos do horizonte e as águas e a terra e o céu todos surgiram para a existência. Este nascimento da criação não foi visto por ninguém. Como então Brahman pode ser citado como tendo tomado seu nascimento do Ovo original,

especialmente quando ele é declarado como Não-nascido? É dito que o vasto Espaço incriado é o Ovo original. Foi daquele Espaço incriado (ou Brahman Supremo) que o Avô nasceu. Se tu perguntares, 'Sobre o quê o Avô iria repousar, depois de seu nascimento do Espaço incriado, pois então não havia nada mais?' A resposta pode ser dada nas seguintes palavras, 'Há um Ser existente chamado Consciência. Aquele Ser poderoso é dotado de grande energia. Não há Ovo. Brahman, no entanto, é existente. Ele é o criador do universo e é seu rei!' Assim endereçado pelo deus do vento, o rei Arjuna permaneceu silencioso.'"

154

"O deus do vento disse, 'Uma vez, ó rei, um soberano de nome Anga desejou doar a terra inteira como presente sacrifical para os Brahmanas. Nisto, a terra ficou cheia de ansiedade. 'Eu sou a filha de Brahman. Eu mantenho todas as criaturas. Tendo me obtido, ai, por que este principal dos reis deseja me dar para os Brahmanas? Abandonando meu caráter como o solo, eu agora me dirigirei à presença de meu pai. Que este rei com todo o seu reino encontre com a destruição!' Chegando a esta conclusão, ela foi para a região de Brahman. O Rishi Kasyapa, vendo a deusa Terra prestes a partir, imediatamente entrou ele mesmo na encarnação visível da deusa, rejeitando seu próprio corpo, pela ajuda de Yoga. A terra assim penetrada pelo espírito de Kasyapa, cresceu em prosperidade e se tornou cheia de todas as espécies de produtos vegetais. De fato, ó rei, pelo tempo que Kasyapa permeou a terra, a Virtude se tornou o mais importante em todos os lugares e todos os temores cessaram. Dessa maneira, ó rei, a terra permaneceu impregnada pelo espírito de Kasyapa por trinta mil anos celestes, completamente ativa em todas aquelas funções que ela costumava cumprir enquanto ela estava impregnada pelo espírito da filha de Brahman. Após o término daquele período, a deusa voltou da região de Brahman e chegando aqui reverenciou Kasyapa e desde aquele tempo se tornou a filha daquele Rishi. Kasyapa é um Brahmana. Esta foi a façanha, ó rei, que um Brahmana fez. Diga-me o nome do Kshatriya que pode ser considerado como superior a Kasyapa!' Ouvindo estas palavras, o rei Arjuna ficou calado. Para ele o deus do vento mais uma vez disse, 'Ouça agora, ó rei, a história de Utathya que nasceu na linhagem de Angiras. A filha de Soma, chamada Bhadra, veio a ser considerada como inigualável em beleza. Seu pai Soma considerava Utathya como o mais adequado dos maridos para ela. A moça famosa e altamente abençoada de membros impecáveis, cumprindo diversos votos, passou pelas austeridades mais severas pelo desejo de obter Utathya como seu marido. Depois de um tempo, o pai de Soma Atri, convidando Utathya para sua casa, entregou para ele a donzela famosa. Utathya, que costumava dar presentes sacrificais em quantidade copiosa, recebeu a moça devidamente como sua esposa. Aconteceu, no entanto, que o belo Varuna tinha, desde muito tempo antes, cobiçado a moça. Indo para os bosques onde Utathya morava, Varuna roubou a moça quando ela tinha mergulhado no Yamuna para tomar um banho. Sequestrando-a dessa maneira, o Senhor das águas a levou para sua própria residência. Aquela mansão era de um aspecto extraordinário. Ela era adornada com seiscentos mil lagos. Não há alguma mansão que possa ser considerada

mais bela do que aquele palácio de Varuna. Ele era adornado com muitos palácios e pela presença de diversas tribos de Apsaras e de diversos artigos excelentes de prazer. Lá, dentro daquele palácio, o Senhor das águas; ó rei, se divertiu com a donzela. Pouco tempo depois, o fato do rapto de sua esposa foi relatado para Utathya. De fato, tendo ouvido todos os fatos de Narada, Utathya se dirigiu ao Rishi celeste, dizendo, 'Vá, ó Narada, até Varuna e fale a ele com a devida severidade. Pergunte por que ele sequestrou minha esposa, e, de fato, diga a ele em meu nome que ele deve entregá-la. Tu podes dizer a ele além disso, 'Tu és um protetor dos mundos, ó Varuna, e não um destruidor! Por que então tu sequestraste a esposa de Utathya concedida a ele por Soma?' Assim pedido por Utathya, o Rishi celeste Narada foi para onde Varuna estava e dirigindo-se a ele, disse, 'Liberte a esposa de Utathya. De fato, por que tu a sequestraste?' Ouvindo estas palavras de Narada, Varuna respondeu para ele, dizendo, 'Esta moça tímida é muito querida para mim. Eu ouso não deixá-la ir!' Recebendo esta resposta, Narada se dirigiu a Utathya e disse tristemente, 'Ó grande asceta, Varuna me expulsou de sua casa, me agarrando pela garganta. Ele está sem vontade de devolver tua esposa para ti. Aja como quiseres.' Ouvindo estas palavras de Narada, Angiras ficou inflamado pela ira. Dotado de riqueza de penitências, ele solidificou as águas e as absorveu, ajudado por sua energia. Quando todas as águas foram assim absorvidas, o Senhor daquele elemento ficou muito desanimado com todos os seus amigos e parentes. Apesar disso, ele ainda assim não desistiu da esposa de Utathya. Então Utathya, aquela principal das pessoas regeneradas, cheio de cólera, ordenou a Terra, dizendo, 'Ó amável, revele terra onde há no momento os seiscentos mil lagos.' A estas palavras do Rishi, o Oceano retrocedeu do local indicado, e apareceu terra a qual era extremamente estéril. Para os rios que fluíam através daquela região, Utathya disse, 'Ó Saraswati, torne-te invisível aqui. De fato, ó dama tímida, deixando esta região, vá para o deserto! Ó deusa auspiciosa, que esta região, desprovida de ti, cesse de ser sagrada.' Quando aquela região (na qual o senhor das águas morava) ficou seca, ele se dirigiu a Angiras, levando consigo a esposa de Utathya, e a transferiu para ele. Obtendo sua esposa de volta, Utathya ficou alegre. Então, ó chefe da linhagem Haihaya, aquele grande Brahmana salvou o universo e o Senhor das águas da situação de angústia à qual ele os tinha levado. Conhecedor de todos os deveres, o Rishi Utathya de grande energia, depois de obter de volta sua esposa, ó rei, falou dessa maneira para Varuna, 'Eu recuperei minha esposa, ó Senhor das águas, com a ajuda das minhas penitências e depois de infligir a ti tal angústia que te fez gritar em aflição!' Tendo dito isso, ele foi para casa com aquela sua esposa. Assim mesmo, ó rei, era Utathya, aquele principal dos Brahmanas. Eu devo continuar? Ou, você ainda persistirá em tua opinião? O quê, há um Kshatriya que é superior a Utathya?'"

155

"Bhishma disse, "Assim endereçado, o rei Arjuna ficou calado. O deus do vento mais uma vez falou a ele, 'Escute agora, ó rei, a história da grandeza do Brahmana Agastya. Uma vez, os deuses foram subjugados pelos Asuras pelo que

eles ficaram muito tristes. Os sacrifícios das divindades foram todos confiscados, e o Swadha dos Pitris também foi desviado. De fato, ó chefe dos Haihayas, todas as ações e observâncias religiosas dos seres humanos também foram suspensas pelos Danavas. Privadas de sua prosperidade, as divindades vagaram pela terra como nós sabemos. Um dia, no decurso de suas vagueações eles encontraram com Agastya de votos superiores, aquele Brahmana, ó rei, que era dotado de grande energia e esplendor que era tão brilhante quanto aquele do sol. Saudando-o devidamente, as divindades fizeram as perguntas usuais de polidez. Elas então, ó rei, disseram estas palavras para aquele de grande alma, 'Nós fomos derrotados pelos Danavas em batalha e, portanto, decaímos da riqueza e prosperidade. Portanto, ó principal dos ascetas, nos salve desta situação de grande medo.' Assim informado da situação difícil à qual as divindades tinham sido reduzidas, Agastya ficou muito enraivecido (com os Danavas). Possuidor de grande energia, ele imediatamente resplandeceu como o fogo que tudo consome no tempo da dissolução universal. Com os raios ardentes que então emanaram do Rishi, os Danavas começaram a ser queimados. De fato, ó rei, milhares deles começaram a cair do céu. Queimando com a energia de Agastya, os Danavas, abandonando o céu e a terra, fugiram em direção ao sul. Naquele momento o rei Danava Vali estava realizando um Sacrifício de Cavalo nas regiões inferiores. Aqueles grandes Asuras que estavam com ele naquelas regiões ou que estavam morando nas entranhas da terra não foram queimados. As divindades, após a destruição de seus inimigos, então recuperaram suas próprias regiões, seus temores totalmente dissipados. Encorajadas pelo que ele tinha realizado por elas, elas então pediram ao Rishi para destruir aqueles Asuras que tinham se refugiado dentro das entranhas da terra ou nas regiões inferiores. Assim solicitado pelos deuses, Agastya respondeu para eles, dizendo, 'Sim, eu sou totalmente competente para consumir aqueles Asuras que estão residindo embaixo da terra; mas se eu realizar tal ato minhas penitências sofrerão uma diminuição. Por essa razão, eu não exercerei meu poder.' Assim, ó rei, os Danavas foram consumidos pelo Rishi ilustre com sua própria energia. Dessa maneira Agastya de alma purificada, ó monarca, realizou aquela façanha com a ajuda de suas penitências. Ó impecável, exatamente assim era Agastya como descrito por mim! Eu devo continuar? Ou, você dirá alguma coisa em resposta? Há algum Kshatriya que seja maior do que Agastya?'"

"Bhishma continuou, 'Assim endereçado, o rei Arjuna ficou calado. O deus do vento mais uma vez disse, 'Ouça, ó rei, um dos grandes feitos do ilustre Vasishtha. Uma vez as divindades estavam empenhadas em realizar um sacrifício nas margens do lago Vaikhanasa. Conhecendo sua força, os deuses sacrificantes pensaram em Vasishtha e o fizeram seu sacerdote em imaginação. Enquanto isso, vendo os deuses reduzidos e emaciados pelo Diksha que eles estavam praticando, uma raça de Danavas, de nome Khalins, de estaturas tão gigantescas quanto montanhas, desejaram matá-los. Aqueles entre os Danavas que foram incapacitados ou mortos na luta foram mergulhados nas águas do lago Manasa e pela bênção do Avô eles imediatamente voltaram ao vigor e vida. Erguendo topos de montanha enormes e terríveis e maças e árvores, eles agitaram as águas do lago, fazendo-as se elevarem à altura de cem yojanas. Eles então correram contra

as divindades constando de dez mil. Afligidos pelos Danavas, os deuses então procuraram a proteção de seu chefe. Vasava-Sakra, no entanto, foi logo afligido por eles. Em sua aflição ele procurou a proteção de Vasishtha. Nisto, o santo Rishi Vasishtha encorajou as divindades, dissipando seus temores. Compreendendo que os deuses tinham ficado extremamente tristes, o asceta fez isto por compaixão. Ele empregou sua energia e queimou, sem nenhum esforço, aqueles Danavas chamados Khalins. Possuidor de riqueza de penitências, o Rishi trouxe o Rio Ganga, que tinha ido para Kailasa, para aquele local. De fato, Ganga apareceu, atravessando as águas do lago. O lago foi penetrado por aquele rio. E como aquela corrente celeste, atravessando as águas do lago, apareceu, ela fluiu adiante, sob o nome de Sarayu. O lugar sobre o qual aqueles Danavas caíram veio a ser chamado pelo nome deles. Assim os habitantes do Céu, com Indra em sua chefia, foram salvos de grande infortúnio por Vasishtha, Foi assim que aqueles Danavas, que tinham recebido bênçãos de Brahman, foram mortos por aquele Rishi de grande alma. Ó impecável, eu narrei para ti a façanha que Vasishtha realizou. Eu continuarei? Ou, você dirá alguma coisa! Existiu algum Kshatriya que superasse o Brahmana Vasishtha?'"

156

"Bhishma disse, 'Assim endereçado, Arjuna ficou calado. O deus do vento mais uma vez se dirigiu a ele, dizendo, 'Ouça-me, ó principal dos Haihayas, enquanto eu narro para ti a realização do Atri de grande alma. Uma vez quando os deuses e Danavas estavam lutando uns com os outros no escuro, Rahu perfurou Surya e Soma com suas setas. Os deuses, oprimidos pela escuridão, começaram a cair perante os Danavas poderosos, ó principal dos reis! Repetidamente golpeados pelos Asuras, os habitantes do céu começaram a perder sua força. Eles então viram o Brahmana erudito Atri, dotado de riqueza de penitências, dedicado à observância de austeridades. Dirigindo-se àquele Rishi que tinha conquistado todos os seus sentidos e em quem a ira estava extinta, eles disseram: 'Veja, ó Rishi, estes dois, isto é, Soma e Surya, que foram ambos perfurados pelos Asuras com suas setas! Por causa disto a escuridão nos alcançou, e nós estamos sendo derrubados pelo inimigo. Nós não vemos o fim dos nossos problemas! Ó senhor de grande pujança, nos salve deste grande medo.'"

"O Rishi disse, 'Como, de fato, eu protegerei vocês?' Eles responderam, dizendo, 'Torne-te Chandramas. Torne-te também o sol, e comece a matar estes ladrões!' Assim solicitado por eles, Atri assumiu a forma de Soma destruidor de escuridão. De fato, por sua disposição agradável, ele começou a parecer tão belo e encantador quanto o próprio Soma. Vendo que o Soma e o Surya reais tinham ficado escurecidos pelas setas do inimigo, Atri, assumindo as formas daqueles corpos luminosos, começou a brilhar em esplendor por cima do campo de batalha, ajudado pela força de suas penitências. Na verdade Atri fez o universo resplandecer em luz, dissipando toda a sua escuridão. Por empregar sua força, ele também subjugou as vastas multidões daqueles inimigos das divindades. Vendo aqueles grandes Asuras queimados por Atri, os deuses também,

protegidos pela energia de Atri, começaram a matá-los rapidamente. Empregando sua destreza e dominando toda a sua energia, foi dessa maneira que Atri iluminou o deus do dia, salvou as divindades, e matou os Asuras! Este foi o feito que aquele regenerado, ajudado por seu fogo sagrado, aquele recitador silencioso de Mantras, aquele vestido em peles de veado, realizou! Veja, ó sábio real, aquela ação realizada por aquele Rishi que subsistia somente de frutas! Eu assim narrei para ti, em detalhes, a façanha do Atri de grande alma. Eu continuarei? Ou, você irá dizer alguma coisa? Há algum Kshatriya que seja superior àquele Rishi regenerado?'"

"Assim endereçado, Arjuna ficou calado. O deus do vento novamente falou a ele, dizendo, 'Ouça, ó rei, a façanha realizada por Chyavana de grande alma (antigamente). Tendo feito sua promessa aos gêmeos Aswins, Chyavana se dirigiu ao castigador de Paka, dizendo, 'Faça dos Aswins bebedores de Soma com todas as outras divindades!'"

"Indra disse, 'Os Aswins foram rejeitados por nós. Como então eles podem ser admitidos no círculo sacrifical para beber Soma com os outros? Eles não são contados com as divindades. Portanto não nos fale dessa maneira! Ó tu de grandes votos, nós não desejamos beber Soma na companhia dos Aswins. Qualquer outra ordem que tu possas querer proferir, ó Brahmana erudito, nós estamos dispostos a realizar.'"

"Chyavana disse, 'Os gêmeos Aswins beberão Soma com todos vocês! Ambos são deuses, ó chefe das divindades, pois eles são os filhos de Surya. Que os deuses façam o que eu disse. Por agirem de acordo com aquelas palavras os deuses colherão grande vantagem. Por agirem de outra maneira o infortúnio irá surpreendê-los.'"

"Indra disse, 'Eu, ó principal das pessoas regeneradas, não beberei Soma com os Aswins! Que outros bebam com eles como eles quiserem! Em relação a mim mesmo, eu ouso não fazê-lo.'"

"Chyavana disse, 'Se, ó matador de Vala, tu não obedeceres minhas palavras, tu irás, neste mesmo dia, beber Soma com eles em sacrifício, forçado por mim!'"

"O deus do vento disse, 'Então Chyavana, levando os Aswins com ele, iniciou um grande rito religioso para benefício deles. Os deuses todos foram entorpecidos por Chyavana com seus Mantras. Contemplando aquele feito começado por Chyavana, Indra ficou excitado com cólera. Erguendo uma montanha enorme ele correu contra aquele Rishi. O chefe das divindades estava também armado com o raio. Então o ilustre Chyavana, dotado de penitências, lançou um olhar zangado para Indra conforme ele avançava. Jogando um pouco de água nele, ele paralisou o chefe das divindades com seu raio e montanha. Como o resultado do rito religioso ele tinha começado, ele criou um Asura terrível hostil a Indra. Feito das libações que ele tinha derramando no fogo sagrado, aquele Asura era chamado de Mada, de boca totalmente escancarada. Tal era o Asura que o grande asceta criou com a ajuda de Mantras. Havia mil dentes em sua boca, se estendendo por cem yojanas. De aparência terrível, suas presas tinham duzentos yojanas de

comprimento. Uma de suas bochechas se apoiava na terra e a outra tocava os céus. De fato, todos os deuses com Vasava pareciam estar na base da língua daquele grande Asura, assim como peixes quando eles entram na extensa boca aberta de um leviatã. Enquanto estavam dentro da boca de Mada, os deuses mantiveram uma consulta rápida e então se dirigindo a Indra, disseram, ‘Curve logo tua cabeça em reverência para esta pessoa regenerada! Livres de todo escrúpulo, nós beberemos Soma com os Aswins em nossa companhia!’ Então Sakra, curvando sua cabeça para Chyavana, obedeceu a sua ordem. Assim mesmo Chyavana fez dos Aswins bebedores de Soma com os outros deuses. Chamando Mada de volta, o Rishi então designou para ele as ações que ele devia fazer. Aquele Mada foi mandado tomar sua residência nos dados, na caça, no alcoolismo, e em mulheres. Por isso, ó rei, os homens que se dirigem a estes encontram com a destruição, sem dúvida. Por isso, alguém deve sempre rejeitar estes erros a uma grande distância. Assim, ó rei, eu narrei para ti a façanha realizada por Chyavana. Eu continuarei? Ou, você dirá alguma coisa em resposta? Há algum Kshatriya que seja superior ao Brahmana Chyavana?'"

157

“Bhishma disse, ‘Ouvindo estas palavras do deus do vento, Arjuna permaneceu silencioso. Nisto, o deus do vento mais uma vez se dirigiu a ele, dizendo, ‘Quando os habitantes do céu, com Indra em sua chefia, se achavam dentro da boca do Asura Mada, naquele momento Chyavana os afastou da terra. Privados anteriormente do céu e agora desprovidos da terra também, os deuses ficaram muito desanimados. De fato, aqueles de grande alma, afligidos pela angústia, então se lançaram sem reservas sobre a proteção do Avô.’”

“Os deuses disseram, ‘Ó tu que és adorado por todas as criaturas do universo, a terra foi tirada de nós por Chyavana, enquanto nós fomos privados do céu pelos Kapas, ó pujante!’”

"Brahman disse, 'Ó habitantes do céu, vocês, com Indra em sua liderança, vão rapidamente e procurem a proteção dos Brahmanas. Por agradá-los vocês conseguirão recuperar ambas as regiões como antes.' Assim instruídas pelo Avô, as divindades se dirigiram aos Brahmanas e se tornaram suplicantes por sua proteção. Os Brahmanas responderam, perguntando, 'Quem nós devemos subjugar?' Assim perguntadas, as divindades disseram para eles, 'Subjuguem os Kapas.' O Brahmanas então disseram, 'Derrubando-os na terra primeiro, nós os subjugaremos rapidamente.' Depois disto, os Brahmanas começaram um rito tendo como seu objetivo a destruição dos Kapas. Logo que isto foi sabido pelos Kapas, eles imediatamente despacharam um mensageiro deles, chamado Dhanin, para aqueles Brahmanas. Dhanin, indo até eles quando eles repousavam sobre a terra, entregou para eles a mensagem dos Kapas dessa maneira. ‘Os Kapas são assim como vocês todos! (Eles não são inferiores a algum de vocês). Por isso, qual será o efeito destes ritos os quais vocês parecem estar empenhados em realizar? Todos eles são bons conhecedores dos Vedas e possuidores de sabedoria. Todos eles são atentos aos sacrifícios. Todos eles têm a Verdade

como seu voto, e por estas razões todos eles são considerados como iguais a grandes Rishis. A deusa da Prosperidade passa seu tempo entre eles, e eles, por sua vez, a sustentam com reverência. Eles nunca se entregam a atos sexuais inúteis com suas esposas, e eles nunca comem a carne de animais que não foram mortos em sacrifícios. Eles despejam libações no fogo ardente sacrifical (todos os dias) e são obedientes às ordens de seus preceptores e mais velhos. Todos eles são de almas sob controle perfeito, e nunca comem algum alimento sem dividi-lo devidamente entre seus filhos. Eles sempre procedem em carros e outros veículos juntos (sem algum deles usar seu próprio veículo enquanto outros viajam a pé). Eles nunca se entregam a relações sexuais com suas esposas quando as últimas estão no meio do seu período funcional. Eles todos agem de tal maneira quanto a alcançar regiões de bem-aventurança após a morte. De fato, eles são sempre justos em seus atos. Quando mulheres grávidas ou homens idosos não comeram, eles nunca comem alguma coisa. Eles nunca se entregam ao jogo ou esportes de qualquer tipo de manhã. Eles nunca dormem durante o dia. Quando os Kapas têm estas e muitas outras virtudes e realizações, por que, de fato, vocês procurariam subjugá-los? Vocês devem se abster do esforço! Realmente, por tal abstenção vocês irão realizar o que é para o seu bem.'"

"Os Brahmanas disseram, 'Oh, nós subjugaremos os Kapas! Nesta questão, nós somos um com as divindades. Por isso, os Kapas merecem a morte em suas mãos. Com relação a Dhanin, ele deve voltar para (o lugar) de onde ele veio!' Depois disto, Dhanin, voltando aos Kapas, disse para eles, 'Os Brahmanas não estão dispostos a lhes fazer nenhum bem!' Ouvindo isto, todos os Kapas pegaram suas armas e procedem em direção aos Brahmanas. Os Brahmanas, vendo os Kapas avançando contra eles com os estandartes de seus carros erguidos, imediatamente criaram certos fogos ardentes para a destruição dos Kapas. Aqueles fogos eternos, criados com a ajuda de Mantras Védicos, tendo efetuado a destruição dos Kapas, começaram a brilhar no firmamento como muitas nuvens (douradas). Os deuses, tendo se reunido em batalha, mataram muitos dos Danavas. Eles não sabiam naquele tempo que foram os Brahmanas que tinham efetuado sua destruição. Então Narada de grande energia, chegando lá, ó rei, informou as divindades como seus inimigos; os Kapas, tinham sido realmente mortos pelos Brahmanas de energia imensa (e não pelas próprias divindades). Ouvindo aquelas palavras de Narada, os habitantes do céu ficaram muito satisfeitos. Eles também aplaudiram aqueles aliados regenerados deles que eram possuidores de grande fama. A energia e destreza das divindades então começou a aumentar, e adoradas em todos os mundos, elas adquiriram também a bênção da imortalidade!' Depois que o deus do vento tinha dito estas palavras, o rei Arjuna o adorou devidamente e dirigindo-se a ele respondeu nestas palavras. Ouça, ó monarca de braços poderosos, o que Arjuna disse.'"

"Arjuna disse, 'Ó deus pujante, sempre e por todos os meios eu vivo pelos Brahmanas! Devotado a eles, eu os adoro sempre! Pela graça de Dattatreya eu obtive este meu poder! Por sua graça eu pude realizar grandes feitos no mundo e obtive grande mérito! Oh, eu tenho, com atenção, ouvido das realizações, ó deus

do vento, dos Brahmanas com todos os seus detalhes interessantes como narrados por ti verdadeiramente.'"

"O deus do vento disse, 'Proteja e cuide dos Brahmanas no exercício daqueles deveres Kshatriya os quais são teus por nascimento. Proteja-os assim como tu proteges teus próprios sentidos! Há perigo para ti da linhagem de Bhrigu! Tudo aquilo, no entanto, acontecerá em um dia distante.'"

158

"Yudhishthira disse, 'Tu sempre cultuas, ó rei, Brahmanas de votos louváveis. Qual é, no entanto, aquele fruto vendo o qual tu os cultua, ó rei? Ó tu de votos superiores, vendo qual prosperidade ligada ao culto dos Brahmanas tu os adoras? Diga-me tudo isso, ó tu de braços poderosos!'"

"Bhishma disse, 'Aqui está Kesava dotado de grande inteligência. Ele te dirá tudo. De votos excelentes e dotado de prosperidade, ele mesmo irá te dizer qual é a prosperidade que se vincula ao culto dos Brahmanas. Minha força, ouvidos, fala, mente, olhos, e aquela minha compreensão clara (estão todos nublados hoje). Eu penso que não está distante o momento em que eu terei que rejeitar meu corpo. O sol me parece avançar muito lentamente. (Para uma pessoa aflita o dia parece longo.) Aqueles deveres superiores, ó rei, que são mencionados nos Puranas como cumpridos por Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras, foram todos declarados por mim. Ó filho de Pritha, aprenda de Krishna o pouco que resta para ser aprendido sobre este assunto. Eu conheço Krishna realmente. Eu sei quem ele é e qual é o seu antigo poder. Ó chefe dos Kauravas, Kesava é de alma incomensurável. Quando dúvidas surgem, é ele que mantém a Justiça então; (isto é, é este Kesava quem sustenta a causa da Justiça quanto o perigo a alcança. Isto não significa que quando dúvidas são nutridas por pessoas sobre questões de moralidade é Kesava que as dissipa.) Foi Krishna quem criou a terra, e o firmamento, e os céus. De fato, a terra surgiu do corpo de Krishna. De bravura terrível e existindo desde o início do tempo, foi Krishna quem se tornou o poderoso Javali e ergueu a Terra submersa. Foi Ele quem criou todos os pontos do horizonte, junto com todas as montanhas. Abaixo dele estão o firmamento, céu, os quatro pontos cardeais, e os quatro pontos secundários. Foi dele que a criação inteira fluiu. Foi Ele quem criou este universo antigo. Em Seu umbigo apareceu um Lótus. Dentro daquele Lótus surgiu o próprio Brahma de energia incomensurável. Foi Brahma, ó filho de Pritha, quem despedaçou aquela escuridão que existia superando o próprio oceano (em profundidade e extensão). Na era Krita, ó Partha, Krishna existiu (sobre a terra), na forma de Justiça. Na era Treta, ele existiu na forma de Conhecimento. Na era Dwapara, ele existiu na forma de poder. Na era Kali ele veio à terra na forma de injustiça. Foi Ele quem nos tempos passados matou os Daityas. É Ele que é o Deus Antigo. Foi Ele quem governou os Asuras na forma de seu Imperador (Valin). É Ele que é o Criador de todos os seres. É Ele que é também o futuro de todos os Seres criados. É Ele também que é o protetor deste universo repleto da semente da destruição. Quando a causa da Justiça enlanguesce, este Krishna toma nascimento na linhagem dos deuses ou entre os

homens. Permanecendo na Justiça, este Krishna de alma purificada (em tal ocasião) protege os mundos superiores e inferiores. Poupando aqueles que merecem ser poupados, Krishna se dirige ele mesmo à matança dos Asuras, ó Partha! É ele que é todas as ações próprias e impróprias e é ele que é a causa. É Krishna que é a ação feita, a ação para ser feita, e a ação que está sendo feita. Saiba que aquele ilustre é Rahu e Soma e Sakra. É ele que é Viswakarma. É ele que é de forma universal. Ele é o destruidor e ele é o Criador do universo. Ele é o manejador do Sula (lança); Ele é de forma humana; e Ele é de forma terrível. Todas as criaturas cantam seus louvores, pois ele é conhecido por suas ações. Centenas de Gandharvas e Apsaras e divindades sempre o acompanham. Os próprios Rakshasas cantam seus louvores. Ele é o Aumentador de Riqueza; Ele é o único Ser vitorioso no universo. Em Sacrifícios, homens eloquentes cantam Seus louvores. Os cantores de Samans o louvam por recitarem os Rathantaras. Os Brahmanas o louvam com Mantras Védicos. É para Ele que os sacerdotes sacrificais derramam suas libações. As divindades com Indra em sua chefia cantaram Seus louvores quanto Ele ergueu as montanhas Gobardhana para proteger os vaqueiros de Brindavana contra as chuvas incessantes que Indra derramou em fúria. Ele é, ó Bharata, a única Bênção para todas as criaturas. Ele, ó Bharata, tendo entrado na velha caverna Brahma, viu daquele local a cobertura original do mundo no início do Tempo. (Isto se refere à existência de Brahma quando tudo mais é nada.) Agitando todos os Danavas e os Asuras, este Krishna dos feitos mais notáveis resgatou a terra. É para Ele que as pessoas oferecem diversos tipos de alimento. É para Ele que os guerreiros oferecem todas as espécies de seus veículos no tempo de guerra. Ele é eterno, e é sob aquele ilustre que o firmamento, terra, céu, todas as coisas existem e permanecem. Foi Ele quem fez a semente vital dos deuses Mitra e Varuna cair dentro de um jarro, de onde surgiu o Rishi conhecido pelo nome de Vasishtha. É Krishna que é o deus do vento; é Ele que é os pujantes Aswins; é Ele que é aquele principal dos deuses, isto é, o sol possuidor de mil raios. É Ele por quem os Asuras foram subjugados. Foi Ele quem cobriu os três mundos com três passos Seus. Ele é a alma das divindades e seres humanos, e Pitris. É Ele que é o Sacrifício realizado por aquelas pessoas que estão familiarizadas com os rituais de sacrifícios. É Ele que se ergue todo dia no firmamento (na forma do sol) e divide o Tempo em dia e noite, e se dirige pela metade do ano em direção ao norte e metade do ano em direção ao sul. Inúmeros raios de luz emanam dele para cima e para baixo e transversalmente e iluminam a terra. Brahmanas conhecedores dos Vedas adoram a Ele. Pegando uma porção de Seus raios o sol brilha no firmamento. Mês após mês, o sacrificador ordena Ele como um sacrifício. Pessoas regeneradas familiarizadas com os Vedas cantam Seus louvores em sacrifícios de todos os tipos. É Ele que constitui a roda do ano, tendo três cubos e sete cavalos para arrastá-la. É dessa maneira que Ele sustenta a mansão tripla (das estações). Dotado de grande energia, permeando todas as coisas, a principal de todas as criaturas, é Krishna que sozinho sustenta todos os mundos. Ele é o sol, o dissipador de toda escuridão. Ele é o Criador de tudo. Ó herói, te aproxime daquele Krishna! Uma vez, o pujante Krishna grande alma morou, por um tempo, na forma de Agni na floresta de Khandava entre alguma palha ou grama seca. Logo Ele foi satisfeito (pois ele consumiu todas as ervas medicinais naquela

floresta). Capaz de ir a todos os lugares à vontade, foi Krishna que, tendo subjugado os Rakshasas e Uragas, os derramou como libações sobre o fogo ardente. Foi Krishna que deu para Arjuna vários corcéis brancos. É Ele que é o criador de todos os corcéis. Este mundo (ou, a vida humana) representa seu carro. Ele é que une aquele carro para colocá-lo em movimento. Aquele carro tem três rodas (isto é, os três atributos de Sattwa, Rajas, e Tamas). Ele tem três tipos de movimento (pois ele vai para cima ou para baixo ou transversalmente, implicando nascimento superior, inferior, e intermediário como ocasionados pelas ações). Ele tem quatro cavalos unidos a ele (isto é, Tempo, Predestinação, a vontade das divindades, e a vontade própria). Ele tem três cubos (branco, preto, e misturado, implicando boas ações, más ações e as ações que são de um caráter misturado). É este Krishna que é o refúgio dos cinco elementos originais com o céu entre eles. Foi Ele quem criou a terra e o céu e o espaço no meio. De fato, foi este Krishna de energia incomensurável e resplandecente quem criou as florestas e as montanhas. Foi este Krishna que, desejoso de castigar Sakra que estava prestes a arremessar seu trovão nele, cruzou os rios e o paralisou. Ele é o único grande Indra que é adorado pelos Brahmanas em sacrifícios grandiosos com a ajuda de mil Riks antigos. Foi este Krishna, ó rei, que sozinho pôde manter o Rishi Durvasa de grande energia como um convidado por algum tempo em sua casa. Ele é citado como sendo o único Rishi antigo. Ele é o Criador do universo. De fato, Ele cria tudo a partir da Sua própria natureza. Superior a todas as divindades é Ele que ensina todas as divindades. Ele cumpre escrupulosamente todas as ordenanças antigas. Saiba, ó rei, que este Krishna, que é chamado de Vishwaksena, é o fruto de todas as ações que se relacionam com prazer, de todas as ações que são baseadas nos Vedas, e de todas as ações que concernem ao mundo. Ele é os raios brancos de luz que são vistos em todos os mundos. Ele é os três mundos. Ele é os três Regentes de todos os mundos. Ele é os três fogos sacrificais. Ele é os três Vyahritis; de fato, este filho de Devaki é todos os deuses juntos. Ele é o ano; Ele é as Estações; Ele é as Quinzenas; Ele é o Dia e a Noite; Ele é aquelas divisões de tempo que são chamadas de Kalas, e Kashthas, e Matras, e Muhurtas, e Lavas, e Kshanas. Saiba que este Vishwaksena é todos estes. A Lua e o Sol, os Planetas, as Constelações, e as Estrelas, todos os dias Parva, incluindo o dia da lua cheia, as conjunções das constelações e as estações, têm, ó filho de Pritha, fluído deste Krishna que é Vishwaksena. Os Rudras, os Adityas, os Vasus, os Aswins, os Sadhyas, os Viswedevas, os diversos Maruts, o próprio Prajapati, a mãe das divindades, isto é, Aditi, e os sete Rishis, todos surgiram de Krishna. Transformando a Si Mesmo no vento, Ele espalha o universo. De Forma Universal, Ele se torna o Fogo que queima todas as coisas. Transformando-se em Água, Ele encharca e submerge tudo, e assumindo a forma de Brahman, Ele cria todas as diversas tribos de criaturas animadas e inanimadas. Ele é Ele Mesmo o Veda, contudo Ele aprende todos os Vedas. Ele é Ele Mesmo todas as ordenanças, contudo Ele cumpre todas as ordenanças que foram declaradas sobre assuntos ligados com Virtude e os Vedas e força ou poder que governa o mundo. De fato, saiba, ó Yudhishthira, que este Kesava é todo o universo móvel e imóvel. Ele é da forma da luz mais resplandecente. De forma universal, este Krishna está manifestado naquela refulgência brilhante. A causa original da alma de todas as criaturas existentes, Ele a princípio criou as águas.

Depois Ele criou este universo. Saiba que este Krishna é Vishnu. Saiba que Ele é a alma do universo. Saiba que Ele é todas as estações; Ele é estas diversas vegetações maravilhosas da Natureza que nós vemos; Ele é as nuvens que derramam chuva e o relâmpago que reluz no céu. Ele é o elefante Airavata. Realmente, Ele é todo o universo móvel e imóvel. A residência do universo e transcendendo todos os atributos, este Krishna é Vasudeva. Quando Ele se torna Jiva Ele vem a ser chamado de Sankarshana. Em seguida, Ele se transforma em Pradyumna e então em Aniruddha. Dessa maneira Krishna de grande alma, que tem a Si Mesmo como Sua origem divide (ou manifesta) a Si Mesmo em forma quádrupla. Desejoso de criar este universo que consiste nos cinco elementos primordiais, Ele se dirige à sua tarefa, e o faz avançar na forma quíntupla de existência animada consistindo em divindades e Asuras e seres humanos e animais e aves. É Ele que então cria a Terra e o Ar, o Céu, Luz, e também a Água, ó filho de Pritha! Tendo criado este universo de objetos móveis e imóveis distribuídos em quatro ordens de seres (isto é, vivíparos, ovíparos, vegetais e nascidos da sujeira), ele então criou a terra com sua semente quíntupla. (A semente quíntupla consiste nas quatro ordens de criaturas e ações as quais determinam as condições de todos os seres.) Ele então criou o firmamento para derramar chuvas abundantes de água sobre a terra. Sem dúvida, ó rei, foi este Krishna quem criou este universo. Sua origem está em Si Mesmo; é Ele que faz todas as coisas existirem através da sua própria força. Foi Ele quem criou as divindades, os Asuras, os seres humanos, o mundo, os Rishis, os Pitris, e todas as criaturas. Desejoso de criar, aquele Senhor de todas as criaturas criou devidamente todo o universo de vida. Saiba que bem e mal, móvel e imóvel, todos fluíram deste que é Vishwaksena. O que quer que exista, e o que quer que venha a existir, tudo é Kesava. Este Krishna é também a morte que alcança todas as criaturas quando chega seu fim. Ele é eterno e é Ele que mantém a causa da Justiça. O que quer que existiu no passado, e o que quer que nós não conheçamos, realmente, tudo aquilo também é este Vishwaksena. O que quer que seja nobre e meritório no universo, de fato, o que quer que exista de bom e de mau, tudo é Kesava que é inconcebível. Por essa razão, é absurdo pensar em alguma coisa que seja superior a Kesava. Kesava é exatamente desta maneira. Mais do que isto, Ele é Narayana, o mais sublime dos sublimes, imutável e imperecível. Ele é a causa eterna e imutável de todo o universo móvel e imóvel com seu início, meio, e fim, como também de todas as criaturas cujo nascimento segue seu desejo.'"

159

"Yudhishthira disse, 'Nos diga, ó matador de Madhu, qual é a prosperidade que se vincula ao culto dos Brahmanas. Tu estás bem familiarizado com este tópico. Na verdade, nosso avô te conhece.'"

"Vasudeva disse, 'Ouça-me, ó rei, com atenção absorta, ó chefe da linhagem de Bharata, enquanto eu declaro para ti quais são os méritos dos Brahmanas, de acordo com verdade, ó principal da linhagem de Kuru! Uma vez quando eu estava

sentado em Dwaravati, ó encantador dos Kurus, meu filho Pradyumna, enfurecido por certos Brahmanas, veio a mim e disse, 'Ó matador de Madhu, qual mérito se vincula ao culto dos Brahmanas? De onde seu domínio é derivado aqui e após a morte? Ó concessor de honras, quais recompensas são ganhas por se cultuar constantemente os Brahmanas? Bondosamente explique isto claramente para mim, pois minha mente está perturbada por dúvidas a respeito disto.' Quando estas palavras foram endereçadas a mim por Pradyumna, eu respondi a ele o seguinte. Ouça, ó rei, com atenção cuidadosa, quais foram aquelas palavras, 'Ó filho de Rukmin, ouça-me enquanto eu te digo qual é a prosperidade que alguém pode ganhar por cultuar os Brahmanas. Quando uma pessoa se dirige para a aquisição do conhecido agregado de três (isto é, Virtude, Riqueza, e Prazer), ou à realização da Emancipação, ou àquela de fama e prosperidade, ou ao tratamento e cura de doença, ou ao culto das divindades e dos Pitris, ela deve tomar cuidado para agradar os regenerados. Cada um deles é um rei Soma (que derrama tal luz agradável no firmamento). Eles são distribuidores de felicidade e miséria. Ó filho de Rukmini, neste ou no mundo seguinte, ó filho, tudo o que é agradável tem sua origem nos Brahmanas. Eu não tenho dúvida nisto! Do culto dos Brahmanas fluem realizações imensas e fama e força. Os habitantes de todos os mundos, e os Regentes do universo, são todos devotos de Brahmanas. Como então, ó filho, nós podemos desconsiderá-los, cheios com a idéia de que nós somos os senhores da terra? Ó tu de braços poderosos, não permita tua ira envolver os Brahmanas como seu objeto. Neste como também no próximo mundo, Brahmanas são considerados como seres. Eles têm conhecimento direto de tudo no universo. Na verdade, eles são capazes de reduzir tudo a cinzas, se zangados. Eles são capazes de criar outros mundos e outros Regentes de mundos (além daqueles que existem). Por que então pessoas que são possuidoras de energia e conhecimento correto não deveriam se comportar com obediência e respeito para com eles? Antigamente, em minha casa, ó filho, morou o Brahmana Durvasa cuja cor era verde e morena. Vestido com trapos, ele tinha um bastão feito da árvore Vilwa; (Eagle marmelos, Linn). Sua barba era longa e ele estava extremamente emaciado. Ele era mais alto em estatura do que o homem mais alto sobre a terra. Vagando por todos os mundos, isto é, aqueles que pertencem aos seres humanos e aqueles que são para as divindades e outros seres superiores, este mesmo era o verso que ele cantava constantemente entre assembléias e em praças públicas: 'Quem faria o Brahmana Durvasa morar em sua casa, cumprindo os deveres de hospitalidade em direção a ele? Ele fica enfurecido com todos se ele encontra mesmo a mais leve transgressão. Ouvindo isto a respeito do meu temperamento, quem me dará refúgio? De fato, aquele que me der abrigo como um convidado não deve fazer nada para me enfurecer!' Quando eu vi que ninguém ousou lhe dar abrigo em sua casa, eu o convidei e o fiz tomar sua residência em minha habitação. Em certos dias ele comia alimento suficiente para as necessidades de milhares de pessoas. Em outros dias ele comia muito pouco. Em alguns dias ele saía da minha casa e não voltava. Ele às vezes ria sem qualquer razão aparente e às vezes chorava igualmente sem motivo. Naquele tempo não havia ninguém sobre a terra que fosse igual a ele em idade. Um dia, entrando nos aposentos designados para ele, ele queimou todas as camas e cobertas e todas as donzelas bem adornadas que estavam lá para servi-lo. Fazendo isto, ele saiu. De votos altamente louváveis, ele

me encontrou pouco tempo depois disto e se dirigindo a mim, disse, 'Ó Krishna, eu desejo comer manjar de trigo com leite sem demora!' Tendo compreendido sua mente previamente, eu tinha colocado meus empregados para prepararem todo tipo de comida e bebida. De fato, muitas iguarias excelentes eram mantidas preparadas. Logo que eu fui pedido, eu fiz manjar quente ser trazido e oferecido para o asceta. Tendo comido um pouco, ele rapidamente disse para mim, 'Ó Krishna, pegue um pouco desse manjar e cubra todos os teus membros com ele!' Sem nenhum escrúpulo eu fiz como ordenado. De fato, com o resto daquele manjar eu cobri meu corpo e cabeça. O asceta naquele momento viu tua mãe de face graciosa em pé próxima. Enquanto ria, ele cobriu o corpo dela também com aquele manjar. O asceta então fez tua mãe, cujo corpo estava todo coberto com manjar, ser unida a um carro sem nenhuma demora. Subindo naquele carro ele saiu de minha casa. Dotado de grande inteligência, aquele Brahmana brilhava com esplendor como fogo, e golpeou, na minha presença, minha Rukmini dotada de juventude, como se ela fosse um animal destinado a puxar os carros dos seres humanos. Vendo isto, eu não senti a menor angústia nascida da malícia ou o desejo de ferir o Rishi. De fato, tendo unido Rukmini ao carro, ele saiu, desejoso de proceder pela estrada principal da cidade. Vendo aquela visão extraordinária, alguns Dasarhas, cheios de ira, se dirigiram uns aos outros e começaram a conversar dessa maneira, ‘Quem mais sobre a terra respiraria depois de ter unido Rukmini a um carro? Na verdade, que o mundo seja preenchido com Brahmanas somente! Que nenhuma outra ordem tome nascimento aqui. O veneno de uma cobra virulenta é extremamente forte. Mais forte do que veneno é um Brahmana. Não há médico para uma pessoa que foi mordida ou queimada pela cobra virulenta de um Brahmana.’ Conforme o irresistível Durvasa prosseguia no carro, Rukmini cambaleava na estrada e caía frequentemente. Nisto o Rishi regenerado ficou zangado e começou a incitar Rukmini adiante por golpeá-la com o chicote. Finalmente, cheio de uma emoção muito intensa, o Brahmana saltou do carro e fugiu em direção ao sul, correndo a pé, por um solo sem trilhas. Vendo aquele principal dos Brahmanas fugindo pelo solo sem trilhas nós o seguimos, embora nós estivéssemos cobertos de manjar, exclamando atrás dele: ‘Fique satisfeito conosco, ó santo!’ Dotado de grande energia, o Brahmana, me vendo, disse, 'Ó Krishna de braços poderosos, tu subjugaste a ira pela força da tua natureza? Ó tu de votos excelentes, eu não encontrei o menor defeito em ti! Ó Govinda, eu estou muito satisfeito contigo. Peça a realização de desejos como tu quiseres! Veja devidamente, ó filho, qual é minha força quando eu fico satisfeito com alguém. Enquanto as divindades e seres humanos continuarem a nutrir um gosto por alimento, assim cada um entre eles irá nutrir o mesmo gosto por ti que eles nutrem por seu alimento! Enquanto, além disso, houver Justiça nos vários mundos, a fama das tuas realizações irá durar! De fato, tua distinção irá durar por longo tempo nos três mundos! Ó Janardana, tu serás agradável para todas as pessoas! Quaisquer artigos teus que tenham sido quebrados ou queimados ou destruídos de outra maneira (por mim), tu verás restaurados, ó Janardana, ao seu estado antigo ou eles reaparecerão até em uma forma melhor! Enquanto, além disso, ó tu de glória imperecível, tu desejares viver, tu não terás medo da morte te atacar através das partes do teu corpo que foram cobertas com o manjar que eu te dei! Ó filho, por que tu não passaste aquele manjar nas solas dos teus pés também? Por

não fazer isto, tu agiste de uma maneira que não é aprovada por mim!' Estas foram as palavras que ele disse, bem satisfeito comigo naquela ocasião. Depois que ele tinha parado de falar, eu vi que meu corpo se tornou dotado de grande beleza e esplendor. Para Rukmini também, o Rishi, bem satisfeito com ela, disse, 'Ó senhora bela, tu serás a principal do teu sexo em fama, e grande glória e realizações serão tuas. Decrepitude ou doença ou perda de cor nunca serão tuas! Todos te verão dedicada a servir Krishna, possuidora como tu já és de um odor fragrante que está sempre presente em ti. Tu te tornarás a principal de todas as esposas, numerando dezesseis mil, de Kesava. Finalmente, quando chegar a hora da tua partida do mundo, tu obterás a inseparável companhia de Krishna no mundo seguinte!' Tendo dito estas palavras para tua mãe, o Rishi mais uma vez se dirigiu a mim e proferindo as seguintes palavras, deixou o local. De fato, o Rishi Durvasa, brilhando como um fogo, disse, 'Ó Kesava, que tua compreensão seja sempre disposta exatamente assim em direção ao Brahmana!' Realmente, depois de proferir estas palavras, aquele Brahmana desapareceu diante dos meus olhos. Depois do desaparecimento dele eu me dediquei ao cumprimento do voto de proferir certos Mantras silenciosamente sem ser ouvido por ninguém. Na verdade, desde aquele dia eu resolvi realizar quaisquer ordens que eu recebesse dos Brahmanas. Tendo adotado este voto, ó filho, junto com tua mãe, nós dois, com corações cheios de alegria reentramos em nosso palácio. Entrando em nossa casa eu vi que tudo o que o Rishi tinha quebrado ou queimado tinha reaparecido e se tornado novo. Vendo aqueles artigos novos, os quais além disso tinham se tornado mais duráveis, eu fiquei muito admirado. Na verdade, ó filho de Rukmini, daquele dia em adiante eu tenho sempre adorado os Brahmanas em minha mente!' Isto mesmo, ó chefe da linhagem de Bharata, foi o que eu disse naquela ocasião com relação à grandeza daqueles Brahmanas que são os principais de sua classe. Tu também, ó filho de Kunti, cultue os Brahmanas altamente abençoados todos os dias com presentes de riqueza e vacas, ó pujante! Foi dessa maneira que eu obtive a prosperidade que eu desfruto, a prosperidade que é nascida da graça dos Brahmanas. O que quer que, além disso, Bhishma tenha dito de mim, ó chefe dos Bharatas, é tudo verdade!'"

160

"Yudhishthira disse, 'Cabe a ti, ó matador de Madhu, explicar para mim aquele conhecimento o qual tu obtiveste pela graça de Durvasa! Ó principal de todas as pessoas dotadas de inteligência, eu desejo saber tudo acerca da bem-aventurança sublime e todos os nomes daquele de grande alma verdadeiramente e em detalhes!'" (Durvasa é considerado uma porção de Mahadeva. A pergunta de Yudhishthira, portanto, realmente se relaciona com Mahadeva embora o nome usado seja Durvasa.)

"Vasudeva disse, 'Eu te contarei o bem que eu tenho adquirido e a fama que eu tenho ganhado pela graça daquele de grande alma. Na verdade, eu irei te falar sobre o assunto, depois de ter reverenciado Kapardin. Ó rei, ouça-me enquanto eu relato para ti aquele Sata-rudriya o qual eu repito; com sentidos controlados, toda

manhã depois de levantar da cama. O grande senhor de todas as criaturas, isto é, o próprio Avô Brahman, dotado de riqueza de penitências, compôs aqueles Mantras, depois de ter praticado penitências especiais por algum tempo. Ó majestade, foi Sankara quem criou todas as criaturas no universo, móveis e imóveis. Não há ser que seja mais elevado, ó monarca, do que Mahadeva. Na verdade, ele é o maior de todos os seres nos três mundos. Não há alguém que seja capaz de permanecer na frente daquele Ser de grande alma. De fato, não há Ser nos três mundos que possa ser considerado como seu igual. Quando ele permanece, cheio de raiva, no campo de batalha, o próprio odor do seu corpo priva todos os inimigos de consciência e aqueles que não são mortos tremem e caem. Seus rugidos são terríveis, parecendo aqueles das nuvens. Ouvindo aqueles rugidos em batalha, os próprios corações das divindades se partem em dois. Quando o manejador do Pinaka fica zangado e assumindo uma forma terrível meramente lança seu olhar sobre divindade, Asura, Gandharva, ou cobra, aquele indivíduo fracassa em obter paz de mente mesmo por se abrigar nos recessos de uma caverna de montanha. Quando aquele senhor de todas as criaturas, isto é, Daksha, desejoso de realizar um sacrifício, espalhou seu sacrifício, o intrépido Bhava, cedendo à cólera (pelo desprezo de Daksha por ele), perfurou o sacrifício (personificado), disparando sua flecha de seu arco terrível, ele rugiu alto. De fato, quando Maheswara ficou zangado e perfurou de repente com sua flecha a forma incorporada do sacrifício, as divindades se encheram de angústia, perdendo a felicidade e tranquilidade de coração. Por causa da vibração da corda de seu arco o universo inteiro ficou agitado. As divindades e os Asuras, ó filho de Pritha, todos ficaram tristes e entorpecidos. O oceano ondulou em agitação e a terra tremeu até seu centro. As colinas e montanhas começaram a se mover de suas bases e correram para todos os lados. A abóbada do firmamento ficou fendida. Todos os mundos ficaram envolvidos em escuridão. Nada podia ser visto. A luz de todos os corpos luminosos ficou escurecida, junto com aquela do próprio sol, ó Bharata! Os grandes Rishis, tomados pelo medo e desejosos de fazerem bem para si mesmos e para o universo, realizaram os ritos usuais de conciliação e paz. Enquanto isso, Rudra de destreza terrível avançou contra as divindades. Cheio de raiva, ele arrancou os olhos de Bhaga. Excitado pela cólera, ele atacou Pushan com seu pé. Ele arrancou os dentes daquele deus quando ele estava sentado empenhado em comer a grande bola sacrifical (chamada Purodasa). Tremendo de medo, as divindades curvaram suas cabeças para Sankara. Sem estar apaziguado, Rudra mais uma vez colocou na corda de seu arco uma flecha afiada e brilhante. Vendo sua bravura, as divindades e os Rishis ficaram todos alarmados. Aqueles principais dos deuses começaram a acalmá-lo! Unindo suas mãos em reverência, eles começaram a recitar os Mantras Sata-rudriya. Finalmente Maheswara, assim louvado pelas divindades, ficou satisfeito. As divindades então designaram uma grande parte (das oferendas sacrificais) para ele. Tremendo de medo, ó rei, eles procuraram a proteção dele. Quando Rudra ficou satisfeito, a personificação do sacrifício, que tinha sido rompida em dois, tornou-se novamente unida. Todos os membros dele que tinham sido destruídos pelas flechas de Mahadeva se tornaram mais uma vez inteiros e sadios. Os Asuras possuidores de grande energia antigamente tinham três cidades no firmamento. Uma delas tinha sido feita de ferro, uma de prata, e a terceira de ouro. Com todas as suas armas, Maghavat, o

chefe das divindades, era incapaz de perfurar aquelas cidades. Afligidas pelos Asuras, todas as divindades então procuraram a proteção do grande Rudra. Reunindo-se as divindades de grande alma se dirigiram a ele, dizendo, 'Ó Rudra, os Asuras ameaçam exercer sua influência destrutiva em todas as ações! Mate os Daityas e destrua sua cidade para a proteção dos três mundos, ó concessor de honras!' Assim endereçado por eles, ele respondeu, dizendo, 'Assim seja' e então fez Vishnu sua excelente cabeça de flecha. Ele fez a divindade do fogo seu junco de flecha, e o filho de Surya Yama as asas daquela flecha. Ele fez os Vedas seu arco e a deusa Savitri sua excelente corda de arco. E ele fez o Avô Brahma seu cocheiro. Utilizando todos estes, ele perfurou a cidade tripla dos Asuras com aquela sua flecha, consistindo em três Parvans e três Salyas. (Um Parvam é um nó. Juncos e bambus consistem de uma série de nós. O espaço entre dois nós é chamado de Salya.) De fato, ó Bharata, os Asuras com suas cidades foram todos queimados por Rudra com aquela sua flecha cuja cor era como aquela do sol e cuja energia parecia com aquela do fogo que aparece no fim do Yuga para consumir todas as coisas. Vendo que Mahadeva se converteu em uma criança com cinco madeixas de cabelo deitada no colo de Parvati, a última perguntou às divindades quem ele era. Vendo a criança, Sakra ficou de repente cheio de ciúme e ira e resolveu matá-lo com seu trovão. A criança, no entanto, paralisou o braço, parecendo com uma maça de ferro, de Indra com o raio nele. As divindades todas ficaram pasmas, e elas não podiam compreender que a criança era o Senhor do universo. Na verdade, todos eles junto com os próprios Regentes do mundo encontraram seus intelectos entorpecidos na questão daquela criança que era ninguém mais do que o Ser Supremo. Então o Avô Brahma ilustre, refletindo com a ajuda de suas penitências, descobriu que aquela criança era o principal de todos os Seres, o marido de Uma, Mahadeva de destreza incomensurável. Ele então louvou o Senhor. As divindades também começaram a cantar os louvores de Uma e Rudra. O braço (que tinha sido paralisado) do matador de Vala então foi restaurado ao seu estado anterior. Mahadeva, tomando nascimento como o Brahmana Durvasa de grande energia, residiu por um longo tempo em Dwaravati em minha casa. Enquanto morando em minha residência ele fez diversas ações de dano. Embora difíceis de serem toleradas, eu ainda assim as tolerei por magnanimidade de coração. Ele é Rudra; ele é Shiva; ele é Agni; ele é Sarva; ele é o dominador de todos; ele é Indra, e Vayu, e os Aswins e o deus do relâmpago. Ele é Chandramas; ele é Isana; ele é Surya; ele é Varuna; ele é o Tempo; ele é o Destruidor; ele é Morte; ele é o Dia e a Noite; ele é a quinzena; ele é as estações; ele é os dois crepúsculos; ele é o ano. Ele é Dhatri e ele é Vidhatri; e ele é Viswakarma; e ele está familiarizado com todas as coisas. Ele é os pontos cardeais do horizonte e os pontos secundários também. De forma universal, ele é de alma incomensurável. O santo e ilustre Durvasa é da cor dos celestiais. Ele às vezes se manifesta individualmente; às vezes se divide em duas partes; e às vezes se mostra em muitas, cem mil formas. Assim mesmo é Mahadeva. Ele é, além disso, aquele deus que é não nascido. Mesmo em cem anos uma pessoa não pode esgotar os méritos dele por recitá-los.'"

161

"Vasudeva disse, 'Ó Yudhishthira de braços poderosos, ouça-me enquanto eu relato para ti os muitos nomes de Rudra como também a grande bem-aventurança daquele de grande alma. Os Rishis descrevem Mahadeva como Agni, e Sthanu, e Maheswara; como de um olho, e de três olhos, de forma universal, e Siva ou muito auspicioso. Brahmanas familiarizados com os Vedas dizem que aquele deus tem duas formas. Uma delas é terrível, e a outra suave e auspiciosa. Aquelas duas formas, além disso, estão subdivididas em muitas formas. Aquela forma que é feroz e terrível é considerada como idêntica a Agni e ao Relâmpago e a Surya. A outra forma que é suave e auspiciosa é idêntica à Virtude e à água e a Chandramas. Então, além disso, é dito que metade de seu corpo é fogo e metade é Soma (ou a lua). Aquela forma dele a qual é suave e auspiciosa é citada como dedicada à prática dos votos Brahmacharya. A outra forma dele que é supremamente terrível está envolvida em todas as operações de destruição no universo. Porque ele é grande (Mahat) e o Senhor Supremo de todos (Iswara), portanto ele é chamado de Maheswara. E já que ele queima e oprime, é violento e feroz, e dotado de grande energia, e está empenhado em comer carne e sangue e medula, ele é citado como sendo Rudra. Já que ele é a principal de todas as divindades, e já que seu domínio e aquisições são muito extensos, e já que ele protege o universo extenso, portanto ele é chamado de Mahadeva. Já que ele é da forma ou cor de fumaça, portanto ele é chamado de Dhurjati. Já que por todos os seus atos ele realiza sacrifícios por todos e procura o bem de todas as criaturas, portanto ele é chamado de Siva ou o auspicioso. Permanecendo acima (no céu) ele queima as vidas de todas as criaturas e está, além disso, fixo em uma rota específica da qual ele não se desvia. Seu emblema, além disso, está fixo e imóvel por todo o tempo. Ele é, por estas razões, chamado de Sthanu. Ele é também de aspecto multiforme. Ele é presente, passado, e futuro. Ele é móvel e imóvel. Por isto ele é chamado de Vahurupa (de aspecto multiforme). As divindades chamadas Viswedevas residem em seu corpo. Ele é, por isto, chamado de Viswarupa (de forma universal). Ele tem mil olhos; ou, ele tem miríades de olhos; ou, ele tem olhos em todos os lados e em toda parte de seu corpo. Sua energia sai por seus olhos. Não há fim de seus olhos. Já que ele sempre nutre todas as criaturas e se diverte também com elas, e já que ele é seu senhor ou mestre, portanto ele é chamado de Pasupati (o senhor de todas as criaturas). Já que seu emblema é sempre cumpridor do voto de Brahmacharya, todos os mundos o adoram consequentemente. É dito que este ato de culto o agrada muito. Se há alguém que cultua a ele por criar sua imagem e outro que cultua seu emblema, é o último que obtém grande prosperidade para sempre. Os Rishis, as divindades, os Gandharvas, e as Apsaras, adoram aquele emblema dele que está sempre ereto e erguido. Se seu emblema é adorado, Maheswara fica muito satisfeito com o devoto. Afetuoso para com seus devotos, ele concede felicidade para eles com uma alma alegre. Este grande deus gosta de residir em crematórios e lá ele queima e consome todos os corpos. Aquelas pessoas que realizam sacrifícios em tais áreas chegam no fim àquelas regiões que estão reservadas para heróis. Empenhado em sua função legítima, ele é Aquele que é considerado

como a Morte que reside nos corpos de todas as criaturas. Ele é, além disso, aqueles ares chamados Prana e Apana nos corpos de todos os seres incorporados. Ele tem muitas formas ardentes e terríveis. Todas aquelas formas são adoradas no mundo e são conhecidas por Brahmanas possuidores de conhecimento. Entre os deuses ele tem muitos nomes todos os quais são repletos de grande importância. Na verdade, os sentidos daqueles nomes são derivados ou de sua grandeza ou imensidão, ou de seus feitos, ou de sua conduta. Os Brahmanas sempre recitam o excelente Sata-rudriya em sua honra, que se encontra nos Vedas como também naquele que foi composto por Vyasa. Realmente, os Brahmanas e Rishis o chamam de o mais velho de todos os seres. Ele é a primeira de todas as divindades, e foi de sua boca que ele criou Agni. Aquela divindade de alma justa, sempre desejando conceder proteção para todos, nunca abandona seus suplicantes. Ele antes preferiria abandonar seus próprios ares vitais e atrair sobre si todas as aflições possíveis. Vida longa, saúde e liberdade de doença, afluência, riqueza, diversas espécies de prazeres e divertimentos, são concedidos por ele, e é ele também quem os tira. O domínio e riqueza que alguém vê em Sakra e nas outras divindades na verdade são dele. É ele que está sempre empenhado em tudo o que é bom e mau nos três mundos. Por seu total controle sobre todos os objetos de prazer ele é chamado de Iswara (o Senhor Supremo ou Mestre). Já que, além disso, ele é o mestre do vasto universo, ele é chamado de Maheswara. O universo inteiro é permeado por ele em diversas formas. É aquela divindade cuja boca ruge e queima as águas do mar na forma da enorme cabeça de égua!'" (A alusão é à cabeça de égua ígnea que se supõe que vaga pelo oceano.)

162

"Vaisampayana disse, 'Depois que Krishna, o filho de Devaki, tinha dito estas palavras, Yudhishthira mais uma vez questionou Bhishma o filho de Santanu, dizendo, 'Ó tu de grande inteligência; ó principal de todas as pessoas conhecedoras dos deveres, qual, de fato, dos dois, a percepção direta ou as escrituras, é para ser considerado como autoridade para se chegar a uma conclusão?'"

"Bhishma disse, 'Eu penso que não há dúvida nisto. Ouça-me, ó tu de grande sabedoria! Eu te responderei. A pergunta que tu fizeste é sem dúvida apropriada. É fácil nutrir dúvida. Mas a solução daquela dúvida é difícil. Inúmeros são os exemplos em relação à percepção direta e audição (ou as escrituras), na qual a dúvida pode surgir. Certas pessoas, que se deleitam com o nome de especialistas em lógica, realmente se imaginando como sendo possuidores de sabedoria superior, afirmam que a percepção direta é a única autoridade. Eles afirmam que nada, embora verdadeiro, é existente que não seja diretamente perceptível; ou, pelo menos eles duvidam da existência daqueles objetos. De fato, tais afirmações envolvem uma absurdidade e aqueles que as fazem são de compreensão superficial, qualquer que possa ser seu orgulho de erudição. Se, por outro lado, tu duvidares quanto a como o único (Brahman indivisível) poderia ser a causa, eu

respondo que uma pessoa iria entender isto somente depois de uma longa passagem de anos e com a ajuda de Yoga praticado sem ociosidade. De fato, ó Bharata, alguém que vive de acordo com tais meios que se apresentam (isto é, sem ser dedicado a este ou aquele modo de vida determinado), e alguém que está dedicado (à solução da pergunta), seria capaz de compreender isto. Ninguém mais, realmente, é competente para compreender isto. Quando alguém chega ao próprio fim das razões (ou processos de raciocínio), ele então obtém aquele conhecimento excelente e que compreende tudo, aquela vasta massa de resplendor que ilumina todo o universo (chamado Brahma). Aquele conhecimento, ó rei, que é derivado da razão (ou inferências) mal pode ser considerado como conhecimento. Tal conhecimento deve ser rejeitado. Deve ser observado que ele não é definido ou compreendido pela palavra. Ele deve, portanto, ser rejeitado!'"

“Yudhishthira disse, ‘Diga-me, ó avô, qual entre estes (quatro) é mais autoritário, isto é, percepção direta, inferência de observação, a ciência de Agama ou escritura, e diversos tipos de prática que distinguem os bons.’”

"Bhishma disse, 'Enquanto pessoas pecaminosas possuidoras de grande poder procuram destruir a Virtude, sob tais circunstâncias ela pode ser protegida por aqueles que são bons se esforçando com cuidado e seriedade. Tal proteção, no entanto, não é útil no final das contas, pois a destruição alcança a Virtude no fim. Então, além disso, a Virtude muitas vezes demonstra ser uma máscara para cobrir a Iniquidade, como grama e palha cobrindo a boca de uma cova profunda e a ocultando da visão. Ouça, novamente, ó Yudhishthira! Por isto, as práticas dos bons sofrem intervenção e são destruídas pelos perversos. Aquelas pessoas que são de má conduta, que rejeitam os Srutis, de fato, aqueles indivíduos maus que odeiam a Virtude, destroem aquela boa direção de conduta (a qual poderia de outra maneira ser estabelecida como um padrão). Por isso, dúvidas se vinculam à percepção direta, inferência, e boa conduta. (Estes três, por estas razões, são falíveis, e o único padrão infalível que permanece é a audição ou as escrituras.) Aqueles, portanto, entre os bons que possuem compreensão nascida das (ou purificada pelas) escrituras e estão sempre contentes, devem ser considerados como os principais. Que aqueles que são ansiosos e desprovidos de tranquilidade de alma se aproximem deles. De fato, ó Yudhishthira, preste homenagem a eles e procure deles as soluções da tua dúvida! Desconsiderando prazer e riqueza que sempre seguem a cobiça e despertado para a convicção que somente a Virtude deve ser procurada, ó Yudhishthira, visite e questione aquelas pessoas (para te esclarecer). A conduta daquelas pessoas nunca toma um mau caminho ou encontra com a destruição, como também seus sacrifícios e estudos e ritos Védicos. De fato, estes três, isto é, conduta como consistindo em atos evidentes, comportamento a respeito de pureza (mental), e os Vedas juntos constituem a Virtude.'"

"Yudhishthira disse, 'Ó avô, minha mente está mais uma vez entorpecida pela dúvida. Eu estou neste lado do oceano, empenhado em procurar pelos meios de atravessá-lo. Eu, no entanto, não vejo a outra margem do oceano! Se estes três, isto é, os Vedas, a percepção direta (ou atos que são vistos), e comportamento (ou pureza mental) juntos constituem o que é para ser considerado como

autoridade, pode ser alegado que há diferença entre eles. A Virtude então realmente vem a ser de três tipos, embora ela seja una e indivisível.'"

"Bhishma disse, 'A Virtude é às vezes vista ser destruída por indivíduos pecaminosos de grande poder. Se tu pensas, ó rei, que a Virtude deve realmente ser de três tipos, minha resposta é que tua conclusão é justificada pela razão. A verdade é que a Virtude é una e indivisível, embora ela possa ser observada de três pontos diferentes. Todos os caminhos (indicações) daqueles três que constituem a fundação da Virtude foram formulados. Aja de acordo com as instruções prescritas. Tu nunca deves discutir acerca da Virtude e então procurar ter esclarecidas aquelas dúvidas às quais tu possas chegar. Ó chefe dos Bharatas, não deixe dúvidas como estas jamais tomarem posse da tua mente! Obedeça o que eu digo sem escrúpulo de qualquer tipo. Siga-me como um homem cego ou como alguém que, sem ser ele mesmo possuidor do sentido, tem que depender daquele de outro. Abstenção de ferir, veracidade, ausência de ira (ou perdão), e generosidade de doações, estes quatro, ó rei que não tem inimigo, pratique, pois estes quatro constituem a Virtude eterna! Também, ó príncipe de braços poderosos, siga em direção aos Brahmanas aquela conduta que é compatível com a que tem sido observada em direção a eles por teus pais e avôs. Estas são as principais indicações de Virtude. Aquele homem de pouca inteligência que destruísse o peso da autoridade por negar que seja um padrão aquilo que sempre foi aceito como tal fracassaria em se tornar uma autoridade entre homens. Tal homem se torna a causa de muita aflição no mundo. Reverencie os Brahmanas e os trate com hospitalidade. Sempre os sirva dessa maneira. O universo depende deles. Compreenda que eles são dessa maneira!'"

“Yudhishthira disse, ‘Diga-me, ó avô, quais são os respectivos fins daqueles que odeiam a Virtude e daqueles que a adoram e a praticam!’"

"Bhishma disse, 'Aqueles homens que odeiam a Virtude são citados como tendo seus corações dominados pelos atributos de paixão e ignorância. Tais homens têm sempre que ir para o Inferno. Aqueles homens, por outro lado, ó monarca, que sempre adoram e praticam a Virtude, aqueles homens que são dedicados à verdade e sinceridade, são chamados de bons. Eles sempre desfrutam dos prazeres ou felicidade do céu. Por eles servirem seus preceptores com reverência seus corações sempre se dirigem para a Virtude. Na verdade, aqueles que adoram a Virtude alcançam as regiões das divindades. Aqueles indivíduos, sejam seres humanos ou divindades, que privam a si mesmos de cupidez e malícia e que emaciam ou afligem seus corpos pela prática de austeridades, conseguem, pela Virtude que então se torna deles, obter grande bem-aventurança. Aqueles que são dotados de sabedoria dizem que os Brahmanas, que são os filhos mais velhos de Brahman, representam a Virtude. Aqueles que são justos sempre os adoram, seus corações considerando-os com tanto amor e afeição quanto o estômago de um homem faminto nutre por frutas maduras e deliciosas.'"

“Yudhishthira disse, ‘Qual é a aparência apresentada por aqueles que são pecaminosos, e quais são aquelas ações que aqueles que são chamados de bons

devem fazer? Explique-me isto, ó santo! De fato, me diga quais são as indicações dos bons e dos maus.'"

"Bhishma disse, 'Aqueles que são pecaminosos são maus em suas práticas, desenfreados ou incapazes de serem mantidos dentro das restrições de regras, e desbocados. Aqueles, por outro lado, que são bons, são sempre bons em seus atos. Na verdade, as ações que estes homens fazem são consideradas como as indicações daquela direção de conduta que é chamada de boa. Aqueles que são bons ou justos, ó monarca, nunca respondem aos dois chamados da natureza na estrada pública, ou no meio de um curral, ou em um campo de arroz. Depois de alimentar os cinco eles comem seu próprio alimento. (Os cinco que devem ser alimentados primeiro são as divindades, os Pitris, os convidados, diversas criaturas incluídas sob a palavra Bhutus, e finalmente os parentes.) Eles nunca conversam enquanto estão comendo, e nunca adormecem com as mãos molhadas (isto é, sem esfregá-las para secar com toalhas ou guardanapos). Sempre que eles vêem algum dos seguintes, eles os cirgungiram para lhes mostrar reverência, isto é, um fogo ardente, um touro, a imagem de uma divindade, um curral, um lugar onde quatro estradas se encontram, e um Brahmana idoso e virtuoso. Eles dão caminho, eles mesmos permanecendo de lado, para aqueles que são idosos, aqueles que estão afligidos com cargas, senhoras, aqueles que ocupam cargos superiores na aldeia ou administração da cidade, Brahmanas, vacas, e reis. O homem justo ou bom é aquele que protege seus convidados, empregados e outros dependentes, seus próprios parentes, e todos aqueles que procuram sua proteção. Tal homem sempre recebe estes com as costumeiras perguntas de polidez. Dois momentos foram designados pelas divindades para os seres humanos comerem seu alimento, isto é, de manhã e à noite. Durante o intervalo não se deve comer nada. Por seguir esta regra sobre alimentação uma pessoa é considerada como fazendo um jejum. Como o fogo sagrado espera pelas libações a serem derramadas sobre ele quando chega a hora para o Homa, assim mesmo uma mulher, quando seu período funcional termina, espera uma relação sexual com seu marido. Alguém que nunca se aproxima de suas esposas em algum outro momento exceto depois do período funcional, é citado como cumprindo o voto de Brahmacharya. Amrita (néctar), Brahmanas, e vacas, estes três são considerados como iguais. Por isso, deve-se sempre cultuar, com ritos apropriados, Brahmanas e vacas. Não se incorre em qualquer erro ou mácula por comer a carne de animais mortos em sacrifícios com a ajuda de Tantras do Yajur Veda. A carne da espinha dorsal, ou aquela de animais não mortos em sacrifício, deve ser evitada assim como alguém evitaria a carne de seu próprio filho. Uma pessoa nunca deve fazer um convidado ir embora sem comida, esteja ela residindo em seu próprio país ou em uma terra estrangeira. Depois de completar o estudo alguém deve oferecer o Dakshina para o preceptor. Quando alguém vê seu preceptor, ele deve felicitá-lo com reverência e cultuando-o oferecer um assento para ele. Por cultuar o preceptor, uma pessoa aumenta o período da própria vida como também sua fama e prosperidade. Nunca se deve criticar os idosos, nem os enviar em algum serviço. Nunca se deve ficar sentado quando alguém que é idoso está de pé. Por agir dessa maneira uma pessoa protege a duração da própria vida. Nunca se deve lançar os olhos em uma

mulher nua, nem em um homem nu. Nunca se deve ter relação sexual exceto em privacidade. Deve-se comer também sem ser visto por outros. Preceptores são os principais dos Tirthas; o coração é o principal de todos os objetos sagrados; o conhecimento é o principal de todos os objetos de busca; e o contentamento é a principal de todas as alegrias. De manhã e à noite se deve escutar aos conselhos importantes daqueles que são idosos. Obtém-se a sabedoria por serviço constante para aqueles que são veneráveis por idade. Enquanto lendo os Vedas ou empenhado em comer deve-se usar a mão direita. Deve-se sempre manter as palavras e mente sob controle completo, como também os sentidos. Com manjar bem cozido, Yavaka, Krisara, e Havi (manteiga clarificada), deve-se adorar os Pitris e as divindades no Sraddha chamado Ashtaka. Os mesmos devem ser usados em cultuar os Planetas. Não se deve se barbear sem invocar uma bênção sobre si mesmo. Se alguém espirra, ele deve ser abençoado por aqueles que estão presentes. Todos os que estão mal ou afligidos por doença devem ser abençoados. Deve-se rezar pela extensão de suas vidas. (O costume de proferir uma bênção sobre a pessoa que espirra parece ser muito antigo e difundido. Ele existe até hoje na Índia, entre os Hindus de qualquer classe, como ele existia nos tempos do Mahabharata.) Nunca se deve se dirigir a uma pessoa eminente familiarmente (por usar a palavra Twam). Mesmo sob as maiores dificuldades nunca se deve fazer isto. Se dirigir a tal pessoa como Twam e matá-la são iguais, pessoas de erudição são degradadas por tal tipo de tratamento. Para aqueles que são inferiores, ou iguais, ou para discípulos, tal palavra pode ser usada. O coração do homem pecaminoso sempre proclama os pecados que ele tem cometido. Aqueles homens que têm cometido pecados deliberadamente encontram com a destruição por procurarem ocultá-los dos bons. De fato, aqueles que são pecadores inveterados procuram esconder suas ações pecaminosas de outros. (Parece que o autor é de opinião que uma pessoa torna mais leve seus pecados por admissões perante os sábios. Esconder um pecado depois de tê-lo cometido revela o pecador inveterado.) Tais pessoas pensam que seus pecados não são testemunhados nem pelos homens nem pelas divindades. O homem pecaminoso, oprimido por seus pecados, toma nascimento em uma ordem de existência miserável. Os pecados de tal homem continuam a crescer, assim como os juros que o usurário cobra (sobre os empréstimos que ele concede) aumentam dia a dia. Se, tendo cometido um pecado, alguém procura tê-lo coberto pela virtude (isto é, se ele controla a si mesmo e se empenha em fazer ações de virtude), aquele pecado é destruído e leva à virtude em vez de a outros pecados. Se uma quantidade de água é derramada sobre sal, o último imediatamente se dissolve. Assim mesmo quando expiação é realizada, o pecado se dissolve. Por estas razões nunca se deve esconder um pecado. Escondido, ele sem dúvida aumenta. Tendo cometido um pecado, uma pessoa deve confessá-lo na presença daqueles que são bons. Eles irão destruí-lo imediatamente. Se alguém não desfruta em tempo do que ele armazenou com esperança, a consequência é que a riqueza armazenada encontra outro dono depois da morte daquele que a armazenou. Os sábios dizem a mente de todas as criaturas é o verdadeiro teste de Virtude. Por isso, todas as criaturas no mundo têm uma tendência inata para obter Virtude. Deve-se obter Virtude sozinho ou sem ajuda. Realmente, uma pessoa não deve se proclamar Virtuosa e andar com o estandarte da Virtude ostentado no alto para

propósito de exibição. São considerados como comerciantes de Virtude aqueles que a praticam para desfrutarem dos resultados que ela traz. Deve-se adorar as divindades sem se entregar a sentimentos de orgulho. Similarmente, deve-se servir o preceptor sem falsidade. Uma pessoa deve fazer planos para assegurar para si riqueza inestimável após a morte, a qual consiste em donativos feitos aqui para pessoas dignas.'"

163

"Yudhishthira disse, 'É visto que se acontece de uma pessoa ser azarada, ela fracassa em obter riqueza, mesmo que sua força seja grande. Por outro lado, se acontece de alguém ser afortunado, ele chega à posse de riqueza, mesmo que ele seja uma pessoa fraca ou um tolo. Quando, além disso, não chega o momento para aquisição, uma pessoa não pode fazer uma aquisição nem mesmo com seu melhor esforço. Quando, no entanto, chega o momento para aquisição, uma pessoa ganha grande riqueza sem qualquer esforço. Podem ser vistos centenas de homens que não obtêm resultado mesmo quando eles exercem seu melhor. Muitas pessoas, além disso, são vistas fazerem aquisições sem nenhum esforço. Se riqueza fosse o resultado de esforço, então alguém poderia, com esforço, obtê-la imediatamente. Na verdade, se este fosse o caso, nenhum homem de erudição poderia então ser visto aceitar por causa de seu sustento a proteção de alguém desprovido de erudição. Entre os homens, aquilo que não está (destinado) para ser obtido, ó chefe dos Bharatas, nunca é obtido. Homens são vistos fracassarem em obter resultados mesmo com a ajuda dos seus melhores esforços. Uma pessoa pode ser vista procurar riqueza por centenas de meios (e ainda falhar em adquiri-la); enquanto outra, sem procurá-la em absoluto, se torna feliz em sua posse. Homens podem ser vistos fazerem más ações continuamente (por causa de riqueza) e contudo fracassarem em obtê-la. Outros estão no desfrute de riqueza sem fazerem qualquer má ação de qualquer tipo. Outros, além disso, que são cumpridores dos deveres atribuídos a eles pelas escrituras, não têm riqueza. Uma pessoa pode ser vista ser sem qualquer conhecimento da ciência de moralidade e política mesmo depois de ter estudado todos os tratados sobre aquela ciência. Uma pessoa, também, pode ser vista nomeada como o primeiro-ministro de um rei sem ter em absoluto estudado a ciência de moralidade e política. Pode ser visto um homem erudito que é possuidor de riqueza. Um desprovido de erudição pode ser visto possuindo riqueza. Ambos os tipos de homens, além disso, podem ser vistos serem totalmente desprovidos de riqueza. Se, pela aquisição de erudição alguém pudesse obter a felicidade da riqueza, então nenhum homem de erudição poderia ser encontrado vivendo, por causa dos próprios meios de sua subsistência, sob a proteção de alguém desprovido de erudição. De fato, se alguém pudesse obter, pela aquisição de erudição, todos os objetos desejáveis como um indivíduo com sede tendo sua sede saciada ao obter água, então ninguém neste mundo mostraria ociosidade em adquirir erudição. Se a hora de alguém não chegou, ele não morre mesmo que seja perfurado por centenas de setas. Por outro lado, alguém perde sua vida, se sua hora chegou, mesmo que ele seja golpeado com uma folha de erva.'"

"Bhishma disse, 'Se alguém, se dirigindo para empreendimento envolvendo mesmo grandes esforços, fracassa em ganhar riqueza, ele deve então praticar austeridades severas. A menos que as sementes sejam semeadas, nenhuma colheita aparece. É por fazer caridade (para pessoas merecedoras nesta vida) que alguém adquire (na próxima vida) numerosos objetos de prazer, assim como alguém se torna possuidor de inteligência e sabedoria por servir aqueles que são veneráveis por idade. Os sábios dizem que uma pessoa se torna possuidora de longevidade por praticar o dever de abstenção de crueldade para todas as criaturas. Por isso, se deve fazer doações e não solicitá-las (ou aceitá-las quando feitas por outros). Deve-se adorar aqueles indivíduos que são justos. Na verdade, uma pessoa deve ser de fala gentil em direção a todos, e sempre fazer que é agradável para outros. Deve-se procurar obter pureza (mental e externa). De fato, deve-se sempre se abster de causar dano para alguma criatura. Quando na questão da felicidade e dor mesmo de insetos e formigas, as ações delas (desta e das vidas passadas) e a Natureza constituem a causa, é apropriado, ó Yudhishthira, que tu fiques tranquilo!'" (O que é afirmado aqui é isto; a condição de todas as criaturas vivas é determinada por seus atos desta e das vidas passadas. A Natureza, além disso, é a causa das ações. A felicidade e miséria, portanto, que alguém vê neste mundo, devem ser atribuídas a estas duas causas. Com relação a ti também, ó Yudhishthira, tu não estás livre daquela lei universal. Portanto, pare de nutrir dúvidas de qualquer tipo. Se tu vês um homem erudito que é pobre, ou um homem ignorante que é rico, se tu vês esforço falhando e a ausência de esforço levando ao êxito, tu deves sempre atribuir o resultado às ações e à Natureza.)

164

"Bhishma disse, 'Se alguém faz ações que são boas ou faz outros realizá-las, ele deve então esperar obter os méritos da virtude. Similarmente, se alguém faz ações que são más, e faz outros realizá-las, ele nunca deve esperar obter os méritos da virtude. (O que é afirmado aqui é isto; alguém pode se tornar justo por realizar ele mesmo atos justos ou por induzir outros a os fazerem. Similarmente, alguém se torna injusto por fazer ele mesmo atos que são maus ou por induzir outros a os fazerem.) Em todos os momentos, é o Tempo que, entrando nas compreensões de todas as criaturas, as dirige para atos de justiça ou injustiça, e então concede felicidade ou miséria para elas. Quando uma pessoa, observando os resultados da Virtude, entende que a Virtude é superior, é então que ela se inclina em direção à Virtude e acredita nela. Uma pessoa, no entanto, cuja compreensão não é firme, fracassa em acreditar nela. Com respeito à fé na Virtude, é isto (e nada mais). Pôr fé na Virtude é a indicação da sabedoria de todas as pessoas. Alguém que conhece ambos (isto é, o que deve ser feito e o que não deve ser feito), na expectativa de oportunidade, deve, com cuidado e dedicação, realizar o que é certo. Aqueles homens justos que nesta vida foram abençoados com riqueza, agindo por seu próprio movimento, cuidam especificamente de suas almas para que eles não possam, nas suas próximas

vidas, ter que nascer como pessoas com o atributo de Paixão predominante nelas. O Tempo (que é o disponente supremo de todas as coisas) nunca pode fazer da Virtude a causa da miséria. Deve-se, portanto, saber que a alma que é justa é certamente pura (isto é, livre do elemento do mal e miséria). Com relação à Iniquidade, pode ser dito que, mesmo quando de grandes proporções, ela é incapaz até de tocar a Virtude a qual está sempre protegida pelo Tempo e que resplandece como um fogo ardente. Estes são os dois resultados alcançados pela Virtude, isto é, a imaculabilidade da alma e a não suscetibilidade de ser tocada pela Iniquidade. Na verdade, a Virtude é repleta de vitória. Seu resplendor é tão grande que ela ilumina os três mundos. Um homem de sabedoria não pode se apoderar de uma pessoa pecaminosa e fazê-la se tornar justa à força. Quando instigado seriamente a agir justamente, o pecaminoso age somente com hipocrisia, impelido pelo medo. Aqueles que são íntegros entre os Sudras nunca se dirigem a tal hipocrisia sob o pretexto que pessoas da classe Sudra não são permitidas viverem segundo algum dos quatro modos prescritos. Eu te direi particularmente quais são realmente os deveres das quatro classes. No que diz respeito aos seus corpos, os indivíduos pertencentes a todas as quatro classes têm os cinco elementos primordiais como seus ingredientes constituintes. De fato, neste aspecto, eles são todos da mesma substância. Apesar disso, existem distinções entre eles a respeito de práticas relativas à vida ou ao mundo e aos deveres de retidão. Apesar destas distinções, liberdade suficiente de ação é deixada para eles pela qual todos os indivíduos podem obter uma igualdade de condição. As regiões de bem-aventurança as quais representam as consequências ou recompensas da Virtude não são eternas, pois elas estão destinadas a terem um fim. A Virtude, no entanto, é eterna. Quando a causa é eterna, por que o efeito não é assim? A resposta a isto é a seguinte: somente é eterna aquela Virtude que não é motivada pelo desejo de fruto ou recompensa. (Aquela Virtude, no entanto, que é incitada pelo desejo de recompensa, não é eterna. Por isso, a recompensa embora indesejada que se vincula ao primeiro tipo de Virtude, isto é, obtenção de identidade com Brahman, é eterna. A recompensa, no entanto, que se vincula àquela Virtude motivada pelo desejo de resultado, Céu, não é eterna.) Todos os homens são iguais em relação ao seu organismo físico. Todos eles, também, possuem almas que são iguais em relação à sua natureza. Quando vem a dissolução, tudo mais se dissolve. O que permanece é a vontade incipiente de obter Virtude. Esta, de fato, reaparece (na próxima vida) por si mesma. Quando tal é o resultado (isto é, quando os prazeres e sofrimentos desta vida são devido às ações de uma vida passada), a desigualdade de sina perceptível entre os seres humanos não pode ser considerada anômala de nenhuma maneira. Assim também, é visto que aquelas criaturas que pertencem às ordens intermediárias de existência estão igualmente sujeitas, na questão de suas ações, à influência do exemplo.'"

165

"Vaisampayana disse, 'Aquele perpetuador da linhagem de Kuru, isto é, Yudhishthira o filho de Pandu, desejoso de obter tal bem que é destrutivo de

pecados, questionou Bhishma que estava deitado em um leito de flechas, (nas seguintes palavras).'"

"Yudhishthira disse, 'O que, de fato, é benéfico para uma pessoa neste mundo? O que é aquilo por fazer o qual alguém pode ganhar felicidade? Pelo que alguém pode ser purificado de todos os seus pecados? De fato, o que é aquilo que é destrutivo de pecados?'"

"Vaisampayana continuou, 'Com relação a isto, o filho nobre de Santanu, ó principal dos homens, recitou devidamente os nomes das divindades para Yudhishthira que estava desejoso de ouvir.'"

"Bhishma disse, 'Ó filho, os seguintes nomes das divindades com aqueles dos Rishis, se devidamente recitados de manhã, meio-dia, e à noite, vêm a ser purificadores eficazes de pecados. Agindo com a ajuda de seus sentidos (de conhecimento e ação), quaisquer pecados que alguém possa cometer durante o dia ou à noite ou nos dois crepúsculos, conscientemente ou inconscientemente, ele sem dúvida será purificado deles e se tornará completamente puro por recitar aqueles nomes. Uma pessoa que usa aqueles nomes nunca tem que se tornar cega ou surda; de fato, por usar aqueles nomes, ela sempre consegue obter o que é benéfico. Tal homem nunca toma nascimento na ordem intermediária de seres, nunca vai para o inferno, e nunca se torna um ser humano de alguma das castas misturadas. Ele nunca tem que temer a acessão de alguma calamidade. Quando chega a morte, ele nunca fica entorpecido. O mestre de todas as divindades e Asuras, brilhante com refulgência, adorado por todas as criaturas, inconcebível, indescritível, a vida de todos os seres vivos, e não nascido, é o Avô Brahma, o Senhor do universo. Sua esposa casta é Savitri. Então vem aquela origem dos Vedas, o criador Vishnu, também chamado Narayana de força incomensurável. Então vem o Senhor de três olhos de Uma; então Skanda o generalíssimo dos exércitos celestes; então Visakha; então Agni o comedor de libações sacrificais; então Vayu o deus do vento; então Chandramas; então Aditya o deus do sol, dotado de refulgência; então o ilustre Sakra o marido de Sachi; e Yama com sua esposa Dhumorna; e Varuna com Gauri; Kuvera o senhor dos tesouros, com sua esposa Riddhi; a vaca amável e ilustre Surabhi; o grande Rishi Visravas; Sankalpa, Oceano, Ganga, os outros Rios sagrados; os diversos Maruts; os Valkhilyas coroados com sucesso de penitências; o Krishna Nascido na Ilha; Narada; Parvata; Viswavasu; os Hahas; os Huhus; Tumvuru; Chitrasena; o mensageiro celeste de ampla celebridade; as altamente abençoadas donzelas celestes; as Apsaras celestes, Urvasi, Menaka, Rambha; Misrakesi, Alamvusha, Viswachi, Ghritachi, Panchachuda, Tilottama, os Adityas, os Vasus, os Aswins, os Pitris; Dharma (Justiça); saber Védico, Penitências, Diksha, Perseverança (em atos religiosos), o Avô, Dia e Noite, Kasyapa o filho de Marichi, Sukra, Vrihaspati, Mangala o filho da Terra, Vudha, Rahu, Sanischara, as Constelações, as Estações, os Meses, as Quinzenas, o Ano, Garuda, o filho de Vinata, os vários Oceanos, os filhos de Kadru, isto é, as Cobras, Satadru, Vipasa, Chandrabhaga, Saraswati, Sindhu, Devika, Prabhasa, os lagos de Pushkara, Ganga, Mahanadi, Vena, Kaveri, Narmada, Kulampuna Visalya, Karatoya, Amvuvahini. Sarayu, Gandaki, o grande rio Lohita, Tamra, Aruna, Vetravati, Parnasa, Gautami, o

Godavari, Vena, Krishnavena, Dwija, Drishadvati, Kaveri, Vankhu, Mandakini Prayaga, Prabhasa, o sagrado Naimisha, o local sagrado para Visweswara ou Mahadeva, isto é, Kasi, aquele lago de água cristalina, Kurukshetra cheio de muitas águas sagradas, o principal dos oceanos (isto é, o oceano de leite), Penitências, Caridade, Jamvumarga, Hiranwati, Vitasta, o rio Plakshavati, Vedasmriti, Vedavati, Malava, Aswavati, todos os locais sagrados sobre a Terra, Gangadwara, o sagrado Rishikulya, o rio Chitravaha, o Charmanwati, o rio sagrado Kausiki, o Yamuna, o rio Bhimarathi, o grande rio Vahuda, Mahendravani, Tridiva Nilika, Saraswati, Nanda, o outro Nanda, o grande lago sagrado, Gaya, Phalgutirtha Dharmarayana (a floresta sagrada) que é habitado pelas divindades, o rio celeste sagrado, o lago criado pelo Avô Brahma o qual é sagrado e célebre pelos três mundos, e auspicioso e capaz de purificar de todos os pecados, a montanha Himavat dotada de ervas excelentes, a montanha Vindhya matizada com diversos tipos de metais, contendo muitos Tirthas e coberta com ervas medicinais. Meru, Mahendra, Malaia, Sweta dotado de prata, Sringavat, Mandara, Nila, Nishada, Dardurna, Chitrakuta, Anjanabha, as montanhas Gandhamadana; a sagrada Somagiri, as várias outras montanhas, os pontos cardeais do horizonte, os pontos secundários, a Terra, todas as árvores, os Viswedevas, o Firmamento, as Constelações, os Planetas, e as divindades, que todos estes, mencionados e não mencionados, nos resgatem e purifiquem! O homem que usa os nomes destes vem a ser purificado de todos os seus pecados. Por cantar seus louvores e agradá-los, uma pessoa fica livre de todo o medo. Na verdade, o homem que se deleita em proferir os hinos em louvor das divindades se torna purificado de todos os pecados tais como os que levam a nascimento em classes impuras. Depois desta narração das divindades, eu mencionarei aqueles Brahmanas eruditos coroados com mérito ascético e sucesso e capazes de purificar alguém de todos os pecados. Eles são Yavakrita e Raibhya e Kakshivat e Aushija, e Bhrigu e Angiras e Kanwa, e o pujante Medhatithi, e Varhi possuidor de toda habilidade. Estes todos pertencem à região leste. Outros, isto é, Unmuchu, Pramuchu, todos muito abençoados, Swastyatreya de grande energia, Agastya de grande destreza, o filho de Mitra e Varuna; Dridhayu e Urdhavahu, aqueles dois principais e célebres dos Rishis, estes vivem na região sul. Escute-me agora enquanto eu cito os Rishis que moram na região oeste. Eles são Ushango com seus irmãos, Parivyadha de grande energia, Dirghatamas, Gautama, Kasyapa, Ekata, Dwita, Trita, o filho de alma justa de Atri (isto é, Durvasa), e o pujante Saraswat. Escute-me agora enquanto eu cito aqueles Rishis que adoram as divindades em sacrifícios, residindo na região norte. Eles são Atri, Vasishtha, Saktri, o filho de Parasara, Vyasa de grande energia; Viswamitra, Bharadwaja, Jamadagni, o filho de Richika, Rama, Auddalaka, Swetaketu, Kohala, Vipula, Devala, Devasarman, Dhaumya, Hastikasyapa, Lomasa, Nachiketa, Lomaharsana, Ugrasravas, e o filho de Bhrigu, Chyavana. Esta é a narrativa de Rishis possuidores de saber Védico. Eles são Rishis primordiais, ó rei, cujos nomes, se usados, são capazes de purificar uma pessoa de todo pecado. Depois disto eu recitarei os nomes dos reis principais. Eles são Nriga, Yayati, Nahusha, Yadu, Puru de grande energia, Sagara, Dhundhumara, Dilipa de grande destreza, Krisaswa, Yauvanaswa, Chitraswa, Satyavat, Dushmanta, Bharata que se tornou um Imperador ilustre sobre muitos reis, Yavana, Janaka, Dhrishtaratha, Raghu, aquele principal dos

reis, Dasaratha, o heróico Rama, aquele matador de Rakshasas, Sasavindu, Bhagiratha, Harischandra, Marutta, Dridharatha, o altamente afortunado Alarka, Aila, Karandhama, aquele principal dos homens, Kasmira, Daksha, Amvarisha, Kukura, Raivata de grande fama, Kuru, Samvarana, Mandhatri de destreza imbativel, o sábio real Muchukunda, Jahnu que foi muito favorecido por Janhavi (Ganga), o primeiro (com referência a tempo) de todos os reis, isto é, Prithu o filho de Vena, Mitrabhanu, Priyankara, Trasadasyu, Sweta aquele principal dos sábios reais, o célebre Mahabhisha, Nimi Ashtaka, Ayu, o sábio nobre Kshupa, Kaksheyu, Pratardana, Devodasa, Sudasa, Kosaleswara, Aila, Nala, o sábio real Manu, aquele senhor de todas as criaturas, Havidhara, Prishadhara, Pratipa, Santanu, Aja, o mais antigo Varhi, Ikshwaku de grande fama, Anaranya, Janujangha, o sábio real Kakshasena, e muitos outros não citados (em história). Aquele homem que se levantando bem cedo usa os nomes destes reis nos dois crepúsculos, isto é, no pôr do sol e no nascer do sol, com um corpo e mente puros e sem atenção distraída, obtém grande mérito religioso. Alguém deve cantar os louvores das divindades, dos Rishis celestes, e dos sábios reais e dizer, 'Estes senhores da criação ordenarão meu crescimento e vida longa e fama! Que nenhuma calamidade seja minha, que nenhum pecado me corrompa, e que não hajam oponentes ou inimigos meus! Sem dúvida, a vitória sempre será minha e um fim auspicioso após a morte!'"

166

"Janamejaya disse, 'Quando aquela pessoa principal entre os Kauravas, isto é, Bhishma, estava deitado em um leito de flechas, um leito que é sempre cobiçado pelos heróis, e quando os Pandavas estavam sentados em volta dele, meu grande antepassado Yudhishthira de muita sabedoria ouviu estas exposições de mistérios com respeito ao assunto do dever e teve todas as suas dúvidas esclarecidas. Ele ouviu também quais são as ordenanças que se aplicam aos assuntos de doações, e assim teve eliminadas todas as suas dúvidas com relação aos tópicos de virtude e riqueza. Cabe a ti, ó Brahmana erudito, me dizer agora o que mais o grande rei Pandava fez.'"

"Vaisampayana disse, 'Quando Bhishma ficou silencioso, todo o círculo de reis (que estavam sentados ao redor dele) ficou totalmente silencioso. De fato, eles todos sentaram imóveis lá, como figuras pintadas em telas. Então Vyasa o filho de Satyavati, tendo refletido por um momento, se dirigiu ao filho nobre de Ganga, dizendo, 'Ó rei, o chefe Kuru Yudhishthira foi restabelecido à sua própria natureza, junto com todos os seus irmãos e seguidores. Com Krishna de grande inteligência ao seu lado, ele inclina sua cabeça em reverência a ti. Cabe a ti lhe dar permissão para voltar para a cidade.' Assim endereçado pelo santo Vyasa, o filho nobre de Santanu e Ganga despediu Yudhishthira e seus conselheiros. O filho nobre de Santanu, dirigindo-se a seu neto em uma voz gentil, também disse, 'Volte para a cidade, ó rei! Que a febre do teu coração seja dissipada. Adore as divindades em diversos sacrifícios notáveis por grandes doações de alimento e riqueza, como o próprio Yayati, ó principal dos reis, dotado de devoção e autodomínio. Dedicado à

prática da classe Kshatriya, ó filho de Pritha, gratifique os Pitris e as divindades. Tu então ganharás grandes benefícios. De fato, que a febre do teu coração seja dissipada. Alegre todos os teus súditos. Proteja-os e estabeleça a paz entre todos. Também honre todos os teus benquerentes com recompensas como eles merecem! Que todos os teus amigos e benquerentes vivam, dependendo de ti para seus recursos, assim como as aves vivem, dependendo para seus recursos de uma árvore adulta carregada com frutos e localizada em um local sagrado. Quando chegar a hora da minha partida deste mundo, venha aqui, ó rei. O momento quando eu deixarei meu corpo será aquele período quando o sol, parando em seu rumo para o sul, começar a voltar para a direção norte!' O filho de Kunti respondeu, 'Assim seja.' E saudou seu avô com reverência e então partiu, com todos os seus parentes e seguidores, para cidade que recebeu o nome de elefante. Colocando Dhritarashtra na dianteira e também Gandhari que era extremamente devotada a seu marido, e acompanhado pelos Rishis e Kesava, como também pelos cidadãos e os habitantes do país e por seus conselheiros, ó monarca, aquele principal da linhagem de Kuru entrou na cidade que recebeu o nome de elefante.'"

167

"Vaisampayana disse, 'Então o filho nobre de Kunti, tendo devidamente honrado os cidadãos e os habitantes da província, os despediu para suas respectivas casas. O rei Pandava então consolou aquelas mulheres, que tinham perdido seus maridos e filhos heróicos na batalha, com presentes abundantes de riqueza. Tendo recuperado seu reino, Yudhishthira de grande sabedoria fez ele mesmo ser devidamente instalado no trono. Aquele principal dos homens então assegurou todos os seus súditos por diversas ações de boa vontade. Aquele principal dos homens justos então se pôs a ganhar as bênçãos essenciais dos Brahmanas, dos principais oficiais militares, e dos principais cidadãos. O monarca abençoado tendo passado cinquenta noites na capital se lembrou do momento indicado por seu avô como a hora de sua partida deste mundo. Acompanhado por vários sacerdotes ele então saiu da cidade chamada de elefante, tendo visto que o sol cessando de ir para o sul tinha começado a proceder em sua direção norte. Yudhishthira o filho de Kunti levou com ele uma grande quantidade de manteiga clarificada e guirlandas florais e perfumes e tecidos de seda e excelente madeira de sândalo e Aquilaria Agallocha e madeira do abrunheiro escuro, para cremar o corpo de Bhishma. Diversos tipos de guirlandas e pedras preciosas valiosas também estavam entre aquelas provisões. Colocando Dhritarashtra adiante e a rainha Gandhari famosa por suas virtudes, e sua própria mãe Kunti e todos os seus irmãos também, Yudhishthira de grande inteligência, acompanhado por Krishna e Vidura de grande sabedoria, como também por Yuyutsu e Yuyudhana, e por seus outros parentes e seguidores formando uma grande comitiva, procedeu, enquanto seus louvores eram cantados por elogiadores e bardos. Os fogos sacrificais de Bhishma também foram levados na procissão. Assim acompanhado, o rei saiu de sua cidade como um segundo chefe das divindades. Logo ele chegou ao local onde o filho de Santanu ainda estava deitado em seu leito de setas. Ele

viu seu avô servido com reverência pelo filho de Parasara, Vyasa de grande inteligência, por Narada, ó sábio real, por Devala e Asita, e também pelo restante dos reis que não tinham sido mortos, reunidos de várias partes do país. De fato, o rei viu que seu avô de grande alma, enquanto jazia em seu leito heróico, era protegido por todos os lados pelos guerreiros nomeados para aquele dever. Descendo de seu carro, o rei Yudhishthira com seus irmãos saudou seu avô, aquele castigador de todos os inimigos. Eles também saudaram os Rishis com Vyasa Nascido na Ilha em sua chefia. Eles forram saudados em retorno por eles. Acompanhado por seus sacerdotes cada um dos quais parecia com o próprio avô Brahman, como também por seus irmãos, Yudhishthira de glória imperecível então se aproximou daquele local sobre o qual Bhishma jazia em seu leito de flechas cercado por aqueles Rishis veneráveis. Então o rei Yudhishthira, o justo, à frente de seus irmãos, se dirigiu àquele principal da linhagem de Kuru, isto é, o filho do Rio Ganga, quando ele jazia naquele seu leito, dizendo, 'Eu sou Yudhishthira, ó rei! Saudações para ti, ó filho do Rio Janhavi! Se tu ainda me ouves, diga-me o que eu devo fazer por ti! Trazendo comigo teus fogos sacrificais, eu vim aqui, ó rei, e te visito na hora indicada! Preceptores de todos os ramos de conhecimento, Brahmanas, Ritwiks, todos os meus irmãos, teu filho, isto é, o rei Dhritarashtra de grande energia, estão todos aqui com meus conselheiros como também Vasudeva de grande destreza. O resto dos guerreiros não mortos, e todos os habitantes de Kurujangala, também estão aqui. Abrindo teus olhos, ó chefe da linhagem de Kuru, veja-os! O que quer que deva ser feito nesta ocasião foi tudo arranjado e providenciado por mim. De fato, nesta hora a qual tu indicaste, todas as coisas foram mantidas preparadas!'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado pelo filho de Kunti de grande inteligência, o filho de Ganga abriu seus olhos e viu todos os Bharatas reunidos lá e permanecendo ao redor dele. O poderoso Bhishma então, pegando a mão forte de Yudhishthira, se dirigiu a ele em uma voz profunda como aquela das nuvens. Aquele mestre completo das palavras disse, 'Por boa sorte, ó filho de Kunti, tu viestes aqui com todos os teus conselheiros, ó Yudhishthira! O criador do dia de mil raios, o santo Surya, iniciou sua trajetória para o norte. Eu venho jazendo em meu leito aqui por cinquenta e oito noites. Esticado sobre estas setas de pontas afiadas eu senti que este período foi tão longo como se ele fosse um século. Ó Yudhishthira, o mês lunar de Magha chegou. Esta é, também, a quinzena iluminada e uma quarta parte dela deve por meio disto (de acordo com meus cálculos) estar terminada.' Tendo dito isso para Yudhishthira o filho de Dharma, o filho de Ganga Bhishma então saudou Dhritarashtra e disse a ele o seguinte.'"

"Bhishma disse, 'Ó rei, tu és bem familiarizado com os deveres. Todas as tuas dúvidas, além disso, relativas à ciência de riqueza foram bem esclarecidas. Tu visitaste muitos Brahmanas de grande erudição. As ciências sutis relacionadas aos Vedas, todos os deveres de religião, ó rei, e todos os quatro Vedas, são bem conhecidos por ti! Tu não deveres te afligir, portanto, ó filho de Kuru! Aquilo que estava predeterminado aconteceu. Não poderia ser de outra maneira. Tu ouviste os mistérios relativos às divindades dos lábios do próprio Rishi Nascido na Ilha. Yudhishthira e seus irmãos são moralmente tanto teus filhos quanto eles são os

filhos de Pandu. Cumpridores dos deveres de religião, cuide deles e os proteja. Por sua vez, eles são sempre dedicados ao serviço de seus superiores. O rei Yudhishthira o justo é de alma pura. Ele sempre demonstrará ser obediente a ti! Eu sei que ele é devotado à virtude da compaixão ou abstenção de ferir. Ele é devotado aos seus mais velhos e preceptores. Teus filhos eram todos de alma perversa. Eles eram ligados à ira e cobiça. Tomados pela inveja, eles eram todos de comportamento pecaminoso. Não cabe a ti sofrer por eles!'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito isso para Dhritarashtra de grande sabedoria, o herói Kuru então se dirigiu a Vasudeva de braços poderosos.'"

"Bhishma disse, 'Ó santo, ó deus de todos os deuses, ó tu que és adorado por todas as divindades e Asuras, ó tu que cobriste os três mundos com três passos teus, saudações a ti, ó portador da concha, do disco, e da maça! Tu és Vasudeva, tu és de corpo dourado, tu és o único Purusha (ou agente ativo), tu és o criador (do universo), tu és de proporções vastas. Tu és Jiva. Tu és sutil. Tu és a Alma Suprema e eterna. Ó tu de olhos de lótus, salve-me, ó principal de todos os seres! Dê-me permissão, ó Krishna, para partir deste mundo, ó tu que és felicidade Suprema, ó principal de todos os seres! Os filhos de Pandu devem sempre ser protegidos por ti. Tu já és, de fato, a única proteção deles. Antigamente, eu falei para o tolo Duryodhana de mente má que a Justiça está onde Krishna está, e que há vitória onde a Justiça está. Eu em seguida o aconselhei que confiando em Vasudeva como seu refúgio, ele deveria fazer as pazes com os Pandavas. De fato, eu repetidamente disse a ele, 'Este é o momento mais apropriado para tu fazeres as pazes!' O tolo Duryodhana de mente pecaminosa, no entanto, não cumpriu minha ordem. Tendo causado uma grande destruição sobre a terra, finalmente, ele mesmo sacrificou sua vida. Tu, ó ilustre, eu sei que és aquele antigo e melhor dos Rishis que morou por muitos anos na companhia de Nara, no retiro de Vadari. O Rishi celeste Narada me disse isso, como também Vyasa de penitências austeras. Eles mesmos me disseram isso. Tu e Arjuna são os antigos Rishis Narayana e Nara nascidos entre homens. Ó Krishna, me conceda permissão, eu devo rejeitar meu corpo. Permitido por ti, eu obterei o fim mais sublime!'"

"Vasudeva disse, 'Eu te dou permissão, ó Bhishma! Ó rei, obtenha a posição dos Vasus. Ó tu de grande esplendor, tu não foste culpado de uma única transgressão neste mundo. Ó sábio nobre, tu és devotado ao teu pai. Tu és, portanto, como um segundo Markandeya! É por esta razão que a morte depende da tua vontade assim como tua escrava expectante de descobrir teu desejo!'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito estas palavras, o filho de Ganga se dirigiu mais uma vez aos Pandavas encabeçados por Dhritarashtra, e outros amigos e benquerentes dele: 'Eu desejo rejeitar meus ares vitais. Cabe a vocês me darem permissão. Vocês devem se esforçar para chegarem à verdade. A verdade constitui o maior poder. Vocês devem sempre viver com Brahmanas de conduta honrada, dedicados a penitências, sempre se abstendo de comportamento cruel, e que tenham suas almas sob controle!' Tendo dito estas palavras para seus amigos e abraçado todos eles, o inteligente Bhishma mais uma

vez se dirigiu a Yudhishthira, dizendo, 'Ó rei, que todos os Brahmanas, especialmente aqueles que são dotados de sabedoria, aqueles que são preceptores, aqueles que são sacerdotes capazes de ajudar em sacrifícios, sejam adoráveis na tua avaliação.'"

168

"Vaisampayana disse, 'Tendo falado dessa maneira para todos os Kurus, Bhishma, o filho de Santanu, ficou calado por algum tempo, ó castigador de inimigos. Ele então reteve seus ares vitais sucessivamente naquelas partes de seu corpo as quais são indicadas em Yoga. O ares vitais daquele de grande alma, devidamente retidos, então se ergueram. Aquelas partes do corpo do filho de Santanu, pela adoção de Yoga, das quais os ares vitais ascenderam, se tornaram sem feridas uma depois da outra. No meio daquelas pessoas de grande alma, incluindo aqueles grandes Rishis com Vyasa em sua chefia, a visão pareceu ser singular, ó rei. Dentro de pouco tempo, o corpo inteiro de Bhishma ficou sem flechas e sem feridas. Vendo isto, todas aquelas pessoas eminentes com Vasudeva em sua dianteira, e todos os ascetas com Vyasa, ficaram muito admirados. Os ares vitais, reprimidos e incapazes de escapar por alguma das saídas, finalmente atravessaram o topo da cabeça e procederam para cima para o céu. Os timbales celestes começaram a tocar e chuvas florais foram derramadas. Os Siddhas e Rishis regenerados, cheios de satisfação, exclamaram, 'Excelente, Excelente!' Os ares vitais de Bhishma, atravessando o topo de sua cabeça, projetaram-se para o alto pelo firmamento como um grande meteoro e logo se tornaram invisíveis. Exatamente assim, ó grande rei, o filho de Santanu, aquele pilar da linhagem de Bharata, se uniu com a eternidade. Então os Pandavas de grande alma e Vidura, pegando uma grande quantidade de madeira e diversos tipos de perfumes fragrantes, fizeram uma pira mortuária. Yuyutsu e outros permaneceram como espectadores dos preparativos. Então Yudhishthira e Vidura de grande alma envolveram o corpo de Bhishma com tecido de seda e guirlandas florais. Yuyutsu segurou um guarda-sol excelente, sobre ele Bhimasena e Arjuna ambos seguravam em suas mãos um par de rabos de iaque de branco puro. Os dois filhos de Madri seguravam duas coberturas para a cabeça em suas mãos. Yudhishthira e Dhritarashtra permaneceram aos pés do senhor dos Kurus, erguendo leques de palmeira, permaneceram perto do corpo e começaram a abaná-lo suavemente. O sacrifício Pitri de Bhishma de grande alma foi então devidamente realizado. Muitas libações foram derramadas sobre o fogo sagrado. Os cantores de Samans cantaram muitos Samans. Então, cobrindo o corpo do filho de Ganga com madeira de sândalo e aloe preto e cascas de árvores e outro combustível fragrante, e ateando fogo ao mesmo, os Kurus com Dhritarashtra e outros permaneceram à direita da pira fúnebre. Aqueles principais da linhagem de Kuru, tendo cremado o corpo do filho de Ganga dessa maneira, procederam para a sagrada Bhagirathi, acompanhados pelos Rishis. Eles foram seguidos por Vyasa, por Narada, por Asita, por Krishna, pelas senhoras da linhagem de Bharata, como também pelos cidadãos de Hastinapura que tinham ido ao local. Todos eles, chegando no rio sagrado, ofereceram devidamente oblações de água

para o filho de grande alma de Ganga. A deusa Bhagirathi, depois que aquelas oblações de água tinham sido oferecidas por eles para seu filho, ergueu-se do rio, chorando e perturbada pela tristeza. No meio de seus lamentos, ela se dirigiu aos Kurus: 'Ó impecáveis, ouçam-me enquanto eu digo a vocês tudo o que ocorreu (com relação ao meu filho). Possuidor de conduta e disposição nobre, e dotado de sabedoria e nascimento superior, meu filho foi o benfeitor de todos os mais velhos de sua linhagem. Ele era devotado ao pai dele e era de votos superiores. Ele não pôde ser derrotado nem por Rama da linhagem de Jamadagni com suas armas celestes de grande energia. Ai, aquele herói foi morto por Sikhandin. Ó reis, sem dúvida meu coração é feito de pedra, pois ele não se parte nem pelo desaparecimento daquele filho de minha visão! Na escolha de marido em Kasi, ele derrotou em um único carro os Kshatriyas reunidos e sequestrou as três princesas (para seu meio-irmão Vichitravirya)! Não havia ninguém sobre a terra que se igualasse a ele em poder. Ai, meu coração não se parte após saber da morte daquele meu filho por Sikhandin!' O pujante Krishna, ouvindo a deusa do grande rio se entregando a estas lamentações a consolou com muitas palavras calmantes. Krishna disse, 'Ó amável, fique consolada. Não te entregues à dor, ó tu de belas feições! Sem dúvida, teu filho foi para a região de bem-aventurança mais elevada! Ele era um dos Vasus de grande energia. Por causa de uma maldição, ó tu de belas feições, ele teve que tomar nascimento entre homens. Não cabe a ti sofrer por ele. Em conformidade com os deveres Kshatriya, ele foi morto por Dhananjaya no campo de batalha enquanto envolvido em combate. Ele não foi morto, ó deusa, por Sikhandin. O próprio chefe dos celestiais não podia matar Bhishma em batalha quando ele permanecia com o arco esticado na mão. Ó tu de rosto belo, teu filho, em felicidade, foi para o céu. Todos os deuses reunidos juntos não poderiam matá-lo em batalha. Portanto, ó deusa Ganga, não sofras por aquele filho da linhagem de Kuru. Ele era um dos Vasus, ó deusa! Teu filho foi para o céu. Que a febre do teu coração seja dissipada.'"

"Vaisampayana continuou, 'Aquele principal de todos os rios, assim endereçado por Krishna e Vyasa, rejeitou sua dor, ó grande rei, e foi restaurado à equanimidade. Todos os reis lá presentes, encabeçados por Krishna, ó monarca, tendo honrado apropriadamente aquela deusa, receberam sua permissão para se afastarem de suas margens.'"

Fim do Anusasana Parva.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 14

ASWAMEDHA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO

Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Yudhishthira cai em aflição. Aconselhado por Dhritarashtra.	5
2	Aconselhado por Krishna e Vyasa.	5
3	Vyasa repreende Yudhishthira.	6
4	Vyasa fala sobre Rei Marutta.	7
5	Inveja de Indra por Marutta.	9
6	Vrihaspati se recusa a oficiar como sacerdote de Marutta. Narada instrui Marutta a procurar Samvarta.	10
7	Samvarta concorda em realizar sacrifício.	12
8	Marutta obtém ouro de Kuvera.	13
9	Indra envia Agni e Vrihaspati para Marutta, mas Marutta os recusa.	14
10	Término do sacrifício, Indra satisfeito. Yudhishthira deve obter aquele ouro.	17
11	Krishna relata como Indra destruiu Vritra quando ele se movia Terra-Éter, do corpo de Sakra.	20
12	Krishna fala para Yudhishthira conquistar a batalha em sua mente.	21
13	Aviso do poder de Kama sobre a mente.	22
14	Yudhishthira consolado. Ritos funerários realizados.	23
15	Krishna pede permissão para partir.	24
16	Arjuna pergunta para Krishna sobre a verdade dita para Arjuna durante a batalha. Krishna narra história de Kasyapa encontrando Rishi emancipado da região do Avô.	26
17	Kasyapa pede por explicação quanto a como Jiva obtém e deixa o corpo.	29
18	Como Jiva entra em um corpo, até a emancipação final.	31
19	Krishna termina por relatar emancipação e ciência de Yoga.	33
20	Esposa de Brahmana pergunta para seu marido aonde ela irá após a morte. Resposta inclui ares vitais, 7 tipos de combustível (elemento, mente e compreensão), 7 sacerdotes, etc.	37
21	Criação do Mundo e Mente.	39
22	Sete sacerdotes sacrificantes (nariz, olho, língua, pele, ouvido, mente, compreensão). Sua independência.	41
23	Nenhum dos cinco ares vitais é superior aos outros.	42
24	Cinco ares vitais.	44
25	Brahmana continua sobre sacrifício Chaturhotra: alimento reduzido.	45
26	Cobras, divindades, Asuras, Rishis instruídos por Brahman.	46
27	Descrição do mundo como 7 eremitérios, árvores, frutos, etc.	47
28	Yati e Adhawaryu sobre sacrifício de uma cabra.	48
29	Rama (filho de Jamadagni) destruindo Kshatriyas.	50
30	Pitris o aconselham a praticar penitências – Yoga, mata os sentidos.	51
31	'Inimigos': exultação, satisfação, alegria (Bondade), cobiça, ira, ódio (Paixão), lassidão, procrastinação, ilusão (Ignorância). Rei Ambarisha vence a cobiça.	53
32	Janaka, incapaz de determinar o que pertence a ele (nenhuma idéia de 'meu').	54
33	Brahmana para sua esposa (ver 20).	56
34	Krishna conclui a história (Brahmana sua mente, esposa sua compreensão).	56
35	Arjuna pede a Krishna para explicar Brahma.	57

36	Qualidade de Ignorância, queda e subida de um homem da ignorância.	60
37	Qualidades da Paixão.	62
38	Qualidades da Bondade.	63
39	Discussão sobre as três qualidades em todas as coisas.	64
40	Mahat – Grande alma.	66
41	Mahat como "Eu sou tudo isso".	66
42	Resto dos elementos, seus objetos e divindades presidentes.	67
43	Dever, governadores sobre diferentes formas.	70
44	A mais elevada das plantas, homens, universo (Vishnu), etc.	72
45	Analogia da vida com uma roda.	73
46	Vida de um recluso, levando à emancipação.	75
47	Analogia da árvore, duas aves.	78
48	Diferença entre Purusha e natureza.	79
49	Avô endereçado por Brahmanas sobre deveres conflitantes.	80
50	Avô responde. Relação de Natureza e Purusha. Qualidades dos elementos.	81
51	Analogia com carruagem. Emancipação. Krishna termina instruindo Arjuna.	84
52	Krishna e Arjuna vão até Yudhishthira e Dhritarashtra. Krishna então parte para sua cidade de origem.	87
53	Krishna encontra Utanka, que ameaça amaldiçoá-lo por causar a morte dos Kauravas.	90
54	Krishna explica quem ele é.	92
55	Utanka recebe visão de Krishna. Bênção de água concedida para Utanka – erro com caçador. Nuvens-Utanka.	93
56	Austeridades de Utanka. Parte para obter brincos celestiais do rei Saudasa.	95
57	Encontra Saudasa, e concorda em voltar para ser comido depois de ter obtido os brincos de sua esposa.	97
58	Utanka obtém brincos, perdendo-os temporariamente para cobra na região Naga. Os oferece para esposa de Gautama.	99
59	Krishna volta para casa.	103
60	Krishna resume a história (Bhishma 10 dias, Drona 5, Karna 2, Salya meio, Sakuni).	104
61	Morte de Abhimanyu discutida.	105
62	Pandavas também lamentam por Abhimanyu.	107
63	Yudhishthira manda Pandavas em busca da riqueza enterrada de Marutta.	108
64	Todos partem e acampam perto de montanhas.	110
65	Sacrifício, e escavam riqueza.	111
66	Krishna retorna, porque Parikshit nasce morto de Uttara.	112
67	Damas pedem que o bebê morto seja revivido.	113
68	Krishna vai até Draupadi.	114
69	Uttara lamenta. Krishna afirma que a criança viverá.	115
70	Presentes feitos para a criança. Pandavas retornam um mês depois.	117
71	Yudhishthira se prepara para o sacrifício.	118
72	Sacrifício de Cavalo começa. Arjuna segue. Vyasa preside a cerimônia.	119
73	Arjuna segue cavalo. Batalha com reis durante este tempo.	121
74	Arjuna luta com Trigartas.	122

75	Arjuna enfrenta filho de Bhagadatta.	124
76	Luta por 3 dias, subjuga (não mata) filho de Bhagadatta.	125
77	Arjuna com problemas, mas derrota Saindhavas.	126
78	Arjuna espera, se lembrando das palavras de Yudhishthira para não matar indiscriminadamente. Rainha Dussala finalmente interrompe com o neto de Arjuna, força o fim da luta.	127
79	Vabrwahana (um filho de Arjuna) traz presentes, mas é forçado a lutar. Arjuna e filho ambos caem desmaiados no chão.	130
80	Ambos devolvidos à vida.	132
81	Queda de Arjuna explicada como expiação do pecado de matar Bhishma injustamente.	134
82	Filho de Sahadeva dá combate e é derrotado.	136
83	Arjuna atravessa o Sul conquistando muitas cidades.	137
84	Derrota filho de Sakuni (linhagem de Gandharas) depois de batalha violenta.	138
85	Preparações para o sacrifício: área sacrifical é preparada.	140
86	Arjuna fatigado. Numerosos reis chegam ao sacrifício.	142
87	Arjuna retorna. Krishna atribui sua constante miséria a ossos altos da face!	143
88	Sacrifício continua, como recomendado por Vyasa.	144
89	Riqueza doada em abundância.	146
90	Mangusto aparece no sacrifício com cabeça dourada e relata história de família Brahmana faminta dando alimento para convidado.	149
91	Vaisampayana para Janamejaya sobre sacrifícios.	155
92	Explicação do mangusto como Raiva, sendo libertado da maldição.	157

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

1

(Aswamedhika Parva)

Om! Tendo me curvado a Narayana, e Nara o principal dos seres masculinos, como também à deusa Saraswati, a palavra Jaya deve ser proferida.

"Vaisampayana disse, "Depois que o rei Dhritarashtra tinha oferecido libações de água (para o espírito de Bhishma), Yudhishthira de braços poderosos, com seus sentidos confusos, colocando o primeiro em sua frente, subiu nas margens (do rio), seus olhos banhados em lágrimas, e caiu na margem do Ganga como um elefante perfurado pelo caçador. Então incitado por Krishna, Bhima o ergueu (para não) afundar. 'Isto não deve ser assim' disse Krishna, o opressor de hostes hostis. Os Pandavas, ó rei, viram Yudhishthira, o filho de Dharma, atormentado e jazendo no chão, e também suspirando repetidamente. E vendo o rei abatido e fraco, os Pandavas, tomados pela angústia, se sentaram, circundando-o. E dotado de grande inteligência e tendo a visão da sabedoria, o rei Dhritarashtra, extremamente angustiado pelo pesar por seus filhos, dirigiu-se ao monarca, dizendo, 'Levante, ó tigre entre os Kurus. Encarregue-te agora dos teus deveres. Ó filho de Kunti, tu conquistaste a Terra segundo o costume dos Kshatriyas. Agora, ó senhor de homens, desfrute dela com teus irmãos e amigos. Ó principal dos justos, eu não vejo por que tu deves te afligir. Ó senhor da Terra, tendo perdido cem filhos como riquezas obtidas em um sonho, somos Gandhari e eu que devemos lamentar. Não tendo escutado as palavras significativas de Vidura de grande alma, que procurava nosso bem-estar, eu, de sentidos perversos, (agora) me arrependo. O virtuoso Vidura, dotado de discernimento divino, tinha me dito; ‘Tua linhagem encontrará com a aniquilação devido às transgressões de Duryodhana. Ó rei, se tu desejas a prosperidade da tua linhagem, aja de acordo com meu conselho. Rejeite este monarca de mente má, Suyodhana, e não deixe nem Karna nem Sakuni o verem por quaisquer meios. Impeça o jogo deles também, sem fazer nenhum rebuliço, e consagre o rei justo Yudhishthira. Ele de sentidos subjugados governará justamente a Terra. Se tu não admites o rei Yudhishthira, filho de Kunti, então, ó monarca, realizando um sacrifício, tu mesmo tome conta do reino, e considerando todas as criaturas com um olhar imparcial, ó senhor de homens, deixe que teus parentes, ó aumentador da tua família, subsistam de tua generosidade.' Quando, ó filho de Kunti, o perspicaz Vidura disse isso, tolo que eu era eu segui o perverso Duryodhana. Tendo me fingido de surdo às palavras gentis daquele sereno, eu obtive esta tristeza imensa como uma consequência, e tenho estado mergulhado em um oceano de dor. Veja teus velhos pai e mãe, ó rei, mergulhados em miséria. Mas, ó mestre de homens, eu não encontro motivo para a tua angústia.'"

2

"Vaisampayana disse, "Assim endereçado pelo inteligente rei Dhritarashtra, Yudhishthira, possuidor de compreensão, ficou calmo. E então Kesava (Krishna) o abordou, 'Se uma pessoa se entrega excessivamente à tristeza por seus

antepassados mortos, ela os aflige. (Portanto, banindo a dor), celebre (agora) muitos sacrifícios com presentes adequados para os sacerdotes; e gratifique os deuses com licor Soma, e os espíritos dos teus antepassados com o alimento e bebida devidos a eles. Também satisfaça teus convidados com carne e bebida e os desamparados com doações compatíveis com seus desejos. Uma pessoa de grande inteligência não deve se comportar dessa maneira. O que deve ser conhecido foi conhecido por ti; o que deve ser feito, também tem sido realizado. E tu ouviste os deveres dos Kshatriyas, declarados por Bhishma, o filho de Bhagirathi, por Krishna Dwaipayana, Narada e Vidura. Portanto tu não deves trilhar o caminho dos estúpidos; mas seguindo o costume dos teus antepassados, sustente a carga (do império). É apropriado que um Kshatriya deve alcançar o céu com certeza por seu (próprio) renome. Dos heróis, aqueles que vieram a ser mortos nunca terão que se despedir (das regiões celestes). Renuncie à tua angústia, ó soberano poderoso. Na verdade, o que aconteceu estava destinado a acontecer assim. Tu não podes de forma alguma ver aqueles que foram mortos nessa guerra.' Tendo dito isto para Yudhishthira, príncipe dos virtuosos, o espirituoso Govinda pausou; e Yudhishthira respondeu a ele dessa maneira, 'Ó Govinda, eu conheço perfeitamente bem teu afeto por mim. Tu sempre me favoreceste com teu amor e tua amizade. E, ó portador da maça e do disco, ó descendente da linhagem de Yadu, ó glorioso, se (agora) com uma mente satisfeita tu me permitires ir para o retiro dos ascetas na floresta, então tu realizarias o que é muito desejado por mim. Eu não encontro nenhuma paz depois de ter matado meu avô, e aquele principal dos homens, Karna, que nunca fugiu do campo de batalha. Ó Janardana, ordene de modo que eu possa ser libertado deste pecado hediondo e que minha mente possa ser purificada.' Quando o filho de Pritha estava falando assim, o altamente enérgico Vyasa, conhecedor dos deveres da vida, acalmando-o, falou estas palavras excelentes, 'Meu filho, tua mente ainda não está calma; e portanto tu estás novamente tomado por um sentimento infantil. E, então, ó filho, nós espalhamos repetidamente nossas palavras aos ventos? Tu conheces os deveres dos Kshatriyas, que vivem pela guerra. Um rei que realizou sua própria parte não se permitir ser dominado pela tristeza. Tu escutaste fielmente a doutrina inteira de salvação; e eu repetidamente removi tuas apreensões surgidas do desejo. Mas não prestando a devida atenção ao que eu revelei, tu de compreensão incorreta sem dúvida te esqueceste disto completamente. Não seja assim. Tal ignorância não é digna de ti. Ó impecável, tu conheces todos os tipos de expiação; e tu também ouviste das virtudes dos reis assim como os méritos da caridade. Por que então, ó Bharata, conhecedor de toda moralidade e versado em todos os Agamas, tu estás dominado (pela angústia) como se por ignorância?'"

3

"Vyasa disse, 'Ó Yudhishthira, tua sabedoria, eu penso, não é adequada. Ninguém faz alguma ação por virtude de seu próprio poder. É Deus quem o engaja em ações boas ou más, ó concessor de honra. Onde então está o espaço para arrependimento? Tu te consideras como tendo cometido atos ímpios.

Portanto, ó Bharata, ouça com muita atenção qual é o caminho pelo qual o pecado pode ser removido. Ó Yudhishthira, aqueles que cometem pecado podem sempre se livrar deles através de penitência, sacrifício e doações. Ó rei, ó principal dos homens, pessoas pecaminosas são purificadas por sacrifício, austeridades e caridade. Os celestiais de grande alma e Asuras realizam sacrifícios para assegurar mérito religioso; e, portanto sacrifícios são de importância suprema. Foi através de sacrifícios que os celestiais de grande alma se tornaram tão extraordinariamente poderosos; e tendo celebrado ritos eles derrotaram os Danavas. Ó Yudhishthira, te prepare para o Rajasuya, e Sacrifício de Cavalo, assim como, ó Bharata, para o Sarvamedha e o Naramedha (sacrifício humano). E então como o filho de Dasaratha, Rama, ou como Dushmanta e o filho de Sakuntala, teu antepassado, o senhor da Terra, o rei Bharata extremamente pujante, fizeram, de acordo com a ordenança celebre o Sacrifício de Cavalo com Dakshinas.' Yudhishthira respondeu, 'Sem dúvida o Sacrifício de Cavalo purifica príncipes. Mas eu tenho um propósito do qual cabe a ti ouvir. Tendo causado esta enorme carnificina de parentes, eu não posso, ó melhor dos regenerados, distribuir doações nem em uma pequena escala; eu não tenho riqueza para dar. Nem eu posso solicitar por riqueza estes jovens filhos de reis, estando em situação miserável, com seus ferimentos ainda frescos, e passando por sofrimento. Como, ó principal dos duas vezes nascidos, eu mesmo tendo destruído a Terra eu posso, dominado pela tristeza, arrecadar tributos para celebrar um sacrifício? Por causa do erro de Duryodhana, ó melhor dos ascetas, os reis da Terra encontraram com a destruição, e nós colhemos infâmia. Por causa de riqueza Duryodhana devastou a Terra; e a tesouraria daquele filho de mente pecaminosa de Dhritarashtra está vazia. (Neste sacrifício), a Terra é o Dakshina; esta é a regra que está prescrita em primeiro lugar. A anulação usual desta regra, embora sancionada, é observada pelos eruditos como tal. Nem, ó asceta, eu quero ter um substituto (para este processo). Nesta questão, ó senhor venerável, cabe a ti me favorecer com teu conselho.' Assim endereçado pelo filho de Pritha, Krishna Dwaipayana, refletindo por um instante, falou para o rei justo, 'Esta tesouraria, (agora) esgotada, será cheia. Ó filho de Pritha, na montanha Himavat (os Himalayas) há ouro que foi deixado para trás por Brahmanas no sacrifício de Marutta de grande alma.' (O rei Marutta celebrou um sacrifício nos Himalayas, concedendo ouro para Brahmanas. Não sendo capazes de carregar toda a quantidade, eles tinham carregado tanto quanto eles puderam, jogando fora o restante.) Yudhishthira perguntou, 'Como naquele sacrifício celebrado por Marutta tanto ouro foi acumulado? E, ó principal dos oradores, quando ele reinou?' Vyasa disse 'Se, ó filho de Pritha, tu estás ansioso para ouvir sobre aquele rei nascido da linhagem de Karandhama, então me ouça enquanto eu te conto quando aquele monarca muito poderoso possuidor de riqueza imensa reinou.'"

4

"Yudhishthira disse, 'Ó justo, eu estou desejoso de ouvir a história daquele sábio nobre Marutta. Ó Dwaipayana, narre-a para mim, ó impecável.'"

"Vyasa disse, 'Ó filho, na era Krita Manu era o senhor (da Terra) brandindo o cetro. Seu filho era conhecido sob o nome de Prasandhi. Prasandhi teve um filho chamado Kshupa, o filho de Kshupa foi aquele senhor (de homens), o rei Ikshwaku. Ele, ó rei, teve uma centena de filhos dotados de piedade preeminente. E todos eles foram feitos monarcas pelo rei Ikshwaku. O mais velho deles, de nome Vinsa, se tornou o ideal dos arqueiros. O filho de Vinsa, ó Bharata, era o auspicioso Vivinsa. Vivinsa, ó rei, teve quinze filhos; todos eles eram arqueiros poderosos, respeitosos para os Brahmanas e sinceros, amáveis e sempre falando imparcialmente. O irmão mais velho, Khaninetra, oprimiu todos os seus irmãos. E tendo conquistado o reino inteiro livre de todos os distúrbios, Khaninetra não pôde reter sua supremacia; nem o povo estava satisfeito com ele. E destronando-o, eles, ó principal dos monarcas, investiram seu filho Suvarcha com os direitos de soberania e (tendo efetuado isto) sentiram alegria (em seus corações). Vendo os reversos sofridos por seu pai assim como sua expulsão do império, ele estava sempre aplicado em ocasionar o bem-estar das pessoas, sendo devotado aos Brahmanas, falando a verdade, praticando pureza e controlando seus sentidos e pensamentos. E os súditos estavam bem satisfeitos com aquele de grande alma constante em virtude. Mas ele estando constantemente engajado em atos virtuosos, seus tesouros e veículos ficaram imensamente reduzidos. E por sua tesouraria ter ficado esgotada, os príncipes feudatários enxameando ao redor dele começaram a lhe dar problemas. Sendo assim oprimido por muitos inimigos enquanto sua tesouraria, cavalos e veículos estavam empobrecidos, o rei sofreu grande tribulação junto com seus atendentes e os habitantes de sua capital. Embora seu poder diminuísse imensamente, ainda assim os inimigos não podiam matar o rei, pois seu poder, ó Yudhishthira, estava estabelecido na justiça. E quando ele tinha alcançado o extremo da miséria junto com os cidadãos, ele soprou sua mão (com sua boca), e disso lá apareceu um abastecimento de forças. E então ele derrotou todos os reis que viviam ao longo das fronteiras de seus domínios. E a partir desta circunstância, ó rei, ele foi celebrado como Karandhama. Seu filho, (o primeiro) Karandhama que nasceu no início da era Treta, se igualou ao próprio Indra e era dotado de benevolência, e invencível até pelos imortais. Naquele tempo todos os reis estavam sob seu controle; e igualmente em virtude de sua riqueza e por sua coragem ele se tornou seu imperador. Em resumo, o rei justo de nome Avikshit se tornou como o próprio Indra em heroísmo; e ele era dado a sacrifícios, se deleitava na virtude e mantinha seus sentidos sob restrição. E em energia ele parecia com o sol e em paciência como a própria Terra; em inteligência, ele era como Vrihaspati, e em tranquilidade a própria montanha Himavat. E aquele rei deleitou os corações de seus súditos por meio de ações, pensamentos, palavras, autodomínio, e clemência. Ele realizou centenas de Sacrifícios de Cavalo, e o próprio potente e erudito Angira o servia como sacerdote. Seu filho superou seu pai na posse de boas qualidades. Chamado Marutta, aquele senhor dos reis era justo e de grande renome, e possuidor do poder de dez mil elefantes. Ele era como um segundo Vishnu. Desejoso de celebrar um sacrifício, aquele monarca virtuoso, indo para o Monte Meru no lado norte de Himavat, fez milhares de recipientes dourados brilhantes serem forjados. Lá em uma enorme colina dourada ele realizou os ritos. E ourives fizeram inumeráveis bacias e recipientes e panelas e assentos. E a área sacrifical

era perto deste lugar. E aquele justo senhor da Terra, o rei Marutta, junto com outros príncipes, realizou um sacrifício lá.'"

5

"Yudhishthira disse, 'Ó melhor dos oradores, como aquele rei se tornou tão poderoso? E como, ó duas vezes nascido, ele obteve tanto ouro? E onde está agora, ó senhor venerável, toda a sua riqueza? E, ó asceta, como nós podemos obter a mesma?'"

"Vyasa então disse, 'Como a prole numerosa do Prajapati Daksha, os Asuras e os Celestiais desafiaram uns aos outros (para combate), assim da mesma maneira os filhos de Angira, o extremamente enérgico Vrihaspati e o asceta Samvarta, de votos iguais, desafiaram um ao outro, ó rei. Vrihaspati começou a importunar Samvarta repetidas vezes. E constantemente incomodado por seu irmão mais velho, ele, ó Bharata, renunciando às suas riquezas, foi para as florestas, com nada para cobrir seu corpo salvo o céu aberto. (Naquele tempo), Vasava tendo vencido e destruído os Asuras, e obtido a soberania das regiões celestes tinha nomeado como seu sacerdote o filho mais velho de Angira, aquele melhor dos Brahmanas, Vrihaspati. Antigamente Angira era o sacerdote da família do rei Karandhama. Inigualável entre os homens em poder, destreza e caráter; poderoso como Satakratu, de alma justa e de votos rígidos, ó rei, ele tinha veículos, e guerreiros, e muitos partidários, e armações de cama excelentes e caras, produzidas por meio de meditação pelo ar de sua boca. E por suas virtudes naturais, o monarca tinha trazido todos os príncipes sob seu domínio. E tendo vivido tanto quanto ele desejava, ele ascendeu para o céu em sua encarnação corpórea. E seu filho chamado Avikshit, conquistador de inimigos, íntegro como Yayati, trouxe toda a Terra sob seu domínio. E em mérito e poder o rei parecia com seu pai. Ele teve um filho chamado Marutta, dotado de energia, e parecendo com o próprio Vasava. Esta Terra vestida em oceanos se sentiu arrastada em direção a ele. Ele sempre costumava desafiar o senhor dos celestiais; e ó filho de Pandu, Vasava também afrontava Marutta. E Marutta, mestre da Terra, era puro e possuidor de perfeições. E apesar do seu esforço, Sakra não pôde prevalecer sobre ele. E incapaz de controlá-lo, ele, andando a cavalo, junto com os celestiais, convocando Vrihaspati, falou a ele dessa maneira, 'Ó Vrihaspati, se tu desejas fazer o que é agradável para mim, não realize trabalhos sacerdotais para Marutta em nome das divindades ou Espíritos ancestrais. Eu, ó Vrihaspati, obtive a soberania dos três mundos, enquanto Marutta é meramente o senhor da Terra. Como, ó Brahmana, tendo agido como sacerdote para o rei imortal dos celestiais, tu realizarás sem hesitação a função sacerdotal para Marutta sujeito à morte? Que o bem te aconteça! Adira ao meu lado ou aquele do monarca, Marutta, ou abandonando Marutta, venha para mim alegremente.' Assim abordado pelo soberano dos celestiais, Vrihaspati, refletindo por um momento, respondeu para o rei dos imortais. 'Tu és o Senhor das criaturas, e em ti os mundos estão estabelecidos. E tu destruíste Namuchi, Viswarupa e Vala. Tu, ó herói, realizaste sozinho a prosperidade dos celestiais, e, ó matador de Vala, tu sustentas a terra

assim como o céu. Como, ó principal dos celestiais, tendo oficiado como teu sacerdote, eu irei, ó castigador de Paka, servir um príncipe mortal? Ouça o que eu digo. Mesmo que o deus do fogo cesse de causar calor e tepidez, ou a terra mude sua natureza, ou o sol cesse de dar luz, eu nunca me desviarei da verdade (que eu tenho falado).'"

Vaisampayana continuou, 'Ao ouvir estas palavras de Vrihaspati Indra ficou curado de seus sentimentos invejosos, e então o elogiando ele se dirigiu para sua própria mansão.'"

6

"Vyasa disse, 'A antiga lenda de Vrihaspati e do sábio Marutta é citada com relação a isto. Ao saber do pacto feito pelo filho de Angira Vrihaspati com o senhor dos deuses (Indra), o rei Marutta fez os preparativos necessários para um grande sacrifício. O eloquente neto de Karandhama, (Marutta) tendo concebido a idéia de um sacrifício em sua mente, foi até Vrihaspati e se dirigiu a ele dessa maneira, 'Ó asceta venerável, eu planejo realizar o sacrifício o qual tu me propuseste uma vez em uma ocasião anterior e de acordo com tuas instruções, e eu agora desejo te nomear como o sacerdote oficiante naquele sacrifício, os materiais do qual também foram reunidos por mim. Ó excelente, tu és nosso sacerdote familiar, portanto pegue aquelas coisas sacrificais e realize tu mesmo o sacrifício.'"

Vrihaspati disse, 'Ó senhor da terra, eu não desejo realizar teu sacrifício. Eu fui nomeado como sacerdote pelo Senhor dos deuses (Indra) e eu prometi para ele agir como tal.'"

Marutta disse, 'Tu és sacerdote hereditário da nossa família, e por esta razão eu nutro grande respeito por ti, e eu adquiri o direito de ser ajudado em sacrifícios por ti, e, portanto é apropriado que tu oficies como sacerdote no meu sacrifício.'"

Vrihaspati disse, 'Tendo, ó Marutta, agido como sacerdote para os Imortais, como eu posso agir como tal para homens mortais? Tu partas daqui ou fique, eu te digo que eu parei de agir como sacerdote para qualquer pessoa exceto os Imortais. Ó tu de braços poderosos, eu não posso agir como teu sacerdote agora. E de acordo com teu próprio desejo, tu podes nomear alguém como teu sacerdote que irá realizar teu sacrifício.'"

Vyasa disse, 'Assim comunicado, o rei Marutta ficou desconcertado com vergonha, e enquanto voltava para casa com sua mente oprimida pela ansiedade, ele encontrou com Narada em seu caminho. E aquele monarca ao ver o divino Rishi Narada permaneceu perante ele com a devida saudação, com suas palmas unidas. Então Narada se dirigindo a ele dessa maneira disse, 'Ó sábio real, tu não pareces estar bem satisfeito em tua mente; está tudo bem contigo? Onde tu estiveste, ó impecável, e de onde vem a causa desta tua inquietude mental? E, ó rei, se não houver objeção a tu me contares, ó melhor dos reis, revele (a causa de tua ansiedade) para mim para que, ó príncipe, eu possa diminuir a inquietude da tua mente com todos os meus esforços.'"

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado pelo grande Rishi Narada, o rei Marutta o informou da recusa que ele tinha recebido de seu preceptor religioso.'"

Marutta disse, 'Procurando por um sacerdote para oficiar no meu sacrifício eu fui até aquele sacerdote dos Imortais, Vrihaspati, o filho de Angira, mas ele decidiu não aceitar minha oferta. Tendo recebido esta recusa dele, eu não desejo viver mais agora, pois por ele me abandonar dessa maneira, ó Narada, eu me tornei contaminado pelo pecado.'"

Vyasa disse, 'Assim falado por aquele rei, Narada, ó príncipe poderoso, deu esta resposta para ele com palavras que pareceram reviver aquele filho de Avikshit.'"

Narada disse, 'O filho virtuoso de Angira, de nome Samvarta, está vagando por todas as regiões da terra em um estado de nudez para a surpresa de todas as criaturas; ó príncipe, vá até ele. Se Vrihaspati não deseja oficiar no teu sacrifício, o poderoso Samvarta, se satisfeito contigo, realizará teu sacrifício.'"

Marutta disse, 'Eu me sinto como se instilado com vida nova por estas tuas palavras, ó Narada, mas, ó melhor dos oradores, me diga onde eu posso achar Samvarta, e como eu posso permanecer ao lado dele, e como eu devo agir para que ele não possa me abandonar, pois eu não desejarei viver se eu encontrar com uma recusa dele também.'"

Narada disse, 'Desejoso de ver Maheswara, ó príncipe, ele perambula à vontade na cidade de Varanasi, na aparência de um homem louco. E tendo alcançado o portão daquela cidade, tu deves colocar um corpo morto em algum lugar perto dele, e o homem que se desviar ao ver o cadáver, ó príncipe, saiba que aquele homem é Samvarta, e conhecendo-o, siga seus passos para onde quer que aquele homem poderoso escolha ir e encontrando-o (finalmente) em um local solitário tu deves procurar sua proteção com tuas mãos unidas em súplica a ele. E se ele te perguntar quem foi a pessoa que te deu as informações acerca dele mesmo, diga a ele que Narada te informou sobre Samvarta. E se ele te pedir para me seguir, tu deves dizer a ele sem nenhuma hesitação que eu entrei no fogo.'"

Vyasa disse, 'Tendo expressado sua aceitação da proposta de Narada, aquele sábio nobre, depois de cultuá-lo devidamente, e recebendo sua permissão, se dirigiu à cidade de Varanasi, e tendo chegado lá, aquele príncipe famoso fez como tinha sido ordenado, e lembrando-se das palavras de Narada, ele colocou um cadáver no portão da cidade. E por coincidência aquele Brahmana também entrou no portão da cidade ao mesmo tempo. Então ao ver o cadáver, ele se desviou de repente. E ao vê-lo voltar atrás, aquele príncipe, o filho de Avikshit, seguiu seus passos com suas mãos unidas, e com o objetivo de receber instrução dele. E então o encontrando em um lugar solitário, Samvarta cobriu o rei com lama e cinzas e muco e cuspe. E embora assim atormentado e oprimido por Samvarta, o rei seguiu aquele sábio com suas mãos unidas em súplica e tentando apaziguá-lo. Finalmente dominado pela fadiga, e alcançando a sombra fresca de uma figueira

sagrada com muitos ramos, Samvarta desistiu de seu percurso e se sentou para descansar.'"

7

"Samvarta disse, 'Como tu vieste a me conhecer, e quem se referiu a mim para ti, diga-me isto verdadeiramente, se tu desejas que eu faça o que é bom para ti. E se tu falares realmente, tu obterás todos os objetos de teu desejo, e se tu disseres uma mentira, tua cabeça se rachará em cem pedaços.'"

Marutta disse, 'Eu fui informado por Narada, vagando em seu caminho, que tu és o filho do nosso sacerdote familiar, e esta (informação) inclinou minha mente (em direção a ti), com satisfação extraordinária.'"

Samvarta disse, 'Tu me disseste isto verdadeiramente. Ele (Narada) sabe que eu sou um realizador de sacrifícios. Agora me diga onde Narada está vivendo no momento.'"

Marutta disse, 'Aquele príncipe dos santos celestes (Narada) tendo me dado estas informações acerca de ti, e me confiado ao teu cuidado, entrou no fogo.'"

Vyasa disse, 'Ouvindo estas palavras do rei (Marutta) Samvarta ficou muito satisfeito, e ele disse (se dirigindo a Marutta). 'Eu também sou bastante capaz de fazer tudo isso.' Então, ó príncipe, aquele Brahmana, delirando como um lunático, e repetidamente xingando Marutta com palavras rudes, o abordou novamente dessa maneira, 'Eu sofro de uma desordem cerebral, e, eu sempre ajo segundo os caprichos aleatórios da minha própria mente. Por que tu estás empenhado em ter este sacrifício realizado por um sacerdote de tal disposição singular? Meu irmão pode oficiar em sacrifícios, e ele foi para o lado de Vasava (Indra), e está engajado em realizar seus sacrifícios, portanto tenha teu sacrifício realizado por ele. Meu irmão mais velho tirou à força de mim todos os meus bens familiares e deuses místicos, e clientes sacrificais, e agora deixou para mim somente este meu corpo físico, e, ó filho de Avikshit, como ele é digno de todo o respeito de mim, eu não posso de nenhuma maneira oficiar no teu sacrifício, a menos que com permissão dele. Tu deves, portanto ir até Vrihaspati primeiro, e recebendo sua permissão tu podes voltar para mim, se tu tens algum desejo de realizar um sacrifício, e somente então eu irei oficiar no teu sacrifício.'"

Marutta disse, 'Ouça-me, ó Samvarta, eu fui até Vrihaspati primeiro, mas desejando o patronato de Vasava ele não desejou ter a mim como seu sacrificador. Ele disse, 'Tendo assegurado o sacerdócio dos Imortais eu não desejo agir para mortais, e eu fui proibido por Sakra (Indra) de oficiar no sacrifício de Marutta, porque ele me disse que Marutta, tendo se tornado o senhor da terra, estava sempre cheio de um desejo de rivalizar com ele.' E a isto teu irmão consentiu por dizer ao Matador de Vala (Indra), 'Assim seja.' Saiba, ó melhor dos ascetas, que como ele conseguiu assegurar a proteção do Senhor dos Celestiais, eu me dirigi a ele com coração satisfeito, mas ele não concordou em agir como meu sacerdote. E assim repelido, eu agora desejo gastar tudo o que eu possuo

para ter este sacrifício realizado por ti, e para sobrepujar Vasava pelo mérito dos teus bons préstimos. Como eu fui repelido por Vrihaspati por nenhuma falha minha, eu agora não desejo, ó Brahmana, ir até ele para procurar sua ajuda neste sacrifício."

Samvarta disse, 'Eu posso certamente, ó rei, realizar tudo o que tu desejas, somente se tu concordares em fazer tudo que eu te pedir para fazer, mas eu percebo que Vrihaspati e Purandara (Indra) quando eles souberem que eu estou empenhado em realizar teu sacrifício, ficarão cheios de ira, e farão tudo o que eles puderem para te prejudicar. Portanto, me assegure da tua firmeza, para garantir minha frieza e constância, porque de outra maneira, se eu ficar cheio de ira contra ti, eu reduzirei (destruirei) a ti e teus parentes a cinzas."

Marutta disse, 'Se alguma vez eu te abandonar, que eu nunca possa alcançar as regiões abençoadas enquanto as montanhas existirem, e o sol de mil raios continuar a emitir calor: se eu te abandonar, que eu nunca possa obter sabedoria verdadeira, e permaneça para sempre afeito a ocupações mundanas (materiais)."

Samvarta disse, "Escute, ó filho de Avikshit, excelente como é a inclinação da tua mente para realizar este ato, assim também, ó rei, eu tenho em minha mente a habilidade para realizar o sacrifício, eu te digo, ó rei, que tuas coisas boas se tornarão imperecíveis, e que tu superarás Sakra e os Celestiais com Gandharvas. Por mim mesmo, eu não tenho desejo de acumular riqueza ou presentes sacrificais, eu somente farei o que é desagradável para Indra e meu irmão, eu sem dúvida te farei obter igualdade com Sakra, e eu te digo realmente que eu irei fazer o que é agradável para ti."

8

"Samvarta disse, "Há um pico chamado Munjaban nos topos das montanhas Himalaya, onde o adorável Marido de Uma (Mahadeva) está constantemente engajado em exercícios devocionais rígidos. Lá o deus poderoso e adorável de grande pujança, acompanhado por sua consorte Uma, e armado com seu tridente, cercado por trasgos selvagens de muitas espécies, perseguindo seu desejo aleatório ou capricho, reside constantemente à sombra de florestas de árvores gigantescas, ou nas cavernas, ou nos cumes acidentados da grande montanha. E lá os Rudras, os Saddhyas, Viswedevas, os Vasus, Yama, Varuna, e Kuvera com todos os seus servidores, e os espíritos e duendes, e os dois Aswins, os Gandharvas, as Apsaras, os Yakshas, como também os sábios celestes, os deuses do Sol, assim como os deuses que presidem sobre os ventos, e maus espíritos de todos os tipos, adoram o marido de grande alma de Uma, possuidor de diversas características. E lá, ó rei, o deus adorável passa seu tempo com os seguidores selvagens e brincalhões de Kuvera, possuidores de aparências estranhas e fantasmais. Brilhando com seu próprio esplendor, aquela montanha parece resplandecente como o sol da manhã. E nenhuma criatura com seus olhos naturais feitos de carne pode alguma vez averiguar sua forma ou configuração, e nem calor nem frio prevalece lá, nem o sol brilha nem os ventos sopram. E, ó rei,

nem senilidade nem fome, nem sede, nem morte, nem medo afligem alguém naquele lugar. E, ó principal dos conquistadores, em todos os lados daquela montanha existem minas de ouro, resplandecentes como os raios do sol. E, ó rei, os servidores de Kuvera, desejosos fazer bem para ele, protegem aquela minas de ouro de intrusos, com armas erguidas. Apresse-te para lá, e concilie aquele deus adorável que é conhecido pelos nomes de Sarva, Bedha, Rudra, Sitikantha, Surapa, Suvarcha, Kapardi, Karala, Haryyaksha, Varada, Tryaksha, Pushnodantabhid, Vamana, Siva, Yamya, Avyaktarupa, Sadvritta, Sankara, Kshemya, Harikesa, Sthanu, Purusha, Harinetra, Munda, Krishna, Uttarana, Bhaskara, Sutirtha, Devadeva, Ranha, Ushnishi, Suvaktra, Sahasraksha, Midhvan, Girisa, Prasanta, Yata, Chiravasa, Vilwadanda, Siddha, Sarvadandadhara, Mriga, Vyadha, Mahan, Dhanesa, Bhava, Vara, Somavaktra, Siddhamantra, Chakshu, Hiranyavahu, Ugra, Dikpati, Lelihana, Goshtha, Shiddhamantra, Vrishnu, Pasupati, Bhutapati, Vrisha, Matribhakta, Senani, Madhyama, Sruvahasta, Yati, Dhanwi, Bhargava, Aja, Krishnanetra, Virupaksha, Tikshnadanshtra, Tikshna, Vaiswanaramukha, Mahadyuti, Ananga, Sarva, Dikpati, Bilohita, Dipta, Diptaksha, Mahauja, Vasuretas, Suvapu, Prithu, Kritivasa, Kapalmali, Suvarnamukuta, Mahadeva, Krishna, Tryamvaka, Anagha, Krodhana, Nrisansa, Mridu, Vahusali, Dandi, Taptatapa, Akrurakarma, Sahasrasira, Sahasra-charana, Swadha-swarupa, Vahurupa, Danshtri, Pinaki, Mahadeva, Mahayogi, Avyaya, Trisulahasta, Varada, Tryamvaka, Bhuvaneswara, Tripuraghna, Trinayana, Trilokesa, Mahanja, Sarvabhuta-prabhava, Sarvabhuta-dharana, Dharanidhara, Isana, Sankara, Sarva, Siva, Visveswara, Bhava, Umapati, Pasupati, Viswarupa, Maheswara, Virupaksha, Dasabhuja, Vrishavadhwaja, Ugra, Sthanu, Siva, Rudra, Sarva, Girisa, Iswara, Sitakantha, Aja, Sukra, Prithu, Prithuhara, Vara, Viswarupa, Virupaksha, Vahurupa, Umapati, Anangangahara, Hara, Saranya, Mahadeva, Chaturmukha. Lá reverenciando aquela divindade, tu deves rogar sua proteção. E assim, ó príncipe, fazendo tua submissão àquele Mahadeva de grande alma de grande energia, tu irás adquirir aquele ouro. E os homens que vão para lá dessa maneira conseguem obter ouro.' Assim instruído, Marutta, o filho de Karandhama, fez como ele foi aconselhado. E fez planos sobre-humanos para a efetuação de seu sacrifício. E artesões fabricaram recipientes de ouro para aquele sacrifício. E Vrihaspati também, sabendo da prosperidade de Marutta, eclipsando aquela dos deuses, ficou imensamente aflito, e angustiado pelo pensamento que seu rival Samvarta se tornaria próspero, ficou doente, e o brilho de sua cor o deixou, e seu corpo ficou emaciado. E quando o senhor dos deuses veio a saber que Vrihaspati estava muito aflito, ele foi até ele acompanhado pelos Imortais e se dirigiu a ele dessa maneira."

9

Indra disse, "Tu, ó Vrihaspati, dormes em paz, e teus empregados são agradáveis para ti, tu procuras o bem-estar dos deuses, e os deuses, ó Brahmana, te protegem?"

Vrihaspati disse, "Eu durmo em paz na minha cama. Ó Senhor dos deuses, e meus empregados são agradáveis para mim e eu sempre procuro o bem-estar dos deuses, e eles cuidam bem de mim."

Indra disse, "De onde vem então esta dor, mental ou física, e por que tu estás pálido e alterado em aparência (cor) no momento? Diga-me, ó Brahmana, quem são aquelas pessoas que te causaram sofrimento, para que eu possa matar todas elas."

Vrihaspati disse, "Ó Indra, eu soube que Marutta realizará um grande sacrifício no qual presentes extraordinários serão dados por ele (para Brahmanas) e que em seu sacrifício Samvarta irá agir como o sacerdote oficiante, e, portanto eu desejo que ele não possa oficiar como sacerdote naquele sacrifício."

Indra disse, "Tu, ó Brahmana, obtiveste todos os objetos de teu desejo quando te tornaste o sacerdote excelente dos deuses, versado em todos os hinos sagrados, e superaste a influência da morte e caducidade, o que Samvarta pode fazer para ti agora?"

Vrihaspati disse, "A prosperidade de um rival é sempre dolorosa para os sentimentos de alguém, e por esta razão também, tu com teus deuses atendentes persegues os Asuras com seus parentes, e matas os mais prósperos entre eles; por essa razão, ó Senhor dos deuses, eu estou mudado em aparência ao pensar que o meu rival está prosperando. Portanto, ó Indra, por todos os meios, impeça Samvarta e o rei Marutta."

Indra se dirigindo a Agni disse, "Ó Jataveda, seguindo minha ordem, vá até o rei Marutta oferecer Vrihaspati para ele, e diga para ele que este Vrihaspati oficiará em seu sacrifício e o fará imortal."

Agni disse, “Eu irei agora, ó adorável, me dirigir para lá como teu mensageiro para oferecer Vrihaspati para o rei Marutta”; e para fazer verdadeiras as palavras de Indra, e para mostrar respeito por Vrihaspati, Agni partiu.

Vyasa disse, "Então o deus do fogo de grande alma foi em sua missão, devastando todas as florestas e árvores, como o vento poderoso, rugindo e girando a esmo no fim da estação do inverno."

Marutta disse, "Veja! Eu percebo o deus do fogo vindo em sua própria encarnação, hoje, portanto, ó Muni, ofereça a ele um assento e água, e uma vaca, e água para lavar os pés."

Agni disse, "Eu aceito tuas oferendas de água, assento, e água para lavar os pés, ó impecável, saiba que eu sou o mensageiro de Indra, vindo para ti de acordo com as ordens dele."

Marutta disse, "Ó Deus do fogo, o glorioso Senhor dos Celestiais está feliz, e ele está satisfeito conosco, e os outros deuses são leais a ele? Me informe devidamente sobre todos estes pontos."

Agni disse, "Ó senhor da terra, Sakra está perfeitamente feliz, ele está satisfeito contigo, e deseja te fazer livre da senilidade, e todos os outros deuses são leais a ele. Ó rei, ouça a mensagem do Senhor dos Celestiais. O objetivo pelo qual ele me enviou para ti é oferecer Vrihaspati para Marutta. Ó príncipe, que este sacerdote (dos Celestiais) realize teu sacrifício, e faça a ti, que és somente um mortal, alcançar a imortalidade."

Marutta disse, "Este Brahmana Samvarta duas vezes nascido realizará meu sacrifício, e eu rogo para Vrihaspati, que ele tendo agido como sacerdote para Mahendra (Indra), não fica bem para ele agora agir como sacerdote para homens mortais."

Agni disse, "Se este Vrihaspati oficiar como teu sacerdote, então tu pelas bênçãos de Devaraja (Indra) alcançarás a região mais sublime na mansão celeste e obtendo fama tu certamente conquistarás a região celestial. E, ó senhor de homens, se Vrihaspati agir como teu sacerdote, tu poderás conquistar todas as regiões habitadas por homens, e as regiões celestiais, e todas as regiões mais elevadas criadas por Prajapati e até todo o reino dos deuses."

Samvarta disse, "Tu nunca deves vir novamente oferecer Vrihaspati dessa maneira para Marutta, pois saiba, ó Pavaka, (Agni) se tu o fizeres, eu, perdendo minha calma, irei te queimar com meus olhos maus ferozes."

Vyasa disse, "Então Agni temendo destruição pelo fogo, e tremendo como as folhas da árvore Aswattha (Ficus religiosa), voltou para os deuses, e Sakra de grande alma vendo aquele transportador de oblações (Agni) na companhia de Vrihaspati, disse o seguinte:

Indra disse, "Ó Jataveda (Agni), tu foste oferecer Vrihaspati para Marutta segundo minha ordem? O que aquele rei sacrificante disse para ti e ele aceitou minha mensagem?"

Agni disse, "Tua mensagem não foi aceitável para Marutta e quando incitado por mim, ele, apertando as mãos de Vrihaspati, repetidamente disse que Samvarta iria agir como seu sacerdote. E ele também observou que ele não desejava obter as regiões terrestres e celestiais e todas as maiores regiões de Prajapati, e que se ele estivesse assim disposto ele aceitaria os termos de Indra."

Indra disse, "Volte àquele rei e encontrando com ele lhe diga estas minhas palavras, cheias de significado, e se ele não as obedecer, eu irei atingi-lo com meu raio."

Agni disse, "Que este rei dos Gandharvas vá para lá como teu mensageiro, ó Vasava, pois eu tenho medo de ir lá eu mesmo. Saiba, ó Sakra, que Samvarta muito enfurecido, habituado a práticas ascéticas, me disse essas palavras com raiva: 'Eu irei te queimar com meus olhos maus ferozes se tu por alguma razão voltares aqui para oferecer Vrihaspati para o rei Marutta.'"

Sakra disse, "Ó Jataveda, és tu que queimas todas as outras coisas e não há ninguém mais que possa te reduzir a cinzas. Todo o mundo tem medo de entrar

contato contigo. Ó transportador de oblações, estas tuas palavras não são dignas de crédito."

Agni disse, "Tu, ó Sakra, abarcaste o domínio do céu e da terra e do firmamento pelo poder dos teus próprios braços, mas mesmo assim como Vritra pôde (antigamente) tirar de ti à força a soberania das regiões celestes?"

Indra disse, "Eu posso reduzir meus inimigos à submissão e posso até reduzir o tamanho de uma montanha para um átomo, se eu desejar isso. Mas, ó Vahnni, como eu não aceito a libação de Soma se oferecida por um inimigo, e como eu não golpeio os fracos com meu raio, Vritra pareceu triunfar sobre mim por um tempo. Mas quem entre os mortais pode viver em paz por criar inimizade comigo? Eu bani os Kalakeyas para a terra, e removi os Danavas do céu, e terminei a existência de Prahlada no céu. Pode haver algum homem que possa viver em paz por provocar minha inimizade?"

Agni disse, "Tu, ó Mahendra, te lembras que em tempos passados, quando o sábio Chyavana oficiou no sacrifício de Saryati com os deuses gêmeos Aswins e ele mesmo se apropriou sozinho da oferenda Soma tu ficaste cheio de ira, e quando disposto a impedir o sacrifício de Saryati tu golpeaste violentamente Chyavana com teu raio? Mas aquele Brahmana, ó Purandara, cedendo à ira, foi capaz pelo poder de suas práticas religiosas de agarrar e segurar com firmeza tua mão com teu raio nela. E com raiva, ele também criou um inimigo teu de aparência terrível, o Asura chamado Mada assumindo todas as formas, ao contemplar o qual tu fechaste teus olhos com medo, de quem uma mandíbula enorme estava colocada sobre a terra, e a outra se estendia para as regiões celestes, e que parecia terrível com seus mil dentes afiados se estendendo sobre cem Yojanas, e tinha quatro proeminentes juntos, e brilhando como um pilar de prata, e se estendendo por duzentos Yojanas. E quando rangendo seus dentes ele te perseguiu com sua lança terrível e erguida com o objetivo de te matar. Tu ao contemplares aquele monstro terrível apresentaste um espetáculo (deplorável) para todos os que se encontravam próximos. Então, ó matador de Danavas, dominado por medo do monstro, com tuas mãos unidas em súplica, tu procuraste a proteção do grande sábio. O poder dos Brahmanas, ó Sakra, é maior do que o dos Kshatriyas. Ninguém é mais poderoso do que os Brahmanas, e conhecendo devidamente como eu conheço o poder dos Brahmanas, eu, ó Sakra, não desejo entrar em conflito com Samvarta."

10

"Indra disse, ‘Isto é assim mesmo; o poder dos Brahmanas é grande e não há ninguém mais poderoso do que os Brahmanas, mas eu nunca poderei tolerar com equanimidade o orgulho insolente do filho de Avikshita, e assim eu irei atingi-lo com meu raio. Portanto, ó Dhritarashtra, de acordo com minha ordem te dirija ao rei Marutta atendido por Samvarta, e entregue esta mensagem para ele: 'Ó príncipe, aceite Vrihaspati como teu preceptor espiritual, caso contrário eu te atingirei com meu raio terrível.'"

Vyasa disse, "Então Dhritarashtra se dirigiu à corte daquele monarca e entregou para ele esta mensagem de Vasava."

Dhritarashtra disse, "Ó senhor de homens, saiba que eu sou Dhritarashtra o Gandharva, vindo aqui com o objetivo de te entregar a mensagem de Indra. Ó leão entre reis, escute as palavras que o senhor de grande alma de todos os mundos destinou para ti. Aquele de realizações incompreensíveis (Indra) somente disse isto: 'Aceite Vrihaspati como teu sacerdote oficiante para o sacrifício, ou, se tu não concordares com meu pedido, eu te atingirei com meu raio terrível.'"

Marutta disse, "Tu, ó Purandara, os Viswadevas, os Vasus e os Aswins, todos vocês sabem que neste mundo não há fuga das consequências de enganar um amigo; isto é um grande pecado como aquele de assassinar um Brahmana. Que Vrihaspati (portanto) oficie como sacerdote para aquele Mahendra, o Deva (deus) supremo, o mais sublime que maneja o raio, e, ó príncipe, Samvarta agirá como meu sacerdote, já que nem as palavras dele (Indra), nem as tuas se recomendam para mim."

O Gandharva disse, "Ó leão entre príncipes, escute o terrível grito de guerra de Vasava ribombando nos céus. Indubitavelmente e abertamente Mahendra irá arremessar seu raio em ti. Portanto reflita sobre o teu bem, pois este é o momento para fazer isso."

Vyasa disse, "Assim abordado por Dhritarashtra, e ouvindo o bramido de Vasava uivando, o rei comunicou estas informações para Samvarta firme em devoção e maior de todos os homens virtuosos."

Marutta disse, “Na verdade esta nuvem de chuva flutuando no ar indica que Indra deve estar perto no momento, portanto, ó príncipe dos Brahmanas, eu busco tua proteção. Ó melhor dos Brahmanas, remova este medo de Indra da minha mente. O manejador do raio está vindo abarcando as dez direções do espaço com seu resplendor terrível e sobre-humano e meus assistentes nessa assembléia sacrifical estão dominados pelo pavor.”

Samvarta disse, "Ó leão entre reis, teu medo de Sakra logo será dissipado, e eu logo removerei esta angústia terrível por meio do meu saber mágico (encantamento); fique calmo e não tenha medo de ser subjugado por Indra. Tu não tens nada a temer do deus de cem sacrifícios. Eu usarei meus encantamentos que paralisam, ó rei, e as armas de todos os deuses não terão eficácia para eles. Que o relâmpago brilhe em todas as direções do espaço, e os ventos entrando nas nuvens derramem as chuvas em meio às florestas e as águas inundem o céu e os lampejos de relâmpago que são vistos não tenham eficácia. Tu não tens nada a temer, que Vasava despeje as chuvas e lance seu raio terrível onde ele quiser, flutuando entre as massas aquosas (nuvens) para tua destruição, pois o deus Vahnni (Agni) te protegerá de todas as maneiras, e te fará obter todos os objetos do teu desejo."

Marutta disse, "Este horrível estrondo do raio junto com o uivo dos ventos parece terrível para meus ouvidos e meu coração está afligido frequentemente, ó Brahmana, e minha paz de mente está perdida no momento."

Samvarta disse, "Ó rei, o medo em tua mente deste raio terrível logo te deixará. Eu dissiparei o trovão pela ajuda dos ventos, e deixando de lado todo o medo da tua mente, aceite um benefício de mim segundo o desejo do teu coração, e eu irei realizá-lo para ti."

Marutta disse, "Eu desejo, ó Brahmana, que Indra de repente venha em pessoa a este sacrifício, e aceite a oblação oferecida para ele, e que todos os outros deuses também venham e peguem suas próprias partes das oferendas e aceitem as libações de Soma oferecidas para eles."

Samvarta disse, "Eu pelo poder dos meus encantamentos atraí Indra em pessoa para este sacrifício. Veja, ó monarca, Indra vindo com seus cavalos, e cultuado pelos outros deuses vindo depressa para este sacrifício."

Então o senhor dos Devas, acompanhado pelos outros deuses e viajando em sua carruagem puxada pelos corcéis mais excelentes, se aproximou do altar sacrifical daquele filho de Avikshit e bebeu as libações de Soma daquele monarca inigualável. E o rei Marutta com seu sacerdote se ergueu para receber Indra vindo com a hoste de deuses e, bem satisfeito em mente, ele recebeu o senhor dos Devas com as honras devidas e principais de acordo com os Sastras.

Samvarta disse, "Bem vindo, ó Indra, pela tua presença aqui, ó erudito, este sacrifício se tornou grandioso. Ó matador de Vala e Vritra, beba novamente este suco Soma produzido por mim hoje.'"

Marutta disse, "Olhe com bondade para mim, eu te reverencio, ó Indra, pela tua presença o meu sacrifício foi melhorado, e minha vida também abençoada com bons resultados. Ó Surendra, este Brahmana excelente, o irmão mais novo de Vrihaspati está dedicado a realizar meus sacrifícios."

Indra disse. "Eu conheço teu sacerdote, este asceta muito enérgico, o irmão mais novo de Vrihaspati, a convite de quem eu vim a este sacrifício. Eu estou, ó monarca, bem satisfeito contigo e meu ressentimento contra ti foi destruído."

Samvarta disse, "Se, ó príncipe dos Devas, tu estás satisfeito conosco, dê tu mesmo todas as ordens para este sacrifício, e ó Surendra, tu mesmo ordene as porções sacrificais (para os deuses), de modo que, ó deus, todo o mundo possa saber que ele foi feito por ti."

Vyasa disse, "Assim abordado pelo filho de Angira, o próprio Sakra deu ordens para todos os deuses erigirem a sala de reunião, e mil quartos excelentes bem mobiliados parecendo formidáveis como em um quadro, e completarem rapidamente a escadaria massiva e durável, para a subida dos Gandharvas e Apsaras e para mobiliar aquela parte do terreno sacrifical reservada para a dança das Apsaras, como o palácio de Indra no céu. Ó rei, assim ordenados, os renomados habitantes do céu cumpriram rapidamente as ordens de Sakra. E

então, ó rei, Indra bem satisfeito e adorado, falou dessa maneira para rei o Marutta, 'Ó príncipe, por se associarem contigo neste sacrifício, teus antepassados que morreram antes de ti, assim como os outros deuses ficaram muito satisfeitos e aceitaram as oblações oferecidas por ti. E agora, ó rei, que o principal dos seres regenerados ofereça no altar sacrifical um touro vermelho pertencente ao Deus do Fogo e um touro azul sagrado e devidamente consagrado com uma pele multicor, pertencente aos Viswedevas.' Então, ó rei, a cerimônia sacrifical cresceu em esplendor, no qual os próprios deuses reuniram o alimento, e Sakra, o senhor dos deuses, possuidor de cavalos, e adorado pelos Brahmanas, se tornou um assistente no sacrifício. E então Samvarta de grande alma, subindo no altar, e parecendo radiante como a segunda encarnação do fogo ardente, dirigindo-se em voz alta aos deuses com afabilidade, ofereceu oblações de manteiga clarificada para o fogo com encantamento dos hinos sagrados. E então o matador de Vala bebeu primeiro o suco Soma, e então a assembléia dos outros deuses bebeu Soma. E então em felicidade e com a permissão do rei eles voltaram para casa e bem satisfeitos e deleitados. Então aquele monarca, o matador de seus inimigos, com um coração encantado, colocou pilhas de ouro em diversos locais, e distribuindo a riqueza imensa para os Brahmanas, ele parecia glorioso como Kuvera, o deus da riqueza. E com um coração animado o rei encheu sua tesouraria com diferentes tipos de riqueza, e com a permissão de seu preceptor espiritual ele retornou (para seu reino) e continuou a governar o reino inteiro que se estendia até as margens do oceano. Assim virtuoso neste mundo era aquele rei, em cujo sacrifício tal quantidade enorme de ouro foi reunida, e agora, ó príncipe, tu deves reunir aquele ouro e cultuando os deuses com os ritos devidos, realize este sacrifício."

Vaisampayana continuou, "Então o príncipe Pandava Yudhishthira ficou muito satisfeito ao ouvir este discurso do filho de Satyavati (Vyasa), e desejoso de realizar seu sacrifício com aquelas riquezas, ele manteve repetidas consultas com seus ministros."

11

Vaisampayana disse, "Quando Vyasa de realizações extraordinárias tinha terminado seu discurso para o rei, o altamente pujante filho de Vasudeva (Krishna) também se dirigiu a ele. Conhecendo o rei, o filho de Pritha, afligido em mente, e privado de seus parentes e amigos mortos em batalha, e parecendo abatido como o eclipse escurecido do sol, ou fogo coberto pela fumaça, aquele esteio da linhagem Vrishni (Krishna), consolando o filho de Dharma, tentou se dirigir a ele dessa maneira."

Vasudeva disse, "Toda maldade de coração leva à destruição (perdição) e toda retidão leva a Brahman (excelência espiritual). Se isto e somente isto é o alvo e objetivo de toda sabedoria verdadeira, o que então a distração mental pode fazer (para alguém que compreende isto)? Teu Karma ainda não foi aniquilado, nem teus inimigos foram subjugados, pois tu até o momento não conheces os inimigos que ainda estão espreitando dentro da tua própria carne. Eu irei (portanto) relatar

para ti realmente, como eu a ouvi, a história da guerra de Indra com Vritra como ela ocorreu. Nos tempos antigos a Prithivi (terra), ó rei, foi cercada por Vritra, e por esta abstração de matéria terrestre, a base de todo odor, ergueram-se maus odores por todos os lados, e o Realizador de cem sacrifícios (Indra), estando muito enfurecido por este ato, arremessou seu raio em Vritra. E estando profundamente ferido pelo raio do poderoso Indra, Vritra entrou nas (águas), e por fazer isso ele destruiu a propriedade delas. As águas sendo agarradas por Vritra, sua propriedade líquida as deixou. Nisto Indra ficou muito enfurecido e novamente o atingiu com seu raio. E ele (Vritra) golpeado pelo raio pelo mais poderoso Indra se dirigiu ao Jyoti (matéria luminosa) e abstraiu sua propriedade inerente. A matéria luminosa sendo oprimida por Vritra e sua propriedade, cor e forma sendo assim perdidas, o colérico Indra outra vez arremessou seu raio nele. E assim ferido outra vez por Indra de poder incomensurável, Vritra entrou de repente dentro de Vayu (matéria gasosa), e depois disso matou sua propriedade inerente. E esta matéria sendo dominada por Vritra e sua propriedade, isto é, o tato sendo perdido, Indra ficou novamente cheio de cólera e lançou seu raio nele. E ferido dessa maneira pelo poderoso (Indra), ele dominou o Akasa (éter), e tirou sua propriedade inerente, e o Akasa sendo dominado por Vritra, e sua propriedade, som, sendo destruída, o deus de cem sacrifícios muito enfurecido novamente o golpeou com seu raio. E assim golpeado pelo poderoso Indra, ele de repente entrou no seu corpo (de Sakra), e roubou seus atributos essenciais. E apossado por Vritra, ele ficou cheio de grande ilusão. E, ó senhor venerável, o mais poderoso da linhagem de Bharata, nós ouvimos que Vasistha confortou Indra (quando ele estava assim afligido) e que o deus de cem sacrifícios matou Vritra em seu próprio corpo por meio de seu raio invisível, e saiba, ó príncipe, que este mistério religioso foi declarado por Sakra para os grandes sábios, e eles por sua vez o disseram para mim."

12

"Vasudeva disse, "Há dois tipos de doenças, físicas e mentais. Elas são produzidas pela ação mútua do corpo e mente um no outro, e elas nunca surgem sem a interação dos dois. A doença que é produzida no corpo é chamada de doença física, e aquela que tem sua base na mente é conhecida como a doença mental. Os líquidos orgânicos frios, os quentes (muco e bile) assim como os ventosos, ó rei, são as transformações essenciais geradas no corpo físico, e quando estes líquidos orgânicos estão distribuídos uniformemente, e estão presentes nas devidas proporções, eles são citados como sendo sintomáticos de boa saúde. O líquido orgânico quente é influenciado (aliviado) pelo frio, e o frio pelo quente. E Sattwa, Rajas e Tamas são os atributos da alma, e é dito pelos eruditos que sua presença em proporções adequadas indica saúde (mental). Mas se um dos três prepondera, algum remédio é prescrito (para restaurar o equilíbrio). Felicidade é superada pela tristeza, e a tristeza pelo prazer. Algumas pessoas, enquanto afligidas pela tristeza, desejam recordar a felicidade (passada), enquanto outras, enquanto no desfrute de felicidade, desejam relembrar a tristeza passada. Mas tu, ó filho de Kunti, não desejas nem recordar tuas tristezas nem

tuas alegrias; o que mais tu desejas recordar excetuando esta ilusão de tristeza? Ou, por acaso, ó filho de Pritha, esta é tua natureza inata, pela qual tu no momento estás dominado. Tu não desejas chamar de volta para a tua mente a visão dolorosa de Krishna permanecendo na sala de reunião somente com um pedaço de tecido para cobrir seu corpo, e enquanto ela estava em seu fluxo menstrual e na presença de todos os Pandavas. E não é apropriado que tu devas pensar sobre a tua saída da cidade, e teu exílio com a pele de antílope como teu manto, e tuas viagens na grande floresta, nem tu deves te lembrar da aflição proveniente de Jatasura, da luta com Chitrasena, e dos teus problemas por causa dos Saindhavas. Nem é apropriado, ó filho de Pritha, e vencedor de teus inimigos, que tu recordes o incidente de Kichaka chutando Draupadi, durante o período do teu exílio passado em absoluto segredo, nem os incidentes da luta que ocorreu entre tu mesmo e Drona e Bhishma. Agora chegou a hora na qual tu deves lutar a batalha que cada um deve lutar sozinho com sua mente. Portanto, ó chefe da linhagem de Bharata, tu deves agora te preparar para vencer a luta contra tua mente, e por meio de abstração e do mérito do teu próprio Karma, tu deves alcançar o outro lado (vencer) do misterioso e ininteligível (mente). Nesta guerra não haverá necessidade de quaisquer mísseis, nem de amigos, nem de servidores. A batalha a qual é para ser lutada sozinho e sem ajuda agora chegou para ti. E se vencido nesta luta, tu te encontrarás na situação mais desventurada, e ó filho de Kunti, sabendo disto, e agindo consequentemente, tu obterás êxito. E conhecendo esta sabedoria e o destino de todas as criaturas, e seguindo a conduta dos teus antepassados, administre devidamente o teu reino."

13

"Vasudeva disse, "Ó descendente da linhagem de Bharata, a salvação não é alcançada por abandonar as coisas externas (como reino, etc.), ela somente é alcançada por abandonar as coisas que auxiliam a satisfazer a carne (corpo). A virtude e felicidade que são obteníveis pela pessoa que renunciou somente aos objetos externos, mas que ao mesmo tempo está absorvida por paixões e fraquezas da carne, que estas sejam a porção de nossos inimigos. A palavra com duas letras é Mrit-yu (morte da alma ou perdição), e a palavra com três letras é Sas-wa-ta (Brahman) ou o espírito eterno. A consciência que esta ou aquela coisa é minha, ou o estado de ser apegado aos objetos mundanos é Mrityu e a ausência daquele sentimento é Saswatam. E estes dois, Brahman e Mrityu, ó rei, têm suas bases nas almas de todas as criaturas, e permanecendo despercebidos, eles, sem dúvida, travam guerra um com o outro. E se, ó Bharata, é verdade que nenhuma criatura jamais é destruída, então alguém não se faz culpado da morte de uma criatura por perfurar (destruir) seu corpo. O que importa o mundo para um homem, se tendo adquirido a soberania da terra inteira, com sua criação móvel e imóvel, ele não fica apegado a ela, ou absorto em seu prazer? Mas o homem que renunciou ao mundo, tendo ido para a vida de asceta na floresta, vivendo de raízes e comestíveis selvagens, se tal homem, ó filho de Pritha, tem um anseio pelas coisas boas do mundo, e é viciado nelas, ele pode ser considerado como levando Mrityu (morte) em sua boca. Ó Bharata, veja e observe o caráter dos teus

inimigos externos e internos, (por meio da tua visão espiritual). E o homem que é capaz de perceber a natureza da realidade eterna é capaz de superar a influência do grande medo (perdição). Homens não olham com aprovação para a conduta daqueles que estão absortos em desejos mundanos, e não há ação sem ter um desejo (como sua base) e todos os desejos (Kama) são, por assim dizer, os membros (ramificações) da mente. Portanto, sabendo disto homens sábios subjugam seus desejos. O Yogi que mantém comunhão com o Espírito Supremo sabe que o Yoga é o caminho perfeito (para a Salvação) por razão das práticas de seus muitos nascimentos anteriores. E lembrando que o que a alma deseja não é conducente à piedade e virtude, mas que a supressão dos desejos está na base de toda virtude verdadeira, tais homens não se dedicam à prática de caridade, ciência Védica, ascetismo e ritos Védicos cujo objetivo é a obtenção de prosperidade mundana, cerimônias, sacrifícios, regras religiosas e meditação, com o motivo de assegurar alguma vantagem dessa maneira. A fim de ilustrar esta verdade, os sábios versados em tradições antigas recitam estes Gathas chamados pelo nome de Kamagita, ó Yudhishthira, escute a narração deles em detalhes. (Kama diz): 'Nenhuma criatura pode me destruir sem recorrer aos métodos apropriados (isto é, subjugação de todos os desejos e prática de Yoga etc.) Se um homem, conhecendo meu poder, se esforça para me destruir por murmurar orações etc., eu prevaleço sobre ele por iludi-lo com a crença que eu sou o ego subjetivo dentro dele. Se ele deseja me destruir por meio de sacrifícios com muitos presentes, eu o engano por aparecer em sua mente como a criatura mais virtuosa entre a criação móvel, e se ele deseja me aniquilar por dominar os Vedas e Vedangas, eu o engano por parecer para sua mente ser a alma da virtude entre a criação imóvel. E se o homem cuja força se encontra na verdade deseja me dominar pela paciência, eu apareço para ele como sua mente, e assim ele não percebe minha existência, e se o homem de práticas religiosas austeras deseja me destruir por meio de ascetismo, eu apareço no disfarce do ascetismo em sua mente, e assim ele é impedido de me reconhecer, e o homem de erudição, que com o objetivo de obter salvação deseja me destruir, eu me divirto e rio na cara de tal homem concentrado na salvação. Eu sou o único eterno sem igual, a quem nenhuma criatura pode matar ou destruir.' Por esta razão tu também, ó príncipe, desvie teus desejos (Kama) para a Virtude, para que, por estes meios, tu possas realizar o que é bom para ti. Portanto faça preparativos para a devida execução do Sacrifício de Cavalo com doações, e vários outros sacrifícios de grande esplendor, e acompanhados com presentes. Não deixe, portanto que a angústia te domine novamente, ao ver teus amigos jazendo mortos no campo de batalha. Tu não podes ver os homens mortos nesta batalha vivos outra vez. Portanto tu deves realizar sacrifícios magníficos com presentes, para que tu possas obter renome neste mundo, e alcançar o caminho perfeito (após a morte)."

14

"Vaisampayana disse, "Com tais palavras como estas, o santo nobre Yudhishthira, privado de seus amigos, foi consolado por aqueles sábios de grandes méritos ascéticos. E, ó monarca, aquele senhor de homens exortado pelo

próprio Viswarasraba venerável, e por Dwaipayana (Vyasa), Krishna Devasthana, Narada, Bhima, Nakula, Krishna (Draupadi), Sahadeva, e o inteligente Vijaya, assim como por outros grandes homens, e Brahmanas versados nos Sastras, ficou aliviado de toda aflição mental e tristeza resultante da morte de seus parentes queridos. E aquele monarca Yudhishthira depois de realizar as cerimônias fúnebres de seus amigos falecidos, e de honrar os Brahmanas e Devas (deuses), trouxe o reino da terra com seu cinto de oceanos sob seu domínio. E aquele príncipe da linhagem de Kuru tendo recuperado seu reino, com uma mente tranquila, se dirigiu dessa maneira a Vyasa, Narada e aos outros sábios que estavam presentes. 'Eu fui consolado pelas palavras de santos tão notáveis, antigos e idosos como vocês, e eu agora não tenho causa restante para a menor aflição. E igualmente, eu tenho obtido grande riqueza, com a qual eu posso adorar os deuses. Portanto, com sua ajuda, eu irei agora realizar o sacrifício, ó melhores dos seres regenerados. Nós soubemos que aquelas regiões (Himalayan) são cheias de maravilhas. Portanto, ó Brahmana, santo e avô, ordene de modo que sob tua proteção nós possamos alcançar com segurança as montanhas Himalaya, o desempenho do meu sacrifício estando totalmente dentro do teu controle, e então o adorável santo celeste Narada e Devasthana também dirigiram palavras excelentes e bem intencionadas para o nosso bem estar. Nenhum homem infeliz em tempos de grande tribulação e infortúnio jamais teve a boa sorte de assegurar os serviços de semelhantes preceptores e amigos aprovados por todos os homens virtuosos.' Assim endereçados pelo rei, aqueles grandes santos, mandando o rei e Krishna e Arjuna se dirigirem para as regiões Himalayan, desapareceram na presença da multidão reunida, e o rei, o filho nobre de Dharma, então se sentou lá por um tempo. E os Pandavas então, em consequência da morte de Bhishma, estavam ocupados em realizar suas cerimônias fúnebres. E seu tempo, enquanto assim engajados, pareceu também muito longo em passar e realizar os últimos ritos para os restos mortais de Bhishma, Karna e outros Kauravas principais; eles doaram grandes presentes para Brahmanas. E então o principal descendente de Kuru realizou novamente com Dhritarashtra os ritos fúnebres (dos heróis mortos em batalha), e tendo doado riqueza imensa para os Brahmanas, o chefe Pandava com Dhritarashtra na frente, fez esta entrada na cidade de Hastina Nagar, e consolando seu nobre tio, possuidor da visão da sabedoria, aquele príncipe virtuoso continuou a administrar a terra com seus irmãos.'

15

Janamejaya disse, 'Ó melhor dos seres regenerados, quando os Pandavas tinham reconquistado e pacificado seu reino, o que os dois guerreiros, Vasudeva e Dhananjaya, fizeram?'

Vaisampayana disse, 'Ó senhor da terra, Vasudeva e Dhananjaya estavam muito contentes quando os Pandavas tinham conseguido recuperar e pacificar seus domínios, e eles se comportaram com grande satisfação, como Indra e sua consorte nas regiões celestes, e entre cenários de floresta pitorescos, e planaltos

de montanhas, e lugares sagrados de peregrinação, e lagos e rios; eles viajaram com grande prazer como os dois Aswins no jardim Nandana de Indra. E, ó Bharata, Krishna de grande alma e o filho de Pandu (Dhananjaya) entrando na bela sala de reuniões em Indraprastha, passaram seu tempo em grande alegria. E lá, ó príncipe, eles passaram seu tempo em relatar os incidentes excitantes da guerra, e os sofrimentos de suas vidas passadas. E aqueles dois sábios antigos de grande alma, profundamente contentes, relataram a genealogia das linhagens de santos e deuses. Então Kesava, sabendo a total importância de todas as questões, se dirigiu a Partha em uma fala gentil e bela de estilo e significância excelentes. E então Janardana consolou o filho de Pritha afligido pela morte de seus filhos, e milhares de outros parentes. E ele de grande mérito ascético e conhecendo a ciência de todas as coisas tendo-o confortado devidamente, Arjuna descansou por um tempo, como se uma grande carga tivesse sido removida de seu próprio corpo. Então Govinda (Krishna) consolando Arjuna com palavras agradáveis dirigiu estas palavras bem fundamentadas para ele.

Vasudeva disse, 'Ó Arjuna, o terror de teus inimigos, toda esta terra foi conquistada pelo rei, o filho de Dharma, confiando no poder dos teus braços. E, ó melhor dos homens, o rei virtuoso Yudhishthira agora desfruta da soberania da terra sem um rival, pelo poder de Bhimasena e dos irmãos gêmeos. Ó tu que sabes o que é virtude, foi somente pela virtude que o rei pôde recuperar seu reino livre de todos os inimigos (espinhos), e foi pela ação da virtude que o rei Suyodhana foi morto em batalha, e, ó filho de Pritha e pilar da linhagem Kuru, os filhos perversos de Dhritarashtra, avarentos, sempre rudes em palavras, e empenhados em um rumo de conduta injusto, tendo sido exterminados com seus seguidores, o rei, o filho de Dharma e senhor da terra, agora desfruta pacificamente do reino inteiro da terra com tua ajuda, e eu também, ó filho de Pandu, tenho estado passando meu tempo agradavelmente em tua companhia, em meio a cenários de floresta. Ó terror de teus inimigos, o que mais eu preciso te dizer, exceto que onde tu e Pritha, e o rei, o filho de Dharma, e o poderoso Bhimasena e os dois filhos de Madri estão, para lá eu sou atraído com satisfação extraordinária? Ó descendente de Kuru, nestes salões de assembléia encantadores e sagrados e como o paraíso um longo tempo passou rápido em tua companhia sem eu ver Vasudeva, Valadeva e outros líderes da linhagem Vrishni. E agora eu estou desejoso de me dirigir para a cidade de Dwaravati. Portanto, ó mais valente dos homens, concorde com minha partida. Quando o rei Yudhishthira foi atingido pesadamente pela aflição, eu com Bhishma narramos para ele muitas lendas apropriadas adequadas para a ocasião com um propósito de aliviar sua angústia, e o flexível e generoso Yudhishthira, embora nosso soberano e versado em todo o saber, prestou devida atenção às nossas palavras. Aquele filho de Dharma honra a verdade, e é grato e justo, portanto sua virtude e bom senso e a estabilidade do seu poder sempre irão durar. E agora, ó Arjuna, se te agradar, vá até aquele príncipe generoso e fale a ele da minha intenção de partir deste local. Pois, ó tu de braços poderosos, mesmo se a morte viesse a mim, eu não tenho vontade de fazer qualquer coisa que possa desagradá-lo, deixando apenas minha ida para a cidade de Dwaravati. Ó filho de Pritha e descendente de Kuru, eu agora te digo realmente, desejando fazer somente o que é bom e agradável para ti, e

não pode haver nada questionável nisto de nenhuma maneira, que a necessidade para a minha permanência aqui não mais existe, porque, ó Arjuna, aquele monarca o filho de Dhritarashtra foi morto com seus exércitos e servidores, e a terra, meu amigo, com seu cinto de mares e suas montanhas e bosques e florestas, e o reino do rei Kuru cheio de várias pedras preciosas, passou para o domínio daquele sábio filho de Dharma. E, ó príncipe principal da linhagem de Bharata, aquele príncipe virtuoso pode administrar o reino inteiro da terra em justiça, e com o respeito e aprovação de numerosos Siddhas de grande alma, e tendo seus louvores sempre exaltados pelos arautos da corte. Ó comandante da linhagem de Kuru, me acompanhe hoje à presença do rei, o grande aumentador da linhagem Kuru, e anuncie a ele meu retorno planejado para Dwaraka. Como Yudhishthira o rei de grande alma dos Kurus sempre merece meu amor e respeito, eu, ó filho de Pritha, coloquei este meu corpo e toda a riqueza que eu tenho em minha casa à sua disposição. E, ó príncipe Partha (filho de Pritha), quando esta terra veio sob teu domínio e aquele do venerável Yudhishthira de caráter excelente, não resta mais qualquer necessidade da minha permanência aqui exceto por meu afeto por ti.' E, ó monarca, quando o formidável Arjuna tinha sido abordado dessa maneira por Janardana de coração nobre, ele, mostrando todas as devidas honras a ele, respondeu tristemente por dizer apenas 'Assim seja.'

16

Janamejaya disse, "Quando Kesava de grande alma e Arjuna depois de matarem seus inimigos se dirigiram aos lugares de reunião, qual conversação, ó regenerado, ocorreu entre eles?"

Vaisampayana disse, "O filho de Pritha (Arjuna), tendo recuperado seu próprio reino, passou seu tempo alegremente, sem fazer nada mais, na companhia de Krishna, seu coração cheio de deleite, naquele palácio de beleza celestial. Um dia, aqueles dois procederam indiferentemente para uma parte específica do palácio que parecia, ó rei, como uma verdadeira porção do Céu. Eles mesmos cheios de satisfação, eles estavam então cercados por seus parentes e atendentes. O filho de Pandu, Arjuna, cheio de alegria na companhia de Krishna, examinou aquela mansão encantadora, e então se dirigiu ao seu companheiro, dizendo, 'Ó tu de braços poderosos, tua grandeza se tornou conhecida para mim durante a aproximação da batalha. Ó filho de Devaki, tua forma também, como o Senhor do universo, então se tornou conhecida para mim! O que tua pessoa santa me disse naquele momento, ó Kesava, por afeição, foi tudo esquecido por mim, ó chefe de homens, pela inconstância da minha mente. Repetidamente, no entanto, eu tenho estado curioso a respeito do assunto daquelas verdades. Tu, além disso, ó Madhava, retornarás logo para Dwaraka.'"

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por ele, Krishna de energia imensa, aquele principal dos oradores, abraçou Phalguna e respondeu a ele como segue.'

'Vasudeva disse, 'Eu te fiz escutar as verdades que são consideradas como mistérios. Eu comuniquei para ti verdades que são eternas. Na verdade, eu falei para ti sobre Religião em sua forma verdadeira e sobre todas as regiões eternas. É extremamente desagradável para eu saber que tu, por insensatez, não recebeste o que eu te comuniquei. A recordação de tudo aquilo que eu te disse naquela ocasião não virá a mim agora. Sem dúvida, ó filho de Pandu, tu és desprovido de fé e tua compreensão não é boa. É impossível para eu repetir, em detalhes, ó Dhananjaya, tudo o que eu disse naquela ocasião. Aquela religião (sobre a qual eu falei para ti naquele tempo) é mais do que suficiente para compreender Brahma. Eu não posso falar sobre isto outra vez em detalhes. Eu te falei sobre o Brahma Supremo, tendo me concentrado em Yoga. Eu irei agora, no entanto, narrar para ti uma velha história sobre o mesmo tópico. Ó principal de todas as pessoas, cumpridor do dever, escute a tudo o que eu digo agora, de modo que, com uma compreensão adaptada ao meu ensino, tu possas conseguir obter o fim mais sublime. Ó castigador de inimigos, em uma ocasião, um Brahmana veio a nós das regiões do Céu. De energia irresistível, ele veio das regiões do Avô. Ele foi devidamente reverenciado por nós. Escute, ó filho de Pritha, sem ceder a dúvidas de qualquer tipo, ao que ele, ó chefe da linhagem de Bharata, disse, em resposta às nossas perguntas, de acordo com formas celestiais.'

O Brahmana disse, ‘Isso que tu me perguntaste, ó Krishna, ligado com a religião de Moksha (Emancipação), levado por tua compaixão por todas as criaturas (e não para o teu próprio bem), isso, de fato, que destrói toda ilusão, ó tu que és possuidor de força suprema, eu irei agora te dizer devidamente, ó matador de Madhu. Escute com atenção concentrada enquanto eu te falo, ó Madhava. Um Brahmana de nome Kasyapa, possuidor de penitências e a principal de todas as pessoas familiarizadas com os deveres, foi a outro certo Brahmana que tinha se tornado conhecedor de todos os mistérios de religião. De fato, o último tinha dominado todo o conhecimento que as escrituras ensinam a respeito da partida e reaparição dos seres e possuidor daquele conhecimento direto de todas as coisas que o Yoga dá. Ele era bem hábil nas verdades de todos os tópicos relacionados ao mundo. Ele tinha dominado a verdade acerca do prazer e da dor. Ele sabia a verdade sobre o nascimento e a morte, e entendia as distinções entre mérito e demérito. Ele era um contemplador dos fins alcançados pelas criaturas incorporadas superiores e inferiores em consequência de suas ações. Ele vivia como alguém emancipado do mundo. Coroado com sucesso ascético e possuidor de perfeita tranquilidade de alma, ele tinha todos os seus sentidos sob completo controle. Ele parecia brilhar com a resplandecência de Brahma e era capaz de ir a todos os lugares à vontade. Ele conhecia a ciência de desaparecer à vontade perante os olhos de todos. Ele costumava vagar na companhia de Siddhas invisíveis e músicos celestes. Ele costumava sentar e conversar com eles em algum local afastado do alvoroço da humanidade. Ele era independente de todas as coisas como o vento. Kasyapa, tendo ouvido sobre ele realmente, desejou vê-lo. Possuidor de inteligência, aquele principal de todos os Brahmanas se aproximou do sábio. Ele mesmo possuidor de penitências, Kasyapa, movido pelo desejo de adquirir mérito, caiu, com um coração absorto, aos pés do sábio quando

ele tinha visto todos aqueles atributos maravilhosos. Cheio de admiração à visão daquelas habilidades extraordinárias, Kasyapa começou a servir aquele principal de todos os Brahmanas, com a reverência respeitosa de um discípulo servindo seu preceptor e conseguiu propiciá-lo. Por sua devoção, ó opressor de inimigos, prestando a ele a obediência devida de um discípulo a um preceptor, Kasyapa agradou aquele Brahmana que possuía todas aquelas habilidades e era dotado, além disso, de erudição escritural e conduta excelente. Satisfeito com Kasyapa, aquele Brahmana um dia se dirigiu a ele alegremente e falou o seguinte, com um olhar para o sucesso mais sublime. Escute aquelas palavras, ó Janardana, conforme eu as repito.

O asceta coroado com êxito disse, 'Por diversas ações, ó filho, como também pela ajuda de mérito, as criaturas mortais obtêm diversos fins aqui e residência no Céu. Em lugar nenhum está a maior felicidade; em lugar nenhum a residência pode ser eterna. Há repetidas quedas das regiões mais elevadas adquiridas com tal tristeza. Por minha indulgência em pecado, eu tive que alcançar diversos fins miseráveis e inauspiciosos, cheio como eu era de luxúria e ira, e iludido pela cobiça. Eu passei repetidamente pela morte e renascimento. Eu tenho comido diversos tipos de alimento, eu tenho mamado em diversos peitos. Eu tenho visto diversas espécies de mães e diversos pais diferentes uns dos outros. Diversos tipos de felicidade têm sido meus e diversos tipos de miséria, ó impecável. Em diversas ocasiões eu fui separado do que era agradável e unido com o que era desagradável. Tendo ganhado riqueza com grande trabalho eu tenho tido que suportar sua perda. Insultos e miséria excessiva eu tenho recebido do rei e parentes. Dor mental e física, de grande severidade, tem sido minha. Eu tenho sofrido humilhações, e morte e prisão sob circunstâncias de grande rigor. Quedas no Inferno têm sido minhas, e grandes torturas nos domínios de Yama. Decrepitude e doença repetidamente me atacaram, e calamidades, tão frequentes, em medida abundante. Neste mundo eu tenho sofrido repetidamente todas aquelas aflições que fluem de uma percepção de todos os pares de opostos. Depois de tudo isso, um dia, dominado pela tristeza, um desespero absoluto veio sobre mim. Eu me refugiei no Informe. Afligido como eu estava com grande angústia, eu desisti do mundo com todas as suas alegrias e tristezas. Percebendo então este caminho, eu me exercitei nele neste mundo. Depois, por tranquilidade de alma, eu obtive este êxito que tu vês. Eu não terei que vir para este mundo novamente (depois da minha partida daqui). Realmente, até que eu alcance absorção no eterno Brahman, até, de fato, a dissolução final do universo (Mahapralaya), eu serei mero expectador daqueles fins felizes que serão meus, e daqueles seres que constituem este universo. Tendo conseguido este êxito excelente, eu irei, depois de partir deste mundo, proceder para o que está acima deste (isto é, Satyaloka) e dali para o que é mais elevado (isto é, absorção em Brahman). Na verdade, eu chegarei à condição que é o aspecto imanifesto de Brahman. Que nenhuma dúvida seja tua com relação a isto. Ó opressor de inimigos, eu não voltarei para este mundo de criaturas mortais. Ó tu de grande sabedoria, eu fiquei satisfeito contigo. Diga-me o que eu farei por ti. Chegou o momento para a realização daquele propósito pelo qual tu vieste para cá. Na verdade, eu conheço aquele objetivo pelo qual tu me procuraste. Eu logo partirei

deste mundo. Por isso é que eu te dei esta sugestão. Ó tu de grande sabedoria e experiência, eu fiquei muito satisfeito contigo pelo teu comportamento. Questione-me. Eu irei falar sobre o que é benéfico para ti, de acordo com teu desejo. Eu penso que tua inteligência é grande. De fato, eu a elogio muito, pois foi com a ajuda daquela inteligência que tu foste capaz de me reconhecer. Certamente, ó Kasyapa, tu és possuidor de grande inteligência.'

17

Vasudeva disse, 'Tocando os pés daquele sábio, o Brahmana lhe fez algumas perguntas que eram extremamente difíceis de responder. Aquela principal de todas as pessoas justas então falou sobre aqueles deveres que foram aludidos.'

'Kasyapa disse, 'Como o corpo se dissolve, e como outro é adquirido? Como alguém se torna emancipado depois de passar por uma ronda repetida de renascimentos dolorosos? Desfrutando de Prakriti por algum tempo, como Jiva rejeita o corpo específico (que Prakriti dá)? Como Jiva, livre do corpo, chega ao que é diferente disto (isto é, Brahman)? Como um ser humano desfruta (ou sofre os resultados) das ações boas e más feitas por ele? Onde existem as ações de alguém que está livre do corpo?'

(O comentador explica que no total sete perguntas são feitas. A primeira é sobre a dissolução do corpo. A segunda se relaciona à maneira de readquirir um corpo. A terceira se refere à maneira na qual o renascimento pode ser evitado. A quarta se relaciona às causas que operam para dar um corpo a Jiva. Por Prakriti se quer dizer Natureza ou aquela Necedade que é a causa do corpo. A quinta se relaciona a como a Emancipação final ou absorção em Brahman ocorre. A sexta se refere à maneira na qual os resultados das ações são desfrutados ou suportados. A sétima pergunta sobre o modo no qual as ações se vinculam ao Jiva mesmo quando desprovido de um corpo.)

'O Brahmana disse, 'Assim estimulado por Kasyapa, o sábio emancipado respondeu aquelas questões uma após outra. Escute-me, ó descendente da linhagem Vrishni, enquanto eu narro para ti as respostas que ele deu.'

'O sábio emancipado disse, 'Após o esgotamento daquelas ações capazes de prolongar a vida e de ocasionar fama as quais são feitas em um corpo específico que Jiva assume, o Jiva incorporado, com o período de tempo de sua vida diminuído, começa a fazer ações hostis à vida e saúde. Na aproximação da destruição, sua compreensão se desvia da direção apropriada. O homem de alma impura, mesmo depois de uma apreensão correta de sua constituição e força e do período da sua própria vida e do ano, começa a comer em intervalos irregulares e a comer tal alimento que é hostil para ele. (Alimento que é benéfico no verão não o é no inverno, ou aquele que é benéfico na juventude é o contrário na velhice.) Em tal época ele se entrega a práticas que são extremamente prejudiciais. Ele às vezes come excessivamente e às vezes se abstém totalmente de comida. Ele come comida má ou carne má ou toma bebidas más, ou comida que é composta de ingredientes incompatíveis uns com os outros. Ele come alimento que é pesado

além da quantidade que é benéfica, ou antes que o alimento anteriormente ingerido tenha sido digerido. Ele se entrega ao exercício físico e prazer sexual além da medida apropriada, ou por avidez por trabalho, suprime as urgências de seu organismo corpóreo mesmo quando elas se tornam pronunciadas. Ou, ele ingere comida que é muito suculenta, ou se entrega ao sono durante o dia. Comida que não está devidamente digerida, por si mesma excita as falhas, quando chega o momento. (As falhas são três: Vento, Bile e Muco. Quando existindo em um estado de harmonia eles produzem saúde. Quando um é excitado ou dois, ou todos, a indisposição começa. Eles são chamados de dosha ou falhas por causa de sua sujeição a serem excitados e produzirem doença.) De tal excitamento das falhas em seu corpo ele obtém doença terminando na própria morte. Às vezes a pessoa se engaja em atos perversos ou antinaturais como enforcamento (para ocasionar sua morte). Através destas causas o corpo vivo da criatura se dissolve. Entenda corretamente a maneira como eu declaro isto para ti. Incitado pelo Vento o qual se torna violento, o calor no corpo, ficando excitado e alcançando todas as partes do corpo uma depois da outra, reprime todos (os movimentos dos) ares vitais. Saiba realmente que, excitado por todo o corpo o calor se torna muito forte, e penetra toda parte vital onde pode ser dito que a vida reside. Por isto, Jiva, sentindo grande dor, rapidamente parte do seu invólucro mortal. Saiba, ó principal das pessoas regeneradas, que quando as partes vitais do organismo físico ficam assim afligidas, Jiva escapa do corpo, dominado por grande dor. Todas as criaturas vivas são repetidamente afligidas pelo nascimento e morte. É visto, ó principal dos Brahmanas, que a dor que é sentida por uma pessoa quando abandonando seus corpos é como aquela que é sentida por ela quando entrando primeiramente no útero ou quando saindo dele. Suas juntas ficam quase deslocadas e ele deriva muita angústia das águas (do útero). (As torturas sentidas na morte são similares àquelas do nascimento.) Incitado adiante por (outro) vento violento, o vento que está no corpo fica excitado por causa do frio, e dissolve a união da matéria (chamada de corpo) em seus respectivos elementos numerando cinco. Aquele vento que reside nos ares vitais chamados Prana e Apana, encontrados dentro deste composto dos cinco elementos primordiais, se precipita para cima, por uma situação de angústia, deixando a criatura incorporada. É assim mesmo que o vento deixa o corpo. Então é vista a falta de respiração. O homem então fica desprovido de calor, de ar, de beleza, e de consciência. Abandonado por Brahman (pois Jiva é Brahman), a pessoa é falada como morta. Por aqueles ductos através dos quais ele percebe todos os objetos sensuais, o portador do corpo não mais os percebe. É o eterno Jiva que cria no corpo naqueles mesmos ductos os ares vitais que são gerados pelo alimento. Os elementos unidos juntos se tornam em certas partes firmemente unidos. Saiba que aquelas partes são chamadas de órgãos vitais do corpo. Isto é dito dessa maneira nos Sastras. Quando aquelas partes vitais são rompidas, Jiva, erguendo-se, entra no coração da criatura viva e reprime o princípio de animação sem nenhuma demora. A criatura então, embora ainda dotada do princípio de consciência, fracassa em conhecer qualquer coisa. As partes vitais estando todas oprimidas, o conhecimento da criatura viva se torna oprimido pela escuridão. Jiva então, que foi privado de tudo sobre o qual permanecer, é então agitado pelo vento. Ele então, dando uma longa respiração profunda e dolorosa, sai

rapidamente, fazendo o corpo inanimado tremer. Dissociado do corpo, Jiva, no entanto, é cercado por suas ações. Ele fica equipado por todos os lados com todas as suas ações auspiciosas de mérito e com todos os seus pecados. Brahmanas dotados de conhecimento e providos das conclusões certas das escrituras sabem, por indicações, se ele é possuidor de mérito ou do seu contrário. Assim como homens possuidores de olhos vêem o pirilampo aparecendo e desaparecendo em meio à escuridão, homens possuidores da visão do conhecimento e coroados com sucesso de penitências contemplam, com visão espiritual, Jiva quando ele deixa o corpo, quando ele renasce, e quando ele entra no útero. É visto que Jiva tem três regiões designadas para ele eternamente. Este mundo onde criaturas residem é chamado de campo de ação. Realizando ações boas ou más, todas as criaturas incorporadas obtêm os resultados delas. Por suas próprias ações, criaturas adquirem aqui mesmo prazeres superiores ou inferiores. Fazedores de más ações aqui, por consequência daquelas ações deles, obtêm o Inferno. Esta condição de afundar de cabeça para baixo, na qual criaturas são cozidas, é uma de grande miséria. Ela é de tal maneira que uma salvação dela é extremamente difícil. De fato; uma pessoa deve se esforçar duramente para se salvar dessa miséria. Aquelas regiões onde as criaturas moram quando elas ascendem deste mundo eu agora declararei verdadeiramente. Ouça-me com atenção. Por escutares ao que eu digo, tu obterás firmeza de compreensão e um entendimento claro das ações (boas e más). Saiba que aquelas são as regiões de todas as criaturas de ações justas, isto é, os mundos estelares que brilham no firmamento, o disco lunar, e o disco solar também que brilha no universo em sua própria luz. Após o esgotamento, além disso, de seus méritos, elas decaem daquelas regiões repetidamente. Lá, no próprio Céu, há distinção de bem-aventurança inferior, superior, e mediana. Lá, no próprio Céu, há descontentamento à visão de prosperidade mais brilhante do que a sua própria. Estas mesmas são as metas as quais eu mencionei em detalhes. Eu irei, depois disso, te falar sobre a obtenção por Jiva da condição de residência no útero. Ouça-me, com atenção concentrada, ó regenerado, enquanto eu falo para ti!'

18

"O Brahmana disse, 'As ações, boas e más, que um Jiva faz não estão sujeitas à destruição. A partir da obtenção de corpo depois de corpo, aquelas ações produzem frutos correspondentes a elas. Como uma árvore frutífera, quando chega a estação de produtividade, produz uma grande quantidade de frutos, similarmente o mérito, obtido com um coração puro, produz uma grande colheita (de felicidade). Do mesmo modo, o pecado, feito com um coração pecaminoso, produz uma grande colheita de miséria. A Alma (ou Jiva), colocando a mente adiante, se dirige para ação. Ouça então como Jiva, equipado com todos os seus atos e dominado por luxúria e ira, entra no útero. A semente vital, misturada com sangue, entra no útero das mulheres e se torna o campo (de Jiva), bom ou mau, nascido de (seus) atos. Por sua sutileza e da condição de ser imanifesto, Jiva não fica ligado a alguma coisa mesmo depois de obter um corpo. Portanto, ele é chamado de Brahman Eterno. Aquilo (isto é, Jiva ou Brahman) é a semente de

todas as criaturas. É por Ele que as criaturas vivas vivem. Aquele Jiva, entrando em todos os membros do feto parte por parte, aceitando o atributo de mente, e residindo dentro de todas as regiões que pertencem ao Prana, sustenta (a vida). Por isto, o feto se tornando dotado de mente começa a movimentar seus membros. Como ferro liquefeito, derramado (em um molde), toma a forma do molde, saiba que a entrada de Jiva no feto é exatamente dessa maneira. Como fogo, entrando em uma massa de ferro, a esquenta grandemente, saiba que a manifestação de Jiva no feto é de tal modo. Como uma lâmpada, brilhando em um quarto, revela (todas as coisas dentro dele), a mente da mesma maneira revela os diferentes membros do corpo; (isto é, os faz crescerem). Quaisquer atos, bons ou maus, que Jiva fez em um corpo anterior, têm sem dúvida que ser desfrutados ou suportados por ele. Por tal desfrute e tolerância as ações antigas são esgotadas, e outros atos, novamente, se acumulam, até que Jiva consiga obter um conhecimento dos deveres incluídos naquela contemplação que leva à Emancipação. Com referência a isto, eu te direi aqueles atos pelos quais Jiva, ó melhor dos homens, enquanto percorrendo uma repetida ronda de renascimentos, vem a ser feliz. Caridade, práticas de austeridade, Brahmacharya, dirigir-se para Brahman de acordo com as ordenanças prescritas, autodomínio, tranquilidade, compaixão por todas as criaturas, restrição de paixões, abstenção de crueldade como também de se apropriar do que pertence a outros, se abster de fazer até mentalmente todos os atos que sejam falsos e prejudiciais para criaturas vivas sobre a Terra, servir mãe e pai com reverência, honrar divindades e convidados, culto dos preceptores, piedade, pureza, controle constante de todos os órgãos, e ocasionar todas as boas ações, são considerados como constituindo a conduta dos bons. Da prática de tal conduta surge a Virtude que protege todas as criaturas eternamente. Tal conduta alguém verá sempre entre pessoas que são boas. Na verdade, semelhante conduta reside lá eternamente. Aquele rumo de práticas ao qual pessoas de almas tranquilas aderem indica Virtude. Entre elas é lançado aquele rumo de práticas que constitui Virtude eterna. Aquele que se dirigir àquela Virtude nunca terá que chegar a um fim miserável. É pela conduta dos bons que o mundo é contido nos caminhos da Virtude quando ele decai. Aquele que é um Yogin é Emancipado, e é, portanto, distinguido acima destes (isto é, dos bons). A libertação do mundo ocorre, depois de muito tempo, de alguém que age justamente e bem em toda ocasião como ele deve. Uma criatura viva assim sempre encontra com as ações feitas por ela em uma vida passada. Todas aquelas ações constituem a causa pela qual ela vem para este mundo em um estado diferente da sua verdadeira forma. (Jiva, que é puro e imaculado, toma nascimento neste mundo, decaindo de sua posição verdadeira de Brahman devido às suas ações. As ações, além disso, são eternas, nenhum início sendo concebível.) Há uma dúvida no mundo com respeito a esta questão. Pelo que a aceitação (por Jiva) de um corpo foi primeiramente determinada. O Avô de todos os mundos, isto é, Brahma, tendo primeiro formado um corpo para si próprio, então criou os três mundos, em sua totalidade, de criaturas móveis e imóveis. Tendo primeiro ele mesmo assumido um corpo, ele então criou Pradhana. Aquele Pradhana é a causa material de todas as criaturas incorporadas, por quem tudo isto é coberto e a quem todos vieram a conhecer como mais elevado. Isto que é visto é dito que é destrutível; enquanto o outro é imortal e indestrutível. Isto que (é

visto) é dito que é Kshara (o destrutível); aquele, no entanto, o qual é Para (o outro) é o Imortal, (como também) Akshara (o Indestrutível). De cada Purusha tomado separadamente, o todo é dualidade entre estes três. (Cada Purusha é uma dualidade, composta de Kshara e Akshara.) Visto aparecer primeiro em uma forma incorporada, Prajapati (então) criou todos os elementos primordiais e todas as criaturas imóveis. Esta é a audição antiga. Daquela (aceitação de corpo), o Avô ordenou um limite a respeito de tempo, e migrações entre diversas criaturas e volta ou renascimento. Tudo o que eu digo é apropriado e correto, como o que uma pessoa que é dotada de inteligência e que tenha visto sua alma diria sobre este tópico de nascimentos anteriores. A pessoa que considera prazer e dor como inconstantes, a qual, de fato, é a visão correta, que considera o corpo como uma conglomeração profana, e destruição como ordenada em ação, e que lembra que aquele pouco de prazer que há é realmente todo dor, conseguirá atravessar este oceano terrível de migração mundana que é tão difícil de atravessar. Embora atacado por decrepitude e morte e doença, aquele que compreende Pradhana vê com um olhar imparcial aquela Consciência que reside em todos os seres dotados de consciência. Procurando a base suprema, ele então se torna completamente indiferente a todas as (outras) coisas. Ó melhor dos homens, eu agora darei instrução para ti, de acordo com a verdade, a respeito disto. Ó Brahmana erudito, compreenda em inteireza aquele que constitui o conhecimento excelente, conforme eu o declaro, daquela base indestrutível.'"

19

"O Brahmana disse, 'Aquele que se torna absorvido no único receptáculo (de todas as coisas), se libertando até do pensamento de sua própria identidade com todas as coisas, de fato, cessando de pensar até na sua própria existência, rejeitando gradualmente um depois do outro, conseguirá transpor seus limites. Aquele homem que é o amigo de todos, que aguenta tudo, que é ligado à tranquilidade, que tem conquistado todos os seus sentidos, que é desprovido de medo e ira, e que é de alma controlada, consegue se emancipar. Aquele que se comporta em direção a todas as criaturas como em direção a si mesmo, que é contido, puro, livre de vaidade e privado de egoísmo é considerado como emancipado de tudo. Também é emancipado aquele que olha com um olhar igual para vida e morte, prazer e dor, lucro e perda, agradável e desagradável. Está emancipado de todas as maneiras aquele que não cobiça o que pertence a outros, que nunca desconsidera ninguém, que transcende todos os pares de opostos, e cuja alma está livre de atração. Está emancipado aquele que não tem inimigo, nem parente, e nem filho, que rejeitou religião, riqueza, e prazer, e que está livre do desejo ou cupidez. Se torna emancipado aquele que não adquire mérito nem demérito, que rejeita os méritos e deméritos acumulados em nascimentos prévios, que gasta os elementos de seu corpo para obter uma alma tranquilizada, e que transcende todos os pares de opostos. Aquele que se abstém de todas as ações, que está livre do desejo ou cobiça, que considera o universo como não durável ou como igual a uma árvore Aswattha, sempre dotado de nascimento, morte e decrepitude, cuja compreensão está fixada na renúncia, e cujos olhos estão

sempre dirigidos para seus próprios defeitos, logo consegue se emancipar dos grilhões que o retêm. Aquele que vê sua alma destituída de cheiro, de gosto e toque, de som, de pertences, de visão, e incompreensível, se torna emancipado. (A Alma sendo destituída destes se torna Chinmatra, isto é, um Chit puro sem os atributos induzidos sobre ele pela Necedade ou Ignorância.) Aquele que vê sua alma desprovida dos atributos dos cinco elementos como sendo sem forma e causa, sendo realmente desprovida de atributos embora desfrutando deles, se torna emancipado. (Informidade significa sutileza. 'Sem causa' significa incriado ou como idêntico ao Brahman eterno. Dissociação de atributos enquanto desfrutando deles significa condição emancipada.) Abandonando, com a ajuda da compreensão, todos os propósitos relativos a corpo e mente, uma pessoa gradualmente chega à cessação de existência separada, como um fogo não alimentado com combustível. (Nirvana, segundo comentadores ortodoxos, significa a aniquilação ou cessação de existência separada ou individual por absorção no universal e eterno Brahman.) Alguém que está livre de todas as impressões, que transcende todos os pares de opostos, que é desprovido de todos os pertences, e que usa todos os seus sentidos sob a orientação de penitências, se torna emancipado. (As impressões causadas por objetos fora de si mesmo são destruídas por aquelas pertencentes à contemplação. As últimas, além disso, devem ser destruídas antes que a absorção em Brahman possa ocorrer.) Tendo se tornado livre de todas as impressões, alguém então chega a Brahma o qual é Eterno e supremo, e tranquilo, e estável, e permanente, e indestrutível. Depois disto eu declararei a ciência de Yoga à qual não há nada superior, e como Yogins, pela concentração, contemplam a alma perfeita. Eu irei declarar as instruções com relação a isto devidamente. Aprenda de mim aquelas portas pelas quais governando a alma dentro do corpo alguém contempla aquilo que é sem início e fim. Afastando os sentidos de seus objetos, uma pessoa deve fixar a mente na alma; tendo anteriormente passado pelas austeridades mais rigorosas, ela deve praticar aquela concentração da mente que leva à Emancipação. (A fixação da mente na alma é aquela concentração que leva à Emancipação. Isto se torna possível por consequência das austeridades severas praticadas previamente.) Praticante de penitências e sempre praticando a concentração da mente, o Brahmana erudito, dotado de inteligência, deve cumprir os preceitos da ciência de Yoga, contemplando a alma no corpo. Se o bom homem consegue concentrar a mente na alma, ele então, habituado à meditação exclusiva, vê a Alma Suprema em sua própria alma. Autocontrolado, e sempre concentrado, e com todos os seus sentidos completamente dominados, o homem de alma purificada, por tal concentração completa da mente, consegue ver a Alma pela alma. Como uma pessoa vendo um indivíduo não visto em um sonho o reconhece dizendo, ‘Este é ele’, quando ela o vê depois de acordar, da mesma maneira o homem bom tendo visto a Alma Suprema na contemplação profunda do Samadhi a reconhece após acordar do Samadhi. (Ele a reconhece no universo, isto é, considera o universo como sendo nada mais do que a Alma Suprema.) Como alguém vê o núcleo fibroso depois de extraí-lo de uma folha da Saccharum Munja, assim mesmo o Yogin vê a alma, a extraindo do corpo. O corpo é chamado de Saccharum Munja, e o núcleo fibroso é dito que significa a alma. Esta é a ilustração excelente proposta por pessoas familiarizadas com Yoga. Quando o

portador de um corpo contempla adequadamente a alma em Yoga, ele então não tem ninguém que é mestre sobre ele, pois ele então se torna o senhor dos três mundos. (Isto também pode significar 'ele não tem ninguém superior a ele; nem mesmo aquele que é o Senhor do universo.') Ele consegue assumir diversos corpos de acordo com o que ele deseja. Rejeitando decrepitude e morte, ele nem se aflige nem se regozija. O homem autocontrolado, concentrado em Yoga, pode criar (para si mesmo) a divindade dos próprios deuses (ou, tal pessoa se torna o deus dos próprios deuses). Rejeitando seu corpo transitório ele chega ao imutável Brahma. Nenhum temor surge nele mesmo à visão de todas as criaturas caindo vítimas da destruição (diante de seus olhos). Quando todas as criaturas são afligidas, ele nunca pode ser afligido por ninguém. Desprovido de desejo e possuidor de uma mente tranquila, a pessoa em Yoga nunca é abalada por dor e tristeza e medo, os efeitos terríveis que fluem do apego e afeição. Armas nunca o perfuram; a morte não existe para ele. Em nenhum lugar no mundo pode ser visto alguém que é mais feliz do que ele. Tendo concentrado sua alma adequadamente, ele vive firmemente em si mesmo. Afastando decrepitude e dor e prazer, ele dorme em conforto. Rejeitando este corpo humano ele obtém (outras) formas de acordo com sua vontade. Enquanto alguém está desfrutando da soberania que o Yoga concede, ele nunca deve se desviar da dedicação ao Yoga. (Isto é, uma pessoa não deve se desviar da prática de Yoga, tentada pelo poder que o Yoga traz.) Quando alguém, depois de dedicação adequada ao Yoga, vê a Alma em si mesmo, ele então cessa de ter alguma consideração mesmo por aquele de cem sacrifícios (Indra). (O Yogin que não progrediu muito pode ser tentado pelo desejo de desfrute. Aquele, no entanto, se dedicou adequadamente ao Yoga não sente consideração nem pelo próprio Indra.) Ouça agora como alguém, se habituando à meditação exclusiva, consegue atingir o Yoga. Pensando naquele ponto do horizonte que tem o Sol atrás dele (isto é, as instruções prescritas no Vedanta como baseadas nos Srutis), a mente deve ser fixada, não do lado de fora, mas no interior daquela mansão (o corpo) na qual pode acontecer de alguém viver. Residindo dentro daquela mansão, a mente deve então, com todas as suas (operações) externas e internas, contemplar aquele quarto específico (chakra ou centros nervosos começando com aquele que é chamado de muladhara) no qual ele possa estar. Naquele momento quando, tendo meditado profundamente, ele contempla o Todo (isto é, Brahman, a Alma do universo), então não há nada externo a Brahman onde a mente possa residir. Reprimindo todos os sentidos em uma floresta que esteja livre de barulho e que seja inabitada, com a mente fixa nisso, ele deve meditar no Todo (ou Brahman universal) fora e dentro de seu corpo. Ele deve meditar nos dentes, no palato, na língua, na garganta, no pescoço igualmente; ele deve também meditar no coração e nas ligaduras do coração!" (Estas partes do corpo se referem à alimentação e outras operações, todas as quais influenciam a mente e a dispõem para a pureza e o contrário.)

"O Brahmana continuou, 'Assim endereçado por mim, aquele discípulo inteligente, ó matador de Madhu, mais uma vez me perguntou acerca desta religião de Emancipação que é tão difícil de explicar. 'Como o alimento que é comido de tempos em tempos é digerido no estômago? Como ele vem a ser transformado em suco? Como, além disso, em sangue? Como ele nutre a carne, a

medula, os tendões, os ossos? Como todos estes membros das criaturas incorporadas crescem? Como aumenta a força do homem crescente? Como ocorre a fuga de todos os elementos que não são nutritivos, e de todas as impurezas separadamente? Como este inala e também exala? Permanecendo em qual parte específica a Alma mora no corpo? Como Jiva, se esforçando, conduz o corpo? De que cor e de que espécie é o corpo no qual ele mora outra vez (deixando um corpo específico)? Ó santo, cabe a ti me dizer tudo isso com precisão, ó impecável.' Assim mesmo eu fui interrogado por aquele Brahmana erudito, ó Madhava. Eu respondi para ele, ó tu de braços poderosos, da mesma maneira que eu tinha ouvido, ó castigador de todos os inimigos. 'Como alguém colocando algum objeto precioso em sua despensa deve manter sua mente nele, assim, colocando a mente dentro do próprio corpo, alguém deve então, reprimindo todos os sentidos, procurar pela Alma, evitando toda negligência. Uma pessoa, se tornando sempre assídua neste hábito e satisfeita consigo mesma, dentro de um tempo muito curto chegará àquele Brahma por contemplar o qual ela se tornará conhecedora de Pradhana; (isto é, aquilo do qual o universo inteiro tem sido criado). Ele não pode ser apreendido pela visão; nem mesmo por todos os sentidos. É somente com a lâmpada da mente que a grande Alma pode ser vista. Ele tem mãos e pés em todos os lados; ele tem ouvidos em todos os lados; ele vive permeando todas as coisas no mundo. (Isto responde as questões a respeito da forma da Alma.) Jiva contempla a Alma como extraída do corpo (como o caule de uma folha de Saccharum Munja, quando vem o conhecimento). Então rejeitando Brahma como investido com forma, por manter a mente no corpo, ele vê Brahma como livre de todos os atributos. Ele vê a Alma com sua mente, sorrindo por assim dizer no momento. Dependendo daquele Brahma, ele então alcança a Emancipação em mim. (O orador aqui é o visitante regenerado de Krishna. O último está repetindo as palavras daquele visitante. Neste verso, Krishna, esquecendo que ele está meramente recitando as palavras de outro, se refere a ele mesmo como o Brahman Supremo em quem uma pessoa deve imergir para alcançar a Emancipação.) Ó principal dos regenerados, todo este mistério agora foi declarado por mim. Eu peço a tua permissão, pois eu deixarei este local. Tu (também) vá para onde quer que tu queiras.' Assim endereçado por mim, ó Krishna, naquela ocasião, aquele meu discípulo, dotado de penitências austeras, aquele Brahmana de votos rígidos, foi embora segundo seu desejo."

"Vasudeva continuou, 'Aquele melhor dos Brahmanas, ó filho de Pritha, tendo dito estas palavras para mim, naquela ocasião, devidamente relativas à religião de Emancipação, desapareceu. Este discurso foi ouvido por ti, ó filho de Pritha, com a mente dirigida somente em direção a ele? Isto mesmo foi o que tu ouviste naquela ocasião enquanto tu estavas no teu carro. É minha opinião, ó filho de Pritha, que isso é difícil de ser compreendido por alguém cuja compreensão está confusa, ou que não adquiriu sabedoria por meio de estudo, ou que come alimento incompatível com seu corpo, ou cuja Alma não está purificada. Ó chefe da linhagem de Bharata, é um grande mistério entre as divindades isto que foi declarado (para ti). Em nenhum tempo ou lugar, ó filho de Pritha, isto foi ouvido por homem neste mundo. Ó impecável, nenhum outro homem além de ti é digno de ouvir isto. Isto não é, nesta época, capaz de ser compreendido facilmente por

alguém cuja alma interna está confusa. O mundo das divindades está cheio, ó filho de Kunti, com aqueles que seguem a religião das ações. A cessação da forma mortal (por praticar a religião da inação) não é agradável para as divindades. (O céu é a recompensa daqueles que seguem a religião de Pravritti ou ações, tais como sacrifícios, observâncias religiosas, etc. Os seguidores, no entanto, da religião de Nivritti ou inação, isto é, aqueles que se dirigem ao caminho do conhecimento, se tornam emancipados. As divindades derivam seu sustento dos primeiros e se tornam até ciumentos dos últimos, pois o estado emancipado é mais elevado do que aquele das próprias divindades.) Ó filho de Pritha, é a meta mais elevada aquela que é constituída pelo Brahman eterno onde uma pessoa, rejeitando o corpo, obtém imortalidade e se torna sempre feliz. Por aderir a esta religião mesmo aqueles que vêm de nascimento pecaminoso, tais como mulheres e Vaisyas e Sudras, chegam à meta mais sublime. O que dizer então, ó filho de Pritha, de Brahmanas e Kshatriyas possuidores de grande erudição, sempre dedicados aos deveres das suas próprias classes e que estão aplicados (na obtenção) da região de Brahma? Isto tem sido declarado com as razões (nas quais isto se apóia); e também os meios para sua aquisição; e sua obtenção completa e fruto, isto é, Emancipação e a averiguação da verdade com relação à dor. Ó chefe da linhagem de Bharata, não há nada mais que seja repleto de maior felicidade do que isto. Aquele mortal, ó filho de Pandu, que, dotado de inteligência, e fé, e coragem, rejeita como insubstancial o que é considerado como substancial pelo mundo, consegue dentro de pouco tempo alcançar o Supremo por estes meios. Isto é tudo que é para ser dito, não há nada mais que seja mais elevado do que isto. O Yoga acontece no caso daquele, ó filho de Pritha, que se dedica à sua prática constante por um período de seis meses.'"

20

"Vasudeva disse, 'Em relação a isto é citada a narrativa antiga, ó filho de Pritha, da conversa que ocorreu entre um casal. A esposa de certo Brahmana, observando o Brahmana, seu marido, que era um mestre perfeito de todo tipo de conhecimento e sabedoria, sentado em reclusão, disse para ele, 'Para qual região eu irei, dependendo de ti como meu marido, tu que estás sentado, tendo rejeitado todas as ações (religiosas), que és severo em tua conduta em direção a mim, e que és tão sem discernimento? É sabido por nós que uma esposa alcança aquelas regiões que são adquiridas por seu marido. Qual, de fato, é a meta que eu alcançarei, tendo obtido a ti como meu marido?' Assim questionado, aquele Brahmana de alma tranquila então disse para ela, sorridente, 'Ó dama abençoada, eu não estou ofendido com estas tuas palavras, ó impecável. Quaisquer obras que existem que são adotadas com a ajuda de outros, que são vistas (por sua densidade), e que são verdadeiras, são feitas como ações por homens dedicados às ações. Aquelas pessoas que são desprovidas de conhecimento somente armazenam ilusão por ações. Liberdade de ações, além disso, não pode ser obtida neste mundo nem por um momento. Do nascimento à obtenção de uma forma diferente, obras boas ou más, e realizadas por meio de ações, mente, ou palavras, existem em todos os seres. Aqueles caminhos (de ação) que são

caracterizados por objetos visíveis (tais como suco Soma e ghee como libações), sendo destruídos por Rakshasas, me desviando deles eu percebi a base (da alma) que está no corpo, sem a ajuda da alma. (Esta base, diz Nilakantha, é chamada de Avimukta e se encontra entre as sobrancelhas e o nariz.) Lá mora Brahma transcendendo todos os pares de opostos; lá Soma com Agni (ou lá o ducto chamado Ida com o ducto chamado Pingala), e lá aquele estimulador da compreensão (Vayu) sempre se move, sustendo todas as criaturas. (O sentido é este: neste local está Brahman; lá Ida e Pingala se encontram; e lá também está Vayu que incita a compreensão e sustenta todas as criaturas vivas.) É por aquela base que o Avô Brahman e outros, concentrados em Yoga, cultuam o Indestrutível. É por aquela base que homens de erudição e votos excelentes, de almas tranquilas, e de sentidos completamente dominados, se esforçam. Ela não pode ser cheirada pelo sentido do olfato; nem provada pela língua; ou tocada pelos órgãos do tato. É pela mente que ela é alcançada. Ela não pode ser conquistada pela visão. Ela transcende o sentido de audição. Ela é desprovida de cheiro, gosto, toque, e forma como atributos. É dela que procede o universo bem ordenado, e é sobre ela que ele se apóia. Os ares vitais chamados Prana e Apana e Samana e Vyana e Udana fluem dela, e é nela que eles entram novamente. Os ares Prana e Apana se movem entre Samana e Vyana. Quando a alma dorme, ambos Samana e Vyana são absorvidos. Entre Apana e Prana, Udana mora, permeando tudo. Por isso Prana e Apana não abandonam uma pessoa adormecida. Por ele controlar todos os ares vitais, o ar controlador é chamado de Udana. Por isso, proferidores de Brahman praticam penitências as quais têm eu mesmo como sua meta. (A vida mundana é regulada pelos ares vitais. Estes são ligados à Alma e levam às suas manifestações individuais. Udana controla todos os ares. Udana é controlado por penitências. É a penitência então que destrói a ronda de renascimentos e leva à absorção em Brahman.) No meio de todos aqueles ares vitais que consomem uns aos outros e se movem dentro do corpo, resplandece o fogo chamado Vaiswanara composto de sete chamas. O nariz, a língua, o olho, a pele, o ouvido que numera o quinto, a mente, e a compreensão, estas são as sete línguas daquela chama de Vaiswanara. Aquilo que é cheirado, aquilo que é visto, aquilo que é bebido, aquilo que é tocado, como também aquilo que é ouvido, aquilo que é pensado, e aquilo que é compreendido, esses são os sete tipos de combustível para mim. Aquilo que cheira, aquilo que come, aquilo que vê, aquilo que toca, aquilo que ouve numerando o quinto; aquilo que pensa, e aquilo que compreende, esses são os sete grandes sacerdotes oficiantes. Veja, ó abençoado, sacrificadores eruditos devidamente lançando sete libações de sete maneiras nos sete fogos, isto é, aquilo que é cheirado, aquilo que é bebido, aquilo que é visto, aquilo que é tocado, como também aquilo que é ouvido, aquilo que é pensado, e aquilo que é compreendido, os criam em seus próprios ventres. (O sentido parece ser este: aqueles que renunciam aos objetos sensuais podem criá-los quando eles querem. Alguém rejeitando o aroma que tem terra como seu objeto pode criar terra quando ele quer.) Terra, Ar, Éter, Água, e Luz numerada como o quinto, Mente, e Compreensão, esses sete são chamados de ventres (de todas as coisas). Todos os atributos os quais constituem as oferendas sacrificais entram no atributo que é nascido do fogo, e tendo morado dentro daquela residência se tornam renascidos em seus respectivos ventres. Lá também, isto é,

naquilo que gera todos os seres, eles permanecem absorvidos durante o período pelo qual a dissolução dura. Daquilo é produzido cheiro, daquilo é produzido gosto, daquilo é produzido cor, e daquilo é produzido toque; daquilo é produzido som; daquilo surge dúvida; e daquilo é produzida a resolução. Isso é o que é conhecido como a criação sétupla. É dessa mesma maneira que tudo isso era compreendido pelos antigos. Pelas três libações completas e finais o todo se torna repleto de luz.'"

21

"O Brahmana disse, 'Em relação a isto é citada a seguinte história antiga. Compreenda de que tipo é a instituição dos dez Hotris (sacerdotes sacrificantes). O ouvido, a pele, os dois olhos, a língua, o nariz, os dois pés, as duas mãos, o órgão genital, o ducto inferior, e a fala, estes, ó bela, são os dez sacerdotes sacrificantes. Som e toque, cor e gosto, cheiro, palavra, ação, movimento, e a saída da semente vital, da urina e das fezes, são as dez libações. Os pontos do horizonte, Quadrantes, Vento, Sol, Lua, Terra, Fogo, Vishnu, Indra, Prajapati, e Mitra, estes, ó bela, são os dez fogos (sacrificais). Os dez órgãos (de conhecimento e ação) são os sacerdotes sacrificantes. As libações, ó bela, são dez. Os objetos dos sentidos são os combustíveis que são lançados nestes dez fogos, como também a mente, a qual é a concha, e a riqueza (isto é, as ações boas e más do sacrificador). (O que é afirmado nessa passagem é, resumidamente, isto: o ouvido, etc., são os Hotris ou sacerdotes sacrificantes que devem derramar libações no fogo sacrifical. As percepções e funções daqueles órgãos constituem o Havi ou libações que devem ser derramadas. Os pontos, vento, etc., são o Agni ou fogos sagrados nos quais elas devem ser derramadas. Os objetos dos sentidos são o combustível, previamente descrito como Havi ou libações, que devem ser queimados por serem lançados nos fogos.) O que resta é o conhecimento puro, sublime. Nós sabemos que todo este universo foi bem diferenciado (do Conhecimento). Todos os objetos de conhecimento são Mente. O Conhecimento somente percebe (isto é, descobre a Mente sem ser ligado a ela). O conhecedor (ou Jiva), envolvido em forma sutil, vive dentro do corpo grosseiro que é produzido pela semente vital. O condutor do corpo é o fogo Garhapatya (coração). Dele é produzido outro. A Mente é o fogo Ahavaniya. (O fogo Ahavaniya ou mente é a boca.) Nele é derramada a oblação. Disso foi produzido o Veda (ou Palavra); (então nasceu a Mente); a Mente (desejosa de criação) se estabelece no Veda (ou a Palavra). Deles surge forma (ou cor) indistinta por cores específicas. Esta corre em direção à Mente." (Alimento ou fogo, derramado na boca se desenvolve em fala ou palavra. Primeiro surge a palavra, a mente se fixa nela, desejosa de criação.)

"A esposa do Brahmana disse, 'Por que a Palavra surgiu primeiro e por que a Mente surgiu depois, visto que a Palavra começa a existir depois de ter sido pensada pela Mente? Sobre que autoridade pode ser dito que Mati (Prana) se refugia na Mente? Por que, além disso, no sono sem sonhos, embora separado da Mente, o Prana não percebe (todos os objetos)? O que é aquilo que o reprime

então?'" (No sono sem sonhos a mente desaparece totalmente. Se é na mente que o Prana se apóia, porque o Prana também não desaparece? Ele é visto se separar da mente, pois ele continua a existir enquanto a mente não existe. Se é assim, isto é, se existente, como ele deve ser admitido, por que ele não percebe objetos? O que é que reprime seus poderes de percepção?)

"O Brahmana disse, 'O ar Apana, se tornando o senhor (isto é, trazendo o Prana sob seu controle), por tal domínio sobre ele, o faz idêntico com ele mesmo. Aquele movimento reprimido do ar Prana (o qual no momento se torna idêntico àquele do Apana) é citado como sendo o movimento da mente. Por isso a mente é dependente do Prana, não Prana da mente. Portanto, no sono sem sonhos, após o desaparecimento da mente, o Prana não desaparece. Mas já que tu me fizeste uma pergunta acerca da palavra e da mente, eu irei, portanto, relatar para ti uma conversa entre elas. Palavra e Mente, se dirigindo à Alma da matéria, (Prajapati) perguntaram a ele, 'Diga quem entre nós é superior. Ó pujante, dissipe nossa dúvida.' Naquela ocasião, o santo deu esta resposta; 'A mente sem dúvida (é superior).' Para ele a Palavra disse, 'Eu te concedo a realização de todos os teus desejos!' (É através das palavras que frutos desejáveis, visíveis e invisíveis, são obtidos. Naturalmente, palavra significa fala normal e Mantras Védicos.)

"O Brahmana disse, 'Saiba que eu tenho duas mentes, imóvel e móvel. Aquela que é imóvel está, realmente, comigo; a móvel está em seu domínio. (O Brahmana está repetindo a resposta que Bhutatman, isto é, Prajapati ou Jiva, deu para a Palavra. (Imóvel, de acordo com Nilakantha, significa 'aquilo que é perceptível pelos sentidos externos'; e móvel, 'aquilo que está além do alcance dos sentidos', tal como céu, etc. O mundo externo sendo somente uma manifestação da mente, ele é citado aqui como idêntico a ela. Assim, as idéias na mente as quais não são devido aos sentidos, são somente a mente. Esta é a mente móvel. Aquela mente depende da palavra ou as escrituras.) É na verdade chamada de móvel aquela mente que, na forma de Mantra, letra, ou voz, é atribuível ao teu domínio. Por isso, tu és superior (à outra mente a qual tem relação somente com o mundo externo). Mas já que, vindo por tua própria vontade, ó bela, tu entraste na obrigação (acerca da realização de todos os desejos), portanto, me enchendo com fôlego, eu te profiro. A deusa Palavra costumava sempre morar entre Prana e Apana. Mas, ó abençoada, caindo no Apana, embora incitada para cima, por se tornar dissociada de Prana, ela correu para Prajapati e disse, 'Fique satisfeito comigo, ó santo.' O Prana apareceu, mais uma vez nutrindo a Palavra. Por isso, a Palavra, encontrando exalação profunda, nunca profere qualquer coisa. A Palavra sempre flui como dotada de expressão vocal ou não dotada dela; (isto é, como barulhenta e silenciosa). Entre estes dois, a Palavra sem expressão vocal é superior à Palavra com expressão. Como uma vaca dotada de leite excelente, ela (a Palavra sem expressão vocal), produz diversos tipos de significado. Esta sempre produz o Eterno (isto é, Emancipação), falando de Brahman. Ó tu de belos sorrisos, a Palavra é uma vaca, por sua força que é ambas: divina e não divina. Veja a distinção destas duas formas sutis de Palavra que flui.'"

"A esposa do Brahmana disse, 'O que a deusa da Palavra então disse, nos tempos passados, quando, embora impelida pelo Desejo de falar, a Fala não pôde sair?'"

"O Brahmana disse, 'A Palavra que é gerada no corpo por Prana, então alcança o Apana do Prana. Então transformada em Udana e saindo do corpo, envolve todos os quadrantes, com Vyana. Depois disso, ela mora em Samana. Exatamente dessa maneira a Palavra falou antigamente. Por isso a Mente, por ser imóvel, é distinta, e a deusa Palavra, por ser móvel, também é distinta.'"

22

"O Brahmana disse, 'Em relação a isto é citada a história antiga, ó abençoada, de qual é a instituição dos sete sacerdotes sacrificantes. O nariz, o olho, a língua, a pele, e o ouvido numerando o quinto, a mente, e a compreensão, estes são os sete sacerdotes sacrificantes permanecendo distintamente uns dos outros. Residindo no espaço sutil, eles não percebem uns aos outros. Ó bela, conheça estes sacerdotes sacrificantes que são sete por sua natureza.'"

"A esposa do Brahmana disse, 'Como é que morando no espaço sutil estes não percebem uns aos outros? Quais são suas (respectivas) naturezas, ó santo? Diga-me isto, ó senhor.'"

"O Brahmana disse, 'Não conhecer as qualidades (de algum objeto) é ignorância (daquele objeto); enquanto conhecimento das qualidades é (chamado) de conhecimento (do objeto que possui aquelas qualidades). Estes sete nunca conseguem apreender ou conhecer as qualidades uns dos outros. A língua, o olho, o ouvido também, a pele, a mente, e a compreensão, não conseguem perceber cheiros. É só o nariz que os apreende. O nariz, a língua, o ouvido também, a pele, a mente, e a compreensão, nunca conseguem perceber as cores. É somente o olho que as apreende. O nariz, a língua, o olho também, o ouvido, a compreensão, e a mente, nunca conseguem perceber as sensações de tato. É somente a pele que as apreende. O nariz, a língua, o olho, a pele, a mente, e a compreensão, nunca conseguem perceber sons. É só o ouvido que os apreende. O nariz, a língua, o olho, a pele, o ouvido, e a compreensão nunca conseguem perceber a dúvida. É a mente que a percebe. O nariz, a língua, o olho, a pele, o ouvido, e a mente, nunca conseguem apreender determinação (certeza a respeito do conhecimento). É só a compreensão que a apreende. Com relação a isto é citada, ó senhora bela, esta antiga narrativa de uma conversa entre os sentidos e a mente.'"

"A mente disse, 'O nariz não cheira sem mim. (Sem mim) a língua não apreende o gosto. O olho não percebe cor, a pele não sente toque, o ouvido não apreende o som, quando privados de mim. Eu sou o eterno e principal entre todos os elementos. Sempre acontece que desprovidos de mim mesma os sentidos nunca brilham, como habitações vazias de moradores ou fogos cujas chamas foram apagadas. Sem mim, todas as criaturas fracassam em compreender

qualidades e objetos, mesmo com os sentidos se esforçando, assim como combustível que está molhado e seco (falhando em acender um fogo).'"

"Ouvindo estas palavras, os Sentidos disseram, 'Seria verdadeiro o que tu pensas nesta questão, se, de fato, tu pudesses desfrutar de prazeres sem nós mesmos ou nossos objetos. O que tu pensas seria verdade se, quando nós estamos extintos, houvesse satisfação e sustento da vida, e uma continuação dos teus prazeres, ou, se, quando nós estamos absorvidos e objetos estão existindo, tu pudesses ter teus prazeres somente pelo teu desejo, tão realmente quanto tu os tem com nossa ajuda. Se, além disso, tu consideras teu poder sobre nossos objetos como sendo sempre completo, então perceba cor pelo nariz, e gosto pelo olho. Também perceba o cheiro pelo ouvido, e sensações de toque pela língua. Também receba sons pela pele, e igualmente toque pela compreensão. Aqueles que são poderosos não reconhecem o domínio de quaisquer regras. Regras existem somente para aqueles que são fracos. Apreenda prazeres não desfrutados antes; não cabe a ti desfrutar do que foi experimentado antes (por outros). Como um discípulo se dirige a um preceptor para (adquirir) os Srutis, e então, tendo adquirido os Srutis, reside sobre seu significado (por obedecer as suas injunções), assim mesmo tu consideras como teus aqueles objetos que são mostrados por nós, passados ou futuros, em sono ou em vigília. Das criaturas, além disso, que são de pouca inteligência, quando sua mente fica distraída e triste, a vida é vista ser mantida sobre nossos objetos cumprindo suas funções. (Dessa maneira as criaturas podem existir por meio de nós, embora a mente possa estar fora de ordem.) É visto também que uma criatura, depois de ter formado até inúmeros propósitos e se entregado a sonhos, quando afligida pelo desejo de desfrutar, corre para objetos dos sentidos imediatamente. (Ambos, propósitos mentais e sonhos, tendo falhado em satisfazê-la.) Alguém entrando em prazeres dependendo somente de propósitos mentais e não relacionados com objetos reais de sentido, sempre encontra com a morte após o esgotamento dos ares vitais, como um fogo após o término do combustível. É verdade que nós temos conexões com nossos respectivos atributos; é verdade que nós não temos conhecimento dos atributos uns dos outros. Mas sem nós tu não podes ter percepção. Sem nós nenhuma felicidade pode chegar a ti.'"

23

"O Brahmana disse, 'A respeito disso, ó dama abençoada, é narrada a antiga história sobre qual é o tipo da instituição dos cinco sacerdotes sacrificantes. Os eruditos reconhecem como um grande princípio que Prana e Apana e Udana e Samana e Vyana são os cinco sacerdotes sacrificantes.'"

"A esposa do Brahmana disse, 'Que naturalmente há sete sacerdotes sacrificantes era a minha convicção anterior. Que o grande princípio seja declarado para mim quanto a como, realmente, é cinco o número dos sacerdotes sacrificantes.'"

'O Brahmana disse, 'O vento estimulado pelo Prana subsequentemente toma nascimento em Apana. O vento estimulado em Apana então se torna desenvolvido em Vyana. Fomentado por Vyana, o vento é então desenvolvido em Udana. Estimulado em Udana, o vento é então gerado como Samana. Aqueles bons seres nos tempos passados questionaram o Avô primogênito, dizendo; ‘Diga quem entre nós é o principal. Ele (a quem tu indicares) será nosso chefe.'

"Brahmana disse, 'Ele após cuja extinção todos os ares vitais se tornam extintos nos corpos das criaturas vivas, ele sobre cujo movimento eles se movem, é realmente o principal (entre vocês). Vão para onde vocês quiserem.'"

"Prana disse, 'Após minha extinção todos os ares vitais se tornam extintos nos corpos das criaturas vivas. Sobre meu movimento eles também se movem. Eu sou (portanto) o principal. Vejam, eu entro em extinção!'"

"O Brahmana continuou, 'Prana então se tornou extinto e mais uma vez se movimentou. Então Samana e Udana também, ó abençoada, disseram estas palavras; ‘Tu não moras aqui, permeando tudo isto, como nós fazemos. Tu não és o principal entre nós, ó Prana. (Somente) Apana está sob teu domínio.’ Prana então se moveu, e para ele Apana falou.'"

"Apana disse, 'Quando eu me torno extinto, todos os ares vitais se tornam extintos nos corpos das criaturas vivas. Quando eu me movo, elas também movem. Eu sou, portanto, o principal. Veja, eu entro em extinção!'"

"O Brahmana continuou, 'Para Apana que disse isso, Vyana e Udana disseram; ‘Ó Apana, tu não és o principal. (Somente) Prana está sob teu domínio.’ Então Apana começou a se mover. Vyana mais uma vez se dirigiu a ele dizendo, ‘Eu sou o principal de todos (os ares vitais). Escute por que razão. Quando eu me extingo, todos os ares vitais se extinguem nos corpos das criaturas vivas. Quando eu me movo, elas também se movem. Eu sou (portanto) o principal. Veja, eu entro em extinção!'"

"O Brahmana continuou, 'Então Vyana entrou em extinção e mais uma vez começou a se mover. Nisto, Prana e Apana e Udana e Samana se dirigiram a ele, dizendo, 'Tu não és o principal entre nós, ó Vyana! (Somente) Samana está sob teu domínio.’ Vyana então começou a se mover e Samana disse para ele, ‘Eu sou o principal de vocês todos. Escutem por qual razão. Quando eu me torno extinto, todos os ares vitais se extinguem nos corpos das criaturas vivas. Quando eu começo a me mover, elas também se movem. Por isso eu sou o principal. Vejam, eu entro em extinção!’ Então Samana começou a se mover. Para ele Udana disse, ‘Eu sou o principal de todos os ares vitais. Escute por que razão. Quando eu me torno extinto, todos os ares vitais se extinguem nos corpos das criaturas vivas. Quando eu me movo elas também se movem. Por isso eu sou o principal. Vejam, eu entro em extinção!’ Então Udana, depois de ter entrado em extinção, começou mais uma vez a se mover. Prana e Apana e Samana e Vyana disseram para ele; ‘Ó Udana, tu não és o principal entre nós, somente Vyana está sob teu domínio.'"

"O Brahmana continuou, 'Para eles reunidos juntos, o Senhor das criaturas, Brahma, disse, 'Nenhum de vocês é superior aos outros. Vocês são todos dotados de atributos específicos. Todos são os mais importantes em suas próprias esferas, e todos possuem atributos especiais.' Assim falou para eles, que estavam reunidos, o Senhor de todas as criaturas. 'Há um que é imóvel, e um que é móvel. Por atributos especiais, há cinco ares vitais. Meu próprio eu é um. Aquele um se multiplica em muitas formas. Tornando-se amistosos uns para os outros, e satisfazendo uns aos outros, vão em paz. Bênçãos para vocês, sustentem uns aos outros!'"

24

"O Brahmana disse, 'Com relação a isto é citada a antiga história da conversa entre Narada e o Rishi Devamata.'"

"Devamata disse, 'O que, na verdade, vem primeiro à existência, de uma criatura que toma nascimento? É Prana, ou Apana, ou Samana, ou Vyana, ou Udana?'"

"Narada disse, 'Por qualquer que a criatura seja criada, chega a ela primeiro aquele que é diferente (ou separado dela). Os ares vitais devem ser conhecidos como existindo em pares, isto é, aqueles que se movem transversalmente, para cima, e para baixo.'"

"Devamata disse, 'Por quem (entre os ares vitais) uma criatura é produzida? Quem (entre) eles vem primeiro? Diga-me quais são os pares de ares vitais que se movem transversalmente, para cima, e para baixo.'"

"Narada disse, 'De Sankalpa (desejo) surge Prazer. Ele também provém do som. Ele surge também do gosto; ele surge também da cor. Do sêmen, unido com sangue, primeiro flui Prana. Após o sêmen ser modificado por Prana, flui Apana. O prazer provém do sêmen também. Ele surge do gosto também. Esta é a forma (efeito) de Udana. Prazer é produzido da união. Sêmen é gerado pelo desejo. Do desejo é produzido o fluxo menstrual. Na união de sêmen e sangue, gerada por Samana e Vyana, o par que consiste em Prana e Apana, entra, se movendo transversalmente e para cima, Vyana e Samana formam um par que se move transversalmente. Agni (fogo) é todas as divindades. Este mesmo é o ensino do Veda. O conhecimento de Agni surge em um Brahmana com inteligência. A fumaça daquele fogo é da forma (do atributo chamado) Ignorância. O atributo que é conhecido pelo nome de Paixão está em suas cinzas. A qualidade de Bondade resulta daquela parte do fogo na qual a oblação é derramada. (A chama ardente é o atributo de Bondade.) Aqueles que estão familiarizados com sacrifícios sabem que Samana e Vyana são do atributo de Bondade. Prana e Apana são porções da oblação (de manteiga clarificada). Entre eles está o Fogo. Aquele é a forma (ou base) excelente de Udana, como os Brahmanas sabem. Escute enquanto eu digo o qual é distinto dos pares. Dia e Noite constituem um par. Entre eles está o Fogo. Aquele é o alicerce excelente de Udana como os Brahmanas sabem. O existente

e o inexistente formam um par. Entre eles está o Fogo. Aquele é a base excelente de Udana como os Brahmanas sabem. Primeiro é Samana; então Vyana. A função do último é gerenciada por este (isto é, Samana). Então, em segundo lugar, Samana mais uma vez entra em operação. Somente Vyana existe para a tranquilidade. A tranquilidade é o Brahman eterno. Esta é a base excelente de Udana como os Brahmanas sabem.'"

25

"O Brahmana disse, 'Em relação a isto é narrada a antiga história de qual é a instituição do Chaturhotra (sacrifício). Estão agora sendo devidamente declaradas as ordenanças disso em sua totalidade. Ouça-me, ó dama amável, enquanto eu declaro esse mistério extraordinário. O agente, o instrumento, a ação e a Emancipação, estes, ó dama bela, são os quatro sacerdotes sacrificantes por quem o universo é envolvido. Ouça em sua totalidade a atribuição de causas (relativas a este tópico). O nariz, a língua, o olho, a pele, o ouvido numerando o quinto, a mente, e a compreensão, estes sete devem ser entendidos como sendo causados pelo (conhecimento das) qualidades. Cheiro, gosto, cor, som, toque, numerando o quinto, os objetos da mente, e os objetos da compreensão, estes sete são causados pela ação. Aquele que cheira, aquele que come, aquele que vê, aquele que fala, aquele que ouve, numerando o quinto, aquele que pensa, e aquele que compreende, estes sete devem ser conhecidos como causados pelo agente. Possuidores de qualidades (que são bondade, paixão e ignorância), estes (ação, agente e instrumento) desfrutam de suas próprias qualidades, agradáveis ou desagradáveis. Com relação à Alma, ela é desprovida de qualidades. Estes sete são as causas da Emancipação. Para aqueles que são eruditos e possuidores de compreensão suficiente, as qualidades, as quais estão na posição de divindades, comem as oblações, cada uma em seu lugar apropriado, e de acordo com o que é ordenado. A pessoa que é desprovida de erudição, comendo diversos tipos de alimento, vem a ser tomada pelo senso de ‘meu’. (O que é afirmado nesses dois versos é isto: são os Sentidos que desfrutam, e não a Alma. Isto é bem conhecido por aqueles que são eruditos. Por outro lado, aqueles que não são eruditos consideram isto ou aquilo como sendo deles, quando na realidade eles são diferentes deles. Eles são deles mesmos, e não seus sentidos, embora eles considerem a si mesmos como os últimos, se identificando de modo ignorante com coisas as quais eles não são.) Digerindo alimento para si mesmo, ele vem a ser arruinado pelo senso de ‘meu’. Comer alimento que não deve ser comido, e beber vinho, o arruínam. Ele destrói a comida (que ele ingere), e tendo destruído aquela comida, ele mesmo vem a ser destruído. O homem de conhecimento, no entanto, sendo possuidor de força, destrói sua comida para reproduzi-la. A menor transgressão não surge nele da comida que ele ingere. O que quer que seja pensado pela mente, o que quer que seja proferido pela fala, o que quer que seja ouvido pelos ouvidos, o que quer que seja visto pelos olhos, o que quer que seja tocado pelo (sentido do) tato, o que quer que seja cheirado pelo nariz, constituem oblações de manteiga clarificada as quais devem todas, depois de controlar os sentidos com a mente numerando o sexto, ser despejadas naquele

fogo de grandes méritos que queima dentro do corpo, isto é, a Alma. (Isto é, controlando os sentidos e a mente, os objetos daqueles sentidos e a mente devem ser derramados como libações no fogo sagrado da Alma que está dentro do corpo.) O sacrifício constituído por Yoga está seguindo com relação a mim mesmo. A fonte de onde aquele sacrifício procede é aquela que produz o fogo do conhecimento. O ar vital Prana ascendente é o Stotra daquele sacrifício. O ar vital Apana descendente é seu Sastra. A renúncia de tudo é o Dakshina excelente daquele sacrifício. Consciência, Mente, e Compreensão, estes se tornando Brahma, são seu Hotri, Adhwaryyu, e Udgatri. O Prasastri, seu Sastra, é a verdade. (Isto é, a verdade é o Sastra do Prasastri.) A cessação da existência separada (ou Emancipação) é o Dakshina. Em relação a isto, pessoas conhecedoras de Narayana recitam alguns Richs. Para o divino Narayana animais eram oferecidos antigamente. (Os animais oferecidos antigamente para Narayana; que aqui significa Veda ou Alma; eram os sentidos oferecidos como sacrifícios.) Então são cantados alguns Samanas. Sobre este assunto há uma autoridade. Ó tímida, saiba que o divino Narayana é a alma de todos.'"

26

"O Brahmana disse, 'Há um Soberano. Não há segundo além dele. Ele que é Soberano reside no coração. Eu agora falarei dele. Impelido por Ele eu me movo como ordenado, como água ao longo de uma superfície inclinada. Há um Preceptor. Não há segundo além dele. Ele reside no coração, e dele eu falarei agora. Seja instruída por aquele preceptor; aqueles que são sempre dotados de sentimentos de animosidade são como cobras. Há um parente. Não há segundo além dele. Ele reside no coração, dele eu falarei agora. Instruídos por ele, parentes se tornam possuidores de parentes, e os sete Rishis, ó filho de Pritha, brilham no firmamento. Há um dissipador (de todas as dúvidas). Não há segundo além dele. Ele reside no coração. Dele eu falarei agora. Tendo vivido com aquele instrutor de acordo com o modo de vida apropriado, Sakra obteve a soberania de todos os mundos. Há um inimigo. Não há segundo além dele. Ele reside no coração. Dele eu falarei agora. Instruídas por aquele preceptor todas as cobras no mundo são sempre dotadas de sentimentos de animosidade. Em relação a isto é citada a história antiga da instrução das cobras, das divindades, e dos Rishis pelo Senhor de todas as criaturas. As divindades e os Rishis, as cobras, e os Asuras, sentados em volta do Senhor de todas as criaturas, o solicitaram, dizendo, 'Que aquilo que é altamente benéfico para nós seja declarado.' Para eles que tinham perguntado sobre o que é altamente benéfico, o santo proferiu somente a palavra 'Om', a qual é Brahman em uma sílaba. Ouvindo isto, eles fugiram em várias direções. Entre eles que assim fugiram em todas as direções por desejo de instrução de si mesmos, primeiro surgiu a disposição de morder nas cobras. Dos Asuras, a disposição, nascida de sua natureza para ostentações, orgulho surgiu. As divindades se dirigiram às doações, e os grandes Rishis ao autodomínio. Tendo se dirigido a um professor, e tendo sido instruídos (refinados) por uma palavra, as cobras, as divindades, os Rishis, e os Danavas, todos se dirigiram para diversas disposições diferentes. É aquele único que ouve a si mesmo quando

falando, e compreende isto devidamente. Ao mesmo tempo, além disso, é aquilo ouvido dele quando ele fala. (Isto é, é Ele que é o preceptor e o discípulo.) Não há segundo preceptor. É em obediência aos seus conselhos que a ação flui subsequentemente. O instrutor, aquele que compreende, o ouvinte, e o inimigo, são satisfeitos dentro do coração. Por agir pecaminosamente no mundo é ele que se torna uma pessoa de atos pecaminosos. Por agir auspiciosamente no mundo, é ele que se torna uma pessoa de atos auspiciosos. É ele que se torna uma pessoa de conduta desenfreada por ficar viciado nos prazeres dos sentidos, impelido pelo desejo. É ele que se torna um Brahmacharin por sempre se dedicar à subjugação de seus sentidos. É ele, além disso, que rejeita votos e ações e toma refúgio em Brahman somente. Por se movimentar no mundo, enquanto se identifica com Brahman, ele se torna um Brahmacharin. Brahman é seu combustível; Brahman é seu fogo; Brahman é sua origem; Brahman é sua água; Brahman é seu preceptor: ele está absorvido em Brahman. Brahmacharya é assim mesmo sutil, como compreendido pelos sábios. Tendo compreendido isso, eles se dirigem a isso, instruídos pelo Kshetrajna!'"

27

"O Brahmana disse, 'Tendo cruzado aquela fixidez intransponível (do mundo) a qual tem propósitos como seus moscardos e mosquitos, dor e alegria como seu frio e calor, negligência como sua escuridão cegante, cobiça e doenças como seus répteis, riqueza como seu perigo na estrada, e luxúria e ira seus ladrões, eu entrei na extensa floresta de (Brahman)'"

"A esposa do Brahmana disse, 'Onde está aquela principal, ó tu de grande sabedoria? Quais são suas árvores? Quais seus rios? Quais suas montanhas e colinas? Quão longe é aquela floresta?'"

"O Brahmana disse, 'Não existe nada que esteja separado dela. Não há nada mais encantador do que ela. Não há nada que não esteja separado dela. Não há nada mais aflitivo do que ela. Não há nada menor do que ela. Não há nada mais vasto do que ela. Não há nada mais diminuto do que ela. Não há felicidade que possa se parecer com ela. Pessoas regeneradas, entrando nela, imediatamente transcendem alegria e tristeza. Eles (então) nunca sentem medo de alguma criatura, nem alguma criatura tem medo deles. Naquela floresta há sete árvores grandes, sete frutos, e sete convidados. Há sete eremitérios, sete (formas) de concentração Yoga, e sete (formas) de iniciação. Essa é uma descrição daquela floresta. (As sete árvores grandes são os cinco sentidos, a mente, e a compreensão. Os frutos são os prazeres e dores derivados de ou através deles. Os convidados são os poderes de cada sentido, pois são eles que recebem aqueles prazeres e dores. Os eremitérios são aquelas mesmas árvores sob as quais os convidados se abrigam. As sete formas de Yoga são as extinções dos sete sentidos. As sete formas de iniciação são a rejeição, uma após outra, das ações dos sete sentidos.) As árvores que se encontram lá ocupando aquela floresta produzem flores e frutos excelentes de cinco cores. As árvores que se encontram lá ocupando aquela floresta produzem flores e frutos que são de cores

excelentes e são, além disso, de duas espécies. As árvores que se encontram lá ocupando aquela floresta produzem flores e frutos que são dotados de fragrância e que são, além disso, de duas cores. As árvores que se encontram lá ocupando aquela floresta produzem flores e frutos que são possuidores de fragrância e que são, além disso, de uma cor. As duas árvores que se encontram lá ocupando aquela floresta produzem muitas flores e frutos que são de cores imanifestas. Há um fogo aqui, possuidor de uma boa mente. Ele está relacionado com Brahmana. Os cinco sentidos são o combustível aqui. As sete formas de Emancipação fluindo deles são as sete formas de Iniciação. As qualidades são os frutos, e os convidados comem aqueles frutos. Lá, em diversos lugares, os grandes Rishis aceitam hospitalidade. Quando eles, tendo sido adorados, vêm a ser aniquilados, então outra floresta resplandece. Naquela floresta, Inteligência é a árvore; Emancipação é o fruto; Tranquilidade é a sombra da qual ela é possuidora. Ela tem conhecimento como sua casa de descanso, contentamento como sua água, e o Kshetrajna como seu sol. Seu fim não pode ser averiguado para cima, para baixo, ou horizontalmente. Sete fêmeas sempre moram lá, com rostos para baixo, possuidoras de refulgência, e dotadas da causa de gerações. Elas absorvem todos os diferentes gostos de todas as criaturas, assim como a inconstância absorve a verdade. Naquela mesma moram, e dela emergem os sete Rishis que são coroados com sucesso ascético, com aqueles sete tendo Vasishtha como seu principal. Glória, resplendor, grandeza, iluminação, vitória, perfeição, e energia, esses sete sempre seguem esta assim como raios seguindo o sol. Colinas e montanhas também existem lá, reunidas juntas; e rios e correntes levando águas em seu curso, águas que são nascidas de Brahma. E lá acontece também uma confluência de rios no local isolado para sacrifício. De lá aqueles que estão contentes com suas próprias almas procedem para o Avô. Aqueles cujos desejos foram reduzidos, cujos desejos estão direcionados para votos excelentes, e cujos pecados foram queimados por penitências, se fundindo em suas almas, conseguem chegar a Brahman. Tranquilidade é louvada por aqueles que estão familiarizados com a floresta do conhecimento. Mantendo aquela floresta em vista, eles tomam nascimento de modo a não perderem coragem. Assim mesmo é aquela floresta sagrada que é compreendida por Brahmanas, e compreendendo-a, eles vivem (de acordo com a ordenança), dirigidos pelo Kshetrajna.'"

28

"O Brahmana disse, 'Eu não cheiro perfumes. Eu não percebo gostos. Eu não vejo cores. Eu não toco. Eu igualmente não ouço os diversos sons (que surgem). Nem eu nutro propósitos de qualquer tipo. É a Natureza que deseja tais objetos que são desejados; é a Natureza que odeia tais objetos que são indesejados. Desejo e aversão provêm da Natureza, da mesma maneira dos ares vitais ascendentes e descendentes quando almas entram em corpos animados. Separados deles estão outros; neles estão disposições eternas; (estes como também) a alma de todas as criaturas, Yogins veriam no corpo. Residindo nele, eu nunca estou ligado a alguma coisa por desejo e ira, e decrepitude e morte. Não tendo qualquer desejo por algum objeto de desejo, e não tendo qualquer aversão

por algum mal, não há mácula em minhas naturezas, como não há mancha de uma gota de água nas (folhas do) lótus. Deste (princípio) constante que é mero espectador das diversas naturezas, elas são posses inconstantes. Embora ações sejam realizadas, contudo o conjunto de prazeres não se vincula a elas, assim como o conjunto de raios do sol não se vincula ao céu. Em relação a isto é contada uma história antiga de uma conversa entre um Adhwaryu e um Yati. Ouça-a, ó dama gloriosa. Contemplando um animal salpicado com água em uma cerimônia sacrifical, um Yati disse para o Adhwaryu sentado lá estas palavras em repreensão, 'Isto é destruição de vida!' Para ele o Adhwaryu disse em resposta, 'Esta cabra não será destruída. O animal (sacrificado) encontra com grande bem, se a declaração Védica sobre este assunto é verdadeira. Aquela parte desse animal que é da terra irá para a terra. Aquela parte dele que é nascida da água irá entrar na água. Seu olho entrará no sol; seu ouvido entrará nos diferentes pontos do horizonte; seus ares vitais entrarão no céu. Eu que sigo as escrituras não incorro em erro (por ajudar na morte desse animal).'"

"O Yati disse, 'Se tu vês tal bem para a cabra nessa dissociação com (seus) ares vitais, então este sacrifício é para a cabra. Que necessidade tu tens dele? Que o irmão, pai, mãe, e amigo (dessa cabra) te dêem sua aprovação nisto. Levando-a (até eles) os consulte. Esta cabra é especialmente dependente. Cabe a ti ver aqueles que podem dar seu consentimento nisto. Depois de ouvir seu consentimento; a questão virá a ser adequada para consideração. Os ares vitais dessa cabra foram feitos voltarem para suas respectivas fontes. Somente o corpo inanimado permanece. Isto é o que eu penso. Daqueles que desejam desfrutar de felicidade por meio do corpo inanimado (de um animal) o qual é comparável com combustível, o combustível (do sacrifício) é afinal o próprio animal. Abstenção de crueldade é a principal de todas as divindades. Este é o ensino dos mais velhos. Nós sabemos que esta é a proposição: 'Não matar (criaturas vivas).' Se eu disser qualquer coisa além disso, (então parecerá que) diversos tipos de atos errados podem ser feitos por ti. Sempre se abster de crueldade para com todas as criaturas é o que encontra com nossa aprovação. Nós estabelecemos isso a partir do que é diretamente perceptível. Nós não confiamos no que está além da percepção direta.'"

"O Adhwaryu disse, 'Tu desfrutas das propriedades do olfato que pertencem à terra. Tu bebes os sabores que pertencem à água. Tu vês cores que pertencem aos corpos iluminados. Tu tocas as propriedades que têm sua origem no ar. Tu ouves os sons que têm sua origem no espaço (ou éter). Tu pensas pensamentos com a mente. Todos esses entes, é tua opinião, têm vida. Tu então não te absténs de tirar vida. Realmente, tu estás dedicado à matança. Não pode haver movimento sem matança. Ou, o que pensas, ó regenerado?'"

"O Yati disse, 'O Indestrutível e o Destrutível constituem a dupla manifestação da alma. Desses o Indestrutível existe. O Destrutível é dito que é extraordinariamente inexistente. O ar vital, a língua, a mente, a qualidade de bondade, junto com a qualidade de paixão, são todos existentes. O Atman está acima dessas formas e por isso é sem dualidade e expectativa. Com relação a alguém que está livre desses objetos existentes, que transcende todos os pares

de opostos, que não nutre nenhuma esperança, que é igual para todas as criaturas, que está livre da idéia de ‘meu’, que subjugou a si mesmo, e que está livre de todos os seus circundantes, para ele nenhum medo existe de nenhuma fonte!’”

(O sentido parece ser este; os ares vitais indicam as operações dos vários órgãos de ação: a língua, que aqui significa todos os órgãos de percepção, das percepções sensuais; a mente, de todas as operações internas; a qualidade de bondade, de todo prazer; e a qualidade de paixão, de todos os tipos de dor. Esses, portanto, incluem a totalidade dos mundos internos e externos. Aquele que está livre desses transcende o pecado, pois o pecado é destruído por liberdade desses, conhecimento sendo o modo de obter aquela liberdade.)

"O Adhwaryu disse, 'Ó principal dos homens inteligentes, uma pessoa deve residir com aqueles que são bons. Ouvindo tua opinião minha compreensão brilha com luz. Ó ilustre, eu venho a ti, acreditando que tu és um deus; e eu digo que eu não tenho culpa, ó regenerado, por realizar estes ritos com a ajuda de Mantras!' (Por fazer estes ritos com a ajuda de Mantras eu fiz aquilo que tem sido aprovado desde eras passadas por aqueles que foram sempre considerados sábios. Meus olhos, no entanto, agora foram abertos por ti. Eu não devo ser considerado responsável pelo que eu fiz enquanto eu era ignorante.)

"O Brahmana continuou, 'Com essa conclusão, o Yati ficou calado depois disto. O Adhwaryu também prosseguiu com o grande sacrifício, livre de ilusão. Os Brahmanas compreendem a Emancipação, a qual é extremamente sutil, como sendo deste tipo e tendo-a compreendido, eles vivem consequentemente dirigidos pelo Kshetrajna, aquele observador de todos os tópicos.'"

29

"O Brahmana disse, 'Em relação a isto é citada a história antiga, ó senhora, da conversa entre Karttaviryya e o Oceano. Havia um rei de nome de Karttaviryya-Arjuna que era dotado de mil braços. Ele conquistou, com seu arco, a Terra, se estendendo até as margens do oceano. Foi ouvido por nós que, uma vez, enquanto ele estava andando nas margens do mar, orgulhoso de seu poder, ele despejou centenas de flechas naquele vasto receptáculo de águas. O Oceano, se curvando a ele, disse, com mãos unidas, ‘Ó herói, não atire tuas flechas (em mim)! Diga o que eu devo fazer por ti. Com essas setas poderosas atiradas por ti, aquelas criaturas que se abrigaram em mim estão sendo mortas, ó tigre entre reis. Ó senhor, lhes conceda segurança.'"

"Arjuna disse, 'Se existe algum manejador de arco que seja igual a mim em batalha, e que ofereceria resistência a mim no campo, mencione-o para mim!'"

"O Oceano disse, ‘Se tu ouviste, ó rei, do grande Rishi Jamadagni, seu filho é competente para te receber devidamente como um hóspede.’ Então aquele rei procedeu, cheio de grande ira. Chegando naquele retiro, ele encontrou o próprio Rama. Com seus parentes ele começou a fazer muitas ações que eram hostis

para Rama, e causou muito incômodo àquele herói de grande alma. Então a energia de Rama, que era incomensurável, resplandeceu, queimando as tropas do inimigo, ó de olhos de lótus. Pegando seu machado de combate, Rama de repente empregou seu poder, e cortou aquele herói de mil braços, como uma árvore de muitos ramos. Vendo-o morto e prostrado no chão, todos os seus parentes, se reunindo, e erguendo seus dardos, avançaram em Rama, que estava então sentado, de todos os lados. Rama também, erguendo seu arco e subindo rapidamente em seu carro, disparou chuvas de setas e castigou o exército do rei. Então, alguns dos Kshatriyas, afligidos com o terror do filho de Jamadagni, entraram em fortalezas montanhosas, como veados afligidos pelo leão. Deles que foram incapazes, por medo de Rama, de cumprir os deveres ordenados para sua classe, a progênie se tornou Vrishalas devido a sua inabilidade de encontrar Brahmanas. (Kshatriyas sempre precisam de Brahmanas para ajudá-los em suas ações. Estes Kshatriyas específicos, por medo de Rama, fugiram para florestas e montanhas. Eles não podiam, consequentemente, encontrar Brahmanas para ajudá-los. Seus filhos, portanto, decaíram da posição de Kshatriyas e se tornaram Vrishalas ou Sudras.) Dessa maneira Dravidas e Abhiras e Pundras, junto com os Savaras, se tornaram Vrishalas por causa daqueles homens que tinham deveres Kshatriya designados para eles (por seu nascimento), decaindo (daqueles deveres). Então os Kshatriyas que foram gerados pelos Brahmanas em mulheres Kshatriya que tinham perdido seus filhos heróicos, foram repetidamente destruídos pelo filho de Jamadagni. O massacre ocorreu vinte e uma vezes. Em seu término uma voz incorpórea, gentil e procedendo do céu, e que foi ouvida por todas as pessoas, falou para Rama, 'Ó Rama, ó Rama, desista! O que de apropriado tu vês, ó filho, em destruir assim repetidamente esses Kshatriyas inferiores?' Dessa maneira, ó dama abençoada, seus avôs, encabeçados por Richika, se dirigiram àquele de grande alma, dizendo; 'Desista.' Rama, no entanto, incapaz de perdoar a morte de seu pai, respondeu aqueles Rishis dizendo, 'Não cabe a vocês me proibirem.' Os Pitris então disseram, 'Ó principal de todos os homens vitoriosos, não cabe a ti matar esses Kshatriyas inferiores. Não é apropriado que tu mesmo, sendo um Brahmana, mate esses reis.'"

30

"Os Pitris disseram, 'Em relação a isto é citada esta velha história. Tendo-a ouvido, tu deves agir de acordo com ela, ó principal todas as pessoas regeneradas. Havia um sábio nobre de nome Alarka dotado das mais austeras das penitências. Ele era familiarizado com todos os deveres, sincero em palavras, de grande alma, e extremamente firme em seus votos. Tendo, com seu arco, conquistado a Terra inteira se estendendo até os mares, e assim realizado um feito extremamente difícil, ele colocou sua mente naquilo que é sutil. Enquanto sentado na base de uma árvore, seus pensamentos, ó tu de grande inteligência, abandonando todos aqueles feitos grandiosos, se dirigiu para aquilo que é sutil.'"

"Alarka disse, 'Minha mente se tornou forte. Tendo conquistado a mente, a conquista de alguém se torna permanente. Embora cercado por inimigos, eu irei

(de agora em diante) disparar minhas flechas em outros objetos. Já que por sua falta de firmeza ela coloca todos os mortais para realizarem ações, eu dispararei muitas flechas de pontas afiadas na mente.'"

"A mente disse, 'Estas flechas, ó Alarka, nunca irão me perfurar. Elas perfurarão somente tuas próprias partes vitais. Tuas partes vitais sendo perfuradas, tu morrerás. Procure outras flechas com as quais me destruir.' Ouvindo essas palavras e refletindo sobre elas, ele disse o seguinte."

"Alarka disse, 'Cheirando muitos perfumes, o nariz anseia por eles somente. Por isso eu dispararei flechas afiadas no nariz.'"

"O nariz disse, 'Estas flechas nunca irão me atravessar, ó Alarka. Elas perfurarão somente tuas próprias partes vitais, e tuas partes vitais sendo perfuradas, tu morrerás. Procure por outras flechas com as quais me destruir.'

Ouvindo essas palavras e refletindo sobre elas, ele disse o seguinte.

"Alarka disse, 'Esta (isto é, a língua), desfrutando de gostos saborosos, anseia por eles somente. Por isso eu dispararei flechas afiadas na língua.'"

"A língua disse, 'Estas flechas, ó Alarka, nunca irão me atravessar. Elas penetrarão somente nas tuas próprias partes vitais e tuas partes vitais sendo perfuradas, tu morrerás. Procure outras flechas com as quais me destruir.' Ouvindo essas palavras e refletindo sobre elas, ele disse o seguinte."

"Alarka disse, 'A pele, tocando diversos objetos de tato, anseia por eles somente. Por isso, eu arrancarei a pele com diversas setas equipadas com as penas do Kanka.'"

"A pele disse, 'Estas setas não irão, ó Alarka, me atravessar. Elas perfurarão somente tuas próprias partes vitais, e tuas partes vitais sendo perfuradas, tu morrerás. Procure por outras setas com as quais me destruir.' Ouvindo essas palavras e refletindo sobre elas, ele disse o seguinte."

"Alarka disse, 'Ouvindo diversos sons, (o ouvido) anseia por eles somente. Então, eu irei disparar flechas afiadas no ouvido.'"

"O ouvido disse, 'Estas flechas não irão, ó Alarka, me atravessar. Elas perfurarão somente tuas próprias partes vitais, e tuas partes vitais sendo perfuradas, tu morrerás. Procure outras flechas com as quais me destruir.' Ouvindo essas palavras e refletindo sobre elas, ele disse o seguinte."

"Alarka disse, 'Vendo muitas cores, o olho anseia por elas somente. Por isso eu destruirei o olho com setas de pontas afiadas.'"

"O olho disse, 'Estas flechas não irão, ó Alarka, me atravessar em absoluto. Elas perfurarão somente tuas próprias partes vitais, e tuas partes vitais estando perfuradas, tu morrerás. Procure então outras flechas com as quais me destruir!' Ouvindo essas palavras e refletindo sobre elas, ele disse o seguinte."

“Alarka disse, ‘Esta, (isto é, a compreensão) forma muitas determinações com a ajuda do raciocínio. Por isso eu disparei setas afiadas na compreensão.’”

"A compreensão disse, 'Estas setas não irão, ó Alarka, me atravessar em absoluto. Elas perfurarão somente tuas próprias partes vitais, e tuas partes vitais sendo perfuradas, tu morrerás. Procure então outras setas com as quais me destruir!'”

"O Brahmana continuou, 'Então Alarka, se empenhando, lá mesmo, em penitências difíceis de realizar e extremamente rigorosas, fracassou em obter, pelo grande poder (de suas penitências) flechas para lançar naqueles sete. Dotado de força, ele então, com mente bem concentrada, começou a refletir. Então, ó melhor dos regenerados (filho de Jamadagni, pois o Brahmana está somente repetindo para sua esposa o discurso dos Pitris para Rama), Alarka, aquele principal dos homens inteligentes, tendo refletido por um longo tempo, fracassou em obter alguma coisa melhor do que Yoga. (Raja-Yoga. Anteriormente Alarka tinha estado empenhado no Hatha-Yoga, o qual frequentemente termina na destruição da pessoa que o pratica.) Fixando sua mente em um objeto, ele permaneceu perfeitamente imóvel, engajado em Yoga. Dotado de energia, ele matou rapidamente todos os sentidos com uma seta, tendo entrado por Yoga em sua alma e assim chegou ao maior êxito. Maravilhado, aquele sábio real então cantou este verso: ‘Ai, é uma pena que nós tenhamos realizado todas as ações que são externas! Ai, que nós tenhamos, dotados de ânsia por prazer, cortejado (os prazeres da) soberania antes de agora! Eu aprendi isso posteriormente. Não há felicidade que se seja mais elevada do que Yoga.’ Tu sabes disso, ó Rama. Pare de matar os Kshatriyas. Pratique as penitências mais severas. Tu irás então obter aquilo que é bom.’ Assim endereçado por seus antepassados, o filho de Jamadagni praticou as penitências mais austeras, e tendo-as praticado, aquele altamente abençoado chegou àquele êxito que é difícil de ser alcançado.'"

31

"O Brahmana disse, 'Há três inimigos no mundo. Eles são considerados como sendo nove, de acordo com suas qualidades. Exultação, satisfação, e alegria, essas três qualidades concernem à Bondade. Cobiça, ira, e ódio, essas três qualidades são citadas como concernentes à Paixão. Lassitude, procrastinação, e ilusão, essas três qualidades concernem à Ignorância. Cortando-os com chuvas de setas, o homem de inteligência, livre de procrastinação, possuidor de uma alma tranquila, e com seus sentidos sob submissão, ousa derrotar outros. (Tendo primeiro vencido os inimigos internos mencionados, o homem de inteligência, empenhado em realizar sua libertação, deve então procurar derrotar todos os inimigos externos que ficam em seu caminho.) Em relação a isto, pessoas familiarizadas com (a ocorrência dos) ciclos antigos recitam alguns versos que foram cantados antigamente pelo rei Amvarisha que tinha obtido uma alma tranquila. Quando diversos tipos de defeitos estavam em ascensão e quando os justos estavam aflitos, Amvarisha de grande renome empregou sua força para assumir soberania. Subjugando seus próprios defeitos e cultuando os justos, ele

obteve grande êxito e cantou estes versos, ‘Eu subjuguei muitos defeitos. Eu matei todos os inimigos. Mas há um, o maior vício que merece ser destruído, mas que não foi destruído por mim! Incitado por aquele defeito, este Jiva fracassa em obter liberdade de desejo. Afligido pelo desejo, alguém corre para dentro de fossos sem o saber. Incitado por aquele defeito, uma pessoa se permite fazer atos que são proibidos. Mate, mate aquela cobiça com espadas de gume afiado. Da cobiça surgem desejos. Do desejo flui ansiedade. O homem que cede ao desejo adquire muitas qualidades pertencentes à Paixão. Quando estas foram adquiridas, ele adquire muitas qualidades pertencentes à Ignorância. Por causa daquelas qualidades, ele toma nascimento repetidamente, com os elos do corpo unidos, e é impelido à ação. Após o término da vida, com corpo se tornando desmembrado e espalhado, ele outra vez encontra com a morte que é devido ao próprio nascimento. (Com a estrutura corpórea ou os elos do corpo unidos, ele nasce. Quando ele morre, aquela estrutura vem a ser desmembrada e espalhada.) Por isso, compreendendo isto devidamente, e subjugando a cobiça por meio da inteligência, uma pessoa deve desejar a soberania em sua alma. Esta é (a verdadeira) soberania. Não há outra soberania aqui. A alma, devidamente compreendida, é o rei.’ Esses mesmos foram os versos cantados pelo rei Ambarisha de grande celebridade, sobre o assunto da soberania a qual ele mantinha diante dele; aquele rei que tinha liquidado o principal defeito, isto é, a cobiça.'"

32

"O Brahmana disse, 'Em relação a isto é citada a velha narrativa, ó dama, da conversa entre um Brahmana e (o rei) Janaka. O rei Janaka (em certa ocasião), desejoso de puni-lo, disse para um Brahmana que tinha se tornado culpado de algum delito, 'Tu não deves morar dentro dos meus domínios.' Assim endereçado, o Brahmana respondeu para aquele melhor dos reis, dizendo, ‘Diga-me, ó rei, quais são os limites dos territórios sujeitos a ti. Eu desejo, ó senhor, morar dentro dos domínios de outro rei. Na verdade, eu desejo obedecer a tua ordem, ó senhor da Terra, de acordo com as escrituras.’ Assim endereçado por aquele Brahmana célebre, o rei, dando suspiros repetidos e ansiosos, não disse uma palavra em resposta. Como o planeta Rahu dominando o Sol, uma nebulosidade de compreensão dominou de repente aquele rei de energia incomensurável enquanto ele sentava mergulhado em pensamento. Quando aquela obscuridade de compreensão passou e o rei ficou confortado, ele falou depois de pouco tempo estas palavras para aquele Brahmana.'"

"Janaka disse, 'Embora uma (grande) região habitada esteja sujeita a mim dentro deste meu reino ancestral, eu ainda fracasso em encontrar meu domínio, procurando por toda a Terra. Quando eu fracassei em achá-lo na Terra, eu então procurei em Mithila (por ele). Quando eu fracassei em achá-lo em Mithila, eu então procurei por ele entre meus próprios filhos. Quando eu fracassei em achá-lo até lá, uma nebulosidade de compreensão veio sobre mim. Depois que aquela nebulosidade de compreensão passou, a inteligência voltou para mim. Então eu

pensei que eu não tenho nenhum domínio, ou que tudo é meu domínio. Nem este corpo é meu, ou a Terra inteira é minha. Ao mesmo tempo, ó melhor das pessoas regeneradas, eu penso que aquilo é tanto meu quanto ele é de outros. Portanto, more (aqui) contanto que a escolha te conduza, e desfrute por tanto tempo quanto tu quiseres.'"

"O Brahmana disse, 'Quando há uma grande região habitada em teu reino ancestral, me diga, dependendo de qual compreensão tu te livraste da idéia de 'meu'? Qual também é a compreensão dependendo da qual tu chegaste à conclusão de que tudo constitui teu domínio? Qual, de fato, é a noção pela qual tu não tens nenhum domínio, ou tudo é teu domínio?'"

"Janaka disse, 'Todas as condições aqui, em todos os assuntos, foram compreendidas por mim como sendo finitas. Por isso eu não pude achar aquilo que deve ser chamado de meu. (Considerando) de quem é isto, eu pensei no texto Védico acerca da propriedade de alguém ('Não cobice a propriedade de outro'), eu não pude, portanto, descobrir, pela minha compreensão, o que deve ser (chamado) de meu. (Pensando naquela proibição sobre cobiçar a propriedade de outras pessoas, eu pensei como poderia ser averiguado o que pertence a outros.) Dependendo dessa noção, eu me livrei da idéia de posse. Ouça agora qual é aquela noção dependendo da qual eu cheguei à conclusão que eu tenho domínio em todos os lugares. Eu não desejo para mim mesmo nem aqueles cheiros que estão no meu nariz. Portanto, a terra, subjugada por mim, está sempre sujeita a mim. (A propriedade do cheiro se liga à terra. Eu não desejo o cheiro para meu próprio prazer. Se ele é percebido, ele é percebido pelo órgão do olfato. A terra, portanto, está sujeita a mim, não eu à terra. Eu superei minhas sensações, e portanto, os objetos aos quais elas inerem. A terra inteira representa somente os objetos das sensações. As últimas sendo dominadas, o mundo inteiro foi dominado por mim.) Eu não desejo para mim mesmo aqueles sabores que existem em contato com minha língua. Portanto, a água, subjugada por mim, está sempre sujeita a mim. Eu não desejo para mim mesmo a cor ou luz que pertence à minha visão. Portanto, a luz, subjugada por mim, está sempre sujeita a mim. Eu não desejo para mim mesmo aquelas sensações de tato as quais estão em contato com minha pele. Portanto, o ar, subjugado por mim, está sempre sujeito a mim. Eu não desejo para mim mesmo aqueles sons os quais estão em contato com meus ouvidos. Portanto os sons, subjugados por mim, estão sempre sujeitos a mim. Eu não desejo para mim mesmo a mente que está sempre em minha mente. Portanto a mente, subjugada por mim, está sujeita a mim. Todos estes meus atos são por causa das divindades, dos Pitris, dos Bhutas, junto com convidados; (ou seja, eu vivo e ajo por causa desses e não por mim mesmo).' O Brahmana então, sorrindo, mais uma vez disse para Janaka, 'Saiba que eu sou Dharma, que vim aqui hoje para te examinar. Tu és realmente a única pessoa para colocar esta roda em movimento, esta roda que tem a qualidade de Bondade como sua circunferência, Brahman (Vedas) como seu cubo, e a compreensão como seus raios, e que nunca volta para atrás!'"

33

"O Brahmana disse, 'Eu, ó tímida, não me movo neste mundo daquela maneira a qual tu, segundo a tua própria compreensão, censuraste. Eu sou um Brahmana possuidor de conhecimento Védico, eu estou emancipado. Eu sou um asceta da floresta. Eu sou um cumpridor dos deveres de um chefe de família. Eu cumpro votos. Eu não sou o que tu me viste em ações boas e más. Por mim é permeado tudo o que existe neste universo. Quaisquer criaturas que existam no mundo, móveis ou imóveis, saiba que eu sou o destruidor delas todas, assim como o fogo é (o destruidor) de todas as espécies de madeira. Da soberania sobre toda a Terra ou sobre o Céu (por um lado), ou este conhecimento (da minha identidade com o universo), este conhecimento é minha riqueza. (O sentido parece ser este: A soberania da Terra inteira ou do Céu, e este conhecimento da minha identidade com o universo, dessas duas alternativas eu escolho de bom grado a última.) Este é o único caminho para Brahmanas, pelo qual aqueles que o compreendem procedem para lares, ou residências na floresta, ou residência com preceptores, ou entre mendicantes. (Esses são os diferentes modos de vida.) Com numerosos símbolos não confusos, somente um conhecimento é cultuado. Aqueles que, quaisquer que sejam os símbolos e modos de vida aos quais eles adiram, adquiriram uma compreensão tendo tranquilidade como sua essência, alcançam aquela única entidade assim como numerosos rios todos encontrando o Oceano. (O conhecimento a ser adquirido é que tudo é um. Há diversas maneiras de obtê-lo. Aqueles que obtiveram tranquilidade o adquiriram.) O caminho é atravessável com a ajuda da compreensão e não deste corpo. Ações têm começo e fim, e o corpo tem ações como seus vínculos. (Ações são perecíveis e não podem levar a resultados duradouros. É pela compreensão que aquele conhecimento, que leva ao que é permanente, é para ser obtido.) Por isso, ó dama abençoada, tu não precisas ter nenhuma apreensão a respeito do mundo futuro. Com teu coração concentrado na entidade real, é minha alma na qual tu entrarás.'"

34

“A esposa do Brahmana disse, ‘Isto não pode ser entendido por uma pessoa de pouca inteligência como também por alguém cuja alma não foi purificada. Minha inteligência é muito pouca, e contraída, e confusa. Diga-me os meios pelos quais o conhecimento (do qual tu falaste) pode ser adquirido. Eu desejo saber de ti a fonte da qual esse conhecimento flui.’”

“O Brahmana disse, ‘Saiba que inteligência devotada a Brahman é o Arani inferior; o preceptor é o Arani superior; penitências e conhecimento das escrituras são para causarem o atrito. Disto é produzido o fogo do conhecimento.’”

“A esposa do Brahmana disse, ‘Com relação a este símbolo de Brahman, o qual é designado Kshetrajna, onde, de fato, ocorre uma descrição dele pelo qual ele pode ser compreendido?’”

"O Brahmana disse, 'Ele é sem símbolos, e sem qualidades. Nada existe que possa ser considerado como sua causa. Eu irei, no entanto, te dizer os meios pelos quais ele pode ser compreendido ou não. Uns bons meios podem ser encontrados; isto é, percepção de audição etc., como flores são percebidas por abelhas. Aqueles meios consistem em uma compreensão purificada pela ação. Aqueles cujas compreensões não foram purificadas dessa maneira, consideram aquela entidade, através da sua própria ignorância, como investida com as propriedades de conhecimento e outras. Não está declarado que isto deve ser feito, ou que isto não deve ser feito, nas regras para alcançar a Emancipação, isto é, um conhecimento da alma surge somente naquele que vê e ouve. (Na questão de alcançar a Emancipação nenhuma ordenança foi prescrita, positiva ou negativa, como aquelas a respeito de outras coisas. Se alguém deseja chegar ao Céu, ele deve fazer isto e se abster daquilo. Para alcançar a Emancipação, no entanto, somente ver e ouvir são prescritos. Ver significa contemplação, e ouvir significa receber instruções do preceptor.) Uma pessoa deve compreender tantas partes, imanifestas e manifestas às centenas e milhares, como ela é capaz de compreender aqui. De fato, deve-se compreender diversos objetos de diversas importâncias, e todos os objetos de percepção direta. Então virá, da prática (da contemplação e autodomínio, etc.), aquilo acima do qual nada existe.'" (O orador deseja inculcar que alguém deve primeiro contemplar um objeto de percepção direta, tal como terra, etc., e então objetos 'inobservados' como operações da mente. Tal contemplação gradualmente levará àquilo que é Supremo.)

"O santo continuou, 'Então a mente da esposa daquele Brahmana, após a destruição do Kshetrajna, se tornou aquilo que está além de Kshetrajna, pelo do conhecimento de Kshetra.'" (Quando a alma individual dela se fundiu na Alma Suprema ela se tornou identificada com Brahman. Isto foi, naturalmente, devido ao conhecimento de Kshetra como algo separado de Kshetrajna.)

"Arjuna disse, 'Onde, de fato, está a esposa daquele Brahmana, ó Krishna, e onde está aquele principal dos Brahmanas, por ambos deles terem obtido semelhante sucesso? Fale-me sobre eles, ó tu de glória imperecível.'"

"O abençoado e santo disse, 'Saiba que minha mente é o Brahmana, e que minha compreensão é a esposa do Brahmana. Aquele que foi citado como Kshetrajna sou eu mesmo, ó Dhananjaya!'"

35

"Arjuna disse, 'Cabe a ti explicar Brahma para mim, aquele que é o maior objeto de conhecimento. Pela tua generosidade, minha mente está encantada com essas indagações sutis.'"

"Vasudeva disse, 'Em relação a isto é contada a velha história da conversa entre um preceptor e seu discípulo sobre o assunto de Brahman. Uma vez, ó opressor de inimigos, um discípulo inteligente questionou certo Brahmana de votos rígidos que era seu preceptor, quando ele estava sentado (à vontade),

dizendo, ‘O que, de fato, é o maior bem? Desejoso de obter aquilo que constitui o maior bem, eu me jogo aos teus pés, ó santo. Ó Brahmana erudito, eu te peço, inclinando minha cabeça, para explicar para mim o que eu pergunto.’ Para aquele discípulo, ó filho de Pritha, que tinha falado dessa maneira, o preceptor disse; ‘Ó regenerado, eu explicarei para ti tudo acerca do que tu possas ter quaisquer dúvidas.’ Assim endereçado, ó principal da linhagem de Kuru, por seu preceptor, aquele discípulo que era extremamente dedicado ao seu preceptor, falou o seguinte, com mãos unidas. Ouça o que ele disse, ó tu de grande inteligência.'"

"O Discípulo disse, 'Onde eu estou? De onde és tu? Explique aquilo que é a verdade mais elevada. De qual fonte surgiram todas as criaturas móveis e imóveis? Por que as criaturas vivem? Qual é o limite de sua vida? O que é verdade? O que é penitência, ó Brahmana erudito? Quais são chamados de atributos pelos bons? Quais caminhos devem ser chamados de auspiciosos? O que é felicidade? O que é pecado? Ó santo, ó tu de votos excelentes, cabe a ti responder essas minhas perguntas, ó Rishi erudito, corretamente, verdadeiramente, e com exatidão. Quem mais há neste mundo além de ti que seja capaz de responder essas questões? Responda-as, ó principal de todas as pessoas conhecedoras dos deveres. Minha curiosidade é grande. Tu és célebre em todos os mundos como alguém bem hábil nos deveres relativos à Emancipação. Não há ninguém mais além de ti que seja competente para remover todos os tipos de dúvidas. Receosos da vida mundana, nós ficamos desejosos de alcançar a Emancipação.'"

"Vasudeva disse, 'Para aquele discípulo que tinha procurado sua instrução humildemente e feito as perguntas apropriadamente, que era devotado ao seu preceptor e possuidor de tranquilidade, e que sempre se comportava de uma maneira que era agradável (para seu instrutor), que vivia tão constantemente ao lado de seu instrutor como a ter quase se tornado sua sombra, que era autocontrolado, e que tinha a vida de um Yati e Brahmacharin, ó filho de Pritha, aquele preceptor possuidor de inteligência e cumpridor de votos explicou devidamente todas as questões, ó principal da linhagem de Kuru, ó castigador de todos os inimigos.'"

"O preceptor disse, 'Tudo isso foi declarado (antigamente) pelo próprio Brahma (o Avô de todos os mundos). Louvado e praticado pelos principais dos Rishis, e dependendo de um conhecimento dos Vedas, isto envolve uma consideração do que constitui a entidade real. Nós consideramos o conhecimento como o maior objetivo, e a renúncia como a melhor penitência. Aquele que, com certeza, conhece o verdadeiro objeto de conhecimento o qual não pode ser modificado pelas circunstâncias, isto é, a alma residindo em todas as criaturas, consegue ir para onde quer que ele deseje e vem a ser considerado como o mais elevado. Aquele homem erudito que vê a residência de todas as coisas em um local e sua separação também, e que vê unidade na diversidade, consegue se libertar da miséria. Aquele que não cobiça alguma coisa e que não nutre a idéia de posse com relação a qualquer coisa, vem a ser considerado, embora residindo neste mundo, como identificável com Brahman. Aquele que está familiarizado com a verdade acerca das qualidades de Pradhana (ou Natureza), familiarizado com a

criação de todos os objetos existentes, privado da idéia de posse, e sem orgulho, consegue, sem dúvida, se emancipar. Compreendendo adequadamente aquela grande árvore que tem o imanifesto como sua semente, e a compreensão como seu tronco, e a grande consciência do eu como seus ramos, e os sentidos como as células de onde seus brotos saem, e os (cinco) grandes elementos como seus botões de flor, e os elementos grosseiros como seus ramos menores; que está sempre dotada de folhas, que sempre desenvolve flores, e da qual todos os objetos existentes dependem, cuja semente é Brahman, e que é eterna, e cortando todos os tópicos com a espada afiada do conhecimento, uma pessoa obtém imortalidade e rejeita nascimento e morte. As conclusões com relação ao passado, presente, e futuro, etc., e religião, prazer e riqueza, as quais são todas bem conhecidas para conclaves de Siddhas, que concernem a ciclos remotos, e que são, de fato, eternas, eu declararei para ti, ó tu de grande sabedoria. Estas constituem o que é chamado de Bem. Homens de sabedoria, compreendendo-as neste mundo, chegam ao sucesso. Antigamente, os Rishis Vrihaspati e Bharadwaja, e Gautama e Bhargava, e Vasishtha e Kasyapa, e Viswamitra, e Atri, se reuniram para o propósito de questionar uns aos outros. Eles se reuniram dessa maneira depois de terem viajado por todos os caminhos e depois que eles tinham ficado cansados com as ações que cada um deles tinha feito. Aquelas pessoas regeneradas, colocando o filho sábio de Angiras à sua frente, procederam para a região do Avô. Lá eles viram Brahma perfeitamente purificado de todo pecado. Inclinando suas cabeças para aquele de grande alma que estava sentado à vontade, os grandes Rishis, dotados de humildade, fizeram a ele esta pergunta importante com relação ao bem mais sublime. ‘Como um homem bom deve agir? Como ele será libertado do pecado? Que caminhos são auspiciosos para nós? O que é verdade, e o que é pecado? Por qual ação os dois caminhos, do norte e do sul, são alcançados? O que é destruição? O que é Emancipação? O que é nascimento e o que é morte de todos os objetos existentes?’ Eu te direi, ó discípulo, o que o Avô, assim endereçado, disse para eles, em conformidade com as escrituras. Ouça.'"

"Brahma disse, 'É da Verdade que todas as criaturas, móveis e imóveis, nascem. Elas vivem por meio de penitência (de ação). Compreendam isso, ó vocês de votos excelentes. Em consequência de suas próprias ações elas vivem, transcendendo sua própria origem. (Sua origem é Brahman ou Verdade. Elas vivem dissociadas de sua origem, por consequência de suas ações. Quando suas ações cessam, elas retornam a e se fundem em Brahman.) Pois a Verdade, quando unida com qualidades, se torna sempre possuidora de cinco indicações. Brahman é Verdade. Penitência é verdade. Prajapati é verdade. É da Verdade que todas as criaturas surgiram. A Verdade é o universo de existência. É por isso que Brahmanas que estão sempre dedicados ao Yoga, que superaram ira e tristeza, e que sempre consideram a Religião como o passadiço (pelo qual todos devem passar para evitar o pântano abaixo), se refugiam na Verdade. Eu irei agora falar daqueles Brahmanas que são contidos por outro e possuidores de conhecimento, das ordens, e daqueles que pertencem aos quatro modos de vida. Os sábios dizem que Religião ou dever é um, (no entanto) tendo quatro quartos. Ó regenerados, eu lhes falarei agora daquele caminho que é auspicioso e produtivo

de bem. Aquele caminho tem sido trilhado constantemente por homens possuidores de sabedoria para obterem uma identidade com Brahman. Eu falarei agora daquele caminho que é o mais elevado e que é extremamente difícil de ser entendido. Compreendam, em todos os seus detalhes, ó altamente abençoados, qual é a base mais alta. O primeiro passo é dito que é o modo de vida que pertence aos Brahmacharins. O segundo passo é a vida familiar. Depois desse é a residência nas florestas. Depois o que deve ser conhecido como o passo mais sublime, isto é, aquele relativo a Adhyatma. (Isto é, aquele rumo de vida que tem como seu objetivo a aquisição de conhecimento relativo à alma. Este, é claro, inclui o conhecimento que é necessário para alcançar identificação com a Alma Suprema ou Brahman.) Luz, éter (ou Espaço), sol, vento, Indra, e Prajapati, alguém vê esses enquanto ele não obtém Adhyatma. Eu declararei os meios (pelos quais aquele Adhyatma pode ser obtido). Primeiro compreendam eles. O modo de vida da floresta que é seguido por ascetas residindo nas florestas e subsistindo de frutas e raízes e ar é prescrito para as três classes regeneradas. O modo de vida familiar é ordenado para todas as classes. Aqueles que possuem sabedoria dizem que Religião ou dever tem Fé como sua (principal) indicação. Assim eu declarei para vocês os caminhos que levam às divindades. Eles são adotados por aqueles que são bons e sábios por suas ações. Aqueles caminhos são os passadiços de piedade. Aquela pessoa de votos rígidos que adota algum desses modos separadamente sempre consegue compreender a tempo a produção e destruição de todas as criaturas. Eu agora declararei, com exatidão e com razões, os elementos que residem em partes em todos os objetos. A grande alma, o imanifesto, egoísmo (consciência de identidade), os onze órgãos (de conhecimento e ação), os cinco grandes elementos, as características específicas dos cinco elementos (isto é, cheiro ligado à terra, som ao éter, gosto à água, etc.), esses constituem a criação eterna. O número de elementos é dito que é vinte e quatro, e (mais) um. Aquela pessoa de sabedoria que compreende a produção e destruição de todos esses elementos, aquele homem entre todas as criaturas, nunca encontra com a ilusão. Aquele que compreende os elementos corretamente, todas as qualidades, todas as divindades (ou os sentidos), consegue se purificar de todo pecado. Livre de todos os grilhões, tal homem consegue desfrutar de todas as regiões de pureza imaculada.'"

36

"Brahma disse, 'Aquilo que é imanifesto, que é indistinto, que a tudo permeia, eterno, imutável, deve ser conhecido como vindo a ser a cidade (ou mansão) de nove portais, possuidora de três qualidades, e consistindo de cinco ingredientes. Rodeada por onze inclusive a Mente que distingue (objetos), e tendo a Compreensão como a soberana, esta é um conjunto de onze; (composta de três qualidades, os cinco elementos, o grupo de órgãos e sentidos como um, egoísmo e compreensão). Os três ductos que existem nela a sustentam constantemente. Estes são os três Nadis. Eles correm continuamente, e têm as três qualidades como sua essência: Ignorância, Paixão, e Bondade. Essas sãos chamadas de as (três) qualidades. Elas estão unidas umas com as outras. Elas existem,

dependendo umas das outras. Elas se refugiam uma na outra, e seguem uma à outra. Elas estão também combinadas umas com as outras. Os cinco (principais) elementos são caracterizados por (essas) três qualidades. Bondade é a companheira da Ignorância. Da Bondade a companheira é a Paixão. Bondade é também a companheira da Paixão, e da Bondade a companheira é a Ignorância. Lá onde a Ignorância é reprimida, a Paixão é vista fluir. Lá onde a Paixão é reprimida, a Bondade é vista fluir. A Ignorância deve ser conhecida como tendo a noite (ou obscuridade) como sua essência. Ela tem três características, e é (também) chamada de Ilusão. Ela tem injustiça (ou pecado) também como sua indicação, e ela está sempre presente em todas as ações pecaminosas. Essa é a natureza da Ignorância e ela aparece também quando limitada com outras. É dito que a Paixão tem atividade como sua essência. Ela é a causa de ações sucessivas. Quando ela prevalece, sua indicação, entre todos os seres, é produção. Esplendor, luminosidade, e fé, esses são a forma, que é luz, da Bondade entre todas as criaturas, como considerada por todos os homens bons. A verdadeira natureza de suas características agora será declarada por mim, com razões. Essas serão especificadas em agregação e separação. As compreendam. Ilusão completa, ignorância; mesquinhez, indecisão em relação à ação, sono, arrogância, medo, cobiça, angústia, reprovação de boas ações, perda de memória, estado imaturo de raciocínio, ausência de fé, violação de todas as regras de conduta, falta de discernimento, cegueira, vileza de comportamento, afirmações vaidosas de desempenho quando não houve desempenho, presunção de conhecimento em ignorância, indelicadeza (ou hostilidade), maldade de disposição, ausência de fé, raciocínio estúpido, desonestidade, incapacidade para associação, ação pecaminosa, insensibilidade, apatia, lassidão, ausência de autocontrole, degradação, todas essas qualidades são conhecidas como pertencentes à Ignorância. Quaisquer outros estados da mente, conectados com ilusão, quem existam no mundo, todos concernem à Ignorância. Falar mal de outras pessoas frequentemente, criticar as divindades e os Brahmanas, mesquinhez, vaidade, ilusão, ira, rancor, hostilidade em direção a todas as criaturas, são consideradas como as características da Ignorância. Quaisquer empreendimentos que existam que não sejam meritórios (por serem fúteis ou inúteis), quaisquer doações que existam que não sejam meritórias (pela indignidade dos donatários, a inadequação do momento, a impropriedade do objeto, etc.), comer em vão, esses também pertencem à Ignorância. Indulgência em calúnia, falta de perdão, animosidade, vaidade, e ausência de fé são também citadas como sendo características da Ignorância. Quaisquer homens que existam neste mundo que sejam caracterizados por esses e outros defeitos de um tipo similar, e que infringem as restrições (fornecidas pelas escrituras), são todos considerados como pertencentes à qualidade de Ignorância. Eu agora declararei os úteros onde estes homens, que são sempre de atos pecaminosos, têm que tomar seu nascimento. Ordenados a irem para o inferno, eles caem na ordem de existência. De fato, eles caem no inferno (do nascimento) na criação bruta. Eles se tornam entes imóveis, ou animais, ou animais de carga; ou criaturas carnívoras, ou cobras, ou vermes, insetos, e aves; ou criaturas da ordem ovípara, ou quadrúpedes de diversas espécies; ou lunáticos, ou seres humanos surdos ou estúpidos, ou homens que são afligidos por enfermidades terríveis e considerados

como impuros. Esses homens de má conduta, sempre revelando as indicações de suas ações, afundam na Ignorância. Seu rumo (de migrações) é sempre para baixo. Pertencentes à qualidade de Ignorância, eles caem em Ignorância. Eu irei, depois disso, declarar quais são os meios de seu melhoramento e subida; de fato, por quais meios eles conseguem chegar às regiões que existem para os homens de atos virtuosos. Aqueles homens que tomam nascimento em ordens a não ser a humanidade, por se desenvolverem em virtude das cerimônias religiosas de Brahmanas dedicados aos deveres da sua própria classe e desejosos de fazer o bem para todas as criaturas, conseguem, através da ajuda de tais ritos purificatórios, ascender para cima. De fato, lutando (para melhorar a si mesmos), eles finalmente alcançam as mesmas regiões com aqueles Brahmanas pios. Realmente, eles vão para o Céu. Essa é a audição Védica. Nascidos em classes diferentes da humanidade e envelhecendo em suas respectivas ações, dessa maneira eles se tornam seres humanos que são, naturalmente, ordenados a voltar. Obtendo nascimentos pecaminosos e se tornando Chandalas ou seres humanos que são surdos ou que ceceiam indistintamente, eles alcançam castas cada vez mais elevadas, uma depois da outra em período apropriado, transcendendo a classe Sudra, e outras (consequências das) qualidades concernentes à Ignorância e que residem nela no decorrer de migrações neste mundo. (Qualidades residentes na Ignorância, etc., significam aquelas qualidades que estão ligadas permanentemente à Ignorância.) Apego a objetos de desejo é considerado como grande ilusão. Aqui Rishis e Munis e divindades ficam iludidos, desejosos de prazer. Ignorância, ilusão, a grande ilusão, a grande obscuridade chamada ira, e morte, aquela obscuridade cegante, (são as cinco grandes aflições). Com relação à ira, essa é a grande obscuridade (e não aversão ou ódio como é às vezes incluído na lista). Com relação então à sua cor (natureza), suas características, e sua fonte, eu, ó Brahmanas eruditos, declarei para vocês, com precisão e na devida ordem, tudo acerca da (qualidade de) Ignorância. Quem é que realmente a compreende? Quem é que realmente a vê? Essa, de fato, é a característica da Ignorância, isto é, ver realidade no que não é real. As qualidades da Ignorância foram declaradas para vocês de várias maneiras. A Ignorância, em suas formas superiores e inferiores, foi descrita adequadamente para vocês. Aquele homem que sempre conserva na lembrança as qualidades mencionadas aqui, certamente conseguirá ficar livre de todas as características que pertencem à Ignorância.'"

37

"Brahman disse, 'Ó melhores dos seres, eu agora declararei para vocês com exatidão o que (a qualidade de) Paixão é. Ó altamente abençoados, compreendam quais são aquelas qualidades que pertencem à Paixão. Prejudicar (outros), beleza, trabalho pesado, prazer e dor, frio e calor, domínio (ou poder), guerra, paz, discussões, descontentamento, tolerância, poder, coragem, orgulho, ira, esforço, discussão (ou antagonismo), ciúme, desejo, malícia, combate, o sentimento de meu ou posse, proteção (de outros), matança, vínculos, e aflição, comprar e vender, cortar, retalhar, perfurar e remover a cota de malha que outro

tem usado (ou expor a fraqueza de outras pessoas por arrancar seus disfarces ou proteções), violência, crueldade, difamar, indicar os defeitos de outros, pensamentos totalmente dedicados a assuntos mundanos, ansiedade, animosidade, ultrajar outros, palavras falsas, doações falsas ou inúteis, hesitação e dúvida, jactância de palavras, repreensão e elogio, louvação, destreza, provocação, assistência (como aos doentes e aos fracos), obediência (às instruções de preceptores e pais), serviço ou auxílios, nutrir sede ou desejo, inteligência ou destreza de conduta, negligência de política, insolência, posses, e diversas decorações que prevalecem no mundo entre homens, mulheres, animais, coisas inanimadas, casas, aflição, incredulidade, votos e regulamentos, atos com expectativa (de bom resultado), diversos atos de caridade pública, os ritos em relação às saudações Swaha, ritos de Swadha e Vashat, oficiar nos sacrifícios de outros, dar instrução, desempenho de sacrifícios, estudo, fazer doações, aceitação de doações, ritos de expiação, ações auspiciosas, o desejo de ter isto ou aquilo, afeto gerado pelos méritos do objeto pelo qual ou quem ele é sentido, traição, engano, desrespeito e respeito, roubo, assassinato, desejo de encobrimento, vexação, vigilância, ostentação, arrogância, apego, devoção, contentamento, exultação, jogo, indulgência em escândalo, todas as relações provenientes de mulheres, apego à dança, música instrumental e canções, todas essas qualidades, ó Brahmanas eruditos, são consideradas como pertencentes à Paixão. Aqueles homens sobre a Terra que meditam no passado, presente, e no futuro, que são dedicados ao conjunto de três, isto é, Religião, Riqueza, e Prazer, que agindo por causa do impulso do desejo, se regozijam em obter afluência em relação a todo desejo, são considerados como envolvidos pela Paixão. Aqueles homens têm rumos descendentes. Renascidos repetidamente neste mundo, eles se entregam ao prazer. Eles cobiçam o que pertence a este mundo como também aqueles resultados que pertencem ao mundo futuro. Eles fazem doações, aceitam doações, oferecem oblações para os Pitris, e derramam libações no fogo sacrifical. As qualidades da Paixão foram (assim) declaradas para vocês em sua variedade. O rumo de conduta também ao qual isto leva foi descrito devidamente para vocês. O homem que sempre compreende essas qualidades consegue sempre se libertar de todas elas que concernem à Paixão.'"

38

"Brahmana disse, 'Eu irei, depois disso, falar a vocês daquela qualidade excelente a qual é a terceira (na ordem da nossa enumeração). Ela é benéfica para todas as criaturas no mundo, e irrepreensível, e constitui a conduta daqueles que são bons. Alegria, satisfação, nobreza, esclarecimento, e felicidade, ausência de mesquinhez (ou generosidade), ausência de medo, contentamento, disposição para fé, perdão, coragem, abstenção de ferir qualquer criatura, equanimidade, veracidade, retidão, ausência de ira, ausência de malícia, pureza, inteligência, destreza, (estes pertencem à qualidade de bondade). Aquele que é devotado ao dever de Yoga, considerando conhecimento como sendo inútil, conduta como sendo inútil, serviço como sendo inútil, e modo de vida como sendo inútil, alcança o que é mais elevado no mundo futuro. Liberdade da idéia de meu, liberdade de

egoísmo, liberdade de expectativas, considerar todos com um olhar imparcial, e liberdade de desejo, essas constituem a religião eterna dos bons. Confiança, modéstia, perdão, renúncia, pureza, ausência de preguiça, ausência de crueldade, ausência de ilusão, compaixão por todas as criaturas, ausência da disposição para caluniar, exultação, satisfação, êxtase, humildade, bom comportamento, pureza em todos os atos tendo por seu objetivo a obtenção de tranquilidade, compreensão justa, emancipação (de atrações), indiferença, Brahmacharya, renúncia completa, liberdade da idéia de meu, liberdade de esperanças, cumprimento incólume da retidão, crença que doações são inúteis, sacrifícios são inúteis, estudo é inútil, votos são inúteis, aceitação de doações é inútil, cumprimento de deveres é inútil, e penitências são inúteis, aqueles Brahmanas neste mundo, cuja conduta é marcada por essas virtudes, que aderem à virtude, que residem nos Vedas, são considerados como sábios e possuidores de correção de visão. Rejeitando todos os pecados e livres de angústia, aqueles homens possuidores de sabedoria chegam ao Céu e criam diversos corpos (para si mesmos). Obtendo o poder de governar tudo, autodomínio, exatidão, aqueles de grande alma fazem por meio de operações de sua própria mente, como os próprios deuses residindo no Céu. Tais homens são citados como tendo seus rumos direcionados para cima. Eles são verdadeiros deuses capazes de modificar todas as coisas. Chegando ao Céu, eles modificam todas as coisas por sua própria natureza. Eles adquirem quaisquer objetos que eles desejem e desfrutam deles. Dessa maneira, ó principais dos regenerados, eu descrevi para vocês qual é aquela conduta que pertence à qualidade de Bondade. Compreendendo essas devidamente, uma pessoa adquire quaisquer objetos que ela deseje. As qualidades que concernem à bondade foram declaradas detalhadamente. A conduta a qual aquelas qualidades constituem também foi devidamente demonstrada. Aquele homem que sempre compreende essas qualidades consegue desfrutar das qualidades ser atado por elas.'"

39

"Brahmana disse, 'As qualidades não podem ser declaradas como completamente separadas umas das outras. Paixão e Bondade e Ignorância são vistas existindo em um estado de união. Elas são ligadas umas às outras. Elas dependem umas das outras. Eles têm uma à outra como seu refúgio. Elas igualmente seguem umas às outras. Enquanto existe Bondade existe Paixão. Não há dúvida nisso. Enquanto Ignorância e Bondade existem, assim a Paixão existe. Elas fazem sua viagem juntas, em união, e se movendo coletivamente. Elas, na verdade, se movem em grupo, quando elas agem com causa ou sem causa. De todas essas as quais agem umas com as outras, no entanto, elas podem diferir muito em seu desenvolvimento, a maneira na qual seu aumento e diminuição ocorre agora será declarada. Lá onde Ignorância existe em uma medida aumentada, nas criaturas inferiores (por exemplo), a Paixão existe em uma medida menor e a Bondade em uma medida que é ainda menor. Lá onde Paixão existe em uma medida abundante, em criaturas de progresso médio, a Ignorância existe em uma medida menor e a Bondade em uma medida que é ainda menor.

Lá onde a Bondade existe em uma medida abundante, em criaturas de rumos ascendentes, a Ignorância deve ser conhecida como existindo em uma medida pequena e a Paixão em uma medida que é ainda menor. A Bondade é a fonte que causa as modificações dos sentidos. Ela é a grande esclarecedora. Nenhum dever é prescrito que seja superior à Bondade. Aqueles que residem na Bondade procedem para cima. Aqueles que residem na Paixão permanecem no meio. Aqueles que residem na Ignorância, sendo caracterizados por qualidades que são inferiores, afundam para baixo. Ignorância se encontra no Sudra; Paixão no Kshatriya; e Bondade, que é a mais elevada, no Brahmana. As três qualidades existem dessa maneira nas três classes. Mesmo de uma distância (ou de uma visão superficial), as três qualidades de Ignorância e Bondade e Paixão são vistas existirem em um estado de união e muito coletivamente. Elas nunca são vistas em um estado de separação. Contemplando o sol nascendo, homens de ações más ficam tomados pelo medo. Viajantes em seu caminho ficam afligidos pelo calor, e sofrem de angústia. O Sol é a Bondade desenvolvida, homens de ações más representam a Ignorância; o calor que viajantes sentem em seu caminho é citado como sendo uma qualidade da Paixão. O sol representando luz é Bondade; o calor é a qualidade da Paixão; o sombreamento (ou eclipse) do sol em dias Parvana deve ser conhecido como representando a Ignorância. Assim, as três qualidades existem em todos os corpos luminosos. Elas agem em intervalos em diversos lugares de diversas maneiras. Entre os objetos imóveis, a qualidade de Ignorância existe em uma medida muito grande. As qualidades concernentes à Paixão são as propriedades daqueles que sofrem mudanças constantes. Seus atributos oleaginosos pertencem à Bondade. (O que é dito aqui é isto: as três qualidades existem até nos objetos imóveis do universo. Com relação à Ignorância, ela predomina neles. Com relação à Paixão, ela reside em tais propriedades delas como pungência, acidez, doçura, etc., com mudança com tempo ou por cozimento ou por mistura. Somente suas propriedades oleaginosas são citadas como pertencentes à Bondade.) O Dia deve ser entendido como de três partes. A Noite foi ordenada para ser de três partes. Assim também são quinzenas, meses, anos, estações, e conjunções. (‘Conjunções’ são evidentemente os períodos juntando as estações, isto é, o fim de uma estação e o início de outra.) As doações que são vastas são triplas. Triplo é o sacrifício que flui. Triplos são os mundos; triplas são as divindades; triplo é o conhecimento; e triplo é o caminho ou fim. O passado, o Presente, e o Futuro; Religião, Riqueza e Prazer. Prana, Apana, e Udana; esses também estão repletos das três qualidades. Quaisquer objetos que existam neste mundo, tudo nele está repleto das três qualidades. As três qualidades agem em intervalos em todas as coisas e em todas as circunstâncias. Na verdade, as três qualidades sempre agem de uma forma imanifesta. A criação daquelas três, isto é, Bondade, Paixão, e Ignorância, é eterna. O imanifesto, consistindo nas três qualidades, é dito que é ignorância, despercebido, santo. Constante, não nascido, ventre, eterno. Natureza, mudança ou modificação, destruição, Pradhana, produção, e absorção, não desenvolvido, não pequeno (ou seja, vasto), firme, imóvel, fixo, existente, e inexistente. Todos esses nomes devem ser conhecidos por aqueles que meditam sobre questões ligadas com a alma. Aquela pessoa que conhece com exatidão todos os nomes do imanifesto, e as qualidades, como também as operações puras (das qualidades),

está bem familiarizada com a verdade acerca de todas as distinções e, livre do corpo, vem a ser libertada de todas as qualidades e desfruta de felicidade absoluta.'"

40

"Brahmana disse, 'Do imanifesto primeiro surgiu Mahat (a Grande Alma) dotada de grande inteligência, a fonte de todas as qualidades. É dito que essa é a primeira criação. A Grande Alma é indicada por estas palavras sinônimas: a Grande Alma, Inteligência, Vishnu, Jishnu, Sambhu de grande bravura, a Compreensão, os meios de adquirir conhecimento, os meios de percepção, como também fama, coragem, e memória. Sabendo disso, um Brahmana erudito nunca tem que enfrentar ilusão. Ele tem mãos e pés em todos os lados, tem ouvidos em todos os lados. Ele permanece permeando tudo no universo. De grande poder, aquele Ser está colocado no coração de todos. Exatidão, Luminosidade e Afluência, são dele. Ele é o senhor de tudo, e idêntico com resplendor, e não conhece decadência. Nele estão todos aqueles que compreendem a natureza da compreensão, todos aqueles que são dedicados à bondade de disposição, todos aqueles que praticam meditação, que estão sempre dedicados ao Yoga, que são firmes na verdade, que subjugaram seus sentidos, que são possuidores de conhecimento, que estão livres da cobiça, que conquistaram a ira, que são de corações alegres, que são dotados de sabedoria, que estão livres de idéias de meu (e teu), e que são desprovidos de egoísmo. Todos esses, livres de todo tipo de apego, chegam à posição de Grandeza. Aquela pessoa que compreende aquela meta sagrada e sublime, isto é, a Grande Alma, fica livre da ilusão. O autonascido Vishnu se torna o Senhor nas criações iniciais. Aquele que conhece dessa maneira o Senhor localizado na caverna, o Supremo, Ser Antigo, de forma universal, o dourado, a maior meta de todas as pessoas dotadas de compreensão, aquele homem inteligente vive, transcendendo a compreensão.'"

41

"Brahmana disse, 'Aquele Mahat que foi produzido primeiro é chamado de Egoísmo. Quando ele surgiu como Eu, ele veio a ser chamado como a segunda criação. Aquele Egoísmo é considerado como sendo a fonte de todas as criaturas, pois estas surgiram de suas modificações. Ele é pura refulgência e o sustentador da consciência. Ele é Prajapati. Ele é uma divindade, o criador das divindades, e da mente. É ele que cria os três mundos. É dito que ele é aquilo que sente, 'Eu sou tudo isso.' Aquele é o mundo eterno existente para aqueles sábios que estão satisfeitos com conhecimento relativo à alma, que têm meditado na alma, e que obtiveram sucesso por meio de estudo Védico e sacrifícios. Pela consciência da alma alguém desfruta das qualidades. Aquela fonte de todas as criaturas, aquele criador de todas as criaturas, cria (todas as criaturas) exatamente dessa maneira. É aquele que causa todas as mudanças. É aquele que faz todos os seres se moverem. Por sua própria luz ele ilumina o universo igualmente.'"

42

'Brahmana disse, ‘Do Egoísmo realmente nasceram os cinco grandes elementos. Eles são terra, ar, éter, água, e luz numerando o quinto. Nesses cinco grandes elementos, a respeito do som, toque, cor, gosto, e cheiro, todas as criaturas ficam iludidas. Quando, no fim da destruição dos grandes elementos, a dissolução do universo se aproxima, vocês que são possuidores de sabedoria, um grande temor surge em todas as criaturas vivas. Todo objeto existente é dissolvido naquele do qual ele é produzido. A dissolução ocorre em uma ordem que é o contrário daquela na qual a criação ocorre. De fato, com relação ao nascimento, eles nascem uns dos outros. Então, quando todos os objetos existentes, móveis e imóveis, são dissolvidos, homens sábios dotados de memória poderosa nunca se dissolvem. Som, toque, cor, gosto, e cheiro numerando o quinto, são efeitos. Eles são, no entanto, inconstantes, e chamados pelo nome de ilusão. Causados pela produção de cupidez, não diferentes uns dos outros, sem realidade, ligados com carne e sangue, e dependendo uns dos outros, existindo fora da alma, esses são todos incapazes e impotentes. Prana e Apana, e Udana e Samana e Vyana, esses cinco ares estão sempre ligados intimamente à alma. Junto com fala, mente, e compreensão, eles constituem o universo de oito ingredientes. Aquele cuja pele, nariz, ouvidos, olhos, língua, e palavras são controlados, cuja mente é pura, e cuja compreensão não se desvia (do caminho correto), e cuja mente nunca é queimada por aqueles oito fogos, consegue chegar àquele Brahman auspicioso ao qual não existe nada superior. Aqueles que são chamados de onze órgãos e que surgiram do Egoísmo, eu irei agora, ó regenerados, mencionar detalhadamente. Eles são os ouvidos, a pele, os dois olhos, a língua, o nariz numerando o quinto, os dois pés, o ducto inferior, o órgão de geração, as duas mãos, e a fala formando o décimo. Esses constituem o grupo de órgãos, com a mente contando como o décimo primeiro. Uma pessoa deve primeiro subjugar este grupo. Então Brahman brilhará (nela). Cinco entre esses são chamados de órgãos de conhecimento, e cinco, órgãos de ação. Os cinco começando com os ouvidos são realmente citados como estando relacionados com o conhecimento. O resto, no entanto, que está relacionado com ação é sem distinção. A mente deve ser considerada como pertencente a ambos. A compreensão é o décimo segundo no topo. Assim foram enumerados os onze órgãos na devida ordem. Homens eruditos, tendo-os compreendido, pensam que eles realizaram tudo. Eu irei, depois disto, enumerar todos os vários órgãos. Espaço (ou Éter) é a primeira entidade. Quando ligado com a alma, ele é chamado de ouvido. Quando ligado com objetos, ele é o som. A divindade que preside (isto) é os quadrantes. O Ar é a segunda entidade. Quando ligado com a alma, ele é conhecido como a pele. Quando ligado com objetos, ele é conhecido como objetos de tato; e a divindade que preside lá é o tato. A terceira é a Luz. Quando ligada com a alma, ela é conhecida como o olho. Quando ligada com objetos, ela é cor; e o sol é sua divindade. A quarta (entidade) deve ser conhecida como Água. Quando ligada com a alma, é dito que ela é a língua. Quando ligada com objetos, ela é sabor, e a divindade que preside lá é Soma. A quinta entidade é a Terra. Quando ligada com a alma, é dito que ela é o nariz. Quando ligada com objetos, ela é o cheiro; e a divindade que preside lá é o vento.

Assim foi declarado para ti o modo como as cinco entidades são divididas em conjuntos de três. Depois disso eu declararei tudo sobre os diversos (outros) órgãos. Brahmanas conhecedores da verdade dizem que os dois pés são mencionados como ligados com a alma. Quando ligados com objetos, eles são movimento; e Vishnu é lá a divindade presidente. O ar Apana, cujo movimento é para baixo, quando ligado com a alma é chamado de ducto inferior. Quando ligado com objetos, ele é as fezes que são expelidas; a divindade presidente lá é Mitra. Igualmente ligado com a alma, o órgão de geração é mencionado, o produtor de todos os seres. Quando ligado com objetos, ele é a semente vital; e a divindade presidente é Prajapati. As duas mãos são mencionadas como ligadas com a alma por pessoas conhecedoras das relações da alma. Quando ligadas com objetos, elas são ações; e a divindade presidente nesse ponto é Indra. Em seguida, ligada com a alma é a fala a qual se relaciona com todos os deuses. Quando ligada com objetos, ela é o que é falado. A divindade que preside lá é Agni. Como ligada com a alma, a mente é mencionada, a qual se move dentro da alma dos cinco elementos. (A mente, através da ajuda dos sentidos, entra em todas as coisas ou consegue conhecê-las.) Quando ligada com objetos, ela é a operação mental; e a divindade presidente é Chandramas (lua). Igualmente ligado com a alma é Egoísmo, o qual é a causa de todo o curso de vida mundana. Quando ligado com objetos, ele é a consciência de si mesmo; e a divindade que preside nesse ponto é Rudra. Ligada com a alma é a compreensão, a qual impele os seis sentidos. Quando ligada com objetos, ela é aquilo que é para ser entendido, e a divindade presidente lá é Brahma. Três são as bases de todos os objetos existentes. Uma quarta não é possível. Estas são terra, água, e éter. O modo de nascimento é quádruplo. Alguns nascem de ovos; alguns nascem de germes os quais brotam, penetrando pela terra; alguns nascem da sujeira; e alguns nascem de esferas de carne em úteros. Dessa maneira o modo de nascimento é visto ser de quatro tipos, de todas as criaturas vivas. Assim sendo, há outros seres inferiores e igualmente aqueles que percorrem o céu. Esses devem ser conhecidos como nascidos de ovos como também aqueles que rastejam sobre seus peitos. Insetos são citados como nascidos da sujeira, como também outras criaturas de uma descrição semelhante. Este é citado como sendo o segundo modo de nascimento e é inferior. Aquelas criaturas vivas que tomam nascimento depois do lapso de algum tempo, irrompendo pelo solo, são citadas como seres nascidos de semente, ó principais das pessoas regeneradas. Criaturas de dois pés ou de muitos pés e aquelas que movem de modo curvo são os seres nascidos de úteros. Entre eles alguns são deformados, ó melhores dos homens. O eterno ventre de Brahma deve ser conhecido como sendo de dois tipos, isto é, penitência e atos meritórios. Tal é a doutrina dos eruditos. (O sentido parece ser que através desses dois uma pessoa consegue tomar nascimento como um Brahmana.) Ação deve ser compreendida como sendo de vários tipos, tais como sacrifício, doações feitas em sacrifícios, e o dever meritório de estudo para cada um que é nascido; tal é o ensino dos antigos. Aquele que compreende isso adequadamente vem a ser considerado como possuidor de Yoga, ó principais das pessoas regeneradas. Saibam também que tal homem fica livre também de todos os seus pecados. Eu assim declarei para vocês devidamente a doutrina de Adhyatma. Ó Rishis conhecedores de todos os deveres, um conhecimento disto é adquirido por

aquelas que são consideradas como pessoas de conhecimento. Unindo juntos todos estes, isto é, os sentidos, os objetos dos sentidos, e as cinco grandes entidades, uma pessoa deve mantê-los na mente. (Isto é, deve-se considerá-los como realmente não distintos da mente. De fato, criados pela própria mente, esses devem sempre ser considerados como não tendo existência real além da mente.) Quando tudo é atenuado (por absorção) na mente, alguém não mais estima os prazeres da vida. Homens eruditos, cujas compreensões estão equipadas com conhecimento, consideram esta (atenuação de todas as coisas por absorção na mente) como a verdadeira felicidade. Eu irei depois disso falar para vocês da renúncia com relação a todas as entidades por meios brandos e severos, a qual produz atração por tópicos sutis e que são repletos de auspiciosidade. Aquela conduta que consiste em tratar as qualidades como não qualidades (isto é, considerar coragem, magnanimidade, etc., como realmente não méritos, pois elas levam ao orgulho), que é livre de apegos, a qual é vida solitária, que não reconhece distinções, e que é cheia de Brahman, é a fonte de toda felicidade. O homem erudito que absorve todos os desejos em si mesmo de todos os lados como a tartaruga recolhendo todos os seus membros, que é desprovido de paixão, e que é livre de tudo, está sempre feliz. Reprimindo todos os desejos dentro da alma, destruindo sua sede, concentrado em meditação, e se tornando o amigo de bom coração para todas as criaturas, ele consegue se tornar apto para assimilação com Brahman. Através da repressão de todos os sentidos os quais sempre anseiam por seus objetos, e abandono de lugares habitados, o fogo Adhyatma resplandece no homem de contemplação. Como um fogo, alimentado com combustível, se torna brilhante por causa das chamas ardentes que ele desenvolve, assim mesmo, pela repressão dos sentidos, a grande alma desenvolve sua refulgência. Quando uma pessoa com uma alma tranquila vê todos os entes em seu próprio coração, então, iluminada por seu próprio resplendor, ela alcança aquilo que é mais sutil do que o sutil e que é sem igual em excelência. É estabelecido que o corpo tem fogo como cor, água como sangue e outros líquidos, ar como sentido de tato, terra como o portador horrível da mente (isto é, carne e ossos, etc.), espaço (ou éter) como som; que ele é permeado por doença e tristeza; que ele é dominado por cinco correntes; que ele é composto dos cinco elementos; que ele tem nove portas e duas divindades (Jiva e Iswara); que ele é cheio de paixão; que ele é impróprio para ser visto (devido ao seu caráter profano); que ele é composto de três qualidades; que ele tem três elementos constituintes, (isto é, vento, bílis e muco); que ele é encantado com atrações de todo tipo, que ele é cheio de ilusões. Ele é difícil de ser movido neste mundo mortal, e ele depende da compreensão como seu suporte. Aquele corpo é, neste mundo, a roda do Tempo que está girando continuamente. Aquele (corpo), de fato, é um oceano terrível e insondável e é chamado de ilusão. É esse corpo que estica, contrai, e desperta o universo (inteiro) com os (próprios) imortais. (Através do corpo as criaturas agem, e por isso criação, destruição e recriação são devido ao corpo.) Por dominar os sentidos, uma pessoa rejeita luxúria, ira, medo, cobiça, inimizade, e falsidade, as quais são eternas e, portanto, extremamente difíceis de serem rejeitadas. Aquele que subjugou esses neste mundo, isto é, as três qualidades e os cinco elementos constituintes do corpo, tem o mais Sublime como sua base no Céu. Por ele o Infinito é alcançado. Cruzando o rio, que tem os

cinco sentidos como suas margens íngremes, as tendências mentais como suas águas poderosas, e ilusão como seu lago, alguém deve subjugar luxúria e ira. Tal homem, livre de todas as falhas, então contempla o mais Sublime, concentrando a mente dentro da mente e vendo eu no eu. Compreendendo todas as coisas, ele vê a si mesmo, por si mesmo, em todas as criaturas, às vezes como um e às vezes como diverso, mudando a forma de tempos em tempos. Sem dúvida ele pode perceber numerosos corpos como uma centena de luzes de uma luz. Na verdade ele é Vishnu, e Mitra, e Varuna, e Agni, e Prajapati. Ele é o Criador e o ordenador, ele é o Senhor possuidor de pujança, com faces viradas em todas as direções. Nele, o coração de todas as criaturas, a grande alma se torna resplandecente. Ele todos os conclaves de Brahmanas eruditos, divindades e Asuras, e Yakshas, e Pisachas, os Pitris, e aves, e bandos de Rakshasas, e bandos de seres fantasmais, e todos os grandes Rishis, louvam.'"

43

"Brahmana disse, 'Entre homens, o Kshatriya nobre é (dotado da) qualidade média. Entre os veículos, o elefante (é assim); e entre os habitantes da floresta o leão; entre todos os animais (sacrificais), a ovelha; entre todos aqueles que vivem em buracos, é a cobra; entre o gado, o touro; entre as fêmeas, a mula. (O que é dito aqui é que a qualidade de Paixão predomina nesses.) Não há dúvida que neste mundo, a Nyagrodha (Ficus Bengalensis, Linn), a Jamvu (Eugenia Jambolana, Lamk), a Pippala (Ficus religiosa, Linn), a Salmali (Bombax Malabaricum), e Sinsapa (Dalbergia Sissoo, Roxb), a Meshasringa (Asclepia geminata, Roxb), e a Kichaka (Nimba ou Melia Azadirachta, Linn), são as principais entre as árvores. Himavat, Patipatra, Sahya, Vindhya, Trikutavat, Sweta, Nila, Bhasa, Koshthavat, Guruskandha, Mahendra e Malayavat, essas são as principais das montanhas. Igualmente os Maruts são os principais dos Ganas. Surya é o senhor de todos os planetas, e Chandramas de todas as constelações. Yama é o senhor dos Pitris; o Oceano é o senhor de todos os rios. Varuna é o rei das águas. É dito que Indra é o rei dos Maruts. Arka é o rei de todos os corpos quentes, e Indra de todos os corpos luminosos. Agni é o senhor eterno dos elementos, e Vrihaspati dos Brahmanas. Soma é o senhor das ervas (decíduas), e Vishnu é o principal de todos os que são dotados de poder. Tashtri é o rei dos Rudras, e Siva de todas as criaturas. O Sacrifício é o principal de todos os ritos iniciatórios, e Maghavat das divindades. O Norte é o senhor de todos os pontos do horizonte; Soma de grande energia é o senhor de todos os Brahmanas eruditos. Kuvera é o senhor de todas as pedras preciosas, e Purandara de todas as divindades. Tal é a criação mais elevada entre todas as entidades. Prajapati é o senhor de todas as criaturas. De todas as entidades no entanto, eu, que sou cheio de Brahman, sou o principal. Não há ente que seja mais elevado do eu mesmo ou Vishnu. O grande Vishnu, que é cheio de Brahman, é o rei dos reis sobre todos. Conheça-o como o soberano, o criador, o incriado Hari. Ele é o soberano de homens e Kinnaras e Yakshas e Gandharvas, e Cobras e Rakshasas, e divindades e Danavas e Nagas. Entre aqueles que são seguidos por pessoas cheias de desejo está a grande deusa Maheswari de belos olhos. Ela é também

chamada pelo nome de Parvati. Saiba que a deusa Uma é a principal e a mais auspiciosa das mulheres. Entre as mulheres que são uma fonte de prazer as principais são as Apsaras que são possuidoras de grande esplendor. Reis são desejosos de obter piedade, e Brahmanas são caminhos de piedade. Portanto, o rei deve sempre se esforçar para proteger os duas vezes nascidos. Aqueles reis em cujos domínios bons homens enlanguescem são considerados como desprovidos das virtudes de sua classe. Futuramente eles têm que entrar em caminhos errados. Aqueles reis em cujos domínios bons homens são protegidos se regozijam neste mundo e desfrutam de felicidade após a morte. Na verdade, aqueles de grande alma obtêm o assento mais elevado. Entendam isto, ó principais dos regenerados. Eu irei depois disso declarar as indicações eternas dos deveres. Abstenção de injúria é o maior dever. Injúria é uma indicação de maldade. Esplendor é a indicação das divindades. Homens têm ações como suas indicações. Éter (ou espaço) tem som como sua característica. Vento tem tato como sua característica. A característica dos corpos iluminados é a cor, e a água tem o sabor como sua característica. Terra, a qual mantém todos os entes, tem cheiro como sua característica. A fala tem palavras como sua característica, refinadas em vogais e consoantes. A mente tem o pensamento como sua característica. O pensamento é citado, além disso, como sendo a característica da compreensão. As coisas pensadas pela mente são averiguadas com exatidão pela compreensão. Não há dúvida nisto, isto é, que a compreensão, pela perseverança, percebe todas as coisas. A característica da mente é a meditação. A característica do homem bom é viver despercebido. (O sentido parece ser que homens bons nunca permitem que outros saibam quais são suas ações. Eles são estranhos à ostentação.) Devoção tem atos como sua característica. Conhecimento é a característica da renúncia. Portanto mantendo o conhecimento perante sua vista, o homem de compreensão deve praticar renúncia. O homem que se dirigiu à renúncia e que é possuidor de conhecimento, que transcende todos os pares de opostos, como também ignorância, morte, e decrepitude, chega à meta mais sublime. Eu assim declarei para vocês devidamente quais são as indicações do dever. Eu irei, depois disso, lhes falar da apreensão (compreensão) das qualidades. Aroma, o qual pertence à terra, é apreendido pelo nariz. O ar, que mora no nariz é igualmente designado (como um agente) na percepção do aroma. Sabor é a essência da água. Este é apreendido pela língua. Soma, que reside na língua, é designado igualmente na percepção de sabor. A qualidade de um corpo iluminado é a cor. Esta é apreendida pelos olhos. Aditya que sempre reside nos olhos está estabelecido na percepção de cor. Tato sempre pertence ao ar (como sua qualidade). Este é percebido pela pele. O ar que sempre reside na pele está estabelecido em apreender o toque. A qualidade do éter é o som. Este é apreendido pelo ouvido. Todos os quadrantes, os quais residem no ouvido, têm sido estabelecidos em apreender o som. A qualidade da mente é o pensamento. Este é apreendido pela compreensão. O sustentador da consciência, residindo no coração, está estabelecido em apreender a mente. A compreensão é apreendida na forma de determinação ou certeza, e Mahat na forma de conhecimento. O inobservado (Prakriti) tem sido, é evidente, estabelecido para a apreensão de todas as coisas depois da certeza. Não há dúvida nisto. (O conhecimento da própria identidade de alguém e das coisas como diferentes umas das outras é

presidido por Prakriti. Se for perguntado de onde é o conhecimento: 'Eu sou assim'; e que 'Isto é assim'; a resposta é que ele vem de Prakriti ou Natureza.) O Kshetrajna que é eterno e é desprovido de qualidades com relação à sua essência não pode ser apreendido por símbolos. Por isso, a característica do Kshetrajna, o qual é sem símbolos, é puramente conhecimento. O imanifesto reside no símbolo chamado Kshetra, e é aquilo no qual as qualidades são produzidas e absorvidas. Eu sempre o vejo, conheço, e ouço (embora) ele esteja escondido. Purusha o conhece: portanto ele é chamado de Kshetrajna. O Kshetrajna percebe também as operações das qualidades e ausência de suas operações. As qualidades, que são criadas repetidamente, não conhecem a si mesmas, sendo ininteligentes, como entidades a serem criadas e dotadas de um início, meio, e fim. Nada mais alcança, somente o Kshetrajna alcança aquilo que é o mais elevado e excelente e que transcende as qualidades e aquelas entidades que nascem das qualidades. Então alguém que compreende os deveres, rejeitando as qualidades e a compreensão, e tendo seus pecados destruídos, e transcendendo as qualidades, entra no Kshetrajna. Alguém que está livre de todos os pares de opostos, que nunca curva sua cabeça para ninguém, que é desprovido de Swaha, que é inalterável, e sem lar, é o Kshetrajna. Ele é o Senhor Supremo.'"

44

"Brahmana disse, 'Eu irei agora lhes falar realmente sobre tudo aquilo que tem um início, meio, e fim, e que é dotado de nome e características, junto com os meios de compreensão. É dito que o Dia foi primeiro, então surgiu a Noite. É dito que os Meses têm as quinzenas iluminadas primeiro. As constelações têm Sravana como sua primeira; as Estações têm aquela dos orvalhos (isto é, Inverno) como sua primeira. A Terra é a fonte de todos os odores; e a Água de todos os sabores. A luz solar é a fonte de todas as cores; o Vento de todas as sensações de tato. Igualmente, do som a fonte é o espaço (ou Éter). Essas são as qualidades dos elementos. Eu irei, depois disso, declarar aqueles que são os primeiros e os mais elevados de todos os entes. O sol é o principal de todos os corpos iluminados. O fogo é dito que é o principal de todos os elementos. Savitri é o principal de todos os ramos de aprendizagem. Prajapati é a primeira de todas as divindades. A sílaba Om é o primeiro de todos os Vedas, e ar vital Prana é o primeiro de todos os ares. É chamado de Savitri tudo o que é prescrito neste mundo. (A palavra Savitri é usada aqui para significar todas as formas de culto celebradas por Brahmanas, etc., e pelos Mlechas igualmente.) O Gayatri é a principal de todas as métricas; de todos os animais (sacrificais) o primeiro é a cabra. As vacas são os principais de todos os quadrúpedes. Os duas vezes nascidos são os principais de todos os seres humanos. O falcão é a principal de todas as aves. Dos sacrifícios o principal é o de derramar manteiga clarificada no fogo. De todos os répteis o primeiro, ó principais dos regenerados, é a cobra. O Krita é o primeiro de todos os Yugas; não há dúvida nisso. O ouro é a principal de todas as coisas preciosas. Cevada é a principal de todas as plantas. Alimento é a principal de todas as coisas a serem comidas ou engolidas. De todas as substâncias líquidas a serem bebidas, a água é a principal. De todos os entes

imóveis sem distinção, é dito que Plaksha é o principal, aquele campo sempre santo de Brahman. De todos os Prajapatis eu sou o primeiro. Não há dúvida nisso. De alma inconcebível, é dito que o Vishnu existente por si mesmo é meu superior. De todas as montanhas a grande Meru é considerada como a primogênita. De todos os pontos cardeais e secundários do horizonte, o do leste é citado como sendo o principal e primogênito. Ganga de três cursos é citada como o primogênito de todos os rios. Igualmente, de todos os poços e reservatórios de águas, o oceano é citado como o primogênito. Iswara é o Senhor supremo de todas as divindades e Danavas e seres fantasmais e Pisachas, e cobras e Makshasas e seres humanos e Kinnaras e Yakshas. O grande Vishnu, que é repleto de Brahma, a quem não há ser superior nos três mundos, é o principal de todo o universo. De todos os modos de vida, aquele do chefe de família é o principal. Disso não há dúvida. O Imanifesto é a fonte de todos os mundos como, de fato, aquele é o fim de todas as coisas. Dias terminam com o pôr do sol e Noites com o nascer do sol. O fim do prazer é sempre a tristeza, e o fim da tristeza é sempre o prazer. Todos os acúmulos têm esgotamento como seu fim, e todas as subidas têm quedas como seu fim. Todas as associações têm separações como seu fim, e a vida tem a morte como seu fim. Toda ação termina em destruição, e tudo o que nasce sem dúvida encontra com a morte. Toda coisa móvel e imóvel neste mundo é transitória. Sacrifício, doações, penitências, estudo, votos, observâncias, todos esses têm destruição como seu fim. Do Conhecimento, não há fim. Por isso, alguém que possui uma alma tranquila, que subjugou seus sentidos, que está livre do senso de meu, que é desprovido de egoísmo, é libertado de todos os pecados pelo conhecimento puro.'"

45

"Brahmana disse, 'A roda da vida se move adiante. Ela tem a compreensão como sua força; a mente como o poste (sobre o qual ela se apóia); o grupo de sentidos como seus laços (ou raios), os (cinco) grandes elementos como seu cubo, e o lar como sua circunferência. (Pois como a circunferência limita a roda, da mesma maneira o lar, esposa e filhos limitam as afeições e ações da vida.) Ela é subjugada pela decrepitude e aflição, e ela tem doenças e calamidades como sua progênie. Aquela roda se relaciona com hora e lugar. Ela tem trabalho e exercício como seu barulho. Dia e Noite são as rotações daquela roda. Ela está cercada por calor e frio. Prazer e dor são suas juntas, e fome e sede são os pregos fixados nela. Luz solar e sombra são os sulcos (que ela causa). Ela pode ser agitada mesmo durante um espaço de tempo curto tal como o que é tomado pelo abrir e fechar da pálpebra. Ela está envolvida nas águas terríveis da ilusão. Ela está sempre girando e desprovida de consciência. Ela é medida por meses e meios-meses. Ela não é uniforme (sendo sempre variável), e se movimenta por todos os mundos. Penitência e votos são sua lama. A força da Paixão é seu movedor. Ela é iluminada pelo grande egoísmo, e é sustentada pelas qualidades. Aborrecimentos (causados pela não-aquisição do que é desejado) são as ligaduras que a atam de todos os lados. Ela gira no meio de dor e destruição. Ela é dotada de ações e dos instrumentos de ação. Ela é grande e é estendida por

vínculos. Ela é tornada instável por cobiça e desejo. Ela é produzida por Ignorância variada. Ela é acompanhada por medo e ilusão, e é a causa da ilusão de todos os seres. Ela se move em direção à alegria e prazer, e tem desejo e ira como sua posse. Ela é composta das entidades começando com Mahat e terminando com os elementos grosseiros. Ela é caracterizada por produção e destruição continuando incessantemente. Sua velocidade é como aquela da mente, e ela tem a mente como sua fronteira. Essa roda da vida que é associada com pares de opostos e desprovida de consciência, o universo com os próprios imortais devem rejeitar, reduzir, e controlar. Aquele homem que sempre compreende com exatidão o movimento e pausa dessa roda da vida nunca é visto ser iludido, entre todas as criaturas. Livre de todas as impressões, privado de todos os pares de opostos, livre de todos os pecados, ele alcança a meta mais sublime. O chefe de família, o Brahmacharin, o asceta da floresta e o mendicante, todos esses quatro modos de vida foram considerados como tendo o modo do chefe de família como sua fundação. Qualquer sistema de regras que seja prescrito neste mundo, seu cumprimento é benéfico. Tal cumprimento sempre é citado favoravelmente. Aquele que foi primeiro purificado por cerimônias, que tem cumprido votos adequadamente, que pertence em relação a nascimento a uma linhagem possuidora de qualificações superiores, e que compreende os Vedas, deve retornar (da casa de seu preceptor). (Significando que ele deve ir para a casa de seu preceptor, estudar e servir lá, e depois de completar seu curso, retornar para levar uma vida familiar.) Sempre devotado à sua esposa, se comportando da mesma maneira dos bons, com seus sentidos sob subjugação, e cheio de fé, ele deve neste mundo realizar os cinco sacrifícios. Aquele que come o que resta depois de alimentar divindades e convidados, que é dedicado ao cumprimento de ritos Védicos, que realiza devidamente de acordo com seus recursos sacrifícios e doações, que não é indevidamente ativo com suas mãos e pés, que não é indevidamente ativo com seus olhos, que é dedicado às penitências, que não é indevidamente ativo com sua fala e limites, está incluído na categoria de Sishta ou os bons. Ele deve sempre portar o fio sagrado, usar roupas brancas (limpas), cumprir votos puros, e deve sempre se associar com homens bons, fazendo doações e praticando autodomínio. Ele deve subjugar sua luxúria e o estômago, praticar compaixão universal, e ser caracterizado por comportamento que condiz com aos bons. Ele deve sempre levar o bastão de bambu, e um pote de água cheio com água. Tendo estudado, ele deve ensinar; igualmente também ele mesmo deve fazer sacrifícios e oficiar nos sacrifícios de outros. Ele deve também fazer doações feitas para ele mesmo. Na verdade, a conduta de alguém deve ser caracterizada por essas seis ações. Saibam que três dessas ações devem constituir o meio de vida dos Brahmanas, isto é, ensinar (pupilos), oficiar nos sacrifícios de outros, e a aceitação de doações de uma pessoa que é pura. Quanto aos outros deveres que restam, numerando três, isto é, fazer doações, estudo, e sacrifício, esses são acompanhados por mérito. (Os três últimos produzem mérito e devem, portanto, ser realizados. Os primeiros três, no entanto, são fontes de sustento.) Praticante de penitências, autocontrolado, praticando compaixão e perdão universais, e olhando para todas as criaturas com um olhar imparcial, o homem que está familiarizado com os deveres nunca deve estar desatento com relação àquelas três ações. O Brahmana erudito de coração puro,

que cumpre o modo de vida familiar e pratica votos rígidos, assim devotado e assim cumprindo todos os deveres da melhor maneira que pode, consegue conquistar o Céu.'"

46

"Brahmana disse, 'Estudando assim regularmente ao melhor de seu poder, da maneira descrita acima, e igualmente vivendo como um Brahmacharin, alguém que é dedicado aos deveres de sua própria classe, possuidor de instrução, praticante de penitências, e com todos os sentidos sob restrição, dedicado ao que é agradável e benéfico para o preceptor, firme em praticar o dever de veracidade, e sempre puro, deve, com a permissão do preceptor, comer seu alimento sem depreciá-lo. Ele deve comer Havishya feito do que é obtido em esmolas, e deve levantar, sentar, e se exercitar (como ordenado). (Havishya é alimento cozido de uma maneira específica e oferecido para as divindades. Ele deve ser livre de carne. Pode haver leite ou ghee nele, mas o cozimento deve ser feito em uma única panela ou recipiente continuamente; nenhuma mudança de recipientes é permitida.) Ele deve derramar libações no fogo duas vezes ao dia, tendo se purificado e com a mente concentrada. Ele deve sempre portar um bastão feito de Vilwa ou Palasa. (Vilwa é a Aegle marmelos, e Palasa é a Butea frondosa de Roxburgh.) Os mantos do homem regenerado devem ser de linho, ou de algodão, ou de pele de veado, ou de um tecido seja totalmente vermelho-pardo. Deve haver também um cinto feito de grama-Munja. Ele deve ter madeixas emaranhadas na cabeça, e deve realizar suas abluções todo dia. Ele deve portar o fio sagrado, estudar as escrituras, se privar da cobiça, e ser firme no cumprimento de votos. Ele deve também gratificar as divindades com oblações de água pura, com sua mente controlada. Tal Brahmacharin é digno de elogio. Com a semente vital parada e mente concentrada, alguém que é assim devotado consegue conquistar o Céu. Tendo alcançado ao assento mais elevado, ele não tem que voltar ao nascimento. Purificado por todos os ritos purificatórios e tendo vivido como um Brahmacharin, ele deve logo sair de sua aldeia e viver em seguida como um asceta nas florestas, tendo renunciado (a todas as atrações). Vestido em peles de animais ou cascas de árvores ele deve realizar suas abluções de manhã e à noite. Sempre vivendo dentro da floresta, ele nunca deve voltar para um lugar habitado. Honrando convidados quando eles chegam, ele deve lhes dar abrigo, e ele mesmo subsistir de frutas e folhas e raízes comuns, e Syamaka. Ele deve, sem ser indolente, subsistir de água tal como ele consegue, e do ar, e de todos os produtos da floresta. Ele deve viver destes, na devida ordem, segundo os regulamentos da sua iniciação. (A princípio ele deve viver de frutas e raízes e folhas, etc. Em seguida de água, e então do ar. Há diferentes facções de ascetas da floresta. O rumo de vida é determinado no momento dos ritos iniciatórios.) Ele deve honrar o convidado que vai a ele com esmolas de frutas e raízes. Ele deve então, sem preguiça, sempre dar qualquer outro alimento que ele possa ter. Enquanto reprime as palavras, ele deve comer depois de satisfazer divindades e convidados. Sua mente deve ser livre de inveja. Ele deve comer pouco, e depender sempre das divindades. Autocontrolado, praticando compaixão

universal, e possuidor de clemência, ele deve usar barba e cabelo (sem se submeter às operações do barbeiro). Realizando sacrifícios e se dedicando ao estudo das escrituras, ele deve ser firme no cumprimento do dever de sinceridade. Com corpo sempre em um estado de pureza, dotado de inteligência, sempre residindo na floresta, com mente concentrada, e sentidos em submissão, um asceta da floresta, se dedicando dessa maneira, conquistaria o Céu. Um chefe de família, ou Brahmacharin, ou asceta da floresta que desejar alcançar a Emancipação, deve recorrer àquela que é chamada de a melhor direção de conduta. Tendo concedido para todas as criaturas o penhor da completa abstenção de mal, ele deve renunciar completamente a toda ação. Ele deve contribuir para a felicidade de todas as criaturas, praticar cordialidade universal, subjugar todos os seus sentidos, e ser um asceta. Subsistindo de alimento obtido sem pedir e sem incômodo, e que veio a ele espontaneamente, ele deve fazer um fogo. Ele deve fazer sua ronda de mendicância em um local onde a fumaça cessou de espiralar e onde todos os habitantes já comeram. (O Sannyasin não deve pedir esmolas, ou, se ele alguma vez procurar por esmolas, ele deve procurá-las em uma vila ou casa onde a comida já tenha sido feita e onde todos já comeram. Esta limitação é estipulada, pois caso contrário o Sannyasin pode ser alimentado até sua saciedade pelo chefe de família que o vê.) A pessoa que está familiarizada com a conduta que leva à Emancipação deve procurar por esmolas depois que os recipientes (usados para cozinhar) tenham sido lavados. Ele nunca deve se regozijar quando obtiver alguma coisa, e nunca ficar deprimido se ele não obtiver nada. Procurando somente o que é necessário para manter a vida, ele deve, com mente concentrada, fazer sua ronda de mendicância, esperando pelo momento apropriado. Ele não deve desejar por lucros em comum com outros, nem comer quando honrado. O homem que leva a vida de mendicância deve se esconder para evitar doações com honra. Enquanto comendo, ele não deve comer tal alimento que constitui os restos do prato de outro, nem que é amargo, ou adstringente, ou pungente. Ele não deve também comer tais tipos de comida que tenham um sabor doce. Ele deve comer somente tanto quanto é necessário para se manter vivo. A pessoa familiarizada com a Emancipação deve obter sua subsistência sem obstruir nenhuma criatura. Em suas rondas de mendicância ele nunca deve seguir outro (inclinado ao mesmo propósito). Ele nunca deve ostentar sua piedade; ele deve se mover em um lugar retirado, livre de paixão. Para se abrigar ele deve recorrer a uma casa vazia, ou a uma floresta, ou ao pé de uma árvore, ou a um rio, ou a uma caverna de montanha. No verão ele deve passar uma única noite em um lugar habitado; na estação das chuvas ele pode viver em um local. Ele deve se mover pelo mundo como um verme, seu caminho indicado pelo Sol. Por compaixão pelas criaturas, ele deve andar sobre a Terra com seus olhos dirigidos para ela. Ele nunca deve fazer quaisquer acumulações e deve evitar residência com amigos. O homem familiarizado com a Emancipação deve todos os dias fazer todas as suas ações com água pura. Tal homem deve sempre realizar suas abluções com água que foi buscada (do rio ou do tanque). (Ele nunca deve mergulhar em um rio ou lago ou reservatório para se banhar.) Abstenção de mal, Brahmacharya, veracidade, simplicidade, liberdade de ira, liberdade de execrar outros, autocontrole, e liberdade habitual de maledicência: esses oito votos, com sentidos contidos, ele deve seguir firmemente. Ele deve

sempre praticar um modo de conduta impecável, que não seja enganador nem desonesto. Livre de apegos, ele deve sempre fazer alguém que chega como um convidado comer (pelo menos) um bocado de alimento. Ele deve comer somente o suficiente para o sustento, para a manutenção da vida. Ele deve comer somente tal comida que foi obtida por meios justos, e não seguir os ditames do desejo. Ele nunca deve aceitar outra coisa a não ser alimento e roupa somente. Ele deve, além disso, aceitar somente tanto quanto ele possa comer e nada mais. Ele não deve ser induzido a aceitar doações de outros, nem ele deve fazer doações para outros. Devido ao desamparo das criaturas, o homem de sabedoria deve sempre partilhar com outros. Ele não deve se apropriar do que pertence a outros, nem deve pegar alguma coisa sem ser pedido. Ele não deve, tendo desfrutado de alguma coisa, ficar tão apegado a ela quanto a desejar tê-la mais uma vez. Ele deve pegar somente terra e água e seixos e folhas e flores e frutos, que não sejam possuídos por ninguém, quando eles estão disponíveis, quando ele deseja fazer alguma ação. Ele não deve viver pela ocupação de um artesão, nem ele deve cobiçar ouro. Ele não deve odiar, nem ensinar (alguém que não procura ser ensinado); nem ele deve ter quaisquer pertences. Ele deve comer somente o que está consagrado pela fé. Ele deve se abster de controvérsias. Ele deve seguir aquela direção de conduta que é mencionada como sendo nectária. Ele nunca deve ser ligado a alguma coisa, e nunca deve estabelecer relações de intimidade com nenhuma criatura. Ele não deve realizar, nem causar a realização, de alguma ação que envolva expectativa de resultado ou destruição de vida ou a armazenagem de riqueza ou artigos. Rejeitando todos os objetos, contente com muito pouco, ele deve vagar (sem lar) adotando um comportamento imparcial para com todas as criaturas móveis e imóveis. Ele nunca deve aborrecer outro ser; nem deve se aborrecer com outro. Aquele que tem a confiança de todas as criaturas é considerado como a principal daquelas pessoas que compreendem a Emancipação. Ele não deve pensar no passado, nem se sentir ansioso sobre o futuro. Ele deve desconsiderar o presente, aguardando o tempo (isto é, permitindo que o tempo passe indiferentemente por ele), com mente concentrada. Ele nunca deve macular alguma coisa pelos olhos, mente, ou palavras. Nem ele deve fazer qualquer coisa que seja errada, abertamente ou em segredo. Retraindo seus sentidos como a tartaruga recolhendo seus membros, ele deve atenuar seus sentidos e mente, cultivar uma compreensão completamente pacífica, e procurar dominar todo tópico. Livre de todos os pares de opostos, nunca curvando sua cabeça em reverência, se abstendo dos ritos que requerem a expressão vocal de Swaha, ele deve ser livre do sentimento de posse e egoísmo. Com alma purificada, ele nunca deve procurar adquirir o que ele não tem e proteger o que ele tem. Livre de expectativas, desprovido de qualidades, ligado à tranquilidade, ele deve ser livre de todos os vínculos e não deve depender de ninguém. Ligado a si mesmo e compreendendo todos os tópicos, ele se torna emancipado sem dúvida. Aqueles que percebem o eu, o qual não tem mãos e pés e costas, que não tem cabeça e estômago, que está livre da operação de todas as qualidades, que é absoluto, imaculado, e estável, que não tem cheiro, nem gosto e tato, nem cor, e nem som; que é para ser compreendido (por estudo atento), que é livre, que é sem carne, que é livre de ansiedade, imperecível, e divino, e, por fim, que embora residindo em uma casa reside em todas as criaturas, consegue escapar da morte.

Lá a compreensão não alcança, nem os sentidos, nem as divindades, nem os Vedas, nem sacrifícios, nem as regiões (de felicidade superior), nem penitências, nem votos. É dito que o alcance disto por aqueles que possuem conhecimento é sem a compreensão de símbolos. Por isso, o homem que conhece as propriedades daquilo que é desprovido de símbolos deve praticar as verdades da piedade. (O sentido parece ser este; o eu ou alma é sem qualidades. Aquele que conhece o eu, ou melhor, aquele que busca o eu com o desejo de conhecê-lo, deve praticar as verdades da Piedade como declaradas acima. Elas constituem o caminho que leva ao eu.) O homem erudito, se dirigindo a uma vida familiar, deve adotar aquela conduta que é harmoniosa com o conhecimento verdadeiro. Embora não iludido, ele deve praticar piedade do mesmo modo de alguém que é iludido, sem encontrar defeito nisso. Sem encontrar falha nas práticas dos bons, ele mesmo deve adotar tal conduta para praticar piedade que possa induzir outros a sempre desconsiderá-lo. O homem que é dotado de tal conduta é citado como o principal dos ascetas. Os sentidos, os objetos dos sentidos, os (cinco) grandes elementos, mente, compreensão, egoísmo, o imanifesto, Purusha também, depois de compreender esses devidamente com a ajuda de inferências corretas, ele alcança o Céu, livre de todos os grilhões. Alguém familiarizado com a verdade, compreendendo esses no tempo do término de sua vida, deve meditar, se apoiando unicamente em um ponto. Então, dependendo de ninguém, ele chega à Emancipação. Livre de todos os vínculos, como o vento no espaço, com suas acumulações esgotadas, sem angústia de qualquer tipo, ele alcança sua meta mais sublime.'"

47

"Brahmana disse, 'Os antigos, que eram proferidores de verdade indubitável, dizem que Renúncia é penitência. Brahmanas, se apoiando naquilo que tem Brahman como sua origem (os Vedas), entendem o Conhecimento como sendo Brahman sublime. Brahman está à grande distância, e sua realização depende de um conhecimento dos Vedas. Ele é livre de todos os pares de opostos, ele é desprovido de todas as qualidades; ele é eterno; ele é dotado de qualidades impensáveis: ele é supremo. É pelo conhecimento e penitência que aqueles dotados de sabedoria contemplam aquilo que é o mais sublime. Realmente, aqueles que são de mente pura, que estão purificados de todo pecado, e que transcenderam toda paixão e ignorância (conseguem contemplá-lo). Aqueles que estão sempre dedicados à renúncia, e que estão familiarizados com os Vedas, conseguem chegar ao Senhor supremo que é idêntico ao caminho da felicidade e paz, pela ajuda da penitência. Penitência, isto é dito, é luz. Conduta leva à piedade. Conhecimento é citado como o mais elevado. Renúncia é a melhor penitência. Aquele que compreende a si mesmo por meio de determinação exata de todos os tópicos, que é impassível, que é idêntico ao Conhecimento, e que reside em todos os entes, consegue ir a todos os lugares. O homem erudito que vê associação, e separação, e unidade na diversidade, é libertado da miséria. Aquele que nunca deseja nada, que não despreza nada, se torna qualificado, mesmo enquanto morando neste mundo, para assimilação com Brahman. Aquele

que conhece as verdades sobre as qualidades de Pradhana, e compreende o Pradhana como existindo em todas as entidades, que está livre do sentimento de posse e egoísmo, sem dúvida se torna emancipado. Aquele que está livre de todos os pares de opostos, que não curva sua cabeça para ninguém, que transcendeu os ritos de Swadha, consegue somente pela ajuda da tranquilidade chegar àquilo que é livre dos pares de opostos, que é eterno, e que é desprovido de qualidades. Abandonando todas as ações, boas ou más, desenvolvidas das qualidades, e rejeitando verdade e falsidade, uma criatura, sem dúvida, se torna emancipada. Tendo o imanifesto como a semente de sua origem, com a compreensão como seu tronco, com o grande princípio de egoísmo como seu grupo de galhos, com os sentidos como as cavidades dos seus pequenos brotos, com os (cinco) grandes elementos como seus ramos grandes, os objetos dos sentidos como seus ramos menores, com folhas que estão sempre presentes, com flores que sempre a enfeitam e com frutos agradáveis e desagradáveis sempre produzidos, é a árvore eterna de Brahman que forma o sustento de todas as criaturas. Cortando e trespassando aquela árvore com conhecimento da verdade como a espada, o homem de sabedoria, abandonando os vínculos que são feitos de apego e que causam nascimento, decrepitude e morte, e se livrando do sentimento de posse e egoísmo, sem dúvida se torna emancipado. Estas são as duas aves, que são imutáveis, que são amigas, e que devem ser conhecidas como ininteligentes. Aquela outra que é diferente destas duas é chamada de Inteligente. Quando o eu interno, o qual é desprovido de conhecimento da natureza, que é (por assim dizer) ininteligente, se torna familiarizado com aquilo que está acima da natureza, então, compreendendo o Kshetra, e dotado de uma inteligência que transcende todas as qualidades e compreende tudo, alguém vem a ser libertado de todos os pecados.'"

48

"Brahmana disse, 'Alguns consideram Brahman como uma árvore. Alguns consideram Brahman como uma grande floresta. Alguns consideram Brahman como imanifesto. Alguns o consideram como transcendente e livre de toda aflição. Eles pensam que tudo isso é produzido de e absorvido no imanifesto. Aquele que, mesmo pelo curto espaço de tempo que é tomado por uma única respiração, quando chega seu fim, se torna equânime, chegando ao eu, se qualifica para a imortalidade. Reprimindo o eu no eu, mesmo pelo espaço de um abrir e fechar de olhos, ele vai, devido à tranquilidade do eu, para aquilo que constitui a aquisição inesgotável daqueles que são dotados de conhecimento. Reprimindo os ares vitais repetidas vezes por controlá-los de acordo com o método chamado Pranayama, pelos dez ou os doze, ele atinge aquilo que está além dos vinte e quatro. Dessa maneira tendo primeiro obtido uma alma tranquila, ele obtém a realização de todos os seus desejos. (De acordo com Nilakantha os dez significam as oito características do Yoga, isto é, Yama, Niyama, Asana, Pranayama, Pratyahara, Dharana, Dhyana, Samadhi, mais Tarka e Vairagya. Os doze significam os primeiros oito e estes quatro, isto é, Maitri, Karuna, Mudita, e Upeksha. Se dez mais doze ou vinte e dois forem considerados, então aquele número seria

composto pelos cinco modos de Yama, os cinco de Niyama, os restantes seis de Yoga começando com Asana e terminando com Samadhi, e os quatro começando com Maitri, mais os dois, isto é, Tarka e Vairagya.) Quando a qualidade de Bondade predomina naquilo que surge do Imanifesto, ele se torna preparado para a imortalidade. Aqueles que estão familiarizados com a Bondade a elogiam muito, dizendo que não há nada superior à Bondade. Por inferência nós sabemos que Purusha é dependente da Bondade. Ó melhores dos regenerados, é impossível alcançar Purusha por qualquer outro meio. Perdão, coragem, abstenção de mal, equanimidade, verdade, sinceridade, conhecimento, caridade, e renúncia, são citadas como as características daquele rumo de conduta que surge da Bondade. É por essa inferência que os sábios crêem na identidade de Purusha e Bondade. Não há dúvida nisso. Alguns homens eruditos que são devotados ao conhecimento afirmam a unidade de Kshetrajna e Natureza. Isso, no entanto, não é correto. É dito que a Natureza é diferente de Purusha: isso também implicaria em uma falta de consideração. Realmente, distinção e associação devem ser reconhecidas (como se aplicando à Purusha e Natureza). Unidade e diversidade são igualmente declaradas. Essa é a doutrina dos eruditos. No Mosquito e Udumbara unidade e diversidade são vistas. Como um peixe na água é diferente dela, tal é a relação dos dois (isto é, Purusha e Natureza). Na verdade, sua relação é como aquela das gotas de água na folha do lótus.'"

(O que é dito nessa Lição parece ser isto: o Imanifesto ou Prakriti é aquela condição na qual todas as três qualidades de Bondade, Paixão, e Ignorância existem em um estado de combinação. O imanifesto é a condição existente antes da criação. Quando uma qualidade específica, isto é, Bondade, prevalece sobre as outras, lá surge Purusha, isto é, aquele de quem tudo flui. A relação de Purusha e Natureza é unidade e diversidade. As três ilustrações do Mosquito e Udumbara e o peixe e água, e gotas de água e a folha de lótus explicam a relação entre Purusha e Natureza. Ele está na Natureza, porém é diferente dela. Há associação e dissociação.)

"O preceptor continuou, 'Assim endereçados, aqueles Brahmanas eruditos, que eram os principais dos homens, sentiram algumas dúvidas e (portanto) eles mais uma vez questionaram o Avô (de todas as criaturas).'"

49

"Os Rishis disseram, 'Qual entre os deveres é considerado como o mais digno de ser realizado? Os diversos modos de dever, nós vemos, são contraditórios. Alguns dizem que (ele permanece) depois do corpo (ser destruído). Outros dizem que ele não existe. Alguns dizem que tudo é duvidoso. Outros não têm dúvidas. (As dúvidas se referem aos deveres, se eles devem ser feitos ou não, e se eles têm quaisquer efeitos aqui e após a morte.) Alguns dizem que o (princípio) eterno não é eterno. Alguns dizem que ele existe, e alguns que ele não existe. Alguns dizem que ele é de uma forma, ou duplo, e outros que ele é mesclado. Alguns Brahmanas conhecedores de Brahman e proferidores da verdade o consideram como sendo único. Outros, que ele é distinto; e outros também que ele é

multiforme. Alguns dizem que tempo e espaço existem; outros, que isso não é assim. Alguns têm cabelos emaranhados em suas cabeças e estão vestidos em peles de veado. Outros têm cabeças raspadas e andam totalmente nus. Alguns são a favor da total abstenção de banho, e alguns a favor do banho. Tais diferenças de opiniões podem ser vistas entre divindades e Brahmanas conhecedores de Brahman e dotados de percepções da verdade. Alguns são a favor da alimentação; enquanto alguns são dedicados aos jejuns. Alguns louvam a ação; outros louvam a tranquilidade perfeita. Alguns louvam a Emancipação; alguns, vários tipos de prazeres. Alguns desejam diversos tipos de riqueza; alguns, a pobreza. Alguns dizem que os meios devem ser usados; outros, que isso não é assim. Alguns são devotados a uma vida de abstenção de mal; outros são dedicados à destruição. Alguns são a favor de mérito e glória, outros dizem que não é assim. Alguns são dedicados à bondade; outros estão estabelecidos na dúvida. Alguns são em prol do prazer; alguns são em prol da dor. Outras pessoas dizem que ele é meditação. Outros Brahmanas eruditos dizem que ele é Sacrifício. Outros, além disso, dizem que ele é caridade. Outros louvam penitências; outros, o estudo das escrituras. Alguns dizem que conhecimento e renúncia (devem ser seguidos). Outros que ponderam sobre os elementos dizem que ele é Natureza. Alguns exaltam tudo; outros, nada. Ó principal das divindades, o dever sendo assim confuso e cheio de contradições de vários tipos, nós estamos iludidos e incapazes de chegar a alguma conclusão. Pessoas defendem a ação, dizendo, ‘Isto é bom’, ‘Isto é bom.’ Aquele que é apegado a certo dever louva aquele dever como o melhor. Por essa razão nossa compreensão sucumbe e nossa mente está distraída. Nós, portanto, desejamos, ó melhor de todos os seres, saber o que é bom. Cabe a ti declarar para nós, depois disso, o que é (tão) misterioso, e que é a causa da conexão entre o Kshetrajna e a Natureza.’ Assim endereçado por aqueles Brahmanas eruditos, o ilustre criador dos mundos, dotado de grande inteligência e possuidor de uma alma justa, declarou para eles com exatidão o que eles perguntaram.'"

50

"Brahmana disse, 'Bem, então eu declararei para vocês o que vocês perguntaram. Saibam o que foi dito por um preceptor para um discípulo que foi até ele. Ouvindo tudo isso, decidam apropriadamente (o que isso deve ser). Abstenção de fazer mal para qualquer criatura é considerada com o principal de todos os deveres. Esta é a base mais elevada, livre de ansiedade e constituindo uma indicação de santidade. Os antigos que eram observadores da verdade incontestável, disseram que o conhecimento é a felicidade mais sublime. Por isso, uma pessoa vem a ser libertada de todos os pecados pelo conhecimento puro. Aqueles que são dedicados à destruição e mal, aqueles que são infiéis em conduta, têm que ir para o Inferno por serem dotados de cobiça e ilusão. Aqueles que, sem procrastinação, realizam ações, impelidos a isso pela expectativa vêm a renascer repetidamente neste mundo e passam seu tempo em alegria. Aqueles homens que, dotados de erudição e sabedoria, realizam atos com fé, livres de expectativas, e possuidores de concentração mental, são citados como

percebendo claramente. Eu irei, depois disso, revelar como ocorre a associação e a separação de Kshetrajna e Natureza. Ó melhores dos homens, escutem. A relação aqui é citada como sendo aquela entre o objeto e o sujeito. (O agente que pensa e desfruta é o sujeito, e aquilo que é pensado ou desfrutado é o objeto.) Purusha é sempre o sujeito; e a Natureza é citada como sendo o objeto. Foi explicado, pelo que foi dito em uma parte anterior do discurso onde isto foi indicado, que eles existem da mesma maneira do Mosquito e o Udumbara. Um objeto de prazer como ela é, a Natureza é ininteligente e não conhece nada. Aquele, no entanto, que desfruta dela é citado como aquele que a conhece. Kshetrajna sendo desfrutador, a Natureza é desfrutada. Os sábios dizem que a Natureza é sempre composta de pares de opostos (e consiste em qualidades). Kshetrajna é, por outro lado, desprovido de pares de opostos, desprovido de partes, eterno, e livre, com relação à sua essência, de qualidades. Ele reside em tudo igualmente, e caminha, com conhecimento. Ele sempre desfruta da Natureza, como uma folha de lótus (desfruta) da água. Possuidor de conhecimento, ele nunca é maculado mesmo se trazido em contato com todas as qualidades. Sem dúvida, Purusha é livre como uma gota de água oscilante na folha do lótus. Esta é a conclusão certa (das escrituras): que a Natureza é a propriedade de Purusha. A relação entre esses dois (Purusha e Natureza) é como aquela que existe entre a matéria e seu fabricante. Como alguém entra em um local escuro levando uma luz com ele, assim mesmo aquele que deseja o Supremo procede com a luz da Natureza; (isto é, com o conhecimento da verdade que é adquirido através da Natureza). Contanto que matéria e qualidade (que são como óleo e pavio) existam, a luz brilha. A chama, no entanto, se extingue quando matéria e qualidade (ou óleo e pavio) estão esgotadas. Assim a Natureza é manifesta; enquanto Purusha é citado como imanifesto. Entendam isso, ó Brahmanas eruditos. Bem, eu agora direi a vocês algo mais. Mesmo com mil (explicações), alguém que tem uma compreensão ruim não consegue adquirir conhecimento. Alguém, no entanto, que é dotado de inteligência consegue obter felicidade, somente através de uma quarta parte (de explicações). Dessa maneira a realização do dever deve ser compreendida como dependente dos meios. Pois o homem de inteligência, tendo conhecimento dos meios, consegue chegar à felicidade suprema. Como um homem viajando por uma estrada sem provisões para sua viagem procede com grande desconforto e pode até encontrar com a destruição antes que ele alcance o fim de sua viagem, assim mesmo deve ser sabido que más ações podem não ser frutos. (Alguém que procede em uma jornada deve se abastecer com os recursos necessários, do contrário ele sem dúvida sofrerá desconforto ou até encontrará com a destruição. Dessa maneira, na jornada da vida, uma pessoa deve se munir com conhecimento como os recursos. Ela pode então evitar todo desconforto e perigo. Ação não constitui os recursos adequados. Ela pode ou não produzir resultados.) O exame do que é agradável e do que é desagradável em si mesmo é produtivo de benefício; (isto é, alguém não deve se preocupar muito com o exterior). O progresso na vida de um homem que é privado da percepção da verdade é como aquele de um homem que viaja temerariamente em uma longa estrada não vista antes. O progresso, no entanto, daqueles que são dotados de inteligência é como aquele de homens que viajam pela mesma estrada, sobre um carro ao qual estão unidos corcéis (velozes) e que

se move com rapidez. Tendo subido ao topo de uma montanha, uma pessoa não deve lançar seu olhar sobre a superfície da terra. (Isto é, alguém não precisa fazer ações ordenadas pelas escrituras depois de ter obtido conhecimento o qual é a base mais elevada.) Vendo um homem, ainda que esteja viajando em um carro, afligido e tornado insensível pela dor, o homem de inteligência viaja em um carro contanto que haja um caminho para carro. (Proceder em um carro pode nem sempre ser confortável. Contanto que haja um caminho para carros, uma pessoa deve viajar em seu carro. Se, no entanto, a estrada for de tal maneira que não seja adequada para um carro proceder ao longo dela, deve-se evitar um carro ao ir através dela, pois o carro em vez de levar ao conforto, iria, em tal caminho, ser produtivo somente de desconforto.) O homem de erudição, quando ele vê o caminho de carro terminar, abandona seu carro para seguir em frente. Assim mesmo procede o homem de inteligência que conhece as ordenanças a respeito da Verdade e Yoga (ou Conhecimento e Devoção). Conhecedor das qualidades, tal homem prossegue, compreendendo o que é seguinte e seguinte; (isto é, primeiro ação com desejo; então ação sem desejo; então conhecimento). Como alguém que mergulha, sem um barco, no oceano terrível, somente com seus dois braços, devido à ilusão, sem dúvida deseja a destruição; enquanto o homem de sabedoria, familiarizado com as distinções, entra na água com um barco equipado com remos, e logo cruza o lago sem fadiga, e tendo-o atravessado alcança a outra margem e rejeita o barco, livre do pensamento de meu. Isto realmente já foi explicado pelo exemplo do carro e do pedestre. Alguém que foi dominado pela ilusão por causa do apego, adere a isso como um pescador ao seu barco. Dominado pela idéia de meu, ele vaga dentro de sua área estreita. Depois de embarcar em um barco não é possível se mover em terra. Similarmente, não é possível se mover na água depois de alguém ter subido em um carro. Assim há várias ações com relação a vários objetos. E como ação é realizada neste mundo, assim ela resulta para aqueles que as realizam. Aquilo que é desprovido de odor, desprovido de sabor, e desprovido de tato e som, aquilo que é meditado pelos sábios com a ajuda de sua compreensão, é dito que é Pradhana. Agora, Pradhana é imanifesto. Um desenvolvimento imanifesto é Mahat. Um desenvolvimento de Pradhana quando ele se tornou Mahat é Egoísmo. Do egoísmo é produzido o desenvolvimento chamado de os grandes elementos. E dos grandes elementos respectivamente, os objetos dos sentidos são citados como sendo os desenvolvimentos. O imanifesto é da natureza da semente. Ele é produtivo em sua essência. É sabido por nós que a grande alma tem as virtudes de uma semente, e que é um produto. Egoísmo é da natureza da semente e é um produto frequentemente. E os cinco grandes elementos são da natureza da semente e produtos. Os objetos dos cincos grandes elementos são dotados da natureza da semente, e produzem produtos. Esses têm Chitta como sua propriedade. Entre eles, o espaço tem uma qualidade; o vento é citado como tendo duas. Luz, é dito, é dotada de três qualidades; e água como possuidora de quatro qualidades. Terra, abundando com móveis e imóveis, deve ser conhecida como possuidora de cinco qualidades. Ela é uma deusa que é a fonte de todos os entes e abunda com exemplos do agradável e do desagradável. Som, igualmente toque, cor, sabor, e odor numerando o quinto, essas são as cinco qualidades da terra, ó principais das pessoas regeneradas. O odor sempre pertence à terra, e o odor é citado como

sendo de vários tipos. Eu irei explicar detalhadamente as numerosas qualidades do odor. O odor é agradável ou desagradável, doce, azedo, pungente, difusivo e compacto, oleoso e seco, e puro. Assim o odor, que pertence à terra, deve ser conhecido como de dez tipos. Som, toque, igualmente cor, e sabor são mencionadas como as qualidades da água. Eu agora falarei das qualidades do sabor. O sabor é citado como sendo de vários tipos. Doce, azedo, pungente, amargo, adstringente, e salino igualmente. O sabor, o qual é citado como pertencente à água, é assim de seis variedades. Som, toque, e igualmente cor, essas são as três qualidades que a luz é citada como sendo possuidora. Cor é a qualidade da luz, e a cor é de vários tipos. Branca, escura, igualmente vermelha, azul, amarela, e cinzenta também, e curta, longa, miúda, bruta, quadrada e circular, dessas doze variedades é a cor a qual pertence à luz. Essas devem ser compreendidas por Brahmanas veneráveis por idade, conhecedores dos deveres, e sinceros em palavras. Som e toque devem ser conhecidos como as duas qualidades do vento. O toque é de vários tipos. Áspero, frio e igualmente quente, tenro e limpo, duro, oleoso, liso, escorregadio, doloroso e macio, de doze tipos é o toque, o qual é a qualidade do vento, como dito por Brahmanas coroados com sucesso, familiarizados com os deveres, e possuidores de uma visão da verdade. Agora o espaço tem uma única qualidade, e é dito que esta é o som. Eu falarei finalmente das numerosas qualidades do som. Shadaja, Rishabha, junto com Gandhara, Madhyama, e igualmente Panchama; depois disso deve ser conhecido Nishada, e então Dhaivata. (Essas são as notas da Escala Musical Hindu.) Além desses, há sons agradáveis e sons desagradáveis, breves, e de muitos ingredientes. Som o qual é nascido do espaço deve ser assim conhecido como de dez tipos. O Espaço é o maior dos (cinco) elementos. O egoísmo está acima dele. Acima do egoísmo está a compreensão. Acima da compreensão está a alma. Acima da alma está o Imanifesto. Acima do Imanifesto está Purusha. Alguém que sabe qual é superior e inferior entre as criaturas existentes, que está familiarizado com as ordenanças a respeito de todas as ações, e que constitui ele mesmo a alma de todas as criaturas, alcança a Alma Imperecível.'"

51

"Brahmana disse, 'Já que a mente é o soberano destes cinco elementos, na questão de controlá-los e produzi-los, a mente, portanto, é a alma dos elementos. A mente sempre preside sobre os grandes elementos. A compreensão manifesta poder, e é chamada de Kshetrajna. (A compreensão opera sobre o que é colocado perante ela pela mente. A compreensão é, portanto, por assim dizer, o senhor exercendo poder ou soberania, sendo servido pela mente.) A mente atrela os sentidos como um cocheiro atrela bons corcéis. Os sentidos, a mente, e a compreensão estão sempre unidos ao Kshetrajna. A alma individual, montando na carruagem à qual grandes corcéis estão unidos e que tem a compreensão como as rédeas, passeia por todos os lados. Com todos os sentidos ligados a ele (como corcéis), com a mente como o cocheiro, e a compreensão como as rédeas eternas, existe o grande carro-Brahman. Realmente, aquele homem dotado de erudição e sabedoria que sempre compreende o carro-Brahman dessa maneira,

nunca é dominado pela ilusão no meio de todas as entidades. Esta floresta de Brahman começa com o Imanifesto e termina com os objetos grosseiros. Ela inclui entes móveis e imóveis, e recebe luz da radiância do sol e da lua, e é adornada com planetas e constelações. Ela é adornada, além disso, por todos os lados por redes de rios e montanhas. Ela está sempre embelezada igualmente por diversos tipos de águas. Ela é os meios de subsistência para todas as criaturas. Ela é, além disso, a meta de todas as criaturas vivas. Naquela floresta o Kshetrajna sempre se move. Quaisquer entes que existam neste mundo, móveis e imóveis, são exatamente os primeiros a serem dissolvidos. Depois disso (são dissolvidas) aquelas qualidades que compõem todos os entes. Depois das qualidades (são dissolvidos) os cinco elementos. Tal é a gradação de entes. Deuses, homens, Gandharvas, Pisachas, Asuras, e Rakshasas, todos surgiram da Natureza, e não de ações, não de uma causa. Os Brahmanas, que são os criadores do universo, nascem aqui repetidas vezes. Tudo o que surge deles se dissolve, quando chega o momento, naqueles mesmos cinco grandes elementos como vagalhões no oceano. Todos os grandes elementos estão além daqueles elementos que compõem o universo. Aquele que está livre daqueles cinco elementos vai para a meta mais elevada. O pujante Prajapati criou tudo isto por meio da mente somente. Da mesma maneira Rishis chegaram à posição de divindades pela ajuda da penitência. Da mesma maneira, aqueles que alcançaram a perfeição, que são capazes da concentração de Yoga, e que subsistem de frutas e raízes, igualmente percebem o mundo triplo por meio da penitência. Medicamentos e ervas e todas as diversas ciências são adquiridas somente por meio da penitência, pois toda aquisição tem penitência para sua causa. O que quer que seja de aquisição difícil, difícil de aprender, difícil de vencer, difícil de transpor, são todos realizáveis pela penitência, pois a penitência é irresistível. Alguém que bebe licores alcoólicos, alguém que mata um Brahmana, alguém que rouba, alguém que destrói um feto, alguém que viola o leito de seu preceptor, vem a ser purificado de tal pecado por meio de penitência bem realizada. Seres humanos, Pitris, divindades, animais (sacrificais), animais e aves, e todas as outras criaturas móveis e imóveis, por sempre se dedicarem às penitências, se tornam coroados com êxito somente pela penitência. De modo semelhante, as divindades, dotadas de grandes poderes de ilusão, alcançaram o Céu. Aqueles que sem ociosidade realizam ações com expectativas, sendo cheios de egoísmo, se aproximam da presença de Prajapati. Aqueles de grande alma, no entanto, que são desprovidos do sentimento de posse e livres de egoísmo através da pura contemplação de Yoga, chegam às regiões grandiosas e mais sublimes. Aqueles que melhor compreendem o eu, tendo atingido a contemplação de Yoga e tendo suas mentes sempre alegres, entram na acumulação imanifesta de felicidade. Aquelas pessoas que estão livres da idéia de meu como também do egoísmo e que nascem depois de terem chegado à plenitude da contemplação Yoga, entram (quando eles partem desta vida) na região sublime reservada para os grandes, isto é, o Imanifesto. Nascido do mesmo (princípio) imanifesto e alcançando o mesmo mais uma vez, livre das qualidades de Ignorância e Paixão, e aderindo somente à qualidade da Bondade, alguém fica livre de todo pecado e cria todas as coisas. (Isto é, cria todas as coisas por chegar à condição da causa universal, pois o imanifesto é a causa universal. Entre tal pessoa e a Alma Suprema não há diferença.) Tal deve ser conhecido como sendo

o Kshetrajna em perfeição. Aquele que o conhece, conhece o Veda. (O homem que lê o livro chamado Veda não é realmente conhecedor do Veda. Aquele, no entanto, que conhece Kshetrajna é considerado como realmente conhecendo o Veda.) Obtendo conhecimento puro em consequência do (controle) da mente, o asceta deve repousar autocontrolado. Uma pessoa necessariamente se torna aquilo na qual sua mente está colocada. Esse é um mistério eterno. Aquilo que tem o imanifesto como seu início e as qualidades grosseiras como seu fim, é citado como tendo Necedade como sua indicação. Mas vocês compreendem aquilo cuja natureza é desprovida de qualidades? De duas sílabas é Mrityu (morte); de três sílabas é o Brahman eterno. Sentimento de posse é morte, e o oposto do sentimento de posse é o eterno. (O argumento é que Mrityu ou morte sendo de duas sílabas, a correspondência é justificável entre ele e Mama ou sentimento de posse o qual também é de duas sílabas. Igualmente no caso de Brahman e na-mama. Naturalmente, o que se quer dizer por sentimento de posse sendo morte e não-sentimento de posse sendo Brahman ou emancipação, não pode ser ininteligível para alguém que leu cuidadosamente os capítulos precedentes.) Alguns homens que são levados por má compreensão louvam a ação. Aqueles, no entanto, que figuram entre os antigos de grande alma nunca louvam a ação. Pela ação uma criatura nasce com corpo o qual é composto de dezesseis; (isto é, os cinco grandes elementos, cinco órgãos de conhecimento com a mente, e os cinco órgãos de ação). Conhecimento (verdadeiro) consome Purusha; (Eu com consciência do corpo, Jiva. O verdadeiro conhecimento destrói essa condição de Jiva, pois o homem de conhecimento se identifica com o universo e por meio disso se assimila à Brahman). Isso mesmo é que é altamente aceitável para comedores de Amrita. (Ou seja, para aqueles que nunca ingerem algum alimento sem oferecerem porções dele para as divindades, Pitris, e convidados.) Portanto, aqueles cuja visão se estende até o outro fim (do oceano de vida) não têm atração por ações. Este Purusha (Jiva desprovido da consciência de corpo), no entanto, é cheio de conhecimento e não cheio de ação. Não morre quem compreende Ele que é imortal, imutável, incompreensível, eterno e indestrutível, Ele que é a Alma dominada e que transcende todos os vínculos. Aquele que compreende dessa maneira a Alma à qual não há nada anterior, que é incriada, imutável, invencível, e incompreensível mesmo para aqueles que são comedores de néctar, certamente se torna ele mesmo incompreensível e imortal por esses meios. Expulsando todas as impressões e reprimindo a Alma na Alma, ele compreende aquele Brahman auspicioso ao qual não existe nada superior. Após a compreensão se tornar clara, ele consegue obter tranquilidade. A indicação de tranquilidade é como o que ocorre em um sonho. (Em um sonho o que é visto é tudo irreal. Dessa maneira, quando a tranquilidade foi obtida, todos os arredores se tornam irreais. Nilakantha diz que quando a tranquilidade foi obtida, a Alma vive sem apego ao corpo e aos objetos externos. De fato, a Alma então vive completamente em si mesma assim como ela trabalha no decorrer de um sonho.) Essa é a meta daqueles emancipados que estão concentrados no conhecimento. Eles contemplam todos aqueles movimentos que são nascidos de sucessivos desenvolvimentos. (O sentido é que eles vêem todos os objetos mundanos, presentes, passados e futuros, os quais são, naturalmente, devido ao desenvolvimento de causas anteriores.) Essa é a meta daqueles que não são

apegados ao mundo. Essa é a prática eterna. Essa é a aquisição dos homens de conhecimento. Esse é o modo de conduta não reprovado. Essa meta pode ser alcançada por alguém que é igual para todas as criaturas, que é sem vínculos, que é sem expectativas, e que olha igualmente para todas as coisas. Eu agora declarei tudo para vocês, ó principais dos Rishis regenerados. Ajam dessa maneira em seguida; você então obterão sucesso.'"

"O preceptor continuou, 'Assim endereçados pelo preceptor Brahma, aqueles sábios de grande alma agiram adequadamente e então alcançaram muitas regiões (de grande bem-aventurança). Tu também, ó abençoado, aja devidamente segundo as palavras de Brahma como declaradas por mim, ó tu de alma pura. Tu irás então alcançar o êxito.'"

"Vasudeva disse, 'Assim instruído nos princípios da religião sublime pelo preceptor, o pupilo, ó filho de Kunti, fez tudo conformemente, e então alcançou a Emancipação. Tendo feito tudo o que ele devia fazer, o pupilo, ó perpetuador da linhagem de Kuru, chegou àquela base se dirigindo à qual alguém não tem que sofrer.'"

"Arjuna disse, 'Quem, de fato, era aquele Brahmana, ó Krishna, e quem era o pupilo, ó Janardana? Realmente, se isso for apropriado para ser ouvido por mim, então me diga, ó senhor!'"

"Vasudeva disse, 'Eu sou o preceptor, ó de braços poderosos, e saiba que a mente é meu pupilo. Por minha afeição por ti, ó Dhananjaya, eu relatei esse mistério para ti. Se tu tens algum amor por mim, ó perpetuador da linhagem de Kuru, então, depois de teres ouvido essas instruções relativas à Alma, sempre aja devidamente (de acordo com elas), ó tu de votos excelentes. Então quando essa religião tiver sido devidamente praticada, ó ceifeiro de inimigos, tu te tornarás livre de todos os teus pecados e obterás emancipação absoluta. Antigamente, quando chegou a hora da batalha, esta mesma religião, ó tu de braços poderosos, foi explicada por mim (para ti)! Portanto, coloque tua mente nisto. E agora, ó chefe da linhagem de Bharata, faz muito tempo desde que eu vi o senhor meu pai. Eu desejo vê-lo novamente, com tua permissão, ó Phalguna!'

"Vaisampayana continuou, 'Para Krishna que tinha falado dessa maneira, Dhananjaya disse em resposta, 'Nós iremos hoje desta cidade para a cidade chamada pelo nome de elefante. Encontrando com o rei Yudhishthira de alma virtuosa lá, e o informando (da tua intenção) tu irás então te dirigir para a tua própria cidade!'"

52

"Vaisampayana disse, 'Depois disso, Krishna ordenou Daruka, dizendo, 'Que meu carro seja jungido.' Dentro de um espaço de tempo muito curto Daruka informou (seu mestre), dizendo, 'Ele foi jungido.' O filho de Pandu então ordenou todos os seus servidores, dizendo, 'Preparem-se e estejam prontos. Nós iremos hoje para a cidade que recebeu o nome de elefante.' Assim endereçadas, ó rei,

aquelas tropas se prepararam, e informaram o filho de Pritha de energia incomensurável, dizendo, 'Tudo está equipado.' Então aqueles dois, isto é, Krishna e o filho de Pandu, subiram em seu carro e procederam na viagem, os amigos afetuosos engajados em conversação encantadora. Para Vasudeva sentado no carro, Dhananjaya de grande energia mais uma vez disse estas palavras, ó chefe da linhagem de Bharata! 'Ó perpetuador da linhagem Vrishni, o rei obteve vitória pela tua graça. Todos os seus inimigos foram mortos, e ele recuperou seu reino sem um espinho nele (para fazê-lo desagradável). Ó matador de Madhu, por ti os Pandavas são dotados de um protetor poderoso. Tendo te obtido como nossa balsa nós cruzamos o oceano Kuru. Ó tu que tens este universo como tua obra, saudações a ti, ó Alma do universo, ó melhor de todos os seres no universo. Eu te conheço naquela medida na qual eu sou aprovado por ti. Ó matador de Madhu, a alma de toda criatura é sempre nascida da tua energia. Esporte divertido (na forma de criação, conservação, e destruição) é teu. Terra e céu, ó senhor, são tua ilusão. Todo este universo, consistindo em objetos móveis e imóveis, está estabelecido em ti. Tu crias, por modificação, as quatro ordens de existência (isto é, vivíparos, ovíparos, nascidos da sujeira, e vegetais). Tu criaste a Terra, o Firmamento, e o Céu, ó matador de Madhu. A luz lunar imaculada é teu sorriso. As estações são teus sentidos. O vento sempre movente é tua respiração, e a morte, existindo eternamente, é tua ira. Em tua graça está a deusa da prosperidade. Realmente, Sree está sempre estabelecida em ti, ó tu da inteligência mais sublime. Tu és o esporte (no qual criaturas se envolvem); tu és seu contentamento; tu és sua inteligência, tu és seu perdão, tu és suas inclinações, tu és sua beleza. Tu és o universo com seus objetos móveis e imóveis. No fim do ciclo, és tu, ó impecável, que és denominado destruição. Eu sou incapaz de recitar todas as tuas qualidades mesmo no decorrer de um longo período. Tu és Alma e a Alma Suprema. Eu te reverencio, ó tu de olhos como pétalas de lótus. Ó tu que és irresistível, eu aprendi de Narada e Devala e do (Vyasa) Nascido na Ilha, e do avô Kuru também, que todo este (universo) repousa em ti. Tu és o único Senhor de todas as criaturas. Isto, ó impecável, que tu declaraste para mim por tua benevolência com relação a mim mesmo, eu realizarei devidamente em sua totalidade, ó Janardana. Extremamente maravilhoso é isto que tu fizeste pelo desejo de fazer o que é agradável para nós, isto é, a destruição em batalha do (príncipe) Kaurava, o filho de Dhritarashtra. Aquela hoste tinha sido queimada por ti a qual eu (posteriormente) derrotei em batalha. Foi realizada por ti aquela façanha pela qual a vitória veio a ser minha. Pelo poder da tua inteligência foram mostrados os meios pelos quais foi devidamente efetuada a destruição de Duryodhana em batalha, como também de Karna, como do pecaminoso rei dos Sindhus; e Bhurisravas. Eu realizarei tudo aquilo que, ó filho de Devaki, satisfeito comigo tu me declaraste. Eu não nutro nenhum escrúpulo nisto. Dirigindo-me ao rei Yudhishthira de alma justa, eu irei, ó impecável, incitá-lo a te dar licença para partir, ó tu que estás familiarizado com todo dever. Ó senhor, tua partida para Dwaraka encontra com a minha aprovação. Tu logo verás meu tio materno, ó Janardana. Tu também verás o irresistível Valadeva e outros chefes da linhagem Vrishni.' Assim conversando um com o outro, os dois alcançaram aquela cidade que recebeu o nome de elefante. Eles então, com corações alegres, e sem qualquer ansiedade, entraram no palácio de

Dhritarashtra que parecia com a mansão de Sakra. Eles então viram, ó monarca, o rei Dhritarashtra, e Vidura de grande inteligência, e o rei Yudhishthira e o irresistível Bhimasena, e os dois filhos de Madri com Pandu; e o invencível Yuyutsu, sentados perante Dhritarashtra e Gandhari de grande sabedoria, e Pritha, e a bela Krishna, e as outras senhoras da família de Bharata com Subhadra contando primeiro. Eles também viram todas aquelas damas que costumavam servir Gandhari. Então se aproximando do rei Dhritarashtra, aqueles dois castigadores de inimigos anunciaram seus nomes e tocaram seus pés. De fato, aqueles de grande alma também tocaram os pés de Gandhari e de Pritha e do rei Yudhishthira o justo, e de Bhima. Abraçando Vidura também, eles perguntaram sobre seu bem-estar. Na companhia de todas essas pessoas, Arjuna e Krishna então se aproximaram do rei Dhritarashtra (novamente). A noite chegou e então o rei Dhritarashtra de grande inteligência despediu todos aqueles perpetuadores da linhagem de Kuru como também Janardana para se retirarem para seus respectivos aposentos. Permitidos pelo rei todos eles entraram em seus respectivos apartamentos. Krishna de grande energia procedeu para os apartamentos de Dhananjaya. Adorado devidamente e provido de todos os objetos de comodidade e prazer, Krishna de grande inteligência passou a noite em sono tranquilo com Dhananjaya como seu companheiro. Quando a noite passou e veio a manhã, os dois heróis, terminando seus ritos matinais e tratando de sua aparência apropriadamente, procederam para a mansão do rei Yudhishthira o justo. Lá Yudhishthira o justo, de grande poder, estava sentado com seus ministros. Os dois de grande alma, entrando naquele aposento bem adornado, contemplaram o rei Yudhishthira o justo como os dois Aswins contemplando o chefe dos celestiais. Encontrando o rei, ele da linhagem de Vrishni como também aquele principal herói da linhagem de Kuru, obtendo a permissão de Yudhishthira que estava muito satisfeito com eles, se sentaram. Então o rei, dotado de grande inteligência, vendo aqueles dois amigos, ficou desejoso de se dirigir a eles. Logo aquele melhor dos monarcas, aquele principal dos oradores se dirigiu a eles nas seguintes palavras.'"

"Yudhishthira disse, 'Ó heróis, ó principais das linhagens de Yadu e de Kuru, parece que vocês dois estão desejosos de dizer alguma coisa para mim. Digam o que está em suas mentes. Eu logo realizarei isto. Não hesitem.'"

"Assim endereçado, Phalguna, bom conhecedor das palavras, se aproximou humildemente do rei Yudhishthira o justo e então disse estas palavras, 'Vasudeva aqui, de grande destreza, ó rei, está muito tempo ausente de casa. Ele deseja, com tua permissão, ver seu pai. Deixe-o ir, se tu achares isto apropriado, para a cidade dos Anarttas. Cabe a ti; ó herói, lhe conceder permissão!'"

"Yudhishthira disse, 'Ó tu de olhos de lótus, abençoado sejas. Ó matador de Madhu, vá hoje mesmo à cidade de Dwaravati para ver, ó pujante, aquele principal da linhagem de Sura. Ó Kesava de braços poderosos, tua partida é aprovada por mim. Tu não tens visto meu tio materno como também a deusa Devaki por um longo tempo. Encontrando com meu tio materno e se dirigindo a Valadeva também, ó concessor de honras, tu irás, ó tu de grande sabedoria, adorá-los em meu nome como eles merecem. (Isto é, ele incumbe Krishna de levar a eles uma

mensagem de respeito e amor da parte dele.) Também pense em mim diariamente como também em Bhima, aquele principal dos homens poderosos, e em Phalguna e Nakula e Sahadeva, ó concessor de honras. Tendo visto os Anarttas, e teu pai, ó de braços poderosos, e os Vrishnis, tu voltarás para o meu Sacrifício de Cavalo, ó impecável. Então parta, levando contigo diversas espécies de pedras preciosas e vários tipos de riqueza. Ó herói da linhagem Satwata, também leve contigo qualquer coisa mais que tu queiras. Foi pela tua graça, ó Kesava, que a Terra inteira, ó herói, veio sob nosso domínio e todos os nossos inimigos foram mortos.'"

"Quando o rei Yudhishthira o justo da linhagem de Kuru falou dessa maneira, Vasudeva, aquele principal dos homens, disse estas palavras (em resposta)."

"Vasudeva disse, 'Ó de braços poderosos, todas as jóias e pedras preciosas, toda riqueza, e a Terra inteira, são tuas e só tuas. De qualquer riqueza que exista em minha residência, tu, ó majestade, és sempre o dono.' Para ele Yudhishthira, o filho de Dharma, disse, 'Assim seja,' e então adorou devidamente (Krishna) o irmão mais velho, dotado de grande energia, de Gada. Vasudeva então foi até sua tia paterna (Kunti). Honrando-a devidamente, ele a circungirou. Ele foi devidamente abordado por ela em retorno, e então por todos os outros tendo Vidura como seu primeiro. O irmão mais velho de quatro braços de Gada então saiu de Nagapura em seu carro excelente. (A cidade de Hastinapura é às vezes chamada de Nagapura, Hasti e Naga sendo palavras expressivas de elefante. 'A cidade que recebeu o nome de elefante' é a descrição usual da capital Kuru.) Colocando sua irmã, a dama Subhadra, no carro, Janardana de braços poderosos então, com a permissão de Yudhishthira e de (Kunti) sua tia paterna, saiu, acompanhado por uma grande comitiva de cidadãos. O herói que tinha o principal dos macacos em seu estandarte, como também Satyaki, e os dois filhos de Madravati, e Vidura de inteligência incomensurável, e o próprio Bhima cujo andar parecia com aquele de um príncipe de elefantes, todos seguiram Madhava. Janardana de energia imensa, fazendo todos aqueles ampliadores do reino Kuru e Vidura também retornarem, se dirigiu a Daruka, e Satyaki, dizendo, 'Incitem os corcéis a se apressarem.' Então aquele opressor de massas hostis, isto é, Janardana de grande destreza, acompanhado por Satyaki, o principal da linhagem de Sini, procedeu para a cidade dos Anarttas, depois de ter matado todos os seus inimigos, como Ele de cem sacrifícios procedendo para o Céu (depois de massacrar todos os seus inimigos).'"

53

"Vaisampayana disse, 'Quando aquele da linhagem de Vrishni estava procedendo para Dwaraka, aqueles príncipes principais da linhagem de Bharata, aqueles castigadores de inimigos o abraçaram e retrocederam com seus servidores. Phalguna repetidamente abraçou o herói Vrishni, e enquanto ele estava dentro do alcance da visão, ele repetidamente dirigiu seus olhos em direção a ele. Com grande dificuldade, o filho de Pritha afastou seu olhar que tinha caído em Govinda. O invencível Krishna também (fez o mesmo). As indicações

que foram manifestadas na ocasião da partida daquele de grande alma eu irei detalhar agora. Ouça-me. O vento soprava com grande velocidade na frente do carro, desobstruindo o caminho de grãos de areia e pó e espinhos. Vasava derramou chuvas puras e fragrantes e flores celestes diante do manejador do Saranga. Conforme o herói de braços poderosos procedia, ele chegou a um deserto mal abastecido com água. Lá ele viu aquele principal dos ascetas, chamado Utanka, de energia incomensurável. O herói de olhos grandes e grande energia adorou aquele asceta. Ele foi então adorado pelo asceta em retorno. Vasudeva então perguntou pelo seu bem-estar. Aquele principal dos Brahmanas, isto é, Utanka, abordado educadamente por Madhava, o honrou devidamente e então se dirigiu a ele nestas palavras, 'Ó Saurin, tendo te dirigido para as mansões dos Kurus e dos Pandavas, tu conseguiste estabelecer uma compreensão durável entre eles tal como deve existir entre irmãos? Cabe a ti me dizer tudo. Tu vens, ó Kesava, depois de tê-los unido em paz, eles que são teus parentes e que são sempre caros para ti, ó principal da linhagem de Vrishni? Os cinco filhos de Pandu, e os filhos de Dhritarashtra, ó opressor de inimigos, irão se divertir no mundo em alegria contigo? Todos os reis desfrutarão de felicidade em seus respectivos reinos, em consequência da pacificação dos Kauravas ocasionada por ti? Aquela confiança, ó filho, que eu sempre depositei em ti, deu resultado com relação aos Kauravas?'"

"O abençoado e santo disse, 'Eu me esforcei o melhor possível a princípio, para ocasionar uma boa compreensão, em relação aos Kauravas. Quando eu não pude por quaisquer meios conseguir estabelecê-los na paz, aconteceu que todos eles, com seus parentes e amigos, encontraram com a morte. É impossível contrariar o destino por meio de inteligência ou poder. Ó grande Rishi, ó impecável, isso também não poderia ser desconhecido para ti. Eles (Os Kauravas) desobedeceram aos conselhos que Bhishma e Vidura lhes deram com referência a mim; (isto é, à minha natureza divina). Combatendo uns aos outros eles então se tornaram convidados da residência de Yama. Somente os cinco Pandavas constituem o restante dos não mortos, todos os seus amigos e todos os seus filhos foram massacrados. Todos os filhos de Dhritarashtra também com seus filhos e parentes, foram mortos.' Quando Krishna tinha dito estas palavras, Utanka, cheio de cólera, e com olhos arregalados de raiva, se dirigiu a ele nestas palavras.'"

"Utanka disse, 'Já que, embora capaz, ó Krishna, tu não salvaste aqueles principais da linhagem de Kuru, que eram teus parentes e, portanto, caros para ti, eu irei, sem dúvida, te amaldiçoar. Já que tu não os obrigaste à força a se refrearem, portanto, ó matador de Madhu, eu irei, cheio de ira, pronunciar uma maldição sobre ti. Parece, ó Madhava, que embora totalmente capaz (de salvá-los), tu foste indiferente àqueles principais dos Kurus que, dominados pela insinceridade e hipocrisia se encontraram todos com a destruição.'"

"Vasudeva disse, 'Ó descendente da linhagem de Bhrigu, ouça o que eu digo em detalhes. Aceite minhas desculpas também. Ó tu da linhagem de Bhrigu, tu és um asceta. Depois de teres ouvido minhas palavras relativas à alma, tu podes então proferir tua maldição. Nenhum homem é capaz, por pouco mérito ascético,

de me derrubar. Ó principal dos ascetas, eu não desejo ver a destruição de todas as tuas penitências. Tu tens uma grande medida de penitências resplandecentes. Tu tens satisfeito teus preceptores e superiores. (Um asceta perde suas penitências por amaldiçoar outro acertadamente ou erradamente. Por isso o perdão era sempre praticado pelos Brahmanas que eram ascetas. A força de um Brahmana consiste no perdão. Quando mais perdoador ele era, mais poderoso ele se tornava.) Ó principal dos regenerados, eu sei que tu cumpriste as regras de Brahmacharya desde os dias da tua infância. Eu, portanto, não desejo a perda ou diminuição das tuas penitências realizadas com tanta dor.'"

54

"Utanka disse, 'Ó Kesava, me fale daquele Adhyatma impecável. Tendo ouvido tuas palavras eu ordenarei o que é para o teu bem ou pronunciarei uma maldição para ti, ó Janardana.'"

"Vasudeva disse, 'Saiba que as três qualidades de Ignorância e Paixão e Bondade existem, dependendo de mim como seu refúgio. Assim também, ó regenerado, saiba que os Rudras e os Vasus surgiram de mim. Em mim estão todas as criaturas, e em todas as criaturas eu existo; saiba disso. Que nenhuma dúvida surja em tua mente a respeito disso. Assim também, ó regenerado, saiba que todas as tribos dos Daityas, todos os Yakshas, Gandharvas, Rakshasas, Nagas, Apsaras, surgiram de mim. O que quer que seja chamado de existente e inexistente, o que quer que seja manifestado e não-manifestado, o que quer que seja destrutível e indestrutível, todos têm a mim como sua alma. Aquelas direções de dever quádruplas as quais, ó asceta, são conhecidas como ligadas aos (quatro) modos de vida, e todos os deveres Védicos, têm a mim como sua alma. O que quer que seja inexistente, o que quer que seja existente e inexistente, e o que quer que transcenda aquilo que é existente e inexistente, todos esses que constituem o universo, são provenientes de mim. (O primeiro asat ou inexistente se refere a objetos como os chifres da lebre. O segundo, existente e inexistente, se refere aos objetos que existem e encontram a destruição. Aquilo que transcende o existente e inexistente se refere ao imanifesto. O universo consiste nesses três. Tudo isso é de Vasudeva.) Não há nada superior a mim (ou além de mim) que sou o eterno deus dos deuses. Ó perpetuador da linhagem de Bhrigu, saiba que todos os Vedas iniciando com (a sílaba original) Om são idênticos a mim. Saiba, ó filho da linhagem de Bhrigu, que eu sou a estaca sacrifical; eu sou o Soma (bebido em sacrifícios); eu sou o Charu (cozido em sacrifícios para ser oferecido às divindades); eu sou o Homa (que é realizado); eu sou aquelas ações que os sacrificadores realizam para gratificar as divindades; eu sou até o derramador da libação sacrifical, e eu sou o Havi ou libação que é derramada. Eu sou o Adharyu. Eu sou o Kalpaka; e eu sou o altamente santificado Havi sacrifical. É a mim que o Udgatri, no grande sacrifício, louva pelo som de suas canções. Em todos os ritos de expiação, ó Brahmana, os pronunciadores de Mantras auspiciosos e bênçãos repletas de paz cantam meus louvores que sou o artífice, ó principal dos regenerados, do universo. Saiba, ó melhor das pessoas

regeneradas, que Dharma é meu fruto primogênito, nascido da minha mente, ó Brahmana erudito, cuja essência é compaixão por todas as criaturas. Transformando-me constantemente, eu tomo nascimento em diversos úteros, ó melhor dos homens, para sustentar aquele meu filho, com a ajuda de homens agora existindo ou que já partiram do mundo. De fato, eu faço isso para proteger a Justiça e para estabelecê-la. Naquelas formas que eu assumo para o propósito, eu sou conhecido, ó filho da linhagem de Bhrigu, nos três mundos como Vishnu e Brahman e Sakra. Eu sou a origem e eu sou a destruição de todas as coisas. Eu sou o criador de todos os objetos existentes e eu sou seu destruidor. Eu mesmo não conhecendo mudança, eu sou o destruidor de todas aquelas criaturas que vivem em pecaminosidade. Em cada Yuga eu tenho que consertar o passadiço da Justiça, entrando em diversas espécies de úteros pelo desejo de fazer o bem para minhas criaturas. Quando, ó filho da linhagem de Bhrigu, eu vivo na classe das divindades, eu então realmente ajo em todo aspecto como uma divindade. Quando eu vivo na classe dos Gandharvas, eu então, ó filho da linhagem de Bhrigu, ajo em todo aspecto como um Gandharva. Quando eu vivo na classe dos Nagas, eu então ajo como um Naga, e quando eu vivo na classe dos Yakshas ou naquela dos Rakshasas, eu ajo da mesma maneira daquela classe. Nascido agora na classe da humanidade, eu devo agir como um ser humano. Eu apelei para eles (os Kauravas) do modo mais comovente. Mas entorpecidos como eles estavam e desprovidos de sua razão, eles se recusaram a aceitar minhas palavras. Eu os assustei, cheio de ira, me referindo a algum grande temor (como a consequência de eles desdenharem minha mensagem). Mas mais uma vez eu mostrei para eles a minha forma usual (humana). Possuidores de maldade como eles eram, e atacados pela força do Tempo, todos eles foram justamente mortos em batalha, e, sem dúvida, foram para o Céu. Os Pandavas também, ó melhor dos Brahmanas, obtiveram grande fama. Eu assim te disse tudo aquilo que tu me perguntaste.'"

55

"Utanka disse, 'Eu te reconheço, ó Janardana, como sendo o criador do universo. Sem dúvida, esse conhecimento que eu tenho é o resultado da tua benevolência para comigo. Ó tu de glória imperecível, meu coração é possuidor de tranquilidade alegre por ele ser devotado a ti. Saiba, ó castigador de inimigos, que meu coração não está mais inclinado a te amaldiçoar. Se, ó Janardana, eu mereço a mínima benevolência de ti, então me mostre uma vez tua forma soberana.'"

"Vaisampayana continuou, 'Satisfeito com ele, o santo então mostrou para Utanka aquela forma Vaishnava eterna a qual Dhananjaya de grande inteligência tinha visto. Utanka contemplou a forma universal de Vasudeva de grande alma, dotado de braços poderosos. O resplendor daquela forma era como aquele de um fogo ardente de mil sóis. Ela ficou diante dele enchendo todo o espaço. Ela tinha rostos em todos os lados. Contemplando aquela forma Vaishnava sublime e extraordinária de Vishnu, de fato, vendo o Senhor Supremo (naquela aparência), o Brahmana Utanka ficou muito admirado.'"

"Utanka, disse, 'Ó tu cuja obra é o universo, eu te reverencio, ó Alma do universo, ó pai de todas as coisas. Com teus pés tu cobres a Terra inteira, e com tua cabeça tu preenches o firmamento. Aquilo que se encontra entre a Terra e o firmamento foi preenchido por teu estômago. Todos os pontos do horizonte estão cobertos por teus braços. Ó tu de glória imperecível, tu és tudo isso. Recolha essa tua forma excelente e indestrutível. Eu desejo te ver agora na tua própria forma (humana) a qual também é eterna!'"

"Vaisampayana continuou, 'Para ele, ó Janamejaya, Govinda de alma satisfeita disse estas palavras, 'Peça algum benefício.' Para ele Utanka, no entanto, disse, 'Este mesmo é um benefício suficiente de ti por agora, ó tu de grande esplendor, visto que, ó Krishna, eu contemplei essa forma, ó principal de todos os seres.' Krishna, no entanto, mais uma vez disse a ele.' Não tenha escrúpulos nessa questão. Isso deve ser feito. Uma visão da minha forma não pode ser infrutífera.'"

"Utanka disse, 'Eu devo realizar aquilo, ó senhor, que tu pensas que deve ser feito. Eu desejo ter água onde quer que meu desejo por ela possa surgir. Água é escassa em semelhantes desertos.' Recolhendo aquela energia, o Senhor Supremo então disse para Utanka, 'Onde quer que tu precises de água, pense em mim!' Tendo dito isso, ele procedeu em direção a Dwaraka. Posteriormente, um dia, o ilustre Utanka, desejoso de água e extremamente sedento, vagava pelo deserto. No decurso de suas viagens ele pensou em Krishna de glória imperecível. O Rishi inteligente então viu naquele deserto um caçador nu (da classe Chandala), todo lambuzado com sujeira, cercado por uma matilha de cachorros. Parecendo extremamente selvagem, ele carregava uma espada e estava armado com arco e flechas. Aquele principal dos regenerados viu abundantes correntezas de água emanando dos órgãos urinários daquele caçador. Logo que Utanka tinha pensado em Krishna, aquele caçador se dirigiu a ele sorridente, dizendo, 'Ó Utanka, ó tu da linhagem de Bhrigu, aceite essa água de mim. Vendo-te afligido pela sede eu senti grande compaixão por ti.' Assim endereçado pelo caçador, o asceta não mostrou inclinação para aceitar aquela água. O inteligente Utanka até começou a criticar Krishna de glória imperecível. O caçador, no entanto, repetidamente se dirigiu ao Rishi, dizendo, 'Beba!' O asceta se recusou a beber a água assim oferecida. Por outro lado, com o coração afligido pela fome e sede, ele até deu vazão à ira. Desconsiderado pelo Rishi de grande alma por causa daquela condenação, o caçador, ó rei, com sua matilha de cachorros, desapareceu imediatamente. Vendo aquele desaparecimento (extraordinário), Utanka ficou cheio de vergonha. Ele pensou mesmo que Krishna, aquele matador de inimigos, o tinha enganado (na questão do benefício que ele tinha concedido). Logo depois, o portador da concha e disco e maça, dotado de grande inteligência, chegou até Utanka pelo caminho (pelo qual o caçador tinha vindo). Dirigindo-se a Krishna, o Brahmana disse, 'Ó principal dos seres, foi mal apropriado para ti oferecer água para o principal dos Brahmanas na forma da urina de um caçador, ó senhor.' Para Utanka que disse essas palavras, Janardana de grande inteligência respondeu, confortando-o com muitas palavras gentis, 'Aquela forma a qual era apropriada assumir para te oferecer água, naquela forma água foi oferecida para ti. Mas, também, tu não pudeste compreender isso. O manejador do raio, Purandara, foi requisitado por

mim por tua causa. Minhas palavras para aquela divindade pujante foram: ‘Dê néctar na forma de água para Utanka.’ O chefe dos celestiais me respondeu dizendo: ‘Não é apropriado que um mortal se torne imortal. Que algum outro benefício seja concedido para Utanka.’ Ó filho da linhagem de Bhrigu, estas palavras foram repetidamente endereçadas a mim. O marido de Sachi, no entanto, foi mais uma vez requisitado por mim nestas palavras, isto é: ‘Certamente néctar deve ser dado para Utanka.’ O chefe dos celestiais então, me confortando, disse, 'Se, ó tu de grande inteligência, néctar é para ser dado a ele, eu então assumirei a forma de um caçador e o darei para aquele descendente de grande alma da linhagem de Bhrigu. Se aquele filho de Bhrigu aceitá-lo dessa maneira, eu então irei a ele, ó senhor, para dá-lo para ele. Se, no entanto, ele me mandar embora por desconsideração, eu então não o darei a ele em hipótese alguma.’ Tendo feito esse acordo comigo, Vasava apareceu diante de ti naquele disfarce, para te dar néctar. Tu, no entanto, o desconsideraste e o mandaste embora, visto que o ilustre tinha assumido a aparência de um Chandala. Teu erro foi grande. Mais uma vez, com relação ao teu desejo, eu estou preparado para fazer o que está em meu poder. De fato, essa tua sede dolorosa, eu providenciarei, será satisfeita. Naqueles dias, ó regenerado, nos quais tu sentires um desejo por água, nuvens bem carregadas com água se erguerão sobre este deserto. Aquelas nuvens, ó filho da linhagem de Bhrigu, te darão água saborosa para beber. Na verdade, aquelas nuvens se tornarão conhecidas no mundo como nuvens-Utanka.' Assim endereçado por Krishna, Utanka ficou cheio de alegria, e até hoje, ó Bharata, nuvens-Utanka (aparecem) e derramam chuvas sobre os desertos.'"

56

"Janamejaya disse, 'Com quais penitências era dotado Utanka de grande alma de maneira que ele nutria o desejo de pronunciar uma maldição sobre o próprio Vishnu, que é a fonte de toda pujança?'"

"Vaisampayana disse, 'Ó Janamejaya, Utanka era dotado de penitências rigorosas. Ele era devotado ao seu preceptor. Dotado de grande energia, ele se abstinha de cultuar alguém mais. Todos os filhos dos Rishis, ó Bharata, nutriam este mesmo desejo, isto é, que sua devoção aos preceptores fosse tão grande quanto aquela de Utanka. A satisfação de Gautama com Utanka e sua afeição por ele, entre seus discípulos numerosos, eram muito grandes, ó Janamejaya. De fato, Gautama estava muito satisfeito com o autodomínio e pureza de comportamento que caracterizavam Utanka, e com suas ações de destreza e os serviços que ele lhe prestou. Um após outro, milhares de discípulos receberam a permissão do preceptor para voltar para casa (depois da conclusão de sua pupilagem). Por causa, no entanto, do seu grande afeto por Utanka, Gautama não pôde permiti-lo deixar seu retiro. Gradualmente, no decorrer do tempo, ó filho, a decrepitude alcançou Utanka, aquele grande asceta. O asceta, no entanto, por sua devoção por seu preceptor, não estava consciente disso. Um dia, ele saiu, ó monarca, para ir buscar combustível para seu preceptor. Logo depois Utanka trouxe uma carga pesada de combustível. Cansado e faminto e afligido pela carga que ele levava

sobre a cabeça, ó castigador de inimigos, ele jogou a carga na Terra, ó rei. Uma de suas madeixas emaranhadas, branca como prata, tinha ficado embaraçada com a carga. Consequentemente, quando a carga foi jogada, com ela caiu no chão aquela madeixa de cabelo emaranhado. Oprimido como ele tinha estado por aquela carga e dominado pela fome, ó Bharata, Utanka, vendo aquele sinal de velhice, começou a se lamentar em voz alta por excesso de tristeza. Conhecedora de todo dever, a filha de seu preceptor, que era possuidora olhos que pareciam com as pétalas do lótus, e de quadris que eram cheios e redondos, por ordem de seu pai, procurou, com rosto triste, segurar as lágrimas de Utanka em suas mãos. Suas mãos pareciam queimar com aquelas gotas de lágrimas que ela segurava. Incapaz, consequentemente, de segurá-las mais, ela foi obrigada a jogá-las sobre a Terra. A própria Terra não pôde segurar aquelas gotas de lágrimas de Utanka. Com um coração satisfeito, Gautama então disse para o regenerado Utanka, 'Por que, ó filho, tua mente está tão angustiada pela dor hoje? Diga-me calmamente e tranquilamente, ó Rishi erudito, pois eu desejo ouvir isto em detalhes.'"

"Utanka disse, 'Com mente totalmente devotada a ti, e totalmente disposto a fazer o que é agradável para ti, com a devoção do meu coração dirigida para ti, e com pensamentos residindo totalmente em ti, (eu tenho morado aqui até) que a decrepitude veio sobre mim sem meu conhecimento disso em absoluto. Eu, além disso, não conheci qualquer felicidade. Embora eu tenha morado contigo por cem anos, ainda assim tu não me concedeste permissão para partir. Muitos discípulos teus, que eram mais novos do que eu, no entanto, foram permitidos por ti retornarem. De fato, centenas e milhares de Brahmanas principais, providos de conhecimento, tiveram tua permissão (para partirem do teu retiro e se estabelecerem como professores)!'"

"Gautama disse, 'Por meu amor e afeição por ti, e por teus serviços respeitosos para mim, um longo tempo passou sem meu conhecimento disso, ó principal dos Brahmanas. Se, no entanto, ó tu da linhagem de Bhrigu, é nutrido por ti o desejo de deixar este local, vá sem demora, recebendo minha permissão.'"

"Utanka disse. 'O que eu oferecerei para meu preceptor? Diga-me isto, ó melhor das pessoas regeneradas. Tendo-o trazido, eu irei embora, ó senhor, com tua permissão.'"

"Gautama disse, 'O bem que é a satisfação do preceptor é a taxa final. (Até hoje preceptores na Índia têm que alimentar e ensinar seus discípulos sem nenhuma compensação pecuniária. De fato, a venda de conhecimento tem sido estritamente proibida. Pupilos, no entanto, depois de terminarem seus estudos, tinham que dar o Dakshina final o qual variava de acordo com seus recursos. Os reis e príncipes da Índia se consideravam honrados se solicitados por pupilos em busca do Dakshina final. O que Gautama diz aqui é que o objetivo do presente final é satisfazer o preceptor. Ele (Gautama), no entanto, já tinha sido satisfeito com o comportamento respeitoso de Utanka. Não havia necessidade, portanto, de nenhum presente.) Sem dúvida, ó regenerado, eu estou muito satisfeito com teu comportamento. Saiba, ó perpetuador da linhagem de Bhrigu, que eu estou muito satisfeito contigo por isso. Se tu te tornasses hoje um homem jovem de dezesseis

anos, eu entregaria para ti, ó regenerado, esta minha própria filha para se tornar tua mulher. Nenhuma outra mulher exceto esta é capaz atender a tua energia.' A essas palavras de Gautama, Utanka se tornou um jovem novamente e aceitou aquela moça famosa como sua esposa. Recebendo a permissão do preceptor, ele então se dirigiu à esposa do seu preceptor, dizendo, 'O que eu te darei como taxa final para meu preceptor? Ordene-me. Eu desejo realizar, com riqueza ou até minha vida, o que é agradável e benéfico para ti. Qualquer pedra preciosa, extraordinariamente notável e de grande valor, que exista neste mundo, eu trarei para ti com a ajuda de minhas penitências. Eu não tenho dúvidas nisso.'"

"Ahalya disse, 'Eu estou muito satisfeita contigo, ó Brahmana erudito, com tua devoção incessante, ó impecável. Isso é suficiente. Abençoado sejas tu, vá para onde quer que tu queiras.'"

"Vaisampayana continuou, 'Utanka, no entanto, ó monarca, mais uma vez disse estas palavras, 'Ordene-me, ó mãe. É apropriado que eu faça alguma coisa que seja agradável para ti.'"

"Ahalya disse, 'Abençoado sejas, traga para mim aqueles brincos celestiais que são usados pela esposa de Saudasa. Aquilo que é devido ao teu preceptor então estará bem pago.' Respondendo para ela 'Assim seja,' Utanka partiu, ó Janamejaya, decidido a trazer aqueles brincos para fazer o que era agradável para a esposa do seu preceptor. Aquele principal dos Brahmanas, Utanka, procedeu sem nenhuma perda de tempo até Saudasa que tinha (devido à maldição de Vasishtha) se tornado um canibal, para pedir os brincos dele. Gautama enquanto isso disse para sua esposa, 'Utanka não está sendo visto hoje.' Assim endereçada, ela o informou como ele tinha partido para buscar os brincos adornados com pedras preciosas (da rainha de Saudasa). Nisto, Gautama disse, 'Tu não agiste sabiamente. Amaldiçoado (por Vasishtha), aquele rei (que foi transformado em um comedor de homens) realmente matará Utanka.'"

"Ahalya disse, 'Sem saber disso, ó santo, eu coloquei Utanka para esta tarefa. Ele, no entanto, não cairá em nenhum perigo pela tua graça.' Assim endereçado por ela, Gautama disse, 'Assim seja!' Enquanto isso, Utanka encontrou o rei Saudasa em uma floresta abandonada.'"

57

"Vaisampayana disse, 'Vendo o rei, que tinha se tornado dessa maneira, de aparência terrível, usando uma barba comprida coberta com o sangue de seres humanos, o Brahmana Utanka, ó rei, não ficou agitado. Aquele monarca de grande energia, inspirando terror em todo peito e parecendo com um segundo Yama, se erguendo, se dirigiu a Utanka, dizendo, 'Por boa sorte, ó melhor dos Brahmanas, tu vieste a mim na sexta hora do dia quando eu estou à procura de alimento.'"

"Utanka disse, 'Ó rei, saiba que eu vim aqui no decurso de minhas viagens por causa do meu preceptor. Os sábios dizem que enquanto alguém está ocupado por causa de seu preceptor, ele não deve ser ferido.'"

"O rei disse, 'Ó melhor dos Brahmanas, alimento está ordenado para mim na sexta hora do dia. Eu estou com fome. Eu, portanto, não te permitirei escapar hoje.'"

"Utanka disse, 'Que seja assim, ó rei. Que este pacto seja feito comigo. Depois de eu ter parado de vagar por meu preceptor, eu virei novamente e me colocarei dentro do teu poder. Foi ouvido por mim, ó melhor dos reis, que o objeto que eu procuro para meu preceptor está sob teu controle, ó monarca. Portanto, ó soberano de homens, eu te peço por ele. Tu diariamente davas muitas das mais notáveis das pedras preciosas para Brahmanas superiores. Tu és um doador, ó chefe de homens, de quem doações podem ser aceitas, saiba que eu também sou um objeto merecedor de caridade presente diante de ti, ó melhor dos reis. Tendo aceitado de ti em doação aquele objeto para meu preceptor que está sob teu controle, eu irei, ó rei, por meu pacto, mais uma vez voltar para ti e me colocar sob teu poder. Eu te asseguro realmente disso. Não há nenhuma mentira nisso. Nunca antes eu falei alguma coisa falsa, não, nem mesmo de brincadeira. O que eu direi então de outras ocasiões?'"

"Saudasa disse, 'Se o objeto que tu procuras para o teu preceptor pode ser colocado nas tuas mãos por mim, se eu for considerado como alguém de quem uma doação pode ser aceita, então diga qual é aquele objeto.'"

"Utanka disse, 'Ó principal dos homens, ó Saudasa, em minha opinião tu és uma pessoa digna de quem doações podem ser aceitas. Eu, portanto, vim a ti para te pedir os brincos enfeitados com pedras preciosas (usados pela tua rainha).'"

"Saudasa disse, 'Aqueles brincos enfeitados com pedras preciosas, ó Rishi erudito e regenerado, pertencem à minha esposa. Eles devem ser pedidos para ela. Portanto, peça alguma outra coisa de mim. Eu a darei para ti, ó tu de votos excelentes.'"

"Utanka disse, 'Se nós somos considerados como alguma autoridade, pare então de usar esse pretexto. Dê aqueles brincos enfeitados com pedras preciosas para mim. Seja verdadeiro em palavras, ó rei.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, o rei mais uma vez se dirigiu a Utanka e disse para ele, 'Por minha ordem, vá até minha rainha venerável, ó melhor dos homens, e peça a ela, dizendo, 'Dê!' Ela de votos puros, assim solicitada por ti, certamente, por minha ordem, te dará, ó principal das pessoas regeneradas, aqueles brincos enfeitados com pedras preciosas dela sem dúvida.'"

"Utanka disse, 'Onde, ó soberano de homens, eu poderei encontrar tua rainha? Por que tu mesmo não vais até ela?'"

"Saudasa disse, 'Tu a encontrarás hoje na vizinhança de uma fonte principal. Eu não posso vê-la ela hoje porque a sexta hora do dia chegou.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, Utanka, ó chefe da linhagem de Bharata, então deixou aquele local. Vendo Madayanti, ele a informou do seu objetivo. Ouvindo a ordem de Saudasa, aquela dama de olhos grandes respondeu para o altamente inteligente Utanka, ó Janamejaya, nestas palavras: 'É assim mesmo, ó regenerado. Tu deves, no entanto, ó impecável, me assegurar que tu não dizes o que é falso. Cabe a ti me trazer algum sinal do meu marido. Estes meus brincos celestes, feitos de pedras preciosas valiosas, são tais que as divindades e Yakshas e grandes Rishis sempre procuram por oportunidades para roubá-los. Se colocado em algum momento sobre a Terra, este artigo valioso então será roubado pelos Nagas. Se usado por alguém que está impuro por comer, ele então será levado pelos Yakshas. Se quem o usar adormecer (sem cuidar destes brincos preciosos) as divindades então os levarão embora. Ó melhor dos Brahmanas, estes brincos podem ser roubados, quando tais oportunidades se apresentam, por divindades e Rakshasas e Nagas, se usados por uma pessoa desatenta. Ó melhor dos regenerados, estes brincos, dia e noite, sempre produzem ouro. À noite, eles brilham gloriosamente, atraindo os raios de estrelas e constelações. Ó santo, se usados por uma pessoa, ela estará livre de fome e sede e medo de todo tipo. Quem usa estes brincos também está livre do medo de veneno e fogo e todo tipo de perigo. Se usados por alguém de estatura baixa, eles se tornam curtos. Se usados por alguém de estatura alta, eles crescem em tamanho. Exatamente de tais virtudes são estes meus brincos. Eles são elogiados e honrados em todos os lugares. De fato, eles são conhecidos pelos três mundos. Portanto, traga-me algum sinal (do meu marido).'"

58

"Vaisampayana disse, 'Utanka, voltando ao rei Saudasa que estava sempre bem disposto em direção a todos os seus amigos, pediu a ele algum sinal (para convencer Madayanti do fato de ele estar realmente autorizado pelo rei). Aquele principal da linhagem de Ikshwaku então deu a ele um sinal.'"

"Saudasa disse, 'Esta minha condição atual é intolerável. Eu não vejo nenhum refúgio. Sabendo que esse é meu desejo, doe os brincos enfeitados com pedras preciosas.' (Essas palavras do rei são destinadas a serem comunicadas para sua rainha que compreenderia a alusão. O sentido é este: amaldiçoado por Vasishtha, eu me tornei um canibal. Minha condição é intolerável. Por essa doação dos brincos para um Brahmana merecedor, muito mérito pode surgir. Aquele mérito pode me ajudar.) Assim endereçado pelo rei, Utanka voltou à rainha e relatou para ela as palavras de seu marido. Ouvindo aquelas palavras, a rainha deu para Utanka seus brincos enfeitados com pedras preciosas. Tendo obtido os brincos, Utanka voltou ao rei e disse a ele, 'Eu desejo saber, ó monarca, qual é o significado daquelas palavras misteriosas que tu disseste como um sinal para tua rainha.'"

"Saudasa disse, 'Kshatriyas são vistos honrarem os Brahmanas desde o próprio início da criação. Em direção aos Brahmanas, no entanto, muitas ofensas surgem (da parte dos Kshatriyas). Em relação a mim mesmo, eu estou sempre inclinado em humildade diante deles. Eu fui surpreendido por uma grande desgraça por causa de um Brahmana. Possuidor de Madayanti, eu não vejo nenhum outro refúgio. De fato, ó principal de todas as pessoas que têm uma meta elevada, eu não vejo algum outro refúgio para mim na questão de me aproximar dos portões do Céu, ou em continuar aqui, ó melhor dos regenerados. É impossível para um rei que é hostil aos Brahmanas continuar vivendo neste mundo ou obter felicidade no próximo. Por isso eu te dei estes meus brincos enfeitados com pedras preciosas os quais eram cobiçados por ti. (Como Madayanti é seu único refúgio, ela pode salvá-lo por fazer uma ação de mérito especial, isto é, doar seus brincos caros para um Brahmana realmente merecedor.) Agora mantenha o acordo que tu fizeste comigo hoje.'"

"Utanka disse, 'Ó rei, eu sem dúvida agirei de acordo com a minha promessa. Eu realmente voltarei e me colocarei sob teu poder. Há, no entanto, uma pergunta, ó opressor de inimigos, que eu desejo te fazer.'"

"Saudasa disse, 'Diga, ó Brahmana erudito, o que está em tua mente. Eu certamente responderei às tuas palavras. Eu dissiparei qualquer dúvida que possa estar na tua mente. Eu não tenho hesitação nisto.'"

"Utanka disse, 'Aqueles que são hábeis nas regras de dever dizem que Brahmanas são de palavras contidas. Alguém que se comporta injustamente para com amigos é considerado tão vil quando um ladrão. (O sentido é este: um Brahmana nunca é de língua solta. Ele é verdadeiro. Por isso, tendo dado minha palavra para ti sobre meu retorno, tu podes estar certo que eu manterei minha palavra. Alguém, além disso, que age impropriamente para com um amigo vem a ser considerado como um ladrão. Por meio disso Utanka lembra o rei que ele não deve lhe infligir algum mal por realizar sua intenção de comê-lo.) Tu, além disso, ó rei, te tornaste meu amigo hoje. Então, ó principal dos homens, dê-me tal conselho que é aprovado pelos sábios. Com relação a mim mesmo, eu agora obtive a realização dos meus desejos. Tu, além disso, és um canibal. É apropriado que eu volte a ti ou não?'"

“Saudasa disse, ‘Se é apropriado (para mim), ó principal dos Brahmanas superiores, dizer o que tu perguntas, eu devo então, ó melhor dos regenerados uns, te dizer que tu nunca deves voltar a mim. Ó perpetuador da linhagem de Bhrigu, por agir dessa maneira, tu realizarás o que é benéfico para ti. Se tu vieres de volta, ó Brahmana erudito, tu certamente encontrarás com a morte.’"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado pelo rei inteligente em relação ao que era benéfico para ele, Utanka se despediu do monarca e partiu para a presença de Ahalya. Desejoso de fazer o que era agradável para a esposa do seu preceptor, ele levou os brincos consigo e saiu com grande velocidade para alcançar o retiro de Gautama. Protegendo-os exatamente da maneira indicada por Madayanti, isto é, amarrando-os dentro das dobras de sua camurça preta, ele

prosseguiu em seu caminho. Depois que ele tinha prosseguido por alguma distância, ele ficou afligido pela fome. Ele então viu uma árvore Vilwa (Aegle marmelos) abaixada com o peso de frutos (maduros). Ele subiu naquela árvore. Fazendo sua pele de veado, ó castigador de inimigos, ficar pendurada em um ramo, aquela principal das pessoas regeneradas então começou a colher alguns frutos. Enquanto ele estava empenhado em colher aqueles frutos com olhos dirigidos em direção a eles, alguns deles caíram, ó rei, naquela pele de veado na qual aqueles brincos tinham sido cuidadosamente amarrados por aquele principal dos Brahmanas. Com os golpes dos frutos, o nó se desatou. De repente aquela pele de veado, com os brincos nela, caiu. Quando o nó se desatou, e a pele de veado caiu no chão, uma cobra que estava lá viu aqueles brincos enfeitados com pedras preciosas. Aquela cobra pertencia à linhagem de Airavata. Com grande agilidade ela pegou os brincos em sua boca e então entrou em um formigueiro. Vendo os brincos roubados por aquela cobra, Utanka, cheio de ira e em grande ansiedade mental, desceu da árvore. Pegando seu bastão ele começou a perfurar aquele formigueiro. Aquele melhor dos Brahmanas, queimando com cólera e o desejo por vingança, se empenhou incessantemente por trinta e cinco dias naquela tarefa. A deusa Terra, incapaz de aguentar a força do bastão de caminhada de Utanka e com o corpo dilacerado com isso, ficou extremamente ansiosa. Para aquele Rishi regenerado então, que continuava a cavar a Terra pelo desejo de fazer um caminho para as regiões inferiores habitadas pelos Nagas, o chefe dos celestiais, armado com o raio, chegou lá, em seu carro puxado por cavalos verdes. Dotado de grande energia, ele viu aquele principal dos Brahmanas, quando ele estava sentado lá ocupado em sua tarefa.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assumindo o disfarce de um Brahmana afligido com a tristeza de Utanka, o chefe dos celestiais se dirigiu a ele, dizendo, 'Este (teu propósito) não pode ser alcançado. As regiões dos Nagas estão a milhares de Yojanas longe deste lugar. Eu penso que teu propósito não pode ser realizado com teu bastão de caminhada.'"

"Utanka disse, 'Se, ó Brahmana, os brincos não forem recuperados por mim das regiões dos Nagas, eu irei abandonar meus ares vitais perante teus olhos, ó principal das pessoas regeneradas!'"

"Vaisampayana disse, 'Quando Indra armado com o raio fracassou em desviar Utanka de seu propósito, ele uniu o bastão de caminhada do último com a força do trovão. Então, ó Janamejaya, a Terra, se abrindo com aqueles golpes que tinham a força do trovão, produziu um caminho para as regiões (inferiores) habitadas pelos Nagas. Por aquele caminho Utanka entrou no mundo dos Nagas. Ele viu que aquela região se estendia por milhares de Yojanas em todos os lados. De fato, ó abençoado, ela era guarnecida com muitas paredes feitas de ouro puro e decoradas com jóias e pedras preciosas. Havia muitos tanques de água excelentes equipados com escadarias feitas de cristal puro, e muitos rios de água límpida e transparente. Ele viu também muitas árvores com diversas espécies de aves pousando nelas. Aquele perpetuador da linhagem de Bhrigu viu o portão daquela região que tinha cinco Yojanas completos de altura e cem Yojanas de largura. Contemplando a região dos Nagas, Utanka ficou muito triste. De fato, ele

desanimou de conseguir os brincos de volta. Então lá apareceu para ele um corcel preto com um rabo branco. Sua face e olhos eram de uma cor de cobre, ó tu da linhagem de Kuru, e ele parecia resplandecer com energia. Dirigindo-se a Utanka, ele disse, 'Sopre no ducto Apana do meu corpo. Tu irás então, ó Brahmana erudito, conseguir de volta os teus brincos que foram roubados por um descendente da linhagem de Airavata! Não relute cumprir minha ordem, ó filho. Tu fizeste isso muitas vezes no retiro de Gautama nos tempos passados.'"

"Utanka disse, 'Como eu te conheci no retiro do meu preceptor? De fato, eu desejo saber como eu fiz naqueles tempos o que tu me mandaste fazer agora.'"

"O corcel disse, 'Saiba, ó Brahmana erudito, que eu sou o preceptor do teu preceptor, pois eu sou o ardente Jatavedas (divindade do fogo). Por ti eu fui muitas vezes adorado por causa do teu preceptor, ó filho da linhagem de Bhrigu, adequadamente e com coração e corpo puros. Por essa razão eu irei realizar o que é para o teu bem. Cumpra minha ordem sem demora.' Assim endereçado pela divindade do fogo, Utanka fez como ele foi ordenado. A divindade então, satisfeita com ele, resplandeceu para consumir tudo. Dos poros de seu corpo, ó Bharata, por sua própria natureza, saiu uma fumaça espessa ameaçando terrores para o mundo dos Nagas. Com aquela fumaça poderosa e que se estendia sobre vasta área, ó Bharata, tudo ficou envolvido em escuridão, de modo que nada, ó rei, podia mais ser visto no mundo dos Nagas. Gritos de dor foram ouvidos por todas as mansões dos Airavatas, proferidos pelos Nagas encabeçados por Vasuki, ó Janamejaya. Envolvidos por aquela fumaça, os palácios não podiam mais ser vistos, ó Bharata. Estas pareciam bosques e colinas tomados por uma floresta densa. Com olhos que estavam vermelhos por causa da fumaça, e afligidos pela energia da divindade do fogo, os Nagas saíram de suas mansões até o filho de grande alma da linhagem de Bhrigu para averiguar qual era o assunto. Tendo ouvido qual era o assunto daquele asceta de energia incomensurável, todos os Nagas, com medo retratado em seus olhos, lhe ofereceram seu culto segundo as formas devidas. De fato, todos os Nagas colocando os velhos e os jovens perante eles, se curvaram a ele com suas cabeças e mãos unidas e se dirigiram a ele, dizendo, 'Fique satisfeito conosco, ó santo!' Tendo satisfeito aquele Brahmana e lhe oferecendo água para lavar seus pés e os ingredientes do Arghya (para honrá-lo), os Nagas lhe deram aqueles brincos celestes e muito adorados. Assim honrado por eles, Utanka de grande destreza, circungirando a divindade do fogo, partiu para o retiro do seu preceptor. De fato, se dirigindo rapidamente para o retiro de Gautama, ó rei, ele ofereceu aqueles brincos para a esposa do seu preceptor, ó impecável. Aquele melhor dos Brahmanas também disse para seu preceptor tudo sobre Vasuki e os outros Nagas que tinha ocorrido. Foi dessa maneira, ó Janamejaya, que Utanka de grande alma, tendo vagado pelos três mundos, buscou aqueles brincos enfeitados com pedras preciosas (para a esposa do seu preceptor). De tal destreza, ó chefe da linhagem de Bharata, era o asceta Utanka. Assim austeras eram as penitências com as quais ele era dotado. Eu desse modo te disse o que tu me perguntaste.'"

59

"Janamejaya disse, 'Depois de ter concedido aquela bênção para Utanka, ó principal das pessoas regeneradas, o que o poderosamente armado Govinda de grande celebridade fez em seguida?'"

"Vaisampayana disse, 'Tendo concedido aquela bênção para Utanka, Govinda, acompanhado por Satyaki, procedeu para Dwaraka em seu carro puxado por seus grandes corcéis dotados de grande velocidade. Passando por muitos lagos e rios e florestas e colinas, ele finalmente chegou à cidade encantadora de Dwaravati. Foi no momento, ó rei, quando o festival de Raivataka tinha começado, que ele de olhos como pétalas de lótus chegou com Satyaki como seu companheiro. Enfeitada com muitas coisas belas e coberta com diversos Koshas feitos de jóias e pedras preciosas, a colina Raivataka brilhava, ó rei, com grande esplendor. Aquela montanha alta, decorada com coroas de ouro excelentes e guirlandas de flores alegres, com muitas árvores grandes que pareciam com as árvores Kalpa do jardim de Indra, e com muitos postes dourados nos quais lâmpadas estavam acesas, brilhava em beleza dia e noite. Pelas cavernas e fontes a luz era tão poderosa que parecia ser dia claro. Por todos os lados bandeiras belas ondulavam no ar com pequenos sinos que tilintavam continuamente. A colina inteira ressoava com as canções melodiosas de homens e mulheres. Raivataka apresentava um panorama muito encantador como Meru com todas as suas jóias e pedras preciosas. Homens e mulheres, excitados e cheios de deleite, ó Bharata, cantavam alto. A onda de música que assim se erguia daquela principal das montanhas parecia tocar os próprios céus. Em todos os lugares eram ouvidas declamações e gritos altos de homens que estavam em todos os estágios de excitamento. O falatório de milhares de vozes fazia aquela montanha encantadora e fascinante. Ela estava adornada com muitas lojas e bancas cheias com diversas iguarias e artigos agradáveis. Havia pilhas de tecidos e guirlandas, e a música de Vinas e flautas e Mridangas era ouvida em todos os lugares. Alimento misturado com vinhos de diversos tipos era fornecido aqui e ali. Doações estavam sendo feitas incessantemente para aqueles que eram aflitos, ou cegos, ou incapazes. Por causa de tudo isso, o festival daquela montanha se tornou altamente auspicioso. Havia muitas residências sagradas construídas no leito daquela montanha, ó herói, dentro das quais residiam muitos homens de atos justos. Dessa maneira os heróis da linhagem de Vrishni se divertiam naquele festival de Raivataka. Equipada com aquelas mansões, aquela montanha brilhava como um segundo Céu. À chegada de Krishna, ó chefe da linhagem de Bharata, aquele príncipe das montanhas parecia com a residência abençoada do próprio Indra. Adorado (por seus parentes), Krishna então entrou em uma mansão bela. Satyaki também foi para seus próprios aposentos com uma alma deliciada. Govinda entrou em sua residência depois de uma longa ausência, tendo realizado feitos de grande dificuldade como Vasava em meio à hoste Danava. Os heróis das tribos Bhoja, Vrishni, e Andhaka, todos se adiantaram para receber aquele de grande alma como as divindades avançando para receber aquele de cem sacrifícios. Dotado de grande inteligência, ele os honrou em retorno e perguntou sobre seu bem-estar. Com um coração satisfeito ele então saudou seu pai e mãe. O herói

poderosamente armado foi abraçado por ambos e confortado também (por numerosas evidências de afeição). Ele então tomou seu assento com todos os Vrishnis sentados em volta dele. Tendo lavado seus pés e dissipado sua fadiga, Krishna de energia imensa, quando ele sentou lá, então relatou os principais incidentes da grande batalha em resposta às perguntas feitas a ele por seu pai.'"

60

"Vasudeva disse, 'Ó tu da linhagem de Vrishni, eu tenho repetidamente ouvido homens falando da batalha extraordinária (entre os Kurus e os Pandavas). Tu, no entanto, ó poderosamente armado, a testemunhaste com teus próprios olhos. Portanto, ó impecável, descreva a batalha em detalhes. De fato, me diga como ocorreu aquela batalha entre os Pandavas de grande alma (de um lado) e Bhishma e Karna e Kripa e Drona e Salya e outros (do outro lado), entre, realmente, outros numerosos Kshatriyas bem habilidosos em armas, diferindo uns dos outros em aparência e trajes, e vindos de diversos reinos.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por seu pai, ele de olhos como pétalas de lótus narrou, na presença de sua mãe também, como os heróis Kaurava foram mortos em batalha.'"

"Vasudeva disse, 'Foram muito admiráveis as façanhas que foram realizadas por aqueles Kshatriyas de grande alma. Por seu grande número, elas não poderiam ser enumeradas nem em centenas de anos. Eu irei, no entanto, mencionar somente as principais delas. Ouçam-me, portanto, enquanto eu menciono em resumo aqueles feitos realizados pelos reis da Terra. Ó tu de esplendor divino, Bhishma da linhagem de Kuru se tornou o generalíssimo, tendo onze divisões (Akshauhinis) dos príncipes Kaurava sob seu comando, como Vasava dos exércitos celestes. Sikhandin de grande inteligência, protegido pelo abençoado Arjuna, se tornou o líder das sete divisões dos filhos de Pandu. A batalha entre os Kurus e os Pandavas (sob esses líderes) durou por dez dias. Ela foi tão violenta quanto a fazer os pêlos de alguém se arrepiarem. Então Sikhandin, em grande combate, ajudado pelo manejador do Gandiva, matou, com inúmeras setas, o filho de Ganga lutando bravamente. Deitado em um leito de flechas, Bhishma esperou como um asceta até o sol deixar seu caminho para o sul e entrar em seu rumo norte, quando aquele herói abandonou seus ares vitais. Então Drona, aquela principal de todas as pessoas familiarizadas com armas, aquele maior dos homens sob Duryodhana, como o próprio Kavya (Sukra, preceptor) do senhor dos Daityas, se tornou generalíssimo. Aquela principal das pessoas regeneradas, sempre se vangloriando de sua bravura em batalha, foi apoiado pelo restante da força Kaurava consistindo então em nove Akshauhinis, e protegido por Kripa e Vrisha e outros. Dhrishtadyumna conhecedor de muitas armas poderosas, e possuidor de grande inteligência, se tornou o líder dos Pandavas. Ele foi protegido por Bhima como Varuna protegido por Mitra. Aquele herói de grande alma, sempre desejoso de medir sua força com Drona, apoiado pelo (restante do) exército Pandava, e se lembrando dos males infligidos (por Drona) sobre seu pai (Drupada, o rei dos Panchalas), realizou grandes feitos em batalha. Naquele

combate entre Drona e o filho de Prishata, os reis, reunidos de diversos reinos, quase foram exterminados. Aquela batalha furiosa durou por cinco dias. Na conclusão daquele período, Drona, esgotado, sucumbiu a Dhrishtadyumna. Depois disso, Karna se tornou o generalíssimo dos exércitos de Duryodhana. Ele era apoiado em batalha pelo resto da hoste Kaurava que numerava cinco Akshauhinis. Dos filhos de Pandu havia então três Akshauhinis. Depois do massacre de inúmeros heróis, protegidos por Arjuna, eles chegaram a lutar. O filho de Suta, Karna, embora um guerreiro feroz, combatendo Partha, chegou ao seu fim no segundo dia, como um inseto encontrando um fogo ardente. Depois da queda de Karna, os Kauravas ficaram desanimados e perderam toda a energia. Numerando três Akshauhinis, eles se reuniram em volta do soberano dos Madras. Tendo perdido muitos guerreiros em carros e elefantes e cavaleiros, o resto do exército Pandava, numerando um Akshauhini e tomado pelo desânimo, apoiou Yudhishthira (como seu líder). O rei Yudhishthira, na batalha que se seguiu, realizou as façanhas mais difíceis e matou, antes da metade do dia estar terminada, o rei dos Madras. Depois da queda de Salya, Sahadeva de grande alma de destreza incomensurável matou Sakuni, o homem que tinha ocasionado a disputa (entre os Pandavas e os Kurus). Depois da queda de Sakuni, o filho nobre de Dhritarashtra, cujo exército tinha sofrido uma extensa carnificina e que por causa disso tinha ficado extremamente triste, fugiu do campo, armado com sua maça. Então Bhimasena de grande heroísmo, cheio de fúria, o perseguiu e o descobriu dentro das águas do lago Dwaipayana. Com o resto do seu exército, os Pandavas cercaram o lago e, cheios de alegria, combateram Duryodhana escondido dentro das águas. Suas flechas verbais, penetrando através das águas, perfuraram Duryodhana. Erguendo-se do lago, o último se aproximou dos Pandavas, armado com sua maça, desejoso de lutar. Então, no grande combate que se seguiu, o filho nobre de Dhritarashtra foi morto por Bhimasena que empregou sua grande destreza, na presença de muitos reis. Depois disso o resto do exército Pandava, quando ele dormia no acampamento, foi massacrado durante a noite pelo filho de Drona que não podia suportar a morte de seu pai (nas mãos de Dhrishtadyumna). Seus filhos mortos, suas tropas mortas, somente os cinco filhos de Pandu e eu mesmo e Yuyudhana estamos vivos. Com Kripa e o príncipe Bhoja Kritavarman, o filho de Drona representa o resto não morto do exército Kaurava. O filho de Dhritarashtra Yuyutsu também escapou do massacre por ter adotado o lado dos Pandavas. Após a morte do rei Kaurava (Suyodhana) com todos os seus seguidores e aliados, Vidura e Sanjaya foram à presença do rei Yudhishthira o justo. Exatamente assim ocorreu aquela batalha, ó senhor, por dezoito dias. Muitos reis da Terra, mortos nela, ascenderam para o Céu.'"

"Vaisampayana continuou, 'Os Vrishnis, quando eles ouviram, ó rei, aquele relato terrível, se encheram de angústia e tristeza e dor.'"

61

"Vaisampayana disse, 'Depois que Vasudeva de grande alma de grande destreza tinha terminado sua narração da grande batalha dos Bharatas perante

seu pai, estava claro que aquele herói tinha omitido a morte de Abhimanyu. O motivo daquele de grande alma era que seu pai não podia ouvir aquilo que era muito desagradável para ele. De fato, o inteligente Krishna não desejou que seu pai Vasudeva, ao ouvir a notícia terrível da morte do filho de sua filha, sofresse de tristeza e dor. (Sua irmã) Subhadra, reparando que a morte de seu filho não tinha sido mencionada, se dirigiu ao seu irmão, dizendo, 'Narre a morte do meu filho, ó Krishna.' E caiu no chão (desmaiada). Vasudeva viu sua filha caída no chão. Logo que ele viu isso, ele também caiu, privado de seus sentidos pela dor. (Recuperando seus sentidos) Vasudeva, afligido pela dor pela morte do filho de sua filha, ó rei, se dirigiu a Krishna, dizendo, 'Ó tu de olhos de lótus, tu és famoso sobre a Terra por seres sincero em palavras. Por que, no entanto, ó matador de inimigos, tu não me falas hoje da morte do filho de minha filha? Ó pujante, me fale em detalhes da morte do filho da tua irmã. Possuidor de olhos parecidos com os teus, ai, como ele foi morto em batalha por inimigos? Já que o meu coração por dor não se parte em cem pedaços, parece, ó tu da linhagem de Vrishni, que ele não morre com homens quando sua hora não chega. Oh, no momento de sua queda, quais palavras ele proferiu; dirigindo-se à sua mãe? Ó de olhos de lótus, o que aquele meu querido, possuidor de olhos agitados, disse para mim? Eu espero que ele não tenha sido morto por inimigos enquanto recuando da batalha com suas costas em direção a eles. Eu espero, ó Govinda, que seu rosto não tenha se tornado triste enquanto lutando. Ele era possuidor, ó Krishna, de energia imensa. Por um espírito de infantilidade, aquele herói pujante, se gabando (de sua destreza) em minha presença, costumava falar da sua habilidade (em batalha). Eu espero que aquele menino não se encontre no campo, morto fraudulentamente por Drona e Karna e Kripa e outros. Conte-me isto. Aquele filho da minha filha sempre costumava desafiar Bhishma e aquele principal de todos os guerreiros poderosos, isto é, Karna, em batalha.' Para seu pai que, por excesso de dor, se entregava a tais lamentações, Govinda, mais aflito do que ele respondeu nestas palavras, 'Seu rosto não ficou triste quando ele lutava na vanguarda da batalha. Embora aquela batalha fosse violenta, ele não deu suas costas para ela. Tendo matado centenas e milhares de reis da Terra, ele foi prejudicado por Drona e Karna e finalmente sucumbiu ao filho de Dussasana. Se, ó senhor, ele tivesse combatido um a um, sem intermissão, ele não poderia ter sido morto em batalha nem mesmo pelo manejador do raio. Quando seu pai Arjuna foi afastado do exército principal pelos Samsaptakas (que o desafiaram para lutar separadamente), Abhimanyu foi cercado pelos heróis Kaurava enfurecidos encabeçados por Drona em batalha. Então, ó pai, depois que ele tinha massacrado um número muito grande de inimigos em batalha, o filho da tua filha finalmente sucumbiu ao filho de Dussasana. Sem dúvida, ele foi para o Céu. Mate essa tua dor, ó tu de grande inteligência. Aqueles que são de compreensões purificadas nunca enlanguescem quando eles encontram com alguma calamidade. Ele por quem Drona e Karna e outros foram controlados em batalha, heróis que eram iguais ao próprio Indra em poder, porque ele não ascenderia para o Céu? Ó irresistível, mate essa tua aflição. Não te permita ser dominado pela ira. Aquele conquistador de cidades hostis alcançou aquela meta santificada que depende da morte no fio de armas. Depois da queda daquele herói, esta minha irmã Subhadra dominada pela dor se entregou a altas lamentações, quando ela viu Kunti, como

uma águia-pescadora fêmea. Quando ela encontrou Draupadi, ela perguntou a ela em aflição, ‘Ó dama venerável, onde estão todos os nossos filhos? Eu desejo vê-los.’ Ouvindo seus lamentos, todas as senhoras Kaurava a abraçaram e choraram sentando em volta dela. Vendo (sua nora) Uttara, ela disse, 'Ó moça abençoada, aonde teu marido foi? Quando ele voltar, sem perderes um momento, me avise disso. Ai, ó filha de Virata, logo que ele ouvia minha voz, ele costumava sair de seu quarto sem a perda de um momento. Por que teu marido não sai hoje? Ai, ó Abhimanyu, teus tios maternos, poderosos guerreiros em carros, estão todos com saúde. Eles costumavam te abençoar quando eles te viam chegar aqui preparado para sair para a batalha. Conte-me os incidentes da batalha hoje como antes, ó castigador de inimigos. Oh, por que tu não me respondes hoje, eu que estou chorando tão amargamente?' Ouvindo esses lamentos daquela filha da linhagem de Vrishni, Pritha, profundamente afligida pela dor, se dirigiu a ela e disse lentamente, 'Ó Subhadra, embora protegido por Vasudeva e Satyaki e por seu próprio pai, ainda assim teu filho jovem foi morto. Aquela morte é devido à influência do Tempo! Ó filha da linhagem de Yadu, teu filho era mortal. Não sofra. Irresistível em batalha, teu filho, sem dúvida, chegou à meta mais sublime. Tu és nascida em uma linhagem nobre de Kshatriyas de grande alma. Não sofra, ó tu de olhares inquietos, ó moça de olhos como pétalas de lótus. Olhe para Uttara que está grávida. Ó dama abençoada, não ceda à tristeza. Esta moça auspiciosa logo dará à luz um filho para aquele herói.’ Tendo-a consolado dessa maneira, Kunti, conhecedora de todos os deveres, ó perpetuador da linhagem de Yadu, rejeitando sua dor, ó irresistível, fez arranjos para os ritos fúnebres de Abhimanyu, com a aquiescência do rei Yudhishthira e Bhima, e dos gêmeos (Nakula e Sahadeva) que em destreza pareciam com o próprio Yama. Ela também fez muitos presentes para os Brahmanas, e concedeu para eles muitas vacas, ó perpetuador da linhagem de Yadu, Então a dama Vrishni (Kunti), um pouco confortada, se dirigiu à filha de Virata, dizendo, ‘Ó filha impecável de Virata, tu não deves te entregar à dor. Por causa do teu marido, ó tu de quadris rotundos, proteja a criança em teu ventre.’ Tendo dito essas palavras, ó tu de grande esplendor, Kunti parou. Com a permissão dela eu trouxe Subhadra aqui. Foi assim, ó concessor de honras, que o filho da tua filha encontrou sua morte. Rejeite tua dor abrasadora, ó irresistível. De fato, não coloque teu coração na tristeza.'"

62

"Vaisampayana disse, 'Tendo ouvido estas palavras de seu filho Vasudeva, aquele descendente de Sura, de alma justa, rejeitando sua angústia, fez oferendas fúnebres excelentes (para Abhimanyu). Vasudeva também realizou aqueles ritos para a ascensão (para o Céu) de seu sobrinho de grande alma, aquele herói que era sempre o querido de seu pai (Vasudeva). Ele alimentou adequadamente seis milhões de Brahmanas, dotados de grande energia, com comestíveis possuidores de toda recomendação. Oferecendo muitas roupas para eles, Krishna satisfez a sede por riqueza daqueles Brahmanas. Fenomenais eram as pilhas de ouro, o número de vacas e de camas e roupas, que foram então doadas. Os Brahmanas declaravam ruidosamente: 'Que (a riqueza de Krishna) aumente.' Então Vasudeva

da linhagem de Dasarha, e Valadeva, e Satyaki, e Satyaka, cada um realizou os ritos fúnebres de Abhimanyu. Extremamente afligidos pela dor, eles fracassaram em obter consolo. O mesmo era o caso com os filhos de Pandu na cidade que recebeu o nome de elefante. Privados de Abhimanyu, eles fracassaram em obter paz mental. A filha de Virata, ó monarca, por muitos dias, se absteve totalmente de todo alimento, extremamente afligida pela angústia por causa da morte de seu marido. Nisso todos os parentes dela ficaram mergulhados em angústia excessiva. Eles todos temiam que o embrião no útero dela pudesse ser destruído. Então Vyasa, averiguando o estado das coisas por meio de sua visão espiritual, chegou lá. O Rishi altamente inteligente, dotado de grande energia, chegando (ao palácio), se dirigiu a Pritha de olhos grandes, como também à própria Uttara, dizendo, 'Que esta dor seja abandonada. Ó dama famosa, um filho dotado de energia imensa nascerá para ti, pela pujança de Vasudeva e pela minha palavra. Aquele filho governará a Terra depois que os Pandavas (tiverem partido dela).' Vendo Dhananjaya, ele disse para ele, na audição do rei Yudhishthira o justo, e o alegrando com suas palavras, 'Ó Bharata, teu neto, ó altamente abençoado, se tornará um príncipe de grande alma. Ele governará justamente a Terra inteira até a margem do oceano. Portanto, ó principal da linhagem de Kuru, rejeite esta dor, ó ceifeiro de inimigos. Não duvide disso. Isso realmente acontecerá. Aquilo que foi proferido pelo herói Vrishni em uma ocasião passada, irá, sem dúvida, acontecer. Não pense de outra maneira. Com relação a Abhimanyu, ele foi para as regiões das divindades, conquistadas por ele com suas próprias ações. Aquele herói não deve ser lamentado por ti ou, de fato, pelos outros Kurus.' Assim endereçado por seu avô, Dhananjaya de alma justa, ó rei, rejeitou seu pesar e até ficou alegre. Teu pai, ó príncipe, que és conhecedor de todos os deveres, começou a crescer naquele útero, ó tu de grande inteligência, como a Lua na quinzena iluminada. Então Vyasa incitou o filho nobre de Dharma a realizar o Sacrifício de Cavalo. Tendo falado daquela maneira, ele se fez invisível. O inteligente rei Yudhishthira o justo, ouvindo as palavras de Vyasa, colocou sua mente na viagem para trazer riqueza (para o sacrifício).'"

63

"Janamejaya disse, 'Tendo ouvido aquelas palavras, ó regenerado, que foram faladas por Vyasa de grande alma a respeito do Sacrifício de Cavalo, quais medidas foram tomadas por Yudhishthira? Diga-me, ó principal dos regenerados, como o rei conseguiu obter a riqueza que Marutta tinha enterrado na Terra.'"

"Vaisampayana disse, 'Tendo ouvido as palavras do asceta Nascido na Ilha, o rei Yudhishthira o justo convocou todos os seus irmãos, isto é, Arjuna e Bhimasena e os filhos gêmeos de Madri, no momento apropriado e então disse para eles (as seguintes palavras), 'Ó heróis, vocês ouviram as palavras que o altamente inteligente Krishna (Vyasa) de grande alma disse por sua amizade e pelo desejo de fazer bem para os Kurus! Realmente, vocês ouviram aquelas palavras que foram proferidas por aquele asceta de penitências abundantes, aquele grande sábio desejoso de conceder prosperidade para seus amigos,

aquele preceptor de comportamento justo, isto é, Vyasa de feitos extraordinários. Vocês ouviram também o que Bhishma disse, e o que Govinda também de grande inteligência proferiu. Lembrando daquelas palavras, ó filhos de Pandu, eu desejo obedecê-las devidamente. Por obedecer a aquelas palavras deles grande bem-aventurança se vinculará a todos vocês. Aquelas palavras faladas por aqueles proferidores de Brahma sem dúvida (se obedecidas) trarão em seu séquito benefício considerável. Ó perpetuadores da linhagem de Kuru, a Terra ficou desprovida de sua riqueza. Ó reis, Vyasa, portanto, nos informou da riqueza (que jaz enterrada na Terra) de Marutta. Se vocês acham aquela riqueza abundante ou suficiente, como nós a traremos (para nossa capital)? O que, ó Bhima, tu pensas com relação a isto?' Quando o rei, ó perpetuador da linhagem de Kuru, disse essas palavras, Bhimasena, unindo suas mãos, disse estas palavras em resposta, 'As palavras que tu disseste, ó tu de braços fortes, sobre o assunto de trazer a riqueza indicada por Vyasa, são aprovadas por mim. Se, ó pujante, nós conseguirmos obter a riqueza mantida lá pelo filho de Avikshita, então este sacrifício, ó rei, proposto por nós, será facilmente realizado. Isso mesmo é o que eu penso. Nós iremos, portanto, inclinando nossas cabeças para Girisa de grande alma, e oferecendo o devido culto para aquela divindade, trazer aquela riqueza. Abençoado sejas tu. Gratificando aquele deus de deuses, como também seus companheiros e seguidores, em palavras, pensamentos, e ações, nós iremos, sem dúvida, obter aquela riqueza. Aqueles Kinnaras de aparência feroz que estão protegendo aquele tesouro certamente o entregarão para nós se a grande divindade que tem o touro como seu símbolo ficar satisfeita conosco!' Ouvindo essas palavras proferidas por Bhima, ó Bharata, o rei Yudhishthira, o filho de Dharma, ficou muito satisfeito. Os outros, encabeçados por Arjuna, ao mesmo tempo, disseram, 'Assim seja.' Os Pandavas então, tendo resolvido trazer aquela riqueza, ordenaram que suas tropas marchassem sob a constelação Dhruba (Rohini e as Uttaras numerando três) e no dia chamado pelo mesmo nome (Domingo é chamado de Dia-Dhruba). Fazendo os Brahmanas proferirem bênçãos sobre eles, e tendo devidamente adorado o grande deus Maheswara, os filhos de Pandu partiram (em seu empreendimento). Agradando aquela divindade de grande alma com Modakas e manjar e com bolos feitos de carne, os filhos de Pandu partiram com corações alegres. Enquanto eles partiam, os cidadãos, e muitos dos principais Brahmanas, com corações alegres, proferiram bênçãos auspiciosas (sobre suas cabeças). Os Pandavas, circungirando muitos Brahmanas que adoravam seus fogos diariamente, e inclinando suas cabeças para eles, procederam em sua jornada. Recebendo a permissão do rei Dhritarashtra que sofria de angústia por causa da morte de seus filhos, de sua rainha (Gandhari), e de Pritha também de olhos grandes, e mantendo o príncipe Kaurava Yuyutsu, o filho de Dhritarashtra, na capital, eles saíram, adorados pelos cidadãos e por muitos Brahmanas possuidores de grande sabedoria.'"

64

"Vaisampayana disse, 'Eles então partiram, com corações alegres, e acompanhados por homens e animais todos os quais estavam igualmente alegres. Eles encheram a Terra inteira com o estrépito alto de suas rodas. Seus louvores cantados por elogiadores e Sutas e Magadhas e bardos, e protegidos por seu próprio exército, eles pareciam muito com Adityas adornados com seus próprios raios. Com o guarda-sol branco mantido sobre sua cabeça, o rei Yudhishthira brilhava com beleza como o senhor das estrelas (lua) na noite quando ele está cheio. Aquele principal dos homens, o filho mais velho de Pandu, aceitou, com formas devidas, as bênçãos e aplausos de seus súditos alegres conforme ele prosseguia em seu caminho. Com relação aos soldados que seguiam o rei, seus murmúrios confusos pareciam encher o firmamento inteiro. Aquela hoste cruzou muitos lagos e rios e florestas e jardins agradáveis. Eles finalmente chegaram às montanhas. Chegando naquela região onde aquela riqueza estava enterrada, ó rei, o nobre Yudhishthira fixou seu acampamento com todos os seus irmãos e tropas. A região escolhida para o propósito, ó chefe da linhagem de Bharata, era perfeitamente plana e auspiciosa. Lá o rei montou seu acampamento, colocando em sua dianteira Brahmanas que eram dotados de penitências e erudição e autodomínio, como também seu sacerdote Agnivesya (Dhaumya), ó tu da linhagem de Kuru, que era bom conhecedor dos Vedas e todos os seus ramos. Então os filhos nobres de Pandu, e os outros reis (que acompanhavam aquela expedição), e os Brahmanas e sacerdotes bem hábeis em ritos sacrificais, tendo realizado devidamente algumas cerimônias propiciatórias, se espalharam por todo aquele local. Tendo colocado apropriadamente o rei e seus ministros no meio, os Brahmanas fizeram o acampamento ser montado por planejarem seis estradas e nove divisões. (Três estradas seguindo de norte a sul, e três seguindo e leste para oeste e cruzando as primeiras são as seis estradas que são ordenadas para serem traçadas ao montar acampamentos. Aquelas dão nove quadras com duas linhas divisórias em ângulos retos umas com as outras.) O rei Yudhishthira fez um acampamento separado ser feito adequadamente para os elefantes enfurecidos que acompanhavam sua tropa. Quando tudo estava completo, ele se dirigiu aos Brahmanas, dizendo, 'Ó principais dos Brahmanas, que seja feito aquilo que vocês pensam que deve ser feito em vista da questão à mão. De fato, que um dia e constelação auspiciosos sejam fixados para isso. Não deixem passar muito tempo sobre nossas cabeças enquanto nós esperamos em suspense aqui. Ó principais dos Brahmanas eruditos, tendo tomado essa decisão, que seja feito aquilo que deve ser feito depois disso.' Ouvindo essas palavras do rei, os Brahmanas com aqueles entre eles que eram bem hábeis no desempenho de ritos religiosos, ficaram cheios de alegria e desejosos de fazer o que era agradável para o rei Yudhishthira o justo, disseram estas palavras em resposta, 'Este mesmo dia é auspicioso com uma constelação auspiciosa. Nós iremos, portanto, nos esforçar para realizar aqueles ritos superiores que nós tencionamos. Nós iremos hoje, ó rei, viver só de água. Vocês todos também jejuem hoje.' Ouvindo essas palavras daqueles Brahmanas principais, os filhos reais de Pandu passaram aquela noite se abstendo de todo alimento, e deitando confiantemente em camas de grama

Kusa, como fogos ardentes em um sacrifício. E a noite passou enquanto eles escutavam os discursos dos Brahmanas eruditos (sobre diversos assuntos). Quando a manhã sem nuvens chegou, aqueles principais dos Brahmanas se dirigiram ao filho nobre de Dharma (dizendo o seguinte).”'

65

'"Os Brahmanas disseram, 'Que oferendas sejam feitas para Mahadeva de grande alma de três olhos. Tendo dedicado aquelas oferendas apropriadamente, ó rei, nós iremos então nos esforçar para atingir nosso objetivo.' Ouvindo essas palavras daqueles Brahmanas, Yudhishthira fez oferendas serem feitas devidamente para aquela divindade que adorava deitar em leitos de montanha. Satisfazendo o fogo (sacrifical) com (libações de) manteiga santificada de acordo com a ordenança, o sacerdote (Dhaumya) cozinhou Charu com a ajuda de Mantras e realizou os ritos necessários. Ele pegou muitas flores e as santificou com Mantras, ó rei. Com Modakas e manjar e carne, ele fez oferendas para a divindade. Com diversos tipos de flores e com arroz frito, de tipo muito superior, Dhaumya, bem versado nos Vedas, realizou os ritos restantes. Ele em seguida apresentou as oferendas de acordo com a ordenança para aqueles seres fantasmais que formavam o séquito de Mahadeva. E oferendas foram feitas em seguida para Kuvera, o chefe dos Yakshas, e para Manibhadra também. Para os outros Yakshas também e para aqueles que eram os principais entre os companheiros fantasmais de Mahadeva, o sacerdote ofereceu culto apropriado, tendo enchido muitos jarros com alimento, com Krisaras e carne e Nivapas misturados com sementes de gergelim. O rei doou para os Brahmanas milhares de vacas. Ele então dirigiu a apresentação, segundo os ritos devidos, das oferendas para aqueles seres que vagueiam à noite (que vivem com Mahadeva). Sobrecarregada como estava com o perfume de Dhupas, e cheia com a fragrância de flores, aquela região, sagrada para a divindade das divindades, ó rei, se tornou extremamente encantadora. Tendo realizado o culto de Rudra e de todos os Ganas, o rei, colocando Vyasa adiante, procedeu em direção ao lugar onde o tesouro estava enterrado. Mais uma vez cultuando o Senhor dos tesouros, e se curvando a ele com reverência e o saudando devidamente, com diversas espécies de flores e bolos e Krisara, tendo adorado aquelas principais das pedras preciosas, isto é, Sankha e Nidhi, e aqueles Yakshas que são os senhores das pedras preciosas, e tendo adorado muitos dos Brahmanas principais e os fazendo proferirem bênçãos, o rei dotado de grande pujança, fortalecido pela energia e pelas bênçãos auspiciosas daqueles Brahmanas, fez aquele local ser escavado. Então numerosos recipientes de formas diversas e encantadoras, e Bhringaras e Katahas e Kalasas e Bardhamanakas, e inúmeros Bhajanas de formas belas, foram escavados pelo rei Yudhishthira o justo. A riqueza assim retirada foi colocada em 'Karaputas' grandes para proteção. (Karaputa é composto de duas caixas de madeira unidas com correntes e cordas e destinado a ser carregado por camelos e touros.) Uma parte da riqueza foi feita ser carregada sobre os ombros de homens em balanços sólidos de madeira com cestos fixados como pratos de balança em ambas as extremidades. De fato, ó rei, havia outros métodos de

transporte lá para levar aquela riqueza do filho de Pandu. Havia sessenta mil camelos e cento e vinte mil cavalos, e de elefantes, ó monarca, havia cem mil. De carros havia grande número, e de carroças, também muitas, e de elefantas igualmente. De mulas e homens o número era incalculável. Aquela riqueza que Yudhishthira fez ser escavada era mesmo muito grande. Dezesseis mil moedas foram colocadas nas costas de cada camelo; oito mil em cada carro; vinte e quatro mil em cada elefante; (enquanto cargas proporcionais foram colocadas sobre cavalos e mulas e nas costas, ombros e cabeças de homens). Tendo carregado aqueles veículos com aquela riqueza e mais uma vez cultuando a grande divindade Siva, o filho de Pandu partiu para a cidade que recebeu o nome de elefante, com a permissão do Rishi Nascido na Ilha, e colocando seu sacerdote Dhaumya na dianteira. Aquele principal dos homens, isto é, o filho nobre de Pandu, fazia marchas curtas todos os dias, medidas por um Goyuta (4 milhas). Aquela hoste imensa, ó rei, afligida com o peso que carregava, voltou, levando aquela riqueza, para a capital, alegrando os corações de todos aqueles perpetuadores da linhagem de Kuru.'"

66

"Vaisampayana disse, 'Enquanto isso, Vasudeva de grande energia acompanhado pelos Vrishnis, chegou à cidade chamada pelo nome de elefante. Enquanto deixava aquela cidade para voltar para sua própria Dwaraka, ele tinha sido pedido pelo filho de Dharma para voltar. Por isso, sabendo que o tempo fixado para o Sacrifício de Cavalo tinha chegado, aquele principal dos homens retornou (à capital Kuru). Acompanhado pelo filho de Rukmini, por Yuyudhana, por Charudeshna, por Samva, por Gada, por Kritavarman, pelo heróico Sarana, por Nisatha, e pelo Unmukha, Vasudeva veio com Valadeva na vanguarda da comitiva, com Subhadra também o acompanhando. De fato, aquele herói chegou para ver Draupadi e Uttara e Pirtha e para consolar aquelas damas Kshatriya de distinção que tinham sido privadas de muitos dos seus protetores. Vendo aqueles heróis chegando, o rei Dhritarashtra, como também Vidura de grande alma, os receberam com honras apropriadas. Aquele principal dos homens, isto é, Krishna de grande energia, bem adorado por Vidura e Yuyutsu, continuou a residir na capital Kuru. Foi enquanto os heróis Vrishni, ó Janamejaya, estavam residindo na cidade Kuru, ó rei, que teu pai, aquele matador de heróis hostis, nasceu. O nobre Parikshit, ó monarca, afligido pela arma Brahma (de Aswatthaman), após sair do útero, jazia imóvel e inerte, pois vida ele não tinha. Por seu nascimento ele tinha alegrado os cidadãos, mas logo os mergulhou em aflição. Os cidadãos, sabendo do nascimento do príncipe, proferiram um grito leonino. Aquele barulho procedeu até o limite máximo de todo ponto do horizonte. Logo, no entanto, (quando foi sabido que o príncipe estava desprovido de vida), aquele barulho cessou. Com grande pressa Krishna, seus sentidos e mente consideravelmente agitados, com Yuyudhana em sua companhia, entrou nos apartamentos internos do palácio. Ele viu sua própria tia paterna (Kunti) vindo, chorando ruidosamente e chamando por ele repetidamente. Atrás dela estavam Draupadi e a famosa Subhadra, e as esposas dos parentes dos Pandavas, todas chorando lamentavelmente.

Encontrando Krishna, Kunti, aquela filha da linhagem Bhoja, disse para ele, ó principal dos monarcas, estas palavras em uma voz sufocada com lágrimas, 'Ó Vasudeva, ó herói de armas poderosas, Devaki, por ter te dado à luz, veio a ser considerada como uma excelente geratriz. Tu és nosso amparo, e nossa glória. Esta linhagem (de Pandu) depende de ti como seu protetor. Ó herói Yadava, ó pujante, este filho do filho da tua irmã saiu do útero, morto por Aswatthaman. Ó Kesava, reviva-o. Ó encantador dos Yadavas, isso mesmo foi prometido por ti, ó pujante, quando Aswatthaman tinha inspirado a folha de grama em uma arma Brahma de energia imensa. De fato, ó Kesava, tuas palavras foram exatamente estas: 'Eu reviverei aquela criança se ela sair morta do útero.' Aquela criança, ó filho, nasceu morta. Veja-o, ó principal dos homens. Cabe a i, ó Madhava, salvar Uttara e Subhadra e Draupadi e eu mesma, e o filho de Dharma (Yudhishthira), e Bhima e Phalguna, e Nakula, e o irresistível Sahadeva. Nesta criança estão confinados os ares vitais dos Pandavas e de mim mesma. Ó tu da linhagem Dasarha, dele depende o bolo fúnebre de Pandu, como também do meu sogro, e de Abhimanyu também, abençoado sejas, aquele teu querido sobrinho que era tão parecido contigo. Realize hoje o que será benéfico para todos esses. Eu te suplico seriamente, ó Janardana. Uttara, ó matador de inimigos, sempre repete as palavras ditas a ela por Abhimanyu. Sem dúvida, ó Krishna, aquelas palavras foram altamente agradáveis para ela. Ó tu da linhagem Dasarha, o filho de Arjuna disse para aquela filha de Virata, 'Teu filho, ó moça abençoada, irá para os meus tios maternos. Tomando sua residência com os Vrishnis e os Andhakas, ele obterá deles a ciência de armas, de fato, diversas armas extraordinárias e toda a ciência de política e moralidade.' Exatamente essas foram as palavras, ó filho, que aquele matador de heróis hostis, isto é, o filho de Subhadra, aquele herói irresistível, disse para Uttara, por sua afeição por ela. Ó matador de Madhu, inclinando nossas cabeças para ti, nós te rogamos para fazer verdadeiras aquelas palavras de Abhimanyu. Em virtude também do momento ter chegado, realize o que é altamente benéfico.' Tendo dito essas palavras para aquele herói da linhagem de Vrishni, Pritha de olhos grandes ergueu seus braços e com as outras damas em sua companhia, caiu no chão. Todas elas, com olhos tornados turvos pelas lágrimas, exclamaram repetidamente, dizendo, 'Ai, o filho do sobrinho de Vasudeva nasceu morto.' Depois que Kunti tinha falado daquela maneira, Janardana a segurou, ó Bharata, e a erguendo gentilmente do chão, a confortou como segue.'"

67

"Vaisampayana disse, 'Depois que Kunti tinha se levantado, Subhadra, vendo seu irmão, começou a chorar alto, e afligida com angústia excessiva, disse, 'Ó de olhos como pétalas de lótus, veja o neto de Arjuna de grande inteligência. Ai, a linhagem Kuru tendo sido diminuída, nasceu uma criança que é fraca e morta. A folha de grama (transformada em uma arma de grande eficácia), erguida pelo filho de Drona para empreender a destruição de Bhimasena, caiu sobre Uttara e Vijaya e eu mesma. Ai, aquela folha, ó Kesava, ainda está existindo não extraída em mim, depois ter perfurado meu coração, já que eu, ó herói irresistível, não vejo

esta criança com (seu pai que era) meu filho. O que o rei de alma virtuosa Yudhishthira o justo irá dizer? O que também dirão Bhimasena e Arjuna e os dois filhos de Madravati? Sabendo que o filho de Abhimanyu nasceu e morreu, os Pandavas, ó tu da linhagem de Vrishni, se considerarão como enganados por Aswatthaman. Abhimanyu, ó Krishna, era o favorito de todos os irmãos Pandava, sem dúvida. Ouvindo essa notícia, o que aqueles heróis, derrotados pela arma do filho de Drona, dirão? Que dor, ó Janardana, pode ser maior do que esta, isto é, que o filho de Abhimanyu tenha nascido morto? Reverenciando-te com minha cabeça, ó Krishna, eu procuro te gratificar hoje. Veja, ó principal dos homens, estas duas em pé aqui, isto é, Pritha e Draupadi. Quando, ó Madhava, o filho de Drona procurou destruir os embriões nos úteros das damas dos Pandavas, naquele momento, ó opressor de inimigos, tu disseste em cólera para o filho de Drona (estas palavras): 'Ó canalha de um Brahmana, ó mais vil dos homens, eu frustrarei teu desejo. Eu reviverei o filho do filho de Kiritin.' Ouvindo aquelas tuas palavras e conhecendo bem a tua força, eu procuro te gratificar, ó herói irresistível. Que o filho de Abhimanyu seja revivido. Se tendo te comprometido previamente tu não cumprires teu voto auspicioso, então saiba com certeza, ó chefe da linhagem Vrishni, que eu rejeitarei minha vida. Se, ó herói, este filho de Abhimanyu não reviver quando tu, ó irresistível, estás vivo e próximo, de que outra utilidade tu serás para mim? Portanto, ó irresistível, reviva este filho de Abhimanyu, esta criança possuidora de olhos parecidos com os dele, assim como uma nuvem carregada de chuva revive as colheitas sem vida (em um campo). Tu, ó Kesava, és de alma justa, sincero, e de destreza incapaz de ser frustrada. Cabe a ti, ó castigador de inimigos, fazer tuas palavras verdadeiras. Se tu somente desejares isto, tu podes reviver os três mundos (de existência) se mortos. O que dizer, portanto, desta criança querida, nascida, porém morta, do filho da tua irmã? Eu conheço tua pujança, ó Krishna. Portanto, eu te peço. Conceda este grande favor para os filhos de Pandu. Cabe a ti, ó poderosamente armado, mostrar compaixão por esta Uttara ou por mim, lembrando que eu sou tua irmã ou mesmo uma mãe que perdeu seu filho, e que se jogou sobre tua proteção.'"

68

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçado, ó rei, (por sua irmã e outras), o matador de Kesin, extremamente afligido pela angústia, respondeu, 'Assim seja!' Essas palavras foram proferidas com sonoridade suficiente e elas alegraram todos os moradores dos apartamentos internos do palácio. O pujante Krishna, aquele principal dos homens, por proferir essas palavras, alegrou todas as pessoas reunidas lá, como alguém derramando água fresca em uma pessoa afligida com suor. Ele então entrou rapidamente no quarto de repouso no qual teu pai tinha nascido. Ele estava devidamente santificado, ó chefe de homens, com muitas guirlandas de flores brancas, com muitos vasos de água bem cheios arrumados em todos os lados; com carvão, embebido em ghee, de madeira Tinduka, e sementes de mostarda, ó tu de braços poderosos; com armas brilhantes devidamente arrumadas, e vários fogos em todos os lados. E ele estava povoado por muitas damas agradáveis e idosas convocadas para servirem (tua avó). Ele

estava também cercado por muitos médicos habilidosos e inteligentes, ó tu de grande inteligência. Dotado de grande energia, ele também viu lá todos os artigos que são destrutivos de Rakshasas, devidamente colocados por pessoas conhecedoras do assunto. Contemplando o quarto no qual teu pai tinha nascido assim equipado, Hrishikesa ficou muito contente e disse, 'Excelente, Excelente!' Quando ele da linhagem Vrishni disse isso e apresentou tal expressão alegre, Draupadi, se dirigindo para lá com grande velocidade, se dirigiu à filha de Virata, dizendo, 'Ó dama abençoada, aqui vem para ti teu sogro, o matador de Madhu, aquele Rishi antigo de alma inconcebível, aquele invencível.' A filha de Virata, controlando suas lágrimas, disse estas palavras em uma voz sufocada pela dor. Cobrindo-se adequadamente, a princesa esperou por Krishna como as divindades esperando reverentemente por ele. A dama desamparada, com coração agitado pela dor, vendo Govinda chegando, se entregou a estes lamentos; ‘Ó de olhos de lótus, veja nós dois privados do nosso filho. Ó Janardana, Abhimanyu e eu mesma fomos igualmente mortos. Ó tu da linhagem de Vrishni, ó matador de Madhu, eu procuro te gratificar por inclinar minha cabeça, ó herói, para ti. Ressuscite este meu filho que foi consumido pela arma do filho de Drona. Se o rei Yudhishthira o justo, ou Bhimasena, ou tu mesmo, ó de olhos de lótus, tivessem, naquela ocasião, dito, 'Que a folha de grama (inspirada por Aswatthaman em uma arma Brahma) destrua a mãe inconsciente;' ó pujante, então eu teria sido destruída e essa (ocorrência triste) não teria acontecido. Ai, que benefício foi colhido pelo filho de Drona por realizar este ato cruel, isto é, a destruição da criança no útero por meio de sua arma Brahma? A mesma mãe agora procura te gratificar, ó matador de inimigos, por inclinar sua cabeça. Certamente, ó Govinda, eu rejeitarei meus ares vitais se esta criança não reviver. Nele, ó justo, foram colocadas muitas esperanças por mim. Ai, quando essas foram frustradas pelo filho de Drona, que necessidade eu tenho, ó Kesava, de suportar a carga da vida? A esperança, ó Krishna, foi nutrida por mim que com minha criança em meu colo, ó Janardana, eu te saudaria com reverência. Ai, ó Kesava, aquela esperança foi destruída. Ó principal de todos os seres, pela morte deste herdeiro de Abhimanyu de olhos agitados, todas as esperanças em meu peito foram destruídas. Abhimanyu de olhos agitados, ó matador de Madhu, era muito querido para ti. Veja este filho dele morto pela arma-Brahma. Este filho é muito ingrato e muito cruel, como seu pai, pois, veja, desconsiderando a prosperidade e riqueza dos Pandavas, ele foi para a residência de Yama. Eu tinha, antes disso, jurado, ó Kesava, que se Abhimanyu morresse no campo de batalha, ó herói, eu iria segui-lo sem qualquer perda de tempo. Eu, no entanto, não mantive meu voto, cruel que eu sou e afeiçoada à vida. Se eu for até ele agora, o que, de fato, o filho de Phalguna irá dizer?'"

69

"Vaisampayana disse, 'A desamparada Uttara, desejosa de obter seu filho de volta, tendo se entregado àqueles lamentos comoventes, caiu em aflição ao solo como uma criatura demente. Vendo a princesa caída no chão privada de seu filho e com seu corpo descoberto, Kunti como também todas as (outras) damas Bharata profundamente angustiadas, começaram a chorar alto. Ressoando com a

voz dos lamentos, o palácio dos Pandavas, ó rei, logo foi convertido em uma mansão de tristeza onde ninguém podia permanecer. Extremamente afligida pela dor por causa de seu filho, a filha de Virata, ó rei, parecia ter sido derrubada por algum tempo pela tristeza e desânimo. Recuperando a consciência, ó chefe da linhagem de Bharata, Uttara pegou seu filho em seu colo e disse estas palavras: ‘Tu és o filho de alguém que era familiarizado com todo o dever. Tu não estás consciente então do pecado que tu cometeste, já que tu não saúdas este principal da linhagem de Vrishni? Ó filho, te dirigindo ao teu pai diga a ele estas minhas palavras, isto é, ‘É difícil para as criaturas vivas morrerem antes que sua hora chegue, já que embora privada de ti, meu marido, e agora privada do meu filho também, eu ainda estou viva quando eu deveria morrer, não dotada como eu sou de tudo o que é auspicioso e tudo que é possuidor de valor.’ Ó de braços poderosos, com a permissão do rei Yudhishthira o justo eu irei engolir algum veneno virulento ou me jogar no fogo ardente. Ó senhor, difícil de destruição é meu coração já que, embora eu esteja privada de marido e filho, esse meu coração ainda assim não se parte em mil pedaços. Ressuscite, ó filho e veja esta rua bisavó aflita. Ela está profundamente afligida pela dor, banhada em lágrimas, extremamente triste, e mergulhada em um oceano de tristeza. Veja a venerável princesa de Panchala, e a princesa desamparada da linhagem Satwata. Veja eu mesma, extremamente angustiada pelo pesar, e parecendo com um veado perfurado por um caçador. Ressuscite, ó filho, e veja o rosto deste senhor dos mundos, que é dotado de grande sabedoria, e possuidor de olhos como pétalas de lótus e parecendo teu pai de olhar inquieto.’ Vendo Uttara, que lamentava dessa maneira, caída no chão, todas aquelas senhoras, a erguendo, a fizeram se levantar. Tendo se levantado, a filha do rei dos Matsyas, convocando sua paciência, uniu suas mãos em reverência e tocou o solo com sua cabeça para saudar Kesava de olhos como pétalas de lótus. Aquele principal dos seres, ouvindo aqueles lamentos dela de cortar o coração, tocou água e retirou a (força da) arma Brahma. (Antes de realizar algum rito ou ato de natureza importante, os Hindus precisam tocar água ou realizar o que é chamado de 'achamana'. Uma pequena quantidade de água é pega na palma da mão direita e com ela são tocados os lábios, as narinas, as orelhas, e os olhos.) Aquele herói de glória imorredoura, pertencente à linhagem dos Dasarhas, prometeu dar à criança a vida dela. Então ele de alma pura disse estas palavras na audição do universo inteiro, 'Ó Uttara, eu nunca profiro uma mentira. Minhas palavras se confirmarão. Eu ressuscitarei esta criança na presença de todas as criaturas. Nunca antes eu proferi uma inverdade nem mesmo de brincadeira. Eu nunca me retirei da batalha. (Pelo mérito daquelas ações) que esta criança reviva! Como a justiça é cara para mim, como os Brahmanas são especialmente caros para mim, (pelo mérito daquela minha disposição) que o filho de Abhimanyu, que nasceu morto, reviva! Nunca surgiu um mal-entendido entre eu e meu amigo Vijaya (Arjuna). Que esta criança morta reviva por essa verdade! Como verdade e justiça estão sempre estabelecidas em mim, que este filho morto de Abhimanyu reviva (pelo mérito dessas)! Como Kansa e Kesi foram justamente mortos por mim, que esta criança reviva hoje por essa verdade!' Depois que essas palavras foram proferidas por Vasudeva, aquela criança, ó principal da linhagem de Bharata, se tornou animada e começou gradualmente a se mover, ó monarca.'”

70

"Vaisampayana disse, 'Quando a arma Brahma foi retirada por Krishna, naquele momento, o quarto de repouso foi iluminado por teu pai com sua energia. Todos os Rakshasas (que tinham ido lá) foram forçados a deixar o quarto e muitos deles encontraram com a destruição. No firmamento uma voz foi ouvida, dizendo, 'Excelente, ó Kesava, Excelente!' A resplandecente arma Brahma então voltou para o Avô (de todos os mundos). Teu pai obteve de volta os seus ares vitais, ó rei. A criança começou a se movimentar de acordo com sua energia e poder. As damas Bharata se encheram de alegria. Por ordem de Govinda, os Brahmanas foram feitos proferirem bênçãos. Todas as senhoras, cheias de alegria, louvaram Janardana. De fato, as esposas daqueles leões Bharata, isto é, Kunti e a filha de Drupada e Subhadra, e Uttara, e as esposas de outros leões entre homens, como pessoas (náufragas) que alcançaram a costa depois de terem obtido um barco, ficaram extremamente contentes. Então lutadores e atores e astrólogos e aqueles que investigam os sonos (de príncipes), e grupos de bardos e elogiadores todos proferiram os louvores de Janardana, enquanto proferindo bênçãos repletas dos louvores da linhagem de Kuru, ó chefe dos Bharatas. Uttara, se levantando no momento apropriado, com um coração encantado e carregando seu filho em seus braços, saudou com reverência o encantador dos Yadus. Regozijando-se imensamente, Krishna deu presentes para a criança de muitas pedras preciosas valiosas. Os outros chefes da linhagem de Vrishni fizeram o mesmo. Então o pujante Janardana, firmemente aderindo à verdade, concedeu um nome ao menino que foi teu pai, ó monarca. 'Já que este filho de Abhimanyu nasceu em uma época quando esta linhagem se tornou quase extinta, que seu nome seja Parikshit!' Isso mesmo foi o que ele disse. Então teu pai, ó rei, começou a crescer, e a alegrar todas as pessoas, ó Bharata. Quando teu pai tinha um mês de idade, ó herói, os Pandavas voltaram para sua capital, trazendo com eles uma profusão de riqueza. Sabendo que os Pandavas estavam perto, aqueles principais da linhagem de Vrishni saíram. Os cidadãos enfeitaram a cidade que recebeu o nome de elefante com guirlandas de flores em profusão, com belas bandeirolas e estandartes de diversos tipos. Os cidadãos também, ó rei, adornaram suas respectivas mansões. Desejosos de fazer o que era benéfico para os filhos de Pandu, Vidura ordenou que diversos tipos de culto fossem oferecidos para as divindades estabelecidas em seus respectivos templos. As principais ruas da cidade foram enfeitadas com flores. De fato, a cidade estava repleta do zumbido de milhares de vozes que pareciam com o bramido suavizado das ondas distantes do oceano. Com dançarinos todos dedicados à sua vocação, e com a voz de cantores, a cidade (Kuru) então parecia com a mansão do próprio Vaisravana. (A residência de Vaisravana é chamada de Alaka. Vaisravana é Kuvera, o senhor dos tesouros, amigo de Mahadeva, e chefe dos Yakshas.) Bardos e elogiadores, ó rei, acompanhados por mulheres belas eram vistos adornarem diversos locais isolados na cidade. As bandeirolas eram feitas flutuarem alegremente pelo vento em toda parte da cidade, como se inclinadas a mostrarem aos Kurus os pontos norte e sul da bússola. Todos os oficiais do governo também proclamaram

ruidosamente que aquele era para ser um dia de júbilo para o reino inteiro como uma indicação do sucesso do empreendimento para trazer uma profusão de pedras preciosas e outras preciosidades.'"

71

Vaisampayana, disse, 'Sabendo que os Pandavas estavam perto, aquele opressor de inimigos, isto é, Vasudeva, acompanhado por seus ministros, saiu para vê-los.'"

Os Pandavas então, se unindo com os Vrishnis segundo as formalidades costumeiras, entraram juntos, ó rei, na cidade chamada de elefante. Com o zumbido de vozes e o ruído de carros daquela hoste imensa, a Terra e o céu, e o próprio firmamento, ficaram por assim dizer totalmente preenchidos. Os Pandavas, com corações exultantes, acompanhados por seus oficiais e amigos entraram na capital, colocando aquele tesouro em sua dianteira. Dirigindo-se, de acordo com o costume, ao rei Dhritarashtra primeiro, eles adoraram seus pés, anunciando seus respectivos nomes. Aqueles principais da linhagem de Bharata, ó chefe de reis, então prestaram suas saudações respeitosas para Gandhari, para a filha de Suvala e para Kunti, Eles em seguida adoraram (seu tio) Vidura e encontraram Yuyutsu, o filho de Dhritarashtra com sua esposa Vaisya. Aqueles heróis foram então adorados por outros e eles resplandeciam com beleza, ó rei. Depois disso, ó Bharata, aqueles heróis ouviram as notícias daquele nascimento muito extraordinário e maravilhoso e alegre do teu pai. Sabendo daquele feito de Vasudeva de grande inteligência, eles todos adoraram Krishna, o alegrador de Devaki, que era de todo modo digno de culto. Então, depois de uns poucos dias, Vyasa, o filho de Satyavati, dotado de grande energia, chegou à cidade que recebeu o nome de elefante. Os perpetuadores da linhagem de Kuru adoraram o grande Rishi segundo o costume usual. De fato, aqueles heróis, com aqueles príncipes mais importantes das tribos Vrishni e Andhaka, prestaram suas adorações para o sábio. Depois de terem conversado sobre vários assuntos, o filho de Dharma Yudhishthira se dirigiu a Vyasa e disse, 'Aquele tesouro, ó santo, o qual foi trazido pela tua graça, eu desejo empregar naquele grande sacrifício conhecido pelo nome de Sacrifício de Cavalo. Ó melhor dos ascetas, eu desejo ter a tua permissão. Nós estamos todos, ó Rishi, à tua disposição e àquela de Krishna de grande alma.'"

"Vyasa disse, 'Eu te dou permissão, ó rei. Faça o que deve ser feito depois disso. Adore as divindades devidamente por realizares o Sacrifício de Cavalo com presentes abundantes. O Sacrifício de Cavalo, ó rei, é um purificador de todos os pecados. Sem dúvida, tendo adorado as divindades por meio daquele sacrifício tu certamente serás purificado de todos os pecados.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, o rei Kuru Yudhishthira de alma justa então colocou seu coração, ó monarca, em fazer os preparativos necessários para o Sacrifício de Cavalo. Tendo revelado tudo isso para o Krishna Nascido na Ilha, o rei dotado de grande eloquência se aproximou de Vasudeva e disse, 'Ó

principal de todos os seres, a deusa Devaki, por causa de ti, veio a ser considerada como a mais afortunada das mães! Ó tu de glória imperecível, realize aquilo que eu te direi agora, ó de armas poderosas. Ó encantador dos Kurus, os diversos prazeres que nós desfrutamos foram todos obtidos através da tua pujança. A Terra inteira foi subjugada por ti com a ajuda da tua destreza e inteligência. Portanto, tu mesmo passe pelos ritos de iniciação. Tu és nosso maior preceptor e mestre. Se tu realizares o sacrifício, ó tu da linhagem de Dasarha, eu serei purificado de todos os pecados. Tu és Sacrifício. Tu és o Indestrutível. Tu és isso Tudo. Tu és Justiça. Tu és Prajapati. Tu és a meta de todas as criaturas. Essa é minha conclusão indubitável.'"

"Vasudeva disse, 'Ó de braços poderosos, fica bem para ti falar dessa maneira, ó castigador de inimigos. Tu és a meta de todas as criaturas. Essa é minha conclusão certa. Entre os heróis da linhagem de Kuru, por causa da tua virtude, tu brilhas hoje em grande glória. Eles foram todos lançados na sombra, ó rei, por ti. Tu és nosso rei, e tu és nosso superior. Com minha aprovação concedida livremente, adore as divindades no sacrifício sugerido. Ó Bharata, nos designe para quaisquer tarefas que tu queiras. Realmente, eu me comprometo que eu irei realizar tudo, ó impecável, que tu possas me mandar realizar. Bhimasena e Arjuna e os dois filhos de Madravati estarão sacrificando quando tu, ó rei, sacrificares.'" (O sentido é este: tu és o irmão mais velho dos Pandavas; se tu sacrificares, teus irmãos também virão a ser considerados como sacrificando contigo.)

72

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçado por Krishna, Yudhishthira o filho de Dharma, dotado de grande inteligência, saudou Vyasa e disse estas palavras: 'Faça-me ser iniciado quando chegar a hora apropriada, como tu realmente conheces, para aquele rito. Este meu sacrifício é totalmente dependente de ti.'"

"Vyasa disse, 'Eu mesmo, ó filho de Kunti, e Paila e Yajnavalkya, iremos sem dúvida, realizar todos os ritos no momento apropriado. O teu rito de iniciação será realizado no dia da lua cheia pertencente ao mês de Chaitra. Que todos os artigos necessários para o sacrifício, ó principal dos homens, sejam preparados. Que Sutas bem versados na ciência de cavalos, e que Brahmanas também possuidores do mesmo saber, selecionem, depois de exame, um cavalo digno a fim de que o teu sacrifício possa ser completado. Soltando o animal segundo as injunções das escrituras, deixe-o vagar pela Terra inteira com sua faixa de mares, mostrando a tua glória refulgente, ó rei!'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado (pelo Rishi), Yudhishthira, o filho de Pandu, aquele senhor da Terra, respondeu, 'Assim seja!' E então, ó monarca, ele realizou tudo o que aquele proferidor de Brahma tinha ordenado. Todos os artigos necessários para o sacrifício, ó rei, foram devidamente obtidos. O filho nobre de Dharma, possuidor de alma incomensurável, tendo obtido todos os artigos necessários, informou o Krishna Nascido na Ilha disso. Então Vyasa de grande energia disse para o filho real de Dharma, 'Com relação a nós, nós

estamos todos prontos para te iniciar em vista do sacrifício. Que o Sphya e o Kurcha e todos os outros artigos que, ó tu da linhagem de Kuru, possam ser necessários para o teu sacrifício, sejam feitos de ouro. (Sphya era uma espada ou cimitarra de madeira, usada para matar o animal sacrifical. Kurcha é um punhado de grama Kusa. Todas essas coisas são ordenadas por Vyasa serem feitas de ouro puro.) Que o cavalo também seja solto hoje, para vagar pela Terra, de acordo com as ordenanças das escrituras. Que o animal, devidamente protegido, vague pela Terra.'"

"Yudhishthira disse, 'Que os arranjos sejam feitos por ti, ó regenerado, acerca da soltura deste cavalo para permitir a ele vagar pela Terra à sua vontade. Cabe a ti, ó asceta, dizer quem protegerá este corcel enquanto vagando pela Terra livremente de acordo com sua vontade.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado (pelo rei Yudhishthira), ó monarca, o Krishna Nascido na Ilha, disse, 'Aquele que nasceu depois de Bhimasena, que é o principal de todos os arqueiros, que é chamado de Jishnu, que é dotado de grande paciência e capaz de vencer toda resistência, ele protegerá o cavalo. Aquele destruidor dos Nivatakavachas é competente para conquistar a Terra inteira. Nele estão todas as armas celestes. Seu corpo é como aquele de um celestial em seus poderes de resistência. Seu arco e aljavas são celestes. Ele mesmo seguirá este cavalo, ele que é bem versado em Religião e riqueza. Ele é um mestre de todas as ciências. Ó principal dos reis, ele irá em conformidade com as escrituras, fazer o corcel vagar e pastar à sua vontade. Aquele príncipe de braços poderosos, de cor escura, é dotado de olhos parecidos com as pétalas do lótus. Aquele herói, o pai de Abhimanyu, protegerá o corcel. Bhimasena também é dotado de grande energia. O filho de Kunti possui poder incomensurável. Ele é competente para proteger o reino, ajudado por Nakula, ó monarca. Possuidor de grande inteligência e fama, Sahadeva irá, ó tu da linhagem de Kuru, atender devidamente todos os parentes que foram convidados para a tua capital.' Assim endereçado pelo Rishi, aquele perpetuador da linhagem de Kuru, isto é, Yudhishthira, realizou devidamente cada injunção e designou Phalguna para se encarregar do cavalo.'"

"Yudhishthira disse, 'Venha, ó Arjuna, que o cavalo, ó herói, seja protegido por ti. Somente tu és competente para protegê-lo, e ninguém mais. Aqueles reis, ó herói de armas poderosas, que se adiantarem para te enfrentar, tente, ó impecável, evitar batalhas com eles da melhor maneira que puderes. Tu deves também convidar todos eles para este meu sacrifício. De fato, ó poderosamente armado, siga adiante, mas tente estabelecer relações amistosas com eles.'"

"Vaisampayana continuou, 'O rei de alma justa Yudhishthira, tendo falado dessa maneira para seu irmão Savyasachin, mandou Bhima e Nakula protegerem a cidade. Com a permissão do rei Dhritarashtra, Yudhishthira então colocou Sahadeva, aquele principal dos guerreiros, para servir todos os hóspedes convidados.'"

73

"Vaisampayana disse, 'Quando chegou a hora da iniciação, todos aqueles grandes Ritwijas iniciaram devidamente o rei em vista do Sacrifício de Cavalo. Tendo terminado os ritos de amarração dos animais sacrificais, o filho de Pandu, isto é, rei Yudhishthira o justo dotado de grande energia, a iniciação estando terminada, brilhou com grande esplendor junto com aqueles Ritwijas. O cavalo que foi trazido para Sacrifício de Cavalo foi deixado solto, de acordo com as injunções das escrituras, daquele proferidor de Brahma, isto é, o próprio Vyasa de energia incomensurável. O rei Yudhishthira o justo, ó monarca, depois de sua iniciação, adornado com uma guirlanda de ouro em volta de seu pescoço, resplandecia em beleza como um fogo ardente. Tendo uma camurça preta como sua peça de roupa superior, portando um bastão na mão, e vestindo um tecido de seda vermelha, o filho de Dharma, possuidor de grande esplendor, brilhava como um segundo Prajapati sentado no altar sacrifical. Todos os seus Ritwijas também, ó rei, estavam vestidos com mantos similares. Arjuna também brilhava como um fogo ardente. Dhananjaya, a cujo carro foram atrelados corcéis brancos, então se preparou devidamente, ó rei, para seguir aquele cavalo da cor de um veado preto, por ordem de Yudhishthira. Puxando repetidamente seu arco chamado Gandiva, ó rei, e envolvendo sua mão em um invólucro feito de pele de iguana, Arjuna, ó monarca, se preparou para seguir aquele cavalo, ó soberano de homens, com um coração alegre. Toda Hastinapore, ó rei, com muitas crianças, foi àquele local pelo desejo de ver Dhananjaya, aquele principal dos Kurus, na véspera de sua jornada. Tão numerosa era a multidão de espectadores que foi ver o cavalo e o príncipe que iria segui-lo, que por causa da pressão de corpos, parecia que um fogo foi criado. Alto era o barulho que se elevava daquela multidão de homens que se reuniram para contemplar Dhananjaya o filho de Kunti, e este parecia encher todos os pontos do horizonte e o firmamento inteiro. E eles disseram, 'Lá vai o filho de Kunti, e lá aquele cavalo de beleza resplandecente. De fato, o herói de braços poderosos segue o cavalo, tendo se armado com seu arco excelente.' Essas foram as palavras que Jishnu de inteligência nobre ouviu. Os cidadãos também o abençoaram, dizendo, 'Que bênçãos sejam tuas! Vá com segurança e volte, ó Bharata.' Outros, ó chefe de homens, proferiram estas palavras, 'Tão grande é a multidão que nós não vemos Arjuna. Seu arco, no entanto, é visível para nós. Aquele mesmo é célebre arco Gandiva de vibração terrível. Abençoado sejas tu. Que todos os perigos fujam do teu caminho. Que o medo não te inspire em nenhum lugar. Quando ele voltar nós iremos vê-lo, pois é certo que ele voltará.' Arjuna de grande alma repetidamente ouviu essas e outras palavras gentis similares de homens e mulheres, ó chefe dos Bharatas. Um discípulo de Yajnavalkya, que era bem versado em ritos sacrificais e que era um mestre perfeito dos Vedas, procedeu com Partha para realizar ritos auspiciosos em favor do herói. Muitos Brahmanas também, ó rei, todos bem familiarizados com os Vedas, e muitos Kshatriyas também, seguiram o herói de grande alma, por ordem, ó monarca, de Yudhishthira o justo. O cavalo então vagou, ó principal dos homens, onde quer que ele quisesse sobre a Terra já conquistada pelos Pandavas com a energia de suas armas. No decorrer das viagens do cavalo, ó rei, muitas

batalhas grandiosas e admiráveis foram lutadas entre Arjuna e muitos reis. Essas eu descreverei para ti. O cavalo, ó rei, vagou por toda a Terra. Saiba, ó monarca, que do norte ele se dirigiu para o Leste. Oprimindo os reinos de muitos monarcas aquele cavalo excelente vagou. E ele foi seguido lentamente pelo grande guerreiro em carro Arjuna de corcéis brancos. Incontável, ó monarca, foi o número de Kshatriyas, de reis em miríades, que lutaram com Arjuna naquela ocasião, por terem perdido seus parentes no campo de Kurukshetra. Inúmeros Kiratas também, ó rei, e Yavanas, todos arqueiros excelentes, e diversas tribos de Mlechchas também, que tinham sido derrotados antes (pelos Pandavas no campo de Kurukshetra), e muitos reis Aryan, possuidores de soldados e animais dotados de grande vivacidade, e todos irresistíveis em luta enfrentaram o filho de Pandu em batalha. Assim ocorreram inúmeras batalhas em diversos países, ó monarca, entre Arjuna e os soberanos de diversos reinos que se aproximaram para enfrentá-lo. Eu irei, ó rei impecável, narrar para ti somente aquelas que ocorreram com grande fúria e que foram as principais entre todas as que ele lutou.'"

74

"Vaisampayana disse, 'Uma batalha ocorreu entre o ornado com diadema (Arjuna) e os filhos e netos dos Trigartas cuja hostilidade os Pandavas tinham atraído sobre si antes e todos os quais eram bem conhecidos como poderosos guerreiros em carros. Tendo sabido que aquele principal dos corcéis, o qual estava destinado ao sacrifício, tinha chegado ao seu reino, aqueles heróis, se envolvendo em armaduras, cercaram Arjuna. Montados em seus carros, puxados por cavalos excelentes e bem enfeitados, e com aljavas em suas costas, eles circundaram aquele cavalo, ó rei, e se esforçaram para capturá-lo. O ornado com diadema Arjuna, lançando crítica sobre aquele esforço deles, proibiu aqueles heróis, com palavras conciliadoras, ó castigador de inimigos. Desconsiderando a mensagem de Arjuna, eles o atacaram com suas flechas. O ornado com diadema Arjuna resistiu àqueles guerreiros que estavam sob o domínio da ignorância e paixão. Jishnu se dirigiu a eles sorridente e disse, 'Desistam, ó iníquos. A vida é um benefício (que não deve ser jogado fora).' No momento dele partir, ele tinha sido seriamente ordenado pelo rei Yudhishthira o justo, para não matar aqueles Kshatriyas cujos parentes tinham sido mortos antes no campo de Kurukshetra. Lembrando aquelas ordens do rei Yudhishthira o justo que era dotado de grande inteligência, Arjuna pediu aos Trigartas para desistirem. Mas eles desconsideraram a injunção de Arjuna. Então Arjuna derrotou Suryavarman, o rei dos Trigartas, em batalha, por atirar inúmeras flechas nele e riu em escárnio. Os guerreiros Trigarta, no entanto, enchendo os dez pontos com o estrépito de seus carros e rodas de carro, avançaram em direção a Dhananjaya. Então Suryavarman, mostrando sua grande leveza de mão, perfurou Dhananjaya com centenas de setas retas, ó monarca. Os outros grandes arqueiros que seguiam o rei e que estavam todos desejosos de realizar a destruição de Dhananjaya, atiraram chuvas de setas nele. Com inúmeras setas atiradas do seu próprio arco, o filho de Pandu, ó rei, cortou aquelas nuvens de setas; no que elas caíram. Dotado de grande energia, Ketuvarman, o irmão mais novo de Suryavarman, e

possuidor de vigor juvenil, lutou, por causa de seu irmão, contra o filho de Pandu possuidor de grande renome. Vendo Ketuvarman se aproximando em direção a ele para o combate, Vibhatsu, aquele matador de heróis hostis, o matou com muitas setas de pontas afiadas. Após a queda de Ketuvarman, o poderoso guerreiro em carro Dhritavarman, avançando em seu carro em direção a Arjuna, despejou uma perfeita chuva de setas nele. Vendo aquela leveza de mão demonstrada pelo jovem Dhritavarman, Gudakesa de energia poderosa e grande destreza ficou muito satisfeito com ele. O filho de Indra não podia ver quando o jovem guerreiro pegava suas setas e quando ele as colocava na corda de seu arco mirando nele. Ele somente viu chuvas de setas no ar. Por um breve espaço de tempo, Arjuna alegrou seu inimigo e mentalmente admirou seu heroísmo e habilidade. O herói Kuru, enquanto sorria, lutou com aquele jovem que parecia com uma cobra zangada. O poderosamente armado Dhananjaya, contente como ele estava ao contemplar a bravura de Dhritavarman, não tirou sua vida. Enquanto, no entanto, Partha de energia incomensurável lutava brandamente com ele sem desejar tirar sua vida, Dhritavarman disparou uma seta ardente nele. Profundamente perfurado na mão por aquela seta, Vijaya ficou entorpecido e aquele seu arco Gandiva caiu na Terra de seu aperto relaxado. A forma daquele arco, ó rei, quando ele caiu da mão de Arjuna, parecia, ó Bharata, com aquela do arco de Indra (que é visto no firmamento depois de uma chuva). Quando aquele arco grandioso e celeste caiu, ó monarca, Dhritavarman riu ruidosamente em batalha. Nisso, Jishnu, excitado pela raiva, limpou o sangue de sua mão e mais uma vez erguendo seu arco, despejou uma perfeita chuva de setas nele. Então um barulho alto e confuso se ergueu, enchendo o firmamento e tocando os próprios céus por assim dizer, de diversas criaturas que aplaudiram aquele feito de Dhananjaya. Vendo Jishnu inflamado pela fúria e parecendo com o próprio Yama quando ele aparece no fim do Yuga, os guerreiros Trigarta o cercaram rapidamente, vindo com pressa de seus postos e desejosos de resgatar Dhritavarman. Vendo-se cercado por seus inimigos, Arjuna ficou mais furioso do que antes. Ele então liquidou dezoito de seus guerreiros principais com muitas flechas de ferro firme que pareciam com as setas do próprio Indra grandioso. Os guerreiros Trigarta então começaram a fugir. Vendo eles se retirarem, Dhananjaya, com grande velocidade, disparou muitas flechas neles que pareciam cobras coléricas de veneno virulento, e riu alto. Os poderosos guerreiros em carro dos Trigartas, com corações deprimidos, fugiram em todas as direções, extremamente afligidos por Dhananjaya com suas setas. Eles então se dirigiram àquele tigre entre homens, aquele matador da hoste Samsaptaka (no campo de Kurukshetra), dizendo, 'Nós somos teus escravos. Nós nos rendemos a ti. Ordene-nos, ó Partha. Veja, nós esperamos aqui como os mais dóceis dos teus criados. Ó encantador dos Kurus, nós executaremos todas as tuas ordens.' Ouvindo essas palavras expressivas de sua submissão, Dhananjaya disse para eles, 'Ó reis, salvem suas vidas, e aceitem meu domínio.'" (Será lembrado que a hoste Samsaptaka que lutou com Arjuna por vários dias no campo de Kurukshetra consistia de guerreiros Trigarta liderados por seu rei Susarman. Samsaptaka significa 'jurado'. Aqueles soldados que tinham feito o juramento que eles iriam ou conquistar ou morrer eram chamados por aquele nome.)

75

"Vaisampayana disse, 'Aquele principal dos corcéis então procedeu para o reino de Pragjyotisha e começou a vagar lá. Nisso, o filho de Bhagadatta, que era extremamente heróico em batalha, saiu (para enfrentar Arjuna). O rei Vajradatta, ó chefe dos Bharatas, descobrindo o corcel (sacrifical) chegado dentro de seu reino, lutou (para detê-lo). O filho nobre de Bhagadatta, saindo de sua cidade, afligiu o corcel que estava vindo (e capturando-o), marchou de volta para sua própria cidade. Observando isso, poderosamente armado chefe da linhagem Kuru esticou seu Gandiva rapidamente, e avançou de repente em direção ao seu inimigo. Entorpecido pelas flechas atiradas do Gandiva, o filho heróico de Bhagadatta, deixando o corcel livre, fugiu de Partha. Entrando novamente em sua capital, aquele principal dos reis, irresistível em batalha, se envolveu em armadura, e montando no seu príncipe dos elefantes, saiu. Aquele poderoso guerreiro em carro tinha um guarda sol branco segurado sobre sua cabeça, e era abanado com um rabo de iaque branco como leite. Impelido por infantilidade e tolice, ele desafiou Partha, o poderoso guerreiro em carro dos Pandavas, afamado por feitos terríveis em batalha, para um combate com ele. O príncipe enfurecido então incitou em direção a Arjuna aquele seu elefante, que parecia com uma verdadeira montanha, e de cujas têmporas e boca saíam jorros de suco indicativos de excitamento. De fato, aquele elefante derramava suas secreções como uma massa imensa de nuvens derramando chuva. Capaz de resistir a feitos hostis da sua própria espécie, ele tinha sido equipado de acordo com as ordenanças dos tratados (sobre elefantes de guerra). Irresistível em batalha, ele tinha ficado tão enfurecido quanto a estar além do controle. Incitado adiante pelo príncipe com o laço de ferro, aquele elefante poderoso então parecia (enquanto ele avançava) como se ele abrisse caminho através do firmamento (como uma colina voadora). Vendo-o avançar em direção a ele, ó rei, Dhananjaya, cheio de raiva e permanecendo no solo, ó Bharata, enfrentou o príncipe sobre as costas dele. Cheio de ira, Vajradatta lançou rapidamente em Arjuna várias flechas de cabeça larga dotadas da energia do fogo e parecendo (conforme elas percorriam o ar) com uma nuvem de gafanhotos se movendo depressa. Arjuna, no entanto, com flechas lançadas do Gandiva, cortou aquelas flechas, algumas em dois e algumas em três pedaços. Ele as cortou no próprio firmamento com aquelas suas flechas percorrendo o céu. O filho de Bhagadatta, vendo suas flechas de cabeça larga assim cortadas, rapidamente atirou em Arjuna várias outras setas em uma linha contínua. Cheio de raiva nisso, Arjuna, mais rapidamente do que antes, disparou no filho de Bhagadatta várias flechas de trajetória reta equipadas com asas douradas. Vajradatta de energia imensa, atingido com grande força e perfurado por aquelas setas naquele combate violento, caiu no chão. A consciência, no entanto, não o abandonou. Montando em seu príncipe dos elefantes novamente no meio daquela batalha o filho de Bhagadatta, desejoso de vitória, muito calmamente lançou várias flechas em Arjuna. Cheio de ira, Jishnu então atirou no príncipe várias setas parecidas com chamas de fogo ardentes e que pareciam ser muitas cobras de veneno virulento. Perfurado por elas, o elefante poderoso, emitindo uma grande

quantidade de sangue, parecia com uma montanha de muitas fontes derramando córregos de água colorida com giz vermelho.'"

76

"Vaisampayana disse, 'Assim foi travada aquela batalha, ó chefe dos Bharatas, por três dias entre Arjuna e aquele príncipe como o combate entre aquele de cem sacrifícios e Vritra. No quarto dia, Vajradatta de grande poder riu ruidosamente e, se dirigindo a Arjuna, disse estas palavras: 'Espere, espere, ó Arjuna. Tu não irás escapar de mim com vida. Matando-te eu irei cumprir adequadamente o rito de água do meu pai. Meu pai idoso, Bhagadatta, que foi o amigo do teu pai, foi morto por ti por causa de seu peso de idade. No entanto, lute comigo que sou somente um garoto!' (Bhagadatta era o amigo de Indra, o pai de Arjuna.) Tendo dito essas palavras, ó tu da linhagem de Kuru, o rei Vajradatta, cheio de raiva, incitou seu elefante em direção ao filho de Pandu. Incitado adiante por Vajradatta de grande inteligência, aquele príncipe dos elefantes, como se desejoso de atravessar o firmamento, avançou em direção a Dhananjaya. Aquele príncipe dos elefantes encharcou Arjuna com uma chuva de suco emitido da extremidade de sua tromba, como uma massa de nuvens azuis encharcando uma colina com seu aguaceiro. De fato, instigado pelo rei, o elefante, rugindo repetidamente como uma nuvem, avançou em direção a Phalguna, com aquele barulho profundo emitido de sua boca. Na verdade, incitado por Vajradatta, aquele príncipe dos elefantes se moveu rapidamente na direção do poderoso guerreiro em carro dos Kurus, com o passo de alguém que parecia dançar em excitamento. Vendo aquele animal de Vajradatta avançando em direção a ele, aquele matador de inimigos, isto é, o poderoso Dhananjaya, confiando no Gandiva, manteve seu terreno sem tremer de medo. Lembrando que Vajradatta estava demonstrando ser um obstáculo para a realização de sua tarefa, e se lembrando da velha inimizade da casa (de Pragjyotisha em direção aos Pandavas), o filho de Pandu ficou muito inflamado com cólera contra o rei. Cheio de raiva, Dhananjaya impediu o progresso daquele animal com uma chuva de setas como a margem resistindo ao movimento das ondas do mar. Aquele príncipe dos elefantes possuidor de beleza (de forma), assim impedido por Arjuna, parou em seu rumo, com corpo perfurado por muitas flechas, como um porco-espinho com seus espinhos eretos. Vendo seu elefante impedido em seu rumo, o filho nobre de Bhagadatta, privado de razão pela raiva, disparou muitas setas afiadas em Arjuna. Arjuna de braços poderosos desviou todas aquelas setas com muitas setas matadoras de inimigos dele. A façanha parecia ser extremamente admirável. Uma vez mais o rei dos Pragjyotishas, inflamado pela ira, incitou violentamente seu elefante, que parecia com uma montanha, na direção de Arjuna. Vendo a besta avançando mais uma vez em direção a ele, Arjuna atirou nele com grande força uma flecha que parecia com uma verdadeira chama de fogo. Atingido profundamente nos próprios órgãos vitais, ó rei, pelo filho de Pandu, a besta de repente caiu no chão como um topo de montanha desprendido por um raio. Golpeado pela flecha de Dhartanjaya, o elefante, quando ele jazia sobre a Terra, parecia com um enorme rochedo montanhoso jazendo no chão, soltado pelo raio de Indra. Quando o elefante de

Vajradatta estava prostrado no chão, o filho de Pandu, se dirigindo ao rei que tinha caído com seu animal, disse, 'Não tema. De fato, Yudhishthira de energia imensa me disse enquanto me incumbia nesta tarefa estas palavras: 'Tu não deves, ó Dhananjaya, matar aqueles reis (que possam te enfrentar em batalha). Ó tigre entre homens, tu deves considerar tua tarefa como realizada se tu somente inabilitares aqueles reis hostis. Tu não deves também, ó Dhananjaya, matar os guerreiros daqueles reis que possam se adiantar para lutar contigo, com todos os seus parentes e amigos. Eles devem ser requisitados para virem ao Sacrifício de Cavalo de Yudhishthira.' Tendo ouvido essas ordens do meu irmão, eu não te matarei, ó rei. Levante; que nenhum medo seja teu; volte para tua cidade são e salvo, ó senhor da Terra. Quando o dia da lua cheia no mês de Chaitra chegar, tu deves, ó grande rei, te dirigir para o sacrifício do rei Yudhishthira o justo, pois ele ocorrerá naquele dia.' Assim endereçado por Arjuna, o filho real de Bhagadatta, derrotado pelo filho de Pandu, disse, 'Assim seja.'"

77

"Vaisampayana disse, 'Então ocorreu uma grande batalha entre o ornado com diadema Arjuna e as centenas de Saindhavas que ainda viviam depois do massacre de seu clã (no campo de Kurukshetra). Sabendo que aquele de corcéis brancos tinha entrado em seus territórios, aqueles Kshatriyas saíram contra ele, incapazes de tolerarem aquele principal da linhagem de Pandu. Aqueles guerreiros que eram tão terríveis quanto veneno virulento, descobrindo o cavalo dentro de seu domínio, o agarraram sem serem tomados por nenhum medo de Partha que era o irmão mais novo de Bhimasena. Avançando contra Vibhatsu que acompanhava a pé, armado com seu arco, o corcel sacrifical, eles o atacaram de um ponto próximo. Derrotados em batalha antes, aqueles Kshatriyas de energia poderosa, impelidos pelo desejo de vitória, cercaram aquele principal dos homens. Proclamando seus nomes e famílias e suas diversas façanhas, eles lançaram suas setas em Partha. Despejando chuvas de setas de tal energia feroz que eram capazes de impedir o progresso de elefantes hostis, aqueles heróis cercaram o filho de Kunti, desejosos de derrotá-lo em batalha. Eles mesmos sentados em carros, eles lutaram com Arjuna de feitos violentos que estava a pé. De todos os lados eles começaram a atacar aquele herói, aquele matador dos Nivatakavachas, aquele destruidor dos Samasaptakas, aquele matador do rei dos Sindhus. Circundando-o por todos os lados como dentro de uma gaiola por meio de mil carros e dez mil cavalos, aqueles bravos guerreiros expressaram sua exaltação. Lembrando-se da morte por Dhananjaya de Jayadratha em batalha, ó tu da linhagem de Kuru, eles despejaram chuvas pesadas de setas naquele herói como uma massa de nuvens derramando um aguaceiro pesado. Oprimido por aquela chuva de flechas, Arjuna parecia com o sol coberto por uma nuvem. Aquele filho principal de Pandu, no meio daquela nuvem de flechas, parecia com uma ave no meio de uma gaiola de ferro, ó Bharata. Vendo o filho de Kunti assim afligido pelas flechas, gritos de Oh e Ai foram proferidos pelos três mundos e o próprio Sol ficou desprovido de seu esplendor. Então, ó rei, um vento terrível começou a soprar, e Rahu consumiu ambos o Sol e a Lua ao mesmo tempo. Muitos meteoros atingiram

o disco solar e então se lançaram em direções diferentes. O príncipe das montanhas, isto é, Kailasa, começou a tremer. Os sete Rishis (celestes), como também os outros Rishis do Céu, tomados pelo medo, e afligidos pela dor e tristeza, deram suspiros ansiosos. Atravessando o firmamento, aqueles meteoros caíram no disco lunar também. Todos os pontos do horizonte ficaram cheios de fumaça e assumiram um aspecto estranho. Nuvens avermelhadas, com lampejos de relâmpago tremulando em seu meio e o arco de Indra medindo-as de lado a lado cobriram de repente o firmamento e derramaram carne e sangue sobre a Terra. Tal era o aspecto o qual toda a natureza assumiu quando aquele herói estava sendo oprimido por chuvas de flechas. De fato, quando Phalguna, aquele principal entre os Bharatas, estava assim afligido, aquelas maravilhas foram vistas. Oprimido por aquela nuvem densa de setas, Arjuna ficou entorpecido. Seu arco, Gandiva, caiu de seu aperto relaxado e sua proteção de couro também escorregou para baixo. Quando Dhananjaya ficou entorpecido, os guerreiros Saindhava novamente dispararam naquele guerreiro inconsciente, sem perda de tempo, outras flechas incontáveis. Compreendendo que o filho de Pritha estava privado de consciência, as divindades, com corações tomados pelo medo, começaram a procurar seu bem-estar por proferirem diversas bênçãos. Então os Rishis celestes, os sete Rishis, e os Rishis regenerados se dedicaram a recitações silenciosas pelo desejo de dar a vitória para o filho de Pritha de grande inteligência. Quando finalmente a energia de Partha resplandeceu por causa daquelas ações dos habitantes do Céu, aquele herói, que estava familiarizado com armas celestes de grande eficácia, permaneceu imóvel como uma colina. O alegrador dos Kurus então puxou seu arco celeste. E conforme ele esticava repetidamente a corda do arco, o som que se seguia parecia com o som alto de alguma máquina poderosa. Como Purandara derramando chuva, o pujante Arjuna então, com aquele seu arco, derramou chuvas incessantes de flechas sobre seus inimigos. Perfurados por aquelas flechas os guerreiros Saindhava com seus chefes se tornaram invisíveis como árvores quando cobertas por gafanhotos. Eles estavam aterrorizados pelo próprio som do Gandiva, e afligidos pelo medo eles fugiram. Em angústia de coração eles derramaram lágrimas e proferiram lamentos altos. O guerreiro poderoso se movia entre aquela hoste de inimigos com a rapidez de uma roda de fogo, todo o tempo perfurando aqueles guerreiros com suas setas. Como o grande Indra, o manejador do raio, aquele matador de inimigos, isto é, Arjuna, atirava de seu arco em todas as direções aquela chuva de flechas a qual parecia com uma visão produzida por mágica (em vez de alguma ação humana). O herói Kaurava, perfurando a hoste hostil com chuvas de setas, parecia resplandecente como o Sol outonal quando ele dispersa as nuvens com seus raios poderosos.'"

78

"Vaisampayana disse, 'O irresistível manejador do Gandiva, dedicado à batalha, permaneceu imóvel sobre o campo como o próprio Himavat. Os guerreiros Saindhava, reunidos novamente, lançaram em grande cólera repetidas chuvas de flechas nele. O herói de braços poderosos, rindo de seus inimigos, que tinham se

reagrupado novamente mas que estavam prestes a morrer, se dirigiu a eles nestas palavras brandas, 'Vocês lutam com todas as forças e se esforçam para me derrotar. No entanto, realizem todas as ações necessárias, pois um grande perigo espera vocês todos. Vejam, eu luto com todos vocês, desviando suas nuvens de setas. Determinados como vocês estão em batalha, esperem um pouco. Eu logo suprimirei seu orgulho.' O manejador do Gandiva, tendo dito essas palavras em fúria, se lembrou, no entanto, das palavras, ó Bharata, de seu irmão mais velho. Aquelas palavras foram, ‘Tu não deves, ó filho, matar aqueles Kshatriyas que virão contra ti para o combate. Eles devem, no entanto, ser derrotados por ti.’ Aquele principal dos homens, Phalguna, tinha sido assim endereçado pelo rei Yudhishthira o justo, de grande alma. Ele, portanto, começou a refletir dessa maneira. 'Exatamente assim eu fui incumbido por meu irmão. Guerreiros avançando contra mim não devem ser mortos. Eu devo agir de tal maneira quanto a não falsificar as palavras do rei Yudhishthira o justo.' Tendo chegado a essa conclusão, Phalguna, aquele principal dos homens, então disse para aqueles Saindhavas que eram todos ferozes em batalha, estas palavras: 'Eu digo o que é para o seu benefício. Embora ficando na minha frente, eu não desejo matar vocês. Aquele entre vocês que me disser que foi derrotado por mim e que é meu será poupado por mim. Tendo ouvido essas palavras minhas, ajam em direção a mim daquela maneira a qual possa melhor conduzir ao seu benefício. Por agirem de um modo diferente vocês irão se colocar em uma situação de grande medo e perigo.' Tendo dito essas palavras para aqueles guerreiros heróicos o chefe dos Kurus começou a lutar com eles. Arjuna estava inflamado pela ira. Seus inimigos, desejosos de vitória, estavam igualmente enfurecidos. Os Saindhavas então, ó rei, dispararam centenas e milhares de setas retas no manejador do Gandiva. Dhananjaya, com suas próprias flechas afiadas, cortou aquelas flechas de pontas afiadas e terríveis, parecendo com cobras de veneno virulento, antes que elas pudessem alcançá-lo. Tendo cortado aquelas setas afiadas equipadas com penas Kanka, Arjuna perfurou cada um dos guerreiros opostos a ele com uma seta afiada. Os Kshatriyas Saindhava, lembrando que foi Dhananjaya quem tinha matado seu rei Jayadratha, então arremessaram nele dardos e lanças com grande força. O ornado com diadema Dhananjaya de grande poder frustrou seu intento por cortar todas aquelas armas antes que alguma delas pudesse alcançá-lo. Finalmente o filho de Pandu ficou muito enfurecido. Com muitas flechas retas e de cabeça larga ele cortou as cabeças de muitos daqueles guerreiros que estavam avançando nele pelo desejo de vitória. Muitos fugiram, muitos avançaram em Arjuna; muitos não se moveram, todos eles, no entanto, proferiram tal barulho alto (de fúria e angústia) que parecia com o rugido do oceano. Conforme eles eram mortos por Partha de poder incomensurável, eles lutavam com ele, cada um segundo sua força e coragem. Seus animais estando todos esgotados, Partha conseguiu privar um grande número daqueles guerreiros de seus sentidos por meio de suas setas mais afiadas naquela luta. Então Dussala, sua rainha, a filha de Dhritarashtra, sabendo que eles tinham sido desanimados por Arjuna, pegou seu neto em seus braços e se dirigiu a Arjuna. A criança era o filho de Suratha (o filho de Jayadratha). O príncipe valente procedeu até seu tio materno em seu carro para a segurança de todos os guerreiros Saindhava. A rainha, chegando à presença de Dhananjaya, começou a chorar de

tristeza. O pujante Dhananjaya, vendo-a, soltou seu arco. Abandonando seu arco, Partha recebeu devidamente sua irmã e perguntou a ela quanto ao que ele poderia fazer para ela. A rainha respondeu para ele dizendo, 'Ó chefe dos Bharatas, esta criança é o filho do filho da tua irmã. Ele te saúda, ó Partha. Olhe para ele, ó principal dos homens.' Assim endereçado por ela, Partha perguntou por seu filho (Suratha), dizendo, 'Onde ele está?' Dussala então respondeu, dizendo, 'Queimando com dor por causa da morte de seu pai, o pai heróico desta criança morreu em grande angústia de coração. Ouça-me como ele encontrou com sua morte. Ó Dhananjaya, ele tinha sabido antes que seu pai Jayadratha tinha sido morto por ti, ó impecável. Extremamente afligido pela tristeza por isso, e sabendo da tua chegada aqui como o seguidor e protetor do cavalo sacrifical, ele imediatamente caiu e abandonou seus ares vitais. Realmente, profundamente afligido pela dor como ele estava, logo que ele soube da tua chegada ele desistiu da sua vida. Vendo-o prostrado no chão, ó senhor, eu peguei seu filho pequeno comigo e vim até ti, desejosa da tua proteção.' Tendo dito essas palavras, a filha de Dhritarashtra começou a lamentar em profunda aflição. Arjuna ficou diante dela em grande tristeza de coração. Seu rosto estava virado em direção ao solo. A irmã triste então disse para seu irmão, que estava igualmente triste, estas palavras: 'Veja tua irmã. Veja o filho do filho da tua irmã. Ó perpetuador da linhagem de Kuru, ó tu que conheces completamente todos os deveres, cabe a ti mostrar piedade por esta criança, esquecendo o príncipe Kuru (Duryodhana) e o perverso Jayadratha. Assim como aquele matador de heróis hostis, Parikshit, nasceu de Abhimanyu, assim esta criança de braços poderosos, meu neto, nasceu de Suratha. Trazendo ele comigo, ó chefe de homens, eu vim a ti, desejosa da segurança de todos os guerreiros. Escute estas minhas palavras. Este filho daquele teu inimigo perverso agora vem a ti, ó herói poderosamente armado. Cabe a ti, portanto, mostrar piedade por este menino. Ó castigador de inimigos, este menino procura te agradar por inclinar sua cabeça. Ele te pede por paz. Ó herói de armas poderosas, esteja inclinado a fazer as pazes. Ó tu que conheces todos os deveres, fique satisfeito com a criança cujos amigos e parentes foram todos mortos e que ela mesma não sabe nada do que aconteceu. Não ceda à ira. Esquecendo seu avô mal afamado e cruel, que te ofendeu tanto, cabe a ti mostrar tua graça em direção a esta criança.' Lembrando-se da rainha Gandhari e do rei Dhritarashtra, Dhananjaya, afligido pela angústia, se dirigiu a Dussala que tinha lhe falado dessa maneira, e respondeu para ela, criticando as práticas Kshatriya. 'Que vergonha para Duryodhana, aquele indivíduo egoísta, cobiçoso de reino e cheio de vaidade! Ai, foi por causa dele que todos os meus parentes foram despachados por mim para a residência de Yama.' Tendo dito isso, Dhananjaya confortou sua irmã e ficou inclinado a fazer as pazes. Alegremente ele a abraçou e então a despediu, dizendo a ela para voltar para seu palácio. Dussala mandou todos os seus guerreiros desistirem daquela grande batalha, e cultuando Partha, ela de rosto belo retrocedeu seus passos em direção à sua residência. Tendo derrotado aqueles heróis, isto é, os Saindhavas, dessa maneira, Dhananjaya começou a seguir o corcel que vagava à vontade. O heróico Arjuna seguiu devidamente aquele cavalo sacrifical assim como o divino manejador do Pinaka tinha antigamente seguido o veado através do firmamento. (A alusão é a Mahadeva perseguindo o Sacrifício quando o último fugiu dele na forma de um

veado.) O corcel, à vontade, vagou por vários reinos um depois do outro, aumentando os feitos de Arjuna. No decorrer do tempo, ó chefe de homens, o cavalo que vagava à sua vontade finalmente chegou dentro dos domínios do soberano de Manipura, seguido pelo filho de Pandu.'"

79

"Vaisampayana disse, 'O soberano de Manipura, Vabhruvahana, sabendo que seu pai Arjuna tinha chegado dentro de seus domínios, saiu com humildade, com vários Brahmanas e um tesouro em sua vanguarda. (Os Brahmanas eram para receber Arjuna devidamente e o tesouro deveria ser um presente ou oferenda de respeito.) Lembrando-se, no entanto, dos deveres dos Kshatriyas, Dhananjaya de grande inteligência, vendo o soberano de Manipura chegar daquela maneira não aprovou aquilo. Phalguna de alma justa disse com raiva, 'Esse teu comportamento não é adequado. Tu certamente decaíste dos deveres Kshatriya. Eu vim aqui como o protetor do cavalo sacrifical de Yudhishthira. Por que, ó filho, tu não lutarias comigo, vendo que eu entrei dentro dos teus domínios? Que vergonha para ti, ó tu de compreensão tola, que vergonha para ti que decaíste dos deveres Kshatriya! Que vergonha para ti que me receberia pacificamente, mesmo que eu tenha vindo aqui para lutar contigo. Ao me receber assim pacificamente tu agiste como uma mulher. Ó tu de compreensão ruim, se eu tivesse vindo a ti deixando de lado minhas armas, então esse teu comportamento seria adequado, ó pior dos homens.' Sabendo que essas palavras foram endereçadas por seu marido, a filha do rei das cobras, isto é, Ulupi, incapaz de tolerar isso, atravessou a Terra e chegou àquele local. (Ulupi era uma das esposas de Arjuna. Ela era, portanto, a madrasta de Vabhruvahana.) Ela viu seu filho lá totalmente desconsolado e com rosto pendendo para baixo. De fato, o príncipe foi repetidamente repreendido por seu pai que estava desejoso de lutar com ele, ó monarca. A filha da cobra, com todo membro possuidor de beleza, isto é, Ulupi, disse estas palavras compatíveis com justiça e dever para o príncipe que estava familiarizado com justiça e dever, 'Saiba que eu sou tua mãe Ulupi que sou a filha de uma cobra. Cumpra minha ordem, ó filho, porque tu então obterás grande mérito. Lute com teu pai, este principal da linhagem de Kuru, este herói que é irresistível em batalha. Sem dúvida, ele irá então ficar satisfeito contigo.' Dessa maneira o rei Vabhruvahana foi incitado contra seu pai por sua madrasta. Finalmente, dotado como ele era de grande energia, ele decidiu, ó chefe dos Bharatas, lutar com Dhananjaya. Pondo sua armadura de ouro brilhante e sua refulgente proteção para a cabeça, ele subiu em um carro excelente que tinha centenas de aljavas prontas sobre ele. Aquele carro estava equipado com os artigos necessários para a batalha e tinha corcéis unidos a ele que eram dotados da velocidade da mente. Ele tinha rodas excelentes e um Upashkara forte, e estava adornado com ornamentos dourados de todo tipo. Erguendo seu estandarte que estava enfeitado muito belamente e que portava o emblema de um leão em ouro, o belo príncipe Vabhruvahana procedeu contra seu pai para lutar. Aproximando-se do corcel sacrifical que era protegido por Partha, o príncipe heróico o fez ser capturado por pessoas bem versadas em conhecimentos sobre cavalos. Vendo o corcel apanhado,

Dhananjaya se encheu de alegria. Permanecendo sobre o solo, aquele herói começou a resistir ao avanço de seu filho que estava em seu carro. O rei afligiu o herói com repetidas chuvas de setas dotadas de pontas afiadas e parecidas com cobras de veneno virulento. A batalha que ocorreu entre pai e filho foi incomparável. Ela parecia o confronto entre as divindades e os Asuras antigamente. Cada um estava satisfeito por obter o outro como adversário. Então Vabhruvahana, rindo, perfurou o ornado com diadema Arjuna, aquele principal dos homens, no ombro com uma flecha reta. Equipada com penas, aquela flecha penetrou no corpo de Arjuna como uma cobra penetrando em um formigueiro. Atravessando o filho de Kunti, a flecha foi profundamente para dentro da Terra. Sentindo dor aguda, o inteligente Dhananjaya descansou por algum tempo, se apoiando em seu arco excelente. Ele resistiu, recorrendo à sua energia celeste e parecia externamente como alguém privado de vida. Aquele principal dos homens, então, recuperando a consciência, elogiou muito seu filho. Possuidor de grande esplendor, o filho de Sakra disse, 'Excelente, Excelente, ó de braços poderosos, ó filho de Chitrangada! Ó filho, vendo essa façanha, tão digna de ti, eu estou muito satisfeito contigo. Eu irei agora disparar estas setas em ti, ó filho. Permaneça para lutar (sem fugir).' Tendo dito essas palavras, aquele matador de inimigos disparou uma chuva de setas no príncipe. O rei Vabhruvahana, no entanto, com suas próprias setas de cabeça larga cortou todas aquelas setas que foram disparadas do Gandiva e que pareciam com o raio de Indra em esplendor, algumas em duas e algumas em três partes. Então o estandarte, decorado com ouro e parecendo com uma palmeira dourada, sobre o carro do rei foi cortado por Partha com algumas de suas flechas excelentes. O filho de Pandu, rindo, em seguida matou os corcéis do rei dotados de tamanho grande e velocidade notável. Descendo de seu carro, o rei, inflamado pela raiva, lutou a pé com seu pai. Satisfeito com a coragem de seu filho, aquele principal dos filhos de Pritha, isto é, o filho do manejador do raio, começou a afligi-lo imensamente. O poderoso Vabhruvahana, pensando que seu pai não era mais capaz de enfrentá-lo, novamente o afligiu com muitas setas parecidas com cobras de veneno virulento. Por um espírito de infantilidade ele então perfurou vigorosamente seu pai no peito com uma flecha afiada equipada com asas excelentes. Aquela flecha, ó rei, penetrou no corpo do filho de Pandu e alcançando seus próprios órgãos vitais lhe causou grande dor. O encantador dos Kurus, Dhananjaya, profundamente perfurado naquele momento por seu filho, então caiu em um desmaio sobre o solo, ó rei. Quando aquele herói, aquele carregador das responsabilidades dos Kurus caiu, o filho de Chitrangada também ficou privado de seus sentidos. O desmaio do último era devido aos seus esforços em batalha como também à sua dor ao ver seu pai morto. Ele tinha sido perfurado profundamente por Arjuna com nuvens de setas. Ele, portanto, caiu na vanguarda da batalha abraçando a Terra. Sabendo que seu marido tinha sido morto e que seu filho tinha caído na Terra, Chitrangada, em grande agitação mental dirigiu-se ao campo de batalha. Seu coração queimando com tristeza, enquanto chorava de modo comovente, e completamente trêmula, a mãe do soberano de Manipura viu seu marido morto.'"

80

"Vaisampayana disse, 'Aquela dama de olhos como pétalas de lótus, tendo lamentado copiosamente, e queimando de tristeza, finalmente perdeu seus sentidos e caiu no chão. Recuperando a consciência e vendo Ulupi, a filha do chefe das cobras, a rainha Chitrangada dotada de beleza celestial disse para ela estas palavras, 'Veja, ó Ulupi, nosso marido sempre vitorioso morto em batalha, por causa de ti, por meu filho jovem. Tu estás familiarizada com as práticas dos respeitáveis? Tu és uma esposa dedicada ao teu marido? Foi devido ao teu ato que teu marido foi derrubado, morto em batalha. Se Dhananjaya pecou contra ti em todo aspecto, perdoe-o eu te peço, ressuscite aquele herói. Ó dama virtuosa, tu estás familiarizada com a piedade. Tu és, ó abençoada, conhecida (por tuas virtudes) pelos três mundos. Como é que tendo feito teu marido ser morto por meu filho, tu não te entregas à dor? Ó filha do chefe das cobras, eu não choro por meu filho morto. Eu choro somente por meu marido que recebeu essa hospitalidade de seu filho.' Tendo dito essas palavras para a majestosa Ulupi, o filha do chefe das cobras, a ilustre Chitrangada procedeu para onde seu marido jazia sobre a Terra e se dirigindo a ele, disse, 'Levante, ó marido querido, tu ocupas o lugar principal nas afeições do rei Kuru (Yudhishthira). Aqui está aquele teu corcel. Ele foi libertado por mim. Na verdade, ó pujante, este corcel sacrifical do rei Yudhishthira o justo deve ser seguido por ti. Por que então tu ainda jazes imóvel sobre o solo? Meus ares vitais dependem de ti, ó encantador dos Kurus. Como é que aquele que é o dador dos ares vitais de outras pessoas rejeita seus próprios ares vitais hoje? Veja, ó Ulupi, essa visão agradável do teu marido jazendo prostrado no chão. Como é que tu não sofres, tendo feito ele ser morto através do meu filho quando tu o excitaste com tuas palavras? É adequado que este garoto deva sucumbir ao poder da morte e jazer assim no chão junto de seu próprio pai. Oh, que Vijaya, que ele que é chamado de Gudakesa, que este herói de olhos avermelhados, volte à vida. Ó dama abençoada, poligamia não é transgressão para os homens. Somente as mulheres incorrem em erro por aceitarem mais do que um marido. Portanto, não nutra tais pensamentos (de vingança). Esse relacionamento foi ordenado pelo próprio ordenador Supremo. Ele é, além disso, eterno e imutável. Cuide daquele relacionamento. Que tua união (com Dhananjaya) seja feita verdadeira. Se, tendo matado teu marido através do meu filho, tu não o reviveres hoje diante dos meus olhos, eu então rejeitarei meus ares vitais. Sem dúvida, ó dama venerável, afligida como eu estou pela tristeza e privada como eu estou de marido e filho, eu me sentarei aqui hoje em Praya na tua própria vista!' Tendo falado dessa maneira para a filha do chefe das cobras, que era uma co-esposa com ela de Arjuna, a princesa Chaitravahini sentou-se em Praya, ó rei, reprimindo a fala.'" (Sentar-se em Praya é permanecer sentado em um local específico, se abstendo de alimento e bebida com a intenção de rejeitar os próprios ares vitais.)

"Vaisampayana continuou, 'Parando de lamentar, a rainha triste, colocando sobre seu colo os pés de seu marido, sentou lá, suspirando pesadamente e desejando também a restauração de seu filho à vida. O rei Vabhruvahana então, recuperando os sentidos, viu sua mãe sentada daquela maneira no campo de batalha. Dirigindo-se a ela ele disse, 'O que pode ser mais doloroso do que a visão

de minha mãe, que foi criada no luxo, jazendo na terra nua junto de seu marido heróico esticado sobre o solo? Ai, este matador de todos os inimigos, este principal de todos os manejadores de armas, foi morto por mim em batalha. É evidente que os homens não morrem até que sua hora chegue. (O sentido é que 'tristeza não mata; uma pessoa não morre até que sua hora chegue. Se fosse de outro modo eu teria morrido, tão pesado é o fardo da minha aflição.') Oh, o coração desta princesa parece ser muito duro já que ele não se quebra nem à visão de seu marido de braços fortes e de peito largo jazendo morto no chão. É evidente que uma pessoa não morre até que chegue sua hora, já que nem eu nem minha mãe estamos desprovidos de vida (mesmo por tal visão). Ai, ai, a cota de malha dourada deste herói principal da linhagem de Kuru, morto por mim, seu filho, de propósito, está jazendo no solo, separada de seu corpo. Ai, ó Brahmanas, vejam meu pai heróico jazendo prostrado na Terra, em um leito de herói, morto por seu filho. Que benefício é feito para este herói, morto por mim em batalha, por aqueles Brahmanas que foram incumbidos de servir este principal da linhagem de Kuru dedicado a seguir o corcel? Que os Brahmanas ordenem qual expiação deve agora ser praticada por mim, um canalha pecaminoso e cruel, que matou seu próprio pai em combate. Tendo matado meu próprio pai, eu devo, sofrendo todos os tipos de miséria, vagar pela Terra, cruel que eu sou, me cobrindo com sua pele. Dêem-me as duas metades da cabeça do meu pai hoje, (para que eu possa vagar pela Terra com elas por aquele período), pois não há outra expiação para mim que matei meu próprio pai. Veja, ó filha da principal das cobras, teu marido morto por mim. Na verdade, por matar Arjuna em batalha eu realizei o que é agradável para ti. Eu irei hoje seguir no caminho pelo qual meu pai foi. Ó abençoada, eu não posso me consolar. Seja feliz hoje, ó mãe, vendo eu mesmo e o manejador do Gandiva abraçarmos a morte neste dia. Eu te juro pela própria verdade (que eu rejeitarei meus ares vitais).' Tendo dito essas palavras, o rei, profundamente afligido pela dor, ó monarca, tocou água e exclamou em tristeza, 'Que todas as criaturas, móveis e imóveis, me ouçam. Tu também me escute, ó mãe. Eu digo a verdade, ó melhor de todas as filhas das cobras. Se este melhor dos homens, Jaya, meu pai, não se levantar, eu emaciarei meu próprio corpo, sentando no campo de batalha. Tendo matado meu pai, não há salvação para mim (daquele pecado terrível). Afligido como eu estou pelo pecado de matar meu pai, eu terei sem dúvida que cair no Inferno. Por matar um Kshatriya heróico alguém se purifica por fazer uma doação de cem vacas. Por matar meu pai, no entanto, tão terrível foi meu pecado que minha salvação é impossível. Este Dhananjaya, o filho de Pandu, era o único herói dotado de energia imensa. Possuidor de alma justa, ele foi o criador do meu ser. Como eu posso ser resgatado depois de tê-lo matado?' Tendo proferido esses lamentos, o filho de grande alma de Dhananjaya, o rei Vabhruvahana, tocou água e ficou silencioso, prometendo passar fome até a morte.'"

"Vaisampayana continuou, 'Quando o rei de Manipura, aquele castigador de inimigos, afligido pela tristeza, junto com sua mãe, se sentou para passar fome até a morte, Ulupi então pensou na pedra preciosa que tem a virtude de reviver um homem morto. A pedra preciosa, o grande refúgio das cobras, assim pensada, chegou lá. A filha do príncipe das cobras, a erguendo, proferiu estas palavras que

alegraram muito os combatentes que permaneciam no campo. 'Levante, ó filho. Não sofra. Jishnu não foi derrotado por ti. Este herói não pode ser derrotado por homens como também pelas divindades com o próprio Vasava em sua liderança. Eu exibi essa ilusão, enganando seus sentidos, para o benefício deste principal dos homens, isto é, teu pai ilustre. Ó tu da linhagem de Kuru, desejoso de averiguar tua destreza, seu filho, este matador de heróis hostis, ó rei, veio aqui para lutar contigo. Foi por essa razão, ó filho, que tu foste instigado por mim a lutar. Ó rei pujante, ó filho, não suspeite que tu cometeste algum erro, nem o mínimo, por aceitares o desafio dele. Ele é um Rishi, de uma alma poderosa, eterno e indestrutível. Ó filho querido, o próprio Sakra é incapaz de derrotá-lo em batalha. Esta pedra preciosa celestial foi trazida por mim, ó rei. Ela sempre revive as cobras sempre que elas morrem. Ó rei pujante, coloque esta pedra preciosa no peito do teu pai. Tu então verás o filho de Pandu revivido.' Assim endereçado, o príncipe que não tinha cometido pecado, movido por afeição por seu pai, então colocou aquela pedra preciosa sobre o peito do filho de Pritha de energia incomensurável. Depois que a pedra preciosa tinha sido colocada em seu peito; o heróico e pujante Jishnu tornou a viver. Abrindo seus olhos vermelhos ele se levantou como alguém que tivesse dormido muito. Vendo seu pai, o herói de grande alma de energia grandiosa devolvido à consciência e totalmente à vontade, Vabhruvahana o adorou com reverência. Quando aquele tigre entre homens, ó pujante, despertou do sono da morte com todos os sinais auspiciosos de vida, o castigador de Paka derramou chuvas de flores celestiais. Timbales tocados por ninguém produziram sua música profunda como o ribombo das nuvens. Um barulho alto foi ouvido no firmamento consistindo nas palavras, ‘Excelente, Excelente!’ Dhananjaya de braços poderosos, se levantando e bem confortado, abraçou Vabhruvahana e cheirou sua cabeça. Ele viu sentada a uma distância de seu filho a mãe desse último afligida pela tristeza, na companhia de Ulupi. Dhananjaya perguntou, 'Por que é que tudo no campo de batalha parece portar as indicações de tristeza, admiração, e alegria? Se, ó matador de inimigos, a causa é conhecida por ti, então me diga. Por que tua mãe veio para o campo de batalha? Por que também Ulupi, a filha do príncipe das cobras, veio aqui? Eu sei que tu lutaste essa batalha comigo por minha própria ordem. Eu desejo saber qual foi a causa que trouxe as senhoras.' O soberano inteligente de Manipura, assim questionado por Dhananjaya, o gratificou por inclinar sua cabeça em reverência, e então disse, 'Que Ulupi seja questionada.'"

81

"Arjuna disse, 'Qual assunto a trouxe aqui, ó filha (nora) da linhagem de Kuru, e qual também é a causa da chegada no campo de batalha dela que é a mãe do soberano de Manipura? Tu nutres motivos amigáveis em direção a este rei, ó filha de uma cobra? Ó tu de olhares agitados, tu desejas o bem para mim também? Eu espero, ó tu de quadris amplos, que nem eu, nem este Vabhruvahana aqui, tenhamos, ó dama bela, feito alguma ofensa para ti inconscientemente. Chitrangada de membros impecáveis, descendente da linhagem de Chitravahana, te fez algum mal?' Para ele, a filha do príncipe das cobras respondeu sorridente,

'Tu não me ofendeste, nem Vabhruvahana me fez algum mal; nem a mãe desse príncipe que é sempre obediente a mim como uma criada. Escute como tudo isso foi ocasionado por mim. Tu não deves ficar zangado comigo. De fato, eu procuro te gratificar por inclinar minha cabeça em reverência. Ó tu da linhagem de Kuru, tudo isso foi feito por mim para o teu bem, ó pujante. Ó poderosamente armado Dhananjaya, ouça tudo o que eu fiz. Na grande batalha dos príncipes Bharata, tu mataste o filho nobre de Santanu por métodos injustos. O que eu fiz expiou teu pecado. Tu não derrubaste Bhishma enquanto lutando contigo. Ele estava envolvido em combate com Sikhandin. Confiando nele como tua ajuda, tu efetuaste a derrota do filho de Santanu. Se tu tivesses morrido sem teres expiado aquele pecado, tu terias então sem dúvida caído no Inferno por causa daquela tua ação pecaminosa. Isso mesmo que tu obtiveste do teu filho é a expiação daquele pecado. Antigamente, ó soberano da Terra, eu ouvi isso dito pelos Vasus enquanto eles estavam na companhia de Ganga, ó tu de grande inteligência. Depois da queda do filho de Santanu, aquelas divindades, isto é, os Vasus, indo às margens do Ganga, se banharam em suas águas, e chamando a deusa daquele rio, eles proferiram estas palavras terríveis tendo a sanção da própria Bhagirathi, isto é, 'O filho de Santanu Bhishma foi morto por Dhananjaya. Na verdade, ó deusa, Bhishma então estava envolvido em combate com outro, e tinha parado de lutar. Para essa falha nós hoje pronunciaremos uma maldição sobre Dhananjaya.' Com isso, a deusa Ganga concordou prontamente, dizendo 'Assim seja!' Ouvindo essas palavras eu fiquei muito aflita e penetrando nas regiões inferiores relatei tudo para o meu pai. Informado do que tinha acontecido, meu pai ficou mergulhado em angústia. Dirigindo-se aos Vasus, ele os solicitou por tua causa, agradando-os repetidamente por todos os meios em seu poder. Eles então disseram para ele, 'Dhananjaya tem um filho altamente abençoado que, dotado de juventude, é o soberano de Manipura. Ele irá, permanecendo no campo de batalha, lançar Dhananjaya na Terra. Quando isso acontecer, ó príncipe das cobras, Arjuna estará livre da nossa maldição. Volte.' Assim endereçado pelos Vasus, ele voltou e me informou do que tinha acontecido. Tendo sabido tudo isso, ó herói, eu te libertei da maldição dos Vasus exatamente dessa maneira. O próprio chefe das divindades é incapaz de te vencer em batalha. O filho é a própria pessoa. É por isso que tu foste derrotado por ele. Eu não posso ser considerada, ó pujante, como tendo cometido algum erro. Como, de fato, tu me considerarias criticável?' Assim endereçado (por Ulupi), Vijaya ficou alegre de coração e disse para ela, 'Tudo isso que tu fizeste, ó deusa, é altamente agradável para mim.' Depois disso, Jaya se dirigiu ao seu filho, o soberano de Manipura, e disse na audição de Chitrangada, a filha (nora) da casa de Kuru, 'O Sacrifício de Cavalo de Yudhishthira se realizará no dia da lua cheia no mês que vem de Chaitra. Vá lá, ó rei, com tua mãe e teus conselheiros e oficiais.' Assim endereçado por Partha, o rei Vabhruvahana de grande inteligência, com olhos lacrimosos, disse estas palavras para seu pai, 'Ó tu que estás familiarizado com todos os deveres, eu irei sem dúvida, por tua ordem, ao grande Sacrifício de Cavalo, e tomarei para mim mesmo a tarefa de distribuir alimento entre os regenerados. Porém, para mostrar tua graça em direção a mim, entre na tua própria cidade com tuas duas esposas. Que nenhum escrúpulo seja teu com relação a isto, ó tu que conheces totalmente todos os deveres. Ó senhor, tendo vivido por uma noite na tua própria mansão em

felicidade, tu podes então seguir o corcel, ó principal dos guerreiros vitoriosos.' O filho de estandarte de macaco de Kunti, assim endereçado por seu filho, respondeu ao filho de Chitrangada, dizendo 'Tu conheces, ó de braços poderosos, aquele voto que eu estou cumprindo. Ó tu de olhos grandes, até o término desse meu voto, eu não posso entrar na tua cidade. Ó principal dos homens, esse cavalo sacrifical vaga à vontade. (Eu tenho que segui-lo sempre.) Bênçãos para ti! Eu devo ir embora. Eu não tenho lugar nenhum onde descansar nem mesmo por um momento curto.' O filho do castigador de Paka então, devidamente adorado por seu filho e obtendo a permissão de suas duas esposas, deixou o local e prosseguiu em seu caminho.'"

82

"Vaisampayana disse, 'O corcel (sacrifical), tendo vagado por toda a Terra limitada pelo oceano, então parou e virou sua face para a cidade que recebeu o nome de elefante. Seguindo como ele seguia aquele cavalo, o ornado com diadema Arjuna também virou seu rosto em direção à capital Kuru. Vagando à sua vontade, o corcel então chegou à cidade de Rajagriha. Vendo-o chegado dentro de seu domínio, ó monarca, o filho heróico de Sahadeva, cumpridor dos deveres Kshatriya, o desafiou para lutar. Saindo de sua cidade, Meghasandhi, montado em seu carro e equipado com arco e flechas e proteção de couro, avançou na direção de Dhananjaya que estava a pé. Possuidor de grande energia, Meghasandhi, se aproximando de Dhananjaya, ó rei, disse estas palavras por um espírito de infantilidade e sem qualquer habilidade. 'Esse teu corcel, ó Bharata, parece se movimentar protegido somente por mulheres. Eu levarei o cavalo embora. Esforce-te para libertá-lo. Posto que meus antepassados não te ensinaram em combate, eu, no entanto, farei os deveres de hospitalidade para você. Ataque-me, pois eu te atacarei.' Assim endereçado, o filho de Pandu, sorrindo, respondeu para ele, dizendo, 'Resistir àquele me obstrui é o voto traçado para mim por meu irmão mais velho. Sem dúvida, ó rei, isso é conhecido por ti. Ataque-me com o melhor do teu poder. Eu não tenho raiva.' Assim endereçado, o soberano de Magadha atacou primeiro o filho de Pandu, derramando suas flechas sobre ele como Indra de mil olhos derramando um aguaceiro pesado de chuva. Então, ó chefe da linhagem de Bharata, o heróico manejador do Gandiva, com flechas disparadas de seu arco excelente, frustrou todas as setas disparadas cuidadosamente nele por seu adversário. Tendo assim frustrado aquela nuvem de setas, o herói de estandarte de macaco disparou várias setas ardentes em seu inimigo que pareciam cobras com bocas de fogo. Aquelas setas ele disparou em sua bandeira e em seu mastro de bandeira e carro e postes e canga e nos cavalos, poupando o corpo de seu inimigo e o motorista do seu carro. Embora Partha que era capaz de disparar o arco com a mão esquerda (tão bem quanto com a direita) poupasse o corpo do príncipe de Magadha, ainda assim o último, pensando que seu corpo era protegido por sua própria destreza, disparou muitas setas em Partha. O manejador do Gandiva, profundamente atingido pelo príncipe de Magadha, brilhava como uma Palasa (Butea frondosa) florescente na estação da primavera. Arjuna não tinha desejo de matar o príncipe de Magadha. Foi por isso que, tendo atingido o

filho de Pandu, ele conseguiu permanecer perante aquele principal dos heróis. Então Dhananjaya, ficando zangado, puxou seu arco com grande força, e matou os corcéis de seu adversário e então cortou a cabeça do motorista do seu carro. Com uma flecha de cabeça de navalha ele então cortou o arco grande e belo de Meghasandhi, e então sua proteção de couro. Então cortando sua bandeira e mastro de bandeira, ele os fez caírem. O príncipe de Magadha, extremamente aflito, e privado de seus corcéis e arco e motorista, ergueu uma maça e avançou com grande velocidade no filho de Kunti. Arjuna então, com muitas flechas equipadas com penas de urubu, cortou em fragmentos aquela maça do seu inimigo que avançava, a qual era adornada com ouro brilhante. Assim cortada em fragmentos, aquela maça com seus elos enfeitados com pedras preciosas e nós todos cortados, caiu sobre o solo como uma cobra sem ajuda arremessada por alguém. Quando seu inimigo ficou privado de seu carro, seu arco, e sua maça, aquele principal dos guerreiros, isto é, o inteligente Arjuna, não desejou atingi-lo. O herói de estandarte de macaco então, consolando seu inimigo triste que tinha sido cumpridor dos deveres Kshatriya, disse para ele estas palavras, ‘Ó filho, tu mostraste suficientemente a tua aderência aos deveres Kshatriya. Vá agora. Grandiosas têm sido as façanhas, ó rei, que tu tens realizado em batalha embora tu sejas muito jovem em idade. A ordem que eu recebi de Yudhishthira foi que aqueles reis que se opõem a mim não devem ser mortos. É por isso que tu ainda vives, ó monarca, embora tu tenhas me ofendido em batalha.’ Assim endereçado, o soberano de Magadha se considerou vencido e poupado. Pensando então que era seu dever fazer isso, ele se aproximou de Arjuna e unindo suas mãos em reverência o adorou. E ele disse, 'Eu fui derrotado por ti. Abençoado sejas tu, eu não ouso continuar o combate. Diga-me o que eu devo fazer agora por ti. Considere tua ordem como já realizada.’ Consolando-o novamente, Arjuna mais uma vez disse para ele, 'Tu deves de dirigir ao Sacrifício de Cavalo do nosso rei o qual ocorre na próxima lua cheia de Chaitra.' Assim endereçado por ele, o filho de Sahadeva disse, 'Assim seja,' e então adorou devidamente aquele cavalo como também Phalguna, aquele principal dos guerreiros. O cavalo sacrifical então, provido de belas crinas, procedeu à sua vontade ao longo da costa marítima, se dirigindo aos países dos Bangas, dos Pundras, e dos Kosalas. Naqueles reinos Dhananjaya, com seu arco Gandiva, ó rei, derrotou inúmeros exércitos Mlechcha um após outro.'"

83

"Vaisampayana disse, 'Adorado pelo soberano de Magadha, o filho de Pandu tendo corcéis brancos unidos ao seu carro procedeu pelo sul, seguindo o corcel (sacrifical). Voltando no decorrer de suas vagueações à vontade, o corcel poderoso chegou à bela cidade dos Chedis que recebeu o nome da ostra. (O nome da cidade era Suktimati.) Sarabha, o filho de Sisupala, dotado de grande força, primeiro enfrentou Arjuna em batalha e então o adorou com honras apropriadas. Adorado por ele, ó rei, aquele melhor dos corcéis então procedeu para os reinos dos Kasis, dos Angas, dos Kosalas, dos Kiratas, e dos Tanganas. Recebendo devidas honras em todos aqueles reinos, Dhananjaya mudou sua

direção. De fato, o filho de Kunti então procedeu para o país dos Dasarnas. O soberano daquele povo era Chitrangada que era dotado de grande força e era um opressor de inimigos. Entre ele e Vijaya ocorreu um combate extremamente terrível. Trazendo-o sob seu domínio o ornado com diadema Arjuna, aquele principal dos homens, procedeu para os domínios do rei Nishada, isto é, o filho de Ekalavya. O filho de Ekalavya recebeu Arjuna em batalha. O combate que ocorreu entre o herói Kuru e os Nishadas foi tão furioso quanto a fazer os cabelos se arrepiarem. Invencível em batalha, o valente filho de Kunti derrotou o rei Nishada que demonstrou ser um obstáculo para o sacrifício. Tendo subjugado o filho de Ekalavya, ó rei, o filho de Indra, devidamente adorado pelos Nishadas, então procedeu em direção ao oceano do sul. Naquelas regiões ocorreram batalhas entre o herói ornado com diadema e os Dravidas e Andhras e os ferozes Mahishakas e os homens da colina de Kolwa. Subjugando aquelas tribos sem ter que realizar quaisquer feitos violentos, Arjuna procedeu para o país dos Surashtras, seus passos guiados pelo cavalo. Chegado em Gokarna, de lá ele se dirigiu para Prabhasa. Em seguida ele procedeu para a bela cidade de Dwaravati protegida pelos heróis da tribo Vrishni. Quando o belo cavalo sacrifical do rei Kuru alcançou Dwaravati, os jovens Yadava usaram a força contra aquele principal dos corcéis. O rei Ugrasena, no entanto, logo saiu e proibiu aqueles jovens de fazerem o que eles pensavam. Então o soberano dos Vrishnis e dos Andhakas, saindo de seu palácio, com Vasudeva, o tio materno de Arjuna, em sua companhia, alegremente encontrou com o herói Kuru e o recebeu com ritos apropriados. Os dois chefes idosos honraram Arjuna devidamente. Obtendo sua permissão, o príncipe Kuru então procedeu para onde o cavalo que ele seguia o conduzia. O corcel sacrifical então procedeu pela margem do oceano ocidental e finalmente alcançou o país das cinco águas que crescia com população e prosperidade. De lá, ó rei, o corcel procedeu para o país dos Gandharas. Chegando lá, ele vagou à vontade, seguido pelo filho de Kunti. Então ocorreu uma luta violenta entre o herói ornado com diadema e o soberano dos Gandharas, isto é, o filho de Sakuni, que tinha uma recordação amarga do rancor que seu pai nutria pelos Pandavas.'"

84

"Vaisampayana disse, 'O filho heróico de Sakuni, que era um poderoso guerreiro em carro entre os Gandharas, acompanhado por uma grande tropa, procedeu contra o herói Kuru de cabelo encaracolado. Aquela tropa estava devidamente equipada com elefantes e cavalos e carros, e estava enfeitada com muitas bandeiras e estandartes. Incapazes de suportar e, portanto, queimando para vingar a morte de seu rei Sakuni, aqueles guerreiros, armados com arcos, avançaram juntos em Partha. O invicto Vibhatsu de alma justa se dirigiu a eles pacificamente, mas eles não estavam desejosos de aceitar as palavras benéficas de Yudhishthira (através de Arjuna). Embora proibidos por Partha com palavras gentis, eles ainda assim cederam à ira e cercaram o corcel sacrifical. Nisso, o filho de Pandu se encheu de cólera. Então Arjuna, disparando despreocupadamente do Gandiva muitas flechas com cabeças como navalha que brilhavam com esplendor, cortou as cabeças de muitos guerreiros Gandhara. Enquanto eram assim

massacrados por Partha, os Gandharas, ó rei, extremamente aflitos, libertaram o cavalo, movidos por medo e desistiram da batalha. Resistido, no entanto, por aqueles combatentes Gandhara que ainda o cercavam por todos os lados, o filho de Pandu, possuidor de grande energia, cortou as cabeças de muitos, citando previamente aqueles a quem ele despachava dessa maneira. Quando os guerreiros Gandhara estavam sendo todos mortos em volta dele em batalha, o filho nobre de Sakuni se apresentou para resistir ao filho de Pandu. Para o rei Gandhara que estava lutando com ele, impelido pelo dever Kshatriya, Arjuna disse, 'Eu não pretendo matar os reis que lutam comigo, por causa das ordens de Yudhishthira. Pare, ó herói, de lutar comigo. Não corteje a derrota.' Assim endereçado, o filho de Sakuni, entorpecido pela insensatez, desconsiderou aquele conselho e cobriu com muitas setas rápidas o herói Kuru que parecia com o próprio Sakra nos feitos que ele realizava em combate. Então Partha, com uma seta em forma de meia-lua, cortou a proteção para a cabeça de seu inimigo. De alma incomensurável, ele também fez a proteção para a cabeça ser impelida a uma grande distância como a cabeça de Jayadratha (depois que ele a tinha cortado na batalha de Kurukshetra). Contemplando este feito, todos os guerreiros Gandhara ficaram muito surpresos. Que Arjuna poupou voluntariamente seu rei foi bem compreendido por eles. O príncipe dos Gandharas então começou a fugir do campo, acompanhado por todos os seus guerreiros que pareciam com um bando de veados assustados. Os Gandharas, por causa do medo, perderam sua razão e vagaram pelo campo, incapazes de fugir. Arjuna, com suas flechas de cabeça larga, cortou as cabeças de muitos. Havia muitos que tinham perdido seus braços por causa das flechas de Arjuna, mas eles estavam tão entorpecidos com medo que eles não estavam conscientes da perda daquele membro. Realmente, o exército Gandhara foi extremamente afligido por aquelas flechas grandes que Partha disparou do Gandiva. Aquele exército, o qual então consistia em homens e elefantes e cavalos apavorados, o qual perdeu muitos guerreiros e animais, e que estava reduzido a uma turba e totalmente aniquilado, começou a vagar e rodar em volta do campo repetidamente. Entre aqueles inimigos que estavam sendo assim massacrados nenhum podia ser visto resistindo em frente ao herói Kuru famoso pelos feitos mais notáveis. Não podia ser visto alguém que fosse capaz de suportar a destreza de Dhananjaya. Então a mãe do soberano dos Gandharas, cheia de temor, e com todos os ministros de estado idosos saiu de sua cidade, levando um Arghya excelente para Arjuna. Ela proibiu seu filho corajoso de coração firme de lutar por mais tempo, e gratificou Jishnu que nunca se fatigava com trabalho pesado. O pujante Vibhatsu a adorou e se tornou inclinado a mostrar bondade em direção aos Gandharas. Confortando o filho de Sakuni, ele disse, 'Tu, ó herói de braços poderosos, não fizeste o que é agradável para mim por colocar teu coração nessas medidas de hostilidade. Ó matador de heróis, tu és meu irmão, ó impecável. (Sakuni era o tio materno de Duryodhana e, portanto, de Arjuna também. O filho de Sakuni e Arjuna, por isso, eram primos.) Lembrando-me de minha mãe Gandhari, e por causa de Dhritarashtra também, eu não tirei tua vida. É por isso, ó rei, que tu ainda vives. Muitos dos teus seguidores, no entanto, foram mortos por mim. Que tal coisa não volte a acontecer. Que as hostilidades cessem. Que tua compreensão não se perca outra vez. Tu deves ir ao Sacrifício de Cavalo do nosso rei o qual ocorrerá no dia da lua cheia do mês de Chaitra.'"

85

"Vaisampayana disse, 'Tendo dito estas palavras, Partha partiu, seguindo o cavalo que vagava à sua vontade. O corcel sacrifical então se dirigiu para a estrada que levava à cidade que recebeu o nome de elefante. Yudhishthira soube de seus portadores de informações que o corcel tinha voltado. E sabendo também que Arjuna estava saudável e bem disposto, ele se encheu de alegria. Ouvindo também as façanhas, realizadas por Vijaya no país dos Gandharas como também em outros reinos, o rei ficou extremamente contente. Enquanto isso, o rei Yudhishthira o justo, vendo que o décimo segundo dia da quinzena iluminada do mês de Magha tinha chegado, e notando também que a constelação era favorável, convocou todos os seus irmãos, isto é, Bhima e Nakula e Sahadeva. Dotado de grande energia, o rei, ó tu da linhagem de Kuru, aquela principal de todas as pessoas familiarizadas com os deveres, disse estas palavras no momento apropriado. De fato, aquele principal de todos os oradores, se dirigindo a Bhima, o principal de todos os batedores, disse; 'Teu irmão mais novo (Arjuna), ó Bhimasena, está voltando com o cavalo. Eu fui informado disso por aqueles homens que tinham seguido Arjuna. O momento (para o sacrifício) chegou. O cavalo sacrifical está próximo. O dia da lua cheia do mês de Magha está próximo. O mês está prestes a terminar, ó Vrikodara. Deixe, portanto, Brahmanas eruditos conhecedores dos Vedas procurarem um local sacrifical para a realização bem sucedida do Sacrifício de Cavalo.' Assim endereçado, Bhima obedeceu ao comando real. Ele ficou muito contente ao saber que Arjuna de cabelo encaracolado estava prestes a voltar. Então Bhima saiu com vários homens que conheciam bem as regras de planejar terrenos sacrificais e construir estruturas. E ele levou consigo muitos Brahmanas versados em todos os ritos de sacrifícios. Bhima escolheu um belo local e o fez ser devidamente medido para colocar o complexo sacrifical. Numerosas casas e mansões foram construídas sobre ele e estradas largas também foram planejadas. Logo o herói Kaurava fez aquela terra abundar com centenas de mansões excelentes. A superfície foi nivelada e tornada lustrosa com pedras preciosas e jóias, e adornada com diversas estruturas feitas de ouro. Colunas foram erguidas, ornamentadas com ouro brilhante, e arcos triunfais altos e largos também foram construídos sobre aquele complexo sacrifical. Todos esses eram feito de ouro puro. O príncipe de alma justa também fez apartamentos serem devidamente construídos para a acomodação das senhoras e dos numerosos reis que, chamados de muitos reinos, eram esperados para agraciar o sacrifício com sua presença. O filho de Kunti também fez muitas mansões serem devidamente erguidas para Brahmanas que eram esperados virem de diversos reinos. Então Bhimasena de braços poderosos, por ordem do rei, enviou mensageiros para os grandes reis da Terra. Aqueles melhores dos reis foram ao Sacrifício de Cavalo do monarca Kuru para fazer o que era agradável para ele. E eles trouxeram com eles muitas pedras preciosas e muitas escravas mulheres e cavalos e armas. Os sons que provinham daqueles reis de grande alma que residiam dentro daqueles pavilhões tocavam os próprios céus e pareciam com o barulho feito pelo bramir do oceano. O rei Yudhishthira, o alegrador dos Kurus, designou para os monarcas que chegaram dessa maneira ao

seu sacrifício diversos tipos de alimento e bebida, e camas também de beleza celestial. O chefe dos Bharatas, isto é, o rei Yudhishthira o justo, designou vários estábulos bem enchidos com diferentes espécies de grãos e cana de açúcar e leite para os animais (que tinham vindo com os convidados). Àquele sacrifício do rei Yudhishthira o justo que era possuidor de inteligência superior chegou também um grande número de Munis todos os quais eram proferidores de Brahman. De fato, ó senhor da Terra, todos os principais entre a classe regenerada que estavam então vivos foram àquele sacrifício, acompanhados por seus discípulos. O rei Kuru os recebeu todos. O rei Yudhishthira de energia imensa, rejeitando todo o orgulho, ele mesmo seguiu todos os seus convidados para os pavilhões que tinham sido designados para sua residência. Então todos os mecânicos e engenheiros, tendo terminado os arranjos para o sacrifício informaram o rei Yudhishthira disso. Sabendo que tudo estava pronto, o rei Yudhishthira o justo, cheio de vigilância e atenção, ficou muito contente junto com seus irmãos todos os quais o honravam devidamente.'"

"Vaisampayana continuou, 'Quando o grande sacrifício de Yudhishthira começou, muitos dialéticos eloquentes iniciaram diversas proposições e disputaram sobre isso, desejosos de vencer uns aos outros. Os reis (convidados) observaram os preparativos excelentes daquele sacrifício, parecendo com aqueles do próprio chefe das divindades, feitos, ó Bharata, por Bhimasena. Eles viram muitos arcos triunfais feitos de ouro, e muitas camas e assentos e outros artigos de prazer e luxo, e multidões de homens reunidos em diferentes esportes. Havia também muitos cântaros e recipientes e caldeirões e jarros e tampas e coberturas. Os reis convidados não viram nada lá que não fosse feito de ouro. Muitas estacas sacrificais também foram instaladas, feitas segundo as indicações das escrituras, de madeira, e adornadas com ouro. Dotadas de grande refulgência, estas foram devidamente plantadas e consagradas (com Mantras escriturais). Os reis viram todos os animais, além disso, os quais pertencem à terra e todos aqueles que pertencem à água, reunidos lá na ocasião. E eles também viram muitas vacas e muitos búfalos e muitas mulheres idosas, e muitos animais aquáticos, muitos animais predadores e muitas espécies de aves, e muitos espécimes de criaturas vivíparas e ovíparas, e muitos que são nascidos da sujeira, e muitos pertencentes ao reino vegetal, e muitos animais e plantas que vivem ou crescem em montanhas. Contemplando o complexo sacrifical assim adornado com animais e vacas e cereais, os reis convidados ficaram cheios de admiração. Grandes pilhas de guloseimas caras foram mantidas preparadas para os Brahmanas e os Vaisyas. E quando estava terminada a alimentação de cem mil Brahmanas, baterias e pratos eram batidos. E tão grande era o número alimentado que os sons de baterias e pratos eram ouvidos repetidamente. De fato, dia a dia aqueles sons continuavam. Assim foi realizado aquele sacrifício do rei Yudhishthira de grande inteligência. Muitos morros de comida, ó rei, foram oferecidos na ocasião. Eram vistos muitos tanques grandes de coalhos e muitos lagos de ghee. Naquele grande sacrifício, ó monarca, foi vista a população inteira de Jamvudwipa, com todos os seus reinos e províncias reunidos. Milhares de nações e raças estavam lá. Um grande número de homens, ó chefe da linhagem de Bharata, adornados com guirlandas e usando brincos brilhantes feitos de ouro, pegando inúmeros

recipientes em suas mãos, distribuíram o alimento para as classes regeneradas às centenas e milhares. Os servidores dos Pandavas deram para os Brahmanas diversos tipos de alimento e bebida que eram, além disso, tão caros quanto a serem dignos de serem comidos e bebidos pelos próprios reis.'"

86

"Vaisampayana disse, 'Vendo aqueles reis, senhores da Terra, todos conhecedores dos Vedas, chegarem, o rei Yudhishthira, se dirigindo a Bhimasena, disse, 'Ó chefe de homens, que honras apropriadas sejam prestadas para estes reis que vieram (ao meu sacrifício), pois estes principais dos homens são todos dignos das maiores honras.' Assim endereçado pelo rei Yudhishthira de grande fama, o filho de Pandu Bhimasena de energia imensa fez como ele foi ordenado, ajudado pelos gêmeos. O principal de todos os homens, isto é, Govinda, chegou lá, acompanhado pelos Vrishnis, e com Valadeva na dianteira. Ele estava acompanhado por Yuyudhana e Pradyumna e Gada, e Nisatha e Samvo e Kritavarman. O poderoso guerreiro em carro Bhima lhes ofereceu o culto mais reverente. Aqueles príncipes então entraram nos palácios, enfeitados com pedras preciosas, que foram designados para eles. No fim de uma conversação que ele teve com Yudhishthira, o matador de Madhu se referiu a Arjuna que tinha ficado emaciado por consequência de muitas lutas. O filho de Kunti repetidamente questionou Krishna, aquele castigador de inimigos, acerca de Arjuna. Para o filho de Dharma, o senhor de todo o universo começou a falar sobre Jishnu, o filho de Sakra. 'Ó rei, um agente secreto meu residindo em Dwaraka veio a mim. Ele viu Arjuna, aquele principal dos filhos de Pandu. De fato, o último estava muitíssimo emaciado com a fadiga de muitas batalhas. Ó monarca pujante, aquele meu agente me informou que o herói poderosamente armado está muito perto de nós. Ponha-te a realizar teu Sacrifício de Cavalo.' Assim endereçado, o rei Yudhishthira o justo disse para ele, 'Por boa sorte, ó Madhava, Arjuna volta em segurança. Eu desejo averiguar de ti, ó encantador dos Yadavas, o que foi dito nesta questão por aquele mais poderoso dos heróis entre os filhos de Pandu.' Assim endereçado pelo rei Yudhishthira o justo, o senhor dos Vrishnis e dos Andhakas, aquele principal dos homens eloquentes disse estas palavras para aquele monarca de alma justa, 'Meu agente, se lembrando das palavras de Partha, as relatou para mim dessa maneira, ó grande rei, ‘Yudhishthira, ó Krishna, deve ouvir estas minhas palavras quando chegar o momento. Ó chefe dos Kauravas, muitos reis virão (para o teu sacrifício). Quando eles chegarem, grandes honras devem ser prestadas a eles. Isto seria, de fato, digno para nós. Ó concessor de honras, o rei deve em seguida ser informado a meu pedido que ele deve fazer o que for necessário para impedir uma carnificina similar à que ocorreu no momento de oferecer o Arghya (na ocasião do sacrifício Rajasuya). Que Krishna também aprove isto. Não deixe, ó rei, que pela animosidade dos reis as pessoas sejam massacradas.’ Meu homem em seguida relatou, ó rei, estas palavras de Dhananjaya. Escute enquanto eu as repito, 'Ó monarca, o soberano de Manipura, meu filho querido Vabhruvahana, virá ao sacrifício. Honre-o devidamente por

minha causa, ó pujante. Ele é sempre apegado e profundamente devotado a mim.' Ouvindo essas palavras, o rei Yudhishthira o justo as aprovou e disse o seguinte.'"

87

"Yudhishthira disse, 'Eu ouvi, ó Krishna, tuas palavras agradáveis. Elas são dignas de serem faladas por ti. Elas são agradáveis e doces como néctar, de fato, elas enchem meu coração com grande prazer, ó pujante. Ó Hrishikesa, eu soube que são incontáveis as batalhas que Vijaya tem lutado com os reis da Terra. Por que razão Partha está sempre dissociado do conforto e comodidade? Vijaya é extremamente inteligente. Isto, portanto, aflige muito meu coração. Eu sempre, ó Janardana, penso, quando eu estou afastado dos negócios, no filho de Kunti Jishnu. A sina daquele encantador dos Pandus é extremamente miserável. Seu corpo tem toda marca auspiciosa. Qual, no entanto, ó Krishna, é aquele sinal em seu corpo excelente por causa do qual ele tem sempre que suportar miséria e desconforto? Aquele filho de Kunti tem que suportar uma parte extremamente grande de tristeza. Eu não vejo qualquer indicação censurável em seu corpo. Cabe a ti me explicar a causa se eu merecer ouvi-la.' Assim endereçado, Hrishikesa, aquele aumentador da glória dos príncipes Bhoja, tendo refletido por um longo tempo, respondeu o seguinte, 'Eu não vejo qualquer traço criticável naquele príncipe, exceto que os ossos da face daquele leão entre homens são um pouco altos demais. É por causa disso que aquele principal dos homens tem sempre que estar viajando. Eu realmente não vejo nada mais pelo qual ele poderia ser feito tão desventurado.' Assim respondido por Krishna de grande inteligência, aquele principal dos homens, isto é, o rei Yudhishthira, disse para o chefe dos Vrishnis que isso era exatamente assim. A princesa Draupadi, no entanto, olhou com raiva e de soslaio para Krishna, (pois ela não podia suportar a atribuição de qualquer imperfeição a Arjuna). O matador de Kesi, isto é, Hrishikesa, aprovou aquela indicação de amor (por seu amigo) que a princesa de Panchala, que também era sua amiga, mostrou. (É digno de nota que Draupadi era sempre chamada por Krishna como sua sakhi ou 'amiga'. Krishna era muito cavalheiresco para com o outro sexo em uma época na qual as mulheres eram universalmente consideradas como inferiores aos homens.) Bhimasena e os outros Kurus, incluindo os sacerdotes sacrificais, que souberam dos triunfos agradáveis de Arjuna no decorrer de sua perseguição ao cavalo, ficaram muito satisfeitos. Enquanto eles ainda estavam ocupados em conversar sobre Arjuna, chegou um enviado daquele herói de grande alma portando uma mensagem dele. Dirigindo-se à presença do rei Kuru, o enviado inteligente curvou sua cabeça em reverência e o informou da chegada daquele principal dos homens, isto é, Phalguna. Ao receber essa notícia, lágrimas de alegria cobriram os olhos do rei. Grandes presentes foram feitos para o mensageiro pelas informações muito agradáveis que ele tinha trazido. No segundo dia a partir daquela data, um rumor alto foi ouvido quando aquele principal dos homens, aquele chefe dos Kurus, chegou. A poeira erguida pelos cascos daquele cavalo conforme ele andava próximo a Arjuna parecia tão bela quanto aquela erguida pelo corcel celeste Uchchaisravas. E conforme Arjuna avançou, ele ouviu muitas palavras alegres proferidas pelos cidadãos. 'Por boa

sorte, ó Partha, tu estás fora de perigo. Louvor a você e ao rei Yudhishthira! Quem mais além de Arjuna poderia voltar depois de ter feito o cavalo vagar pela Terra inteira e depois de ter vencido todos os reis em batalha? Nós não soubemos de tal façanha ter sido realizada nem por Sagara e outros reis de grande alma da antiguidade. Reis futuros também nunca serão capazes de realizar tal feito difícil, ó principal da linhagem de Kuru, como esse que tu realizaste.' Escutando tais palavras, agradáveis para os ouvidos, dos cidadãos, Phalguna de alma justa entrou no complexo sacrifical. Então o rei Yudhishthira com todos os seus ministros, e Krishna, o alegrador dos Yadus, colocando Dhritarashtra em sua frente, saíram para receber Dhananjaya. Saudando os pés de seu pai (Dhritarashtra), e então do rei Yudhishthira o justo de grande sabedoria, e então cultuando Bhima e outros, ele abraçou Kesava. Adorado por todos eles e os adorando em retorno segundo os ritos devidos, o herói de braços fortes, acompanhado por aqueles príncipes, descansou como um homem náufrago lançado sobre as ondas descansando ao alcançar a costa. Enquanto isso o rei Vabhruvahan de grande sabedoria, acompanhado por suas mães (Chitrangada e Ulupi), chegou à capital Kuru. O príncipe de braços poderosos saudou devidamente todos os seus superiores da linhagem de Kuru e os outros reis lá presentes, e foi honrado por eles todos em retorno. Ele então entrou na residência excelente da sua avó Kunti.'"

88

"Vaisampayana disse, 'Entrando no palácio dos Pandavas o príncipe de braços poderosos saudou sua avó em tons calmantes e gentis. Então a rainha Chitrangada, e (Ulupi) a filha da (cobra) Kauravya, se aproximaram juntas de Partha e Krishna com humildade. Elas então encontraram com Subhadra e as outras damas da linhagem de Kuru com as devidas formalidades. Kunti deu a elas muitas jóias e coisas caras. Draupadi e Subhadra e as outras damas da família de Kuru todas fizeram presentes para elas. As duas senhoras tomaram sua residência lá, usando camas e assentos caros, tratadas com afeição e respeito pela própria Kunti pelo desejo de fazer o que era agradável para Partha. O rei Vabhruvahana de grande energia, devidamente honrado (por Kunti), então encontrou com Dhritarashtra de acordo com os ritos apropriados. Dirigindo-se então ao rei Yudhishthira e Bhima e aos outros Pandavas, o poderoso príncipe de Manipura saudou todos eles com humildade. Eles todos o abraçaram com grande afeto e o honraram devidamente. E aqueles poderosos guerreiros em carro, muito satisfeitos com ele, fizeram grandes presentes de riqueza para ele. O rei de Manipura então se aproximou humildemente de Krishna, aquele herói armado com o disco e a maça, como um segundo Pradyumna se aproximando de seu pai. Krishna deu para o rei um carro muito valioso e excelente adornado com ouro e ao qual estavam atrelados corcéis excelentes. Então o rei Yudhishthira o justo, e Bhima, e Phalguna, e os gêmeos, cada um separadamente o honrou e fez presentes caros para ele. No terceiro dia, o sábio Vyasa, o filho de Satyavati, aquele principal dos homens eloquentes, se aproximando de Yudhishthira, disse, 'Deste dia em diante, ó filho de Kunti, comece teu sacrifício. A hora para isto

chegou. O momento para começar o rito está próximo. Os sacerdotes estão te apressando. Que o sacrifício seja realizado de tal maneira que nenhum membro possa se tornar defeituoso. Por causa da quantidade muito grande de ouro que é requerida para este sacrifício, ele veio a ser chamado de sacrifício de ouro abundante. Tu também, ó grande rei, faça o Dakshina deste sacrifício três vezes do que é ordenado. Que o mérito do teu sacrifício aumente três vezes. Os Brahmanas são competentes para o propósito. (Para um Sacrifício de Cavalo, o Dakshina ou presente sacrifical, pagável para o Ritwija principal ou a ser distribuído entre todos os Ritwijas incluindo os outros Brahmanas, é ordenado que seja de certa medida. Vyasa avisa Yudhishthira para fazer aquele Dakshina o triplo do que é a medida ordenada. Por aumentar dessa maneira o Dakshina, o mérito do sacrificador aumentará correspondentemente.) Obtendo os méritos então de três Sacrifícios de Cavalo, cada um com presentes abundantes, tu serás libertado, ó rei, do pecado de ter matado os teus parentes. O banho que alguém realiza após o término do Sacrifício de Cavalo, ó monarca, é altamente purificador e produtivo do maior mérito. Aquele mérito será teu, ó rei da linhagem de Kuru.' Assim endereçado por Vyasa de inteligência incomensurável, Yudhishthira de alma justa de grande energia passou pelo Diksha para o desempenho do Sacrifício de Cavalo. (O Diksha é a cerimônia de iniciação. Certos mantras são proferidos nos quais é declarada a intenção de realizar o que se deseja realizar.) O monarca de braços poderosos então realizou o grande Sacrifício de Cavalo caracterizado por doações de alimento e presentes em profusão e capaz de frutificar todo desejo e produzir todo mérito. Os sacerdotes, bem familiarizados com os Vedas, fizeram todos os ritos adequadamente, se movendo em todas as direções. Eles eram todos bem treinados, e possuidores de onisciência. Em nada houve um desvio das ordenanças e nada era abatido impropriamente. Aquelas principais das pessoas regeneradas seguiram o procedimento como prescrito (nas escrituras) e como ele devia ser seguido naqueles pontos acerca dos quais nenhuma orientação é dada. (O Karma de um sacrifício ou rito religioso é o procedimento. Ele está, naturalmente, formulado nas escrituras sobre o ritual. Há certos atos, no entanto, os quais, embora não prescritos, devem ser feitos de acordo com inferências razoáveis.) Aqueles melhores dos regenerados, tendo primeiro realizado o rito chamado Pravargya (um rito preliminar especial realizado em um sacrifício), também chamado de Dharma, passaram devidamente pelo rito de Abhishava (isto é, a extração do suco da planta Soma depois de sua consagração com Mantras), ó rei. Aqueles principais dos bebedores de Soma, ó monarca, extraindo o suco da Soma, então realizaram o rito Savana seguindo as injunções das escrituras. Entre aqueles que foram àquele sacrifício ninguém podia ser visto que estivesse triste, ninguém que estivesse pobre, ninguém que estivesse faminto, ninguém que estivesse mergulhado em aflição, e ninguém que parecesse ser vulgar. Bhimasena de energia imensa, por ordem do rei, fez alimento ser distribuído incessantemente entre aqueles que desejavam comer. Seguindo as injunções das escrituras, sacerdotes, bem versados em ritos sacrificais de todo tipo, realizavam todo dia todos os atos necessários para completar o grande sacrifício. Entre os Sadasayas do rei Yudhishthira de grande inteligência não havia ninguém que não estivesse bem familiarizado com os seis ramos de conhecimento (Védico). Não havia ninguém entre eles que não fosse um

cumpridor de votos, ninguém que não fosse um Upadhyaya; ninguém que não fosse bem versado em debates dialéticos. Quando chegou o momento para erigir a estaca sacrifical, ó chefe da linhagem de Bharata, foram instaladas seis estacas que eram feitas de Vilwa (Aegle marmelos, Linn), seis que eram feitas de Khadira (Acacia catechu, Linn ou Mimosa catechu), e seis que eram feitas de Saravarnin (Palasa; Butea frondosa de Roxburgh). Duas estacas foram levantadas pelos sacerdotes que eram feitas de Devadaru (Pinus Deodara de Roxburgh, ou Cedruz Deodara) naquele sacrifício do rei Kuru, e uma que era feita de Sleshmataka; (uma pequena árvore identificada com a Cordia latifólia. Aqui provavelmente significa alguma outra árvore). Por ordem do rei, Bhima fez algumas outras estacas serem instaladas, somente por causa da beleza, que eram feitas de ouro. Adornadas com tecidos excelentes fornecidos pelo sábio real, aquelas estacas brilhavam lá como Indra e as divindades com os sete Rishis celestes permanecendo ao redor deles no Céu. Vários tijolos dourados foram feitos para construir com eles um Chayana. O Chayana feito parecia em beleza com aquele que tinha sido feito para Daksha, o senhor das criaturas (na ocasião de seu grande sacrifício). O Chayana media dezoito cúbitos e quatro andares ou tocas. Uma ave dourada, da forma de Garuda, foi então feita, tendo três ângulos. (Essas eram provavelmente figuras desenhadas sobre o altar sacrifical, com pó de ouro. Hoje em dia é usado arroz em pó tingido de vermelho, amarelo, azul, etc.) Seguindo as injunções das escrituras, os sacerdotes possuidores de grande erudição então amarraram devidamente às estacas animais e aves, designando cada um para sua divindade específica. (Supõe-se que cada animal é agradável para uma divindade específica.) Touros, possuidores de qualificações tais como são mencionadas nas escrituras, e animais aquáticos foram devidamente atados às estacas depois que os ritos relativos ao fogo sacrifical tinham sido realizados. Naquele sacrifício do filho de grande alma de Kunti, trezentos animais foram amarrados às estacas instaladas, incluindo aquele principal dos corcéis. Aquele sacrifício parecia extremamente belo como se adornado com os Rishis celestes, com os Gandharvas cantando em coro e as diversas tribos de Apsaras dançando em alegria. Ele abundava, além disso, com Kimpurushas e estava adornado com Kinnaras. Por todos os lados havia residências de Brahmanas coroados com sucesso ascético. Lá eram vistos diariamente os discípulos de Vyasa, aquele principal dos regenerados, que eram compiladores de todos os ramos de ciência, e bem familiarizados com ritos sacrificais. Lá estava Narada, e lá estava Tumvuru de grande esplendor. Lá estavam Viswavasu e Chitrasena e outros, todos os quais eram proficientes em música. Nos intervalos dos ritos sacrificais, aqueles Gandharvas, hábeis em música e bem versados em dança, costumavam alegrar os Brahmanas que estavam ocupados no sacrifício.'"

89

"Vaisampayana disse, 'Tendo cozinhado, de acordo com os ritos devidos, os outros animais excelentes que foram sacrificados, os sacerdotes então sacrificaram, em conformidade com as injunções das escrituras, aquele corcel (que tinha vagado pelo mundo inteiro). Depois de cortarem aquele cavalo em

pedaços, de acordo com as indicações escriturais, eles fizeram Draupadi de grande inteligência, que era possuidora dos três requisitos de mantras, coisas, e devoção, sentar perto do animal dividido. Os Brahmanas então com mentes tranquilas, pegando a medula daquele corcel, a cozinharam devidamente, ó chefe da linhagem de Bharata. O rei Yudhishthira o justo, com todos os seus irmãos mais novos, então cheirou, em conformidade com as escrituras, a fumaça, capaz de purificar alguém de todo pecado, da medula que foi cozida dessa maneira. Os membros restantes, ó rei, daquele cavalo, foram derramados no fogo pelos dezesseis sacerdotes sacrificais possuidores de grande sabedoria. Tendo assim completado o sacrifício daquele monarca, que era dotado da energia do próprio Sakra, o ilustre Vyasa com seus discípulos elogiou o rei grandemente. Então Yudhishthira deu para os Brahmanas mil crores de nishkas dourados, e para Vyasa ele deu a Terra inteira. O filho de Satyavati, Vyasa, tendo aceitado a Terra, se dirigiu àquele principal da linhagem de Bharata, isto é, o rei Yudhishthira o justo, e disse, 'Ó melhor dos reis, a Terra a qual tu me deste eu devolvo para ti. Dê-me o valor de compra, pois Brahmanas são desejosos de riqueza (e não têm uso para a Terra).' Yudhishthira de grande alma de grande inteligência permanecendo com seus irmãos no meio dos reis convidados para seu sacrifício, disse para aqueles Brahmanas, 'O Dakshina ordenado nas escrituras para o grande Sacrifício de Cavalo é a Terra. Por isso, eu tenho doado para os sacerdotes sacrificais a Terra conquistada por Arjuna. Ó principais dos Brahmanas, eu entrarei nas florestas. Dividam a Terra entre vocês mesmos. De fato, dividam a Terra em quatro partes de acordo com o que é feito no sacrifício Chaturhotra. Ó melhores dos regenerados, eu não desejo me apropriar do que agora pertence aos Brahmanas. Esta mesma, ó Brahmanas eruditos, tem sido a intenção sempre nutrida por mim mesmo e meus irmãos.' Quando o rei disse essas palavras, seus irmãos e Draupadi também disseram, 'Sim, é isso mesmo.' Foi grande a sensação criada por este anúncio. Então, ó Bharata, uma voz invisível foi ouvida no firmamento, dizendo, 'Excelente, Excelente!' Os murmúrios também das multidões de Brahmanas enquanto eles falavam se ergueu. O Krishna Nascido na Ilha, aplaudindo-o muito, mais uma vez se dirigiu a Yudhishthira, na presença dos Brahmanas, dizendo, 'A Terra foi dada por ti para mim. Eu, no entanto, a dou de volta para ti. Dê ouro para estes Brahmanas. Que a Terra seja tua.' Então Vasudeva, se dirigindo ao rei Yudhishthira o justo, disse, 'Cabe a ti fazer como tu és ordenado pelo ilustre Vyasa.' Assim endereçado, o principal da linhagem de Kuru, junto com todos os seus irmãos, ficou contente de alma, e doou milhões de moedas douradas, realmente, triplicando o Dakshina ordenado para o Sacrifício de Cavalo. Nenhum outro rei será capaz de realizar que o rei Kuru realizou naquela ocasião do mesmo modo que Marutta. Aceitando aquela riqueza, o sábio Nascido na Ilha, Krishna, de grande erudição, deu-a para os sacerdotes sacrificais, dividindo-a em quatro partes. Tendo pagado aquela riqueza como o preço da Terra, Yudhishthira, purificado de seus pecados e seguro do Céu se regozijou com seus irmãos. Os sacerdotes sacrificais, tendo obtido aquela quantidade ilimitada de riqueza, a distribuíram entre os Brahmanas com muito prazer e segundo o desejo de cada recebedor. Os Brahmanas também dividiram entre eles mesmos, de acordo com a permissão de Yudhishthira, os diversos ornamentos de ouro que estavam no complexo sacrifical, inclusive os

arcos triunfais, as estacas, os jarros, e diversos tipos de recipientes. Depois que os Brahmanas tinham pegado tanto quanto eles desejavam, a riqueza que restou foi levada por Kshatriyas e Vaisyas e Sudras e diversas tribos de Mlechchas. Assim gratificados com presentes pelo rei Yudhishthira de grande inteligência, os Brahmanas, cheios de alegria, voltaram para suas respectivas residências. O santo e ilustre Vyasa ofereceu respeitosamente sua própria parte, a qual era muito grande, daquele ouro para Kunti. Recebendo aquele presente de afeição de seu sogro, Pritha ficou contente de coração e o destinou para a realização de diversas ações de mérito. O rei Yudhishthira, tendo se banhado na conclusão de seu sacrifício e se tornando purificado de todos os pecados, brilhava no meio de seus irmãos, honrado por todos, como o chefe dos celestiais no meio dos habitantes do Céu. Os filhos de Pandu, cercados pelos reis reunidos, pareciam tão belos, ó rei, como os planetas no meio das estrelas. Para aqueles reis eles fizeram presentes de várias pedras preciosas e jóias, e elefantes e cavalos e ornamentos de ouro, e escravas mulheres e tecidos e grandes medidas de ouro. De fato, o filho de Pritha por distribuir aquela riqueza imensa entre os monarcas convidados, brilhava, ó rei, como Vaisravana, o senhor dos tesouros. Convocando em seguida o heróico rei Vabhruvahana, Yudhishthira deu para ele diversas espécies de riqueza em profusão e lhe deu permissão para voltar para casa. O filho de Pandu, para satisfazer sua irmã Dussala, estabeleceu seu neto menino em seu reino paterno. O rei Kuru Yudhishthira, tendo um controle completo sobre seus sentidos, então despediu os reis reunidos todos os quais tinham sido devidamente classificados e honrados por ele. (Eles foram classificados ou agrupados para que não houvesse disputa ou descontentamento entre eles com relação às questões de precedência.) O filho ilustre de Pandu, aquele castigador de inimigos, então devidamente adorou Govinda de grande alma e Valadeva de grande poder, e os milhares de outros heróis Vrishni tendo Pradyumna como seu primeiro. Ajudado por seus irmãos, ele então os despediu para voltarem para Dwaraka. Assim mesmo foi celebrado aquele sacrifício do rei Yudhishthira o justo, o qual foi distinguido por uma abundância copiosa de comida e riqueza e pedras preciosas e jóias, e oceanos de vinhos de diferentes tipos. Havia lagos cujo lodo consistia em ghee, e montanhas de comida. Havia também, ó chefe da linhagem de Bharata, rios lamacentos feitos de bebidas tendo os seis tipos de sabor. De homens empenhados em fazer e comer as guloseimas chamadas Khandavaragas, e de animais mortos para alimentação, não havia nenhum fim. (Khandavaraga era feito de piper longum e gengibre seco em pó, e o suco da Phaseolus Mungo, com açúcar. Provavelmente, ele é idêntico ao que agora é chamado de Mungka laddu nos bazares de cidades Indianas.) O espaço vasto abundava com homens embriagados com vinho, e com senhoritas cheias de alegria. Os terrenos extensos ecoavam constantemente com os sons de baterias e o clangor de conchas. Com tudo isso, o sacrifício se tornou extremamente encantador. 'Que coisas agradáveis sejam dadas,' 'Que alimento agradável seja comido,' esses eram os sons que eram ouvidos repetidamente dia e noite naquele sacrifício. Ele foi como um grande festival, cheio de homens jubilosos e contentes. Pessoas de diversos reinos falam daquele sacrifício até hoje. Tendo derramado riqueza em torrentes, e diversos objetos de desejo, e jóias e pedras preciosas, e bebidas de várias espécies, o

principal da linhagem de Bharata, purificado de todos os seus pecados, e com seu propósito cumprido, entrou em sua capital. '"

90

"Janamejaya disse, 'Cabe a ti me falar de qualquer incidente extraordinário que tenha ocorrido no sacrifício dos meus avôs.'"

"Vaisampayana disse, 'Ouça, ó chefe de reis, sobre um incidente muito admirável que ocorreu, ó monarca pujante, na conclusão daquele grande Sacrifício de Cavalo. Depois que todos os principais dos Brahmanas e todos os parentes e amigos, e todos os pobres, os cegos, e os incapazes estavam satisfeitos, ó chefe da linhagem de Bharata, quando os presentes feitos em profusão estavam sendo falados por todos os lados, de fato, quando flores eram derramadas sobre a cabeça do rei Yudhishthira o justo, um mangusto de olhos azuis, ó impecável, com um lado de seu corpo transformado em ouro, chegou lá e falou em uma voz que era tão alta e profunda como o trovão. Repetidamente proferindo tais sons profundos e assim assustando todos os animais e aves, aquele habitante orgulhoso de um buraco, com corpo grande, falou em uma voz humana e disse, 'Ó reis, este grande sacrifício não é igual a um prastha de cevada em pó doado por um Brahmana generoso de Kurukshetra que estava cumprindo o voto Unccha.' Ouvindo essas palavras do mangusto, ó rei, todos aqueles principais dos Brahmanas ficaram muito surpresos. Aproximando-se do mangusto, eles então o questionaram, dizendo, 'De onde tu vens para este sacrifício, este recanto dos bons e dos pios? Qual é a extensão do teu poder? Que tua erudição? E qual o teu refúgio? Como nós devemos conhecer a ti que criticas dessa maneira este nosso sacrifício? Sem ter desconsiderado qualquer parte das escrituras, tudo o que deve ser feito foi realizado aqui segundo as escrituras e de acordo com a razão, com a ajuda de diversos ritos sacrificais. Aqueles que são merecedores de culto têm sido devidamente cultuados aqui segundo o modo indicado pelas escrituras. Libações têm sido derramadas no fogo sagrado com a ajuda de mantras apropriados. Aquilo que deve ser doado tem sido doado sem orgulho. A classe regenerada tem sido satisfeita com presentes de diversos tipos. Os Kshatriyas têm sido satisfeitos com batalhas lutadas de acordo com métodos justos. Os antepassados têm sido satisfeitos com Sraddhas. Os Vaisyas têm sido satisfeitos pela proteção oferecida a eles, e muitas principais das mulheres têm sido satisfeitas por realizarem seus desejos. Os Sudras têm sido satisfeitos por meio de palavras gentis, e outros com os restos da riqueza abundante reunida no local. Amigos e parentes têm sido satisfeitos pela pureza de comportamento mostrada por nosso rei. As divindades têm sido satisfeitas por libações de manteiga clarificada e atos de mérito, e dependentes e seguidores por proteção. Que, portanto, o que é verdadeiro, tu realmente declare para estes Brahmanas. De fato, declare o que está em conformidade com as escrituras e a experiência real, perguntado pelos Brahmanas que anseiam por saber. Tuas palavras parecem demandar crédito. Tu és sábio. Tu possuis também uma forma celeste. Tu viste para o meio de Brahmanas eruditos. Cabe a ti te explicar.' Assim

endereçado por aquelas pessoas regeneradas, o mangusto, sorrindo, respondeu para eles o seguinte. 'Ó regenerados, as palavras que eu proferi não são falsas. Nem eu as falei por orgulho. Aquilo que eu disse pode ter sido ouvido por vocês todos. Ó principais das pessoas regeneradas, este sacrifício não é igual em mérito à doação de um prastha de cevada em pó. Sem dúvida, eu devo dizer isso, ó principais dos Brahmanas. Ouçam-me com total atenção enquanto eu narro o que aconteceu realmente. Admirável e excelente foi a ocorrência que aconteceu. Ela foi testemunhada por mim e suas consequências foram sentidas por mim. O incidente se relaciona a um Brahmana generoso residindo em Kurukshetra no cumprimento do voto Unccha. Por causa daquele incidente ele alcançou o Céu, ó regenerados, junto com sua mulher e filho e nora. E pelo que então aconteceu metade do meu corpo veio a ser transformada em ouro.'"

"O Mangusto continuou, 'Ó regenerados, eu agora direi a vocês qual foi o resultado excelente da doação, feita por um Brahmana, de uma medida muito pequena (de cevada em pó) obtida por meios legais. Naquele local de terra virtuoso conhecido pelo nome de Kurukshetra, o qual é a residência de muitas pessoas justas, vivia um Brahmana no cumprimento do que é chamado de voto Unccha. Aquele modo de vida é como aquele do pombo. (O voto unccha consiste em subsistir de grãos de cereais apanhados da mesma maneira que o pombo do campo depois que as colheitas foram cortadas e removidas pelos proprietários.) Ele vivia lá com sua esposa e filho e nora e praticava penitências. De alma justa, e com sentidos sob controle completo, ele adotou o modo de vida que é seguido por um papagaio. De votos excelentes, ele costumava comer diariamente na sexta divisão. (O dia de 12 horas é dividido em 8 divisões.) Se não houvesse nada para comer na sexta divisão do dia, aquele Brahmana excelente jejuava por aquele dia e comia no dia seguinte na sexta divisão. Em uma ocasião, ó Brahmanas, ocorreu uma fome terrível na terra. Durante aquele tempo não havia nada armazenado na residência daquele Brahmana virtuoso. As ervas e plantas estavam todas secas e o reino inteiro ficou desprovido de víveres. Quando chegavam as horas habituais para alimentação, o Brahmana não tinha nada para comer. Isso ocorria dia após dia. Todos os membros de sua família sofriam de fome, mas eram obrigados a passarem os dias da melhor maneira que eles podiam. Um dia, no mês de Jaishtha, enquanto o Sol estava no meridiano, o Brahmana estava empenhado em apanhar grãos de cereais. Afligido pelo calor e fome, ele estava praticando essa penitência. Incapaz de obter grãos de cereais, o Brahmana logo ficou desgastado com fome e esforço. De fato, com todos os membros de sua família, ele não tinha nenhum alimento para comer. Aquele melhor dos Brahmanas passava os dias em grande sofrimento. Um dia, depois que chegou a sexta divisão, ele conseguiu obter um prastha de cevada. Aquela cevada foi então reduzida por aqueles ascetas a pó para fazer dela o que é chamado de Saktu. Tendo terminado suas recitações silenciosas e outros ritos diários, e tendo derramado libações no fogo sagrado adequadamente, aqueles ascetas dividiram aquela pequena quantidade de cevada em pó entre eles mesmos de modo que a parte de cada um chegou à medida de um Kudava. (Um prastha é composto de quatro Kudavas. Um Kudava é igual à cerca de doze punhados duplos.) Quando eles estavam prestes a sentarem para comer, chegou um convidado à sua residência. Vendo a pessoa

que chegou como um convidado, todos eles ficaram muito contentes. De fato, vendo-o, eles o saudaram e fizeram as costumeiras perguntas de bem-estar. Eles eram de mentes puras, autocontrolados, e dotados de fé e controle sobre as emoções. Livres de malícia, eles tinham conquistado a ira. Possuidores de piedade, eles nunca ficavam atormentados pela visão da felicidade de outras pessoas. Eles tinham rejeitado orgulho e arrogância e raiva. De fato, eles estavam familiarizados com todos os deveres, ó principais dos regenerados. Informando seu convidado das suas próprias penitências e da linhagem ou família à qual eles pertenciam, e averiguando dele em retorno aqueles detalhes, eles fizeram aquele seu convidado faminto entrar em sua cabana. Dirigindo-se a ele eles disseram, 'Este é o Arghya para ti. Esta água é para lavar teus pés. Há alguma grama Kusa espalhada para teu assento, ó impecável. Aqui está um Saktu limpo obtido por meios legais, ó pujante. Dado por nós, ó principal das pessoas regeneradas, o aceite.' Assim endereçado por eles, aquele Brahmana aceitou o Kudava de cevada em pó que foi oferecido para ele e o comeu inteiro. Mas sua fome, ó rei, não foi apaziguada pelo que ele comeu. O Brahmana no cumprimento do voto Unccha, vendo que a fome do seu convidado ainda não estava saciada, começou a pensar em qual outra comida ele poderia colocar diante dele para satisfazê-lo. Então sua esposa disse para ele, 'Que a minha parte seja dada para ele. Que esta principal das pessoas regeneradas fique satisfeita e então o deixe ir para onde quer que ele deseje.' Sabendo que sua esposa casta que falou dessa maneira estava ela mesma afligida pela fome, aquele melhor dos Brahmanas não pôde aprovar que sua parte da cevada em pó fosse dada ao convidado. De fato, aquele melhor dos Brahmanas possuidor de erudição, sabendo a partir do seu próprio estado que sua esposa idosa, esgotada, triste, e desamparada estava ela mesma afligida pela fome e vendo que aquela senhora que tinha ficado emaciada em mera pele e osso estava tremendo de fraqueza, se dirigiu a ela e disse, 'Ó bela, mesmo com animais, mesmo com vermes e insetos, esposas são alimentadas e protegidas. Não cabe a ti, portanto, falar assim. A mulher trata seu marido com bondade e o alimenta e protege. Tudo o que se refere à religião, prazer, e riqueza, enfermagem cuidadosa, prole para perpetuar a linhagem, são todos dependentes da esposa. De fato, os méritos do próprio homem como também de seus antepassados falecidos dependem também dela. A esposa deve conhecer seu marido por meio de suas ações. Na verdade, aquele homem que fracassa em proteger sua esposa ganha grande infâmia aqui e vai para o Inferno após a morte. Tal homem cai mesmo de uma posição de grande renome e nunca consegue alcançar as regiões de bem-aventurança após a morte.' Assim endereçada, ela respondeu a ele, dizendo, 'Ó regenerado, nossas ações religiosas e riqueza estão unidas. Pegue uma quarta parte desta cevada. De fato, fique satisfeito comigo. Verdade, prazer, mérito religioso, e Céu como adquiríveis por boas qualidades, das mulheres, como também todos os objetos de seu desejo, ó principal dos regenerados, são dependentes do marido. Na produção de prole a mãe contribui com seu sangue. O pai contribui com sua semente. O marido é a maior divindade da esposa. Pela graça do marido, mulheres obtêm prazer e prole como a recompensa. Tu és meu Pati (senhor) pela proteção que tu me dás. Tu és meu Bhartri pelos meios de sustento que tu me dás. Tu és, além disso, concessor de bênção para mim por tu teres me presenteado com um filho. Portanto, (em troca

por tantos favores), pegue minha parte da cevada e a dê para o convidado. Dominado pela decrepitude, tu és de idade avançada. Afligido pela fome tu estás extremamente enfraquecido. Esgotado com jejuns, tu estás muitíssimo emaciado. (Se tu pudeste ceder a tua parte, por que eu não deveria ceder a minha?)' Assim endereçado por ela, ele pegou a parte dela da cevada em pó e se dirigindo ao seu convidado disse, 'Ó regenerado, ó melhor dos homens, aceite esta medida de cevada em pó também.' O Brahmana, tendo aceitado aquela quantidade, a comeu imediatamente, mas sua fome ainda não estava saciada. Vendo-o insatisfeito, o Brahmana no cumprimento do voto Unccha ficou pensativo. Seu filho então disse para ele, 'Ó melhor dos homens, pegando minha parte da cevada a dê para o convidado. Eu considero esta minha ação como uma de grande mérito. Portanto, faça isso. Tu deves sempre ser mantido por mim com grande cuidado. O sustento do pai é um dever o qual os bons sempre cobiçam. O sustento do pai em sua velhice é o dever ordenado para o filho. Este mesmo é o sruti (audição) eterno corrente nos três mundos, ó Rishi erudito. Por viver escassamente tu és capaz de praticar penitências. O ar vital é a grande divindade que reside nos corpos de todas as criaturas incorporadas.'" (O sentido parece ser este: tu és capaz de suportar muito. De fato, por viver escassamente, tu és capaz de ganhar mérito religioso, pois o ar vital é uma grande divindade. Ele não deve ser rejeitado. Tua vida está em risco, pois se este convidado não for satisfeito, o pensamento disto irá te matar. Portanto, proteja tua vida por satisfazer este convidado com a minha parte da cevada.)

"O pai, nisso, disse, 'Mesmo se tu atingires a idade de mil anos, tu ainda me parecerás ser somente uma criança pequena. Tendo gerado um filho, o pai alcança o êxito através dele. Ó pujante, eu sei que a fome das crianças é muito forte. Eu sou velho. Eu irei de alguma maneira conseguir manter meus ares vitais. Ó filho, torne-te forte (por comeres o alimento que caiu como tua parte). Velho e decrépito como eu estou, ó filho, a fome mal me aflige. Eu tenho, além disso, por muitos anos, praticado penitências. Eu não tenho medo da morte.'"

"O filho disse, 'Eu sou tua progênie. O Sruti declara que a progênie de um homem é chamada de putra porque ele é resgatado por ela. O próprio pai, além disso, toma nascimento como seu filho. Portanto, salve a ti mesmo por meio de ti mesmo (na forma de teu filho).'"

"O pai disse, 'Em forma tu és como eu. Em conduta e em autocontrole tu também és meu semelhante. Tu tens sido examinado em várias ocasiões por mim. Eu irei, portanto, aceitar a tua parte da cevada, ó filho.' Tendo dito isso, aquela principal das pessoas regeneradas pegou alegremente a parte da cevada de seu filho e sorridente a ofereceu para seu convidado regenerado. Tendo comido aquela cevada também, a fome do convidado não foi saciada. O anfitrião de alma virtuosa no cumprimento do voto unccha ficou envergonhado (ao pensar que ele não tinha nada mais para dar). Desejosa de fazer o que era agradável para ele, sua nora casta então, trazendo a sua parte da cevada, se aproximou dele e disse, 'Através do teu filho, ó Brahmana erudito, eu obterei um filho. Portanto, pegue a minha parte da cevada e a dê para este convidado. Pela tua graça, numerosas regiões de beatitude serão minhas pela eternidade. Através do neto uma pessoa

obtém aquelas regiões se dirigindo para as quais alguém não tem que suportar qualquer tipo de miséria. Como o agregado triplo começando com Religião, ou o agregado triplo de fogos sagrados, há um agregado triplo de Céus eternos, dependendo do filho, do neto, e do bisneto. O filho é chamado de Putra porque que ele livra seus pais da dívida. Através dos filhos e netos uma pessoa sempre desfruta de felicidade daquelas regiões que estão reservadas para os pios e os bons.'"

"O sogro disse, 'Ó tu de votos e conduta excelentes, te vendo debilitada pelo vento e pelo sol, privada da tua própria cor, emaciada e quase desprovida de consciência por causa da fome, como eu posso ser tal transgressor contra as regras de virtude quanto a pegar a tua parte da cevada? Ó donzela auspiciosa, não cabe a ti falar assim, por causa daqueles resultados auspiciosos pelos quais toda família deve se esforçar. (O sentido é este: por causa daqueles resultados auspiciosos pelos quais toda família deve se esforçar, a nora deve ser bem tratada. Como então eu posso te privar de alimento?) Ó donzela auspiciosa, como eu posso te ver dessa maneira, na sexta divisão do dia, se abstendo de comida e cumprindo votos? Tu és dotada de pureza e boa conduta e penitências. Ai, até tu tens que passar teus dias em tanta miséria. Tu és uma criança, afligida pela fome, e pertences ao sexo mais delicado. Tu deves sempre ser protegida por mim. Ai, eu tenho que te ver desgastada com jejuns, ó tu que és a encantadora de todos os teus parentes.'"

"A nora disse, 'Tu és o superior do meu superior já que tu és a divindade da minha divindade. Tu és na verdade o deus do meu deus. Portanto, ó pujante, pegue minha parte da cevada. Meu corpo, ares vitais, e ritos religiosos todos têm um propósito, isto é, o serviço do meu superior. Pela tua graça, ó Brahmana erudito, eu obterei muitas regiões de felicidade após a morte. Eu mereço ser procurada por ti. Saiba, ó regenerado, que eu sou totalmente devotada a ti. Nutrindo também este pensamento, isto é, que minha felicidade é teu interesse, cabe a ti pegar esta minha parte da cevada.'"

"O sogro disse, 'Ó dama casta, por tal conduta tua tu irás brilhar em glória para sempre, pois dotada de votos e firmeza em ritos religiosos, teus olhos estão direcionados para aquele comportamento o qual deve ser observado em direção aos mais velhos. Portanto, ó nora, eu pegarei a tua parte da cevada. Tu não mereces ser desapontada por mim, considerando todas as tuas virtudes. Tu és realmente, ó donzela abençoada, a principal de todas as pessoas que cumprem os deveres de virtude.' Tendo falado assim para ela, o Brahmana pegou sua parte da cevada e a deu para seu convidado. Nisto o convidado ficou satisfeito com o Brahmana de grande alma dotado de grande piedade. Com alma satisfeita, aquela principal das pessoas regeneradas, possuidora de grande eloquência, que era ninguém mais do que a divindade da Justiça em uma forma humana, então se dirigiu àquele principal dos Brahmanas e disse, 'Ó melhor dos regenerados, eu estou muito satisfeito com este teu presente puro, este presente do que foi adquirido por ti por meios legais, e o qual tu cedeste livremente, de acordo com as regras de retidão. Na verdade, essa tua doação está sendo comentada no Céu pelos habitantes daquela região feliz. Veja, flores estão sendo derramadas do

firmamento sobre a Terra. Os Rishis celestes, as divindades, os Gandharvas, aqueles que caminham diante das divindades, e os mensageiros celestes, todos estão te elogiando, tomados pela admiração por tua doação. Os Rishis regenerados que moram nas regiões de Brahma, sentados em seus carros, estão desejosos de obter tua visão. Ó principal das pessoas regeneradas, vá para o Céu. Os Pitris residindo em sua própria região foram todos resgatados por ti. Outros também que não chegaram à posição de Pitris foram igualmente resgatados por ti por Yugas incontáveis. Pelo teu Brahmacharya, tuas doações, teus sacrifícios, tuas penitências, e tuas ações de piedade feitas com um coração puro, tu vais para o Céu. Ó tu de votos excelentes, tu praticaste penitências com grande devoção. Tuas doações, portanto, têm agradado muito as divindades, ó melhor dos regenerados. Já que tu fizeste este presente, em uma época de grande dificuldade, com um coração puro, tu, por essa tua ação, conquistaste o Céu. A fome destrói a sabedoria de alguém e rechaça sua compreensão correta. Alguém cuja inteligência está oprimida pela fome rejeita toda fortaleza. Aquele, portanto, que conquista a fome conquista o Céu sem dúvida. A virtude de uma pessoa nunca é destruída contanto que ela nutra a tendência de fazer doações. Desconsiderando afeição filial, desconsiderando o afeto que alguém sente pela própria esposa, e considerando a virtude como o mais importante, tu não prestaste atenção aos desejos da natureza. A aquisição de riqueza é uma ação de pouco mérito. Sua doação para uma pessoa merecedora é repleta de grande mérito. De mérito ainda maior é o momento (apropriado). Por fim, devoção (na questão de doação) é repleta do maior mérito. A porta do Céu é muito difícil de se ver. Por negligência os homens fracassam em obter uma visão dela. A tranca da porta do Céu tem cobiça como sua semente. Aquela tranca é mantida firme pelo desejo e afeição. Na verdade, a porta do Céu é inacessível. Aqueles homens que subjugaram a ira e conquistaram suas paixões, aqueles Brahmanas que são dotados de penitências e que fazem doações de acordo com a medida de sua habilidade, conseguem vê-la. É dito que aquele que doa cem, tendo mil, aquele que doa dez, tendo cem, e aquele que dá um punhado de água, não tendo riqueza, são todos iguais em relação ao mérito que eles ganham. O rei Rantideva, quando privado de toda sua riqueza, deu uma pequena quantidade de água com um coração puro. Por causa daquela doação, ó Brahmana erudito, ele foi para o Céu. A divindade da justiça nunca está tão satisfeita com presentes grandes de coisas caras como com presentes mesmo de coisas de nenhum valor, se adquiridas legalmente e dadas com devoção e fé. O rei Nriga fez doações de milhares de vacas para a classe regenerada. Por doar somente uma vaca que não pertencia a ele, ele foi para o Inferno. O filho de Usinara Sivi de votos excelentes, por doar a carne do seu próprio corpo, está se regozijando no Céu, tendo alcançado as regiões dos justos. Mera riqueza não é mérito. Bons homens adquirem mérito por se esforçarem da melhor maneira que podem e com a ajuda de recursos virtuosos. Uma pessoa não adquire tal mérito por meio de diversos sacrifícios assim como com uma pequena riqueza que foi ganha legalmente. Pela raiva, os frutos das doações são destruídos. Pela cobiça uma pessoa fracassa em ir para o Céu. Alguém conhecedor dos méritos da caridade, e levando uma direção justa de conduta consegue, através de penitências, desfrutar do Céu. O fruto, ó Brahmana, dessa doação feita por ti (de um prastha de cevada em pó) é

muito maior do que o que alguém adquire por muitos sacrifícios Rajasuya com presentes abundantes ou muitos Sacrifícios de Cavalo. Com este prastha de cevada em pó tu conquistaste a região eterna de Brahman. Vá em felicidade, ó Brahmana erudito, para a residência de Brahman que é sem a mácula da ignorância. Ó principal das pessoas regeneradas, um carro celeste está aqui para todos vocês. Suba nele como te agradar, ó Brahmana, eu sou a divindade da Justiça. Contemple-me! Tu salvaste teu corpo. A fama da tua realização durará no mundo. Com tua esposa, teu filho e tua nora, vá agora para o Céu.' Depois que a divindade da Justiça tinha dito estas palavras, aquele Brahmana, com sua esposa, filho e nora, procedeu para o Céu. Depois que aquele Brahmana erudito, conhecedor de todos os deveres, tinha ascendido para o Céu dessa maneira com seu filho, nora, e esposa numerando a quarta, eu saí do meu buraco. Lá com o cheiro daquela cevada em pó, com a lama causada pela água (que o Brahmana tinha dado para seu convidado), com o contato (do meu corpo) com as flores celestes que foram derramadas, com as partículas de cevada em pó que o bom homem tinha dado, e as penitências daquele Brahmana, minha cabeça se tornou dourada. Vejam, por causa da doação daquele Brahmana que era firme em verdade, e suas penitências, metade deste meu corpo amplo se tornou dourada. Ó regenerados, para converter o resto do meu corpo em ouro eu me dirijo repetidamente, com um coração alegre, para os retiros de ascetas e para os sacrifícios realizados por reis. Sabendo deste sacrifício do rei Kuru dotado de grande sabedoria, eu vim para cá com grandes esperanças. Eu, no entanto, não fui feito dourado. Ó principais dos Brahmanas, foi por isso que eu proferi aquelas palavras, isto é, que este sacrifício não pode de nenhuma maneira se comparar com (a doação) daquele prastha de cevada em pó. Com os grãos daquele prastha de cevada em pó eu fui feito dourado naquela ocasião. Este grande sacrifício, no entanto, não é igual àqueles grãos. Essa é minha opinião.' Tendo dito aquelas palavras para todos aqueles principais dos Brahmanas, o mangusto desapareceu de sua vista. Aqueles Brahmanas então voltaram para suas respectivas casas.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ó conquistador de cidades hostis, eu agora te disse tudo relativo àquele incidente extraordinário o qual ocorreu naquele grande Sacrifício de Cavalo. Tu não deves, ó rei, pensar muito favoravelmente sobre sacrifício. Milhões de Rishis têm ascendido para o Céu com a ajuda somente de suas penitências. Abstenção de injúria com relação a todas as criaturas, contentamento, conduta, sinceridade, penitências, autodomínio, veracidade, e doações, cada um é igual em ponto de mérito ao sacrifício.'"

91

"Janamejaya disse, 'Ó Rishi pujante, reis gostam de sacrifícios. Os grandes Rishis gostam de penitências. Brahmanas eruditos são observadores de tranquilidade mental, calma de comportamento, e autodomínio. Consequentemente parece que nada pode ser visto neste mundo que possa se comparar com os frutos de sacrifícios. Esta é minha convicção. Esta convicção, além disso, parece estar indubitavelmente correta. Inúmeros reis, ó melhor das

pessoas regeneradas, tendo adorado as divindades em sacrifícios, ganharam grande fama aqui e alcançaram o Céu após a morte. Dotado de grande energia, o chefe pujante das divindades, isto é, Indra de mil olhos, obteve a soberania sobre as divindades pelos muitos sacrifícios que ele realizou com presentes em profusão e ele conseguiu a realização de todos os desejos. Quando o rei Yudhishthira, com Bhima e Arjuna ao lado dele, parecia com o próprio chefe das divindades em prosperidade e destreza, por que então aquele mangusto depreciou aquele grande Sacrifício de Cavalo do monarca de grande alma?'"

"Vaisampayana disse, 'Ouça-me, ó rei, enquanto eu te falo devidamente, ó Bharata, sobre as ordenanças excelentes relativas a sacrifício e os frutos também, ó soberano de homens, que o sacrifício produz. Antigamente, em uma ocasião Sakra realizou um sacrifício específico. Enquanto os membros do sacrifício eram espalhados, os Ritwijas ficaram ocupados em realizar os diversos ritos ordenados nas escrituras. O derramador de libações, possuidor de toda qualificação, ficou ocupado em derramar libações de manteiga clarificada. Os grandes Rishis estavam sentados em volta. As divindades foram convocadas uma a uma por Brahmanas satisfeitos de grande erudição proferindo Mantras escriturais em vozes gentis. Aqueles principais dos Adhwaryyus, não fatigados com que eles faziam, recitavam os Mantras do Yajurveda em timbres de voz suaves. Chegou a hora de matar os animais. Quando os animais escolhidos para o sacrifício foram apanhados, os grandes Rishis, ó rei, sentiram compaixão por eles. Vendo que os animais tinham todos ficados tristes, aqueles Rishis, dotados de riqueza de penitências, se aproximaram de Sakra e disseram para ele, 'Este método de sacrifício não é auspicioso. Desejoso de adquirir grande mérito como tu estás, esta é na verdade uma indicação da tua não familiaridade com sacrifício. Ó Purandara, animais não foram ordenados para serem mortos em sacrifícios. Ó pujante, esses teus preparativos são destrutivos de mérito. Este sacrifício não é consistente com a virtude. A destruição de criaturas nunca pode ser citada como sendo uma ação de virtude. Se tu desejas isto, que teus sacerdotes realizem o teu sacrifício de acordo com o Agama. Por realizar um sacrifício de acordo com (a verdadeira significação das) ordenanças escriturais, grande será o mérito conquistado por ti. Ó tu de cem olhos, realize o sacrifício com sementes de grãos que tenham sido mantidos por três anos. Isso mesmo, ó Sakra, será repleto de grande virtude e produtivo de resultados de grande eficácia.' A divindade de cem sacrifícios, no entanto, influenciada pelo orgulho e dominada pelo estupor, não aceitou essas palavras proferidas pelos Rishis. Então, ó Bharata, surgiu uma grande disputa naquele sacrifício de Sakra entre os ascetas quanto a como sacrifícios devem ser realizados, isto é, se eles devem ser realizados com criaturas móveis ou com objetos imóveis. Todos eles estavam desgastados com a discussão. Os Rishis então, aqueles contempladores da verdade, tendo feito um acordo com Sakra (acerca de apresentar a questão para arbitragem) questionaram o rei Vasu, 'Ó altamente abençoado, qual é a declaração Védica sobre sacrifícios? É preferível realizar sacrifícios com animais ou com sementes e sucos?' Ouvindo a pergunta, o rei Vasu, sem julgar inteiramente a força ou fraqueza dos argumentos dos dois lados, respondeu imediatamente, dizendo, 'Sacrifícios podem ser realizados com qualquer um dos dois tipos de objetos que

esteja preparado.' Tendo respondido a questão dessa maneira, ele teve que entrar nas regiões inferiores. De fato o soberano pujante dos Chedis teve que passar por aquela miséria por ter respondido falsamente. Portanto, quando surge uma dúvida, nenhuma pessoa, embora sábia, deve decidir a questão sozinha, a menos que ela seja o próprio Autonascido e Senhor pujante das criaturas. Doações feitas por um pecador com uma compreensão impura, mesmo quando elas são muito grandes, se tornam perdidas. Tais doações são em vão. Pelas doações feitas por uma pessoa de comportamento injusto, uma pessoa, isto é, que é de alma pecaminosa e que é um destruidor, fama justa nunca é obtida neste ou no outro mundo. Aquela pessoa de pouca inteligência que, desejosa de adquirir mérito, realiza sacrifícios com riqueza adquirida por meios injustos, nunca consegue ganhar mérito. Aquele patife inferior de alma pecaminosa, que assumindo hipocritamente uma aparência de virtude faz doações para Brahmanas, somente cria a convicção nos homens sobre sua própria virtude (sem ganhar mérito verdadeiro). Aquele Brahmana de conduta descontrolada, que adquire riqueza por meio de ações pecaminosas, subjugado pela paixão e entorpecimento, alcança finalmente a meta dos pecaminosos. Alguém, dominado pela cobiça e estupor, se torna inclinado na direção de riqueza sólida. Ele é visto perseguir todas as criaturas, incitado por uma compreensão pecaminosa e impura. Aquele que, tendo adquirido riqueza por tais meios, faz doações ou realiza os sacrifícios com ela, nunca desfruta dos resultados daquelas doações ou sacrifícios no outro mundo pela riqueza ter sido ganha por meios injustos. Homens dotados de riqueza de penitências, por doarem, ao melhor do seu poder, grãos de cereais apanhados do campo ou raízes ou frutas ou ervas cozidas ou água ou folhas, adquirem grande mérito e vão para o Céu. Tais doações, como também compaixão por todas as criaturas, e Brahmacharya, veracidade de palavras e bondade, e fortaleza, e perdão, constituem os alicerces eternos da Virtude a qual ela mesma é eterna. Nós ouvimos de Visvamitra e outros reis dos tempos antigos. De fato, Visvamitra, e Asita, e o rei Janaka, e Kakshasena e Arshtisena, e o rei Sindhudwipa, esses e muitos outros reis, dotados de riqueza de penitências, tendo feito doações de artigos adquiridos legalmente, obtiveram o maior sucesso. Aqueles entre Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras que se dirigirem às penitências, ó Bharata, e que se purificam por meio de doações e outros atos de virtude, procedem para o Céu."

92

"Janamejaya disse, 'Se, ó ilustre, o Céu é o fruto da riqueza adquirida por meios legais, fale-me detalhadamente sobre isto. Tu és bem familiarizado com o assunto e, portanto, cabe a ti explicá-lo. Ó regenerado, tu disseste para mim qual foi o resultado sublime que coube àquele Brahmana, que vivia segundo o modo Unccha, por causa de sua doação de cevada em pó. Sem dúvida, tudo o que tu disseste é verdade. De que maneira, no entanto, era considerado certo o alcance do fim mais elevado em todos os sacrifícios? Ó principal das pessoas regeneradas, cabe a ti explicar isto para mim em todos os seus detalhes.'"

"Vaisampayana disse, 'Em relação a isto é citada esta velha narrativa, ó castigador de inimigos, do que ocorreu nos tempos passados no grande sacrifício de Agastya. Antigamente, ó rei, Agastya de grande energia, dedicado ao bem de todas as criaturas, entrou em um Diksha que se estendia por doze anos. (O Diksha consiste nos ritos iniciatórios praticados por alguém desejoso de realizar um sacrifício específico ou completar um voto específico. Um dia auspicioso é escolhido. Mantras são proferidos e o propósito é expresso em palavras. Havia muitos sacrifícios que se estendiam por muito tempo os quais eram em parte da natureza de votos. Até seu término o realizador ou cumpridor era citado como passando o período de Diksha.) Naquele sacrifício do Rishi de grande alma estavam engajados muitos Hotris que pareciam com fogos ardentes no esplendor de seus corpos. Entre eles estavam homens que subsistiam de raízes ou frutas, ou que usavam somente dois pedaços de pedra para descascar seus cereais, ou que eram sustentados somente pelos raios (da lua). Entre eles estavam também homens que nunca ingeriam algum alimento a menos que ele fosse colocado diante deles por outros desejosos de alimentá-los, e aqueles que nunca comiam alguma coisa sem terem primeiro servido as divindades, os Pitris, e convidados, e aqueles que nunca lavavam o alimento que eles comiam. Havia também Yatis e Bikshus entre eles, ó rei. Todos eles eram homens que tinham obtido uma visão da divindade da Justiça em sua forma incorporada. Eles tinham subjugado a ira e adquirido um domínio completo sobre todos os seus sentidos. Vivendo na observância de autodomínio, eles eram livres de orgulho e do desejo de ferir outros. Eles eram sempre observadores de uma conduta pura e nunca eram obstruídos (na execução de seus propósitos) por seus sentidos. Aqueles grandes Rishis compareceram naquele sacrifício e realizaram seus vários ritos. O Rishi ilustre (Agastya) obteve o alimento que foi reunido naquele sacrifício e que alcançou a medida necessária, por meios legais de acordo com o melhor do seu poder. Outros numerosos ascetas naquele tempo realizaram grandes sacrifícios. Quando Agastya, no entanto, estava dedicado àquele seu sacrifício, Indra de mil olhos, ó melhor dos Bharatas, parou de derramar chuva (sobre a Terra). Nos intervalos, ó rei, dos ritos sacrificais, esta conversa ocorreu entre aqueles Rishis de almas purificadas a respeito de Agastya de grande alma, isto é, 'Este Agastya, dedicado ao sacrifício, está fazendo doações de alimento com coração purgado de orgulho e vaidade. A divindade das nuvens, no entanto, parou de derramar chuva. Como, de fato, o alimento irá crescer? Este sacrifício do Rishi, ó Brahmanas, é grande e se estende por doze anos. A divindade não derramará chuva por estes doze anos. Refletindo sobre isto, cabe a vocês fazerem algum favor para este Rishi de grande inteligência, isto é, Agastya de penitências severas.' Quando essas palavras foram ditas, Agastya de grande destreza, gratificando aqueles ascetas por inclinar sua cabeça, disse, 'Se Vasava não derramar chuva por estes doze anos, eu irei então realizar o sacrifício mental. Esta é a ordenança eterna. Se Vasava não derramar chuva por estes doze anos, eu irei então realizar o Sacrifício do Tato. Este mesmo é o sacrifício eterno. Se Vasava não derramar chuva por estes doze anos, eu irei então, empregando todo o meu esforço, fazer arranjos para outros sacrifícios caracterizados pelo cumprimento dos votos mais difíceis e severos. (Ou, cumprindo meu voto firmemente, eu farei arranjos para muitos sacrifícios, criando os artigos que eu precisar somente pelo pensamento ou

decretos da minha vontade.) Este meu sacrifício atual, com sementes, foi arranjado por mim com trabalho se estendendo por muitos anos. Eu irei, com sementes, realizar muito bem. Nenhum impedimento surgirá. Este meu sacrifício não pode ser frustrado. Pouco importa se a divindade derrama chuva ou se nenhum aguaceiro acontece. De fato, se Indra, por sua própria vontade, não mostrar algum respeito por mim, eu irei, nesse caso, eu mesmo me transformar em Indra e manter todas as criaturas vivas. Toda criatura, de qualquer alimento que ela seja nutrida, continuará a ser nutrida por ele como antes. Eu posso até criar repetidamente uma ordem diferente de coisas. Que ouro e qualquer outra riqueza que há, venha para este lugar hoje. Que toda a riqueza que existe nos três mundos venha aqui hoje por sua própria vontade. Que todas as tribos de Apsaras celestes, todos os Gandharvas junto com os Kinnaras, e Viswavasu, e outros que existam (daquela classe), se aproximem desse meu sacrifício. Que toda a riqueza que existe entre os Kurus do Norte venha por sua própria vontade para estes sacrifícios. Que o Céu, e que todos aqueles que têm o Céu como seu lar, e o próprio Dharma, venham para cá.' Depois que o asceta tinha proferido estas palavras, tudo aconteceu como ele desejava, por causa de suas penitências, pois Agastya era dotado de uma mente que parecia com um fogo ardente e era possuidor de energia extraordinária. Os Rishis que estavam lá viram o poder das penitências com corações regozijantes. Cheios de admiração eles então disseram estas palavras de grande importância.'"

"Os Rishis disseram, 'Nós estamos muito satisfeitos com as palavras que tu proferiste. Nós, no entanto, não desejamos que tuas penitências sofram alguma diminuição. (Se um Brahmana produz resultados extraordinários por meio de suas penitências supõe-se que uma parte de suas penitências é destruída.) São aprovados por nós aqueles sacrifícios que são realizados por meios legais. De fato, nós desejamos devidamente aqueles sacrifícios que dependem de meios legais. Ganhando nosso alimento por meios legais e cumpridores dos nossos respectivos deveres, nós procuraremos passar pelas iniciações sacrificais e o derramamento de libações no fogo sagrado e os outros ritos religiosos. Nós devemos adorar as divindades, praticando Brahmacharya por meios legais. Completando o período de Brahmacharya nós saímos da nossa residência, observando métodos legais. Aquela compreensão, a qual está livre do desejo de infligir qualquer tipo de dano a outros, é aprovada por nós. Tu deves sempre, ó pujante, ordenar tal abstenção de dano em todos os sacrifícios. Nós então ficaremos altamente satisfeitos, ó principal dos regenerados. Depois da conclusão do teu sacrifício, quando despedidos por ti, nós iremos então, deixando este lugar, ir embora.' Quando eles estavam dizendo estas palavras, Purandara, o chefe das divindades, dotado de grande energia, vendo o poder das penitências de Agastya, derramou chuva. De fato, ó Janamejaya, até a conclusão do sacrifício daquele Rishi de destreza incomensurável, a divindade da chuva derramou chuva que encontrou com os desejos dos homens em relação à quantidade e momento. Colocando Vrihaspati perante ele, o chefe das divindades chegou lá, ó sábio nobre, e gratificou o Rishi Agastya. Na conclusão daquele sacrifício, Agastya, cheio de alegria, adorou aqueles grandes Rishis adequadamente e então despediu todos eles.'"

“Janamejaya disse, ‘Quem era aquele mangusto com uma cabeça dourada, que disse todas aquelas palavras em uma voz humana? Perguntado por mim, me diga isto.’”

"Vaisampayana disse, 'Tu não me perguntaste antes e, portanto, eu não te disse. Ouça enquanto eu te digo quem era aquele mangusto e por que ele podia assumir uma voz humana. Nos tempos antigos, o Rishi Jamadagni tencionou realizar um Sraddha. Sua vaca Homa aproximou-se dele e o próprio Rishi a ordenhou. Ele então colocou o leite em um recipiente que era novo, durável e puro. A divindade Dharma, assumindo a forma da Raiva, entrou naquele recipiente de leite. De fato, Dharma estava desejoso de averiguar o que aquele principal dos Rishis faria quando visse alguma injúria feita a ele. Tendo refletido dessa maneira, Dharma estragou aquele leite. Sabendo que quem estragou seu leite foi a Raiva, o asceta não ficou em absoluto enfurecido com ela. A Raiva, então, assumindo a forma de uma dama Brahmana, se mostrou para o Rishi. De fato, a Raiva, descobrindo que ela tinha sido conquistada por aquele principal da linhagem de Bhrigu, se dirigiu a ele, dizendo, 'Ó chefe da linhagem de Bhrigu, eu fui conquistada por ti. Há um ditado entre os homens que os Bhrigus são muito coléricos. Eu agora descobri que aquele ditado é falso, já que eu fui subjugada por ti. Tu és possuidor de uma alma poderosa. Tu és dotado de clemência. Eu permaneço aqui hoje, possuindo teu domínio. Eu temo tuas penitências, ó justo. Ó Rishi pujante, me mostre benevolência.'"

"Jamadagni disse, 'Eu tenho te visto, ó Raiva, em tua forma incorporada. Vá para onde quer que tu queiras, sem qualquer ansiedade. Tu não me fizeste nenhuma injúria hoje. Eu não tenho ressentimento contra ti. Aqueles para quem eu tinha mantido este leite são os Pitris altamente abençoados. Apresente-te perante eles e averigúe suas intenções.' Assim endereçada, tomada pelo medo, a Raiva desapareceu da visão do Rishi. Por causa da maldição dos Pitris ela se tornou um mangusto. Ela então começou a gratificar os Pitris para ocasionar um fim de sua maldição. Deles ela ouviu estas palavras, 'Por falar desrespeitosamente de Dharma tu atingirás o fim da tua maldição.' Assim endereçada por eles ela vagou por lugares onde sacrifícios eram realizados e por outros lugares sagrados, empenhada em criticar grandes sacrifícios. Foi ela que chegou ao grande sacrifício do rei Yudhishthira. Criticando o filho de Dharma por uma referência ao prastha de cevada em pó, a Raiva ficou livre de sua maldição, pois Yudhishthira (como o filho de Dharma) era o próprio Dharma. Isto mesmo foi o que ocorreu no sacrifício daquele rei de grande alma. O mangusto desapareceu lá na nossa própria vista.'"

(É difícil resistir à convicção que a parte deste capítulo que se refere ao mangusto é uma interpolação. Os Brahmanas não podiam tolerar a idéia de um sacrifício com tal profusão de doações, como aquele de Yudhishthira, ser criticável. Por isso a invenção sobre a transformação do mangusto. Realmente falando, a doutrina é nobre da doação de uma pequena quantidade de cevada feita sob as circunstâncias ser superior a respeito de mérito até a um Sacrifício de Cavalo realizado por um rei com doações em profusão feitas para os Brahmanas.)

Fim do Aswamedha Parva.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 15

ASRAMAVASIKA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO
Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Tratamento do rei Dhritarashtra. Só Bhima tem ressentimento.	4
2	(Idem.)	5
3	Bhima secretamente mantém Dhritarashtra em angústia por 15 anos. Dhritarashtra fala para Yudhishthira sobre ir para a floresta.	6
4	Vyasa avisa Dhritarashtra agora idoso para se retirar para as florestas.	11
5	Dhritarashtra come com Pandavas, então aconselha Yudhishthira sobre regras de realeza.	12
6	Dhritarashtra instrui sobre guerra e paz.	14
7	(Idem.)	16
8	Yudhishthira dá permissão para Dhritarashtra se retirar. Riqueza dada para Brahmanas.	18
9	Dhritarashtra se dirige aos Brahmanas.	19
10	Recebe permissão do povo, que atribui grande batalha ao destino.	20
11	Vidura pede riqueza aos Pandavas para realizar Sraddha. Bhima contesta.	22
12	Yudhishthira garante a Vidura toda riqueza.	24
13	Vidura retorna para Dhritarashtra.	24
14	Presentes dados em nome de filhos e netos mortos.	25
15	Mulheres lamentam enquanto Dhritarashtra parte.	26
16	Kunti resolve ir para as florestas também. Pandavas tentam dissuadi-la.	27
17	Kunti fala – determinada a ir.	29
18	Dhritarashtra e grupo passam a primeira noite na floresta.	30
19	Dhritarashtra iniciado por Vyasa no modo de vida da floresta. Mora com Satayupa.	31
20	Narada relata que Dhritarashtra tem três anos de vida, então ele alcançará a região de Kuvera.	32
21	Pandavas mergulhados em angústia.	34
22	Pandavas partem em grande comitiva para visitar Dhritarashtra.	35
23	Procedem em direção a Dhritarashtra.	36
24	Pandavas saúdam Dhritarashtra, Kunti, Gandhari.	37
25	Sanjaya aponta Pandavas para Brahmanas no retiro.	38
26	Vidura morre e entra no corpo de Yudhishthira - também parte de Dharma.	39
27	No dia seguinte Yudhishthira faz presentes para Brahmanas.	41
28	Vyasa pergunta pelo bem-estar de Dhritarashtra. Fala sobre Dharma.	43
29	Vyasa deseja conceder alguma bênção para Dhritarashtra.	44
30	Kunti fala de sua culpa sobre o nascimento de Karna.	46
31	Vyasa promete que eles encontrarão com os mortos, à noite. Explica origem de: Dhritarashtra do rei Gandharva; Pandu e Bhima dos Maruts; Yudhishthira de Dharma; Duryodhana de Kali; Sakuni de Dwapara; Dussasan e irmãos mais Sikhandin eram Rakshasas; Arjuna é Nara; gêmeos dos Aswins; Surya Karna; Abhimanyu Soma; Dhrishtadyumna do fogo; Drona Vrihaspati; Aswatthaman Rudra; Bhishma Vasu.	48
32	Vyasa convoca tropas.	49
33	Todos reconciliados alegremente. Ao amanhecer as tropas partem. Vyasa permite que as senhoras devotadas se unam a seus maridos.	50

34	Janamejaya questiona Vaisampayana sobre como foi possível os mortos reaparecerem em seus corpos físicos.	51
35	Vyasa mostra a Janamejaya seu pai Parikshit, quando pedido. Janamejaya termina seu sacrifício.	53
36	Pandavas retornam para Hastinapura.	54
37	Dois anos depois Narada vai até Yudhishthira e conta da morte de Dhritarashtra, Kunti e Gandhari em um incêndio na floresta.	57
38	Pandavas lamentam.	59
39	Dhritarashtra realmente queimado por seu próprio fogo sacrifical. Ritos fúnebres realizados.	60

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

1

Om! Tendo reverenciado Narayana, e Nara o principal dos homens, como também a deusa Saraswati, a palavra Jaya deve ser proferida.

“Janamejaya disse, ‘Depois de terem adquirido seu reino, como se comportaram meus antepassados, os Pandavas de grande alma, com relação ao rei Dhritarashtra? Como, de fato, agiu aquele rei que teve todos os seus filhos e conselheiros mortos, que estava sem amparo, e cuja riqueza tinha desaparecido? Como também Gandhari de grandes feitos se comportou? Por quantos anos meus antepassados regeram o reino? Cabe a ti me dizer tudo isso.’”

"Vaisampayana disse, 'Tendo adquirido seu reino de volta, os Pandavas, com seus inimigos todos mortos, governaram a Terra, colocando Dhritarashtra em sua chefia. Vidura, e Sanjaya e Yuyutsu de grande inteligência, que era filho de Dhritarashtra com sua esposa Vaisya, costumavam servir Dhritarashtra. Os Pandavas costumavam seguir a opinião daquele rei em todas as questões. De fato, por quinze anos, eles fizeram todas as coisas sob o conselho do velho rei. Aqueles heróis costumavam ir com muita frequência àquele monarca e sentar ao lado dele, depois de terem adorado seus pés, de acordo com os desejos do rei Yudhishthira, o justo. Eles faziam todas as coisas sob a ordem de Dhritarashtra que cheirava suas cabeças em afeição. A filha do rei Kuntibhoja também obedecia Gandhari em tudo. Draupadi e Subhadra e as outras senhoras dos Pandavas se comportavam em relação ao velho rei e à rainha como se eles fossem seus próprios sogro e sogra. Leitos e mantos e ornamentos, e alimento e bebida e outros artigos agradáveis, em profusão e de tal tipo superior como era digno de uso real, foram presenteados pelo rei Yudhishthira para Dhritarashtra. Similarmente Kunti se comportou em relação à Gandhari como a uma superiora. Vidura, e Sanjaya, e Yuyutsu, ó tu da linhagem de Kuru, costumavam sempre cuidar do velho rei cujos filhos haviam sido mortos. O caro cunhado de Drona, isto é, o Brahmana Superior, Kripa, aquele arqueiro poderoso, também servia o rei. O santo Vyasa também costumava muitas vezes se reunir com o velho monarca e narrar para ele as histórias de antigos Rishis e ascetas celestes e Pitris e Rakshasas. Vidura, sob as ordens de Dhritarashtra, dirigia a execução de todas as ações de mérito religioso e tudo o que estivesse relacionado à administração da lei. Pela política excelente de Vidura, por meio do gasto de pouca riqueza, os Pandavas obtiveram numerosos serviços de boa vontade de seus vassalos e seguidores. O rei Dhritarashtra libertava prisioneiros e perdoava aqueles que estavam condenados à morte. O rei Yudhishthira, o justo, nunca dizia qualquer coisa sobre isso. Naquelas ocasiões quando o filho de Amvika saía em excursões para divertimento, o rei Kuru Yudhishthira costumava dar a ele todo artigo de prazer. Aralikas (peritos em cozinhar ervas em conservas e temperos), e fabricantes de suco, e fabricantes de Ragakhandavas (produzidos de Pimenta-longa, gengibre seco, açúcar, e o suco de Manga Phaseolus) serviam o rei Dhritarashtra como antes. O filho de Pandu buscava mantos e guirlandas caras de diversos tipos e os oferecia devidamente para Dhritarashtra. Vinhos Maireya, peixes de várias espécies, e sorvetes de frutas e mel, e muitos tipos de alimento

deliciosos preparados por meio de modificações (de diversos artigos), foram feitos para o velho rei como em seus dias de prosperidade. Aqueles reis da Terra que iam lá um depois do outro, todos costumavam visitar respeitosamente o velho monarca Kuru como antes. Kunti, e Draupadi, e ela da linhagem Sattwata, e Ulupi, a filha do chefe serpente, e a rainha Chitrangada, e a irmã de Dhrishtaketu, e a filha de Jarasandha, estas e muitas outras senhoras, ó chefe de homens, costumavam servir a filha de Suvala como criadas para todos os serviços. Dhritarashtra, que foi privado de todos os seus filhos, não podia se sentir infeliz em nenhuma questão era o que Yudhishthira dizia frequentemente para seus irmãos verem. Eles também, de sua parte, escutando aquelas ordens de grande importância do rei Yudhishthira, mostraram particular obediência ao velho rei. Havia uma exceção, no entanto. Era Bhimasena. Tudo o que havia acontecido a partir daquele jogo de dados e que tinha sido causado pela má compreensão de Dhritarashtra não desapareceu do coração daquele herói. (Ele ainda se lembrava daqueles incidentes).”’

2

"Vaisampayana disse, 'Assim adorado pelos Pandavas, o filho nobre de Amvika passava seu tempo em felicidade como antes, servido e honrado pelos Rishis. Aquele perpetuador da linhagem de Kuru costumava fazer aquelas principais das oferendas que deviam ser dadas para os Brahmanas. O filho real de Kunti sempre colocava aqueles artigos sob o controle de Dhritarashtra. Desprovido de malícia como era o rei Yudhishthira, ele era sempre afetuoso com seu tio. Dirigindo-se a seus irmãos e conselheiros, o rei dizia, 'O rei Dhritarashtra deve ser honrado por mim e por todos vocês. De fato, é um benquerente meu aquele que é obediente às ordens de Dhritarashtra. Aquele, por outro lado, que se comporta de outra maneira em relação a ele é meu inimigo. Tal homem deve certamente ser punido por mim.’ Nos dias da realização dos ritos ordenados para os Pitris, como também nos Sraddhas realizados por seus filhos e todos os benquerentes, o rei Kuru Dhritarashtra dava para os Brahmanas, como cada um merecia, medidas tão abundantes de riqueza quanto ele queria. O rei Yudhishthira, o justo, e Bhima, e Arjuna, e os gêmeos, desejosos de fazerem o que era agradável para o velho rei, costumavam executar todas as suas ordens. Eles sempre cuidaram para que aquele velho rei que foi afligido pela morte de seus filhos e netos, pela dor causada pelos próprios Pandavas, não pudesse morrer de sua dor. De fato, os Pandavas se comportavam para com ele de tal maneira que aquele herói Kuru não podia ser privado daquela felicidade e de todos aqueles itens de prazer que ele tinha enquanto seus filhos viviam. Os cinco irmãos, isto é, os filhos de Pandu, se comportavam dessa maneira com Dhritarashtra, vivendo sob seu comando. Dhritarashtra também, vendo-os tão humildes e obedientes às suas ordens e agindo em direção a ele como discípulos para com seus preceptores, adotou o comportamento afetuoso de um preceptor em direção a eles em retorno. Gandhari, por realizar diversos ritos de Sraddha e fazer doações para os Brahmanas de diversos objetos de prazer, se livrou da dívida que ela tinha com seus filhos mortos. Assim aquele principal dos homens justos, isto é, o rei

Yudhishthira, o justo, possuidor de grande inteligência, junto com seus irmãos, adorava o rei Dhritarashtra.'

"Vaisampayana continuou, 'Possuidor de grande energia, aquele perpetuador da linhagem de Kuru, isto é, o velho rei Dhritarashtra, não podia notar nenhuma má vontade em Yudhishthira. Vendo que os Pandavas de grande alma estavam na observância de uma conduta justa e sábia, e o rei Dhritarashtra, o filho de Amvika, ficou satisfeito com eles. A filha de Suvala, Gandhari, rejeitando toda tristeza por seus filhos (mortos), começou a mostrar grande afeição pelos Pandavas como se eles fossem seus próprios filhos. Dotado de grande energia, o rei Kuru Yudhishthira nunca fazia nada que fosse desagradável para o filho nobre de Vichitraviryya. Por outro lado, ele sempre se comportava para com ele de um modo altamente agradável. Quaisquer atos, graves ou leves, que fossem mandados serem feitos pelo rei Dhritarashtra, ou pela desamparada Gandhari, eram todos efetuados com reverência, ó monarca, por aquele matador de heróis hostis, isto é, o rei Pandava. O velho rei ficou altamente satisfeito com tal conduta de Yudhishthira. De fato, ele sofria pela lembrança de seu próprio filho pecaminoso. Levantando-se todo dia na alvorada, ele se purificava e realizava suas recitações, e então abençoava os Pandavas para desejar a eles vitória em batalha. Fazendo as doações usuais para os Brahmanas e fazendo-os proferirem bênçãos, e derramando libações no sagrado fogo, o velho rei rezava por vida longa para os Pandavas. De fato, o rei nunca derivou de seus próprios filhos aquela grande felicidade a qual ele sempre derivou dos filhos de Pandu. O rei Yudhishthira naquele tempo tornou-se tão agradável para os Brahmanas quanto para os Kshatriyas, e os diversos grupos de Vaisyas e Sudras de seu reino. Quaisquer males feitos para ele pelos filhos de Dhritarashtra, o rei Yudhishthira esqueceu todos eles, e reverenciou seu tio. Se algum homem fizesse qualquer coisa que não fosse agradável para o filho de Amvika, ele se tornava por isso um objeto de ódio para o filho inteligente de Kunti. De fato, por medo de Yudhishthira, ninguém podia falar dos atos maus de Duryodhana ou Dhritarashtra. Gandhari e Vidura também estavam bem satisfeitos com a capacidade que o rei Ajatasatru mostrou para suportar males. Eles não estavam, no entanto, tão satisfeitos com Bhima, ó vencedor de inimigos. O filho de Dharma, Yudhishthira, era realmente obediente ao seu tio. Bhima, no entanto, à visão de Dhritarashtra, ficava muito desanimado. Aquele matador de inimigos, vendo o filho de Dharma reverenciando o velho rei, o reverenciava exteriormente com um coração muito relutante."'

3

"Vaisampayana disse, 'As pessoas que viviam no reino Kuru fracassaram em notar alguma alteração na cordialidade que existia entre Yudhishthira e o pai de Duryodhana. Quando o rei Kuru se lembrava de seu filho perverso, ele então não podia se sentir hostil, em seu coração, para com Bhima. Bhimasena, ó rei, impelido por um coração que parecia ser mau, não podia suportar o rei Dhritarashtra. Vrikodara secretamente fez muitos atos que eram desagradáveis para o velho rei. Através de servidores fraudulentos ele fazia as ordens de seu tio

serem desobedecidas. Lembrando-se dos maus conselheiros do velho rei e seus atos, Bhima, um dia, no meio de seus amigos, bateu em seus braços, na audição de Dhritarashtra e de Gandhari. O colérico Vrikodara, se lembrando de seus inimigos Duryodhana, Karna e Dussasana, deu vazão a um arrebatamento de ira, e disse estas palavras duras: 'Os filhos do rei cego, capazes de lutar com diversos tipos de armas, foram todos despachados por mim para o outro mundo com estes meus braços que parecem com um par de clavas de ferro. Realmente, estes são aqueles meus dois braços, parecidos com maças de ferro, e invencíveis por inimigos, chegando dentro de cujo abraço todos os filhos de Dhritarashtra encontraram com a destruição. Estes são aqueles meus dois braços bem desenvolvidos e corpulentos, parecendo com um par de trombas elefantinas. Chegando dentro de seu abraço, todos os filhos tolos de Dhritarashtra encontraram com a destruição. Cobertos com pasta de sândalo e dignos desse adorno são estes meus dois braços pelos quais Duryodhana foi despachado para o outro mundo junto com todos os seus filhos e parentes.' Ouvindo essas e muitas outras palavras, ó rei, de Vrikodara, que eram verdadeiras flechas, o rei Dhritarashtra cedeu ao desânimo e tristeza. A rainha Gandhari, no entanto, que estava familiarizada com todo o dever e possuía grande inteligência, e que sabia o que o Tempo traz em seu curso, considerou-as como incorretas. Depois que quinze anos tinham passado, ó monarca, o rei Dhritarashtra afligido (constantemente) pelas flechas verbais de Bhima, foi tomado pelo desespero e aflição. O rei Yudhishthira, o filho de Kunti, no entanto, não sabia disso; nem Arjuna de corcéis brancos, nem Kunti; nem Draupadi; nem os filhos gêmeos de Madri, conhecedores de todos os deveres e que estavam sempre ocupados em agir conforme os desejos de Dhritarashtra. Ocupados em cumprir as ordens do rei, os gêmeos nunca disseram algo desagradável para o velho rei. Então Dhritarashtra um dia honrou seus amigos com sua confidência. Dirigindo-se a eles com olhos cheios de lágrimas, ele disse estas palavras.'"

"Dhritarashtra disse, 'Como a destruição dos Kurus ocorreu é bem conhecido por vocês. Tudo aquilo foi ocasionado por minha culpa, embora os Kauravas tenham aprovado todos os meus conselhos. Tolo que eu era, eu instalei Duryodhana de mente má, aquele aumentador dos terrores de parentes, para governar os Kurus. Vasudeva tinha dito para mim, 'Que este patife pecaminoso de compreensão ruim seja morto junto com todos os seus amigos e conselheiros.' Eu não escutei aquelas palavras de grande importância. Todos os homens sábios me deram o mesmo conselho benéfico. Vidura, e Bhishma, e Drona, e Kripa, disseram a mesma coisa. O santo Vyasa de grande alma repetidamente disse o mesmo, como também Sanjaya e Gandhari. Dominado, no entanto, por afeição filial, eu não pude seguir aquele conselho. Arrependimento amargo é agora minha sina por minha negligência. Eu também me arrependo de não ter concedido aquela prosperidade resplandecente, derivada de pais e avôs, para os Pandavas de grande alma e possuidores de toda habilidade. O irmão mais velho de Gada previu a destruição de todos os reis; Janardana, no entanto, considerou aquela destruição como altamente benéfica. (Deve ser lembrado que a Terra, incapaz de suportar seu peso de população, suplicou ao Avô para tornar mais leve aquela carga. O Avô incitou Vishnu a fazer o necessário. Por isso Vishnu se encarnou

como Krishna e ocasionou um alívio da carga da Terra.) Muitos Anikas de tropas, pertencentes a mim, foram destruídos. Ai, meu coração está perfurado com milhares de flechas por causa de todos esses resultados. De má compreensão como eu sou, agora depois do lapso de quinze anos eu estou procurando expiar meus pecados. Agora na quarta divisão do dia ou às vezes na oitava divisão, com a regularidade de um voto, eu como um pouco de alimento simplesmente para vencer minha sede. Gandhari sabe disso. Todos os meus atendentes estão sob a impressão que eu me alimento como de hábito. Somente por medo de Yudhishthira eu escondi meus atos, pois se o filho mais velho de Pandu viesse a saber do meu voto ele sentiria grande dor. Vestido em pele de veado, eu deito no chão, espalhando uma pequena quantidade de grama Kusa, e passo o tempo em recitações silenciosas. Gandhari de grande fama passa seu tempo na observância de votos similares. Exatamente dessa maneira nós nos comportamos, nós que perdemos uma centena de filhos nenhum dos quais jamais fugiu da batalha. Eu, no entanto, não sofro por aqueles meus filhos. Todos eles morreram na observância dos deveres Kshatriya.' Tendo dito essas palavras, o velho rei então se dirigiu a Yudhishthira em particular e disse, 'Abençoado sejas tu, ó filho da princesa da linhagem de Yadu. Escute agora o que eu digo. Tratado com carinho por ti, ó filho, eu tenho vivido estes anos muito alegremente. Eu tenho (com tua ajuda) feito grandes doações e realizado Sraddhas repetidamente. (Mahadana significa doações como elefantes, barcos, carros, cavalos, etc. Ninguém aceita essas doações, pois sua aceitação faz um Brahmana decair de sua posição.) Eu tenho, ó filho, ao melhor do meu poder, conquistado mérito em grande medida. Gandhari, embora desprovida de filhos, tem vivido com grande coragem, olhando todo o tempo por mim. Aqueles que infringiram grandes males à Draupadi e roubaram tua riqueza, aqueles indivíduos cruéis, todos deixaram o mundo, mortos em batalha de acordo com a prática de sua ordem. Eu não tenho nada a fazer por eles, ó encantador dos Kurus. Mortos com seus rostos em direção à batalha, eles chegaram àquelas regiões dos manejadores de armas. Eu devo agora realizar o que é benéfico e meritório para mim como também para Gandhari. Cabe a ti, ó grande rei, me conceder permissão. Tu és a principal de todas as pessoas justas. Tu és sempre dedicado à justiça. O rei é o preceptor de todas as criaturas. É por isso que eu falo assim. Com tua permissão, ó herói, eu me retirarei para as florestas, vestido em trapos e cascas de árvores. Ó rei, só com Gandhari, eu viverei nas florestas, sempre te abençoando. É adequado, ó filho, para os membros da nossa linhagem, transferir a soberania, quando chega a velhice, para os filhos e levar o modo de vida da floresta. Subsistindo lá só de ar, ou me abstendo de todo alimento, eu irei, com esta minha esposa, ó herói, praticar austeridades severas. Tu serás um participante daquelas penitências, ó filho, pois tu és o rei. Reis são participantes dos atos auspiciosos e inauspiciosos feitos em seu reino.' (O rei obtém uma sexta parte das penitências realizadas pelos Rishis que vivem sob sua proteção. O demérito, também, dos maus atos realizados dentro de seu reino é partilhado pelo rei, pois tais atos se tornam possíveis pela ausência de supervisão pelo rei.)

"Yudhishthira disse, 'Quando tu, ó rei, estás sujeito à aflição dessa maneira, a soberania não agrada em absoluto. Que vergonha para mim que sou de má

compreensão, dedicado aos prazeres do governo, e totalmente descuidado dos meus verdadeiros interesses. Ai, eu, com todos os meus irmãos, desconhecia que tu estavas tão aflito pela dor, emaciado com jejuns, te abstendo de alimento, e deitando no solo nu. Ai, todo que eu sou, eu tenho sido enganado por ti que tens uma inteligência profunda, visto que, tendo me inspirado com confiança a princípio, tu ultimamente tens passado por tal tristeza. Que necessidade eu tenho de reino ou de objetos de prazer, que necessidade de sacrifícios ou de felicidade, quando tu, ó rei, tens sofrido grande aflição? Eu considero meu reino como uma doença, e eu mesmo também como afligido. Embora eu esteja mergulhado em tristeza, qual, no entanto, é a utilidade dessas palavras que eu estou te dirigindo? Tu és nosso pai, tu és nossa mãe; tu és o principal dos nossos superiores. Privados da sua presença, como nós viveremos? Ó melhor dos reis, que Yuyutsu, teu filho, seja feito rei, ou, de fato, mais alguém a que tu possas desejar. Eu irei para as florestas. Governe teu reino. Cabe a ti não queimar a mim que já estou queimado pela infâmia. Eu não sou o rei. Tu és o rei. Eu sou dependente da tua vontade. Como eu posso ousar conceder permissão para ti que és meu preceptor? Ó impecável, eu não nutro ressentimento em meu coração por causa dos males feitos a nós por Suyodhana. Estava ordenado que deveria ser assim. Nós mesmos e outros fomos entorpecidos (pelo Destino). Nós somos teus filhos como Duryodhana e outros eram. Minha convicção é que Gandhari é tanto minha mãe quanto Kunti. Se tu, ó rei de reis, fores para as florestas me deixando, eu te seguirei. Eu juro por minha alma. Esta Terra, com sua faixa de mares, cheia de riqueza, não será uma fonte de alegria para mim quando eu estiver privado da tua presença. Tudo isso pertence a ti. Eu te gratifico, inclinando minha cabeça. Nós somos todos dependentes de ti, ó rei de reis. Que a febre do teu coração seja dissipada. Eu penso, ó senhor da Terra, que tudo isso que veio sobre ti é devido ao destino. Por boa sorte, eu tinha pensado que te servindo e executando teus comandos obedientemente, eu poderia te livrar febre do teu coração.'"

"Dhritarashtra disse, 'Ó encantador dos Kurus, minha mente está fixada, ó filho, em penitências. Ó poderoso, é apropriado para nossa linhagem que eu me retire para as florestas. Eu tenho vivido muito tempo sob tua proteção, ó filho, eu fui servido por muitos anos por ti com reverência. Eu agora estou velho. Cabe a ti, ó rei, me conceder permissão (para tomar minha residência nas florestas).'"

“Vaisampayana continuou, ‘Tendo dito essas palavras para Yudhishthira o justo, o rei Dhritarashtra, o filho de Amvika, tremendo e com mãos unidas, disse para Sanjaya de grande alma e o grande guerreiro em carro Kripa, estas palavras, ‘Eu desejo rogar ao rei através de vocês. Minha mente fica triste, e minha boca fica seca, pela fraqueza da idade e o esforço de falar.’ Tendo dito isso, aquele perpetuador da linhagem de Kuru, isto é, o velho rei de alma justa, abençoado com prosperidade, apoiou-se em Gandhari e de repente pareceu carente de vida. Vendo-o sentado dessa maneira como alguém privado de consciência, aquele matador de heróis hostis, isto é, o filho nobre de Kunti, foi tomado por uma aflição dolorosa.”

"Yudhishthira disse, 'Ai, ele cuja força era igual àquela de cem mil elefantes, ai, aquele rei hoje senta se apoiando em uma mulher. Ai! Ele por quem a imagem de

ferro de Bhima em uma ocasião antiga foi reduzida a fragmentos, hoje se apóia em uma mulher fraca. Que vergonha para mim que sou extremamente injusto! Que vergonha para a minha compreensão! Que vergonha para o meu conhecimento da escritura! Que vergonha para mim por quem este senhor da Terra hoje se encontra de um modo que não é adequado para ele! Eu também jejuarei assim como meu preceptor. Realmente, eu jejuarei se este rei e Gandhari de grande fama se abstiverem de alimento.'"

"Vaisampayana continuou, 'O rei Pandava, conhecedor de todo o dever, usando sua própria mão, então friccionou suavemente com água fria o peito e o rosto do monarca idoso. Ao toque da mão do rei que era auspiciosa e fragrante, e sobre a qual havia jóias e ervas medicinais, Dhritarashtra recuperou seus sentidos.'" (Antigamente reis e homens nobres costumavam usar jóias e ervas medicinais em seus braços. As últimas eram fechadas em cápsulas de ouro semelhantes a um tambor, fechadas hermeticamente em ambos os lados. Acreditava-se que jóias e ervas medicinais eram uma grande proteção contra muitos males.)

"Dhritarashtra disse, 'Toque-me novamente, ó filho de Pandu, com tua mão, e me abrace. Ó tu de olhos como pétalas de lótus, eu recuperei meus sentidos pelo toque auspicioso da tua mão. Ó soberano de homens, eu desejo cheirar tua cabeça. Teu abraço é altamente gratificante para mim. Esta é a oitava divisão do dia e, portanto, a hora de comer meu alimento. Por não ter comido meu alimento, ó filho da linhagem de Kuru, eu estou tão fraco quanto a estar incapaz de me mover. Ao dirigir minhas solicitações a ti foi grande o meu esforço. Tornado desanimado por isto, ó filho, eu desmaiei. Ó perpetuador da linhagem de Kuru, eu acho que recebendo o toque da tua mão, o qual parece com o néctar em seus efeitos vivificantes, eu recuperei meus sentidos.'"

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçado, ó Bharata, pelo irmão mais velho de seu pai, o filho de Kunti, por afeição, tocou gentilmente cada parte do corpo dele. Recuperando seus ares vitais, o rei Dhritarashtra abraçou o filho de Pandu com seus braços e cheirou sua cabeça. Vidura e outros lamentaram alto em grande angústia. Por causa, no entanto, da agudeza de sua tristeza, eles não disseram nada ao velho rei nem ao filho de Pandu. Gandhari conhecedora de todo o dever suportou sua tristeza com firmeza, e oprimido como seu coração estava, ó rei, não disse nada. As outras senhoras, Kunti entre elas, ficaram imensamente aflitas. Elas lamentaram, derramando lágrimas copiosas, e se sentaram circundando o velho rei. Então Dhritarashtra, dirigindo-se novamente a Yudhishthira, disse estas palavras, 'Ó rei, conceda-me permissão para praticar penitências. Por falar repetidamente, ó filho, minha mente fica enfraquecida. Não cabe a ti, ó filho, me afligir depois disso.' Quando aquele principal da linhagem de Kuru estava dizendo isso para Yudhishthira, um som alto de lamento ergueu-se de todos os guerreiros lá presentes. Vendo seu pai real de grande esplendor emaciado e pálido, reduzido a tal estado impróprio para ele, esgotado com jejuns, e parecendo com um esqueleto coberto com pele, o filho de Dharma Yudhishthira derramou lágrimas de tristeza e falou novamente estas palavras, 'Ó principal dos homens, eu não desejo a vida e a Terra. Ó opressor de inimigos, eu me empenharei em fazer o que é agradável para ti. Se eu mereço tua generosidade, se eu sou querido para ti, coma

alguma coisa. Eu então saberei o que fazer.' Dotado de grande energia, Dhritarashtra então disse para Yudhishthira, 'Eu desejo, ó filho, comer algum alimento, com tua permissão.' Quando Dhritarashtra disse essas palavras para Yudhishthira, o filho de Satyavati, Vyasa, chegou lá e disse o seguinte."

4

"Vyasa disse, 'Ó Yudhishthira de braços poderosos, faça sem nenhum escrúpulo o que Dhritarashtra da linhagem de Kuru disse. Este rei é velho. E ele também foi feito sem filhos. Eu acho que ele não poderá suportar sua dor muito tempo. A altamente abençoada Gandhari, possuidora de grande sabedoria e dotada de fala agradável, suporta com fortaleza sua dor excessiva devido à perda de seus filhos. Eu também te digo (o que o velho rei disse). Obedeça às minhas palavras. Que o velho rei tenha tua permissão. Não o deixe ter uma morte inglória em casa. Deixe este rei seguir o caminho de todos os velhos sábios reais. Realmente, para todos os sábios reais, o retiro para as florestas chega finalmente.'"

"Vaisampayana disse, 'Endereçado dessa maneira naquele momento por Vyasa de feitos extraordinários, o rei Yudhishthira o justo, possuidor de energia imensa, disse àquele grande asceta estas palavras, 'Tua pessoa santa é considerada por nós com grande reverência. Somente tu és nosso preceptor. Somente tu és o refúgio do nosso reino como também da nossa linhagem. Eu sou teu filho. Tu, ó santo, és meu pai. Tu és nosso rei, e tu és nosso preceptor. O filho deve, de acordo com todo dever, ser obediente às ordens de seu pai.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado pelo rei, Vyasa, aquele mais notável dos poetas, e a principal de todas as pessoas conhecedoras dos Vedas, dotado de grande energia mais uma vez disse para Yudhishthira estas palavras, 'É assim mesmo, ó poderoso. Isso é exatamente como tu disseste, ó Bharata. Este rei alcançou a velhice. Ele está agora na última fase da vida. Permitido por nós, que o senhor da Terra faça o que ele propõe. Não fique como um obstáculo em seu caminho. Este mesmo é o maior dever, ó Yudhishthira, dos sábios reais. Eles devem morrer em batalha ou nas florestas de acordo com as escrituras. Teu nobre pai, Pandu, ó rei de reis, reverenciava este velho rei como um discípulo reverencia seu preceptor. (Naquele tempo) ele adorava os deuses em muitos grandes sacrifícios com profusas doações consistindo em morros de riqueza e jóias, e governava a Terra e protegia seus súditos sabiamente e bem. Tendo obtido uma grande progênie e um reino em expansão, ele desfrutou de grande influência por treze anos enquanto vocês estavam no exílio, e doou muita riqueza. Tu também, ó chefe de homens, com teus empregados, ó impecável, adoraste este rei e a famosa Gandhari com aquela pronta obediência que um discípulo presta para seu preceptor. Conceda permissão para teu pai. Chegou a hora para ele se dedicar à prática de penitências. Ele não nutre, ó Yudhishthira, nem a mais leve raiva contra algum de vocês.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito essas palavras, Vyasa acalmou o velho rei. Yudhishthira então respondeu para ele, dizendo, 'Assim seja.' O grande asceta então deixou o palácio para proceder para as florestas. Depois que o santo Vyasa tinha ido embora, o filho nobre de Pandu disse suavemente estas palavras para seu velho pai, curvando-se em humildade, 'O que o santo Vyasa disse, o que é teu próprio propósito, o que o grande arqueiro Kripa disse, o que Vidura expressou, e o que foi pedido por Yuyutsu e Sanjaya, eu realizarei com rapidez. Todos esses são dignos do meu respeito, pois todos eles são benquerentes da nossa família. Isto, no entanto, ó rei, eu peço de ti por inclinar minha cabeça. Coma primeiro e depois vá para teu retiro na floresta.'"

5

"Vaisampayana disse, 'Tendo recebido a permissão do rei, o rei Dhritarashtra de grande energia então procedeu para seu próprio palácio, seguido por Gandhari. Com força reduzida e movimento lento, aquele rei de grande inteligência caminhou com dificuldade, como o líder, desgastado com a idade, de uma manada de elefantes. Ele foi seguido por Vidura de grande erudição e seu cocheiro Sanjaya, como também aquele arqueiro poderoso Kripa, o filho de Saradwata. Entrando em sua mansão, ó rei, ele passou pelos ritos matinais e depois de gratificar muitos dos principais Brahmanas ele comeu algum alimento. Gandhari conhecedora de todo o dever, como também Kunti de grande inteligência, adoradas com ofertas de vários artigos por suas noras, então comeram algum alimento, ó Bharata. Depois que Dhritarashtra tinha comido, e Vidura também e outros tinham feito o mesmo, os Pandavas, tendo terminado suas refeições, aproximaram-se e sentaram-se em volta do velho rei. Então o filho de Amvika, ó monarca, dirigindo-se ao filho de Kunti que estava sentado perto dele e tocando suas costas com sua mão, disse, 'Tu deves sempre, ó encantador dos Kurus, agir sem negligência com relação a tudo ligado com teu reino consistindo em oito membros, ó principal dos soberanos, e no qual as reivindicações dos virtuosos devem ser sempre executadas em primeiro lugar. (Os oito membros de um reino são: a lei, o juiz, os assessores, o escriba, o astrólogo, ouro, fogo e água.) Tu és possuidor, ó filho de Kunti, de inteligência e erudição. Ouça-me, ó rei, enquanto eu te digo quais são os meios pelos quais, ó filho de Pandu, o reino pode ser protegido corretamente. Tu deves sempre, ó Yudhishthira, honrar aquelas pessoas que são velhas em saber. Tu deves sempre escutar o que eles disserem, e agir conformemente sem nenhum escrúpulo. Levantando-te ao amanhecer, ó rei, adore-os com os ritos devidos, e quando chegar o tempo para ação, tu deves consultá-los sobre tuas ações (tencionadas). Quando, levado pelo desejo de saber o que seria benéfico para ti a respeito das tuas medidas, tu os reverenciar; eles irão, ó filho, sempre declarar o que é para o teu bem, ó Bharata. Tu deves sempre manter teus sentidos como tu manténs teus cavalos. Eles então demonstrarão serem benéficos para ti, como riqueza que não é desperdiçada. Tu deves empregar somente os ministros que passaram nos testes de honestidade, (isto é, que são possuidores de lealdade, desinteresse, continência e coragem), que são oficiais de estado hereditários, possuidores de conduta pura, autocontrolados, inteligentes no desempenho de

negócios, e dotados de conduta honrada. Tu deves sempre coletar informação através de espiões em diversos disfarces, cuja lealdade tenha sido provada, que sejam nativos do teu reino, e que não sejam conhecidos por teus inimigos. Tua fortaleza deve ser protegida apropriadamente com muros fortes e portões arqueados. Em todo lado os muros, com torres de observação sobre eles situadas perto umas das outras, devem ser de tal modo que admitam seis pessoas andando lado a lado em seu topo. Os portões devem todos ser grandes e suficientemente fortes. Mantidos em lugares adequados aqueles portões devem ser protegidos cuidadosamente. Que teus propósitos sejam realizados através de homens cujas famílias e comportamento são bem conhecidos. Tu deves também sempre proteger a ti mesmo com cuidado, em questões ligadas com teu alimento, ó Bharata, como também nas horas de esporte e alimentação e em questões ligadas com as guirlandas que tu usas e os leitos sobre os quais tu deitas. As damas da tua família devem ser protegidas adequadamente, vigiadas por criados idosos e de confiança, de bom comportamento, bem nascidos, e possuidores de erudição, ó Yudhishthira. Tu deves fazer ministros de Brahmanas possuidores de conhecimento, dotados de humildade, bem nascidos, familiarizados com religião e riqueza, e adornados com simplicidade de comportamento. Tu deves manter consultas com eles. Tu não deves, no entanto, admitir muitas pessoas em tuas consultas. Em ocasiões específicas tu podes consultar com teu conselho inteiro ou com uma parte dele. Entrando em uma câmara ou local que seja bem protegido (de intrusos) tu deves manter tua consulta. Tu podes manter tua consulta em uma floresta que seja privada de capim. Tu nunca deves consultar à noite. (Capim pode esconder os espiões de inimigos. A escuridão da noite também pode fazer o mesmo.) Macacos e aves e outros animais que podem imitar seres humanos devem ser todos excluídos da câmara de conselho, como também idiotas e coxos e indivíduos paralíticos. Eu penso que os males que dimanam da divulgação dos conselhos de reis são tais que eles não podem ser remediados. Tu deves te referir repetidamente, no meio dos teus conselheiros, aos males que provêm da divulgação de conselhos, ó castigador de inimigos, e aos méritos que fluem daqueles conselhos guardados corretamente. Tu deves, ó Yudhishthira, agir de tal maneira quanto a averiguar os méritos e falhas dos habitantes da tua cidade e das províncias. Que tuas leis, ó rei, sejam sempre administradas por juízes confiáveis colocados a cargo disso, que devem também ser satisfeitos e de bom comportamento. Seus atos também devem ser averiguados por ti através de espiões. Que teus oficiais judiciais, ó Yudhishthira, inflijam punições, de acordo com a lei, sobre transgressores depois de averiguação cuidadosa da gravidade dos delitos. Aqueles que são dispostos a aceitarem subornos, aqueles que são violadores da castidade de esposas de outros homens, aqueles que infligem castigos pesados (tiranos), aqueles que são proferidores de palavras falsas, aqueles que são difamadores, aqueles que são maculados pela cobiça, aqueles que são assassinos, aqueles que são fazedores de atos irrefletidos (tais como homicídio culpável não equivalente ao assassinato), aqueles que são perturbadores de assembléias e dos divertimentos de outros, e aqueles que causam uma confusão de castas, devem, de acordo com considerações de hora e lugar, ser punidos com multas ou morte. De manhã tu deves ver aqueles que estão empenhados em fazer tuas despesas. Depois disso tu deves cuidar do teu

vestuário e então da tua alimentação. Tu deves em seguida supervisionar tuas tropas, alegrando-as em toda ocasião. Tuas noites devem ser reservadas para enviados e espiões. O último fim da noite deve ser dedicado por ti para decidir quais atos devem ser feitos por ti no dia. Meias-noites e meios-dias devem ser dedicados às tuas diversões e esportes. Todo o tempo, no entanto, tu deves pensar nos meios de realizar teus propósitos. No momento apropriado, enfeitando teu corpo, tu deves sentar preparado para fazer doações em profusão. As ocasiões para diferentes ações, ó filho, giram incessantemente como rodas. Tu deves sempre te esforçar para encher tuas tesourarias de vários tipos por meios legais. Tu deves evitar todos os meios ilegais para aquele fim. Averiguando através dos teus espiões quem são teus inimigos que estão determinados a descobrirem teus pontos fracos, tu deves, através de agentes de confiança, os fazer serem destruídos de uma distância. Examinando sua conduta, tu deves, ó perpetuador da linhagem de Kuru, nomear teus empregados. Tu deves fazer todos os teus atos serem realizados através dos teus servidores, estejam eles nomeados para aquelas ações ou não. O comandante das tuas tropas deve ser de conduta firme, corajoso, capaz de suportar privações, leal, e dedicado ao teu bem. Artesãos e mecânicos, ó filho de Pandu, residentes em tuas províncias, devem sempre fazer teus atos como vacas e burros; (isto é, contentes em trabalhar para receberem somente seu alimento. Seus salários não devem ser maiores do que o que é necessário para alimentá-los). Tu deves sempre, ó Yudhishthira, ser cuidadoso ao verificar teus próprios pontos fracos como também aqueles dos teus inimigos. Os pontos fracos também dos teus próprios homens como também dos homens dos teus inimigos devem ser igualmente averiguados. Aqueles homens do teu reino que são bem hábeis em suas respectivas vocações, e que são dedicados ao teu bem, devem ser favorecidos por ti com meios de sustento adequados. Um rei sábio, ó soberano de homens, deve sempre cuidar para que as habilidades de seus súditos habilidosos possam ser mantidas. Eles então serão firmemente devotados a ti, visto que eles não decairão de sua habilidade.'"

6

"Dhritarashtra disse, Tu deves sempre averiguar os Mandalas que pertencem a ti, aos teus inimigos, aos neutros, e àqueles que estão dispostos igualmente em direção a ti e teus inimigos, ó Bharata. Os Mandalas também dos quatro tipos de inimigos, daqueles chamados Atatayins, e dos aliados, e dos aliados de inimigos, devem ser distinguidos por ti, ó opressor de inimigos. (Os quatro tipos de inimigos, como explicados pelo comentador, são (1) inimigos próprios, (2) aliados de inimigos, (3) aqueles que desejam vitória para ambos os lados, e (4) aqueles que desejam derrota para ambos os lados. Com relação aos Atatayins, eles são seis, isto é, (1) aquele que põe fogo na casa de alguém, (2) aquele que mistura veneno com a comida de alguém, (3) aquele que avança, arma na mão, com intenção hostil, (4) aquele que rouba a riqueza de alguém, (5) aquele que invade os campos de alguém, e (6) aquele que rouba a esposa de alguém.) Os ministros de estado, o povo das províncias, as guarnições de fortes, e as forças armadas, ó principal da linhagem de Kuru, podem ser ou não manipulados. (Tu deves,

portanto, te comportar de tal maneira que estes não possam ser manipulados por teus inimigos.) Os doze (enumerados acima), ó filho de Kunti, constituem os principais interesses dos reis. Estes doze, como também sessenta, tendo os Ministros como seus principais, devem ser cuidados pelo rei. (Os sessenta são compostos dessa maneira. Oito consistindo de agricultura e o restante, vinte e oito consistindo de tropas e o restante, catorze consistindo de ateus e o resto e dezoito consistindo de conselheiros e o resto.) Professores conhecedores da ciência de política chamam esses pelos nomes de Mandala. Compreenda, ó Yudhishthira, que os seis incidentes (de paz, guerra, marcha, parada, semeadura de discórdias, e conciliação) dependem desses. Crescimento e diminuição devem também ser compreendidos, como também a condição estacionária. Os atributos dos seis incidentes, ó tu de armas poderosas, como dependentes dos setenta e dois (já enumerados), devem também ser compreendidos cuidadosamente. Quando o seu próprio lado se torna forte e o lado do seu inimigo se torna fraco, é então, ó filho de Kunti, que o rei deve guerrear contra o inimigo e se esforçar para obter vitória. Quando o inimigo é forte e o seu próprio lado está fraco, então o rei fraco, se possuidor de inteligência, deve procurar fazer as pazes com o inimigo. O rei deve reunir um grande estoque de artigos (para seu abastecimento de gêneros alimentícios). Quando capaz de marchar, em hipótese alguma ele deve procrastinar, ó Bharata. Além disso, ele deve naquela ocasião colocar seus homens em trabalhos para os quais eles são aptos, sem ser movido por alguma outra consideração. (Quando obrigado a ceder uma parte de seus territórios) ele deve dar para seu inimigo somente tal terra que não produz colheitas em abundância. (Quando obrigado a dar riqueza), ele deve dar ouro contendo muita matéria prima metálica. (Quando obrigado a dar uma parte de seus exércitos), ele deve dar homens que não são notáveis por força. Alguém que é hábil em tratados deve, quando recebendo terra ou ouro ou homens do inimigo, pegar os que possuam os atributos contrários desses. (Isto é, terra fértil, ouro puro e homens fortes.) Ao fazer tratados de paz, o filho do rei (derrotado), deve ser exigido como refém, ó chefe dos Bharatas. Uma conduta contrária não seria benéfica, ó filho. Se uma calamidade vem sobre o rei, ele deve, com conhecimento dos meios e conselhos, se esforçar para se emancipar dela. O rei, ó principal dos monarcas, deve sustentar os tristes e os indigentes (tais como os cegos, os surdos e estúpidos, e os doentes) entre seu povo. Ele mesmo protegendo seu próprio reino, o rei, possuidor de grande poder, deve dirigir todos os seus esforços, um depois do outro ou simultaneamente, contra seus inimigos. Ele deve afligi-los e obstruí-los e procurar drenar sua tesouraria. O rei que deseja seu próprio crescimento nunca deve ofender os comandantes subordinados que estão sob seu domínio. Ó filho de Kunti, tu nunca deves procurar guerrear com aquele rei que deseja conquistar a Terra inteira. Tu deves procurar ganhar vantagens por produzir, com a ajuda dos teus ministros, dissensões entre sua aristocracia e seus comandantes subordinados. Um rei poderoso nunca deve procurar exterminar reis fracos, pois estes fazem bem para o mundo por cuidarem dos bons e punirem os maus. Ó principal dos reis, tu deves viver, adotando o comportamento do junco. (O junco cede quando a pressão é dirigida em direção a ele. No Santi Parva se encontra uma conversa detalhada entre o Oceano e os Rios. O Oceano perguntou por que, quando os Rios arrastavam as maiores árvores, eles não podiam arrastar para o

Oceano um único junco. A resposta era que o junco era flexível, as árvores não eram assim.) Se um rei forte avança contra um fraco, o último deve fazê-lo desistir, por adotar conciliação e outros modos. Se incapaz de parar o invasor dessa maneira, então ele, como também aqueles que estão dispostos a lhe fazer bem, devem cair sobre o inimigo para lutarem com ele. De fato, com seus ministros e tesouraria e cidadãos, ele deve dessa maneira adotar a força contra o invasor. Se lutar com o inimigo se torna impossível, então ele deve cair, sacrificando seus recursos um depois do outro. Rejeitando sua vida dessa maneira, ele obterá libertação de toda tristeza.'"

7

"Dhritarashtra disse, 'Ó melhor dos reis, tu deves também refletir corretamente sobre guerra e paz. Cada um é de dois tipos. (Isto é, guerra com um inimigo forte e com um inimigo fraco. Paz com um inimigo forte e com um inimigo fraco.) Os meios são vários, e as circunstâncias também, sob as quais guerra ou paz podem ser feitas, ó Yudhishthira. Ó tu da linhagem de Kuru, tu deves, com frieza, refletir sobre os dois (isto é, tua força e fraqueza) com relação a ti mesmo. Tu não deves marchar de repente contra um inimigo que é possuidor de soldados contentes e saudáveis, e que é dotado de inteligência. Por outro lado, tu deves pensar cuidadosamente nos meios de derrotá-lo. Tu deves marchar contra um inimigo que não é provido de combatentes saudáveis e contentes. Quando tudo é favorável, o inimigo pode ser batido. Depois disso, no entanto, o vencedor deve se retirar (e permanecer em uma posição forte). Ele deve em seguida fazer o inimigo ser mergulhado em várias calamidades, e semear dissensões entre seus aliados. Ele deve afligir o inimigo e inspirar terror em seu coração, e atacando-o enfraquecer suas tropas. O rei, conhecedor das escrituras, que marcha contra um inimigo deve pensar nos três tipos de força, e, de fato, refletir sobre sua própria força e de seu inimigo. (Força é de três tipos, como explicado no verso seguinte.) Somente aquele rei, ó Bharata, que é dotado de diligência (ou prontidão das tropas para atacar o inimigo), disciplina (isto é, domínio completo sobre suas tropas), e força de conselhos (ou seja, planos de ataque e defesa bem formados), deve marchar contra um inimigo. Quando sua posição é diferente, ele deve evitar operações defensivas. O rei deve se equipar com poder de riqueza, poder de aliados, poder de silvícolas, poder de tropas remuneradas, e poder das classes mecânicas e comerciantes, ó pujante. (Maulam é explicado como a força do dinheiro. Em guerra atual também, dinheiro é chamado de 'fundos para armas e suprimentos de uma guerra'. Atavivala ou a força consistindo em silvícolas era, talvez, o corpo de Irregulares que auxiliava um exército regular de combatentes. Bhritavala significa o exército regular, recebendo pagamento do estado sempre. Na Índia, exércitos permanentes têm existido desde tempos remotos. Sreni-vala é, talvez, as tropas de artesãos, mecânicos, e engenheiros, que cuidavam das estradas e do transporte, como também de comerciantes que abasteciam o exército com mantimentos.) Entre todos esses, poder de aliados e poder de riqueza são superiores ao resto. O poder das classes e aquele do exército regular são iguais. O poder de espiões é considerado pelo rei como igual em eficácia a

qualquer um dos citados acima, em muitas ocasiões, quando chega o momento de aplicar cada um. Calamidade, ó rei, quando ela surpreende soberanos, deve ser considerada como de muitas formas. Escute, ó tu da linhagem de Kuru, quanto a quais são aquelas diversas formas. Realmente calamidades são de vários tipos, ó filho de Pandu. Tu deves sempre considerá-las, distinguindo suas formas, ó rei, e te esforçar para encontrá-las por aplicar os meios bem conhecidos de conciliação e o resto (sem ocultá-las por inatividade). O rei deve, quando equipado com um bom exército, marchar (contra um inimigo), ó opressor de inimigos. Ele deve prestar atenção também às considerações de tempo e lugar, enquanto se preparando para marchar, como também às forças armadas que ele reuniu e seus próprios méritos (em outros aspectos). Aquele rei que está atento ao seu próprio crescimento e avanço não marcha a menos que provido de guerreiros alegres e saudáveis. Quando forte, ó filho de Pandu, ele pode marchar até em uma época desfavorável. O rei deve fazer um rio tendo aljavas como suas pedras, corcéis e carros como sua corrente, e estandartes como as árvores que cobrem suas margens, e o qual é lodoso com soldados de infantaria e elefantes. Tal rio o rei deve aplicar para a destruição de seu inimigo. De acordo com a ciência conhecida para Usanas, ordens de batalha chamadas Sakata, Padma, e Vijra devem ser formadas, ó Bharata, para lutar com o inimigo. (Uma ordem de batalha sakata era uma formação militar conforme a forma de um carro. Ela é descrita em Sukraniti detalhadamente, e se encontra no Drona Parva. A Padma é uma formação de combate circular com projeções angulares. Ela é a mesma que é agora chamada de estrelada, muitos fortes modernos sendo construídos conforme este plano. A Vajra é uma ordem de batalha semelhante à cunha. Ela penetra nas divisões do inimigo como uma cunha e sai, desbaratando o inimigo. Ela também é chamada de suchivyuha.) Sabendo tudo sobre a força do inimigo através de espiões, e examinando sua própria força o rei deve começar a guerra dentro de seus próprios territórios ou dentro daqueles de seu inimigo. (Isto é, se opor ao inimigo dentro do seu próprio reino ou invadir o reino do inimigo e dessa maneira obrigá-lo a recuar para resistir a ele lá.) O rei deve sempre gratificar seu exército, e lançar todos os seus guerreiros mais fortes (contra o inimigo). Primeiro averiguando o estado de seu reino, ele deve aplicar conciliação ou os outros meios bem conhecidos. Por todos os meios, ó rei, o corpo deve ser protegido. Alguém deve fazer aquilo que é altamente benéfico para si aqui e após a morte. O rei, ó monarca, por se comportar devidamente em conformidade com esses métodos, alcança o Céu futuramente, depois de governar seus súditos justamente neste mundo. Ó principal da linhagem de Kuru, é exatamente dessa maneira que tu deves sempre procurar o bem dos teus súditos para obter ambos os mundos; (isto é, para obter fama aqui e felicidade após a morte). Tu foste instruído em todos os deveres por Bhishma, por Krishna, e por Vidura, eu devo também, ó melhor dos reis, pela afeição que eu tenho por ti, te dar essas instruções. Ó dador de presentes abundantes em sacrifícios, tu deves fazer tudo isso devidamente. Tu, por te comportares dessa maneira, te tornarás querido para teus súditos e obterás felicidade no Céu. Aquele rei que adora as divindades em cem Sacrifícios de Cavalo, e aquele que governa seus súditos justamente, adquirem mérito que é igual.'"

8

“Yudhishthira disse, ‘Ó senhor da Terra, eu farei como tu me ordenaste. Ó principal dos reis, eu devo ser mais instruído por ti. Bhishma ascendeu para o Céu. O matador de Madhu partiu (para Dwaraka). Vidura e Sanjaya também te acompanharão para a floresta. Quem mais, portanto, além de ti, me ensinará? Aquelas instruções que tu me deste hoje, desejoso de fazer bem para mim, eu certamente seguirei, ó senhor da Terra. Esteja certo disso, ó rei.’”

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado pelo rei Yudhishthira o justo, de grande inteligência, o sábio nobre, Dhritarashtra, o chefe dos Bharatas, desejou obter a permissão do rei (acerca de sua retirada para a floresta). E ele disse, 'Pare, ó filho, grande tem sido meu trabalho.' Tendo dito essas palavras, o velho rei entrou nos apartamentos de Gandhari. Para aquele seu marido que parecia com um segundo Senhor de todas as criaturas, enquanto descansando em um assento, Gandhari de conduta virtuosa, familiarizada com a oportunidade de tudo, disse estas palavras, a hora sendo apropriada para elas, 'Tu obtiveste a permissão daquele grande Rishi, isto é, do próprio Vyasa. Quando, no entanto, tu irás para a floresta, com a permissão de Yudhishthira?'”

"Dhritarashtra disse, 'Ó Gandhari, eu recebi a permissão do meu pai de grande alma. Com a permissão de Yudhishthira (obtida em seguida), eu logo me retirarei para as florestas. Eu desejo, no entanto, doar alguma riqueza capaz de seguir a condição de Preta, em relação a todos aqueles meus filhos que eram viciados nos dados calamitosos. Realmente, eu desejo fazer aquelas doações, convidando todo o povo para a minha mansão.'” (Aqueles que morrem se tornam a princípio o que é chamado de Preta. Eles permanecem assim por um ano, até que o Sapindikarana Sraddha é realizado. Eles então vêm a ser unidos com os Pitris. As doações feitas no primeiro Sraddha como também nos mensais têm a virtude de resgatar o Preta ou de levar a ele uma acessão de mérito. As doações em Sraddhas anuais também têm a mesma eficácia.)

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito isso (para Gandhari), Dhritarashtra enviou mensagem para Yudhishthira. O último, por ordem de seu tio, trouxe todos os artigos necessários. Muitos Brahmanas residentes em Kuru-jangala, e muitos Kshatriyas, muitos Vaisyas, e muitos Sudras também, vieram para a mansão de Dhritarashtra, com corações satisfeitos. O velho rei, saindo dos aposentos internos, viu todos eles, como também seus súditos reunidos. Contemplando todos aqueles cidadãos e habitantes das províncias reunidos, e seus benquerentes também reunidos juntos dessa maneira, e o grande número de Brahmanas chegados de diversos reinos, o rei Dhritarashtra de grande inteligência, ó monarca, disse estas palavras, 'Vocês todos e os Kurus têm vivido juntos por muitos longos anos, benquerentes uns dos outros, e cada um empenhado em fazer bem para o outro. O que eu direi agora, em vista da oportunidade que chegou, deve ser realizado por vocês todos assim como discípulos executam as ordens de seus preceptores. Eu coloquei meu coração em me retirar para as florestas, junto com Gandhari como minha companheira. Vyasa

aprovou isso, como também o filho de Kunti. Deixem-me ter sua permissão também. Não hesitem nisso. Esta boa vontade, que sempre existiu entre vocês e nós, não é vista, eu acredito, em outros reinos entre os governantes e os governados. Eu estou exausto com esta carga de anos sobre a minha cabeça. Eu estou desprovido de filhos. Ó impecáveis, eu estou emaciado com jejuns, junto com Gandhari. O reino tendo passado para Yudhishthira, eu tenho desfrutado de grande felicidade. Ó principais dos homens, eu penso que essa felicidade tem sido maior do que a que eu podia esperar da soberania de Duryodhana. Que outro refúgio eu posso ter, velho como eu estou e desprovido de filhos, exceto as florestas? Ó altamente abençoados, cabe a vocês me concederem a permissão que eu procuro.' Ouvindo essas palavras dele, todos aqueles residentes de Kurujangala proferiram lamentações altas, ó melhor dos Bharatas, com vozes sufocadas com lágrimas. Desejoso de dizer algo mais para aquelas pessoas muito aflitas, Dhritarashtra de grande energia dirigiu-se novamente a elas e disse o seguinte.'"

9

"Dhritarashtra disse, 'Santanu governou adequadamente esta Terra. Similarmente, Vichitraviryya também, protegido por Bhishma, governou vocês. Sem dúvida, tudo isso é conhecido por vocês. É também sabido por vocês como Pandu, meu irmão, era querido para mim como também para vocês. Ele também os governou devidamente. Ó impecáveis, eu também tenho servido vocês. Se aqueles serviços corresponderam às suas necessidades ou foram insuficientes, cabe a vocês me perdoarem, pois eu tenho me encarregado dos meus deveres sem negligência. Duryodhana também desfrutou deste reino sem um tormento do seu lado. Tolo como ele era e dotado de má compreensão, ele, no entanto, não fez nenhum mal a vocês. Pelo erro, no entanto, daquele príncipe de má compreensão, e por causa de seu orgulho, como também pela minha própria impolítica, ocorreu uma grande carnificina de pessoas da classe real. Se eu, naquela questão, agi corretamente ou erradamente, eu rogo a vocês com mãos unidas para dissiparem toda a lembrança disso de seus corações. 'Ele está velho; ele perdeu todos os seus filhos; ele sofre de angústia; ele foi nosso rei, ele é um descendente de reis antigos;' considerações como essas devem levar vocês a me perdoarem. Esta Gandhari também está triste e idosa. Ela também perdeu seus filhos e está desamparada. Afligida pela dor por causa da perda de seus filhos, ela apela a vocês comigo. Sabendo que nós dois somos velhos e aflitos e desprovidos de filhos, nos concedam a permissão que nós buscamos. Abençoados sejam vocês, nós procuramos sua proteção. Este rei Kuru, Yudhishthira, o filho de Kunti, deve ser cuidado por vocês todos, na prosperidade assim como na adversidade. Ele nunca cairá em infortúnio, ele que tem como seus conselheiros quatro irmãos de destreza abundante. Todos eles são conhecedores da virtude e riqueza, e parecem com os próprios guardiões do mundo. Como o próprio Brahman ilustre, o Senhor do universo de criaturas, este Yudhishthira de energia imensa governará vocês. Aquilo que deve certamente ser dito é dito agora por mim. Eu transfiro para vocês este Yudhishthira aqui como um depósito. Eu faço de vocês também um

depósito nas mãos deste herói. Cabe a vocês todos esquecerem e perdoarem qualquer ofensa que tenha sido feita a vocês por aqueles meus filhos que não estão mais vivos, ou, de fato, por qualquer outro pertencente a mim. Vocês nunca nutriram nenhuma raiva contra mim em alguma ocasião anterior. Eu uno minhas mãos diante de vocês que são distinguidos por lealdade. Aqui, eu me curvo a vocês todos. Ó impecáveis, eu, com Gandhari ao meu lado, peço seu perdão agora por qualquer coisa feita a vocês por aqueles meus filhos, de mentes agitadas, maculados pela cobiça, e sempre agindo como seus desejos induziam.' Assim endereçados pelo velho monarca, todos aqueles cidadãos e habitantes das províncias, cheios de lágrimas, não disseram nada, mas somente olharam uns para os outros."'

10

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçados, ó tu da linhagem de Kuru, pelo rei idoso, os cidadãos e os habitantes das províncias permaneceram algum tempo como homens privados de consciência. O rei Dhritarashtra, achando-os silenciosos, com suas gargantas sufocadas pelo pesar, mais uma vez se dirigiu a eles, dizendo, 'Ó melhores dos homens, velho como eu estou, sem filhos, e dando vazão, por tristeza de coração, a diversas lamentações junto com esta minha esposa, eu obtive a permissão, na questão da minha retirada para a floresta, do meu pai, o próprio Krishna Nascido na Ilha, como também do rei Yudhishthira, que está familiarizado com todo o dever, ó habitantes virtuosos deste reino. Ó impecáveis, eu, com Gandhari, apelamos a vocês repetidamente com cabeças inclinadas. Cabe a vocês todos nos concederam permissão.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras lastimáveis do rei Kuru, ó monarca, todos os habitantes reunidos de Kurujangala começaram a chorar. Cobrindo seus rostos com suas mãos e peças de roupa superiores, todos aqueles homens queimando de angústia, choraram por um tempo como pais e mães chorariam (na probabilidade de um filho querido estar prestes a deixá-los para sempre). Levando em seus corações, dos quais todo outro pensamento tinha sido dissipado, a tristeza nascida do desejo de Dhritarashtra de deixar o mundo, eles pareciam com homens privados de toda consciência. Controlando aquela agitação de coração devido ao anúncio do desejo de Dhritarashtra de ir para a floresta, eles gradualmente puderam se dirigir uns aos outros, expressando seus desejos. Colocando suas palavras em resumo, ó rei, eles encarregaram certo Brahmana com a tarefa de responder para o velho monarca. Aquele Brahmana erudito, de bom comportamento, escolhido por consentimento unânime, familiarizado com todos os tópicos, mestre de todos os Richs, e chamado Samba, se esforçou para falar. Recebendo a permissão da assembléia inteira e com sua total aprovação, aquele Brahmana erudito, consciente de suas próprias habilidades, disse estas palavras para o rei, 'Ó monarca, a resposta dessa assembléia foi entregue ao meu cuidado. Eu a anunciarei, ó herói. Receba-a, ó rei. O que tu disseste, ó rei de reis, é tudo verdade, ó pujante. Não há nada nisso que seja mesmo levemente falso. Tu és nosso benquerente, como, de fato, nós somos teus. Na verdade, nesta

linhagem de reis, nunca houve um rei que vindo a governar seus súditos se tornou impopular com eles. Vocês têm nos governado como pais ou irmãos. O rei Duryodhana nunca nos fez nenhum mal. Faça, ó rei, aquilo que aquele asceta de grande alma, o filho de Satyavati, disse. Ele é, realmente, o principal dos nossos instrutores. Deixados por ti, ó monarca, nós passaremos nossos dias em aflição e tristeza, cheios da lembrança de tuas centenas de virtudes. Nós fomos bem governados e protegidos pelo rei Duryodhana assim como nós fomos governados pelo rei Santanu, ou por Chitrangada, ou por teu pai, ó monarca, que era protegido pela destreza de Bhishma, ou por Pandu, aquele soberano da Terra, que era supervisionado por ti em todos os seus atos. Teu filho, ó monarca, nunca nos fez o menor mal. Nós vivemos, confiando naquele rei tão confiantemente como em nosso próprio pai. É sabido por ti como nós vivemos (sob aquele soberano). Do mesmo modo, nós temos desfrutado de grande felicidade, ó monarca, por milhares de anos, sob o governo do filho de Kunti de grande inteligência e sabedoria. (Esse texto onde se menciona milhares de anos como abarcando o governo de Yudhishthira é evidentemente viciado.) Este rei de alma justa realiza sacrifícios com doações em profusão, segue a conduta dos sábios reais de antigamente, pertencentes à tua linhagem, de atos meritórios, tendo Kuru e Samvara e outros e Bharata de grande inteligência entre eles. Não há nada, ó monarca, que seja nem levemente criticável na questão do governo de Yudhishthira. Protegidos e governados por ti, nós todos temos vivido em grande felicidade. O mais leve demérito é incapaz de ser alegado contra ti e teu filho. Considerando o que tu disseste sobre Duryodhana na questão daquela carnificina de parentes, eu rogo a ti, ó alegrador dos Kurus (para me escutar).'"

"O Brahmana continuou, 'A destruição que alcançou os Kurus não foi ocasionada por Duryodhana. Ela não foi ocasionada por ti. Nem ela foi ocasionada por Karna ou pelo filho de Suvala. Nós sabemos que ela foi ocasionada pelo destino, e que ela não podia ser neutralizada. Realmente, o destino não pode ser resistido pelo esforço humano. Dezoito Akshauhinis de tropas, ó monarca, foram reunidos. Em dezoito dias aquela hoste foi destruída pelos principais dos guerreiros Kuru, isto é, Bhishma e Drona e Kripa e outros, e Karna de grande alma, e o heróico Yuyudhana, e Dhrishtadyumna, e pelos quatro filhos de Pandu, isto é, Bhima e Arjuna e gêmeos. Aquela (tremenda) carnificina, ó rei, não poderia acontecer sem a influência do destino. Sem dúvida, por Kshatriyas em particular, inimigos devem ser mortos e a morte encontrada em combate. Por aqueles principais dos homens, dotados de ciência e força de armas, a Terra foi exterminada com seus corcéis e carros e elefantes. Teu filho não foi a causa daquela carnificina de reis de grande alma. Tu não foste a causa, nem teus empregados, nem Karna, nem o filho de Suvala. A destruição daqueles principais da linhagem de Kuru e de reis aos milhares, saiba, foi ocasionada pelo destino. Quem pode dizer qualquer coisa a mais nisto? Tu és considerado como o Guru e o mestre do mundo inteiro. Nós, portanto, na tua presença, absolvemos teu filho de alma honrada. Que aquele rei, com todos os seus associados, obtenha as regiões reservadas para heróis. Permitido pelos principais dos Brahmanas, que ele se divirta com felicidade no céu. Tu também obterás grande mérito, e firmeza inabalável em virtude. Ó tu de votos excelentes, siga inteiramente os deveres

indicados nos Vedas. Não há necessidade de ti ou de nós cuidarmos dos Pandavas. Eles são capazes de governar os próprios Céus, o que então precisa ser dito da Terra? Ó tu de grande inteligência, em prosperidade como em adversidade, os súditos deste reino, ó principal da linhagem de Kuru, serão obedientes aos Pandavas que têm conduta como seu ornamento. O filho de Pandu faz aquelas doações valiosas que sempre devem ser feitas para as principais das pessoas regeneradas em sacrifícios e em ritos funerais, seguindo o costume de todos os grandes reis da antiguidade. O filho generoso de Kunti é brando e autocontrolado, e está sempre disposto a gastar como se ele fosse um segundo Vaisravana. Ele tem grandes ministros que estão a serviço dele. Ele é compassivo até para seus inimigos. De fato, aquele mais notável da linhagem de Bharata é de conduta pura. Dotado de grande inteligência, ele é perfeitamente honesto em suas transações e regras e nos protege como um pai protegendo seus filhos. Por causa da associação com ele que é o filho de Dharma, ó sábio nobre, Bhima e Arjuna e os outros nunca nos farão o menor mal. Eles são compassivos, ó tu da linhagem de Kuru, para com aqueles que são compassivos, e ferozes como cobras de veneno virulento para aqueles que são violentos. Possuidores de grande energia, aqueles de grande alma estão sempre dedicados ao bem do povo. Nem Kunti, nem tua (nora) Panchali, nem Ulupi, nem a princesa da tribo Sattwata, farão o menor mal para estas pessoas. A afeição que tu tens mostrado em direção a nós e a qual em Yudhishthira é vista existir em uma medida ainda maior não pode ser esquecida pelo povo da cidade e das províncias. Aqueles grandes guerreiros em carros, isto é, os filhos de Kunti, eles mesmos dedicados aos deveres de justiça, protegerão e cuidarão das pessoas mesmo se acontecer de elas serem injustas. Portanto, ó rei, dissipando toda a ansiedade do teu coração por causa de Yudhishthira, te dirija à realização de todos os atos meritórios, ó principal dos homens.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras, repletas de virtude e mérito, daquele Brahmana, e as aprovando, todas as pessoas naquela assembléia disseram, ‘Excelente! Excelente!’ e as aceitaram como as suas próprias. Dhritarashtra também, aplaudindo repetidamente aquelas palavras, despediu lentamente aquela assembléia de seus súditos. Honrado dessa maneira por eles e olhado com olhares auspiciosos, o velho rei, ó chefe da linhagem de Bharata, uniu suas mãos e honrou todos eles em retorno. Ele então entrou em sua própria mansão com Gandhari. Escute agora o que ele fez depois que aquela noite tinha passado.'"

11

"Vaisampayana disse, 'Depois que aquela noite tinha passado, Dhritarashtra, o filho de Amvika, despachou Vidura para a mansão de Yudhishthira. Dotado de grande energia e a principal de todas as pessoas possuidoras de inteligência, Vidura, tendo chegado à mansão de Yudhishthira, dirigiu-se àquele principal dentre os homens, aquele rei de glória imorredoura, nestas palavras, 'O rei Dhritarashtra passou pelos ritos preliminares para realizar seu propósito de se

retirar para as florestas. Ele partirá para as florestas, ó rei, no próximo dia da lua cheia do mês de Kartika. Ele agora solicita de ti, ó principal da linhagem de Kuru, alguma riqueza. Ele deseja realizar o Sraddha do filho de grande alma de Ganga, como também de Drona e Somadatta e Valhika de grande inteligência, e de todos os seus filhos como também de todos os seus benquerentes que foram mortos, e, se tu permitires isto, daquele indivíduo de alma pecaminosa, isto é, o soberano dos Sindhus.' (É difícil imaginar por que somente o soberano dos Sindhus, Jayadratha, deve ser considerado como um malfeitor para os Pandavas. A respeito da morte de Abhimanyu ele representou uma parte muito menor, por somente proteger a entrada da ordem de batalha contra os guerreiros Pandava. É verdade que ele tentou raptar Draupadi do retiro da floresta dos Pandavas, mas mesmo nisso, o mal não foi tão grande quanto aquele que Duryodhana e outros infligiram sobre os Pandavas por arrastarem Draupadi para a corte dos Kurus.) Ouvindo as palavras de Vidura, Yudhishthira, e o filho de Pandu Arjuna de cabelo encaracolado, ficaram muito contentes e as elogiaram grandemente. Bhima, no entanto, de grande energia e ira implacável, não aceitou aquelas palavras de Vidura com boa disposição, se lembrando das ações de Duryodhana. O enfeitado com diadema Phalguna, compreendendo os pensamentos de Bhimasena, inclinando seu rosto ligeiramente para baixo, dirigiu-se àquele principal dos homens nestas palavras, 'Ó Bhima, nosso nobre pai que é de idade avançada resolveu se retirar para as florestas. Ele deseja fazer doações para aumentar a felicidade de seus parentes e benquerentes mortos agora no outro mundo. Ó tu da linhagem de Kuru, ele deseja doar riqueza que pertence a ti por conquista. De fato, ó poderosamente armado, é por Bhishma e outros que o velho rei está desejoso de fazer aquelas doações. Cabe a ti conceder tua permissão. Por boa sorte é que, ó tu de braços poderosos, Dhritarashtra hoje pede riqueza de nós, ele que era antigamente pedido por nós. Veja o reverso ocasionado pelo Tempo. Aquele rei que era antes o senhor e protetor da Terra inteira agora deseja ir para as florestas, seus parentes e associados todos mortos por inimigos. Ó chefe de homens, não deixe tua visão se desviar de conceder a permissão pedida. Ó poderosamente armado, a recusa, além de trazer infâmia, será produtiva de demérito. Aprenda teu dever nessa questão do rei, teu irmão mais velho, que é o senhor de tudo. Cabe a ti dar em vez de recusar, ó chefe da linhagem de Bharata.' Vibhatsu que estava dizendo isso foi aplaudido pelo rei Yudhishthira, o justo. Cedendo à cólera, Bhimasena disse estas palavras, 'Ó Phalguna, somos nós que faremos doações na questão dos funerais de Bhishma, como também do rei Somadatta e de Bhurisravas, do sábio real Valhika, e de Drona de grande alma, e de todos os outros. Nossa mãe Kunti fará tais oferendas funerais por Karna. Ó principal dos homens, não deixe Dhritarashtra realizar aqueles Sraddhas. Isso mesmo é o que eu penso. Que nossos inimigos não sejam alegrados. Deixe Duryodhana e outros caírem de uma posição miserável para uma mais miserável ainda. Ai, foram aqueles desgraçados de sua raça que fizeram a Terra inteira ser exterminada. Como tu podes esquecer aquela ansiedade de doze longos anos, e a nossa residência incógnita que foi tão dolorosa para Draupadi? Onde estava a afeição de Dhritarashtra por nós então? Vestido em uma camurça preta e privado de todos os teus ornamentos, com a princesa de Panchala em tua companhia, tu não seguiste este rei? Onde estavam Bhishma e Drona então, e onde estava

Somadatta? Tu tivesses que viver por treze anos nas florestas, te sustentando dos produtos da selva. Teu pai mais velho então não olhou para ti com olhos de afeição paterna. Tu esqueceste, ó Partha, que foi aquele patife da nossa linhagem, de má compreensão, que perguntou a Vidura, quando a partida de dados estava ocorrendo, 'O que foi ganho?' Ouvindo até aqui, o rei Yudhishthira, o filho de Kunti, dotado de grande inteligência, o repreendeu e disse para ele ficar silencioso."

12

"Arjuna disse, 'Ó Bhima, tu és meu irmão mais velho e, portanto, meu superior e preceptor. Eu não ouso dizer qualquer coisa a mais do que eu já disse. O sábio real Dhritarashtra merece ser honrado por nós em todo aspecto. Aqueles que são bons, aqueles que são distintos acima do nível comum, aqueles que não quebram as distinções que caracterizam os bons, não se lembram dos males feitos para eles, mas somente dos benefícios que eles receberam.' Ouvindo essas palavras de Phalguna de grande alma, Yudhishthira de alma justa, o filho de Kunti, se dirigiu a Vidura e disse estas palavras, 'Instruído por mim, ó Kshattri, diga ao rei Kuru que eu darei a ele tanta riqueza da minha tesouraria quanto ele desejar doar para os funerais de seus filhos, e de Bhishma e outros entre seus benquerentes e benfeitores. Que Bhima não fique triste nisso!'

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito essas palavras, o rei Yudhishthira o justo, elogiou muito Arjuna. Enquanto isso Bhimasena começou a lançar olhares enfurecidos em Dhananjaya. Então Yudhishthira, dotado de grande inteligência, mais uma vez se dirigiu a Vidura e disse, 'Não cabe ao rei Dhritarashtra ficar zangado com Bhimasena. Este Bhima de grande inteligência foi grandemente afligido pelo frio e chuva e calor e por mil outros tormentos enquanto residindo nas florestas. Tudo isso não é desconhecido para ti. Portanto, instruído por mim, diga ao rei, ó principal da linhagem de Bharata, que ele pode pegar da minha casa quaisquer artigos que ele deseje e também em qualquer medida que ele queira. Tu deves também dizer para o rei que ele não deve permitir seu coração se estender sobre essa exibição de orgulho à qual Bhima, profundamente afligido, se entregou. Qualquer riqueza que eu tenha e que Arjuna tenha em sua casa, o dono dela é o rei Dhritarashtra. Exatamente isso tu deves dizer a ele. Que o rei faça doações para os Brahmanas. Que ele gaste tão abundantemente quanto ele queira. Que ele se livre da dívida que ele tem com seus filhos e benquerentes. Diga a ele, além disso, (em meu nome), 'Ó Monarca, este meu próprio corpo está à tua disposição e toda a riqueza que eu tenho. Saiba disso, e que não haja dúvida nisso.'"

13

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçado pelo rei Yudhishthira, Vidura, aquela principal de todas as pessoas inteligentes, voltou para Dhritarashtra e disse para ele estas palavras de grande importância, 'Eu inicialmente relatei tua mensagem

para o rei Yudhishthira. Refletindo sobre tuas palavras, Yudhishthira de grande esplendor as elogiou muito. Vibhatsu também, de grande energia, colocou todas as suas mansões, com toda a riqueza dentro delas, como também seus próprios ares vitais, à tua disposição. Teu filho, o rei Yudhishthira, também, te oferece, ó sábio nobre, seu reino e vida e riqueza e tudo mais que pertence a ele. Bhima, no entanto, de braços poderosos, se lembrando de todas as suas inúmeras tristezas, deu seu consentimento com dificuldade, dando muitos suspiros pesados. Aquele herói de braços fortes, ó monarca, foi solicitado pelo rei justo como também por Vibhatsu, e induzido a assumir relações de cordialidade com relação a ti. O rei Yudhishthira, o justo, rogou a ti para não dar vazão à insatisfação pela conduta imprópria que Bhima exibiu pela recordação de antigas hostilidades. Este é geralmente o comportamento de Kshatriyas em batalha, ó rei, e Vrikodara é dedicado à batalha e às práticas dos Kshatriyas. Eu mesmo e Arjuna, ó rei, repetidamente te pedimos para perdoar Vrikodara. Seja benevolente para nós. Tu és nosso soberano. Qualquer riqueza que nós tenhamos tu podes doar como tu quiseres, ó soberano da Terra. Tu, ó Bharata, és o Mestre deste reino e de tudo o que vive nele. Que o mais notável da linhagem de Kuru doe, para os ritos funerais de seus filhos, todos aqueles principais dos presentes que devem ser dados para os Brahmanas. De fato, que ele faça aquelas doações para pessoas da ordem regenerada, levando de nossas mansões jóias e pedras preciosas, e vacas, e escravos homens e mulheres, e cabras e ovelhas. Que doações sejam feitas também para aqueles que são pobres ou cegos ou em grande infortúnio, escolhendo os objetos de sua caridade como ele desejar. Que, ó Vidura, grandes pavilhões sejam construídos, ricos com alimento e bebida de diversos sabores reunidos em profusão. Que reservatórios de água sejam construídos para permitirem às vacas beberem, e que outros trabalhos de mérito sejam realizados.' Exatamente essas foram as palavras ditas a mim pelo rei como também pelo filho de Pritha Dhananjaya. Cabe a ti dizer o que deve ser feito em seguida.' Depois que Vidura tinha dito essas palavras, ó Janamejaya, Dhritarashtra mostrou sua satisfação por elas e colocou seu coração em fazer grandes presentes no dia da lua cheia do mês de Kartika."

14

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçado por Vidura, o rei Dhritarashtra ficou altamente satisfeito, ó monarca, com o ato de Yudhishthira e Jishnu. Convidando então, depois de exame apropriado, milhares de Brahmanas dignos e Rishis superiores, por causa de Bhishma, como também de seus filhos e amigos, e fazendo uma grande quantidade de comida e bebida ser preparada, e carros e outros veículos, e roupas, e ouro e jóias e pedras preciosas, e escravos homens e mulheres, e cabras e ovelhas, e cobertores e artigos caros serem reunidos, e aldeias e campos, e outros tipos de riqueza serem mantidos prontos, como também elefantes e corcéis enfeitados com ornamentos, e muitas moças belas que eram as melhores de seu sexo, aquele principal dos reis os doou para o progresso dos mortos, citando cada um deles na devida ordem enquanto os presentes eram feitos. Citando Drona, e Bhishma, e Somadatta, e Valhika, e o rei

Duryodhana, e cada um dos seus outros filhos, e todos os seus benquerentes com Jayadratha numerando primeiro, aqueles presentes foram feitos na ordem apropriada. Com a aprovação de Yudhishthira, aquele sacrifício-Sraddha se tornou caracterizado por grandes doações de riqueza e presentes abundantes de jóias e pedras preciosas e outros tipos de preciosidades. Contadores e escribas naquela ocasião, sob as ordens de Yudhishthira, pediam incessantemente ao velho rei, 'Ordene, ó monarca, quais doações devem ser feitas para estes. Todas as coisas estão prontas aqui.' Tão logo o rei falava, eles doavam o que ele ordenava. (O modo usual no qual doações são feitas atualmente em ocasiões de Sraddhas e casamentos e outros ritos auspiciosos parece muito com o que é descrito aqui. Em vez de consagrar cada presente com mantras e água e transferi-lo para o recebedor, todos os artigos em uma pilha são consagrados com a ajuda de mantras. Os convidados são então reunidos, e são chamados individualmente. O Adhyaksha ou superintendente, de acordo com a lista preparada, cita os presentes a serem feitos para o convidado chamado. Os contadores realmente os transferem, os escribas os anotando.) Para aquele que era para receber cem, mil era dado, e para ele que era para receber mil era dado dez mil, por ordem do filho nobre de Kunti. (Cada presente que era indicado por Dhritarashtra era multiplicado por dez por ordem de Yudhishthira.) Como as nuvens vivificando as colheitas com seus aguaceiros, aquela nuvem nobre gratificou os Brahmanas por meio de chuvas de riqueza. Depois que todos aqueles presentes tinham sido distribuídos, o rei, ó tu de grande inteligência, então inundou os convidados reunidos de todas as quatro classes com repetidas ondas de alimento e bebida de diversos sabores. Realmente, o oceano Dhritarashtra, elevando-se, com jóias e pedras preciosas como suas águas, rico com as aldeias e campos e outros presentes principais constituindo suas ilhas verdejantes, pilhas de diversos tipos de artigos preciosos como suas ricas cavernas, elefantes e corcéis como seus jacarés e redemoinhos, o som de Mridangas como seus bramidos profundos, e roupas e riqueza e provisões preciosas como ondas, inundou a Terra. Foi mesmo dessa maneira, ó rei, que aquele monarca fez doações para o avanço no outro mundo de seus filhos e netos e Pitris como também dele mesmo e Gandhari. Finalmente quando ele ficou cansado com a tarefa de fazer presentes em tal profusão, aquele grande Sacrifício-doação chegou ao fim. Exatamente dessa maneira aquele rei da linhagem de Kuru realizou seu Sacrifício-doação. Atores e mímicos dançaram e cantaram continuamente na ocasião e contribuíram para a alegria de todos os convidados. Comida e bebida de diversos gostos foram distribuídas em grandes quantidades. Fazendo doações dessa maneira por dez dias, o filho real de Amvika, ó chefe da linhagem de Bharata, ficou livre das dívidas que ele tinha com seus filhos e netos."

15

"Vaisampayana disse, 'O filho real de Amvika, isto é, Dhritarashtra, tendo decidido a hora de sua partida para as florestas, convocou aqueles heróis, os Pandavas. Possuidor de grande inteligência, o velho monarca, com Gandhari, abordou devidamente aqueles príncipes. Tendo feito os ritos menores serem

realizados, por Brahmanas conhecedores dos Vedas, naquele dia que era o dia da lua cheia no mês de Kartika, ele fez o fogo o qual ele adorava diariamente ser levantado. Deixando seus mantos usuais ele vestiu peles de veado e cascas de árvores, e, acompanhado por suas noras, ele saiu de sua mansão. Quando o filho nobre de Vichitraviryya saiu dessa maneira, um lamento alto foi proferido pelas damas Pandava e Kaurava como também por outras mulheres pertencentes à linhagem Kaurava. O rei reverenciou a mansão na qual ele tinha vivido com arroz frito e flores excelentes de diversas espécies. Ele também honrou todos os seus empregados com presentes de riqueza, e então deixando aquela residência saiu em sua viagem. Então, ó filho, o rei Yudhishthira, completamente trêmulo, com a voz sufocada pelas lágrimas, disse estas palavras em voz alta, 'Ó monarca justo, para onde tu vais?' e caiu em um desmaio. Arjuna, queimando com grande angústia, suspirava repetidamente. Aqueles principais dos príncipes Bharata, dizendo para Yudhishthira que ele não devia se comportar daquela maneira, permaneceram tristemente e com coração mergulhado em aflição. Vrikodara, o heróico Phalguna, os dois filhos de Madri, Vidura, Sanjaya, o filho de Dhritarashtra com sua esposa Vaisya, e Kripa, e Dhaumya, e outros Brahmanas, todos seguiram o velho monarca, com vozes sufocadas em tristeza. Kunti caminhou na dianteira, levando em seus ombros a mão de Gandhari, que andava com seus olhos enfaixados. O rei Dhritarashtra andava confiantemente atrás de Gandhari, colocando sua mão em seu ombro. (Como Dhritarashtra era cego, sua rainha Gandhari, cuja devoção por seu marido era muito grande, tinha, desde os dias de seu casamento, mantido seus olhos enfaixados se recusando a olhar para o mundo que seu marido não podia ver.) Krishna, a filha de Drupada, ela da tribo Sattwata, Uttara, a nora dos Kauravas, que tinha se tornado mãe recentemente, Chitrangada, e outras senhoras da casa real, todas procederam com o velho monarca. Os lamentos que elas proferiram naquela ocasião, ó rei, de tristeza, pareciam com as lamentações altas de um bando de águias pescadoras. Então as esposas dos cidadãos, Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras, também saíram às ruas de todos os lados. Na partida de Dhritarashtra, ó rei, todos os cidadãos de Hastinapura ficaram tão afligidos como eles tinham estado, ó monarca, quando eles testemunharam a partida dos Pandavas antigamente depois de sua derrota na partida de dados. Damas que nunca tinham visto o sol ou a lua saíram às ruas na ocasião, em grande aflição, quando o rei Dhritarashtra seguiu para a grande floresta."

16

"Vaisampayana disse, 'Grande foi o tumulto, naquela hora, ó rei, de homens e mulheres permanecendo nos terraços de mansões ou no chão. Possuidor de grande inteligência, o velho rei, com mãos unidas, e tremendo de fraqueza, procedeu com dificuldade ao longo da rua principal que estava apinhada com pessoas de ambos os sexos. Ele deixou a cidade chamada de elefante pelo portão principal e então ordenou repetidamente que a multidão de pessoas voltasse para suas casas. Vidura tinha colocado seu coração em ir para a floresta junto com o rei. O Suta Sanjaya também, o filho de Gavalgani, o principal ministro de

Dhritarashtra, era da mesma disposição. O rei Dhritarashtra, no entanto, fez Kripa e o poderoso guerreiro em carro Yuyutsu se absterem de segui-lo. Ele os transferiu para as mãos de Yudhishthira. Depois que os cidadãos tinham parado de seguir o monarca, o rei Yudhishthira, com as damas de sua casa, se preparou para parar, por ordem de Dhritarashtra. Vendo que sua mãe Kunti estava desejosa de se retirar para as florestas, o rei disse para ela, 'Eu seguirei o velho monarca. Desista. Cabe a ti, ó rainha, voltar para a cidade, acompanhada por estas tuas noras. Este monarca procede para as florestas, firmemente resolvido a praticar penitências.' Embora o rei Yudhishthira tenha dito essas palavras para ela, com seus olhos banhados em lágrimas, Kunti, no entanto, sem responder a ele, continuou a prosseguir, agarrando-se à Gandhari."

"Kunti disse, 'Ó rei, nunca mostre qualquer desconsideração por Sahadeva. Ele é muito apegado a mim, ó monarca, e a ti também sempre. Tu deves sempre manter em mente Karna que nunca recuou da batalha. Por minha insensatez aquele herói foi morto no campo de batalha. Certamente, meu filho, esse meu coração é feito de aço, já que ele não se quebra em cem pedaços ao não ver aquele filho nascido de Surya. Quando tal é o caso, ó castigador de inimigos, o que eu posso fazer agora? Eu sou muito culpada por não ter proclamado a verdade acerca do nascimento do filho de Surya. Ó destruidor de inimigos, eu espero que tu, com todos os teus irmãos, faça doações excelentes por causa daquele filho de Surya. Ó ceifeiro de inimigos, tu deves sempre fazer o que é agradável para Draupadi. Tu deves cuidar de Bhimasena e Arjuna e Nakula e Sahadeva. As responsabilidades da linhagem de Kuru agora caíram sobre ti, ó rei. Eu viverei nas florestas com Gandhari, cobrindo meu corpo com sujeira, ocupada na realização de penitências, e dedicada ao serviço de meu sogro e sogra.'" (Nilakantha explica que como Dhritarashtra é irmão mais velho de Pandu, portanto, Kunti o considera como pai de Pandu. A rainha Gandhari então é sogra de Kunti. O irmão mais velho é considerado como um pai.)

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por ela, Yudhishthira de alma justa, com paixões sob controle completo, ficou, com todos os seus irmãos, mergulhado em grande angústia. Dotado de grande inteligência, o rei não disse uma palavra. Tendo refletido por pouco tempo, o rei Yudhishthira o justo, triste e mergulhado em ansiedade e tristeza dirigiu-se à sua mãe, dizendo, 'Estranho, de fato, é esse teu propósito! Não cabe a ti realizar isso. Eu nunca poderia te conceder permissão. Cabe a ti nos mostrar compaixão. Antigamente, quando nós estávamos prestes a sairmos de Hastinapura para as florestas, ó tu de feições agradáveis, foste tu que, narrando para nós a história das instruções de Vidula para seu filho, nos incitaste para o esforço. Não cabe a ti nos abandonar agora. Tendo matado os reis da Terra, eu ganhei soberania, guiado por tuas palavras de sabedoria comunicadas por Vasudeva. Onde está agora aquela tua compreensão sobre a qual eu ouvi de Vasudeva? Tu desejas agora te desviar daquelas práticas Kshatriya sobre as quais tu nos instruíste? Abandonando nós mesmos, este reino, e esta tua nora que é possuidora de grande fama, como tu viverás nas florestas inacessíveis? Ceda!' Kunti, com lágrimas em seus olhos, ouviu essas palavras de seu filho, mas continuou a prosseguir em seu caminho. Então Bhima dirigiu-se a

ela, dizendo, 'Quando, ó Kunti, a soberania foi ganha, e quando chegou a hora de tu desfrutares dessa soberania assim adquirida por teus filhos, quando os deveres de realeza esperam desencargo por ti, por que motivo esse desejo ocupou tua mente? Por que então tu nos fizeste exterminar a Terra? Por que razão tu deixas todos nós e deseja tomar tua residência nas florestas? Nós nascemos nas florestas. Por que então tu nos trouxeste da floresta enquanto nós éramos crianças? Veja, os dois filhos de Madri estão dominados pela tristeza e aflição. Ceda, ó mãe, ó tu de grande fama, não vá para as florestas agora. Desfrute daquela prosperidade que, adquirida pelo poder, tornou-se de Yudhishthira hoje.' Firmemente resolvida a se retirar para as florestas, Kunti desconsiderou essas lamentações de seus filhos. Então Draupadi com um rosto triste, acompanhada por Subhadra, seguiu sua sogra lacrimosa que estava viajando pelo desejo de entrar nas florestas. Possuidora de grande sabedoria e firmemente decidida a se retirar do mundo, a dama abençoada andou em frente, olhando frequentemente para seus filhos chorosos. Os Pandavas, com todas as suas esposas e servidores, continuaram a segui-la. Reprimindo então suas lágrimas, ela se dirigiu aos seus filhos nestas palavras.'"

17

"Kunti disse, 'É assim mesmo, ó filho de braços poderosos de Pandu, como tu disseste. Ó reis, antigamente quando vocês estavam tristes, foi exatamente dessa maneira que eu estimulei vocês todos. Sim, vendo que seu reino foi tirado à força de vocês por uma partida de dados, vendo que vocês todos tinham se afastado da felicidade, vendo que vocês eram tiranizados por parentes, eu instilei coragem e pensamentos superiores em suas mentes. Ó principais dos homens, eu encorajei vocês para que eles que eram os filhos de Pandu não pudessem ser perdidos, para que sua fama não pudesse ser perdida. Vocês são todos iguais a Indra. Sua destreza parece com aquela dos próprios deuses. Para que vocês não pudessem viver olhando para os rostos de outros, eu agi daquele modo. (Viver olhando os rostos de outros é viver em dependência de outros.) Eu instilei coragem no teu coração para que tu que és a principal de todas as pessoas justas, que és igual a Vasava, não pudesse ir outra vez para as florestas e viver em miséria. Eu instilei coragem em seus corações para que Bhima, que é possuidor da força de dez mil elefantes, e cuja bravura e coragem são amplamente conhecidas, não pudesse cair em insignificância e ruína. Eu instilei coragem em seus corações para que este Vijaya, que nasceu depois de Bhimasena, e que é igual ao próprio Vasava não pudesse ser infeliz. Eu instilei coragem em seus corações para que Nakula e Sahadeva, que são sempre devotados aos seus superiores, não pudessem ser enfraquecidos e tornados desanimados pela fome. Eu agi daquela forma para que esta dama de proporções bem desenvolvidas e olhos grandes expansivos não pudesse sofrer os males infligidos a ela no salão público sem ser vingada. Na própria visão de vocês todos, ó Bhima, Dussasana, por tolice, a arrastou tremendo toda como uma bananeira, durante o período de sua indisposição funcional, depois que ela foi ganha nos dados, como se ela fosse uma escrava. Tudo isso foi sabido por mim. De fato, a linhagem de Pandu tinha sido subjugada (por inimigos).

Os Kurus, meu sogro e outros, ficaram tristes quando ela, desejosa de um protetor, proferiu lamentações altas como uma águia pescadora. Quando ela foi arrastada por seus cabelos formosos pelo pecaminoso Dussasana de pouca inteligência, eu fui privada de meus sentidos, ó rei. Saiba, que para aumentar sua energia, eu instilei aquela coragem em seus corações por recitar as palavras de Vidula, ó meus filhos. Eu instilei coragem em seus corações, ó meus filhos, para que a linhagem de Pandu, representada por meus filhos, não pudesse ser perdida. Os filhos e netos daquela pessoa que traz infâmia a uma linhagem nunca conseguem chegar às regiões dos justos. Realmente, os antepassados da linhagem Kaurava corriam o risco de perder aquelas regiões de felicidade que tinham se tornado deles. Com relação a mim mesma, ó meus filhos, eu, antes disso, desfrutei dos grandes frutos daquela soberania que meu marido tinha adquirido. Eu fiz grandes doações. (Foi salientado antes que mahadana significa doações de tais coisas como elefantes, cavalos, carros e outros veículos, botes, etc. O doador ganha grande mérito por fazê-las, mas o recebedor incorre em demérito pela aceitação, a menos que aconteça de ele ser uma pessoa de energia excepcional. Até hoje, aceitadores de tais doações são considerados como homens decaídos.) Eu bebi devidamente o suco Soma em sacrifício. Não foi por minha própria causa que eu instiguei Vasudeva com as palavras inspiradoras de Vidula. Foi por sua causa que eu os roguei para seguirem aquele conselho. Ó meus filhos, eu não desejo os frutos daquela soberania que foi ganha por meus filhos. Ó tu de grande força, eu desejo alcançar, por minhas penitências, aquelas regiões de felicidade que foram adquiridas por meu marido. Por prestar serviço obediente para meu sogro e sogra ambos os quais desejam tomar sua residência nas florestas, e por penitências, eu desejo, ó Yudhishthira, enfraquecer meu corpo. Pare de me seguir, ó principal da linhagem de Kuru, junto com Bhima e outros. Que tua compreensão seja sempre devotada à justiça. Que tua mente seja sempre grande.'"

18

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo essas palavras de Kunti, os Pandavas impecáveis, ó melhor dos reis, ficaram envergonhados. Eles, portanto, desistiram, junto com a princesa de Panchala, de segui-la. (As palavras que Kunti falou eram justas. A oposição que seus filhos ofereceram era irracional. Por isso, sua vergonha.) Vendo Kunti decidida a ir para as florestas, as damas da família Pandava proferiram lamentos altos. Os Pandavas então circungiraram o rei e o saudaram devidamente. Eles pararam de seguir adiante, tendo fracassado em persuadir Pritha a voltar. Então o filho de Amvika de grande energia, isto é, Dhritarashtra, dirigindo-se a Gandhari e Vidura e apoiando-se neles, disse, 'Que a nobre mãe de Yudhishthira cesse de nos acompanhar. O que Yudhishthira disse é tudo muito verdadeiro. Abandonando essa grande prosperidade de seus filhos, abandonando aqueles frutos excelentes que podem ser dela, por que ela deveria ir para as florestas inacessíveis, deixando seus filhos como uma pessoa de pouca inteligência? Vivendo no gozo da soberania, ela pode praticar penitências e cumprir votos superiores de doações. Que ela, portanto, ouça minhas palavras. Ó

Gandhari, eu estou muito satisfeito com os serviços prestados a mim por esta minha nora. Conhecedora como tu és de todos os deveres, cabe a ti mandá-la retornar.' Assim endereçada por seu marido, a filha de Suvala repetiu para Kunti todas aquelas palavras do velho rei e acrescentou suas próprias palavras de grave significado. Ela, no entanto, fracassou em fazer Kunti desistir porque aquela senhora casta, dedicada à virtude, tinha colocado firmemente seu coração em residir nas florestas. As damas Kuru, compreendendo quão firme era sua resolução a respeito de sua retirada para as florestas, e vendo que aqueles principais da linhagem de Kuru (isto é, seus próprios maridos), tinham parado de segui-la, deram um grito alto de lamentação. Depois que todos os filhos de Pritha e todas as damas tiveram retrocedido seus passos, o rei Dhritarashtra de grande sabedoria continuou sua jornada para as florestas. Os Pandavas, extremamente desanimados e afligidos com angústia e tristeza, acompanhados por suas esposas, voltaram para a cidade, em seus carros. Naquele tempo a cidade de Hastinapura, com toda a sua população de homens e mulheres, velhos e jovens, ficou desanimada e mergulhada em tristeza. Festivais alegres não foram celebrados. Afligidos pela dor os Pandavas estavam sem nenhuma energia. Abandonados por Kunti, eles ficaram profundamente afligidos pela angústia como bezerros privados de suas mães. Dhritarashtra alcançou naquele dia um local muito distante da cidade. O monarca poderoso chegou finalmente nas margens de Bhagirathi e descansou lá pela noite. Brahmanas conhecedores dos Vedas acenderam devidamente seus fogos sagrados naquele retiro de ascetas. Cercados por aqueles principais dos Brahmanas, aqueles fogos sagrados resplandeceram em beleza. O fogo sagrado do velho rei foi aceso também. Sentando perto do seu próprio fogo, ele derramou libações sobre ele de acordo com os ritos devidos, e então adorou o sol de mil raios quando ele estava prestes a se pôr. Então Vidura e Sanjaya fizeram uma cama para o rei espalhando algumas folhas de grama Kusa. Perto da cama daquele herói Kuru eles fizeram outra para Gandhari. Bem próximo a Gandhari, a mãe de Yudhishthira, Kunti, observadora de votos excelentes, deitou-se feliz. Dentro da distância de audição daqueles três dormiram Vidura e outros. Os Brahmanas Yajaka e outros seguidores do rei se deitaram em suas respectivas camas. Os principais dos Brahmanas que estavam lá cantaram em voz alta muitos hinos sagrados. Os fogos sacrificais brilhavam por toda parte. Aquela noite, portanto, parecia tão encantadora para eles como uma noite Brahmi. (Noite no decorrer da qual hinos sagrados são cantados.) Quando a noite passou, eles todos se levantaram de suas camas e passaram por suas ações matinais. Derramando então libações no fogo sagrado, eles continuaram sua viagem. Seu primeiro dia de experiência na floresta provou ser muito doloroso para eles por causa do sofrimento dos habitantes da cidade e das províncias do reino Kuru.'"

19

"Vaisampayana disse. 'Seguindo o conselho de Vidura, o rei tomou sua residência nas margens do Bhagirathi as quais era sagradas e dignas de serem povoadas pelos justos. Lá muitos Brahmanas que tinham tomado sua residência

nas florestas, como também muitos Kshatriyas e Vaisyas e Sudras, chegaram para ver o velho monarca. Sentado em seu meio, ele alegrou todos eles com suas palavras. Tendo adorado adequadamente os Brahmanas com seus discípulos, ele despediu todos eles. Quando chegou a noite, o rei e Gandhari de grande fama, ambos desceram à corrente do Bhagirathi e realizaram suas abluções devidamente para se purificarem. O rei e a rainha, e Vidura e outros, ó Bharata, tendo se banhado no rio sagrado, realizaram os ritos usuais de religião. Depois que o rei tinha se purificado por meio de um banho, a filha de Kuntibhoja gentilmente conduziu ele que era para ela como seu sogro, e Gandhari, da água para a margem seca. Os Yajakas tinham feito um altar sacrifical lá para o rei. Dedicado à verdade, o último então derramou libações no fogo. Das margens do Bhagirathi o velho rei, com seus seguidores, cumpridores de votos e com sentidos controlados, então procedeu para Kurukshetra. Possuidor de grande inteligência, o rei chegou ao retiro do sábio real Satayupa de grande sabedoria e teve uma conversa com ele. Satayupa, ó destruidor de inimigos, tinha sido o grande rei dos Kekayas. Tendo transferido a soberania do reino para seu filho ele tinha entrado nas florestas. Satayupa recebeu o rei Dhritarashtra com os ritos devidos. Acompanhado por ele, o último procedeu para o retiro de Vyasa. Chegando ao retiro de Vyasa, o encantador dos Kurus recebeu sua iniciação no modo de vida da floresta. Retornando ele tomou sua residência no retiro de Satayupa. Satayupa de grande alma instruiu Dhritarashtra em todos os ritos do modo da floresta, por ordem de Vyasa. Dessa maneira Dhritarashtra de grande alma se dirigiu à prática de penitências, e todos os seus seguidores também ao mesmo rumo de conduta. A rainha Gandhari também, ó monarca, junto com Kunti, assumiu cascas de árvores e peles de veado como sua vestimenta, e se dedicou à observância dos mesmos votos como seu marido. Reprimindo seus sentidos em pensamentos, palavras, e ações, assim como pela visão, eles começaram a praticar austeridades severas. Privado de todo entorpecimento mental, o rei Dhritarashtra começou a praticar votos e penitências como um grande Rishi, reduzindo seu corpo à pele e ossos, pois sua carne foi toda secada, portando madeixas emaranhadas na cabeça, e seu corpo vestido em peles e cascas de árvores. Vidura, conhecedor das verdadeiras interpretações de virtude, e dotado de grande inteligência, como também Sanjaya, serviam o velho rei com sua esposa. Ambos com almas sob submissão, Vidura e Sanjaya também se reduziram, e vestiram cascas e trapos."

20

"Vaisampayana disse, 'Aqueles principais dos ascetas, isto é, Narada e Parvata e Devala de penitências austeras, chegaram lá para ver o rei Dhritarashtra. O Nascido na Ilha Vyasa com todos os seus discípulos, e outras pessoas dotadas de grande sabedoria e coroadas com sucesso ascético, e o sábio real Satayupa de idade avançada e possuidor de grande mérito, também chegaram lá. Kunti os adorou com ritos apropriados, ó rei. Todos aqueles ascetas ficaram muito satisfeitos com o culto oferecido a eles. Aqueles grandes Rishis alegraram o rei Dhritarashtra de grande alma com discursos sobre religião e virtude. Na conclusão

de sua conversa, o Rishi celeste Narada, vendo todas as coisas como objetos de percepção direta, disse as seguintes palavras.'"

"Narada disse, 'Houve um soberano dos Kekayas, possuidor de grande prosperidade e perfeitamente destemido. Seu nome era Sahasrachitya e ele era o avô deste Satayupa. Renunciando ao seu reino para seu filho mais velho dotado de uma grande medida de virtude, o rei virtuoso Sahasrachitya se retirou para as florestas. Alcançando o outro fim de penitências ardentes, aquele senhor da Terra, dotado de grande esplendor, chegou à região de Purandara onde ele continuou a viver em sua companhia. Em muitas ocasiões, enquanto visitando a região de Indra, ó rei, eu vi o monarca, cujos pecados tinham sido todos queimados por penitências, residindo na residência Indra. Da mesma maneira, o rei Sailalaya, o avô de Bhagadatta, alcançou a região de Indra somente pelo poder de suas penitências. Houve outro rei, ó monarca, de nome Prishadhra que parecia com o próprio manejador do raio. Aquele rei também, por suas penitências, procedeu da Terra para o Céu. Nesta mesma floresta, ó rei, aquele senhor da Terra, Purukutsa, o filho de Mandhatri, alcançou o maior sucesso. Aquele principal dos rios, isto é, Narmada, se tornou o companheiro daquele rei. Tendo passado por penitências nesta mesma floresta, aquele soberano da Terra procedeu para o Céu. Houve outro rei, altamente justo, de nome Sasaloman. Ele também passou por austeridades severas nesta floresta e então ascendeu para o Céu. Tu também, ó monarca, tendo chegado a esta floresta, irás, pela graça do Nascido na Ilha, alcançar uma meta que é muito elevada e de aquisição difícil. Tu também, ó principal dos reis, no fim das tuas penitências, te tornarás dotado de grande prosperidade e, acompanhado por Gandhari, chegarás à meta alcançada por aqueles de grande alma. Residindo na presença do matador de Vala, Pandu pensa em ti sempre. Ele irá, ó monarca, certamente te ajudar na obtenção de prosperidade. Por servir a ti e a Gandhari, esta tua nora, possuidora de grande fama, obterá residência com seu marido no outro mundo. Ela é a mãe de Yudhishthira que é o eterno Dharma. Nós vemos tudo isso, ó rei, com nossa visão espiritual. Vidura entrará em Yudhishthira de grande alma. Sanjaya também, por meio de meditação, ascenderá deste mundo para o Céu.'"

"Vaisampayana continuou, 'Aquele chefe de grande alma da linhagem de Kuru, possuidor de erudição, tendo, com sua esposa, ouvido essas palavras de Narada, as elogiou e reverenciou Narada com honras sem precedentes. O conclave de Brahmanas lá presente ficou cheio de grande alegria, e desejosos de alegrarem o rei Dhritarashtra, ó monarca, eles mesmos adoraram Narada com profundo respeito. Aquela principal das pessoas regeneradas também elogiou as palavras de Narada. Então o sábio nobre Satayupa, se dirigindo a Narada, disse, 'Tua pessoa santa aumentou a devoção do rei Kuru, de todas estas pessoas aqui, e a minha também, ó tu de grande esplendor. Eu, no entanto, tenho o desejo de te perguntar uma coisa. Ouça-me enquanto eu digo isso. Isso tem relação com o rei Dhritarashtra, ó Rishi celeste, que és adorado por todos os mundos. Tu conheces a verdade de todo acontecimento. Dotado de visão divina, tu contemplaste, ó Rishi regenerado, quais são as diversas metas dos seres humanos. Tu disseste qual foi a meta dos reis mencionados por ti, isto é, associação com o chefe dos celestiais.

Tu, no entanto, ó grande Rishi, não declaraste quais regiões serão adquiridas por este rei. Ó pujante, eu desejo saber de ti qual região será adquirida pelo rei Dhritarashtra. Cabe a ti me dizer realmente o tipo de região que será dele e quando ele a alcançará.' Assim endereçado por ele, Narada de visão celeste e dotado de penitências austeras, disse no meio da assembléia estas palavras altamente agradáveis para as mentes de todos.'"

"Narada disse, 'Dirigindo-me por minha vontade à mansão de Sakra, eu tenho visto Sakra, o senhor de Sachi; e lá, ó sábio real, eu tenho visto o rei Pandu. Lá surgiu uma conversa, ó monarca, com relação a Dhritarashtra e a estas penitências muito austeras que ele está realizando. Lá eu ouvi dos lábios do próprio Sakra que ainda restam três anos ainda do período de vida concedido para este rei. Depois disso, o rei Dhritarashtra, acompanhado por sua esposa Gandhari, irá para as regiões de Kuvera e será altamente honrado por aquele rei de reis. Ele irá para lá em um carro movido por sua vontade, seu corpo enfeitado com ornamentos celestes. Ele é o filho de um Rishi; ele é altamente abençoado; ele queimou todos os seus pecados por meio de suas penitências. Dotado de uma alma virtuosa, ele vagará à vontade pelas regiões das divindades, dos Gandharvas, e dos Rakshasas. Isso sobre o qual tu me perguntaste é um mistério dos deuses. Por minha afeição por vocês eu declarei essa verdade sublime. Vocês todos são possuidores da riqueza de Srutis e têm destruído todos os seus pecados por meio de suas penitências.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras gentis do Rishi celeste, todas as pessoas lá reunidas, como também o rei Dhritarashtra, ficaram grandemente alegres e altamente satisfeitas. Tendo alegrado Dhritarashtra de grande sabedoria com tal conversação, eles deixaram o local, trilhando o caminho que pertence àqueles que são coroados com sucesso.'"

21

"Vaisampayana disse, 'Após a retirada do chefe dos Kurus para a floresta, os Pandavas, ó rei, afligidos, além disso, pela dor por causa de sua mãe, ficaram muito tristes. Os cidadãos de Hastinapura também foram possuídos por uma tristeza profunda. Os Brahmanas sempre falavam do velho rei. 'Como, de fato, o rei, que se tornou idoso, viverá nas florestas solitárias? Como a altamente abençoada Gandhari, e Pritha, a filha de Kuntibhoja, viverão lá? O sábio real sempre viveu no prazer de todo conforto. Ele certamente será muito miserável. Chegando às florestas profundas, qual será agora a condição daquela pessoa de linhagem real, que é, também, desprovida de visão? Difícil é o feito que Kunti realizou por se separar de seus filhos. Ai, rejeitando a prosperidade real, ela escolheu uma vida nas florestas. Qual, também, será a condição de Vidura que está sempre dedicado ao serviço de seu irmão mais velho? Como também estará o filho inteligente de Gavalgani que é tão fiel ao alimento dado a ele por seu mestre?' Realmente, os cidadãos, incluindo até aqueles de menoridade, se reunindo, faziam uns aos outros essas perguntas. Os Pandavas também, extremamente afligidos pela angústia, se entristeceram por sua velha mãe e não

podiam mais viver em sua cidade. Pensando também em seu velho pai, o rei, que tinha perdido todos os seus filhos, e na altamente abençoada Gandhari, e em Vidura de grande inteligência, eles fracassaram em desfrutar de paz mental. Eles não tinham prazer na soberania, nem em mulheres, nem no estudo dos Vedas. O desespero penetrava em suas almas quando eles pensavam no velho rei e quando eles refletiam repetidamente sobre aquele massacre terrível de parentes. De fato, pensando na morte do jovem Abhimanyu no campo de batalha, do poderosamente armado Karna que nunca se retirava do combate, dos filhos de Draupadi, e de seus outros amigos, aqueles heróis ficaram extremamente tristes. Eles fracassaram em obter paz mental ao refletirem repetidamente que a Terra tinha ficado privada de seus heróis e sua riqueza. Draupadi tinha perdido todos os seus filhos, e a bela Subhadra também tinha ficado sem filho. Elas também estavam com corações tristes e sofriam extremamente. Contemplando, no entanto, o filho da filha de Virata, isto é, teu pai Parikshit, teus avôs de alguma maneira mantinham seus ares vitais.'"

22

"Vaisampayana disse, 'Aqueles principais dos homens, os heróicos Pandavas, aqueles alegradores de sua mãe, ficaram extremamente afligidos pela angústia. Eles que antigamente estavam sempre envolvidos em ocupações reais naquele tempo não se encarregavam em absoluto daqueles atos em sua capital. Afligidos com tristeza profunda, eles fracassavam em derivar prazer de qualquer coisa. Se alguém os abordava, eles nunca o honravam com uma resposta. Embora aqueles heróis irresistíveis fossem em gravidade como o oceano, contudo eles estavam naquele momento privados de seu conhecimento e sua própria razão pela dor que eles sentiam. Pensando em sua mãe, os filhos de Pandu se encheram de ansiedade quanto a como sua mãe emaciada estava servindo o casal idoso. 'Como, de fato, aquele rei cujos filhos foram todos mortos e que está sem amparo está vivendo sozinho, somente com sua esposa, nas florestas que são habitat de animais predadores? Ai, como aquela rainha altamente abençoada, Gandhari, cujos amados foram todos mortos, segue seu marido cego nas florestas solitárias?' Tal era a ansiedade manifestada pelos Pandavas quando eles falavam uns com os outros. Eles então decidiram ver o rei em seu retiro na floresta. Então Sahadeva, curvando-se ao rei, disse, 'Eu vejo teu coração colocado em ver nosso pai. Por meu respeito por ti, no entanto, eu não podia abrir minha boca rapidamente sobre o assunto da nossa viagem para as florestas. A hora para aquela viagem agora chegou. Por boa sorte eu verei Kunti vivendo na observância de penitências, com cabelos emaranhados em sua cabeça, praticando austeridades rígidas, e emaciada por dormir sobre folhas de Kusa e Kasa. Ela foi criada em palácios e mansões, e cuidada em todo luxo e conforto. Ai, quando eu verei minha mãe que está agora fatigada e mergulhada em miséria extrema? Sem dúvida, ó chefe da linhagem de Bharata, os fins dos mortais são extremamente incertos, já que Kunti, que é uma princesa por nascimento, está agora vivendo em miséria nas florestas.' Ouvindo essas palavras de Sahadeva, a rainha Draupadi, aquela principal de todas as mulheres, honrando o rei devidamente, disse, com

saudações apropriadas, ‘Ai, quando eu verei a rainha Pritha, se, de fato, ela ainda estiver viva? Eu considerarei minha vida não passada em vão se eu conseguir vê-la mais uma vez, ó rei. Que esse tipo de compreensão seja sempre estável em ti. Que tua mente sempre tenha prazer em tal virtude como está envolvida, ó rei de reis, no teu desejo de conceder tal bênção excelente para nós. Saiba, ó rei, que todas essas damas da tua casa estão permanecendo com seus pés erguidos para a viagem, pelo desejo de ver Kunti, e Gandhari, e meu sogro.’ Assim endereçado pela rainha Draupadi, o rei, ó chefe da linhagem de Bharata, convocou todos os líderes de suas tropas e disse a eles, 'Façam meu exército, cheio de carros e elefantes, marchar para fora. Eu irei ver o rei Dhritarashtra que está vivendo agora nas florestas.' Para aqueles que supervisionavam os negócios das damas, o rei deu a ordem, 'Que diversos tipos de transportes sejam equipados adequadamente e todas as minhas milhares de liteiras fechadas. Que as carruagens e armazéns e guarda roupas, e tesouros, sejam equipados e ordenados fora, e que mecânicos tenham a ordem para marchar. Que os homens a cargo dos tesouros saiam pelo caminho que leva para os retiros ascéticos em Kurukshetra. Qualquer um entre os cidadãos que deseje ver o rei está permitido fazer isso sem qualquer restrição. Que ele proceda, devidamente protegido. Que cozinheiros e superintendentes de cozinhas, e todo o estabelecimento culinário, e diversos tipos de mantimentos e iguarias sejam levados para fora sobre carros e transportes. Que seja anunciado que nós marcharemos amanhã. De fato, que não ocorra demora (na execução dos planos). Que pavilhões e casas de descanso de diversos tipos sejam construídos no caminho.' Exatamente essas foram as ordens que o filho mais velho de Pandu deu, com seus irmãos. Quando chegou a manhã, ó monarca, o rei saiu, com uma grande comitiva de mulheres e homens idosos. Saindo de sua cidade, o rei Yudhishthira esperou cinco dias pelos cidadãos que pudessem acompanhá-lo, e então procedeu em direção à floresta.”

23

"Vaisampayana disse, 'Aquele principal da linhagem de Bharata então mandou suas tropas, que eram protegidas por heróis que eram encabeçados por Arjuna e que pareciam com os próprios guardiões do universo, marcharem. Imediatamente, ergueu-se um clamor alto consistindo das palavras, ‘Equipem-se! Equipem-se!’, dos cavaleiros, ó Bharata, ocupados em equipar seus corcéis. Alguns procederam em carruagens e veículos, alguns em cavalos de grande velocidade, e alguns em carros feitos de ouro dotados do esplendor de fogos ardentes. Alguns procederam sobre elefantes poderosos, e alguns em camelos, ó rei. Alguns procederam a pé, que pertenciam àquela classe de combatentes que está armada com garras como as do tigre (feitas de ferro e amarradas aos seus pulsos). Os cidadãos e habitantes das províncias, desejosos de ver Dhritarashtra, seguiram o rei em diversos tipos de transportes. O preceptor Kripa também, da linhagem de Gotama, aquele grande líder de exércitos, levando todas as tropas com ele, procedeu, por ordem do rei, para o retiro do velho monarca. O rei Kuru Yudhishthira, aquele perpetuador da linhagem de Kuru, cercado por um grande número de Brahmanas, seus louvores cantados por um grande grupo de Sutas e Magadhas e bardos, e

com um guarda-sol branco mantido sobre sua cabeça e cercado por um grande número de carros, saiu em sua viagem. Vrikodara, o filho do Deus do vento, procedeu em um elefante tão gigantesco quanto uma colina, equipado com arco encordoado e máquinas e armas de ataque e defesa. Os filhos gêmeos de Madri procederam em dois corcéis velozes, bem envolvidos em armadura, bem protegidos, e equipados com estandartes. Arjuna de energia imensa, com sentidos sob controle, procedeu em um carro excelente dotado de refulgência solar e ao qual estavam atrelados corcéis excelentes de cor branca. As damas da família real, encabeçadas por Draupadi, procederam em liteiras fechadas protegidas pelos superintendentes das mulheres. Eles espalhavam copiosas chuvas de riquezas enquanto eles prosseguiam. Abundando com carros e elefantes e corcéis, e ecoando com o clangor de trombetas e a música de Vinas, a hoste Pandava, ó monarca, brilhava com grande beleza. Aqueles principais da linhagem de Kuru procederam lentamente, descansando ao lado de margens encantadoras de rios e lagos, ó monarca. Yuyutsu de energia poderosa, e Dhaumya, o sacerdote por ordem de Yudhishthira, estavam ocupados em proteger a cidade. Por meio de marchas lentas o rei Yudhishthira alcançou Kurukshetra, e então, cruzando o Yamuna, aquele rio altamente sagrado, ele observou de uma distância o retiro, ó tu da linhagem de Kuru, do sábio real de grande sabedoria e de Dhritarashtra. Então todos os homens ficaram cheios de alegria e entraram rapidamente na floresta, enchendo-a com sons altos de alegria, ó chefe da linhagem de Bharata."

24

"Vaisampayana disse, 'Os Pandavas desceram, a uma distância, de seus carros e prosseguiram a pé para o retiro do rei, se inclinando em humildade. Todos os combatentes também, e todos os habitantes do reino, e as esposas dos chefes Kuru, os seguiram a pé. Os Pandavas então alcançaram o retiro sagrado de Dhritarashtra que abundava com bandos de veados e que era adornado com bananeiras. Muitos ascetas de votos rígidos, cheios de curiosidade, chegaram lá para ver os Pandavas que chegaram ao retiro. O rei, com lágrimas em seus olhos, os questionou, perguntando, 'Aonde foi meu pai mais velho, o perpetuador da linhagem de Kuru?' Eles responderam, ó monarca, dizendo a ele que ele tinha ido para o Yamuna por causa de suas abluções, como também para trazer flores e água. Procedendo rapidamente a pé pelo caminho indicado por eles, os Pandavas viram todos eles de uma distância. Desejosos de encontrar com seu pai eles andaram com um passo rápido. Então Sahadeva correu com velocidade para o local onde Pritha estava. Tocando os pés de sua mãe, ele começou a chorar alto. Com lágrimas correndo por suas bochechas, ela viu seu filho querido. Erguendo seu filho e o abraçando com seus braços, ela informou Gandhari da chegada de Sahadeva. Então vendo o rei e Bhimasena e Arjuna, e Nakula, Pritha se esforçou para avançar rapidamente em direção a eles. Ela estava andando na frente do casal idoso sem filhos, e estava arrastando-os para frente. Os Pandavas, vendo-a, caíram no chão. O monarca pujante e de grande alma, dotado de grande inteligência, reconhecendo-os por suas vozes e também pelo tato, confortou-os

um depois do outro. Derramando lágrimas, aqueles príncipes de grande alma, com as devidas formalidades, se aproximaram do velho rei e de Gandhari, como também de sua própria mãe. De fato, recuperando seus sentidos, e mais uma vez confortados por sua mãe, os Pandavas pegaram do rei e de sua tia e mãe os jarros cheios de água que eles estavam carregando, para levá-los eles mesmos. As senhoras daqueles leões entre homens, e todas as mulheres da família real, como também todos os habitantes da cidade e das províncias, então viram o velho rei. O rei Yudhishthira apresentou todos aqueles indivíduos um depois do outro para o velho rei, repetindo seus nomes e famílias, e então ele mesmo adorou seu pai mais velho com reverência. Cercado por todos eles, o monarca idoso, com olhos banhados em lágrimas de alegria, se considerou como estando mais uma vez no meio da cidade chamada de elefante. Saudado com reverência por todas as suas noras encabeçadas por Krishna, o rei Dhritarashtra, dotado de grande inteligência, com Gandhari e Kunti, ficou cheio de alegria. Ele então alcançou seu retiro na floresta que era louvado por Siddhas e Charanas, e que estava então cheio com vastas multidões de homens todos desejosos de vê-lo, como o firmamento cheio de inúmeras estrelas."

25

"Vaisampayana disse, 'O rei, ó chefe da linhagem de Bharata, com aqueles principais dos homens, isto é, seus irmãos, que eram todos possuidores de olhos que pareciam com pétalas de lótus, tomou seu assento no retiro de seu pai mais velho. Lá sentaram em volta dele muitos ascetas altamente abençoados, vindos de diversas regiões, pelo desejo de ver os filhos daquele senhor da linhagem de Kuru, isto é, os Pandavas de peitos largos. Eles disseram, 'Nós desejamos saber quem entre estes é Yudhishthira, quem são Bhima e Arjuna, quem são os gêmeos, e quem é Draupadi de grande fama.' Então o Suta, Sanjaya, em resposta às suas perguntas, apontou para eles os Pandavas, nomeando cada um, e Draupadi também como também as outras damas da família Kuru.'"

"Sanjaya disse, 'Este que é tão belo de cor como ouro puro, que é dotado de um corpo que parece com aquele de um leão adulto, que possui um grande nariz aquilino, e olhos grandes e expansivos que são, além disso, de uma cor acobreada, é o rei Kuru. Este, cujo andar parece aquele de um elefante enfurecido, cuja cor é tão bela aquela do ouro aquecido, cujo corpo é de proporções grandes e vastas e cujos braços são longos e robustos, é Vrikodara. O observem bem! O arqueiro poderoso que está sentado ao lado dele, de cor escura e corpo jovem, que parece com o líder de uma manada elefantina, cujos ombros são tão elevados quanto aqueles de um leão, que caminha como um elefante esportivo, e cujos olhos são tão expansivos como as pétalas de um lótus, é o herói chamado Arjuna. Aqueles dois principais dos homens, que estão sentados ao lado de Kunti, são os gêmeos, parecendo com Vishnu e Mahendra. Em todo este mundo de homens eles não têm seus iguais em beleza e força e excelência de conduta. Esta senhora, de olhos tão expansivos quanto pétalas de lótus, que parece ter atingido a meia idade da vida, cuja cor parece com aquela do lótus azul,

e que parece uma deusa do Céu, é Krishna, a forma incorporada da deusa da prosperidade. Ela que está sentada ao lado dela, possuidora da cor do ouro puro, que parece com os raios incorporados da lua, no meio das outras senhoras, é, ó principais dos regenerados, a irmã daquele herói inigualável que maneja o disco. Esta outra, tão formosa quanto ouro puro, é a filha do chefe-cobra e esposa de Arjuna (ou seja, Ulupi). Esta outra cuja cor é como aquela do ouro puro ou como aquela das flores Madhuka, é a princesa Chitrangada. Esta, que possui a cor de um grupo de lotos azuis, é a irmã daquele monarca, aquele senhor de hostes, que sempre costumava desafiar Krishna. Ela é a esposa principal de Vrikodara. Esta é a filha do rei de Magadha que era conhecido pelo nome de Jarasandha. Possuidora da cor de um grupo de Champakas, ela é a esposa do filho mais novo de Madravati. Possuidora de uma cor tão escura quanto aquela do lótus azul, ela que senta lá sobre o chão, e cujos olhos são tão expansivos como pétalas de lótus, é a esposa do filho mais velho de Madravati. Esta dama cuja cor é tão bela quanto aquela do ouro aquecido e que está sentada com seu filho em seu colo é a filha do rei Virata. Ela é a esposa daquele Abhimanyu que, enquanto privado de seu carro, foi morto por Drona e outros lutando de seus carros. (Sugerindo o caráter injusto da luta, pois alguém no chão nunca deveria ser atacado por alguém que está sobre seu carro.) Estas damas, cujos cabelos não mostram a linha repartida, e que estão vestidas de branco, são as viúvas dos filhos mortos de Dhritarashtra. Elas são as noras deste velho rei, as esposas dos seus cem filhos, agora privadas de seus maridos e filhos que foram mortos por inimigos heróicos. Eu agora as indiquei na ordem de precedência. Por sua devoção pelos Brahmanas, suas compreensões e corações estão privados de todo tipo de maldade. Possuidoras de almas puras, todas elas foram indicadas por mim, estas princesas da casa Kaurava, em resposta às suas perguntas.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim aquele rei da linhagem de Kuru, de idade muito avançada, tendo se reunido com aqueles filhos dele que era uma divindade entre homens, perguntou sobre o bem-estar deles depois que todos os ascetas tinham ido embora. Os guerreiros que tinham acompanhado os Pandavas, deixando o retiro, se sentaram a pouca distância, descendo de seus carros e dos animais que eles montavam. De fato, depois que toda a multidão, as senhoras, os homens idosos e as crianças estavam sentados, o velho rei se dirigiu devidamente a eles, fazendo as perguntas usuais de cortesia.'"

26

"Dhritarashtra disse, 'Ó Yudhishthira, tu estás em paz e felicidade, com todos os teus irmãos e os habitantes da cidade e das províncias? Aqueles que vivem em dependência de ti também estão felizes? Teus ministros e servidores, e todos os mais velhos e preceptores também, estão felizes? Aqueles também que vivem nos teus domínios estão livres do medo? Tu segues a conduta antiga e tradicional dos soberanos de homens? Tua tesouraria está cheia sem desconsiderar as restrições impostas pela justiça e equidade? Tu te comportas como deves com relação aos teus inimigos, neutros, e aliados? Tu cuidas devidamente dos Brahmanas, sempre

fazendo a eles os primeiros presentes (ordenados em sacrifícios e ritos religiosos)? O que eu preciso dizer dos cidadãos, e teus empregados e parentes, os inimigos deles, ó chefe da linhagem de Bharata, estão satisfeitos com teu comportamento? Tu, ó rei de reis, adoras com devoção os Pitris e as divindades? Tu honras convidados com alimento e bebida, ó Bharata? Os Brahmanas nos teus domínios, dedicados aos deveres da sua classe, andam pelo caminho da virtude? Os Kshatriyas e Vaisyas e Sudras também dentro do teu reino, e todos os teus parentes, cumprem seus respectivos deveres? Eu espero que as mulheres, as crianças, e os idosos, entre os teus súditos, não sofram (sob infortúnio) e não mendiguem (as coisas necessárias para a vida). As damas da tua família são devidamente honradas em tua casa, ó melhor dos homens? Eu espero, ó monarca, que esta linhagem de sábios nobres, tendo te obtido como seu rei, não tenha decaído da fama e glória.'"

"Vaisampayana continuou, 'Para o velho rei que tinha falado daquela maneira, Yudhishthira, conhecedor da moralidade e virtude, e bem hábil em ações e palavras, falou o seguinte, fazendo algumas perguntas sobre seu bem-estar.'"

"Yudhishthira disse, 'Tua paz, ó rei, teu autodomínio, tua tranquilidade de coração, aumentaram? Esta minha mãe pode te servir sem fadiga e incômodo? Ó rei, sua residência nas florestas será produtiva de resultados? Eu espero que esta rainha, que é minha mãe mais velha, que está emaciada (pela exposição ao) frio e vento e pelo esforço de caminhar, e que está agora dedicada à prática de austeridades severas, não dê mais vazão à dor por seus filhos de energia poderosa, todos os quais, dedicados aos deveres da classe Kshatriya, foram mortos no campo de batalha. Ela acusa a nós, patifes pecaminosos, que somos responsáveis pela morte deles? Onde está Vidura, ó rei? Nós não o vemos aqui. Eu espero que Sanjaya, praticante de penitências, esteja em paz e felicidade.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, Dhritarashtra respondeu ao rei Yudhishthira, dizendo, 'Ó filho, Vidura está bem. Ele está praticando penitências austeras, subsistindo só de ar, pois ele se abstém de todo outro alimento. Ele está emaciado e suas artérias e nervos se tornaram visíveis. Às vezes ele é visto nesta floresta vazia pelos Brahmanas.' Enquanto Dhritarashtra estava dizendo isso Vidura foi visto a uma distância. Ele tinha madeixas emaranhadas em sua cabeça, e cascalhos em sua boca, e estava extremamente emaciado. Ele estava completamente nu. Seu corpo estava todo coberto com sujeira, e com o pó de várias flores selvagens. Quando Kshattri foi visto de uma distância, o fato foi relatado para Yudhishthira. Vidura parou de repente, ó rei, lançando seus olhos em direção ao retiro (vendo-o povoado por muitos indivíduos). O rei Yudhishthira o perseguiu sozinho, quando ele correu e entrou na floresta profunda, às vezes não visto pelo perseguidor. Ele disse em voz alta, 'Ó Vidura, ó Vidura, eu sou o rei Yudhishthira, teu favorito!' Exclamando dessa maneira, Yudhishthira, com grande esforço, seguiu Vidura. Aquele principal dos homens inteligentes, isto é, Vidura, tendo alcançado um local solitário na floresta, ficou imóvel, se apoiando contra uma árvore. Ele estava extremamente emaciado. Ele reteve somente a forma de um ser humano (todas as suas feições características tendo desaparecido totalmente). Yudhishthira de grande inteligência o reconheceu, no entanto, (apesar

de tal mudança). Permanecendo diante dele, Yudhishthira dirigiu-se a ele, dizendo, 'Eu sou Yudhishthira'. De fato, adorando Vidura apropriadamente, Yudhishthira disse essas palavras na audição de Vidura. Enquanto isso Vidura olhava o rei com um olhar firme. Lançando seu olhar fixo desse modo no rei, ele ficou imóvel em Yoga. Possuidor de grande inteligência, ele então, (por seu poder-Yoga), entrou no corpo de Yudhishthira, membro por membro. Ele uniu seus ares vitais com os ares vitais do rei, e seus sentidos com os sentidos do rei. Realmente, com a ajuda de poder-Yoga, Vidura, resplandecendo com energia, entrou dessa forma no corpo do rei Yudhishthira o justo. Enquanto isso, o corpo de Vidura continuou apoiado contra a árvore, com olhos fixos em um olhar firme. O rei logo viu que a vida tinha fugido dele. Ao mesmo tempo, ele sentiu que ele mesmo tinha ficado mais forte do que antes e que ele tinha adquirido muitas virtudes e habilidades adicionais. Possuidor de grande erudição e energia, o monarca, filho de Pandu, o rei Yudhishthira o justo, então se lembrou do seu próprio estado antes do seu nascimento entre homens. (Yudhishthira era o próprio Dharma, Vidura também era Dharma nascido como um Sudra por causa da maldição do Rishi Animandavya. Ambos, portanto, eram da mesma essência. Quando Vidura deixou seu corpo humano, ele entrou no corpo de Yudhishthira e desse modo o último se sentiu grandemente fortalecido pela acessão.) Dotado de energia poderosa, ele tinha ouvido sobre a prática de Yoga de Vyasa. O rei Yudhishthira o justo, possuidor de grande erudição, desejou fazer os últimos ritos do corpo de Vidura, e desejou cremá-lo devidamente. Uma voz invisível foi ouvida então, dizendo, 'Ó rei, este corpo que pertenceu a ele chamado Vidura não deve ser cremado. Nele está teu corpo também. Ele é a divindade eterna da Justiça. Aquelas regiões de felicidade que são conhecidas pelo nome de Santanika serão dele, ó Bharata. Ele foi um cumpridor dos deveres de Yatis. Tu não deves, ó opressor de inimigos, te afligir por ele absolutamente.' Assim endereçado, o rei Yudhishthira o justo voltou daquele local, e relatou tudo para o filho nobre de Vichitraviryya. Nisto, aquele rei de grande esplendor, todos aqueles homens, e Bhimasena e outros, ficaram muito admirados. Ouvindo o que tinha acontecido, o rei Dhritarashtra ficou satisfeito e então, se dirigindo ao filho de Dharma, disse, 'Aceite de mim estes presentes de água e raízes e frutas. É dito, ó rei, que o convidado de alguém deve consumir aquilo que seu próprio anfitrião consome.' Assim endereçado, o filho de Dharma respondeu ao rei, dizendo, 'Assim seja.' O rei de braços poderosos comeu as frutas e raízes que o monarca lhe deu. Então todos eles espalharam suas camas sob uma árvore e passaram aquela noite assim, tendo comido frutas e raízes e bebido a água que o velho rei lhes tinha dado."

27

"Vaisampayana disse, 'Dessa maneira eles passaram aquela noite que foi caracterizada por constelações auspiciosas, ó rei, naquele retiro de ascetas virtuosos. A conversa que ocorreu foi caracterizada por muitas reflexões sobre moralidade e riqueza. Consistindo em palavras encantadoras e gentis, ela era agraciada com diversas citações dos Srutis. Os Pandavas, ó rei, deixando camas caras, se deitaram perto de sua mãe, no solo nu. De fato, aqueles heróis

passaram aquela noite, tendo comido a comida que era o alimento do rei Dhritarashtra de grande alma. Depois que a noite tinha passado, o rei Yudhishthira, tendo passado por suas ações matinais, procedeu para conhecer aquele retiro na companhia de seus irmãos. Com as damas de sua família e os empregados, e seu sacerdote, o rei vagou pelo retiro em todas as direções, como ele queria, por ordem de Dhritarashtra. Ele contemplou muitos altares sacrificais com fogos sagrados brilhando sobre eles e muitos ascetas sentados neles, que tinham realizado suas oblações e derramado libações em honra das divindades. Aqueles altares eram cobertos com frutas e raízes da floresta, e com pilhas de flores. A fumaça de manteiga clarificada espiralava para cima deles. Eles eram agraciados, além disso, com muitos ascetas possuidores de corpos que pareciam com os Vedas incorporados e com muitos que pertenciam à fraternidade secular. Bandos de veados estavam pastando, ou descansando aqui e ali, livres de todo medo. Inúmeras aves também estavam lá, empenhadas em proferir suas notas melodiosas, ó rei. Toda a floresta parecia ressoar com as notas de pavões e Datyuhas e Kokilas e com as doces canções de outros cantores. Alguns locais ecoavam com o canto de hinos Védicos recitados por Brahmanas eruditos. Alguns estavam adornados com pilhas grandes de frutas e raízes colhidas na selva. O rei Yudhishthira então deu àqueles ascetas jarros feitos de ouro ou cobre os quais ele tinha levado para eles, e muitas camurças e cobertores e conchas sacrificais feitas de madeira, e Kamandalus e travessas de madeira, e panelas e cântaros, ó Bharata. Diversos tipos de recipientes, feitos de ferro, e vasilhas menores e xícaras de vários tamanhos, também foram dados pelo rei, os ascetas os levando, cada um tanto quanto ele queria. O rei Yudhishthira de alma justa, tendo assim vagado pelas florestas e visto os diversos retiros de ascetas e feito muitos presentes, voltou para o local onde seu tio estava. Ele viu o rei Dhritarashtra, aquele senhor da Terra, à vontade, com Gandhari junto dele, depois de ter terminado seus ritos matinais. O monarca de alma justa viu também sua mãe, Kunti, sentada não muito longe daquele lugar, como um discípulo com cabeça inclinada, dotada de humildade. Ele saudou o velho rei, proclamando seu nome. 'Sente-se' foram as palavras que o velho rei disse. Recebendo a permissão de Dhritarashtra, Yudhishthira se sentou em uma esteira de grama Kusa. Então os outros filhos de Pandu com Bhima entre eles, ó tu da linhagem de Bharata, saudaram o rei e tocaram seus pés e se sentaram, recebendo sua permissão. O velho rei Kuru, cercado por eles, parecia extremamente belo. De fato, ele resplandecia com um esplendor Védico como Vrihaspati no meio dos celestiais. Depois que eles tinham se sentado, muitos grandes Rishis, isto é, Satayupa e outros, que eram habitantes de Kurukshetra, chegaram lá. O ilustre e erudito Vyasa, possuidor de grande energia, e reverenciado até pelos Rishis celestes, se mostrou, à frente de seus numerosos discípulos, para Yudhishthira. O rei Kuru Dhritarashtra, o filho de Kunti Yudhishthira de grande energia, e Bhimasena e outros, se levantaram e avançando uns poucos passos, saudaram aqueles convidados. Aproximando-se, Vyasa, cercado por Satayupa e outros, se dirigiu ao rei Dhritarashtra, dizendo, 'Sente-se.' O ilustre Vyasa então tomou um assento excelente feito de grama Kusa colocado sobre uma pele preta de veado e coberto com um pedaço de tecido de seda. Eles tinham reservado aquele assento para ele. Depois que Vyasa estava sentado, todas aquelas principais das pessoas

regeneradas, dotadas de energia abundante, se sentaram, tendo recebido a permissão do sábio nascido na ilha."

28

"Vaisampayana disse, 'Depois que todos os Pandavas de grande alma estavam sentados, Vyasa, o filho de Satyavati, disse, 'Ó Dhritarashtra de braços poderosos, tu tens podido realizar penitências? Tua mente, ó rei, está satisfeita com tua residência nas florestas? A dor que era tua, nascida da morte dos teus filhos em batalha, desapareceu do teu coração? Todas as tuas percepções, ó impecável, estão claras agora? Tu praticas as ordenanças da vida na floresta depois de teres feito teu coração firme? Minha nora, Gandhari, se permite ser dominada pela dor? Ela possui grande sabedoria. Dotada de inteligência, aquela rainha compreende Religião e Riqueza. Ela conhece bem as verdades que se relacionam com prosperidade e adversidade. Ela ainda sofre? Kunti, ó rei, que por sua dedicação ao serviço de seus superiores, deixou seus filhos, se encarrega das tuas necessidades e te serve com toda humildade? O rei generoso e de grande alma, Yudhishthira, o filho de Dharma, e Bhima e Arjuna e os gêmeos foram confortados suficientemente? Tu sentes prazer em vê-los? Tua mente ficou livre de toda mácula? Tua disposição, ó rei, se tornou pura em consequência do aumento do teu conhecimento? Este agregado de três, ó rei, é o principal de todos os assuntos, ó Bharata, isto é, abstenção de dano para qualquer criatura, veracidade, e liberdade de raiva. Tua vida na floresta demonstrou ser dolorosa para ti? Tu és capaz de obter com teus próprios esforços os produtos da selva para tua alimentação? Os jejuns te causam alguma dor agora? Tu soubeste, ó rei, como Vidura de grande alma, que era o próprio Dharma, deixou este mundo? Por causa da maldição de Mandavya a divindade da Justiça nasceu como Vidura. Ele possuía uma grande inteligência. Dotado de penitências superiores, ele era generoso e de grande alma. Nem Vrihaspati entre os celestiais, e Sukra entre os Asuras, eram possuidores de tal inteligência como aquele principal dos homens. A eterna divindade da Justiça foi entorpecida pelo Rishi Mandavya com um gasto de suas penitências obtidas por um longo tempo com grande cuidado. (Toda vez que um Brahmana amaldiçoava outro, suas penitências sofriam uma diminuição. Perdão era a maior virtude de um Brahmana. Seu poder se encontrava na clemência. Por isso, quando Mandavya amaldiçoou Dharma, ele teve que gastar uma parte de suas penitências ganhas com empenho. Previamente, o argumento de menoridade não podia ser usado na corte de Dharma. Madavya forçou Dharma a admitir aquele argumento a respeito da punição de delitos.) Por ordem do avô, e pela minha própria energia, Vidura de grande inteligência foi gerado por mim em um solo pertencente a Vichitraviryya. A divindade das divindades, e eterna, ele era, ó rei, teu irmão. Os eruditos o conhecem como Dharma por suas práticas de Dharana e Dhyana. (Dharana e Dhyana são processos ou, antes, estágios de Yoga. O primeiro implica a fixação da mente em uma coisa; o último é a abstração da mente de objetos circundantes.) Ele cresce com (o aumento de) verdade, autocontrole, tranquilidade de coração, compaixão, e caridade. Ele está sempre ocupado em penitências, e é eterno. Daquela divindade da Justiça, por meio de

poder de Yoga, o rei Kuru Yudhishthira também teve seu nascimento. Yudhishthira, portanto, ó rei, é Dharma de grande sabedoria e inteligência incomensurável. Dharma existe aqui e após a morte, e é como fogo ou vento ou água ou terra ou espaço. Ele é, ó rei de reis, capaz de ir a todo lugar e existe, permeando o universo inteiro. Ele pode ser visto somente por aquelas que são as principais das divindades e aqueles que estão limpos de todo pecado e coroados com sucesso ascético. Aquele que é Dharma é Vidura; e aquele que é Vidura é o filho (mais velho) de Pandu. Aquele filho de Pandu, ó rei, pode ser percebido por ti. Ele permanece diante de ti como teu servidor. Dotado de grande força-Yoga, teu irmão de grande alma, aquele principal dos homens inteligentes, vendo Yudhishthira de grande alma, o filho de Kunti, entrou em seu corpo. Estes também, ó chefe da linhagem de Bharata, eu unirei com grande benefício. Saiba, ó filho, que eu vim aqui para dissipar tuas dúvidas. Algum feito que nunca foi realizado antes por nenhum dos grandes Rishis, algum efeito extraordinário das minhas penitências, eu te mostrarei. Qual objetivo é aquele, ó rei, cuja realização tu desejas de mim? Diga-me o que é que tu desejas ver ou pedir ou ouvir? Ó impecável, eu irei realizá-lo.'"

29

"Janamejaya disse, 'Diga-me, ó Brahmana erudito, qual foi o feito extraordinário que o grande Rishi Vyasa de energia superior realizou depois da sua promessa para o velho rei, feita quando Dhritarashtra, aquele senhor da Terra, aquele principal da linhagem de Kuru, tinha tomado sua residência na floresta, com sua esposa e com sua nora Kunti; e depois, de fato, que Vidura tinha deixado seu próprio corpo e entrado em Yudhishthira, e quando todos os filhos de Pandu estavam permanecendo no retiro ascético. Por quantos dias o rei Kuru Yudhishthira de glória imorredoura ficou, com seus homens, nas florestas? De qual alimento, ó poderoso, os Pandavas de grande alma se sustentaram, com seus homens, e esposas, enquanto eles viveram nas florestas? Ó impecável, me diga isso.'"

"Vaisampayana disse, 'Com a permissão do rei Kuru, os Pandavas, ó monarca, com suas tropas e as damas de sua família, se sustentaram de diversos tipos de alimento e bebida e passaram cerca de um mês em grande felicidade naquela floresta. Perto do fim daquele período, ó impecável, Vyasa chegou lá. Enquanto todos aqueles príncipes estavam sentados ao redor de Vyasa, envolvidos em conversas sobre diversos assuntos, outros Rishis chegaram àquele local. Eles eram Narada, e Parvata e Devala de penitências austeras, e Viswavasu e Tumvuru, e Chitrasena, ó Bharata, dotados de penitências severas. O rei Kuru Yudhishthira, com a permissão de Dhritarashtra, os adorou de acordo com os ritos devidos. Tendo obtido aquele culto de Yudhishthira, todos se sentaram em assentos sagrados (feitos de grama Kusa), como também sobre assentos excelentes feitos de penas de pavão. Depois que todos eles tinham tomado seus assentos, o rei Kuru de grande inteligência sentou-se lá, cercado pelos filhos de Pandu. Gandhari e Kunti e Draupadi, e ela da tribo Sattwata, e outras damas da

família real também se sentaram. A conversação que então começou foi excelente e se referia a tópicos ligados com piedade, e os Rishis de antigamente, e as divindades e os Asuras. No fim daquela conversação, Vyasa de grande energia, aquele principal dos homens eloquentes, aquela principal de todas as pessoas familiarizadas com os Vedas, altamente satisfeito, se dirigiu ao monarca cego e disse mais uma vez, 'Queimando como tu estás com aflição por causa dos teus filhos, eu sei, ó rei de reis, qual objetivo é nutrido por ti em teu coração. A tristeza que sempre existe no coração de Gandhari, aquela que existe no coração de Kunti, e aquela também que é nutrida por Draupadi em seu coração, e aquela dor ardente, por causa da morte de seu filho, que Subhadra, a irmã de Krishna, também nutre, são todas conhecidas por mim. Sabendo deste encontro, ó rei, de ti com todos estes príncipes e princesas da tua casa, eu vim para cá, ó encantador dos Kauravas, para dissipar tuas dúvidas. Que as divindades e Gandharvas, e todos estes grandes Rishis vejam hoje a energia daquelas penitências que eu tenho adquirido por estes longos anos. Portanto, ó rei, me diga qual desejo teu eu concederei hoje. Eu sou poderoso suficiente para te conceder uma bênção. Contemple o resultado das minhas penitências.' Assim endereçado por Vyasa de compreensão incomensurável, o rei Dhritarashtra refletiu por um momento e então se preparou para falar. Ele disse, 'Eu sou extremamente afortunado. Eu sou afortunado em obter teu favor. Minha vida é coroada com sucesso hoje, já que este encontro ocorreu entre mim e vocês todos de grande piedade. Hoje eu alcançarei aquela meta altamente feliz que está reservada para mim, já que, ó ascetas dotados de riqueza de penitências, vocês que são iguais ao próprio Brahma, eu consegui obter este encontro com vocês todos. Não há a menor dúvida que esta visão que eu obtive de vocês todos me purificou de todo pecado. Ó impecáveis, eu não tenho mais nenhum medo com relação ao meu fim no mundo seguinte. Cheio como eu estou de amor por meus filhos, eu sempre nutro sua lembrança. Minha mente, no entanto, está sempre torturada pela recordação dos diversos atos de injúria os quais meu filho perverso de compreensão extremamente má cometeu. Possuidor de uma compreensão pecaminosa, ele sempre perseguiu os Pandavas inocentes. Ai, a Terra inteira foi devastada por ele com seus corcéis, elefantes e homens. Muitos reis de grande alma, soberanos de diversos reinos, vieram para o lado do meu filho e sucumbiram à morte. Ai, deixando seus queridos pais e esposas e seus próprios ares vitais, todos aqueles heróis se tornaram convidados do rei dos mortos. Que fim, ó regenerado, foi alcançado por aqueles homens que foram mortos, por causa de seu amigo, em batalha? Que fim também foi alcançado por meus filhos e netos que morreram no combate? Meu coração está sempre atormentado pelo pensamento de eu ter ocasionado a morte do poderoso Bhishma, o filho de Santanu, e de Drona, aquele principal dos Brahmanas, por causa do meu filho tolo e pecaminoso que era um ofensor de seus amigos. Desejoso de obter a soberania da Terra, ele fez a linhagem Kuru, resplandecendo com prosperidade, ser aniquilada. Refletindo sobre tudo isso, eu queimo dia e noite com aflição. Profundamente afligido pela angústia e aflição, eu não posso obter paz mental. De fato, ó pai, pensando em tudo isso, eu não tenho paz mental.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas lamentações daquele sábio real expressas de diversas maneiras, a dor de Gandhari, ó Janamejaya, se renovou. A dor de Kunti também, da filha de Drupada, de Subhadra, e dos outros membros, homens e mulheres, e das noras, da linhagem Kuru, se renovaram igualmente. A rainha Gandhari, com olhos enfaixados, unindo suas mãos, se dirigiu ao seu sogro. Profundamente afligida pela angústia por causa da morte de seus filhos, ela disse, 'Ó principal dos ascetas, dezesseis anos passaram sobre a cabeça deste rei sofrendo pela morte de seus filhos e privado de paz mental. Afligido pela tristeza por causa da morte de seus filhos, este rei Dhritarashtra sempre respira pesadamente, e nunca dorme à noite. Ó grande Rishi, através do poder das tuas penitências tu és competente para criar novos mundos. O que eu preciso dizer então sobre mostrar para este rei seus filhos que estão agora no outro mundo? Esta Krishna, a filha de Drupada, perdeu todos os seus parentes e filhos. Por isso, ela que é a mais querida das minhas noras sofre excessivamente. A irmã de Krishna, isto é, Subhadra de fala gentil, queimando com a perda de seu filho, sofre profundamente igualmente. Esta dama que é respeitada por todos, que é a esposa de Bhurisravas, afligida com tristeza por causa do destino que alcançou seu marido, sempre se abandona em lamentos de partir o coração. Seu sogro era o inteligente Valhika da linhagem de Kuru. Ai, Somadatta também foi morto, junto com seu pai, na grande batalha! (Valhika era o pai de Somadatta e o avô de Bhurisravas.) Ai, uma centena de filhos, heróis que nunca recuavam da batalha, pertencentes a este teu filho, este rei de grande inteligência e prosperidade, foram mortos em batalha. As cem esposas daqueles filhos estão todas sofrendo e aumentando a dor do rei e a minha repetidamente. Ó grande asceta, feridas por aquela grande matança, elas se reuniram ao meu redor. Ai, aqueles heróis de grande alma, aqueles grandes guerreiros em carros, meus sogros, Somadatta e outros, ai, o que aconteceu com eles, ó pujante? Pela tua graça, ó santo, acontecerá aquilo por consequência do qual este senhor da Terra, eu mesma, e esta tua nora, isto é, Kunti, seremos todos libertados da nossa dor.' Depois que Gandhari tinha dito isso, Kunti, cuja aparência tinha se tornado debilitada pela observância de muitos votos difíceis, começou a pensar em seu filho nascido em segredo dotado de refulgência solar. O Rishi Vyasa concessor de bênçãos, capaz de ver e ouvir o que acontecia a uma distância remota viu que a mãe nobre de Arjuna estava aflita. Para ela Vyasa disse, 'Diga-me, ó abençoada, o que está em tua mente. Diga-me o que tu desejas dizer.' Nisto, Kunti, inclinando sua cabeça para seu sogro e dominada pela timidez, disse estas palavras para ele, relativas às ocorrências do passado.'"

30

"Kunti disse, 'Ó santo, tu és meu sogro e, portanto, minha divindade das divindades. Realmente, tu és meu deus dos deuses. Ouça minhas palavras de verdade. Um asceta chamado Durvasas, que é da classe regenerada e que é cheio de ira, chegou à casa do meu pai em busca de caridade. Eu tive sucesso em satisfazê-lo pela pureza do meu comportamento externo e da minha mente, como também por me recusar a notar os muitos males que ele fez. Eu não dei vazão à

raiva embora houvesse muito em seu comportamento bastante capaz de excitar aquele sentimento. Servido com cuidado, o grande asceta ficou muito satisfeito comigo e disposto a me conceder um benefício. 'Tu deves aceitar o benefício que eu darei,' foram suas palavras para mim. Temendo sua maldição, eu respondi a ele dizendo, 'Assim seja.' O Rishi regenerado mais uma vez disse para mim, 'Ó donzela abençoada, ó tu de rosto belo, tu te tornarás a mãe de Dharma. Aquelas divindades a quem tu convocares serão obedientes a ti.' Tendo dito aquelas palavras, aquele regenerado desapareceu da minha visão. Eu fiquei muito surpresa. O mantra, no entanto, que o Rishi me deu permaneceu na minha memória todo o tempo. Um dia, sentada dentro do meu quarto eu vi o sol nascendo. Desejando trazer o fazedor do dia diante de mim, eu me lembrei das palavras do Rishi. Sem nenhuma consciência do erro que eu cometia, eu convoquei a divindade por mera infantilidade. A divindade, entretanto, de mil raios, (convocada por mim) veio à minha presença. Ele se dividiu em dois. Com uma parte ele estava no firmamento, e com a outra ele ficou na Terra diante de mim. Com uma ele aquecia os mundos e com outra ele se aproximou de mim. Ele me disse, enquanto eu tremia à sua visão, estas palavras, 'Peça-me uma bênção.' Reverenciando-o com minha cabeça, eu pedi a ele para me deixar. Ele me respondeu dizendo, 'Eu não posso suportar a idéia de vir a ti inutilmente. Eu consumirei a ti como também aquele Brahmana que te deu o Mantra como um benefício.' O Brahmana não tinha feito nenhum mal, eu desejei protegê-lo da maldição de Surya. Eu, portanto, disse, 'Que eu tenha um filho como tu, ó deus.' A divindade de mil raios então me penetrou com sua energia e me entorpeceu completamente. Ele então me disse, 'Tu terás um filho,' e então voltou para o firmamento. Eu continuei a viver nos aposentos internos, e desejosa de proteger a honra do meu pai eu lancei nas águas aquele meu filho recém-nascido chamado Karna, que dessa maneira veio ao mundo secretamente. Sem dúvida, pela graça daquele deus, eu me tornei uma virgem mais uma vez, ó regenerado, assim como o Rishi Durvasas tinha me dito. Tola que eu sou, embora ele soubesse que eu era sua mãe quando ele cresceu, eu, contudo não fiz nenhum esforço para reconhecê-lo. Isso me atormenta, ó Rishi regenerado, como é bem sabido por ti. Se isto é pecaminoso ou não, eu te disse a verdade. Cabe a ti, ó santo, satisfazer o desejo ardente que eu tenho de ver aquele meu filho. Ó principal dos ascetas, que este rei também, ó impecável, obtenha a realização hoje daquele desejo que ele nutre em seu peito e que se tornou conhecido por ti.' Assim endereçado por Kunti, Vyasa, aquela principal de todas as pessoas, disse para ela em resposta, 'Abençoada sejas tu; tudo o que tu me disseste acontecerá. (Com relação ao nascimento de Karna), nenhuma falha é atribuível a ti. Tu foste restaurada à virgindade. As divindades são possuidoras de força (Yoga). Elas podem penetrar corpos humanos. (A força aqui referida é aquela de Anima, Laghima, etc., isto é, a capacidade de se tornar minúsculo e sutil, etc.) Há divindades. Eles geram (prole) só pelo pensamento. Por meio de palavra, por visão, por toque, e por união sexual, também, eles geram filhos. Esses são os cinco métodos. Tu pertences à ordem da humanidade. Tu não tens culpa (no que aconteceu). Saiba disso, ó Kunti. Que a febre do teu coração seja dissipada. Para aqueles que são poderosos, tudo é apropriado. Para aqueles que são poderosos, tudo é puro. Para

aqueles que são poderosos, tudo é meritório. Para aqueles que são poderosos, tudo é seu próprio.'"

31

"Vyasa disse, 'Abençoada sejas tu, ó Gandhari, tu verás teus filhos e irmãos e amigos e parentes junto com teus antepassados esta noite como homens levantados do sono. Kunti também verá Karna, e ela da linhagem de Yadu verá seu filho Abhimanyu. Draupadi verá seus cinco filhos, seus antepassados, e seus irmãos também. Mesmo antes de vocês terem me pedido, esse era o pensamento em minha mente. Eu tinha esse propósito quando eu fui incitado nesse sentido pelo rei, por ti, ó Gandhari, e por Kunti. Tu não deves sofrer por aqueles principais dos homens. Eles encontraram com a morte por causa de sua dedicação às práticas estabelecidas de Kshatriyas. Ó impecável, o trabalho dos deuses tinha que ser executado. Foi para realizar aquele objetivo que aqueles heróis vieram para a Terra. Eles eram todos porções das divindades. Gandharvas e Apsaras, e Pisachas e Guhyakas e Rakshasas, muitas pessoas de grande santidade, muitos indivíduos coroados com sucesso (de penitências), Rishis celestes, divindades e Danavas e Rishis celestiais de caráter imaculado, encontraram com a morte no campo de batalha de Kurukshetra. (O sentido é que aqueles que se encarnaram como seres humanos e lutaram uns com os outros encontraram com a morte com relação à sua existência humana.) É sabido que ele que era o inteligente rei dos Gandharvas, e chamado Dhritarashtra, nasceu no mundo dos homens como teu marido Dhritarashtra. Saiba que Pandu de glória imperecível e distinto acima de todos os outros surgiu dos Maruts. Kshattri e Yudhishthira são ambos porções da divindade da Justiça. Saiba que Duryodhana era Kali, e Sakuni era Dwapara. Ó tu de boas feições, saiba que Dussasana e outros eram todos Rakshasas. Bhimasena de grande poder, aquele castigador de inimigos, é dos Maruts. Saiba que Dhananjaya, o filho de Pritha, é o antigo Rishi Nara. Hrishikesa é Narayana, e os gêmeos são os Aswins. O principal daqueles que dão calor, isto é, Surya, tendo dividido seu corpo em dois, continuou com uma porção a dar calor para os mundos e com outra a viver (na Terra) como Karna. Aquele que nasceu como o filho de Arjuna, aquele alegrador de todos, aquele herdeiro das posses dos Pandavas, que foi morto por seis grandes guerreiros em carros (lutando juntos), era Soma. Ele nasceu de Subhadra. Através de força-Yoga ele tinha se dividido em dois. Dhrishtadyumna, que surgiu com Draupadi do fogo sacrifical, era uma porção auspiciosa da divindade do fogo. Sikhandin era um Rakshasa. Saiba que Drona era uma porção de Vrihaspati, e que o filho de Drona nasceu de uma porção de Rudra. Saiba que Bhishma, o filho de Ganga, era um dos Vasus que veio a nascer como um ser humano. Dessa maneira, ó tu de grande sabedoria, as divindades tomaram nascimento como seres humanos, e depois de terem realizado seus propósitos voltaram para o Céu. Aquela tristeza que está nos corações de vocês todos, relativa ao retorno destes para o outro mundo, eu dissiparei hoje. Vão vocês todos para o Bhagirathi. Vocês então verão todos aqueles que foram mortos no campo de batalha.'"

"Vaisampayana continuou, 'Todas as pessoas lá presentes, tendo ouvido as palavras de Vyasa, proferiram um grito leonino alto e então procederam em direção ao Bhagirathi. Dhritarashtra com todos os seus ministros e os Pandavas, como também com todos aqueles principais dos Rishis e Gandharvas que tinham ido lá, puseram-se a caminho como ordenados. Chegando às margens de Ganga, aquele mar de homens tomou sua residência como lhes agradava. O rei possuidor de grande inteligência, com os Pandavas, tomou sua residência em um local desejável, junto com as senhoras e os idosos de sua família. Eles passaram aquele dia como se ele fosse um ano inteiro, esperando pela chegada da noite quando eles iriam ver os príncipes falecidos. O Sol então alcançou a montanha sagrada no oeste e todas aquelas pessoas, tendo se banhado no rio sagrado, terminaram seus ritos noturnos.'"

32

"Vaisampayana disse, 'Quando chegou a noite, todas aquelas pessoas, tendo terminado seus ritos noturnos, se aproximaram de Vyasa. Dhritarashtra de alma virtuosa, com corpo purificado e com mente dirigida somente para isto, sentou-se lá com os Pandavas e os Rishis em sua companhia. As damas da família real se sentaram com Gandhari em um local retirado. Todos os cidadãos e os habitantes das províncias se agruparam de acordo com suas idades. Então o grande asceta, Vyasa, de energia imensa, se banhando nas águas sagradas do Bhagirathi, convocou todos os guerreiros falecidos, isto é, aqueles que tinham lutado no lado dos Pandavas, aqueles que tinham lutado pelos Kauravas, incluindo reis altamente abençoados pertencentes a diversos reinos. Nisto, ó Janamejaya, um tumulto ensurdecedor foi ouvido se erguer de dentro das águas, parecendo com aquele era ouvido antigamente dos exércitos dos Kurus e dos Pandavas. Então aqueles reis, encabeçados por Bhishma e Drona, com todas as suas tropas, se ergueram aos milhares das águas do Bhagirathi. Lá estavam Virata e Drupada, com seus filhos e tropas. Lá estavam os filhos de Draupadi e o filho de Subhadra, e o Rakshasa Ghatotkacha. Lá estavam Karna e Duryodhana, e o poderoso guerreiro em carro Sakuni, e os outros filhos, dotados de grande força, de Dhritarashtra, encabeçados por Dussasana. Lá estava o filho de Jarasandha, e Bhagadatta, e Jalasandha de grande energia, e Bhurisravas, e Sala, e Salya, e Vrishasena com seu irmão mais novo. Lá estavam o príncipe Lakshmana (o filho de Duryodhana), e o filho de Dhrishtadyumna, e todos os filhos de Sikhandin, e Dhrishtaketu, com seu irmão mais novo. Lá estavam Achala e Vrishaka, e o Rakshasa Alayudha, e Valhika, e Somadatta, e o rei Chekitana. Esses e muitos outros, que por seu número não podem ser citados convenientemente, apareceram naquela ocasião. Todos eles ergueram-se das águas do Bhagirathi, com corpos resplandecentes. Aqueles reis apareceram, cada um vestido naquele traje e equipado com aquele estandarte e aquele veículo os quais ele tinha enquanto lutando no campo. Todos eles estavam agora vestidos em vestimentas celestes e todos tinham brincos brilhantes. Eles estavam livres de toda animosidade e orgulho, e privados de ira e ciúme. Gandharvas cantavam seus louvores, e bardos os serviam, cantando seus feitos. Vestidos em vestimentas

celestiais e guirlandas celestiais, cada um deles era servido por grupos de Apsaras. Naquela hora, pela força de suas penitências, o grande asceta, o filho de Satyavati, satisfeito com Dhritarashtra, deu a ele visão divina. Dotada de conhecimento e força divinos, Gandhari de grande fama viu todos os seus filhos como também todos os que tinham sido mortos em batalha. Todas as pessoas lá reunidas contemplaram com olhar fixo e com corações cheios de admiração aquele fenômeno estupendo e inconcebível que fez os pelos em seus corpos se arrepiarem. Ele parecia com uma grande festança de homens e mulheres alegres. Aquela cena maravilhosa parecia com um quadro pintado em tela. Dhritarashtra, vendo todos aqueles heróis com sua visão divina obtida pela graça daquele sábio, ficou cheio de alegria, ó chefe da linhagem de Bharata."

33

"Vaisampayana disse, 'Então, aqueles principais dos homens, privados de ira e ciúme e limpos de todo pecado, se reuniram uns com os outros, de acordo com aquelas ordenanças superiores e auspiciosas que tinham sido formuladas por Rishis regenerados. Todos eles estavam felizes e pareciam com deuses se movendo no Céu. Filho encontrou com pai ou mãe, esposas com maridos, irmão com irmão, e amigo com amigo, ó rei. Os Pandavas, cheios de alegria, encontraram com o poderoso arqueiro Karna como também com o filho de Subhadra, e os filhos de Draupadi. Com corações felizes os filhos de Pandu se aproximaram de Karna, ó monarca, e se reconciliaram com ele. Todos aqueles guerreiros, ó chefe da linhagem de Bharata, se encontrando uns com os outros pela graça do grande asceta, se reconciliaram uns com os outros. Rejeitando toda hostilidade, eles ficaram estabelecidos em amizade e paz. Foi exatamente assim que todos aqueles principais dos homens, isto é, os Kauravas e outros reis, se uniram com os Kurus e outros parentes deles como também com seus filhos. Aquela noite inteira eles passaram em grande felicidade. De fato, os guerreiros Kshatriya, pela felicidade que eles sentiram, consideraram aquele local como o próprio Céu. Não havia aflição, nenhum medo, nenhuma suspeita, nenhum descontentamento, nenhuma repreensão naquela região, quando aqueles guerreiros, ó monarca, se encontraram uns com os outros naquela noite. Reunindo-se com seus pais e irmãos e maridos e filhos, as damas rejeitaram toda tristeza e sentiram grandes arrebatamentos de deleite. Tendo se divertido uns com os outros assim por uma noite, aqueles heróis e aquelas damas, abraçando uns aos outros e se despedindo, retornaram para os lugares de onde eles tinham vindo. De fato, aquele principal dos ascetas despediu aquela multidão de guerreiros. Dentro de um piscar de olhos aquela grande multidão desapareceu na própria visão de todas aquelas pessoas (vivas). Aquelas pessoas de grande alma, mergulhando no rio sagrado Bhagirathi procederam, com seus carros e estandartes, para suas respectivas residências. Alguns foram para as regiões dos deuses, alguns para a região de Brahman, alguns para a região de Varuna, e alguns para a região de Kuvera. Alguns entre aqueles reis procederam para a região de Surya. Entre os Rakshasas e Pisachas alguns procederam para o país dos Uttara-Kurus. Outros, movendo-se em posturas encantadoras, foram na

companhia das divindades. Dessa forma todas aquelas pessoas de grande alma desapareceram com seus veículos e animais e com todos os seus seguidores. Depois que todos eles tinham ido embora, o grande sábio, que estava em pé nas águas da corrente sagrada, isto é, Vyasa de grande virtude e energia, aquele benfeitor dos Kurus, então se dirigiu àquelas senhoras Kshatriya que tinham se tornado viúvas, e disse estas palavras, 'Que aquelas entre estas principais das mulheres que estiverem desejosas de alcançar as regiões adquiridas por seus maridos se livrem de toda indolência e mergulhem rapidamente na sagrada Bhagirathi.' Ouvindo essas palavras dele, aquelas damas mais notáveis, colocando fé nelas, receberam a permissão de seu sogro e então mergulharam nas águas do Bhagirathi. Livres dos corpos humanos, aquelas damas castas então procederam, ó rei, com seus maridos, para as regiões adquiridas pelos últimos. Exatamente assim, aquelas damas de conduta virtuosa, devotadas a seus maridos, entrando nas águas do Bhagirathi, se tornaram livres de suas habitações mortais e obtiveram a companhia de seus maridos nas regiões adquiridas por eles. Dotadas de formas celestes, e adornadas com ornamentos celestes, e vestindo roupas e guirlandas celestes, elas procederam para aquelas regiões onde seus maridos tinham encontrado suas residências. Possuidoras de comportamento excelente e muitas virtudes, suas ansiedades todas dissipadas, elas foram vistas em carros excelentes, e dotadas de toda habilidade elas encontraram aquelas regiões de felicidade que eram delas por direito. Dedicado aos deveres de piedade, Vyasa, naquela ocasião, se tornando um concessor de benefícios, concedeu para todos os homens lá reunidos a realização dos desejos que eles nutriam respectivamente. Pessoas de diversos reinos, ouvindo a respeito desse encontro entre os mortos santificados e seres humanos vivos, ficaram muito encantados. Aquele homem que escuta devidamente a esta narrativa encontra com tudo o que lhe é precioso. De fato, ele obtém todos os objetos agradáveis aqui e após a morte. Aquele homem de erudição e ciência, aquela principal das pessoas justas, que repete essa narrativa para a audição de outros adquire grande fama aqui e um fim auspicioso após a morte, como também uma união com parentes e todos os objetos desejáveis. Tal homem não tem que passar por trabalho doloroso por causa de seu sustento, e encontra com todos os tipos de objetos auspiciosos em vida. Essas mesmas são as recompensas colhidas por uma pessoa que, dotada de dedicação aos estudos Védicos e de penitências, repete essa narrativa na audição de outros. Aquelas pessoas que, possuidoras de boa conduta, dedicadas ao autodomínio, purificadas de todos os pecados pelas doações que elas fazem, dotadas de sinceridade, tendo almas tranquilas, livres de falsidade e do desejo de ferir outros, adornadas com fé, crença nas escrituras, e inteligência, ouvem este parvan extraordinário, certamente alcançam a meta mais elevada após a morte."

34

"Sauti disse, 'Ouvindo essa história do reaparecimento e partida de seus antepassados, o rei Janamejaya de grande inteligência ficou muito satisfeito. Cheio de alegria, ele mais uma vez questionou Vaisampayana sobre o assunto da

reaparição dos homens mortos, dizendo, ‘Como é possível para pessoas cujos corpos foram destruídos reaparecerem naquelas mesmas formas?’ Assim questionado, aquela principal das pessoas regeneradas, isto é, o discípulo de Vyasa, aquele principal dos oradores, possuidor de grande energia, respondeu para Janamejaya dessa maneira.’”

"Vaisampayana disse, 'Isto é certo, isto é, que ações nunca são destruídas (sem suas consequências serem desfrutadas ou suportadas). Corpos, ó rei, são nascidos de atos; assim também são feições. Os grandes elementos primordiais são eternos (indestrutíveis) por consequência da união com eles do Senhor de todos os seres. Eles existem com o que é eterno. Consequentemente, eles não têm destruição quando os não eternos são destruídos. Ações feitas sem esforço são verdadeiras e principais, e dão resultado real. A alma, embora unida com tais atos que requerem esforço para sua realização, desfruta de prazer e dor. (A religião de Pravritti consiste em atos que precisam de esforço para sua realização. A religião de Nivritti ou abstenção de ações é citada aqui como verdadeira e superior, e produtiva de fruto real, na forma de Emancipação. A alma, no entanto, na maioria dos casos, unida com os atos feitos em busca da religião de Pravritti, se torna incorporada e, portanto, desfruta de felicidade ou suporta miséria como possa ser o caso.) Embora unida dessa maneira (isto é, com prazer e dor), contudo é uma inferência certa que a alma nunca é modificada por eles, como o reflexo de criaturas em um espelho. Ela nunca é destruída. (O sentido parece ser este: quando uma criatura permanece diante de um espelho, sua imagem é formada no espelho; tal reflexo, no entanto, nunca afeta o espelho de modo algum, pois quando o objeto deixa a vizinhança do espelho, a imagem ou reflexo desaparece. A alma é como o espelho. Prazer e dor são como reflexos nela. Eles vêm e vão sem a alma ser modificada em absoluto por eles de nenhuma maneira. Prazer e dor são destrutíveis, mas a alma não.) Enquanto as ações de alguém não estão esgotadas (por desfrute ou tolerância de seus resultados bons ou maus), ele considera o corpo como ele mesmo. O homem, no entanto, cujos atos estão esgotados, sem considerar o corpo como o eu, toma o eu como sendo alguma coisa diferente. (O homem comum pensa que esta conglomeração de diversos objetos é seu eu. O homem de sabedoria que esgotou seus atos não pensa assim. Ele está livre da obrigação de aceitar um corpo.) Diversos objetos existentes (tais como os elementos primordiais e os sentidos, etc.) obtendo um corpo, se tornam unidos como um. Para homens de conhecimento que compreendem a diferença (entre o corpo e eu), aqueles mesmos objetos se tornam eternos. (Isto é, no caso de homens comuns, as partes componentes do corpo se dissolvem, enquanto Yogins podem proteger tais partes da dissolução por tanto tempo quanto eles queiram.) No Sacrifício de Cavalo, este Sruti é ouvido a respeito da morte do cavalo. Aquelas que são as posses indubitáveis das criaturas incorporadas, isto é, seus ares vitais (e os sentidos, etc.), existem eternamente mesmo quando eles são levados para o outro mundo. Eu te direi o que é benéfico, se isto for agradável para ti, ó rei. Tu, enquanto empenhado em teus sacrifícios, ouviste sobre os caminhos das divindades. Quando preparativos eram feitos para algum sacrifício teu, as divindades ficavam beneficamente inclinadas a ti. Quando, de fato, as divindades estavam assim dispostas e vinham aos teus sacrifícios, elas eram

senhores na questão da passagem (deste para o mundo seguinte) dos animais mortos. (As divindades levam para o mundo seguinte os animais mortos em sacrifícios. Embora os corpos de tais animais sejam aparentemente destruídos, contudo seus ares vitais e sentidos continuavam a existir.) Por essa razão, os eternos (isto é, Jivas), por adorarem as divindades nos sacrifícios, conseguem alcançar metas excelentes. Quando os cinco elementos primordiais são eternos, quando a alma também é eterna, ele chamado Purusha (isto é, a alma investida com invólucro) é assim igualmente. Quando tal é o caso, aquele que vê uma criatura como disposta a tomar diversas formas, é considerada como tendo uma compreensão errônea. Aquele que cede a muita tristeza pela separação é, eu penso, uma pessoa tola. Aquele que vê mal na separação deve abandonar união. Por se manter à distância, uniões não são formadas, e a tristeza é rejeitada, pois a tristeza no mundo é nascida da separação. (O sentido é que esposas, etc., quando perdidas são fontes de tristeza, homens sábios devem se abster de contrair tais relações. Eles podem então ser livres de tristeza.) Somente aquele que compreende a distinção entre corpo e eu, e não outro, fica livre da convicção errônea. Aquele que conhece o outro (isto é, o eu) obtém a maior compreensão e se torna livre do erro. Com relação às criaturas, elas aparecem de um estado invisível, e mais uma vez desaparecem na invisibilidade. (Nós viemos do imanifesto e desaparecemos novamente no imanifesto.) Eu não conheço ele (isto é, ele que é emancipado). Ele também não me conhece. Com relação a mim mesmo, a renúncia ainda não é minha. Aquele que não é possuidor de força suporta ou desfruta dos resultados de todas as suas ações naqueles corpos nos quais ele as faz. Se o ato for um mental, suas consequências serão desfrutadas ou suportadas mentalmente; se ele for feito com o corpo, suas consequências serão desfrutadas ou suportadas no corpo.'" (O que é afirmado aqui é que se um homem faz um ato que é mau, ele terá que suportar suas consequências em um corpo humano. O mesmo com relação às recompensas. Por fazer um ato meritório em sua forma humana, alguém desfrutará de suas boas consequências em seu corpo humano. Igualmente atos feitos mentalmente afetam a mente e aqueles feitos com o corpo afetam o corpo.)

35

"Vaisampayana disse, 'O rei Dhritarashtra nunca tinha visto seus próprios filhos. Obtendo visão pela graça do Rishi ele viu, pela primeira vez, ó perpetuador da linhagem de Kuru, aqueles filhos dele que eram muito parecidos com ele mesmo. Aquele principal dos homens, isto é, o monarca Kuru, tinha aprendido todos os deveres dos reis, como também os Vedas e os Upanishads, e tinha adquirido uma certeza de compreensão (da mesma fonte). Vidura de grande sabedoria obteve o maior sucesso pelo poder de suas penitências. Dhritarashtra também obteve grande sucesso por ter encontrado com o asceta Vyasa.'"

"Janamejaya disse, 'Se Vyasa, disposto a me conceder uma bênção, bondosamente me mostrar meu pai naquela forma que ele tinha, vestido como ele costumava estar vestido, e tão idoso quando ele estava quando ele partiu deste

mundo, eu poderei então acreditar em tudo o que tu me disseste. Tal visão será a mais agradável para mim. De fato, eu me considerarei coroado com sucesso. Eu terei ganhado uma certeza de conclusão. Ó, que meu desejo seja coroado com realização pela graça daquele mais notável dos Rishis.'"

"Sauti disse, 'Depois que o rei Janamejaya tinha dito essas palavras, Vyasa de grande energia e inteligência mostrou sua graça e trouxe Parikshit (do outro mundo). O rei Janamejaya viu seu nobre pai, possuidor de grande beleza, trazido do Céu, na mesma forma que ele tinha e da mesma idade que ele era (no momento de partir deste mundo). Samika de grande alma também, e seu filho Sringin, foram similarmente levados lá. Todos os conselheiros e ministros do rei os viram. O rei Janamejaya, realizando o banho final em seu sacrifício, ficou muito contente. Ele derramou a água sagrada em seu pai, assim como ele a fez ser derramada sobre ele mesmo. Tendo passado pelo banho final, o rei se dirigiu ao regenerado Astika que tinha nascido na tribo dos Yayavaras e que era o filho de Jaratkaru, e disse estas palavras, 'Ó Astika, esse meu sacrifício está repleto de muitos incidentes extraordinários, já que este meu pai foi visto por mim, ele que dissipou todas as minhas tristezas.'"

"Astika disse, 'O realizador daquele sacrifício no qual o Rishi antigo, Vyasa Nascido na Ilha, aquele vasto receptáculo de penitências, está presente, seguramente, ó principal da linhagem de Kuru, conquistará ambos os mundos. Ó filho dos Pandavas, tu ouviste uma história magnífica. As cobras foram reduzidas a cinzas e seguiram os passos do teu pai. Pela tua veracidade, ó monarca, Takshaka escapou com dificuldade de um destino doloroso. Os Rishis foram todos adorados. Tu viste também o fim que foi obtido por teu pai de grande alma. Tendo ouvido essa história purificadora de pecado tu adquiriste mérito abundante. Os nós do teu coração foram desatados pela visão daquela pessoa notável. Eles que são os sustentadores das asas da Virtude, eles que são de boa conduta e disposição excelente, eles à visão de quem pecados se tornam atenuados, nós todos devemos reverenciá-los.'"

"Sauti continuou, 'Tendo ouvido isso daquele principal dos regenerados, o rei Janamejaya reverenciou aquele Rishi, honrando-o repetidamente de todas as maneiras. Conhecedor de todos os deveres ele então perguntou ao Rishi Vaisampayana de glória imperecível sobre a continuação, ó melhor dos ascetas, da residência do rei Dhritarashtra nas florestas.'"

36

"Janamejaya disse, 'Tendo visto seus filhos e netos com todos os seus amigos e seguidores, o que, de fato, aquele soberano de homens, isto é, Dhritarashtra, e o rei Yudhishthira também, fizeram?'"

"Vaisampayana disse, 'Contemplando aquela visão extraordinariamente admirável, isto é, o reaparecimento de seus filhos, o sábio nobre, Dhritarashtra, livrou-se de sua dor e voltou (das margens do Bhagirathi) para seu retiro. As

pessoas comuns e todos os grandes Rishis, despedidos por Dhritarashtra, voltaram para os locais que eles desejavam respectivamente. Os Pandavas de grande alma, acompanhados por suas esposas, e com um pequeno séquito, foram para o retiro do monarca de grande alma. Então o filho de Satyavati, que era honrado por Rishis regenerados e todas as outras pessoas, chegando ao retiro, se dirigiu a Dhritarashtra, dizendo, 'Ó Dhritarashtra de braços poderosos, ó filho da linhagem de Kuru, escute o que eu digo. Tu ouviste diversos discursos de Rishis de grande conhecimento e atos sagrados, de riqueza de penitências e excelência de sangue, de familiaridade com os Vedas e seus ramos, de piedade e idade, e de grande eloquência. Não coloque tua mente outra vez na tristeza. Aquele que possui sabedoria nunca é agitado pela má sorte. Tu também ouviste os mistérios das divindades de Narada de forma celeste. Todos os teus filhos alcançaram, pelo cumprimento das práticas Kshatriya, aquela meta auspiciosa que é santificada por armas. Tu viste como eles se movem à vontade em grande felicidade. Este Yudhishthira de grande inteligência está esperando tua permissão, com todos os seus irmãos e esposas e parentes. Despeça-o. Deixe-o voltar para seu reino e governá-lo. Eles passaram mais do que um mês residindo nas florestas. A posição de soberania deve ser sempre bem protegida. Ó rei, ó tu da linhagem de Kuru, um reino tem muitos inimigos.' Assim endereçado por Vyasa de energia incomparável, o rei Kuru, bem versado em palavras, convocou Yudhishthira e disse para ele, 'Ó Ajatasatru, bênçãos sobre ti! Escute-me, com todos os teus irmãos. Pela tua graça, ó rei, a dor não está mais no meu caminho. Eu estou vivendo tão alegremente, ó filho, contigo aqui como se eu estivesse na cidade chamada de elefante. Contigo como meu protetor, ó erudito, eu estou desfrutando de todos os objetos agradáveis. Eu tenho obtido de ti todos aqueles serviços que um filho presta para seu pai. Eu estou muito satisfeito contigo. Eu não tenho o mínimo descontentamento contigo, ó de braços poderosos. Vá agora, ó filho, sem demorares mais por aqui. Encontrando contigo, minhas penitências estão sendo diminuídas. Este meu corpo, dotado de penitências, eu tenho podido sustentar somente por meu encontro contigo. Estas tuas duas mães, subsistindo agora de folhas caídas de árvores, e praticando votos similares aos meus, não viverão muito tempo. Duryodhana e outros, que se tornaram habitantes do outro mundo, foram vistos por nós, pela força das penitências de Vyasa e através (do mérito) dessa minha reunião contigo. Ó impecável, o propósito da minha vida foi alcançado. Eu agora desejo me dedicar à prática das mais austeras das penitências. Cabe a ti me conceder permissão. De ti dependem agora o bolo fúnebre, a fama e realizações e a linhagem de nossos antepassados. Ó poderosamente armado, parta então amanhã ou neste mesmo dia. Não demore, ó filho. Ó chefe da linhagem de Bharata, tu ouviste repetidamente quais são os deveres dos reis. Eu não vejo o que mais eu posso dizer para ti. Eu não tenho mais nenhuma necessidade contigo, ó tu de grande força.'"

"Vaisampayana continuou, 'Para o (velho) monarca que falado assim, o rei Yudhishthira replicou, 'Ó tu que és conhecedor de toda regra de virtude, não cabe a ti me rejeitar dessa maneira. Eu não sou culpado de alguma falha. Que todos os meus irmãos e seguidores partam como eles quiserem. Com votos firmes eu servirei a ti e estas minhas duas mães.' Para ele Gandhari então disse, 'Ó filho,

que não seja assim. Ouça, a linhagem de Kuru é agora dependente de ti. O bolo fúnebre do meu sogro também depende de ti. Parta então, ó filho. Nós fomos honrados e servidos suficientemente por ti. Tu deves fazer o que rei diz. De fato, ó filho, tu deves obedecer às ordens do teu pai.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por Gandhari, o rei Yudhishthira, esfregando seus olhos que estavam banhados em lágrimas de afeição, disse estas palavras de lamento, 'O rei me rejeita, como também Gandhari de grande fama. Meu coração, no entanto, está ligado a ti. Como eu irei, cheio de angústia como eu estou, te deixar? Eu, entretanto, não ouso obstruir tuas penitências, ó senhora virtuosa. Não há nada mais elevado do que penitências. É pelas penitências que alguém chega ao Supremo. Ó rainha, meu coração não está mais voltado como antigamente para o reino. Minha mente está totalmente fixa em penitências agora. A Terra inteira está vazia agora. Ó senhora auspiciosa, ela não me agrada mais. Nossos parentes foram reduzidos em número. Nossa força não é mais o que ela era antes. Os Panchalas foram totalmente exterminados. Eles existem em nome somente. Ó dama auspiciosa, eu não vejo ninguém que possa assisti-los como seu restabelecimento e crescimento. Todos eles foram reduzidos a cinzas por Drona no campo de batalha. Aqueles que restaram foram mortos pelo filho de Drona à noite. Os Chedis e os Matsyas, que eram nossos amigos, não existem mais. Somente as tribos dos Vrishnis são tudo o que resta, Vasudeva tendo-os mantido. Vendo somente os Vrishnis eu desejo viver. Meu desejo de vida, no entanto, é devido ao meu desejo de adquirir mérito e não riqueza ou prazer. Lance olhares auspiciosos sobre nós todos. Obter tua visão será difícil para nós. O rei começará a praticar as penitências mais austeras e insuportáveis.' Ouvindo essas palavras, aquele senhor de batalha, Sahadeva de braços poderosos, com olhos banhados em lágrimas, se dirigiu a Yudhishthira, dizendo, 'Ó chefe da linhagem de Bharata, eu não ouso deixar minha mãe. Volte logo para a capital. Eu praticarei penitências, ó pujante. Aqui mesmo eu emaciarei meu corpo por meio de penitências, dedicado a servir os pés do rei e dessas minhas mães.' Para aquele herói de braços poderosos, Kunti, depois de um abraço, disse, 'Parta, ó filho. Não fale assim. Cumpra minha ordem. Todos vocês partam daqui. Que a paz seja sua. Ó filhos, que a felicidade seja sua. Se vocês ficarem aqui nossas penitências serão obstruídas. Vinculada pelos laços da minha afeição por ti eu me desviarei das minhas penitências superiores. Portanto, ó filho, nos deixe. Curto é o período que nós temos de vida, ó tu de grande força.' Por essas e diversas outras palavras de Kunti, as mentes de Sahadeva e do rei Yudhishthira foram serenadas. Aqueles principais da linhagem de Kuru, tendo recebido a permissão de sua mãe como também do (velho) monarca, saudaram o último e começaram a se despedir.'"

"Yudhishthira disse, 'Alegrados por bênçãos auspiciosas nós voltaremos para a capital. De fato, ó rei, tendo recebido tua permissão, nós deixaremos este retiro, livres de todo pecado.' Assim endereçado pelo rei de grande alma Yudhishthira o justo, aquele sábio real, isto é, Dhritarashtra, abençoou Yudhishthira e lhe deu permissão. O rei confortou Bhima, aquele principal de todos os homens dotados de grande força. Dotado de grande energia e grande inteligência, Bhima mostrou

sua submissão para o rei. Abraçando Arjuna e aqueles mais notáveis dos homens, isto é, os gêmeos também, e os abençoando repetidamente, o rei Kuru lhes deu permissão para partir. Eles adoraram os pés de Gandhari e receberam suas bênçãos também. Sua mãe Kunti então cheirou suas cabeças e os dispensou. Eles então circungiraram o rei como bezerros, quando impedidos de mamarem em suas mães. De fato, eles andaram repetidamente ao redor dele, olhando-o constantemente. Então todas as damas da família Kaurava, encabeçadas por Draupadi, reverenciaram seu sogro de acordo com os ritos formulados nas escrituras e se despediram. Gandhari e Kunti abraçaram cada uma delas, e as abençoando as mandaram partir. Suas sogras as instruíram quanto a como elas deviam se comportar. Obtendo permissão, elas então partiram com seus maridos. Então sons altos foram ouvidos, proferidos pelos cocheiros que diziam, 'Emparelhem, Emparelhem,' como também de camelos que grunhiam alto e de corcéis que relinchavam vigorosamente. O rei Yudhishthira, com suas esposas e tropas e todos os seus parentes, partiu para Hastinapura.'"

37

"Vaisampayana disse, 'Depois que dois anos tinham decorrido da data do retorno dos Pandavas (do retiro de seu pai), o Rishi celeste, Narada, ó rei, foi até Yudhishthira. O poderosamente armado rei Kuru, aquele principal dos oradores, isto é, Yudhishthira, tendo-o reverenciado devidamente, o fez tomar um assento. Depois que o Rishi tinha descansado um pouco, o rei o questionou, dizendo, 'É depois de um longo tempo que eu vejo tua pessoa santa chegada à minha corte. Tu estás em paz e felicidade, ó Brahmana erudito? Quais são aqueles países pelos quais tu tens passado? O que eu devo fazer para ti? Diga-me. Tu és o mais notável dos regenerados, e tu és nosso maior refúgio.'"

"Narada disse, 'Eu não tenho te visto por um longo tempo. Por isso é que eu vim a ti do meu retiro ascético. Eu vi muitas águas sagradas, e a sagrada corrente Ganga também, ó rei.'"

"Yudhishthira disse, 'Pessoas habitando as margens do Ganga relatam que Dhritarashtra de grande alma está praticando as mais austeras das penitências. Tu o viste lá? Aquele perpetuador da linhagem de Kuru está em paz? Gandhari e Pritha, e o filho de Suta Sanjaya também, estão em paz? Como, de fato, está passando aquele meu nobre pai? Eu desejo saber isso, ó santo, se tu tens visto o rei (e sabes de sua condição).'"

"Narada disse, 'Escute, ó rei, com calma enquanto eu te digo o que eu vi e ouvi naquele retiro ascético. Depois do teu retorno de Kurukshetra, ó encantador dos Kurus, teu pai, ó rei, procedeu para Gangadwara. Aquele monarca inteligente levou com ele seu fogo (sagrado), Gandhari e sua nora Kunti, como também Sanjaya da casta Suta, e todos os Yajakas. Possuidor de riqueza de penitências, teu pai se dedicou à prática de austeridades severas. Ele mantinha seixos de pedra em sua boca e tinha somente ar para sua subsistência, e se absteve totalmente de falar. Empenhado em penitências rígidas, ele era adorado por todos

os ascetas nas florestas. Em seis meses o rei estava reduzido somente a um esqueleto. Gandhari subsistia só de água, enquanto Kunti tomava um pouco todo sexto dia. O fogo sagrado, ó monarca, (pertencente ao rei Kuru) era devidamente adorado pelos assistentes sacrificantes que estavam com ele, com libações de manteiga clarificada despejadas sobre ele. Eles faziam isso o rei visse o rito ou não. O rei não tinha habitação fixa. Ele se tornou um viajante através daquelas florestas. As duas rainhas, como também Sanjaya, o seguiam. Sanjaya agia como o guia em terreno plano e acidentado. A impecável Pritha, ó rei, se tornou a visão de Gandhari. Um dia, aquele melhor dos reis procedeu para um local na margem do Ganga. Ele então se banhou no rio sagrado e terminando suas abluções virou seu rosto em direção ao seu retiro. O vento ergueu-se grandemente. Começou um incêndio violento na floresta. Ele começou a queimar aquela floresta por toda parte. Quando os bandos de animais estavam sendo queimados por todos os lados, como também as cobras que habitavam aquela região, bandos de javalis selvagens começaram a se refugiar nos pântanos e águas mais próximos. Quando aquela floresta foi assim afligida por todos os lados e tal desgraça surpreendeu todas as criaturas vivas que residiam lá, o rei, que não tinha se alimentado, não podia se mover ou se esforçar absolutamente. Tuas duas mães também, extremamente emaciadas, não podiam se mover. O rei, percebendo a conflagração se aproximar dele de todos os lados, se dirigiu ao Suta Sanjaya, aquele principal dos quadrigários habilidosos, dizendo, 'Vá, ó Sanjaya, para um lugar onde o fogo não possa te queimar. Com relação a nós, nós permitiremos que nossos corpos sejam destruídos por esse fogo e atingiremos a meta mais elevada.' Para ele, Sanjaya, aquele principal dos oradores, disse, 'Ó rei, esta morte, trazida por um fogo que não é sagrado, virá a ser calamitosa para ti. Eu, no entanto, não vejo nenhuma maneira pela qual tu possas escapar dessa conflagração. Aquilo que deve ser feito em seguida deve ser indicado por ti.' Assim endereçado por Sanjaya o rei mais uma vez disse, 'Essa morte não pode ser calamitosa para nós, pois nós deixamos nossa casa por nossa própria vontade. Água, fogo, vento, e abstenção de alimento, (como meios de morte), são louváveis para ascetas. Deixe-nos, portanto, ó Sanjaya, sem qualquer demora.' Tendo dito essas palavras para Sanjaya, o rei concentrou sua mente. Voltando-se para o leste, ele se sentou, com Gandhari e Kunti. Vendo-o naquela atitude, Sanjaya caminhou em volta dele. Dotado de inteligência, Sanjaya disse, 'Concentre tua alma, ó pujante.' O filho de um Rishi, e ele mesmo possuidor de grande sabedoria, o rei agiu como ele foi mandado. Reprimindo todos os sentidos, ele permaneceu como um poste de madeira. A altamente abençoada Gandhari, e tua mãe Pritha também, permaneceram na mesma postura. Então teu nobre pai foi alcançado pelo incêndio florestal. Sanjaya, seu ministro, conseguiu escapar daquela conflagração. Eu o vi nas margens do Ganga no meio de ascetas. Dotado de grande energia e inteligência, ele se despediu deles e então partiu para as montanhas de Himavat. Assim mesmo o rei Kuru de grande alma encontrou com sua morte, e foi assim que Gandhari e Kunti, tuas duas mães, também encontraram com a morte, ó monarca. No decurso de minhas viagens à vontade, eu vi os corpos daquele rei e daquelas duas rainhas, ó Bharata. Muitos ascetas chegaram àquele retiro, tendo sabido do fim do rei Dhritarashtra. Eles não se afligiram em absoluto por aquele fim deles. Lá, ó melhor dos homens, eu soube

todos os detalhes de como o rei e as duas rainhas, ó filho de Pandu, foram queimados. Ó rei de reis, tu não deves sofrer por ele. O monarca, por sua própria vontade, como também Gandhari e tua mãe, obtiveram aquele contato com o fogo.'"

"Vaisampayana continuou, 'Sabendo da saída de Dhritarashtra deste mundo, os Pandavas de grande alma todos deram vazão a grande pesar. Sons altos de lamento foram ouvidos dentro dos apartamentos internos do palácio. Os cidadãos também, sabendo da morte do velho rei, proferiram lamentações altas. 'Ó que vergonha!' gritou o rei Yudhishthira em grande agonia, erguendo seus braços para o alto. Pensando em sua mãe, ele chorou como uma criança. Todos os seus irmãos também, encabeçados por Bhimasena, fizeram o mesmo. Sabendo que Pritha tinha encontrado com tal destino, as damas da casa real proferiram lamentos altos de dor. Todo o povo sofreu ao saber que o velho rei, que tinha ficado sem filhos, tinha morrido queimado e que a desamparada Gandhari também tinha compartilhado seu destino. Quando aqueles sons de lamento cessaram por um instante, o rei Yudhishthira o justo, parando suas lágrimas por convocar toda sua paciência, disse estas palavras.'"

38

"Yudhishthira disse, 'Quando tal destino alcançou aquele monarca de grande alma que estava empenhado em penitências austeras, apesar do fato de ele ter parentes como nós todos vivos, me parece, ó regenerado, que o fim dos seres humanos é difícil de adivinhar. Ai, quem pensaria que o filho de Vichitraviryya seria queimado até a morte dessa maneira? Ele teve cem filhos cada um dotado de braços poderosos e possuidor de grande prosperidade. O próprio rei tinha a força de dez mil elefantes. Ai, ele mesmo ele morreu queimado em um incêndio florestal! Ai, ele que antigamente era abanado com folhas de palmeira pelas mãos formosas de belas mulheres foi abanado por urubus com suas asas depois de ter sido queimado em uma conflagração na floresta! Ele que era antigamente despertado do sono toda manhã por grupos de Sutas e Magadhas teve que dormir no solo nu por causa das ações da minha pessoa pecaminosa. Eu não me aflijo pela famosa Gandhari que foi privada de todos os seus filhos. Observando os mesmos votos que seu marido, ela alcançou aquelas mesmas regiões que se tornaram dele. Eu sofro, no entanto, por Pritha que, abandonando a prosperidade refulgente de seus filhos, se tornou desejosa de residir nas florestas. Que vergonha para esta nossa soberania, que vergonha para nossa destreza, que vergonha para as práticas de Kshatriyas! Embora vivos, nós estamos realmente mortos! Ó principal dos Brahmanas superiores, o curso do Tempo é muito sutil e difícil de entender, visto que Kunti, abandonando a soberania, desejou tomar sua residência na floresta. Como é que ela que era a mãe de Yudhishthira, de Bhima, de Vijaya, morreu queimada como uma criatura desamparada? Pensando nisso eu fico estupefato. Em vão a divindade do fogo foi satisfeita em Khandava por Arjuna. Ingrato que ele é, esquecendo aquele serviço ele queimou até a morte a mãe de seu benfeitor! Ai, como pôde aquela divindade queimar a mãe de Arjuna?

Assumindo a aparência de um Brahmana, ele antigamente se aproximou de Arjuna para pedir um favor. Que vergonha para a divindade do fogo! Que vergonha para o sucesso célebre das flechas de Partha! Este é outro incidente, ó santo, que me parece ser produtivo de grande miséria, pois aquele senhor da Terra encontrou com a morte por união com um fogo que não era sagrado. Como tal morte pôde surpreender aquele sábio real da linhagem de Kuru que, depois de ter governado a Terra inteira, estava empenhado na prática de penitências? Naquela grande floresta existiam fogos que tinham sido santificados com mantras! Ai, meu pai saiu deste mundo entrando em contato com um fogo não santificado! Eu suponho que Pritha, emaciada e reduzida a uma forma na qual todos os seus nervos se tornaram visíveis, deve ter tremido de medo e gritado alto dizendo, 'Ó filho Yudhishthira!', e esperado a aproximação terrível da conflagração. Ela deve ter dito também, 'Ó Bhima, me salve deste perigo!' quando ela, minha mãe, estava cercada por todos os lados por aquela conflagração terrível. Entre todos os seus filhos, Sahadeva era seu predileto. Ai, aquele filho heróico de Madravati não a salvou.' Ouvindo essas lamentações do rei, aquelas pessoas que estavam presentes lá começaram a chorar, abraçando umas às outras. Realmente, os cinco filhos de Pandu estavam tão tomados pela dor que eles pareciam com criaturas vivas na hora da dissolução do universo. O som das lamentações proferidas por aqueles heróis pranteando, enchendo as câmaras espaçosas do palácio, escapou de lá e penetrou o próprio firmamento."'

39

"Narada disse, 'O rei não morreu queimado por um fogo não santificado. Eu soube disso lá. Eu te digo, ó Bharata, esse não foi o destino do filho de Vichitraviryya. Foi ouvido por nós que quando o velho rei dotado de grande inteligência e subsistindo só de ar entrou nas florestas (depois de seu retorno de Gangadwara), ele fez seus fogos sacrificais serem acesos adequadamente. Tendo realizado seus ritos sagrados com eles, ele os abandonou todos. Então os Brahmanas Yajaka que ele tinha com ele rejeitaram aqueles fogos em uma parte solitária das florestas e foram embora como eles desejavam em outras missões, ó principal da linhagem de Bharata. O fogo assim rejeitado cresceu nas florestas. Ele então produziu uma conflagração geral na floresta. Foi isso o que eu ouvi dos ascetas habitantes das margens do Ganga. Unido com aquele seu próprio fogo (sagrado), ó chefe dos Bharatas, o rei, como eu já te disse, encontrou com a morte nas margens de Ganga. Ó impecável, isso é o que os ascetas me disseram, aqueles, isto é, a quem eu vi nas margens do sagrado Bhagirathi, ó Yudhishthira. Dessa maneira, ó senhor da Terra, o rei Dhritarashtra, entrando em contato com seu próprio fogo sagrado, partiu deste mundo e alcançou aquela meta elevada que era dele. Pelo serviço prestado por ela para seus superiores, tua mãe, ó senhor de homens, obteve um sucesso muito grande. Não há a mínima dúvida disso. Cabe a ti, ó rei de reis, agora cumprir os ritos de água em sua honra, com todos os teus irmãos. Que, portanto, os passos necessários sejam tomados em direção àquele fim.'"

"Vaisampayana continuou, 'Então aquele senhor da Terra, aquele principal dos homens, aquele sustentáculo das cargas dos Pandavas, saiu, acompanhado por todos os seus irmãos assim como as damas de sua família. Os habitantes da cidade como também aqueles das províncias, impelidos por sua lealdade, também saíram. Todos eles procederam para as margens de Ganga, cada um vestido em uma única peça de roupa. Então todos aqueles principais dos homens, tendo mergulhado no rio, colocaram Yuyutsu em sua frente e começaram a oferecer oblações de água para o rei de grande alma. E eles também deram oblações similares para Gandhari e Pritha, nomeando cada uma separadamente e mencionando suas famílias. Tendo terminado aqueles ritos que purificam os vivos, eles voltaram, mas sem entrarem em sua capital tomaram sua residência fora dela. Eles também despacharam várias pessoas de confiança bem familiarizadas com as ordenanças relativas à cremação dos mortos para Gangadwara, onde o velho rei tinha morrido queimado. O rei, tendo recompensado previamente aqueles homens, os mandou realizarem aqueles ritos de cremação que os corpos de Dhritarashtra e Gandhari e Kunti ainda esperavam. No décimo segundo dia, o rei, devidamente purificado, realizou adequadamente os Sraddhas dos seus parentes falecidos, os quais foram caracterizados por doações em abundância. Referindo-se a Dhritarashtra, Yudhishthira fez muitas doações de ouro e prata, de vacas e camas caras. Proferindo os nomes de Gandhari e Pritha, o rei, dotado de grande energia, fez muitos presentes excelentes. Cada homem recebeu aquela coisa que ele desejava e tanto dela quanto ele quisesse. Camas e alimento, e carros e transportes, e jóias e pedras preciosas, e outras riquezas foram doadas em profusão. De fato, o rei se referindo às suas duas mães doou carros e transportes, mantos e cobertores, vários tipos de alimento, e escravas enfeitadas com diversos ornamentos. Tendo assim feito muitos tipos de doações em profusão, aquele senhor da Terra então entrou em sua capital que recebeu o nome do elefante. Aqueles homens que tinham ido para as margens de Ganga por ordem do rei, tendo se descartado (por meio de cremação) dos restos do rei e da rainha, voltaram para a cidade. Tendo honrado adequadamente aqueles restos com guirlandas e perfumes de diversos tipos e se descartado deles, eles informaram Yudhishthira da execução de sua tarefa. O grande Rishi Narada, tendo consolado o rei Yudhishthira de alma virtuosa, partiu para onde ele queria. Dessa maneira o rei Dhritarashtra fez sua saída deste mundo depois de ter passado três anos na floresta e quinze anos na cidade. Tendo perdido todos os seus filhos em batalha, ele fez muitas doações em honra de seus parentes e amigos, seus confrades e seu próprio povo. O rei Yudhishthira, depois da morte de seu tio, se tornou muito triste. Privado de seus parentes, ele de alguma maneira carregou a carga da soberania.

Deve-se escutar com atenção absorta este Asramavasika Parvan, e tendo-o ouvido, deve-se alimentar Brahmanas com Habishya, honrando-os com perfumes e guirlandas.'"

Fim do Asramavasika Parvan.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 16

MAUSALA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO
Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Trinta e seis anos após a batalha Yudhishthira nota maus presságios. Ouve que os Vrishnis foram todos mortos por dardo de ferro, exceto por Krishna e Rama. Devido à maldição do Brahmana.	3
2	Maus presságios notados por Krishna e Vrishnis.	4
3	Em festejo ocorre discussão e Satyaki mata Kritavarman. Satyaki e filho de Krishna mortos por multidão, então Krishna mata todos com grama Kusa transformada em vara de ferro.	6
4	Daruka mandado buscar Arjuna para proteger mulheres Yadu. Vabhru morto por malho de ferro de caçador. Rama (Naga) deixa seu corpo e é recebido de volta no oceano. Krishna morre, atingido no pé por Jara (um caçador). Ele volta para sua região.	8
5	Arjuna chega a Dwaraka, e as 16.000 damas de Krishna.	10
6	Vasudeva explica a situação para Arjuna.	11
7	Vasudeva morre durante a noite. Arjuna parte com as damas. Quando eles partem Dwaraka é engolfada pelo oceano. Rama e Vasudeva cremados. Devaki, Bhadra, Rohini, Madira sobem na pira mortuária de Vasudeva. Ladrões atacam mulheres sob proteção de Arjuna - Gandiva não tem mais flechas, armas celestes não vêem. Muitas mulheres levadas. Arjuna vai até Vyasa.	12
8	Avisado por Vyasa que a hora dos Pandava está próxima. Arjuna volta para Yudhishthira.	15

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

Om! Tendo reverenciado Narayana, e Nara, o mais notável dos homens, como também a deusa Saraswati, a palavra “Jaya” deve ser proferida.

Vaisampayana disse: "Quando chegou o ano trinta e seis (depois da batalha), o encantador dos Kurus, Yudhishthira, viu muitos presságios incomuns. Ventos, secos e fortes, e despejando cascalhos, sopraram de todo lado. Aves começaram a rodar, fazendo círculos da direita para a esquerda. Os grandes rios correram em direções opostas. O horizonte por todo lado parecia estar sempre coberto com nevoeiro. Meteoros, despejando brasas (ardentes) caíram do céu na Terra. O disco do Sol, ó rei, parecia estar sempre coberto com poeira. Em seu nascimento, o grande corpo luminoso do dia era desprovido de esplendor e parecia ser atravessado por troncos sem cabeça (de seres humanos). Círculos de luz ameaçadores eram vistos todo dia ao redor do Sol e da Lua. Aqueles círculos mostravam três cores. Suas margens pareciam ser pretas e irregulares e de cor vermelha cinzenta. Esses e muitos outros presságios, predizendo medo e perigo, foram vistos, ó rei, e encheram os corações dos homens com ansiedade. Pouco tempo depois, o rei Kuru Yudhishthira soube da carnificina indiscriminada dos Vrishnis por causa do dardo de ferro. O filho de Pandu, sabendo que somente Vasudeva e Rama tinham escapado com vida, convocou seus irmãos e se aconselhou com eles quanto ao que eles deviam fazer. Reunindo-se uns com os outros, eles ficaram imensamente aflitos ao saberem que os Vrishnis tinham encontrado com a destruição pela vara de castigo do Brahmana. Na morte de Vasudeva, como na completa secagem do oceano, aqueles heróis não podiam acreditar. Realmente a destruição do manejador de Saranga era inacreditável para eles. Informados do incidente sobre o dardo de ferro, os Pandavas ficaram cheios de dor e tristeza. Realmente, eles se sentaram totalmente tristes e tomados por um desespero absoluto.”

Janamejaya disse: "De fato, ó santo, como foi que os Andhakas junto com os Vrishnis, e aqueles grandes guerreiros em carros, os Bhojas, encontraram com a destruição na própria visão de Vasudeva?"

Vaisampayana continuou: "Quando o trigésimo sexto ano foi alcançado (depois da grande batalha) uma grande calamidade surpreendeu os Vrishnis. Impelidos pelo Tempo, todos eles encontraram com a destruição pelo dardo de ferro.”

Janamejaya disse: “Amaldiçoados por quem aqueles heróis, os Vrishnis, os Andhakas, e os Bhojas, encontraram a destruição? Ó principal das pessoas regeneradas, me diga isso em detalhes.”

Vaisampayana continuou: “Um dia, os heróis Vrishni incluindo Sarana entre eles, viram Vishvamitra e Kanwa e Narada chegarem a Dwaraka. Afligidos pela vara de castigo brandida pelas divindades, aqueles heróis, fazendo Samva se disfarçar como uma mulher, se aproximaram daqueles ascetas e disseram, ‘Esta é

a esposa de Vabhru de energia incomensurável que está desejosa de ter um filho. Ó Rishis, vocês sabem com certeza ao que ela dará à luz?'

"Ouça agora, ó rei, o que aqueles ascetas, tentados serem enganados dessa maneira, disseram: 'Esse herdeiro de Vasudeva, de nome Samva, dará à luz um dardo de ferro ardente para a destruição dos Vrishnis e dos Andhakas. Vocês, pecaminosos e cruéis, embriagados com orgulho, através daquele dardo de ferro vocês se tornarão os exterminadores de sua raça com a exceção de Rama e Janardana. O herói abençoado armado com o arado entrará no oceano, rejeitando seu corpo, enquanto um caçador de nome Jara perfurará Krishna de grande alma enquanto repousando sobre o solo.'"

"Aqueles ascetas, a quem aqueles perversos tentavam enganar, com olhos vermelhos de raiva, olharam uns para os outros e proferiram aquelas palavras. Tendo falado dessa forma eles então procederam para ver Keshava. O matador de Madhu, informado do que tinha acontecido, convocou todos os Vrishnis e lhes falou sobre isso. Possuidor de grande inteligência e totalmente familiarizado com aquele que seria o fim de sua tribo, ele simplesmente disse que aquilo que estava destinado certamente aconteceria. Hrishikesa, tendo dito isso, entrou em sua mansão. O Senhor do universo não desejou ordenar de outra maneira. Quando chegou o dia seguinte, Samva realmente deu à luz um dardo de ferro pelo qual todos os indivíduos na tribo dos Vrishnis e dos Andhakas foram reduzidos a cinzas. De fato, para a destruição dos Vrishnis e dos Andhakas, Samva deu à luz, por causa daquela maldição, um dardo de ferro ameaçador que parecia com um mensageiro gigantesco de morte. O fato foi devidamente relatado para o rei. Em grande angústia mental, o rei (Ugrasena) fez aquele dardo de ferro ser reduzido a pó fino. Homens foram empregados, ó rei, para lançar aquele pó no mar. Por ordem de Ahuka, de Janardana, de Rama, e de Vabhru de grande alma, foi, também, proclamado por toda a cidade que daquele dia em diante, entre todos os Vrishnis e os Andhakas, ninguém deveria fabricar vinhos e bebidas alcoólicas intoxicantes de qualquer tipo, e que quem quer que fabricasse secretamente vinhos e bebidas alcoólicas deveria ser empalado vivo com todos os seus parentes. Por medo do rei, e sabendo que essa era também a ordem de Rama de atos irrepreensíveis, todos os cidadãos se comprometeram por uma regra e se abstiveram de fabricar vinhos e bebidas alcoólicas."

2

Vaisampayana disse: "Enquanto os Vrishnis e os Andhakas estavam se esforçando dessa maneira (para evitar a calamidade iminente), a forma incorporada do Tempo (morte) vagava todo dia em volta de suas casas. Ela parecia com um homem de aspecto terrível e feroz. Careca, ele era negro e de cor fulva. Às vezes ele era visto pelos Vrishnis enquanto ele perscrutava suas casas. Os arqueiros poderosos entre os Vrishnis dispararam centenas e milhares de flechas nele, mas nenhuma delas conseguiu perfurá-lo, porque ele era ninguém mais do que o Destruidor de todas as criaturas. Dia a dia ventos fortes sopravam,

e eram muitos os maus presságios que surgiram, terríveis e pressagiando a destruição dos Vrishnis e dos Andhakas. As ruas enxameavam com ratos e ratazanas. Vasos de barro apresentavam rachaduras ou quebravam sem nenhuma causa aparente. À noite, os ratos e ratazanas roíam o cabelo e unhas de homens adormecidos. Sarikas chilreavam, pousando dentro das casas dos Vrishnis. O barulho feito por aquelas aves não parava nem por um momento de dia ou de noite. Os Sarashas eram ouvidos imitarem os pios da coruja, e cabras imitavam os gritos, ó Bharata, de chacais. Muitas aves apareceram, impelidas pela Morte, que eram de cor pálida mas que tinham pernas de cor vermelha. Pombos eram vistos sempre se entreterem nas casas dos Vrishnis. Jumentos nasciam de vacas, e elefantes de mulas. Gatos nasciam de cadelas, e ratos do mangusto. Os Vrishnis, cometendo atos pecaminosos, não eram vistos sentirem nenhuma vergonha. Eles mostravam desconsideração pelos Brahmanas e os Pitris e as divindades. Eles insultavam e humilhavam seus preceptores e mais velhos. Somente Rama e Janardana agiram de outro modo. Esposas enganavam seus maridos, e maridos enganavam suas esposas. Fogos, quando acesos, lançavam suas chamas para a esquerda. Às vezes eles lançavam chamas cujo esplendor era azul e vermelho. O Sol, quando nascendo ou se pondo sobre a cidade, parecia estar cercado por troncos sem cabeça de forma humana. Nas cozinhas, sobre alimento que era limpo e bem fervido, eram vistos, quando ele era servido para comer, inúmeros vermes de diversos tipos. Quando Brahmanas, recebendo doações, abençoavam o dia ou a hora (fixados para este ou aquele empreendimento), ou quando homens de grandes almas estavam ocupados em recitações silenciosas, era ouvido o passo pesado de inúmeros homens correndo por todos os lados, mas ninguém podia vem a quem o som de tal passo podia ser atribuído. As constelações eram repetidamente vistas serem atingidas pelos planetas. Ninguém entre os Yadavas podia, no entanto, obter uma visão da constelação de seu nascimento. Quando a Panchajanya era soprada em suas casas, jumentos de voz dissonante e horrível zurravam alto de todas as direções. Observando esses sinais que indicaram o perverso curso do Tempo, e vendo que o dia da lua nova coincidia com a décima terceira (e a décima quarta) lunação, Hrishikesa, convocando os Yadavas, disse a eles estas palavras: ‘A décima quarta lunação foi feita a décima quinta por Rahu mais uma vez. Tal dia aconteceu na época da grande batalha dos Bharatas. E ela apareceu mais uma vez, parece, para a nossa destruição.’ O matador de Keshi, Janardana, pensando sobre os presságios que o Tempo mostrava, compreendeu que o trigésimo sexto ano tinha chegado, e que o que Gandhari, queimando de aflição por causa da morte de seus filhos, e privada de todos os seus parentes, tinha dito estava prestes a ocorrer. ‘O presente é exatamente parecido com aquele tempo quando Yudhishthira observou tais presságios terríveis, quando os dois exércitos tinham sido organizados em ordem de batalha.’ Vasudeva, tendo dito isso, se esforçou para ocasionar aquelas ocorrências as quais fariam verdadeiras as palavras de Gandhari. Aquele destruidor de inimigos mandou os Vrishnis fazerem uma peregrinação para alguma água sagrada. Os mensageiros em seguida proclamaram por ordem de Keshava que os Vrishnis deviam fazer uma viagem para o litoral para se banharem nas águas sagradas do oceano.”

3

Vaisampayana disse: "Naquele tempo as damas Vrishni sonhavam toda noite que uma mulher de cor negra e dentes brancos, entrando em suas residências, ria alto e corria por Dwaraka, roubando delas os fios auspiciosos em seus pulsos. Os homens sonhavam que urubus terríveis, entrando em suas casas e aposentos do fogo, se empanturravam em seus corpos. Seus ornamentos e guarda-sóis e estandartes e armaduras eram vistos serem roubados por Rakshasas terríveis. Na própria visão dos Vrishnis, o disco de Krishna, dado por Agni, feito de ferro e tendo seu cubo composto do mais duro diamante, ascendeu para o firmamento. Na própria visão de Daruka, o carro excelente de Vasudeva, de refulgência solar, e devidamente equipado, foi levado embora pelos cavalos atrelados a ele. Aqueles principais dos corcéis, numerando quatro, (Saivya, Sugriva, Meghapushpa e Valahaka), e dotados da velocidade do pensamento, fugiram, arrastando o carro atrás deles pela superfície do oceano. Os dois grandes estandartes do carro de Krishna e Valadeva, aquele com o emblema de Garuda e aquele portando o emblema da palmeira, os quais eram adorados com reverência por aqueles dois heróis, foram levados por Apsaras que, dia e noite, rogavam aos Vrishnis e aos Andhakas para saírem em uma peregrinação para alguma água sagrada. Quando esses presságios foram vistos e ouvidos, aqueles principais dos homens, os poderosos guerreiros em carros dos Vrishnis e dos Andhakas, ficaram desejosos de partir, com suas famílias inteiras, em uma peregrinação para uma água sagrada. Eles prepararam diversos tipos de iguarias e mantimentos e diversos tipos de vinhos e carne. As tropas dos Vrishnis e dos Andhakas, resplandecendo com beleza e energia feroz, então saíram da cidade em carros e corcéis e elefantes. Os Yadavas, então, com suas esposas, foram para Prabhasa e fixaram sua residência lá, cada um na habitação (temporária) que foi designada para ele, e todos tendo uma abundância de provisões consistindo em comestíveis e bebidas."

"Sabendo que eles tinham tomado sua residência na costa, Uddhava, o mais sábio dos homens, que era, além disso, bem versado em Yoga, foi lá e pegou sua permissão (para partir). Krishna, com mãos unidas, saudou Uddhava, e vendo-o inclinado a partir (do mundo) e sabendo que a destruição dos Vrishnis estava perto, não sentiu nenhuma disposição para impedi-lo. Os poderosos guerreiros em carros entre os Vrishnis e os Andhakas, cuja hora tinha chegado, então viram Uddhava proceder em sua grande jornada, enchendo todo o firmamento com seu esplendor. Os Vrishnis, misturando com vinho o alimento que era cozido para Brahmanas de grande alma, o davam para macacos e símios. Aqueles heróis de energia feroz então começaram seus grandes festins, dos quais beber formava o aspecto principal, em Prabhasa. O campo inteiro ecoava com o clangor de centenas de trombetas e estava cheio de atores e dançarinos exercendo suas vocações. Na própria visão de Krishna, Rama começou a beber, com Kritavarma, Yuyudhana e Gada; e Vabhru também fez o mesmo. Então Yuyudhana, embriagado com vinho, rindo zombeteiramente e insultando Kritavarma no meio daquela assembléia, disse, 'Que Kshatriya há que, armado com armas, mataria homens envolvidos nos abraços do sono e, portanto, já mortos? Por essa razão, ó filho de Hridika, os Yadavas nunca irão tolerar o que tu fizeste.' Quando

Yuyudhana tinha dito essas palavras, Pradyumna, aquele principal dos guerreiros em carros, as aplaudiu, expressando seu desrespeito pelo filho de Hridika."

"Altamente enfurecido por isso, Kritavarma, enfatizando sua desconsideração por Satyaki por apontar para ele com sua mão esquerda, disse estas palavras: 'Declarando-te um herói, como tu pudeste matar tão cruelmente o desarmado Bhurishrava que, no campo de batalha, (desistiu de todas as intenções hostis e) sentou-se em praya?'"

"Ouvindo essas palavras dele, Keshava, aquele matador dos heróis hostis, cedendo à cólera, lançou um olhar enfurecido em Kritavarma. Então Satyaki informou o matador de Madhu quanto a como Kritavarma tinha se comportado com Satrajit por tomar dele a famosa pedra preciosa Syamantaka. Ouvindo a narrativa, Satyabhama, dando vazão à ira e lágrimas, se aproximou de Keshava e sentando em seu colo aumentou a raiva dele (por Kritavarma). Então se erguendo com raiva, Satyaki disse, 'Eu te juro pela Verdade que eu logo farei este seguir na esteira dos cinco filhos de Draupadi, e de Dhrishtadyumna e Shikhandi, eles que foram mortos por esse patife pecaminoso, enquanto eles estavam dormindo, com a ajuda do filho de Drona. Ó tu de cintura fina, o período de vida e a fama de Kritavarma chegaram ao seu fim.'"

"Tendo dito essas palavras, Satyaki avançou em Kritavarma e cortou sua cabeça com uma espada na própria visão de Keshava. Yuyudhana, tendo realizado esse feito, começou a derrubar outros lá presentes. Hrishikesa correu para impedi-lo de causar mais prejuízo. Naquele momento, no entanto, ó monarca, os Bhojas e Andhakas, impelidos pela deturpação da hora que tinha chegado para eles, se tornaram todos como um homem e cercaram o filho de Sini. Janardana de energia poderosa, conhecendo o caráter da hora, permaneceu imóvel sem dar vazão à raiva à visão daqueles heróis avançando em fúria em Satyaki de todo lado. Incitados pelo destino e embriagados com bebida, eles começaram a golpear Yuyudhana com os recipientes dos quais eles tinham estado comendo. Quando o filho de Sini estava sendo atacado dessa maneira, o filho de Rukmini ficou muito enfurecido. Ele avançou para resgatar Satyaki que estava envolvido em combate com os Bhojas e os Andhakas. Dotados de força de braços e abundância de energia, aqueles dois heróis se esforçaram com grande coragem. Mas como as desvantagens eram esmagadoras ambos foram mortos na própria visão de Krishna. O alegrador dos Yadus, vendo seu próprio filho, e o filho de Sini também, mortos, ergueu, em fúria, um punhado da grama Eraka que crescia lá. Aquele punhado de grama se tornou um terrível dardo de ferro dotado da energia do raio. Com ele Krishna matou todos aqueles que chegavam diante dele. Então os Andhakas e os Bhojas, os Saineyas e os Vrishnis, incitados pelo Tempo, atingiram uns aos outros naquela escaramuça terrível. De fato, ó rei, quem quer que entre eles pegasse em cólera umas poucas folhas de grama Eraka, essas, em suas mãos, se tornavam logo convertidas em um raio, ó pujante. Toda folha de grama lá era vista ser transformada em um dardo de ferro terrível. Tudo isso, saiba, ó rei, foi devido à maldição pronunciada pelos Brahmanas. Aquele que arremessava uma folha de grama via que ela atravessava até coisas que eram totalmente impenetráveis. De fato, cada folha foi vista se tornar um dardo terrível tendo a

força do trovão. Filho matou pai, e pai matou filho, ó Bharata. Embriagados com vinho, eles avançaram e caíram uns sobre os outros. Os Kukuras e os Andhakas encontraram com a destruição como insetos se precipitando em um fogo ardente. Quando eles estavam sendo assim massacrados, ninguém entre eles pensou em escapar por luta. Sabendo que a hora da destruição tinha chegado, Keshava de braços poderosos ficou lá, olhando tudo. De fato, o matador de Madhu permaneceu, erguendo um dardo de ferro formado de uma folha de grama. Vendo que Samva estava morto, como também Charudeshna e Pradyumna e Aniruddha, Madhava encheu-se de raiva. Ao ver Gada jazendo morto no chão, sua ira aumentou. O manejador de Saranga e do disco e da maça então exterminou os Vrishnis e os Andhakas. Ouça, ó rei, o que aquele conquistador de cidades hostis, Vabhru de energia poderosa, e Daruka então disseram para Krishna, 'Ó santo, um número muito grande de homens foi morto por ti. Dirijamos-nos agora para onde Rama foi. Nós desejamos ir para onde ele procedeu.'"

4

Vaisampayana disse: "Então Daruka e Keshava e Vabhru deixaram aquele local, seguindo na esteira de Rama (para descobrir seu refúgio). Eles viram aquele herói de energia infinita sentado pensativamente, reclinando suas costas contra uma árvore, em um lugar solitário da terra. Encontrando Rama de grande alma, Krishna mandou Daruka, dizendo, 'Vá até os Kurus, informe Partha desse grande massacre dos Yadus. Que Arjuna venha para cá rapidamente, sabendo da destruição dos Yadavas por causa da maldição dos Brahmanas.'"

"Assim endereçado, Daruka, privado de sua razão pela dor, procedeu em um carro para (a capital dos) Kurus. Depois que Daruka tinha ido embora, Keshava, vendo Vabhru o servindo, disse estas palavras: 'Vá rapidamente para proteger as damas. Não deixe ladrões lhes fazerem alguma injúria, tentados pela riqueza (que está com elas).' Assim ordenado por Keshava, Vabhru, ainda sem ação por causa do vinho, mas triste pela morte de seus parentes, partiu. Ele tinha descansado por um tempo ao lado de Keshava, mas logo que ele tinha percorrido uma distância, o dardo de ferro, ligando-se a um malho nas mãos de um caçador, saltou de repente por si mesmo sobre aquele sobrevivente solitário da tribo Yadava e matou ele que também estava incluído na maldição dos Brahmanas. Vendo Vabhru morto, Keshava de grande energia se dirigiu ao seu irmão mais velho e disse, 'Ó Rama, espere por mim aqui até que eu coloque as damas sob o cuidado de parentes.'"

"Entrando na cidade de Dwaravati, Janardana disse estas palavras para seu pai, 'Proteja todas as damas da nossa casa até Dhananjaya chegar. Nas orlas da floresta Rama está esperando por mim. Eu o encontrarei hoje. Essa grande carnificina dos Yadus foi vista por mim assim como eu vi antes a carnificina daqueles Kshatriyas que eram os principais da linhagem de Kuru. É impossível para eu ver esta cidade dos Yadavas sem os Yadus ao meu lado. Saiba que indo para as florestas eu praticarei penitências com Rama em minha companhia.' Tendo dito essas palavras, Krishna tocou os pés de seu pai com sua cabeça, e

deixou sua presença rapidamente. Então um lamento alto de tristeza ergueu-se das damas e crianças da casa dele. Ouvindo aquele som alto de lamento proferido pelas damas lacrimosas, Keshava retrocedeu seus passos e disse a elas, ‘Arjuna virá aqui. Aquele principal dos homem aliviará vocês de sua angústia.’”

"Procedendo então para a floresta, Keshava viu Rama sentado em um local solitário dela. Ele também viu que Rama tinha se fixado em Yoga e que de sua boca estava saindo uma cobra imensa. A cor daquela cobra era branca. Deixando o corpo humano (no qual ele tinha morado por tanto tempo), aquele Naga de grande alma de 1.000 cabeças e tendo uma forma tão grande quanto aquela de uma montanha, dotado além disso de olhos vermelhos, procedeu por aquele caminho que levava para o oceano. O próprio oceano, e muitas cobras celestes, e muitos Rios sagrados estavam lá, para recebê-lo com honra. Lá estavam Karkotaka e Vasuki e Takshaka e Prithusravas e Varuna e Kunjara, e Misri e Sankha e Kumuda e Pundarika, e Dhritarashtra de grande alma, e Hrada e Kratha e Sitikantha de energia ardente, e Chakramanda e Atishanda, e aquele principal dos Nagas chamado Durmukha, e Amvarisha, e o próprio rei Varuna, ó monarca. Adiantando-se e oferecendo para ele o Arghya e água para lavar seus pés, e com diversos outros ritos, eles todos adoraram o Naga poderoso e o saudaram por fazerem as perguntas usuais.”

"Depois que seu irmão tinha partido dessa maneira do mundo (humano), Vasudeva de visão divina, que era totalmente familiarizado com o fim de todas as coisas, vagou pensativamente por algum tempo naquela floresta solitária. Dotado de grande energia ele então se sentou na terra nua. Ele tinha pensado antes disso em tudo o que tinha sido pressagiado pelas palavras proferidas por Gandhari nos tempos passados. Ele também se lembrou das palavras que Durvasas tinha falado na vez em que seu corpo foi coberto por aquele Rishi com o resto do Payasa que ele tinha comido (enquanto era um convidado na casa de Krishna). Aquele de grande alma, pensando na destruição dos Vrishnis e dos Andhakas, como também na matança prévia dos Kurus, concluiu que a hora (para sua própria partida do mundo) tinha chegado. Ele então reprimiu seus sentidos (em Yoga). Conhecedor da verdade de todo tópico, Vasudeva, embora ele fosse a Divindade Suprema, desejou morrer, para dissipar todas as dúvidas e estabelecer uma certeza de resultados (a respeito da existência humana), simplesmente para manter os três mundos e para fazer verdadeiras as palavras do filho de Atri. Tendo reprimido todos os seus sentidos, fala, e mente, Krishna deitou-se em Yoga superior.”

"Um caçador feroz de nome Jara então chegou lá, desejoso de veados. O caçador, confundindo Keshava, que estava esticado no chão em Yoga superior, com um veado, o perfurou no calcanhar com uma flecha e se aproximou rapidamente daquele local para capturar sua presa. Aproximando-se, Jara viu um homem vestido em mantos amarelos, absorto em Yoga e dotado de muitos braços. Considerando-se um criminoso, e cheio de medo, ele tocou os pés de Keshava. Aquele de grande alma o consolou e então ascendeu para o alto, enchendo todo o firmamento com esplendor. Quando ele alcançou o Céu, Vasava e os gêmeos Aswins e Rudra e os Adityas e os Vasus e os Viswedevas, e Munis e

Siddhas e muitos mais notáveis entre os Gandharvas, com as Apsaras, se adiantaram para recebê-lo. Então, ó rei, o ilustre Narayana de energia feroz, o Criador e Destruidor de tudo, aquele preceptor de Yoga, enchendo o Céu com seu esplendor, alcançou sua própria região inconcebível. Krishna então encontrou as divindades e Rishis e Charanas (celestes), ó rei, e os principais entre os Gandharvas e muitas Apsaras belas e Siddhas e Saddhyas. Todos eles, curvando-se em humildade, o adoraram. Todas as divindades o saudaram, ó monarca, e muitos principais dos Munis e Rishis adoraram ele que era o Senhor de tudo. Os Gandharvas o serviram, cantando seus louvores, e Indra também o glorificou alegremente."

5

Vaisampayana disse: "Enquanto isso Daruka, indo até os Kurus e vendo aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Pritha, os informou de como os Vrishnis tinham matado uns aos outros com dardos de ferro. Sabendo que os Vrishnis junto com os Bhojas e Andhakas e Kukuras tinham sido todos mortos, os Pandavas, queimando de tristeza, ficaram altamente agitados. Então Arjuna, o amigo querido de Keshava, despedindo-se deles, partiu para ver seu tio materno. Ele disse que a destruição logo alcançaria tudo. Indo para a cidade dos Vrishnis com Daruka em sua companhia, ó rei pujante, aquele herói viu que a cidade de Dwaraka parecia com uma mulher privada de seu marido. Aquelas damas que tinham, antes disso, o próprio Senhor do universo como seu protetor, estavam agora sem marido. Vendo que Partha tinha vindo para protegê-las, elas todas lamentaram alto. 16.000 damas eram casadas com Vasudeva. De fato, logo que elas viram Arjuna chegar, elas proferiram um grito alto de tristeza. Logo que o príncipe Kuru encontrou com aquelas belas desprovidas da proteção de Krishna e de seus filhos também, ele não podia olhar para elas, sua visão estando obstruída por lágrimas. O rio Dwaraka tinha os Vrishnis e os Andhakas como sua água, corcéis como seus peixes, carros como suas balsas, o som de instrumentos musicais e o estrépito de carros como suas ondas, casas e mansões e praças públicas como seus lagos. Jóias e pedras preciosas eram seu musgo abundante. As paredes de diamante eram as guirlandas de flores que flutuavam nele. As ruas e estradas eram as correntezas fortes correndo em redemoinhos por sua superfície. As grandes praças públicas eram os lagos grandes imóveis em seu curso. Rama e Krishna eram seus dois jacarés poderosos. Aquele rio agradável agora parecia para Arjuna ser o violento Vaitarani atado com a rede do Tempo. De fato, o filho de Vasava, dotado de grande inteligência, viu que a cidade parecia exatamente assim, privada como ela estava dos heróis Vrishni. Desprovida de beleza, e completamente triste, ela apresentava o aspecto de uma flor de lótus na estação do inverno. Contemplando a visão que Dwaraka apresentava, e vendo as numerosas esposas de Krishna, Arjuna lamentou em voz alta com olhos banhados em lágrimas e caiu no chão. Então Satya, a filha de Satrajit, e Rukmini também, ó rei, caíram ao lado de Dhananjaya e proferiram lamentos altos de angústia. Erguendo-o então elas o fizeram se sentar em um assento dourado. As damas se

sentaram em volta daquele de grande alma, dando expressão aos seus sentimentos. Louvando Govinda e falando com as senhoras, o filho de Pandu as consolou e então foi ver seu tio materno."

6

Vaisampayana disse: "O príncipe Kuru viu o heroico Anakadundubhi de grande alma jazendo no chão e queimando de dor por causa de seus filhos. O filho de Pritha, de peito largo e braços fortes, mais angustiado do que seu tio, com olhos banhados em lágrimas, tocou os pés de seu tio, ó Bharata. Anakadundubhi de braços fortes desejou cheirar a cabeça do filho de sua irmã filho mas fracassou em fazê-lo, ó matador de inimigos. O homem idoso de braços poderosos, profundamente afligido, abraçou Partha com seus braços e chorou, se lembrando de seus filhos, irmãos, netos, filhos da filha, e amigos."

"Vasudeva disse, 'Sem ver aqueles heróis, ó Arjuna, que subjugaram todos os reis da Terra e os Daityas cem vezes, eu ainda estou vivo! Parece-me que eu não tenho morte! Por causa do erro daqueles dois heróis que eram teus queridos discípulos e que eram muito considerados por ti, também, ó Partha, os Vrishnis foram destruídos. Aqueles dois que eram considerados como Atirathas entre os principais dos Vrishnis, e se referindo a quem no decorrer de conversa tu costumavas te entregar ao orgulho, e que, ó principal da linhagem de Kuru, eram queridos até para o próprio Krishna, ai, aqueles dois, ó Dhananjaya, foram as principais causas da destruição dos Vrishnis! Eu não critico o filho de Sini ou o filho de Hridika, ó Arjuna. Eu não critico Akrura ou o filho de Rukmini. Sem dúvida, a maldição (dos Rishis) é a única causa. Como é que aquele senhor do universo, o matador de Madhu, que empregou sua destreza para realizar a destruição de Kesin e Kansa, e Chaidya cheio de orgulho, e Ekalavya, o filho do soberano dos Nishadas, e os Kalingas e os Magadhas, e os Gandharas e o rei de Kasi, e muitos soberanos reunidos no meio do deserto, muitos heróis pertencentes ao Leste e ao Sul, e muitos reis das regiões montanhosas, ai, como ele pôde permanecer indiferente a tal calamidade como a maldição pronunciada pelos Rishis? Tu mesmo, Narada, e os Munis o conheciam como o eterno e impecável Govinda, a Divindade de glória imperecível. Ai, sendo o próprio Vishnu pujante, ele testemunhou, sem interferir, a destruição de seus parentes! Meu filho deve ter ele mesmo permitido que tudo isso acontecesse. Ele era o Senhor do universo. Ele, no entanto, não desejou falsificar as palavras de Gandhari e dos Rishis, ó opressor de inimigos. Na tua própria visão, ó herói, teu neto, que tinha sido morto por Ashvatthama, foi ressuscitado pela energia dele. Aquele teu amigo, no entanto, não desejou proteger seus parentes. Vendo seus filhos e netos e irmãos e amigos jazendo mortos, ele me disse estas palavras, ó principal da linhagem de Bharata, 'A destruição dessa nossa tribo chegou finalmente. Vibhatsu virá para esta cidade, Dwaravati. Diga a ele o que ocorreu, esta grande carnificina dos Vrishnis. Eu não tenho dúvida que logo que ele souber da destruição dos Yadus, aquele herói de energia poderosa virá para cá sem nenhuma perda de tempo. Saiba, ó pai, que eu sou Arjuna e Arjuna sou eu. Deve ser feito por ti aquilo que

ele disser. O filho de Pandu fará o que for melhor para as mulheres e as crianças. Ele mesmo realizará teus ritos fúnebres. Esta cidade de Dwaravati, depois da partida de Arjuna, irá, com seus muros e edifícios, ser engolida pelo oceano sem nenhuma demora. Com relação a mim mesmo, me retirando para algum lugar sagrado, eu esperarei minha hora, com o inteligente Rama em minha companhia, observando votos rigorosos todo o tempo.' Tendo dito essas palavras para mim, Hrishikesa de destreza inconcebível, me deixando com as crianças, partiu para algum lugar que eu não conheço. Pensando naqueles teus dois irmãos de grande alma, como também na carnificina terrível de meus parentes, eu tenho me abstido de todo alimento, e estou emaciado pela dor. Eu não devo comer, nem viver. Por boa sorte tu me encontraste, ó filho de Pandu. Realize tudo, ó Partha, que Krishna disse. Este reino, com todas essas mulheres, e toda a riqueza daqui, é teu agora, ó filho de Pritha. E quanto a mim mesmo, ó matador de inimigos, eu rejeitarei meus vitais embora eles sejam preciosos.'"

7

Vaisampayana disse: "Aquele opressor de inimigos, Vibhatsu, assim endereçado por seu tio materno, respondeu, com grande tristeza de coração, para Vasudeva que estava igualmente triste, dizendo, 'Ó tio, eu não posso olhar para esta Terra quando ela está privada daquele herói da linhagem de Vrishni e daqueles meus outros parentes. O rei e Bhimasena e Sahadeva e Nakula e Yajnaseni, numerando a sexta, são da mesma opinião que eu nessa questão. Chegou a hora para a partida do rei também. Saiba disso, que a hora da nossa partida também está perto. Tu és o principal daqueles que são bem familiarizados com o rumo do tempo. Eu irei, no entanto, ó castigador de inimigos, primeiro remover para Indraprastha as mulheres da tribo Vrishni como também as crianças e os idosos.' Tendo dito isso para seu tio, Arjuna em seguida se dirigiu a Daruka, dizendo, 'Eu desejo ver sem nenhuma demora os principais oficiais dos heróis Vrishni.' Tendo proferido essas palavras, o heroico Arjuna, sofrendo por aqueles grandes guerreiros em carros (que tinham sido mortos), entrou no grandioso salão dos Yadavas (onde eles costumavam manter sua corte), chamado Sudharma. Quando ele tinha tomado seu assento lá, todos os cidadãos, incluindo os Brahmanas, e todos os ministros de estado vieram e permaneceram circundando-o. Então Partha, mais aflito do que eles, se dirigiu àqueles cidadãos angustiados e tristes e oficiais que estavam mais mortos do que vivos, e disse estas palavras que eram bem apropriadas para a ocasião: 'Eu levarei comigo os remanescentes dos Vrishnis e dos Andhakas. O mar logo engolfará esta cidade. Equipem todos os seus carros e coloquem neles toda a sua riqueza. Este Vajra (o neto de Krishna) será seu rei em Shakraprastha. No sétimo dia a partir deste, ao nascer do sol, nós partiremos. Façam seus preparativos sem demora.'"

"Assim endereçados pelo filho de Pritha de atos puros, todos eles aceleraram seus preparativos com avidez para obterem sua segurança. Arjuna passou aquela noite na mansão de Keshava. Ele foi dominado de repente por grande tristeza e entorpecimento. Quando amanheceu, Vasudeva de grande energia e destreza

alcançou, pela ajuda de Yoga, a meta mais elevada. Um som de lamento alto e de partir o coração foi ouvido na mansão de Vasudeva, proferido pelas damas chorando. Elas foram vistas com cabelo despenteado e privadas de ornamentos e coroas florais. Batendo em seus peitos com suas mãos, elas se entregaram a lamentos de partir o coração. Aquelas mais notáveis das mulheres, Devaki e Bhadra e Rohini e Madira se jogaram sobre o corpo de seu marido. Então Partha fez o corpo de seu tio ser levado em um veículo caro carregado nos ombros de homens. Ele foi seguido por todos os cidadãos de Dwaraka e pelo povo das províncias, todos os quais, profundamente afligidos pelo pesar, eram bem intencionados em direção ao herói falecido. Antes daquele veículo foi levado o guarda-sol o qual tinha sido mantido sobre a cabeça dele na conclusão do Sacrifício de Cavalo que ele realizou enquanto vivo, e também os fogos brilhantes que ele tinha adorado diariamente, com os sacerdotes que costumavam se encarregar deles. O corpo do herói foi seguido por suas esposas enfeitadas em ornamentos e cercadas por milhares de mulheres e milhares de suas noras. Os últimos ritos foram então realizados naquele local que era agradável para ele enquanto ele estava vivo. As quatro esposas daquele filho heróico de Sura subiram na pira mortuária e foram consumidas com o corpo de seu marido. Todas elas alcançaram aquelas regiões de felicidade que eram dele. O filho de Pandu queimou o corpo de seu tio junto com aquelas quatro esposas dele, usando diversos tipos de perfumes e madeira perfumada. Quando a pira mortuária queimou, um som alto foi ouvido da madeira ardente e outros materiais combustíveis, junto com o canto puro de Samans e o lamento dos cidadãos e outros que testemunharam o rito. Depois de isso tudo estar acabado, os meninos das tribos Vrishni e Andhaka, encabeçados por Vajra, como também as damas, ofereceram oblações de água para o herói de grande alma."

"Phalguna, que era cuidadoso em cumprir todo dever, tendo feito isso ser realizado adequadamente, foi, ó chefe da linhagem de Bharata, em seguida para o local onde os Vrishnis foram massacrados. O príncipe Kuru, vendo-os jazendo mortos por todos os lados, ficou extremamente triste. Ele, no entanto, fez o que era necessário ser feito em vista daquilo que tinha acontecido. Os últimos ritos foram realizados, de acordo com a ordem de superioridade em idade, para os corpos daqueles heróis mortos pelos dardos de ferro, nascidos em virtude da maldição pronunciada pelos Brahmanas, das folhas de grama Eraka. Procurando então os corpos de Rama e Vasudeva, Arjuna os fez serem queimados por pessoas hábeis naquele ato. O filho de Pandu, tendo em seguida realizado devidamente aqueles ritos Sraddha que são feitos para os mortos, partiu rapidamente no sétimo dia, subindo em seu carro. As viúvas dos heróis Vrishni, lamentando alto, seguiram o filho de Pandu de grande alma, Dhananjaya, em carros puxados por bois e mulas e camelos. Todas estavam em aflição profunda. Os empregados dos Vrishnis, seus cavaleiros, e seus guerreiros em carros também seguiram o cortejo. Os cidadãos e os habitantes do país, por ordem do filho de Pritha, partiram ao mesmo tempo e prosseguiram, cercando aquela cavalgada desprovida de heróis e incluindo somente mulheres e os idosos e as crianças. Os guerreiros que lutavam das costas de elefantes procederam em elefantes tão enormes quanto colinas. Os soldados de infantaria também partiram,

junto com as reservas. As crianças das tribos Andhaka e Vrishni todas seguiram Arjuna. Os Brahmanas e Kshatriyas, e Vaisyas, e Sudras ricos, partiram, mantendo diante deles as 16.000 mulheres que formavam o harém de Vasudeva, e Vajra, o neto do inteligente Krishna. As viúvas dos outros heróis das tribos Bhoja, Vrishni, e Andhaka, agora sem maridos, saíram com Arjuna, numerando muitos milhões. Aquele principal dos guerreiros em carros, aquele conquistador de cidades hostis, o filho de Pritha, escoltou aquela vasta procissão de Vrishnis, a qual ainda estava cheia de riqueza, e que parecia com um verdadeiro oceano."

"Depois que todas as pessoas tinham partido, o oceano, aquele lar de tubarões e jacarés, inundou Dwaraka, a qual ainda abundava com riqueza de todo tipo, com suas águas. Qualquer parte da terra que era percorrida, o oceano a inundava imediatamente com suas águas. Contemplando essa visão extraordinária, os habitantes de Dwaraka andaram cada vez mais rápido, dizendo, 'Notável é o curso do destino!' Dhananjaya, depois de abandonar Dwaraka, prosseguiu por marchas lentas, fazendo as mulheres Vrishni descansarem em florestas e montanhas agradáveis e nas margens de rios encantadores. Chegando ao país dos cinco rios, o pujante Dhananjaya plantou um acampamento rico no meio de uma terra que abundava com cereais e vacas e outros animais. Vendo aquelas viúvas sem soberano acompanhadas somente pelo filho de Pritha, ó Bharata, os ladrões sentiram uma grande tentação (para saquear). Então aqueles patifes pecaminosos, com corações dominados pela cobiça, dominados pela avareza, aqueles Abhiras de mau presságio, se reuniram e tiveram uma consulta. Eles disseram, 'Aqui há somente um arqueiro, Arjuna. A cavalgada consiste em crianças e velhos. Ele os escolta, nos ultrapassando. Os guerreiros (dos Vrishnis) estão sem energia.' Então aqueles ladrões, contados por milhares, e armados com cassetetes, avançaram em direção ao cortejo dos Vrishnis, desejosos de pilhagem. Incitados pelo curso perverso do tempo eles caíram sobre aquela multidão vasta, a assustando com gritos leoninos altos e desejosos de matar. O filho de Kunti, parando de repente de avançar pelo caminho, se dirigiu, com seus seguidores, para o local onde os ladrões tinham atacado a procissão. Sorrindo, aquele guerreiro de braços poderosos se dirigiu aos assaltantes, dizendo, 'Vocês patifes pecaminosos, desistam, se vocês amam suas vidas. Vocês se arrependerão disso quando eu perfurar seus corpos com minhas flechas e tirar suas vidas.' Embora assim endereçados por aquele herói, eles desconsideraram suas palavras, e, embora dissuadidos repetidamente, eles caíram sobre Arjuna. Então Arjuna se esforçou para encordoar seu arco grande, indestrutível, e celeste com algum esforço. Ele conseguiu encordoá-lo com grande dificuldade, quando a batalha tinha se tornado violenta. Ele então começou a pensar em suas armas celestes, mas elas não vieram à sua mente. Vendo aquela batalha furiosa, a perda da força de seu braço, e o não aparecimento de suas armas celestes, Arjuna ficou grandemente envergonhado. Os guerreiros Vrishni, incluindo os soldados de infantaria, os guerreiros em elefantes, e os homens em carros, falharam em salvar aquelas mulheres Vrishni que estavam sendo levadas pelos ladrões. A multidão era muito grande. Os ladrões a atacaram em diferentes pontos. Arjuna tentou seu melhor para protegê-la, mas não pôde ter êxito. Na própria visão de todos os guerreiros, muitas das damas principais foram arrastadas à força, enquanto outras

foram embora com os ladrões por iniciativa própria. O pujante Arjuna, apoiado pelos empregados dos Vrishnis, atacou os ladrões com flechas disparadas do Gandiva. Logo, no entanto, ó rei, suas flechas estavam esgotadas. Antigamente suas flechas eram inesgotáveis. Agora, no entanto, elas provaram ser diferentes. Encontrando suas flechas esgotadas, ele ficou profundamente angustiado. O filho de Indra então começou a bater nos ladrões com os cornos do seu arco. Aqueles Mlecchas, no entanto, ó Janamejaya, na visão de Partha, se retiraram, levando com eles muitas das principais damas dos Vrishnis e dos Andhakas. O pujante Dhananjaya considerou aquilo tudo como o trabalho do destino. Cheio de tristeza ele deu suspiros fortes ao pensar no não aparecimento de suas armas (celestes), na perda do poder de seus braços, na recusa de seu arco em obedecê-lo, e no esgotamento de suas flechas. Considerando tudo isso como o trabalho do destino, ele ficou excessivamente desanimado. Ele então parou, ó rei, de fazer mais esforços, dizendo que ele não tinha o poder que ele tinha antes. Aquele de grande alma, levando consigo as mulheres Vrishni restantes, e a riqueza que ainda estava com elas, alcançou Kurukshetra. Dessa maneira trazendo com ele o restante dos Vrishnis, ele os estabeleceu em lugares diferentes. Ele estabeleceu o filho de Kritavarma na cidade chamada Marttikavat, com o restante das mulheres do rei Bhoja. Acompanhando o resto, com crianças e homens idosos e mulheres, o filho de Pandu estabeleceu eles, que estavam desprovidos de heróis, na cidade de Indraprastha. O filho querido de Yuyudhana, com uma comitiva de homens velhos e crianças e mulheres, Arjuna de alma justa estabeleceu nas margens do Saraswati. O governo de Indraprastha foi dado para Vajra. As viúvas de Akrura então desejaram se retirar para as florestas. Vajra repetidamente pediu para elas desistirem, mas elas não o escutaram. Rukmini, a princesa de Gandhara, Saivya, Haimavati, e a rainha Jamvabati subiram na pira mortuária. Satyabhama e as outras esposas queridas de Krishna entraram nas florestas, ó rei, decididas a se dedicarem à prática de penitências. Elas começaram a viver de frutas e raízes e a passar seu tempo na contemplação de Hari. Indo além do Himavat, elas tomaram sua residência em um lugar chamado Kalpa. Aqueles homens que tinham seguido Arjuna de Dwaravati foram divididos em grupos, e entregues a Vajra. Tendo feito todos esses atos apropriados para a ocasião, Arjuna, com olhos banhados em lágrimas, então entrou no retiro de Vyasa. Lá ele viu o Rishi Nascido na Ilha sentado em paz."

8

Vaisampayana disse: “Quando Arjuna entrou no retiro do Rishi sincero, ele viu que o filho de Satyavati sentava em um local retirado.”

"Aproximando-se daquele Rishi de votos excelentes e dotado de um conhecimento de todos os deveres, ele disse, ‘Eu sou Arjuna’ e então esperou sua vontade. O filho de Satyavati, dotado de penitências superiores, respondeu dizendo, ‘Bem vindo!’ De alma tranquila, o grande Muni em seguida disse, ‘Tome teu assento.’ Vendo que o filho de Pritha estava muito triste e dando suspiros pesados repetidamente e cheio de desespero, Vyasa se dirigiu a ele, dizendo, ‘Tu

foste salpicado com água das unhas ou do cabelo de alguém, ou da extremidade da roupa de alguém, ou da boca de um jarro? Tu tiveste união sexual com alguma mulher antes da cessação de seu fluxo funcional? Tu mataste um Brahmana? Tu foste derrotado em batalha? Tu pareces com alguém desprovido de prosperidade. Eu não sei que tu foste derrotado por alguém. Por que então, ó principal da linhagem de Bharata, esse aspecto extremamente abatido? Cabe a ti, ó filho de Pritha, me dizer tudo, se, de fato, não houver mal em dizê-lo.'"

"Arjuna disse, 'Aquele cuja cor era como aquela de uma nuvem (recém-erguida), ele cujos olhos eram como um par de grandes pétalas de lótus, Krishna, com Rama, rejeitou seu corpo e ascendeu para o Céu. Em Prabhasa, por meio dos dardos de ferro gerados pela maldição pronunciada por Brahmanas, ocorreu a destruição dos heróis Vrishni. Aquela carnificina foi terrível, e nem um único herói escapou. Os heróis das tribos Bhoja, Andhaka, e Vrishni, ó Brahmana, que eram todos dotados de grandes almas, grande poder, e orgulho leonino, mataram uns aos outros em batalha. Possuidores de braços que pareciam com maças de ferro, e capazes de suportar os golpes de maças e dardos pesados, ai, eles foram todos mortos com folhas de grama Eraka. Veja o curso perverso do Tempo. 500.000 guerreiros de braços poderosos foram mortos dessa maneira. Enfrentando uns aos outros, eles encontraram com a destruição. Pensando repetidamente nessa carnificina dos guerreiros Yadava de energia incomensurável e no ilustre Krishna, eu fracasso em derivar paz mental. A morte do manejador de Saranga é tão inacreditável como a completa secagem do oceano, o deslocamento de uma montanha, a queda da abóbada celeste, ou a propriedade refrescante do fogo. Privado da companhia dos heróis Vrishni, eu não desejo viver neste mundo. Outro incidente aconteceu que é mais doloroso do que isso, ó tu que és possuidor de riqueza de penitências. Pensando nisso repetidamente, meu coração está se partindo. Na minha própria visão, ó Brahmana, milhares de damas Vrishni foram roubadas pelos Abhiras do país dos cinco rios, que nos assaltaram. Pegando meu arco eu não me encontrei à altura nem de encordoá-lo. O poder que existia em meus braços parecia ter desaparecido naquela ocasião. Ó grande asceta, minhas armas de diversos tipos falharam em fazerem seu aparecimento. Logo, também, minhas flechas se esgotaram. Aquela pessoa de alma incomensurável, de quatro braços, empunhando a concha, o disco, e a maça, vestido em mantos amarelos, de cor escura, e possuidor de olhos parecidos com pétalas de lótus, não é mais visto por mim. Ai, privado de Govinda, o que eu tenho pelo que viver, arrastando minha vida em tristeza? Ele que costumava andar na frente do meu carro, aquela forma divina dotada de grande esplendor e força imperecível, destruindo enquanto ele prosseguia todos os guerreiros hostis, não pode mais ser visto por mim. Não vendo mais ele que por sua energia queimava primeiro todas as tropas hostis as quais eu depois matava com flechas disparadas do Gandiva, eu estou cheio de angústia e minha cabeça gira, ó melhor dos homens. Tomado por tristeza e desespero, eu falho em obter paz mental. Eu não ouso viver, privado do heroico Janardana. Logo que eu soube que Vishnu tinha deixado a Terra, minha visão escureceu e todas as coisas desapareceram da minha visão. Ó melhor dos homens, cabe a ti me dizer o que é bom para mim agora, pois eu sou agora um viajante com um coração vazio, despojado de meus parentes e de minha posse.'"

"Vyasa disse, ‘Os poderosos guerreiros em carros das tribos Vrishni e Andhaka foram todos consumidos pela maldição dos Brahmanas. Ó chefe da linhagem de Kuru, não cabe a ti sofrer por sua destruição. Aquilo que aconteceu estava ordenado. Esse era o destino daqueles guerreiros de grande alma. Krishna permitiu que isso acontecesse embora ele fosse totalmente competente para impedir isso. Govinda era capaz de alterar o próprio curso do universo com todas as suas criaturas móveis e imóveis. O que precisa ser dito então da maldição dos Brahmanas de grande alma? Ele que costumava proceder na frente do teu carro, armado com disco e maça, por afeição por ti, era Vasudeva de quatro braços, aquele rishi antigo. Aquele de grande alma e olhos expansivos, Krishna, tendo tornado mais leve a carga da Terra e rejeitado seu corpo (humano), alcançou seu próprio assento sublime. Por ti também, ó principal dos homens, com Bhima como teu colaborador e os gêmeos, ó herói de braços fortes, o grande trabalho dos deuses foi executado. Ó principal da linhagem de Kuru, eu considero tu e teus irmãos como coroados com sucesso, pois vocês realizaram o grande propósito de suas vidas. Chegou a hora para sua partida do mundo. Isso mesmo, ó pujante, é o que é benéfico para vocês agora. Exatamente assim, compreensão e destreza e previdência, ó Bharata, surgem quando dias de prosperidade não passaram. Essas mesmas aquisições desaparecem quando vem a hora da adversidade. Tudo isso tem o Tempo como sua fonte. O Tempo é, de fato, a semente do universo, ó Dhananjaya. É o Tempo, também, que tira tudo à sua vontade. Alguém se torna poderoso, e, novamente, perdendo aquele poder, se torna fraco. Alguém se torna um mestre e governa outros, e, novamente, perdendo aquela posição, se torna um empregado para obedecer as ordens de outros. Tuas armas, tendo obtido sucesso, partiram para o lugar de onde elas vieram. Eles irão, novamente, vir para as tuas mãos quando o Tempo para sua chegada se aproximar. Chegou a hora, ó Bharata, de vocês todos alcançarem a maior meta. Isso mesmo é o que eu considero como altamente benéfico para vocês todos, ó chefe da linhagem de Bharata.’"

Vaisampayana continuou: "Tendo ouvido essas palavras de Vyasa de energia incomensurável, o filho de Pritha, recebendo sua permissão, retornou para a cidade que recebeu o nome de elefante. Entrando nela, o herói se aproximou de Yudhishthira e o informou de tudo o que tinha acontecido com relação aos Vrishnis."

Fim do Mausala Parva.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 17

MAHAPRASTHANIKA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO
Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Pandavas, Draupadi e um cachorro partem para a floresta, com Parikshit no trono, Kripa como preceptor, Yuyutsu como ministro. Deus do fogo força Arjuna a abandonar Gandiva e aljavas. Ulupi (esposa de Arjuna) volta para regiões Naga.	3
2	Draupadi cai (devido à sua parcialidade por Arjuna), Sahadeva (se achava sábio), Nakula (se achava belo), Arjuna (não venceu todos os inimigos em um dia, como ele prometeu), Bhima (não prestava atenção aos outros enquanto comia). Yudhishthira e cão partem.	5
3	Carro de Indra chega, mas Yudhishthira se recusa a subir nele se isso significa abandonar o cachorro. Segundo teste de virtude. Cachorro é Dharma. Yudhishthira ascende para o céu e pergunta por seus irmãos.	6

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

Mahaprasthanika-parva

1

Om! Tendo reverenciado Narayana, e Nara, o mais notável dos homens, como também a deusa Saraswati, a palavra “Jaya” deve ser proferida.

Janamejaya disse: "Tendo ouvido sobre aquele combate com dardos de ferro entre os heróis das tribos Vrishni e Andhaka, e tendo sido informados também da ascensão de Krishna para o Céu, o que os Pandavas fizeram?”

Vaisampayana disse: "Tendo ouvido os detalhes do grande massacre dos Vrishnis, o rei Kaurava colocou seu coração em deixar o mundo. Ele se dirigiu a Arjuna, dizendo, ‘Ó tu de grande inteligência, é o Tempo que cozinha toda criatura (em seu caldeirão). Eu penso que o que aconteceu é devido às cordas do Tempo (com as quais ele ata todos nós). Cabe a ti também ver isso.”

“Assim endereçado por seu irmão, o filho de Kunti somente repetiu a palavra ‘Tempo, Tempo!’ e endossou totalmente o ponto de vista de seu irmão mais velho dotado de grande inteligência. Averiguando a resolução de Arjuna, Bhimasena e os gêmeos endossaram as palavras que Arjuna tinha dito. Resolvidos a se retirarem do mundo para ganhar mérito, eles trouxeram Yuyutsu diante eles. Yudhishthira transferiu o reino para o filho de seu tio com sua esposa Vaisya. Instalando Parikshit também em seu trono, como rei, o irmão mais velho dos Pandavas, cheio de tristeza, se dirigiu a Subhadra, dizendo, ‘Este filho do teu filho será o rei dos Kurus. O sobrevivente dos Yadus, Vajra, foi feito um rei. Parikshit governará em Hastinapura, enquanto o príncipe Yadava, Vajra, governará em Shakraprastha. Ele deve ser protegido por ti. Nunca coloque teu coração na injustiça.’”

“Tendo dito essas palavras, o rei Yudhishthira o justo, junto com seus irmãos, prontamente ofereceu oblações de água para Vasudeva de grande inteligência, como também para seu velho tio materno e Rama e outros. Ele então realizou devidamente os Sraddhas de todos aqueles seus parentes falecidos. O rei, em honra de Hari e mencionando-o repetidamente, alimentou o Nascido na Ilha Vyasa, e Narada, e Markandeya possuidor de riqueza de penitências, e Yajnavalkya da linhagem de Bharadwaja, com muitas iguarias deliciosas. Em honra de Krishna, ele também doou muitas joias e pedras preciosas, e mantos e roupas, e aldeias, e cavalos e carros, e escravas às centenas e milhares para os Brahmanas mais notáveis. Convocando os cidadãos, Kripa foi instalado como o preceptor e Parikshit foi transferido para ele como seu discípulo, ó chefe da linhagem de Bharata.”

"Então Yudhishthira mais uma vez convocou todos os seus súditos. O sábio real os informou de suas intenções. Os cidadãos e os habitantes das províncias, ouvindo as palavras do rei, ficaram cheios de ansiedade e as desaprovaram. ‘Isso nunca deve ser feito’ eles disseram ao rei. O monarca, bem versado nas

mudanças ocasionadas pelo tempo, não ouviu seus conselhos. Possuidor de alma justa, ele persuadiu o povo a aprovar suas ideias. Ele então colocou seu coração em deixar o mundo. Seus irmãos também tomaram a mesma decisão. Então o filho de Dharma, Yudhishthira, o rei dos Kurus, rejeitando seus ornamentos, vestiu cascas de árvores. Bhima e Arjuna e os gêmeos, e Draupadi também de grande fama, similarmente se vestiram de cascas de árvores, ó rei. Tendo mandado fazer os ritos preliminares de religião, ó chefe da linhagem de Bharata, os quais eram para abençoá-los na realização de seu intento, aqueles mais notáveis dos homens jogaram seus fogos sagrados na água. As damas, vendo os príncipes naquela aparência, lamentaram alto. Eles pareciam como eles tinham parecido em tempos anteriores, quando com Draupadi formando o sexto em número eles partiram da capital depois de sua derrota nos dados. Os irmãos, no entanto, estavam todos muito alegres na perspectiva de isolamento. Averiguando as intenções de Yudhishthira e vendo a destruição dos Vrishnis, nenhum outro rumo de ação poderia agradá-los então."

"Os cinco irmãos, com Draupadi formado o sexto, e um cachorro formando o sétimo, partiram em sua jornada. De fato, exatamente assim partiu o rei Yudhishthira, ele mesmo na dianteira de um grupo de sete, da cidade que recebeu o nome de elefante. Os cidadãos e as damas da família real os seguiram por alguma distância. Nenhum deles, no entanto, podia ousar se dirigir ao rei para persuadi-lo a desistir de sua intenção. Os habitantes da cidade então voltaram; Kripa e outros permaneceram em volta de Yuyutsu como seu centro. Ulupi, a filha do chefe Naga, ó tu da linhagem de Kunti, entrou nas águas de Ganga. A princesa Chitrangada partiu para a capital de Manipura. As outras senhoras que eram as avós de Parikshit se centraram em volta dele. Enquanto isso os Pandavas de grande alma, ó tu da linhagem de Kuru, e Draupadi de grande fama, tendo observado o jejum preliminar, partiram com suas faces para o leste. Colocando-se em Yoga, aqueles de grande alma, resolvidos a praticarem a religião da Renúncia, atravessaram vários países e alcançaram diversos rios e mares. Yudhishthira procedia primeiro. Atrás dele estava Bhima; em seguida caminhava Arjuna; atrás dele estavam os gêmeos na ordem de seu nascimento; e atrás deles todos, ó mais notável da linhagem de Bharata, procedia Draupadi, aquela principal das mulheres, possuidora de grande beleza, de cor escura, e dotada de olhos parecidos com pétalas de lótus. Quando os Pandavas partiram para a floresta, um cachorro os seguiu. Prosseguindo adiante, aqueles heróis alcançaram o mar de águas vermelhas. Dhananjaya não tinha rejeitado seu arco celeste Gandiva, nem seu par de aljavas inesgotáveis, influenciado, ó rei, pela cobiça que prende alguém a coisas de grande valor. Os Pandavas viram lá a divindade do fogo permanecendo diante deles como uma colina. Bloqueando seu caminho, o deus ficou lá em sua forma incorporada. A divindade de sete chamas então se dirigiu aos Pandavas, dizendo, 'Ó filhos heroicos de Pandu, conheçam-me como a divindade do fogo. Ó Yudhishthira de braços fortes, ó Bhimasena que és um opressor de inimigos, ó Arjuna, e ó gêmeos de grande coragem, ouçam o que eu digo! Ó mais notáveis da linhagem de Kuru, eu sou o deus do fogo. A floresta de Khandava foi queimada por mim, por meio da força de Arjuna e do próprio Narayana. Que seu irmão Phalguna prossiga para as florestas depois de deixar

Gandiva, aquela grande arma. Ele não tem mais nenhuma necessidade dela. Aquele disco precioso, o qual estava com Krishna de grande alma, desapareceu (do mundo). Quando a hora chegar novamente, ele voltará para tuas mãos. Esse principal dos arcos, Gandiva, foi obtido por mim de Varuna para o uso de Partha. Que ele seja transferido para o próprio Varuna.'"

"Nisso, todos os irmãos incitaram Dhananjaya a fazer o que a divindade disse. Ele então jogou nas águas (do oceano) o arco e o par de aljavas inesgotáveis. Depois disso, ó chefe da linhagem de Bharata, o deus do fogo desapareceu. Os filhos heroicos de Pandu em seguida prosseguiram com seus rostos virados para o sul. Então, pela margem norte do mar salgado, aqueles príncipes da linhagem de Bharata procederam para o sudoeste. Virando em seguida em direção ao oeste, eles contemplaram a cidade de Dwaraka coberta pelo oceano. Virando em seguida para o norte, aqueles mais notáveis continuaram. Praticantes de Yoga, eles estavam desejosos de dar uma volta ao mundo inteiro."

2

Vaisampayana disse: "Aqueles príncipes de almas contidas e dedicados ao Yoga, procedendo para o norte, viram Himavat, aquela montanha muito grande. Cruzando o Himavat, eles contemplaram um vasto deserto de areia. Eles então viram a imensa montanha Meru, a principal de todas as montanhas de pico alto. Quando aqueles poderosos estavam procedendo rapidamente, todos absortos em Yoga, Yajnaseni, decaindo do Yoga, caiu no chão. Vendo ela caída, Bhimasena de grande força se dirigiu ao rei Yudhishthira o justo, dizendo, 'Ó opressor de inimigos, esta princesa nunca fez nenhum ato pecaminoso. Diga-nos qual é o motivo pelo qual Krishna caiu por terra!'"

"Yudhishthira disse: 'Ó melhor dos homens, embora nós todos fôssemos iguais para ela, ela tinha grande predileção por Dhananjaya. Ela obtém o resultado daquele comportamento hoje, ó melhor dos homens.'"

Vaisampayana continuou: "Tendo dito isso, aquele mais notável da linhagem de Bharata seguiu adiante. De alma justa, aquele principal dos homens, dotado de grande inteligência, seguiu em frente, com mente concentrada em si mesma. Então Sahadeva de grande erudição caiu no chão. Vendo-o cair, Bhima se dirigiu ao rei, dizendo, 'Ele que costumava servir todos nós com grande humildade, ai, por que aquele filho de Madravati caiu por terra?'"

"Yudhishthira disse, 'Ele nunca considerou alguém seu igual em sabedoria. É por esse defeito que esse príncipe caiu.'"

Vaisampayana continuou: "Tendo dito isso o rei prosseguiu, deixando Sahadeva lá. De fato, o filho de Kunti Yudhishthira foi em frente, com seus irmãos e com o cão. Vendo Krishna e o Pandava Sahadeva caírem, o bravo Nakula, cujo amor pelos parentes era muito grande, ele mesmo caiu. Após a queda do heróico Nakula de grande beleza pessoal, Bhima mais uma vez se dirigiu ao rei, dizendo,

‘Este nosso irmão que era dotado de virtude sem imperfeição, e que sempre obedecia nossas ordens, este Nakula que era inigualável com relação à beleza, caiu.’”

“Assim endereçado por Bhimasena, Yudhishthira disse, a respeito de Nakula, estas palavras: ‘Ele era de alma virtuosa e o mais notável de todos os homens dotados de inteligência. Ele, no entanto, pensava que não havia ninguém que o igualasse em beleza pessoal. De fato, ele se considerava como superior a todos naquele aspecto. É por isso que Nakula caiu. Saiba disso, ó Vrikodara. O que está ordenado para uma pessoa, ó herói, deve ser suportado por ela.’”

“Vendo Nakula e os outros caírem, o filho de Pandu Arjuna de corcéis brancos, aquele matador heróis hostis, caiu em grande aflição de coração. Quando aquele principal dos homens, que era dotado da energia de Shakra, tinha caído, de fato, quando aquele herói invencível estava às portas da morte, Bhima disse para o rei, ‘Eu não me lembro de nenhuma mentira proferida por este de grande alma. De fato, nem de brincadeira ele dizia alguma coisa falsa. O que então é aquilo por causa de cuja consequência má ele caiu por terra?’”

"Yudhishthira disse, ‘Arjuna disse que ele destruiria todos os nossos inimigos em um único dia. Orgulhoso de seu heroísmo, ele, entretanto não realizou o que ele tinha dito. Por isso ele caiu. Este Phalguna desconsiderou todos os manejadores de arcos. Alguém desejoso de prosperidade nunca deve se entregar a tais sentimentos.’”

Vaisampayana continuou: “Tendo dito isso, o rei seguiu em frente. Então Bhima caiu. Tendo caído, Bhima se dirigiu ao rei Yudhishthira o justo, dizendo, ‘Ó rei, veja, eu que sou teu predileto caí. Por qual razão eu caí? Diga-me se tu sabes isso.’”

“Yudhishthira disse, ‘Tu foste um grande comedor, e tu costumavas te gabar da tua força. Tu nunca prestaste atenção, ó Bhima, às necessidades de outros enquanto comendo. É por isso, ó Bhima, que tu caíste.’”

“Tendo dito essas palavras, Yudhishthira de braços fortes seguiu adiante, sem olhar para trás. Ele tinha só um companheiro, o cachorro do qual eu tenho te falado repetidamente, que o seguia agora.”

3

Vaisampayana disse: “Então Shakra, fazendo o firmamento e a Terra serem cheios por um som alto, se aproximou do filho de Pritha em um carro e pediu a ele para subir nele. Observando seus irmãos caídos no chão, o rei Yudhishthira o justo disse para aquela divindade de 1.000 olhos estas palavras: ‘Meus irmãos caíram todos aqui. Eles devem vir comigo. Sem eles ao meu lado eu não desejo ir para o Céu, ó senhor de todas as divindades. A princesa delicada (Draupadi)

merecedora de todo conforto, ó Purandara, deve vir conosco. Cabe a ti permitir isso.'"

"Shakra disse, 'Tu verás teus irmãos no Céu. Eles o alcançaram antes de ti. De fato, tu verás todos eles lá, com Krishna. Não te entregue à aflição, ó principal dos Bharatas. Tendo rejeitado seus corpos humanos eles foram para lá, ó chefe da linhagem de Bharata. Com relação a ti está ordenado que tu deves ir para lá neste mesmo corpo teu.'"

"Yudhishthira disse, 'Este cão, ó senhor do Passado e do Presente, é muitíssimo devotado a mim. Ele deve vir comigo. Meu coração está cheio de compaixão por ele.'"

"Shakra disse, 'Imortalidade e uma condição igual à minha, ó rei, prosperidade se estendendo em todas as direções, e grande sucesso, e todas as felicidades do Céu, tu ganhaste hoje. Rejeite esse cão. Nisso não haverá crueldade.'"

"Yudhishthira disse, 'Ó tu de 1.000 olhos, ó tu de comportamento justo, é extremamente difícil para alguém que é de comportamento honrado cometer um ato que é injusto. Eu não desejo aquela união com prosperidade por causa da qual eu terei que rejeitar alguém que é dedicado a mim.'"

"Indra disse, 'Não há lugar no Céu para pessoas com cachorros. Além disso, as (divindades chamadas) Krodhavasas tiram todos os méritos de tais pessoas. Refletindo sobre isso, aja, ó rei Yudhishthira o justo. Abandone esse cachorro. Não há crueldade nisso.'"

"Yudhishthira disse, 'É dito que o abandono de alguém que é devotado é infinitamente pecaminoso. Ele é igual ao pecado que alguém atrai sobre si por matar um Brahmana. Por isso, ó grande Indra, eu não abandonarei esse cão hoje pelo desejo de minha felicidade. Exatamente este é meu voto seguido firmemente, isto é, que eu nunca abandonarei uma pessoa que está amedrontada, nem alguém que é devotado a mim, nem alguém que procura minha proteção, dizendo que ele é desamparado, nem alguém que está aflito, nem alguém que vem até mim, nem alguém que é fraco em se proteger, nem alguém que é desejoso de vida. Eu nunca abandonarei tal pessoa até minha própria vida estar em seu fim.'"

"Indra disse, 'Quaisquer doações, ou sacrifícios espalhados, ou libações derramadas no fogo sagrado, que sejam vistas por um cachorro, são roubadas pelos Krodhavasas. Portanto, abandone esse cachorro. Por abandonar esse cachorro tu alcançarás a região das divindades. Tendo abandonado teus irmãos e Krishna, ó herói, tu adquiriste uma região de felicidade por teus próprios feitos. Por que estás tão entorpecido? Tu tens renunciado a tudo. Por que então tu não renuncias a esse cachorro?'"

"Yudhishthira disse, 'É bem sabido em todos os mundos que não há amizade nem inimizade com aqueles que estão mortos. Quando meus irmãos e Krishna morreram, eu não podia ressuscitá-los. Foi por essa razão então que eu os abandonei. Eu, no entanto, não os abandonei enquanto eles estavam vivos.

Amedrontar alguém que procurou proteção, o assassinato de uma mulher, o roubo do que pertence a um Brahmana, e ferir um amigo, cada um desses quatro, ó Shakra, eu acho igual ao abandono de alguém que é devotado.'"

Vaisampayana continuou: "Ouvindo essas palavras do rei Yudhishthira o justo, (o cachorro se transformou na) divindade da Justiça, que, bem satisfeito, disse estas palavras para ele em uma voz gentil repleta de louvor."

"Dharma disse: 'Tu és bem nascido, ó rei de reis, e possuidor da inteligência e da boa conduta de Pandu. Tu tens compaixão por todas as criaturas, ó Bharata, da qual esse é um exemplo claro. Antigamente, ó filho, tu foste uma vez examinado por mim nas florestas de Dwaita, onde teus irmãos de grande coragem encontraram com (uma aparência de) morte. Desconsiderando teus irmãos Bhima e Arjuna, tu desejaste a revivificação de Nakula por causa do teu desejo de fazer bem para tua madrasta. Na presente ocasião, considerando o cachorro como devotado a ti, tu renunciaste ao próprio carro dos celestiais em vez de renunciar a ele. Por isso, ó rei, não há ninguém no Céu que seja igual a ti. Por isso, ó Bharata, regiões de felicidade inesgotável são tuas. Tu as ganhaste, ó chefe dos Bharatas, e tua é uma meta divina e excelente.'"

Vaisampayana continuou: "Então Dharma, e Shakra, os Maruts, e os Aswins, e outras divindades, e os Rishis celestes, fazendo Yudhishthira subir em um carro, procederam para o Céu. Aqueles seres coroados com sucesso e capazes de ir a todo lugar à vontade foram conduzidos em seus respectivos carros. O rei Yudhishthira, aquele perpetuador da linhagem de Kuru, sendo levado naquele carro, ascendeu rapidamente, fazendo o céu inteiro brilhar com sua refulgência. Então Narada, aquele mais notável de todos os oradores, dotado de penitências e conhecedor de todos os mundos, do meio daquela multidão de divindades, disse estas palavras: 'Todos aqueles sábios nobres que estão aqui têm suas realizações superadas por aquelas de Yudhishthira. Cobrindo todos os mundos com sua fama e esplendor e com sua riqueza de conduta, ele chegou ao Céu em seu próprio corpo (humano). Ninguém mais a não ser o filho de Pandu foi ouvido conseguir isso.'"

"Ouvindo essas palavras de Narada, o rei de alma justa, saudando as divindades e todos os sábios reais presentes lá, disse, 'Feliz ou miserável, eu desejo proceder para qualquer que seja a região que é agora de meus irmãos. Eu não desejo ir para qualquer outro lugar.'"

"Ouvindo esse discurso do rei, o chefe das divindades, Purandara, disse estas palavras repletas de sentido nobre: 'Viva neste lugar, ó rei de reis, o qual tu ganhaste por teus atos meritórios. Por que tu ainda nutres afeições humanas? Tu obtiveste grande sucesso, igual ao qual nenhum outro homem jamais foi capaz de obter. Teus irmãos, ó encantador dos Kurus, conseguiram alcançar regiões de felicidade. Afeições humanas ainda te atingem. Este é o Céu. Veja estes Rishis e Siddhas celestiais que alcançaram a região dos deuses.'"

"Dotado de grande inteligência, Yudhishthira respondeu ao chefe das divindades mais uma vez, dizendo, 'Ó conquistador de Daityas, eu não ouso

residir em nenhum lugar separado deles. Eu desejo ir para lá, onde meus irmãos foram. Eu desejo ir para lá onde foi aquela mais notável das mulheres, Draupadi, de proporções amplas e cor escura e dotada de grande inteligência e de conduta virtuosa.”

Fim do Mahaprasthanika Parva.

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 18

SVARGAROHANIKA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO
Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Yudhishthira vê Duryodhana no céu. Pergunta por seus irmãos.	3
2	Yudhishthira é levado ao inferno onde seus irmãos estão em tormento.	4
3	Yudhishthira passa pelo terceiro teste. Pessoas boas passam primeiro pelo inferno, pessoas más primeiro pelo céu. Tudo uma ilusão. Ele se banha no Ganga celeste e deixa pra trás toda aflição humana.	7
4	Apresentado aos Pandavas, etc., em suas formas celestes.	9
5	Sauti explica para Janamejaya como cada pessoa foi reabsorvida (exemplo: Bhishma era Vasu Dau). Astika salva cobras. Janamejaya termina sacrifício. Vyasa compôs 60 lakhs (1 lakh=100.000) (de versos) do Mahabharata: 30 possuídos pelas divindades (Narada), 15 pelos Pitris (Asita-Devala), 14 pelos Yakshas (Suka), 1 por homens, narrado por Vaisampayana.	10
6	Vaisampayana termina por explicar para Janamejaya como uma pessoa deve ouvir a história, qualidades no narrador, o que deve ser doado a cada Parva.	13

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

Svargarohanika-parva

1

Om! Tendo reverenciado Narayana, e Nara, o mais notável dos homens, como também a deusa Sarasvati, a palavra "Jaya" deve ser proferida.

Janamejaya disse, “Tendo chegado ao Céu, quais regiões foram respectivamente alcançadas por meus antepassados de antigamente, isto é, os Pandavas e os filhos de Dhritarashtra? Eu desejo saber isso. Eu penso que tu és conhecedor de tudo, tendo sido ensinado pelo grande Rishi Vyasa de atos extraordinários.”

Vaishampayana disse, “Ouça agora o que teus antepassados, Yudhishthira e outros, fizeram depois de terem chegado ao Céu, aquele local das divindades. Chegando ao Céu, o rei Yudhishthira o justo viu Duryodhana dotado de prosperidade e sentado em um assento excelente. Ele brilhava com refulgência como o sol e apresentava todos aqueles sinais de glória que pertencem aos heróis. E ele estava na companhia de muitas divindades de brilho refulgente e de Sadhyas de atos virtuosos. Yudhishthira, contemplando Duryodhana e sua prosperidade, ficou de repente cheio de raiva e retrocedeu da visão.”

“Ele se dirigiu ruidosamente aos seus companheiros, dizendo, ‘Eu não desejo compartilhar regiões de felicidade com Duryodhana que era maculado pela cobiça e possuidor de pouca previdência. Foi por causa dele que amigos, e parentes, por toda a Terra foram massacrados por nós a quem ele afligiu muito na floresta profunda. Foi por causa dele que a virtuosa princesa de Pancala, Draupadi de feições impecáveis, nossa esposa, foi arrastada para o meio da assembleia diante de todos os nossos superiores. Ó deuses, eu não tenho desejo nem de ver Suyodhana. Eu desejo ir para onde meus irmãos estão.’”

“Narada, sorrindo, disse a ele, ‘Não deve ser assim, ó rei de reis. Enquanto residindo no Céu, todas as inimizades cessam. Ó Yudhishthira de braços poderosos, não fale assim sobre o rei Duryodhana. Ouça minhas palavras. Aqui está o rei Duryodhana. Ele é adorado com os deuses por aqueles homens justos e aqueles reis principais que são agora habitantes do Céu. Por fazer seu corpo ser despejado como uma libação no fogo da batalha, ele obteve o fim que consiste no alcance da região para heróis. Tu e teus irmãos, que eram verdadeiros deuses na Terra, eram sempre perseguidos por ele. Porém por causa de sua observância das práticas Kshatriyas ele alcançou esta região. Esse senhor da Terra não se amedrontou em uma situação repleta de terror. Ó filho, tu não deves ter em mente as dores infligidas a ti por causa da partida de dados. Não cabe a ti recordar as aflições de Draupadi. Não cabe a ti recordar as outras dores que foram suas por causa das ações de seus parentes, - as dores, isto é, que foram devidas à batalha ou a outras situações. Encontre Duryodhana agora de acordo com as ordenanças

de relacionamento polido. Este é o Céu, ó senhor de homens. Não pode haver inimizades aqui.'"

"Embora assim endereçado por Narada, o rei Kuru Yudhishthira, dotado de grande inteligência, perguntou por seus irmãos e disse, 'Se essas regiões eternas reservadas para heróis são de Duryodhana, aquele indivíduo injusto e pecaminoso, aquele homem que foi o destruidor de amigos e do mundo inteiro, aquele homem por cuja causa a Terra inteira foi devastada com todos os seus cavalos e elefantes e seres humanos, aquele indivíduo por cuja causa nós queimávamos de ira ao pensarmos em quão melhor nós podíamos remediar nossos males, eu desejo ver quais regiões foram alcançadas por aqueles heróis de grande alma, meus irmãos de votos superiores, firmes cumpridores de promessas, verdadeiros em palavra, e eminentes por coragem. Karna de grande alma, o filho de Kunti, incapaz de ser frustrado em batalha, Dhrishtadyumna, Satyaki, os filhos de Dhrishtadyumna e aqueles outros Kshatriyas que encontraram com a morte na observância de práticas Kshatriya, onde estão aqueles senhores da Terra, ó Brahmana? Eu não os vejo aqui, ó Narada. Eu desejo ver, ó Narada, Virata e Drupada e os outros grandes Kshatriyas encabeçados por Dhrishtaketu, como também Shikhandi, o príncipe Pancala, os filhos de Draupadi, e Abhimanyu, irresistível em batalha.'"

2

"Yudhishthira disse, 'Ó divindades, eu não vejo aqui o filho de Radha de destreza incomensurável, como também meus irmãos de grande alma, e Yudhamanyu e Uttamaujas, aqueles grandes guerreiros em carros que derramaram seus corpos (como libações) no fogo da batalha, aqueles reis e príncipes que encontraram com a morte por minha causa em batalha. Onde estão aqueles grandes guerreiros em carros que possuíam a bravura de tigres? Aqueles mais notáveis dos homens adquiriram esta região? Se aqueles grandes guerreiros em carros obtiveram essas regiões, somente então saibam, ó deuses, que eu residirei aqui com aqueles de grande alma. Se essa região auspiciosa e eterna não foi adquirida por aqueles reis, então saibam, ó deuses, que sem aqueles meus irmãos e parentes eu não viverei aqui. No momento da realização dos ritos de água (depois da batalha), eu ouvi minha mãe dizer, 'Ofereça oblações de água para Karna.' Desde que ouvi aquelas palavras de minha mãe, eu estou queimando de angústia. Eu também sofro constantemente por isso, ó deuses, que quando eu notei a semelhança entre os pés de minha mãe e aqueles de Karna de alma incomensurável, eu não me coloquei imediatamente sob as ordens daquele castigador de tropas hostis. Nós mesmos unidos com Karna, o próprio Shakra teria sido incapaz de vencer em batalha. Onde quer que aquele filho de Surya possa estar, eu desejo vê-lo. Ai, seu parentesco conosco sendo desconhecido, eu o fiz ser morto por Arjuna. Eu também desejo ver Bhima de bravura terrível e mais precioso para mim do que meus ares vitais, Arjuna também, parecido com o próprio Indra, e também os gêmeos que pareciam com o próprio Destruidor em destreza. Eu desejo ver a princesa de Pancala, cuja conduta sempre foi íntegra.

Eu não desejo ficar aqui. Eu digo a verdade a vocês. Ó principais entre as divindades, o que é o Céu para mim se eu estou dissociado de meus irmãos? Céu é onde aqueles meus irmãos estão. Este, em minha opinião, não é o Céu.'"

"Os deuses disseram, 'Se tu almejas estar lá, vá então, ó filho, sem demora. Por ordem do chefe das divindades, nós estamos prontos para fazer o que é agradável para ti.'"

Vaishampayana continuou: "Tendo dito isso, os deuses então ordenaram o mensageiro celeste, ó opressor de inimigos, dizendo, 'Mostre para Yudhishthira seus amigos e parentes.' Então o filho nobre de Kunti e o mensageiro celeste procederam juntos, ó principal dos reis, para aquele local onde aqueles chefes de homens (a quem Yudhishthira desejava ver) estavam. O mensageiro celeste procedia primeiro, o rei seguia atrás dele. O caminho era inauspicioso e difícil e trilhado por homens de atos pecaminosos. Ele estava envolvido em escuridão densa, e coberto com cabelo e musgo formando sua cobertura como grama. Poluído com o fedor de pecadores, e lodoso com carne e sangue, ele abundava com moscardos e abelhas e mosquitos que picam e era arriscado pela invasão de ursos horrendos. Cadáveres apodrecendo jaziam aqui e ali. Coberto com ossos e cabelo, ele era fétido com vermes e insetos. Ele era totalmente marginado por um fogo ardente. Ele era infestado por corvos e outras aves e abutres, todos tendo bicos de ferro, como também por maus espíritos com bocas longas pontudas como agulhas. E ele era cheio de fortalezas inacessíveis como as montanhas Vindhya. Corpos humanos estavam espalhados sobre ele, cobertos com gordura e sangue, com braços e coxas cortadas, ou com entranhas arrancadas e pernas cortadas."

"Por aquele caminho tão desagradável com o fedor de cadáveres e terrível com outros incidentes, o rei de alma justa prosseguiu, cheio de diversos pensamentos. Ele contemplou um rio cheio de água fervendo e, portanto, difícil de atravessar, como também uma floresta de árvores cujas folhas eram espadas e navalhas afiadas. Havia planícies cheias de areia fina branca extremamente aquecida, e rochas e pedras feitas de ferro. Havia muitos jarros de ferro por toda parte, com óleo fervente neles. Havia muitas Kuta-salmalika lá, com espinhos afiados e, portanto, extremamente dolorosas ao toque. O filho de Kunti viu também as torturas infligidas sobre homens pecaminosos."

"Contemplando aquela região inauspiciosa cheia de todo tipo de sujeira, Yudhishthira questionou o mensageiro celeste, dizendo, 'Até onde nós seguiremos por um caminho como este? Cabe a ti me dizer onde estão aqueles meus irmãos. Eu desejo também saber, que região dos deuses é esta?'"

"Ouvindo essas palavras do rei Yudhishthira o justo, o mensageiro celeste parou em seu curso e respondeu, dizendo, 'Até aqui é teu caminho. Os habitantes de Céu me ordenaram que tendo chegado até aqui, eu devo parar. Se tu estás cansado, ó rei de reis, tu podes retornar comigo.'"

"Yudhishthira, no entanto, estava extremamente desconsolado e entorpecido pelo odor repugnante. Resolvido a voltar, ó Bharata, ele retrocedeu seus passos.

Afligido por dor e tristeza, o monarca de alma justa voltou atrás. Exatamente naquele momento ele ouviu lamentações comoventes por toda parte, ‘Ó filho de Dharma, ó sábio nobre, ó tu de origem sagrada, ó filho de Pandu, fique um momento para nos favorecer. À tua aproximação, ó invencível, uma brisa deliciosa começou a soprar, trazendo o perfume doce da tua pessoa. Grande tem sido nosso alívio por isso. Ó principal dos reis, vendo-te, ó principal dos homens, grande tem sido nossa alegria. Ó filho de Pritha, deixe essa alegria durar mais por tu ficares aqui mais uns poucos momentos. Permaneça aqui, ó Bharata, mesmo por um tempo curto. Enquanto tu estás aqui, ó tu da linhagem de Kuru, tormentos cessam de nos afligir.’ Essas e muitas palavras similares, proferidas em vozes lastimáveis por pessoas em tormento, o rei ouviu naquela região, dirigidas para seus ouvidos de todo lado.’”

“Ouvindo aquelas palavras de seres em sofrimento, Yudhishthira de coração compassivo exclamou alto, ‘Ai, quão doloroso!’ E o rei ficou imóvel. As palavras daquelas pessoas desoladas e aflitas pareciam para o filho de Pandu serem proferidas em vozes que ele tinha ouvido antes embora ele não pudesse reconhecê-las naquela ocasião.”

“Incapaz de reconhecer vozes, o filho de Dharma Yudhishthira indagou, dizendo, ‘Quem são vocês? Por que também vocês estão aqui?’”

“Assim endereçados, eles responderam para ele de todos os lados, dizendo, ‘Eu sou Karna!’ ‘Eu sou Bhimasena!’ ‘Eu sou Arjuna!’ ‘Eu sou Nakula!’ ‘Eu sou Sahadeva!’ ‘Eu sou Dhrishtadyumna!’ ‘Eu sou Draupadi!’ ‘Nós somos os filhos de Draupadi!’ Exatamente dessa maneira, ó rei, aquelas vozes falaram.”

"Ouvindo aquelas exclamações, ó rei, proferidas em vozes de tormento apropriadas àquele local, o rei Yudhishthira perguntou a si mesmo ‘Que destino perverso é este? Quais são aqueles atos pecaminosos que foram cometidos por aqueles seres de grande alma, isto é, Karna e os filhos de Draupadi, e a princesa de cintura fina de Pancala, para que sua residência tenha sido designada nessa região de cheiro fétido e grande dor? Eu não estou ciente de nenhuma transgressão que possa ser atribuída a essas pessoas de atos virtuosos. Qual é aquele ato por fazer o qual o filho de Dhritarashtra, rei Suyodhana, com todos os seus seguidores pecaminosos, tornou-se investido com tal prosperidade? Dotado de prosperidade semelhante àquela do próprio grande Indra, ele é altamente adorado. Qual é aquele ato por consequência do qual esses (de grande alma) caíram no Inferno? Todos eles eram familiarizados com todo dever, eram heróis, eram devotados à verdade e aos Vedas; eram observadores de práticas Kshatriya; eram justos em seus atos; eram realizadores de sacrifícios; e dadores de grandes presentes para Brahmanas. Eu estou dormindo ou acordado? Eu estou consciente ou inconsciente? Ou isso tudo é uma ilusão mental devido a desordens do cérebro?’”

“Dominado por tristeza e aflição, e com seus sentidos agitados pela ansiedade, o rei Yudhishthira se entregou a tais reflexões por um longo tempo. O filho nobre de Dharma então deu vazão a grande ira. De fato, Yudhishthira então criticou os

deuses, como também o próprio Dharma. Angustiado pelo cheiro repugnante, ele se dirigiu ao mensageiro celeste, dizendo, ‘Volte para a presença daqueles cujo mensageiro tu és. Diga a eles que eu não voltarei para onde eles estão, mas ficarei aqui mesmo, já que, por minha companhia, esses meus irmãos atormentados ficam aliviados.’ Assim endereçado pelo filho inteligente de Pandu, o mensageiro celeste voltou para o local onde estava o chefe das divindades, isto é, ele de cem sacrifícios. Ele relatou para ele os atos de Yudhishthira. De fato, ó soberano de homens, ele informou Indra de tudo o que o filho de Dharma tinha dito!”

3

Vaishampayana disse, "O rei Yudhishthira o justo, o filho de Pritha, não tinha ficado lá por mais do que um momento quando, ó tu da linhagem de Kuru, todos os deuses com Indra em sua dianteira chegaram àquele local. A divindade da Justiça em sua forma incorporada também foi àquele local onde rei Kuru estava, para ver aquele monarca. Na chegada daquelas divindades de corpos resplandecentes e atos nobres e santificados, a escuridão que dominava aquela região desapareceu imediatamente. Os tormentos sofridos por seres de atos pecaminosos não eram mais vistos. O rio Vaitarani, a Salmali espinhosa, os jarros de ferro, e os seixos de rocha, tão terríveis de se ver, também desapareceram de vista. Os diversos cadáveres repulsivos também, que o rei Kuru tinha visto, desapareceram ao mesmo tempo. Então uma brisa, deliciosa e repleta de perfumes agradáveis, perfeitamente pura e encantadoramente fresca, ó Bharata, começou a soprar naquele local por causa da presença dos deuses. Os Maruts, com Indra, os Vasus com os gêmeos Ashvinis, os Sadhyas, os Rudras, os Adityas, e os outros habitantes do Céu, como também os Siddhas e os grandes Rishis, todos foram lá onde o filho nobre de Dharma de grande energia estava.”

"Então Shakra, o senhor das divindades, dotado de prosperidade refulgente, se dirigiu a Yudhishthira e o confortando, disse, ‘Ó Yudhishthira de braços poderosos, venha, venha, ó chefe de homens. Estas ilusões terminaram, ó pujante. Sucesso foi obtido por ti, ó de braços fortes, e as regiões eternas (de felicidade) se tornaram tuas. Tu não deves dar vazão à ira. Ouça estas minhas palavras. O Inferno, ó filho, deve sem dúvida ser contemplado por todo rei. Há abundância de bons e maus, ó chefe de homens. Aquele que desfruta primeiro dos resultados de suas boas ações deve depois suportar o Inferno. Aquele, por outro lado, que suporta o Inferno primeiro deve depois desfrutar do Céu. Aquele cujos atos pecaminosos são muitos desfrutam do Céu primeiro. É por isso, ó rei, que desejando te fazer bem eu te fiz ser enviado para ter uma visão do Inferno. Tu, por meio de uma simulação, enganaste Drona a respeito de seu filho. Para ti foi mostrado, por consequência disso, o Inferno por um ato de ilusão. Assim como tu mesmo, Bhima e Arjuna e Draupadi todos viram o lugar dos pecadores por um ato de ilusão. Venha, ó chefe de homens, todos eles foram purificados de seus pecados. Todos aqueles reis que te ajudaram e que foram mortos em batalha, todos chegaram ao Céu. Venha e veja-os, ó mais notável da linhagem de Bharata.

Karna, o arqueiro poderoso, aquele principal de todos os manejadores de armas por quem tu estás sofrendo, também obteve grande sucesso. Veja, ó pujante, aquele mais notável dos homens, isto é, o filho de Surya. Ele está naquele local que é dele, ó de braços fortes. Mate esta tua aflição, ó chefe de homens. Veja teus irmãos e outros, aqueles reis, isto é, que aderiram ao teu lado. Eles todos chegaram aos seus respectivos lugares (de felicidade). Que a febre do teu coração seja dissipada. Tendo aguentado um pouco de miséria primeiro, a partir desse momento, ó filho da linhagem de Kuru, te divirta comigo em felicidade, privado de tristeza e todas as tuas doenças dissipadas. Ó de braços fortes, desfrute agora, ó rei, das recompensas de todos os teus atos de virtude naquelas regiões que tu mesmo adquiriste por tuas penitências e todas as tuas doações. Que as divindades e Gandharvas, e Apsaras celestiais, enfeitados em mantos puros e ornamentos excelentes, te sirvam e atendam para tua felicidade. Desfrute agora, ó de braços fortes, daquelas regiões (de felicidade) que se tornaram tuas através do sacrifício Rajasuya realizado por ti e cujas felicidades foram aumentadas pela cimitarra sacrifical empregada por ti. Que os frutos excelentes das tuas penitências sejam desfrutados por ti. Tuas regiões, ó Yudhishthira, estão acima daquelas dos reis. Elas são iguais àquelas de Hariscandra, ó filho de Pritha. Venha, e te divirta lá em felicidade. Lá onde está o sábio real Mandhatri, lá onde está o rei Bhagiratha, lá onde está o filho de Dushmanta, Bharata, lá tu te divertirás em bem-aventurança. Aqui está o rio celeste, sagrado e santificando os três mundos. Ele é chamado de Ganga Celestial. Mergulhando nele, tu irás para tuas próprias regiões. Tendo se banhado nessa corrente, tu serás privado da tua natureza humana. De fato, tua dor desaparecerá, tuas doenças superadas, tu serás libertado de todas as inimizades.'"

"Enquanto, ó rei Kuru, o chefe dos deuses estava dizendo isso para Yudhishthira, a divindade da Justiça, em sua forma incorporada então se dirigiu ao seu próprio filho e disse, 'Ó rei, eu estou imensamente satisfeito contigo, ó tu de grande sabedoria, ó filho, por tua devoção por mim, por tua veracidade de palavra, clemência, e autocontrole. Este, de fato, é o terceiro teste, ó rei, ao qual eu te coloco. Tu és incapaz, ó filho de Pritha, de ser desviado da tua natureza ou razão. Antes disso, eu tinha te examinado nas florestas Dwaita por minhas perguntas, quando tu foste àquele lago para recuperar um par de bastões de fogo. Tu suportaste isso bem. Assumindo a forma de um cachorro, eu te examinei mais uma vez, ó filho, quando teus irmãos com Draupadi tinham caído. Esse foi teu terceiro teste; tu expressaste teu desejo de permanecer no Inferno por causa dos teus irmãos. Tu te tornaste limpo, ó altamente abençoado. Purificado do pecado, seja feliz. Ó filho de Pritha, teus irmãos, ó rei, não merecem o Inferno. Tudo isso foi uma ilusão criada pelo chefe dos deuses. Sem dúvida, todos os reis, ó filho, devem ver o Inferno uma vez. Por isso tu foste submetido por um tempo curto a esta grande aflição. Ó rei, nem Arjuna, nem Bhima, nem algum daqueles mais notáveis dos homens, isto é, os gêmeos, nem Karna, sempre verdadeiro em palavra e possuidor de grande coragem, poderiam ser merecedores do Inferno por um longo tempo. A princesa Krishna também, ó Yudhishthira, não poderia ser merecedora daquele lugar de pecadores. Venha, venha, ó principal dos Bharatas, veja Ganga que espalha sua corrente sobre os três mundos.'"

"Assim endereçado, aquele sábio real, isto é, teu antepassado, prosseguiu com Dharma e todos os outros deuses. Tendo se banhado no rio celeste Ganga, sagrado, santificador e sempre adorado pelos Rishis, ele rejeitou seu corpo humano. Assumindo então uma forma celestial, o rei Yudhishthira o justo, em consequência daquele banho, ficou livre de todas as suas inimizades e aflição. Cercado pelas divindades, o rei Kuru Yudhishthira então prosseguiu daquele local. Ele estava acompanhado por Dharma, e os grandes Rishis proferiram seus louvores. De fato, ele alcançou aquele lugar onde aqueles principais dos homens, aqueles heróis, isto é, os Pandavas e os Dhartarashtras, livres de ira (humana), estavam desfrutando cada um de sua respectiva posição."

4

Vaishampayana disse, "O rei Yudhishthira, assim louvado pelos deuses, os Maruts e os Rishis, foi para aquele local onde aqueles mais notáveis da linhagem de Kuru estavam. Ele viu Govinda dotado de sua forma Brahma. Ela parecia com aquela forma dele que tinha sido vista antes e que, portanto, ajudou o reconhecimento. Resplandecendo naquela forma dele, ele estava adornado com armas celestes, tal como o terrível disco e outras em suas respectivas formas incorporadas. Ele estava sendo adorado pelo heroico Phalguna, que também era dotado de uma refulgência brilhante. O filho de Kunti viu o matador de Madhu também em sua própria forma. Aqueles dois principais dos Seres, adorados por todos os deuses, vendo Yudhishthira, o receberam com honras apropriadas."

"Em outro lugar, o encantador dos Kurus viu Karna, aquele principal entre todos os manejadores de armas, parecendo com uma dúzia de Suryas em esplendor. Em outra parte ele viu Bhimasena de grande força, sentado no meio dos Maruts, e dotado de uma forma brilhante. Ele estava sentado ao lado do Deus do Vento em sua forma incorporada. De fato, ele estava então em uma forma celeste dotada de grande beleza, e tinha obtido o mais alto sucesso. No lugar pertencente aos Ashvinis, o alegrador dos Kurus viu Nakula e Sahadeva, cada um brilhando com sua própria refulgência."

"Ele também contemplou a princesa de Pancala, enfeitada em guirlandas de lótus. Tendo chegado ao Céu, ela estava sentada lá, dotada de uma forma possuidora de esplendor solar. O rei Yudhishthira de repente desejou questioná-la. Então o ilustre Indra, o chefe dos deuses, falou para ele, 'Esta é a própria Sree. Foi por sua causa que ela nasceu, como a filha de Drupada, entre seres humanos, não saindo do útero de nenhuma mãe, ó Yudhishthira, dotada de um perfume agradável e capaz de encantar o mundo inteiro. Para seu prazer, ela foi criada pelo manejador do tridente. Ela nasceu na família de Drupada e foi apreciada por vocês todos. Estes cinco Gandharvas altamente abençoados dotados da refulgência do fogo e possuidores de grande energia eram, ó rei, os filhos de Draupadi e vocês mesmos."

"Veja Dhritarashtra, o rei dos Gandharvas, possuidor de grande sabedoria. Saiba que ele era o irmão mais velho do teu pai. Este é teu irmão mais velho, o filho de Kunti, dotado da refulgência do fogo. O filho de Surya, teu irmão mais velho, o principal dos homens, era conhecido como o filho de Radha. Ele se move na companhia de Surya. Veja este mais notável dos Seres. Entre as tribos dos Saddhyas, os deuses, os Viswedevas, e os Maruts, veja, ó rei de reis, os poderosos guerreiros em carros dos Vrishnis e dos Andhakas, isto é, aqueles heróis tendo Satyaki como seu primeiro, e aqueles poderosos entre os Bhojas. Veja o filho de Subhadra, invencível em batalha, agora permanecendo com Soma. Ele mesmo é o poderoso arqueiro Abhimanyu, agora dotado da refulgência suave do grande corpo luminoso da noite. Aqui está o poderoso arqueiro Pandu, agora unido com Kunti e Madri. Teu pai vem a mim frequentemente em seu carro excelente. Veja o nobre Bhishma, o filho de Santanu, agora no meio dos Vasus. Saiba que este ao lado de Brihaspati é teu preceptor Drona. Esses e outros reis, ó filho de Pandu, que guerrearam ao teu lado agora caminham com os Gandharvas ou Yakshas ou outros seres sagrados. Alguns alcançaram a posição de Guhyakas, ó rei. Tendo rejeitado seus corpos, eles conquistaram o Céu pelo mérito que eles adquiriram através de palavras, pensamentos e atos.'"

5

Janamejaya disse, "Bhishma e Drona, aquelas duas pessoas de grande alma, o rei Dhritarashtra, e Virata e Drupada, e Sankha e Uttara. Dhrishtaketu e Jayatsena e o rei Satyajit, os filhos de Duryodhana, e Shakuni o filho de Subala, os filhos de Karna de grande destreza, o rei Jayadratha, Ghatotkaca e outros a quem tu não mencionaste, os outros reis heroicos de formas refulgentes – diga-me por qual período eles permaneceram no Céu. Ó principal das pessoas regeneradas, foi deles um lugar eterno no Céu? Qual foi o fim alcançado por aqueles principais dos homens quando seus atos chegaram a um fim? Eu desejo saber isso, ó mais notável das pessoas regeneradas, e, portanto eu te perguntei. Por meio de tuas penitências resplandecentes tu vês todas as coisas."

Sauti disse: "Assim questionado, aquele Rishi regenerado, recebendo a permissão de Vyasa de grande alma, se pôs a responder a pergunta do rei."

Vaishampayana disse, "Ninguém, ó rei de homens, é capaz de retornar para sua própria natureza no fim de seus atos. Se isso é assim ou não, é, de fato, uma boa questão perguntada por ti. Ouça, ó rei, este que é um mistério dos deuses, ó chefe da linhagem de Bharata. Isso foi explicado (para nós) por Vyasa de energia imensa, visão divina e grande destreza, aquele asceta antigo, ó Kauravya, que é filho de Parasara e que sempre cumpre votos superiores, que é de compreensão incomensurável, que é onisciente, e que, portanto conhece o fim vinculado a todas as ações."

"Bhishma de energia poderosa e grande refulgência obteve a posição dos Vasus. Oito Vasus, ó chefe da linhagem de Bharata, são vistos agora. Drona

entrou em Brihaspati, aquele principal dos descendentes de Angirasa. O filho de Hridika, Kritavarma entrou nos Maruts. Pradyumna entrou em Sanatkumara de onde ele tinha saído. Dhritarashtra obteve as regiões, de aquisição tão difícil, que pertencem ao Senhor dos tesouros. A famosa Gandhari obteve as mesmas regiões com seu marido Dhritarashtra. Com suas duas esposas, Pandu procedeu para a residência do grande Indra. Ambos Virata e Drupada, o rei Dhrishtaketu, como também Nishatha, Akrura, Samva, Bhanukampa, e Viduratha, e Bhurishrava e Sala e o rei Bhuri, e Kansa, e Ugrasena, e Vasudeva, e Uttara, aquele mais notável dos homens, com seu irmão Sankha - todos esses principais dos homens entraram nas divindades. O filho de Soma de grande destreza, chamado Varchas de energia poderosa, se tornou Abhimanyu, o filho de Phalguna, aquele leão entre homens. Tendo lutado, em conformidade com as práticas Kshatriya, com bravura tal como ninguém mais jamais foi capaz de mostrar, aquele ser de braços fortes e de alma justa entrou em Soma. Morto no campo de batalha, ó principal dos homens, Karna entrou em Surya. Shakuni obteve absorção em Dwapara, e Dhrishtadyumna na divindade do fogo. Os filhos de Dhritarashtra eram todos Rakshasas de poder feroz. Santificados pela morte causada por armas, todos aqueles seres de grande alma e prosperidade conseguiram chegar ao Céu. Ambos Kshattri e o rei Yudhishthira entraram no deus da Justiça. O santo e ilustre Ananta (que tomou nascimento como Balarama) procedeu para a região abaixo da Terra. Por ordem do Avô, ele, ajudado por seu poder Yoga, sustentou a Terra. Vasudeva era uma porção daquele eterno deus dos deuses chamado Narayana. Consequentemente, ele entrou em Narayana. 16.000 mulheres tinham sido unidas com Vasudeva como suas esposas. Quando chegou a hora, ó Janamejaya, elas mergulharam no Sarasvati. Rejeitando seus corpos (humanos) lá, elas reascenderam ao Céu. Transformadas em Apsaras, elas se aproximaram da presença de Vasudeva. Aqueles guerreiros em carros heroicos e poderosos, isto é, Ghatotkaca e outros, que foram mortos na grande batalha, obtiveram a posição, alguns de deuses e alguns de Yakshas. É dito que aqueles que lutaram ao lado de Duryodhana eram Rakshasas. Gradualmente, ó rei, todos eles alcançaram regiões excelentes de felicidade. Aqueles principais dos homens procederam, alguns para a residência de Indra, alguns para aquela de Kuvera de grande inteligência, e alguns para aquela de Varuna. Eu agora te disse, ó tu de grande esplendor, tudo sobre as ações, ó Bharata, de ambos, os Kurus e os Pandavas."

Sauti disse: "Ouvindo isso, ó principais dos regenerados, nos intervalos dos ritos sacrificais, o rei Janamejaya ficou muito admirado. Os sacerdotes sacrificais então terminaram os ritos que restavam para serem realizados. Astika, tendo resgatado as cobras (da morte ardente), encheu-se de alegria. O rei Janamejaya então gratificou todos os Brahmanas com presentes copiosos. Assim adorados pelo rei, eles voltaram para suas respectivas residências. Tendo despedido daqueles Brahmanas eruditos, o rei Janamejaya voltou de Takshasila para a cidade que recebeu o nome de elefante.

Eu agora disse tudo o que Vaishampayana narrou, por ordem de Vyasa, para o rei em seu sacrifício de cobras. Chamado de história, ele é sagrado, santificador e excelente. Ele foi composto pelo asceta Krishna, ó Brahmana, de palavra

verdadeira. Ele é onisciente, conhecedor de todas as ordenanças, possuidor de um conhecimento de todos os deveres, dotado de piedade, capaz de perceber o que está além do alcance dos sentidos, puro, tendo uma alma purificada por penitências, possuidor dos seis atributos superiores, e devotado ao Sankhya Yoga. Ele o compôs, contemplando tudo com uma visão divina que foi purificada (fortalecida) por erudição variada. Ele fez isso desejando espalhar a fama, por todo o mundo, dos Pandavas de grande alma, como também de outros Kshatriyas possuidores de riqueza abundante de energia.

Aquele homem erudito que narra essa história de tempos sagrados no meio de um público ouvinte vem a ser purificado de todo pecado, conquista o Céu, e obtém a posição de Brahma. Daquele homem que escuta com atenção absorta a recitação deste Veda inteiro composto por Krishna (Nascido na Ilha), um milhão de pecados, incluindo os graves como Brahmanicídio e o resto, são purificados. Os Pitris daquele homem que recita mesmo uma pequena porção dessa história em um Sraddha obtêm alimento e bebida inesgotáveis. Os pecados que alguém comete durante o dia por meio de seus sentidos ou pela mente são todos purificados antes da noite por recitar uma parte do Mahabharata. Quaisquer pecados que um Brahmana possa cometer à noite no meio de mulheres são purificados antes da alvorada por recitar uma parte do Mahabharata.

A linhagem nobre dos Bharatas é seu tópico. Por isso ele é chamado de Bharata. E por causa de sua significação importante, como também dos Bharatas serem seu tópico, ele é chamado de Mahabharata. Aquele que é versado em interpretações desse grande tratado vem a ser limpo de todo pecado. Tal homem vive em virtude, riqueza, e prazer, e também alcança a Emancipação, ó chefe da linhagem de Bharata.

Aquilo que se acha aqui se acha em outro lugar. Aquilo que não se acha aqui não se acha em nenhum outro lugar. Essa história é conhecida pelo nome de Jaya. Ela deve ser ouvida por todo aquele desejoso de Emancipação. Ela deve ser lida por Brahmanas, por reis, e por mulheres grávidas. Aquele que deseja o Céu alcança o Céu; e aquele que deseja vitória obtém vitória. A mulher grávida obtém um filho ou uma filha altamente abençoada. O pujante Krishna Nascido na Ilha, que não terá que voltar, e que é a Emancipação encarnada, fez um resumo do Bharata, movido pelo desejo de ajudar a causa da justiça. Ele fez outra compilação consistindo em sessenta lakhs de versos. Trinta lakhs desses foram colocados na região das divindades. Na região dos Pitris quinze lakhs, isso deve ser conhecido, são correntes; enquanto naquela dos Yakshas catorze lakhs estão em voga. Um lakh é corrente entre seres humanos.

Narada recitou o Mahabharata para os deuses; Asita-Devala para os Pitris; Suka para os Rakshasas e os Yakshas; e Vaishampayana para os seres humanos. Essa história é sagrada, e de grande importância, e considerada como igual aos Vedas. Aquele homem, ó Saunaka, que ouve essa história, colocando um Brahmana diante dele, adquire fama e a realização de todos os seus desejos. Aquele que, com devoção fervorosa, escuta a uma recitação do Mahabharata, obtém sucesso (após a morte) por causa do mérito que se torna dele por

compreender mesmo uma parte muito pequena dele. Todos os pecados daquele homem que narra ou escuta essa história com devoção são purificados.

Nos tempos antigos, o grande Rishi Vyasa, tendo composto esse tratado, fez seu filho Suka o ler com ele, junto com esses quatro Versos. Milhares de mães e pais, e centenas de filhos e esposas surgem no mundo e partem dele. Outros (surgirão) e similarmente partirão. Há milhares de causas para alegria e centenas de causas para o medo. Essas afetam somente aquele que é ignorante, mas nunca aquele que é sábio. Com braços erguidos eu estou gritando alto, mas ninguém me ouve. Da Virtude vem Riqueza como também Prazer. Por que, portanto, a Virtude não deve ser procurada? Nem por causa de prazer, nem por medo, nem por cobiça alguém deve rejeitar a Virtude. De fato, nem pela própria vida alguém deve rejeitar a Virtude. A Virtude é eterna. Prazer e Dor não são eternos. Jiva é eterno. A causa, no entanto, de Jiva estar vestido com um corpo não é assim.

Aquele homem que, acordando ao amanhecer, lê este Savittri do Bharata, adquire todas as recompensas vinculadas a uma recitação dessa história e no final das contas chega ao mais alto Brahma. Como o Oceano sagrado, como a montanha Himavat, são ambos considerados como minas de pedras preciosas, assim mesmo é esse Bharata (considerado como uma mina de pedras preciosas). O homem de erudição, por narrar para outros este Veda ou Agama composto por Krishna (Nascido na Ilha) ganha riqueza. Não há dúvida nisso que aquele que, com atenção absorta, repete essa história chamada Bharata, obtém grande sucesso. Que necessidade tem de uma aspersão das águas de Pushkara aquele homem que escuta atentamente esse Bharata, quando ele é narrado para ele? Ele representa o néctar que saiu dos lábios do Nascido na Ilha. Ele é incomensurável, sagrado, santificador, purificador de pecado, e auspicioso.

6

Janamejaya disse, “Ó santo, de acordo com quais ritos os eruditos devem escutar ao Bharata? Quais são os frutos (adquiríveis por ouvi-lo)? Quais divindades devem ser adoradas durante os vários paranas? Quais devem ser as doações que alguém deve fazer, ó santo, em cada parva ou dia sagrado (durante a continuação da narração)? Qual deve ser a qualificação do narrador a ser empregado? Diga-me tudo isso!”

Vaishampayana disse, “Ouça, ó rei, qual é o procedimento, e quais são os frutos, ó Bharata, que surgirão de alguém escutar (uma recitação do Bharata). Isso mesmo, ó rei de reis, é o que me perguntaste. As divindades do Céu, ó soberano da Terra, vieram para este mundo por esporte. Tendo executado sua tarefa, elas ascenderam mais uma vez para o Céu. Escute o que eu te direi em resumo. No Mahabharata são encontrados os nascimentos de Rishis e divindades na Terra. Nesse tratado, chamado Bharata, ó principal da linhagem de Bharata, são vistos em um lugar os eternos Rudras, os Saddhyas, e os Viswedevas; os Adityas, as

duas divindades chamadas de Ashvinis, os regentes do Mundo, os grandes Rishis, os Guhyakas, os Gandharvas, os Nagas, os Vidyadharas, os Siddhas, as diversas divindades, o Nascido por Si mesmo visível em um corpo, com muitos ascetas; as Colinas e Montanhas, Oceanos e Mares e Rios, as diversas tribos de Apsaras; os Planetas, os Anos, os Meios-Anos, e as Estações; e o universo inteiro de entidades móveis e imóveis, com todos os deuses e Asuras."

"Ouvindo sua celebridade, e por uma recitação de seus nomes e realizações, um homem que tem cometido até pecados terríveis, será purificado. Tendo, com uma alma concentrada e corpo limpo, ouvido essa história devidamente, desde o início, e tendo chegado ao seu fim, alguém deve fazer oferendas Sraddha, ó Bharata, para aquelas (mais notáveis das pessoas que são mencionadas nela). Para os Brahmanas também, ó chefe da linhagem de Bharata, devem, com a devoção apropriada e de acordo com o poder de cada um, ser feitas grandes doações de diversos tipos de pedras preciosas, e vacas, e recipientes de metal branco para ordenhar vacas, e donzelas enfeitadas com todo ornamento, e possuidoras de toda habilidade apropriadas para o prazer, como também diversos tipos de transportes, mansões belas, pedaços de terra, e tecidos. Animais também devem ser dados, tais como cavalos e elefantes furiosos, e camas, e transportes cobertos carregados sobre os ombros de homens, e carros bem decorados. Quaisquer objetos que se achem na casa, do tipo principal, qualquer riqueza de grande valor que se ache nela, deve ser doada para Brahmanas. De fato, alguém deve doar a si mesmo, esposas, e filhos.

Alguém desejoso de ouvir o Bharata deve ouvi-lo sem um coração duvidador, com satisfação e alegria; e enquanto ele prossegue ouvindo sua recitação, ele deve, de acordo com a extensão de seu poder, fazer doações com grande devoção.

Ouça como uma pessoa que é devotada à verdade e sinceridade, que é autocontrolada, pura (em mente), e observadora daqueles atos que levam à pureza de corpo, que é dotada de fé, e que subjugou a ira, obtém sucesso (a respeito de uma recitação do Bharata). Ela deve nomear como narrador alguém que é puro (de corpo), que é dotado de conduta boa e piedosa, que deve estar vestido de branco, que deve ter um domínio completo sobre suas emoções, que está limpo de todos os pecados, que está familiarizado com todo ramo de ciência, que é dotado de fé, que está livre de malícia, que é possuidor de bom aspecto, que é abençoado, autocontrolado, sincero, e com paixões sob controle, e que é querido por todos por causa das doações que ele faz e das honras das quais ele é possuidor.

O narrador, sentado à vontade, livre de todas as enfermidades corpóreas, e com atenção absorta, deve narrar o texto sem lentidão demasiada, sem uma voz elaborada, sem ser rápido ou apressado, tranquilamente, com energia suficiente, sem confundir as letras e palavras juntas, em uma entonação suave e com tal acento e ênfase que indiquem o sentido, dando total expressão vocal às sessenta e três letras do alfabeto dos oito lugares de sua formação. Reverenciando

Narayana, e Nara, aquele mais notável dos homens, como também a deusa Sarasvati, a palavra Jaya deve ser proferida.

Escutando ao Bharata, ó rei, quando recitado, ó tu da linhagem de Bharata, por um leitor desse tipo, o ouvinte, cumpridor de votos todo o tempo e limpo por meio de ritos purificatórios, obtém resultados valiosos. Quando o primeiro Parana é alcançado, o ouvinte deve gratificar Brahmanas com presentes de todos os objetos desejáveis. Por fazer isso alguém obtém os frutos do sacrifício Agnishtoma. Ele adquire um grande carro (celeste) cheio de diversas classes de Apsaras (que o servem). Com um coração contente, e com as divindades em sua companhia, ele vai para o Céu, seu coração absorto (em felicidade).

Quando o segundo Parana é alcançado, o ouvinte adquire os frutos do voto Atiratra. De fato, ele ascende em um carro celeste feito totalmente de pedras preciosas. Usando guirlandas e mantos celestes, e ornado com unguentos celestes e sempre derramando uma fragrância celestial em volta ele recebe grandes honras no Céu.

Quando o terceiro Parana é alcançado, ele adquire os frutos do voto Dwadasaha. De fato ele reside no Céu por miríades de anos, como um deus.

No quarto Parana ele adquire os frutos do sacrifício Vajapeya.

No quinto, duas vezes aqueles frutos são dele. Subindo em um carro celeste que parece com o sol nascente ou um fogo ardente, e com as divindades como seus companheiros, ele vai para o Céu e se diverte em felicidade por miríades de anos na residência de Indra.

No sexto Parana, duas vezes, e no sétimo, três vezes aqueles frutos se tornam dele. Subindo em um carro celeste que parece com o topo das montanhas Kailasa (em beleza), que é equipado com um altar feito de pedras de lápis lazúli e outras pedras preciosas, que está rodeado por objetos belos de diversos tipos, que está decorado com pedras preciosas e corais, que se move pela vontade do ocupante, e cheio de Apsaras servidoras, ele vagueia por todas as regiões de felicidade, como uma segunda divindade do Sol.

No oitavo Parana ele adquire os frutos do sacrifício Rajasuya. Ele ascende em um carro belo como a lua nascente, e ao qual estão unidos corcéis brancos como os raios da lua e dotados da velocidade do pensamento. Ele é servido por mulheres da beleza mais notável e cujos rostos são mais encantadores do que a lua. Ele ouve a música das guirlandas que cercam suas cinturas e dos Nupuras que cercam seus tornozelos. Dormindo com sua cabeça repousando nos colos de mulheres de beleza transcendente, ele desperta muito revigorado.

No nono Parana, ele adquire, ó Bharata, os frutos daquele principal dos sacrifícios, isto é, o Sacrifício de Cavalo. Ascendendo em um carro equipado com um aposento consistindo em um topo sustentado por colunas de ouro, provido de um assento feito de pedras de lápis lazúli, com janelas em todos os lados feitas de ouro puro, e cheio de Apsaras e Gandharvas servidores e outros celestiais, ele

brilha em esplendor. Usando guirlandas e mantos celestes, e enfeitado com unguentos celestes, ele se diverte em bem-aventurança, com divindades como seus companheiros, no Céu, ele mesmo como uma segunda divindade.

Alcançando o décimo Parana e gratificando Brahmanas, ele adquire um carro que tilinta com inúmeros sinos, que é decorado com bandeiras e estandartes, que é equipado com um assento feito de pedras preciosas, que tem muitos arcos feitos de lápis lazúli, que tem uma rede de ouro por todos os lados, que tem torres pequenas feitas de corais, que é adornado com Gandharvas e Apsaras bem hábeis em canto, e que é preparado para a residência dos Virtuosos. Coroado com um diadema da cor do fogo, enfeitado com ornamentos de ouro, seu corpo coberto com pasta de sândalo celeste, ornado com guirlandas celestes, ele viaja por todas as regiões celestes, desfrutando de todos os objetos celestes de prazer, e dotado de grande esplendor, pela da graça das divindades.

Assim equipado, ele recebe grandes honras no Céu por muitos longos anos. Com Gandharvas em sua companhia, por 21.000 anos completos ele se diverte em felicidade com o próprio Indra na residência de Indra. Ele vagueia à vontade todo dia pelas diversas regiões dos deuses, sendo conduzido em carros e transportes celestes, e cercado por donzelas celestes de beleza transcendente. Ele pode ir para a residência da divindade solar, da divindade lunar, e de Siva, ó rei. De fato, ele consegue viver na mesma região com o próprio Vishnu. Isso é assim mesmo, ó monarca. Não há dúvida nisso. Uma pessoa que escuta com fé vem a ser exatamente assim. Meu preceptor disse isso. Para o narrador devem ser dados todos os objetos que ele possa desejar. Elefantes e corcéis e carros e transportes, especialmente animais e os veículos que eles puxam, um bracelete de ouro, um par de brincos, fios sagrados, mantos belos, e perfumes em especial (devem ser dados). Por adorá-lo como uma divindade alguém alcança as regiões de Vishnu.

Depois disso eu irei declarar o que deve se doado quando cada parva do Bharata é alcançado no decorrer de sua recitação, para Brahmanas, depois de averiguar seu nascimento, país, veracidade, e grandeza, ó chefe da linhagem de Bharata, como também sua inclinação para piedade, e para Kshatriyas também, ó rei, depois de averiguação de detalhes similares. Fazendo os Brahmanas proferirem bênçãos, o trabalho de narração deve ser começado. Quando um parva é terminado, os Brahmanas devem ser adorados com todas as forças. A princípio, o narrador, vestido em bons mantos e coberto com pasta perfumada, deve, ó rei, ser alimentado adequadamente com mel e manjares do melhor tipo.

Quando o Astika-parva está sendo recitado, Brahmanas devem ser entretidos com frutas e raízes, e manjar de trigo com leite, e mel e manteiga clarificada, e arroz fervido com açúcar cru.

Quando o Sabha-parva está sendo recitado, Brahmanas devem ser alimentados com habisya junto com apupas e pupas e modakas, ó rei.

Quando o Aranyaka-parva está sendo recitado, Brahmanas superiores devem ser alimentados com frutas e raízes.

Quando o Arani-parva é alcançado, vasos cheios de água devem ser doados. Muitos tipos superiores de alimento delicioso, também arroz e frutas e raízes, e comida possuidora de todo atributo agradável, devem ser oferecidos para os Brahmanas.

Durante a recitação do Virata parva diversos tipos de mantos devem ser doados; e durante o Udyoga-parva, ó chefe dos Bharatas, os duas vezes nascidos, depois de serem enfeitados com perfumes e guirlandas, devem ser entretidos com alimento possuidor de toda qualidade agradável.

Durante a recitação do Bhishma-parva, ó rei de reis, depois de dar a eles carros e transportes excelentes, deve ser dada comida pura e bem cozida e possuidora de todo atributo desejável.

Durante o Drona parva alimento de tipo muito superior deve ser dado para Brahmanas eruditos, como também camas, ó monarca, e arcos e boas espadas.

Durante a recitação do Karna-parva, alimento do tipo principal, além de ser puro e bem cozido, deve ser oferecido para os Brahmanas pelo chefe de família com mente absorta.

Durante a recitação do Shalya-parva, ó rei de reis, alimentos com confeitos e arroz fervido com açúcar cru, como também bolos de trigo e iguarias e bebidas calmantes e nutritivas devem ser oferecidos.

Durante a recitação do Gada-parva, Brahmanas devem ser entretidos com comida misturada com mudga.

Durante a recitação do Stri-parva, os principais dos Brahmanas devem ser entretidos com jóias e pedras preciosas; e durante a recitação do Aishika-parva, arroz fervido em ghee deve ser dado primeiro, e então comida pura e bem-cozida, e possuidora de toda qualidade desejável, deve ser oferecida.

Durante a recitação do Shanti-parva, os Brahmanas devem ser alimentados com havisya.

Quando o Asvamedhika-parva é alcançado, alimento possuidor de toda qualidade agradável deve ser dado; e quando o Asramvasika é alcançado, Brahmanas devem ser entretidos com havisya.

Quando o Mausala é alcançado, perfumes e guirlandas possuidores de qualidades agradáveis devem ser dados.

Durante o Mahaprasthanika, presentes similares devem ser feitos, possuidores de toda qualidade de um tipo agradável.

Quando o Svarga-parva é alcançado, os Brahmanas devem ser alimentados com havisya.

Após a conclusão do Harivansa, 1.000 Brahmanas devem ser alimentados. Para cada um deles deve ser oferecida uma vaca acompanhada com um pedaço de ouro. Metade disso deve ser oferecida para cada homem pobre, ó rei.

Após a conclusão de todos os Parvas, o chefe de família de sabedoria deve dar para o narrador uma cópia do Mahabharata com um pedaço de ouro. Quando o Harivansa Parva está sendo narrado, Brahmanas devem ser alimentados com manjar em cada Parana sucessivo, ó rei. Tendo terminado todos os Parvas, alguém versado nas escrituras, se vestindo de branco, usando guirlandas, enfeitado com ornamentos, e purificado apropriadamente, deve colocar uma cópia do Mahabharata em um local auspicioso e cobri-lo com um tecido de seda e adorá-lo, de acordo com os ritos devidos, com perfumes e guirlandas, oferecendo um de cada vez. De fato, ó rei, os vários volumes desse tratado devem ser adorados por alguém com devoção e mente concentrada. Oferendas devem ser feitas para eles de diversos tipos de alimento e guirlandas e bebidas e diversos artigos auspiciosos de prazer. Ouro e outros metais preciosos devem ser dados como Dakshina. Os nomes de todas as divindades devem então ser usados como também de Nara e Narayana. Então, enfeitando os corpos de alguns dos principais Brahmanas com perfumes e guirlandas, eles devem ser gratificados com diversos tipos de presentes de artigos agradáveis e muitos superiores ou caros. Por fazer isso, uma pessoa obtém os méritos do sacrifício Atiratra. De fato, em cada Parva sucessivo ele adquire os méritos que se vinculam à realização de um sacrifício. O narrador, ó chefe dos Bharatas, deve ser possuidor de erudição e dotado de uma boa voz e uma pronúncia clara com relação a letras e palavras. Tal homem deve, ó chefe dos Bharatas, recitar o Bharata. Depois de entreter vários dos Brahmanas mais notáveis, presentes devem ser feitos para eles em conformidade com as ordenanças. O narrador também, ó chefe dos Bharatas, deve ser enfeitado com ornamentos e alimentado suntuosamente. O narrador sendo satisfeito, o chefe de família obtém um contentamento excelente e auspicioso. Se os Brahmanas são satisfeitos, todas as divindades são satisfeitas. Depois disso, ó chefe dos Bharatas, Brahmanas devem ser devidamente entretidos com diversos tipos de artigos agradáveis e coisas superiores.

Eu assim indiquei as ordenanças, ó mais notável dos homens, (sobre o modo de narrar essas escrituras) em resposta às suas perguntas. Tu deves observá-las com fé. Ao ouvir uma recitação do Bharata e de cada Parana, ó melhor dos reis, alguém que deseja alcançar o bem mais sublime deve escutar com grande cuidado e atenção. Alguém deve escutar ao Bharata todo dia. Alguém deve proclamar os méritos do Bharata todo dia. Alguém em cuja casa o Bharata se encontra tem em suas mãos todas aquelas escrituras que são conhecidas pelo nome de Jaya. O Bharata é purificador e sagrado. No Bharata há diversos tópicos. O Bharata é adorado pelos próprios deuses. O Bharata é a meta mais alta. O Bharata, ó chefe dos Bharatas, é a principal de todas as escrituras. Alguém chega à Emancipação através do Bharata. Isso que eu te digo é verdade segura. Alguém que proclama os méritos dessa história chamada de Mahabharata, da Terra, da vaca, de Sarasvati (a deusa da palavra), de Brahmanas, e de Keshava, nunca tem que enlanguescer.

Nos Vedas, no Ramayana, e no sagrado Bharata, ó chefe da linhagem de Bharata, Hari é cantado no início, no meio, e no fim. Aquele no qual se encontram afirmações excelentes relativas a Vishnu, e os Srutis eternos, devem ser ouvidos por homens desejosos de chegar à meta mais elevada. Esse tratado é santificador. Ele é o maior indicador com relação a deveres; ele é dotado de todo mérito. Alguém desejoso de prosperidade deve escutá-lo. Pecados cometidos por meio do corpo, por meio de palavras, e por meio da mente são todos destruídos (por escutar ao Bharata) como Escuridão ao nascer do sol. Alguém devotado a Vishnu adquire (através disso) aquele mérito que é adquirido por escutar aos dezoito Puranas. Não há dúvida nisso. Homens e mulheres (por escutarem a ele) certamente alcançarão a condição de Vishnu. Mulheres desejosas de ter filhos devem sem dúvida escutar a esse que proclama a fama de Vishnu. Alguém desejoso de obter os resultados que se vinculam a uma recitação do Bharata deve, de acordo com seu poder, dar Dakshina para o narrador, como também um honorário em ouro. Alguém desejoso do seu próprio bem deve dar para o narrador uma vaca Kapila com chifres envolvidos em ouro e acompanhada por seu bezerro, coberta com um tecido. Ornamentos, ó chefe da linhagem de Bharata, para os braços, como também para as orelhas, devem ser dados. Além desses, outros tipos de riquezas devem ser oferecidos. Para o narrador, ó rei de homens, doação de terra deve ser feita. Nenhuma doação igual àquela de terra jamais poderia existir ou existirá. Aquele homem que escuta (ao Bharata) ou aquele que o recita para outras pessoas, se torna purificado de todos os seus pecados e chega finalmente à posição de Vishnu. Tal homem resgata seus antepassados até o décimo primeiro grau, como também ele mesmo com suas esposas e filhos, ó chefe da linhagem de Bharata. Depois de concluir uma recitação do Bharata, alguém deve, ó rei, realizar um Homa com todas as suas dez partes.

Eu assim relatei tudo na tua presença, ó chefe de homens. Aquele que escuta com dedicação a esse Bharata desde o início torna-se limpo de todo pecado, mesmo se ele for culpado de Brahmanicídio ou da violação da cama de seu preceptor, ou mesmo se ele for um bebedor de álcool ou um ladrão de artigos de outras pessoas, ou mesmo se ele for nascido na ordem Chandala. Destruindo todos os seus pecados como o fazedor do dia destruindo a escuridão, tal homem, sem dúvida, se diverte em bem-aventurança na região de Vishnu como o próprio Vishnu.”

Fim do Svargarohanika Parva.

Os dezoito parvas do Mahabharata estão desse modo completos.